PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiverem logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68 — Praça de D. Pedro — 68
1873

Ouvi, que não vereis com vans façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As vossas proprias glorias são tamanhas
Que excedem as sonhadas fabulosas.
Excedem Rodamonte e o vão Rogeiro,
E Orlando, ainda que fôra verdadeiro.

(CAMÕES—LUSIADAS)

AOS LEITORES

Acceitam-se, agradecem-se e publicar-se-hão, em supplemento, quaesquer esclarecimentos ou rectificações com respeito ao que por ventura faltar em algumas povoações ou localidades descriptas n'este Diccionario; bem como qualquer advertencia sobre omissões, que possam haver n'esta obra, de si tão complexa.

Correspondencia ao auctor — Praça de D. Pedro, 68, Lisboa.

DECLARAÇÃO

Um dos editores d'esta obra é Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

A—no antigo portuguez era a conjunção *e*. Empregavam indistinctamente *a*, *ha* e *e*.

A—Na antiga conta romana, usada em Portugal nos primeiros tempos da nossa monarchia, e cujo uso datava dos romanos, A valia 500, e Ã 5:000.

AARÃO—Vide *Arão*.

ABAÇÃO—(S. Christovão) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros de Braga, 360 de Lisboa. 45 fogos [1].

É palavra arabe, composta de *abi* (pae) e *çam* (assignalado) vem a ser—*aldeia do pae do assignalado*. Era appellido de uma familia arabe. É no arcebispado e districto administrativo de Braga. Fertil.

ABAÇÃO—(S. Thomé) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 20 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 71 fogos. Esta freguezia e a antecedente constituiam uma só, que foi dividida no meiado do seculo XVII. A mesma etymologia. O mesmo districto e arcebispado. Fertil.

ABAÇAS—freguezia, Traz-os-Montes, districto administrativo, comarca e concelho de Villa Real, arcebispado de Braga.

É situada proximo da margem esquerda do pequeno rio *Tanha*, (que nasce ao norte de Valle de Nogueiras, passa na Ponte Pedrinha e entra na esquerda do Córgo, no sitio de Fervide). 90 kilometros de Braga, 340 de Lisboa, 400 fogos. Parece derivar-se da palavra arabe *habaxa*. Sendo assim, significa *aldeia negra*. Orago S. Pedro. D. Sancho I lhe deu foral em 24 de abril de 1200. Livro 2.º das Doações de D. Affonso III, fl. 1 e livro de foraes antigos de leitura nova, fl. 90, v., col. 1.ª

ABADIM—Vide *Abbadim*.

ABAMBRES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Bragança, 420 de Lisboa, 90 fogos. Orago S. Thomé. Bispado e districto administrativo de Bragança. Era vigariaria que o bispo de Miranda (hoje de Bragança) apresentava, por ser do seu padroado. Produz centeio, trigo, milho e algum azeite, vinho e linho; do mais pouco.

ABAREGADA—portuguez antigo, propriedade em que o emphyteuta ou colono não habita. Corrompeu-se em *vergada*.

ABARGA—logar de pescaria, e tambem certa rede feita de vergas, para pescar saveis e lampreias. É palavra antiga, hoje dizse *varga*.

ABARITAM—(portuguez antigo) contracção de *Abiron* e *Datan*. Vale o mesmo que dizer—*Sepultado sejas tu vivo nos infernos, como foram Coré, Datan e Abiron.*—Esta praga era muito usada antigamente, até em escriptores, e nos emprasamentos dos frades.

ABARRACAMENTO—Nome que ainda até ao principio d'este seculo se dava aos quar-

[1] A população dada em toda a obra a cada freguezia, é segundo a estatistica official de 1868.

teis militares. É por isso que ainda hoje, em Lisboa, se dá esse nome ás ruas onde houve quarteis; v. g., *rua do Abarracamento de Peniche* e *rua do Abarracamento de Valle de Pereiro*, etc.

ABASMAR—(portuguez antigo) concluir, completar, etc.

ABBADE DO NEIVA—(tambem lhe chamam *Condevão*) freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 160 fogos. Esta povoação foi fundada por a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, em 1152 (ou 1190 de Cesar). A rainha D. Mafalda quiz aqui fundar um convento de freiras. Não se concluiu a obra do mosteiro, mas o que se fez era de grande sumptuosidade. Pagava (e não sei se ainda paga) esta freguezia 10 alqueires de azeite, annualmente, ao hospital da misericordia de Santarem. O abbade d'aqui (nomeado pela casa de Bragança) era ouvidor perpetuo de Fragoso. Nomeava juizes, recebia luctuosas, *gados do vento* e coimas, sem que o rei recebesse a terça. Ha n'esta freguezia a *casa de Fayal*, que era da commenda de Christo, que aforou D. Manuel d'Azevedo e Athayde, senhor da honra de Barbeita. É da casa de Bragança. Orago Santa Maria.

Abbade vem d'*ab-bat*, que em syriaco quer dizer pae. Os primeiros monges deram este nome aos seus superiores. Outros dizem que vem do hebraico *abba*, que significa *querer bem*. A primeira etymologia é mais seguida e mais verosimil. D'*abbade* vem *abbatina* (batina) habito dos padres.

Districto administrativo e arcebispado de Braga. Esta freguezia é bastante fertil e cria muito gado.

ABBADE DE VERMUIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 25 fogos. Orago Santa Maria. Districto administrativo e arcebispado de Braga. Era abbadia da mitra archiepiscopal.

É muito fertil em cereaes, vinho, azeite, fructas e legumes. Cria muito e bom gado bovino, que exporta.

ABBADIM—villa, couto extincto, freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, districto administrativo, arcebispado e 40 kilometros de Braga, 395 de Lisboa, 130 fogos. É palavra árabe *(abbadin)* nome verbal do numero plural do verbo *abada* (que significa *adorar, dar culto, ser religioso)* vem pois a ser: povoação dos observantes ou religiosos. Orago S. Jorge.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 12 de outubro de 1514. Francisco Nunes Franklin não menciona este foral, nem na primeira, nem na segunda edição da sua *Memoria;* mas não é essa uma razão para negar a sua existencia (do foral) porque lhe escaparam muitos, dados pelos nossos reis, e muitos mais ainda dos dados por conventos e por senhores das terras, como se verá pelo decurso d'esta obra.

Abundante de cereaes, fructas, vinho, colmeias, gado, caça e pesca.

N'esta freguezia estão as ruinas da *Torre do Bairro* (que foi prisão). No logar da *Lama* ha outra torre ameada, mais moderna, que se diz ser o solar dos *Badins*. Foram seus donatarios os *Camões*, de Guimarães, e em 1811 o era D. Rodrigo d'Alencastre.

É situada no monte da *Ranha*. D'ella se vêem varias freguezias, a serra do Marão e outras. Tem principio n'esta freguezia a serra do Arrochado.

Foi tambem senhor d'este couto e do de Negrellos, o dr. Diogo Lopes de Carvalho, desembargador do paço, que foi o instituidor d'estes dois morgados. (Vide Guimarães).

As armas dos Carvalhos são: em campo azul, uma estrella d'ouro, entre uma quaderna de meias luas de prata (crescentes). Timbre, um cysne de prata, com uma estrella d'ouro (como a das armas) no peito, armado d'ouro.

Teve, até 1834, juiz ordinario, e os respectivos escrivães e mais empregados do couto.

ABBADIM—aldeia do Minho, na freguezia de Gontinhães, concelho de Caminha. Situada na margem direita do rio *Ancora*, que aqui é atravessado por uma ponte de cantaria, de um só arco, construida pelos romanos, e em optimo estado de conservação. Chama-se a *ponte de Abbadim*. A mesma etymologia da palavra antecedente. Esta ponte é,

metade da freguezia de Gontinhães e metade da de Ancora; pelo que, vem a ser metade do concelho e comarca de Vianna, e metade do concelho de Caminha, da mesma comarca.

ABBEDIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, arcebispado e 48 kilometros ao noroeste de Braga, 405 de Lisboa, 150 fogos, districto administrativo de Vianna. Uns querem que seja a mesma etymologia d'Abbadim, outros porém sustentam que o nome lhe provém do rei *Abidis*, que pretendem ter aqui sido creado. Foram donatarios os Camaras Coutinhos, de Pico de Regalados. Os Abreus, de Merufe e Regalados, apresentavam o abbade. Depois passou aos seus descendentes, os Magalhães, de Braga. Orago Santa Maria. Tinha um beneficio simples. Ha aqui a capella de S. Martinho, na Forna, que tinha dizimos. Vide adiante.

Nos limites d'esta freguezia, entre Coura e Monção, ha um monte onde dizem que apparecem de tempos immemoriaes, todas as noites duas luzes, que se vêem de muitas leguas, até á madrugada! (Esta é do padre Cardoso). Fronteiro a este sitio ha dois pinaculos, n'um dos quaes esteve uma torre de cantaria lavrada, muito larga, da qual ainda ha vestigios. Um abbade d'aqui a fez demolir no seculo XV. Chamam-lhe ainda «castello de S. Martinho da Penha». Vêem-se escadas abertas a picão nos rochedos proximos, e a fortaleza tinha duas estreitissimas entradas, uma para Este, cujo ingresso é perigosissimo e só um pratico dá com ella: a outra era do lado do Oeste, mas está obstruida pelos entulhos. Nos arredores d'estas ruinas ha bons prados, mas incultos, com vestigios de serem antigamente cultivados e murados. Ha n'este monte muitos arbustos e abundancia de loureiros e outras arvores.

Nos limites d'esta freguezia ha a *betula-alba*, a que aqui dão o nome de *vidueiro*. Da casca d'esta arvore, que é muito lisa e alvissima, se serviram os antigos (principalmente os romanos) para escreverem, em quanto se não inventou o pergaminho.

No principio d'este pinaculo ha uma caverna, que póde conter dez homens, na qual ha uma fonte de boa agua, que nunca secca. Mais acima tem outra caverna, tambem com uma fonte perenne, que póde conter 200 homens, e á qual se seguem outras mais pequenas. No alto estão as ruinas da torre. Junto á torre estão tres *caixões* de tijolo, enterrados no chão, que parecem ser sepulturas. Ha aqui uma pia cavada na rocha, sempre cheia d'agua, que dizem ser muito efficaz para a cura das molestias cutaneas. Pretendem alguns que esta pia era uma sepultura e que n'ella esteve depositado S. Martinho de Dume, e que é d'isso que provém a virtude *therapeutica* d'esta agua. A verdade é que é simplesmente *agua da chuva;* em todo o caso, *a fé é que nos salva.*

Na falda do monte, ao oeste, está a ermida de S. Martinho da Penha, encostada a um grande penedo.

É tradição da gente da terra, que a torre foi mandada fazer por uma tal rainha *Isabel* (?) mulher de um rei gentio, a qual, fugindo á perseguição de seu marido, se escondeu n'esta serra com sete bispos (!!!) e que, vindo seu marido cercal-a, se converteu ao christianismo, por a rainha lhe mandar (durante o cerco) de presente duas trutas!

Outros dizem que esta rainha se chamava *Aragucia* (ou Argucia?) e era mulher de um rei d'Aragão. Vide *Boivão.*

ABDEGAS — vide Ourem.

ABDON — vide Adon.

ABELHA — serra, Traz os Montes, comarca de Miranda, limites de Villariça. Tem 2 kilometros de comprimento e 2 de largo. Só produz lenha e matto e tem muita caça.

ABELHAS — (serra das) Beira Alta, proximo do rio Tavora, concelho de Aguiar da Beira, comarca de Linhares. É sêcca e esteril e tem alguma caça. No fundo d'esta serra se descobrem vestigios de alicerces de um grande castello, que dizem ter sido de mouros.

ABELHEIRA — serra, Algarve, de pequena extensão. Tem minas de carvão.

ABELHEIRA — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e proximo do Tojal, termo e 18 kilometros a N. E. de Lisboa. Grande fabrica de optimo papel, fundada pelo falle-

cido conde do Tojal. É movida por vapor e em uma quinta do mesmo conde. É junto do rio da Abelheira, que agora se chama *Trancão.*

Esta quinta era dos frades cruzios de S. Vicente de Fóra (Lisboa) e uma das melhores do termo. Os frades aqui estabeleceram uma fabrica de papellão e papel pardo. Em 1836 foi esta quinta vendida ao negociante *João d'Oliveira* (depois barão e conde do Tojal) por 10 réis de mel coado. (Por 72 contos em titulos desacreditados, que não valiam 15 contos.—Hoje vale mais de 600 contos, com os melhoramentos que se lhe teem feito.)

Oliveira nos primeiros annos conservou a fabrica como estava, fazendo-lhe apenas alguns melhoramentos; até que em 1841 mandou vir machinas do *systema continuo* e augmentou o edificio da fabrica.

Por morte do conde os diversos proprietarios da fabrica lhe foram introduzindo novos e grandes aperfeiçoamentos, a ponto de ser hoje das melhores (senão a melhor) de Portugal. Tem duas machinas a vapor, uma da força de 7 outra de 45 cavallos, servindo-lhe tambem de motor a agua do rio. Tem um grande reservatorio de agua, feito pelos frades e outro maior feito em 1865. Emprega (alem do pessoal de escriptorio) 80 homens e 70 mulheres. Produz annualmente uns 450:000 kilogrammas de papel de todas as qualidades, mas a maior parte de impressão. O trapo é a materia prima. Tem-se feito ensaios de outras substancias, mas sem resultado satisfatorio. Os productos d'esta fabrica foram premiados nas exposições de Londres, de 1851 e 1862; na de Paris; nas do Porto, 1857, 1861 e 1865, e na de Lisboa, de 1863.—É hoje propriedade do inglez mr. *William Smith*, cunhado do fundador.

ABELHEIRA—serra, Alemtejo, concelho de Moura, comarca de Beja. É um ramo da serra da Adiça. Produz matto, hervas medicinaes e caça.

Na freguezia de Montalvo, por onde passa esta serra, ha um boqueirão de grande profundidade, junto ao qual houve uma ermida em remotos tempos, habitada por dois ermitas. Ha aqui minas de ouro que se não exploram.

ABELHEIRA—serra, Traz os Montes, concelho de Miranda. É quasi toda cultivada. Para o oeste estende um ramal até o sitio chamado *Egrejinha.* Diz-se que lhe vem este nome por aqui ter havido em tempos remotissimos uma egreja, da qual só restam tijolos, caliça, telha e alguns ossos humanos.

Continua esta serra para o sitio chamado *Castellinhos*, em cujo cume ha vestigios de fortificações mouriscas.

ABELHEIRA—monte na serra de Ossa, Alemtejo, comarca de Evora.—Nasce aqui um pequeno ribeiro, que morre no Degebe. Produz matto e algumas arvores silvestres. Tem boas pedreiras de marmore de cores e branco. Caça miuda.

ABÊSSO—portuguez antigo, sem-razão, injustiça. Tambem absurdo.

ABETUREIRA—aldeia, Douro, na margem direita do Douro, freguezia de Sebollido, concelho de Gondomar. Ha aqui uma mina de cobre, no leito de um regato chamado *Ribeiro de Couce.* Não se explora.

Ha em Portugal muitas aldeias d'este nome. Vem de *abéto* e significa *logar plantado de abétos.*

Muitos escrevem—erradissimamente—*Habitueira*, dizendo que é derivado de *habito!*—Outros—*Avetureira*—suppondo esta palavra derivada de *Ave.*

É incontestavel que não tem outra orthographia nem outra etymologia senão a que lhe dou.

ABETUREIRAS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem. 90 kilometros de Lisboa, 350 fogos. Orago Nossa Senhora da Conceição. Districto administrativo e patriarchado de Lisboa. Foi vigairaria, apresentada pelo prior de Mafra, que era sempre um conego da Sé de Lisboa.—A mesma etymologia. Terra muito fertil. Era reguengo da corôa, com juiz ordinario.

ABISMO—ou—**ABYSMO**—Algarve, freguezia de Moncarapacho. É uma cova profundissima (que dizem não ter fundo!) no principio do *Monte da Cabêça*, do lado do mar. É entre rochedos e está sempre cheia de agua.

ABITUREIRA—vid. *Abetureira.*

ABIÚL—villa, Extremadura, comarca e concelho de Pombal, districto administrativo de Leiria, bispado e 40 kilometros ao sul e da diocese de Coimbra; 160 ao norte de Lisboa, 420 fogos. Orago Nossa Senhora das Neves. Feira no 1.º domingo de agosto.

Está situada em um valle cercado de outeiros, junto ao ribeiro do seu nome. No 1.º domingo de agosto (em que se faz a feira) é a festa da Senhora das Neves. Havia antigamente n'esta occasião muitas festas de touros, *cannas, justas, cavalhadas*, etc. etc. Havia na praça um grande forno que se accendia na sexta feira antecedente, e depois de arder até ao domingo (para o que gastava 12 ou 13 carradas de lenha) lhe mettiam dentro um bôlo *(fogaça)* de 10 ou 12 alqueires de trigo (é grande!...) indo um sujeito, préviamente confessado e sacramentado, dentro do forno virar o bôlo.

Sobre a instituição d'esta qualidade de festas, e sobre *fogaças*, vide Pombal e Fogaça.

Consta que em 1561 e 1562, houve uma grande peste n'esta villa, que matou a maior parte da gente da freguezia. Um figurão d'aqui prometteu então fazer todos os annos a festa do bôlo e a da Senhora das Neves, que fez logo cessar a peste. Por morte do tal figurão se continuou a festa, por muitos annos á custa da camara e depois foi feita por mordomos voluntarios. D. Manoel, os duques de Aveiro e o povo reedificaram e augmentaram a egreja em 1515.

Esta villa foi antigamente dos duques de Aveiro, aos quaes cada morador d'ella pagava 3 réis (está feito não era muito.)

Ainda existem as ruinas de um grande palacio que os mesmos duques aqui tiveram, e ruinas de varias casas nobres que aqui existiram em eras passadas.

Este palacio foi mandado fazer por André da Silva Coutinho, do qual os duques de Aveiro herdaram este senhorio. Existiam aqui muitas familias de fidalgos, que commettiam toda a casta de despotismos e arbitrariedades; e tantas queixas fez o povo, e tantas *alçadas* aqui vieram, que por fim ficou a aldeia limpa de gente tão damninha.

Querem alguns que Abiúl seja derivado da palavra arabe—Abizoude, composta de *abi* (pae) e *zoude* (augmentada)—sendo assim, quer dizer—*Povoação do pae da augmentada.*

Outros suppõem que é nome proprio hebraico—*Abiud*—*Abiud*, era da geração de David, filho de *Zorobabel* e pae de *Eliacim*, e um dos ascendentes de Jesus Christo, segundo o Evangelho.

Foi primeiramente priorado e depois vigariaria de Lorvão, tendo então 3 beneficiados, que cantavam as missas nos domingos e dias santos, sem obrigação de côro; mas o mosteiro de Lorvão tinha só o padroado da egreja e suas rendas, ou, pelo menos, só ficou com isto, passando o senhorio da villa aos *Silvas Coutinhos*, de quem o herdaram os duques de Aveiro, que o possuiram até 1759, passando então para a corôa, por elles terem perdido tudo (até a vida no supplicio!) por crime de alta traição e tentativa de regicidio. A maior parte do que aqui tinham os duques de Aveiro, foi comprado ao estado pelos fidalgos *Alvins.*

Pela freguezia passa a serra de Sicó e o rio do *Seiçal.*

Tinha capitão com duas companhias de ordenança.

Tinha foral (em latim) feito por o *abbade João*, de Lorvão, em dezembro de 1175. D. Manoel lhe deu novo foral em Lisboa, a 14 de julho de 1515.

O 1.º foral d'esta villa (de que não falla Franklim) foi-lhe dado por *Diogo Pearíz* e sua mulher *D. Exemena* (Ismenia) em 1167 *sem outro fôro mais do que* a decima de todo o pão, vinho, linho, alhos, sebolas e legumes. Passando Abiul para o mosteiro de Lorvão (por doação de D. Affonso I, em 1175) o abbade e frades lhe deram outro foral, mesmo em 1175. Não pude averiguar porque *Diogo Pearíz* e sua mulher, 8 annos depois de darem o foral, já não eram senhores d'esta villa.

No foral que o mosteiro de Lorvão lhe deu, diz: *Et in servicio unam fugazam de duobus alqueiris tritici, et unum caponem.* (Isto alem do mais.) Os mesmos frades lhe deram outro foral em dezembro de 1176. Livro dos

foraes novos da Extremadura, fl. 213 v. col. 2 e gaveta 14, maço 6, n.º 33. Torre do Tombo.

(Vide Fogaça.) D. Manoel I, os duques de de Aveiro e o povo reedificaram a matriz em 1520.

ABOADELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao norte de Lisboa, 100 fogos.

ABOBADA — Vide S. Marcos da Abobada.

ABOBOREIRA — Vide *Alboboreira.*

ABOIM — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros a oeste de Braga, 360 ao N. de Lisboa, Orago S. Martinho. Foi vigariaria do convento de Carvoeiro.

ABOIM—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 35 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

ABOIM — (Santa Maria de) freguezia Minho, districto e arcebispado de Braga, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 35 kilometros a nordeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa. No alto do monte de Aboim está um grande templo, dedicado a Nossa Senhora, cuja imagem foi achada por uns pastores. Fertil.

ABOIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 35 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 60 fogos.

ABOIM — (S. Pedro de) freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 38 kilometros ao nordeste de Braga, 366 ao norte de Lisboa, 120 fogos.

Julgo que esta freguezia se chamava antigamente *Abuil*, ou *Santa Cruz de Abuil*, e foi dada em 922 ao mosteiro de Crestuma. Vide esta villa. Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

ABOIM DAS CHOÇAS — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, arcebispado e 45 kilometros ao noroeste de Braga, 395 ao norte de Lisboa, 120 fogos. Orago Santo Estevão. Districto administrativo de Vianna. Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade. Na matriz ha reliquias do padroeiro, trazidas de Jerusalem por Paulo Osorio. Diz-se que livram de mordeduras de cães damados. No logar das *Choças* esteve acampado o exercito de D. Affonso 7.º de Leão, antes de ser derrotado por D. Affonso Henriques, na *Veiga da Matança* (ou de *Valle de Vez*) em 1128. Tambem em 1643, aqui esteve reunindo a sua gente, o bravo D. Diogo de Lima, visconde de Villa Nova da Cervera, quando foi soccorrer a praça de Monção, sitiada pelos castelhanos. Diz-se que o nome de *Choças* lhe ficou das que os hespanhoes aqui fizeram em 1128. Tem foral dado por D. Manoel, que está incluido no dos Arcos de Valle de Vez. Livro dos foraes novos do Minho, fl. 84, v.

ABOIM DA NOBREGA — villa (Couto extincto) Minho, comarca de Villa Verde, (até 1855 era comarca de Pico de Regalados.) Districto administrativo e arcebispado e 24 kilometros ao noroeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa, 300 fogos, no concelho 1:100.

No *Casal de Eixo*, d'esta freguezia, nasceu o célebre capitão mór das náos da India *João Soares Vives*, que, por desgostos com alguns fidalgos portuguezes, se passou para Castella, e Filippe IV o fez conde de Nobrega. Pelo meio da freguezia passa o *ribeiro de Aboim*, que nasce na freguezia de Gondomar e desagua no Lima. Tem aqui duas pontes de pedra, uma no sitio da *Lameira*, chamada de *Portabril* e outra perto da egreja, chamada *Ponte da Ordem*. O rio cria bôas trutas e as suas margens são, na maior parte, cultivadas. Foi couto e commenda da ordem militar de Malta, e depois da corôa. Tinha então juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho, escrivão da camara e do civel, a cuja eleição presidia o corregedor de Vianna. O juiz e escrivão dos orphãos eram os da Barca. O commendador servia de capitão-mór.

Foi senhor d'este couto D. João de Aboim, rico homem no tempo de D. Affonso III e seu mordomo-mór. Depois foi do conselho de el-rei D. Diniz. Viveu na aldeia do *Outeiro*, junto á *Pica*, a qual lhe dera D. Martim Fagundes, commendador de Leça do Bailio e tenente do grão-mestre D. Gonçalo Pires, de Pereira, em 20 de julho de 1270.

D. Affonso Pires Farinha, prior do Crato, por consentimento do gram-commendador de Hespanha, fr. Faraúdo de Barrioco, lhe tinha dado Villa-Verde, em 1260. Estes Aboins e Nobregas eram grandes fidalgos no seu tempo e alliados com nobilissimas familias de Portugal e Hespanha. Tambem eram muito ricos.

O orago da freguezia é Nossa Senhora da Assumpção, cuja egreja foi em tempos remotos mosteiro de freiras bentas. Ha aqui um *dente santo* que dizem ser de S. Fructuoso, abbade de Constantim (junto a Villa Real) onde está a cabeça d'elle sem um dente, outros querem que seja de Santo Eleuterio, papa, martyrisado em 196, e outros finalmente sustentam que é de Santo Eleuterio, arcebispo de Braga, fallecido em 550. O que é certo é ser o povo d'estes sitios muito devoto d'este dente, que, segundo elle, livra de mordeduras de cães damnados.

ABOIM E CODEÇOSO — Couto e concelho extincto (desde 1834) Minho, comarca de Celorico de Basto. Tinha juiz ordinario, camara e respectivos escrivães e meirinhos. Era donataria a collegiada de Guimarães.

ABORIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros a oeste de Braga, 360 ao norte de Lisboa, 80 fogos.

ABRA — é a palavra arabe *abra*. Significa enseada ou ancoradouro para pequenas embarcações. Deriva-se do verbo *âbara*, entrar para dentro, passar além, ou, de um para outro lado.

ABRAGÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, districto administrativo, bispado e 45 kilometros ao nordeste do Porto, 340 ao norte de Lisboa, 310 fogos.

Foi fundada por a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, em 1170. Pertenceu ao couto de Villa-Bôa-de-Quires, e foi dos marquezes de Fontes, que apresentavam os abbades. É o solar dos *Mourões Guedes*.

A egreja matriz, dedicada a S. Pedro, é templo sumptuoso e foi fundado por a rainha Santa Mafalda (a de Arouca) filha de D. Sancho I de Portugal, em 1:200. Foi reedificada em 1668 pelo abbade d'aqui, o dr. Ambrosio Vaz Golias, natural de Guimarães, á sua custa; o qual fez tambem a residencia. Jaz na capella mór da mesma egreja em tumulo de pedra.

Antes de se fundar esta egreja, havia duas, uma nas *Portellas* e outra em *Santome*. N'este ultimo sitio, chamado actualmente *Campo do Santo*, se descobriram em 1717 varias sepulturas razas e um sumptuoso tumulo de pedra.

É terra muito fertil em tudo.

ABRALANSE — aldeia, Extremadura, patriarchado.

É derivada da palavra arabe *Abrelhanaxi*, composta de *abra* (entrada) e *hanaxe* (cobra) quer pois dizer *entrada da cobra*.

ABRAN — freguezia, Extremadura, comarca e districto administrativo de Santarem, concelho de Alcanede, 105 kilometros ao norte de Lisboa, 200 fogos. É palavra arabe, derivada de *abra*, significa *entrada*, *embocadura*, *ábra*. Orago Santa Margarida. É no patriarchado. Foi curato do prior de Alcanede. Tambem se lhe dá o nome de *Abrão*.

ABRANTES — villa, Beira Baixa, districto administrativo de Santarem, 135 kilometros a oeste da Guarda, 138 a nordeste de Lisboa, 1:200 fogos, 5:000 almas. Tinha em 1660, 1:000 fogos. Tem duas freguezias, S. João Baptista e S. Vicente Martyr. Concelho 4:800 fogos, comarca 8:400. Feira a 24 de fevereiro, 3 dias. Situada na direita do Tejo, em fertil e deliciosa elevação. É no bispado de Castello Branco.

Foi fundada por os Gallos-Celtas, 308 annos antes de Jesus Christo.

Consta que o pretor romano *Tubo* a reedificou e lhe deu o seu nome. Querem outros que esta povoação foi fundada pelos *turdulos*, 990 annos antes de Jesus Christo.

Chamava-se *Tubuci* no tempo dos romanos. (Outros dizem que *Tubuci* era Tancos.) Ignora-se porém o seu primittivo nome.

Rodrigo Mendes da Silva diz que foi fundada por andaluzes, 590 annos antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Tubulli*.

Foi uma florescentissima cidade do imperio romano, e o consul *Decio Junio Bruto* lhe edificou o castello, 130 annos antes de Jesus Christo.

Os godos a tomaram aos romanos pelos

annos de 409 de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Aurantes*, em razão do muito ouro que ali se extrahia das areias do Tejo.

Outros pretendem que foram os romanos que lhe deram o nome de *Tubuci-Aurantes*.

Os arabes a conquistaram aos godos em 716 e lhe chamaram *Libia*. D. Affonso I a tomou de assalto em 8 de dezembro de 1148.

Em 1179 veiu sobre ella *Aben Jacob*, filho do miramolim de Marrocos, com um grande exercito, e lhe pôz apertado cêrco, dando-lhe muitos e ferocissimos ataques; porém os habitantes da villa taes pruesas obraram e tantos mouros mataram que estes não tiveram remedio senão retirar.

Em 1195 foi novamente cercada por outro exercito árabe commandado pelo feroz *Almançor*, com o mesmo successo.

Tendo ficado muito arruinada com o cêrco de 1179, D. Affonso I a mandou logo reconstruir, dando-lhe foral com muitos privilegios, em premio da bravura dos seus habitantes. Teve novo foral, dado por D. Diniz em dezembro de 1279. D. Manoel lh'o reformou em 1 de julho de 1510, em Santarem, com os mesmos privilegios. Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 52, col. 2.ª Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl, 15 e v. Livro dos foraes antigos, de leitura nova, fl. 14, v. col. 2. Este é o unico foral que não foi subscripto por Fernão de Pina; mas sim por Thomé Lopes, escrivão da camara de el-rei, que para isso teve especial mandado. No maço 1.º dos foraes antigos, n.º 1, n'aquella mesma data, de 1 de junho de 1510, se acha outro exemplar do foral de Abrantes, subscripto por Fernão de Pina, porém chancellado, o qual tambem foi lançado no mesmo livro de foraes novos da Extremadura a fl. 221 v., col. 1.ª Torre do Tombo.

Diz a *Historia dos Godos*, que em todos os combates que tiveram logar durante o cêrco de *Aben-Jacob*, só morreram nove christãos. (Parecem-me muito poucos!...)

Os portuguezes lhe restituiram o nome que os godos lhe haviam dado, trocando sómente o *u* em *v*, pois lhe chamaram *Avrantes*, e, por fim Abrantes.

Querem outros que o nome actual lhe provem de que, em uma reunião de côrtes, havendo disputa de preferencia entre esta villa e a de Torres Novas, o rei dissera aos deputados d'aqui: «Hablad antes.» (O que é certo é que na *Historia dos Godos* vem denominada *Ablantes*). Mas é pêta, porque Torres Novas tinha assento nas antigas côrtes, no banco 60, e Abrantes no 76, e depois da nova organisação dos *Tres Estados*, tinha Torres Novas assento no banco 6.º e Abrantes no 9.º Nem podia haver conflicto de preferencia, e se o houve ficou Abrantes por baixo, e não *hablou antes*..

As muralhas de circumvalação foram feitas por D. Affonso III e por D. Diniz, entre 1250 e 1300. D. Diniz deu esta villa a sua mulher, a 24 de abril de 1282. D. Fernando a deu depois a sua mulher D. Leonor Telles de Menezes, em 5 de janeiro de 1372.

D. João V deu esta villa de *juro e herdade* a D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, alcaide-mór d'aqui e progenitor dos marquezes de Abrantes.

Abrantes decaiu tanto do seu antigo esplendor, que no seculo XVII estava quasi despovoada. D. Pedro II, pelos annos de 1698, a levantou das suas ruinas e reedificou e ampliou as suas muralhas e fortificações e povoando-a de novo.

Era da corôa, e D. João V a doou, com todas as suas jurisdições e titulo de marquezado, em 12 de agosto de 1718, ao 3.º marquez de Fontes, e ficou sendo cabeça dê condado d'esta casa, até á morte da duqueza, neta do 1.º marquez e passou depois para a corôa.

Em 1809 o principe regente (depois de D. João 6.º) a mandou fortificar á moderna; e ainda em 1857 foram concertadas as obras de defeza.

Abrantes, que no seu principio constava apenas de duas ruas *(Rua Nova* e *Rua do Castello)* que se arruinaram, foi-se estendendo pelo monte abaixo até a uns grandes salgueiraes. (Em memoria d'elles ainda ali ha a *Fonte dos Salgueiros*.)

Teve quatro freguezias: S. Vicente, S. João Baptista, (é de tres naves e foi priorado; é collegiada, com dois beneficios simples,) Santa Maria do Castello e S. Pedro. É muito antiga esta egreja. Era primeiro fóra da villa,

onde hoje chamam Outeiro de S. Pedro, ou Carrasqueiros. Tem misericordia e um bom hospital. Tem tambem um soffrivel theatro.

O seu principal templo é o de S. Vicente, cuja primitiva fundação se attribue aos godos. D. Sebastião reedificou o corpo da egreja, ficando só a capella-mór. Concluiu-se esta obra em 1590. Até 1150 se intitulava Nossa Senhora da Conceição, e de então para cá S. Vicente; por o seu primeiro alcaide-mór trazer de Lisboa *um dente* d'este santo. É uma egreja sumptuosissima. É dos melhores templos do reino. É collegiada com seis beneficios simples.

A egreja é de tres naves e toda de abobada.

A egreja de Santa Maria do Castello é tambem muito antiga, e tanto que se não sabe quando nem por quem foi fundada. É pequena, mas encerra muitos objectos d'arte de grande primor, principalmente os mausoleus de Diogo Fernandes d'Almeida e de D. Antonio d'Almeida, da familia dos marquezes d'Abrantes.

Tem quatro conventos, dois de cada sexo.

O de frades dominicos, que fundou D. Lopo d'Almeida, filho do 1.º conde d'Abrantes, em 1472, e por ser o sitio doentio, o mudou D. Manuel para dentro da villa, principiando as obras em 31 de janeiro de 1509 e concluindo-se a 20 de março de 1527, segundo uma inscripção que está sobre a porta da egreja, da qual consta isto. Chamava-se Nossa Senhora da Consolação. Outros dizem que o fundou Diogo Fernandes d'Almeida, pae de D. Lopo, que foi o 1.º conde d'Abrantes. O seu primeiro sitio era onde ainda hoje se chama «Mosteiro Velho» a distancia de 1:500 metros da villa.

O de frades de Santo Antonio (piedosos) foi fundado pelo mesmo D. Lopo d'Almeida (no sitio da *Abrançalha*) em 1526.

O de freiras dominicas, de Nossa Senhora da Graça, foi fundado por D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda, em 1384. Foi primeiro de *conegas* regrantes de Santo Agostinho, e se extinguiu por causa da peste que houve em 1438. Chamava-se então de «Santa Maria das Donas». As primeiras freiras vieram de Chellas, e foi primeira prioreza D. Maria Vasques, irmã do dito bispo. Para não ficar completamente abandonado, residia n'elle uma *commendataria*, que, quando morria, era substituida por outra. Durou isto até ao reinado de D. Manuel, tempo em que se tornou a juntar congregação, sendo commendataria D. Beatriz de S. Paulo. Em 1541 professaram a regra de S. Domingos e no de 1548 se mudaram para o Rocio, onde hoje estão. Foi D. João III que lhe deu o novo convento, com muitos privilegios.

Nossa Senhora da Esperança, freiras de Santa Clara (franciscanas) foi primeiro fóra da villa. Era padroeiro *João de Campos Barreiro*. O rei D. Manuel deu esta villa a seu filho, o infante D. Fernando.

Quando Junot invadiu esta villa (24 de novembro de 1807) com uma horda de francezes e castelhanos, famintos, esfarrapados e descalços, para nos *libertarem* do jugo dos inglezes, alem de outros muitos roubos que aqui praticaram, *libertaram* de botas e sapatos todos os moradores d'esta villa, ficando tudo descalço. (Os sapateiros depois não tinham mãos a medir!)

Buonaparte em premio d'esta grande façanha das botas e sapatos, tão heroicamente conquistados, fez Junot *duque d'Abrantes!!* (Era mais racional fazel-o *duque do chinello.*) Nem o traidor Affonso de Lencastre, nem o salteador Junot ficaram muito ricos com o ducado d'Abrantes. Tambem tanto direito tinha Filippe IV como o neto do carniceiro de Ajacio, de fazerem duques em Portugal.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º Tem marquez. (É hoje dos herdeiros do ex.mo D. José Maria da Piedade Alencastre).

O *ex-usurpador* Filippe IV, fez d'aqui duque (!) em 1641 (ainda veio a tempo!...) a D. Affonso de Lencastre (que tambem fez 1.º marquez de Porto-Seguro, na Hespanha). Era filho do duque d'Aveiro. (Estes duques d'Aveiro, já de longa data eram muito *leaes á patria!*)

É praça d'armas, cercada de fortes muralhas, com suas torres e cubellos, tendo no mais alto da villa o seu soberbo castello e n'elle um bom palacio dos marquezes de Abrantes, que eram os seus *alcaides-mores*

O marquez D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes o reedificou pelos annos de 1740; mas a sua morte foi a causa de se não concluir esta obra magestosa.

Das quatro antigas freguezias

S. Vicente, martyr—vigariaria apresentada pelo rei; collegiada, com seis beneficiados, coadjutor e thesoureiro.

S. João Baptista—vigariaria do real padroado, collegiada, com seis beneficiados, coadjutor e thesoureiro.

Santa Maria do Castello—priorado, que o rei apresentava, collegiada, com dois beneficiados e cinco capellães, todos apresentados pelos marquezes de Fontes, que aqui tinham o seu jazigo.

S. Pedro—priorado da corôa.

—

O primeiro titulo d'esta villa foi o de condado. Foi seu 1.º conde, D. Lopo d'Almeida, por D. Affonso V, em 1472, (vide adiante).

O titulo de ducado que Filippe IV deu a D. Affonso d'Alencastre, nunca foi confirmado pelos reis de Portugal.

D. João V elevou Abrantes a marquezado, em 1718, a favor de Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 3.º marquez de Fontes e 6.º conde de Penaguião, que falleceu n'esta villa d'Abrantes em 30 de abril de 1733.

A ridicula nomeação do malvado e sacrilego Junot no ducado d'Abrantes, pelo monstro corso, deu em agua de bacalhau; mas Junot teve o desaforo de se continuar a assignar *duque d'Abrantes!* E o que é ainda maior desaforo e escandalo é a gente ver alguns escriptores portuguezes darem seriamente este titulo caricato a Junot!

—

Proximo d'esta villa, em 12 de agosto de 1810, houve uma batalha, dada pelo exercito luso-anglo contra as hordas francezas.

Desde 9 de outubro de 1810 até 7 de março de 1811, a tropa portugueza, o povo da villa e algumas tropas inglezas defendem heroicamente Abrantes, cercada pelos soldados de Massena. N'este ultimo dia levantaram o cerco, fugindo para a Hespanha.

—

Em uma lapide collocada ha poucos annos debaixo da abobada da principal porta do castello, se lê esta inscripção:

FOI ESTE CASTELLO FORTIFICADO
POR DECIO JUNIO BRUTO,
CONSUL ROMANO, NO ANNO
CXXX ANTES DE CHRISTO.
EM 8 DE DEZEMBRO DE 1148
FOI TOMADO DE ASSALTO AOS
MOUROS, POR D. AFFONSO HENRIQUES.
EM 1279 FOI NOVAMENTE
FORTIFICADO PELO MESMO REI,
EM CONSEQUENCIA DE FICAR
ARRUINADO DO CERCO QUE LHE
POZERAM OS MOUROS, CAPI-
TANEADOS POR ABEN JACOB,
FILHO DO MIRAMOLIM, REI
DE MARROCOS—E LHE FOI
DADO FORAL, PELA VALOROSA
RESISTENCIA QUE FIZERAM
SEUS DEFENSORES. EM 1195
FOI DESBARATADO OUTRO EXER-
CITO DE MOUROS, PELA SUA
GUARNIÇÃO.
FORAM LEVANTADOS SEUS MUROS
POR D. AFFONSO 3.º, E CONTINUADOS
POR D. DINIZ, QUE O DEU, EM
24 D'ABRIL DE 1281, Á RAINHA
SANTA ISABEL.
EM 5 DE JANEIRO DE 1372
CONSTITUIU PARTE DO DOTE
DA RAINHA D. LEONOR TELLES
DE MENEZES.
EM 1809 FOI DE NOVO MANDADO
FORTIFICAR, ASSIM COMO A VILLA,
PELO GOVERNO DO PRINCIPE REGENTE.
EM 11 DE OUTUBRO DE 1857
VEIO GOVERNADOR, O GENERAL
BARÃO DA BATALHA, QUE,
DESEJANDO LEVANTAL'O DAS RUINAS
A QUE SE HIA REDUZINDO,
TRATOU DE LHE MANDAR
FAZER AS REPARAÇÕES QUE
HOJE TEM.

—

Abrantes é o solar dos *Themudos*, appellido nobre em Portugal, e verdadeiramente portuguez. O primeiro que se assignou *Temudo* (por ordem expressa de D. Affonso V) foi *Ruy Fernandes Temudo*, natural d'esta villa. Foi um esforçadissimo capitão, que nas guerras da Africa fez prodigios de valor. Em premio d'elles, o dito rei lhe augmentou as armas, por provisão de 11 de outubro de 1476, ficando assim construidas—em campo azul, uma aguia d'ouro, de duas cabeças, azas abertas e os pés firmados sobre uma cabeça de mouro, com turbante de prata,

cortada em sangue, e por orla um cordão de S. Francisco, d'ouro. Timbre, meia aguia d'ouro. Temudo, no antigo portuguez, significa *temido*.

Actualmente é muito numerosa a familia dos Themudos, e se acha espalhada por varias provincias do continente, ilhas e mais possessões do ultramar. É notavel que esta familia, ha mais de dois seculos, é muito inclinada á jurisprudencia, que muitos dos seus teem exercido com distincção.

É hoje uma grande, bonita e florescente villa, com algumas ruas boas e uma grande praça na qual está a casa da camara, que é grande e regular, construida no seculo passado.

Residiram por vezes n'esta villa os reis D. Manuel e sua segunda mulher (que aqui deu á luz os infantes D. Luiz e D. Fernando). D. Luiz nasceu em 1505 e D. Fernando em 1507. O ultimo aqui viveu, e aqui morreu em 1534, nas casas que depois foram do morgado *Caldeira*. D. Pedro I, o infante D. Pedro, filho de D. João I, e D. João II tambem aqui residiram.

Tem por armas quatro flores de liz em cruz, quatro corvos a cada canto e uma estrella no centro. As flores de liz veem-lhe do seu primeiro alcaide-mór, que era francez; os corvos do tal dente de S. Vicente e a estrella indica que foi terra de mouros.

Tem boas pedreiras de lousas (ardosias).

De Abrantes até ao mar é o Tejo perfeitamente navegavel, sem o minimo obstaculo.

É a 23.ª estação do caminho de ferro de leste. É preciso notar que na numeração das estações do caminho de ferro, não conto a principal, de Lisboa, contando como primeira a do *Poço do Bispo*.

É quartel de infanteria n.º 11.

Ha proximo d'esta villa varias nascentes d'aguas mineraes, sendo a melhor a agua ferruginosa que nasce na quinta do *Ribeirinho*.

A villa está em 30 graus e 24 minutos de latitude e 10º e 22' de longitude.

Do castello se avista Punhete, Sardoal, Mação, Castello de Belver, a Torre do Gavião, Santarem e muitas freguezias.

O 1.º conde d'Abrantes, foi (como já disse) D. Lopo d'Almeida, por D. Affonso V, em 1472, estando em Samora. *Pedro de Mariz*, diz que foi em 1471, estando em Miranda. D. Lopo d'Almeida era do conselho d'el-rei, alcaide-mór de Punhete, tendo as jurisdições do Sardoal, Mação e Amendoa. Casou com D. Brites da Silva, dama da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e camareira-mór da rainha D. Isabel. Teve entre outros filhos, a D. João d'Almeida, 2.º conde de Abrantes, D. Francisco d'Almeida, 1.º vice-rei da India e D. Diogo Fernandes d'Almeida, 6.º prior do Crato, monteiro-mór de D. João II e alcaide-mór de Torres Novas. Morreu em Almeirim a 13 de maio de 1508.

O sr. D. José Maria da Piedade e Lencastre, herdeiro primogenito dos ultimos marquezes de Abrantes, e administrador do marquezado, não quiz receber dos liberaes o titulo de marquez que lhe pertencia. Era um legitimista leal e decidido, e um perfeito cavalheiro, de trato ameno e franco e de não vulgar illustração. Morreu a 28 de fevereiro de 1870, em Lisboa.

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem (ou do estado).

Aqui nasceu, em 8 de janeiro de 1824, *Francisco Alves da Silva Taborda*, o actor mais engraçado e popular dos nossos dias.

D. Anna Catharina Henriqueta de Lorena, filha de Rodrigo Eannes de Sá Menezes e Almeida, 3.º marquez de Fontes e 1.º marquez d'Abrantes, e de D. Isabel de Lorena, filha do 1.º duque de Cadaval, foi casada (a primeira de que fallei) com seu tio, D. Rodrigo de Mello, filho de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 1.º duque de Cadaval, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal. Tendo D. Anna enviuvado, foi feita camareira-mór da rainha D. Marianna Victoria, mulher de D. José I, e logo depois (em 4 de dezembro de 1753) este soberano a fez *duqueza d'Abrantes*.

Foi 2.ª *duqueza d'Abrantes*, sua filha, D. Maria Margarida de Lorena, que era marqueza d'Abrantes pelo seu casamento com D. Joaquim Sá Menezes e Almeida, 2.º marquez d'Abrantes e 8.º conde de Penaguião. Ficando viuva, foi elevada a *duqueza d'Abrantes*, tambem por D. José I. Casou em segundas nupcias com D. João, filho legitimado do

infante D. Francisco, irmão de D. João V.

A este D. João chamava o povo *o sr. D. João da Bemposta*, por ter estabelecido a sua residencia no real paço d'este nome. Este principe foi conselheiro d'estado, mordomo-mór de D. Maria I, e capitão general das armadas reaes e galeões de alto bordo. Falleceu em 1780.

D'este casamento não houve successão, e acabou o titulo de duque d'Abrantes.

—

Uma senhora chamada *Queixa Perra* (que nome!) doou a Lorvão, em 1176, muitos bens que possuia em Abrantes.

Tinha esta villa até 1834, juiz de fóra, alcaide-mór (com muitas rendas) e capitão-mór, com duas companhias na villa e quatro no termo.

ABRAVEZES—freguezia, Beira Alta, districto administrativo, bispado, comarca e concelho de Vizeu, 285 kilometros ao norte de Lisboa, 340 fogos. Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

ABRECHOEIRA—villa de que faz menção Duarte Nunes de Leão na *Descripção do reino de Portugal*. É na comarca de Thomar. Não ha mais noticias d'ella em outro auctor antigo ou moderno.

ABREIRO—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Lamas d'Orelhão, situada em alto, proximo da margem direita do *Tua* (onde tem uma alta ponte de cantaria feita pelos annos de 1760), 120 kilometros a noroeste de Braga, 18 de Villa Flor, 370 ao norte de Lisboa, 170 fogos. D. Sancho II lhe deu foral em 9 de setembro de 1225. Confirmado por D. Affonso III em 1250. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa em 2 de agosto de 1514. Ruy Mendes da Silva *(Poblacion general d'Hespaña)* diz que D. Sancho II a povoou em 1225, quando lhe deu o foral. Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes, fol. 23, col. 1.ª Torre do Tombo.

Foi dos marquezes de Villa Real, que a perderam, por serem traidores á patria, em 1641. Passou depois a ser commenda e *isento* da ordem de Malta.

Tinha em 1660 120 fogos. Orago Santo Estevão, martyr.

É povoação muito antiga, talvez fundada pelos godos. Os arabes a possuiram e lhe deram o nome, pois Abreiro é derivado de *âbara*. palavra arabe, que significa *entrar*, ou *passar de um para outro lado*.

Era vigariaria da ordem de Malta, apresentada pelo commendador de Poyares.

Ha vestigios de uma fortaleza romana ou arabe, no alto, onde está a capella de Santa Catharina, virgem e martyr.

ABRILONGO—pequeno rio no termo da villa d'Ouguella. Mette-se no *Chévora* (ou Xevora) proximo e em frente da dita villa.

ABRIGADA (Nossa Senhora da Graça da) —freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, districto administrativo, patriarchado e 60 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos. Orago Nossa Senhora da Graça.

Esta freguezia, que antigamente era pobre e pouco productiva, está hoje soffrivelmente bem cultivada, pelo que é uma das mais ricas e ferteis do concelho.

A aldeia de *Atouguia das Cabras*, foi sempre e até ha poucos annos o logar mais importante da freguezia, e por isso lhe deu o seu nome. Por freguezia de Atouguia das Cabras é designada em todos os diccionarios geographicos, e officialmente. Tambem esta aldeia é a que está mais proxima da egreja matriz.

A aldeia da Abrigada, porém, foi adquirindo tanto desenvolvimento, opulencia e população, que é hoje a principal da freguezia, e como era mais curto e mais bonito o nome de *Abrigada* do que o de *Atouguia das Cabras*, se foi desprezando este e adoptando aquelle, pelo qual é hoje conhecida esta freguezia, que é composta de 5 povoações: *Abrigada, Bairro, Estribeiro, Atouguia* e *Cabanas do Chão*.

As quintas, mattos e optimas vinhas estendem-se a 5 kilometros.

O vinho d'esta freguezia é excellente e com abundancia, exportando-se para differentes partes do reino e para o Brazil, onde é muito estimado.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, que tambem se exporta.

O prior de S. Pedro de Alemquer, apresentava aqui o parocho (cura) por esta fre-

guezia ser annexa á de S. Pedro. Tinha de renda (o cura) um moio de trigo, duas pipas de vinho e o pé d'altar. Desde 1842, tem o parocho (que agora tem o titulo de prior) 190$000 réis de congrua, incluindo o pé d'altar, que rende uns 60$000 réis.

A egreja matriz dista uns 400 metros da Abrigada, e pouco menos de Atouguia. É um templo pequeno e tosco, que parece ser fundado ahi por meiado do seculo XIV. Parece que o terremoto o damnificou, porque foi concertado no anno de 1768, segundo uma data que se vê na parede exterior.

Em frente da egreja ha um espaçoso largo, tendo no centro um simples mas elegante cruzeiro, de pedra polida, alli collocado em 1862. Em redor d'este largo ha algumas casas modernas, que servem para a accommodação dos romeiros da antiquissima festa de Nossa Senhora da Ameixoeira, que tem logar nos mezes de agosto e setembro e são muito concorridas.

Ao pé da sachristia ha uma campa com a inscripção já tão apagada, que se não póde ler. Tem o brazão d'armas dos Araujos, da Abrigada (ou de Alemquer) que são em campo de prata, uma aspa azul, carregada com cinco besantes de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre meio mouro com braços, vestido de azul, com um capello de ouro, como de caça, na cabeça.

Note-se que só este ramo dos Araujos usa das armas descriptas. O ramo principal traz por armas: escudo esquartelado, no primeiro uma meia dama vestida de purpura, com flores de ouro na cabeça, sobre uma torre de prata, em campo verde; no segundo um sol de ouro e uma lua (crescente) de prata e sete estrellas tambem de prata, em campo azul; no terceiro e ultimo, duas aves pardas, em campo branco, elmo de prata aberto e por timbre a mesma dama.

É tradição na freguezia, ser este o jazigo da familia Araujo, da quinta da Abrigada. Effectivamente é a sepultura de Gonçalo Vaz de Araujo, fundador d'este morgado, que morreu pelos annos 1620, e de outras pessoas da sua familia.

No seculo passado enterrou-se n'este jazigo uma menina de 7 annos, filha do então administrador do morgado. No fim das exequias, ouviu o sachristão algum ruido, á que não deu importancia, mas passados alguns dias, souberam os paes da menina que o sachristão tinha fallado no caso. Mandaram elles logo abrir o jazigo e achou-se a desgraçada creança sentada nos degraus, onde tinha ido morrer de fome, de frio e de terror!

Em 1856 se construiu proximo á egreja, um bonito cemiterio, murado, e fechado por um portão de ferro.

Já n'elle ha dois sumptuosos mausoleus, um construido em 1859, é do sr. José Maria Camillo de Mendonça (hoje visconde da Abrigada) para elle e sua familia, o outro pertence ao sr. Domingos José da Silveira e aos seus.

A aldeia do Bairro, que no começo do seculo passado tinha 50 fogos, tem actualmente 89. Ha aqui a *fonte do juiz*, que sendo abundante no verão, sécca no inverno.

A aldeia do Estribeiro, tinha no principio do seculo passado 15 fogos: hoje tem 25. Chamava-se antigamente Destrabeira.

As principaes quintas d'esta freguezia são: da *Abrigada* e do *Casal do Alamo*, do sr. F. Raphael Gorjão; das *Marés*, do sr. D. Joaquim da Silva; de *Vallongo*, da Companhia de Credito Predial; do *Bairro*, e o *Casal do Viegas*, do sr. Ascencio de Sequeira Freire; quinta do *Ex-couto*, (que foi antigamente *coutada*) do sr. visconde da Abrigada; *Casal do Marques*, do sr. A. P. de Araujo; *Casal d'Atouguia*, do sr. conde dos Arcos; *Casal dos Mogos* (dos Marcos) do sr. Antonio Joaquim.

Vide *Abrigada*, aldeia; *Abrigada*, quinta; *Cabanas do Chão*, *Ameixoeira* (Nossa Senhora da), e *Cabanas de Torres*, freguezia; onde se declara o mais que não vae n'este artigo, e que pertence á freguezia. Vide tambem *Atouguia das Cabras*.

ABRIGADA — aldeia, Extremadura, freguezia de Atouguia das Cabras (vulgo Abrigada) comarca e concelho de Alemquer, districto administrativo, patriarchado e 60 kilometros ao N. de Lisboa, 115 fogos. (Tinha no principio de seculo passado 50 fogos).

É tradição que antigamente a esta aldeia

se chamava Amieiro; mas já no principio do seculo XVI se lhe dava o nome de *Brigada*, que se corrompeu em *Abrigada*.

Differentes (e, quanto a mim, todas mais ou menos disparatadas) são as origens que se dão ao nome d'esta aldeia, e ás variantes de tal nome.

A respeito de Amieiro estamos nós bem, que toda a gente sabe o que é; mas d'onde lhe vem o nome mais moderno de *Brigada?* Não é provavel que venha de *briga*, palavra celtica, que significa *povoação;* nem de *Brigo*, 4.º rei de Hespanha; porque o nome de *Brigada* é moderno, e, quando muito, tem 300 ou 400 annos.

Tambem não é verosimil que fossem os fugitivos de Torres Vedras e Villa Verde dos Francos (Vide *Cabanas de Torres*) que lhe dessem este nome; porque então lhe chamariam logo *Abrigada* (e não *Brigada*) visto que lhes serviu de abrigo. Nem tambem acho geito nenhum á etymologia dada por outros, isto é, que o segundo nome d'este logar póde vir de *briga, contenda, peleja*, etc. Não ha tradição que houvesse por estes sitios facto algum d'esta natureza cuja importancia fosse tanta que merecesse dar o nome ao logar.

N'estas duvidas, de certo *indeslindaveis*, cada um póde inclinar-se para a hypothese que mais lhe agradar.

Deixando estas questões de uma importancia soffrivelmente problematica, vamos ao actual e positivo.

O logar da Abrigada, apresenta um aspecto de aceio, de prosperidade e de progresso; e, com effeito, ha alguns annos tem tido um desenvolvimento muito notavel, o que, em grande parte, é devido a residirem aqui muitos proprietarios abastados e intelligentes.

Em 27 de janeiro de 1870, foi feito visconde da Abrigada o sr. José Maria Camillo de Mendonça, rico proprietario n'esta freguezia e opulento negociante da praça de Lisboa. A sr.ª viscondessa é da familia dos srs. viscondes da Bahia e irmã da esposa do sr. Gorjão da quinta da *Abrigada*, de que adiante se trata.

ABRIGADA (quinta da)—no logar do seu nome, freguezia de Atouguia das Cabras, ou como hoje se diz, da Abrigada.

Esta propriedade é muito antiga, e chamava-se primeiramente quinta do Amieiro; porque, como já disse, era Amieiro o primeiro nome do logar da Abrigada; ou, pelo menos, o mais antigo que se lhe conhece. No principio do seculo XVI, era de Fernão Balones, que a vendeu a Fernando Alves Cabral, que depois a vendeu por 300$000 réis a Gonçalo Vaz, que a augmentou com varias propriedades contiguas, que comprou. Herdou-a seu filho Gonçalo Vaz de Araujo, que por sua morte a instituiu em morgado, com a condição de seus successores fundarem n'este logar uma capella, com uma casa contigua, propria para dar *acolheita* a passageiros pobres: sendo a capella dedicada a S. Roque, cuja imagem deviam ir buscar ao sitio de Monte Santo, nas faldas de Monte Junto. Esta capella foi saqueada e o padroeiro despedaçado pelas hordas francezas em 1811. Foi depois reparada e feito um novo padroeiro.

É actual possuidor d'esta bella quinta, o sr. Francisco Raphael Gorjão, casado com uma filha da sr.ª viscondessa da Bahia. Tanto o sr. Gorjão, como a sua dignissima esposa, são geralmente estimados e amados dos povos d'aqui, pelas optimas e rarissimas qualidades que os adornam.

O sr. Gorjão descende de um nobre cavalleiro francez, chamado *Jean Gorgeon*, que roubando na França uma senhora casada, fugiu com ella para Portugal no reinado de D. Pedro I, que informado da nobreza e intrepidez d'elle, o recebeu com alegria e lhe deu terras no Trucifal, onde *Gorgeon* fundou o seu solar, e em cuja egreja jazem muitos dos seus descendentes.

Passados annos, o marido offendido, soube que elles residiam em Portugal, onde os veio procurar. Encontraram-se os dois rivaes junto a uma ribeira, no logar de Enxara dos Cavalleiros, e pelejando, cairam ambos mortalmente feridos, escrevendo ambos com seu sangue, sobre uma lagem, que queriam ser enterrados na mesma sepultura!

Esta quinta tem quasi uma legua de extensão, podendo ser quasi toda regada.

É admiravel a rapidez com que aqui se desenvolvem quaesquer vegetaes. Arvores

plantadas ha poucos annos, estão tão frondosas como se tivessem seculos!

Ha n'esta quinta um banco de *argilla refractaria*, que, aproveitada, podia ser um manancial de riqueza.

Já por duas vezes se tentou aproveitar este barro para tubos refractarios; mas de ambas falhou a empreza, a primeira vez pela ignorancia do director dos trabalhos, e a segunda por falta de dinheiro.

Hoje, que tanta extracção tem esta materia e que tão varias applicações tem na industria, é de esperar que se tente um novo commettimento, dirigido por pessoa intelligente, e com uma companhia que possa dispor de fundos necessarios para a exploração.

As casas da residencia dos proprietarios d'esta quinta são vastas, construidas com muita magnificencia e formosamente situadas. Tem um bello largo, onde ha um tanque abundante de optima agua, para alli trazida ha menos de um seculo.

ABRUNHEIRA—concelho na comarca de Soure, com 1:720 fogos. Vide *Verride*.

ABRUNHOSA DO LADARIO—villa, Beira Alta, concelho de Satão, districto administrativo, bispado, comarca e 24 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 150 fogos, 600 almas. Orago Santa Maria. Foi concelho, com camara e juiz ordinario. Era da corôa.

ABRUNHOSA-A-VELHA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, extincto concelho de Tavares, 212 fogos, 340 kilometros ao norte de Lisboa. Orago Santa Cecilia. Districto administrativo e bispado de Vizeu, d'onde dista 24 kilometros. Tem um lindo e devoto sanctuario de Nossa Senhora; foi villa.

Foi antigamente da comarca de Vizeu. Foi elevada á cathegoria de Villa, quando os senhores Paes, de Mangualde, foram feitos donatarios d'esta povoação e de Villa Mendo, no seculo XVIII, ficando aquellas duas povoações formando um concelho, com juiz ordinario, camara, e necessarios escrivães e officiaes de diligencias d'ella.

No judicial serviam alternativamente os tres do judicial e notas, de Tavares; mas effectivamente o dos orphãos.

A superintendencia das decimas estava no juizo de fóra de Mangualde e Tavares, e estendia-se a mais dois concelhos pequenos, extinctos ha muitos annos.

Um d'estes concelhos extinctos pertencia á ouvidoria de Linhares, outro ao de Penalva do Castello.

Quando Abrunhosa foi elevada á cathegoria de villa, se lhe deu o nome de *Villa Nova d'Abrunhosa Velha;* mas actualmente tornou a perder o titulo de *Villa Nova*, e só lhe chamam Abrunhosa Velha.

—

No concelho de Mangualde ha a aldeia de *Abrunhosa do Matto*, que é na freguezia de *S. Thomé da Cunha Baixa*.

ABRUTELLA—palavra antiga. O mesmo que *arroteia*, terra recentemente reduzida á cultura. Vide *Aral*, que vem a ser o mesmo.

ABYSMO—Vide *Abismo*.

ACCARAR—portuguez antigo, mirar, encarar.

ACEQUIA—Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome. É derivado do arabe *assaquiat*, significa regato ou ribeirinho. Vide *Assequins*. Tambem significa açude, lago ou charco, feito na margem do rio.

ACHA—Vide *S. Miguel d'Acha*.

ACHADA—pequena serra na Extremadura, principia proximo de Cascaes e passando por Monte Redondo continua até á serra de Monte Junto. É aqui a quinta das Lapas dos marquezes de Alegrete.

Achada ou Achaada, no portuguez antigo significava *planicie, descampado, terra baixa e plana*. Tambem significava *plató*.

ACHANTAR—portuguez antigo, metter, introduzir, espetar, enterrar, etc.

ACHAS—Ha uma herdade d'este nome, no termo de Jalles, (Traz-os-Montes) que era tão importante no seculo XIII, que D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de maio de 1270. Está na Torre do Tombo, Livro 1.º das doações de D. Affonso III, folha 102, columna 1.ª

ACHETE—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, 95 kilometros ao nordeste de Lisboa, 296 fogos. É palavra arabe *Axxat* (ovelha) significa *povoação da ovelha*. Orago

Santa Maria. É no patriarchado. Era vigariaria de concurso.

ACISTANO—portuguez antigo, hoje *mosteiro*. Tambem se dizia *aciterio*, *acisterio* e *acitano*.

AÇOR—(serra do) na Beira Baixa, principia no logar do Sobral e acaba em Arganil, tem 33 kilometros de comprido e 12 de largo. Á beira d'esta serra ficam as villas de Coja e Avô e muitas aldeias. É em grande parte cultivada, e onde o não é, dá bons pastos para o gado. Tem coelhos e perdizes. A sua etymologia é de facil comprehensão, isto é, *açor*, ave de rapina.

AÇOR—(serra do) no Algarve, 18 kilometros de comprimento e 15 de largo. Tambem lhe chamam *Serra da Dobra* e serra de *Pero Janeiro* (segundo os sitios por onde passa). Ao oeste d'ella nasce o rio *Delouca* (ou Adelouca) e ao éste o rio Encherim. Tem grandes mattas de azinheiros e muita caça. Tinha antigamente muitos javalis.

AÇOREIRA—Vide *Assureira*.

AÇORES—pequena serra, Douro, freguezia de Santa Maria das Medas, concelho de Gondomar, a 24 kilometros ao nordeste do Porto. Tem 1:500 metros de comprimento e 1:000 de largo. Ha aqui 12 profundos *fôjos*, que se diz serem minas d'ouro dos romanos ou arabes.

Nasce aqui o ribeiro de *Villa Cova*, que desagua no Douro. Tem algumas arvores silvestres, matto e caça.

Ha n'esta serra a *Lagoa da Fisga*, que tem 1:500 metros de comprimento e 800 de largo. De verão o seu leito está secco e dá optimo milho (e actualmente mesmo de inverno, pouco espaço d'elle é occupado por as aguas).

É tradição que foi uma cidade no tempo dos godos. Dizem alguns que era a antiga Penafiel. Vide esta palavra.

AÇORES—villa, Beira Baixa, comarca e concelho e 6 kilometros de Celorico da Beira, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao N. da Guarda, 300 a éste de Lisboa, 120 fogos, 500 almas. A antiga egreja matriz era em *Aldeia Rica*, freguezia hoje unida a esta; mas a primeira egreja ainda existe. A matriz era a antiquissima egreja de *Nossa Senhora dos Açores*, de architectura gothica e de tres naves Esta egreja foi demolida, por estar muito arruinada, e reedificada quasi pelos fundamentos, pelos annos de 1790. O seu orago é Santa Maria, ou Nossa Senhora dos *Açôres*.

Na capella-mór, da parte do Evangelho, está um tumulo com a seguinte inscripção: «Requievit famvla Xpi. in pace. Svintilivba sub mense. Novembres. Era DCCIIII.»

D'esta inscripção semi-barbara se collige que na era de Cesar 704 (666 de Jesus Christo) se sepultou aqui Swintiliuba, serva do Senhor. Houve aqui em tempos remotissimos um convento *duples*. No fim do seculo passado se descobriu nos amplissimos passaes dos priores (que provavelmente foram *cêrca* do convento) as columnas do claustro e as paredes das officinas. A chronica dos eremitas de Santo Agostinho diz que no seculo VII houve aqui um mosteiro da sua ordem; mas não adduz provas que satisfaçam plenamente.

Ha aqui o nobre e antiquissimo *Sanctuario de Nossa Senhora dos Açores*, que hoje é matriz (como já disse). N'ella se conservam quatro primorosos quadros, 1.º apparecimento da Senhora ao *rustico da vacca*; 2.º o do filho do rei ressuscitado; 3.º do açôr e 4.º da victoria que os portuguezes alcançaram dos castelhanos proximo d'aqui. Estas pinturas não têem outro fundamento senão a tradição do povo; pois ninguem sabe quem é o filho do rei que ressuscitou, nem quando nem porque foi dada a batalha.

Desde o principio da monarchia, tiveram os nossos reis este *sanctuario* em grande devoção e lhe fizeram boas doações. D. Manuel no foral que deu a Celorico, em 1512 (1.º de julho) manda que a terça parte dos montados e maninhos, se gastará com os *cavalleiros e escudeiros que forem uma vez por anno em romaria a Nossa Senhora dos Açores*.

A 3 de maio é que se faz esta romaria, pela camara de Celorico e a despeza era feita pelas ditas terças e por um bom legado que para isto deixou uma *devota* (não prevendo que deixava o seu dinheiro para

se gastar em galhofas, glotonerias, desafios, irreligião e borracheiras.) Este parenthesis é de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Eu digo o mesmo.

A villa d'Açores nunca teve foral proprio e hoje é apenas uma aldeia.

Pretendem alguns que o nome d'esta freguezia lhe provém do milagre que fez Nossa Senhora a um caçador do rei de Castella. Provirá.

Era da coroa.

ADÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, arcebispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 86 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Pertencia ao couto de Villar de Frades e era curato do mosteiro d'este couto, chamado vulgarmente *bons homens de Villar.*

ADAFROIA—(proximo á villa de Pombeiro), Beira Baixa. Vide *Aufragia.*

ADAÍL—official que, com alguns cavalleiros tinha obrigação de ir á descoberta. O adaíl-mór era o chefe dos adaís. Este posto está extincto desde 1655.

O primeiro adaíl-mór que houve em Portugal, foi Pedro de Barros, no reinado de D. Affonso V, e o ultimo foi Manuel Peixoto da Silva, no tempo de D. João IV. Houve só 11 adaís-móres. Eram todos fidalgos.

Adaíl é a palavra arabe *addalil*, participio do verbo surdo *dalla*, que significa guiar, ensinar o caminho, ir na frente.

ADÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 80 fogos, é no districto administrativo e bispado da Guarda. É provavel que o seu nome lhe provenha de algum individuo chamado Adão que a possuisse ou aqui vivesse. É seu orago S. Bartholomeu.

ADÃO—pequeno ribeiro da Beira Baixa. Vide *Ade.*

ADARVADO—portuguez antigo, acastellado, fortificado.

ADARVE—portuguez antigo, castello, edificio fortificado.

ADAÚFE—freguezia, Minho, proximo a Braga, 420 fogos. É palavra arabe *aldafe*, adufe, pandeiro quadrado. Os arabes tomaram esta palavra do hebraico *hadaff*, que quer dizer o mesmo. Tambem póde vir de *Adaulfo* ou *Adulfo*, nome proprio de homem, muito usado antigamente. Vide *Luzim.*

Houve aqui um convento de frades *bentos*, fundado por *Nuno Odoris* e sua mulher *Adozinda Viscoi*, da familia dos Sousas, em 1070. Estiveram n'elle frades mais de 360 annos, até que *D. Fernando da Guerra* o reduziu a abbadia secular, e el-rei D. Manoel o passou a commenda. D. Affonso III lhe deu foral em Coimbra, a 3 de agosto de 1258.

ADAVAL—freguezia, Alemtejo, 24 kilometros d'Evora, 120 de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Miguel.

Concelho do Redondo, districto administrativo e arcebispado d'Evora.

ADDUXER—portuguez antigo, (corrupto do latim) trazer.

ADE—(corrupção de *Adem*, pato), ribeira da Beira Baixa, nasce junto á quinta de Perobullo, freguezia de *Sant'Anna da Serra da Azinha*, em uns pantanos que seccam no verão (como a mesma ribeira). Juntam-se a ella os ribeiros *Adão* e *Luzello.* Desagua no Côa, junto ao logar do *Seixo de Côa;* tem 18 kilometros de curso.

ADE—Vide *Adem.*

ADEGANHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho da Alfandega da Fé, 150 kilometros ao N. E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 80 fogos. N'esta freguezia ha um monte a que chamam do *Castello-Velho*, arborisado, e no seu cume ha um grande montão de pedras, que se diz serem restos de um antigo castello de mouros.

No sitio chamado *Nossa Senhora do Castello*, é tradição que existiu em tempos remotissimos uma cidade cujo nome se ignora e da qual ainda ha vestigios de muros arruinados.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

D. Affonso III lhe deu foral em Santarem a 16 de fevereiro de 1259.

N'elle se dá a esta freguezia o nome de *Adegama.*

Livro 1.º das doações de D. Affonso III, fl. 37, v., col. 2, *in fine.*

Adeganha, *daganha* e *degana*, no antigo portuguez são terras que se haviam empra-

zado ao concelho, ou tomado dos montes (em todo o caso maninhas) e que se reduziam a cultura.

É do arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era cabeça de uma commenda da ordem de Christo. Foi do padroado real.

O seu reitor era da apresentação do arcebispo de Braga.

ADEM ou **ADE** — freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros ao S. E. de Vizeu, 330 a E. de Lisboa, 90 fogos. (*Adem*, pato.)

Pertencia ao concelho de Castello Mendo, que foi annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, passou (com as outras freguezias do concelho de Castello Mendo) a fazer parte do concelho de Almeida.

É seu orago S. João Evangelista e no bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

ADESERMILHO — vide Sermilho.

ADIBO e **ADIBES** — portuguez antigo, derivado da palavra arabe *addib*, significa o *lôbo*. Tambem se dava este nome ao espião e ao mexeriqueiro.

ADIÇA — famosa mina de ouro, entre Almada e Cezimbra, na qual desde D. Sancho I até D. Manoel se continuou a extracção do ouro, com grande utilidade publica e era a principal mina de ouro de Portugal; por isso todos os que no reino trabalhavam em minas de ouro, se chamavam *adiceiros*. Vide Almada.

ADIÇA — (ou Aldeia-do-Sobral) freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, districto administrativo e bispado de Portalegre, e a 75 kilometros de Evora, 155 de Lisboa, 210 fogos.

ADIÇA — serra do Alemtejo; nasce na freguezia de S. Pedro da Adiça e finda na serra do Ficalho, com 9 kilometros de largo e 12 de comprido.

Distante 1:500 metros de Ficalho ha uma cova chamada da *Adiça*, que no principio tem bastante largura, dividindo-se depois em varias galerias, ignorando-se onde vão terminar algumas, indo outras ter a uma fonte abundante.

N'esta cova habitavam antigamente (segundo a tradição) monges solitarios, e diz-se que o ultimo d'elles morreu em 1727. Lança um braço chamado, «Serra da Abelheira.»

Ha aqui minas do ouro.

Vide Abelheira.

ADIVAL — portuguez antigo, hoje corda. Era tambem uma medida agraria.

Vide *Aguilhada*.

ADOAR — É palavra arabe, significa acampamento, ou colonia provisoriamente estabelecida em qualquer paiz, emquanto n'elle dura o pasto para os gados,

ADOBE — portuguez antigo, derivado do arabe *attobi*.

É uma especie de ladrilho, de terra, e sêcco ao sol, de que fazem paredes no Algarve, na Bairrada e n'outras terras onde não ha pedra, ou ha pouca.

Deriva-se do verbo arabe *Tába*, que significa, *macio, liso, chato*.

ADON ou **ABDON** — nóme proprio de homem.

Ha uma aldeia d'este nome (vulgarmente *Santoadou*) na freguezia de Arnoia, comarca e concelho de Celorico de Basto. (D'esta aldeia parece que era oriundo o célebre dr. *João Pinto Ribeiro*, o heroe de 1640. Vide Arnoia.)

Muita gente persuade-se que *Adon* ou *Abdon* é corrupção de *Adão*; mas é a propria palavra hebraica *Abdon*, sem corrupção nenhuma, senão nas provincias do nórte, que pronunciam *Adou*.

Pelos annos 265 de Jesus Christo, no tempo do feroz Décio, eram vice-reis do imperio romano, na Persia, *Santo Abdon* e *S. Sennen*, pois que aquelle implacavel e cruel perseguidor dos christãos tinha tomado Babylonia e outras provincias da Persia, pondo nos paizes conquistados auctoridades que julgava suas dedicadas.

Sabendo o malvado que por aquelles paizes haviam muitos christãos, os manda reunir em *Córdula* (Persia) onde foram todos assassinados.

Abdon e Sennen foram acusados de dar sepultura aos corpos d'aquelles martyres, pelo que os mandou prender e fez soffrer

muitos e grandes tormentos; até que, trazendo-os comsigo a Roma, foram lançados ás féras, que se deitaram aos pés dos santos, sem os offender. Décio, no auge do seu furor, os mandou degolar.

Parece que isto teve logar a 30 de julho, pelo menos, é n'este dia que a Egreja celebra a festa dos dois martyres.

ADORIGO—freguezia, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de Barcos, 18 kilometros de Lamego, 335 de Lisboa, 150 fogos.

Orago Nossa Senhora de Conduzende.

É no districto administrativo de Vizeu, bispado de Lamego.

A DOS CUNHADOS—Vide Cunhados.

A DOS FRANCOS—Vide Francos.

A DOS NEGROS—Vide Negros.

ADOUFE—freguezia, Traz os Montes, comarca, districto administrativo e concelho de Villa Real, 75 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Antigamente *Adaufe*.

Em 26 de novembro de 1238, deu D. Sancho II esta freguezia e outras mais, ao arcebispo de Braga, D. Silvestre, e seus conegos.

Já se vê que é povoação muito antiga. Vide Braga.

Orago Santa Maria.

É no arcebispado de Braga. Era abbadia da mitra primacial.

A mesma derivação de *Adaufe*.

ADRIÃO—(Santo) freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar. Bispado e 18 kilometros de Lamego, 335 de Lisboa, 70 fogos.

Passa aqui o rio Tédo.

N'esta freguezia tem uma boa ponte de cantaria. Junto a ella ha vestigios de construcções antiquissimas nas duas margens do rio, e uma galeria obliqua na margem direita para extracção de metaes, ou (como querem outros) uma especie de tunell que atravessa o rio, pondo em communicação subterranea as fortificações das duas margens.

É certo que na margem esquerda ha uma propriedade (actualmente do sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto) em uma elevação, chamada o *Castello*, onde apparecem claros vestigios de antigas construcções.

Esta propriedade é accidentada, no alto se chama *Castello* (como já disse) e na baixa se chama *Picarnel*.

N'estas immediações tem apparecido sepulturas abertas na rocha. Sobre a referida galeria, no alto do monte, está a capella de *Nossa Senhora do Saboroso*. Vide Barcos.

Foi da comarca de Taboaço, concelho de Barcos.

Desde 1855 é tudo isto de Armamar.

Orago Santo Adrião, districto administrativo de Vizeu.

ADRIÃO—(Santo) vide Maceeira de Rates.

ADUFES—(ribeiro dos) Minho.

Nasce na serra de Refojos e a 2 kilometros da sua nascença morre no rio Lessa. A mesma derivação de *Adaufe*.

ADUFA—portuguez antigo, do arabe *addaffa*, hoje persiana ou rotula (de janella.) Deriva-se do verbo *daffa*, unir, egualar as táboas, juntar umas ás outras.

AFIFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna do Castello, da qual dista 8 kilometros ao N. O. e 8 ao S. de Caminha, 390 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Situada na costa do Atlantico, em linda e fertilissima planicie, e abrigada do N. e N. E. por uma serra pittoresca. Tem uma linda egreja de 3 naves. É atravessada pela estrada do Norte, e aqui deve passar o caminho de ferro do Norte (segundo o plano adoptado actualmente.) Tem um pequeno theatro. O rio da Afife tem na estrada uma linda ponte de cantaria, com guardas de ferro fundido, feita em 1857.

A primeira fundação d'esta ponte é de remota antiguidade: tem tido porém diversas reconstrucções, sendo a ultima a que se fez em 1857, para sobre ella passar a estrada de 1.ª classe de Lisboa para o Norte do reino.

Tem bonitas casas.

Ha n'esta freguezia grande numero de trolhas e pedreiros, que se espalham por todo o reino, pela Hespanha e pelo Brasil.

O orago d'esta egreja, e da freguezia, é Santa Cristina. Até 1834 era o abbade apre-

sentado alternativamente pelo papa, pelo arcebispo de Braga e pelos frades dominicos de Vianna do Lima. Proximo á egreja, em um monte, ha vestigios de fortificações.

Mais acima da estrada ha outro e tambem com grandes ruinas, que é tradição serem as de uma antiga cidade.

Querem alguns que em um sitio d'aqui, ainda chamado *Cividade*, era a *Britonia* dos romanos. No monte do *Crasto*, no sitio chamado *Osseira*, ha as ruinas de um castello. (O sitio da *Cividade* é na serra de *Santa Luzia*, ao N. E. da freguezia.)

Ás ruinas d'este castello ainda o povo d'aqui chama *Crasto dos Mouros*. Tambem lhe dão o nome de *Cividade*. Suppõe-se, com bons fundamentos, que existiu aqui uma povoação romana; mas é muito duvidoso que fosse Britonia.

Diz-se que o nome de *Osseira* lhe provem de uma grande batalha que aqui tiveram os lusitanos contra o exercito de Almançor, rei de Cordova, em 985; pelos muitos *ossos* que aqui ficaram. Está aqui o convento de S. João de Cabanas (vide Bulhente) de frades beneditinos, fundado por S. Martinho de Dume, em 570. Comprehendia, com a cérca, uma extensão de 4:500 metros. Foi destruido pelos arabes em 716, e logo reedificado por Lopo Munhoz (gallego.)

Em 1382 passou a commendatarios; mas depois tornou a ser de frades bentos, com a condição de pagar aos *Cartuxos* de Nossa Senhora do Valle, de Lisbóa, certa pensão que o rei lhe impoz.

Este convento deu o nome de *Cabanas* á serra, e ao rio que nasce no *Chão-de-Covêllos* e desagua no mar, com 10 kilometros de curso.

Este convento foi muito rico, chegando a ter 75 frades. A pedra do edificio é de finissimo granito d'estes sitios.

Chamou-se convento de *Cabanas*, porque os frades viviam primeiro em grutas ou covas e depois em *cabanas*, espalhados pela serra visinha, que das mesmas cabanas tomou o nome.

Diz-se que antes de aqui haver convento, havia uma ermida e em redor d'ella algumas *cabanas* (outros dizem covas) onde viviam certos anacoretas, que S. Martinho congregou e aos quaes deu a regra de S. Bento. É d'isto que lhe veiu o nome de *Cabanas*. É hoje propriedade particular de uma neta do general Luiz do Rêgo.

Este convento só tinha um abbade e dois frades, quando foi supprimido.

Esta freguezia tinha antigamente o privilegio de não dar soldados, mas tinha obrigação de defender as praias contra os ataques dos piratas. Tem á beira-mar um pequeno forte arruinado.

É muito abundante de aguas e muito fertil; mas as terras são quasi todas *prazos* de fidaldos, pelo que os habitantes da freguezia são quasi todos pobres e uns meros caseiros.

Antigamente era do padroado real, porque D. Affonso III deu metade d'esta egreja e da de Sá, em Ponte do Lima, á sé de Tuy a cujo bispado então pertencia (em 1262) em troca do padroado de Santa Maria da Vinha da Ariosa.

Vide Ariosa, Ancora, Cale, Carrêço e Gaia.

AFIFE — rio, Minho, na freguezia do seu nome.

Nasce na serra de *Cabanas*, no sitio chamado *Chão-de-Covêllos*, passa pelo antigo mosteiro de S. João de Cabanas e desagua no Atlantico (proximo e ao S. do Forte do Cão) com 10 kilometros de curso. Tem uma ponte de pedra junto ao convento, e quatro *pontões* nas aldeias de *Loureiro*, *Senra*, *Porto do Rio* e *Feal*, além da nova sobre a estrada real (da qual já se tratou na freguezia d'este nome.) Tambem lhe chamam rio de Cabanas. Recebe o tributo de tres ribeiros.

AFIFE — (ou Santa Luzia) serra no Minho, freguezia do mesmo nome. Tambem lhe chamam de *Cabanas*, por causa do convento de que já se tratou na freguezia d'este nome.

Vide Afife, freguezia.

AFONSIM—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 75 kilometros ao N. E. de Braga, 385 de Lisboa, 60 fogos.

Deriva-se de um individuo assim chamado, que foi senhor d'esta freguezia.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

É no districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

AGADÃO — freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Vouga, 35 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena. Districto administrativo e bispado de Aveiro.

AGADÃO — rio, Douro, nasce na serra do Caramúllo, no sitio de Almofála. Morre no rio Vouga, na ponte de Almear. A elle se juntam os ribeiros Alfusqueiros e Cértoma.

Vide Agueda.

AGARES — aldeia de Traz-os-Montes, freguezia de Villa-Marim. Ha perto d'esta aldeia as ruinas de um castello, com sua cisterna e muralhas exteriores, que parece ser obra dos arabes. Ha tambem aqui perto uma cova d'onde se diz haver-se tirado (ha cousa de 200 annos) um grande caixão cheio de moedas de ouro. Mais acima, na serra, está uma estrada aberta nas penhas de 1m,50 de largo, com saida para a parte de Ermêllo.

Agares é corrupção de *algares*, palavra arabe que significa plantador, ou (e talvez seja o mais certo) é corrupção do verbo arabe *gára* (submergir-se, ir ao fundo) que no substantivo faz *algár*, cova, concavidade, sorvedouro.

AGGRAVO — (ou Gravo) serra, Douro, na freguezia de S. Pedro de Arcozêllo das Maias, concelho de Vouzella. É toda de alcantilada penedia e com 3 kilometros de comprido e mais de 1 de alto. Ha n'esta serra os logares de Quintella, Póvoa da Ussa e Póvoa do Ladário. É abundantissima de aguas e cria muita caça. Antigamente tinha muitos lôbos e ferocissimos porcos montezes.

AGILDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Santa Eufemia, arcebispado e districto administrativo de Braga.

AGOSTEM E PARADELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, districto administrativo de Villa Real, 85 kilometros a N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Pedro. Arcebispado de Braga.

AGRA — Ha em Portugal serras, ribeiros e aldeias assim chamadas.

Uns querem que venha de *ágro* (campo) outros de *Ágra*, importante cidade da Asia, antiga capital do Indostão. É mais provavel a primeira etymologia. Vide Arga.

AGRALHEIRA — Vide *Gralheira*.

AGRELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 20 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

É palavra derivada do latim *agro*, que significa terreno agreste e tambem campina e campo. No antigo portuguez *agrella* é diminutivo de *agra*, vindo a ser pequena agra.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e bispado do Porto. É terra de mediana fertilidade. Cria bastante gado.

AGRELLA — freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 18 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos. As tropas cabralinas, commandadas pelo então barão do Casal, commetteram aqui horriveis assassinatos e toda a casta de atrocidades, em 1846.

Orago Santa Christina.

É no arcebispado e districto administrativo de Braga. A mesma etymologia.

AGRELLA — serra, Douro, na freguezia de Agrella, concelho de Santo Thyrso. É mui alta e alcantilada. Tem 3 kilometros de comprimento. A mesma etymologia.

AGRELLA — rio, Minho, nasce na freguezia de Santa Leocadia de Bésteiros, atravessa a de S. Thomé de Caldellas e desagua no Ave. A mesma etymologia.

AGRÊLLO — aldeia, Beira Baixa, freguezia da Figueira de Lorvão. Perto d'este logar, e no fundo de um valle a que chamam *Valle do Cavallo*, na raiz de um monte, ha uma concavidade, pelo mesmo monte dentro, aberta a picão em rocha viva, que parece obra impossivel a forças humanas. Dentro d'esta concavidade está uma lagôa profunda, cuja agua nem cresce, nem mingua, nem corre.

É tradição que, pelos annos de 1717, um abbade da freguezia, chamado Antonio de Magalhães, para saber o que havia dentro

da lagôa, mandou fazer uma bomba, que alli poz, trabalhando n'ella muitos homens por espaço de 24 horas; e, estando a lagôa enxuta, foram dois homens com lanternas ver o que havia. Acharam umas escadas e descendo-as encontraram uma espaçosa sala onde estavam 4 ou 5 figuras colossaes, apontando-lhe suas armas, pelo que elles largaram a fugir e ninguem mais tornou a querer investigar isto.

Tem foral, dado por D. Affonso III, em Coimbra, a 14 de setembro de 1265. Livro 1.º de doações de D. Affonso III, fol. 79 v., col 2.ª *in fine*. N'este foral se lhe dá o nome de *Agrellos*. A mesma etymologia.

AGRO-BOM e **VALLE-DE-PEREIRO**—freguezia, Traz-os-Montes, foi comarca de Alfandega da Fé, concelho de Chacim, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos. É terra de muitos figos e tem-se aqui desenvolvido muito a creação de bixos de seda.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo de Bragança, arcebispado de Braga. Era abbadia do real padroado e sua annexa a freguezia de Valle-de-Pereiro, que hoje está incorporada a ella.

AGRO-CHÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama. 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

D. Diniz lhe deu foral, a 5 de julho de 1288. Livro 1.º de Doações de D. Diniz, fol. 234, col. 1.ª, *in fine*. Torre do Tombo.

Orago S. Mamede. Districto administrativo e bispado do Bragança.

Desde 1855 é da comarca de Vinhaes.

AGUADA—rio, Douro, nasce proximo á villa d'Aguada de Cima, de duas fontes (Cadaval e S. Martinho). Entra no *Cértoma*, junto a Aguada de Baixo, no sitio do *Campo do Barro*.

AGUADA-DE-BAIXO—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 25 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. N'este foral vem o de Bostello, Cadaval, Forcada, S. Martinho e Valle Grande.

Orago S. Martinho.

Districto administrativo e bispado d'Aveiro.

AGUADA-DE-CIMA—villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 25 kilometros ao N. E. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

No sitio da *Arioza*, d'esta freguezia, está o *Sanctuario das almas*, em cuja festividade se vêem carros de lavoura carregados de gente, dando voltas ao templo.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

Orago Santa Eulalia.

Districto administrativo e bispado d'Aveiro.

AGUADALTE—rio, Traz-os-Montes, nasce no sitio da *Malla* e desagua no rio de S. Mamede, termo de Villa Real.

AGUADALTE—ribeira, Beira Alta. Nasce com o nome de *Rio de Routar*, de uma fonte no logar de Villa Chã, e morre á ponte Fernando.

AGUA DE BANHOS—rio pequeno do Alemtejo, nasce nas abas de um pequeno outeiro que fórma a serra de Montargil, e desagua no Caia, perto da Torre do Mouro.

AGUA DE MOURA—Vide *Agualva*.

AGUA DE PEIXES—villa, Alemtejo, comarca de Beja. Situada em um valle. Era dos duques de Cadaval. Tem proxima uma grande matta, chamada *Cerrado d'Agua de Peixes*, (o povo d'aqui chama-lhe *Cernado*) com muitas azinheiras e sobreiros, enlaçados de grande silvedo, esteval e medronhal, que a fazem impenetravel. Cria javalis, lobos, corças, veados, rapozas, lebres, coelhos, perdizes, etc., etc. Tem 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo. Esta matta chega até aos olivaes de Vianna. É coutada dos mesmos duques, que n'esta terra têem um grande palacio, bom jardim, pomares, etc.

Teve até 1834 juiz ordinario, vereadores, escrivães e officiaes de diligencias, feitos pelos duques, donatarios. *Villa Ruiva* era uma pequena comarca a que este concelho pertencia, e eram donatarios de toda a comarca os duques, que até nomeavam corregedor.

AGUA FRIA—rio, Beira Alta. Nasce proximo da villa d'Alva e desagua no rio Sul, junto á villa de S. Pedro do Sul.

AGUA LONGA—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho de Coura, 40 kilometros a N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Payo.

Foi abbadia dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, que tinham grande numero de padroados. É sua annexa S. Thiago de Romarigães.

O seu clima é frio mas salutifero. (Carvalho diz que a gente d'aqui vive de 100 a 130 annos).

Cria bastante gado e colmeias, do mais não é muito abundante, por ser montanhosa. Muita caça. Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

AGUA LONGA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Julião.

Terra fertil. Districto administrativo e bispado do Porto.

AGUALVA—aldeia, Extremadura, freguezia de Bellas, no patriarchado. Chamava-se a esta aldeia antigamente *Jardo* ou *Jarda* e n'ella nasceu, de paes humildes, o celebre arcebispo de Lisboa, D. Domingos, que d'ella tomou o appellido de *Jardo*. Foi chanceller-mór de D. Affonso IV, e a este illustre e benemerito varão se deve a fundação da universidade, que por suas diligencias se estabeleceu em Lisboa, no bairro d'Alfama, onde ainda hoje se chama *Escolas Geraes*.

Fundou tambem em Lisboa o hospital de Santo Eloy (hoje congregados) onde se acha sepultado. Morreu em 16 de dezembro de 1293. Querem alguns que seja a *Ceciliana* dos romanos. (Vide *Alcaçovas*).

Supponho que a *Agualva* ou *Agua de Moura* onde Plutarco diz ter existido a *Ceciliana Castra* dos romanos, não é esta, mas a *Agua de Moura* ao sul do Tejo, proximo de Setubal. Brandaud diz que as ruinas de *Ceciliana* estão entre os rios *Agualva* e *Agua de Moura*.

AGUA REVÉS—villa extincta, freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Montenegro, 63 kilometros ao N. E. de Braga, 325 ao N. de Lisboa. 100 fogos.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 12 de novembro de 1519.

Orago S. Bartholomeu.

Desde 1855 é do concelho de Valle Paços. Districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga. Eram donatarios d'esta freguezia os condes e senhores de Murça, que aqui punham juiz ordinario, vereadores e mais justiças.

AGUAS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha-a-Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros da Guarda, 270 a E. de Lisboa, 140 fogos. É situada em uma planicie.

Orago S. Marcos, evangelista.

Districto administrativo de Castello Branco, bispado da Guarda.

Tem uma muralha de alvenaria, em ruinas, e um reducto com duas casas dentro. Passa por aqui a ribeira Toulica. Tem aguas mineraes muito adstringentes.

AGUAS BELLAS—freguezia, Beira Baixa, era da comarca da Covilhã, concelho de Sortelha, 24 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. Districto administrativo e bispado da Guarda.

Desde 1855 é da comarca do Sabugal.

AGUAS BELLAS—villa, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zezere, 12 kilometros ao O. de Thomar, 60 ao S. de Coimbra, 145 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

É povoação muito antiga, pois já em 1394 tinha jurisdicção independente, o que consta da doação de D. Pedro I a Rodrigo Alvares Pereira, senhor d'esta villa, e feita n'esse anno. Situada em uma baixa, cercada de arvoredos fructiferos e silvestres, com muitas fontes, que a fazem fresca e agradavel.

Não ha memoria da sua fundação, só se sabe que foi *couto* e *honra* desde o principio da monarchia. Proximo a esta villa está a serra chamada *Valle do Asno*. Por a freguezia passa o rio Zezere.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 3 de março de 1513.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo de Santarem, bispado de Coimbra.

Tinha juiz ordinario, camara e mais empregados judiciaes. Era da coroa.

AGUAS BOAS—freguezia, Beira Alta, concelho de Satão, comarca de Vizeu, 310 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Espirito Santo.

Districto administrativo e bispado de Vizeu.

AGUAS CELENAS — Minho, cidade antiquissima dos povos bracharenses, situada ao longo do rio Cávado (que então se chamava *Celeno*). Faz d'ella menção o Itinerario de Antonino e é differente de outra do mesmo nome, na Galliza, perto de Lugo.

Distava 160 estadios de Braga, e parece ser das suas ruinas que se fez a actual villa de Fão.

N'esta cidade aportavam as esquadras romanas e em pequenos barcos transportavam pelo Cávado as suas mercadorias até Braga, e d'aqui levavam pelo rio abaixo o que lhes fazia conta.

Em Aguas Celenas residia um proconsul romano que governava toda a Galliza (como se vê do codice de Theodosio).

Aqui foram martyrisados os Santos Chrispulo e Restituto, pelos annos 63, no tempo de Nero.

AGUAS FLAVIAS—Cidade illustre que se diz estar antigamente situada nas margens do Tamega. É mencionada no *Itinerario* de Antonino, por estar sobre a estrada militar de Braga para Astorga. Segundo varios archeologos, das suas ruinas se fez a actual villa de Chaves. Vide esta villa.

AGUAS FRIAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre, 90 kilometros de Miranda, 440 de Lisboa, 250 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Villa Real, bispado de Bragança.

AGUAS LAYAS ou **AGUAS LUNAS** — Na *Carta geographica* de Abrahão Ortelio, se lhe chama *Aquæ Leæ Turudorum*, quasi em 40 graus de latitude e 11 de longitude.

Querem alguns que estivesse entre as villas de Monção e Valladares, o que não parece provavel.

Contador d'Argote, nas suas *Antiguidades de Braga*, julga ser esta a cidade de *Lais*, capital dos *turolicos*, e que existia onde hoje chamam S. Martinho de Lanhezes, no concelho de Caminha.

AGUAS LIVRES — Aqueducto monumental, e uma das maravilhas d'este reino. Vide *Lisboa*.

AGUAS DE MAIAS — aldeia do Douro, proximo a Coimbra. Estando em Coimbra D. Garcia (rei de Portugal e Galliza) vieram atacar a cidade os condes castelhanos *D. Nuno de Lara* e *D. Garcia de Cabras*. Saiu-lhes aqui ao encontro o conde *D. Rodrigo Dias* e seus irmãos (o conde *D. Pedro* e *D. Vermuiz*) e derrotam completamente os castelhanos em 1067. Vide *Coimbra*.

Vide *Historia de Portugal*, 1.º vol., e quando este reino deixou o nome de Lusitania para tomar o actual [1].

AGUAS SANTAS — freguezia, Minho, comarca de Povoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Districto administrativo e arcebispado de Braga.

AGUAS SANTAS—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

Esta freguezia e a sua matriz são antiquissimas. Diz-se que os templarios reedificaram a antiga egreja, que é a que ainda existe.

Já em 1130 havia a egreja de *Santa Maria d'Aguas Santas* (hoje é *Santa Marinha*) com seu prior e collegiada; e o seu prior, *D. Armigiro*, fez a 22 de fevereiro d'esse anno uma composição com o bispo do Porto, *D Hugo II*, dando-lhe um casal em *Parâmos* (Feira) pelo jantar que era obrigado a dar-lhe todos os annos. Isto por escriptura publica d'aquella data.

Havia aqui um antiquissimo mosteiro (ignora-se de que ordem e por quem foi fundado, e diz-se que teve principio no VI seculo do christianismo).

Passou a ser de conegos e conegas (mixto

1 A «Historia» a que me refiro é a que deve publicar-se em seguida a este «Diccionario».

ou *dobrado)* de Santo Agostinho (cruzios) mas, por causa das immoralidades que n'elle se praticavam, passou em 1130 a ser só de frades da mesma ordem. Foi extincto pelos annos de 1300, que passou a *commendatarios*. Tendo os cavalleiros do *Santo Sepulchro* (hospitaleiros) sido expulsos de Jerusalem, pelos turcos, D. Affonso IV deu este mosteiro aos ditos freires, pelos annos de 1340, os quaes aqui fundaram um famoso hospital. (Mon. Lus. tom. 5.º, fol. 152, col. 3.ª) Parece que, ainda depois de ser de *hospitaleiros*, tornou a ter um collegio de cruzios, cujo prior era de apresentação regia, e foi outra vez mixto (de freiras e frades) e assim se conservou até 1492, em que D. João II o extinguiu, unindo-o á ordem de Malta, do qual foi commenda. Ha n'esta freguezia quatro beneficios *simples*, que eram apresentados *in solidum*, pelo commendador de Malta, vivendo cada *beneficiado* em casas separadas, com 140$000 réis de renda annual.

Junto á fonte da *Maia*, n'esta freguezia, houve um castello em tempos remotos.

A freguezia de S. Payo de Gouveia, era couto do mosteiro de conegos do Santo Sepulchro, d'Aguas Santas, por doação da rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, que a coutaram. N'essa doação se diz que os moradores de S. Payo de Gouveia só pagavam *Medietatem de homicidio, et de Rauso, et de merda in buca, vel de latrone: et vadunt in anuduvam Regis.*

A mesma senhora deu tambem ao mosteiro d'Aguas Santas, a egreja do Ladário. Vide esta palavra.

Este mosteiro e a sua cerca formam hoje uma bella quinta dos bispos do Porto, ainda chamada *quinta de Santa Cruz*.

É no districto administrativo e bispado do Porto.

Foi o unico mosteiro de cavalleiros do Santo Sepulchro que houve no reino.

AGUAS THERMAES—Ha em Portugal innumeraveis nascentes de aguas mineraes, muitas d'ellas rivalisando (senão excedendo) em qualidades therapeuticas ás melhores das nações estrangeiras; têem unicamente o defeito de serem portuguezas.

Uma grande parte das nossas aguas medicinaes foram aproveitadas e applicadas com proveito pelos romanos, e as sumptuosas *thermas* por elles construidas na Lusitania, em differentes partes, provam que os romanos olhavam com muito mais attenção para isto do que os governos gothicos e portuguezes.

Mesmo durante a longa dominação arabe tiveram as aguas mineraes lusitanas uma frequente concorrencia e applicação, o que é tambem attestado pelos vestigios de banhos que do seu tempo ainda existem em differentes partes.

Os arabes não só usavam dos banhos como meio hygienico e therapeutico, mas em cumprimento de um preceito da sua religião, que os obriga a varias abluções.

Não me consta que os governos de Portugal prestassem a menor attenção ás nossas aguas mineraes até quasi ao fim do reinado de D. João VI.

Em 1822 ordenou-se que se estudassem, inventariassem e analysassem as diversas aguas mineraes; mas pouco se fez.

Em 1827 deu-se ordem ás camaras municipaes que remettessem ao governo a relação das aguas mineraes existentes nos municipios. Tambem d'aqui nada resultou de utilidade publica.

Renovaram-se estas recommendações em 1860 e em 1866, com pouco melhor resultado.

Em 1866 o sr. João Baptista Schiappa de Azevedo, engenheiro de minas, analysou differentes aguas thermaes portuguezas e remetteu as amostras para a exposição de Paris, onde foram apreciadas.

Em setembro de 1867 nomeou-se uma commissão composta dos srs. Guilherme Klaas (chimico do ducado de Nassau, hoje Prussia, ao serviço do laboratorio da escola polytechnica de Lisboa) e dr. J. J. da S. Pereira Caldas, professor do lyceu de Braga, para proceder (a commissão) aos estudos da hydrologia mineral do reino, por meio do *sulphidometro* de *Dupasquier*, e n'esse mesmo anno publicou os *Estudos preliminares das aguas mineraes do reino.*

Este livro é interessantissimo, não só pelo seu objecto, mas, e principalmente, pela in-

contestavel competencia dos seus auctores.

Deus queira que os trabalhos d'estes tres sabios não sejam inutilisados pela incuria dos nossos governos.

Quem quizer ter noticias especiaes das differentes aguas mineraes de Portugal, veja no diccionario, nas terras onde existem as nascentes.

AGUAS-VIVAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

AGUASIL ou **ALGUAZIL**—Os arabes chamam *uazir* ao ministro de estado ou conselheiro do rei, a que nós chamamos *(vizir)* e *uasil* ao que adquire posto ou graça do soberano. Entre nós significa meirinho, beleguim, official de diligencias; mas juntamos-lhe o artigo *al.*

É por isto que muitos escrevem *alvazil* (Os arabes tambem diziam *alvazir* e *alvazil.* Na India corresponde a governador de uma cidade.

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, *alvazil* era o mesmo a que hoje chamamos vereador da camara. Tambem se escrevia *Guazil.*

AGUDA—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Maçans de D. Maria, 35 kilometros de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Foi antigamente villa e é do infantado.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de novembro de 1514.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Teve até 1834 juiz ordinario, camara e mais empregados judiciaes, tudo posto pelos infantes.

Diz-se que o seu nome lhe provem de *agúdea* (formiga com azas) por aqui haverem muitas.

É no districto administrativo de Leiria, bispado de Coimbra.

Era prestimonio dos infantes, que pagavam ao vigario (que era da sua apresentação) e ao de Avellar, ás fabricas de ambas as egrejas e outras miudezas.

Os dizimos eram para o infantado, que mais recebia de *propinas:* 6 arrobas de prezuntos, 3 milheiros de *verdeaes,* 1 milheiro de passas de pêra e outro milheiro de pêrego, 2 alqueires de ameixas passadas e o mesmo de cerejas seccas.

O infantado nomeava as justiças.

Esta freguezia foi até 1640 dos marquezes de Villa Real, que a perderam (e tudo o mais até a vida) por traidores, passando então para o infantado.

Vide Caminha.

AGÚDA — serra, Extremadura. Tem 30 kilometros de comprido e 6 de largo. Tem minas de ferro, que se exploravam no fim do seculo passado, sendo a sua fundição perto de Avellar.

É de clima frio e desabrido; porém, assim mesmo, ha n'ella muitos logares, de differentes concelhos. Tomou o nome da freguezia da Aguda, que é proxima.

AGUEDA — rio, Beira Baixa, passa ao E. da freguezia de Escalhão, concelho de Castello Rodrigo. Divide Portugal de Castella e mette-se no Douro, no sitio de S. Martinho.

AGUEDA — rio, Douro. Tem seu principio em Campia, em duas ribeiras, uma que nasce na serra da Silveirinha, que, descorrendo por Agadão (d'onde toma o nome) se junta com o rio Alfusqueiro, que nasce na serra do Caramullo, e juntando-se ambos em Bolfiar (aldeia da freguezia de Agueda) ali perde o nome de Agadão e toma o de Agueda.

Suas margens são na maior parte aprasiveis, cultivadas e ferteis.

A ponte que o atravessa na villa de Agueda é de cantaria, com cinco arcos. Tem outra ponte mais acima, feita em 1868, sobre a estrada real nova.

Depois de um curso de 36 kilometros, morre na ponte de Almear, onde se junta com o Vouga.

O padre Carvalho e outros lhe chamam *Sardão* (não sei porque.)

É o *Eminio* dos romanos.

É navegavel até á villa de Agueda; d'ahi para cima, só o póde ser por pequenos barcos.

Sardão é palavra arabe *(hardão)* lagarto, reptil.

AGUEDA — villa, Douro, districto adminis-

trativo e bispado de Aveiro, d'onde dista 18 kilometros a N. E., 40 ao N. de Coimbra e 245 ao N. de Lisboa.

Tem uma freguezia com 740 fogos e 3:000 almas, concelho 2:100 fogos, comarca 8:200.

Em 1660 tinha a villa 400 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Em alguns livros antigos (e ainda em um *Mappa Alphabetico das Povoações de Portugal*, publicado na Impressão regia, em 1811, anonymo, mas official) se dá a esta villa o nome de *Agueda de Cima*, isto para a differençar de *Agueda de Baixo*, que é o actual *Sardão*.

Situada em planicie, na margem direita do rio do seu nome.

Os campos dos seus arredores são bellos e fertilissimos. A matriz é um amplo templo de 3 naves. Tem bom cemiterio. A casa da camara é o melhor edificio da villa, cujas casas são, pela maior parte, baixas e as ruas estreitas, tortas e mal calçadas.

Em frente (ao S.) lhe fica a povoação do *Sardão*, que é um arrabalde da villa, com a qual communica por uma antiquissima ponte de pedra (vide Agueda rio.)

Agueda foi na antiguidade uma cidade episcopal importantissima, com o nome de *Æminium*, no tempo dos romanos.

Tem dois mercados diarios, muito concorridos. É muito abundante de peixe, que lhe vem do mar, em barcos d'esta villa, com o que faz grande negocio.

A sua fundação se attribue aos celtas, turdulos e gregos, 370 annos antes de Jesus Christo, que então lhe fizeram a ponte (mas não a actual.)

Parece que o seu primeiro nome foi *Anegia* e depois *Agatha*. (O concilio de Toledo, convocado em 609, faz mensão d'esta villa com o nome de *Ágatha*.)

Note-se que no Languedoc (França) ha uma cidade episcopal e porto do mar, sobre o rio *Erool*, chamada *Agda*.

Não longe de Agueda (no antigo concelho de *Eixo*, comarca de *Aveiro*) ha uma freguezia chamada *Eirol*. Isto tem-me feito scismar. Quem me diz a mim que alguns nautas francezes que subiram o Vouga e depois o Agueda (pela barra de Aveiro) pozessem a esta villa, em tempos remotos, o nome de *Agueda*, pela tal ou qual similhança que tivesse com a sua *Agda*, e á freguezia de *Eirol*, o nome do seu rio *Erool?*

Todo o mundo sabe que os nautas francezes percorreram por muitas vezes o nosso litoral.

Querem alguns que S. Pedro de Rates, bispo de Braga, lhe nomeou o primeiro bispo, no anno 44; mas isto é inverosimil.

A opinião mais seguida é que seu primeiro bispo foi *Possidonio*, no anno 589, (vide adiante, n'esta mesma villa) reinando na Luzitania o gôdo *Flavio Ricaredo*, irmão de Santo Hermenegildo, martyr.

Tem misericordia e hospital, fundada pelos duques de Aveiro.

Seguiu a sorte do resto da Luzitania, sujeitando-se aos diversos dominadores d'ella, até que D. Affonso I, rei de Oviedo, e seu irmão *D. Frucia*, a resgataram do poder dos mouros em 739.

Os arabes a deixaram quasi arrasada em 716.

Os godos a acharam quasi despovoada em 739, e D. Affonso I (cognominado o *catholico*, que era rei de Oviedo, Castella e Leão) a tornou a povoar. Já então tinha o nome actual.

A matriz é muito antiga; mas ignora-se quem a fundou.

A E. da egreja matriz está um cruzeiro antiquissimo, chamado *dos mortos*, com uma inscripção hoje illegivel.

Proximo está outro cruzeiro mais moderno (o do *Calvario*) de boa architectura.

Alboacem-Hiben-Allamar, regulo de Coimbra, fez conde de Agueda a um christão que governava esta povoação, mediante certo tributo.

Diz R. M. da Silva, na *Pobl. Gen. da Hesp.*, que as mulheres d'aqui eram muito formosas, e eu digo que ainda hoje são formosissimas.

D. Rodrigo da Cunha, fallando de Agueda, (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 1, cap. 2) diz que no anno de Jesus Christo 40, ou 41, veiu á Lusitania o apostolo S. Thiago e pozera por bispo de Braga a S. Pedro de Rates, e que este fizera bispos no Porto, *Eminio* e Tuy.

E no cap. 3.º, pag. 22, diz que no concilio Bracharense (422) se vê assignado *Pontonio*, bispo de *Eminio*. No terceiro concilio toledano (589) se assigna *Possidonio*, bispo de *Eminio*; vindo este portanto a ser o terceiro, e não o primeiro bispo de Eminio.

Se S. Pedro de Rates nomeou bispo para aqui (o que é duvidosissimo) não se sabe o seu nome. O primeiro bispo de que ha noticia em Agueda, é *Elarzo*, que em 412 assistiu ao concilio bracharense. (*Poblacion Ecclesiastica de Hespana*, por fr. Gregorio de Argais, cap. 95, pag. 118.)

No segundo concilio de Lugo (569) o rei godo Theodomiro, supprimiu o bispado de Eminium; porém vemos (como já se disse) 20 annos depois (589) no terceiro concilio de Toledo, figurar *Possidonio*, bispo de Eminium: o que mostra que, ou essa suppressão não chegou a ter effeito, ou o teve só depois da morte de Possidonio; pois é certo que não ha mais noticia alguma de bispo d'aqui, depois d'elle.

O allemão *Hubner*, pretende que Eminio fosse a velha Coimbra, o que é inadmissivel. Em 569 já a velha Coimbra estava destruida; e no segundo concilio de Lugo, convocado n'esse anno (como já disse) sendo supprimido o bispado de Eminium, passou esta cidade a ser uma parochia da nova Coimbra, e d'ahi a 20 annos já era outra vez bispado, o que não podia ser, se fosse a velha Coimbra, visto já não existir.

Foi conde de Agueda D. Arias, casado com D. Aldara (ou Ilduara) que foram paes de S. Rozendo e progenitores da antiquissima familia dos *Souzas*. S. Rozendo foi canonisado em 1195.

Do que está dito se vê que o actual nome de Agueda vem de *Ágatha*, nome proprio (romano) de mulher (em portuguez *Agueda*) ou de uma pedra preciosa assim chamada. A primeira hypothese é mais provavel. Talvez fosse alguma dama romana que désse o seu nome a esta povoação.

Estava tão decadente nos primeiros tempos da monarchia, que nunca teve foral: nem mesmo D. Manoel (que os concedeu a tantas povoações pequenas) chegou a dar foral a esta villa.

Apenas *se dignou* comprehendel-a no foral que deu a Aveiro, a 4 de agosto de 1515.

É pois o seu foral o mesmo de Aveiro.

Tinha juiz ordinario até 1834, e era da Universidade de Coimbra.

Feira no 1.º de maio.

Tem estação telegraphica municipal.

Assequins, villa extincta, pertence a esta villa.

AGUIAN — vide *Aguião*.

AGUIÃO ou **AGUIAN** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos-de-Valle-de-Vez, 35 kilometros de Braga, 390 de Lisboa 140 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo; districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

Chamava-se antigamente *Guey*.

Era vigariaria do abbade de Santa Eulalia, que apresentava aqui o parocho.

Está aqui a torre do sr. Francisco Lopes Calheiros, que foi solar dos *Aguiares*.

Tem de singular esta torre, estar no meio das casas da quinta de Aguian e os senhores das ditas casas pagam ao da torre um fôro annual, que este não tem querido nunca deixar *remir*.

A *casa da Aguian*, ou Torre de Aguião, tem sacrario na sua capella e d'aqui se ministra o Santissimo Sacramento á freguezia.

É casa antiquissima e das mais nobres da provincia do Minho. Foram modernamente senhores da Torre de Aguião, Jacome de Brito da Rocha, fidalgo da casa real e capitão-mór dos Arcos; João da Rocha e Brito, tambem fidalgo da casa real, capitão-mór dos Arcos; Simão Antonio da Rocha e Brito, fidalgo da casa real, alcaide-mór do castello de Nobrega e caudel-mór de Vianna, e finalmente o sr. Simão da Rocha e Brito, actual senhor (1873) e representante d'esta casa. As armas dos Britos são, em campo de púrpura, 9 lisonjas, em 3 pallas, e em cada uma um leão de purpura. Timbre, um dos leões das armas, com uma lisonja de prata.

As armas dos Rochas, são, em campo de prata, uma aspa de púrpura e sobre ella 5 vieiras de ouro, guarnecidas de azul. Timbre, a aspa das armas, com uma vieira no meio.

Ha outro solar dos Aguiares (com as mesmas armas) em Aguiar de Traz-os-Montes.

Aguião é portuguez antigo, significa *Norte.* Ainda nas provincias do norte se usa esta palavra e *guiárra*, que é vento norte.

AGUIAR—pequeno rio da Beira Baixa, que entra na esquerda do Douro acima do Côa,

AGUIAR—vide Neiva, Castello de Neiva e S. Romão de Neiva.

AGUIAR—vide Villa Pouca de Aguiar.

AGUIAR—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 110 fogos.

Orago Santa Lucrecia.

No alto da serra existem as ruinas de uma torre (só os alicerces) que se chamou *Torre de Aguiar da Neiva.*

Districto administrativo e arcebispado de Braga.

Tinha foral, que lhe deu D. Affonso III, em 12 de julho de 1258.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

Foi abbadia da casa de Aborim.

AGUIAR—villa, Alemtejo, concelho de Vianna do Alemtejo, comarca, districto administrativo e 24 kilometros ao S. O. de Evora, 12 ao N. de Alvito, 100 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Está situada em bonita e fertil planicie. D. Diniz lhe deu foral em 1287, que D. Manoel reformou em Lisboa, a 20 de novembro de 1516.

É abundante em cereaes, fructas, gado e caça.

Bispado de Beja.

Foi dos *condes-barões* de Alvito, que lh'a trouxe em dote D. Maria de Souza Lobo, que casou com João Fernandes da Silveira. (Vide Alvito.)

N'esta villa ninguem se tente a perguntar quantas horas são.

O seu nome primitivo era *Agar* (nome proprio de mulher na lingua arabe) e Agar se lhe chama no foral velho.

D'esta villa se descobrem, para o N. Evora e Evora-Monte, para E. o Outeiro, para o S. Vianna e para o O. Alcáçovas.

Os marquezes do Louriçal apresentavam os parochos. Mas os senhores donatarios da freguezia, eram os marquezes de Alvito, e á villa d'este nome estava judicialmente annexa á de Aguiar.

Foi aqui prior o insigne antiquario *André de Rezende.*

Entre esta villa e a de Vianna está a via militar romana, que ia de Beja para Evora, e da qual ainda ha vestigios.

Em outubro de 1860, esteve aqui o Sr. D. Pedro V, com seu irmão, o infante D. João.

Chegaram inopinadamente, sem serem esperados. Foram para casa do parocho, que não tinha que lhes dar senão pão e queijo (da terra) e isso mesmo foi preciso ir-se comprar fóra, e em toda a villa não appareceu de repente mais nada. Os viajantes comeram o queijo e beberam o vinho por uma *canada* de barro por vidrar!

AGUIAR—rio, Beira Baixa. Nasce em S. Pedro do Rio Secco, e conserva o nome de *Rio secco* até ao sitio das Juntas (limites de Vermiosa) e d'aqui até se metter no Douro (na aldeia de *Calábre)* toma o d'Aguiar.

Tem 36 kilometros de curso, e é abundante de varias especies de saboroso peixe.

Junto á sua foz e sobre um alto e penhascoso monte estão as ruinas de uma grande povoação murada. Querem uns que fosse a antiga cidade de *Ravena,* outros (com mais criterio e melhores provas) a cidade episcopal de *Caliabria.* Vide esta palavra, Almendra, Castello Melhor e Urrôs.

AGUIAR DA BEIRA—villa, Beira Alta, comarca de Trancoso, situada na alta serra da Lapa, d'onde se descobre a villa de Linhares (a 40 kilometros de distancia) Guarda e Trancoso (a 12 kilometros a O.)

Dista da serra da Estrella 12 kilometros, 30 de Vizeu, 310 de Lisboa. 250 fogos. Concelho 1:600.

Orago Santo Eusebio.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

Esta villa, ainda que pequena, é muito antiga. D. Thereza, mãe de D. Affonso I lhe deu foral em 1120, confirmado por D. Affonso II em Santarem, em 1220, e que D. Affonso III e sua mulher reformaram em 12 de julho de 1258.

Viterbo diz que o seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques; mas é provavel que fosse sua mãe e elle, como era costume.

Aguiar já era concelho e já tinha castello no tempo do nosso primeiro rei; mas parece-me que era o castello romano, e que o mais moderno é obra (e não reedificação) de D. Diniz.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1502 ou 1512.

Tem um castello feito (ou reedificado) por D. Diniz, que foi muito forte. Tem casa de Misericordia, que é antiquissima.

Os nossos primeiros reis concederam grandes privilegios a esta villa. Tem um bom chafariz, feito em 1577. No meio da villa ha um poço antiquissimo, com suas ameias e n'ellas as armas de Portugal, e sobre o mesmo poço tem um passeio que serve de praça á camara e ahi mesmo fica a celebre torre do relogio, muito antiga, muito alta, de boa cantaria e muito bem conservada. Está pegada á casa da camara.

Esta villa foi dos condes de Vimioso, que apresentavam as justiças; mas depois passou para a casa do infantado. Foi tambem cabeça de condado.

Proximo ao logar de *Sismeiro* (onde hoje está a capella da *Senhora do Mosteiro)* esteve um convento de freiras benedictinas, parte das quaes *Almançor* fez martyrisar em 985, levando captivas as restantes, que foram remidas no combate da *Veiga da matança.*

Este convento foi pelos annos de 1600 dado aos jesuitas, e por a sua extincção se deu aos bispos de Vizeu.

Ao pé da capella de *Nossa Senhora do Castello* estão as ruinas de um castello romano, de cantaria. Tambem perto d'esta capella existiu a egreja de S. Pedro (ainda existem as ruinas da antiga matriz e da respectiva residencia n'um pequeno valle, ainda chamado de S. Pedro, ao sul da villa) antiga matriz da freguezia, que por ser distante da villa, e por se partir a commenda de Christo (do real padroado) metade para Santo Eusebio de Aguiar e metade para S. Pedro de Coruche, foi abandonada, erigindo-se em egreja parochial a de Santo Eusebio.

As más linguas, porém, attribuem o abandono da egreja de S. Pedro ao apparecimento da *cabicanca*, celeberrima e medonha passarola, que atterrou os aguiarenses.

Conta-se assim o caso.

Appareceu aqui, ha seculos, uma cegonha que foi fazer o seu ninho na torre da egreja matriz (S. Pedro) como é do costume d'estas aves.

O povo ficou horrorisado á vista de tão monstruoso passaro (a que deu o nome de *cabicanca*) e não só deixou de ir alli á missa, mas até de transitar por aquelles sitios. O mesmo parocho fugiu da residencia com a sua familia, e foi celebrar os officios divinos na capella de Santo Eusebio, ao N. da villa e actual matriz.

Andava o povo assim atterrado, quando aconteceu passar por alli *Martinho Affonso* (de alcunha *Escorrupicha*, e de profissão almocreve) armado de uma espingarda, arma recentemente descoberta.

Vendo elle que a villa estava mergulhada em profunda magua, desamparando o povo d'ella a agricultura, os negocios, os divertimentos etc., etc., e curando sómente de se preparar para o *juizo final*, que julgava proximo, se compadeceu de tanta *desgraça* e prometteu dar-lhe remedio.

Dirige-se á egreja, espera que o passaro saia do ninho, aponta, dispara e... zás! ferra com a *cabicanca* estatelada morta no meio do chão. O povo, ao estrondo do tiro e aos gritos victoriosos do *cabicanquicida*, corre em tropel a ver o enorme bico, o esgalgado pescoço, as longas pernas e o feio corpo do bicho. Todos o queriam ver ao mesmo tempo, pelo que houve pancadaria a valer (e dizem alguns que houve até mortes, mas o *auto da cabicanca* não o diz).

Não se póde descrever a alegria d'esta gente, nem as festas que fizeram a *Martinho Affonso*, que foi levado em triumpho por toda a villa, dando-se os mais freneticos vivas, muitos presentes e grande numero de garrafas de vinho (de que o almocreve pelos modos era grande amador) dizendo-lhe todos «escorrupicha» e elle escorrupichava, e d'isto lhe ficou a alcunha de *Escorrupicha.*

Passados oito dias das mais estrondosas demonstrações de jubilo e agradecimento, se foi o bom do meu amigo Escorrupicha seguindo a sua jornada, coberto de presentes, coroado dos louros da victoria e com um nome immortal que irá de geração em geração até á mais remota posteridade.

O parocho ficou pedindo em todos os domingos um padre nosso por *Martinho Affonso, destruidor da cabicanca.*

Advirto porém aos que forem a Aguiar da Beira e tiverem amor ás costellas, que não fallem alli na *cabicanca* nem no *escorrupicha*, senão, depois não se queixem!

A feira d'esta villa foi instituida por D. Diniz, pelos annos 1300 (quando fez ou reedificou o castello). Era ao principio no primeiro domingo de cada mez e durava tres dias. Tendo-se opposto o bispo (de Vizeu) por se fazer aos domingos, D. João I (em 1408) mandou que ella se fizesse nas segundas, terças e quartas (primeiras de cada mez).

Era vigariaria do real padroado e commenda de Christo.

AGUIAR DA PENA—villa (hoje extincta), Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Era uma povoação antiquissima. D. Sancho I lhe deu foral em março de 1206 e D. Affonso II em fevereiro de 1220. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de junho de 1515.

Villa Pouca não era então mais do que uma aldeia, mas foi prosperando e é hoje capital do concelho e comarca, e Aguiar da Pena foi reduzida a aldeia. Os foraes d'esta pertencem áquella.

No foral novo se trata das terras seguintes: Affonsim (ou Fonsim) Alagoa, Balloira, Balugas, Barbadães de Baixo, Barbadães de Cima, Barria, Bom-siso, Bornes, Bragundo, Calvos, Capelludos, Carrazedo do Alvão, Carrazedo da Sabugueira, Castello, Cidadelha, Condado, Coroa, Eyriz, Fontes, Freixeda, Gralheira, Grilhado, Goivães, Lago Bom, Monte Negrello, Monteiros, Nuzedo, Parada, Parada de Monteiros, Paredes, Penduradeiro, Penoasal, Pontido, Povoação, Reverdechão, Saberoso, Santa Martha, Soutellinho, Soutellinho do Monte, Soutello, Souto, Tinhella de Baixo, Tinhella de Cima, Telões, Tourencinho, Trandeiras, Vido, Villa do Conde, Villa Mean, *Villa Pouca* (hoje cabeça), Villarinho, Xudreiros (ou Enxudreiros) e Zimão.

AGUIAR DE SOUZA—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 18 kilometros a N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Foi concelho e julgado até 1650, extinguindo-se então, mas ficou sendo cabeça de concelho, que a Constituição de 1820 extinguiu, tirando-lhe o foro de villa. Esta terra era dos marquezes de Abrantes.

O ultimo representante d'esta nobilissima casa, o ex.mo sr. D. José Maria da Piedade Alencastre, morreu de repente no fim de fevereiro de 1870. Era chefe do partido legitimista em Portugal e nunca quiz tomar o titulo de marquez, do governo liberal, morrendo com o nome de baptismo. Esta terra tinha primeiro sido dos marquezes de Fontes. Depois passou para a coroa.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa a 25 de novembro de 1513. Houve antigamente um castello com este mesmo nome, (de que ainda ha vestigios) na confluente do Souza com o Douro. Vide *Penafiel.*

Estava edificado sobre um penhasco, e junto d'elle consta ter havido uma villa de que hoje apenas existe a memoria, que era a capital do concelho, e foi despovoada por uma grande peste que houve em 1569. Vide *Castello de Aguiar do Souza.*

A egreja está na raiz da serra da *Cadella*, em sitio solitario e cercada de montes.

Orago S. Romão.

A um kilometro a S. O. e junto ao rio Souza, em um bosque com penhascos em ambas as margens do rio, está a capella de *Nossa Senhora do Salto*, que appareceu em uma gruta junto ao rio, a qual ainda hoje se vê e junto d'ella ha uma fonte de boa agua.

É no bispado e districto administrativo do Porto.

É povoação muito antiga, pois já em 10 de junho de 1269 lhe deu foral D. Affonso

III, que foi renovado e confirmado por D. João I, em 13 de março de 1411.

No foral novo (de D. Manuel) se trata das terras seguintes: Bairro, Bésteiros, Castellãos, Crastomil, Crestello, Cunha, Figueiró, Gandara, Gondalães, Guidaxe, Magdalena, Moriz, Novegilde, Parada, Pegueiros, Rebordosa, Recarey, São Payo de Casaes, Sanjomil, Santa Martha, S. Martinho do Campo, Sobrado, Souzella, Vandoma, Villa Cova e Vitarães.

Na aldeia de S. Mamede de Vallongo, d'esta freguezia, no topo de um monte, ha um poço muito fundo (diz o padre Carvalho) que secca de inverno e rebenta de verão.

Teve juiz ordinario e camara até 1650.

AGUIAS ou **BROTAS** — villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros de Arrayolos. Em 1855 (24 de outubro) passou a ser da comarca de Montemor-o-Novo, concelho de Mora, 35 kilometros ao N. O. de Evora, 90 ao N. E. de Lisboa, 130 fogos.

Está situada proximo do rio *Odivor*, que a banha e fertilisa. D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 20 de novembro de 1519.

Tem uma notavel torre, com suas ameias, guaritas (ou almenaras) e 16 casas, todas de abobada, de muita solidez.

Não ha memoria da sua fundação. É um edificio formoso, de 17 metros de largo e 20 de alto, com quatro andares e em cada um uma formosa sala e quartos, tudo de abobada. A parede tem dois metros de grossura. É hoje palacio dos condes da Atalaia.

Bispado e districto administrativo d'Evora.

A villa é situada em um alto, mas cercada de montes ainda mais elevados. Era dos condes da Atalaia (marquezes de Tancos).

Principiou a ser concelho em 5 de setembro de 1361, desannexando-se da villa de Coruche; mas já muito antes d'isto tinha o titulo de villa. O chafariz foi mandado fazer pelos moradores de Elvas em 1659.

O terreno da freguezia é, na maior parte, coberto de bosques e produz por isso poucos cereaes. A egreja da villa de Aguias deixou de ser matriz, e ficou-o sendo Nossa Senhora das Brotas.

Pelos seus foraes tinham, até 1834, os moradores do concelho o privilegio de não pagarem *portagens* e de não darem soldados para o exercito. Vide *Brotas*.

Teve juiz ordinario e camara. Era da coroa.

AGUIAS—freguezia, Beira Alta. Foi couto que se extinguiu em 1834.

Convento de frades bernardos de *S. Pedro das Aguias* e cuja egreja é matriz da freguezia.

Passa por ella o rio Tavora, por entre penedias. Antes de 1834, só os taes frades n'elle podiam pescar, por ser *coutado*. Vide *Paradella* e *Tavora*.

Foi no seu principio, de monges bentos. É mosteiro pequeno, e reedificado no fim do seculo XVIII.

Situada na comarca de Trancoso. Era *isento*, com jurisdicção *quasi episcopal*.

AGUIAS (S. Pedro das) — Vide *Tavora*, *Salzêdas* e *Cabriz*.

AGUIAS (quinta das)—Extremadura, concelho de Belem, arrabaldes de Lisboa.

Sumptuosissimo palacio, deliciosa quinta e bellissimo jardim dos srs. viscondes da Junqueira, no sitio d'este nome, na margem direita do Tejo, freguezia de Belem. É das mais bellas vivendas da capital e de todo o reino.

Chama-se *quinta das Aguias* por causa de duas enormes aves d'esta especie, feitas de marmore e que rematam as columnas que fecham a entrada principal.

AGUIEIRA—pequena villa extincta, Douro. Pertence hoje á freguezia de Vallongo do Vouga.

Aguieira significa logar onde ha muitas aguias, ou exposto ao vento norte.

Tinha foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 6 de maio de 1514.

Tinha juiz ordinario, camara e officiaes de justiça, mas este concelho foi supprimido ha mais de 200 annos. Era da coroa.

AGUIEIRA—pequena villa extincta, Beira Alta. Pertence hoje á freguezia de Carvalhal-Redondo, comarca de Mangualde.

Foi antigamente concelho, da comarca e provedoria de Vizeu, a cujo districto e bispado ainda pertence. Era da coroa.

Teve camara, juiz ordinario e mais empregados judiciaes. Actualmente não é mais do que uma aldeia.

AGUIEIRAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama, 95 kilometros de Miranda, 435 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Catharina.

AGUILHADA—(e ainda mais antigo, agilhada) medida agraria antiga, particular do campo de Coimbra. Uma *aguilhada* correspondia a 2 metros da nossa medida actual. Media-se com uma corda a que se chamava *adival*. Ainda hoje em algumas terras do reino se usa esta medida.

AGUILHÃO—rio, Traz-os-Montes, limites da freguezia de Louredo, comarca de Villa Real. Nasce na serra do Marão, em tres fontes chamadas do *Corvo*, do *Libio* e dos *Fornos*. Desagua no Corgo, no sitio de *Pero Negro*. Seu curso é arrebatado e seu leito pedregoso. Tem bom peixe e parte das suas margens são cultivadas. Tem uma ponte de pedra em *Concieiro*, além de outras de madeira.

AGUILHÃO—rio, Minho, nasce no Marão, limite da freguezia de Canadello. Junta-se com tres regatos chamados *Campanhó*, *Forno* e *Cernado* e todos desaguam no rio *Olo*, no sitio chamado *Foz do Campanhó*; 6 kilometros de curso. Peixe.

AGUILHÕES—pequena serra, Douro, concelho de Bayão, nas abas do Marão. Tem 1:500 metros de comprido e o mesmo de largo. Produz matto e caça. N'ella está situada a freguezia de Teixeiro.

AGUIM—villa, Beira Alta, couto extincto, 275 kilometros ao N. de Lisboa, 300 fogos, concelho da Mealhada.

É povoação muito antiga, pois já a 24 de setembro de 1258 (1220) lhe foi dado foral, no claustro da sé de Coimbra, pelo deão e cabido da mesma sé. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.º de julho de 1514.

Optimo vinho chamado vulgarmente da *Bairrada*.

Tinha camara e juiz ordinario e vereadores e mais beleguins judiciaes, tudo nomeado pelo cabido de Coimbra, que era o donatario. É terra bastante fertil.

AIAMONTE—Vide *Ayamonte*.

AIÃO—freguezia, Minho, concelho de Felgueiras, comarca de Lousada, arcebispado e 35 kilometros de Braga, districto administrativo do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. João Baptista.

AIDO ou **EIDO**—Vide *Enxido*.

AIRÃES—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 35 kilometros de Braga, 360 de Lisboa, 260 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Airães (no singular *Airão*) Airão significa ramo de flores de pedras finas que as mulheres usavam antigamente nos seus toucados. Tinha o mesmo nome um grande pennacho que os homens traziam nos chapeus ou nos capacetes. Como muitos d'estes penachos eram de pennas de garça, tambem se lhe dava o nome de *garçotas*.

Era commenda de Christo e reitoria da mitra. Foi dada a Lourenço de Amorim Pereira, pelo muito que dilatou a entrega da praça de Monção, que governava, quando os gallegos a sitiaram em 1707.

AIRÃO (S. João) ou **AYRÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros de Braga, 345 de Lisboa, 75 fogos. Fertil.

Ha aqui o morgado do *Paço*, que foi da marqueza de *Fuente-el-Sol*, mulher do conde de Valencia, em Castella.

Para a etymologia, vide Airães.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

AIRÃO (Santa Maria) ou **AYRÃO**—freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho e districto; 100 fogos.

Muito abundante de aguas e fertil.

(A mesma etymologia.)

Orago Santa Maria. É no mesmo arcebispado e districto do antecedente.

Ha n'esta freguezia um colosso vegetal, é um pinheiro, que tem 5 metros de circumferencia no tronco e 44 de altura.

Em junho de 1873 caiu sobre elle um raio que lhe fez algum damno. Esta magestosa arvore é do sr. Barthazar Machado da Silva Salazar.

AIRAS — vide Souto-Redondo.

Airas é corrupção de *Arias*, nome proprio de homem.

Os nossos antigos, e ainda hoje a gente rustica, fazia de Arias, *Airas*, de vigario, *vigairo*, de sudario *sudairo*, de escapulario, *escapulairo*, etc. etc.

AIRE — vide Ayre.

AIRÓ — serra e freguezia, vide Ayró.

AIVADOS — (ponte dos) Ponte natural formada pelo rio *Arcão*, que nasce do grande *olho de agua* chamado *Borbolegão*, 5 kilometros ao N. da villa do Grandola, no Alemtejo.

Esta bella curiosidade natural, feita em um rochedo calcareo (e de um arco) mostra, além do seu merecimento como obra natural, uma linda vista; porque a natureza, querendo aformosear a obra do rio *Arcão*, engrinaldou com heras o arco da ponte e guarneceu as margens do rio de alamos, freixos, carvalhos e amieiros. Por esta ponte póde passar um carro. Vide *Borbolegão*, *Diabroria* e *Grandola*.

AJUDA — freguezia, Alemtejo, bispado, comarca e concelho de Elvas, 150 kilometros a E. de Lisboa, 40 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ajuda, districto administrativo de Portalegre.

AJUDA — freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Figueiró dos Vinhos, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

AJUDA — freguezia, Extremadura, concelho de Belem, comarca e 6 kilometros a O. de Lisboa, da qual, sendo um arrabalde, póde dizer-se que fórma hoje parte.

É no districto administrativo e patriarchado de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Ajuda.

Tem 1:600 fogos, e 6:400 almas.

A egreja da Ajuda foi no seu principio uma capella, fundada por D. Manoel em 1:500.

Alguns escriptores dizem que esta freguezia foi creada por D. Affonso V em 1447, ou por o regente seu tio, o infante D. Pedro (tambem seu sogro) que morreu em Alfarrobeira.

Vide esta palavra.

N'esta freguezia está o magestoso palacio real da Ajuda.

Ainda em 1712 esta freguezia era extensissima, pois comprehendia Belem, Bom-Successo, Alcolena, Pedroiços, Junqueira, Alcantara, etc. etc.

(Vide Lisboa, onde está tudo o mais que pertence a esta freguezia.)

A freguezia da Ajuda era um rendoso curato, apresentado pelo cabido da sé de Lisboa. Como a freguezia era grande tinha trez *fabricas* para administração dos sacramentos, uma na egreja, outra no real mosteiro de Belem (Jeronimos) e outra no convento de freiras flamengas de Alcantara.

(Vide esta palavra.)

Estação telegraphica de 1.ª ordem, ou do Estado.

O real palacio da Ajuda foi principiado por D. João VI, sendo ainda principe regente, e foi elle quem lhe lançou a primeira pedra.

Havia aqui um antigo palacio dos nossos reis, do qual ainda ha restos no recinto do actual.

Posto que ainda nem metade d'este edificio esteja construido (a seguir-se a planta d'elle) póde afoutamente dizer-se que é um dos mais vastos e sumptuosos palacios reaes da Europa. A sua posição é elevada, e d'elle se disfructa um vastissimo, bello e magnifico panorama.

Para descrever tudo quanto n'este paço ha de notavel, seria preciso um volume maior do que toda esta obra e era certamente tarefa superior ás minhas acanhadas forças. Direi sómente, na *sala da acclamação* está um magnifico quadro, devido ao pincel de *José da Cunha Taborda*, de grandes dimensões, representando o acto da acclamação de D. João IV, que tem sido admirado por quantas pessoas da arte o teem visto.

No portico do palacio, estão em nichos de bello marmore 44 figuras, de tamanho quasi natural, muitas d'ellas do mimoso cinzel de *Joaquim Machado de Castro*, que são o enlevo dos olhos, fazendo algumas d'ellas a geral admiração, pela sua elegancia e pela delicadeza a que se poude fazer chegar varios objectos (como flores, cabellos, etc.) de marmore, como se fosse branda cêra.

A fachada que olha para E. (que hade ser a da esquerda, pois que a frente, concluido o risco, é para o Tejo, ao S.) deita para um vasto terreiro, e n'elle se teve por algum tempo a antiga patriarchal.

Nos restos do paço velho, construido por D. José I, está um theatro onde em Portugal se representou pela primeira vez opera lyrica italiana.

Foram primeiros architectos do real palacio da Ajuda, José da Costa, os dois Fabri, Manoel Caetano e Antonio Francisco Rosa.

Durante o reinado do Sr. D. Miguel I, deu este soberano grande impulso ás obras do palacio, com muito dispendio do seu *bolsinho*, unica fonte d'onde saia o dinheiro para ellas. Foi no tempo d'este tão infeliz como patriotico monarcha que se collocaram a maior parte das estatuas do portico e as que estão no timpano.

Consta de um documento official, que, só desde novembro de 1813 até ao fim de 1818, se gastaram nas obras d'este palacio réis 809:106$019, e as obras apenas chegavam ao principio do andar nobre, isto é, estavam feitas só as menos despendiosas. O Sr. D. Miguel I gastou talvez outro tanto.

Havia tambem aqui um collegio com 60 alumnos (orphãos) que o Sr. D. Miguel I vestia e sustentava e mandava instruir em desenho e em todas as artes e officios exercidos para as obras do palacio. Este collegio foi extincto em 1834, quer dizer, mandaram-se os alumnos para o meio da rua.

Desde 1834 esteve este magestoso edificio em total abandono até 1858, em que a nação pagou noventa e tantos contos (!) para remendos e concertos. (As más linguas sustentam que nem a terça parte d'esta quantia se gastou; o resto foi...)

Foi no palacio da Ajuda que teve logar em 26 de fevereiro de 1828, a sessão real em que a Sr.ª infanta regente, D. Isabel Maria entregou a regencia a seu irmão, o Sr. D. Miguel, depois primeiro do nome.

Teve tambem n'este palacio logar a imponente reunião dos Trez Estados do Reino (3 de maio de 1828) os quaes, julgando o Sr. D. Pedro rebelde e traidor a seu pae e rei e á sua patria, e como tal legalmente inhabil para ser rei dos portuguezes, proclamou como rei natural e legitimo, o Sr. D. Miguel I.

(Vide Hist. Chron. de Port. N'esta obra.)

N'este palacio residiu desde março até julho de 1833, o herdeiro legitimo do throno hespanhol, o Sr. D. Carlos V e sua real familia, que era, sua primeira esposa, a infanta D. Maria Francisca de Assis, de Portugal; seus filhos; a Serenissima Sr.ª princeza da Beira, D. Maria Thereza (filha primogenita de D. João VI) então viuva do infante de Hespanha, D. Pedro Carlos, e que depois veiu a casar com seu primo e cunhado, D. Carlos V, e finalmente o infante D. Sebastião, filho da princeza e do seu primeiro marido.

Havia n'este palacio um museu de historia natural, que em 1864 foi incorporado no museu publico agora estabelecido na Escola Polytechnica.

Tem tambem um jardim botanico, e, em um edificio contiguo ao paço, tem um gabinete de physica. Tudo isto feito pelo marquez de Pombal.

O primeiro director do jardim botanico, foi Domingos Vandelli, naturalista italiano e lente jubilado da Universidade de Coimbra; mas tornando-se traidor á sua patria adoptiva, por se bandear com os francezes, em 1807, foi demittido e desterrado, succedendo-lhe Alexandre Rodrigues Ferreira. Em 1811 foi feito director do jardim e do museu, o famoso naturalista portuguez, Felix de Avellar Brotero, tambem lente jubilado da Universidade de Coimbra, auctor da *Flora Lusitana* e de outras varias obras de grande merecimento. Morreu a 5 de agosto de 1828.

(Vide Tojal, Santo Antão do)

Proximo de um dos lagos do jardim estão duas antiquissimas estatuas de guerreiros (collocadas aos lados da porta que dá entrada para o terreiro.) São de granito e cinzeladas toscamente. Alguns attribuem estas estatuas aos phenicios; mas é mais provavel ser obra dos antigos lusitanos.

(Vide Montalegre.)

Proximo ao palacio está a Tapada da Aju-

da, vasta e murada, estendendo-se pela encosta da serra de Monsanto, até quasi á ribeira de Alcantara. Consta de uma bella matta, cortada por espaçosas ruas, e terras lavradias, com as necessarias officinas e as casas do almoxarife, que é administrador da Tapada.

Foi mandada fazer pelo marquez de Pombal, para D. José I alli ir caçar, exercicio de que muito gostava.

É n'esta freguezia e proximo ao palacio real, a egreja de Nossa Senhora do Livramento e S. José, vulgarmente chamada *Egreja da Memoria*, fundada por D. José I, em acção de graças por escapar (apenas gravemente ferido) do attentado de 3 de setembro de 1758 (pelas 11 da noite) indo o rei em carruagem, da quinta do *Meio* (Belem) para o palacio da Ajuda.

Os tiros foram-lhe dados na Calçada do Galvão. Vide Hist. Chron. d'esta obra, e Lisboa. Vide tambem *Chão Salgado*.

Foi posta a primeira pedra no dia 3 de setembro de 1760. Levou esta pedra uma inscripção latina, que por extensa não copío. (Quem quizer ler isto por miudo, veja o n.º 7 do 2.º vol. do *Archivo Pittoresco*.) A esta ceremonia assistiu o rei, toda a côrte e immenso concurso de povo.

Na bocca do throno ha um grande painel allegorico ao attentado de 3 de setembro, pintado por *Pedro Alexandrino*.

Foi concluida esta egreja no reinado de D. Maria I. É pequena e de um só altar; mas obra sumptuosa.

Tinha (e não sei se ainda tem) um capellão, com 300$000 réis de renda e com a obrigação de aqui dizer uma missa todos os dias. Um sachristão com 80$000 réis e um *faquino* com 36$400 réis. Teem todos tres casas de residencia, feitas para isso, proximo da egreja.

Tudo quanto faltar na Ajuda, achar-se-ha em Belem e em Lisboa.

AJUDE — freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros a N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Orago Nossa Senhora.

Arcebispado e districto de Braga.

AL — Julgo indispensavel fazer aqui uma explicação a respeito d'estas duas lettras.

O artigo *al*, é uma particula inseparavel, isto é, nunca se acha só na oração; mas sempre anteposta a algum nome substantivo ou adjectivo, servindo para todos os generos, numeros e casos.

Elle faz que o nome indeterminavel fique restricto, vg. *Iskander*, o nome de Allexandre, *Al-Iskander*, Alexandre Magno. Rarissimas vezes deixa de ter esta força.

(É preciso não confundir o *al* árabe com o *al* portuguez. Este deriva-se do latim *alliud* e significa *outra cousa*. Este era muito usado antigamente no fôro; vg. «*al* não disse» «Ponha-se em liberdade, não estando por *al* preso» etc. etc.)

Na lingua portugueza, a união do artigo *al* com o nome, formou um nome incomplexo ou indeterminado, vg. *o Almocadlem*, *a Almofada*; considerando o artigo *al* como parte integrante da voz que compõe.

Assim viemos a juntar ao artigo *al* o artigo portuguez *o* ou *a*.

Nas palavras *Aldail*, *Alrabil* e outras muitas, os arabes, posto que assim as escrevessem, pronunciavam *Adaíl*, *Arrabil* etc., e nós, escrevendo-as como elles as pronunciavam, lhe supprimimos o *l*.

É porque taes palavras são das que os arabes chamam *solares*, que teem a particularidade de converter o *l* do artigo, em uma lettra similhante á que se segue, vg. se hão de dizer *Al-dail*, *Al-rabil*, *Al-dibo*, *Al-dufe*, *Al-sacal* etc., etc., dizem, *Ad-ddail*, *Ar-rabil*, *Ad-dibo*, *Ad-dufe*, *As-sacal* etc. etc.

Do que fica dito se vê a razão porque ainda hoje muitas palavras se pronunciam e escrevem com o artigo ou sem elle, sem que n'isso se commetta êrro, vg. *celga*, *azarcão*, *lagôa* etc., ou *acelga*, *azarcão*, *alagôa* etc.

O *al* arabe está adoptado na lingua portugueza ha mil annos e o *al* latino ha mil e quatrocentos.

Peço humildemente perdão aos homens da sciencia, por estas divagações e, para elles, inuteis explicações; mas este livro é para o povo, para o nosso bom povo portuguez, a cuja classe me honro de pertencer,

e não lhe serão inuteis estas e outras noticias.

ALA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 70 kilometros ao N. de Miranda, 410 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santa Engracia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era reitoria do real padroado. O reitor apresenta o cura de Brinço.

ALA — serra, Traz-os-Montes, junto ao logar de Viariz, districto da villa de Penas-Royas, comarca de Miranda. É tradição que aqui habitaram mouros e é certo que n'ella se veem ruinas de edificios, no cume da serra, com ruas e praças; e no fundo da serra se vê uma fonte que servia aos moradores, e d'ella se fórma a ribeira de S. Miguel.

Era provavelmente alguma antiga cidade das que hoje se ignora a situação, ou cujo nome e memoria se perdeu.

A serra actualmente só produz matto, caça, lobos, rapozas, teixugos, etc.

ALAFÕES — vide Lafões.

ALAGOA — vide Lagôa.

ALAMO — pequeno rio, Alemtejo, termo de Monsaraz. Nasce na serra do Ramo Alto, no baldio das Caldeiras.

Corre 6 kilometros ao O. de Monsaraz e morre no Guadiana, por cima do *monte dos Cordeiros.*

Passa tambem á freguezia de S. Pedro do Corval.

ALANDRO — *eloendro* (arbusto) vulgarmente, *loendro.* D'aqui, *Alandroal, Loendral, Londral, Landroal,* etc.

ALANDROAL — villa, Alemtejo, comarca de Estremoz. 34 kilometros ao S. de Elvas, 9 ao S. E. de Borba, 150 ao E. de Lisboa, 380 fogos, concelho 1:200.

Em 1660 tinha a villa 500 fogos.

Orago Nossa Senhora do Castello.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora, d'onde dista 30 kilometros.

Está situada na chapada de um monte, dividida em duas partes pelo castello. Á parte de cima se chama *Matta,* e está entre vinhas e olivaes; e á parte de baixo chamam *Arrabalde.*

Tomou o nome dos muitos *alandros* (eloendros) que havia na fonte chamada do *Mestre* (por ser do de *Aviz.*)

Antigamente escrevia-se *Lendroal.*

O seu castello tem sete torres em redor e a de *menagem* no centro, e trez portas, estando a principal entre duas torres.

Na torre da direita (ao entrar) está uma inscripção que diz: *Deus é, e Deus será; por quem elle fôr, esse vencerá.*

Mais acima está outra que diz: *Era 1332 (1294 de Jesus Christo) a 6 dias de fevereiro, começaram a fazer este castello, por mandado do mestre de Aviz, D. Lourenço Affonso, e elle pôz a primeira pedra, M. e. e. b. 3. e castello.*

Sobre outra porta está a cruz de Aviz, com duas aguias, dos braços da cruz para baixo, e d'elles para cima, dois grilhões (como os da ordem de Calatrava) e ao pé umas letras que dizem: *mouro me fez.*

A torre de menagem tem no meio uma cruz da ordem de Aviz, com esta inscripção: *Era 1336, (1298 de Jesus Christo) a 25 dias andados de fevereiro, fez este castello D. Lourenço Affonso, mestre de Aviz, á honra e serviço de Deus e de Santa Maria, sua madre, e das ordens do muito nobre Sr. D. Diniz, rei de Portugal e do Algarve (reinante em aquelle tempo) e em defendimento de seus reinos. Salvator mundi, salva mé.*

Na porta da torre que está sobre o muro em uma grande pedra branca, está esta inscripção: *Quando quizeres fazer alguma cousa, cata o que te é necessario e depois verás; e a quem de ti se fiar, não o enganes: lealdade em todas as cousas.*

D. João II lhe deu foral em Santarem, em 29 de abril de 1486.

D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de outubro de 1514.

Até 1834 era da comarca de Aviz, provedoria de Elvas, e tinha juiz de fóra. Era da corôa.

Tem misericordia, muito antiga, e hospital.

N'este concelho corre o rio *Lucefeci.* (vide esta palavra.)

Ha tambem n'este concelho, proximo da villa de Terena, uma capella de S. Miguel,

fundada sobre as ruinas d'aquelle célebre e antiquissimo templo feito pelos lusitanos e dedicado a *Endovelico* ou *Cupido*. (Vide Terena.)

D'esta villa se descobre Jurumenha, Olivença, Evora, Redondo, Monsaraz, Estremoz e Mourão.

A egreja matriz é dentro do castello e foi da ordem de Aviz.

Eram donatarios da villa os grãos-mestres de Aviz.

No caminho da fonte, que vae para o *Arrabalde*, ha vestigios de um hospicio, que fundou Diogo Lopes de Sequeira.

É tradição que nunca aqui houve peste. Em 1600 aqui esteve fugida a ella a duqueza de Bragança e sua filha, D. Isabel.

No fundo da praça ha uma formosa fonte com seis bicas de bronze, abundantissima de agua, cujas vertentes fazem moer lagares de azeite, regam hortas, jardins etc.

Ha outra fonte chamada *das freiras*, que rebenta de um rochedo, tambem muito abundante e com cuja agua se regam muitos campos. Entre esta fonte e a villa, ha um sitio a que chamam *Villares*, onde dizem que foi a primitiva villa. Ainda ali se vêem vestigios de construcções; mas hoje está tudo plantado de olival.

Ha n'este olival dois *algares* muito fundos, que hoje estão cobertos de abobada. Parece que n'elles tem principio as fontes da villa e que a agua se reparte por meatos subterraneos.

Na Granja, termo d'esta villa, se vêem alguns outeiros minados, o que mostra que os romanos ou arabes d'ali extrahiram metaes.

Ha ainda no termo d'esta villa minas de cobre, ferro, manganez e outros metaes. Algumas d'estas minas estão registadas e andam em trabalhos de pesquiza, e muitas outras estão apenas manifestadas na camara.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Bento da Contenda.

Passa por aqui a cordilheira de montanhas chamada *Ossa*, que se estende de E. a O. indo-se as suas ramificações perder no Guadiana, depois de percorrer os termos de Estremoz, Villa-Viçosa, Alandroal, Evora-Monte e outros. Esta serra é composta de altos montes e valles ferteis.

Tem 40 kilometros de comprido e 15 na sua maior largura. Foi a Thebaida dos religiosos paulistas. (Vide Ossa e Sernache ou *Cernache* do Bom-Jardim.

ALANOS — povos originarios da Asia, das proximidades do Caucaso, cujo chefe era *Gonderico*.

Atravessaram a Hungria e a Allemanha, reuniram-se aos suevos e aos vandalos, atravessaram a Gallia e estabeleceram-se na Hespanha e na Lusitania, sendo afinal vencidos pelos godos.

Segundo Ammiano Marcellino, eram *massagetes*, antigos povos da Scythia, áquem do monte *Imáo*. Segundo outros, vieram da parte septentrional da Scythia, onde estão os montes *Alânos*.

Entraram na Hespanha em 408. Eram crueis e sanguinarios. Em dois annos que durou a sua conquista, fizeram mais damnos á Hespanha do que 200 annos de guerra com os romanos. Assentaram a sua côrte em Merida; mas na batalha que lhes deu (proximo a essa cidade) *Vallia*, rei dos visigodos, em 410, perderam o seu rei e grande multidão de gente, e os que escaparam se misturaram com os suevos, perdendo juntamente com o rei, o reino e o nome.

ALARDA — rio, vide Arda.

ALARDO — rio, idem.

ALBAFOR — portuguez antigo, do arabe *albachur*, significa incenso

ALBARDOS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 290 kilometros a E. de Lisboa, 70 fogos.

Albardos é derivado do arabe *albarde* (cousa fria.) Vem do verbo *barada*, ter frio. Orago Espirito Santo.

É no bispado e districto administrativo da Guarda.

ALBARDOS ou **ALVADOS** — Alguns escrevem *Alvados* mesmo por quererem escrever errado, para não dizerem *Albardolos*; por julgarem que vem de albarda.

Deve só escrever-se *Albardos* que é o seu verdadeiro nome e muito proprio, pois o sitio é frio. (Vide, sobre etymologia, Albardos, freguezia.) Serra, Extremadura, na

comarca de Leiria. Faz parte da notavel cordilheira de Monte-Junto (o *Tagrus* dos romanos.)

É nos confins da villa de Truquel. Nasce junto á villa de Porto de Mós e finda em Rio-Maior, com 30 kilometros de comprido e 6 de largo. É aspera e fragosa.

Do alto d'esta serra (dizem os frades bernardos) fez D. Affonso I doação a S. Bernardo de todas as terras que d'aqui se avistassem até ao mar, em 1147.

No sitio onde o rei fez a doação se erigiu depois, para memoria d'ella, um arco de pedra, que ainda lá está, com uma inscripção commemorativa.

Chama-se ao sitio da serra onde está a memoria, *Arrimal.* (Vide esta palavra.)

(É provavelmente obra dos frades bernardos.)

Este facto (a doação) é contestado e contestavel.

Em 1793, fr. Joaquim de Santo Agostinho *(Mem. sobre os codices de Alcobaça)* prova que este voto é uma invenção dos frades bernardos. Vide *Dicc. Chron. e Crit.* de J. Pedro Ribeiro, tomo 1.º, pag. 54. *Quadros Hist.*, de A. F. de Castilho, nota á tomada de Santarem.

Esta serra lança um braço para o concelho de Truquel, chamado *Cabeço de Truquel.*

N'elle existe uma extensa gruta, formada por grandes rochedos, feita pela natureza e augmentada pela arte, em eras remotissimas, para habitação dos povos d'aquelle tempo, segundo é tradição, o que é provavel, visto que os povos primitivos não tinham outra casta de habitações.

Em 1869, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, distincto architecto da casa real, fundador da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e do Museu Archiologico, que está na egreja gothica do Carmo, em Lisboa, intelligente e zelozo amador das antiguidades patrias, fez aqui uma viagem, de proposito para investigar todas as particularidades da gruta, e se a sua existencia pertencia a épocas pre-historicas, como parece provavel.

Viu que a entrada da gruta está meio escondida pela rama de espessos arbustos e é baixa e estreita. A primeira gruta é uma especie de vestibulo, bastante alta; mas pouco espaçosa; porém, por uma abertura, praticada no rochedo, se passa a outra gruta muito mais vasta, tendo ambas, nas rochas que lhes formam a abobada, uns buracos por onde penetra o ar e a luz. Achou o sr. Silva, a pouca profundidade, uma camada de cinza (com alguns ossos misturados) de bastante espessura e occupando todo o centro da gruta. Por baixo d'esta camada de cinza achou uma de areia e por baixo d'esta outra de cinza e ossos, como a superior.

Em vista d'isto, é de suppôr que esta gruta fosse destinada para *necropoles*, ou jasigo dos restos mortaes d'esses povos primitivos.

Já era muito; mas o sr. Silva tinha fundadas esperanças de vir a descobrir instrumentos e outros vestigios dos tempos prehistoricos.

Como era noite, interromperam-se os trabalhos. No dia seguinte, quando o sr. Silva chegou á gruta com os criados e trabalhadores para continuar as investigações, viu que dos respiradouros da gruta saiam densas espiraes de fumo. Foram os pastores da serra, que julgando lhes iam roubar thesouros, que reputavam seus (apesar de na vespera, o sr. Silva lhes dizer que, se apparecesse algum ouro ou prata, lhe dava tudo a elles) tinham enchido a gruta de matto (para o que tinham trabalhado toda noite) e lhe haviam lançado fogo.

No dia seguinte voltou o sr. Silva, mas o fumo e o calor não deixaram penetrar na gruta; pelo que reservou a continuação dos trabalhos para o dia seguinte; mas recebendo um telegramma para regressar a Lisboa, ficaram, por emquanto, suspensas as suas investigações.

Por essa occasião, mostraram tambem ao sr. Silva na mesma serra, a distancia de coisa de um kilometro da gruta, um *dolmen*, perfeitamente conservado.

Foi um optimo achado, porque não havia conhecimento, nem memoria escripta, d'este monumento celtico n'aquella localidade.

Nascem n'esta serra tres rios, o Alcobaça, o Alcobertas e o de Rio-Maior. Ha n'esta serra uma famosa quinta chamada de *Valle-de-Ventos*, que foi dos frades de Alcobaça.

Esta serra é toda minada por *algares*. Tem muitas e boas pedreiras de bello marmore, produz muito alecrim, rosmaninho e pimenteira. Cria-se aqui bastante gado e tem muita caça e lobos.

No braço que lança para Truquel, ha uma lagôa que nunca secca e cria muitas sanguesugas. Ha n'esta serra uma extensa matta de carvalhos, que tambem foi dos frades bernardos.

Os povos visinhos d'esta serra lhe chamam geralmente Serra de Rio-Maior, por ficar proxima d'esta villa. Ao arco chamam *Rei da Memoria*, e nutrem fabulosas, e até disparatadas opiniões sobre a origem d'este monumento.

ALBARRADA — vaso com asas.

Os *Soares* teem por armas, em campo vermelho, duas albarradas de prata, de duas ásas cada uma, cheias de açucenas.

Tambem se chama *albarradas* á parede de *peâra sêcca* (sem cal.)

Ainda se dá este nome a uns montes de terra que os mouros põem entre as suas tropas e as praças que cercam, para as livrar dos projectis dos sitiados.

Os arabes chamam á *albarrada* (vaso) *uarrada (al-uarrada)* de *uardon*, rosa; por n'ella se metterem flores.

ALBARRAN — Nome de umas torres que havia no tempo de D. Pedro I, onde se depositava o dinheiro que sobrava das rendas da corôa. Havia uma no castello de S. Jorge em Lisboa, outra no Porto, em Coimbra, em Santarem e outras partes.

É palavra arabe «albarrãa» (cousa do campo). Tambem significa uma *sebôlla* silvestre; mas a esta chamam os arabes mais commummente «baçal-el-far» (sebôlla dos ratos.)

ALBARRAQUE — aldeia da Extremadura, a 4 kilometros de Cintra. Estão-se ali construindo (julho de 1873) muitas e formosas casas de habitação.

Esta povoação, uma da mais lindas e pittorescas dos arredores de Cintra, ainda não tem uma estrada que a ponha em communicação com Lisboa, Cintra ou outra qualquer povoação; pelo que, o povo d'aqui, vendo que nem as obras publicas nem o municipio tratam de occorrer a esta necessidade, urgentissima, pelo grande desenvolvimento que vae tendo a terra, se cotisaram entre si, voluntariamente, para construirem uma tal ou qual estrada, de que tanto carecem.

Segundo alguns, *Albarraque* é alcunha de homem (arabe,) significa, o *leproso*. É derivado do substantivo *Albarás*, lépra. Frei João de Souza, porém, nos seus *Vestigios da Lingua Arabica, em Portugal*, diz que *Albarraque* é, sem corrupção nenhuma, palavra arabe, e que significa, *cousa resplandecente, lusída, brilhante*, derivada do verbo *baraca*, relusir, brilhar, resplandecer, lusir. O padre Carvalho Costa é d'esta mesma opinião na sua *Chorographia*.

Seja pois *Aldeia Resplandecente*. Nada de *lepra*, que é molestia terrivel (e, pelos modos, contagiosa.)

ALBERGARIA—appellido portuguez muito antigo e noblissimo n'este reino. Procede do seguinte:

A caridosa rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, vendo as grandes minguas que em Portugal soffriam os viandantes, pela falta de estalagens, mandou á sua custa edificar e dotar grande numero de albergarias, pelos sitios mais ermos e inhospitos, muitas das quaes ainda existem.

Já tambem sua sogra, a rainha D. Thereza, tinha fundado varias albergarias, nas provincias do norte. Sua neta (de D. Mafalda) a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, não cedendo na virtude da caridade, a sua avó e bisavó, tambem fundou diversas albergarias.

De todas estas senhoras existem ainda alguns d'aquelles simples mas uteis edificios, mais ou menos arruinados; porém testemunhas venerandas da caridade dos nossos antigos monarchas.

É por isto que alguns mosteiros, e varios fidalgos, querendo imitar a rainha na sua virtude da caridade (a principal das virtu-

des christãs) fundaram algumas albergarias, que tambem dotaram com rendas sufficientes para o seu custeamento.

De todas as albergarias fundadas por particulares ou congregações religiosas, a maior e mais ricamente dotada foi a de S. Bartholomeu, em Lisboa.

Foi seu fundador, pelos annos de 1154, D. Payo Delgado, que a erigiu em morgado, que ficou a seus descendentes, com a expressa e rigorosa obrigação de a conservarem no mesmo pé em que o fundador a deixou.

Por esta razão e porque a albergaria era edificada junto ao seu palacio, principiou o povo a denominar esta familia *os da Albergaria.*

D. Soeiro Fernandes, bisneto do fundador, foi o primeiro que se assignou *de Albergaria*, seu filho, D. Fernando, tomando o patronimico de Soares (filho de Soeiro) se ficou chamando D. Fernando Soares de Albergaria.

Eis aqui a origem dos Soares de Albergaria, de que hoje ha differentes ramos, sendo os principaes, os da Rêde, proximo ao Peso da Regoa; os de Travanca, sobre a margem direita do rio Paiva, no concelho de Sinfães; os de Refojos (hoje vivendo no palacio do Buraco, sobre a esquerda do rio Ul, freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis) e os de Areias, no concelho de Cambra. Os de Paradella (na freguezia de S. Miguel do Matto, no concelho de Arouca) desde o fim do seculo passado, em que herdou aquella casa uma senhora dos Azevedos, de Bayão, chamada D. Isabel Soares de Azevedo, principiaram a assignar-se, uns, Soares de Albergaria, e outros Soares de Azevedo. O bisavô do auctor d'esta obra, o dr. Manoel Soares de Albergaria, que era d'esta casa de Paradella, teve varios filhos e filhas, que uns se denominaram de Albergaria e outros de Azevedo. Meu avô materno, tambem nascido n'esta casa, mas filho segundo, chamava-se Francisco Antonio Soares de Azevedo e já o irmão primogenito e immediatos, Manoel, José e Antonio (todos tres doutores em direito) adoptaram o appellido de Albergaria.

Além d'estas familias, ha em Portugal muitas outras de Soares de Albergaria (que, pelo que se vê, é gente prolifica) que já não teem parentesco nenhum umas com outras, apesar de procederem do mesmo tronco. Seria fastidioso nomeal-as todas e limitar-me-hei a indicar o seu brazão de armas e suas modificações.

O ramo principal (Lisboa e Rêde) tem, em campo de prata, cruz vermelha floreada, orla do mesmo, carregada de 8 escudetes, das Quinas Reaes de Portugal. Elmo de aço aberto e por timbre uma serpe vermelha, voante, com uma cruz de prata, floreada, no peito.

Os de Cambra, do Buraco e outros muitos, trazem por armas, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, orlados de prata, e na orla oito escudetes das armas de Portugal e no centro um escudo de púrpura com uma cruz de prata floreada, no 2.º, em campo azul, tres flores de liz, de prata, e no 3.º em campo de púrpura uma arvore verde, tendo de cada lado dois leões rompentes, elmo de aço aberto, e por timbre um dragão vermelho aládo.

Os de Paradella, não sei porque, adoptaram as armas dos Azevedos.

ALBERGARIÁ — aldeia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 16 kilometros de Leiria, 110 de Lisboa. 21.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Albergaria significa casa onde se dá pousada gratuita aos viajantes. Deriva-se do allemão *hebergen* (hospedar), ou do árabe, *berege*, que significa descansar, recolher-se, juntar-se, abrigar-se.

ALBERGARIA DAS CABRAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, de onde dista 12 kilometros ao S., bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, 50 a E. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo de Aveiro.

Situada ao N. e proximo á serra da Freita. Eram donatarias as freiras de Arouca.

É terra fria e esteril, apenas produz algum pouco trigo e senteio, algumas arvores enfezadas e matto. Em annos de chuva ainda dá algum milho. É terra muito pobre.

Nascem aqui tres regatos, que juntando-

se, formam o rio Caima. Tem bastante caça e lobos.

Perto da matriz (ao N.) se vêem umas casas arruinadas, que era uma albergaria, fundada pela rainha Santa Mafalda em 1280, pagando-se uma pensão a quem a certas horas da noite tocava uma buzina, para indicar aos passageiros perdidos que ali havia albergaria, e para que os não comessem os lobos.

Tambem na serra da Freita, nos limites da freguezia de Rôças, mandou a mesma rainha, e pelo mesmo tempo, fundar outra albergaria, para o mesmo fim e com a mesma pensão. A esta se chamava Albergaria de Rôças.

É d'esta casa que a freguezia teve o nome de Albergaria.

ALBERGARIA DO CANTARO — vide Cantaro, serra, Carvalho, villa.

ALBERGARIA DOS FUSOS — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Cuba, 35 kilometros de Evora, 105 a E. de Lisboa, 40 fogos. Orago Nossa Senhora do Outeiro.

Bispado e districto administativo de Beja.

Foi dos duques de Cadaval, por compra que fizeram a D. Violante de Moura, abbadessa das freiras de Santa Clara, de Beja (que eram as suas primeiras donatarias) em 17 de dezembro de 1503.

Quem comprou isto, foi D. Alvaro, tronco da casa de Cadaval e o mesmo que comprou Agua de Peixe.

Foi esta compra feita por 200$000 réis, e confirmada por D. Manoel, em Almeirim, em 14 de março de 1516 e depois por D. João III, em 17 de agosto de 1525.

Cria-se aqui muito gado, grosso e miudo, e ha muita caça. Cereaes e frutas produz pouco.

Correm por o termo tres ribeiros chamados de Nossa Senhora, da Cegonha e de Odivellas.

Tinha juiz ordinario e vereadores, feitos pelos donatarios.

ALBERGARIA DE PENELLA — vide Penella, concelho.

ALBERGARIA NOVA — aldeia, do concelho e 10 kilometros ao S. de Oliveira de Azemeis, 275 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Passa aqui a estrada real de Lisboa para o N.

ALBERGARIA VELHA — (para a distinguir de Albergaria Nova, aldeia que lhe fica 10 kilometros ao N.) villa, Douro, comarca de Estarreja, 18 kilometros ao N. de Agueda, bispado, districto administrativo e 18 kilometros a N. O. de Aveiro, 54 ao S. do Porto e 255 ao N. de Lisboa, 700 fogos, 3:000 almas, concelho 1:600 fogos. O Orago Santa Cruz.

É povoação muito antiga, mas não se sabe por quem nem quando foi fundada. Como por aqui passava a estrada que os arabes fizeram em substituição da *via militar* romana, que ia mais ao O., e pelo que a aquella se chamava *estrada mourisca*, é provavel que a fundação d'esta povoação date do seculo IX ou X. Durante a regencia de D.D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, já era povoação de alguma importancia. (Vide adiante, quando se trata do seu foral, e, e tambem sobre os assassinos e roubos feitos pelos de Val-Maior).

Não tem edificio ou monumento a algum notavel. É fertil e os seus arrabaldes são bonitos. Atravessa-a a estrada real de *macadam* que vae de Lisboa ao Porto, e de Aveiro a Vizeu. Tem só uma rua, mas as casas não teem má apparencia.

Deu-lhe o nome uma *albergaria* (fundada por a rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, pelos annos de 1120) e que ainda existe á entrada da villa. Era para os viajantes pobres, aos quaes, trazendo guia, se lhes dava *um vintem*, e sendo padres *meio tostão*. Se estivessem doentes se curavam, e se não podessem andar, se lhes dava cavalgadura até á Misericordia mais proxima. Sobre a porta da Albergaria está uma inscripção que diz: *Albergaria de popobres e passageiros, da rainha D. Thereza.*

Dizem alguns escriptores que, quando a rainha D. Thereza aqui passou, e mandou fazer a albergaria, era aqui apenas um atalho deserto, onde os moradores de Valle Maior vinham assassinar e roubar os passageiros, e que foi para evitar estas mortes e roubos que a rainha mandou fazer a albergaria, que hoje é propriedade do municipio.

Talvez com effeito este sitio então estives-

se deserto e deshabitado; mas isso seria em razão das continuas guerras d'esse tempo; porém é muito provavel que aqui tivesse existido uma maior ou menor povoação, que tivesse sido abandonada.

Tinha quatro camas, mais dois enxergões, esteiras, lume, agua e sal, para quem aqui quizesse pernoitar, e os que aqui morriam, se lhes dava mortalha e enterramento, com officio de tres lições e missa, e mais tres missas de altar privilegiado. O corregedor (de Esgueira) vinha todos os annos inspeccionar isto.

Tem estação telegraphica municipal.

Franklin não falla em foral algum antigo ou moderno, dado a esta villa, mas é certo que a rainha D. Thereza lhe deu carta de doação, que lhe serve de foral, pelos annos 1124.

Pretendem alguns escriptores que o primeiro documento em que D. Thereza se intitulou rainha, foi n'esta doação, o que é erro. N'aquelles tempos todas as filhas dos reis hispanicos se denominavam rainhas, o que ainda se usou nos primeiros tempos da nossa monarchia. Em mais de um logar d'esta obra o provo, e muitos e muitos documentos antigos o evidenceiam.

Esta povoação tem em nossos dias tomado bastante desenvolvimento, devido á sua optima posição topographica, e ás estradas de Lisboa ao Porto e de Aveiro a Vizeu, que por aqui passam.

No fim do seculo passado ainda toda a freguezia não chegava a ter 400 fogos.

Fica a igual distancia das cidades do Porto, Vizeu e Coimbra, isto é, a 54 kilometros de cada uma d'ellas. Fica a 12 kilometros da estação do caminho de ferro do norte (Estarreja).

Tem os importantissimos estabelecimentos mineiros do Palhal, que emprega na sua lavra mais de 600 pessoas. Tem excellentes machinas de esgoto e a motora é da força de 120 cavallos. Em alguns pontos já chega á profundidade de 950 metros. Produz pyrites de cobre e cobre cinzento argentifero. Produz annualmente mais de 1:350 tonelladas de minerio. Tambem produz anda por 4 tonelladas de galena annualmente, cujo minerio dá em Inglaterra réis 90$000 por tonellada. Vide *Palhal*. Tem mais as minas de Telhadella e Carvalhal; e a 10 kilometros a E. as do Braçal, Malhada e Covão da Mó.

Está muito bem dotada de vias de communicação, o que concorre muito para o seu engrandecimento.

Tem um bom estabelecimento mechanico de serrar madeiras, dos srs. Ferreiras, e uma vasta fabrica de papel de todas as qualidades, cujo motor é a agua do rio Caima (confluente do Vouga) e cuja fabrica está quasi concluida (dezembro de 1872) sendo fundada já este anno.

Tem tambem uma fabrica de louça ordinaria, dos srs. Henriques, situada em um logar muito ameno e pittoresco, chamado Biscaia.

Está-se tratando do encanamento da agua para abastecimento d'esta villa e os trabalhos já estão muito adiantados. É uma boa obra e de reconhecida utilidade publica.

Tambem anda em construcção o cemiterio publico, que era cousa que aqui não havia, sendo os enterramentos feitos nas egrejas, segundo o antigo, anti-hygienico e absurdo costume.

Ha aqui uma soffrivel philarmonica.

A egreja matriz nada tem de notavel. É seu orago Santa Cruz.

ALBERNÚA ou **ALBERNOA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 84 kilometros a O. de Evora, 150 ao S. E. de Lisboa, 140 fogos.

Albernua é palavra arabe, derivada de *barrelnaua* (campo do caroço) composto do artigo *al*, e dos substantivos *berr* (campo) e *naua* (caroço),

Orago Nossa Senhora da Luz. Bispado e districto administrativo de Beja.

ALBIUBEIRA — Vide *Alviubeira*.

ALBOBOREIRA (S. Silvestre de)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 145 kilometros a O. da Guarda, 165 a S. E. de Lisboa, 180 fogos.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem. Era curato do mosteiro de S. Vicente de Fóra. Fertil.

Tambem dão a esta freguezia os nomes de Albobeira e Albiubeira.

ALBORDO—aldeia, Beira Baixa, concelho e comarca da Guarda. Aqui nasceu em 1842, Feliciano da Assumpção *(o menino sem braços nem pernas)*. Não tinha os minimos vestigios d'aquelles membros. Escrevia com a penna mettida entre os dentes, e fazia letra muito legivel.

Viajou pela Europa e por muitas cidades de Portugal, ao collo de sua mãe, que vivia de o mostrar. Sabia muito bem ler, tinha excellente memoria e era vivissimo. Mostrava-se muito alegre e memorava com grande prazer as pessoas que mais o tinham obsequiado, principalmente senhoras. Tinha voz fina muito desagradavel.

Morreu na sua terra natal, em março de 1873, com 31 annos de edade.

ALBORGE—Vide *Alvorge*.

ALBORNINHA—Vide *Alvorinha*.

ALBUFEIRA—villa, Algarve, comarca de Loulé. 30 kilometros a S. O. de Faro, 12 a S. E. de Silves, 35 a E. de Lagos, 240 ao S. de Lisboa, 37° 7' lat. N. 11 de long. O.

Orago Santa Maria. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada na costa do Occeano Atlantico, sobre a chapada de um rochedo.

A villa está fundada sobre um pequeno valle, cercado por todos os lados de pequenos outeiros, que fazem com que só se veja quando se está a chegar a ella. A antiga povoação é dentro das muralhas e está collocada sobre um outeiro de pequena elevação, que pelo S. termina em escarpado rochedo, onde o mar vem bater furioso em occasião de tempestades. A povoação moderna é dividida ao meio por um pequeno ribeiro que nasce a 3 kilometros ao N. da villa, e sobre o qual tem uma ponte com dois arcos de alvenaria, que liga a povoação.

O terreno do seu concelho é pela maior parte montuoso e cheio de penedias e poucas arvores, e menos fertil que a maior parte do Algarve. 950 fogos, 2:700 almas, concelho 2:000 fogos. Feira a 3 de fevereiro, tres dias. É mesmo no centro da villa esta feira.

É praça d'armas fechada, sobre uma rocha sobranceira ao mar, com porto bem defendido dos ventos (menos leste) e podendo receber navios de pequena lotação. Tem um castello com casas dentro, onde moram varios habitantes da villa, e tambem lá está a casa da camara, cadeias e quarteis militares.

Soffreu muito com o terremoto do 1.º de novembro de 1755, mas foi depois reparada.

Hoje está outra vez em misero estado, ameaçando cairem as muralhas sobre a villa. Quando foi do terremoto, entrou o mar com tanta violencia pela villa dentro, que chegou a subir 10 metros. Repetiu o fluxo e refluxo por tres vezes e com tanta força, que fez desabar todas as casas á excepção de 27, que mesmo assim ficaram muito arruinadas. O povo tinha fugido para a egreja matriz; mas esta desabou, matando 227 pessoas. O bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar, mandou fazer á sua custa a actual matriz, que, estando concluida, é um dos melhores templos do Algarve.

Julga-se ser fundação romana (pelo menos já existia no tempo do seu dominio) com o nome de *Baltum*.

A muralha tem tres portas, a do *Norte*, a da *Praça* e a de *Sant'Anna*.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 15.º

Produz alguns cereaes e é abundante em vinho, gado, caça e peixe.

Os arabes occupando-a em 716, lhe deram o nome de *Al-buhera*, diminutivo de *bahrón*, mar, por causa de uma grande lagoa que alli havia, formada pelas aguas que, nos temporaes, o Oceano arremessava para o interior. Outros querem que elles lhe chamassem *Al-Buhar*, (que significa tambem *mar*) mas acho mais provavel que fosse *Al-Buhera*.

Significa pois pequeno mar ou lagoa. Os hespanhoes escrevem e pronunciam esta palavra sem corrupção alguma, *Albuhera*. É preciso advertir que o *h* na lingua arabe é sempre *aspirado* e nós o substituimos ordinariamente por *f*. (Vide amostra de algumas palavras arabes, no respectivo capitulo.)

Foi conquistada aos mouros por D. Affonso III em 1250, dando-a logo á Ordem militar de Aviz, sendo então mestre d'ella Martim Fernandes.

A conquista d'esta villa pelos christãos a reduziu quasi á miseria, por lhe cessar o grande commercio que fazia com os portos

das costas africanas. Depois, foi tirando partido dos seus immensos recursos (sobretudo da sua abundante pescaria) e melhorou consideravelmente.

Eram alcaides-móres do castello, os condes de Valle de Reis, marquezes de Loulé. Já disse que castello e muralhas estão ameaçando eminente ruina e em risco de esmagarem as casas particulares feitas nas suas proximidades.

Tem Misericordia e hospital muito antigos. A egreja da Misericordia foi mesquita de mouros.

O seu porto fórma uma soffrivel enseada por duas linguetas de terra, que entram pelo mar, chamando-se Porchel á de E., e Balceira á do O., mas não é muito abrigada.

Na preamar, as ondas vão mesmo bater nos rochedos sobre que está edificada a villa, mas na vasante fórma uma vasta praia.

Tem por armas uma vacca de ouro em campo azul. Diz-se que é em razão de se crear por aqui muito gado bovino.

A matriz (Nossa Senhora da Conceição) é construcção moderna e o melhor edificio da villa.

Debaixo das rochas que limitam a villa pelo S., ha uma caverna (chamada *Cova do Xorino*) para onde fugiram os mouros que escaparam ao ferro dos portuguezes, depois da tomada da villa.

Em 1833 poz cerco a esta villa o famoso José Joaquim de Sousa Reis (o *Remechido*) capitulando os liberaes a 27 de julho. Dizem que os guerrilhas do *Remechido* assassinaram então 74 pessoas. Este cerco tambem damnificou muito a villa.

Este *assassinato* das 74 pessoas, é noticia liberal; hade aqui haver cifra de mais, ou (o que é mais provavel) contaram como *assassinados* os liberaes que morreram no combate. Segundo os liberaes, o *Remechido* era um monstro roubando, devastando e assassinando tudo; mas o que é verdade incontestavel é que todo o povo do Algarve o amava, lhe dava *colheita* e nunca descobria ás tropas liberaes que o perseguiám, o seu paradouro (que elles muito bem sabiam) e foi isto que o fez sustentar quatro annos com meia duzia de *gatos*, mal armados e paizanos, contra as tropas regulares do governo, em grande força.

Adiante conto a razão porque os realistas assassinaram aqui varias pessoas.

Alem da matriz e da Misericordia, tem as egrejas de S. Sebastião e Sant'Anna e a capella de Nossa Senhora da Orada, esta a pequena distancia da villa e ornada de uma bonita lameda, um formoso adro gradado de ferro e dois ricos mausoleus mandados fazer por a sr.ª D. Maria Michaella de Brito. Junto a esta ermida se faz todos os annos, a 15 de agosto, a feira chamada da Orada, muito concorrida.

A agua da villa é de poço e salobra; mas na Varzea da Orada ha um de muita e optima agua, e outro ao N. no sitio da Boleta.

No tempo do figo veem aqui carregar bastantes hiates, que levam este genero para Villa Nova de Portimão e outras partes.

O primeiro barão de Albufeira, foi o tenente general José de Vasconcellos e Sá, por D. João VI, em 3 de julho de 1823.

Estação telegraphica municipal.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

O pequeno valle em que assenta a villa, é dominado por encostas pedragosas das alturas que lhe ficam a N., E. e O., terminando ao S. por altos e escarpados rochedos, em que bate o Oceano, no qual vae desaguar um ribeiro que corta a villa, e que aqui tem uma ponte de pedra de um só arco.

Em 21 de julho de 1329, lhe deu D. Affonso IV privilegio de *visinhança*, com o concelho de Loulé, e por carta de 29 de novembro de 1376, mandou D. Fernando I que os concelhos de Silves, Faro, Tavira e Lagos, partissem com Albufeira do pão que lhes viesse de fóra.

Antes de 1834 tinha juiz de fóra, governador militar, com quarteis, onde chamam *Villa a Dentro*, e n'este logar ainda ha restos dos muros do seu antigo castello. Tambem é aqui a *Praça*, casa da camara e cadeia, bateria (que serve de *registo*) etc.

Tem a villa algumas casas boas, feitas depois de 1755, pois o terremoto de então a deixou inhabitavel.

A matriz é priorado e tem tres beneficia-

dos, que até 1834 eram providos pela Mesa da Consciencia e Ordens, por ser da Ordem de Aviz.

Tem Misericordia, com 71$000 réis de foros, 124 alqueires de trigo e 5 arrobas de figos, de renda annual.

Além da feira da Orada, ha aqui a feira de S. Braz, a 3 de fevereiro, que dura tres dias e é muito concorrida, e na qual, entre varios generos, se vende muita carne de porco salgada. Tem tambem um bom mercado aos domingos.

—

Prometti dizer a causa porque os realistas aqui praticaram algumas barbaridades, em 27 de julho de 1833, ei-l'a:

Em 24 de junho de 1833, o conde de Villa Flor e Palmella, com uma brigada de 2:500 homens, desembarcaram em *Cacella* (Algarve). O commandante da 5.ª divisão do exercito realista, *visconde de Molellos*, general do Algarve, com forças muito superiores, abandona *cobardemente* o Algarve, não tendo plena confiança na sua gente (6:000 homens quasi todos de 2.ª linha) e desanimado pela traição do seu chefe de estado maior, *Francisco Cypriano Pinto*, com a maior parte dos officiaes de artilheria 2, que desertaram para os liberaes logo depois do desembarque d'estes, e pouco depois fizeram a mesma infamia o brigadeiro *Nuno Taborda* e *Augusto Xavier Palmeirim*, tenente coronel, e que ia para o Algarve tomar o logar de *chefe do estado maior* da divisão. De modo que os liberaes se assenhoraram do Algarve em 6 dias, sem resistencia!

(Vide Hist. Chron. de Port., no ultimo vol.)

No Algarve ficou *Sá da Bandeira* commandando os liberaes, e desde então até maio de 1834, houveram n'este reino varios combates, reconhecimentos e *charrafuscas*, distinguindo-se sempre os denodados e fidelissimos chefes realistas, *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira* e *Remechido*.

Tendo *Remechido* sitiado esta praça, a sua guarnição resistiu valorosamente, pelo que os realistas metralharam a villa, do que resultou o incendio de varias casas.

Tomada a villa, os liberaes fugiram para o castello, donde continuaram a fazer fogo sobre os realistas; mas accommettidos arrojadamente, tiveram de capitular no referido dia 27 de julho de 1833.

Arvorada a bandeira realista (isto é, a portugueza, que em sete seculos fluctuou ovante por todo o mundo) os liberaes largaram as armas e sairam em paz, sem a minima offensa.

Então um navio liberal entra a metralhar os realistas, que irritados por esta que elles reputavam traição, poderam pilhar 27 dos infelizes liberaes da guarnição do castello, e os assassinaram, escapando os outros porque fugiram a tempo. (Os 47 mais que os liberaes dizem *assassinados*, são provavelmente os que morreram defendendo a praça).

Mas, nem desculpo este acto barbaro dos realistas, nem reputo *traição* o acto praticado pelo navio liberal.

Os defensores do castello nenhuma culpa tinham no que praticavam os do navio, e este *estava no seu direito* fazendo fogo contra os seus inimigos.

—

A pequena enseada de Albufeira era defendida pela bateria da Baleeira, a O. (junto da qual ha uma grande mina de gesso) e a de S. João, a E. São dependentes da praça de Albufeira os fortes de *Pêra*, *Registo*, *Vallongo* e *Quarteira*, e as baterias de *Baleeira* e *S. João*.

No seu porto só entram lanchas. Pesca-se aqui muito peixe, que se exporta em grande quantidade.

Por alvará de D. Manuel, de 19 de fevereiro de 1505, foi doada ao duque de Coimbra, mestre da Ordem de Aviz, a *dizima velha* dos atuns e mais peixe que morresse nas armações do termo da villa.

Entre Albufeira e o forte de *Vallongo*, na praia, mesmo á beira do mar, rebentam umas nascentes de agua doce (a que chamam *Olhos d'Agua*) e já dentro do mar, na mesma direcção, e proximo rebenta outra nascente muito grande. A poucos passos d'ellas, para O., deram á costa, em março de 1780, dois cetaceos (*delphinus orca*) macho e femea. O primeiro tinha 55 palmos de comprido e 10 de alto, na parte mais grossa. Estes cetaceos são rarissimos nos mares da Europa meridional.

O seu termo não é tão fertil como algumas terras do Algarve; mas, ainda assim, produz excellente vinho, muito figo, algum sumagre, resinas, *gran de carapêto*, madeira de azinho, de pinho (do grande pinhal da *Quarteira*) muita hortaliça, fructa e caça.

Fabrica muito bom tijolo e telha, que exporta.

ALCABEDECHE—villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Cascaes, 25 kilometros a O. de Lisboa, 560 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

É palavra arabe *Alcaibedeique* composta de *alcai* (encontro) e *daeque* (apertado, estreito)—(Vide Condeixa Velha).

É no patriarchado. Districto administrativo de Lisboa.

Era dos marquezes de Cascaes. Está em logar elevado e d'ali se descobre Palmella, Cezimbra, Cabo do Espichel, monte da Arrabida, a serra de Cintra e os navios que entram e sahem a barra de Lisboa.

Tem valles muito ferteis; mas cercados de altos asperos e fragosos.

Tem duas fontes (entre outras) a que se attribuem virtudes medicinaes: a *da villa* é muito diuretica e cura a dor de pedra; e a de *Fartapão* cura a diarrheia (!)

O rio a divide em duas partes. A que fica para O. se chama *Villa-Velha*, e a de E. *Villa-Nova*. Os moradores de Villa Nova não tinham privilegio algum e pagavam aos marquezes de Cascaes 16 alqueires de pão em cada anno e os ceareiros o oitavo. Os de Villa-Velha tinham um privilegio dado por D. João I e por D. Manuel, pelo qual só pagavam, cada lavrador *meia jugada*, que são 8 alqueires de pão, e os *ceareiros* de 26 um. Nos vinhos tinham o mesmo privilegio, de sorte que os de Villa-Velha, de 125 almudes pagavam 4 e os de Villa Nova 8. A este tributo chamavam *quinau*.

Para os de Villa Velha gosarem este privilegio, eram obrigados a lerem-no todos os annos duas vezes publicamente; no logar das *Marchas*, no primeiro domingo de novembro, e na *Malveira* no domingo seguinte. Além d'isso eram obrigados a irem velar uma noite na praia da villa de Cascaes e duas ao *Castello dos mouros*, em Cintra!

É situada na costa do Atlantico, onde tem varias fortalezas, a saber: Forte de Santo Antonio da Barra, com seu castello, fundado sobre um rochedo que entra pelo mar dentro e fronteiro á fortaleza de Nossa Senhora da Luz. Tem armazens para deposito de munições de guerra e bocca, varios quarteis e agua nativa. Junto a esta fortaleza está o Forte de S. João, etc., etc.

Fica nos limites d'esta freguezia a serra de Cintra, e é cortada de 4 rios, que são—Penha-Longa, Porto-Côvo, Malveira e Manique.

Ainda aqui se faz actualmente a antiquissima e celeberrima *festa do imperador*, que tão popular foi em Portugal em outras eras. É uma mascarada soffrivelmente ridicula, e que custa acreditar fazer-se quasi ás *barbas* da capital e com annuencia e consentimento do parocho, que presta *menagem e preito* ao tal imperador, que é um desengraçado e estupido labrego, vestido carnavalescamente; mas que, apesar d'isso, tem seu throno dentro do templo!

ALCABIDEQUE—aldeia, Beira Baixa, proximo a Condeixa Velha (antiga Coimbra)—D'aqui ia a agua para a villa, quando era cidade, por grandiosos canos e aqueductos de pedra, obra dos romanos, dos quaes (aqueductos) ainda alguns estão de pé. Esta agua nasce em uma grande fonte, ao pé da qual ainda existe uma torre que os arabes construiram para a guardarem.

É a mesma etymologia de *Alcabedeche*, ainda que alguns dizem que quer dizer *agua de Deus*, mas é erro, porque então seria *Wad Allah*.

ALCABRICHEL—rio, Extremadura, freguezia do Ramalhal.

Nasce em Villa Verde, passa pelos *Olhos d'agua* de *Tremezinho*, recebe o ribeiro de *Villa-Facaia*, junto á *Pontinha*, o rio da *Quinta* (por passar por uma grande quinta, hoje destruida) e o de *Casal-queimado*, proximo ao *Casal das Pontes*. Suas margens são em parte cultivadas e ferteis e tem muito arvoredo.

É cortado por 6 pontes de cantaria, que são—a do *Machial*, a do *Ramalhal*, *Villa Facaia*, *Casal-de-Payo-Corrêa*, *Cunhados* e

Vimieiro. Tem uma de madeira em *Casal da Figueira,*

Morre na praia do *Porto-Novo* (Oceano) onde tem uma enseada que pode recolher navios d'alto bordo, pela sua profundidade e abrigo de duas grandes rochas que tem de cada lado.

ALCAÇARIAS—palavra arabe, casa feita á maneira de claustro, para alojamento dos mercadores, com uma só porta, que se fecha de noite. É derivada de *Caiçar* (Cesar) porque dizem que este imperador mandou edificar estas casas no Oriente.

Miguel del Molino diz que *alcaçarias* eram logares ou ruas onde os judeus só podiam comprar ou vender aquillo de que precisavam ou que pretendiam. Em Lisboa dá-se este nome a um sitio (onde ha casas de banhos) em que antigamente haviam cortumes. Talvez por ter alli havido o tal mercado para os judeus. Esta circumstancia fez errar Viterbo quando disse que *alcaçarias* eram *pellames* ou *atanoarias.*

O manancial d'aguas mineraes das Alcaçarias, em Lisboa, fica do lado oriental d'esta cidade, no *Terreiro do Trigo* a uns 60 metros da margem direita do Tejo. Rebentam de differentes pontos ao fundo da pequena collina sobre que está edificado o castello de S. Jorge. A maior parte d'estas aguas são encanadas para dois estabelecimentos conhecidos sob a denominação geral de *Alcaçarias,* mas que se distinguem entre si pelos nomes de seus proprietarios.—1.º *Alcaçarias do Duque* (de Cadaval). Estas rebentam por dois orificios do pavimento. Como as de *D. Clara,* do *Chafariz d'El-rei,* e outras que nascem proximas, teem a particularidade de expellir uma grande quantidade de azote, sendo em algumas nascentes tão consideravel, que em poucos minutos pode encher os gazometros com 12 a 15 litros. O gaz colhido nos orificios não contem nem oxigenio nem acido carbonico. Esta agua é limpida, sem cheiro nem sabor, e é levemente alcalina. Sua temperatura é de 34º centigrados, contendo por kilogramma de agua 0º,7128 de residuo fixo, composto de chlorureto de sodium, de sulphatos de cal, de soda e de potassa; de carbonato de cal, de magnesia e de silica.—2.º *Alcaçarias de D. Clara*—A agua existe em grande abundancia, em reservatorios subterraneos, d'onde se extrahe, por bombas, para os banhos. É quasi certo que estas aguas teem a mesma origem das antecedentes, pois que as suas propriedades chimicas e a sua mineralisação são identicas. A temperatura das de D. Clara é de 33º centigrados, e contem por kilogramma, 0º,7275 de principios salinos com a mesma composição das do *Duque,* segundo a analyse feita na exposição de Paris em 1867.

ALCACEMA—é o braço de mar que fica atraz da *Torre-do-Bugio,* na barra de Lisboa.

É palavra arabe Alcacema derivada do verbo *caçama* (dividir)—significa, o que divide ou separa.

ALCACER-DO-SAL—villa, Extremadura, 270 kilometros a S. E. de Lisboa, a 40 da foz do Sado e da cidade de Setubal, em linda situação, na margem direita do Sado—780 fogos, 2:950 almas, em duas freguezias (Santa Maria do Castello e S. Thiago).

A egreja de Santa Maria do Castello foi feita por D. Affonso II em 1217, logo depois da restauração—a de S. Thiago foi edificada no reinado de D. João V, que concorreu para as obras.

Concelho 3:950 fogos, comarca 5:000—(Tinha em 1660 400 fogos.)

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

É cercada de muralhas com um castello, tudo desmantellado.

Grande commercio de sal e obras de esparto. Feira no domingo do Bom Pastor e a 10 de outubro, 3 dias.

A feira do Bom Pastor é franca. Ha então tambem uma festa ás Onze Mil Virgens.

Foi fundada pelos lusitanos no anno VIII de Cesar (30 antes de Jesus Christo) pelo modo seguinte:

Bogud, rei ou kalifa da Africa, entrando na Luzitania, levou tudo a ferro e fogo.

Havia aqui um templo dedicado a *Diana* ou *Salacia* (nas margens do rio), que os africanos profanaram; mas quando iam no mar para a sua terra soffreram grande naufragio,

no qual a maior parte d'elles pereceram, com as grandes riquezas que nos haviam roubado.

Os luzitanos entenderam que isto era milagre da deusa, e lhe reconstruiram logo o templo, fundando então a villa, a que deram o nome de *Salacia.*

(Uns dizem que se lhe deu este nome porque era um dos de Diana; outros que por haver aqui muito *sal.)*

Tambem ha quem diga que Alcacer foi fundada por *Tubal* (no anno 1801 do mundo ou 2203 antes de Jesus Christo—em 1873 faz 4076 annos!)—Dizem estes que Tubal, entrando a barra de Setubal, subiu pelo Sado e fundou uma povoação de *barro cosido* e troncos e folhas de arvores, á qual deu o nome de *Saldubal.*—Isto não é muito verosimil. Veja-se Setubal.

Conquistada pelos romanos, estes lhe deram o nome de *Urbs-Imperatoria* ou *Salacia-Urbs-Imperatoria,* porque Augusto Cesar lhe deu a cathegoria de *municipio do antigo direito latino.*

Foi cidade episcopal, sendo seu primeiro bispo S. Januario, martyr, no anno 300 de Jesus Christo.

No dia 7 de janeiro de 305 aqui foram martyrisados pelos romanos (sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o cruelissimo *Daciano)* o dito bispo S. Januario e seus companheiros Felix, Septimio e Fortunato, presbyteros.

Os arabes a conquistaram em 715. Construiram uma nova cerca em redor do castello, para abrigar amplamente a nova povoação, a que deram o nome de *Alcaçar de Salaria,* que depois se mudou para o que vae adiante.

D. Fruela I (ou *Froila),* rei de Oviedo lh'a tomou em 753, e *Abd-el-Raman,* califa de Cordova a reconquistou em 760. D. Affonso I a resgatou a 24 de junho de 1158.

Era tão forte o seu castello e tão corajosa a sua guarnição, que sendo investido por muitas vezes pelos christãos portuguezes, ajudados pelos cruzados, não se poude tomar. Ausentes os estrangeiros, não desanimou o rei portuguez, e tornando só com os seus, poz cerco formal, dando-lhe assaltos todos os dias, até que ao cabo de dois mezes, tão forte assalto lhe deu, que a tomou, povoando-a logo de christãos.

Em 1165, estando D. Affonso I n'esta villa, sahiu com 60 homens de cavallo e alguns de pé, a descobrir terreno, até ao castello de Palmella (ainda em poder dos mouros). Encontrou-se com o rei mouro de Badajoz, que trazia um exercito de 60:000 infantes e de 4:000 cavallos. Apesar de tamanha desegualdade de numero, D. Affonso lhe deu batalha e os venceu, fazendo-os retirar em desordem.

O *miramolim* de Marrocos a tornou a tomar em 1191, e, finalmente D. Affonso II, com ajuda do aguerrido bispo de Lisboa, *D. Sueiro Viegas* e de *cruzados* inglezes, a recupera em 18 de outubro de 1217, depois de dois mezes de apertado cerco e de repetidos assaltos: e só se renderam os mouros (por capitulação) depois da derrota dos que vinham em seu auxilio, no *Valle-de-Matança,* onde foram completamente destruidos os *walis* de Badajoz, Jaen, Cordova, Sevilha e Xerez; morrendo dois d'elles e 15:000 mouros.

Outros duplicam esta conta, matando trinta mil mouros: outros, achando isto pouco, matam sessenta mil!

Ao sitio onde se deu esta memoravel batalha, se ficou desde então chamando *Valle-de-Matança.* É a 3 kilometros da villa.

A povoação porém ficou muito arruinada por causa da tenaz resistencia que os mouros fizeram, pelo que o rei a mandou reedificar e povoar de novo, dando-a á ordem militar de S. Thiago, da qual era então commendador mór *D. Martim Barregão,* que fez grandes proezas na tal batalha.

Foi depois feito commendador da ordem o grande D. Paio Peres Correia, o qual aqui fundou um convento da mesma ordem, que depois se mudou para Mertola e depois para Palmella.

O seu castello (que D. Diniz reformou em 1289) era fortissimo e muito alto; mas está muito desmantellado. Mesmo assim ainda é respeitavel, não só como monumento historico; mas porque no seu vasto ambito se vêem ruinas de grandes edificios arabes e outras antiguidades.

Está edificado sobre um rochedo sobranceiro ao rio, e d'elle se gosa um delicioso panorama.

O castello d'Alcacer era o mais forte da peninsula, no tempo dos romanos e arabes. Dentro d'elle se vêem alicerces de robustissimos muros. É sobre uma eminencia quasi toda de rocha, e pelo O. e S. cahe sobre o mar. Tem duas portas, uma para o N. chamada *Nova* e outra a E. chamada de *Ferro*. Tinha trinta torres de pedra, de mais de 25 metros d'alto cada uma, e uma no centro, de cantaria, de 27 metros de alto e 22 de largo.

Tem Misericordia, fundada por D. Ruy Sallema, commendador de Christo em 1530. Além do hospital da Misericordia, tem o do Espirito-Santo, administrado pela camara.

Tinha voto em cortes, com assento no banco 6.º

Aqui celebrou o seu segundo casamento o rei D. Manuel com sua cunhada a infanta de Hespanha, D. Maria, em 1501.

É patria do grande mathematico *Pedro-Nunes*, que aqui nasceu em 1492. Foi lente de mathematica em Coimbra e mestre do cardeal rei, de D. Sebastião, de D. João de Castro e do celebre Nicolau Coelho. Deixou importantes obras, em portuguez e latim, e morreu em 1577.

Foi nomeado cosmographo-mór em 1529 — publicou varias obras notaveis sobre mathematica applicada á navegação, que foram traduzidas em varias linguas — foi inventor do instrumento mathematico chamado *nonio*, que o francez *Vernier* depois pouco modificou; mas mesmo assim, deu-lhe o seu nome e por elle é lá fóra conhecido.

Alcacer do Sal tinha dois conventos, um de freiras *franciscanas (d'ara cœli)*, dentro do castello, fundado por D. Sancho I, pelos annos de 1200.

Em 1570 obteve *D. Ruy Sallema*, fidalgo da casa do infante D. Luiz (o mesmo que havia fundado a Misericordia) que D. Sebastião lhe desse os paços reaes, que estavam dentro do castello, ao pé do convento (onde morava o duque de Beja, D. Manuel, quando foi chamado ao throno) e com estes paços ampliou muito o convento. Era padroeiro d'este mosteiro Luiz Henriques de Miranda.

Tinha outro convento de frades franciscanos (proximo do antecedente) fundado por D. Violante Henriques, mulher do capitão D. Fernão Martins Mascarenhas, em 1524.

Outros dizem que foi D. Fernando Martins Mascarenhas e não sua mulher. Os fidalgos d'Alcacer tambem concorreram para esta fundação.—Dava-se a estes frades o titulo de xabreganos.

No tempo do imperio *ommyada* de Cordova era Alcacer cidade florescente e importantissima, e capital da extensa provincia de *Al-Kassr*, e tinha então um vasto arsenal, d'onde sairam grandes esquadras.

Os arabes chamaram a esta povoação *Cacer-ben-Danés* ou *Al-Kassr-ben-abu-Danés* (fortaleza do filho de Danés) e é d'aqui que lhe provém o nome.

Cacer, al-cacer ou kassr, significa não só fortaleza, mas tambem *palacio-acastellado;* porque n'aquelles tempos de guerras continuadas, os grandes se viam muitas vezes atacados nas suas proprias casas; pelo que as construiam em fórma de castello.

Affirmam os antigos escriptores que Alcacer, no tempo da sua prosperidade, occupava um ambito de 12 kilometros, e com effeito n'este espaço de terreno se encontram muitos vestigios de grandes edificios e se tem achado antiguidades romanas e arabes.

Tem consideravelmente decahido do seu antigo esplendor, por causa da insalubridade do seu clima, e pelo desmaselo dos governos e das camaras da villa. Tem deixado estragar os seus extensos pinhaes. Seus campos, outr'ora feracissimos, estão hoje tornados pantanos infectos e miasmaticos, e apenas parte d'elles produzem arroz. Já no tempo de Plinio ia em decadencia, pois que elle exaltando a sua passsada grandeza, diz que então se achava muito destruida.

Diz Plinio:— »*Salacia*, muito opulenta no imperio romano, hoje muito destruida, chamada *Alcacer-do-Sal.*»

Tem-se projectado formar uma companhia para enxugar estes pantanos (e por consequencia desinfectar o ar). Se isto se vier a realisar, certamente Alcacer readquirirá a sua antiga importancia, já como praça com-

mercial, já como ponto militar, que é, por ser a *chave* do Alemtejo.

Mesmo assim ainda faz grande commercio com Lisboa, Setubal e Beja, sendo o Sado navegavel até *Porto-do-Rei* (ou *Porto-d'El-rei)* 18 kilometros acima d'Alcacer: e pode dizer-se que apesar da sua decadencia da passada grandeza, ainda é uma das mais ricas villas de Portugal.

Tem por armas uma nau sobre ondas, e por timbre as armas de Portugal. Estas em memoria de ter a villa sido conquistada, a primeira vez, pelo proprio D. Affonso I, em pessoa. A náu, por ser porto commercial.

Outros dizem que em memoria da armada dos cruzados que ajudou á sua conquista, da segunda vez, quando foi tomada pelos portuguezes.

Sob as armas tem a seguinte legenda— «*Salatiæ, urbs imperatoria.*»

(Vide Sado e Setubal.)

O coronel liberal *Florencio* é aqui derrotado completamente pelo general legitimista José Antonio d'Azevedo e Lemos, em 3 de novembro de 1833: apenas Florencio e poucos mais escaparam.

Consta que *S. Mancios*, bispo d'Evora, veio prégar o Evangelho a *Salacia* no anno 300 de Jesus Christo, e n'ella fez bispo a S. Januario, martyr, e parece que muitos seculos continuou a ter bispos.

O Sado (ou *Sadão)* banha a villa pela parte meridional, quando já as suas aguas se confundem com as do Oceano, formando aqui um optimo porto de mar.

Foi muitos annos assento e cabeça da ordem de S. Thiago.

Tem tres *lezirias* chamadas, S. Martinho, Santa Catharina e S. Romão, todas fertilissimas.

Leziria é palavra arabe, corrupção de *Jazirát*—ilha ou terra alagadiça, cercada de agua. Duarte Nunes e Faria escrevem *Jezira.*—*Aljezira* (cidade hespanhola sobre o Mediterraneo) significa o mesmo. Os mouros lhe chamavam «*Jazirát-el-chadrá*» (a Ilha-verde).

Tem grandes *montados* de sobro, carvalho e azinho, correndo-lhe pelo meio duas caudalosas ribeiras (a de Santa Catharina e a de S. Martinho).—A outra leziria é regada com as aguas do Sado.

É o termo da villa abundantissimo de aguas (mas dentro da villa não ha fonte nenhuma!) e tem as serras do *Penedo*, do *Frade*, de *Villa-João*, dos *Mendes* e de *Penique*, abundantes de caça.

Gosavam os moradores d'Alcacer privilegio de não pagarem direitos do que compravam e vendiam em todo o reino, e os habitantes do castello eram além d'isso isentos de servirem qualquer cargo contra sua vontade; além de outros muitos privilegios dados por diversos reis e confirmados e ampliados pelo foral novo que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 23 de abril de 1516.

O primeiro foral que achei dado a esta villa, é um foral particular para os mouros forros, dado em Coimbra por D. Affonso I, em março de 1170, o qual foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, em dezembro de 1217.—O foral mais antigo que vejo da villa, com grandes privilegios é dado em Coimbra por D. Affonso II, em agosto de 1218.

O termo d'esta villa foi o maior do reino pois comprehendia as villas de Grandola, S. Thiago de Cassem, Villa Nova de Mil Fontes, Odemira, Alvalade, Torrão, Ferreira e Canha; além de muitas outras povoações menores.

Tem feira em abril, tres dias, e tinha o privilegio de n'ella não poder ninguem ser preso senão em flagrante.

Tem mais de 900 *marinhas*, que produzem uma porção immensa de sal.

Aqui nasceu, pelos annos de 1350, o grande *Mem Rodrigues de Vasconcellos* (filho de Vasco Mendes de Vasconcellos) mestre da ordem de S. Thiago.

Aqui nasceu tambem D. Nuno de Mendonça, um dos governadores de Portugal no tempo da usurpação dos Philippes, e que Philippe IV fez primeiro conde de Val de Reis, em 16 de agosto de 1628.

Produz o seu territorio optimo junco, de que se fazem bellissimas esteiras, que antigamente iam para França, Italia, e outras nações.

O concelho de Alcacer é composto de 18

freguezias, a saber:—na villa—Santa Maria do Castello, com 366 fogos—e S. Thiago, 411;—fóra da villa—Monte Vil, 226—Palma, 152—Sitimos, 108—Santa Suzanna, 102—Valle de Guizo, 180—Valle de Reis, 60—Cabrella, 201—Landeira, 50—S. Martinho, 78—Azinheira dos Bairros, 209—Grandola, 605—Sadão (S. Mamede) 75—Serra (Santa Margarida), 166—Odivellas, 130—Sadão (S. Romão), 310—Torrão, 520.

—

Na capella da egreja de Santo Antonio, pertencente ao convento dos frades franciscanos, existiu uma inscripção em letra gothica, que foi achada em 1844, pelo sr. dr. *Domingos Garcia Peres*, o qual a encontrou coberta de cal e encravada no lado exterior da parede (do sul) da referida egreja. D'alli a tirou e mandou ir para Setubal, onde hoje existe.

É do tempo do rei godo *Suintilla*, e diz assim:

SINTICIO FAMVLVS DII
COGNOMENTO DII DOMVM
PATERNO TRAENS LINEA GETARVM
HVIC RVDI TVMVLO JACENS
QVI HOC SECVLO XII
COMPLEVERAT LVSTROS
DIGNVM DEO IN PACE
COMMENDAVIT SPIRITVM
SVB DII VII KAL. AVGVSTAS
ER. DCLX TIB DETVR PAX A DIO

Quer dizer em portuguez:

«*Sinticio, famulo de Deus, por sobrenome Paterno—Casa de Deus—descendente dos getas, jaz n'este grosseiro tumulo, o qual* (Sinticio) *viveu n'este seculo 12 lustros, e entregou em paz o espirito a Deus, no dia 7 das kalendas de agosto, da era de 660.* (622 de Jesus Christo). *A paz te seja dada por Deus.*»

—

A egreja parochial de S. Thiago, com 3 beneficiados curados, quatro simples, thesoureiro, mestre d'orgão, professor de grammatica e mestre de doutrina christã, com partido do rei (até 1834).

A de Santa Maria do Castello tem 2 beneficiados curados, cinco simples, thesoureiro e organista.

Até 1834 tinha juiz de fora e os respectivos empregados subalternos.

A commenda do mestrado rendia 3000 moios de pão (!) e d'ella se pagava aos clerigos, curas e beneficiados. A dos lagares de azeite, que rendia 300:000 réis, e pagava ao juiz de fóra.—A dos gados, era dos condes da Atalaya (marquezes de Tancos)) e rendia 600$000 réis.—Os dizimos do sal rendiam dois contos de réis e eram do mesmo conde.—A dos Martyres rendia 600$000 réis, e era dos condes d'Aveiras.

—

Era aqui o solar de um ramo da familia *Reborêdo* (ou Roborêdo).

Segundo alguns auctores, os Reborêdos procedem dos *Rebolêdos*, d'Aragão; parece-me porém que esta familia tomou o appellido da freguezia onde tinha o seu solar, que é S. João de *Roborêda*, concelho e 3 kilometros ao N. E. de Villa Nova da Cerveira, e sobre a margem esquerda do rio Minho—e que d'aqui procedem os outros ramos d'este appellido. Em Roborêda existe a *torre de Penafiel*. (Vide *Roborêda*.)

O primeiro que consta usasse d'este appellido foi Diogo de Roborêdo, que viveu no reinado de D. João II.

Trazem por armas, em campo de ouro, 3 ramos verdes de carvalho, em faxa, elmo de aço aberto, e por timbre, um braço armado de prata, com um ramo do escudo na mão.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo azul, uma palmeira de prata, sobre uma torre da sua côr, elmo de aço aberto, e por timbre a torre das armas.

Ainda outros Roborêdos usam as armas seguintes:—em campo azul, um gripho de prata, com as azas abertas, elmo de aço aberto, e por timbre uma torre da sua côr.

Os Roborêdos acham-se estabelecidos em diversas povoações de Portugal. As que me lembram, além das declaradas, são—Setubal, Alter do Chão, Torres Novas e Foz-Côa.

Tambem foi o solar dos *Rodovalhos*. A familia d'este appellido veio da Normandia (França). O seu appellido lá era *Rodoval*. Um tal *Rodoval* (não sei quando) veio estabelecer-se n'esta villa e aqui casou. Foi seu filho, Diogo Vaz Rodoval, que foi casar á villa de Vianna do Alemtejo. Rodoval corrompeu-se em Rodovalho.

Era familia nobre, e suas armas são — em campo de púrpura, 3 ferros de lanças, de prata, em roquete. Timbre, uma flor de liz, de purpura, elmo d'aço, aberto.

Outros Rodovalhos trazem por armas — em campo de oiro, um golphinho (ou um *rodovalho?*) da sua côr, sobre um contrachefe de ondas de prata, ficando á superficie da agua. Elmo de aço aberto, e por timbre o mesmo peixe.

ALCÁCEVA — arabe — significa presidio, fortaleza, ou castello arruinado. *Alcáçova* significa o mesmo, mas emquanto se conserva em bom estado. (Vide *Alcaçovas.*)

ALCÁÇOVA — freguezia, Beira Baixa, concelho de Monte-Mór-Velho, districto administrativo e bispado de Coimbra, 380 kilometros ao N. de Lisboa, 370 fogos. — Orago Santa Maria. — Fertil.

ALCÁÇOVA — freguezia, Beira Baixa, concelho de Monte-Mór-Velho, districto administrativo e bispado de Coimbra, 380 kilometros ao N. de Lisboa, 330 fogos. — Orago S. Martinho. Fertil.

ALCÁÇOVAS — monte, Alemtejo, junto á villa do mesmo nome, do qual se descobre uma grande extensão da provincia, pela sua muita elevação (500 metros sobre o nivel do mar.) Do alto do monte se descobre a serra da Arrabida e a de Cintra, a villa de Palmella, o castello d'Alcacer do Sal, a torre de Beja, Evora, Evora-Monte, a serra de Odemira, etc. etc.

De algumas moedas e armas aqui apparecidas e de restos de alicerces, se collige ter n'elle existido algum templo ou edificio nobre no tempo dos romanos.

Ainda se vêem os restos de robustas paredes, fortalecidas por *botareus.* Em differentes épocas tem aqui apparecido moedas de ouro, prata e cobre, romanas e em todo o monte ha vestigios de construcções antigas.

Alcáçova é corrupção da palavra arabe *Alcasba:* significa fortaleza ou presidio. O padre Carvalho diz que aqui existiu um castello romano no sitio onde hoje está o convento. (Vide Alcaçovas, villa.)

Esta serra (como vulgarmente se chama) tem apenas uns 1:500 metros de circumferencia. É pedregosa e cheia de estevas e matto.

Aqui se fundou pelos annos de 1500 uma capella dedicada a Nossa Senhora da Graça, no mesmo sitio onde existiu o castello romano. Dizem outros que *D. Henrique Henriques,* pae de D. Fernando Henriques, foi o fundador do convento em 1520.

Pelos annos de 1541 a deu D. Fernando Henriques, senhor d'Alcaçovas, aos frades dominicos, que no sitio fundaram um convento da sua ordem, com a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Por baixo da egreja nasce, em um penhasco, a fonte chamada antigamente da *Rocha* e hoje *Fonte Santa,* pela efficacia que á sua agua attribuem para curar varias molestias, principalmente cutaneas.

N'esta serra se criam lobos, porcos javardos, corças, rapozas, gatos bravos, perdizes, coelhos, etc.

Este monte é na serra d'Ossa, e d'ella faz parte.

ALCÁÇOVAS — villa, Alemtejo, concelho de Vianna do Alemtejo, comarca e 24 kilometros ao S. O. d'Evora e 100 ao S. E. de Lisboa, 460 fogos, 1:800 almas. Feira a 13 de outubro.

É situada nas faldas da serra do seu nome, em logar quasi plano, alegre e sadio.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos; mas ha duvida, nos escriptores antigos, sobre o nome que aquelles lhe davam — uns dizem que era *Castraleucas,* outros que era *Ceciliana* (outros dizem que Ceciliana é Agualva). No meio d'esta barafunda de opiniões a mais seguida é que esta villa foi a antiga *Ceciliana.*

Segundo Ptolomeu (escreveu pelos annos 150 de Jesus Christo) era a *Castraleucas* dos romanos. *Castraleucas* quer dizer «*Castellos-Brancos*». Os arabes traduziram a palavra, chamando-lhe *Alcaçovas,* isto é — *Castellos.* (Vide Agualva.)

Quando os arabes invadiram a Luzitania, em 715, os habitantes d'esta villa lhes resistiram tenazmente; porém tiveram de ceder ao numero. Os mouros, em vingança da sua resistencia, a arrazaram até aos fundamen-

tos (716) e só passados annos se foi pouco a pouco edificando uma aldeia sobre as ruinas da antiga povoação.

Parece que os arabes lhe construiram o castello (hoje em ruinas) e que foi elle que deu o nome (incontestavelmente arabe) á actual villa. (Vide a etymologia, na serra d'este nome.)

Despovoou-se com as continuas guerras da edade media, e assim esteve até 1258; e então, D. Martinho, bispo d'Evora, a povoou e lhe deu foral (em 17 de agosto) ficando a pertencer aos bispos d'esta cidade; porém em 1271, D. Affonso III a tirou ao bispo D. Durão, fazendo-a da coroa, elevando-a á cathegoria de villa, e dando-lhe novo foral. Franklin diz que esse foral (o do bispo de Evora) foi confirmado, pelo rei, já se entende, em Evora, a 26 de abril de 1279.

É porém certo que D. Diniz reformou o foral d'esta villa, em Evora, a 28 de fevereiro de 1283 (que foi confirmado por D. Duarte, em Evora, a 25 de abril de 1435.)— Havia ainda um outro *Foral de costumes* dado a esta villa por D. Diniz, em Evora, a 15 de fevereiro de 1299. (Este foral é curiosissimo e digno de ler-se, para se conhecer o viver d'aquelles tempos.)

Pelos annos de 1290 D. Diniz reedificou, ou fundou o actual castello, fazendo dentro d'elle um palacio para si, que é agora dos condes das Alcaçovas. Quiz tambem cercar a villa de muralhas torreadas, para o que chegou a mandar arrancar muita pedra; mas a sua morte fez com que esta obra se não fizesse.

Em 6 de abril de 1457, se receberam n'esta villa as infantas D. Izabel e D. Beatriz, filhas do infante D. João e netas de D. João I —a primeira com D. João II de Castella, e a segunda com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte. Da primeira nasceu a celebre rainha de Hespanha, *Izabel a Catholica*, e da segunda o rei D. Manuel de Portugal.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de setembro de 1512, no qual determina que esta villa seja sempre da corôa. Este privilegio era a confirmação de outro egual que no primeiro foral lhe havia dado D. Affonso III e confirmado D. Diniz. (Vide adiante.)

Proximo d'esta villa, e entre ella e Evora, em um sitio a que chamam *Reguengo de Alcalá*, ha vestigios de uma grande povoação, que alguns suppõem ser a antiga cidade da Luzitania *Arandis*. — *Manuel Severino de Faria* foi o primeiro que descobriu estas ruinas.—Querem outros que *Arandis* é a moderna *Arrayolos*.

É a 13.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

D'esta villa se descobrem Beja, Villa Nova de Baronia, Vianna, Aguiar, Evora, etc.

A matriz foi fundada pelos annos de 1530 É situada fóra da villa, em uma pequena eminencia. É de tres naves e de abobadas. A antiga egreja era muito mais pequena, e estava por detraz da actual. Orago S. Salvador.

A Misericordia foi fundada em 10 de setembro de 1551, segundo se collige de uma inscripção que está em um degrau do altar-mór.

D. Diniz aqui residiu por muitas vezes, no seu palacio, vindo passar os verãos a esta villa, e costumava ir ceiar muitas vezes ao pé da fonte do concelho.

Gostava muito d'esta villa e lhe deu muitos privilegios.

Aqui residiu tambem D. João II, e no seu palacio fez testamento em 20 de setembro de 1495, declarando seu successor o duque de Beja, D. Manuel.

Tambem aqui assistiu D. Affonso V, em 1447.

Apesar de tres foraes, que todos davam á villa o privilegio de nunca sair da corôa, D. João I deu esta villa (e outras muitas) ao grande D. Nuno Alvares Pereira, para formar com ella parte do ducado de Bragança; porém, no tempo de D. Affonso V, a deu o duque D. Fernando II, a seu irmão, a quem o rei fez marquez de Montemór. Por morte d'este marquez, tornou a villa á corôa no reinado de D. João II, que a deu a *D. Fernando Henriques*, por ser parente da casa real e por tomar Badajoz aos castelhanos, em tempo de D. Affonso V.

A fonte foi feita pela camara e alguns particulares em 1725.

Os campos do termo, são bellos e fertilissimos, regados por muitas fontes e trez ribeiras (o *Xarrama*, o *Diege* e o *Guadelvira*). Tudo era *dizimo a Deus*, menos o *Reguengo d'Alcalá*, que pagava o dizimo ao rei.

Criam-se aqui muito bons cavallos.

Não longe da villa está o convento dos frades da ordem dos prégadores (dominicos) fundado por Henrique Henriques, no sitio e com os materiaes de uma fortaleza ou castello romano, achando-se então alli medalhas e armas romanas.

O fundador d'este mosteiro descendia, por bastardia, de D. Henrique II de Castella e de D. Brites Fernandes. Em 1707 era senhor d'esta villa outro Henrique Henriques.

ALCAFACHE—freguezia (foi villa), Beira Alta, concelho e comarca de Mangualde, proximo da margem esquerda do *Dão*, a 8 kilometros de Vizeu, 280 ao N. E. de Lisboa, 210 fogos, 700 almas, orago S. Vicente, martyr. Bispado e districto de Vizeu.

Tem aguas mineraes. Brotam d'entre fendas de granito *porphiroide*, na margem direita do rio Dão, 100 metros a O. da ponte que está junto á povoação. São conhecidas tres nascentes, que só estão descobertas na época da maior estiagem.

São perfeitamente diaphanas, com sabor nauseabundo, quando colhidas de pouco tempo, e cheiro pronunciado a gaz *sulphydrico*. (Este gaz sahe em *bolhas* da nascente.)

Esta agua contem 0°,00026 de acido sulphydrico, deixando pela evaporação, a secco, 0°,304 de residuo fixo, formado principalmente de sulphatos, de carbonatos de magnesia e de cal e de acido silico.

A sua temperatura é de 49° centigrados, e as tres nascentes produzem 120:000 litros d'agua em cada 24 horas.

Distante alguns metros da nascente, ao O., existe um casarão velho e arruinado, para onde é levada a agua colhida nas tres nascentes. E é a casa de banhos que ha!...

A freguezia é situada em bella, abundante e extensissima planicie. Tem uma albergaria, fundada por um conego da Sé de Vizeu, natural de *Villar-Secco*. É situada no logar dos *Moinhos-da-Ponte*. Seus campos são banhados pelo *Dão*, que os faz fertilissimos em tudo.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 6 de maio de 1514.

ALCAFAZ—rio, Beira Baixa, nasce na serra do Caramullo, e no sitio chamado *Almijofa*, se lhe junta outro ribeiro chamado *Rio Fragoso*, e na aldeia de *Bolfar* se junta ao rio Alfusqueiro, e depois ao Agueda, que morre no Vouga.

ALCAFOZES—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Idanha Nova, 70 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Sebastião. Districto e bispado de Castello-Branco.

Tem Misericordia, muito antiga.

No dia 1 de agosto de 1810, a cavallaria portugueza derrota uma partida de francezes, n'esta freguezia.

É situada em uma campina; mas só produz trigo, centeio, cevada e algum gado grosso e miudo.

ALCAIDE—ribeira, Algarve, nasce na freguezia de S. Braz d'Alportel, corre pela de Estoy e desagua no mar, junto a esta freguezia.

Móe, rega, e traz peixe, sobre tudo bordallos.

ALCAIDE—villa, Beira Baixa, concelho e comarca do Fundão, 55 kilometros ao N. O. da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 320 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O nome d'esta freguezia é derivado do arabe *Al-caied* ou *Al-kaid*—do verbo *caidon*—governar, capitanear. Significa pois *freguezia do governador*.

Tambem significava, entre os arabes, o capitão de uma companhia de soldados. Os arabes tambem tinham alcaides fêmeas, a que chamavam *Alcaidas*.

Os portuguezes adoptaram dos arabes a palavra *alcaide*, para designarem certas auctoridades; mas os nossos alcaides não tinham exactamente os mesmos poderes que tinham aquelles.

Em Portugal, *alcaide-mór* tinha a seu cargo a guarda e defesa de um castello ou fortaleza; e este emprego era quasi sempre hereditario em certas familias, o que lhes pro-

duzia boas rendas. Desde o seculo XVIII, o titulo de *alcaide-mór* tornou-se puramente honorifico, isto é, os herdeiros d'esses antigos e denodados *alcaides-mores*, já não tinham de defender os seus castellos; mas sómente de devorarem as rendas das *alcaidarias*, e adornarem-se com o titulo.

Por alvará de 3 de agosto de 1767 foi extincto o officio de alcaide-mór e *alcaide-pequeno* (que era uma especie de substituto do alcaide-mór e por elle nomeado para servir na sua ausencia) em todas as praças da raia. Por alvará de 6 de novembro de 1769 foi extincto este officio no resto do reino. D'ahi por diante foram substituidos por governadores.

Até 1834 tambem havia outra casta de alcaides, que eram officiaes de justiça, que governavam sobre os beleguins e quadrilheiros: e ainda outros que eram uma especie de juizes das terras pequenas.

A constituição acabou com toda a qualidade de *alcaides*.

É situada na serra do mesmo nome. (Vide Alcaide, serra.

É no bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALCAIDE — serra na Beira Baixa, onde é situada a freguezia antecedente. A mesma etymologia.

É pequena, e apenas cria algum matto e caça. Nasce proximo da Covilhan. Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. É em parte cultivada e tem arvores de fructo e silvestres, gado miudo, graudo e porcos montezes.

Lança dois braços (Cabeço de Vella e Cabeço do Facho.)

Aqui nasce a ribeira dos *Pocinhos*.

Além da caça miuda, tem corças, lobos e rapozas.

ALCAIDE — pequeno rio, Extremadura, que passa a Porto de Mós.

Nasce ao L. e proximo a esta villa e a pouca distancia do seu nascimento se mette no rio Lena. Tem uma ponte de pedra perto da sua foz. É orlado de frondoso arvoredo, que o faz fresco e delicioso no verão.

ALCAIDE — ribeira, Beira Alta. Nasce em um valle, no sitio chamado *Motoque*, proximo de Trancoso, com o nome de ribeira de S. Miguel, o qual perde na freguezia de S. Thiago, da mesma villa, tomando o de Alcaide, depois de engrossar com varios ribeiros.

Atravessa a estrada de Almeida a Pinnhel, onde tem uma ponte de cantaria, de um só arco; e d'aqui continua com o nome de ribeiro do Freixo, até morrer no rio *Maçoeeime*.

ALCAINÇA GRANDE — freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 30 kilometros ao S. O. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Miguel.

Chama-se *grande*, para a differençar de *Alcainça*, aldeia que fica perto.

É palavra derivada do árabe *Alcaiennneçá*, composta de *alcai* (encontro) e *neça* (mulheres.) Significa pois, «povoação do encontro das mulheres.»

Foi dos marquezes de Ponte de Lima, e o parocho era prior apresentado por elles.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

ALCAINS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 700 kilometros a N. O. da Guarda, 240 a EE. de Lisboa, 450 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

É nome derivado da palavra árabe *alcaien*, que significa, *existente, permanente*.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

ALCALÁ — (ou Reguengo de Alcalá) vide Alcáçovas e Arandis.

ALCÁLVAS — pequena ribeira, Alemtejo, nasce de diversas fontes e junta com a ribeira das *Paredes* e outras menores, fórma o rio de Monte Mór ou Canna, entrando n'ella, na quinta de *Menote*, freguezia da Rapoza.

ALCANEÇA — aldeia, Extremadura, patriarchado, derivado do árabe *Alcaniçça*, significa *templo de christãos*.

ALCANEDE — villa, Extremadura, commarca e 23 kilometros ao N. O. de Santarem, 224 de Thomar, 105 ao N. E. de Lisboa, 1:2000 fogos. (Em 1660 tinha apenas 100 fogos.).)

É palavra árabe *Alcanet*, (sombrio, temperado.) Vem do verbo *canata*, ser sombririo ou

temperado. Em estylo figurado, a empregavam os árabes para designarem o homem *reflectido, prudente, moderado.*

Esta villa é situada ao pé da serra de *Aire*, ou *Mandinga*, na encosta de um alto monte.

Tem um castello feito pelos romanos, em ruinas, na corôa do monte. Ainda em 1531 estava em muito bom estado; porém o terremoto de 26 de janeiro d'esse anno o damnificou muito, destruindo a torre e barbacan.

Ficaram muitas armas submergidas nas ruinas, e um homem que estava preso, lá morreu. Tambem tinha uma boa cisterna. O castello era todo de pedra e cal, com tres cubêllos.

As torres de menagem e albarran, tambem foram arrasadas até metade da sua altura.

O castello tinha á entrada da porta da Barreira um baluarte com ameias e séteiras, e sobre a porta as armas da ordem de Aviz.

A torre de menagem era de abobada, assim como a albarran. Tinha tres cubêllos da parte do N., cisterna de cantaria e varias casas, tudo cercado de muralhas com ameias e séteiras e com sua barbacan, tudo de pedra e cal.

Em 1710 acharam-se aqui muitas moedas de cobre, romanas. Em differentes epochas (antes e depois de 1710) teem por estes sitios apparecido diversas moedas de cobre e prata, romanas.

Tem pedreiras de optimo marmore. Foi fundada pelos romanos, 150 annos antes de Jesus Christo.

D. Affonso I, achando-a abandonada a mandou povoar em 1163, dando-lhe foral.

D. Gonçalo de Sousa reedificou o castello por ordem do rei, no mesmo anno.

Este D. Gonçalo de Souza, que foi o primeiro alcaide-mór de Alcanêde, era um dos mais nobres e esforçados cavalleiros do seu tempo. D. Affonso primeiro deu a jurisdicção ecclesiastica da villa aos frades de Santa Cruz de Coimbra, que a conservaram até 1300, cedendo-a então á ordem de S. Bento de Aviz. (As suas commendas rendiam no tempo de D. João IV, 2:500 ducados.)

Em 1187, D. Sancho I a deu á ordem de Aviz, cuja doação confirmou D. Diniz, em 1300.

Esta confirmação foi assignada pelo rei, por sua mulher e por seu filho, depois Affonso IV.

Este, depois de rei, tornou a confirmar as doações antecedentes, a 14 de fevereiro de 1389 (1351 de Jesus Christo) e já lhe tinha dado novo foral em 1333 de Jesus Christo.

D. Manoel lhe deu novo foral em 22 de dezembro de 1514.

Foi publicado na villa em 6 de janeiro de 1517.

Não se sabe quem lhe deu o primeiro foral; mas já o tinha no reinado de D. Affonso I. Talvez fosse D. Thereza.

Tem misericordia, que foi principiada pelos officiaes da confraria do Espirito Santo e a concluiu Luiz Serrão, o Velho, official da dita confraria e seus collegas. Pelos annos de 1604 passou a ser misericordia.

Seu termo produz muito azeite, vinho, fructas, gado, hortaliças, mel e pouco pão.

A matriz é muito antiga e suppõe-se fundada por D. Affonso I, quando reedificou a villa. Tem varias sepulturas com inscripções do seculo XVI e anteriores.

A torre tem as armas dos *Souzas*. Julga-se que a mandou fazer Ayres de Souza, commendador e alcaide-mór d'esta villa, em 1516.

N'esta egreja esteve D. João II, depois de morrer em Alvor, e quando ia para a Batalha.

É seu orago Nossa Senhora da Purificação.

Teve assento em côrtes.

Tem casa da camara, cadeia e pelourinho. Eram Alcaides-mores d'aqui, os condes de Villa Nova (de Portimão.)

Pagava annualmente um jantar aos reis, em varias especies, pelo qual dava 90$000 réis, cuja quantia passou depois para a casa do infantado, no tempo de D. João V. Julga-se que este jantar foi ordenado por D. Affonso I, ou por seu filho D. Sancho I.

O *menu* do jantar vinha designado nos foraes.

Quando se reduziu a dinheiro, foi primei-

ro pago por 50 libras e depois passou a réis 90:000.

D'esta villa e arrabaldes foi muita gente soccorrer D. Fuas Roupinho, no cêrco que lhe pozeram os mouros em Porto de Mós.

Querem os de Alcanede que as armas da villa sejam, escudo bi-partido, tendo de um lado tres torres e do outro a cruz de Aviz.

É certo que sobre a porta do castello estão dois escudos, tendo um a cruz de Aviz e o outro tres torres.

É provavel que sendo esta villa tão antiga, como é, tenha armas; mas não me consta se a pretenção dos alcanedenses é fundada em algum *acto official*, ou se apenas se funda nas armas do castello.

Fica-lhe proxima a serra de Alcobertas.

A villa é pequena e pobre e situada em terrenos pouco ferteis, e é falta de estradas que a liguem a outras terras.

A villa e seu termo formavam uma rica commenda da ordem de Aviz, que os condes de Villa Nova desfructaram até 1834.

Philippe IV, já depois da restauração de 1640, fez conde de Alcanede ao traidor D. Francisco de Alencastre, commendador-mór de Aviz; mercê que nunca foi reconhecida n'este reino. (Tambem o dito Philppe IV o fez membro do *conselho de Portugal*, composto só de portuguezes degenerados e traidores á sua patria) e mordomo da rainha de Castella.

É no districto administrativo de Santarem e no patriarchado.

ALCANENA—freguezia, Extremadura, comarca e conselho de Torres Novas, 110 kilometros a E. de Lisboa, 390 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O seu nome é derivado do árabe *Alcanina*, que significa *cabaça sêcca*. (Sem miôlo; propria para conter liquidos.)

Districto administrativo e patriarchado de Lisboa. Fertil.

ALCANFOR—portuguez antigo, do árabe *alcafúr*, gomma aromatica bem conhecida hoje com o nome de *camphora*.

ALCANHA—vide Alvorge.

ALCANHÕES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 90 kilometros ao N. E. de Lisboa, 270 fogos.

Junto á *Ponte do Frade*, na estrada de S. Santarem a Alcanhões, ha um pequeno cabêbêço, cuja origem, segundo a tradição da gegente d'estes sitios, é a seguinte:

Andando uns lavradores a malhar trigo, chegou-se a elles um velho muito formososo e de grandes barbas brancas, e lhes pediu u esmola. Elles lh'a negaram com palavras d desabridas. Disse-lhes então o *pobre*. «Dae-e-me ao menos uma mão-cheia d'aquelle trigo» (apontando para um grande monte d'elle e que estava junto á eira.) «Aquillo é terra, r responderam os lavradores.» «Pois seja terra, disse o *pobre*» e foi andando.

Quando os lavradores foram ao monont do trigo, buscar mais para ajoeiraremm, o acharam convertido em terra.

Ainda hoje se chama ao tal cabeço, *MoMonte do Trigo*, e é terra tão amaldiçoada, que e nada produz. A chuva tem esbroado os m morros circumvisinhos, mas este não.

É certo que, fazendo-se aqui escavações, ha annos, se acharam pás, encinhos, etc.tc.

Diz-se que o pobre era Jesus Christo, o, que andava pelo mundo a vêr como os hommens cumpriam o preceito da caridade.

Orago Santa Maria.

Districto administrativo de Santarem e no patriarchado. Foi curato do prior de S. S. Matheus.

Em 1708, Marcellina Maria Josefa de S Sande, solteira, se foi confessar á matriz, e e fingindo que commungava, levou para sua a casa a sagrada particula e ali proferiu contra ella toda a casta de blasphemias.

A inquisição deitou-lhe as garras e e foi queimada em um *auto de fé*, no Rocicio de Lisboa, a 30 de junho de 1709.

Parece que isto foi uma calumnia, forjrjada por um pretendente *(familiar do Santo to Officio)* que ella repellira.

ALCANTARA—freguezia, Extremadadura, concelho de Belem, districto administratiativo e patriarchado de Lisboa, e seu arrabaldede (ou continuação) 1:000 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

4:000 almas.

—

Na antiga divisão da Lusitania, se comprehendia a, então cidade, e hoje villa dede *Al-*

cantara, na Castella. (A esta deu o nome, a magestosa e robustissima ponte que aqui mandou construir o imperador Trajano, para atravessar o Tejo, que aqui corre.)

Na Alcantara de Lisboa, foi derrotado o infeliz principe D. Antonio, prior do Crato, em 25 de agosto de 1580, e d'esse dia data a usurpação dos 60 annos. D. Antonio tinha aqui apenas 4:000 homens bisonhos e mal armados e o duque de Alba, general hespanhol, tinha 22:000 homens e uma forte esquadra. Apesar d'isto, os hespanhoes chamaram-lhe uma *grande* batalha e uma *grande* victoria.

Ainda então este sitio era quasi deshabitado, mas o rio de Alcantara era maior do que hoje.

Na ponte de Alcantara houve um combate, a 14 de maio de 1809 e outro a 10 de junho do mesmo anno, ambos dados contra os francezes, e distinguindo-se em ambos a L. L. L. (Leal Legião Lusitana) pelo seu valor e sangue frio.

A uns 800 metros acima d'esta ponte, está outra mais pequena e sem luxo de cantaria. Sobre a guarda do lado de cima tem uma columna e na sua base a inscripção seguinte:

Foi construida esta ponte no anno de 1821.

Ha aqui uma ponte (onde estão as barreiras da cidade) e sobre ella, do lado de Lisboa, está a estatua colossal de S. João Nepomucêno, obra do italiano João Antonio de Padua. Foi feita e collocada alli em 1743, quando se alargou a ponte. (Vide Lisboa.)

É palavra árabe *al-cantara* ou *al-kantara* (a ponte.) De modo que, dizendo nós «A ponte de Alcantara» dizemos «A ponte da ponte.»

O palacio real de Alcantara, vulgarmente chamado do *Calvario*, por estar no largo do mesmo nome, em frente do convento das *flamengas* (de que adiante tratarei) está ás portas de Alcantara, do lado do O., no caminho de Belem, á direita. Posto ser edificio de pouca apparencia, e sem architectura que o recommende, é notavel pelo que vou dizer.

Parece que era propriedade particular de algum verdadeiro portuguez, e que Filippe II lh'a sequestrou. Esteve sem applicação e desshabitada até á regencia da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV.

Vendo esta os desmandos e a completa incapacidade de seu filho primogenito D. Affonso VI, para ser rei dos portuguezes, e secundada pela maior parte dos fidalgos e magistrados da côrte, tentou desthronal-o, collocando em seu logar o infante, depois D. Pedro II.

Residia então a familia real nos paços da Ribeira (engolidos pelo terremoto de 1755) e o conde de Castello Melhor, grande valido do rei, e homem perspicaz e activo, fez sair D. Affonso do paço da Ribeira, no dia 21 de junho de 1662, indo residir para este de Alcantara, d'onde n'esse mesmo dia fez expedir cartas a todos os altos funccionarios, magistrados e fidalgos, para assistirem ao acto da sua posse; mas a regente, para evitar desordens, lhe entregou logo a regencia e os sellos do estado.

Foi o paço de Alcantara a residencia de verão, predilecta de D. Pedro II, em quanto regente e depois de rei, e aqui morreu, em 6 de dezembro de 1706.

Tambem em 1693, serviu este palacio de residencia a sua irmã, a infanta D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II, e que foi regente de Portugal em quanto D. Pedro II, com o archiduque de Austria, D. Carlos, andaram a tomar praças aos hespanhoes, com o fim de conquistarem Castella para o archiduque.

O terremoto de 1755 (1.º de novembro) arruinou muito este palacio, que depois foi reedificado e mais tarde dado a Francisco José Dias, para aqui estabelecer uma fabrica de chitas; mas, como elle não cumpriu esta condição, voltou á coroa em 1808.

Hoje serve de habitação *(gratuita)* a algumas viuvas e alguns criados da casa real.

Tem uma quinta com seu jardim, pomares, horta e um grande tanque.

D. João IV, que tambem n'elle residiu algumas vezes, de verão, aqui deu uma ceia na noite de S. João, de 1656, que importou em 3$453 réis (!) O jantar que o mesmo rei deu no dia seguinte já ficou mais caro, pois custou 49$180 réis.

Da conta d'essa despeza se vê que cada pão custava 10 réis; um arratel de toucinho, 35 réis; um dito de manteiga, 45 réis; um

de lingua, 25 réis, e um quartilho de azeite, 30 réis.

Nas vastas cocheiras d'este palacio se guardam alguns dos mais antigos coches da casa real. São dos que serviam na festividade da prégação da Bulla da Santa Cruzada, que ainda ha poucos annos se fazia na egreja de S. Roque, com grande pompa, e á qual assistia a principal nobreza do reino.

—

Alcantara foi até á restauração um sitio quasi despovoado. Com a residencia de D. João IV, sua viuva e filhos, no paço de Alcantara, se foi isto por aqui povoando, e adornando de boas casas, até que formou um bairro e depois do terremoto de 1755, uma parochia.

—

No pedestal da estatua de S. João Nepomuceno, que está na ponte de Alcantara, mandaram os moradores d'este bairro pôr a inscripção seguinte:

S. JOANNI NEPOMUCENO,
NOVO ORBIS THAUMATURGO, TERRAE,
AQUIS, IGNI, OERIQUE IMPERANTI,
ADQUE CUM ALIAS TUM PROESERTIM
IN ITINERE MARITIMO LUCULENTO
SOSPITATORI SUO GRATI ANIMI
ERGO HANC STATUAM CLIENS
DEVOTISS. AN. REPARAT. SALUT.
MDCCXLIII.
João Antonio de Padua a fez

(A S. João Nepomuceno, novo thaumaturgo do mundo, dominador da terra, do fogo, da agua e do ar, e sobretudo aplacador dos mares, um seu devoto, reconhecido para com o seu protector, ergueu esta estatua, no anno de 1743, depois de salvo.)

Muitas obras existem em Portugal d'este esculptor, entre outras a esculptura da capella-mór da egreja de S. Domingos de Lisboa; as imagens da capella mór da sé de Evora e os pulpitos da egreja do collegio de Santo Antão, de Lisboa. Padua todavia não era um perfeito artista; mas tinha um bom ajudante e desbastador, tambem italiano, chamado Pedro Antonio Luques, a quem se deve o tal ou qual merecimento das suas obras.

A esta Alcantara se dá o nome de extra-muros, para a differençar da Alcantara intra-muros, a que se dá vulgarmente o nomme de S. Pedro de Alcantara.

—

O *forte do Sacramento* (vulgo *forte de Alcantara*) foi edificado em 1650 (durante a as guerras da independencia). Quem dirigiu a as obras de defeza que por esse tempo se fizeram em Lisboa, foram os engenheiros *Legarrt*, francez; *João Gilot*, hollandez, e João Cosmander, jesuita belga, natural de Bruxellas. Superintendente d'estes trabalhos, foi D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva.

Ficou muito damnificado com o terremoto do 1.º de novembro de 1755, e acha-se actualmente desartilhado.

Foi edificado em terreno que formava parte de uma quinta do referido marquez de Marialva, e que fôra sua residencia effectiva desde 1635 até á acclamação de D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640.

Em 1638 tramou o marquez, então conde, uma conspiração contra o usurpadór castelhano, e era n'esta quinta que os conjurados se reuniam, sob uma copada arvore ao fundo da quinta, quasi na margem direita do Tejo. A conspiração abortou, mas a historica arvore ainda existe sobre a muralha, como uma recordação gloriosa dos briosos portuguezes de então.

Havia aqui antigamente uma das tres *fabricas* para administrar os sacramentos, pertencentes á freguezia da Ajuda. Era no convento das flamengas.

A fundação d'este convento teve principio do modo seguinte:

Espalhando-se a seita de Martim Luthero pela Allemanha, e, ainda mais geralmente nos Paizes Baixos, foram expulsas ou assassinadas muitas pessoas que pertenciam a ordens religiosas, e milhares d'ellas de ambos os sexos fugiram da sua patria, abandonando os seus conventos á rapina e ao vandalismo.

Em 1582, vieram ter a Lisboa as freiras de um convento de Anvers (Flandres). E Estava então em Lisboa o usurpador Filippe II, que sendo um monstro e commettendo toda a casta de crimes, era, apezar d'isso, beato (verdadeiro ou fingido).

O *diabo do meio dia* (Filippe II) fundou aqui em Alcantara, e dotou um mosteiro para 32 freiras *clarissas* (as taes flamengas) com boas rendas.

Em frente do *palacio de Alcantara*, está tambem o convento do *Calvario*, de freiras franciscanas, fundado em 1600, por D. Violante de Noronha, mulher de Manuel Telles de Menezes, e por sua filha D. Maria Magdalena. Vieram formar esta congregação soror Ignez, do mosteiro da *Esperança*, a madre Maria da Assumpção, do de Alemquer, e Brites da Natividade, do de Trancoso. Havia n'este mosteiro a cabeça de uma das onze mil virgens, uma grande reliquia do Santo Lenho e um espinho da coroa de Jesus Christo. Foi fundado para 33 freiras, mas o geral accrescentou-lhe mais 10. Tinha 25 *irmãs terceiras*, para servirem o convento e 3 na sachristia.

ALCANTARA (S. Pedro de)—sitio da freguezia da Encarnação, na cidade de Lisboa, a cuja comarca, districto administrativo e diiocese pertence. É no bairro central.

N'esta freguezia está a egreja de S. Roque, que foi dos jesuitas, e n'ella o famoso altar de S. João Baptista, que custou um milhão de cruzados, e pelo benzer outro milhão. (Em que D. João V gastou o nosso dinheiro!...)

É tambem n'esta freguezia a alameda e jardim de S. Pedro de Alcantara, os theatros da Trindade e Gymnasio, etc., etc.

Vide Lisboa, onde tudo vae mais circumstanciadamente.

ALCANTARILHA—villa, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 940 fogos, 3:600 almas. Tem um forte chamado de Santo Antonio. Orago Nossa Senhora da Conceição. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

É palavra arabe, diminutivo de *ponte*: significa a *pontinha*. Vide *Alcoentre*.

Bonita e grande aldeia, situada em alto, entre arvoredos. Algumas ruas boas, bella egreja moderna de tres naves. Foi cercada de muros, do que ainda restam bocados. Foram construidos em 1550, por causa das invasões dos piratas barbarescos.

O arco ou porta chamada *da Villa*, junto ao castello, por onde se entrava para a povoação, do lado do SE., foi demolido, para metter a pedra na ponte que está á entrada da villa, ao O., edificada no seculo passado sobre as ruinas da antiga (que deu o nome á povoação). Ha aqui dois bons lagares de azeite.

É terra muito fertil em todos os fructos do Algarve.

Os dizimos rendiam 2:500$000 réis.

Tem egreja da Misericordia, com sua irmandade. Ha aqui uma bonita capella de Nossa Senhora do Carmo, á qual se faz uma esplendida festa. Passa aqui a ribeira da *Enchurrada*, que rega e moe. Bebem de um poço que fica quasi no alveo da ribeira. Dizem que a sua agua é digestiva. De verão é côr de leite.

É patria de *José Diogo Mascarenhas Netto*, filho de Manuel Mascarenhas Netto, capitão-mór de Silves.

Nasceu em 1752. Formou-se em leis, em Coimbra. Foi juiz de fóra de Leiria e corregedor em Guimarães. Em 1788, foi encarregado da direcção da estrada de Lisboa ao Porto e construiu a bella estrada de Lisboa a Coimbra; que, para arruinar-se, foram precisos mais de 40 annos de abandono completo. Ainda existem vestigios (mesmo grandes *lanços*) d'esta estrada.

Foi desembargador da casa da supplicação e superintendente geral das calçadas, correios e papel sellado. Foi conselheiro vereador do senado da camara de Lisboa. Em todos estes logares fez grandes serviços á patria.

Foi desterrado na celebre *setembrisada* de 1810. Regressou a Portugal em 1821, e morreu no seio da sua familia em 1826.

Era homem de muita honra, probidade e desinteresse. Foi socio da academia real das sciencias, de Lisboa, e correspondente da sociedade do museu, de Paris.

ALCANTIL—Vide *S. Lourenço dos Mattos*.

ALCARAVÃO—ave agreste de todo parda, pescoço comprido e pernas mui delgadas. É uma especie de *grou*. Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome.

ALCARAVELLA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Abrantes, concelho do Sardoal,

155 kilometros da Guarda, 150 de Lisboa, 198 fogos. Orago Santa Clara. É situada n'uma charneca infructifera, em uma pequena elevação, da qual se avista parte da villa de Abrantes. Apenas produz trigo, vinho e algum azeite.

É no bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

ALCARAVELLA—pequena serra da Beira Baixa, na freguezia antecedente. Tem 1:500 metros de comprido e 800 de largo. É cultivada no cume e em partes; mas a maior parte só produz matto. Tem caça.

ALCARAVIÇA—ribeira, Alemtejo. Nasce de varias fontes, no termo de Borba. Na freguezia da Orada tem uma ponte de cantaria (que divide os termos de Borba e Estremoz). Passa as freguezias de Santo Antonio e da Barrosa, e desde ahi toma o nome de *Sorraya;* recebe varios ribeiros e desagua no Tejo, abaixo da Barrosa.

ALCARIA—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Moz, comarca e 18 kilometros de Leiria, 125 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

É a palavra arabe *caria* (villa, aldeia, povoação, etc.) Os hebreus tambem dizem *quiria*. Os hespanhoes dão ás suas aldeias ou casas de campo o nome de *alquería*.

É situada em um valle, e finda proximo da serra do Patêllo. Nos confins da freguezia ha uma grande *alcarva*, a que chamam a *Fornea*, onde nascem dois *olhos d'agua*, que se conserva todo o anno. A remanescente vae juntar-se com o rio Alcaide, junto a Porto de Moz. Defronte d'este logar para o O., está um grande penhasco natural, a que chamam o *Castello* (que tem 1:500 metros de comprido) no fim do qual, ao N., ha uma gruta sempre cheia de agua frigidissima. Da parte do O., no fim do mesmo penhasco, ha outra gruta (hoje quasi entupida, por causa de uma grande pedra que se arruinou á entrada). Os moradores d'aqui, julgando achar ouro n'esta concavidade, esgaravataram quanto poderam; mas só encontraram ossos humanos. Foi provavelmente um cemiterio dos tempos pre-historicos. Vide *Albardos*.

É no bispado e districto administrativo de Leiria.

ALCARIA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 48 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 140 fogos.

Orago, S. João Baptista.

É situada em uma campina, entre o Zêzere e a ribeira da *Meimôa*. D'aqui se descobre a Covilhã, o Fundão, o convento dos capuchos do Seixo, etc.

Produz centeio, azeite, e do mais pouco.

É no bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALCARIA-RUIVA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 105 kilometros ao O. d'Evora, 215 ao Sul de Lisboa, 350 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

É situada n'um alto, nas abas da serra do mesmo nome, ao O.

Perto da matriz houve uma grande cassaria (de que hoje não ha vestigios) chamada *o paço*, em que habitava o commendador d'esta commenda, que era da familia dos Mellos e Castros.

Havia aqui uma *albergaria* muito antiga, que se vendeu ha mais de cem annos.

É no bispado e districto administrativo de Beja.

Perto da capella de Nossa Senhora da Conceição, situada sobre um outeiro, ha uma fonte de agua medicinal, nascida em um penhasco.

O rio Terjes passa por esta freguezia, e sobranceiro a elle está a capella de *Nossa Senhora da Cabeça*.

Sobre um penhasco, em um monte bastante elevado, ha a capella de *Nossa Senhora d'Ara-Celi*, que os d'Alcaria dizem que é d'esta freguezia; mas estão de posse d'ella, ha mais de 120 annos, os da freguezia da Tabueira. Diz-se que esta freguezia foi antigamente villa. Produz trigo, cevada, centeio, algum linho, mel e cera.

É natural d'aqui o celebre doutor *Bento Guerreiro Lampreia*, da ordem de S. Thiago, que escreveu em prosa e verso.

No alto de um rochedo, que cahe sobre o rio *Alvacar*, a distancia de 3 kilometros do logar, se vêem os alicerces de um grande edificio, que segundo a tradição foi um castello arabe, e ainda lhe chamam *os castellos*.

Tambem sobre o Terges se vêem as ruinas de construcções que se diz serem castellos ou povoação romana ou arabe.

Passa tambem por esta freguezia o rio *Alvacarejo* e *Alvacar* e o ribeiro do *Seixo*.

AILCARIA-RUIVA—serra, Alemtejo, comarca de Mertola. Toma o nome da freguezia antecedente, que lhe fica a O.

É abundante d'aguas e muito saudavel.

Ha aqui os seguintes logares: *Alcaria-Ruiva*, *Córte-da-Velha*, *Córte-do-Gafo-de-Baixo* e *Córte-do-Gafo-de-Cima*.

É cultivada em grande parte; mas só produz trigo, centeio e algum azeite. Dá plantas medicinaes, *gran*, matto, algum gado miudo e grosso e caça. Tem tambem viboras, gatos bravos, raposas e lobos.

D'esta serra se descobre Beja, Serpa, Castro Verde e muitos campos do reino de Castella.

Tem algumas lagoas pequenas, mas só a da *Atabúa* conserva a agua de verão.

Lança dois pequenos braços, um chamado *Serra-da-Olva*, em parte cultivado, e outro chamado *Serra-do-Gato* (pelos muitos gatos bravos que cria, e a que os d'aqui chamam *sarabatos*). Cada braço tem uns 3 kilometros de comprido.

AILCAROUVISCA—ribeira, Alemtejo, nasce no outeiro da Pena, termo do Redondo, engrossa com as ribeiras de *Valle-de-Vasco* e outras, e morre no rio Pardiellos, proximo de Wallongo.

AILCARRACHE—ribeira, Alemtejo, nasce junto da serra de Santa Maria, no reino de Castella, de uma fonte a que chamam da *Tinaja*, termo de *Barca-Rota*: sahe em Portugal, no termo de Mourão; morre no Guadiana, no sitio das Juntas, com 90 kilometros de curso. Cria grandes barbos e outro peixe.

Tem uma boa ponte de cantaria lavrada, na freguezia de S. Leonardo, com as armas de Portugal em um grande *padrão*, e outra tambem de cantaria lavrada, na freguezia de Nossa Senhora da Luz, termo de Mourão.

É corrupção do arabe *Alcarraque*. Significa o egual, o moderado.

AILCARVA—freguezia, Beira Alta, comarca da Meda, concelho de Penedono, 48 kilometros de Lamego, 340 ao N. E. de Lisboa, 80 fogos.

Chamava-se antigamente *Alcobria*. É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos romanos. Tinha um castello de que falla D. Flamula no seu testamento, feito em 960. (Vide Caría, a segunda descripta e Langroiva.)

ALCATRUZ—rio pequeno, Beira Baixa, nasce na fonte dos Meios, e com 2 kilometros de curso morre no rio *Temilobos*, por baixo de Travanca, concelho de Armamar.

ALCAVALA—certo tributo que se pagava (em dinheiro) pela venda de carnes *verdes*, na praça ou nos açougues. Era para os meirinhos dos juizes, e para outros beleguins judiciaes.

ALCHERUBIM—Vide *Alcorobim*.

ALCOA—(antigamente Côa) rio que nasce no sitio chamado Póços de S. João, na serra dos Mulianos, que é um braço da serra d'Albardos (Extremadura).

Sem receber agua de outro qualquer ribeiro corre para O. até á aldeia de Chaquêda, da qual toma o nome, e com este continua até entrar na cerca do convento d'Alcobaça, dividido em dois braços que se juntam, e ambos depois se unem no meio da villa, ao Baça. Correm pelos campos da Maiorca, e formando uma grande lagoa, chamada da Pederneira, se vão metter no mar.

Tem 3 pontes de pedra dentro de Alcobaça e outra fóra, além de outras de madeira, e de outra de pedra, que tem proximo de Chaquêda, pela qual se passa para o convento dos arrabidos.

Entra no mar na Pederneira, com 30 kilometros de curso.

Querem muitos auctores que o nome da villa lhe provenha do d'estes dois rios (*Alcôa-Baça*) e parece verosimil; mas julgo que não é verdade. (Vide Alcobaça.)

ALCOBA—serra do Douro, chamada hoje mais vulgarmente *Bussaco*. (Tambem se chamava antigamente Alcoba á serra de Bésteiros, que é um ramo da do Bussaco.) (Vide Bussaco.)

É a palavra arabe *Alcobba*, significa *a torrinha*. Tambem significa em arabe a casa ou quarto onde está a cama, quarto de dormir,

alcova; que elles escrevem do mesmo modo (alcobba.) Aqui porém quer dizer *Serra da Torrinha*, provavelmente por alguma torre que os mouros alli edificaram.

As serras de *Monte-Muro* (ou *Monte do Mouro*) *Tranqueira*, *Castro*, *S. Macario*, *Parnaval*, *Arouca*, *Freita*, *Caramullo* e outras são ramificações da serra d'*Alcoba*, como lhe chamavam os antigos, ou do Bussaco, como hoje se diz.

(Vide Bussaco.)

ALCOBAÇA—aldeia, Alemtejo, freguezia de Villa-Fernando, comarca d'Elvas.

ALCOBAÇA—villa, Extremadura, districto administrativo de Leiria, 105 kilometros a N. E. de Lisboa, 320 fogos, 1:000 almas. Concelho, 3:000 fogos. Comarca, 4:530.

A 4°,42' de latitude e 9°,17' de longitude.

Orago, Santissimo Sacramento.

Julga-se que foi fundada pelos arabes no seculo IX.

É situada em uma planicie fertil e amena regada pelos rios Alcôa e Baça, que confluem no meio da villa.

É no patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Tem alguns monumentos antigos, sendo o mais notavel, as ruinas de um castello que os arabes edificaram (no ponto mais alto da villa), dando-lhe o nome de *Al-cacer-ben-el Abbaci*, que é o de uma porta da cidade de Marrocos, a qual tomou o nome de uma mesquita, que está perto, dedicada a *Ben-Abbas*.

(Na doação que d'esta villa e outras muitas terras fez D. Affonso I aos frades bernardos em 1147, se chama a esta fortificação *Castello de Ben-Ab-Cete*.)

Parece que este castello era obra gothica, do VI ou VII seculo, e que os arabes o reedificaram e ampliaram em 716.

D. Affonso I o tomou em 1147. Conquistado pelos africanos (marroquinos) em 1191 (outros dizem que em 1195) o arrazaram; mas foi logo reconstruido por D. Sancho I.

Em 1422 um terremoto lhe destruiu uma das torres, pelo que D. João I, em 24 de novembro de 1424, deu licença ao abbade de Alcobaça (que era o que apresentava os alcaides-mores do castello) para lançar uma siza aos povos dos seus coutos, para reedificar a tal torre. Era abbade D. João d'Ornellas. Foi reconstruida então até aos seus fundamentos.

Com o uso da artilheria, perdeu este castello, como quasi todos, a sua importancia militar, pelo que o abandono e os terremotos o foram arruinando; todavia, ainda conserva de pé as suas muralhas e algumas das torres que as flanqueavam.

Adiante se conta o que a tradição narra d'este castello.

O nome d'esta villa, é incontestavelmente arabe — composto do artigo *al* e de *cobabaxa* (carneiros)—isto é—*al-cobaxa*—os carneiros. Diz-se que lhe deram este nome, em razão dos muitos oiteiros que a cercam, que por sua pequenez tem uma tal ou qual similhança com carneiros.

Quasi todos os auctores derivam o nome da villa dos dois rios que a regam; porém elle se acha escripto sem corrupção alguma no 1.° tomo da Chronica de Cister, liv. 3.°, pag. 328, nas seguintes palavras:—*Damus itaque vobis is locum ipsum, quæ* Alcobaxa *nuncupatur*, etc. etc.—e portanto não significa senão *os carneiros*.

Tambem o *Alcôa* se chama o rio de *Chaquêda*, até entrar na villa, o que concorre para suppormos que o nome da villa é *ál-cobaxa* dos arabes e não a juncção do nome dos dois rios.

Tinha dois conventos — o de frades *arrabidos*, fundado em 1566 pelo cardeal D. Henrique (depois rei) situado entre esta villa e a de Evora d'Alcobaça, a 3 kilometros de distancia de cada uma,—e o grande convento de monges de Cister (bernardos) cuja primeira pedra lhe lançou D. Affonso I, a 29 de janeiro de 1148, (outros querem que fosse a 2 de fevereiro do mesmo anno) em cumprimento de um voto feito pela tomada de Lisboa. (No alto da serra de Aljubarrota se vê o famoso arco da *memoria*—primeiro marco dos *coutos* d'Alcobaça—em cujo logar D. Affonso I prometteu dar aos *bernardos*:—*toda a terra que d'alli se descobrisse*. (Vide Aljubarrota.)

Muitos escriptores dizem que D. Affonso I deu a S. Bernardo, por alcançar do papa Innocencio III a bulla que o fez rei, uma da es-

criptura constituindo-se elle e seus vassallos e os bens d'um e outros feudatarios dos frades de Santa Maria de Claraval da ordem de Cister, no bispado de Langres (França). Esta sonhada escriptura, bem como a carta apocrifa attribuida a S. Bernardo, na qual se excommungava o rei de Portugal que pretendesse annullar ou alterar a tal escriptura, é com bons fundamentos julgada invenção e estrategia dos frades bernardos.

Levou 40 annos a edificar, durante os reinados de D. Affonso I e D. Sancho I, concluindo-se em 1188. O côro, porém, e a sachristia são obra de D. Manuel I.

O refeitorio foi feito pelo infante e cardeal D. Affonso, que aqui foi abbade.

A cosinha era a melhor de Portugal. Era atravessada pelo meio por um braço do Alcôa, que lavava o seu pavimento, todo de lages de pedra, indo depois para grandes reservatorios, onde havia muita qualidade de peixe. A chaminé, de fórma pyramidal, era sustentada por oito columnas de ferro.

A cerca, que era muito grande, e dividida ao meio pelo rio, foi vendida, logo em 1834, e o edificio que não se vendeu (por não haver quem o quizesse), vae cahindo em ruinas.

O convento tem cinco claustros (o de D. Diniz e Santa Izabel—o do cardeal rei—o de D. Affonso VI—e dois feitos pelos frades).

Tem sete dormitorios—o de D. Affonso I—o do cardeal rei—o de D. Affonso VI—e os outros quatro feitos pelos frades.

Tinha uma grande e selecta livraria e ricas pinturas, que tudo foi roubado em 1834 levando até as estantes dos livros, de modo que nem já vestigios ha da livraria!

Tinha tambem primorosas esculpturas, que levaram o mesmo caminho.

Rendia este convento mais de 30:000 cruzados annualmente.

Tinha muitos *coutos*, que comprehendiam 13 villas, tres portos de mar (S. Martinho, Pederneira e Paredes) e o padroado de muitas egrejas.

Mais tambem dava gratuitamente todos os remedios da botica a todos os pobres dos seus *coutos*.

Cosia diariamente 24 alqueires de pão para os pobres que o iam receber á portaria.

Em quinta feira santa, dava de esmola 4:000 pães de *toda a farinha* (trigo a que só se tirava o farello grosso) e 25 moios de trigo, para se repartir pelos pobres de fóra da villa que eram dos *coutos*.

Tinham os frades nos seus coutos jurisdicção civel e criminal (chamada então *mero e mixto imperio*).

Com o decurso do tempo, foram os frades perdendo muitos dos seus privilegios, mas D. João IV (para captar a benevolencia d'estes poderosos frades) lh'os restituiu todos, e se tornou a renovar o ridiculo tributo das *botas*.

Tinha *lausperenne*, no sentido rigoroso da palavra, isto é, estava exposto o Santissimo Sacramento constantemente, de dia e de noite, por bulla pontificia, o que durou até 1834.

Desde a sua fundação, tinha este convento obrigação de dar ao rei, quando o fosse visitar, um par de botas ou sapatos (á escolha do rei!...) D. Affonso III aboliu este costume por carta de lei de 3 de novembro de 1314 (1276 de Jesus Christo).

Aqui floresceram fr. *Bernardo de Brito* (vide *Almeida*), fr. *Antonio Brandão* e outros muitos varões insignes em sciencias e virtudes.

Fr. Antonio Brandão nasceu em Alcobaça: ambos foram frades bernardos, ambos geraes da Ordem e ambos chronistas-móres do reino.

Quando D. Diniz creou a universidade, foram os monges de Alcobaça os que mais o ajudaram n'esta obra, com mestres, livros, dinheiro, etc., etc.

N'este convento dava-se hospedagem gratuita a todos quantos pediam agasalho.

Aqui jazem, D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I, as rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Ignez de Castro, muitos infantes e infantas e D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso I, que depois de ser bravo guerreiro, se fez frade d'este convento.

O seu 1.º abbade foi D. Ramulfo, francez,

e o 1.º commendatario foi o cardeal D. Jorge da Costa.

Chegou a ter mil frades ao mesmo tempo!

No principio teve abbades perpetuos. O primeiro commendatario foi o cardeal D. Jorge da Costa, que renunciou no padre Isidoro de Portalegre e segunda vez em D. frei Jorge de Mello. Seguiu-se o cardeal D. Affonso e a este o cardeal D. Henrique, depois rei. D'ahi em diante principiou a ter abbades triennaes.

A metade occidental d'este magestoso edificio foi queimada pelos francezes durante a guerra peninsular.

Estava alli estabelecida uma grande fabrica de tecidos de algodão.

—

N'este convento existiu 449 annos o celeberrimo *caldeirão* (chamado, por isso, de Alcobaça) tomado em 14 de agosto de 1385 a D. João I, de Castella, na gloriosissima batalha de Aljubarrota, por *Gonçalo Rodrigues*, que por isso se ficou appellidando, desde então, *Caldeira*. (Diz-se que no tal caldeirão, que era de cobre, se podiam cozer quatro bois de cada vez!)

O tal caldeirão, com dois mais pequenos (todos tomados aos castelhanos em Aljubarrota) foram dados ao convento por D. João I.

Um dos mais pequenos foi mandado por os frades para o seu lagar de azeite da Fervença (limites de Alcobaça) e hoje pertence á sr.ª D. Francisca Jacintha Pereira. O outro dos mais pequenos, foi collocado por os frades, no forno. Este foi ha pouco mudado para a casa chamada *dos Reis*, para lhe não acontecer como ao grande.

O maior era de metal muito mais fino e estava no claustro, para poder ser visto facilmente. Batendo-se-lhe com uma pedra o som cobria o repique de todos os sinos. Era de tão extraordinaria grandeza, que, quando servia na cosinha do rei de Castella, faziam n'elle comida (a que chamavam *badulaque*) que chegava para 293 pessoas. Na pedra onde estava assente, em Alcobaça, está a seguinte inscripção:

HIC EST ILLE LEBES, TOTO CANTATUS IN ORBE,
QUEM LUSITANI, DURO, GENS ASPERA, BELLO,
DE CASTELLANIS SPOLIUM MEMORABILE CASTRIS,
ERIPUERE: CIBOS HIC OLIN COXERAT HOSTIS;
AT NUNC EST NOSTRI TERTIS SINE FINE TRIUMPHI.

Lá está ainda a inscripção, e é o que apenas existe do *caldeirão!*

Não sei quem fez então a seguinte quadra, que andou muito em voga.

No anno de trinta e quatro,
Lá se foi o *Caldeirão!*
Só nos ficou por memoria,
Um *visconde*... e a inscripção.

Se Gonçalo Rodrigues ganhou o appellido de *Caldeira*, por tomar aos hespanhoes o caldeirão; tambem um nosso contemporaneo (hoje titular!!!) ganhou o appellido de *Caldeirão de Alcobaça* por conquistar o pobre caldeirão em 1834!

Escapou este testemunho das nossas glorias, aos surripiantes Filippes, aos rapinantes francezes e a outros que taes, e não escapou á ignobil voracidade de um portuguez!... Merecia bem que lhe pozessemos aqui o nome por inteiro, para ser conhecido da posteridade; mas... deixal-o.

—

Quando *Aben-Jacob, miramolim* de Marrocos, invadiu Portugal com um grande exercito, em 1195, tomou o castello de Alcobaça de assalto, mandando degolar todos os frades. (Estes, sequer ao menos, mataram-n'os logo, e os frades foram martyres; mas os *marroquinos* de 1834, fizeram-os morrer lentamente á fome e nem sequer foram martyres, porque muitos falleceram no desespero, á força de toda a qualidade de suppliccios!)

—

Parte do convento está servindo de paços do concelho, e para diversas repartições publicas; o resto está abandonado a quem lhe quer roubar a telha, pedra etc.

A formosa capella de *Nossa Senhora do Desterro*, de primorosissima architectura da renascença, foi fundada por o monge de S. Bernardo fr. *João Paim*, pelos fins do seculo XVI, ou principios do XVII, segundo se colige da sua architectura. Seu fundador lhe

deu ricos paramentos e alfaias e lhe consignou varias rendas, para o que comprou diversas fazendas, e seu rendimento era applicado a uma missa cantada todos os sabbados e para uma esplendida festa annual. Esta capella é contigua á cerca do convento e proximo da sachristia d'este. A capella tinha em frente um bonito jardim, hoje transformado em cemiterio publico, e a capella serve para deposito dos defuntos e encommendação das almas. O fundador para aqui trouxe de Roma o corpo de Santa Constança, virgem e martyr, que jaz em rico e brincado caixão.

Em Alcobaça, não se deve perguntar pela *argolas da carruagem da rainha*, senão!...

N'esta villa nasceu, a 2 de fevereiro de 1821, o sr. dr. Antonio Maria dos Santos Brilhante, distincto medico e patriota benemerito da actualidade.

Quando D. Affonso I tomou o castello, em 1147, era seu alcaide *Al-Mansour*, joven e formoso mouro; mas ferocissimo e lascivo, arrastava para o seu castello e fazia suas amantes, quantas raparigas bonitas podia pilhar. Combateu corajosissimamente contra os christãos, até á morte, e os portuguezes só se apossaram do castello, passando sobre o seu cadaver mutilado.

O povo d'aquelles sitios conserva ainda a respeito d'este mouro a lenda seguinte:

Todas as raparigas bonitas que ainda hoje passarem, depois do sol posto, sem companhia, por junto do castello, ouvem ao longe uma musica harmoniosissima, que se vem aproximando pouco e pouco. Então vêem sentado n'uma pedra ou em um tronco de arvore, um formosissimo mouro, ricamente vestido, que lhes *canta certas cantigas*, com uma voz encantadora.

(Ha muito quem cante ás raparigas bonitas, *d'estas cantigas*, sem ser no vetusto castello de Alcobaça!...)

Ellas ficam de tal modo perdidinhas, que o mouro, assim que as vê fascinadas, se levanta e vae para o seu castello, seguido por ellas, que lá ficam eternamente, em um palacio subterraneo, esplendidamente mobilado e decorado.

Não acontece porém isto, se a pequena leva alguma reliquia de santo, ou se sabe alguma oração bonita a Nossa Senhora, que então, de nada valem os encantos do mouro contra ella.

Já se sabe que o tal mouro é, nem mais nem menos, *Al-Mansour*, que está encantado, *per omnia in sæculo sæculorum*: amen.

O convento estava para ser n'um valle agora chamado *Chaquêda*, que era então um serrado bosque e emmaranhado matagal; mas D. Affonso I mudou de plano e o fundou onde hoje é *Santa Maria Velha* (que depois foi, por mais de 500 annos, matriz da villa).

Esta egreja e as casas que á roda d'ella se fizeram, foi para accommodar os frades provisoriamente, em quanto se não fazia o convento. Concluiu-se isto a 20 de setembro de 1152, o que consta da inscripção que está em uma pedra á entrada da egreja, e de memorias escriptas.

N'esta villa nasceu, a 25 de abril de 1584, o infatigavel investigador e veridico historiador fr. Antonio Brandão. Formou-se em theologia na universidade de Coimbra, tendo professado, n'este convento, em 1599. Exerceu o cargo de abbade do *Desterro*, e foi eleito geral da Ordem em Portugal, no 1.º de maio de 1636. Morreu no convento de Alcobaça, a 27 de novembro de 1637.

A vasta obra da *Monarchia Lusitana*, começada por fr. Bernardo de Brito, foi continuada por fr. Antonio Brandão, escrevendo a 3.ª e 4.ª partes d'ella.

Filippe III o nomeou chronista-mór do reino, em 19 de maio de 1630.

Este eminente historiador é consultado e respeitado por quantos prezam as glorias portuguezas.

—

Tem Misericordia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514. Tem uma sentença dada a 6 de julho de 1556, pela qual foram reformados e declarados alguns capitulos d'aquelle foral.

Tem estação telegraphica municipal.

No convento d'esta villa morreu um frade chamado fr. José, em 1790, com 112 annos de idade.

Nas côrtes de Santarem (1427) art. 48.º D. João I reconhece que *o mosteiro de Alcobaça é seu, e que fará d'elle o que quizer*. (Cod. Aff., l. 2.º, tit. 7). D'isto se vê, que lhe não mettia medo a façanhuda e furibunda carta de S. Bernardo. Ou melhor, que ainda não tinha sido *inventada* a tal carta.

No logar da Vestiaria está a egreja parochial e o convento de frades arrabidos que fundou o cardeal D. Henrique (depois rei) em 1566.

Os primeiros estudos publicos que houve no reino, foi no mosteiro de Alcobaça, instituidos a 11 de janeiro de 1269.

Quando D. Diniz creou a universidade de Lisboa, foram os monges de Alcobaça os que mais o auxiliaram n'este patriotico empenho.

Os abbades vestiam habitos prelaticios e celebravam pontifical, tinham o primeiro logar depois dos bispos e o logar de esmolermór e do conselho do rei, e eram capitães-móres de todos os seus coutos. Tambem foram antigamente fronteiros-móres, e como taes fizeram, em muitas epocas criticas, grandes serviços á patria, ajudando o rei contra os inimigos d'ella, com dinheiro e muita gente dos coutos, a quem sustentavam e pagavam, e até pondo-se á frente d'essa gente e commandando-a com pericia e intrepidez.

A vasta e fertilissima cerca do mosteiro, que os primeiros frades cultivavam por suas proprias mãos, foi vendida logo em 1834 (por 10 réis de mel coado) e o convento, como não ha quem o compre, vae-se desmantelando pouco a pouco, e se a Divina Providencia lhe não acode, breve será um montão de ruinas e entulhos, este precioso monumento das nossas glorias, esta memoria palpavel do feliz tempo das nossas prosperidades.

Parte do mosteiro ainda está occupado pela camara e outras repartições publicas, parte foi vendido e a maior parte está abandonado e á disposição de quem quer roubar os seus bellos materiaes!

Em 1558, estando D. Sebastião em Alcobaça, fez abrir os tumulos dos dois Affonsos (II e III) achando-se este em bello estado de conservação.

Querendo tambem ver o de D. Pedro I, lhe observaram que se não podia abrir, sem quebrar os ricos lavores que o adornam. O rei então respondeu: — *Deixem-o, não lhe toquem, porque nem n'elle nem no outro* (o de D. Affonso II) *ha que ver, ou de quee tirar exemplo; pois, além de nenhum accrescentar por armas ao reino um palmo de terrra, um com amar mulheres e outro com as perseguir, deram assás de trabalho e deixaram pouco que imitar a seus successores*. Alludia aos amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro, e ás perseguições feitas por D. Affonso II a suas irmãs, D. Thereza e D. Sancha.

Mas um monge, com aquelle desafogo e verdadeira liberdade dos antigos portuguezes, respondeu ao rei: — *Se estes principes vos não deixaram exemplo de conquistar o alheio, ensinaram-vos como havieis de conservar o proprio; e, se tomasseis as doutrinas dos seus governos, não andaria tudo tão alterado, nem vós os virieis inquietar e affrontar á sepultura, onde repousam ha tantos annos. Deus vos dê muitos de vida e vos conceda nome e sepultura como a qualquer d'estes.*

Não gostou o rei d'este monge dizer publicamente o que todos pensavam em particular; muito mais por conhecer, talvez que a censura era merecida.

O cardeal D. Henrique, tio do rei, reprehendeu o frade, apezar de conhecer muito bem que tinha razão; mas, para agradar ao sobrinho.

A livraria do mosteiro era uma das melhores do reino. Como aconteceu a todas as das ordens religiosas em 1834, os melhores livros e manuscriptos foram roubados e o resto, o refugo, foi para a bibliotheca publica de Lisboa. Até a mobilia e as estantes da bibliotheca cisterciense foram roubadas!...

Estes frades bernardos procediam de oito pobres monges, que a pé e descalços vieram de Langres (França) para Portugal. D'ahi a poucos annos, um d'elles se assignava: — *D. frei Paulo de Brito, D. abbade do real mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, da Ordem de Cister, fronteiro-mór d'estes reinos, senhor donatario e capitão-mór das villas de Alcobaça, Aljubarrota, Alfeizirão, Alvorni-*

nha, Pederneira, Santa Catharina, Paredes, Cós, S. Martinho, Selha do Matto, Maiorga, Evora (de Alcobaça) Cella, Turquel, etc., e dos coutos do dito mosteiro, do conselho de Sua Magestade, e seu esmoler-mór, reformador geral da congregação de S. Bernardo, n'estes reinos e senhorios de Portugal e Algarves, nuncio apostolico, embaixador extraordinario, etc. etc. etc.

ALCOBERTAS—freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho de Alcanede, 110 kilometros a N. E. de Lisboa, 210 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena. É no patriarchado, districto administrativo de Santarem. Era curato apresentado pelos freguezes. Fertil.

Julgo ser palavra corrupta do árabe *alcoba* ou *al-cobbe*, torrinha ou pequena torre.

ALCOBERTAS—serra, Extremadura, no patriarchado.

No meio d'ella ha uma gruta que se estende um grande espaço pela terra dentro. Ha n'ella formosas stalactites e stalagmites. É situada proximo de Alcanede.

ALCOCEIFA—sitio, bairro ou casa em que vivem as meretrizes. O mesmo que *alcouce* ou *lupanar*. É portuguez antigo, derivado do árabe. D'aqui vem *alcouce*

ALCOCHETE—villa, Extremadura, comarca e 6 kilometros de Aldeia Gallega do Riba Tejo, 18 a S. E. de Lisboa, 800 fogos, 2:500 almas, no concelho 900 fogos.

Orago S. João Baptista.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está situada em formosa e fertil planicie, em frente do *Poço do Bispo*, na margem esquerda do Tejo. Tem bons montados e é abundante de lenha, caça e peixe.

Produz toda a qualidade de cereaes, vinho, azeite, fructas, sal, carvão, lenha, etc.

Até 1834 tinha juiz de fóra. Era priorado da Ordem de S. Thiago, e tinha dois beneficiados e um thesoureiro da mesma ordem. O prior apresentava o cura de Sámouco. Era commenda da mesa mestral da mesma ordem.

Alcochete foi solar da familia dos Patos, appellido nobre de Portugal. Vide Torres Vedras, para as suas armas.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 17 de janeiro de 1515, e lhe fez muitos melhoramentos.

O padre Cardoso diz que foi em 1518 (mas engana-se.)

N'este foral eram isentos os moradores de Alcochete, de pagarem tributo pelas suas colheitas; mas este privilegio pouco durou ou nunca se executou.

O seu nome é derivado do árabe *al-cachete*, significa *achado da ovêlha*.

Aqui nasceu, a 31 de maio de 1469, o duque de Beja D. Manoel, depois rei.

Nasceu na rua direita, em umas casas hoje demolidas, nas quaes viveu algum tempo D. João II.

Foi fundada pelos árabes, pelos annos de 850 de Jesus Christo.

Foi da Ordem de Santhiago.

Fazia grande commercio diario com Lisboa, o que a tornava prospera; mas hoje, que já esse commercio não existe, está muito decadente.

D'esta villa se descobre grande parte de Lisboa, Sacavem, Póvoa, Alverca, Alhandra, Villa Franca, Póvos, etc.

Tem misericordia, muito antiga, e hospital.

Distante d'esta villa 1:500 metros, era o convento de frades franciscanos de Nossa Senhora do Soccorro.

Foi fundado em 1572, por fr. Gaspar de Cuba. Foi vendido em 1835 ou 1836, e depois demolido.

O Tejo em frente d'esta villa tem 15 kilometros de largura.

Esta villa deve todo o seu desenvolvimento ao infante D. Fernando, duque de Vizeu, rimão de D. Affonso V, 12.º grão mestre da Ordem de S. Thiago e pae do rei D. Manoel.

D. Fernando fixou aqui a sua residencia, e como era riquissimo, muitos fidalgos da sua casa aqui construiram habitações, depois do anno de 1450, e foi desde então que esta povoação mereceu o nome de villa. D. Fernando morreu em Setubal, contando apenas 36 annos de edade.

Entre esta villa e Montalvão, apanharam os pescadores do Tejo, em 1323, um *sôlh* o

que pesou 255 kilogrammas (17 arrobas!)

Foi offerecido a D. Diniz, que o mandou retratar do tamanho natural, e conservar o quadro, para memoria, na *Torre do Tombo*, onde existiu o quadro até ao 1.º de novembro de 1755.

(Desconfio se este será o mesmo *sôlho* que se pescou junto a Mugem. Vide Mugem.

É' n'esta freguezia a bella e riquissima quinta e magnifico palacio da *Barroca de Alva*, fundado por Jacome Ratton, hoje propriedade de seu neto, o sr. barão de Alcochete. Vide *Barroca de Alva*, onde trato d'esta illustre familia.

A egreja matriz, que era antiquissima, foi reedificada por D. Manoel, no principio do seculo XVI.

É seu orago S. João Baptista. É de tres naves e de grande luxo architectonico.

Tem 9 altares (com o maior.)

Em um dos lateraes está a imagem da Virgem, de proporções maiores do que o natural, a qual, segundo a tradição, foi achada na praia da villa.

A egreja está situada em um vasto terreiro, na extremidade da povoação.

ALCOENTRE—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, 24 kilometros a O. de Santarem, 65 ao N. de Lisboa, 300 fogos, 1:200 almas; no concelho 900 fogos.

Feira a 29 de setembro, 3 dias.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tem a N. E., junto á villa, um castello, ou casa acastellada, de fórma circular.

É situada em uma pequena elevação e banhada pelo rio do seu nome.

Alcoentre é corrupção da palavra árabe *al-canaitara*, diminutivo de *al-cantara* e quer dizer, *ponte pequena*, ou pontinha.

Como disse em Alcantarilha, que esta palavra era diminutivo de *al-cantara*, e agora digo que é *al-conaitara*, saiba-se que este diminutivo é árabe e o outro portuguez e castelhano.

O seu termo é fertil em cereaes, fructas, vinho, etc. etc.

No dia 4 de julho de 1808, foi esta villa theatro de uma scena de canibalismo, horror e sangue, como tivemos muitas durante a occupação de Portugal pelas infames hordes de ladrões que o monstro corso para aqui mandou.

Registemos estes factos para vêr se poderemos fazer córar de vergonha os portuguezes degenerados (e tão infames como os jacobinos francezes) que ainda hoje teem o desaforo de dizer que Bonaparte foi um astro que illuminou a Europa derramando por toda a parte *luzes*, *progresso* e liberdade. (!!!)

—

15 estudantes e 1 cabo de esquadra sairam de Coimbra em 28 de junho de 1808, com o nobilissimo (ainda que temerario) intento de desalojar do Pombal e de Leiria os escravos do corso.

Perto de Leiria foram accommettidos por 22 dragões francezes; mas os arrojados mancebos, defendendo-se com a bravura de legitimos luzitanos, os desbarataram e pozeram em fuga, e tamanho medo tiveram os jacobinos que o communicaram ao resto do seu esquadrão, que estava postado ao pé da ponte, que tudo dispersou cheio de terror.

Dias antes, já o brigadeiro Solignac tinha fugido espavorido ante as ordenanças de Thomar.

O impio Junot, desesperado com esta heroica resistencia dos portuguezes (que tinha o cynismo e desaforo de classificar de *rebellião!*...) manda sobre Leiria o general Margeron, que saiu de Lisboa com dois batalhões, quatro companhias escolhidas, e seis bocas de fogo e um esquadrão de cavallaria.

Chegando a Alcoentre a 4 de julho, encontra o innocente *cirio da Ameixoeira*. O cobarde Margeron manda emboscar infanteria e cavallaria atraz de um pinhal, e chegando ali, o cirio é investido *intrepidamente* e implacavelmente pelos jacobinos commandados pelo *valente* brigadeiro Solignac e pelo bravo chefe de esquadrão, Salm-Salm.

Logo aos primeiros tiros caem por terra, banhados em sangue, o prégador e o tocador da gaita, depois são assassinados indistinctamente velhos, mulheres e creanças, gente pacifica e desarmada, cujo unicco cri-

me era serem christãos e portuguezes. Só escaparam os que conseguiram fugir á sanha d'estes tigres.

Os tropheus d'esta *batalha* são duas bandeiras de Nossa Sonhora, que como uma grande façanha foram expostas no quartel general de Junot, e o infame *Boletim* de 7 de julho tem o descaramento de qualificar este acto de inutil e cobarde carnificina como uma gloriosa victoria.

Tambem o *Monitor*, de Pariz, publicou isto como *uma brilhante batalha ganha contra os rebeldes portuguezes!*

Em janeiro de 1833, os liberaes encerrados no Porto, recebem como seu general em chefe, Solignac, que tinham mandado vir de França, e assim, o *heroe de Alcoentre* pôde continuar a assassinar portuguezes!

—

Foi dos marquezes de Villa Real, que a venderam a Martim Affonso de Sousa, que aqui fez um palacio e reedificou a torre, ou a fez de novo.

Passou depois para a casa dos condes de Vimieiro, a quem se pagava de 11—1; mas sómente do pão, vinho e linho.

Fazem-se aqui boas colchas brancas e tapetes.

Nasce aqui o rio *Almoster*, que finda na valla da Azambuja.

Foi fundada pelos mouros, no reinado de D. Ramiro III, pelos annos 970 de Jesus Christo.

A matriz foi fundada em 1340, por Affonso Annes, natural de Alemquer.

No meio da praça d'esta villa, está principiado, ha mais de 230 annos, um grande templo, para matriz, que se não conclue, pela pobreza da villa.

Perto da villa está o palacio dos condes do Vimieiro, que dizem estar feito pela fórma do castello de Dio, na India Oriental. Tem duas capellas dentro da quinta e uma fóra, todas em ruinas, ha mais de 150 annos.

D. Affonso I lhe deu foral em Coimbra, em outubro de 1174.

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 26 de setembro de 1513.

Era priorado, apresentada pelas freiras de Villa do Conde. Tem misericordia e hospital, pobres. Na aldeia de Tagarro havia um capellão curado, para administrar os sacramentos.

ALCÓFRA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 24 kilometros de Vizeu, 285 de Lisboa, 720 fogos.

Districto administrativo e bispado de Vizeu.

Orago Santa Maria.

É palavra árabe, *alcofara*, significa *infiel, incredulo, sem fé nem religião.*

Deriva-se do verbo *cafara;* ser infiel.

É d'esta palavra que se deriva tambem o nome de *cafres*, que damos aos gentios africanos, do paiz a que por isso chamamos *cafraria.*

Os árabes davam o nome de *rumi* (romanos) aos christãos, e *cofora, cafara*, ou *cafre* a todos os que não seguiam a sua religião.

Vem pois a ser *povoação dos infieis.*

Os de Alcofra não se devem zangar com o nome da sua terra, antes devem ter muita honra com elle; porque os mouros nos chamavam *infieis*, e, feitas as contas, vem a significar *povoação dos christãos.*

(Estão contentes, senhores de Alcofra?)

É terra summamente saudavel e fertil em cereaes e fructas, por ser muito abundante de aguas.

No logar chamado *Cabo da Villa*, ha uma torre quadrada, muito antiga, com 11 metros de face, de cada lado. É de dois andares, e fundada sobre uma rocha muito alta.

Foi da antiga comarca de Lafões, depois passou a ser do concelho de S. João do Monte, comarca de Tondella. Em 1855, ficou pertencendo ao concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella e, finalmente, em outubro de 1871 passou a ser do concelho e comarca de Vouzella.

ALCOFRA—serra, Beira Alta, comarca de Tondella, 9 kilometros de comprido e 6 de largo. Nasce aqui o rio do mesmo nome. É em grande parte cultivada e produz muito senteio, gado grosso e miudo e bastante caça.

ALCOFRA—rio, Beira Alta, comarca de Tondella.

Nasce no sitio do *Chão do Pêso*, na serra do mesmo nome e recebe no seu curso as

aguas de varios ribeiros. Suas margens são cultivadas e povoadas de arvoredo fructifero e silvestre e muitas *arvores de vinho*. Cria muito peixe.

Junta-se ao rio Alfusqueiro, em Destriz.

ALCOITIM—vide Alcoutim.

ALCOLÓBRA—pequena ribeira, Alemtejo; nasce no casal da *Perna-sêcca*, freguezia de Rio Torto, concelho de Abrantes, com o nome Ribeira das Biccas, que depois muda no de Alcolóbra.

Morre no Tejo, na coutada de Santa Margarida, perto de Punhete. Sécca pelo estío.

ALCONGOSTA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 245 a N. E. de Lisboa, 180 fogos. Significa *costeira*. Vide Congosta.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Districto administrativo de Castello Branco, bispado da Guarda. Fertil.

ALCOROBIM—(que muitos, erradamente, escrevem *Alquerubim*) freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Albergaria-Velha, situada proximo da direita do Vouga, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 340 fogos. Foi villa.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Junto á casa dos srs. Roques, e d'elles, ha uma videira que produz uma pipa de vinho.

É palavra árabe, *al-corbin*, que significa, *os parentes*, derivada do verbo *careba*, aproximar-se, chegar-se, ter-se por parente. Vem pois a ser, *freguezia dos parentes*.

É muito fertil, bonita e rica.

Povoação muito antiga. Em 1085, doou *Flamula* (Chama) filha de *Honorigo*, ao convento benedictino de Pedroso, tudo o que tinha na villa de Alquorovim. Vide Pedroso.

Em julho de 1139, Mendo Bernardo e sua mulher Godinha Paes, doaram a Santa Cruz de Coimbra varias propriedades e tres partes da egreja de *Alkarovim*. Vide *Terra dos Pagons*.

ALCÓRREGO—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Aviz, 54 kilometros de Evora, 90 de Lisboa, 80 fogos

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado de Evora, districto de Portalegre.

Córrego ou corgo, no antigo portuguez, significa ribeiro ou regato que corre profofundo entre penedias, ou pelas quebradas s das serras. Aqui se lhe juntou o artigo árabe *al*.

ALCÓRREGO—(ou Alcorgo) pequeno o rio do Alemtejo, que nasce proximo da villala de Souzel.

No sitio do Rodeio, recebe o ribeiro o de valle de Freixo. Tem duas pontes de pedra, uma no Rodeio, de um só arco; outra a com dois, chamada Ponte Nova, na aldeia d'd'este mesmo nome. Morre na ribeira de Aviziz no sitio chamado *Penhas do Maranhão*.

É em parte cultivado, e cria bastante e peixe, sobre tudo bordallos.

A mesma etymologia. Vide Córgo.

ALCORUCHEL—freguezia, Extremadidura, comarca e concelho de Torres Novas, 3, 115 kilometros a N. E. de Lisboa, 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

ALCOUTIM—(ou Alcoitim) villa, Algarve, comarca de Tavira, 25 kilometros ao EE. de Castro Marim, 85 a E. de Faro, 300 ao S S. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

Tinha em 1666, 200 fogos.

Concelho 1:800 fogos.

Orago S. Salvador. Vide Guadiana.

Bispado do Algarve, districto adminisistrativo de Faro.

Está situada na encosta de uma montanha, sobre a margem direita do Guadidiana. É praça de armas fechada, e foi uma das s boas fortalezas de Portugal.

N'esta villa justaram pazes (depois de grandes guerras) D. Fernando de Portugal, com D. Henrique de Castella, em 31 de março de 1369. (R. M. da Silva diz que foi em 31 de março de 1371, é erro.)

Em frente (na margem esquerda do Guadianna) está a villa hespanhola de S. Lucar.

É cercado de muralhas com seu castello.

O castello é quadrado, muito tosco e arruinado. Tem armazens para petrechos de guerra e cisterna entulhada ha mais de 120 annos.

É povoação muito antiga, e, se não é é fundação romana, é do principio do dominio serraceno.

É certo que antigamente se chamava *Alcoutinium*, o que induz a crer que já existia no tempo dos romanos.

Parece que os arabes lhe chamavam *Alcatiâ* (d'onde nós fizemos, *alcateia*) que significa manada ou rebanho de gado.

Tambem significa *alcateia de lobos* (e talvez seja isto, por haver então muitos lobos na serra proxima.)

Aqui estamos nós n'um dilêma.

É indubitavel que antigamente se escrevia *Alcoitinium*. Esta palavra (como já disse) leva-nos a crer que é romana. Por outra parte, *Alcatiâ*, é incontestavelmente árabe. Se os nomes fossem muito differentes, diria que os arabes a crismaram; mas nada, a cousa é com toda a provabilidade, a mesma.

E então, ou a palavra era romana *(hum!)* e os arabes a africanisaram, ou ignora-se o nome que teve no tempo dos romanos (se é que então já existia) e o *Alcoitim* é corrupção de *Alcatiâ*. Nada prova (na minha opinião) o *nium*. Todos sabem que desde o tempo dos godos e ainda no dos nossos primeiros reis, tudo o que era official se escrevia em latim *(macarronico)* e já se vê que para se alatinisar *Alcoitim* se dizia *Alcoitinium*.

Os primogenitos dos marquezes de Villa Real, eram condes de Alcoutim, por mercê de D. Manoel, em 1520. Aqui principia a serra de Monchique.

D. Sancho II a tomou aos mouros em 1240. D. Diniz a mandou povoar, fazendo-lhe ou reedificando-lhe o castello e muralhas, e dando-lhe foral, em Beja, a 9 de janeiro de 1304, com todos os privilegios de Evora.

R. M. da Silva, na *Poblacion general de Espana*, diz que D. Diniz a povoou em 1300. Podia mandal-a este rei povooar em 1300 e só lhe dar foral d'ahi a 4 annos. D. Diniz, quando a mandou povoar a deu á Ordem de S. Thiago.

Philippe IV, para premiar a traição dos Noronhas, fez conde de Alcoutim a D. Pedro Portocarreiro de Menezes e Noronha, em 1641. Era filho d'outro D. Pedro Portocarreiro, conde de Medelim e de D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, irmã do duque de Caminha e filha do marquez de Villa Real, que morreram degolados por traidores em 1641 (vide Caminha.) Este titulo *não pegou*.

D. Manoel lhe deu foral novo, com os mesmos privilegios, em Evora, a 20 de março de 1520.

Tem misericordia e uma albergaria.

É muito fertil em cereaes e fructas, tem muito bom vinho e cria bastante gado, grosso e miudo.

A serra é abundante de caça e o Guadiana produz muito e bom peixe.

É tambem farta de peixe do mar, que lhe vem de Villa Real de Santo Antonio e Castro Marim.

É da casa do infantado.

A egreja é de tres naves e soffrivel.

Era *couto* no crime para 30 criminosos, por privilegio de D. Affonso V, e para 40 no civel, por privilegio de D. Diniz.

A muralha tem tres portas (a do Guadiana, a de Tavira e a de Mertola.)

Proximo á porta de Tavira, que fica ao O. em uma pedra tem uma inscripção que diz:

Alfonsus VI. Rex Portugaliæ, et Algarbiorum, 1661.

Em um sêrro, ao N. da villa, se vêem vestigios de fortificações muito antigas. Junto a este sêrro (que chamam de Santa Barbara) ha um rochedo que se fortificou no seculo passado e se lhe collocou artilheria, que bastante mal fez a S. Lucar.

Duas ribeiras dividem esta freguezia, que são o *Vascão* e *Foupana:* a primeira morre no Guadiana, na Foz do Vascão; e a segunda morre no mesmo rio, na Foz do Deleite. O Guadiana a banha de E. a O.

D. José I a fez villa e nomeou para aqui Juiz de fóra, em 1758.

Era priorado apresentado pela Ordem de S. Thiago, e depois pelo bispo do Algarve.

ALCOVA—pequeno rio, Beira Baixa,

Nasce na freguezia de Sarzedas. Suas margens são arborisadas e em parte cultivadas. Suas areias traziam ouro, que se extrahia no seculo passado. Morre no rio Alvito, no sitio da *Cerejeira*.

Etymologia a mesma de *Alcoba*.

ALDÃO—freguezia, Minho, comarca e

concelho de Guimarães, 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Está situada em um alto e dominando um extenso valle que comprehende 8 freguezias.

É muito abundante de cereaes, fructas e vinho verde.

Aqui nasceu o célebre jurisconsulto D. Agostinho Barbosa (e não em Guimarães, como alguns dizem) que depois foi bispo de *Ughento*, na Italia.

Na quinta de *Aldão*, d'esta freguezia, se achou ha cousa de 150 annos, uma lapide com esta inscripção: *Dedicavit Fitus Flavius Claudianus Archelaus Leg. Aug.* Pelos confins da freguezia corre o rio *Cêlho*.

ALDARES—monte, Alemtejo, na serra de Ossa, da qual faz parte, e tem as mesmas producções.

Vem do árabe *alduar*, que significa *redondo*.

ALDEIA—pequena ribeira, Beira Baixa. Nasce no sitio do *Poio dos Corvos*, no *Cabêço* do *Picoto*, proximo da *Aldeia do Carvalho* (de que toma o nome) e a pouca distancia perde o nome, mettendo-se na ribeira de Corges, onde tem uma ponte de pedra, no sitio de *Lanhoso*.

Aldeia é a palavra árabe *aldaia*, que significa povoação ou logar pequeno. O padre D. Raphael Bluteau diz que é a palavra grega *aldainein*, que significa augmentar, accrescentar; mas é erro; pois é claro que nós herdámos esta palavra dos mouros.

ALDEIA—serra pequena na Extremadura, limites da freguezia de Ota. Começa onde chamam *Bunhal do Paul*, e acaba na quinta da *Vidigueira*, freguezia da Graça. Só produz matto e caça. 3 kilometros de comprido.

ALDEIA DO BISPO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros a SE. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

ALDEIA DO BISPO—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Salvador.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

ALDEIA DO BISPO e ARANHAS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha-a-Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros a O. da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Situada em alto, entre montes, pelo que só d'aqui se vê para Hespanha as povoações de Ergeas, Val-Verde e S. Martinho.

Orago S. Bartholomeu.

O cura era nomeado pelo povo.

Era da commenda de S. Thiago. Terra fertil. Muita caça na serra do Salvador, que fica proxima. Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALDEIA DO CARVALHO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 30 kilometros a NO. da Guarda, 280 a E. de Lisboa, 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALDEIA DA CRUZ—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ourem, 145 kilometros ao N. de Lisboa, 330 fogos.

É no patriarchado. Orago Santa Cruzz.

Districto administrativo de Leiria.

ALDEIA DAS DEZ—freguezia, Beira Alta, comarca de Midões, concelho de Avô, 600 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 290 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É desde 1855 do concelho de Oliveira do Hospital.

ALDEIA DAS DONNAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, bispado da Guarda, districto de Castello Branco, 54 kilometros da Guarda, 255 ao EE. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Maria.

Tambem se lhe dá o nome de *Aldeia Nova das Donnas*.

ALDEIA GALLEGA DA MERCIANA—vil-

la, Extremadura, comarca, concelho e 24 kilometros a NE. de Alemquer, 60 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:400 almas.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

Feira franca a 25 de março e no domingo da Trindade. Era concelho, mas foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Situada proximo da ribeira do seu nome. Era primitivamente no sitio onde hoje se chama *os Montes*. E o seu nome era mesmo *Montes de Alemquer*. Com este nome foi elevada á cathegoria de villa por D. Diniz, e lhe deu foral em Santarem a 9 de janeiro de 1305 (Livro 5.º de Doações do sr. rei D. Diniz, fl. 28, v.) Note-se porém que no Livro 2.º dos *proprios* das rainhas, fl. 50, v. vem com a data de 1306.

Está toda cercada de montes e é muito fertil.

A matriz d'esta villa era uma sumptuosa egreja de tres naves, feita por D. Leonor, mulher de D. João II, em 1525, mas pouco já conserva da sua primitiva. Entretanto ainda é um templo decente, posto que de architectura simples e desengraçada.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi priorado das rainhas, com quatro beneficiados. Tinha até 1834 juiz ordinario e duas companhias de ordenanças.

A séde actual da freguezia é na antiga villa da Aldeia Gallega da Merceana, e comprehende as aldeias do *Arneiro, Paiol, Barbas de Porco, Casaes Brancos* e *Valle Bem Feito*.

O parocho tem de rendimento 250$000 réis com o pé d'altar.

Esta povoação é muito antiga, pois com certeza já existia no tempo do conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei. Não pude porém averiguar quando nem por quem foi fundada.

Tambem não pude saber quando deixou o seu antigo nome de *Montes de Alemquer* (que vem a ser o mesmo que dizer *Casaes* ou *Granjas* de Alemquer) para tomar o actual. É porém certo que quando el-rei D. Manuel lhe deu carta de foral, datada de Lisboa, no 1.º de outubro de 1513, já tinha o nome actual.

Franklin, ignorando que Montes de Alemquer e Aldeia Gallega da Merceana eram uma e mesma cousa, relaciona-a com o primeiro nome nas terras que não tiveram foral novo. Já vemos que é erro manifesto.

O foral *novo* d'esta villa (o de D. Manuel) está na Torre do Tombo, *Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 142, col. 1.ª

Chama-se *da Merceana*, não só para a differençar da outra Aldeia Gallega ao S. do Tejo, como porque a aldeia da Merceana é uma das mais importantes da freguezia, e até do concelho.

Na minha opinião o sobrenome de gallega não significa cousa da Galliza; mas terra sáfara, pouco fertil ou mal cultivada.

Os nossos antigos e ainda, hoje os povos das provincias do Norte, que (digam o que disserem os do Meio dia, e chamem-lhe muito embora *gallegos*) são os que ainda conservam menos alterada a antiga lingua portugueza; chamam *gallego* a toda a qualidade de gado de casta pequena, ou ao que é magro, mal tratado, *arripiado* ou *enfezado*. Tanto isto é verdade incontestavel, que ha um antiquissimo rifão portuguez, assim: *A fome e o frio fazem o gado gallego*.

Similhantemente se chamava *gallega* á terra que *ficava* de *pousio*, á que era *mal amanhada* e á de má qualidade.

(Se algum *espertalhão* embirrar com esta obra, por tratar d'estas *definições* com tanta minuciosidade, lembre-se que eu não escrevo sómente para os sabios; mas tambem, *e principalmente*, para o nosso bom povo portuguez, que não teve meios ou *vagar* de frequentar estudos superiores).

—

O nosso bom rei D. Diniz, com muita razão cognominado o *lavrador*, foi o monarcha portuguez que mais tem protegido a agricultura, livrando-a de muitas *pêas* que tolhiam o seu desenvolvimento. Foi elle que *emancipou* os *Montes de Alemquer* da jurisdicção da villa d'este ultimo nome, em 1282, fazendo-os julgado independente.

Mereceram este favor do rei, os povos d'aqui, porque D. Sancho II (tio de D. Diniz) desejando dilatar o reino de Portugal e ex-

pulsar d'elle os ismaelitas, fez varias entradas por terras de mouros alemtejanos e algarvios (1225 a 1240) no que muito o ajudaram os povos dos Montes de Alemquer; o que expressamente declara D. Diniz na carta regia que dá a esta terra os fóros de julgado, com justiça propria.

Estava dado o primeiro passo para a independencia d'esta terra; mas o povo não se contentou com *meia liberdade*. Comprou ao rei o direito de municipio por uma avultada quantia de dinheiro (para aquelles tempos) e desistiu, em favor do mesmo rei, do direito que tinha na leziria chamada *Córte dos Cavallos*. Remiu um fôro que se pagava a D. João Simão e a Garcia Martins (mordomos de el-rei) e certas terras pertencentes ao *arabí-mór* dos judeus.

(Dizem alguns escriptores que elles deram ao rei 12:000 libras e a cada um dos outros tres, trezentas. Parece-me uma quantia monstruosa, quasi impossivel para aquelle tempo, a não ser que as libras por aqui fossem mais *pequenas* do que nas outras partes do reino, o que era possivel; porque as moedas então variavam muito de pezo e valor, segundo as localidades. Havia tambem libras de ouro, de prata e de cobre. As de ouro valiam 876 reaes).

Em consequencia d'isto, e estando o rei em Santarem, é que, como já disse, lhe deu carta de foral, em 9 de janeiro de 1305, elevando os montes de Alemquer á cathegoria de villa, com camara, juiz ordinario, alcaide, meirinho, escrivães et reliqua. Foi até 1834 da provedoria de Torres Vedras.

Foi desde D. João II apanagio das rainhas de Portugal, até que em 1834 foi extincta a denominada *Casa das Rainhas*. (Vide *Alemquer*).

No reinado de D. Affonso V pertenceu por algum tempo (não sei como, nem porque) a D. Pedro de Eça, mas voltou logo á casa das rainhas.

A rainha D. Leonor, viuva de D. João II, comprou ao rei D. Manuel as *jugadas* d'este termo, e as doou ao hospital das Caldas da Rainha, que as recebeu até 1834.

Ainda aqui existem umas casas foreiras ao dito hospital, que, segundo a tradição, foram os paços das rainhas, quando aqui vinham, e depois casas da tulha, onde se recebiam as *jugadas*. (Vide *Jugadas*).

O antigo termo d'esta villa comprehendia os logares de *Aldeia Gavinha, Merceana, Arneiro, Valle Bem Feito, Barbas de Porco, Palha Canna, Freixiaes de Cima, Freixiaes do Meio, Freixiaes de Baixo, Atalaya* e *Corujeira*.

Já disse que era priorado das rainhas com quatro beneficiados. Ellas apresentavam os priores, que tinham de rendimento annual uns 400$000 réis e estes apresentavam os beneficiados, que tinham 150$000 réis por anno, cada um.

Na egreja havia uma irmandade de S. Miguel, que deixou de existir.

Houve uma capella de Nossa Senhora da Soledade, que tambem já não existe.

Na egreja matriz ha uma capella que foi dos condes da Ericeira. É de abobada e muito antiga: provavelmente construida quando se edificou a primitiva egreja. Chama-se *capella da Cruz Nova*. Teve uma confraria, com dois capellães, que acabou.

Ha n'esta egreja alguns quadros de merito e bons azulejos, representando scenas biblicas.

Debaixo do arco cruzeiro, vê-se em uma campa raza, esta inscripção:

S.ª DE JORGE CABRAL DE TAVORA,
PRIOR QUE FOI D'ESTA EGREJA.

Este parocho viveu durante a usurpação de Filippe II.

Parece que esta egreja foi reedificada entre os annos de 1610 e 1616.

No centro da villa estava a egreja da Misericordia, que era um templo vasto e decente; hoje só d'elle restam as paredes desmanteladas, apezar da irmandade ter um rendimento annual superior a 900$000 réis!

Era padroeiro d'esta egreja, em 1758, João Carlos de Miranda.

Havia na antiga villa duas ermidas, uma na quinta de *Traz da Egreja*, da invocação de Nossa Senhora dos Anjos, ainda

existe. A outra, do Espirito Santo, está em ruinas, teve um hospital de que foram administradores os *Rebellos*.

Fóra da villa ha a capella de S. Sebastião, em outros tempos de muita devoção e muito concorrida de romarias.

Na aldeia da Merceana está o convento que foi de frades capuchos. (Para isto, e para o mais, vide *Merceana*).

Ha n'esta freguezia muitas e boas quintas, sendo as principaes, as seguintes:

Da *Conçeição*, do sr. barão da Portella.

Da *Corujeira*, do sr. conde do Casal Ribeiro.

Do *Falou*, do sr. barão de Alemquer.

Do *Anjo*, do sr. conde de Magalhães.

Dos *Furões*, da sr.ª D. Maria da Conceição de Sousa Rebello Mello Freire d'Alte.

De *S. João*, da sr.ª D. Marianna Brito.

De *S. Christovão*, do sr. J. Gomes Ganches.

Da *Boa Vista*, do sr. J. Baptista Canha.

Da *Choca Palha*, do sr. D. Chapman Duff.

Do *Freixo*, do sr. M. J. Quintella Emauz.

De *João Carneiro*, do sr. M. Moraes Correia.

Do *Valle*, idem.

Das *Olarias*, do sr. A. de Oliveira Neto.

Da *Junqueira*, do sr. J. Isidoro Escarlate.

Da *Lagem*, idem.

Da *Niqueira*, do sr. A. da Cunha Abreu Toar e Frias.

Das *Barbas*, do sr. A. da Costa Senior.

Casal da *Cheira*, do sr. M. da Cunha.

Da *Boa Vista*, do sr. F. A. da Motta.

De *Santo Antonio*, do sr. J. A. de Oliveira.

Dos *Corvos*, do sr. Graciano Franco Monteiro.

Do *Matto*, do sr. J. Isidoro Escarlate.

Da *Jámerca*, do sr. M. F. da Silva Braga.

Do *Ribeiro e Tremonha*, idem.

Do *Rolão*, do sr. J. T. Martins.

Novo, do sr. A. B. Moniz da Maia.

Do *Ventoso*, do sr. visconde de Juromenha.

Do *Arrieiro*, idem.

Do *Inferno* (!) da sr.ª D. Maria Dorothea de Lima.

Do *Cassimal*, da sr.ª D. Anna Baptista da Costa.

ALDEIA-GALLEGA DO RIBA-TEJO—villa, Extremadura, 18 kilometros ao S. E. de Lisboa, 12 de Alhos-Vedros, 30 de Palmella. Situada em plano, n'uma especie de golpho, na margem esquerda do Tejo, em terreno fertillissimo em cereaes, vinho, fructa e pinhaes. Abundante em peixe, marisco e sal.

É escala entre o Alemtejo e Lisboa; e por isso muito commercial. Não obstante, o caminho de ferro do Sul tirou-lhe uma grande parte da importancia.

Tem optimo caes de cantaria.

Feira no penultimo sabbado de agosto, tres dias.

1:000 fogos, 4:000 almas. No concelho 1:200 fogos, na comarca 3:600.

Orago o Espirito Santo.

Districto administrativo e diocese de Lisboa.

Tomou o nome, de uma mulher chamada *Alda Gallega*, que deu principio á povoação, com uma venda ou estalagem, que edificou junto ao porto, onde hoje é a villa.

Esta etymologia é a que lhe dá a tradição, mas quem sabe se a origem do seu nome seria a mesma de Aldeia Gallega da Merceana?

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de setembro de 1514.

Misericordia fundada em 1553.

A 4 kilometros é o celebre templo de *Nossa Senhora da Atalaya*, fundado em 1623 e reedificado no seculo passado, onde vão todos os annos perto de 30 *cyrios*.

Antigamente iam todos os empregados da alfandega de Lisbôa, em romaria á Senhora da *Atalaya*, no domingo da Santissima Trindade, por um compromisso feito em 1507, por causa de uma grande peste, que tinha havido.

Ainda existe esta romaria com o nome de *Cirio;* mas não é dos empregados da alfandega; porém do povo de Lisboa e outras localidades. (Vide Atalaya (Nossa Senhora da).

Esta villa foi priorado da ordem de S. Thiago, com dois beneficiados e thesoureiro.

O seu antigo termo tinha 96 kilometros de circumferencia.

Tinha um convento de frades *recoletos* da provincia do Algarve.

No 1.º de junho de 1834 aqui embarcou,

em um escaler da esquadra britanica, D. Carlos de Bourbon e sua familia para ir para bordo da nau *Donegal*, que devia conduzil-os a Inglaterra.

A camara pagava ao medico do convento, assim como ao cirurgião e ao boticario, por ser o convento pobre. Tambem pagava aos frades os sermões da quaresma e do advento, e 400 réis cada semana para a vacca dos doentes, além d'outras esmolas da camara e do povo.

O seu esteiro é navegavel até ao Tejo.

Teve juiz de fóra até 1834.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 17 de janeiro de 1515.

Tem estação telegraphica municipal.

Ha por aqui bonitas e rendosas quintas.

A villa e termo rendiam para a corôa até 1834, *d'usual* 5:000$000 réis e 280$000 réis de siza, e o real d'agua.

Conta-se que no seculo passado se costumava fazer aqui a procissão dos Passos, na qual um latagão em carne e osso fazia de Senhor dos Passos, levando a cruz ás costas, com grande cabelleira e longas barbas postiças. Quando a procissão parava, queria o pobre do homem descansar, encostando a cruz (que pelos modos era pesada) a qualquer parede ou vallado; mas isso é que os *judeus* lhe não consentiam para fazerem a coisa mais ao natural. Então o *protagonista*, zangado, disse: *Cá não me tornam vossês a pilhar: o diabo que lhes venha servir de Senhor dos Passos.*

É esta villa solar dos *Varellas*. Este appellido é nobre. Segundo o *Livro de Linhagens*, do infante D. Pedro, esta familia é oriunda da Galliza. Veio estabelecer-se em Portugal, no seculo XIV, D. Fernão Paes Varella, tronco d'esta familia. Seu neto, D. Pedro Varella, foi um valente e leal portuguez, e fronteiro-mór do Alemtejo, por D. João I de Portugal. Casou n'esta villa com D. Brites Annes, fazendo aqui o seu solar. Suas armas são—em campo de prata, 5 bastões de coticas verdes, em banda. Timbre meio leão de prata com um bastão do escudo nas mãos. Estas armas foram dadas por Philippe III, a Miguel Varella Mascarenhas, em 1612.

Outros Varellas trazem—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de verde, 5 flores de liz de oiro, em aspa, e no 2.º e 3.º, d'azul, um leão de oiro. O timbre como o dos outros.

Villas Bôas diz que o progenitor dos Varellas veio para Portugal no tempo de D. Sancho I. Pois viria.

ALDEIA GAVINHA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, (foi do concelho de Aldeia-Gallega da Merceana até 1855) 40 kilometros ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa, e terra bastante fertil.

Esta freguezia tem a séde no logar de Aldeia Gavinha, e comprehende os logares de *Freixial de Cima*, *Freixial de Baixo*, *Tojal*, *Montagil*, *Matta* e *Sobreiros*.

Era priorado, apresentado pelas rainhas, pois que a freguezia era apanagio da sua casa. Rendia então 400$000 réis; hoje apenas rende 220$000 com o pé d'altar.

Segundo a tradição, foi esta povoação fundada no meiado do seculo XV.

É provavel que de tempos remotos (pelo menos, dos romanos) houvesse uma povoação na encosta, defronte do logar onde hoje está uma vinha do sr. Oliveira, da Merceana; porque tem aqui apparecido, por varias vezes, alicerces de casas e cippos com inscripções romanas. Ainda ha poucos annos se achou uma lagem com a seguinte:

HIRCINIY
S. TEMPO
RÂNVS
AXXXV. H. S. E.
D. M.

Isto é—*Hircino Temporão, de edade de 35 annos, aqui jaz sepultado. Dedicado aos deuses manes.*

Em 1448, uma terrivel peste assolou este reino. Consta que então morreram d'este flagello quasi todos os habitantes da antiga povoação. Havia no sitio da actual Aldeia Gavinha um casal onde a peste não entrou: pelo que os poucos que escaparam se vieram aqui estabelecer, formando com o tempo uma aldeia florescente.

Suppõe-se que a egreja matriz foi fundade pelos annos de 1550; porque na capella-mór ha uma campa com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ ANTONIO GLZ.
O PRIMEIRO PRIOL QUE
FOI D'ESTA EGREJA. 1561

A par d'esta campa ha outra com esta inscripção:

S.ª DE BALTHAZAR D'OLMEDO
TERCEIRO PRIOL D'ESTA EGREJA
FALLECEU A 13 D'ABRIL DE 1563.

(Succediam-se com rapidez aqui os parochos!)

Além d'estas, ha varias campas com inscripções, mas quasi todas illegiveis.

Segundo o sr. Guilherme João Carlos Henriques (*Alemquer e o seu concelho*) curiosissimo e illustrado escriptor, cuja primorosa obra muito me serviu para a descripção das varias povoações do actual concelho de Alemquer—existiu na capella-mór e hoje está na sachristia da egreja, uma pedra com esta inscripção—*N'esta casa instituiu capella, Estevão Moniz Freire, e lhe applicou as duas partes do rendimento d'ella, a qual hoje é de Sua Magestade. Era 1671.*

Defronte do arco cruzeiro.

S.ª DO CAPITÃO HIERONYMO GLZS, CAVALLEIRO FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, E CIDADÃO DA CIDADE DE LISBOA, E DA SUA MULHER JOANNA JACOME DE FARIA, E DE TODOS OS SEUS HERDEIROS. ERA 1640 ANNOS.

No corpo da egreja ha muitas campas. Uma d'ellas refere-se ao logarsinho da *Musarâbia*, e tem a data de 1581.

Outra diz:

S.ª DE AGOSTINHO FRZ. DE SEQUEIRA
E DE SEUS HERDEIROS.

(Estes Sequeiras são os fundadores do vinculo de Aldeia Gavinha, em 1617.)

Em outra:

S.ª DE AYRES ANRRIQUES E DE SUA MULHER FELIPPA AVANCELHA, FILHA DE AYRES PENTEADO

Em outra:

S.ª DE ANTONIO CALDEIRA E DA SUA MULHER IZABEL DA GAMA, E DOS ADMINISTRADORES DA SUA CAPELLA.

A visita mais antiga feita a esta egreja, que está registada no respectivo livro, é a do dr. Damião Viegas, em 25 de março de 1598.

No logar d'Aldeia Gavinha ha tambem a capella do Espirito Santo, que tinha administrador e estava sujeita ao provedor. Houve mais as capellas de Nossa Senhora da Conceição, que se arruinou ha mais de 140 annos; e a de S. Sebastião, que o terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu.

No Freixial havia tambem uma ermida de S. Luiz, que era do povo; no Tojal, a de Nossa Senhora da Penha de França, que o mesmo terremoto desmantelou; e em Montagil, a de Nossa Senhora da Nazareth, que antigamente pertenceu ao capitão Manuel Monteiro da Costa.

As quintas *do Castello, da Cidade* e *da Conceição* eram um vinculo, feito por um arcebispo de Braga. São hoje da sr.ª D. Maria da Piedade Telles.

Ha mais as quintas—*de Santa Barbara*, do sr. barão da Portella—*do Tojal*, dos herdeiros do barão de Chancelleiros—*dos Cucos*, do sr. J. M. Franco—*do Aragão*, do sr. A. P. Caldas—*dos Sobreiros*, do sr. F. J. R. Casalleiro—*de S. Martinho*, do sr. J. C. M. d'Aguiar—*da Choroseira*, da sr.ª D. Antonia Candida d'Oliveira Montaury, e os casaes—*da Lage, Baneira, Queimadas, Remolho* e *Beta*.

ALDEIA DE JOANNE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALDEIA DE JOÃO PIRES—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 50 kilometros da Guarda 260 a E. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto de Castello Branco. Foi antigamente do concelho de Monsanto.

ALDEIA DE SANTA MARGARIDA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 55 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Margarida de Crotona.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

ALDEIA DA MATTA—freguezia, Alemtejo, comarca de Portalegre, concelho e 6 kilometros do Crato, 135 de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

É no patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

ALDEIA DO MATTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 165 kilometros a E. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era curato da ordem de Malta, apresentado pelo grão prior do Crato.

Ha aqui muitas lentilhas, de que fazem pão. Ás latadas chamam *labruscas*.

ALDEIA DO MATTO—freguezia, Beira Baixa, concelho de Valhelhas, comarca e 24 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Orago Sant'Anna.

É no bispado da Guarda, districto de Castello Branco.

ALDEIA DE NACOMBO ou **NACOMBA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, bispado e 24 kilometros de Lamego, districto administrativo de Vizeu, 50 fogos.

Orago S. Pedro.

ALDEIA NOVA—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros de Vizeu, 335 a E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Pertencia ao concelho de Castello-Mendo, que foi annexado ao do Sabugal, em dezembro de 1870 ficou (com outras freguezias) fazendo parte do concelho de Almeida.

ALDEIA NOVA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

A freguezia de *Aldeia Velha* está annexa a esta freguezia.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Ha aqui uma copiosa fonte d'agua sulphurea, que sahe tepida. Ainda não foi analysada.

ALDEIA NOVA—freguezia, Alemtejo, concelho de Serpa, comarca de Moura, 85 kilometros d'Evora, 155 de Lisboa, 700 fogos.

Orago S. Bento.

Situada em uma vasta campina. Foi formada de duas aldeias, uma chamada *Cabeço dos Vaqueiros*, e outra *Fonte dos Cantos*.

D. João IV fez aqui muitas casas á sua custa, que deu a quem n'ellas quizesse morar, com a obrigação de defenderem a povoação dos castelhanos, o que este povo sempre fez com bravura.

Muita caça. Fertil em cereaes, vinho e fructa. Criam-se aqui muitos e bons porcos.

Passa por aqui a serra de Serpa.

É no bispado e districto administrativo de Beja.

ALDEIA NOVA ou **VENDA NOVA** (mas verdadeiramente *Cucujães*)—aldeia, na freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis.

Tem uma grande fabrica de chapeus de lã (talvez a maior de Portugal, n'este genero, pois occupa mais de cem pessoas).

Os productos d'esta optima fabrica, pela sua perfeição, são procurados em todo o reino e na Hespanha, para onde faz grande commercio. Pertence aos srs. Manuel José de Carvalho e seu filho, José Antonio da Silva Carvalho. Foi fundada em 1867. Tem sido premiada em varias exposições.

N'esta aldeia, cujo nome official e verdadeiro é *Cucujães*, no sitio em que hoje é um campo, existiu a primitiva egreja matriz da freguezia, que foi demolida quando se edificou a egreja do mosteiro, que, desde então, ficou sendo matriz. (Sobre isto e sobre a etymologia do nome moderno d'esta aldeia, vide *Cucujães*.)

ALDEIA NOVA DO AZINHAL—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e a 6 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

ALDEIA NOVA DO CABO—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca do Fundão,

55 kilometros da Guarda, 255 ao O. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pé da Cruz.

Districto de Castello-Branco, bispado da Guarda.

ALDEIA NOVA DAS DONNAS—Vide *Aldeia das Donnas.*)

ALDEIA NOVA DA TEIXEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 60 fogos.

ALDEIA DO PAYO PIRES—freguezia, Extremadura, comarca d'Almada, concelho do Seixal, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciada.

Diz-se que foi seu fundador o bravissimo commendador de S. Thiago e fronteiro-mór do Algarve D. Payo Peres Correia, que lhe deu o nome.

Era antigamente da freguezia da Arrentella.

É no patriarchado, e districto administrativo de Lisboa, e pela nova divisão está na Extremadura, apesar de estar ao S. do Tejo.

Esta freguezia e as do Seixal e Arrentella são situadas em um tracto de terra de fórma quasi triangular de uns 30 kilometros quadrados, incluindo os casaes e pinhaes que pertencem a estas freguezias

Passa aqui a *ribeira de Coina*, e tem n'esta freguezia um desembarque chamado *Portinho*, junto á quinta do mesmo nome.

Estas tres freguezias ficam apenas desviadas uns 2:000 metros umas das outras.

É uma situação muito linda e com magnificas vistas. Ha por aqui muitas e boas quintas. (Vide Arrentella e Seixal.)

ALDEIA DA PONTE e FORCALHOS—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar-Maior, 120 kilometros ao S. E. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 250 fogos. Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

ALDEIA DA RIBEIRA e ESCABRALHADO—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar Maior, 120 kilometros a S. E. de Lamego, 320 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

ALDEIA RICA—Vide *Açores*, villa.

ALDEIA DO SALVADOR—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Monsanto, 60 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 110 fogos.

ALDEIA DA SERRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 50 fogos.

ALDEIA DO SOBRAL—Vide *Adiça.*

ALDEIA DO SOUTO—freguezia, Beira Baixa, concelho de Valhêlhas, comarca e 24 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

ALDEIA VELHA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros a S. E. de Lamego, 300 de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. João Baptista Degolado.

Districto administrativo da Guarda, bispado de Pinhel.

ALDEIA VELHA — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 135 kilometros de Lisboa, 70 fogos.

Orago Santa Margarida de Cortona.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

ALDEIA VELHA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Vizeu, 310 ao N. E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

ALDEIAS—Vide *Abrote.*

ALDERIZ—Ha em Portugal algumas aldeias d'este nome.

É a palavra arabe *Alderis*, significa—*o logar das debulhas* ou *as eiras.*

ALDERUGE—freguezia, Beira Alta, termo de Lamego, extincta ha quasi 200 annos.

É a palavra arabe *alderuge*, significa—*os degraus.*

ALDOAR ou **ALDUAR**—freguezia, Douro,

concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

É palavra arabe (*Aldoar*), significa—*redonda*. Deriva-se do verbo *daûara*—cercar á roda.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

ALDREU—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 315 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Era vigariaria de Palme.

ALEGRETE—villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros ao S. de Portalegre, 190 ao S. E. de Lisboa, 12 de Assumar, 340 fogos, 1:400 almas (em 1660 tinha 350 fogos e em 1760 só 250!) no concelho 500 fogos.—Vide Arronches.

Orago S. João Baptista. Districto administrativo e bispado de Portalegre.

É praça de armas, fronteira á Hespanha (a 12 kilometros de distancia ao N.) em aprasivel altura, cercada de muralhas com seteiras, com seu castello.

Tem dentro do castello, casas para quarteis, arrecadações, cisterna, etc.

Sobre a porta principal da villa ha uma torre de cantaria, primorosamente lavrada, onde está o relogio. D. Diniz povoou a villa e fundou o castello em 1319, como se verá adiante.

Fertil (sobretudo em castanhas, que exporta em grande quantidade).

Seu nome lhe provém da sua *alegre* situação, em uma altura cercada de varios montes, e banhada ao O. pelo rio *Cima* (que nasce no alto da serra de S. Mamede, e desagua no Guadiana.

D. Diniz lhe fez o castello e muralhas, e a mandou povoar em 1319, dando-lhe então foral. (As muralhas foram feitas pelos seus habitantes, com a condição de os tornar independentes da jurisdição de Portalegre, o que o rei fez.) Foi-lhe dado foral novo, confirmando o antigo. por D. Manuel em Lisboa, a 14 de fevereiro de 1516.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 10.º

O vinho de Alegrete é optimo.

Cria muito gado.

Aqui proximo houve em 1826 um pequeno combate entre as tropas realistas commandadas por o brigadeiro *Magessy* e os liberaes de *Villa-Flor*.

D. João IV fez conde de Alegrete a Mathias d'Albuquerque, em premio da victoria de *Montijo*. Passou depois a marquezado, que D. Pedro II deu a Manuel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, em 1687.

É população muito antiga, e já existia no tempo dos romanos. Ha porém duvida no nome que estes lhe davam.

Querem uns que fosse *Alegretum*, (o que não me parece muito provavel) outros sustentam que se chamava *Ad-septem-aras*;—mas é mais provavel que *Ad-septem-aras* seja *Assumar*.

Barreiros, sobre as *Tabuas de Ptolomeu*, quer que aqui fosse a antiga *Talabriga*. (É escolher.)

A matriz é um bom templo, de tres naves. Tem Misericordia. Esta praça desde que foi tomada aos mouros, por D. Affonso I, em 1160, nunca mais se perdeu.

Tinha o privilegio de não dar soldados (com obrigação de defenderem a praça, dos castelhanos) dado por varios reis e ainda confirmado por D. João V.

A villa é cercada pelas ribeiras *Caia* e *Ninho do Açôr*.

É terra fertil, sobretudo em vinho, azeite e castanhas.

ALEIDÕES—monte, Alemtejo, comarca de Evora, faz parte da serra d'Ossa e tem as mesmas producções.

ALEIXO (Santo)—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 85 kilometros de Evora, 155 de Lisboa 330 fogos, 1:300 almas.

Orago Santo Aleixo.

Bispado e districto administrativo do Beja.

É terra do infantado. A egreja está fóra da villa, em uma elevação e dentro de um castello, forte por arte e natureza.

Em 11 de agosto de 1644, os castelhanos a atacaram com grandes forças. Defenderam-se os da villa heroicamente; mas vendo as muralhas arrazadas, se metteram dentro da

egreja, d'onde continuaram a resistir ao inimigo; porém, como este era muito superior em forças, os venceu, fazendo nos portuguezes horrivel matança, mesmo dentro da egreja, que ficou quasi destruida. Foi reedificada em 1683.

Em 1704, foi a fortaleza novamente atacada por os castelhanos, que á força de artilheria destruiram outra vez a egreja, menos a capella mór, que ficou intacta.

Em 1733, o povo desfez a egreja (por se não poder reconstruir) e em 1734 começou a sua reedificação (do corpo da egreja). Era antigamente de tres naves, mas agora é só de uma. Esta egreja era dos cavalleiros da Ordem militar de S. Bento de Aviz, que a administravam.

Ha n'esta villa umas casas muito antigas, que serviam de albergaria; mas não tinham rendas proprias.

É terra muito abundante de todos os generos e tem muitas e boas pastagens.

Aqui nasceu D. *Affonso Mendes*, patriarcha da Ethiopia, no tempo de D. João IV. Tambem se diz que aqui nasceram os paes do grande padre *Antonio Vieira*.

Foi aqui nascido, e d'aqui capitão-mór, o bravissimo *Martinho Carrasco Pimenta* que obrou prodigios de valor, na guerra dos 27 annos.

Tambem são d'aqui naturaes, o benemerito e valente capitão *Lopo Mendes Sancas*, e seu filho, o alferes *João Mendes Sancas*, companheiros do dito capitão-mór, e que tantos e tão relevantes serviços fizeram á patria durante a referida guerra.

Tendo sido prisioneiros dos castelhanos, e estando em Badajoz, seus amigos e parentes trataram do seu resgate, e os castelhanos depois de receberem o dinheiro, os envenenaram na cadeia!

O filho de João Mendes, chamado *Lopo Caeiro Mendes Sancas*, mostrou-se digno descendente de tão bravos progenitores, e na guerra de 1704, a 31 de maio, se viu aqui cercado por um grande exercito castelhano, commandado por o marquez de *Villadarias*, não tendo o chefe portuguez ás suas ordens mais do que *ordenanças* (guerrilhas). Mas, apezar d'isso, por muitos dias resistiu desesperadamente ao inimigo, não capitulando senão quando, no fim de muitos dias, faltos de sustento e munições de guerra, e sem poderem ser soccorridos, lhes era impossivel a resistencia.

Houve então um feito heroico e digno de ser eternisado.

Um paizano d'aqui (cujo nome, infelizmente se ignora) não se querendo render, se fez forte em uma casa, d'onde matou e feriu muitos castelhanos, sendo atacado por portas, janellas e telhados, com balas e granadas de mão, fugiu para o quintal, d'onde, em quanto teve uma gota de sangue nas veias, matou e feriu nos castelhanos, caindo por fim exhausto de forças, se agarrou a umas hervas e disse: — *Estas sejam testemunhas em como morro pelo meu rei e por a minha patria.*

Tinha esta villa muitos privilegios, e entre elles o de não dar soldados.

Diz-se que a fonte publica é obra de D. Diniz. É a melhor agua do Alemtejo. Os arcebispos de Evora a mandavam aqui buscar para seu uso, apezar de ficar a 85 kilometros de distancia!

Foi pois esta villa praça de armas a qual se acha (e o castello de Noudar) em uma estreita ponta que faz o reino, mettida no de Castella, e ambas estas praças serviam de atalaia ás de Serpa, Moura e Mourão.

Está hoje tudo em ruinas.

Era uma boa fortaleza, com cubellos, revelins, cortinas, fossos, etc., e com os competentes armazens para petrechos de guerra.

A 1:200 metros para o O. sobre o rio *Safarêja*, está um castello com sua muralha, sobre uma soberba eminencia. Outros 1:200 metros ao S., em outra eminencia, sobre o rio *Safarejinho*, está outro castello, no qual se tem descoberto vestigios de fortificações antiquissimas. Entre estes dois castellos, a distancia de 5 kilometros, fica outro sobre a ribeira *Fagildos*. A distancia de 3 kilometros d'este, sobre um penhasco, nas margens do rio *Mortigão*, está outro castello, em logar tão eminente, que causa medo a sua altura. No meio tem uma cisterna toda aberta a picão em rocha viva.

Distante da villa 5 kilometros, no sitio da

Tomina, fim da serra do Barreiro, é o convento dos *padres agonisantes*, primeira casa que n'estes reinos fundou o padre Manuel de Jesus Maria (natural de Nespereira, bispado do Porto) em 1709 ou 1710.

A sua primeira habitação foi uma cova, onde esteve com alguns companheiros uns poucos de annos e junto á qual mandou fazer uma capella, que ainda existe. Proximo á egreja do convento, ha uns enormes rochedos, alguns mais altos do que ella!

ALEIXO (Santo) — freguezia, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Montemór-o-Novo, 35 kilometros de Evora, 85 de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

ALEIXO (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Veiros, 18 kilometros de Evora, 155 de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre. Fertil.

ALEIXO D'ALÉM-TAMEGA (Santo)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho da Ribeira de Pena, 65 kilometros a NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

ALEM—vide *Senhor d'Alem*.

ALEMQUER — rio, Extremadura. Nasce em uns regatos, ao pé da serra de S. Marcos ou Monte-Junto, os quaes se unem proximo do logar da *Espisandeira*, e correm distancia de 6 kilometros até á villa de Alemquer, d'onde toma o nome, engrossando muito com os *olhos d'agua* que recebe da *Fonte do Perennal*, e outras aguas que ahi se juntam. Diz-se que as aguas d'este rio curam as molestias cutaneas. Espraia-se pelos campos de Villa Nova da Rainha, Castanheira e Paul de Otta, fertilisando-os. Suas margens são cultivadas, agradaveis e ferteis. Era da casa das rainhas.

É cortado por nove pontes de pedra, sendo cinco na villa, a saber: a da *Panca*, a da *Couraça* (junto a uma alta torre) a de *Triana*, a do *Espirito Santo* (n'esta debaixo das armas de Portugal, está o cão ou *alão* pardo) e a de *Santa Catharina*, que todas dão serventia á villa.

Duas d'ellas são de bella cantaria, sobre tudo a do Espirito Santo, mesmo na villa, que é obra de D. Sebastião e se concluiu em 20 de abril de 1571, como consta da inscripção que está na mesma ponte.

Cria muito peixe.

Com 12 kilometros de curso, morre no Tejo, junto ao logar de Villa Nova da Rainha, levando já encorporado em si o rio Otta.

ALEMQUER ou **ALANQUER** — villa, Extremadura, districto administrativo e 45 kilometros ao N. de Lisboa, 5 ao N. da estação do caminho de ferro do norte e leste, e junto á nova estrada real de Lisboa, 820 fogos, 3:200 almas, em tres freguezias (Santo Estevão e S. Thiago, annexas, S. Pedro, e Nossa Senhora da Assumpção, de Triana). No concelho 2:200 fogos e na comarca 7:000. A villa tinha em 1660 400 fogos.

Consta que no tempo da sua prosperidade teve uma grande população, pois só do sexo masculino contava umas 5:000 pessoas. É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está situada em uma planicie, 6 kilometros a NO. do Tejo, sobre o rio do seu nome, e na encosta de um outeiro. O seu terreno é fertil, mas doentio. Produz muito bom vinho.

Tem uma fabrica de papel de optima qualidade, em um edificio vasto e magnifico, e duas de cobertores e outros productos de lã e algodão. O motor é a agua do rio.

A de papel foi fundada por uma companhia de Lisboa, que *quebrou* (como quebram quasi todas em Portugal...) Agora é de uma nova companhia, que prospéra.

A de tecidos foi fundada pelo sr. *Lafourie*, e tem um bom edificio, moderno.

Dão estas duas fabricas emprego a muita gente, são ambas edificadas junto ao rio, cujas aguas lhes servem de motor.

O rio atravessa a villa, formando dois bairro, ao E. o chamado *Triana* (corrupção dos

latim *trans amnem*, além do rio) e ao O. o resto da villa, na encosta do monte, onde estão as ruinas do castello.

Ha divergencia entre os escriptores, sobre quem fundou esta villa, e qual foi o seu primeiro nome. Querem alguns que ella fosse fundada pelos *turdulos*, 500 annos antes de Jesus Christo; porém estes só se fundam no nome de *Jerabriga* ou *Jerabrica* que lhe attribuem. Todos os nomes de povoações peninsulares que terminavam por *briga*, os romanos *alatinisando-os*, diziam e escreviam *brica*. Eis a razão porque vemos nos auctores, ora *Talabriga*, *Lacobriga* etc., ora *Talabrica*, *Lacobrica*, etc., etc.

Tambem ha duvida sobre esta mesma palavra *briga*. É certo que todas (ou quasi todas) as povoações fundadas por *Brigo* (4.º rei de Hespanha, que viveu pelos annos 1950 do mundo) ou no seu tempo, tinham a tal terminação de *briga*, o que nos faz acreditar ser o nome do tal rei. Auctores porém muito respeitaveis, dizem que *briga*, significa *cidade*, na lingua turdula; o que tambem é muito acreditavel. Em vista d'isto, Lagos (Lacobriga) póde ser *Lago de Briga*, ou *Cidade do Lago*. Mas parece mais provavel que Jerabriga seja a actual villa de *Póvos*.

Querem outros que seja fundação dos romanos; e se o não foi, é certo que já existia no seu tempo; pois por diversas vezes, em differentes épocas, e principalmente no seculo passado, se encontraram, em escavações que se fizeram, muitas lapides e *cippos*, com inscripções romanas.

Se é fundação romana, não é provavel que seja *Jerabrica* que é nome turdulo, e os romanos nunca davam ás povoações que fundavam, nomes senão latinos. (Mesmo a muitas povoações que elles reedificavam, e até a outras que achavam feitas e a que nada accrescentavam, costumavam substituir os antigos nomes *barbaros*, como elles diziam, por nomes romanos).

É incontestavel que Alemquer é povoação antiquissima, e de muita importancia durante o imperio romano, o que attesta, além de muitas outras circumstancias, a profusão de lapides, cippos, moedas e inscripções romanas aqui apparecidas por muitas vezes.

No principio do seculo v (anno de Jesus Christo 413) os povos do norte (godos, suevos, wandalos, alanos, etc.) invadindo a peninsula, se assenhoraram da Lusitania, e fazendo partilhas entre si, coube esta parte da Lusitania, a que chamamos Extremadura, aos alanos.

Occupando estes pois Alemquer, fizeram d'ella uma praça forte, e lhe deram o nome germanico de *Alan-kerk* ou *Alano-kerk*; que, segundo a opinião mais seguida, quer dizer *Castello dos alanos*, e segundo outros *Templo dos alanos*. D'esta opinião é o infatigavel investigador *Damião de Goes*, que aqui nasceu, viveu e morreu.

Em uma lapide embebida na parede da capella-mór da egreja de Santa Maria da Varzea, que é da sepultura do mesmo Damião de Góes, se lia, entre outras palavras, o seguinte: *modò Alanokercœ, ubi natus sum, hoc sepulchro condor*, etc. etc., o que confirma a etymologia que muitos dão á villa.

Diz-se que os alanos reedificaram e fortificaram Alemquer, pelos annos 418 de Jesus Christo.

Os suevos, contemporaneos dos alanos, e como elles de raça germanica, lhe chamavam *Alan-kana*, ou *Alen-kerkana*, o que provavelmente vinha a significar o mesmo, sendo esta pequena variação procedente da differença do dialecto.

Dizem outros que Alemquer é derivado da palavra árabe *el-haquem* (o governador) que vem do verbo *hacama* (governar.)

Os lusitanos, por *el-haquem* pronunciavam *el-aquimes*. Não acho geito nenhum a esta etymologia. Entendo que o nome de Alemquer procede incontestavelmente do alano.

O castello, se não foi fundado pelos romanos, foi-o pelos alanos; pois já existia quando em 715 os arabes se apossaram da Luzitania. As muralhas que cingiam a villa foram edificadas pelos mesmos que edificaram o castello. Tinham tres portas, a *da Villa* (na praça) a de *Santo Antonio* (que primeiro se chamou *Carvalho*, por ir para a ponte do *Carvalho*) e a de *S. Thiago*; além de alguns postigos.

Deixemos esses tempos de duvidas e ob-

scuridades, e tratemos da villa portugueza.

Nos fins de abril de 1148, poz D. Affonso I cêrco a Alemquer, que os mouros defendiam obstinadamente. Durava o cêrco havia dois mezes, quando na manhã de S. João Baptista, pilhando o rei portuguez os arabes intertidos a banharem-se no rio, investe inopinadamente a villa e a *toma de assalto.*

Mas, como n'aquelle tempo tudo eram milagres, inventaram os *patranheiros* o seguinte, que ainda existe como tradição, mas com tres differentes versões:

1.ª versão—Que quando o mouros sairam a banhar-se, *deixaram a villa entregue a um cão pardo (!)*

Que este saira logo atraz d'elles e fôra direitinho a D. Affonso I, fazendo-lhe muita festa (com o rabo e traquinada com as orelhas) o que o rei tomou por bom agouro, e disse: *Alão quer!* (O tal historico *canzarrão,* que tanto tem dado que fallar, era da raça dos chamados *alões.*) e *zaz! investe a praça e toma-a de assalto!*

Haverá alguem de juizo que acredite similhante disparate? Então os mouros iam *todos* refrescar-se, e tendo a praça cercada por os christãos, deixavam-a entregue a um cão, e, demais a mais, com a porta aberta, para elle poder sair cada vez e hora que quizesse, como effectivamente fez? Mas, se o cão saiu, ficou a praça sem *guarnição* nenhuma, e então D. Affonso I não a *investiu* nem *tomou de assalto.* Achou a porta aberta e entrou muito facilmente por ali dentro, usando do *privilegio de cão!*

2.ª versão—Estando o rei a olhar para as muralhas, o *alão* chegou a cima da porta, com a chave d'ella na boca e a atirou ao rei, que não fez ceremonia e entrou dizendo: *alão quer!* (Devemos confessar que os arabes de Alemquer sempre arranjaram um alcaide-mór!...)

3.ª versão—O cão *saiu da praça* com a chave na boca, e a foi entregar ao rei! Cada vez entendo isto menos! Se a porta estava fechada, por onde saiu o cão? e se estava aberta, que obsequio fazia o cão ao rei em trazer a chave?

Eis aqui a patranha em que se fundam os que dizem que o actual nome d'esta villa são as palavras proferidas por D. Affonso Henriques: *Alão quer.* O que admira é auctores serios tratarem d'isto seriamentte.

Deu provavelmente causa a este conto da carochinha o ter a villa por armas um *cão pardo* em campo de prata; mas, se allludisse á tal patranha, devia estar solto e com a chave na boca, quando *elle está preso a uma arvore,* com um grilhão de ouro ao pescoço.

Os alanos tinham nas suas bandeiras a figura de um gato; mas como estavam tão atrazados em *bellas-artes,* póde ser que os seus successores cuidassem que era um *cão* o seu emblema nacional, e o adoptaram,

(Nós não vemos ainda hoje em dia a célebre *porca de Murça*—(que está no meio da praça d'esta villa—e que nem 30 *Bufforns* são capazes de dizer que casta de quadrupede é—porque lá quadrupede é ella—mas, tanto póde ser uma *porca* como um elephante, ou hipopótamo, ou rhinoceronte, etc. etc.)

D. Affonso I deixou guarnição no castello (provavelmente não foi o *alão,* visto que costumava virar a casaca) e mandou povoar a villa por christãos.

Em 1185, o imperador de Marrocos a veiu cercar, com grande exercito; mas foi derrotado.

Despovoando-se a villa com as continuas guerras de então, D. Sancho I a mandou reedificar e povoar, dando-a em dote a sua filha D. Sancha, a qual lhe deu foral, com muitos privilegios, em 1240.

O rei mandou então aqui dar o paço real para a dita sua filha, que aqui residiu até professar no convento de Cellas, e o paço foi depois convertido no convento de S. Francisco. A infanta morreu freira, no convento de Cellas (Coimbra) em 13 de março de 1229.

Por sua morte tornou Alemquer para a corôa, ficando até 1834 pertencendo á casa das rainhas.

D. Affonso II, irmão de D. Sancha, queria usurpar a esta, a villa, e como ella lh'a não quizesse entregar, lhe poz um cêrco, que durou 14 mezes; mas, com tal bravura se defenderam os alemquerenses contra as forças do rei, que este teve de levantar o cêrco.

D. Diniz lhe deu novo foral, em 31 de maio de 1302.

Outro foral foi communicado aos moradores dos *Montes* (casaes) de *Alemquer*, por carta dada em Santarem, a 9 de janeiro de 1305. (Este pertence á villa hoje chamada Aldeia Gallega da Merceana. Vide esta palavra.)

D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Por morte de D. Sancha, vagou para a corôa, e D. Affonso III a deu a sua mulher D. Brites (ou Beatriz) ficando desde então até 1834 pertencendo á chamada *casa das rainhas*, que n'este anno foi extincta.

Dizem alguns escriptores, que por isto se chamava á villa, no reinado dos nossos primeiros soberanos, *Chapins da rainha*. Se teve este nome, não foi official.

Em 1383 se acoitou aqui D. Leonor Telles da Menezes, viuva de D. Fernando I. D. João I atacou o castello, mas a guarnição resistiu denodadamente, e o vencedor de Aljubarrota não a poude tomar.

Era alcaide-mór da praça, Vasco Pires de Camões, fidalgo gallego.

Quando no fim da guerra, a villa lhe foi entregue, elle, em castigo da sua resistencia, mandou tirar os cunhaes do castello, que caiu em ruinas. (Adiante se explica mais isto.)

Tem estação telegraphica municipal.

Filippe II deu esta villa a D. Diogo da Silva e Mendonça, conde de Salinas e Rybadeo, em Hespanha, (são hoje os duques de Hijar) ao qual tez marquez de Alemquer e vice-rei de Portugal; mas em 1640 tornou a ser das rainhas.

A esgreja matriz de Santo Estevão, parece ter sido de *templarios* (por uns tumulos que tem debaixo da arcaria, no corredor que vae para o côro; nos quaes estão esculpidas umas espadas como as dos *cavalleiros do Templo.*)

Esta egreja era priorado, apresentado pelas freiras de Odivellas. Tinha 10 beneficiados.

A de Santa Maria da Varzea, diz-se que foi feita por a infanta D. Sancha, pelos annos de 1245.

N'esta egreja foi baptisado e está sepultado o célebre chronista de D. Manoel, Damião de Góes, que nasceu em 1501 e morreu (parece que assassinado pelos inquisidores) em 1573.

Foi destruida por um incendio no meiado do seculo XV, attribuido aos judeus (que então moravam ao postigo de S. Thiago, onde então era a *judiaria.*)

Foram expulsos da villa e obrigados a reedificar a egreja á sua custa.

(N'esses tempos quantas desgraças havia, eram todas attribuidas aos pobres judeus!) Vide adiante.

A de Triana é fundação da rainha Santa Isabel, pelos fins do seculo XIII. Chamava-se antigamente Nossa Senhora da Assumpção *Transamnem*, e hoje Nossa Senhora da Assumpção de Triana.

O convento de frades franciscanos que se vê no mais alto da villa, foi o primeiro d'esta ordem em Portugal. A infanta D. Sancha deu o seu proprio palacio para se fundar este convento, em 1220.

Estes paços eram antiquissimos, nem se sabe quando ou por quem foram edificados. Suppõe-se, com bons fundamentos, que já existiam no tempo dos godos, e que os arabes d'elles fizeram a residencia dos seus *alkaides*.

Os paços do Espirito Santo foram edificados por D. Sancha, para sua residencia, depois de dar os outros aos frades.

Concluiu-se o convento em 1222, vivendo ainda S. Francisco de Assis.

A dita infanta fundou este mosteiro a instancias de frei Zacharias e frei Gualter. A egreja é obra da rainha D. Beatriz e do rei D. Diniz.

Para a egreja de S. Fransisco se mudou ultimamente a matriz de Santo Estevão, e em parte do convento está hoje o hospital da misericordia, e na cêrca o cemiterio publico. Foi bom, porque senão estava tudo por terra.

Por carta de lei, de 18 de agosto de 1853, foi o convento de S. Francisco concedido á camara de Alemquer, com a sua egreja e cêrca, para aqui se estabelecer a egreja parochial de Santo Estevão o hospital da Mi-

sericordia e cemiterio publico; mas só em 1862 é que isto se reedificou inteiramente á custa de uma virtuosa senhora que, para tudo isso, deixou por seu testamento sufficientes meios; senão já tudo a estas horas estava desmantelado. A matriz foi para aqui transferida em 25 de julho de 1863.

Adiante tratarei do hospital.

Os frades que vieram fundar este convento, emquanto elle se não concluiu, viveram no hospicio de Santa Catharina, ao pé do rio. É tradição que n'este hospicio residiram algum tempo os cinco martyres de Marrocos, e que é por isso que a uma nascente de agua que corre junto do oratorio, se chama *Fonte Santa.*

Havia tambem aqui um convento (da invocação de Nossa Senhora da Conceição) de freiras franciscanas (de Santa Clara.) fundado por João Gomes de Carvalho em 1533, por alma do qual se applicavam todas as missas do dia. (Quem lh'as diz desde que o mosteiro foi *consolidado* em 1834?)

Passou depois, por herança, este padroado para os Peixotos. Os padroeiros tinham obrigação de admittir n'este convento, para professarem, duas meninas pobres gratuitamente.

Adiante tornarei a tratar d'este convento.

A Misericordia e o seu hospital foram fundados por D. João III, em 1527.

A capella do Espirito Santo, que deu o nôme á ponte proxima, foi fundada por a rainha Santa Isabel, com um hospital contiguo. Aqui instituiu a mesma santa a festividade singular do Espirito Santo, na qual se fazia a ceremonia da coroação de um imperador; festa que em poucos annos se propagou por todo o reino, tornando-se muito popular. Ainda hoje se faz em algumas terras, com muito apparato.

Tem esta villa muitas fontes, e na rua da Triana ha uma que se diz feita por Santa Isabel. Outra proxima da ermida do Espirito Santo, da qual diz a tradição, que servia á santa rainha para n'ella vir, por suas proprias mãos, lavar os pannos que no hospital serviam ao curativo dos doentes. (Era bom tempo esse!...)

Na calçada está uma cruz que dizem ser em memoria do milagre que fez Santa Isabel, convertendo em dinheiro (para pagar aos pedreiros que faziam a egreja do Espirito Santo) uma porção de rozas.

Alemquer está em communicação diaria com todas as linhas de caminhos de ferro portuguezes pela estação do Carregado; e com as villas de Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Pombal, Redinha e Condeixa, pela mala-posta.

Parece que se lhe vae fazer agora um ramal de caminhos de ferro para o Carregado, pelo systema Larmanjat.

Em 1810 (a 10 de outubro) houve aqui um combate dos alliados contra os francezes.

Das suas armas, já se disse.

Alemquer foi por tres vezes cabeça de marquezado:

1.ª a favor de D. João da Silva, por Filippe II, em 1593. Foi um dos cinco governadores que venderam Portugal aos castelhanos.

2.ª foi D. Diogo da Silva de Menezes, por Filippe III, em 1616. Era sobrinho do primeiro e tão bom como elle.

3.ª foi no fim do seculo XVII, a favor de D. Catharina Barbosa de Noronha, condessa de Alegrete, viuva do célebre Mathias de Albuquerque, e camareira-mór da rainha D. Maria Sophia.

Morreu em 15 de maio de 1603; e como não teve filhos, acabou este titulo.

Em 3 de julho de 1862, foi feito barão de Alemquer, o sr. Manoel Joaquim de Almeida, rico e respeitavel proprietario d'aqui.

No segundo domingo do cada mez faz-se um importante mercado n'esta villa, muito concorrido.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

Os arrabaldes da villa, formados de campos, hortas, pomares e arvoredos, que bordam as duas margens do rio, são deliciosos.

A villa tem bellas vistas, sobre tudo para o sul, que é um vasto horisonte. Dizem que, guardadas as proporções, se parece muito com Jerusalem.

Foi por muitas vezes residencia de pes-

soas reaes. Além da infanta D. Sancha, e da rainha Santa Isabel e D. Leonor Telles, foi tambem côrte de D. Manoel, D. Catharina (viuva de D. João III e regente do reino na menoridade de D. Sebastião) e outras pessoas reaes.

Estiveram aqui, D. Brites, mulher de D. Affonso III, em 1279, D. Diniz e Santa Isabel, em 1287; D. Fernando e D. Leonor Telles, em 1374, 1376 e 1379; D. João I, em 1384; D. Duarte, em 1435; D. Manoel, em 1496.

Teve provedor, corregedor, juiz de fóra e capitão-mór, até 1834.

Tinha então 5 freguezias, 4 collegiadas e 31 beneficios, quasi todos muito rendosos.

A 2 kilometros ao N. da villa está o convento que foi de frades *paulistas*, fundado em 1416. A rainha D. Leonor, mulher de D. João II, lhe deu muitas rendas. Em 1421, João Rodrigues (escudeiro de D. João I) e sua mulher Maria Fernandes, lhe deram tambem um grande olival.

Alemquer está em 39°,8' de latitude, e 9° e 28' de longitude.

Uma lapide de um metro quadrado, que estava no alpendre da egreja de Triana e está agora em umas escadas de uma travessa que sobe para a fonte de Triana, tem esta inscripção:

Atiniæl. famsenæ tvscim. Terentio M. F. Gal. Aqvilæ Tereneiæ M. F. tvscaem.° Terentivs tvscvs svis F. C.

Em um cippo que estava na Horta de El-Rei, junto ao rio, estava uma inscripção que dizia:

Imp. Caes. divi Traiani parthicif. divi Nervæ nepos Traianvs Hadrianvs Aug. Pont. Max. Trib. pot. XVIIII cos. III P. P. refecit. etc.

Aqui nasceu, pelos annos de 1460, o famoso piloto Pêro de Alemquer. Foi piloto do navio de Bartholomeu Dias, que primeiro dobrou o cabo das Tormentas (hoje Boa Esperança) em 1487.

Foi n'uma expedição ao Congo, em 1490, e em 1497 foi o piloto da esquadrilha de D. Vasco da Gama, que primeiro chegou á India, circumnavegando a Africa.

Não se sabe quando, como, nem onde morreu. Provavelmente na indigencia e esquecido, como tantos outros patriotas benemeritos.

Tendo eu fallado em Damião de Góes, julgo não ser fóra de proposito dar uma breve noticia da vida d'este varão.

Nasceu n'esta villa em 1501. Foi camareiro e guarda-roupa de el-rei D. Manoel e embaixador de Portugal na Polonia, Dinamarca e Suecia. Tinha raro talento e vastissima erudicção e era muito estimado dos soberanos estrangeiros, com quem tratou, e dos homens eminentes do seu tempo: particularmente do célebre Erasmo, com quem viveu cinco mezes em Friburgo.

Viajou quatorze annos, escrevendo varias obras latinas, taes como *Historia do primeiro e segundo cerco de Diu, Descripção de Lisboa, Embaixada do Preste João*, etc., etc.

Viveu em Lovaina (Paizes Baixos) até 1542. Quando os francezes cercaram esta cidade, tomou uma parte brilhante na sua defeza, sendo feito prisioneiro e levado a França, d'onde só saiu, pagando de resgate 2:000 ducados.

D. João III o mandou chamar em 1546 e o fez guarda-mór da Torre do Tombo, e logo depois chronista-mór do reino. Como tal, escreveu a chronica do rei D. Manuel, e a do principe D. João, depois II.

Foi preso pela Inquisição, e por ella condemnado a confisco e degredo, cumprindo esta ultima parte da sentença (por *graça especial*) no convento da Batalha. Morreu, já livre, pelos annos de 1573; uns dizem que de uma apoplexia, outros, que assassinado por ordem dos inquisidores, que não se atreviam a queimar publicamente um varão tão estimado do papa e de muitos reis da Europa.

Ainda existem, muito bem conservadas, mas sem alteração sensivel da sua originaria architectura, as casas de *Damião de Goes*. Ficam a E. da villa, ao cimo de uma ingreme vereda e ao lado do antiquissimo bairro da *Judiaria*. É um edificio vasto e bem repartido (segundo a tradição está com as mes-

mas divisões que tinha quando aqui nasceu Goes) com boas casas de lavoura. Seu actual possuidor lhe accrescentou uma vasta adega com um bonito terrasso.

Foi esta propriedade por muitos annos dos marquezes da Cunha, hoje pertence ao distincto medico e doutor *Francisco Narcizo Attilano*, que sendo um cavalheiro illustrado, tanto pelos seus estudos como pelas suas viagens de alguns annos pelos paizes estrangeiros, conhece o raro valor d'este precioso monumento de gloria nacional. É por isso que elle se esmera em conservar esta casa sem lhe alterar a sua primitiva construcção. Honra lhe seja.

—

Muitos outros varões illustres nas armas, nas lettras ou nas virtudes aqui têem nascido; mas, tendo tanto que dizer de Alemquer, se me fosse a occupar de tudo e de todos, ser-me-hia necessario um volume só para esta villa. Os que não forem d'aqui, já teem bastante com que se entreter, e os alemquerenses que desejarem saber tudo quanto ha digno de nota na sua terra, leiam a excellente obra do sr. Guilherme João Carlos Henriques *(Alemquer e o seu concelho)* e ahi acharão quanto desejarem, escripto com minuciosidade, consciencia, estudo e criterio. Este cavalheiro dá honra á sua patria adoptiva.

—

Em fevereiro de 1872, o rio de Alemquer sahiu do seu leito (em razão das grandes e continuas chuvas) e innundou grande numero de ruas.

—

João Peixoto foi provedor da egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Triana. Depois passou a provedoria para os marquezes de Ponte de Lima. Estes tinham em praso, as rendas e foros de Nossa Senhora da Redonda, onde estiveram as *encelladas* (vide esta palavra) que passaram para o convento de Cellas, de Coimbra; ficando elles senhores directos de tudo quanto a ellas pertencia.

Pagava esta villa, de *tributo*, 1:300$000 réis; outra igual quantia de *usual*; 500$000 réis de *renda das correntes*, 250$000 réis de *real d'agua*; igual quantia de *imposto dos vinhos* e 1:600$000 réis de *jugadas* (esta verba era para as rainhas) ao todo 5:200$000 réis.

Teve provedor, corregedor, juiz de fóra e capitão-mór, com seis companhias de ordenanças.

A correicção passou depois para Torres Vedras, onde esteve até 1834.

O hospital da Misericordia, hoje estabelecido no convento de S. Francisco, não é grande, mas é bem regido e tem a sufficiente commodidade para os enfermos. Tem duas grandes enfermarias para pobres, com vinte camas cada uma. Tem outra chamada *particular*, com quatro camas, para aqui se tratarem os que quizerem pagar a modica quantia de 300 réis diarios. Tem mais dois quartos mobilados com muito aceio, para os ricos que aqui quizerem ser tratados á sua custa, com todas as commodidades.

Recebe annualmente, termo medio, 120 pobres, com os quaes dispende anda por 800$000 réis.

O cemiterio, apezar de já estar em parte da cêrca do convento desde 1843, não tem senão sepulturas razas e apenas uma tosca cruz espetada na terra dá a conhecer que é um cemiterio christão.

A fundação do antigo convento comprova-se por uma inscripção gravada em uma pedra, dentro da egreja e por baixo do côro. Diz ella: — *A infanta D. Sancha, filha d'El-Rey D. Sancho, neta d'El-Rey D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, fundou este convento, no an. 1222. — Esta Senhora recolheu aqui os santos cinco martyres de Marrocos, pelo que mereceu vêl'os na hora do seu martyrio glorioso.*

A fundação da egreja tambem consta de duas inscripções gravadas em pedra, que estão collocadas sobre a porta da entrada principal d'ella, uma de cada lado.

A da direita diz:

ESTA EGREJA FUNDOU
A MUI NOBRE RAINHA
DONA BRITES, E ACABOU-A
O MUI VIRTUOSO SEU FILHO,
REI DE PORTUGAL, COMPRIDO
DE VIRTUDES, DOM DINIZ.

A' da esquerda diz:

HOC PERFECISTI NIMIS INCLITE,
REX DYONYSY;
QUO VIRTUS, TIBI GAUDIA
DET PARADISI. AMEN.

—

Todos sabem que D. Affonso II não esteve pelo testamento que seu pae (D. Sancho I) havria feito, e quiz expoliar suas irmãs das suas legitimas paternas, o que em grande parte conseguiu, á força de armas.

Allegando D. Affonso II que seu pae não podia desannexar da corôa a villa de Alemquer, quiz que sua irmã D. Sancha, que aqui residia então, lh'a entregasse, ao que ella se recusou. O rei veio sobre a villa, pondo-lhe cêrco, que durou quatro mezes; achando nos alemquerenses uma valorosa resistencia, porque muito amavam a infanta, pela sua muita virtude e optimas qualidades.

Tal foi a bravura dos povos d'esta villa, que o rei, vendo que a não podia tomar á força de armas, abandonou o cêrco; mas sem cessar de fazer a guerra a suas irmãs, por outras partes, e por espaço de dois annos..

O papa e outras potencias da Europa, vendo a guerra injusta que este rei fazia ás infantas, conseguiu que as partes accordassem em submetter a causa aos tribunaes, principiando então uma demanda, em 1214, que ainda estava por decidir em 25 de março de 1223, dia em que o rei morreu em Coimbra. N'esse mesmo anno se decidiu que Alemquer e seu termo só tornasse para a corôa, por morte da infanta, menos um reguengo e tres azenhas que ella tinha dado ao mosteiro de Celas.

D. Affonso IV deu Alemquer, por carta d'arrhas, em 7 de julho de 1340, a sua nora D. Constança, mulher de D. Pedro I. Por morte d'esta princeza (1345) passou outra vez para a corôa e D. Fernando a deu a D. Leomor Telles de Menezes, que a gozou até fugir para Castella.

Já disse que D. João I lhe poz cerco e que a não pôde tomar. Quando D. Leonor fugiu para Castella, conservou-se a praça pelo seu partido; mas, assim que o povo soube que ella tinha cedido todos os seus direitos em Portugal a seu genro, D. João I de Castella, julgaram que estava nullo o seu juramento de fidelidade, e mandaram dizer ao rei portuguez que não só lhe entregavam o castello, mas mesmo que estavam promptos a combater pela patria, contra os castelhanos, comtanto que se pagassem a D. Leonor as suas rendas, em quanto viva, e a elles fossem conservados seus foros e privilegios.

D. João I, de Portugal, annuiu e d'isso passou carta; mas quando o rei castelhano avançava para Lisboa, o alcaide-mór de Alemquer, que—como já disse—era gallego sahiu a recebel-o e lhe entregou o castello, que o castelhano acceitou, e marchou com o seu exercito até ao Bombarral.

Os de Alemquer mandaram pedir ao rei portuguez 50 homens d'armas, para os ajudar a tomar o castello. O rei lhes mandou duas galés com gente, que fundearam a 6 kilometros da villa; e, juntando-se o povo com a gente das galés, investiram a fortaleza com grande intrepidez; porém depois de quasi um dia de batalha, souberam que os castelhanos vinham em soccorro da guarnição. Os habitantes da villa, juntaram suas mulheres, filhos e o que poderam levar e fugiram nas galés para Lisboa. Os castelhanos, assim que chegaram á villa, a saquearam.

Ainda em 1384 tremulava na fortaleza a bandeira castelhana. Os alemquerenses leaes tornaram a pedir ao rei que os ajudasse a tomar a praça. Elle os attendeu, e no mesmo dia embarcou levando 35 galés cheias de gente de guerra e indo tambem grande numero por terra; todos amanheceram no dia seguinte ao pé da villa. Muitos, grandes e mortiferos ataques foram dados inutilmente ao castello, até que só obrigaram a render a guarnição castelhana por falta d'agua. O alcaide-mór, Vasco Pires de Camões, capitulou em 10 de dezembro de 1384, com a condição dos castelhanos sahirem com todas as honras da guerra e com as suas bagagens (quasi tudo roubado aos portuguezes, bem entendido) e que Camões ficasse sendo alcaide-mór da praça; mas com guarnição escolhida pelo rei, e que se D. Leonor voltasse, lhe seria a villa entregue, o que D. João I acceitou.

Tomado o castello, marchou el-rei para Torres Vedras, que tambem ainda se conservava pelos castelhanos, e lhe poz cêrco, que durou muito tempo, porque houve muitas traições, promovidas pelo alcaide-mór de Alemquer. Um dos conspiradores foi queimado, e Vasco Pires de Camões tornou a levantar no castello de Alemquer a bandeira de Castella, e juntando-se com parte da guarnição ao exercito castelhano, na vespera da batalha de Aljubarrota, morreu na mesma, este gallego, que nada tinha de bom.

Foi depois da gloriosa jornada de 14 de agosto de 1385, que o nosso D. João I, enfurecido pela tenaz resistencia que sempre lhe fizera o castello de Alemquer, lhe mandou tirar os cunhaes, para se desmantelar.

Em 1439, recolheu-se para Alemquer a rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, receiando as tentativas contra a vida de seu filho, D. Affonso V, então de 8 annos, pelo infante D. Pedro, seu cunhado (d'ella) e regente do reino, em vista das intrigas que os invejosos do merito e alta posição do infante, contra elle calumniosamente tinham forjado.

E tal foi o medo, do infante, que a sua *camarilha* lhe soube incutir, que ella mandou reedificar as obras de defeza, e guarnecel-as com uma forte guarnição.

Desvanecidos os vãos terrores, pelo dignissimo comportamento de D. Pedro, a rainha voltou a Lisboa, e desde então nunca mais se cuidou das fortificações de Alemquer, que se foram desmoronando pouco a pouco.

Quando em 1580 a imbecilidade do cardeal rei e a traição dos governadores do reino entregaram ao feroz hypocrita Philippe II o reino de Portugal, Alemquer deu uma prova do seu brilhante patriotismo, tomando o partido do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Este principe aqui esteve então algum tempo (hospedado no convento de S. Francisco) e aqui recebeu *preito e menagem* das auctoridades, do que se lavrou o competente auto, assignado por elle, em 22 de julho d'esse anno, que por mais de duzentos annos existiu no archivo da camara.

Todos sabem as tristes peripecias d'esse malfadado anno de 1580, e Alemquer teve de submetter-se ao usurpador perjuro, em 27 de agosto.

D. Antonio I nunca se esqueceu da patriotica dedicação dos alemquerenses, a quem sempre foi grato, e uma prova d'isso é que no seu testamento, feito em Paris a 13 de julho de 1595, se lê a clausula seguinte:

«*Mando que sendo os ditos meus ossos trasladados ao dito reino* (Portugal) *sejaiam sepultados no côro de S. Francisco d'Alemquer; e não sendo pejado* (prohibido) *no capitulo, em sepultura raza com o chão; aonde se dirá para sempre uma missa quotidiana por minha alma.*»

Mais tarde, seu filho D. Manuel, exprimiu o mesmo desejo, porém os ossos d'estes dois principes portuguezes nunca vieram á patria: lá ficaram ao desamparo pela terra do exilio. (Vide Crato.)

As pedras das antiquissimas muralhas de Alemquer, foram empregadas em obras municipaes e mais ainda em particulares. Um lanço da cortina que ainda estava de pé foi arrombado para abrir uma estrada da *porta da Canceição* para a *praça da Cammara.*

Em 1750, D. José I (ou o seu ministro Sebastião José de Carvalho e Mello) por sollicitações da Academia Real de Historia Portugueza, recommendou que se cuidasse da conservação da praça, *visto ser indubitavelmente obra dos alanos*»; mas essa recommendação não teve cumprimento.

Ainda mais—o terremoto do 1.º de novembro de 1755, destruiu as duas torres da porta principal (onde hoje está a casa da camara) e o vandalismo do povo e do desleixo das auctoridades tem feito com que apenas restem agora tristes montões de pedras cobertas de heras e silvas, indicando o sitio onde se ostentou imponente o nobre e leal castello d'Alemquer.

—

Addindo ao que já disse do edificio e cerca do que foi convento de S. Francisco.

Em 1280, D. Brites, mulher de D. Affonso III, comprou uma porção de terreno que deu aos frades para accrescentarem a cerca.

D. Margarida Henriques (camareira mór da rainha D. Leonor, viuva de D. João II) lhe deu tambem uma grande porção de terreno, com o qual os frades augmentaram a cerca até ao sitio então chamado *Mazagão* e hoje *Barroca*. Era tão extensa a porção de terreno que estas duas senhoras deram aos frades, que elles ainda deixaram fôra da cerca uma grande parte em frente do convento, do lado da villa, e outra do lado opposto.

A camara, depois, quiz apossar-se d'estes terrenos, mas os frades oppuzeram-se e os terrenos continuaram a ficar abertos por ordem da rainha donataria.

D. Affonso III deixou por testamento 50 libras a este mosteiro (cada libra valia então 1$500 réis).

D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, lhe deixou uma *jugada* em cada anno, á escolha dos frades, nas que eram das rainhas.

D. Affonso V lhe concedeu o privilegio da pesca no rio d'Alemquer, e o direito de cortarem o matto que quizessem na coutada d'Otta.

D. Leonor, viuva de D. João II, libertou de fintas o oleiro que o guardião nomeasse para fazer as loiças da casa.

Damião de Goes lhe deu um relogio de marmore fino de Genova.

Mais pessoas reaes e particulares fizeram dadivas ao mosteiro de coisas de menos importancia.

No domingo de Paschoa faziam os frades uma procissão, que percorria todas as ruas da villa, chamada do *folar*. Era acompanhada pela camara com musica e danças. O povo dava então aos frades: carneiros, gallinhas, ovos, etc., etc., por *esmola* pelos sermões da quaresma.

A cerca está actualmente retalhada em terras de semeadura e com o muro arrombado.

No sitio de *Mazagão* ou *Barroca* ainda existe uma capellinha que foi de Santo Antonio, edificada por Nuno Gonçalves de Athaide, que foi alcaide-mór d'Alemquer, no tempo de D. Leonor Telles de Menezes. D. Nuno morreu em 1424 e foi enterrado n'esta capella.

O terremoto damnificou tanto este convento, que teve de ser reedificado (em partes desde os fundamentos).

O claustro, a casa do capitulo e o arco da entrada são obra do rei D. Manuel.

No claustro d'este mosteiro ha muitas sepulturas, de diversas pessoas, todas com inscripções, das quaes bastantes ainda são legiveis. Não as copio, por serem de pouca importancia, e para não fazer este artigo ainda mais extenso do que já é.

Sendo expulsos os frades em 1834, a egreja e mosteiro foram não só abandonados, mas até roubados! A egreja ia a cahir em ruinas quando a sr.ª D. Maria do Patrocinio Bravo Pereira Forjaz deixou um grande legado para a restauração d'este venerando templo, o que se cumpriu, e desde então foi para aqui transferida a matriz de Santo Estevão.

Esta senhora morreu em Lisboa em 1862. Era dotada de grandes virtudes e viuva d'um rico capitalista e negociante.

Era dona da *Quinta do Bravo*, ondo gostava muito de residir e d'aqui fazia muitas esmolas, pelo que era geralmente estimada e respeitada em Alemquer, á qual villa ella tinha muita inclinação. Em um codicillo (junto ao seu testamento) datado de 2 de março de 1857, deixou 10:000$000 réis para o hospital d'Alemquer. Foi seu testamenteiro o padre Sebastião Antonio Barbosa, com quem a camara combinou que este dinheiro fosse empregado em transformar parte do mosteiro em hospital, e reedificar ou restaurar a egreja para servir de matriz em logar da de Santo Estevão, que estava muito velha, o que se effectuou.

Entre as egrejas de S. Francisco e de S. Pedro, veem-se as ruinas do mosteiro de freiras franciscanas, de Santa Clara, denominado de *Nossa Senhora da Conceição*. Já disse que o fundou João Gomes de Carvalho, em 1533. Era elle um fidalgo muito distincto, da côrte de D. João III, e natural d'esta villa.

Em 1689, o padroado, que andava annexo aos morgados dos Macedos e Carvalhos, de Alemquer, foi julgado por sentença, a favor de Gonçalo Peixoto e Menezes, sem successão. Ainda em 1709, João Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, apresentou um dos referidos dois logares (de meninas para professarem aqui sem dote) que lhe pertencia.

Esta familia dos Peixotos é hoje representada pelo sr. visconde de Lindoso, grande proprietario n'esta villa.

(Para a origem do appellido Peixoto, vide *Celorico da Beira).*

Este convento foi incendiado pelos francezes em 1811, indo as freiras para o convento da Castanheira.

Actualmente, as ruinas d'este mosteiro e a sua cêrca, são propriedade particular da sr.ª D. Maria Carolina Augusta Lafaurie e de seu irmão, fundadores da fabrica de lanificios d'esta villa.

A egreja de *S. Pedro* está quasi ao cimo da calçada do Espirito Santo, que antigamente se chamava *calçada da Cruz*, por aqui haver um antigo cruzeiro, que commemorava o milagre da fundação da egreja do Espirito Santo. Era a matriz de uma das cinco pequenas freguezias da villa, e comprehendia os logares da *Pedra d'Ouro*, *Refugidos*, *Torre*, *Trombeta*, e as quintas do *Bravo*, de *Fernão Jaques* (Amaral) e do *Conde de Villa Flor*. Era priorado, apresentado pelas rainhas e o rendimento dividido em tres quinhões, cada um de 400$000 réis. Um para o prior, e os outros dois foram dados por D. Leonor, viuva de D. João II, aos conegos seculares de S. João Evangelista, de S. Bento de Xabregas.

Havia tambem aqui uma collegiada com oito beneficios, que rendiam uns 90$000 réis cada um.

Não se sabe ao certo a data da fundação d'esta egreja; mas suppõe-se que foi fundada no seculo XIV. Foi arrazada pelo terremoto de 1755, mas logo reedificada. Está outra vez a cahir em ruinas. Em 1850 o prior d'esta freguezia resignou, ficando ella annexa á de Santo Estevão, e em 1862 foi supprimida.

Abaixo da egreja de S. Pedro existiu a capella de *S. Sebastião*, que era administrada pela camara, que lhe fazia uma festa no dia do orago, vindo os vereadores em procissão ouvir aqui a missa e sermão. Foi queimada pelos francezes em 1811, e nunca mais se reedificou. Está servindo de armazem e adega da sr.ª D. Maria Carolina Augusta Lafaurie.

Egreja e Santa Casa da Misericordia. Já disse que foi fundada por D. João III, em 1527. Em 1593, Ayres Ferreira mandou a accrescentar a egreja e fazer na capella-mór um jazigo para si e sua familia.

Na capella-mór ha uma campa com bibrazão e a inscripção seguinte:

Sepultura de Ayres Ferreira, fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor e veador que e foi da fazenda do Cardeal D. Enrique, e de sua mulher, D.ª Catharina de Gois, os quaes deixaram a sua fazenda a esta casa, com obrigação de uma missa quotidiana. Falleceu em 28 de janeiro de 1594.

Sobre a porta da escada que communica com o côro, ha em uma lapide a inscripção seguinte:

Ayres Ferreira e Dona Cn.ª de Gois, sua mulher, mandaram fazer esta igreja para sua s.ª, que teem na capella-mór, com uma missa cotidiana, para a qual, e fabrica da dita igreja deixaram a esta casa 86 mil réis de juro. Anno 1595.

Ao prior da egreja da Misericordia pertencia a administração da egreja de *Nossa Senhora da Ameixoeira.*

Proximas á egreja estão as *casas do despacho*, e um predio grande, que antigamente serviu de hospital, tendo uma enfermaria para homens, outra para mulheres e uma outra especial, para os frades capuchosos da Carnota, Merceana, Castanheira, etc.

Este hospital foi mandado fazer em 171707, por João Moniz da Silva, inquisidor da côrte, como testamenteiro de D. Maria Luiza Manoel de Mendonça, que deixou os seus bens para obras pias, e d'elles se fez um juro de 100$000 réis para a cura dos religiosos, e 85 alqueires de trigo, dois cantaros de azeite e duas gallinhas, que a Misericordia recebia e gastava nas outras enfermarias.

Emm 1834 foi esta casa julgada *bens nacionaes* e vendida em praça publica, e o governo de emntão teve a sem ceremonia de receber da Misericordia de Alemquer o preço da arrematação, para continuar a servir de hospital de caridade, em quanto se não mudou para o convento de S. Francisco!

Este escandalosissimo facto não se commenta.

O primeiro provedor da Misericordia, eleito pelos irmãos, foi Fernão Vellez, fidalgo da casa real, que casou com D. Ignez de Azevedo, filha do alcaide-mór, Gonçalo Gomes de Azevedo, por cujo motivo veio a possuir a quinta de Santo André, chamada agora quinta do Bravo.

Rendia á Misericordia, em 1745, 1:000$000 réis, e hoje rende 1:500$000 réis.

—

A porta do Carvalho, ainda existe pegada ás casas da camara. Era estreita e defendida por duas alterosas torres. A do lado da egreja foi destruida pelo terremoto de 1755. Sobre o arco ha a esculptura em relevo de um animalejo quadrupede. É talvez, ou as armas dos *alanos*, ou o celebre *canzarrão* de DD. Affonso I.

As casas da camara, foram edificadas depois do terremoto de 1755, e n'ellas estão todas as repartições municipaes, administrativas e de fazenda. N'esta casa ainda existe o padrão de pesos e medidas do antiquissimo (extincto) concelho de Villa Verde. É de arroba a meio arratel, que o mais desencaminhou-se. É tudo de bronze e no peso de arroba ha a seguinte inscripção: — *Me mandado fazere Dom Emmanuel Rei de Portugal. Ano 1499.*

O padrão dos cereaes é de alqueire a meia oitava; todo de bronze lavrado, de fórma cubica, e tem de um lado as armas de Portugal e por baixo

Sebastianus 1.º R. P. regnior, suor Mensuras aquavit. Ano MDLXXV.

A dos liquidos é de almude a meio quartilho, de bronze lavrado, tendo, junto á boca, as armas com a mesma inscripção, menos o anno, que é de 1576.

Matadouro antigo. Em frente do talho municipal, na encosta da villa, houve um matadouro, mal collocado e prejudicial á saude pelo nauseabundo cheiro que exhalava. Em 1869 fez-se o novo matadouro fóra da villa, no sitio da *Barroca.*

Quartel, tribunal de justiça e theatro. Indo da casa da camara para o arco de Nossa Senhora da Conceição, está um grande edificio, construido, ou reedificado no seculo XVIII. O pavimento inferior foi feito para quartel do regimento de milicias de Alemquer, e ainda hoje serve de quartel militar. O pavimento superior serve de tribunal judicial. Em 1863 se construiu uma casa grande, por traz do tribunal, que serve de theatro e sala de fumar.

A cadeia é velha, pessima e mal collocada.

A aula de primeiras letras, feita com ajuda do legado do benemerito conde de Ferreira, foi principiada em 1871, e foi inaugurada em 20 de novembro de 1872. Custou 1:800$000 réis. Está edificada no sitio onde existiu a antiquissima egreja de Santo Estevão. A pedra que serve de verga da porta principal d'esta casa, era tampa da campa de um templario, na antiga egreja.

Egreja de Santo Estevão, era a mais antiga matriz da villa. Já disse que foi dos templarios. Não se sabe com certeza quando e por quem foi feita; mas, segundo a tradição, foi seu fundador D. Affonso I, sobre as ruinas de uma mesquita mourisca. Quando em 1870 se desmoronou a torre, achou-se n'ella uma especie de cunhal de uma architectura muito differente do resto do edificio. Consta que em 1209 havia prior e conegos em Santo Estevão, que viviam em claustro, e que já então faziam anniversarios por um outro prior que tinha fallecido.

Sabe-se que até 1442 (de Jesus Christo) se contava pela *era de Cesar*, o que vinha a dar em resultado o anno 1171 de Jesus Christo, ou 23 annos depois de ser esta villa reconquistada aos mouros por o nosso primeiro rei. (Já dissemos que este facto teve logar no dia 24 de junho de 1148).

Quando houve a demanda entre D. Affonso II e sua irmã D. Sancha (1214) sobre o senhorio d'esta villa, foi o castello entregue

aos cavalleiros do Templo, por ordem do papa Innocencio III. Em 1279, era commendador de Alemquer, Martim Pires, da ordem do Templo.

Quando se desmoronou esta egreja, appareceram varias cruzes da mesma ordem.

Tambem então se acharam varias sepulturas de templarios, o que provavam as insignias d'estes *frades guerreiros.*

Parece todavia a alguns escriptores que elles não tiveram a commenda d'esta villa até á sua extincção; porque D. Diniz, por carta regia de 23 de março de 1295, fez doação (com consentimento da rainha D. Beatriz, sua mãe) do padroado d'esta egreja, ás freiras de Odivellas, que o conservaram até 1834.

Entendo que o rei, por troca, ou de outra qualquer maneira, obteve dos templarios este padroado; mas não o senhorio da villa, que foi incontestavelmente dos templarios até á suppressão d'esta ordem.

Foi o concilio ecumenico viennense, convocado por Clemente V, em 1311 (e ao qual assistiram 300 cardeaes, arcebispos, bispos e mais ecclesiasticos, e os reis de França, Hespanha e Inglaterra) que extinguiram esta ordem poderosissima.

—

É certo que o papa se declarou *legitimo e forçado herdeiro* dos bens immensos dos templarios, que, em toda a Europa valiam muitos milhões de cruzados, mesmo n'aquelle tempo, e que tanto Clemente V como o seu successor, João XXII, conseguiram apossar-se d'essas riquezas em varias nações.

Mas D. Diniz, que nem queria estar mal com os papas, nem que elles lhe levassem os numerosos e valiosissimos bens que os templarios portuguezes possuiam, fundou a ordem de Christo, dando-lhe tudo quanto era dos templarios, illudindo assim a ambiciosa exigencia da curia.

Por carta regia do bom, mas matreiro, rei D. Diniz, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de 1357 (1319 de Jesus Christo) se mandou fazer entrega a D. Gil Martins, 1.º mestre da ordem de Christo, de todos os bens, rendas e direitos que foram da ordem do Templo, tanto espirituaes como temporaes e dividas.

N'esta carta regia se declara que todas estas commendas e fóros são para sustentar —*69 freires cavalleiros, 9 freires clerigos, 6 sergontes freires, e avondar* (bastar, chegar com fartura) *a todolos outros homens seegraes* (seculares) *que cumprirem para servir a ordem; e a todolos outros encarregos que nós e a dita nossa ordem somos theudos..... por tal, que depois, por cubiça d'algunns, ou por alguma outra maneira, os ditos bens e rendas se não despendam nem metão em outros usos—ordinhamos e estabelecemos e outorgamos que para todo sempre haja na dita nossa ordem, 84 freires, ao menos, como dito é, dos quaes sejam 69 freires cavalleiros guizados de cavallos e armas e os outros serem freires clerigos e sergontes.*

Tambem a ordem era obrigada a dar-lhes —*de comer e de beber e de vestir e calçar e de todalas outras cousas que forem mester, para si e para os seus homens e para sas* (suas) *bestas.*

Peço desculpa aos leitores que se aborrecerem de tamanha *divagação;* mas, como escrevo para o povo, entendo que lhe não devem desagradar estes esclarecimentos: quanto mais, que extrahi esta parte de tão precioso e raro documento, para provar que os templarios foram donatarios de Alemquer até ao ultimo dia de sua existencia como ordem de cavallaria. Notemos tambem, já que estamos tratando d'esta materia, que D. Diniz mandou proceder em todo o reino a rigorosissimas *devassas* (a que hoje chamariamos *syndicancias*) sobre os *monstruosos* crimes de que os templarios eram accusados, e que nenhuma culpabilidade se lhes achou: tanto assim, que a maior parte dos templarios foram aggregados á nova ordem de Christo.

Sustento que os templarios foram senhores de Alemquer até 1311, porque na citada carta regia que instituiu a ordem de Christo, se mencionam com toda a individuação todos os bens e rendas dos templarios e n'ella

se diz—*a commenda d'Alomquer e seu termo.*—É certo que se os templarios já não fossem então senhores da villa de Alemquer e *seu termo*, não vinha na carta relacionada esta commenda.

Já que me demorei tanto a fallar dos templarios, e que sempre tenho de passar por *maçador*, direi tambem de que cidades e villas eram elles commendadores. São as seguintes:

«*Allomquer e seu termo—Almourol—Arrizedlo—Bemposta* (com 300 libras que lhe dêem do espiritual de Thomar). Note-se que o numero de libras que aqui se mencionam não eram *por uma só vez*, mas de *responsom* (reposição) em cada anno. (Quando se fallar no convento, sem outra designação, é o de Thomar.)—O couto de *Braga* (e dê em cada anno, de *responsom*, 3:900 libras, em esta guiza—1:400 ao mosteiro de Thomar, 500 ao commendador de Salvaterra, 500 ao commendador de Segura, 500 ao de Rosmarinhal, 500 ao de Idanha Nova, e 500 ao de Idanha Velha)—*Bezelga—Caseval* (Casevel) (com 130 libras que lhe dava o commendador de Soure)—*Cardiga* (mas dê ao convento de Thomar 250 libras e *miada)*—*Castello Novo—Cornegãa* (Correlhan) (mas dê ao commendador d'Elvas 200 libras)—*Cabo do Monte* com todas *sas* pertenças—*Dórnes* (mas dê 200 libras ao commendador de Villa de Rei e Ferreira e 100 libras ao commendlador de Puços)—*Ega* (mas dê 200 libras ao commendador de Leiria e 800 libras ao mosteiro)—*Evora*, com aquillo que a nossa ordem ha no chão de Mendo Marques—*Elvas* (com 200 libras, que lhe dê o commendador de Cornegan)—*Ferreira* (com 200 llibras que lhe dê o commendador de Dornes)—*Fonte Longa—Ferreira d'Aves—Fontes Arcada* (mas dê ao commendador de Salvaterra 500 libras; ao de Segura outras 500 e ao de Rosmarial outras 500)—*Idanha Nova* (e haja cada anno 500 libras que lhe dê o de Rosmarial)—*Idanha Velha* (e haja cada anno 500 libras que lhe dê o mosteiro de Braga)—*Leiria* com 200 libras que lhe dê o commendador da Ega)—*Longroiva—Lordoza—Louzan—Meda—Marmelleiro—Pinheiro*, com todas sas pertenças—*Puços* (com sas pertenças e com 100 libras que lhe dem de Dornes)—*Pinheiro d'Azere—Proença* (com 200 libras que lhe dem de Rediva)—*Pombal* (e dê 1:500 libras ao convento)—*Portalegre* (com 300 libras que lhe dem do espiritual de Thomar)—*Paul—Prado—Pias* (e dê 2:500 libras ao convento)—*Rio Frio* (e dê 500 libras ao commendador de Salvaterra)—*Rosmarial* (Rosmaninhal) (e dê 500 libras ao de Idanha Nova)—*Redinha* (a que n'outras partes chama Rediva) (e dê 200 libras ao commendador de Proença)—*Soure* (e dê 1:100 libras ao convento e 130 libras ao commendador deC aseval)—*Segura* (com 500 libras que lhe dê o de Braga)—*Salvaterra* (com 500 libras que lhe dê o commendador de Rio Frio, e outres 500 o de Braga)—*Thomar* (haja 6 commendadores no temporal, um na villa e 5 no termo, convem a saber—nas villas de Bezelga, Paúl, Prado, Louzan e Pias, e dem cada anno de responsom ao convento 2:500 libras)—*Villa de Rei* (com 200 libras que lhe dem de Dornes)—Tudo o que a ordem tem em *Lisboa* e seu termo—em *Santarem* e seu termo (salvo o Pinheiro)—outra commenda em *Caseval*, além da já nomeada.—Outrosim retemos *Castello Branco* para morada de nós mestre com todalas cousas que a ordem hi ha e em seus termos—o que ha em *Niza—Rodã* (Villa Velha do Rodam)—*Alpalhão*—*Montalvão* e em *Ares*. Outrosim retemos 1:450 libras dos direitos e rendas que a nossa ordem ha em Rio Frio e em Fontarcada e no couto de Braga.—Outrosim as egrejas do *Mogadouro* e de *Penas Royas*.—Para todo o sempre haja o dito convento (a ordem) 10:800 libras em cada um anno, convem a saber—no castello e villa de *Castro-Marim* com todos os sens direitos, rendas e pertenças.—Item, 1:100 libras que lhe dem cada anno de responsom, de qualquer que seja a commenda de Soure.—Item 2:500 libras que lhe dem do temporal de Thomar.—Item 3:900 libras que lhe dem do espiritual de Thomar.»

Isto além de muitos prasos, fóros, propriedades alodeaes avulsas, castellos e grande numero de edificios que a ordem tinha por todo o reino.

Note-se que a copia da carta regia d'onde extrahi isto, estava em partes tão desboada, que era completamente illegivel; pelo que é provavel que fiquem por mencionar algumas commendas; mas, mesmo que não tivessem mais nada em Portugal, vê-se que tinham commendas em 10 cidades (tendo em Thomar e termo 6) e em 46 villas ou coutos!

—

Tornemos a Alemquer, e á velha egreja de Santo Estevão.

Quando em 1863 se mudou a séde da parochia para a egreja de S. Francisco, deixou de haver missa n'aquella egreja, e venderam-se em leilão todos os objectos susceptiveis de venda. Só ficaram as paredes, que foram arrazadas em 1870, para se construir a casa da aula de primeiras letras.

—

Judiaria—No fim da *Rua dos Mouros*, proximo á *porta de Nossa Senhora da Conceição*, existem uns quintaes e casas arruinadas ainda hoje chamadas *Jadiaria*. Era o bairro dos *inimigos do toucinho*.

El-rei D. Manoel, expulsára os judeus de Portugal, em 1497 (sendo rei havia pouco mais de um anno) para fazer a vontade á princeza Isabel, herdeira do throno de Castella e viuva do nosso principe D. Affonso, que lhe poz esta condição, para acceitar a mão de esposo que elle lhe offerecéra (e com effeito casou com ella em outubro d'esse anno.)

Os de Alemquer não esperaram pela ordem. Tendo-se incendiado a egreja da *Varzea*, foram processados os judeus, e provou-se (bem ou mal) que foram elles os incendiariarios, pelo que os expulsaram da villa.

—

Porta de Nossa Senhora da Conceição—Havia sobre este arco um quadro, representando Nossa Senhora da Conceição, padroeira do reino. Em 1740 principiou o povo d'aqui e arredores a ter grande devoção com esta senhora, e a cobrir a parede da muralha, em redor do painel, de *milagres* e offerendas. Era então prior da Varzea, o dr. Domingos Ribeiro Pimentel, que, vendo que os devotos augmentavam, mandou fazer sobre o arco uma capella, onde collocou o quadro, fazendo tambem uma casa de residencia, o que tudo lhe custou 400$000 réis. Hoje, a capella (abandonada) e a casa, pertencem á junta de parochia.

Debaixo da capella está a antiga porta da praça.

Torre da Couraça—Logo ao sair da Porta de Nossa Senhora da Conceição, está uma alta torre, que nascendo do fundo do largo da fabrica de papel, vae alcançar o nivel d'aquella porta.

Julga-se ser obra dos mouros. Nos seus alicerces ha uma nascente, muito abundante de agua potavel.

As paredes d'esta torre são muito grossas e robustas. Ha poucos annos abriu-se uma porta no fundo da torre, para seu serviço interno. Tem interiormente um caminho, que vem do cimo até ao fundo da torre. É tradição que ha um caminho secreto que communica a torre com o castello, e por onde a guarnição d'este ia, em caso de apuro, buscar agua á torre. Sobre ella ha uma casa construida modernamente, que pertence á fabrica de papel.

Egreja da Varzea—Está situada na encosta da villa, tambem proximo á porta da Conceição. Foi, como já disse, egreja matriz com prior apresentado pelas rainhas e com oito beneficios, que rendiam 80$000 réis, annualmente, cada um, e, como em quasi todas as egrejas do real padroado, eram os beneficiados apresentados pelo prior. O rendimento d'este priorado andava, até 1834, por 800$000 réis, e era repartido entre o prior d'esta freguezia e o de Aldeia Gavinha.

Esta freguezia está agora annexa á de Triana.

Segundo a tradição, foi esta egreja fundada pela infanta Santa Sancha; mas ha mais probabilidade para suppôr que aquella senhora apenas a reedificou; porquanto, ella só principiou a ser senhora de Alemquer em 1212, e consta, por documentos, que a egreja já tinha prior em 1203, o qual foi juiz apostolico, na causa instaurada contra o bispo da Guarda, D. Martinho, n'este ultimo anno.

Já disse que esta egreja foi incendiada nos fins do seculo XV, escapando apenas a capella-mór; e que este incendio foi attribuido aos judeus, pelo que o povo os expulsou d'aqui, depois de serem obrigados a reedificarem a egreja á sua custa.

A capella-mór, veiu depois a cair e foi reedificada por Damião de Góes.

O templo actual é bastante espaçoso e tem 5 altares. Consta que a imagem do *Senhor Ecce Homo* que aqui ha, tambem foi dada pelo célebre escriptor; assim como o rico pavimento *tesselado* da capella-mór.

A pia baptismal tem a data de 1561.

O lindo coreto, onde estava o orgão que foi para a egreja de Triana, foi feito em 1725.

Sobre a porta da sachristia estão as armas da familia Góes, *em chefe*, e junto d'ellas o brazão de armas (estrangeiras) da mulher, com alguns nomes em redor, que parecem allemães.

Damião de Góes deu muitos e valiosos presentes a esta egreja, sendo um dos melhores, depois do *Senhor Ecce Homo*, um quadro representando a coroação de Nosso Senhor Jesus Christo, do insigne pintor Jeronimo do Bosque.

Fundou na mesma egreja duas missas cantadas, *in perpetuum*, uma no dia de Nossa Senhora da Purificação e outra em dia de S. Braz (a 2 e 3 de fevereiro de cada anno) para as quaes deixou uma hypotheca de 400 réis annuaes, sobre os *casaes do Barreiro*, hoje quinta do Barreiro. E outra missa cantada, tambem *in perpetuum*, em dia da Ascensão, para a qual, e para a fabrica da capella-mór, deixou uma hypotheca de 10 cruzados annuaes, sobre uma horta que tinha á ponte de Santa Catharina.

—

Ponte da Couraça—(ou ponte da fabrica de papel) atravessa o rio junto á torre do mesmo nome. Suppõe-se ser a ponte mais antiga da villa; porque em uma escriptura de doação da azenha da *Azinhaga*, se declara que a ponte proxima (de Santa Catharina) se chamava em 1219, *ponte nova*.

A ponte do Espirito Santo, foi feita em 1571.

A ponte do Arraial é do meiado do seculo XIV.

A ponte de Pancas julga-se obra do seculo passado, e posterior ao terremoto.

—

Egreja de S. Thiago—A meia subida do monte, se ergue uma torre esguia e solitaria, unico vestigio que resta d'esta egreja, fundada por D. Affonso I, e que, segundo a tradição, foi erigida em memoria de um milagre que teve logar ao pé do postigo das muralhas, em frente do sitio da egreja.

Eram d'esta fregnezia os logares de *Pancas, Parrotes e Carregado*, que, com o resto da freguezia, apenas tinham em 1758, 40 fogos. Era a matriz do termo. Foi primeiro do padroado real, e D. Affonso V, em 1472, a deu aos frades de Alcobaça, em troca do *Paúl* e da egreja de S. Bartholomeu.

O parocho se denominou primeiro vigario e depois prior. Tinha annualmente 350$000 réis.

Esta parochia está hoje annexa á de Santo Estevão.

Tendo-se arruinado a primittiva egreja, a reedificou, pelos fundamentos, D. Affonso VI, no mesmo sitio, á custa da fazenda real, pelos annos de 1661. A sagração foi a 11 de novembro de 1663.

Era pequena, tendo um só altar, e não tinha sacrario, por estar em sitio ermo.

Supprimida a parochia, abandonou-se a egreja, que caiu em ruinas. A pedra foi empregada na construcção da moderna ponte da estrada da Mercéana.

Nossa Senhora da Redonda—A sua verdadeira invocação era *Nossa Senhora dos Prazeres*, e a sua festa era no domingo de Paschoela e a 25 de março. (Nossa Senhora dos Prazeres é o mesmo que *Nossa Senhora da Annunciação.*)

Foi uma capella de muita devoção, dos povos d'estes sitios. D'ella apenas restam as paredes arruinadas. Está situada sobre a margem do rio, entre a ponte da Couraça e a de Pancas. As cheias a vão soterrando, e antes de pouco não existirá o menor vestigio de ter aqui existido uma egreja e um mosteiro.

Foi fundada, ou reedificada pela infanta

Santa Sancha, havendo no seu tempo aqui um recolhimento de mulheres, que seguiam a regra de S. Bernardo, e ás quaes chamavam *encelladas* ou *emparedadas* (vide estas palavras) pelo rigor da sua regra. Tambem se lhes dava o nome de *beatas*.

Se a egreja não era fundação primitiva da santa infanta, o era com certeza o recolhimento; porque na escriptura de composição entre D. Sancho II e suas irmãs, feita em 1224, se vêem as palavras seguintes:

Istud autem sciendum est, quod azeniae, quas superius diximas datas á regina domina Sancia cellis de Alamquer et de Colimbria quas ipsa construxit, etc.

Quando se fez esta escriptura, já as *encelladas* residiam no convento de *Cellas*, em Coimbra, havia 14 annos.

(Note-se que todas as filhas dos reis de Leão, Castella, Aragão etc., e as dos primeiros reis portuguezes, se denominavam *rainhas*. É por isso que D. Thereza, mulher do conde D. Henrique tambem assim se assignava).

Mas este recolhimento era pequeno e pobre. D. Sancha tinha ao pé de Coimbra uma quinta, chamada de *Uvimarães* ou *Wimarães*. Resolveu fazer d'esta quinta um convento de freiras cistercienses, para o que mandou preparar a casa, fazendo *cellas* para 30 freiras. Mandou ir as *beatas* de Alemquer e algumas freiras de Lorvão para as instruirem, e lhes impoz a regra de S. Bernardo, professando tambem a fundadora, que aqui morreu em 1229. Para mais esclarecimentos sobre isto, vide *Cellas, proximo de Coimbra*.

As freiras de Cellas, de Coimbra, como era natural, ficaram com os rendimentos pertencentes ao mosteirinho de Alemquer, sendo parte d'elles provenientes do *reguengo e tres azenhas*, em Alemquer, mencionados na referida escriptura de composição, de 1224.

Estas propriedades passaram depois, por aforamento, ou por outra qualquer maneira, para a casa dos condes dos Arcos, onde ainda andam.

A capella continúa a existir, com a denominação de Nossa Senhora da Redonda, em razão da fórma circular d'ella.

Ainda em 1634 havia aqui uma irmandade, e se viam os vestigios do convento, e ainda então alli havia uma outra capella da invocação de Santo Amaro; mas já em 1758 não havia signaes de nada d'isto.

Em quanto a capella esteve em bom estado, tinha um eremitão, nomeado e pago pelos condes dos Arcos, para conservação e guarda d'ella.

Quando se construiu o açude da fabrica de papel, as aguas recuaram tanto, com as cheias, que a capellinha em poucos annos ficou enterrada no lodo. O conde dos Arcos queixou-se por isto ao governo, mas sem resultado.

A imagem está na egreja de S. Francisco.

—

Fabrica de lanificios. Occupa o sitio de uma azenha, chamada primitivamente *das quatro rodas*, que era muito antiga, pois em 1435 foi doada aos frades dominicos de Azeitão, pela rainha D. Leonor. Depois passou a ser foreira aos viscondes de Souto d'El-Rei.

Este magnifico estabelecimento foi fundado em 1826, por Mr. Augusto Lafauririe, que falleceu em 1870. Era um cavalheiro o activo e intelligente; e tão bom que mereceu ser chamado *pae* dos seus operarios. Succedeu-lhe sua filha D. Maria Carolina Augusta Lafaurie, senhora respeitabilissima, e que tem conservado esta casa industrial em grande florescencia.

—

Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada da *Triana*. Esta egreja, segundo a tradição, foi fundada pela rainha Santa Isabel. Tinha sido varias vezes reparada, mas o terremoto a desmantelou. Em 1758 foi reedificada á custa dos rendimentos da collegiada. Estando outra vez em máo estado, tornou a ser reparada em 1870; mas estas novas obras ainda não estão concluidas (1873).

O pulpito e a urna que está do lado do Evangelho, eram antigamente da capella de Nossa Senhora da Graça, da Carnotata, e foram agora dados a esta egreja pelo snr. conde da Carnota.

Ha n'esta egreja varias campas com inscripções, que por pouco notaveis não transcrevo.

Em 1707, estava á entrada da porta prin-

cipal da egreja, uma lapide romana com esta inscripção:

ATINIAE. L. F. AMOENAE. TVSCIVM.
* *
TERENTIO. M. F. CAL. AQVILAE
TERENTIAE. M. F. TVSCAEM.
*
TERENTIVS. TVSCVS. SVIS.

Póde traduzir-se: —*Marco Terencio Tusco, aos seus parentes, Lucio, filho de Atinia Amena Tusca; Marco, filho de Marco Terencio, da geração dos Galerios; e Marco, filho de Aquilla Terencia Tusca.*

—

A ponte do Espirito Santo foi feita pela camara, por ordem do rei D. Sebastião, abrindo-se á viação publica no dia 28 de abril de 1571, com grandes festejos.

Á entrada da ponte está um padrão com uma inscripção que explica o que fica dito.

—

Passadeiras. Segundo a tradição, é obra da Rainha Santa, feita em 1305.

Parece que originariamente eram cinco pedras enormes. Hoje são muitas mais, de modo que se não póde saber quaes são as primitivas.

—

Casas e egreja do Espirito Santo. Em frente do rio, no largo onde agora se faz o mercado mensal, está a capella do Espirito Santo. Parece que n'este sitio existiram os paços reaes edificados antes do reinado de D. Diniz, e depois que D. Sancha dera os *paços de cima* para o convento. Era aqui que a familia real residia quando vinha a Alemquer. D'estes paços fez Santa Isabel uma albergaria em 1320, para passageiros e doentes; tratando ella mesma d'elles e lavando-lhes as roupas.

Pouco depois, fundou a egreja do Espirito Santo, contigua á albergaria, entregando a sua administração (quando foi para Coimbra) aos moradores de Alemquer e seu termo. Consta que então havia n'esta villa e termo, 26 cavalleiros *de esporas douradas*, 4:887 *homens de alardo* e 1:000 vassallos, bésteiros e valladores.

Formou-se então uma irmandade para esta administração, mas, em 1517, D. Manuel mandou que a casa fosse administrada por um provedor, mordomos e escrivão. Esta provedoria andou na casa dos Macedos; mas extinguindo-se a linha recta, mudou-se para os viscondes de Villa Nova da Cerveira, que eram collateraes, onde andou até á suppressão da casa. Ainda no fim do seculo XVIII se recolhiam aqui enfermos; mas como o seu rendimento era pequeno (280$000 réis) se reuniu á Misericordia. As casas foram queimadas pelos francezes, em 1811. A Misericordia as reconstruiu e são agora armazens e casas de habitação.

A egreja foi reedificada em 1730. É pequena, mas bonita. Já lhe tem chegado as cheias até á capella-mór. Ha aqui missa mensal, nos dias de mercado. Tambem se lhe faz uma festa annual.

Ha n'esta egreja varias campas de membros da familia Macedo, com inscripções.

Damião de Goes deu um orgão a esta egreja.

Eram aqui as celebres festas do *Imperador*, estabelecidas por D. Diniz e sua mulher, Santa Isabel, e que durante quatro seculos tiveram fama em todo o reino.

—

Ermida de S. Martinho. Ainda existia ha poucos annos. Era na *rua das Hortas*, do lado esquerdo, saindo da villa. Hoje são casas particulares. Foi capella de uma *gafaria*.

Este santo era advogado contra as intermittentes, e pregando o doente d'ellas uma ferradura na porta da sua capella, *ficava immediatamente curado.* (Parece que estes crendeiros preadivinhavam que havia de vir o seculo XIX com as suas luzes—de petroleo...—pois a desgraçada capella está hoje reduzida a *cavallariça!* Eis o que *prophetisavam* as ferraduras).

Esta casa era antiquissima, pois já existia no anno de 1209.

Ha quem diga que aqui (e não em Santa Catharina) residiram os *cinco martyres de Marrocos.*

Quando o terremoto de 1755 destruiu a egreja de Triana, dizia-se aqui a missa, em quanto não terminaram as obras da matriz.

Fontes.—Ha n'esta villa as seguintes:—*Couraça, Perennal, Maria Magra* (ou *Mãe d'Agua.* De inverno rebenta por mais de vinte partes. Corre por baixo de enormes camadas de pedra, na encosta em frente da Torre da *Couraça.*) *Triana, Santa* e *Chimina,*

O padre Carvalho menciona mais as seguintes, que hoje ninguem conhece:—«*Ralim,* por cima da ponte de Pancas, *Olho de Pedro, Maria Gorda, Tanque d'El-rei,* que faz moer 3 mós e rende ao dono mais de mil cruzados por anno. (Parece que está incluida na fabrica de papel) *da Rainha Santa,* ao pé do Espirito Santo, onde está uma ponte pequena—*de S. Benedicto,* que está por baixo de S. Francisco.»

—

Fabrica de lanificios da Romeira.—Occupa o sitio d'uma azenha chamada da Romeira que fez Lourenço Martins instituidor do morgado de Santa Catharina, com licença especial do rei D. Diniz, dada em 1303.

Até 1758 parece que pertenceu ao antigo vinculo, mas em virtude de alguma transacção posterior tornou-se alodial, e em 1868 pertencia ao sr. José da Costa, que a vendeu ao fundador da fabrica, o sr. Francisco José Lopes. Começaram as obras da fabrica no fim do anno de 1780, e ao cabo de 20 mezes de aturado trabalho teve logar a inauguração em 29 de setembro de 1872.

O plano do edificio foi traçado pelo engenheiro francez, Philippe Linder, que morreu na flor da edade, de um desastre nas minas de Caceres, em Hespanha.

—

Fabrica de papel—no sitio onde hoje se eleva este magestoso edificio fabril, havia, segundo a tradição, uns paços fundados por D. Leonor Telles de Menezes. Nas antigas margens do rio, hoje cobertas pelo tanque, havia no meiado do seculo XVIII uma pequena fabrica chamada *Moinho do Papel,* e duas azenhas—uma chamada do *Catarrasco* e outra *d'El-rei.*

Em 1803 D. Maria I auctorisou a fundação de uma associação de seis capitalistas, (sendo um d'elles o 1.º barão de Quintella, avô do actual 2.º conde do Farrobo e 3.º barão de Quintella) que em 1805 principiou a construcção do actual edificio.

A guerra da Peninsula, e depois as guerras civis, fizeram paralizar estas obras, que estavam abandonadas e em pessimo estado em 1851, quando isto foi posto em hasta publica pelo thesouro, e arrematado pela actual companhia.

É hoje, como já disse, uma bella fabrica, produzindo magnifico papel de variadas qualidades.

—

Indo a descripção d'Alemquer já demasiadamente extensa, resolvi, para não fazer ainda mais *maçadora* a leitura d'este artigo, formar especiaes para o Oratorio de Santa Catharina, freguezia de Santo Estevão, Carnota, etc., etc.—(Vide pois *Catharina* (Oratorio de Santa)—*Estevão d'Alemquerr* (Santo)—*Carnota* e *Triana.*

—

Já disse em outra parte e repito—quem quizer mais amplas noticias da villa de Alemquer e das suas coisas, consulte o bello livro do sr. Guilherme João Carlos Henriques, intitulado—*Alemquer e o seu concelho*—impresso em 1873.

O sr. Henriques é actualmente o digno e intelligentissimo administrador da *Quinta da Carnota,* do sr. conde d'este titulo, e, como o proprio e illustrado escriptor diz no prologo da sua obra, *não sendo filho d'Alemquer, e estando em divida de gratidão aos povos d'estes sitios, pelo bem que sempre o teem tratado, se decidiu a consagrar os seus momentos d'ocio, para lhe dar um testemunho publico do seu reconhecimento, com a construcção e publicação da sua obra.*

Não tenho o gosto de conhecer pessoalmente o sr. Henriques; sei porém que além da sua muita illustração (o que evidentissimamente revela na sua obra) é um modesto e delicadissimo cavalheiro, digno das geraes sympathias.

D'aqui lhe peço venia do que aproveitei do seu livro para a minha obra, e do que heide ainda aproveitar.

Este distincto escriptor é que pódde avaliar, pelas difficuldades de toda a casta, que achou para descrever com consciencia e mi-

Casal de Alencar
pertence a Souza

nuciosidade um só concelho, as que eu terei encontrado para a descripção de todo o reino.

Tambem lhe peço desculpa de me não conformar em alguns pontos (aliás insignificantes) com a sua opinião; mas

«*Cada cabeça, cada sentença.*»

ALEM-TAMEGA—vide *Santo Aleixo de Alem-Tamega.*

ALEMTEJO—Dá-se este nome á provincia, por ficar (com relação á Extremadura) do outro lado (ao S.) do Tejo, todavia, muitas terras situadas *além do Tejo*, pertencem á Extremadura.

É das mais vastas provincias do reino; mas a mais falta d'agua e menos povoada.

É, na maior parte, composta de planicies, sendo apenas atravessada pelas serras d'Ossa, Marvão, Portalegre, Monte-Muro, e outras menores.

Os seus principaes rios são: Guadiana, Sado, Tejo, Caia, Niza, Aviz, e outros de menos importancia.

É fertilissima em todos os generos agricolas, sobretudo, em trigo, azeite, cortiça, cêra, mel, esparto, laranja, vinho (principalmente o famigerado moscatel de Setubal). Cria muito gado (sobretudo muitissimas *varas* de porcos) e bons cavallos. Produz optimos queijos, boa manteiga, superior carne de porco, etc., etc.

Fabríca artefactos de algodão e lã, muitos e optimos chapeus, e linda louça de barro. Produz muito sal, e tem muitas pedreiras de bellissimos marmores.

Tudo isto exporta continuamente e em grande quantidade, para varios pontos do reino (principalmente para Lisboa) com o que faz um commercio incalculavel, pelo Tejo, pelo caminho de ferro e por outras muitas partes.

Diz-se, e com razão, que o Alemtejo é o *celleiro* de Portugal.

ALEMTEM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto. Fertil.

ALENSE—Com este nome ha duas aldeias no Minho, bispado do Porto. É a palavra árabe *Alhanaxe*, significa *a cobra*. Vem a ser *Aldeia da cobra.*

ALESTE ou **ESTE** ou **DESTE**—rio, Minho, nasce em Carvalho d'Este, 6 kilometros ao N. de Braga, e juntando-se-lhe varios ribeiros, vae entrar no Ave, no sitio chamado *Touginhô*. Cria algum peixe e suas margens são, em grande parte, cultivadas e ferteis. Tem uma ponte de pedra, no logar do Mosteiro, freguezia do Vimieiro, outra em Santa Cruz, outra em Covas de Baixo, ambas estas ultimas na freguezia de Celleiroz; além de algumas de pau. Tambem corre junto a Braga, onde tem uma ponte chamada de *Guimarães*. Parece que o primeiro nome d'este rio foi Aliste. Vide esta palavra.

ALEYDÕES ou **ALEIDÕES**—serra, Algarve, termo da villa da Grandola. Principia na herdade dos *Aleydões*, d'onde começa a levantar-se na altura da serra da Arrabida e Outeiro de Palmella. É em grande parte cultivada. Tem azinheiras, sovereiros, carvalhos e outras arvores. Estende-se por todo o termo da villa de S. Thiago de Cassem e por o de Odemira, onde tem 18 kilometros de largura. Cria muito gado grosso e miudo, lã, cera e mel.

N'esta serra nasce o rio *Maceira*, nome que perde quasi ao principio do seu curso, para tomar o de *Davena*.

ALFAFAR—portuguez antigo, do árabe *alhofar*, significa *as covas*. Deriva-se do verbo *hafara*, abrir cova, cavar na terra. Ha uma aldeia d'este nome, no bispado de Coimbra.

ALFAFA ou **ALFOFA**—Nome de uma antiga porta do castello de Lisboa. É a palavra árabe *alhoha*, que significa *ameixieira* ou *ameixoeira*. Vem a ser *porta da ameixoeira.*

ALFAGEME—Dava-se antigamente este nome aos barbeiros, porque afiavam e limpavam alfanges, espadas, achas, etc. Bergança diz que *alfageme* é o mesmo que cirurgião. Entendo que é erro.

ALFAIÃO ou **ALFAYÃO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 50 kilometros de Miranda, 275 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Martinho.

Alencarce de Cima
Alencarce de Baixo } pertencem a Souza

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É palavra árabe *alchayam*, significa logar sombrio. Deriva-se do verbo *chaîama*, fazer sombra.

É terra muito abundante.

No alto da Veiga, onde chamam Valle Casto (talvez corrupção de *Valle do Castro*) houve um castello dos romanos, e ainda pelo O. tem fosso e contrafosso, abertos na rocha. Tem aqui apparecido armas antigas.

No cume do monte tambem houve um castello antiquissimo, e ainda se vê ao S. uma *estacada* de lousas feita ao uso antigo.

Passa por esta freguezia o rio Fervença.

ALFAIATES ou **ALFAYATES**—ribeira, Beira Baixa, nasce proximo da villa do seu nome. Cria muito peixe. Suas margens são em parte cultivadas e em parte arborisadas. Morre no Côa, por baixo da villa de Villar Maior; mas não com o mesmo nome, porque toma o dos logares por onde passa.

ALFAIATES ou **ALFAYATES**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Villar-Maior, 50 kilometros a S. E. de Pinhel, 315 a E. de Lisboa, 6 kilometros a N. E. da raia de Castella, 18 a E. do Sabugal e 30 ao S. O. de Castello Mendo. 220 fogos, 800 almas.

Orago S. Thiago, apostolo.

(Em 1660 tinha 180 fogos.)

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É palavra arabe *Alchaiat*, significa *cosedor*, *alfaiate*. Deriva-se do verbo *chaiata*, coser.

Está situada proximo da raia, em uma elevação e é cercada de muros, com duas portas; um castello dentro e uma *atalaia* fóra, tudo em ruinas.

As muralhas teem dois metros de grossura. O castello foi reedificado por D. Manoel.

Foi povoação romana, e (segundo uma inscripção latina que tem em um *padrão*, que serve de assento na praça) foi presidio romano no tempo do imperador Augusto Cesar. Ignora-se porém o nome que então tinha; porque o actual lhe foi dado pelos arabes depois de 716.

Soffreu tanto com as guerras entre mouros e christãos, que no tempo de Affonso X de Leão estava completamente destruida e deshabitada. Elle a mandou reedificar e povoar, em 1230, dando-lhe então o nome de *Castillo de Luna*.

Foi D. Affonso X, de Leão, que edificou o castello; mas D. Diniz, o ampliou e concertou em 1297.

Foi no castello d'esta villa que o malvado D. Sancho de Castella fez encerrar seu infeliz irmão, D. Garcia, rei de Portugal e Galliza, em 1071; depois de lhe ter usurpado a herança que seu pae (D. Fernando Magno) lhe tinha dado, que eram aquelles dois reinos: e não contente com isto, aqui lhe mandou arrancar os olhos!

N'este castello morreu de desgosto o malfadado principe.

Em 1282, passou esta villa para a corôa portugueza, em dote da rainha Santa Isabel.

Em 1297, D. Diniz reedificou o castello, dando-lhe então foral e restituindo-lhe o seu antigo nome arabe. D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1515.

Tinha um foral sem data; mas dado por D. Diniz. (Provavelmente logo depois da villa pertencer a Portugal.)

Estando o mesmo rei em Coimbra, lhe deu, no 1.º de março de 1297, uma *carta de confirmação* dos seus fóros e costumes, isto é, a confirmação do foral antecedente.

É patria do bravissimo capitão Ruy Tavares de Brito, que tanto na Africa, como depois na acclamação de D. IV, obrou prodigios de valor, como verdadeiro portuguez.

Em 27 de setembro de 1811, houve aqui um combate dado pelos alliados contra os francezes.

Proximo á villa passa o rio do seu nome que desagua no Côa.

A matriz é de tres naves.

Proximo á villa ha um convento de frades *agonisantes*, da invocação de Nossa Senhora de *Sacaparte* (!) fundado em 1726.

Dentro da egreja ha uma cisterna, attribuindo-se á sua agua curas maravilhosas.

Tem Misericordia, antiquissima.

Antigamente vinham aqui todos os annos, na segunda oitava do Espirito Santo, a ca-

mara de Castello Mendo, com a bandeira real, e 18 homens (representando os 18 logares da sua jurisdicção) nus da cinta para cima, com tochas. Vinham todos a cavallo, e a correr a toda a brida davam tres voltas á roda da egreja (que é uma capella.)

Diz-se que esta usança foi um voto que fizeram os de Castello Mendo; porque todos os annos lhe faltava uma pessoa do termo, sem se saber que sumisso levava; o que acabou desde a tal promessa e seu cumprimento.

Foi dos condes de S. Thiago até 1733, em que passou para a corôa.

Antes d'isso tinha sido, do infante D. Pedro, filho de D. Affonso (o *Sabio*) de Castella, depois, do infante D. Fernando, filho do nosso rei D. Manoel.

Por varias vezes aqui se viram juntos, para as suas combinações ou tratados, os reis de Portugal e Castella.

Tinha grandes privilegios, entre os quaes era o de pagarem os seus moradores sómente siza e *finta*.

Os seus campos produzem muito trigo, centeio, linho, etc. Tem uma formosa veiga para o O., toda regada por varios ribeiros.

Esta villa tem dado muitos militares valorosissimos.

ALFAINÇA—aldeia, Extremadura, proximo de Torres Vedras. É palavra arabe *Alfainas*—a perdida. Deriva-se do verbo *fana*—perder-se, destruir-se. Significa, *aldeia destruida*.

ALFAJAR DA PENA—aldeia, Algarve. É a palavra arabe *Alhajar*, significa—o penedo (Aldeia do Penedo).

ALFAMA—duas freguezias que formam um bairro de Lisboa (a cidade primitiva).

É palavra arabe *Al-hama* (o refugio), derivada do verbo *hamâ*, dar asylo, couto, ou refugio. (Vide Lisboa.)

Deu-se-lhe este nome, por ser aqui que se refugiaram os mouros, depois de Lisboa ser christã.

Depois os fizeram morar em uma rua chamada *Mouraria*. (N'esta rua havia um grande theatro, que o terremoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu.)

A matriz (Santo Estevão) é obra de D. Diniz, feita pelos annos 1300. Ha n'ella uma *custodia* de quasi dois metros d'altura e outra menor, que é a que sahe nas procissões.

Tem esta freguezia uns 900 fogos e 3:600 almas.

D. Diniz deu o padroado d'esta egreja ao bispo de Lisboa, que a apresentava por concurso. O cura era *collado* e tinha a quarta parte das offertas e a quinta dos fructos.

Tinha no côro oito beneficiados, com cem mil réis annuaes cada um.

Ha n'esta egreja uma imagem de Santa Catharina, virgem e mártyr, a quem recorrem ás familias das creanças que teem bexigas, offertando-lhe pão e moedas de cobre!

Os dizimos pagavam-se no Alqueidão, a quem os deixou uma rainha por lhe deixarem fundar no seu districto a freguezia de Santa Engracia. D'estes dizimos tinham uma parte os dois priores (de Santo Estevão e S. Miguel) e seus coadjutores, a mitra outra e os beneficiados outra.

É n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora dos Remedios, que tem a irmandade do Espirito Santo, formada por pescadores. Teem os irmãos hospital, para si e suas mulheres e tumba propria. Tem a irmandade 4 capellães e 2 meninos de sachristia.

A egreja de S. Miguel d'Alfama era priorado do real padroado, e tinha 4 beneficiados. Foi reedificada em 1674.

Todos os monumentos e mais objectos existentes em qualquer das freguezias d'Alfama, de que aqui não faço menção especial, vão em Lisboa.

ALFANDEGA DA FÉ e **CASTELLO**—villa, Traz-os-Montes. Districto administrativo de Bragança, comarca de Chacim. 150 kilometros de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 250 fogos, 950 almas. No concelho 1:600 fogos.

Orago S. Pedro.

(Tinha a villa 250 fogos em 1660.)

Arcebispado de Braga.

Alfandega é a palavra arabe *Alfandaq*. No Oriente e na Africa, é hospicio publico, (tal e qual como as nossas *albergarias*). Em algumas d'ellas porém se cobram *direitos reaes* (quando são mercadores que alli se hospedam). N'esta accepção a usamos em

geral, mas impropriamente, porque n'esse caso é *aduana*, e não alfandega.

O nome d'esta villa significa, pois, litteralmente—*Hospicio* ou *Albergaria da Fé*.

Está situada sobre uma eminencia, a 24 kilometros de Moncorvo, a cuja comarca pertenceu.

—

Não tem hoje nada que atteste a sua antiga grandeza, e a bravura dos seus habitantes das eras passadas, a não ser o *sobrenome* que foi concedido á villa, pelo valor dos seus moradores, nas crueis batalhas contra os mouros.

Tendo os mouros uma fortaleza no monte do *Carrascal* (proximo da villa de Chacim) sahiram d'Alfandega da Fé 25 cavalleiros *de esporas douradas*, que ajudando os de Chacim e de Castro Vicente, desbarataram os mouros, obrando taes actos de bravura, que obtiveram para a sua terra (que se chamava sómente *Alfandega*) o sobrenome que tem. (Vi e Chacim e Castro Vicente.)

Diz-se que o alcaide mouro do Carrascal, ufano com o seu castello, impunha aos christãos circumvisinhos os tributos que queria, exigindo até tributo de donzellas para o seu harem. Pedindo este tributo aos christãos de Castro-Vicente, estes pediram soccorro aos d'esta villa, que tomando as armas, atacaram o castello com grande intrepidez, tomando-o, matando o alcaide, e livrando o paiz d'este malvado.

Ainda em 1650 se conservavam na casa da camara diversas armas com que o povo d'aqui se defendia e atacava os arabes; mas uns camaristas, *illustrados*, as converteram em instrumentos agrarios!

Ainda tem os restos venerandos de um antigo castello.

É terra fertil em centeio, vinho, colmeias, seda e fructa.

É patria de D. Manuel de Sá, patriarcha da India e varão sapientissimo, como as suas muitas obras o evidenceiam.

Esta villa foi dos marquezes de Tavora, aos quaes cada morador pagava de *direitos reaes* 18 réis, mas alguns pagavam 4 $^1/_4$ alqueires de cevada e 6 réis, outros 36 réis. (N'aquelles antigos tempos era a cevada a 2 $^1/_2$ e 3 réis o alqueire.)

D'esta villa se descobre Mogadouro, Castro-Vicente, Lousa, Villa-Flor, S. Payo e outras muitas povoações.

A egreja é de tres naves. O parocho foi abbade até 1718, em que os dizimos passaram para a *basilica* patriarchal. O abbade d'aqui apresentava 8 curas (até 1834) que eram, Nossa Senhora da Assumpção, Santo Amaro, S. Paulo, Espirito Santo, Nossa Senhora da Annunciacão, S. Pedro, Santa Marinha e S. Pedro, d'esta villa.

Era abbadia do padroado real e pagava á capella real 160$000 réis por anno.

Tem Misericordia, pobre.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa a 8 de maio de 1294. D. Manuel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

ALFAQUEQUE—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É a palavra arabe *Alfaccaq*, o resgatador ou libertador de escravos ou prisioneiros de guerra. Deriva-se do verbo *surdo facca* (soltar, remir, resgatar). Vem a ser *Aldeia do libertador*.

Tambem em Portugal houve *alfaqueques* e *alfaqueque-mór*. Era o official que tratava da troca dos escravos e dos prisioneiros.

ALFARAZES—aldeia, Beira Baixa, bispado da Guarda.

É o arabe *ál-faras* (o cavalleiro). Deriva-se de *faras* (cavallo).

ALFARELLA DE JALLES—villa, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 108 kilometros ao N. E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 650 almas. Orago o Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Querem alguns que Alfarella seja corrupção da palavra arabe *alfarás* (nome generico de *cavallo* ou *egua*; mas que se tomava ordinariamente por *homem a cavallo, cavalleiro*). Ainda hoje dizemos, v. g.—«uma escolta de 200 cavallos; 100 infantes e 50 *cavallos*, etc.»—tomando assim os cavalleiros por cavallos.

Se assim é, significa—*povoação dos cavalleiros*.

D. Affonso II lhe deu foral, em 1220. D'elle consta que os donatarios d'esta villa, venderam a seus moradores 13:500 alqueires de pão, que lhes pagavam de 1oro, por treze mil e quinhentos réis (a real o alqueire!)

(Vide o que digo adiante sobre os foraes d'esta villa.)

Perto d'aqui, na serra da *Quintan* (ou *Falpêrra*) nasce o rio *Pinhão* (ou *Penhão*) que desagua na direita do Douro, na Foz do Penhão, 3 kilometros a S. E. de Favaios.

Ha na villa uma notavel fonte, chamada *do Pio*, de boa architectura, e muito abundante de agua.

Ha outra abundantissima, chamada da *Reguenga*, com cujos remanescentes se rega a veiga do *Coinho*. Tem outra de abobada, que é a melhor agua da villa.

Correm pela freguezia os rios *Penhão* e *Tuélla*.

Era um concelho antiquissimo, tendo sempre juiz, camara, etc., até que foi supprimido em 24 de outubro de 1855. O concelho tinha só 800 fogos.

Franklin não falla em foral algum dado por D. ASonso I em 1220, nem, como outros pretendem, por D. Sancho II, em 1202.

O 1.º foral d'esta villa, isto é, de Jalles, de que trata Franklin, é o que lhe deu D. Affonso III, em Lisboa, a 15 de julho de 1273; porém este foral foi julgado nullo por uma sentença de 3 de setembro de 1303.

D. Diniz lhe deu foral, datado de Trancoso, a 21 de julho de 1304.

D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 9 de agosto de 1514.

Luiz Thomaz de Carvalho e Lemos, foi um dos ultimos senhores donatarios d'esta villa.

É terra muito fria e pouco fertil.

O vinho d'aqui é verdissimo.

ALFARELLOS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Soure, concelho de Santo Varão, 25 kilometros ao S. de Coimbra, 192 ao N. de Lisboa, 330 fogos. Provavelmente a mesma derivação.

Orago S. Sebastião. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

ALFARROBEIRA—bello palacio e formosa quinta, na freguezia de Bemfica (arrabalde de Lisboa) fundada por Frederico Ludovice, architecto do palacio real de Mafra, pelos annos de 1730. É hoje propriedade do sr. Manoel de Campos Pereira.

ALFARROBEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia de Vialonga, termo e 12 kilometros a NO. de Lisboa, situada em uma planicie.

Têem aqui uma grande quinta os duques de Cadaval.

—

Vindo de Coimbra para Lisboa, *com alguns amigos e familiares* (*ao todo 4:000 homens*, (este facto historico tem para mim suas obscuridades; julgo que o infante não precisava trazer tanta gente para se justificar) o infante D. Pedro — tio e sogro de D. Affonso V—para ante o rei se justificar das calumnias que contra elle em Lisboa propalavam seus intrigantes inimigos; estes insinuaram ao rei, que o infante o vinha atacar.

D. Affonso V, joven irreflectido e arrebatado, junta toda a gente que pode e sae da capital em busca do benemerito ancião, que encontra nos campos d'Alfarrobeira (no sitio a que, por isso, ainda hoje se chama o *Arraial*) e sem mais nem menos o accommette e á sua escolta, *que não teve remedio senão defender-se*.

A batalha foi dada mesmo junto á quinta dos duques de Cadaval e proximo a uma ribeira que ahi passa.

O infante foi morto, e a maior parte dos seus, sendo igualmente morto o inclito e famosissimo *D. Alvaro Vaz d'Almada*, conde *d'Avranches* (em França) fidalgo principal d'este reino e um dos Doze de Inglaterra, amigo e companheiro do immortal *Magriço (D. Alvaro Gonçalves Coutinho)*.

D. Alvaro Vaz d'Almada foi o maior cavalleiro do seu tempo, deixando na Africa e na Europa (sobretudo em França e Inglaterra) uma eterna fama do seu nome glorioso.

Veio morrer n'esta *escaramuça*, (o que tinha escapado de tantas e tamanhas batalhas!) em defeza do seu amigo D. Pedro; mas ninguem o venceu! Cansado de esmagar os con-

trarios, e não querendo sobreviver ao seu amigo, disse (fallando comsigo mesmo) *Já vejo que não pódes mais! E tu, minha alma, já tardas!* E deitou-se no chão.

Então todos quizeram ter a *gloria* de o ferir (para se gabarem em Lisboa de o terem morto). Elle então disse a estes miseraveis: *Fartar, villanagem!*

Esta carnificina teve logar a 20 de março de 1449.

Poucos annos depois, o rei, caindo em si (ou a rogos da rainha D. Isabel, filha do infante que elle muito amava) rehabilitou a memoria de seu tio e sogro.

Alfarrobeira é palavra árabe, vem de *alcharrub*, alfarroba; quer dizer, arvore que dá alfarroba.

No Algarve, pronunciam commummente esta palavra sem o artigo *al*, e dizem *farroba, farrobeira.*

Ha ainda outra aldeia do patriarchado chamada *Alfarrobeira*, proxima de Alverca. A esta, para a differençarem da outra, lhe chamam *Alfarrobeira Pequena.* Vide *Vialonga.*

ALFEITE—Grande quinta e bonito palacio real, antigamente chamada *quinta da Pena*, termo e proximo da villa de Almada (Extremadura) em frente de Lisboa. Foi de D. Leonor Telles de Menezes (mulher de D. Fernando I). Ella a deu ao judeu *David Negro*, almoxarife das alfandegas do reino.

Este judeu fugiu com D. Leonor para Alemquer e tomou partido contra o mestre de Aviz, pelo que lhe foram sequestrados os bens. D. João I, de Portugal (quando ainda regente) deu a D. Nuno Alvares Pereira o que era do judeu. A mulher d'este (*D. Cimfa Negro*) e seus filhos embargaram esta doação, durando a demanda nove annos (só findou em 1393) e terminando por uma composição, na qual ficou a judia com o que tinha no termo de Almada e o condestavel com o que o judeu tinha em Lisboa; mas, parece que D. Nuno os comprou a *D. Cimfa*, para juntar a outros bens que tinha no Alemtejo.

Em 28 de julho de 1404, fez D. Nuno doação d'isto e outras cousas á Ordem do Carmo de Lisboa. Não sei como passou a differentes donos, até que em 1697 a comprou D. Pedro II, a Geraldo Huguer Marcem, por 3:700$000 réis e encorporada na casa do infantado (instituida para seu filho, o infante D. Pedro, depois II). Em 1707, D. João V lhe juntou a quinta da Romeira e outras propriedades. O sr. D. Miguel I lhe uniu tambem a quinta da Piedade, que comprou no 1.º de julho de 1833.

O almoxarifado do Alfeite compõe-se hoje das quintas do *Alfeite, Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo* e *Bomba;* a vinha do *Pagador*, a lagoa de *Albufeira*, os pinhaes de *Corroios* e do *Cabral* e os moinhos do *Galvão, Passagem, Capitão* e *Torre.*

O Senhor D. Pedro V mandou aqui construir uma nova residencia em 1857, muito elegante e bonita.

Parece que Alfeite é corrupção de *alfeire*, que no portuguez antigo significava *rebanho*, fato, *manada* de qualquer especie de gado, e d'aqui, *alfeireiro*, o pastor. Tambem significa *cerrado* para guardar porcos, feito de sebes ou ramos e com cancellas. E tambem *pocilga, enxurdeiro.* Tambem póde ser corrupção da palavra arabe *alfetri*, que era certo tributo que os mouros pagavam aos reis de Portugal antigamente, dos bens e gado que possuiam. Vem do verbo *fatara*, remir, reconciliar-se offerecendo dadivas. Acho mais provavel esta etymologia; porque talvez aqui fosse um dos logares onde o *alfetri* se recebia. De *alfetri* fizemos nós *offerta*, que vem a ser o mesmo.

N'esta quinta ha a fonte da *Biquinha*, cuja agua, segundo diz o dr. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, cura a dôr de pedra e areias da bexiga. Vide *Almada*, onde digo mais alguma cousa sobre esta quinta.

ALFEIZIRÃO — villa, Extremadura, comarca de Alcobaça, concelho de S. Martinho do Porto, 6 kilometros a O. de Cella, 3 ao S. de S. Martinho, 85 ao NO. de Lisboa, 360 fogos. 1:500 almas.

Orago S. João Baptista.

É no patriarchado. Districto administrativo de Leiria. Feira a 7 de janeiro, tres dias.

Está na costa do Atlantico, situada em

uma veiga, encostada a uma serra (que lhe fica a E.) e ao O. é cercada de paúes até ao mar. Era, até ao meio do seculo XVI, um bom porto de mar, em que, ás vezes, estavam surtas 70 a 80 embarcações (no tempo do cardeal infante D. Affonso, abbade commendatario de Alcobaça, que morreu em Lisboa a 21 de abril de 1540). O mar foi-se retirando pouco a pouco, e hoje está quasi a 6 kilometros de distancia.

É fertil.

Tem um antigo castello arruinado, obra dos mouros. É nos antigos coutos de Alcobaça.

O nome d'esta villa é arabe, *al-cheizaran*, significa *caniço*, ou canavial miudo.

Foi fundada em 717 pelos arabes, ao O. das ruinas da antiga *Eburobriga*, *Eburobritium* ou *Bricium*, e estes lhe deram o nome que ainda conserva.

(Vide a palavra *Eburobriga* que é essencial).

D. Affonso I a tomou aos mouros, por surpresa, em 1147.

O ultimo possuidor arabe do castello, foi o emir *Aben-Hassan*. É tradição que o emir, vendo o castello perdido, abraçou sua filha *Zaira*, e com ella se precipitou das muralhas, morrendo ambos despedaçados.

Os abbades de Alcobaça apresentavam os alcaides-móres. A parochia era vigariaria e o vigario era prior de S. Martinho, e tudo apresentado pelos frades.

Está entre as villas da Pederneira e Caldas, distante de cada uma 10 kilometros.

Tem Misericordia, antiga mas pobre.

Querem alguns que esta villa fosse fundada pelos gallos-celtas, uns 300 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Eburobriga*, e que depois veio a chamar-se *Erubritium*, no tempo dos romanos; mas é mais provavel que a cidade romana fosse no sitio a que hoje chamam *Ramalheira*, onde ainda ha vestigios de alicerces.

Querem alguns que d'aqui fosse natural o celebre Viriato II (o que morreu em Italia).

O abbade de Alcobaça lhe deu foral no 1.º de junho de 1422. Por elle tinha o privilegio de não dar soldados. D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando-lhe os privilegios, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

A 700 metros ao S. ha uma lagoa chamada *Lagoa Limpa*, que cria muitas sanguesugas, das melhores do reino.

Do tempo que foi porto de mar, ainda se vêem restos de caes.

ALFELLA—aldeia do Minho, arcebispado de Braga. É a palavra arabe *al-hella*, significa campo ou arraial onde os arabes armam as suas tendas. Deriva-se do verbo *surdo halla*, pernoitar em um logar, morar por certo tempo. É tambem nome do sitio onde presentemente se acha o convento da Graça, em Lisboa, ao qual se chamava antigamente *Alfella*. Este mesmo nome se dá á terra de Mourão.

ALFENA—freguezia, Douro, concelho de Vallongo, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Vicente.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente villa, e ainda tem pelourinho. Parece que no tempo dos arabes era uma grande povoação, com o mesmo nome.

É tradição que houve aqui no seculo VIII uma grande batalha contra os arabes, na qual entraram sete condes, e que d'ella lhe provém o nome; fundando-se em que *alfena* significa *batalha*, o que não é exacto, pois só significa planta. Enganam-se com a palavra arabe *alhella*, alfella, que significa *acampamento* ou *arraial;* mas não *combate*. É pois incontestavelmente a palavra arabe *alhenna* (alfena). São as folhas de um arbusto semelhante á murta. No Oriente, tanto christãos como mahometanos, costumam, por occasião de festa, amassar o pó d'estas folhas e cobrir as mãos e pés com esta massa, envolvendo-a em pannos, desde a noite até pela manhã. Quando se levantam sacodem o pó, e untam os sitios em que elle esteve, com azeite. Os membros, assim preparados, adquirem uma côr muito encarnada, que dura 15 a 20 dias (não saindo ainda que a lavem). Só porém as mulheres e creanças usam d'este *enfeite*. Os velhos, principalmente principes e grandes, tingem os cabellos da barba, com agua d'estas folhas, o que lh'os torna encarnados.

Deriva-se a palavra *alhenna*, do verbo *hanna* (tingir o cabello com alfena). No figurado, enfeitar-se. Ha na provincia do Minho uma aldeia d'este nome, e uma villa no reino de Granada. É planta medicinal.

Ha n'esta freguezia um hospital para quatro lazaros, do qual foi administrador *João Pinto Coelho;* e por sua morte era administrado por os seus herdeiros, os Peixotos, do Porto.

Está situada em uma veiga, cortada pelo rio Lessa.

A egreja foi abbadia até 1544, em que os dizimos foram para o collegio do Carmo, de Coimbra, sendo bispo do Porto, D. Balthazar Limpo, e seu ultimo abbade seu irmão Melchior Limpo, que depois foi frade do mesmo collegio do Carmo. É a mais antiga egreja da Maia. Junto á egreja havia—e não sei se ainda ha—o maior cypreste de Portugal.

A freguezia é cercada de montes, sendo os de E. muito altos, e ha n'elles vestigios de antigas fortificações e grandes fossos, que mostram ter-se aqui extrahido, no tempo dos romanos ou arabes, grande porção de metaes.

É terra muito fertil.

ALFERCE—ribeira, Algarve, concelho de Monchique. Nasce na Foya, corre perenne de O. a E., desagua na ribeira de Odelouca, no sitio chamado *Foz da Camara.* Rega, moe e traz peixe. Vide *Alferce*, freguezia.

ALFERCE—(mais propriamente *Alferse*) freguezia. Algarve, comarca de Silves, concelho e 6 kilometros a E. de Monchique, 70 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Romão.

É a palavra arabe *Al-fere-se*, os cavalleiros. É pois, *freguezia dos cavalleiros.*

Tambem póde ser derivado da palavra arabe *alferse* (enxadão ou alvião) que elles escreviam assim, ou *Al-herse*, que se pronuncia do mesmo modo (alférse.)

Mas é mais provavel que tenha a primeira significação.

Esta freguezia está situada na serra do mesmo nome, em uma grande chapada. É abundante: muita castanha.

Foi da casa das rainhas.

Acima do logar de Alferce, uns 200 metros para N. E., estão as ruinas de um castello romano ou arabe, que mostra ter tido dentro do seu recinto grandes edificios.

Fica-lhe proximo a aldeia de *Povo de Baixo*, d'esta freguezia, rodeada de vinhas. Fertil.

A egreja caiu com o terremoto, mas foi logo reedificada.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome. É no bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

ALFERCE—serra, no Algarve, mui alta, aspera e agreste. D'ella se descobre quasi todo o Algarve.

É mui abundante de excellentes aguas. Tem minas de varios metaes. Cria algum gado grosso e miudo, porcos javardos, lobos e caça. (Vide Alferce, freguezia.)

Tem 24 kilometros, desde a *Picota* até á freguezia de *S. Bartholomeu*, onde acaba em um só corpo, sem ramificação nenhuma.

ALFERES-MÓR—antigo officio em Portugal. Já no tempo do conde D. Henrique era seu alferes D. Fafes Luz. As suas preeminencias eram consideraveis n'aquelles tempos. Depois, as suas attribuições passaram para o *marichal* e o *condestavel*. Os *alferes* vinham a ser o mesmo que os actuaes porta-bandeira; mas os *alferes-móres do reino*, levavam, na paz e na guerra, a bandeira real, nas côrtes, nos juramentos dos reis e principes, e nas batalhas em que entrava o rei.

Nos documentos, escriptos no latim barbaro d'aquelle tempo, os alferes-móres asignavam-se, *Signifer* (o que leva a signa) e *Vexillifer*. O primeiro alferes-mór de que ha noticia, é, como já disse, D. Fafes Luz, o ultimo foi Vasco Fernandes Cesar de Menezes, conde de Sabugosa e vice-rei da India e do Brazil, o qual logar de alferes-mór herdou de seu pae, Luiz Cesar de Menezes, feito no 1.º de janeiro de 1707.

Houve n'este reino 52 alferes-móres, todos da principal nobreza de Portugal.

Tambem havia alferes-móres dos infantes e dos mestrados das ordens de cavallaria.

Alferes é arabe (*alfares*) que significa *cavalleiro.*

ALFERRADE DE—rio, Extremadura, nas-

ce de varias fontes, no valle de *Mogão* e no *Sêrro*, a 6 kilometros do Sardoal. É arrebatado, ainda que de pouca agua. Suas margens são povoadas de boas quintas, e em grande parte cultivadas. Morre no Tejo, na foz de *Alferradede*.

ALFERREIREDE—rio, Alemtejo, nasce a 3 kilometros da villa da Amieira e morre no Tejo, no termo da mesma villa.

ALFOGEIRA—aldeia da Extremadura, é a palavra arabe *alhogeira* (a pedrinha) diminutivo de *hajaron* (pedra.)Vem a ser *Aldeia da Pedrinha*.

ALFONTES DA GUIA—freguezia, Algarve. Comarca de Loulé, concelho de Albufeira, 35 kilometros de Faro, 192 ao S. de Lisboa, 250 fogos.

Situada na ladeira de um monte. Egreja pequena. Ha aqui a ermida de Nossa Senhora da Guia (que deu o nome á freguezia) que se festeja a 8 de setembro, havendo então feira. O territorio da freguezia, no geral, é plano e fertil.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado e districto administrativo de Faro.

ALFORRA—aldeia da Beira Alta, bispado de Coimbra.

É a palavra arabe *al-horra* (cousa livre, sem sugeição.)

No antigo portuguez, *Alfoz* (no plural, *alfozes*) *alfoces* e *alhobzes*, significava concelho, julgado, comarca, behetria, jurisdição ou castello, cujos moradores se governavam pelo seu proprio foral, e pelos usos e costumes da terra. Ordinariamente um *alfoz* não comprehendia mais do que uma parochia. É pelas cercumstancias referidas que os etymologistas derivam *alfoz* da palavra arabe *al-horra*, (*h aspirado*, que sôa quasi como *al-forra*.) Vem do verbo *surdo*, *harra*, que quer dizer, *libertar*, dar *carta de alforria*.

Alfoz, tambem em algnmas terras significava *logar chão*, *terra chã*.

Não se confunda com *alforras*, legume mais pequeno que os feijões frades. A isto chamavam os arabes, *Alholha*. É febrifugo.

ALFOZ—vide Alforra.

ALFREVIDA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Rodam, 100 kilometros da Guarda, 219 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

ALFUNDÃO—villa, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Ferreira, 50 kilometros de Evora, 100 ao S. E. de Lisboa, 200 fogos.

É derivado do arabe *alfitian*, (edade juvenil, juventude) quer dizer *Povoação dos mancebos*.

Outros sustentam que esta povoação já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Fundanus*, e que os arabes só lhe accrescentaram o *al*. (O que é mais provavel, como adiante se verá.)

É do infantado.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Tem uma albergaria muito antiga, a que chamam hospital, fundada por uma mulher d'esta villa; mas não se sabe o nome d'ella, nem a data d'esta fundação.

É situada em um alto, d'onde se descobre a villa de Alvito e o logar de *Pêra Guarda*.

É uma das mais antigas povoações do termo de Beja. Parece que foi povoação de muita importancia no tempo dos romanos.

Na egreja de Santa Margarida do Sádo (que foi um célebre templo romano da deusa Fortuna) appareceram dois cippos, com as seguintes inscripções:

O primeiro: *D. M. S.—M. L. filia cupita ann. XXXIV. Q. L. N. marite, et Antonia* Fundana, *et Mumia Rufina filias matri piissime posuerunt H. S. E. S. T. T. L.*

O segundo diz: *D. M. S. Mamius Cusinus ann. XVI Mumia* Fundana *liberto merenti Pos. H. S. E. S. T. T. L.*

Em 22 de setembro de 1372 deu D. Fernando esta terra a Diogo Affonso do Carvalhal.

Hoje nem merece o nome de villa, pois na verdade, não passa de uma pobre aldeia.

ALFUSQUEIRO—rio, Beira Alta, nasce no logar de Vermilhos, bispado de Vizeu.

Parte das suas margens são cultivadas e

arborisadas. Tem muitos medronheiros e murtas. Tem algum peixe. Morre no Vouga, no sitio de Olmear.

ALGALÉ—rio pequeno do Alemtejo. Nasce de uns poucos de arroios na *coutada* da villa de Barbacena. Suas margens são cultivadas e ferteis. Tem algum peixe miudo. Morre no Caia, no sitio da *Chamorra*.

(Para a etymologia, vide Algalé, freguezia.)

ALGALÉ—freguezia, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte, 40 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 40 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É nome derivado do arabe, *al-gali*, significa *fervedouro*. Vem do verbo *galá*, ferver. Tomou este nome do rio acima. Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

ALGANDUR—aldeia, Alemtejo, arcebispado de Evora. É palavra arabe, *al-gandur*, significa casquilho, enfeitado, ornado, asseiado. Vem pois a ser, *aldeia do peralta*.

ALGAR DO CABEÇO DAS POMBAS—vide Ayre, serra. É palavra arabe, *algar*, significa *sorvedouro, cova* ou *bréjo* profundo. Deriva-se do verbo *gára*, submergir. Ha uma aldeia d'este nome no patriarchado.

ALGARÃO—pequeno rio, Douro, bispado de Coimbra. Vem da palavra arabe, *algáro*, submergido. Deriva-se do verbo acima.

Nasce de uns poucos de arroios na freguezia de Brafemes. Chama-se primeiro *Valle do Côvo*, depois *Algarão*, depois *Gondileu* (em Gondileu tem uma ponte de pedra) segundo os logares que atravessa. Morre no rio Botão, no sitio de *Porto do Valle dos Judeus*, no campo do Botão.

ALGARES—É a palavra arabe *algares*, que significa *plantador*. Deriva-se do verbo *gárasa*, plantar, pôr arvores.

Ha uma aldeia d'este nome no bispado de Coimbra.

ALGARES—(serra dos) Alemtejo, nasce a 6 kilometros a E. de Grandola e vae correndo contra o E., na distancia de 12 kilometros, até onde estão as ruinas de uma fortaleza, chamada *Castello Velho*, que fica eminente ao rio *Corona*. Esta serra está quasi toda minada por *galerias* e poços, feitos pelos romanos e arabes, para d'aqui extrahirem prata e ferro.

Talvez mesmo que a primeira mineração d'esta serra seja obra dos phenicios. Os terrenos contiguos á serra, para o lado do N. estão cobertos de residuos ou *escumalha*, provando assim que houve aqui fundição de metaes.

Um outeiro d'esta serra (chamado por isso *Outeiro Fendido*) está cortado por uma mina aberta, de largura de 1m50, e de grande profundidade. Tem aqui apparecido moedas de ouro e prata romanas.

Algares aqui é o plural de *algar*, e significa por isso *sorvedouros, covas* etc. e não *algares* plantador.

Na serra dos *Algares* é a *contramassa* de Aljustrel. Houve aqui immensos trabalhos dos antigos e prodigiosa extracção de minerio; o que testificam as suas immensas *galerias* e o proprio nome da serra.

No reinado de D. João V, foram estas minas inspeccionadas por pessoas peritas, mandadas a isso pelo governo, que declararam ter-se extrahido d'ellas, em tempos antigos, grande quantidade de ferro e prata.

Estes antigos trabalhos estão hoje completamente innundados, pelo que a Companhia de Mineração Transtagana anda a fazer uma galeria de *esgôto* de 800 metros de extensão, e que irá sair ao ribeiro dos *Feitaes*, e, concluida esta obra, poder-se-ha continuar com a dos antigos, o que dará á companhia felicissimo resultado.

É director technico d'estes trabalhos o sr. João Pacheco Alves, estudiosissimo e distincto engenheiro de minas, que reside aqui.

Dá-se n'esta serra a singularidade de serem potaveis e optimas todas as aguas que nascem do lado do S., ao passo que não é potavel nenhuma que rebenta do lado do N. Todas estas são impregnadas de substancias que lhes dão diversos sabores, e que imprimem differentes cores nas terras e pedras por onde passam, obstando á vegetação dos terrenos que humedecem. Ao que parece, são aguas de diversas mineralisações, que muito conviria que fossem analysadas por habeis chimicos.

ALGARVE—(serra do) corre quasi todo o reino do Algarve (do qual recebe o nome) e o divide do Alemtejo. Principia proximo a Castro Marim e acaba no Oceano, junto a Aljezur. Os romanos lhe chamavam *Cicus*, ou *Mons-cicus*, e d'aqui lhe provem o actual nome vulgar de *Monchique*. Ha aqui abundancia de aguas, é habitada por pastores e alguns lavradores. Tem grandes *montados* de azinheiras, sovereiros e carvalhos. Tem tambem alguns pomares e bastantes figueiraes. Produz trigo, senteio, favas etc. Tem algum gado miudo, porcos montezes, coelhos, lebres etc., etc. (Vide Monchique.)

ALGARVE—O reino do Algarve é formado da parte mais meridional de Portugal. É muito accidentado pelas serras de Monchique, Figo, Caldeirão, Foia, etc.; mas, apesar d'isso, tem bastantes planicies, algumas muito amenas, apraziveis e ferteis. É cortado pelos rios Guadiana (que o separa da Andaluzia) Chança, Limas, Corbis, Vascão, Asseca e outros, que mais propriamente são braços de mar, como os de Faro, Tavira, Villa Nova de Portimão, Castro-Marim, etc.

O seu terreno é fertilissimo em cereaes, optimo vinho, deliciosas fructas proprias do paiz (como são amendoas, figo, alfarrobas) além de todas as outras que ha nas mais provincias do reino. Produz tambem grande porção de assaflor (*assafrôa*) sumagre, gran, palma, pita, etc., com os quaes generos faz grande commercio.

Só no mez de setembro de 1871 exportou o Algarve pela alfandega de Faro e suas delegações—figos, no valor de 378:000$000 réis; alfarroba, 162:000$000 e tanto; cortiça, 128:000$000 e tanto; peixe, mais de 90:000$000; ovos, 40:000$000; amendoas, 30:000$000; palma em *rama*, 15:000$000; total mais de 843:000$000 réis, só em um mez!

Produz tambem algumas fructas dos tropicos.

O seu litoral é abundantissimo de infinitas variedades de peixe de optima qualidade. Possue muitas e ricas *marinhas de sal* (salinas) cujo producto fórma um dos principaes ramos do seu commercio.

Exporta, portanto, em grande quantidade, sal, peixe secco, uvas, *passas*, amendoas, figo secco, manufacturas de palma, (algumas muito bellas) rendas, ricas obras de pita, muita caça grossa e miuda, etc.

O seu clima é o melhor de Portugal, menos nos sitios pantanosos, onde são endemicas as febres intermittentes.

Os primeiros habitantes do Algarve, de que ha noticia, são os *cunei*.

Os arabes lhe chamavam *Al-Faghar*, ou *Al-Gharb* (que significa—paiz do Occidente—em relação á Africa, que fica a E. do Algarve, (Vide *Almograbi*.)

Tambem lhe chamavam *Chencir*. Outros escrevem *Al-Ghharb*, e querem que signifique *terra plana e fertil*, mas supponho que é erro.

A sua capital durante o dominio dos arabes, foi *Chelb* (Silves) a que tambem chamavam *Chencir;* e é d'ella que tomava o nome de *Chencir* todo o reino. O ultimo rei mouro do Algarve foi *Al-Mansor-ben-Afan*.

(Vide Sives, Tavira, Almançor.)

Os arabes tambem chamavam Al-gharb á antiga *Turdetania*. É por isso que ainda hoje nos titulos dos reis de Portugal se diz: «Algarves d'aquem e d'além mar.» Os d'aquem são os nossos e os d'além é a costa africana fronteira (a antiga *Turdetania*).

Os arabes estendiam a denominação de *Al-Gharb* ás terras de Hespanha occidental e meridional, desde o *Promontorio Sacro* até Almeria; e ás terras fronteiras (da Africa) desde a bocca do estreito de Gibraltar até Tremecen, as quaes se chamavam *Benamerim* ou *Algarve d'Além-mar* (como nós dizemos).

Os escriptores gregos e romanos mencionam varios povos que habitavam o Algarve, sendo os mais notaveis os *turdetanos*, os *cuneus*, os *cynetas* ou *cinescos*, e os *celtas*.

Ptolomeu collocou os turdetanos desde a foz do *Ana* até ao *promontorio Sacro*. Festo Aviceno colloca aqui os *cuneus* e *cynetas*. Herodoto e Strabão põem os *celtas* visinhos dos *cynescos*. Entretanto todo este paiz (apezar dos differentes povos, com linguas diversas, que o habitavam) se chamou sempre *Turdetania*, ou paiz dos turdetanos.

Strabão elogia a civilisação, cultura lit-

teraria e a remotissima antiguidade dos turdetanos.

Murillo (*Geogr. Hist.* tom. II, cap. 11. pag. 346) chama ao Algarve—*Lucena*, por aqui terem habitado os povos *lucios*.

Parece que desde o estreito de Gibraltar a todo o litoral da Luzitania se chamava *Turdetania* ou *Tartesso*.

Abrahão Ortelio, fundado em Strabão, diz que Tartesso era uma ragião á entrada do rio *Betis*, que no seu tempo era habitada pelos *turdulos*, e á qual alguns tambem chamavam *Erythia*, o que confirma Silio Italico.

—

Já os phenicios, carthaginezes e romanos, d'aqui levavam trigo, vinho, azeite, cera, mel, sal, e a apreciadissima *gran*, pela belleza da sua côr muito procurada.

Plinio elogia os seus tecidos, pela sua finura e pela belleza das suas côres. Chamavam-se *scutulatas* os vestidos que d'elles se faziam.

As famosas pescarias e salgas dos atuns, *tichiadas* e sardinhas, já eram famosas entre os antigos.

Os habitantes do Algarve eram tidos por gente instruida e os mais valentes soldados da Hespanha. («Inter Iberos fortissimi sunt qui Luzitani appellantur.»—Diod. Sic. Liv. V, pag. 357.)

Desde remotissimos tempos usaram os turdetanos de musicas em seus esquadrões, quando pelejavam, e compunham versos triumphaes a seus capitães. («In bellis ad numerum incedunt, pacanes canut, quando hostes aggrediuntur. Peculiare quippiam Iberis, et maxima Luzitanis, in usu est.»—Ibid.)

Raros vestigios se encontram hoje em sitios sobre que ha contestação de terem sido edificadas algumas cidades pelos primeiros invasores (phenicios, gregos e carthaginezes) como *Balsa* (Tavira), *Ossonoba* (Estoy?), *Carteia* (Quarteira?), *Cunistorgi* (cidade dos cuneus, que se não sabe ao certo onde era, mas suppõe-se ser no sitio da actual *Cacella*, ou ahi proximo), *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa), *Portus Annibalis* (Villa Nova de ortimão?), *Budua* (Budens), *Myrtilis* (Mertola) e *Pax Julia* (Beja) tambem pertenciam á Turdetania.

Cinco seculos completos estiveram os arabes senhores do Algarve, e se d'aqui tiravam immensas vantagens, tambem fizeram augmentar a população e desenvolver em grande escala a agricultura, apesar do paiz estar retalhado em varios reinos e principados.

—

D. Sancho I tentou a conquista do Algarve, approveitando a feliz opportunidade de estar em Lisboa uma esquadra de cruzados trizios, hollandezes e dinamarquezes, que iam para a Terra Santa commandados por Jaques, senhor d'Avesnes, e marechal do Brabante, e com ajuda d'elles se tomou Silves e os castellos da sua dependencia. (Vide Silves.) Por isto se intitulou, primeiro que outro rei christão, *rei do Algarve*.

O rei de Marrocos, juntando grande numero de gente, de todos os *emires* seus dependentes, cahiu sobre o Algarve, que assolou, reconquistando em 1191 quanto D. Sancho havia conquistado.

D'ahi a 40 annos (1231) D. Sancho II, ajudado pelos cavalleires de S. Thiago, commandados pelo grande D. Paio Peres Correia, então commendador d'Alcacer do Sal, instaurou a conquista do Algarve.

Depois de tomar Elvas, Jurumenha, Serpa, Aljustrel e outras terras do Alemtejo, passou ao Algarve, tomando logo D. Paio as povoações de Cacella, Tavira, Estombar, Alvor, Aljezur e outros castellos, assim como Ayamonte, ao S. do Guadiana.

D. Affonso III tomou a peito expulsar completamente do Algarve os mouros, e o levou a effeito, tomando Faro em 1249, e foi conquistando todas as mais povoações e castellos, de modo que em 1252 estava pacifico senhor de todo o Algarve.

D. Fernando, rei de Castella, não se oppoz á nossa conquista do Algarve, mas, mesmo em 1252, morto elle, seu filho, D. Affonso, *o sabio*, abusando da situação ainda precaria do rei portuguez, fez grandes clamores por causa d'esta conquista, e com grandes forças invadiu Portugal, entrando por Alcoitim. Poz sitio a Tavira (que logo le-

vantou) apossou-se de algumas povoações algarvias e fez crua guerra a Portugal.

O nosso D. Affonso III, reconhecendo a inferioridade da sua posição, propoz casar com D. Brites (ou Beatriz), filha natural, mas muito querida, do rei castelhano, descasando-se com a condessa de Bolonha; ao que o castelhano annuiu, e fez-se a paz em 1253, reconhecendo este o dominio portuguez no Algarve, reservando porém, *mas sómente durante a sua vida*, o titulo de Senhor do Algarve: titulo que aliás logo abandonou. Reservou mais a obrigação dos portuguezes terem promptas 50 lanças para o serviço dos castelhanos, mas tambem só em vida d'aquelle rei. Este mesmo *tributo de sangue* pouco tempo durou; porque em 1266, não só 50 lanças, mas alguns milhares de bravos portuguezes, correram por mar e por terra, em defesa do rei de Castella contra os mouros, pelo que elle desistiu da obrigação das taes 50 lanças, ficando o Algarve inteiro livre para a corôa portugueza—isto por carta regia, datada de Jaen a 7 de maio de 1267.

Os reis de Portugal, até D. Sebastião, procuraram promover a população e prosperidade do Algarve, com grandes privilegios, isenções, foros e regalias, e, na verdade, este reino estava muito florescente no terceiro quartel do seculo XVI; mas a usurpação dos Philippes fez decahir a sua agricultura e definhar a sua industria e as suas pescarias (que era o seu mais forte ramo de commercio) que tudo foi marchando em aterradora decadencia.

Alguma coisa melhorou com a restauração; mas, ainda assim, tal era o estado do Algarve, que continuou a importar muitos generos agricolas que antes dos Philippes exportava em grande escala.

Os fataes terremotos de 6 de março de de 1719, 27 de dezembro de 1722 e 1.º de novembro de 1755, tambem muitissimo prejudicaram esta bella provincia. O primeiro arruinou bastantes edificios e causou muitas calamidades, mas o segundo foi ainda mais fatal—principiou das 5 para as 6 horas da tarde, no cabo de S. Vicente, e d'alli se estendeu pelo resto do Algarve, sendo as povoações que mais soffreram—Portimão, Lagos, Albufeira, Loulé, Faro e Tavira.

Morreram muitas pessoas e cahiram muitos edificios ou ficaram inhabitaveis.

No rio Tavira (*Secco*) afastaram-se as aguas de modo que uma caravella que ia sahindo barra fóra, ficou em secco por muito tempo.

Attribue-se este cataclysmo a um vulcão submarinho, que rebentou entre Faro e Tavira; cujas chammas muita gente viu surdirem á flor do mar.

O de 1755 foi de todos o mais terrivel, fatal e destruidor. Ficaram povoações inteiras submergidas, mórmente na costa.

Pelas 9 $^1/_2$ horas da manhã d'esse horroroso dia 1.º de novembro estando o tempo claro e sereno, como de estio, e vento N. O., ouviu-se um grande trovão, e passados 3 ou 4 minutos principiou a oscillar a terra com medonha violencia. O mar recuou em partes mais de 50 metros, deixando as praias em secco, e arremettendo immediatamente para terra, com grande furia; chegou em sitios a entrar pelo paiz dentro mais de 6 kilometros, sobrepujando os mais altos edificios e rochedos. Por tres vezes avançou e recuou, arrastando este *fluxo* e *refluxo* enormes massas de penhascos, arvoredos e grande numero de edificios, deixando arrazadas quasi todas as povoações maritimas, e matando logo mais de mil pessoas, além de muito maior numero de feridos, dos quaes ainda muitos vieram a morrer dos ferimentos.

A terra continuou a tremer até 20 de agosto de 1756, com poucos dias de interrupção, principalmente nos primeiros 5 mezes, e quasi sempre de noite, e nos *novilunios*.

As maiores oscillações, depois do 1.º de novembro, foram a 14 de dezembro de 1755, 1.º de junho de 1756 (pelo meio dia) e a 14 de agosto d'este anno, pelas 3 horas da manhã.

Por muitas vezes se ouvia no mar um estrondo fóra do natural. Os ventos que então mais reinaram foram S. O., e depois do terremoto, O.

Seguiram-se grandes furacões, que tambem assolaram tudo por onde passaram.

Um, em 13 de janeiro de 1757, deitou por terra a egreja de S. Pedro, em Faro, e no convento do cabo de S. Vicente cahiu uma rocha (pelas duas horas da tarde), que matou algumas pessoas.

Sentiram-se nos mezes de dezembro de 1756, janeiro e fevereiro de 1757, frios excessivos, como aqui jamais houve. Muitos dias successivos esteve a serra do Monchique coberta por grossa camada de neve. Note-se porém, que, apezar d'isto, houve n'esse anno grande abundancia de trigo e amendoa, mas dos outros fructos pouco.

Tambem por esses calamitosos tempos houve muitos partos de duas e tres creanças. (Vide Lagos.)

—

Os algarvios distinguiram-se sempre pelo seu acrisolado patriotismo. O Algarve foi o que mais geral e mais promptamente tomou o partido do mestre d'Aviz e da restauração de 1640.

Foram os algarvios os primeiros que em 1808 levantaram a voz contra o jugo francez, sendo d'elles os primeiros os moradores de Olhão, que não só arriscaram as suas vidas e fazendas, mas, em um pequeno e fragil *cahique*, Manuel Martins Garrocho e Manuel d'Oliveira Nobre, ambos pescadores de Olhão, foram ao Rio de Janeiro levar a D. João VI (então regente) a noticia da expulsão das hordas jacobinas. (Vide Olhão, onde isto vem mais por extenso.)

—

É o Algarve a provincia mais meridional de Portugal, e tem o titulo de reino.

Está entre os 36° e 56', e 37° e 25' de latitude septemtrional,—e entre os 9° e 1° 50' de longitude, calculada pelo meridiano do observatorio astronomico de Lisboa.

Confina a E. com o Guadiana, que o separa de Hespanha, — a S. e O. com o Oceano Atlantico e N. com o Alemtejo; servindo-lhe por aqui de raia o rio Odesseixe, desde a sua foz no Oceano, até quasi á sua nascente, na serra.

Tem 160 kilometros de comprido de E. a O., desde Villa Real de Santo Antonio de Arenilha até ao Cabo de S. Vicente; e 36 a 40 na sua maior largura, que é de Faro ao rio Vascão, e pouco mais de 30 na menor, que é d'Albufeira á ribeira de Odelouca. A sua superficie anda por umas 160 leguas quadradas.

—

Rios

Os principaes rios do Algarve são—*Guadiana*, e os braços de mar de *Tavira*, *Faro*, *Portimão*, *Alvor*, *Lagos*, *Aljesur*, *Odesseixe*, e *Castro Marim*.

Estes *braços de mar* entram pela terra dentro, recebendo varios ribeiros. Na antiguidade foram quasi todos grandes rios, que o tempo tem obstruido. Tem mais varios rios e muitos *esteiros* de menor consideração.

Nota-se a origem arabe em varios rios do Algarve, v. gr.: — Guadiana (*Guadi* ou *Wad Ana*)—Odesseixe (*Wuad seixe*)—Odiaxere (*Wad axere*)—Odeleite (*Wad leitee*)—Odelouca (*Wad louca*).

—

Cabos

S. Vicente, Santa Maria e Carvoeiro. ((Vide nos logares competentes.)

—

Desde tempos remotissimos era esta reggião afamada pela sua pasmosa fertilidade. Os phenicios e carthaginezes, e depois d'elles os romanos, d'aqui exportavam em grande escala—figos, alfarrobas, amendoas, azeite, castanhas, cannas, fructas d'espinho, palma,, pita, cortiça, sumagre, mel, cera, resina alimécega, *labdano* d'esteva (resina), gomma adragante (ou tragacanta), madeiras, opio, esparto, magnesia (das salinas), gran de carrrasco (kermes), cochonilha, gran de carapeto, *açafrôa* (especie de açafrão)—açafrão silvestre—ruiva, urzella, tornesol e muitas pllantas medicinaes, e aromaticas. Tambem produz tabaco silvestre, oleo de ricino, barrilha, bichos de seda etc.

Ha no Algarve muitas minas de varrios metaes e differentes aguas mineraes. Tanto uma coisa como outra vão nos logares onde existem.

—

Justino diz que nos bosques tartessios ((ou turdetanos) fizeram os *titanes* a guerra contra os deuses, e que alli mesmo habitavam

os *dactylos* e *curetes*. Os *cynetas* (ou *cenitas*) vieram da arabia, segundo aquelle escriptor. O rio *Ana* passava pelo meio da região ou paiz dos *cynetas*.

Uma geographia arabe (que parece ser do Nubiense) na pauta 1.ª, clima 4.º, diz (traduzida) fallando do Algarve: «A fortaleza *Cástala* (Cacella?) está na embocadura do mar. D'ella para *Tabira*, pela praia do mar, 14 milhas; d'ella para *Santa Maria do Garbe* (Gove?) 12 milhas. Santa Maria está situada sobre o *mar grande*, e quando enche a maré, entra-lhe o mar e passa as suas muralhas. Da cidade de Santa Maria até *Xalab* (?) 28 milhas. De *Xalab* até *Báltios* (Balsa-Tavira?) 3 jornadas, da mesma maneira, de *Xalab* até á fortaleza de *Martala* (Mertola) 4 dias; e de *Martala* até á fortaleza de *Welbat* (?) duas pequenas jornadas. De *Xalab* até *Hala Kezzaviat* (?) 20 milhas. Esta villa é porto e ancoradouro. D'ella para *Xacraxe* (?) pela costa 18 milhas. De *Xacraxc* até á *ponta d'Arûf* (?) que é uma ponta que sae para o mar grande, 12 milhas. D'esta para a egreja do *Garbe*, 7 milhas. Da egreja de *Garbe* até *Alcacer*, duas jornadas. A cidade de Alcacer é muito formosa e está situada sobre o rio *Xatuêr*, no qual entram navios e embarcações de viagem. Entre o mar e o Alcacer ha 20 milhas.»

—

A velha Turdetania foi patria de esforçados e famosissimos capitães, sendo os mais notaveis *Baucio* e *Balaro*, que foram temidos e respeitados pelos carthaginezes; *Punico* (de origem carthagineza, por seu pae, e algarvia por sua mãe) vencedor de *Calpurneo*, *Pisão* e *Manlio*. *Cesares* ou *Cesarão*, que derrotou *Mummio*. *Cauceno*, que conquistou a cidade de *Conistergis* (ou Conistorgis).

Conventos do Algarve que foram supprimidos em 1834, e seus rendimentos

—

Frades

Camillos—em Portimão	260$000
Paulistas—Tavira	500$000
Agostinhos calçados—Loulé	590$000
Ditos—Tavira	600$000
Trinos—Lagos [1]	280$000
Carmelitas calçados—Lagoa [1]	420$000
Carmelitas descalços—Tavira	540$000
Franciscanos da provincia do Algarve, em Tavira (com a cerca)	500$000
Ditos em Faro—(com a cerca)	300$000
Ditos em Estombar—idem	150$000
Ditos da provincia da Piedade—Lagos	140$000
Ditos, ditos—Faro	90$000
Ditos, ditos—Tavira	110$000
Ditos, ditos—Loulé	150$000
Ditos, ditos—Portimão	60$000
Ditos, ditos—Cabo de S. Vicente	100$000
Ditos da 3.ª ordem da penitencia (já estava abandonado)—Monchique	300$000
Ditos, ditos—Pégos Verdes	10$000
Somma	5:100$000

Este rendimento era o certo. Tinham além d'isso o eventual, que consistia em legados, esmolas, votos, etc., etc., que importava em mais de outro tanto.

Freiras

Bernardas—Tavira	1:600$000
Franciscanas—Faro	1:600$000
Ditas (sujeitas ao ordinario—Loulé	270$000
Ditas—Lagos	1:330$000
Somma	4:800$000

Recolhimentos

Tavira	101$000
Faro	310$000
Lagôa	30$000
Somma	441$000
Com o rendimento dos frades	5:100$000
Dito das freiras	4:800$000
Total	10:341$000

Já se sabe que n'estes rendimentos não entram os alugueres dos edificios dos mosteiros, tulhas, adegas, moinhos, etc., etc.

Tudo isto foi julgado *bens nacionaes* e vendido ao desbarate, e os que não tiveram quem

1 Estes dois conventos estavam abandonados desde o terremoto de 1755.

os quizesse, estão quasi todos em lamentaveis ruinas.

Baterias e fortalezas da costa do Algarve

1.º grupo—Dependentes de Sagres.

Fortalezas da *Arrifana* e *Carrapateira*.

Baterias do *Cabo de S. Vicente, Baleeira* e *Zavial*.

2.º grupo—Dependentes de Lagos.

Baterias de *Burgau, Porto de Moz, Piedade, Barroca* (muralhas da cidade).

Fortalezas da *Figueira, Almadena, Nossa Senhora da Luz, Penhão, Ponta da Bandeira* (registo) e da *Meia Praia*.

3.º grupo—Dependentes de Portimão.

Fortalezas de *Santa Catharina* (registo) e de *S. João Baptista*.

Baterias do *Carvoeiro* e de *Nossa Senhora da Rocha*.

4.º grupo—Dependentes de Albufeira.

Fortalezas de *Pêra*, do *Registo*, de *Vallongo* e da *Quarteira*.

Baterias da *Baleeira* e de *S. João Baptista*.

5.º grupo—Dependentes de Faro.

Fortaleza *Forte Novo*.

Baterias *Ancam, Barrêta*, da *Barra Nova*, de *Olhão*.

6.º grupo—Dependentes de Tavira.

Baterias da *Fozêta, Santo Antonio* (nas margens do Gilaou).

Fortalezas de *S. João Baptista* (tambem nas margens do Gilaou) e *Cacella*.

7.º grupo—Dependentes de Villa Real de Santo Antonio.

Baterias do *Cabêço, Monte-Gordo, Ponta da Areia* (todas na costa do sul) *Médo Alto* e *Pinho* (na foz do Guadiana) *Carrasqueira* (no Guadiana).

8.º grupo—Dependentes de Castro Marim.

Baterias do *Registo* (no esteiro) e da *Rocha do Zambujal* (perto do castello).

Fortalezas de *S. Sebastião* (no *Cabêço*, junto e ao O. da villa), *Praça de Alcoutim* (sobre a direita do Guadiana).

Não é preciso dizer que tudo isto está desmantelado.

—

As armas do reino do Algarve, são—escudo esquartellado de branco e encarnado; no branco, em cada um, uma cabeça de mouro, preto, com turbante; e no encarnado, em cada um, um busto de mulher (branca) com diadema.

Este reino comprehendia antigamente toda a costa maritima desde o cabo de S. Vicente até á cidade de Almeria, com outras muitas cidades da Lusitania e Andaluzia; e encorporado com a Turdetania, comprehendia todo o espaço desde o estreito de Gibraltar até Tremecem, entrando n'isto os reinos de Fez, Ceuta e Tanger. Era a todo este territorio que se chamava no tempo dos arabes o reino dos *Al-gharbes*.

Nas suas costas, desde Arrifana até Cacella, ha muitas fortalezas. Tinha até 1834, capitão general e de guarnição artilheria 2, infanteria 2 e 14, caçadores 4 e cavallaria 2 e dois regimentos de milicias. Desde 1590 até 1780, teve 42 capitães-generaes (que eram governadores da provincia; sendo o primeiro Martim Corrêa da Silva, e o ultimo D. Antonio José de Castro, primeiro conde de Rezende, que foi almirante.

Henrique Correia da Silva foi o primeiro que deu o grito para a restauração de 1640, no Algarve.

ALJE ou **ALJA**—ribeira, Beira Alta, nasce na aldeia de que toma o nome, no sitio de Chan do Alhal, proximo á villa de Agúda. Morre no rio Zêzere, no sitio da *Foz do Alge*, onde houve antigamente uma fundição de artilheria. Tem uma ponte de cantaria junto á capella de S. Simão, na freguezia da Agúda. Chamava-se antigamente *Ribeira Fria*. É caudalosa e arrebatada a sua corrente. Tem peixe.

ALGÉA—ribeira, Beira Alta, nasce na Chan do Alhal. Suas margens são de penedias e seu curso arrebatado. Morre no Zezere, abaixo de Figueiró dos Vinhos, no sitio da Foz d'Algéa.

ALGERIZ—rio pequeno, Minho, nasce no monte de S. Bartholomeu, freguezia de Santa Lucrecia de Algeriz e morre no Cávado, no sitio de Crêspos. Deriva-se da palavra arabe *algerás*, significa campainhas ou chocalhos. É pois *rio dos chocalhos*. Ha uma aldeia d'este nome no concelho do Castello de Paiva.

ALGÉS—aldeia pequena e rio do mesmo nome, a O. de Lisboa, concelho de Belem, freguezia da Ajuda.

O rio nasce ao N. de Monsanto, freguezia da Ajuda, sendo apenas seu confluente um regato que brota proximo a Outorella. Desagua na direita do Tejo, abaixo da *quinta das Romeiras* (actualmente estragada) no sitio onde antigamente houve um forte chamado da Conceição, que entrava na linha d'esses reductos que defendiam o Tejo, hoje, pela maior parte, destruidos, ou convertidos em casas de campo.

Na aldeia d'Algés ha uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Cabo. O terreno é fertil e foi *reguengo* da corôa, com muitos privilegios.

Teem aqui proximo, na margem do rio, uma boa casa de campo e grande matta de corpulentas arvores silvestres, os srs. duques de Cadaval.

Ha por aqui mais quintas aprazíveis, sendo as melhores as dos srs. Faustino da Gama e Maias.

Na aldeia, é o rio atravessado por uma ponte de pedra de um só arco, feita á custa da camara de Lisboa, em 1618; fazendo-se então tambem a de Caxias e da Cruz-Quebrada (a respeito d'esta ponte, vide *Cruz-Quebrada*) em sitio muito pittoresco, e a partir com a quinta dos duques de Cadlaval.

Tem outra ponte de pedra, tambem de um só arco, em Carnaxide.

É dos mais aprasiveis sitios dos arrabaldes de Lisboa.

ALGESUR—vide *Aljesur*.

ALGEROZ ou **ALJAROZ**—O canall principal do telhado. É corrupção do arabe *alzaruh*, derivado do verbo *zaraha*, que significa correr para baixo, pingar, cair em gôtas.

Na Terra da Feira chamam *aljarrozes* ás *lousas* que formam os beiraes do telhado. Não é erro, porque por elles tambem *corre a agua para baixo, pingando*.

ALGIDO—aldeia, Beira Alta, bispado de Vizeu. Vem da palavra arabe *aljaïdo*, liberal. Deriva-se do verbo *jada*, ser liberal, benefico, grato, vem a ser *aldeia do liberal*.

ALGIRAS—aldeia da Beira Alta, bispado de Vizeu. É a palavra arabe *algerás*, que significa campainhas ou chocalhos. É o plural de *jarason*, campainha. Vem a ser *aldeia dos chocalhos*.

ALGO ou **D'ALGO**—portuguez antigo, abreviatura de *higo d'algo* (tambem, por contracção se dizia *hi-d'algo*, que nós pronunciamos *fidalgo*) significa filho de alguem, isto é, de familia qualificada. Fidalgo.

ALGOBEILA—aldeia, Extremadura, patriarchado, é a palavra arabe *al-jobeila*, diminutivo de *jabalon* (o monte) significa *montesinho*, ou monte pequeno.

ALGOBER—vide *Alguber*.

ALGODEA—ribeira pequena, Extremadura, patriarchado. Desagua no Sado, proximo a Setubal, onde tem uma ponte de pedra, de um só arco.

ALGODRES—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho e 3 kilometros ao N. de Fornos d'Algodres, 30 kilometros a SE. de Vizeu, 310 a E. de Lisboa, 180 fogos, 600 almas.

Orago Santa Maria Maior.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

Esta villa é muito mais antiga do que a de Fornos, de que hoje é dependente.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 6 de março de 1311. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de maio de 1514.

Alguns pretendem que D. Sancho I lhe deu foral, pelos annos 1200; mas Franklin não o traz.

Foram senhores de ambas, os condes de Linhares, e depois passou para a casa do infantado. É bastante fertil. (Vide *Fornos d'Algodres*).

Chamava-se antigamente *Algodrons* e depois *Algodes*. Diz-se *Algodres de Fornos*, para a differençar de *Algodres da Figueira*, no bispado de Pinhel.

Algodres talvez seja corrupção da palavra arabe *alcoton*, algodão.

Foi povoada por D. Sancho I, pelos annos de 1200, mas tornou a ser abandonada e se repovoou em 1311. Hoje está reduzida a uma aldeia.

ALGODRES—villa, Beira Alta, comarca da Meda, concelho de Almendra, 84 kilome-

tros ao SE. de Lamego, 365 a NE. de Lisboa, 220 fogos, 850 almas.

Tem uma *atalaia* e um reducto, tudo arruinado.

Orago Nossa Senhora da Alagôa.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Em 1855 mudou para o concelho de Castello Rodrigo. Fertil.

É povoação antiga, (talvez, pelo nome, do tempo dos arabes) mas não pude saber quem a fundou. Tambem lhe não acho nenhum foral. Hoje está reduzida a uma aldeia, e pouco importante.

ALGOS ou **ALGOZ**—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros a SSE. de Silves, 35 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 520 fogos.

Foi do padroado das rainhas.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em um valle. Foi villa muito populosa. Ainda hoje se descobrem vestigios de grossas muralhas e outros edificios, portaes, pedra lavrada, etc.

Diz-se que a etymologia d'esta palavra *(Algôs)* se deriva do seguinte facto.

Vindo um rei de Castella com o seu exercito a correr terras de mouros algarvios, os fidalgos que o acompanhavam lhe disseram que se atacasse a villa, pois aquillo *não era nada*, ao que o rei respondeu: *algo és*.

Outros dizem que é a palavra arabe *algol*, com que elles designavam a estrella fixa *Perseu*. Escolham.

Havia aqui (e julgo que ainda ha) um *Monte de piedade*, instituido (ha mais de 300 annos) por Thomé Rodrigues Pincho, d'esta freguezia, com 33 moios de trigo, que se emprestavam aos lavradores da freguezia e limitrophes, pagando elles tres alqueires por cada moio; sendo este rendimento para pagar ao administrador, escrivão e medidor. Isto estava auctorisado por uma provisão regia de 30 de julho de 1704, (L. 55 de D. Pedro II, fl. 183, v.)

É terra abundante em trigo, vinho, amendoa, figo, azeite, etc.

Ha n'esta freguezia uma célebre lagoa, chamada do *Navarro*, que, trasbordando de verão, alaga os campos immediatos.

É terra muito rica, situada na fachal do barrocal, com fertilissimas vargens.

A uva aqui é tão *temporã*, que no fim de agosto já estão as vendimas feitas. Abundante de aguas, mas de má qualidade. A uns 100 metros da aldeia, sobre um sêrro, está a capella da Senhora do Pilar, com bonitas e extensas vistas, descobrindo-se terras de 14 freguezias.

Na encosta E. d'este serro ha um prazo, chamado da *Amoreira*, no qual se encontraram sepulturas, alicerces, porção de cinzas e teem aqui apparecido varias moedas de prata muito antigas. Ha tambem aqui um sitio chamado *Guiné*, onde existem restos de um grande edificio, e consta que foi de um padre muito rico, que tinha muitos escravos negros, e por isso se deu ao sitio o nome de *Guiné*.

A 3 kilometros da aldeia, fica outra chamada *Tunes* (a ESE.) Junto da povoação corre o rio do seu nome.

Foi aqui, em Algoz, o solar dos *Tenreiros*, appellido nobre d'este reino, originario da Galliza. Garcia Tenreiro, fidalgo gallego, tomou o partido de D. Fernando I, de Portugal, nos direitos que este rei julgava ter á corôa de Castella por morte de D. Pedro cruel, pelo que veio para Portugal com seus filhos e seu irmão Gonçalo Tenreiro. Foi aqui feito capitão-mór das frotas (almirante) e senhor da villa de Algoz e outros logares. Suas armas são—em campo azul, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo, e enroscada n'elle uma serpente de prata, lampassada de purpura, com azas estendidas. Timbre, a serpente das armas, rompente. Foi em 7 de agosto de 1781, que D. Maria I assignou a provisão para o uso d'estas armas, a favor de Miguel Antonio Tenreiro.

Outros do mesmo appellido trazem por armas um sol de ouro á direita do pinheiro e a lua de prata da esquerda, e dois bois de ouro, armados de prata, marrando na serpente. As raizes do pinheiro, de prata, sobre um campo verde, onde os bois têem os pés.

ALGOSINHO—freguezia, Traz-os-Montes,

comarca e concelho de Mogadouro, 300 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

ALGOSO—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Vimioso, 225 kilometros ao OSO. de Miranda, outros tantos da villa do Outeiro, 18 da Bemposta, 112 do Vimioso, 450 ao N. de Lisboa, 150 fogos, 600 almas.

Situada junto ao rio Enguieira (ou Anguieira) ficando-lhe para o O. o rio Maçans, em uma planicie elevada.

D. Affonso V lhe deu foral em 1480, que D. Manuel reformou em 1510.

O padre Cardoso, no seu Diccionario geographico (que só teve a coragem de levar até á letra *C*) desmente o padre Carvalho, que na sua *Chorographia* diz que D. Affonso V deu foral a esta villa em 1480.

Diz Cardoso, que não podia vir este rei, do outro mundo dar cá similhante foral.

Apesar dos muitos anachronismos do padre Carvalho, Cardoso aqui não tem razão, pois D. Affonso V só morreu a 28 de agosto de 1481.

Tambem no *Diccionario Geographico* de J. A. d'Almeida, se diz que D. Affonso III deu foral a esta villa, mas não diz quando. Não encontro similhante foral em maior parte nenhuma. Franklin tambem não traz nenhum foral dado a esta villa; mas não significa isso que ella o não tivesse; visto que muitos foraes deixou elle de descrever.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta villa foi primeiramente fundada sobre um monte, a que hoje se chama *Penenciada;* chama-se Penenciada, por causa de um monte penhascoso que a corôa, e, por ser sitio desabrido e falto d'agua, se mudou para aqui e só lá ficou a capella de Nossa Senhora da Assumpção do Castello, que era a matriz e ainda tem a pia baptismal.

É junto d'esta capella que estão as ruinas do castello (que uns dizem ser fundação romana, outros arabe; parece mais provavel que seja arabe). Está edificado sobre um grande despenhadeiro. D. Diniz o reedificou em 1298. Tem um *revelim* e tinha cinco cisternas, que estão quasi entulhadas, quarteis, etc., tudo arruinado. A matriz foi cabeça de uma commenda da Ordem de Malta, por mercê de D. Sancho II, em 1226.

A Misericordia é fundação de D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, em 1593.

A capella de S. Roque (tudo isto está no grande terreiro da villa) foi feita pelos moradores, e, apezar de ter porta e cunhaes de cantaria e grossas columnas de pedra, tudo veio ás costas dos moradores da villa, por voto que assim fizeram.

Fóra da villa (para o S.) está a capella de S. João Baptista, e debaixo do altar tem uma grande fonte (chamada de *S. João dos Milagres*) em que se banha muita gente (ás vezes mais de mil pessoas!) no dia de S. João e no de S. Lourenço; vindo até gente de Hespanha para esse fim.

Tem, junto á capella, uma casa para os banhos. Dizem que cura toda a qualidade de molestias cutaneas.

Eram alcaides-móres d'esta villa os commendadores d'ella. Foi o primeiro Fr. Gonçalo de Azevedo, por Filippe II, em 1588.

Proximo da villa está a egreja e hospicio de Santo Antonio, onde viviam alguns frades; mas, desamparando-o, esteve muitos annos deshabitado. Em 1696, fr. João da Cruz o reedificou, e alargou a cêrca. Por morte d'elle, foi habitado por frades da Congregação do Oratorio (Nerys) que tambem o abandonaram, por doentio. Entraram depois n'elle os frades trinos descalços, que pelo mesmo motivo o abandonaram para sempre.

A villa é sadia e d'ella se descobrem muitas povoações. O seu territorio é abundante de tudo, menos de vinho, que é pouco.

A 8 kilometros de distancia, ao N., corre o Sabor.

ALGOSO DA POUSA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 6 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Fertil.

ALGUAZIL—vide *Aguazil*.

ALGUBER—freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer, 60 kilometros a NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias.

É a palavra arabe *Aljubeila*. Vide *Algobeila*.

A egreja foi fundada em 1594, por *Gião Fialho*, commendador da Ordem de Christo e capitão-mór de Ceuta; elevando-se a povoação então a freguezia.

No sitio da egreja já existia a capella de Nossa Senhora do Tojal, que ficou feita matriz.

Luiz Fialho, quinto neto do dito *Gião*, e provedor dos coutos do reino, vendo que a egreja era muito pequena e velha, fez a capella mór e quasi todo o corpo da egreja á sua custa; isto pelos annos de 1700.

Seu territorio é muito abundante em bom vinho; no mais é de mediana producção.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

ALHADAS—villa, Douro, comarca da Figueira, concelho de Maiorca, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 205 ao N. Lisboa, 1:000 fogos, 4:000 almas.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É palavra derivada do arabe *Alheda*, significa limite. Vem do verbo surdo *hadda*, limitar, terminar.

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514.

Era couto, no concelho de Maiorca da comarca de Monte-mór Velho. Creada a comarca da Figueira, em 12 de março de 1771, passou a ser d'esta comarca.

Em 1855 passou a ser concelho e comarca da Figueira da Foz.

ALHAES—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Frágoas, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Corredoira.

N'esta freguezia ainda se pratica a purificação das mulheres depois do parto!

Bispado e 30 kilometros de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É palavra arabe derivada de *Alhares*, significa *o guarda*. Vem do verbo *harasa*, guardar, vigiar.

Tambem póde ser campo plantado de alhos, e é bem possivel que d'ahi provenha o nome da terra.

Hoje está reduzida a aldeia.

ALHAFA—nome de um sitio em Santarem, pela parte de L. Deriva-se da palavra arabe, *Alhava*, significa *mêdo, temor*.

Este sitio é um monte ou ribanceira quasi a prumo sobre o Tejo, e do alto lançavam os mouros os seus malfeitores, que pela justiça eram sentenciados á morte. Quando chegavam ao fundo, vinham feitos em pedaços.

ALHANDRA—villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, na margem direita do Tejo, onde começam as *lesirias de Villa Franca*, chamadas vulgarmente do *Riba Tejo*, e que chegam até Santarem. Tem 68 milhas quadradas. 30 kilometros ao N. E. de Lisboa, 30 ao O. de Torres Vedras, 520 fogos, 2:000 almas.

Tinha em 1666, 600 fogos, e era então da comarca de Torres Vedras.

Orago S. João Baptista.

Desde 1855 é da comarca e concelho de Villa Franca.

O concelho tinha 910 fogos. Feira a 155 de agosto e 3.º domingo de outubro, tres dias.

Situada em bonita planicie, muito fertil. Tem um bom caes de pedra.

Fabrica muita telha e tijolo, que exporta (quasi tudo para Lisboa.)

Tem uma mina de carvão fossil, que se não tem explorado em razão da muita agua que ha no jasigo.

Era a direita das *Linhas de Lisboa*, em 1810. Tinha no seu districto (que era o primeiro) 30 reductos, com 86 bocas de fogo. Está tudo desmantellado.

É no patriarchado e districto de Lisboa.

Ha n'esta freguezia a povoação de Subserra (que tem marquez) composta de muitas e bôas quintas, sendo a melhor a que foi de Pedro Rôxo de Azevedo.

A egreja matriz (de tres naves) foi fundada pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1558.

A primeira matriz foi N. Senhora da Piedade, depois, S. João dos Montes, ou da Pra-

ça, que hoje é Misericordia. No sitio da actual matriz, situada em um alto sobranceiro á villa (e por isso se diz que, na Alhandra, andam os mortos sobre os vivos)) havia antes de se fazer a actual egreja, uma capella dedicada a Santa Catharina, virgem e martyr.

Do sitio onde está a egreja (e a que d'antes se chamava, e julgo que ainda se chama, Miradoiro) se gosa um deleitosissimo panorama. Vê-se d'ali o Tejo, a estrada de ferro de Norte e Leste, a de mac-adam; as villas de Villa Franca de Xira, Azambuja e Castanheira; as Virtudes, o convento e serra da Arrabida, Benavente, Samora Correia, Alcochete, castello de Palmella, parte de Lisboa, e extensas e aprasiveis veigas, cortadas por differentes braços do Tejo.

A Misericordia foi fundada em 1577.

Ha na villa tres capellas: Nossa Senhora da Graça, fundada no sitio da Ponte, por o padre João Rodrigues Barrozo, em 1639; Nossa Senhora da Guia (no meio da villa)) fundada pelo licenceado Francisco Annes Trancozo e seu irmão Jeronimo Trancozo, em 1611; Nossa Senhora da Ajuda, fundada ao S. e no fim da villa, é a maior de todas, e tem seu alpendre, ou *galilé*, e tres altares. Foi primeiramente de S. Sebastião; mas não se sabe quando foi feita, nem quando se lhe mudou a invocação, ou porque, nem quem foi o seu fundador: só se sabe que é mais antiga do que a matriz, como se prova por um epitaphio que está em uma sepultura d'ella, que diz: «Aqui jáz Lucrecia Fernandes, mulher de José Vaz, escudeiro do bispo do Funchal, 1523.

Houve antigamente n'esta villa um hospital, fundado por Maria Annes, da mesma villa, que depois se reduziu a simples albergaria. Ainda existia em 1591 e alguns annos depois. Ignora-se porque acabou.

Era donatario d'esta villa o patriarcha de Lisboa, por doação de D. Sancho I, e apresentava o vigario.

Sabe-se que esta villa é muito antiga: mas ignora-se quem foram os seus fundadores. Suppõe-se que foram os arabes. Estando despovoada em abril de 1203, D. Soeiro Gomes, segundo bispo de Lisboa, a mandou povoar e lhe deu foral; mas como este foral opprimia, em vez de privilegiar o povo, havia sempre contendas; pelo que o cardeal D. Jorge da Costa fez com o senado da camara da villa uma escriptura, em 11 de janeiro de 1480, restringindo as insupportaveis prerogativas dos arcebispos.

Alhandra, antes de ser elevada á cathegoria de villa, chamava-se *Torre Negra*.

Junto á villa está o convento do Sobral, que foi de frades capuchos da provincia da Arrabida, fundado em 2 de maio de 1635. Fica situada entre dois rios e tem uma boa matta.

É aqui a sexta estação dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

No seu termo nasceu o grande Affonso de Albuquerque, governador da India e terror dos inimigos do nome portuguez na Asia. Tambem aqui nasceu seu filho, Braz de Albuquerque, ao qual D. Manoel fez tomar o nome de seu pae, e lhe deu uma commenda pelos serviços d'elle.

Era aqui o solar dos *Montoias*. Este appellido é nobre em Portugal e Hespanha. É originario da Galliza, e tinha o seu solar na quinta de *Montoia*, no bispado de Tuy.

Frei Luiz de Montoia, fundador do convento da Graça, em Lisboa, era d'esta familia. Suas armas são, em campo de ouro, seis rodellas de purpura, em duas palas, orla verde, carregada de um cordão de S. Francisco, de prata. Elmo de aço, áberto, timbre, meio leão de ouro, lampassado de purpura, carregado das rodellas das armas.

Outros do mesmo appellido, usam, em campo azul, nove folhas de golfão de prata, em tres palas, orla verde, carregada de um cordão de S. Francisco, o mesmo elmo e timbre; outro ramo, traz, em campo de ouro, nove rodellas de purpura, em tres palas, orla e timbre os antecedentes, outros, finalmente, usam, em campo azul, dés folhas de alamo, de prata, em tres palas; elmo e timbre como os antecedentes.

Proximo á villa está a bella e extensa *Quinta do Paraizo*, dos marquezes de Abrantes. É na falda da serra que corre de Alverca á Castanheira. Ha aqui um pôço que expelle constantemente cousa de *meia telha* de agua

mineral (sulphurea.) Ha aqui uma boa tina de pedra, coberta com um telheiro, para quem quer tomar banhos, que dizem ser optimos para a cura de molestias cutaneas.

ALHARES—aldeia. Beira Baixa, bispado da Guarda. É palavra arabe, significa *o guarda.* Deriva-se do verbo *harasa*, guardar, vigiar. Ha mais logares d'este nome em Portugal.

ALHARIZ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Val-Paços, 105 kilometros ao N. E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Fertil. Cria bastante gado, grosso e miudo.

A mesma etymologia.

ALHÊDA—ribeiro da Beira Alta, bispado de Lamego. É palavra arabe, significa *o limite.* Deriva-se do verbo surdo *hadda*, limitar, terminar, pôr limite a qualquer cousa.

ALHEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, d'onde dista 9 kilometros, 12 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Marinha.

É abbadia da Casa de Bragança.

Está situada no *Valle de Tamél*, cercada de montes, a maior parte infructiferos.

Ao N. O. está o monte de *Lousado* (antigamente *Louvado*) de grande altura. Tem um extenso plató no seu cume, no qual ha vestigios de muralhas, cortaduras, ruas e alicerces de casas. É tradição que foi uma cidade romana ou mourisca, cujo nome se ignora.

Antigamente foram aqui quatro parochias, tres das quaes se uniram a esta; uma era de S. Pedro e S. Felix (por corrupção *S. Pedro Fins*) situada nas abas do monte Lousado, onde se vêem ainda hoje vestigios do adro e dos alicerces da egreja; outra, do Salvador, de Regoufe, onde ainda existe uma capellinha arruinada; outra, de S. Lourenço do Monte, cuja egreja ainda existe.

De Alheira se descobre a villa de Barcellos, e dos montes, a cidade de Braga, Fão, Espozende e o mar

É no arcebispado e districto administrativo de Braga.

ALHÕES—freguezia. Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, antigo concelho de Ferreiros de Tendaes, 24 kilometros a O. de Lamego, 245 ao N. de Lisboa, 70 fogos..

Orago S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu. Era da corôa.

Foi sempre do concelho de Ferreiros de Tendaes, primeiramente da comarca de Lamego.

Quando se creou a comarca de Régzende (depois de 1834) passou a formar parte d'esta comarca. Sendo supprimido o concelho de Ferreiros de Tendaes, em 24 de outubro de 1855, passou a ser uma freguezia do concelho e comarca de Sinfães. Para saber os monstruosos privilegios que tinha, vide *Ferreiros de Tendaes.*

Era um dos quatro curatos da egreja de S. Pedro de Ferreiros de Tendaes.

ALHOS VEDROS—villa, Alemtejo, (mas officialmente Extremadura) comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo, 9 kilometros de Coina, 15 ao S. E. de Lisboa, 240 fogos, 900 almas, no concelho 600 fogos.

Este concelho foi supprimido em 1855, e ficou a villa pertencendo ao concelho do Barreiro. É priorado que foi até 1834 da Ordem de S. Thiago, e tinha um beneficiado. Ambos deviam ser da mesma ordem. O dizimo do sal era do commendador do mosteiro de Santos, de Lisboa. É no districto e patriarchado de Lisboa.

Orago S. Lourenço.

É a terceira estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Fertil em vinho, gado, caça, lenha, peixe etc.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de dezembro de 1514. Foi commenda da Ordem de S. Thiago.

Está situada em campina arenosa, da qual apenas se descobre uma parte de Lisboa.

É povoação muito antiga; mas ignora-se quem foram os seus fundadores e a datta da sua fundação; assim como o seu primeiro nome: só se sabe que era povoação arabe.

É tradição que, sendo á esta villa de christãos, e Palmella de mouros, vieram estes atacar a villa em Domingo de Ramos,

quando os christãos estavam na egreja; e saindo d'ella, apenas armados com as palmas e ramos bentos, deram sobre os mouros, alcançando uma grande victoria: em memoria do que, no mesmo Domingo de Ramos, em todos os annos seguintes, se fazia uma grande festa á Senhora dos Anjos, depois do Officio de Ramos, a que assistia a camara. Eram obrigados a assistir a esta festa os povos do Barreiro, Lavradio, Moïta, Telha e Palhaes, com seus parochos, e cruzes, indo uma pessoa de cada casa, sob pena de multa de um tostão. Isto por uma provisão de D. Jorge, mestre da ordem de S. Thiago, de 1513.

Esta festa era feita do producto de uma renda chamada, moagem do sal.

Ha no termo da villa dois conventos de frades arrabidos, um em Palhares e outro em Verderena.

Tem Misericordia, fundada no seculo XVIII.

A villa está situada em um braço do Tejo, que entra pela boca chamada de *Montijo*, e se aparta para o sul, dividindo-se em varios esteiros, onde ha algumas salinas. O rio produz mugens, linguados e mais algum peixe. Até 1834 tinha um capitão de ordenanças, com uma companhia.

Todos sabem que *vedros* é corrupção de *veterus*, velhos.

ALICANTINA—palavra vulgar, chula.

É synonimo de *astucia, engano, trêta, logro*, etc.

Isto todo o mundo sabe; mas o que muitos ignoram é d'onde vem derivada.

Alicantina, na accepção rigorosa da palavra, significa, *cousa de Alicante* (cidade no litoral do Atlantico, pertencente ao antigo reino da Andaluzia, e hoje capital da provincia do seu nome.)

Os negociantes de Alicante, tratando de vender as suas fazendas, tinham uma prodigiosa habilidade, e um thesouro inexgotavel de astucias para venderem os seus generos maus como bons.

Quando se comprava um objecto *alicantino*, era rigorosissimamente examinado; por que todos receavam logro.

D'aqui, *alicantineiro*, o que segue o *processo alicantino*.

ALIJÓ—(Alijô, Alinjô, ou, como se dizia antigamente, Alijôo) villa, Traz-os-Montes, districto administrativo de Villa Real, d'onde dista 20 kilometros a E., 2 a N. E. de Favaios, 360 ao N. de Lisboa, 500 fogos, 2:000 almas.

Orago Santa Maria Maior.

Concelho 1:570 fogos, comarca 5:300,

(Em 1660 tinha a villa 150 fogos.)

Arcebispado de Braga, d'onde dista 95 kilometros a N. E.

Está situada na encosta da cordilheira granitica de Villarelho (vide esta palavra.)

Tem uma boa casa da camara, com cadeia segura, um bonito passeio publico, bom cemiterio, e bons edificios, distinguindo-se a residencia do parocho e as casas dos srs. Lacerdas e Magalhães.

É fertil em cereaes e optimo vinho. Muita castanha.

Do alto da serra (do pincaro da Senhora da Cunha, perto do logar do Ameeiro) gosa-se uma bonita e extensa vista.

D. Sancho II a mandou povoar em 1225, e lhe deu foral em abril de 1226. D. Affonso III lhe deu outro foral, em Santarem, 15 de novembro de 1269. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de julho de 1514.

Em um plató que está no alto da serra, nasce um grande manancial d'agua, que vem regar a villa.

Foi dos marquezes de Tavora, até 1759, e depois da coroa.

Era reitoría do real padroado.

Parece que Alijó vem do hebraico *azob* a que os arabes chamam *azzof*, significa *hysopo*, herva. Os mouros lhe juntaram o seu artigo *al*, e ficou *Alzof* ou *Alzob*, que facilmente se corrompeu para Alijó. Se assim é, quer dizer, *terra do hysopo*.

Em um manuscripto que possuo, e que trata de muitas antiguidades (mas sem data nem nome de auctor) diz-se que esta povoação é do tempo dos romanos, ou, pelo menos, dos godos, e que sendo conquistada pelos arabes, foi senhor d'ella Ali-Job, que lhe deu o nome. Acho isto mais verosimil que o tal *alzof* ou *alzob*.

No logar de *Prehendaes*, termo da villa, nas-

ceu fr. João Peccador, que morreu em Lisboa, no convento do Curral, em 23 de fevereiro de 1690.

Passa por esta villa, Favaios e outras povoações, a serra granitica que com varios nomes se estende desde Sanfins do Douro até ao rio Tua.

ALIMONDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros ao N. de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 80 fogos, 220 almas.

É situada em uma planicie e abundante em cereaes, algum vinho e muitas pastagens.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Defronte do povo, e no fundo de uma serra, para o O. no sitio da *Terronha*, se vêem vestigios de um castello antigo, e perto d'elles outras ruinas, que parecem de uma *atalaia*.

Diz-se que foi fortaleza mourisca.

Pela freguezia corre o ribeiro de Santo Amaro, que se mette no rio de *Carrazedinho*.

ALISTE — villa antiquissima do Minho, que se diz ter existido no sitio onde nasce o rio de Este (ou *Aléste*).

De similhante povoação não existe hoje mais do que a memoria, conservada pela tradição.

Aliste é o primeiro nome do rio *D'este* ou *Este*.

Em 1153, comprou a ordem dos templarios (do mosteiro de Braga) uma herdade em *Villar*, na ribeira de *Aliste*. (Doc. da Sé de Braga.)

ALIVIADA — (ou Alviada) vide Varzea da Ovelha.

Aliviada era freguezia cujo orago foi S. Martinho. Ha muitos annos que está annexa a Varzea.

ALIZO — ribeira da Beira Baixa, nasce de duas fontes, na serra de *Malcata*, onde chamam *Sepegal*. Cresce com o tributo de varios regatos e corre arrebata por entre penedias. Conserva o nome até á aldeia de Meimão, mudando-o aqui para *Meimóa*. Morre no Zezere, junto a Alcaría. Tem bom peixe. Suas areias já produziram ouro.

ALJEZIDA — aldeia, Douro, bispado de Coimbra.

É palavra derivada do arabe, *Aliazida* e nome feminino de *Jazido*, que significa augmentador. Vem pois a ser, *Aldeia da augmentadora*,

ALJEZUR — (e Odesseixe) villa, Algarve, comarca de Silves, 90 kilometros de Faro, 24 a O. N. O. da Serra de Monchique, 35 a N. E. do Cabo de S. Vicente, 3 da costa do mar e 190 ao S. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

O concelho é composto da freguezia de Aljezur e sua annexa, Odesseixe, e ambas tem 700 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Alva.

É no bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Sendo supprimido este concelho, em 1855, ficou desde então Aljezur pertencendo ao concelho de Lagos.

Chamava-se antigamente *Algazur*. Tambem se escreve (e é como se devia escrever, por ser mais etymologico) *Algezur*. É a palavra arabe *algezur*, que significa *arcos*, *arcada* ou *arcaria*. Vem de *gesron*, *o arco*. Vem a ser, *povoação da arcada*.

Confina este concelho ao N. (pelo rio Odesseixe) com o Alemtejo.

O seu terreno é fertil, mas doentio por causa das aguas estagnadas pelas margens dos rios.

É situada na costa oriental de um escarpado rochedo, que corre de N. a S. com a serra de Monchique.

Tinha no tempo dos arabes um forte castello, cujas ruinas existem na parte mais elevada do serro, ao sul. É de figura octogona, com duas torres, uma ao N. outra ao S., uma formosa cisterna ainda muito bem conservada e quarteis desmantelados.

Foi fundada esta villa pelos arabes, no principio do seculo X, e lhe deram o nome que ainda tem.

O célebre mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, a tomou aos mouros, na madrugada do dia 24 de junho de 1242. Outros dizem, e parece-me mais provavel, que foi n'aquelle dia, mas no anno de 1246. Foi por ser tomada de madrugada, que a padroeira

da villa e da freguezia ficou sendo Nossa Senhora d'Alva.

Por ser tomada aos mouros pelo mestre de S. Thiago, ficaram seus successores com o padroado da egreja e apresentavam os priores, que o bispo confirmava, recebendo este a terça parte dos dizimos, por composição com o prior.

D. Affonso III a deu á ordem de S. Thiago, logo que foi resgatada; D. Diniz fez escambo d'ella e outras terras, pela villa de Almada (com a ordem) em 4 de dezembro de 1298.

Tinha uma companhia de ordenanças com seu capitão, officiaes e porta-bandeira. Acabou em 1834.

D. Diniz lhe deu foral, em Estremoz, a 12 de novembro de 1280, com muitos privilegios, sendo um d'elles, *que os cavalleiros d'esta villa não teriam a* çaga *do exercito.* (Isto é, não iriam na rectaguarda.)

Está registado no livro terceiro de D. Diniz, na Torre do Tombo, folhas 2 e 5 verso. D. Manuel lhe deu ñovo foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. N'elle manda que a villa tenha o titulo de *honrada.*

Eram alcaides-móres do castello d'esta villa os condes de Villa-Verde, depois passou a alcaidaria para os marquezes d'Angeja.

Na egreja matriz estão duas *cabeças santas*, que eram de dois lavradores. O povo d'aqui acredita que ellas livram das mordeduras de cães damnados e de doenças no gado.

Tem Misericordia fundada no principio do seculo XVI, com 150$000 réis de rendimento.

O seu territorio é (como já disse) muito fertil em todos os generos agricolas, e os seus melões são optimos.

Os dizimos da commenda (de S. Thiago) renderam em 1832—630$000 réis.

Passa pela villa a ribeira chamada *Petiscos*, que nasce na encosta de O.da serra de *Espinhaço de Cão*, e tomando a direcção do N. recebe a do *Pomarinho*, a E., proximo da villa, já engrossada com a do *Morão*. Do N. se lhe junta a da *Cabeça do Calvo*. Tem uma ponte arruinada ao S., e regando as vargens se mette no Oceano; mas a sua barra está muito entulhada de areias. As marés chegam a 2 kilometros da villa.

Tambem passa perto a ribeira de *Valle de Noras.*

Parece que foi porto de mar em tempos remotos, porque, além da tradição, no *tombo* das terras do concelho, feito em 1684, se lê ter elle alli «*um lizeirão de terra, sito no combro do rio, ou esteiro, onde antigamente era o desembarcadouro*, etc. etc.»

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou todas as casas da villa, arrazando as altas, o castello, e da matriz só ficou de pé a tribuna da capella-mór. O rio, que então ia a meia maré, seccou de repente, sumindo-se a agua por grandes bocas que abriu no leito, sendo vomitada immediatamente para os lados, alagando tudo.

A terra abriu bocas e grandes fendas, lançando em muitos sitios uma areia branca, fina, que nunca por alli se vira. Em outras partes appareceram carvões miudos, areia fina parda, e terra a que chamam aqui *pissarra.* Não morreu ninguem.

O bispo D. Francisco Gomes d'Avellar (um dos melhores prelados que tem tido o Algarve) vendo que os pantanos eram a causa da insalubridade da villa, quiz remediar isto, mudando-a mais para E., para um sitio mais lavado dos ventos, e alli mandou fazer, á sua custa, uma bella egreja e algumas casas para residencia do parocho, *ajudador* e sachristão; a morte, porém, o não deixou continuar tão boa obra. Os moradores tinham-lhe promettido mudar para o novo sitio as suas casas, mas faltaram á sua palavra, e a egreja nova e as casas contiguas estão abandonadas e em ruinas.

Na herdade da *Córte-Cabreira*, 6 kilometros da villa, ha uma pedreira de ardosia, explorada de remotissimos tempos, pois no sitio das *Ferrarias*, fronteiro e proximo da villa, e no da *Arregata*, a 3 kilometros, se encontram muitas sepulturas, formadas de seis lapides da dita ardosia, em fórma de caixão, mas sem ossos; indicio de que eram dos povos que queimavam os cadaveres e só guardavam as cinzas. Talvez fossem celtas.

Apparecem porém outras sepulturas cavadas em pedra (que alli chamam *calíço*) que teem ossos. Estas suppõe-se que sejam arabes.

D'esta pedreira se tiram lagens de todas as grossuras. São de varias côres: — cinzentas (que são as mais brandas), azuesclaras e azul-ferrete (estas ultimas são as mais duras).

Na costa, em um sitio elevado, sobranceiro ao mar, se vêem as ruinas de uma grande povoação, cujas ruas ainda se distinguem, e bem assim uma grossa parede, que sustenta as aguas de uma grande nascente de optima agua.

A 5 kilometros da villa está o casal do *Vidigal*, que outr'ora foi grande povoação. No titulo de uma capella do sr. Furtado, dos *Casaes*, se lê — em uma terra alli, que descreve — «parte com a rua da *Espora Dourada*, do Vidigal».

Alli chegava a maré, por um esteiro, que hoje é o pequeno ribeiro do *Areeiro*.

Em uma cheia ficaram descobertos alguns ossos de balcia, um dos quaes ainda em 1840 sustentava (e não sei se ainda lá está) a chaminé do casal.

Perto se vêem as ruinas de edificios e terras queimadas, que indicam ser de trabalhos metalurgicos antigos. Ainda a este sitio se dá o nome de *Mina de cobre*.

Cinco kilometros ao S. da foz do rio está a fortaleza arruinada *d'Arrifana d'Aljezur*, e os restos de cabanas e de um grande armazem pertencentes aos pescadores d'atuns. Houve aqui uma grande armação de pescar estes peixes.

D. Manuel, por alvará de 20 de maio de 1516, doou a *dizima velha dos atuns* que morressem na armação de *Arrifana d'Aljezur*, aos condes de Villa Nova de Portimão, o que foi confirmado por D. João III, a 7 de julho de 1522.

O terremoto de 1755 arruinou a fortaleza, ficando só a bateria.

Já aqui não ha armação de pescar atuns.

Ha n'este concelho minas de ferro e de manganez.

ALJUBARROTA — villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 24 kilometros ao S. de Leiria, 105 ao N. de Lisboa. 550 fogos, 2:200 almas, em duas freguezias, S. Vicente e Nossa Senhora dos Prazeres. É no bispado e districto administrativo de Leiria. Desde 1855 pertence ao concelho de Alcobaça. É vigariaria que o abbade de Alcobaça apresentava, por ser um dos seus coutos. Fica tambem 6 kilometros ao E. de Alcobaça e 12 ao O. da Batalha.

Situada sobre uma eminencia pouco elevada. Tem Misericordia, pobre.

É muito fertil em azeite, gado, caça e as suas fructas são excellentes.

É povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos celtas. No tempo dos romanos era uma grande cidade, com o nome de *Arruncia*.

Defronte da villa, a 200 metros de distancia, se vêem alguns vestigios da antiquissima egreja de Santa Marinha. (Ainda se vêem no adro sepulturas de eras remotissimas, com diversos instrumentos agricolas esculpidos). Tem-se aqui achado moedas romanas de prata.

Na meza onde foi o altar, via-se em 1690 uma lapide com esta inscripção: — D. M. S. ARRUNTIAE MONTANI FC. LX. LAERIA Q. F. FLAVA MAIRI RIEMMAI C. — D'esta inscripção se infere ser esta villa do tempo dos romanos, e que Leiria se chamava *Laeria* e Aljubarrota, *Arruncia*: e, como esta ultima teve *montanhezes* e *suburbanos*, é provavel que fosse uma grande cidade (para aquelle tempo).

No alto da serra d'esta villa, ainda existe o famoso *arco da memoria* (1.º marco dos *coutos* de Alcobaça, vide esta palavra e Albardos) edificado no sitio em que se diz que D. Affonso I, em 1147, prometteu dar aos frades bernardos (monges de Cister) *toda a terra que d'alli se descobrisse*. E deu.

Tem uma inscripção latina que declaara esta promessa (que por extensa não copio, quem a quizer ver, leia o Diccionario Geographico do padre Cardoso, vol. 1, pag. 3220). Ainda está muito legivel a tal inscripção. D'ella consta que esta memoria foi erecta a 13 de maio de 1147.

É celebre esta villa pela grande e gloriosissima batalha dada em 14 de agosto de 1385, por D. João I, de Portugal, contra D.

João I, de Castella; na qual este foi completamente derrotado, deixando o campo coberto de mortos, feridos e prisioneiros, e riquissimos despojos.

Aqui vivia a denodada e immortal Brites (ou Beatriz) d'Almeida, por alcunha a *Pisqueira*, vulgarmente conhecida por a *Padeira d'Aljubarrota;* que n'esse memoravell dia da batalha matou sete castelhanos, com a sua pá de fornear. (Vide *Faro*).

Esta pá se conservou por muitos annos (e não sei se ainda existe) sobre a verga de uma das portas da egreja matriz (outros dizem que está na casa da camara; mas parece-me que a vi, em 1834, na egreja) como tropheu e em memoria d'esta façanha mulheril.

Consta que os taes sete castelhanos, wendo tudo perdido, e para escaparem á geral carnificina, achando a casa da Pisqueira abandonada (por a padeira andar entretida a caçar castelhanos) se foram esconder dentro do forno. Foi ella alli dar com elles, e, agarrando na pá—*quantos vivos rapuit, omnes esbarrigavit.*

Querem alguns, que as armas d'esta villa sejam,—um escudo coroado, com uma pá de ouro em campo de sangue. E dizem que assim lh'as deu D. João I. Eu, a dizer a verdade, ainda não vi isto escripto em livro digno de fé; todavia a villa bem merecia esse brazão, se o não tem.

A pá é de ferro com cabo de pau, e quadrada.

Quando á villa ia alguma pessoa real, ou de grande qualidade, era costume expor-se na praça a dita pá, empunhada por uma mulher de bom comportamento, que fosse padeira.

Os Philippes mandaram ordens sobre ordens, para que a pá fosse para Castella; mas poude-se subtrair (escondida em uma parede da casa da camara) e só appareceu triumphante em 1640. Foi *Manuel Pereira de Moura* quem a escondeu.

Não foi só a *Pisqueira* que n'este dia memoravel se tornou celebre. Tambem *Maria de Sousa*, que com uma partazana derrubou *D. Alvaro Gonçalves Sandoval*, quando este intentava ferir o nosso rei, com um golpe de maça; atravessou o peito do renegado *Gonçalo Nunes de Gusmão* (irmão de D. Nuno Alvares Pereira) e tolheu o passo a uma partida de castelhanos que queria fugir, matando mais de vinte e fazendo recuar os outros, (diz a lenda).

E *Joanna Fernandes*, que, com pedras e agua a ferver, deu cabo de bastantes dos taes castelhanos.

Esta povoação está hoje muito decaída do seu antigo esplendor.

Querem alguns esgravatadores de etymologias, que o nome d'esta villa venha do arabe *aljobbe*, que quer dizer *poço, cisterna*, ou *cova profunda*, sem agua.

É certo que os arabes foram por 400 annos senhores d'esta villa, e que o seu nome parece arabe.

Outros dizem que vem de *al-juba*, especie de tunica superior. Virá.

O nome d'esta villa faz palpitar de prazer e orgulho o coração dos portuguezes; pois traz-nos á memoria o mestre d'Aviz, de 26 annos, e o condestavel de 24; *Mem Rodrigues de Vasconcellos* e a sua *Ala dos Namorados* (todos quasi adolescentes) D. fr. *Pedro Botelho*, commendador da Ordem de Christo (vide *Batalha*) e tantos outros heroes que n'esse dia fizeram morder a terra aos soberbos castelhanos, em numero quatro vezes maior; e o que mais exaltou a fama e patenteou ao mundo a inmuitavel coragem dos portuguezes, é que n'essa batalha foi a primeira vez que elles ouviram a artilheria (a que então davam o nome onomatopico de *trons*). Os castelhanos aqui deixaram todos os seus *trons*.

Foi este feito glorioso de nossos avós, que então nos deu a independencia.

É tradição que houve aqui uma calçada feita das caveiras e ossos dos castelhanos que morreram na batalha. Principiava esta calçada—se existiu—proximo á egreja e chegava até ao forno da immortal *Pisqueira*. Era o nosso *Lotaphagos*. Diz-se que quando aqui vinha algum castelhano fanfarrão, lhe iam mostrar a tal calçada, para lhe dissiparem os fumos de valentia.

Proximo d'esta villa é a planicie do *Chão da Feira*, onde a 28 de agosto de 1837 teve

logar a acção chamada *dos Carvalhos*, na qual o general popular conde do Bomfim (então barão) derrotou os marechaes da côrte, Terceira e Saldanha, que fugiram para as provincias do norte. Aqui morreu então o brigadeiro *cartista* barão de S. Cosme.

Eram donatarios d'esta villa os abbades de Alcobaça, a quem pagavam grandes foros e tributos.

A parochia foi reitoria ou vigariaria com grandes rendas, que o cardeal rei dividiu por as freguezias de Cella, Evora, Turquel, etc.

O grande sino do relogio, que está na torre contigua á casa da camara, foi dado á villa por D. Sebastião I.

Em uma terra lavradia, defronte do logar de *Póços de Soão*, se tem achado por varias vezes moedas romanas.

O abbade de Alcobaça lhe deu foral no 1.º de abril de 1316. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

ALJUBE—é a palavra arabe *al-jobbe*, propriamente significa *cisterna*, *poço sem agua* ou *cova profunda*. Muitas vezes se toma por *lago de leões*, *prisão*, *carcere* ou *cadeia*. Em Portugal era a cadeia dos delinquentes em materia ecclesiastica.

ALJUBES—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho de Alcoentre, 60 fogos, 70 kilometros ao N. de Lisboa. É a palavra arabe acima explicada. Districto administrativo de Lisboa e no patriarchado.

ALJUSTREL—villa, Alemtejo, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 75 kilometros de Evora, 6 a E. de Mecejana, (ou Messejana) 125 a SE. de Lisboa, 500 fogos, 2:000 almas.

Orago S. Salvador.

Concelho 910 fogos, feira a 13 de junho, tres dias.

Está em 37º 50' de latitude e 10º e 7' de longitude.

Foi tomada aos mouros por D. Sancho II, em 1235. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Tem os restos de um castello tosco, antiquissimo, feito de terra batida. Está n'elle a ermida de Nossa Senhora, por isso chamada *do Castello*.

A 2 kilometros da villa (ou pouco menos) ha duas fontes cujas aguas são emeticas em subido grau. Brota uma dentro da ermida de S. João do Deserto, saindo por detraz do altar, onde fórma um lago que nunca sécca. A outra nasce fóra da ermida. São crassas, e de tão mau gosto que ninguem as bebe (nem mesmo os animaes) por isso lhe chamam *Fonte azeda*, mas, a maior parte do povo d'alli lhe chama *Fonte Santa*.

Bebida é um violento vomitorio, e dizem que cura as sesões. Mas, o que faz esta agua recommendavel sobre todas as aguas mineraes de Portugal, é que, os banhos tomados com ella, curam toda a qualidade de molestias cutaneas maravilhosamente. Cura tambem differentes molestias do gado. Esta agua milagrosa é composta de mineraes sulfureos, nitrosos, aluminosos e vitriolicos.

Analysadas chimicamente em 1867, na exposição internacional de Paris, deram os seguintes resultados. (Ainda que estas duas nascentes sejam da mesma natureza, differem quanto á sua mineralisação; pelo que os francezes as dividiram em duas—*nascente forte* e *nascente fraca*). A nascente forte, que é a que está na capella, é empregada ha muitos annos para a cura de molestias externas, tanto de homens como de animaes. É fria, transparente, esverdeada e com um gosto excessivamente acre e desagradavel. Exposta ao ar, ou guardada em vasos mal tapados, adquire uma côr de tijolo, em consequencia da oxydação do sulphato de protoxido de ferro, que n'elle se acha em grande quantidade, depositando ao mesmo tempo saes *basicos* de ferro. Esta agua é uma dissolução muito concentrada de saes metallicos, que proveem da oxydação de pyrites de ferro coprifero, de uma mina que se acha proxima. A agua de Aljustrel apresenta uma forte reacção acida e contém, por kilogramma, 7 gr. 151 de residuo fixo, formado de sulphato de protoxido de ferro, de cobre, de cal, de magnezia, de alumina e de zinco, de chloretos alcalinos, de silica e de acido arsenioso; este ultimo se acha ahi na dose de 0 gr. 00169. O sulphato de protoxido de ferro é o sal que predomina na sua composição.

A *nascente fraca*—A agua d'esta nascente, a julgar pelas suas propriedades e pela sua composição chimica, parece ter a mesma origem que o manancial precedente, porém misturada com sete ou oito vezes o seu volume de agua ordinaria. É de uma perfeita limpidez, inodóra e de um sabor levemente stiptico, não mudando facilmente de côr pela exposição ao ar, e dando uma reacção acida aos papeis reactivos. Um kilogramma d'esta agua, fornece, por evaporação, 0 gr. 831 de principios salinos, que são da mesma natureza dos da *nascente forte*.

—

Em 31 de março de 1235 fez D. Sancho II doação d'esta villa á Ordem de S. Thiago, cuja doação confirmou seu irmão D. Affonso III, em 1255.

Está situada na encosta de um monte, do qual se avista Beja, Alvito, Ferreira, Messejana, Cazevel, Castro Verde, etc.

É povoação muito antiga; mas não pude saber quando nem por quem foi fundada, nem se já teve outro nome. É certo que o actual lhe foi dado pelos arabes; mas ignora-se a sua significação.

—

A prospera *Companhia de Mineração Transtagana*, tem aqui riquissimas minas de cobre, que lhe promettem auspiciosissimos resultados. Na matta de S. João Baptista do Deserto, já ha mais de 1:100 metros de galerias. Os massiços reconhecidos e isolados entre o nivel 1.º e 2.º, dão perto de 200:000 toneladas de minerio!

Só o producto liquido d'esta parte reconhecida, ainda que não désse senão a 2$000 réis por tonellada de minerio, póde calcular-se em 400:000$000 réis em pouco tempo.

Esta mina promette ser uma fonte incalculavel de riqueza para a companhia e para o paiz.

O caminho de ferro de Beja a Casevel, passa a 10 kilometros d'esta mina, e a companhia já mandou estudar o traçado do ramal que deve pôr a mina em communicação com a estrada do sul, o que é de grande vantagem para a companhia e para a empreza do caminho de ferro.

Ha tambem n'este concelho varias minas de manganez, manifestadas e registadas.

ALLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de D. Chama, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 400 ao N. de Lisboa, 150 fogos (vide *Villa d'Alla*).

O reitor d'aqui apresentava o cura da freguezia de Brinço. Fertil.

ALLACIR—(portuguez antigo, derivado do arabe) colheita, recolher os fructos.

ALMAÇA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mórtagua, 230 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santo Isidoro.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu. Fertil.

ALMACAVE—nome de um sitio em Lamego e de uma aldeia no bispado de Leiria. É a palavra arabe *almocaba* (a derramada) do verbo *cabba*, derramar, entornar.

A egreja de Santa Maria d'Almacave, em Lamego, foi onde se celebraram as côrtes, no tempo de D. Affonso I. Vide *Historia de Portugal* e Lamego.

Á tal aldeia do bispado de Leiria, tambem chamam, sem corrupção, Almocava, só mudando o *b* em *v*.

ALMACÊDA—rio, Beira Baixa, nasce no cimo do logar da Ribeira das Eiras, logo caudaloso; corre arrebatado por entre penedias. Suas margens são em parte cultivadas e arborisadas. Morre no rio *Ocreza*. Suas areias trouxeram ouro. É a palavra arabe *almazaida*, significa *aguas crescidas*.

ALMACÊDA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Sarzedas, 65 kilometros ao NO. da Guarda, 222 a E. de Lisboa, 300 fogos.

Toma o nome do rio antecedente, que por aqui passa, e por consequencia é a mesma etymologia.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Sendo supprimido o concelho de Sarzedas, em 1855, passou esta freguezia para o concelho de S. Vicente da Beira.

É abundante de aguas (como o seu nome indica) e muito fertil.

ALMACÊDA—serra, Beira Baixa na fre-

guezia antecedente. Produz matto, arvores silvestres e alguma caça. A mesma etymologia.

ALMÁCEGA — Tanque pequeno onde cae a agua da chuva ou da nora. Portuguez antigo, derivado do arabe *almasnâa*, que significa isto.

ALMADA — villa, Extremadura) sobre a margem esquerda do Tejo, districto administrativo e 6 kilometros ao S. de Lisboa, 1:200 fogos, 4:500 almas.

Orago S. Thiago.

Concelho 2:600 fogos, comarca 5:000. Feira no domingo do Espirito Santo, tres dias. Tinha (em 1660) 450 fogos a freguezia. Tem duas egrejas matrizes, cada uma com seu prior e quatro beneficiados (que eram da Ordem de S. Thiago). Adiante tratarei d'ellas. Tinha, até 1834, juiz de fóra e quatro companhias de ordenanças.

—

Perto d'esta villa está o real palacio e quinta do Alfeite.

Tem um bom jardim e grande matta, abundante de caça. Tem agora um lindo palacio feito pelo Sr. D. Pedro V, no gosto inglez, em 1857.

Tem a villa um hospital para marinheiros inglezes. Tem um bom caes de cantaria e no fim d'elle um forte (em Cacilhas) onde é a estação dos vapores da passagem. É no patriarchado.

A villa é edificada no alto de um rochedo, que a defende pelo S. Goza-se d'aqui a magestosa perspectiva da capital. No ponto mais alto está o castello, que a domina toda.

É rodeada de casas e quintas, que a tornam muito agradavel. Os seus arrabaldes são muito productivos e exporta para a capital continuamente cereaes, vinho, fructas, etc., etc.

No seu termo está a *Torre Velha*, denominada de *S. Sebastião de Caparica*, em frente da torre de S. Vicente de Belem. Foi feita por D. João II, pelos annos de 1490, e reedificada por D. Sebastião, que lhe deu o actual nome. Póde dar fogo quasi ao *lume d'agua*. Serviu muitos annos de *lazareto*, insufficiente. Vide *Porto Brandão*.

Perto d'esta villa (na *Adiça*) ha uma mina de ouro, que ainda no reinado do senhor D. Miguel se explorava, por conta do estado; mas não rendia para as despezas. Vide *Adiça*.

Antigamente as areias do Tejo, entre esta villa e Cezimbra, continham muito ouro. D. Diniz tinha uma corôa e um sceptro magnificos, feitos do ouro assim achado aqui, e D. João III, um sceptro de igual procedencia.

Diversas são as opiniões sobre a etymologia da palavra *Almada*. Bluteau, seguindo quasi todos os etymologistas antigos, deduz este nome das vozes inglezas *Wimadel*, que, segundo elle, quer dizer «nós todos a fizemos» e segundo outros, significa «povoação de muitos.»

Fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos*, parte 3.ª, livro 6.º, cap. 8.º, firma a etymologia d'este nome nas palavras inglezas *aliomad* (que deveria escrever *alismade*) que quer dizer «tudo está feito».

Outros dizem que *Almada* era o nome de um inglez, dos seus principaes *fundadores*. Outros pretendem que um mouro chamado *Al-Madez* ou *Al-Madão*, fôra o seu fundador e lhe deu o seu nome.

Todas estas opiniões são incontestavelmente erradas.

A *Geographia Nubiense*, que teve por auctor o xerife *Elidrisi*, o qual viveu no anno 483 da *hegira* (1090 de Jesus Christo) na parte 3.ª, *clima* 4.º, chama a esta villa *Almadan*, (mina de ouro ou prata).

Vide tambem *Histoire des Huns*, tomo 4.º, pag. 367 e *L'Afrique de Marmol*, tom. 1.º, pag. 321.

Esta etymologia, que innegavelmente é a verdadeira, é de mais a mais attestada pelos factos, isto é, pela *mina de ouro* da Adiça e pelas areias de ouro das praias de Almada.

Os arabes lhe chamavam *Hosnel-Madán*, (fortaleza da mina).

Vide a *Geographia Nubiense*, parte 3.ª clima 4.º, *Descripção da Lusitania*. Os romanos lhe chamavam *Cætobrix* ou *Cætobrica*.

Todos sabem que D. Affonso I foi auxiliado na tomada de Lisboa, por uma forte esquadra de *cruzados*, de varias nações, que indo á conquista da Palestina, então aqui arribaram, em razão de um temporal. Era

chefe d'esta esquadra o famoso *Miguel de Longa Espade.*

Quando conquistaram Lisboa, deu o rei tres dias de saque aos estrangeiros (commettendo então bastantes crueldades, apesar de serem cruzados!...) e aos que quizeram ficar em Portugal, lhes deu as terras e as povoações arabes abandonadas.

Como a maior parte dos *cruzados* eram inglezes, a elles coube a maior porção de terreno e povoações. Foi aos inglezes a quem tambem coube Almada, que tinha sido tomada aos mouros por D. Affonso I, em 1147, com a ajuda d'elles.

Em agosto de 1190, D. Sancho I lhe deu foral (em Lisboa) doando-a aos cavalleiros de S. Thiago.

D. Diniz, no anno de 1297 a encorporou na corôa, dando em troca aos ditos cavalleiros as villas d'Almodovar, Ourique e Aljezur.

O foral mais antigo que encontrei d'Almada, é um foral particular dos *mouros forros,* dado em Coimbra por D. Affonso I, em março de 1170. Este foral foi confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em dezembro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.º de junho de 1513.

Em 1191, o Miramolim de Marrocos invadiu o reino com 3 divisões, commandadas, uma por elle, e as outras pelos reis de Sevilha e Cordova; levando tudo a ferro e fogo e saqueando e destruindo esta villa e as de Torres-Novas, Palmella, Monte-Mór-Novo, e tomando Silves. Saqueou ainda outras villas do Alemtejo e Algarve, e peior faria se não adoecesse de *camaras,* pelo que teve de retirar para Hespanha, cheio de despojos. Ficou senhor de todo o Algarve. Foi-lhe isto então facil, porque o reino soffria n'esse tempo os dois grandes flagellos da fome e peste.

Em 1599, havendo peste em Lisboa, os governadores de Portugal, por Philippe II, mandaram intimar Manuel de Sousa Coutinho (depois o celebre classico *Fr. Luiz de Sousa,* quando em viuvo foi frade dominico em Bemfica) para desoccupar as suas proprias casas, para n'ellas virem residir, durante a peste, os taes governadores.

O nobre e leal portuguez *Coutinho,* preferiu ver as suas casas reduzidas a cinzas, antes do que vel-as deshonradas pela habitação d'esses portuguezes traidores, que tinham vendido a sua patria aos castelhanos; e as mandou incendiar.

A 23 de julho de 1833, na *Cova da Piedade* e em *Cacilhas,* os realistas são derrotados pelas tropas de *Villa-Flor* (pela traição do commandante d'artilheria realista, José de Sousa e Andrade, e pela inepcia de Telles Jordão, commandante da brigada, que foi aqui despedaçado e arrastado pelos liberaes. — Vide *Historia de Portugal* n'este dia.

Almada é situada no plató de um monte alto e fragoso, cortado quasi a prumo do lado do N., escavando-lhe continuamente as suas bases as aguas do Tejo.

Da sua antiguidade apenas conserva as memorias escriptas e as tradições, e nem um só monumento.

Do castello mourisco, reedificado pelos inglezes em 1148, já não ha vestigios. É provavel que fosse demolido, para se construir o actual, que se julga ser obra de D. Manuel, e foi reedificado no reinado de D. Affonso VI, pelos annos de 1666.

Tem a villa duas freguezias—Santa Maria do Castello (ou Nossa Senhora da Assumpção), que é muito antiga; mas foi reedificada por D. João V. no seculo passado, —e a de S. Thiago, tambem antiga; mas reconstruida pelo infante D. Antonio, irmão do mesmo D. João V, e pelo mesmo tempo.

A infanta D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel, tinha aqui edificado, pelos annos de 1480, um hospital de caridade, intitulado de *Santa Maria,* para o qual deu muitas rendas.

No seculo XVII se fez da ermida de Santa Maria a actual egreja da Misericordia, a cuja casa ficaram pertencendo todas as rendas do antigo hospital.

Ao O. e proximo da villa, em uma altura, tambem eminente ao Tejo, está o convento de frades dominicos (ordem dos prégadores), fundado em 1569 pelo insigne theologo Fr. Francisco Foreiro, lente de Coim-

bra, e confessor de D. João III e D. Sebastião. (O que reformou, por ordem do concilio de Trento, o breviario e missal romano, em 1560.) Morreu n'este convento a 10 de janeiro de 1581, e n'elle está sepultado.

O convento está hoje em ruinas. Junto d'elle está o cemiterio publico.

A casa da camara é regular e tem uma antiga torre, com relogio, que domina toda a villa.

Junto ás muralhas do castello, tem um pequeno, mas bonito passeio publico, feito em 1858 ou 1860, plantado de arvoredo, e sobranceiro á praia, cujas vistas são magnificas e deliciosissimas.

Perto da praia está a celebre *Fonte da Pipa*, abundante de optima agua, e d'ella se fornecem os navios, e até vae muita para Lisboa.

Junto á fonte ha uma pequena praia, ou ancoradouro, natural, que póde conter 18 lanchas.

A agua da quinta do Alfeite é muito adstringente, e dizem que cura as molestias da bexiga.

Almada e os seus arredores e quintas são o passeio favorito dos lisbonenses, principalmente no verão.

Ao S. da villa, em um lindo valle cercado de pequenos outeiros cultivados, é a *Cova da Piedade*, com uma capella de Nossa Senhora da Piedade (que teve um recolhimento de meninas).

Aqui se faz uma boa feira nos dias 23, 24 e 25 de julho, havendo muitas vezes corridas de toiros, grandes festas e concorridissimo arraial.

A Cova da Piedade é um sitio encantador, e muito frequentado dos lisbonenses.

O terreiro ou rocio da Cova da Piedade foi celebre pelas festas que antigamente aqui se faziam em muitas e grandes romarias, e ainda hoje é este sitio muito concorrido nos dias da feira, havendo então corridas de touros.

A capella, segundo a tradição, teve origem pelo motivo seguinte:—Pelos annos de 1550, um homem d'estes sitios descobriu uma imagem de S. Simão, em umas barrocas, que ainda hoje se chamam *Barrocas de S. Simão*. Este individuo arranjou esmolas, e com ellas construiu uma capella ao Santo junto ás taes barrocas, e n'ella se fez ermitão. Depois appareceu-lhe em sonhos a Senhora da Piedade, dizendo-lhe que queria vir para esta ermida. Elle foi buscal-a (a imagem) a uma casa da Sé de Lisboa, e a trouxe para o seu eremiterio. Tantos foram os milagres que a Senhora fez, e tantas foram por isso as esmolas dos fieis, que logo se construiu, no mesmo sitio, outra ermida mais ampla e melhor, e junto d'ella um recolhimento. Desde então deixou S. Simão de ser o padroeiro e ficou sendo Nossa Senhora da Piedade. Ainda no seculo passado existiam no recolhimento 4 recolhidas e uma regente. Hoje apenas existe a ermida.

A *Quinta da Amora*, que foi da princeza D. Maria Benedicta (irmã de D. Maria I), e é hoje da sr.ª infanta D. Izabel Maria; é uma grande e bella propriedade. Tem um vasto lago com uma ilha arborisada no centro, e é cercado de arvoredo.

Era famosissima, até 1834, a festa de S. João Baptista, em Almada. Despovoava-se Lisboa e outras terras do Alemtejo e Extremadura, paro a irem ver. Era curiosa pela singularidade de alguns costumes antigos que appareciam na procissão e nas *cavalhadas*. Quasi sempre havia então corridas de touros.

Em Almada nasceu, viveu, morreu e está sepultado o celebre Diogo de Paiva d'Andrade (auctor do poema epico *Chauleidos*, ou a conquista de Chaúl), sobrinho de outro celebre escriptor do mesmo nome, e filho do chronista-mór Francisco d'Andrade.

Almada tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

Tem por armas uma torre coroada. Tem conde.

Está em 38º 44' de latitude e 9º 13' de longitude.

Foram seus donatarios os marquezes de Marialva.

Ha no termo d'esta villa dois portos de mar—um é o da *Fonte da Pipa*, com seu forte para o O.—outro é o do *Coval*, ambos com boas praias e abrigados.

Aqui morreu em 1583 o eloquente escri-

ptor e viajante Fernão Mendes Pinto. (Vide Monte-Mór-Velho.)

Aqui nasceu a 24 de outubro de 1503, D. Leonor Mascarenhas, filha de Fernão Martins d'Almada e de sua mulher D. Izabel Pinheira. Foi dama da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, e, depois, da infanta D. Izabel, que a levou comsigo quando casou com o imperador Carlos V. De 24 annos foi aia do principe Filippe (filho do imperador), depois Filippe II, *o diabo do Meio Dia*.

Edificou D. Leonor em Madrid um convento de freiras franciscanas (de Nossa Senhora dos Anjos). Foi sempre senhora de muitas virtudes, e morreu com opinião de santa, em Madrid, a 20 de dezembro de 1584.

ALMADEFE—ribeira, Alemtejo, nasce junto á herdade da Romeira, e morre na ribeira de *Tera*, por cima da villa de Cabeção.

ALMADENA—aideia, Algarve,—é a palavra arabe *Almadena*,—significa *torre* ou *logar do pregão*. Deriva-se do verbo *addana*, gritar, dar vozes, clamar, chamar para a oração, gritando.—A *almadena* dos mouros é uma torre alta, á maneira das nossas dos sinos. Em cada mesquita ha uma *almadena*, com uma varanda á roda, com quatro portas em correspondencia.

Quando são horas da oração, sóbe o *parocho* d'aquella mesquita (*muslim*) ao alto da torre, e andando á roda d'ella, grita para que o povo venha á oração. O modo de chamar o povo é o segninte:

Diz por tres vezes: *Allaho acbar!* (Deus é grande!) e por outras tres vezes: *La elah ella allah, Mohamad rasul allah!* (Não ha Deus senão Deus, Mafoma é legado de Deus!) —Torna por outras tres vezes a gritar: *Haî âla essalah!* (Vinde para a oração!)

Na oração da madrugada accrescenta: *Essalah achiar menennaum!* (A oração aproveita mais do que dormir!)

ALMADRAVA—Tem muitas significações.

É a paragem do mar, onde, em certos tempos do anno, se juntam e pescam peixes grandes, como atuns, etc.

É uma grande quantidade d'estes peixes, e, finalmente, as redes, ancoras, barcos, fisgas, harpéos e mais apparelhos para a pesca dos atuns, e era tambem o imposto que se pagava da mesma pesca.

ALMAGREIRA—freguezta, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 40 kilometros ao S. de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Deriva-se do arabe *almagra*, terra vermelha.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria. Fertil.

ALMALAGUEZ—freguezia, Douro, districto administrativo, bispado, comarca, concelho, e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Orago S. Thiago.

Tem uma albergaria muito antiga, fundada pela irmandade de S. Thiago.

Produz vinho, azeite, feijões, fructa (muitos e optimos pecegos) e pouco pão.

A 3 kilometros ao E. corre o rio *Duessa*, que divide a freguezia da de Miranda do Corvo

ALMANCIL—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Loulé, bispado do Algarve, districto administrativo de Faro, 240 kilometros ao S. de Lisboa, 390 fogos. Fertil.

Orago S. João Baptista.

Vem do arabe *Almansal*, significa aposento ou hospedaria. Deriva-se do verbo *nasela*, hospedar, aposentar, dar pousada ou agasalho.

ALMANÇOR (ou **CANHA**)—rio que nasce na freguezia de Nossa Senhora da Graça, nas visinhanças de Monte-Mór-Novo, e entra na esquerda do Tejo, abaixo de Samora Correia, com 60 kilometros de curso.

Fertilisa muito as terras por onde passa. Tem peixe.

Deu-lhe o nome o kalifa de Cordova *Almançor*. (Vide Almançor, serra.)

Chama-se *Almançor* até Monte-Mór-Novo, e d'aqui para baixo *Canha*, por ir correndo para esta villa.

É a palavra arabe *Almansur* (e alguns ainda assim a pronunciam). Significa, *o victorioso*. Deriva-se do verbo *naçara*, ajudar, soccorrer; e como está no participio passivo, significa *soccorrido, victorioso*. Póde tambem escrever-se *Almansor*.

ALMANÇOR (Serra de)—Beira Baixa, chamada vulgarmente *Cabeça d'Almançor* (julgo que é corrupção de *Cabeço d'Almançor.*)

Segundo a *Monarchia Luzitana* (tom. 2.º cap. 25, pag. 261) deu-se-lhe este nome, por n'ella se fazer forte *Mohamed-ben-Abdallah-ben-abi-Ahmer-el-Moaferi*, cognominado *Almançor* (o victorioso) e por cuja antonomasia era geralmente conhecido.

Era kalifa de Cordova.

Este bravissimo musulmano, que se intitulava a si mesmo *o açoite de Deus*, invadiu Portugal pelos annos de 985, tomando-nos Coimbra, Braga, Lamego, Vizeu, e outras muitas villas e povoações; e na Hespanha tambem tomou aos christãos, Zamora, Leão, Barcelona, Pamplona, Compostella, Gormaz, etc. etc.

Para o vencerem, foi preciso reunirem-se os reis de Leão, Castella e Navarra.

Feriu-se então uma grande batalha em *Calatanazor* (junto a Osma), na qual os mouros foram completamente derrotados e ferido mortalmente *Almançor*, sendo sepultado em Medina Celi.

Seu filho *Abd-el-Melik*, cognominado *Almudffar* (guerreiro feliz) tambem foi capitão de grande nomeada.

Houve, durante o dominio arabe na peninsula, muitos reis ou kalifas, cognominados *Almançor*, tanto na Hespanha, como na Africa (o que hoje bastante nos embaraça, e embaraçou tambem os antigos escriptores).

Segundo o padre Cardoso, não foi o Almançor, kalifa de Cordova; mas um outro Almançor, rei (ou emir) de Vizeu, que aqui se fortificou e deu o nome a esta serra; mas parece mais verosimil o que se lê na *Monarchia Luzitana.*

O que é certo é que ainda hoje no tope da serra se descobrem vestigios de fortificações antiquissimas. Tambem em outro ponto culminante d'esta serra, para o lado de Trancoso, ainda existe uma *atalaia*, a que o povo d'aqui chama o *Facho* (por ter muitas vezes servido de *facho*, durante as differenes guerras com os castelhanos).

Esta serra finda no Mondego. Tem 36 kilometros de comprimento e 6 de largo. É quasi toda inculta, e apenas em partes produz centeio. Tem muita caça. Pelas faldas lhe corre o rio Tavora. (Vide Carapito.)

ALMANÇOR—lagoa, Algarve, chamada vulgarmente *Pégo d'Almançor.*

É tradição que n'ella se afogou em 1242 (outros dizem que em 1250) o ultimo rei do Algarve, *Almançor-Aben-Affan* (vulgarmente *Aben-Mafo*), e que este facto deu o nome á lagoa.

É mais commum nos escriptores lermos *Al-Mançor-Aben-Afan;* mas é mais proprio dizermos *Aben-Afan-al-Mansor*, que é como diziam os arabes.

Este rei era um grande poeta e extremado e pundunoroso cavalleiro. Era tolerantissimo com os christãos e attrahia á sua corte (Silves) todos os homens de talento, qualquer que fosse a sua religião, e os estimava muito. O mesmo praticava com os que eram corajosos e dextros nas armas.

É innegavel que os christãos dos reinos dominados pelos mouros (chamados *musarabes*) gosaram do livre exercicio do seu culto, com a maior publicidade e magnificencia.

Sayda-Llemal, filha do rei mouro de Sevilha, *Aben-Abed*, fez-se christã e se baptisou, tomando o nome de Maria Izabel; andava com trajes christãos e professava publicamente a religião christã, na côrte de seu pae, sem que por isso tivesse a minima coisa que soffrer.

ALMANÇOR—aldeia, Douro, freguezia de S. Pedro do Paraizo, concelho de Castello de Paiva, comarca d'Arouca, 35 kilometros a S. E. do Porto, na margem direita do Arda. Não pude saber porque esta aldeia tem nome arabe. (Vide Mançores.)

ALMANÇORAT (ou **ALMANÇURAT** ou **ALMANSURAT**)—aldeia, Beira Alta, bispado de Coimbra. Significa *victoriosa.*

Segundo os *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, de fr. João de Sousa—«Tomou este logar o nome d'*Almansur*, por n'elle pernoitar, deixando ao sitio em que se alojara o seu nome, por lembrança de que alli passara».

O mesmo diz a *Monarch. Luzit.* IV. VII, cap. 25, pag. 361.

(Suspeito que esta aldeia seja a antecedente, mas não tenho dados para o affirmar.)

ALMANDUR—aldeia, arcebispado d'Evora.

É mesmo a palavra arabe *almandur*. Significa *o avistado, o visto, o achado.*

ALMANSIL—aldeia, Algarve. Corrupção do arabe—*almansal*. Significa *aposento, hospedaria*. Deriva-se do verbo *nasela*, hospedar, aposentar, dar agasalho ou pousada a alguem.

ALMARGEM—aldeia, Beira Alta, freguezia de Calde.

Tem uma ermida dedicada a S. Pelagio (ou Pelayo).

Junto d'esta aldeia corre o rio Vouga, e n'ella tem uma ponte de cantaria, muito antiga, sobre a estrada de Vizeu.

É palavra arabe *Almarge* (prado ou logar cheio d'herva). Deriva-se do verbo *maraja*, cortar pasto ou herva para o gado.

Ha no patriarchado tambem duas aldeias d'este nome, outra no bispado de Coimbra, outra no Algarve.

ALMARGEM—Vide Lagomel.

ALMARGEM DO BISPO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 18 kilometros ao N. de Lisboa, 700 fogos, 2:800 almas.

A significação antecedente.

Orago S. Pedro.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa. Fertilissima.

Foi, até 1834, curato apresentado pelos freguezes.

ALMARJÃO—aldeia, Algarve.

É a palavra arabe *almaajam*, significa *logar das pedradas* ou *cumulo das pedras*. Vem do verbo *rajama*, apedrejar.

ALMARQUIM—aldeia, Extremadura, patriarchado.

Corrupção de *Almarcam*. É palavra arabe, derivada do verbo *racama* (assignalar). Significa *aldeia do assignalado.*

ALMAZEM—(hoje diz-se *armazem*) É a palavra arabe *armachzem*, casa onde se guardam armas, munições, fazendas e mantimentos. Deriva-se do verbo *chazana*, guardar, esconder fechado, enthesourar.

(Os escriptores antigos tomavam ás vezes o contheudo pelo continente, v. gr.—«*Na despedida alguns dos nossos bésteiros empregaram n'elles seu* almazem, *para não ficarem sem castigo.*»—Barros, *Decada* 1.ª, liv. IV, fol. 65.

ALMECAVA—aldeia, Extremadura, bispado de Leiria.

Corrupção da palavra arabe *almocaba*. Significa a *derramada, entornada, espalhada*. Aqui quer dizer—*espalhada.*

ALMEDINA—É a palavra arabe *Almedina*. Significa *cidade*. Ha uma porta d'este nome em Coimbra, e outra no castello de Thomar. Quer dizer—porta da cidade—(e não *porta de sangue*, como quer o padre João Baptista, no *Mappa de Portugal*.

Ha tambem na provincia de Ducala (Africa) uma cidade assim chamada, que foi tributaria de Portugal, no tempo de D. Manuel.

Em Lamego tambem ha a rua da Almedina.

ALMEIDA—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, 17 kilometros ao S. O. de Pinhel, 12 ao N. da raia de Hespanha, 335 ao E. de Lisboa, 470 fogos.

Em 4°25' de latitude, 11°44' de longitude.

(Tinha em 1660, a villa, 300 fogos.)

Orago Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É incontestavelmente palavra arabe, *Almeida*, (a meza.) Na *Mon. Lus.*, tom. 2.°, cap. 28, pag. 337, diz-se que se lhe deu este nome, por estar edificada em uma planicie.

Na mesma *Mon. Lus.*, em Bluteau e outros escriptores, acha-se esta palavra escripta precedendo-lhe um *t* (*Talmeida*) mas é erro; porque então se derivava de *talmidon* (discipulo) e significava *discipula*.

Dizem outros, que se deu a esta villa o nome de *Almeida*, por n'ella haver em tempos antigos uma *meza* cravejada de pedras preciosas, de um valor inestimavel.

Outros ainda pretendem que o seu nome era *Atmeidan* (campo ou logar para corridas de cavallos.)

Os que seguem esta opinião, fundam-se na corrupção de *Atmeidan*, para *Talmeida*; mas não é uma nem outra cousa, senão *Al-*

meida, palavra puramente arabe e sem corrupção nenhuma.

Demais a mais a villa está fundada em uma especie de plató, a que ainda hoje chamamos *meza*, isto prescindindo mesmo da existencia da tal meza rica, o que dá mais provabilidade á minha opinião.

Todos os auctores são concordes em dizer que é fundação arabe, do seculo VIII ou IX. O seu assento primitivo era no sitio onde hoje se chama *Enchido da Sarça*.

O *Enchido da Sarça* fica a um kilometro da villa, para o N.

Tambem chamam a este sitio *Pedregaes*.

Tem aqui apparecido muitos tijolos, canos de barro, pias, etc.

Ha aqui a fonte da *Sarça*, de muito boa agua. Vide *Enchido*.

D. Fernando I de Castella (o Magno) a conquistou aos mouros em 1039. Com as guerras dos tres filhos de D. Fernando I (D. Sancho, D. Garcia e D. Affonso) por causa da ambição e malvadez do mais velho (D. Sancho) que queria usurpar, e usurpou, os reinos a seus irmãos, os mouros nos tomaram algumas villas e cidades, e entre ellas Almeida, pelos annos de 1071.

Em 1190, D. Sancho I, de Portugal, a tomou aos mouros, pela bravura de D. Paio Guterres, neto de D. Egas Moniz (que desde esta conquista se ficou appellidando de Almeida) mas com as interminaveis guerras d'aquelle tempo ficou Almeida quasi arrasada e despovoada. Assim a achou D. Diniz, pelo que a mudou para o sitio actual, fazendo-lhe o castéllo e dando-lhe foral em 1296.

Franklim não falla n'este foral, o que não admira, porque lhe ficaram muitos foraes antigos por descrever.

D. Manuel ampliou as fortificações e a villa, e lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

É cercada de muralhas de cantaria, com duas portas (Santo Antonio e S. Francisco) com uma fortaleza no alto da villa, com duas torres, cinco reductos, cinco revelins, fossos, esplanadas, armazens, paioes, estradas cobertas, cisternas e grandes quarteis subterraneos, etc. etc.

Onde hoje é a *cidadella*, era o antigo castello de D. Diniz, o qual D. Manuel ampliou e reformou. No seculo passado caiu n'elle um raio, que bastante o damnificou; mas logo foi reparado.

O conde de Ó Reilli, com um exercito hespanhol a cercou e fez render por capitulação, em 25 de agosto de 1762. Com a paz de 10 de fevereiro de 1763, foi restituida a Portugal.

Em 1810, o general francez Massena põe cêrco á praça, em 10 de agosto. A guarnição portugueza resistiu heroica e obstinadamente; porém em 27 do mesmo mez, uma horrivel explosão faz voar uma grande parte das suas fortificações e grande numero de casas. Os sitiados não tiveram remedio senão capitular a 28. Mas a 11 de abril de 1811, o general Beresford, com o exercito alliado, recupéra a praça e expulsa os francezes do territorio portuguez, pela terceira e ultima vez.

O castello foi depois reparado, em parte, mas, mesmo assim, está muito arruinado.

O conde do Bomfim, tendo-se revolucionado, em Torres Novas, contra o ministerio *cabralista*, mas, não sendo secundado, como esperava, pelo resto do exercito, se recolhe a Almeida (com cavallaria 4, caçadores 1 e infanteria 12), mas o barão da Fonte Nova lhe vem pôr cêrco, obrigando os cercados a capitularem, a 28 de abril de 1844. (Bomfim e os officiaes emigraram para a Hespanha.)

A 2 kilometros da villa passa o rio Côa.

A egreja matriz (Nossa Senhora da Purificação, vulgo, das Candeias) é um soffrivel templo de tres naves, e tem onze altares. Está dentro do castello.

Tem a villa Misericordia e hospital, fundados em 1680, á custa do povo e com grandes esmolas da rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglatera, e filha do nosso D. João IV.

A 6 kilometros de Almeida, está a capella da Senhora do Mosteiro, que, segundo a tradição, foi egreja de um convento de templarios. D. João II reedificou esta capella, pondo-lhe as armas de Portugal sobre a cruz de Aviz, de cuja ordem era grão-mestre, perdendo o edificio todos os vestigios da sua muita antiguidade.

Todos os sabbados de março, sabbado de Ramos e na segunda feira dos Prazeres, ia (por costume immemorial), a camara e povo da villa e arrabaldes, em procissão, a esta capella, havendo então alli sermão.

Do castello da villa desfructa-se uma linda vista. D'elle se vê a cidade da Guarda, as villas de Castello Rodrigo, Castello Bom, Trancoso e territorio de 11 bispados portuguezes e hespanhoes: Lamego, Guarda, Coimbra, Vizeu, Braga, Miranda, Porto, Coria, Ciudad de Rodrigo, Placencia e Salamanca.

A 3 kilometros da villa, e proximo ao Côa, ha uma fonte de agua mineral (sulphurica) muito procurada e applicada, com bom exito, para varias molestias. Chamam-lhe por isso *Fonte Santa.*

Ha aqui mercado, nos primeiros domingos de cada mez, e feira de tres dias a 14 de setembro.

As suas armas são: um escudo com as armas reaes (sendo a corôa d'estas aberta, ao uso antigo) e ao lado a esphera armilar, divisa de D. Manuel, que foi quem lh'as deu. Segundo alguns auctores, antigamente eram uma torre com tres baluartes e no meio as armas reaes.

Seu territorio é abundante de aguas, cereaes, fructos etc. etc.

Tinha um convento de freiras franciscanas (de Nossa Senhora do Loreto) que fundaram tres irmãs chamadas, Garcia Corôa, Anna da Conceição e Branca da Assumpção (da familia dos Séllas e Falcões, de Pinhel.) Foi primeiro fundado no logar da *Nave*, termo do Sabugal, e mudou-se depois para aqui. Foi supprimido e está abandonado.

D'este convento sairam as fundadoras do convento de Sá, em Aveiro, em 1641.

Aqui nasceu, em 20 de agosto de 1569, o célebre historiador fr. Bernado de Brito. Era filho do capitão Pedro Cardozo de Andrade e de Maria de Brito. Antes de ser frade, chamava-se Balthazar de Brito e Andrade.

Seus paes o mandaram em creança para Roma, onde estudou a fundo a lingua latina e aprendeu com perfeição o francez, italiano, grego e hebreu. Regressou a Portugal e se formou em theologia, na Universidade de Coimbra, em 1606.

É auctor de obras de incontestavel merecimento, sendo as principaes *Monarchia Lusitana* e *Chronica de Cister*. A primeira d'estas obras a escreveu tendo apenas 27 annos, e a segunda aos 33.

Foi nomeado chronista-mór do reino, por morte de Francisco de Andrade.

Metteu-se frade bernardo, aos 15 annos.

Por muitas vezes o quizeram fazer bispo, mas elle nunca acceitou.

Veiu morrer a Almeida, sua patria, a 27 de fevereiro de 1617, tendo apenas 47 annos. Era geral da ordem de Cister.

Foi seu cadaver levado para o convento de Santa Maria de Cister; mas em 1649 foi transferido para o convento de Alcobaça, para a casa do capitulo, onde jaz, com o epitaphio seguinte:

Bernardus Brito, conditur hoc tumulo. Inter scriptoris magnus chronista qui major Regius et stylo maximes ipse fuit. (Vide Alcobaça.)

Almeida tem um antigo hospital militar. Pelas leis de 1814 é quartel de infanteria n.º 11.

Este regimento está actualmente em Abrantes.

Almeida foi antigamente da comarca de Pinhel, e é no paiz chamado *Riba-Côa*, trato de terra que tem 15 leguas de comprido e 4 de largo.

O concelho de Almeida foi muito augmentado em dezembro de 1870. Eis a razão:

O concelho de Castello Mendo, foi supprimido em 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham foram annexadas ao concelho do Sabugal, até que em 1870 vieram formar parte do de Almeida, sendo desmembrados do do Sabugal.

O que então para aqui veiu, foi: villa de Castello Mendo e freguezias de Azinhal, Pêva, Freixo, Mesquitella, Monte Paraboloso (ou Monte de Pero Bolso) Ade, Cabreira, Amoreira, Leomil, Mido, Sinouras e Aldeia Nova. —

De Hespanha veiu para Portugal, no tempo do nosso D. Fernando I, D. Vasco Lobato, nascido na Galliza. Seus descendentes tiveram o seu solar na quinta de *Cheira-Ventos*, termo de Almeida.

Pedro Annes Lobato, senhor d'esta casa, foi regedor da cidade de Lisboa, no anno de 1442, e D. João I o fez fidalgo de sua casa e lhe deu armas. Jaz na egreja de S. Mamede, de Lisboa.

ALMEIDINHA—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Julião, da villa de Mangualde, concelho de Azurara, comarca de Vizeu, d'onde dista 15 kilometros, 370 de Lisboa.

É situada em um valle que fazem as duas serras do *Cabeço de Santo Amaro* e das *Prezas*, ou *Penêdo do Cuco*.

É abundante de aguas, que rebentam das serras, formando no valle, o ribeiro das Prezas, que recebendo o de Mesquitella, morre no Mondego, que corre a 5 kilometros d'este logar.

Junto á capella de Santo Antonio, ha uma ponte chamada do *Amieiro*, cuja agua é das melhores da provincia.

É terra abundantissima.

Em uma serra distante um kilometro da aldeia, está a capella de Nossa Senhora do Castello. Houve aqui um castello mourisco, que foi destruido pelos primeiros reis portuguezes. Consta que era alcaide d'elle, um mouro chamado Zurão, e dizem que d'elle tomou o nome o concelho de Azurara, e que a tal capella era mesquita de mouros.

A camara de Vizeu era obrigada a vir todos os annos em corpo, visitar esta capella, na segunda oitava do Espirito Santo. Então do lado da serra se voltavam para o lado da villa de Linhares, agitando a bandeira, por obsequio aos d'esta villa, que com o seu alcaide (mouro convertido) tinham tomado o castello de *Zurão*.

Tem visconde.

Ha outra aldeia do mesmo nome, na freguezia de Cunha Alta, concelho de Mangualde, situada na raiz da serra da *Teixugueira*.

Almeidinha é corrupção de *Almedina*, cidade.

ALMEIRIM—villa, Alemtejo, comarca da Chamusca, 75 kilometros a N. E. de Lisboa, 550 fogos, 2:400 almas.

Concelho 1:100 fogos; feira a 24 de agosto.

Fica a 6 kilometros a S. E. de Santarem e do Tejo.

Tinha a villa em 1660, 300 fogos.

Orago S. João Raptista.

Situada em uma planicie, que se estende até ao Tejo. É banhada pelo N. pelo rio Alpiarça, que a fertiliza.

No inverno ha aqui muitas rosas, lyrios e outras flores.

Era vigariaria do real padroado, com um coadjutor da mesma apresentação, a quem se dava annualmente 12$000 réis em dinheiro, dois moios de trigo, um de cevada e a quarta parte das offertas. Tinha tambem um thesoureiro, com 12$000 réis, um moio de trigo e parte das offertas.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Por Almeirim passava uma das *vias militares romanas*, que de Lisboa se dirigiam a Merida. Teem aqui apparecido varios *marcos milliarios*, dedicados ao imperador Trajano. Foi fundada por D. João I, em 1411, em um sitio a que os mouros chamavam já *Al-Meirim* (nome proprio de homem) tendo principio em um grande palacio que este rei aqui fez, com amplos e bellos jardins.

D. Manuel o ampliou, fazendo-o palacio de inverno. A coutada, que lhe pertencia, creava toda a qualidade de caça grossa e miuda, e era guardada por muitos couteiros.

Os fidalgos da sua côrte, tambem aqui fizeram seus palacios e quintas (o que quasi tudo hoje está em ruinas.)

A charneca ou matta, onde elles iam caçar, vae-se, pouco a pouco, reduzindo a cultura.

Estando aqui D. João III, e vendo o paço muito arruinado, disse para os fidalgos: «O paço parece que se ri!» D. João Henriques respondeu: «Sim, Senhor, e tanto, que arrebenta pelas ilhargas.» (alludindo ás gretas e barrigas das paredes.)

Tambem D. Manuel aqui fundou um castello e um palacio (onde o cardeal-rei convocou as côrtes, em 1580, em seguimento ás de Lisboa de 1579, por causa do herdeiro á corôa portugueza.)

Já D. João III aqui as tinha convocado em 1544, para ser jurado o principe D. João, pae de D. Sebastião I.

Teve o castello a mesma sorte dos outros edificios.

D. Duarte, pelos annos de 1430, sendo ain da infante, mandou fazer uma torre no castello. Vendo seu pae (D. João I) que ella não ia direita, a mandou desmanchar, indo já a meia altura, e não se tornou a fazer.

Almeirim foi por muitos annos o retiro mais prezado dos nossos reis, que aqui residiam de verão, e faziam grandes caçadas.

Aqui fundou D. João III, em 1527, uma egreja e um hospital, em honra de Nossa Senhora da Conceição e dos martyres S. Roque e S. Sebastião, sob a invocação dos quaes creou uma confraria, cujo principal fim era soccorrer com esmolas os cortezãos pobres e as viuvas nobres, cujos maridos morressem servindo a patria. Entraram n'esta confraria, o rei, a rainha, os infantes D. Luiz, D. Affonso, D. Henrique e D. Duarte; a infanta D. Maria, o duque de Bragança e quasi todos os fidalgos de Lisboa. Tudo isto acabou.

Por varias vezes tambem aqui convocaram côrtes.

Aqui morreu o cardeal-rei (o que foi a causa, com a sua pusilanimidade, do nosso captiveiro de 60 annos) em 31 de janeiro de 1580.

Aqui teve logar o casamento da nossa infanta D. Isabel, com o imperador Carlos V, e de seu filho Filippe II, com a nossa infanta D. Maria.

Aqui nasceu, em 23 de fevereiro de 1526, o jesuita D. Gonçalo da Silveira, filho de D. Luiz da Silveira, primeiro conde de Sortelha e de sua mulher D. Brites de Noronha. Era D. Gonçalo, doutor em theologia. Depois de grandes serviços á religião, em Portugal e na Azia, foi martyrisado na cidade de Monomotapa, por ordem do rei, em 16 de março de 1561, com 18 annos de padre e 36 de edade.

O rei, que era cafre e se tinha baptisado com o nome de Sebastião, arrependido de mandar matar D. Gonçalo, mandou matar os mouros e todos os do seu conselho, e até sua propria mãe!

D. Gonçalo havia sido estrangulado e depois deitado ao rio *Mutate*.

Tem Misericordia e rico hospital, feito por D. João III, em 1550.

Seis kilometros ao S. da villa, era o convento da *Senhora da Serra*, de frades dominicos, fundado por D. Manuel, pelos annos de 1520.

Ha tambem duas aldeias d'este nome (Almeirim) uma na freguezia de Milhariças, concelho de Alcanede, outra na freguezia de Castro-Verde, no Alemtejo.

Soffreu muito com o horrivel terremoto, que principiou a 7 de janeiro de 1531, durando 50 dias, e arruinando muitas povoações da Extremadura, particularmente no Riba-Tejo.

Proximo á villa está a quinta dos marquezes de Alorna, com grande plantação de amoreiras.

D. João III convocou para aqui côrtes, em 31 de janeiro de 1544, por carta ao concelho do Porto, de 7 de novembro de 1543, para ser jurado o principe D. João e se tratar do mais que fosse necessario.

N'ellas fez a oração do juramento do principe, o dr. Antonio Pinheiro, ao qual respondeu, em nome dos povos, o dr. Lopo Vaz, procurador da cidade de Lisboa.

N'estas côrtes offereceram os povos ao rei 50 mil cruzados (20 contos de réis) como consta da carta de 27 de abril de 1548, do que tambem faz menção outra ao concelho de Coimbra, de 4 de fevereiro de 1545.

Todos sabem que o principe que aqui foi jurado (como herdeiro da corôa portugueza) veiu a casar, em novembro de 1553, com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos, V e que morreu, da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 2 de janeiro de 1554. Era pae do rei D. Sebastião, que nasceu 18 dias depois da morte do principe (20 de janeiro.)

—

Em 11 de janeiro de 1580 teve aqui logar o auto de reunião de côrtes, convocadas pelo pusilanime cardeal-rei, D. Henrique, tio de D. Sebastião, por carta de 23 de dezembro de 1579.

N'ellas fez a *falla da abertura*, o dr. Antonio Pinheiro.

N'estas côrtes pretenderam os povos arrogar a si o direito de nomear successor á corôa (o que era legalissimo) como consta dos embargos apresentados a D. Henrique por

Phebo Moniz, procurador de Lisboa, em nome do povo portuguez; mas não foram attendidos (os embargos) porque poude mais o ouro de Castella e a cobardia e traição de alguns portuguezes degenerados, do que o direito incontestavel do povo.

D. Henrique tinha nomeado, em 1579, uma *regencia* (composta de cinco governadores) para o caso da sua morte; e ella tinha prestado juramento *de bem governar o reino*, e cumpriu-o entregando Portugal ao, tambem prejuro, Filippe II, de Castella!

D. Henrique morre, aqui mesmo em Almeirim, a 31 de janeiro d'esse malfadado anno de 1580, e os cinco *governadores* dissolvem as côrtes em 15 de março.

—

Oito eram os pretendentes á corôa portugueza. Cinco eram netos do rei D. Manuel, a saber:

D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz.

D. Catharina, duqueza de Bragança.

O duque de Saboia.

O duque de Parma.

Filippe II, de Castella.

Os outros tres pretendentes (com direitos mais ou menos absurdos) eram:

Catharina de Medicis, rainha de França.

O papa, Gregorio XIII.

E até a sanguinaria Isabel, de Inglaterra.

—

D. Antonio tinha o povo a seu favor; mas quasi todos os fidalgos eram contra, por estarem vendidos ao *Diabo do Meio-Dia*, que, mandando o duque de Alba invadir Portugal, com um exercito de 22:000 homens, assim poz a espada de *Brenno* na balança da justiça. Desde então data a nossa desgraçada escravidão de 60 annos, que terminou no glorioso dia 1.º de dezembro de 1640.

ALMENÁRA—fogo ou fogueira convencionada, com que desde os muros e torres ou atalayas, se dava signal de perigo (rebate.)

Eram os *telegraphos* dos nossos antigos. Depois vieram os *fachos*, que eram *almenáras* aperfeiçoadas.

ALMENDRA—villa, Beira Baixa, comarca de Meda, 18 kilometros de Pinhel, 12 a N. O. de Castello Rodrigo, 6 a E. do Côa, 345 ao E. de Lisboa, 270 fogos, 800 almas.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Concelho 620 fogos.

Situada em um plano, proximo do rio Aguiar. Tem uma fortaleza, em ruinas, feita em 1660, da qual eram alcaides-móres os condes de Castello Melhor, que eram donatarios da villa.

Seu territorio é muito fertil.

Ha n'esta villa uma fonte chamada *Fonte Grande*, muito funda e com seu arco, que se diz ser obra dos mouros. É muito abundante.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

A villa não é murada. Dentro da fortaleza fica a praça, pelourinho, casa da camara, cadeia e torre do relogio.

Ha no termo d'esta villa e a 2 kilometros de distancia, um grande cabeço, chamado do *Calábre*, em que se vê uma grande praça e forte muralha dos romanos; mas dentro está demolida, e hoje se semeia e leva uns 40 alqueires de semeadura. Diz-se que era aqui a cidade romana *Ravena*, onde foi martyrisado Santo Apolinario.

Parece mais provavel que fosse aqui a cidade romana *Caliabria* (de que *Calábre* é provavelmente corrupção.)

Segundo bons antiquarios, Santo Apolinario, foi o ultimo bispo de Caliabria, porém o seu martyrio não teve logar aqui, mas sim em Traz-os-Montes, na freguezia de *Urrôs*. Vide Caliabria e Urrôs.

Passam no termo d'esta villa, o Douro, o Côa e a ribeira de Aguiar.

D. Sancho I lhe deu foral, em fevereiro de 1202. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510.

Almendra é palavra hespanhola e quer dizer *Amendoa*.

É do concelho de Villa Nova de Foz-Côa, desde 1855.

ALMENSENDINHA—ribeira, Beira Baixa. Nasce junto á ermida de Santa Cruz, 6 kilometros de distancia do logar de *Vella*, em uma pequena fonte, para o N.

Suas margens são em parte cultivadas.

Morre na ribeira de Vella.

ALMEXIA—é mesmo a palavra arabe, *al-*

mexia, signal ou diviza por onde se possa conhecer qualquer pessoa. Era certo signal que D. Affonso IV mandou que os mouros de Portugal trouxessem sobre os vestidos, quando andassem vestidos á portugueza. Deriva-se do verbo *xaha*, que significa, marcar, assignalar, pôr diviza.

ALMOCADEM—posto militar dos primeiros tempos da nossa monarchia, porém mais usado na Africa portugueza. É a palavra arabe, *almocaddem*, significa *guia* ou director das tropas, na sua marcha, indo na frente d'ellas. É derivado do verbo *cadema*, adiantar-se, guiar, passar adiante. Depois se lheu deu em Portugal o nome de *fronteiros*, e em Castella o de *adelantados* (adiantados.) Vide *Fronteiro*.

ALMOCAVAR—é a palavra arabe *almacbar*, significa cemiterio ou sepulturas. Deriva-se do verbo *cabara*, enterrar, sepultar, etc. etc.

Em Lisboa o *almocavar* era perto da Mouraria, e era ahi que os mouros se enterravam.

Parece que era, pouco mais ou menos, na *Costa do Castello*, pelo que se collige da Chronica de D. Pedro I, pag. 124, que diz:

El-rei, advertido por alguns zelosos, que as mulheres christãs tinham conversação com os mouros, mandou, com pena de morte, que quando ellas fossem pela porta de Santo André, á romaria de Santa Barbara, não fossem abaixo á Mouraria, mas que cortassem logo pelo almocavar. (Vide Lisboa.)

ALMODOVAR ou **ALMODOUVAR**—villa, Alemtejo, comarca de Mertola, 18 kilometros ao S. de Ourique, 165 ao S. de Lisboa, 800 fogos, 3:000 almas.

O concelho tem 1:850 fogos.

Situada em planicie. Feira a 20 de julho, tres dias.

Tem Misericordia e um pequeno hospital, tudo antigo e pobre.

D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, em 17 de abril de 1285, e D. Manuel lh'o reformou em Lisboa, no 1.º de junho de 1512.

Almodovar, é corrupção da palavra arabe *al-mudauar*, que significa *a cousa redonda* ou *cercada em redondo*. Vem do verbo *daûara* (arredondar, cercar em redondo.) E, com effeito, no tempo dos mouros, seus fundadores, foi praça forte *cercada* de muralhas, com seu castello, do que ainda conserva ruinas.

Tem fabricas de cêra e é muito fertil.

A egreja matriz é o melhor edificio da villa; mas está bastante damnificada.

É seu orago Santo Ildefonso.

Foi a villa commenda do mestrado da Ordem de S. Thiago.

Em 1799, appareceram, na herdade da *Horta das Moutas*, freguezia de Santa Cruz, d'este concelho, muitas medalhas romanas e arabes, que em 1800 foram offerecidas á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Tem minas de manganez, no logar das Ferrarias, d'esta freguezia, pertencentes á Companhia de Mineração Portugueza.

Tinha um convento de frades franciscanos, fundado por fr. José Evangelista, lente jubilado da Universidade, *com o que herdou de seus paes*. Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 2 de setembro de 1680.

O padre Cardoso diz tambem que foi a 2 de setembro de 1680 que se lançou a primeira pedra para este convento, porém que quem o fundou foram Fernando Guerreiro e sua irmã, Barbara d'Alvellos, que deixaram muitas propriedades, moveis e dinheiro para esta fundação.

Eram donatarios da villa os marquezes de Vallença.

Tem extensos montados, onde cria muito gado, especialmente suino. Ha tambem por aqui muitas colmeias e caça.

Ha quem diga que esta villa já existia no tempo dos romanos, e que os arabes a reedificaram no seculo VIII.

Antes de ter a cathegoria de villa se chamava *Povoa d'Almodovar*.

Tanto no foral ,que lhe deu D. Diniz, como no que depois lhe deu D. Manuel, tinha esta villa grandes privilegios, inclusivamente o de *o povo d'aqui não pagar portagem em parte nenhuma*, nem os gados da villa e seu termo *montas*, como consta do *Regimento dos Verdes e Montados*.

A matriz (que foi do padroado real, e a deu D. Diniz á ordem militar de S. Thiago), é de tres naves, com quatro grossas columnas e duas meias columnas, em que firma o frontespicio. Como a capella-mór fosse muito pequena, em proporção do corpo da egreja, foi demolida e feita de novo, por ordem de D. João V, em 1747. É um dos melhores templos do Alemtejo. Havia duas torres no frontespicio (uma dos sinos, e outra do relogio); mas um raio destruiu a do relogio, no principio do seculo passado, fazendo-se a actual, no centro da villa.

A egreja matriz tinha um prior e tres beneficiados.

Na freguezia da villa nascem duas ribeiras, que são — *Oeiras* e *Ribeira-da-Villa.*

No *Serro da Cachaçuda*, d'esta freguezia, ha uma mina de manganez, que foi concedida a Frederico Harrison Schaw, em março de 1871.

Tem aqui uma bella casa e muitas rendas o sr. Visconde d'Athouguia, que n'ella costuma passar a estação do calor.

Este senhorcasou em 30 de junho de 1873 com a senhora D. Margarida d'Almeida e Vasconcellos.

ALMOFALLA — freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Mondim, 12 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 70 fogos, 250 almas.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É a palavra arabe *almohalla*, que, assim como *alhella*, significa campo ou logar onde os arabes armavam as suas tendas e habitavam algum tempo. Deriva-se do verbo surdo *halla* (pernoitar). Quer, pois, dizer — acampamento ou arraial.

É tambem o antigo nome do sitio onde hoje se acha fundado o convento da Graça, em Lisboa (*Alhella*, que nós pronunciamos *Alfella.*)

Já disse que os portuguezes suppriram o *h* aspirado dos arabes por *f*, em quasi todas as palavras. Não assim os hespanhoes, que ainda usam d'elle aspirado.

Alguns dão este mesmo nome á villa de Mourão.

Ha em Portugal nove aldeias com o nome de *Almofalla.*

ALMOFALLA — villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho da Figueira de Castello Rodrigo (que fica a 5 kilometros e se vê da villa), 18 kilometros de Pinhel, 95 ao S. E. de Lamego, 360 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas.

Orago S. Pedro.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É situada em um valle que corre para o rio Agueda, distante d'aqui 3 kilometros, e outro tanto da raia hespanhola.

Produz trigo, centeio, vinho, fructa, etc.

Tem uma fonte d'agua mineral, clara, fresca e de bom gosto (como qualquer outra agua potavel de boa qualidade), que dizem ser remedio infallivel, e quasi milagroso, para a cura de obstrucções. Esta agua contém saes de differentes bases, taes como *carbonato* e *muriato de sóda*, *sulphato de magnesia e de ferro*, etc.

D. Martim Annes lhe deu foral em novembro de 1221.

Os d'esta villa explicam de um modo muito singular a etymologia do nome da sua terra, por uma lenda ou tradição antiga. Eil-a;

Tendo-se commettido na povoação um homicidio, estava para ser, por isso, enforcado um innocente, no proprio logar do delicto, e n'um grande *alamo* (ou olmo), que alli havia.

Quando o padecente ia subindo e mais o carrasco, para a forca improvisada, se ouviram umas vozes, e vendo o carrasco que sahiam da propria arvore, disse embasbacado — «*Alamo falla!*»

A boa da arvore denunciou o verdadeiro assassino. O innocente salvou-se d'este modo e ficou á terra o nome de *Alamo-falla!*

Agora é que eu digo:

«Alfana vient d'Equus, sans doute,
«Mais il faut avouer aussi,
«Qu'en venánt de la jusque ici,
«Il a bien changé sur la route.»

—

A sua verdadeira etymologia é a dita na *Almofalla* antecedente: não tem outra.

ALMOGADEL—É a palavra arabe *almajedal*—significa logar da contenda. Deriva-se do verbo *jadala*, contender, altercar, disputar. Ha no termo de Thomar uma antiga aldeia d'este nome.

ALMOGAURES—Portuguez antigo, derivado do arabe—*Almagauér*, significa guerreiro, pelejador, combatente. Vem do verbo *gara*, que quer dizer—combater, pelejar, guerrear, etc.

ALMOGRABI—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É mesmo a palavra arabe *al-mograbi*. Significa *logar* ou *aldeia do africano*.

Os orientaes chamam aos africanos *mograbins*, isto é, *occidentaes*: derivado de *garbon*, occidente.

ALMONDA—pequeno rio da Extremadura.

Nasce proximo a Torres Novas (nas vertentes da Serra de Ayre ou Minde, entre os logares do Pedrogão-Pequeno e Zibreira; 5 kilometros ao N. O. de Torres Novas), entra na direita do Tejo.

Parece derivado da palavra arabe *almodde*, medida de cereaes, correspondente ao nosso alqueire.

D'esta palavra procede, com certeza, a nossa antiga medida de liquidos—*almude*.

Os hebreus tambem dizem *modd*, e significa o mesmo.

Os romanos lhe chamavam *Alius-Munda* ou *Alius-Monda*, e pode ser que d'aqui lhe provenha o nome.

Rebenta todo junto, por um só *olho* d'agua, e se vae despenhando por entre muita e descomposta penedia, com tanto estrondo, que causa pavor a quem ouve. D'inverno, sobretudo é medonho.

Depois de passar, como se disse, rapido e furioso por abruptas penedias, se espraia, suave, por um valle assombrado de vetusto e basto arvoredo, até entrar pelo meio da villa de Torres Novas. Morre no Tejo, em frente do logar da Azinhaga.

Tem tres pontes, em Torres Novas, muito formosas, de cantaria lavrada (a ponte do *Ral*, a da *Levada* e a *Nova*).

Na Azinhaga ha outra, chamada do *Almonda*, muito alta, de um só arco, e tambem de cantaria lavrada.

Tem outras de menos fama.

Da agua d'este rio bebem os de Torres Novas, e fertiliza muito os seus campos.

Tem 12 kilometros de curso, e suas margens, de Torres Novas para baixo, são ferteis, bonitas e apraziveis.

Cria bastante peixe.

ALMORODE—pequeno ribeiro, Douro.

Nasce parte na freguezia de Aviôso, e parte em Silva-Escura, e, juntando-se por cima da ponte de Almorode, toma este nome.

Morre no rio Lessa.

ALMORRO—aldeia, Algarve.

É mesmo a palavra arabe *al-morro*. Significa *o amargoso*.

ALMOSTER—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere, 40 kilometros de Coimbra, 160 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Orago o Salvador do Mundo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Querem alguns que seja corrupção de *Almonasterium* ou *Almosterio*. Não me parece provavel que se juntasse o artigo *al*, arabe, á palavra latina: entretanto não ha outra etymologia.

Tambem em Hespanha ha algumas povoações d'este nome.

É do arcediagado de Penella. Está situada junto á serra d'Alvaiazere, 25 kilometros a E. d'Ourem, em um bonito valle. Era do padroado do mosteiro de Lorvão.

Produz muito trigo e azeite; do mais produz pouco.

ALMOSTER—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 12 kilometros a O. de Santarem, 72 ao N. E. de Lisboa, 380 fogos.

Orago Santa Maria.

Situada em uma planicie.

Tem um convento de freiras *bernardas*, fundada em 1290, por uma nobre senhora, chamada D. Berengaria Ayres (dama d'honor da rainha Santa Izabel), filha de D. Ayres e D. Sancha, em uma quinta que herdou de seus paes, e aqui se fez freira.

Verdadeiramente, a fundadora d'este mos-

teiro foi D. Sancha Pires, mãe da dita Berengaria (em portuguez, *Berengueira*).

D. Sancha Pires fez testamento em 1287, e, entre outras coisas, diz:

«*Imprimeiramente mando que mha filha D. Beringueira, faça fazer hum Moesteiro de Monjas da Ordim de Cistel, ou d'outra Ordim, que seja a serviço de Deos, qual mha Filha tiver por bem, no meu logar d'Almoster.*» (Documento d'Almoster.)

Ora aqui temos um documento que nos embaraça. — D'elle se vê que a quinta, onde veiu a edificar-se o convento, já tinha o nome d'*Almoster*. Então não veiu ao sitio o nome por causa do mosteiro (*al-monasterium*).

Eu supponho que já aqui teria havido algum mosteiro que os arabes destruissem, quando invadiram a Luzitania, e que d'elle proveiu o nome ao logar. Os restos d'este mosteiro e a sua cerca seriam dados aos ascendentes de D. Sancha Pires, a qual, á hora da morte, lembrando-se que isto tinha sido convento de freiras, *bentas* (pois não havia outras nos primeiros tempos), quiz que fosse restaurado, sob a regra de *Cister*, que é uma reforma ou *filial* da ordem de S. Bento.—Não lhe acho outra explicação.

A rainha Santa Izabel lhe deu tambem muitas rendas.

Principiaram as obras em 1299, e já em 1300 estavam concluidas; porque as casas da quinta foram aproveitadas.

N'este convento professou e morreu freira D. Violante Gomes (a *Pelicana*) mãe de D. Antonio I (*o prior do Crato*). Era judia e de rara belleza. Fez-se christã a rogo de seu amante (alguns dizem marido, mas julgo que é êrro), que era o infante D. Luiz, duque de Beja, irmão do cardeal-rei, e filho de D. Manuel.—Era este o pae de D. Antonio I. (Vide Crato.)

Houve aqui uma grande batalha entre os realistas e liberaes, a 18 de fevereiro de 1834.

Nenhum dos partidos foi vencido, ambos ficaram nas posições antecedentes, mas ambos cantaram victoria.

As freiras d'aqui eram donatarias d'esta freguezia.

Havia um hospital para pobres, administrado pelas freiras, que lhe davam, cada anno, 38 moios de trigo.

Passa na freguezia o rio do seu nome.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

ALMOSTER — rio, Extremadura. Nasce proximo de Alcoentre e morre na *Valla da Azambuja*.

Suas margens são cultivadas e ferteis, e em parte arborisadas. Tem quatro pontes, sendo uma só de pedra, chamada *Ponte-Nova;* as outras são de madeira. Tem peixe.

ALMOTACÉ ou **ALMOTACEL** — palavra arabe (*almohtaceb*), o que marca o preço dos mantimentos, *curador*. Corresponde aos *edís* romanos, que superintendiam nos pesos e medidas. Deriva-se do verbo *haçaba*, que significa *contar*, *calcular*, *reputar*, *taxar* (o preço de qualquer coisa).

ALMOUROL (Castello de) — Está pittorescamente situado sobre um ilheu de rochedos, no meio do Tejo, proximo e na freguezia de Payo de Pelle (vide esta palavra), provincia da Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho da Barquinha, a 15 kilometros a S. E. de Thomar, 2 de Tancos, e 105 a E. de Lisboa.

Tambem alguns lhe chamam *Castello de Tancos*.

Fica tambem proximo da foz do Zezere, de Constança (antigamente Punhete), de Tancos e da Barquinha.

Foi reedificado pelo mestre dos templarios D. Gualdim Paes, de Marecos (vide Amares, Braga, Constança e Thomar) em 1160 segundo consta de uma inscripção que está sobre a porta do castello.

No *Archivo Pittoresco*, vol. I, n.º 31, diz-se que D. Gualdim Paes morreu em 1295; e elle morreu no seu castello de Thomar, em 1185.

D. Gualdim achou este castello em ruinas e o reedificou quasi pelos fundamentos, aproveitando os materiaes do velho castello, que se julga ser obra dos romanos, ou dos antigos luzitanos.

Era dos templarios.

Este monumento venerando está ainda tão bem conservado, que resistirá por mui-

tos seculos á acção do tempo. Parece impossivel não ter ainda havido um argentario, que, comprando-o, aqui fizesse uma residencia de verão, como as do Rheno, e que seria bellissima.

Tem este castello, a O., quatro torres circulares, collocadas a distancias eguaes. A porta da entrada é em ogiva e pequena. Hoje é inutil. Sobre ella está uma inscripção quasi apagada. No centro da fortaleza está a torre de menagem, coroada de ameias, muitas ainda bem conservadas.

Ao S. ha vestigios de um antigo caes. Ao L. estão mais 5 torres, e a par da de menagem se eleva mais outra torre quadrada, sendo d'este lado muito alta a muralha da cortina.

O desembarque no ilheu é do lado do N. mas, como o antigo caminho está obstruido com pedras, entra-se no castello por uma brecha feita entre a terceira e quarta torre.

As torres eram de abobada, com formosas laçarias, mas isso cahiu tudo. Mostra, porém, que era obra de luxo, e que na sua construcção se empregaram os melhores artistas d'aquelle tempo.

A situação isolada d'este poetico monumento, edificado no meio das aguas do formoso Tejo, devia forçosamente inspirar a musa de antigos trovadores e romancistas, e, na verdade, o castello d'Almourol foi muito celebrado pelos poetas dos primeiros seculos da monarchia, que d'elle fizeram *logar de scena* para varios dramas de amor, em prosa e verso.

Tambem com o titulo de *Castello d'Almourol* principiou o primoroso escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, a escrever um bello romancesinho, que a morte lhe não deixou terminar. Vem nos *Contos e Lendas*, de que é editora a mesma empresa que edita este *Diccionario*.

Seria longo (mas não talvez fastidioso) narrar aqui todas as tradições cavalheirescas d'este castello romantico; mas se fosse fazer isso em todos os monumentos coevos dos *cavalleiros andantes* e dos *trovadores*, seria interminavel este diccionario; relatarei apenas, e rapidamente, as seguintes:

—

Era, no seculo XII, senhor d'Almouro um emir arabe, chamado Al-morolan (do qual pretendem alguns que o castello tornou o nome), e o mouro n'elle habitava com sua filha, uma formosissima donzella, que seu pae adorava.

Um cavalleiro christão a havia seduzido, pelo que ella o introduzia de noite no castello.

Elle, abusando perfidamente do amor da donzella, escolheu uma noite escura, e, sendo introduzido no castello, abriu as portas d'elle aos seus companheiros (que para isto já tinha deixado perto), e foi assim o castello tomado por traição.

O emir e sua filha, abraçados um ao outro, preferiram atirar-se do castello ao rio (onde morreram afogados), a serem captivos de christãos.

—

Francisco de Moraes, na sua *Chronica de Palmeirim d'Inglaterra*, diz que este castello era do gigante Almourol.

Aqui vieram ter as princezas Polinarda e Misaguarda, com suas donas e donzellas, a quem o gigante deu hospitalidade e tratou com as maiores attenções.

Palmeirim tenta roubal-as, e salta na explanada do castello; mas ahi estava o *cavalleiro triste*, vencedor de maiores campeões d'aquellas eras, o qual, desafiando Palmeirim para um *passo d'armas*, que alli tinha estabelecido, o venceu e feriu, tendo Palmeirim de ir curar-se das feridas, para uma villa distante tres kilometros do castello (provavelmente Payo de Pelle).

O gigante *Dramusiando*, tendo noticia das grandes forças d'Almourol, quiz medir as suas com elle, e aqui o veiu procurar, combateu com elle, e o venceu.

Dramusiando ficou desde então de guarda ás princezas, em logar d'Almourol, obrando maravilhas de força e valor, etc., etc.

(Quem quizer ter conhecimento amplo das lendas que dizem respeito a este castello veja a dita *Chronica de Palmeirim*, parte II, cap. 60 e seguintes.)

—

Ainda ha outra lenda d'este castello, conservada por tradição, entre o povo d'estes

sitios, e narrada por alguns escriptores antigos. Eil-a:

Era dono do castello, em tempos antigos (ahi pelos seculos IX ou X), um senhor godo, chamado D. Ramiro, casado, e tendo uma filha unica.

Era um valoroso soldado, mas rude, orgulhoso e cruel, como eram a maior parte dos senhores de sangue gothico.

D. Ramiro partira para combater os moiros, deixando inconsolaveis sua esposa e filha, ambas muito formosas.

Tendo commettido mil atrocidades durante a campanha, voltava, orgulhoso de seus feitos, quando, proximo do castello, encontrou duas moiras, mãe e filha, ambas tão lindas como a esposa e filha que deixára em seu solar.

A filha trazia uma bilha com agua, e como D. Ramiro estava devorado pela sede, dirigiu-se a ella, pedindo-lhe de beber; a pequena moira assustou-se e deixou cahir a bilha, que se quebrou.

D. Ramiro, cego pela raiva, enristou a lança, e feriu as duas desgraçadas, que morreram logo, amaldiçoando-o.

N'este momento, appareceu um pequeno moiro de 11 annos, filho e irmão das assassinadas, e o cavalleiro trouxe-o captivo para o seu castello.

O moiro, chegando a Almourol, viu a mulher e a filha de D. Ramiro, e jurou logo que seriam ellas as victimas da sua vingança.

Passaram annos. A esposa do castellão cahiu doente, e, pouco a pouco, se foi definhando, até que morreu, em resultado de um veneno subtil que o moiro lhe propinára.

D. Ramiro, cheio de desgostos, voltou a combater os infieis, deixando no seu solar a filha, em companhia de novo pagem.

Amaram-se os dois, e esta paixão foi uma terrivel lucta para o coração do mancebo.

Uma tarde de verão, chegou ao castello D. Rodrigo, acompanhado por um outro castellão, a quem promettera a mão de sua filha.

Foi um golpe fatal para os dois amantes, que se estremeciam.

O moiro, então, allucinado e perdido, contou tudo a Beatriz, as crueldades do pae, os protestos de vingança, que lhe referviam no peito, a morte da mãe, e a lucta que sa travára entre o seu amor e o juramento que fizera.

Não se sabe o que se seguiu a esta confissão; o que diz entretanto a lenda é que Beatriz e o moiro desappareceram, sem que mais houvesse noticias d'elles, e que D. Ramiro, cheio de remorsos e desgostos, morreu, pouco depois, ficando o castello abandonado, e cahindo, pouco a pouco, em ruinas.

A lenda diz mais que, em a noite de S. João, apparecem na torre mais alta do castello, o moiro abraçado a Beatriz, D. Ramiro rojando-se-lhe aos pés e a mulher junto d'elle, implorando clemencia, sempre que o moiro solta a palavra — maldição!

Como se vê, não é só nos castellos do Rheno, que ha lendas e tradições a contar ao viajante. No nosso paiz tambem ellas abundam, servindo-lhes, quasi sempre, para thema a lucta travada entre christãos e infieis.

—

Dizem alguns que os romanos davam a este castello o nome de *Castrum Morum;* outros querem que *Morum* (ou Móro) seja Punhete (a actual *Constança*). Viterbo diz que o primeiro nome d'este castello foi *Muriella*, e que já era celebre no tempo dos romanos.

Fica tambem proximo da ponte do caminho de ferro de leste, que atravessa o Tejo. O primeiro risco d'esta ponte era mesmo por *Almourol.*

—

Havia n'este castello uma inscripção latina, gravada em bello marmore (que por extensa não copio. Quem a quizer ler, veja o Elucidario de Viterbo, tom. 2.º, pag. 356.) N'esta inscripção se mencionam as principaes façanhas do mestre do Templo, D. Gualdim Paes, de Marecos. Foi elle quem deu foral, em 1170, aos povoadores d'este castello

(Vide Templarios) d'onde se collige que, além da guarnição, havia aqui povoação permanente, e que tinha termo proprio, em uma, ou ambas, as margens do rio. (Para a biographia de D. Gualdim Paes, vide *Amares*, que é a antiga *Marecos*).

ALMOXARIFE—é a palavra arabe *almaxarraf*, significa eminente, condecorado, honrado, constituido em dignidade, etc. Deriva-se do verbo *xarrafa*, estar alto, ser honrado, ter alguma dignidade etc.

Em Portugal dá-se o nome de *almoxarife* ao cobrador dos direitos reaes, e ao administrador de certas casas grandes, como a de Bragança, Cadaval e outras.

ALMUDE—antiga medida portugueza até ha pouco tempo usada em Portugal. É a palavra arabe *almodde*.

No tempo da dominação agarena, e ainda no dos nossos primeiros reis, almude, que tambem se escrevia sem corrupção *almode* e sem o artigo *al* (alatinisando a palavra) dizendo-se *módio*, era medida tanto de seccos como de liquidos. Correspondia a um alqueire, mas era muito maior do que os alqueires modernos, e variava muito de capacidade, segundo as terras. Com o tempo, d'esta palavra se fizeram duas, e com duas differentes significações, isto é, *módio* (que degenerou em moio) foi medida para seccos, que quando acabou (e já alguns seculos antes) eram 60 alqueires; e almude, que era medida de liquidos e comprehendia dois cantaros ou 48 quartilhos.

Os hebreus tambem teem o seu *modd*.

Talvez fosse d'esta palavra que os arabes fizeram o seu *al-modde*.

Note-se porém que hoje é talvez impossivel deslindar esta barafunda de medidas, sobretudo, desde o seculo VIII até o rei D. Diniz. Vê-se nos antigos foraes, instituições de vinculos, emprazamentos, etc., que o *módio*, se em umas terras designava um alqueire, n'outras designava quatro; uma fanga ou fanéga (como ainda se diz no Algarve) e n'outros varios numeros de alqueires ou fangas.

Viterbo e outros bons escriptores, suppõem, com muito bons fundamentos, que *módio* era tambem certa moeda antiga, mas parece que tambem de valor differente, segundo as localidades. É incontestavel que muitas propriedades e outros objectos se compravam por *módios*.

Para evitar repetições, vêde o que digo na palavra *Módio*.

ALMUINHA—portuguez antigo, horta, pomar, e tambem campo tapado sobre si, proximo do povoado, que é de regadío e dá, ou póde dar, toda a casta de fructos. Ha em Portugal algumas aldeias e muitos sitios assim chamados. Em algumas partes teem corrompido o nome d'estes sitios, chamando-lhe *Alminhas*.

ALMURO—ribeira, Alemtejo, nasce na serra das *Alcarapinhas*, na herdade das *Casas Velhas* (6 kilometros distante de Elvas) de um regato. 15 kilometros da sua nascente, se chama *Rio de Gatos* e d'ahi para baixo *Almuro*. Juntando-se a outra ribeira que vem de Monforte, perde o nome e ambos tomam o de *Ribeira Grande*, com que morre no Tejo. É pouco abundante de agua e de peixe. A mesma etymologia de *Almorro*; significa amargoso. Vide *Almorro*.

ALMURO—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Monforte, 30 kilometros ao S. de Elvas, 160 a E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Pedro.

A etymologia antecedente.

Era do concelho de Veiros. Em 24 de outubro de 1855 passou para o de Fronteira e em 18 de dezembro de 1872 passou para o de Monforte. Bispado de Elvas, districto de Portalegre.

ALPALHÃO—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 12 kilometros ao NE. do Crato, 24 a NO. de Portalegre, 190 ao E. de Lisboa, 500 fogos, 1:800 almas.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Esta villa é celebre pelos seus excellentes queijos, os melhores do reino, á excepção dos do Rabaçal.

Foi primeiramente fundada no *Monte dos Sete*, hoje é situada em uma extensa planicie, cercada de muros, com seu castello, sendo este obra de D. Diniz, em 1300, e aquelles de D. João IV, em 1660. Está tudo desmantelado.

É regada pelo rio do seu nome.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de outubro de 1512.

Não se sabe quem foram os fundadores d'esta villa, só se sabe que é antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Fraginum* ou *Fraxinum*.

Outros porém dizem que *Fraginum* era a actual villa de *Gavião*.

É terra muito fertil.

Tem misericordia e hospital

Eram seus alcaides-móres e commendadores os marquezes de Arronches (ou de Abrantes). Uns auctores dizem que eram os de Arronches, outros dizem que eram os de Abrantes, no que julgo não haver engano, porque me parece que os ultimos herdaram a casa e o titulo dos primeiros.

D'esta villa se descobre Niza e Castello de Vide, ambas a 10 kilometros de distancia.

A villa era do mestrado da Ordem de Christo.

Tem duas fontes publicas, a *d'Arca*, de cantaria, com as armas reaes, e a da *Lama*, de optima agua.

Ha tambem duas aldeias d'este nome (Alpalhão) uma na freguezia d'Envendos, na Extremadura; outra na freguezia de Tamengos, na Bairrada.

É no bispado e districto administrativo de Portalegre.

ALPANDE—ribeira, Traz-os-Montes, nasce no logar de Quintella, freguezia de Friões, e na freguezia de Ervões se junta com outra ribeira, no sitio dos *Cadavados*. Morre na *Ribeira Doura*.

ALPARAGÃO—ribeira, Alemtejo, nasce nos *Cóllos de S. Marcos*, e recebe os ribeiros de Valle d'Açor e Valle do Bispo. Mette-se no rio *Sôr*, depois de 9 kilometros de curso. Bom peixe miudo.

Antigamente fazia boas e rendosas lezirias, mas ha mais de 120 annos, por causa das areias que o mesmo rio traz, nas enchentes, se acham totalmente destruidas e infructiferas.

ALPARRAGÃO—villa, Alemtejo. Querem alguns auctores de credito, que existisse uma villa com este nome, na freguezia de S. Pedro da Ervideira, termo da villa de Seda, concelho de Aviz. Hoje não ha outra memoria d'esta villa, senão na egreja da Ervideira uma imagem com o nome de *Nossa Senhora de Alparragão*.

ALPEDREIRA—serra, Alemtejo, com 12 kilometros de comprido e 6 de largo. Cria matto bravo, estevas, carrascos, medronheiros, alecrim etc. Tem muita pedra. Não tem agua. Ha vestigios de se explorarem aqui minas de ferro, e ainda a um sitio se chama *Ferrarias*. É no arcebispado de Evora. Cria lobos, rapozas e caça. Faz parte da serra d'Ossa.

ALPEDRINHA—villa, Beira Baixa, comarca do Fundão, 50 kilometros da Guarda, 5 a ENE. de Castello Novo, 245 ao E. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas, concelho 1:800 fogos.

A sua situação (nas fraldas da serra da Gardunha) é tão elevada, que d'aqui se avistam muitos logares em redor (quasi toda a Beira Baixa).

Vê-se Bemposta, Monsanto, Salvaterra, Zibreira, Rosmaninhal, Castello Branco, Atalaia, Marvão, Albuquerque, (em Castella) etc.

Corre-lhe ao sopé o rio *Alperiada*, e é muito fertil, sobretudo em optimo azeite.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco. Hoje é concelho do Fundão.

É povoação antiquissima e os romanos lhe chamavam *Petrata* ou *Petratinia*.

Outros dizem que *Petratinia* é a actual Alpedrinha, e que *Petrata* era uma colonia romana que existia 3 kilometros ao S., sobre um monte a que hoje chamam *Carvalhal Redondo*. É certo que teem aqui apparecido sepulturas com inscripções latinas. Deve pois concluir-se que a *Petratinia* dos romanos é com certeza a moderna Alpedrinha. Isto mesmo confirma o padre Cardoso, pois diz que Petratinia era um arrabalde de Petrata.

Tanto em Alpedrinha como em Carvalhal Redondo, tem apparecido muitos canos de chumbo e de pedra, restos de columnas doricas e toscanas, tijolos, pedaços de vidraça muito grossa, alicerces de casas etc. etc. Em um dos canos ainda se lia a seguinte inscripção: *Ex Officina Fabrici*.

Parece que os arabes lhe chamavam *Alperiada*, nome que o rio ainda conserva.

No *Valle da Torre*, a 10 kilometros a SE. da villa, descobriram-se em dezembro de 1849, muitas moedas romanas, de prata e cobre prateado e algumas de Sertorio.

Teem quasi todas, de um lado, a palavra —Roma—e do outro o nome, ou as iniciaes do heroe a quem foram dedicadas.

No meio da villa ha uma profunda cova, tapada com uma lagem. A lagem (ou lousa) tem esta inscripção: *Guarte d'aqui!*

Ninguem lhe sabe a origem, o destino, nem a profundidade.

Tem um magestoso chafariz, mandado fazer por D. João V. Foi principiado em 1722. Tem tres canos de bronze. É muito abundante de optima agua. Está ao cimo da villa e é de ordem dorica. Ha mais tres fontes publicas grandes, e muitas mais pequenas, além das particulares.

A egreja matriz é de tres naves e toda de cantaria.

Tem Misericordia e hospital, pobres; e uma boa capella dos terceiros de S. Francisco.

Boa casa da camara, antiga.

É terra muito fertil em tudo, e muito saudavel.

Na encosta em que a villa está fundada, ha tambem as fontes da *Ratinha* e das *Canadas*, ambas abundantissimas e de agua optima e frigidissima.

Ha aqui tambem muitas colmeias e caça.

Além da matriz, da Misericordia e da capella dos terceiros, tem a villa as capellas de Santo Antonio, Espirito Santo, Senhor da Oliveira, Santa Catharina, Menino Deus e S. Sebastião, e a pouca distancia da villa Santa Maria Magdalena e S. Miguel Archanjo.

É patria de D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa e de D. Pedro da Costa, bispo do Porto e Osma. É tambem patria do celebre D. Jorge da Costa (o cardeal de Alpedrinha) de que adiante se tratará.

Proximo á villa appareceu em 1868 uma moeda de cobre, romana, da circumferencia de 500 réis em prata, mas com o dobro da grossura. Tem uma effigie bem gravada com a legenda—*P. Septimus Getus Pius Augustus.* —No reverso tem uma figura de homem, sentado em uma especie de carro, tendo por baixo das letras—*Portredtrphico.*

Aquellas duas effigies são de Publio Septimo Geta e Caracalla, que reinaram simultaneamente em Roma, no anno 211 (173).

Aqui nasceu, em 1406, D. Jorge da Costa (geralmente conhecido por o *cardeal de Alpedrinha*). Foi mestre da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte; confessor de D. Affonso V, bispo de Evora e arcebispo de Lisboa. Era filho de Martim Vaz e de Catharina Gonçalves, pobres moradores d'esta villa. Morreu em Roma a 19 de setembro de 1508 (de 102 annos!)

Foi o padre mais rico do seu tempo. Recebia as rendas dos arcebispados de Lisboa e Braga e dos bispados do Porto, Vizeu e Ceuta e de mais cinco em Italia; de 18 abbadias em Portugal, Veneza, Castella e Navarra e outros muitos beneficios!

Teve muitos votos para papa, os quaes cedeu em Alexandre VI.

Já se vê que o nome de Alpedrinha é corrupção de *Petratinia*, com o artigo arabe anteposto.

Pedro Guterri lhe deu foral, em maio de 1202.

Aqui falleceu no fim de junho de 1870 o virtuoso e exemplarissimo fidalgo, José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz, que havia sido tenente coronel do batalhão de voluntarios realistas de Castello Branco e Penamacor. Era muito rico, mas de uma caridade evangelica inexcedivel. Havia nascido em Penamacor, em 1805.

ALPEDRIZ—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao O. de Leiria, 6 ao N. de Aljubarrota, 120 ao NE. de Lisboa, 200 fogos, 800 almas.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Situada em bella, amena e fertil planicíe, junto á ribeira do seu nome, ou *Rio do Moinho.*

É fundação dos arabes, no seculo IX, os quaes lhe deram o nome de *Abidriz* (do qual se deriva o actual), *Driz* é nome proprio de homem, *Abi* significa pae. Vem pois a ser *Povoação do pae de Driz.*

Tem bonitas quintas.

D. Affonso I lhe deu foral em 1150, em cujo anno a mandou povoar. (Havia-a tomado aos mouros em 1147)

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 20 de março de 1515. (Franklin não falla na existencia do foral velho).

Era da Ordem de S. Bento de Aviz.

Tem Misericordia e hospital, antigos e pobres.

Gozava esta villa o privilegio de *caseiros da Ordem de S. Bento de Aviz.*

Tem muitas e boas fontes, e o rio, que lhe dá a muita fertilidade de seus campos.

Era priorado do cabido de Leiria. Tinha juiz ordinario e uma companhia de ordenanças.

ALPENDORADA ou **PENDORADA**—vide *Alpendurada.*

ALPENDURADA ou **PENDURADA**—villa e couto extincto, Douro, situada em logar alto, sobranceiro ao Douro e na sua margem direita. Comarca e concelho do Marco de Canavezes, 35 kilometros a NE. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. João Baptista e S. Miguel Archanjo.

Grande convento de benedictinos, junto ao monte *Arados,* com magestosa egreja, extensa cêrca, com bons pomares e optimo e grande laranjal, em uma posição aprasivel, em frente da freguezia de Souzêllo.

Este convento foi fundado por um padre chamado *Velino* ou *Silva Velino,* eremitão da capella de Santa Sabina, martyr, e um seu compadre chamado *Arguirio,* do logar de *Cabanellas* (ou *Campanellas*) em 1062, durante o reinado de Fernando Magno, e foi sagrado pelo bispo do Porto D. Sisnando.

Parece que Velino e seu compadre só edificaram uma humilde capella, dedicada a S. João Baptista, situada entre *Agua de tres sequeiros* e as lagoas (a *Benedictina lusitana* diz que fizeram isto por terem ouvido uma voz divina que assim lh'o ordenava).

D. Moninho Viegas (outros dizem *Munio Viegas,* outros *Moninho Hermigues*) rico homem d'estas terras, amava uma formosa e nobre donzella christã, e quando estava proximo a casar com ella, foi pedida a seu pae por um poderoso cavalleiro mouro, e como lhe fosse negada, o mouro assassinou o pae á vista da donzella, a qual arrancando do peito do assassinado o punhal homicida se matou alli com elle.

Quando D. Moninho soube tão triste nova, jurou tomar cruel vingança contra o mouro e a sua raça, e se foi com a sua hoste fazer crua guerra aos infieis. Depois de derramar muito sangue d'elles, ficou captivo, e então fez promessa de—se saisse do captiveiro—fundar um convento dedicado a S. João Baptista, junto á ermida de *Arados,* dando-lhe tudo quanto tinha. Conseguindo a liberdade, cumpriu o voto.

D. Moninho Viegas (ou *Hermigues*) ampliou o convento e lhe deu o padroado de nove egrejas e outras rendas, e uma imagem de S. João Baptista (padroeiro do convento) de prata.

Teve muitas mais doações. A rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, o fez couto em 1123, o que seu filho D. Affonso Henriques confirmou, em 1132. Em 1599, mandaram os frades para o Porto e deram o convento a commendatarios; mas em 1611 tornaram a vir os frades.

Quando os frades foram para o convento de S. Bento, do Porto, levaram todas as alfaias da egreja e capellas, retabulos, orgão, sinos, etc. Em 1611, tornando a ser convento de frades, vieram para aqui nove monges de S. Bento, do Porto, trazendo a mobilia e mais cousas que tinham levado; mas não ficaram senhores de todas as rendas do mosteiro. Recebiam só 1:200$000 réis, e o mais ia para o seu convento do Porto.

No cimo do monte *Arados* ha vestigios de fortificações romanas ou arabes, e em frente, na margem opposta do rio (esquerda) tambem ha ruinas de uma fortaleza antiga.

Dizem uns que o nome de *Alpendurada* lhe provém de um grande *alpendre* que antigamente havia á porta da egreja. Outros querem que seja *Pendurada,* pela sua posição imminente ao rio Douro.

Darei mais alguns esclarecimentos sobre a egreja e convento de Alpendurada.

Á saida da capella-mór e no espaço comprehendido entre a sachristia e a livraria,

ha duas lapides com inscripções; a inferior diz:

VELINO, SACERDOTE E ABBADE
ASSISTENTE EM SANTA SA-
BINA, PELAS TRES REVELAÇÕES
QUE TEVE PARA EDIFICAR EGREJA
A S. JOÃO BAPTISTA, N'ESTE LOGAR,
QUE IGNORAVA, ONDE APPARECIAM
LUZES DO CEU; FUNDOU NO ANNO
DE CHRISTO 1055 E NO DE
1065 A SAGROU SISNANDO,
2.º BISPO DO PORTO E LHE COLLOCOU
VARIAS RELIQUIAS, UMA DAS
QUAES É A QUE AINDA HOJE
SE VENERA N'ESTE MOSTEIRO,
DO DEDO INDEX DA MÃO ES-
QUERDA DO GRANDE BAPTISTA.
E NO MESMO ANNO DE 1065
ELEGEU VELINO POR ABBADE,
EXAMENO E LHE FEZ DOAÇÃO, E
A 12 MONGES, DO MOSTEIRO,
COM O TITULO DE S. JOÃO, E
REGRA DE S. BENTO: E NO AN-
NO DE 1072, OS DITOS VELINO
E EXAMENO DOARAM O PA-
DROADO DO MOSTEIRO AO ILL.e
MUNIO VIEGAS; E NO ANNO
DE 1123 DOOU AO MOSTEIRO
O PADROADO, E O DE S.TA SABINA,
O ILL.e PAYO SOARES, GENRO DE
SERRAZIM VIEGAS, FILHO DO
PADROEIRO MUNIO; O QUAL
SERRAZIM, NO AN. DE 1123,
PELOS SERVIÇOS NAS GUERRAS,
E O QUE LARGOU Á COROÂ, CON-
SEGUIU PARA O MOSTEIRO, DA
RAINHA D.a THEREZA E EL-REI
D. AFFONSO 1.º, O COUTO DE PEN-
DORADA; E NO ANNO DE 1132,
O DE VILLA-MEAN, OU ESCA-
MARÃO: E OUTROS MUITOS PRI-
VILEGIOS, PADROADOS D'EGREJAS
E LIBERDADES, QUE ESTES ILLUSTRES
PADROEIROS E SEUS PARENTES
GRATUITAMENTE DOARAM AO
MOSTEIRO.
TEM MAIS ESTE MOSTEIRO A
HONRA D'OS DONS ABBADES
SEREM CAPELLÃES DE S. M.;
MERCÊ, COM OUTRAS MUITAS,
E DOS MAIS REIS, CONCEDIDA
POR EL-REI D. JOÃO 1.º, ANNO
1423.
ESTAS, NOTAS DOS PERGAMINHOS
ORIGINAES DO CARTORIO, FORAM
EXTRAHIDAS, E AQUI EXARADAS,
PELO P.e RV.º FREI JOÃO CHRISOSTOMO
DE SANTA THEREZA, ANNO 1764.

—

Esta extensa inscripção devo-a á obsequiosidade do meu illustre amigo Alberto Pimentel, estudioso e distincto litterato, bem conhecido, que varios annos residiu em Souzêllo e immediações. Mas o sr. Pimentel copiou fielmente o que viu escripto—e fez bem—eu porém, tenho obrigação de fazer as necessarias correcções a tal inscripção. Eil'as.

Tudo o que atraz deixo dito sobre a fundação d'este convento (antes de transcrever a inscripção) o achei na quasi sempre veridica *Benedictina lusitana,* no, com muita razão, acreditadissimo *Elucidario* de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo e em outras obras dignas de todo o credito.

Ha pois contradicção entre estas e a inscripção que mandou escrever fr. João Chrisostomo de Santa Thereza, estando tambem esta em opposição a factos historicos incontestaveis e incontestados: senão vejamos.

Todos os antiquarios são concordes em dizer que na era de 1100 (1062 de Jesus Christo) o tal *Velino e seu compadre Arguirio,* a que tambem alguns escriptores chamam *Argirio* (a inscripção não falla no compadre) fundaram o convento, reinando então D. Fernando Magno, de Castella e Leão. A inscripção antecipa sete annos esta fundação; mas isso não é essencial.

D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, *coutou* o convento d'Alpendurada em 1123, e seu filho, o nosso primeiro rei, confirmou este *encoutamento* em 1132. D. Thereza deu o couto aos frades, logo que o fez, como se via da *carta de encoutamento* que existia no cartorio d'Alpendurada, e *Serrazim Viegas* não deu aos frades o *couto,* que já era d'elles, mas sim o *padroado* da egreja, que era cousa muito differente.

Tambem quem deu ao convento da Alpendurada o couto de Villa-Mean ou Escamarão, não foi, nem podia ser, D. Thereza; pois sendo a doação feita em 1132, já aquella senhora tinha morrido havia dois annos. Quem lh'o deu pois, e outras muitas mais cousas, foi D. Affonso Henriques.

Já se vê que na inscripção não ha grandes erros; mas, como este livro é um registo de antiguidades patrias, devo esmiuçar bem quaesquer pontos que possam causar

duvidas ou contradicções, por pequenas que sejam.

—

Na sala do capitulo estavam (e parece-me que ainda estão) dois retratos. Um é de Munio Viegas, com este letreiro:

MUNIO VIEGAS, 1.º PADROEIRO
E GRANDE BEMFEITOR D'ESTE
MOSTEIRO. VIVEU PELOS ANNOS
1072.

O outro é de um abbade, e diz:

D. AFFONSO MARTINS, PENUL-
TIMO ABBADE PERPETUO D'ESTE
MOSTEIRO. HA MEMORIA D'ELLE
DESDE O ANNO DE 1367 POR DIANTE.
ASSISTIU ÁS CORTES DE COIMBRA, EM
QUE FOI ACCLAMADO REI O SNR.
D. JOÃO 1.º, O QUAL LHE CONCEDEU,
PARA ELLE E SEUS SUCCESSORES,
O PRIVILEGIO DE SEU CAPELLÃO,
E CONCEDEU OUTROS MUITOS PRI-
VILEGIOS AO MOSTEIRO.

Estes retratos estão ambos pintados em um só panno.

—

Em outro panno, estão os retratos de *Velino* e *Exameno;* ambos de habitos talares, e o segundo com baculo. Tem o seguinte letreiro:

VELINO, ABBADE DE
SANTA SABINA. FUNDOU
ESTE MOSTEIRO PELOS ANNOS
1059. FEZ DOAÇÃO E
ENTREGA D'ELLE A EXAMENO,
MONJE E ABBADE BENEDICTINO,
PELOS ANNOS DE 1065.

(Aqui temos outra data da fundação do mosteiro. Antecipa 3 annos os auctores citados e dá 4 de menos á inscripção grande. Este adoptou o *meio termo*, e fez bem).

—

E no panno fronteiro:

PIO VII, SUMMO PONTIFICE,
CHAMADO ANTES GREGORIO
BARNABÉ CHIARAMONTE,
MONJE BENEDICTINO. NASCEU
EM CESENA, A 14 D'AGOSTO
DE 1742. FOI ELEITO A 14
E COROADO A 23 DE MARÇO DE
1800.

Este papa, que foi o 250.º na ordem dos pontifices romanos, é celebre nos annaes da historia do seculo XIX, por ter sido preso por Buonaparte, tel'o depois sagrado imperador, e descasado com a celebre creoula Josephina, para o casar com a princeza Maria Luiza, filha do imperador da Austria.

—

Tenho visto muitas vezes escripto o nome d'esta freguezia sem o artigo arabe *al*, isto é, *Pendorada*. Não é erro, porque vem de *pendor* (declivio, inclinação) assim como *Pendurada*, que vem do verbo *pendurrar*, suspender. Qualquer d'estes dois nomes *quadram* á posição do convento.

Esta freguezia é no bispado e districto administrativo do Porto.

Hoje é uma bella e rendosa propriedade particular da senhora viscondessa d'Alpendurada, reparada de novo, e que produz muito e optimo vinho verde, cereaes e fructas, sobretudo laranjas muito boas e em abundancia. Está em uma bellissima situação.

Vide Alvarenga.

ALPIARÇA ou **ALPIAÇA**—freguezia, no Alemtejo, comarca da Chamusca, concelho de Almeirim, 90 kilometros a N. E. de Lisboa, 10 ao S. E. de Santarem, 700 fogos.

Orago Santo Eustaquio.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada na margem direita do rio do mesmo nome, em uma planicie, d'onde se vê Santarem.

Muito abundante de fructos, cereaes, e peixe.

Foi villa.

Passava aqui uma das *vias militares* romanas, que de Lisboa se dirigiam a Mérida, e por estes sitios teem apparecido varios *marcos milliarios*, dedicados ao imperador Trajano.

Foi curato do vigario de Santa Iria.

No momento em que estou escrevendo (junho de 1873), anda a junta de parochia promovendo uma subscripção para a construcção de uma nova egreja matriz, por a actual ser muito antiga e estar arruinada. Honra lhe seja!

ALPIARÇA—rio, Extremadura, comarca da Chamusca.

Nasce proximo da villa de Ulme. Corre de N. a S., fertilisando muitos campos.

Em alguns sitios lhe chamam ribeira de Ulme, e n'outros *Alpiaçoulo*.

Entra na esquerda do Tejo, quasi defronte de Vallada, com 70 kilometros de curso.

ALPORTEL—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1:200 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em uma eminencia, mas cercada de outras ainda maiores, de modo que em relação a estas, fica em uma baixa.

Foi da casa das rainhas.

Tem minas de cobre, já exploradas pelos romanos.

Alportel é uma aldeia grande e bonita, com casas e ruas boas.

A matriz, que é uma formosa egreja de tres naves, está em um bonito largo.

Ha aqui uma fonte abundante de boa agua, cujos remanescentes regam e moem.

Produz muito bom vinho, optimas laranjas, e outras fructas.

A O. no sitio do *Bicalto* (ou Bico Alto), nasce a ribeira d'Alportel, que segue parallella á estrada de Loulé para S. Braz.

Ha aqui muitas pedreiras de cal, e muitos fornos, em que se cose para a freguezia e para exportar.

É das maiores freguezias ruraes do Algarve.

ALPORTEL—rio, Algarve. Nasce ao O. da serra de S. Braz, e finda, do E., junto á capella de S. Domingos, no rio Asseca, proximo de Tavira.

Tem muito peixe, sobretudo barbos e pardelhas.

ALPREADE ou **ALPEREADE**—rio, Beira Baixa, termo de Castello-Novo.

Nasce na serra da Gardunha, de dois ribeiros, chamados *Gualdim* e *Casa do Gonçalo*. A 6 kilometros do seu nascimento recebe a ribeira de Richoso, e mais tres ribeiros chamados do *Cão*, das *Enguias*, e das *Costeiras*; tudo nos limites de Castello-Novo.

Os primeiros 6 kilometros corre arrebatado por entre penedias, depois é plano e rega varias fazendas e arvoredos.

Cria trutas e bordallos.

Conserva o nome até uma ponte de pedra proxima do ogar das *Zebras*, onde toma o nome de Richoso, o qual perde passando o logar, e torna a adquirir o de Alpereade, com que morre no rio Ponsul, no sitio de Belgaios.

Têem quatro pontes de pedra: uma junto á villa de Castello-Novo, outra d'ali uma legua, chamada da *Azenha;* entrando nos limites da villa da Atalaya do Campo, tem outra de cantaria, de cinco arcos, muito bem feita, e finalmente a *Ponte-Nova*, entre os logares de Olêdo e Sousa.

Tem 34 azenhas de pão, 3 lagares d'azeite e um pizão.

Foi dos condes de Povolide.

ALQUEIDÃO ou **ALQUIDÃO**—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Mós, comarca e 18 kilometros de Leiria, 135 ao N. O. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. José.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

É a palavra arabe *alquidam*. Significa—*passos* ou *passadas*.

É terra muito fertil.

Ha em Portugal 29 aldeias com o nome de Alqueidão, quasi todas na Extremadura.

ALQUEIDÃO DA SERRA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros a E. de Lisboa, 300 fogos. Orago Santa Maria.

Situada em um pequeno monte junto á serra de Ayre ou Minde (mas a maiór parte da freguezia é n'esta serra).

Produz muito e bom vinho, algum pão, e azeite, e grande abundancia de alhos.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

ALQUEIDÃO—serra, Extremadura, bispado de Leiria.

Toma diversos nomes, segundo os logares por onde passa v. gr.—*Arrebentão, Valle d'Orem, Casal dos Bouceiros, Vallongo, Demo* e *Charneca doSabugueiro*. N'ella não nascem rios, nem fontes, e é fria.

Ha n'esta serra algumas povoações pequenas, que são:—*Casaes dos Bouceiros, Aldeia do Demo, Casaes de S. Mamede* e *Casaes da Barrenta.*

É pouco cultivada e dá trigo, milho e linho. Cria-se n'ella gado grosso e miudo.

ALQUERUBIM—Vid Alcorobim.

ALQUETE—rio, Beira Baixa, termo de Cêa. Nasce na serra da Estrella, logo caudaloso e arrebatado. Corre de E. a O.

Bordam as suas margens muitas arvores fructiferas e videiras.

Morre no rio Alva.

ALQUEVA—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsarás, concelho de Portel, 45 kilometros de Evora, 145 a E. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um valle, entre montes, terreno aspero, que apenas produz algum trigo, cevada e centeio; do mais, pouco. Era da corôa.

É cortada a freguezia pelo Guadiana.

ALROTE e **ALDEIAS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 85 kilometros de Coimbra, 280 ao N. E. de Lisboa, 160 fogos. Era da corôa.

Situada entre uns montes, nas abas da serra da Estrella.

Tem duas aldeias—*Alrote* e *S. Cosmado.* A egreja está na de S. Cosmado.

Junto a Alrote passa a ribeira *Cesada.*

Alrote foi freguezia, de que era orago S. Sebastião, e ainda alli ha uma capella d'este santo, que dizem ter sido a matriz. Annexou-se a S. Cosmado.

S. Cosmado é corrupção de S. Cosme, e effectivamente o padroeiro é S. Cosme.

Tambem se dá o nome de *Aldeias* a estas duas freguezias, depois que as taes duas aldeias constituiram uma só freguezia.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

ALTAR DE TRIVIM—Vide Trivim.

ALTE—freguezia, Algarve, comarca, concelho, e 18 kilometros de Loulé, 50 de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 800 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro. Era da corôa.

Situada em um profundo valle, entre quatro sêrros, que apenas lhe deixam descobrir uma pequena *nêsga* do mar, junto a Albufeira, e nas margens da ribeira do seu nome, que corre arrebatada por entre broncas penedias. Esta ribeira tem sua origem em duas grandes nascentes de agua, que ficam a N. E. da aldeia, a uns 250 metros de distancia d'ella, e cousa de 40 distantes uma da outra nascente.

Rega muitas varzeas de milho, pomares e hortas, e laranjaes de optima laranja, que exporta. Desagua no mar.

Egreja bôa, de tres naves.

A occupação principal da gente d'esta freguezia é a lavoura, fazer redes, *baraços* e outras obras de esparto, as quaes vão vender por todo o Algarve. O esparto vão compral-o a Faro, e é por esta cidade que Alte faz toda a sua exportação.

Junto á povoação ha minas de cobre, que consta haverem sido abertas tres vezes por ordem do governo, sendo a ultima em 1700, tirando-se então grande porção de cobre, que foi para Lisboa.

Do sêrro chamado *Rocha dos surdos,* 1 kilometro ao N. da aldeia, se avista até á cidade de Lagos, a 50 kilometros. Serve de guia aos navegantes.

Quasi toda a freguezia é no barrocal.

Ha aqui varias mattas de zambujeirros e carrasqueiros, e muitos medronheiros, de cujo fructo fazem aguardente.

A serra n'esta freguezia toma os nomes de *S. Barnabé* e *Malhão,* que são braços da *Serra do Algarve.*

Na falda da serra ha um grande pégo, chamado do *Vigario,* no qual vem precipitar-se a ribeira, caindo de um despenhadeiro de 44 metros (200 palmos) de altura e outro tanto de profundidade.

Foi a ribeira encaminhada a este sitio por Duarte de Mello Rabadaneira Côrte Real, administrador do morgado dos Monizes Telles de Aragão, o qual, pelos annos 1690, mudou o curso da ribeira, para regar o seu pomar da *Mina* e para outros usos, furrando um rochedo de 11 metros de alto e 444 de

comprido; construindo um magnifico *tunell* de cantaria, com passeios de ambos os lados, com sufficiente altura, e *oculos* ou *claras-boias* de espaço a espaço, para luz e ventilação.

Do lado da montanha fez uma grossa muralha, para sustentar o peso das terras, obra muito dispendiosa, mas util, pois além de regar o tal pomar, e outras terras, faz moer os moinhos que estão proximo da povoação.

Na serra ha muita caça grossa (lobos, javalis e veados) e miuda.

Pelo *arredondamento* feito em 1836, perde esta freguezia o logar do *Areeiro*, para a de *Paderne*, e para *Salir*, os fogos da aldeia da *Peninha*; adquire os de Coqueiros, Pomar e Corrichos, que eram de *S. Bartholomeu* de *Messines*. Tambem perde os fogos de *Torneiros* (que distam de Alte 15 kilometros e ficam separados por uma ribeira) e passam para a freguezia de *S. Bartholomeu*, districto de Beja, da qual apenas distam 3 kilometros, e sem terem de passar rio algum, e os fogos de *Aguas-Frias*, que distam de Alte 12 kilometros e vão tambem para *S. Barnabé*, que é só a 6.

Antigamente produzia esta freguezia muito esparto; mas abandonaram a sua cultura e hoje o vão comprar a Faro.

Consta que ha aqui minas de prata.

Tem boas pedreiras de marmore fino.

Tem conde *novo*.

A distancia de 3 kilometros da povoação de Alte (que é grande e tem boas casas) está a *Fonte-Santa*, de excellente agua. Junto d'ella estão dois buracos, sempre com agua. Diz o povo d'aqui, e é tradição, que o do E. chega a Loulé, e o do O. á cisterna (arruinada) do castello de Silves, que fica a 20 kilometros!

ALTER—ribeira do Alemtejo, comarca de Villa Viçosa. Nasce no sitio chamado *Horta de Evora*, proximo á villa de Alter do Chão (da qual toma o nome.) Junto a esta ribeira, por baixo do monte chamado *Cabeça do Alcaide* (ou *Cabeço do Alcaide*) ha um lago com grande abundancia de agua, que rega muitas hortas e pomares. Morre na ribeira Sarrazolla.

ALTER DO CHÃO—(e Reguengo) villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, 40 kilometros de Evora, 24 a O. de Portalegre, 40 ao N. O. de Villa Viçosa, 165 ao E. de Lisboa, 850 fogos, 3:300 almas.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Concelho 1:000 fogos.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em fertil e amena planicie, junto da ribeira do mesmo nome. É muito aprasivel, tem lindas vistas e seu territorio é abundante de todos os generos agricolas.

Os seus cavallos teem fama em toda a Europa. (D. José I deu algumas providencias para o apuramento das raças de Alter, no *Regimento* de 10 de outubro de 1753.)

É realmente fama bem merecida, pois chegaram a attingir um grau de perfeição a todos os respeitos inimitavel.

Tem por armas um castello com os escudos das armas de Portugal e uma fonte com duas flores de liz. (Segundo o desenho que está na Torre do Tombo, é uma fonte com o escudo das Quinas por cima; mas é engano. Todas as villas enobrecidas com castello, o tinham, ou uma torre, nas suas armas; pelo que, é mais certo o que diz o padre Carvalho, que são as armas como primeiramente descrevi.)

É cercada de muralhas, com seu castello, feito por D. Pedro I, em 1359; mas apenas restam vestigios dos muros.

Foi cidade muito oppulenta na antiguidade. Os romanos a fundaram, pelos annos do mundo 3800 (204 antes de Jesus Christo.) Outros a suppõem fundação muito mais antiga (dos turdulos ou dos celtas) e que os romanos só a ampliaram e aformosearam, com templos e edificios.

O imperador Adrianno a mandou destruir, pelos annos 120 de Jesus Christo, pela valorosa resistencia que haviam feito seus habitantes ás legiões imperiaes; mas ainda ha vestigios romanos.

Foi-se tornando a povoar pouco a pouco, e D. Affonso III a reedificou e lhe deu foral em 1249. D. Diniz lhe deu novo foral em 1293, com todos os privilegios de Santarem; depois, em 1321, ainda reformou o foral

augmentando-lhe os privilegios, para promover o engrandecimento da villa.

O foral de 1321 foi dado por D. Diniz, por sua mulher a rainha Santa Isabel, por seu filho D. Affonso (depois IV) e pela mulher d'este D. Constança.

Segundo Franklim, estão erradas as datas dos foraes. Diz elle que D. Sancho II lhe deu foral, em Abrantes, em outubro de 1232, D. Diniz no Porto, a 25 de agosto de 1292, e que lhe tornou a dar novo foral, em Lisboa, a 25 de março de 1293. Não sei.

D. Mannel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512.

Foi senhor de Alter o immortal D. Nuno Alvares Pereira, que lh'a deu D. João I, com outras muitas villas e povoações. Era até então da corôa, e depois passou para a casa de Bragança.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco decimo.

Tem minas de chumbo e cobre.

Faz-se a 25 de abril a festa de S. Marcos, assistindo a ella e junto ao altar-mór um bezêrro. É levado para alli por quatro irmãos da confraria do Santo (previamente confessados e sacramentados) a toque de chibata e dizendo-lhe: *Entra, Marcos, em louvor do Senhor S. Marco (!!!)*

No fim da festa, dão ao Santo alguns bezerros mais, que tambem mettem na egreja, convertendo-a em curral!

Isto é deveras repugnante.

Segundo Feijó (*Theatro Crítico Universal*) esta ridicula farçada ecclesiastica e outras tão estupidas como ella, foram inventadas em Hespanha.

Já disse que foi cidade oppulenta, no tempo dos romanos, e era tão extensa que chegava até á villa de Alter Pedroso (a distancia de 6 kilometros) do que ha, não só memorias escriptas, mas muitas ruinas, assim dentro das duas villas, como no espaço que entre ellas medeia.

Nas escavações que por aqui se tem feito, teem apparecido medalhas, mosaicos, cippos, esculpturas e estatuas de marmore. (Achou-se alli, no seculo XVI uma bella esculptura de Cupido, com aljava e setas.)

No meado do seculo XVII ainda aqui existiam as ruinas de um templo, com o pavimento de mosaico, que parece fôra dedicado a Cupido.

Os romanos lhe chamavam *Abelterium, Eltori* ou *Elteri.*

(E os nossos antigos escriptores lhe chamavam *Alter-Planus.*)

Passava por aqui (mesmo pelo meio da cidade) a via militar romana que ia de Lisboa a Merida. (Esta ultima cidade era então capital da Lusitania.)

Merida foi construida por ordem do imperador Antonino Pio.

Esta estrada vinha de *Olissypo* (Lisboa) a *Aritium-Pretorium* (Benavente) *Matusarum* (Ponte de Sôr) *Elteri* (Alter) *Ad-septem-aras* (Assumar) *Badua* (Nossa Senhora da Botova) etc. etc.

Ainda existem alguns bocados de calçada d'esta via, em Portugal.

É uma estrada de 5 metros de largo e com aterros e desaterros, para a nivelar o mais possivel.

A estas calçadas se chamava nos primeiros tempos da nossa monarchia *recéfe* e depois *alicerce.*

No tempo dos arabes, principiou outra vez a decair da tal ou qual prosperidade a que tinha tornado nos ultimos tempos do imperio romano e durante o dominio gothico; e como os arabes preferiam os altos para suas povoações (para n'elles se defenderem, nas continuas guerras de então) a cidade de *Elteri* estava quasi despovoada no principio da monarchia portugueza.

D. Affonso II foi o que, em 1216, fez dos restos mutilados e dispersos da grande cidade, as duas villas de Alter (do Chão e Pedroso) e os nossos primeiros reis cuidaram sempre do seu augmento; especialmente D. Affonso III, que accrescentou a população com gente de outras terras.

D. Diniz tambem attrahiu para aqui muita gente, com os grandes privilegios, fóros, isenções e liberdades que concedeu á villa.

D. Pedro I a enobreceu com o seu castello.

Sobre a porta tem as armas de Portugal, com esta inscripção:

Era 1359 a 22 de setembro, o mui nobre rei D. Pedro mandou fazer este castello de Alter do Chão.

A egreja matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é um soffrivel templo de tres naves.

Havia aqui um hospital (de S. Domingos) e a rainha D. Leonor (mulher de D. Manuel) fundou a Misericordia em 1524, annexando-lhe o dito hospital e augmentando-lhe as rendas.

Dentro do castello ha um pôço com muita agua, que alimenta um chafariz que fica fóra d'elle, ao S.

A villa tem outros chafarizes de boa fabrica, muito abundantes de agua.

Além da praça onde está a casa da camara e pelourinho, e que é cercada de edificios, de boa apparencia, tem a linda praça chamada *Rocio do Espirito Santo*, muito espaçosa e povoada de arvoredo (faias).

Feira a 25 de abril e 4 de agosto, 3 dias.

Tinha um convento de frades capuchos (piedosos) situado junto á villa, no logar mais alto d'ella, (no sitio a que chamam *Cabeço do Alcaide*) fundado por D. Theodosio, 2.º duque de Bragança, pae de D. João IV, que n'elle lançou a primeira pedra em 8 de outubro de 1617. Tem optima egreja.

Em 1359 foi esta villa theatro de uma scena de inaudita barbaridade. Durante as obras do castello (que se concluiu a 22 de setembro d'esse anno) residiu aqui algum tempo D. Pedro I. É tradição que assistiu em umas casas no Terreiro.

Ouviu elle um dia duas mulheres a ralharem, e uma chamou á outra *roussada* (forçada, violada).

Quiz o rei saber a razão d'esta injuria, e soube que a mulher assim alcunhada pela outra tinha sido forçada por seu marido, que logo depois casou com ella e já tinha filhos (pois estavam casados havia 6 ou 7 annos).

D. Pedro, apesar de tantas circumstancias attenuantes, das lagrimas e rogos da mulher, e da completa e voluntaria *reparação do damno;* mandou enforcar o pobre homem, reduzindo sua mulher á viuvez e seus filhos á orphandade!

D'esta villa se descobrem as de Chancellaria, Sêda, Galveas, Aviz, Souzel, Evora-Monte, Extremoz, Fronteira, Alter-Pedroso e a cidade de Portalegre.

A antiga egreja do Espirito Santo foi primeiro albergaria. Depois, em 24 de abril de 1595, se fundou aqui um convento de carmelitas descalços (mariannos) com as rendas que tinha a confraria do Espirito Santo. (A duqueza de Bragança, D. Catharina, ajudou muito esta fundação).

Em 1599, por o sitio ser muito doentio, sairam os frades para Evora. O arcebispo os obrigou a tornarem para aqui, onde vieram estar mais cinco annos; mas uma noite fugiram todos, não só por as doenças, mas porque o povo da villa não lhes aturava as suas irregularidades.

Despovoou-se, pois, e passou a beneficio simples, dado pelos duques de Bragança.

Ainda existe na villa uma grande torre de cantaria (de 44 metros de altura) e outra mais pequena (de 22 metros de altura) ambas ameiadas. Tem ainda outra de 15 metros de altura, tambem ameiada, e sobre a ponte outra de 18 metros de alto.

No sitio chamado *Casa da Avelada* (provavelmente corrupto de *avelêda*, sacerdotisa) se vêem vestigios de um grande edificio.

N'esta villa foi o solar de um ramo da familia Roboredo; para as suas armas, vide *Alcacer do Sal.*

ALTER PEDROSO—villa, Alemtejo, 40 kilometros de Elvas, 33 ao N. de Extremoz, 27 ao NE. de Aviz, 40 de Evora, 6 de Alter do Chão, 180 ao E. de Lisboa, 80 fogos, 240 almas.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Situada sobre um alto penhasco e com a villa antecedente constituia a antiga cidade de Elteri. (Vide para todas as antiguidades, Alter do Chão.) Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

D. Affonso II a fez villa e lhe deu foral em 1216, e D. Diniz lhe deu novo foral em 1293.

Franklin não falla em similhantes foraes.

Quando D. Affonso II separou esta villa da de Alter do Chão, tornando-a independente, a deu a D. Fernando Annes (vulgar-

mente Fernandanes) em premio da sua intrepidez nas muitas batalhas contra os mouros.

Tinha um soberbo castello, feito por D. Diniz (quando lhe deu foral) que D. João d'Austria, filho de Filippe IV e general castelhano, mandou arrasar em 1662.

Chamava-se antigamente a este castello *Castello da recreação*, pela muita que causava estar d'elle vendo a cidade de Portalegre e vinte e uma villas acastelladas, além de outras povoações, e uma grande extensão de montes e valles.

D. João d'Austria, que tinha feito muitas façanhas em Flandres, veiu cá por grande general; mas foi sempre derrotado, a ponto de seu pae o demittir (por incapaz) em 1665

Não tendo coragem de combater as tropas portuguezas de *cara a cara*, e sendo constantemente batido (quando se podia apanhar) desforrava-se em arrazar fortalezas e povoações abandonadas!

Esta villa e a de Alter do Chão, ainda no principio da monarchia formavam uma só jurisdição; mas D. Affonso II, em 30 de junho de 1249, as separou, dando esta aos cavalleiros de Aviz.

Tem seu castello em sitio eminente e fragoso, para o N., com suas torres e muralhas, tudo em ruinas. No centro do castello ha uma capella de S. Bento, que serve de Misericordia. D'este castello se vê na Hespanha, Albuquerque; e em Portugal, Alegrete, Portalegre, Marvão, Crato, Toloza, Alter do Chão, Chancellaria, Seda, Galveias, Mont'argil, Aviz, Vimieiro, Arrayolos, Casa Branca, Evora-Monte, Souzel, Fronteira, Extremoz, Veiros, Monforte, Cabeço de Vide e outras muitas povoações menores.

A camara da Fronteira pediu a D. João II que esta villa formasse o termo da Fronteira, o que o rei lhe concedeu, e D. Manuel confirmou; mas os de Alter Pedroso se oppozeram obstinadamente, allegando com varias inscripções antigas, sepulturas romanas e uma pedra que está no altar da capella de S. Pedro, ser a sua villa fundada antes da era christã, e portanto mais nobre do que a Fronteira; pelo que continuou a ter jurisdição independente.

ALTO DOURO—vide Paiz vinhateiro.

ALTURAS DE BARROSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 50 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Situada na coroa da serra do mesmo nome, em grande elevação, d'onde se vê as serras do Gerez e Mourella (que divide Portugal da Hespanha) a de Louroso, o castello de Sendim, a serra de Seabra (em Castella) as Caldas do Gerez, a serra da Cabreira e grande parte da provincia do Minho.

É da casa de Bragança.

É terra muito fria (coberta de neve todo o inverno) e de pouca producção, dando apenas centeio, algum trigo, milho, linho e herva.

Cria muito e optimo gado bovino, de superior qualidade para os trabalhos agricolas (a que vulgarmente se chama *gado barrozão*).

A egreja matriz é antiquissima.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Houve aqui um convento de benedictinos, muito antigo, pois já existia em 889. Em 1248, por Breve do papa Innocencio IV, se uniu ao de Osseira (de bernardos), na Galliza.

Vide Terras de Barroso.

ALVA, ALBA ou **ALBULA**—rio, Beira Baixa. Nasce na serra da Estrella, de uma das lagôas que estão no alto da serra. (Vide Estrella.)

Principia o seu curso no sitio da Cabreira. Perde o nome no sitio de Porto de Boi, e d'ahi a uns 80 metros, no sitio do Summo, se esconde por baixo da terra, tornando a sahir na ponte de *Caniços*.

É um *tunnel* natural, onde a luz penetra por *oculos*, tambem naturaes.

Abaixo d'esta ponte se lhe junta o ribeiro do *Sabu ueiro*, tendo proximo uma ponte de pedra.

Aqui se espraia e forma o grande *Pégo de Pedro Gil*, e por baixo tem outra ponte de pedra, proximo a Villa-Cóva da Coelheira.

Até aqui suas aguas são inuteis, por cor-

rerem muito fundas, por entre penhascos; mas d'aqui para baixo principiam a ser aproveitadas em moinhos e regas.

Passa á villa de Sandomil (a 18 kilometros da origem do rio), e vae até á villa da Feira (não á villa da Feira da provincia do Douro, mas á da Beira Baixa), e d'aqui á villa de Avô, onde tem uma ponte de pedra, e d'aqui passa á famosa ponte de Villa Cova de Sub-Avô, vae a Cója, onde tem outra ponte, e ahi recebe a ribeira de *Cója*. Passa á aldeia de Sarzêdo, onde se lhe junta o ribeiro d'este nome, e vae até aos *Furados*.

Chamam os *Furados* a um boqueirão, que aqui abriram, por baixo de uma serra, para regarem campos. Aqui desce a agua por um cachão, de desmedida grandeza, fazendo tamanho estrondo, que se ouve a grande distancia. Todo este aqueducto subterraneo é obra dos arabes, e quasi todo aberto a picão, em rocha viva.

A pesca que se faz de verão, n'estes *Furados*, é immensa.

Antigamente era todo o peixe dos condes de Pombeiro, que eram os senhores da terra.

D'ahi vae a Valle de Espinho, onde tem uma ponte, de um só arco, mas de maravilhosa architectura.

Morre na esquerda do Mondego, na *Foz do Alva*.

Cria bastante peixe e até á Foz do Alva chegam as lampreias e saveis; mas poucos, e só até onde o rio não tem açudes.

Tem 60 kilometros de curso.

As escarpadas margens d'este rio teem muitas minas de oiro, que os romanos e arabes exploraram, do que ha muitos vestigios evidentes junto á ponte de *Murcella*, e em outras partes,

Suas areias ainda ás vezes trazem palhetas de oiro.

(Vide *Estrella*, serra.)

ALVA—aldeia, Traz os Montes, concelho de Freixo de Espada á Cinta.

Aqui se vê um castello em ruinas, onde antigamente foi a villa de *Alva*.

Nas guerras que teve D. Sancho II de Portugal (1240) com D. Fernando (o santo) de Castella, cercado, o castello por o filho d'este, o infante D. Affonso, se entregou sem resistir ou por traição; pelo que D. Sancho II lhe tirou o foro de villa, e o deu a *Freixo*, pela fidelidade e bravura com que então se houveram os moradores d'esta ultima povoação; por isso se foi a villa despovoando e arruinando, ficando apenas a barca, a que ainda hoje se chamma *Barca d'Alva*, e a aldeia d'este nome.

Tem alfandega e estação telegraphica de primeira ordem, ou do estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

ALVA—villa, Beira Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Mões, 20 kilometros ao N. do Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 110 fogos, 360 almas.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

D. Affonso III lhe deu foral em 1275 (o padre Cardoso diz que foi em 1256).

Franklin não falla em similhantes foraes. Diz só que—ha uma *sentença* a favor dos moradores d'Alva, contra João Alvares, em 9 de maio de 1504.

D. Manuel é que, com certeza, lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de agosto de 1514.

Proximo d'esta villa (no sitio de *Gallinhas*) se une o rio *Amarantes* com o *Sul*, perdendo aquelle o nome.

Foi ultimo donatario d'esta villa D. João Diogo de Athaide, conde d'Alva.

Está situada em um valle d'onde se não descobre povoação nenhuma.

Seu territorio é abundante de todos os generos do nosso paiz.

Era condado.

O primeiro conde de Alva foi D. Luiz Mascarenhas, em 13 de março de 1754, por D. José I.

O primeiro donatario d'esta villa foi Roque Monteiro Paym.

ALVAÇÃO (Casa de) e **TORRE D'ALVITE**—Vide *Alvite* em Cabeceiras de Basto.

ALVACAR—rio, Alemtejo, arcebispado de Evora. Nasce proximo das *Sete Alcarias*, termo da villa de Padrões; caminha com grandes pegos até se metter no rio Alvacarejo (no sitio do Moinho do Prior) e ambos se vão juntar com a ribeira de Oeiras, ao pé da

serra de Santo Varão, e todos no Guadiana. Fertilisa os campos por onde passa e traz peixe.

É a palavra arabe *albacar*,—significa *boieiro* ou *dos bois*. Deriva-se de *bacaron*—os bois.

ALVACAREJO—rio, Alemtejo. Nasce em uma lagoa proximo da freguezia de Santa Barbara, termo da villa de Padrões; atravessa a freguezia d'Alcaria Ruiva (concelho de Mertola). Junta-se ao antecedente no sitio já dito.

Á vista do logar d'Alcaria Ruiva, tem um pégo, chamado *Saisso*, bastante fundo. Diz-se que quando se dão tiros de artilheria no mar do Algarve, e proximo da costa se ouvem claramente n'este pego, parecendo serem debaixo do chão.

ALVAÇÕES DO CÓRGO—freguezia, Traz os-Montes, comarca do Pezo da Regoa, concelho de Santa Martha de Penaguião, 80 kilometros ao E. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago Santo Antonio.

Abundante de tudo, menos de pão. Passa por esta freguezia o rio Córgo. No districto d'ella, sobre a margem d'este rio, fica uma penha, na qual se acha uma lapa muito grande, e á entrada d'ella uma varanda de pedra muito bem feita. Dizem que era antigamente uma estrada e que por aqui se passava para o outro lado do rio por um *tunnell*.

É do infantado.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

ALVAÇÕES DO TANHA—aldeia, Traz-os-Montes, a 5 kilometros da freguezia antecedente.

Tem uma capella de S. Bartholomeu, onde se faz uma grande romaria a 24 de agosto.

ALVADIA—freguezia de Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca de Aguiar, concelho da Serva, 65 kilometros ao N. E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Santa Cruz.

Era dos marquezes de Marialva.

É situada no alto de um monte, e d'aqui se descobre Soutellinho, Samardão, Tourencinho, Zimão, Gralheira, Souto, Outeiro, Carrazedo, Paredes, Vidoedo, Santa Martha, Bustello, Povoa, Villarinho, Cunhas, etc.

Passa pela freguezia o rio *Rôlos*, que desagua no Tamega.

É terra abundante de centeio, mas dos outros generos pouco.

Arcebispado de Braga, districto de Villa Real.

É, desde 1855, do concelho de Ribeira da Pena.

ALVADOS—Vide Albardos e Monte Junto.

ALVADOS—freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Moz, comarca e 25 kilometros de Leiria, 115 ao N. de Lisboa, 280 fogos. Orago Nossa Senhora da Consolação.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada entre serras asperas, agrestes e penhascosas. Produz muito azeite, trigo, cevada, e do mais pouco. Tem pouca agua.

(Vide Albardos, serra.)

Em quasi todos os livros se vê escripto *Albardos;* mas os d'aqui é que querem por força que seja *Alvados*. Faça-se-lhes a vontade.

ALVAIAZERE ou **ALVAIAZER** ou **ALVAYAZER**—villa, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S. E. de Coimbra, 24 a E. de Thomar, 150 ao de Lisboa, 1:600 almas, 390 fogos, no concelho 1:400 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

É no bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada em uma varzea, d'onde lhe provem o nome (*Alva-Varzea*).

Corre aqui o rio *Porta*, que faz moer algumas azenhas e rega varios campos; depois mette-se por baixo da terra e vae sahir a tres kilometros de distancia, ao rio dos Freixiandos.

Este rio nasce nas faldas da serra de Alvaiazere e depois de correr a distancia de uns 5 kilometros se lança em uma caverna ou fojo profundo, e depois é que corre subterraneamente, até surdir com grande violencia no sitio das *Paradellas*, mettendo-se no rio dos Freixiandos, morrendo ambos no rio Nabão, e este no Tejo.

Ha n'esta villa as ruinas de um antiquissimo castello.

Na serra dos Covões, proximo da villa, é tradição que habitaram mouros, e muito antes d'elles (pelos annos do mundo 2644, ou 1360 antes de Jesus Christo) o celebre *Gorgoris* ou *Gergoris*, riquissimo pastor da antiguidade, que se fez rei de toda a Luzitania.

Diz-se que tinha então minas de oiro.

Houve aqui fortificações mouriscas, do que ha vestigios no cimo da serra; e dentro de uns muros que fazem uma grande cerca (de 5 kilometros de circumferencia!) se vê uma *carreira de cavallos*, que ainda tem este nome.

Esta muralha cérca toda a eminencia. Não se sabe quem a fez, só a tradição do povo d'aqui diz que foi um *castello de mouros*. (Entre o nosso povo, os mouros é que fizeram tudo quanto d'antigo ainda apparece). Não se vêem, nem dentro nem fóra do recinto d'esta notavel cêrca, vestigios de povoação.

Dentro d'esta cerca ha uma gruta a que chamam o *Algar da Agua*, com uma porta de entrada e feita em rocha viva. É tão espaçosa que n'ella cabem 500 pessoas (?), e tem dentro uma fonte perenne de agua frigidissima.

D'esta agua, que é de optima qualidade, bebem os povos da serra, de verão. Esta gruta, posto tenha a entrada estreita e baixa, no interior é uma vastissima sala, de 11 metros de altura. Não tem *oculo*, ou outra qualquer abertura, por onde receba luz, pelo que é escurissima.

Por baixo d'esta gruta ha outra, para onde corre a agua da fonte de cima. Tambem é vasta e escurissima.

Talvez que estas grutas, o fojo ou poço, onde se precipita o rio, e a especie de *tunnel*, por onde elle corre escondido (por espaço de uns 3 kilometros), sejam antigas minas de oiro. Valia bem a pena de se examinar isto; muito mais porque este *tunnel* está quasi secco durante a estiagem.

Na freguezia de S. Pedro, d'este concelho, para o lado da *Portella de Braz*, ha umas galerias (minas), pelas quaes se vae a cavallo 2 kilometros por baixo do chão. (Talvez fosse d'onde extrahiam o oiro.) Vide *Pelmá*.

D. João I a elevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1388.

Tinha sido fundada por D. Sancho I, em 1200 (ou reedificada, pois alguns dizem que é fundação arabe).

N'este anno (1200) houve grande fome no reino e um grande eclypse total do sol, que converteu em escura noite uma parte do dia.

No logar da *Batalha*, d'esta freguezia, terminam os bispados de Coimbra e Leiria e a prelazia de Thomar.

Foi dos duques de Cadaval.

É situada exactamente no meio do reino.

No campo da Asseiceira, d'esta freguezia, se deu a ultima batalha entre realistas e liberaes, em 16 de maio de 1834.

A matriz é de 3 naves, e foi do mestrado de Christo. Foi um bom beneficio, pois rendia, 450$000 réis certos, além dos rendimentos eventuaes.

Tem uma casa de hospital, sustentada por um legado da confraria do Espirito Santo. Não tem Misericordia.

Tem 9 capellas, tres dentro da villa e seis fóra. Nenhuma d'ellas tem nada de notavel.

Tem uma soffrivel casa de camara e duas boas cadeias.

O seu territorio é muito abundante em cereaes e fructas, e produz muitissimo azeite.

No logar do *Botelho*, d'esta freguezia, podem estar dois bispos (o de Coimbra e o de Leiria), e o prelado de Thomar, sentados a uma meza e cada um d'elles no seu bispado.

D. Diniz deu aos templarios (em 1306) padroado d'esta villa.

ALVAIAZERE—serra, Extremadura, na freguezia de Pelmá, districto administrativo de Leiria, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere (de cuja villa tomou ou recebeu o nome).

Na villa de Ancião se une á montanha chamada *Serra de Ancião*. Lança quatro braços, principaes, para differentes direcções, chamados—*Serra de Santa Margari-*

da, de *Pousa Flores* de *Almoster*, e da *Matta*.

Esta serra tem muito poucas arvores silvestres, devido á indifferença dos seus moradores, e muitos e bons terrenos incultos, devido á incuria dos governos portuguezes, que tanto teem descurado a colonisação dos nossos vastos maninhos e baldios.

Tem de comprido 24 kilometros, e de largura entre 3 e 6.

No seu mais alto cume se vêem, na distancia de 5 a 6 kilometros, as ruinas de uma grande muralha, que se suppõe ser obra romana ou arabe. (Já fallei d'isto na villa de *Alvaiazere*.)

É terra saudabilissima e muito habitada de varias povoações. São, ao todo, 18 aldeias algumas muito grandes, que povoam esta serra.

Quasi no mais alto da serra, ha uma caverna de 11 metros de alto, com uma nascente de agua perenne. Por baixo d'esta caverna, ou gruta, ha outra muito escura. Tambem já fallei d'ellas na villa.

Dizem que n'esta serra ha minas de oiro.

É em grande parte formada de rochedos e penedias.

Os terrenos cultivados d'esta serra são feracissimos, e ha n'ella muito bom gado.

O matto é quasi todo alecrim e rosmaninho (o resto é esteva e urze), pelo que ha aqui grande abundancia de optimo mel e cera. Ha tambem excellentes queijos.

Ha na serra a capella de Nossa Senhora da Purificação (vulgò *Nossa Senhora dos Covões*, por ser achada em uma lapa); não se sabe de que materia é a imagem.

Na serra ha lobos, raposas e muita caça miuda, do chão e do ar.

ALVALADE (vulgarmente *Campo Grande*) —vasta e lindissima planicie, hoje ajardinada, nos arrabaldes de Lisboa, (a 2 kilometros) cercada de bellas quintas.

Diz-se que os eu nome provém de que, um dos nossos primeiros reis, assistindo á medição d'este campo, disse—*Alvalade* (vallae, cercae de valla) *o que fica fóra do campo*.

Mas é engano. Vede a verdadeira etymologia d'esta palavra em Alvalade, villa.

Vide para tudo o mais pertencente a Alvalade, *Campo Grande*.

Ha d'este nome uma aldeia no termo de Faro. No Campo Grande é a segunda estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

ALVALADE—ribeira, Alemtejo, termo da Grandola. Nasce na freguezia de Nossa Senhora da Azinheira dos Bairros e juntando-se com a ribeira de Corona, perdem ambas o nome e formam a de Rocha (assim chamada por causa de um grande rochedo que aqui tem) e morre no Sado.

ALVALADE — serra, Alemtejo, nasce na freguezia de S. Lourenço, termo da villa de Lavre; toma varios nomes (dos logares por onde passa). Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. Finda em Arraiolos. É secca e infertil e cria caça e lobos.

ALVALADE—villa, Alemtejo, comarca de Beja, concelho e 12 kilometros ao O. de Messejana, 85 ao SO. de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 280 fogos, 1:000 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição da Oliveira.

É palavra arabe *albalade*, significa logar habitado e murado. Esta villa está situada em uma planicie elevada e regada pela caudalosa ribeira de S. Romão (que desagua no Porto d'El-Rei, proximo de Alcacer do Sal).

D. Manuel lhe deu foral em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Foi do mestrado de S. Thiago e eram seus commendadores os marquezes de Arronches.

Tem Misericordia e hospital fundado pelo povo da villa em 1570.

O seu territorio é composto de lindas veigas muito ferteis. Tem tambem vastos montados onde se criam muitos gados de toda a qualidade.

As suas varzeas são regadas por tres ribeiras (Campilhas, S. Romão e Rôcho).

Junto á villa (ao N.) ha um *olho d'agua* chamado *Pégo-Verde*, que nunca sécca. Cria peixe e serve para as regas; mas é prejudicial á saude do povo a sua agua estagnada.

É povoação muito antiga, e já era villa em 933, em cujo anno D. Ramiro II de Leão, doou ao mosteiro de Lorvão *duas terças partes* d'esta villa *d'Alvalat et de sua senra*

(campo ou seara) *ut sit pro sustentatione vestra, seu hospitum pauperum, et peregrinorum, et propter remedium animarum nostrarum.*

Desde 1855 pertence ao concelho de Aljustrel. É no bispado e districto administrativo de Beja.

ALVALADE—aldeia do Algarve, no termo de Faro, e que teve em tempos antigos a cathegoria de villa. Não encontro noticias modernas d'esta povoação.

ALVÃO—serra, Traz-os-Montes, tem 9 kilometros de comprido e o mesmo de largo. É um ramo do Marão. Muda de nome segundo as povoações por onde passa. É fria.

Proximo á aldeia do Bustêllo, na maior altura da serra, ha um sitio a que chamam o *Facho*, por aqui se accender lume para dar aviso, no tempo das guerras com Castella. Ha n'esta serra as aldeias de Bustello, Povoa, Santa Eulalia e a freguezia de Santa Martha da Montanha.

Na maior parte só produz urze e matto e cria muitos lobos. Em uma pequena parte apenas produz centeio, trigo, millho e algum linho.

ALVARÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago S. Miguel.

Ha n'esta freguezia as ruinas de uma antiga torre chamada dos *Silveiras*.

Diz-se que n'esta torre viveu D. Egas Lourenço, chamado *d'Alvarães*, fundador do morgado dos *Silveiras*. Os Silveiras d'aqui são da casa dos condes de Sortelha, cujo solar é no Alemtejo.

A matriz era antigamente a egreja dos frades bentos de S. Romão de Neiva; mas pelos annos de 1450, sendo a egreja muito distante do povo, e sendo muito maus os caminhos, se avieram com os frades a fazerem uma egreja para matriz, no povo; ficando os frades com o meio dizimo. Os frades consentiram e a egreja nova se fez á entrada da freguezia, onde já havia uma capella de Santa Maria Magdalena.

Passados alguns annos, não quizeram os moradores pagar o meio dizimo aos frades, pelo que houve demandas que estes venceram contra o povo, em 1489. Em virtude da sentença então obtida, o povo fez novo ajuste com os frades, obrigando-se a pagar-lhe 450 alqueires de milho e centeio por anno. Sete moradores não annuiram a isto e nunca mais pagaram.

Em 1524, D. Manuel a fez freguezia, annexando-lhe as de S. Julião do Freixo e Santa Maria de Ardegão, ás quaes os reitores de Alvarães nomeavam curas até 1834.

Desde o reinado de D. Manuel, ficou sendo reitoria da mitra, com as duas annexas, até 1834.

A matriz é boa e grande, e a freguezia situada em uma planicie muito productiva em cereaes, vinho e azeite; mas pouca fructa. É falta d'aguas.

Ao N. da freguezia está uma lagoa, no sitio do *Pulho*, que sempre tem agua. Junto a ella ha um buraco onde nasce agua que vae para a lagoa. É tradição que este buraco era a entrada de uma estrada subterranea feita pelos mouros e pela qual iam buscar agua ao rio Lima. Tinha este *tunnel* algumas columnas e arcos de pedra tosca. Está tudo entupido ha mais de 100 annos.

É no arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

ALVAREDES ou **ALVAREDOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. João Baptista.

É situada sobre um cabeço, quasi no fim da serra da Abelheira.

A antiga matriz era no sitio hoje chamado *S. João Velho*. Foi mudada para a actual e concluida a nova egreja em 1733.

Para o sul da freguezia, está o monte da *Picota*, que foi povoação arabe, e ainda alli se vêem vestigios de casas e uma celebre gruta, feita a picão na rocha viva, podendo conter 600 a 700 pessoas!

Passa pela freguezia o rio Trutas.

O territorio d'esta freguezia produz muito e bom vinho, muita castanha, e do mais pouco.

É no bispado e districto administrativo de Bragança.

ALVAREDO—freguezia, Minho, comarca de Monsão, concelho de Valladares, (sendo

supprimido este antiquissimo concelho em 24 de outubro de 1855, ficou esta freguezia, desde então, sendo do concelho de Melgaço), 70 kilometros ao NO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Chamava-se antigamente *Paderne*. Foi de uma senhora, que depois de viuva se fez freira, chamada *D. Onega Fernandes;* que deu a quarta parte da freguezia ao bispo de Tuy, D. Affonso, em 13 de abril de 1118, o que confirmaram seus filhos *Paio Dias* e *Aragonta Dias*. Foi depois da universidade de Coimbra.

Ha n'esta freguezia duas torres, uma chamada de *Villar* e outra simplesmente *Torre*. Eram dos marquezes de Tenorio. A que está defronte da Galliza é solar dos Marinhos, e diz-se ser de *D. Froylão*, fidalgo italiano que veiu a Portugal com o conde D. Mendo, a ajudar a expulsar os mouros, e fez esta torre.

É o progenitor do actual sr. Pereira, morgado da Torre da Sobreira, em Pias, proximo a Monsão.

Foi curato do couto de S. Fins, apresentado pela universidade de Coimbra.

Ha n'esta freguezia a casa de Carvalharim, da qual procedem as casas de S. Cibrão, a de Sende e a de Aguiar dos Arcos.

ALVARELHOS e **LAMA D'OURIÇO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte, (desde 1855 pertence ao concelho de Valle de Paços), 110 kilometros ao NO. de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

É situada em um valle, proximo da *Serra Negra*, entre dois ribeiros.

O cura era apresentado pelo vigario de *Oucidres*, até 1834.

Proximo ao logar de Alvarelhos ha um fortim arruinado chamado a *Corôa*. É tradição que n'elle habitava um rei mouro.

Ha outro sitio, entre Alvarelhos e Orcides, chamado *Valle da Batalha*, onde é tradição se deram muitas batalhas aos mouros, que eram sempre derrotados; porque S. Thiago, montado n'um cavallo branco, ajudava os christãos, matando mouros sem dó nem misericordia. Finda a acção, se recolhia o santo cavalleiro a um valle, ao O., onde depois se fez uma capella ao dito santo, da qual hoje apenas restam as ruinas.

O territorio d'esta freguezia produz centeio, vinho, linho, castanha e do mais pouco. Os dois ribeiros (que vem do logar de Villa Nova, onde nascem) juntam-se no sitio do Prado. Regam, movem moinhos e morrem no ribeiro de *Tinhella*, no sitio do Codeçal.

ALVARELHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 12 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago Santa Maria.

Foram donatarios d'esta freguezia os condes d'Alva.

É situada entre dois montes, chamados, um serra de Alvarelhos e outro de S. Marçal e S. Martinho. D'aqui se avista grande extensão de mar e terra.

O parocho era apresentado, até 1834, pelas freiras bentas de Vairão.

Ha n'esta freguezia cinco capellas, sendo d'este numero a de Santa Eufemia, onde se faz annualmente a celebre romaria a que o vulgo dá um nome muito pouco urbano.

Passa na freguezia o ribeiro do seu nome, que faz mover alguns moinhos, rega as terras e morre no Ave.

É no districto administrativo e bispado do Porto.

ALVARELHOS—serra e ribeiro, vide a antecedente.

ALVARENGA—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Arouca, 36 a O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 315 a N. de Lisboa, 320 fogos, 1:200 almas.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

Situada na encosta O. da serra do seu nome (ramo do Parnaval) cercada de montes que a fazem bastante fria no inverno, mas muito fresca no verão.

Seu territorio muito abundante de aguas,

é muito fertil em cereaes, em muito boas fructas e em optimo vinho verde. As suas vitellas são afamadas pelo seu gosto delicioso.

Perto da villa passa o rio Paiva, atravessado n'esta freguezia pela celebre *ponte de Alvarenga*, de um só arco, com mais de 30 metros de altura, medidos da abobada do arco para o rio, e 20 de largura no vão.

Está assente sobre dois rochedos graniticos, em frente um do outro, nas duas margens do rio e saindo quasi a prumo 5 ou 6 metros acima do nivel do rio. É tradição que foi feita pelo mesmo mestre que fez a de Alcantara, na Hespanha.

É obra romana, do tempo do imperador Trajano, que a mandou fazer pelos annos 110 de Jesus Christo.

Está tão bem conservada como se fosse feita ha 10 ou 12 annos; pena é que tenha apenas 4 metros e meio de largura.

D. Diniz deu foral á villa em 1298. Foi primeiro *couto* e depois concelho, que foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Diz-se que seu nome é corrupção da palavra arabe *al-borjon*, a torre, e lá tem as ruinas da torre dos *Alvarengas*.

Tinham os de Alvarenga muita necessidade de agua para os seus moinhos, e para a rega das suas terras altas, onde as aguas do Paiva não chegavam; e vão-se a um ribeiro que corre a 6 kilometros a NE., e n'uma só noite (por causa dos povos visinhos, que não queriam o ribeiro secco) homens, mulheres e rapazes fazem um rego com tal capacidade que traz agua que faz moer quatorze moinhos (que estão em linha, uns por baixo dos outros, na encosta de um monte) e rega grande extensão de terras de cultura. Passou-se isto no principio do seculo XVIII).

Não tem edificios notaveis. A melhor casa é a dos herdeiros do sr. Manuel Maria, de Bouças.

Ainda tem casa da camara, cadeia e pelourinho.

Pela sua situação, em uma baixa, não se avista do valle de Alvarenga povoação nenhuma de outra freguezia.

A principal povoação d'este extincto concelho se chama Villa da Egreja, e é onde está a casa da camara e a matriz, que é um templo amplo e muito decente.

Era da corôa.

Os dizimos eram divididos em quatro partes, tres para os jesuitas de Coimbra e uma para o cabido de Lamego. Eram os jesuitas que apresentavam os reitores e depois, até 1834, a universidade.

Passa por aqui a serra da Franqueira.

Alvarenga é povoação muito antiga, pois já existia no principio da monarchia. mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Em 1340 se deu sentença no julgado de Alvarenga, a favor do mosteiro de Alpendurada, mantendo-o na posse de receber o direito de *condado*, no monte da Rocha, a saber: *dos porcos montezes, o corazil; da corça, o quarto; e do urso, as mãos.* Para saber o que era este tributo, vide *Condado.*

ALVARENGA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 32 kilometros de Braga, 310 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era reitoria da mitra e da commenda de Christo. Fertil.

ALVARES—villa, Beira Alta, comarca de Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 3:200 almas, concelho 720 fogos. (Este concelho foi supprimido em 1855. Desde então, Alvares é do concelho de Goes).

Orago S. Matheus, evangelista.

É no bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um ameno valle, entre outeiros, passando junto á villa a ribeira *Sinhel*, que se mette no *Unhaes* e este no *Zezere.*

É terra aspera e montanhosa e só produz algum vinho e centeio; mas tem abundancia de castanhas, optima carne de porco, bons e muitos cabritos, e colmeias.

Os cruzios de Coimbra (ditos do *collegio-novo*) apresentavam os parochos e recebiam os dizimos.

Os nossos primeiros reis lhe deram gran-

des privilegios, que seus successores confirmaram.

O principal commercio d'esta terra é lãs e cera, que exporta em grande quantidade; mas tambem exporta carne de porco, castanha *pillada*, e cabritos.

Perto d'aqui começa a serra do Sinhel. Defronte da egreja está a fonte de S. Matheus, de agua muito fria, que dizem ser boa para curar hydropisias.

Gabam-se os de Alvares que em toda a freguezia nunca houve *christãos novos*.

ALVARO—rio, vide *Alvaro*, villa.

ALVARO—villa, Beira Baixa, comarca e 25 kilometros ao N. da Certã, concelho de Oleiros, 105 kilometros do Crato, 40 ao O. de Castello Branco, 205 ao E. de Lisboa, 280 fogos, 700 almas.

É no patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

Priorado do Crato *(nullius diœcesis)*.

É situada em um outeiro, cercada de olivaes, correndo-lhe pelo N. o rio Zezere, (sobre cuja margem esquerda está a villa) e pelo S. o Alvellos, que se mette n'aquelle, depois de rodear a villa, fazendo-a uma peninsula. Tres dos lados do outeiro sobre que está fundada, são quasi a prumo sobre o Zezere e sobre o Alvellos. Estão cobertos de gigantescos castanheiros e frondosas oliveiras, que constituem a principal producção da freguezia.

A terra, apesar de agreste, é productiva, á força de trabalho. Os povos d'aqui são laboriosos e hospitaleiros. Ao rio Alvellos se chama tambem vulgarmente *rio d'Alvaro*. É cortado por duas pontes de pedra.

É fertil e tem optimos presuntos, que exporta.

Foi dos condes de Cantanhede e passou para os marquezes de Marialva.

O outeiro em que está a villa é uma ponta da serra d'Alvellos.

Era commendataria a Ordem de Malta, que apresentava os parochos.

Tem Misericordia e hospital, fundado por Bartholomeu Gomes Curado e suas irmãs, d'esta villa, pelos annos de 1500; o que D. Mannel confirmou.

Exporta muita e optima carne de porco, muito burel e pannos grossos de lã, muita castanha, azeite e fructa.

Diz-se que foi fundada por um fidalgo portuguez chamado D. Alvaro, natural de Guimarães (por isso ainda se chamam *guimaros*, aos moradores d'esta villa) que veio para aqui degredado (não sei quando).

No sitio do *Chão do Paço*, estão as ruinas de uma casa, que é tradição ser a morada de D. Alvaro.

Aqui nasceu Francisco Rodrigues Freire Barata, coronel de infanteria, no Pará, onde prestou grandes serviços a Portugal, em 1822.

José Rodrigues Freire, capitão de cavallaria, no fim do seculo passado, que fundou a capella do Senhor dos Passos, d'esta villa, onde jaz.

João de Deus Antunes Pinto, conego e distincto jurisconsulto, que morreu haverá 10 annos.

São tambem d'aqui naturaes os juristas contemporaneos Manuel Pedroso Barrata, desembargador; Manuel d'Antas Barata Salgueiro, vogal da Relação de Lisboa e deputado ás côrtes; e o dr. Adriano Antão Barata Salgueiro, etc., etc.

Fazem-se aqui os melhores pannos chamados de *varas* (panno azul grosso) e curam-se optimos presuntos. A 6 kilometros de distancia se vê a serra d'Alvellos, que tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo. Lança um braço para o O., que chega até á villa da Certã, e d'esta villa toma o nome, chamando-se *serra da Certã*.

ALVARRAQUE—vide *Albarraque*.

ALVAYAZERE—vide *Alvaiazere*.

ALVEGA—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Abrantes, 150 kilometros ao O. da Guarda, 150 ao E. de Lisboa, 450 fogos. Está 122 kilometros ao S. do Tejo.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Aqui existiu a antiga cidade da Lusitania chamada *Ayre* ou *Aritio*.

Tem-se aqui encontrado grandes ruinas de uma populosa cidade, pela qual passava a via militar romana de Lisboa a Merrida.

Apparecem alicerces de sumptuosas casas e sepulturas; aqueductos, galerias subterraneas, com figuras e porticos de mosaico.

Em 1659, achou-se em uma ribeira proxima uma lamina de bronze, com uma inscripção latina, datada da velha cidade de *Aritio*. Tambem lhe chamavam *Euricia*.

No tempo dos arabes ainda era cidade populosa, o que attestam grandes e sumptuosos edificios subterraneos que ainda existem.

É situada em uma planicie. Na aldeia da *Casa Branca*, d'esta freguezia, ha uma estação do caminho de ferro de leste.

A capella de Santo Antonio, ao pé do Tejo, foi a primitiva matriz.

Passam na freguezia os rios *Lampreia*, *Carregal*, *Fernando* e *Tejo*.

Era curato annexo a S. Vicente.

É terra abundante de aguas e fertil. Vide *Ayre*.

ALVELLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Pertenceu ao couto de Villar de Frades e era abbadia apresentada pelo ordinario.

Houve aqui um convento de freiras bentas, muito antigo, que o arcebispo supprimiu em 1480, passando as rendas para a mitra, por bulla de Xisto IV.

É aqui o solar dos *Alvellos*, d'onde procedem as maiores casas de Hespanha, por varonia do rei de Leão, por *Pedro Annes Alvellos*, filho de João Martins Salça, e neto do immortal *Martim Moniz* (filho de D. Egas Moniz) que morreu intrepida e gloriosamente, atravessado na porta do castello de Lisboa, quando D. Affonso I tomou esta cidade aos mouros, em 1147.

ALVELLOS—pequeno rio na Extremadura, priorado do Crato. Nasce na serra do seu nome e morre no Zezere, ao pé da villa d'Alvaro, com pequeno curso.

ALVELLOS—serra, Alemtejo, priorado do Crato, 24 kilometros de comprido e 12 de largo. Para o O. lança um braço chamado serra da Certã (por chegar até á villa d'este nome) outro para E. chamado serra da Rasca, que vae até á freguezia do Esteiro, termo de Oleiros.

Tem bastantes nascentes d'agua (além do rio Alvellos) e muita caça. Vide *Alvaro*.

ALVENDRE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

D. Martinho, bispo d'Egitania (Idanha Velha) lhe deu foral em abril de 1214. N'elle lhe chama *Alvende*.

ALVERCA—ribeira, Beira Baixa, na freguezia do mesmo nome, termo de Trancoso. No sitio dos *Moinhos da Veiga*, tem uma boa ponte de cantaria. Junta-se á ribeira da *Matta* e ambas, passada outra ponte de cantaria, chamada *Ponte Pedrinha*, vão desaguar no rio *Macoeime*. É arborisada e em parte cultivada. Traz bom peixe. Vide para a etymologia, Alverca, villa.

ALVERCA—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico, 60 kilometros a SE. de Vizeu, 325 a E. de Lisboa, 260 fogos, 1:000 almas. No concelho 920 fogos. (Este concelho foi supprimido em 1855. Agora pertence ao concelho de Pinhel).

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Tem cortumes.

É corrupção da palavra arabe *alborca*, significa terra apaúlada, alagadiça, e tambem tanque d'agua, lago, ou aguas estagnadas.

É fundação arabe, e é provavel que no tempo d'elles já aqui houvessem cortumes, em vista do nome da villa.

Pelo que fica dito, se vê que esta povoação é muito antiga, pois já existia, pelo menos, no tempo dos arabes.

ALVERCA e **SOBRAL**—villa, Extremadura, comarca de Villa Franca, 25 kilometros a NE. de Lisboa, 25 a E. de Torres Vedras, 400 fogos, 1:500 almas. No concelho 660 fogos. Orago S. Pedro.

Este concelho foi supprimido em 1855. Hoje é do concelho de Villa Franca. É no patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Situada na margem direita do Tejo, em bonita planicie, cercada de aprazíveis quintas e muito fertil.

Foi fundada pelos arabes no seculo IX ou X. D. Affonso I lh'a tomou em 1147, dando-a aos estrangeiros que o ajudaram á conquista de Lisboa, e estes a povoaram. O mesmo rei lhe deu foral em 1160, com muitos e grandes privilegios, que foram confirmados e ainda augmentados, pelos reis que lhe succederam.

É a 5.ª estação do caminho de ferro de norte e leste.

Teve um convento de carmelitas calçados, proximo e ao N. da villa, com uma espaçosa alameda, na qual ha uma grande feira franca a 15, 16 e 17 de junho, que tinha grandes privilegios dados por D. João V em 1746. Havia então grande festa á Senhora do Monte do Carmo, vindo um cirio de Lisboa. (Já não vem).

A etymologia antecedente.

Era padroeiro d'este mosteiro José Salema Cabral e Paiva, pae de Pedro de Paiva, instituidor do morgado d'Alfarrobeira. A capella-mór da egreja do mosteiro foi fundada por D. Marianna de Paiva, mulher de D. Antonio de Mello e filha do dito Pedro de Paiva.

A pouca distancia da villa é o logar da Alfarrobeira, onde D. Affonso V derrotou seu tio e sogro, o infante D. Pedro. (Vide Alfarrobeira).

Foi das *capellas* de D. Affonso IV, e o provedor d'estas capellas era alcaide mór da villa e seu donatario. O parocho era até 1834 apresentado pelo prior da freguezia de Santo André, de Lisboa (ou de S. Martinho).

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1583, por D. N. Teixeira, viuva de Vasco Martins. (Esta senhora era natural da ilha da Madeira).

Ha aqui tres grandes marinhas de sal.

É atravessada pelas ribeiras da *Fonte*, do *Valle* e da *Silveira*, que fazem mover moinhos de pão e de azeite em quantidade, e desaguam no Tejo. Além d'estas ribeiras tem tres *esteiros* ou braços do Tejo.

Valorosos capitães d'aqui naturaes foram Antonio Brandão de Revoredo, cavalleiro de Christo, e que sendo mestre de campo, morreu em 1662, na Galliza, em uma batalha em defeza da patria. Era filho de Thomaz Rodrigues da Costa.

Estacio Ribeiro de Revoredo, filho de Manuel Antunes da Silva, e de Constança Pontes, cavalleiro de Christo e governador da praça de Villa Nova de Portimão.

Jeronimo Pimenta de Sampaio, filho de André de Sousa Coutinho. Sendo governador da praça d'Alcantara (que se tinha tomado aos hespanhoes) estes a atacaram furiosamente com grande numero de gente, e tomando-a, elle se não quiz render e morreu matando muito hespanhol. Isto na guerra dos 27 annos.

Tinha esta villa muitos privilegios, e sobretudo o chamado das capellas de D. Affonso IV.

É muito abundante de fructas e aguas.

No esteiro de *Ramiles* (onde desemboca o ribeiro da Silveira) ha uma forte ponte com dois arcos, feita por D. Pedro II, pelos annos de 1680.

Houve aqui outro convento de frades capuchos, de Santo Antonio.

Teve a villa um curato (do Espirito Santo) no logar do Sobral, que tambem era apresentado pelo prior de S. Martinho, de Lisboa.

Tinha juiz ordinario e uma companhia de ordenanças.

ALVIDRAR—louvar, avaliar, etc. D'aqui *alvidrador*, louvado, avaliador. Portuguez antigo. Ha em Cintra um celebre penedo chamado *Pedra d'Alvidrar*. Vide Cintra.

ALVIELLA—rio na Extremadura (patriarchado). É corrupção da palavra arabe *Albaila*, significa cousa minguada. Deriva-se do verbo *baiala*, minguar.

É no concelho d'Alcanêde. Nasce no logar da Loureira, nas vertentes da serra do Patêllo, debaixo de um grande rochedo, saindo por varias boccas (ou buracos, da penha) e a que chamam *olhos d'agua*. De verão nasce pacifico, mas de inverno sae furioso, fazendo medonho ruido, que se ouve a grande distancia.

Logo na sua nascença faz mover (ainda mesmo no estio) quatro moinhos. Com as aguas saem saborosissimos barbos, que nas-

cem e se criam dentro da gruta, *mãe d'agua.*

Passa a Pernes, onde se lhe junta o rio de Porto do Centeio e recebendo outros ribeiros e fazendo muitas voltas, se mette no Tejo, no sitio do *Rebentão*, por baixo da quinta de Valle de Carreiras, com 24 kilometros de curso.

Cria grandes barbos e outros peixes.

No sitio do *Paúl*, ha muitos barcos de pesca. No logar da *Ribeira de Pernes* fórma uma cachoeira chamada *Corredoira*, que tem uns 14 metros de altura e se despenha sobre penedia.

Tinha logo abaixo uma boa ponte de pedra, de um só arco, que o rio destruiu em 1705, e apenas restam vestigios d'ella. Agora é de madeira. Tem mais sete pontes de madeira, e uma de pedra no sitio de S. Vicente do Paúl, com tres arcos e varias setteiras para darem vasão ás aguas.

A *companhia das aguas*, de Lisboa, trata de canalisar a agua d'este rio, para abastecimento da capital, e já ha muitas obras feitas. Em 16 de setembro de 1873, pelas 11 horas da manhã, na quinta do *Ferrajeiro* (proximo a Marvilla) abateu um *tunnel* d'aquelle encanamento, na extensão de 40 metros. Os operarios fugiram a tempo, por isso não houve victimas.

Ha em todo este rio muitos moinhos e lagares de azeite (só em Pernes ha mais de 40 moinhos e 13 lagares, que pagam um pequeno fôro aos herdeiros do capitão-mór Luiz Pegado de Rezende, que aqui morava).

Em julho de 1157 doou D. Affonso I e seus filhos, ao mestre D. Gualdim Paes e seus cavalleiros (templarios) oito moinhos na ribeira *d'Alviella.*

Suas margens são arborisadas em partes e n'outras cultivadas.

Ha uma nascente junto á ponte de Pernes, cujas aguas, dizem ser optimas para a cura de molestias cutaneas.

ALVITE—pequeno rio na Maia, Douro, freguezia de Fajozes. Apesar de ter apenas 9 kilometros de curso, muda tres vezes de nome. Chama-se primeiro *Alvite*, depois *Saltão* e por fim se mette no mar com o nome de *Beche.*

Ha em Portugal muitas aldeias d'este nome. Alvite é nome proprio de homem.

ALVITE—freguezia, Douro, concelho de Sever, comarca de Agueda, 48 kilometros ao O. de Vizeu, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Situada entre montes, no alto de uma serra. Era do convento de S. João de Tarouca, que lh'a deu D. Affonso I, pelos annos de 1160.

O parocho era apresentado pelo D. abbade de Tarouca.

É abundante, sobretudo de centeio.

Tem esta freguezia uma *carta* (especie de foral) dado pelo D. abbade de Tarouca.

A pequena distancia do logar, no caminho da Senhora da Lapa, ha uma lagoa chamada *Nave da Borbulha*, muito medonha e abundante d'agua.

Cria-se n'esta freguezia bastante gado grosso e miudo, lobos e caça.

A mesma etymologia.

ALVITE—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, districto administrativo, arcebispado e 40 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Pedro.

Foi couto do mosteiro de Refoyos de Basto (de frades bentos) que apresentava os parochos.

É situada na ráiz de um alto monte chamado *serra da Orada.* Junto á quinta de Santo Antonio da Orada se faz uma feira franca annual, a 2 de setembro, onde vem muito gado, sobretudo os celebrados touros de Barroso.

Sobre um monte chamado serra de Santa Catharina ha uma capella d'esta santa, debaixo de dois grandes penhascos, á maneira de lapa.

O territorio da freguezia é abundante, sobretudo de castanha, que exporta em quantidade.

Corre aqui o rio *Portimão* (ou Potimão) que desagua no Tamega.

Nos instrumentos antigos se dá a este pequeno rio (que mais merece o nome de ribeiro) o nome de *Potimão* e diz-se que o seu primeiro nome foi *Salto de pote em mão;*

porque um individuo o saltou em certo sitio com um pote (medida antiga que levava meio almude) na mão.

A mesma etymologia.

Ha aqui a casa nobre da Torre d'Alvite, á qual está encorporada a d'Alvação.

ALVITE—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Leomil, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

A mesma etymologia.

Orago Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu. Fertil.

ALVITES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Vicente.

Districto administrativo e bispado de Bragança. Fertil.

D. Affonso III lhe deu foral, em julho de 1249.

Alvites ou *Alvitis*, quer dizer filho, ou da familia *d'Alvite*.

Além do que fica descripto, ha em Portugal 14 aldeias com este mesmo nome, ou *d'Alvite*.

ALVITO (S. Martinho de)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, arcebispado, districto administrativo e 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

É situada quasi no meio do valle de *Tamel* e d'ella se descobre a villa de Barcellos a 7 kilometros de distancia, e mais 12 ou 13 freguezias.

Os abbades d'aqui eram apresentados pelo arcebispo de Braga.

É terra muito abundante de tudo, apesar de não ter muita agua: é apenas atravessada por dois regatos chamados o dos *Passaes* e *Linhar*.

Ha n'esta freguezia as ruinas de uma grande e robusta torre. que foi cabeça do morgado dos *Ferreiras de Argemil* (ou *Arzemil*).

Foi senhor d'esta torre D. Godinho, de Pousada do Tamel, e posteriormente os condes de Valle de Reis.

Tambem foi senhor d'esta torre D. Veja, do Tamel, um dos sete condes que estão sepultados em Atães, aos quaes todos enganou D. Mem Soares de Novellas.

ALVITO (S. Pedro de)—freguezia, Minho, na mesma comarca e concelho, arcebispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Martinho.

Era das freiras de S. Salvador e depois foi da commenda de Christo.

ALVITO—villa, Alemtejo, comarca de Cuba, 35 kilometros ao SO. de Evora, bispado, districto administrativo e 25 ao NNO. de Beja, 125 ao E. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas, no concelho 1:200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 38° e 12' de latitude e 10° e 22' de longitude.

Situada em uma planicie amena e saudavel, regada pelo rio Odivellas (atravessado aqui por uma sumptuosa ponte de cantaria).

Tem um castello e dentro d'elle o palacio do senhor d'esta villa (conde-barão d'Alvito). São condes de Oriola e barões d'Alvito.

O castello foi feito por D. João II, pelos annos de 1484, e d'elle fez doação a João Fernandes da Silveira, chanceller-mór do reino, védor da fazenda, escrivão da puridade e por dez vezes embaixador de Portugal.

Sobre a porta principal está uma lapide com esta inscripção:

Esta fortaleza se começou a 13 de agosto de 1454, por mandado d'el-rei D. João II N. S., e acabou-se no tempo d'el-rei D. Manuel o 1.°. Fêl'a por seus mandados, D. João Lobo, barão d'Alvito.

Esta inscripção, pelos seus anachronismos, conhece-se que foi posterior á fundação.

O castello (ou palacio acastellado) tem cinco torres e está muito bem conservado.

Ainda é propriedade do sr. conde-barão. Foi residencia habitual dos seus antepassados.

Dentro do castello está a egreja do Espirito Santo, que é capella dos condes-barões. A torre de menagem, que é toda de canta-

ria, não chegou a concluir-se. É a fortaleza antiga mais robusta, e bem conservada de Portugal.

Tem um convento de frades trinos, fundado em 1182.

Tem outro convento de frades franciscanos, da invocação de Nossa Senhora dos Martyres, reedificado pelos barões d'Alvito, e concluido em 1534. (Durou exactamente 300 annos, desde a reedificação). Este convento foi primeiramente de benedictinos, fundado em 900. Depois os barões d'Alvito o deram aos franciscanos.

Quando era de bentos, se chamava de *Mujadarem* (isto é, monges d'além) e então aqui viveu Santo Eleutherio (ou *Noutel*) ao qual se erigiu uma ermida proximo da villa, que ainda existe. Diz-se que se lhe deu o titulo *dos martyres*, pelos que aqui foram trucidados pelos romanos, no tempo dos imperadores Claudio e Aureliano, pelos annos 280 de Jesus Christo. Vê-se pois que, já quando era de benedictinos, tinha a mesma invocação, que passou aos franciscanos.

Tem Misericordia e hospital, e teve albergaria para viajantes, junto ao hospital, administrada pela Misericordia.

Consta por tradição que esta albergaria foi fundada por Manuel Alvares Pereira (progenitor dos Fernedas) mas, segundo Villas Boas, o seu fundador foi Ramiro Alvares. Vide adiante.

É terra muito fertil em tudo.

É a 17.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Feira franca nos dias 1, 2 e 3 de novembro.

A origem d'esta bonita villa foi a seguinte:

Pelos annos de 1250, havia n'este sitio uma herdade chamada de S. Romão, que era do senado de Evora e dos Pestanas da mesma cidade (descendentes de Giraldo Giraldes, o *Sem pavor*).

D. Affonso III, por commum accordo das partes interessadas, a deu a D. Estevão Annes, seu collaço, que a cultivou e edificou algumas casas.

O padre Cardoso diz que dos Pestanas passou aos condes de Villa Nova, e que estes e a camara de Evora é que a deram ao tal Estevão Annes, em 1255 ou 1257.

Concorreu para aqui tanta gente, que em 1262 já D. Estevão lhe edificou uma egreja, dedicada a S. Romão; que d'ahi a poucos annos foi erecta em parochia.

Ainda existe esta egreja (reduzida a capella) fóra, mas a pequena distancia da villa.

D. Affonso III, passando por aqui em 1249 e vendo a povoação tão augmentada, lhe deu foral.

N'este foral (que foi dado a 8 de maio) concedeu o rei muitos privilegios a Alvito, fazendo-a villa. Isto em attenção a que D. Estevão Annes, além de ser seu grande privado e collaço, era tambem seu genro, pois tinha casado com D. Leonor Affonso, filha bastarda do mesmo rei. Morrendo D. Estevão Annes, sem filhos, a 20 de março de 1279, doou a villa aos frades trinos.

D. Estevão deu esta villa e terrenos a ella pertencentes, por sua morte, aos frades trinos da mesma villa, que, tratando de aforar terrenos a quem queria fazer casas ou cultivar terras, muito concorreram para o augmento da população.

Alvito foi o primeiro baronato que houve em Portugal, dado ao dito João Fernandes da Silveira.

É tradição que a origem do nome d'esta villa é a seguinte:

(Este *conto* constava de uma memoria que existia no cartorio dos capuchos de Xabregas.)

Em uma festividade em que havia corrida de touros, fugiu um d'elles. Alguns individuos mais animosos, foram atraz d'elle e o agarraram, trazendo-o para a praça e gritando: — *alvitre! alvitre!* (por *alviçaras*, que Cuvarruvias, a quem Bluteau segue, diz vir do latim *albities*, o que não é muito claro).

Da tal palavra *alvitre*, pretendem alguns sonhadores derivar-se *Alvito;* mas, pergunto eu: então tambem agarrariam algum touro bravo e tambem diriam *alvitre!* os povos das freguezias e aldeias (que não são poucas) que se chamam *Alvite, Alvites, Alvito*, etc.? Não acho muito provavel similhante etymologia.

Alvito é nome proprio de homem. Em Hespanha ha povoações com o mesmo no-

me, e em Italia, proximo á cidade de Napoles, ha a povoação d'Alvito. Notem isto. É provavel que algum sujeito chamado Alvito, desse, por qualquer circumstancia, o seu nome a esta povoação.

Segundo o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, os frades trinos, senhores da villa, lhe deram novo foral, em 1321, que D. Diniz contestou por seis annos; mas finalmente lh'o confirmou em 1327.

O padre Cardoso diz que os frades lhe deram foral em 1280 e que D. Diniz a tirou aos frades em 23 de janeiro de 1283, mas que em 12 de fevereiro d'esse mesmo anno lhes deu *(só)* o padroado das egrejas de Alvito e Oriola e a herdade do *Monte do Trigo* (proximo a Santarem) que possuiram até 1834.

Franklin diz o seguinte: Tinha foral, de julho de 1249 (por D. Affonso III). O prior dos trinos lhe deu foral no 1.º de agosto de 1280. D. Diniz lh'o confirmou em Lisboa, a 16 de junho de 1289.

Parece-me que quem tem razão é Franklin. Nem Carvalho nem Cardoso fallam no foral novo, e é certo que D. Manuel lh'o deu em Lisboa, a 20 de novembro de 1516.

Como a população cresceu muito, se fez nova egreja matriz (da invocação de Nossa Senhora da Assumpção) de tres naves, espaçosa e bem ornada, ficando a de S. Romão reduzida a capella, com a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Em a nova egreja teem seu jazigo os condes-barões, em duas capellas, onde se vêem alguns bons mausoleus de marmore com as armas dos Lobos.

A nova egreja é contigua ao antigo convento dos trinos, servindo tambem de egreja dos frades. Estes, em 1618, reedificaram e ampliaram muito o seu convento.

Até 1834 era parocho (reitor) um frade trino.

Tem uma boa casa da camara, construida pelos annos de 1720. Está no meio da villa, no sitio mais elevado, e tem uma alta torre de relogio, toda de cantaria, feita pelo mesmo tempo.

Os arrabaldes da villa são muito aprasiveis e ferteis, e muito abundantes de aguas.

Em 1743, andando a abrir-se os alicerces para a actual capella-mór (por a antiga ser pequena e estar arruinada) se achou, no dia 8 de junho, um tumulo formado de *adobes* (tijolos seccos ao sol) e dentro d'elle um esqueleto de 14 palmos de comprido! (3m 11) e junto tres pequenas barras de um metal desconhecido.

Sobre o tumulo estava uma lapide de 1m, 11 de comprido e meio metro de largo, com a seguinte inscripção:—*Hislonencas Selsas Florentis D. D.*

Nas mesmas escavações encontraram-se tres pedras do comprimento de 1m, 11 (5 palmos) todas do feitio de pipas, massiças, e com inscripções sepulchraes.

Em uma lia-se: *D. M. S. Musa vixit. Ann. A X. Livia Liberatoset. H. S. E. S. T. T. L.* —Em outra: *D. M. S. Dignitas. vixit ann. XXV. cryseros maritus posuit. H. S. E. S. T. T. L.*—Em outra: *D. M. S. perenia mak. por. quae mor XXXV.*

Em 1745, tambem em umas escavações aqui perto, se achou outro cippo similhante.

Este cippo tinha a seguinte inscripção: *D. M. S. C. Maria Euprepia qua ifate concesseruut vivere annis XXXV ben e merenti modestus conjuci sua posuit.*

O apparecimento d'estas antiguidades dá bastante probabilidade ao que dizem alguns antiquarios, isto é, que houve aqui uma florescente povoação celtica, que foi de muita importancia no tempo dos romanos, e que foi completamente destruida pelos barbaros do norte (suevos, visigodos, alanos, wandalos, etc., etc.) ou pelos mouros, não deixando pedra sobre pedra.

Em 1531, estando aqui D. João III e sua mulher D. Catharina, deu esta á luz, no 1.º de novembro, o seu filho primogenito, o principe D. Manuel, que morreu menino.

Foi em cumprimento de um voto feito pelo nascimento d'este principe, que o rei mandou fazer o magnifico retabulo de jaspe, que deu aos frades jeronimos de Cintra, e que ainda hoje se vê na egreja da bella quinta da *Pena*, do Senhor D. Fernando.

Alvito tinha voto em côrtes, com assento no banco 18.º

As suas armas são—em campo de san-

gue, o escudo das quinas, entre dois troncos de arvore, que rematam em duas folhas sómente (cada uma) e firmados sobre um arco de ponte.

Outros querem que seja um touro *rompente*, entre duas arvores, e assim as traz o optimo livro do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, (*Cidades e villas da monarchia portugueza*). Estas julgo que são as taes do *alvitre*.

Ha na villa uma boa egreja de Santo Antonio e duas capellas (a de Nossa Senhora das Cadeias e a Misericordia).

Proximo á villa ha a de Nossa Senhora da Graça (que foi a primeira matriz). Tem mais fóra da villa cinco capellas, S. Pedro, S. Miguel, S. Sebastião, S. Bartholomeu e Santa Luzia.

Tem minas de ferro e de outros metaes.

Tinha antigamente esta villa o singular privilegio de que *todo o preso d'ella natural, não podia ser removido para outra cadeia, qualquer que fosse o crime.*

Ha dentro da villa uma opulenta fonte que de inverno lança por tres partes tamanha quantidade de agua, que póde fazer mover muitos moinhos. Dizem que esta agua passa por minas de salitre.

Tem muitas mais fontes, dentro e fóra da villa, que regam e moem.

A serra de *Muxagata* fica proxima a esta villa.

Aqui nasceram a celebre poetisa D. Constança Freire de Sousa e o poeta insigne João de Mattos Fragoso, além de outros muitos varões famosos pelas armas ou pelas lettras.

Foi esta villa solar dos Ramires, familia nobre que descende de Ramiro Alvares, do qual tomaram o patronimico por appellido. Ramiro Alvares é o fundador da Misericordia d'esta villa e n'ella tem o seu jazigo e de sua familia. Tem por armas — em campo de purpura, um leão d'ouro, desfolhando um ramo verde, picado de ouro, e um contrachefe de prata. Orla azul, carregada de quatro aspas e quatro vieiras, tudo de ouro e alternadas. Escudo de aço aberto, e por timbre uma das aspas do escudo entre cinco vieiras, tudo de ouro. Tambem julgo que este Ramiro Alvares foi o fundador de uma albergaria que existiu n'esta villa, para passageiros pobres, e que me parece foi substituida pela actual casa da Misericordia. Como já disse, a tradição diz que foi um Manuel Alvares Pereira; talvez seja engano no primeiro nome.

O foral de Villa Nova de Alvito (hoje Villa Nova da Baronia) acha-se no mesmo *Livro dos Foraes Novos* do Alemtejo, a fl. 100 v., col. 1.ª, e se remette em muitos artigos a este foral d'Alvito.

Origem dos condes-barões (hoje marquezes) de Alvito:

De D. Affonso Diniz, filho legitimado de D. Affonso III, e de D. Maria Paes Ribeiro (formosissima dama do seculo XIII e denominada a *Ribeirinha*) herdeira da célebre casa dos Souzas, foi segundo filho D. Martim Affonso de Souza, senhor de Bayão.

Um filho d'este, chamado Affonso Martins, depois de viuvo (tendo sido um bravo guerreiro de D. João I) professou em Santa Cruz de Coimbra, onde foi 19.º prior.

Seu filho, legitimo, D. Fernando Affonso, doutor em leis, pela universidade de Bolonha, foi pae de João Fernandes da Silveira (de quem já fallei) primeiro barão d'Alvito. Este, pois, era quarto neto de D. Affonso III.

Casou duas vezes, a segunda com D. Maria de Souza Lobo, filha e herdeira de Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, Villa-Nova, Oriola, Aguiar e Niza e de D. Isabel de Souza, mestre da Ordem de Christo, da casa de Lafões.

D'este casamento nasceram dois filhos: D. Diogo Lobo da Silveira, que foi segundo barão d'Alvito, e D. Filippe de Souza, que foi tronco da familia dos Souzas, senhores dos morgados do Calhariz, Mónfalim e Fonte do Anjo, alcaides-mores da Certan, capitães da guarda real allemã (hoje archeiros) e que em nossos tempos foram elevados a duques de Palmella. (Esta familia é hoje formada pelo duque de Palmella, marquezes de Sousa e Monfalim, condessa de Rezende, etc.)

D. Luiz Lobo da Silveira, setimo barão d'Alvito, foi feito primeiro conde d'Oriola, por D. João IV, em 9 de agosto, de 1653; mas o povo não lhe chamava conde de Oriola, e sim conde-barão. Ainda hoje o sitio de

Lisboa, onde está o palacio d'esta familia, se intitula *Largo do Conde-Barão.*

D. José I, fez marquez d'Alvito, em 4 de junho de 1766, a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, terceiro conde de Oriola e decimo barão d'Alvito.

Fallecendo D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, quinto marquez d'Alvito, lhe succedeu seu filho, D. Fernando Antonio Lobo da Silveira Quaresma, sexto marquez d'Alvito, setimo conde de Oriola e decimo-quarto barão d'Alvito, que morreu sem filhos succedendo-lhe sua irmã, a Sr.ª D. Henriqueta Polycarpa José A. L. da S. Q., que casou com Antonio Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco e Menezes, filho segundo do segundo marquez de Borba, decimo-quarto conde de Redondo, decimo-segundo senhor de Gouveia e de D. Eugenia Manuel, filha dos marquezes de Tancos.

Antonio Luiz de Souza, foi, pelo seu casamento, feito conde de Oriolla e barão e marquez d'Alvito. Tinha nascido a 8 de outubro de 1799, e morreu a 25 de março de 1872, com descendencia.

Este baronato foi o primeiro e unico que houve em Portugal por dois seculos.

ALVIUBEIRA—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zezere, comarca e 12 kilometros de Thomar, 155 ao N. E. de Lisboa, 180 fogos.

Orago S. Pedro apostolo.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

É n'esta freguezia a quinta do Paço, vinculada por Nicolau de Souza, e foi seu primeiro administrador, seu filho, Simão de Souza.

É fertil.

ALVOCO—ribeira, Beira Baixa, que nasce proximo á villa de Alvoco da Serra, junto á Serra da Estrella. Nasce caudaloso por entre penhascos. Tem uma ponte de pedra junto á dita villa. Pequena parte das suas margens são cultivadas. Morre na ribeira de Vide.

ALVOCO—pequeno rio, Beira Baixa, que, nascendo tambem na Serra da Estrella, passa á villa da Feira. Traz muita agua e é de corrente arrebatada. Morre no Mondego.

ALVOCO DA SERRA—villa, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Loriga, bispado e 75 kilometros ao N. E. de Coimbra, 265 a E. de Lisboa, 210 fogos, 750 almas. Desde 1855 é concelho de Gouveia.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Tem muitos gados e fabrica bons queijos. Aqui não ha carros; tudo é acarretado ás costas de homens e mulheres, porque o terreno é escabrosissimo e alcantilado.

Alguns antigamente lhe davam o nome de *Alvo da Serra.*

É situada entre dois montes. Era da corôa e os dizimos da commenda de Redondo e do bispo conde.

O vigario de Loriga apresentava o cura d'aqui até 1834.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de fevereiro de 1514.

N'este foral se lhe dá o nome de *Alvoco da Serra da Estrella.*

É no districto administrativo da Guarda.

ALVOCO DAS VARZEAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, foi do concelho de Penalva de Alva: bispado, districto administrativo e 60 kilometros a N. E. de Coimbra, 260 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santo André.

O cura d'aqui era, até 1834, apresentado pelo vigario de Penalva de Alva.

Passa por esta freguezia o rio Alva, e é terra bastante fertil.

Está situada entre duas serras (S. Sebastião da Feira e Outeiro dos Chãos) ramos da Serra da Estrella.

N'estas serras se cria muita caça, lobos e porcos montezes.

ALVOR—villa, Algarve, comarca e 6 kilometros a E. de Lagos, concelho de Villa Nova de Portimão, 50 de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas, em 37° de latitude e 9° e 42' de longitude.

Bispado e districto administrativo do Algarve (Faro.)

Orago S. Salvador.

É situada em uma collina pouco elevada, proximo á foz do rio do seu nome, com um pequeno porto, que só tem fundo para hiates, e está defendido por um castello.

Tem Misericordia, pobre.

É muito fertil, e tanto a costa como o rio produzem muito peixe. É terra de muito commercio.

Foi fundada por Annibal (o mais antigo) 436 annos antes de Jesus Christo, e foi cidade muito importante na antiguidade.

Não se póde affirmar que nome lhe deram os carthaginezes, porque, é verdade que alguns auctores dizem que lhe chamavam *Porto de Annibal;* mas outros querem que *Porto de Annibal* seja a actual Villa Nova de Portimão.

Tambem ha quem diga que Alvor é a *Lacobriga* dos romanos; mas parece mais certo ser *Lacobriga* a actual villa de Lagos, ou proximo d'ella. O padre Salgado (Mem. Eccles. do Alg.) sustenta, com bons fundamentos, que foi aqui o *Portus Annibalis* dos antigos.

Os arabes, apossando-se d'esta povoação em 716, lhe deram o nome de *Albur*, que significa *campo inculto;* d'onde procede o nome actual.

D. Sancho I a tomou aos mouros, em 1189, mandando-a então povoar; mas perdeu-se em 1191 (vide para isto Almada.)

D. Affonso III retomou-a em 1250.

Pelos annos de 1300, D. Diniz lhe reedificou o castello (que está muito arruinado.) Teve conde.

Foi D. Pedro II que fez primeiro conde de Alvor a Francisco de Tavora (filho do conde de S. João da Pesqueira, e primeiro marquez de Tavora, Luiz Alvares de Tavora) em 4 de fevereiro de 1683, quando D. Pedro ainda era regente. Findou este titulo em 1759.

Tem uma nascente d'aguas sulphureas, com estabelecimento para banhos.

D. João II, tendo sido envenenado por seus inimigos, veiu a esta villa fazer uso dos seus banhos, a vêr se se curava; mas aqui morreu, a 25 de outubro de 1495.

Morreu no paço do alcaide-mór, na rua por isso chamada do *Paço.*

(É mais certo vir o rei para os banhos de Monchique e que de lá viesse para esta villa, onde morreu.)

Tem marinhas de sal, que produzem muito d'este genero, que exporta: são mais antigas que a monarchia.

Era da *casa das rainhas.*

É terra muito saudavel. Passa-lhe a O. (cercando-a por este lado) o rio *Salgado.*

D'esta villa se vê a linda bahia de Lagos, a 6 kilometros de distancia.

O primeiro assento d'esta villa, foi junto ao rio, onde por isso ainda se chama Villa-Velha. Não pude saber por quem nem quando se mudou para o actual sitio.

Pelo terremoto cairam doze casas (de 160 que então tinha) e a egreja tambem soffreu bastante. Morreu uma pessoa. O mar entrou 667 metros pela terra dentro, ficando rente com a povoação, que está em 66 metros de altura sobre a rocha. Levou pelos alicerces a capella de Nossa Senhora da Ajuda, que havia na praia, junto á barra, não deixando d'ella o minimo vestigio. (Esta Senhora era muito da devoção dos povos do Algarve.)

Tambem ficou de todo arruinada a torre de vigia ou atalaia, chamada o *Facho*, edificada sobre uma grande rocha, que principia a E. da barra.

A matriz é bonita e aceiada. N'ella se vêem muitas campas com inscripções antigas, entre ellas uma de desmarcada grandeza, que diz: *Aqui jaz o grande Alvaro de Athaide, pae de Tristão de Athaide.*

Na capella da Senhora do Rosario estão as armas da familia dos Cunhas Costas, oriundos d'esta villa.

Houve aqui uma grande fortaleza, da qual ainda ha alguns vestigios; e tem apparecido no sitio occupado por ella pedras lavradas e muitos objectos de metal.

Não tem agua na villa e só dois póços fóra d'ella, de muito bôa agua. Á do pôço *debaixo*, se attribuem muitas virtudes medicinaes.

A distancia de 2 kilometros, para O., tem esta villa uma barra, toda de areia, que por isso se muda frequentes vezes. Por ella entra um braço de mar, que cerca a villa pelo O. e sobe acima 3 kilometros, onde ha as salinas (que eram dos duques de Cadaval.) É navegavel para barcos de pequeno lote e cria muito marisco, sobre tudo enorme porção de ameijoas, que se exportam. Traz tambem bastante peixe.

Entram n'este braço de mar tres peque-

nos ribeiros (Santo Ildefonso, Torre e Diaxere.) Todos nascem a 24 kilometros da villa, na serra de *Foya*.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de dezembro de 1505. Filippe II lhe deu um *alvará* para esta villa usar do foral de Silves. (Está no livro 10.º de chancellaria d'este ururpador, a fl. 281.)

Ha uma provisão de D. João V, de 14 de dezembro de 1715, facultando ao duque de Cadaval o poder vender o sal das suas marinhas de Alvor, sem embargo das disposições do foral (livro 44 da chancellaria de D. João V, fl. 37.

Varios privilegios foram concedidos aos portuguezes que vieram povoar esta villa. Por carta de 15 de maio de 1313, lhe concedeu D. Diniz, alvazis e alcaides privativos, como os de Lagos; metade da renda da barca; o rocio, as aguas e caminhos para ellas, etc., etc., e por alvará de outubro do mesmo anno, que não paguem para atalaias, nem para ajuda da terra do concelho de Silves. Que nomeiem juizes e tenham jurisdição independente. (Carta de 5 de abril de 1358. Lei 3.ª de D. Diniz, fl. 86, idem fl. 88. Livro 1 de D. Pedro I, fl. 37.)

Por alvará de 20 de julho de 1378, passou a ser termo de Silves.

Foi feita villa, por carta de 28 de fevereiro de 1495. (Livro 1 do Guad., fl. 3, v.) e por outra de 28 de dezembro de 1498, foi desannexada do termo de Silves.

Por alvará de 16 de janeiro de 1773, foi reduzida a aldeia e unida ao concelho de Portimão, só pelo facto de ser condado dos Tavoras, mas continuou a ser sempre reconhecida geralmente como villa.

Na carta de privilegio, de 15 de maio de 1314, manda D. Diniz: *que se venda aos moradores o sal de que elles precizarem, se elle mandar adubar as marinhas velhas.*

Na doação que D. Affonso V fez, em 18 de dezembro de 1451, a Alvaro de Athaide, incluia, não só o dizimo do pescado, portagem de mar e terra, foros das azenhas, *serviço novo e velho dos judeus*, foros, moinhos, casas, vinhas e barca da passagem; mas tambem as marinhas.

Em outra, de 6 de novembro de 1497, concedeu D. Manuel a Nuno Friz. de Athaide, fazer marinhas nos sapaes.

É quasi toda composta de pescadores.

O seu porto foi um dos principaes do Algarve, formado pelo rio que corre ao S. da povoação, em direcção a E., até alli, depois toma ao N. N'elle entravam embarcações de 8:000 arrobas de tonelagem, que saiam carregadas com as producções do paiz. Ficou obstrúida com as areias, pelo terremoto e hoje só dá entrada a barcos pequenos. A praia é toda limpa. A E. principia a grande rocha em que estava a torre do *Facho*. Este porto pertence á alfandega de Portimão.

Em 3 de junho de 1189, uma esquadra de *cruzados*, composta de 55 naus de guerra, atacou, tomou, e destruiu o castello de Alvor (que era dos mouros) matando 5:600 pessoas de todos os sexos e edades, que estavam na villa, commettendo toda a casta de barbaridades e roubando tudo. Este facto teve logar quatro semanas antes de entrar em Lisboa, outra frota de *cruzados* (36 náos) com que D. Sancho I tomou Silves.

No rio ha excellentes ostras e ameijoas.

Proximo ao N. E. fica a aldeia de *Montes de Alvor*, de lavradores. É abundante de boas aguas (de póços) e fertil. Produz muita e boa hortaliça.

É patria de Caetano Pimentel do Vabo, filho do capitão-mór de Alvor, Antonio Pimentel do Vabo. Foi tenente general e morreu no Brazil, pelos annos de 1815. Tinha mais quatro irmãos, Rodrigo, Tristão, Affonso e Luiz (todos Pimentel do Vabo.) Seu pae os havia offerecido, todos 5, a D. José I, que os mandou sentar praça de cadetes e todos seguiram a profissão das armas.

É tambem de Francisco Soares de Oliveira Pacheco. Foi mestre de campo e governador de Sagres. Foi um bravo soldado, na guerra da restauração. Em *Montes Claros*, estando ferido com tres balas, de mosquete, não se retirou, e combateu sempre. Morreu em 1659.

ALVORA—freguezia, Minho, comarca concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um valle, com bonitas vistas. Eram seus commendadores os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

É terra fertil. Tem mercado mensal (a 6) na aldeia das Choças.

É abundante de agua. Passa aqui o rio *Rajado*, que faz moer e rega as terras.

Tem uma ponte de cantaria nas Choças.

Foi abbadia do ordinario, com sua annexa de *Sá*. Metade d'este beneficio ia para a mesa archipiscopal, a titulo de camara de Alvora.

É tradição que por aqui passou D. Affonso VII, de Leão, com o seu exercito, que foi depois desbaratado na Veiga da Matança, proximo dos Arcos de Valle de Vez, em 1128.

ALVORGE e **ALCANHA**—freguezia, Estremadura, comarca de Soure, concelho do Rabaçal (mas em 1855 passou para o concelho de Ancião.) 30 kilometros ao S. de Coimbra, 175 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Está situada em um plató. Era senhoria directa d'esta freguezia a Universidade de Coimbra, que apresentava o parocho.

Tem Misericordia e albergaria.

É terra muito farta. Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

E a palavra arabe, *alborge*, significa *torrinha*. É diminutivo de *al-borjon*, a torre. (É mais etymologico. *Alborge*.)

ALVORINHA ou **ALVORNINHA** — villa, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 6 kilometros ao S. de Salir do Porto, 85 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Districto administrativo de Leiria, no patriarchado.

Situada em uma elevação, muito saudavel, cercada de lindas hortas e pomares e muito boas quintas. É abundante de aguas de muitas fontes e corre-lhe uma levada pelo meio, e outra ao S. E pois terra fertilissima.

Era dos frades de Alcobaça, por ser uma das treze villas dos seus coutos.

Diz-se que o seu nome provem do seguinte:

Um cavalheiro casado, morador na *quinta do Paço*, namorava uma menina d'esta villa (então aldeia) e quando chegava a casa, sua mulher lhe dizia: «*A ver la ninha?*»

Teve dois juizes, um para a villa e outro para o termo. (Este só tinha a freguezia de Vidães.)

O prior foi até 1834 apresentado pelo abbade de Alcobaça.

Tinha, uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

Na antiga capella do Espirito Santo, se fundou a Misericordia e hospital proximo, em 1605, e, por alvará de D. Pedro II, gosava dos mesmos privilegios da Misericordia de Lisboa.

Ha n'esta freguezia 17 capellas. Tem foral dado em Lisboa por D. Manuel, em 1 de outubro de 1514. N'elle se lhe dá o nome de *Alborninha*.

AMADIGO—no portuguez antigo significava logar, povo, quinta, casal, herdade, que lograva privilegio de *honra*, por n'elle se haver creado, *ao peito de mulher casada*, algum filho legitimo de *rico-homem*, ou fidalgo. De modo, que qualquer individuo que queria eximir-se de varios tributos e sujeições, arranjava com um rico-homem ou fidalgo a este lhe dar um filho para sua mulher crear e ahi estava um *amadigo* ou *honra*. Por causa das muitas isenções e abusos que isto trazia, D. Diniz annullou para sempre os *amadigos*, em 1290.

AMADOR (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros a S. O. de Evora, 180 ao S. E. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santo Amador.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em uma campina. É do infantado.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, sobre tudo porcos, cuja carne, que é optima, se exporta em grande quantidade.

Correm por ella dois rios, *Erdilla* e *Totalaga*, que morrem no Guadiana.

AMAGUEIJA—pequeno rio, Beira Baixa. Nasce na serra da Gardunha, junto á villa de S. Vicente da Beira e morre no rio Almacêda.

AMANTELLADO—cercado de fortes e altos muros. D'aqui vem *desmantellado*, por destruido. É palavra da antiga lingua portugueza, hoje fóra do uso.

AMARANTE—villa, Douro, districto administrativo e bispado do Porto, d'onde dista 67 kilometros ao N., 25 ao S. E. de Guimarães, 50 a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 600 fogos, 2:400 almas.

Concelho 4:200 fogos, comarca 7:800.

Em 41°29' de latitude e 10°42' de longitude.

O concelho de Amarante tem actualmente 36 freguezias, que são: Aboadella, Aboim, Anciães, Athaide, Bustello, Canadello, Candemil, Carneiro, Carvalho de Rei, Cepellos e Magdalena, Chapa, Figueiró, Fregim e Loredo, Freixo de Baixo, Freixo de Cima, Fridão, Gatão e Villa Garcia, Gondar, Jazente, Lomba, Lufrei, Mancellos, Oliveira, Padronello, Real, Rebordello, Salvador, Sanche, Santa Christina, S. Gonçalo e S. Verissimo (villa) S. João de Varzea, S. Simão, Tellões, Travanca, Villa-Cahiz e Pocinhos, Villa-Chã.

Na margem direita do Tamega é Amarante, propriamente dito, e na esquerda é o Covêllo que, sendo um arrabalde da villa, já é de differente bispado. (Braga.)

Á entrada da villa passa o ribeiro *Rella* e pelo meio d'ella o *Locia*, ambos confluentes do Tamega, ao qual se juntam proximo á villa.

É situada em um declive, em bonita posição e muito fertil, produzindo sobre tudo muita e optima castanha, saborosas fructas (principalmente os celebrados pêcegos) e muito bom vinho verde.

Aqui passam as novas estradas reaes que do Porto vão para Villa Real e Peso da Regua.

Foi fundada pelos turdetanos da Lusitania, 360 annos antes de Jesus Christo.

Ignora-se o seu primeiro nome. O capitão romano *Amaranto*, que aqui foi governador, a ampliou e reedificou, impondo-lhe o seu nome; e, durante o imperio romano, se chamou sempre *Amaranto*. Este capitão jaz sepultado no hospital de S. Marcos, em Braga, tendo na campa este epitaphio:

Amarantus senecionis H. S. E.

Quer dizer: *Amarantus Senecionis hic sepultus est.*

Outros dizem que o tal *Amaranto* não era romano, mas um chefe *normando*. Outros finalmente querem que o nome lhe venha da proxima serra de *Marão*, como quem diz *Ante-Marão* (ou *Marão-Ante*) isto é, *Atraz do Marão*. (Esta ultima opinião parece-me *forçada;* muito mais que, como já disse, os romanos sempre lhe chamaram *Amaranto.*)

Em todo o caso, o que é incontestavel, é que esta povoação é antiquissima.

Pela sua posição geographica, foi frequentissimas vezes campo de batalha, nas continuas guerras da edade média, sendo de todas as vezes mais ou menos destruida, até que por fim ficou completamente arrazada e despovoada.

Pelos annos de Jesus Christo, 1250, S. Gonçalo, dito de Amarante, fundou (ou reedificou) aqui uma capella de Nossa Senhora, onde falleceu a 10 de janeiro de 1262.

Esta capella está edificada em um rochedo que está sobre o Tamega.

Esta capella ainda existe e é actualmente na capella-mór da egreja matriz da villa, que é a egreja do convento dominicano de S. Gonçalo, e n'ella está sepultado o santo, em um mausoleu de pedra, com a sua estatua sobre elle.

S. Gonçalo nasceu na aldeia de *Arriconha*, freguezia de Tagilde, comarca e concelho de Guimarães.

Quando o santo veiu para aqui habitar, em 1250, estava a povoação tão destruida, que nem vestigios de casas havia; e onde tinha sido a antiga povoação, era um grande bosque.

Como o santo foi enterrado na mesma capella, a grande concurrencia de gente que lhe vinha visitar a sepultura, deu origem á nova povoação, que principiou por duas estalagens, que aqui se fizeram para os devotos.

Para se saber, em rapido esboço, a vida de S. Gonçalo, vide *Arriconha*.

Ainda em 1809 era Amarante uma bôa e grande povoação; porém, tendo-se aqui fei-

to forte o audaciosissimo e benemerito patriota D. Francisco da Silveira Pinto da Fonseca (depois conde de Amarante e pae do bravo marquez de Chaves) resistiu com 4:000 homens (a maior parte paisanos) desde 18 de abril até 2 de maio, d'esse anno, á divisão de *Soult*, fazendo-lhe muitos mortos e feridos e obrigando-o a abandonar a posição.

Os francezes, quando depois occuparam a villa, n'esse mesmo anno, em *desfórra* da vergonha porque aqui passaram, a incendiaram.

Ainda se vêem bastantes casas (e algumas muito elegantes) queimadas d'esse tempo.

Foi Amarante decaindo sempre, e hoje quasi que só se compõe de uma rua estreita, torta e mal calçada, cortada por insignificantes travessas. É porém de esperar que, com a nova estrada, com a de ferro da Regua, com os muitos recursos do seu territorio e com a muita actividade dos seus habitantes, recupére o seu antigo esplendor; e ha dez annos a esta parte, já esta villa tem melhorado consideravelmente.

Em uma aldeia proxima nasceu, pelos annos de 1470, S. Gaspar do Espirito Santo (vulgarmente chamado *o porteiro santo*) que morreu no convento de S. Francisco, de Lisboa, a 29 de abril de 1648.

Diz-se que a primeira ponte que houve em Amarante, sobre o Tamega, foi obra do imperador Trajano, pelos annos 106 antes de Jesus Christo, a qual, sendo destruida pelas guerras, foi reedificada, ou reconstruida por S. Gonçalo, pelos annos de 1260.

É esta tambem a tradição popular.

A ponte actual (uma das mais primorosas d'este genero em Portugal) foi obra do desembargador Caetano José da Rocha e Mello, seu architecto (ou, pelo menos, inspector) em 1790, reinando D. Maria I. Tem tres arcos.

A ponte communica a villa com os antigos concelhos de Gouveia e Gestaço, cuja povoação principia junto á ponte, com a denominação de *Covêllo*. Antigamente o termo de Amarante para este lado apenas chegava a metade da ponte, pertencendo a outra metade aos taes concelhos de Gouveia e Gestaço. O lado direito da rua do Covêllo era do concelho de Gouveia e o esquerdo do de Gestaço, cada um com sua casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

No meio da ponte que fez S. Gonçalo, havia um cruzeiro que marcava o limite dos dois concelhos.

Junto á ponte, e na margem direita do Tamega, está o convento de frades dominicos, com uma sumptuosa egreja, cuja fundação attribue o povo tambem a S. Gonçalo, que era frade d'esta ordem; mas isto não é verdade, porque este convento só foi fundado em 1540, por D. João III e sua mulher, D. Catharina, e continuado por D. Sebastião.

A egreja (antes de se fazer o convento) teve a invocação de S. Verissimo. Foi sempre matriz.

(A este convento se uniu o antigo do Freixo. (Vide Freixo.)

Os frades dominicos de Guimarães (onde S. Gonçalo tinha professado) e os moradores de Amarante, tambem concorreram para as obras do convento.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, é que deu aos frades, em 1559, a egreja matriz de S. Verissimo, para egreja do convento, continuando a ser a parochial; mas mudando-se então de orago para S. Gonçalo.

Este convento era dos mais sumptuosos da Ordem de S. Domingos, em Portugal.

Actualmente estão n'este edificio os differentes tribunaes da comarca e o theatro.

Em uma fonte (chamada de S. Gonçalo) que está por detraz da egreja, e para a qual se desce por uma escada de pedra, em um degrau d'esta está a seguinte inscripção:

Aqui jaz Gaspar Gaio, que aqui se mandou sepultar em reverencia do Senhor S. Gonçalo.

Ha aqui um bom mercado aos domingos.

Tem Misericordia e hospital, fundados pelo desembargador Balthasar Vieira, d'esta villa.

Na egreja de S. Pedro, ha uma collegiada muito antiga.

No sitio onde está esta egreja, estava antigamente uma capella de S. Martinho, que a Misericordia.

Ha n'este concelho minas de prata e estanho.

Tinha tambem um convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) que fundou Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, pelos annos de 1220.

Este convento foi reedificado e ampliado em 1560 pelo conde de Redondo, que ficou (e os seus descendentes primogenitos) sendo seu padroeiro. Foi supprimido.

Tem uma grande cêrca e chegou a ter 110 freiras!

Principiou por um recolbimento de beatas e o povo o fez depois convento, á sua custa.

A parte baixa da villa, nas margens do rio, é em lindissima posição.

O melhor edificio da villa é o convento de S. Domingos, sendo o muro da sua cêrca banhado pelo Tamega. Tem alguns edificios particulares bons, sendo os melhores as casas dos srs. Peixoto, Ribeiro, Montenegro, Pinto, Costa e Vasconcellos.

Dizem alguns que Amarante é a patria do inclito dr. João Pinto Ribeiro, o principal heroe de 1640.

Isto porém é duvidoso, pois que Basto, Lisboa, Paiva, etc., etc., disputam a honra de serem a patria d'este benemerito portuguez.

Na primeira relação que elle proprio mandou imprimir, sendo juiz de fóra de Pinhel, diz que é oriundo de Amarante, mas natural de Lisboa, e que eram seus paes Manuel Pinto Ribeiro e Helena Gomes da Silva, ambos descendentes de familias nobres. Foi casado com D. Maria da Fonseca, de quem não teve filhos. Morreu em Lisboa, a 11 de agosto de 1649, e jaz sepultado no claustro do convento de S. Francisco da cidade, junto á porta do refeitorio, em sepultura propria.

Aqui nasceu o poeta Paulino Cabral de Vasconcellos, abbade de Jazente.

Amarante é tambem patria do illustre geographo João de Deus Amarantino, frade franciscano.

Antes de 1834, a divisão civil de Amarante, era a mais despropositada do reino.

Havia na rua principal *tres* jurisdicções civis e *tres* ecclesiasticas. *Tres* foraes e *tres* pelourinhos.

Na povoação de *Covêllo* (na margem esquerda do Tamega) apenas dividida da villa pelo rio, e que póde considerar-se um arrabalde d'ella, tambem havia a singularidade de ser o lado direito da rua do concelho de Gouveia, e o esquerdo do de Gestaço (!) cada um com sua casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

Hoje Amarante e Covêllo formam (como devia ser) uma só villa, do mesmo concelho e comarca; menos os bispados, que ainda são differentes.

No fim da villa (ao cimo) está a capella de S. Lazaro e junto d'ella uma casa muito antiga, que foi *gafaría* (bospital de lazaros.)

Dentro da villa ha a capella de S. João Baptista, que primeiro foi de Santo Estevão.

No mais alto da villa, no *Campo da Feira*, está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, que primeiro foi de S. Sebastião.

No fim do Campo da Feira está o calvario com a capella do Senhor do Pé da Cruz. Pelo E., é este campo cercado pelo muro da cêrca das freiras, que aqui tinham um *miradouro* (que ainda existe) para onde vinham vêr as *cavalhadas*, e mais festas que se faziam n'este campo. N'elle se faz uma boa feira de gado bovino a 6 e 20 de cada mez, e de porcos, a 25 de novembro e 12 de dezembro.

No *Terreiro de S. Gonçalo*, junto ao Tamega, álem do mercado semanal, se faz uma feira a 10 de janeiro, e outra pelas *oitavas* do Espirito Santo.

A serra do Marão fica-lhe a 9 kilometros a N. e N. E.

Tem estação telegraphica municipal.

Apesar da sua posição ser importante (militarmente fallando) nunca esta villa foi cercada de muralhas nem teve castello.

Nos arrabaldes de Amarante ha boas quintas e casas nobres.

A 3 kilometros ao S. de Amarante está, sobre o Tamega, a *ponte do pégo;* é de madeira e a mais bem construida e a mais elegante de Portugal, depois da do *Coura*, em Caminha.

Em Amaranle nasceram: D. Alberto da Silva, arcebispo de Gôa, D. fr. Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, fr. João

de Deus, auctor genealogico e (o que não é positivo) João Pinto Ribeiro. Além d'isto é Amarante patria de muitos varões illustres, por armas, lettras e virtudes.

Tem esta villa a honra de ser patria do distincto classico, Antonio de Sousa de Macedo. Era um primoroso escriptor, e publicou varias obras muito estimadas ainda hoje. Foi secretario de estado de D. Affonso VI, e embaixador em Londres.

Carlos II, de Inglaterra, em attenção aos seus merecimentos e ás diligencias que havia feito (inutilmente) para salvar do supplicio seu pae, Carlos I, o fez barão de Marlinguer, na Irlanda.

Posto que S. Verissimo foi substituido por S. Gonçalo, ainda *officialmente* se diz que os *padroeiros* da freguezia de Amarante são, S. Gonçalo e S. Verissimo.

AMARANTES—pequeno rio da Beira Alta. Nasce em uma serra proximo da villa de Alva e abaixo da mesma villa se junta ao rio Sul, no sitio da Gallinha, perdendo ahi o nome.

AMARELLA—serra, Minho, braço do Gerez, tem 10 kilometros de comprido e 8 de largo, e se vae metter na Galliza.

D'ella se descobre Vianna, Ponte do Lima, muitas outras freguezias, o mar e muita terra da Galliza.

É muito fria, ingreme e inculta. Cria lobos, rapozas e caça.

Ha um fojo no alto da serra e os moradores dos *coutos* de Villa Garcia e concelho de Lindoso e da freguezia da Ermida, eram obrigados a montear os lobos em todos os sabbados da quaresma até ao Espirito Santo, e em outras differentes epocas.

No alto da serra, no sitio do *Chão*, nasce o rio *Cabrão*, de varios olhos d'agua, e o rio *Lousa*, que ambos morrem no Lima.

AMARELEJA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros ao S. O. de Evora, 185 ao S. de Lisboa, 560 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em campina raza. É da casa do infantado.

Ha aqui os montes *Garrochaes*, que criam bastante caça; e os ribeiros do *Escaravelho* e *Valle de Navano*, que nascem nos mesmos montes, regam e moem.

O seu territorio pouco mais produz do que trigo e muita bolota. Cria muitos e bons porcos.

AMARES—villa, Minho, districto administrativo, arcebispado, comarca e 10 kilometros a N. O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 480 fogos, 1:900 almas.

O concelho tem 1:900 fogos.

É cabeça do antigo concelho de *Entre-Homem e Cávado*, de que eram senhores os condes da Figueira.

Orago S. Salvador.

Situada em planicie, com bonitas e extensas vistas. Por este concelho passa a estrada da *Geira*.

Não me consta que tivesse foral antigo. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa (ás Terras de Entre Homem e Cávado) a 8 de abril de 1514. Este foral serve tambem para *Caldellas, Figueiredo, Odivellas e Perozêllo*.

Parece que esta villa teve principio em umas tabernas que havia entre a *Ponte do Porto* e a de *Caldellas*.

O primeiro nome de Amares foi *Marecos*, e depois *Amaraes*. (Vide adiante.)

Feira na primeira quarta feira de cada mez.

É terra muito fertil: produz milho, centeio, muito azeite, muita castanha, muita e optima laranja, algum vinho, muita lenha e caça. Este concelho é cortado pelos rios *Homem* e *Cávado*, que criam lampreias, salmões, enguias e outras variedades de peixe. (Vide estes rios.)

É tradição que em Amares foi onde primeiro se plantaram oliveiras, na provincia do Minho, trazidas para aqui da Louzã, por o morgado Manuel Machado de Azevedo, em 1534.

Este morgado, que tinha aqui muitas rendas, extinguiu as *luctuosas*, que se lhe pagavam por morte dos cabeças de casal, determinando que em seu logar se lhe pagasse a *parecerosa*, que é: quando ao dito cabeça de casal nascesse algum filho varão, *reconhecer* o senhorio, com um carneiro, uma fogaça e um *cabaço* (cantaro) de vinho, como principio de *boa estreia*.

Tem Amares a honra insigne de ser patria do famosissimo heroe, D. Gualdim Paes (por isso chamado *de Marécos*) mestre da Ordem do Templo. Era este grande capitão, filho de D. Payo Ramires e D. Gontrode, pessoas da primeira nobreza d'aquelles tempos. Nasceu D. Gualdim em 1118.

Foi creado em companhia de D. Affonso Henriques, e seu grande amigo e privado, que o armou cavalleiro no Campo de Ourique, a 25 de julho de 1139, em premio das grandes façanhas que alli obrou.

Alistado pouco depois na Ordem do templo, passou á Palestina, onde se fez celebre pelo seu valor, vencendo os reis da Syria e o soldão do Egypto.

Passados cinco annos, voltou a Portugal (trazendo comsigo varias reliquias, dos logares santos, entre ellas, a mão direita de S. Gregorio Nazianzeno, que se guarda incorrupta na egreja de Thomar.)

Apenas chegou ao reino, foi logo feito commendador ou mestre da casa que os templarios tinham em Braga (na rua ainda hoje chamada de D. Gualdim.)

D. Affonso I o fez commendador de Cintra, em 1152, dando-lhe ahi casas e fazendas. Em 1157 foi elevado a mestre absoluto da Ordem do Templo.

A vida d'este varão illustre, foi uma sequencia de batalhas, victorias e boas obras. Foi elle e D. Arnaldo da Rocha, tambem portuguez, que fundaram em Portugal a Ordem do Templo. Concorreu poderosamente para a tomada de Ascalona e Anthioquia (Oriente) e em Portugal, além das muitas batalhas a que assistiu, tornando-se o terror dos mouros, fundou muitas povoações, sendo a principal d'ellas Thomar, construiu e reedificou muitos castellos, egrejas e mosteiros; deu foraes a varias terras.

Uma das suas mais estupendas façanhas, foi a que obrou em Thomar, em 1190; quando o rei de Marrocos veiu sitiar o castello, com 400:000 cavalleiros e 500:000 peões (segundo reza a *Chronica dos Templarios* e outros; mas parece-me muita gente...)

D. Gualdim e os seus cavalleiros e o povo da villa e arredores, não só resistiram valorosamente; mas ainda, tomando a offensiva, obrigaram os mouros a levantar o cêrco e os pozeram em completa derrota e vergonhosa fuga, deixando no campo muitos mortos, feridos e captivos e grandes despojos.

Seria preciso um grande volume para escrever, ainda em resumo, todas as acções d'este bravissimo guerreiro. Remetto os leitores para as palavras *Almourol*, *Templarios* e *Thomar*, além de outras muitas terras onde se menciona este heroe.

Depois de uma vida cheia de acções brilhantes e obras boas, morreu em Thomar, a 13 de outubro de 1195, e foi sepultado na egreja de Santa Maria dos Olivaes (da sua Ordem) em respeitoso jazigo, que se desfez pelos annos de 1770, recolhendo-se as cinzas de tão grande varão em uma pequena arca de pedra, onde ainda estão.

Marecos ou *Marrecos*, é um appellido antigo e nobre em Portugal, tomado da *Quinta de Marecos*, origem da actual villa de Amares. O primeiro que o usou foi este D. Gualdim Paes. (Assim o diz o marquez de Monte Bello, nas suas notas ao *Livro das Linhagens*, do infante D. Pedro.)

No reinado de D. Affonso III, vivia Rui Martins de Marecos, senhor do *Casal do Paço de Marecos*.

Suas armas são, em campo de prata, duas torres de negro, assentadas sobre ondas de azul e prata. Elmo de aço, aberto, e por timbre um castello de prata.

Era aqui solar dos *Machados*, descendentes do rico-homem D. Mendo Moniz, que a machado arrombou as portas de Santarem, em 8 de Maio de 1147, pelo que D. Affonso I lhe deu, para elle e seus descendentes, o senhorio de Gondar e o mandou usar o appellido de Machado, em memoria d'esta acção. Para o mais d'esta familia, vide Gondar no concelho de Villa Nova da Cerveira. O actual representante da principal familia das Machados, é o sr. conde da Figueira.

A *Torre de Vasconcellos*, n'esta villa, é o solar da nobilissima familia dos Vasconcellos, da qual procede o actual marquez de Castello-Melhor e outras muitas familias não menos nobres.

Segundo Villas-Boas, o primeiro que usou o appellido de Vasconcellos, foi D. João Pires de Vasconcellos, que se achou, e fez grandes proezas, na conquista da cidade de Sevilha, capital da Andaluzia, com D. Fernando III de Castella.

Suas armas são, em campo negro, tres coticas de purpura, em facha, veiradas e contraveiradas de prata e purpura: elmo de aço, cerrado, e por timbre, um leão negro, lapardado, descansando sobre o elmo e lampassado de purpura.

As principaes (legitimas) são, os Vasconcellos de Carvalho, procedentes de Diogo Gil de Carvalho e de sua mulher, D. Leonor Mendes de Vasconcellos, que tiveram brazão de armas em 3 de abril de 1533. É escudo dividido em pala, na primeira as armas dos Vasconcellos e na segunda as dos Carvalhos.

Ha ainda os verdadeiros Vasconcellos, de Penella; Vasconcellos de Villa-Lobos e Vasconcellos de Mafra. (Vide Penella, Porto-Carreiro e Mafra.)

Segundo Monte-Bello, ha n'este concelho minas de azougue. No tempo dos Filippes se passou provisão por cinco annos para a sua lavra, mas esta não chegou a fazer-se.

Os officios publicos das Terras de Bouro, e de Entre-Homem e Cávado, todos eram da casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, menos o escrivão das sizas, que era de nomeação regia.

Tinha sargento-mór, com tres companhias de ordenanças.

AMAREIRA—pequeno rio, Beira Alta, que nasce na freguezia de S. Martinho de Moimenta do Douro, concelho e comarca de Sinfães (no antigo e extincto concelho de Sanfins) e com pequeno curso morre no Paiva, abaixo da Fisga.

AMARO (Santo)—freguezia, Beira Alta, comarca e concêlho de Villa Nova de Foz-Côa, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A esta freguezia se chama tambem *Valle de Boi.*

AMARO (Santo)—aldeia da freguezia de Beduído, concelho de Estarreja.

Ha aqui uma grande feira a 15 de janeiro, e outra a 15 de novembro, além dos mercados mensaes em todos os dias 15 de cada mez.

AMARO (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Veiros, 35 kilometros d'Elvas, 145 a E. de Lisboa, 100 fogos. Situada em uma baixa.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Os parochos, até 1834, eram freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, apresentados pela mesa da consciencia e ordens.

Passam aqui duas ribeiras—*Anna Loura* e *Souzel.*

É muito fertil.

AMAUSIL—Vide Loulé.

AMBRACIA—(hoje Placencia na Extremadura hespanhola) antiquissima cidade da Luzitania, fundada por uns povos do Epiro (que com outros gregos vieram ás hespanhas) pelos annos 764 antes de Jesus Christo. Puzeram-lhe este nome, em memoria de outra cidade, assim chamada, na sua patria.

Com a entrada dos barbaros do Norte, perdeu esta cidade o nome, e a elles esteve sujeita 468 annos, até que D. Affonso VIII de Castella a tomou, reedificou e povoou em 1182 (1144), restituindo-lhe a cadeira episcopal, que tinha no tempo dos godos, e pelo seu bonito sitio lhe chamou Placencia. Em 1197 (1159) a cercou de grossas muralhas, feitas sobre rocha viva.

São seus bellos campos regados pelo rio *Xerte.*

Descrevo aqui esta cidade, porque antigamente pertenceu á Luzitania, e para que, se alguem vir o nome de *Ambracia* como o de uma cidade do nosso reino, saiba o que d'ella foi feito.

AMEAL—pequena ribeira da Beira Baixa. Nasce proximo da villa de Monsanto, e morre no rio Monsul.

AMEAL—ribeira, Alemtejo, que nasce na Fonte da Gamosa, termo da villa de Envendos, e morre na ribeira da Avessada.

AMEAL—ribeira, Beira Alta. Nasce ao pé da Quinta da Moçafra, e morre no Dão.

AMEAL — pequena ribeira, Extremadura. Nasce de varias nascentes que vem da Serra de Santa Catharina, e em um sitio chamado *Ameal*, muda o nome para o de *Infestinos*, depois para o de *Moinho*, e finalmente para o de *Carvalheira*. Em Porto de Mós se lhe junta o rio *Galleguia*, e toma ainda o nome de *Pias*.

Morre no Nabão, proximo do Prado.

Rega, moe e traz peixe.

AMEAL — freguezia, Douro, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 8 kilometros de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago S. Justo.

Situada em um valle, proximo da margem esquerda do Mondego, d'onde se descobrem muitas freguezias.

Era da corôa.

O prior era apresentado pelos frades cruzios do convento de S. Jorge (extra-muros) de Coimbra.

Feira no quarto domingo de agosto em um outeiro onde está a capella de Nossa Senhora da Alegria.

É terra abundante d'aguas e farta.

AMEIAS ou **AMEAES** — freguezia, Extremadura, districto administrativo e comarca de Santarem, no patriarchado, 170 fogos, 85 kilometros ao N. E. de Lisboa. Fertil.

Orago Nossa Senhora da Graça.

AMEDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda, arcebispado 120 kilometros ao N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 146 fogos.

Orago S. Thiago.

Districto administrativo de Bragança.

Situada em uma baixa, nas abas da serra de Roboredo.

O vigario foi primeiramente apresentado pelo commendador de S. João (extra muros) de Anciães, e depois, até 1834, pelo reitor de Marzagão, que lhe fica visinho.

É terra bastante fertil. Cria bichos de seda ha muitos annos.

Feira a 25 de julho.

Passam aqui dois regatos, um que morre no Tua, outro no Douro.

AMEIJOADA — portuguez antigo — estalagem, pousada.

Tambem significa pastagem e cavallariça.

AMEIJOEIRA — Vide Ameixoeiras.

AMEIXAL ou **AMEIXIAL** — freguezia, no Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 30 kilometros d'Evora, 135 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O parocho era freire professo da ordem de S. Bento de Aviz e apresentado pela mesa de consciencia e ordens.

Situada em campina, e muito abundante principalmente de bolota.

Passa por aqui o ribeiro *Agua do Castello*, que faz moer tres azenhas, que são da casa de Bragança.

AMEIXAL ou **AMEIXIAL** — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Loulé, 40 kilometros de Faro, 70 ao O. de Beja, 195 ao S. de Lisboa, 300 fogos em 25 aldeias (ou antes, casaes).

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um alto, entre fragosas e asperas serras. É muito farta, sobretudo de bolota, com que engordam muitos porcos. Tem excellentes fructas e hortaliças. Cria muito gado de toda a qualidade.

É terra muito quente no verão, e excessivamente fria de inverno.

Antigamente 12 casaes pertenciam ao termo de Alcoitim, 12 ao de Loulé e um ao de Faro.

D'esta freguezia se avista a torre de Beja.

Cultivam-se estas serras, cujos ramos principaes são: — *Minhoto, Cavallo, Vermelhinho, Pero-Ponto, Córte-do-Oiro, Beringal* e *Tavilhão*. Ha aqui vastos montados.

Passa aqui o rio *Vascão*, no fim da freguezia, ao N., que fórma a raia entre o Alemtejo e Algarve, e morre no Guadiana no sitio da *Fonte do Almesse*. Móe e rega. (Vide Vascão.)

AMEIXAL ou **AMEIXIAL** — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 35 kilometros d'Evora, 125 a E. de Lisboa, 150 fogos, 440 almas.

Orago Santa Victoria.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em planicie. Era da corôa.

É terra muito fertil.

Quasi todas as terras d'esta freguezia são da casa de Bragança, á qual, até 1834, pagavam o 5.º de todos os fructos. (Vide Correlhã.)

Tem muitas e boas fontes.

Em uma elevação, ha um paredão arruinado, a que chamam *Torreão*, que mostra ter pertencido a um grande edificio, e é tradição que houve áqui uma povoação arabe. Mais abaixo ha uma fonte, a que chamam da *Moura*. Ha tambem vestigios de dois lagos, de fortissimas paredes e outros restos de antiguidades.

No districto d'esta freguezia, entre os montes de *Ruivinhos* e da *Granja*, no campo e na serra chamada *Murada* (e desde então chamada *Outeiro dos Ataques*) D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor, derrota o general hespanhol D. João d'Austria (filho bastardo de Philippe IV) no dia 8 de junho de 1663.

Este glorioso feito de armas dos portuguezes, foi dos mais memoraveis da guerra dos 27 annos.

Posto que o exercito castelhano fosse muito superior em numero ao nosso, e apezar da sua forte posição em um monte, que era alcantilado, ficou completamente derrotado, tendo 6:000 prisioneiros (muitos d'elles fidalgos das principaes familias de Castella), e 4:000 mortos.

Perdeu toda a sua artilheria (9 bocas de fogo) muitas armas de todas as qualidades, 1:400 cavallos, e seis mil e tantos carros de bagagens e preciosidades roubadas nas terras de Portugal, por onde passavam; a sumptuosa copa de D. João d'Austria e toda a sua secretaria.

Entre os prisioneiros contavam-se o marquez de Liche; D. Aniello de Gusmão, filho do duque de Medina de las Torres; os condes de Escalante, de Fiesco, de But, de Locesquein e outros. Tomámos-lhes tambem 18 carroças (ou coches), sendo 3 de D. João d'Austria; 12 bandeiras de infanteria; muitos estandartes de cavallaria; o proprio estendarte do principe com as armas de castella de um lado, e do outro com a empresa de D. João, que era o sol em ceu azul, dando resplendor ás estrellas e á lua, que estava entre ellas, com o seguinte mote — «*Si no es sol, será deidad*».

Para memoria d'este dia gloriosissimo mandou D. Affonso VI levantar um grande *padrão* na estrada que vae para a villa do Cano, no proprio *Outeiro dos Ataques*, com uma inscripção commemorativa, em portuguez, que por muito extensa não copio aqui.

Este padrão é de marmore branco, á maneira de pelourinho e rematado pela corôa real.

A inscripção é no pedestal.

Tambem se chama a esta gloriosa batalha *a victoria do Canal*, por ter logar a acção em terreno das duas freguezias, Ameixial e Canal.

AMEIXIAL — Vide Ameixal.

AMEIXOEIRA — freguezia, Extremadura termo e 6 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa, concelho dos Olivaes.

Situada em um alto, com bonitas vistas. Foi antigamente da freguezia do Lumiar, e se chamava *Funchal*.

A antiga capella de Nossa Senhora do Funchal serviu de egreja matriz, até que em 1664 foi reedificada e ampliada.

D. Pedro II, então regente, e D. Miguel de Portugal, conde do Vimioso (então juiz da confraria) concorreram muito para estas obras.

Diz-se que a capella primitiva foi fundada em memoria d'uma grande victoria que obtiveram aqui os christãos contra os mouros.

Diz-se tambem que esta capella já existia no tempo dos godos, e que um mouro, chamado Mixo, ou Míxio, dera o nome a esta povoação (que até ao seculo XVII se chamava *Mixoeira*, tendo-se antes chamado Funchal, como já se disse).

Outros dizem que só a imagem da Virgem era do tempo dos godos, e que a capel-

la só se fez depois do apparecimento d'ella entre o funchal, como adiante se diz.

Fazendo-se n'esta freguezia uma escavação, em 1719, em um olival do morgado do Outeiro, no sitio da *Varzea*, e na azinhaga de Santa Suzana, se encontrou uma grande concavidade subterranea cheia de ossos, e muitas *tulhas* mouriscas (ou—o que é mais provavel—tumulos celtas, ou dos tempos pre-historicos).

Em muitas partes d'esta freguezia tem apparecido isto a que o povo chama *tulhas mouriscas*, e no mais alto da povoação se acharam tantas, que até se lhe dá o nome de *Cóvas*.

Os templarios e os freires de Christo, que lhes succederam, serviram-se d'estas tulhas para n'ellas guardarem os fructos que d'aqui recebiam dos dizimos que, eram d'elles.

Tambem em papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de *Ameijoeira*.

Parece que o orago da capella era Nossa Senhora do Funchal, até que se erigiu em freguezia, mudando-se-lhe depois o nome para Nossa Senhora da Encarnação, e em tempos muito posteriores accrescentou-se-lhe este titulo com o do Santissimo Sacramento.

Os paineis que adornam a egreja são de Bento Coelho da Silveira, um dos nossos melhores pintores do seculo XVII.

Era da corôa.

A maior parte d'esta freguezia é situada em planicie e o resto na encosta de um monte.

É um sitio muito bonito, sadio e fertil.

D'aqui se descobre Odivellas, Paço do Lumiar, Povoa de Santo Adrião, etc., todas muito proximas da Ameixoeira (1:500 a 2:000 metros de distancia).

Á varzea da Ameixoeira, da parte de E., se chama Varzea de Santa Suzanna.

Diz-se que n'esta varzea da Ameixoeira houve uma grande batalha com os romanos (outros dizem, contra os mouros), e os ossos que appareceram em 1719, dizem os d'aqui que são dos que morreram na tal batalha. Como já disse, parece-me que estes ossos são muito mais antigos do que a existencia dos romanos na Luzitania.

Aqui appareceu em 1720 um cippo com a seguinte inscripção:

D. M. Q. Julio Maximo Gainerotiann Oratoori O: Julius Maximus Ter. Fifio Piissimo I. C.

(O padre Cardoso só traz esta inscripção no seu Diccionario.)

No mesmo anno, em outro olival, se achou uma lapide com esta inscripção:

D. M. G. Julio Maximo Cai: Nepoti Afr. Oratori G: Julius Maximus Ter filio piissimo D. C.

É pois certo que esta povoação é antiquissima, e provavelmente já existia no tempo dos romanos.

Ha um poço na rua, e outro na *Varzzea do Alamo*, que são obra dos arabes.

Tambem em umas grandes casas, que foram dos mouros, viveram muito tempo os templarios, que para aqui vieram em 10998, e depois os cavalleiros de Christo.

A egreja é antiga, pois já existia esta mesma em 1500, menos a capella-mór, que foi feita por D. Pedro II, em 1681.

Á padroeira se chamava antigamente Nossa Senhora do Funchal. Depois mudou para Nossa Senhora da Encarnação.

A imagem da padroeira revela muita antiguidade. Presume-se que é do tempo dos godos, que a esconderam para não ser queimada pelos mouros, quando estes aqui entraram. É tradição que em uma grande batalha que houve no alto do monte, onde agora é a povoação da Ameixoeira, entre mouros e christãos, acharam estes uma imagem de Nossa Senhora, de seis palmos de altura, escondida entre os funchaes, que cobririam parte do monte.

O *Sanctuario Marianno* diz que a imagem appareceu n'outro sitio mais distante da egreja.

Era donatario d'esta freguezia o convento de Odivellas.

A Ameixoeira, com o nome de Funchal, era uma aldeia da freguezia do Lumiar; mas em 6 de junho de 1536 se tornou independente. Oppuzeram-se o parocho e alguns do

Lumiar a esta separação; mas os d'aqui obtiveram nova *bulla* em 1539, que se cumpriu em 1540.

Pelas questões que tiveram com o parocho do Lumiar e com as freiras de Odivellas, ainda os d'aqui obtiveram de Julio III, terceira e quarta bulla, e finalmente quinta, a 16 de outubro de 1541, que foi quando tomaram segunda posse, e ficou a separação até hoje; mas não sem demandas, que ainda duraram até 1545, em que esta questão terminou por uma vez.

A matriz teve até 1726 curas feitos pela confraria da padroeira; mas n'esse anno se collou o primeiro reitor.

Junto á egreja ha uma albergaria muito antiga.

Corre por aqui o rio do seu nome, que divide esta freguezia da de Odivellas, e sobre o qual ha duas pontes de cantaria, uma chamada da *Povoa*, e outra de *Odivellas*.

Aqui tem uma linda casa de campo e quinta, com bello jardim, o sr. Manuel Iglezias, de Lisboa.

Para se saber o que aconteceu com o infeliz povo que compunha o cirio d'esta freguezia, em 1808, vide Alcoentre.

AMEIXOEIRA—serra, Extremadura, situada na freguezia do mesmo nome, a 6 kilometros ao N. de Lisboa.

É quasi toda cultivada e fertil.

AMEIXOEIRA ou **AMEIJOEIRA** (Nossa Senhora da)—Egreja na freguezia de Nossa Senhora da Graça da Abrigada, donde dista 4 kilometros, comarca e concelho de Alemquer, na Extremadura.

Fica por detraz do Monte Redondo, junto e ao sul da antiga estrada real, de Lisboa ao Porto, e no centro da charneca da Ameijoeira ou Ameixoeira.

Este templo foi construido com grande magnificencia, no seculo XVII, segundo se collige da sua architectura. O interior era forrado de bellos azulejos, dos quaes ainda ha poucos annos existia grande parte. Como ficava em uma elevação, dava ingresso á porta principal uma bella escada de marmore. Junto á egreja eram as casas do capellão e sachristão e aposentos para romeiros, e contigua estava uma horta que lhes pertencia.

Mas esta egreja não é a primitiva. Segundo o *Sanctuario Marianno* e a tradição, no anno 700 de Jesus Christo já aqui existia uma capella dedicada á Virgem, e aqui assistiam, para o culto da mesma senhora, alguns eremitas. Quando os arabes invadiram a Luzitania (717) os taes eremitas, depois de enterrarem todos os objectos de culto divino, fugiram, ficando a capella abandonada.

Segundo o dito *Sanctuario Marianno*, Nossa Senhora tinha apparecido áquelles anachoretas, deixando, em testemunho d'esta apparição, gravados em uma pedra os vestigios de seus pés.

Em 1217, D. Soeiro Gomes, bispo de Lisboa, estando no convento de Montejunto, que havia fundado; em uma noite, olhando casualmente para a charneca, onde é (e já então era) a quinta da Ameixoeira, (que n'esse tempo pertencia a Nuno Gonçalves, vassallo d'el-rei) viu muitas luzes e ouviu uma harmoniosa musica.

Repetindo-se este espectaculo mais de uma noite, deu parte da apparição a D. Affonso II, que se achava sitiando Alcacer do Sal.

Tomada a praça, o rei se dirigiu ao sitio indicado, na companhia do bispo e dos principaes personagens da côrte, e ahi, mandando cavar, appareceu um cofre, que, apenas se tirou da terra, logo na cova que deixara rebentou uma copiosa nascente de agua, que ainda existe.

Aberto o cofre, achou-se n'elle a imagem da Senhora, a pedra sagrada, que continha o signal das suas pégadas, e dois pergaminhos. Dizia o primeiro: (traduzido do latim barbaro d'aquelles tempos)

«*No anno de 717, em que entrou o agareno em Hespanha, com total destruição de templos e imagens, havendo já muitos annos que habitavamos este deserto, vendo as nossas vidas em perigo, nos deliberámos a o desamparar, para não vermos tão feras barbaridades e tão feios desacatos, e não podendo levar esta santa imagem, a deixamos aqui no mesmo logar.*

«*Ella seja servida de se guardar das mãos dos barbaros. Amen.*»

O segundo pergaminho dizia:

«*Em nome de Deus Verdadeiro, esta pedra é a mesma em que a Virgem Santissima se dignou estampar as suas sagradas plantas, vindo em corpo e alma visitar esta ultima parte do mundo.*

»*A 10 das kalendas de janeiro, era de 755* (31 de dezembro de 717 de Jesus Christo).

«*Seja o Senhor servido defendel-a das mãos dos mouros. Amen.*»

—

D. Affonso II mandou logo construir uma ermida no sitio onde havia apparecido a imagem e mais objectos.

Ignora-se quando deixou de existir esta capella; mas é de suppor que fosse demolida, no seculo XVIII, para se edificar a egreja actual.

A esta Senhora se fazia uma grande festa e romaria, no ultimo domingo de agosto, onde vinham muitos romeiros e varios cirios das freguezias circumvisinhas.

Estas esplendidas festas duraram desde o principio do seculo XIII até fim do seculo XVIII, ou principio do XIX.

Philippe II roubou d'esta egreja, no fim do seculo XVI, os dois pergaminhos e a pedra sagrada, e os mandou para a egreja do Escurial.

Damião de Góes, accusado perante a Inquisição como irreligioso, entre os artigos da sua defesa, apresenta um em que allega que deu á imagem de Nossa Senhora da *Ameijoeira* uma rica vestimenta de seda e um calix de prata.

Esta egreja estava annexa á collegiada de S. Pedro em Alemquer, e ao prior e beneficiados d'esta collegiada pertencia a nomeação do eremita encarregado da guarda e conservação d'ella.

—

Não pude saber desde quando cessou o culto divino n'esta egreja. É certo que, como ficava em sitio ermo e longe da povoação, foi por muitas vezes roubada pelas quadrilhas de ladrões que infestavam Portugal no seculo passado e principio do presente, as quaes até faziam do templo e casas adjuntas a sua habitação ordinaria, depois de obrigarem a abandonar estes sitios o eremita ou o capellão.

—

Em 1833 ainda o auctor d'esta obra visitou a egreja e casas proximas. As paredes do templo estavam ainda muito bem conservadas, tendo quasi todos os azulejos que as revestiam interiormente. Apenas estava destelhada e sem armação, e as telhas quebradas espalhadas pelo pavimento. As escadas estavam, pela maior parte, bem conservadas e parte das casas ainda tinham telhado.

Vendo o povo da Abrigada (ou Athouguia das Cabras) a egreja ao abandono, levaram a imagem da Senhora para a matriz, onde continúa a ser festejada.

Os da freguezia de S. Pedro d'Alemquer, julgando-se com direito á posse da santa imagem (por a egreja da Ameixoeira ser annexa a esta freguezia) pretenderam que a Senhora fosse para a villa, e suscitou-se por isto grande polemica, mas os povos da Abrigada ficaram vencedores.

AMENDOA—villa, Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Villa de Rei, 130 kilometros da Guarda, 165 a E. de Lisboa, 296 fogos, 1:200 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Situada em alto. A egreja era da commenda de Christo. Eram seus alcaides-móres os marquezes de Fontes, e depois os de Abrantes.

Produz poucos cereaes, alguma fructa e immensa quantidade de cerejas. Tem muita caça nos seus montados.

Foi do padroado real.

É povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Amindula*. No testamento de D. Flamula (Dona Chamma), feito em 960 se falla no castéllo de *Amindula*. D'elle já não ha vestigios; parece que era obra dos romanos. (Vide Caria, a segunda, e Langroiva.)

AMENDOEIRA, PINHO VELHO e **GRADISSIMO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim (até 1855, e desde então de Ma-

cedo de Cavalleiros), concelho de Cortiços; 70 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi habitação dos romanos, que aqui edicaram um forte, que está em ruinas. Nas escavações que n'elle se tem feito, se tem achado sepulturas, moedas romanas e outras antiguidades.

É situada em uma baixa; mas, de um monte que fica proximo, se vê a maior parte da provincia de Traz-os-Montes e muitas terras d'Hespanha.

Os bispos de Miranda (hoje de Bragança) apresentavam os parochos.

Produz bastante trigo, centeio, vinho e linho; do mais pouco.

AMENTA—portuguez antigo, canto magico com que os antigos criam que se attrahiam os lobos. («*Magica carmine lupos convocare.*»)

Em muitas freguezias do Norte do reino, teem os parochos o costume de *emmentar* as almas dos seus parochianos fallecidos, e chamam a isto *amentar*.

Convem saber que se deve dizer *emmentar*, e por modo nenhum *amentar*.

Emmentar é palavra portugueza, e muito portugueza, e significa—*dizer em summa, recapitular, compendiar, resumir*. Tambem significa—*trazer á memoria as acções* (boas ou más) *de alguem, lançar em rosto os beneficios feitos* ou *serviços prestados*, e finalmente *lembrar aos parentes, que devem orar pelas almas dos seus, que falleceram, e nomear-lh'os*.

AMIEIRA—pequena ribeira da Extremadura, que nasce proximo da freguezia do Olival, e morre na ribeira de Formigaes.

Tambem ha outra pequena ribeira do mesmo nome, que nasce na freguezia de S. Miguel do Matto (Terra da Feira) e desagua na ribeira da Inha, que entra no rio Douro, (margem esquerda), um kilometro abaixo de Sante, ou Pé-de-Moura.

AMIEIRA—villa, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho de Portel, 24 kilometros ao N. do Crato, 40 kilometros d'Evora, 145 ao S. E. de Lisboa, 140 fogos e 550 almas.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Está situada ao S. do Tejo, em uma baixa cercada de montes e fertil.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de novembro de 1512. (Franklin não menciona este foral.)

Tem Misericordia e hospital, muito antigos.

D. João IV deu á Misericordia, em 1642, as fazendas da capella de *Nossa Senhora da Sanguinheira*, com obrigação do reparo e conservação de varias capellas da freguezia.

Tem feira a 29 de agosto.

Tem quatro fontes publicas.

Não era cercada de muralhas, mas, na praça, tem um castello com quatro torres, sendo a principal a de menagem, com cisterna dentro, de agua perenne. Parece que esta fortaleza foi d'alguma importancia, pois teve alcaides-móres.

Vemos que foi seu alcaide-mór, no reinado de D. Manuel, Ruy Dias da Ribeira. Herdou esta alcaidaria seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da camara e fazenda, de D. João III.

Este Damião Dias da Ribeira casou com D. Joanna de Vilhena, filha bastarda de D. Duarte de Menezes e de uma senhora hespanhola chamada D. Clara Morena de Bivar.

D. João III deu brazão d'armas a este Damião, em Evora, no 1.º de abril de 1526, assim construido: em campo azul, um leopardo de prata, passante-chefe de oiro, carregado de tres estrellas de purpura, de 5 pontas em aspa. Elmo aberto, de prata, e timbre um leopardo, como o das armas, com uma das estrellas d'ellas na espadua.

Em um antigo manuscripto que possuo, vem estas armas com alguma differença; são—em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado d'ouro, chefe d'ouro, carregado de 3 estrellas de purpura, de 5 pontas. No timbre, bem como na data da concessão das armas não ha differença.

Como as armas dos Ribeiras se vieram a misturar com as dos Menezes e com as dos Vilhenas, tem havido varias modificações, algumas das quaes se podem ver na descripção da villa de *Cantanhede*.

São d'esta familia os condes d'Aveiras, os marquezes de Monte-Mór e outras familias nobres; umas, cujos titulos estão extinctos, e outras em que elles ainda existem.

No principio do seculo passado era esta villa mais povoada; porém muitas de suas casas foram abandonadas (não sei porque) e vieram a demolir-se.

Cria muito gado, de toda a qualidade. Os seus montes trazem muita caça, e o Tejo lhe fornece optimo peixe.

Eram senhores donatarios da Amieira, os grão-priores do Crato, por ser esta villa uma das 12 do grão-priorado. (Vide Crato.)

AMIEIRA—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, districto administrativo de Portalegre, no patriarchado, 180 kilometros ao E. de Lisboa, 280 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Situada no centro de um valle, entre duas serras; terreno muito fertil.

Correm aqui os ribeiros *Milia* e *Dejebe*, e a 3 kilometros de distancia o pequeno rio *Alferreirede*.

AMIEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Oleiros, districto administrativo de Castello Branco, no patriarchado, 24 kilometros ao N. do Crato, 180 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Francisco de Assis.

AMIEIRO—pequeno rio, na provincia do Douro (antiga Beira Alta).

Nasce na freguezia d'Avanca, concelho de Estarreja; rega a freguezia de Valga (ou Valega), e morre ahi proximo, na ria de Aveiro.

AMIEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 360 kilometros de Lisboa. Arcebispado e 100 kilometros a N. E. de Braga, districto administrativo de Villa Real, 90 fogos.

Orago Santa Luzia, virgem e martyr.

(Vide Villarelho.)

É terra fertil.

Foi curato de Alijó. Está esta freguezia situada entre altos penhascos, na direita do Tua, e junto à cordilheira granitica de Villarelho, que com diversos nomes se estende desde S. Fins do Douro até ao Tua. Nas faldas d'asta cordilheira estão as povoações de S. Fins, Favaios, Alijó e outras.

Do pincaro do cabeço da *Senhora da Cunha*, que está proximo a Alijó, avistam-se muitas leguas de terreno.

AMIL e **AMILLO**—Ha algumas aldeias e sitios com este nome, em Portugal; é corrupção de *Amin*. Vide a palavra seguinte Vem a significar *logar do regedor*, ou *do maioral*.

AMIN—palavra arabe, significa *o maioral d'uma kabila*—especie de regedor ou administrador.

AMIOSO—ribeira, Beira Baixa. Nasce no Troviscal e desagua na Ericeira da Certan, no sitio de *Entr'aguas*, ao fundo da cêrca dos frades franciscanos da Certan.

É de corrente arrebatada e tem algumas cachoeiras. Cria muito bom peixe. Tem uma ponte de cantaria, de dois arcos, defronte da ermida de Santo Amaro, que toma o nome d'este santo, além de varias de madeira.

As suas aguas (que trouxeram areias de ouro) eram das freiras de Malta quanto ao peixe; mas para moer e regar eram livres.

AMO—portuguez antigo, o que criava filho de fidalgo. Ao tal filho se chamava *criado*. (Vide *Amadígo*.)

AMONDE—freguezia, Minho, districto administrativo, comarca e concelho de Vianna, arcebispado e 40 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Situada em um valle pouco fertil, é freguezia pequena e pobre.

No monte da *Corôa*, d'esta freguezia, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

AMOR—freguezia, Extremadura, bispado, districto administrativo, comarca e concelho de Leiria, d'onde dista 6 kilometros, 135 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

É situada em uma baixa, entre pinhaes.

Produz milho e feijão, e do mais pouco.

Tendo o exercito portuguez por varias vezes posto cêrco a Jurumenha, que estava occupada por castelhanos, nunca poude tomar a praça.

Um sugeito d'esta freguezia (cujo nome não pude saber) juntou alguns amigos seus, e, sem mais ajuda, tomou a praça por surpreza e industria, pelo que D. João IV lhe deu postos e honras e o mandou tomar o appellido de Jurumenha, com a condição de passar aos seus descendentes.

Ha n'esta freguezia muitos terrenos paludosos, a maior parte semeados de arroz, o que causa insalubridade. Por varias vezes se tem conspirado o povo contra os plantadores d'esta graminea, chegando até a haver aggressão, a ponto de ser preciso a intervenção da força publica.

Tem-se tratado por decisão da Junta central dos melhoramentos sanitarios, de enxugar grande parte d'estes pantanos, estando as obras bastante desenvolvidas, para se conseguir este util resultado.

AMÓRA e **CORROIOS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Seixal, 18 kilometros ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Orago Nossa Senhora do Monte Sião.

É aqui a grande e formosa quinta da *Amóra*, que foi da princeza D. Maria Benedicta, irmã de D. Maria I, e é hoje da Sr.ª infanta D. Isabel Maria. Tem um vastissimo lago, cercado de frondoso arvoredo e com uma ilha arborisada, no centro.

A freguezia é situada proximo da esquerda do Tejo, em linda paisagem, e muito fertil e saudavel. Como fica em uma elevação, d'ella se descobre Lisboa, Almada, Cezimbra e outras povoações menores.

Até 1834, o cura d'aqui era annual, nomeado pelos freguezes.

Produz bastante e optimo vinho.

Cérca metade da freguezia um braço do Tejo (de agua salgada) muito navegado e com nove portos, que são, *Rapoza, Carrasco, Quinta dos Lobatos, Prata, das Formosas, do Minhôto, Cabo-da-Marinha, Barroca e Alaminho.*

Mettem-se n'este braço de mar, dois rios de agua dôce, chamados *Judeu* e *Corrôios.*

Fazem mover moinhos e criam muito peixe. (Vide *Corroios, Arrentella* e *Seixal.*

Tem uma fabrica de moagem e descasque de arroz, a vapor.

Esta freguezia é fronteira á de Arrentella, da qual esta separada, em parte, pela enseada do Tejo.

É districto administrativo e patriarchado de Lisboa.

Ha aqui o vinculo de *Cheira Ventos de Baixo* que é dos *Lobatos.*

Estes Lobatos eram de Vianna do Minho. Fizeram grandes serviços a Portugal no tempo de D. João I, acompanhando-o e ao condestavel. Chamavam-se Pedro Annes Lobato e João Lobato. Occuparam postos eminentes.

Ha tambem a aldeia de *Cheira Ventos de Cima.*

AMOREIRA—aldeia do Algarve, a 2 kilometros da aldeia de Algoso, que fica a E. de Silves.

Na estrada de Faro, pouco desviado para o S., ha um monte, coroado pela capella da Senhora do Pilar. Na encosta do E., estende-se em planicie o lindo sitio da Amoreira, aprasivel e fertilissimo, regado por um ribeiro, que o cerca pelo E. e N., e vae desaguar ao Oceano.

Desde tempos antigos se tem achado por estes sitios, e ainda se encontram, muitas moedas antigas (sendo umas romanas e outras desconhecidas, pelo seu estado de oxidação) cinzas amontuadas, alicerces de edificios vastos e tres poços antigos; o que evidenceia ter sido este bello sitio habitado pelos romanos e outros povos da antiguidade.

AMOREIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros ao S. E. de Vizeu, 335 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Orago Santa Maria.

Era do concelho de Castello Mendo, que se annexou ao do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou (com outros) a fazer parte do concelho de Almeida.

AMOREIRA—logar, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho de Obidos, 70 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Patriarchado. Districto administrativo de Leiria.

Orago Nossa Senhora de Aboboriz.

Foi villa, e D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de setembro de 1512.

A egreja tinha dois beneficiados e um thesoureiro. Os Mellos tinham a alcaidaria-mór d'este castello.

É terra muito fertil.

Ha aqui muitos lagares, moinhos e pisões.

Corre aqui o ribeiro do *Olho Marinho.*

Teve um castello antiquissimo, que ainda existia no principio da monarchia: hoje apenas d'ella ha vestigios.

Era da casa das rainhas.

O parocho, até 1834 era annual, nomeado pelo povo.

Situada ao pé da serra do seu nome.

N'esta freguezia está o mosteiro de jeronimos, chamado de *Valle-Bem-Feito*, fundado em 1570 por D. Catharina, viuva de D. João III.

Estes frades estavam até então nas Berlengas; mas os piratas barberescos, quando lhes lembrava, d'alli os levavam como escravos, por isso elles fugiram para aqui.

Tem Misericordia e hospital. Muitas aguas.

AMOREIRA—(Alemtejo.) Celebre e magnifico aqueducto que leva a agua a Elvas. (Vide Elvas.)

AMOREIRAS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 105 kilometros de Evora, 145 ao S. E. de Lisboa, 480 fogos.

Situada entre quatro sêrros bastante altos. A egreja era da Ordem de S. Thiago da Espada.

O seu terreno é pouco fertil, e seu clima execessivo. Os seus montes criam lobos, porcos montezes e muita caça.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Orago S. Martinho.

AMOREIRAS—(aqueducto das) vid. Lisboa.

AMORIM—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Varzim, arcebispado e 30 kilometros ao O. de Braga, districto administrativo e 32 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 500 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

É terra muito fertil.

Situada em campina raza, d'onde se vê a Povoa de Varzim, Villa do Conde, e outras povoações menores e o mar.

Os dizimos eram das freiras de Santa Clara, do Porto.

É no litoral e tem uma aldeia chamada *Finis Terrae.* (Vide *Avêl'o-Mar.*)

ANADARIA—districto em que o capitão de bésteiros tinha jurisdição, relativamente aos da sua companhia ou esquadra. (Portuguez antigo. Vide Annadel.

ANADEL—(Vide *Annadel.*)

ANADIA—villa, Douro, districto administrativo, bispado e 30 kilometros ao S. E. de Aveiro, 228 ao N. de Lisboa, 350 fogos, 1:400 almas.

Concelho 1:500 fogos, comarca 7:600.

Orago S. Payo.

Situada nas faldas do monte *Crasto* e proximo a uma extensa varzea muito abundante em cereaes e legumes, sobre tudo em milho.

Esta villa é creação moderna. O seu melhor edificio é o palacio da senhora condessa da Anadia.

A pouca distancia da villa está o sumptuoso palacio e grande e bellissima quinta da Graciosa, solar dos condes d'este titulo. (Vide Graciosa.)

Em circumferencia do Crasto, produz-se muito e optimo vinho (sobre tudo branco) que rivalisa com o melhor do Douro. Chamava-se vulgarmente *Vinho da Bairrada*, (vide esta palavra.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de agosto de 1514.

E' corrupção de *Anadaria.* (Vide esta palavra.)

Na aldeia da *Matta*, proximo á villa, appareceu em 1873, uma nascente de agua mineral. Ainda não foi analysada.

O parocho (reitor) até 1834, era formado pela Universidade de Coimbra, que apresentava esta egreja.

ANÃES ou **ANNÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, districto de Vianna, arcebispado e 18 kilometros ao O. de Braga, 375 de Lisboa, 190 fogos.

No alto de um monte d'esta freguezia ha vestigios de antigas fortificações, e ainda chamam a isto *Casa* ou *Castello dos Mouros.* (Ao monte chamam mesmo do *Castello.*)

Era parte da casa de Bragança e parte de outros donatarios.

Situada em um valle d'onde se descobre Braga, Barcellos, o convento de Tibães, o de Valle de Pereiras, o rio Lima, e outras povoações.

Ha aqui um monte chamado dos *Francos*.

A matriz era antigamente no logar da *Egreja*, proximo ao Monte do Castello e mudou-se (parece-me que em 1671) para Anães.

Orago Santa Marinha. Corre por aqui o rio Neiva. E' terra bastante fertil.

Foi vigariaria, apresentada por um dos canonicatos de Braga.

ANAFIL—Instrumento musico (militar) de que os arabes, e ás vezes os portuguezes, usavam na guerra.

Aquelles lhe chamavam, *Annafir*. E' uma especie de trombeta, do feitio de oboé.

Deriva-se do verbo arabe, *nafara*, que significa fugir, aterrar-se, etc, mas na segunda conjugação quer dizer, incitar para a fugida (tocar a retirar) annunciar a victoria, dar coragem. Tambem tocava a ir sobre o inimigo (avançar.)

Ha duas aldeias no patriarchado, com este nome. Significa *Povoação da Trombeta*.

ANAGUEIS—aldeia da Beira Alta, bispado de Coimbra.

E' palava arabe, *alnejes*, significa, *as pereiras*, isto é, *Aldeia das Pereiras*.

ANA LOURA—(Vide *Anna Loura*.)

ANARDA—rio. (Vide Arda.)

ANÇAN—villa, Douro, comarca de Cantanhede, 12 kilometros ao S. O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 370 fogos, 1:200 almas.

O concelho 700 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. Vejam-se certos artigos que lhe eram pertencentes, do foral velho de Coimbra, passado por certidão de 2 de janeiro de 1465. (Maço 4.º dos *foraes velhos*, n.º 4.)

Extraordinaria producção de pedra calcarea (carbonato de cal) branca e azul, chamada vulgarmente, *pedra de Ançan*: muito facil de obrar e propria para edificios, no que se gasta a maior parte d'ella, fazendo-se com isto grande commercio.

E' no bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos (parece que com este mesmo nome) os quaes a estimavam muito e ha do seu tempo ainda vestigios.

Em umas escavações que se fizeram ha poucos annos, se encontraram umas banheiras de granito, guarnecidas de mosaico, para onde as aguas eram levadas por canos de chumbo: e tambem se encontrou um busto de marmore.

Ha aqui tambem pedreiras de ardosias (lousas.)

Perto da villa (2 kilometros ao N.) está o convento de S. Marcos, fundado por João Gomes da Silva (alferes-mór de D. João I) pelos annos 1395.

Este João Gomes da Silva era pae de Ayres Gomes da Silva, regedor de Lisboa, que morreu na desgraçada carnificina de Alfarrobeira, ao lado do infante D. Pedro.

E' situada em um valle fertil.

Foram seus donatarios os marquezes de Cascaes.

Tem uma optima egreja de tres naves, e um bom palacio dos antigos donatarios.

Ha aqui (entre outras) a capella de S. Bento, grande e toda de abobada, edificada sobre um grande rochedo.

Tem uma boa fonte publica, mandada fazer pelos donatarios, com as armas dos *Castros das seis aruellas* (que são os marquezes de Cascaes.) A sua agua nasce em tamanha abundancia que logo faz moer trez moinhos e um lagar de azeite e fórma um ribeiro, que, com 16 kilometros de curso, se mette no Mondego, proximo da Figueira.

Dizem que na quinta do *Rol*, d'esta freguezia, ha uma fonte de qualidades tão laxantes, que só se usa da sua agua como purgante.

Tambem dizem que outra fonte d'esta freguezia destroe as areias.

Tres kilometros ao N. da villa, está o convento dos Jeronimos, chamado de S. Marcos, como já disse.

ANÇÃO—Algarve, grandes marinhas de sal. Vide *Farrobilhas*.

ANCAS DO BAIRRO—freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho de S. Louren-

ço do Bairro, 30 kilometros a O. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Foi dos duques d'Aveiro.

É terra pouco fertil e pobre.

É no bispado e districto administrativo de Aveiro.

ANCÊDE ou **ANSÊDE**—villa, Douro, comarca e concelho de Bayão, na margem direita do Douro, 50 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 710 fogos, 2:000 almas. Tem barão (novo).

Bispado e districto administrativo do Porto.

Parte d'esta freguezia era dos Azevedos, de Bayão. Havia aqui as *honras* de *Gozende* e das *Eiras*, das quaes eram senhores os Castros, de Roriz. Em 1202, D. Sancho I, com seus filhos e filhas, deram *carta de povoação*, a D. Gonçalo, prior da egreja de *Audifici* (freguezia d'Ansede) para os moradores do reguengo da *Cedema* (hoje *Cederma*).

Orago Santo André.

Houve aqui um tonel que levava 40 pipas. Era todo de madeira, sem ter um só arco de ferro.

Ha duas versões sobre a origem do nome d'esta freguezia, a primeira é a seguinte:

Havia aqui (no sitio d'Ermello) um convento de cruzios (fundado em 1107) que pediram a D. Affonso Henriques (ainda principe) para se mudarem, por ser o sitio muito falto d'agua. O principe respondeu: — *Visto que os conegos hom sêde, mudem o mosteiro, que eu os ajudarei.*—Acho esta etymologia pouco provavel. *Ancede*, *Ancedo* ou *Ansedo*, é nome proprio, usado pelos godos e até pelos portuguezes. (Vide Cea, no convento) Julgo pois que *Ancêde* se deriva de algum individuo que por qualquer razão deu o seu nome a esta villa.

Mudou-se effectivamente o mosteiro, em 1160, para o sitio actual.

A segunda versão é esta: Um sujeito chamado *Ancêde* fundou esta povoação no tempo dos godos, e lhe deu o seu nome.

Foi couto dos frades dominicos de Lisboa, que apresentavam o cura.

D'esta freguezia se vêem muitas da margem opposta do Douro.

A matriz é a egreja do convento. É terra bastante fertil, sobretudo em optimo vinho.

O prior do convento de S. Domingos, de Lisboa, era capitão-mór do couto, e como tal punha as justiças e nomeava os officiaes de ordenanças.

Na estrada que d'esta freguezia vae para o logar das Caldas, ha um arco, de cantaria lavrada, de dois metros de alto, e no meio d'elle um tumulo, sem se saber de quem, nem quando foi feito. É no sitio de *Lordello*.

Na tampa da sepultura (que já não existe) estava gravada uma espada. Suppõe-se ser o tumulo de algum guerreiro notavel. O povo d'aqui diz que é onde descansou a rainha Santa Mafalda, quando foi fundar a casa de banhos das Caldas d'Aregos. É manifesto engano. Quem fundou esta casa foi a rainha D. Mafalda, avó da Santa e mulher de D. Affonso I. O tumulo é de um guerreiro, em vista da espada em que fallei.

Passam n'esta freguezia o Douro e o Ouvil.

Tinha o couto do mosteiro 6 kilometros de comprido, ao longo do Douro, e 3 de largo. Apresentava as egrejas de Campêllo, Santa Leocadia, Medim, e S. João do Grillo.

Todos os parochos d'estas egrejas eram cruzios e se intitulavam abbades, menos o de Campello que se intitulava arcediago.

Estava annexa á egreja do mosteiro a de Santa Maria de Góbe ou *Góve*. Está n'esta egreja a chamada *Cabeça Santa*, que dizem curar a hydrophobia. É a caveira de um prior d'aqui chamado *Mamede*.

A primeira fundação d'este convento, foi mesmo junto ao Douro, onde ainda está a *Egreja velha*, (no anno de 1107.)

Em 1559 é que o convento d'Ancede passou de cruzios para dominicos, e n'esse mesmo anno foi reedificada a actual egreja. Em 1539, os cruzios aforaram o antigo convento e cerca d'Ermêllo. É hoje propriedade do sr. A. Dias de Oliveira, conselheiro do supremo tribunal de justiça. Da antiga egreja só existem hoje as paredes desmanteladas; mas a capella-mór existe reduzida a capella, onde o proprietario ainda manda dizer missa. Esta egreja era gothica e de robusta cantaria, pois, apesar de estar ha muito desarmada, ainda está para resistir por muitos annos ás

intemperies do tempo, se a não arrazarem.

Foi primeiro de cruzios e depois passou para dominicanos. Seus priores usavam de mitra e bago. (O mosteiro era sagrado).

Veio este convento a poder de commendatarios, sendo o ultimo D. Sancho, que falleceu no principio do anno de 1557, no qual anno o deu D. João III a Santa Cruz de Coimbra, para o unir á congregação e o reformar. Santa Cruz tomou posse em 2 de fevereiro do mesmo anno; mas morrendo o rei em 11 de junho d'esse anno, D. Catharina, sua viuva, e regente do reino, o deu ao convento de S. Domingos, de Lisboa, que d'elle tomou posse em 1560, por bulla de Pio IV, d'esse anno, indo os antigos frades para Santa Cruz de Coimbra.

É n'esta freguezia o solar dos *Negrões*.

Negrão é um appellido nobre em Portugal. Veio de Genova, mas ignora-se quem o trouxe a Portugal.

O primeiro que n'este reino se encontra d'este appellido, é o desembargador Dyonisio Esteves Negrão, deputado da mesa da consciencia e ordens.

As armas dos Negrões são — em campo de ouro, tres pallas de negro. Outros do mesmo appellido, usam — em campo de prata, tres pallas de purpura; e outros d'esta familia tambem usam — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de purpura, nove besantes de ouro, em tres pallas; no 2.º e 3.º, de ouro, duas pallas de purpura. Elmo de aço, aberto e por timbre um leão.

O actual representante d'esta familia, é o sr. Manuel Esteves Negrão (filho do desembargador Nicolau Esteves Negrão) que nasceu em 1824. Tem sete irmãos, tres homens e quatro senhoras, que todos vivem na sua casa d'Ancêde.

Na provincia de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, ha a freguezia de Negrões, que provavelmente tomou o seu nome de algum membro da familia Negrão, por qualquer circumstancia.

ANCIÃES — villa, Tras-os-Montes, comarca e 23 kilometros de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anciães, 104 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos, 240 almas.

Situada em um alto. Era da coroa.

Tem seu castello e fortes muros de cantaria lavrada, de 1,^{m}50 de largo e 6$^{1}/_{2}$ de alto. Tem varias torres, sendo a principal chamada do Sol, dentro do castello, com uma só porta.

Foi posição quasi inconquistavel, pela fortaleza do seu castello e torres e pela sua posição. Hoje está tudo arruinado. Ás portas de S. Salvador, tem duas torres. Ao sair da porta principal, á esquerda, tem uma pedra com uma inscripção em caracteres desconhecidos, que ninguem entende.

Eu tinha copiado nos meus apontamentos os *fac-similes* d'estas e d'outras inscripções de caracteres illegiveis; mas pela grande difficuldade de os pôr em letra de imprensa, e pela grande despeza que causava, deixei-me d'isso, assim como abandonei o projecto de fazer copiar os caracteres arabes (como já declarei). Quem quizer saber dos primeiros, veja o diccionario do padre Cardozo, e os segundos, nos Vestigios da Lingua Arabe, de fr. João de Sousa, nos logares competentes.

O castello tem de circumferencia 282 metros. A villa é tambem murada e torreada, com revelins e cubêllos, e esta muralha tem 624 metros de circumferencia, com quatro portas *(Postigo da Egreja, da Villa, da Fonte* e a de *S. Francisco*, que é a principal).

Sobre esta porta havia a seguinte inscripção: *Anciães sempre leal ao rei de Portugal.* Tinha dentro do castello uma antiquissima egreja (S. Salvador) com alguns carneiros, que se diz serem de pessoas notaveis, e extramuros do castello a de S. José, ambas em ruinas e abandonadas desde 1734. Diz-se que este castello é obra dos romanos, e anterior a Jesus Christo. É certo que n'elle tem apparecido moedas romanas. No castello ainda ha restos de varias casas baixas e uma sobradada, e ainda existe uma casa alta, soffrivelmente conservada.

Tem ainda um *contramuro* a distancia de 33 metros, com 150 de comprido, a pegar no fortim do Cubo, e com uma porta chamada de *S. João Extra-muros*, perto da egreja. Já se sabe, tudo desmantelado.

Ainda havia outro *contramuro*, junto do

caminho que desce de S. Francisco para Solores, que já não existe, e junto d'elle a fonte dos *Cavallos*, tambem arruinada.

Esta villa está muito decaida. A matriz, que é muito antiga, está dentro da villa, chegada á porta do castello.

Tem por armas um castello e a legenda—*Anciães leal, no reino de Portugal.*

Em diversos sitios da egreja e do adro, ha muitas inscripções, com os mesmos caracteres desconhecidos.

No adro estão gravadas nas pedras varias armas das ordens militares, o que faz suppor que se acham alli enterrados muitos cavalleiros, talvez mortos em alguma batalha ou cerco que aqui houvesse.

O reitor apresentava seis annexas (Fonte Longa, Seixo, Sellores, Beira Grande, Belver e Samorinha).

É terra abundante e produz optima fructa.

Teve juiz de fóra até 6 de abril de 1734, em que se mudou a cabeça do concelho para Carrazeda d'Anciães.

Aqui nasceu o invencivel *Lopo Vaz de Sampaio*, 8.º governador da India. Foi tambem patria de D. Frei Gonçalo de Moraes Mesquita, bispo do Porto, *fundador da casa dos Mesquitas, de Sollores;* e de D. Manuel de Sousa, arcebispo primaz de Goa e outros varões illustres pelas armas ou pelas lettras.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

D. Affonso I lhe tinha dado foral, sem data (suppõe-se que foi em 1160). Está no maço dos *foraes antigos.* D. Sancho I lhe deu novo foral, a 6 de abril de 1198. Foram confirmados em Guimarães, em abril de 1219 por D. Affonso II.

Anciães foi povoação muito importante, na antiguidade, e aqui se deram varias batalhas contra os gallegos derrotando-os quando vinham atacar a praça.

A villa é falta d'agua, só tem a cisterna do castello e uma fonte particular; as mais são extra-muros.

Está sobranceiro á villa o monte *Roborêdo*, onde ha minas de estanho e ferro, sendo estas importantissimas. Houve tambem aqui minas de ouro, que foram exploradas pelos nossos reis, que mandaram aqui construir casas para arrecadações e residencia dos empregados.

A sua maior exploração foi no principio do reinado de D. João V. Tambem nas aldeias de Luzellos e Marzagão (ou suas immediações) se exploraram por esse tempo, e por conta do estado, minas de estanho.

Junto á aldeia do Pombal, d'esta freguezia, descendo para o Tua, por uma serra alcantilada, ha uma nascente d'agua sulfurosa (ou sulfurica) muito abundante e que se despenha pela serra abaixo.

O padre Antonio Seixas, aqui parocho, mandou fazer em 1730 um tanque, para se tomarem banhos d'esta agua, que se diiz efficacissima para molestias cutaneas, rheumaticas e outras muitas. São muito concorridas e se chamam vulgarmente *Caldas d'Anciães.*

No pelourinho da villa, deitado por terra e partido, vê-se de um lado as armas de Portugal e do outro a figura, em relevo, de um velho de grandes barbas com uma chave em cada mão.

Quanto á origem do nome d'esta villa, dizem uns que significa *villa dos velhos;*, outros *villa velha;* mas qual foi a razão de se lhe dar este nome? Não a pude saber.

Anciães fica 5 kilometros ao N. do Douro. Correm-lhe tambem proximos os rios Sabor e Tua, deixando-a no centro.

Em um valle proximo houve uma grande batalha contra os castelhanos, que ficaram derrotados e pelo avultado numero de mortos que foram aqui enterrados, se ficou chamando até hoje *Ribeira da Osseira.*

A não ser a sua importancia como posição militar, não vejo a que devesse a sua antiga florescencia. É certo que ha muitos seculos d'ella decahiu, e hoje mais parece aldeia do que villa.

É provavel que a sua decadencia proceda da asperesa do seu clima, que é frigidissimo e de todas as partes batida dos ventos (por ficar sobre um monte) e muito falta de aguas.

Ainda em 1550 aqui viviam muitas familias nobres, que pouco a pouco foram abandonando esta terra inhospita, não ficando uma só.

A villa está encostada ás muralhas do castello pela parte de E.

Tem uma só freguezia, e a matriz (S. Salvador) é situada proximo da porta do castello. É antiquissima, mas ignora-se a data da sua fundação. A porta principal, em arco, é toda ornada de figuras e muito curiosa.

Em uma columna do arco está uma inscripção antiga, de caracteres romanos, e dentro da egreja, á esquerda, ao entrar, estão tres inscripções nos taes caracteres desconhecidos.

A povoação é apenas habitada por algumas familias de lavradores.

Faz bastante commercio com os seus generos, que exporta para a cidade do Porto, pelo Douro, embarcando na *Foz do Tua*, onde tem o seu porto commercial.

No cume de um monte, proximo á povoação de Louza, está o convento que foi de frades da Santissima Trindade, fundado por fr. Antão Gonçalves, natural do Seixo de Anciães. Chama-se vulgarmente o *Convento da Louza.*

ANCIÃES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 50 kilometros a N. E. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em uma ribeira, da qual só se descobre a freguezia de Sandomil.

Produz centeio e milho; do mais, pouco.

Está cercada pela serra do Marão, em distancia de 8 kilometros.

Nascem aqui varios regatos, que todos se juntam em um sitio chamado *Redéllos*, e a pequena distancia se mettem no Tamega.

Na serra ha minas de estanho, no sitio chamado *Romeu.*

Cria bastante gado, grosso e miudo, e tem lobos, raposas e caça.

ANCIÃO—serra, Beira Alta e Extremadura. Na *Antiga Geographia Luzitana* é denominada *Monte Tapeyo.* Outros, porém, dizem que o *Tapeyo* fica por cima da villa de Soure, e que ainda se chama *Monte-Tapeyo.* (Provavelmente é este o *Tapeyo* dos antigos.)

O que é certo é que a um d'estes montes chamavam os romanos *Tarpeius.*

Esta serra de Ancião, fica proximo da villa do seu nome. Tem 18 kilometros de comprido, e 12 de largo.

Ha n'ella as povoações seguintes:—villas da Aguda, Ancião, Alvaiazere, Maçãs de D. Maria, Chão da Couce, e varias aldeias.

Corre desde Coimbra até Thomar, ficando-lhe de uma e outra parte as villas de Pombal e Rabaçal.

Divide-se em dois braços, formando um a serra de Alvaiazere, e o outro a da Junqueira.

Nascem n'ella alguns ribeiros, sendo o mais notavel o que, no sitio do *Valle do Buyo*, nasce de uns olhos d'agua, e que apenas tem agua no inverno.

Ha na tal nascente dois grandes poços, e no fim de cada um, uma grande concavidade (onde se entra no verão) que se divide em outras mais pequenas, julgando-se que aqui corre algum rio subterraneo.

Aqui nascem dois ribeiros, que, unindo-se, se vão metter no rio Nabão junto a Thomar. Ha na serra mais olhos d'agua, e varias e abundantes nascentes.

Diz-se que ha aqui minas de oiro.

É cultivada em partes, e tem muitos olivaes e carvalhaes.

No terreno inculto se produz muito alecrim, bellas pionias, gran de carrasco (chermes) e plantas medicinaes.

Cria gado grosso e miudo, optimos porcos e muitas colmeias. Tem tambem lobos, teixugos e caça.

Ha ainda n'esta serra vestigios de habitações arabes.

Tem uma famosa *lapa*, a que chamam *Algar-d'Agua*, aberta em um penhasco, e na qual cabem 500 pessoas.

(Já fallei d'isto em Alvaiazere, que é aonde pertence. Os nossos geographos confundem, muitas vezes, a serra de *Ancião* com a de *Alvaiazere.*)

ANCIÃO—ribeira, Extremadura, que nasce no meio da freguezia que lhe dá o nome, em *Valle Buyo*, rega e faz mover alguns moinhos e lagares de azeite; mas quasi sempre sécca no verão.

Tem uma ponte de cantaria junto á villa do seu nome.

Morre no rio Nabão, junto a Thomar.

ANCIÃO—villa, Extremadura, comarca do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra 165 ao N. de Lisboa, 400 fogos, 1:500 almas, no concelho 1:200 fogos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria,

Orago Nossa Senhora da Conceição.

É patria do celebre Jeronymo Soares Barbosa, famoso jurisconsulto, que aqui nasceu a 24 de janeiro de 1737 e falleceu em Lisboa a 5 de janeiro de 1816.

D. Affonso VI a fez villa e lhe deu foral em 1663.

Foi dada a D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, em premio do seu valor na batalha do Ameixial.

O conde da Ericeira era general de artilheria n'esse dia gloriosissimo.

Esta doação, e a causa d'ella, consta de uma inscripção latina gravada no pelourinho da villa.

Tambem é patria do celebre Paschoal José de Mello, lente de direito, desembargador da supplicação, e reformador da Universidade de Coimbra.

Nasceu a 6 de abril de 1738 e morreu em Lisboa em 1798. Foi intimo amigo do marquez de Pombal, e escreveu muitas obras de direito, ainda hoje estimadas.

Eram donatarios os marquezes de Louriçal, e depois passou á corôa, até que foi para o conde da Ericeira.

E' situada entre montes e valles, d'onde se não descobre povoação nenhuma.

A egreja é de tres naves.

E' regada pelo rio do seu nome.

Tem um bom mercado aos domingos.

Não é fertil em cereaes ou fructas; mas é abundante em azeite, e produz muitas landres, com que cria muitos e bons porcos.

Tinha um foral antigo, isto é—*Titulo de Mordomado*, pelo foral de Coimbra, passado em certidão de 2 de janeiro de 1465.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de julho de 1514,

D. Affonso VI, a elevou á cathegoria de villa em 1663, dizem alguns que então lhe deu foral *novissimo;* mas Franklin não falla n'este ultimo foral.

Como se falla tantas vezes n'este Dicccionario de foraes velhos e novos, será bom notar que—*foraes velhos* se chamam todos os que foram dados antes do reinado de D. Manuel,—*foraes novos* os que este rei concedeu—e *foraes novissimos* os que se deram pelos successores de D. Manuel. Ha muito poucos foraes novissimos, como se verá d'esta obra.

ANCORA—rio, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminah.

Nasce de duas fontes, no sitio das *Bezzerreiras*, na serra de Arga, limites da freguezia de Lanhezes.

Com 8 kilometros de curso se mette no Atlantico, no sitio da Foz do Ancora, entre os fortins da *Lagarteira* (ao N.) e do *Cão* (ao S.), mas ficando estes fortins a uns 500 metros de distancia da foz, cada um d'elles.

Estes fortins e outros mais pelas nossas costas do Minho, mandou construir D. Pedro II, pelos annos de 1690, por causa dos piratas africanos que, de improviso, davam sobre as povoações do litoral, saqueando-as e levando captivos seus moradores.

Este rio, que hoje apenas merece o nome de ribeiro, certamente foi muito mais caudaloso na antiguidade, pois que é muito nomeado desde eras remotas. (Vide Ancora, freguezia.)

Divide a freguezia de Ville da de Riba-d'Ancora, e depois a de Gontinhães da de Ancora.

E' atravessado, no logar de Abbadim, por uma ponte de cantaria de um só arco, obra dos romanos; mas tão solida como se fosse feita hoje. Chama-se mesmo Ponte de Abbadim, e fica a 1 kilometro da Foz do Ancora.

Esta ponte foi reedificada no seculo XXVI.

Tem mais alguns pontões de pedra.

Sobre a estrada real do Norte, que aqui passa a 300 metros do mar, fizeram os pedreiros gallegos, uma linda ponte de cantataria lavrada, em 1857, que custou á nação 9:200$000 réis.

Esta ponte, feita em um pantano, sobre

estacaria, foi destruida a 26 de novembro de 1865 por uma enchente.

Podiam muito bem levar esta estrada um pouco mais por cima e aproveitarem para ella a robustissima ponte de Abbadim; mas o patronato trabalhou para que ella viesse por aqui, e lá perdeu a nação aquelles 9:200$000 réis.

Os banhos de mar, chamados de Ancora, posto sejam proximos da foz d'este rio, (são mesmo junto ao fortim da Lagarteira) são todavia na freguezia de Gontinhães, ao N. do rio Ancora.

Os celtas, e depois d'elles os romanos, davam a este rio o nome de *Spaco*, e os segundos á foz d'elle—*Vico-Spacorum*.

A antiga foz do Ancora não era onde hoje é; mas uns 200 metros mais ao S., e proximo do forte do *Cão*, do que ainda ha vestigios.

O mar aqui abandonou mais de um kilometro de terreno, destruindo a antiga foz.

Este fortim está entre os limites da freguezia de Ancora e Afife, mas em terreno da primeira. Sobranceiro a elle e proximo, está o monte da *Cividade*, onde ha vestigios de uma povoação romana. (Vide Afife.)

A foz antiga, como era de areia, e as pedras e terra, que descem das serras nas enchentes a obstruiram, se foi mudando para o N., onde achou mais facil sahida. Esta foz apenas tem hoje uns 4 ou 5 metros de largo, e é tão baixa que só *maceiras* por ella podem entrar e sahir.

(*Maceira* se chama aqui a umas coisas do feitio de uma *maceira*—de amassar pão—com que vão pescar ao mar, quando elle está manso, e que só póde levar um ou dois homens.)

Antigamente eram estas costas com muita frequencia invadidas por piratas barberescos, que vinham aqui roubar e fazer captivos.

É tradição muito antiga e referida por varios historiadores e a traz tambem o conde D. Pedro no seu *Nobiliario* (impresso em 1622), que a este rio se deu o nome actual pelo romance seguinte:

—

Pelos annos 932 de J.C., era rei (ou emir) de Gaia, o moiro *Al-Boazar-al-Bucadão*, formoso mancebo, grande poeta e extremado cavalleiro.

Tinha elle uma lindissima irmã, chamada *Gaia* on *Zahara* (que querem alguns désse o nome a Gaia) a quem muito amava.

A illustre poetisa, musica e pintora portuense do seculo XVII, D. Bernarda Ferreira de Lacerda, canta com muito mimo este romance (dos amores de Zahara e D. Ramiro) no Tom. I, canto 6.º, da sua *Hespanha Libertada*. O nome de Zahara é verdadeiramente arabe. Não assim o de Gaia, a que não acho muito geito, por ser evidentemente romano (*Caia*, que os Luzitanos pronunciavam Gaia). (Vide Gaia).

Estava Al-Boazar-al-Bucadão em paz com os christãos e dava no seu castello muitos festins, saraus, justas e torneios, a que eram indistinctamente admittidos mouros e christãos.

D. Ramiro II, rei de Leão, foi a estas justas disfarçado em trovador, e seduziu e roubou Zahara, levando-a para a sua terra (onde se fez christã, com o nome de *Artida*). Ficou o mouro desesperado, com razão, e protestou tomar vingança.

Disfarçou-se tambem em trovador, e foi-se caminho de Leão.

Chegando á côrte, taes phrases empregou com D. Urraca, mulher de D. Ramiro II, que esta se enamorou perdidamente de Al-Boazar e, abandonando marido e filhos, veiu para o alcaçar de Gaia com elle; mas com o maior segredo, que lhes foi possivel, e tal que só passados alguns annos é que D. Ramiro pôde descobrir o paradeiro da sua infiel consorte.

Disfarça o caso, para melhor obter os seus fins, e conseguiu por estratagema, ou por traição, introduzir-se uma noite no alcaçar mourisco, tendo cá fóra homens decididos, promptos para o que désse e viesse.

O certo é que o rei e alguns dos seus poderam agarrar a D. Urraca (já um principe francez desarranjou um casamento que estava tratado com uma infanta nossa, só por se chamar *Urraca*) e ao pobre do Alboazar, e largou a toda a pressa com elles caminho da Galliza.

Chegando a *Monte-Dor*, aldeia do litoral, na freguezia de Carrêço, 6 kilometros a NO. de Vianna, alli assassinou, com os mais horriveis tratos ao infeliz Al-Boazar. (Vide *Carrêço*).

Praticada esta *façanha*, foi o rei e a sua comitiva caminhando para o N., a 6 kilometros distante de *Monte-Dor*, chegaram ao rio *Spaco*, e aqui, mandando prender a rainha a uma *ancora* (pelo pescoço) *elle e seus filhos* (!!!) a deitaram ao rio, onde se afogou. (Hoje havia de custar-lhe a afogar-se aqui, principalmente se fosse de verão, a não ser em alguma levada).

É certo que D. Ramiro II roubou a moura *Zahara*, irmã ou filha de *Al-Boazar*, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de *Artida* ou *Artiga*. O rei repudiou a D. Urraca e casou, ou, segundo outros, viveu amancebado com *Zahara*, de quem teve um filho chamado *D. Alboazar Ramirez*, (que fundou o mosteiro de Santo Thyrso e do qual algumas vezes fallaremos n'esta obra.) Na minha opinião, ha um facto que faz cair *redondamente* por terra a historia das mortes de D. Urraca e Alboazar. Pois então, se era tamanho o odio de D. Ramiro II contra Alboazar, e se este lhe tinha roubado a mulher, como é que o rei poz ao filho o nome do tio ou avô? Entendo que o romance de D. Bernarda e de Garrett, não passam de... *romances*. Mesmo assim deu elle motivo ás antigas armas de Vizeu. (Vide *Vizeu*).

O chorado Garrett, no seu bellissimo poemeto intitulado *Miragaia* conta o caso de modo bastante diverso. Vide *Vizeu* e *Cabriz*).

Desde então se ficou chamando ao *Spaco*, *Rio da Ancora* ou *Rio Ancora*. (Então porque se não ficou chamando *Rio da Rainha*, ou *Rio de Urraca?*

O padre D. Jeronimo Contador d'Argote (que é menos credulo) nas suas *Memorias de Braga* (pag. 372) diz que o nome lhe vem da *ancoragem* que faziam aqui as frotas romanas, que conduziam tropas.

Tambem ha quem diga que se lhe deu este nome por aqui apparecer uma ancora de ouro.

Muitos escriptores de fama contam muito seriamente a tragica morte de D. Urraaca, e não serei eu, obscuro escriptor, que os contradiga n'isso; mas sim na causa quee deu o nome d'Ancora a este rio. Pelo maenos 360 annos antes da morte (sonhada ou real) de D. Urraca, já a freguezia d'Ancora se chamava *Santa Maria de Villar d'Ancoraa*, na marinha, pois assim a denomina Theeodomiro na doação que da quarta parte dd'esta egreja fez ao bispo de Tuy em 563. ((Vide *Ancora*, freguezia).

Suas aguas regam os campos de Riba d'Ancora, Ville e Gentinhães, e a bellaa veiga d'Ancora; faz mover azenhas de pão e engenhos de serrar madeira. Traz algum peixe, mas pouco e miudo.

Quando era outra casta de rio, foi nnavegavel até á ponte de Abbadim. Hoje noem a maré passa de uma levada que está aa uns 300 metros da foz.

N'estas costas, todas cheias de cachoopos e penedias (baixas) á beira-mar, se têemn destruido muitos navios, e o mar arrojaddo aos areaes grande numero de cadaveres dde differentes nações.

Eu vi o livro dos obitos da freguezia d'Ancora (em 1865) e d'elle consta que só eem um dla (em novembro de 1755) aqui appaareceram 192 cadaveres, da guarnição dee uma nau portugueza que foi ao fundo aqui perto. N'esse anno de 1865, tambem o mar arrrojou á costa alguns bois de um vapor inglezz que se perdeu aqui.

ANCORA — freguezia, Minho, commarca e 12 kilometros ao N. de Vianna, concelho e 6 ao S. de Caminha, 48 ao O. de Bragga, 425 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Chamava-se antigamente *Villar d'Anncora*: e parece que ainda antes d'este nome e tinha o de *Balthazares*.

Os lusitanos chamavam a uma baatalha *azar*. Como aqui perto houve varias s batalhas, se ficou chamando a esta veiga a *Valle d'Azares*, e por corrupção *Balthazarres*. (A mudança era facil. Os do norte do reinoo, mudam sempre o *v* em *b*, e diziam *Bal d'azares;* d'aqui para *Balthazares* vae pouco).

E' tradição que onde hoje está a capella de S. Braz, na veiga ainda hoje chamada de *Balthazares*, foi a egreja matriz primitiva.

Perto d'esta veiga, está outra chamada de *Batalhoz*, e tambem é tradição que houve aqui uma grande batalha entre lusitanos e romanos.

Para se fazer idéa da antiguidade d'esta freguezia, basta saber-se que já existia como parochia com o nome de *Santa Maria de Villar d'Ancora* em 563, pois que n'esse anno o rei suevo Theodomiro deu a quarta parte dos rendimentos d'esta egreja ao bispo de Tuy. Em 3 de setembro da era de 1163 (1125 de Jesus Christo) a rainha D. Thereza confirmou esta doação, com seu filho D. Affonso Henriques.

Ha tambem n'esta freguezia um sitio chamado a *Matança*, cujo nome se lhe deu (segundo dizem) por uma grande derrota que os portuguezes aqui deram aos mouros argelinos, nos primeiros tempos da monarchia, fazendo-se em memoria d'esta victoria, uma capella a Nossa Senhora do Soccorro, que ainda existe ahi perto, no logar da *Lage*. Foi reedificada em 1640. Tinha em volta sete capellinhas com os passos da paixão, das quaes só restam as paredes arruinadas. Tinham estas capellinhas confessionarios e n'ellas se confessavam os devotos, por licença do arcebispo de Braga, dada a 18 de março de 1687. (Vide adiante).

Ha tambem aqui uma outra veiga chamada de *Sapor* (Sapor, como todos sabem, foi um celebre rei da Persia) e em Riba d'Ancora ha uma aldeia, uns mattos e uns campos chamados do *Médo* e *Sub-Médo*.

O que é incontestavel é que a povoação d'Ancora é antiquissima, [illegible] era povoada no tempo dos celtas, do que ha vestigios (vide Gontinhães).

Houve tambem aqui um castello arabe, do qual ainda ha vestigios.

Na serra de *Laborades*, ao E., ha turfeiras (terra combustivel).

A egreja, situada em um lindo e fertilissimo valle, proximo da esquerda do rio Ancora, era de tres naves e de cantaria, e havia sido feita em 1360. Estava muito bem conservada; mas, como era pequena, foi reconstruida de novo em 1866, á custa do povo, voluntariamente.

Perto da ponte que a enchente de 1865 destruiu, e já no areal da costa, ha uma nascente de aguas ferreas, muito efficazes para padecimentos do estomago; nasce, porém, em uma pôça immunda, que a camara respectiva ha muito devia ter mandado arranjar, o que bem pouco custava.

Esta freguezia é situada em um valle lindo e muito fertil, e abrigada do sul e nordeste pelas serras de Laborades, Cividade e Arga. É muito sádia.

No seculo XIV se desmembraram d'esta freguezia as de *Riba d'Ancora* e *Gontinhães*, tornando-se independentes d'ella.

Ao SE. da freguezia fica o monte de *Terrugem*, e ao S. e SO. o da *Cividade*.

No da Terrugem ha vestigios de edificios (talvez fortificações) antiquissimos, e ainda ao sitio se lhe chama *Crasto de Mouros*.

Abaixo d'isto fórma o monte uma chapada, a que chamam *Osseira*.

Entre este monte e o da Cividade, por onde passa o caminho que da freguezia conduz a Afife, ha o sitio chamado *Matança*.

É provavel que aqui se dessem sanguinolentos combates em eras remotissimas, e a tradição constante entre o povo d'estas terras confirma essa supposição.

Já disse que a planicie, onde hoje ha vastos campos cultivados e a capella de S. Braz, se denomina *Balthazares*, corrupção evidente de *Valle-d'Azares*, nome primitivo d'esta freguezia.

A sua situação no litoral, e o seu antigo porto (*Vico-Spacorum*) que dava entrada aos navios de pequeno lote, como eram os antigos, tornava estas terras frequentemente sujeitas ás invasões dos piratas maritimos.

Os phenicios, os carthaginezes, os romanos, os africanos, os normandos e os gascões infestaram successivamente estas costas, deixando sempre vestigios dolorosos da sua passagem devastadora.

Póde pois affirmar-se, sem receio de errar, que os luzitanos resistiam quanto podiam a estes crueis e sanguinarios invasores, o que de certo deu em resultado muitas e sanguinolentas batalhas.

Os luzitanos, vendo-se em constante perigo na planicie da costa, tiveram de ir fundar as suas habitações nos varios ramos ou projecções da grande cordilheira de Arga. É por isso que o monte da Cividade conserva este nome, porque no seu cume houve uma vasta povoação, de que ha muitos vestigios.

Ainda em 1872, andando a arrotear-se um terreno d'aqui, se acharam varias pedras lavradas, tijolos, fragmentos de amphoras e outros objectos.

Este monte está hoje na sua maior parte coberto de pinhaes e outras arvores silvestres.

Pretendem alguns que a antiquisssima egreja de Valle de Azares era no sitio que actualmente se chama *Portella*.

É verdade que, por entre os carvalhos e pinheiros que povoam esta planicie, se vêem manifestos vestigios de casas e outros edificios, e signaes evidentes de que o que hoje são soutos e devezas, foram em eras remotas campos cultivados; mas isso, na minha opinião, apenas prova que houve alli uma povoação, e tudo me leva a acreditar que o local da primitiva matriz, se não foi onde hoje está a capella de S. Braz, era muito proximo.

Logo ao SE, d'esta capella, e poucos metros abaixo d'ella, é a veiga de *Batalhoz*, nome tambem expressivo, e que corrobora a tradição do que se conta da *Osseira* e *Matança*.

Pouco mais ao NE. de Batalhoz está a veiga de *Sapor*, de que já tratei, havendo aqui perto, em um souto, vestigios de antiquissimas habitações.

Ainda ao NE, d'aqui, já na freguezia de Riba-d'Ancora, ha um vasto terreno, comprehendendo campos e mattos, a que tambem já disse, se dá o nome de *Médo* e *Sub-Médo*.

Poucas freguezias ruraes de Portugal apresentarão tantos vestigios de antiguidades.

No logar da *Lage*, d'esta freguezia, está a notavel capella de *Nossa Senhora do Soccorro*, edificada no fundo do monte da Cividade, sobre um rochedo, que foi necessario romper a fogo.

É antiquissima; mas estava arruinada nos principios do seculo XVII.

Em 1640, vindo do Brasil Domingos Sanches, de Balthazares, se viu em grande perigo no alto mar, pelo que prometteu á Virgem reedificar-lhe a sua ermida da invocação do Soccorro.

Salvo do naufragio imminente, tratou logo de cumprir a sua promessa; mas, fallecendo antes da conclusão da obra, a continuou e concluiu seu sobrinho, o padre João Martins Nogueira.

Ha na capella um quadro em azulejo, sobre a porta principal, alluzivo á promessa do fundador.

O templosinho é todo de abobada de granito, bem como a sachristia. Tem 3 altares e uma soffrivel torre. Sobre a porta lateral havia outra torre com relogio, que se desmuronou, e não tornou a construir-se.

Em frente da capella ha um alpendre ou galilé, formado sobre uma elegante columnata de pedra.

Em frente e a pouca distancia está um bonito cruzeiro, sendo o caminho intermediario orlado de oliveiras.

Em volta da capella ha cinco capellinhas, que tiveram *Passos da Paixão de Jesus Christo*. Ha annos foram as imagens recolhidas á capella, ficando as capellinhas abandonadas e em ruinas.

Já fallei d'estas capellinhas, que foram sete.

Teve Nossa Senhora do Soccorro uma rica e numerosa irmandade, que deixou de existir. Chegou a ter 800 irmãos.

Havia tambem aqui uma grande festividade e romaria, a 15 de agosto; e, como a Senhora e[illegible]to de grande devoção, era a festa concorridissima, não só de portuguezes, mas tambem da gente da Galliza, que vinham aqui cumprir seus votos piedosos.

Esta capella tinha um rico patrimonio, instituido e doado pelo fundador, e constando de pinhaes, bouças e campos, tudo em volta da ermida; porém parte d'elle foi vendido.

O que se não vendeu está em poder do proprietario da capella, o qual cuida dos seus reparos, conservação e culto divino.

Onde existiu a antiquissima aldeia do *Crasto*, de que hoje só restam vestigios, tem apparecido, por varias vezes, moedas de cobre, sem se poder saber se são romanas ou arabes, pelo seu estado de oxidação.

Tambem por estes sitios têem apparecido sepulturas antiquissimas sob monticulos de terra e pedras. São incontestavelmente *mâmoas* celticas.

Dentro das sepulturas só se tem achado restos de amphoras (provavelmente *vasos lacrimatorios*, ou urnas para recolher as cinzas dos mortos) o que corrobóra a opinião dos que sustentam que os celtas, ou *pre-celtas*, queimavam os cadaveres dos seus.

Nos pinhaes de Fraião, ha uma d'estas *mâmoas*, que ainda não foi interiormente investigada.

—

Em 26 de novembro de 1865, desceu dos montes de Santa Luzia (ramo da grande serra de Arga, e a 2 kilometros ao N. de Vianna) tamanha porção de aguas, que destruiram campos, casas e arvoredos, nos logares do Outeiro, Ariosa, Afife e Ancora, a antiga ponte de Soutello (sobre o Ancora, que foi reedificada em 1872), e as novas pontes de Áfife e Ancora (feitas em 1857) sobre a estrada real. Esta foi reconstruida, terminando a obra em setembro de 1873. E' toda de cantaria (como a que se demoliu) mas muito mais robusta e aceiada.

A enchente que causou todos estes damnos é a maior de que ha noticia em nossos dias, por estes sitios.

Além da ponte de Soutello, da de Abbadim e da ultima de que tratei, ha, a poucos metros a E. da egreja matriz, e tambem sobre o Ancora, um bom, robusto e largo pontão de grossas lagens.

—

Havia n'esta freguezia tres boas e grandes quintas, que foram de fidalgos, e hoje são de proprietarios d'aqui. São as seguintes:

Quinta da Boa Vista, nas vertentes do monte da Terrugem, com boas casas e uma capella da invocação de S. Miguel, hoje em ruinas.

Quinta de Bento Pereira, proxima á antecedente. Tem grandes casas com capella nas mesmas.

Em um largo proximo está a capella da Santissima Trindade, que achando-se em estado de ruinas, foi reedificada pelo sr. João Barbosa Maciel, actual proprietario d'esta quinta.

Ambas estas quintas são abundantissimas de agua, que lhes vem do monte por encanamentos de pedra.

Quinta do Paço, fica junto ao rio e chega até proximo da egreja matriz. É uma quinta muito productiva; mas as suas casas, que eram vastas e de optima cantaria, e a capella unida ás mesmas (da invocação de Nossa Senhora da Ajuda) estão a ameaçar ruina.

N'esta capella estão enterrados varios dos seus antigos proprietarios e suas familias.

Em um terreiro, fóra da entrada principal d'esta quinta, está um bello cruzeiro de pedra, com a imagem do Redemptor esculpida n'elle, feito por um bom artista d'esta freguezia e á custa do sr. Lino Gonçalves do Soccorro, que foi caseiro da quinta.

Em todas as tres casas d'estas quintas ainda se vêem os brazões dos seus antigos proprietarios.

As grandes agglomerações de seixos rolados que se encontram em toda a baixa d'esta freguezia, desde a superficie do terreno até grande profundidade, demonstram evidentemente que todos estos vastos terrenos foram em tempos remotos occupados pelo Oceano, que, n'estes sitios da costa, recuou mais de 1:500 metros, deixando a descoberto vastos paúes (hoje reduzidos a feracissimos campos), e deixando quasi em secco o antigamente famoso *Vico-Spacorum* (foz do Ancora) que hoje não é mais do que um *caneiro* insignificante.

ANCORA—freguezia, Beira Alta, que foi supprimida ha muitos annos, e annexada a Armamar. Vide esta palavra.

ANÇOS ou **ANCEO**—rio das duas Beiras. Os antigos lhe chamavam *Anco*.

Nasce nas abas da serra da Estrella, de tres olhos d'agua.

Suas margens são cultivadas e muito ferteis, onde não são pantanosas.

Faz tambem mover varios moinhos. Passa á Redinha, onde tem uma ponte de cantaria, e a Soure, onde tem duas. Passa tambem a Villa Nova d'Anços, onde tem egualmente uma ponte de cantaria muito boa, de um só mas grande arco.

D. João III tinha dado este rio aos freires da Ordem de Christo, do collegio de Coimbra.

Passa tambem pela villa de Montemór-Velho, a 18 kilometros da barra do Mondego (e até aqui chegam as marés).

Cria muito e variado peixe.

De Verride para baixo, eram as pescarias dos duques d'Aveiro.

Desagua no Mondego, por baixo do monte *Arnes*, termo de Montemór-Velho, levando já comsigo misturado o rio Arunca, que se lhe junta a 6 kilometros de Soure, e varios ribeiros. Tem 60 kilometros de curso, sendo 20 navegaveis.

ANDALUZ—largo e chafariz (no mesmo largo) em Lisboa. Este chafariz está ao N. do convento de Santa Joanna. Sua agua é limpida, sem cheiro, e levemente salgada. Contém chloreto de sodium e de potassium, sulphatos e carbonatos de cal, de magnesia e de silica, segundo a analyse chimica feita na exposição de Paris, em 1867.

ANDAVAL—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho do Redondo, 30 kilometros d'Evora, 150 a SE. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

ANDORRIAES ou **ANDURRIAES**—logares publicos de pouco aceio, mas trilhados de muita gente. (Portuguez antigo).

ANDRÃES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros de Villa Real, 85 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos. Em 1660 tinha 100 fogos. Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

E' do infantado, menos a commenda, que era dos marquezes de Valença.

Situada em planicie, fertil, muita fructa e grande abundancia de castanha. Gado e caça. Aqui se juntam alguns regatos, formando o ribeiro da *Ponte do Pôço*, que rega e move moinhos.

D. Sancho I lhe deu foral, em julho de 1208. N'elle lhe dá o nome de *Andranes*. O mesmo rei a tinha mandado povoar em 1202.

ANDRÉ (Santo)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago do Cacem, 95 kilometros de Evora, 100 a SO. de Lisboa, 180 fogos.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

Foi primeiro dos duques d'Aveiro, depois passou para a coroa.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de S. Thiago de Cacem, Sines e Cezimbra. Muito vinho, algum azeite, e do mais grande abundoncia.

Feira a 30 de novembro, tres dias.

Tem uma formosa lagoa de 12 kilometros de circumferencia, abundantissima de peixe. Esta lagoa está dividida do Oceano por uma lingua de areia de uns 40 metros de largo, que se arromba todos os annos, fazendo desaguar a lagoa e introduzindo n'ella muito peixe. E' distante da freguezia 3 kilometros.

Entram n'ella quatro regatos, que são—*Pereira, Azinhal, Ponte* e *Cascalheira*.

ANDRÉ DE FÉRVIDAS (Santo)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Montalegre, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

E' da casa de Bragança, de quem todos os moradores são caseiros.

Situada nas raizes da serra de *Larouco*, sobre uma collina. D'elle se descobrem varias povoações portuguezas e hespanholas. E' na raia. Tem muitas aguas e é muito abundante.

E' hoje annexa á freguezia de S. Vicente da Chan. Da egreja matriz só resta a capella-mór, que é a capella de Santo André.

ANDRENUNES — Extremadura, celebre dolmen na serra de Cintra. Vide *Cintra* (serra) e *Dolmen*.

ANEGIA—vide *Arêja*.

ANELHE ou **ANILHE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 85 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada junto do monte *Pedrice*. Bom vinho (maduro) centeio, e do mais pouco.

Por aqui passa o rio Tamega.

ANGEJA—villa, Douro, comarca de Estarreja, 12 kilometros ao N. d'Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 530 fogos, 2:000 almas, concelho de Albergaria Velha.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada na direita do Vouga, tendo aqui uma ponte de pedra na estrada á Mac-Adam e a ponte do caminho de ferro do norte.

A villa está em uma pequena elevação, tendo ao S. uma extensa e feracissima veiga, chamada *Campo d'Angeja*.

Esta linda veiga, é dividida por milhares de vallas, para enxugamento das aguas, de modo que, na maior parte d'ella, não podem entrar carros e todo (ou quasi todo) o serviço agricola se faz em barcos proprios para andarem n'estas vallas. N'ellas se cria bastante peixe miudo, sobretudo um pequeno peixe do tamanho de camarões (especie de *peixe-rei* do Algarve) a que chamam aqui *ruivacos*, que se apanha aos cardumes com a maior facilidade, e se come cozido, sem levar outro tempero senão sumo de limão. É baratissimo.

O Vouga atravessa este delicioso campo, e quem de qualquer parte vê os barcos á vella, que de Agueda vão para Aveiro, ou vice-versa, parece que elles vão navegando pelos campos, o que faz uma linda vista.

Esta planicie, toda cultivada (produzindo, além de outros fructos, uma enorme porção de moios de milho) cercada por toda a parte (menos pelo S., que é plano) de pequenos montes, em grande parte cultivados, ou cobertos de frondoso arvoredo, e povoados de varias freguezias, cujas egrejas e capellas, e bonitas aldeias com as suas casas brancas, esmaltam uma constante verdura, sendo um dos bellissimos sitios de Portugal.

Quem dirá que, apezar de tudo isto, a terra em geral é pobre, e a villa está em tal decadencia, que nem tudo isto e a estrada de ferro do N. a podem fazer sair d'este estado de quasi miseria. Suas casas são de má apparencia, sem ter um unico edificio que preste, e muitas casas estão meias demolidas e deshabitadas.

A villa é pequena e tem apenas uma rua, torta e por calçar, com casas insignificantes, a maior parte terreas, as melhores feitas de tijolo e outras construidas de *adobes* (tijolos seccos ao sol). Ha em Portugal muitas aldeias maiores e muito mais ricas e bonitas. Com tantos elementos de prosperidade, não posso saber a causa d'esta decadencia; muito mais sendo o povo d'esta villa tão laborioso.

Não só o campo d'Angeja é fertilissimo; todas as mais terras d'este concelho que estão fóra d'elle o são igualmente, produzindo em grande abundancia todos os fructos do nosso paiz. O mar e o Vouga lhe dão tambem abundancia de peixe.

A egreja matriz, posto que seja bastante antiga, é soffrivel, e o melhor edificio da villa. Tem por armas Nossa Senhora entre duas torres. (As mesmas do Porto e da Feira, menos as legendas).

Este concelho era, no principio da monarchia, comprehendido nas Terras de Santa Maria, ou vulgarmente Terras da Feira. (E por isso tem as armas das Terras de Santa Maria).

Tinha marquez, da familia de *Luiz de Camões*. O ultimo marquez d'Angeja (que era tenente general) morreu sem descendentes, em 1830, e o marquezado é hoje do sr. conde de Peniche.

O primeiro marquez d'Angeja, foi D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa Verde. O conde de Peniche foi feito marquez d'Angeja, durante a dictadura do duque de Saldanha, em junho de 1870. Vide Caminha, Braga e Loronha.

Angeja está em 4º 43' de latitude e 9º 53' de longitude.

D'aqui se descobre a villa d'Eixo e as povoações de Cacía, Fermellan, Canellas, Salreu, Murtosa de Veiros, Veiros e outras.

Mercado no dia 20 de cada mez.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de agosto de 1514.

O concelho de Angeja, um dos mais antigos de Portugal, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

ANGUEIRA (S. Cypriano)—freguezia em Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Outeiro, 18 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Cyprião (Cypriano).

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia foi desmembrada da seguinte, pelos annos de 1750.

Não é muito fertil.

ANGUEIRA (S. Martinho)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, concelho e 18 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era cabeça da commenda da ordem de Christo, de que eram commendadores os marquezes do Louriçal.

O povo pagava annualmente 36 réis (por familia) aos marquezes de Tavora, como alcaides-móres de Miranda. (Vide *Castanheira*, do concelho do Mogadouro.)

Situada em um valle que formam varias montanhas; d'ella não se descobre nada.

Angueira é corrupção da antiga palavra portugueza *Engueira* ou *Engeira*. *Engueira* era o serviço que o emphiteuta ou colono prestava ao senhorio.

A ermida de S. Miguel é muito antiga, e foi a primeira egreja que houve d'esta commenda. Foi fundada por um grande general (cujo nome não me foi possivel saber), que jaz enterrado á porta da mesma ermida, em sepultura de pedra lavrada.

N'esta freguezia houve dois castellos mouriscos, de que ainda ha vestigios—de um onde chamam *Castro do Gago*, e do outro onde chamam *Castro de Cocoya*.

Ha na freguezia tres padrões commemorativos de tres grandes victorias alcançadas pelo tal general anonymo. São a *Cruz-Branca*, a *Cruz d'Aguas Vivas* e a *Cruz de Infanes* (ou *Ifanes*).

Contra quem seriam estas batalhas? Quando seriam dadas? Mysterio.

ANGUEIRA D'ALÉM—serra, Traz-os-Montes. Principia na aldeia do seu nome, seguindo pelas *Alturas de Barroso* até ao mar, e para E. vae por Hespanha dentro, dizem que até aos Pyreneus.

Em Portugal tem varias povoações, e entra em Hespanha por Alcaniças. E' pouco cultivada e só dá centeio.

Tem arvores silvestres, matto e urze. Cria lobos e caça.

A mesma etymologia.

ANGUEIRA ou **INGUEIRA** ou **ENGUIEIRA**—ribeira, Traz-os-Montes. Nasce em Alcruzilho, 6 kilometros dentro de Castella, termo de Alcaniças. Junta varios ribeiros e cria muito e bom peixe.

Todas as suas margens são cultivadas ou arborisadas. Moe e rega. Tem varias pontes de pedra e de madeira. Morre no Maçãs, perto de Algoso.

Esta Anguieira não é corrupção de *Engueira*, mas de *Anguieira* ou *Enguieira*. Significa *Rio das Anguias* ou *Enguias*.

ANHA ou **DARQUE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros a O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 330 fogos. Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi abbadia da casa de Bragança.

Antigamente era egreja matriz *Nossa Senhora das Areias;* mas, cresceram tanto estas que a egreja e a freguezia se submergiram com ellas, e muitas marinhas de sal que aqui havia, no sitio onde chamavam *Darque-Maior*.

Mudaram então a matriz para o sitio actual, em frente de Vianna, e no sitio da antiga apenas existe hoje uma capella, onde vão annualmente muitos *clamores* de varias freguezias, por voto antiquissimo.

A esta capella ainda se chama de Nossa Senhora das Areias. É na margem esquerda do Lima, perto da sua Foz, e abaixo do Caes-Novo.

Chamam-se no Minho *clamores* a uma especie de procissões que se fazem, reunindo-se os povos de differentes freguezias, cada um com o seu parocho, cruzes, bandeiras, etc. e havendo então sermão, preces e outras ceremonias religiosas.

Estes *clamores*, ou são em dias certos e de tempos antiquissimos, ou marcados por combinação dos diversos parochos, em occasiões de grandes seccas, chuvas constantes e prejudiciaes, pestes, fomes, guerras, ou outras calamidades publicas.

A antiga freguezia de Nossa Senhora das Areias, era tão populosa e rica, que rendia ao parocho (antes de submergida) mais de um conto de réis por anno (o que hoje era um rendimento immenso, attendendo ao accrescimo do valor do ouro e da prata.)

A antiga freguezia de Anha tinha cinco grandes aldeias, que eram:—*Rio* (que ficava na foz, onde desagua o regato que vem de S. Thiago d'Anha), *Darque-Maior*, *Areias*, *Egreja* e *Darque-Menor*. Só esta ultima escapou (por ficar mais longe do mar e mais alta) e para ella se mudou a egreja velha. E' por isto que a esta freguezia se chama vulgarmente *Darque*.

Jé se vê que é no litoral.

E' proximo da barra do Lima.

E' celebre a *Subida do Faro d'Anha*, em cujo monte ha o mais fino granito de Portugal, (e no Molledo, do concelho de Caminha).

Cria muito gado, e tem bastante caça do monte e do mar.

O rio *Anha*, que passa aqui, e aqui se mette no mar, o rega e fertiliza. Tem uma ponte de pedra no logar da *Medonha*.

Passa tambem aqui o rio *Saborido*.

Não pude saber a data do tal cataclysmo.

ANHA LOURA—Vide Anna-Loura.

ANHÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 55 kilometros ao N E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi vigariaria das freiras de S. Francisco de Monção, que depois foram para a Conceição de Braga.

ANJOS—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 110 fogos, 19 kilometros a N. E. de Braga, 376 ao N. de Lisboa. Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

ANISSÓ ou **ANIZÓ**—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 18 kilometros a N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi creada em 1740.

Situada ao pé de um monte.

O vigario era, até 1834, apresentado pelo abbade de Vieira, de cuja freguezia foi esta desmembrada.

E' terra fertil. O lavradio fica em um valle ao pé da serra de *Pena-Mourinha* e do monte do *Crasto*.

N'este monte houve um castello no tempo dos arabes, de que ainda ha vestigios.

Houve n'esta freguezia ainda outro castello mourisco, do qual tambem existem vestigios, n'um sitio ainda hoje chamado *Crasto-Medoeiro*.

É frigidissima de inverno.

Os seus montes criam bastante caça.

ANNA (Santa)—aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 65 kilometros ao N. E. de Lisboa.

E' a 11.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

ANNA (Santa)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 255 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

ANNA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho de Portel, 33 kilometros de Evora, 115 de Lisboa, 80 fogos.

Situada ao fundo da serra dos Velhascos, que traz muita caça.

Passa por aqui o rio Odivellas.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É da casa de Bragança.

ANNA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros de Evora, 145 a E. de Lisboa, 40 fogos.

É do infantado e muito fertil.

Passa por ella o rio Guadiana.

Bispado e districto administrativo de Beja. d'onde dista 16 kilometros.

ANNA DO MATTO (Santa), **S. TORQUATO** e **PESO**—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 50 kilometros de Evora, 60 de Lisboa, 160 fogos.

Orago Sant'Anna e S. Torquato.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

ANNA DA SERRA (Santa)—freguezia no Alemtejo, comarca e concelho de Ourique, 96 kilometros de Evora, 125 a E. de Lisboa, 340 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja,

Situada em um valle coroado de montes.

A egreja é de tres naves e boa.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e tem muitas colmeias.

Ha aqui tanta caça, que custa, ás vezes, cada coelho ou perdiz, um vintem!

ANNA DO CAMPO (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e cencelho de Arrayolos, 16 kilometros de Evora, 90 a E. de Lisboa, 110 fogos,

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

E' da casa de Bragança.

Situada em campina, cercada de charnecas, e d'aqui se avista o castello de Arrayolos (a 3 kilometros de distancia) e a villa de Evora-Monte.

A capella-mor da egreja matriz, construida toda de grandes pedras lavradas (de desmarcada grandeza), consta ser obra dos romanos, o que parece provarem as inscripções seguintes, que estão em varias das ditas pedras. Em uma:

A A A A
AFCA—NANII—IERME—LAVS

Em outra:

CARNEO—CALATICE

Além d'estas outras muitas que por gastas não se podem ler.

Em 1730, quando se accrescentou a egreja, se achou debaixo da terra uma grande pedra, tendo dentro um metal, que era uma mistura de cobre e estanho, e uma sepultura que parecia de um gigante, tendo dentro só uma caveira, muito grande, quebrada, e uma amphora de barro vidrado.

Querem alguns que fosse aqui a antiquissima cidade de *Calantica* (o que parece confirmar uma das transcriptas inscripções.)

Outros dizem que *Calantica* era a actual Arrayolos.

Passa n'esta freguezia a ribeira de *Divor* (que se mette no Sorraya, 3 kilometros acima da villa de Coruche. Tem n'esta freguezia duas pontes de pedra: a do Vimieiro, de dois arcos, e outra de quatro, arruinada.

ANNA DE CAMBAS (Santa)—Vide *Cambas*.

ANNA DAIA (Santa)—pequeno rio, Minho, comarca de Guimarães.

Nasce na freguezia de Borba da Montanha e Macieira. Chamava-se primeiramente *Daia*, e por passar pela capella de Santa Anna, lhe tomou o nome.

Rega, móe e traz peixe.

Tem uma ponte de cantaria no sitio do Fundego, feita em 1740, por uma enchente ter destruido uma antiga, que havia perto da nova. Toma o pequeno ribeiro d'Aboim, e se mette no Tamega, entre as freguezias da Chapa e Gatão, no sitio das Insuas, pouco distante do seu nascimento.

ANNA LOURA ou **ANNA LAURA**—ribeira, Alemtejo, que nasce em uma fonte, na freguezia do seu nome, sahindo das entranhas de uma rocha, abundante e placida.

A sua abundancia é inalteravel, quer de inverno, quer de verão; por maiores que sejam as chuvas, ou por mais duradouras que sejam as seccas (ao nascer, bem entendido).

Rega, moe, e traz peixe.

Pagavam os moradores certo foro á casa de Bragança, para se servirem da agua d'este rio.

Morre no Sorraia, á vista da villa de Fronteira.

ANNA LOURA ou **ANNA LAURA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Estromoz, 4 kilometros d'Evora. 150 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Bento. Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em um valle bonito e fertil.

Corre aqui a ribeira do seu nome, que nasce mesmo n'esta freguezia.

Em alguns papeis antigos, tambem se lhe dá o nome de *Alhanoura e Anhou*

Alem d'esta ribeira e d'esta freguezia, ha em Portugal mais aldeias d'este nome (e na freguezia de Riba d'Ancora, concelho de Caminha, ha tambem uma veiga chamada d'Anna Laura, ou Anna Loura, pois d'ambos os módos se vê escripta em documentos antigos e modernos.) Quem seria esta Anna Loura ou Laura, que deu o seu nome a tanta cousa?... (Vide Veiros, no Alemtejo) D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 8 de julho de 1275. N'elle lhe dá o nome de *Anhoura*.

ANNÃES—Vide Annaes.

ANNADEL—Annadel-mór, logar do exercito portuguez, creado no reinado de D. Fernado I.

Houve varias differenças de *annadeis-móres* a saber: *dos bésteiros do conto e do monte, ou da fraldilha; dos bésteiros da camara; dos bésteiros de cavallo; e dos espingardeiros*. Tambem houve alguns *annadeis-móres de todo o reino*. D. Luiz Caetano de Lima (*Geographia Historica*) não diz quaes eram as funcções do annadel-mór. Vinha a corresponder, com pouca differença, aos actuaes majores de brigada. Eram sempre fidalgos os que desempenhavam aquelles logares, que se foram pouco a pouco supprimindo, até que os ultimos se extinguiram em 21 de março de 1500, por ordem do D. Manoel I.

ANNO MÁO—os portuguezes deram o nome d'*Anno Máo*, ao de 1124 (governando D. Thereza) no qual morreu muita gente de fóme e péste e fez época este anno de tristissima recordação.

ANNOBRA—freguezia, Douro, concelho de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao SO. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 220. fogos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. Eram senhores d'ella os duques de Cadaval.

Situada na encosta de um monte, e d'aqui se vêem as duas Condeixas e varias serras.

Até 1834 eram os priores apresentados pelos duques de Cadaval. É pouco fertil.

Foi villa e é povoação antiquissima. D. Affonso III. lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1271. O mesmo rei lhe tornou a dar foral, tambem em Lisboa, a 2 de julho de 1275. D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de julho de 1514.

ANQUIÃO—(casa de) solar dos Limas e Abreus.

Vide Pico de Regalados.

ANREADE—freguezia, Beira Alta, comarca de Rézende, concelho de Aregos. 55 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa. 300 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Fica na margem esquerda do Douro.

Os disimos eram de uma commenda instituida em 1542, e depois passaram para os condes de S. Miguel. Farta.

ANREADE (S. Romão de)—freguezia, no concelho e comarca da antecedente, 18 kilometros a O. de Lamego. 56 a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada na esquerda do Douro. Farta.

ANSERIZ—freguezia, Beira Alta, comarca de Midões, concelho de Avô, 55 kilometros ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

ANTA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 24 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 570 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É situada na costa do Atlantico, em bella e fertil planicie, cercada de pequenas collinas cobertas de pinheiros e outras arvores silvestres.

É atravessada pelo caminho de ferro do Norte, tendo estação em *Espinho*, linda e po-

puloza aldeia d'esta freguezia, situada mesmo á beira mar. Vide Espinho.

Para a etymoligia,, vide Dolmen Viterbo diz que é o mesmo que *ára* (supponho que é êrro) em que os primeiros Christãos queimavam as *premicias*; ou sobre que os gentios faziam os seus sacrificios. Entendo que confunde *anta* com *dolmen*. *A anta* nem tem geito d'altar, nem pela sua figura, mais ou menos espherica, e ainda mais pela altura da maior parte d'ellas, era apta para os sacrificios. O *dolmen* era proprio para isto. Vide Antas.

Tem uma lagoa d'agua salgada, que traz bastante peixe. Ha seculos que o morgado de Parâmos pretende ser senhor d'esta lagoa; mas o povo nunca se importou com esta pretenção, e vae pescando n'ella.

O abbade cruzio da serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, até 1834.

Orago S. Martinho.

Havia aqui uma *anta* (que deu o nome á freguezia) e que já não existe.

É povoação antiquisima, visto ter tido monomentos celtas.

Vide Dolmen, onde se trata mais circunstanciadamente dos monomentos celtas.

ANTA—pequena serra. Douro, na freguezia, do seu nome, concelho e comarca da Feira. 3 kilometros de comprido e 3 de largo. É quasi toda povoada de pinheiros.

ANTA (S. Martinho d')—freguezia, Traz-os-Montes, comarca d'Alijó, concelho de Sabroza, 90 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos. (Vide Ceira.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Foi reitoria da Mitra.

ANTANHOL—freguezia, Douro, concelho, comarca e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Alegria.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em alguns papeis e livros antigos se lhe dá o nome *d'Aranhol*. Depois se chamou *Antanhol dos Cavalleiros*.

Situada na encosta de um monte.

A matriz foi fundada, ou reedificada, em 1386. O cura era até 1834 apresentado pelas freiras bentas de Semide, que desde 1563 até 1834 recebiam os dizimos d'aqui.

Era *honra* dos Cunhas.

Corre aqui o rio do seu nome. Farta.

Ha n'esta freguezia a grande *Quinta do Paço*, com bôas casas e uma extença matta. Esta quinta foi instituida em morgado, por *Vasco Pires*, em 1386, juntando-lhe outras várias propriedades e fóros.

Os povos d'esta freguezia, por serem caseiros dos Cunhas (senhores da *honra*) tinham muitos privilegios que lhes deram, D. João I em 1425 e D. Manoel em 1514.

Vasco Pires morreu em 1389, e foi sepultado no convento de crusios de S. Jorge, a par de Coimbra.

Antanhol quer dizer, *terra que tem varias antas*. Tambem póde ser derivado *d'Antanhó*, dimínutivo *d'Antão*, nome proprio d'homem. (Portuguez antigo.)

ANTANHOL—ribeira, Douro, comarca de Coimbra. Nasce no logar da Palheira. Tem duas pontes de cantaria. Rega e móe. Corre pela freguezia do seu nome, e morre no Mondego (esquerda) proximo ao logar d'Arzilla.

ANTÃO DO TOJAL (Santo)—Vide Tojal.

ANTAS—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho d'Espozende, districto administrativo, arcebispado, e 30 kilometros a O. de Braga, 42 ao N. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Payo.

Era vigariaria do mosteiro de S. Romão.

ANTAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 210 fogos. Farta.

Orago S. Thiago.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

Teve antigamente um mosteiro de Templarios, que, depois da supressão d'esta ordem, passou a ser propriedade dos *Maias*, e depois dos marquezes de Fontes.

É povoação antiquissima, pois já foi habitada pelos celtse, em vista do seu nome, se é que o não herdou dos latinos.

Os antigos lusitanos tambem davam o nome *d'anta* aos marcos grandes levantados perpendicularmente, e ás penedias, cabêços,

ou sitios que estavam na frente d'algum castello ou povoação. Os latinos chamaram *antae* ás columnas grandes e quadrados que ornavam e guarneciam as entradas dos seus templos e palacios.

ANTAS DE PENALVA—freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 30 kilometros a E. de Vizeu, 305 ao N. de Lisboa. 220 fogos.

Orago S. Vicente Martyr.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada em campina, ao fundo de uma serra.

Eram donatarios os marquezes de Cascaes. Do monte de *Pera Vigia* se descobrem seis villas acastelladas (Almeida, Pinhel, Trancoso, Aguiar da Beira, Celorico da Beira e Linhares) a cidade da Guarda, outras povoações e muitas serras.

O seu nome deriva-se das muitas *antas* que por aqui ha, o que prova ser povoação antiquissima, habitada pelos celtas.

ANTAS DE PENEDONO—freguezia, Beira Alta, comarca de Meda, concelho de Penedono, 40 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Situada em campina, junto ao monte Sirigo. É fertil.

É terra antiquissima, como todas as que tem este nome; pois se lhe deu por haver n'ellas antas, o que mostra serem povoações celtas.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo de Vizeu. bispado de Lamego.

ANTEPAÇO ou **ANTEPASSO**—aldeia, Minho, freguezia de Santa Marinha, de Arcosêllo, comarca, concelho e em frente de Ponte do Lima.

Dizem uns que se chama *Antepaço* por abreviatura de *Antigo-Paço*, e que houve aqui um *paço* do consul romano *Decio Junio Bruto*, que conquistou este paiz aos lusitanos, 135 annos antes de Jesus Christo.

Os que pensam com mais criterio dizem que deve escrever-se *Antepasso* (e assim se vê escripto em todos os livros antigos) e não *Antepaço;* e que o seu nome procede de estar situada *entre a passagem* do rio Lima. Parece-me que é mais provavel.

Mesmo por este logar passava a via militar romana, de Braga para Astorga. Havia no fim do seculo passado (e não sei se ainda existem) n'esta aldeia tres padrões, que foram *marcos miliarios*, mencionados pelo padre Argote, dos quaes dou as inscripções.

A primeira diz:

IMP. CAES TRAINO
HADRIANO: AUG.
PONTIF. MAX.
TRIB. POTEST. XVIII
COS III P. P. A BRACA
AUG. M. P. XX.

Quer dizer:

Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Adriano Augusto, pontifice maximo, investido do poder tribunicio 18 vezes, e do consular tres. D'aqui á Braga são 20:000 passos.

Entende Argote que esta estrada foi aberta, ou reedificada por Augusto Cesar (como se colhe de um padrão que se achou, com a sua inscripção, nas margens do Cávado, quando se reedificou a ponte do Prado) mas que arruinada com o tempo, a mandou concertar, pelos annos 134 ou 135, o imperador Adriano.

A segunda inscripção diz:

IMP. CAE DIVI SEVERI PN. FIL.
DIVI MARCI ANTONINI EP.
DIVI ANTONINI. PII PRONEP.
DIVI HADRIANI ABNEP.
DIVI TRAIANI. (TRAJANI) PART. P. ET.
DIVI NERVA. E ADNEP.
MARCO AURELIO ANTONINO
PIO. FIL. AUG.
PART. MAX.
BRITO MAX.
GERMANICO MAX.
PONTIFICI MAX.
TRIBUNIC. POT. XVII
IMP. III COS. IIII. PROCOS
BRACAR. AUG. M. P. XX

Quer dizer:

Esta columna se levantou, sendo imperador Marco Aurelio Antonino, filho do divo Severo, neto do divo Marco Antonino, bisneto

do divo Antonino Pio, terceiro neto do divo Adriano, quarto neto do divo Trajano parthico, e do divo Nerva, pio, feliz, augusto, parthico maximo, britanico maximo, germanico maximo, pontifice maximo, 17 vezes investido no poder tribunicio, consular quatro, imperador tres, e proconsul. D'aqui a Braga são 20:000 pasos.

Não copio a terceira inscripção porque, tendo muitas letras apagadas, não póde formar sentido. (Vide Arcozéllo.)

Quem quizer mais amplas noções sobre a estrada da Geira (que é esta de que trato) veja *Geira* e *Vias-romanas.*

ANTIME—freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Bispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santa Maria.

Quanto á romaria a Nossa Senhora de Antime, ou da Misericordia, ou do Sol, vide Fafe.

O abbade era até 1834 apresentado pela casa de Bragança, na qualidade de com-padroeira, o que se verifica por um alvará feito na cidade de Braga em 17 de janeiro de 1446 (anno de Jesus Christo 1408) pelo qual o arcebispo D. Martinho confirma a apresentação de Affonso Martins para abbade d'esta freguezia, feita pela condessa D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. Affonso I, duque de Bragança, e por D. Joanna Martins de Alvim, e D. Ignez Martins, suas primas co-irmãs, como consta domesmo documento. Para a descendencia de D. Joanna Martins de Alvim, vide Bordonhos.

Querem alguns que esta freguezia fosse uma das obrigadas a varrer as ruas de Guimarães; mas julgo que eram só Cunha e Ruilhe. (Vide Barcellos e Guimarães.)

Passa aqui o rio Ranha, que se junta ao Vizella.

Póde muito bem ser que o nome d'esta freguezia seja corrupção de *atimo,* que no portuguez antigo significava *acabado, concluido.* (Vide Atimar.)

ANTONIO (Santo)—serra. (Vide Minde.)

ANTONIO (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 40 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 90 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um monte. D'aqui se descobrem as seguintes povoações: Olivença, a 30 kilometros; Estremoz, a 24; Evora-Monte, a 30; Alandroal, a 12; Terena, a 6; Monsaraz, a 12; Mourão, a 18; e as villas hespanholas de Xelles, a 12 kilometros, e de Alconchel, a 24.

E' terra abundante de trigo, centeio e sevada, do mais pouco.

Passa pela freguezia o rio Guadiana, recebendo aqui o *Lucefece* e *Azaval.*

O primeiro entra no sitio do Romão, e o segundo no sitio do Gato.

ANTONIO VELHO (Santo)—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros de Evora, 145 ao SE. de Lisboa, 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um valle. E' do infantado.

A 800 metros da egreja matriz, está a *Fonte dos Banhos,* onde, por costume antigo, ia a camara do concelho, todas as manhãs de S. João, acompanhada dos moradores da villa *fazer capellas* e correr cavalhadas. Esta brincadeira acabou pelos fins do seculo XVI.

Ha na freguezia mais a fonte do *Zambujal,* abundantissima de agua, que rega e m.ões.

Por a freguezia corre o Guadiana.

ANTUAN ou **ANTUÃO**—(e é assim que lhe chama o seu foral) antigo nome de Estarreja. (Vide esta palavra.)

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519.

ANTUAN ou **ANTUÃO**—rio, Douro. Nasce no concelho de Cambra, comarca de Oliveira de Azemeis, no sitio dos Ferreiros, e morre na ria de Ovar.

Na margem d'este rio houve um convento de benedictinos, da invocação de S. Martinho, que ainda existia em 922, e passou depois a donatarios. (Vide Crestuma.)

No seu curso (de 50 kilometros) é atravessado por varias pontes de pedra, quasi todas modernas. (Vide Laranjo.)

ANTUZEDE—freguezia, Douro, comarca,

concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Era do padroado de Santa Cruz de Coimbra, que tambem tinha a jurisdição ordinaria. Toda esta freguezia era, no principio do seculo XII, uma quinta dos frades cruzios. Com o augmento da população, e a pedido dos povos d'aqui, a elevaram os frades a freguezia, em 1592, anno em que se fez a egreja, sendo a capella-mór á custa dos frades e o corpo da egreja pelo povo.

Orago Santo Agostinho.

Em obediencia á sua antiga parochia, tinham os povos d'aqui obrigação de hir trez vezes no anno (Corpus Christi, Santa Cruz e S. João Baptista) á egreja de S. João, de Santa Cruz, a que haviam pertencido.

Esta obrigação cessou no seculo passado.

Esta freguezia foi annexada, depois de 1834, á de S. Fagundo, ou Facundo.

Houve aqui uma grande desordem, em 1851, promovida pelo parocho, porque tendo morrido uma mulher, e não querendo elle enterral-a no cemiterio de Antuzede, duas mulheres a enterraram.

O padre pediu tropa de Coimbra, e com 20 infantes e 30 cavallos vieram aqui desenterrar a mulher, e como o povo se oppozesse quasi em massa, houve muitos feridos, e foram cinco *cabeças de motim* presos para Coimbra.

APASCOAMENTO—portuguez antigo, significa pastagem, logar destinado para pasto do gado.

APOSENTADOR-MÓR—só se sabe com certeza d'este emprego em Portugal, desde o tempo de D. João I, sendo ainda mestre d'Aviz, e pouco mais de um anno depois da morte de D. Fernando I (1383). É porém provavel que já existisse no antecedente reinado.

A obrigação principal do aposentador-mór consistia em prevenir o alojamento do rei nas jornadas e resolver as duvidas que se offerecessem sobre a aposentadoria dos infantes e das outras pessoas que seguiam a côrte; quer em tempo de paz, quer no de guerra.

Parece que no principio se lhe dava o nome de *pousador-mór*.

Gonçalo Vasques de Azevedo, fidalgo e rico proprietario em Almada, atraiçoando a sua patria, tomou o partido de D. João I, de Castella. O mestre d'Aviz lhe mandou sequestrar tudo e o deu a Estevão Lourenço, por doação de 22 de dezembro da era de 1422 (1384 de Jesus Christo) e n'essa doação denomina Estevão Lourenço, seu vassallo, creado e *pousador-mór*. (L. 1.º da chancellaria de D. João I).

Ruy de Sousa foi feito aposentador-mór, por D. João III, em 7 de novembro de 1542.

Este *officio*, segundo a provisão, o herdou por parte de sua mulher, que era filha de D. Martinho Castello Branco, primeiro conde de Villa Nova e de D. Mecia de Noronha.

Desde então até nossos dias, andou sempre o officio de aposentador-mór n'esta casa, que depois foi dos condes de S. Thiago (de Bedoído).

APPELLAÇÃO—freguezia, Extremadura, termo e 12 kilometros a NO. de Lisboa, 60 fogos. Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

E' reguengo da casa de Bragança, á qual pagava a quarta parte de todos os fructos. (Vide Correlhan).

Era cabeça d'este reguengo a villa de Sacavem, a 3 kilometros de distancia. Havia apenas na freguezia algumas fazendas da Ordem de Malta isentas d'este barbaro tributo.

A freguezia é situada em um valle ameno e com bellas quintas, cearas, hortas e pomares.

Tem optimas aguas e é muito saudavel.

Até 1594 era da freguezia de Unhos, a qual pagavam, até 1834, os dizimos. (Pobre gente! Com que ficariam, depois de dar o quarto á casa de Bragança e o dizimo a Unhos?)

Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, e sua mulher Anna Chaves Correia, obtiveram do então arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, em 1590, licença para se fundar a egreja e se erigir esta freguezia, o que consta de uma inscripção que está na capella-mór, e é a seguinte:

Sepultura de Bartholomeu de Oliveira Botelho, commendador da Ordem de Christo, e de Anna Chaves Correia, sua mulher, os quaes fundaram e dotaram esta egreja de Nossa Senhora da Encarnação, e deixaram para a fabrica d'esta capella-mór dez mil réis de renda e dotaram ao padre cura a renda que tem.

Diz-se que, havendo uma grande peste no reino, a cidade de Lisboa e todas as freguezias circumvisinhas eram devoradas por este flagello, menos esta freguezia, pelo que para aqui fugia muita gente, dizendo: *appellemos* para a freguezia de Nossa Senhora da Encarnação. Segundo esta versão, é d'aqui que provém o nome da freguezia. Parece que d'isto ha memoria na Torre do Tombo.

Os mesmos fundadores dotaram a egreja com a renda annual de 50$000 réis e lhe deram grande numero de alfaias, ficando por isso seus padroeiros, apresentando o parocho, ao qual davam um moio de trigo, um porco, 10$000 réis em dinheiro e casas para morar.

Appellação é o mesmo que *appellido*. O nome que faz distinguir uma pessoa (ou cousa) da outra. No fôro, todos sabem o que significa *appellação;* mas de certo não é d'isto que vem o nome a esta freguezia; e sim de *appellarem* (clamarem, pedirem soccorro, invocarem) a padroeira da freguezia.

APPELLIDAR—portuguez antigo, chamar gente para a guerra.

APRÊS—portuguez antigo, (do celta) depois.

APRÉSTAMO—préstemo, consignação de certa quantia, fructos ou direitos, imposta em alguma propriedade, destinada para sustento de alguma pessoa, pessoas ou obra pia. Tambem ás vezes se tomava pela propriedade onerada com esta pensão. Na jurisprudencia ecclesiastica se dá o nome de *prestimonio* a uma porção tirada para sempre dos réditos de um beneficio, para uma applicação qualquer. Aos que recebiam esta pensão se dava o nome de *prestameiros*.

APULIA—villa, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Este nome foi-lhe imposto pelos romanos pela similhança que o paiz tinha com a antiga *Apulia* italiana (e que hoje se chama *Capitanato, Terra de Bari* e *Terra d'Otranto*).

Esta freguezia é em bonita posição (uma extensa planicie) muito fertil e na costa do Oceano.

Foi couto dos arcebispos de Braga.

Ha aqui vestigios de uma valla por onde entrava o mar, formando um *esteiro* navegavel para barcos, que conduziam o ouro (das minas que então aqui havia) para bordo dos navios.

Esta valla foi construida pelos romanos.

Os povos d'estes sitios chamam a esta villa e freguezia, por corrupção, *Pulha* ou *Couto da Pulha*.

Fica entre Fão e Fonte Boa, e é banhada pelo mar, que lhe fica ao O.

Havia ainda annexo a este couto, o de Baçar, que fica 3 kilometros a E.

A matriz está junto de um grande areal.

Produz esta freguezia grande abundancia de alhos.

A antiga egreja foi submergida em areia.

Ha n'esta freguezia uma celebre lagoa que tem de comprido 900 metros. Cria muitas cannas delgadas e tabúa. É redonda e cercada de umas arvores a que aqui chamam *oleiros*, que dão um fructo chamado *olas*, que se não come.

Grande abundancia de caça de aves marinhas e muito bom peixe. Pesca-se aqui muito polvo.

Tinha antigamente um facho á beira mar, sempre accezo de noite e eram os seus moradores obrigados a sustental-o e guardal-o, armados, por causa dos piratas.

AQUEDUCTO DAS AGUAS LIVRES—vide Lisboa.

ARABRIGA—antiga cidade da Lusitania. Foi fundada pelos galos-celtas, 200 ou 300 annos antes de Jesus Christo. Era situada na raiz da serra da Arrabida, entre Setubal e Cezimbra. João Soares de Brito, no seu *Theatro Geographico da Lusitania*, diz que ainda no principio do seculo XVII havia

vestigios d'esta cidade, que hoje ou o mar ou as areias teem submergido; pois já não ha d'ella o mais leve indicio. Não se sabe mais nada de *Arabriga*, e hoje d'ella só resta a memoria da sua existencia. (Vide Arrabida).

ARACELI—serra, Alemtejo, freguezia da Taboeira. Vem-lhe o nome de uma capella de *Nossa Senhora d'Ara-Celi*, que ha aqui. Outros dizem que o nome lhe vem de um *dolmen (ara celtica)* que aqui existiu por muitos seculos. Tem 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

É habitada em parte. Produz muito trigo, centeio e milho, azeite de *daro* (azeitona brava) muito bom para luz. Tem hervas medicinaes, colmeias, gado, (sobretudo porcos) caça e lobos.

É um ramo da serra d'Ossa.

ARADA—serra, Douro, no antigo concelho de Lafões. Tambem lhe chamam *Serra de Carvalhaes*. Communica-se pelo E. com a serra de S. Macario e do O. com a de Manhouce. Tem 18 kilometros de comprido e quasi 5 de alto. E' alcantilada, cheia de medonhos precipicios e perigosos despenhadeiros.

Tem no alto um plató cultivado, que é da freguezia do Candal. N'este plató está a aldeia da Coelheira, e por elle corre um pequeno ribeiro, que se despenha com fragor por entre penhascos.

D'este sitio se descobrem terras de quatro bispados (Guarda, Lamego, Vizeu e Coimbra) e muitas serras e povoações.

Tem pedreiras da melhor pedra de construcção das duas Beiras.

Na parte não cultivada é coberta de matto, carvalhos, medronheiros, giestas e hervas medicinaes. Tem muita caça.

Nascem n'esta serra cinco regatos perennes (Magrou, Mareco, Baroso, Tavarrol e Carvalhaes) que, depois de se precipitarem de rochedo em rochedo, vão morrer ao Vouga. O clima d'esta serra é saudavel, mas bastante frio.

Arada significa cultivada, lavrada. Ao que os antigos portuguezes davam o nome de *arada*, damos nós hoje o nome de *veiga*, *varzea*, *campo*, *ribeira*, etc., etc.

ARADA—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Ovar, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Aveiro, districto administrativo do Porto.

Situada proximo do Atlantico, em planicie muito fertil, sobretudo em milho.

É atravessada pelo caminho de ferro do Norte.

Era da Ordem de Malta, com total isenção dos bispos do Porto.

O cura era, até 1834, apresentado pelo commendador de Rossas, Frossos e Rio Meão, com approvação do vigario geral de Malta.

Passa aqui o ribeiro d'Arca Pedrinha.

ARADAS—villa, Douro, districto, comarca e concelho de Aveiro, 54 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:200 almas. Orago S. Pedro.

Bispado de Aveiro.

Chamava-se antigamente *Erada*. Em tempo de D. Affonso I, era de Jacob (ou Job) Mendes, que a deixou a Santa Cruz de Coimbra (onde elle jaz) por testamento de 1181.

Logo que foi dos frades, lhe deram foral, em 1219.

Passou para os frades cruzios da serra do Pilar (Gaia) em 1700, com os casaes de Ilhavo, que eram do mesmo legado.

A jurisdição era do rei. Teve juiz do crime, civel e orphãos, um vereador, procurador, etc.

D'aqui se descobre Aveiro e Esgueira, que ficam perto.

A egreja está em um valle, junto ao canal ou esteiro navegavel, ramo da ria de Aveiro. É do tempo dos godos e tem uma *galilé*. Eram padroeiros os cruzios de Coimbra, e depois os da serra do Pilar.

Esta egreja é muito antiga, pois já existia em 979, quando para aqui veio um fuzil da *cadeia de S. Pedro* e um pedaço do *santo lenho*.

Em quanto foi de Santa Cruz de Coimbra, teve priores, e desde que foi da serra do Pilar, eram curas annuaes apresentados pelos frades.

É terra abundante d'aguas, fertil e salubre.

ARADOS — monte, Douro, freguezia de Alpendurada. (Vide esta palavra.)

Arados é palavra portugueza. Significa *lavrados.*

ARADUCA — cidade antiquissima da Luzitania. Ha todas as razões para julgar que é a actual villa d'Arouca; em vista da collocação que no seu *Mappa* lhe dá Abrahão Ortelio.

Não ha porém em Arouca vestigios de tão remota antiguidade, senão varias *antas*, alguns *dolmens* e duas ou tres *mâmoas*, que se acham nos seus montes, o que prova incontestavelmente que por aqui habitaram os celtas por muito tempo.

Alguns tambem dão a esta cidade o nome de *Araducta.* (Vide Arouca.)

ARAL — (portuguez antigo) terra inculta que foi reduzida á cultura ou arroteada.

Aral vem a ser o mesmo que *Abrutella.* (Ha em Portugal algumas aldeias com o nome de *Aral.*)

ARAMENHA — villa, Alemtejo, concelho de Marvão, comarca e 9 kilometros de Portalegre, 6 de Castello de Vide, 185 ao SE. de Lisboa, 370 fogos, 1:500 almas.

Orago S. Salvador. Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada nas margens do rio Sever, que nasce na serra de S. Mamede, d'esta freguezia. Cria optimo peixe, sobretudo trutas, e suas margens são cultivadas em parte. (Vide Sever, rio.)

Esta povoação é uma prova palpavel e evidente de quanto são transitorias as grandezas d'este mundo. Foi uma cidade importantissima no tempo dos romanos, com o nome de *Medobriga*, e hoje mal merece o nome de villa.

André de Rezende engana-se manifestamente quando diz que *Medobriga* é a actual povoação de S. Thiago de Cacem.

A similhança de nomes das tres antigas cidades de *Medobriga*, *Merobriga* e *Mirobriga* é que fizeram a confusão dos nossos archeologos.

Deve saber-se que *Medobriga* é a actual Aramenha; *Merobriga*, S. Thiago de Cacem, e *Mirobriga*, Ciudad de Rodrigo, em Castella.

Como esta povoação é situada nas faldas da serra de Marvão, a que os antigos chamavam *Herminio-Menor*, o desembargador Duarte Nunes de Leão (que erradamente lhe chama *Merobriga*) diz que o seu actual nome lhe provém de *Herminia.*

Parece que pelos annos 50 antes de Jesus Christo já os romanos davam a Medobriga o nome de *Herminia*, pois assim chamam os historiadores romanos aos povos que o cruel Longino (ou *Longuinho*) então quasi exterminou. (Vide adiante.)

Tambem podia ser que lhe chamassem *povos da Herminia*, pela visinhança da serra *Herminio-Menor.*

Dizem outros que os arabes chrismaram a velha cidade de *Medobriga* com o nome de *Armenia.*

É facil a corrupção de *Armenia* para *Armenha* (segundo o antigo portuguez), e de *Armenha* para *Aramenha.*

Segundo alguns auctores foi a cidade de Medobriga fundada pelos gallos-celtas, 400 annos antes de Jesus Christo, e foram elles que lhe deram este nome (que, segundo alguns, significa *povoação* ou *cidade dos médos*). Outros porém ainda a fazem mais antiga, e dizem que os gregos a fundaram 1906 annos antes de Jesus Christo.

(Vide a inscripção que vae adiante, copiada da *Porta de Aramenha*, em Castello de Vide.)

Seja uma ou outra a data da sua fundação, é certissimo que Medobriga era uma cidade antiquissima.

Prova-se que esta cidade foi no sitio da actual Aramenha, pelo *Itinerario* do imperador Antonino Pio, que marca *Medobrica* (como lhe chamavam os romanos) entre as actuaes Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, que é exactamente a situação de Aramenha.

Ainda se vêem aqui os restos de um vasto e sumptuoso templo e de outras construcções antiquissimas.

D. Frei Amador Arraes diz que no seu tempo se acharam nas ruinas de Medobriga muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes letras, moedas de oiro, bellissimas pelo lavor, do tempo de

Vespasiano, Tito, Tiprociano (pontifice) e de Trajano.

(Ás moedas antigas que apparecem nas escavações ou em qualquer parte, e cujo maior valor não é o metal de que são feitas, mas a sua antiguidade, se lhe dá o nome de *medalhas*.)

Balbi (*Essai statistique*, tom. II, pag. 200) diz que em uma quinta dos marquezes de Tancos (no termo de Marvão) se tem achado vasos ou amphoras de barro, medalhas, inscripções e outras antiguidades.

Tem-se por estes sitios descoberto alicerces de grandes edificios, na profundidade de dois e tres metros.

Em abril de 1797 foi aqui achada uma lapide, que foi remettida a 25 d'esse mez e anno para a Academia Real das Sciencias pelo seu digno presidente, o duque de Lafões (que por aqui andou investigando antiguidades n'essa occasião) tendo a lapide a inscripção seguinte:

C. JUL. VECEFO
FLAMINE PRO
VINCIE LUSITA
NII PROPINIA
STAFRA. MARI
TO. OPTIMO.

Deve ler-se: —*Caio Julio Vecefo Flamini Provinciæ Lazitanæ: Propinia Stafra Marito Optimo.*

Quer dizer: —*Propinia Stafra a seu optimo marido Caio Julio Vecefo, flamine da provincia Luzitana.*

Em nossos dias teem tambem apparecido por estes sitios columnas de differentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios e mimosos lavores, medalhas de prata e bronze, lapides com differentes inscripções, etc.

Uma d'estas lapides tinha a seguinte inscripção:

P. CORNELIO
C. MACRO
VERITIMA DIVO
CLAUDIO CIVITATE
DONATO
QUESTORI I.I. VIR
EX TESTAMENTO IPSIUS
QUINTIUS CAPITO
CUM Q. F. H. P.

A antiquissima cidade de *Medobriga*, a que os romanos chamaram *Medobrica*, os arabes *Armenia*, e os luzitanos *Aramenha*, era muito extensa e situada em um valle, entre dois rios, ao qual hoje chamam *Varzea de Aramenha*, e é cultivado agora. Fica uns cem metros distante da matriz.

N'esta varzea se vêem muitas torres e pontes (sobre o rio Sever) muitos restos de edificios e de um grande aqueducto romano que trazia a agua á cidade; restos de pavimentos, uns lageados, outros de bellos mosaicos, e outras muitas curiosidades archeologicas.

Tem-se tambem achado aqui muitas columnas e ricas sepulturas de bellos marmores, com epitaphios de optima letra romana.

—

Em uma quinta, chamada da *Azenha Branca*, de que era proprietario Luiz Freire da Fonseca Coutinho (hoje pertencente a seu bisneto, o sr. Alvaro da Fonseca Coutinho) existia um magnifico portico de cantaria lavrada, fortissimo, que ficou inteiro entre as ruinas de Medobriga, e servia de portico e entrada da dita quinta.

Tendo os castelhanos destruido as fortificações de Castello de Vide, em 1706, e sendo preciso fazer uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar desmantelada a chamada *do carro*, o coronel governador da praça (Manuel de Azevedo Fortes) cubiçou este portico, para com elle ornar a praça; pelo que propôz a compra d'elle ao seu proprietario (Luiz Freire) que generosamente o cedeu a el-rei.

Foi pois conduzido para Castello de Vide e assente no seu actual logar, dando-se-lhe para memoria, o nome de *Porta de Aramenha*, e pondo-se-lhe então a seguinte inscripção:

Reinando em Portugal o mui alto e poderoso senhor D. João V, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga, fundada 1906 annos antes de Christo, no sitio chamado Aramenha: transferido e posto n'este logar por Manuel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de 1710.

Fortes deu a Luiz Freire um documento, escripto e assignado por aquelle, para perpetuar este acto de generosidade; o qual cuidadosamente teem guardado seus descendentes e ainda existe no archivo d'elles.

Mas não se combina isto muito bem. Pois se este vetustissimo monumento estava servindo de *portão de entrada* da quinta da *Azenha Branca*, como é que Azevedo Fortes diz na inscripção que elle *foi tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga?*

Só se explica de uma maneira. Os donos da quinta é que o acharam *debaixo das ruinas* de Medobriga, e fizeram d'elle portão da quinta; depois foi cedido ao governador de Castéllo de Vide. Este, por evitar mais explicações, não relatou esta circumstancia na inscripção.

Manuel de Azevedo Fortes morreu a 28 de março de 1749, sendo engenheiro-mór do reino e tendo enriquecido a sciencia da sua profissão com obras ainda hoje muito estimadas e reputadas classicas.

N'esta quinta da *Azenha Branca* teem apparecido muitas antiguidades em differentes épocas.

No monte proximo a Aramenha ha galerias de extração de ouro, prata e chumbo.

Na serra da *Portagem*, tambem proxima, estão duas cavernas, uma ao S. que tem 33 ou 34 metros de altura, e outra ao N. muito comprida. N'estas cavernas teem tambem apparecido columnas, capiteis, amphoras, medalhas de prata e de bronze, cippos, etc.

As duas cavernas teem communicação uma com a outra. A do N. é escurissima e ignora-se onde termina. E' feita na rocha viva.

Diz-se que foi uma grande mina de chumbo ou estanho, dos romanos. (os latinos chamam *plumbum*, tanto ao chumbo como ao estanho.)

Parece que os antigos habitantes de Medobriga se davam tambem á industria mineira, porque os romanos lhes chamavam *plumbarios*.

Junto á dita *Serra da Portagem*, nasce uma abundantissima fonte, chamada os *Oslhos de Agua*, que logo ao pé da nascente faz mover alguns moinhos.

—

O propretor Quinto Cassio Longino, que no tempo de Cezar governava Portugal e a Andaluzia, accommetteu os moradores de Medobriga (que haviam tomado o partido de de Pompeo) e lhes saqueou a cidade, fazendo depois crua guerra a estes povos no *Monte Herminio* (Serra de Marvão) para onde se acolheram os medobrigenses. Isto pelos annos 3954 do mundo, 50 antes de Jesus Christo.

Os historiadores romanos chamam aos moradores de Medobriga *povos da Herminia*, o que fundamenta a opinião dos que dizem que *Aramenha* é corrupção de *Herminia*.

Este Quinto Cassio Longino (ou Longuinho) era um general valente, mas homem cruelissimo. Sustentou uma guerra encarniçada com os nossos povos da Beira, principalmente com os da Serra da Estrella e os de Medobriga (que eram todos *pesures*, barbaros, mas indomaveis e valorosissimos lusitanos.)

Vide frei Bernardo de Brito, *Mon. Lus.*, liv. 4.º, cap. 12, tom. 4.º, pag. 137 (edição da Academia.)

André de Rezende confirma estes factos com uma passagem do *Itinerario* de Antonino Pio. (De *Antiquitatibus Lusitanæ*, liv. 1.º, pag. 68.)

Na *Historia geral de Portugal*, por La Clede diz-se que Longino sitiou Medobriga, que ainda se conservava por Pompeo, tomou-a e *fez prisioneiros todos os seus habitantes*. Não diz que elles fugiram para o Herminio.

Jeronimo Soares Barbosa (*Epitome Lusitanæ Historiæ*, cap. 4.º) referindo-se ao anno 708 de Roma, que vem a ser 46 antes de Jesus Christo, concorda em que Medobriga estava situada no monte onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete e Marvão, e em cujas faldas fica Aramenha, não só pela direcção da via militar romana de Lisboa a Medobriga, marcada no Itinerario de Antonino, mas pelas galerias de exploração das minas de chumbo, que, segundo Plinio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *plumbarios*.

No que não concorda é que seja o monte Herminio que notou Vircio, aquelle para onde fugiram os medobrigenses. *Não lhe podia servir* (diz elle) *de guarda com sufficiente segarança, um monte que não é talhado a pique e de mais a mais tão proximo da cidade e tão facilmente accessivel. Estou persuadido que effectivamente se retiraram, mas para a Serra da Estrella, que os antigos denominaram Herminio;* (Eu já disse que a Serra da Estrella era o *Herminio Maior* dos antigos e a Serra de Marvão o *Herminio Menor*. A similhança de nomes é que faz todas estas discordancias) *porque esta era o refugio de todos os desgraçados que os pretores reduziam ás angustias a que foram reduzidos o medobrigenses, etc.. etc.*

A serra de Marvão é um braço da Serra da Estrella, e n'este sitio do Alemtejo tem as mesmas qualidades que ostenta na sua origem.

Jeronimo Soares Barbosa, enganou-se pois, ou nunca viu a Serra de Marvão nem a praça d'este nome, que com effeito está em uma posição formidavel, *talhada a pique* no logar por onde os romanos a deviam invadir, vindo de Medobriga, e montuosa e aspera por todas as partes.

Segundo Balbi a villa de Marvão está 534 metros acima do nivel do mar.

—

Na antiga linguagem de Hespanha, *herminio* ou *hermenho*, significa aspero, intratavel, como realmente é esta serra, pela aspereza de seus altissimos penedos, e antigamente o era ainda mais pela ferocidade de seus habitantes. (Vide *Hermenho.*)

Vê-se pois que a serra de Marvão (Herminio Menor) o *Hermenho* dos antigos, é que deu o nome a esta villa.

Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção do reino de Portugal*, cap. 9.º, pag. 54, diz, fallando do Herminio Menor:

«Ao longo d'este *monte Herminio*, e á sua sombra, estão muitos logares dos quaes alguns são grandes e nobres, como a cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Marvão, Alegrete *e a cidade de Medobriga, que em tempo dos romanos foi grande e bem edificada, segundo mostram as suas ruinas e parte dos edificios que hoje se vêem, a qual, por estar ao pé do monte Herminio, a gente popular chama Armenha.*»

—

João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, tomo 1.º, cap. 6.º, diz d'esta serra:

Esta Serra é o *Herminio Menor*, onde ha minas de ouro e de chumbo, *e ainda se vêem as ruinas da cidade de Medobriga.*»

—

André de Rezende (de *Antiquitatibus Lusitanæ*, lib. 1.º, tom. 1.º, pag. 68) fallando do Monte Herminio, diz:

«E' no *monte Herminio* que está situada a cidade de Portalegre e as villas de Arronches, Alegrete, Marvão e outras povoações importantes. *E nas raizes d'este monte existem ainda as ruinas de Medobriga*, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, conserva ainda o nome antigo, porque se chama *Herminio*. E a propria cidade arruinada, do *monte* a cujo sopé se estende, ainda hoje se chama *Herminia*, ou *Aramenha*, para fallar portuguezmente. («*Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est*, Herminia *vulgo dicitur, sive, ut lusitane loquar* Haraminia.»)

—

Aramenha era da corôa.

Franklim não falla em foral nenhum dado a esta villa, nem me consta que o tivesse. É provavel que esteja incluido no de Marvão.

E' porém certo que Aramenha tinha antigamente grandes privilegios (como Marvão) sendo os principaes, não darem soldados, não pagarem portagem, e poderem conduzir cereaes de toda a parte do reino, sem pagarem direitos. Mas eram obrigados a defenderem a praça de Marvão em tempo de guerra, por contrato que fizeram com D. Sancho II, em 1226. (Esta obrigação era em troca do privilegio de não darem soldados. Os outros privilegios lhe foram concedidos para promover a população da villa.)

—

Não se sabe com certeza quando veiu a poder de christãos, mas parece que os capitães de D. Affonso I, a tomaram aos arabes em 1160, e que foi este rei ou seu filho, D. Sancho I que a mandou povoar.

ARANDIS—Cidade antiquissima da Lusitania, descripta por Ptolomeu, que a colloca entre Salacia (Alcacer do Sal) e Evora; e pouco distante de Castraleacos (Alcáçovas) em 6° e 20' de longitude, e 39° de latitude, que vem a ser o sitio onde hoje fica o reguengo d'Alcalá, onde Manoel Severim de Faria, e outros, descobriram varias ruinas.

Outros querem que Arandis seja Arrayolos. Vida Alcaçovos.

ARANDOZA—aldeia, Minho, que foi da freguezia de S. Paio de Villar Chão. Era um sitio tão áspero que seus habitantes o abandonaram (não se sabe quando) e apenas d'ella restam os vestigios das casas.

ARANHAS—vide aldeia do Bispo e Aranhas.

Aranhas era uma antiga freguezia, que, por pequena, foi supprimida no seculo XVII.

ARÃO—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Vallença, arcebispado e 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago S. Salvador.

Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

Situado em um lindissimo e extenso valle, proximo da margem, direita do Minho, e que chega (o valle) até ás muralhas de Vallença. D'este valle se avistam Villa Nova da Cerveira, Tuido, Christello (ou Crestello) Gandara, Faião etc.

É terra muito abundante.

Ha n'esta freguezia a celebre lagoa dos *Ameaes* ou *Mira*. No inverno é muito dilatada e muito abundante de peixe, que lhe vem do Minho, com o qual então se communica, e de muita caça do ar. No verão, depois das aguas despejarem o terreno, é este cultivado e feracissimo.

Passam aqui tres regatos sem nome, que regam e moem.

Era abbadia dos marquezes de Villa Real até 1641, perdendo-a então, com todos os seus bens, titulos e a vida, por traidores á patria. Passou depois para o infantado, cuja casa apresentava os abbades até 1834.

Arão ou *Aarão*, é nome proprio d'homem. Santo Aarão, foi o primeiro sacerdote da lei escripta e o primeiro pontifice. Era irmão de Moysés e ambos filhos de *Amrão* e *Jocabed*. Era varão muito eloquente, pelo que Moysés, por ordem de Deus, o mandou a Pharaó interceder pelo povo hebreu.

Levado por seu irmão ao monte *Hor*, ahi investiu seu filho *Eleasar* das insignias pontificaes e deu a sua alma a Deus, sendo chorado pelo povo, por espaço de 30 dias.

Como a lei christan não é mais do que a ampliação da *lei escripta*, o *Martyrologio Romano* menciona alguns d'esses vultos importantes da *lei natural*.

A festa d'este santo, é no primeiro de julho.

O nome d'esta freguezia, provavelmente, procede, ou de ser o seu primeiro padroeiro *Santo Aarão*, ou de algum individuo d'este nome que fosse em tempos remotos senhor d'ella, ou aqui residisse.

Corria aqui uma *prophecia* entre o povo, durante a guerra dos 27 annos, e depois desde 1807 a 1812, que promettia a terminação da guerra com uma tamanha e tão sanguinolenta batalha, dada nos campos d'esta freguezia, que o rei de Portugal contaria em uma cama os poucos inimigos que ficassem vivos. Até hoje ainda estamos á espera da tal *batalha*.

ARAVIL—(ou Arabil, ou Arrabil) rio, Beira Baixa, que nasce no logar de Monfcorte e é muito arrebatado d'inverno; mas de verão quasi sempre sécca. No sitio dos Zebros, se lhe junta o ribeiro Toulica. Suas margens são cobertas d'arvores silvestres. Suas areias levaram muito ouro antigamente, que se extrahia. Entra no Tejo, no sitio da Fraga. (Arrabil é um instrumento pastoril, pequena rebeca.)

ARAVOR—vide Marialva.

ARAZEDE—villa, Douro, comarca e concelho de Cantanhede (antigo), concelho da Cadima, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 940 fogos.

Tinha dois donatarios o bispo de Coimbra e a universidade.

Situada em campina, e fertil.

Era couto do dito bispo e da universidade.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 23 d'agosto de 1514.

Orago Nossa de Senhora do Pranto.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

ARCA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga districto administrativo de Vianna.

ARCA—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente da comarca de Tondella, concelho de S. João do Monte.

O cura era apresentado pelo vigario d'Alcofra.

Todo o povo d'esta freguezia era caseiro dos cruzios de Coimbra, a quem pagavam muitos fóros.

É terra muito fertil, e era da antiga comarca de Lafões.

O nome d'esta freguezia é corrupção de *ara*. Junto á egreja ha um *dolmmen*, celtico (ara) que deu o nome á freguezia. A pedra superior d'este *dolmen* (que assenta sobre 3 perpendiculares) tem 4 metros e meio de comprido e 3.m66 de largo.

Corre por esta freguezia o rio de Val de Mouro, que nasce no *Monte Têsoo* e morre no Alfusqueiro, junto a Bolfiar.

ARCA PEDRINHA—pequeno ribeiro, Douro, nasce na freguezia de S. Miguel do Souto, passa a Arada, rega e móe e se mette na ria d'Aveiro.

ARCÃO—rio, Alemtejo, que nasce em um *olho d'agua* a 3 kilometros ao N. da villa de Grandola, chamado Borbolegão: é da grandeza da roda de um carro e sente-se grande rumor subterraneo, ás vezes.

Morre no Sado, depois de se lhe terem reunido alguns regatos.

O senhor Vilhena Barbosa diz que este rio entra no Occeano, junto a Sines. Acho que é engano.

Este rio era *coutado*, e ninguem podia n'elle pescar sem licença dos mestres d'Aviz.

A 100 metros lhe fica a lagoa (que não cresce nem mingúa) e que se mette n'este rio depois de regar alguns campos. Está esta lagoa entre montes d'areia solta a que chamam *Diabrórias*. Dizem que se lhe não acha fundo (o que não prova que o não tenha) e cria muito peixe. Tambem se dá o nome de *Diabrória* á lagoa.

As margens do rio são todas cobertas de basto e frondozo arvoredo.

O Arcão, debatendo-se furioso contra um enorme rochedo, fez uma ponte natural formosissima, sobre qual passa um carro cómmoda e seguramente. É a *ponte dos Aivados*.

Vide Ayvados, Borbolegão, Diabroria e Grandola.

ARCAS—freguezia, Minho, concelho do Prado, comarca, districto administrativo, arcebispado e 12 kilometros a NO. de Braga, 60 ao N. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

ARCAS e **NOZELLOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama (mas desde 1855, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros) 70 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Nozellos (ou Nuzellos, como lhe chama o foral) tinha foral, dado por D. Diniz, em Lisboa, no 1.º de abril de 1284.

Tem tambem uma sentença dada em Porto de Mós, a 7 de fevereiro de 1438, sobre os seus fóros. em instrumento feito na Granja a 14 de abril do 1447.

Não se chegou a expedir foral novo; mas fizeram-se os *apontamentos* na reforma de D. Manuel. (Maço 9 de foraes antigos, n.º 11, 3.ª relação.)

ARCO DE BAÚLHE—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 50 kilometros a NE. de Braga, 380 a N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Martinho.

Tambem lhe chamam *Arco de Bagulhe* e *Arco de Baunte*.

Era ate 1834 situada em duas provincias e em dois concelhos, a maior parte na pro-

vincia do Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, e o resto em Traz-os-Montes, concelho de Atey.

Actualmente, segundo a moderna divisão, toda a freguezia é do concelho de Cabeceiras de Basto.

E' no arcebispado e districto administrativo de Braga.

A parte do Minho era da corôa e a de Traz-os-Montes, dos marquezes de Marialva.

Situada em um valle d'onde se descobrem as freguezias de Santa Senhorinha, Faia, Pedraço, Atey, Villa-Nunes, etc.

A matriz, fundada pelos annos de 1700, é um bom templo.

O vigario era apresentado pelo reitor do collegio de S. Jeronimo, de Coimbra, que recebia os dizimos d'esta freguezia.

E' terra muito abundante de agua, e fertil.

Esta freguezia é cercada pelo N. por um ribeiro sem nome, que nasce em S. João de Latão (corrupção de Latrão) d'este concelho.

Junta-se-lhe no sitio do *Vaz* outro ribeiro anonymo. Do *Vau* para baixo divide esta freguezia da de Santa Marinha de Pedraça, até que, chegando ao logar do *Arco*, é atravessado por uma antiga ponte de cantaria, de um só arco, da qual provem o nome á aldeia e á freguezia.

Suas margens são cultivadas. Morre no Tamega, junto a uma notavel pesqueira na cachoeira chamada do *Telhado*.

Faz todo o rio um salto em duas cachoeiras de uns tres metros de altura.

Estas cachoeiras apresentam uma linda vista, e as margens do rio visinhas tambem são formosissimas, pelos seus lindos prados e pela alcantilada penedia que se ergue sobranceira á cascata. E' curiosissimo vêr as tructas os saltos que dão, vindo do Tamega, para passarem além das cachoeiras. Ha aqui grande abundancia d'este peixe, que é de optima qualidade. Ha tambem barbos e bogas. A pesqueira pertence aos senhores da casa do *Telhado* e é por isso que tem, bem como a cachoeira, este nome.

Foge para este rio muito peixe do Tamega.

Festeja-se aqui todos os annos, no dia 8 de setembro, a imagem de Nossa Senhora dos Remedios, com bombos, tambores, foguetes, musica, sermões, musica cantada, procissão, etc., etc.

Em 1859 foi curiosa esta procissão. Entre outras figuras *curiosas*, havia *Adão* e *Eva*. Adão era um côxo, que levava um tamanco em um pé e no outro um sapato (para egualar as pernas!) e com um alvião ás costas. Trajava *casaca preta*, calça branca e chapeo alto, branco.

Eva era outro homem vestido de mulher, com um chapeo de palhinha muito velho, cheio de fitas e com um grande laço encarnado: sáia de chita de ramagens e chalé côr de rosa; ia fiando n'uma roca.

Ia tambem o rei *David* (que era um pedreiro que sabia tocar viola) vestido extravagantissimamente e dansando e tocando pelas ruas.

Salta uma grande *pancada* de chuva na procissão. *David*, cahiu e quebrou a viola; *Adão* e *Eva*, tiveram de fugir, cada um para sua parte a procurar abrigo, para não estragarem os fatos, e assim acabou esta ridicula mascarada.

Hoje faz-se já esta solemnidade com mais decencia e a ella concorre gente de muito longe, para vêr a brilhante illuminação e famoso fogo preso da vespera.

ARCO DE BAUNTE—(Vide Arco de Baulhe.)

ARCOS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho, 5 kilhometros a E. de Estremoz, arcebispado, districto administrativo e 40 kilometros de Evora, 150 a E. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santo Antonio.

Situada em um monte, d'onde se vê Portalegre, Veiros, Monforte e Villa Boim.

Produz trigo e sevada, do mais pouco, á excepção de fructa, que ha muita.

Ha n'esta freguezia uma lagoa, que só tem agua desde o principio da primavera até ao outono. Rega e móe.

Ha tambem aqui a grande nascente de Valle de Zebro, que rega e móe e desagua no Alcaravissa, na freguezia da Orada.

Ha aqui o monte da *Atalaia*, onde houve uma antigamente, da qual ainda ha vestigios. Do sitio onde ella esteve, se descobre Evora-Monte, Estremoz, Souzel, Fronteira, Cabeço

de Vide, Portalegre, Monforte, Veiros, Arronches, Assumar, Villa Boim, Borba, Villa Viçosa, Olivença, Monsaraz; e no reino de Castella, Alconchel e Albuquerque.

E' terra muito saudavel.

ARCOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, arcebispado e 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N, de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Miguel.

Districto administrativo do Porto.

No *Monte do Castello* houve, segundo a tradição, um castello mourisco, e no da *Reguenga* ha uma estrada coberta, que vae ter ao rio Ave. (Vide Casaes, d'esta freguezia.)

E' terra fertil. Era vigariaria do mestre escola da collegiada de Barcellos.

ARCOS (S. Payo)—freguezia, Minho, comarca, arcebispado, districto administrativo concelho e 3 kilometros ao S. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Situada parte em um valle e parte em o monte de Santa Martha.

A egreja é pequena. O vigario era apresentado pelo abbade de S. João de Nogueira. E' terra abundante e cria muito gado, grosso e miudo.

Passa aqui o rio Arcos.

ARCOS—freguezia, Minho, comarca concelho e proximo, a E., dos Arcos de Valle de Vez, arcebispado districto administrativo e 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

O visconde de Villa Nova da Cerveira apresentava os abbades; depois foi o arcebispo de Braga.

E' muito fertil e abundante de agua. Passa aqui o rio Vez.

Esta freguezia entra até ao meio da villa dos Arcos, grande parte da qual lhe pertence.

ARCOS—freguezia, Douro, comarca e concelho da Anadía, 30 kilometros ao S. de Aveiro, 230 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Orago S. Payo.

Situada na falda do alto monte *Crasto*, que tem muitas oliveiras.

No alto ha um extenso plató d'onde se descobrem muitas terras e é n'elle a capella da Senhora da Penha de França.

Foram padroeiros os Almadas, da Boa-Vista, depois passou o padroado para a corôa. Passa por a freguezia o rio da *Serra*, que rega e móe.

Foi antigamente villa. A egreja de S. Cucufate, n'esta villa, foi vendida pelo padre Pedro Bahalul, ao padre Daniel, com seus passaes e ornamentos, por 45 soldos kazimos, sob condição de que por morte do comprador, ficaria ao mosteiro de Lorvão, como ficou.

Esta venda foi feita em 931. Já se vê que é povoação muito antiga.

E' bispado e districto administrativo de Aveiro.

ARCOS—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, bispado e 25 kilometros de Lamego, 235 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Silvestre.

Era da corôa.

Districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle d'onde se descobrem as villas de Nagosa e S. Cosmádo e a aldeia de Contim.

O cura era apresentado pelo reitor de Sendim. E' fertil.

Hoje está reduzida a aldeia.

ARCOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago S. Pedro.

Situada parte em um monte e parte em campina raza. Do monte se descobre Ponte do Lima, Moreira, Sá, Bretiandos, Duas-Egrejas, Couto da Feitosa, Correlhan, Facha e Victorino das Donas.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade era apresentado pela casa da *Lage*, d'esta freguezia.

E' terra fertil.

Houve antigamente n'esta freguezia (na serra de Arga) um castello chamado de *Amorim*, do qual apenas restam vestigios.

Era solar dos *Morins* (ou *Amorins.*)

Foi fundado por D. Hilarião de Morim, allemão, ao serviço de D. Affonso, o Catholico, de Leão, pelos annos de 750.

Este rei lhe deu o castello de Amorim e e o da Formiga, que D. Hilarião tinha tomado aos mouros, e outras muitas terras por estes sitios, com que formaram um grande morgado. Depois, D. João I de Portugal, deu a um descendente do mesmo D. Hilarião o couto de *Paredes*, na freguezia de Meadella. Extinguindo-se esta familia, foi tudo vendido, até a pedra da torre dos Amorins.

Para o O. ha um monte a que chamam *Castello da Formiga* (onde está a capella de S. Romão) e é tradição que residiram aqui mouros.

Ainda ha restos de varios edificios.

Ha n'esta freguezia a casa de *Penteeiros*, que é dos srs. Menezes, e uma rica e boa vivenda.

ARCOS—rio, Minho, que nasce na freguezia de Nogueira e morre no rio Veiga na freguezia de Esporões. Suas margens são cultivadas e abundantes.

Tem uma ponte de pedra sobre a estrada real. Rega e móe. Tem uma cachoeira em *Agua Levada*.

ARCOS DE VALLE DE VEZ—villa, Minho, districto administrativo de Vianna, arcebispado e 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 550 fogos, 2:200 almas, em duas freguezias (S. Payo e o Salvador do Mundo.)

Antigamente tinha tres freguezias, mas a de S. Payo, de que era senhor o celebre navegador Fernando de Magalhães, foi supprimida; por elle se passar para o serviço de Castella, em 1519.

(Perdeu tambem o senhorio da Feira, Gaia, Morilhões e outros.)

O concelho tem 6:500 fogos, e a comarca 9:540.

Situada em terreo accidentado, mas fertil, nas margens do Vez, sobre o qual tem uma boa e solida ponte de cantaria.

Tem a villa algumas casas boas, sendo a melhor o palacio do sr. Azevedo.

E' celebre pela batalha que se deu aqui, entre D. Affonso Henriques e seu primo, D. Affonso VII de Castella e Leão, a 25 de junho de 1128 (ou 1129.)

Consta que por esta occasião D. Affonso Henriques dera foral e titulo de villa a esta povoação: Franklim porém não falla d'este foral (o que não é razão para sustentar que o não houvesse, porque lhe esqueceram muitos.)

D. Affonso Henriques, mandou aqui fazer pomposos suffragios, aos portuguezes que morreram na batalha.

Tem aprasiveis arrabaldes, muito ferteis em cereaes, vinho e fructas.

Chamava-se até ao fim do seculo XV, *Valle de Vez*.

Quando D. Manuel I aqui passou, em 1498, indo para S. Thiago de Galliza e para Tolledo, os moradores da villa lhe fizeram uns sumptuosos *arcos*, na sua passagem. O rei, em memoria d'isto, mandou que d'alli em diante a villa se chamasse *Arcos de Val de Vez*.

Isto dizem alguns escriptores e a tradição, e podia muito bem ser assim; todavia, quando o mesmo rei deu foral a esta villa, em Lisboa, a 2 de junho de 1515, ainda lhe chama sómente *Val de Vez*. Esquecer-se-hia, ou os seus, do que tinha mandado havia 17 annos? Além d'isso já em documentos anteriores a D. Manuel se lhe dá o nome de *Arcos de Valle de Vez*.

Dizem outros que tomou este nome, de uns arcos de cantaria que formam uma praça coberta, muito boa.

Isto parece-me mais verosimil.

Os dous arcos que estão no adro e ajudam a fazer a praça, diz-se que foram mandados fazer por D. Affonso Henriques, em memoria da tal batalha, que alli ganhou.

Outros dizem que D. Affonso Henriques, agradecido ao auxilio que lhe prestaram os moradores da povoação neste combate, e para memoria d'elle, mandara construir na praça principal um nobre edificio sobre arcos, para servir de casa da camara.

Outros dizem que todos os arcos são obra d'este rei. O que é certo é que são muito antigos e parecem todos da mesma época.

O pelourinho d'esta villa é dos mais sumptuosos do reino. (Vide adiante.)

Feira a 3 e 14 de cada mez e franca a 21 de março e 11 de julho.

O rio *Vez* a cerca pelo N. e L., sendo atravessado por trez solidas pontes uma ao O.,

que é a de que já tratei, outra na freguezia de Villela das Choças, e outra em S. Salvador de Cabreiro.

Se dermos credito a alguns antiquarios, foi esta villa fundada pelos gallos celtas, 350 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Arcobriga*. (Se assim é o nome dos Arcos é tão antigo como a villa; porque *Arcobriga* significa *Cidade dos Arcos.)*

Os romanos aqui se estabeleceram sem lhe mudarem o nome, e somente, *alatinisando-o* (como faziam a todos os nomes de povoações e de gente) lhe chamaram *Arcóbrica*.

Na doação que o rei suevo Theodomiro fez da egreja de Santa Maria de Palacios, ao bispo de Tuy, em 560, se vê que esta villa teve o nome de *Valle de Vice*, mas já então se chamava Val de Vez.

Vide adiante a doação de Dona Thereza.

Dividia-se antigamente em dous *partidos*, um ao O. do rio e tinha o seu foral no *Carvalho de Penellas*. Outro principiava na ponte *d'Aspa*, cortando a Portella de Vez pelo E. e era o seu foral no logar das Choças. (Entre estes *partidos*, havia alguns coutos.)

Foi esta villa do infante D. Diniz, filho de D. Pedro primeiro e de D. Ignez de Castro, que a perdeu por não querer beijar a mão a sua cunhada D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando, e por fugir para Castella.

Havia aqui uma grande feira (no *Ladeiro*) que durava 8 dias e tinha os mesmos privilegios da de Aveiro.

Tem Misericordia (uma das melhores egrejas da provincia) e hospital, fundado com esmolas, pelos annos de 1595.

Pelos annos de 1710 cahiu a frente d'esta sumptuosissima egreja, mas foi logo reedificada com elegancia. Sobre a porta principal, está collocada em um nicho a imagem da Virgem, denominada, por isso, Nossa Senhora da Porta, de quem o povo da villa e immediações é muito devoto. O hospital está contiguo á egreja. É bem construido e administrado com muita ordem e aceio. A Misericordia d'esta villa é uma das melhores da provincia do Minho.

Tinha um pequeno convento de capuchos de Santo Antonio, mas dedicado a S. Bento, fundado em 1678, por *Bento Cerveira Bayão*.

A antiga matriz da villa era a de *Ilhafonse*, ou *Guilhafonse*.

Houve aqui trez torres, a de *Penaguda*, de que ha vestigios: a do *Souto da Torre*, que se arrasou, para se mudar para *Giella*, e outra fóra da villa. D'estas duas já não ha vestigios. (Vide *Morilhões*.

Esta villa é patria do famoso medico, chimico e naturalista, o doutor *Bernardino Antonio Gomes*, socio de varios estabelecimentos scientificos, insigne escriptor, conhecido e estimado em toda a Europa, e que fez varias descobertas, sendo uma d'ellas a da *chinchonina*. Morreu em Lisboa, a 13 de janeiro de 1823.

Tambem é opinião seguida, que nesta villa nasceu o célebre navegador *João Gonçalves Zarco*, que descobriu a Ilha da Madeira, em 1419.

(Outros dizem que elle nasceu em Lisboa, e ainda outros, em Thomar.)

Zarco é o progenitor dos Camaras, cuja varonia se conserva nas cazas dos marquezes da Ribeira Grande e condes d'Athouguia e Calheta.

A egreja matriz do Salvador é antiga, pois foi fundada pelo *abbade de Sabadim*, em 1372. Foi reedificada pelos annos de 1690 a 1700, á custa dos direitos do Sal, por mercê de D. Pedro II. (É templo vasto e bom.)

Tem esta villa trez boas praças (ou campos) a que está entre a matriz e a egreja do Espirito Santo, a do centro da villa, onde está a casa da camara, e a de S. Braz.

Tem muitas e abundantes fontes de excellente agua. Uma d'ellas chama-se a *Fonte do Piôlho!*

Os arrabaldes da villa e as margens do Vez, são abundantissimos d'aguas e cobertos de frondozos arvoredos e campos muito bem cultivados e ferteis, e de uma vista muito aprasivel.

O rio cria trutas, eirozes, bogas, escalos etc. etc.

Nos seus montes ha muita e variada caça.

Esta villa foi erecta em condado, por Filippe III, a favor de *D. Lourenço de Brito e Lima*, cuja descendencia masculina se extinguiu em seu filho.

O nome do primeiro conde dos Arcos, feito por Filippe III, em 8 de fevereiro de 1620: vem n'outros autores assim, *D. Luiz de Lima Brito e Nogueira* D. Magdalena de Bourbon, filho do segundo conde dos Arcos, casou com Thomaz de Noronha, que herdou o titulo de seu sogro, e cuja descendencia ainda existe. O actual conde dos Arcos (o 9.º) é o senhor D. Manoel de Noronha e Brito. Traz a sua origem de D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de D. Henrique II, de Castella, e de D. Isabel, filha bastarda de D. Fernando I, de Portugal.

O primeiro conde dos Arcos era cazado com *Madame Capella*. Teve só D. Lourenço de Brito e Lima segundo conde dos Arcos, que morreu sem filhos. As armas dos Britos, são em campo de púrpura, nove lisonjas, em trez palas e em cada uma um leão de púrpura. Timbre, um leão das armas, com uma lisonja de prata. As dos Limas, são escudo partido em trez palas: a primeira, d'Aragão, e as duas esquartelladas de *Silva* e *Sotto Maior*. Alguns Limas só trazem as quatro barras d'ouro em campo de púrpura. As dos Noronhas são escudo esquartellado, no primeiro quartel as armas de Portugal e no segundo as de Castella, manteladas de prata e dous leões de púrpura batalhantes com bordadura d'oiro e veiros, e assim os contrarios. Timbre um leão de púrpura.

Os actuaes condes dos Arcos, procedem do terceiro conde, D. Thomaz de Noronha.

As armas da villa são as quinas de Portugal entre uma esphera armilar e uma cruz de Christo, divisas de D. Manoel, que foi o que lhas deu, em 1515.

As casas d'esta villa são quasi todas de cantaria lavrada, que parecem muralhas e as ruas são lageadas do mesmo módo.

Tem estação telegraphica municipal.

O *Pelourinho* é um monumento curioso do seculo XVI. Esteve primeiro no centro da praça principal, depois foi mudado para junto do rio, mas em frente da mesma praça. Junto ao pelourinho são as *pôldras da Valleta*. Tem um theatro e um club, onde se encontram diversos jornaes letterarios e politicos.

Os territorio dos Arcos é dos mais ferteis do Minho em cereaes, vinho, fructas e linho. Cria-se aqui muito gado, principalmente bovino, no que se faz grande negocio.

Está em facil communicação com as principaes povoações do Minho por uma bella estrada a mac-adam, feita ha poucos annos.

—

Em 1125, D. Thereza, mãe de D. Affonso I, doou á Sé de Tuy o mosteiro de S. Cosme e S. Damião, com todas as herdades e egrejas do seu couto, que hoje dizemos *Ázere. Quod eat. in Valle de Vez, nomine Azar.* Em documentos muito mais antigos se lê: *Valle de Vico* ou *Valle de Vice.*

É neste concelho a casa antiga e nobre da *Torre do Aguião*, solar dos *Britos*. Vide *Aguião:*

Das terras que foram do infante D. Diniz, filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, fez seu irmão D. João I mercê, metade a D. Fernando Annes de Lima, pae de D. Leonel de Lima, primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira; que depois veio a obter a outra metade, que era senhorio dos Pachecos, por estes terem abandonado Portugal, passando ao serviço de Castella.

Ficaram pois outra vez unidas estas propriedades, com o nome de Valle de Vez, sendo cabeça os Arcos, por ficar central e proximo ao paço de Giella.

Teve esta villa, de tempos immemoriaes, juiz ordinario (de vara branca) seis tabelliães do publico e um alcaide, que servia de carcereiro; vereadores, escrivão da camara, e almotacé, tudo nomeado pelos marquezes de Ponte de Lima.

O juiz dos orphãos e seu escrivão, meirinho, almotacé e escrivão das sizas, eram de nomeação regia.

Os marquezes de Ponte de Lima, eram capitães-móres de dez companhias de ordenanças que tinha esta villa e seu termo, até 1834.

ARCOSSÓ ou **ARCÒ-SÓ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves arcebispado e 70 kilometros ao NE. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Situada em um alto, d'onde se descobrem muitas povoações.

Districto administrativo de Villa Real.

O cura era apresentado pelo reitor de Moreiras.

Abundante de vinho; do mais pouco.

Feira a 28 de outubro.

Aqui se junta o rio Oura ao Tamega. Rega móe, e traz peixe.

É nesta freguezia o célebre logar ou aldeia de *Vidago*, maior do que muitas villas de Portugal, e com trez capellas.

São aqui as célebres *aguas de Vidago*, alcalino-gazozas, muito efficases para varias molestias.

Em 28 de maio de 1871 se arrematou a construcção da casa para as aguas de Vidago, e uma casa para hospedaria, segundo as plantas approvadas pelo conselho geral de obras publicas.

Eram obras muito necessarias e de grande utilidade publica (Vide Vidago.)

A povoação de Arcossó é tambem muito grande e bem merecia o nome de villa.

ARCOZELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

(Os antigos escreviam *Arcuzello.*)

Orago S. Mamede.

Era abbadia de mitra primacial. Fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

ARCOZELLO *do Lima*— freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga e do seu arcebispado, 390 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago Santa Marinha.

Districto administrativo de Vianna.

Foi abbadia da Sé de Tuy, que lh'a deu o rei suevo Theodomiro (o que acabou com o arianismo) no anno 563.

D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques confirmaram esta doação em 13 de setembro de 1125.

Diz-se que houve aqui um hospicio de *templarios*, na quinta que ainda hoje (por isso) se chama *Freiría.*

Está aqui o mosteiro de freiras franciscanas de *Valle de Pereiras*, (fundado pelos annos 1350. (Vide Valle de Pereiras.)

É aqui a quinta do *Rêgo d'Azar*, que se diz ter este nome por uma grande batalha que houve aqui em tempos remotissimos (ignoro quem foram os combatentes) na qual os vencidos soffreram *azar;* mas é érro. Azar, no antigo protuguez, significa mesmo batalha, combate. Vide Azar.

Acham-se por estes sitios muitas sepulturas, o que confirma a tradição da batalha.

No alto do monte de S. Miguel ha vestigios de fortificações romanas.

Tem feira franca e grande festa. a 10 de janeiro.

A casa de *Antepaço*, diz-se que se chama assim por ter aqui estado *Bruto*, o célebre romano que apunhalou Cezar. Existem alli ainda umas columnas commemorativas. Vide Antepaço.

O abbade era apresentado pelo ordinario.

Ha aqui um beneficio simples, que rendia 350$000 réis.

É terra muito fertil.

Corre por a freguezia o rio Lima, que tem em Arcozello uma formosa ponte de cantaria com 34 arcos; e na entrada, pela parte que toca a esta freguezia, está edificada uma torre antiga, com suas ameias, a que chamam «*Torre Velha.*» Esta ponte é que deu o nome á fronteira villa de *Ponte do Lima.* (Vide Ponte do Lima, para o mais que pertence á ponte; e Lima pelo que diz respeito ao rio.)

O Lima passa pela extremidade S. da freguezia, que é situada sobre a margem direita (N.) e se deve considerar como arrabalde de Ponte de Lima. Fica tambem em frente, na margem direita do Lima, a grande e formosa freguezia da Correlhan, que vae terminar aos muros da villa.

É formosissima a situação d'Arcozello, seu clima saudavel e seu territorio fertilissimo. Cria muito gado de toda a qualidade, em seus montes ha bastante caça, e é farta de peixe do rio e do mar.

Em um privilegio ou carta de confirmação de partilha, feita entre o bispo D. João e o seu cabido, em 1156, se lê:—*In ripa Limeæ ecclesia S. Marinæ de Arroselo integra etc.*=pelo que alguns suppõem que esta frequezia se chamou *Arrosêllo;* mas é mais provavel que fosse engano do notario, porque antes e depois de 1156, sempre e em tudo se chamou *Arcozêllo.*

O arcebispado de Braga terminava antigamente na margem esquerda do Lima, e esta freguezia era a primeira do bispado de Tuy.

O nosso D. Affonso V obteve do papa Eugenio IV, pelos annos 1446, que as freguezias de Portugal que portenciam ao bispado de Tuy, passassem para o bispado de Ceuta (Africa). O districto de Olivença era do arcebispado de Braga, e o arcebispo D. Diogo de Sousa trocou com D. Henrique, bispo de Ceuta, em 1512, dando-lhe Olivença e sua comarca, e recebendo Valença e seu districto (onde era comprehendida esta freguezia) o que Leão X confirmou em 1513.

Tomou o arcebispo posse da comarca ecclesiastica de Vallença em 1514, e desde então ficou pertencendo ao arcebispado de Braga. Pouco tem augmentado a população d'esta freguezia, de cem annos para cá, pois já em 1780 tinha 360 fogos.

Tinha esta freguezia dois abbades, um com cura, cujo rendimento eram 600$000 réis, e o outro sem cura, era, como já disse. um *beneficio simples*, que rendia 350$000 réis, sem outro trabalho mais do que recebel-os e gastal-os.

Além das aguas do Lima, ha n'esta freguezia muitas e boas aguas. Um ribeiro que vem da Labruja, atravessa toda a freguezia, passando primeiro pelo Arco da Gêa (ou da Cheia) e depois pela ponte do Arquinho. Tem varias fontes, sendo as principaes a da Freiria, a da Mâmoa (no logar do Antepaço) a de Villarinhos, a do Rego d'Azar, a do Valle de Pereiras, a de S. Pedro e a do Piolho, no logar de Faldejães, a do Paço da Velha, e finalmente uma fonte copiosissima que está no logar da Preza, que, não sómente rega a maior parte da freguezia, mas faz moer varios moinhos de verão e inverno e um lagar de azeite. Tem andado questões sobre esta agua, que um particular quer usurpar (ou grande parte d'ella) aos povos da freguezia.

Ha aqui a capella de S. Gonçalo (no souto do mesmo nome) que é vasta como uma egreja. No souto haviam em 1780 quarenta pellames, que curtiam cada anno uns 3:000 couros, que se vendiam, termo medio, por 13:500$000 réis, e dando um lucro de sete a oito contos de réis. Os pellames estabelecidos posteriormente em Vianna anniquilaram esta industria.

É n'esta freguezia a quinta das *Regadas*, célebre por uma patranha do nobiliario do infante D. Pedro. (Vide Regadas.)

Havia aqui, e proximo ao rio, uma forca. Perto d'ella estava, e supponho que ainda está, o antiquissimo *Cruzeiro do Souto da Forca*.

Esta freguezia e a villa ficam em 41° 50' de lat. e 10° 5' de long.

ARCOZÊLLO—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 9 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Tinha em 1757, 293 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em um valle d'onde se vê S. João da Foz (a 10 kilometros ao ONO.) varias serras, o convento de Grijó, varias freguezias e o mar.

Ha n'esta freguezia o logar do Côrvo, que é maior do que muitas villas do reino.

Tem barão novo (o Corvo.)

A grande aldeia do Corvo, não pertence toda a esta freguezia, parte pertence á de S. Felix da Marinha, mas tudo é no concelho de Gaia.

O parocho era reitor, apresentado alternativamente pelo papa, pelo abbade (cruzio) de Grijó e pelo bispo do Porto. Tinha de renda 160$000 réis.

Era commenda da Ordem de Christo, e foi seu ultimo commendador o marquez de Minas: por sua morte passou á corôa.

Esta freguezia é no litoral.

O reitor d'aqui apresentava o cura de Oleiros, no concelho da Feira.

E' terra abundante e passa pela freguezia o ribeiro do seu nome, que moe e rega. Desagua no mar.

Esta freguezia pertenceu ás Terras de Santa Maria e foi do concelho e comarca da Feira.

Ha aqui a bella quinta do Espirito Santo, com boa casa de residencia. E' da sr.ª D. Felicidade Teixeira Pinto Basto. Tinha um vasto pinhal, que hoje é um lindo parque,

cortado por formosas ruas, muito largas, extensas e guarnecidas de diversas especies de arvores, mandadas vir da Belgica e da Hollanda.

ARCOZÊLLO —freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757, 66 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (abbade) era apresentado pelo commendador de Chavão (da Ordem de Malta) tinha de rendimento 350$000 réis.

ARCOZELLO DAS MAIAS—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 35 kilometros ao NO. de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

E' na antiga comarca de Lafões.

D'aqui se descobre a villa de Couto de Esteves e as freguezias de Riba-Teixeira e Arões.

O vigario era apresentado pelo arcipreste de Vizeu. Tinha 70$000 de renda.

Ha aqui muito milho e vinho, e do mais producção soffrivel.

Tem uma fonte chamada da Cancella, cuja agua, dizem, cura a dor de pedra, e é para isso procurada de muito longe.

A freguezia é situada nas faldas da serra do Gravo, onde nasce o rio Quintella, que banha a freguezia e se mette no Vouga no logar de Fornello.

Cria-se muito e bom gado bovino n'esta freguezia. As suas vitellas são optimas.

ARCOZELLO e **MARRANCOS** (annexas)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (desde 24 de outubro de 1855) 18 kilometros a NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Foi até 1855, da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella.

Tinha em 1757, 57 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

N'esta freguezia está o paço dos Barbosas.

Foi abbadia da Mitra primacial, dada por concurso. Rendia 450$000 réis.

ARCOZELLO DA SERRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 280 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Tinha em 1757, 191 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

E' no bispado e districto administrativo da Guarda.

Está aqui o convento de freiras franciscanas de Nossa Senhora do Couto (ou da Assumpção) fundado por Maria Borges, moradora na Rua Nova de Lisboa, em 1539.

Fazem-se aqui grandes festas á Senhora, á custa do povo. A procissão que então se faz é notavel, não só por levar 15 e mais *charolas* (especie de andores) e se deitarem milhares de foguetes; mas sobre tudo pelas suas *dansas*.

A *das donzellas* é composta de 6 ou 8 meninas (de 8 a 10 annos) muito bem vestidas e um menino vestido de anjo na sua frente. Ellas fingem que são mouras, e que querem ser baptisadas.

Representam uma especie de comedia em cada estação, e alli são baptisadas pelo anjo, isto é, aspergidas com agua-benta, que elle leva em um vaso.

A *dansa dos marujos*, tambem é formada por 8 marmanjões, vestidos de marinheiros, representando egualmente em cada estação uma especie de farça, em que fingem ser navegantes escapados a um naufragio, por intervenção da Senhora, e á qual promettem festejar no seu dia.

A *dansa dos espingardeiros*, que consta de 8 ou 10 rapagões escolhidos, fingindo serem uns portuguezes outros castelhanos, que se desafiam e batem, ficando sempre vencidos os castelhanos, vindo o seu general ajoelhar ao pés dos vencedores, pedindo-lhes a vida, d'elle e dos seus; o que se lhes concede, em attenção a ser dia da festa da Senhora.

A ultima é a *dansa dos pretos*. Consta de 8 ou 10 rapazitos (de 8 a 10 annos) com as caras, braços e pernas muito bem enfarruscados com pó de cortiça queimada, vestidos de encarnado e cobertos de guizos, marchando e dansando o fandango ao som de uma

viola, e fazendo caretas e momices a todo o mundo. Fingem ser escravos que se vem queixar à Senhora, dos maus tratos que lhes dão seus senhores: representam tambem em cada estação a sua farça, composta de ditos indecentes e obscenos (mesmo ás vezes, ao pé do paleo, onde está o Santissimo!)

Os mordomos dão de comer a todos estes *dansarinos* e aos mais empregados da procissão e a quem quizer ir comer a suas casas (d'elles mordomos) para o que recebem, antes, muitos presentes de carneiros, cabritos, gallinhas, etc., etc.

Esta freguezia era da corôa.

Está situada em um valle bastante fertil.

A egreja matriz é de tres naves. Era priorado que apresentava o senhor da villa de Mello, e o prior d'esta freguezia apresentava o prior da villa do Cabra.

O prior d'aqui tinha de rendimento réis 350$000.

Na capella de S. Marcos faziam antigamente uma festa no seu dia, indo na procissão um touro *bravo*, que entrava na capella e ia até ao altar-mór, assistir á festa, muito quieto. Havia então feira.

E' muito abundante de cereaes, fructas, vinho, muito azeite, gado e queijos.

Passa perto o Mondego. Ha na freguezia a pequena serra do Aljaz, que tem caça.

ARCOZELLOS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 25 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Tinha em 1757, 152 fogos.

Orago Nossa Senhora de Entre-Vinhas.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Chama-se Arcozellos, porque consta de dois povos do mesmo nome, que são, Arcozello da Torre e Arcozello do Cabo.

Situada em um valle muito fertil.

O cura era apresentado pelo reitor da villa da Rua. Tinha 35:$000 réis de rendimento.

ARDA—rio, Douro, na comarca de Arouca. Se este rio tivesse tanta abundancia de aguas como tem fartura de nomes, certamente seria um grande rio. Não lhe conheço menos de oito nomes: *Arda, Alarda, Alardo, Adarda, Arnaldo, Anarda, Pedonde* e *Pédorido.*

Os nomes por que era mais vulgarmente conhecido antigamente, eram *Alarda, Adarda* e *Pedonde:* hoje quasi toda a gente lhe chama *Arda.*

Este rio não é mais do que um pequeno regato, que nasce no *Gamarão* (casal e serra 3 kilometros a NO. da villa de Arouca.)

Junta-se ao *Marialva* (que nasce na serra da Senhora da Mó. 1:500 metros a NE. da villa) proximo á mesma e passando por ella se junta ao *Silvares*, ahi mesmo, tomando todos tres o nome de *Arda.*

(E' esta reunião dos tres ribeiros que tem oito nomes.)

Tem dentro da villa tres pontões de cantaria, o da *Lavandeira*, o da *Praça* e o da *Ribeira.* Proximo á villa tem uma linda ponte de cantaria lavrada, feita sobre a estrada real, em 1862.

Tem mais duas bonitas pontes de cantaria lavrada, feitas em 1864 sobre a mesma estrada, que são, a do *Areeiro* e a do *Rossado;* todas no valle de Arouca. Move o lagar de azeite do convento e faz mover varios moinhos.

Rega e fertilisa este delicioso e feracissimo valle, e n'elle mesmo recebe varios ribeiros anonymos.

Desde a aldeia de Cella, freguezia de Santa Marinha de Tropêço, até ao logar de Gahido (freguezia de Pédorido) divide 1.º o antigo concelho de Fermedo, do de Arouca (até Fulgosinho) e depois o do Castello de Paiva do de Fermedo, até Gahido; porque d'ahi para baixo, corre no concelho de Paiva; mas isto é apenas um kilometro distante da sua foz. Tambem até 1834 dividia este rio a Terra da Feira do concelho de Arouca, servindo tambem de divisão do chamado Partido do Porto, pelo mesmo sitio por onde dividia o concelho de Fermedo e a Terra da Feira.

É no Carvalhal cortado por uma boa ponte de pedra, feita em 1760 (metade á custa do concelho de Fermedo e metade á custa do de Arouca), é de um só arco, mas a maior que tem este rio.

No logar da Ponte, é cortado por outra

de madeira, reconstruida em 1842 (metade á custa do concelho de Fermedo e outra metade á custa do de Paiva).

Rega este rio as seguintes freguezias: S. Bartholomeu, S. Salvador, Santa Eulalia, Urrô, Varzea, Rôssas, Chave e Santa Marinha, no concelho de Arouca—Mançores, Escariz, Fermedo e S. Miguel do Matto, do extincto concelho de Fermedo, na Terra da Feira (hoje tambem de Arouca) Paraizo, Raiva e Pédorido, no concelho de Paiva. Desde a villa de Arouca até Varzea, suas margens são em toda a parte cultivadas; d'ahi para baixo são só cultivadas em parte. Tem muitas arvores de vinho. Cria bastante e bom peixe, sobretudo deliciosas trutas.

Serve de motor a quatro boas fabricas de papel, e uma de papellão e a muitos moinhos de milho.

Desagua no Douro (margem esquerda) no sitio da Foz do Arda, freguezia de Pédorido, 35 kilometros a NE. do Porto, com 30 kilometros de curso.

Parece que o nome actual d'este rio é o mais antigo, a que os arabes juntaram o artigo *al*, ficando *Al-arda*. É este o seu nome official nos primeiros tempos da nossa monarchia; ainda que em alguns papeis antigos se lhe chame tambem Adarda e Pedonde.

O nome que alguns escriptores lhe dão de Pédorido, é talvez por elle morrer na freguezia d'este nome e elles lhe não saberem outro.

Sustentam alguns (na minha opinião, com bons fundamentos) que o nome actual d'este rio é a palavra arabe *árada*, que significa apresentar, fazer apparecer, passar mostra aos soldados. É d'este verbo que se deriva o substantivo *alardo* (em arabe *alardi*), resenha de gente de guerra: e é tambem um dos nomes d'este rio.

Ainda outros derivam este nome da palavra arabe *adduar;* que significa aldeia feita de tendas ambulantes, de pastores. Deriva-se do verbo *dáuara*, cercar ou murar á roda. Sendo assim vem a significar *Rio da aldeia*. Segundo a outra etymologia, vem a ser *Rio do Alardo*.

É tradição que este rio trazia muito ouro em suas areias.

Ainda no meu tempo de creança, João Marques do Rosario, de Mançores, ia muitas vezes, com um preto que tinha, para este rio extrahir ouro, e chegou a ser muito rico, attribuindo-se a sua riqueza unicamente a este modo de vida.

É tambem certissimo que os arabes (e talvez mesmo os romanos) extrahiram ouro do Arda, não só das suas areias, mas tambem dos montes que formam as suas margens. Não é só a tradição, ha tambem vestigios em muitas partes, e proximo d'este rio, de antigos poços e galerias, sendo os mais notaveis na serra da Carraceira (margem direita d'este rio, freguezia de Santa Marinha) onde se vêem sete galerias; e que por isso se chama a este sitio *Os sete buracos*. Mais abaixo, e proximo ao sitio de Laceiras, e em outros, sitios ha galerias de extracção de metaes.

Tem aqui apparecido, por varias vezes, nas margens do rio, ou muito proximo, muitas mós de pedra, com que os arabes moiam o cascalho do rio para d'elle se soltarem as particulas d'ouro. Estas mós são toscas, feitas de granito e com 0m,66 de diametro e 0m,10 de grossura, tendo as inferiores, no centro um veio feito na mesma pedra, que embutia em um buraco das superiores. Não têem signaes de buraco (nas superiores) onde se mettesse algum torno para as fazer mover, o que mostra serem inpellidas com a mão.

Ainda em 1869, um lavrador da Raiva, que mora sobre a margem esquerda do Douro, me fez presente de dois *casaes* d'estas mós, que dei a um engenheiro de minas.

Ha por aqui quem tenha muitas mais, o que indica que era grande a extracção do ouro em tempos remotos.

ARDÃOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros á NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Santo André.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia umas lagoas grandes, que é tradição terem sido minas de metal no tempo dos romanos.

Ha aqui um monte chamado *Pindo (!)* com 12 kilometros de comprido e 6 de largo. Outro monte chamado Leiranço, tem 6 kilometros de comprido e 4 de largo. Ambos têem lobos, javalis e caça miuda.

Era vigariaria do reitor de S. Miguel de Bobadella. Rendia 90$000 réis.

ARDAVAZ ou **DARDAVAZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, districto administrativo, bispado e 23 kilometros de Vizeu, 244 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Natividade.

Foi do arciprestado de Bésteiros. É da coroa.

Situada em um valle ameno e farto de aguas. D'aqui se descobre a serra do Caramullo e as povoações que n'ella ha, como são: Borralhal, Valle, Turgido, Barreiro e Cerveira. Era abbadia do padroado real. O abbade tinha de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil. Corre aqui o rio Crins.

ARDEGÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A egreja não tinha sacrario e vinha o Senhor aos enfermos da freguezia de S. Julião do Freixo. O vigario era apresentado pelo reitor de Alvarães, a cuja freguezia é annexa. Tinha de renda 30$000 réis.

Passa perto o rio Neiva.

É terra muito fertil.

ARDEGÃO e **ARNOZELLA** ou **ARNOZELLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 35 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

O orago de Ardegão era Santa Marinha, e o de Arnozella Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era dos marquezes de Vallença.

Paga tambem foros á collegiada de Guimarães, á egreja de S. Vicente de Fóra e ao convento de Belem.

Está situada nas abas dos montes *Rosso* ao E. e *Esfollada* ao O.

D'aqui se vêem as serras de Alvarinha, Santa Catharina, Falperra, Pedra Furada e Montim.

O vigario de Ardegão era annual, apresentado pelo convento de Santa Maria de Pombeiro, e tinha de rendimento 20$000 réis, e esta freguezia tinha 96 fogos em 1757. O parocho de Arnozella era vigario da apresentação dos conegos regrantes de Santo Agostinho, do mosteiro de Caramôs, e tinha de rendimento 40$000 réis. Esta freguezia tinha em 1757, 46 fogos. Estas duas freguezias estão hoje annexas, e têem por padroeiros Santa Marinha e Santa Eulalia.

É terra fertil. Gado e caça.

ARDENA—pequeno rio, Douro, que nasce na freguezia de Alvarenga, comarca e concelho de Arouca, e morre a 10 kilometros do seu nascimento, no rio Paiva, no sitio da Espiunca. É de curso arrebatado por entre penedias. Faz moer alguns moinhos.

ARDILLA—rio do Alemtejo, que nasce em Castella. Cria muito peixe. Suas margens são em parte cultivadas e n'outras arborisadas. Recebe os rios Safareja e Mortigão. Moe e rega. Morre no Guadiana ao N. de Moura.

AREIA—rio, Extremadura, comarca de Leiria. Nasce de duas fontes em dois logares diversss (Picamilho e Castanheira) entra na villa de Cós e d'ahi em diante se chama ribeira de Cós. Corre pelo campo de Maiorga e morre no rio da Abbadia.

Tem duas pontes de pedra, uma na villa de Cós e outra no Campo.

AREIAS—freguezia, Alemtejo, concelho de Marvão, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma pequena planicie, cercada de montes alcantilados.

Pouco fertil.

O cura era, até 1834, apresentado pelo bispo de Portalegre. Tinha de renda dois moios de trigo.

Entra aqui a ribeira Sever, no sitio chamado a Ponte Velha.

AREIAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho (abbade) era da apresentação da mitra, e tinha de renda 300$000 réis.

AREIAS — freguezia, Minho, concelho do Prado, districto administrativo, arcebispado e comarca de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Era couto da mitra de Braga.

Situada em um valle, nas margens do Cávado. D'aqui se vê Braga e Barcellos.

Tem um monte chamado de Penide (por cujas raizes corre o Cávado) que só produz matto e tem caça miuda. O cura era apresentado pelo reitor do convento de Villar de Frades. Julgo que esta freguezia está annexa á de S. Martinho de Manhente ou Manhete. Ha aqui muitos oleiros. Fertil.

AREIAS—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zezere, comarca e 18 kilometros de Thomar, 150 ao NE. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 484 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Era do rei, como grão-mestre da Ordem de Christo.

A egreja é situada no Campo das Areias, ao pé da serra que antigamente se chamava Guimareira, e hoje se chama de S. Saturnino; defronte da serra de Monchite. É a segunda parochia que houve na prellazia de Thomar, e d'ella se desannexaram as freguezias da villa das Pias e S. Silvestre dos Chãos, como consta do Tombo da mesma egreja, mandado fazer por D. João III, em 1542.

A egreja é de tres formosas naves, com um espaçoso adro e um alpendre sobre a porta, sustentado em columnas e sobre elle o côro e a torre dos sinos.

Tinha tres beneficiados da ordem de Christo, cada um com 88 ½ alqueires de trigo, 90 de cevada e 1$200 réis em dinheiro, de rendimento annual.

O parocho (vigario) era apresentado pelo tribunal da Mesa de Consciencia e Ordens, por ser da prelazia de Thomar, e tinha de renda dois moios de trigo, o mesmo de cevada, uma pipa de vinho e 20$000 réis em dinheiro.

Tinha um thesoureiro com 36 alqueires de trigo, 40 de milho, 6$000 réis em dinheiro, 2 arrobas de cera e 26 almudes de vinho. Tudo isto pago no almoxarifado de Thomar, onde se cobravam os dizimos e oitavos d'esta freguezia.

É fertil e tem caça.

No campo das Areias, junto á egreja, se fazem duas feiras por anno, uma no domingo de Paschoela, e outra pela Ascenção de Jesus Christo.

Correm aqui as ribeiras das Pias e da Murta, que trazem peixe. (Do nome da ribeira da Murta é que tomou o nome a boa quinta da *Torre da Murta*, que está no logar do Tojal.)

O visconde da torre da Murta é o sr. José Carlos Infante Sequeira Corrêa da Silva.

Ha aqui uma nascente de aguas mineraes que dizem ser efficazes para a cura de molestias cutaneas.

AREIAS—freguezia, Traz-os-Montes, termo de Nozellos, concelho da Torre de Moncorvo.

É da casa de Bragança, á qual cada lavrador pagava 8 alqueires de pão meiado, 4 de trigo, 4 de centeio e 1 almude de vinho; tudo posto na Praça de Nuzellos em dia de S. Martinho, segundo o foral da mesma villa.

Situada na ladeira de um monte (ao S. d'elle) que desce para o rio Macedo, que

corre n'esta freguezia, e tambem corre aqui o rio Jainhos; ambos regam e moem; apezar d'isto a terra não é abundante de aguas, mas é fertil.

No monte ha porcos bravos e caça miuda.

D'este monte se vê a serra de Rebordãos (ou Nossa Senhora da Serra) a Pena Mourisca e outras povoações.

Sahiu d'este povo um soldado raso, chamado Antonio de Sá d'Almeida, que por seu valor na guerra de 1701, chegou a sargento-mór de batalha e governador de Almeida e Bragança. Morreu em 1740.

Um irmão d'elle, chamado Francisco de Lobão, chegou a sargento mór do regimento de Chaves e morreu de uma bala dos castelhanos no cerco de Monsanto. Foi tambem soldado muito valoroso.

O dizimo d'esta freguezia era—duas terças partes para o abbade de Nuzellos e outra terça parte para a mitra de Miranda.

O cura era apresentado pelo abbade de Nuzellos.

É tradição que os moradores d'aqui iam ouvir missa á villa de Nuzellos.

Não vejo esta freguezia nos mappas modernos. Parece-me que eram duas freguezias que se annexaram (Areias e Nuzellos), e que por ultimo foram aggregadas a Lebução.

AREIAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É uma das nove freguezias que comprehendia o couto de Landim, dos frades cruzios.

Passa aqui o rio Ave.

Junto ao rio, sobre um alto rochedo, sobranceiro a elle, em um plató, está uma formosa torre, bem lavrada e alta, e que algum dia teve tres sobrados. Tem uma fresta para cada um dos quatro lados e para o N. tem uma janella de saccada e é por todos os lados cercada de parapeitos de pedra lavrada. Ainda tem algumas ameias. A porta por onde se entra para a torre é de arco. Ao pé da torre ainda ha vestigios de casas.

Alguns escriptores dizem que esta torre foi construida ou habitada pelo infante Alboazar Ramirez, filho natural de D. Ramiro II de Leão e da mora Zara, ou Gaia, irmão de Alboazar, emir ou regulo arabe de Gaia. (Vide Ancora e Gaia.)

Pertencem a èsta torre algumas terras (chamadas por isso da *torre*) de que são senhorios uteis os Camellos, do Porto, e directo a casa de Bragança. Ao pé da torre está uma antiquissima capella de Nossa Senhora da Expectação. (Esta capella, posto estar na freguezia de Areias, pertence ao abbade de S. Miguel de Lamas, não se sabe porque.)

É terra fertil. O rio Ave rega esta freguezia, faz moer azenhas de pão e traz peixe.

D'esta freguezia se descobrem varias montanhas do termo da Maia (Porto), o mosteiro de Santo Thyrso, toda a freguezia, e outras muitas mais.

A esta freguezia está hoje annexa a de Villar de Frades. (Vide esta palavra, onde vem circumstanciado o que diz respeito aos *bons homens de Villar*, e mais curiosidades.

AREIAS (S. João de) e **SILVARES** — villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 30 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa, 560 fogos, no concelho 1:000 fogos.

Tinha em 1757 103 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do arcyprestado de Bésteiros.

É da corôa. Fertil.

Situada em campina raza, d'ella se vê a villa de Ázere, a Senhora de Montalto, o Bussaco, as serras da Estrella e Caramullo, e outras muitas freguezias e povoações.

—

Diz-se que S. João Baptista, o padroeiro ou orago. foi achado no Mondego, no sitio da *Nova*, por uma velha, que principiou a gritar «*Boa nova! Boa nova!*» e por isso ficou ao sitio o nome de Nova. Foram logo buscal-o para a egreja, em procissão, e como foi achado nas *areias* do rio, ficou sendo S. João de Areias.

—

Feira a 24 de junho.

O Mondego passa por esta freguezia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 10 de abril de 1514.

O parocho (vigario) era apresentado pela mitra de Vizeu, e tinha de rendimento 40$000 réis.

AREIAS (Nossa Senhora das)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, situada no litoral.

Esta freguezia foi submergida pela areia, ficando apenas de todas as suas aldeias a de Darque-Menor, onde é hoje a freguezia.

No sitio da antiga egreja apenas hoje existe a capella de Nossa Senhora das Areias.

Para tudo que pertence a esta freguezia extincta, vide Anha e Darque.

AREGA—villa, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Maçans de Dona Maria, 40 kilometros de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa. 340 fogos, 1:000 almas.

Tinha em 1757, 25 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada junto á foz do Alje ou Alja, que desagua no Zezere.

Na foz do Alje houve, no seculo passado, uma fundição de artilheria.

Era dos condes de Tentugal (que são os duques de Cadaval).

É terra pobre, e pouco mais produz do que centeio e castanha.

A villa está em um alto, d'onde se vêem as villas de Maçãs de Dona Maria, Chão do Couce, Aguda, Figueiró dos Vinhos, Sernache do Bom-Jardim, o priorado do Crato, etc., etc.

Era priorado de concurso, seis mezes do papa e outros seis do bispo de Coimbra. Tinha de rendimento 300$000 réis.

Os juizes ordinarios e dos orphãos eram feitos pelos donatarios e pela camara.

Pelos limites da freguezia corre o Zezere.

D. Pedro Affonso, irmão bastardo de D. Affonso I, lhe deu foral em março de 1201.

Principiou o processo, mas não se chegou a expedir foral novo. (Maço 1.º dos forees antigos)

AREGIA—Vide Arêja.

ARÉGOS—villa, na freguezia de Miumães Beira Alta. comarca e 24 kilometros ao O., de Lamego, 50 a E. do Porto, 25 ao S. de Penafiel, 330 ao N. de Lisboa, 330 fogos, no concelho 1:250.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Tambem se chama Caldas d'Aregos.

Situada na margem esquerda do Douro.

É notavel pelas suas *caldas*, da mesma qualidade das das Caldas da Rainha (sulphurosas).

Tem a temperatura de 60° centigrados proximo á nascente.

Estas aguas mineraes deviam ir na freguezia de Miumães, que é onde effectivamente são situadas; mas, como toda a gente lhes chama *Caldas d'Aregos*, é provavel que só aqui as procurem, por isso as ponho em Aregos.

Da analyse feita na Exposição Universal de Pariz em 1867, verificou-se que, em uma amostra extrahida do *Tanque da Albergaria* a temperatura é de 54° centigrados na sua nascente. A do ar exterior, á sombra, é de 16°.

É de uma perfeita limpidez com o gosto e o cheiro das aguas sulphurosas em grau muito fraco.

Contém por kilogramma 0°,00235 sulphydrico, e dá por evaporação 0°,290 de residuo fixo, formado de silica de sulphatos e de chloretos alcalinos, de carbonatos de cal e de magnesia, bem como de uma pequena quantidade de ferro e de alumina.

Como a capital do concelho é a villa de Aregos, se dá este nome ás caldas.

Nascem na vertente esquerda de um ribeiro chamado *das Caldas*, proximo á povoação do mesmo nome, a 400 metros da margem esquerda do Douro, onde desagua o mesmo ribeiro.

Tiveram grande fama nos seculos passados; hoje estão em grande desprezo e decadencia, não só pela difficuldade do transito, como pela proximidade das Caldas de Mollêdo.

No seculo XII Santa Mafalda, rainha de Castella, e filha de D. Sancho I de Portugal (vide Arouca) mandou aqui construir uma

albergaria, com um tanque e com a obrigação de estarem sempre promptas duas camas para pobres. Ainda existe a albergaria.

O padre Cardoso diz que foi a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I (avó da rainha Santa Mafalda) quem fundou esta albergaria. (Vide adiante o que se diz da capella de Santa Maria Magdalena.)

Acho mais verosimil o que diz o padre Cardozo; porque investigou estas coisas com muita attenção e criterio: salvo se a albergaria é uma coisa, e o hospital de *gafos* é outra; o que tambem póde ser.

Tem numerosas nascentes (algumas muito abundantes); mas a maior parte d'ellas não estão aproveitadas. Entre ellas avulta a que vae lançar-se no pequeno ribeiro das Caldas, da temperatura 60° centigrados e que produz o 65:000 litros de agua em 24 horas.

Uma nascente, ha pouco descoberta, junto á dita albergaria, produz no mesmo tempo 35:000 litros.

Todas as nascentes produzem em 24 horas 300$000 litros de agua.

A temperatura da agua do tanque da albergaria é de 57°, e a da nascente contigua de 56° Em ambas a agua é limpida e tem cheiro a *gaz sulphydrico.*

Na primeira d'estas nascentes a agua é acompanhada intermittentemente de bolhas de gaz. Na segunda não se observa este phenomeno.

Tem tres *cartas de fôro* dadas por D. Diniz, uma feita em Santarem, a 8 de abril de 1299; outra de Lisboa, a 10 de julho de 1302; e outra de Santarem, a 9 de janeiro de 1303.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no 1.° de setembro de 1513. Com este foral lhe deu privilegio de villa, libertando seus moradores, *do mesmo modo que aos das cidades, villas e logares insignes do reino.*

Não teve esta villa senhorio algum até D João I, que a deu (com toda a sua jurisdição civel e criminal, *imperio mero e mixto,* com todas as suas rendas, direitos, fóros e tributos—reservando só para si a correição e alçada) a Fernão Martins Coutinho, filho de Vasco Fernando Coutinho e a sua mulher Beatriz Gonçalves de Moura, para elles e descendentes, por carta datada de Vizeu, em 12 de janeiro da éra de 1430 (1392).

Succedeu-lhe sua filha, D. Beatriz Coutinho, que casou com D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, almirante de Portugal e governador de Ceuta. Passou, por casamento, para os condes de Penalva, que venderam isto a Fernão de Mello e sua mulher, D. Maria de Castro, da Casa do Paço, de Rezende, por *950 mil réis brancos, em paz e salvo, livres de siza,* etc. etc.

Em pagamento do que, lhe deram uma quinta no sitio d'Aldadilhos, termo de Mafra, e outras mais propriedades e foros, e 150 mil réis em dinheiro. A escriptura foi feita em Torres-Vedras, a 6 de setembro de 1496. D. Manuel confirmou o contracto por alvará d'Alcochete, de 13 de julho de 1496.

Por morte de Fernão de Mello, ficou possuidora sua mulher, que, não tendo filhos, tornou a dar tudo a D. Affonso de Menezes e Vasconcellos, conde de Penella. Foram-se succedendo seus herdeiros, até que o ultimo (D. Affonso de Vasconcellos) morreu sem filhos, vagando a villa outra vez para a coroa; menos os *reguengos,* que os ficaram possuindo os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

A casa da camara é no sitio da *Anreade,* com cadeias, no rocio onde se faz a feira, em dia Santo Amaro.

O pelourinho é na villa das Caldas, no meio da rua que vae direita ao caes do rio Douro e perto da villa, cujo sitio serve tambem de foral, como parte principal d'ella. Junto ao pelourinho estão as ruinas das casas do morgado das Caldas. instituido por *Antonio Rebello Bravo.*

Na villa das Caldas, ha a capella de Santa Maria Magdalena, fundada e dotada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.

Instituiu juntamente um hospital para lazaros e *gafos,* no sitio em que na mesma villa estão os banhos, dando-lhe muitas rendas e foros e a barca da passagem das Caldas—e que, *cada morador do concelho que pão malhasse e vinho alagrasse,* pagaria para o hospital o seguinte—os da fre-

guezia de Anreade, um cantaro de vinho e os das mais um alqueire de pão.

Nomeou para administrar o hospital, a camara da Villa.

Tudo isto se observou até ao reinado de D. João IV, que desfez o hospital e lhe tirou todos os seus rendimentos e os deu a um capitão chamado Paulo Barbosa, que tomou posse a 22 de julho de 1644.

E' terra muito fertil e produz muito e optimo vinho verde.

Passa por a freguezia o rio Cabrum.

Os povos d'este concelho fazem grande commercio com o Porto (pelo Douro) parra onde exportam grande porção de todos os generos da sua agricultura.

Aqui nasceu Pedro Nunes, doutor e senhor do morgado de Bafoeiras, fidalgo e capellão de Philippe III, grande lettrado e deão de Cochim, na India.

E' tambem patria de Antonio Pereira Pinto, capitão e governador da fortaleza d'Amboyno, na India Oriental, onde obrou grandes façanhas. Instituiu o morgado de Miumães.

Tambem aqui nasceu Lourenço Teixeira de Macedo, capitão da fortaleza de *Negumço* e alcaide-mór de *Ceylão*, grande e corajjosissimo soldado.

ARÊJA—aldeia, Douro, freguezia da Lomba, concelho e 20 kilometros ao E. de Gondomar, comarca e 28 kilometros ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Situada nas faldas da serra do seu nome (ramo da serra de Cabêço de Sovereiro) sobre a margem esquerda do Douro, um kilometro abaixo de Pédorido, na confluente do ribeiro d'Arêja com o Douro.

Este ribeiro divide a freguezia da Lomba da de Pédorido; o concelho de Gondomar do de Paiva; o districto administrativo do Porto do d'Aveiro; a comarca d'Arouca de uma das do Porto, e finalmente, o bispado do Porto do de Lamego.

A pequena e pobre aldeia d'Areja, já notavel por estas divisões, o é, na minha opinião, ainda muito mais por estar convencido que era aqui a capital do vasto territorio chamado no tempo dos romanos e dos gôdos, cidade d'Anégia ou Arégia.

Investiguei tudo por aquelles sitios e, na verdade, apenas em um pequeno valle, junto á foz do ribeiro, vi restos de alicerces antigos e um pequeno cabêço que me pareceu artificial; mas por mais que perguntei á gente d'alli, não achei a minima tradição que me tirasse de duvidas. (Mas tambem a gente d'aqui é sobremaneira ignorante; faça-se-lhe justiça.)

Lendo porem e confrontando antigos escriptores tudo me leva a crer que aqui existiu um castello ou povoação que foi o ponto central da cidade d'Anégia ou Arégia.

Vejamos o que dizem êsses escriptores e como todas as indicações topogrophicas combinam em situar aqui a capital d'Arégia.

Santo Isidoro, diz que o rei gôdo Leovegildo conquistou aos suevos, nos confins da Galliza, a cidade d'Arégia.

Todos sabem que n'esse tempo a Galliza chegava até á margem direita do Douro.

(Leovegildo foi o 1.° rei gôdo que governou na Luzitania, depois d'aniquillar o reino dos suevos; mas foi o 18.° rei godo das Hespanhas. Cá só principiou o seu reinado em 585 e logo morreu em 586, succedendo-lhe seu filho Flavio Ricaredo.)

—

O *Chronicon do Biclarense*, em 675, menciona os Montes Aregenses, collocando-os onde hoje se chama Serras d'Arouca.

Estendia-se o territorio d'esta cidade (ainda no seculo XI) parte pela diocese do Porto e parte pela de Lamego.

Já em 922, em doação que D. Ordonho 2.°, de Portugal e Galliza, e os grandes da sua córte, fizeram ao mosteiro de Castrumire (Crestuma) em attenção a D. Gomado, bispo de Coimbra, que se tinha recolhido a este mosteiro, se faz menção do porto e caes, ou surgidouro, da cidade d'Anégia; dizendo-se alli que a egreja de Santa Marinha ficava proximo.

(Já se vê que é Santa Marinha do Tropêço, em Arouca. Vide Crestuma.)

Nos documentos d'Alpendurada, Arouca, e Paço de Souza, se falla muitas vezes na cidade d'Arégia, que situam ao sul do rio Douro, tudo o que fica aguas vertentes da

Serra-Secca e Montes d'Arouca; e passando o Douro, cortava pelo monte d'Arados, que fica sobranceiro ao convento d'Alpendurada, deixando á direita o concelho de Bemviver, d'aqui cortava pelo Tamega, direito a Penafiel (á actual) incluindo-a e ao mosteiro de Paço de Souza. D'aqui, tornando a passar o Douro para o sul, abrangia todo o termo e terras d'Arouca, vindo a fechar onde principiou.

Debalde tenho investigado a ver se alguem me dá noticia da tal Serra-Secca. Não ha uma só pessoa d'estes sitios que se lembre de semelhante nome. Vamos ver se, pelo que vi e por documentos antigos, podemos saber o que isto é.

Em 1102, dava o conde D. Henrique o nome de Serra-Secca ao sitio que ficava por traz do monte de Fuste, a cuja serra se haviam retirado as mulheres e bagagens do rei mouro de Lamego, Echa Martim. (Vide a parte que transcrevo da doação que o mesmo conde D. Henrique fez a Echa Martim, na palavra Arouca).

No mesmo artigo d'Arouca se vê que o rei mouro mandou subir todas as suas bagagens e mulheres a um monte então chamado Serra Secca, onde o grande Egas Moniz os foi agarrar.

A rainha D. Thereza, já viuva do dito conde D. Henrique, fez, em 1125, doação ao abbade de Cister, João Cirita, para o convento de bernardos, de S. Christovão de Lafões, de uma herdade, «que tenho junto d'Arouca, por onde corre o rio Alarda, entre a Corredoura e a Serra-Secca, etc.»

Em vista de todas estas indicações não póde deixar de ser a Serra-Sécca, a que hoje chamam Serra do Arressaio ou Ressáio.

Cumpre advertir que o valle d'Arouca é por toda a parte cercado d'alcantilladas serras; mas as de que tractamos são as que lhe ficam ao N., N.O, e O.N.O.

Desde os altos de Santa Luzia e Arressaio, descem as Serras d'Arouca até á esquerda do Douro, pelo que tudo são aguas vertentes d'este rio.

Averiguado isto, como me parece que está, vê-se que a chamada antigamente cidade d'Aregia, abrangia um vasto territorio que vou descrever com os nomes modernos.

Principiando a demarcação pelo sul do rio Douro (provincia do Douro), comprehendia a freguezia da Lomba, d'aqui cortando para S.E., pelos montes de Gahido, Cergido e Balahido, ia em direcção da serra de Gondra e d'aqui a Guilhafonso e Arressaio (Serra-Secca.)

Como só comprehendia as aguas vertentes (e não o valle d'Arouca) cortava do Arressaio na direcção do E.N.E., até Santa Luzia, d'aqui ia no mesmo rumo ao Gamarão, e d'aqui, virando para o N., ia descendo para a serra do Valle da Avó; d'aqui, torcendo para N.E. comprehendia as serras de Villella, Souzello e Espadanêdo, até chegar á margem esquerda do Douro, comprehendendo uns 20 kilometros d'este rio. Deixava pois no seu ambito toda a freguezia da Lomba, parte (pequena) das serras do concelho de Fermedo, todo o concelho de Paiva, parte do d'Arouca e parte do de São-Fins (hoje Sinfães.)

Ao N. do Douro, comprehendia Alpendurada; d'aqui, cortando ao N.O. ia ter a Penafiel; d'aqui voltando ao S., ia ás serras d'Aguiar, Recarei e Covêllo, terminando na villa de Melres: contendo n'este ambito parte dos concelhos de Canavezes, Penafiel e Gondomar; terminando esta medição na margem direita do Douro, na povoação de S. Thiago, em frente d'onde havia principiado.

Já se vê que o territorio *d'Arégia* era muito extenso.

—

Não pude saber quando esta cidade deixou d'existir; mas é certo que dos principios do seculo XII não se tornou a fallar n'ella. E' provavel que o conde D. Henrique, dando nova forma e mais adquadas divisões ao reino de Portugal, a supprimisse.

Segundo *Viterbo*, a egreja e freguezia de *Santa Maria da Eja*, na foz do Tamega, tomou o seu nome *d'Arégia*. E' certo que esta freguezia, ficava dentro da medição que descrevi.

—

Em 1061, reinando D. Fernando Magno, de Castella e Leão, em uma doação que fez o presbitero Fromosindo Romarigues ao sacerdote Sandila, seu filho, da egreja de *Villa-Real* (hoje *Real*, no concelho de Paiva) *se diz—«in Villa-Real, territorium Enegia, subtus mons Serra-Sicca, discorrentem rivulo Sardoura* (ribeiro que ainda com o mesmo nome corre por esta freguezia, vide Sardoura) *flumen Durio.*

Esta doação é mais uma prova de que me não engano em dizer que a actual *Airegia* é no mesmo sitio da antiga cidade *d'Airegia*. E' verdade que eu não vi isto em escriptor nenhum; mas a quasi conformidade dos nomes e tudo o mais que deixo dito, provam que tambem eu fiz esta descoberta.

Quem quizer ver a tal doação mais circumstanciada, veja *Real*, concelho de Paiva.

Os *tamacanos*—povos que habitavam as margens do *Támaca* (hoje *Tâmega*) pertenciam, em parte, a esta cidade. Elles ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vid. Chaves).

ARENOSA ou **ARNOSA DE PAMPELLIDO** —vide Praia dos Ladrões.

ARENTIN—villa, Minho, comarca, concelho, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos, 350 almas.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto. Era vigariaria do arcediagado de Braga, mas a renda era para os arcebispos.—Fertil.

AREOZA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Meda, 50 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Areoza é o mesmo que areenta, arnado, arnoso, arneiro, etc., sitio onde ha muita areia.

O parocho era cura, da apresentação do reitor de Ranhados. Tinha de rendimento 22 mil réis.

AREOZA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros ao OE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Atribúo o nenhum desenvolvimento da população d'esta freguezia, a serem a maior parte dos seus moradores uns meros caseiros; pois as propriedades são quasi todas de natureza emphiteutica, e os directos senhorios, de fóra da terra.

Orago Santa Maria da Vinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia, que se pode considerar um arrabalde de Vianna, estende-se por uma bellissima e fertil planicie ao longo da costa do Oceano, sendo abrigada pelo N. e NE. por a serra do seu nome, o que a torna amena e aprasivel. É muito antiga.

Tem uma bonita egreja, muito bem situada; e muito bonitas casas e bôas quintas.

É atravessada por a estrada real do norte, feita em 1857, por onde passam diariamente seis *diligencias*, tres ascendentes e trez descendentes.

Tambem é por esta freguezia que hade passar a estrada de ferro do norte.

Grande numero de seus habitantes são trolhas e pedreiros, que de verão abandonam a sua terra e se espalham por todo o reino e por a Hespanha.

Proximo á praia, no sitio de *Monte-Dôr*, foi assassinado, em 930, *Alboazar*, rei, ou emir, mouro, de Gaia, por D. Ramiro II de Leão, á vista de sua amante (D. Urraca, mulher de D. Ramiro) a qual, vendo as barbaridades que seu marido fazia ao seu amante, disse:—Este monte se chamará *Monte da Dor.*—E assim se chama.—Outros dizem que ella dissera:—Ai que dôr!—quando assassinaram *Alboazar*.

Ao sahir de Vianna, para o N. encontra-se logo esta freguezia, depois Carrêço e em seguida a *Fife* (ou *Afife*) todas situadas na mesma planicie, no litoral, um dos mais bellos e ferteis sitios do Minho, e mesmo de Portugal.

Vide Ancora, Carrêço, Gaia e Cale.

A mesma etymologia.

Era cabeça do arciprestado de Vinha, na collegiada de Vallença; mas o parocho (vi-

gario) era apresentado pela mitra. Tinha de rendimento 200$000 réis.

Foi antigamente villa e couto, que D. Affonço Henriques deu á Sé de Tuy e ao seu bispo D. Paio, em 1137. (Então o bispado de Tuy chegava até á margem direita do rio Lima. Vide Braga.)

Em 1262, D. Affonço III, em troca d'esta, deu á dita Sé metade da de Afife, e a freguezia de Sá, em Ponte do Lima. Vindo os conegos de Tuy para Vallença, por causa do scisma, levantaram-se com as rendas que cá tinham. Depois veio esta renda a dividir-se em 3 partes, uma para a collegiada de Vallença, outra para a collegiada de Vianna e outra para o prelado.

ARES ou **AREZ**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 36 kilometros ao O de Portalegre, 180 ao E de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Querem alguns que o nome lhe foi dado por os bons, puros e salutiferos ares que ha aqui.

Era da corôa. Fertil.

Situada em planicie e d'ella se vê Castello de Vide, Marvão, Niza e outras povoações.

O vigario era apresentado pelo tribunal da meza da consciencia. Tem thesoureiro com a renda de um moio de trigo, seis alqueires para hostias, 26 almudes de vinho, 24 arrateis de cêra lavrada, 7:000 réis em dinheiro e 6 canadas d'azeite para a alampada. O vigario tinha de renda dous moios de trigo, 20$000 réis em dinheiro, 52 almudes de *môsto* e 24 arrateis de cêra lavrada.

A sua commenda é uma das villas do mestrado d'Aviz. Tem misericordia (que é a capella do Espirito Santo) e hospital, de cuja origem não ha memoria.

Ha aqui uma celebre fonte, que nasce no interior de um rochedo. A agua tem cor de euxofre e pelo seu máo cheiro lhe chamam a *Fedegosa*. Dizem que é boa para a cura de varias molestias e são muito procuradas.

O desembargador J. M. do Casal Ribeiro, sendo provedor em Portalegre, mandou aqui fazer uma casa de banhos, que foi muito frequentada. Com a descoberta d'outras aguas mais efficazes, ou porque passou de móda, foi descrescendo a concorrencia e descurando-se os reparos do edificio, que pouco e pouco ficou reduzido a ruinas.

Passa por a freguezia a ribeira do *Sóto* que se mette na de Figueiró, no sitio do Satangunheiro. Rega e móe.

No termo d'esta villa, onde se divide de Niza e Alpalhão, ha um pôço chamado da *Lança*, ao qual se lhe não acha fundo. Muitos estrangeiros têem esgravatado em redor d'este pôço, e *Manoel Severim de Faria* (chantre da Sé d'Evora e curiosissimo antiquario) diz que alguns aqui acharam pedras de grande préço.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de outubro de 1517.

ARES—cidade antiga da Lusitania, na provincia do Alemtejo, arcebispado d'Evora. Não ha hoje d'esta povoação mais que as ruinas, e é uma das cidades destruidas de que faz mensão Julio Pacense. Vide Ayre

ARESTAL—lagoa, na serra d'este nome, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sever de Vouga, freguezia de Silva Escura. É muito profunda e lança agua para todas as partes, em grande abundancia, em todos os tempos do anno. Nascem d'ella os dous ribeiros Dornellas e Prezas (um morre no Caima, outre no Vouga.)

Alguns chamam a esta lagoa o *Olheiro*.

ARESTAL—serra, Douro, concelho de Sever do Vouga, freguezia de Silva Escura. Tem 9 kilometros de comprido e 6 de largo.

Tem muito arvoredo silvestre e matto, e em partes é cultivada e fertil.

Cria muito gado grosso e meido, e traz bastante caça.

Nascem n'esta serra os ribeiros *das Prezas*, *Remezal Silva Escura* e *Rio Máo*, que morrem no Caima e Vouga.

São aqui as grandes minas de cobre, em exploração, chamadas do Palhal (vide Palhal) e as de chumbo do Braçal. Vide Rio Máo, concelho de Sever e Braçal.

ARGA—(corrupção de *Agra*, e assim se chamava antigamente). Serra muito alta do Minho. Do seu cume se descobrem muitos

bispados e provincias, cidades, montes, rrios e grande extensão do Oceano. Vide Agraa.

É em partes povoada e cultivada.

(O padre Cardoso diz que os homeens d'aqui são muito espertos e as mulherres muito formosas. Eu cá não lhe achei difffe-rença nenhuma dos outros aldeãos do Minho).

Cria muito gado grosso e miudo, e no inverno tem tambem muitos lobos. Caça.

No alto da serra ha dilatadissimas plaanicies. Nos seus penhascos ha ninhos de aguias.

Lança quatro braços, para N., S., L., O., que se dilatam por espaço de 24 kilometrros. São: serra da Senhora das Neves, montee de Santo Antão, monte do Facho e serra de Cima d'Ancora (ou Riba d'Ancora).

Nascem aqui muitas fontes, que, formmando pequenos regatos, todos vão desagguar ao rio Coura; e o rio Ancora, que mmorre no Oceano.

Ha aqui a celebre ermida de S. João de Arga, muito frequentada.

Ha fortes razões para acreditar que Arga é o *Medullio* dos antigos, onde existiu a cidade de *Benis*. N'esta serra e em todass as suas visinhanças, se vêem ruinas de povvoações e fortalezas antigas. Corre, em paarte, parallela ao mar, desde Vianna até Caminha. Na palavra Medullio serei mais explicitto.

Está tambem n'esta serra a capella de Santa Justa (acima das ruinas do castelloo da Formiga). Foi virgem e martyr, e era naatural de Sevilha. Os casados que não têem filhos lhe levam (á Santa) frangos ou fraangas brancas, para os conseguir.

Ha por toda esta serra muitos vestigioos de povoações e fortalezas antigas, e é tradlição que houve aqui cidades romanas.

Em um cabeço d'esta serra existiu o mosteiro *Maximo*, da Ordem de S. Bento, e duplex. Diz-se que a sua fundação é do VII seculo. Ainda existia em 1026, pois quee D. Fernando de Leão, dividindo os condadoos de Entre Douro e Minho, n'esse anno, falla d'este mosteiro e do seu grande coutto— «praeter cantum illud magnum, quod Rieges olim dederunt Monasterio Maximo, sitto in illo altissimo monte Agra.» Não pude ssaber o que foi feito d'este convento. Provavelmente foi destruido pelos mouros.

ARGA (Santo Antão de) — chamada tambem *Arga de Cima*, freguezia, Minho, concelho de Caminha, 40 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Tinha em 1757 48 fogos.

Chamava-se antigamente *Agra*, nome competentissimo, em vista do sitio agreste em que é situada.

É do infantado.

Terra frigidissima, desabrida e pobre.

O vigario era apresentado pela abbadeça do convento de Sant'Anna, de Vianna, que recebia os dizimos. Tinha de rendimento 13:000 réis e o pé d'altar.

Produz centeio, milho grosso e miudo e algum linho; do mais muito pouco.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era vigariaria das freiras de Sant'Anna, de Vianna.

ARGA (S. João de) — freguezia no mesmo concelho e districto, 40 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É do infantado e tambem desabrida, fria e pobre, como a antecedente. As mesmas producções agricolas, vinho, castanhas e fructas. Houve aqui um convento de monges de S. Bento, que eram senhores d'esta freguezia.

Suppõem alguns escriptores que este convento é fundação do sabio, pio e valoroso Sisebuto I, que reinou na Peninsula, desde 612 até 621. Outros dizem que é fundação de S. Fructuoso, arcebispo de Braga.

Em uma padieira (verga) se acha a era de 661, que vem a ser o anno 623 de Jesus Christo, mas então já era rei dos godos Flavio Suintila, filho de Flavio Ricaredo I, que foi o primeiro rei godo que dominou em toda a Peninsula.

Na serra d'Arga, além d'este convento, do de Cabanas, do de Bulhente (em Gontinhães) do de Valle de Pereiras e outros, habitavam tambem varios anachoretas e eremitães, uns em cabanas ou covas, outros em pequenos

hospicios, proximo a ermidas; pelo que os povos chamavam á serra d'Arga — *Serra Santa.*

Deixou de existir este mosteiro, mas continuaram as romarias annuaes, na egreja do convento, a 5 e 6 de maio e a 23 e 24 de junho, aonde vae gente de muitas freguezias dos arredores e até de Galliza.

Antigamente eram das maiores as romarias d'estes sitios; hoje, apesar de estarem muito decadentes, ainda são bastante concorridas, indo por essa occasião á egreja muitos *clamores* (especie de procissões) de varias freguezias.

—

Junto á egreja ha uma antiga sepultura, que se diz ser de um monge d'este convento. Crê o povo d'esta serra que, se algum animal passa sobre a sepultura, quebra as pernas.

Visitando o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres esto sitio, mandou cobrir a campa com uma pedra, de modo a evitar que se podesse passar por cima d'ella.

Em 1346 conservava-se o mosteiro com abbadia e monges. No meiado do seculo XVI passou a abbadia secular.

Nas bullas de reforma de Xisto V (1587) ordenou-se que a Ordem tornasse a tomar conta d'elle, o que não se verificou.

Depois foram os abbades apresentados pelos marquezes de Villa Real, que perderam todos os seus bens e a vida no supplicio (1641) por traidores á patria, mudando desde então o padroado para o infantado.

Ha tambem n'esta serra a capella dedicada a Santo Aginha, que a tradição affirma haver sido um salteador muito temido, mas que se converteu a instancias e persuasão de um padre que intentára roubar. O sacerdote, no acto de o confessar, impoz-lhe, dizem, a penitencia de permanecer n'este monte prestando auxilio aos viandantes no mesmo sitio em que d'antes os atacava.

Aconteceu passar um carreiro a quem se voltou o carro; Aginha correu a ajudal-o, mas o carreiro, ignorando a sua conversão, arreceiou-se d'elle, e pegando de uma enchada, matou-o com ella, correndo depois a declarar o succedido para ganhar o premio que se promettera a quem prendesse ou matasse o facinora.

Vieram por este motivo as auctoridades verificar o obito e encontraram o corpo bem conservado, e, ao que dizem, exhalando suavissimo cheiro, apesar de serem decorridos bastantes dias depois do fallecimento. O logar onde foi sepultado não é hoje conhecido, e sómente existe a ermida que está arruinada, mas que é ainda muito concorrida de fieis, que teem a devoção de trazerem d'ella terra, a que attribuem a virtude de curar os atacados de sesões.

Querem alguns que o nome de Aginha venha antes de Santa Eugenia, que é a padroeira.

Dos montes dos Arcos traziam os gados a pastar a estes sitios por serem mais quentes, e por isso pagavam ao alcaide-mór de Caminha, um vintem por cada cabeça.

O reitor era apresentado pelo abbade de Covas. Tinha de rendimento 40$000 réis.

Á casa de Bragança pertencia *metade dos fructos* d'esta freguezia, por n'ella ter feito *prestimonio.*

Cria gado miudo e grosso, lobos e caça. Vide Agra. Vide tambem a freguezia seguinte.

ARGA (Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção) — chamada tambem *Agra de Baixo*, freguezia no mesmo concelho e districto, 30 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

É tambem do infantado.

O cura era apresentado pelo abbade de Covas. Tinha de rendimento 50$000 réis.

Fructos como a antecedente.

Os dizimos eram metade para o abbade de Covas e a outra metade para os prestimonios d'esta e da antecedente; pois que a casa de Bragança tambem aqui tinha feito outro prestimonio.

Nascem aqui os ribeiros Ladeira e Abutres, que se juntam no sitio da Azebora (ou Azebra) e morrem no rio Coura. Vide Agra.

ARGAN—portuguez antigo, alforges, trouxa, taleigo, mochila, etc.

ARGANIL—villa, Beira Alta, 30 kilometros a E. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa,

600 fogos, 2:400 almas. Concelho 1:700 fogos, comarca 8:520. Orago S. Gens.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Feiras no 4.º domingo da quaresma, a 24 de junho e franca a 6, 7 e 8 de setembro.

Está situada em um bonito valle, junto a dois ribeiros do mesmo nome, que desaguam no Alva, acima de Sarzêdo (onde tem uma bonita ponte de pedra, feita em 1858).

Arganil é palavra portugueza antiga, diminutivo de *arga*, significa pequeno campo, campinho. *Arga* é corrupção de *agra*, campina, do latim agro, campo. Vide Agra e Arga.

Os bispos de Coimbra, desde D. João Galvão (25 de setembro de 1472) a quem D. Affonso V fez mercê para elle e successores, se intitulam condes de Arganil.

O rei deu isto ao bispo Galvão, em premio dos grandes serviços que lhe fez na jornada de Africa.

A distancia de 1:500 metros da villa, está um alto cabeço, de fórma pyramidal, no tope do qual é a capella de Nossa Senhora do Mont'alto, á qual se faz uma grande romaria a 15 de agosto e 6, 7 e 8 de setembro. É tão escarpado este monte, que só a pé e com grande custo se póde subir.

Esta villa é antiquissima.

Querem alguns que seja a cidade *Aussasia*, dos primeiros lusitanos, fundada 550 annos antes de Jesus Christo. Outros dizem que os romanos é que a fundaram pelos annos 150 de Jesus Christo, com o nome de *Argos*, que os arabes corromperam no actual.

Foi elevada a comarca em 1750.

O vigario da freguezia era da apresentação do real padroado. Tinha 40$000 réis.

Esta freguezia tinha em 1757 apenas 172 fogos.

Tem boas egrejas e Misericordia, fundada no anno de 1647, pelo povo.

A egreja de S. Pedro, proximo da villa (no sitio onde estão as ruinas de uma povoação antiga) é de architectura gothica e é tradição que foi mesquita de mouros.

A egreja da Senhora da Agonia é das melhores da provincia.

Tem um bom tribunal novo.

Tem aqui apparecido moedas romanas em differentes epocas.

No principio do seculo passado (1710) ao abrirem-se os alicerces para uma casa, na villa, appareceram varias moedas de ouro e prata, romanas.

Argos foi uma cidade muito florescente durante o imperio romano. Os arabes a arruinaram em 716, tornando-a a reedificar depois; mas não tornou a chegar á sua antiga prosperidade.

No real Archivo, não ha foral algum antigo d'esta villa; porém acha-se no *Livro Preto* da cathedral de Coimbra a fl. 225, v., datado de 25 de dezembro de 1114.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

A rainha D. Thereza deu esta villa aos bispos de Coimbra; para o seu bispo D. Gonçalo, na era de Cesar 1160. (1122 de Jesus Christo). Já n'este tempo existia o convento de S. Pedro de Folques. D'esta doação consta que D. Thereza tinha antes dado a villa a D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamarra, o qual fez *deixação* d'ella por outras terras que a rainha lhe deu.

Mas tal doação não teve effeito, ou porque ella mudou de disposição, ou (o que é mais provavel) porque a villa tornou a cair em poder dos arabes. É certo que em 1219, era senhor d'ella Affonso Pires de Arganil (o que trouxe as cabeças dos cinco martyres de Marrocos para a egreja de Santa Cruz de Coimbra.)

D. Affonso IV fez uma transacção com D. Senhorinha Affonso, neta de Affonso Pires, que tinha succedido no senhorio de Arganil, e esta villa tornou para a coroa. O mesmo D. Affonso IV a deu, em 1392, em dote a sua neta, a infanta D. Maria, filha de D. Pedro I e de sua primeira mulher D. Constança, para casar com o infante D. Fernando de Aragão. Esta senhora morreu sem filhos e a villa tornou para a coroa.

Em 1423 (1385) D. João I a deu a Martim Vasques da Cunha. Nove annos depois, e com as precisas licenças, fez este ultimo troca da villa de Arganil pela de Belmonte, que pertencia á sé de Coimbra, e assim veiu para os bispos d'esta cidade.

O bispo lhe deu Belmonte e seu termo e o couto de S. Romão. Assim ficou a sé de Coimbra com Arganil e todas as suas jurisdicções; mas a egreja ficou sendo do padroado real, e depois foi feita commenda de Christo.

Os bispos de Coimbra teem aqui um bom palacio, com uma capella de trez naves, situado junto á villa, fundado no seculo XIV por D. Fernando Rodrigues Redondo, que era então senhor de Arganil, por sua mulher D. Senhorinha Affonso.

O rio Alva e os dois ribeiros em que já fallei, fazem os arrabaldes da villa ferteis e aprasiveis. O Alva lhe dá lampreias, saveis e outros peixes.

É terra muito fertil de tudo.

Tem mercado no segundo domingo de cada mez.

Tem por armas uma amoreira. Em um monte proximo á villa, ha uma cova muito comprida a que chamam *Cova da Moura*; e junto a S. Pedro de Folques ha outras similhantes.

A matriz tem quatro beneficiados.

As villas de Pombeiro e Salaviza (ou Cellavizas) pagavam antigamente certo fôro a esta villa; mas, quando aqui compravam alguma cousa, eram isentos da siza.

Os bispos de Coimbra punham aqui ouvidores, que conheciam das appellações de vinte e duas villas, que eram coutos dos bispos-condes. Faziam mais um juiz ordinario, trez vereadores, um procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos, etc., etc.

Houve aqui um convento de cruzios, fundado por D. Vermudo Paes e sua mulher D. Elvira Draiz, por doação feita em 13 de junho de 1086, dando para elle, ao prior Goldrofe, umas herdades que tinham em Folques.

Em 1190, estando a egreja e convento muito arruinados, foram mudados de Arganil para a Matta de Folques, sob a invocação de S. Pedro. D. Sancho I coutou este convento em 1204.

Em 1472, D. Affonso V, por o prior de Folques largar a jurisdição secular que tinha em Arganil (para fazer conde ao bispo Galvão) deu ao dito prior, D. Miguel Pires da Silva, o titulo de conde da villa de Alvares e senhor da villa de Fajão.

O convento conservou os senhorios d'esta duas villas até 1834, tendo n'ellas jurisdições, pondo alcaides, recebendo *jugadas* etc. etc., e todas as vezes que os priores de Folques fossem á villa de Alvares, era a camara obrigada a dar-lhes um tanto em dinheiro, para o jantar.

Veiu este mosteiro ao poder de commendatarios, sendo o ultimo Luiz Carneiro, em tempo do rei D. Sebastião. Por morte d'elle (Carneiro) foi, passando alguns annos (em 1595) annexa a Santa Cruz de Coimbra.

ARGELLA — freguezia, Minho, concelho de Caminha, 55 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 96 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo e comarca de Vianna.

Situada sobre tres montes, d'onde se vê muita terra de Portugal e Galliza, a barra de Caminha, o forte da Insua e o Oceano.

E' abundante de aguas e fertil.

A fonte do solar, que vem encanada de 4:500 metros de distancia, se junta com mais algumas aguas e faz mover 36 moinhos e rega varias terras.

Pelo N. da freguezia passa o Coura. Diz-se que as pessoas do sul do reino, que para aqui vinham degredadas temporariamente, por crimes leves, é que deram á freguezia o nome de *Argelia* ou *Argel*, que se corrompeu no actual. *Se no é vero, é bene trovato.*

O abbade era apresentado pelos arcebispos e tinha de renda 100$000 réis.

ARGELLA — serra, Beira Baixa, na freguezia de *Lavacolhos* ou *Lavacolos* (como hoje se diz) termo da Covilhã. Principia na freguezia do Castellejo e finda na serra da Gardunha. Tem 6 kilometros de comprido e o mesmo de largo. Lança um braço para o N. que vae findar na freguezia do Peso. Tem uma boa pedreira de cantaria. E' cortada por valles, onde ha muito bom vinho e bastante azeite. E' em partes cultivada e tem muitas arvores de fructa, principalmente figueiras. Produz bom senteio, cria muito ga-

do grosso e miudo, muitas colmeias, lobos e caça miuda.

ARGERIZ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Valle-Paços, 70 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

E' corrupção da palavra arabe *Algerás*, que significa campainhas ou chocalhos. Quer dizer, povoação dos chocalhos.

Antigamente dizia-se *Algeriz* ou *Aljariz*, e era mais proprio.

D. Affonso I doou o couto de Argeriz, em 1152, ao mosteiro de Salzedas. Já se vê que é povoação muito antiga, pelo menos do tempo dos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva.

O parocho apresentava o reitor de S. Nicolau do Carvalho.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do reitor de Carrazedo de Monte Negro. Tinha de rendimento 150$000 réis. E' fertil.

Produz muito sumagre.

Passa aqui o rio do seu nome, nasce no logar de Sarapigos e se mette no rio Crasto. Rega e móe.

Esta freguezia foi couto,.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

ARGIVAI ou **ARGIVAE**—freguezia, Douro, concelho da Povoa de Varzim, 35 kilo- de Braga, comarca de Villa do Conde, 36 metros a O. kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Tinha em 1757, 42 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Situada em plano na costa do Oceano.

E' terra muito saudavel e fertil.

D'aqui se vê o magestoso convento de freiras de Santa Clara de Villa do Conde, a distancia de 3 kilometros, e grande extensão de mar.

O cura era apresentado pelos arcebispos de Braga.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do cabido da Sé de Braga. Tinha de rendimento 30$000 réis.

Passa aqui o grande aqueducto por onde vae a agua para o dito convento de Santa Clara. Tem esta magnifica obra 6 kilometros do comprido principiando na raiz de um monte, na freguezia de Terroso, e finda no convento. (Vide Povoa de Varzim.)

Diz-se que a povoação foi fundada por uma colonia de argivos, que lhe deram o seu nome.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa ás da Povoa de Varzim.

ARGOMIL—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 12 kilometros da Guarda, 300 de Lisboa, 40 fogos.

Tinha em 1757, 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

E' bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada nas abas de um monte, d'onde se vêem as villas de Jermêllo, Almeida, Castello-Rodrigo e a cidade de Pinhel.

O prior era apresentado pelos herdeiros de Pedro de Pina Carvalho, da Guarda; de Antonio Botelho, de Linhares e de D. Anna de Sacadeira, de Almeida. Tinha de rendimento 90$000 réis

ARGONCILHE ou **ARGANCILHE**—(como lhe chama Jorge Cardoso, no *Agiologio Lusitano*) freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 9 kilometros a E., 20 ao S. do Porto, 260 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Tinha em 1757, 377 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em montes e valles, cercada de pinhaes, e fertil, 9 kilometros ao O. do Douro.

Ha aqui uma grande romaria todos os annos a Santa Isabel.

Era *isento* do convento dos cruzios de Grijó, e por isso *nulius diocesis*, até 1834.

O parocho era cura, apresentação do mesmo convento, e tinha 12$000 réis e o pé de altar. Hoje é abbadia.

ARGOZELLO ou **ARGUZELLO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Outeiro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1757, 200 fogos.

Orago S. Fructuoso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada entre os rios Sabor e Maçãs, em planicie, d'onde se vê a villa do Vimioso, o castello da villa do Outeiro e outras povoações.

A matriz, que está actualmente no centro do logar, era primittivamente ao fundo d'elle.

O cura era apresentado pelo cabido de Miranda, o qual recebia os dizimos. Tinha apenas o que rendia o pé de altar.

Gosava os privilegios concedidos á casa de Bragança.

E' muito abundante de aguas.

Houve aqui fabricas de sola e cordovões.

Perto d'este povo, e em um alto cabeço, ha vestigios de uma antiga fortaleza; diz-se que fôra castello de mouros; e em partes ainda se vê a muralha, de quasi tres metros de grossura.

Nos seus montes ha porcos bravos e caça miuda.

ARICERA—(Vide Ariscera.)

ARIOLLA ou **ORIOLLA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Fozcôa, concelho da Meda, 310 kilometros ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

ARISCERA—freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 285 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757, 54 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho (cura) era da apresentação o reitor de Armamar. Tinha de renda 4$000 réis e o pé de altar.

ARIZ — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 54 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era da corôa.

Parece que foi primeiro mosteiro de freiras bentas e depois passou a ser abbadia secular. Depois tornou aos monges benedictinos de Alpendurada e abbadia sua.

Frei Gaspar de Penella, que aqui foi abbade (era frade bento) trouxe para esta egreja, em 1560, muitas reliquias, sendo uma cruz feita com páo do Santo Lenho; parte de um espinho da corôa de Jesus Christo; parte de uma vara com que foi açoitado; parte do Santo Sudario; leite de Nossa Senhora; ossos dos apostolos S. Bartholomeu, Santo André, S. Thiago-Menor e de S. Mathias, de S. Martinho, papa, martyr, de S. Martinho, bispo, etc., etc.

Festeja-se isto tudo a 3 de maio.

O parocho era apresentado pelo dito convento de S. João de Alpendurada. Tinha de renda 350$000 réis.

E' terra bastante fertil e produz muito e bom vinho verde.

E' situada em planicie, com varios montes em roda, entre os quaes ha dois, um chamado da Forca e outro de S. Thiago-Maior de Arados, de grande altura.

ARIZ—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757, tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

E' terra fertil, e produz muito e bom vinho.

O parocho (cura) era apresentado pelo abbade de S. Miguel de Pêra. Tinha de rendimento 6$000 réis e o pé de altar.

ARMAÇÃO, ARMAÇÃO-DE-PERA, ou **PERA-DE-BAIXO**—aldeia, Algarve, na freguezia de Pêra (hoje annexa á de Alcantarilha) concelho, comarca e 12 kilometros de Silves, 250 fogos, 1:000 almas; tudo pescadores.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Esta povoação está a 1:500 metros de Pera de Cima. Tem uma das praias mais extensas e proprias para banhos.

Pesca-se aqui muito e vario peixe, principalmente sardinha. Ainda em 1820 era apenas uma pobre aldeia, composta exclusiva-

mente de cabanas de pescadores e actualmente é uma bonita povoação, com boas casas.

No dia 1,° de novembro de 1755, o mar varreu toda esta povoação, deixando uma só casa de pé. Entrou mais de 3 kilometros pela terra dentro, innundando tudo. Morreram afogadas 84 pessoas.

A 1:500 metros, no sitio da Ponta da Gallé, houve antigamente uma grande armação para a pesca de atum.

Ha aqui 24 botes ou lanchas, exclusivamente destinados ao serviço da pesca. Cada um d'estes barcos é tripulado por 6 ou 7 pessoas.

Quasi sempre saem juntos, de madrugada, para o mar, e vão ás vezes a 24 kilometros de distancia. Chegam tambem quasi todos juntos. E' bonito vêr navegar, na sua ida e no regresso, esta esquadra em miniatura.

O peixe que pescam é vendido em lotes (em *lotas*, dizem elles) e comprado pelos *revendões*. Ha aqui uns 50 d'estes que não teem outro modo de vida, e vão vender o peixe até á distancia de 16 e 18 kilometros.

Outros negociantes ha tambem aqui, que no tempo da fartura, compram e salgam o peixe, para o venderem sêcco, no inverno.

Os pescadores da Armação, são musculosos, optimos marinheiros, de uma coragem a toda a prova, trabalhadores e bons.

Estas qualidades são communs a todos os maritimos algarvios. As mulheres são em geral bonitas, aceiadas e presumidas.

Como todos os pescadores das nossas costas, não costumam guardar no tempo da abundancia, para o da escacez; por isso de inverno chegam por muitas vezes a luctar contra os horrores da fome; mas teem sentimentos tão elevados, que raro é o que na maxima extremidade, estende a mão á caridade publica.

E' tambem uma praia de banhos muito concorrida na estação propria, sendo ás vezes egual á permanente a população fluctuante.

ARMADOR-MÓR ou **ARMEIRO-MÓR** — (primeiro teve o segundo titulo, depois o primeiro.) O primeiro armeiro-mór de Portugal, foi D. Duarte da Costa, feito por D. João III, pelos annos de 1525.

A obrigação que impunha este cargo era guardar e cuidar das armas do rei, tanto as da caça como as da guerra e prover que nas diversas provincias do reino houvessem artistas que trabalhassem em toda a qualidade de armas.

Por morte de alguns armadores-mores se foi esquecendo de prover outros, até que este logar caiu em desuso, julgo que desde o reinado de D. Affonso V. Pelo menos, de então para cá não apparece mais similhante officio em memoria alguma, que me conste.

Os actuaes condes de Mesquitella são os descendentes dos armeiros-mores.

ARMAMAR — villa, Beira Alta, 12 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 500 fogos, 1:700 almas, concelho 1:370 fogos, comarca 4:600.

Tinha em 1757, 337 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

E' povoação antiquissima. Ao N. fica o monte da Misarella, que é muito alto. Corre-lhe ao sopé o ribeiro Themi-Lobos. Do alto da Misarella gosa-se um extenso panorama.

Teve conde. Farta de tudo e muito bom vinho.

Chamou-se antigamente *Ermo-mór*.

Viterbo (*Elucid.*) diz que se chamava *Hermamar* ou *Ermamar*. Havia n'esta villa um grande personagem que era ferreiro. Chamava-se Fernão Martim, e sua mulher, D. Agueda. Em 1127, doaram elles ambos ao mosteiro de Salzedas uma vinha, no sitio de Valle de Nacar. Tambem em 1163, vendeu Pedro Viegas a D. Thereza Affonso, quarta mulher de D. Egas Moniz, tudo o que tinha nos territorios de Lamego e Ermamar, o que ella tambem doou aos frades de Salzedas.

Havia uma ermida de S. Miguel, onde hoje é a matriz. O logar estava antigamente no sitio chamado Almoinha ou Almuinha (vide esta palavra) e diz-se que se mudára para aqui por causa das formigas.

E' tradição que a egreja foi feita por Egas Moniz, antes da fundação do convento de

Salzedas. E' templo vasto e de tres naves, com bastante altura.

Era reitoria do padroado real e rendia 100$000 réis.

Tinha seis beneficiados. Foi commenda dos condes de Val-de-Reis (marquezes de Loulé) que pagavam ao parocho, beneficiados e sachristão.

O parocho d'aqui apresentava seis egrejas, que eram, Folgosa, Villa-Secca, Coura, Ariscera, S. Thiago e Tões, que eram filiaes e annexas.

A villa é situada sobre um monte cultivado e coberto de olivaes, hortas e vinhas, pelo S. e O.; pelos outros é inculto e muito ingreme. D'aqui se vê quasi toda a provincia de Traz-os-Montes, o arcebispado de Braga, bispado do Porto, serra do Marão, Peso da Regua e muitas freguezias.

A camara da villa de Fontêllo, era antigamente obrigada a vir encorporada ouvir missa a esta egreja no Domingo de Paschoa, sob pena de multa de 4$000 réis.

Feira no quarto domingo de cada mez.

—

Era n'esta freguezia o solar dos Mergulhões.

O appellido de Mergulhão é um dos nobres de Portugal. É oriundo da villa de Cáceres na Extremadura hespanhola. Não pude saber que cavalleiro trouxe este appellido para Portugal.

Suas armas são — em campo de prata, meio leão, asul, lampassado de purpura, sahindo d'uma faxa ondeáda de azul, e no contra-chefe, uma rosa encarnada, aberta, vazia, de prata. Elmo d'aço, aberto, e por timbre meio leão, como o das armas, com uma alabarda d'ouro, com ferro de prata, na garra direita.

É hoje chefe d'esta familia o sr. Acacio Mergulhão Neves Cabral de Macedo e Gama, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalheiro respeitavel pela sua illustração, pela nobreza dos seus principios e pelas optimas qualidades, que o adornam.

(Vide Misarella.)

Tres kilometros a NE, da villa está a capella de Sant'Anna, feita pelos fieis, e defronte d'ella uma fonte a que se attribuem virtudes pasmosas, como de sarar roturas, facilitar partos, dar vista a cegos, etc.

Dizem que esta fonte nasceu no mesmo dia da santa (26 de julho) no anno de 1720. Chama-se ao sitio onde está a capella e a fonte o *Passadouro*.

D. Sebastião de Mattos Noronha, foi natural d'esta villa. (Vide Braga e Loronha.)

Tambem aqui nasceu Gaspar Cardoso de Carvalho, dezembargador e corregedor do crime. da relação do Porto, avô do celebre e valente general realista José Cardozo de Carvalho e Menezes, e de seu irmão, o coronel Gonçalo Cardozo Barba de Menezes que aqui nasceram e morreram.

José Cardozo morreu em 3 de setembro de 1852 (11 dias antes de lord Wellington, que morreu a 14.)

D. Manuel lhe deu foral em Lisbôa, a 3 de maio de 1514.

Tem prosperado desde que é cabeça de comarca, creada por decreto de 24 do outubro de 1855.

Foi cabeça de condado, sendo o ultimo conde d'Armamar degolado, por traidor á patria, no *Rocio* de Lisboa, a 29 de agosto de 1641, sendo então supprimido este condado. (Vide Caminha e Loronha.)

ARMENIA — Alguns escriptores dizem que houve antigamente uma cidade d'este nome nas margens do Lima, acima da actual Ponte do Lima. Não ha d'ella outra noticia, nem vestigios.

ARMIL — freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario) era da apresentação dos monges benedictinos do convento de Pombeiro. Tinha de renda 50$000 réis.

Em 1757 tinha a freguezia 104 moradores.

ARNADO — Vide Arneiro.

ARNAL — aldeia, Extremadura, 6 kilometros a NO. da Batalha e 4 a NO. de Leiria.

Aqui se descobriu, por diligencia do re-

verendo Patricio B. Russell, em 1855, o pavimento de bello mosaico de uma vasta e sumptuosa casa romana.

Suppõe-se ser a *villa* (casa de campo) de alguma notabilidade romana da velha cidade de *Callipo*.

Ha tambem aqui uma abundante mina de carvão fossil, e outra, tambem abundante, de optimo ferro magnetico.

Esta ultima foi explorada pelos romanos, do que ha muitos vestigios aqui, em Porto de Mós, Alqueidão, Valle d'Horta, Necessidades (proximo a Leiria) e proximo á Marinha Grande. Em todos estes sitios tinham os romanos estabelecimentos metallurgicos.

ARNALDO—rio. (Vide Arda.)

ARNAS—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concélho de Cernancelhe, 45 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757 104 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho (cura) era apresentado pelo commendador de Cernancelhe. Tinha de rendimento 30$000 réis.

Situada na encosta de um monte.

É terra bastante fertil.

ARNEIRO—portuguez antigo, areal, terreno areento, o mesmo que arnado, areoso, etc.

Ha na freguezia d'Aldeia Gallega da Merceana a aldeia do Arneiro.

Houve aqui a capella do Espirito Santo, que está hoje desmantelada.

Tinha annexo um hospital de caridade, que tambem já não existe.

Em frente está a magnifica propriedade que é actualmente do sr. Francisco da Costa Leal.

ARNEIRO—rio, Extremadura, que nasce em uns brejos proximo aos logares de Espinheiro e Arneiro de Milhariças, termo de Pérnes.

Tem 6 kilometros de curso e se mette no Alviella, junto á ponte de Pérnes, com o nome de rio do Porto do Centeio.

Nas suas margens ha muitas vinhas e arvores de fructo e silvestres e são cultivadas em partes.

Tem duas pontes de cantaria lavrada, de um só arco; uma na Gésteira e outra junto á sua foz, chamada de Pernes.

Faz mover lagares de azeite, moinhos e réga.

Suas aguas e pescarias foram sempre livres. Recebe os ribeiros do Tôco, Gésteira e S. Miguel, além d'outros menores.

ARNEIRO DAS MILHARIÇAS—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho de Pérnes até 1855, e desde então comarca e concelho de Santarem, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Tinha em 1757 157 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O parocho (cura) era apresentado pelos freguezes, confirmado pelo vigario de Pernes. Tinha de rendimento um alqueire de trigo de cada fogo inteiro, e meio de cada meio fogo. Um almude de vinho e duas canadas de azeite de cada chefe de familia.

Chama-se Arneiro por causa do seu solo areiento, e das Milhariças, por ser o nome de uma aldeia muito antiga que ha aqui.

A matriz era uma ermida feita pelos moradores e principiada em 1608 e concluida em 1610.

Foi feita freguezia pelo dr. João de Mattos Henriques, prior de Nossa Senhora dos Anjos Villa Verde, visitador pelo arcebispo de Lisboa e cardeal D. Luiz de Sousa, aos 10 do fevereiro de 1694; e aos 11 do mesmo mez deu posse da egreja ao cura, que n'ella ficou por parocho.

Até 1834 apresentava este cura o vigario de Pernes, de cuja freguezia se havia separado.

Corre-lhe ao S. o rio antecedente.

Está aqui o convento de S. João Baptista, fundado por D. João d'Aledcastre, em 1583.

ARNEIRÓS ou **SOUTO D'EL-REI** ou **VILLA NOVA DE SOUTO D'EL-REI**—freguezia, Beira Alta, nas proximidades de Lamego, 305 kilometros ao N. de Lisboa, 232 fogos.

Tinha em 1757 170 fogos.

Orago S. Sebastião.

Comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O parocho era vigario collado da apresentação da mitra, e tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi couto, do qual era cabeça a villa de Souto d'El-rei, ou Villa Nova do Souto d'El-Rei. Sendo extincto este couto (que era dos bispos de Lamego) se tirou á villa a cathegoria, que havia conservado desde o reinado de D. Diniz, ficando reduzida a aldeia.

Nunca teve foral, que me conste.

É ainda cabeça do viscondado (antigo) do seu nome.

Ha aqui uma grande quinta do sr. Pinheiro Osorio, de Lamego.

N'esta freguezia nasceu o virtuoso e illustradissimo D. João de Magalhães e Avellar, lente cathedratico da Universidade de Coimbra, e bispo do Porto, sagrado a 29 de junho de 1816. Quando os liberaes entraram no Porto (9 de julho de 1832) fugiu para a Régoa, e adoecendo, foi morrer á terra do seu nascimento (Arneirós) no dia 18 de maio de 1833.

Jaz na capella mór da Sé de Lamego, no jazigo dos bispos.

A sua livraria, que lhe tinha custado mais de 70 contos de réis, foi vendida por seus herdeiros ao governo (para formar o nucleo do Bibliotheca do Porto) por 24 contos de réis.

Era modestissimo na sua vida e costumes, e applicava-se muito á leitura de bons livros, passando uma grande parte do tempo na sua riquissima livraria.

ARNELLAS—grande aldeia (maior do que muitas villas) Douro, freguezia do Olival e de Avintes, concelho de Gaia, comarca e 8 kilometros a E. do Porto, 300 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Situada em amphitheatro, sobre a margem esquerda do Douro.

Era até 1834 do concelho da Feira e do couto de Crestuma.

Passa por esta povoação um pequeno ribeiro do seu nome, que servia de divisão, a saber:—Ao E. d'elle era da freguezia do Olival, couto de Crestuma, concelho e comarca da Feira, e ao O, era da freguezia e couto de Avintes, concelho de Gaia, comarca do Porto.

Confinavam tambem aqui, servindo o mesmo ribeiro de divisão as provincias da Beira Alta, e do Minho, isto é, a E. do ribeiro era Beira Alta, e a O. Minho.

Ainda o mesmo ribeiro dividia o governo das armas de Almeida do do Porto, e a correição de Esgueira da d'esta cidade.

Terminava tambem no tal ribeiro o condado de Avintes.

Hoje só divide a freguezia de Avintes da do Olival, sendo da 1.ª o que fica ao O. do ribeiro, apenas 4 moradores, e do Olival o resto a E.

A povoação actual foi edificada pelos annos de 1540, sobre as ruinas da antiga, que provavelmente foi submergida por alguma enchente do Douro, na sua parte inferior.

A quinta do Paço, que foi dos condes da Feira (que para aqui vinham passar o verão) passou depois, por um casamento, para os condes d'Avintes (marquezes do Lavradio).

É na extremidade septemtrional da bella e fertil ribeira de Avintes, e chegava antigamente até ao tal ribeiro d'Arnellas, que tambem era a divisão do seu condado; mas elles foram aforando e emprazando uma grande parte d'esta extensissima quinta, desde o logar de Espinhaço até Arnellas, cujo espaço fórma hoje diversas propriedades.

Arnellas está em um sitio fertil, aprazivel e pittoresco, mirando-se nas aguas do Douro, e é uma das mais bonitas povoações das margens d'este rio.

Tem uma optima capella, feita com o tributo especial de um real em cada quartilho de vinho e outro real em cada raza de sal que se vendesse no couto de Crestuma, por mercê de D. João V. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 20 de outubro de 1723, e disse-se a primeira missa no dia da ascenção de Jesus Christo do anno de 1727.

Feira a 21 de setembro, de varios generos e grande quantidade de nozes.

Grande commercio com a cidade do Porto, pelo rio Douro.

ARNOIA—rio. (Vide Obidos.)

ARNOIA ou **ARNOYA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, districto, arcebispado e 45 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Orago S. João Baptista.

Dá-se tambem a esta freguezia o nome de S. João do Ermo d'Arnoia.

Era da coroa, e é muito fertil.

Está situada entre montes, d'onde se descobre Atey, Mondim de Basto, e outras freguezias.

Tinha um convento de frades benedictinos, antiquissimo. Alguns escriptores lhe dão por fundador D. Arnaldo de Bayão, tronco dos Azevêdos (vide Bayão) pelos annos de 995.

Ha aqui uma sepultura de D. Monio Moniz (ou D. Moninho) que n'ella foi enterrado em 1034. Pretendem alguns que este fosse o fundador do convento, mas é érro. D. Monio o que fez foi enriquecer este convento, com muitas e valiosas doações. Era descendente de D. Arnaldo e ascendente do grande D. Egas Moniz.

Este convento era muito rico. Foi senhor do couto de Rebordello e de muitas rendas e terras, que perdeu no reinado de D. João I.

O parocho da freguezia (vigario) até 1834, era um frade bento, apresentado pelo abbade do mosteiro, e a egreja d'este é, e foi sempre, a matriz da freguezia.

Ha n'esta freguezia, sobre um alto monte, um castello, cuja muralha, pela sua grande antiguidade, se acha muito arruinada. Consta por tradição ser obra dos arabes.

—

Na aldeia de Santoadou (Santo Abdon) d'esta freguezia, diz-se que existiu, até 1838, o solar do gloriosissimo portuguez, o doutor João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640. Todavia o mesmo Ribeiro, sendo juiz de fóra de Pinhel, declarou que era oriundo de Amarante, mas natural de Lisboa. Vide Amarante, Lisboa e Adon.

Este inclito patriota, morreu em Lisboa, a 11 d'agosto de 1649, e foi sepultado no claustro do convento de S. Francisco da Cidade, junto á porta do refeitorio.

O parocho (vigario regular) era um dos monges benedictinos do convento d'esta freguezia, da apresentação trienal do seu prelado. Seus rendimentos eram incertos.

Esta freguezia tinha em 1757, 160 fogos.

ARNOIA ou **ARNOYA**—aldeia, Beira Baixa, concelho da Certan.

Aqui nasceu, em 18 de dezembro de 1804, D. Jeronymo José da Matta.

Era 3.º filho do dr. Joaquim José da Matta e de D. Maria do Carmo e Matta.

De 18 ou 20 annos foi para o seminario de Cernache do Bomjardim, onde tomou ordens menores, e só com ellas foi em 1825 para Macau.

No real collegio de S. José d'esta cidade concluio os estudos e foi tomar ordens de presbitero a Manilha (archipelago das Philippinas) em 1829, as quaes lhe foram dadas pelo bispo d'Illocos (por ter morrido o bispo de Macau.)

Foi mestre de varias disciplinas no collegio de S. José de Macau.

Regressou a Arnoia em dezembro de 1837.

Em 1843 foi nomeado bispo coadjutor o futuro successor do bispado de Macau, para onde partiu em 1844.

A santa Sé lhe confirmou o titulo, fazendo-o bispo d'Autobosco, e em 1845, succedeu no bispado de Macau, sendo sagrado em dezembro de 1846 pelo bispo hespanhol de Cebú (Ilhas Philippinas.)

D. Jeronymo concluiu a Sé de Macau (que o seu antecessor deixou nos alicerces (1850.)

Foi presidente do concelho do governo de Macau (quando foi barbaramente assassinado o governador Amaral) e fez importantissimos serviços á egreja de Macau e ao estado.

Em razão das suas molestias regressou á patria em 1855, e foi residir para a aldeia onde nasceu.

ARNOZA—vide Arenosa.

ARNOZELLA ou **ARNOZELHA**—antiga freguezia, hoje annexa á de Ardegão, Minho, comarca e concelho de Fafé, 18 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 46 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Quando era freguezia independente, tinha vigario, apresentado pelos frades cruzios do convento de Caramôs, com 40$000 réis de renda.

Vide Ardegão.

ARNOZINHO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

ARNOZO—vide Mosteiro.

ARNOZO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 9 kilometros ao E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha esta freguezia 108 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fertil. Cria muito gado, principalmente bovino.

O parocho era abbade de concurso sinodal e tinha de rendimento 360$000 réis.

ARNOZO — freguezia, Minho, no mesmo concelho, comarca e distancias, 70 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 75 fogos.

Orago Santa Eulalia.

O vigario apresentado pelo deão da Sé de Braga, tinha de rendimento 130$000 réis.

AROEIRA—rio, Estremadura, bispado de Leiria.

Tem seu principio no sitio de Nasce-Agua por cima do logar de Fonte-Cova, freguezia de Monte-Redondo, termo de Monte-mor-Velho.

Nasce de uns formosos olhos d'agua muito abundantes. Primeiro se chama Fonte-Cova e depois Aroeira.

Mette-se no rio Real (que vem de Leiria) no sitio das Pontes-da-Bajanca, junto no logar da Anja, freguezia de Corvide.

Tem uma bôa ponte de cantaria no sitio de Aroeira.

Rega e móe.

ARÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É a freguezia de Santa Christina d'Arões, para a differençar da seguinte.

O parocho (abbade) era apresentado pelo rei, por ser a egreja do real padroado.

Tinha de rendimento 200$000 réis.

ARÕES (S. Romão) — freguezia, Minho, mesmo concelho e comarca, 24 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

200 fogos.

Tinha esta freguezia em 1757 94 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era apresentado pela casa de Bragança, que tinha aqui o direito de padroado e grandes rendas.

Tinha (o abbade) de renda 255$000 réis.

ARÕES—freguezia, Douro, comarca d'Oliveira d'Azemeis, concelho de Cambra, 40 kilometros ao N.O. de Vizeu, 6 a E. d'Oliveira d'Azemeis, 40 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa. 280 fogos.

Orago S. Simão.

Bispado de Vizeu, districto administrativo d'Aveiro.

Tinha esta freguezia em 1757, 296 fogos.

N'este numero de fogos se comprehende a extincta freguezia da Junqueira, que está annexa a esta, desde 1702.

Foi antigamente da comarca da Feira.

Está situada entre serras e montes muito altos. É muito fertil, aprasivel, fresca e saudavel.

Cria muito e bom gado bovino; as suas vitellas são deliciosas; tem tambem gado miudo e algumas colmeias.

Ha aqui muita caça miuda.

O parocho (abbade) era apresentado pela casa do infantado, a quem a freguezia pertence. Tinha de rendimento (o abbade) 560$000 réis.

AROSA—Vide Aroza.

AROUCA DA SERRA—pequena, villa, Beira Baixa, situada na serra d'Estrella, comarca da Guarda, 300 kilometros ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

AROUCA—villa, Douro, 70 kilometros ao ENE. d'Aveiro, 48 ao O. de Lamego (a cujo bispado pertence) 48 ao SE. do Porto, 20 a NE. d'Oliveira de Azemeis, 310 ao N. de Lisboa, 460 fogos, 1:600 almas; no concelho 2:260 fogos, na comarca 6:600.

Em 1660 tinha 120 fogos e em 1757 228.

Orago S. Barthelomeo.

Districto administrativo de Aveiro.

A abbadeça do mosteiro apresentava o cura da freguezia, que tinha 40 almudes de vinho, o pé d'altar e a ração do convento.

Situada na extremidade NE. do bellissimo e fertilissimo valle d'Arouca, abrigada do S pela serra da Freita, e do E., N. E, N. e N. O pelas serras da Mó e Gamarão. Passam pela villa os ribeiros Marialva e Silvares, que, juntando-se ahi, formam o rio *Arda* (vide esta palavra) que faz mover um lagar d'azeite, varios moinhos de pão e fertilisa grande extensão do valle.

Quando a fundação de qualquer povoação sóbe a uma remota antiguidade, havemos infalivelmente topar com dificuldades, fabulas e hypothesis. É o que acontesse com Arouca.

É incontestavel que esta povoação é antiquissima e póde affirmar-se que foi fundada pelos gallos celtas, 4 ou 5 seculos antes de J. C.; pois ainda que eu não acho memorias escriptas que attestem isto, os innumeros monumentos celtas (*antas* e *mâmoas*) que se encontram em quasi todo o concelho, evidenceiam a diuturna permanencia d'aquelles póvos por estes sitios.

É tradição que a villa primittiwa era na aldeia do *Burgo*, freguezia de Salvador, a 1:500 metros a O. da actual villa, e, a dizer a verdade, *Burgo* é synomino de villa, como todos sabem.

Mas tambem é synonimo d'arrabalde. Vide Burgo.

É certo que ainda em 1864 alli havia as paredes da casa da camara e o pellourinho, sendo então arrazada a casa da camara para se fazer a nóva estrada para Oliveira d'Azemeis. Ainda que a povoação do Burgo mostra muita antiguidade, não me parece que ella vá álem do seculo VII ou VIII. (Adiante se verá quando se falla a primeira vez no Burgo ou villa Mean do Burgo.

Nem foi povoação importante, aliás os nossos primeiros reis, que deram foraes a tantas terras insignificantes (até a muitissimas aldeias que nem eram cabeça de freguezia) de certo lhe teriam concedido foral.

Em Franklim vem um foral dado a *Villa Mean* (aldeia) por D. Affonço III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255; mas nem diz em que provincia, nem diz Villa Mean do Burgo, simplesmente *Villa Mean*. Ora todos sabem que ha muitas povoações d'este nome, pelo que é impossivel, sem se ler todo o foral, saber-se a que Villa Mean pertence. Parece-me porem que não é d'aqui, porque o não vejo notado em parte nenhuma.

Todavia parte d'esta freguezia formava um concelho independente, com camara e justiças proprias. (No Burgo vem isto bem explicado.)

O pelourinho lá esta ainda, junto á capella de Santo Antonio, para attestar aos vindouros que o Burgo já teve a preeminencia de *concelho* ou *couto*. Chamava-se antigamente «Villa Mean do Burgo.» (Vide Burgo.)

Dizem outros (e na minha opinião com mais solides fundamentos) que a primittiva villa d'Arouca foi onde hoje é a capella e aldeia de S. Pedro, a 500 metros a ENE. da villa.

É certissimo que, pelo menos, foi aqui a primittiva matriz d'Arouca, como adiante mostrarei.

Póde quasi affirmar-se que a actual povoação do *Burgo* nunca foi a cidade *Araducta*, nem a villa d'Arouca. Com este ultimo nome já a villa existia e era florescente no tempo dos gôdos, e foi sempre muito nomeada durante o reinado da raça pelagiana; não assim *Villa Mean do Burgo*, que, ainda que povoação antiga, é muito mais moderna que Arouca. Se o Burgo fosse povoação d'alguma importancia antes da fundação da monarchia, certamente seria mencionada por o conde D. Henrique, na doação que fez a Echa

Martim, rei de Lamego, parte da qual adianta copio. A primeira vez que vejo nomeada a povoação do Burgo é em 920, como logo direi.

Principiemos pois a descrever o que foi Arouca, desde o tempo em que d'esta povoação ha memorias escriptas.

Ignora-se se no tempo dos primeiros lusitanos era povoação de importancia ou insignificante; só consta que, pelos annos do mundo 3970, isto é 34 annos antes de J. C., Cezar Augusto aqui fundou uma cidade com o nome *d'Arauca*, *Aruca* ou *Araducta*, que floresceu até 716 de J. C., em que os árabes a destruiram em grande parte, não tornando mais a adquirir a sua antiga prosperidade.

Não pude averiguar quando aqui foi recebida a religião christan; mas o que se sabe com certeza é que em 716 já havia em Arouca (pelo menos) duas parochias christans, Santo Estevam do Valle de Moldes e S. Pedro de Arouca (na falda meridional do monte de Nossa Senhora da Mó, onde ainda existe a capella e a aldeia de S. Pedro) e o convento.

A egreja de S Pedro, sendo pequena para a freguezia, foi mudada para a villa (para o sitio onde ainda em 1864 estava um arco, que então se mudou mais para SO. e serve actualmente de fechar o terreiro do convento.)

Esta nova matriz, cujo orago continuou a ser S. Pedro, era de trez naves, com galilé á porta e era pegada no coro das freiras. Tinha da parte de fóra, sobre *cachorros* de pedra, na parede do coro antigo das freiras, quatro caixões de pedra e nelles sepultados *D. Ansur*, *D. Eleva*, sua mulher e os dous irmãos *Wandilio* e *Frederico* (ou como outros dizem *Vandilo* e *Loderigo)* filhos do fidalgo de Moldes, de cujos quatro individuos adiante se tractará.

Quando o convento se ampliou em 1220, foi esta egreja demolida, e ficou sendo a egreja do convento *mixti fori*, isto é, servindo tambem de matriz.

Passados alguns annos, e allegando as freiras que o serviço parochial (principalmente os casamentos e o ensino da doutrina aos meninos) lhe perturbavam as suas rezas do coro, fizeram fóra uma capella, da invocação de S. Bartholomeu, destinada unicamente para se receberem os noivos e para o ensino da doutrina. Não pude saber o anno em que se fez esta capella, e só averiguei que a mandou fazer D. Milicia, abbadeça perpetua do mosteiro.

Esta capella, que serve de matriz, pela sua architectura, parece muito mais antiga do que na realidade é. Devemos porem notar que o seu frontispicio é o mesmo da antiga egreja de São Pedro, que existindo ainda (pelas freiras cautelosamente conservado, já com a intenção de tirarem a matriz da sua egreja) foi empregado nesta construcção. Todavia esta capella é bastante antiga, pois a tal D. Milicia viveu no tempo de D. Affonso III e principio do reinado de D. Diniz.

Está pois feita ha perto de 600 annos.

Assim foram as freiras pouco e pouco pondo fóra de casa o cura da freguezia, até que ficou a capella de S. Bartholomeu servindo de matriz para tudo: e lá está no meio da praça attestando ainda o predominio fradesco e o desmazello das camaras d'Arouca, que ha muitos annos deveriam ter tractado de obter(ou reivindicar) para matriz a vasta e sumptuasissima egreja do convento.

No altar de S. Bartholomeu (da tal chamada matriz) se vê um tumulo mettido na parede, com seu arco, e um lettreiro gothico (hoje illegivel) que segundo a tradição, é do padre João Fernandes, prior que foi da egreja de Rôge (em Cambra) o qual deixou um legado a esta egreja.

É impossivel seguir a ordem chronologica nestas cousas, pelo que vou tractando da villa e depois fallarei do convento mais circumstanciadamente.

Arouca tinha antigamente Misericordia e hospital.

A capella foi feita pelo povo, dando as freiras o chão e algum dinheiro.

O hospital era pegado á capella (no sitio onde hoje é a caza da camara) tambem feito pelo povo e sustentado com esmolas, e com as rendas de dois casaes, no logar de Fonte-Joanne, fraguezia d'Oliveira d'Azemeis.

Um provedor da Misericordia, allegando que os fóros em *Fonte Joanna* ficavam *muito longe* (!) obteve licença para os vender, o que

fez, pondo o dinheiro que elles deram, a juro; mas passados poucos annos desappareceram os juros e o capital, e lá se foi o pobre hospital.

Não sei como escapou a capella, que ainda que é pequena, está muito decente e suas paredes são forradas de bons azulejos antigos. As escadas exteriores são guardadas por umas bonitas grades de ferro, de dois metros de altura, feitas em 1860, sendo provedor o senhor commendador Antonio Teixeira de Brito.

Em 1850 (pouco mais ou menos) alguns cavalheiros da villa, promoveram uma subscripção e fundaram na rua do Juiz um pequeno hospital para pobres, que existe.

Chamo-lhe rua do Juiz, por ser este o nome que alli se lhe dá; mas advirto os que nunca foram a Arouca, que aqui não ha ruas. A villa é composta de meia duzia (se tanto) de betesgas e beccos, estreitos, tortos, porquissimos, alguns mal calçados outros por calçar. Aperta-se o coração ao viajante que vae a primeira vez a esta villa, que, sendo a cabeça de uma comarca fertilissima e riquissima, esteja no mais reprehensivel e ignobil abandono.

As rendas do concelho, que são muitas, empregam-se em comezainas e jantarões desaforadamente publicos, pelas festas da villa e se alguma cousa sobra, ninguem mais lhe põe a vista em cima! As duas desgraçadas villas, d'Arouca e Sobrado de Paiva (sua visinha) estão clamando contra quantas vereações têem havido ha 60 ou 70 annos. Todas as villitas de Portugal (ou a maior parte d'ellas) se têem mais ou menos desenvolvido e melhorado n'estes ultimos tempos; mas estas duas assim estão, e estarão, até que homens de algum patriotismo tomem conta das varas *d'ediz*, e acabem com estes vexames.

A casa da camara, ainda que pequena, tem um bonito risco e é muito decente. Foi feita em 1822, sendo juiz o pae do dito senhor commendador Brito.

Em 1038, D. Fernando Magno de Castella e Leão, e o famoso D. Ruy Dias de Bivar (*o Cid.*) derrotaram aqui as tropas de *Zadão Iben*, rei mouro de Lamego; porém a mais famosa batalha que aqui se deu foi em 1102.

Vou tratar d'ella mais circumstanciadamente.

Quando o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza Affonso, vieram para Portugal, era Egas Moniz varão tão famoso em armas, nobreza e riqueza, que foi o primeiro vassallo de Portugal, e muito respeitado e amado de D. Henrique.

Egas Moniz era filho de Moninho Ermiguez e D. Moninha; neto de D. Ermigio Egas, todos portuguezes (e não francezes, como diz Duarte Galvão.)

Casou a primeira vez em Castella, com D. Mayor Peres da Silva, filha de Payo Guterres da Silva. D'este matrimonio houve um filho chamado Lourenço Viegas (pelo seu grande valor, cognominado o *Espadeiro*).

Casou Egas Moniz em segundas nupcias com D. Thereza Affonso d'Asturias, filha do conde D. Affonso, de quem teve varios filhos. (Ha quem diga que elle casou quatro vezes, mas não dá prova plena). Estando havia pouco tempo em Portugal (1102) o conde D. Henrique, Echa Martim, rei de Lamego, confiado no pouco poder do conde, se rebelou contra elle (porque eram os reis de Lamego tributarios dos de Leão, desde 1038, e pelo casamento do conde ficaram sendo seus tributarios) e veio o tal Echa, com muita gente, talar os campos dos christãos, saqueando-os e fazendo-os captivos.

Com grandes despojos e muitos prisioneiros se recolhia o rei arabe a Lamego com a sua preza, indo perém vagarosamente, porque levava uma de suas mulheres, chamada Axa Anzures, a quem muito amava, e grande quantidade de bagagens.

O nome da mulher d'Echa-Martim em arabe é *Ayxa Ansora*.

O conde D. Henrique e D. Egas Moniz reuniram a gente que puderam e foram em seguimento dos mouros, encontrando-os em um valle, junto ao mosteiro d'Arouca, que então era de frades bentos.

Parece que este encontro teve logar junto á villa do Burgo, nos campos ao E. de Santa Eulalia.

A mulher do rei mouro e as suas bagagens foram postas na Serra Secca (julgo que n'aquelles tempos se chamava Secca Secca á que hoje se chama *Arreçaio.*) Diz-se que a capella de Santo Antonio do Burgo se fundou em memoria d'esta victoria, e que o monumento que existe junto a ella, foi a sepultura de algum chefe portuguez, que morreu n'esta batalha.

O mouro mandou subir todas as suas bagagens e mulheres, ao tal monte então chamado Serra-Secca. D. Henrique o atacou no valle, emquanto D. Egas Moniz atacava os do monte; e, depois de prodigios de bravura de parte a parte, foram os mouros completamente derratodos em ambas as posições.

Em 1125 (quatro annos antes do seu fallecimento) fez a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, ao abbade de Cister João Cirita, doação para o convento de bernardos, de S. Christovão de Lafões, de uma herdade «*que tenho* (diz a doação) *junto de Arouca, por onde corre o rio Alarda, entre a Corredoura e a Serra Secca, descorrendo pela varzea ao redor, etc., etc. Eu, o infante D. Affonso, filho da rainha D. Thereza, a confirmo com a minha propria mão—o conde D. Fernando, governador de Coimbra, confirmo esta carta, que vi com meus olhos—Bermundo Peres, governador de Vizeu, confirmo—Egas Gozendes, governador de Baião, confirmo—Pedro, por sobrenome o Bispo, pintou o signal da rainha.*» Trouxe para aqui esta curiosidade por causa da Serra Secca, da Corredoura e do rio Alarda. Sobre a Serra Secca, vide Aréja. Ninguem hoje em Arouca dá a mais leve noticia da tal Serra Secca.

Echa e sua mulher ficaram captivos (e quasi todos os seus que escaparam dá morte) porém D. Henrique tão bem os tratou e tanto fez, que conseguiu que elles se fizessem christãos. D. Henrique fez Echa, senhor de Lamego e seu termo, por doação authentica que diz: «*como a elle sempre teve d'herança dos mouros seus antepassados, que alli reinaram. E porque eu o venci e sujeitei, de traz do monte Fuste, no valle d'Arouca, junto ao rio Alarda, e o prendeu alli o valoroso soldado e rico homem Egas Moniz, e captivou Axa Ansures, com muitas mulheres que estavam postas sobre a Serra Secca; e, depois de os ter em meu poder, se quizeram fazer christãos, assim elle como Axa Ansures; lhe dou a elle e seus descendentes (se forem bons e fieis christãos) o logar de Lamego com toda a sua jurisdicção e elle nos pagará cada anno a quadragesima parte das rendas d'esta terra, e nós teremos o cuidado de o defender de seus inimigos e elle nos será fiel e bom de coração. Foi feita a presente carta em Guimarães, na era de 1140 (1102) aos 13 de novembro. Eu Henrique, conde, confirmo.—Eu rainha Thereza, confirmo.—Ayres Peres, senhor da terra de Vizeu, confirmo—Pero Egas, agoazil de Coimbra, confirmo—Egas Moniz, senhor de Riba Minho, confirmo—Viegas João, governador da Terra de Santa Maria, confirmo—Lucendo Peres, alferes, confirmo—Soeiro Pelayo, Gonçalo e Rozendo, testemunhas—Sezinando, notou.*»

Dei aqui em vulgar, parte da doação. Quem a quizer ver na sua integra, no latim d'aquelle tempo, leia a *Chronica de Cister*, tomo 1.º, livro 5.º, cap. 1.º, pag. 559.

A cruz servia então de sello, com o nome de Portugal ao redor.

Esta doação ainda ha poucos annos existia no cartorio do convento de Arouca, e ainda provavelmente lá existe (se o sr. Alexandre Herculano a não levou, como levou muitos outros preciosos manuscriptos que existiam no cartorio d'este mosteiro).

O sr. Herculano foi, por ordem do governo, examinar o archivo do convento d'Arouca (parece-me que em 1860) para alli tirar esclarecimentos para a sua *Historia de Portugal.* Trouxe para Lisboa uma carga de papeis velhos, que, escolhidos por individuo tão competente, de certo haviam de ser importantissimos. Não foram ainda restituidos ao mosteiro, nem o devem ser; porque havendo alli actualmente (1873) só tres freiras, está aquillo a acabar, e toda a papellada do convento será provavelmente espatifada. Ao menos os que estiverem em poder do sr. Herculano serão salvos do cataclismo inevitavel aos outros.

Os mouros quando dominavam em Arou-

ca, tinham um acampamento permanente no monte chamado *Crasto* ou *Arraial*.

No tempo de D. Affonso VI de Leão (avô do nosso D. Affonso I) pelos annos de 1080, era a comarca de Arouca extensa e importantissima, pois que aquelle rei ((que se intitulava imperador das Hespanhas)) fez d'aqui governador ao conde D. Egas Heirmigio, tio de Egas Moniz.

O valle de Arouca, cercado por todos os lados de altas montanhas graniticas, é abundante d'aguas, e seu terreno muito bem cultivado e feracissimo, produz com profusão todos os fructos do nosso paiz, sendo o seu linho de optima qualidade, fazendo-se d'elle finissimas teas. O seu azeite não tem no reino superior em qualidade, e suas fructas são optimas.

Sobranceiro á villa, ao NE. d'ella, está o monte ou cabeço da Senhora da Mó, com mais de 600 metros d'altura sobre o nivel do mar, e que se vê de muitas leguas de distancia, e do qual se avistam terras de cinco provincias (Douro, Minho, Traz-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa). No tope da serra está a capella da Senhora que dá o nome ao monte. Dizem alguns (que é aqui a *Serra Secca* de que falla o conde D. Henrique, na doação que atraz copiei em parte.

Em 1858 se approvou e mandou construir a estrada de Arouca a Oliveira de Azemeis, mas apenas até hoje (1873) se acham concluidos uns 12 kilometros.

Esta estrada, que corta o valle de Arouca, é das mais bellas de Portugal, e quem vae a primeira vez á villa de Arouca, e vê de 6 kilometros de distancia o magestoso convento das freiras, e até chegar a elle, julga que vae entrar em uma linda e grande cidade; mas apenas entra na villa fica horrivelmente desapontado.

A villa de Arouca (á excepção das bellas casas dos herdeiros do sr. commendador Brito e de poucas mais, soffriveis) não é senão um amontoado de casebres velhos e esburacados, feitos de palha e barro (onde ha tanta e tão boa pedra) e suas *ruas* não passam de becos tortos, estreitos, immundissimos e mal calçados.

A falta de vias de communicação (e outras causas que não quero apontar) fazem conservar esta villa estacionaria, no meio do geral desenvolvimento que se vê em outras muitas terras; ella que tem condições de prosperidade em nada inferiores ás mais florescentes.

O seu clima, posto que excessivo, é muito saudavel, e nunca alli se conheceu molestia alguma endemica.

Ha no concelho minas de cobre, chumbo, ferro, carvão e plombagina (graphites) que se não exploram; e no monte ou serra da Carraceira, freguezia de Tropeço, ha pedreiras de bella calcedonia.

D. Affonso I lhe deu foral, em abril de 1151, confirmado por seu neto D. Affonso II, em Coimbra, em novembro de 1217. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1513.

Já disse que quando os mouros invadiram a Lusitania, em 716, já em Arouca havia (pelo menos) duas parochias — Santo Estevão do Valle de Moldes e S. Pedro do Valle de Arouca.

O bispo de Lamego era padroeiro d'estas duas egrejas; mas abandonou-as desde a invasão dos mouros.

Havia n'esse tempo em Moldes um fidalgo muito bravo, rico e poderoso, que conservou sempre o culto christão n'estas freguezias, mandando n'ellas dizer missas, celebrar todos os officios divinos e apresentando os parochos, que confirmava o bispo da Galliza, por não haver outro mais perto. (Vide Moldes).

Assim estiveram as cousas até 811, em cujo anno D. Affonso de Castella e Leão, e seu sobrinho, o famoso Bernardo del Carpio, resgataram esta parte da Lusitania do poder dos arabes.

O bispo que então se poz em Lamego, quiz logo apossar-se dos padroados de Moldes e Arouca; mas o fidalgo de Moldes, que, como seus antepassados, havia 95 annos tinha sempre, á custa de toda a qualidade de sacrificios, conservado estes padroados, se oppoz com bons fundamentos, pelo que o bispo lhe poz *pleito*, que durou alguns annos, terminando (por intervenção de D. Affonso Henriques) por arbitros, nomeando o bispo,

o abbade do convento benedictino de Paço de Souza e o fidalgo, o grande Egas Moniz; (Viterbo diz *Egas Ermigiz*, vide Moldes) que para ficarem bem com ambas as partes, decidiram que o padroado ficasse pertencendo ao convento que havia em Arouca, o que se cumpriu.

Á excepção da egreja matriz de Santa Eulalia, que é moderna, assim como a freguezia, que foi creada em 1690, desmembrando-se parte da freguezia de Arouca e parte (a maior) da de Salvador; e das deVarzea e Santa Marinha, que foram pelo mesmo tempo desmembradas da de Urrô, todas as mais egrejas matrizes denotam muita antiguidade, mas não pude saber a data das suas edificações, senão da de Rossas, que foi edificada no tempo de D. Affonso VI, de Castella e Leão, na era de Cesar 1111 (1073 de Jesus Christo).

A de S. Miguel do Urrô é a que, pela sua architectura gothica, revela mais antiguidade, e é incontestavelmente (pelo menos) tão antiga como a monarchia portugueza.

—

Tratemos agora do real mosteiro de freiras da Ordem de Cister, um dos melhores (senão o melhor) do seu genero em Portugal, e que, como edificio, vale mais do que trez ou quatro villas de Arouca.

Ignora-se a data da sua fundação primitiva, e só se sabe que foi fundado por dois fidalgos de Moldes, antes de 716, isto é, no tempo dos godos. Era da Ordem de S. Bento, e *mixto* ou *dobrado* (de frades e freiras) e da invocação de S. Pedro e S. Paulo, apostolos, e dos martyres S. Cosme e S. Damião. Os dois fundadores, que eram irmãos, se chamavam *Frederico* (ou *Loderigo*) e *Wandilio* (ou *Vandilo*). Deram este convento a monges que rezassem por suas almas e de seus maiores; conservando sobre o convento o direito de padroado, como era costume n'aquelle tempo.

Na era 958 de Cesar (920 de Jesus Christo) eram senhores do Valle de Arouca, D. Ansur e sua mulher D. Éleva.

R. M. da Silva, na sua *Poblacion General de Espana*, diz que em 950 eram senhores do Valle de Arouca, D. Ançur (ou Ansur) e sua mulher D. Helena. E que estes, em 7 de setembro de 951 deram o convento, de que eram padroeiros, ao abbade d'elle, Hermenegildo.

Pouco depois d'esta doação, os mouros invadiram o valle de Arouca, talando seus campos e saqueando e captivando seus moradores, arrazaram a villa; mas foi reedificada logo que os arabes a abandonaram.

Tambem alguns escriptores chamam *Ejeuva*, á mulher de D. Ansur. Vide Luzim.

Estes compraram o convento (isto é, o direito do padroado d'elle) aos herdeiros dos fundadores, e o reedificaram e ampliaram, e o deram a um abbade da Ordem de S. Bento, chamado Hermigildo, para viver n'elle com seus monges; e lhe deram a villa de Arouca, o padroado das egrejas de Arouca e Moldes e outras muitas herdades, por doação feita a 12 de abril da era de 999 (961 de Jesus Christo.

Ha grande barafunda nas datas antigas. Uns escriptores contam pela era de Cesar, ou pela de Jesus Christo, sem declararem por qual contaram; outros confundem uma com outra; outros quando dizem *era*, entende-se que é de Cesar, e quando dizem *anno*, entende-se que é de Jesus Christo. Eis porque eu acho uma differença de 48 annos na data d'esta doação, que alguns escriptores querem que fosse feita a 7 de setembro da *era* 951, que é no anno de Jesus Christo 913. Póde tambem ser que haja aqui falta de explicação ou de investigação, e que ambas as datas sejam verdadeiras, quero dizer, D. Ansur e sua mulher fizeram doação ao abbade Hermigildo (ou Herminigildo) em 913, sendo novos, e depois, em 961, vendo-se velhos e sem filhos, ratificaram e ampliaram a doação por uma nova escriptura. É o que me parece mais provavel, visto que no nome dos doadores e doado não ha differença, senão de Hermigildo para Herminigildo, e de Loderigo para Frederico, que vem a ser o mesmo.

Este D. Ansur e sua mulher viviam em Villa Mean do Burgo.

Já se vê que Villa Mean do Burgo, hoje simplesmente Burgo, é muito antiga; mas tambem a primeira vez que a vejo mencio-

nada é n'esta doação, em que os doadores declaram a sua residencia.

Admira-me todavia que, tendo o Burgo pelourinho e casa da camara, e sendo antigamente tratada por villa, os nossos primeiros reis, que tão solicitos eram em dar foraes a qualquer aldeola, o não concedessem a esta povoação. Pelo menos Franklim, não o traz mencionado.

D. Eleva, ficando viuva, e sem filhos, fundou, junto ao mosteiro, um recolhimento de *beatas*, que observavam tambem a regra de S. Bento; dando-lhe o resto do que possuia, e mettendo-se n'este recolhimento, onde falleceu. Foi posteriormente incorporado ao mosteiro, formando ambos um só convento.

Como os monges se relaxassem, vivendo escandalosamente, foram expulsos, e povoaram o convento só de freiras benedictinas.

Outros escriptores dizem que, quando Santa Mafalda para aqui veio, ainda o convento era *dobrado* ou *mixto*, e que foi ella que poz os frades fóra. Viterbo diz que foi de monges (bentos) até 1154, e que n'este anno, D. Tóda fez d'elle doação á abbadessa Elvira Annes e ás suas religiosas (bentas) e que em 1224 é que admittiram a reforma de S. Bernardo (Cister) o que praticaram a maior parte dos conventos benedictinos. (Cumpre notar, aos que o não saibam, que, verdadeiramente as ordens de S. Bento e S. Bernardo, são a mesma cousa; mas, S. Bernardo, que era frade benedictino, reformou o convento de Cister, dando-lhe nova e mais apertada regra, formando assim um ramo da ordem primitiva, do qual se tornou patriarcha. O abbade João Cirita, foi o que em Portugal instituiu esta reforma.

As freiras viveram muitos annos exemplarmente, mas por fim fizeram como os frades.

Foi por este tempo que teve logar o divorcio da formosa rainha D. Mafalda (filha de D. Sancho I de Portugal e da rainha D. Dulce, e irmã das santas rainhas D. Thereza e D. Sancha) com seu primo D. Henrique I de Castella; pois, tendo casado sem dispensa, foi o casamento annullado pelo papa, regressando a santa rainha para Portugal, virgem como foi, segundo é fama (pois tinha feito voto de castidade), e seu irmão D. Affonso II, por ella dizer que queria morrer freira, lhe deu a escolher o convento de Portugal que ella quizesse, para n'elle se recolher.

Preferiu ella este convento d'Arouca, e para aqui veio em 1220, restaurando e ampliando o convento, e reduzindo-o ao rigor claustral em que por suas irmãs já tinham sido postos os de Lorvão e Cellas.

Quando Santa Mafalda tomou posse do convento, achou-o arruinado, as rendas umas alienadas outras perdidas; a egreja sem ornamentos e as freiras vivendo pobremente, mais pelo trabalho de suas mãos do que pelas rendas da casa, que era esse um dos motivos da sua relaxação.

Viu a santa rainha, que, para obter o devido rigor, era preciso mudar o habito e os estatutos da ordem, pelo que, pelos meios legaes, reduziu o mosteiro á Ordem de Cister. (Já expuz o que disse Viterbo.)

Como o bispo de Lamego tinha jurisdição n'esta casa, lhe deu Santa Mafalda por ella tres casaes em Paiva.

O mosteiro pagava aos bispos de Lamego seis *aureos* de censo.

Para cessar este censo e a jurisdição do bispo, é que as freiras concordaram com D. Pelagio, então bispo de Lamego, de lhe darem os taes 3 casaes, em terras de Paiva. Esta troca foi feita em 1230.

Foi 1.ª abbadessa, depois da reforma, uma nobre dama, parenta da rainha santa, chamada D. Eldrada, ou Eldara. (Mais certo Elvira.)

A rainha santa, que aqui viveu perto de 70 annos, professando e observando a regra com o maior rigor e humildade, morreu no 1.º de maio de 1290.

Em 1617, aberto o seu sepulchro (para se tratar da sua canonisação) na presença de D. Martim Affonso Mexia, bispo de Lamego, se achou o corpo inteiro e incorrupto.

Já se vê que a santa morreu de mais de 90 annos, e quando foi para velha, andava sempre encostada a um bordão.

Santa Mafalda augmentou muitissimo as rendas d'este convento, com o que lhe deu seu irmão.

Eram estas os direitos reaes da villa d'Arouca, que era o quinto, como consta do seu foral, e toda á jurisdição da villa, muitas propriedades e rendas no concelho de Estarreja, com varios padroados de egrejas e o dominio directo de muitas herdades no concelho de Ferméde e no da Feira, e outras muitas mais rendas e fóros.

É curiosa uma clausula do testamento de Santa Mafalda, e por isso aqui a ponho para memoria; é a seguinte:

Todo o padre que quizesse assistir ao seu anniversario (quer fosse do valle, quer de fóra da terra) se lhe daria—um tostão em dinheiro, um prato pequeno d'ovos reaes, outro de tremôços (!), outro com uma queijada, um biscoito, uma talhada de pão leve, uma caixa pequena de marmellada, um prato de trutas, cinco pães de trigo, *cada um com quatro pontas*, um savel, e tres canadas de vinho (!)

Mais no dia 30 de abril (vespera do anniversario) um convite de todo o referido.

Em 1720, as freiras, vendo que se ia uma grande parte de suas rendas nas taes vesperas e anniversarios, arranjaram a acabar com aquelle uso.

As exequias eram feitas (segundo ã ordem expressa no testamento) com todas as formalidades que se usavam para as rainhas de Hespanha, e com a côroa e sceptro real.

Santa Mafalda trouxe para este convento uma cruz, feita da cruz de Jesus Christo, que foi de Santa Helena, mãe do imperador Constantino; o queixo de baixo de S. Braz, com tres dentes; um dente de S. Pedro e outras mais reliquias de menos importancia.

Foi aqui freira, D. Tóda Maria Coutinho, filha de D. Gastão Coutinho e de D. Philippa de Sousa; que viveu em trez differentes seculos; pois, nascendo em 1597, aqui morreu a 28 de julho de 1720, com quasi 123 annos de edade!

Foi contemporanea de sete reinados. Os tres Philippes; D. João IV; D. Affonso VI; D. Pedro II; e D. João V!

Santa Mafalda foi canonisada a 10 de janeiro de 1734. pelo papa Pio VI.

Jaz em um rico sarcophago de páo santo, guarnecido de prata, em um dos altares da egreja do convento.

Foi aqui freira Santa Espinella, cujo tumulo está levantado por detraz do côro de baixo; e outras senhoras eminentes em virtudes.

No seculo XVI ardeu o convento, escapando apenas a egreja, a enfermaria e pouco mais officinas.

Foi logo reedificado, muito mais amplo e com muito mais luxo do que era o antigo.

E' um dos melhores conventos de freiras do reino, e a sua egreja e côro, é das mais sumptuosas.

Faz pena ver que só tem tres freiras, e que antes de poucos annos estará provavelmente um immenso e medonho montão de ruinas, este bello e magestoso edificio, que tantos primores d'arte encerra e que tantos contos de réis custou!

Hoje, se se fosse a vender, não dava talvez o que custaram só as telhas!

Como já disse, esta obra é do 16.º seculo e a sua ordem architectonica é a chamada italico-classica.

Para se fazer uma relação (mesmo abreviada que fosse) de tudo o que ha de notavel n'esta egreja e n'este convento, seria preciso um volume maior do que qualquer dos d'este diccionario; por isso termino aqui com o que diz respeito ao real mosteiro d'Arouca: mesmo porque este artigo já vae extenso de mais, para a natureza d'esta obra.

Feira a 24 d'agosto, e mercado a 5 e 20 de cada mez.

Em dezembro de 1872, foram achadas, entre seis grossos tijolos, varias moedas romanas, de prata e cobre, antiquissimas. O sr. Cabral d'Azevedo, dono do sitio em que ellas se acharam, as offereceu, em janeiro de 1873, á camara do Porto, para o museu.

AROUCE—rio, Douro, nasce na serra de Trivim, e engrossando com varios ribeiros que se lhe juntam, toma a direcção de E. a O., por entre alcantiladas penedias, até 300 metros, pouco mais ou menos, da villa da Louzan. Rodeia uma especie de

cabo que ahi faz a serra da Louzan, o qual é formado de altissimos e medonhos rochedos inaccessiveis por toda a parte, menos pela especie de isthmo que o prende á serra.

Sobre este acervo de rochedos gigantes, vêem-se antigas fortificações, com um largo fosso.

É um pequeno castello, em que apenas se podem defender 40 soldados, mas tão bem construido, que apesar de antiquissimo e das escavações dos serranos em busca de thesouros encantados, ainda se conserva quasi inteiro, e a torre sobretudo está n'um perfeito estado de conservação.

Na frente do castello vêem-se as ruinas d'uma antiquissima povoação.

É a antiga villa da Louzan, que foi mudada para o sitio actual, julga-se que no reinado de D. Sancho I.

Do alto da fortaleza desfructa-se um bellissimo panorama.

A fundação d'este castello é remotissima. Suppõe-se feito pelos arabes, e o conde D. Sisnando, governador de Coimbra, o reedificou em 1080.

Ainda depois tornou a cahir em poder dos moiros, sendo reconquistado no fim do seculo XII pelos portuguezes.

Quando este castello foi conquistado aos mouros por D. Affonso I, ou seu filho D. Sancho I (é mais provavel que fosse em 1187 reinando já D. Sancho I, que este castello fosse resgatado do poder dos arabes) consta que appareceu então um livro antigo despedaçado e ensanguentado, contendo, entre outras coisas, o celebre poema attribuido ao ultimo rei godo, D. Rodrigo, que trata da conquista da Lusitania pelos arabes, e é o seguinte:

1.ª

«O *rouço* da *cava imprío* de tal sanha
«A Juliani et Horpas a saa grei daninhos,
«Que *ensembra* com os netos de Agar *fornezinhos.*
«Huma *atimaram prasmada* façanha.
«*Ca* Muça et Zariph com basta companha,
«Di *jusu* da *sina* do Miramolino,
«Co falso *infançon* e *preste* malino,
«De *Cepta adduxerom* ao *solar de Espanha.*

2.ª

«E perque era força *adarve* e *foçado*
«Da Betica Almina e o seu *casteval*
«O conde *per encha* e *pro comunal,*
«Em terra os *encreos poyaram-a saa grado:*
«E Gibraltar *maguer* que *adarvado*
«E co *compridouro, per saa* defensom,
«Pelo *suzo* dito sem *algo* de afom
«*Presto* foi *delles* entrado e *filhado.*

3.ª

«E os *ende* filhados leaes á verdade,
«Os hostes sedentos de sangue de *oniudos*
«Mettero a cutela *a prés* de *rendudos,*
«Sem *esgoardarem* a seixo nem idade.
«E tendo *atimada* a tal crueldade
«O tempo e *orada* de Deus pro anarom,
«Voltando em mesquita *hu* logo adorarom
«Saa besta Mafoma a *medés* maldade.

4.ª

«O *gazu* et assalto que os da aleivosia
«Tramarom (pos *voltos* de *algos sayoms*)
«Co os dous almirantes da hoste *mandoms*
«*Quedarom* com *farta* soberba e *folia.*
«Et Algezira, que o *medés* temia
«Per ter a *maleza* cruenta *sabuda,*
«Mandou *mandadeiro* como era *teuda,*
«Aó *rouçom* do rei, que em Toledo *sia.*

Explicação d'algmas palavras mais antigas que figuram n'esta poesia:

Rouço (violador), *cava* (rameira), *imprío* (encheu), *ensembra* (juntamente), *fornezinhos* (bastardos), *atimaram* (acabaram), *prasmada* (pasmosa), *ca* (porque), *di jusu* (debaixo), *sina* (bandeira), *infançom* (fidalgo), *prestes* (padre), *Cepta* (Ceuta), *adduxerom* (trouxeram), *solar* (territorio)

adarve (castello), *fossado* (cercado de fóssos), *casteval* (alcaide-mór), *per encha* (por ira), *pro* (proveito), *comunal* (commum), *encreos* (incredulos, descrentes), *poyaram* (desembarcaram) *saa grado* (á sua vontade), *maguer* (entregue), *adarvado* (fortificado), *compridouro* (amplidão), *per saa* (por sua) *presto* (breve), *filhado* (tomado)

ende (alli), *oniudos* (christãos), *aprés* (depois), *rendudos* (rendidos), *esgoardarem* (at-

tenderem), *atimada* (concluida), *orada* (egreja, capella, logar de oração), *hu* (onde), *medés* (mesma, propria)

gazu (matança), *pos voltos de algos sayoms* (tomados de fidalgos algozes), *mundões* (chefes), *quedarom* (ficaram), *farta* (muita), *folía* (alegria), *medés* (mesma), *maleza* (maldade), *sabuda* (sabida), *mandadeiro* (parlamentario), *teuda* (rendida), *rouçom* (violador), *sia* (estava).

—

Tambem esse livro continha, segundo dizem, duas poesias feitas por Egas Moniz a D. Violante, aia da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.

(Ha bons escriptores que dizem que o famoso Egas Moniz só sabia dar boas cutiladas nos mouros e nos castelhanos, fundar egrejas e conventos, e rezar; e que nunca soube fazer versos. Que o Egas Moniz, poeta, era um sobrinho seu, fidalgo da côrte de D. Affonso I e de D. Sancho I.—Acho isto muito mais provavel; porque Egas Moniz, tio, quando D. Affonso I foi casado, já era velho, e tambem casado e com filhos homens e custa-me a acreditar que tão respeitavel varão, que em toda a sua vida deu provas da maior honradez e seriedade, degenerasse em trovador depois de caduco.)

Sejam do tio ou do sobrinho, eil-as:

PRIMEIRA CARTA

«Ficaredes-bos embora
«Taom coitada,
«Que *ei* boi-me por hi fora
«De longâda.

«Bai-se o bulto de mei corpo
«Mas ei nom:
«Que *çocos* bos finca morto
«O coraçom.

«Se pensades que ei *vom*
«Non no pensedes,
«Que *chantado* em bós *estom*
«E nom me bedes.

«Mei *jàzido* e mei amar
«Ambos *accarra*
«*Grenhas* tendes de *espelhar*
«E *luzia* cara.

«Nom farom estes meis olhos
«Tal *abesso*
«Que *esgravisem* os meis *dolos*
«Da *compeço*.

«Mas se ei for pera Mondego,
«Pois lá vom,
«Carulhas me *fagaom* cego
«Como ei som.

«Se das penas do *amorio*
«Que ei *retouço*
«Me figerem tornar frio
«Como ei som.

«*Amade-me* se queredes
«Como *lusco*,
«Senaom *torvo* m'acharedes
«A mui *fusco*.

«Se me bós a mi *leixardes*
«*Deis* me garde:
«Nom *asmeis* bós de queimardes
«Isto que arde.

«Hora nom deixedes nom,
«Que sois garrida;
«A sanom *cristelejom*
«Por minha hida.

Egas Moniz Coellho.

SEGUNDA CARTA

«Bem satisfeita ficades,
«Corpo d'oiro.
«Alegrade a quem amades,
«Que ei já *moiro*.

«Ei bos rogo bos lembredes
«Que bos *quige*
«A que *dolos* nom abedes
«Que bos *fige*.

«*Cambastes* a *Pertigal*
«Por *Castilha*:
«*Abasmades* o mei mal,
«Que dor me *filha*.

«*Granhaes-me* per *castijanos*
«E *pestineque.*
«*Achantaes-me* binte enganos
«Que me seque.

«Bedes *moiro*, bedes *moiro*,
«Biolante!
«Longe ba o *cestro* agoiro,
«Por diante.

«Bós bibede um *centanairo*
«Mui *garrioso;*
«Que ei me boi pera o *trintairo*
«Lagrimoso.

«Ha! se á bossa *remembrança*
«Ei bier,
«Dizei—Egas com folgança
«*Hu xiquer.*

«Ah, se oubirdes na *mortulha*
Os *campaneiros*,
«*Retouçade* na *mormulha*
«Os meis *marteiros.*

«Quando oubirdes *papear*
«O *castejom*,
«Lembredes lhe fije dar
«Já de *cotom.*

«Ah, que bos quige e requige
«*Como ber*,
«A nunca em coisa bos fige
«Desprazer!

«Nem bos *pódo* mais fallar
«*Qua nom falejo*,
«Qua bem podedes amar-me
«Qual ei sejo,

«Tenho todo o arcaboiço
«Sem feiçom;
«Mas ei bos bejo e oiço
«No coraçom.

«Bedes me *boi descaindo*
«Nesta hora:
«Bós, amor, ficade rindo
«Muito embora.

Egas Moniz Coelho.

Explicação de algumas palavras antigas: —*ei* (eu), *çocos* (sócos, tamancos)), *vom* (vou), *chantado* (mettido), *estom* (estou), *jàzido* (ser), *accarra* (mira), *grenhas* (cabellos), *espelhar* (brilhar), *luzia* (luzida), *abêsso* (sem-razão, outros dizem absurdo), *esgravisem* (expliquem), *dolos* (dores), *compeço* (principio), *carulhas* (carochas), *fagaom* (façam), *amorio* (amor), *retouço* (calco), *amade-me* (amae-me), *lusco* (cego), *torvo* (turbado), *fusco* (triste), *Deis* (Deus), *asmeis* (deixeis), *garrida* (alegre), *cristelejom* (expressão de despedida).

Moiro (morro), *quige* (quiz), *dolos* (perfidias), *fige* (fiz), *cambastes Pertigal* (trocaste Portugal), *Castilha* (Castella), *abasmades* (completaes), *filha* (toma), *granhais-me* (esqueceis-me), *castijanos* (castelhanos), *pestineque* (interjeição «peste os mate!»), *achantais-me* (metteis-me), *cestro* (mau, adverso), *centanairo* (cem annos), *garrioso* (divertido, alegre), *trintairo* (outro mundo), *remembrança* (lembrança), *hu xiquer* (onde quizer), *mortulha* (cemiterio), *campaneiros* (sineiros), *retouçade* (escarnecei), *mormulha* (barulho), *marteiros* (martyrios), *papear* (basofiar), *castejom* (castelhano), *cotom* (tombo, cambalhota), *como ber* (como á vista), *pódo* (pósso), *qua nom falejo* (que não tenho folego), *qual ei sejo* (qual eu sou), *boi descaindo* (vou definhando).

—

Miguel Leitão de Andrade diz que no tempo de Sertorio, reinára em Coimbra um tal *Arunce*, e que foi este que mandou fazer o castello de Arouce (ou da Louzan, como mais commumente se chama) e que a elle, ao rio e á povoação deu o seu nome; e que no tal castello escondera ou *encantára* uma sua formosa filha e todos os seus thesouros.

Fiados n'esta tradição é que tantos teem aqui trabalhado a ver se encontram os taes thesouros; mas o que teem feito sómente é arruinar em partes as muralhas. (Vide Louzan.)

AROZA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757 58 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario) era apresentado pelos principaes da Basilica da Sé patriarchal. Tinha de rendimento 40$000 réis e o pé de altar.

AROZELLO—Vide Aruzello.

ARRABAL—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 9 kilometros de Leiria, 144 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1727 tinha 303 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Deriva-se da palavra arabe *arrabab*, instrumento musico, especie de rebeca, a que nós, *corrupto vocabulo*, chamamos *arrabil*. Significa povoação da rebeca.

A esta freguezia está annexa outra que se chamou Arrebal, e tinha a mesma etymologia.

O parocho (cura) era apresentado pelo ordinario. Tinha de rendimento 120$000 réis.

ARRABALDE DA PONTE—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e suburbios de Leiria, 430 fogos.

Orago S. Thiago.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma baixa para o N. ao pé da Costa do Castello, mas extra-muros.

O cura era apresentado pelo bispo d'aqui, que lhe dava um moio de trigo, 25 almudes de vinho e 4$000 réis em dinheiro. Os parochianos davam-lhe o que queriam.

O *pé d'altar* era para o cabido da Sé de Leiria.

Houve aqui um convento de frades franciscanos, quasi todo arruinado com as inundações do Liz, que passa mesmo pelo meio da cerca.

Foi fundado em 1384 por D. João I, e á egreja se lançou a primeira pedra (pelo bispo de *Martyria*) em 14 de janeiro de 1562. É o mais antigo convento de franciscanos d'esta *provincia* em Portugal.

A freguezia é fertil.

Da banda d'além do rio, no bairro de Santo Antonio, ha uma casa a que chamam *hospital dos sequiosos e fatigados*, que tem obrigação de ter á porta um cantaro com agua e um pucaro e uma toalha, e da parte de dentro uma cama para qualquer pessoa que aqui quizer pernoitar, ao que tudo estão obrigados os herdeiros de Manuel Gomes, moradores nos Outeiros da Gandara, por possuirem varias fazendas com este encargo. É provavel que isto já acabasse. Em 1750 ainda se cumpria esta obrigação.

Havia tambem aqui algumas albergarias, que se venderam, revertendo a sua importancia e as suas rendas para a Misericordia de Leiria.

Ha tambem aqui uma fonte de agua sulphurica (que nasce tepida) boa para a cura das molestias cutaneas.

ARRABIDA—a mais alta serra do Alemtejo, comarca de Setubal, a Thebaida dos capuchos arrabidos. E' composta de pedra calcarea e termina no Cabo do Espichel, onde está, junto á praia, a gruta de Santa Margarida, que tem formosas stalatites e stalagmites.

Tem 640 metros acima do nivel do mar.

E' palavra arabe, *Arrabdá*, significa habitação de gado, logar de pastagem.

Dizem alguns que o nome actual d'esta serra vem do latim, *Rábidus;* alludindo á braveza e *raiva* com que o mar aqui bate na costa.

Outros, finalmente, derivam este nome da antiquissima cidade de *Arábriga*, que existiu na raiz da serra, entre Setubal e Cezimbra. (Vide Arábriga.)

Os romanos lhe chamavam *Mons-barbaricus*, e já antes d'elles se lhe dava o nome de *Promontorio barbarico.*

O nome actual foi-lhe incontestavelmente posto pelos mouros.

Diz-se que o nome de Barbarico se lhe pôz, pela grande barbaridade dos *sárrios*, primeiros habitadores d'esta serra.

Tem seu principio na freguezia da Ajuda, termo de Setubal. Tem 35 kilometros de comprido e 6 de largo.

Tem altos e baixos, e em um dos seus outeiros, chamado Castello de Olivede ou Olivete, ha vestigios de uma antiga fortaleza.

Tem mais os altos chamados, Cabeça-Gor-

da, Cabeço-de-Visão, Matta-da-Louriceira e Monte-Formosinho (onde, segundo a tradição, existiu um templo de Apollo, do qual ha ruinas.)

Tambem na vertente d'esta serra, onde hoje está a fortaleza do Outão, dizem que houve um templo dedicado a Neptuno. Em 1644, mandando D. João IV accrescentar esta fortaleza (sendo as obras dirigidas por Martim de Albuquerque, conde de Alegrete) nas escavações se achou parte de uma estatua de marmore, com versos em louvor de Neptuno e uma estatua de metal, do mesmo deus; entre as ruinas de um edificio que mostrava ser templo d'esta divindade, entre as quaes haviam muitas architraves e pedaços de columnas de marmore fino e inscripções latinas; nas quaes se dava áquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno.

(Vê-se pois que Promontorio Barbario não era nome commum a toda a serra, mas só á parte que corré desde o Outão até Cezimbra.)

Tambem por essa occasião appareceram muitas medalhas de cobre, dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano.

Manuel da Silva Mascarenhas, superintendente d'estas obras do forte, deu as medalhas, a estatua de marmore e os cippos a D. Pedro de Alencastre, arcebispo de Braga. A estatua de metal (sem Mascarenhas o saber) a fundiram para fazer artilheria para a mesma fortaleza. Barbaridade bastante (diz o padre Cardoso, e diz bem) para se dar a esta serra o nome de Promontorio dos Barbaros, se já o não tivesse.

Do alto da serra se descobrem para o N. todas as campinas de Azeitão até Lisboa; para o S., até Sines e algumas terras do Algarve, e pelo SO. uma vastissima extensão de mar.

Strabão diz que houve aqui minas de estanho e outros metaes

Tem bellissimos marmores de varias cores e produz a melhor *gran* de Portugal.

Tem grande copia de alecrim e muitas plantas medicinaes. Muita arvore silvestre; bastante caça do monte e muitissima do ar.

Tem esta serra muitos e profundissimos algáres, sendo o mais medonho o que está no caminho que vae para a Senhora do Carmo, onde chamam Val-Bom e que d'este logar vae sair ao sitio da Agua-Branca, 7 kilometros por baixo do chão.

Diz-se que não ha n'esta serra animaes venenosos.

Na ladeira da serra que olha para o mar, e quasi no meio d'ella, está o convento de capuchos franciscanos, chamados *arrabidos*, fundado em 1522 por frei Martinho de Santa Maria (castelhano) filho dos condes de Santo Estevam del Puerto; ao qual fez doação d'esta serra D. João de Alencastre, primeiro duque de Aveiro e parente do dito frade. Aqui viveu S. Pedro de Alcantara.

Este frei Martinho morreu no hospital de Lisboa, a 2 de janeiro de 1545.

Não é este convento um edificio continuado, como os outros; mas compõe-se de varias cellas (ou pequenos cubiculos) espalhadas por diversas partes da montanha, mas todas dentro de um dilatado muro, que lhe serve de clausura, á maneira das antigas *Lauras* do Egypto e Palestina.

Eram pobrissimos estes cubiculos, e tão estreitos que apenas lhe cabe uma pessoa.

A egreja é pobre como o convento, e só tem trez altares.

Desde o cabeço chamado *Monte Cabrão*, se veem muitas capellinhas, sendo a mais notavel a que em 1650 fez D. Antonio d'Alencastre, 6.º filho do duque d'Aveiro D. Alvaro; a qual lhe custou 16 mil crusados.

Tem casas para o ermitão.

Perto do convento ha umas casas que eram dos duques d'Aveiro.

Na raiz da serra, a bastante distancia do convento, está uma lapa com um altar de Santa Margarida, virgem martyr, onde cabem mais de 500 pessoas. Os povos de Seixal e Arrentella lhe fazem uma grande festa no seu dia.

A um kilometro d'esta lapa, para o lado de Setubal, mandou D. Pedro II fazer uma fortaleza em 1670, para que os mouros não viessem inquietar os frades e captival'os como até alli faziam.

Defronte da lapa se levanta, sobranceiro ao mar, o *Penêdo* do Duque.

Diz-se que aqui apparecia um *homem marinho.*

É tradicção que houve aqui antigamente um convento de cruzios, no mesmo sitio onde é o dos capuchos arrabidos.

Esta serra nos seus primeiros 12 kilometros, do lado de Setubal é penhascosa e infertil; mas os 18 kilometros para o lado do mar, são em muitas partes cultivados e muito ferteis.

ARRACEF—Portuguez antigo, recife ou arrecife.

ARRAIAL—Vide Alfarrobeira.

ARRAIOLOS ou **ARRAYOLÓS**—villa, Alemtejo, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros ao N. d'Evora, 108 a E. de Lisboa, 2:200 almas, no concelho 3:022, comarca 5:400. 573 fogos.

Em 1757 tinha 365 fogos.

O parocho (reitor) era apresentado pelo arcebispo, que era prior da freguezia. O reitor tinha de rendimento 180 alqueires de trigo, 60 de cevada e 21$000 réis em dinheiro.

Orago Nossa Senhora dos Martyres.

Feira no segundo domingo de julho e a 13 de junho.

Situada em uma elevação e muito sádia e fertil.

Tem um castello com seis torres, feito por D. Diniz em 1310.

Este castello tem duas portas (a da villa e a de *Santarem.*) Tem dentro muitas casas que os castelhanos incendiaram em 1386. (Desforravam-se nestas *bôas obras*, das tundas que levavam por toda a parte onde havia tropa portugueza.)

A villa em 1660 tinha 300 fogos.

É a *Calantica* dos romanos. Outros querem que seja a antiga *Arandiz*, descripta por Ptolomeu; mas, em todo o caso, a primittiva povoação era uns 5 ou 6 kilometros ao NO., do que ha muitos vertigios.

Se é (como é mais provavel) a antiga *Calantica*, foi fundada pelos gallos celtas, 360 annos antes de J. C., com o nome de *Calantia*, que os romanos alteraram, chamando-lhe *Calantica.*

Dizem outros que foi fundada pelos *sabinos, tusculanos* e *albanos* (que occupavam Evora antes de Sertorio) pelos annos 200 antes de J. C., dando o governo da villa ao capitão *Rayeu*; e dizem que d'aqui vem *Rayolos* e por fim *Arraiolos.*

Dizem outros que este capitão se chamava *Rayco* (nome grego) e d'este nome se chamou *Rayolis*, que mudou para o actual. Parece-me qua a differença do nome do tal capitão foi unicamente causada por algum auctor escrever mal a palavra, pondo um *C* que parecia um *E*, e assim se arranjou o nome de *Rayeu*, pois julgo que se chamava *Rayco.* É certo que a distancia de uns 5 e meio kilometros a N. O. d'Arraiolos se acham muitos vestigios de uma povoação romana, sendo o principal o proprio templo de Santa Anna, que é fundação dos romanos, dedicado ás suas divindades e depois reduzido a egreja christã. Segundo o senhor Rivara (de quem adiante fallaremos) ainda este edificio conserva 3 quartas partes da sua primittiva fabrica.

As antigas armas d'esta villa eram — uma cabeça na fórma de uma esphera, em memoria de Rayco. Hoje tem por armas as de Portugal sem corôa.

Com as frequentes guerras dos romanos e arabes se arruinou muito, e D. Diniz a reedificou em 1310, dando-lhe então foral e ennobecendo-a com um soberbo castello.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 29 de março de 1511.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 15.º

Tem Misericordia muito antiga e pobre, e hospital, aquella sómente para os pobres da terra e este para os passageiros.

Esta villa fica na parte mais central do Alemtejo.

Tem minas de talco.

Arraiolos tinha um celleiro commum, muito antigo, que foi abolido por um decreto de setembro de 1870, «ficando os bens, direitos e acções, sujeitos á lei commum, no dominio e posse de quem pertencer».

Tinha um convento de frades franciscanos.

Outro convento de frades loyos, fundado por João Garcez, e se lhe lançou a primeira pedra a 14 de agosto de 1527. Foi feito em

uma quinta do fundador chamada Valle-Formoso. Tinha um hospital.

Está em 38° e 37' de latitude, e 10° 27' de ongitude.

Fica 42 kilometros a O. de Villa-Viçosa, 35 a SO, de Aviz, e 24 a E. de Mora.

É do ducado de Bragança.

D. Fernando I deu esta villa a D. Alvaro Peres de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, com titulo de condado, e por sua morte a deu D. João I a D. Nuno Alvares Pereira; e foi assim que ella passou para a casa de Bragança.

O priorado d'esta villa era do arcebispo de Evora.

Do monte de S. Pedro se vê Evora, Redondo, Monsaraz, Evora-Monte, Estremoz, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Vimieiro, Aviz, Galveias, Pavía, Lavre, Monte-Mór Novo, e a villa das Aguias: uma cidade e quatorze villas.

Vêem-se tambem as serras de Palmella Arrabida, Cintra, Monte Junto, Gardunha, Portalegre, Estrella, Olor, Souzel, Portel, e Ossa.

A matriz édentro do castello e fóra da povoação, sem visinho nenhum ao pé d'ella. Os arcebispos d'Evora são priores d'esta egreja e punham n'ella reitor. Tem quatro beneficiados.

Gosava do privilegio da casa de Bragança, para não serem os d'aqui citados para fóra d'este juizo.

N'esta villa não ha fontes, senão uma a distancia de 6 kilometros, na estrada de Monte-Mór Novo, chamada dos *Almocreves*. É optima agua e dizem que cura a dôr de pedra.

Passam aqui as ribeiras Odívor, Pontega, a da Vide e alguns ribeiros anonymos, que fertilizam o terreno e dão peixe.

Houve aqui uma boa fabrica de tapetes, que no seculo passado prosperou muito, tendo os seus productos grande extracção no paiz e nas nossas possessões ultramarinas.

Diz-se que a *noiva de Arraiolos* esteve 15 dias a enfeitar-se para as bodas, e que por fim sahiu embrulhada em uma manta.

Os arrabaldes d'esta villa teem algumas hortas e pomares muito bem cultivados e regados com os rios que disse, e o seu termo possue ricas herdades.

Nada menos de onze escriptores nos aponta Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca*, naturaes d'esta villa. Entre elles especificarei:

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára.

Nasceu a 23 de junho de 1809 e foi baptisado na egreja de Santa Maria dos Martyres, matriz d'esta villa.

Foram seus paes o dr. Antonio Francisco Rivára e D. Maria Izabel da Cunha Feio Castello Branco.

O pae, ainda que nascido em Lisboa, era de origem italiana, por ser filho de João Rivára, natural de Genova, casado com D. Maria Magdalena, de nação hespanhola.

O pae de Joaquim Heliodoro, dois irmãos d'este e elle mesmo, eram formados em medicina pela universidade de Coimbra.

J. Heliodoro formou-se em 1836; mas, tendo pouca inclinação á medicina, entrou ao serviço publico, sendo feito primeiro official da secretaria da administração-geral (hoje governo civil) d'Evora, em 3 de fevereiro de 1837; mas foi dispensado a 27 de outubro, para ir reger a cadeira de philosophia racional e moral do lyceu d'Evora, a que fóra promovido a 27 de julho do mesmo anno.

Foi tambem feito bibliothecario da bibliotheca publica d'Evora, em 25 de dezembro de 1838.

Este estabelecimento, fundado pelo grande D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, estava no maior desleixo e abandono, e á actividade, intelligencia e incansavel zelo de Rivára deve o seu florescente estado actual.

Coordenou, classificou e catalogou todas as obras; escolheu e incluiu na bibliotheca mais de 10:000 volumes das livrarias dos conventos (como se sabe, os melhores tinham desapparecido). Separou em 200 paleotypos e colleccionou grande numero de preciosos manuscriptos antigos.

Foi 15 annos bibliothecario (até 1853) e apezar de cumprir rigorosamente as obrigações que este cargo e o de mestre do lyceu lhe impunham, escreveu muitos e estimadissimos artigos e varias obras, que lhe dão um nome eterno e glorioso.

Foi deputado ás côrtes em 1853, onde se distinguiu pela firmeza e rectidão do seu caracter.

Foi feito secretario geral do estado da India, em 3 de junho de 1855, sendo governador geral Antonio Cesar de Vasconcellos Correia, depois conde de Torres Novas.

Chegaram ambos a Goa (pelo Mediterraneo) no 1.º da novembro do mesmo anno; e n'aquelle estado continuou Rivára a distinguir-se pelos seus escriptos e pelos relevantes serviços prestados á India portugueza e ao reino. Em Nova Goa foi que elle publicou a maior parte das suas obras, que, por serem muitas, me abstenho de mencionar.

—

Em março de 1868, alguns trabalhadores que andavam cavando uma terra para reduzir a vinhas, (e de que é proprietario o sr. Dordio, lavrador de Arrayolos) no sitio de Villa Ladra, um kilometro ao SO. da villa, descobriram um tumulo romano. Era um caixão de marmore liso, sem ornamento ou inscripção. Conhece-se que foram serradas as pedras de que é formado.

As quatro que formavam os lados, tampa e fundo, têem 1^{m},60 de comprido, 0^{m},60 de largo e 0^{m},3 de espessura. As outras duas, com dimensões proporcionadas, formavam os topos. Estavam todas no seu logar, sem cimento algum, mas ligadas por tres peças de ferro, que engatavam nas pedras lateraes, por baixo da pedra superior, que era a tampa. Uma camada de tijolos cobria toda a sepultura. Dentro d'ella estavam ossos humanos e uma moeda de cobre do tempo do imperador Augusto.

N'este mesmo sitio se têem achado alguns vestigios romanos, e uma moeda de ouro gothica. —

O concelho de Arraiolos tem 14 freguezias, a saber: Arraiolos, 573 fogos; Campo, 98; Gafanhoeira, 158; Egrejinha, 215; Brotas (ou Aguias), 116; Cabeção, 241; Mora, 275; Pavía, 267; Couço, 248; Peso, 53; S. Gregorio, 175; Santa Justa, 111; Vidigão, 86; Vimieiro, 406.

ARRANCADA—pequeno rio da Beira Baixa. Nasce na serra de S. Vicente da Beira. Suas margens são cultivadas e teem muito arvoredo fructifero, oliveiras e arvores silvestres.

Suas areias traziam ouro. Morre no rio de Val de Sando, no sitio da Vargem Garrida.

Arrancada, é expedição militar contra mouros ou outros inimigos. (Palavra antiga).

ARRANHÓ, ARRANHOL, ARANHÓ ou **ARANHOL** — freguezia, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho d'Arruda dos Vinhos, 30 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em terreno montuoso, mas fertil.

O cura era apresentado pelo prior de S. Christovão, de Lisboa, e tinha de congrua um moio de trigo, trez alqueires de cevada, uma pipa de vinho e 4:500 réis em dinheiro. Pertencia antigamente ao bairro da Mouraria.

ARREAL — portuguez antigo. Significa arraial, acampamento. «Em 1386, achando-se D. João I no *arreal* de sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo João Rodrigues Pereira, dando-lhe Balthar, Paço e Penafiel, *de juro e herdade*, com a jurisdição civel e crime, mero e mixto imperio; reservando só a *correição e alçada.*» (Documento da camara do Porto). Ha algumas aldeias e sitios em Portugal a que actualmente chamam *Areal* (sem terem areia) por corrupção de *arreal.*

ARREBAL—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado e 6 kilometros a O. de Leiria, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Situada sobre um monte. Produz cereaes e azeite; do mais pouco.

O bispo de Leiria apresentava o cura. Esta freguezia julgo que está unida a outra quasi do mesmo nome *(Arrabal)* porque a não vejo em nenhum livro moderno.

ARREDINHA—vide Redinha.

ARREGADA—serra, Douro, ramo da de Agrella. É secca, pedregosa e esteril. Só produz matto e tem alguma caça miuda.

ARREGATA—vide Aljesur.

ARREIGADA—freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Era na antiga honra de Frazão. Era seu orago S. Pedro e S. Felix, pelo que lhe chamam corruptamente *S. Perofins*.

O cura era apresentado pelo prior dos cruzios da Serra do Pilar, de Gaia. Tinha de rendimento 40$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

Produz milho e painço, do mais pouco.

Passa aqui o rio Souza.

Esta freguezia se acha ha muitos annos annexa á de Modellos.

ARREIGADA ou **REIGADA**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho e 12 kilometros ao N. d'Almeida, bispado e 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 110 fogos, 400 almas.

Districto administrativo da Guarda.

Situada em uma planicie fertil.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de novembro de 1519.

Esta villa é notavel pela sua casa da camara, cuja frente apenas tem sete palmos de largo, mas em desforra tem 60 palmos de alto, com uma só porta e duas janellas.

Esta torre (como agora vulgarmente se chama) subia antigamente a muito maior altura, no centro de um baluarte; mas hoje apenas tem a terça parte da sua primitiva elevação, que eram 180 palmos! (40 metros). Um general estrangeiro chamado *Makaliano*[1] que aqui residiu em 1811, mandou destruir a parte superior d'este singularissimo monumento (que ninguem sabe quem o fez, quando, nem para que) deixando-a reduzida á sua actual altura.

ARRENTELLA—freguezia, Extremadura, comarca de Almada, concelho do Seixal, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

1 É provavelmente engano na pronuncia pela gente da terra. Havia de ser o general Mancuno (francez) prisioneiro no Bussaco, e que, estando em Almeida, se lhe deu esta villa por «menagem» talvez a pedido seu.

É no Riba-Tejo e era da coroa.

Aqui tinham o oitavo de todos os fructos (por um *retro aberto*) os marquezes de Marialva. Em 1757 tinha 202 fogos.

Situada em uma ponta ou lingua de terra que cercam dois braços de mar, um pelo E., chamdo *rio de Coina*, que finda na villa d'este nome; outro pelo O., que vem findar junto a Arrentella.

Diz-se que o seu nome vem de *arrecta tellos*, por ser terra levantada e despenhada, para a parte do mar.

Outros dizem que o seu primeiro nome era *Aventella* por ser muito varrida dos *ventos*. Outros finalmente querem que ella se chamasse antigamente *Arentella*, ou *Areentella*, por causa dos seus areaes. É escolher.

De Arrentella se vê Lisboa, desde o valle de Chellas até Alcantara; Almada, Pragal, Caparica, Amora, Cezimbra, Palmella e a serra da Arrabida.

Proximo ao logar da *Torre da Marinha* está a magnifica fabrica de lanificios da Arrentella, em sitio pittoresco. Apezar de ser das mais modernas do districto de Lisboa, os seus productos têem grande reputação no mercado, pela sua perfeição e variedade. É á beira do Tejo. No principio d'este seculo estabeleceu aqui *André Durrieu* um lavadouro de lans; aforando aos frades carmelitas varios terrenos. Em 1831 comprou o governo do Senhor D. Miguel I, ao tal Durrieu, esta propriedade por trez contos de réis, e aqui estabeleceu uma fabrica de mantas para o exercito. Em 1834 se acabou com esta fabrica. que se fechou e foi arruinando.

Esta propriedade e o mais que era dos frades (reputado *bens nacionaes*) foi vendido por uma bagatella a *João Rodrigues Blanco*, que aqui estabeleceu uma fabrica de estamparia d'algodões, que cahiu com a alteração das *pautas*. Esteve fechada por alguns annos, e em 1855, se formou uma parceria mercantil, com o capital de 160 contos, em acções de 100$000 réis e se fundou uma fabrica de lanificios, que principiou a trabalhar em 1858, produzindo logo no primeiro anno 10:650 metros de pannos pretos, azues e mesclas.

Em 1859 entrou para gerente o sr. Manoel

Egreja, que lhe deu grande impulso, e logo n'esse anno produziu 21:475 metros d'aquellas e outras fazendas. Em 1861 produziu 40:000 metros e os seus bellos productos foram premiados então na Exposição industrial do Porto. Em 19 de maio de 1861 foi a parceria transformada em companhia, com o capital de 200 contos. Tem uma machina a vapor da força de 48 cavallos, que trabalha continuamente com toda a força. É a primeira feita em Portugal na officina *Perseverança*. Tem mais 6 machinas de fiação com 1:560 fusos, 32 teares mechanicos e varios manuaes, machinas de lavar, cardar, etc., etc. Emprega 260 operarios.

É' nesta freguezia a aldeia de Payo Pires, que hoje é freguezia independente. Tambem era d'esta freguezia a villa do Seixal, que d'ella foi desmembrada ha poucos annos, para formar freguezia.

A matriz é de uma só nave e toda de abobada. O cura, até 1834, era annual, apresentado pelo povo. Tinha a renda da *porta da egreja*, um quarto de vinho que lhe dava o monte do dizimo de Almada e tres potes de vinho de cada pessoa da freguezia que o lavrava. Isto, o pé d'altar e mais benesses, rendia uns 200$000 réis.

No logar do Seixal ha um hospital.

Quasi todas as terras d'esta freguezia estão a vinhas, pelo que ha aqui muito e bom vinho. Ha tambem bastante azeite; do mais pouco.

Tem marinhas de sal, que eram dos frades jeronimos de Belem.

Suas praias são todas de areia, sem pedras, e os esteiros (que quasi todos seccam na vasante) de pouco fundo e só navegaveis por pequenos barcos.

É terra muito abundante de peixe.

Tem muitas e boas quintas, e grande commercio com Lisboa, pelo Tejo.

Tem prosperado muitissimo com a grande fabrica de lanificios.

ARRIAGA (quinta da)—vide Escurial e Oeiras.

ARRICONHA ou **RICONHA**—aldeia, Minho, freguezia de Tagilde, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Nasceu aqui o celebre S. Gonçalo d'Amarante. Na casa em que nasceu, habitam lavradores que pretendem ser seus parentes. Ha aqui uma capella do mesmo santo. Foi fundada por S. Gonçalo e dedicada a Nossa Senhora, e elle aqui fez vida eremitica alguns annos, até que foi para Amarante.

Nasceu no fim do seculo XII ou principio do XIII. Morreu em Amarante, a 10 de janeiro de 1262, e alli jaz. (Outros pretendem que elle morreu a 10 de janeiro de 1259.

S. Gonçalo foi ordenado no paço do arcebispo de Braga, que lhe tinha muita amisade, e o ordenou presbytero, quando chegou á edade e o fez abbade da freguezia de S. Payo de Riba (hoje supprimida) junto a Tagilde. Foi a Roma visitar os tumulos dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e d'alli foi aos logares santos de Jerusalem. Regressando a Portugal é que edificou a referida capella. Depois tomou o habito de frade dominico no convento de Guimarães, e por ordem do prelado passou, com outros companheiros, para Amarante, onde falleceu. É santo muito popular e de muita devoção em todo o reino.

ARRIFANA DE ALJEZUR—ilhota do Algarve, situada quasi defronte de Aljezur.

Tem uma fortaleza desmantellada e as ruinas de um grande armazem e varias cabanas. Houve aqui grande armação de atum. Vide Aljezur.

Arrifana é a palavra arabe *arrahana* (com o *h* aspirado, como era sempre o arabe). Significa *horta*. Quer pois dizer *Ilhota da horta*. Os arabes lhe chamavam *Rabat-al-rahanat*, (horta do Senhor).

Já se vê que esta etymologia serve para todas as Arrifanas.

ARRIFANA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 305 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em um valle que formam dois montes, d'onde se descobre a villa de Jermêllo. O cura era apresentado pelo prior de prima da sé da Guarda. Tinha 10$000 réis

em dinheiro, 50 alqueires de centeio e o pé d'altar. É terra fertil.

No limite d'esta freguezia está a serra da Caroteira e corre o rio de Pinhel.

ARRIFANA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 85 kilometros ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em uma planicie cercada por dois ribeiros.

A egreja era do padroado real.

Ha n'esta freguezia muito boas quintas, sendo a melhor a dos duques de Lafões, que tem uma grande tapada, toda murada e com 18 kilometros de circumferencia. Tem gamos, veados, porcos bravos e caça miuda.

É terra bonita, sadía e fertil. Cria muito gado, miudo e grosso.

O parocho (prior) era da apresentação do real padroado. Tinha de rendimento réis 900$000.

ARRIFANA DE SANTA MARIA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 ao N. de Oliveira de Azemeis, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em planicie elevada e bonita. A aldeia onde está a matriz (e que se chama mesmo *Arrifana*) é arruada e tem boas casas, sendo maior do que muitas villas do reino.

É muito abundante de aguas e por isso muito fertil, e tem bonitas e extensas vistas, descobrindo-se d'aqui muitas freguezias e grande extensão do mar.

O abbade era apresentado pela casa do infantado. Tinha de rendimento 400$000 réis.

Passando por aqui, em romaria a S. Thiago de Galliza, a rainha Santa Isabel, é tradição que, em uma casa onde dormiu, deu vista a uma céga. E comendo uma laranja azeda, de uma pevide d'ella nasceu uma larangeira, e as laranjas que ella dava tinham junto ao pé as cinco quinas das armas de Portugal.

Morreu aqui um frade chamado fr. Paschoal, que deixou á freguezia (e guarda a confraria do Santissimo) uma cruz de pau, promettendo que, em quanto ella existisse, nunca aqui haveria peste. Isto foi ahi pelos annos 1600, e o que é certo é que ha mais de 200 annos que aqui não tem havido peste.

Para a Arrifana não perder a posse de ser a terra dos milagres, ha alli actualmente uma *extatica*, que, segundo dizem, não come nem bebe ha muitos annos e está quasi sempre ajoelhada na cama a rezar! Está reduzida a uma mumia vivente.

A matriz é de uma bella architectura, muito ampla e das melhores da comarca.

Em 1809, foi esta freguezia theatro de um drama horroroso, e da mais atroz barbaridade.

Tendo alguns guerrilhas portuguezes matado proximo a Arrifana dois officiaes francezes desgarrados, (estes officiaes francezes foram mortos na freguezia de Riba-Ul, mas por gente da Arrifana) os francezes souberam isto e pagaram os justos (da Arrifana) pelos peccadores. Estes todos escaparam. (Vide Riba-Ul). Soult, em desforra, mandou aqui uma brigada saquear e incendiar a povoação e assassinar o povo. Este, na sua afflicção, fugiu para a egreja; mas nem assim escapou á sanha diabolica d'estes malvados, que d'alli os tiraram e *requintaram*, indo-os fuzilar a um campo, chamado hoje (e já então) *Campo da Bussiqueira*, proximo e ao S. d'esta freguezia, mas já nos limites da de S. João da Madeira. Faziam-os sair da egreja contando 1, 2, 3, 4 e o 5.º era agarrado para ser fuzilado! Morreram (entre homens, mulheres e creanças) perto de 300 pessoas; pois apenas escaparam algumas por baixo dos mortos!

Faz-se aqui uma grande feira no dia 4 de cada mez, melhor do que muitas annuaes.

É tradição que a Arrifana foi villa, em tempos antigos.

ARRIFANA DE POIARES—freguezia, Beira Alta, comarca de Louzã, concelho de

Poiares, 30 kilometros ao NO. de Coimbra, 280 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era da coroa.

Está em um sitio chamado *Chan de Poiares*, que é uma campina raza.

Produz bastante vinho e azeite, do mais pouco.

Os povos d'esta freguezia gozavam todos os privilegios da Universidade de Coimbra, por serem *todos* seus caseiros.

ARRIFANA DE SOUSA—freguezia, Douro, 35 kilometros a NE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa,

Alguns escriptores antigos lhe dão o titulo de villa, e que hoje com Penafiel fórma uma só freguezia e uma mesma cidade.

Em 1757, tinha 802 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era donatario d'aqui o senado do Porto, que punha justiças no 1.º de janeiro.

Tomou o sobrenome do rio Sousa, que lhe fica 1 kilometro a O.

E' povoação arruada, aprazivel e vistosa; situada na costa de um monte.

Os d'aqui pretendem que o nome de Arrifana se deriva de *auriflama*, aquella famosa bandeira encarnada que o ceu deu a *Meroveu*, rei de França.

Já vimos que Arrifana não quer dizer outra cousa senão *horta*. (Vide a primeira Arrifana descripta n'este diccionario.)

A matriz foi feita em 1570, no meio da povoação da Arrifana de Sousa, e é da invocação de S. Martinho, bispo.

E' de tres naves e sumptuosa.

Os bispos do Porto apresentavam os reitores, que tinham de renda, 40$000 réis em dinheiro, 20 alqueires de milho (pago pela commenda de Christo) e o pé de altar.

O reitor d'aqui apresentava o cura de S. Thiago de Sub-Ariffana, que era annexa; mas que hoje está reunida á de Arrifana e Penafiel.

O parocho era da apresentação do ordinario, do mosteiro benedictino de Paço de Sousa e do do Bostéllo. Tinha de rendimento 300$000 réis.

Para se saber quando foi erecta em cidade e bispado, juntando-se a Penafiel, vide esta cidade.

Ainda que a actual Penafiel tenha mais de dez seculos de existencia, mais antiga ainda é a parte d'ella que foi Arrifana; porque no anno 850 de Jesus Christo, D. Fayão Soares (rico-homem de sangue godo e tronco da familia dos Sousas) fundou a povoação de Penafiel, junto a Arrifana de Sousa, com os moradores que tirou da antiga e destruida cidade de Penafiel, e com os do Castello de Aguiar de Sousa, sitos na foz do Sousa (aquella na margem esquerda e este na direita.)

Dizem alguns que esta fundação foi feita com beneplacito dos mouros, que ainda aqui dominavam; mas escriptores antigos e muito veridicos, dizem que D. Fayão resgatou estas terras do poder dos agarenos, antes de fundar a povoação. E' aqui o solar da nobilissima familia dos Sousas. Para o que lhe diz respeito ás suas armas, vide Penafiel.)

Ficou esta povoação pertencendo á freguezia da Arrifana, e Fayão lhe deu o nome de Penafiel, em memoria da antiga cidade de Penafiel.

Escriptores muito respeitaveis dizem que em 850 não havia aqui povoação nenhuma, e que D. Fayão deu á que então fundou, não o nome de Penafial; mas o de Arrifana de Sousa. (Vide Castello de Aguiar de Souza.)

O fundador de Penafiel, era, como já disse, rico-homem e illustre descendente dos godos: poderoso, esforçadissimo cavalleiro, e resgatou estas terras do poder dos mouros. Foi elle que deu a Penafiel por armas duas espadas e uma aguia coroada. 1. E são ainda as suas actuaes armas.

Tinham nas armas uma fita que orlava a parte superior do escudo, e n'ella a legenda *Civitas Fidelis*.

O sr. I. de Vilhena Barbosa não traz a fita nem a legenda. Tambem na Torre do Tombo estão as armas de Penafiel, por ou-

tra maneira, são: um escudo, dentro do qual se vê uma cruz da Ordem de Christo, entre duas espadas parallelas, com as pontas para cima. A' direita de uma das espadas uma palma e á esquerda da outra, um ramo de oliveira, e na parte superior do escudo a tal fita com a legenda *Civitas Fidelis.*

Entretanto as que traz o sr. Vilhena (que são as primeiras que disse) é que tenho visto actualmente usadas.

Teve D. Fayão Soares dois filhos, um que fundou o convento de S. Miguel de Bustello, a 3 kilometros de distancia, e é progenitor dos marquezes de Minas e Arronches e dos senhores de Gouveia: d'elle tambem descende o famosissimo Ruy Dias de Bivar (o Cid) conhecido por seu valor em todo o mundo.

Esta familia dividiu-se em dois ramos, no seculo XIV.

O primogenito está representado pelos duques de Lafões, e o segundo, pelos duques de Palmella.

O outro filho não teve descendentes.

Como o convento e recolhimento eram na antiga Arrifana, tratarei d'elles n'este logar.

Convento de frades capuchos da provincia da Soledade, fundado em 1666, e do qual era cabeça o convento de Valle de Piedade, de Gaia.

Era casa de noviciado.

Está fundado em sitio ameno e alegre. Era padroeiro da capella-mór, D. Francisco de Azevedo e Athaide, senhor da honra de Barbosa, progenitor do ultimo senhor de Barbosa, D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia.

A origem d'este convento é a seguinte:

Na Quinta das Lages, freguezia de Milhundres (ou Milhundos) junto a Arrifana de Sousa, morava o capitão Ignacio de Andrade, que tomou para sua casa alguns frades de Valle de Piedade, para fazerem um convento na Arrifana.

Quizeram elles primeiro fazel-o no sitio das *Metroas;* mas não o podendo obter, escolheram dois *tapados* no sitio dos *Pellames;* um dos quaes era de Gonçalo da Silva, escrivão dos orphãos, outro de umas mulheres appellidadas as *Cantadeiras;* e como nenhum dos donos quizesse vender isto *ao bem,* obtiveram os frades provisão regia para os compellir a vender.

Os frades se mudaram da Quinta das Lages, para a capella e officinas do Senhor do Hospital, que lhes emprestou a irmandade da Misericordia; para estarem mais perto da obra. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 27 de janeiro de 1666.

Concorreu muito para esta obra D. Francisco de Azevedo e Athaide, general de Vianna do Minho, e, como já disse, senhor donatario da honra de Barbosa; o qual fez a capella-mór á sua custa, dotando-a com a renda annual de 30$000 réis. Foi por isso que ficou sendo padroeiro, e que seus descendentes teem jazigo n'esta capella-mór.

O recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, foi fundado por Gonçalo Ferreira Pinheiro e sua mulher, Anna de Castilho, os quaes, morrendo sem filhos, deixaram as suas rendas a seis mulheres, que em sua casa, fechadas e com habito de *beatas,* resassem por suas almas.

Gonçalo Pereira da Costa, principiou um convento de freiras, no bairro da Piedade; mas, empobrecendo, se lhe arrematou tudo por dividas.

As *beatas* arrematarame o tal principio de convento e o adaptaram para sua morada; e o bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida (depois primeiro patriarcha de Lisboa) lhe deu, a pedido d'ellas, o habito da Senhora da Conceição e lhe mandou para regente uma recolhida do Anjo, do Porto, e mais tres recolhidas, uma para vice-regente, outra para porteira e outra para prioreza; as quaes aqui chegaram a 19 de novembro de 1716.

A casa das audiencias, cadeia e pelourinho, tambem estão na Arrifana.

O grande Affonso Fernandes Barbuz, d'aqui natural, era ferreiro de profissão, apesar de ser de illustre prosapia, e floresceu em santidade e virtudes. Foi elle que inventou *encommendaram-se as almas,* de noite, *a toque de campainha.* Viveu no seculo XIII.

Para tudo o mais que pertence a esta povoação, vide Penafiel.

ARRIMAL — freguezia, Extremadura, concelho de Porto de Mós, comarca e 30 kilo-

metros a SO. de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia é composta só de duas aldeias, *Arrimal* e *Alqueidão*. O cura era apresentado pelo prior e beneficiados de Porto de Mós e tinha alqueire e meio de trigo, de cada fogo.

E' terra fertil e tem muita caça, nas serras da Mendiga, a E.; e Arrimal a O.

Toda a freguezia bebe de um pôço de boa agua, que está proximo de uma lagoa; e tem outra lagoa perto d'esta, que ambas servem para o gado beber. (Vide Arrimal, serra,)

O parocho (cura) era apresentado pela collegiada de S. Pedro, de Porto de Mós. Tinha de rendimento 90$000 réis.

ARRIMAL—serra, Extremadura, comarca de Leiria, proximo de Porto de Mós, acabando na Venda da Costa. com 18 kilometros de comprido.

É braço da grande serra de Ayre ou Minde.

É sécca. Produz muito esparto (a que aqui chamam *baracêjo.*)

Quasi todo o matto é carrasco, alecrim, aroeira e medronheiros. Tem tambem bastantes carvalhos.

Tem muita caça miuda e do ar, que se caça ás cargas e muitos lobos e raposas.

Cria muito gado grosso e miudo e os bois são muito corpulentos e fortes para os trabalhos agricolas. Tem tambem muito bons cavallos e eguas, que teem a particularidade de serem muito rijos dos cascos.

Tem algumas lagoas onde bebe o gado.

Quasi toda a serra é minada por *algares* profundissimos, onde se criam muitos pombos bravos, gralhas, francelhos, etc.

Tem muito boas pedreiras de marmore e para mós; tem minas de azeviche, ferro e prata.

Ha aqui muitas plantas medicinaes e optimo mel branco.

Alguns sitios d'esta serra são cultivados muito fertes.

Esta serra faz parte da de Albardos,, e é n'esta (do *Arrimal*) que está o arco de cantaria lavrada, que se fez para demarcaar as fazendas dos frades de Alcobaça, e ao qual chamam a memoria, (Vide Albardos.)

Diz-se que o voto de D. Affonso I ((dar á ordem de S. Bernardo tudo quanto d'este sitio descobrisse até ao mar) foi feito em uma quinta-feira, 27 de setembro de 1147. Este monumento, que é um arco triumpphal, levanta-se entre mattos, no cume de um pequeno outeiro, proximo a outros mais elevados. É todo de cantaria, com 5 metros de alto, 6 de largo e 1 de grosso. É ornaddo de uma pequena e simples cimalha, sobbre a qual, entre duas grossas pyramides, esstá a estatua de D. Affonso I, de estatura reggular e muito bem conservada. A sua esculpbtura não é primorosa, mas elegante.

No collo da cimalha tem a seguinte insscripção—*O santo rei D. Affonso Henriqques, fundador de Alcobaça.*

Esta memoria está proxima da aldeia dos Vidaes e da bella Quinta de villa Veerde, proximo aos Casaes do Rei, a 12 kilomeetros das Caldas da Rainha.

D'aqui se descobre Alcobaça e quasi todas as villas que foram dos seus conntos, muitas outras freguezias, povoações, serrras, e grande extensão do Oceano, que lhe fica 18 kilometros ao O.

ARROCHADO—serra, Minho, comarca de Guimarães. Principia em S. Jorge d'Abbadim com o nome de Arrochado, depois lhe chamam Corgo das Cernadas, por fim Terra da Vibora.

Lança para o O. um braço chamado o Gorgolão, e outro para E. chamado Ricio do Cotêllo (e não do *Cutêllo,* como alguns dizem). *Cotêllo* é diminuitivo de *Côtto.*

Tem um regato anonymo que nasce aqui e morre no Tamega.

É pouco cultivada, cria matto rasteiro, algum gado miudo, lobos, rapozas e caça miuda.

Nos sitos cultivados só produz centeieio e algum milho.

ARROCHELLA—Ha em Portugal quatro aldeias d'este nome:—uma na freguezizia de Monção, na Extremadura,—outra na freguezie-

zia de Pombeiro, no Minho;—outra na freguezia de Pexão no Algarve;—e finalmente outra na Beira Baixa, freguezia do Salvador, concelho de Monsanto; mas d'esta apenas restam as ruinas, porque foi arrazada pelos castelhanos em 1704.

Fica na raia.

Ha tambem em Guimarães a nobre casa dos Arrochellas. (Vide Guimarães.)

ARROIOS ou **ARROYOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 78 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É do infantado. Fertil.

D'aqui se vê Villa Real, Matheus, Adoufe, Borbella, Lordello, Villa Marim, Mondrões e Torqueda.

O orago é S. João Baptista, em cujo dia vinha aqui a camara de Villa Real, com a sua bandeira, assistir á missa que a mesma camara aqui mandava dizer.

O vigario era apresentado pelo convento de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos do Porto, e tinha de renda 50$000 réis.

Na capella de Nossa Senhora dos Prazeres, d'esta freguezia, estão o corpo inteiro de S. Marcos, martyr; parte do corpo de Santa Clara, martyr; parte do corpo de S. Bento, martyr; uma grande cruz feita de pau do *santo lenho;* parte dos cabellos de Nossa Senhora e parte do seu veu; e parte da corda, dos espinhos, da esponja e do tumulo de Jesus Christo.

N'esta freguezia nasceu D. Luiz Alvares de Figueiredo, arcebispo de Braga.

Passa aqui o rio Tourinhos, que faz moer lagares d'azeite e moinhos de pão, réga e traz peixe.

Arroios é derivado ou de arroio (pequeno regato), ou de *arroyos*, planta medicinal de que trata o livro intitulado *Luz da Medicina.*

ARROIOS ou **ARROYOS** ou **ROIOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 130 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragauça.

Situada entre montes.

É bastante fertil.

Produz muito e bom vinho.

O parocho (vigario) era apresentado pelo reitor de Villa Flor, e tinha até 1834 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

ARROIOS ou **ARROYOS**— antigamente era um arrabalde de Lisboa, hoje forma parte d'esta cidade e é uma das suas principaes entradas do lado de terra.

Na *Hist. Chron. de Portugal* trato das desavenças, e mesmo guerras, que houve entre D. Diniz e seu filho o fogoso e irrascivel infante D. Affonso (depois Affonso IV do nome.

Dispostos a darem-se batalha a todo o transe, no *Campo d'Alvalade* (Campo Grande) ahi appareceu o anjo da paz d'aquelles tempos, a rainha Santa Izabel, mulher de um dos combatentes e mãe do outro, e a poder de razões, lagrimas e rogos os conciliou ou reconciliou.

Em uma parede proxima ao Campo Pequeno está uma lapide commemorando estas pazes.

A camara de Lisboa, querendo immortalisar este rasgo da santa rainha, mandou lavrar na cidade do Porto a pedra para um monumento, que á entrada da capital (em Arroios) recordasse aos vindouros este facto jubiloso.

Erigiu-se no reinado de D. João III, cuja empreza era uma cruz sobre uma peanha de 5 pontas, com a legenda «*In hoc signo vinces*», e é o ornato do monumento.

No pé da cruz estão as armas de Lisboa. Sobre um largo frizo ou cimalha, está Nossa Senhora da Piedade com Jesus Christo morto sobre o collo, e por baixo do tal frizo está a estatua de S. Vicente, tendo na mão esquerda uma nau (as armas de Lisboa) e na direita uma palma.

O monumento era cercado de columnas, e coberto de telhado, que assentava n'ellas.

D. João III ordenou que estivesse cons-

tantemente uma alampada accesa defronte d'este monumento.

No anno de 1837, a camara de Lisboa mandou remover este venerando padrão para a sachristia da egreja parochial de S. Jorge, onde agora existe.

É de marmore branco ou pedra lioz, e de bella esculptura.

Foi um vandalismo escusado que praticou a camara de Lisboa, porque além do respeito devido a este monumento como padrão historico e como objecto de arte, accresce que nada lucrou o sitio com este despejamento, porque é um largo irregular na fórma e nos edificios que o guarnecem e demais a mais é uma costeira.

Do largo d'Arroios parte a estrada de Sacavem, que conduz ao Porto e ao Norte do reino.

No largo de Arroios estão a egreja de S. Jorge, o palacio do sr. D. Christovão Manoel de Vilhena (senhor de Pancas e filho dos condes d'Alpedrinha) e mais acima o palacio do sr. conde de Linhares.

—

Ha aqui as ruinas do antigo palacio dos condes de S. Miguel, e outro palacio dos mesmos condes, onde esteve a estação dos primeiros caminhos de ferro pelo systema Larmanjat.

Em frente d'estes dois palacios está a florescente e sumptuosa fabrica de fiação e tecidos de lã e algodão, de que é proprietario o sr. José Antonio Teixeira, alli mesmo residente, e com escriptorio commercial na mesma fabrica.

As machinas de cardar, fiar e tecer são movidas a vapor.

Algumas das machinas de cardar são construidas, n'este mesmo estabelecimento, por um bom artista inglez alli residente, e que é o mestre do machinismo.

Os productos d'esta bella fabrica teem sido premiados em diversas exposições industriaes portuguezas e estrangeiras.

Os artefactos d'esta fabrica são muito procurados pela sua superior qualidade, que rivalisa com as melhores de França, Inglaterra e Estados Unidos da America.

Emprega muita gente de ambos os sexos e de todas as edades.

Esta bella fabrica é estabelecida em um antigo palacio, cuja capella foi conservada e o edificio quasi completamente reedificado.

—

Tambem em Arroios existem as ruinas da antiga egreja de Santa Barbara. (Vide Lisboa.)

ARRONCHES — villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros ao S. de Portalegre, situada na confluente do pequeno rio Alegrete com o Caia, 35 kilometros ao E. de Assumar, 28 ao N. de Elvas, e 22 ao O. de Campo Maior e Ouguella, 180 a SE. de Lisboa, 720 fogos, 2:600 almas.

Em 1660 tinha 600 fogos, e em 1757 tinha 419.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Foi uma forte praça de armas cercada de muros e barbacans, com forte castello antigo, reformado por D. Diniz em 1310 (o primeiro castello era obra dos romanos).

Foi fundada por povos andalúzes, vindos de *Aroche*, que lhe deram o nome da sua patria, isto no tempo do imperador Caio Caligula, pelos annos 45 de Jesus Christo.

Dizem alguns escriptores que antes do nome de *Aroché* e o de *Plagiaria*, teve o de *Arronchella*. Depois os romanos lhe chamavam *Plagiaria*.

D. Affonso I a tomou aos mouros em 1166. Tornando a perder-se, a reconquistou D. Sancho II em 1235.

Os mouros a tornaram a conquistar, até que, finalmente, o grande D. Paio Peres Correia lh'a tomou para sempre, no anno de 1242.

Em 1287, D. Diniz aqui poz cerco a seu irmão, o infante D. Affonso; mas a rainha Santa Izabel os compoz.

D. Affonso era senhor d'esta villa, que lh'a tinha dado seu pae, D. Affonso III, e na composição, cedeu-a, por troca, a seu irmão, que a incorporou na corôa.

É marquezado dos duques de Lafões.

D. João d'Austria (filho bastardo de Philippe IV) tomou esta villa em 1661; mas, apenas aqui chegou o exercito portuguez, a abandonou immediatamente.

Tambem a 17 de junho de 1712 os castelhanos quizeram tomar esta praça de assalto, para o que a cercaram na vespera; mas á primeira investida, achando brava resistencia, fugiram cobardemente.

D. Sancho II deu esta villa, em 7 de janeiro de 1236, a Santa Cruz de Coimbra, tanto no *espiritual* como no *temporal* (vide Obidos). Em 1236, D. João prior de Santa Cruz foi tomar posse da villa e lançou os alicerces da egreja e collegiada de Santa Maria; mas, fallecendo a 14 de setembro do mesmo anno, pararam as obras. Quando em 1242 os portuguezes tornaram a tomar conta da villa, mandou concluir sumptuosamente estas obras D. João Pires, 7.º prior de Santa Cruz, pondo aqui prior a seu irmão D. Godinho Pires, tambem conego de Santa Cruz, que levou comsigo dez conegos do mesmo mosteiro. Esta collegiada era cabeça de seis egrejas parochiaes, que tinha o seu têrmo.

D. Affonso III trocou o senhorio d'Arronches pelos padroados das egrejas de Obidos, Assumar e Albergaria de Poiares, em 1264. Fez esta troca para fazer de Arronches uma praça d'armas.

Em 1549 D. João III deu a D. Julião d'Alva, bispo de Portalegre o senhorio d'esta villa e as egrejas suas dependentes, assim como os de Leiria, Ourem e Obidos, para o sustento do novo bispo e conegos de Portalegre.

Eram alcaides-móres os marquezes de Arronches, condes de Miranda (do Corvo). (Para o brazão d'armas vide Lafões).

D. Pedro II fez marquez de Arronches ao alcaide-mór d'esta villa, Henrique de Sousa, conde de Miranda. O 3.º marquez de Arronches e 7.º conde de Miranda (do Corvo), D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, foi feito duque de Lafões em 5 de novembro de 1718.

Arronches está situada em um extensissimo e fertil valle, donde se não descobre povoação nenhuma. O rio Alegrete (ou Caia) cerca seus muros.

A matriz, muito antiga, é de trez naves, muito ampla e toda de abobada, com trez porticos tambem de cantaria. Ha n'esta egreja uma cruz do Santo Lenho e mais reliquias. A torre dos sinos, que é muito mais antiga do que a egreja, era de outra que houve aqui, da invocação de S. Thiago, que cahiu de velha, ficando apenas a torre, por ser mais solida.

Os bispos de Portalegre são priores de Arronches e apresentavam aqui o vigario e mais oito beneficiados.

O vigario tinha de renda 180 alqueires de trigo e outro tanto de cevada, 52 almudes de vinho, e 30$000 réis em dinheiro.

Teve um convento de frades agostinhos calçados (de Nossa Senhora da Luz) fundado em 1570. A egreja é pequena e toda de abobada, e tem um alpendre de cantaria. O convento tambem é pequeno.

Tem Misericórdia e hospital, fundados por D. Ruy Gonçalves, alcaide-mór d'esta villa, em 1372; dando para isso suas proprias casas, e as necessarias rendas, o que consta de uma inscripção que está na egreja da Misericordia. Esta egreja não é grande, mas é muito aceiada e tem um portico de cantaria.

A egreja do Espirito Santo é antiquissima, e não ha memoria da sua fundação. É templo amplo, de abobada e com um famoso portico de cantaria.

Junto á villa ha um convento de *congregados* da *Tomina*, principiado pelos annos de 1710. Os frades d'elle viviam de esmolas.

O seu territorio é muito fertil, sobretudo em azeite. Produz tambem grande quantidade de bolota, com que se engordam muitas *varas* de porcos.

Tinha esta villa os privilegios seguintes:

1.º Passado a 12 de maio de 1475, por D. Affonso V, e confirmado pelos seus successores, para não ser esta villa dada a senhorio nenhum.

2.º Não serem os seus moradores obrigados a trabalhar nas muralhas, pontes, fontes, calçadas, etc., nem a levarem presos, nem servirem cargos n'outros concelhos. Por D. João II, a 9 de março de 1463. Tambem confirmado por seus successores.

3.º Não poderem fazer soldados n'esta

villa para fóra d'ella. Por D. João I, em 4 de abril de 1423.

4.º Para que as penhoras aos moradores não possam ser feitas em bens que tenham dentro de suas casas, nem em trigo que tiverem para semear, nem em bois de lavoura. Por D. Affonso IV, e confirmado por D. João I, a 3 de abril de 1423.

5.º Para que os moradores d'aqui não sejam obrigados a ter cavallos nem armas. Por D. João II, a 29 de janeiro de 1463.

6.º Para que, os que não tivessem cavallos não podessem servir de vereadores. Por D. Affonso V, a 16 de março de 1458.

7.º Para que os pastores tragam armas (menos em julho, agosto e setembro). Por D. João I, em 1429.

8.º Para que todos d'esta villa e seu termo possam trazer armas por todo o reino, sem lhes serem tomadas. Por D. João I.

9.º Todo o que quizesse vir povoar o termo d'esta villa, lhe desse a camara terreno para casa e horta.

Tinha ainda muitos mais privilegios de menos importancia.

O seu clima é muito quente e secco, mas sádio.

Na villa não ha uma só fonte, e apenas poucos poços. A agua d'elles é boa e dizem que toda cura a dôr de pedra.

No termo ha tres fontes, a d'Elvas, a do Vassallo (além da ribeira) e a Fonte Santa.

Aqui celebrou côrtes D. Affonso V, em 1475, sendo então viuvo de sua primeira mulher; para casar com sua sobrinha, a princeza D. Joanna, unica herdeira do reino de Castella, por morte de seu pae D. Henrique: para as côrtes o auctorisarem para o tal casamento, o que ellas fizeram, e elle casou.

Tambem prestou juramento, n'estas côrtes, o principe D. João (depois II) como regente do reino, na ausencia de seu pae, que marchou para a Hespanha, com um exercito de 20:000 homens, para conquistar o reino, que pertencia a sua mulher; mas foi infeliz. Para evitar repetições, vide *Historia Chronologica*, no fim d'esta obra.

Tambem foi aqui que o mesmo rei reuniu o exercito com que entrou em Castella em 1476. Estando a sitiar Samora, apparece o rei de Aragão, com grande exercito, dando-se então (maio) a famosa batalha de *Toro*, em que os portuguezes tiveram de ceder.

Como D. Affonso V tinha casado com a sobrinha sem dispensa, o papa annullou este casamento, e a infeliz princeza foi constrangida a encerrar-se no convento de Santa Clara, de Santarem, passando depois para o de Santa Clara, de Coimbra, onde, mau grado seu, fez profissão, cobrindo com o veu negro a fronte em que pouco antes brilhavam duas coroas de rainha.

Feira no domingo de Paschoella e a 8 de dezembro.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º.

Tem por armas um castello em campo de sangue.

D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de junho de 1255. Confirmado por outro do mesmo rei, dado em Lisboa a 9 de janeiro de 1272.

D. Manuel lhe deu foral *novo*, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. E' das poucas terras do reino que teem foral novissimo, dado por D. Affonso VI, em Lisboa, a 25 de julho de 1678. (Livro 50 de D. Affonso VI, fl. 25).

E' solar de um ramo da nobilissima familia dos Sousas. Vide Miranda do Corvo e Lafões.

ARRONCHES—ribeira. Alemtejo. Tem este nome por passar proximo das muralhas da villa de Arronches, mettendo-se ahi no Caia, junto da ponte do Crato. Nasce na serra de S. Mamede, ao pé da villa de Marvão. Cria muito e variado peixe. Suas margens são cultivadas em partes e tem muitos salgueiros e amieiros. Morre, como já disse, no Caia, com 24 kilometros de curso.

ARRONCHES—serra, Alemtejo. Ainda que se acha repartida em varios montes e cabêços de grande altura e aspereza, é no todo assim chamada. Os seus principaes cabeços são, *Tagarraes, Louções, Tagarrilha, Cavalleiro, Monte Novo*, e o. *Sêrro do Senhor Rei Salvador*.

E' em grande parte cultivada e fertil. Tem alguns casaes, todos foreiros á camara de Arronches.

Cria corças, veados, caça miuda, e do ar.

Tem muitos sobreiros e azinheiras, cujos fructos sustentam innumeras varas de porcos, com que faz grande commercio.

ARROTEIA—vide Cachadinha.

ARRUDA DOS PIZÕES—freguezia, Extremadura, districto administrativo e comarca de Santarem, concelho de Rio Maior, patriarchado e 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 55 fogos.

Orago S. Gregorio.

O parocho (vigario) era apresentado da coroa, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de rendimento 120$000 réis.

Tinha em 1757, 63 fogos. Ignoro o motivo d'este decrescimento de população.

ARRUDA DOS VINHOS—villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, patriarchado, districto administrativo e 35 kilometros ao N. de Lisboa, 500 fogos, concelho 930.

Orago Nossa Senhora da Salvação.

Feira a 24 de janeiro, 3 dias e a 24 de junho, 3 dias.

Era do mestrado de S. Thiago, commenda e alcaidaria-mór dos duques de Aveiro.

Esta villa foi muito mais populosa do que actualmente é; pois, em 1574, tinha, só a villa, mais de 600 visinhos.

Tinha em 1660, 300 fogos e era da comarca de Torres Vedras. Em 1757 tinha 318 fogos. Não pude saber a causa d'estas alterações na povoação d'Arruda.

E' situada em um valle cercado de serras e montes, o que a faz humida e fria; mas saudavel, pelo que, para aqui foge gente de Lisboa em occasião de peste.

A matriz é de tres naves e boa. Foi do padroado real, mas D. Affonso I a deu ao prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa; o que D. Sancho I confirmou.

Rodrigo M. da Silva diz que D. Sancho I a deu á Ordem de S. Thiago, e que esteve aqui o convento das commendadeiras d'esta Ordem, d'onde se mudaram para *Santos-o-Velho*, de Lisboa. (Vide adiante.)

Quando se erigiram as commendas, foi esta no rol das do padroado real e nomeada commenda de Christo, ficando o prior de S. Vicente de Fóra, só com o direito de apresentar o vigario. Tem seis beneficiados, e uma egreja annexa, que é S. Miguel das Cardozas.

O parocho (vigario) tinha de rendimento 180$000 réis.

No sitio chamado Villar, houve antigamente um convento de *commendadeiras* de S. Thiago. Não ha vestigios d'elle.

Este convento foi fundado em 1196. Foi depois mudado (não se sabe quando, mas ha muitos annos) para Santos-o-Velho, de Lisboa, e se ficaram chamando *commendadeiras de Santos*. (Vide Lisboa).

A Misericordia (de tres naves) e o hospital, foram fundados pelo povo, em 1574.

Entre varias capellas, ha a de S. Sebastião da Serra, na qual se faz um bodo todos os annos, na segunda oitava do Espirito Santo, que consta de dois arrateis de vacca, um pão e um *merendeiro*, que se dá a toda a pessoa que em cada anno dá aos mordomos do santo, meio alqueire de trigo.

O bodo antes de repartir-se é benzido pelo parocho.

E' terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso clima, e tudo de optima qualidade. Em 1750, produzia, termo medio, annualmente, 500 moios de trigo, 400 de cevada e mil pipas de vinho. Hoje, que a nossa industria agricola se tem desenvolvido bastante (mas não tanto como podia e devia ser) a producção d'esta villa deve ser muito maior.

Aqui nasceu Vicente Pereira de Castro, governador da India e Antonio de Castro Sande, tambem governador da India, e Antonio Paes de Sande, governador do Rio de Janeiro, e João de Macedo Corte Real, general de artilheria e governador de Pernambuco.

Dava-se aqui antigamente uma singularidade. Todo o homem *peão*, que cultivasse terras, vinhas e olivaes, pagava o oitavo dos fructos que colhia, á commenda de S. Thiago. Para se isentarem de pagar isto se levantavam *cavalleiros*, no mez de maio, em camara, e então só ficavam pagando 108 réis cada anno á dita commenda! As viuvas d'estes cavalleiros (não casando depois com peões) e os filhos menores, tinham os mesmos privilegios.

Ainda n'esta villa se vê o palacio dos duques d'Aveiro, em ruinas.

A villa tem uma só fonte, mas muito abundante, chamada *Arca-da-Matta*, (por nascer em uma arca) que dá agua sufficiente para toda a villa.

Tem casa da camara, cadeia e pelourinho. Tambem tinha (mas supponho que já não tem) uma forca de pedra.

O alcaide-mór tinha um arratel de carne de boi ou vacca, que aqui se matasse e um arratel de *ubere*, e dos porcos, os *lombinhos de dentro* e os quatro pés! Chamava-se a isto *direito de açougagem!*

Tinha a villa tres fornos da commenda de S. Thiago, e não podia haver outros.

Dizem haver aqui uma qualidade de pedra, de que faziam os taes fornos, que, uma vez quentes, dura-lhes o calor 48 horas.

Passam por aqui dois rios, um chamado *Grande*, e outro anonymo, que ambos se juntam no sitio da *Pipa*, e morrem no Tejo, na Ponte da Couraça, no Carregado.

Regam, moem e trazem peixe.

De verão só nos pégos é que fica agua; nas mais partes séccam. Suas margens teem terras cultivadas, vinhas e olivaes. Teem tambem choupos, faias e alamos, carvalhos e alguns pomares de fructa.

Esta villa foi fundada, ou reedificada em 1160 pelos inglezes que ajudaram a conquistar Lisboa, e D. Affonso I lhe deu então foral.

Em 1185 a cercaram os mouros que escaparam da batalha de Santarem (Vide esta cidade), e a tomaram, por ser aberta, arrazando-a e levando muita gente captiva.

Foi logo reedificada e povoada por D. Sancho I (que n'esse anno foi acclamado rei de Portugal) em 1186.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa a 15 de janeiro de 1517.

Tinham antigamente os de Arruda obrigação de dar ao rei *colheita* (acolhimento, agasalho) e de jantar (uns certos e determinados pratos) no dia 1.º de maio de cada anno.

Parece que os de Arruda *remiam* isto a dinheiro, porque ha uma sentença passada em Evora a 4 de abril de 1533, a favor da corôa, contra o concelho d'esta villa, pela qual foi o mesmo condemnado a pagar a *colheita* ou jantar do 1.º de maio, em especie e não em dinheiro.

Este costume cessou ha cerca de 200 annos.

Até 1834 tinha juiz ordinario e duas companhias de ordenanças.

ARUNCIA ou **ARUNCE** — rio, Extremadura, comarca do Pombal. Nasce na ribeira de Gaia, junto a Santiães.

No sitio da *Venda do Soldado* se lhe junta o rio Albergaria; nos *Pizões*, o rio Avellar; na *Quinta do Porto*, o rio Arnal; nas *Vendas Novas*, o rio das Marinhas; na *Assamaça*, o o rio Abiúl; no sitio da *Melga*, o ribeiro dos Estranhos (que tem muitos kágados); defronte da *Aldeia dos Anjos*, o ribeiro de Valle-Cubas; defronte das *Telheiras*, o rio Pedrinha; no sitio da *Videira*, o regato do Folgado; no sitio do *Cardozo*, o ribeiro dos Santos; no *Porto-Largo*, o ribeiro do Verigo; e junto a *Soure*, o Rio Tinto.

Sua corrente, por arrebatada, é incapaz de navegação.

Cria bastante peixe, e ás vezes apparecem n'elle saveis e lampreias.

A pescaria, desde o logar da villa do Pombal até ás Barreiras de Santo André, era do commendador do Pombal, e *só os vereadores podiam pescar á canna!* Todavia ha mais de 200 annos, que este privilegio acabou, e a pesca era livre em toda a parte.

Suas margens são em grande parte cultivadas e teem arvores fructiferas e silvestres.

Do seu nascimento até defronte dos *Claros*, chama-se *Ribeira de Litem;* d'alli até Soure, *Arunca;* e de Soure para baixo, *Cabruncas*.

Passa por Villa Nova d'Anços, e morre no Mondego.

Á entrada do Pombal tem uma ponte de cantaria.

Tem varias azenhas de moer pão, lagares de azeite, pizões e noras.

Francisco Rodrigues Lobo lhe chama *Arunce;* mas é o unico que lhe dá este nome.

ARUZELLO DA SERRA — freguezia, Beira

Baixa, concelho e comarca de Gouveia, 84 kilometros a NE. de Coimbra, 188 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Districto administrativo da Guarda.

Não vejo esta freguezia nos mappas modernos.

ARVORE — freguezia, Douro, concelho de Tentugal, comarca e 12 kilometros a O. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Tinha em 1757 112 fogos.

Situada em planicie ao pé de um monte d'onde se vê Coimbra, o castello de Monte-Mór-Velho, Formozelha, o convento de Tentugal, a estrada de ferro do Norte, e varias povoações.

A abbadessa de Lorvão é que apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de rendimento.

E' muito abundante d'aguas, e por isso muito fertil.

Tambem se chama a esta freguezia *S. Martinho.*

Tem um convento de freiras franciscanas chamado de Nossa Senhora de Campos.

ARVORE — freguezia, Douro, no mesmo concelho, comarca, bispado, districto administrativo e distancias.

Tinha em 1757 97 fogos.

O vigario tinha 40$000 réis de rendimento.

Era tambem padroeiro S. Martinho, bispo.

Só vejo esta freguezia no *Portugal Sacro e Profano.* Entendo que está hoje annexa á antecedente.

ARVORE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao NO. do Porto, 224 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Tinha em 1757 86 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia foi antigamente muito mais extensa do que é actualmente, pois comprehendia toda a freguezia de Azurára.

É parochia antiquissima e anterior aos godos (isto é, do tempo dos romanos).

Tem uma sumptuosa egreja, feita por elrei D. Manuel em 1500, as armas do qual se vêem em muitos sitios da egreja.

Era, até ao seculo passado, do (então) grande concelho da Maia, metade, e outra metade do de Azurara, que é o actual de Villa do Conde.

Já disse que a actual freguezia de Azurara formava uma parte d'esta freguezia, e assim se conservou até 1457, em que se separou, formando nova freguezia; porém ficando os de Azurara obrigados ás obras da egreja de Arvore, o que durou ate 1726, em que conseguiram libertar-se d'esta obrigação. No principio da formação da freguezia de Azurara era o vigario de Arvore apresentado pela meza capitular da Sé do Porto, e o vigario apresentava o cura de Azurara, annualmente; mas, como Azurara se tornou mais rendosa, em 1550 se mudou para lá o vigario d'aqui e apresentava cura annual n'esta, que ficou tendo sómente 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está situada em uma planicie elevada, d'onde se descobre grande extensão do Oceano e varias serras até á da Freita (Arouca) a 60 kilometros de distancia para SE.

Houve aqui um convento de Templarios, fundado no seculo XII, que depois mudou para *claustraes*, e finalmente para frades capuchos da provincia da Piedade.

ARVOREDO — freguezia, Minho, concelho de Valladares, comarca de Vallença, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Os jezuitas de Coimbra, e depois a Universidade (a quem pertenciam os dizimos) apresentavam o cura.

É situada na encosta de um monte, em uma campina, na margem esquerda do rio Minho, d'onde se vê Melgaço e parte da Galliza. É fertil.

Não vejo esta freguezia descripta nos livros modernos; é provavel que esteja annexa a outra.

ARZEA — aldeia, Extremadura, no patriarchado. Deriva-se do arabe *Arzêa.* Significa *Cedral*, ou *logar de muitos cedros.*

ARZILLA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Coimbra, d'onde dista 12 kilometros, 204 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Tinha em 1757 72 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do concelho de Penella.

Foram seus donatarios os condes de Obidos, que apresentavam os priores (colladoś) que tinham de rendimento 60$000 réis.

Situada em um monte, d'onde se vê o castello de Monte-Mór-Velho, e muitas povoações.

Foi couto e é fertil.

Ha aqui uma lagoa, ao O. da freguezia, no meio de um paúl, que cria muitas enguias (algumas muito grandes) e muitas sanguesugas.

Arzilla é corrupção da palavra arabe *Arrazila*; significa coisa *humilde e pobre*.

Diz-se que foi um capitão portuguez que lhe deu este nome pela similhança que o seu territorio tinha com o da praça de Arzilla no reino de Marrocos, na Africa. Entendo que isto é erro, e que foram os arabes que lhe deram este nome, quando eram senhores d'estes sitios.

ASAFARGE—Vide Assafarge.

ASMES (S. Lourenço de)—freguezia, Douro, concelho de Vallongo, districto administrativo, bispado, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Muito fertil.

AS-MOS—freguezia, Beira Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

ASSACAIA ou **ASSACAYA**—Nome de um valle proximo a Santarem. Significa *regatos*. É pois Valle dos Regatos.

ASSAES ou **ASSARES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, arcebispado e 126 kilometros ao NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Vem do arabe *aça* (lança) cujo plural é *açaes*. Significa pois: *Povoação das lanças*.

Gaia é palavra arabe, que quer dizer pequena. De *aça* e *gaia*, se fez *azagaia*, isto é, lança pequena.

ASSAFARJE ou **ASAFARGE**—(como antigamente se dizia) freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Nos papeis antigos se vê esta freguezia tambem com os nomes de *Assafragea*, *Alçofarge* e *Saforje*.

E' menos corrupto *Assafarge*; que é derivado do arabe *Assafargel*, e significa *marmelleiro*.

Foi antigamente do concelho de Penella.

Tinha em 1757, 85 fogos.

Os dizimos d'esta freguezia, eram para o cabido da Sé de Coimbra, que apresentava os vigarios, os quaes tinham de rendimento 120$000 réis.

E' situada em um monte, mas cercado de outros mais altos. Do monte de santo Amaro (que tem uma capella d'este Santo) se vê Coimbra, muitas villas e aldeias, o rio Mondego e o Campo do Bolão.

Além dos dizimos, pagava esta freguezia de seis, um (o 6.º!) aos Mellos, de áquem da ponte, de Coimbra.

Cria bastante gado miudo e não é muito fertil.

Nos seus montes ha boa pedra calcarea.

ASSÁFORA—aldeia da Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Assahra*. Significa campina.

ASSAMEIÇA—aldeia, Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Axxameiça*. Significa soalheiro (logar exposto ao sol.)

ASSÊCA—ribeira do Alemtejo, que principia na freguezia de S. Romão. Suas margens são bordadas de freixos, *alandros* (eloendros) e outras arvores.

Tem uma ponte de cantaria lavrada, no termo de Villa Viçosa, com cinco arcos, que dizem ser feita pelos mouros. (Em todo o caso, é muito antiga.)

Faz moer alguns moinhos, e traz muito peixe.

Corre placido e fertilisa muitas terras de cultura.

Morre no Guadiana, no Porto do Areeiro.

D. Affonso VI fez viseonde da Ponte da

Assêca, em 15 de janeiro de 1666, ao valoroso general Martim Correia de Sá, filho do famoso Salvador Correia de Sá Benevides, que restaurou Angola, expulsando gloriosamente os hollandezes. Sua familia recebeu as honras de *grandeza do reino*, no 1.º de junho de 1763, e o actual visconde é o oitavo visconde da Assêca, e decimo almotacé-mór do reino, por herança de sua terceira avó, D. Francisca Joanna Josefa da Camara, filha de Lourenço Gonçalves da Camara Coutinho, cuja familia tinha este officio desde 23 de dezembro de 1572, e de sua mulher D. Leonor Josefa de Tavora, dama da rainha D. Marianna de Austria. Na casa da Assêca andou por muitos annos a alcaidaria-mór do Rio de Janeiro.

O terceiro visconde da Assêca foi grande cultor das lettras e distincto poeta da *Academia dos generosos*, no seculo XVII, e socio da Academia Real de Historia, no principio do seculo XVIII.

E' d'esta familia, o sr. José Correia de Sá Benevides, viuvo da sr.ª D. Eugenia de Almeida, filha e herdeira do sr. marquez de Lavradio, fallecida em outubro de 1871.

ASSÊCA—rio, Algarve, que nasce de varios ribeiros, na serra chamada do Algarve, e passa pelo meio da cidade de Tavira (a 12 kilometros do nascimento d'este rio) onde tem uma boa ponte de cantaria.

Não entra n'elle rio algum. Só é navegavel de Tavira para baixo, onde chega a maré. Traz bastante peixe.

Suas margens são em parte cultivadas e ferteis, bordam-o alguns pomares, arvores silvestres e extensos cannaviaes.

Faz tambem moer alguns moinhos.

Morre no Oceano, 6 kilometros a E. de Tavira, com 18 de curso.

ASSEICEIRA—villa, Extremadura, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Thomar, 9 ao O. de Constança, 96 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Tinha em 1750, 35 fogos, a villa e toda a freguezia 165.

R. M. da Silva diz que foi povoada por D. Diniz, em 1315, dando-lhe então foral.

Segundo Viterbo, esta povoação é muito mais antiga, pois em 1218, D. Pedro Alvitis, mestre do Templo, e os seus freires, doaram a Plagio Farpado e seus descendentes, o *logar da Ceiceira*, com a condição de alli fundar uma albergaria, para passageiros pobres e ricos. Tarpado não fez a albergaria, pelo que a doação não teve effeito. E' pois provavel que esta povoação já existisse no tempo dos arabes.

Diz-se que D. Diniz a povoou, por lhe ter dado foral, ao que então se dizia povoar.

E' fertil em cereaes, fructas, azeite, gado e caça.

Tem muitos chapelleiros.

Em uma campina proximo d'esta villa, foi, a 16 de maio de 1834, a ultima batalha fratercida entre os realistas, commandados pelo general Guedes, e os liberaes, commandados pelo o conde de Villa-Flor (depois duque da Terceira.)

Os realistas, depois de uma brilhante investida, abandonaram o campo em desordem, por má direcção dos chefes.

E' situada em um valle, sem vista para outra freguezia.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Os condes da Atalaia apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis.

Tinha termo seu, com camara e dois juizes ordinarios. Misericordia e hospital, em ruinas.

A 1:500 metros da villa está o convento de Santa Sita, que era de frades franciscanos.

Tinham os habitantes da villa privilegio de não pagarem foros nem outros tributos reaes, nem portagem em terra alguma do reino, do que vendiam.

Passa por estas visinhanças o rio Nabão.

Dizem que a agua da *Fonte da Villa*, cura dor de pedra.

Eram senhores d'esta villa, com *mero e mixto imperio*, os condes da Atalaia, que punham as justiças.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 2 de novembro de 1514.

Antigamente dizia-se *Ceiceira*, e D. Manuel no foral lhe dá o nome de *Ceiceyra*.

E' no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

ASSENTIZ—freguezia, Extremadura, co

marca e concelho de Torres-Novas, 132 kilometros ao NE. de Lisboa, 330 fogos.

Tinha em 1757, 274 fogos.

Era dos duques de Aveiro. Fertil.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Situada em montes e valles, perto da serra de Ayre. O prior do Salvador, de Torres Novas, apresentava o cura d'aqui, que tinha de renda um moio de trigo, uma pipa de vinho e 6$000 réis em dinheiro, e o pé de altar. E' no patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era *morgado de Assentiz* (ou *Assentís*) o celebre e benemerito litterato Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos Amaral e Gaula, conhecido geralmente por o *Morgado de Assentiz*. Nasceu em Lisboa, a 2 de março de 1769, e morreu na mesma cidade a 5 de fevereiro de 1847. (Na rua de Santa Martha n.º 114.) Jaz no cemiterio do Alto de S. João. (Vide Lisboa no logar competente.)

ASSENTO—ha em Portugal 159 aldeias d'este nome.

ASSEQUINS ou **SEQUINS**—villa, Douro, na freguezia de Agueda. (Vide esta villa.)

Proximo de Assequins, e sobre a estrada de Lisboa, fica a povoação da Mourisca.

Convem não perguntar aqui pelos ossos de Pilatos!...) Vide Mourisca.

Assequins fica 1 kilometro distante de Agueda, nas margens do rio Alfusqueiro.

E' terra muito abundante de aguas, fresca e muito fertil.

Era senhor d'esta villa, Luiz de Saldanha da Gama, descendente de D. Sancho Dias de Saldanha e de sua mulher, a infanta D. Ximena, filha de D. Fruela I, rei de Leão, que reinou desde 753 até 766.

E' derivado (o nome d'esta villa) do arabe *Assaquiat*, significa, ribeirinho, regato.

Os antigos chamavam *acequias* aos ribeiros. (Damião de Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, pag. 3.ª, cap. 74.)

Segundo Viterbo, assequia (ou *acequia*) é o açude, e mais propriamente o lago, pôço ou charco feito na margem de qualquer ribeiro.

ASSOEIRA—aldeia da Extremadura, no patriarchado.

E' a palavra arabe *Assoeira*, significa imagem. Vem a ser, Aldeia da Imagem.

ASSONJO—catadupa, cascatá, queda de agua, etc. (portuguez antigo.)

ASSUMAR—villa, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte, districto administrativo, bispado e 18 kilometros ao S. de Portalegre, 3 de Arronches, 180 ao E. de Lisboa, 200 fogos. Feira a 13 de junho.

Tinha em 1660, 300 fogos e em 1757, 202.

Orago Nossa Senhora da Graça.

29.ª estação do caminho de ferro de Leste.

D. Diniz lhe deu foral, em 1298, com grandés privilegios: e, para ser facilmente povoada, todos os reis da primeira dinastia lhe concederam muitas honras, liberdades, isenções e privilegios. (Franklim não falla em foral dado a esta villa.)

E' povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Ad-Septem-Aræ*, ou *Septem-Aræ*.

Situada em um bello plató, entre as villas de Alegrete e Monforte.

Filippe IV a deu a Francisco de Mello, da casa dos marquezes de Ferreira.

Era cabeça de condado e condes d'aqui os marquezes de Castello-Novo.

Dizem alguns escriptores que antigamente (depois de se chamar *Septem-Aræ*) se chamou *Summa-Ara*, e que d'aqui lhe provem o nome actual. Outros dizem que *Summa-Ara* foi o seu primeiro nome.

A matriz é edificada junto á muralha, servindo esta de parede á egreja. Os duques de Aveiro apresentavam os priores até 1759, em que tudo lhe foi confiscado, pelo crime de regicidio, passando então para a corôa. O prior tinha de renda 800$000 réis.

Tem Misericordia e hospital, muito antigos.

Já disse que os nossos primeiros reis lhe concederam grandes privilegios.

D. João V lh'os confirmou, pelos annos de 1730.

Os principaes d'estes privilegios eram: isenção de servir por mar e terra, por si e por seus bois; de pagar para pedidos de Fontes, pontes e calçadas; de levarem presos; de levarem dinheiros publicos a qualquer parte, etc., etc.

Não ha n'esta villa fonte alguma, e só a

distancia de 1:500 metros, ao E., na estrada de Elvas, ha uma fonte perenne, chamada do *Reguengo*. E' optima, e constante de verão e de inverno.

A 500 metros ao N., nasce um grande olho d'agua, que rega as hortas e pomares da villa.

E' cercada de muros, feitos por D. Affonso IV, em 1332, com seu castello, o que consta de uma inscripção que está sobre a porta principal da villa, que diz:

Em nome de Deus, amen.

Era de 1370 (1332) se fez este castello, em senhorio do mui nobre rei D. Affonso de Portugal, filho do mui nobre rei D. Diniz.

Em 1701, os castelhanos estragaram as muralhas, minando-as; mas logo se repararam.

O primeiro conde de Assumar, foi D. Francisco do Mello, por Filippe IV, em 30 de março de 1636.

D. Francisco de Mello era governador dos Paizes Baixos, de Flandres. Filippe IV o fez depois marquez de *Villescas*, na Hespanha.

D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar e marquez de Castello-Novo, foi feito marquez de Alorna (praça da India) por D. João V, em 9 de novembro de 1748.

Para a familia Silveira, vide Torre da Silveira.

As armas dos condes de Assumar, (Almeidas) são as dos actuaes marquezes de Fronteira, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas dos Mellos (6 bezantes de prata em campo de purpura, entre uma doble cruz de ouro e bordadura do mesmo) no 2.º e 3.º as armas dos duques de Bragança. (Vide Bragança, Cadaval, Vallença e Vimioso.

ASSUREIRA ou **ASSOEIRA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, arcebispado e 150 kilometros ao NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. João Evangelista.

A mesma etymologia de Assoeira. Outros querem que se escreva Açoeira, e então significa terra dos açôres, e póde ser que isto seja mais certo.

E' no districto administrativo de Bragança.

ASTROMIL—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago Santa Marinha.

Situada em um valle cercado de montes, que o fazem muito ameno, pelas muitas aguas que elles lançam no valle.

E' muito fertil e saudavel.

Os descendentes de D. Áffonso de Magalhães e Menezes, senhor da villa da Barca, Nobrega e concelho de Freiriz, residentes em Coimbra, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 180$000 réis.

ASTURÃOS—rio, Minho. Nasce no sitio da *Azevosa*, de varias *fontanheiras*, que unidas formam o rio, que dá o nome á aldeia de Asturãos, por onde passa, e onde tem uma ponte de cantaria de um só arco, e outra em Bretiandos. Suas margens são arborisadas. Rega e móe.

Desagua no rio Lima.

ATABUEIRA ou **TABUEIRA**—freguezia, Alemtejo, concelho de Mertola, 96 kilometros ao O. d'Evora, 168 ao S. de Lisboa, 280 fogos,

Bispado e districto administrativo de B eja

Orago S. Marcos, evangelista.

Tinha em 1757 93 fogos. É terra fertil.

Tabueira significa logar pantanoso, que produz tabúa, junco e outras plantas paludosas.

O parocho (capellão curado) era apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de rendimento 130 alqueires de trigo. 9 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

ATÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, arcebispado, districto administrativo e a 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757 330 fogos.

Orago Santa Maria.

O parocho (cura) era apresentado pelos frades jeronymos do convento da Costa, de Guimarães. Tinha de rendimento 40$000 réis.

É terra fertil.

ATÃES—pequena villa no districto da Serra, comarca de Lamego, 330 kilometros ao N. de Lisboa. 100 fogos.

Era da corôa.

É situada em um valle, e a matriz é Nossa Senhora da Corredoura. Terra fria.

Produz muito centeio, algum trigo e milho; do mais, pouco.

Julgo que esta freguezia está annexa a outra, porque a não vejo nos mappas modernos.

ATÃES—Vide Atiães.

ATÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (até 1855 era comarca e concêlho de Pico de Regalados), arcebispado, districto administrativo e a 18 kilometros ao N. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757 89 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Está annexa á freguezia de S. Miguel da Villa do Prado, cujos abbades apresentavam esta egreja.

Era seu parocho vigario collado e tinha de rendimento 40$000 réis.

Situada em um valle, na costa do monte *Picotto*, d'onde se vê Braga e muitas serras.

É fertil e tem muita caça.

Ha n'esta freguezia uma casa nobre chamada *Paço d'Atães*, dos srs. Limas. Tem esta casa um *padrão* passado por D. Sebastião, em 1558, pelo qual consta ser privilegiada esta casa e toda a freguezia.

É tradição que no Paço de Atães esteve escondido algum tempo D. Antonio, prior do Crato, depois da derrota da ponte de Alcantara, em Lisboa.

Ha aqui antiquissimos e corpulentos carvalhos.

Passa por esta freguezia o ribeiro das Prezas, que rega e móe.

ATÃES—bella e extensa quinta dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim (que falleceu no Porto em junho de 1871) a qual formava o *morgado de Atães*, que tem uma bôa capella na claustra da Sé do Porto.

É sobre a margem direita do Douro, bispado, districto administrativo, comarca e 12 kilometros ao E. do Porto, freguezia de Jovim, concelho de Gondomar.

Já existia esta quinta em 1460. (Vide Villella.)

ATAÍDE, ATHAÍDE ou **TAÍDE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, bispado, districto administrativo e 48 kilometros ao N. E. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1660 só 40 fogos, e em 1757, 42. Era do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, que foi supprimido em 1855.

Orago S. Pedro, apostolo.

Situada nas terras de Cima-Tamega, e entre montes. Fertil.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, pelo cabido da Sé do Porto e pelos frades bentos de Bustello, proximo a Penafiel. Tinha de renda 120$000 réis.

A ermida da Senhora da Natividade, vulgo Senhora do Pinheiro (por estar no logar d'este nome) está situada em um alto.

Vem aqui muitos *clamores* (já disse o que eram clamores) das freguezias de Recesinhos, Villa-Bôa de Quires, Meinedo e Castellões.

É constante que n'esta ermida houve um hospital administrado pelos ascendentes do sr. Miguel Vaz Guedes d'Athaide Azevedo Brito Malafaia, senhor da honra de Barbosa, (que fica a 12 kilometros de distancia) e sustentado por elles á sua custa; e é tambem tradição terem o seu solar no logar do Pinheiro, e ainda ha vestigios de suas antigas torres, das quaes só existem as ruinas. (É certo ser esta freguezia o solar dos Athaides.)

Na ermida ha quatro vãos, mettidos na parede, que eram os quartos dos doentes e peregrinos.

Os senhores de Barbosa teem aqui muitas rendas, e erám senhores d'esta freguezia (pelo que se assignam *d'Athaide*).

Foi antigamente do julgado de Villa-Mean.

Feira na primeira quinta-feira de cada mez, aos 12, dia de Santa Luzia, 2.ª oitava do Natal, e a 20 de janeiro. O rio dos *Odres* que passa aqui, divide esta freguezia da de Real. Em alguns papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de *Ataílde*.

Fica entre Penafiel e Canavezes.

Foi fundada ou povoada por *Atanagildo*, rei dos godos, em 560, impondo-lhe o seu nome, que se corrompeu no actual.

Fr. Bernardo de Brito diz que a fundou um *senhor* godo, do mesmo nome, pelo mesmo tempo, e não o rei.

ATAÍJA—duas aldeias no termo de Thomar. É a palavra arabe *Attaija*. Significa a *coroada*.

ATALAIA—serra, Extremadura, termo do Pombal. Principia nas Lameiras a 1:500 metros do Pombal, e finda na Arroteira.

Tem optima pedra calcarea, que serve para construcção. Tem muitas oliveiras e grande abundancia de alfazema.

É cultivada em parte e dá trigo e cevada. Caça miuda.

É a palavra arabe *Attallaâ*. Tanto significa *torre de vigia*, como *logar alto d'onde se descobre ao longe*, como o a que nós chamamos *sentinella*. (É n'esta ultima accepção que a toma Damião de Goes, na *Chronica d'el-rei D. Manuel*, Parte IV, cap. 64, onde diz:—«*Chegou á Mesquita pelas duas horas da noite, e logo poz as suas atalaias ao redor do campo.*»

Esta palavra deriva-se do verbo *tálea* (subir), e na oitava conjugação é *vigiar, olhar ao longe, descobrir com a vista.*

ATALAIA—serra, Extremadura, limites da freguezia de Santo Estevão das Galés, 3 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

Rebentam aqui algumas fontes, e nascem dois ribeiros que morrem no rio Friellas.

Cria gado grosso e miudo. Suas faldas se cultivam e dão trigo, cevada, milho e outros fructos.

ATALAIA—serra, Beira Baixa, termo de Trancoso e na aldeia dos Carnicaes, freguezia da Calçada. O seu clima é excessivo.

Produz muita lenha e cria caça miuda.

Tem 4:500 metros de comprido e 1:500 de largo.

A mesma etymologia.

ATALAIA—freguezia, Alemtejo, comarca de Monsaraz, concelho e 9 kilometros ao N. de Portel, 120 kilometros ao S. de Lisboa, 40 fogos.

Tinha em 1757, 53 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

A egreja é situada sobre um outeiro bastante alto, de fórma redonda, chamado da *Atalaia*, (que deu o nome á freguezia), e d'elle se vê Evora (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence), Arraiolos, Redondo, Monsaraz, Portel, Vianna do Alemtejo, Alvito, Villa-Alva, até á raia de Castella; e desde Moura até Olivença.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha de renda tres moios de trigo.

Corre aqui o rio Odivellas. É terra fertil e sádia.

Grandes montados de sobreiros (ou sovereiros) e carvalhos, com cujo fructo se criam muitas varas de porcos, com que se faz grande commercio.

A mesma etymologia.

ATALAIA e CARVALHAL—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Pinhel, 72 kilometros de Vizeu, 336 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Era da corôa. É fertil.

Situada em um alto d'onde se vê a Guarda (a 24 kilometros), Almeida (a 12 kilometros), Castello-Rodrigo (a 28), Jarmello e varias povoações menores.

Era abbadia do padroado real, tinha de renda 200$000 réis.

Corre aqui a ribeira de Celorico.

Ao O. em um grande outeiro, se vêem as ruinas de uma fortaleza antiga, e d'aqui se descobrem mais de 360 kilometros em redondo. E' a que deu o nome á freguezia.

É em sitio inconquistavel, servindo-lhe de fosso os rios Celorico e Pinhel.

É tradição que mandou fazer esta fortaleza, em 1646, o licenceado Pedro Cardoso de Seixas, abbade d'esta freguezia, para defender o povo das invasões dos castelhanos.

A mesma etymologia.

ATALAIA—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, 24 kilometros de Evora, 120 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Nossa Senhora Mãe dos Homens.

É no patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

A mesma etymologia.

ATALAIA—villa, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho da Barquinha. Patriarchado e 120 kilometros a NE. de Lisboa, districto administrativo de Santarem, 380 fogos. Tinha em 1757, 60 fogos, segundo o *Portugal Sacro e Profano;* mas julgo que é erro, pois que a *Poblacion General de Hespana* lhe dá 200, em 1660.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Tinha foral. O primeiro lhe foi dado por D. Affonso II, em outubro de 1212. (*Corpo Chronologico,* pag. 2.ª, maço 1.º, doc. 22). O segundo lhe foi dado por D. Diniz (quando a mandou povoar) em 1315. (Franklim não falla n'este foral). D. Manuel lhe deu foral novo (o terceiro) em Lisboa, a 2 de novembro de 1514. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 144, col. 1.ª)

Feira a 20 de janeiro.

Situada junto de um monte, proximo da direita do Tejo, vendo-se (do monte) Abrantes, Ourem e varias povoações menores.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Foi resgatada do poder dos mouros, em 1147; mas parece que esteve despovoada até ao reinado de D. Affonso II, que lhe deu foral com grandes privilegios, para attrair para aqui moradores.

Ou não valeu este foral para a concorrencia de habitantes, ou se tornou a despovoar; porque D. Diniz a povoou de novo em 1315 quando lhe deu foral (o segundo). Fez-lhe então uma formosa fortaleza, hoje em ruinas.

E' solar dos Noronhas Manueis, condes da Atalaia e marquezes de Tancos. (Os filhos primogenitos dos marquezes, são condes da Atalaia).

Eram os condes, senhores donatarios e alcaides-móres d'esta villa. Apresentavam os priores, que tinham de rendimento 500$000 réis.

Tem Misericordia e uma albergaria.

Ha aqui uma grande coutada, onde ha muita caça.

E' terra fertil, sobretudo em azeite, de que tem uma grande abundancia. Produz tambem bastante e optimo vinho.

Passa aqui a nova estrada da Barquinha para Thomar.

Consta que no alto do monte houve uma atalaia antiquissima, que foi a que deu o nome á villa.

—

O 1.º conde da Atalaia foi D. Pedro Vaz de Mello, por D. Affonso V, pelos annos de 1470.

O 2.º conde da Atalaia foi D. Francisco Manuel, por D. Filippe II, em 17 de julho de 1583. Foi um distincto escriptor e bom poeta, do seu tempo. D. Filippe IV fez conde da Atalaia, a D. Pedro Manuel.

O 6.º conde da Atalaia, D. João Manuel de Noronha, foi elevado a marquez de Tancos, por D. José I, em 22 de outubro de 1751.

—

As armas dos marquezes de Tancos e condes da Atalaia, são—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, em campo de purpura, um coto d'aguia, de ouro com uma mão empunhando uma espada, guarnecida do mesmo metal. No 2.º e 3.º, um leão de purpura, armado de azul, em campo de prata. Elmo de prata aberto (hoje corôa de marquez) e por timbre o mesmo coto e espada das armas.

—

Além das povoações descriptas com o nome de Atalaia, ha mais em Portugal 17 aldeias assim chamadas. Todas têem a mesma etymologia.

ATALAIA—freguezia, Beira Alta, bispado de Vizeu, d'onde dista 84 kilometros, 360 ao N. de Lisboa, tinha em 1757, 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O parocho é abbade, foi apresentação do real padroado, tem de rendimento 200$000 réis.

Não acho esta freguezia nos mappas e livros modernos. Achei-a no *Portugal Sacro e Profano,* e supponho que foi engano do seu auctor, e que é a mesma da Atalaia e Carvalhal, que elle escreveu duas vezes.

ATALAIA (Nossa Senhora da)—O mais celebre sanctuario do Alemtejo e da Extremadura, não pela magnificencia do edificio, mas pela devoção popular, que traz aqui to-

do o verão uma multidão de romeiros, de muitas leguas de distancia.

A egreja está situada sobre um outeiro na margem do S. do Tejo, mas para o interior, a 4 kilometros da villa de Aldeia Gallega do Riba Tejo, a cuja freguezia pertence. Tem na frente um vasto adro, d'onde se disfructam deliciosas e extensas vistas.

Do adro desce-se por uma boa escadaria de pedra para um grande terreiro, orlado por varias casas que servem de hospedaria aos romeiros. No fundo do terreiro, em frente da egreja, á sombra de um corpulento pinheiro, ergue-se um bonito cruzeiro de pedra sob uma cúpula tambem de pedra, sustentada por quatro pilares da mesma.

A origem d'este templo é a seguinte: Havia aqui, junto a uma grande aroeira, uma fonte chamada *Fonte Santa*, que curava varias molestias. Um dia appareceu sobre a aroeira uma imagem da Virgem, e tanto isto exaltou o povo que cuidaram logo em lhe fazer uma capella; mas, em quanto a não faziam, collocaram a Senhora sobre a cantareira de uma casa que havia aqui. Tantas foram as esmolas, que em breve se fez a egreja, e para o seu altar-mór mudaram a imagem, mas no outro dia pela manhã tornou a apparecer na cantareira, e o mesmo fez todas as vezes que a mudaram para a egreja; até que elles a deixaram ficar na cantareira (que alargaram e adornaram) e fizeram uma nova imagem para a egreja. A esta chamam a *Senhora Nova* e aquella *Senhora Velha*. A casa da cantareira é hoje a sachristia da egreja. Esta foi feita em 1623 e reedificada no seculo passado.

A *Fonte Santa* é por traz do altar-mór. Desde o S. João até outubro os cirios e as romarias a esta egreja são sem interrupção, e este sitio é um verdadeiro arraial. De inverno tem só uns 25 moradores permanentes.

ATALAIA DO CAMPO—freguezia, Beira Baixa, comarca do Fundão, concelho de Alpedrinha, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 120 fogos. Tinha em 1757, 94 fogos. Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

E' da coroa.

A mesma etymologia.

Tem foral *novissimo*, dado por D. Sebastião em 1570. Já então era villa, como consta do mesmo foral.

Situada em uma campina d'onde se vê Castello Novo, Penamacor e Monsanto. E' fertil.

A commenda de Nossa Senhora da Graça, de Castello Novo, (á qual foi sempre annexa) apresentava aqui o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

Feira no domingo do Espirito Santo e a 24 de junho.

Foi villa e couto (extincto) e seu donatario Christovão da Costa Freire.

Tem uma boa fonte de cantaria abundantissima e constante.

Tem vestigios de ter sido cercada de muralhas; mas não ha indicios de torre ou castello. Corre aqui o rio *Alpereade*.

ATAMÁRMA ou **TAMÁRMA**—(é mais etymologico Tamarma). Nome de uma fonte, de uma calçada e de umas portas da cidade de Santarem. É mesmo a palavra arabe *Tamarmá*, significa agua que tem o gosto de tamaras (como se dissessemos *atamarada*) isto é, agua doce.

Todos os auctores que tratam da tomada de Santarem lhe dão outra significação. Dizem que *atamarma* quer dizer, aguas amargosas. Já demonstrei que é engano. De mais, Duarte Galvão, na *Chronica de el-rei D. Affonso Henriques* (cap. 28, pag. 37) diz: — *Tomaram o sumidouro* (fuga) *entre Motirás e a fonte de Tamarma, á qual os mouros assim lhe chamam pelas aguas d'ella serem doces.*

Ha ainda outra etymologia, que lhe dá o povo miudo d'aqui, é a seguinte:

Quando D. Affonso I tomou esta praça (8 de maio de 1147) um dos seus que tinha entrado dentro disfarçado (vide Santarem) gritou de cima das portas d'este nome—*átam'arma!*—(a uma corda que elle tinha na mão) e é d'aqui, segundo elles, que provém este nome.

Ha outras etymologias mais disparatadas, todavia esta é mentirosa; porque havia já mais de 200 annos, antes de 1147, que, ás

portas, á fonte e á calçada davam os arabes este nome, ainda que mais extenso, pois diziam—*Portas da fonte da Tamarma, Calçada da fonte da Tamarma.* Já se vê que foi a fonte que deu o nome ás portas e á calçada.

Muitos leitores hão de desgostar-se com estas *minuciosidades;* mas o meu fim, n'esta obra, é memorar todos os factos e tradições que distinguem qualquer terra, e dissipar todas as duvidas (até onde poderem attingir os meus limitadissimos recursos litterarios).

Tambem de *Tamarma* provém o actual nome da cidade de Thomar, e, já se sabe, com a mesma significação. Uns dizem que por causa de uma fonte de optima agua que alli acharam os fundadores; outros que pela bondade das aguas do *Nabão.*

ATAMORRA—aldeia, Algarve, termo de Tavira. *Atamorra, Almatmora, Matmorra* e *Matmora,* é palavra arabe. Significa *cóva* ou celleiro subterraneo onde os mouros costumavam guardar os seus trigos, e ainda usam d'ellas na Africa. Ordinariamente tinham a fórma de um M, e eram uns poços ou escavações feitas em terrenos bem seccos, muito bem calcados, tanto dos lados como no pavimento. Alguns, poucos, eram feitos de pedra e barro.

Os celtas usavam d'estes *celleiros,* a que chamavam *silos;* e os antigos lusitanos, que tambem os tinham, lhe davam o nome de *cóvas.*

D'aqui o nome de *Cóvas* que têem algumas freguezias e muitas aldeias e logares de Portugal.

Em differentes epocas, e ainda em nossos dias, têem apparecido, em varias partes, muitos d'estes celleiros subterraneos.

São os depositos de cereaes dos tempos primitivos, usados pelos chaldeus, egypcios, hebreus, assyrios, persas, etc. Vide *Cóva.*

ATAÚDES (monte dos)—Próximo (ao E.) da villa d'Amarante (D.) Na encosta de um monte, ha um terreiro a que de tempos immemoriaes se chama *os Ataúdes* e que deu o nome ao monte.

Em 1858, certos individuos (dos que procuram *minas encantadas)* alli foram esgravatar, e acharam muitas sepulturas, unas de pedra, outras cavadas no saibro (tolas em direcção de E. a O.) e cobertas de louas.

Cada sepultura continha uma, duas, trez ou quatro amphoras, de barro muito fino e muito bem feitas, e de differentes fórmas e tamanhos; que se suppõe terem contido aromas, e, dizem, que algumas, apezar de vazas, espalhavam um agradavel cheiro.

Ha todas as razões para acreditar que este sitio foi cemiterio árabe; não só pela forma das sepulturas, como até pelo nome *d'ataúde,* evidentemente árabe, corrupto de *attabut,* que significa *arca, tumba* ou *esquife* para recolher cadaveres. Deriva-se da palavra hebraica *tibota,* que significa o mesmo.

No alto do monte, e proximo aos *ataúdes,* ha uma pequena aldeia, chamada *Moure,* aque a *Corographia Portugueza* tambem dá o nome de *Ataúdes.*

Do outro lado do rio, em um monte que fica defronte dos *ataúdes,* ha vestigios de uma fortaleza antiga, construida de seixos amaçados com barro e terra (como ainda hoje se fazem muitas paredes nas immediações de Vallença do Minho.)

Os árabes chamavam aos cemiterios *Almacbar,* de que nós fizemos *Almocavar.* (Vide esta palavra.

ATEANHA—freguezia, Beira Baixa, concelho do Rabaçal, 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. João.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

ATEI—ou Athei, ou Athey, ou Atrim, villa, Traz-os-Montes, comarca de villa Pouca d'Aguiar, concelho de Mondim de Basto, Arcebispado e 54 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Bragança.

Tinha em 1757 301 fogos.

Eram donatarios os marquezes de Marialva, e era couto d'elles. Fertil.

Situada em montes e valles (a freguezia) d'onde se descobrem muitas terras.

A abbadeça de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentava o vigario e 3 benefi-

ciados que havia nesta egreja, um dos quaes era o mesmo parocho. Este tinha de renda 100$000.

Na torre da egreja ha um sino muito antigo, que foi achado no sitio do *Outeirinho de Deus*, e que tem em relevo lettras arabicas.

No monte Farinha, ha sete capellas, com os sete principaes passos da paixão de Jesus Christo, que se não chegaram a concluir. D'este monte se descobrem mais de 120 kilometros quadrados de Portugal, e mais de 240 de Castella.

Ao E. deste monte, e proximo a elle, está outro chamado *Palhaços*, no qual ha vestigios de grandes edificios romanos ou árabes, e nestas ruinas está uma cava, ou galeria subterranea, que vae sahir a um despenhadeiro chamado *Furaco*, sobre o Tamega; a qual sahida só se vê nas estiagens.

Tem esta galeria, ou estrada subterranea, 9 kilometros.

Só esta freguezia formava antigamente um concelho. É terra muito abundante d'aguas.

Aqui nascem os ribeiros *Bezerrão* e *Gama do Paço*, que se mettem no rio Cabril e o *Candal* e o *Sequeiro*, que se juntam, e então se chamam Bésteiros, e com este nome morre no rio *Pôço*.

Passam tambem aqui o *Arades*, o Salgueiraes e o *Costa*, que se juntam nesta freguezia, e correndo de E. a O., se mettem aqui mesmo no Tamega, que passa a O. Todos moem e regam.

Ha n'esta freguezia muito gado, miudo e grosso, e muita caça miuda.

O rio Tamega divide aqui o concelho de Cabeceiras de Basto (Minho) do de Moudim de Basto, e a provincia de Traz-os-Montes da do Minho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de junho de 1514. Vide Bagunte.

ATENOR ou Tenor — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, concelho do Vimioso, 24 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Atenor ou Antenor é nome proprio de homem, entre os gregos.

Situada na encosta de um monte, d'onde nada se avista mais de que a freguezia.

O abbade de Travanca apresentava aqui o cura que tinha 25$000 réis.

É terra farta. Tem uma lagoa onde se criam muitas sanguesugas.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

ATHEÃES — Vide Atiães.

ATIÃES — freguezia, Minho, concelho do Prado, Arcebispado, districto administrativo e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Tinha em 1757 60 fogos.

Eram seus donatarios os marquezes de Minas, mas depois passou para a coroa.

Situada em um valle onde se vê Braga e o convento de Tibães.

Um conego da Sé de Braga apresentava o vigario d'aqui, que tinha de rendimento 60$000 réis.

É terra fertil; mas pobre, pelas muitas rendas que paga.

Ha nesta freguezia uma antiga torre, com suas ameias e uma quinta; que tudo foi de D. Gastão José da Camara Coutinho, e hoje é de seus herdeiros.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos: supponho que está annexa a outra.

ATIMAR — portuguez antigo, acabar, concluir, terminar, levar ao cabo, etc.

ATOCHA — (senhor d') vide Quintan.

ATOLLEIROS — aldeia, Alemtejo, concelho da Fronteira. Proxima a esta aldeia, a 29 de janeiro de 1384, o grande D. Nuno Alvares Pereira derrota e põe em fuga o exercito Castelhano de D. João I. (commandado pelo irmão d'este heroe, o transfuga Pedro Alvares Pereira.)

As perdas dos castelhanos foram enormos.

ATONDO — direito de rotear, romper e agricultar algum terreno inculto, não se podendo porem dar, doar, trocar ou vender, isto é, sendo um mero usufructuario ou morgado. (Vide Mira.)

Atondo é o mesmo que préstimo ou *aprestamo*.

ATOUGUIA — rio pequeno, Extremadura, comarca de Leiria.

Toma o nome da villa d'Atouguia da Baleia, por onde passa.

Nasce nos *Bréjos*. Suas margens têem arvores silvestres e são em parte cultivadas.

Tem uma ponte de cantaria, chamada «*de S. Domingos*» e outra, tambem de cantaria, chamada «*das Taboas*» (por ter sido primeiramente de taboado) além d'outras de madeira.

Depois de 6 kilometros de curso, se mette no lago do *Bréjo*, e d'aqui morre no Oceano, no sitio do *Medão Grande*.

ATOUGUIA DA BALEIA—villa, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho e 3 kilometros a E. de Peniche, 72 kilometros ao O. de Lisboa, 560 fogos.

Tinha em 1660 300 fogos, e em 1357,90.

Chama-se da Baleia, porque em 11 de fevereiro de 1526, deu aqui á costa uma baleia, que tinha 20 metros de comprida.

Achou-se no sitio da *Areia Branca*. A espadana do rabo tinha $4^1/_2$ metros de largura. Na bocca lhe cabiam dois homens de pé, muito á sua vontade!

Tem um convento de freiras agostinhas, que, segundo a tradição, foi templo romano, dedicado a Neptuno.

Em 800 (de Jesus Christo) já era convento, dedicado a S. Julião. Segundo uma lapide que se vê na parede exterior da capella-mór, foi o consul *Decio Junio Bruto*, que consagrou a Neptuno o templo primittivo, *pela victoria alcançada contra os povos d'Eburobritium*.

No reinado de D. Sancho I., morrendo todos os frades de peste (1191) foi este convento incorporado no de Alcobaça.

Celebraram-se aqui cortes, em 1373, ou 1376, no reinado de D. Fernando.

Estas cortes deram occasião á lei de 13 de setembro de 1376, pela qual se regulou a jurisdição dos Donatarios, e em que se deram varios privilegios. Tambem se deram differentes providencias a bem da navegação e commercio d'estes reinos.

Situada em um alto, na costa do Oceano, com seu castello (arruinado.)

Chamava-se antigamente *Touria*, pelos muitos touros que aqui tinha D. Pedro I. (quando residia no logar da *Serra d'El-Rei*) o que provam as suas armas.

Foi povoada em 1165, por *Wilhelmo Lacorne, oude Cornes*, fidalgo francez, a quem D. Affonso I. deu esta villa, em premio de o ajudar na tomada de Lisboa.

O mesmo D. Affonso I. lhe deu foral, a 24 de fevereiro de 1167, confirmado em Santarem, por seu neto D. Affonso II., em fevereiro de 1218.

No foral velho havia o § seguinte: —*A mulher torpe que sem causa injuriar mulher honesta, leve cinco açoites, por cima da camiza, e o homem que deostar (doestar) algum homem grave e de bem, ou mulher honrada «X varancadas (varadas) recipiat.»*

D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Parece que tambem D. Sancho I, lhe deu foral sem data que foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, quando confirmou o primeiro. Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 59, col. 1.ª—Livro dos foraes ant. de leitura nova, fl, 87. v. col. 1.ª maço 12—foraes ant, n.º 3 fl. 33, col. 1.ª Livro dos—foraes ant. de leitura nova, fl. 9, col. 1.ª—maço 12, de foraes ant., n.º 3, fl. 32 v, col. 2—Livro de foraes ant. da leitura nova, fl.8 v. col. 1.ª—Livro 1.º dos reis e rainhas, fl. 51, v. gaveta 20, maço 11, n.º 14, sentença de 29 de maio de 1563, no Livro das sentenças a favor da coroa, fl. 40 v. col. 2.ª—Torre do Tumbo.

Tinha voto em cortes, com assento no banco 16.º

Misericordia e hospital.

Fertil em cereaes, fructa, gado, caça e peixe do mar.

Tinha um convento de frades franciscanos (de S. Bernardino.)

Orago S. Leonardo.

Patriarchado districto administrativo de Leiria.

Chamava-se tambem *Ataugia, Taugia* e *Atauguia*; Foram seus donatarios, até 1759, os condes d'Atouguia; depois passou para a coroa.

D. José I. extinguiu este condado (1759) mandando justiçar o ultimo conde d'Atouguia, por complicidade no attentado commettido contra a vida d'este rei.

A matriz é de trez naves. O geral dos conegos seculares de S. João Evangelista, de Lisboa, que era prior d'esta egreja, apresentava o vigario e sete capellães, dando a cada um, um moio de trigo, 20 alqueires de sevada e uma pipa de vinho, por anno.

O vigario tinha de renda: dois moios de trigo, uma pipa de vinho e 20$000 reis em dinheiro.

Tem mais uma boa egreja de Nossa Senhora da Conceição, cujo prior apresentavam as rainhas de Portugal.

Feira a 6 de novembro.

Perto da villa ha um lago onde se caça muita ave d'arribação.

Tem seu porto de mar, no sitio do *Baleal* (ou *Beleal*) que só serve para barcos de pesca. (Vide *Baleal.*)

Além do castello ha n'esta villa o forte de Nossa Senhora da Consolação.

Julga-se que foi D. Diniz que mandou fazer o seu forte castello.

Aqui passa o rio Atouguia, e desagua no mar, no sitio do *Medão Grande.*

Tem por armas um touro em campo de purpura, sustentando dois castellos, um em cada ponta.

O primeiro conde d'Atouguia foi Alvaro Gonçalves de Athaide, por D. Affonso V, em 17 de dezembro de 1448, titulo renovado por D. Sebastião a favor de D. Luiz d'Atahide. (Vide Talho de Peixes.)

ATOUGUIA DAS CABRAS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer; 60 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Tinha em 1757 220 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro d'Alemquer apresentova aqui o cura.

Era annexa á dita freguezia de S. Pedro. O cura tinha de renda um moio de trigo, duas pipas de vinho e o pé d'altar.

Cria muito gado grosso e miudo, e é das freguezias mais ferteis e ricas do concelho.

Passa aqui o pequeno rio do seu nome, que secca de verão. De inverno faz moer lagares de azeite e azenhas de pão.

A *Fonte do Juiz* (no logar do Bairro) sécca no inverno, e é abundante de muito boa agua no verão.

O povo d'esta freguezia acha mais bonito chamar-lhe *Abrigada* do que Athouguia das Cabras, por isso já a descrevi sob o nome de Abrigada. (Vide esta palavra.)

Esta freguezia ha 100 annos tinha 60 fogos, hoje, só a aldeia tem 42. Ha aqui uma capella de Nossa Senhora.

AUFRAGIA ou **EUFRAGIA** ou **EUFRAZIA**—cidade antiquissima do Minho, mencionada nos *agiologios* e *santoraes*, e na *Chorographia do Padre Carvalho.*

Diz-se que estava fundada nos limites da actual freguezia de Fareja. (Vide Fareja.)

Foi régulo d'esta cidade *Liciniano* ou *Leuciano.* Diz-se que os seus paços ainda existem no monte de Pombeiro (o *Columbino* ou *Columbario* dos antigos) proximo da margem esquerda do Vizella.

N'estes paços havia uma grande torre, de que restam ruinas.

Ao sitio onde estão estes paços se chama *Cirgude.*

É tradição que aqui viveu algum tempo o famoso *Egas Moniz.*

É solar dos antigos senhores de Felgueiras e Vieira, d'appellido *Azedo.*

Esta casa é o que resta de Aufragia.

Dizem outros que *Aufragia* existiu no valle de *Adafroia*, proximo á villa de Pombeiro, na Beira, solar dos srs. condes de Pombeiro (marquezes de Bellas).

Pelos fins do seculo passado appareceram nos montes proximos a Fareja, 74 sepulturas de tempos remotissimos. Isto confirma a opinião dos que sustentam que esta cidade era no Minho e não na Beira.

Foi destruida em 965, pelo mouro *Al-Coraxi*, rei de Sevilha, que a arrazeu completamente.

Outros dizem que esta cidade era situada na freguezia de Sindim, concelho de Felgueiras, a 12 kilometros de Guimarães e 355 ao N. de Lisboa, em um ameno valle. (Supponho que estas duas situações vem a dar na mesma.)

Suppõe-se ser fundação dos gallos-celtas cinco ou seis seculos antes de Jesus Christo.

AUNONA — cidade antiquissima, Minho que o dr. João Ferreras diz ter existido nas margens do Ave.

O dr. Ferreras traz esta cidade mencionada na sua *Historia de Hespanha;* mas J. Contador d'Argote desmente isto formalmente nas *Antiguidades de Braga*, sustentando que tal cidade nunca existiu.

AUREGA—Minho, na serra de Santo Ovidio (ou S. Miguel d'Aurega). Parece ser corrupção de Arga, ou esta d'aquella.

Alguns dizem que houve aqui uma cidade d'este nome. Outros (e estes teem bons fundamentos) dizem que era freguezia. (Vide S. Miguel d'Aurega.

AURONCA —cidade antiquissima, Douro, 55 kilometros ao N. de Coimbra, 258 ao E. de Lisboa, perto do Marnel, e da qual apenas ha pequenos restos.

Foi fundada pelos turdulos, 400 annos anteo de Jesus Christo, e foi cidade durante o imperio romano e o dominio arabe na peninsula.

Diz-se que foi arrazada pelo rei mouro de Valença (pelos annos 1181) quando foi atacar Porto de Mós e alli foi batido por D. Fuas Roupinho.

Outros dizem que teve logar a destruição d'esta cidade pelo tal rei de Valença, na retirada de Porto de Mós.

N'esta cidade nasceu o santo varão *Martim Arrias*, vigario de Santa Maria de *Finis Terra*, junto ao castello de Soure, captivo dos mouros, na tomada d'esta villa em 1144 e que morreu em Córdova. (Vide Soure.)

O licenceado Jorge Cardozo, no *Agiologio Luzitano*, pag. 344, diz que esta cidade existiu proximo do Vouga, em um monte do mesmo nome. Elle lhe dá o nome de *Auranca*.

AVANCA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Estarreja, 40 ao S. do Porto, 276 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos.

Tinha em 1757 937 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Foi do antigo e extenso concelho da Feira parte d'esta freguezia, parte do de Estarreja, e parte do da Bemposta (hoje supprimido). Hoje (como devia ser) é toda de um concelho.

Confina pelo S. O. com a ria de Aveiro

É aqui o solar da casa vinculada dos *Rezendes*. É seu possuidor actual o sr. Antonio Thomaz de Rezende Abreu Freire.

Foi da commenda de Christo.

A antiga egreja, que era muito velha e pequena, cahiu em 1724.

A 15 de outubro de 1727 se principiou a actual, no mesmo sitio da velha. É uma das melhores egrejas do bispado.

O corpo da egreja foi feito á custa do povo, e a capella-mór á custa da dita commenda.

O reitor, que era apresentado pelo ordinario, apresentava da sua parte quatro egrejas que estavam annexas a esta *in perpetuum*. Eram Madail, Loureiro, Pardilhó e Bunheiro. Tinha de renda 200$000 réis.

A capella de Santo Antonio, situada no rocio da egreja, serviu de matriz emquanto duraram as obras da nova egreja.

É tradição que antigamente houve aqui uma villa chamada *Banca*, da qual apenas resta a memoria.

Outros dizem que Avanca é corrupção de *avenca*, planta medicinal.

Correm aqui quatro regatos anonymos, que regam e móem.

Tem esta freguezia mais de 360 barcos de pesca e transporte, incluindo os que andam ao *moliço* (especie de alga-marinha que aqui se extrahe do rio e é um optimo adubo das terras).

Abundante de peixe da ria e do mar.

Avanca é uma extensa, populosa e rica freguezia, e das melhores e maiores do districto administrativo de Aveiro.

AVANTOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, d'onde dista 72 kilometros a NO., 408 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Tinha em 1757 40 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O parocho era cura da apresentação do reitor de Santa Eugenia de Ala, e tinha de

congrua 8$000 reis e o que rendia o pé de altar.

ÁVARO (Promontorio)—Ptolomeu o colloca nas costas dos povos *nemetatos* (braccarenses) 15 kilometros acima da foz do Ave. Tomou este nome d'este rio, e parece ser o espaço que medeia entre a sua foz e a do Cávado, comprehendendo a corda da penedia chamada *Cavallos de Fão.*

AVE—rio, Minho. Nasce nas vertentes da serra da Cabreira, a 30 kilometros de Guimarães, no sitio de *Pé de Cão*, correndo ao principio arrebatado por entre penedias.

A serra da Cabreira divide o Minho de Traz-os-Montes. O Ave nasce em uma fonte chamada d'Ave (e é o que dá o nome ao rio) a 600 metros desviado da provincia do Minho, e no principio da de Traz-os-Montes, na freguezia de Santo Estevão de Castellões, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso.

Recebe muitos rios, sendo os mais importantes o Fafe e o Célho (ou Sélho) e o principal o Vizella, que se junta no sitio de *Entre-Ambas-as-Aves.*

Recebe mais o Pé (ou Pelle), o Landim, o Covellas, o Pombeiro, o ribeiro da Aldeia e o Deste (ou Este), que se junta proximo a Villa do Conde.

Morre no Oceano entre Azurara e Villa do Conde, com 85 kilometros de curso.

Em toda esta distancia tem seis pontes de pedra, que são as de S. Bento de Domim, S João (entre Braga e Guimarães), Cerva, Ponte-Nova e Lagosinhos.

Recebe este nome da imagem de Nossa Senhora de *Lagocinhos* ou *Lagoncinhos*, que se venera n'este sitio.

Tinha mais a magestosa Ponte do Ave (a 2 kilometros da sua foz) em Villa do Conde que, pouco depois de construida, foi demolida por uma enchente em 1822. D'ella apenas restam os pégões.

Tem tambem a bellissima ponte pensil da *Barca-da-Troffa*, sobre a estrada real de Lisboa.

Só os primeiros 2 kilometros, desde a sua foz, isto é, até Villa do Conde, é navegavel para navios; d'ahi para cima tem açudes, que impossibilitam a navegação.

Tem lampreias, saveis e varias qualidades de peixe.

Suas margens são quasi todas cultivadas e muito ferteis, e em partes cobertas de frondoso arvoredo.

Ptolomeu chama *Avus* a este rio. Diz que corre á vista da famosa cidade de *Cinania*, cujas ruinas (vestigios) se vêem no sitio chamado hoje Citania. (Vide Cinania e Citania.)

Já disse que uma das pontes que cortam este rio se chama de S. João; fica a 6 kilometros ao N. de Guimarães. Quando alguem d'estes sitios está doente vae, com um padre á meia noite em ponto, ao meio da ponte, levando meio alqueire de painço e tres punhados de sal. O padre lê os exorcismos, o doente atira da ponte abaixo o painço e o sal, e o diabo (que, mettido no corpo do doente, lhe causava a molestia) sahe, para se ir entreter a contar os grãos do painço e fica o doente são. D'estas superstições encontram-se muitas em todo o reino.

No logar de Pedroso, perto d'este rio e da cidade de Braga, houve em 1071 grande batalha entre os portuguezes, commandados pelo conde D. Nuno Mendes, e os castelhanos, commandados por D. Garcia, rei de Portugal e Galliza.

Os portuguezes eram muito poucos e indisciplinados, e os castelhanos, muitos e praticos na guerra. O conde foi morto e os portuguezes derrotados.

Passa proximo (a 100 metros de distancia) das celebres Caldas das Taipas, que ficam na esquerda: passa em Santo Thyrso e outras povoações; fertilisa muitos campos e faz moer diversas azenhas.

Divide o arcebispado de Braga do bispado do Porto.

A sua barra é de pouco fundo; mas está muito melhor desde que D. João Pires da Maia mandou quebrar um penhasco que obstruia a foz d'este rio.

O Ave passa pelas freguezias de Retorta, Tougues, Macieira, Fornêllo, Guidões, Troffa, S. Thiago, S. Martinho de Bougado e Riba de Ave, Azurara e Villa do Conde.

AVEÇADA, VEÇADA ou **VESSADA**—ribeira, Alemtejo, priorado do Crato, termo da

villa de Envendos. Nasce na serra do *Pôio*. Tambem se chama Ribeira de S. Miguel, e morre no Tejo, com o nome de *Cannas*. Suas margens são em muitas partes cultivadas e ferteis, tendo vinhas, olivaes, e outras arvores. Tem moinhos e lagares de azeite. Rega. Tem peixe.

AVECASTA ou **AVE-CASTA**—aldeia. Extremadura, freguezia de Nossa Senhora da Graça das Areias, concelho de Ferreira do Zezere. (Foi antigamente do concelho da villa de Pias.)

Ha aqui uma capella de S. João Degolado e pouco acima d'ella, uma lapa, pela qual se desce para uma caverna redonda, que lhe serve de pateo; na qual se levanta um arco de pedra, que tem de largo mais de 13 metros, e de alto $5^1/_2$.

Por onde se entra para esta caverna (que é muito espaçosa) tem o tecto formado de abobada, feita na pedra. Vista de fóra, parece escura, mas dentro é bastante clara. Para o lado esquerdo, abre uma boca, por onde cabe um boi, tão escura e medonha, que ainda ninguem se atreveu a vêr onde ella termina.

AVEIRAS DE BAIXO—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho e 3 kilometros ao N. de Azambuja, 65 a NE. de Lisboa, 370 fogos.

Tinha em 1757, 52 fogos e 200 almas.

Foi condado.

Situada em uma baixa cercada de montes. Pelo E. é banhada pelo ribeiro do seu nome, que a fertilisa.

Feira a 8 de setembro. E' fertil.

No logar das Virtudes tem um convento que foi de frades franciscanos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa. Eram seus donatarios os conde de Aveiras.

O vigario era apresentado pela commendadeira de Santos-o-Novo, da Ordem de S. Thiago da Espada, de Lisboa, e tinha de renda 60$000 réis.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada nem quando caiu em poder dos portuguezes.

D. Sancho I lhe deu foral, em janeiro de 1207, que seu filho, D. Affonso II, confirmou em Santarem, em 1218.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 13 de setembro de 1513.

Tambem se chamava antigamente *Veeiras*.

O primeiro conde de Aveiras foi D. João da Silva Tello de Menezes, por Filippe IV, em 24 de fevereiro de 1640.

AVEIRAS DE CIMA—villa, Extremadura, no mesmo concelho e comarca da antecedente, 72 kilometros ao NE. de Lisboa, e 6 a NNE. da Azambuja, 470 fogos.

Tinha em 1757, 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Como a antecedente, não pude saber quem foi o seu fundador, nem a data da sua fundação. E' tambem muito antiga, pois D. Sancho I a povoou e lhe deu foral, em 1210. (Franklim não falla n'este foral antigo.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 13 de setembro de 1513.

Antigamente tambem se chamava *Weiras*.

E' situada n'um valle pouco apraasivel, d'onde nada se descobre.

O vigario era apresentado (como o de Aveiras de Baixo) pela commendadeira de Santos-o-Novo, de Lisboa. Tinha de renda 150$000 réis.

A matriz é templo antigo e tosco.

E'. muito fertil de todos os generos agricolas; tem muito gado, grosso e miudo, mel, cêra e caça. No seu termo ha muitas e boas quintas.

AVEIRO—aldeia, na Terra de Pannoyas, Traz-os-Montes. D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de agosto de 1274.

Não tive outras noticias d'esta povoação.

AVEIRO—Povoação em Traz-os-Montes.

D. Sancho II lhe deu foral a 9 de setembro de 1225. Confirmado, em Coimbra, por seu irmão D. Affonso III, em 1250. Julgo que é a mesma de cima.

AVEIRO—cidade, Douro, bispado, e districto administrativo, 54 kilometros ao S. do Porto, 72 a O. de Vizeu, 258 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos, 6:000 almas, em duas freguezias (Nossa Senhora da Gloria e Vera

Cruz) comarca 7:800 fogos, districto 58:120.

Até 1834 tinha quatro freguezias: Santa Cruz ou Vera Cruz, vigariaria, com 60$000 réis de rendimento; S. Miguel, priorado com 140$000 réis; Espirito Santo, vigariaria, com 80$000 réis; S. Gonçalo, que depois mudeu para Nossa Senhora da Apresentação e por fim para Nossa Senhora da Gloria, vigariaria, com 70$000. Eram todas apresentação do rei, como grão-mestre da Ordem de Aviz, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Situada nas duas margens da ria do seu nome, a SO. e perto da foz do Vouga, 40° e 11' de latitude N., 15' de longitude oriental.

Consta que foi fundada por Brigo, chefe dos turdulos e depois quarto rei das Hespanhas, no anno do 2690 (1314 antes de Jesus Christo).

Ha aqui um enorme anachronismo. Brigo viveu pelos annos do mundo 1940, então foi 2064 antes de Jesus Christo, e não 1314.

Parece-me que houve dois reis Brigos nas Hespanhas, aliás não se combina muita cousa.

Diz-se que o assento primitivo d'esta cidade, era onde hoje está a povoação de *Cacía*, na margem esquerda do Vouga. Seu primeiro nome foi *Talabriga*.

Mas, se assim foi, quando se fez o Itinerario de Antonino Pio, já Talabrica era onde hoje é Aveiro.

Plinio, o Novo, que foi questor em Hespanha, tambem diz que Talabrica é no sitio actual de Aveiro, não no de Cacía ou Esgueira; pois escreve elle: *A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Pessuri, flumen Vacca* (Vouga) *Oppidum Talabrica, etc.*,

Tambem alguns pretendem que a primeira situação de Aveiro era no sitio onde hoje está a pequena villa de Esgueira; e até alguns dizem que é onde está Agueda. (Outros dizem que Eminium é a actual Aveiro e não Agueda.)

Tudo induz a crêr que a velha cidade de Talabriga era no mesmo sitio onde está a actual Aveiro.

Na egreja de Fermedo está uma inscripção do anno 28 de Cesar, que falla em *Aviobriga*. Seria primeiro nome de Aveiro? (Vide Fermedo.)

Foi cidade importantissima e muito commercial no tempo dos romanos, que, alatinisando a palavra (como costumavam) lhe chamavam Talabrica.

Ainda em 1550 tinha 12:000 habitantes e 150 navios (quasi todos aqui construidos, e sendo alguns naus e galeões.)

Só para a pesca do bacalhau no *Banco da Terra Nova* (descoberto por navegantes de Aveiro) armava mais de 60 navios.

E mais de cem saiam d'aqui annualmente carregados de sal, das suas marinhas, para varios portos do reino e do Ultramar.

Como a barra é de areia, se foi pouco a pouco entulhando, a ponto de só dar passagem a hiates e outros vasos menores, o que causou a grande e rapida decadencia d'esta cidade; de modo que até deixou por muitos annos de ser comarca, ficando sugeita ao corregedor de Esgueira, pequena villa a 1 kilometros ao N. de Aveiro.

O infante D. Pedro (filho de D. João I) duque de Coimbra, e irmão de D. Duarte I, quando foi regente, na menoridade de seu sobrinho e genro D. Affonso V, mandou cingir de muralhas o bairro do Sul, as quaes tinham oito portas, que são: a da Villa, Sol, Campo, Cojo, Ribeira, Albôi, Rabães e Vagos. As muralhas eram muito altas, e obra magnifica. Ainda existem alguns lanços d'ellas; mas grande parte foram demolidas, para os seus materiaes serem empregados nas obras da barra, por aqui não haver pedra.

Foi este mesmo infante e pelo mesmo tempo (pelos annos de 1444) que reedificou Aveiro, que estava muito arruinada e a mandou povoar do lado do sul (pois estava quasi deserta de uma e outra margem do esteiro.)

Tem um theatro, na rua da Corredoura, e um principiado, de muito bom risco e dimensões proprias de um theatro para uma cidade; as obras, porém, não teem continuado.

Tinha seis conventos (tres de cada sexo) e um recolhimento, de que mais adiante tratarei. Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.°.

Grande feira a 25 de março, nove dias, e no primeiro de novembro, e mercado no ultimo dia de cada mez.

Tem bom cemiterio, com ruas espaçosas, orladas de murta e ciprestes.

Tem um lindo passeio publico, chamado de Santo Antonio, com gigantescas arvores, e lindas vistas. Era uma antiga alameda, situada no mais alto da cidade, entre a porta de Vagos e o convento de Santo Antonio.

—

Tem lyceu, e um seminario com quatro cadeiras (historia sagrada, theologia moral, instituições canonicas e theologia dogmatica.)

Na Sé tambem ha uma aula de cantochão.

A terça parte da villa de Aveiro era do mosteiro de Tarouca. D. Diniz lhe deu por isto a villa de Sande, em 1306.

E' aqui (em Esgueira) a 32.ª estação do caminho de ferro do Norte.

O benemerito e eloquentissimo orador republicano José Estevam Coelho de Magalhães, que tanto pugnou pelos melhoramentos da sua terra (Aveiro) conseguiu que se fizesse por aqui a estrada de ferro do Norte, persuadindo-se que ella traria dias de prosperidade a Aveiro; mas falharam suas aspirações generosas. A cidade pouco ou nada prospéra com o caminho de ferro; e este, trazido (contra todas as leis da economia, contra todas as regras da arte, e contra a promossão dos interesses do paiz, em geral, e da companhia constructora em especial) por muitos kilometros de terrenos pantanosos e alagadiços, e por a extremidade occidental do reino, nunca ha de ser o que podia e devia ser, se fosse mais central.

Tem egreja da Misericordia (das mais sumptuosas de Portugal) e hospital muito bom.

Foi desde 1814 até 1834, quartel do batalhão de caçadores n.º 10

D. Manuel lhe deu foral, a 4 de agosto de 1515. Este foral o é tambem de Agueda, Testada, Trovisco e Villar. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 207 v., col 2.ª)

Junto a Aveiro (então Talabrica) passava a via militar romana que, saindo da antiga *Coimbra*, (hoje Condeixa a Velha) ia junto a *Lancobrica* (Feira) e d'ahi a *Cale* (Gaia). Vide Itinerario de Antonino Pio e S. Felix da Marinha.

Teve Aveiro muitos e grandes privilegios.

D. Diniz, na era de 1370 (1332 de Jesus Christo) ordenou que seus moradores não pagassem certo tributo, nem fossem presos por culpas leves.

D. Duarte ordenou que, durante a feira de março, se não podesse prender nenhum criminoso, que a ella viesse comprar ou vender, salvo se n'ella fizesse novo crime; nem podia pessoa alguma ser, na feira, citada por dividas, só se fossem alli contrahidas.

O infante D. Pedro, regente (o que fez as muralhas) ordenou (e D. João II confirmou depois) que nenhum fidalgo, ou pessoa poderosa, podesse estar mais de quatro dias em Aveiro, sem beneplacito de seus moradores.

Tinha ainda outros muitos privilegios, prerogativas e isenções, que seria longo enumerar. D. João IV confirmou todos estes privilegios em 1641. Os de Aveiro têem tambem privilegio de *infanções*, como Lisboa, Feira, Porto, Braga e Coimbra.

No grande e tempestuoso inverno de 1575, entulhou-se a barra, a ponto de não o poder entrar um hiate. Os campos tornaram-se então alagadiços e estereis; a producção das marinhas diminuiu espantosamente, e quasi cessou a pescaria. A cidade tornou-se insalubre (por causa das aguas estagnadas) e entrou a despovoar-se, reduzindo-se a menos de 4:000 almas.

Até este fatal inverno, os campos de Aveiro produziam 30:000 moios de trigo, e suas marinhas davam 16:000 moios de sal. O mal foi-se aggravando, e no fim do seculo passado a barra ainda peorou, sendo removida 30 kilometros para o S., o que mais infeliz tornou Aveiro. Hoje produz uns 12 a 14:000 moios de trigo, 1:500 moios de arroz e 20:500 moios de sal.

Tem grande abundancia de pastos, onde cria muito gado e muitos e bons cavallos, e de todos os mais generos agricolas com muita abundancia.

Anda por 300 navios que saem e entram annualmente n'este porto.

Em 1808, conseguiu-se desentulhar e alargar a barra, construindo-se um paredão sobre a ria; mas este paredão tem-se arruinado bastante.

Se se conseguir desentupir bem a barra, e feitas as estradas transversaes (e já algumas se têem feito) que liguem Aveiro com as povoações proximas, como já está ligada com Lisboa e Porto, pela estrada de ferro; e, sobretudo, se houver decidida vontade e dedicação nas camaras e povo aveirenses, ainda poderemos ver esta bella cidade rejuvenescida, tornar aos dias felizes do seu antigo esplendor, e ser uma das mais formosas e ricas cidades portuguezas. (Se porém lhe supprimirem o bispado e o districto administrativo, para o que tantas tentativas têem feito os governos do reino, dar-lhe-hão um golpe tremendo, de que tarde e difficilmente sarará. Deus queira que essas duas medidas se não realisem).

A situação d'esta cidade, em uma amena, deliciosa e feracissima planicie, é das mais bellas de Portugal, e com muita razão se lhe chama a *Veneza lusitana.*

Seu clima actualmente é bom, e seus arrabaldes são lindos e fertilissimos.

A celebre *Ria d'Aveiro*, é uma especie de lago de agua salgada, de pouco fundo, que communica com o mar, pela *barra velha*, junto a Mira; e pela *barra nova*, que foi aberta em 1808, pelos distinctos engenheiros, o brigadeiro Oudinot e o tenente coronel Luiz Gomes de Carvalho. Principiaram os trabalhos em 1802 e se concluiram em 1808. O dique (ou paredão) que então se fez, tem 2:690 metros de comprido, 16 de largura e altura superior ás maiores marés (custando esta obra cem contos de réis) e pela communicação que o mar abriu em 1838, ao sul da *barra nova.*

N'este canal ou communicação se pesca muito polvo.

Uma *lingua* de areia, que se estende desde Ovar até á *barra velha* (onde estão as povoações do Furadouro, Torreira e S. Jacintho) e que tem 40 kilometros de comprido, e de 500 a 1:000 metros de largura, separa do mar, esta *ria*, que tem 40 kilometros de comprido de N. a S. (como a lingua de areia já dita, que lhe fica parallella) e 3 kilometros na sua maior largura. N'esta *ria* desaguam os rios Antuan, Vouga, Soza (ou Souza) e varios ribeiros e regatos.

As margens d'esta *ria*, do lado de terra (E.) são em grande parte cultivadas e feracissimas, e n'ellas ha ricas freguezias e bonitas povoações (que se declararão nas terras competentes).

Parece que no tempo dos romanos não havia ainda este aggregado de aguas, e é provavel que torne a desapparecer; porque a ria vae diariamente diminuindo de fundo.

A ria produz um rendimento incalculavel em sal (que é optimo) peixe, e caça paludial. Produz tambem uma herva sub-marinha (especie d'alga) a que se chama aqui *moliço*, a qual misturada com lodo (e até com areia) é um optimo adubo para as terras.

Muitas dezenas de barcos andam constantemente empregados na extracção do *moliço*, e o seu rendimento annual se calcula em muitos contos de réis.

Apezar da barra de Aveiro não ser ainda o que podia e devia ser, pois que a melhor obra d'ella é feita pelo mar (como já disse) em 1838, a cidade tem em nossos dias melhorado consideravelmente, e o seu commercio vae tomando muito animador desenvolvimento.

Exporta em grande abundancia laranja, pera, maçãs e ovos, (diz o padre Cardoso, que chegaram aqui a haver tantas gallinhas, que exportava annualmente para Lisboa mais de 3:200$000 réis de ovos!) vinho, cortiça e grande porção de bellissima louça de porcellana, da magnifica fabrica dos srs. Pintos Bastos. (Vide Vista Alegre).

No concelho de Aveiro ha minas de mercurio, e muito kaolim. No districto administrativo ha grandes minas de carvão de pedra, de cobre e de chumbo. (Vide Paiva, Braçal, Palhal, Telhadella, Carvalhal, Malhada, Covão da Mó e Albergaria Velha).

Em eras remotissimas (no tempo dos turdulos) houve aqui tal fome, causada por uma grande e obstinada secca, que os habitantes de *Talabriga* emigraram para a serra da Estrella, indo formar no Riba-Côa, o *paiz dos transcudanos.*

Em 431 (antes de Jesus Christo) aportou aqui o capitão carthaginez *Himilcon*, e já achou outra vez o paiz povoado pelos mesmos turdulos.

D'ahi a 67 annos (362 antes de Jesus Christo) os celtas e turdetanos, invadiram este paiz (pacificamente) e ampliaram *Talabriga*. Fundaram *Eminio* (Agueda) *Lameca* (Lamego) *Conimbriga* (Coimbra) etc. (Quem quizer ver isto mais circumstanciadamente, leia:—*Brito, de Lus.*, liv. 2.º, cap. 10 a 30. *Itinerario do imperador Antonino Pio. Columella*, liv. 8.º, cap. 1.º Plinio, Ptolomeu, etc., etc.)

Pelos annos 152 de Jesus Christo, no tempo do imperador Marco Aurelio, os mauritanos invadiram esta cidade, por mar, saqueando-a e incendiando-a; mas foi logo reedificada com a ajuda dos romanos.

Não se sabe quando *Talabrica* deixou este nome, para tomar o de Aveiro; mas é certo que já tinha o actual, no tempo do conde D. Henrique.

Suppõe-se que a palavra Aveiro, é corrupção do latim *Aviarium* (pelas muitas aves que aqui havia e ha) dizendo-se depois *Averium*, e, finalmente *Aveiro*. *Aviarium* quer dizer logar com muitos lagos ou lagoas, onde ha muitas aves palmipedes.

Dizem outros que o actual nome d'esta cidade lhe foi imposto pelos normandos, ou pelos gascões (que, como se sabe, invadiam frequentemente as nossas costas e margens dos rios; primeiro roubando e depois tornando-se nossos amigos, fundando ou reedicando povoações), os quaes lhe deram o nome de *Aviron* (remo) ou *ville d'Aviron* (cidade do remo). Inclino-me mais a esta opinião (apesar de ser a menos seguida) do que ás outras, por a achar muito verosimil.

Tambem é verosimil a opinião dos que sustentam que a palavra Aveiro lhe foi imposta pelos normandos, pela similhança topographica que esta cidade tinha com *Aveyron*, de França. (Note-se que os antigos escreviam *Aveyro*).

Fernão de Oliveira, no cap. 31 da *Linguagem Portuyueza*, diz que este nome lhe foi dado, porque antigamente morava aqui um caçador de *aves*, alcunhado por isso o *Aveiro*.

Brandrant no seu *Lexicon Geographico*, diz que Aveiro se chamava antigamente *Lavare*.

Foram senhores de Aveiro, por heranças, os conventos de S. Bernardo, de Cellas, e de S. João de Tarouca, (e depois, de muitos donatarios) da coroa (desde o infeliz D. José Mascarenhas, seu ultimo duque), porque D. Diniz deu aos frades de Tarouca a villa de Touça, o padroado da egreja de Samodães e outras cousas; e ás freiras de Cellas a villa das Eiras com a sua jurisdicção, direitos e padroado, que tiveram até 1834.

A primeira donataria de Aveiro, foi a infanta D. Urraca Affonso, irmã de D. Sancho I, pelos annos 1200.

Aveiro tem tido, em todos os tempos, distinctos e arrojados navegadores.

Já disse que uns nautas d'aqui descobriram a Terra Nova (ou de Labrador) na costa septentrional da America.

Era de Aveiro o famoso João Affonso de Aveiro, que, em tempo de D. João II, descobriu, na costa d'Africa, a ilha a que deu o seu appellido; e na terra firme, o reino de Beny, d'onde trouxe a Portugal um embaixador com noticias do denominado *Preste João;* e que, com suas descobertas, foi a causa proxima da descoberta da India.

Aqui nasceu Manuel Soares de Albergaria, mestre de campo, governador de Buarcos, e de Parahiba, no Brazil.

Foi natural de Aveiro a famosissima heroina Antonia Rodrigues (nascida a 31 de março de 1580). Da idade de 15 annos se apresentou, vestida de homem, em Mazagão (Africa) e sentando alli praça, obrou espantosas façanhas contra os mouros. El-rei a quiz ver e lhe deu uma boa tença. Era formosissima e casou com um cavalleiro muito rico.

Aveiro é patria do distincto e benemerito patriota, e honradissimo republicano, José Estevão Coelho de Magalhães, o mais eloquente orador dos nossos dias. Nasceu a 26 de dezembro de 1809, e morreu em Lisboa, a 3 de novembro de 1861.

Muitos mais varões famosos pelas armas e pelas lettras, tem tido Aveiro, que seria longo enumerar.

Com as continuas guerras dos seculos VIII, IX, X e XI, em que Aveiro, além de dar muitas vezes o campo de batalha, era invadida frequentemente por mar, pelas esquadras agarenas, se tornou uma povoação inhabitavel; pelo que foi abandonada de seus moradores, e caindo em ruinas, esteve quasi deshabitada, (apesar dos privilegios que D. Diniz e D. Duarte concederam aos habitantes de Aveiro, e aos que para aqui se quizessem vir estabelecer) até ao seculo XV, em que o infante regente D. Pedro, duque de Coimbra (vide Alfarrobeira) a reedificou e a cingiu de altas muralhas, como já disse, em 1444, mandando-a então povoar de novo do lado do sul.

A barra (que então dava ingresso a toda a qualidade de navios), a feracidade e belleza de seus campos, as riquezas que lhe dava a ria, em sal e peixe e os muitos privilegios de que gozavam os moradores da villa de Aveiro, bem depressa attrairam para aqui muita gente, que, transpondo os muros de circumvalação, foram repovoar e reconstruir a parte septentrional, augmentando novos bairros á povoação.

Já disse o que aconteceu em 1575, e como as obras de 1808, e ainda mais a obra feita pelo mar em 1838, concorreram para dar nova vida a esta cidade.

Tem Aveiro cinco bairros, comprehendendo o do arrabalde. O mais antigo (ao S. do esteiro) é o que está cingido de muralhas.

O esteiro divide a cidade em duas partes, que estão ligadas por duas pontes de pedra.

Tinha quatro freguezias (que eram da Ordem de Aviz.)

A *Sé*, no bairro antigo.

Vera Cruz, boa egreja de tres naves, no bairro do norte.

Espirito Santo, no bairro do sul, de architectura antiga.

E a do *Archanjo S. Miguel* (vide adiante) tambem a Sul.

Nos districtos d'estas freguezias ha 14 capellas.

Em 11 de outubro de 1835, o governador civil de Aveiro, José Joaquim Lopes de Lima, mandou publicar um alvará, reduzindo a duas as quatro freguezias da cidade, ficando as duas freguezias de S. Miguel e Espirito Santo formando uma só, e servindo-lhe de matriz a egreja do convento dos frades dominicos, e mandando demolir aquellas duas egrejas. Era então bispo d'Aveiro D. Manuel Pacheco de Rezende, que por portaria de 13 do mesmo mez e anno, consentiu immediatamente n'isto.

Poucos dias depois foram levadas as santas imagens das duas egrejas supprimidas, para a que fôra dos frades dominicanos, que, segundo o tal alvará, ficou sendo a parochia ao S. da ria.

Logo em novembro de 1835 foi demolida a egreja de S. Miguel, sendo parte do material roubado e parte applicado a edificação de um cemiterio, e os sinos collocados na Sé, onde estiveram até maio de 1862.

Suppõe-se, com muito bons fundamentos, que a sanha do governador civil, bispo e outros influentes contra a egreja de S. Miguel era o nome do seu orago, e tanto que a egreja de S. Domingos, cuja invocação (como adiante se verá) era de Nossa Senhora da Piedade, foi chrismada com a de *Nossa Senhora da Gloria*.

Uma vez que os vandalos do seculo XIX arrazaram mais este venerando monumento dos nossos maiores, julgo a proposito dar alguns esclarecimentos sobre a vetusta egreja de S. Miguel.

Era ella situada no *Largo de S. Miguel* (hoje tambem chrismado em *Praça Municipal*). O exterior do templo era d'architectura pesada e triste, indicando muita antiguidade. O frontespicio estava voltado para onde está agora o lyceu. Perto da entrada para a camara ecclesiastica ficava a torre, que era alta, elegante e tinha tres bons sinos.

A egreja era sagrada e tinha 12 altares. Além d'estes havia duas capellas exteriores que communicavam com ella.

Todos estes altares eram tratados com muito aceio, uns por irmandades, outros por particulares, em cumprimento de legados pios, que desde 1834 nunca mais se cumpriram.

Possuia esta egreja bellas imagens, optimos retabulos e quadros magnificos.

O altar de S. Sebastião tinha uma reliquia d'este santo, que só sahia em procissão, no seu dia (20 de janeiro) acompanhada do senado da camara, clero, nobresa e povo, a uma ermida que existia no extremo S. da cidade, da invocação do mesmo santo. Esta reliquia foi dada á egreja de S. Miguel por D. João III, em 1524, por occasião de uma grande peste que houve n'esta cidade. (Querem alguns que fosse D. Sebastião, mas é mais provavel que fosse seu avô.)

Tinha esta egreja cinco beneficiados, sendo um d'elles coadjutor e um thesoureiro, os quaes todos os dias resavam em côro, presidindo o parocho, que tinha o titulo de prior e era juiz da ordem de Aviz, e, bem como os beneficiados, era apresentado pelo rei como grão-mestre da ordem. O thesoureiro, que podia ser secular, era apresentado pelo prior-mór de Aviz e confirmado pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens.

Não está evidenciada a época da fundação d'esta egreja. Alguns a suppõem anterior á fundação da monarchia; outros julgam que a mandou edificar D. Affonso Henriques' por ser muito devoto d'este santo, e ter edificado muitas egrejas da mesma invocação.

Segundo Pedro de Mariz (*Dialogos de Varia Historia*) a pag. 190, o infante D. Pedro, filho de D. João I, que residiu aqui muito tempo, a mandara edificar, em cumprimento de um voto que fez por occasião de uma grave enfermidade que o accommetteu aqui, mandando tambem então edificar outra na villa de Penella com a mesma invocação.

Se foi o infante Pedro que a edificou, teve isto logar pelos annos 1420. É, porém, mais provavel que D. Pedro a reedificasse ou ampliasse; porque desde D. Sancho I que Aveiro tinha o titulo de villa e esta egreja talvez que fosse a matriz da freguezia (qualquer que fosse o seu orago) porque é certo que em 929 era Aveiro povoação christã, pois a condessa *Mumadona* fez doação de umas terras e marinhas em Aveiro, ao mosteiro de frades bentos de Guimarães, e não é crivel que a condessa doasse a um mosteiro christão propriedades situadas em povoação de mouros.

Tem esta cidade casas nobres e de boa e agradavel apparencia; bom caes de cantaria, onde chegam os navios, e soffrivel alfandega.

Tem cinco fontes, sendo a principal a da Ribeira, na praça, e para a qual vem a agua por um bom aqueducto sobre arcaria de pedra e cal.

Os arrabaldes de Aveiro, povoados de muitas quintas, hortas, pomares, varias casas de habitação e extensas veigas cultivadas e arborisadas, regadas por varias fontes, são bellos e feracissimos.

De duas maneiras tenho visto pintadas as armas de Aveiro. Umas são: —no meio do escudo as quinas reaes; do lado direito uma aguia parda com as azas estendidas (que, parece, lhe deram os romanos) mettida entre duas meias luas e duas estrellas de prata postas em aspa (insignias provavelmente das navegações dos aveirenses); e no lado esquerdo a esphera, insignia de D. Manuel.

Mas as suas armas, segundo o desenho, que está na Torre do Tombo, são:

Em um escudo, sobre campo verde, duas estrellas e duas meias luas, de prata, e um cysne, tambem de prata, sobre ondas azues.

—

Tractemos agora dos conventos, seguindo a ordem das suas antiguidades.

1.º Nossa Senhora da Misericordia, de frades dominicos, fundado pelo infante D. Pedro, em 1443 (quando era regente do reino) defronte do convento de Jesus, de freiras da mesma ordem de S. Domingos. A capella mor era da casa dos marquezes d'Arronches. É hoje a egreja matriz da freguezia da *Gloria*, como ja disse.

Tambem se chamou de *Nossa Senhora do Pranto*, e depois de *Nossa Senhora da Piedade*.

O proprio infante lhe lançou a primeira pedra a 23 de maio do dito anno de 1443, precedendo, para a sua ereção, bulla do papa Martinho V. de 19 de fevereiro do mesmo anno.

Foi consagrado, e a igreja, pelo bispo de

Coimbra, D. Jorge d'Almeida, em 20 de janeiro de 1464.

El-rei D. Duarte lhe concedeu grandes privilegios, que foram confirmados pelo papa Eugenio IV.

A primeira missa, foi dita por fr. Mendo de Santarem, vigario dos conventos reformados.

O povo d'Aveiro deu a maior parte do chão, que era baldio, e o infante comprou o resto.

Os primeiros frades vieram de Bemfica.

Segundo fr. Luiz de Souza e a tradição, deu origem a este convento o caso seguinte

(Não sei se alguem *embirrará* de eu para aqui trazer milagres, e referir as crenças dos nossos passados; mas o meu fim, n'esta obra, é registar *tudo* quanto diz respeito a cada terra. Quem não quizer acreditar em milagres não acredite; mas deixemos o nosso bom povo portuguez com as suas crenças; que são mais felizes com ellas, do que os incredulos que vivem sem fé.)

Vamos ao milagre.

Vivia no meiado do seculo XV. em Aveiro (então villa) um velho chamado *Affonso Domingues*, tão carregado de janeiros, como cheio de virtudes, e que havia muitos annos estava na cama, tolhido de pés e mãos. Em 5 de agosto de 1442, appareceu o bom velho, são e escorreito em casa do infante (que estava então em Aveiro) e lhe diz que lhe havia apparecido N. Senhora, na noute do dia quatro, e o mandara levantar da cama e tomar uma enchada, e levando-o ao sitio onde depois foi o convento, ella se sentou na escada que sobe para o muro.

Ainda alli existe um nicho, com uma imagem de *Nossa Senhora da Escadinha* (em memoria d'isto) que se festeja na noute de quatro d'agosto, com fogueiras, repuchos, musica, fuguetes, etc.

E d'alli lhe mandou com a enchada *riscar* o terreno que queria, para n'elle se fundar um convento, da O. de S. Domigos.

O infante acreditou o bom do homem e esteve por o que *Nossa Senhora queria*, tratando logo da construcção do convento.

Pela uma hora da tarde do dia 18 de outubro de 1843, rompeu um violento incendio n'este edificio, que em poucas horas o reduziu a cinzas, salvando-se com grande custo e perigo a egreja (o que se póde reputar milagre, porque o paiol da polvora era junto d'ella, e tambem ardeu e foi pelos ares) a cosinha, refeitorio, cellas dos priores e livraria, que tudo fica á entrada. O mais ficou um montão de ruinas.

Ardeu toda a bagagem do destacamento, que fazia aqui o seu quartel, a arrecadação do caserneiro e as armas e correames da guarda de segurança.

Receando o povo que a egreja se não pudesse salvar, tiraram o Santissimo Sacramento para a visinha egreja do convento de Jesus, e tiraram todas as imagens e retabulos; mas estragaram muita cousa, com a grande pressa em despregar os quadros; com o que se fez um prejuizo de mais de 800$000 réis.

Consta que o fogo foi deitado de proposito por o destacamento, por não gostar d'aque quartel e querer outro.

Segundo convento:

Mosteiro de Jesus, de freiras dominicas (ainda tem freiras.)

Foi fundado por D. Affonso V.

Concorreu muito para esta obra D. Brites Leitoa, natural de Aveiro.

D. Brites (ou Beatriz) Leitoa, era uma senhora nobre. Foi em creança para os paços dos infantes D. Pedro e D. Isabel (tios e sogros de D. Affonso V) que a casaram com Diogo de Athaide (da casa de Athouguia) fidalgo da casa do rei. Ficou viuva aos 27 annos de edade, e foi para uma sua quinta que tinha em *Ouca*, proximo a Aveiro, com duas filhas, D. Maria de Athaide e D. Catharina de Athaide. Depois, a viuva com as suas duas filhas e D. Mecia Pereira, da casa dos condes da Feira, e uma sua irmã, dama do paço, e D. Leonor de Menezes, da casa de Vianna, se recolheram a umas casas ao pé da Misericordia, e ahi viveram reclusas, até que o rei fundou o convento de Jesus, onde todas estas senhoras professaram.

A bulla para a creação d'este convento, foi expedida pelo papa Pio II, em 16 de maio de 1461. A primeira pedra foi lançada

a 15 de janeiro de 1462, pelo proprio D. Affonso V e por D. João Galvão, bispo de Coimbra (pegando ambos na mesma pedra.)

D. Brites Leitoa, era senhora de Ouca e apresentava as egrejas de Fermelan, Valmaior e S. João de Loure, com mais quatro annexas. Tudo isto e quanto possuia e suas filhas, deu D. Brites a este mosteiro.

Foi ella a primeira prioreza.

A infanta santa, D. Joanna, filha de D. Affonso V, aqui professou, viveu, morreu e jaz sepultada. Foi beatificada a 4 de abril de 1693.

Havendo peste em Aveiro, em 1469, a dita infanta saiu do convento, levando consigo a prioreza D. Brites e mais seis freiras. A prioreza morreu, de doença, em Abrantes, a 3 de agosto, d'esse anno de 1469, com cheiro de santidade.

A capella-mór da egreja d'este convento, era dos Tavares, de Tavora.

Tanto este convento, como o antecedente, ficam dentro da porta do Sol.

Terceiro convento:

Fóra da porta de Vagos, é o convento de frades franciscanos (*Antoninhos*) da provincia da Soledade. Tem uma boa cêrca, regada por um ribeiro e varias fontes.

Foi fundado por João Martins de Cafanhão (ou Gafanhão) cavalleiro da Ordem de Christo, e sua mulher Isabel da Costa, de Aveiro, em 1524. Elles deram o chão (que era uma horta muito grande) e a obra se fez á custa do povo.

Foi mal construido, ou edificado com maus materiaes, pois logo d'ahi a 40 annos (1564) foi reconstruido.

A capella-mór e o padroado do convento era de Jorge Moniz, senhor de Angeja, e depois passou para a casa de Villa-Verde

Quarto convento:

Na extremidade septentrional da cidade, é o convento de frades carmelitas descalços, fundado em 1613, por D. Brites de Lara, mulher de D. Pedro de Medicis, irmão do grão-duque de Toscana; a qual jaz na capella-mór, em rico mausoleu de jaspe de varias côres.

Quinto convento:

Da Madre de Deus (ou de Sá) freiras, franciscanas, e ainda por algumas occupado. Era dos melhores da sua ordem, em Portugal. Fundou-se (no terreno que lhe deu Filippe de Serniche) com varias esmolas do povo, em 1644. As suas primeiras habitadoras foram vinte e quatro freiras que vieram de Almeida. A egreja é sumptuosa, e o convento magnifico e com uma optima e extensa cêrca.

Sexto convento:

Dentro dos muros da cidade, freiras carmelitas descalças (de S. João Evangelista) fundado por D. Raymundo de Alencastre, duque de Aveiro, nos seus proprios paços (os quaes lhe havia deixado com essa obrigação, D. Brites de Lara.) Entraram n'elle oito freiras, que vieram de Lisboa, aos 17 de julho de 1658. A egreja é a antiga capella dos paços. Eram padroeiros os duques de Aveiro. (Só um seculo, muito certo, lhe durou o padroado d'este convento.)

Tem mais Aveiro um recolhimento de terceiros de S. Francisco, que viviam em clausura, chamado de S. Bernardino.

—

Do que fica dito se vê por quantas alternativas de fortuna e desgraça tem passado esta cidade.

Importante no tempo dos turdulos, foi por elles proprios abandonada (ahi pelos annos 500 antes de Jesus Christo) por causa de uma grande sêcca que então houve, e que durou uns poucos de annos.

D'ahi a 140 annos, quando já os turdulos a occupavam de novo, aqui se estabeleceram os celtas e turdetanos, que a ampliaram e deram grande desenvolvivento á sua prosperidade.

Era uma cidade grande e florescente durante quasi todo o tempo do imperio romano.

No anno 162 de Jesus Christo os mouros da Africa a assaltaram por mar, saqueando-a e incendiando-a; mas, ainda d'esta vez, poude resurgir das suas cinzas, e brevemente foi reedificada; porém muitos seculos de desgraças lhe estavam imminentes!

Ainda nos primeiros tempos do christianismo, Aveiro viveu na grandeza e prosperidade. Os imperadores Augusto, Vespazia-

no, Tito, Trajano e, sobre todos, Marco-Aurelio, muito protegeram Aveiro. (Foi no tempo d'este ultimo imperador que teve logar a invasão dos mouros africanos. Elle, em recompensa da bravura heroica com que os luzitanos resistiram a estes barbaros, não só os mandou soccorrer pelas suas aguerridas legiões romanas; mas obrigou estas, depois de expulsar os mouros, a ajudarem os luzitanos á reedificação d'esta cidade.)

Desde os annos 260 de Jesus Christo até ao de 300, foi Aveiro por muitas vezes saqueada e destruida com as continuas e encarniçadas guerras do baixo imperio.

Quando, em 400, os alanos e suevos invadiram a Luzitania, estava Aveiro em grande decadencia, pois nem mensão se faz d'esta cidade n'aquelle tempo. Esta decadencia durou ainda durante o dominio gothico (desde 585 até 716) e foi progredindo com a invasão agarena.

Não se sabe ao certo quando Aveiro principiou a ser povoação christã; mas é provavel que já o fosse em 929, isto é, que já então estivesse livre do jugo dos mouros. (Vide o que digo com respeito á egreja de S. Miguel.)

Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal (1093) já Aveiro não era havia muitos seculos a opulenta Talabrica; mas a humilde e pobre Aveiro.

E' porém certo que, pelo menos, desde o reinado de D. Sancho I, já Aveiro tinha o titulo de villa, pois que como tal a doou o mesmo rei a sua irmã, D. Urraca Affonso, como já disse.

Debalde os nossos primeiros reis concederam privilegios sobre privilegios a quem para aqui se quizesse vir estabelecer; até que o infante D. Pedro, no meado do seculo XV (1444) tratou com afinco da restauração de Aveiro, a ponto de vir para aqui residir por algum tempo, para dar maior e mais rapido desenvolvimento a esta povoação, que estava quasi deserta. E' a este infeliz principe, e tambem a seu genro e sobrinho, D. Affonso V, que Aveiro deve todo o seu desenvolvimento, que foi sempre em augmento até ao malfadado anno de 1575, em que um diuturno e tempestuosissimo inverno, entulhou a barra, reduzindo os fertilissimos campos e ricas salinas de Aveiro a pantanos infectos e insalubres, e aniquillando quasi o seu commercio maritimo.

As desgraças de Aveiro foram sempre em augmento, e ainda no fim do seculo passado, um novo temporal mudou a barra para 30 kilometros mais ao sul.

O principe regente (depois D. João VI) compadecido da triste sorte d'esta cidade, mandou aqui fazer grandes obras hydraulicas (desde 1802 até 1808) melhorando consideravelmente a barra e enxugando os pantanos.

Em 1838, o mar abriu uma nova communicação entre elle e a cidade, ao sul da barra nova, que muito tem feito prosperar Aveiro; que, se não chegou ainda a readquirir o esplendor e prosperidade dos seculos XV, XVI e XVII, vae felizmente no caminho da opulencia.

—

Aveiro foi elevada á cathegoria de cidade por D. José I, em 1760, sendo-lhe então mudado o nome para o de *Nova Bragança*, por ser odiado na côrte o nome de Aveiro, e *por o povo d'esta cidade assim o requerer*, por o duque de Aveiro e seus parentes attentarem contra a vida do rei, em Lisboa, (na calçada do Galvão) a 3 de setembro de 1758, e pelo que foram cruelmente suppliciados a 16 de janeiro de 1759.

Era tal o odio que D. Maria I tinha ao marquez de Pombal, que, subindo ao throno em 24 de fevereiro de 1777, um dos primeiros actos do seu governo foi (esquecendo de quem era filha) mandar soltar todos os que ainda estavam presos por cumplices no attentado contra a vida de seu pae, mandando-lhes revêr os processos e sendo declarados innocentes os vivos e os mortos! (Alguns dos juizes da *revisão* o tinham tambem sido da *condemnação!*)

Aveiro deixou tambem logo o seu moderno nome de Nova Bragança para retomar o velho nome de Aveiro.

Por influencia do marquez do Pombal foi esta cidade elevada a episcopal a 12 de abril de 1774. (É suffraganea de Braga.)

Só tem tido quatro bispos:—1.º

D. Antonio Freire Gameiro de Sousa;—2.º D. Antonio José Cordeiro;—3.º (o melhor de todos, apesar dos outros serem bons) D. Manuel Pacheco de Rezende;—4.º e ultimo, o bispo eleito, D. Antonio de Santo Elidio, que não chegou a ser sagrado. Morreu em 1842, e desde então se tem o bispado governado por *vigarios capitulares*.

O bispado de Aveiro tem de comprimento 66 kilometros e 650 metros, e metade de largura.

Tem 73 parochias, sete arciprestados e 29:400 fogos.

Está na provincia ecclesiastica braccarense, confinando ao N. com o bispado do Porto, ao S. com o de Coimbra, ao E. com o de Lamego e Vizeu, e ao O. com o Oceano. Só uma pequena parte d'este bispado está no districto administrativo de Coimbra; quasi todo está no de Aveiro.

O districto administrativo de Aveiro está na provincia do Douro. Tem de comprido 78 kilometros, e de largo 50.

Pertence no judicial á Relação do Porto, e no espiritual aos bispados de Aveiro, Porto, Lamego, Vizeu e Coimbra, por ter territorio n'estes cinco bispados.

Em 1855 comprehendia 7 comarcas, 24 concelhos, 172 freguezias, 60:200 fogos, e 241:000 almas.

O decreto de 24 de outubro de 1855 alterou esta circumscripção. Adiante vae a actual.

Ha no districto de Aveiro—30 olarias—1 fabrica de porcellana—1 de vidro e cristal (que está actualmente fechada)—2 de tecidos de lã—15 de telha e tijolo—3 de cortumes—2 de vellas de cebo—2 de sabão—16 de breu—1 de fundição de galena—31 de papel—2 de papellão—6 de aguardente (não contando innumeros alambiques)—18 de chapeus de lã—e 7 serralherias em ponto grande.

—

Feiras annuaes

Janeiro 15—Santo Amaro, freguezia de Beduido, concelho de Estarreja.

Março 19 a 25—Aveiro.

Maio 1—Agueda.

Junho 13—Gandara, concelho de Agueda, e no mesmo dia, de têas de linho em Cabeçaes, freguezia de Fermedo, concelho de Arouca.

Julho 13—Cabeçaes. (Chamada *Feira das debulhas*.)

Agosto 24—Arouca.

Novembro 1—Aveiro, e no mesmo dia no Béco, concelho de Agueda.

Novembro 11—Nojões, freguezia de Real, concelho de Paiva; e no mesmo dia Salreu, concelho de Estarreja.

Novembro 15—Santo Amaro, concelho de Estarreja.

Novembro 30—Esgueira, concelho de Aveiro.

—

Mercados mensaes

Dias 1—Béco, concelho de Agueda—Serabigões, concelho de Arouca.

Dias 2—Calvão, concelho de Vagos—Coelhosa, concelho de Cambra—Sobrado, concelho de Paiva.

Dias 3—Feira, villa.

Dias 4—Arrifana, concelho da Feira—Pano, concelho de Sever do Vouga.

Dias 5—Arouca, villa.

Dias 6—Almieira ou Alumieira, concelho de Oliveira d'Azemeis.

Dias 7—Canedo, concelho da Feira.

Dias 8—Beduido, cencelho de Estarreja—Salgueiro, concelho de Vagos—Travassô, concelho de Arouca.

Dias 9—Gandara, concelho de Cambra—Egreja, concelho de Vagos.

Dias 10—Vendas Novas, concelho da Feira—Fontinha, concelho de Agueda.

Dias 11—Oliveira de Azemeis (além do grande mercado semanal que se faz aos domingos)—Nojões, concelho de Paiva.

Dias 13—Cabeçaes, villa—Souto, concelho de Ovar—Vista-Alegre ou Ermida, concelho de Ilhavo.

Dias 15—Santo Amaro, concelho de Estarreja—Serabigões, concelho de Arouca.

Dias 16—Sobrado, villa, concelho de Paiva.

Dias 17—Airas ou Souto Redondo, concelho da Feira.

Dias 18—Gandara de Cesar, concelho de Oliveira de Azemeis—Piedade, concelho de Agueda.

Dias 20—Feira, villa—e desde novembro até março, inclusivè, Arouca.

Dias 21—Oliveirinha, concelho de Aveiro.

Dias 22—Espinheira, concelho de Albergaria-Velha—Travassô, concelho de Arouca.

Dias 23—Pindello, concelho de Oliveira de Azemeis.

Dias 24—Terreiro ou Sanguêdo, concelho da Feira—S. João, concelho de Ovar.

Dias 25—Murado, concelho da Feira—Moita, concelho da Anadía.

Dias 26—Capazio, concelho de Albergaria-Velha—Nojões, concelho de Paiva.

Dias 27—Nogueira de Cravo, concelho de Oliveira de Azemeis.

Dias 28—Mamarrosa, concelho de Oliveira do Bairro.

Dias 29—Palhaça, concelho de Oliveira do Bairro—S. Miguel, concelho de Ovar.

—

Mercados aos domingos

1.os domingos—Borralha, concelho de Agueda—Póvoa, concelho da Feira.

2.os domingos—Boa-Vista, concelho da Feira—Oliveira do Bairro.

3.os domingos—Villarinho, concelho da Anadía.

4.os domingos—Sant'Anna, concelho da Mealhada.

Além d'isto ha mercados (a que chamam praças) em todos os domingos, em muitas terras do districto, sendo de todos o melhor o de Oliveira de Azemeis.

—

Por não ir no logar competente porei aqui mais um illustre varão natural d'esta cidade, é *Ayres Barbosa.*

Nasceu pelos annos de 1470, sendo seus paes Fernão Barbosa e Catharina de Figueiredo.

É auctor de uma boa *Prosodia.*

Foi doutor pelas Universidades de Salamanca e Florença; e na primeira d'ellas mestre de rethorica e das linguas grega e latina.

Foi mestre do grande classico André de Rezende, em Salamanca; e sendo chamado a Portugal por D. João III, este o fez mestre de seus irmãos (depois cardeaes, e o segundo rei) os infantes D. Affonso e D. Henrique.

Fundou uma capella no territorio da villa d'Esgueira (que era vigariaría e collegiada do arcediagado de Vouga, bispado de Coimbra) da invocação de Nossa Senhora do Desterro, na qual está sepultado, com este epitaphio

«*Aqui jaz o corpo d'Ayres de Barbosa, mestre grego—era 1540. N'este anno foram trasladados os seus ossos para esta sepultura, havendo déz annos que tinha fallecido.*»

—

O primeiro duque de Aveiro foi D. João d'Alencastre, marquezes de Torres Novas, filho de D. Jorge, duque de Coimbra, por D. João III, em 1547.

Este D. Jorge era filho natural de D. João II e da duqueza D. Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro. D. João II fez todas as diligencias para fazer rei a D. Jorge, mas a rainha e a côrte se oppuzeram fórtemente, e succedeu na corôa o duque de Beja, D. Manuel.

Foi ultimo duque d'Aveiro o infeliz D. José Mascarenhas d'Alencastre (que era marquez de Gouveia desde 1749, confirmado em 26 de maio de 1752).

Morreu no patibulo, no meio dos mais barbaros tormentos, a 16 de janeiro de 1759 (na praça de Belem), pelo attentado de 3 de setembro do anno antecedente. Desde então deixou de existir o ducado de Aveiro. (Vide Guarda, para a genealogia dos duques.)

—

Aveiro tem estação telegraphica de 1.ª ordem, ou do estado.

—

Consta que deu origem ao dito—*Ir para Aveiro sem sapatos*—o facto seguinte:

Estando doente o marquez de Pombal, os

criados areiaram a calçada para attenuar o barulho dos trens. Um padre, que tinha pretenções a engraçado, passando pela frente do palacio, descalçou os sapatos por *troça*. O marquez não gostou da brincadeira, e mandou residir o padre para Aveiro. D'aqui, dizem, se originou o tal dito.

—

Julgo a proposito dar mais algumas explicações sobre a familia ducal de Aveiro, cujo ultimo membro morreu sem descendentes no principio d'este seculo.

D. Martinho Mascarenhas, a quem D. João V renovou o titulo de marquez de Gouveia, por carta de 17 de janeiro de 1714, dando-lhe a prerogativa e tratamento de *sobrinho*, era conde de Santa Cruz, mordomo-mór de el-rei e do seu conselho, senhor das villas de Lavre, Estepa, Santa Cruz e Lagens; das ilhas de Santo Antão, Flores e Corvo, commendador de Mertola, na Ordem de S. Thiago; Mendo Márques e Vargem, na Ordem de Christo; alcaide-mór do castello e villa de Mertola e dos castellos de Montemór-Novo, Grandola e Alcacer do Sal.

Casou, em 2 de junho de 1698, com D. Ignacia Rosa de Tavora, filha de Antonio Luiz de Tavora, marquez de Tavora e de sua mulher D. Leonor Maria Antonia de Mendonça, filha de Henrique de Sousa Tavares, marquez de Arronches.

D'este matrimonio tiveram dois filhos, o primogenito foi D. João Mascarenhas, e o segundo D. José Mascarenhas.

—

D. João Mascarenhas nasceu a 2 de julho de 1699 e herdou os cargos, titulos e senhorios de seu pae.

Casou a 15 de outubro de 1718 com D. Thereza de Moscoso e Aragão, filha de D. Luiz de Moscoso Osorio Mendonça e Roxas, conde d'Altamira e de Monte Agudo, marquez d'Almanza e Rosa.

—

D. João Mascarenhas renunciou todos os seus cargos, titulos e senhorios em seu irmão D. José.

Uns dizem que por não ter successão, outros dizem (e parece que é mais provavel) que apaixonando-se por uma senhora, casada com um filho da casa d'Almada, a roubou e fugiu com ella. O que é certo é que elle morreu na Hespanha e que seu irmão ficou seu universal herdeiro.

—

D. José Mascarenhas nasceu a 2 de outubro de 1708, e, pela renuncia de seu irmão, obteve os titulos de marquez de Gouveia, conde de Santa Cruz e os senhorios, morgados, alcaidarias e commendas que elle possuia como primogenito.

Foi mordomo-mór de D. João V e de D. José I, deputado da Junta dos Tres Estados e presidente do Desembargo do Paço, de que tomou posse a 30 de agosto de 1749.

Casou a 20 de julho de 1739 com D. Leonor de Tavora, filha dos condes d'Alvor, de quem teve varios filhos.

Por morte do duque de Aveiro D. Gabriel de Lencastre Ponce de Leon, litigou-se esta grande casa entre seu sobrinho D. Antonio de Lencastre Ponce de Leon e D. José Mascarenhas, marquez de Gouveia. Venceu este em 1749 e a 26 de maio de 1752 se confirmou a sentença, entrando elle na posse de tão vastos estados a 11 de agosto d'esse anno.

Ficou pois sendo desde então D. José Mascarenhas, além de marquez de Gouveia e conde de Santa Cruz, mais: duque de Aveiro, marquez de Torres Novas, senhor de Penella, Abiul, Louzã, Segadães, Recardães, Brunhido, Casal d'Alvaro e Pereira; alcaide-mór de Coimbra e Setubal, alcaide-mór e senhor de Cezimbra, Barreiro, Arrabida, Samora Correia, Torrão, Ferreira, Castro Verde, Aljustrel, Arruda, S. Thiago de Cacem, Sines, etc., etc.

—

Tão extraordinaria mudança de fortuna, que de um filho segundo passou a fazer um dos maiores senhores do reino, deslumbrou o entendimento a D. José Mascarenhas, fazendo-lhe germinar as ruins paixões (e talvez mesmo a ambição a uma coroa real) e o impelliu ao attentado de 3 de setembro de 1758.

Não se sabe com evidencia o que deu causa a este attentado, mas parece que os tiros foram dirigidos ao rei. Querem alguns que José Polycarpo, fallecido no hospital geral

de Lisboa em janeiro de 1783, confessou á hora da morte que foi elle quem disparou contra o rei.

Tinha sido sentenciado a ser queimado vivo; mas podendo evadir-se, foi declarado banido, e *queimado em estatua*. Já se vê que só regressou ao reino depois do perdão de D. Maria I.

Mas os amigos do duque de Aveiro pretendem que os tiros foram disparados unicamente contra Pedro Teixeira, de quem estava muito aggravado, e que o duque não sabia que o rei ia no coche. Isto não é lá muito verosimil.

Uma das razões que se dá na sentença proferida contra o duque e seus cumplices, a 12 de janeiro de 1759, porque elle estava aggravado do rei, é que, tendo o duque ajustado o casamento de seu filho D. Martinho Mascarenhas com D. Margarida de Lorena, irmã immediata do duque de Cadaval, ainda menor, o rei prohibiu a celebração d'este casamento.

Tambem não acho isto motivo sufficiente para que o duque se exasperasse a ponto de tentar um regicidio.

O que é certo é que o duque e os seus pagaram com a vida o seu crime.

Vinte e dois annos depois do supplicio do duque, na noite de 3 de abril de 1781, a instancias de D. Maria I, foram declarados innocentes por uma *junta de ministros*, os que foram suppliciados, os que ainda estavam presos e os que andavam expatriados. (Os ministros eram 18 e só 3 votaram contra).

O procurador da corôa impugnou esta decisão (que portanto não *transitou em julgado*) e nunca houve sentença definitiva. Ainda outro mysterio sobre este celebre processo!

Mas o que é certo é que D. Maria I e os seus ministros não viram tão clara a *innocencia* dos reus, que os fizesse terminar (á rainha e ministros) este processo por uma sentença terminante, como n'aquelles tempos facilmente podiam fazer.

D. Martinho Mascarenhas, creança que ninguem se lembrou de accusar de cumplicidade no regicidio e o unico membro d'esta desgraçada familia que sobreviveu, apesar da sua incontestavel innocencia, viveu e morreu pobre, sem que lhe fossem restituidos os innumeros bens de seus paes (nem a minima parte d'elles) e muito menos as suas honras, titulos e dignidades; e se não fosse a generosidade de seu primo, o conde de Obidos, que o agasalhou sempre em sua casa com o carinho que tamanho infortunio merecia, de certo morreria na indigencia.

Quarenta e seis annos sobreviveu D. Martinho á catastrophe de sua familia, e falleceu a 29 de dezembro de 1805, sem deixar descendencia.

—

Houve pois em Aveiro os seguintes duques: — 1.º, D. João de Lencastre; 2.º, D. Jorge de Lencastre; 3.º, D. Alvaro de Lencastre; 4.º, D. Raymundo de Lencastre; 5.º, D. Pedro de Lencastre, *inquisidor geral;* 6.º, D. Maria de Guadalupe de Lencastre, sobrinha do antecedente; 7.º D. Gabriel de Lencastre; 8.º e ultimo o infeliz D. José Mascarenhas de Lencastre.

—

O sr. A. Filippe Simões, visitou esta cidade em agosto de 1873. Por achar judiciosissimas as suas observações (publicadas em folhetins do *Jornal da Noite*, de Lisboa) aproveito a parte d'ellas que julgo de interesse publico.

Eil'as:

Ha no districto de Aveiro uma zona ou faxa extensa, limitada a oeste pelo oceano, a leste pela via ferrea, ao norte pelos areaes do Espinho, e ao sul pelo braço da ria de Vagos e Rio Tinto na região limitrophe do concelho de Mira, que é já districto de Coimbra. Tem de comprimento a faxa 40 a 50 kilometros; a largura varía entre 4 e 15 kilometros.

São terras planas e sem dobras, em grande parte inferiores ao nivel do mar e sempre innundadas; n'outras partes alagadiças, por ficarem ora abaixo, ora acima das marés; n'outras, finalmente, sempre enxutas. Vastos areaes as separam do oceano, descobertos na maior parte da sua superficie, onde apenas, de longe em longe, se avista algum pinhal, como um oasis verdejante nas areias do deserto. Áquem dos areaes cortam as ter-

ras em varias direcções longos e estreitos canaes, alimentados pelas aguas do oceano e pelo Vouga, Agueda, Cértema e outros rios menores ou ribeiros. São esses canaes meios naturaes de communicação entre os povos dos concelhos de Ovar, Estarreja, Albergaria, Aveiro, Ilhavo, Vagos e Mira.

Comtudo não lhes serve unicamente a ria para communicarem entre si. Á beira da de Aveiro e da de Ilhavo e sustentadas por suas aguas, estão as importantes marinhas d'estes concelhos. Para se avaliar a importancia d'ellas e o muito que rendem, bastaria dizer que em 1869 eram em numero de 266 e empregavam 438 operarios (*marnotos e moços*).

É grande a extensão total das ilhotas ou tractos de terra cercados pelas aguas e que produzem com abundancia pastos para gado e estrumes. Estes ultimos, porém, pouco são, comparados com o *moliço*, estrume natural formado por varias especies de algas que nascem e vegetam espontaneamente no fundo da ria.

Calcula-se que em cada anno se carregam 200:000 barcos d'estes despojos. Cada barco leva seis carradas, e o seu carregamento na malhada de qualquer esteiro importa em 1$000 a 1$500 réis. Computa-se, portanto, em 200:000$000 réis o valor total do estrume tirado, em cada anno, do fundo da ria.

Emfim, na ria se colhe tambem grande quantidade e variedade de marisco e de peixes, taes como linguados, solhas, enguias, sabogas, tainhas, saveis, etc. As classes pobres alimentam-se especialmente de caranguejos, berbigões e ameijoas. O peixe vende-se por bom preço no mercado de Aveiro, nos de outras povoações do districto e até fóra d'elle.

Taes são as principaes riquezas dos terrenos alagadiços ou cortados por longos canaes de agua salgada na faxa occidental do districto de Aveiro.

Quem não tiver residido n'esses logares, ou não conhecer seus habitantes, perguntará naturalmente se, rodeados por toda a parte de terras pantanosas, não serão dizimados pelas febres palustres? Se a mistura da agua salgada, que vem do mar, com a agua doce dos rios não augmentará a insalubridade das povoações proximas, como acontece nas fozes dos rios maiores, nas quaes as plantas marinhas, mortas e apodrecidas na agua doce e as fluviaes na agua salgada, produzem os mais pestilentes effluvios que se conhecem na superficie da terra?

Conta-se da commissão que ha poucos annos andou estudando a influencia dos arrozaes na saude dos povos que, chegando aos pantanos circumvisinhos de Aveiro, alguns de seus membros os percorriam a medo e sem tirar do nariz os lenços repassados de essencias e aromas. Os aveirenses que tal viam, apontavam sorrindo para os habitantes dos logares proximos que, por sua saude, robustez, perfeição phisica e longevidade attestavam a desnecessidade de taes precauções.

Ou pelas muitas aguas correntes que lavam as terras alagadiças, ou pelos fortes ventos que quasi de continuo lhes varrem a superficie, ou, emfim, por outra qualquer causa desconhecida, a saude d'aquelles povos é excellente e sua fecundidade tal que em parte nenhuma do reino augmenta proporcionalmente tanto a população, como em Ilhavo e n'outros concelhos do districto de Aveiro. Nem obsta a esse progressivo augmento a emigração que tambem se não faz em tamanha escala n'outro qualquer districto.

Assim pela força phisica e perfeição dos homens, pelas grandes riquezas naturaes que os cercam, pela facilidade de communicação por meio dos braços da ria e finalmente pela proximidade do caminho de ferro, os povos aveirenses poderiam ser dos mais industriaes, ricos e felizes de todo o reino.

Estão, porém, muito distantes da felicidade e ainda mais da riqueza, por desaproveitarem os recursos que a natureza lhes poz á mão. Mas isto não é mais que um caso particular d'aquelle commum e geral desleixo, com que em Portugal se tratam a maior parte dos magnificos dons, de que a natureza foi tão prodiga para comnosco.

Para que se cultivem as terras proximas da ria, cujo solo aravel é em muitas partes areia quasi pura, são necessarias duas condições: e vem a ser a primeira que uma

orla de pinheiros erguendo-se entre o mar e a terra obste a que as dunas avancem para o interior e esterilisem com a avidez das areias o solo cultivado; a segunda que se forme por cima da areia uma camada quasi toda de moliço, que dê ás plantas o sustento que n'aquella não encontram.

O comprimento do areal ao norte da barra é de 41 kilometros e sua largura média de 2 kilometros. Em tamanha extensão apenas existem pinheiros em 2:800 hectares, pouco mais ou menos. E são, pela maior parte, os da importante matta administrada pela camara municipal de Ovar. Ao norte da costa da Torreira ha tambem uma pequena parte do areal fixada por pinheiros. Emfim, ao sul da barra crescem apenas alguns pinheiros no areal da Gafanha e n'outros, o que permitte a cultura de uma faxa estreita, contigua ao braço da ria que vae para Mira.

Em 1867 calculava-se em 26:000 hectares a superficie total das areias, dos quaes sómente 3:600 hectares estavam cobertos de pinheiros. A superficie toda da faxa de que temos tratado, cortada pela ria e seus braços, vinha a ser n'aquelle mesmo anno assim dividida em quatro partes:

Areaes.....	26.000	hectares
Terras sempre innundadas	8:000	»
Terras ora cobertas ora descobertas.....	3:000	»
Terras cultivadas.....	12:000	»

Constam estes dados estatisticos de um relatorio inedito do sr. Silverio Augusto da Silva Pereira, habil engenheiro e director das obras publicas do districto de Aveiro. Sem este documento, que consultei por especial mercê do digno governador civil, o sr. Mendes Leite, ser-me-hia impossivel fazer idéa clara da disposição relativa das terras e das aguas e dos melhoramentos mais necessarios n'esta região importantissima.

Julgo que de pouco tem servido aquelle relatorio, com quanto contenha valiosos e indispensaveis esclarecimentos para quaesquer projectos que tenham por fim melhorar as condições industriaes e agricolas d'esta assim como das outras partes do districto de Aveiro.

Segundo o calculo do sr. Silverio, dos 26:000 hectares de areal deveriam estar cobertos de pinheiros 10:000 hectares. Isto parecia em 1867 uma necessidade urgente, e hoje ainda o parece do mesmo modo, porque não se tem semeado penisco durante os cinco annos decorridos. E por essa falta se perde o valor das mattas que os pinheiros fariam e o dos terrenos que, protegidos contra a invasão das areias, se tornariam proprios para a cultura.

O illustre aveirense, José Estevão, tinha aforado á camara de Ilhavo uma porção de areal ao sul da barra até á Costa Nova, e mandára ahi semear pinheiros com a idéa de fazer n'aquelle sitio (modesta ambição de um grande homem!) uma matta e uma quinta. Mas o primeiro dos modernos oradores portuguezes estava muito áquem do ultimo dos lavradores. A sementeira feita em más condições pouco produziu, e José Estevão chegou ainda a ver desfeito mais esse sonho da sua imaginosa phantasia.

No principio d'este seculo reputara-se cousa de tal necessidade cobrir a costa de pinheiros, que, por decreto de 2 de julho de 1802, se mandou lançar por dez annos o imposto de 40 réis nos barcos maiores e de 20 réis nos barcos menores carregados com o moliço extraido da fundo da ria. O producto d'este imposto haveria de applicar-se para a sementeira de penisco pelas areias do littoral, e, sobejando algum dinheiro, empregar-se-hia no melhoramento das pescarias, na cultura das amoreiras e creação do bicho de seda, ou no estabelecimento de alguma fabrica de fiar algodão ou linho. Ignoro se este decreto tão acertado, tão interessante á agricultura e á industria, chegaria a ter execução. Se a teve foi decerto por mui pouco tempo.

O pensamento que dominava a administração do marquez de Pombal, e vinha a ser, desenvolver e augmentar todas as fontes de riqueza nacional, e mais em particular, fazer que se produzisse no reino o que se importava de fóra, esse grande e fecundo pensamento, ainda transparece no decreto citado,

vinte e cinco annos depois da morte de el-rei D. José e da consecutiva demissão do seu ministro. Mas a sciencia pratica, e talento da execução, a faculdade de remover todos os obstaculos, que se podem oppor a qualquer innovação, desapparecera com aquelle que elevára Portugal á cathegoria das primeiras nações da Europa.

Em 1836 ficou sem effeito a circular de Passos Manuel, recommendando aos administradores geraes que incitassem as camaras á formação de viveiros e ao plantio das amoreiras. E assim tambem, provavelmente, ficará a circular que já n'este anno o digno governador civil do districto de Aveiro dirigiu ás camaras municipaes com aquelle mesmo fim.»

—

Em outubro de 1873, andando a desmanchar-se o cruzeiro da *Vera Cruz*, para o removerem para outro sitio mais apropriado, e edificar-se aqui um chafariz, nas escavações feitas para o assentamento dos alicerces do chafariz, encontraram-se em grande quantidade antigas moedas de bronze que se assimilham nas dimensões ás moedas de 3, 5 e 10 réis.

Depois de se sujeitarem a uma minuciosa analyse algumas das referidas moedas, viu-se serem *reaes* ou *fortes* que el-rei D. Fernando mandára cunhar e cujo valor varía de 10 a 20 soldos. Vêem-se alli as cinco chagas em fórma de cruz, tendo na parte superior um L e á volta da cruz acha-se a seguinte legenda:—*Ferdinandus: Dei: Gratia: Rex: Portugaliæ: A.* No reverso vê-se uma cruz circumdada da seguinte legenda: *Si Dominus: mihi: adjuctor: non: timebo: quid: faciam.*

As letras e cunhos estão quasi inintelligiveis. Quanto ao facto de tal apparição, nada ha que admirar. Segundo a tradição, n'aquelle mesmo sitio, existira uma capella a que intitulavam de S. Paulo, e que deu origem ao nome que antigamente tinha aquella rua, que se denominava *rua de S. Paulo*. Julgamos que quando se lançasse a primeira pedra para a edificação da dita capella o seu fundador, (como então era costume) deitasse grande quantidade de moedas que agora apparecem.

Appareceram tambem ossadas humanas, provavelmente de pessoas que foram enterradas na capella.

—

O districto administrativo de Aveiro, é composto de 16 concelhos, a saber: *Agueda* (comarca) *Albergaria Velha, Anadia* (comarca), *Arouca* (comarca), *Aveiro* (comarca), *Castello de Paiva, Estarreja* (comarca), *Feira* (comarca), *Ilhavo, Macieira de Cambra* (ou simplesmente Cambra) *Mealhada, Oliveira de Azemeis* (comarca), *Oliveira do Bairro, Ovar* (comarca), *Sever* e *Vagos*.

—

Aveiro é a capital do districto administrativo do mesmo nome, e a sua população actual póde calcular-se em 252:000 habitantes, divididos por os 16 concelhos, que segundo a divisão feita pelo decreto de 24 de outubro de 1855, formam oito comarcas, na fórma acima dita.

O bispado de Aveiro está na provincia ecclesiastica bracarense, e tem 73 freguezias que contêem 29:350 fogos. E' dividido em sete arciprestados, ou districtos ecclesiasticos.

—

A antiga comarca de Aveiro era muito maior do que a actual, pois se compunha das villas de Ilhavo, Avellans de Cima, Ferreiros, S. Lourenço do Bairro, Vagos, Anadia, Sangalhos, Avellans de Caminho, Angeja, Serem, Bemposta (ou Pinheiro da Bemposta), Estarreja, Fermedo, Recardães, Segadães, Acequins, Souza (ou Sóza) Oliveira do Bairro, Couto d'Esteves, Prestimo, Trófa, Vouga, Brunhido e Aguieira.

—

No illustrado jornal politico, que se publica n'esta cidade, sob o titulo de *Districto de Aveiro*, se lêem em varios numeros do mez de setembro de 1873, differentes importantissimos artigos, escriptos por um dos mais nobres, sympathicos e illustrados filhos de Aveiro, o sr. dr. Francisco Thomé Marques Gomes.

Com a devida venia passo a resumir d'es-

ses artigos o que julguei poderia esclarecer mais o que fica escripto.

—

D. José I (ou, antes, seu primeiro ministro, o marquez de Pombal), grato ao voto espontaneo de homenagem que a camara lhe tinha dado, por occasião da tentativa de regicidio, da calçada do Galvão (Belem) em 3 de setembro de 1758, prestando-lhe termo de juramento, em nome de todo o povo de Aveiro (então villa) perante o prior da freguezia de S. Miguel, fr. Paulo Pedro Ferreira Granado, em 6 de janeiro de 1759, concedeu a Aveiro muitos beneficios e privilegios.

Por provisão d'este monarcha, passada em Lisboa, a 4 de setembro de 1760, foi creada a comarca de Aveiro, ordenando-se alli que o provedor, que até então tinha sido de Esgueira, o ficasse sendo de Aveiro, tendo sido a provedoria de Esgueira extincta por lei de 11 de abril de 1759. Já, desde 10 de janeiro de 1628, uma provisão regia tinha concedido aos provedores de Esgueira residirem em Aveiro.

O primeiro provedor d'esta cidade, foi o bacharel Antonio de Jesus e Silva, por alvará de 19 de outubro de 1759.

Foi elevada á cathegoria de cidade, por alvará de 26 de julho de 1759. Este documento é notavel pelas lisongeiras e affectuosas expressões que o monarcha dirige aos aveirenses.

Como fosse a instancias de Sebastião José de Carvalho e Mello (então conde de Oeiras) que a villa tinha obtido foro de cidade, a camara, em nome de todos os seus concidadãos, felicitou aquelle ministro, por uma eloquentissima carta, de 6 de outubro de 1770, por a sua elevação a marquez de Pombal, em 13 de setembro d'esse anno.

Por decreto de 12 de abril de 1774, elevou o rei a cidade de Aveiro a séde de bispado. O papa Benedicto XIV confirmou este decreto, em 1775, e nomeou o primeiro bispo de Aveiro, que foi D. Antonio Freire Gameiro e Sousa.

—

Até 1865 foi a barra de Aveiro contemplada com um subsidio, nunca inferior a 15 contos de réis; porém depois d'aquella data ficou reduzida ao imposto denominado *real da barra*, cuja receita pouco excede a 8 contos de réis, e é administrado por uma junta de dois membros, eleita pela junta geral do districto, em conformidade da lei de 9 de setembro de 1858.

É hoje pequeno o numero de embarcações que entram na barra de Aveiro, e quasi se limitam á exportação de sal, que regula annualmente por 20:000 a 24:000 moios, termo medio.

O minerio das minas do Braçal e Palhal, que antigamente era exportado pela barra, é hoje conduzido para o Porto pela estrada de ferro, e pelo mesmo caminho segue a fructa, que vae d'aqui para Inglaterra.

Houve alguns annos em que foram incalculaveis os prejuizos dos negociantes de fructas, que chegaram a perder carregações inteiras pela difficuldade que encontravam as embarcações em sahir pela barra.

Hoje, com o caminho de ferro, prospéra aqui muito este ramo de industria. Calcula-se que só de Aveiro são exportados annualmente mais de 10:000 milheiros de laranjas e limões para Inglaterra.

—

O forte da barra fica dentro d'ella um kilometro, e é situado na praia do Sul. A sua construcção denota antiguidade.

Junto d'este forte se teem feito ha poucos annos algumas habitações, de singela construcção, mas de aprasivel apparencia.

Ha alguns annos que aqui mesmo se edificou uma elegante capella, sob a invocação de Nossa Senhera dos Navegantes.

Não podia ser mais apropriada a escolha do orago, porque a Santissima Virgem é a Estrella do mar. Cançado do fragor da procella e do perigo dos parceis, o nauta a invoca—*Ave! Maris Stella!*

—

A barra está ligada com a cidade por uma pittoresca estrada, cuja extensão é de 7 kilometros.

Na praia de S. Jacinto, que fica em frente do forte, está uma elegante capella de fórma polygonal, dedicada a Nossa Senhora das Areias.

Ignora-se a época em que foi construida, mas, segundo a tradição, foi mandada edificar pelo cabido da Sé do Porto, a quem antigamente pertencia a disima do pescado da costa de S. Jacinto; isto porque, tendo entrado pela barra parte de um casco de navio, este foi encalhar áquella costa, e dentro d'elle se encontrou uma pequena imagem da Santissima Virgem, que foi a que se collocou n'esta capella, onde se conservou por espaço de muitos annos, até que foi roubada, para ir novamente apparecer ahi para as Talhadas.

Esta capella esteve por muito tempo abandonada; porém, em 1860, a junta de parochia da freguezia de Vera-Cruz, a mandou reedificar, cedendo assim ás instancias do bemfeitor da humanidade, Manoel Martins de Almeida Coimbra.

(Para tudo quanto faltar pertencente a esta cidade, vide Gafanha, Ria, Vouga, Esgueira, Costa Nova, Vista-Alegre, e todas as mais povoações, rios e valles limitrophes.)

AVELAL—pequeno rio, Beira Baixa, termo de Pinhel. Nasce na serra da Moroffa, e a pouca distancia do seu nascimento se mette no Côa,

AVELANES—serra, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real. É tão secca e aspera que apenas produz *torga* e urzes. Tem 3 kilometros de comprido e 3 de largo.

Principia na Verêa de Bornes d'Aguiar, e finda na aldeia da Freixeda, freguezia de Capelludos.

AVELANES—rio, Traz-os-Montes, termo de Villa Pouca de Aguiar. Nasce no logar da Cabana, nos confins do monte *Minheu*, de uma fonte chamada do *Prado*.

Divide a freguezia de Bragado da de Pensalvos.

Despenha-se pela serra do *Regedouro* e pelo *Valle de Bornes* abaixo, até se metter no Tamega. Rega e móe.

Suas margens são em partes cultivadas.

Ha n'este rio uma grande penedia, a que chamam a *Sumida*, por baixo da qual passa o rio subterraneamente, por espaço de 1:500 metros, ouvindo-se apenas o seu fragor.

AVELANOSO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda, d'onde dista 24 kilometros, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Tinha em 1757 40 fogos.

O parocho (abbade) era apresentado pela corôa, por ser do real padroado. Tinha de rendimento 300$000 réis.

AVELANS D'AMBOM—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, d'onde dista 12 kilometros, 310 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O parocho era prior apresentado pelo bispo e tinha de rendimento 180$000 réis.

AVELANS DE CAMINHO—villa, Douro, comarca e concelho de Anadia, 27 kilometros ao SE. de Aveiro, 234 ao N. de Lisboa, 100 fogos, 350 almas.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em uma planicie d'onde nada se descobre.

A egreja parochial foi annexa á de Sangalhos.

A abbadessa de Santa Clara de Coimbra apresentava o cura, que era coadjutor do vigario de Sangalhos e tinha de renda 32$000 réis.

É fertil e cria muito gado. Tem caça.

Os marquezes de Marialva eram senhores donatarios d'esta villa e n'ella punham justiças.

Corre na freguezia o rio *Cértoma*, que rega e móe.

Feira a 13 de junho.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de novembro de 1514.

AVELANS DE CIMA—villa, Douro, comarca e concelho de Anadia, 30 kilometros a SE. de Aveiro, 234 ao N. de Lisboa, 360 fogos, 1:200 almas.

Em 1727 tinha 56 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em alto, d'onde se vêem muitas povoações. É fertil.

Foi concelho.

Era seu donatario Bernardo d'Almada e Noronha.

Tinha sido dada pelo rei D. Manuel, em 1496, a Ruy Fernandes d'Almada, em remuneração dos serviços que prestou a D. Affonso V e D. João II.

O parocho era prior apresentado pela Universidade, precedendo concurso; tinha de renda 400$000 réis.

Ha aqui uma grande capella de *Nossa Senhora das Neves* (que é uma egreja), a 800 metros da villa; feita com muita sumptuosidade em 1270; mas que se não chegou a concluir.

É terra muito abundante d'aguas e saudavel.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514.

AVELANS DA RIBEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho d'Alverca, 60 kilometros ao SE. de Vizeu, 310 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

O parocho era abbade apresentado pelo cabido da Sé de Vizeu, e tinha de renda 150$000 réis.

Situada em um valle, entre duas pequenas serras muito asperas e penhascosas. É fertil.

Passa aqui a ribeira *Maçoeima*, que rega e móe. Tem uma ponte de pedra junto ao logar de Avellans.

AVELAR ou **AVELLAR**—villa, Beira Alta, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Chão do Couce, 35 kilometros a NE. de Coimbra, 168 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Situada em campina raza e fertil.

O cura, que tinha de renda 30$000 réis era apresentado pelo vigario de Aguada, de cuja freguezia fez parte antigamente, separando-se em 1680.

Cria muito gado grosso e miudo, e tem caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de novembro de 1514.

AVELLEDA ou **VELLÊDA**—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo a Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada parte em um plano, parte na encosta de uma serra, d'onde se vê Braga.

É terra fertil e cria muito gado grosso e miudo.

Avellêda ou *vellêda* é palavra celtica; mas originaria da Germania (Allemanha).

As *vellêdas* eram sacerdotisas do culto druidico. Quando os francos, os sicambros e outros povos barbaros da Germania se estabeleceram na antiga Armorica (hoje Bretanha, em França) para alli trouxeram o culto de *Endovelico* (Cupido, segundo alguns) os seus *druidas* (sacerdotes) e as suas *vellêdas*.

Ainda na Bretanha existem innumeraveis monumentos d'esta religião sanguinaria; sendo os mais celebres e famosos as *antas de Carnak*, não só pela monstruosa grandeza de algumas d'ellas, como pelo seu grande numero.

Quando os gallos-celtas occuparam a Lusitania, para aqui trouxeram o seu culto, os seus druidas e as suas vellêdas.

As vellêdas eram escolhidas d'entre as donzellas mais formosas (quasi sempre filhas dos druidas) e faziam voto de castidade por certo numero de annos.

Estas virgens é que pronunciavam os oraculos, e eram muito respeitadas.

A que dentro do tempo do seu voto deixava de ser virgem, o que era rarissimo, era irremissivelmente sacrificada a *Endovelico*.

Terminado o praso do seu voto, a vellêda podia casar; mas não deixava por isso de conservar as honras e o nome de vellêda, ainda que deixava de ser sacerdotiza.

Além das *Avellêdas* que vão n'este Diccionario, ha ainda 5 aldeias e varios sitios com este nome em Portugal. Todos procedem de *vellêda*. É porque provavelmente alli habitou alguma velléda.

AVELLEDA ou **VELLEDA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho era abbade apresentado pela casa de Bragança e tinha de renda 700$000 réis.

Vide a primeira *Avellêda* descripta.

AVELLEDA ou **VELLEDA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Bragança, 54 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Cypriano.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está situada em um valle rodeado de outeiros. Era annexa á freguezia de Meixedo, por isso o abbade de lá apresentava aqui o cura, que tinha de renda 7$000 réis de congrua e o pé d'altar. (Vide Castanheira, concelho do Mogadouro.)

Não é terra muito fertil.

Os seus montes criam algum gado e têem muita caça miuda.

Corre n'esta freguezia o rio do seu nome que, nascendo em Castella, morre no Sabor.

Rega e móe, e cria muito bom peixe.

Vide a primeira Avellêda.

AVELLEDA ou **VELLEDA**—freguezia, Douro, concelho da Maia (Bouças), comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em planicie, na costa do Oceano.

Correm aqui dois ribeiros (*Pena* e *Lagiellas*) que regam e móem e desaguam no mar.

É terra fertil.

Foi villa (e muitos ainda lhe chamam villa) e honra.

A *honra de Avellêda* comprehendia toda esta freguezia (menos as aldeias *Lagiellas* e *Além*, que eram da Maia) a aldeia de Lavre na freguezia d'este nome, toda a freguezia de Macieiro, e alguns moradores da freguezia de Santa Christina da Matta e da de Villa-Chan.

A matriz foi feita em 1700. O parocho (cura) era apresentado pelo reitor de Santo Eloy na cidade do Porto, e tinha de rendimento 40$000 réis.

É tradição que a imagem de Santo André, que está na egreja, appareceu no sitio das *Preladinhas*, em umas pedras que ainda hoje se chamam de *Santo André*.

Vide a primeira Avellêda.

AVELLÊLAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre, 108 kilometros a NO. de Miranda, 432 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Tinha em 1757, 70 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Situada em uma vasta e fertil planicie, que produz, além do mais, muito e bom vinho.

Era da freguezia de Monforte, mas formou freguezia independente, em 1703.

O abbade de Monforte ficou aqui apresentando o cura, até 1834.

O cura tinha de renda annual, 40 alqueires de centeio, 14 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo, 8$000 réis em dinheiro e as offertas dos freguezes.

Ha n'esta freguezia muita castanha.

AVELLEIRA—serra, Douro, termo de Lorvão.

Tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo. Finda nas margens do Mondego. Tem tres braços, que todos terminam no mesmo rio, são: *Lusoura, Roxo e Cillada-Excommungada.*

Por entre elles vão tres ribeiros, (*Valle-Bom, Arcos e Pineirada.*)

Todos correm arrebatados, por entre penhascos. O mosteiro de Lorvão era senhor d'estas aguas.

E' em alguns sitios cultivada e fertil, e tem muitos pastos e caça.

AVELLEIRA (Santo Antão da)—Extremadura, patriarchado.

Houve aqui um convento de conegos de Santo Antão, fundado pelos annos de 1430. O papa Julio III o deu aos jesuitas em 1550. (Vide Lisboa.)

AVELLOZO—villa, Beira Alta, concelho da Meda, 60 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1743, 42 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O parocho era abbade apresentado alternadamente pelo papa e pelo bispo e tinha de renda 150$000 réis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 21 de abril de 1514.

AVÊL'O-MAR ou **AVER O MAR**—aldeia, Minho,, freguezia, de Amorim, comarca e concelho da Povoa de Varzim, districto administrativo e 32 kilometros ao N. do Porto, arcebispado e 30 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

N'esta aldeia nasceu o distincto poeta Francisco Gomes de Amorim.

AVESSADAS ou **VESSADAS**—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Tinha em 1757, 110 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Districto administrativo e bispado do Porto.

O parocho era abbade collado, que apresentava um morgado de Alemquer, da familia dos Peixotos. Tinha de rendimento (o abbade) 400$000 réis. E' fertil.

AVEZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, arcebispado, districto administrativo e 24 kilometros a O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

O parocho era abbade da apresentação da mitra, e tinha de renda 600$000 réis.

AVIDAGOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Lamas de Orelhão, 120 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Districto administrativo e bispado de Bragança.

Tinha em 1757, 91 fogos.

Situada na encosta de um monte, com larga e alegre vista. D'aqui se descobre Bragança e Mirandella, além de outras povoações.

O vigario de Santa Cruz, da villa de Lamas, é que apresentava aqui o vigario, que tinha o pé de altar e benesses.

E' fertil em trigo e sevada, e fertilissima em centeio, vinho e azeite.

A 2 kilometros da matriz, no monte da *Gralheira*, ha grandes trabalhos mineralogicos antiquissimos, para extracção de metaes. (Vide Gralheira, de Avidagos.

AVIDOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 36 ao N. do Porto, 348 ao N. Lisboa, 100 fogos.

Era abbadia da Mitra.

Tinha em 1757, 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era abbade, da apresentação da Mitra. Tinha 300$000 réis.

E' terra muito fertil e cria muito gado.

AVINHÓ ou **VINHÓ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, 30 kilometros a NO. de Miranda, 432 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Tinha em 1757, 31 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Em sitio alegre e fresco, povoado de muitos alamos e freixos. Muito abundante em trigo e centeio, grande creação de ovelhas, bastante caça miuda, sobre tudo muitas perdizes.

O parocho era cura, apresentado pelo reitor de Algoso. Tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

AVINHÓ—(vide Vinhó.

AVINTES—freguezia, Douro, concelho de

Gaia, d'onde dista 5 kilometros ao NE., bispado, districto administrativo, comarca e 6 kilometros a SE. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos.

Tinha em 1757 278 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, em uma bellissima posição. E' fertilissima em milho, vinho (verde) legumes, trigo, centeio, fructas e hortaliças, que diariamente exporta para o Porto, no que faz grande commercio (pelo Douro) sobre tudo em pão de milho, do qual fabrica diariamente uma porção enorme. Tambem tem com o Porto grande commercio de carnes de porco, que para alli exporta em grande porção diariamente.

E' na antiga Terra de Santa Maria, ou Terra da Feira, e foi muitos seculos da comarca da Feira.

E' condado. Os condes de Avintes são marquezes do Lavradio, e eram senhores donatarios de Avintes. Os pescadores d'aqui lhe pagavam o 5.º de todo o peixe. O sr. marquez do Lavradio e conde de Avintes, tem aqui a bella e grande quinta do *Paço*, mesmo á beira do rio, varias propriedades e muitos e grandes fóros. (Vide Arnellas.)

Julgo que a quinta do Paço foi mosteiro benedictino. (Vide adiante.)

Supponho que o nome d'esta freguezia vem da palavra *vintes*, que no portuguez antigo significava, vindos, chegados, passados, vindouros, futuros, etc. Tambem significava completos, acabados, concluidos, etc.

Foi villa e couto dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio.

Corre aqui o rio *Febros* ou *Fevros*, que desagua no Douro, no sitio do Esteiro.

Ha n'esta freguezia boas e lindas quintas, sendo as melhores a do sr. commendador Isidoro Merques Rodrigues, em Campos, e a já dita do Paço.

Esta freguezia, que é muito rica, tem prosperado muito em nossos dias e augmentado consideravelmente de população. (Ainda em 1750 não tinha senão 278 fogos.)

Era abbadia apresentada alternativamente pela Sé apostolica e pela Mitra do Porto. Tinha de rendimento 900$000 réis.

A Ribeira de Avintes (em cuja extremidade NE. está a quinta do Paço) é o mais bello sitio de todas as margens do Douro, e produz mais de 120 carros de milho, além de outros varios fructos.

Ha n'esta freguezia muitos padeiros, moleiros e pescadores. (Das primeiras duas profissões, ha alguns muito ricos.)

Tem a freguezia mais de 90 moinhos. Todavia a maior parte do povo d'aqui se emprega na agricultura.

Avintes é uma das maiores, mais bonitas e ricas freguezias ruraes de Portugal.

O primeiro conde de Avintes, foi D. Luiz de Almeida, por D. Affonso VI, em 17 de fevereiro de 1664.

D. Antonio de Almeida Soares Portugal, conde de Avintes, foi feito primeiro marquez do Lavradio, por D. José I, em 17 de julho de 1725.

E' povoação muito antiga. Em 900, Gundezindo e sua filha Adosinda, fundaram aqui (em uma quinta sua) um mosteiro *duplex*, da Ordem de S. Bento, dedicado a S. Martinho, ao qual doaram a mesma villa de Avintes. Supponho que este mosteiro era onde hoje está a quinta do Paço. Foi extincto, passando a commendatarios. (Vide Lavra.)

AVINTES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, bispado, e districto administrativo de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 395 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 130 visinhos.

Orago S. Vicente, martyr.

O parocho era cura, apresentado pelo reitor de Santa Eugenia d'Ala, (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que a padroeira da freguezia d'Ala, é Santa Eugenia; mas nos livros modernos vejo ser Santa Engracia) que tambem apresentava o de Brinço.

O cura d'esta freguezia tinha de rendimento, 20$000 réis de congrua e o pé de altar

Não encontro esta freguezia nos livros modernos. Parece-me que está annexa ou encorporada á d'Ala, ou á de Brinço.

AVIOSO—freguezia. Douro, concelho da Maia, bispado, districto administrativo, comarca e 15 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Tinha em 1757, 134 fogos.

Orago Santa Maria.

Situada em um valle baixo e muito fertil.

A abbadeça de Santa Clara, do Porto, apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 60$000 réis.

N'esta freguezia é a pequena villa do Castêllo ou Castédo.

Diz-se, Santa Maria de Avioso, para a differençar da seguinte, do mesmo nome e no mesmo concelho.

A padroeira é Nossa Senhora da Espectação, mas diz-se mais commummente Santa Maria.

Está em excellente posição, como quasi todas as terras da Maia.

AVIOSO (S. Pedro de)—freguezia, Douro, concelho da Maia, bispado, districto administrativo, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757, 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O reitor do collegio da Companhia, de Braga, recebia aqui os dizimos e apresentava o vigario. Depois passaram estes direitos á Universidade de Coimbra, quando se extinguiu a Companhia de Jesus.

Tinha primeiramente sido apresentação do rei. O vigario tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, e cria gado grosso e miudo.

AVIZ—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, 6 kilometros ao S. do Tejo, 38 ao NO. de Extremoz, arcebispado e 54 a O. de Evora, 138 a SE, de Lisboa, 320 fogos, 1:400 almas, no concelho 1:100 fogos.

Tinha em 1757, 390 fogos.

Orago Nossa Senhora da Orada.

Districto administativo de Portalegre.

Feira a 3 de janeiro, tres dias, e a 18 de agosto, tres dias.

Foi antigamente da comarca de Extremoz.

Está em 38° e 56' de latitude, e 10° e 35' de longitude, 35 kilometros ao N. da raia de Hespanha.

Situada em logar eminente, na direita do rio do seu nome, cortado aqui por uma boa ponte de pedra.

—

E' cabeça da Ordem de S. Bento de Aviz, que instituiu D. Affonso I, em Coimbra, a 13 de agosto de 1162. Foi primeiro mestre, D. Pedro Affonso, irmão bastardo do mesmo rei. A primeira capital d'esta Ordem, foi em Coimbra. Em 1167 mudou-se para Evora, com a invocação de S. Miguel, cujo antigo templo ainda existe dentro do castello d'esta cidade.

A parte de Evora que se deu a estes cavalleiros, ainda hoje se chama a *Freiria* (e por isso muito tempo se chamaram *cavalleiros de Evora*) e finalmente mudou-se para aqui.

A fundação da villa principiou a 15 de agosto de 1223, pelo mestre da Ordem de Aviz, D. Fernando Rodrigues Monteiro. Outros dizem que foi o mestre D. Fernando Annes, em 1214.

(Só as commendas rendiam, no tempo de D. João IV, 67:350 ducados.)

Tinha esta Ordem quarenta e oito commendas, algumas das quaes rendiam annualmente mais de 4:000$000 réis, e 128 priorados, vigariarias, muitas villas e outros beneficios.

O primeiro prelado se intitulava *D. prior*; tinha jurisdição espiritual e temporal e usava de mitra e bago. Era ordinario, *jure pleno* dos castellos de Noudar e Barrancos, e prior de Coruche.

Os cavalleiros de Aviz eram dependentes da Ordem de Calatrava, da qual ficaram livres no reinado de D. João I, pelo modo que adiante direi.

Teve 28 mestres até D. Jorge, filho natural de D. João II, e por sua morte ficou o mestrado para a corôa.

—

A matriz da villa tinha prior e cinco beneficiados *curados*, todos freires da Ordem, apresentados pelo rei, como grão-mestre.

O prior, além do pé de altar, tinha de renda tres moios de trigo, dois de sevada e 20$000 réis em dinheiro; cada beneficiado, dois moios de trigo, moio e meio de sevada e 10$000 réis em dinheiro, que lhes pagava o almoxarifado de Benavente.

Já disse que o primeiro mestre d'esta Ordem foi D. Pedro Affonso, illustre guerreiro d'essas eras, e filho bastardo do conde D

Henrique; mas como elle se metteu frade, em Alcobaça, foi feito segundo mestre, o grande D. Gonçalo Viegas, tão nobre pelo sangue, como illustre pelas suas acções militares

Foi terceiro mestre o famosissimo heroe Fernandeannes, no tempo do qual D. Sancho II deu á Ordem muitas terras do Alemtejo, conquistadas aos mouros.

D. Affonso II lhes augmentou ainda mais as rendas.

Estando Evora, e muitas terras em redor, livres dos mouros, resolveu o rei (D. Affonso II) vendo que os cavalleiros ficavam longe da fronteira dos infieis, que elles buscassem um sitio mais proximo d'ella, para fundarem o seu convento. Convieram os cavalleiros n'isso, e indo em procura de sitio que lhes agradasse, chegando em frente da villa de Viamonte, viram voar d'uma azinheira, onde tinham seu ninho, duas aguias; o que tiveram por bom agouro, e alli decidiram estabelecer-se.

Era então seu mestre, D. Fernão Rodrigues Monteiro, que a 15 de agosto de 1223 lançou a primeira pedra na fortaleza.

Isto consta de uma inscripção que está em uma pedra sobre a porta principal da villa, e cujo theor é o seguinte:

Ferdinandus magister dei gratia ordinis calatravensis in portugal cum suo conventu plantavit in festivitate assumptionis santæ mariæ æra M. CC. H. X I.

(A era de 1261, corresponde ao anno de Jesus Christo, 1223.)

Muitos e bons escriptores dizem que este castello foi fundado em 1214, tres annos depois da doação do territorio; mas, ou ha engano n'isto ou na data da inscripção.

Eis aqui o principio da villa de Aviz.

Os mouros, assustados com este castello, appellidaram todos os alcaides das visinhanças, e com muita gente deram sobre a fortaleza; mas foram desbaratados, e tal medo tomaram aos cavalleiros, que abandonaram toda a planicie, que se foi povoando de christãos.

Pelas guerras que houve entre Portugal e Castella. depois da morte de D. Fernando de Portugal, deixaram os grãos-mestres de Calatrava de visitar estes cavalleiros.

Em 1390, veiu a Aviz D. Gonçallo Nunes de Gusmão, então grão-mestre da Ordem, com vinte cavalleiros castelhanos; mas D. João I tinha ordenado a D. Fernão Rodrigues de Sequeira, então mestre de Aviz, que recebesse Gusmão com toda a defferencia, mas não como prelado. Vendo este as cousas n'este estado, lançou a excommunhão á Ordem, e se foi para Castella, mandando queixar-se a Roma. Estava alli por nosso embaixador D. Affonso Pereira, marquez de Vallença, que obteve do papa Eugenio IV e do concilio de Basilea, a completa separação da Ordem de Aviz da de Calatrava.

Os cavalleiros de Aviz, faziam os tres votos (pobreza, obediencia e castidade) até que em 1496, o celebre D. Jorge, bispo de Albano e cardeal do titulo de Santa Catharina, conhecido geralmente pelo titulo de cardeal de Alpedrinha (vide esta villa) conseguiu do papa Alexandre VI, despensa do voto de castidade, para que os cavalleiros podessem casar; commutando-lhe este voto no de castidade conjugal.

Em 12 de dezembro de 1504, o papa Julio II os dispensou do voto de pobreza, para poderem herdar e testar.

Muitas pessoas illustres deixaram bens á Ordem de Aviz, pelo que ella chegou a ser muito rica e florescente.

—

Já que fui tão extenso em historiar os principaes factos da Ordem de Aviz, direi qual foi a causa da sua instituição.

Depois da batalha de Ourique (1139) alguns cavalleiros aventureiros se reuniram, formando um *corpo franco*, para combater os mouros: *e ajuramentando-se para morrerem uns pelos outros e não abandonarem a sua bandeira senão com a vida.*

Como principiassem por praticar grandes façanhas, outros muitos cavalleiros se lhes reuniram, formando um corpo numeroso e respeitavel.

El-rei, em reconhecimento dos seus feitos, lhes deu muitos privilegios e rendas, e decidiu fazer d'elles uma ordem militar, co-

mo a de S. Thiago ou do Templo. Para isto, mandou chamar a Coimbra o abbade de S. João de Tarouca e outros prelados, para lhes ordenar um modo de vida, segundo a regra de S. Bento, o que consta da sua instituição, escripta em Coimbra (como já disse) a 13 de agosto 1162.

O rei quiz que esta Ordem se governasse pelos estatutos da de Calatrava (em Castella) e lhe fosse sugeita, o que se fez. Já vimos como se tornou independente.

—

A villa é cercada de boas muralhas, com cinco torres e seis portas (a de Evora, de Santo Antonio, de S. Roque, do Postigo, do Anjo e Debaixo.)

Tem Misericordia e hospital.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º

Seu territorio é fertil. Cria muito gado, grosso e miudo, colmeias e caça.

Tem grandes montados que criam muitos porcos.

A maior parte da villa é dentro dos muros, assim como a Misericordia, casa da camara e pelourinho.

—

D. Affonso I fez doação á Ordem, do territorio de Aviz, com a expressa condição d'ella alli fundar, não só uma fortaleza; mas tambem uma povoação, o que se cumpriu. D'essa doação consta que já áquelle sitio se dava o nome de Aviz, proveniente, segundo a tradição, das muitas aves, principalmente aguias, que faziam seus ninhos n'aquella eminencia. O nome de Aviz, continuou pois a dar-se ao castello, á villa e á Ordem.

Fez-se primeiro a fortaleza e logo em seguida se fundou a villa. (1223)

Na guerra dos 27 annos, se demoliram duas torres, para com seus materiaes se construirem dois reductos, segundo o moderno systema de fortificação. Estes fortes se levantaram, um junto ás portas de Evora e outro junto ás de Santo Antonio.

A villa foi augmentando de população, trasbordando para fóra dos muros, e estendendo-se para o N., onde formou um grande arrabalde, com tres ruas, e guarnecido de boas casas.

A villa tem uma só freguezia, cuja padroeira é Nossa Senhora da Orada, que está no mais alto da villa. Segundo a tradição, a imagem da padroeira, foi alli posta pelo grande D. Nuno Alvares Pereira.

O principal edificio da villa é o antigo convento de freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, situado proximo á porta do Anjo, mas da parte de fóra dos muros da villa, correndo-lhe pelo meio da cêrca a ribeira de Aviz. Foi seu fundador o terceiro mestre da Ordem, o famoso Fernandeannes, em 1226.

—

Tem por armas, um escudo com a cruz verde de Aviz, em campo de ouro, e no pé da cruz duas aguias, uma de cada lado. (As aguias, dizem que são em memoria do casal d'ellas, que os cavalleiros viram sair da azinheira, quando escolheram o sitio para a fundação do castello.

Na porta de Evora, do lado exterior, está pintado o quadro seguinte:

S. Bento, tendo aos pés D. Fernandeannes a cavallo, com seu escudo embraçado e um alfange na mão direita. Debaixo das mãos do cavallo, está uma cabeça de moura, e para o lado direito duas aguias reaes sobre uma azinheira.

Querem alguns que estas sejam as verdadeiras armas da villa; mas não ha o minimo documento ou tradição que o prove. Provavelmente é alguma alegoria, hoje indecifravel.

—

Ha differença nos escriptores sobre o foral antigo de Aviz. I. de Vilhena Barbosa diz que lh'o deu D. Diniz, e mais alguns auctores seguem esta opinião.

Dizem outros que o foral lhe foi dado por D. Sancho II, o que é verosimil, pois que sendo no seu reinado que se fundou esta villa, é provavel que elle, para attrahir para aqui moradores, lhe concedesse privilegios; mas não ha documento que prove isto.

Franklin diz que o seu primeiro foral lhe foi dado por Martim Fernandes, mestre da ordem, em 20 d'agosto de 1223. Não póde ser.

A 15 de agosto de 1223 era mestre da or-

dem D. Fernão Rodrigues Monteiro (o que fica plenamente provado). Emfim, deslindem isto os antiquarios; o que é certo é que D. Manuel lhe deu novo foral em Santarem no 1.º de janeiro de 1512.

AVIZ—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 335 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Não pude obter mais informações d'esta freguezia.

AVIZ—ribeira, Alemtejo. Nasce 18 kilometros acima de Monforte, nas herdades chamadas da *Roda*, *Carrapato* e *Barreiros*, que ficam nos termos das villas de Assumar e Monforte, e das quaes se fórma um ribeiro, chamado *Freixo*, cujo nome conserva até Monforte, onde tem uma ponte de pedra.

Corre junto á villa da Fronteira.

Entre estas duas villas recebe os ribeiros do *Almuro* e *Anna Loura*, da parte do S., e a ribeira de Vide, do E.

Junto á villa da Fronteira tem uma boa ponte de pedra.

Corre até junto da villa da Figueira, e entre estas duas villas recebe do S. o ribeiro de *Lupe*, e mais abaixo, do mesmo lado, o *Souzel*.

Desce para o Ervedal, e aqui recebe do S. o ribeiro da *Caniceira*, e corre até Aviz, onde tem uma boa ponte de cantaria, e n'este sitio, mesmo por baixo da ponte, recebe o ribeiro da *Seda*.

Corre direito á aldeia do Maranhão, e ahi perto, do lado de E., recebe o ribeiro *Alcórrego*.

Dirige-se á villa do Cabeção, e ahi recebe o *Têra*.

Corre para a villa de Mora (junto da da Erra) e no espaço médio entra o *Sôr*, e desde então perde o nome de *Aviz*, e se chama *Sorraia*, e com este nome passa á villa de Coruche, d'onde leva comsigo o *Divor*, e corre para Benavente, onde acaba na esquerda do Tejo.

Cria muito peixe, grandes barbos, alguns de 10 kilos de peso (padre Cardoso), saveis, lampreias, etc.

Suas margens são cultivadas e ferteis.

Faz moer lagares de azeite, moinhos de pão, e tambem réga.

AVIZ ou **AVIS**,—cidade antiquissima da Luzitania, Extremadura. Hoje só d'ella resta a memoria.

Diz-se que era situada onde hoje está a aldeia de Ribadares, freguezia de S. Salvador do Souto de Carpalhosa, comarca e concelho de Leiria, d'onde dista 12 kilometros.

AVIZ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros ao E. do Porto, 405 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Desde 1855 pertence á comarca e concelho do Marco de Canavezes.

É terra fertil.

AVÒ—villa, Beira Alta, comarca de Midões, 54 kilometros ao N. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 180 fogos, 650 almas, no concelho 1:350 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi couto feito por D. Affonso Henriques.

Situada na descida de um monte e dividida pelo rio Alva, sobre o qual tem uma excellente ponte de um só arco, de boa cantaria. É terra fertil.

Vêem-se ainda na villa as ruinas de um antigo castello, fundado sobre rocha viva, que se diz ser obra dos godos ou dos arabes.

Em *Chãos d'Egua* e no *Monte da García*, d'este concelho, ha minas de chumbo que se exploram.

Foi primeiro esta villa de D. Urraca Affonso, filha bastarda de D. Affonso I, passou para os bispos de Coimbra, e depois para a corôa.

Diz-se que a matriz mandou fazer D. Affonso I.

O cabido de Coimbra apresentava o vigario.

Tinha dois beneficiados e um thesoureiro.

O vigario tinha o rendimento de 200$000 réis.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora do

Mosteiro, ou das Neves, que, segundo a tradição, foi egreja de um mosteiro de monges bentos, no tempo dos godos.

Aqui nasceu o insigne poeta classico Braz Garcia Mascarenhas, auctor do *Viriato Tragico* e de outras obras.

Na guerra de 1640 se apresentou elle na praça de Pinhel com 150 homens, das principaes familias d'aqui e visinhanças, que se lhe reuniram voluntariamente, e n'aquella cidade fez a acclamação de D. João IV. Tinha militado nas guerras de Flandres, e foi por D. João IV feito governador da praça de Alfaiates.

Entra na freguezia a serra do Açor.

D. Sancho I lhe deu foral em 1187.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

AVÕES ou **AVOIS**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, termo e proxima de Lamego, 80 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É situada na raiz da serra das Meadas (antigamente *Avões* ou *Avois*). Fertil.

O thesoureiro-mór da Sé de Lamego apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 200$000 réis.

Na serra ha lobos e muita caça miuda.

N'ella nascem dois ribeiros, que se despenham arrebatados pela serra abaixo, chamados *Neto* e *Ladario* ou *Ladairo*.

AZAMBUGEIRA—Vide Azambujeira.

AZAMBUJA—villa, Extremadura, comarca de Alemquer, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 18 kilometros ao S. d'Alcoentre e 24 de Santarem e do Cartaxo, 70 fogos, 2:800 almas, no concelho 950 fogos.

Em 1757 tinha 460 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira no 4.º domingo de outubro.

É a palavra arabe *Azzabuja*; significa olival bravo.

Esta povoação é muito antiga, apezar de não ter monumentos que próvem a sua antiguidade.

Os romanos lhe chamavam *Oleastrum*. Os arabes lhe chamaram *Azzabuja*.

D. Affonso I a deu a D. Childe (Gil) Rolim, filho do conde de Chester (descendente dos reis de Inglaterra) em premio das façanhas que obrou na tomada de Lisboa.

Elle a povoou, logo em 1148 ou 1149, com o nome de *Villa Franca*.

(Adiante fallarei dos Rolins e suas armas.)

As continuas guerras d'esse tempo a arruinaram, e D. Sancho I a reedificou em 1200, dando-a a D. Rolim de Moura, filho de D. Childe, cujos descendentes foram sempre seus donatarios.

D. Affonso II confirmou esta doação.

Parece que por esse tempo se lhe restituiu o nome arabe.

Azambuja é no Riba-Tejo, em uma vasta, bella e fertilissima planicie, e abundantissima de aguas que fertilizam seus campos e lezirias.

Proximo á villa fica o celebre pinhal do estado, chamado da Azambuja, mandado semear por D. Diniz em 1296.

Tambem fica perto do Carregado.

Tem uma bella egreja de 3 naves.

D'esta villa se vê a Castanheira, Póvos, Villa Franca de Xira, Salvaterra, Benavente, etc. etc.

O Tejo fica a 3 kilometros ao S., estando em communicação com esta villa por um braço ou canal, chamado *Valla da Azambuja*, orlado de frondoso arvoredo (pela maior parte álamos).

Este canal foi reconstruido em 1848; mas desde então não se cuidou mais d'elle, e está em misero estado. É de uma companhia que não tira resultado.

A egreja foi do padroado real e tinha 6 beneficios, cada um dos quaes rendia 200$000 réis. O prior tinha de rendimento 200$000 réis.

A Misericordia instituiu Pedro Estevães do Sobrado e sua mulher Esteva Fernandes, na era de 1342 (1304), deixando-lhe de renda 500$000 réis annuaes. Tem um hospital chamado do Espirito Santo, administrado pela Misericordia.

Teve até 1834 um capitão-mór, com duas companhias de ordenanças.

É a 9.ª estação do caminho de ferro do norte e leste.

Azambuja, assim como todas as povoações do Riba-Tejo, soffreu muito com o terremoto de 1531, que durou 50 dias. (Vide Lisboa no logar competente).

D. Sancho I, quando doou esta villa a D. Rolim de Moura, lhe deu foral, em Lisboa (janeiro de 1200) que seu filho D. Affonso II confirmou, em Santarem, a 22 de fevereiro de 1218.

Tambem apparece um foral dado á villa da Azambuja pelo seu alcaide, Ruy Fernandes, em 17 de maio de 1272.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 7 de janeiro de 1513.

Os marquezes de Loulé (hoje duques) descendentes de D. Childe Rolim, são condes da Azambuja. Para a genealogia dos senhores da Azambuja, vide *Guarda. (Barbadão).*

Esta villa honra-se, com razão, de ser a patria de bravos guerreiros e litteratos illustradissimos. Entre elles citarei os seguintes:

Frei Jeronimo da Azambuja, cognominado, por ser d'aqui, *Oleastro.*

Era frade de S. Domingos e um dos theologos que D. João III mandou ao concilio de Trento. Foi muito versado nos idiomas latino, grego e hebraico, e famosissimo escriptor do seu tempo. Morreu a 5 de janeiro de 1560 (ou 1563, pois ha igualdade de opiniões no dia e mez, mas differença no anno). Foi um dos maiores theologos do seculo XVI.

D. João Esteves da Azambuja (*o cardeal da Azambuja*) filho de Affonso Esteves, senhor de Salvaterra e reposteiro-mór. Grande valido de D. Pedro I, D. Fernando e D. João I, e embaixador (por o ultimo) ao concilio de Piza. Foi bispo do Algarve; depois, do Porto; depois, de Coimbra e finalmente arcebispo de Lisboa, e cardeal de S. Pedro *ad vincula.*

D. João Esteves da Azambuja—Era tão celebre pela vastidão dos seus conhecimentos em varias sciencias, como respeitavel e famoso pela sua bravura na guerra e pelo seu acrisolado patriotismo.

Era elle o conselheiro, o amigo e o irmão de armas do nosso melhor rei, D. João I, de *Boa Memoria.* A todas as suas bellas qualidades, que ficam declaradas, juntava ainda a coroa d'ellas, isto é, a pratica de todas as virtudes, sendo um varão exemplarissimo.

Fundou em Lisboa o convento do Salvador, de freiras dominicas, dando-lhe boas rendas, e na sua egreja jaz sepultado. Morreu em Burgos, a 23 de janeiro de 1415.

Diogo da Azambuja—bravissimo capitão, que, em 1505, tomou a praça e cidade de Çafim, aos mauritanos (Africa). Nasceu n'esta villa, em 1432. Foi do conselho de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, cavalleiro de Aviz, commendador de Cabêço de Vide e Alter Pedroso. Resgatou do poder dos castelhanos a praça de Alegrete, (tendo uma perna quebrada no assalto). Fez o castello de S. Jorge da Mina, conquistando todo o seu territorio. Fez o *Castello Real* da Africa. Fundou o convento dos Anjos, de Montemór-Velho e morreu a 15 de agosto de 1518. Jaz na egreja do convento que fundou, em rico mausoleu de marmore. Vide Montemór-Velho.

—

Já disse que a familia Rolim procede de D. Childe (em portuguez *Gil*) Rolim, filho do conde de Chester, da descendencia dos reis da Gran-Bretanha; porém um manuscripto antigo que possúo, diz o seguinte: «*Rolim*, appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de *Child* (ou Gil) *de Rolim*, da familia dos duques de Borgonha, em França; o qual veio por segundo commandante da esquadra combinada, que ia á conquista da Terra Santa, composta de 180 velas, e que entrou em Lisboa, a 12 de abril de 1147. Ajudou a el-rei D. Affonso Henriques a tomar Lisboa aos mouros. Ficando Child de Rolim em Portugal, o rei lhe fez mercê da villa da Azambuja, para elle e seus descendentes.»

As armas dos Rolins, são: em campo de purpura, cinco espadas de prata, com guarnições de ouro, em aspa, com as pontas para baixo. Alguns de seus descendentes, que se enlaçaram com a familia dos Mouras, passaram a usar das armas d'estes.

AZAMBUJA—pequeno rio do Alemtejo. Nasce nos campos d'Evora, passa pela freguezia de Monte do Trigo, e morre no De-

gebe, depois de se lhe terem juntado alguns regatos. Rega e móe.

AZAMBUJAL—vide Zambujal.

AZAMBUJAL—aldeia da Extremadura, na freguezia d'Alvaiazere. Ha aqui uma lagoa de optima agua potavel, cujo fundo é todo de pedra.

Era aqui o solar dos Pachecos. O brazão d'elles, é o dos Azambujaes (familia tambem d'aqui oriunda e que aqui teve solar), trazem escudo azul e n'elle um meio selvagem, vestido de ouro, com um pau vermelho, com esgalhos, ás costas, pegando n'elle com ambas as mãos. Elmo de aço aberto e por timbre uma serpe.

Azambujal, quer dizer: logar plantado de *zambujos* ou *azambujos*, ou *zambujeiros*.

AZAMBUJAL—aldeia da Extremadura, proximo da villa d'Ourem. Aqui nasceu Santa Thereza, virgem e martyr.

AZAMBUJEIRA—villa, Extremadura, concelho de Rio Maior, comarca e districto administrativo de Santarem, patriarchado e 80 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Chama-se Azambujeira pelas muitas arvores d'este nome que aqui havia e ha.

Era antigamente um logar annexo á egreja de S. João da Ribeira. D. João IV a fez villa e a deu a Lourenço Pires de Carvalho, pelos annos de 1650.

Os arcebispos (e depois os patriarchas) apresentavam aqui os vigarios, que tinham de renda 120$000 réis.

Gil Fernandes de Carvalho, senhor d'esta villa (ascendente de Lourenço Pires) era senhor da Azambujeira, no reinado de D. Diniz. Sabendo que um seu escudeiro, tinha, por certo crime, sido aqui condemnado a açoites, cuja sentença se cumpriu, veiu á povoação e *mandou açoitar o juiz e cortar as orelhas ao corregedor*, que tinham dado a sentença, isto com pregão de justiça!

Commettido este acto de barbaro despotismo, teve de fugir para Castella. Alli, achando-se na batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) taes proezas praticou, que D. Affonso IV, de Portugal, que foi testemunha da sua intrepidez, lhe perdoou e o fez mestre da Ordem de S. Thiago.

Apesar de não ser casado, Gil Fernandes de Carvalho teve dois filhos bastardos, o primeiro, Alvaro Gil de Carvalho, filho de Maria de Bairros, que legitimou em 1359 e veiu a casar com D. Estevainha Pereira, irmã do grande D. Nuno Alvares Pereira; o segundo, Gonçalo Gil de Carvalho, era filho de Maria Domingues e o legitimou em 1374. Este foi traidor á patria, seguindo as armas de Castella contra D. João I de Portugal. Teve porém um filho, tambem bastardo, João Lourenço de Carvalho, que não seguiu o exemplo de seu pae, pois foi companheiro fiel de D. Nuno Alvares Pereira. Foi seu descendente Pedro de Carvalho, que, por casar com D. Maria de Brito, foi senhor do morgado de *Patalim*, junto a Evora.

Gonçalo José de Carvalho Patalim (descendente de João Lourenço) casou em França e não teve filhos, pelo que o morgado de Patalim passou a D. João da Costa, conde de Soure, por estar casado com D. Luiza Francisca de Tavora, irmã de Henrique de Carvalho e tia de Gonçalo José de Carvalho Patalim, o qual teve descendencia.

As armas dos Costas são, em campo de púrpura, seis *costas* (costellas) de prata, postas em trez fachas, elmo d'aço aberto e por timbre duas das costas das armas, em aspa, atados com uma fita de púrpura.

O primeiro conde de Soure, foi D. João da Costa, por D. João IV, em 15 de outubro de 1652.

AZANHA ou **AZENHA**—aldeia, Douro, freguezia de Poiares, termo de Coimbra.

Ha aqui uma ermida de Nossa Senhora do Pranto, e proximo a ella uns banhos chamados por isso *Banhos de Nossa Senhora do Pranto*, cujas aguas nascem no sitio do Barril, por baixo de uns penhascos. São nitrosos, sulphureos e aluminosos; uteis para a cura de varias molestias.

É a palavra arabe *assanha*, isto é, moinho d'agua para moer pão ou azeitona.

AZAR—combate, batalha, recontro, peleja, etc.

Ha em Portugal alguns sitios assim cha-

mados, e *Azares* e *Val-d'Azares*, por n'elles se ter dado alguma batalha.

AZARUJA—Vide Azeruja.

AZAVEL—pequena ribeira, Alemtejo, que nasce na serra do Ramo-Alto, distante da villa de Monsaraz 9 kilometros. Sua corrente é arrebatada.

Móe e traz peixe miudo.

Morre no Guadiana, no sitio do Gato, com 18 kilometros de curso. A ella se junta o rio *Pêga*.

AZEDIA—aldeia, Extremadura, patriarchado.

É a palavra arabe *Azzaidia*. Significa augmentada ou accrescentada.

AZEITÃO ou **VILLA-NOGUEIRA**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Setubal, 30 kilometros a SE. de Lisboa, 500 fogos, 1:600 almas, no concelho 740 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Este concelho foi extincto em 1855 e passou então a ser do actual.

Situada em um valle proximo do *promontorio barbarico* (Cabo do Espichel) d'onde se descobre o castello de Cezimbra, a serra de Cintra, a de Montachique, Lisboa, Moita, Coina e Palmella. É perto da serra da Arrabida.

—

Teve antigamente um *ouvidor* que comprehendia na sua *regencia* as villas de Cezimbra, Barreiro, Ferreira, Samora Correia, S. Thiago de Cacem, Sines, Castro Verde e Torrão, cujo dominio era dos duques de Aveiro (até 1759 e depois passou para a corôa); as terras eram do mestrado da ordem de S. Thiago.

No termo d'esta villa está o grande palacio e extensa quinta que foi dos duques d'Aveiro; assim como o palacio e quinta da casa de Calhariz, que são magnificos. (Vide Cezimbra.

A principal aldeia d'esta freguezia era a de Nogueira, que foi elevada a villa com o nome de *Villa-Nogueira* e foi sempre a capital do concelho de Azeitão, até á sua suppressão.

É n'esta aldeia que está a matriz defronte do convento de S. Domingos e proximo dos paços que foram dos duques d'Aveiro.

Todo o concelho de Azeitão foi desmembrado do de Cezimbra, e creado concelho por alvará de 3 de novembro de 1759. (Vide Cezimbra.)

Esta freguezia fazia parte da do Castello de Cezimbra até 1350. N'este anno se desannexou, tornando-se independente, e no mesmo anno de 1350 se fez a actual egreja matriz.

Tem Misericordia fundada em 1622 por D. Affonso d'Alencastre marquez de Porto Seguro (Brasil) filho do duque d'Aveiro, D. Alvaro.

Junto á egreja fundou um hospital o padre Pedro de Mesquita Carneiro, em 1640, e o dotou com algumas rendas.

É terra fertilissima e sádia.

D. Fernando lhe concedeu muitos privilegios pelos annos de 1380, que confirmou D. João I, em 1390. (É esta *carta de privilegios* dada por D. Fernando que lhe serve de foral. Nunca teve outro; nem mesmo D. Manuel lhe deu foral novo, o que me admira, sendo já então uma terra muito importante.)

Grande parte dos habitantes de Azeitão se empregam na fiação de algodão e na tinturaria, sendo os trabalhos da agricultura feitos por gente de fóra da terra.

O cura era apresentado pelos freguezes, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Tem um convento que foi de frades dominicos (Santa Maria da Piedade) dos mais antigos da ordem em Portugal. (O primeiro foi o de Bemfica, o segundo foi o de Aveiro, e este foi o terceiro.)

Foi fundado em 1435.

O rei D. Duarte e sua mulher D. Leonor concorreram muito para a sua fundação; mas os principaes fundadores foram Estevam Esteves e sua mulher Maria Lourenço, d'esta villa, que lhe deram quasi todas as suas rendas, que eram uma quinta com pomares e hortas, boas aguas e aposento capaz de se recolherem a elle desde logo os frades. Depois lhe deram muito mais propriedades e rendas, assim como ao conven-

to de freiras dominicas do Salvador, de Lisboa.

Por fim, Estevão Esteves se metteu frade em Azeitão, n'este convento, e sua mulher se fez freira no do Salvador, de Lisboa.

A primeira doação d'este Estevão Esteves e de sua mulher foi feita a 15 de dezembro de 1434; e a 18 de dezembro de 1435 se lhe lançou a primeira pedra.

D. Affonso V continuou a obra e deu ao convento 3 moios de trigo de renda annual e *déz tostões* em dinheiro para o carrêto. O que era pago pelos rendimentos dos fornos de Palhaes.

—

Esta freguezia e outras muitas e varias villas estão situadas no Alemtejo (isto é, ao Sul do Tejo) mas pertencem á provincia da Extremadura.

Azeitão é a palavra arabe *Azzeitum*. Significa *olival* ou *oliveiras*.

AZEITÃO ou **VILLA FRESCA D'AZEITÃO** (S. Simão) — freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Setubal, 30 kilometros ao SE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Simão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi do extincto concelho de Azeitão ou Villa Nogueira.

É muito fertil.

Situada no valle de Azeitão, d'onde se vê Lisboa, Cezimbra, Villa Nogueira, Coina, Moita, Almada, etc.

A matriz é de duas naves, fundada por Affonso d'Albuquerque, filho bastardo do grande Affonso d'Albuquerque, em 1570. Impoz ao seu morgado a reparação d'esta egreja. Este morgado é dos srs. Guedes de Miranda.

O solar dos Albuquerques é proximo da povoação e está hoje possuido pelos srs. condes de Mesquitella. A casa é em fórma de castello, imitando a fortaleza de Ormuz (India) que Affonso d'Albuquerque tomou em 26 de março de 1515.

O parocho era capellão curado, que apresentava a Mesa da Consciencia e Ordens, por ser do mestrado de S. Thiago. Tinha de rendimento 2 moios e meio de trigo, 1 de cevada, 3 pipas de vinho e 22$000 réis em dinheiro.

AZEMEIS — Vide Oliveira de Azemeis.

AZENHA — ribeira, Beira Baixa. Nasce no alto de uma serra, 12 kilometros ao E. da freguezia do Espinhal.

Corre arrebatado e impetuoso, onde passa por broncas penedias; mas placido, quando atravessa planicie.

Rega, móe e traz algum peixe.

No logar do Espinhal se junta com o ribeiro do Trilho, e morre no Duessa e todos no Mondego.

Ha em Portugal muitos ribeiros que teem este nome, que pela sua insignificancia não vale a pena mencionarem-se aqui.

É corrupção da palavra arabe *assancha*, moinho d'agua para moer azeitonas ou cereaes.

AZENHAGA — é a palavra arabe *azzanha* (corrupta) derivada do verbo *zanaca* (apertar). Significa *rua estreita, caminho apertado entre duas paredes.*

Ha uma freguezia d'este nome na Extremadura, patriarchado. (Vide Azinhaga.)

AZENHAL — Alguns escriptores confundem *azenhal* com *azinhal*, quando são coisas inteiramente diversas. *Azenhal* significa *sitio onde ha azenhas*, e *azinhal* é *souto d'azinheiras*. É este ultimo nome que se dá a differentes povoações portuguezas.

ÁZERE — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha em 1660 59 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Houve aqui um convento de frades bentos denominado de S. Cosme e S. Damião, muito antigo, pois, ignorando-se a data da sua fundação, sabe-se que já existia em 568, e é do tempo de S. Martinho Dume.

Esta freguezia e todas as do Minho, ao N. do rio Lima, foram do bispado de Tuy na Galliza. (Vide Braga.)

Em 4 de outubro de 1125 o dotou com seu couto (que lhe havia feito a rainha D.

Thereza, mãe de D. Affonso I) o bispo de Tuy. (Vide Aurega.)

Viterbo diz que D. Thereza doou á Sé de Tuy, em 1125, o mosteiro de *Azar*, (hoje Ázere) e suas pertenças, bem como o *direito castellatico* (vide esta palavra) e de «*tota voce Regia per infinita sæcula sæculorum*».

Em 1329 era abbade d'este mosteiro Payo da Vaia, que *confessa dever 102 jantares ao bispo de Tuy.*

Foi depois reduzido a commenda da ordem de Christo.

O ordinario apresentava aqui o reitor, que tinha de rendimento 120$000 réis.

O primeiro nome d'esta freguezia foi *Azar*, que se corrompeu em Ázere. É provavel que o seu nome lhe proviesse de alguma batalha, que se deu por estes sitios em tempos remotos. (Vide Azár e o Ázere seguinte e Arcos de Valle de Vez.)

O couto de Ázere compunha-se de mais freguezias do que esta, porque na doação de D. Thereza se diz:—«o mosteiro de S. Cosme e S. Damião, com todas as herdades e egrejas do seu couto.»

Supponho que o primeiro nome d'esta freguezia foi *S. Cosme e S. Damião.*

—

Mais acima, onde hoje está a egreja, havia antigamente duas, uma para os freguezes, outra para os monges.

Na doação da rainha D. Thereza (que tambem assignou seu filho D. Affonso Henriques) se determina que ninguem tivesse vassallos nem possessões no couto de Ázere sem auctorisação do bispo de Tuy.

A mesma senhora poz n'esta egreja um capellão que todos os dias tinha obrigação de cantar uma missa por ella, e por seus descendentes; e mais ordenon que o bispo todos os annos aqui daria ordens e chrisma, e que os que aqui se ordenassem, nas orações da missa commemorassem a doadora e seus descendentes.

Os abbades do mosteiro eram obrigados a dar ao seu prelado (bispo de Tuy) varios jantares em cada anno, que depois foram reduzidos a um renda certa.

—

No reinado de D. Affonso III era abbade do mosteiro Diogo Annes Aranha, que recebia os dizimos das annexas, que eram Paço, Parada, Cabrão e S. Pedro do Couto, e apresentava os vigarios.

—

Este convento com todas as suas rendas passou a commendatarios seculares, no tempo da usurpação de Philippe II, pelos annos de 1584, que a deu a Fernão Telles.

No tempo da restauração, tendo o filho de Fernão Telles tomado o partido de Philippe IV, D. João IV lh'a tirou, dando-a a D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Marialva.

Ruy Pereira Sotto-Maior (Senhor da casa de Barbeita e alcaide-mór de Caminha) foi a Lisboa pedir esta commenda, depois de já estar dada a D. Antonio. Sabendo este a pretenção de Ruy Pereira, lh'a cedia; porém este respondeu que preferia ser seu caseiro a receber uma coisa que já estava dada a outro.

D. Antonio Luiz de Menezes, levado de um rasgo de rara generosidade, levou Ruy á presença de D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV e regente do reino na menoridade de seu filho D. Affonso VI, e no paço representou á soberana os grandes serviços de Ruy Pereira e os grandes prejuizos que tinha soffrido com as guerras contra os castelhanos; accrescentando que se estas considerações não eram bastantes, elle, D. Antonio, offerecia os seus proprios serviços e se promptificava a fazer outros (se os passados não bastassem) até merecer outra commenda.

Admirou-se a rainha, e condescendendo com a vontade de D. Antonio, annullou a doação que tinha feito a seu favor, dando então esta commenda a Ruy Pereira.

—

Existe aqui uma capella de S. Miguel da Veiga, e n'ella eram obrigados os bispos de Tuy a cantar, em cada anno uma missa por alma de D. Theresa e de seus descendentes.

É aqui que todos os annos vinha na 3.ª dominga de julho a camara dos Arcos do Valle de Vez, acompanhada do mordomo, mandar dizer uma missa; havendo depois

corridas de cavallos no terreiro do Espiirito Santo.

Junto á aldeia de Pena Cova, havia um marco, chamado do *Couto*, que dividia Ázere, Giella, S. Payo e Valle.

No monte proximo á povoação existem as ruinas de um castello, que se diz ser obra dos mouros, com cisterna e uma estrada subterranea que conduz até ao rio. O monte é alcantilado.

ÁZERE ou **PINHEIRO D'ÁZERE**—como hoje se lhe chama (Duarte Nunes de Leão lhe chama *Azerêde*), villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho de S. João de Areias, 6 kilometros ao O. da Taboa, 30 ao O. de Vizeu, 245 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Tinha em 1757, 100 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Eram donatarios d'esta villa os condes meirinhos móres (condes d'Obidos e do Sabugal.)

Situada em um outeiro d'onde se vêem as villas de S. João d'Areias e Pinheiro (hoje capital do concelho), Póvoa dos Mosqueiros, a Senhora do Mont'Alto e a serra da Estrella.

Corre pela freguezia o rio Mondego.

O donatario é que apresentava aqui os priores, que tinham de renda 700$000 réis. O povo pagava ao tal donatario o oitavo de todos os fructos!

Diz o padre Cardoso, que D. Affonso III lhe deu foral (e não falla no que lhe deu D. Manuel). Supponho que é engano.

Na Torre do Tombo só existe o foral novo, que a esta villa deu D. Manuel, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Querem alguns que se derive da palavra arabe *azize*, (que se pronuncia *ázeze*), significa estimada.

Ha tambem em Tanger (Africa) uma aldeia d'este nome, e que tem a mesma significação; mas é mais provavel que venha de *azar*, batalha, por alguma que aqui se désse em tempos antigos.

A comarca está parte no bispado de Coimbra, e parte no de Vizeu.

AZERÊDO—vide Azureira.

AZERUJA ou **AZARUJA** (capella de Nossa Senhora do Carmo da)—(tambem se lhe dá o nome de *Villa Nova do Principe*) Alemtejo, 5 kilometros d'Evora-Monte, 16 d'Evora, no centro da herdade do mesmo nome, que é dos srs. condes das Galveias.

É a segunda estação do caminho de ferro do sueste, no ramal d'Evora a Extremoz.

Faz-se aqui uma romaria, no segundo domingo de setembro, que é das maiores do reino, dura 3 dias. Tem dia de se dizerem 30 missas. Concorre gente de mais de 70 kilometros de distancia! Ha annos que entram no arraial, mais de 2:000 carros com gente, fóra os de pé e a cavallo.

Tem uma boa praça de touros, para as corridas que aqui ha sempre pela occasião da romaria. Esta praça foi reconstruida e muito melhorada em agosto de 1873; sendo os logares (mais de 1:500) numerados, para se evitarem as falcatruas dos emprezarios e as desordens a que ellas todos os annos davam logar. Deve-se esta providencia ao actual administrador do concelho d'Evora.

AZERVADA—portuguez antigo, paliçada, reparo feito de ramos, troncos e paus, estacada.

AZEVEDO—ribeiro, Minho, que nasce na freguezia de Santa Eulalia da Palmeira, e morre no Cávado. Rega e móe.

AZEVEDO—aldeia, na freguezia de Campanhan, arrabaldes do Porto. Ha aqui uma nascente de aguas thermaes, que ainda não foram analysadas (que eu saiba).

AZEVEDO—villa, Minho, foi couto, é na freguezia de S. Salvador de Lamas, comarca de Braga, 80 fogos, na freguezia 320. (É n'esta freguezia a quinta da Tapada, solar da nobre familia dos Azevedos, da Tapada e de Braga. Vide Lama e Tapada).

É viscondado, da familia dos Azevedos.

Aqui nasceu e é d'esta familia o celebre classico Francisco de Sá de Miranda. Para as armas dos Azevedos, vide Bayão.

AZEVEDO—freguezia, Minho, districto administrativo e comarca de Vianna, concelho de Caminha, arcebispado e 60 kilometros ao NNO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Tinha em 1757 23 fogos.

Orago S. Miguel.

É situada entre montes, fertil.

O cura era annual, apresentado pelo mosteiro de S. Bento de Tibães, e tinha de *congrua* 15 alqueires de pão e 12$000 réis em dinheiro.

Nos tempos antigos, a povoação de Azevedo era no sitio das Barracas, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora das Barracas. Ainda aqui se descobrem vestigios de casas arruinadas. Esta capella pertence á casa da *Deveza*, d'esta freguezia.

Esta freguezia, a de Ville, a de Riba d'Ancora e a de Gontinhães, constituiam todas a antiga freguezia de Valle d'Azáres, que depois se chamou Villar d'Ancora e actualmente Ancora.

Segundo alguns escriptores, as freguezias de Riba d'Ancora e Gontinhães, foram creadas em 1560. Entendo porém que foi muito antes (mesmo seculos antes) porque conheci perfeitamente a antiga egreja matriz de Gontinhães (de tres naves) que foi reedificada em 1865. A sua architectura denotava muita antiguidade, e demonstrava ser construida para matriz, pela sua grandeza (que é ainda a mesma, pois não se lhe augmentou nada na sua reedificação, senão uns dois ou tres metros, na capella-mór).

A egreja de Riba d'Ancora, tambem denotava ter muito mais de 300 annos.

A de Ville não é mais do que uma capella.

Se é certa a tradição, esta freguezia e a de Ville, formavam uma só (quando se desmembraram de Gontinhães) e a sua matriz era a egreja de S. Pedro de Varaes, situada em um valle, formado por dois montes, ficando-lhe ao N. o monte chamado Chão da Vermelha e ao NO. o da Costa da Espiga.

Ainda ha poucos annos, no sitio onde se diz que foi a matriz de S. Pedro de Varaes, se acharam caveiras e ossos humanos. No seculo passado é que a freguezia de Ville se separou da de Gontinhães, e depois, ainda a de Ville se subdividiu, formando a d'este nome e a de Azevedo.

A egreja de S. Pedro de Varaes, ficou reduzida a capella (se é que o não foi sempre) e pertencente á freguezia de Ville, e alli iam varios *clamores*, em certos dias do anno. Esta devoção se foi perdendo (talvez pela escabrosidade do sitio) e o templo se foi pouco a pouco arruinando, ficando apenas as paredes, e estas mesmo a ameaçar ruina. A imagem do padroeiro (S. Pedro) e os objectos sagrados foram levados para a egreja de Ville; mas os de Azevedo sempre entenderam que esta egreja (de Varaes) lhes pertencia.

Para rehaverem o templo, decidiram reedifical-o em 1850. Oppondo-se os de Ville, os de Azevedo conseguiram do arcebispo que este mandasse intimar aquelles, para, ou reedificarem o templo, ou o entregarem aos de Azevedo, para estes o restituirem ao culto. Então os de Ville, cederam da capella; mas ficaram com a imagem do padroeiro, e o seu parocho continuava alli a querer administrar. Os de Azevedo oppozeram-se a esta pretensão do parocho de Ville, e o ordinario ainda deu a sentença a seu favor. Desde então ficou a capella pertencendo exclusivamente á freguezia de Azevedo. Vide Ancora, Gontinhães, Riba d'Ancora e Ville.

Diz tambem a tradição que houve aqui um convento de frades benedictinos da invocação do Salvador, mas estou convencido que é erro; porque não vi em similhante sitio o mais insignificante vestigio que me levasse a acreditar a existencia de um mosteiro, por pequeno que fosse.

Havia aqui perto, é verdade, na serra de *Real* (ramo da d'Arga) o convento do *Salvador do Mundo*, de freiras benedictinas (e não de frades) denominado convento de Bulhente, que foi supprimido, em 1460, pelo bispo de Ceuta (a cujo bispado pertenciam todas as freguezias, hoje do arcebispado de Braga, que estavam ao N. do rio Lima). A suppressão do convento de Bulhente foi originada pelo mais que mundano procedimento das freiras. (Vide Gontinhães).

AZEVEDO—aldeia, freguezia de Caldellas (S. Jorge) comarca e concelho da Feira. Houve aqui um convento *duplex*, da Ordem de S. Bento, dedicado a S. Miguel e seus companheiros.

Gundezindo, filho d'Ero, o fundou em 897, em uma quinta sua, dando-lhe muitas ren-

das. Foi supprimido ha muitos seculos e d'elle não ha vestigios. Vide Lavra.

Esta aldeia fica proxima (ao SE.) das caldas de S. Jorge, 25 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa.

Ha mais em Portugal 10 aldeias d'este nome.

AZEVEDO—para as familias d'este appellido, vide Bayão.

AZEVO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Pinhel, 70 kilometros a SE. de Lamego, 355 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Situada sobre um alto cabeço, onde está a matriz e d'onde se vêem terras de sete bispados, que são: Vizeu, Guarda, Coimbra, Miranda, Braga e Lamego, e em Castella, Ciudad Rodrigo.

Vê-se Almeida, Pinhel, Trancoso, Marialva, Meda, Longroiva, Villa Nova de Foz Côa e muitas outras povoações menores.

Era do padroado real, o reitor tinha réis 200$000.

Ha n'esta freguezia um *Obito* (a que chamam *confraria dos defuntos*) que em remotas eras, de que não ha memoria, instituiram *Martim Caxi* e sua mulher *Severique Esteves*, os quaes deixaram por legado, que á custa do rendimento da tal confraria, se vestissem pobres, casassem orphãs e se désse *funeral* a muitos pobres.

Passa por aqui o rio Côa.

A terra é pouco fertil. Cria algum gado miudo e tem caça e peixe.

É a palavra arabe *azzaibo*. Significa *pelludo* ou *cabelludo*. Vem pois a ser *freguezia do cabelludo*.

AZIAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 24 kilometros ao NO. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um valle, entre dois montes, o do sul chamado Fojo Lobal (onde antigamente havia o fojo da Cabrita, que servia para caçar lobos, e é d'isso que lhe provém o nome) e o do norte, chamado Fraga do Penedo e Cumieira.

Ao E. da freguezia fica o monte da Gallinheira, quasi tão alto como os pincaros do Suajo. A serra que lhe fica ao O. é uma projecção dos montes da Nobrega.

O vigario (que depois foi abbade) era apresentado pelo ordinario e tinha 560$000 réis de rendimento. Tinha tambem um beneficiado.

S. Pedro de Vade, era annexa a esta freguezia.

É terra agreste, mas muito abundante de aguas, por isso tem sitios muito ferteis.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

É corrupção da palavra arabe *azzauia*, que significa canto ou angulo.

Azias é povoação antiquissima, que já existia no tempo dos romanos, o que provam as muitas medalhas de cobre que aqui teem apparecido. Quasi todas são do tamanho de um tostão, em prata, com os bustos e legendas de varios imperadores romanos.

Todas, ou quasi todas as propriedades d'esta freguezia, pertencem a proprietarios d'aqui mesmo, o que é raro, principalmente na provincia do Minho.

A matriz foi reedificada no principio do seculo XVII.

Ha na freguezia duas capellas publicas, uma pequena dedicada a S. Sebastião, toda de cantaria grossa, que parece ter sido construida no seculo XIV; e outra grande, da invocação do Bom Jesus, que foi construida em 1700, e é administrada pela confraria da sua denominação, erecta na mesma capella.

—

É natural d'esta freguezia o dr. José Bernardo Ferreira Pinto da Cunha, filho de Antonio José Gonçalves Ferreira de Araujo, e de D. Maria Joaquina Pinto da Cunha e Silva, senhora da casa de Cachavões.

Depois de seguir varios logares da magistratura, com honra, foi em 1865, aposentado em juiz da Relação do Porto. Ainda vive (1873) e tem descendencia.

AZIBO ou **AZIBRO**—rio, Traz-os-Montes. Tem tres nascimentos, nasce na quinta do *Azivieiro* (que parece lhe dá o nome), no logar de *Lamas* e no dos *Pereiros*.

Não tem nome até ao logar de Valle da Porca, onde toma o de *Azibo*. Corre veloz e arrebatado, já depois de reunir a si o rio de *Chacim* e outros ribeiros, e a ribeira da *Sureira*.

Suas margens teem algumas oliveiras e muitas arvores silvestres. Morre no Sabor, por cima da ponte de Remonde, com 18 kilometros de curso.

Tem uma ponte de pedra e cal, logo abaixo de Valle da Porca, e outra igual por baixo de Balsemão.

AZINHA—serra, Beira Baixa, com 6 kilometros de comprido e 3 de largo. É muito fria. Fica no termo da Guarda. Tem algumas povoações pequenas e pobres. A maior parte é cultivada e dá muito centeio e castanha. Cria gado grosso e miudo. Caça.

AZINHA—freguezia, Beira Baixa, districto administrativo, bispado, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Era da coroa.

O cura era annual, apresentado pelo prior de S. Pedro de Remella, e tinha de *porção* 120 alqueires de centeio.

É muito abundante de centeio e castanha, do mais pouco.

Cria algum gado grosso e miudo e tem caça na serra antecedente, onde é situada esta freguezia, que dá o nome á serra.

Querem alguns que o nome d'esta freguezia proceda do facto seguinte:

Quando se andava a fazer a egreja, o cura estava sempre ao pé dos operarios, e quando via que elles se descuidavam, lhe dizia: «*asinha! asinha!*» (depressa! depressa!) e d'aqui ficou o nome á egreja e depois á freguezia.

Supponho que o nome lhe provem de azinheira, a que tambem por abreviatura chamam *azinha* ou *azinho*.

AZINHAGA ou **AZENHAGA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 100 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1757, 303 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Situada em campina, e d'aqui se vêem as villas da Chamusca e Gollegã.

Corre por esta freguezia o rio Almonda.

E' no Riba-Tejo.

A matriz era um templo sumptuosisssimo de tres naves; mas está em ruinas. Tem prior e cura.

O prior tinha de renda annual, de 90 a 100$000 réis, e era primeiro apresentado pelo papa, depois passou a ser da apresentação da Mitra, por concurso.

O cura tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho e 4$000 réis em dinheiro. Era apresentado annualmente pelo prior.

Teve Misericordia, a qual é tradição que, por breve apostolico, se erigiu dos bens de quatro confrarias que aqui haviam.

Consta que tambem teve hospital antigamente; mas, se assim foi, hoje nem d'elle ha vestigios.

Junto á capella de Santo Antonio, hoje desmantelada, estão as ruinas de uns paços magnificos, que se diz terem sido feitos pelo infante D. Fernando, o Santo.

Foi antigamente villa independente.

O nome d'esta freguezia, é derivado da palavra arabe *azzancha* (vóz corrupta.) Significa, rua estreita ou apertado caminho entre duas paredes ou dois mattos. Vem do verbo *zanaca*, que significa apertar, estreitar.

E' n'esta freguezia a grande quinta da Borôa, 6 kilometros da povoação, no fim do Campo da Gollegã e em frente da vastissima quinta do sr. Carlos Relvas. A quinta da Borôa foi do riquissimo lavrador ribatejano, Raphael José da Cunha e hoje é do sr. Tavares Bonacho, seu sobrinho.

Tem conde, que é irmão do marechal Saldanha.

AZINHAL—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Castro-Marim, d'onde dista 4 kilometros ao N., 24 ao E de Tavira, 60 ao NE. de Faro, 275 ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada sobre um monte na margem direita do Guadiana (navegavel até Mértola.) D'aqui se descobre Castro-Marim, Mértola, Ayamonte, 6 kilometros a SE. (Andaluzia) e o mar.

O bispo do Algarve apresentava aqui o cura (que depois foi prior.) Tinha de renda 330 alqueires de trigo.

E' terra fertil, e na serra do seu nome, onde está a freguezia, ha porcos bravos, rapozas e alguns lobos e caça miuda. Plantas medicinaes. Cria gado grosso e miudo.

Estende-se a freguezia por 12 kilometros de serra.

Corre aqui a ribeira Beliche, que desagua no Guadiana.

Muito peixe do rio e do mar.

Para a etymologia vide Azinhoso.

Da aldeia do Azinhal (que é grande) sae um caminho para o Porto do Azinhal, no Guadiana, onde se passa o rio, em barcos, para a Ribeira da Estacada (Andaluziá.)

Em 1757 tinha 108 fogos.

AZINHAL—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 90 kilometros a SE. de Vizeu, 345 ao E. de Lisboa, 120 fogos,

Tinha em 1757, 65 fogos,

Orago Nossa Senhora do Rosario, ou Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era da corôa. Pobre.

Situada em uma planicie da qual se vê Almeida, Castello Rodrigo, Trancoso e Jermêllo; e as aldeias de Povos, Pêva, Chavilhas, Val-Verde, Cinco-Villas, Gamellas, Carvalhal e Safurdão.

O vigario de S. Pedro, de Pinhel, apresentava aqui o cura (por esta freguezia ser annexa á de S. Pedro.)

O cura tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi primeiramente do bispado de Vizeu.

A terra produz trigo, centeio e vinho. Do mais pouco.

Ha aqui um monte, chamado Cabêço da Montella, que tem caça.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, ficou (com outras freguezias) pertencendo ao concelho de Almeida.

Era aqui o solar dos *Sacôtos*, appellido nobre em Portugal.

Suas armas são, em campo de ouro, 3 estrellas de prata, de oito pontas em cruz. Timbre, meia onça, da sua cor, com uma estrella das armas na espadoa.

Desde o reinado de D. João II se fez mais conhecido este appellido, em Gonçalo Mendes Sacoto, adail-mór de Portugal; o qual se achou nas guerras da Africa, e lá, sendo capitão de Gafim, derrotou cinco alcaides mouros, por cuja façanha el-rei D. Manuel, entre outras mercês, lhe deu por armas, em campo de púrpura, cinco pendões asues em aspa com asteas de ouro e em cada pendão um crescente de prata.

Depois que esta familia se enlaçou com os Azinhaes, compozeram o seu escudo assim: esquartellado, no 1.º e 4.º as armas dos Azinhaes, que são: em campo de prata, uma azinheira da sua côr, no 2.º e 3.º, as dos Sacotos. Timbre, a azinheira.

Ainda ao mesmo Gonçalo Mendes Sacoto, pelos grandes serviços que fez em Tanger e Azamor, alcançando grandes victorias contra os mouros, deu D. João III um accrescentamento ás suas armas, que foi: ao escudo antecedente, accrescentar um chefe de ouro, carregado de quatro cabeças de mouros, toucados de azul e prata e cortadas em sangue. Timbre, um braço armado de ouro, com uma das cabeças do escudo pendurada da mão pelo turbante. Esta mercê foi feita a 19 de julho de 1538.

AZINHEIRA DOS BARROS ou dos **BAIRROS**—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de Grandola, arcebispado e 84 kilometros a O. de Evora, 120 a SE., de Lisboa 230 fogos.

Districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora dos Bairros.

O cura era pago pelos freguezes, e tinha 2 moios de trigo e tres quarteiros (45 alqueires) de sevada e 8$000 réis em dinheiro. Era apresentação da Mitra.

Situada em uma campina elevada, d'onde se vêem as villas do Torrão, Villa Nova da Ba-

ronia, Alvito, Ferreira, Aljustrel e Alvallade.

A maior parte da freguezia (cujo territorio é muito extenso) é composta de matagaes, que criam muitos lobos, e zôrras (rapozas) coelhos, lebres, perdizes, etc.

Tem abundancia de pastos, por isso cria bastante gado, grosso e miudo. Muita colmeia. Produz muito trigo, centeio e cevada, do mais pouco.

Tinha em 1757, 227 fogos.

N'esta freguezia se juntam as duas ribeiras Alvallade e Corona; tomando então o nome de ribeira do Roxo. Corre ao S. da freguezia, e ao N. passa a ribeira de Niza.

Esta freguezia foi em tempo annexa á de Grandola.

AZINHOSO — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros ao NO. de Miranda, 45 ao SO. de Bragança, 445 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757, 77 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Nossa Senhora da Encarnação ou da Natividade.

Era da jurisdição real.

D. João I lhe deu foral, com grandes privilegios, em 1424 (Franklim não menciona este foral) e D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando-lhe os privilegios) em Evora, a 13 de fevereiro de 1520.

Foi cabeça de condado, que o cardeal-rei deu a D. Nuno Mascarenhas.

Situada em um baixo, rodeado de campina, d'onde se vê Algoso, Penas-Royas, Villariça, etc., etc.

Até 1424, era aldeia, composta de duas quintas, a do Marmelleiro, pertencente ao Mogadouro; e Carrascal, pertencente a Penas-Royas. N'esse anno, D. João I a fez villa e lhe deu foral.

Tomou o seu nome (Azinhoso) de uma grande azinheira que se creou no logar do Marmelleiro, junto á ermida da Senhora do Carrasco. (Carrasco aqui é synonimo de azinheira.

Azinhoso ou Azinhal, logar plantado ou abundante de azinheiras. Esta arvore é uma especie de carvalho a que os latinos chamam *ilex*. Dá bolota doce, que se come, tem bom gosto, mas é muito indigesta. Nunca porém vi azinheiras em Traz-os-Montes, nem me consta que alli as haja. A historia toda é porque n'esta povoação dão o nome de azinheira ao carrasco, como já disse.

A egreja matriz, toda de cantaria lavrada, é de boa architectura, tem um optimo côro e uma famosa torre, com dois grandes sinos. E' tradição que foi egreja dos templarios e que a fundou D. João I, concorrendo com avultadas esmolas o povo da freguezia.

No vão da parede da egreja, do lado da epistola, está um tumulo com esta inscripção: *Aqui jaz Luiz Annes de Madureira*.

Este individuo foi vigario geral. Hoje pertence este moimento aos morgados de Carrazedo.

Emquanto esta parte de Traz-os-Montes pertenceu ao arcebispado de Braga, foi Azinhoso vigariaria geral. Deixou de o ser quando se creou o bispado de Miranda (hoje Bragança) a que Azinhoso ficou pertencendo.

Tem Misericordia e hospital, fundados por Martim Soeiro de Athaide, d'esta villa, em 1647; deixando todos os seus bens á Misericordia e as suas casas para o hospital; com a obrigação de se dar a cada pessoa que a elle se recolhesse, 100 réis por dia, uma cama (para o que deixou roupas) e ordenou que todos os annos o provedor da Misericordia repartisse pelos pobres da villa, em Domingo de Ramos, 40 alqueires de pão.

E' terra fertil em trigo, centeio, azeite e vinho; do mais pouco.

Feira a 8 de setembro, tres dias.

Quando aqui acampou D. João I, a 16 de março de 1386 (no sitio ainda por isso chamado Eiras de El-Rei) deu a esta villa muitos e grandes privilegios, que seus successores confirmaram. (E' provavelmente a esta *Carta de Privilegios*, que dão o nome de foral.)

Esta *Carta Regia* é datada do *Arraial da Vallariça* (hoje Villariça) que é nas Eiras de El-Rei. (Adiante direi parte do contheudo d'esta carta.)

Por esta villa ter pertencido ao Mogadouro (como já disse) de que eram donatarios os marquezes de Tavora, ficaram pagando

em cada anno, 41 moradores d'aqui (que eram os de Marmelleiro, que tinham pertencido á freguezia do Mogadouro) 36 réis em dinheiro, o que, para aquelle tempo, era muito. Como cada fogo é que pagava isto, ficou-se chamando a este foro, foral do lume.

Os habitantes d'esta freguezia empregam-se quasi todos na creação do *sirgo*, e fabrico da seda. E' porque teem juizo, e entendem bem em que hão-de empregar o seu tempo com aproveitamento

O sanctuario de Nossa Senhora de Azinhoso, é antiquissimo, e parece que anterior á invasão dos arabes em Portugal. Já no tempo dos reis de Leão era este sanctuario muito concorrido de fieis, que lhe davam muitas e valiosas offerendas. Os arcebispos de Braga apoderaram-se das grandes esmolas que os chrstãos davam ao sanctuario, os que confirmou o papa Pascoal II, em 1114.

Em 1285 ainda Azinhoso não continha mais de duas quintas, uma chamada *Azinhoso Suzão*, que pertencia ao Mogadouro, e outra chamada *Azinhoso de Juzão*, (Azinhoso de *baixo* e de *cima*, é o que quer dizer *Suzão* e *Juzão*) que era do concelho de Penas Royas. Já vimos que em 1424 já a primeira se chamava *do Marmelleiro* e a segundo *do Carrascal*, e talvez mesmo que tivessem ambos os nomes. Note-se que em Traz-os-Montes carrascal é sinonymo de azinhal ou azinhoso.

Além d'estas duas quintas tinha a capella da Senhora, que era uma egreja. Já tambem vimos que á padroeira d'esta capella se dava o nome, já de Nossa Senhora do Carrasco, já o de Nossa Senhora de Azinhoso. Este ultimo nome foi o que prevaleceu, por ser o do logar em que está a capella; mas o primeiro era o mais antigo, por causa do grande carrasco que estava junto á ermida.

Os 25 moradores da primeira quinta nomeada, *deviam pagar a el-rei os seus direitos, na fórma dos villares novos que então se povoavam.* (Documento original da camara de Azinhoso, dado no Mogadouro, em 31 de dezembro de 1285, por Affonso Rodrigues, *procurador e pobrador* (povoador) de el-rei, em terras de Bragança e Miranda).

Em 1297, D. Diniz e sua mulher a rainha Santa Isabel e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois IV) e D. Constança, doaram aos templarios os padroados das egrejas de S. Mamede do Mogadouro e de Santa Maria de Penas Royas, com todas as suas capellas e ermidas (menos a de Nossa Senhora de Azinhoso) direitos e pertenças, com consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga, por carta datada de Coimbra, a 25 de maio de 1297.

Já em 1300, os arcebispos de Braga tinham junto á egreja, ou ermida, da Senhora, boas casas de residencia, no sitio hoje chamado *Curral do Bispo.*

Prometti transcrever parte do contheudo da carta de 16 de março (segundo Viterbo, foi a 15 de maio) dada por D. João I em 1386, na qual deu a Azinhoso a cathegoria de villa, eil'a:

«... *querendo fazer graça e mercee aa pobra de Santa Maria do Azinhoso; porque é logar mui devoto e de mui gram romagem, e em que se faz muito serviço a Deos e á virgem Maria sa Madre; e por ser melhor pobrado e honrado o dito logar — Temos por bem e removêmol'a e tirâmol'a de jurdiçom e subjeiçom de Penas Royas e de Mogadojro e d'outras quaesquer villas e logares e julgados cujo termo era e soya de seer: ou de cavalleiros e pessoas privadas, e de qualquer estado e condiçom que sejam e a que obrigada e sobjeita e obediente ataa qui fôra, e fazemol'a villa sobre si, etc., etc.*» Seguem-se muitos privilegios, fóros e isenções dados á nova villa.

Este documento, que existiu por mais de 500 annos no archivo da camara de Azinhoso, no seu original, e que agora provavelmente está na camara do Mogadouro, foi respeitado e confirmado por muitos reis de Portugal, sendo o ultimo a confirmar todos os privilegios D. Maria I.

Na egreja havia (e supponho que ainda existem) duas imagens de Nossa Senhora da Encarnação (que é a padroeira) de madeira, encrustadas de folhas de prata, muito finas, pregadas com *brochas* do mesmo metal. A maior consta que foi dada por D. João I, e a mais pequena (que tem um metro de altura) dizem que a deu a infanta D. Maria,

filha do rei D. Manuel. Ambas são de esculptura muito grosseira.

A celebrada feira que antigamente aqui se fazia a 8 de setembro (dia da festa da Senhora) consta que foi instituida por el-rei D. Diniz, quando visitou este sanctuario, em 1287. O que é certo é que, quando elle concedeu a grande feira á villa da Torre de Moncorvo, em 1319, já era famosa a feira de Azinhoso.

O parocho era vigario *ad nutum*, da apresentação da Mitra. Tinha de rendimento réis 40$000.

AZINTAL—portuguez antigo, cousa do poente, occidental.

AZOEIRA ou **AZUEIRA**—villa, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedrás, districto administrativo, patriarchado e 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas. Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Feira no domingo do Espirito Santo, tres dias.

Chamava-se tambem *Azeceita*.

Era da corôa. Fertil.

Situada em uma baixa, na encosta de um monte. Foi freguezia annexa á de Santa Maria do Castello, de Torres Vedras; cujo prior confirmava a nomeação do cura de Azoeira, que era feita pelo povo, e tinha de renda 120$000 réis.

Ha n'esta freguezia uma albergaria, a que chamam hospital, que só serve para viajantes pobres. Diz-se que é obra de Santa Isabel, mulher de D. Diniz.

Foi feita villa em 1820. Era concelho (com 1:200 fogos) que foi supprimido em 1855.

AZÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, arcebispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 62 fogos.

Até 1855 foi do concelho de Penella, comarca de Pico de Regalados.

Orago S. Payo.

Foram seus donatarios os almirantes de Portugal (condes de Rezende) que apresentavam os abbades d'aqui, que tinham réis 200$000. Situada no valle de Penella, na raiz do monte Aventosa.

Feira franca, a 13 de dezembro.

Corre aqui o rio Neiva. Rega, móe, e tem peixe.

No monte dos Francos, ha muita caça, principalmente coelhos. O logar de Sobradêllo é *meieiro* d'esta freguezia e da de Duas Egrejas.

Houve aqui um reducto, do qual ainda ha vestigios, e no sitio d'elle uma aldeia, por isso chamada do Reducto.

AZOIA ou **AZOYA**—freguezia, Extremadura, districto administrativo, bispado, comarca e concelho de Leiria, 125 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 159 fogos. Orago Santa Catharina.

É das mais antigas freguezias da comarca. Era da corôa, e o povo pagava o oitavo dos fructos á casa do infantado.

O parocho (cura) era apresentado pela mitra e tinha de rendimento 60$000 réis.

Situada sobre um *têso* ou cabêço, dominando uma veiga que o rio Lena rega e fertilisa.

Na aldeia de S. Sebastião do Freixo, d'esta freguezia, é tradição que foi onde existiu a antiga cidade de *Calippo*. É certo que ainda aqui se vêem alguns alicerces de edificios e varias pedras com inscripções, mas já tão gastas, que se não podem ler. (Vide Leiria).

No meio d'esta aldeia, fez o povo uma capella a Santa Catharina, que o bispo D. Alvaro Abranches (de Leiria) elevou a freguezia, em 1713, mandando fazer egreja nova.

É palavra arabe *azzauia*, significa canto ou angulo.

D. Affonso III lhe deu foral, em 13 de abril de 1255.

(Aqui não se pergunta pela *Carlota!...*)

AZOIA DE BAIXO—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 90 kilometros ao NE. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O vigario do Salvador, de Santarem, apresentava aqui o cura, que tinha de renda uma pipa de vinho, um moio de trigo, dois cantaros de azeite e 2$000 réis em dinheiro. É terra fertil.

AZOIA DE CIMA—freguezia, Extremadura, districto administrativo, comarca e concelho de Santarem, patriarchado e 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 190 fogos. Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Ha n'esta freguezia muitos e extensos olivaes, por isso é muito abundante em azeite; do mais mediania.

O vigario era apresentado por a mesa da consciencia e ordens; tinha de renda um moio de trigo, dois cantaros de azeite, 30 almudes de vinho, duas arrobas de cera branca e 21$200 réis em dinheiro.

Junto ao logar, ha a fonte de S. Sebastião, tão salitrosa, que muitas vezes o salitre entupe os canos por onde ella passa.

AZULEJOS (Quinta dos)—Extremadura, termo de Lisboa.

Formoza habitação, contendo bonita casa, jardim, pomares, quintas, grande propriedade do sr. D. Miguel de Mena y Recio, hespanhol.

Aqui vinha passar alguns dias de verão D. Maria I e a corte. Chama-se dos *Azulejos* pelos que ornam as paredes, representando passos biblicos e scenas mythologicas.

AZURARA—villa, Minho, comarca, concelho e proximo a Villa do Conde, 25 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Conceição.

Em 1660 tinha 200 fogos e em 1757, 256.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em campina accidentada, aprasivel, muito fertil e saudavel. Ao N. e NO. a rega e fertilisa o Ave, que a divide de Villa do Conde, que lhe fica fronteira.

Ao O. confina com o Oceano Atlantico.

Vê-se d'aqui a formosa Villa do Conde, a barra ou foz do Ave, muitas povoações e freguezias, e grande extensão de mar.

Esta povoação é muito mais antiga do que Villa do Conde. Não se sabe quando, nem por quem foi fundada; mas sabe-se que já existia no tempo dos suevos.

No começo do seculo XII, era povoação muito importante, pois que o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza a fizeram villa e lhe deram foral, em 1102 (ou 1107) que D. Affonso 2.º confirmou em Santarem, no 1.º de fevereiro de 1213.

Na *Poblacion Gen. de Hesp.*, diz-se que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.

Muito fertil em cereaes, vinho e fructa. Cria muito gado grosso e miudo; abundancia de peixe do rio e do mar.

—

Foi primeiramente dos marquezes de Villa Real, e por extincção d'esta familia, ficou pertencendo á casa do infantado.

Tambem aqui tinham foros ou Figueiroa do Porto e outros.

—

Mas a villa d'Azurara não era freguezia; pertencia á parochia *d'Arvore*, com todo o territorio que forma hoje a sua freguezia; e ao (nesse tempo) extensissimo concelho da Maia, que tinha por termo septentrional o rio Ave.

Em 1457, formou nova freguezia, composta da villa d'Azurara e todo o seu actual territorio, ficando todavia os habitantes da nova freguezia obrigados a concorrerem para os reparos da sua antiga egreja parochial de Arvore (de cuja obrigação poderam eximir-se depois de muitas demandas em 1726) e sendo o cura d'aqui apresentado annualmente pelo vigario d'Arvore.

Depois, como a nova freguezia foi crescendo em população e prosperando muito, se tornou uma parochia muito mais importante do que Arvore, o vigario se passou, em 1550, d'Arvore para aqui, e apresentava depois d'isso, cura na antiga freguezia. A mesa capitular do bispado do Porto é que apresentava o vigario d'Arvore, e desde 1550 ficou apresentando o d'Azurara.

Até aos fins do seculo 15.º, ainda Azurara continuou pertencendo ao concelho da Maia; desde então, formou concelho independente. com a maior parte da sua freguezia (porque o resto ainda ficou sendo da Maia) e com a de Villa do Conde, que ficou sendo do concelho d'Azurara. Isto durou assim até fins do seculo 17.º, ou principio do seculo 18.º, em que Villa do Conde fez a Azurara quasi como Azurara havia feito a Arvore, isto é, Villa do Conde progrediu e prosperou mais do que

Azurara, e de *creada tornou-se senhora;* formando concelho a que Azurara ficou sugeita; ou, o que vale o mesmo, mudou-se para Villa do Conde o concelho d'Azurara.

Foi então, ou pouco antes, que a parte d'esta freguezia que pertencia ao concelho da Maia, ficou pertencendo ao do resto da freguezia. (Vide Arvore.)

D. Manoel, *vindo de S. Thiago de Compostella (Galliza) onde,* segundo a tradição, *foi em romaria* [1] no anno de 1498, mandou aqui fazer o sumptuoso templo actual. Tem uma alta torre de cantaria, e dentro e fóra da egreja as armas de que usava D. Manoel.

Houve aqui um convento de frades capuchos (pios) fundado em 1518, em uma quinta, que segundo a tradição, tinha sido convento de templarios. É no mais bello e ameno sitio que tem a povoação. Foi fundado por fr. João Chaves. Foi dado pelo provincial dos claustraes a D. Jayme, duque de Bragança.

Tem Misericordia e hospital, que consta ter sido fundada em 1516.

Feira a 5 de agosto.

Gosou Azurara muitos e grandes privilegios, honras e isenções, que se podem ver no *Tombo* da casa dos marquezes de Villa Real, que está no cartorio da camara do Porto.

Quasi todos os auctores dizem que o nome d'esta villa provém de uma *pedra d'ara* de côr azul, que tinha a primitiva egreja d'esta villa, dizendo-se *azur-ara.* (Todos sabem que em portuguez antigo e ainda em muitas terras do norte do reino, se dizia *azur* por azul; n'isso não ha duvida.)

Com perdão d'esses auctores, e apesar da minha insignificancia e obscuridade, direi que me não conformo com esta etymologia em tudo.

A egreja *primitiva* ainda é a actual. Quando ella se edificou, já a villa era villa com este nome, havia 396 annos. Antes de ser villa, e desde o tempo da invasão dos mouros, tambem não consta que tivesse outro nome, e aqui temos o nome de Azurára com 782 annos de edade antes da existencia da egreja primitiva. E quantos annos ainda mais teria este nome do tempo dos suevos e godos?

Talvez que tivesse aqui havido alguma ara celtica (dolmen) cuja pedra fosse azul ou azulada, e que désse o nome á povoação. É, segundo a minha humilde opinião, o mais presumivel.

Antigamente chaya-se *Zurára.*

Azurára tambem póde vir de *Azureira, Azoreira* ou *Azereira.* (Vide esta palavra.)

É patria de Gomes Eannes d'Azurára, celebre historiador portuguez.

João Antonio Salter de Mendonça foi o 1.º visconde d'Azurára. Casou com D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache (senhora da bella quinta do Freixo nos arrabaldes do Porto, que hoje é do sr. visconde do Freixo) e é seu filho e sucesssor o actual visconde (o 2.º) d'Azurara, Jorge Salter de Mendonça. (Vide Freixo.)

Em 10 de dezembro de 1872 falleceu em Paço d'Arcos (Lisboa), com 68 annos de edade o sr. Jorge Salter de Mendonça, 2.º visconde de Asurara, commendador da ordem de Christo e antigo deputado da Junta do Tabaco. Era cavalheiro de muita intelligencia e vasta erudição, e um dos ornamentos do partido legitimista portuguez.

Deixou viuva a sr.ª D. Maria Henriqueta Manuel de Vilhena Saldanha, da nobilissima casa de Pancas, irmã do verdadeiro portuguez D. Sancho Manuel de Vilhena, e sobrinha do marechal Saldanha.

AZURARA DA BEIRA—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde de Azurara, 12 kilometros a E. de Vizeu, 440 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 2:800 almas, concelho 2:860 fogos, comarca 8:500.

D. Diniz lhe deu foral, em 1298. Viterbo

[1] É engano evidente. D. Manuel casou em outubro de 1497, com a princeza Izabel, viuva do principe D. Affonso de Portugal (que morreu de uma queda em Santarem) e herdeira de Castella. Em 1498, foi o rei a Toledo, para ser (como foi) jurado herdeiro de Castella, a 28 de abril d'esse anno (e não em *romaria* a S. Thiago) aproveitou a occasião da sua passagem, para ver o santo apostolo. De Toledo passou a Saragoça para ser jurado principe de Aragão; mas, morrendo ahi a rainha, e depois o filho, lá se foram as esperanças de D. Manuel.

diz que o conde D. Henrique e sua mulher lhe deram foral em 1112. (Franklim não traz este foral). Chamava-se antigamente *Zurara da Beira*.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 26 de março de 1514. Mangualde ainda em 1514 não era mais do que uma aldeia da freguezia de Azurara, o que o mesmo foral declara, e hoje é a capital do concelho e da comarca.

Esta freguezia tinha sido primeiro abbadia dos condes de Belmonte, depois passou para a corôa.

Para tudo o mais vide Mangualde de Azurara. A mesma etymologia.

AZUREIRA, AZOREIRA ou **AZEREIRA**—logar plantado de *azêros*, ou matta d'estas arvores, mais commummente chamadas *azereiros*. D'elles se fazem gamellas ou escudellas. Tambem d'estas arvores vem o appellido de Azeredo. Tambem é matta ou deveza destinada para colher lenhas.

AZUREM ou **AZUREI**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em bonita situação, nos arrabaldes de Guimarães. O vigario era annual, apresentado pelo cabido da collegiada de Guimarães, e tinha de congrua 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil, sobre tudo em trigo, vinho, centeio e azeite.

Os moradores d'esta freguezia gozavam os privilegios das *Tabolas vermelhas* (ou Taboas vermelhas) como caseiros de Nossa Senhora da Oliveira.

Vem de Azureira.

Ha aqui uma torre que era o solar dos Peixotos, que procedem de Gomes Peixoto, *o velho*, filho de D. Egas Henriques Porto Carreiro.

AYAM ou **AIÃO**—freguezia, Minho, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 24 kilometros a NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

AYAMONTE, AIAMONTE ou **VAIAMONTE**—freguezia, Alemtejo, concelho e 6 kilometros de Monforte, comarca e 30 kilometros d'Evora, 160 a E. de Lisboa, 190 fogos.

Situada em uma planicie fertil.

O cura era apresentado pelo bispo d'Elvas.

Junto á egreja está um outeiro, do nome da freguezia (ou do qual ella tomou o nome) do qual consta ter sido habitação dos mouros, d'onde sahiam a fazer cruel guerra aos cavalleiros d'Aviz; mas estes lhe deram tão sanguinolenta batalha e derrota, que um ribeiro que passa á raiz do monte, correu tres dias ensanguentado, e d'aqui lhe veiu o nome de *Matança*, que ainda tem.

D. Sancho II a tomou aos mouros, em 1240.

Proximo a esta freguezia está a Torre da Palma, que foi primeiro dos Sequeiras e depois de Diogo de Mendonça Corte Real, cujo nome está na porta principal.

Perto da torre, é a fonte da Fornalha, que secca de inverno e é abundante de verão.

Este Ayamonte tem feito escrever muito disparate a auctores, aliás de muito juizo, confundindo-o com a cidade do mesmo nome na Andaluzia, situada na esquerda e proximo da foz do Guadiana, em frente das nossas villas de Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio da Arenilha.

AYRÃO—vide Airão e Airães.

AYRAS—vide Souto Redondo.

AYRE ou **ARITIO**—cidade antiga da Lusitania, de que falla o licenciado Jorge Cardoso no seu *Aquilegio*, e menciona o imperador Antonino Pio, no seu *Itinerario*.

André de Rezende, diz que é *Benavente*; outros dizem que é *Barreiros*, ontros *Erra*; mas em nenhuma d'estas povoações ha o minimo vestigio de antiguidades romanas.

Segundo o já citado Jorge Cardoso, a antiga cidade d'Ayre, era no sitio da actual *Alvega*, a 12 kilometros ao S. de Abrantes; onde ha notaveis ruinas e vestigios de uma populosa cidade, pela qual passava a via militar romana, que de Lisboa ia a Merida.

Teria 4:000 visinhos, segundo se póde colligir do ambito das muralhas que a cingiam.

Hoje está reduzida a uma aldeia, situada

em uma planicie muito fertil, cujos dizimos sustentavam cinco conventos.

Tem-se aqui achado alicerces de sumptuosos e vastos edificios, sepulturas, aqueductos, canos de chumbo, galerias subterraneas, adornadas de mosaico, com figuras e porticos, e grande quantidade de moedas romanas.

Ainda estão de pé muitos pilares sobre que se sustentava o famoso cano que trazia a agua á cidade, extrahida de uma ribeira.

Em 1659, appareceu aqui uma lamina de bronze, de meio metro de comprido e 22 decimetros de largo, com quatro buracos, um em cada canto, o que indicava ter estado pregada em logar publico. Tem uma inscripção latina, que por extensa não copio, a qual é uma provocação ou especie de desafio, feito por *Cummidio Durmio Quadrato*, legado do imperador C. Cezar Germanico, declarando que sempre será inimigo dos inimigos de Caio Cezar; *aos quaes perseguirá com armas, guerras e mortes, por terra e por mar.* Termina assim: «Foi feito este protesto no anno de Caligula, aos 11 de maio, na antiga cidade de Aritio, sendo consules *Cn. Acerronio Proculo, Caio Petronio* e *Poncio Nigrino.*»

Parece pois que esta lamina, e muitas mais circumstancias, evidenceiam que foi no sitio da actual Alvega, que existiu a famosa cidade de *Aritio*, ou *Ayre* ou *Euritia.*

Foi destruida pelos vandalos, suevos, alanos e godos, no V seculo; mas parece que os arabes ainda aqui residiram depois por muitos annos, reedificando-a, ao menos em parte, pois que do tempo do seu dominio ainda existem grandes e sumptuosos edificios subterraneos.

Julga-se que foram os arabes que lhe pozeram o actual nome.

Com as continuas e encarniçadas guerras entre christãos e mouros, entre os seculos IX e XIII, foi esta cidade do todo arruinada.

D'ella foi rei o santo martyr Leuciano. Vide Alvega.

AYRE—serra, Extremadura. Principia no Furadouro, termo d'Ourem, com este nome, e com elle continúa por 24 kilometros, até ao logar de Minde (e é por isso que muita gente lhe chama Serra de Minde). D'aqui caminha com os nomes de Serra de Patêllo, Valle da Trave, Albardos, Mendiga, Porto de Mós, Alcanede, Arrimal, Val de Ventos e Candieiros, até ir entestar na serra de Monte Junto, proximo do Cercal.

Pelo cume d'esta serra se divide o patriarchado de Lisboa, do bispado de Leiria.

É pouco cultivada, por causa da sua aspereza, encerra porém alguns muito bem cultivados e mui ferteis valles. No sitio da Costa, se levanta um cabêço muito alto, chamado das Sete Villas, por d'aqui se verem Leiria, Porto de Mós, Alcobaça, Alcanede, Santarem, Torres Novas e Ourem. Tambem d'aqui se descobre grande parte das provincias da Extremadura e Alemtejo, e vasta extensão do Oceano.

Nascem d'esta serra quatro rios abundantes, que são: junto a Porto de Moz, o *Lena;* o *Liz*, que depois se junta ao *Lena*, o *Almonda* e o *Alviella* que desaguam no Tejo.

O *Lena* passa em Leiria, o *Liz*, que se junta a elle proximo d'esta cidade, o *Almonda* passa a Torres Novas, o *Alviella* que passa a Pernes e que a Companhia das Aguas projecta canalisar para o abastecimento das fontes e casas de Lisboa.

Ha n'esta serra muitas povoações.

Tem varias *canteiras* de optimo marmore, sendo a melhor a do Valle da Azinheira, perto de Mira, que é alvissimo.

Ha tambem aqui variadissimas qualidades de pedras de muitas cores, e o *Lapis Judaicus* (a que aqui chamam *maminhas da rainha*) similhantes a bolotas, a que attribuem a virtude de desfazer a pedra dos rins.

Tem minas de ferro e parece que tambem de prata. Tambem aqui se encontra spathocalcareo, azeviche e crystal. Tudo por explorar!

Uma grande parte d'esta serra está coberta de alecrim, que dá excellente mel branco. Produz tambem muito rosmaninho, pimenteira, carrasco, aroeira, urze, torga, esteva, medronheiro, morganiça, sargaço, murta, sabugo, canafrecha, etc.

Produz varias qualidades de plantas medicinaes.

Nos sitios cultivados, dá excellente trigo, milho grosso e outros fructos.

Cria bois, porcos, cabras, ovelhas, egoas e cavallos.

Tem muitos *algares*, nos quaes se cria uma enorme quantidade de caça do ar.

Tem grandes mattas de sovereiros e carvalhos e vastos pinhaes, que são objecto de grande commercio, pelas muitas madeiras que produzem e que se exportam para varias terras.

Cria tambem muito esparto.

É celebre o *Olho de Mira*, extensa gruta, de mais de um kilometro de comprido, onde nasce abundancia de optima agua. É aberta em rocha viva e póde percorrer-se quasi toda sem perigo. As aguas que aqui nascem, formam um lago que cria grandes e gostosas enguias e eirozes. Vide Olho de Mira.

Defronte de Mira, no cume da costa que vae de Minde, está um grande rochedo e n'elle algumas *lapas*, onde se criam muitos pombos bravos. É o *Algar do Cabêço dos Pombos*.

Em um valle muito estreito, chamado Valle de Figueira, ha tambem uns rochedos altissimos, onde ha muitos ninhos d'aguias.

Cria grande copia de viboras.

E' notavel esta serra pelas curiosidades naturaes que n'ella ha, taes são: a *Pia Carneira*, as *Lapas* e o *Penedo do Padrão*, isto além das que já são designadas. (Vide Olho de Mira.)

AYRES — serra, Alemtejo, comarca de Villa Viçosa. Começa ao E. da freguezia de Santo Aleixo, e finda proximo á villa de Veiros, com o nome já de Serra de Santo Antão. Tem 8 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

E' pedregosa e produz apenas estevas e medronheiros. Cria muitos lobos e rapozas, e caça miuda.

Produz trigo e senteio, nas poucas partes em que é cultivada.

AYRÓ — serra, Minho, é corrupção de *Aureo*, pois antigamente se chamava *Monte-Aureo*, nome que lhe deu a sua muita fertilidade e as suas minas de ouro.

Principia na freguezia de S. Jorge do Ayró e termina na de S. João de Paços, com 4 kilometros de comprido.

No plató que ha no cume, está a ermida de Nossa Senhora da Boa-Fé, e um recolhimento principiado, com cellas, para quem aqui quizesse fazer vida eremitica. Pertence isto á freguezia de S. Thiago de Sequiade.

No outeiro eminente á parochia de S. Jorge, estão uns penedos chamados *Castellos*, onde, segundo a tradição, houve um castello chamado de Pena-Fiel ou Penha-Fiel, do qual não ha os mais leves vestigios, se é que elle existiu.

O terreno d'esta serra é fertilissimo e produz o melhor vinho verde da provincia.

(Ha no Minho um rifão que diz: — *Vinho de Ayró, não o dês, bebe-o só.*)

Ha aqui muita caça.

Em um outeiro ou *padrasto* d'esta serra, chamado *Crasto*, é tradição que houve um castello ou fortaleza em tempos antigos, e d'elle ha vestigios.

Na parte em que termina a freguezia de S. Jorge de Ayró, ao S., está a casa ou paço de Ayró, ou de Villas-Boas, antigo solar dos d'este appellido.

Ainda alli se vêem as ruinas da torre em que viveu Diogo Fernandes Villas-Boas, aquelle valoroso portuguez, que servindo nas guerras contra Castella, em 1328, no reinado de D. Affonso IV, arvorou na mais alta torre de um castello, em cujo cêrco se achava, a palma que recebera em Domingo de Ramos: em cumprimento do voto que havia feito a S. Thiago apostolo; merecendo por isso, para elle e seus herdeiros, as armas de que estes hoje usam. São estas: escudo esquartellado, no primeiro quartel, um castello de prata, de tres torres, com portas, lavrado de preto, em campo de púrpura, saindo da torre do meio um ramo de palma, verde. No segundo quartel, um dragão de prata, voante, armado de púrpura, com o rabo retorcido, sobre campo azul; e assim os contrarios. Timbre, meio dragão, das armas, com um ramo de palma na mão.

Os Villas-Boas são da primeira nobreza de Portugal, e a residencia actual do ramo principal d'esta familia, é na formosa e antiga villa de Barcellos, de que Ayró é termo.

Foi o referido Diogo Fernandes Villas-Boas (nobre progenitor d'esta familia) que mandou edificar o castello (ou torre) de Ayró, pelos annos de 1330, depois da paz com Castella, que teve logar em 1328, pelo casamento do infante D. Pedro, depois rei, primeiro do nome, com a infanta D. Constança, filha do rei castelhano.

Entre os fidalgos distinctos d'esta familia, se conta o notavel heraldico, dr. Antonio de Villas Boas Sampaio, provedor de Coimbra e desembargador da relação do Porto, auctor de uma estimada *Nobiliarchia Portugueza.*

AYRÓ—freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros a E. de Barcellos, 15 a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi supprimida em 1454, annexando-se á de S. Bento d'Ayró, e por fim ambas se annexaram á de S. Bento de Varzea. (Vide Ayró e Varzea, e Varzea (S. Bento.)

AYRÓ—freguezia, Minho, comarca, concelho e 7 kilometros a E. de Barcellos, 13 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Tinha em 1757, 62 fogos. Orago S. Jorge.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada na serra do seu nome e muito fertil. (Vide serra d'Ayró e a freguezia immediata.)

Foi couto do mosteiro de Santo Eloy de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) e era curato do convento. Rendia 50$000 réis.

AYRÓ e **VARZEA**—freguezia, comarca, concelho e 5 kilometros ao E. de Barcellos, 15 ao O. de Braga, 360 ao D. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos. Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada na encosta da serra ou monte do seu nome, e no valle que fica ao sopé. D'aqui se vê Barcellos.

Foi antigamente do couto de S. Bento da Varzea.

A egreja é muito antiga e pequena. Foi abbadia secular até 1454, em que João Annes do Salvador, ultimo abbade d'esta freguezia, a renunciou no convento de Villar de Frades, de conegos seculares de S. João Evangelista, professando no mesmo convento: isto com beneplacito de D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga.

Desde então até 1834 ficou sendo curato de nomeação annual, apresentado pelo reitor do dito convento, em dia de S. João Baptista.

Tem este parocho um dilatado passal, residencia em que vive e o pé de altar, e tinha pelos frades 13$000 réis em dinheiro.

Os dizimos, assim como os da freguezia de S. Bento de Varzea, annexa a esta, eram para os taes frades.

É, como todas as povoações d'esta serra, abundantissima de todos os generos agricolas e do tal vinho — *Bebe-o só.*

Tem muitos pastos, pelo que cria muito gado grosso e miudo, e caça.

Ao N. da freguezia está a capella de S. Martinho, muito antiga, e que foi matriz da extincta freguezia de S. Martinho d'Ayró, supprimida, por pequena, em 1454.

(Foi um arranjo que fizeram os religiosos de Villar de Frades com o arcebispo de Braga, para não terem de pagar a dois curas, visto que, com a renuncia do ultimo abbade de Ayró, ficavam elles padroeiros de duas egrejas, sem terem de pagar senão a um cura.)

Depois, ainda estes dois *Ayrós* se annexaram á freguezia de S. Bento da Varzea, e é por este ultimo nome mais vulgarmente conhecida esta freguezia.

AYVADOS (Ponte dos)—curiosissima ponte natural, feita pelo rio *Arcão*, que nasce do celebre olho d'agua chamado *Borbolegão*. (Vide esta palavra, Diabroria e Grandola.)

O rio, pouco abaixo da sua origem, encontrou um obstaculo que lhe tolhia o curso arrebatado. Era um enorme penhasco. Arcou furioso contra elle, e não podendo destruil-o completamente, minou-o, formando assim uma bella ponte natural, por onde com segurança e commodidade passam carros.

A natureza se encarregou de aformosear esta ponte, revestindo-a de heras e outras trepadeiras, que fazem uma deliciosa vista. Os arvoredos das margens do rio augmentam a belleza d'este sitio pittoresco.

B

BABE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Tinha em 1757, 89 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um alto d'onde se vêem varias povoações.

O reitor era de apresentação regia e tinha de congrua 46$000 réis, 4 alqueires de trigo, 20 medidas de vinho e um pequeno *passal*. A congrua lhe pagava o commendador, que era o conde d'Alva, este recebia os dizimos d'aqui e das duas annexas, que eram Gimonde e Labiados. Dava tambem para a fabrica da egreja 12$000 réis.

Na extremidade O. da freguezia passa o pequeno rio *Contense*, que morre no Sabor.

Tambem aqui passa a ribeira da Pereira, que desagua no mesmo rio. Tem pizões e moinhos, e rega.

A producção agricola é mediana.

O nome d'esta freguezia é derivado da palavra arabe *Babon*, que significa porta, e como está no diminutivo, quer dizer *Portinha*.

BABEGARDO—aldeia, Extremadura, termo de Thomar.

É nome derivado das palavras arabes *babe* (portinha) e *ârdo* (largura). Significa—*Portinha da largura*.

BAÇA—rio, Extremadura, o qual, junto com o Alcôa, querem alguns que dê o nome á villa de Alcobaça. (Vide esta villa.)

Nasce junto á serra dos Mulianos; mas só começa a ter nome de rio nos Casaes de Mend'Alvo.

Depois de 3 kilometros de curso, se junta ao *Rio Velho*, que passa pela villa d'Alcobaça, no sitio do Pégo de Entre Ambas as Aguas.

Os frades de Alcobaça eram senhores das pescarias d'este rio.

Todas as suas margens são cultivadas e fertilissimas, e teem arvoredos silvestres e fructiferos. Tem tambem alguns moinhos.

Tem duas pontes de cantaria dentro de Alcobaça, uma na praça, outra na rua da *Porta de Fóra*.

BAÇAL—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Romão.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está situada em uma campina d'onde se vê Babe e Rio Frio.

O cura era apresentado pelo prior da collegiada de Santa Maria, de Bragança, e tinha de congrua 60$000 réis e o pé de altar.

Fertil em trigo, centeio, vinho e gado, do mais medianía. Clima excessivo, mas saudavel. Muitas aguas.

Baçal é palavra arabe. Significa *logar plantado de cebollas* ou *cebollal*.

BACCALAR—aldeia, Beira Alta, termo de Armamar, sobre a esquerda do Douro.

Baccalar era o predio rustico (ou *vassallaría*) que constava de 10 ou 12 casaes, cada um dos quaes era servido com uma junta de bois ou de vaccas.

BACECA—aldeia, Extremadura, patriarchado. É a palavra arabe *Babeca*. Significa—*A tua porta*.

BACEIRO—rio, Traz-os-Montes, o qual nasce em Castello, na serra da Teixeira, termo de Padornêllo, a 9 kilometros da raia.

Depois de juntar alguns ribeiros, entra no Tuella, no sitio de Pena Cabreira.

Corre quasi sempre por terra aspera e agreste, e nas partes em que as suas margens se cultivam, são muito ferteis. Tem tambem varios arvoredos silvestres, moinhos e pizões.

Tem uma ponte de cantaria proximo de Castrellos, na estrada de Vinhaes para Bragança, e outra d'alvenaria em Paramio.

BACIAS—ribeiro, Extremadura, comarca de Thomar, o qual tem azenhas, pizões e lagares de azeite.

BAÇÓ—serra, Douro, comarca de Coimbra, termo de Góes. É braço da Serra da Estrella. Tem 18 kilometros de comprido e 12 de largo.

Lança dois braços, que são—Colcorinho e Cebôllo. É muito fria. Tem algumas povoações pequenas. Produz algum trigo, centeio, castanhas, e caça.

Aqui nasce o rio *Ceira*.

BADAMALLOS ou **BADAMALHOS** ou **VILLAR-MAIOR**—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, 120 kilometros ao SE. de Lamego, 324 ao E. de Lisboa, 180 fogos, no concelho, (que é Villar-Maior) 1:510 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Badamallos era da corôa e está situada em um alto d'onde se vê a aldeia de Sisto e muitas serras.

Era freguezia annexa á de Villar-Maior, cujo vigario apresentava aqui o cura, que tinha 30 fangas de pão (120 alqueires).

Dentro do logar tem um reducto ou fortim, onde os moradores faziam guarda no tempo de guerra Está desmantellado.

A 3 kilometros ao O. passa o rio Côa.

Badamalhos e Villar Maior formam hoje uma só e mesma freguezia.

Badamalhos é corrupção de *Bradamalhos* (que é como antigamente se escrevia). É o mesmo que dizer—*Bate matracas* ou *Brada com as matracas*.. *Malhos* eram umas táboas onde se batia com um maço quando se não podiam tocar os sinos, ou por estar Jesus Christo morto, ou por *interdicto*, ou por não haverem sinos. Hoje chamam-se *matracas*, mas são construidas de differente modo. (Vide Malhos.)

BADIM—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares, 60 kilometros ao NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em um monte cercado de valles. Terra muito fria, mas saudavel. Pouco fertil.

O vigario era apresentado pelo reitor do Salvador de Seivães, ao qual esta freguezia era annexa. Tinha de congrua uns 60$000 réis.

É a palavra arabe *Badim*, que quer dizer *principiada*. Deriva-se do verbo *bada*, principiar, começar.

Foi de commendatarios.

Havia aqui o couto de Villa Bôa, que foi dos Abreus, por mercê do rei D. Fernando, pelos annos de 1370.

Ha aqui uma torre, que, com os *direitos reaes*, por descendencia dos Abreus, passou a ser dos marquezes de Tenorio, da Galliza.

Ha tambem a casa solar dos Villarinhos, que juntamente com os Abreus, descendem de Arção de Cotos, que foi um extremado cavalleiro dos primeiros tempos da monarchia.

Estes Villarinhos vem de um bastardo da casa dos Abreus, que indo com seu pae e dois irmãos legitimos á caça, sendo o pae assaltado por uma grande serpente, fugiram os legitimos cobardemente, deixando seu pae em perigo; porém o bastardo resolutamente investiu com o reptil, matando-o antes de seu pae ser ferido. A mulher, quando soube o comportamento dos filhos e do enteado, perfilhou este e desherdou aquelles.

Na capella-mór da egreja de S. Gil de Perre estão as armas dos Abreus. São duas serpentes enlaçadas.

Consta que Badim foi honra dos Badins de Villarinho, que eram senhores do Paço de Villa-Boa, do couto de Quintella, da Torre de Villa Martins e da quinta da Sobreira, em Troviscoso.

Em tempo do rei D. Diniz, Gil Peres de Villarinho foi cabeça de bando nas contendas que os fidalgos de Quintella e outros tiveram contra os de Abreu, e o rei os conciliou.

BADULAQUE—portuguez antigo, especie de sôpa feita dos pés e entranhas das rezes. Era muito usado pelos castelhanos e tambem em algumas partes de Portugal.

Fazia engordar, e por isso, quando se via um homem muito gordo, dizia-se:—«aquelle cóme *badulaque*». Depois, por abreviatura chamavam-lhe *badulaque*. D'aqui se deriva chamarmos nós hoje *bazulaque* a quem é gordo, e sobretudo a quem tem grande abdomen.

BAGAÚSTE ou **BAGAÚSTO**—antigo couto dos bispos de Lamego, e uma das melhores coisas que elles tinham. (Vide Couto de Ucanha, Salzedas e Burgo, da comarca de Lamego.)

Foi D. Affonso I que doou este couto, em 1164, á Sé de Lamego.

BAGUEIXE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757 60 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em dilatada campina, da qual não se descobrem outras povoações.

O cura era apresentado pelo abbade de Castro Roupal. Tinha de congrua 6:000 réis em dinheiro, 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho que lhe dava o tal abbade.

Fertil em cereaes, fructa, vinho, e gado (por ser muito abundante de pastos) e algumas colmeias.

Tinha antigamente juiz pedaneo.

Feira a 13 de dezembro.

Foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho de Izeda, ou couto de Izeda.

É corrupção da palavra arabe *Bachueixe*, diminutivo de *bochxon* (buraco). Significa *buraquinho*. Deriva-se do verbo *bachaxa*, furar, abrir buraco. (Vide Castro Roupal.)

BAGUEIXO—ribeira, Extremadura, patriarchado, termo de Lisboa.

Nasce na freguezia de S. Quintino; recebe varias ribeiras, e passa nos termos da Arruda, Alemquer e Castanheira, onde se mette na direita do Tejo.

Rega os campos, mas muitas vezes faz mais perca que proveito, arrazando-os com as suas enchentes no inverno.

A mesma etymologia de Bagueixe.

BAGUNTE—Vide Arco de Baulhe.

BAGUNTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É da casa de Bragança.

Situada em um valle ameno, nas margens do Ave. D'aqui se descobrem muitas povoações e o mar.

O abbade era apresentado pela casa de Bragança e tinha 650$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

Feira a 24 de março e 15 de agosto.

Ha aqui um alto monte chamado da *Cividade*, que é tradição antiquissima ter sido cidade e fortaleza dos mouros. É o primeiro sitio de terra que descobrem os navegantes que vem para Portugal por estas paragens.

Acima da ponte dos *Arcos* ha vestigios de fortificações muito antigas, communicando, por estradas cobertas, com as de Cividade.

Foi do reino de Aragão, e condado de D. Payo de Bagunte, a quem enganou o conde D. Mem Soares de Novellas, com os outros seis sepultados em S. Pedro d'Atei.

BAIAO—Vide Bayão.

BAIRÃO—Vide Vairão.

BAIRRADA—terreno nas cercanias do rio Sértema, comarca e concelho de Anadia, famoso pelo seu vinho. Fica entre os rios Mondego, Agueda e Vouga, e nas duas margens do Sértema.

Os terrenos d'este paiz, que servem para todo o genero de cultura pela sua boa qualidade, são sobretudo proprios para vinhas, e no meiado do seculo passado estava povoadissimo d'ellas; mas o marquez de Pombal, sob pretexto de que estes terrenos eram mais uteis e necessarios para a cultura de cereaes, de que havia falta, (mas, na realidade para engrandecer o Douro e para

fazer prosperar a Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, que havia creado em 1759), mandou arrancar todas as vinhas, o que deu um terrivel golpe nos lavradores da Bairrada, e fez depreciar muito as suas propriedades.

No reinado de D. Maria I se tornaram a plantar as vinhas, e o commercio dos vinhos readquiriu a sua antiga prosperidade. (E maior seria ella se os proprietarios e negociantes de vinhos não estragassem estes, que são optimos, com as misturas que lhe fazem.)

Os sitios do vinho mais precioso são os arredores do monte do Crasto, Mealhada, Travasso, Sarnadello, Alpalhão, Casal-Comba, Pedrulha, Antas, Serpins, Ventosa, Arinhos, Aguim, Matta, Ois, S. Lourenço, Horta, Tamengos e ainda algumas vinhas em outros pontos.

Exporta a Bairrada muitos vinhos pelo caminho de ferro do N. (que atravessa este paiz) para Lisboa, e de lá para o Brasil; algum para a Figueira, e grandes quantidades dos mais inferiores para as costas maritimas, desde Aveiro até ás immediações do Porto, vindo para esta ultima cidade grande quantidade de pipas, que misturado com o do Douro, vae correr mundo com o nome de *Vinho do Pocto*, o que tem desacreditado muito no estrangeiro os superlativos vinhos do Douro.

Ha aqui minas de carvão. (Vide Anadia.)

Na minha opinião—Bairrada, Bairral, Bairro e Bairros, procedem da palavra arabe *Barria*, que significa *campina* ou *coisa campestre, aldean, deserta.*

Para a etymologia vide Barro.

BAIRRAL—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Lamego, 330 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bipado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim, *Barro.*

BAIRRO (S. Lourenço do)—villa, Douro, comarca da Anadia, 18 kilometros a ESE. de Aveiro, 24 ao ONO. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

No concelho 1:800 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Dizem alguns escriptores que D. Affonso III lhe deu foral em 1293. Franklim não falla n'este foral; mas, em todo o caso, ou este foral nunca existiu, ou não podia ser dado por aquelle rei 14 annos depois da sua morte, pois é certo que elle morreu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279. A não haver engano com a era de Cesar e o anno de Jesus Christo (que vinha então a ser o de 1255) tal foral nunca existiu.

O que é certo é D. Manuel dar-lhe foral, em Lisboa, a 5 de abril de 1514. Está no Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 78, col. 2.ª

Foi em tempos antigos do bispado de Merida; depois passou a ser bispado de Coimbra, até á erecção do bispado de Aveiro.

Eram donatarios d'esta villa os marquezes de Cascaes, que apresentavam o prior, o qual tinha de rendimento 480$000 réis.

E' povoação muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Esta freguezia e a seguinte, formaram uma só freguezia, em tempos antigos.

E' terra muito fertil, sobre tudo em optimo vinho, chamado vulgarmente da Bairrada. Vide Bairros (o terceiro mencionado.)

BAIRRO (Ois do)—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 12 kilometros a ESE. de Aveiro, 260 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Foi concelho, com camara, juiz ordinario, dos orphãos, escrivães e mais empregados.

Antigamente escrevia-se *Oes.*

Posto ser uma povoação bastante antiga, não me consta que tivesse outro foral, senão o que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Está no Livro dos foraes novos, da Extremadura, a fl. 149, col. 1.ª

E' terra muito fertil. Muito bom vinho da Bairrada.

(Vide o 3.º Bairros, Anadia e Bairrada.)

BAIRRO — Vide Oliveira do Bairro.

BAIRRO — serra, Extremadura, termo de Alemquer. Nasce proximo e ao O. d'esta villa. Tem 9 kilometros de comprido e 2 de largo. Lança um braço para O. chamado Serra da Dema. E' fragosa e aspera, produzindo apenas matto e alguns carvalhos.

Cria lobos, rapozas e caça miuda. Tem tambem muito gado.

Nas abas d'esta serra, para E., está o logar de Otta. Seu clima é doentio, por causa das aguas estagnadas que tem.

O rio Otta corta esta serra pelo meio e vae sair por uma bocca chamada Bocca da Matta d'Otta.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

BAIRRO — regato, Douro, freguezia de Aguiar de Sousa. Nasce na freguezia de Reymonda, junta-se ao rio Sobrado, e ambos morrem no Douro.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

BAIRRO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle ameno, fertil e saudavel. O abbade era apresentado pelo arcebispo de Braga. Tinha os dizimos e passal, cujo rendimento andava por 500$000 réis.

Pelo S., cerca esta freguezia o rio Ave, que a faz muito fertil.

Ha em Portugal 65 aldeias, fóra esta, com o nome de Bairro.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 5 de abril de 1514.

BAIRROS — freguezia, Douro, comarca de Arouca, concelho do Castello de Paiva, 48 kilometros ao O. de Lamego, 78 ao ENE. de Aveiro, 36 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, distritricto administrativo de Aveiro.

E' da casa de Bragança.

Situada em alguns valles e varios montes, terminando pelo E. NE. pelo rio Paiva.

Os frades cruzios do convento de Villa Boa do Bispo, apresentavam o vigario, que tinha 24$000 réis em dinheiro, 25 alqueires de pão de *segunda*, 12 alqueires de trigo e o pé de altar.

E' terra muito fertil e saudavel, e produz optimo vinho verde.

O Paiva, por correr muito fundo e por entre penedias, é pouco aproveitado para regas; mas faz mover varios moinhos de pão.

N'esta freguezia é o solar dos Salemas, em uma bonita quinta chamada da *Fisga*.

Hoje, o unico representante d'esta familia é o sr. Manuel Salema de Sousa Abreu Gouveia de Faria Carvalho Pereira.

Esta quinta, posto estar bastante descuidada por seu actual dono, ainda revela o luxo com que foi feita, nas innumeras estatuas de pedra, quasi todas mutiladas; em um pequeno, mas luxuoso jardim; e, sobre tudo, em um sumptuoso chafariz, digno de figurar em uma praça de qualquer cidade.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

BAIRROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 450 ao N. Lisboa. 100 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em montes e valles, abundante de aguas, fertil e sádia.

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

O abbade de Vinhaes apresentava o cura, que tinha de rendimento 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

BAIRROS — nas margens do Mondego, e proximo a Coimbra, ha uns terrenos plantados de vinhas, a que chamam os Bairros, e aos seus vinhos *do Bairro*.

E' o que se vende geralmente em Coimbra. Muitos confundem erradamente estes

vinhos com os da Bairrada. Aquelles, posto sejam muito bons, são todavia muito inferiores a estes e menos proprios para embarque. Mas os vinhos de Ois do Bairro e S. Lourenço do Bairro, são muito finos, porque as suas vinhas são dentro do paiz vinicula da Bairrada. (Vide Bairro, S. Lourenço e Ois.)

Sobre a etymologia, vide Bairrada, no fim.

BAJANCA ou **BAYANCA**—(portuguez antigo) barranco, cova, quebrada com mais ou menos agua.

BALANÇA—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 25 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os Azevedos eram donatarios d'esta freguezia.

E' situada na serra de Santa Isabel do Monte do Bouro, ao N. d'ella. A egreja está em um alto, cercado de frondoso arvoredo. O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de rendimento 700$000 réis.

E' terra muito fertil.

Tinha, até 1834, juiz ordinario.

Passa por esta freguezia o rio Homem, que rega, móe e traz peixe; e a estrada da Geira.

N'esta freguezia teem apparecido varios marcos miliares, uns inteiros outros partidos; uns enterrados, ou quasi enterrados; outros a fazerem muros de bouças e tapadas; um d'estes tinha a seguinte inscripção:

IMP. CAES. M.
AUR. CARO
INVICTO
P. C. P. M. X. T. P.
V. G. P. P. X. V.

Quer dizer que este padrão foi dedicado á honra do imperador Cesar Marco Aurelio Caro, invicto proconsul, pontifice maximo, tribuno do povo, pae da patria, e que da augusta cidade de Braga a este padrão, pela estrada imperial da Geira, são 15 milhas. No sitio dos *Teixugos*, na parede de uma tapagem, que fica á beira da Geira, ainda existe a parte de um padrão, mas falta-lhe a em que estava a inscripção. Só d'ella se descobre 1 metro de alto e 3 de grosso. Faz aqui o numero de 16 milhas a Braga.

BALAZAR—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era da corôa.

Situada entre arvoredos; mas n'uma elevação d'onde se vê Braga e varias povoações.

Os frades dos Remedios, de Braga, apresentavam aqui o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

No monte de Falpêrra, está a ermida de Santa Martha, sobre um penhasco. E' tradição que os mouros habitaram este sitio, e ainda ha alguns vestigios de vallas de terra e pedras, que mostram ter sido fortaleza.

No mesmo logar está a capella de Santa Maria Magdalena, que foi edificada em 1752. Aqui nasce um ribeiro chamado Agua de Vide, que faz moer um lagar de azeite; e rega. Balazar é corrupção de *Valle d'Azar*. (Vide Azar.

BALAZAR—freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 24 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi antigamente villa.

Era da coróa.

Situada em uma campina d'onde se não avistam povoações senão as da freguezia.

Tem uma boa egreja de tres naves. O arcebispo de Braga apresentava aqui os reitores, por concurso synodal, e tinham de rendimento 200$000 réis.

E' terra fertil.

Ha aqui os montes do *Sisto*, que teem muita caça. Ha tambem n'esta freguezia uma

fonte chamada de S. Pedro de Rates, e n'ella uma pedra com uma pégada estampada, e que dizem ser do dito santo, que n'ella estava bebendo, quando os inimigos da religião o foram procurar para o martyrisarem.

E' tradição que, tirando-se esta pedra. seccou a fonte e não tornou a deitar agua senão quando restituiram a pedra ao seu antigo logar.

Dizem os d'aqui, que a agua d'esta fonte cura as *maleitas*.

Ha n'esta freguezia a quinta do Casal, solar dos Casaes.

Corre pela freguezia o rio Deste.

A mesma etymologia.

BALÇA ou **BALSA** e **DESEJOSA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Taboaço, 30 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago Santo Antão, abbade, e S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Até 1855, era comarca e concelho de Taboaço, e de então para cá, de S. João da Pesqueira.

Era annexa á collegiada da villa de Barcos.

Eram donatarios d'esta freguezia os marquezes de Tavora até 1759, em que passou para a corôa.

A egreja é na Desejosa. O abbade de Barcos é que apresentava o cura d'aqui, que tinha de congrua 25$000 réis e o pé de altar.

Não é muito fertil.

Balça ou Balsa, em antigo portuguez (ainda hoje empregado em algumas terras) significa silvado basto com que se tapam quaesquer terras ou propriedades; os ramaes de coral que as ondas ás vezes arrancam do fundo do mar; logar apaúlado e coberto de matagaes, charcos ou lagôas; dorna em que se faz vinho; jangada feita de paos; e bandeira ou entandarte dos templarios. A esta se chama balsa-bipartida, por ser metade branca e sobre ella a cruz vermelha da ordem. Tambem se chamava balsão. Tinha a legenda: *Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloriam.*

Os poetas dão ás vezes o nome de balsa ou balsão a qualquer bandeira.

Balsa era o antigo nome da cidade de Tavira, no Algarve, e ha em Portugal varias aldeias e outros sitios com o nome de Balça ou Balsa.

—

Balça ou Desejosa, são duas pequenas freguezias unidas, curadas por um só parocho.

O orago da freguezia de Balça é S. Sebastião e da Desejosa, Santo Antão.

Em 1757, tinha a primeira, 11 fogos e a segunda, 22.

BALCÃO—É a palavra persica *Balicana*. Significa a rotula de ferro ou de madeira de uma janella. Entre nós, é varanda com grades, ou sem ellas, que serve de guarda ás janellas.

BALDIO (campo)—É corrupção da palavra arabe *Baledon*, que significa campo ou terreno inculto e agreste. Deriva-se do verbo *balada*, que significa habitar um logar deserto e sem cultura.

Ha no Alemtejo, arcebispado de Evora, uma aldeia d'este nome.

BALDOS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle, d'onde se não avistam outras povoações. O reitor de Moimenta é que apresentava o cura d'aqui, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Abundante de milho, vinho e castanhas; dos mais fructos mediania.

BALDRES—vide Baldrez.

BALDREU—villa, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto.

Situada em montes e valles, d'onde se vêem as freguezias de Balança, Carvalheira,

Chamoim, Chorense, Covide, S. Matheus, Moimenta, Souto, Villar e outras povoações.

Era couto sómente no civel, e vinha um escrivão de Pico de Regalados fazer aqui as audiencias e citações.

A matriz é no logar do Mosteiro, que tem este nome por ter sido antigamente mosteiro de cruzios, que fundou D. Ourigo Velho da Nobrega (pae de D. João de Aboim e de D. Fernão Ourigues, cujo filho, Nuno Fernandes, foi prior d'este convento) pelos annos 1250.

Ruy Fernandes, descendente de D. Ourigo, foi grande privado do rei D. Diniz.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho e monteiro.

O tal convento foi reduzido a abbadia secular, da apresentação alternada dos papas e dos arcebispos de Braga, por D. Fernando da Guerra, arcebispo; por breve do papa Martinho V (pelos annos de 1420). Passou depois á commenda de Christo, da exclusiva apresentação dos arcebispos.

Este couto tinha o privilegio de não dar soldados.

O reitor tinha 40$000 réis e o pé d'altar, ao todo 120$000 réis.

É terra fertil e cria bastante gado grosso e miudo. Nos seus montes ha lobos e caça miuda.

Passa aqui o rio Homem, que rega, moe e traz peixe.

A matriz é de construcção antiquissima. A sua architectura é gothica, mas grosseira e pesada, assimilhando-se alguma cousa aos templos egypcios. Tinha um velho portão em ogiva, com suas columnas e arabescos; mas, como ameaçasse ruina, foi substituido por uma porta de cocheira, não obstante as reclamações justissimas do parocho e de alguns habitantes da freguezia que não eram barbaros. O arco cruzeiro é tambem em ogival e acompanhado de um relevo floreado. Assenta em duas grandes columnas de granito, tendo nas sua bases varios animalejos de grosseira esculptura. Os capiteis tambem têem seus ornatos grosseiros. Sobre o telhado da capella-mór campeia a cruz da Ordem de Christo, de quem era a commenda.

Ha n'esta freguezia a capella de Santo Antonio de Mouchões da Serra, muito venerada dos povos.

É tradição que em um sitio despenhado havia a aldeia de Cabaninhas, cujos moradores eram pouco caritativos. Uma noite de tempestade chegou alli um mendigo a pedir abrigo, e percorrendo toda a aldeia, só um morador d'ella lh'o deu. A tempestade cresceu, e a chuva foi tão torrencial, que destruiu todas as casas, á excepção da em que o pobre tinha tido acolheita; escapando unicamente a familia d'esta casa, pois todos os mais morreram n'essa noite.

Edificou-se depois outra aldeia, mais acima d'esta.

BALDREZ — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um profundo valle.

O abbade de Quintella de Lampaças apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar, que lhe dava o tal abbade. Esta freguezia era annexa á de Quintella de Lampaças.

Produz trigo, centeio, algum milho, vinho, azeite e muita castanha.

Fica esta freguezia entre o rio Azibro e a ribeira de Salsas, que regam e moem.

BALEAL (ilha do) — peninsula a 3 kilometros a NE. de Peniche (pela praia) e 6 ao N. de Athouguia da Balea. Nas marés vazias póde ir-se a ella a pé enxuto, por uma lingua de areia, da parte do S. É um isthmo de uns 300 passos em quadrado. Tem de comprido uns 1:800 metros (de N. a S.) e 800 de largo.

É toda de rocha calcarea, com muito pouca terra.

Não tem arvores nem arbustos e a vegetação é quasi nulla. Apenas produz saldanella (ou brazia marinha) jusquiamo, herva divina, perrexil e outras plantas das costas.

É abundante de peixe e mariscos e aqui se encontram esponjas e coralina branca

(musgo marinho) e ha uns 15 annos, aqui proximo (no mar) se achou uma formosa arvore de coral, como o melhor do porto de Bone.

Tem um porto pequeno e perigoso, ao E., que só serve para barcos de pesca. A povoação que lhe fica mais proxima é a aldeia do Ferrel (no continente) que dista um kilometro.

Fez aqui um eremiterio o *irmão Antonio*, em 1746. Este anachoreta não sabia nem dizia quem era, nem d'onde era natural, e era tido por santo.

Não ha agua potavel no Baleal, vae-se buscar aos Camarções, onde o benemerito sr. José Joaquim Soares de Faria, de Lisboa, mandou fazer uma fonte á sua custa, em 1860.

O Baleal é hoje uma concorridissima estação de banhos, e em suas praias se acham lindissimas e variadas conchas e delicadisdimos buzios. D'aqui se vê as Berlengas, os rochedos de Peniche e dos Farelhões, Cabo Carvoeiro, etc.

Ha aqui a capella de Santo Estevão, e n'ella a milagrosa imagem de Nossa Senhora das Mercês, que sendo de marmore e de trez palmos de altura, a roubaram os mouros e levaram para Argel.

Um christão (natural de Peniche) que alli estava captivo e foi remido, quiz tambem remir a Senhora; mas o mouro que a tinha queria o seu peso em prata. O christão, apesar de ter apenas algumas moedas de pouco valor, acceitou, e pondo na balança o pouco dinheiro em prata que tinha no bolso, esta pesou mais do que a Santa, e assim a resgatou e trouxe para a sua capella.

Quando roubaram a senhora era eremitão Maruta, do Ferrel.

Ha no Baleal curiosas dendrites e varios fosseis, distinguindo-se os argonautas, as estrellas, briguigões, ameijoas, etc. Suppõe-se que o Baleal fazia parte da antiga e grande ilha *Eritrea* (junta com as Berlengas e a Consolação). Tem grande abundancia de coelhos, que alguem para alli deitou mansos e se fizeram bravos. Não são gostosos, por se alimentarem de plantas marinhas; mas, mesmo assim, são objecto de varias caçadas.

A 50 passos ao N. do Baleal, está um ilheu communicavel com esta ilhota, nas marés vazias, por cima de umas pedras.

Ainda ao N. está um penhasco todo cercado de mar, a que chamam *Ilha de Fóra*, onde se vão fazer pescarias. Tem duas enseadas, uma do O. chamada de Peniche, e outra a E. chamada das Pedras Muitas.

Dá-se-lhe o nome de Baleal pelas varias baleas que aqui têem dado á costa.

Ainda ha poucos annos apenas no Baleal havia duas cabanas de pescadores, hoje tem mais de 20 moradas de boas casas, de familias das visinhanças, que para aqui vem tomar banhos, pois as suas praias são das melhores do reino para elles. Tem um bom forno de cal.

Aqui edificaram os francezes um fortim, em 1808, no mais alto dos rochedos. Está desmantellado.

Diz-se que foi aqui o primitivo logar do Ferrel, e tem-se achado varios alicerces. Vide Consolação.

BALEEIRA—aldeia, Algarve, freguezia de Nossa Senhora da Graça, termo de Sagres.

Ha aqui um forte, que se fez para defender a terra, dos ataques dos mouros africanos.

BALEIDE—aldeia, Douro, bispado de Coimbra. É a palavra arabe *baleide*, diminutivo de *baladon*, que significa villa, povoação. Vem pois a ser *villinha*.

Ha mais aldeias em Portugal com este nome e a mesma etymologia.

BALEIZÃO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 120 kilometros ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada entre as villas de Serpa e Moura. Ainda em 1534 só tinha 134 moradores.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha por anno 10 moios de trigo e 3 de cevada, pagos pelos freguezes. Tinha mais um beneficiado, que recebia por anno 5 moios de trigo e 90 alqueires de cevada. Tambem era apresentado pelo arcebispo. (Baleisão foi do arcebispado de Evora até á creação do bispado de Beja.)

É terra muito fertil. Passa aqui o rio Cardeira, que fertilisa as terras e cria algum peixe.

O glorioso D. Nuno Alvares Pereira, estabeleceu aqui, em 1382, em varias herdades suas, um morgado, o qual deu em dote a sua irmã D. Violante Pereira, para casar com Martim Gonçalves de Lacerda, de Beja.

Aqui se achou um cippo, no principio do seculo passado, com esta inscripção:

AN. XXXIII
G. BLOSIUS SATURNIUS
GALERIA
NAPOLITANUS AFER ARENIENSES
INCOLA BALSENSIS FILIAE
PIENTISSIMAE
H. S. E. S. T. T. L.

—

Julgo que Baleizão é corrupção da palavra arabe *baledon*, que significa logar inculto. (Vide Baldio).

Tambem no seculo passado, n'esta freguezia, na quinta do Paço do Conde, appareceu um monumento funerario de marmore cinzento, em fórma de pipa (no *Museu Sizenando*, haviam outras *memorias* sepulchraes com a fórma de pipa) com uma inscripção latina que dizia:

D. M. S—L. I.—POLIBIVS—ANN. LXXII
H. S. E. S. T. T. L.

Foi do *Museu Sizenando* (de Beja) e foi para Evora em 1868 onde hoje existe.

BALIO ou **BAILIO**—significa senhor, principe, heroe, nobre. E' a palavra arabe *Valîo* ou *Wali*. Deriva-se do verbo *valla*, constituir alguem em dignidade, principado, ou senhorio.

Bloteau deriva esta palavra de *Bal*, o guardião, ou do toscano *Balìa*, o poder, ou, finalmente, do italiano *Bália*, a ama, mas é mais provavel a derivação árabe que dou em primeiro logar, tanto pela significação do verbo d'onde se deriva, como pela pouca corrupção da pronuncia.

BALSA—vide Balça e Tavira.

BALSAMÃO ou **BALSEMÃO**—rio, Beira Alta. Nasce na serra de Monte-Muro, termo de Rossão, a 24 kilometros de Lamego. Juntando-se ao rio Tavora e a varios ribeiros, se torna veloz e arrebatado, correndo com grande fragor por entre penhascos. Faz mover varios moinhos. Tem uma grande repreza ou *levada* na freguezia de Penude, onde vão os de Lamego fazer pescarias de verão.

E' mais conhecido pelo nome de Balsemão, por ter a sua foz proximo á aldeia deste nome; mas elle tem outros, tomados das povoações por onde passa, que são: Portarouca, Penude, Magueija, Bigorne e Arneiroz.

O seu antigo nome era Unguio. O peixe que cria é saborosissimo, em razão da frialdade e batido de sua aguas.

Em alguns sitios era coutado, e só certos senhores podiam n'elle pescar.

Suas margens são cultivadas e muito ferteis. Faz mover alguns moinhos. Nos arrabaldes de Lamego tem uma boa ponte de pedra e no districto de Arneiroz tem tres, todas de cantaria, que são a de Lamellas, a das Dornas e a de Portarouca.

Morre no Barosa e ambos no Douro, em frente da Regua.

Entendo que o seu actual nome é corrupção da palavra persica (adoptada pelos arabes) *Balsam*, que significa balsamo, ou qualquer oleo aromatico. Talvez lhe dessem este nome em razão do aroma que exalam as flores das plantas e arvores das suas margens.

Outros dão-lhe uma origem milagrosa, que por extensa não relato, e dizem que o seu nome é corrupção de *Balsamo na mão*. (Vide Chacim.)

BALSAMÃO ou **BALSEMÃO**—Na confluente d'este rio com o Tavora, está situado o palacio dos srs. viscondes de Balsemão, e é aqui o seu solar. E' situado em um valle baixo, mas aprasivel.

E' tradição que, quando os romanos arrazaram e incendiaram a antiga Lamego (pelos annos 90 a 100 de Jesus Christo, imperando Trajano) que era no sitio onde hoje são as aldeias de Queimada e Queimadella; os lusitanos que poderam escapar ao furor das 14 legiões romanas que operaram aquella devastação, fugiram para este sitio e aqui fundaram uma povoação, que foi a segunda Lamego; a qual foi tambem abandonada (ignoram-se os motivos) e se principiou a edificar a terceira Lamego, que é a actual.

Isto porém não passa de uma vaga tradi-

ção, nem n'este sitio ha o minimo vestigio que revele a existencia de edificios ou outras construcções de eras remotas.

Acho em Franklim um foral dado por D. Affonso III, em Coimbra, aos 30 de julho de 1265, a Balsemão, para esta povoação e para os casaes de Eiró e Cabo de Villa, no seu termo. Não me consta que haja outro Balsemão: seria pois o foral para aqui? Estou certo que o rei não dava foral ao convento de Balsemão, situado no Monte do Carrascal, em Chacim (Traz-os-Montes) porque não ha exemplos de que se desse foral a um convento senão quando era coutado. (vide Chacim, por causa da palavra Balsemão.)

BALSEMÃO—(Vide Lamego.)

BALTAR—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757, tinha 209 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É situada em campina elevada, d'onde se avistam varias povoações.

E' da casa de Bragança, a quem, até 1834, pagavam os moradores d'aqui 2:600 medidas de milho e centeio, 150 almudes de vinho, e muitas gallinhas, linho, etc., etc.

Era a casa de Bragança que apresentava o abbade, o qual tinha a terça parte dos dizimos, que com o pé de altar, andava por 230$000 réis, e as outras duas terças partes eram para as freiras das Chagas, de Villa-Viçosa. Fertil.

Foi *honra* e tinha juiz ordinario, dois vereadores, um meirinho, um jurado e um quadrilheiro.

Era cabeça da honra de Baltar.

D. João I deu esta freguezia, Paço (de Sousa) e Penafiel, em 1386, ao seu vassallo, João Rodrigues Pereira, de juro e herdade, com jurisdição civel e crime, mero e mixto imperio; reservando só a correição e alçada. (Vide Arreal.)

Este João Rodrigues Pereira é o progenitor dos Pereiras Marramaques. João Rodrigues trocou esta honra por Cabeceiras de Basto, com seu parente, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e é por isto que Baltar veiu a ser da casa de Bragança.

Tinha grandes privilegios, confirmados por D. João V, em 6 de março de 1723.

O mais antigo é de 1454, dado por D. Affonso V.

Tem outros de D. Duarte, concedidos aos reguengueiros de Baltar.

Ha aqui um monte no qual se acha um muro muito arruinado (com alicerces á roda de todo o monte) que tem de circumferencia mais de 3 kilometros.

Metade d'este monte é de Baltar e a outra metade da freguezia de Vandoma.

No logar de Fagilde, ha uma casa com uma torre destruida, que dizem ser a casa do paço dos duques de Bragança. (Tem mais geito de ter sido tulha.)

Passa n'esta freguezia uma veia de pedras de amolar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 11 de junho de 1515.

BALTAR DE CABRIL—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro-Daire, 30 kilometros ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamengo, districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente do concelho de Cabril.

A matriz está em um valle. Foi até 1485 convento de freiras, o que ainda mostra pelos claustros que conserva.

O bispo do Porto apresentava aqui o vigario, que tinha 16$000 réis em dinheiro e o passal, que é grande e bom, ao todo uns 200$000 réis.

E' terra fertil.

Corre pela freguezia o rio Santarem, que rega e móe.

BALTAZARES—Ha em Portugal algumas aldeias e sitios assim chamados. E' corrupção de *Val-d'Azares*. Azar no portuguez antigo era peleja, batalha, combate, etc. (Vide Azar, Ancora e Gondinhães.)

BALUGA—(Vide Balugães.)

BALUGÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Tambem alguns lhe chamam *Vallugães*.

A matriz está em uma baixa: é pequena e muito antiga.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade (por concurso synodal). Tinha de renda uns 300$000 réis.

Esta freguezia fica encostada ao monte Caramona. Fertil.

É tradição que foi cidade romana, do que ha vestigios; mas não se sabe que nome teve. (Alguns dizem que era *Carmona*.)

No fim da freguezia (a E.) corre o Neiva, que rega, móe e traz algum peixe.

Balugães e *balugões* é o plural de *balugas*, especie de borzeguins.

No foral que D. Affonso Henriques deu a Celleirós de Panoyas, se determina que a viuva que quizer tornar a cazar *det pro balugas una cera*». Uma *cera* eram 3 arrateis e um aquarta.

BALUTA—aldeia, Minho, arcebispado de Braga.

É a palavra arabe *Balluta*, que significa *sobreiro*.

BANDAVIZES ou **BENDAVIZES** ou **VENDAVIZES**—aldeia, Beira Alta, freguezia da Folgoza, (annexa a Fataunços) comarca e concelho de Vousella, 20 kilometros ao NO. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa 70 ao SE. do Porto.

Bandavizes é corrupção da palavra arabe *Ben-dab-Issa* (os cabelludos), appellido de certa familia mourisca, que aqui construiu uma torre a que deu o seu nome, e que ainda existe. É tradição que foi (a torre) solar dos Figueiredos, de Figueiredo das Donas; mas não julgo isto muito verosimil.

Ha n'esta *terra de Lafões*, varios monumentos do tempo dos mouros, e, além d'esta torre, edificaram elles varias outras a que puzeram os nomes dos seus respectivos fundadores; v.gr. *Ben-Dan-Eja* (açoitados do vento), *Derices* (ou *Adrecitas*) appellido de uma antiga familia, descendente de Edriz, tio de Mafoma, e outros mais. (Vide *Monarch. Lus.* tomo 2.°, cap. 28, pag. 375).

BANDEIRA—serra, Traz-os-Montes, termo de Chaves. Tem 3 kilometros de comprido. É muito fria.

Cria densas mattos por entre os grandes penedos que tem, e n'elles ha lobos, rapozas e caça miuda.

BANDOVA—ribeira, Beira Baixa, comarca da Guarda. Nasce pobre, no sitio do Curuto d'Alfatima, ábas da serra da Estrella, proximo da villa do Crasto, e entra no Mondego proximo á Senhora de Cellas, no fim do Campo do Aljão, freguezia de S. Pedro de Gouveia.

A 6 kilometros da sua confluencia recebe a ribeira de Cessada. Corre arrebatada por entre penhascos com 18 kilometros de curso. Suas margens são muito arborisadas, e tem muitas videiras e em grande parte são cultivadas e muito ferteis. Tem moinhos, lagares de azeite e pizões. Cria peixe.

Tem uma ponte de lagens, em Lagarinhos e outra de cantaria em Rio Torto. Passa por Castro Verde, Rio Torto, Gouveia, Mangualde da Serra, Lagarinhos e Moimenta.

BANHO—freguezia, Minho, concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um alto, d'onde se descobrem varias freguezias.

O reitor era apresentado alternativamente pelo papa, e pelo arcebispo de Braga. Tinha 40$000 réis de congrua e outro tanto de passal e pé d'altar.

Está annexa á freguezia de Villa Cova (Santa Maria).

A egreja foi mosteiro de cruzios fundado pelo santo varão D. Pedro, arcebispo de Braga, entre os annos de 1072 e 1096. Foi depois reduzido a commenda de Christo e reitoria secular.

Aqui foi conventual o beato Godinho, arcebispo de Braga.

Foi o cardeal D. Henrique (depois rei) que em 1566 o uniu para sempre ás commendas de Christo, depois de andar muitos annos em *commendatarios*.

Corre aqui o rio Agra do Banho, que rega e móe. É terra fertil.

BANHO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, antigamente do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, 48 kilometros a NE de Braga, 47 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto. Situada em uma baixa.

A padroeira é Santa Eulalia, mas o vulgo lhe chama *Santa Vaya* (ou *Ovaia*).

O vigario era apresentado pelos frades bentos de Travanca, os quaes lhe davam 16$000 réis, fóra o pé d'altar, que era insignificante.

Aqui ha a antiga torre dos senhores de Villa-Bôa de Quires. É terra fertil.

BANHO — villa, couto extincto, na freguezia da Varzea de Lafões, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao NO. de Vizeu, 288 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Situada sobre a margem esquerda do Vouga, onde tem uma boa ponte de pedra, com dez arcos, 9 kilometros abaixo de S. Pedro do Sul.

N'esta villa houve em tempos remotos um mosteiro da *Rega* (regra) *de Santo Agostinho da Sobrepeliza.*

Já no tempo dos romanos se fazia uso das *caldas* d'esta villa, cuja agua nasce fervendo, e em tanta quantidade que podia fazer mover um moinho.

Chamam-se vulgarmente — Caldas de S. Pedro do Sul.

Examinadas estas aguas na Exposição Universal de Paris, em 1867, viu-se que ellas contém por kilogramma 0,gr.0014 de acido sulphydrico, e 0,gr.315 de principios fixos. São sulphatos, silicatos, chloretos alcalinos, saes calcareos, e uma pequena quantidade de ferro e de alumina. Deixam na sua passagem um grande deposito de enxofre.

São notaveis outras nascentes da mesma qualidade, mesmo no meio do rio, a pouca distancia da povoação, e que borbulham acima do nivel da corrente; mas só estão descobertas no tempo da estiagem.

São as aguas thermaes mais quentes do reino. A sua temperatura proximo á nascente é de 68°,75 centigrados.

Nascem proximo á margem do Vouga, a meia distancia entre S. Pedro do Sul e Vouzella, e junto á villa do Banho.

Esta agua é perfeitamente diaphana e cheira a gaz sulphydrico. Deposita enxofre pulverulento, similhante á flor d'enxofre do commercio. É encanada na distancia de cem metros para alimentar o estabelecimento (hoje renovado em parte.)

Chamavam-se antigamente *Banhos* ou *Caldas d'Alafões.*

N'estes banhos esteve D. Affonso I em setembro de 1175, a curar-se da perna que tinha n'esse mesmo anno quebrado contra o ferrolho da porta da praça de Badajoz, que elle então tinha tomado aos mouros. N'essa occasião fez aqui muitas doações, e concedeu varios foraes.

Viterbo diz que o mesmo rei aqui veio usar d'estas caldas em 1169, e tambem então passou varios foraes e fez largas doações, sendo uma d'ellas a D. Sancha Paes, das trez villas de Golães, Gondim e Villar, em terra de Guimarães.

O antigo hospicio militar e os dois grandes tanques para enfermos de ambos os sexos estão abandonados.

No rio ha seis barracas portateis, cada uma com uma banheira, sendo a agua mineral destemperada com a do rio para obter a temperatura conveniente, inutilisando-se assim os principios mineralisadores d'estas excellentes aguas.

A principal nascente produz em 24 horas 410:000 litros de agua.

O sitio dos banhos é dos mais apraziveis do reino.

Estas aguas são efficacissimas para varias molestias, e muito mais ainda o seriam se para o seu resfriamento, sem perda das suas qualidades therapeuticas, se empregasem os meios que a sciencia indica, e não o systema actual.

Na antiquissima quinta da Cavallaria (solar dos Almeidas) ha um castello feito no seculo XII.

D. Affonso I lhe deu foral em agosto de

1152, confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217.

Diz D. Affonso I que—«dá foral á villa do Banho, em terra de Lafões, pelo amor e bom affecto que tem a D. Fernão Pires, senhor de Alafões *et princeps curiæ regis*» (mordomo-mór).

BANREZES ou **BAUREZES** e **VALLE DA PORCA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chacim, 45 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Em 1855, sendo supprimida a comarca e concelho de Chacim, se mudou para a comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, a que actualmente pertence.

O orago de Banrezes era S. Giraldo. O parocho era cura, apresentado pelo abbade de Castro Roupal, cuja abbadia era cabeça do titulo de Nossa Senhora da Assumpção, vulgò Nossa Senhora das Vinhas. O cura tinha o rendimento declarado.

O orago de Valle da Porca é S. Vicente martyr. O parocho (abbade) era apresentado pelas rainhas, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha Banrezes 12 fogos e Valle da Porca 60.

Situada nas margens do rio *Azibro*, junto ao monte Sobral, que lhe fica a O., e ao Outeiro da Fonte, que fica a E.

O abbade de Vinhas apresentava aqui o cura, ao qual dava 8$000 réis e 22 alqueires de trigo e centeio e dois almudes de vinho, por anno, além do pé d'altar.

É terra fertil.

Antigamente era Banrezes uma freguezia e Valle da Porca outra, mas, como Banrezes era muito pequena, foram annexadas, formando hoje só uma. (Vide Castro Roupal.)

BARAÇAL—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros a NO. da Guarda, 6 a NNE de Celorico, 310 ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Situada em uma planicie d'onde se vê Celorico.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O bispo da Guarda apresentava o prior, que tinha de rendimento 130$000 réis.

Corre-lhe pelo Sul o Mondego, que rega, móe e cria peixe.

E' terra fertil.

Esta villa está hoje reduzida a aldeia.

Nunca teve foral.

BARAFEMEAS—Vide Barafemes.

BARÃO e **BUDENS**—(antigamente *Barão de S. João*) freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Villa do Bispo, 65 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos (a freguezia de Barão).

Orago S. João Baptista.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada em um alto, mas nada se descobre d'outras povoações, por causa dos montes que lhe ficam superiores.

O bispo do Algarve apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 40 alqueires de cevada.

N'esta freguezia ha um só poço de agua potavel.

Na serra proxima ha grandes mattos, onde se criam porcos bravos, muita caça e grande numero de colmeias. Muito trigo e cevada; do mais mediania. É terra saudavel.

(Vide Bude e Budens.)

(N. B. Só aqui descrevo o que pertence a Barão, quando por si só formava freguezia. O que pertence a Budens vae no logar competente.)

BARÃO DE S. JOÃO—freguezia, Algarve, concelho e 6 kilometros o NNO. de Lagos.

Situada em campina que no inverno se torna sapal. Fertil.

Cria colmeias, tem lenha e carvão. Caça em grande abundancia na serra de Espinhaço de Cão, que lhe fica junta, ao N.

Esta freguezia anda ha muitos annos annexa á de Benzafrim, de que fica a 8 kilometros a O., mas tem egreja propria, onde se diz missa nos dias santificados, e d'ella administra o parocho os sacramentos ao po-

vo d'esta freguezia, que tem uns 100 fogos. (Vide Bensafrim)

BARÃO DE S. MIGUEL—freguezia, Algarve, termo de Lagos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um alto com extensas vistas, principalmente para o mar.

É perto do Cabo de S. Vicente.

O bispo do Algarve apresentava o cura, cuja congrua andava por uns 24$000 réis, e o pé de altar.

É terra pouco fertil e pobre. Cria gados e tem colmeias e caça.

Tinha no mar uma armação, onde chamam Burgão, em que pescavam atuns, corvinas e outros varios peixes.

A egreja, que foi matriz, é pequena.

Está esta freguezia unida á de Budens, ha muito tempo. Faz-se aqui muita cal, que vae para Lagos, que fica a 8 kilometros a SE.

Toda esta freguezia tinha 1:500 metros de comprido e outros tantos de largo.

Produz muito carvão e lenha.

BARATA—portuguez antigo. Significava *tróca, escambo, permutação.* E' tambem insecto bem conhecido, e appellido de homem em Portugal e no Brasil.

BARBACENA—villa, Alemtejo, comarca, concelho, e 12 kilometros a NO. de Elvas, 168 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Tinha em 1660 140 fogos, e em 1757 tinha 257.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Hoje está reduzida a aldeia.

Situada em bonita e fertil planicie.

Eram seus donatarios os condes d'aqui.

Tem um castello que foi edificado por D. Jorge Henriques, reposteiro-mór de D. João III, e senhor d'esta villa, pelos annos de 1550. (Ha quem diga que, no mesmo sitio, havia já um castello antiquissimo, do qual os materiaes foram aproveitados para a construcção do actual.)

Fica a E. da villa e está ainda muito bem conservado. Tem duas torres pequenas, revelins e baluartes, com seu fosso em róda e ainda tem vestigios da ponte levadiça.

D'aqui se vê Arronches, Monforte, Alegrete, Borba, Villa Viçosa e Portalegre.

Consta do seu foral que esta povoação teve principio em uma quinta ou herdade. Foi fundada por Estevão Annes, chanceller-mór de D. Affonso III, em 1273.

Em 1426 era senhor de Barbacena João Fernandes Pacheco, ao qual a tirou D. João I, por ser traidor á patria, seguindo o partido de Castella contra elle, e a deu a Martim Affonso de Mello, seu guarda-mór, e alcaide-mór de Evora, Olivença e Castello de Vide, e d'este passou a seu neto D. Affonso Henriques, filho de D. Branca, sua filha, e de D. Fernando Henriques, senhor das Alcaçovas, cujos herdeiros a venderam a Diogo de Castro do Rio, por 25:000 cruzados. É d'este Diogo de Castro que procediam os viscondes, e depois condes, de Barbacena, cuja familia está hoje extincta.

Foi D. Affonso VI quem elevou a visconde de Barbacena o senhor de Barbocena, Jorge Furtado de Mendonça. Mais tarde passou a ser condado, que se extinguiu por morte do ultimo conde, Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, que falleceu em Lisboa a 25 de agosto de 1854. Era 7.º visconde e 2.º conde de Barbacena. Descendia de D. Pedro I e da rainha D. Ignez de Castro. Pelos Faros era da familla dos condes de Faro, de Odemira e do Vimieiro, que descendiam de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira, o celebre condestavel. (Vide Guarda e Barcellos, no logar competente.)

Foi o ultimo conde de Barbacena, tenente general e ministro do sr. D. Miguel I. Era homem de uma vastissima instrucção, muito caritativo, fidelissimo ao seu rei e á sua patria, e finalmente um verdadeiro portuguez.

Mendonça é um appellido muito nobre em Portugal. Veio de Hespanha, da villa de Mendoça, na Biscaia. O primeiro que usou d'elle n'este reino foi D. Ruy Furtado de Mendonça, que veio de Hespanha para Portugal no tempo do nosso D. Affonso IV, com D. Constança, primeira mulher do infante

D. Pedro, depois D. Pedro I, rei de Portugal.

El-rei o fez *general do mar*, e no reinado de D. Fernando, foi anadel-mór dos besteiros. Seu filho, Affonso Furtado de Mendonça, o foi do rei D. Duarte.

Suas armas são as dos Furtados, tendo de mais o elmo de prata aberto.

Como os Mendonças se dividiram e subdividiram em varias familias, e cada uma adoptou diversas armas, abstenho-me de as mencionar todas, por ser coisa muito extensa e aborrecida, e limitar-me-hei ás dos principaes Mendonças (que são tambem as dos condes de Valle de Reis) e são:—escudo *franxado* de verde e oiro, sobre o verde uma banda de purpura, perfilada de oiro, e nos de oiro a legenda—*Ave Maria.* O timbre é o dos Castros, que é meio leão de oiro, ou meio homem nu, cabelludo, com um remo ás costas.

Ha outra familia de Mendonça Arraes, procedente da sobredita, da qual é tronco Ruy Arraes de Mendonça, por seu pae Arraes e sua mãe Mendonça. Esta tambem está hoje dividida em varios ramos, com modificação nas armas de cada um d'elles, sendo as do principal:—escudo esquartellado, no primeiro e quarto quartel, de purpura, nove folhas de golphão, de oiro, em tres palas; o 2.º e 3.º divididos em aspa, no 1.º e 4.º de verde, banda de purpura, perfilada de oiro, o 2.º e 3.º do mesmo, liso, elmo de aço aberto. Timbre, meio homem, nú, cabelludo, tudo da sua cór, com um remo de oiro ás costas.

—

A egreja de Barbacena era do padroado real, que apresentava aqui o prior, o qual tinha de rendimento 400$000 réis.

Tinha um beneficiado da mesma apresentação, com a renda de 40$000 réis pagos pelo prior, que tambem dava 12$000 réis ao thesoureiro.

Tem Misericordia, com sua irmandade (chamada do Amparo) erecta por auctoridade real, mas apenas tem uma especie de albergaria para pobres.

É terra muito fertil.

O donatario punha aqui os justiças.

Pelo meio da villa corre um ribeiro, que nasce proximo da *Fonte do Sapo*, o qual (ribeiro) rega e móe. Tem trez pequenas pontes na villa. Morre na ribeira da *Coutada.*

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

Ruy Mendes da Silva (*Pobl. Gen. de Esp.*) diz que D. Affonso III lhe deu foral com muitos privilegios, em 1273; mas Franklim não traz este foral velho.

D. João III lhe deu o titulo de villa ahi pelos annos de 1550, quando se lhe fez o castello.

Supponho que a alcunha de Barbacena se deu a algum individuo da familia Mendonça, por ser muito cabelludo, e que depois se transmittiu á villa. O que me leva a suppor isto é o timbre do homem cabelludo que ostentam nas suas armas.

Já disse que o primeiro Mendonça que veio a Portugal foi D. Ruy Furtado de Mendonça, que aqui foi *general do mar* (almirante.) Ora, a segunda familia de que trato é Mendonça Arraes. Portanto é naturalissimo colligir que o homem cabelludo com o remo ás costas, ou allude ao tal general do mar, ou ao appellido Arraes. Deixo este importantissimo ponto para ser discutido e deslindado pelos *reis d'armas.*

Parece que o nome primitivo de Barbacena era *Quinta da Herdade*, e depois simplesmente *Herdade.*

BARBAIDON—antiga freguezia, que hoje não existe, na Beira Baixa, bispado da Guarda. É a palavra arabe *Barrbaidou*, composta de *barr* (campo) e *baidou* (destruido, arruinado). Significa pois *campo arruinado.*

BARBAR (S. Salvador de)—Minho, convento de frades cruzios fundado no XIII seculo (não pude saber por quem).

D. Balthazar Limpo, arcebispo de Braga, o reduziu a abbadia secular, em 1552. Depois de ser alguns annos de commendatarios, foi mettido nas commendas novas da Ordem de Christo.

BARBARA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Borba, 48 kilometros de Evora, 155 a L. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Barbara, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um levantado monte, d'onde se vê Borba, Jurumenha, Vallença, Villa Boim, Veiros, Marvão, Portalegre e Cabeço de Vide.

O cabido de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 2 moios de trigo e o pé d'altar.

Nas visinhanças da egreja fica um alto monte, em que antigamente se tirava prata e pedras preciosas (esmeraldas) pelo que se lhe chama Outeiro da Mina.

Pelo E. é esta egreja cercada de uma tapada de 18 kilometros de comprido e 6 de largo, dentro da qual ha dois paços reaes. Em um d'elles habitou D. Duarte e no outro D. João I.

É abundantissima de aguas esta tapada, e tem porcos bravos, corças, veados, gamos, lobos e caça miuda. Tem tres entradas ou portas (a do Carro, a de Ferro e a de Santa Barbara). Passam por ella duas ribeiras (a de Borba e a do Lago) que ambas morrem no Guadiana. Tinha um couteiro-mór, seis couteiros de pé e um de cavallo.

N'esta freguezia são os montes Zambujo, Lago e Meninos, alem d'outros menores.

A freguezia é muito fertil e cria toda a qualidade de gado.

BARBARA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Ourique, concelho de Castro Verde, 150 kilometros ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santa Barbara.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da Ordem militar de S. Thiago. Situada em planicie elevada, d'onde se vê Beja e Castro Verde.

O cura era da apresentação da dita Ordem, (pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens) e tinha 3 moios de trigo e 30 alqueires de cevada. O *Portugal Sacro e Profano* diz que o seu rendimento era 118 alqueires de trigo e 3 moios de cevada.

Terra muito abundante de trigo e cevada, e grandes montados de bolota com que cria muitos porcos, que exporta. Cria toda a qualidade de gado.

Os seus montes criam lobos, rapozas e caça miuda.

Aqui nasceu Affonso Jeronimo de Aboim, mestre de campo dos auxiliares de Campo de Ourique, varão valorosissimo.

Passa pela freguezia um ribeiro do seu nome e aqui fórma uma lagoa, que secca no verão, em consequencia de uma grande abertura que tem na terra. Tem um grande alicerce de pedra e cal, de dois metros de largo e 180 de comprido. Dizem que é obra dos mouros, para represarem a agua e darem de beber aos seus cavallos. Morre no Guadiana.

Pelo O. divide esta freguezia da de Castro Verde, a celebre ribeira de Cobres ou Cobrim, que, mettendo-se pelo termo de Castro Verde, se junta com a ribeira Maria Delgada, e morre no Terges e este no Guadiana.

BARBARA DE NEXE (Santa)—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 620 fogos.

Parte d'esta freguezia pertence ao concelho de Loulé.

Em 1757 tinha 492 fogos.

Orago Santa Barbara.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Situada no barrocal, em um valle, entre duas serras (ou sêrros) o de Guelhim, freguezia de Estoy e o da Goldra, com outro ao N., chamado Nexe, que dá o nome á freguezia.

A egreja é de tres naves. O bispo do Algarve apresentava o prior, que tinha réis 300$000, e tinha um coadjutor com 60$000 réis.

Produz algum trigo e cevada e é muito abundante de azeite, figos, alfarroba e algum vinho.

Compõe-se a freguezia de 19 logarejos ou casaes, dos quaes são do concelho de Loulé os chamados Gorjões, Goldra, Vallados, Pé de Sêrro e parte do Canal; os mais são do concelho de Faro, e n'esta parte está a matriz.

Ha aqui muita pedra de cal, que se cose na freguezia e exporta, e bellas pedreiras de

cantaria, a unica que se emprega em Faro, e até já d'aqui foi para a Ilha da Madeira. Tem a freguezia 4:500 metros de comprido.

BARBARA (Santa)—freguezia, Traz-os-Montes, termo de Villarinho da Castanheira, comarca da Torre de Moncorvo, 15 fogos.

Orago Santa Barbara, martyr.

É terra fertil. Tem só duas aldeias, Seixo e Gavião.

(Não acho esta freguezia nos mappas modernos; como era pequena, é provavel que esteja hoje annexa a outra.)

BARBARA (Santa)—serra, (ou como vulgarmente se diz, sêrro) Algarve, concelho de Alcoutim e proximo e ao N. d'esta villa. É bastante alta e tem uma extensa vista de terra e mar.

Apenas cria matto e poucas arvores. No seu cume ha vestigios de fortificações que denotam grande antiguidade. Vê-se ainda um pequeno castello desmantellado. Junto a este, e mais proximo ainda de Alcoutim, está outro sêrro ainda mais alto. Aqui se postaram peças de artilheria, na guerra dos 27 annos, com que metralhavam a villa hespanhola de S. Lucar do Guadiana, que fica fronteira e além do dito rio.

BARBARA (Santa)—serra, Traz-os-Montes, 7 ou 8 kilometros a OSO. de Chaves.

Aqui, em 10 de abril de 1823, derrota o bravissimo general conde de Amarante (depois marquez de Chaves) a divisão liberal de Luiz do Rego, aprisionando alguns corpos de caçadores e infanteria, e correndo (só) mais de 4 kilometros atraz do general liberal, que só deveu a salvação á velocidade do seu cavallo.

Silveira estava muito zangado com elle, porque, tendo promettido de se lhe reunir com as suas tropas, para destruirem a constituição, mudou de opinião e se atreveu a fazer-lhe frente.

O general liberal, assim batido, foi pedir auxilio ao general hespanhol Morillo, e ambos juntos e com forças oito vezes superiores ás do general realista, obrigaram este a retirar para Hespanha (a 13 de abril) onde se foi reunir aos francezes e hespanhoes, que alli combatiam tambem contra a constituição e a favor de Fernando VII. Regressou a Portugal (a 24 de junho d'esse anno) cheio de gloria, com a sua divisão, que se compunha de 1:000 cavallos, 5:000 infantes e dois parques de artilheria. D. João VI o fez então marquez de Chaves.

BARBÁRIOS—antigos povos da Lusitania, que estanceavam pela serra da Arrabida (a que deram o seu nome). Eram visinhos dos turdulos antigos, que ficavam para o sul.

BARBEITA e **BARBEITO**—Ha algumas aldeias e alguns campos com estes nomes em Portugal.

É a palavra arabe *barrbaita*, composta de *barr* (campo) e de *baita* (casa). Significa pois *campo da casa*.

Viterbo, porém, diz que significa *valle* ou *comoro* que divide uma de outra propriedade e a veda. A primeira etymologia (que é de fr. João de Sousa) é a verdadeira; a segunda, ainda que algumas vezes applicada, é impropria.

BARBEITA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mesma etymologia da antecedente.

É terra fria, mas bastante fertil, sobretudo em milho. Situada em terreno bastante accidentado e abundante de aguas.

Foi honra, de que eram senhores os Azevedos, do Fayal, freguezia do Abbade de Neiva. A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha de renda 400$000 réis.

Está aqui a torre e casa de Luiz de Mello, neto de Gonçalo Affonso Pereira de Sotto Maior, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Caminha, mestre de campo, de infanteria e commendador de A'zere.

Este vinculo foi instituido por seus ascendentes, Alvaro Affonso Soares e sua mulher Jeronyma Pereirá.

Na *Ponte do Mouro* está um cruseiro (ou padrão) e na aste d'elle, a imagem de S. Thiago. Diz-se que foi erguido em memoria do milagre que fez este santo a um mouro, que vendo-se acomettido por uns poucos de christãos, invocou a protecção de S. Thiago

e se viu livre d'elles, e se fez christão e tambem em memoria d'este facto se erigiu aqui uma capella, dedicada ao *Senhor do Mouro* e a S. Felix, da conservação da qual tem cuidado os senhores da casa da Barbeita.

Ainda em 1640 aqui havia um forte, que foi demolido, para a sua pedra ser empregada nas muralhas da praça de Monção.

BARBOSA—honra e concelho, extincto, Douro, comarca e concelho e 4 kilometros de Penafiel, 48 kilometros a N. E. do Porto, 336 ao N. de Lisboa na freguezia de S. Miguel de Rans.

Bispado de Penafiel, districto adminstrativo do Porto.

Tem um antiquissimo paço acastellado, solar dos Barbozas. No terreiro em frente d'este paço, está um vetusto e monumental carvalho, que é o maior da provincia, e geralmente conhecido por o nome de «Carvalho de Barboza». Tem 9 metros de circumferencia. É ôco e cabem-lhe dentro oito a déz pessoas.

A familia dos Barbozas procede da antiquissima dos Souzas.—O progenitor d'esta familia, foi D. Sancho Nunes de Barboza, filho do conde D. Nuno de Cella-Nova, casado com D. Thereza Affonso, filha natural de D. Affonso Henriques.

Os Barbozas foram os senhores legitimos d'este solar (fundado por o tal D. Sancho Nunes, que foi o 1.º que se intitulou de Barboza) até ao reinado de D. Affonso 3.º sendo seu ultimo possuidor Martim Pires de Barboza, que foi assassinado por D. Pedro Fernandes de Castro. Não deixou filhos legitimos, e, havendo grandes contendas entre os seus parentes, passou a herdade á corôa.

No reinado de D. João 1.º, foi dado este solar e honra, aos Malafaias e Azevedos.

São hoje senhores de Barboza, os herdeiros (filhos) do fallecido D. Miguel Vaz Guedes d'Athayde Azevedo Brito Malafaia (vide Canas e Rans).

BARBUDO—antiga freguezia, no concelho (extinto) de Villa-Chan, comarca (tambem extinta) de Pico de Regalados—hoje annexa á de Parada, na comarca e concelho de Villa-Verde, d'onde dista 12 kilometros, ao N. O. 370 ao N. de Lisboa. Tinha por padroeiro o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Existe n'esta freguezia uma torre, que é o solar dos Barbudos, á qual pertenciam muitas fazendas e a nobre quinta da Géja.

O primeiro habitador d'esta torre, de que ha noticia escripta, foi D. Gonçalo Pires de Belmir, casado com a senhora d'esta casa, e pae de Soeiro Gonçalves de Barbudo e ouros.

Esta baronia acabou em Bernardim de Barbudo.

A filha d'este—D. Leonor Pereira de Barbudo, casou com Payo Rodrigues d'Araujo, senhor d'Araujo e Lóbeos, de quem nasceu Gonçalo Rodrigues d'Araujo, que foi senhor d'este solar. Foi filho d'este—Payo Rodrigues d'Araujo, cognominado o cavalleiro, que viveu na quinta da Arca.

De Soeiro Gonçalves de Barbudo e sua mulher, D. Thereza Pires de Novaes, descendem as principaes casas nobres d'este reino. Um filho d'estes, foi senhor do solar do Outeiro dos Poldros.

D'esta casa foi D. frei Martim Annes de Barbudo, mestre geral da ordem de cavallaria d'Alcantara, em 1385. O epitaphio da sua sepultura diz.

Aqui jaz aquelle que de nenhuma couza houve pavor em seu coração.

Na aldeia de Real, ha uma torre, que alguns dizem ter sido solar dos Barros. Outros dizem que o solar d'estes é em Regalados. Passou aos Mesquitas, d'Outiz, e depois, por compra, aos Falcões de Braga, que a possuem actualmente.

Ha tambem aqui as ruinas do paço dos Silvas, onde habitou D. Payo Guterres da Silva.

Ha tambem n'esta freguezia a casa do Sol, que foi de Pedro Barreto de Menezes, descendente, por varonia, dos Abreus, de Regalados.

BARCA—vide, Ponte da Barca.

BARCA—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada á beira-mar. Fertil.

O papa e o bispo do Porto apresentavam alternativamente o abbade d'aqui, que tinha de rendimento 300 mil reis. O abbade pagava antigamente ás freiras de Vairão 120$00 mil réis annuaes de feudo; que depois, a poder de supplicas do abbade, foi reduzido a um tostão!

Esta freguezia formou antigamente concelho sobre si, e tinha um ouvidor, que era tambem juiz das sizas e almotacé. Tinha um juiz chamado do Subsino, dous jurados e um quadrilheiro.

BARCA D'ALVA — aldeia, Beira Baixa, freguezia d'Escalhão, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel, 30 fogos.

Districto administrativo da Guarda.

Situada sobre a esquerda do rio Douro. Chama-se Barca por a que aqui ha para a passagem do rio, e d'Alva, pela villa d'este nome que existiu fronteira, mas do outro lado do rio. (vide Alva.)

Como vem umas pequenas inexactidões no que escrevi na palavra Alva, aldeia, repito o que então disse, ratificando-o.

No sitio onde foi a villa d'Alva, existem alicerces de edificios antigos, e uma capella de Nossa Senhora d'Alva. Ha aqui um grande laranjal, que produz laranjas, das melhores do reino. É sitio muito abundante d'aguas.

Posto que o assento da extinta villa d'Alva seja proximo da Barca d'Alva, e em frente d'ella, como é na margem direita do rio, pertence já á provincia de Traz-os-Montes, e é na freguezia de Poiares, concelho de Freixo d'Espada á Cinta, comarca do Mogadouro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A confusão que se encontra nos livros antigos sobre geographia e topographia, e as contradicções em que muitas vezes e em differentes localidades, cahe o mesmo escriptor tem-me levado a cometter algumas pequenas inexactidões n'esta obra (apezar de todas as cautellas que tenho empregado) nas terras que não visitei.

Todos os geographos e historiadores portuguezes são concordes no motivo porque Alva perdeu o fôro de villa que é o que deï na palavra Alva, aldeia; mas não ha tradição nem vestigios de castello no sitio onde foi a villa d'Alva.

Estou persuadido que o castello d'Alva, que o povo da villa tinha obrigação de defender e que entregou (por cobardia ou traição) aos castelhanos em 1240, é o castello que ainda existe, posto que desmantelado, na Barca d'Alva. Mas o que unicamente me induz a acreditar isto é o nome d'Alva que ainda se dá ao sitio onde a tradição sitúa a antiga villa, e o passar o seu titulo e prerogativas para Freixo de Espada á Cinta, que, como disse, é em Traz-os-Montes.

O que não era provavel se Alva fosse ao sul do Douro e já na provincia da Beira Baixa.

—

Tratemos agora só do que é Barca d'Alva.

É uma povoação moderna, com casas bonitas; mas bastante doentia, especialmente no verão, pelos excessivos calores que ha n'este sitio, que é uma cóva, cercada d'altas montanhas.

É proxima da raia de Hespanha, e o primeiro ponto d'esta nação é o Torrão e S. Martinho, onde ha um caes hespanhol, chamado Caes do Torrão. Até este ponto é o Douro navegavel (ainda que com perigo e difficuldade) mas os barcos não podem passar d'alli para cima, pela impetuosidade e penedias do rio.

Ha aqui um castello arruinado (que é muito provavel que seja o tal d'Alva) e n'elle uma capella de Nossa Senhora do Castello, á qual em alguns annos, se faz uma festa brilhante, e muito concorrida.

Tem alfandega; e estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

BARCA DE POR-DEUS — vide Barqueiros.

BARCA DA TROFA — logar, Douro, freguezia de Bougado, antigo concelho da Maia, hoje comarca e concelho de Santo Thyrso.

Tem uma linda ponte pensil feita em 1858 sobre o rio Ave, na estrada de Lisboa para o N., no sitio onde d'antes se passava em uma

barca. É a mais elegante ponte do reino, ainda que pequena. É obra dos distintos engenheiros Belchior José Garcez e Sebastião Lopes Calheiros. Foi feita por conta da Companhia Viação Portuense. (vide Ave rio.)

BARCARENA — reguezia, Extremadura, concelho de Bellas até 1855, desde então, concelho d'Oeiras, 14 kilometros ao N. O. de Lisboa, e pertencendo a uma das suas comarcas. 430 fogos.

Patriarchado, districto administrativo de Lisbôa.

Orago, S. Pedro, apostolo. Em 1757 tinha 376 fogos.

É terra muito fertil.

Situada na raiz de varios montes, junto á ribeira do seu nome. Ha n'esta freguezia muitas e optimas quintas.

O prior de S. Martinho de Lisboa apresentava aqui o cura, que tinha dous mois de trigo e duas pipas de vinho, (O pé d'altar era para o tal prior.)

Ha n'esta freguezia um pequeno hospital que recolhia pobres, e quando vinha algum enfermo o mandava conduzir ao hospital de Carnide, ou para Lisboa.

Á porta da capella de S. Bento se descubriu, em 1732, uma fonte, cuja agua dizem que cura febres intermitentes.

No reinado de D. Manoel se fundou n'esta freguezia uma fabrica d'armas (chamada Ferrarias d'elrei) e outra de polvora. Havia tambem fabricas particulares de polvora (e muitas) n'esta freguezia, que por causa dos frequentes incendios foram todas arrazadas em 1651, ficando só a do estado. Foi esta arrendada em 1725 a Antonio Cremer, até 1753 que passou a ser administrada pela Junta dos Trez Estados.

Em 1774 houve uma grande explosão na fabrica de polvora. Martinho de Mello, então ministro da marinha, a mandou reedificar por Bartholomeu da Costa, artilheiro celebre e fundidor da estatua equestre do Terreiro do Paço. Em 1802 ficou a fabrica pertencendo ao Arsenal Real do exercito. Em 1805 houve outra grande explosão ficando morto o director (Chalup) um mestre e mais 30 operarios, ficando em ruinas metade do edificio. (Foi a 17 d'agosto.)

Quando se andava desentulhando, houve outra explosão (a 25 de outubro do mesmo anno) na qual morreram 9 pessoas. Desde 1834 foi a polvora vendida por conta do contracto do tabaco, até 1849, que tornou a passar para o Arsenal Real do Exercito.

Em 17 de maio de 1862, houve ainda outra grande explosão, ardendo 1$500 kilogrammas de polvora e ouvindo-se o estrondo a 15 kilometros de distancia.

Emprega 80 operarios (além do pessoal da fiscalisação) e produz annualmente uns 250$000 kilogrammas de polvora de varias qualidades.

É a palavra arabe *Barr carreina*, nome composto de *barr* (campo ou terra culta) de *carra* (habitar) e do pronome *na* (nós) Vem a ser — Terra da nossa habitação.

É n'esta freguezia o paço real de Queluz.

Nos montes da freguezia ha muitos moinhos de vento.

BARCARENA — ribeira, Extremadura, termo de Lisboa. Nasce no sitio da Matta, por cima de Melléças, freguezia de Bellas. Não tem sempre o mesmo nome, pois toma o dos logares por onde passa, chamando-se Agua-Alva e Cartuxa e com este ultimo nome desagua no Tejo, proximo do forte de S. Bruno, por baixo da Cartuxa, onde tem uma ponte de pedra, de um só arco, feita em 1618, pela camara de Lisboa, a instancias de frei Rodrigo de Deus, frade arrabido do convento de Santa Catharina de Riba-Mar. Este mesmo frade obteve que a camara de Lisboa fizesse as pontes d'Algés e Cruz-Quebrada. Rega e faz mover azenhas, moinhos, pisões e lagares d'azeite.

Na freguezia de Barcarena fazia trabalhar a real fabrica da polvora, obra sumptuosa reedificada em 1729, por Antonio Cremer, auctor de outra na ribeira d'Alcantara. Vide Barcarena, freguezia.

Tem uma ponte de lagens, na freguezia de Barcarena.

D'inverno é caudalosa e, mesmo no verão leva bastante agua, empregada como motor e em regar.

BARCEL, MARMELLOS e VALVERDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 120 kilometros ao

N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago São Cyriaco.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O bailio de Lessa apresentava aqui o vigario de Barcel, que tinha de congrua, paga pela commenda, 42 alqueires de trigo, 6 arrateis de céra lavrada, dous almudes de vinho e 8$600 réis em dinheiro, e de cada freguez, um alqueire de pão.

Fertil; mas o clima, por excessivo, é bastante doentio.

Tinha privilegio de não pagar fintas para pontes e fontes, nem dar soldados, nem bestas ou bois para o real serviço, por ser terra da commenda de Malta. [1]

Ha aqui uma fonte, da qual dizem que, as creanças que estão doentes, bebendo d'esta agua, em oito dias, ou se curam, ou melhoram, ou morrem. (!)

Passa aqui o rio Tua, que rega e móe.

Era da commenda de Malta, do Freixal, pertencente a Leça do Bailio.

Eram trez freguezias, que se annexaram: a de Barcel, de que acabo de tratar, a de Marmellos, da qual o orago era S. Gens, tinha em 1757, 60 fogos; o vigario era apresentado pelo reitor de Sucães, e tinha 6:000 réis de congrua e o pé d'altar, e a de Val Verde, de Lamas de Orelhão, que tinha por orago Nossa Senhora da Expectação, em 1757 tinha 44 fogos. O parocho era vigario *ad nutum*, apresentado pelo vigario collado de S. Sebastião do Cobro, e tinha de congrua 8:600 réis e o pé d'altar.

BARCELLINHOS—freguezia, Minho, comarca, concelho e arrabalde de Barcellos, d'onde só está separada pelo Cávado, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 177 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario era apresentado pelo prior da collegiada de Barcellos, e tinha de rendimento 60$000 réis.

A egreja chamava-se antigamente Santo André de Maréces, procedido de uma aldeia d'este nome.

Mareces, é uma pequena aldeia, quasi exclusivamente habitada por serralheiros. Fica proxima a Barcellinhos e ao lado da estrada que conduz á Povoa de Varzim.

A fonte de Ninães é famosa em toda a provincia, pela optima qualidade da sua agua. D'ella bebiam os arcebispos de Braga. Estando a fonte arruinada, foi reedificada pela camara de Barcellos, em 1710, com grande magnificencia, e tem no frontão a seguinte inscripção:

SI VERAE NASCENTUR AQUAE DE VERTICE COELI,
HAC DE COELESTI VERTICE LYMPHA FLUIT.

Está em communicação com Barcellos por uma magestosa ponte, obra dos romanos, de admiravel solidez. (Vide Barcellos.)

D'este lado e sobre a ponte (logo á entrada d'ella) está a capella, octogona, de Nossa Senhora da Ponte, toda forrada de azulejos e a telha é toda vidrada. Tem mais de 500 annos. Antigamente formou parte do brazão de Barcellos.

Tem Barcellinhos mais outras capellas, que não têem cousa notavel. Em 1841, foi feito barão de Barcellinhos, Manuel José de Oliveira (o Manuel dos Contos). Hoje é casado com a viuva do dito barão, o sr. visconde de Ouguella.

É terra abundante de boas aguas, fertil e saudavel, e suas cercanias muito aprasiveis.

É uma grande povoação, com bonitos predios, e vista de Barcellos faz um optimo effeito. É situada sobre a margem esquerda (ao S.) do rio.

[1] Todas as terras da Ordem de Malta, em Portugal, tinham muitos privilegios. Quando algum individuo, caseiro da Ordem, era inquietado com pedidos ou serviços publicos, invocava os seus *privilegios*, e ficava logo isento. É por isso que ainda hoje, quando alguem se exime de qualquer obrigação ou serviço, ou do pagamento de qualquer divida, sob plausivel ou futil fundamento, costumamos dizer: *aquelle chamou-se á Malta*, ou *poz-se á Malta*, ou *fez-se á Malta*, isto é, invocou os privilegios dos vassallos da Ordem de Malta.

BARCELLOS—villa, Minho, na margem direita do Cávado, em paiz muito cultivado e povoado, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 800 fogos, em 1660 tinha 400 fogos e em 1757, 742; 3:200 almas. No concelho 9:500 fogos, na comarca 12:000. Dista 42 kilometros ao N. do Porto, 30 ao OSO. de Guimarães e 11 da foz do Cávado.

Está em 41° e 36' de latitude e 10° e 3' de longitude.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Rodrigo Mendes da Silva diz que foi fundada pelos povos *barcinos* [1] no anno do mundo 3774 (230 antes de Jesus Christo). Segundo o mesmo auctor e outros, foi fundada ao mesmo tempo que Barcellona e pelos mesmos fundadores (se não é a similhança de nomes que deu motivo a esta opinião).

Sustentam outros que Barcellos foi fundada pelos romanos, que lhe deram o nome de *Aguas Celenas*. É mais provavel que elles só a reedificassem ou ampliassem. Em todo o caso é povoação muito antiga.

Outros dizem que foi fundada pelo capitão carthaginez *Amilcar Barcino*, ou por algum dos seus quatro filhos (Annibal, Asdrubal, Magon e Anon) no tal anno 230 antes de Jesus Christo. Finalmente, ainda outros dizem que a fundaram os gallos-celtas, 290 annos antes de Jesus Christo.

Felix Machado, marquez de Monte Bello, nas *Notas* que fez ao nobiliario do conde D. Pedro, pag. 303, diz que antigamente se chamava *Barracellos*, corrupção de *Barra-Celani*.

Outros dizem que, antes d'aqui haver ponte, se passava o Cávado em uma barca chamada *Barca-Celi*, e que esta deu o nome á villa. Estes allegam aquelle antigo verso:

«*A Barca-Celi Barcellos nomine dicum.*»

A opinião mais provavel é que esta villa foi antigamente cidade episcopal, com o nome de *Aguas Celenas;* do rio *Cávado*, que antigamente se chamava *Celano* ou *Celando*. Parece que foram os arabes que mudaram o nome de *Celano* para Cávado, e deram á villa o nome de *Bencellanos*, que na lingua arabe quer dizer: descendente ou procedente de *Cellano*.

Nos primeiros tempos da monarchia portugueza, e no latim de então se lhe davam os nomes de *Barcelli*, *Barcellorum* e *Barcellosium*.

D. Affonso Henriques a reedificou em 1140.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.°

Tem por armas—em um escudo, uma ponte com um carvalho no meio e de um lado do carvalho uma torre e do outro uma ermida e por cima *em faxa*, trez escudos pequenos, tendo os dos lados as quinas e o do meio uma aspa, diviza de D. Affonso I, duque de Bragança, que foi o que deu a Barcellos estas armas e se vêem na casa da camara.

Na bella obra do sr. I. de Vilhena Barbosa, tantas vezes consultada e seguida n'este diccionario, ha uma pequena variante n'estas armas, segundo elle, e na fórma em que se acham na Torre do Tombo, são—um escudo azul, com uma ponte e uma arvore com pomos de ouro, por cima dois castellos de prata e, sobre estes, trez escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata.

Sem querer offender o melindre d'este illustre investigador das glorias patrias (que copiou o que viu na Torre do Tombo) entendo que as verdadeiras armas de Barcellos são como eu disse em primeiro logar; não só por ser assim que estão na casa da camara, como porque effectivamente em uma extremidade da ponte (a do N., que é do lado da villa) está um castello com uma torre, que eram os paços dos condes de Barcellos, depois duques de Bragança, e a outra extremidade (a do S., que é do lado de Barcellinhos) está a capella de Nossa Senhora da Ponte.

O almoxarifado de Barcellos rendia an-

[1] Os *barcinos* (carthaginezes) era um bando, assim chamado, inimigo de outro chamado dos *édos*. (Eram como os nossos *ranchos* do *alecrim* e *manjerona*, ou como o dos *guelfos* e *gibelinos*.)

nualmente 25:000 cruzados (10:000$000 réis) livres, para a casa de Bragança, até 1834.

É cercada de muros e tinha duas torres muito altas, tudo obra de D. Affonso, primeiro duque de Bragança, sendo director d'estas construcções Tristão Gomes Pinheiro, commendador de S. Pedro da Veiga de Lilla, alcaide-mór de Barcellos. Este Tristão fez umas casas ao pé das do duque, com duas magnificas torres, e era o solar dos Pinheiros. Jaz na capella que para si e sua familia mandou fazer na egreja.

Estas muralhas (feitas entre os annos de 1446 e 1471) tinham quatro portas, a da Torre da Ponte, Porta Nova, do Valle, e da Fonte de Baixo; e trez postigos, o da Feira, o das Vigandeiras e o dos Pellames. Não é preciso dizer que está tudo a cair ou desmantellado.

O postigo da Feira deitava para o arrabalde de Cima de Villa (hoje Campo da Feira) e era no lanço de muralhas que por este lado cercavam a villa e eram defendidas por uma alta torre. A povoação no seu crescimento rompeu as muralhas e estendeu-se pelo Campo da Feira em todo o seu comprimento. Desappareceu a muralha e o seu postigo, mas ficou a torre, que ainda se conserva em bom estado e é hoje cadeia publica. Se não fosse a applicação que se lhe deu, ter-lhe-hia acontecido como a sua irmã que defendia a ponte e o paço dos duques de Bragança, que foi derrubada para dar mais alguns palmos á rua da entrada da villa. A primeira torre de que aqui se trata é coroada de ameias e tem janellas ogivaes. Occupa uma boa parte do Campo.

O seu termo é muito fertil e tem fama, justamente adquirida, o vinho verde do Valle de Tamel.

Cria tambem muito gado de toda a qualidade e muitas colmeias. Os seus montes abundam em caça e o Cávado lhe dá salmões, lampreias, saveis e varias qualidades de peixe.

Tem mercado todas as segundas feiras.

A matriz, Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção (antigamente se lhe dava o titulo de Nossa Senhora das Neves), é de trez naves e está dentro da cêrca das muralhas, foi fundada por D. Fernando I, duque de Bragança; é collegiada, confirmada por o papa Paulo II, em 1474.

Esta collegiada tem prior, trez conegos *inteiros* e seis conegos *tercenarios*. A renda d'estes reverendos, era, até 1834, os fructos das egrejas d'esta villa, Villa Frescainha, Barcellinhos, Carvalhal, Gilmonde, Villa Secca, Milhares, Faria, Villar de Figos e Courel; todas no termo d'esta villa, cujos vigarios eram apresentados pelo prior, menos o de Villa Secca, que apresentava a casa de Bragança. O prior tinha 1:000$000 réis de renda; cada conego *inteiro* 350$000 réis e os *tercenarios* 150$000 réis.

D Pedro II (achando ainda isto pouco) lhes deu mais, para todos, 450$000 réis de *juro real*, na alfandega de Lisboa.

Havia mais um thesoureiro-mór (*que não tinha obrigação de residir*) e recebia os fructos das egrejas de Fragoso e S. Claudio, e o arcipreste, que tinha os rendimentos dos fructos da egreja de Deucriste.

Tem Misericordia e hospital fundados com os rendimentos do *real d'agua*, e por provisão de 1711, lhe concederam, emquanto durassem as obras 1:500 medidas de pão, annualmente. Tem 2:800$000 réis de fundos, que traz a juros.

Foi o rei D. Manuel quem fundou este estabelecimento de caridade, pelos annos de 1512.

A egreja foi profanada a 26 de janeiro de 1846, depois de lhe tirarem os santos, ossos, etc., e o hospital havia sido mudado em 1836 para o convento de S. Francisco.

A Misericordia tem uma boa galeria de retratos dos bemfeitores, distinguindo-se o do seu fundador, o rei D. Manuel, e o do duque de Bragança D. Theodosio, pae de D. João IV.

—

A egreja do Menino Jesus e um recolhimento pegado, fundou, pelos annos de 1730, uma preta, chamada Victoria, escrava de Bento Ferreira Gomes, d'esta villa, com esmólas que pediu.

Foi depois convento de freiras benedictinas. Supprimiram-n'o depois de 1834.

A egreja está a cargo da irmandade do Terço, que a tem em bom estado.

É situada no Campo da Feira.

Barcellos foi cabeça de condado, o primeiro que houve em Portugal, dado por D. Diniz, em 8 de maio de 1298, a D. João Affonso Tello de Menezes, seu mordomo-mór, casádo com D. Thereza Sanches, filha de D. Sancho III de Castella.

Barcellos foi a primeira terra erecta em condado pelos nossos reis. Até então havia condes, mas sem titulo particular de terra alguma. Juntavam ao seu nome este titulo, como v. g. — Conde D. Mendo, Conde D. Sisnando, etc.

O segundo conde de Barcellos foi D. Martim Gil de Sousa, alferes-mór de D. Diniz, casado com D. Violante Sanches, filha do primeiro conde. Está sepultado no convento de Santo Thyrso.

O terceiro foi D. Pedro, filho bastardo de D. Diniz e seu alferes-mór. Está sepultado no convento de S. João de Tarouca. (É o auctor do *Nobiliario.*)

O quarto foi D. Martim Affonso.

O quinto foi D. João Affonso Tello de Menezes, alferes-mór de D. Pedro I e mordomo-mór de D. Fernando. Tambem era conde de Ourem.

O sexto foi seu filho D. Affonso Tello, que não teve geração.

O setimo foi D. João Affonso Telles de Menezes.

Alguns persuadem-se que *Tello* é appellido mais nobre do que *Telles*. É erro. Vem tudo a ser o mesmo, quanto a nobreza; porque *Telles* significa *filho* ou *descendente de Tello*. (Vide *Origem dos appellidos*, no ultimo volume.)

D. João Affonso Telles de Menezes era irmão da Messalina portugueza, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, e ao qual D. Fernando I a roubou, annullando o casamento e casando com ella.

Este setimo conde de Barcellos era tambem alcaide-mór de Lisboa, e almirante de Portugal.

O 8.º foi o excelso D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel), feito por D. João I, em 8 de outubro de 1385. D. Nuno deu este condado em dote a seu genro D. Affonso, primeiro duque de Bragança, e nono conde de Barcellos. (Já disse que este D. Affonso era filho natural reconhecido de D. João I.)

D. João I, fez o condestavel conde de Barcellos, em premio da gloriosa victoria de Valverde (Hespanha) na qual este famosissimo guerreiro derrotou 30:000 castelhanos. De D. Nuno procede a casa de Bragança, e por conseguinte um grande numero de casas reinantes da Europa e a familia imperial do Brasil. (O exercito castelhano em Valverde era commandado pelo grão-mestre da Ordem de S. Thiago, que morreu na acção; esta teve logar a 5 de outubro de 1385. (Vide Guarda, quanto ao nono conde de Barcellos.)

O titulo de conde de Barcellos se continuou nos duques de Bragança até D. Sebastião I, que o elevou a ducado, nos primogenitos da mesma casa, e foi primeiro duque de Barcellos D. João, filho de D. Theodosio, primeiro, duque de Bragança.

Desde a elevação de D João IV ao throno de Portugal, ficaram annexos á casa real os titulos de duque de Bragança, e de duque e conde de Barcellos.

—

Barcellos foi a maior comarca de todo o reino, pois comprehendia todos os territorios que o ducado de Barcellos tinha no Minho e na actual provincia do Douro, até proximo de Aveiro.

Era terra muito populosa, e d'ella diz o poeta portuguez Manuel de Gallegos, no seu *Poema Epithalamio*, oitava 81.ª

. . . . . .

«Só em Barcellos houve alardo um dia
«Em que o sol pelos campos dilatados,
«Com terrivel e féra galhardia
«*Dezesete mil* peitos viu armados.»

Isto entende-se só de ordenanças, das quaes tinha 28 companhias, e em toda a comarca, 42.

A camara servia de capitão-mór.

Na guerra dos 27 annos deu Barcellos, fó-

ra as ordenanças, sete *terços* infanteria, mil e quinhentos gastadores e 500 carros.

Esta comarca tinha mais de vinte leguas de comprido (120 kilometros).

(Ainda ha poucos annos vi em Grijó (18 kilometros ao S. do Porto) um marco ou padrão, que dizia — *Correição de Barcellos* — Não sei se ainda existe.

—

Extra-muros da antiga circumvalação, no Campo da Cruz (mais conhecido por Campo da Feira) está a egreja de Senhor da Cruz, que é sumptuosa. Este Senhor festeja-se a 3 de maio, havendo ahi então uma grande feira.

Diz a tradição que em uma sexta-feira, 20 de dezembro de 1504, apparecera no tal campo, (então chamado, do Salvador) uma cruz pintada no chão; e que desde esse dia principiaram a apparecer cruzes assim, n'este logar (agora apparecem a 2 e 3 de maio, e algumas vezes em setembro, na vespera da exaltação da Santa Cruz.)

Erigiu-se-lhe logo uma pequena ermida, que hoje está transformada em egreja, e é a já dita do Senhor da Cruz.

—

A meia distancia entre a ponte e o açude de *Mareces* (ou *Maresses*) mesmo no leito do Cávado, ha um enorme penedo, ao qual pela margem esquerda, se chega a pé enchuto, na estiagem, ficando todo o mais tempo coberto com a agua do rio. Da raiz d'este penedo rebenta uma fonte de agua sulphurosa, que dizem muito medicinal.

—

O mesmo D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que mandou fazer as muralhas e torres d'esta villa, fez, pelo mesmo tempo, construir para si e seus successores um palacio, cujas ruinas ainda existem junto á ponte (do lado do N.)

Do alto d'estas ruinas se gosa um bello panorama. Vê-se o pincaro do monte da Franqueira, de uma grande altura e o Bom Jesus do Monte, de Braga.

O terreno e ruinas d'estes paços foi pedido ao governo, pela camara de Barcellos, para alli fazer um passeio publico. Foi-lhe concedido, em agosto de 1873, sob condição de que uma parte do velho edificio seja conservada, collocando-se-lhe uma lapide commemorativa, que atteste ás gerações futuras que foi alli o palacio dos duques de Bragança, d'onde procedem quasi todas as familias reaes da Europa e a do Brasil.

Isto é bom; mas tenho saudades d'aquellas ruinas venerandas, que dominavam magestosamente a robusta ponte romana.

A casa da camara é hoje o melhor edificio da villa e a melhor casa do senado, da provincia.

—

De Barcellinhos a vista d'esta villa é imponente e pittoresca.

Barcellos é sem contradição nenhuma uma das melhores villas do Minho e não tem muitas superiores no reino. É mesmo superior em população, edificios e riqueza ás cidades de Thomar, Miranda, Silves, Bragança e Pinhel.

Tem minas de *saphiras*. Diz Oliveira Freire (*Discr. Chorogr. de Port.* pag. 31) que uma saphira de Barcellos, foi vendida, em 1636, em Paris, por 28:000$000 réis!

—

É patria do bravissimo e leal portuguez D. Nuno Gonçalves de Faria, conde e alcaide-mór do castello de Faria, no reinado de D. Fernando.

De seu filho, Gonçalo Nuno de Faria, tão bravo e tão leal como seu pae.

Do irmão d'este, D. Alvaro de Faria, que D. João I armou cavalleiro na batalha de Aljubarrota.

—

Não se sabe com certeza onde nasceu Gil Vicente, o *Plauto portuguez*, fundador do nosso theatro. Uns dizem que nasceu em Lisboa, outros sustentam que nascera em Guimarães; mas é opinião mais seguida que elle nasceu n'esta villa de Barcellos.

Suppõe-se que nasceu em 1475. Foi muito estimado no paço e na côrte, onde se representavam as suas comedias. Fez as delicias dos reinados de D. Manuel e D. João III.

Foi casado com D. Branca Bezerra, de quem teve trez filhos: Gil Vicente (que, segundo uns, morreu menino, e segundo outros morreu em um combate na India. (tra-

tarei d'este adiante, mais circumstanciadamente), Luiz Vicente, editor das obras de seu pae, e Paula Vicente, senhora de muita intelligencia, e notavel pela cultura do seu espirito.

Gil Vicente, além de bom poeta, era optimo compositor de musica, e de grande eloquencia.

Assim como ha incerteza na data e logar do seu nascimento, a ha tambem na data da sua morte. Suppõe-se que morreu em 1557.

O que é certo, é ter morrido em Evora, para onde tinha acompanhado a côrte, e jaz no convento de S. Francisco de Evora.

A compilação das suas obras, que comprehende autos, comedias, tragi-comedias, farças e muitas poesias, foi pela primeira vez publicada, em Lisboa, em 1562.

Erasmo, esse grande restaurador das lettras, deu-lhe o primeiro logar entre os poetas comicos modernos e aprendeu o portuguez só para poder melhor apreciar as bellezas de Gil Vicente.

Este era não só auctor mas tambem actor eximio. A musica das suas comedias era tambem composta e cantada por elle.

Alguns escriptores sustentam que o primeiro filho de Gil Vicente, e do seu mesmo nome, morreu menino. Outros dizem que não existiu tal filho, pois que o poeta só tivera dois filhos, Luiz e Paula. D'esta opinião é João Baptista de Castro, que attribue a Luiz Vicente o auto dos *Captivos*, ou de *D. Luiz de los Turcos*, que outros dizem ser obra do tal Gil Vicente, filho.

Faria e Sousa, Diogo Barbosa Machado e outros, sustentam que existiu esse filho primogenito, do nome de seu pae; e que este filho desenvolveu um tal talento na poesia comica, que causava admiração a todos e que promettia eclypsar em breve seu pae, que, tomado de inveja, o fizera embarcar para a India, onde, depois de haver mostrado que era tão bravo militar como primoroso poeta, morreu em uma batalha, dada contra os inimigos da patria.

Se isto é certo, de Gil Vicente, filho, só resta o tal auto dos *Captivos* ou *D. Luiz de los Turcos*.

Tambem ha quem diga que Gil Vicente (pae) morreu na indigencia, o que me não parece provavel, visto ser opinião geral acompanhar sempre a côrte.

—

Aqui nasceu o padre Belchior da Graça, bom theologo e escriptor estimado no seu tempo. Regeitou a mitra do Funchal, por ser nomeação do usurpador Philipe III, de Castella. Este acto de nobre patriotismo, não serviu de exemplo a muitos portuguezes, que acceitaram titulos, commendas, honras e dinheiro, dos tres usurpadores castelhanos.

—

Barcellos é patria d'outros muitos varões insignes pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes; e cujas biographias fariam extensissimo este artigo.

—

O Campo da Feira, era antigamente nos suburbios de Barcellos, e se chamava Arrabalde de Cima da Villa, mas contiguo ás muralhas, e sobre elle estava o Postigo da Feira e uma das duas altas torres que as guarneciam.

A povoação, porém, desenvolvendo-se, transpoz a cêrca dos seus muros, estendendo-se pelo lado septentrional do Campo da Feira, hoje um dos mais bonitos sitios da villa.

A antiga torre, com as suas janellas ogivaes, e coroada pelas suas vetustas ameias ainda existe, bem conservada, no seu primitivo logar, desafiando os estragos do tempo e testemuha muda, mas veneranda, das passadas glorias d'esta notavel povoação.

No fim do campo, está o convento de freiras benedictinas, de que já fallei, o templo do Senhor da Cruz, o convento de S. Francisco e a egreja dos terceiros. Estes dois edificios estão separados pela frondosa matta, que foi cêrca do convento e pertence agora á Misericordia. É um agradavel e formoso passeio, pois que a cortam, cruzando-se, largas e bem alinhadas ruas, guarnecidas de frondosos arvoredos de varias especies.

—

Esta villa foi de tal modo destruida com as guerras dos godos, suevos, vandalos e alanos, e depois com as dos arabes, que nem

d'ella restavam ruinas; a ponto que veiu a ser objecto de questão a sua primitiva situação, julgando alguns que era na foz do Cávado, 12 kilometros ao O.; mas a opinião mais provavel e mais seguida é que a antiga cidade romana de *Aguas Celenas*, era no mesmo sitio da actual Barcellos.

Não se sabe quando nem por quem foi reedificada; mas suppõe-se que foram os arabes, que, agradados d'este bello sitio, a reconstruiram. É certo que no tempo do conde D. Henrique, já era povoação de alguma importancia.

—

Tem a villa boas casas e tres chafarizes de excellente agua, além de quatro nos arrabaldes. Estes são aprasiveis e fertilissimos, sobre tudo nas margens do rio.

—

O convento dos capuchos franciscanos, foi principiado com esmolas do povo, em 1649.

Como já disse, está actualmente n'elle o hospital da Misericordia.

O resto do edificio faz hoje parte da casa da camara e n'elle está tambem a bonita casa da estação telegraphica e o resto é quartel de tropa.

Tem tambem Barcellos uma bella praça de mercado, principiada em 1864, sobre a estrada real (de primeira ordem) de Lisboa para o N., e por cuja estrada transitam varias diligencias diarias.

—

Tinha foral velho, dado por D. Affonso I (sem data) confirmado por seu filho D. Sancho I, em Santarem, em 1208.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 7 de agosto de 1515. Trata-se n'este foral das terras seguintes: Aguiar Faria, Neiva, Penafiel e Vermoim.

—

Diz o velho rifão portuguez, que: *Uma nódoa cae no melhor panno.*

É com repugnancia pois, que vou narrar um facto que não honra muito alguns individuos de Barcellos. Desculpem-me os habitantes d'esta nobre villa; mas este livro é um *registo de todos os factos* relativos a cada povoação ou sitio notavel, e não podia deixar de relatar isto. Os barcellenses, se uma vez praticaram um acto menos honroso, remiram essa culpa e apagaram essa nódoa com innumeros actos de incontestavel bravura e acrisolado patriotismo.

Eis o facto:

Indo D. João I tomar a cidade africana de Ceuta (como effectivamente tomou, a 21 de agosto de 1415) depois da conquista, repartiu os pontos da cidade pelos moradores das cidades e villas que com elle foram e o ajudaram n'esta empreza. Sendo a praça atacada pelos mouros desesperados, em grande força e com grande alarido, os de Barcellos de tal maneira se aterraram, que fugiram, abandonando o ponto da muralha que lhes havia sido confiado. Junto a este ponto estava outro defendido pelos vimaranenses, que, vendo fugir os seus visinhos, se dividiram em dois troços, defendendo com um o seu posto e com outro o abandonado, o que fizeram com grande bravura e galhardia, sendo os mouros em ambos furiosamente repellidos com grande perda.

D. João I premiou esta bravura e castigou aquella cobardia, mandando que d'ahi em diante fossem os de Barcellos varrer as praças e açougues de Guimarães.

Por mais de 70 annos hiam os vereadores de Barcellos, nove vezes no anno (nas vesperas das festas da camara de Guimarães, que eram n'aquelle numero) com um barrete vermelho na cabeça, uma banda da mesma côr ao hombro, espada á cinta, um pé calçado outro descalço e cada um armado com sua vassoura de giesta, fazer a limpeza ordenada, em Guimarães; e finda ella, iam á camara e entregavam aos vereadores os seus barretes e bandas, em signal de servidão. Se algum faltava a este acto de humiliação, era condemnado em pena pecuniaria, o que quasi todos preferiam, a fazer tão ridiculo papel.

Por esta causa não havia quem quizesse ser vereador em Barcellos; pelo que o duque de Bragança, D. Jayme, pelos annos de 1488, contratou com o povo e camara de Guimarães de lhe ceder as freguezias da Cunha e Ruilhe, do termo de Barcellos e de que elle era senhor, para continuarem n'aquella obrigação; o que os de Guimarães

acceitaram, e continuou esta comedia até 1580, em que terminou.

—

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

Aqui nasceu, pelo meado do seculo XVI, o dr. Pedro Esteves Marques, ouvidor da casa de Bragança, filho bastardo de um padre chamado *mestre João* e de uma moura. Este Pedro Esteves Marques, teve de uma judia conversa, chamada Maria Pinheiro, uma filha por nome Catharina Pinheiro, que casou com Pedro de Sousa Seabra, e d'estes dois procedem os condes da Castanheira, Monsanto e Vidigueira e outras casas nobres e titulares do reino. Vide Castanheira, villa.

—

Já disse que foi 1.º duque de Barcellos D. João, primogenito de D. Theodosio I, feito por D. Sebastião, em 5 de agosto de 1572, e como este titulo ficou sendo privativo dos primogenitos da casa de Bragança, foi 2.º duque de Barcellos D. Theodosio II, de Bragança; 3.º, seu filho D. João II (depois D. João IV, rei); 4.º D. Theodosio, seu filho, depois principe real, que morreu de 19 annos, solteiro e sem descendencia. Conserva-se este titulo na casa real.

—

O concelho de Barcellos é formado pelas 95 freguezias seguintes:

Abbade de Neiva, Aborim, Adães, Aguiar, Airó, Aldreu, Alheira, Alvellos, Alvito (S. Martinho), Alvito (S. Pedro), Ginzo, Arcozello, Arcas, Arcas e Magdalena, Balugães, Villa Cova, Banho, Barcellinhos, Barcellos, Barqueiros, Santo Estevão de Bastuço, S. João de Bastuço, Cambezes, Campo, Carapeços, Tamel, Carreira, Carvalhal, Carvalhos, Chavão, Chorente, Christello, Cossourado, Courel, Couto, Creixomil, Varzea, Crujães, Durrães, Encourados, Faria, Palma, Feitos, Fonte Coberta, Fornellos, Fragoso, Gallegos, Gamil, Gilmonde, Goios, Gondifellos, Grimancellos, Gueral, Egreja Nova, Lama, Lijó, Macieira, Manhente, Mariz, Martim, Midões, Milhazes, Minhotães, Panque, Mondim, Monte, Moure, Negreiros, Oliveira, Paradella, Pedra Furada, Pereira, Perelhal, Pousa, Quintiães, Roriz, Quiraz, Remelhe Santa Eugenia do Rio Covo, Santa Eulalia do Rio Covo, Sequiade, Silveiros, Santa Leocadia de Tamel, S. Verissimo de Tamel, Tregosa, Ucha, Veatodos, Villa Boa, S. Martinho de Villa Frescainha, S. Pedro de Villa Frescainha, Villa Secca, Villar de Figos e Villar do Monte. Todas no arcebispado de Braga.

BARCO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 50 kilometros da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em uma costa junto ao rio Zêzere, d'onde só se vêem montes incultos e desertos.

O prior de S. Silvestre, da Covilhã, é que apresentava aqui o cura, que tinha de *porção* 15$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em azeite, centeio, milho e feijão; do mais pouco.

N'esta freguezia se vê um monte em fórma de pico, chamado *Argemella*, de um kilometro de altura acima do nivel do rio Zezere, que corre entre a raiz d'este monte e a aldeia do Barco. Ao meio da encosta, a distancia de 50 metros uns dos outros, ha tres muros arruinados cercando o monte (que é muito ingreme). No cimo d'elle se veem as ruinas de um *castro*, ou acampamento romano, que, segundo a tradição, foi mandado construir por um proconsul, para se defender contra o nosso audaciosissimo Viriato (o antigo).

Está bastante damnificado, não só pelo tempo, mas porque os moradores visinhos vão alli buscar pedra para as suas obras.

É curiosa a tradição sobre a etymologia do nome d'este monte.

Diz ella, que, uma lusitana cahida em poder dos romanos, na vespera do seu casamento, foi levada ao dito *castro* e ahi a quizeram obrigar a declarar a guarida do seu desposado, ao que ella heroicamente se recusou, sendo por isso queimada. Por muitos annos se ouviram gemidos que pareciam vir do monte, e os que os ouviam, diziam: *No*

ar geme ella! e lá ficou ao tal pico o nome de *Argemella.*

Sem querer destruir esta romantica tradição, estou persuadido que o nome d'este monte é corrupção da palavra arabe *aljobeila*, que é diminutivo de *jabalon*, que significa monte, vindo a ser montinho.

Posto que a subida a este pico seja custosa, pela escabrosidade do terreno, fica bem compensado da fadiga, o viajante que attingir o seu cume, pela vasta e deliciosa vista que d'alli disfructa. D'este ponto se descobrem campos, mattos, serras e varias povoações da pittoresca *Cova da Beira*, que d'aqui se vê em toda a sua extensão.

BARCO — freguezia. Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O parocho era vigario, da apresentação do arcediago de Santa Christina de Longos, e tinha de congrua 10$000 réis e o pé d'altar.

BARCOS—villa, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Taboaço, 18 kilometros a E. de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em planicie, ao pé de uma serra e 6 kilometros ao S. do Douro.

Formava um concelho de 930 fogos, que foi supprimido em 1855.

O abbade era da apresentação do padroado real. Tinha 170$000 réis de congrua. Eram annexas a esta egreja, 8 freguezias, que são : Taboaço, Adorigo, Santa Leocadia, Santo Adrião, Goujoim, Pinheiro, Chavães, Balsa e Desejosa. Todos estes parochos apresentava o abbade de Barcos.

Os dizimos eram para os conegos de Tanger (Africa) e depois passaram para a collegiada de Barcos. Rendiam 1:600$000 réis.

Tinha esta egreja uma collegiada com quatro beneficiados, cada um com 200$000 réis. Cada um tinha seu ecónomo, para fazerem o serviço todo por elles, e recebia cada um d'estes economos 18 alqueires de trigo, 36 de pão meiado e 8$000 réis em dinheiro.

O abbade apresentava o sachristão, a quem dava 11 almudes de vinho, 22 alqueires de centeio e 6$000 réis em dinheiro, com obrigação de dar vinho e hostias para as missas.

A matriz foi fundada em 1500. Antigamente chamava-se Nossa Senhora do Saboroso.

A antiga egreja ainda existe em um logar ermo e deserto (mas onde ha vestigios de antiga povoação) e o cura do Pinheiro lá ia dizer missa aos dias d'ella.

É terra fertil em trigo, centeio, milho, etc. Gado e caça. Peixe dos rios Douro, Tavora e Tédo, que correm por estas visinhanças.

Dizem alguns escriptores que D. Affonso III lhe deu foral na era de 1293 (1255). Franklim não traz este foral, mas um dado por o mesmo rei, em Coimbra, a 20 de setembro de 1255 á herdade regalenga de Barco (e não de Barcos). Está no livro 2.º das doações d'aquelle monarcha, a fl. 34, v., *in principio*, onde se podem tirar as duvidas.

BARCOUÇO—freguezia, Douro, concelho da Mealhada, comarca da Anadia, 12 kilometros a O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

É a palavra arabe *barrcouço*, que se compõe de *barr* (campo) e de *causon* (o arco). Vem a ser Campo do Arco. Foi da comarca de Cantanhede, concelho de Ançan até 1855.

Foi primeiro dos marquezes de Cascaes e depois passou para os bispos de Coimbra.

Situada sobre uma collina d'onde se vê Coimbra, o Mondego, Monte-mór-Velho e grande parte das povoações do campo de Coimbra.

A egreja é muito antiga e está fóra do povoado. A primitiva matriz era dentro da povoação e ainda d'ella ha vestigios.

Sobre a porta principal da actual egreja está a seguinte inscripção:

IN NOMINE DOMINI. AMEN. FERIA TERTIA XVII DE FEVEREIRO, DIAS ANDADOS, SAGROU ESTA EGREJA O BISPO RAYMUNDO, POR EXPENSAS DE PERO.... ERA MCCCLVIIII. (1321 de J. C.)

O bispo conde apresentava aqui o prior, por concurso synodal, que tinha 800$000 réis de renda.

Tinha uma annexa (Vilde Mattos) cujo cura apresentava o prior de Barcouço.

É terra abundante em cereaes e fructas (sobretudo optimos pêcegos). Os seus vinhos são magnificos e aqui vinham antigamente os inglezes compral-os para exportarem, o que fazia a terra muito prospera.

BARGA—(portuguez antigo) pequena casa coberta de palha, cardenha, palhoça. Tambem é rede de pescar (*barga* ou *varga*) e d'aqui *bargueiros* aos que a fazem ou usam. D'esta palavra provém o appellido *Vargas*.

BARNABÉ (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Mértola, concelho de Almodóvar, 204 kilometros ao S. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Barnabé e Santa Suzana.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada entre montes asperos e ingremes. Eram antigamente duas freguezias (S. Barnabé e Santa Suzana) que se reuniram no seculo XVII, mas ainda tem as duas egrejas, ambas em sitio ermo, sendo a principal a de S. Barnabé. A de Santa Suzana fica a 9 kilometros d'esta. O parocho se intitulava capellão, e era apresentado pela Mesa da Consciencia (por ser da Ordem de S. Thiago), e tinha dois moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda de Almodovar.

Ainda que o clima é excessivo, produz muito trigo, cevada e centeio.

Nasce n'esta freguezia o rio De Louca ou Odelouca.

Nasce no sitio chamado Cumeada dos Cançados. N'este mesmo sitio nascem mais tres rios, que são: Odemira, Arade e Vascão. Este desagua na direita do Guadiana, na Foz do Vascão, proximo á villa e praça de Alcoutim. O Odelouca junto com o Arade morrem no mar, em Portimão, e o Odemira morre no Atlantico, em Villa Nova de Mil Fontes.

Nos montes d'esta freguezia se cria muito gado e têem caça grossa e miuda.

BARONIA—(Vide Villa Nova da Baronia.)

BAROSA—rio, Beira Alta. Nasce 24 kilometros a SSE. de Lamego, na serra da Nave, freguezia de Leomil, em uma lagoa. Nasce já com bastante agua, que augmenta no seu curso com os ribeiros de Agua-Levada, Tarouca e outros menores. É em quasi todo o seu curso de corrente arrebatada. Tem muitos moinhos, e rega. Suas margens são fertilissimas, onde se cultivam. Tem em partes frondoso arvoredo. Proximo a Lamego, a 6 kilometros da sua foz, se lhe junta o rio Balsemão. Morre no Douro em frente da Regua e quasi em frente da foz do Corgo.

Cria bom peixe.

Passa pelos logares de Leomil, Dalváres, Varzea da Serra, Figueira, Sande, Valdigem, Mondim, Tarouca, Lallim, Lazarim e Gouveães.

Tem sete pontes de cantaria lavrada, em Sande, Covellas, Mondim, Ocanha, Lallim, Tarouca (chamada Ponte Pedrinha) e a bella ponte concluida em 1870, sobre a foz d'este rio, sendo esta a mais notavel e elegante de todas. Tem além d'estas, algumas de madeira.

Na ponte de Sande costumam haver muitas e grandes desordens, entre os romeiros vindos de S. Domingos da Queimada.

O local da ponte é pedregoso e medonho, mas pittoresco.

BAROSA ou **BARROSA**—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 2 kilometros ao N. de Leiria, 180 ao S. do Porto, 132 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago S. Matheus.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Era da casa do infantado, a quem pagava o 8.º do linho e do vinho.

Situada na costa de um monte, inclinado para O.

O cura tinha 79$000 réis, em pão, que lhe dava o povo, que era o que o apresentava; e por o povo foi erecta a freguezia, com licença do ordinario, em 1714.

Ha na aldeia de Barosa uma casa que foi deixada para abrigar os mendigos, com obrigação de lhes dar cama e luz.

É terra fertil em cereaes, fructas, hortaliças e azeite.

Chama-se a esta freguezia a Terra dos Brêdos, pelos muitos que ha. Produz tambem optimos melões.

Junto á egreja ha uma abundante fonte de excellente agua, muito diuretica e adstringente.

D'aqui se vê o castello de Leiria e os conventos dos arrabidos e de S. Francisco dos Observantes, e a Povoa de Monreal (a 12 kilometros) etc., etc. É regada pelo rio Liz.

No dia 2 de outubro de 1810, retirando o exercito alliado, com grande rapidez, mas na melhor ordem, do Bussaco para Lisboa, chegando a esta freguezia, teve aqui um combate com as hordas jacobinas de Massena, que foram repellidas com grandes perdas.

BAROSO—rio pequeno, Beira Alta, comarca de Vouzella. Nasce na serra da Arada, por cima da Povoa do Corvo, freguezia de Carvalhaes. Junta-se ao rio Teixeira, por cima do convento de S. Christovão de Lafões, de frades bernardos, e logo abaixo do convento se mette no Vouga. Tem uma ponte de cantaria, feita em 1740, no logar de Paços, no sitio do Moinho da Veia.

Móe e rega e traz muito peixe. Suas margens são em grande parte cultivadas e n'outras arborisadas, e muito ferteis.

Este rio chamava-se primeiro Tancas, e como o primeiro convento de bernardos que houve em Portugal foi o de S. João de Tarouca, que está junto do Barosa, em memoria d'este convento e do seu rio, os frades do convento de S. Christovão de Lafões, que vieram de Tarouca, mudaram o nome de Tancas no de Baroso, em 1123.

BARQUEIROS—villa, Traz-os-Montes, comarca de Peso da Regua, concelho de Mezãofrio, na margem direita do Douro, 68 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Porto e districto administrativo de Villa Real.

Situada em um apertado e estreito valle

D'aqui se vê S. Martinho de Mouros, Foutoura, Barrô, parte do concelho de Rézende, Penajoia e outras povoações.

Foi concelho da jurisdição real.

Era abbadia do padroado da corôa, e rendia 600$000 réis; mas pagava 40$000 réis de pensão á egreja patriarchal.

Tem uma bella residencia do parocho e optimos passaes.

Provem-lhe o nome, de serem barqueiros uma grande parte de seus moradores.

Tem praça publica com pelourinho, na aldeia de Sub-Egreja, onde se faz uma feira a 24 de agosto.

É povoação antiga; mas não pude saber quando nem por quem foi fundada.

Antigamente pagava toda a villa direitos aos senhores de Penaguião; mas D. Manuel lhe deu foral, pelo qual só ficaram pagando aos taes senhores 3$600 réis, que eram dados pela camara d'este concelho.

Nos limites d'esta freguezia, junto ao Douro, está um grande calhão, e n'elle a celebre Torre do Pilar (vulgo *Piar*) e, mesmo no rio, os restos de dois grandes pilares, que serviram de fundamento aos arcos de uma ponte que aqui fez a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, no meiado do seculo XII.

Junto á tal Torre do Pilar está um areal cheio de pedra solta, que diz ser para uma calçada que havia de fazer-se junto á ponte.

Ha quem diga que esta ponte nunca se chegou a concluir; mas parece-me que sim. (Vide Barrô.)

Ha no termo d'esta villa duas barcas de passagem, sendo uma franca e gratuita (antigamente) que a mandou pôr a dita rainha D. Mafalda, no sitio de Porto de Rei, chamada *a Barca de por Deus*. A camara de S. Martinho de Mouros é que administrava esta barca, por ter para isso rendas. Hoje não sei quem é.

A outra barca é a do *Bernardo*, proximo ás Caldas do Mollêdo.

É terra abundante de aguas, fertil e saudavel, e produz muito bom vinho verde, como todas as margens do baixo Douro.

Aqui nasceu, pelos annos de 1830, José

Julio de Oliveira Pinto. Formou-se em direito, sendo sempre premiado. Pela sua muita intelligencia, chegou a ser conselheiro e official maior da secretaria da justiça, e se não morre na flor da edade, chegaria a ser um nome conhecido na Europa, e occuparia os primeiros logares da republica.

Era filho de um insignificante pintor. José Julio, sendo homem de profundo talento e vastos conhecimentos, tinha duas pessimas qualidades. A primeira era querer decidir tudo *ex cathedra*, sem adoptar as opiniões de ninguem, e querer que todos fossem por força da sua, e a segunda era ser muito grosseiro.

Como deputado, seria um bom orador, se os seus discursos não fossem eivados d'aquelles seus dois grandes defeitos.

Por grosserias que proferiu nas côrtes contra um respeitavel ancião (o sr. Manuel de Sá Nogueira, irmão do sr. marquez de Sá da Bandeira) e obstinando-se em não querer retirar as expressões inconvenientes que tinha proferido, antes aggravando-as com outras grosserias, foi morto em duello, em 1868, pelo sr. Miguel de Sá Nogueira, sobrinho do offendido.

Barqueiros tinha foral velho, dado por a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso I, em Coimbra, em 13 de setembro de 1123. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 22 de outubro de 1513.

Viterbo diz que o primeiro foral lhe foi dado por D. Sancho II, em setembro de 1223. Talvez este já fosse segundo foral. Este foi dado aos dez casaes que constituiam a villa ou concelho de Barqueiros. (Vide Teiga.)

BARQUEIROS—freguezia, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto da Apulia.

Situada em montes e valles.

O vigario era apresentado pelo abbade de Fonte Boa, e tinha de congrua 11$200 e o pé de altar.

É terra abundante de aguas e muito fertil.

BARQUINHA ou **VILLA NOVA DA BARQUINHA**—villa, Extremadura, comarca de Torres Novas, 100 kilometros ao E. de Lisboa, 280 fogos, 1:100 almas, no concelho 820 fogos. Orago Santo Antonio.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em planicie, na margem direita do Tejo.

É villa de creação moderna, pois ainda no fim do seculo passado era apenas uma aldeia da freguezia da Atalaya.

É terra muito fertil, como quasi todas as das margens do Tejo, e faz grande commercio com Lisboa, pelo rio.

A Beira Baixa e Douro fazem aqui escala para o seu commercio com a Extremadura e Alemtejo.

20.ª estação do caminho de ferro de Leste.

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

Ficam-lhe proximo o celebre acampamento de Tancos e o romantico castello de Almourol.

Este concelho é composto de quatro freguezias, que são: Atalaya, Barquinha e Tancos, no patriarchado, e Paio de Pelle que é *isento* de Thomar e portanto tambem sujeita ao patriarchado.

BARRADO—serra, Extremadura, termo de Arruda, com 18 kilometros de comprido e 3 de largo. N'ella nasce o pequeno rio chamado Cano de Cintra. Tem alguns valles muito ferteis. Ha aqui a celebre planta medicinal chamada vulgarmente *balsaminho*, que, segundo se diz, é remedio maravilhoso contra as erisipellas.

N'esta serra ha alguns casaes e dá pastagem a bastante gado de toda a qualidade. Tem caça.

BARRAL—sitio sobre a margem esquerda do Douro, freguezia da Lomba, concelho de Gondomar, a 30 kilometros a ENE. do Porto.

Ha aqui uma mina de carvão de pedra, concedida ao sr. Bento Rodrigues de Oliveira, em março de 1871.

Ha mais 36 aldeias com este nome. Nenhuma tem cousa notavel, digna de menção.

BARRANCOS—villa, Alemtejo. comarca de Moura, 180 kilometros a E. de Lisboa. 520 fogos, 2:100 almas.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Beja.

Situada em Montes e valles, sobre a margem direita do Guadiana, na raia.

Era dos duques de Cadaval.

Não é terra muito fertil; cria porém bastante gado de toda a qualidade, sobre tudo suino, que exporta em grande quantidade, no que faz um optimo commercio.

Tem um antigo palacio, que foi dos condes de Linhares, mas está desmantellado.

Em 15 e 16 de agosto de 1873, arderam mais de 30 kilometros quadrados de mattas, povoadas de ricos e florescentes montados de sobro, a E. da aldeia de S. Theotonio d'esta freguezia.

Um individuo (por descuido ou por malvadez?) deitou fogo a umas moutas de *belgas*, no dia 14, com tanta infelicidade, que se propagou a todo o montado. Oito espaçosas herdades ficaram reduzidas a cinzas. Os prejuizos são calculados em mais de 70 contos de réis.

Barrancos é povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou, nem quando. Foi tomada aos mouros por Gonçalo Mendes da Maia (o Lidador) em 1167. D. Sancho I a povoou em 1200. Não me consta que tivesse foral.

No dia 4 de dezembro de 1826, chegou aqui a brigada realista algarvia (4 de caçadores, 14 de infanteria e contingentes de artilheria 2, infanteria 2 e cavallaria 2) commandada por José da Rosa e Sousa, coronel de caçadores 4.

Houve um pequeno tiroteio, sem consequencia, com as avançadas da divisão liberal, do conde de Villa Flor, nas proximidades da villa,

Barrancos é cabeça do concelho do seu nome, mas composto só d'esta freguezia.

O rio divide aqui Portugal de Hespanha. A povoação castelhana que fica em frente de villa, na margem opposta, tambem se chama Barrancos.

BARRÁRIOS—o Dforal que D. Sancho I deu á villa de Penamacor, em 1199, se collige que *barrarios* são os que moravam dentro da villa e arrabaldes, e *venarios* os que moravam no campo e termo da villa.

BARRAS—aldeia, Extremadura, concelho de Torres Vedras, 40 kilometros a NO. de Lisboa.

É a 12.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

BARREGÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e proximo á cidade de Pinhel, 338 kilometros a NE. de Lisboa, 25 fogos. Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era da commenda de Santo André de Pinhel.

Situada em um valle, d'onde se vêem algumas povoações.

O cura era apresentado pelo vigario da egreja de Santo André, de Pinhel, e era pago pela commenda e pelo prior da egreja do Salvador da mesma cidade, e tinha de porção, por anno, 16$600 réis, e com o pé de altar e mais rendimentos, 160$000 réis.

Produz bastante centeio; mas é muito mediana nas outras producções agricolas. Cria algum gado e tem caça.

BARREGÕES—freguezia, Alemtejo, termo de Messejana, 132 kilometros ao S. de Lisboa, 30 fogos.

Era dos condes do Redondo.

Situada em campina rasa, d'onde se não descobrem outras povoações.

O parocho se intitulava capellão e era apresentado pelo rei, como administrador do mestrado da Ordem de S. Thiago. Tinha 2 moios e meio de trigo, e moio e meio de cevada, pagos pelos freguezes.

Feira no primeiro domingo de julho.

E' terra fertil e cria bastante gado de toda a qualidade.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, nem já vem no *Portugal Sacro e Profano* (publicado em 1757). Provavelmente está annexa a outra.

BARREGUDO—serra, Extremadura, termo de Torres Vedras. (Vulgarmente *Barrigudo*.)

Tem varios nomes, pois se chama—Serra da Maravilha, dos Rifes, ou de Santo Antonio.

No logar de Matacães é que se chama Barregudo. N'este districto fórma uma abertura feita pela natureza, que dá passagem ao rio Sizandro, que por aqui vae levando a sua corrente ao mar.

Chama-se a esta abertura *Furadouro* e serve tambem para communicação dos povos, que por este sitio mais facilmente teem passagem.

Tem 18 kilometros de comprido e 6 de largo.

Lança uns braços para a freguezia de Monte Redondo, ao qual chamam Sacaespinhos, Penedo dos Negros, Monção, Castello Ventoso, Calvario e Ordasqueira.

Finda proximo a Torres Vedras.

Pela raiz d'esta serra passa o rio *Sangue*, que morre no *Sizandro*.

Tem alguns casaes. Junto ao monte Calvario é a areia misturada com grande porção de talco, o que a torna brilhantissima.

Tem bastante caça e muito boas pedreiras de marmore.

BARREIRA—freguezia, Beira Baixa, concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Fozcôa, 65 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Marialva é que apresentava aqui o cura, que tinha 22$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra abundante de centeio; do mais pouco.

Passa aqui o rio *Marialva*, que morre no *Maçoeime*. Móe e rega.

Ha em Portugal 24 aldeias d'este nome e 5 chamadas Barreiras.

Era do concelho de Marialva e pela suppressão d'elle, em 24 de outubro de 1855, passou para o de Fozcôa. Em 18 de dezembro de 1872 passou para o da Meda.

BARREIRA—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Leiria, 138 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Orago o Salvador do Mundo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em terreno accidentado e fertil.

Tem pedreiras de pedra calcarea e boa argilla para loiça (que é o que lhe deu o nome.)

BARREIRO—villa, Extremadura, comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo, 12 kilometros a SE. de Lisboa, 850 fogos, 3:400 almas. Orago Santa Cruz.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Fica em frente da cidade de Lisboa, com a qual está em constante communicação pelos vapores do caminho de ferro e outros barcos. A sua posição é formosissima.

É capital de concelho.

Eram senhores donatarios d'ella os duques de Aveiro, e desde 1759 passou para a corôa.

Situada em planicie, na margem esquerda do Tejo, muito fertil em cereaes, vinho (muito bom de embarque), fructas, (principalmente figos), hortaliças, lenha, peixe e marisco.

D'aqui se vê Almada, Seixal, Aldeia de Paio Pires, Alfeite, Villa Franca, Palmella e grande parte de Lisboa.

Tem muitas e boas quintas.

Aqui morreram (quasi ao mesmo tempo) dois macrobios, no dia 17 de outubro de 1731. O marido tinha 125 annos e a mulher 104.

Tinha antigamente prior e um beneficiado, ambos freires da Ordem de S. Thiago, apresentados pela Mesa da Consciencia e Ordens. O prior tinha dois moios de trigo, uma pipa de vinho, e 20$000 réis em dinheiro. O beneficiado tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho e 12$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda d'esta villa.

No termo d'esta villa é o convento da Verderêna, de frades arrabidos.

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1560.

É a estação principal do caminho de ferro do Sul e Sueste.

(O caminho de ferro do Sul foi aberto á circulação publica no 1.º de fevereiro de 1861.)

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 7 de maio de 1514.

Tem estação telegraphica de primeira ordem ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

Teve até 1834 uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

(Vide Pinhal Novo.)

Este concelho é composto das freguezias seguintes:—Moita, Alhos Vedros, Coina, Lavradio e Barreiro.

BARREIRO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 29 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do antigo concelho de Bésteiros.

Situada no principio da serra do Carvalho, em uma planicie, d'onde se vêem varias povoações e a serra da Estrella.

A matriz é de 3 naves. O vigario de Castellões apresentava aqui o cura, que tinha 60$000 réis.

É terra fertil.

Na serra do Carvalho nascem dois ribeiros que morrem no *Crins;* regam e moem.

Ha em Portugal 67 aldeias d'este nome (a maior parte no Minho), e 37 chamadas *Barreiros.*

BARREIROS—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Amares, 6 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Tinha em 1757 45 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do couto de Renduffe, concelho de Entre Homem e Cávado, e da comarca de Vianna.

Depois foi, até 1855, comarca de Pico de Regalados. É fertil.

Era senhor donatario, o abbade dos frades bentos de Renduffe.

Situada em campina, na ribeira do Cávado, d'onde se vêem muitas povoações.

O cura era annual, apresentado pelo dito abbade de Renduffe. Tinha 6$000 réis de congrua, o pé d'altar, cêra, vinho e hostias para os dias de missa.

Passa-lhe pelo Sul o Cávado, o qual nasce no concelho de Barroso e morre no mar, entre Fão e Espósende.

Consta que n'esta freguezia foi o solar dos Barreiros. É d'esta familia o dr. Domingos Barreiros, desembargador, secretario de embaixada em Inglaterra, embaixador em Roma, arcediago de Barroso e de Santa Christina, em Braga.

BARREIROS—freguezia, Douro, comarca e 8 kilometros ao N. do Porto, concelho da Maia, 315 kilometros ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi do couto de Lessa do Bailio.

Situada em montes e valles, d'onde se vêem varias povoações.

O bailio de Lessa apresentava o vigario (collado) que tinha de rendimento 180$000 réis. Primeiro chamava-se capellão.

O rio Lessa corre pelo fim da freguezia; rega, móe e traz algum peixe.

É terra fertil.

BARREIROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi do concelho de Monforte do Rio Livre, 125 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção (d'esta freguezia e da de Sonim).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia era antigamente annexa á de Sonim, desannexando-se e tornando-se independente em 1740.

Está situada em um valle cercado de montes e outeiros, pelo que d'ella nada se descobre, senão os taes montes.

E' terra muito abundante de aguas, muito fertil e sádia.

Cria bastante gado de toda a qualidade.

O abbade Sonim, que o era tambem d'esta freguezia, era de apresentação régia e tinha de rendimento 400$000 réis.

BARREIROS—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 15 kilometros de Vizeu, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Tinha em 1757, 78 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era da corôa.

Situada em um alto d'onde se vêem varias povoações.

O rei é que apresentava o abbade, que tinha de renda 250$000 réis.

E' terra muito abundante de aguas e fertilissima.

Está encostada á serra da Aguda, até avistar a de Samorim, Outeiro de S. Domingos, Valle do Forno e Outeiro de S. Saturnino, que divide esta freguezia da de Sattão.

Tem muita caça.

BARRELLAS—freguezia, Beira Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Fraguas, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em planicie, d'onde se vêem as serras da Estrella e outras, e varias povoações.

O vigario foi antigamente apresentado pelas freiras de Arouca, que eram danatarias da freguezia. Depois passou a ser da corôa, e era o beneficio dado por concurso. O vigario tinha 100 alqueires de centeio, 30 de trigo e 40$000 réis em dinheiro.

A terra produz bastante trigo e centeio; do mais não é muito fertil.

BÁRRIO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757, tinha 107 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' a palavra arabe *Barrio*. Significa—coisa campestre, aldeã, deserta.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam os abbades, que tinham de rendimento 300$000 réis.

BARRÔ—freguezia, Beira Alta, concelho comarca e 10 kilometros a NE. de Rézende, 330 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Foi do extincto concelho de S. Martinho de Mouros.

Tinha em 1757 429 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto adminsitrativo de Vizeu.

E' terra fertil, e tem bom peixe do Douro.

Situada ém terreno muito accidentado, eminente ao rio Douro (margem esquerda), que a termina pelo N.

O parocho era vigario collado e tinha de renda 200$000 réis. Foi antigamente de nomeação do povo, depois passou para o commendador de Malta, da familia dos Azevedos.

Era terra da commenda da Ordem de Malta, que rendia 1:600$000 réis.

Os povos pagavam isto; mas tinham os grandes privilegios de que gosavam os caseiros d'esta ordem.

Tem um convento de freiras franciscanas fundado pela madre Marianna da Madre de Deus, pelos annos de 1680. A fundadora morreu a 2 de janeiro de 1693.

Este convento tem uma boa cerca com muitas aguas e optimas fructas.

No sitio do Piar ha uma nascente de aguas sulphureas frias.

A matriz (que está proxima á casa da commenda) é antiquissima.

—

Barro, segundo Viterbo, significa—logar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo, ou abegoaria. Vem do latim *barrium* ou *varium*. Talvez d'aqui venha Bairrada, Bairrio, Barrol, Bairral, Bairros, etc.

—

Varios documentos dos seculos XII e XIII fallam em uma ponte que existia sobre o Douro, proximo ao logar do Bernardo d'esta freguezia. Não se sabe com certeza quem a edificou, nem quando, nem quando se demoliu. Dizem alguns que foi D. Mafalda, mu-

lher de D. Affonso Henriques, outros dizem que foi sua neta, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (mas isto é engano manifesto). O que é certissimo é que ella foi principiada (ou pelo menos projectada) por D. Affonso Henriques, que no seu testamento deixou para ella 3:000 maravidís — («*Et dedi jam Abbati et Fratribus S. Johannis de Tarouca III mor. quos mando dari ponti Dorii*»).

Esta ponte existia em 1205, quando D. Sancha Vermudes, mulher de D. Soeiro Viegas, fez o seu testamento, no qual diz que tem uma herdade «*á ponte do Douro, da qual se podem fazer trez casaes*».

Em 1216 a mesma D. Sancha doou ao mosteiro de Paço de Sousa tudo o que tinha «*em Barrô, junto á ponte do Douro.*»

Tambem se sabe que antigamente vinha a estrada de Canavezes á ponte do Douro, e d'aqui a Lamego e Beiras.

Ainda se vêem claramente as ruinas d'esta ponte, e grande porção de alvenaria na margem do rio, que é tradição ser para a calçada que se havia de fazer em continuação da ponte.

Dos restos dos pedestaes que sustentavam os arcos se vê que a pedra era miuda e offerecia pouca solidez para a furia d'este rio.

Em vista do que fica dito é de suppor que esta ponte fosse feita ou concluida pela viuva de D. Affonso I, ou por seu filho D. Sancho I.

BARRÔ DA AGUADA—villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 18 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. André, apostolo. Foi antigamente do bispado de Coimbra.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Foi noutro tempo couto, da comarca d'Esgueira.

Situada em um monte d'onde se avistam varias povoações.

Os bispos de Coimbra, e depois os d'Aveiro, apresentavam os priores, que tinham réis 400$000.

Era uma das freguezias do couto de Barrô, de qu eram donatarios os bispos condes.

Tinha juiz ordinario, confirmado pelo ouvidor d'Arganil, isto no civel. No crime era o juiz de fóra d'Aveiro. Hoje está reduzida a aldeia.

Os bispos de Coimbra tinham os 6.os e os 8.os dos fructos e a terça parte dos dizimos. Passa aqui o rio Cértoma. Peixe.

É terra muito abundante d'aguas e por isso muito fertil.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa a 12 de Setembro de 1514.

Para a etymologia, vide o primeiro Barrô.

BARRO—aldeia, Extremadura, termo, e 12 kilometros ao N. de Lisboa, na freguezia de Loures.

Na porta de uma quinta d'este logar, está em uma pedra a inscripção seguinte.

D. M.
APONIAE P. FILLIIAE
PAPONIUS JULIAN.
ET APONIA RICOPOLIS FILIA.

A mesma etymologia.

BARRÓCA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 70 kilometros da Guarda, 240 ao E. N E. de Lisboa, 150 fogos. Tinha em 1757-42.

Orago S. Sebastião.

Districto administrativo de Castello-Branco, bispado da Guarda.

Foi da corôa.

Situada em uma baixa, junto, ao rio Zêzere, pelo que só d'aqui se descobrem montes asperos e serras.

O prior de Dornellas apresentava aqui o cura, a quem o tal prior dava annualmente 12$000 réis e o pé d'altar.

Fertil.

Fica proxima a serra das Bogas, que principia no Zêzere, no sitio do Cabêço do Picão, e finda no Cabêço-das-Vinhas. Traz porcos montezes e caça miuda.

Ha no sitio da Varzea, para a parte do Sul, uma cova junto á estrada, que tem 9 metros de fundo e um de largo. Ninguem sabe o que isto foi, ou para que se fez.

BARRÓCA D'ALVA—Povoação da Extremadura freguezia de S. João Baptista, da vil-

la d'Alcochete, concelho da mesma villa. No meado do seculo passado apenas tinha 5 fogos e uma capella dedicada a Santo Antonio hoje tem 50 fogos.

Jacome (ou Jaques) Ratton, vendo que se podia aqui fazer um importante estabelecimento de marinhas de sal, e a facilidade das communicações com Lisboa, pelo Tejo e pelo rio das Enguias, onde entram as marés, aforou aqui em 1767 grande extensão de terrenos incultos (mais de uma legua quadrada.)

Enxugou e cultivou os pantanos, semeou pinheiros nos arneiros, plantou vinhas, olivaes, pomares, hortas, etc. etc. edificou uma boa casa para sua residencia, onde cabem 50 familias; finalmente reduziu isto a um valiosisisimo estabelecimento agricola e industrial. Tem 4 extenças marinhas, que podem render annualmente 15:000 moios de sal. O seu vasto pinhal é dos mais bellos e melhores d'estes sitios. Tem tambem um grande sobreiral.

O pinhal levou mais de 30 moios de penisco de semeadura, vindo a maior parte, do pinhal de Leiria.

Jacome Ratton era francez, natural da cidade de *Briançon, no Delfinado.* Vivia em Lisboa, e teve de sua mulher, D. Francisca Bellon, outro *Jácome Ratton,* que casou com *D. Anna Clamousse* (filha de *Bernardo Clamousse,* consul francez, no Porto.

Foi seu filho, *Diogo Ratton,* primeiro barão d'Alcochete, que tem mais irmãos. Tem por armas em campo azul, chefe de prata, carregado de um rato, negro, andante; contrachefe de ondas, com um atum negro, nadante. Timbre, meio rato. (vide Alcochete.)

Ha aqui uma bellissima lagoa, de uns 3 ou 4 kilometros de circumferencia. Na sua margem e cercada de frondoso arvoredo está a antiquissima capella de Santo Antonio da Ussa (Ursa) provavelmente erecta em cumprimento d'algum voto.

É de fórma circular, sem o minimo ornato, e guardada por um muro ameiado, havendo entre elle e a capella um passeio. O senhor *Ratton* achando-a desmantellada a reedificou, conservando-lhe toda a sua bella simplicidade originaria. E' da abobada e tem uns 5,^{m}50 de altura.

Em frente do palacio, em um bonito terreiro, está uma columna erecta pelos proprietarios da quinta, em 21 de maio de 1859, dedicada á Virgem, em acção de graças por haver preservado esta propriedade das devastações da cheia de 1856. Tem uma inscripção commemorativa, que por muito extensa não transcrevo. É coroada pela estatua de Nossa Senhora.

Esta bella e riquissima propriedade é actualmente do senhor barão d'Alcochete, neto do fundador, de quem acima fallei.

BARROS—freguezia, Alemtejo, concelho d'Aviz, 54 kilometros d'Evora, 130 ao E. de Lisboa, 20 fogos. Em 1757 tinha 22.

Orago Nossa Senhora dos Barros.

Arcebispado d'Evora e districto administrativo de Portalegre.

E' situada em uma planicie, entre charnecas, que lhe impedem a vista d'outras povoações. Fertil.

O tribunal da meza da Consciencia e Ordens apresentava aqui o capellão, que era freire professo na Ordem de Aviz. Tinha dous moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 reis em dinheiro, pago pela commenda da dita Ordem, a quem esta freguezia pertencia.

Ha aqui muitos montados, pelo que cria muitas varas de porcos, que exporta.

Passa n'esta freguezia uma ribeira do seu nome, que secca de verão.

BARROS—aldeia, Minho, freguezia da Correlhan.

Esta aldeia foi antigamente villa, como se vê de varios papeis antigos. E' tradição que n'esta aldeia (quando era ainda villa) e nas casas que foram de Seraphina Pereira do Lago, fez vida penitente, Santo Adão, ou *Eudon,* italiano, cujas reliquias se veneram na sua antiga ermida, que está junto ao adro da egreja matriz. (vide Correlhan.)

Querem outros que fosse aqui uma cidade romana chamada *Corneliana.*

BARROS—freguezia, Minho, 18 kilometros ao N. O. de Braga, comarca e concelho de Villa-Verde, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos, em 1757 82.

Orago S. Estevão, proto-Martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, na raiz do monte Cortelho-de-Barros, d'onde se vê Braga e varias serras.

O reitor de S. João de Concieiro apresentava o vigario d'aqui, que era collado e tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia foi concelho, com camara e juiz ordinario.

Foi depois da comarca de Pico do Regalados, concelho d'Aboim da Nobrega, até 1855.

É aqui a quinta do Mouro, que foi de Domingos Annes, de Guimarães, porteiro-mór. Nasce aqui o ribeiro do Conxeiro.

BARROSO — vide Alturas e Covas, e Terras de Barroso.

BARROZA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Leiria. Já está descripta sob a palavra Baroza, nome pelo qual é tambem conhecida.

Bispado, e districto administrativo, de Leiria.

BARROZAS ou **BARROSAS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Benavente, 90 kilometros a O. de Evora, 153 fogos.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Santarem.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Foi priorado da casa das rainhas.

Tinha oito beneficiados.

Ha aqui um recolhimento de terceiras de S. Francisco, muito reformado.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Benavente. (Vide Benavente.)

BARROZAS — villa, Douro, comarca e concelho de Louzada, 25 kilometros ao E. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta villa é de creação moderna, assim como o seu concelho que tinha 1:740 fogos, e que pouco tempo durou, sendo supprimido em 1855.

Era antigamente do concelho de Guimarães.

Situada em aprazivel campina entre dois pequenos montes, um ao E., chamado Choqueiro, outro ao O. chamado Pena Vesteira.

O prior de Santa Marinha da Costa apresentava aqui o cura annualmente, que tinha 50$000 réis.

Passa aqui o regato de *Sá*, que rega e móe.

E' terra fertil.

Ha em Portugal 17 aldeias chamadas *Barroza* e *Barrozas*.

BARROZAS (Santo Estevão) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 30 kilometros a E. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

E' situada entre montes, d'onde não se avistam povoações algumas.

Os arcebispos de Braga apresentavam aqui os abbades, que tinham 280$000 réis de congrua.

Foi abbade d'esta freguezia D. João Pimenta, da Barca, lente de theologia, na universidade de Coimbra, e depois bispo de Angra. Este varão exemplar nada se aproveitava dos rendimentos da egreja, gastando-os com ella e com os pobres.

E' terra fertil. Cria gado grosso e miudo e é abundante de caça miuda.

BARTHOLOMEU (S.) — Vide Outeiro de Oriolla.

BARTHOLOMEU (S.) — freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 70 kilometros ao NO. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em planicie, onde chamam Paúl d'Otta, 6 kilometros a E. de Alemquer.

Foi primeiro da jurisdição dos frades de Alcobaça, que a trocaram com a coroa, pela egreja de S. Thiago d'Alemquer, com todo o paúl, charnecas e mattos visinhos; e de tu-

do isto fizeram os reis doação ao hospital real de S. José, de Lisboa, que o possuiu até 1834.

A egreja antiga era no meio dos campos, mas estava em ruinas. O hospital a mandou construir de novo em um alto, dizendo-se a primeira missa na egreja nova em 1722.

Os dizimos (que andavam por 250$000 réis) eram para o hospital.

Este hospital apresentava o cura annual, que tinha 80 alqueires de trigo, 80 de cevada e 2$000 réis em dinheiro.

Cobrava o hospital, além dos dizimos, 20 moios de pão de todo o chão d'esta freguezia (que é o tal paúl) os quaes lhe pagavam os condes da Calheta.

Este paúl tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo, e dá annualmente anda por 400 moios de cereaes.

BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 25 kilometros de Portalegre, 180 ao SE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1767 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em campina d'onde se vêem varias povoações. Fertil em cereaes, e cria bastante gado de toda a qualidade.

O cura era apresentado pela mitra e tinha de rendimento 180 alqueires de trigo.

BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS (S.) — freguezia, Extremadura, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras (antigo termo de Obidos), 70 kilometros a NO. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era da casa das rainhas. Fertil.

Situada em um monte d'onde se descobre uma vasta campina.

Os principaes da Sé Patriarchal de Lisboa e o prior e beneficiados de Obidos apresentavam simultaneamente aqui, o cura que tinha um moio de trigo, meio de cevada e um tonel de vinho.

Houve aqui um convento pequeno de gracianos, onde hoje é a quinta de Fonte Real. Os frades o venderam, haverá 250 annos, a Amaro Pereira da Fonseca.

BARTHOLOMEU (S.) — Vide Beato Antonio e Xabregas.

BARTHOLOMEU DA CHARNECA (S.) — Vide Charneca.

BARTHOLOMEU DE MESSINES (S.) — Vide Messines.

BARTHOLOMEU DO MAR (S.) — Vide Mar.

BARTHOLOMEU DA SERRA (S.) — freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 105 kilometros ao SE. de Lisboa, 140 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa. E' terra fertil.

BARTHOLOMEU (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e termo de Mértola, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 40 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da corôa. Fertil.

Situada, parte em campina raza, parte em montes.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava aqui o capellão, por ser a freguezia do mestrado de S. Thiago. Tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda, que era dos marquezes de Gouveia.

Passa aqui o rio *Vascão*, que rega e moe.

Não apparece esta freguezia nos mappas modernos.

BARTHOLOMEU (S.) — freguezia, Beira Baixa, termo da villa do Touro, comarca e concelho de Castello Branco, 215 kilometros ao NE. de Lisboa, 50 fogos. 50 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa. Fertil.

Situada na raiz de uma serra, d'onde se se vê a villa do Sabugal.

O vigario de Touro aqresentava aqui o cura, que era annual, e tinha 57 alqueires de trigo, 54 de centeio, e 6$300 réis em dinheiro.

Tambem não sei d'esta freguezia, julgo que está annexa a Touro. Passa aqui o Côa, que rega e móe.

BARTHOLOMEU (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho e termo de Alter do Chão, comarca de Fronteira, 165 ao kilometros E. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A maior parte das terras eram reguengas do almoxarifado da casa de Bragança.

E' terra fertil.

Situada em campina, d'onde se vê Portalegre, Crato. Chancellaria, Aviz e Sêda.

O cura era apresentado pelo ordinario e tinha dois moios de trigo.

Os moradores d'esta freguezia pagavam á casa de Bragança *oitavos* e *tornas*, cujas pensões cobrava o almoxarifado de Alter do Chão.

Esta freguezia era antigamente sujeita á matriz de Alter do Chão, mas separou-se no seculo XVI.

Tambem a não encontro nos mappas modernos.

BASÁGUEDA—rio, Beira Baixa, concelho de Penamacor, comarca de Idanha Nova. Nasce 18 kilometros distante de Penamacôr, na serra da Marvana, por cima de Valbolído e á vista de Quadrazáes, termo do Sabugal.

Nasce pobre de aguas, que augmentam com a juncção de varios ribeiros.

Suas margens são em parte cultivadas e arborisadas, e muito ferteis e amenas.

No fim da serra da Marvana recebe o *Rio Torto*.

Morre no *Erga*, proximo á raia, mas já no reino de Castella.

Nos limites de Penamacôr tem uma formosa ponte de cantaria de 5 arcos.

Suas areias trouxeram oiro, e cria muito peixe.

A 4 kilometros de Penamacôr, tem uma formosa lagôa, onde se pesca muito peixe e cujas margens são cultivadas.

BASTO (S. Clemente)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 42 kilometros a NE. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Clemente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno despenhado e montuoso, e cercada por toda a parte de montes, dos quaes se vêem varias povoações.

O abbade cobrava todos os fructos d'esta freguezia e de tres annexas, que são: Passos, Gagos e Gontim. O seu rendimento regulava por 1:400$000 réis annuaes.

Era apresentado alternativamente, pela mitra, pela casa da Tapada e pelo convento de S. João de Rei.

Cria muito gado. Produz optimo vinho. É fertil e tem muita caça.

BASTO (Santa Tecla)—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 42 kilometros a NE. de Braga, 386 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Santa Tecla.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Cria muito gado e produz optimo vinho.

BASTO (S. Nicolau)—freguezia, Minho. É cabeça do concelho de Basto, comarca de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Nicolau.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada entre duas serras (Costa e Toutaim).

O abbade ha uns poucos de seculos era apresentado pelo arcebispo, provido por concurso, e tinha de renda uns 360$000 réis.

É terra muito fertil. Passa pelo meio da freguezia o ribeiro de S. Nicolau, que rega e móe.

Cria-se aqui muito e bom gado de toda a qualidade, e ha muita caça, grossa e miuda.

Produz optimo vinho, verde.

A villa de Cabeceiras de Basto é n'esta freguezia. Vide Cabeceiras de Basto.

BASTO (S. Nicolau)—freguezia, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, situada entre montes asperos e incultos.

O reitor era apresentado pelo arcebispo de Braga e tinha 150$000 réis.

Era commenda dos condes da Atalaia, que

rendia uns 800$000 réis. Eram elles que pagavam os 150$000 réis ao reitor.

Corre pelo meio da freguezia o ribeiro de S. Nicolau, que rega e móe.

É terra muito fertil, cria muito e bom gado, grosso e miudo, tem muito bom vinho e muita caça.

Não sei d'esta freguezia, pois não a vejo nos mappas modernos. Julgo que está annexa á antecedente.

BASTO (Santa Senhorinha) — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago Santa Senhorinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era da coroa. E' terra muito fertil.

Situada em um delicioso, fertil e ameno valle, que formam os montes do Ladario e das Gaiteiras. D'elles se descobrem muitas povoações.

A egreja é de trez naves. N'ella estão os corpos de Santa Senhorinha, de S. Gervasio e de Santa Godina.

Santa Senhorinha era filha do conde *Ufo Ufes*, ascendente da familia dos Sousas. Foi freira benedictina, no convento de Vieira. Veio para aqui a Santa, em 930, para fazer um convento da sua ordem, do qual só hoje resta a memoria. (Dizem que era em um sitio hoje chamado Campo da Freira). Ella morreu em 982, com 58 annos de idade.

D. Affonso II deu grandes privilegios a esta egreja e á freguezia (que era couto) por provisão datada de Guimarães, a 28 de fevereiro de 1220.

O couto foi extincto pelos annos 1620.

(Ainda ha poucos annos se viam os marcos que o limitavam).

D. Affonso III confirmou e ampliou estes privilegios e o mesmo fez D. Pedro I, que annexou a esta egreja a de Santa Maria do Salto, de Barroso, cujo cura apresentava o abbade d'aqui.

Chama-se vulgarmente a esta egreja—a Sé de Basto.—Foi seu ultimo padroeiro D. Gastão José da Camara Coutinho.

O abbade de Santa Senhorinha apresentava quatro annexas, que eram: Santa Maria do Salto, Painzella, Ourilhe e Pedrahido.

Foi esta abbadia antigamente de muitas rendas; mas, sendo abbade d'ella um tal D. Paulo Pereira (da casa dos condes da Feira) capellão-mór do reino, arranjou, por bulla do papa Paulo III, os meios fructos, com pensão para um Jeronimo Pereira, seu filho bastardo, que os comeu em quanto viveu, e por sua morte os passou a D. Antonio Pereira, irmão do conde da Feira, por bulla do papa Pio IV.

Por morte do tal abbade, D. Paulo Pereira, e vagando a egreja, Antonio Pereira Marramaque, padroeiro que era d'ella, a deu a um seu criado, Gregorio Francisco, o qual renunciou os fructos em uma capella que o dito Antonio Pereira fez no seu morgado da Taipa, reservando para si *apenas cem ducados de ouro de camara*, que é o que ficou aos seus successores.

(Cada ducado valia 1$000 réis, pelo que, até 1834, ficou apenas para o abbade réis 100$000.)

Os mais fructos ficaram pertencendo ao morgado da Taipa; de que foi ultimo possuidor (e ultimo padroeiro da egreja, como já disse) o tal D. Gastão José da Camara Coutinho; para o que se impetrou bulla do papa Pio IV.

Tinha dois juizes ordinarios e mais officiaes da camara, cuja cabeça e praça publica era no logar das Pereiras (onde está a *casa do Paço*) e alli se fazia audiencia a todo o concelho de Cabeceiras de Basto.

Tem quatro feiras—a 25 de novembro, 13 de dezembro, 24 e 25 de fevereiro, e a chamada o *feirão*, a 27 de março. Tem tambem mercado a 27 de cada mez.

Corre pela freguezia o rio de Santa Senhorinha, que rega e móe.

O povo d'aqui, além de outros muitos, tinha o privilegio de não dar palha nem verde para os cavallos do real serviço.

Vide Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Mondim de Basto.

BASTUÇO (Santo Estevão) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Situada em um valle fertil.

O reitor do collegio de Santo Agostinho de Lisboa, (Graça) apresentava aqui o vigario. Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de Sant'Anna do Vimieiro. O vigario tinha 35$000 réis, e o collegio 100$000 réis.

Parte do monte d'Ayró é d'esta freguezia, e n'ella nasce (no sitio da Lavandeira) um ribeiro que morre no rio Pousa.

Alguns lhe dão o nome de Penha Fiel, por causa dos penhascos dos montes d'Ayró, onde esteve um antiquissimo castello, do qual ainda ha vestigios.

O rei D. Fernando o deu por termo a Barcellos, pelos annos de 1375, a rogos do conde D. João Affonso, segundo consta de documentos existentes na camara d'esta villa, onde se lhe dá o nome de Penha Fiel de Bastião. (O sobrenome de Bastião é provavelmente allusivo ao castello, a que alguns antigos chamavam *bastião*.)

Antigamente foi villa (e alguns até sustentam que foi cidade). O P. M. Argaes, lhe chama villa de Pena-fiel.

Auberto lhe dá o titulo de cidade. É verdade que no sitio onde pretendem que ella existiu, ha grandes montões de pedras, que já serviram em construcções, e varios alicerces, occupando uma vasta área, o que prova que houve aqui uma extensa povoação.

Diz o mesmo Auberto, que no anno 718 —*in urbe dicta Rupis fidelis, prope Durium fluvium, passi sunt omnes habitatores in ea.*

Ultimamente, o auctor do *Crysol Purificativo*, pag. 501, col. 1.ª, diz: «Sobre os rochedos escabrosos, cujas raizes lava o Douro, no logar a que hoje chamam as Médas, junto á passagem de Carvoeiro, esteve antigamente uma cidade chamada Penafiel.»

Isto é engano evidentissimo. Vide Aguiar de Souza, Arrifana de Souza, Castello de Souza, Foz do Souza e Penafiel.

Bastuço, no portuguez antigo, significa *bastinho*, (*uço* e *uça* era particula diminutiva).

BASTUÇO (S. João Baptista)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está annexa á antecedente.

Situada junto ao monte d'Ayró, e ao N. d'elle, e d'aqui se descobre Braga, Barcellos, Villa do Conde, muitas povoações menores e uma vasta extensão de mar.

O cura era annual, amovivel *ad nuttum*, apresentado pelo cabido da collegiada de S. Pedro de Vallença do Minho, e tinha de congrua 28$000 réis e o pé d'altar.

O tal cabido recebia aqui os dizimos e *sanjoanneiras*, o que andava por uns 70$000 réis.

Ha nos montados d'Ayró, pertencentes a esta freguezia, a capella de S. Silvestre, em cujo sitio se diz terem habitado os mouros. Foi feita por João Pinheiro de Mendanhaa.

O povo d'esta freguezia era obrigado, em tempo de guerra, a defender a praça e presidio de Lindoso.

E' terra muito fertil.

Passa aqui o ribeiro Real, que nasce n'esta mesma freguezia, em um sitio chamado Agollada, ou a Gollada, e morre, junto a Barcellos, no Cávado. Rega e moe.

No civel, era esta freguezia sujeita a Barcellos e no militar tinha por mestre de campo o commendador de Chavão, da Ordem de Malta, ao qual pagavam annualmente cento e tantos mil réis de fôro, por uma chamada *honra* de S. João e S. Pedro de Sá, que é um logar da freguezia de Sequiade, immediata a esta.

No sitio da tal capella de S. Silvestre, ainda se encontram tenues vestigios de construcções antiquissimas.

No monte d'Ayró (tambem chamado antigamente Monte Aureo, d'onde deriva Monte Ayró e depois Monte d'Ouro) ha muita caça. Vide Ayró. A mesma etymologia.

BATALHA—villa, Extremadura, comarca e 11 kilometros ao SO. de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 2:500 almas, 630 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Exaltação da Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia comprehende 51 fogos da freguezia de Maceira, concelho de Leiria.

E' capital do concelho do seu nome, composto apenas d'esta freguezia e da de Reguengos, com 1:092 fogos.

Feira a 15 de agosto, tres dias.

Situada em uma baixa. O bispo de Leiria apresentava aqui o vigario, que tinha réis 50$000 e o pé d'altar.

Tem Misericordia e hospital.

—

Sumptuosissima egreja e convento de frades dominicos, de architectura normando-gothica, um dos mais bellos edificios do mundo, n'este género. Foi fundado por D. João I, em memoria da assombrosa e gloriosissima victoria d'Aljubarrota, ganha em 14 de agosto de 1385 (vide Aljubarrota).

Na capella chamada de D. João I, está um grande tumulo de marmore, onde jaz o mesmo rei e sua esposa D. Philippa. Sobre o sarcophago estão as estatuas d'elles.

Querem alguns que Matheus Fernandes fosse o architecto d'esta magestosissima fábrica; mas é mais provavel que o seu architecto seja o proprio constructor, Affonso Domingues. Cegando este, veio substituil-o o flamengo Ouguet; mas, sendo infeliz na construcção da admiravel casa do capitulo (salão immenso, abobadado, sem columna ou pilar algum que sustente a abobada, (de *ponto abbatido*) que por duas vezes deixou cair, ao tirarem-se os *simplices*, dizendo por isso que era impossivel effectuar-se o risco. Affonso Domingues disse ao rei, que, mesmo cégo como estava, se compromettia a executar o desenho, na sua fórma primitiva; pelo que D. João I o tornou a encarregar da obra, concluindo então a pasmosa abobada com a maior felicidade.

A casa do capitulo é quadrada e tem de cada lado 19 metros, e portanto de circumferencia 76.

N'esta casa jaz o rei D. Manuel e seu neto, o principe D. Affonso, que morreu em Santarem, da queda de um cavallo.

As *Capellas imperfeitas*, obra do rei D. Manuel, são de uma magnificencia indescriptivel. É impossivel trabalhar-se em pedra com mais gôsto e delicadeza. Seus ornatos são mimosissimos, sobre tudo o primoroso *rendilhado* do portico.

Finalmente, tudo n'este magestoso edificio é da maior sumptuosidade e aprimorado gôsto, e nem os estreitos limites de um diccionario comportam minuciosas descripções, nem eu me julgo competente para descrever tantas maravilhas da arte. Além d'isso, tantas vezes teem sido descriptas todas as partes d'este admiravel monumento, por distinctos entendedores portuguezes e estrangeiros, que seria temeridade da minha parte o querer-lhe accrescentar alguma cousa; ainda que estou certo de que, por muito que se diga

«*Muito mais fica ainda por dizer.*»

O edificio de Santa Maria da Victoria da Batalha, é uma epopéa de marmore, é um monumento levantado ás crenças religiosas de nossos avós, ao seu nobilissimo amor da patria, á sua admiravel bravura e ás artes portuguezas. Em toda a Europa, e talvez em todo o mundo, não ha edificio d'esta ordem architectonica que possa com este rivalisar. Principiou em 1388.

O celebre e profundissimo cardeal Vicente Justiniano (italiano) quando veiu a Portugal, disse de Lisboa: *Vidimus orbem in urbe.* (Vimos o mundo n'uma cidade.) De Setubal disse: *Vidimus opidum lapide cinctum.* (Vimos uma villa murada de pedras preciosas.) Porque toda a pedra é jazpe; nem por aqui ha d'outra. Disse de Coimbra: *Vidimus urbem undique ridentem.* (Vimos uma cidade por toda a parte risonha.) E, finalmente da Batalha, apenas poude dizer pasmado: *Vidimus alterum Salomonio templum!* (Vimos um outro templo de Salomão!)

Para se fazer uma idéa aproximada da magestade com que foi construido este edificio, direi o seguinte:

O corpo da egreja tem de comprido, até ao primeiro degrau da capella-mór, 66 metros, e d'ahi até ao fundo da mesma capella mór, 14; ao todo 80. Tem de largo 22 metros e de alto, no centro, 33. É de 3 na-

ves. As paredes tem 2m,66 de espessura. Toda a obra é de bellissimo marmore branco. Além dos reis e rainhas que aqui estão sepultados, estão tambem: o celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu, senhor da Covilhã, mestre da Ordem de Christo, fundador da villa de Sagres, e o promotor das grandes descobertas dos portuguezes. Era filho de D. João I. A sua estatua de marmore, que está sobre o seu tumulo, tem na cabeça a corôa real, porque foi eleito rei de Chypre. Jazem aqui mais infantes e pessoas notaveis.

A egreja e todas as mais officinas são de abobada com esplendidos ornatos e *laçarias*. Na egreja ha muitas reliquias.

D. João I lhe deu 15 santos de prata, 28 cálices do mesmo metal (quasi todos doirados.) Mais lhe deu o mesmo rei: 14 pares de galhetas; 5 caldeiras com seus hysopes; 8 turibulos; 6 navetas; 4 cruzes grandes; 9 mais pequenas; 2 castiçaes grandes e 12 mais pequenos; 6 grandes tocheiros; 7 alampadas grandes; 1 lanterna; 5 caixas de hostias; 2 gomis; 2 grandes pratos de agua ás mãos, para os mesmos gomis; 5 portapazes e duas campainhas, tudo de prata e do peso de 18 arrobas e de um grande valor artistico.

Deu-lhe tambem muitos e riquissimos paramentos de veludo e sêda, batidos a ouro e prata, de um luxo e riqueza deslumbrantes.

Algumas capas, casulas e dalmaticas tinham tanto peso de ouro, que só serviam para se mostrarem e não para se vestir.

Todo o portuguez devia ir, pelo menos uma vez na sua vida, visitar o convento da Batalha.

Quem quizer ter mais amplas noções d'esta pasmosa fabrica, veja a bella obra de *Murphy* (competentissimo na materia) illustrada com magnificos desenhos e escripta com muita elegancia. É tambem de grande merecimento a *Memoria* escripta pelo cardeal fr. Francisco de S. Luiz, a este respeito.

—

A villa da Batalha teve principio com as varias casas e officinas que se construiram para habitação e mestéres dos operarios, mestres, directores, fiscaes e mais empregados da fabrica do magestoso convento.

É pequena e não tem edificio algum digno de nota.

Passa aqui o pequeno rio Lena (que perde o nome em Leiria, juntando-se ao Liz.) Na estrada real de Lisboa ao Porto, tem, perto da villa e do convento, uma linda ponte, feita em 1845, de uma architectura imitanto a do mosteiro. Tem de cada lado da ponte duas moradas de casas, pequenas (para guardas) arremedando o estylo architectonico da ponte.

Nunca teve foral.

—

No sitio onde começou a batalha, mandou o condestavel D. Nuno Alvares Pereira fazer uma capella dedicada a S. Jorge, que ainda existe, na estrada de Lisboa para Leiria. Dedicou-a a S. Jorge, porque, até esse dia sempre glorioso, os portuguezes e hespanhoes invocavam nas pelejas, S. Thiago, e então principiaram, pela primeira vez, os portuguezes a invocar S. Jorge, dizendo: *São Jorge, Portugal!*

O termo d'esta villa é fertil, e cria bastante gado. Ha tambem caça e peixe.

Proximo da villa ha minas de azeviche (a que os romanos chamavam *gagates*.)

Perto d'esta villa, no Chão da Feira, no dia 27 de agosto de 1837, o general setembrista, barão do Bomfim, derrota os marechaes Terceira e Saldanha, fazendo-os fugir para Traz-os-Montes. (Vide Brancas.)

BAULHE—(Vide Arco de Baulhe.)

BAUREZES—(Vide Banrezes.)

BAZAR—É a palavra persica *Bazár*, adoptada pelos arabes. Significa praça ou feira onde se vendem toda a qualidade de mercadorias. Os bazares permanentes, eram, pela maior parte, cobertos.

Havia-os tambem moveis, isto é, como arraiaes ou acampamentos, e d'estes trata Fernão Mendes Pinto, nas suas *Peregrinações*, dizendo, no cap. 2.º, pag. 13: *El-rei se recolheu e o bazar se levantou.*

Os persas chamam aos negociantes ou mercadores, *Bazárkan*.

BAYANÇA—(Vide Bajanca.)

BAYÃO—villa, Douro, 60 kilometros ao NE. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 450 fogos, 1:600 almas, no concelho e comarca, 4:650 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da comarca de Sobre-Tamega.

Foi seu ultimo donatario Fernando Martins de Sousa Coutinho, por morte do qual ficou para a corôa.

Situada na direita do rio Douro, na descida do monte *Toaraz*, e tem por limites, do lado do S., o dito rio.

D'aqui se vê Sinfães, S. Christovão de Nogueira e outras freguezias da margem esquerdà do Douro, e Paços de Gaiôlo, Paredes e Mesquinhata, na direita.

Havia na freguezia de Bayão a *honra da Lage*, com juiz ordinario, que o povo elegia na segunda oitava do Natal.

Os logares que pertenciam a esta *honra*, eram: Lagè, Olival, Bayrral, Outeirinhos, Villa Pouca, Vallados, Arrabalde, Arrabalde-d'Além e Valle de Soval.

Teve até 1834, 13 companhias de ordenanças, com seus capitães e commandadas por um capitão-mór.

A matriz está n'um alto.

Os marquezes de Arronches (e não o convento de Ancêde, como diz Brandão, na *Monarchia Lusitana*) apresentavam os abbades d'aqui, que tinham 500$000 réis de rendimento.

No principio do seculo XII era do real padroado; por isso, a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, a deu, em 1112, a *D. Froyla Espasso*. Já disse quem foi o seu ultimo donatario.

É terra muito fertil em cereaes e toda a qualidade de fructos, e produz optimo vinho verde.

As vitellas de Bayão são de um gosto especial. Cria bastante gado de toda a qualidade, tem muita caça nos seus montes e optimo peixe no Douro, por cujo rio faz grande commercio com a cidade do Porto, havendo para isso muitos barcos.

É aqui o solar dos verdadeiros Bayões, descendentes de D. Arnaldo de Bayão, terceiro avô de D. Egas Moniz, e tronco dos Azevedos, dos Monizes e de outras nobilissimas familias d'este reino.

É povoação antiquissima, pois já era de bastante nomeada no tempo dos godos.

O concelho de Bayão é composto das (19) freguezias seguintes: Ancêde, Campêllo, Campo de Gestaço, Covellas, Santa Cruz do Douro, Frende, Góve, Grillo, Santa Leocadia de Bayão, Loivos do Monte e Tellões, Loivos da Ribeira, Mesquinhata, Ovil, Teixeira, Teixeiró, Trezouras, Valladares, Viariz e Zêzere.

Não me consta que tivesse foral antigo. D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, no primeiro de setembro de 1513.

Já que fallei de D. Arnaldo de Bayão, direi:

Este guerreiro era allemão, e sendo despojado do seu ducado, pelas vicissitudes das interminaveis guerras d'aquelle tempo, se veio ás Hespanhas batalhar contra os mouros, pelos annos 985 de Jesus Christo, e taes provas deu de valor nos combates, que D. Bermudo II de Castella e Leão (pae de Affonso IV de Castella, que morreu atravessado por uma seta, estando a sitiar a cidade de Vizeu, em 1027), lhe deu em premio varias terras em Bayão, recentemente resgatadas por D. Arnaldo do poder dos mouros. D. Affonso IV o fez rico-homem, o maior titulo d'então.

D. Arnaldo casou com uma senhora portugueza chamada D. Suffa, ou Uffa, que morava em uma quinta situada sobre a margem direita do Douro, em frente das Pedras de Linhares, a 36 kilometros a NE. do Porto.

A esta quinta ainda hoje se dá o nome de «Quinta da Uffa.»

De D. Arnaldo e D. Uffa nasceram D. Guido Arnaldes de Bayão, (tronco dos Pachecos, Tavares, Mellos e Rebotius) e D. Gozendo (ou Gundezindo) Arnaldes de Bayão, fundador da honra de Gozende.

Este foi pae de D. Egas Gozendes de Cima do Douro e Bayão, que foi pae de Hermigio Viegas, pae do sempre famoso D. Egas Moniz, aio de D. Affonso I. de Portugal.

D'este Hermigio Viegas é que procedem os Azevedos de Bayão, e o celebre classico

Francisco de Sá de Miranda. (vide Lama e Tapada.

D. Arnaldo fundou o convento de frades benedictinos d'Arnoya. (vide Arnoya.)

As armas dos Azevedos são escudo esquartellado—no segundo e terceiro d'azul, 5 estrellas de prata, de 5 pontas, em aspa—no primeiro e quarto, em campo d'ouro, uma aguia de negro. Orla de púrpura carregada com 8 áspas d'ouro—elmo de prata, aberto, e por timbre, a aguia das armas, com uma das estrellas d'ellas no peito.

BAYÕES—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao NO. de Vizeu, 285 ao N. de Lisboa. 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Parte d'esta freguezia era antigamente da jurisdição de Lafões, parte do Couto do Banho e parte da commenda de Ansemil, da Ordem de Malta.

Está situada na raiz de um monte, d'onde se vê ao S., Vousella e as aldeias de Ventosa, Fataúnços, Figueiredo das Donas e Lameira.

A Mesa capitular de Viseu apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 200$000 mil reis.

Proximo á egreja, e no cume de um monte, está a capella da Senhora da Guia. É tradição que houve aqui uma atalaya de mouros, do que ha as ruinas dos muros. Tem-se aqui esgravatado muito para procurar thesouros encantados, mas sem effeito.

E' terra muito fertil, e cria muito e muito bom gado de toda a qualidade.

BEATO-ANTONIO—freguesia, Extremadura, proximo de Xabregas, concelho dos Olivaes, comarca, e 5 kilometros EN. E. de Lisboa, 510 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Teve um convento da congregação de S. João Evangelista, o qual está hoje reduzido á casas particulares, armazens e fabricas. Foi fundado por D. Isabel, mulher de D. Affonso V. pelos annos 1480; mas foi depois muito augmentado. A actual egreja foi feita desde os alicerces em tempo de el-rei D. Sebastião, por diligencias do conego frei Antonio da Conceição; beatificado no seculo passado e desde então conhecido por Beato Antonio; nome que tambem ficou ao sitio, que até ahi tinha a invocação e nome de S. Bento de Xabregas.

D. Sebastião era muito amigo de frei Antonio da Conceição e veio despedir-se d'elle quando foi para a malfadada jornada d'A'Africa, e lhe pediu que o encommendasse a Deus. O templo era um dos mais vastos e bem construidos de Lisboa. Resistiu ao terramoto de 1755, mas não poude resistir ao de 1834, sendo então roubado e profanado. Hoje é um estabelecimento industrial de que adiante tratarei.

Aqui jazia (e não sei se ainda jáz) a infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte e estavam aqui os tumulos dos antigos condeses de Linhares, sustentados por elephantes de marmore. Ao lado da egreja estava o celebre *Embrexado*, muito concorrido do povo de Lisboa e seu termo.

Sobre a margem direita do Tejo, erguia-se no fundo de uma alameda d'arvores annosas este bello templo, com alta fachada de cantaria, coroada por duas torres e varias pyramides.

—

A egreja d'este mosteiro foi a matriz da freguezia até 1834. Depois da sua profanação, foi elevada a egreja parochial a do recolhimento de Nossa Senhora do Amparo e (vulgarmente conhecido por o nome de *Grillo*) e na rua d'este nome.

Ainda aqui ha recolhidas e educandas.

—

Ha tambem aqui o convento de freiras *agostinhas descalças* (grillas) o unico de freiras d'esta ordem, em Portugal. Havia mais 16 conventos de *grillos* (dos quaes era cabeça o convento dos grillos de Lisboa) mas eram do sexo masculino.

Este convento ainda está habitado por algumas freiras e seculares.

—

Esta freguezia, situada sobre a margem

direita do Tejo, em formosa posição, é muito extensa, pois desde o *Poço dos Mouros* e ainda dentro das portas da cidade de Lisboa (Cruz da Pedra) até á esquina da calçada das Lages, portence a esta freguezia.

Tambem está dentro dos seus limites o cemiterio oriental (Alto de S. João). Isto pelo O.; e pelo NE. termina proximo á estação do caminho de ferro de norte e leste, do Poço do Bispo.

O Beato Antonio é um passeio predilecto de muita gente de Lisboa, sobretudo da classe artistica e principalmente aos domingos e dias santos.

—

No edificio do extincto convento dos congregados de S. João Evangelista (Beato) está actualmente montado um importante estabelecimento industrial, de que é proprietaria a firma social de João de Brito, hoje representada por suas filhas e genros. Consiste em moagem de cereaes e fabrico de pão e de bolacha, de muitas qualidades, rivalisando com as melhores do estrangeiro. O motor empregado é o vapor.

Tem vastos e ricos armazens e depositos de vinhos superlativos, aqui beneficiados, exportando annualmente alguns milhares de pipas.

Tem amplas e bem montadas officinas de tanoaria, serralheria, latoeiro de folha branca e carpinteria.

Este vasto estabelecimento industrial, já hoje dá emprego a perto de 200 pessoas, e muitas mais virão ainda aqui a achar pão e trabalho, pois que os seus proprietarios estão actualmente construindo um grande e novo edificio, de quatro pavimentos, para ampliarem esta patriotica fabrica.

O sr. João de Brito (já fallecido) dispendeu muitas dezenas de contos de réis n'esta auspiciosa empreza, construindo, além de tudo o já referido, amplos armazens e arrecadações necessarias aos differentes ramos da sua industria, bem como bonitas e commodas casas, para habitação dos seus empregados e operarios. Conseguiu, á força de trabalho e enormes despezas, ampliar em grande parte, estes terrenos, do lado do sul, transformando os lamaçaes ascorosos e infectos da margem do Tejo, em bellas casas de residencia e uteis armazens. Pelo norte reduziu tambem a bons predios, terrenos incultos e improductivos.

Finalmente, o sr. Brito, e agora seus herdeiros, não se teem poupado a trabalhos e despezas, para fazerem d'este sitio, antigamente de insignificante valor, um dos mais importantes estabelecimentos industriaes dos arrabaldes de Lisboa.

—

O sr. Brito fez grandes serviços a esta freguezia, não só com esta audaciosa empreza, e com as commodidades que proporcionou aos seus operarios; mas tambem porque, com o seu exemplo, animou outras pessoas a imitarem-o; e já os srs. Viuva Macieira e Filhos e Francisco Rica, construíram vastos e solidos armazens (que actualmente servem de deposito de petroleo, os da sr.ª Macieira e Filhos, por conta propria, e os outros pela dos arrendatarios), sobre as margens lodosas do Tejo, conseguindo enriquecer e aformosear esta terra, ampliando-a, e diminuindo as más condições de salubridade d'estes sitios.

—

Era muito para desejar e seria um grande beneficio publico, que se organisasse uma boa sociedade ou companhia, que emprehendesse construir predios sobre os vastos, estereis e insalubres lamaçaes d'esta freguezia, que o Tejo deixa a descoberto nas vasantes, com grave prejuizo da saude publica. Esta empreza, além da prosperidade que occasionaria á terra, certamente auferiria interesses que lhe remunerariam auspiciosamente os capitaes tão utilmente empregados.

—

Os operarios do estabelecimento do sr. Brito instituiram uma optima philarmonica marcial, onde elles mesmos executam, com perfeição e maestria, lindos trechos das peças de mais voga. O regente é o sr Campos, antigo mestre de musica de infanteria 10.

—

Ha aqui a Associação Humanitaria, fundada pelos mesmos socios, e sustentada pelas suas quotas.

Esta philantropica instituição tem já produzido os seus fructos, soccorrendo por muitas vezes e generosamente os seus socios necessitados.

D'este estabelecimento nasceu outro, que se denominou Associação de Beneficencia, administrado pela mesma direcção, que é um verdadeiro instituto de caridade, para soccorrer pessoas necessitadas, alheias á instituição.

Ainda a mesma direcção superintende com a maior solicitude, na administração da escola Casal Ribeiro.

Esta escola é na casa da quinta denominada *Quintinha*, propriedade do sr. João Baptista de Mattos Moreira.

Foi fundada pelo motivo seguinte:

A virtuosa mãe do sr. José Maria do Casal Ribeiro, conde de Casal Ribeiro, tinha mostrado vehementes desejos de fundar uma escola de instrucção primaria e portuguez, na freguezia dos Olivaes ou n'esta; porém o seu fallecimento obstou ao cumprimento do seu caridoso desejo.

O sr. conde, filho extremoso d'aquella exemplar senhora, mostrou que o seu amor filial não terminava com a morte de sua mãe; e, tendo ella fallecido n'esta freguezia, foi ella preferida, e aqui fundou esta bella casa de educação, para o que deu um capital de 10:000$000 réis em inscripções, para estabelecer um rendimento annual de 300$000 réis, que é a dotação da escola.

—

É n'esta freguezia o antigo palacio e extensa quinta (atravessada pelo caminho de ferro do norte e leste) chamada *Quinta do Duque*, propriedade dos srs. duques de Lafões.

A *Quinta da Mitra*, que era do patriarchado. Foi vendida em hasta publica, como bens nacionaes, e é hoje propriedade do sr. marquez de Salamanca, que reedificou o palacio e a quinta com grande sumptuosidade; e é hoje uma encantadora vivenda.

A *Quinta das Pintoras*, construida pelo sr. Constant Burnay, que de um olival fez um formosissimo jardim. Tem uma bella casa de campo, ornada com magnificencia, e com um rico jardim de inverno.

—

Ha n'esta freguezia muitas fabricas de varias manufacturas, em Xabregas e Chellas. (Vide estas palavras.)

É pois a freguezia do Beato uma das mais vastas, ricas e industriaes dos arrabaldes de Lisboa, e o seu movimento commercial annual orça por centos de contos de réis.

BEAU-SEJOUR — graciosa residencia na freguezia de Bemfica (arrebaldes de Lisboa.) fundada pela sr.ª condeça da Regaleira, em 1850. E' hoje do sr. barão da Gloria.

BEBA — a honra de Beba era na Beira-Alta, 18 kilometros a Oeste de Lamego, entre os concelhos de Rezende e Arégos.

D. Diniz creou esta honra e a deu, com todos os seus fóros e reguengos, aos Lobos, padroeiros do Mosteiro de Jasente (que hoje é abbadia secular.)

Os Lobos vieram então morar para aqui, na quinta da Torre, onde construiram um palacio do qual só restam as ruinas.

Passou esta honra para o tristemente célebre Christovão de Moura (primeiro marquez de Castello Rodrigo) que lh'a deu Philippe II, (que tambem o fez marquez.) Depois da acclamação de D. João IV, foram sequestrados todos os bens da corôa, aos descendentes do tal Moura (por seguirem as partes de Castella) e o rei deu então esta honra a Pedro Borges Botelho (senhor da casa e quinta de Villa-Pouca, em Rezende) em 1641.

Por herança passou esta honra para os Teixeiras, morgados de *Bafoeiras*, em Arégos.

Os logares que formavam esta honra eram os seguintes:

Canizes, Quinta da Torre, Entre Aguas. Celleiro, Rua Ferreira, Casa Nova, Péso, Pesinho, Fernandes, Costa, Palmas e, finalmente, a capital da honra, que era a Quinta da Beba.

Tinha juiz ordinario e dos orphãos, procurador, escrivão da Camara; e no militar obedecia ao capitão-mór d'Arégos. A casa da Camara era no logar de Rua-Ferreira. Fertil.

BEBERRIQUEIRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 4$500 metros de Thomar, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 256 ogos.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Patriarchado—districto administrativo de Santarem.

Era da corôa. Situada em montes e valles, d'onde se avistam muitas povoações, o convento de Christo, de Thomar, a maior parte d'esta cidade, a villa da Asseiceira, o convento de capuchos da Annunciada, o de S. Francisco e o de Santa Sitta.

O vigario tinha coadjutor e ambos eram da ordem de Christo, apresentados pelo rei, como grão mestre da ordem.

O vigario tinha dois moios de trigo, 56 alqueires de milho, 40 de cevada, 26 almudes de vinho mosto, 6 alqueires d'azeite e réis 20$000 em dinheiro.

O coadjutor tinha, 126 alqueires de trigo, 13 almudes de vinho mosto, 6 alqueires d'azeite, uma arroba de cêra e 8$000 réis em dinheiro.

E' terra muito abundante d'aguas e fertil. passa-lhe pelo meio a ribeira da Louzan, pelo Oeste, o rio Nabão e pelo E. o Zêzere. É pois tambem muito farta de peixe d'estes rios.

Tem prosperado muito esta freguezia e augmentado a sua população, pois ainda em 1760 só tinha 60 fogos!

BEÇA ou **BESSA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Aqui nasce o rio do seu nome, que é o seguinte.

E' terra fria, mas fertil, e cria bastante gado.

O abbade era apresentado pela casa de Bragança (donataria da freguezia) e tinha réis 200$000 de rendimento.

BEÇA—rio, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto. Nasce em Traz-os-Montes, na freguezia acima, pobre d'aguas; mas depois, engrossando com varios ribeiros e regatos, se torna caudaloso e arrebatado, e cria muito bom peixe.

Em sitios corre por entre penhascos, mas nos valles por onde passa tem muito arvoredo e em partes são as suas margens cultivadas e ferteis.

Morre no Tamega defronte do logar de Daivães, com 35 kilometros de curso.

BÊCO—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zezere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Aleixo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

E' no termo de Dornes, d'onde dista 4 kilometros.

Foi commenda da casa do infantado.

Está entre basto e frondoso arvoredo.

A egreja é de 3 naves.

O vigario era freire professo da Ordem de Christo, e apresentado pelo rei, como grão-mestre. Tinha de renda 26$000 réis em dinheiro e 60 alqueires de trigo, pagos pela commenda.

E' terra fertil. Tem muita castanha e grande abundancia de madeira de castanho, o que tudo exporta para Lisboa em grande quantidade, com o que faz bom commercio.

Ha aqui a serra de S. Paulo, da qual é tradição dizerem os mouros:

«*Entre a serra de S. Paulo e a do Monte-Minhoto me ficou meu bem todo.*»

Acreditam os d'aqui que os arabes deixaram n'este sitio grandes riquezas escondidas, quando foram expulsos de Portugal.

Diz-se que, effectivamente, aqui teem apparecido por varias vezes objectos de preço

No alto da serra estão as ruinas da capella de S. Paulo.

E' esta serra um morro, separada das outras serras em fórma de pyramide, e os mouros a minaram, fazendo assim uma praça, á maneira de Gibraltar, que podia conter tres ou quatro mil soldados. D'aqui sahiam a fazer correrias nas terras dos christãos.

Parece que a sua etymologia é derivada da palavra turca *Beiq* (que se pronuncia *béque*). E' o mesmo que *capitão*. Vem pois a ser—Povo do Capitão.

(Couto, na *Década* 7.ª cap. X, pag. 135

escreve *Bec*. Diz elle:—«*Era n'esse tempo capitão um Califa, Mahomed Bec, turco de nação, e grande inimigo dos portuguezes.*»)

Entre esta freguezia e a cidade de Leiria ha uma egreja arruinada com vestigios de convento. Fr. Luiz de Sousa diz que houve aqui em tempos remotos um convento de monges benedictinos, destruido pelos arabes em 717.

BEDUÍDO ou **S. THIAGO DE BEDUÍDO**—(hoje *Estarreja*) Esta freguezia, na provincia do Douro, dividia-se em duas partes. A primeira constituia a villa de Estarreja (chamada antigamente *Antuan*) e ficava na provincia da Beira Alta, bispado do Porto, comarca de Esgueira, e eram donatarias d'esta parte as freiras de Arouca.

A freguezia de S. Thiago de Beduído tinha em 1757 564 fogos.

Fabrica-se aqui grande quantidade de azeite de peixe. Alguns annos mais de 80 pipas. Exporta-se para a Inglaterra, indo até ao Porto pelo caminho de ferro do Norte, que passa aqui.

É situada em campina, d'onde se vê Sarrazolla e Villarinho no bispado de Coimbra.

Tem seu termo, que comprehendia toda a freguezias de Veiros e a maior parte da de Santa Maria de Murtoza (de Veiros), e as freguezia, inteiras de Pardilhó, Bunheiro e Avanca e parte da de Salreu.

Na parede da egreja matriz de S. Thiago tem em uma pedra a inscripção seguinte:

«*Reinando D. Affonso III, Senhor rei de Portugal, no anno do Senhor 1253.—D. Vicente, bispo do Porto, dedicou esta egreja a 10 de fevereiro, e fez reitor d'ella, Pellagio, para gloria de Deus e de S. Thiago.*»

O reitor era feito a concurso, e tinha de renda uns 200$000 réis.

E' terra muito fertil.

Tinha a villa de Estarreja dois juizes ordinarios, postos pelo rei até ao anno de 1700, e de então até 1834 pelas freiras de Arouca.

Tinha senado da camara e era cabeça de concelho.

Feira, no Terreiro de Santo Amaro a 15 de cada mez, e no mesmo sitio, feira de anno a 25 de julho.

A segunda parte d'esta freguezia contém o logar de Sandeães, de que eram donatarios os marquezes de Angeja, e comprehendia as aldeias de S. Thiago, Areosa, Souto, Deveza e Barreiros.

E' tambem situada em campina, e d'aqui se vê a villa da Bemposta e o logar do Pinheiro. Esta parte é do bispado de Coimbra.

Pela freguezia passa o rio *Antuan* ou *Antuão*.

É a palavra arabe *Badaui*, que nós dizemos *bedoin* ou *bedoino*. Significa—homem rustico, que vive no campo, camponez, payzano. Vem a ser—freguezia *dos camponezes*.

O primeiro conde de S. Thiago de Beduido foi Lourenço de Sousa, por D. Affonso VI, em 12 de novembro de 1667.

(Vide Estarreja, onde vae o que se não encontra aqui.)

BEETIS—(portuguez antigo) filho de Bento (antigamente *Beito*.)

BEGA—rio, Beira Alta, nasce nas visinhanças da Senhora da Lapa, e engrossa com varios ribeiros. Cria bom peixe.

Tem sete pontes de cantaria, que são na villa de Ferreira e nas freguezia de Cotta, Lordosa, Calde, S. Pedro do Sul, Caldas de Vousella, e a ultima proxima a Aveiro.

Rega, móe e tem pizões.

Desagua no mar proximo a Lordosa.

BEIROLLAS—pequena aldeia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e 8 kilometros a ENE. de Lisboa, sobre a margem direita do Tejo, e 500 metros ao S. do caminho de ferro do Norte e Leste (Poço do Bispo).

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em bonita posição, d'onde se vê Alcochete, Barreiro, Almada e outras povoações ao Sul do Tejo.

Tem um forte, e n'elle o paiol da polvora da 1.ª divisão, com um destacamento para a sua guarnição. Até 1834 tinha uma companhia de veteranos.

É terra fertil, como todas as d'estes sitios.

BEETRIA—(tambem se dizia *Beetria*

Veetria, Beatriz, ou *Briatis;* e tambem era nome de mulher).

Bluteau diz que *Behetria* é corrupção de *benefactoria.*

A *Lei das Partidas* diz—«*Veetria tanto quiere dezir como herediamento, que es suyo, quito de aquel que vive en el, y puede recibir por señor à quien quisere, y mejor lo faga, etc.*»

Chamava-se antigamente *behetria* aos bens de raiz que qualquer possuia por herança, e onde vivia sem ter senhorio.

Estas terras eram dadas em recompensa de grandes serviços feitos á patria, com estes privilegios e tambem para promover a povoação de certos logares, e vendas ou estalagens que se faziam em sitios desertos.

Honras de behetria era ser senhor das suas propriedades, sem pagar fôro. Os habitantes de behetrias podiam tomar ou largar senhores à sua vontade.

O rei D. Manuel supprimiu as behetrias por uma lei que vem nas suas *Ordenações.*

As behetrias que havia em Portugal eram Ovelha do Marão, Canavezes, Gallegos, Mezão-frio, Villa Mean (de Canavezes), Cidadelhe, Paços de Gaiôlo, Gontige, Varzea da Serra e Campo Bem Feito.

BEÍJAMES—rio, Beira-Baixa, que nasce no sitio de Vallongo, ou Nave da Gadelha (ou Guedelha) a 9 kilometros da freguezia de Verdelhos. Morre, com 12 kilometros de curso, no Zêzere, 3 kilometros acima de Valhelhas. É de curso arrebatado, correndo por entre penedias. Cria muito bom peixe.

Suas margens são arborisadas e em partes cultivadas e ferteis. Tem muitos moinhos e rega. Tem trazido areias d'ouro.

BEIJÓS—ribeira, Beira-Alta. Nasce distante 6 kilometros da freguezia de Beijós, no districto de Carvalhal Redondo. Suas margens se cultivam e teem muitos salgueiros com videiras, que dão muito vinho verde. Tem muitos lagares d'azeite, moinhos, e pisões. Rega.

Em Beijós (aldeia) tem uma ponte de cantaria.

Janta-se-lhe a ribeira Boiçó, e morre no Dão, 3 kilometros abaixo da freguezia de Beijós, no sitio do Caldeirão.

BEIJÓS—freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba Dão, cencelho do Carregal, 30 kilometros de Vizeu, 240 ao NE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Foi do termo d'Oliveira do Conde. Situada em um valle, d'onde nada se avista mais do que a freguezia.

O cura era de apresentação annual do abbade de S. Miguel da Lageosa, e tinha 6$000 réis, e o pé d'altar.

Corre por a freguezia a ribeira do seu nome, que aqui tem uma ponte de cantaria. Pelo fim da freguezia corre um ribeiro anonymo, atravessado tambem por outra ponte de pedra.

É terra muito fertil.

BEIRA—provincia, em latim *Béria,* ou Privincia *Cistagana.* Situada entre o Douro e o Mondego, na antiga divisão, que durou até 1834.

Dizem que os povos *berones* entraram na Lusitania, no tempo do imperador Tiberio, e que se estabeleceram n'esta parte d'ella a que deram o nome de Beira, e a elles se foi convertendo o nome de *berones* em beirões.

Dizem outros que se chama Beira, por ser banhada de muitos rios e pela costa do mar que corre desde a Figueira até ao Cabedello, em frente do castello de S. João da Fóz do Douro.

A antiga Beira-Baixa corria desde a Serra da Estrella até ao Tejo; e a Beira-Alta desde a mesma serra até ao Douro, e desde Coimbra até ao mesmo rio Douro. Desde 1737 que os primogenitos dos reis de Portugal se intitularam principes da Beira, até 1834.

A provincia da Beira é no geral abundantissima e uma das que primeiro foram povoadas. Para não ser muito extenso, remetto o leitor para as differentes cidades, villas, povoações, serras e rios d'esta provincia, onde acharão tudo quanto lhe diz respeito.

Direi sómente que a antiga provincia da Beira, foi dividida depois de 1834 em tres secções, formando duas d'ellas as Beiras-Alta

e Baixas e o resto ficou pertencendo á nova provincia do Douro: vindo a crear-se duas novas provincias (Douro e metade da Beira.)

BEIRA-GRANDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anciães, 120 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

O cura era apresentado pelo reitor d'Anciães, e tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

BEIRAL-DO-LIMA—freguezia, Minho comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 384 de Lisboa. 180 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

Situada em uma linda e fertil ribeira, nas visinhanças do rio Lima, e d'aqui se vê Vianna, a Barca e Arcos de Val de Vez.

O vigario tinha 10$000 réis de congrua e 130$000 réis de incertos. Era apresentado pelo reitor de S. Vicente de Fornéllos.

Nascem aqui dous ribeiros, um chamado Rio-Côvo e outro Revéssa. Ambos morrem no Lima, cada um com 3 kilometros de curso. Regam, moem e trazem peixe miudo.

É terra fertil e muito sádia.

Ha aqui o paço que foi dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, que tem ainda fóros n'esta freguezia.

Passou á casa de Gonçalo d'Araujo. Teve uma altissima torre, que se desmoronou. Foi solar dos *Bubaes*.

BEIRÃO—serra, Extremadura, priorado do Crato, freguezia da Varzea de Cavalleiros, termo da Certan. Principia no sitio da Perna-do-Gallego. É um braço da serra do Valle-de-Marco. Tem 6 kilometros de comprimento e 3 de largo. Termina em *Boiçó*.

Matto e caça miuda. Produz algum centeio, nas poucas partes em que é cultivada. Clima sadio e temperado, e cria bastante gado. Ha n'esta serra as aldeias seguintes: D. Maria da Santinha, D. Maria Funceira D. Maria do Perna, Beirão e Machial.

BEIRE—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Pertencia antigamente á honra de Louredo. Fica quasi no meio do grande e bonito valle de S. Christovão de Paço de Souza.

D'aqui se veem 22 freguezias, a cidade de Penafiel, o convento do Bostéllo, a serra de Baltar e outras.

Os marquezes de Marialva apresentavam aqui os abbades, que tinham de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil em tudo, e ha aqui muita e optima carne de porco.

Passa aqui o ribeiro *Mezio*, ou *Amezio*, e no valle nascem 25 fontes.

Manuel Pamplona Carneiro Rangel, tenente general, foi o ultimo visconde de Beire. Hoje é visconde de Beire o sr. D. Luiz Benedicto de Castro Pamplona, conde de Rézende e neto d'aquelle general; quando quizer pagar os direitos de mercê.

Panplona é appellido nobre em Portugal. Veiu da cidade de Pamplona (Navarra.) Suas armas são as dos Figueiraes; mas o actual conde de Rézende usa das armas dos Castros legitimos, que são 13 ornellas. (Vide Rézende.)

BEIRIZ ou **VEIRIZ**—freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 34 kilometros ao N. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pela Mitra (de Braga) e tinha de rendimento 900$000 réis.

BEITARÃES—Vide Bitarães.)

BEJA—(a *Paca* ou *Pax Julia* dos romanos) cidade, Alemtejo, séde de bispado e de districto administrativo, 65 kilometros ao OSO. de Evora, 135 ao E. de Faro, 24 ao NO. de Serpa e 130 ao S. de Lisboa, 1:560

fogos, no concelho 4:120, na comarca 7:330, no districto administrativo 27:430.

Está em 37° e 56' de latitude e 13° e 18' de longitude.

Situada sobre um plató com castello e sua torre de *menagem*, obra de D. Diniz, e cercada de muralhas com 40 torres, das quaes apenas restam vestigios de 30, tudo em ruinas, menos a torre de menagem, que está bem conservada.

As fortificações do lado do N. ainda existem, e são susceptiveis de concerto, mas as do Sul teem sido demolidas, para se abrirem novas ruas e se edificarem casas, em razão do augmento de população.

Já no tempo dos romanos era circumvallada de muros, os quaes D. Affonso III reedificou; mas seu filho, D. Diniz, lhes deu nova fórma e mais extensão.

Do alto da torre de menagem se vê uma grande extensão de territorio de Portugal e Castella, e a serra de Cintra, a 155 kilometros de distancia!

Tem por armas um escudo, tendo a um canto uma cidade, e no meio uma cabeça de touro; sobre esta e entre as pontas as armas portuguezas, e uma aguia á direita e outra á esquerda.

Tem umas 6:000 almas. Está repartida em quatro freguezias, que são S. João Baptista, Santa Maria da Feira (Nossa Senhora da Assumpção) Salvador e S. Thiago.

Todas as quatro egrejas matrizes são muito antigas (mesmo como parochiaes). A mais antiga é a de Santa Maria, que, segundo a tradição, foi mesquita de mouros. Não se sabe quando foram feitas; mas, da de Santa Maria se acham memorias em 1282; da de Salvador, em 1306; da de S. João em 1320; e da de S. Thiago, em 1329.

Feira de 10 até 15 de agosto.

Esta feira tinha antigamente grandes privilegios, como a de Aveiro e outras, dados por el-rei D. Manuel.

Beja tem mui lindos e ferteis arrabaldes.

Tem um celleiro commum (especie de Banco rural) creado em 1584, que muito tem concorrido para a prosperidade agricola d'esta cidade.

Tem boas ruas e casas bonitas e um bello pelourinho de architectura manuelina, e casa da Misericordia e hospital. Tem um hospital militar, no convento de Santo Antonio.

Tem um aqueducto, a chamada *Porta do Sul* e varios restos de edificios do tempo dos romanos.

A torre de menagem é obra de D. Diniz (como já disse) bem como o castello e os paços contiguos (de que hoje só restam ruinas) feitos pelos annos 1310.

A torre divide-se em 3 corpos, que nascem uns dos outros, medindo desde o chão até ás ultimas ameias, 40 metros.

É toda de excellente cantaria. Sóbe-se para o seu eirado por 183 degraus.

Tem servido de prisão militar.

Beja tem um lyceu, um theatro e fabricas de loiça ordinaria e cortumes.

—

Era cidade importantissima no tempo dos romanos e praça forte. Foi colonia romana do antigo direito italico e uma das *relações* (convento juridico) de Hespanha. Foi séde de uma das quatro chancellarias em que Augusto dividiu a Luzitania, no anno 3980 do mundo (24 antes de Jesus Christo) e de uma das tres comarcas creadas por Tito, no anno 75 de Jesus Christo.

Ao N. da cidade, fóra da *Porta de Evora*, está a egreja de Nossa Senhora da Graça, e n'ella se venera a imagem de Santo Amaro. Quasi todos os lavradores, de ambos os sexos, dos arredores, e mesmo muitos senhoras da cidade, lhe levam no dia da sua festa pernas e braços (*milagres*) feitos de massa de trigo com ovos, assucar, manteiga, etc, e em tamanha quantidade que andam por quarenta alqueires de trigo, que se gastam em cada anno.

Estes *milagres* são á noite arrematados na egreja, a quem mais dá, e alli mesmo comidos, pois é de fé que quem assim fizer, fica no seguinte anno livre de padecimentos nas pernas e braços.

Foi cidade episcopal no tempo dos godos, e foi aqui bispo Santo Aprigio, varão eminente em lettras e virtudes, que morreu a 3 de janeiro de 530.

O seu primeiro bispo, no tempo dos godos, foi Santo Aprigio (ou Abringio) segui-

ram-se-lhe Santo Urso, Santo Elias e S. Sizenando. Supponho que só teve estes quatro bispos da 1.ª serie, isto é, durante o dominio gothico; depois passou a dignidade episcopal para Badajoz. (O padre Cardoso diz que Santo Aprigio, a que elle chama *Prigio*, foi feito bispo em 531). S. Sizenando viveu no seculo VIII, era talvez o bispo de Beja quando os arabes a occuparam.

Durante a dominação agarena, deixou de ter bispos, e assim esteve até ao reinado de D. José I, que a elevou de novo á cathegoria de cidade episcopal, sendo então seu primeiro bispo o famoso D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas.

Tem estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Em 1339, queixou-se o povo d'esta cidade ao rei D. Diniz, contra os fidalgos, que, nos seus casamentos iam *pedir* aos lavradores, carneiros, gallinhas, porcos, etc., para o que se faziam acompanhar dos alcaides-móres, alvazis (vereadores) e alcaides das aldeias.

O rei, attendendo a tão justissima queixa, prohibiu este uso (ou abuso).

—

No dia 22 de janeiro do anno 308, sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o feroz Daciano, foram martyrisados n'esta cidade os lusitanos christãos e santos, Vicente, Orencio, Victor, Aquilina e Santo Ato, bispo de Pistoya. Seus corpos foram levados a França e sepultados na cidade de *Ebrudano*, proximo aos Alpes.

—

A maior parte dos historiadores antigos dizem que esta cidade foi fundada pelos gallos-celtas, 400 annos antes de Jesus Christo, ignora-se porém o nome que lhe deram e que teve até ao tempo da dominação romana.

Parece que foi occupada pelos carthaginezes, e é certo que os romanos fizeram d'ella uma das suas principaes cidades da Lusitania.

Na invasão dos povos do norte, foi primeiramente occupada pelos suevos e depois pelos godos, e foram estes que a elevaram á cathegoria de séde episcopal.

Caindo em poder dos mouros, em 715, foi resgatada por D. Affonso I, rei de Leão e das Asturias, em 750. Torna a cair em poder dos arabes e é retomada por D. Fruela I, rei de Oviedo, em 753.

O bravo mouro Abd-el-Raman a tornou a conquistar aos christãos, em 760. Foi outra vez resgatada, por D. Ordonho II, em 910 (o sr. I. de Vilhena Barbosa diz que em 914).

Al Mansor, kalifa de Cordova, a tornou a tomar aos christãos em 985, e esteve em poder dos arabes até que D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a reconquista em 1037 ou 1038; mas tornou d'ahi a pouco tempo a cahir em poder dos mouros.

D. Affonso I de Portugal lh'a toma em 1155; porém, tornando a perder-se, a retomou, para sempre, o bravo Fernão Gonçalves, em 29 de novembro de 1162, vespera de Santo André.

Fóra dos muros se fez uma capella dedicada a este santo, em acção de graças por tão assignalada victoria, e todos os annos ia a camara, no mesmo dia da batalha, alli dar graças ao santo. Este costume perdeu-se ha muitos annos.

Em 1179, lhe poz cêrco um exercito arabe numerosissimo, commandado por dois alcaides, reduzindo a cidade a grande aperto; mas, no dia 18 de abril d'esse anno, chega o infante D. Sancho (depois D. Sancho I) só com 1:400 cavallos, e taes prodigios de valor obraram os portuguezes, que grande numero de mouros ficaram mortos no campo e quasi o resto captivo, sendo d'este numero os dois alcaides; escapando apenas um pequeno numero de serem captivos ou mortos.

—

No anno 62 antes de Jesus Christo, veio ás Hespanhas por *questor* Julio Cesar. Foi n'essa epoca um dos mais crueis oppressores dos lusitanos, a ponto d'estes lhe moverem crua guerra, principalmente os beirões, e só conseguiu a pacificação da Lusitania depois de sanguinolentas batalhas.

Tornando á Lusitania Julio Cesar, já imperador, mas tendo por inimigos Cneio e Sexto Pompeo, filhos de Pompeo, e o seu grande partido, e querendo o imperador ga-

nhar popularidade e fazer esquecer as suas crueldades do tempo de questor, se tornou muito amigo dos lusitanos e com elles celebrou pazes em Beja, no anno 48 antes de Jesus Christo, e foi então que a esta cidade deu o nome de *Pax Julia.*

Os castelhanos pretendem que *Pax Julia* seja Badajoz, mas é erro crasso.

Seu successor, Octaviano Augusto, lhe mudou o nome (no anno 28 antes de Jesus Christo) em *Pax Augusta;* mas prevaleceu o primeiro até ao dominio dos arabes. Estes, não podendo pronunciar a palavra *Pax Julia*, diziam *Pa xé* ou *Ba xu*, o que com o tempo degenerou em Beja.

—

Já se vê que com tantas e tão tristes alternativas, sendo tantas vezes tomada e retomada, se arruinou muito a outr'ora florescentissima cidade de Beja, que no tempo dos nossos primeiros reis estava reduzida a uma pequena villa.

D. Affonso III a repovoou em 1253, levantando-lhe as muralhas romanas, para cuja obra empregou os materiaes da antiga via militar, o que foi uma barbaridade. A via militar romana era nas proximidades da cidade, construida com grande luxo e estava muito bem conservada. (Tinha esculpturas de muito merecimento artistico, sobretudo os marcos milliares) e concorrendo para a despeza o bispo e cabido d'Evora com metade das suas rendas, por 10 annos.

A escriptura publica do bispo e cabido, obrigando-se a esta dadiva, foi feita em 18 de novembro de 1253.

As muralhas tinham sete portas, das quaes só existem actualmente cinco, que são: a de Evora, a de Aviz, a de Moura, a de Mértola e a de Aljustrel.

As portas que já não existem eram a de Nossa Senhora dos Prazeres e a Nova, ou de S. Sizenando.

O mesmo D. Affonso III lhe deu foral, em Leiria, a 16 de fevereiro de 1254, confirmado por D. Diniz, em 29 de maio de 1291.

D. Diniz lhe edificou o castello e lhe deu foral, datado da Guarda, a 22 de abril de 1308, que todos foram confirmados por D. Affonso IV, em 15 de abril de 1335.

Não chegou a ter foral *novo*, por D. Manuel; só se fez o processo para elle, que está na gaveta 20, maço 11, n.º 16 do Real Archivo da Torre do Tombo.

Alguns dizem que D. Manuel lhe deu foral novo, em 1517; mas Franklim diz expressamente que se não chegou a fazer.

Ha tambem um foral de Beja, dado por D. Diniz e datado de Trancoso, a 28 de julho de 1297; mas julgo que é uma repetição do de 1291.

Foi D. Manuel que elevou Beja á cathegoria de cidade, em 1512.

A formosa praça d'esta cidade tambem é obra d'este rei, e feita por este tempo.

Admira-me como este rei lhe não deu foral, dando-o a povoações muito mais insignificantes.

Tinha voto em côrtes, com assento no 3.º banco.

Tem uma esplendida egreja da Misericordia e bom hospital, fundados pelo infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte e pae do rei D. Manuel, pelos annos de 1469. (Vem a ter a mesma edade (o hospital) de D. Manuel.)

Dizem outros que o infante D. Fernando só fundou o hospital e que seu neto, o infante D. Luiz, duque de Beja, filho do rei D. Manuel, é que fundou e dotou a Misericordia. Parece-me mais provavel que D. Luiz concluisse a egreja e augmentasse as rendas d'este pio estabelecimento; mas que a fundação fosse obra de D. Fernando. (Adiante se declaram as rendas.)

D. João II fez Beja cabeça de ducado, em favor de seu primo D. Manuel (que depois foi rei).

O infante D. Luiz, segundo filho de D. Manuel, foi por seu pae feito duque de Beja, e desde então ficou pertencendo este titulo aos filhos segundos dos nossos reis.

O senhor D. Miguel I, que era duque de Beja, assim se intitulou desde 1834, em que a quadrupla alliança o arremessou ao exilio.

O ex-imperador do Brazil, o Senhor D. Pedro, quando se fez regente, ordenou que os filhos segundos dos reis de Portugal se intitulassem duques do Porto, e os terceiros de Beja.

O ultimo duque de Beja, foi o infeliz infante D. João, que morreu em 27 de dezembro de 1861.

Os marquezes de Minas, eram alcaides-móres de Beja.

—

No logar competente esqueceu-me dizer que na egreja de Santa Maria (que é de tres naves) em uma pedra que está servindo de degrau da escada da torre dos sinos, ha uma inscripção que diz:

IN COCHLEA SUMI TEMPLI
A. ✠ O.
SEVERUS PRESBYT. FAMULUS
CHRISTI VIXIT AN. LV.
REQUIEVIT IN PACE DOMINI.
XI KAL. NOVEMBRIS. ERA
DCXXII.

O prior d'esta egreja era freire da Ordem de Aviz, e apresentado pelo rei, como grão-mestre da Ordem. Tinha de renda 250$000 réis. Este rendimento consistia em 180 alqueires de trigo, 180 de cevada, 15$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

Tinha tres beneficiados, tambem freires da mesma Ordem, e cada um tinha 2 moios de trigo, 6 *quarteiros* de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Tinha mais oito *beneficios simples* do habito de S. Pedro, que rendiam *servidos*, 200$000 réis cada um. Eram apresentados pelos arcebispos de Evora e a Sé apostolica, alternativamente.

O prior da freguezia de S. João Baptista, que era feito por concurso, em Roma, tinha 250$000 réis, e tinha um coadjutor ao qual a commenda pagava 150 alqueires de trigo e 8$000 réis em dinheiro. Um thesoureiro, a quem a mesma commenda pagava 45 alqueires de trigo, e um organista que recebia da commenda e dos beneficios 2 moios de trigo. Estes dois ultimos logares eram dados pelo prior.

Tinha mais seis beneficios simples, dados pelo arcebispo e Sé apostolica, alternativamente, cada um dos quaes rendia tanto como o priorado, sendo servidos, e não o sendo, só recebiam os decimos do trigo e da cevada e tudo o mais era para os economos, que o arcebispo apresentava.

O prior do Salvador era da apresentação do bispo de Beja, e tinha de renda 600$000 réis. Tinha esta egreja oito beneficios simples, que rendiam cada um, servido, 130$000 réis, e não servido 70$000 réis.

O prior de S. Thiago era collado por bullas apostolicas. Tinha 2 moios de trigo, 2 de cevada, 27 almudes de vinho, 6 alqueires de azeite e 22$500 réis em dinheiro, que lhe pagava o commendador que era o marquez de Niza, cuja commenda lhe rendia mais de 1:200$000 réis.

Tinha tambem seis beneficios simples, que rendiam cada um, servidos, 300$000 réis, e não servidos metade, e a outra metade para o ecónomo.

Em 1757 era esta cidade mais populosa, pois a freguezia de S. Thiago tinha 416 fogos e hoje tem 462. Santa Maria 400, e agora 345. S. João Baptista 700 e hoje 511. O Salvador 333 e actualmente 250.

—

A casa da Misericordia, tem de renda 80 moios de trigo e muitos foros. Tinha sete capellães.

O hospital da Misericordia tem 40 moios de trigo, de renda annual, e tinha além d'isso: 50$000 réis no almoxarifado de Campo de Ourique, 200$000 réis no de Beja e o terço das gallinhas que pagam as herdades á camara, que são 1:900. Os outros dois terços eram dos vereadores e juizes de fóra.

(Não sei se ainda se paga isto.)

—

Dizem varios escriptores que S. Tysiphon (discipulo de S. Thiago, apostolo) foi o primeiro que aqui prégou o evangelho, e que Aprigio foi o seu primeiro bispo, em 531, e que a dignidade episcopal passou para Badajoz.

No termo de Beja havia, em 1860, 19 casas vinculadas.

—

Diz Manuel Severim de Faria, que n'esta cidade houve o convento de S. Cucufate, de monges benedictinos, que era grande, e foi dado, em 1225, ao mosteiro de S. Vicente de Fóra, por D. Martinho, arcebispo de Evora e pelo seu cabido.

Solemnisava-se aqui com grande gaudeo

do povo, e sobretudo do rapazio, a antiquissima festa das *Maias*. Vide a palavra Maias.

O concelho de Beja tem 17 freguezias, a saber:

Na cidade, S. João Baptista, Santa Maria da Feira, S. Thiago e o Salvador. Fóra da cidade. Albernoa, Baleizão, Louredo, Nossa Senhora das Neves, Pomares, Quintos, Salvada, Trindade, S. Brissos, Santa Victoria, Mombeja, Beringel e S. Mathias.

O districto comprehende 14 concelhos, que são:

Aljustrel, Almodovar, Alvito, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira, Mertola, Moura, Odemira, Orique, Serpa, Vidigueira, e Barrancos.

Os primeiros 13 concelhos são do bispado de Beja: Barrancos é no arcebispado d'Evora.

Teem todos 103 freguezias, com 32:794 fogos, segundo a estatistica official de 1855 a 1856.

Tinha uma defeza, a que chamavam couo, com trez adueiros e 3 couteiros: aquelles para guardarem o gado e potros dos lavradores, e estes para guardarem o azinhal e zambujal.

Para se fazer uma ideia aproximada da feracidade dos campos do termo de Beja, basta dizer-se que só os disimos do trigo andavam por 30:000 môios, afora as mais sementes; o disimo do mel, dos cabritos, porcos, etc. etc. que só isto rendia mais de 2:400$000 réis.

Tudo era para o arcebispo d'Evora!

Eram senhores dos direitos reaes d'esta cidade, os duques de Cadaval, e no seu termo tem muitas herdades os condes de Vimioso e outros fidalgos de Lisboa.

Ha no termo de Beja 3:118 herdades. Beja é cabeça do estado da casa do Infantado.

E a 19.ª Estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Sustentam alguns escriptores, que São Tisiphon, discipulo do Apostolo S. Thiago, aqui prégou o Evangelho, pelos annos 44 de Jesus Christo, isto porém é muito duvidoso.

—

Teem aqui apparecido muitas lapides com inscripções gregas, romanas e árabes. Uma das mais notaveis é um trôço de marmore schistoide, cinzento escuro, com umas lettras gregas tão antigas, que hoje é muito difficil a sua interpretação. Frei José Lourenço do Valle deu varias interpretações, d'entre as quaes, D. Fr. Manoel do Cenacolo adoptou a a seguinte:

—«Terra dos assydios, benigna e fructifera».

Esta pedra appareceu no alicerce da muralha romana em que hoje está fundado o palacio dos bispos. Foi do Museu Cenaculo, e está no d'Evora.

Pelos annos de 1785 a 1790, D. Frei Manoel do Cenaculo Villas-Boas, virtuoso e illustrado bispo de Beja, fundou n'esta cidade um museu, denominado do bispo, que constava de producções naturaes, objectos de archeologia, e varios artefactos antigos e modernos. Uma grande parte das antiguidades romanas que continha, foram descobertas em Beja e seus arredores, em escavações mandadas fazer pelo mesmo prelado.

Sendo D. Frei Manoel do Cenaculo feito arcebispo d'Evora, para lá levou o seu museu, á excepção das lapides, cippos e torsos mais pesados de estatuas, por serem de difficil transporte.

Sobre este museu, vide Evora.

—

Pelos annos do mundo 3860 (144 antes de Jesus Christo) o consul romano Fabio, vence junto a Beja o grande Viriato, o antigo, mas este heroe depressa levanta novas tropas e derrota os romanos, encurralando-os nos seus quarteis de Córdova, e caminha de triumpho em triumpho até Granada e Murcia.

—

Ahi pelos annos 1300, fundou a rainha Santa Isabel, no termo d'esta cidade, o convento de Santa Victoria, da ordem de Nossa Senhora da Mercê, de frades chamados mercenarios. Este convento acabou, não sei como nem quando.

—

Beja tinha 6 conventos, 3 de cada sexo. O mais antigo era o convento de frades franciscanos, fundado pela rainha Santa Isabel, em 1324.

Convento de carmelitas calçados, edificio

sumptuoso, edificado sobre um outeiro, a 1:500 metros da cidade.

Foi foi fundado por D. Ruy Lopes Godins, camareiro mór e veador de D. João III, em 1526.

Convento de frades capuchos de Santo Antonio (piedosos) edificado junto ás muralhas com esmola do povo, em 1609.

É edificio vasto e de boa architectura.

Real convento de Nossa Senhora da Conceição, de freiras franciscanas, um dos mais grandiosos d'estes reinos, dentro das muralhas da cidade.

Foi fundado em 1467, pelos infantes D. Fernando e sua mulher, D. Brites (paes do rei D. Manoel) que jazem na capella-mór da egreja d'este convento. É na rua dos Infantes, assim chamada, dos taes fundadores, que n'ella moravam. Tinha este convento muitas herdades, que rendiam mais de 400 moios de trigo, e metade da commenda do Salvador, o que tudo subia a mais de 7:200$000 réis; o que lhe deixaram os fundadores. Chegou a ter mais de 200 freiras!

Sahiam d'aqui duas procissões cada anno, uma em dia de Nossa Senhora da Conceição, outra em dia de paschoa. Era obrigada a assistir a ellas a camara (segundo o testamento dos fundadores) e a abbadeça mandava a cada vereador um presente que valia 4$000 réis e um cyrio para acompanhar a procissão.

Pelo mesmo testamento eram as freiras obrigadas a mandarem todas as semanas duas cargas d'agua, do pôço d'Aljustrel, aos frades franciscanos.

Convento de Santa Clara, de freiras franciscanas. É muito antigo. Fica a uns 400 metros das muralhas. Foi fundado por varios devotos, concorrendo tambem muito D. Affonso IV, no anno de 1340.

Tinha annualmente 300 moios de trigo, muitos fóros e grandes rendas a dinheiro. Chegou a ter mais de 200 freiras.

Convento de Nossa Senhora da Esperança de freiras carmelitas calçadas. Foi o primeiro que esta ordem teve em Portugal.

Deu o chão para elle D. Collaça, em 1541. Tinha 100 moios de trigo annualmente, fóra outras rendas.

Os tres conventos de freiras, ainda estão habitados por algumas.

—

Além d'estes seis conventos, tinha, na rua da Céga, dentro dos muros, o collegio de S. Sesinando, de frades jesuitas, fundado (na propria casa onde este Santo morou) no anno 1670.

Lançou-se-lhe a primeira pedra em 1652, e em 1693 fez a irmandade de S. Sisenando doação da sua egreja aos jesuitas. Expulsos estes, não se chegou a concluir a egreja nem o convento.

A rainha D. Maria Sophia, sua podroeira, lhe deu 800$000 réis de renda annual, para as obras do collegio.

Não estando concluido quando se extinguiu esta ordem em 1759 (3 de setembro) se continuaram as obras, para a egreja servir de Sé, e o convento, de paço dos bispos. Hoje está occupado pela camara, celleiro publico e outras repartições.

N'este edificio estão guardados varios objectos do tempo dos romanos.

—

Além dos edificios já descriptos, tem Beja bons predios particulares e algumas ruas bonitas. Não tem fonte ou chafariz nenhum, toda a agua que aqui se gasta, é de póços; mas de optima qualidade.

Os arrabaldes de Beja são bellissimos, pois são extensissimas veigas cultivadas (a maior parte de trigo) sem accidente algum.

É terra abundantissima em cereaes, e azeite; bastante vinho, grandes montados, onde se criam muitas *varas* de porcos e outro gado. Ha tambem muita caça.

O clima de Beja e seu termo é sobremodo salubre, e não se conhecem alli senão rarissimas molestias de peito.

Da cidade, e sobretudo do castello, gosam-se extensas e deleitosas vistas, chegando a descobrir-se o castello de Palmella, que fica 105 kilometros ao N.

Ha n'este concelho varias minas de manganez, cobre, chumbo, estanho, ferro, baryte e outros metaes. Dizem que tambem ha por aqui minas de ouro e prata.

Tem feira franca, de 1 a 15 de agosto, com os privilegios da feira de Nossa Senhora de

Março de Aveiro. (Para os privilegios vide Aveiro.)

—

Aqui nasceu, no fim do seculo VIII, S. Sisenando, quarto bispo de Beja, que foi martyrisado pelos mouros, em Cordova, a 6 de julho de 851.

Em 1602, mandaram para aqui, os de Córdova, um braço d'este santo, que desde então ficou sendo padroeiro da cidade.

—

Desde que se constituiu o reino de Portugal, tem Beja dado á patria illustrissimos varões na virtude, nas armas e no saber, sobresaindo entre todos os seguintes:

Antonio de Gouveia, famoso poeta latino e sabio jurisconsulto. Morreu em Turim, a 21 de julho de 1565.

Foi lente de varias universidades.

—

D. Frei Amador Arraes. Nasceu pelos annos de 1525. Era filho de Simão Arraes. Desde tenros annos deu provas do seu talento rarissimo. Professou na Ordem dos carmelitas d'aqui, a 24 de janeiro de 1545. Foi doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

Os seus bellos sermões adquiriram-lhe grande fama, e o rei D. Sebastião o nomeou prégador regio. O cardeal-rei o nomeou bispo de Tripoli (*in partibus infidelium*) e seu coadjutor e esmoler-mór. Filippe II o fez bispo de Portalegre, cargo que exerceu com summa intelligencia e, sobretudo, com evangelica caridade.

Foi a providencia de Portalegre na peste que no tempo do seu episcopado opprimiu o reino; e deu avultadas esmolas para a redempção dos captivos de Alcacer-Kibir.

Resignou o bispado em 1596, recolhendo-se então ao collegio da sua Ordem, em Coimbra, onde morreu, a 10 de agosto de 1600.

N'um dos seus *Diologos*, diz elle: «Espero passar (em Coimbra) os poucos annos que me restam de vida (pois em muita velhice não podem ser muitos) e passados elles, ser sepultado no meio da capella-mór da egreja do collegio de Nossa Senhora do Carmo, que erigí e dotei o melhor que pude, e puz na perfeição que ora tem, com a sachristia, que já está acabada, e a crasta nova, que se vae fazendo.»

É considerado como um dos escriptores classicos e talvez o nosso primeiro moralista. Os seus *Dialogos*, escriptos em purissima linguagem e rigoroso estylo, encerram maximas e pensamentos que innundam o coração de placida esperança.

Foi enterrado, segundo os seus desejos, no meio da capella-mór da egreja do Carmo, de Coimbra (obra sua) em campa raza, com a seguinte inscripção:

S.ª DE D. F. AMADOR ARA
IZ BPŌ. DE PORTA-ALEGRE.
FEITORA: DEL-REI D. AN-
RIQVE SEV ESMOLER MOR.
FOI O PR.º RELIGIOSO QVE
PROFESSOU NESTE COLE-
GIO. FALECEO ÁO 1.º DE AGOS-
TO DE 1600.

—

D. Francisco Alexandre Lobo. Nasceu a 14 de setembro de 1763. Era filho de Manuel Lobo da Silva e de D. Antonia Maria Lobo. Foi bispo da Vizeu, e um dos prelados mais sabios e o mais virtuoso dos nossos tempos. Morreu em Lisboa, a 9 de setembro de 1844.

—

Padre José Agostinho de Macedo. Nasceu a 11 de setembro de 1761, (ou 1765) e foi baptisado a 18 do mesmo mez.

A casa onde elle nasceu, na rua Ancha, está ornada com uma lapide com a seguinte inscripção, que lhe mandou esculpir em marmore, o sr. Souza Porto, proprietario actual d'ella, e fundador do jornal, *O Bejense*, diz assim:

Nasceu n'esta casa e foi baptisado na egreja do Salvador, em 18 de setembro de 1761 o padre José Agostinho de Macedo, notavel orador e escriptor publico. Fallecido em Pedroiços (Lisboa) a 2 de outubro de 1831. Em memoria se collocou esta lapide, em 1869.

Era filho primogenito de Francisco José Tegueira, primeiro marido de Angelica dos Seraphins Freire. Era neto paterno de Pedro Nogueira Sobrinho e Rosa Maria, natu-

raes de Beja, e materno de Manuel Baptista Freire e Anna Rosa, de Lisboa.

Seu pae, que era ourives, vendo a maravilhosa intelligencia de seu filho, procurou dar-lhe bons mestres. Um sugeito, por appellido Mendes, o tomou sob sua protecção, quando elle apenas tinha 11 annos.

Os progressos de Macedo causaram assombro aos seus proprios mestres e inveja aos seus condiscipulos.

Seu pae o metteu frade, no convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, (eremitas descalços de Santo Agostinho) em 1778, tomando na sua profissão o nome de fr. José de Santo Agostinho.

No convento, como em toda a parte, seus vastos talentos eram reconhecidos e admirados; e os seus eloquentissimos sermões arrebatavam o auditorio, que em chusma corria a escutal-o.

Porém os seus superiores, conhecendo a sua natural e vastissima intelligencia, não podiam desculpar o seu desmedido orgulho, nem suas travessuras, e leviandades. Foi por isso transferido para o collegio da sua Ordem, em Coimbra. Alli achou um companheiro, que não tendo o seu talento, excedia-o na turbolencia; e taes excessos praticaram ambos, que foram varias vezes castigados. Macedo, não se querendo sugeitar a estes castigos, deixou a sua communidade. Por este facto, foi expulso da Ordem, por sentença de 11 de fevereiro de 1792.

Mas José Agostinho de Macedo obteve de Roma breve de secularisação, ficando presbytero. Então, reflectindo nas suas passadas travessuras, e nos tristes resultados d'ellas, adoptou um systema mais regular de vida, e começou a ser considerado pelas pessoas morigeradas.

Nos primeiros tempos da sua vida de padre secular, estaria em bastante penuria se as religiosas trinas do Rato, em Lisboa, não cuidassem do seu sustento e vestuario. É por isto que José Agostinho de Macedo conservou até ao ultimo momento da sua vida uma grande affeição e louvavel gratidão para com aquella casa religiosa.

Ouviu quantos sabios eram seus contemporaneos, e leu quantos livros bons achou nas bibliothecas, e como era dotado de prodigiosa memoria e de ardente desejo, não de imitar, mas de exeder os mais celebres oradores do seu tempo, em poucos annos foi o primeiro ornamento da tribuna sagrada.

Nunca estudava os sermões. Ás vezes prégava sete e oito sobre o mesmo assumpto no mesmo dia, e todos inteiramente differentes, e todos igualmente eloquentissimos.

Monsenhor Rebello lhe alcançou do principe regente a nomeação de prégador regio, por carta de 8 de novembro de 1802, tendo no espaço de 29 annos muitas vezes a honra de prégar diante de suas magestades e altezas.

Foi nomeado censor regio do patriarchado, logar tambem de grande consideração e respeito.

O Senhor D. Miguel I o nomeou substituto do chronista-mór do reino, por alvará passado pela Mesa do Desembargo do Paço, de 14 de junho de 1830, confirmado por decreto d'aquelle rei, de 21 de junho do mesmo anno, com o ordenado annual de 300$000 réis.

Os monarchas o tiveram na maior consideração e premiaram o seu talento, até onde a moral o permittia; mas nunca o propozeram para o episcopado (em razão da sua travessa vida de rapaz).

Depois de uma longa e dolorosa doença de bexiga, falleceu em Pedroiços, pelas 11 horas da manhã do dia 2 de outubro de 1831, assistido pelo padre José Barreiros, prior de S. Domingos de Bemfica. Jaz na capella de S. Nicolau Tolentino, da egreja do convento de Nossa Senhora dos Remedios, de freiras trinas, do Rato, em Lisboa.

El-rei, que muito o estimava e respeitava, lhe mandou fazer o enterro, indo em coche da casa real, e ao mesmo augusto senhor se entregou a chave do caixão, e por sua real ordem se moldou em cera o seu retrato, para se levantar um busto, que ficou parecidissimo e obra prima de esculptura.

A vastidão admiravel dos talentos de J. A. de Macedo, a sua incomprehensivel fecundidade, pasmosa eloquencia e assombrosissima memoria brilhavam em todos os seus escriptos, ainda os mais insignificantes; e as

suas obras lhe dão incontestavelmente o primeiro logar entre os primeiros escriptores portuguezes dos nossos tempos.

Debalde, esses (que lhe são muito inferiores) se estafam em deprimil-o; o nome glorioso e immortal d'este eminente e benemerito patriota, irá de geração em geração mostrar ás idades por vir, até onde póde chegar o talento de um litterato universalista eminentissimo.

Inimigo irreconciliavel da nova ordem de cousas que se implantou em Portugal, em 1820, soube denodada, eloquente e irrespondivelmente verberar com as mais pungentes satyras, os portuguezes que dos estrangeiros só imitavam o mau e o ridiculo; e a sua veia mordaz e chistosissima, deu profundos golpes nos inimigos de Deus, da patria e do rei.

O seus folhetins espirituosissimos, intitulados *A Besta esfolada*, e o seu chistosissimo e mordacissimo poema *Os Burros*, cobriram de eterno ridiculo, um bando de harpias, precursores dos que depois tem coberto Portugal de desordens, desgraças, sangue, lucto e ruinas.

—

José Agostinho de Macedo tinha 70 annos quando morreu. Era o rosto mais sympathico e bello de ancião que hei conhecido.

Quem lesse os seus furibundos escriptos politicos, diria que elle tinha um genio irascivel e cruel; todavia, no seu trato familiar era affabilissimo, tinha um coração bondoso e era excessivamente generoso e bemfasejo.

—

Não comporta a natureza d'esta obra, relacionar as innumeraveis obras d'este fecundissimo escriptor, em todos os estylos e em assumptos variadissimos, por isso apontarei apenas as principaes.

O Oriente, obra prima de poesia, modelo inimitavel de poemas epicos, e do qual uma só estancia, vale mais do que tudo quanto teem escripto a maior parte dos seus detractores.

A Meditação, poema philosophico, repassado de doce melancholia e que tão magestosamente revela um perfeito conhecimento dos homens e das cousas.

A Natureza, poema em estylo e gosto differente, mas em nada inferior á *Meditação*.

Bases eternas da constituição politica, livro prophetico e profundissimo.

A *Contemplação da Natureza*, poema; a *Demonstração da existencia de Deus*; *Gama*, poema narrativo; o *Motim litterario*; os poemas *Newton* e *O novo Argonauta*; as traduções das *Obras de Horacio*, em verso portuguez; a *Viagem extatica ao templo da sabedoria*, poema; e uma immensidade de sermões, odes, poesias diversas, jornaes litterarios, biographias, obras politicas, etc.

—

Vejamos o que diz o imparcialissimo escriptor Balbi, na sua *Statistica de Portugal* (tomo 2.º, pag. 133).

«O padre José Agostinho de Macedo, é um dos litteratos e poetas mais distinctos, que se acha em primeiro logar em quasi todos os ramos da litteratura portugueza. A uma erudição vastissima, junta uma espantosa facilidade para a composição. Poucos litteratos possuem como elle a historia geral de bellas artes e da litteratura.»

A paginas 131 do mesmo tomo, já Balbi havia dito:

«Não se póde fallar dos oradores portuguezes sem começar pelo padre J. A. de Macedo. Este litterato, que se distingue em quasi todos os ramos da litteratura portugueza, excede muito os seus rivaes na oratoria, onde brilha pelo vigor da sua eloquencia, pela sublimidade dos seus pensamentos, pela vivacidade das imagens, pela emoção que sabe excitar, pela correcção do estylo e harmonia dos periodos. Seus proprios inimigos prestam homenagem a seus talentos oratorios e admiram a extrema facilidade com que compõe bellissimos discursos. Tem acontecido improvisar tres na mesma manhã.»

A paginas 157 da mesma obra, diz:

«O *Oriente*, do padre J. A. de Macedo, ainda que tenha grandes defeitos, é todavia *o primeiro poema epico moderno* etc.»

—

Jacintho Freire d'Andrade. Nasceu n'esta cidade em 1597. Foi destinado por seus paes ao estado ecclesiastico, tomou ordens

Formou-se na universidade. Indo a Madrid, o fez abbade de Santa Maria das Chans, no bispado de Vizeu (cuja abbadia rendia então 1:200$000 réis) Phillippe IV de Castèlla, quando ainda dominava em Portugal.

Não podendo todavia tolerar as torpezas e crueldades que o conde-duque de Olivares exercia contra Portugal, não occultava a sua indignação, pelo que foi perseguido pelo governo castelhano, tendo de fugir para Portugal. onde esteve escondido até á feliz acclamação de D. João IV, em 1640. Este rei o estimou muito, porque Andrade fazia as delicias dos salões com as suas poesias e bons ditos.

Recusando acceitar o emprego de mêstre de D. Affonso (depois 6.º do nome) e por mais alguns motivos, se retirou da corte para a sua opulenta abbadia. Atrahido pelos encantos de Lisboa, aqui tornou; mas vivendo segregado da corte, terminou seus dias n'esta capital, em 16 de março de 1657.

E' auctor da pomposa Vida de D. João de Castro, 4.º vice-rei da India; que, se contem alguns factos descriptos com exageração e com falta de verdade, e se o seu estylo é em muitas partes tão empolado que passa a pedantesco, deve confessar-se que é no geral uma obra verdadeiramente poetica e magestosa. Ha tambem varias poesias suas de bastante merecimento, posto que eivadas dos gongorismos do seu tempo.

—

Beja foi em maio de 1834 theatro de uma scena da maior barbaridade.

Em pleno dia e no meio de uma rua publica, foram assassinados com o mais repugnante sangue frio, desoito realistas, cujo unico crime éra *serem fieis* á sua bandeira.

Um medonho temporal que em fevereiro de 1872 cahiu sobre esta cidade e seu ermo deixou tristes recordações. Foram muitas as arvores arrancadas, houve alguns desmoronamentos e as cheias elevavam-se a uma altura prodigiosa.

BELCÁGÍA—cidade antiga, na Beira Baixa, termo de Castello Branco, de cuja cidade distava 3 kilometros, entre a Senhora de Mercoles e o Monte de S. Martinho, tudo na reguezia de S. Miguel.

D'ella apenas restam uns tenues vestigios e a memoria da sua existencia. Nem pude saber quando nem por quem foi fundada, nem quando foi destruida. Provavelmente foi arrasada durante as encarniçadas guerras contra os romanos.

Diz-se que por esta razão se chama ainda hoje a um sitio do rio *Ponsul*, *Porto dos Belcagios*, ou *Belgaios*.

BELLA ou **A BELLA**—freguezia, Alemtejo, concelho e 18 kilometros a E. de S. Thiago de Cassem (ou Cacem) comarca de Alcacer do Sal.

Districto administrativo de Lisboa, bispado de Beja, 275 fogos, 105 kilometros ao S. de Lisboa..

Tem muitos pantanos e arrozaes, o que prejudica a saude publica.

BELEM, em latim **BETHLEEM**—freguezia e concelho na Extremadura. Póde e deve considerar-se hoje um bairro de Lisboa.

Este bairro, que só por si fórma uma grande cidade, apenas tinha em 1751, o numero de 210 fogos. Orago Santa Maria.

Patriarchado, districto e comarca de Lisboa.

O concelho e bairro de Belem é separado de Lisboa pela pequena ribeira de Alcantara. Foi antigamente da freguezia da Ajuda.

No sitio onde se chamava antigamente *Barra*, ou *Surgidouro do Rastêllo* e depois *Restêllo*, havia uma capella de Nossa Senhora do Rastello, fundada pelo infante D. Henrique (o de Sagres) duque de Vizeu, filho de D. João I, e grão mestre da Ordem de Christo.

Este infante deu a capella aos freires da mesma Ordem de Christo; mas, fallecendo em 1460, D. Manuel fez doação d'ella aos monges de S. Jeronimo, em 1495, e em recompensa d'esta capella, deu á Ordem de Christo a egreja da Conceição (velha) de Lisboa, que tinha sido antigamente freguezia.

D. Manuel fundou este magnifico convento em 1497, pelo risco e desenho do architecto *Boytaca* ou *Boytaqua*.

Sobre uma columna que divide a porta pelo meio, está o retrato do dito infante D. Henrique.

A egreja é de 3 naves, o tecto, todo de abobada lavrada e ornada de *laçarias*, é sustentado por oito columnas de marmore de côres.

A capella-mór não se concluiu, por morrer D. Manuel, e aquillo a que se chama actualmente capella-mór, é obra de D. Catharina, mulher de D. João III. Além do pessimo gosto da sua architectura, destoa ella tanto da magestade e estylo architectonico do resto da egreja, que a gente sente uma desagradavel impressão ao vêr tal disparate.

Tem 32 columnas; 16 maiores, que dividem as sepulturas, e 16 menores que dividem as frestas. O tecto é de almofada, em meia laranja, e o pavimento de mosaico.

O convento dos Jeronimos é hoje o bellissimo edificio da Casa Pia, feito de novo, mas seguindo rigorosamente o risco e architectura primitivos, o que fórma um todo harmonico de magestoso effeito.

Honra ao rico capitalista o sr. dr. José Maria Eugenio de Almeida, que sendo muitos annos provedor da Santa Casa, empregou todos os esforços e a maior sollicitude para o desenvolvimento e conclusão d'esta bella obra, adiantando por muitas vezes dinheiro do seu bolso, para pagar aos operarios e para compra dos materiaes necessarios, de modo que nunca no seu tempo pararam as obras.

O sr. José Maria Eugenio de Almeida morreu em Evora, de um ataque apopletico, em 23 de abril de 1872, deixando uma fortuna de 10 milhões de cruzados e só um filho e uma filha.

Seu filho, o sr. Carlos Eugenio de Almeida, não é inferior a seu pae no conjuncto de boas qualidades, e sendo tambem (como já foi) feito provedor da Casa Pia, ha quasi a certeza de que este humanitario estabelecimento prosperará sob a sua administração.

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, é que sustenta este pio estabelecimento.

Proximo ao convento fica a bella Torre de S. Vicente de Belem, e os fortes de S. Pedro e de S. João da Junqueira.

A torre é obra de D. Manuel, concluida em 1520.

Foi seu primeiro capitão Gaspar de Paiva. Construida originariamente no meio das ondas, hoje está no pontal de uma lingueta.

É o mais lindo monumento d'este genero em Portugal.

Uma das maiores curiosidades d'esta torre é a *sala regia*. É quadrada, mas o tecto eliptico. Duas pessoas, uma a cada canto, ouvem-se perfeitamente, ainda que fallem baixo, não sendo ouvidas pelas que estão no meio d'ellas. (Vide Pedroiços.)

No palacio da sr.ª condessa do Lavradio, na rua direita da Junqueira, ha um museu, fundado por D. José Xavier de Noronha, 4.º marquez de Angeja e 6.º conde de Villa-Verde. Contem este museu muitos objectos raros e interessantes. É o unico museu de Portugal que possue uma *mumia* do Egypto.

Foi na praça de Belem que teve logar o atroz supplicio dos duques de Aveiro e seus cumplices, em 13 de janeiro de 1759. (Vide *Chão Salgado.*)

Havia tambem em Belem uma *Mercearía*, com 11 merceeiros, tendo cada um 5 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho, 2 canadas de azeite, 1$100 réis em dinheiro, casas com seus quintaes, medico, cirurgião e barbeiro; tudo isto fundado e dotado pelo infante D. Luiz.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, tambem aqui fundou outra *Mercearía* para 20 merceeiros, com 5 alqueires de trigo, e 1$600 réis em dinheiro, para cada um, casas, medico, etc., como os outros.

Estes dois estabelecimentos de caridade foram extinctos em 1834, e os pobres merceeiros (que eram todos velhos servidores do estado) para ahi foram morrendo á fome e ao desamparo.

—

O concelho de Belem é composto das freguezias de Belem, Ajuda, Alcantara (extra-muros) Santa Isabel, Bemfica, Carnide, Odivellas e S. Sebastião da Pedreira (extra-muros.)

A freguezia de Alcantara não pertence toda a este concelho; mas sómente a que está extra-muros, isto é, a que fica a O. do rio de Alcantara. A parte d'esta freguezia que fica intra-muros, pertence ao bairro chama-

do até ha pouco de Alcantara, e hoje denominado bairro occidental.

—

O palacio real de Belem, que occupa o lado occidental da praça hoje chamada de D. Fernando (Largo de Belem) foi dos condes de Aveiras. Em 1726 o comprou D. João V a João Tello de Menezes, 3.º conde de Aveiras, por 200:000 cruzados. Então se compunha esta propriedade, do actual palacio, jardim, ruas de copados arvoredos, horta, pomares e diversas casas visinhas dos muros da quinta.

D. João V conservou-lhe o aspecto exterior; porém internamente lhe mandou fazer grandes mudanças e decorar com magnificencia.

A quinta foi ampliada com outra immediata, comprada ao conde de S. Lourenço, fazendo-se então vastos jardins, guarnecidos de grades de ferro, e com balaustradas, estatuas, vasos de marmore, pavilhões, lagos, fontes e uma sumptuosa cascata.

É o palacio de verão da familia real portugueza.

A fachada que deita para o N. pertence á parte do edificio que no tempo dos condes de Aveiras era disposta á maneira de hospicio, com 6 cellas, refeitorio e capella, e assim foi ordenado para receber os frades arrabidos quando vinham a Lisboa, do seu convento da Serra da Arrabida.

É por isto que ainda áquelle logar se chama Arrabida. D. João V acabou com esta hospitalidade, logo que comprou o palacio.

Ainda aqui ha alguns quadros a oleo do tempo de D. João V, mas os melhores foram para o Rio de Janeiro, quando a familia real emigrou para o Brasil, em 1807, e lá ficaram.

Em um dos pavilhões da quinta estiveram o duque d'Aveiro e seus cumplices algumas horas, e d'alli sairam para o supplicio. (Vide Chão Salgado.)

N'este palacio esteve hospedada a ex-rainha Izabel de Hespanha, em 1867, poucos mezes antes de ser expulsa do throno pelos seus proprios partidarios.

Já aqui tinha estado hospedada, tambem pouco antes de ser expulsa de França, a ex-imperatriz Eugenia, hoje viuva de Luiz Napoleão.

Em 1872 aqui residiu alguns dias o duque Amadeu, de Saboya, quando abandonou o throno hespanhol.

Junto ao palacio está o magnifico *picadeiro real*, feito pelo risco do architecto italiano Jacomo Azzolini, durante a regencia do principe, depois D. João VI. É talvez o mais luxuoso picadeiro da Europa.

—

O palacio da *Pateo das Vaccas* é tambem dependencia dos da Ajuda e Belem. É na calçada da Ajuda.

Foi ao sahir d'elle que os conjurados dispararam contra D. José I, em a noite de 3 de setembro de 1758.

—

O Caes de Belem, foi principiado por D. João V. e concluido por D. José. (Vide Jeronymos.)

BELENS — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 5 kilometros a E. de Lamego, 7 ao S. do rio Douro, 54 ao NE. de Vizeu, 95 a E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Em 1757 tinha 35 ogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em um valle. Fertil.

Era da corôa.

As freiras de Santa Clara (franciscanas do Porto, apresentavam aqui o vigario, que tinha de rendimento 130$000 réis.

BELFURADO — ha varios sitios em Portugal, sempre na costa ou muito proximo do mar, com o nome de Belfurado. Pretendem alguns que é corrupção de Valle-Furado, ou Val-Furado, isto é, valle minado.

Em nenhum dos sitios que tenho visto d.este nome, ha o mais tenue vestigio de minas, cavernas, galerias, etc. que justifique esta supposição.

Eu entendo que esta palavra é derivada do arabe *bafari* ou *bohari*, especie de falcão de côr avermelhada ou castanha; ave de rapina, de arribação, a que se dava este nome (que verdadeiramente significa — coisa *d'alem-mar*, ultramarina). Deriva-se de *bahron*, o mar.

Era mais etymologico *Balfarado*—logar ou sitio dos *bafaris*.

BELFURADO—pequeno rio, Extremadura, freguezia de Pataias, concelho de Alcobaça. Nasce 3 kilometros ao S. de Pataias, e corre despenhado até ao mar, com um curso de 6 kilometros. (Vide a palavra antecedente.)

BELICHE—rio, Algarve, comarca de Tavira. Nasce no sêrro da Agua dos Fusos, freguezia de Santa Catharina, 12 kilometros ao N. de Tavira, proximo aos casaes de Beliche (que lhe dão o nome).

Passa por varias serras, mas tambem em sitios corre por vargens e campos, que rega e fertilisa, até ir metter-se no Guadiana, proximo ao *Moinho da Junqueira*, e entre a freguezia do Azinhal e Castro Marim. Suas margens, onde se cultivam, são muito ferteis, e parte d'ellas são vinhas. Traz peixe.

BELINHO—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*, antigamente S. Pedro Fins.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' toda da casa de Bragança, achando-se em redor demarcada por marcos com as armas da casa de Bragança esculpidas, com um B por baixo.

Está situada em campina raza junto ao mar. D'aqui se vê a freguezia de S. Thiago do Castello de Neiva.

É terra fertil, e cria bastante gado; tem porém pouco vinho.

A Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha de congrua 1$800 réis, que com os mais rendimentos parochiaes andava por 150$000 réis.

BELION—antigo nome do rio Lima. (Vide Lima, rio.)

BELLA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros ao NE. de Braga. 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra saudavel e fertil, mas de clima excessivo.

O vigario era da apresentação regia. Tinha de rendimento 60$000 réis e o pé de altar.

Foi o primeiro curato dos jesuitas.

BELLA (NOSSA SENHORA A BELLA)—freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 60 kilometros ao O. de Evora, 180 ao SE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Nossa Senhora a Bella.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O cura era apresentado pelo ordinario, tinha 120 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Esta freguezia foi primeiramente do arcebispado de Evora.

BELLAS—villa, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 12 kilometros ao N. de Lisboa, 780 fogos, 3:100 almas.

O concelho que foi extincto em 1855, tinha 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Orago Nossa Senhora da Misericordia.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente da comarca de Torres Vedras.

Feira e grande romaria, chamada do Senhor da Serra, no ultimo domingo de agosto.

Situada no meio de um delicioso valle, povoado de muitas, grandes e bellas quintas, pomares e hortas.

Eram donatarios os marquezes de Bellas, condes de Pombeiro, que aqui teem muitas rendas e uma bellissima quinta e sumptuoso palacio, de que adiante tratarei.

As freiras da Conceição, da cidade de Beja, apresentavam aqui o prior, que tinha de renda 400$000 réis.

Ha na freguezia muitas fontes de optima agua, o que torna a terra fertilissima.

Principia aqui o famoso aqueducto das Aguas-Livres. Ao S. d'esta villa passa um ribeiro, em cujas quebradas se acham finissimos jacinthos.

Ha no termo d'esta villa um monte, minado por baixo, chamado *Minas do Suimo*. Sua

vista interior, á luz de archotes é de um bellissimo effeito. Adiante tratarei d'esta curiosidade geologica mais detidamente.

Ha tambem n'esta freguezia pedreiras de boa pedra de amolar

Em Bellas ha nascentes de aguas ferruginosas, e uma mina de *amianto*.

—

João de Barros, na sua *Descripção do Minho*, affirma que vira em Bellas, na quinta que fôra da infanta D. Brites, mãe do rei D. Manuel, e depois de Pedro Machado (hoje do sr. marquez de Bellas) a sepultura do immortal Viriato, com a seguinte inscripção, que já mal se podia lêr: *Hic jacet Viriatus Lusitanorum Dux*, e que dentro da sepultura se achara uma espada com lettras inintelligiveis.

O sumptuoso palacio e formosissima quinta do sr. marquez de Bellas e conde de Pombeiro, é uma das mais bellas e ricas vivendas de Portugal. Está situado o palacio no vasto recinto da villa.

Pertencia em 1318 a Gonçalo Annes Correia, o qual por sua morte o deixou ás commendadeiras de Santos. Em 1334 trocaram as commendadeiras esta quinta por outra de Lopo Fernandes Pacheco, meirinho-mór e valído de D. Affonso IV. Em 1348 herdou a quinta de Bellas, Diogo Lopes Pacheco, filho do dito valido. Todos sabem que este Diogo Lopes foi um dos cobardes assassinos de D. Ignez de Castro. Subindo ao throno D. Pedro I, fugiu Diogo Lopes para Castella e assim escapou á sorte dos seus dois co-reus; mas sendo-lhe confiscados todos os seus bens, ficou esta quinta propriedade real.

Gostando D. Pedro I muito d'este sitio, aqui mandou construir um sumptuoso palacio e aqui vinha muitas vezes espalhar saudades da sua adorada Ignez, e descansar das fadigas do governo.

Morrendo D. Pedro I e subindo ao throno seu filho D. Fernando, chamou Diogo Lopes para o reino, e lhe restituiu todas as honras e bens, entregando-lhe tambem a quinta de Bellas, com todos os seus grandes augmentos. Por morte de D. Fernando tomou Diogo Lopes o partido dos castelhanos (quem fôra tão cobardemente assassino não podia deixar de ser traidor) pelo que foi banido de Portugal e seus bens de novo confiscados.

D. João I de Portugal, deu ao seu conselheiro Gonçalo Pires Malafaia, governador da casa do civel, védor da fazenda, regedor das justiças e chanceller-mór do reino, em premio da sua fidelidade e grandes serviços, a quinta e o senhorio de Bellas.

O brazão d'armas dos Malafaias, é: em campo vermelho, um torreão largo, de prata, com 3 portas e suas frestas, lavrado de negro, perfilado de prata, e sobre uma ameia do torreão um côrvo da sua côr, perfilado de prata, elmo de prata, aberto; timbre, o côrvo das armas.

Morrendo Gonçalo Pires, o mesmo D. João I comprou esta quinta aos seus herdeiros e a deu a seu filho, o infante D. João.

Aqui residiu muitas vezes este infante com sua mulher e filhos, fazendo-lhe companhia por muitas vezes um ou outro de seus irmãos, e o primogenito (o rei D. Duarte) aqui veiu passar os dias de *nôjo* pela morte de seu pae.

Em 1442 morreu o infante D. João, e herdou a quinta e senhorio de Bellas, sua filha, a infanta D. Beatriz, que em 1447 casou com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho do rei D. Duarte, dos quaes nasceu el-rei D. Manuel.

Gostava muito D. Beatriz d'esta quinta, na qual viveu muito tempo em casada e depois de viuva. N'este ultimo estado, em que viveu 36 annos, passou a maior parte do tempo aqui, reedificando o palacio e aformoseando muito a quinta e hospedando por muitas vezes seu filho, el-rei D. Manuel e a rainha D. Leonor, mulher e depois viuva de D. Jaão II, e a duqueza de Bragança, D. Isabel, que foi casada com o duque D. Fernando II.

Morreu D. Beatriz em 1506, tendo feito doação da quinta e senhorio de Bellas, em recompensa de serviços, a Rodrigo Affonso de Athouguia, fidalgo da casa de seu marido; com a pensão de 40$000 riés ás freiras da Conceição de Beja, e a estas deixou o padroado da egreja, reservando para si as minas de Suimo, que depois deixou a seu filho D. Manuel I.

D. Maria da Silva, bisneta de Rodrigo Affonso de Athouguia, e herdeira d'esta quinta, casou com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro (e pae do 1.º conde d'este titulo, que foi D. Antonio de Castello Branco, feito por D. Affonso VI, em 6 de abril de 1668) e assim passou a quinta para esta familia, que até hoje a tem possuido.

O seu penultimo possuidor foi o sr. D. José de Castello Branco Correia da Cunha Vasconcellos e Sousa, 8.º conde de Pombeiro, filho do 13.º senhor de Bellas, e marquez do mesmo titulo. O sr. D. José de Castello Branco falleceu ha pouco tempo. Era um cavalheiro honradissimo, de um caracter nobre, leal e inflexivel; um verdadeiro e fidelissimo portuguez. Pertenceu sempre ao partido legitimista, do qual era um dos chefes. Como em 1834 ainda vivia seu pae e elle era só conde de Pombeiro (como primogenito dos marquezes de Bellas) por morte de seu pae não quiz receber o titulo de marquez da mão dos liberaes, pelo que se assignava só, conde de Pombeiro e senhor de Bellas.

Hoje é seu herdeiro o sr. D. Antonio de Castello Branco, 9.º conde de Pombeiro e que não escrupulisou em tomar o titulo (que lhe pertencia) de marquez de Bellas.

Ha n'esta quinta uma magestosa cascata, mas bastante despresada. Ha tambem aqui uma magnifica estatua de Neptuno, do celebre esculptor *Bernini*, que nasceu em Napoles, em 1598.

Esta quinta é parte plana e parte montuosa. Os montes que do lado do O. orlam a planicie, estão vestidos de frondoso arvoredo, e pelas encostas crusam-se muitas ruas em differentes direcções, e sobem dois caminhos com escadas e grutas, e com assentos de pedra, até ao cume do monte, onde se ergue a linda capella do Senhor Jesus da Serra, d'onde se gosa uma deliciosissima vista. Faz-se ao Senhor da Serra uma esplendida funcção no ultimo domingo de agosto, concorridissima, não só de gente dos arredores, mas de muitas familias de Lisbôa.

Em uma elevação d'esta quinta se vêem duas grandes lageas a prumo, encostadas em angulo uma á outra, que teem feito *deitar muitos livros abaixo* aos archeologos. Segundo a tradição do povo d'aqui era uma *atalaya* dos mouros. Algumas pessoas não vêem n'isto senão uma curiosidade natural.

Mas estes dois enormes penedos parecem postos alli por industria humana e estou convencido que é um monumento celtico.

Talvez o principio ou os restos de um dolmen gigantesco.

—

Bellas é povoação antiquissima, e foi outr'ora cercada de muralhas torreadas.

Este lindo sitio dos arrabaldes de Lisboa, foi muito concorrido e festejado, até que aqui ha cousa de 30 annos tem sido esquecido, pelos caprichos da moda.

BELLAZAIMA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 30 kilometros ao NE. de Aveiro, 235 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Chamava-se antigamente Bellazaima Nova ou Bellazaima do Chão.

Foi da comarca de Esgueira.

Situada em um valle, d'onde se vê Sangalhos e Oliveira do Bairro.

Eram senhores d'esta freguezia os descendentes de Fernando Correia de Lacerda, e os frades de Grijó, em partes iguaes; porque um duque de Aveiro deu isto a um seu familiar, que morrendo sem filhos, deu a sua metade á Senhora de Vagos (que é o que passou para os frades de Grijó) e sua mulher deixou a sua *meação* aos taes Lacerdas.

A casa de Bragança apresentava aqui os priores, que tinham de renda 176$500 réis.

Ha aqui uma serra chamada da Cruz da Gallinha.

BELLIDE—freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves ou Nossa Senhora da Saude.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É no termo de Monte-Mór-Velho, onde antigamente pertenceu.

Foram senhores d'esta freguezia, até 1759, os condes de Athouguia. Situada em uma campina, d'onde se vê a freguezia de Rapoula e varias povoações.

O cabido de Coimbra apresentava aqui o cura, que tinha de renda 1 moio de trigo, 29 almudes de vinho e 4$000 réis em dinheiro. É terra fertil.

Foi antigamente villa e reguengo.

Ha varias aldeias em Portugal com o nome de Bellide.

BELLO MONTE ou **BELMONTE** — villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 440 fogos, 1:700 almas, concelho 1:133.

Em 1757 tinha 265 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa.

Tem minas de estanho na Ribeira da Teixeira.

Situada em um aprasivel monte (que lhe deu o nome) defronte e a E. da Serra da Estrella.

D'aqui se vê Covilhã, Sortelha, Seixo Amarello, Gonçalo, Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Urjaes, Caria, Inguias (ou Enguias) e Colmeal. Vê-se tambem a fertil e aprasivel veiga que lhe fica ao sopé.

Tem duas freguezias, Nossa Senhora da Conceição (fóra da villa e em um deserto) e S. Thiago, junto á povoação.

Na egreja de S. Thiago está o altar da Senhora da Piedade, em uma capella de abobada, fundada por uma tal fulana Gil (que instituiu um dos morgados de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil e senhor do castello d'esta villa, cujas armas, d'elle, estão esculpidas n'esta capella.

O vigario de Santa Maria, era do padroado real, e tinha 40$000 réis de renda.

O bispo da Guarda apresentava por concurso synodal, o de S. Thiago, que tinha 500$000 réis.

Tem Misericordia e hospital, fundados em 1611, com os privilegios da Misericordia de Lisboa.

É terra muito fertil em centeio e castanha, mas dos mais fructos tem uma producção mediana.

Consta por tradição, que era natural d'aqui o famosissimo Fernão Cabral, cognominado o *gigante da Beira*, por seu agigantado corpo e de forças herculeas. Foi senhor do castello d'esta villa e ascendente do grande Pedro Alvares Cabral. Sua casa gozou de grandes prerogativas e privilegios, do que foi privada em 1640, por seguir as partes de Castella.

Segundo fr. Antonio Brandão, a familia dos Cabraes veio de Castella, e é antiquissima, pois veio da Grecia para alli em tempos mui remotos. Em 1260, floresceu Pedro Annes Cabral, filho de Gil Alvares Cabral. Tinham o honroso privilegio de não prestarem juramento de fidelidade pelos castellos que se lhes entregavam.

No castello se conservava (e não sei se ainda existe) uma maça de ferro, de que usava o tal gigante, que pesava mais de uma arroba.

O castello consta de uma alta torre, com duas grandes janellas, uma para o S., outra para o O. É quadrada e junto a ella estão as casas dos senhores do castello, tudo fortificado com muralha de cantaria, e por fóra, em toda a circumferencia, com baluartes muito altos.

Já se sabe que está tudo em ruinas. Tanto o castello e muralhas, como a torre de *Centum Cellas*, parecem ser obra de D. Diniz (vide adiante).

Junto a esta villa, na distancia de uns 1:500 metros ao N., está a celebrada torre de *Centum Cellas*. É quadrada, mas está muito arruinada.

Tem ainda 22 metros de alto. Tem de largo pelo O., 17 metros, com quatro portas por baixo, e por cima uma porta grande no meio e quatro janellas, duas de cada lado d'ella, e o mesmo tem da parte do E. Do N. tem 11 metros de largo, tres portas em baixo e tres janellas em cima, e por cima em terceira ordem, uma porta grande com uma janella em cada parte. Do S. tem duas por-

tas em baixo e uma grande por cima, com uma janella de cada lado. É tudo de cantaria bem lavrada. Mostra-se que esta torre tinha mais obras pegadas, para todos os lados, menos para o norte.

Não pude saber para que foi feito este exquisito edificio.

Supponho que era uma atalaia. Tambem lhe chamam *Torre de S. Cornelio.*

Bello Monte fica perto da raia hespanhola.

É patria de fr. Nicolau de Mello, eremita de Santo Agostinho, que tendo prégado o Evangelho no Mexico, Philippinas, Malaca, Goa, Persia e Moscovia, aqui, depois de 15 annos de rigorosa prisão, foi queimado vivo, a 2 de janeiro de 1615.

É povoação muito antiga, mas não pude saber quem a fundou. D. Sancho I lhe deu foral em 1188 (Franklim não falla n'este foral). D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. Tem um convento de frades franciscanos.

É aqui o solar dos Lucas, appellido nobre de Portugal, tomado do nome proprio de homem.

Veiu de Hespanha, não sei quando, um cavalleiro chamado D. Lucas de tal, que fez aqui assento e solar, Seus descendentes se appellidaram Lucas.

Foi chefe d'esta familia Sebastião Salema Correia de Roboredo Lucas, môço fidalgo e capitão de cavallos.

Suas armas, são: escudo dividido em faxa, na 1.ª, de prata, 5 pêras, de sua côr propria, em aspa, na 2.ª, asul, 3 faxas de ouro, elmo de roquete; timbre, uma das pêras das armas.

—

O logar de *Centum-Cellas* é antiquissimo, pois já d'elle faz mensão Luitprando, nos seus *Fragmentos*, n.º 255.

Junto ao rio Zêzere existe a antiquissima ermida de S. Cornelio, visinha da torre de Centum-Cellas, que, por isto, se chama tambem de S. Cornelio.

Pretendem alguns escriptores que esta singular torre é obra romana, e que D. Diniz a reedificou. Em redor d'este edificio ha vestigios de outros, que demonstram ter aqui existido uma não pequena povoação.

Affirma-se que aqui foi o logar do desterro de S. Cornelio, e que n'aquella torre esteve preso, em memoria do que se erigiu a ermida que lhe foi dedicada.

—

Esta villa está situada na bonita e fertilissima região denominada *Cova da Beira*, na Serra da Atalaya, em sitio alegre, vistoso e que domina a planicie por onde se deslisa o Zêzere, que nasce aqui perto. (Pouco abaixo da sua nascente, ha uma mina de cobre.)

—

O concelho de Bello-Monte é composto das freguezias seguintes: Bello-Monte, Caria, Enguias e Maçainhas.

BELMEQUÍ ou **MALPICA** ou **MALPIQÚE** — serra, Alemtejo, freguezia de Valle de Vargo, termo de Moura.

Tem 3 kilometros de comprido e 3 de largo. Do seu cume se vê Evora, Beja, Mourão, Monsaraz, Amarelleja, Safára, Santo Aleixo e outras povoações menores.

Traz muita caça grossa e miuda.

Tem *canteiras* de finissima pedra.

É em partes cultivada e produz trigo, cevada e centeio.

O nome d'esta serra é provavelmente derivado de *Barmequí*, appellido de uma familia arabe, que talvez por aqui habitasse.

BELMONTE — vide Bello Monte.

BELVER — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda de Anciães, 120 kilometros a ENE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario d'aqui era apresentado pelo reitor d'Anciães e tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Diz-se que o seu nome lhe provém da sua formosa situação.

BELVER — villa, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 24 kilometros a E. de Abrantes, 35 do Crato, 165 a E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 237 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

É uma das 12 villas do grão-priorado do Crato. Era antigamente da comarca de Thomar.

Situada em uma aprasivel, saudavel e fertil baixa, cercada de pomares, hortas e olivaes, e banhada pelo Tejo (que lhe fica ao S., e divide o seu termo do de Gavião).

Tem muitas colmeias e gado, mas não é muito abundante de vinho.

D'aqui não se avistam outras povoações.

A matriz é uma boa egreja de tres naves. O rei, como grão-prior do Crato, apresentava o vigario, que tinha 100 alqueires de trigo, 40 de centeio, 26 almudes de vinho mosto, 3 alqueires de azeite e 3$420 réis em dinheiro. Tinha um coadjutor, que ganhava 100 alqueires de trigo, 40 de centeio e 4$000 réis em dinheiro.

Tem Misericordia e hospital, pobres.

Tinha dois juizes ordinarios e dos orphãos, dois vereadores e camara, sujeitos ao ouvidor do Crato.

Ao alcaide-mór do castello d'esta villa, pagavam fôro as villas de Envendos, Proença-a-Nova, Carvoeiro, Cardigas e Amendoa.

Feira a 3 de fevereiro, 3 de maio e 14 de setembro.

É muito abundante de boas aguas.

Para o O., em um alto junto á villa, ha um grandioso castello, com sua torre de menagem no centro, muito alta. Dentro do castello está a capella de S. Braz (o infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, deu a esta capella varias reliquias de santos) e muitas casas, mas quasi todas desmantelladas. O castello tambem está a cair. Tem duas cisternas entulhadas. Consta que n'este castelo viveu a princeza Santa Joanna. (Vide Aveiro.)

Ao territorio, no centro do qual está a villa, se chamava antigamente *Guidimtesta*. D. Sancho I o deu a D. Affonso Paes, prior da Ordem do Hospital (Malta) em 13 de junho de 1194, para que os cavalleiros aqui edificassem o castello, o que logo principiaram. A villa se foi edificando pouco e pouco, junto ao castello.

D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) reedificou e ampliou este castello, pelos annos de 1390.

Da torre se avista Castello de Vide, que fica 48 kilometros a E., Gavião e Mação a 6 kilometros ao N.

Ao S. da villa passa a ribeira de Cannas.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 18 de maio de 1518.

O seu nome provém-lhe da sua bella situação, e foram os cavalleiros de Malta que lh'o deram, quando edificaram o castello. Outros dizem que foi D. Sancho I.

BEM BELLIDE ou **BEMBELIDE**—freguezia, Alemtejo, comarca de Fronteira, concelho de Aviz, 48 kilometros de Evora, 130 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

Era da Ordem militar de S. Bento de Aviz.

Situada em campina, cercada de montes desertos, e nada mais d'aqui se descobre.

O parocho era capellão collado, apresentado pela Mesa da Consciencia, e tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia grandes mattas (a que chamam *machoqueiras*) onde se cria muita caça, grossa e miuda.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome, que se junta ao Sorraya e morre no Tejo. Rega e traz muito peixe.

BEM ESPERA—vide Benespera.

BEMFEITA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, (foi do concelho de Coja até 1855), 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Cecilia.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Viseu. Eram seus donatarios os bispos de Coimbra, como condes de Arganil.

Situada em um valle d'onde não se descobrem outras povoações.

O reitor de Coja é que apresentava o cura d'aqui, que tinha 50$000 réis de renda. Fertil em cereaes, muita castanha, e do mais mediania.

Fica proxima a serra do Açor, abundante de caça.

É terra muito saudavel. Passa por aqui a ribeira da Matta, que rega, moe e traz peixe.

BEMFICA—freguezia, Extremadura, termo e 6 kilometros ao N. de Lisboa, 870 fogos.

Em 1757 tinha 805 fogos.

Orago Nossa Senhora do Amparo.

Patriarchado, districto e comarca de Lisboa.

Feira a 15 de agosto, tres dias.

As freiras do Salvador, de Lisboa, apresentavam aqui o cura, que tinha de renda 200$000 réis.

Ha n'esta freguezia um sitio chamado da Alfarrobeira, mas não é este onde morreu o infante D. Pedro.

É tambem n'esta freguezia a bonita e afamada aldeia do Calhariz, e outras igualmente bellas.

É n'esta freguezia a celebre quinta que foi dos marquezes de Abrantes, com bellos jardins, muitas estatuas de marmore e os bustos de todos os reis de Portugal desde D. Affonso I até D. João V.

Aqui estabeleceu a sua residencia ha muitos annos, a senhora infanta D. Isabel Maria, que comprou esta sumptuosa propriedade aos herdeiros de D. Pedro de Lencastre, 3.º marquez de Abrantes e 9.º conde de Penaguião, em 1834.

Esta bella vivenda tinha sido do negociante Gerardo Devisme, que a vendeu no fim do seculo passado ao marquez de Abrantes. Devisme tinha aqui fundado um museu de productos dos tres reinos da natureza, antiguidades, curiosidades e artefactos, que o marquez de Abrantes augmentou e sua alteza real tem tambem muito augmentado.

Defronte d'esta quinta, ao N., era o convento de frades dominicos de Bemfica, que está sobre a estrada de Cintra, em um lindo e fresco valle, cercado de frondoso arvoredo e atravessado por o rio de Bemfica. Tem uma linda cerca, frondosos bosques, hortas, pomares e muita abundancia de aguas. Aqui jaz (na egreja do mosteiro) o celebre João das Regras.

Este convento de S. Domingos de Bemfica foi feito pelo rei, a instancias do seu chanceller-mór, o dr. João das Regras (ou, como outros dizem) João d'Arégas.

Deu para isto D. João I um palacio e uma quinta, que os nossos reis aqui possuiam, desde o tempo de D. Diniz. O terremoto de 1755 e o incendio de 1818 o damnificaram muito, de modo que nas reconstrucções pouco ficou das obras antigas; a estas pertence o mausoleu de João das Regras, que ainda existe. (Vide adiante.)

Aqui foi conventual e aqui morreu e está sepultado o celebre escriptor classico fr. Luiz de Sousa.

Tambem aqui jazem, em ricos mausoleos, o celebre jurisconsulto João das Regras, que tanto concorreu para a acclamação de D. João I; e D. João de Castro, 4.º viso-rei da India. Fr. Luiz de Sousa professou a 8 de setembro de 1614, aqui, e tambem aqui falleceu, em maio de 1632. (Vide Santarem e Almada).

Um grande incendio, em 1818, fez grandes estragos a este convento, reduzindo-o quasi a ruinas.

A egreja e convento são obras sumptuosissimas, que fundou D. João I, pelos annos de 1295. Os frades tomaram posse d'elle a 22 de maio de 1299.

A egreja parochial é das melhores do termo de Lisboa. Foi construida no principio d'este seculo, junto á egreja antiga, que era pequena e de mesquinha construcção, e que ainda existe ao lado da capella-mór da actual. O novo templo é grande e magestoso e forrado interiormente de bellos marmores de côres e primorosas esculpturas. Foi feito á custa de esmolas.

—

Tambem ha n'esta freguezia o convento dos frades capuchos da *Convalescença*, no sitio da Cruz da Pedra, ou Sete Rios.

É no districto da freguezia de Bemfica, a sumptuosissima quinta das Laranjeiras, que foi do infeliz conde de Farrobo. É toda cercada de grades de ferro, e que, pelos seus

excellentes jardins, estatuas, estufas (quatro) lago da ilha, labyrintho e elegante palacio (cujas salas estão adornadas com a maior sumptuosidade), theatro (que ardeu ha cousa de 12 ou 14 annos e não sei se já se restaurou), casas de animaes ferozes, etc., etc., excede a todas dos arrabaldes de Lisboa em riqueza e formosura.

—

Diz-se que o nome d'esta freguezia lhe provém de que, quando D. João I andava a procurar sitio para fundar o convento de S. Domingos, vendo este tão aprasivel, dissera: «aqui *bem fica.*» E assim ficou o nome á freguezia.

Aqui morreu, a 9 de maio de 1736, o grande Diogo de Mendonça Corte Real, ministro de D. Pedro II e de D. João V. (Vide Tavira.)

Em frente da quinta da senhora infanta está o sumptuoso palacio, formosissimo jardim e extensa e bella quinta dos senhores marquezes de Fronteira. É uma das mais ricas, curiosas e magnificas vivendas dos arredores de Lisboa. É seu actual proprietario o sr. D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, 7.º marquez de Fronteira, 5.º marquez de Alorna, 8.º conde da Torre e 7.º conde de Assumar, etc.

Bemfica é um dos mais deliciosos e poeticos sitios do termo de Lisboa.

—

Aqui nasceu, em 5 de agosto de 1820 (?) a rainha da scena portugueza no seculo XIX, Emilia das Neves e Sousa. É filha de Manuel de Sousa e Benta de Sousa, que vivia honradamente do seu trabalho.

Emilia das Neves, revelou desde os seus primeiros annos uma formosura deslumbrante, fórmas esculpturaes, não vulgar expressão e intelligencia, e um timbre de voz suavissimo.

Na edade de 14 annos quiz ser dansarina do theatro de S. Carlos; mas, sendo desviada do seu intento por pessoas amigas, determinou ser actriz.

Por esta occasião Garrett decidia-se a regenerar a arte dramatica com a sua magica penna, e Emilio Doux tentava fazer o mesmo no palco.

Emilia das Neves conseguiu entrar no numero das actrizes do theatro da rua dos Condes, como discipula. E. Doux, adivinhando-lhe a vocação, empregou todos os meios para fazer d'ella uma actriz distincta. Emilia estudava com perseverança e assiduidade. Garrett acabava de escrever o seu primeiro drama, o *Auto de Gil Vicente.* Foi Emilia das Neves que n'este drama fez o papel de apaixonada filha de D. Manuel (Beatriz).

Garrett ficou pasmado do espantoso desenvolvimento da actriz novel, que logo na primeira representação causou verdadeiro delirio e enthusiasmo. A peça foi muitas vezes repetida e sempre com o mesmo favor do publico. É verdade que Emilia das Neves tinha por ensaiador E. Doux, e por companheiros Epiphanio, Ventura, Theodorico Senior e Florinda.

Ao *Gil Vicente* seguiu-se a *Camara Ardente,* drama de genero diverso; mas no qual Emilia patenteou evidentemente o thesouro inexgotavel dos seus recursos como actriz.

Correndo o tempo e sendo empresario o primeiro conde de Farrobo, que tinha visto em Paris a celebre Rachel arrebatar os espectadores, no papel de duque de Richelieu, no drama *Les prèmiers amours de Richelieu,* e uma das maiores glorias d'aquella celebre actriz franceza. Tinha o conde grande pezar de não poder trasladar para a scena portugueza um drama que tanta voga tinha na França e tamanho barulho alli estava fazendo.

E. Doux, que estava certissimo do talento de Emilia das Neves, responsabilisou-se pelo desempenho da peça, que se traduziu e representou sob o titulo de *Proezas de Richelieu.* Foi elle á scena, e o conde ficou maravilhado de encontrar em uma joven, no seu tirocinio, uma rival, que, se não excedia, pelo menos egualava a sua famosa irmã na arte, no seu difficil papel.

Finalmente Emilia das Neves tornou-se em pouco tempo a melhor actriz que tem tido Portugal, e foi com toda a justiça cognominada a rainha da scena portugueza.

Os dramas em que mais se tem distinguido, depois dos dois citados, são.

Alfageme de Santarem, Magdalena, Adelaide, Retrato Vivo, Casamento no reinado de Luiz 15.º; Cigana, Adriana Lecouvreur, A mocidade de D. João V., Dama das camelis, Cópo d'agua, Guardadora de perus, Mulher que deita cartas, Dalila, Judith, Lady Tartufo, Joanna a doida, Tentações diabolicas, Doida de Moutmayour, Lucrecia Borgia, Pena de Talião, Patria, Côrte na aldeia, Marion Delorme, Maria Stuart, Estella, Os sete peccados mortaes, A cruz de S. Luiz, ou o juramento d'honra, Condessa de Senney, Gladiador de Ravenna, O genio da morte, e Angelo ou o tyranno de Pádua. O ultimo drama em que até hoje entrou (junho de 1873) foi no bellissimo drama a *Condessa do Freixial*, no Gymnasio.

Emilia das Neves figura na galeria das atrizes célebres photographadas por *Disderi*, ao lado de *Rachel, Risttori, Rose Cheri e Julia Rettich.*

O conselho dramatico portuguez, que foi composto dos homens mais emminentes nas lettras, classificou Emilia das Neves como atriz de merito relevante, e a academia dramatica de Coimbra lhe concedeu o diploma de socia.

Varias pessoas, reconhecendo-lhe um prodigioso talento como actriz, lhe negam as qualidades amaveis de uma mulher. Pretendemque ella é orgulhosa,, avarenta e mesquinha. É erro. Emilia é economica, mas não mesqninha. Em sua casa é um modelo d'arranjo e ordem. Só é prodiga no seu vestuario para a scena, onde se apresenta sempre deslumbrante, e nas esmolas que dá sem ostentação.

Fóra do palco é modesta no seu vestuario: a sua palavra é uma escriptura, pelo que tem credito como um rico negociante. É pagadora exemplarissima e escrava do seu dever.

Soccorre muitos dos seus collegas; paga-lhes obrigações dos seus montepios; vae ao leito da dôr aliviar os infelizes, sem se poupar a vigilias ou sacrificios.

A historia hade fazer-lhe justiça e a posteridade hade glorificar uma das atrizes que mais opulentou e ennobreceu a arte dramatica em Portugal.

Quando Emilia das Neves esteve no Rio de Janeiro, onde arrebatou os seus numerosissimos espectadores, varias poesias lhe foram dedicadas: entre ellas figura uma soberba, da penna do nosso malogrado poeta portuense, Faustino Xavier de Novaes. Termina assim:

—

Responde a fama altiva. «Era o talento,
«Prodigio d'arte, unido ao sentimento,
«Era o genio da actriz!
Era um nome eternal na lusa historia!
Era a gloria da scena, a vossa gloria!
A gloria d'um paiz!
Tem a grande Rachel a sua França!
Ristori tem a Italia! E na balança
Não ha genios eguaes!
«Gozem dos povos seus, cultos profundos!
«Tem cada qual um mundo? Esta em dous mundos
Impera sem rivaes.»
Artista! Se estes bravos e estas palmas,
Não dizem quanto sentem nossas almas,
Pela patria e por ti;
Este povo, que adora a liberdade,
Que nem sempre se curva á magestade,
Eil'-o curvado, a ti!
Vem depôr a teus pés offerta pobre,
— Debil recordação, de um povo nobre
Lá na terra natal!
Deixas, mais opulenta, em dôce abraço
Dous nomes immortaes, prêsos n'um laço:
Emilia-e-Portugal!

—

O célebre e patriotico jurisconsulto portuguez, vulgarmente conhecido por João das Regras, a que alguns errradamente chamam João d'Arégas, cujo nome verdadeiro Era João Affonso das Regras, nasceu em Lisboa. era filho de Affonso Annes e de Silvestra Esteves. Estudou direito na celebre universidade de Bolonha. Foi elle um dos que mais contribuiram para que nos codigos portuguezes, começados a compilar por D. João I, predominasse a legislação romana restaurada entre as velhas usanças e antigos fóros do reino. Em 1382 estava de volta a Portugal, e já tinha grande nomeada. Tomando em 1383 partido pelo Mestre d'Aviz, foi por elle nomeado chanceller interino.

Em 1385, nas côrtes de Coimbra, a sua voz eloquente, e o vigor e subtilesa dos seus raciocinos, decidiram a favor do Mestre d'Aviz as dividas da successão da coroa. D. João I oi-lhe sempre reconhecido. João das Regras prestou a Portugal grandes serviços, defendendo nas côrtes, com a candidatura do Mestre d'Aviz, a causa da independencia. Foi o predecessor de D. João II, como D. João II, de Sebastião de Carvalho. Morreu a 3 de maio de 1404.

BEMLHEVAE—freguezia, Traz-os-Montes comarca de Mirandella, concelho de Villa-Flor, 144 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Bragança.

Fertil.

O parocho (cura) era apresentado pelo D. Abbade do mosteiro do Bouro, da ordem de S. Bernardo, e tinha de rendimento 8:600 réis de congrua e o pé d'altar.

BEMPOSTA—villa, Traz-osMontes, comarca e concelho do Mogadouro, situada a 2 kilometros da direita do Douro, 30 kilometros de Mirandella, 435 ao N. de Lisboa, 210 fogos .Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado, e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda. Eram seus donatarios os senhores de Villa-Flor.

Está situada sobre a margem direita do rio Douro, em um plató, d'onde se veem muitas terras de Portugal e Hespanha.

Fertil; muito gado de toda a qualidade.

O commendador de Santa Maria, a Velha, de Castello-Branco, apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 200$000 réis

Passou o padroado d'esta egreja para os marquezes de Tavora, até 1759, ficando desde então para a coroa, até 1834.

Tinha duas annexas, que o abbade d'aqui apresentava, eram Perêdo e Algosinho.

Ha n'esta freguezia muito sumagre.

Tinha juiz ordinario e officiaes da camara, sugeitos á ouvidoria de Villa-Flor.

Tem alfandega. A 1:500 metros da villa corre a ribeira de Lamoso, a qual se precipita inteira do cume de um rochedo, na altura de 35 metros, formando uma magnifica cascata, a que aqui chamam «Faia d'Agua Alta.»

A penedia, no meio da sua elevação, apresenta um caminho por onde passam, sem risco de molhar-se, homens e gado.

Ha aqui um reducto, a que chamam castello, entre o povo e a matriz, com tres portas.

Antigamente havia outro fortim, de que ainda ha vestigios em um alto sobranceiro ao Douro, a 3 kilometros d'esta villa e fronteiro á praça da villa de Formoselha, ao qual ainda chamam Castello d'Oleiros. É tradição que era obra dos mouros.

No Perêdo, a 5 kilometros da villa, está, no meio do rio Douro, um pequeno rochedo para onde se póde saltar facilmente, e d'elle para a outra margem (esquerda) já territorio hespanhol, tal é aqui a estreiteza do rio.

A 3 kilometros da villa está uma immensa penedia sobranceira ao Douro, a qual tem no fundo, a poucos metros do rio, uns antros, onde no rigor do inverno os pastores recolhem os seus rebanhos. Parecem salas construidas segundo a arte e podem recolher mais de 600 cabeças de gado!

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 15 de junho de 1315, fazendo-a então villa. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

É limitrophe com as provincias de Salamanca e Zamora, na Hespanha.

Em frente do Castello d'Oleiros (Hespanha) está uma pequena fortaleza a que os hespanhoes chamam «Castillo Moro».

O chamado Castello d'Oleiros, é uma muralha de 2 metros de largura, no cume do outeiro, cercando-o, com um ambito de 130 metros de comprimento, e 40 de largo. Fica a 4 kilometros da villa.

É sitio muito alcantilado, e foi precizo grande trabalho e risco de vida para construir isto com a solidez que tem. Pelos annas 1827 ou 1828, se encontraram aqui (entre outras cousas) uma pequena espada de

prata, moedas do mesmo metal e d'ouro, com letras ininteligiveis, e uma pedra de marmore branco, com arabescos e esculpturas, que está na residencia.

BEMPOSTA ou **PINHEIRO DA BEMPOSTA**—villa, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis, 30 kilometros a O. NO. d'Aveiro, 6 ao S. d'Oliveira d'Azemeis, 48 ao S. do Porto, 65 ao N. de Coimbra e 270 ao N. de Lisboa. 346 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Era um concelho antiquissimo, e que o ominoso decreto de 24 de setembro de 1855 (sendo regente o sr. D. Fernando Coburgo) dissolveu, com gravissimo prejuizo dos póvos d'elle e por influencias de campanario.

Era dos marquezes d'Angeja (condes de Villa Verde) que lhe confirmavam dous juizes ordinarios, tres véreadores, um procurador, do concelho, escrivão da camara, dous tabelliães, com alcaide e um capitão-mór com 10 companhias d'ordenanças.

Situado em uma mediana elevação, d'onde se vê Ovar, Válega, Pardilhó, Avanca, Loureiro, S. Thiago, Murtosa, Bunheiro, Estarreja, Salreu, Aveiro (a 35 kilometros) e a freguezia da Branca, que parte com esta.

O prior era apresentado pelo padroado real, e tinha 900$000 réis de renda.

É terra muito fertil. Corre pela freguezia o rio *Minhoteira*, que rega e móe e divide os bispados do Porto do de Coimbra.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

A villa e a freguezia são atravessadas pela estrada real de 1.ª classe, de Lisboa, para o N., concluida em 1864.

BEMPOSTA—villa, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 54 kilometros da Guarda, 270 ao NE. de Lisboa, 98 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago Nossa Senhora da Silva.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Foi da comarca de Castello Branco e era da corôa. Fertil.

Era antigamente do bispado da Guarda.

Situada em campina, d'onde se vê Medelim, Monsanto, Proença Velha, Penamacor, Pedrógam, Valle dos Prazeres, Alpedrinha e Castello Novo.

A camara da villa é que apresentava o cura, a quem os freguezes pagavam 5 moios de centeio, 5 moios de trigo, 2 almudes de vinho, e a commenda lhe pagava 900 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o cura era apresentado pela Mitra e tinha de congrua 15$000 réis e o pé de altar.

Tinha juiz ordinario, camara, com vereadores, procurador do concelho, escrivão, official, etc.

A um lado da villa está uma antiga torre, cercada com seu reducto a que chamam castello. Está coberta de telha; tem dois andares. É feita com muita solidez.

Passa por a freguezia o rio *Torto*.

BEMPOSTA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 128 kilometros ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Foi antigamente da comarca de Thomar.

Eram seus donatarios os marquezes de Abrantes.

Situada em um valle, d'onde se vê Abrantes, Sardoal e Mação.

O vigario da collegiada de S. João Baptista, de Abrantes, apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 30 alqueires de trigo, e 10$000 réis em dinheiro, pagos pelos freguezes.

É terra pouco fertil e pobre. A maior parte das casas são choupanas feitas de terra e cobertas de cortiça.

Passa aqui o rio Torto e as ribeiras de Ulme e Muja.

É a 24.ª estação do caminho de ferro de Leste.

Actualmente, com a passagem da estação do caminho de ferro, teem melhorado bastante as condições d'esta povoação; ainda que não tanto como era de esperar.

Fóra as que ficam descriptas, ha em Por-

tugal mais 22 povoações com o nome de Bemposta. Em Lisboa, tambem ha um sitio assim chamado, proximo e ao NE. do Campo de Sant'Anna. E immediato a este ha outro chamado Bempostinha.

BEMQUERENÇA—antiga aldeia de Traz-os-Montes, que existia no sitio onde está a actual cidade de Bragança. D. Fernão Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques e grande senhor de Traz-os-Montes, achando a velha cidade de Bragança destruida e abandonada, e não gostando do sitio, foi fundar a nova Bragança, no local da tal aldeia, em 1130, pelo que se ficou chamando por muito tempo Bemquerença.

Esta aldeia e seu territorio era do mosteiro de Castro de Avellans e D. Fernão Mendes deu por isto aos frades, as villas de Pinello e Santulhão.

No tempo de D. Affonso I não havia em Portugal nenhuma povoação chamada Bragança.

D. Sancho I, senhor já de Bemquerença, que tinha revertido á corôa por morte de seu tio, tratou logo de povoar em maior escala esta terra, dividindo-a em villa, cidade e termo, e lhe deu foral em 1187. Parece que foi este rei que lhe mudou o nome para Bragança.

No tempo de D. Affonso III, em todos os documentos apparece já com o nome de Bragança e com o titulo de villa.

D. Affonso V é que a elevou á cathegoria de cidade, por alvará dado na cidade de Ceuta, a 20 de fevereiro de 1464.

Logo em 1199 (maio) o rei de Leão lhe poz cêrco e quiz arrazar, mas D. Sancho I o desbaratou e fez levantar o cêrco.

Para tudo o mais vide Bragança.

—

Bemquerença significa affeição, amor, boa-vontade.

BEMQUERENÇA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 40 kilometros da Guarda, 280 ao NE. de Lisboa. 100 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em campina, d'onde se avista o Salgueiro, Escarrigo, Valle de Lobo, e Meimôa.

O cabido da Guarda apresentava aqui o prior, que tinha de renda 120$000 réis.

Proximo da freguezia é a serra de Santo André, que tem bastante caça.

A mesma etymologia.

BEMVIVER—concelho extincto, Douro, que foi da comarca de Soalhães, tambem extincta. 54 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, tinha 2:510 fogos.

Hoje é da comarca do Marco de Canavezes.

Situada em terreno bastante accidentado, na margem direita do Douro, por cujo rio faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde traz varias qualidades de fructas, cereaes, madeiras, etc., etc.

Passa proximo o rio Tamega, e tanto este como o Douro abastecem a terra de peixe.

No monte de Monforte, ha pedreiras de muito boas pedras de amolar.

No monte Arádos, ha vestigios de grandes fortificações romanas, e de uma estrada subterranea que ia ter ao Douro.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de setembro de 1514.

É terra fertil.

BENALVERGUE ou **VILLA DAS AUDIENCIAS**—pequena villa, Alemtejo, concelho de Beja.

Era do conde-barão de Alvito.

Situada em campina. Vê-se d'aqui Portel, Vianna, Alvito, Villa-Alva, Villa-Ruiva e Villa de Frades.

O ministro da Santissima Trindade de Santarem, apresentava aqui o reitor, que tinha 120$000 réis.

É terra fertil.

Tinha antigamente camara e dois juizes ordinarios. Corre pelo meio da freguezia o rio Odivellas.

Hoje já nem é freguezia.

BENAZAFARIM—(Vide Benzafrim.)

BENAVENTE e **BARROZA**—antiquissima villa, Alemtejo, em 39° de latitude e 9° e 44' de longitude, 90 kilometros ao NE. de Evora, 50 ao N. de Lisboa, 650 fogos, 2:600 almas.

No concelho, 1:060 fogos, na comarca, 3:030.

Feira a 21 de setembro, tres dias.

Em 1660 tinha 400 fogos, e em 1757, 650.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Foi antigamente da comarca de Setubal.

Era do mestrado de Aviz, depois ficou sendo do rei, como grão mestre da Ordem, o qual provia os officios da justiça e alcaidaria-mór, e era senhor da commenda, que rendia 6:400$000 réis por anno, além do que levava a mitra e o cabido de Evora, que era a terça parte dos dizimos.

Situada em uma planicie elevada, fertil e saudavel, regada pelo rio Sôr, que logo abaixo de Benavente entra no Sorraya e ambos no Tejo; d'alli se descobre Salvaterra de Magos, Santarem, Azambuja, Villa Nova da Rainha, Alemquer, Castanheira, Povos e as margens do Tejo até Lisboa.

Dizem alguns que a sua etymologia vem de *Bene eventus*; em razão de uma grande e inesperada victoria que aqui tiveram os christãos contra os mouros.

Outros dizem que esta victoria foi alcançada contra os barbaros do Norte, pelos annos 500 de Jesus Christo.

É povoação antiquissima, pois já existia e era povoação importante no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Aritium Prætorium.*

Outros querem que *Aritium Prætorium* seja Salvaterra, que fica proximo; mas segundo o Itenerario de Antonino Pio, não póde ser senão Benavente.

No anno 95 antes de Jesus Christo, quando o consul Publio Licinio Crasso principiou o *Itinerario*, que concluiu Antonino Pio, era *Aritium Prætorium* uma cidade notavel, pois aqui principiava a 3.ª via militar romana, que hia a Merida, então capital da Lusitania.

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*) diz que o sitio e comarca de Benavente tem algumas particularidades que se não compadecem com o *Itinerario* de Antonino Pio.

No termo de Benavente corre a ribeira de Canha, que antigamente se chamava Ribeira de Flôres (pelas muitas que havia nas suas margens) e depois se chamou Almançor.

Ha aqui padrões antiquissimos.

Soffreu, como as mais povoações de Portugal, o jugo de differentes senhores, até que D. Affonso I a tomou aos mouros em 1147, quando tomou Santarem.

Esteve porém esta villa deshabitada até ao reinado de D. Sancho I, e então, em 1200, D. Payo, bispo de Evora, a reedificou, povoou e deu foral.

Tam um palacio real e boa tapada; mas tudo arruinado.

O rei, como grão mestre da Ordem de Aviz, apresentava aqui o prior (que era tambem juiz da Ordem, de que esta villa foi cabeça de comarca.) Tinha este prior de renda 300$000 réis.

Tinha trez beneficiados, cada um com 130$000 réis.

Tinha antigamente juiz de fôra.

O senado da camara d'esta villa era o mais rico do Riba-Tejo; pois, além de ser senhor de muitas e fertilissimas terras, tinha o direito de nomear tres riquissimas capellas: uma de S, Bartholomeu, que rendia 30 moios de trigo, além das *pitanças*, outra de Santa Catharina, que rendia 300$000 réis e as *pitanças*, e outra que instituiu o padre João de Pontes, que, além de vinhas, olivaes e casas, se arrendavam (as terras) por 20 moios de trigo.

No termo d'esta villa, e freguezia d'ella, é o convento de Jericó (Janicó ou Gericó) de frades arrabidos, fundado pelo infante D. Luiz. (Vide Arrabida.)

Tem egreja da Misericordia (que antigamente foi capella do Espirito Santo) e hospital.

É terra fertilissima.

Ha aqui lavradores que semeiam mais de 50 moios de trigo e cevada.

A Quinta da Foz, dos marquezes de Cascaes, tinha annos que dava ao dizimo 100 moios de pão!

Ha aqui grande abundancia de gado de toda a qualidade.

Tem porto de mar, para embarcações de lotação de 30 moios.

Tem muito peixe do Tejo.

. Não é terra muito saudavel, pela má qualidade das suas aguas.

Só a fonte chamada Bica da Casa, tem muito boa agua, e o dr. Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, diz que é diuretica, cura a dôr de pedra e areias *e faz com que as mulheres sejam fecundas.*

D. Payo, mestre de Evora (de Aviz) lhe deu foral, sem data. Confirmado por D. Sancho I, em Coimbra, a 8 de abril de 1200, e por D. Affonso II, em Santarem, a 5 de fevereiro de 1218, e finalmente, por D. João I, em Lisboa, a 24 de outubro de 1404.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de janeiro de 1516.

A camara d'esta villa é das mais ricas e tinha regalias, como nenhuma outra d'este reino. É senhora de vastas e fertilissimas terras, além do que já disse.

A camara, na vespera de S. Thomé, vae repartir esmolas a seu arbitrio, pelas portas. Ha aqui a familia dos Frades, que procede de Frade Fradique. Os Pachecos e Sampaios, que procedem de Fernão Rodrigues Pacheco, unidos aos Sampaios de Traz-os-Montes, que vieram para Villar de Frades, e d'ahi para Benavente.

Em uma das torres da egreja matriz d'esta villa, se vêem as armas dos condes de Benavente, figuradas em cinco conchas dispostas em aspa, sobre um escudo liso. É tradição que este brazão tem origem no facto seguinte, que conta o sr. Antonio Candido Palhoto:

No anno 44 de Jesus Christo, um illustre cavalleiro da Maia (termo do Porto) Chamado Caio Carpo Palenciano, tendo desposado a nobre dama Claudia Lobo Zalenco, saiu a passear pelas immediações de Mattosinhos, com a sua esposa e parentes, em vistosa cavalgada. Avistaram uma embarcação que navegava com a prôa ao N., e quando todos se entretinham em olhar o mar e a barca, o cavallo de Caio, não dando pelo freio, foge para o mar com o cavalleiro, dá um mergulho e só apparece ao lume d'agua junto ao navio, onde saltou. O cavalleiro e cavallo apparecem então cobertos de conchas.

Pede aos tripulantes explicação d'estas maravilhas e elles lhe respondem que são christãos, discipulos do apostolo S. Thiago, e que vem fugindo á sanha dos gentios, levando na sua companhia o cadaver de seu mestre, para o pôrem a salvo em terras de Hespanha, que o santo apostolo havia convertido ao christianismo, e para depôr alli o corpo do santo. «As conchas de que te vês coberto—disseram elles—e os prodigios que te assombram, são signal de seres chamado por S. Thiago para seguires a lei de Jesus Christo, e essas conchas servirão para o futuro de distincção aos servos do mesmo santo.»

Caio, profundamente commovido pelos milagres que vê, e abalado por um sentimento desconhecido, pede logo o baptismo, recebido o qual, vem reunir-se a sua esposa e amigos, a quem converte tambem, com a narração de tão pasmosos successos.

—

D'este Caio descende a nobre familia dos Pimenteis, de Traz-os-Montes, de quem procede Rodrigo Affonso Pimentel, 1.º conde de Benavente, o qual tomou por armas 5 conchas (vieiras) como disse, as quaes tambem estão na torre do castello de Bragança. Adiante vae o escudo completo.

Consta que o appellido de Pimentel procedeu da alcunha imposta por D. Affonso III de Portugal (pelos annos 1260) a Vasco Martins de Novaes, môço fidalgo e meirinho-mór do mesmo rei; pela esperteza e celeridade que em tudo mostrava o tal Vasco.

As armas de que este usou, eram: em campo verde, 5 vieiras, de prata, em aspa, realçadas de negro. Timbre, meio touro de púrpura, armado de prata, com uma vieira das armas, na testa.

Alguns lhe accrescentam orla de ouro' carregada de cruzes vermelhas.

Depois, os condes de Benavente (d'esta familia) accrescentaram as suas armas do modo seguinte: escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas de púrpura, em faxa e no 2.º e 3.º, de verde, 3 vieiras de prata, realçada de negro, em roquete, orla de prata, carregada de cruzetas de púrpura, simples.

O 1.º conde de Benavente, foi feito por

Filippe II, em 1598. Este, que como já disse, se chamava Rodrigo Affonso Pimentel, tomou por brazão d'armas, escudo dividido em pala, na 1.ª de verde, 5 vieiras de prata, em aspa, na 2.ª, de prata, faxa de 3 coticas de púrpura. Timbre, meio touro de púrpura, armado de prata, com uma das vieiras do escudo, na testa.

BENAVILLA—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho e 6 kilometros ao N. de Aviz, 54 ao N. de Evora, 120 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

Era do mestrado de Aviz. D. Diniz a fez villa e lhe deu foral, em Lisboa, em 1296.

(Franklim não falla n'este foral.)

Situada em um fundo mas ameno e fertil valle, regado pelos rios Sêda e Sarrazolla.

O Sêda passa ao N. da villa e o Sarrazolla ao E.

Não se avistam outras povoações.

O rei, como grão mestre da Ordem de Aviz, apresentava aqui o prior, que tinha 2 moios e meio de trigo e 2 de cevada; e um beneficiado, que tinha 2 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, tudo pago pela commenda da mesma villa. Tinha mais o prior 20$000 réis e o beneficiado 8$000 réis, pagos pelo almoxarifado de Benavente.

Além de mais duas capellas, ha a da Senhora de Entre Aguas (por estar entre o Sêda e o Sarrazolla) que foi antigamente matriz e deixou de o ser, por causa das innundações d'estas duas ribeiras, que a tornavam incommunicavel, por cobrirem as duas pontes que ha nas taes ribeiras.

É templo antiquissimo, como mostra pela sua architectura. N'esta capella havia um hospital que curava pobres. Foi erecto por D. João V, com privilegio de Misericordia, pelos annos de 1740.

Na parede exterior d'esta capella, está embutido na parede um cippo, com a seguinte inscripção:

L. BESA. L. VES. J. EAU.
L. H. S. E. S. T. S. III.

Querem alguns que n'este logar houvesse povoação com este templo, pelos annos 370 de Jesus Christo.

É terra muito fertil em trigo, cevada e outros generos. Tem extensos montados, onde se criam muitos porcos para exportação.

Diz o padre Cardoso, que, na horta chamada dos Frades, junto a esta villa (ao N.) ha uma fonte de agua boa, sádia e pura, de que bebe o povo; mas deitando-se-lhe dentro algum peixe, logo lhe saltam os olhos fóra! (Será assim.)

Tem Misericordia e hospital.

D. Diniz mandou aqui construir um castello, em 1296, que está em ruinas; foi seu alcaide-mór D. Luiz de Alencastre.

BENCATEL—freguezia, Alemtejo, comarca de Estremoz. concelho e proximo de Villa Viçosa, 40 kilometros de Evora, 135 ao E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago Sant'Anna.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É a palavra arabe *Bencatél*. Significa, filho do matador. Deriva-se do verbo *catala*, matar; e tem anteposta a palavra *ben*, filho. É pois, freguezia do filho do matador.

E' terra fertil.

Situada em um valle d'onde se vê Redondo, Evora-Monte e Terena.

Até 1834, pertencia esta freguezia a cinco concelhos (!) que eram: Villa Viçosa, Borba, Alandroal, Redondo e Estremoz. A matriz estava no d'esta ultima villa.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 4 moios e meio de trigo e meio de cevada, que lhe davam os freguezes, e 24$000 réis em dinheiro.

Era esta terra governada pelas justiças de Villa Viçosa e Estremoz, em cujos dois termos habitavam a maior parte dos moradores da freguezia.

N'esta freguezia, proximo da ermida de S. Pedro, nasce de entre umas penhas, um olho d'agua, que sae em tanta abundancia, que logo faz moer 18 azenhas e 1 moinho.

Com 6 kilometros de curso, morre no Luceféce.

Ha n'esta freguezia muitas fontes de boa agua.

Na aldeia de Bencatel nasce a ribeira do seu nome, que, depois de fazer moer azenhas e pisões, morre na direita do Guadiana.

—

N'esta freguezia se achou, em 1841, uma pequena ára, com a seguinte inscripção:

FONTANO
ET FONTANAE
PRO SALVT. AL.
BI. FAVSTI. ALBIA
PACINA. V. S. A. L.

BENDADA — reguezia, Beira Baixa, comarca da Covilhã, concelho de Sortelha, 24 kilometros da Guarda, 300 ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente do concelho de Penamacor. Era da coroa. Fertil.

Situada ao cimo de um valle, d'onde apenas se descobre parte das muralhas da villa de Sortelha.

O prior era de nomeação regia e tinha 300$000 réis de renda.

Corre aqui a ribeira do seu nome, que nasce no Cabeço de Frágoas, e depois de regar e moer, se mette na das Enguias.

Bemdado, (portuguez antigo.) bem nascido, nascido de familia honrada, nobre e mesmo de familia humilde, mas de bons costumes. (Côrtes de Lisboa, de 1439.)

BENDADA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel.

Era da Ordem de Christo, de que eram commendadores, aqui, os marquezes de Cascaes.

Situada em planicie e d'ella se vê Pinhel e Castello Rodrigo.

O vigario de Cinco Villas apresentava o cura d'aqui, que tinha de congrua, pela commenda 16$000 réis, e pelo povo 4$000 réis.

É terra fertil.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, porque está annexa á antecedente.

BENDAFÉ — freguezia, Douro, concelho de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada na raiz de um monte.

O prior e beneficiados de Santa Justa, de Coimbra, apresentavam aqui o cura, ao qual pagavam 70 alqueires de trigo. Os dizimos e outros foros eram para os taes prior e beneficiados, por serem *senhores* da freguezia.

BENDAVIZES — vide Bandavizes.

BENEDICTA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 105 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Era dos coutos de Alcobaça e a freguezia mais antiga d'elles.

Consta que foi a primeira *casa de oração* dos frades bernardos.

Os freguezes é que nomeavam o cura, que confirmava o abbade de Alcobaça. Os freguezes lhe davam 2 moios de trigo e 50 almudes de vinho, que, com o pé d'altar, andava por 200$000 réis.

Tinha um capellão, a que os freguezes davam 2 moios de trigo de *porção*.

É terra muito fertil. Tem muitas fructas e as maçãs são aqui optimas e em grande quantidade.

BENESPÉRA ou **BEM ESPÉRA** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 a NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 122 fogos.

Orago Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada no valle de Santo Antão, cercada de montes, d'onde nada se descobre, e junto á ribeira Teixeira.

Por isso esta freguezia se chamava antigamente Santo Antão Abbade da Teixeira. Hoje diz-se Santo Antão de Bem Espera ou de Benespera (aportuguezando ou alatinisando a palavra).

Foi commenda dos jesuitas, e depois da universidade de Coimbra, que apresentavam aqui o vigario, o qual tinha 30$000 réis em dinheiro, 4 alqueires de trigo, 4 almudes de vinho e o pé d'altar.

Tem um hospital para pobres, muito antigo, fundado por varios devotos que lhe deixaram herdades. Os estatutos foram feitos em 1645.

É terra fertil, sobretudo em castanhas.

Tinha juiz da vara com seu escrivão, apresentados pela camara da Guarda.

Feira a 17 de janeiro, dia de Santo Antão (orago) e na segunda feira de paschoella. N'este dia vinham aqui antigamente em procissão os povos das villas de Belmonte, Sortelha, e os das freguezias de Aldeia do Matto, Aldeia Velha, Maçainhas, Bendada e Aldeia Nova da Teixeira.

E' proximo da serra das Cruzes, que tem muita caça.

No archivo da sé da Guarda, ha uma memoria que faz menção da egreja d'esta freguezia, com o titulo de *Sanctus Antonius Abbas de Texariis*. E' templo antiquissimo, e foi convento de conegos da Ordem de Santo Antão, e cabeça da Ordem n'este reino, fundado pelos annos 1350.

Passou depois a ser de jesuitas, por bulla de Paulo III, de 1550. (Vide Lisboa, logar competente).

BÉNIS—é o nome que Strabão dá ao rio Minho; mas é engano. O que é certo é que este nome foi dado ao actual rio Coura.

Outros querem que Benis fosse uma das cidades do paiz bracarense que florescia até á invasão dos barbaros do Norte, no principio do 5.º seculo; e cuja cidade era situada na margem esquerda do Minho, na serra d'Arga. Vide Arga e Medullio.

BENRÉZA, BEM REZA ou **BANREZES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Já está em Banrezes.

BENTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente *visita* de Vermuim e Faria, e do concelho de Barcellos.

Situada em um valle fertil.

O abbade era apresentado alternativamente pela mitra e por o mosteiro de Landim, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios). Tinha de renda 300$000 réis.

Tem bons mattos, onde se cria muito gado e caça miuda. Muito abundante de castanhas.

BENTO DA CONTENDA (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 6 kilometros ao O. de Olivença, 30 ao SO. d'Elvas, 180 ao SE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora.

Situada em um monte, d'onde se descobrem muitas povoações portuguezas e castelhanas.

Chama-se da *contenda*, pela que houve, por quererem os castelhanos que pelo meio da egreja matriz d'esta freguezia passasse a linha divisoria de Portugal e Hespanha. E dentro d'ella, com effeito, se pozeram os marcos que dividem os dois reinos. Os marcos de Castella, estão, um na capella-mór, da parte do Evangelho, outro na pia baptismal. Os de Portugal estão, um na capella-mór, do lado da Epistola, e outro está sustentando a pia da agua benta.

O ordinario apresentava aqui o cura, a quem os freguezes pagavam 5 moios de pão, e 10$000 réis em dinheiro.

N'esta freguezia está a capella de Santo Amaro, fundada nas abas da serra de Mouxarra. Dizem que em tempos antigos houvera n'este sitio uma grande povoação, de que ainda ha vestigios.

Aqui existe ainda uma torre que tem servido por varias vezes de atalaia.

Passa aqui o pequeno rio de S. Bento, que rega e moe.

E' terra fertil.

Actualmente está annexa a S. Braz dos Mattos.

BENZAFRIM, ou **BENSAFRIM**, ou (como se dizia antigamente, com mais propriedade) **BENASAFARIM**—freguezia Algarve, comarca, concelho, e 6 kilometros ao N. de Lagos, 60 de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 395 fogos. (incluindo 100 da freguezia de Barão de S. João.)

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em um valle, nas margens da ribeira do seu nome, d'onde só se avistam terrenos d'esta freguezia.

O bispo do Algarve apresentava o parocho, que tinha trez moios de trigo e 35 alqueires de cevada, que lhe pagavam de *premio*, os freguezes.

Nos montes proximos ha muita caça miuda lenha, e carvão.

É a palavra árabe *Benassaharin*, que significa «a dos feiticeiros».

Deriva-se do verbo *sahara*, encantar, enfeitiçar.

Ha aqui muitos figos, mel e cêra, que se exporta.

Esta freguezia está espalhada por casaes e herdades. Tem defronte da aldeia, a E., um grande penhasco, de pedra durissima, que tem uns 330 (!) metros d'altura, e que lhe encobre o sol até ás 9 ou 10 horas da manhã, no inverno.

Na raiz d'este gigantesco penhasco corre a ribeira.

No sitio chamado Córte do Bispo ha uma fonte d'agua férrea.

N'esta freguezia se fabrica muita cal. Ha tambem muitas cabras e ovelhas.

Ha muitos annos qne esta freguezia está annexa á de Barão de S. João.

BERÊDO ou **BRÊDO**—rio, Traz-os-Montes. Nasce no concelho de Mont'Alegre. Tem a sua origem na extremidade oriental da serra do Gerez, em Fonte Fria (raia da Galliza) e passando a E. da freguezia de Parada do Outeiro, no mesmo concelho, depois de 16 kilometros de curso, acaba na direita do rio Cávado, em frente da freguezia de Paradella. Cria bôas frutas.

O seu nome lhe provem dos muitos *brêdos* (planta bem conhecida) que cria nas suas margens.

BERINGEL ou **BRINGEL**—villa, Alemtejo, comarca e concelho, e 10 kilometros a O. de Beja, 132 ao S. de Lisboa, 480 fogos, 1:800 almas.

Em 1660 tinha 400 fogos, e em 1757, 300

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado, e districto administrativo de Beja.

Situada na encosta de um monte, d'onde se vê Alvito e Faro e a aldeia de Trigaches. Passa proximo da villa o rio Gallego. Fertil.

Foi primeiramente dos frades d'Alcobaça, que lh'a deu D. Affonso III, em 1255.

D. Manuel lhe deu foral fazendo-a villa, em Evora, a 23 de novembro de 1519.

Eram seus donatarios os marquezes de Minas, por troca que D. Affonso V. fez com os frades, em 1477, dando-a em 1479 a Ruy de Sousa, primeiro conde do Prado, ascendente dos marquezes de Minas. Tem 4 boas fontes publicas; são: da Andreza, do Marquez, de Palhaes e Fonte-Velha.

O prior (com mursa) era apresentado pelos ditos marquezes; tinha dous beneficiados coadjutores, creados em 1545, um com as rendas do priorado, outro com as da mitra.

O que se creou com as rendas do priorado apresentavam os donatarios, e tinha de cada 16 partes dos fructos, 3, dando ao ecónomo, uma; 10 alqueires de trigo ao organista e 13 e meio ao sachristão.

O que se creou com as rendas da mitra, era de apresentação do ordinario, e de cada 16 partes tinha duas, dando uma ao ecónomo. Vinha a ser a renda do primeiro beneficio 90$000 réis e a do segundo 60$000. O prior tinha de renda 300$000 réis

Havia mais um beneficio simples, da apresentação dos donatarios, erecto pelo mesmo tempo, que rendia 50 alqueires de trigo e 10 almudes de vinho, que lhe pagava o prior e o beneficio maior, o prior 3 partes, e o beneficiado uma. Rendia 40$000 réis.

A egreja matriz é um antigo templo de 3 naves. Foi primitivamente convento de frades bernardos e do qual ainda ha vestigios. Em uma das capellas, estão sepultados Ruy

de Sousa e sua mulher, D. Branca de Vilhena.

Tem Misericordia e hospital, fundado pelos devotos da villa, com as rendas da confraria da Senhora da Piedade, no anno de 1543. Deu-lhe tambem algumas propriedades D. Pedro de Sousa, conde do Prado (então donatario) em 1548.

Tinha dous juizes ordinarios e vereadores, confirmados pelos marquezes donatarios.

No seu termo, no outeiro do Circo, ha um forte, arruinado.

Proximo á villa é a serra das Pedras; cria matto e caça miuda.

Passa aqui o rio Gallego, que rega e móe.

Na serra das Pedras, proximo á villa, ha perdizes e coelhos em grande abundancia.

Esta villa é muito antiga, pois já existia no tempo dos árabes, que lhe deram o nome que tem; mas não pude saber quem a fundou.

Com as continuas guerras do principio da monarchia, estava despovoada no reinado de D. Affonso V, e em 1450 este rei á mandou povoar pelo primeiro conde do Prado, D. Pedro de Sousa.

Outros dizem que o conde do Prado a povoou no reinado de D. João III, (1550) por ordem d'este rei. É êrro. Esta villa era do convento d'Alcobaça, e D. Affonso V. a trocou com os frades (ou o mesmo conde) por outras, e ficou sendo dos condes do Prado.

O nome d'esta villa é derivado da palavra árabe *Badanjan*, corrupta do persico *Badenjan*; que significa Bringella, fructo de uma planta hortense bem conhecido. Esta palavra é derivada de *badan* (o corpo) e de *jan* (diabolico, maligno.)

Os árabes lhe deram este nome, pelo mal que faz a quem a come. O padre D. Raphael Bluteau, diz que a bringella pertence á familia das *mandragoras*. Supponho que a *mandrágora* é uma especie muito differente de *beringella*. Aquella não se come. Os antigos atribuiam á mandragora a virtude de tornar fecundas as mulheres que a trouxessem comsigo. (Vide no Ant. Test., a historia de Jacob.)

É este fructo uma especie de melãosinho que só serve para a vista, e para o cheiro, e os árabes lhe dão diverso nome; pois chamando á beringella, como já disse, *badanjan*, á *mandrágora* dão o nome de *xammame*. Os Africanos lhe chamam *batech-ennabi*. Os hebreus lhe chamavam *dodaim*. (Vide Gen. capitulo 30.)

Reringueltem por armas, em escudo vermelho, um braço d'ouro com azas, empunhando uma espada.

Diz-se que esta villa foi dada aos cavalleiros da ordem de S. Miguel d'Ala, instituida por D. Affonso I, em 1167, e que d'essa ordem é que tomou o brazão que tem; mas note-se que estas armas são as dos Manueis.

Tinha esta villa muitos privilegios, entre elles o de não pagarem seus moradores sizas nem portagens.

BERLENGAS—grupo d'ilhotas situado 12 kilometros a O. de Peniche, em 39.° 25' de latitude N. e 1.° e 6 de longitude occidental.

A *Berlenga-grande* (assim chamada por ser a maior das ilhotas) tem um forte e um pharol. O seu terreno é muito productivo; mas a multidão de coelhos que aqui ha dá cabo de tudo.

Houve aqui um convento de frades jeronymos, fundado por D. Maria, segunda mulher do rei D. Manuel, no anno de 1:500. Foi o que os piratas barberescos quizeram. Assim que por aqui passsavam os chavecos africanos, lá pilhavam uns poucos de frades que levavam captivos para a Berberia. Os frades foram lastimar-se á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, que lhe mandou fazer o convento de Valle-Bem-Feito, na freguezia d'Amoreira, concelho d'Obidos, comarca das Caldas da-Rainha, e para lá se mudaram no ann de 1570. (Vide Amoreira.)

Já no tempo dos celtas era povoada a Berlenga grande, e se chamava então *Landobrix* ou *Landobriga* (que significa povoação pantanosa ou encharcada). Tem uns 3 kilometros de circumferencia: pelo alto tem uma planicie ou plató, com capim, canafrecha, piôrno e outras hervas e plantas, que dão pasto a uma colonia numerosissima e inexterminavel de coelhos. Tem alguns surgidouros para barcos pequenos.

Ha tambem quem diga que era aqui a famosa cidade de *Carteia*, outros dizem que

havia no litoral da peninsula iberica, desde Cadix até Lisboa, tres cidades com o nome de *Carteia*, e que aqui era a *ilha Carteia*. Vide Carteia e Quarteira.

Cluverio diz que estas ilhas (ilhotas hoje) tinham tambem o nome de *Erythreas*.

Nas rochas alcantiladas d'estes ilheus, depositam os *áiros* e as gaivotas um espantoso numero de ovos, que são procurados por homens e rapazes temerarios, que por tão pouco arriscam as suas vidas sobre aquellas penedias resvaladiças. Tem morrido despedaçadas mais de 30 pessoas, mas nem assim serve de escarmento a outros arrojados caçadores.

Em um rochedo proximo da praia, está a *Fonte do capitão*, que é uma notavel e galante furna natural, coberta de avenca e outras hervas.

Ainda existem as ruinas do mosteiro dos jeronimos e trez cisternas e uma amoreira que foram dos frades; e lá está a gruta em que elles vinham pôr-se de atalaia, para darem rebate, quando se aproximava algum navio de mouros.

O forte está ao E., separado da ilha, com o fosso feito sobre um ilheu. A muralha tem 22 metros de alto, e tinha 13 peças de artilheria.

Em 30 de junho de 1666, 14 naus e uma caravella castelhanas, de que era almirante D. Diogo Ilbarra, fizeram a espantosa façanha de tomar este forte.

Tinha principiado o ataque a 28, e, além do fogo das naus, o faziam tambem mil e tantos castelhanos que tinham saltado em terra. No fim de trez dias de fogo sem resultado, pela obstinada resistencia que os portuguezes lhes faziam, e tendo os inimigos já perdido 400 homens, estavam desesperados de tomar o forte; mas o traidor Lucas Alves, natural de Murça, soldado da guarnição do forte, fugiu d'elle, a nado, para os castelhanos, e lhes disse que os nossos não tinham munições; pelo que elles, atacando vigorosamente, e não tendo os nossos polvora, foi o forte tomado.

Quizeram os castelhanos arrazar a fortaleza; mas, como levava muito tempo, pela sua solidez (e elles receiavam que, em quanto estivessem n'esta obra, viesse quem lhe fizesse pagar caro o atrevimento) se contentaram em levar 9 peças que ella então tinha.

Mas esta *victoria* lhe custou carissima e pagaram com usura as 9 peças que nos levaram, pois perderam quasi 500 homens e 3 naus: uma chamada *Covadonga*, foi a pique perto e a O. das Berlengas, outra foi indo até ao Algarve, mas ahi foi ao fundo; a terceira mal poude chegar a Cadix, ficando ali inutilisada para sempre.

A guarnição portugueza do forte compunha-se de 28 soldados e um cabo. Este chamava-se Antonio de Avellar Pessoa, e era natural de Athouguia da Balea. Foi mortalmente ferido este heroe portuguez, e indo prisioneiro na esquadra inimiga, alli morreu. Além d'este bravissimo militar, só tivemos 1 soldado morto e 4 feridos, ficando estes e os 23 sãos, prisioneiros.

D. Affonso VI, mandou logo augmentar as obras de defeza do forte, augmentando-lhe tambem mais 4 boccas de fogo (ficando então a ser 13) e a guarnição.

Até maio de 1871 ainda o forte das Berlengas conservou uma pequena guarnição; mas então ficou reduzido a dois veteranos, para cuidarem do pharol.

Tenho grande satisfação de fazer aqui geralmente conhecido dos portuguezes este bravissimo Antonio de Avellar Pessoa, e tenho pena de não poder saber os nomes dos seus heroicos 28 companheiros, porque os poria aqui, para perpetua memoria d'este feito gloriosissimo dos nossos passados.

BERNARDO—aldeia, Beira Alta, freguezia de Barrô, concelho extincto de SS. Martinho de Mouros, comarca e 15 kilommetros a ONO. de Lamego, hoje concelho e comarca de Rezende.

Situada em terreno bastante accidentado, sobre a margem esquerda do rio Douro. Chamava-se antigamente *Bernaldo*. Estão aqui as ruinas da antiquissima ponte sobre o Douro. (Vide Barrô e Barqueiros.) Ha n'este sitio uma antiquissima barca de passagem. O *Bernardo* é logo abaixo das Caldas do Mollêdo.

BERTAROUCA ou **PORTAROUCA**—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e

kilometros de Lamego, 344 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É a palavra arabe *Barrìaruca*, derivada de *barr*, campo e *taruca*, trilhado, ou frequentado. Hoje quasi toda a gente dá a esta freguezia o nome de Portarouca e Pertarouca.

Significa povoação do campo trilhado.

O cura era apresentado pelo deão da sé de Lamego, tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar.

BERTEANDE ou talvez mais propriamente **BRITIANDE** — villa, Beira Alta, comarca, concelho e 5 kilometros a SE. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1660 tinha 200 fogos, e em 1757, 173.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em ameno e delicioso valle, na encosta oriental da serra da Esculca (esculca é synonymo de sentinella). D'aqui se descobrem varias povoações.

O abbade tinha, até 1834, 500$000 réis de renda. Era da apresentação da mitra.

Tem uma casa que serve de hospital, que era administrada pelo juiz ordinario d'esta villa, quando o tinha, agora não sei se existe este hospital, nem quem o administra.

Teve camara, juiz e respectivos escrivães.

No principio da monarchia se chamava *Bretiande*, segundo se vê do testamento da illustre senhora D. Urraca Fernandes, viuva de D. João Garcia, a qual vivia na sua quinta de Moz, junto a Bretiandi, em 1254. Vide Casar.

No meio da villa está uma fonte de abobada, que nunca secca. Tem mais duas fóra da villa, a de Maria Pires e a do Faial.

Passa junto da villa o ribeiro que d'ella toma o nome, o qual nasce na serra da Esculca e se mette no Barosa, junto á capella de Santo André, na freguezia dos Abrunhaes. Rega e moe, mas quasi sempre sécca no verão. Suas margens são cultivadas, e é tambem em partes orlado de oliveiras, castanheiros, arvores fructiferas e vinhas. Tem uma ponte de pedra junto á egreja de S. Gonçalo, e ao pé um lagar de azeite.

É povoação muito antiga. Dizem alguns que o seu fundador foi o grande Egas Moniz, aio de D. Affonso I, mas este varão só a mandou povoar, em 1102, pois estava deserta.

Tem um convento de frades franciscanos, chamado de Ferreirim, fundado por D. Francisco Coutinho, conde de Marialva e Loulé, em 1520. O fundador morreu em 1531 e aqui jaz sepultado. Teve uma filha unica, que casou com o infante D. Fernando, filho legitimo de D. Manuel I e da rainha D. Maria. Não tiveram filhos, pelo que o condado vagou para a corôa.

Ha grande balburdia por causa d'esta pequena villa e da de Bertiandos, no concelho de Ponte de Lima. Uns dizem que foi aqui a antiga cidade de *Britonia*, outros sustentam que foi na de Berteande. Finalmente, outros, para ficarem bem com ambas as partes, dizem que havia antigamente duas cidades de *Britonia*, uma ao pé de Lamego e outra proximo do rio Lima.

O que é certo, é que Berteande é uma povoação antiquissima, e que se não sabe quem a fundou; pois, como já disse, Egas Moniz (que viveu muito por estas immediações, com sua segunda e terceira mulher) achando a villa deserta e abandonada pelos arabes, a mandou povoar.

Não foi porém grande o desenvolvimento que teve, pois nem os nossos primeiros reis, nem mesmo D. Manuel lhe deram foral.

Não deixa por isso de ser uma terra fertil, bonita e saudavel, e um lindo passeio de Lamego até aqui.

—

O facto seguinte prova que Bertiande é povoação muito antiga, e que não é fundação de Egas Moniz, mas de tempos mais remotos.

Os mouros de Lamego, vendo que o seu rei Echa Martin se tinha feito christão, lhe negaram obediencia, pelo que, a pedido do proprio Echa, o conde D. Henrique e Egas Moniz atacaram Lamego revoltado e o tomaram de assalto.

Por consentimento do rei mouro, distribuiu o conde as terras da comarca de Lamego pelos seus cavalleiros, dando a Egas Moniz todo o paiz entre os rios Balsemão e Barosa, e outras muitas até quasi ao rio Tavora.

Egas Moniz povoou estas terras com gente que trouxe do Minho, e fez uma grande quinta para si (onde depois foi o convento e cerca de Salzêdas) e n'ella deixou sua segunda mulher, D. Thereza, e seu pupillo, o principe D. Affonso Henriques, para ir com o conde combater os mouros.

Em 1102, estando ainda D. Thereza e D. Affonso Henriques em Salzedas, foi Egas Moniz fazer uma grande quinta para si, fundar a egreja matriz e povoar a villa de Bertiande.

Em 1230, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, doou aos templarios tudo quanto tinha em Bretiande.

Vide Britonia da Beira.

BERTEANDOS ou **BRITIANDOS** — villa, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros a O. de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 130 fogos (com a sua annexa Santa Comba).

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em bellissimos e fertilissimos valles e montes, na margem esquerda do delicioso rio Lima, e 9 kilometros a E. de Vianna. Foi couto.

Sobre qual foi o assento da antiga cidade de Britonia, vide Berteande e Britonia do Lima.

Ha aqui uma torre, chamada dos Bertiandos, fundada por Ignez Pinta, em 1586, e que é o solar do actual conde de Berteandos. Vide Correlhan.

Pelos annos 1000 de Jesus Christo se chamava a esta freguezia *Britinia*, segundo se collige de um *instrumento* cuja tradução dou na palavra Britonia do Lima. Sendo assim, não ha duvida que aqui foi o assento da antiga Britonia.

O abbade era apresentado alternativamente por os morgados Damião Pereira da Silva Sousa e Menezes e Antonio Pereira d'Eça, alcaide-mór da cidade de Braga. Tinha de rendimento 300$000 réis.

A familia dos Berteandos procede dos alcaides-móres de Villa Nova da Cerveira, que principiaram em Ruy Lopes Cerveira, padroeiro da extincta freguezia do Mangoeiro, hoje Gondarem.

O actual conde de Berteandos é o sr. Sebastião Correia de Sá Brandão, tio da sr.ª marqueza de Terena e Monfalim e viscondessa de S. Gil de Pérre.

BERTEL — aldeia do Douro, no bispado do Porto. É a palavra arabe *Barrtéll*, composta de *barr* (o campo) e de *téll* (o outeiro) vem a ser *Campo do outeiro.*

BERTELLO — aldeia, Douro, na freguezia de Real, concelho do Castello de Paiva. No cume de um môrro pyramidal está a capella de Santo Adrião de Bertéllo.

A mesma etymologia.

Na raiz d'este môrro, e atravessando obliquamente o ribeiro das Avelleiras, proximo á aldeia do Seixo, passa a zona carbonifera de Paiva.

BESTANÇA ou **BASTANÇA** — rio, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães. Nasce em um lago, no sitio do Outeiro das Donas, na serra do Espinheiro, ramo do Parnaval. Morre na margem esquerda do Douro, entre Porto Antigo e Souto do Rio, com 12 kilometros de curso.

Na sua margem direita, a 6 kilometros da sua nascente, estão as ruinas do castello ou torre da Chan, ou de Villar da Chan. (Vide Ferreiros de Tendaes.)

Tem duas pontes de cantaria lavrada, uma perto da sua foz, na freguezia de Fontoura, outra na aldeia das Pias, freguezia de Sinfães; ambas de um só arco. Suas margens, onde são cultivadas, são fertilissimas. É em partes orlado de frondoso arvoredo fructifero e silvestre. Moe e rega.

BÉSSA — vide Béça.

BÉSTEIROS e **CRISTÊLLO** — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 28 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Cosme e S. Miguel.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada no grande valle do Sousa, d'onde se descobre Penafiel, varias freguezias, o Marão e outras serras.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, pelo bispo do Porto e pelos frades bentos de Cette (eremitas de Santo Agostinho). Tinha de renda 440$000 réis.

É terra muito fertil. Pelo meio da freguezia passa o ribeiro da Figueira, que se junta ao da Magdalena. Rega e móe.

Bésteiros era uma freguezia tendo por orago S. Cosme, e Cristéllo outra que se lhe annexou. Esta tinha por orago S. Miguel, archanjo, e em 1757 tinha 68 fogos.

O abbade de Cristéllo era da apresentação do visconde de Villa Nova da Cerveira, e tinha de rendimento 200$000 réis.

BÉSTEIROS—serra, Douro, que divide o antigo concelho de Lafões (hoje Vousella) do de Bésteiros. Lança varios braços, dos quaes um é a serra d'Alcófra. Tem 6 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

É abundantissima de aguas, mas muito pedregosa, produzindo apenas matto e loendros. Cria muito gado e tem bastante caça.

BÉSTEIROS—Vide Paradinha dos Bésteiros.

BÉSTEIROS—valle, Beira Alta, 18 kilometros a O. de Vizeu, situada entre as serras da Estrella e Caramullo (a que tambem chamam d'Alcóba e de Bésteiros).

O Valle de Bésteiros é conhecido com este nome ha mais de 2:000 annos, pois já assim se chamava no tempo dos turdulos. D'elle diz Braz Garcia Mascarenhas no seu *Poema Heroico:*

. . . . . .

Seus ascendentes que eram bons guerreiros,
As terras transcudanas conquistaram,
E entre as serras d'Estrella e de Bésteiros,
Tambem algumas terras povoaram.

—

O Valle de Bésteiros, tomado rigorosamente, se compõe das freguezias de Santa Eulalia, Castellões, S. Thiago, parte da de Guardão e varias aldeias e quintas.

Este valle fertilissimo, ameno e delicioso, muito abundante de fontes e ribeiros, pela sua belleza e salubridade, foi célebre em todas as edades e de todas as gerações desejado, como se vê das muitissimas antigualhas que ha nas quatro leguas que elle tem de extensão.

Houve aqui um mosteiro de frades benedictinos, tão antigo, que se ignora quem o fundou. Em 1236 se chamava *mosteiro de Frávegas*, e depois se disse *de Fragoas*. (Vide Frávegas.)

Segundo a *Historia da antiga Lusitania*, e a tradição, a este valle se recolheu o antigo rei lusitano Briceu, e n'elle assistiu tres annos, esperando occasião opportuna para tomar vingança dos romanos. Vendo Briceu que o famosissimo Viriato os ia derrotando em muitas batalhas, juntou um corpo de 2:000 homens d'estes sitios, e com elles se foi offerecer e juntar a Viriato.

Foram elles tão valorosos e tão dextros em atirar a bésta, que foram cognominados «os bésteiros» nome que o seu valle herdou Isto oi 150 annos antes de Jesus Christo.

Este valle deu sempre em todas as guerras valorosissimos soldados, que defenderam heroicamente a sua patria.

Tudo o mais que diz respeito a este valle vae nas freguezias e alguns logares que são aqui situados.

É terra abundantissima em cereaes, optimo vinho, fructa e gado.

BÉSTEIROS (o Salvador) — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, (foi da extincta comarca de Pico de Regalados) concelho e 1 kilometro a O. de Amares, 10 kilometros a N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Payo e o Salvador (antigamente era orago o Salvador).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Situada em alegre e fertil planicie. D'aqui se vê a serra de Penafiel, o Castello de Lanhoso, o lindo Valle do Geraz do Lima, a serra do Carvalho e outras povoações e montes.

O arcebispo de Braga apresentava o ab-

bade (do Salvador), que tinha 400$000 réis de renda.

É terra abundante de boas aguas, e o seu clima muito saudavel.

Foi antigamente concelho, tendo juiz ordinario, vereadores e camara.

BÉSTEIROS (S. Payo) — freguezia, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e provincia da antecedente. As mesmas distancias.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Payo.

A freguezia antecedente e esta constituem hoje uma só e mesma freguezia.

Quando esta freguezia era só (sem ter outra annexa) era o abbade da apresentação ordinaria, e tinha de rendimento 300$000 réis.

A egreja matriz é muito antiga, mas está muito decente. Foi reedificada no anno de 1747, sendo abbade Diogo da Costa. Sendo porém, antiquissimo o retabulo da capella-mór, provavelmente o da primitiva egreja, e achando-se por isso em completo estado de ruina, procedeu-se no anno de 1862 á collocação de novo retabulo, e encontrou-se por essa occasião no altar mór, que era todo de pedra, uma pequena pia da mesma materia, contendo uma caixa de metal, e dentro d'ella varias reliquias, com um pergaminho, muito gasto do tempo, escripto pelo abbade (o licenciado Pedro de Carvalhaes) do qual constava o seguinte:

Que no dia 25 de agosto do 1614, fazendo visita a esta egreja o conego da Sé de Braga, Miguel Sequeira Pinheiro, se abrira o altar do bemaventurado S. Payo e que dentro de uma caixa de pau, muito gasta do tempo, foram encontradas as seguintes reliquias:—S. João Evangelista; S. Bartholomeu, apostolo; S. Thiago, apostolo; S. Celestino, bispo; Santa Leocadia, Santa Marinha e Santa Christina. Mais algumas se continham na dita caixa, mas por estar muito gasto o dito pergaminho, não se pôde averiguar a quem pertenciam.

Declarava mais o referido pergaminho que não fôra encontrada alguma de S. Payo; mas que elle abbade a accrescentára por lh'a ter dado um religioso da ordem de S Bento, que a tinha tirado do relicario de Refojos de Basto.

Além d'esta accrescentára mais as seguintes:—de Santo Innocencio; de S. Vicente, papa, martyr; de S. Simão, martyr; de S. Zenonio; de Santa Pluremes, martyr; as quaes houvera das mãos de religiosos, e que assim as collocára todas no mesmo logar.

No verso do mesmo pergaminho lê-se o seguinte:—Achei estas santas reliquias no anno de 1747, quando se demoliu a capella mór para se fazer de novo; estavam no altar que se refere n'esta relação e na mesma fórma as tornei a collocar no mesmo altar, e para constar fiz esta clareza. Hoje, 4 de julho de 1748.—O abbade *Diogo da Costa*.

Achando-se gastas do tempo as caixas em que foram encontradas as reliquias em 1614, e podendo com certeza calcular-se, que para isso seria preciso decorrer não menos annos, que os que decorreram até 1747, temos que as reliquias contam n'esta egreja mais de 400 annos; o que é prova mais que sobeja da sua antiguidade.

Além d'isto, tem ella uma regalia que nenhuma outra do concelho possue, o que é tambem prova incontestavel da sua muita antiguidade: consiste, em perceber fóros e pensões nas freguezias de Santa Maria de Ferreiros, S. Salvador de Amares, S. Pedro de Figueiredo e S. Salvador de Dornellas.

N'esta egreja foi erecta a irmandade de Nossa Senhora do Amparo, pelo reverendo Pedro de Carvalho, abbade da mesma, e por João Machado d'Azevedo, no anno de 1655, onde se conservou até ao de 1705, em que passou para a freguezia de Amares, onde existe, em capella propria, que os irmãos mandaram fazer.

Existiu tambem no passal, junto á egreja, uma palmeira, que, pela sua magestosa grandeza, mostrava contar muitos seculos de edade. Seccou ha muitos annos, segundo consta, por lhe cortarem a haste principal.

Ha n'esta freguezia trez capellas, que são a de Santo Antonio e a de S. Bento, pertencentes ao sr. Manuel Antonio Pereira da Silva Ferreira e Almeida, actual administrador do concelho de Amares; e a de Sant'Anna, per-

tencente aos herdeiros de Alexandre de Sá, fidalgo de Ponte de Lima.

Está situada esta freguezia no principio da encosta O. do Monte de S. Pedro Fins, com boas vistas.

Produz centeio, milho, trigo, vinho verde, azeite, linho, boas laranjas, fructas e muita lenha.

N'esta freguezia existe, no sitio chamado Lama da Quinta, uma nascente de excellentes aguas ferreas, que estão mal aproveitadas, e com pouca ou nenhuma limpeza, devido á incuria da camara municipal de Amares.

BÉSTEIROS—antigo concelho (vulgo Tondella) Beira Alta, 18 kilometros ao O. de Vizeu, 50 ao E. d'Aveiro, 265 ao N. de Lisboa.

Era da corôa.

Quanto á sua fertilidade, vide Bésteiros (valle).

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 14 de junho de 1515. (Este foral é tambem o de Alvarim, Barreiro, Caparroza, Casal, Covêllo, S. Thiago e Tonda.)

E' um dos mais antigos concelhos de Portugal. Tinha dois juizes ordinarios, um dos orphãos (com seu escrivão) cinco tabelliães do judicial e notas, um escrivão da camara, outro dos *direitos reaes* e *celleiro d'el-rei*, (de que eram senhores os condes d'Athouguia) outro das sizas, um meirinho, senado da camara e nove companhias de ordenanças.

Ha muitos annos que é cabeça d'este concelho, a villa de Tondella. (Vide Tondella.)

BÉSTEIROS (S. Thiago Maior de)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 254 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada, parte no delicioso valle de Bésteiros, e parte em um monte, d'onde se vêem varias povoações.

O vigario tinha 40$000 réis, que lhe pagava a commenda d'aqui, e 160$000 réis de pé de altar. Era de apresentação regia.

A commenda rendia 800$000 réis.

A egreja era do padroado real.

E' terra fertilissima, e produz muito bom vinho.

Entre varias capellas da freguezia, ha a de S. Marcos, na corôa de um monte nas abas do Caramullo, e junto á capella ha uma fonte, a cuja agua se attribue a qualidade de curar as *maleitas*.

Ha aqui duas feiras, uma a 25 de abril (dia de S. Marcos), e outra no dia de S. Thiago, a 25 de julho.

Corre pela freguezia um ribeiro anonymo e o rio Misarella. Este nasce no alto da serra do Caramullo e corre por entre penhascos. N'esta freguezia tem uma cascata ou catadupa, a que chamam aqui *Salto da Misarella*, ou *Bica da Agua Alta*, que tem 67 metros de alto. D'aqui continúa a correr por entre penedias, até se incorporar com uma fonte chamada *Fonte-Fria*, que é tão fria, que mettendo-se n'ella uma garrafa de vinho se faz logo vinagre (Padre Cardozo.)

E' esta fonte em um sitio amenissimo durante o verão.

Tem esta freguezia a gloria inapreciavel de ser patria do honradissimo varão e famosissimo jurisconsulto, José Homem Correia Telles, que nasceu aqui em 1780.

Formou-se na Universidade de Coimbra, no anno 1800. Serviu os logares de juiz de fóra da Figueira da Foz, provedor de Vizeu corregedor do civel em Lisboa, e superintendente das obras da barra de Aveiro.

Os povos de Estarreja, (onde elle tinha uma grande casa, que é actualmente de sua filha unica, que é solteira) o elegeram deputado ás côrtes em 1820, 1826 e 1847.

Escreveu uma infinidade de excellentes obras de Direito Civil Portuguez, sendo as principaes: Digesto Portuguez; Supplemento ao Digesto Portuguez; Doutrina das Acções; Manual do Processo Civil; Formulario de Libellos, Questões de Direito Emphyteutico, e outras mais, todas de um subido merito, e que hão de ser sempre consultadas com preferencia por todas as pessoas que se dedicam ao fôro.

Falleceu, na sua casa de Estarreja, em 1849.

BÉSTEIROS (Santa Eulalia. ou Olaia, de)

—freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Situada em planicie, no principio do Valle de Bésteiros. D'aqui se vê a serra da Estrella e a do Caramullo (em cuja raiz tem seu assento esta freguezia.)

O abbade era da apresentação do padroado real, e tinha de renda 400$000 réis.

E' n'esta freguezia a capella e famosa romaria de Nossa Senhora do Campo, a 8 de setembro, havendo então feira.

E' terra fertilissima, como todo o valle de Bésteiros. Produz optimo vinho de embarque, muita castanha e pecegos superlativos.

Passa aqui o rio Crins, que rega e móe.

BÉSTEIROS — (Castellões de) freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa 520 fogos.

Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Situada no valle de Bésteiros, e fertil como as outras freguezias d'este valle.

O vigario era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

BÉSTEIROS — (Guardão de) — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Vizeu, 265 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 79.

Orago N. Senhora dos Milagres (ou da Assumpção.)

Situada no valle de Bésteiros, e fertil como todas as terras d'este valle. (A capital d'esta freguezia é a antiga villa de Guardão, que vae descripta no logar competente.)

O abbade era apresentado pelo morgado do Guardão, e tinha 250$000 réis de rendimento.

No dia da Ascenção vinham aqui cruses de varias freguezias, d'este valle, o que parece indicar que esta egreja, foi em tempos remotos a unica freguezia de Bésteiros, ou pelo menos, a principal.

Conservou-se esta egreja no tempo dos mouros e junto a ella havia 3 torres, de que ha vestigios.

Estas torres eram antiquissimas e não se póde saber a causa da sua construção.

Os christãos d'estes sitios conservaram sempre o culto publico e todas as praticas da religião christan, durante todo o tempo da dominação árabe, por consentimento dos emires e al-kaides mouros, mediante certo tributo convencionado.

—

Junto ao outeiro do Caramullo, em uma pedra, que terá dous metros de largura e 6, 40 de comprimento, nascem dous olhos d'agua, em duas pias circulares, obra da natureza. Mettendo-lhe uma vara de 15 palmos, nãs se lhe acha fundo; e na distancia de 22 centimetros encontra-se-lhe differença de temperatura, sendo mais quente, quanto mais se profunda a experiencia.

Estas pias são cobertas com uma grande pedra, debaixo da qual cabem 20 pessoas.

No meio está uma mesa de pedra, em que cabem 10 pessoas. É tradição que foi mandada fazer por D. Antonio, prior do Crato, que se diz andára por estes sitios fugido á senha de Philippe II, e dos portuguezes-castelhanos, tão bons como elle ou piores.

Ha tambem aqui uma fonte, que sahindo de uma lapa, cahe em uma pia de pedra e n'ella se sóme.

Ha outra frigidissima e sahe com tanta violencia, que faz mover um moinho.

Ha ainda outra que só lança agua do maio até outubro, e outra (chamada da Ameixoeira, na estrada da Vizeu para Aveiro) que faz muito mal e até ás vezes mata a quem a bebe segundo diz o padre Carvalho.

Junto á egreja matriz, ha outra fonte d'agua tão fria, que (diz-se) mettendo n'ella um frasco de vinho, se corrompe, perdendo as suas partes alcoolicas.

Era senhor do antigo concelho de Guardão, Pedro de Sousa Castello Branco, que nelle tinha o oitavo de todos os fructos, fóros e fogaças. A varonia de Pedro de Sousa, vem de Gonçalo Vaz Castello Branco, e

de sua mulher D. Catharina da Fonseca, que viveram em Leiria, e ainda alli vivem os seus descendentes, que usam do appellido Quental.

Quental (ou Quintal) é appellido nobre em Portugal, que tem por solar, o logar do Quintal, no concelho de Bésteiros, onde ainda existem as ruinas da torre em que viviam.

A primeira pessoa que se acha com este appellido é Affonso Annes do Quental, pae de Lopo Affonso do Quintal, (um dos bravos de D. João I.) e de D. João Affonso do Quental, de quem descenderam os Quentaes de Leiria e Obidos.

Suas armas são — em campo de prata, xadresada de púrpura e prata, com 3 peças, em pala, e a ordem do meio, coberta com uma cotica de negro. Elmo d'aço, aberto, e por timbre uma cabeça de lobo xadresada de púrpura e prata,

BÉSTEIROS (S. DOMINGOS DE) — aldeia no concelho de Bésteiros (Tondella) Houve aqui um convento de conegos de Santo Antão, fundado em 1460. O papa Julio III. o deu em 1550 aos jesuitas. (Vide Lisboa no logar competente.)

Alem do que fica descripto, ha mais em Portugal 9 aldeias com o nome de Bésteiros.

Bésteiros eram os soldados armados com béstas. Era a antiga infanteria lusitana e portugueza, ou o que a substituia, em quanto se não usaram armas de fôgo, e ainda algum tempo depois.

BEZELGA — freguezia, Beira-Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Penedono, 40 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, e era annexa á freguezia de S. Miguel das Antas, que apresentava aqui o cura.

Situada no plató de um pequeno monte. O cura era annual, e tinha de porção 80 alqueires de centeio, 37 de trigo, 40 almudes de vinho e 12 feixes de linho.

É terra fertil, sobre, tudo em linho.

BEZELGA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 6 kilometros de Thomar, 130 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Silvestre.

Prelasia de Thomar, districto administrativo de Santarem.

Era de coroa. Fertil.

Situada em montes e valles, a partir com a freguezia d'Assentiz.

O rei, como grão-mestre da ordem de Christo, apresentava o vigario (collado) que tinha de renda 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 3 cantaros d'azeite, 26 almudes de vinho mosto e 10$000 rs. em dinheiro, pela obrigação de insinar a doutrina christan, e outros 10$000 rs. pelos sermões da quaresma e para cêra.

Os romanos lhe chamavam Besulce.

No adro da egreja matriz ha uma calçada subterranea, sobre argamassa, feita de pedrinhas quadradas, do tamanho de dados, de varias côres, á maneira de mosaico, ou embrechado, muito curiosa; e juntamente um canno de telhões, por onde antigamente corria agua.

Cria-se aqui bastante gado, grosso e miudo.

Já se vê que é povoação antiquissima, e que já existia, pelo menos, no tempo dos romanos.

Vide a ultima Bezelga.

BEZELGA — pequena ribeira, Extremadura, comarca de Thomar. Nasce proximo a Ourem, e depois de ter banhado a freguezia de Beberriqueira e os sitios onde existiram as antiquissimas cidades de Caldellas, Concordia e Bezelga (das quaes só existe a memoria e tenues, vestigios menos a ultima, cujos restos formam actualmente a aldeia da Bezelga, freguezia do mesmo nome) desagua na Nabão, entre a Asseiceira e Thomar, no sitio da Guerreira, com 12 kilometros de curso. Traz peixe.

BEZELGA — O licenceado Jorge Cardozo, no tomo 3.º do seu Agiologio Lusitano, na commemoração do dia 20 de julho, lettra B, diz.

«Tres povoações ou cidades, havia antigamente, em distancia de uma legoa, nos ter-

mos (que hoje são) de S. Thomar e Torres-Novas—a saber—Caldellas, Concordia, e Bezelga, situadas em um perfeito triangulo; porque Caldellas ficava antes de chegar á ribeira, e álem d'ella 3 kilometros ao N. de Bezelga, e quasi o mesmo ao S. de Concordia.

De Caldellas e Concordia ainda restam vestigios, e Bezelga ainda existe, reduzida a aldeia.

Ha porem um monte, proximo, a que ainda se chama Monte-da-Cidade.

É tradição dos povos limitrophes, que existiu aqui, neste monte, uma populosa cidade»

Em 1741, havendo um terramoto, se abriu este monte em alguns sitios, e é fama que aqui appareceu muito ouro, com o qual muitos enriqueceram.

Diz-se que a velha cidade comprehendia o chão hoje occupado pelas aldeias chamadas Bezelga de Cima, Bezelga-do-Meio, Bezelga-de-Baixo e S. Silvestre.

Ha por todos estes sitios vestigios da antiga cidade, dos quaes se vê ter sido grande, e tem por aqui apparecido grande quantidade de telnões, pórticos, columnas, etc.

No Carvalhal ha uma fonte, cuja agua ia ter a Bezelga, por canos de chumbo, os quaes appareceram em 1746, junto á estrada que vae para a egreja.

É esta a cidade de Bezelga que se levantou das ruinas da Concordia, segundo escreve Dextro, aos annos 145. — «*Concordia quæ nunc Besulci dictur etc.*»

N'esta cidade foram martyrisados, S. Donato e seus companheiros.

Em 1659, tambem aqui se achavam, quasi á flor da terra, grande quantidade de esqueletos humanos e ossadas organisadas, sem máo cheiro.

Vide Thomar.

BIBERRIQUEIRA—Vide Beberriqueira.

BICO—freguezia, Minho, comarca de Villa-Verde (até 1855, da comarca de Pico de Regalados) concelho d'Amares, 9 kilometros ao L. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna, couto de Renduffe, concelho d'Entre-Homem e Cávado (ou Amares.)

Do couto Renduffe era donatario o abbade Bento, do convento de Renduffe, que fica proximo a esta freguezia.

Situada em campina, d'onde se vê, para o S. parte da cidade de Braga 9 kilometros a SO.) e o mosteiro benedictino de Tibães.

O abbade d'aqui tinha de renda 220$000 réis. Pertencia-lhe metade de todos os fructos da freguezia, de Sabariz. que é no extinto couto de Sabariz, concelho de Pico de Regalados.

É preciso advertir que, em toda a parte d'esta obra em que se diz—«metade dos fructos»—para padres, frades, commendadores, etc. se deve entender por fructos, os dizimos.

É terra muito fertil.

Corre pela freguezia, o rio Homem, que aqui se junta com o Cávado, e na confluente tem uma ponte, principiada em 1863, e já concluida que é das mais compridas e elegantes do reino.

Produz centeio, milho, vinho verde, azeite, linho e lenha.

BICO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a ONO. de Braga, 540 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Eram donatarios d'esta freguezia e de todo o concelho de Coura, os viscondes de Villa-Nova-da-Cerveira.

Situada junto á serra do Corno-do-Bico, e de um dos seus braços, chamado Barbédo.

D'aqui se descobre a serra da Boelhosa, parte do rio Minho e grande parte da serra de Santo Antão, na Galliza. Fertil.

Os donatarios apresentavam o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

É tradição que houve aqui antigamente duas grandes torres de cantaria lavrada, cousa muito para ver. Hoje nem vestigios ha d'ellas.

Ha n'esta freguezia muitas fontes de agua frigidissima, mas boa.

Tem-se achado em varias partes d'esta freguezia vestigios de povoação antiga, como são, tijolos, pedras lavradas, columnas, cippos, alicerces de casas, urnas de pedra e de tijolo, etc., e é tradição que existiu aqui uma cidade populosa, em tempos remotissimos, cujo nome se ignora.

É atravessada pelo rio Coura, que rega, moe e traz peixe.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha lobos, porcos bravos, rapozas e caça miuda.

Aqui nasceu Francisco da Cunha, filho de Ruy Fernandes e de Victoria da Cunha. Passou á America hespanhola, onde serviu o rei, e arranjou grandes cabedaes. Voltou a Madrid, depois de ter casado na America, a requerer despacho. Estava o rei em guerra com os francezes, e o mandou dar batalha, nos Pyrineus, junto a Fonte Rabia, como coronel de um *terço*, conseguindo vencer o inimigo. Era um cabo de guerra intrepido e atilado. Voltou a Madrid e o rei lhe deu o habito de S. Thiago e um bom governo na America, para onde voltou. Vide Cunha, freguezia d'este concelho de Coura.

BIDUÊDO ou **VIDUÊDO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança.

Situada nas faldas da serra de Pena Mourisca, em uma planicie com duas ruas direitas. Não se avistam outras povoações, por causa dos montes que a cercam.

O cura era confirmado pelo reitor de S. Mamede de Sortes, a cuja freguezia esta era annexa. Tinha de renda 8$500 réis em dinheiro, 56 alqueires de pão meiado e 11 almudes de vinho, pago tudo pelo commendador d'esta commenda.

Este povo era feudatario ao cabido da sé de Miranda (depois Bragança) ao qual pagava de direitos, 180 alqueires de centeio e 800 réis em dinheiro, por escriptura de contracto que os antigos fizeram ao rei D. Diniz, e de cujos direitos fez o mesmo rei doação ao mosteiro de Castro de Avelans (que antigamente se chamava de Arians) e depois passou ao cabido de Miranda, como consta de uma carta de D. João III e bulla pontificia.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce na serra de Pena Mourisca, moe e rega e com 18 kilometros de curso morre no Sabor.

É terra fertil.

Diz-se que o nome de Pena Mourisca que se dá á serra, provém de ter alli havido antigamente uma povoação arabe. Não ha porém vestigios d'ella, se é que existiu.

Biduêdo e Santa Martha, tinham o mesmo foral, dado em Guimarães por D. Sancho I, em 1202. Outro dado por Ruy Martins do Casal, alcaide de Bragança, em Bragança, a 4 de setembro de 1304, confirmado por D. Diniz, na Guarda, a 12 de abril de 1308.

Para a etymologia, vide Beduído, que é a mesma.

BIDUEDO ou **VIDUEDO**—freguezia, Traz-os-Montes, termo da villa de Penas Royas, da qual eram donatarios os marquezes de Tavora, que tinham os dizimos. Pouco fertil.

Situada em um outeiro. Os donatarios apresentavam o cura, ao qual davam 5 almudes de vinho, 15 alqueires de trigo, 15 de centeio e 8$000 réis em dinheiro.

Tinha em 1750 apenas 18 moradores! (Julgo que estas duas freguezias foram supprimidas e annexas a outra, pois as não vejo nos mappas modernos).

A mesma etymologia.

BIDUÍDO—vide Bedoído.

BIGORNE—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Era da corôa. Pouco fertil.

O cabido de Lamego apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis em dinheiro, 24 alqueires de centeio e o pé d'altar.

E' uma freguezia pobre, situada na serra

de Monte Muro e proximo do rio Sabor. E' todavia abundante de lenha e caça.

BILHÔ — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Ermêllo, 66 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

E' terra fertil, cria bastante gado de toda a qualidade e nos seus montes ha caça.

Situada em montes e valles.

Bilhós ou *Beilhoos* é portuguez antigo, são castanhas assadas, desbulhadas.

BISMULA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, (foi do extincto concelho de Villar Maior) 105 kilometros ao SE. de Lamego, 324 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Situada em um outeiro, d'onde se vê a cidade da Guarda.

O vigario de Villar Maior apresentava aqui o cura, que tinha de *porção* 20 alqueires de centeio, 45 de trigo e 5$600 réis em dinheiro.

E' fertil. Muito gado.

Era antigamente de dois termos, Sabugal e Villar Maior, por ser de duas commendas. Passa aqui o rio do Souto, que rega e moe.

Pagava esta freguezia 800 alqueires de centeio, de fôro, á corôa.

Tem um fortim ou reducto, que cérca a egreja, com uma atalaia dentro, tudo desmantelado.

BISPADO — o territorio que está sujeito ao poder espiritual de um bispo.

Segundo o concilio de Lugo, convocado em 569, tinha a Lusitania 6 bispados, que eram: Braga, com 27 egrejas diocesanas, sendo 16 egrejas e 11 *pagos* (*pagos* eram as cidades e seus termos), entre estes pagos se contavam Bragança e Panoyas; Porto, com 24 egrejas, sendo 17 egrejas e 7 pagos; Lamego, com 5 egrejas; Viseu, com 7 egrejas; Coimbra, com 5 egrejas; Egitania (Idanha-Velha) com 2 egrejas, (outros escriptores dizem 3).

—

Em 675, o 11.º concilio de Toledo, convocado e presidido pelo rei Wamba, fez algumas alterações á antecedente divisão ecclesiastica. E' curiosissimo este concilio, pela justiça e acerto de muitas providencias n'elle tomadas, não só em materias religiosas, mas em todos os ramos da administração publica, tanto militar como civil, municipal e criminal.

E' tambem muito curioso, pelos antigos nomes que então tinham muitas povoações, das quaes algumas já não existem e outras até se ignora onde eram situadas.

Não transcrevo aqui, por extensissima, a divisão ecclesiastica então feita na Lusitania; limitar-me-hei a dar, para amostra, a relação das povoações que pertenciam ao bispado do Porto. Eram as seguintes:

Castro Novo, Porto (mas comprehendendo sómente o que estava cercado pelas muralhas suevas, isto é, a sé actual, e descendo pelas escadas do largo da Sé, o muro a que está encostado o chafariz de S. Sebastião; a porta das Aldas, que já deixou de existir ha muitos annos, o actual aljube, por detraz do qual ainda se vê um lanço de muralhas ameiadas, da primitiva circumvalação do Porto; a parte meridional da actual rua da Bainharia, o mesmo lado da actual rua dos Mercadores, todo o Cima do Muro da Ribeira, a parte septentrional das actuaes escadas do Codeçal até ao recolhimento do Ferro, d'ahi voltando ao ONO., pela travessa de Nossa Senhora das Verdades, onde tambem se vê um grande lanço da muralha ameiada construida pelos suevos, até ao cimo das escadas de Nossa Senhora das Verdades, onde havia um postigo, que tambem já ha muitos annos não existe, e a parte OSO. da rua actual de Traz da Sé, até ao meio e d'ahi para cima, toda a mesma rua até á porta de Nossa

Senhora da Vandoma até onde principiou esta medição.)

Villa Nova ou *Burgo Novo*, que eram os arrabaldes do que fica medido (e que não eram foreiros aos bispos do Porto, e que depois se chamou Villa Velha quando se fundou Villa Nova de Gaia), Petaonia (?) Verêa (hoje Lovelhe) Monderio (?) Torebia (?) Babauste (Bagunte?) Lumbo (Lomba?) Necis (?) Napoles (?) Curmano (?) Magnito (?) Loperco (?) Tomgobria (?) Villa Gumedes (Gumide?) Tavassa (Tabassô? Taboassas?) Paga (?) Labronica (?) Alitobrio (?) Valeriola (?) Trubuco (?) Cepis (Cepães? Cepellos? Cepões?) Merida (Medas? Melres?)

Segundo esta divisão o bispado do Porto ficou tendo por limites, desde Albia até Losola, e de Olmos até ás ilhas Cassiterides.

O bispado de Lisboa, segundo o mesmo concilio, tinha por limites, de Carta até Ambia e de Olla até Mataval.

O bispado d'Evora, comprehendia o territorio existente desde Cetobra até Pedra, e desde Rutella até Parada.

—

Varias alterações soffreram as divisões ecclesiasticas da Lusitania e Portugal até 1540, havendo então no actual reino de Portugal nove bispados subdivididos em duas provincias ecclesiasticas.

Arcebispado de Lisboa—tendo por suffraganeos, Lamego, Guarda, Evora e Silves.

Arcebispado de Braga—tendo por suffraganeos, Vizeu, Porto e Coimbra.

—

D. João III creou então os bispados de Miranda, Leiria e Portalegre; elevando o de Evora a arcebispado.

D. Sebastião I, creou o bispado de Elvas, em 1570.

D. João V, em 1716, dividiu a sé de Lisboa em *oriental* (arcebispado), e *occidental* (patriarchado); mas logo no 1.º de setembro de 1741, o mesmo rei supprimiu o arcebispado de Lisboa, ficando sómente a sé patriarchal.

—

D. José I, creou os bispados de Bragança e Miranda, em 1770, e no mesmo anno creou os bispados de Beja e Penafiel. Em 1771 creou o bispado de Castello Branco, e em 1774 os de Aveiro e Pinhel.

O mesmo rei D. José, quiz dividir o Algarve em dois bispados, o de Silves, já existente, e o de Villa Nova de Portimão; elevando esta villa á cathegoria de cidade.

Chegou mesmo a nomear para bispo d'esta nova diocese a D. João Teixeira de Carvalho, que depois foi bispo de Elvas.

Não sei porque não teve effeito a formação d'este bispado.

—

D. Maria I uniu os bispados de Bragança e Miranda, e supprimiu (por bulla do papa Pio VI) o de Penafiel, em 1778.

—

Desde então até hoje não teem havido alterações na circumscripção dos bispados do reino, que actualmente é a seguinte:

Portugal acha-se dividido em tres provincias metropolitanas, que são Lisboa, Braga e Evora, e 16 bispados suffraganeos, a saber:

O patriarchado de Lisboa, com os bispados de Lamego, Guarda, Castello Branco, Leiria e Portalegre, e no ultramar Angra, Funchal, Cabo Verde, S. Thomé e Principe, e Angola.

O prelado lisbonense tem a cathegoria de patriarcha e cardeal; e o seu coadjutor a de *arcebispo in partibus.*

O arcebispado de Braga, tem por suffraganeos os bispados do Porto, Bragança, Aveiro, Coimbra, Vizeu e Pinhel.

O arcebispo de Braga, tem o titulo (hoje puramente honorifico) de primaz das Hespanhas.

O arcebispado de Evora, tem por suffraganeos os bispados de Elvas, Beja e Algarve.

—

Os bispados são muito desiguaes em extensão. O arcebispado de Braga, comprehende a provincia do Minho e quasi toda a de Traz-os-Montes. Tem 27 comarcas ecclesiasticas ou arciprestados, algumas das quaes teem mais freguezias do que muitos bispados, por exemplo: Barcellos, tem 90 freguezias; Guimarães, 98; Braga, 72; Villa Real, 58; em quanto que o bispado de Elvas só tem 37, e outros pouco mais.

—

Em 1833, a denominada *Junta dos melhoramentos das ordens religiosas*, propoz que os bispados do continente fossem oito (tantos como as provincias) porém a interrupção das relações com a Santa Sé, não permittiram que essa medida se levasse então a effeito.

Depois, por vezes, alguns ministros tentaram supprimir alguns bispados, o que ainda até hoje não teve effeito.

Em 1869, o ministro da justiça (José Luciano de Castro) referendou uma lei pela qual serão supprimidos (se forem) os bispados de Lamego, Guarda, Castello Branco, Leiria, Portalegre, Aveiro, Pinhel, Elvas e Beja. Estes bispados *sentenciados*, serão supprimidos á medida que forem vagando (segundo a tal lei) e só ficarão subsistindo, para o futuro, Braga, Bragança, Coimbra, Evora, Faro, Lisboa, Porto, Vizeu e nas ilhas, Angra e Funchal, isto é, um por cada provincia do continente, um no archipelago da Madeira e outro no dos Açores.

Na Belgica ha uma diocese por cada 800:000 almas; na França, uma por cada 450:000 almas; na Hespanha, uma por cada 320:000 almas; em Portugal, uma por cada 210:000 almas.

—

Temos mais a provincia de Goa, que se compõe do arcebispado metropolitano de Goa, tendo por suffraganeos os bispados de Cochim, Malaca, Cangranor e Meliapor, na India ingleza.

No imperio da China, temos Pekim e Nankim. Estes seis bispados suffraganeos perderam-se ha 300 annos, mas ainda se lhes nomeam bispos, por isso chamados *in partibus infidelium*.

São tambem suffraganeos do arcebispado de Gôa, os bispados de Macáu, na China portugueza, e o de Moçambique, na Africa Oriental portugueza. O arcebispo de Gôa é primaz do Oriente. Devemos notar que o arcebispo de Gôa e os bispos de S. Thomé e Principe, Cabo Verde, e Angola e Moçambique, preferem residir em Lisboa ou em outra qualquer parte do continente, e receberem aqui os grandes ordenados correspondentes á sua cathegoria, a irem cuidar dos rebanhos que lhes foram confiados, deixando no mais triste abandono as suas ovelhas, pelo que se vae perdendo por aquellas paragens o uzo da religião de Jesus Christo.

Alguns bispos (muitos) teem estado por annos, até morrerem, sem se apresentar nos seus bispados.

Outros limitam-se a ir tomar posse dos seus bispados e regressarem logo á patria, e lá fica tudo ao abandono.

Tambem temos arcebispos em paizes onde nunca tivemos (nem provavelmente temos de ter) um palmo de terra, v. gr. — alem de Cochim, Cangranor, Meliapor, Pekim, e Nankim já nomeados, ainda ha mais, os bispos de Tsalonica, Marianna, Tonkim, Cochichina, Japão, Metilene, Lacedemonia etc.

BITARÃES — ou, mais propriamente e como d'antes se dizia **BEITARENS** — freguezia, Douro, comarca, e 3 kilometres a O. de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto admninistrativo do Porto.

Foi antigamente do concelho d'Aguiar de Sousa, comarca do Porto.

Situada no bonito valle chamado Ribeira de Sousa, d'onde se vê Penafiel e varias povoações. É precizo advertir que os povos do N. de Portugal chamam ribeira a qualquer valle que é abundante de aguas.)

O bispo do Porto apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 750$000 réis.

É terra muito fertil em tudo.

Ha n'esta freguezia tres pequenos montes (Bispo, Cacunha, e Carregoso) tudo o mais é planicie.

Passam aqui dous ribeiros anonymos que se mettem no Sousa, e o rio Mezio, ou Amezio.

Fica 3 kilometros ao N. do rio Douro. É terra muito abundante de aguas.

É a palavra árabe, Beitarin, que significa os ferradores. Diriva-se do verbo — baitara — ferrar.

BITUARIA, ou **BETUARIA** — freguezia,

Extremadura, patriarchado É a palavra árabe Beitbaria composta de beit — a casa — e barria ou barr — campo. — Significa pois Casa do Campo.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos, nem já existia em 1757. Foi supprimida ha muitos annos.

BOA-ALDEIA — villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella (foi até 1855 do concelho de S. Miguel do Outeiro) 12 kilometros de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era antigamente da comarca de Vizeu.

Era da ordem de Malta, pelo que tinha grandes privilegios.

Situada em um fertil valle, d'onde se vê a serra de Fornéllo e outras.

O reitor de Caparroza é que apresentava aqui o cura, que tinha de renda 8$000 rs. e o pé d'altar, ao todo uns 30$000 réis.

Passa aqui um ribeiro, que toma o nome de freguezia (por não ter outro) que réga e móe e faz mover um lagar d'azeite.

BOA-FÉ — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 15 kilometros d'Evora, 110 ao E. da Lisboa, 84 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa-Fé.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situado entre serras, pelo que não se descobrem d'aqui outras povoações.

O orago d'esta freguezia, era antigamente Nossa Senhora das Nascenças.

O cura era apresentado pelos arcebispos. Tinha de rendimento (pago pelos freguezes) 120 alqueires de trigo e cevada, terçados, isto é, 80 de trigo e quarenta de cevada. Isto, segundo o Portugal Sacro. O padre Cardozo dá-lhe exactamente o dobro.

Passa pela freguezia a ribeira de S. Sebastião, na qual se mettem dous ribeiros anonymos, aqui nascidos. Tem moinhos, pisões, lagares d'azeite e rega.

BOA-VIAGEM — povoação da Extremadura, freguezia de Carnaxide, concelho de Oeiras, nos arrabaldes e a 12 kilometros a O. de Lisboa. Situado em um logar muito elevado, sobre a margem direita do Tejo, com extensas vistas para este rio, suas margens e Occeano.

Convento de frades arrabidos, de Nossa Senhora da Bôa-Viogem. Estando em ruinas o convento da mesma ordem, de Santa Catharina de Riba-Mar, antes que o reconstruisse o conde de Miranda (Diogo Lopes de Sousa) foi o convento da Bôa-Viagem fundado por Antonio Faleiro d'Abreu, para recolher os frades do de Santa Catharina. Morreu Faleiro quando a obra estava em projecto, mas deixando todos os seus bens á Misericordia de Lisboa, com a condição de concluir esta obra; cumpriu ella o legado, comprando logo umas terras junto ao Tejo, chamadas Cano do Mouro, e dando aos frades o dinheiro precizo para as obras. Fez-se primeiramente uma ermida e um hospicio provisorio, para o qual se mudaram os frades de Santa Catharina, em 1618.

Em 1622 se lançou a primeira pedra da egreja, e esta e o convento se concluiram em 1633.

Tanto a egreja como o convento eram pequenos e de singela fabrica, e os frades sempre aqui viveram em observancia de todos os rigores da sua ordem.

Primeiro deram a este convento o titulo de Santa Chatharina, mas, desde que o conde de Miranda reedificou o antigo, em Riba-Mar (1636) se ficou este chamando de Nossa Senhora da Bôa-Viagem.

Era esta Senhora de tanta devoção para os mareantes, que em poucos annos juntou grandes valores em offerendas de toda a qualidade, sendo as mais notaveis uma côroa d'ouro massiço, primorosamente fabricada, grande numero de cordões de ouro e de mantos de seda, recamados do mesmo metal.

Muitos particulares lhe deram tambem varias joias de muito valor, e varias rainhas e princezas portuguezas e estrangeiras invocavam a Senhora para terem partos felizes, e lhe offereceram muitas e riquissimas joias, adornos e paramentos. D. Fernando VII, de Hespanha, lhe deu um paramento completo para missa de tres padres (casula, dalmaticas,

capa d'asperges, veu d'hombros, frontal calix, etc. etc.) tudo de uma riqueza e primor d'arte maravilhosos. As vestimentas eram de lhama de prata, bordada a ouro em alto relevo, tendo as flores ao centro formadas por muitas pedras preciosas de diversas côres. Nem a Sé de Lisboa, nem outra egreja da Peninsula possuia cousa tão rica neste genero. Apenas se via no dia da sua festa, pelo Natal.

Todas estas riquezas foram roubadas em 1834, e ninguem tornou a saber de nada d'isto.

O convento foi tambem depois vendido ao sr. Faustino da Gama, que d'elle fez uma especie de casa mobilada, que alluga pelo tempo dos banhos.

BOA-VISTA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a NE do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca do Porto. Tinha apenas (em 1785) 40 fogos, a freguezia da Bôa-Vista, pelo que se annexou á de Gallegos, no fim do seculo passado, formando desde então ambas, uma só freguezia; mas está outra vez independente e formando freguezia separada.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações. Fértil.

O cura (annual) era apresentado pelo reitor d'Oldrãos, e tinha de renda 35$000 rs. e o pé d'altar.

Muito abundante de lenha e caça, no monte Mózinho, que principia no fim da freguezia, e morre no rio Douro, com 12 kilometros de comprimento e 3 de largo.

Passa aqui o rio Cavalum, que morre no Souza.

BOA-VISTA—freguezia, Beira-Alta, extincta comarca de Midões, hoje comarca e concelho da Táboa, 48 kilometros ao NE. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 118 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Vizeu.

A matriz é situada em um alto, d'onde se vê o Bussaco, a Estrella, o Açôr, a villa de S. João de Areias, Alvarelhos, S. Facundo, Barros, Currelhos, etc., etc.

O prior da Tábua apresentava aqui o cura, que tinha 30$000 réis, e o pé de altar.

É terra pouco fertil.

Pelo N. corre o Mondego e pelo S. o Alva.

BOA-VISTA—grande, bonita e feracissima quinta, com grandes e boas casas de vivenda, ricos pomares de optima fructa, muitas aguas e extensos campos, proximo á villa de Sobrado, no concelho de Castello de Paiva. É o solar dos Montes-Negros. Seu actual possuidor é o sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, sobrinho do visconde de Beire (general Pamplona, já fallecido, e avô do actual sr. conde de Rézende, almirante do reino.)

É uma quinta de grande valor, não só pelo seu rendimento, que é grande; mas, e sobre tudo, pelas muitas rendas e fóros que se pagam a esta quinta.

Monte-Negro é um appellido nobre em Portugal e Hespanha. É originario da Galliza. Suas armas são: em campo de prata, 3 montes de negro, juntos, sendo o do meio mais alto. Outros do mesmo appellido usam: em campo de púrpura, um M de negro, coroado de ouro. Outros trazem, em campo de prata, um M de ouro. Escudo de aço, aberto, e por timbre, uma aguia negra.

Além das já descriptas, ha em Portugal mais 44 aldeias com o nome de Boa- Vista.

BOBADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 95 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Foi antigamente da comarca de Torre de Moncorvo, e eram seus donatarios os condes de Athouguia.

É situada em uma elevação, d'onde se vêem varias povoações.

O parocho de Oucidres é que apresentava

aqui o cura (por estar Bobadella annexa a Oucidres) e tinha de renda (o cura) 50$000 reis.

É terra fertil.

Ha aqui um outeiro, junto ao logar, e para o O., chamado Cidadonha, onde em tempos remotos houve uma fortaleza.

Ainda ha vestigios de muralhas e fossos.

Foi aqui o solar dos Andrades. O progenitor d'esta familia veiu de Italia para a Hespanha, em 780, a combater os mouros.

Pelos annos de 1360, veiu para Portugal um ramo d'esta familia, que fundou um morgado n'esta freguezia. D'elle procede Nuno Freire de Andrade e outros varões illustres pelas armas e pelas lettras.

Na Galliza haviam fundado, no seculo IX, a Torre dos Andrades, que é o solar principal dos Andrades, do qual é actualmente possuidor e representante o marquez de Sória.

BOBADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 65 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real,

O reitor era apresentado pela mitra, e tinha de rendimento 150$000 réis.

Fica 4 kilometros ao N. das Boticas, e 18 ao SE. de Montalegre. Esta freguezia é composta de duas unicas povoações.

Produz centeio, milho, vinho verde, excellentes maçãs e muita e boa castanha.

BOBADELLA—villa. Beira Baixa, comarca da Tábua (extincto de Midões) concelho de Oliveira do Hospital, 60 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Linhares.

É do infantado. Fertil.

Situada em um valle, na aba oriental da Serra da Estrella, d'onde se não avistam outras povoações.

A egreja é de 3 naves e muito antiga.

A casa do infantado é que apresentava o prior, que tinha de renda 300$000 réis.

Foi concelho, e tinha dois juizes ordinarios e camara.

O seu termo é regado por varios ribeiros. Juntam-se perto da villa, e ao fundo d'ella ha uma ponte de pedra, e proximo um lagar de azeite, um pisão e 8 moinhos.

É terra muito saudavel.

Foram antigamente senhores d'esta villa os Freires, cujo palacio ainda existe, em ruinas.

Bobadella foi em tempos remotos cidade, ou, pelo menos, povoação muito populosa, por o que se vê dos seus arrabaldes, em que se acham pedras lavradas e columnas e outros objectos antiquissimos, em grande quantidade.

Não se sabe que nome tinha a tal cidade.

Dentro da villa ainda existe de pé um arco de pedra lavrada de muita magnificencia e antiguidade, que indica ser porta de muralha. Tambem se acham alguns alicerces e em partes paredes, nas quaes se vêem muitas pedras lavradas e columnas, que bem mostram ter sido de obras muito antigas e de grande magnificencia.

Que cidade ou povoação era esta? Quem a fundou? Quem a destruiu?

É o que se ignora.

A capella do Santo Christo, é tambem muito antiga e a sua parede feita de arcos, que hoje se acham tapados, excepto o que serve de porta. É perto do adro da matriz Este adro é extenso, e está cheio de sepulturas muito antigas, com grande quantidade de pedras á maneira de marcos lavrados. Aos lados, cabeceiras e pés de todas ellas se vêem lavradas umas cruzes como as das commendas.

Diz-se (e é provavel) que houve aqui perto uma grande batalha contra os romanos, ou contra os arabes, e que estas sepulturas pertencem aos cavalleiros lusitanos que n'ella morreram.

As continuas guerras da edade média destruiram tanto esta villa, que em 1750 ainda não tinha senão 78 moradores.

Na parede exterior da matriz está uma pedra com esta inscripção:

Splendissimæ civitati Juliæ

As mais lettras estão inintillegiveis.
(Chamar-se-hia *Julia*, esta cidade?)

—

Tambem em uma casa particular d'esta villa, está uma pedra com a seguinte inscripção:

MAN LIAA PROBISAA
EX TESTAM SUO

O resto não póde lêr-se, por estar muito sumido.

Bobadella, mesmo como villa portugueza, é muito antiga, pois D. Affonso III lhe deu foral, na Guarda, em 1256.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de outubro de 1513. Tem conde.

BÓBEDA, ABOBADA, ou SÃO MARCOS DA ABOBADA—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, termo e 15 kilometros de Evora, 120 a E. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em uma espaçosa campina, d'onde se vê Evora, Vianna e Aguiar.

O seu antigo nome era Bóbeda, mas hoje diz-se Abobada.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha de renda 4 moios de trigo e 50 alqueires de cevada.

É terra muito falta de aguas, pois não passa aqui nenhum ribeiro, nem tem fontes, e só ha póços. Mesmo assim, é muito fertil em cereaes. Do mais pouco.

BOCA DO INFERNO—(Vide Cascaes.)

BÓCO—pequeno monte, Beira-Alta, freguezia da Trapa, antigo concelho de Lafões. Fica ao longo do rio Baroso.

Aqui se acharam, em 1745, muitos pedaços de lanças e outras armas de ferro e de bronze, e tambem algum oiro. São indicios de alguma batalha que se deu aqui em tempos antigos.

Ha algumas aldeias e varios sitios em Portugal com o nome de *Bóco*.

BODELHÃO—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 264, ao NE. de Lisboa, 40 fogos.

Orago S. Francisco.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O cura era apresentado pelo ordinario, e tinha de rendimento 50$000 réis.

BODIOSA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Viseu, 288 kilometros ao NE. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Passa aqui o rio *Trouce*.

É terra ertil. Tem cortumes.

O abbade era da apresentação do real padroado, e tinha de renda 500$000 réis.

Era do concelho de Vouzella, mas passou para o de Viseu, em janeiro de 1870.

Tem esta freguezia uma optima fabrica de cortumes.

BOELHE e PACINHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha Boêlhe 107 fogos e Pacinhos 38.

O orago d'aquella é S. Gens e d'esta S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto. Era da corôa. Fertil.

Situada na costa de um grande monte, d'onde se vêem muitas freguezias.

O bispo do Porto e os frades cruzios de Villa-Bôa do Bispo apresentavam alternativamente o abbade (de Boêlhe) que tinha de renda 300$000 réis; isto diz Cardoso; mas o *Portuqal Sacro e Profano* diz que o abbade tinha 280$000 réis, e que era apresentado alternativamente pelo papa e pelo bispo do Porto.

O cura de Pacinhos era apresentado pelo reitor de Rio de Moinhos, e tinha de rendimento 20$000 réis e o pé de altar. Estas duas freguezias estão ha muitos annos reunidas.

O monte que fica sobranceiro a esta freguezia se chama do Esporão (ou Asperão), e finda em Rio de Moinhos.

Ha em Portugal varios montes e pequenas serras com o nome de Esporão, que supponho ser corrupção de *Asperão* (pedra grossa de amolar).

O rio Tamega atravessa esta freguezia.

BOGALHAL—Vide Bugalhal.

BOGALHOS—Vide Bugalhos.

BÓGAS DE BAIXO—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 72 kilometros da Guarda, 288 ao NE. de Lisboa, 78 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era da corôa.

Situada em um valle bastante fertil.

O vigario de *Janeiro de Baixo* apresentava aqui o cura, que tinha de renda 10$000 réis em dinheiro, 24 alqueires e meio de trigo e 32 almudes de vinho mosto.

Corre aqui a ribeira de *Bógas*, que rega, móe e traz peixe.

BÓGAS DE CIMA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 72 kilometros da Guarda, 286 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Situada no mesmo valle da antecedente e do mesmo modo fertil.

Era da corôa.

É atravessada pela ribeira de *Bógas*, que dá o nome a estas duas freguezias.

BOIDÓBRA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 37 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O cura era apresentado pela abbadessa de Lorvão, e tinha de rendimento 20$000 réis o pé d'altar.

BOIM—(antigamente *Guí* e depois *Goi*) freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da extensa comarca de Barcellos. Fertil.

E' da casa de Bragança, e tinha todos os privilegios dos seus caseiros.

Situada em campina raza, fria, mas saudavel.

Os frades bentos do convento de Santo Thyrso de Riba d'Ave, apresentavam aqui o cura, que tinha de renda 200$000 réis. Tinha dois beneficiados.

Ao N. da freguezia passa o rio Sousa, que rega, móe e traz peixe miudo.

Guí é palavra celtica. Significa—*agarico*, planta parasita. O agarico colhido nos carvalhos, era, para os celtas e gallos-celtas, uma planta sagrada. Vem pois a ser o nome primitivo d'esta freguezia—povoação do agarico. (Vide Guí.)

BOIVÃES ou **BOYVÃES**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada sobre altos montes, d'onde se vê a Barca, Arcos, Ponte do Lima, Vianna e o mar.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o abbade (por concurso), que tinha 360$000 réis de renda.

Na serra do Oural, proxima, ha muita caça.

É terra muito fertil.

Ha aqui os *Chãos d'Ourel*, onde pastam muitas cabeças de gado bovino e cavallar

Estes chãos são *realengos* e nunca n'elles tiveram coisa alguma os senhores do termo.

Foi couto.

BOIVÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros ao N de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada proximo da margem esquerda do rio Minho, em montes e valles. Fertil.

—

N'esta freguezia estão as ruinas de um castello, ás quaes se sóbe com muito perigo e difficuldade. Uns lhe chamam Castello, da Forna, outros, Penha da Rainha, outros, finalmente, Castello de Fraião. (Vide Boulhosa.)

Antigamente juntavam-se aqui as justiças de Coura, e as do concelho d'este couto (antes da sua separação).

Diz o dr. João Salgado de Araujo, que aqui se viram, com seus respectivos exercitos, D. Affonso Henriques e seu primo, o rei de Castella (aliás D. Affonso VII, rei de Castella e Leão) onde se compuzeram por intervenção da rainha D. Thereza, mãe do principe portuguez, que estava em Vallença, e sua irmã (D. Urraca) que estava em Tuy, vindo ambas á falla para este fim; largando D. Affonso Henriques a Galliza, e ficando com Portugal.

Não é de todo o ponto exacto isto.

Segundo os mais conscienciosos escriptores deu-se o caso do modo seguinte:

Alguns nobres gallegos, despeitados contra D. Affonso VII, que tambem governava a Galliza, offereceram esta provincia a D. Affonso Henriques.

O rei leonez põe-se em campo para sustentar a Galliza, com um grande exercito; mas é vencido nas batalhas de Cerneja e dos Arcos de Valle de Vez (1129).

O arcebispo de Braga supplica aos dois contendores para que termine a guerra. Elles, attendendo ao respeito de que era digno este venerando prelado, fazem as pazes, que foram confirmadas pelo *tratado de Tuy*, d'esse mesmo anno, e a guerra termina.

—

Mo mais alto do castello existe uma pia, que nunca se esgota; tem uma fenda por onde recebe a agua do aqueducto natural, vindo do alto do monte.

Francisco José Barbosa da Cunha, diz que em 1866, tendo subido, pela segunda vez, ao castello, viu que a pia, que conservava agua todo o anno, estava secca, e isto em um anno tão chuvoso como o fôra aquelle. Outra pia, que estava ao lado da primeira, unira-se então áquella, fazende ambas uma só; esta tinha dentro areias, que provinham de ter sido picada. Que o sitio d'ella estava n'aquella época mais comprimido e descoberto, faltando-lhe o resguardo natural, lhe fizera um pendo de cerca de 18 palmos que de alto, e que quasi lhe servia de cúpula.

Que além d'esta, tinha visto uma outra, redonda e bem feita, a qual estava no meio dos penhascos do mesmo castello, pouco mais de meia de agua da chuva, e que levaria, pouco mais ou menos, um almude, e parecendo-lhe ser feita por mão de artista. Não dava, porém, credito ao que diziam de tambem esta agua nunca seccar, pois que na referida pia não se via fenda alguma por onde pudesse receber outra agua que não fosse a da chuva. Que da primeira vez que a tinha visto, não teria mais de um quartilho de agua, e essa tão immunda, que não convidava bebêl-a.

Accrescenta mais o mesmo Cunha, que os habitantes de Gondelim diziam, que as molestias de pelle e verrugas, desappareciam lavadas que fossem com esta agua. Que uma mulher do sobredito logar, lhe mostrara as costas das mãos salpicadas de cicatrizes, como de bexigas, e lhe dissera que tinham sido verrugas, curadas com aquella agua no prazo de oito dias; que tambem lavara com ella o rosto, que antes tinha todo *escarapellado*, e que então estava perfeitamente liso; todavia, apenas dava credito á agua ser pluvial, e emquanto ao mais suspendia o seu juizo.

—

Dizem que uma rainha de Aragão, chamada Araguncia, sendo falsamente mexericada com o rei, seu marido, por um criado que a via mais affeiçoada a outro, a quiz matar; e tendo ella noticia d'esta tenção, sahiu uma noite disfarçada, e sem embargo de sua boa diligencia, a seguiu o rei com tanto acerto que quasi a teve apanhada na passagem do Minho, onde lhe escapou, pedindo ella aos barqueiros que o dilatassem

o tempo sufficiente para se acolher a este castello.

Ao poente d'este edificio está outro mais pequeno, com uma abertura cavernosa, que o atravessa de Norte a Sul.

Por baixo d'esta caverna tem outras, a que difficultosamente se desce. Tem sido covil de ladrões.

A melhoria dos bosques que na Fôrna mais excitam a curiosidade ao espectador, pertence aos limites d'esta freguezia.

BOLFAR—povoação, Douro, foi concelho e teve foral dado por el-rei D. Manuel. (Vide Casal d'Alvaro.

BOLHO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 24 kilometros ao NO. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em planicie e fertil.

Eram seus donatarios os condes de Pombeiro (hoje marquezes de Bellas), que apresentavam o prior, o qual tinha 250$000 réis de renda.

BOLIQUEIME—freguezia, Algarve, comarca e 12 kilometros de Loulé, concelho de Albufeira, 24 kilometros de Faro, 220 ao S. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 560 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Era do concelho de Albufeira. Em 17 de abril de 1838, passou para o de Loulé, e em 30 de julho de 1839 tornou para Albufeira.

Foi antigamente da comarca de Tavira, e eram seus donatarios os bispos do Algarve.

É na costa.

Situada em um alto, com extensa vista, descobrindo-se Fáro, Loulé, Messines, muitas mais povoações e grande extensão de mar.

É no principio do Barrocal. Está rodeada de sêrros por todos os lados, menos pelo S., a 3 kilometros ao N. da praia da Quarteira, e a NO. do Povo Velho.

Este Povo Velho foi destruido pelo terremoto de 1755, morrendo na egreja, que desabou, 99 pessoas, que não fugiram porque o parocho lhes disse que alli não havia perigo. Hoje apenas do Povo Velho ha poucas casas habitadas e varias ruinas de edificios destruidos pelo terremoto.

Pertencia antigamente a dois termos, Loulé e Albufeira.

A matriz é um bom templo de tres naves, feito no seculo passado.

O prior (que apresentavam os bispos) era dos mais bem pagos do Algarve, pois tinha 11 moios de trigo, além do pé d'altar e outros emolumentos. De mais a mais tinha um coadjutor, com 4 moios de trigo.

Esta freguezia é das maiores e mais ricas do Algarve.

Ha (ou havia) n'esta freguezia, um montepio que consiste em quasi 12 moios de trigo, para emprestar aos lavradores, a 5 por cento. São administradores, o parocho, dois eleitos da freguezia e um escrivão. Ha 50 annos andava isto muito mal administrado.

Sobre a edificação da actual egreja matriz contam aqui o caso da maneira seguinte:

Foi ella principiada cousa de 800 metros distante da povoação, no sêrro de Diogo Neto; mas pela manhã, quando iam os pedreiros, acharam a ferramenta no sitio onde hoje é a egreja. Tantas vezes a fio succedeu isto, que o povo entendeu que o padroeiro S. Sebastião não queria a sua egreja no tal sêrro, mas onde apparecia a ferramenta. Para fazerem pois a vontade ao bemaventurado martyr, mudaram a egreja para o sitio actual

Feira a 4 de agosto.

É terra muito abundante de cereaes, vinho, figo, azeite, amendoas e alfarrobas (ou, como aqui dizem, farrobas).

O vinho é aqui tão temporão, que já o ha novo no fim de agosto, á venda na feira de Loulé. (Isto acontece em mais terras do Algarve.)

Toda a agua que aqui ha é de poços, e só na Quarteira, no juncal do morgado de Valle de Reis, ha tres olheiros grandes de agua doce (que vão sair á valla real do dito morgado) tão fundos, que, do gado que por acaso cae dentro, pouco se póde tirar vivo. Criam estes olheiros muitas sanguesugas. Cada um tem um nome proprio, são: Olho

da Mexugueira, Fonte do Ulmo e Fonte do Bordallo.

O morgado de Valle de Reis, foi elevado a condado por Filippe IV, em 16 de agosto de 1628, em favor de Nuno de Mendonça. Depois passaram a ser condes de Valle de Reis, os primogenitos dos marquezes de Loulé.

Ha mais, no sitio da Pernada, dois olheiros, que lançam tanta agua, que com ella moem tres moinhos, constantemente, de verão e de inverno. Criam muitos bordallos e eirozes.

No sitio da Quarteira ha um pequeno porto de mar (surgidouro) para barcos de pesca. Ás vezes o mar o entupe de areia; mas lá toma a seu cuidado tornal-o a desentupir.

Na praia d'esta freguezia havia, no tempo do *Compromisso* (companhia de pescarias do Algarve) grande armação para atuns, corvinas, pargos, etc. Era a maior armação do Algarve.

De março até junho, em quanto dura a pesca, habitam os moradores d'esta freguezia em choças de palha e junco, na praia.

O povo d'esta freguezia era obrigado a fazer vigia nos portos de mar que estão desde o Sérro da Vigia até á Foz da Quarteira, para os defenderem dos piratas berberescos.

Passa pela freguezia a ribeira da Quarteira, que morre no Oceano.

É patria de Manuel Fernandes Bexiga, homem de forças prodigiosas. D. Pedro II o mandou chamar á côrte, para se certificar das suas forças, e alli quiz conserval-o; mas elle eximiu-se, sob a desculpa de ter muitos filhos. Era conhecido em todo o Algarve pelo appellido de *Bexiga de Alfontes*. Era de animo bondoso e socegado. Nunca se encolerisou. Nasceu entre 1670 e 1680. Pelo terremoto de 1755 ainda existiam dois filhos seus, tambem de forças herculeas, principalmente o padre Manuel Fernandes Bexiga, que muito trabalhou em tirar das ruinas da egreja varias pessoas a quem salvou a vida.

BOMBARRAL—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho do Cadaval, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente do concelho de Obidos.

Era da casa das rainhas.

Situada em uma baixa cercada de arvoredos.

O patriarcha apresentava o cura, que tinha de renda 60 alqueires de trigo, 30 alqueires de cevada, 52 almudes de vinho e o pé d'altar.

Havia aqui uma albergaria para pobres, instituida por pessoas caridosas da freguezia.

É terra muito fertil e cria muito gado.

BOMBÉJA, mais vulgarmente **MOMBÉJA**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e termo de Beja, 60 kilometros a O. de Evora, 120 ao S. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Suzana.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Situada em um monte, d'onde se vê Beja e a freguezia de Santa Victoria.

E' do infantado.

O deão e cabido de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 10 quarteiros de trigo e 30 alqueires de cevada, pagos pelos freguezes. Fertil.

BOM JARDIM—vide Certan.

BOM JESUS DO MONTE—vide Monte.

BOM SUCCESSO (bateria do)—Lisboa. E' innegavel que esta bateria é um dos pontos da margem direita do Tejo, que, pela sua posição, mais concorre para a defeza da barra. O campo de tiro é vasto para um e outro lado e em virtude da curva que affecta a margem, os navios são enfiados normalmente.

Não é pois de admirar que desde tempos remotos se cuidasse de fortificar aquelle ponto. Sem remontar a eras afastadas, basta relembrar que em 1780 começou o benemerito engenheiro ,o general Vallerée, a construcção de uma bateria, que breve foi terminada. Esta fortificação tomou o nome de forte do Bom Successo.

Em 1808 determinou Junot que aquelle

forte fosse ligado á torre de Belem por uma bateria corrida, que foi denominada, bateria nova do Bom Successo.

Este conjuncto de obras, cujas ruinas desmantelladas, invadidas pela areia, derrocadas em largos lanços, attestavam a incuria e a miseria que nos é caracteristica n'estas cousas de tão alto monumento; este conjuncto não nos merece uma descripção minuciosa, assim na fortificação terrestre como na maritima.

Basta dizer que o general Vallerée adoptou um traçado muito original de baluartes, por ventura um pouco extravagante, com quanto a sua eleição não fosse descaroavel em virtude da pouca necessidade de flanqueamento reciproco.

N'este traçado combinára-se habilmente o fogo de morteiros e de peças, ao passo que correndo umas pranchadas se estabelecia uma segunda linha de fuzilaria. Montava a fortificação ao todo para o lado do mar 47 peças e 10 morteiros. A obra foi pessimamente construida e os alicerces iam-se esboroando ao embate da vaga.

Acudir áquelle derrocamento com reparações e concertos seria o cumulo da insania.

Não raro se vê n'este paiz, sob color de economia, dispender quantiosas sommas em *deitar remendos*. Este é o sestro maldito dos engenheiros militares. Isto se quiz fazer na bateria do Bom Successo. N'este caso a carencia de dinheiro foi uma felicidade.

Correram ainda alguns annos, quando o capitão Pinheiro Borges foi encarregado de projectar e orçar uma bateria acasamatada de duas ordens de fogo, sendo uma a barbéte. A despeza ascendia a 160:000$000 réis. Esta despeza era avultada e por isso não foi adoptado o projecto, que aliás era excellente. Alterado o systema de fundações, elaborou então o capitão Sanches de Castro outro projecto, cuja despeza era ainda assim de 140:000$000 réis. Ainda o ministro da guerra assisadamente recuou perante tal dispendio. Já começavam a vigorar novas idéas ácerca da problematica utilidade das casamatas nas fortificações em geral e nas maritimas em especial, onde o campo de tiro deve ser maximo e as peças de calibre extraordinario.

Além d'isso já os trabalhos de Totleben em Sebastopol, a guerra da successão da America do Norte, as campanhas do Paraguay, da Dinamarca e do Adriatico, tinham mostrado que o tiro á barba, coberto já por travezes e escavações, já por blindagens provisorias, era preferivel, sobre ser muito mais economico. A ultima guerra franco-allemã demonstrou egualmente que os meios de defender portos e barras variaram de todo. Os belgas estão arrependidos de haverem sepultado tantos milhões nas fortificações de Antuerpia e os proprios inglezes inquirem se as suas blindagens e torres de ferro não foram senão uma d'essas loucuras sublimes; um d'esses caprichos de *chauvinismo*, que só são licitos aos opulentos burguezes da *city*.

E comtudo é forçoso confessar, que em Inglaterra a opinião publica se vae rebellando contra o modo porque os dinheiros publicos hão sido applicados á fortificação das costas. Os exemplos frisantes e eloquentes das ultimas guerras não são para desprezar, e quando o material de artilheria sobe a proporções espantosas, os orçamentos do estado encontram um feliz allivio na barateza relativa porque o engenheiro vae construindo as fortificações. [1]

Estes pontos tinham sido mais ou menos elucidados e discutidos na direcção geral de engenheria e foi porventura sob a influição d'estas discussões que o ministerio da guerra determinou em 1870, que o capitão Sanches de Castro fosse encarregado de elaborar e propor novo projecto, obedecendo aos principios que presidem á fortificação moderna.

O actual major Sanches de Castro, é não só um official distincto pelo muito que ha

[1] Não é intuito meu individuar estes pontos, que são de altissima importancia, nem discretear ácerca do muito que se ha ventilado ultimamente estas questões. Com relação a Inglaterra citarei: 1.º Modern Warfare as influenced by modern artillery. By Colonel Macdougall; 2.º Memorandum upon the present military Resources of England. By H. Brougham Loch.

versado e tratado as cousas do seu mister, senão tambem um caracter elevado e energico, essencialmente logico e pertinaz, e um dos homens que mais tem evangelisado a necessidade de fortificar o paiz, porque a defeza dos nossos lares deve ser obra nossa e do nosso commum esforço. Fiar tão sómente de allianças estranhas o que ha de mais santo e respeitavel — a defeza da patria — é um acto de effeminação e protervia, que nunca poderia coadunar-se com a dedicação viril do dito engenheiro.

Por isso, sem detenças nem delongas, desempenhou-se do encargo, que lhe fôra commettido e passados poucos dias eram enviados ao ministerio da guerra, as plantas, os perfis e o orçamento da reedificação da bateria maritima do velho forte do Bom Successo.

A obra fôra orçada em 41:400$000 réis. Havia porém materiaes provenientes da demolição avaliados em perto de 6:000$000 réis. Descia pois a despeza a 35:000$000 réis. Mais outra economia se podia realisar, empregando trabalhadores militares do batalhão de engenheria. Essa economia de salarios montava a mais de 6:000$000 réis. O orçamento total ficava em 29:000$000 réis!

A quantia era diminuta e exigua, mórmente se a compararmos com os resultados que se pretendiam.

Ia emfim romper-se o encanto e a fortificação da barra promettia tornar-se brevemente uma realidade. Ia crear-se uma escola pratica de excellentes trabalhadores militares, que podiam depois servir de nucleo a uma brigada de operarios, quando se tratasse de cobrir Lisboa com o seu recinto afortalezado. Ia lançar-se a primeira pedra n'esse monumento, modesto nos seus primordios, mas que seria acaso o ponto ortivo de mais grandiosos commettimentos. E todavia o conselho administrativo do batalhão de engenheria estava habilitado com 300$000 réis! Tinham-se feito muito conscienciosamente todas as raspaduras possiveis no orçamento do ministerio da guerra, e ao cabo de muito lidar patriotico encontrou-se 300$000 réis para começar a fortificação da barra! Eu não sei se o sr. Sanches de Castro tem por divisa o celebrado *nihil mirari*. O que sei é que no dia 66 de abril de 1870 dava começo ás obras com a imperturbavel seriedade de um homem que contasse com os thesouros de Golconda. Talvez nas suas previsões entrasse a possibilidade de encontrar a gallinha dos ovos de ouro, entre as muitas que folgavam e cacarejavam nos derruidos baluartes que, decaidos da sua fidalga prosapia, serviam de poleiro áquelles bipedes emplumados. Hei-de indagar ainda este ponto.

Tudo tem n'este mundo um fim. Esta maxima triste dos moralistas não se applica a sómente ás sciencias mysticas. A verdade d'ella ainda mais eloquentemente se delata nos dinheiros publicos. Dispenderam-se os 300:000 réis, apesar dos esforços sobrehumanos do engenheiro. E a obra, como é de razão, ficou interrompida. Assim devia ser. Correram dois mezes. Já nem sei que de baldões soffreu a politica, nem quaes eram os automedontes que regiam a quadriga do estado.

É certo que Sanches de Castro, mais fatalista do que o proprio Jacques, de que nos falla Diderot, não perdeu a pista. A bateria do Bom Successo era para elle uma questão de brio. E depois, se ha vaticinios felizes, importava que a bateria não mentisse ao nome. Ao cabo de trabalhosas navegações por entre as syrtes e os parceis do ministerio, foram concedidas mais umas migalhas. Tinham-se perdido dois mezes de verão, em que os trabalhos de egual natureza recebem maior desenvolvimento. Pois trabalhou-se de inverno.

Foi então que eu fiz uma visita ao destterrado. Julgam porventura que ha exageros no quadro? Vou delineal-o em meia duzia de traços.

Era então ministro da guerra esse heroico soldado, cujo nome é um padrão vivo da honra portugueza. Accompanhando o sr. marquez de Sá na qualidade de seu ajudante de campo, fiz uma visita á bateria do Bom Successo. Estavam os trabalhos em plena actividade. Era por uma tarde de outubro. O mar estava cavado, e as vagas, mosqueadas de verde glauco, alteavam o dorso e vinham

bater nas ensecadeiras. Viam-se ao longe as torres, por entre uma neblina, que prenunciava borrasca. Gemia o vento da barra e umas nuvens esfarrapadas e sinistras vinham rio acima, impellidas pelo austro. A's vezes a onda erguia-se mais galgava por sobre as barragens e alagava os operarios, os quaes trabalhavam em um charco formado pelas aguas de infiltração. E trabalhavam como uns homens, aquelles pobres e obscuros soldados, aquelles modestos obreiros cujo braço fecundo tem sido por tão largos annos desaproveitado! Eu por mim não quiz retirar-me sem visitar o *palacio* do engenheiro. Era uma casamata insalubre, escura, lôbrega, como a cella de um prisioneiro de alta traição. E chorava-se o bom do Silvio Pellico! Pois lá vivia Sanches de Castro, mirando uma nesga de mar por uma setteira, que lhe servia de janella. Depois permittiu-se um luxo de Sardanapalo. Agora vive em um velho paiol meio arruinado! E ainda proclamam por ahi esses bastardos palradores, que o exercito é um parasita ruim, de cujo seio fugiram espavoridas todas as virtudes e todas as dedicações!

No anno de 1871 succederam-se as mesmas vicissitudes. Acabou-se o dinheiro e outros dois mezes se perderam durante a estação da estiagem.

A final, como a pertinacia dos poucos que ajudavam o engenheiro egualava o desamor e indifferença do maior numero, e como a obra já ia progredindo e já mostrava o que havia de ser, foi-lhe consignada a verba mensal de 1:0000$000 réis. Venceram a boa causa e por excepção o acaso protegera o menor numero.

Tal é, em breve compendio, a historia episodica da bateria. Nasceu humilde. Quasi que a engeitaram. Mas os fados foram-lhe prosperos e hoje ahi a temos quasi completa. No fim d'este verão (1873) deve ser collocada a ultima pedra. E digam lá que não ha horos copos felizes.

Descrevamos agora a obra. O recinto maritimo é quasi todo banhado pela praia-mar. Esta a primeira difficuldade, que cumpria vencer. Mas como? A sciencia indica diversos meios, que só tem o inconveniente de serem muito dispendiosos. Não ha engenheiro que não se lembrasse de construir quebra-mares, diques, ensecadeiras, etc. Mas os 300$000 réis estavam representando o papel do escravo, que dizia ao triumphador: lembra-te, Cesar, que és homem. Com 300$000 réis construir um quebra-mar o mesmo é que pretender alçar o vôo sem azas. Acudiu a esta primeira difficuldade o engenhoso engenheiro (seja permittida a frase, que é verdadeira). Com os materiaes provenientes da demolição, com a pedra a esmo, os entulhos e a areia fez um quebra-mar improvisado parellelo ao recinto. Só tinha um defeito este quebra-mar. No inverno quando o sul se precipita no rio e levanta com o sopro potente o vagalhão, o quebra-mar abria-se cortezmente e franqueava paseagem ás catadupas espumosas. Sanches de Castro assumia as proporções epicas de Penelope e incitanbrios nos seus soldados, lutava e vencia. O mar derrubava de noite, mas apenas rompia a aurora já os soldados começam a faina da reconstrucção.

Mas o mar é perfido. Isto já disse Shakspeare e não é novidade. Encontravam as ondas um obstaculo poderoso, mas logo se desforravam da derrota, fazende guerra subterranea. As infiltracções eram enormes e os veios borbulhavam por toda a parte, veios salvos e veios doces. Como vencer este inimigo? Onde as machinas de esgoto? Ainda d'esta vez não sossobrou o animo do engenheiro. Tinha lá uns soldados, que eram serralheiros e latoeiros. Em pouco tempo jogavam umas poucas de bombas, cujo preço não excedia duas libras. E assim conseguiu elle esgotar milhares de metros cubicos de agua.

Imagina acaso o leitor que estamos no ultimo canto da Odysséa, ou que, pelo menos, vamos aportar á ilha Calypso? Pois está enganado. Sêcco e preparado o terreno, outra difficuldade surgia. Era preciso cravar estacas-pranchas na areia solta e movediça, que as cuspia. Para avaliar a difficuldade suprema d'este trabalho, basta lembrár que os cravamentos desciam a 10 e 12 metros e que um bate-estacas de 400 kilogrammas apenas dava, por parcada, um cravamento de 2 a 3 centimetros. As estacas cravadas foram ás

centenas. Calcule quem quizer o numero de pancadas.

Outra difficuldade. Como transportar, a braço ou com machinas simples e economicas, pesos de 1:500 e 1:600 kilogrammas por areia solta? Não sei responder. Sei apenas que se fizerem demolições, escavações e aterros muito importantes; que se assentaram 2:815 metros cubicos de alvenaria hydraulica, 4:000 metros cubicos de alvenaria ordinaria e 434 metros cubicos de betão; que se cravaram estacas-pranchas na extensão de 440 metros e 220 metros de grade composta de longrinas com travessas de 6 metros; que se construiram 1:584 metros cubicos de cantaria com apparelho de macho e femea no leito; que se abriram 9:714 metros cubicos de escavação sob a agua; que estão acabadas mais de tres quartas partes de obra total; que ha materiaes em deposito no valor de 1 500$000 réis, alem das machinas e ferramentas; que se educaram excellentes obreiros militares; que até ao fim de março se dispenderam 17:522$063 réis, e que no fim d'este verão teremos uma bateria acabada, que, sendo devidamente artilhada, ha de concorrer poderosamente para a defeza da bárra.

Ultimamente foi approvada a construcção de mais uma pequena bateria no prolongamento da que se está acabando. É uma bateria que póde assentar 30 morteiros. O orçamento não chega a 400$000. réis.

A bateria do Bom Successo mede 220 metros de comprimento, e a sua altura desde as aguas medias até ao cordão é de 16,^{m} 25 sendo coroada com um parapeito de areia de 10 metros de espessura. A altura total é 7^{m}, 83. A muralha principia sobre o embasamento á altura das aguas médias com uma espessura de 5 metros e finda no cordão com 4 metros. É toda revestida de cantaria com 1^{m},15 de cauda média.

Aqui pomos mate n'este rapido bosquejo; e antes de terminar sejam licitas algumas observações. Isto, que aqui fica, não é fabula, mas tem a moralidade d'ella.

Ha annos que alguns homens convictos e desinteressados, acercando-se do sr. marquez de Sá, tem propugnado indefessamente pela fortificação de Lisboa. Nada os desanima nem desalenta. Para vencer a indifferença era necessario um facto palpavel e evidente. Esse facto ahi está na bateria do Bom Successo. Bastou a boa vontade para obrar prodigios. Hoge está provado que a fortificação de Lisboa não é empreza superior ás nossas posses, antes pelo contrario. O campo intrincheirado da serra de Monsanto custa ao todo pouco mais de 80:000$000 réis. O resto da linha até ao flanco esquerdo não custará uma somma superior. O flanco direito até Sacavem, posto que a extensão seja maior, é ainda de mais facil fortificação. A defeza da barra tambem não apresenta difficuldades insuperaveis, principalmente agora que os torpédos adquiriram capital importancia como engenho destruidor em concorrencia com a artilheria de grande calibre.

Começadas as obras e proseguidas energicamente e sem descanso, conhecer-se-ha emfim praticamente que o problema não é tão complicado e despendioso como affirmam os timidos e ignorantes, que por ahi enxameiam.

(Este artigo foi escripto pelo sr. A. Osorio de Vasconcellos, e publicado em dois folhetins do Diario de Noticias de Lisboa.)

BORBA—pequeno rio, Minho, concelho de Celorico de Basto. Nasce entre a serra do Viso e a freguesia do Rêgo, de varios arroyos, e toma este nome passando pela freguezia de Borba da Montanha.

Perde o nome na freguezia de Chapa, tomando o de Santa Nadaya, e n'esta mesma freguezia, da Chapa, se mette no Tâmega. De inverno se torna caudaloso e arrebatado. Rega, móe e traz peixe miudo. Suas margens são pouco cultivadas, mas bastante arborisadas.

BORBA—serra, Alemtejo, termo de Extremoz, freguezia de Rio de Moinhos. Tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo. Lança um braço ao S., chamado Vigaria. Ha n'ella marmore branco egual ao melhor jaspe de Italia. É em grande parte cultivada e tem muitas vinhas e olivaes. Muito alecrim.

Ao S., na ponta d'esta serra, está a capella de Nossa Senhora da Victoria, construida em memoria da célebre e gloriosa victoria

de Montes Claros, que aqui teve logar, á raiz da serra, em uma planicie ao O., proximo á aldeia de Montes Claros.

No dia 17 de junho de 1665, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e 1.º marquez de Marialva, com forças muito inferiores, derrotou aqui completamente o marquez de Carracena e o seu grande exercito castelhano. (Vide Borba e Villa Viçosa, no sitio competente.)

No mesmo sitio da batalha, ha formosas *canteiras* de marmore azul e branco, de qualidade superfina. (Os melhores sitios d'esta bella pedra, são na *Salgada* e na *Ruivinha*, já no termo de Borba, d'onde sairam as formosas columnas e mais cantaria da sumptuosa capella-mór da Sé de Evora.)

BORBA — ribeira, Alemtejo. Nasce das fontes da villa de Borba e morre no Guadiana. Réga e móe. (Vide Borba, villa.)

BORBA — villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros de Extremoz, 48 de Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 830 fogos, em duas freguezias (S. Bartholomeu e Nossa Senhora das Neves, ou do Sobral) 3:200 almas.

No concelho 1:290 fogos.

Em 1660 tinha a villa 400 fogos, e em 1757 820 (as duas freguezias.)

A freguezia de Nossa Senhora das Neves tinha em 1757 500 fogos, e a de S. Bartholomeu, 320

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Feira no 1.º de Novembro, 3 dias.

Optimas pedreiras de marmore no seu termo, e minas de chumbo, manganez e outros metaes.

Foi antigamente da comarca de Villa Viçosa, que lhe fica 5 kilometros a E.

É da casa de Bragança e foi antigamente cabeça de condado e depois de marquezado.

É povoação incontestavelmente antiquissima. A sua fundação se attribue aos gallos-celtas, pelos annos do mundo 3030 (974 antes de Jesus Christo.)

Outros dizem que os gallos-celtas a fundaram no anno do mundo 3698, isto é, 306 antes de Jesus Christo.

Passou pelas differentes alternativas que soffreram as Hespanhas, até que D. Affonso II a tomou aos arabes em 1217, e a mandou povoar.

Seus moradores a abandonaram, e o mesmo rei a tornou a mandar povoar, dando-lhe muitos privilegios, para attrahir para aqui moradores.

D. Diniz lhe deu foral, por carta regia, datada de Santarem, a 15 de junho de 1302, concedendo-lhe o foral de Extremoz, com todos os seus privilegios, que eram muitos e grandes.

Deu-lhe muitos e grandes privilegios, porque, apesar das isenções e privilegios que lhe tinham dado seus antecessores, ainda estava quasi despovoada. Edificou então o castello, segundo a tradição.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512.

Ha duvida sobre quem fundou o castello de Borba. A tradição diz que foi D. Diniz, porém, tambem a tradição diz que junto á villa, no sitio ainda hoje chamado *os Mosteiros*, existiu um convento de templarios. No castello ha uma pedra com dois malhos esculpidos (emblema da Ordem do Templo) e por isso é de suppor que foram estes cavalleiros os edificadores do castello, e que D. Diniz apenas o repararia.

Estes malhos estão em uma alta torre quadrangular que está dentro do castello, deitando para a praça. Por cima dos malhos estão umas lettras, ou garatujas que se não podem lêr, por sumidas.

A bonita villa de Borba está n'um dos mais bellos sitios do Alemtejo, em frente da linda villa de Villa Viçosa.

É situada em um delicioso, ameno e feracissimo valle, muito abundante de aguas, produzindo grande quantidade de cereaes, muito e optimo vinho, azeite e fructa.

A egreja matriz da Senhora do Soveral (antigamente das Neves) é de 3 naves, e templo respeitavel.

A naves são formadas por dois renques de sete columnas cada um, de marmore branco.

Da inscripção que está em uma pedra na parede da egreja, consta por quem e quando foi fundada. Diz assim:

Esta egreja é da Ordem de Aviz: man-

dou-a fazer o muito nobre Senhor D. Frei Fernando Roiz. de Sequeira, mestre da cavallaria da Ordem de Aviz, no anno da era de 1401. Aviz, Aviz, Sequeira, Sequeira.

(Foi pois fundada no anno 1363 de Jesus Christo.)

O rei, como governador e administrador perpetuo do mestrado da Ordem de S. Bento de Aviz, é que apresentava o prior d'esta freguezia, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Tinha 3 beneficiados curados, da mesma apresentação, cada um com 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Thesoureiro, com um moio de trigo, 20 almudes de vinho, 8 alqueires de azeite e 6$000 réis em dinheiro, que tudo pagava o commendador de Borba (da Ordem de Aviz.)

—

A matriz de S. Bartholomeu fica dentro das muralhas da villa, com todos os seus parochianos. O seu prior é da mesma apresentação do antecedende e pelo mesmo motivo. Tinha de renda 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

Tinha thesoureiro, da mesma apresentação, com um moio de trigo e 4$000 réis em dinheiro.

N'esta freguezia é o convento de Santa Clara, de freiras franciscanas, fundado pelo licenceado Antonio Cardeira, d'esta villa, em 1600. A padroeira d'este convento, é Nossa Senhora das Hervas, ou das Cérvas.

Outros dizem que este licenceado (que era vigario da vara, e por consequencia padre) se chamava Pedro Cerdeira.

Tambem é n'esta freguezia o collegio dos frades paulistas. A primeira pedra d'este convento foi lançada em 1704, fundado pelo dr. João Gomes Pinto, chantre da Sé de Coimbra, com obrigação de duas missas quotidianas, ditas por alma do fundador.

Este convento fica a 3 kilometros da villa e proximo do sitio onde se deu a gloriosa batalha de Montes Claros, a 17 de junho de 1665. (O sr. Carreira de Mello diz que foi a 17 de julho.)

O nosso exercito constava de 15:000 infantes e 1:500 cavallos: os hespanhoes tinham quasi o dobro, além de uma forte columna que deixaram a sitiar Villa Viçosa. O nosso bravo marquez de Marialva (e conde de Cantanhede) que ia em soccorro de Villa Viçosa, foi atacado pelo marquez de Carracena na planicie de Montes Claros, com o maior encarniçamento e bravura, mas nem o numero, nem o valor, nem a disciplina dos hespanhoes fizeram a menor impressão de duvida aos portuguezes, que se baterem como leões, e no fim de muitas horas de profiado batalhar e com perda de 700 portuguezes mortos, conseguiram uma brilhante victoria. Os castelhanos tiveram 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros; perderam artilheria, bagagens, etc., etc., e fugiram (os que puderam) para Castella. (Vide *Historia de Portugal.*)

—

Borba tem Egreja da Misericordia com um bom hospital. Tem capellão-mór, a quem paga 2 moios de trigo, pela obrigação de assistir aos enfermos, e 12$000 réis pelas missas dos domingos, dias santos, e quartas feiras. Tem este pio estabelecimento 1:600$000 réis de rendimento annual.

—

Fóra da villa ha a boa quinta dos condes das Galveias, com uma capella de abobada.

—

Em Borba nasceu e morreu o dr. André Cavallo (!) que, depois de exercer varios logares de lettras, se metteu em casa, fazendo vida solitaria e penitente, e morrendo com fama de Santo.

—

Aqui nasceu Diniz de Mello e Castro, que principiando por soldado *razo*, chegou, pelo seu valor, a ser governador de provincia, commendador de varias commendas e conde das Galveias.

E seu irmão Antonio de Mello e Castro, que tambem por seu extremado valor, chegou a ser governador de muitas praças da India.

—

É patria de Alvaro Penteado, bravissimo soldado, que fez prodigios de valor no cêrco de Dio.

E de Bento Pereira, célebre grammatico portuguez.

Borba, além dos privilegios do seu foral, tinha mais o dos caseiros, da Casa de Bragança.

D. João II, fez conde de Borba a D. Vasco Coutinho, por delatar a traição de D. Diogo, duque de Vizeu. Depois foi Borba elevada a marquezado.

No castello ha uma abundante fonte de bôa agua (que primeiro esteve onde agora é a praça) com um grande e antigo aqueducto bastante extenso.

Ha outra fonte abundantissima, junto á matriz, com 4 grandes biccas de pedra, desaguando em um grande tanque e d'elle em um vasto lago.

D'estas duas fontes tem principio a ribeira de Borba.

Ainda, fóra da villa e junto ás muralhas, dentro do adro da egreja, está a fonte dos Finados, que por um bom aqueducto vae desaguar na quinta dos Barretos, regando ahi um extenso pomar de toda a qualidade de fructas.

É perenne e diz-se ser muito bôa agua para dar ás mulheres nos primeiros 15 dias depois do parto.

Tambem junto á villa ha a fonte da Moura, que secca de inverno e é abundantissima no verão.

Ha outra fonte proxima da villa, chamada do Telheiro, que dizem causar dôr de colica e até a morte, a algumas pessoas que d'ella bebem!

A fonte da Pipa, que está entre o monte de S. Claudio e a Cabeça-Gôrda, a cuja agua se atribue a virtude de curar a dôr de pedra. A mesma qualidade se atribue á agua da fonte dos Asnos.

Ha ainda a fonte das Mós, ou do Freixo, tão abundante, que faz moer azenhas e moinhos.

Alem de outras fontes particulares.

—

É villa murada, com seu castello (de que já fallei) dentro, ao E, e com seus reductos e 3 portas.

Na muralha do castello, no meio da praça, está uma torre bastante alta. Junto a esta está outra feita á maneira de pyramide, onde está o relogio da villa e o sino da camara. D'ella vae um grande passadiço para a outra torre, que serve de cadeia.

Fóra da villa, a 1:000 metros ao S, é o convento de frades capuchos chamado do Bosque, fundado em 1505 por D. Jayme, duque de Bragança.

Foi tambem D. Jayme que fez o muro que fecha o bosque, horto e jardins. O bosque é extenso e era povoado de antigas e diversas arvores. Produz muitas flores (sobre tudo violetas) e não cria animal algum peçonhento. Tem variedade e multidão de passarinhos. Tem 4 fontes copiosissimas (Santo Antonio, S. Francisco, Sacramento ou S. Paschoal e S. Pedro.)

Foi reedificado em 1548 e em 1670. Foi o duque D. Theodozio que o reedificou á sua custa em 1548.

A sua cerca e o seu bosque, tudo abundantissimo d'aguas, é dos sitios mais deliciosos do reino.

No bosque ha 4 ermidas (Nossa Senhora da Conceição, Familia Sagrada, Calvario e S. Jeronymo.) A capella de S. Jeronymo estava entre arvores altissimas, e que pareciam tão antigas, como o mundo. Não sei se estas arvores vererandas escaparam ao machado vandalico.

Este convento era da invocação de Nossa Senhora da Consolação.

Antes de ser convento, era uma formosa quinta dos duques de Bragança.

Já se vê que este convento era propriedade da casa de Bragança; mas os liberaes do 1834 o julgaram e alcunharam «Bens Nacionaes» e o venderão então.

É certo que o seu actual proprietario, apezar de derrotar o lindissimo bosque que deu o nome ao convento, tem conservado a cêrca em soffrivel estado.

—

Borba foi saqueadada por D. João d'Austria, filho bastardo de Philippe IV) em 1662. Este bastardo cobarde, vingava-se das continuas derrotas que soffria das nossas tropas, roubando e incendiando as povoações indefezas!

—

No Rocio de Cima, ao N. e proximo da villa, terreno baldio, onde se costumam fa-

zer as debulhas de cereaes, se descobriu, em 1832, uma mina de sulphureto de chumbo, que dá 76 por cento de chumbo, de bôa qualidade, 11 por cento de enxofre, 1 por cento de prata 12 por cento de cal, silica e oxido de ferro.

—

Diz-se que o nome de Borba provem a esta villa, de um grande barbo que appareceu em épocas remotas em uma fonte que está dentro do castello, proximo á egreja da Misericordia. Outros dizem que eram dois os barbos que aqui appareceram.

É certo que as armas de Borba, são:

Escudo branco, no fundo ondas verdes e sahindo d'ellas duas cabeças de peixe (barbos.)

Ha porem suas duvidas sobre isto; porque outros querem que seja um castello e ao pé uma fonte com um barbo. Outros dizem que é um rochedo sobre a agua, da qual sahem dois barbos.

É assim que ellas estão pintadas na Torre do Tombo; todavia, as primeiras são as mais geralmente usadas.

Tem boas e espaçosas ruas e a sua casa da camara é das melhores de todo o reino.

Os seus arrabaldes, povoados de frondoso arvoredo, e ornados de hortas, vinhas, quintas, cearas, e pomares, são deliciosissimos. (É a Cintra do Alemtejo). Do alto de um monte chamado da Bôa-Vista, visinho ao convento do Bosque, se veem as villas de Veiros, Evoramonte, Extremoz, Fronteira, Cabeço de Vide, Monforte, Villa Buim, Terrugem, Jurumenha, Villa Viçosa e a cidade de Portalegre; além de varias serras, e extensas planicies. Tambem deste bello sitio se veem as villas hespanholas de Villa-Real, S. Jorge Olivença (que os hespanhoes lá nos teem bem mal usurpada!.....)

Diz-se que no termo de Borba ha minas de prata e se encontram turquezas, e outras pedras preciosas, e crystal de rocha.

Ás turquezas chamavam os romanos cyanias. São verdes, semelhando esmeraldas.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 15.º

—

A fonte collocada no largo da Fonte, é de marmore branco e de forma magestosa. Foi feita pela camara em 1781.

—

Borba exporta grande quantidade de vinho, azeite e cereaes.

—

No Outeiro da Mina. ha vestigios de minas metalicas, dos romanos ou árabes Diz-se que d'aqui e do Rocio de Cima, extrahiram prata.

Tem estação telegraphica municipal, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Tem marquez, que é tambem conde do Redondo e senhor de Gouveia.

Para as armas d'estes titulares, vide Galvêias e Redondo.

—

D. João II, fez conde de Borba a D. Vasco Coutinho, por lhe descobrir a traição que seu cunhado, o duque de Viseu, tentava contra o rei. Este chama aos paços de Setubal o duque, e alli mesmo o assassina a punhaladas, em 23 d'agosto de 1484. Depois, manda formar processo (!!!) ao duque e aos seus cumplices, que todos foram declarados réus d'alta traicção e executados.

—

A pouca distancia da villa, está o convento de frades paulistas de Nossa Senhora da Luz, em cujo sitio se deu a gloriosa batalha denominada de Montes Claros (em 17 de junho de 1665) assim chamada, por ser este o nome dos campos onde foi a acção.

Era general dos castelhanos, o marquez de Caracêna, o dos portuguezes era o inclito D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, ao qual D. Affonso VI, havia feito marquez de Marialva, em 11 de junho de 1661, em premio da victoria por elle alcançada nas linhas d'Elvas (13 de janeiro de 1659.

Depois de muitas horas de profiado combate, obtiveram uma das mais brilhantes victorias da guerra dos 27 annos. As nossas perdas foram 700 mortos e maior numero de feridos; mas a do inimigo foi de 4:000 mortos, innumeros feridos, que quasi todos ficaram prisioneiros, vindo a ser a totalidade d'estes seis mil e tantos. Abandonaram

uma enorme quantidade de effeitos e petrechos de guerra.

Vide Extremoz.

BORBA DE GODIM e **LIXA**—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras, 40 kilometros a NE. de Braga, 36 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa, 335 fogos.

Em 1757 tinha 323 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca de Basto

É situada em um valle d'onde se vêem varias povoações e a serra do Marão, que fica a 24 kilometros.

O arcebispo de Braga apresentava aqui o reitor, que tinha 100$000 réis de renda. É terra fertil.

Passa aqui o rio Borba.

N'esta freguezia é a grande aldeia da Lixa (maior e mais bonita do que muitas villas do reino) onde se faz uma feira na primeira segunda feira de cada mez, muito concorrida. (Vide Lixa.)

BORBA DA MONTANHA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, cercada de montes por toda a parte.

O reitor do Salvador da Infesta é que apresentava aqui o vigario, que tinha 8$000 réis em dinheiro, 20 alqueires de centeio, 4 libras de cera, 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, tudo pago pela commenda. O vigario apresentava um coadjutor, que tinha 20 alqueires de pão e 8$000 réis em dinheiro, que tambem pagava a mesma commenda.

Esta commenda rendia 700$000 réis.

É terra fertil.

BORBELLA ou **BORBÊLHA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 78 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

BORBOLEGÃO—celebre olho d'agua, que nasce 3 kilometros ao N. da villa de Grandola (Extremadura, comarca de Alcacer do Sal) e fórma, logo ao nascer, o rio Arcão, que vae morrer no Sado, acima de Alcacer do Sal.

(O sr. I. de Vilhena Barbosa, diz que entra no oceano proximo da villa de Sines. É mais provavel que seja isto, do que o que diz o padre Cardoso, que é o que acima disse.)

Tem no seu curso uma ponte natural, por elle mesmo feita em um rochedo. Chama-se a ponte dos Aivados e póde sobre ella passar um carro.

Abaixo do sitio a que chamam a Diabroria, correm suas aguas violentas e arrebatadas. (Vide Diabroria.)

Este olho d'agua, é no seu nascimento, do tamanho de uma roda de carro (tem 2^{m},50 de circumferencia). Do alto d'elle se lança um homem a prumo sem perigo, pois que a agua o lança logo na margem. O mesmo acontece a qualquer madeiro, por pesado que seja. O fragor que as aguas aqui fazem, assimelha-se ao do mar embravecido e ouve-se em distancia. (Vide Aivados, Arcão, Diabroria e Grandola.)

BORDEIRA—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Lagos (foi do concelho da Villa do Bispo) 70 kilometros de Faro, 220 ao S. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Foi antigamente uma freguezia populosissima, mas hoje está bastante destruida e abandonada, por doentia.

É situada em uma baixa e cercada por cinco sêrros que a abafam e tornam insalubre.

O cura era annual, da apresentação do bispo do Algarve. Tinha 3 moios de trigo e uns 20 almudes de vinho (cada morador,

que tinha vinho, lhe dava meio almude de môsto).

A E. do logar fica uma formosa varzea, toda povoada de vinhas, e terreno muito fertil, sobre tudo em fructas e bons vinhos. Abundantissima de caça.

A freguezia é cortada por duas vallas, que vão ter ao mar, na costa da Carrapateira. Criam muito polvo, vario peixe e grande abundancia de marisco.

Tem só uma fonte, cuja agua é de muito má qualidade, o que concorre para a insalubridade da terra, assim como as aguas estagnadas de uma ribeira que alli corre.

O terreno é humido e frigidissimo no inverno, por lhe dar o sol muito tarde e desapparecer cêdo; mas no verão é quente e abafadiço.

Está esta freguezia sujeita ao parocho da Carrapateira (que fica 5 kilometros a O.) mas com egreja separada.

Ao E. da aldeia ha uma fonte, mas a sua agua é de mau gosto e doentia.

BORDONHOS—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros a NO. de Vizeu, 285 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Era dos duques de Lafões.

Situada em um valle fertil, d'onde se descobrem muitas povoações.

Os descendentes de Diogo Lopes de Sousa é que apresentavam aqui os abbades, que tinham de renda 300$000 réis.

O povo d'esta freguezia tinha privilegio real para que as justiças de Lafões (hoje Vousella) lhes não tomassem camas, palhas, lenhas, gallinhas e carneiros, nem os obrigassem a trabalhar nas estradas, fóra d'esta freguezia.

Havia n'esta freguezia um casal, que era das freiras bentas de Ferreira d'Aves, o qual o bispo de Vizeu emprazou em 1448 a Gonçalo Annes.

O territorio de Bordonhos chamou-se antigamente Verdonhos e lograva o privilegio de honra, já antes do reinado de El-Rei D. Diniz, a qual se mandou conservar a D. Maria de Negrellos, por ser fidalga e se provar que assim o haviam possuido seus avós.

(*Inq.*) do mesmo rei, na devassa do julgado d'Alafões fl. 52 v. anno de 1228—(era de Christo.)

Com sua Neta, D. Aldonça Nunes Vives, casou D. João Pires Homem, senhor de varias terras no Bispado de Viseu, de cujo matrimonio nasceu Gonçalo Annes Homem, o Senior, senhor d'Alva e do Reguengo de Oeyras, Alcaide-Mòr de Viseu (1357 de Christo) e primeiro instituidor do Morgado de Bordonhos, que abrange uma area de maïs de legoa, dentro da qual está a povoação».

A este succedeu seu irmão, outro Gonçalo Annes Homem, o Junior, pae de Heitor Homem, que casou com D. Isabel de Sousa, filha de D. Lopo Dias de Sousa e de sua mulher D. Brites Affonso, senhores de Carrasedo, esta, neta paterna de D. Martins Affonso Chichorro, filho natural de El-Rei D. Affonso III, aquelle neto paterno de D. Affonso Diniz (filho do mesmo rei) e de sua mulher D. Maria Peres da Ribeira, senhora da casa de Sousa.

Nasceu d'este matrimonio D. Izabel de Sousa, que casou com seu parente, Fradique Lopes d'Alvim, alcaide-mór de Chaves, bisneto por sua avó D. Violante Lopes de Sousa, do mesmo D. Lopo Dias de Sousa, e por seu bisavô, D. João Frederiques d'Alvim, 3.º neto de D. Joanna d'Alvim, irmã da condessa D. Leonor d'Alvim, que foi mulher de D. Nuno Alves Pereira e mãe de D. Beatriz Pereira, esposa do primeiro duque de Bragança.

Por estas allianças ficaram os senhores da casa de Bordonhos usando das armas dos Souzas, que são as antigas de Portugal, chamadas vulgarmente as quinas, com as do Reino de Leão, na forma que D. Affonso III. as deu a seu filho D. Affonso Diniz: Escudo esquartelado, no primeiro e ultimo quartel em campo de prata, cinco escudos de azul postos em cruz, e em cada um cinco pontos ou besantes de prata postos em aspa, e no segundo e terceiro tambem em campo de prata um leão rompente de purpura.

Assim se acham gravadas nos antigos marcos do morgado e nas egrejas de Varzea e

Bordonhos, fundadas e dotadas por esta casa, padroeira in solidum das mesmas, desde tempos immemoriaes.

Em ambas ellas estão sepultados varios membros da familia, avultando na de Bordonhos o soberbo mausoleu do antepenultimo senhor da casa, Fradique Lopes de Sousa, segundo conde de Sub-Serra.

Fica na capella mór, do lado da Epistola, tendo esculpidos differentes emblemas e reunidas n'um só escudo as armas de Bordonhos e da casa dos senhores da Troffa, de que o fallecido tinha a varonia.

Foi Ruy Lopes de Souza, 15.º senhor d'esta casa, o primeiro acclamador de D. João IV, na capital da Beira, prestando relevantes serviços na guerra que seguiu (Chanc. da Ordem de Chrsto. fl. 135.) Era fidalgo cavalleiro (Alv. de 1642.) Commendador da ordem de Christo, Alcaide Mór de Porto de Moz e neto de outro do mesmo nome, commendador da dita ordem, que com luzido sequito de escudeiros e criados passou á Africa com El Rei D. Sebasteão, ficando captivo no infausto dia 4 d'agosto de 1578.

Tem esta casa a representação do appellido de Alvim ácerca do qual escreveu Barbosa Canaes, na sua Armaria: «Alvim, escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartel xadrezado de quatro peças de ouro e quatro vermelhas: no segundo e terceiro, em campo azul, cinco flores de liz de ouro. Timbre, um leão de ouro rompente com uma das flores d'azul. Descendencia — Diz o reformador do cartorio da nobreza, Fr. Manuel de Santo Antonio, que esta familia tem o seu solar na Torre d'Alvim (de que tomou o appellido) quatro legoas distante de Ponte de Lima, que é uma das mais antigas e illustres de Portugal; e que foi d'ella herdeira, da principal casa de Alvim a condessa D. Leonor d'Alvim, mulher do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de quem nasceu D. Beatriz, mulher de D. Affonso, 1º. duque de Bragança, e por isso possue hoje os seus bens a serenissima casa de Bragança.

.....

É representante d'esta familia o sr. Diogo Lopes Souza de Lemos e Alvim, senhor da casa de Bordonhos, irmão de Fradique Lopes, que foi segundo conde de Sub-Serra.»

Seu filho, o sr. Ruy Lopes de Souza d'Alvim e Lemos é d'esta casa o actual senhor representante.

BORNES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 84 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 191 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em montes, muito abundante de agua e fertil em cereaes, mas de clima excessivo.

O reitor era de apresentação regia. Tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia e da seguinte, é derivado da palavra arabe *Borni*, especie de falcão, mas mais agil e forte do que o falcão ordinario.

(Duarte Nunes, *Origem da Lingua Portugueza.*)

BORNES DE MONTE MEL — freguezia, Traz-os-Montes, foi, até 1855, da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, hoje é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 65 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Fm 1757 tinha 125 fogos.

Orago Santa Martha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia da antecedente.

Situada na serra do seu nome. (Vide Bornes de Monte Mel, serra.)

O reitor era apresentado pelo ordinario. Tinha de rendimento 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

BORNES DE MONTE MEL — serra, Traz-os-Montes, limites da freguezia de Bornes, que lhe dá o nome (ou d'ella o recebe). Tem 12 kilometros de comprido e 6 de largo.

E' em partes cultivada e muito fertil e saudavel, ainda que bastante fria de inverno.

E' povoada de varias aldeias e a E. fica a villa de Chacim e outros logares menores.

E' muito abundante de aguas, que se en-

corporam nas ribeiras de Valle d'Asnes e Cortiços.

No mais alto da serra, do sitio, por isso chamado Miradouro, se descobrem terras de 13 bispados, que são, em Portugal, Bragança, Braga, Lamego, Viseu, Coimbra, Porto, Guarda e Portalegre; e de Castella, Samora, Salamanca e Ciudad Rodrigo; e de Galliza, Astorga e Tuy.

BORRALHA—aldeia, Douro, proximo e a NE. do Sardão, sobre a esquerda do rio Agueda, e em frente e ao SE. da villa d'este nome a cuja comarca e concelho pertence. 40 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

E' aqui a grande propriedade denominada Casa da Borralha.

Compõe-se de uma sumptuosa residencia (palacio) com uma bonita capella, magnifico jardim e optima quinta; além de vastas propriedades e muitos foros, aqui e em outras partes, formando tudo uma das mais opulentas casas d'esta provincia.

O seu ultimo proprietario, foi o sr. Francisco Caldeira Leitão Pinto, par do reino e 1.º visconde da Borralha. Falleceu no sabbado, 29 de novembro de 1873, deixando descendencia. Nascéra a 20 de abril de 1803; casou, em 12 de abril de 1836, com a sr.ª D. Ignez de Véra Giraldes Mello e Bourbon, da casa dos srs. condes da Graciosa.

O sr. visconde da Borralha, era um verdadeiro homem de bem e o typo de um nobre fidalgo, da antiga aristocracia portugueza; generoso, chão e bemfasejo; pelo que a sua morte foi sinceramente sentida por todos quantos com elle tiveram relações.

A sr.ª viscondessa, hoje viuva, é da casa da Graciosa, e está tudo dito. Alli, a virtude, a nobreza, a honra, a franqueza e a caridade são tradicionaes e proverbiaes; e a illustre viuva possue todas estas qualidades em subido grau; pelo que não só é respeitada, mas adorada geralmente.

—

Mais queria dizer sobre a casa da Borralha, sobre a sua origem e fundadores; mas escrevendo, em 1870, uma carta ao sr. visconde, supplicando-lhe humildemente os respectivos esclarecimentos, não tive resposta.

Se este artigo fôr lido pelo sr. dr. Fernando Caldeira, filho do sr. visconde, reitero-lhe o mesmo pedido, e os seus apontamentos (se vierem) serão publicados no artigo Sardão.

BORRALHOSO—serra e aldeia na freguezia de Fermedo, Douro, 30 kilometros ao SE. do Porto, 282 ao N de Lisboa e 5 ao SO. do rio Douro.

N'esta serra ha muitos e formosos staurótidos, encravados em rochedos schistosos antigos, cujos crystaes affectam a fórma de uma cruz (e é por isso que se lhe dá o nome de staurotidos, derivado do grego *stauros*, cruz). A sua materia é um silicato de alumina.

As rochas que conteem os staurotidos, formam duas linhas parallelas, mas com muitas soluções de continuidade, e n'uma direcção de L. a O. aproximadamente.

Havia tambem muitos staurotidos espalhados pelo chão, no matto; mas teem sido destruidos quasi totalmente sob as enchadas dos apanhadores de matto e as rodas dos carros. Hoje difficilmente se encontra um inteiro, além dos encravados no schisto.

Não são todos exactamente do mesmo tamanho. Os maiores teem 5 centimetros de uma a outra extremidade, e os mais pequenos 4.

É uma cruz de 4 braços eguaes, tão bem feita que parece ser feita á lima. As arestas ou angulos, são para a frente e rectaguarda. Algumas parece que não se chegaram a formar, pois estão imperfeitas.

Ha tambem (e é a maior abundancia) grande numero de pedras, formadas do mesmo silicato, taes e quaes como uma das quatro peças que fórmam os braços dos staurotidos, e do mesmo modo encravadas nos schistos.

Toda esta materia tem côr de figado.

Os raros *staurotidos* que se encontram perfeitos, são de uma certeza e regularidade admiraveis. O compaço e o esquadro nada alli tem que rectificar.

Mostrei isto a alguns geologos, que só me disseram o nome e a materia de que são

formados. Quanto ao mais, contaram-me muitas cousas sobre terrenos *paleozoicos*, *mesozoicos e neozoicos*, e tanto e tão bem me explicaram a cousa, que por fim fiquei sabendo menos do que antes de lhes fazer a pergunta.

Um disse-me que, quando ainda aquellas rochas schistosas estavam em estado de *fusão* ou *liquefacção*, tinham-se-lhes introduzido estes *staurotidos*, que não eram outra cousa senão *aerolythos*.

Fiquei sabendo que nos taes tempos *paleozoicos* choviam cá n'este mundo cruzes de pedra (fallemos em termos que todos nos entendam) como hoje em dia cáe chuva ou saraiva!

Mas digam-me cá, senhores geologos, qual é a razão porque só choviam *staurotidos* na serra de Borralhoso e apenas n'uma zona de 20 ou 25 metros (que tantos terão de largura as duas linhas de schisto que os conteem) e *nem um* só em outras partes? Que propriedade attrahente tinham aquellas rochas para gosarem o *privilegio exclusivo* de se lhes introduzirem aquellas *cruzinhas?*

Bem sei que não sei nada d'isto; mas cá a minha opinião é que, por ora, aquillo é mysterio.

É verdade que as sciencias modernas devem muito e muito á geologia; mas quererem os geologos explicar tudo, é que me parece, pelo menos, *risco de dizerem muita patranha.*

O Universo ainda tem muitos mysterios que o Omnipotente reservou unicamente para si, e cuja explicação está vedada ao homem, por mais sabio que elle seja.

BORROÇAS (mais conhecida por **BARRÓCAS**—e sua annexa, **TAIAS**)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 54 kilometros a NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Orago de Borróças, S. Miguel Archanjo, e de Taias, Santo André, apostolo.

Tinham, ambas, em 1757 (já então estavam annexas) 76 fogos.

São ambas curadas por um só parocho, que era vigario, da apresentação alternativa do abbade de Santa Maria de Abbedim e das religiosas benedictinas de Barcellos.

Tinha de rendimento 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tinha um beneficio simples, que rendia 12$000 réis; tudo administra o mesmo vigario, que diz a missa conventual, um domingo em Borróças e outro em Taias.

Antigamente, para se sacramentarem os freguezes, ia o Santissimo, da egreja da Lapa, freguezia de Pias, mas actualmente já teem Sacramento na egreja.

NB.—Esta freguezia já ficou descripta na palavra Barrocas e Taias; mas resolvi repetil-a aqui, não só para evitar equivocos, como por que obtive mais alguns esclarecimentos a seu respeito.

BÓS—portuguez antigo, significa vós, pronome.

BOSTELLO—(Vide Bustêllo.)

BOTAO—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 240 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Matheus, Evangelista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um fertil valle, d'onde se vêem varias povoações.

A matriz é uma boa egreja de 3 naves. A abbadessa de Lorvão é que apresentava o vigario, que tinha de renda 96 alqueires de trigo, 40 de milho ou cevada, 2 de azeite, uma pipa de vinho e 11$000 réis em dinheiro.

Produz muito milho e azeite, do mais mediania.

Passa aqui o rio Botão, que rega, móe e traz peixe miudo.

O mouro *Aborroz* (ou Obarroz) vendeu a *Arias*, prior de Lorvão, em 1019 (410 da egyra) por uma égoa com seu poldro, toda a herdade que tinha n'esta villa. Por isso os frades de Lorvão foram sempre senhores, até 1834, da villa do Botão e seu termo.

Eis as formaes palavras da escriptura d'esta venda, quanto ás confrontações:

«Do Oriente, por aquella linha, como vae cercando a varzea: da parte do nortet por aquella lomba, entre *Larzava*, por aquelle têso, até Arca, como parte por Valle de Ca-

vallos, até ao monte e parte com Marmelleira, pelo casal de Olpinos e chega até á estrada que vae por junto ao Zambujeiro e chega, pela estrada, até ao ribeiro e pelo ribeiro abaixo até Retortas e conclue n'aquella linha, etc., etc.»

Já se vê que é povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514.

Era da corôa.

BOTÃO—rio, Douro, limites da freguezia da Torre de Villela. Nasce proximo da villa do Botão. Tem uma ponte de cantaria lavrada no logar de Fornos, sobre a estrada.

Rega o Campo do Botão e outros, móe, traz peixe miudo e morre no Mondego, junto a Geiria.

BOTICAS—concelho, formado de novo, Traz-os-Montes, comarca de Mantalegre, 2:200 fogos.

É uma povoação soffrivel, e tem algumas casas boas.

Situada em planicie, na extremidade da ribeira de Terva; 12 kilometros das Alturas, 18 de Chaves, 36 ao NO. de Villa Real, 390 ao N. de Lisboa.

Este concelho tem 16 parochias, que são: Alturas, Ardães, Bessa, Bobadella, Canêdo, Cerdêdo, Codeçôso, Cóvas, Curros, Dornellas, Eiró, Fiães, Granja, Pinho, Sapiães, Villar de Pórro. Todas com 2:200 fogos.

Cinco d'estas freguezias formam o que se chama Valle do Terva, paiz mais ameno do que as restantes.

Este concelho foi creado em 1836, com freguezias desmembradas de Montalegre, em Terras de Barroso.

Na villa se teem construido varios edificios publicos, para as competentes repartições administrativas e municipaes.

A villa de Boticas não é freguezia, pertence á de Eiró, e por ella passa a antiga estrada, de Braga a Chaves, e a districtal (moderna) de Villa Real a Montalegre.

BOUÇA COVA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi até 1855 do concelho de Alvérca) 60 kilometros de Viseu, 335 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações.

É terra fertil.

Era dos condes de S. Vicente. O abbade de S. Thiago de Trancoso, apresentava aqui o cura, que tinha 10$000 réis de renda e o pé de altar.

Corre aqui o rio Tereginha.

Bouça é palavra portugueza muito antiga. Dá-se este nome a qualquer *cerrado* que produz matto e tem arvores.

Os escavadores de etymologias derivam esta palavra do grego *bossis*, que significa, pasto, pastagem. Outros dizem que vem do phenicio *boses*, nome que tinham uns penedos da Palestina.

Nas provincias do norte, em algumas partes, *bouça* ou *boussa*, significa o que já disse, e n'outras, um *matto*, fechado ou aberto.

BOUÇA DO NUNES—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Miranda, concelho da Torre de Dona Chama, hoje é comarca e concelho de Mirandella, 435 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Eram donatarios os condes da Athouguia.

Situada em campina descoberta. Vêem-se d'aqui varias povoações.

O abbade de Santavalha (ou Santa Ovaia) apresentava aqui o cura, que tinha de renda 6$500 réis em dinheiro, 20 alqueires de centeio, 2 de trigo, 22 almudes de vinho e as offertas dos freguezes.

É terra pouco fertil e pobre.

Passa aqui o rio *Rabaçal*.

Ha em Portugal, além das duas descriptas, 154 aldeias com o nome de Bouça.

BOUÇÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado e fertil

proximo da margem esquerda do rio Minho.

Boução é palavra portugueza, augmentativo de *bouça*. Significa—*Bouça grande*.

Não encontro esta freguezia nos livros modernos, senão no *Diccionario Geographico Abreviado*, do Flaviense. Nem já vem mencionada no *Portugal Sacro e Profano*, que foi publicado em 1757.

BOUÇAS DE MATTOSINHOS ou **DA MAIA** —villa, Douro, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É na freguezia de Mattosinhos, e a capital do concelho de Bouças.

Este concelho foi desmembrado do antiquissimo concelho da Maia.

Officialmente denomina-se Villa de Bouças e a freguezia—Bouças de Mattosinhos e mais vulgarmente Mattosinhos.

Orago o SS. Salvador.

(Para a população e para o mais que se não achar aqui, vide Mattosinhos.)

Era reguengo dos marquezes de Abrantes.

Este reguengo comprehendia a terra de Bouças, Sevêr, e quatro casaes em Mattosinhos. Foi dado por D. João IV ao marquez de Fontes, em 4 de dezembro de 1641 (já Philippe III lhe tinha dado isto em 28 de julho de 1617). Morrendo sem descendentes, passou o reguengo para Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, primeiro marquez de Abrantes. Passou para seu neto D. Pedro de Lencastre, conde de Villa Nova, por D. Maria I, em 17 de agosto de 1784.

É terra muito fertil.

O logar de Mattosinhos está em uma pequena elevação, d'onde se vê Lessa de Mattosinhos ou da Palmeira, com a qual parte pelo N.—Pelo S. parte com Nevogilde, e pelo O. com o mar.

A egreja está fóra do logar, em uma espaçosa alamêda. É de trez naves, forrada de azulejo e sumptuosa.

Foi n'esta egreja que primeiro esteve a imagem celebre do *Senhor de Mattosinhos*. Diz-se que foi feita por Nicodemos.

Crê-se que foi no anno 50 de Jesus Christo, que esta imagem appareceu na praia do Espinheiro, no sitio onde está um padrão feito na era 162 (124 de Jesus Christo.)

A *Fonte Milagrosa* appareceu no dia 19 de maio de 1726.

O reitor era apresentado pela Universidade de Coimbra, por concurso. Tinha de renda 40$000 réis e os *benesses*.

A freguezia de Mattosinhos era do padroado real e D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Izabel, a deram a D. Giraldo Domingues, bispo que então era do Porto, e depois foi d'Evora (morreu em Extremoz).

Tinha 10 capellães, apresentados pela Universidade de Coimbra com 200$000 réis de renda cada um. D. João III a deu depois á Universidade de Coimbra, o que confirmou Paulo IV, em 1542.

A primitiva egreja de Mattosinhos era no sitio em que actualmente está a capella de Bouças. (Vide Mattosinhos.)

Ainda existem as ruinas, pedrarías e torreões do palacio de Cayo Carpio. (Vide Maia.)

Passa aqui o rio *Lessa* (ou *Leça*) que alguns escriptores (talvez pela tal ou qual similhança de nome, e por mais nada) querem que seja o Lethes dos antigos. (Vide Lima.)

A villa de Bouças é patria dos benemeritos patriotas e a todos os respeitos venerandos portuguezes os doutores Manuel da Silva Passos, chefe do partido republicano (setembrista) que aqui nasceu a 5 de janeiro de 1801, matriculou-se na Universidade de Coimbra em outubro de 1817, e morreu em Santarem, em janeiro de 1862—e de seu irmão, José da Silva Passos.

Ha mais em Portugal 49 aldeias chamadas Bouças.

BOUÇAS—rio, Minho, comarca de Guimarães. Nasce de uma pequena lagoa, entre Gontim e a serra da Lagôa. Toma os nomes dos logares por onde passa, chamando-se *Queimadella*, *Vinhós*, *Visella*, *Eiras* e *Gulães*.

Em Bouças (aldeia) ao O., dividindo a freguezia de Fafe da de Guimarães, tem uma ponte de cantaria, de um só arco, mas muito alterosa e grande.

Junto a esta ponte está a capella de San-

to André, apóstolo, e ao pé d'ella estão dois tumulos antigos, sem inscripção alguma. É tradição que n'elles jazem (ou jazeram) dois cavalleiros templarios.

Suas margens são cingidas de arvoredo, algum silvestre, e a maior parte fructifero, e grande parte de um e outro, sustentando grandes vides, que produzem muito e bom vinho verde.

Rega, móe e traz grande abundancia de peixe. Morre no rio Visella.

BOUÇOÃES — freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Chaves, foi até 1855. do concelho de Monforte do Rio Livre, 84 kilometros ao ONO. de Miranda, 444 ao N, de Lisboa, 190 fogos,

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ribeira.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Foi antigamente do concelho da Torre de Moncorvo. Fertil.

A egreja matriz é antiquissima e se diz que já existia no tempo dos romanos.

Era abbadia do padroado real, de que esta freguezia era cabeça.

Situada em planicie, junto a um cabeço, onde se descobrem vestigios de muralhas e outros edificios, o que mostra ter sido uma grande povoação em tempos remotissimos.

Pelos campos proximos tambem teem apparecido por muitas vezes pedras lavradas, cippos, etc.

Ao O. do adro da egreja, ainda existe uma torre, que egualmente mostra grande antiguidade. N'ella estão os sinos.

O abbade tinha de renda, antes de 1834, uns 700$000 réis.

Tinha duas egrejas annexas, que eram Villartão e Águeiros.

O abbade d'aqui apresentava *in solidum* o cura da primeira e colhia todos os fructos (o abbade). O cura de Águeiros era apresentado alternativamente por este abbade e pelo de Fiães, e cada um dos abbades recebia meios fructos d'Agueiros.

Havia aqui antigamente *juiz da vintena* e *homens do accordam*, subordinados ás justiças da villa de Monforte do Rio Livre, a cujo termo já então pertencia.

Corre aqui o rio *Rabaçal* e um ribeir anonymo, que regam e móem. Ambos nascem na Galliza. Criam bastante peixe e correm arrebatados por entre penedias.

BOUGADO (S. Martinho)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do extenso concelho da Maia.

Situada em alegre planicie, d'onde se vêem varias povoações. É muito fertil.

O abbade era alternativamente apresentado pelo papa e pelo bispo do Porto; tinha de renda 400$000 réis.

Corre aqui o rio *Ave*, que rega, móe, e traz peixe miudo.

Nos seus montes ha caça miuda.

—

Diz se que o nome d'esta freguezia vem de *Bôo-gado* (bom gado). Virá.

BOUGADO(S. Thiago de) —freguezia, Douro, comarca e concelho de S. Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 254.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi tambem antigamente do concelho da Maia.

É aqui a aldeia e linda ponte moderna da Barca da Troffa. (vide esta palavra.)

Situada em planicie, cortada pela estrada real, á macadam, que vem e Lisboa para o Norte. Fertil.

A egreja matriz é muito antiga. O abbade era apresentado alternativamente pelo papa e pelo cabido do Porto. Tinha de renda 280 alqueires (razas) de trigo, que com os outros rendimentos parochiaes andava por 800:000 réis

O rio Áve, que aqui passa, divide o bispado do Porto do arcebispado de Braga. Suas margens são em grande parte cultivadas, ferteis e amenas (vide Ave.)

Os moradores d'esta freguezia eram reguengueiros e caseiros do reguengo da Maia, ao qual pagavam grandes fôros. Rendia este reguengo 3:000 alqueires de pão. Tinham os reguengueiros (em desforra de serem tão sobrecarregados de fôros) privilegios de reguengueiros. Caça. A mesma etymologia da antecedente.

BOULHOSA—serra, Minho, comarca de Coura. Principia no monte Ladeiro, ou de Santa Marinha e d'aqui lança um braço para o N. até S. Fins, e outro para E., que termina nos montes da Penêda, ou Suagio. Para o S. lança outro braço, no qual, entre os concelhos de Coura e Arcos de Val de Vez, tem principio o rio Coura. Neste districto muda o nome e para Serra do Bicco e Miranda, até findar no rio Lima.

Nas abas d'esta serra são as freguezias de Formariz, Pereiras, Ensalde e outras.

Ao E fica o célebre castello de Frayão, formado pela natureza de tamanhss penedias que é inaccessivel por todos os lados. (Frayão é nome proprio d'homem gôdo.)

A pouca distancia fica o castello de S. Martinho, no qual, segundo é tradição. viveu refugiada uma grande personagem d'estes reinos. (Diz-se que foi D. Antonio, prior do Crato, e não é inverosimil, porque este infeliz principe, por estes sitios andou muito tempo homisiado, fugindo á ferocidade do Diabo do Meio Dia (Felippe II, de Castella.)

Do cimo d'esta serra se gozam bellas e extensas vistas.

Tem algumas arvores silvestres, grandes matagaes, muito gado de toda a qualidade, lobos, rapozas e caça miuda.

Vide Boivão.

BOULHOSA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago Santo Estevam.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Era da Ordem de Malta.

Situada entre altos montes.

O abbade de S. João da Queijada (a cuja freguezia esta era annexa) apresentava aqui o cura annualmente. Dava-lhe o tal abbade 8$000 réis e os incertos, que andavam por 22$000 réis.

É terra muito fertil em milho, centeio, algum feijão. Do mais pouco.

Os d'esta freguezia tinham grandes privilegios como caseiros de Malta.

Nasce nesta freguezia o ribeiro de Trovella.

Nos montes desta freguezia se cria muito gado, de toda a qualidade, e ha lobos, rapozas e caça miuda.

BOURO—Vide Parada de Bouro.

BOURO—serra, Extremadura, termo de Obidos. Principia unto da lagôa d'Obidos, no sito da Foz do Arêlho, e finda em um bravissimo rochedo, na costa do Oceano. É em partes coberta de bronca penedia e n'outras cultivada e fertil.

Cria bastante gado de toda a qualidade, e caça.

BOURO (Santa Martha do)—villa, Minho, comarca e 15 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 8 kilometros a E. d'Amares, 18 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 190 fogos, 960 almas. Era um concelho muito antigo, que foi supprimido em 1855. Tinha 1:200 fogos.

Era da comarca da Povoa de Lanhoso.

Orago da freguezia, Santa Martha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1757 tinha 252 fogos.

A diminuição do numero de fogos nesta freguezia, é porque parte d'ella foi formar a freguezia seguinte (Santa Maria de Bouro) pelos annos de 1780, e depois da publicação do Portugal Sacro e Profano, d'onde copio o numero de fogos em 1757.

Foi antigamente da comarca de Vianna, visita de Nobrega e Neiva,

Esta povoação é antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Supponho que foi o conde D. Henrique que lhe deu fôro de villa, pois parece que já o era no tempo de D. Affonso Henriques, e antes d'este principe ser acclamado rei, em 1139.

Já então tinha juiz ordinario, feito em pe-

louro, a que presidia o corregedor de Vianna do Lima, e o D. abbade de Santa Maria de Bouro. Este é que fazia os dous capitães para as duas companhias de ordenanças que tinha este couto.

D. Affonso Henriques deu o padroado da egreja, a villa de Santa Martha e o couto do mosteiro de Santa Maria, ao abbade D. Nuno, em 1148.

Ha no rio, nos limites d'esta freguezia, um grande pôço, chamado, *Pégo Negro*, que confronta, pelo S. com S. João de Rei, cujos senhores o eram tambem das pescarias do tal pégo. Por menoridade de um delles, entraram os ascendentes do marquez de Monte-Bello; e passando-se este para os castelhanos, em 1640, tomou posse d'este direito, Vasco d'Azevedo Coutinho; e como o filho do marquez quizesse pescar n'elle, juntaram-se os parentes e amigos d'ambos e esteve para haver, por isso, grande batalha; a não accudir Antonio Jaques de Paiva, general d'artilheria e governador d'esta provincia (que depois se fez frade dominico.) Este avisou o rei o qual mandou debaixo de graves penas, que nem uns nem outros alli tornassem a pescar.

Neste pégo se criam muitos e grandes salmões. Ainda aqui existem as ruinas da magestosa ponte romana (de tres arcos) que atravessava o Cávado, na via militar romana chamada a Geira, para Parada de Bouro.

Eram donatarios d'esta freguezia, os frades do convento de Bernardos de Santa Maria de Bouro (a seguinte.)

Situada em terreno accidentado, na margem direita do Cávado e na encosta, sul, dos montes da Abbadia.

O vigario (religioso cisterciense de Bouro) era trienal e o apresentava o D. Abbade do dito convento.

Tinha 120$000 réis de renda ao todo.

Tinha sido antigamente do padroado real.

D. Affonso Henriques deu o padroado d'esta egreja ao referido mosteiro, pelos annos 1130.

E' terra fertil em todos os generos do paiz, e produz grande quantidade de azeite. Cria muito gado miudo e grosso. E' abundante em lenha e carvão vegetal.

Tinha já antigamente dois juizes ordinarios (um do civel outro do crime).

Passa pelo centro da freguezia o ribeiro Carredal, que morre na direita do Cávado. Rega e móe.

Feira de 15 em 15 dias.

Os moradores d'aqui tinham obrigação de vigiar a Portella do Homem (que dista d'esta freguezia 18 kilometros) por contracto que fizeram com o rei de a defenderem á sua custa, sob a condição de não dar soldados esta freguezia.

O D. abbade de Bouro, dos frades, era fronteiro-mór da Portella do Homem.

Vide tambem Bouro, convento, onde se diz a causa d'este titulo e emprego.

Esta freguezia é situada na serra do Gerez. Ha aqui muito gado e caça, e peixe no rio Cávado, que corre pela extremidade da freguezia.

Tinha duas companhias de ordenanças, de que era capitão-mór o D. abbade de Bouro.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 20 de outubro de 1514.

O extincto concelho de Santa Martha de Bouro, era composto das freguezias de Goães, Santa Isabel do Monte, Santa Martha de Bouro, Paredes Seccas, Villela, Seramil e Valdozende.

Em 1842, tinha esta freguezia 1:190 fogos, e na divisão que então se fez, só ficou para este concelho parte da tal freguezia. Em 1855, passou tudo para o concelho de Amares, menos Santa Isabel do Monte e Valdozende, que passaram para o concelho de Terras de Bouro.

BOURO (Santa Maria de)—villa, Minho, foi da comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, até 1855, passando então para o concelho de Amares, comarca de Villa Verde, d'onde dista 16 kilometros a E. Fica a 9 kilometros a E. de Amares, 19 ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 242 fogos, 986 almas.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Viamna, *visita* de Nobrega e Neiva.

E' n'esta freguezia o real mosteiro de frades bernardos, de Bouro, cuja origem é a seguinte:

Pelayo Amato (da geração de Egas Moniz) fidalgo da côrte do conde D. Henrique, teve tal sentimento pela morte de sua mulher D. Munia ou Muninha, dama da rainha D. Thereza, mulher do conde; que se foi viver como eremita, com outro, nas serras de Bouro, onde, pelas suas mãos e pelas de seu companheiro, fizeram uma pobre ermida, dedicada a Nossa Senhora.

A estes dois se reuniram outros, fazendo todos vida de anachorêtas.

O arcebispo de Braga fez alli fundar uma egreja, que é hoje o magestoso santuario de Nossa Senhora da Abbadia. Parece que a capella que estes dois anachoretas edificaram, é a actual capella de S. Miguel, como adiante direi mais circumstanciadamente.

D. Affonso Henriques, a pedido dos eremitas, mandou vir frades de Alcobaça e fez áquelles tomar o habito e regra de S. Bernardo, dando-lhe a villa de Santa Martha de Bouro, os dizimos do sal de Fão e outras herdades e rendas.

A profissão d'estes eremitas teve logar em abril de 1159.

Já depois de estar construido o mosteiro e constituido o convento, ainda D. Affonso I lhe deu o senhorio do couto de Bouro, em 1148. Queimando-se o cartorio do convento, o rei lhe fez uma nova doação, confirmando a antiga, em 1162.

D. Affonso II confirmou isto, pelos annos de 1217 ou 1218.

D. Sancho II, induzido por sua mulher, D. Mecia Lopes de Haro, quiz tirar aos frades o senhorio do couto de Bouro; pelo que o abbade teve de o comprar ao rei, por mil maravedis de ouro.

Vejam quanto não valia já então o senhorio do couto de Bouro! Cada maravedim (*marabedi* ou *maurobotino*) valia aproximadamente mil réis, o que hoje montaria a uns poucos de contos de réis.

Parece que a palavra marave dimvem, do francez *mauro-butin* (despojo dos mouros).

Fez-se esta carta de venda, em Braga, a 3 de junho de 1236.

Mesmo assim, D. Affonso III annullou tudo isto e mandou derribar os padrões por onde se demarcava o couto, trazendo os frades em demanda; mas, seu filho, D. Diniz, lhe restituiu o couto, por provisão de 19 de março da era de 1317 (8 de março de 1279 de Jesus Christo.)

Durante as guerras da independencia, promovida por D. João I de Castella, contra D. João I de Portugal, o abbade de Bouro armou 600 vassallos seus, e á testa d'elles foi esperar os castelhanos na Portella do Homem (1384) e, apanhando-os n'um desfiladeiro, saltou n'elles derrotando-os completamente, dentro em duas horas, matando muitos (apesar dos inimigos serem mais de 2:000) tomando-lhes quantas bandeiras traziam e aprisionando-lhes muita gente; sendo bastantes dos mortos e prisioneiros, dos principaes senhores da Galliza.

Por esta façanha, D. Nuno Alvares Pereira, em nome de D. João I, deu aos abbades de Bouro o titulo de capitão-mór e fronteiro-mór, podendo *appellidar* gente para a guerra, dizerem missa, em tempo d'ella, só com a *cogúla* e trazerem pagem d'armas, em signal da sua dignidade militar.

Estas honras e privilegios lhes foram confirmados por varios reis posteriores.

Achando os frades o sitio muito áspero, esteril e desabrido, mudaram o convento para o sitio actual, junto ao rio Cavado, ficando no antigo local do convento, sómente a egreja, que é a que ainda existe, da invocação de Nossa Senhora, e que, por ter sido abbadia de frades, ainda hoje se chama Nossa Senhora da Abbadia. (Vide Santa Martha de Bouro.)

Parece-me que os frades só habitaram o antigo convento até ao anno de 1169, em que se mudaram para o actual.

Ao lado da egreja está, de joelhos, uma estatua colossal de D. Affonso I, recordando a apparição de Ourique.

Aqui está sepultada a celebre D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*) formosa amante de D. Sancho I; descendente dos Osorios, a quem pertencia parte do padroado do mosteiro.

Os abbades tinham antigamente jurisdi-

ção no espiritual e temporal. Em tempo de guerra, traziam pagens d'armas, e nenhum morador d'este couto podia servir fidalgo sem sua licença (do abbade) sob pena de lhe confiscarem os bens para o convento. Só ao rei era permittido servir-se dos homens de Bouro, sem dependencia de licença do D. abbade. D. Manuel deu foral novo ao couto do mosteiro, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514 (no mesmo dia, mez e anno que o deu a Terras de Bouro). (Livro dos foraes novos do Minho, fl. 121 v. col. 2.ª)

Na egreja do real mosteiro de Bouro está a capella de Nossa Senhora do Rosario, que era até 1834 a parochia da freguezia. Desde a expoliação dos frades, ficou toda a egreja servindo de matriz. A egreja é um sumptuosissimo templo de oito naves.

O D. abbade do mosteiro é que apresentava annualmente um religioso, denominado vigario, que administrava os sacramentos aos visinhos dos 60 fogos, que pertenciam á freguezia de Santa Martha, e que foram o nucleo da actual freguezia de Santa Maria. Este vigario só tinha 12$000 réis por anno e as missas eram livres. O vigario de Santa Martha é que dizia a missa conventual.

No fim do seculo XVII, estando a egreja do mosteiro alguma cousa arruinada, foi reedificada em parte, pelos religiosos.

Tem nove altares e uma optima sachristia e na frente um bom adro, lageado de pedra, d'onde se desce por uma magestosa escadaria, tambem de pedra, para um vasto terreiro, cercado de pequenas casas, onde se faz, ha poucos annos, uma feira a 8 e outra a 24 de cada mez.

O edificio do mosteiro está já em principio de ruina, em parte; o resto, que serve de residencia parochial e de casa de aula de instrucção primaria, tambem não tardará a ir caindo aos bocados.

Este mosteiro e suas dependencias era coutado, como ja disse. O D. abbade é que nomeava o juiz ordinario, do civel, por eleição annual do povo (em pelouro) a que vinha assistir o escrivão da camara de Santa Martha, e os do udicial e notas, ás audiencias por distribuição. O crime pertencia ao juiz de Santa Martha.

E' terra muito fertil em cereaes, vinho, fructas, lenha e matto. Cria muito gado de toda a qualidade.

D. Manuel deu foral ao couto do mosteiro, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514.

A villa e freguezia é situada em um valle ameno e fertil, na margem direita do Cávado, e d'aqui se vê Braga e muitas povoações. Parte da freguezia é na encosta do S. dos montes da Abbadia.

Nos limites e a 3 kilometros a NE. da egreja matriz, em um valle solitario e agreste, formado por uma alta serra (ramo do Gerez) está fundado o famoso sanctuario de Nossa Senhora da Abbadia. E' um vasto templo de tres naves, todo de cantaria.

Tem formosos altares e imagens que são um primor de esculptura. O altar-mór, é magestoso. No centro da tribuna, em um oratorio, está uma tosca imagem de pedra, em volta da qual os devotos fazem romaria.

E' padroeira do templo Nossa Senhora da Abbadia.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta é a mesma que foi achada por Payo Amado (on Pelayo Amato) e por um eremitão ou monge benedictino, com quem vivia. Era crença do povo, que esta imagem nunca havia sido pintada, porque lhe não pegava a tinta, por maiores diligencias que se fizessem, porém, em 1868, um pintor da freguezia de Afife, por nome Antonio Camillo Alvares Pires, a *encarnou* e pintou.

Tem esta egreja uma boa sachristia e boa *casa da meza*. Tem duas torres, n'uma das quaes está o relogio. Sobre a porta da fachada exterior da frente, tem um altar, no qual, na manhã de 15 de agosto, se diz missa, para commodidade dos romeiros, que não cabem no recinto do templo, apesar da sua vastidão; tal é a affluencia então a este sanctuario.

Da egreja se sae para um espaçoso terreiro, cercado pelas lindas e cómmodas casas do capellão e pelas que servem de hospedaria para os romeiros. Estas são muitas e bôas e teem grandes varandas, que deitam para o terreiro. No centro d'este, em frente da egreja, ergue-se um formoso cruzeiro de pedra, ou antes, columna de ordem compo-

sita, coroada por uma bella cruz. A base é cercada por uma elegante grade de ferro.

No ingreme caminho que vae da freguezia para o sanctuario, estão, do lado esquerdo, varias capellas, com os *passos* de Nossa Senhora; e da parte direita, alguns da Paixão de Jesus Christo. Os restantes estão pela parte de cima da egreja, na encosta do monte. Todos os passos da Paixão estão incompletos; porque o dinheiro das esmolas e promessas dos romeiros, que era destinado á sua conclusão, vae, por ordem do arcebispo, para os asylos da cidade de Braga.

A 200 metros de distancia da egreja, a ESE., está um grande penêdo, que tem uma tosca cruz de pedra, no cume; e por baixo, em uma pequena caverna, uma fonte, forrada de azulejos, onde os romeiros vão beber e lavar-se, na crença de que esta agua os cura das suas enfermidades. Chama-se a *Fonte da Senhora.*

E' tradição que n'esta caverna foi achada, por Pelayo Amato e seu companheiro, a imagem de Nossa Senhora da Abbadia.

A 700 ou 800 metros a SE. do templo, em um alto monte, e de muito difficil accesso, está uma aceiada, mas antiga capella, dedicada ao archanjo S. Miguel.

E', segundo consta, a ermida em que vivia Pelayo Amato e o eremitão; e d'onde viram a claridade que lhes indicou o sítio em que estava a imagem da Senhora.

Depois do famosissimo sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga, é este o mais célebre e magestoso das duas provincias do norte, pela grande devoção popular, que traz aqui uma multidão de romeiros, de muitas leguas de distancia, de Portugal e da Galliza; cujos donativos excedem annualmente 800$000 réis.

A romaria principal, é desde 10 até 15 de agosto.

Tem capellão, e o actual, é o reverendo Antonio José Pereira de Azevedo, que tem concorrido muito para o augmento e florescencia d'este sanctuario.

É administrado por uma commissão de quatro ecclesiasticos, nomeada pelo governador civil do districto.

Até 1834, era administrado pelos monges bentos desta freguezia.

Ao S. da egreja e das casas do capellão, a poucos metros de distancia, passa o rio chamado da Abbadia, que nasce na freguezia da Santa Isabel do Monte e descendo apertado, entre alcantilados rochedos recebe o ribeiro de Paradella, em Pontido, e vão juntos, depois de atravessarem esta freguezia, morrer na direita do Cávado. Rega, móe e cria peixe; principalmente saborosas trutas.

As duas pontes, pouco distantes uma da outra, que atravessam este rio, ao SE. do Sanctuario, e dão passagem para a capella de S. Miguel, capellas dos Passos de Jesus Christo, fonte da Senhora e Sanctuario de S. Bento da Porta Aberta, foram arruinadas por uma cheia, no inverno de 1868 (Vide Ancora e Atife.) mas já estão reconstruidas, devido aos esforços do actual capellão.

—

A egreja de Nossa Senhora da Abbadia, era a primittiva egreja do mosteiro benedictino de Bouro.

—

Nos montes d'esta freguezia criam-se muitos gados de varias especies, que são guardados insdistinctamente por môços e raparigas. Esta circumstancia e o êrmo e accidentes dos montes, dão logar a travarem-se amores, que por muitas vezes transpoem os limites da honra e da decencia.

É por estas razões, que, quando aqui se trata algum casamento, é costume antigo o seguinte:

No acto de irem receber-se, vem um dos principaes parentes do noivo, á porta do que hade ser sôgro, onde está á sua espera um parente dos paes da noiva; e tirando ambos os chapeus, pergunta o parente da noiva ao outro:

Que procuraes?

Responde o outro:

Mulher, honra, fazenda, e dinheiro.

Logo o de dentro, toma a noiva pela mão e apresentando-lh'a diz:

Ella cabras guardou; sebs saltou; se em algumas se espetou e a quereis, assim como é, assim vol'a dou.

Dito isto, dirigem-se todos á egreja e ce-

lebra-se o matrimonio; e não póde haver desunião nem, questão alguma, ainda que haja *defeito*; porque ella se vale da força d'aquellas palavras, trocadas entre os parentes de um e outro, que são o baptismo, que lava de todas as culpas passadas.

(Esta historia preliminar dos casamentos de Bouro, vae por conta do sr. J. A. d'Almeida — Diccionario abreviado de chorographia etc. etc.)

BOURO (Terras de) — concelho na comarca de Villa Verde. Foi até 1855 da então extincta comarca de Pico de Regalados, 18 kilometros de Braga, 378 ao N. de Lisboa. 1:500 fogos, 6:000 almas.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1514. (livro dos foraes novos do Minho, folha 59, col. 1.ª) Trata-se neste foral das terras seguintes.

Balança, Valdozende, Chamoim, Chorence Gubide (Covide) Freita, Infesta, Pregoim,

(NB) Rio Caldo, S. João do Campo, S. Matheus, Serzedo e Villar, que é o que então constituia o concelho de Terras de Bouro.

É composto das 16 freguezias seguintes:

Balança, Brufe, Campo, Carvalheira, Cibões, Chamoim, Covide, Chorence, Gondoriz, Moimenta, Monte, Ribeira, Rio Caldo, Souto Valdozende e Villar.

Na palavra Terras de Bouro, direi circumstanciadamete o que ha a dizer sobre a região assim denominada.

BOUZENDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 252.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

O cura era apresentado pelo reitor de Macedo dos Cavalleiros e tinha de rendimento 8$000 réis em dinheiro e o que rendia o pé d'altar.

BRAÇAL — Vide Albergaria Velha e Valle-Maior.

BRAÇO DE PRATA — bonita povoação, Extremadura, freguezia, e concelho dos Olivaes, situada sobre a margem direita do Tejo, proximo ao Poço do Bispo. Consta de varias quintas e vastos armazens, 8 kilometros ao NE. de Lisboa. É proximo de Cabo Ruivo. Vide Mattinha.

BRAFEMES, BRASFEMES, ou **BRAFEMEAS** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era das freiras de Lorvão, a quem os moradores da freguezia pagavam duas partes dos disimos e as rações e fóros.

Situada em posição alta e fragosa; mas fertil.

As taes freiras é que apresentavam o vigario, a quem davam 70$000 réis por anno e tinha mais o pé d'altar, que rendia 30$000 réis.

Antigamente tinha juiz ordinario, escrivão e procurador, postos pela camara de Coimbra.

Ao N. da freguezia fica a serra do Illhastro, que tem muita e bôa pedra de cantaria, muito branca e lustrosa.

No alto tem um plató de 1:500 metros de comprido e uns 800 de largo, que se cultiva e tem olivaes. Nascem aqui dous ribeiros. o de Val-Côvo e o de Agréllo, que ambos morrem no rio Botão.

BRAGA — Cidade, capital do Minho, arcebispado (primaz das Hespanhas) districto administrativo, situada em planicie elevada e formosa, regada pelo rio Éste, ou Déste, que lhe fica proximo, ao N, e o Cávado, que fica 6 kilometros ao S — 48 kilometros ao N. do Porto 80 ao O. de Bragança, 208 ao N. de Coimbra e 360 ao N. de Lisboa.

Em 41.º 36' de latitude e 12.º 39' de longitude N.

Tem 4:330 fogos (umas 18:000 almas)) em 6 freguezias, que são S. José, S. João, S. Pedro, S. Thiago, S. Victor e Sé. O concelho tem 9:800 fogos, a comarca 11:700 e o districto 90:000.

A cidade é cercada de fertilissimos campos, optimos pomares, lindas hortas e formosas quintas.

A fundação d'esta antiga e noblissima ci-

dade se atribue aos gallo-celtas (chamados braccaros, por causa de uma calça curta de que usavam, chamada bracca) no anno do mundo 3708, isto é, 296 antes de Jesus Christo, segundo Freire e outros. Florião do Campo e outros dizem que os seus fundadores foram os turdulos andaluzes, que vieram das margens do Guadiana com os gallo-celtas, e que com estes a fundaram então.

O seu primeiro nome foi Braccara e os romanos lhe chamaram Braccara Augusta.

Possuiram os gallo-celtos esta cidade por mais de 40 annos, até que os romanos lh'a tomaram pelos annos 250 antes de Jesus Christo e a dominaram por uns 650 annos.

Peço aos meus leitores que vejam o capitulo 65 d'esta obra: alli verão que *Braga* era uma divindade scandinava, filho d'Odin e esposo d'Iduna, deusa da mocidade. Braga era o principal scalde (trovador) do Valhalla (paraizo dos scandinavos) e era considerado como Deus da sabedoria e da eloquencia. Representava-se sob a figura de um ancião, empunhando uma harpa d'ouro, ao som da qual canta os louvores dos deuses e dos heroes. Quem sabe se Braga, cidade, deve o seu nome ao deus Braga? Não era possivel que os germanos aqui implantassem a sua religião ou, pelo menos, alguma das suas tradições?

Pelos annos 410 de Jesus Christo, os suevos a tomaram aos romanos, e foi côrte dos seus reis, por 175 annos.

Em 585, *Leovigildo*, rei gôdo, deu por terminada a dynastia sueva, unindo o seu reino aos estados gôdos. (vide adiante.)

Os reis Suevos que reinaram em Braga e na Galliza foram:

Hermenerico, Rechila, Reciario, Masdra, Franta, Frumario, Remismundo, Theodalo, Veremundo, Miro, Pharamiro, Rechila 2.º, Reciario 2.º, Theodomiro, Ariamiro, Eburico e Endeca.

Quando Ariamiro morreu, seu filho, Eburico, era menor, pelo que o pae lhe deu por tutor o rei gôdo Leovigildo. Endeca, teve artes de se fazer acclamar rei, usurpando a coroa a Eburico, que obrigou a professar no mosteiro de Dume.

Leovegildo, a titulo de tutor e alliado de Eburico, obrigou o usurpador a largar o throno e tomar tambem o habito de monge no mesmo mosteiro de Dume; e pretextando que o rei legitimo não podia reinar por ser frade, se apossou do reino suevo, que assim terminou a sua existencia, e d'esta maneira deixou Braga de ser a côrte dos reis suevos de Portugal e Galliza.

(Vide a Historia de Portugal no logar competente.)

Os godos dominaram Braga por espaço de 130 annos, e no seu tempo se celebraram aqui muitos concilios.

Os mouros se apossaram d'esta cidade em 715. Mas logo, pelos annos 739, D. Affonso, o catholico, filho de D. Pedro (duque de Byscaia e Navarra) cunhado de D. Favilla, e genro de D. Pelayo, que herdara a corôa gothica, pela morte de seu cunhado (despedaçado por um urso, em uma caçada) resgata Braga do poder dos arabes.

D. Affonso era rei de Oviedo. Seu irmão D. Frucia, que o acompanhava, tambem obrou prodigios de valor na reconquista d'esta cidade.

Em 862, D. Affonso Magno mandou fazer em Braga algumas obras de defeza, para pôr a cidade a coberto das invasões dos mouros.

Não lhe valeram porém muito estas fortificações, porque os arabes por varias vezes a invadiram e saquearam.

Em 985, Al-Mansor, rei ou kalifa de Córdova, tomou Braga á força de armas, saqueando-a.

D. Affonso III, de Leão, a achou quasi despovoada, pelos annos 904 de Jesus Christo, povoando-a então de novo.

—

O primitivo assento de Braga, não era onde hoje está; mas junto á parochia de S. Pedro de Maximinos, onde ainda se vêem ruinas de grandes edificios, um circo e aqueductos. Estas ruinas chegam até ao hospital de S. Marcos.

A maior parte d'estas ruinas são de construcções romanas.

Tinha um forte castello e era cercada de muralhas, com oito portas, obra de D. Diniz. Pelos fins do seculo XIII. D. Fernando reedificou as obras de defeza, pelos annos de

1375, enobrecendo as muralhas com fortes torres.

—

Tem mais de 70 fontes publicas, perennes, algumas de boa architectura; como o chafariz da Porta do Souto, a fonte de S. Sebastião e outras. Tem mais de 800 poços particulares.

Na rua da *Galaria*, junto ás grades de S. Geraldo, está a celebre e antiquissima fonte que já existia no tempo em que n'aquelle sitio havia um templo dedicado á deusa *Isis*.

Isis era a deusa da castidade. Consagrava-se-lhe o pecegueiro. Suas sacerdotizas eram todas virgens e seus ministros *eunucos* (castrados.) Vide adiante mais algumas particularidades sobre este templo.

Outros dizem que o templo de *Isis* era a propria egreja de S. Geraldo, e que S. Pedro de Rates fez d'elle um templo christão, dedicado a Nossa Senhora, ao qual o primeiro concilio bracarense chama *Fanum Santæ Mariæ*.

Outros dizem que a Sé actual é que foi templo de *Isis*.

A fonte fornecia a *agua lustral* para o dito templo, e quando os gentios saiam d'elle, se banhavam na sua agua, ficando desde logo livres (na sua opinião) de todos os males da alma e do corpo.

—

A 1:500 metros da cidade, na quinta de *Semelhe*, que foi de frades crusios, ha uma fonte de agua tão fria, em todas as estações, que se não supporta uma mão dentro d'ella, por espaço de 30 segundos, e se se lhe mette uma garrafa de vinho, logo se faz vinagre. (Padre Cardoso.)

—

Braga foi convento juridico dos romanos (isto é, chancellaria) com todos os privilegios e honras, de cidade do antigo Lacio; e o seu districto abrangia 24 cidades!

A Lusitania foi dividida em 4 chancellarias (ou relações) pelo imperador Augusto, 24 annos antes de Jesus Christo (era 14 de Cesar.) Braga era uma das chancellarias.

—

Feira nas segundas feiras de 15 em 15 dias (alternativamente) e de 3 dias a 24 de junho, 8 de setembro e no terceiro domingo de maio, 15 dias. Grande mercado aos sabbados.

A Sé (matriz) de 3 naves, é dos maiores templos de Portugal.

É templo notavel pela sua antiguidade e magnificencia. Consta de documentos authenticos que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, reedificaram esta Sé, pelos annos 1100. Tantas porém teem sido as reconstrucções depois d'isso, que das obras de D. Henrique poucos vestigios ha.

A capella-mór é obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, feita pelos byscainhos. (Dos quaes ficaram aqui muitos, fundando casas em uma rua, que ainda se chama dos Biscainhos.)

É da invocação de Nossa Senhora da Assumpção.

Querem alguns que foi originariamente templo dedicado a *Isis*, edificado por Osiiris, rei do Egypto. Outros que fosse consagrado a Ozires. Outros que era a egreja de S. Geraldo. Outros, finalmente, que o templo de Isis já não existe. (Vide adiante.) Em todo o caso é edificio antiquissimo e já existia no tempo dos romanos. Tem 13 dignidades::

1.ª deão. Teve 10 prebendas, 4 egrejas annexas e a visita do deado; o que tudo rendia 2:000$000 réis.

2.ª chantre (chantre quer dizer cantor.) Teve uma prebenda, a egreja de Briteiros, annexa e a visita. Rendia mais de 1:000$0000 réis.

3.ª arcediago de Braga. Teve uma prebenda, a egreja de Gualtar e a visita ordinaria do couto de Braga.

4.ª arcediago de Barroso. Teve a visita de Barroso, que rendia quatro mil e tantos alqueires de pão.

5.ª arcediago de Vermuim. Teve uma prebenda e a visita. Rendia cerca de 1:000$0000 réis.

6.ª arcediago de Neiva, simples. Teve a egreja de S. João de Villa Chan e a visita. Rendia 600$000 réis.

7.ª mestre-eschola. Teve uma prebendaa e as egrejas de Poyares e S. Pedro de Escudeiros, e a visita. Rendia cerca de 1:600$0000 réis.

8.ª thesoureiro-mór. Teve uma prebenda e as egrejas de S. Miguel de Fróssos e S. Mamede de Este. Rendia 1:200$000 réis.

9.ª arcediago de Fonte-Arcada e sua annexa. Simples. Rendia 2:000$000 réis.

10.ª arcediago de Santa Christina. Teve 6 egrejas annexas, que rendiam uns 2:400$000 réis. É simples.

11.ª arcediago de Labruge. Teve 4 egrejas e a visita. Rendia 1:200$000 réis.

12.ª arcediago de Villa Nova da Cerveira e a sua visita. Rendia 800$000 réis.

13.ª arcipreste. Teve uma egreja e a visita. É simples. Rendia 200$000 réis.

Tem 28 conezías, cada uma com sua prebenda, rendendo (cada conezía) mais de 500$000 réis.

Nove d'estas conezías, tiveram 12 egrejas annexas.

Tem 12 tercenarios, que tiveram 4 prebendas, e um d'elles teve a egreja de Panoyas, annexa, e outro a de Santa Maria das Gralhas.

A fabrica teve 2 prebendas e a egreja do couto de Cambezes, os rendimentos de juros e outros, na importancia de 2:400$000 réis.

Tem 2 sachristães, sacerdotes; um porteiro do cabido e um enchota-cães, todos com grandes ordenados.

—

Na Sé jaz o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, o infante D. Affonso, filho de D. João I (em um soberbo tumulo de bronze, que lhe mandou de Flandres a condessa d'alli, sua irmã.) A infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, mulher de Filipe o Bom, duque de Borgonha. S. Pedro de Rates, primeiro arcebispo de Braga, e muitos arcebispos e outras muitas pessoas. E o esqueleto do célebre e valoroso arcebispo D. Lourenço Vicente, que morreu na batalha de Aljubarrota, combatendo pela independencia da patria. (Está incorrupto e perfeitamente conservado.)

A egreja tem sete córos; mas é tamanha que, rezando-se em todos simultaneamente, não perturbam uns aos outros.

Em uma das capellas ainda se officia pelo tyro musarabe.

Os seus dois orgãos e o côro, que lhe fica contiguo, são magnificos. Tem muitas capellas (algumas tamanhas como egrejas) onde se veneram muitos santos, que foram arcebispos, sendo um d'elles S. Geraldo, que baptisou D. Affonso Henriques.

N'uma d'ellas jaz, em sumptuoso mausoleu, o arcebispo D. Gonçalo Pereira (que viveu em tempo de D. Diniz) avô do grande D. Nuno Alvares Pereira. Eram tantos os legados a que estava obrigada. a Sé, que só as missas d'elles passavam de 30:000 por anno. Ha n'esta egreja uma immensidade de reliquias.

A egreja da Misericordia está junto á Sé e com ella communica interiormente. Tinha legados pelos quaes era obrigada a mandar dizer por anno, 12:365 missas.

É templo sumptuoso.

A antiga egreja da Misericordia (chamada hoje Misericordia Velha) é actualmente uma capella dos claustros da Sé.

—

Egreja de S. João do Souto. Era no castello, e o arcebispo D. Diogo de Sousa a mudou para o sitio actual, em 1512.

Junto a esta egreja e communicando com ella por um grande arco, está a gothica e formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, toda ornada de estatuas e variadas asculpturas de pedra. Foi edificada pelos annos 1512. (Vide adiante.)

É de architectura gothica florida; mas com os successivos concertos está quasi completamente degenerada.

Na *Congosta* que desemboca no Campo de Sant'Anna, serve de porta de um quintal um bellissimo portal, que foi d'esta egreja. É ornado de flores, fructos, columnas, anjos. etc.

É egreja matriz.

Conventos

1.º Convento do Populo, religiosos eremitas descalços de Santo Agostinho, no Campo da Vinha. Foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, em 1595, e o dotou de grossas rendas.

Na capella-mór da sua vasta egreja, estão em dois ricos tumulos, o fundador, e D. Fr.

Aleixo de Menezes, arcebispo de Gôa e depois de Braga.

Chamava-se Collegio de Nossa Senhora do Populo. A egreja é sumptuosa. Tem uma grande cêrca com extensos pomares e hortas; uma grande vinha e uma grande deveza de carvalhos. É muito abundante de agua.

Serve ha muitos annos de quartel ao regimento de infanteria 8, ao qual tambem pertence uma pequena parte da cêrca. O resto, quasi toda, foi vendida, em hasta publica, e comprada por Joaquim José Gonçalves Loureiro.

A parte da cêrca que ficou pertencendo ao quartel militar, é só um insignificante bocado immediato ao edificio.

Quando, no 1.º de dezembro de 1846, foi creado o batalhão de infanteria de Braga, pelos realistas (formado com officiaes de Evora-Monte, e praças de pret *apresentadas* dos republicanos e cartistas) teve o Populo por quartel.

Este batalhão cresceu tanto em numero de praças (chegou a ter 930 além de 80 cavallos, que formavam um meio esquadrão) que se transformou em regimento, denominando-se, Regimento de infanteria do Minho. Quando em fevereiro de 1847, se uniu ao exercito da Junta, esta lhe deu o titulo de 3.º regimento de fusileiros da liberdade, e depois, Regimento de infanteria n.º 9. Mas, apesar de todos estes titulos, era geralmente conhecido como Regimento de infanteria do Populo.

2.º Convento de Nossa Senhora do Carmo, de frades carmelitas descalços, ao fundo da rua do Carvalhal. Fundado em 1653, pelo padre fr. José do Espirito Santo (que tambem fundou o convento da Bahia, no Brasil, e outros mais.) Era natural de Braga.

Tem uma grande cêrca, com hortas, pomares, olival e bastante agua.

Este convento serve actualmente de hospital militar da guarnição da cidade, á excepção de uma pequena parte que se destinou para uso da irmandade de Nossa Senhora do Carmo.

A cêrca foi vendida, parte d'ella, e comprada pelo dr. Antonio Vieira de Araujo, e o resto ficou reservado para cemiterio publico; mas, como depois resolveram fazel-o na Bouça do Pavão (local muito mais proprio para um cemitério), foi este espaço da cêrca transformado em praça do mercado publico.

Na egreja d'este convento está sepultado o *fradinho de Braga* (frei João Neiva). É objecto de grande devoção para os povos da cidade e immediações, que concorrem em grande numero a visitar-lhe a sepultura.

Adiante vae a sua biographia.

—

3.º—Convento de freiras bentas do Salvador, no Campo da Vinha. Fundado pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, em 1602.

Vieram para aqui formar este convento as freiras do antigo convento de Victorino das Donas, que foi então supprimido.

Tinha as egrejas e seus dizimos de Victorino das Donas, Santa Maria de Cabração, e S. Thiago de Fontão.

Actualmente tem apenas trez freiras e algumas recolhidas.

—

4.º—O convento dos Remedios, de freiras franciscanas de Nossa Senhora da Piedade, no Campo dos Remedios. Foi primeiramente recolhimento e depois erigido em convento por D. Fr. André de Torquemada, bispo de Dume (andaluz de nação), em 1547.

A egreja foi reedificada no seculo passado.

Este convento ainda está habitado por 13 religiosas e algumas recolhidas.

—

5.º—Collegio de S. Paulo (*Ursulinas*) que foi de jezuitas. Fundado em 1560, pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que lhe deu bastantes rendas, que depois accrescentou o cardeal-rei.

Foi primeiro reitor d'este collegio, o beato Ignacio de Azevedo Barbosa, natural do Porto, e representante da nobilissima casa de Azevedo e de Barbosa, que procede do Conde D. Sancho Nunes de Barbosa, e de sua mulher a infanta D. Thereza Henriques, filha do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza.

Este virtuoso varão cahiu em poder de um corsario calvinista francez, em 1570 sendo martyrisado junto á ilha de Palma, com 39 missionarios seus companheiros, dos quaes 31 eram portuguezes e 8 hespanhoes. São conhecidos pelos 40 martyres jezuitas.

Depois da extincção dos jezuitas, vieram para aqui as freiras franciscanas de Monção e Vallença, que depois foram para outros conventos; estabelecendo-se aqui o collegio das Ursulinas, para educação de meninas. Denomina-se *Collegio das Chagas*.

A torre contigua ao convento pertencia ás muralhas e defendia a Porta de S. Thiago, que ainda existe, mas está tapada.

Está este optimo collegio situado no Largo de S. Paulo. Tem ainda cinco religiosas e muitas educandas e seculares.

No reinado de D. Maria I, a pedido de D. Maria Luiza das Chagas, estabeleceu-se n'este collegio, desde 1785, um *eduncandado* do sexo feminino, no intuito de se radicar em Braga o instituto das Ursulinas do Valle de Pereira.

No edificio fronteiro ao collegio, se ensinam gratuitamente nas primeiras letras e nas prendas femininas, as meninas externas que alli desejam instruir-se n'estes ramos de educação.

N'este collegio fizeram-se memoraveis as escólas que os jezuitas aqui professavam.

Este convento, que desde o seu principio tem prestado os mais relevantes serviços á religião e á sociedade, pela educação que em todo o tempo alli receberam pessoas de todas as classes e de diversas provincias do reino; e onde as meninas pobres de Braga encontravam sempre ensino gratuito, acha-se actualmento em grande penuria e privado dos meios de continuar em tão importante magisterio; não só pelo pequeno numero de educandas, mas, e principalmente, porque a prestação que d'ellas recebe não está em proporção com as avultadas despezas que tem a fazer tanto no pessoal como no material da casa.

Em dezembso de 1873, viram-se as miseras religiosas obrigadas a recorrer á caridade publica para não morrerem na miseria e ao desamparo.

—

6.º—Convento de freiras de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem da Conceição, na rua de S. Giraldo. Fundado pelo conego Giraldo Gomes, que o dotou com os seus bens em 1625. É o unico d'esta ordem fundado em Portugal.

D'este convento sahiram fundadoras para outros, no arcebispado bracarense.

Para o mosteiro da villa de Chaves, sahiu a 15 de fevereiro de 1716, no arcebispado de D. Rodrigo de Moura e Telles, da casa dos condes de Val-de-Reis, a Madre Suzana Gracia do Salvador; e levou comsigo para vigaria e escrivan a Madre Gracia Josepha Maria do Lado.

Para o mosteiro da Penha de França, em Braga, sahiu para fundadora, a 4 de junho de 1727, no mesmo arcebispado de D. Rodrigo de Moura e Telles, a Madre Maria Josefa de Jesus, conhecida então vulgarmente com o nome de Madre Maria da Trindade Peccadora.

Foi este mosteiro das capuchas da Conceição da Penha de França, a terceira fundação da Ordem no arcebispado primaz. A segunda foi o mosteiro das capuchas da Conceição de Chaves. A primeira foi o mosteiro das capuchas da Conceição.

O conego Geraldo Gomes era filho de Gonçalo Geraldes e Izabel Gonsalves da Costa, naturaes de Braga, e assistentes na rua das Aguas, freguezia então de S. Victor, de que depois se separou a freguezia de S. José de S. Lazaro.

Era formado em *canones*, e estando em Roma em 1588, deu-lhe o pontifice Xisto V a conesia da Sé de Braga, vaga por fallecimento do conego João Gomes de Paiva, conforme consta do *Livro de Mostras* do arcebispo primaz D. Fr. Agostinho de Castro, guardado no archivo da cathedral.

Deu-lhe ordens de presbytero em 1591, na ordenação de março, o bispo d'Annel, D. Francisco de Santa Maria.

Foi varão de grandes virtudes e distincta estimação.

Falleceu a 4 de abril de 1648, e jaz en-

terrado na egreja do seu convento, ao lado direito do altar mór.

Sendo abastado de bens da fortuna, todos elle gastou n'esta edificação, a ponto de morrer tão pobre, que foi preciso que seu sobrinho, Diogo Pinto Pimenta, lhe fizesse os gastos do funeral á sua custa, como consta do *Livro dos Obitos* da freguezia de S. Thiago da Cividade, guardado no archivo dos Livros Findos Parochiaes, no Seminario Diocesano de S. Pedro.

(Creio que não deixaré de agradar a vulgarisação d'estas noticias biographicas de um varão benemerito de Braga.)

—

Penha—Deu-lhe *Constituições* na sua reforma, o primaz D. Rodrigo de Moura e Telles, por concessão do Pontifice Benedicto XIII.

Apesar de impressas em 1789, em 1 volume de 4.º com 75 paginas (enumeradas no indice as duas ultimas) são sobremodo raras, e faltam na maior parte das collecções de *Constituições Monasticas* dos amadores bibliographicos.

As *Constituições* findam na pag 58, e n'essa mesma começa a *Regra*, approvada pelo papa Julio II, e mitigada pelo papa Benedicto XIII.

Está apenas habitado por uma religiosa e algumas recolhidas, pelo que não tardará a ser vendido, ou cahirá em ruinas.

—

7.º—Convento de padres congregados (nerys), da ordem de S. Philippe Nery.

Este convento era da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, no Campo de Santa Anna. Fundado pelo padre José do Valle, natural de Lisboa, e o padre Manuel de Vasconcellos (que morreu em 1687).

Está hoje occupado pelo lyceu nacional de Braga, pela bibliotheca publica, pelas repartições do governo civil, pela repartição da fazenda, e pela telegraphica.

Tinha uma casa de campo, para sua recreação, cortada pelo meio, pelo ribeiro da *Goladas* ou de *S. Victor*.

A cêrca é propriedade actualmente da bibliotheca publica, e está hoje convertida em *horto agricola*, arrendada para isso a longo prazo; desde a estada em Braga, como governador civil, do actual visconde de S. Januario (hoje goveruador de Macau).

O edificio foi dado por lei, para o lyceu nacional e bibliotheca publica, unicamente.

Depois do calamitoso incendio dos paços archiepiscopaes, e ficando o governo civil, (que era n'estes paços) sem edificio para funccionar, pediu o governador civil de então (o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindella) permissão ao lyceu para lhe occupar alguma parte da casa, attentas as circumstancias eventuaes em que o governo civil se achava, ao que a direcção do lyceu generosamente annuiu, e ainda aqui estão as repartições do governo civil, occupando a melhor e maior porção do edificio, dominando na coisa emprestada, como se fosse legitima e legalmente sua, com grave incommodo e prejuizo do lyceu.

Realisou-se mais uma vez o antigo rifão ou aphorismo portuguez:

«*Mettemos, muitas vezes em casa,*
quem nos põe na rua.»

—

8.º—Convento de carmelitas descalças (therezinhas), no largo de Santa Thereza.

Começou este convento a sua edificação em 1756, debaixo da regra da observancia carmelita, e em 1760 passou para a regra de descalças, sob a protecção do prelado primaz, D. Gaspar de Bragança, filho bastardo de D. João V, implorada pelo padre fr. Bernardo de S. Thomaz, religioso carmelita do collegio do Carmo, de Braga, e assistente ao despacho do mesmo prelado.

Em 1766 foi esta edificação concluida; e no anno immediato, de 1767, foi sagrada a sua egreja, aos 14 de junho.

A observancia da religião carmelitana, para o sexo feminino, começaram-n'a em Braga algumas recolhidas em 1742, no sitio das Goladas, a S. Victor, o Velho; indo-se de Braga, para o Bom Jesus do Monte, quasi ao sair da cidade; e d'alli vieram essas reclusas para a rua de S. Barnabé, proxima do convento das Therezinhas, aos 19 de março de 1743.

A passagem da observancia para a descalcez teve logar aos 18 de dezembro.

As fundadoras eram dominicanas da Terceira Ordem da Tamanca (Braga).

Está reduzido a duas religiosas e algumas educandas e seculares.

—

9.º— Convento de religiosas dominicanas da Tamanca (proximo e a NE. de Braga, no sitio chamado *Tamanca*) da ordem de S. Domingos, fundado em 1726, por Agueda de Jesus, e sua irmã Maria de Jesus, naturaes do logar do Loureiro, freguezia de S. Julião de Tabuaças, concelho de Vieira, sendo confundadoras Rosa Maria, Izabel Maria, Marianna do Espirito Santo e Senhorinha Josepha.

O convento das dominicanas da Tamanca, nome vulgar do largo de S. Domingos, na antiga rua do Assento, é da Terceira Ordem da Penitencia, de S. Domingos.

Começou em Braga, na rua da Congosta, (chamada depois travessa da Palha, e ultimamente travessa dos Congregados) a observancia da regra dominicana para o sexo feminino.

D'aqui passaram as recolhidas para a rua das Goladas, a S. Victor, o Velho, indo-se de Braga para o Bom Jesus do Monte, quasi ao sair da cidade; e d'este recolhimento sahiram ellas ao depois para S. Domingos da Tamanca, dando-lhes licença para ahi fundarem convento o prelado primaz D. Rodrigo de Moura Telles, por provisão de 18 de maio de 1724.

Do recolhimento das Goladas sahiu a fundadora da Tamanca, Agueda de Jesus, e a fundadora das theresinhas, Maria de Jesus, ambas irmãs e filhas de Domingos Erancisco e Catharina Barbosa, da Quinta da Cortinha, em S. Julião de Taboaças, no concelho de Vieira, e ambas viveram na Tamanca, d'onde só sahiu Maria de Jesus, depois da morte da irmã, Agueda de Jesus, a quem obedecia e respeitava, ainda que mais nova na edade. (Aconteceu esta morte, a 15 de setembro de 1740.)

Agueda de Jesus deu *Constituições* á Tamanca, que o cabido lhe confirmou (*sede vacante*) em 1 de outubro de 1729. Depois deu-lhe *Novas Constituicões* o prelado primaz, D. Gaspar de Bragança, que occupou a cadeira bracarense desde 1756 até 1789.

Deu confirmação a estas *Constituições*, o principe regente D. João, depois VI do nome, em 18 de abril de 1810, com excepção da exigida *limpeza de sangue* para ser alli recolhida, como se estatuía no § 2.º do Cap. I das mesmas *Constituições*.

Este convento dominicano tem 10 religiosas, além de recolhidas.

Junto a este convento é o Conservatorio do Menino Deus, de que adiante tratarei.

—

10.º Hospicio dos monges bentos, de Tibães, no Campo da Vinha. Fundação dos proprios religiosos. Foi vendido como bens nacionaes. Comprou-o o dr. Antonio Vieira de Araujo, já fallecido. É hoje de seus herdeiros.

—

11.º Convento de Nossa Senhora da Penha de França, no Campo de Sant'Anna. Tem uma só religiosa e algumas recolhidas.

—

12.º Convento de S. Fructuoso, de frades capuchos da provincia da Soledade, situado na freguezia de S. Jeronimo, arrabaldes de Braga. Tem grande cêrca, com boas fontes, pomares e hortas; em sitio fertil, ameno e lindissimo. É antiquissimo, pois foi fundado no tempo dos suevos ou dos godos.

Era primeiramente de frades bentos.

Foi vendido em praça publica e comprado por o general Cayola, o edificio e a cêrca, e este o vendeu ao dr. Antonio Vieira de Araujo. A egreja é hoje matriz do bairro de S. Jeronimo, que com os casaes contiguos constituem uma parochia de 1:230 habitantes.

—

13.º Hospicio dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) no Campo das Carvalheiras. Foi vendido. É hoje propriedade particular do dr. José Teixeira de Aguilar, que foi o primeiro governador civil do districto, depois da extincção das prefeituras.

—

14.º Hospicio dos Loyos (conegos seculares de S. João Evangelista) no Campo de

Sant'Anna. Foi vendido. Comprou-o João Feio Soares de Azevedo, já fallecido.

Foi fundado este mosteiro pelos conegos do convento de Villar de Frades, aos quaes vulgarmente se dava o nome de *Bons homens de Villar*, no seculo XVI e principio do XVII.

—

15.º Hospicio de religiosos capuchos de S. Fructuoso, no Campo de Sant'Anna, proximo ao convento dos congregados. Foi fundado pelos religiosos de S. Fructuoso, no seculo XVII.

O lado oriental d'este edificio, foi comprado por o abbade de Fonte Boa, D. Jeronimo José da Costa Rebello (o *Canaveta*) que morreu bispo do Porto e do qual foi herdeiro o barão da Gramosa, que ficou possuindo isto.

—

16.º Recolhimento ou Collegio da Tamanca, denominado Conservatorio do Menino Deus, no sitio do mesmo nome (Tamanca) suburbios de Braga e junto ao convento de religiosas dominicanas.

Foi fundado pelo caritativo arcebispo primaz, D. Fr. Caetano Brandão.

N'este collegio das orphãs se lhes ensinam as prendas proprias do seu sexo, com summo esmero.

—

Proximo a Braga ha ainda os conventos de Tibães, de frades bentos, e o de Villar de Frades, de Loyos.

Adiante tratarei d'estes.

—

Hospital de S. Marcos. Fundado com as rendas de varios hospitaes que haviam n'esta cidade, pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, no anno 1508.

É administrado pela santa casa da Misericordia, tem muitas rendas e é muito bem regido.

Reuniu (o arcebispo) os tres pequenos hospitaes, dos Peregrinos, dos Lazaros e a Gafaría, com as suas rendas, juntando-lhes os dizimos das egrejas de S. Martinho de Gallegos e S. Martinho de Meséllo, o que durou até 1834.

Entre os annos 1770 e 1780 fizeram-se grandes melhoramentos e ampliações no hospital. É no Campo dos Remedios. Deu o risco para esta nova reconstrucção o capitão de engenheiros Carlos de Amarante. As obras de cantaria e esculptura foram dirigidas e executadas por José Fernandes da Graça (o *Landim.*) É edificio vasto e magestoso. No centro está a egreja de S. Marcos, com o corpo d'este santo (S. João Marcos) que para aqui foi trasladado do tumulo antigo, em 27 de abril de 1718. O seu tumulo primitivo tambem está no altar-mór, do lado do Evangelho.

Tem o hospital 11 enfermarias: S. Cosme e S. Damião, S. João de Deus, S. Bento, S. Braz, S. Domingos, Santo André Avelino, S. Lazaro, S. Sebastião, S. Roque, S. João Marcos e S. Marcos. Tem uma boa botica.

O movimento dos doentes anda por 2:000 entrados, 1:200 curados e 200 fallecidos.

(Nos primeiros 50 annos foi administrado pela camara, mas como esta administrava mal, o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, deu a administração á Misericordia.

—

A magnifica egreja de Santa Cruz, fundada pelos annos de 1635, em tempo do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, com esmolas e legados.

Era obrigada a mandar dizer annualmente nove mil e tantas missas, por alma dos bemfeitores.

—

Egreja de S. Thiago da Cividade (matriz.)

—

Egreja de S. Victor. Foi antigamente mosteiro de monges benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume, e dotado com uma quinta que alli havia, aos monges do mosteiro de Santo Antão, de Moure, por o abbade Vasco Mendes, de quem era, cuja doação foi feita em 10 de novembro de 565. (No tempo dos suevos.) É matriz.

Esta quinta tinha primeiramente sido dos bispos de S. Thiago. Os frades de Moure n'ella fundaram o seu convento, vindo de lá frades para aqui, para darem principio á congregação.

Os mouros destruiram este convento e o de Moure.

Depois da restauração de Braga, foi este

convento dado ao arcebispo S. Geraldo, para elle e seus successores.

Foi então a egreja reparada e sagrada pelo arcebispo D. Payo Mendes, no tempo de D. Affonso Henriques. Estando muito arruinada, foi reedificada pelo arcebispo D. Luiz de Sousa, em 1686.

—

Egreja de S. Pedro (matriz.)

—

Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Foi fundada em 1512 por João de Coimbra, provisor do arcebispado. Situada no topo da rua de S. João do Soutó, em frente da capella-mór da Sé. Tem a fórma de uma torre quadrangular, toda de cantaria. Tem dois pavimentos; no inferior é a capella e no superior a sala que serviu de archivo do morgado que instituiu o fundador. A capella é de abobada de pedra, com bella laçaria. Toda a obra, interior e exteriormente, é feita com grande perfeição e com formosos ornatos e rendilhados, tendo pelo exterior varias estatuas de pedra muito bem feitas. É tudo em estylo gothico florido. Da mesma architectura é um pequeno palacio, hoje muito arruinado, que está proximo (na rua de S. João do Souto) e obra do mesmo Coimbra e pelo mesmo tempo. Esta ermida serve de capella-mór á egreja de S. João do Souto. Nas costas d'esta ermida e pegado a ella, está a capella de Santo Antonio Esquecido.

Estabelecimentos de correcção

Existem 3 em Braga:

1.º no Campo de Sant'Anna. É o recolhimento de Santa Maria Magdalena, de convertidas. Foi fundado por o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1722. Foi até então uma ermida, dedicada a S. Gonçalo e por isso á rua onde elle está se dá o nome de rua de S. Gonçalo.

2.º no Campo da Vinha. O recolhimento da Santissima Trindade, vulgo, da Caridade. É asylo voluntario de donzellas e viuvas, que querem estar reclusas, e de mulheres que foram de vida menos morigerada e que querem retomar o caminho da virtude.

3.º no mesmo Campo da Vinha. O recolhimento das beatas de Santo Antonio, fundado em 1588, pelo abbade reservatario de S. João da Balança, Domingos Peres e instituido para seis donzellas ou viuvas, que desejarem consagrar-se a exercicios misticos, sem clausura regular.

—

A egreja de Nossa Senhora a Branca, no Campo de Sant'Anna. Foi fundada pelo arcebispo D. Diogo de Souza, em um torreão antiquissimo que aqui havia, nos principios do seculo XVI. Foi consagrada a Nossa Senhora das Neves; mas o povo, por a virgem estar toda vestida de branco, a denomina geralmente Nossa Senhora a Branca.

Chama-se a este sitio Campo da Senhora a Branca; mas é tudo Campo de Sant'Anna.

—

A capella de Nossa Senhora de Guadelupe (em Braga dizem quasi todos Aguadelupe.)

É no monte de Santa Margarida, que serve de *padrasto* á cidade. Hoje chama-se a este sitio, Monte do Reducto, e mais vulgarmente Guadelupe.

Suppõe-se que esta capella foi antigamente invocação de Santa Margarida. É de fórma circular.

É antiquissima; mas foi reedificada no seculo passado.

Guadelupe é corrupção da palavra arabe *Uàd-el-ûbb*, que significa Rio do seio. (Julgo que é de *ûbb* que provem a nossa palavra moderna *úbere* e todos os seus derivados. Pelo menos, significa o mesmo.)

Ha na Hespanha um rio e uma villa, e na America do Sul uma cidade com o nome de Guadelupe.

—

A egreja de S. José, era a antiga capella de S. Lazaro. Foi elevada a matriz, dando-se-lhe novo padroeiro, em 1747, pelo arcebispo D. José de Bragança (filho bastardo de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva) fazendo-se esta freguezia com o que se desmembrou da de S. Victor. Ficou sendo novo padroeiro S. José, por ser o nome do arcebispo.

Diz-se que aqui prégou o Evangelho, o

apostolo S. Thiago (irmão de S. João Evangelista) pelos annos 42 de Jesus Christo, e que S. Thiago fez primeiro arcebispo de Braga a S. Pedro de Rates.

Querem alguns que no ultimo anno do imperio de Tiberio Cesar (37 de Jesus Christo) e não no anno 42, desembarcas se em um dos portos de mar, do Minho, o apostolo S. Thiago Maior e se dirigisse logo a Braga, sendo esta a primeira cidade das Hespanhas onde se prégou o Evangelho. Segando esta opinião, S. Thiago converteu aqui muitos idolatras e entre elles a S. Pedro de Rates, a quem fez bispo de Braga, e lhe entregou a nova egreja que havia feito, no sitio chamado dos Banhos, dedicada a Santa Maria. Depois, S. Thiago regressou a Jerusalem, no anno 41.

O bispo e os seus conegos viviam então em communidade, como os frades (e o mesmo acontecia nas outras cathedraes, e assim viveram os conegos por muitos seculos.)

Pelos motivos expostos se intitulam os arcebispos de Braga *primazes das Hespanhas.*

S. Pedro de Rates, era hebreu (diz-se) natural da Palestina e filho de *Urias.*

Flavio Dextro diz que S. Pedro de Rates era hespanhol, da familia dos *Aduenas,* e estava em Jerusalem quando Jesus Christo foi crucificado, e que então se converteu ao christianismo, vindo para as Hespanhas com S. Thiago, prégarem o Evangelho.

Sahiu desterrado da Babylonia, por Nabucodonozor, com os mais captivos hebreus, pelos annos do mundo 3417 (587 antes de Jesus Christo.)

S. Pedro prégava e convertia com a palavra e com milagres.

Uma filha do senhor de Braga tinha lepra e elle curou-a e a converteu ao christianismo e mais á mãe; mas o tal senhor não gostou d'isto e o mandou martyrisar diante do altar da egreja (que depois foi de S. Pedro de Rates) no dia 26 de abril de 45.

N'esta egreja esteve o santo até 17 de outubro de 1552, em que o arcebispo D. Fr. Balthasar Limpo o transferiu para a Sé de Braga.

—

Braga é patria de muitos varões e senhoras illustres pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes. Entre tantos citarei os seguintes:

As nove irmãs gêmeas, virgens e martyres, filhas de Lucio Catilio (ou, mais provavelmente Lucio Cayo Atilio) varão consular, natural de Braga, governador da Lusitania e Galliza, pelos romanos, e de sua mulher Calcia, ambos idolatras.

Chamavam-se ellas: Liberata, Quiteria, Martinha, Eufemia, Genébra, Germana, Basilissa, Victoria e Marciana. (Vide Pombeiro.)

Santa Eufemia, virgem e martyr. Outros lhe dão o nome de Engracia.

Era filha de um senhor (ou principe, como dizem alguns) lusitano. Indo a santa á França, para assistir ás bodas do duque de Roussillon (ou, como outros dizem, para casar com elle) no dia 16 de abril do anno 306, foi martyrisada em Saragoça (Aragão) com 18 companheiros que levava, por ordem do sanguinario Daciano, pretor das Hespanhas por Diocleciano.

Os seus companheiros de viagem e de martyrio (quasi todos de Braga) eram: seus tios Lupercio e Optato; Successo, Marcilla, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Frontonio, Felix, Ciciliano, Emanto, Primitivo, Apodencio e os quatro Saturninos. Seus corpos estão na egreja do convento dos jeronymos, de Saragoça. Eram todos cavalleiros nobres.

—

Santa Matrona, virgem e martyr, filha de Remismundo, rei dos suevos, que, com 12 companheiros, foi martyrisada, em 545.

—

S. Torcato, S. Cucufate e Santa Suzana, todos tres irmãos, (outros dizem que Santa Suzana era irmã de S. Victor) S. Victor e S. Silvestre.

Santa Suzana (parte do corpo) está sepultada na egreja de S. Victor. Dizem outros que S. Victor foi martyrisado pelos romanos, no anno 70, no dia 12 de abril. Que a 14, sabendo o arcebispo S. Silvestre que o corpo de S. Victor estava insepulto, o foi enterrar, acompanhado de alguns christãos, e sendo todos presos, foram martyrisados n'esse mesmo dia.

Em outubro de 1590, D. Agostinho de Castro, arcebispo de Braga, mandou abrir o sepulchro da santa, e n'elle se acharam muitos ossos e reliquias, que se suppõe serem de Santa Suzana. Todos estes cinco santos são naturaes de Braga e aqui foram martyrisados, a 15 de abril de 68, sendo imperador o malvado Nero e governador de Braga Sergio Galba.

D. Diogo Gelmires, bispo de Compostella, levou do territorio de Braga, em 1102, as reliquias de S. Fructuoso, arcebispo de Braga; S. Silvestre, bispo; S. Victor e S. Cucufate, martyres, e parte do corpo de Santa Suzana, e poz tudo na sé de Compostella.

Parece-me mais certo que S. Torcato, S. Cucufate e Santa Suzana foram martyrisados a 15 de abril, mesmo em Braga. Depois S. Victor foi martyrisado a 12 de abril de 70, e S. Silvestre e seus companheiros d'ahi a dois dias.

Tambem na egreja do Populo estão algumas reliquias d'esta santa.

—

Santa Viatride e 18 companheiros, martyres.

—

A celebre D. Ignacia Xavier, que aprendeu philosophia, mathematica, cirurgia e medicina. Publicou algumas obras, sendo uma d'ellas as *Antiguidades de Braga*. Morreu em 1647.

—

Gabriel Pereira de Castro—Nasceu a 7 de fevereiro de 1571. Era eminente jurisconsulto e poeta notavel. Foi lente de Coimbra, desembargador da Supplicação de Lisboa, corregedor do crime da côrte e chanceller-mór do reino. Morreu em Lisboa, a 18 de outubro de 1632. Jaz em S. Vicente de Fóra.

As suas principaes obras são o tratado de *Manu Regia*, em que elle reivendica a independencia da corôa portugueza, contra as pretensões ambiciosas do pontificado, e que foi por isso (como era de esperar) condemnado em Roma; e a *Ulyssea*, poema epico, cujo assumpto é a fabulosa fundação de Lisboa, por Ulysses. (Offereceu este poema ao usurpador Filippe III, precedendo-o de uma dedicatoria dirigida ao mesmo, em termos empolados e retumbantes. Por isto, pelos rendosos empregos que acceitou dos castelhanos e por outros factos, é alcunhado de partidario da dominação philippina.)

Ambas estas obras são ainda muito estimadas, a primeira como obra de jurisprudencia e a segunda por ter grandes bellezas, ainda que de mistura com bastantes frivolidades.

—

S. Damaso, papa. Querem alguns que elle nascesse em Braga, outros dizem que foi em Guimarães, outros que foi em uma aldeia proxima a esta ultima cidade. Outros dizem que elle nasceu na antiga cidade de *Citania*, que hoje não existe. Vide Briteiros (Nossa Senhora da Piedade) e Citania. S. Damaso era irmão de Santa Iria. João de Barros, nas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, diz que S. Damaso nasceu em Pedralva. Vide Pedralva e Guimarães.

Segundo alguns escriptores, nasceu a 11 de dezembro de 304.

Muitos escriptores dizem que elle nasceu em 584. Não póde ser. S. Damaso foi elevado ao papado em 367 e reinou até 384. Então como foi papa 200 annos antes de nascer? A historia, quanto a mim, é esta. Algum escriptor que escrevia mal, fez um 3 que parecia um 5 (o que era facil) e os mais seguindo-o, erraram todos. De mais a mais deram-o nascido no anno em que foi feito papa. Tambem supponho, com bons fundamentos, que o dia 11 de dezembro é o da sua morte, a não ser que elle nascesse no mesmo dia e mez em que morreu, d'ahi a 80 annos.

Foi o primeiro que se assignou *servus servorum Dei*, e que concorreu para que S. Jeronimo traduzisse a Escriptura Sagrada, adoptada por toda a egreja com o nome de *Vulgata*. Urciano lhe disputou a thiara por meio das armas; mas o imperador tomou o seu partido e a sua eleição foi reconhecida válida. Foi amigo e protector de S. Jeronimo, e era instruido e virtuoso.

—

O dr. Manuel Joaquim Coelho da Costa Vasconcellos e Maia, a quem a faculdade de

mathematica da universidade de Coimbra dera capello gratuito, em 24 de dezembro de 1777, com mais seis contemporaneos, em virtude dos seus distinctos merecimentos. Foi dos primeiros doutores que a faculdade graduára, depois de percorrido o tyrocinio regular do curso lectivo da mesma faculdade, creada em 1772, em Coimbra, na reforma da universidade, confiada então ao marquez de Pombal, por el-rei D. José.

—

O dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão, oriundo de familia distincta na escala nobiliarchica, e o primeiro doutorando d'esta cidade na faculdade de philosophia da universidade de Coimbra, onde é cultor distincto da mesma faculdade. Doutorou-se em 5 de julho de 1868; e é auctor da esmerada dissertação inaugural *As cousas actuaes explicam as differentes epochas geologicas?* Desde a reforma da universidade, em 1772, até 1868, nenhum filho de Braga se havia alli doutorado em philosophia.

—

D'aqui foram tambem naturaes (Dicc. de Innoc., etc.):

O grande canonista e estadista Luiz Pereira de Castro, irmão de Gabriel Pereira de Castro.

—

O grande jurisconsulto e famoso praxista, pae de ambos, Francisco de Caldas Pereira.

—

O grande latinista e hellenista Diogo de Teive.

—

O grande medico e insigne philosopho Francisco Sanches (*Oração escholar no lyceu de Braga*, por o sr. dr. J. J. Pereira Caldas) (Barbosa, *Bibl. Lusit.*) auctor singular scepticista.

—

O grande humanista Pedro de Magalhães.

—

O grande prelado D. Fr. Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria, e reformador dos conegos regrantes de Santo Agostinho.

—

Nos tempos provectos, aqui viu igualmente a luz da vida, o grande historiador Paulo Orosio (chamado de muitos, erradamente, Paulo Osorio), varão respeitado dos dois grandes doutores da egreja, Santo Agostinho e S. Jeronimo, a recommendação dos quaes escrevêra, em latim, as suas *Historias desde o exordio do Mundo*, em 7 livros, (Barb., *Bibl. Lus.*) (Padre José Vicente, *Monum. da ling. lat.*)

—

O grande canonista, dr. Antonio Francisco Alcaçova, que não acceitára na universidade de Coimbra a cadeira de prima, que se lhe offerecêra. Foi desembargador da Relação ecclesiastica bracarense, e depois desembargador da Supplicação, procurador da real fazenda e alcaide-mór de Ervededo.

—

O grande jurisconsulto dr. Francisco Bahia Teixeira, elevado na universidade de Coimbra a lente de instituta, em 7 de outubro de 1637; do codigo, em 12 de maio de 1642; do digesto velho, em 29 de janeiro de 1654; e da cadeira de prima, em 31 de maio de 1659.

Foi elevado a desembargadór da Supplicação em 1649; a desembargador dos Aggravos, em 1650, anno em que falleceu; foi tambem desembargador do paço.

—

Os nossos escriptores classicos (*Dicc.* de Innocencio):

Conego Ayres da Costa, auctor do rarissimo *Ceremonial da missa*, em gothico.

—

Vigario geral Bernardo da Fonseca Saraiva, excellente poeta latinista.

—

D. abbade geral benedictino, fr. Mancio da Cruz, auctor presado do *Espelho de Noviços*, extremamente raro.

—

Geral benedictino D. fr. Thomaz do Soccorro, edictor, senão auctor, das muito raras *Constituições Benedictinas*, e da obra pouco vulgar a *Regra de S. Bento*.

—

O tercenario da cathedral bracarense, Xisto Figueira, oriundo de paes castelhanos, que se naturalisára portuguez, em 1489, e au-

ctor da rarissima *Arte de rezar conforme o rito bracarense.*

—

O argonauta do descobrimento da India, Alvaro Velho, auctor plausivel, etc. (Innocencio, *Dicc.*)

—

Francisco de Sá de Miranda—Nasceu na sua quinta da Tapada, proximo a Braga, a 27 de outubro de 1494. Aqui viveu, e aqui morreu a 15 de março de 1558.

Era filho de Gonçalo Mendes de Sá. Casou com D. Briolanja de Azevedo (da casa dos Azevedos, de Bayão.) Teve só dois filhos, Gonçalo Mendes de Sá, que morreu nas guerras da Africa, pelejando valorosamente contra os mouros, e Jeronimo de Sá e Azevedo, que casou e teve successão, e d'elle procedem os actuaes srs. Azevedos, da Tapada, o sr. visconde de Azevedo e outros. (Vide Tapada.)

—

Santa Marinha, virgem e martyr—Nasceu n'esta cidade, e aqui foi baptisada por Santo Ovidio, terceiro arcebispo de Braga. Foi martyrisada na Galliza, em um logar chamado Aguas Santas (a 10 kilometros de Orense) a 18 de julho do anno 130.

—

D. João Bermudes, famoso patriarcha da Alexandria, o primeiro que houve no imperio da Ethiopia. Morreu em Lisboa, a 30 de março de 1570. Está enterrado á porta da egreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

—

Julgo ter aqui cabimento o facto seguinte da historia portugueza.

D. Sebastião de Mattos Noronha, arcebispo de Braga, foi o auctor e principal director de uma conspiração contra D. João IV, para tornar a entregar Portugal a Castella.

O que aqui ha de mais repugnante, além da traição á patria, é a ingratidão d'este padre. O rei o tinha feito presidente do paço e coberto de honras e favores.

(D. Sebastião era natural de Armamar, da familia dos condes d'esta villa.)

Não se sabe como este attentado foi descoberto. Uns dizem que foi um espião portuguez, que apunhalou outro hespanhol e lhe tirou a correspondencia, trazendo-a ao rei. Outros dizem (e talvez fossem ambas as cousas) que foi descoberta pelo marquez de Ayamonte, primo da rainha de Portugal. Tambem se diz, que, sendo convidado o conde de Vimioso para esta traição, viera dizer tudo ao rei, e finalmente, dizem outros que Luiz Ferreira de Barros, illudindo um tal Pedro Baeça (ou Beça) soube d'elle o fio do trama.

O rei devia ser apunhalado no dia 5 de agosto de 1641, e a rainha e os filhos presos.

O rei, que sabia todo o plano dos traidores, disfarçou tudo até ao proprio dia, n'elle foram presos 49 conjurados. Sendo Baeça posto a tormentos, declarou tudo.

O marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel, foram degolados no dia 29 de agosto. O secretario do arcebispo e mais quatro traidores, foram enforcados. O arcebispo e o inquisidor geral, foram condemnados a prisão perpetua. O arcebispo morreu na prisão passado pouco tempo, e o inquisidor foi perdoado e posto em liberdade d'ahi a annos.

N'esta conspiração entravam muitos judeus, aos quaes se tinha promettido a liberdade de culto.

D. João IV foi clemente, não só occultando os principaes documentos comprovativos da traição, mas até querendo perdoar aos traidores. A rainha, porém, o conselho d'estado e os grandes do reino se oppozeram obstinadamente aos desejos do rei. Vide Lisboa no logar competente, e Loronha.

—

Já que fallámos n'este arcebispo de Braga que se deshonrou indelevelmente com tão negra traição contra o seu rei e contra a sua patria, digamos alguma cousa a respeito de outro arcebispo que foi um modelo de virtudes christãs.

De todos os arcebispos, o mais benemerito da cidade de Braga, foi D. Diogo de Sousa. Nenhum outro prelado deixou ahi commemorado o seu governo com tantos e tão honorificos padrões.

As obras sumptuosas que fez na Sé e outras fundações religiosas, attestam a sua munificencia e solicitude. Mas são ainda maiores provas da grandeza do seu animo e dos desvelos paternaes do seu coração, as construcções e variados melhoramentos que fez na cidade, com grande dispendio seu.

Abriu novas praças e ruas, introduziu agua dentro dos muros, reconstruiu varias fontes e fez outras novas, levantou novas e mais bellas portas da cidade, accrescentou e melhorou as obras de defeza, reuniu e collocou ordenadamente em uma praça differentes columnas miliares romanas, que estavam dispersas e desprezadas, e que, se não fosse elle se teriam certamente desencaminhado; e finalmente fez outras muitas mais obras de utilidade publica e aformoseamento da cidade.

Até ao anno de 1505, em que D. Diogo de Sousa foi feito arcebispo de Braga, esta cidade achava-se quasi circumscripta ao que hoje chamam as Travessas, que é a parte comprehendida entre a Sé e a egreja de S. Thiago. Foi durante os 27 annos do governo d'este benemerito prelado, que Braga se desenvolveu, rompendo o seu recinto de muralhas, e fazendo-se novas ruas e praças. Em 1512 se abriu a bella rua Nova de Sousa, que do seu fundador, D. Diogo, tomou o nome.

A morte d'este dignissimo prelado foi sinceramente sentida e chorada por todos os bracarenses, que o amavam como pae.

El-rei D. João III e toda a nação deploraram a perda d'este inclito varão, que tantos beneficios havia feito a Braga em especial, e a Portugal em geral, com seus bons serviços, nas importantes commissões fóra do paiz.

Em testemunho de gratidão se lhe erigiu um sumptuoso monumento, onde repousam as suas cinzas.

Ergue-se este mausoleu no centro da egreja da Misericordia velha, que se communica com a Sé, e de que já tratei. É todo de pedra e coberto de esculpturas, descançando sobre seis leões. Guarnecem a caixa pelos quatro lados as imagens da Virgem, dos apostolos, dos evangelistas e de outros santos, em alto relevo, mettidos em formosos nichos com primorosissimos lavores Sobre a tampa está deitada a estatua do prelado em habitos pontificaes. É maior do que o natural e de um desenho mui correcto.

Por baixo da estatua, no friso, em volta da caixa, está a seguinte inscripção:

Aqui jaz D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, filho de João Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Figueiró e de Pedrogan, e de D. Branca da Silva, sua mulher, o qual el-rei D. João II mandou por embaixador a Alexandre papa VI, a lhe dar a sua obediencia, e el-rei D. Manuel, tendo-o feito capellão-mór da rainha D. Maria, sua mulher, o mandou dar sua obediencia ao papa Julio II, e el-rei D. João o III o fez capellão-mór da rainha D. Catharina, sua mulher: o qual fez esta capella para sua sepultura. Viveu 72 annos, e falleceu a 18 dias do mez de julho de 1532.

A capella a que allude o epitaphio, é a de Jesus, da dita egreja, chamada Misericordia velha. Esteve ahi primitivamente o tumulo do arcebispo; depois, por ser muito grande e tomar por isso quasi toda a capella, foi transferido para o meio do templo, onde agora está, cercado de uma grade de ferro.

—

Como a casa do tribunal da justiça d'esta cidade não satisfizesse ás exigencias do tempo e ás condições florescentes de uma povoação d'esta ordem, a camara municipal comprou, em julho de 1873, por 9:500$000 réis, á sr.ª D. Dorothea de Noronha, uma bôa casa, para d'alli fazerem um novo tribunal, digno de Braga.

—

Em 26 de novembro de 1238, estando D. Sancho II em Guimarães, deu ao arcebispo de Braga, D. Silvestre e a seus conegos, as egrejas de Ponte de Lima e a da Touginha (hoje Touguinha) em terra de Faria; livres e isentas de qualquer direito real. E as villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adaufe (hoje Adoufe) em terra de Panoyas; as quaes manda coutar *per lapides; sicut aliud Cautum de Regno, quod melius cautatum est.*

O rei fez-lhe esta doação, por ter tirado á

sé de Braga o direito de cunhar moeda, que D. Affonso Henriques lhe tinha dado, a 27 de maio de 1128.

Escriptores de boa nota negam que a sé de Braga tivesse em tempo algum o direito de cunhar moeda. Não têem razão. Esta egreja teve effectivamente esse direito, legalmente concedido; mas o que parece é que nunca usou d'elle, pois ainda não appareceu uma só moeda, de nenhuma qualidade de metal, cunhada pelos arcebispos de Braga, em virtude d'esse direito, que durou 110 annos e meio certissimos.

É innegavel porém que Braga tinha muitos e grandes privilegios. Além dos que já declarei e de outro smuitos, menos importantes, sabemos que os reis de Portugal, por costume muito antigo, mandavam alçadas pelo reino. Eram estas alçadas uns tribunaes de justiça que constavam de presidente, companhia e auctoridade de ministros; os quaes, em fórma de *relação*, percorriam todas as provincias com poderes reaes, como em correição ou visita geral; a desfazer aggravos, castigar insultos, tolher prepotencias e humilhar poderosos que abusavam da sua grandeza.

Pois, apesar d'estas alçadas (que eram escrupulosamente formadas de varões integerrimos e severissimos) serem tão uteis e não offenderem em nada a auctoridade dos municipios, era d'ellas isenta a diocese bracarense, e os reis respeitavam tanto este privilegio, que D. João III, em uma jornada que fez para honrar esta cidade, quando chegou a entrar nos limites d'ella, mandou a todas as justiças que o acompanhavam cessarem a execução dos seus officios, mandando-lhes guardar as suas varas (insignias d'ellas) e só servirem os ministros da cidade.

Tendo el-rei D. Sebastião despachado uma alçada para Braga, o arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, excommungou logo os officiaes regios e escreveu francamente ao rei, lembrando-lhe «que elle não tinha mais superioridade na cidade e nos mais logares da jurisdicção temporal d'aquella egreja, que o que era appellação nos casos crimes, toda a mais *soberania de mero e mixto imperio* era da sua egreja, *sem nenhum outro reconhecimento á corôa.*» O rei mandou logo retirar a alçada. (Fr. Luiz de Sousa, *Vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. 4.º, cap. 1.º)

A E, o proximo da cidade, sobre um pittoresco monte (do qual se gosa uma bella e extensa vista) está o célebre sanctuario do Bom Jesus do Monte, principiado em 1718, o mais sumptuoso, n'este genero, e mais frequentado de Portugal.

As obras principaes foram concluidas em 1725; porem desde então (com maiores ou menores intervallos) sempre aqui tem havido obras de novos augmentos e melhoramentos. Nestes ultimos 30 annos teem-se feito muitas obras grandiosas e grandes aformoseamentos. Vide Monte.

—

Em maio de 1867, nas escavações que se andávam a fazer em uma rua, appareceram algumas moedas, bocados de marmore e um bocado d'ouro, tudo do tempo dos romanos. E nas escavações que se fizeram para calçar as ruas das Ossias e de S. João, appareceram varias moedas romanas dos imperadores Trajano e Constantino.

Em 1862, no campo das Hortas, em umas casas em que, segundo a tradição, nasceram as 9 irmans santas, appareceram restos de construcções romanas.

Lypsio, nas inscripções antigas, e Loaysa, nas Notas ao terceiro concilio bracarense, fazem mensão do idolo de Isis e de seus castos ministros, e copiam uma inscripção que aqui se achou e foi posta na Sé, de traz da capella de S. Giraldo.—Diz assim.

ISIDI SACRUM
LUCRETIA FIDA SACERD.
PER P. ROM. ET. AUG.
CONVENTUS BRACARAE
AUG. D.
TITUS CAELICUS TRIPES
FRONTO, ET M. ET L. TITI
FILII PRONEPOTES CAELICI
FRONTONIUS RENOVARUNT

—

Quer dizer—«A chancellaria augusta de Braga, dedicou este templo a Isis, sendo sacerdotiza Lucrecia, fiel ao povo romano. Augusto, Tito-Celio, Tripes-Fronto e Marco e

Lucio, filhos de Tito, bisnetos de Celio-Fronto renovaram.

—

O passeio das Carvalheiras tem 9 columnas antiquissimas, com inscripções romanas. Segundo estas inscripções, foram erigidas a varios imperadores romanos. Havia outras mais em outros sitios da cidade, mas já não existem. Todas estas columnas são marcos milliares das vias militares romanas.

—

Appareceu aqui um idolo singular, a que chamam dos Granjinhos, o qual ainda é um phenomeno problematico para os archeologos.

—

O arcebispado de Braga era antigamente muito mais pequeno. Todo o vasto e populoso territorio entre o Minho e o Lima, era do bispado de Tuy. Pelos annos de 1440, a requerimento de D. Affonso V, e por breve de Eugenio IV, passou este territorio a ser do bispado de Ceuta (Africa) e em 1512, por bulla de Leão 10.º, sendo arcebispo D. Diogo de Souza e bispo de Ceuta D. Henrique, por consentimento do rei D. Manuel e do papa, trocaram, ficando a ser do bispado de Ceuta a comarca d'Olivença (que era do de Braga) e ficando para o arcebispado toda á comarca de Vallença do Minho, que era este territorio. O papa confirmou esta troca em 1513.

Braga tinha voto em côrtes, com assento no segundo banco.

D. João I. aqui convocou côrtes em 1387.

Tem por armas—Nossa Senhora, no meio de duas torres, em um caixilho ovado, com o menino no cóllo, com uma mitra pontifical em cima e a legenda—«*Insignia fidelis et antiquæ Bracharæ.*».

—

Tem Braga 7 praças ou campos principaes que são.

Campo da Vinha, de Santa Anna (hoje um bello passeio publico) Hortas (onde nasceram as 9 irmans) S. Thiago, Remedios, Touros e Senhora Branca.

No Campo de Sant'Anna ainda se vêem os restos do antigo castello construido por D. Diniz, no principio do seculo 14.º, e reedificado por o rei D. Fernando, em 1375, e do qual ainda existem algumas torres e lanços de muralhas. Este campo tem numa das extremidades um bello chafariz e na outra uma elegante columna corinthia, com um globo sustentando a cruz archiepiscopal.

—

A E. d'esta cidade corre o pequeno rio Aleste, que vae misturar-se com o Deste, que a banha pelo S, e vae morrer no Ave, proximo a Villa do Conde.

Ao O, passa o pequeno Rio-Torto, e pelo seu termo o Cávado.

Entre o Nascente e o Sul está a serra do Sameiro (ou Monte Sameiro) onde alguns dizem que existiu a antiga cidade de Citania.

Sameiro é fragoso e ingreme. Do seu cume vê-se Barcellos, Vianna, a praia d'Espózende, o Alto de Moragueiras (no Gerez) Guimarães, a egreja da Lapa, no Porto, e o mar.

Construiu-se no seu cume um monumento á Immaculada Conceição de Maria, rematado pela estatua colossal da mesma Senhora, feita de marmore. Foi lançada a primeira pedra d'este munumento, a 24 de junho de 1863. Cconcluiu-se em 1870. Foi feito por subscripção voluntaria.

Fica a um kilometro do sanctuario do Bom Jeses-do-Monte.

—

Segundo Paulo Orosio, Braga foi a primeira cidade das Hespanhas onde se publicou o edicto que Augusto Cesar passou em Tarragona (capital da provincia terraconense, que chegava até ao Porto, e cuja principal chancellaria, ou relação, era Braga) para que todos os homens do imperio romano fossem offerecidos a Jesus Christo, que d'ahi a poucos annos havia de vir á terra.

—

Braga foi uma cidade muito rica e florescente no tempo do imperio romano; porque Ausonio fallando das cidades mais nobres do seu tempo, diz«—*Quæ sinu pelagi se jactat Braccara dives*»—Todavia, o tempo do seu maior resplendor foi no principio da monarchia por tugueza; principiando a sua decadencia no 15.º seculo, quando as povoações do litoral ganharam maior incremento, pelos

descobrimentos que se iam fazendo na Asia, Africa, America e Occeania. Comtudo, o maior golpe que soffreu esta cidade, foi em 1834, com a extincção, dos conventos de frades; dos seus grandes privilegios e dos enormes rendimentos do arcebispado. Hoje vae adquirindo uma nova vida, pela grande industria e actividade, dos seus habitantes, e muito mais prosperará quando for uma estação do caminho de ferro do Norte.

—

Perto dos muros de Braga, em Dume, houve antigamente um convento de monges benedictinos, dedicado a S. Martinho, que foi fundado por Theodomiro, rei dos suevos; que sendo ariano se converteu ao catholicismo, pelos annos de 564. Este mosteiro foi depois erigido em Sé cathedral, sendo seu primeiro abbade S. Martinho Dumiense, tambem o seu primeiro bispo.

Segundo fr. Jeronymo Roman, durou este bispado mais de 600 annos. (Vide Dume.)

—

Faz-se em Braga a antiquissima e celebre montaria do *porco preto*, na vespera de S. João Baptista, que é um grande divertimento para gente da cidade e arredores.

—

As mulheres de Braga foram na antiguidade consideradas audaciosissimas guerreiras. (Vide a 1.ª parte da *Monarchia Lusitana*.

—

Em 20 de março de 1809, Soult e a sua horda de jacobinos occupam Braga, saqueando-a.

—

Em 22 de fevereiro de 1823 teve logar a revolução de Braga, seguida da de Villa Real de Traz-os-Montes, e das duas provincias do Norte, que deu em resultado a queda da Constituição de 1820.

—

Aqui morreu a 15 de dezembro de 1805 o exemplarissimo e santo arcebispo D. Fr. Caetano Brandão (Vide Loureiro.)

—

O arcebispo D. João Peculiar fundou aqui, em 1140, um convento de freiras agostinhas, na rua a que, por isso, ainda hoje se chama *das Conegas*.

Não se sabe quando nem porque foi extincto este convento, nem d'elle existe mais do que a memoria e o nome da rua.

—

Braga tem muitas egrejas e capellas, um grande seminario e muitos hospicios; uma bibliotheca publica com perto de 40$000 volumes; um bom theatro (de S. Geraldo) e varios hospitaes.

O seminario, no Campo da Vinha, foi fundado pelo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, é um vasto edificio. Foi edificado pelos annos 1560.

—

Braga é uma das mais antigas, das mais nobres e das mais illustres cidades da peninsula hispanica.

A sua situação é das mais aprasiveis e bellas, no centro da provincia do Minho, em terreno elevado, mas plano. É cercada de fertilissimos campos (regados pelo Déste) e de frondosos arvoredos e prados sempre verdes.

—

A cidade abunda em notaveis edificios, uns dignos de respeito pela sua antiguidade, outros pelo testemunho permanente das crenças de nossos avós, e finalmente outros pela sua elegancia.

Tem boas e espaçosas ruas, é muito saudavel e de qualquer ponto da cidade se gosam extensas e agradaveis vistas.

—

Á entrada da praça chamada Campo das Hortas, do lado do SE., está um elegante arco triumphal, todo de pedra e com muitos ornatos, construido no principio do seculo passado, no sitio onde havia uma das antigas portas da cidade, pelo arcebispo D. José de Bragança, filho legitimado de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva.

Dão a este monumento vulgarmente o nome de *Porta Nova*.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, em o numero 21 do 8.º volume do *Archivo Pittoresco*, diz que este arco (ou porta) foi feito pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V. Sendo assim, foi o arco feito pelos annos 1760.

A estátua da cidade de Braga, que serve de

remate ao arco, tem andado de Herodes para Pilatos. Estava primittivamente sobre uma mesa de pedra, que é uma lapide romana, e ainda existe no largo das Carvalheiras. D'esta mesa foi mudada para o meio da arcada do Campo de Sant'Anna, antes de se edificar o templo de Nossa Senhora da Lapa. Quando este se fez, foi ella mudada (em 1757) para o lado do N. da mesma arcada; passados annos, concluido o arco da rua Nova de Sousa (o de que se trata) foi a estatua por fim mudada para cima d'elle.

No centro d'esta mesma praça, está uma bonita e elegante columna corinthia, sobre degraus e coroada por um grande globo, que serve de base a uma bem lavrada cruz archiepiscopal.

É n'esta praça o palacio dos senhores Cunha Reis, o mais bello e magnifico edificio particular da cidade. Ha n'elle uma copiosa livraria e uma escolhida collecção de quadros a oleo, de auctores portuguezes e estrangeiros, sendo alguns de grande merecimento. Tem tambem um bom medalheiro e varias antiguidades. Nos jardins correspondentes, plantados ao gosto moderno, ha uma riquissima collecção de plantas.

O sr. dr. Pereira Caldas, lente do lyceu d'esta cidade, tambem tem uma escolhida collecção de rochas, mineraes, fosseis e outros productos geologicos, das principaes regiões do mundo, de muitissimo merecimento.

—

O paço dos arcebispos, no Campo dos Touros, é um bom edificio. Foi reconstruido pelo já referido arcebispo D. José de Bragança, no principio do seculo XVIII. A parte do paço que deita para esta praça, esteve occupada pela repartição do governo civil do districto, até que o incendio devorou este edificio.

—

No campo dos Remedios estão dois dos melhores edificios publicos de Braga — a egreja de Santa Cruz, e a do hospital de S. Marcos. Aquella foi feita pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha (que depois foi arcebispo de Lisboa) em 1635.

Todas as despezas da construcção da egreja de Santa Cruz foram feitas á custa das esmolas dos devotos, avultando entre estas as do prelado.

É um templo vasto e sumptuoso, e o seu frontespicio adornado de primorosa esculptura. A egreja tem sete capellas, todas consagradas aos passos da paixão de Jesus Christo. São todas guarnecidas de talha doirada, de delicadissimo lavor. É administrada por uma rica irmandade, que paga a 12 capellães permanentes, que resam em côro. As solemnidades religiosas fazem-se aqui com grande magnificencia.

A egreja e o hospital de S. Marcos são obra do arcebispo D. Diogo de Sousa, no principio do seculo XVI; mas foi modernamente reedificada com grande magnificencia.

Todo o edificio é coroado por balaustradas e estatnas dos apostolos. Na egreja está o rico sepulchro de jaspe, de S. João Marcos, bispo de Atina e martyr.

—

E digna de menção a Capella de S. Sebastião, de fórma circular, muita antiga, mas que foi modernamente reconstruida. E' situada em terreno elevado, cercada de frondoso arvoredo, com um bello e espaçoso adro, cercado de muros, plantado de arvores e com assentos de pedra, e tem um chafariz que é dos melhores da cidade.

Ha entre o arvoredo que orna este adro, carvalhos de proporções gigantescas e em toda a força da vegetação. Tanto no adro, como em torno da capella, estão collocadas varias columnas (*marcos milliarios*) com inscripções romanas, que outr'ora guarneciam as vias militares que sahiam de Braga. Estas columnas estiveram primeiramente no Campo de Sant'Anna, onde as mandou collocar o arcebispo D. Diogo de Sousa, que foi o que as fez conduzir para a cidade, dos differentes sitios em que foram achadas.

—

É Braga uma cidade muito industriosa, pela actividade e amor ao trabalho de seus habitantes.

Aqui se fabricam grande numero de chapeus de lan e bastantes de seda e de feltro; armas, ferragens, tecidos de linho (que ex-

porta para muitas povoações do interior e para o Brasil) e outras manufacturas.

Ha aqui optimos esculptores em marfim e em madeira, e em todas as industrias se encontram artistas de grande merito.

—

Nas cercanias de Braga, e além do convento de S. Fructuoso, de frades capuchos, que fica proximo á cidade, e de que já dei noticia, ha mais o convento de Tibães, dei frades benedictinos, cabeça da sua Ordem, e que fica a 6 kilometros de Braga.

Foi fundado no principio da monarchia, e é um dos mais vastos conventos de Portugal.

—

Convento de Villar de Frades — da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) 6 kilometros acima do convento de Tibães, situado junto ao rio Cávado, com uma das mais bellas egrejas gothicas que ha em Portugal.

—

O asylo dos entrevados, na rua d'Agua, foi fundado em 1852.

—

O territorio de Braga é abundantissimo em cereaes e legumes, vinho verde, e fructas (principalmente laranjas que exporta em grande quantidade e de optima qualidade.)

Cria gado de toda a espécie, com o qual faz grande commercio e fabrica muito bôa manteiga de vacca. Nos seus montes ha abundancia de caça miuda.

—

Foral — Não me consta que Braga tivesse foral algum, antigo, nem Frankim o menciona.

Ha no Real Archivo da Torre do Tombo — «Apontamentos para o foral de Braga» na reforma para os foraes, por D. Manuel. (Gav. 20, maço 11, n. 20.)

Não se chegou a expedir foral novo; mas é provavel que já estivesse escripto, porque o foral de Vianna da Foz do Lima, quando tracta dos artigos — Gado do vento, e pena d'arma — remette-se ao foral de Braga.

Ha tambem uma carta regia, dirigida ao arcebispo de Braga, datada de 11 de outubro de 1516, para nomear pessoa que, com o corregedor da comarca, executasse as diligencias que lhe eram incumbidas, para depois se expedir o foral.

(Corpo Chronologico, parte 1.ª, maço 20, documento 110.)

—

Braga tem estação telegraphica de primeira ordem (ou do Estado) por decreto de 7 de Abril de 1869.

—

De todo o reino são sabidos as inuteis e cobardes barbaridades praticadas em Braga pelo conde do Casal e as suas tropas, em 20 de dezembro de 1846; assassinando velhos, mulheres e creanças.

Ainda hoje no anniversario d'este dia, de tristissima recordação, se faz aqui uma solemnidade religiosa, em commemoração d'este acto de selvageria e resando-se pelas almas de todos que morreram de ambos os partidos.

—

O theatro de S. Geraldo, exceptuando os theatros de Lisboa e Porto, é o melhor de Portugal. Foi fundado desde os alicerces por uma empreza particular, em 1857. Foi dedicado a S. Geraldo, um dos mais virtuosos arcebispos de Braga. Foi elle que baptisou D. Affonso Henriques.

Está situado em um pequeno largo, junto ao Campo de Sant'Anna. Sua architetura é singela, mas nobre e elegante. Interiormente é muito bem distribuido.

A célebre actriz Emilia das Neves, aqui veio representar na sua inauguração.

—

É certo que as primeiras fortificações de Braga foram feitas pelos romanos. Os suevos, os gôdos e os árabes as conservavam e ampliaram; mas na mudança de uns para outros eram mais ou menos damnificadas. Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, reparou estas fortificações; mas foi o rei D. Diniz que pelos annos 1300 reconstruiu tão regular e solidamente as obras de defeza, que esta fabrica é tida como uma nova fundação.

As continuas guerras com os castelhanos, no reinado de D. Fernando, obrigaram este monarcha a reformar as muralhas e augmentar-lhe o numero das torres e reedificar o

castello. Terminaram estas obras em 1375.

O arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, no principio do seculo 16.º, accrescentou ao castello os dous baluartes circulares que deitavam para o Campo de Sant'Anna, e dos quaes ainda ha vestigios. Tambem os ha ainda (ao O. do dito Campo) do seu nobre e vetusto castello, que era formado por um vasto recinto de muralhas ameiadas, flanquedas de torres, cubêllos e bastiões; no centro eleva-se a grande altura a torre de menagem.

Da cêrca de muralhas ainda resta um an-lço para o S. com uma torre e um bastião, que deitam para o referido Campo. Este bastião está actualmente transformado em casa de habitação, com duas ordens de janellas, mas tiraram-lhe as ameias. Tem a frente para a praça e para a rua da Fonte da Cárcova. O bastião circular que correspondia a este, do outro lado do castello, é hoje uma casa de 3 andares; mas ambos conservam bem evidente a sua primeira fórma.

De um a outro muro corria um lanço de muralha guarnecido de um frizo feito de balas (de pedra) parte do qual ainda hoje existe e serve de parede do fundo da arcada que fica ao S. da egreja da Lapa, cuja capella-mór vae quasi tocar com a torre de menagem, e cujo campanario era uma das torres do castello.

Com a fundação de algumas egrejas e conventos e com o desenvolvimento da povoação, foram-se derrubando successivamente as muralhas e varias torres e portas da cidade.

—

Braga foi um dos 6 bispados em que o concilio de Lugo (569) dividiu a Lusitania. Tinha 27 egrejas diocesanas sendo 11 pagos, (cidades e seus termos) e 16 freguezias.

(Vide Bispado.) Porem a Diocese de Braga era antigamente muito mais pequena do que actualmente. Pela bulla expedida em 1114, pelo papa Pascoal 2.º, ao arcebispo de Braga D. Mauricio, se vêem os limites do arcebispado, que ficaram sendo os seguintes:

Da foz do rio Lima decorria o territorio bracarens p la margem esquerda do mesmo rio até Lindoso. Ao N. do Lima (ou desde a sua margem direita) era bispado de Tuy, como atraz já fica dito.

—

Ha n'esta cidade uma rua chamada de D. Gualdim, onde se suppõe que existiu a casa que os templarios aqui tinham. D'aqui foi commendador, o célebro mestre do Templo D. Gualdim Paes. Vide Almourol, Amares, Thomar, etc.

—

Li em um periodico de 1844 (não me lembra qual) que n'aquelle anno, entre umas pedras que estavam ao abandono atraz da egreja do Bom-Jesus do Monte, appareceu uma d'ellas com inscripção em soneto, e que, segundo a tradição, é historico o facto què se deu em um dos montes do Gerez. Diz assim:

Passageiro! este chão que vês diante,
Na encosta de monte desabrido,
D'um castelhano foi, que, perseguido,
Aqui se recolheu co'a terna amante.

—

Quebrantando por elle a fé constante
Que havia ao esposo terno promettido;
Trocou por ermo agreste e desprovido
Sua cella mimosa e abundante.

—

A era em que isto foi inda vae perto;
Mas da choça que aos dois prestára abrigo,
Nem sequer um calháo se aponta ao certo.

—

Tudo o tempo varreu, levou comsigo,
E só da tradição no livro incerto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.

A. D. 1844.

—

Aqui convocou côrtes D. João I, em 1387, a que assistiu o grande condestavel do reino, D. Nuno Alvares Pereira. O rei presidiu em pessoa.

N'ellas se obrigaram os povos a pagar dobradas cizas por um anno, para as despezas da guerra; do que se passou ao concelho do Porto o instrumento de 14 de novembro.

Tambem as mesmas côrtes concederam privilegios aos moradores de Coimbra, do que

faz menção a carta de 16 de fevereiro, da era de 1429 (1391 de Jesus Christo.)

Tambem então se requereu contra a devassidão dos costumes dos ecclesiasticos, como consta da lei de 28 de dezembro da era de 1439 (1401 de Jesus Christo.)

D'estas côrtes se passou carta ao concelho de Santarem, a 8 de dezembro do mesmo anno, com o theor de um artigo geral. Outra de 15 do mesmo mez e anno, ao concelho do Porto, com um artigo geral do mesmo concelho; e outra de 24 de novembro, com artigo especial para este mesmo concelho.

—

Como a cidade de Braga é uma das principaes, senão a principal da Lusitania, julgo á proposito dar aqui varias noticias antigas, não só de Braga e da Galliza (de que o actual reino de Portugal formava uma grande parte) mas tambem da Lusitania, e dos povos differentes, que habitavam a região que estanceia entre os rios Minho e Guadiana (o moderno Portugal) extrahido das *Memorias de Braga*, pelo padre D. Jeronimo Contador de Argote.

—

Renunciado o imperio romano por Diocleciano e Maximiano, foram acclamados imperadores Constancio Chloro e Galerio Maximiano. (305 de Jesus Christo.)

Repartiram estes entre si o imperio. Constancio ficou com a Africa, as Gallias, as Hespanhas e as Ilhas Britannicas; e largando pouco depois a Africa ficou com o restante.

Era amigo dos christãos, favorecendo-os e formando a sua guarda exclusivamente com elles.

Cessou pois, desde a sua subida ao throno, a perseguição dos christãos, e principiou a paz da egreja.

Logo, em 306, morrendo Constancio, lhe succedeu no imperio seu filho Constantino, depois cognominado o Magno.

Constantino, que era christão, promoveu o progresso da religião catholica nas provincias do seu dominio, onde o paganismo se foi pouco e pouco extinguindo.

Foi então que o catholicismo, publica e francamente professado na Lusitania, se foi desinvolvendo no Occidente.

Em 110, Arrio (ou Ario) natural da Lybia (outros dizem da Alexandria) homem de vasta intelligencia, de uma phisionomia sympathica, de trato grave e modesto, abraçou o scisma dos melicianos; mas arrependido se conciliou com Pedro, bispo de Alexandria, que o ordenou diacono.

Sendo martyrisado S. Pedro, seu successor, Achilles, o ordenou sacerdote.

Por morte de Achilles pretendeu Arrio ser bispo de Alexandria, e como não conseguisse isto, principiou a prégar doutrinas herecticas, pelo que o concilio de Alexandria o excommungou e aos seus sequazes, que ainda mais exacerbados com maior encarniçamento trataram de destruir o catholicismo.

Convocou-se o concilio ecumenico de Niceá, presidido pelo imperador, e alli foi pessoalmente convencido e excommungado, e o imperador o degredou para o Illirico. Pelo favor de seus parciaes, foi chamado a Constantinopla e ali abjurou os seus erros e fez profissão da fé catholica, mas tudo fingido, para illudir o imperador.

Morto Arrio, em 111, de morte repentina, segundo uns, e violenta, segundo outros, nem por isso deixou de existir a sua seita, que estava já muito radicada, sobretudo ao norte da Europa.

Constantino diligenciou pôr diques ao arianismo, creando novas e diversas auctoridades e circumscrições ecclesiasticas, e fazendo então consular a provincia da Galliza (anno 312.)

D'este tempo datam varias moedas romanas, d'este imperador, que por differentes vezes se teem achado em Braga, onde bons escriptores sustentam que houve uma grande fabrica d'ellas.

Foi tambem então que se creou a dignidade denominada *vigario do imperio*, ao qual obedeciam todos os legados e regedores das provincias; mas estes *legados* tinham superior, que era o *prefeito do pretorio*.

Pretendem alguns escriptores que Constantino veiu á Galliza exterminar os arianos, mas isto é muito duvidoso.

Os que admittem como verdadeiros os chronicões de Juliano e Dextro, dizem que o primeiro prelado bracarense foi Sinagrio, ao qual succedeu S. Leoncio (constantinopolitano) que falleceu em Guimarães, a 19 de março de 326. A S. Leoncio (dizem) succedeu Appolonio. Tudo isto é contestavel e muito contestado

O padre Marianna (hespanhol) que copiou do escriptor arabe Rasis, diz que Constantino dividiu as Hespanhas e seis bispados (outros dizem arcebispados) a saber: Narbona, Braga, Tarragona, Carthagena, Mérida e Sevilha. Á diocese de Braga ficaram pertencendo as cidades de Dumio, Portucale, Aurio, Oviedo, Astorga, Britonia, Iria, Aljubra e Iffa.

Á diocese de Mérida pertenciam as cidades de Beja, Lisboa, Idanha, Coimbra, Lamego, Evora, Cauria e Lampa.

Esta divisão é impugnada por muitos, com bons fundamentos. Dizem elles que Dume não podia ser bispado suffraganeo de Braga, porque só existiu d'ahi a mais de duzentos annos; e o mesmo erro se dá com respeito ás cidades de Oviedo, Portucale e outras que tambem ainda não existiam; e que o bispado de Narbona, não pertencia n'aquelle tempo ás Hespanhas, a que só ficou encorporado depois, no tempo dos gôdos.

De mais, sendo então as principaes cidades da Lusitania Scalabis, Norba-Cesaria, Évura e outras, senão constituissem em bispados, sendo-o Tuy, Viseu, Oviedo e outras, muito menos importantes.

Tambem sabemos que Celenas, Benis, Saxomone e outras, eram bispados e não vem comprohendidos na divisão attribuida a Constantino, cuja vinda, no anno 4.°, ou 24.° (como querem outros) do seu reinado, á Galliza é ponto mais que duvidoso.

É certo que, em tempos remotissimos, houveram bispos na Lusitania, suffraganeos de Mérida, e na Galliza, suffraganeos de Braga.

Por morte do imperador Constante, (anno 350) lhe succedeu Magnencio, (o tyranno) cujo partido seguiu a chancellaria de Braga; ao qual succedeu, d'ahi a dois annos, Constancio, que era ariano, e causou bastantes attribulações á egreja catholica.

A Constancio succedeu, em 361, Juliano Apostata, que felizmente imperou pouco tempo.

Estes dois imperadores, posto não perseguissem claramente os catholicos, eram seus inimigos.

Em 363, lhe succedeu Joviano, imperador summamente pio e catholico, e a este, em 364, Valentiniano, tambem catholico; e no governo d'estes imperadores, prosperou muito o christianismo.

Seria longa e fastidiosa a narração das heresias dos gnosticos e outras, que mais ou menos influiram no progresso da religião catholica, até ao anno 394 em que Theodosio, o Grande, vencendo e matando Eugenio, se tornou o unico monarcha dos dois imperios romanos, oriental e occidental.

Sobre a patria de Theodosio ha grandes contendas entre os escriptores antigos. Todos concordam em que era hespanhol; mas uns dizem que de Italica, cidade da Bética, e outros que de Cauca, cidade da Galliza.

Ainda com respeito ao sitio onde existiu a cidade de Cauca, ha diversas opiniões, querendo uns que era nas margens do rio Tajada, acima de Segovia; outros, que seja Villa Pouca, e outros, finalmente, que é no sitio onde está a actual villa de Coura, no alto Minho.

É mais provavel que nascesse em Cauca, povoação da antiga Galliza.

Idacio, consciencioso escriptor, patricio e contemporaneo de Constantino, principia assim o seu chronicon:

Theodosius, natione Hispanus, de Provintia Gallætiæ, Civitate Cauca, à Gratiano Augustus appellatur.

Emquanto os bispos catholicos procuravam exterminar os restos de antigas heresias, um inesperado acontecimento transtornava a ordem de cousas e a geographia politica da Europa.

Governava o imperio do Occidente Honorio, de pouca edade, tendo por tutor Estili-

con, ministro despotico, e que, ainda depois de terminado o tempo da tutella, continuou a reger o governo do imperio. Traidor e ambicioso, tratou da deposição de seu pupillo, pretendendo substituil-o por Eucherio, seu filho; e para o fazer com mais segurança, incitou as nações barbaras, do norte, a invadirem as Gallias.

Estes povos ferozes e indomitos, acceitando a proposta, não se contentaram com a invasão das Gallias, e transpondo os Pyreneos (28 de setembro de 409) devastaram as Hespanhas, assenhoreando-se em pouco tempo da peninsula iberica.

O seu exercito, posto que barbaro e indisciplinado, era audaz e numerosissimo. Varios povos do norte formavam esta aguerrida multidão. Resplandiano, era o chefe dos alanos; Gunderico dos vandalos; e Hermenerico, dos suevos. Uma grande parte d'estes povos, eram arianos ou seguiam outras heresias, e muitos d'elles eram idólatras.

Sem illustração, ferozes e sanguinarios, em pouco tempo reduziram as povoações hespanicas a montões de ruinas. Os templos e os mosteiros de ambos os sexos, os prelados e os sacerdotes catholicos, eram exterminados com mais furor do que no tempo das perseguições dos romanos.

Como elles tinham transposto os Pyreneus pelo ponto mais septentrional d'elles, foi a Galliza uma das provincias que primeiro padeceu e foi victima da acção destruidora destes barbaros. A estas desordens, crueldades e desgraças sobreveio a fome, pela falta de braços para a cultura dos campos, e a peste pelas exalações mephyticas e deleterias da multidão de cadaveres insepultos.

Dois annos durou esta continuada ruina até que, vendo os barbaros que o paiz assolado, tanta fome lhes causava como aos lusitanos, combinaram em dividir a conquista, consentindo que os naturaes, como vassallos e vencidos, residissem no seu paiz e o cultivassem, dominando aquelles como senhores e vencedores.

Parece que lançaram sortes, cabendo a Galliza aos vandalos e suevos — aos primeiros, coube a Galliza Oriental e o sertão, e aos segundos, a Galliza Occidental na costa do Atlantico.

Aos alanos, a Lusitania e a provincia Carthagenense.

Aos vandalos (Silingos) a Bética.

Depois d'esta repartição ficaram em melhores condições os vencidos, por que sabiam a quem haviam de obedecer.

—

Fr. Bernardo de Brito, diz, haver encontrado no cartorio de Alcobaça, as actas d'um concilio, das quaes consta que á invasão dos barbaros na Lusitania, era bispo de Braga, Pancracio, ou Pancraciano, que convocou, como poude, um concilio em Braga, a que assistiram alguns prelados; no qual se decidio que elles regressassem ás suas dioceses, para animar os catholicos, e esconderem as imagens e mais objectos do culto sagrado, o que elles fizeram.

Foi então que Ataces, rei dos alanos, rompeu a guerra contra o Hermenerico, rei dos suevos, tomando-lhe a antiquissima cidade de Conimbriga (hoje Condeixa-velha) saqueando-a, e destruindo-a.

Julgando-se senhor do paiz, fundou Colimbria (ou Colimbriga) que é a actual Coimbra.

Para as obras desta construcção, obrigava não só os lusitanos e os simples sacerdotes, mas até os bispos catholicos, a trabalharem como escravos.

Hermenerico tornou á carga com novas tropas, pondo cêrco á nova cidade; mas, sendo derrotado, alcançou a paz, dando em casamento ao rei alano, sua filha Cindasunda.

Esta princesa era uma fervorosa catholica, e conseguio de seu marido que tratasse benignamente os correligionarios d'ella, e restituisse ás egrejas o que lhes tinha roubado.

É isto, segundo Fr. Bernardo de Brito, o que em summa conteem as taes actas do concilio bracharense.

É certo que este manuscripto, venerando pela sua antiguidade, existiu na famosa livraria d'Alcobaça até 1834. Estava encadernado em coiro de vacca preta, com bordas de coiro branco, e tendo por titulo — «*Haec est secunda pars Codicis Alcobaciensis.*»

Segunda parte da monarchia Lusitana, por Fr. Bernardo de Brito, tomo 2.º

Gaspar Estaço, o padre Francisco de Macedo, e, depois d'elles, Pagi, sustentam que este codigo é apocripho; porem bons auctores hespanhoes e muito depois d'elles o cardeal de Aguirre (Collecção dos Concilios de Hespanha, tomo 2.º) e Labbé, na sua Collecção dos Concilios, sustentam ser verdadeiro.

O padre D. Jeronymo, sustenta tambem que este codice é apocripho, fundando-se em bons argumentos.

Diz elle que no tempo indicado na acta d'aquelle concilio, figuram bispos de dioceses que ainda não existiam. Alli figura (por exemplo) o bispo do Porto, cidade que só existiu d'ahi a muito tempo, não sendo então o Porto mais do que uma pequena povoação fortificada, a que os romanos chamavam *Castrum Norum*.

Idacio, que vivia n'aquelles tempos, nunca lhe dá o titulo de cidade, chamando-lhe simplesmente logar de Portucale. Na Olympiada 309, diz elle: *Rechiarios ad locum, qui Portucale appellatur, profugus, Regi Theodorico captivus adducitur*, etc.

O mesmo Idacio, na Olympiada 309, diz, que Braga é a ultima cidade da Galliza; sendo o termo meridional d'esta provincia (então) a margem direita do rio Douro, é evidente que o Porto não era ainda cidade, aliás não seria Braga a ultima.

Tambem alli figura o bispo de Numancia, cuja cidade, do mesmo modo ainda não existia.

Outras mais razões adduzidas por Argote, o levam a decidir, que, se aquellas actas não são apocriphas, estão, pelo menos em parte, falsificadas.

—

Deixando de parte a entrada dos godos na Lusitania, pelos annos 417, e a destruição por estes, dos vandalos e outros barbaros, passemos ao que póde mais respeitar á cidade de Braga.

—

Pelos annos 555 era Theodomiro rei dos suevos, tendo a sua côrte em Braga. Adoecendo gravemente seu filho primogenito, prometteu a S. Martinho Turonense abjurar o arianismo, se seu filho sarasse, mandando logo alguns ministros visitar o sepulchro do santo, levando-lhe varias offertas; mas voltaram e a molestia do principe continuava.

Então o rei deliberou dedicar-lhe um templo, e tornou a mandar os ministros, com maiores offertas, á sepultura do santo, para obterem alguma reliquia d'elle. Os ministros cumpriram as ordens do rei, e de lá trouxeram, como reliquia do santo, uma parte da sua capa.

Quando chegaram a Braga, saiu o rei a recebel-os com seu filho, já completamente restabelecido, grandes da sua côrte e grande multidão de povo, em respeito e veneração á santa reliquia.

O santo premiou logo a fé religiosa d'estes povos, que padecendo até então a molestia da lepra, desde logo se acharam livres d'aquelle contagio, que era geral no paiz.

Consta que no mesmo navio, que trouxe a santa reliquia da cidade de Tours (França) vinha um santo varão, de nação hungaro, chamado Martinho, que regressava dos logares santos da Palestina, onde tinha adquirido vastos conhecimentos nas sciencias orientaes. Outros dizem que Martinho embarcára n'uma galé em um porto da Grecia, e se fizera de vela ao mesmo tempo que da França sahira o navio com a reliquia, chegando a Braga ao mesmo tempo que ella chegára.

Theodomiro, tendo noticia da sua virtude e lettras, se valeu d'elle para a conversão dos seus povos ao catholicismo.

Tinha Theodomiro já edificado nos arrabaldes de Braga, em um sitio chamado Dume, um templo da invocação de S. Martinho, que entregou ao virtuoso hungaro, que logo n'elle introduziu a vida monacal, e pouco depois foi elevado á dignidade episcopal. (Vide Dume.)

A conversão do rei ao gremio da egreja, trouxe em muito pouco tempo a da côrte e a de todos os povos, que com a maior facilidade abjuraram o arianismo.

—

Havia muitos annos que na Galliza se não tinham convocado concilios, e vendo o rei

que era indispensavel um para regular differentes objectos do culto; convocou todos os bispos da monarchia sueva (que comprehendia não só a maior parte da Galliza, segundo a divisão romana, mas tambem grande parte da Lusitania) para que no fim do mez de abril de 564 [1] se achassem na côrte de Braga, para celebrarem concilio; o que se executou, concorrendo 8 bispos, que, parece eram os unicos que havia em toda a monarchia, por terem diminuido as cadeiras episcopaes, em razão das constantes guerras e perturbações d'esses tempos, (antes da invasão dos barbaros, só na Galliza havia 13 bispos). Este concilio abriu-se no 1.º de maio.

Os bispos que assistiram a este concilio foram Lucrecio, André, Martinho, Cotto, Ilderico, Lucencio, Timotheo e Malioso.

Entre varias providencias tomadas n'este concilio, se ordenou o seguinte:

Que todos os bispos, parochos e simples clerigos usassem para com o povo da saudação seguinte: *Dominus vobiscum* (como se lê no livro de Ruth) e que o povo responda *Et cum spiritum tuo*: que é como ensinaram os apostolos. (Cap. 3.º do concilio.)

Que guardando-se a primazia do bispo metropolitano, os mais bispos precedessem na ordem dos assentos, segundo a antiguidade da sua sagração. (Cap. 6.º)

Que das rendas ecclesiasticas se fizessem tres porções iguaes, uma para os bispos, outra para os clerigos e outra para a fabrica e alampadas das egrejas. (Cap. 7.º)

Que os sacerdotes que não comessem carne, por suspeita de heresia, fossem obrigados a comer hortaliças cozidas com carne; e se desprezassem este preceito, ficavam excommungados e removidos totalmente do exercicio sacerdotal. (Cap. 14.º)

Que, os que se suicidassem por morte violenta, com ferro ou peçonha, despenhando-se, enforcando-se, etc., se não faça por elles commemoração alguma nos sacrificios, nem sejam seus corpos levados á sepultura com psalmos. E que o mesmo se use com os que forem justiçados por suas maldades. (Cap. 16.º)

O mesmo se decretou para os cathecumenos, que morressem sem baptismo. (Cap. 17.º)

Que os corpos dos defuntos de nenhum modo se sepultassem dentro das egrejas; mas sim da parte de fóra junto aos muros do templo. (Cap. 18.º)

Que as esmolas offerecidas pelos fieis nas festas dos santos, ou na commemoração dos defuntos, se juntassem fielmente na mão de um sacerdote, e fossem divididas, uma ou duas vezes no anno, com egualdade, por todos os clerigos; porque nasciam grandes discordias da desigualdade, quando cada clerigo, em sua semana, tomava para si só as esmolas recebidas.

PRIMEIRO CONCILIO BRACARENSE CELEBRADO NO TEMPO DE PANCRACIANO, BISPO DA PRIMEIRA SÉ BRACARENSE

Além de Pancraciano, primaz, assistiram: Elipando, bispo de Coimbra; Pamerio, da Idanha; Arisberto, do Porto; Deodato, de Lugo; Gelasio, de Merida; Pontamio, de Agueda; Tiburcio, de Lamego; Agathio, de Iria; Pedro, de Numancia.

Reuniu-se este concilio na egreja de Santa Maria de Braga.

São obscuros os escriptores antigos quanto á topographia da provincia bracarense; apenas o concilio de Lugo declara as dioceses do reino suevo e os termos de suas egrejas, não só as da Sé de Braga, mas as cathedraes, suas suffraganeas; porém esta repartição foi feita depois da completa expulsão dos romanos, da Peninsula.

Os nomes romanos das povoações tinham sido mudados ou corrompidos pelos suevos, de modo que a divisão ecclesiastica feita n'aquelle concilio, pouco serve para a geographia.

Sabemos, porém, que a Sé de Braga era metropolitana de todo o reino (ou provincia) da Galliza.

[1] Não é positiva a data do anno. Uns querem que fosse em 564, outros em 530, outros em 554, e outros ainda lhe dão outro anno. No que não ha duvida é em ter sido no 1.º de maio.

Os geographos antigos não escreviam sobre o que depois se chamou topographia, mas sim sobre a geographia de todo o orbe, e quando muito da Europa em particular.

Strabão, Pomponio Mella, Plinio, Ptolomeu e o imperador Antonino Pio, são os escriptores que mais trataram da Galliza; mas pela leitura das suas obras é difficil conhecer os termos da antiga Galliza, nem a situação exacta das suas povoações, ou distancias reciprocas.

Strabão foi o escriptor mais diffuso, porém não demarcou as provincias e povos pelas repetidas e variaveis divisões dos romanos, mas pelas primittivas.

Pouco ou nada, porém, disse da Galliza, desculpando-se com a barbaridade ou dissonancia dos nomes dos seus povos.

Este geographo escreveu pelos annos 20 de Jesus Christo, sendo imperador Tiberio, e pro-consul da Lusitania, Vibio Sereno.

Pomponio Mella, era, segundo uns, hespanhol, e segundo outros, da costa d'Africa, fronteira a Andaluzia. Escreveu no tempo do imperador Claudio, pelos annos 41 de Jesus Christo, um pequeno livro, que intitulou—*De situ Orbis*—em que tratou da geographia de todo o mundo. O seu estylo é puro e elegante, mas compendioso e laconico, e a sua descripção da Hespanha é por isso rapida e obscura.

Plinio (o antigo) na sua *Historia Natural*, descreve a Hespanha, no livro 3.º, a Gallisa, e ainda a comarca e jurisdição de Braga no tempo do imperador Vespasiano, em que elle escreveu (pelos annos 74 de Jesus Christo) mas isto com muitas inexactidões.

Claudio Ptolomeu, nas suas *Taboas*, é que tratou com mais clareza, da Hespanha, e alli vem descripta a Galliza com todas as suas chancellarias, cidades, ilhas, cabos, rios e montes; tudo arrumado convenientemente.

Mas, Ptolomeu, escreveu em grego, e os seus traductores, escrevendo em latim, transtornaram em muitas partes as medidas do original.

O *Itinerario* de Antonino, que é por uns attribuido a este imperador, por outros, a Antonino Caracalla, e ainda por alguns a outros escriptores, apesar de alguns erros, é das mais exactas geographias d'aquelles tempos; mas este livro só trata das vias militares que de Braga se dirigiam a Astorga, e d'alli em diante; e apenas nomeava as povoações cortadas por essa estrada ou proximas d'ella.

Do tempo dos godos, temos a divisão feita por Wamba; mas só nomeia as cidades suffraganeas de Braga, e os termos de cada bispado.

Desde a invasão dos arabes até ao conde D. Henrique, ou pouco antes, esteve Braga destruida. E desde o governo d'este conde (1093) começa na historia de Portugal a achar-se alguma luz, quanto á topographia da provincia bracarense.

—

A Hespanha, antes de invadida pelos phenicios, carthaginezes e romanos, estava dividida em muitos reinos ou provincias, habitadas por povos barbaros, de que ha mui poucas noticias, e eram vulgarmente conhecidos sob o nome de iberos e hespanhoes, que se subdividiam em turdetanos, celtas, lusitanos, cantábros, celtiberos, túrdulos, arevacos, vetones, vacceos, bardulos e outros muitos.

Parece que os carthaginezes não fizeram nenhuma alteração n'estas divisões premittivas, e só dividiram a Peninsula em *Hespanha Citerior e Ulterior*, de combinação com os romanos, para dividirem entre si o dominio d'estas regiões.

A Hespanha Citerior, era, no principio d'estas partilhas, a parte que fica ao leste do rio Ebro, e ficou para os romanos. A Ulterior, era a que ficava ao oeste, e pertencia aos carthaginezes.

Pouco tempo durou esta divisão, que as guerras dos carthaginezes com os romanos, vieram alterar; até que aquelles, sendo expulsos da Peninsula por estes, se fizeram varias divisões.

A mais notavel divisão das Hespanhas, foi a que fez o imperador Augusto, pelos annos do mundo 3970 (30 antes de Jesus Christo.)

Repartiu este imperador a Hespanha em tres provincias, Tarraconense, Bética e Lusitania.

A Tarraconense comprehendia o que ho-

je chamamos Catalunha, Aragão, Vallencia, Murcia, grande parte da Granada, Navarra, Biscaia, Asturias, Galliza, Entre Douro e Minho, Traz-os-Montes, e grande parte de Castella.

A Bética era formada pela actual Andaluzía, cercando-a pelo N. e NO. o rio Guadiana; pelo S. o Oceano Atlantico até ao Cabo da Gata, onde principiava a provincia Tarraconense.

A Lusitania, comprehendia a maior parte do actual reino de Portugal, com outros muitos territorios de Leão, e da Extremadura hespanhola, que hoje são de Castella. O rio Douro a separava, pelo lado do N.. com a tarraconense; pelo E. por uma linha que saia do Douro, proximo da confluente do rio Pisuerga, até ao Guadiana, que dividia a Lusitania da Bética, até entrar no Oceano, cuja costa cercava o resto da Lusitania.

A terceira divisão da Hespanha, foi feita no tempo do imperador Adriano, pelos annos 120 de Jesus Christo. Ficou então formando seis provincias: Tarraconense, Carthagenense, Bética, Lusitania, Galliza e Tingitania.

Ultimamente o imperador Constantino Magno, pelos annos 360 de Jesus Christo, procedeu a nova divisão da Hespanha, em sete provincias; mas sem alteração das demarcações feitas por Adriano, senão em constituir em provincia separada, as Ilhas Baleares, ás quaes parece juntou outras ilhas.

—

Os romanos subdividiram cada provincia em varias chancellarias, a que davam o nome de *Conventos juridicos*, tendo cada um por capital alguma das cidades mais notaveis da provincia.

Entre as cidades havia diversas cathegorias.

As *colonias*, eram as que tinham sido fundadas ou, pelo menos, habitadas e propagadas por familias romanas. Gosavam grandes privilegios, governando-se pelas leis romanas e sendo seus habitantes, em tudo, considerados como cidadãos romanos.

Os *municipios* governavam-se por leis proprias.

Havia provincias consulares governadas por um proconsul, e presidiaes, por um legado pretor ou consular.

No tempo de Constantino Magno, se creou uma auctoridade superior para toda a Hespanha, denominada vigario, que obedecia ao prefeito do pretorio, que superintendia nas provincias presidiaes e consulares da Hespanha e das Gállias, e residia em França.

Adivirta-se porem, que desde o tempo do imperador Antonino Caracalla, em diante, todos os povos, assim da Hespanha como dos outros reinos sujeitos ao imperio, ficaram tidos e havidos por verdadeiros romanos e sujeitos ás mesmas leis e gosando os mesmos privilegios e direitos dos naturaes de Roma.

Como a cidade de Braga foi por muitos seculos capital da Galliza, tratemos com mais especialidade d'esta região.

Nos antigos escriptores vemos uns chamarem-lhe Callaecia, outros Gallaecia Estrabão e Ptolomeu, escreviam Kallaecia.

Quanto á etymologia ha diversas opiniões. Cellario, diz que é derivada da cidade, ou povoação, chamada Cálle, situada na foz do Douro (margem esquerda) o que é engano, pois que alem de Calle estar fóra dos limites da Galliza, não tinha a necessaria importancia para dar o nome a tão vasta, e n'esse tempo tão esclarecida provincia.

Calle é apenas conhecida do tempo de Julio Cesar, e muitos annos antes d'elle já a Galliza tinha o nome actual, e de mais a Galliza tinha muitas, grandes e poderosas povoações de que podesse tomar nome e não o adoptaria de uma pequena povoação que nunca foi contada entre as cidades callaicas.

A opinião mais seguida é que o nome d'esta provincia se deriva de Gallus e de Graesi; em razão de serem os gallaicos descendentes dos gallos e dos gregos.

Note-se porem, que, no setimo seculo, os gallegos eram denominados aspotes, como consta das Averiguações e antiguidades de Cantábria (Livro 1.º, cap. 1.º,) por Henao, que se funda no Chronicon Alexandrino. A diante trataremos mais d'esta materia.

—

Os limites da Galliza primittiva, são em

parte difficeis, e em parte impossiveis de assignar com exactidão.

Sabemos que o seu lado occidental principiava na margem direita da foz do Douro, e terminava no Promontorio Celtico (tambem chamado Nério) hoje Cabo de Finis Terrae. Alli principiava o lado septentrional que corria até aos montes das Asturias, e n'estes principiava o lado oriental, que com os mesmos montes vinha descendo até chegar ao Douro, onde terminava; principiando então o lado meridional que era o mesmo rio Douro, até entrar no mar, onde principiou esta medição.

Ainda em Braga existia ha poucos annos, no campo de Sant'Anna, e parece-me que ainda existe, uma columna romana com a seguinte inscripção.

C. CAESARI. AUG. F.
PONTIF. AUGURI
CALLECIA.

Quer dizer—: «A Galliza dedicou esta memoria a Caio Cesar Augusto, feliz, pontifice e Augure.»

—

É a Galliza uma antiquissima provincia da Hespanha, contendo grandes e importantissimas povoações, occupando um vasto territorio e sendo uma das maiores circumscripções da Peninsula; mas isto só desde a expedição de Decio Junio Bruto, por que antes d'elle parece que era apenas uma comarca habitada por uns povos chamados gallaicos, que estanciavam em uma grande corda de serranias, acima de Braga, dos quaes adiante se tratará; mas isto quando aquelles povos viviam na sua liberdade.

Entretanto Estrabão, no livro 3.º diz, que esta região se não chamava então Callaecia ou Gallaccia, mas sim Lusitania.

Parece isto indubitavel, porque Estrabão o diz claramente muitas vezes. No livro 3.º, pagina 166, tratando das cohortes romanas, que serviam de presidio em Hespanha, diz (traducção:)

«O primeiro d'estes legados, com duas cohortes, guarda todo o Além-Douro, para a parte do norte, o qual paiz antigamente se chamava Lusitania, e agora se chama Galliza.»

Em outros pontos da sua obra se confirma isto, e que a Lusitania chegava desde o Douro até ao cabo de Finis Terrae; formando por consequencia a Galliza, uma parte da Lusitania.

Lucio Floro, (liv. 2.º, cap. 17) diz que Decio Junio Bruto, domara os celtas e lusitanos e todos os povos da Galliza. Ora aquelle general romano, segundo estes e outros escriptores antigos, não passou para o norte do rio Minho, e então, se elle domou *todos* os povos da Galliza, é certo que se dava este nome ao territorio que estanceia entre os rios Douro e Minho, até á costa, vindo a formar uma provincia da Lusitania.

Isto mesmo confirma Plinio, no liv. 4.º, cap. 20.º

—

A principal chancellaria da Galliza, era a de Braga, que tinha na sua jurisdicção 24 povos, ou cidades, com 275:000 pessoas. (*Hist. Nat.*, liv. 3.º, cap. 3.º, pag. 36.)

Parece que as demarcações d'esta chancellaria eram as seguintes:

Principiava o lado occidental na foz do Douro, correndo pela costa até á foz do Minho, e indo d'alli em diante até aos povos hellenos, que ainda incluia.

Alli começava o lado septentrional formando (ao que parece) uma linha, que passando por baixo de Celenas, cuja situação se não percebe, ia cortar o rio Minho, no Bubal, onde desemboca em frente do Sil; e d'alli proseguia a linha até Complutica, que era nas visinhanças de Lubiam; onde começava a extrema oriental, que descia por cima da actual villa de Vinhaes, até ao Douro, abaixo da actual villa de Freixo de Espada á Cinta; e d'ahi era o Douro que lhe servia, até á sua foz, de extremidade meridional.

—

Conservam-se ainda em memoria os nomes que os romanos deram a algumas montanhas da Galliza.

O *Monte Vindio*, corria até Penhaflor, onda se dividia em dois. Um braço para o S., de serranias em direcção ao E., até ao rio Buruvia, e depois vira para o O., entre Pon-

ferrada e Astorga, vindo até ao rio Douro, em Alcanizes, Miranda e Freixo de Espada á Cinta, e formando grandes serras em Portugal, como a de Rebordões e outras.

Monte Ladico, a um braço d'esta montanha se chama hoje, Serra de Larouco. O outro braço, em direcção ao O., dividindo-se por differentes pontos da Galliza, em outros tantos ramos, vão alguns terminar no mar, e um d'elles passa por baixo de Chaves, que julgo ser a actual serra de Santa Barbara.

O *Monte Medullio*, ao qual parece que tambem chamavam *Edulio*. Não se sabe com evidencia o seu nome actual; mas parece certo ser a actual serra de Arga entre os rios Minho e Lima.

O *Monte Narvasio*, segundo Idacio, estava situado nas visinhanças de Braga, ou pelo menos na provincia de Traz-os-Montes. É talvez o actual Marão.

Os antigos geographos descrevem muito poucas montanhas da Galliza, e não me consta que na chancellaria bracarense descrevessem mais do que as tres que vão mencionadas.

—

Douro (rio)—Os gregos lhe chamavam *Dóptos*, os latinos, *Durius*. Segundo estes, nascia na montanha dos *Pelendónes*, acima de Numancia, e passava pelos povos *arevácos*, depois pelos *vacceos*, até separar os *astures* dos *vettones* (póvos da Luzitania) até entrar no mar, abaixo de Calle (foz do Douro).

Segundo Strabão, era este rio navegavel por espaço de 800 estadios (*) o que parece grande erro; porque era impossivel que os barcos passassem acima de *Cadão*, que dista da foz apenas uns 120 kilometros.

Como quer que seja, é innegavel que já no tempo dos romanos se navegava por este rio até ao *Cachão*, proximo a S. João da Pesqueira.

Parece que já n'aquelles tempos a construcção dos barcos d'este rio era a mesma dos a que hoje se chama *rabêllos* ou *de Cima do Douro*, e eram grandes, pois que os romanos lhe chamavam *magnis scaphis*.

Parece que a primitiva barra d'este rio era, pouco mais ou menos, pelo sitio da actual; depois as correntes impetuosas do Douro, abriram uma nova barra, ao Sul, no sitio hoje chamado Cahedêllo, e por fim as mesmas correntes, achando obstaculo nas areias alli arremessadas pelo fluxo e refluxo do mar, retomaram o canal primittivo.

Já n'este tempo o Douro recebia desde o seu nascimento caudalosos rios; porém os geographos gregos e romanos não os mencionam. Apenas por algumas inscripções sabemos que eram seus confluentes o *Pisoraca*, que entrava no Douro junto a *Pincia*, (que se julga ser a actual Valhadolid), perto d'onde se junta com o *Pisuerga*, o *Urbico*, (hoje Orbego) que entrava no Douro abaixo de *Sentica*, que dizem ser a actual Zamora, —o *Támaca*, que é o actual Tâmega.

Foi o Douro muito celebrado entre os poetas romanos. Silio Italico o compara com o Pactólo e com o Tejo.

«Hinc certant Pactole tibi Duriusque Tagusque.»

—

Ave (rio)—Os romanos lhe chamavam *Avo;* mas não referem d'elle circumstancias dignas de nota.

—

Cávado (rio)—Os romanos lhe chamavam *Celano*, *Celando* ou *Celado*. André de Rézende, nas suas *Antiguidades de Portugal*, pretende que *Celano* não é o actual Cávado, mas sim o Leça, que entra no mar em Mattosinhos. É êrro, porque Pomponio Mella, na ordem com que descreve os rios d'aquella costa, aponta primeiro o *Avo*, depois *Celandus*, *Nebis* (Neiva), *Limia* e *Minius*.

—

Neiva (rio)—Os romanos, como já disse, lhe chamavam Nebis.

Vem mencionado por Pomponio Mella e Ptolomeu.

Vide a descripção d'este rio no logar competente.

Eram tambem da provincia bracharense, e mencionados pelos mesmos historiadores, os rios Douro, Leça, Ave, Lima e Minho, além

(*) Cada legua (de 18 ao grau) tem 32 estadios, vindo portanto a ser navegavel por espaço de 25 leguas ou 150 kilometros.

de outros de menos consideração, e dos que estão situados ao norte d'este ultimo rio, e aos quaes os romanos chamavam *Florio, Nelo, Vir, Mearo, Nabio, Navilubio, Salia, Melso, Bibilis, Chalybe*, e outros muitos de menos importancia.

Não declaro a situação d'estes rios gallegos, por serem fóra dos limites actuaes do reino de Portugal.

—

O litoral da provincia de Galliza, no tempo dos romanos, era dividido em occidental e septentrional, aquelle tinha principio na margem direita da foz do Douro, e terminava no Promontorio Celtico, e este principiava aqui e acabava na cidade de Noega.

—

A costa occidental da Galliza romana não tem soffrido até hoje consideraveis alterações; acontecendo o mesmo com respeito aos portos de mar, e á navegação dos rios, que era com pouca differença até aos limites da actual, se exceptuarmos a do rio Cávado, que alguns sustentam chegar até Aguas Cellenas, a actual Barcellos.

—

Os cabos mencionados pelos antigos geographos, n'esta provincia, eram—Avaro (entre o Ave e o Neiva, e a que hoje chamamos Cavallos de Fão.)

Oribio, entre o rio Minho e o Ulhôa; que se julga ser, o a que agora se chama Cabo de Selheiros, junto a Bayona.

Acima do Ulhôa, na peninsula que faz o rio Tambre, colloca Plinio as tres Aras Sextianas, e Ptolomeu as marca, não só acima do rio Tambre, mas tambem alem do Promontorio Celtico, dando-lhe o nome de Arae Solis, e já no lado Septentrional da Galliza. (Asturias.)

Segundo Morales, no liv. 8.º cap. 57,—« estas Aras, eram tres grandes pyramides de cantaria lavrada, como as egypcias, e do mesmo modo ôcas por dentro, com escadas espiraes, que davam accesso até aos seus vertices. Estavam na villa de Gijon, a cinco leguas de Oviedo, rodeados de mar, e communicando apenas com a terra por um estreito e pedregoso isthmo».

Já no tempo de Morales não havia pessoa alguma que se lembrasse da existenca de duas d'estas célebres pyramides, ou porque o mar as tivesse arrasado ha muito tempo, ou porque os seus materiaes fossem empregados em uma fortaleza que alli se edificou; mas da terceira, diz o mesmo escriptor. «*ha dies anos que se derribó: y assi muchos me referian a mi, estando en aquel puerto, su fórma, y altura, y como tenia grande inscripcion de muchas letras, la qual tambien, como todo lo de mas, so consumió en edificios.*»

Chamava-se ao sitio onde existiram estes tres monumentos, a Peninsula dos Tamaricos; onde tambem existio a célebre Torre de Augusto.

Na ria de Mongia, ou Cabo de Belem, existiram as celebradas Aras do Sol. Parece-me que isto era no monte, hoje chamado de Santa Tecla, sobranceiro ao mar entre a foz do rio Minho, e a pequena villa galliega da Guardia. Leva-me a esta supposição o que diz Lucio Floro, liv. 2.º cap. 17, que traduzido é o seguinte—«Décio Junio Bruto, proseguio mais adiante, domou os celtas e lusitanos e a todos os povos de Galliza, e o Rio do Esquecimento, pavoroso aos soldados; e victorioso tendo corrido a costa do Occeano, não se retirou sem ver primeiro com terror e horrorisado de commetter algum sacrilegio o sol sepultar-se nos mares e os astros entre as ondas.»

Corion, é o promontorio, hoje chamado Cabo Corianne. Perto d'este cabo, e aonde hoje se chama Cabo de Creux, existio um celebre e magestoso templo dedicado a Venus.

Ao E. do cabo Corion (ou Corio) era o cabo a que os romanos chamavam Brigancio, ou Flavio Brigancio: é o chamado hoje Corunha. Aqui estava uma torre, a que chamavam Pharo (pharol) obra singular e prodigiosa, tanto na architectura como na grandesa.

Trileuco ou Trileucio, era outro cabo a E. do antecedente, e suppõe-se ser o que hoje se denomina Cabo Ortegal.

Symthico, era outro cabo a que hoje (segundo alguns) se chama Penas de Guzan.

—

As ilhas da Galliza romana, eram as seguintes:

Cycas, fronteiras á nossa costa da provincia do Minho. Ficavam uma legua de distancia do continente, e dentro da jurisdição da chancellaria de Braga.

Ilhas dos Deuses (Insulae Deorum) eram seis, segundo Plinio. Estavam fronteiras ao Promontorio Celtico, e pertenciam á jurisdição de Lugo.

Cassiterides, eram as mais celebradas entre os antigos, e em numero de dez. Alguns lhe dão tambem o nome de Cattiterides. Estavam sobre a provincia da Lusitania. Na repartição que das egrejas de Hespanha, fez o rei Wamba, se nomeiam estas ilhas, dando-se á sé do Porto.

Não se pode saber com uma certesa indiscutivel a posição d'estas ilhas, e mesmo se ellas ainda existem. Pretendem alguns que sejam Sesarga e S. Cypriano no lado septentrional da Galliza, adiante e a E. da Corunha. Pretendem outros, que sejam ás ilhas Sorlingues, proximas a Inglaterra. É certo que estas ilhas são dez, e que produzem muito estanho, e é a essa circumstancia que devem o seu nome.

Tambem alguns dão a estas ilhas o nome de Silures.

(Silures eram povos da Britania, descendentes dos gallegos ou asturianos.)

Não é provavel esta ultima opinião, porque todos os escriptores antigos marcam estas ilhas na costa de Hespanha, e não na britanica. Estrabão, diz que junto a Britania estava a grande ilha *Hibernia*, cercada de outras mais pequenas, e não as trata em parte nenhuma por Cassiterides.

D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas Memorias do Arcebispado de Braga, liv. 1.º cap. 11.º pag. 137, diz que houve muitas equivocações com a palavra Cassiterides, que se dava a todas as ilhas ou outros quaesquer sitios onde havia minas de estanho.

Os gregos chamavam ao entanho, cassiteron, e ás minas de chumbo, cassiterides. Pode pois concluir-se afoitamente que ou estas ilhas foram destruidas pelo mar, ou se ignora a sua situação.

Corticàta e *Aunios*, eram duas ilhas na costa da Galliza, pertencentes á chancellaria de Lugo.

Trileucas, eram tres ilheos, ou para melhor dizer, rochedos, situados junto ao Promontorio Trileuco.

—

É difficil designar com exactidão quaes os povos que habitavam a Galliza romana.

No estado primittivo de Hespanha, o terreno comprehendido desde a foz do Douro, até ao Promontorio Celtico, e d'aqui até á cidade de Noega e até Numancia, como já fica dito, habitavam tres povos principaes. Lusitanos, astures, e cantabros.

Os lusitanos, alem do que possuiam entre o Tejo e o Douro, occupavam todo o lado occidental, desde o Douro até ao Celtico, e pelo lado septentrional, desde o Celtico até a diante da Corunha; mas não sabemos com certeza onde terminava, e do mesmo modo onde principiava pelo E, até vir acabar no Douro.

Com o nome geral de lusitanos, eram comprehendidos os turdulos, vettones, gallegos e outros.

Sob o nome de celtas, eram designados differentes povos, sendo os mais numerosos os grávios, presamarcos, artabros e outros.

Havia celtas d'alem-Douro, eram os que procediam dos celtas que habitavam entre o Tejo e o Guadiana, e que, avançando para norte, occuparam o paiz dos liguros.

Os *astures* eram povos gallegos, que estanciavam proximo ao rio Douro, abaixo de Freixo de Espada á Cinta, e d'alli até á cidade de Noega. Parece que o nome de astures é derivado do rio Astura, que corria entre elles.

Cantabros, era nome generico de varios povos que habitavam na actual provincia de Lugo.

—

Os braccaros dividiam-se em muitos povos particulares, dos quaes uns habitavam a provincia d'entre Douro e Minho, e outros ao norte do rio d'este nome, hoje pertencente ao reino de Hespanha.

Mencionaremos as diversas denominações dos povos conhecidos pelo nome geral de braccaros.

Braccaraugustanos—habitavam a cidade de Braga e seu termo.

Aquaflavienses—habitavam a cidade de Aquas. Flavias, (Chaves) e seu termo.

Celerinos—habitavam a cidade de Celiobriga e seu termo.

Cerenecos, ou *Cerenaicos*—habitavam (segundo parece) a povoação de Tuyas (junto a Canavezes). Uma inscripção romana existente em uma pedra que serve actualmente de pia d'agua benta, na egreja de S. Salvador de Tuyas diz:

LARIBUS
CERENA
FCIS. NIL
ER. PROC.
VII. PU. L. S.

Quer dizer: Nilo Erredio, procurador das estradas publicas, por voto que tinha feito de boa vontade, dedicou esta memoria aos Deuses das casas dos cerenecos.

Equisilicos—povos pertencentes á chancellaria de Braga, e na provincia do Minho. Existiam em um paiz pouco distante de Braga, e ainda na divisão gothica do rei Wamba, vem mencionada como pertencente á diocese de Braga a freguezia de Equesis.

Parece que o nome de equisilicos se deriva de Aquae Silisis, e é provavel por que havia na chancellaria de Braga muitos logares que tomavam os nomes das aguas que os regavam; como *Aquas Selenias, Aquas Querquenas*, e outras.

Espacos—habitavam na costa do mar da provincia do Minho, nas duas margens do rio Espaco, hoje denominado Ancora, desde a actual freguezia da Afife até á de Molledo ou á de Cristello. Faz menção d'estes povos o Itinerario do imperador Antonino Pio, dizendo que habitam sobre a estrada militar ramana, que de Braga ia para Astorga, pela Marinha.

A' foz do rio Ancora, chamavam os romanos Vicus Espacorum. A freguezia d'Ancora se chamava antigamente, Santa Maria de Villar d'Ancora da Marinha. (Vide Ancora rio, e freguezia.)

Iteramicos—povos pertencentes á chancellaria de Braga. Dizem uns, que habitavam entre os rios Ave e Cávado, e outros, que entre os rios Homem e Visella; mas não ha certeza d'isto. O que é certo é que, iteramico é o povo que habita entre dois rios, segundo a lingua dos antigos lusitanos.

Leunos—Assim denominados por Plinio, parece serem os mesmos a que Ptolomeu chama lubenos. Varios escriptores suppõem que estes povos ficavam nas visinhanças da actual villa de Monção; mas todos são concordes em affirmar que elles habitavam perto da costa. Monção fica distante do mar, uns 38 kilometros, pelo que eu entendo que o paiz dos leunos ou lubenos, era entre Villa Nova da Cerveira e Vallença. O que me leva a esta supposição é que, immediata e ao NE. de Villa Nova da Cerveira, está a antiquissima parochia de Lovelhe (vulgarmente Breia, que na divisão ecclesiastica de Wamba, se denominava Verêa).

Limicos—povos que habitavam nas duas margens do rio Lima. Ignora-se se era do lado em que nasce este rio, ou proximo da sua foz; mas é mais provavel que fosse entre Ponte do Lima e Vianna.

Narbassos—suppõe-se que habitavam nas immediações de Freixo de Espada á Cinta, e proximos dos raccios.

Seurbos—habitavam entre o rio Minho e a cidade de Braga.

Tamacanos—habitavam as margens do rio Tamaca (Tamega). Suppõe-se que este paiz é o comprehendido entre Amarante e Entre os Rios.

Turodos ou *Turolos*—habitavam a margem direita do Minho, entre Caminha e Gondarem, pouco mais ou menos onde hoje é a freguezia de S. Martinho de Lanhellas.

Em Freixo de Numão ha uma lapide com a seguinte inscripção:

CATUENOS. D.
OCQUIRINI. F.
LARIB. TUROL
IC. CONSACR.

Quer dizer: «Catueno, decurião, filho de Ocquirino, consagrou esta memoria aos deuses penates, dos povos turolicenses.»

—

Além dos povos referidos, havia na juris-

dição da chancellaria de Braga, e no districto que hoje é de Portugal, outros povos particulares chamados gallegos, habitando as montanhas que jazem entre Braga e o rio Minho, e suppõe-se, com bons fundamentos, que d'estes povos procede a denominação geral de gallegos, dado aos povos da vasta provincia da Galliza romana.

Plinio, na sua *Historia Natural*, liv. 4.º, cap. 20.º, pag. 64, diz, descrevendo a marinha (ou litoral) traducção: «*Dos cilenos para baixo começa a chancellaria de Braga.*

Comprehende os helenos, os gravios, o castello de Tuy, tudo geração de gregos. A insigne cidade de Abobrica, o rio Minho, que tem uma legua de largo na foz: depois os leunos, os seurbos, e a cidade Augusta dos braccaros, acima dos quaes está a Galliza.»

Strabão diz que «*antigamente chamavam Lusitania, a todo o paiz ao norte do Douro, a que agora chamam Galliza.*»

Pretendem alguns que o nome de callaicos ou gallaicos (gallegos) se derivou de *Calle* (Gaia) o que é êrro. Os callaicos já eram conhecidos e famosos no tempo de Decio Junio Bruto, e os *callenses* era um povo muito mais moderno, e a primeira vez que d'elles se faz menção na historia romana, é no tempo do imperador Julio Cesar. Vide Calle.

Tambem estavam sujeitos á jurisdição de Braga, os *aobrigenses*, que parece habitarem no territorio de Ribadavia.

Os *bibalos* eram os moradores de *Forum Bibalorum* e seu termo; que João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, situa nos valles do Geraz e Bouro; mas parece-me mais provável, que fossem os povos da actual cidade de Orense, e que estanciavam sobre as margens do Bubal, até ao rio Sil (ao S.) e d'ahi até Senabria.

—

Os *grávios*, segundo a divisão de Augusto, occupavam a costa, desde o Douro até Vigo e Ponte Vedra, comprehendendo muitos povos, como braccaros, limicos e os mais que estanciavam ao longo da costa. Depois, porém, só se dava o nome de gravios, aos que habitavam o territorio que jaz entre Tuy e Ponte Vedra.

Pomponio Mella, porém, diz «*desde a foz do Douro, até á inclinação que faz a costa do mar, habitam os gravios, e no seu paiz correm os rios Ave, Cávado, Neiva, Minho e Lima.*»

—

Os *hellenos*, tambem sujeitos á chancellaria de Braga, eram povos habitantes da villa e termo de Ponte Vedra, na Galliza.

—

Os *limicos*, eram os habitantes das margens do Lima, provavelmente entre Ponte do Lima e Vianna.

—

Os *luancos*, habitavam a cidade de Merva; mas ignora-se hoje absolutamente a sua situação, sabe-se apenas que era no districto bracarense.

—

Os *nemetanos* ou *nemetatos*, habitavam a cidade e termo de *Volobriga*. Tambem se ignora a situação d'este paiz, da jurisdição bracarense. Sabe-se porém, que não eram da cidade de *Nemetobriga*, porque esta não pertencia á chancellaria de Braga, de cuja cidade distava 29 leguas, e era habitada pelos tiburos.

—

Os *querquernos*, habitavam a cidade de *Aquae Querquenae*, a 12 leguas de Braga, sobre a via militar romana, de Braga para Astorga. Eram provavelmente os habitantes da serra do Gerez e Terras de Bouro.

Suppõe-se que este nome lhe foi imposto pelos romanos, e é derivado do substantivo *quercus*, palavra latina que significa carvalho. É isto verosimil em razão das grandes mattas de carvalhos, que havia, e ainda ha por aquelles sitios.

—

Como hoje não pertencem a Portugal, deixaremos de tratar dos varios povos da Galliza sujeitos ás chancellarias de Lugo e Astorga.

—

Tinha a chancellaria de Braga jurisdição sobre 24 cidades. Tratarei de mencionar as de que ha noticias mais verosimeis.

—

Braga, segundo os antigos escriptores, es-

tava no tempo dos romanos situada no local onde hoje se vê a egreja de S. Thiago, a cujo sitio ainda se dá o nome de *Cividade*.

Os muros romanos que circuitavam esta povoação, principiavam junto á actual egreja de S. Pedro de Maximinos, e d'alli, por uma baixa, em direcção ao Sul, hiam até á Cividade, ficando dentro o terreno em que está edificado o convento da Conceição; voltando d'alli para E., até onde hoje está o hospital de S. Marcos; d'ahi dirigindo-se ao N., e incluindo a Sé actual, hiam fechar aonde principiou esta medição. Tinham estes muros 16 estadios de circumferencia (uns 3 kilometros). D'elles ainda ha vestigios em varias partes. A sua largura e altura variava. Tinha em partes 25, 20, 12 e 10 palmos d'altura. A largura variava entre 6 e 23 palmos.

Na *quinta do Avellar*, tinha 23 palmos de largo, no sitio de *Urgaes*, abaixo do convento da Conceição, tinha apenas 6 palmos.

Era este muro formado de pedra miuda e argamassa, mas fortissimo e como se fosse construido de uma só pedra.

No sitio de Urgaes, da parte exterior da muralha, se tem achado cantaria lavrada, pilares, vasos e diversas moedas romanas, assim como muitos cippos com inscripções latinas, o que prova que estes muros foram constridos pelos romanos.

Eram defendidos por varias torres, mas ignora-se o seu numero e situação, assim como as portas que lhe davam accesso.

Já tratei do templo dedicado á deusa Isis e da inscripção que o memorava; julgo porém, d'algum interesse a traducção que lhe dá Morales, nas *Antiguidades de Hespanha*, por variar da que já descrevi. Segundo este escriptor, quer dizer: —

«*Esta ára está consagrada á deusa Isis Augusta; dedicou-lh'a Lucrecia Fida, sacerdotisa perpétua dos romanos e dos imperadores, na jurdisição da cidade de Braga Augusta.*»

Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote, este templo era circular e situado onde hoje é o templo da Sé, sendo a praça fronteira o logar do mercado ou feira publica.

Não se sabe com certeza a data da sua fundação, mas parece ser durante o imperio de Antonino Caracalla, que era mui dado ao culto d'esta divindade.

Suppõe-se que tambem na quinta do Avellar, existiu um templo romano, em razão das muitas columnas, bellos e bem lavrados capiteis e um tumulo de chumbo (que pesava 7 ou 8 arrobas) além do que já disse que alli se tem encontrado.

Havia mais em Braga, e no sitio onde hoje a a egreja de S. João do Souto, um templo dedicado ao deus Jano. D'este templo derivam alguns a etymologia do nome da rua de Janes, mas é mais provavel que proceda da egreja de S. João, antigamente Joannes.

É tambem certo que em Braga se venerava uma divindade denominada *Evento*. Consta isto de uma inscripção gravada em pedra, em uma casa da rua das Travessas, que diz:

DEO. SA
CTO. EV.
ENTO. FL
FRONTO
EX PRAE
CEPTO.

Quer dizer:

«*Esta memoria dedicou Flavio Fronto, ao Deus Santo Evento, por preceito que para isso teve.*»

Não se sabe porém se aqui houve algum templo dedicado a esta divindade; o que sabemos é que era o deus advogado dos lavradores.

Segundo as Actas do martyrio de S. Victor, parece que havia nos arrabaldes de Braga, um outro templo dedicado a Céres e a Silvano.

Pretendem varios escriptores que a egreja do convento de S. Fructuoso, que foi de religiosos franciscanos da provincia da Piedade, tambem nos arrabaldes de Braga, foi um templo romano dedicado a Esculapio. É

certo que a sua architectura é de primorosa execução e denota grande antiguidade.

Na porta travessa da parede da Sé, que fica defronte do paço, existe uma inscripção romana que nos dá noticia de um edificio, sem declarar a sua especie. Diz assim:

CONDITUM SUB
IMP. CAESARIS
PATRIS PATRI

Quer dizer:

«*Esta obra foi edificada sendo imperador Cesar, pae da patria.*»

Tambem no sitio das casas dos srs. Magalhães, houve um sumptuoso edificio romano, e n'uma columna que lhe pertenceu, se via a seguinte inscripção:

DE SUO
FECERUNT

Quer dizer:

«*Fabricaram á sua custa.*»

O resto da inscripção perdeu-se.

—

Cunha, na primeira parte da sua *Historia dos arcebispos de Braga*, cap. I, n.º 1, diz que os romanos construiram um notavel aqueducto, para proverem de agua esta cidade, e segundo elle, vinha desde o rio Ave, e pela ponte de *Mem Guterres*, e que por alli existiam ainda vestigios d'essa obra. É certo que havia grandes aqueductos romanos que conduziam agua a esta cidade, o que se prova pelas ruinas de muitos canos de pedra que se teem achado.

—

Fóra dos muros da cidade, onde agora está a egreja de S. Pedro de Maximinos, era o amphitheatro, onde se celebravam as festas e jogos publicos. Era circular, e ainda d'elle restam tenues vestigios.

Junto ao sitio a que hoje chamam Monte de Penas, nos arrabaldes da cidade, se julga ter existido um magestoso edificio, não só pelos muitos pedaços de columnas e grandes pedras que alli se tem achado, mas tambem porque assim o dá a entender uma que tem esta inscripção:

SODALITIUM. URBANORUM
D. S. F. C.

Quer dizer:

«*A companhia dos Urbanos, á sua custa mandou fazer esta obra.*»

Ignora-se que genero de edificio era, e a data da sua construcção.

Julga-se que companhia dos urbanos era alguma sociedade de mercadores residentes em Braga.

Consta que se deu a este sitio o nome de Monte das Penas, por ser aqui o logar em que os romanos faziam as suas execuções e infligiam castigos aos criminosos.

—

Suppõe-se que o edificio da chancellaria existiu no campo agora chamado de S. Sebastião. É certo que a par da capella que deu o nome á este campo, ha a fonte do mesmo nome, onde se conserva uma pedra, em fórma de mesa, quadrada, e n'ella a inscripção seguinte:

BRACARA
AUGUSTA
FIDELIS
ET ANTIQUA

Esta inscripção estava no plano da mesa, e, quando em 1625, se construiu esta fonte, se mandaram mudar as lettras, na fórma em que agora estão, collocando-as em redor da pedra. Argote suppõe que a primitiva inscripção só dizia *Bracara Augusta*, e que *fidelis et antiqua*, se mandou pôr para fazer symetria.

—

Junto á egreja de S. Fructuoso, suburbios de Braga, estava uma torre ou castello, chamada Torre Capitolina, obra magnifica.

Ha noticias d'este edificio, por uma escriptura do rei D. Affonso, o *Casto*, feita em 868; na qual, descrevendo-se os arrabaldes de Braga, se diz: (traducção) «*Debaixo da Collina, damos a egreja de S. Fructuoso de*

Monte Modico, com as suas villas, a Torre Capitolina, que modernamente se chama Collina.»

Não ha outra memoria d'este monumento romano.

—

Pouco abaixo da egreja de S. Pedro de Maximinos, na egreja de Lomar, onde estão diversas pedras (ou estavam) com inscripções romanas, havia uma columna, com a seguinte:

DI::V
FLAVIO
JULIO
CRISPO
NOB •
CAES.

Quer dizer:

«*Esta memoria se pôz ao divo Flavio Julio Crispo, nobilissimo Cesar.*»

Este principe era filho do imperador Constantino Magno e de sua amante *Minervina.* Foi nomeado Cesar no anno 318 de Jesus Christo, e morto violentamente, por ordem de seu pae, por accusações falsas de sua madrasta.

—

Em Braga, pelo menos no tempo dos imperadores Augusto e Tiberio, residia um dos legados do proconsul da Tarraconense, com uma cohorte, para defeza da cidade.

—

Era Braga entre todas as cidades da Hespanha uma das mais opulentas. Alli se conduzia o ouro e prata das minas de Traz-os-Montes, alli concorriam as nações a commerciar, com especialidade os romanos, dos quaes havia uma companhia mercantil, como consta de uma inscripção que menciona Grotero, e que dizia:

CIVES ROMANI QUI.
NEGOTIANTUR BRACAR. AUGUST.

Quer dizer:

«*Esta obra fizeram os homens de negocio, romanos, que contratam em Braga.*»

A lapide que continha esta inscripção foi removida, pelos fins do seculo XVII, para a capella de Sant'Anna, junto da qual o arcebispo D. Diogo de Sousa, mandou collocar grande numero de padrões romanos. Depois, quando se caiou esta capella, caiaram tambem a inscripção, que ficou ilegivel, mas depois, pelos annos de 1730, Vineto conseguiu ler, não só as duas regras que ficam transcriptas, mas mais dez que a antecediam, ainda que não poude já ler parte dos carracteres de que é composta. Diz:

C. CALERONI C.::::::::::::
::::M:::I::::::::IGGIO::::R
PIN I EGO AV::::::::::::::
::::I::::RISIT C::::::::I:::C
I:::J • ::: ::::C:V:::'.:MOCO
::::::::::::::IV::::::::I:C:::I:::E
E::::::::::::::::::A::::::::MIL
:::::I:::ILIOR:::O:::V::::::
RVNE:LIG O IVNIO PUL::::::
::::::::::.:ROMANI::::::::::
CIVES ROMANI:::NEGO
TIANTVR BRACAR:::AGVST.

Quer dizer:

«*Os homens de negocio, romanos, que contratam em Braga, dedicam este monumento a Caio Caleron.*»

Não se póde entender o mais, e apenas se vê alli mencionado um tal Junio Pulcro.

—

Era Braga e o districto da sua chancellaria muito povoados no tempo dos romanos, e Plinio lhes dava 275:000 pessoas, fóra escravos, que eram tambem em grande copiaa. Só dos naturaes de Braga, eram formados tres regimentos (cohortes) de 662 soldados cada um, além de outro regimento, composto de soldados naturaes de toda a chancellaria, que residia de guarnição (presidio) em Inglaterra.

Grotero traz varias inscripções em abonoo do que fica dito. Diz uma:

D. M.
A. ATINIO. A. F. PAL. PATERNO
SCRIB. AEDIL. CUR. HON. USUS
AB IMP. EQUO. PUBL. HONOR
PRAEF. COH. II. BRACAR. AUG.

Quer dizer em summa:

«*Este monumento foi levantado á memoria de Aulo Atinio Paterno, filho de Aulo, da geração palatina, que teve diversos cargos, sendo honrado pelo imperador, que o nomeou prefeito da segunda cohorte, dos naturaes de Braga.*»

A segunda diz:

A. SEIO ZOSIMIANO
EQUIT. ROM. PRAEF. COH. III.
BRACARAUG.

Quer dizer:

«*Esta memoria se dedicou a Aulo Seio Zosimiano, cavalleiro romano, prefeito da terceira cohorte, dos naturaes da cidade de Braga.*»

Onuphrio Pavino, nos *Commentarios da republica romana*, impressos em Paris, em 1588, a pag. 172, traz uma inscripção, que por extensa, Argote não copiou toda. Diz:

L. FURIO. L. F. PAL. VICTORI
PRAEF. PRAE. TRIB. LEGIONIS II.
ADJUTRIC. L. COH. BRACARUM
IN BRITANIA.

Quer dizer:

«*Memoria dedicada a Lucio Furio Victor, prefeito do Pretorio, tribuno da legião segunda, intitulada adjutrice, centurio da cohorte dos bracaros, que reside na Britania.*»

—

Em Braga se estabeleceram muitas familias romanas, da classe patricia, como consta de diversas inscripções. Tratarei das principaes.

Avitos—familia muito numerosa, que depois se fez christã, vindo alguns a pertencer á classe sacerdotal.

Amarantos—suppõe-se ser o nome de uma familia romana, que habitava em Braga, por um cippo que existiu no hospital de S. Marcos, e tinha esta inscripção:

AMARANTUS SENECCIONIS.
H. S. E.

Quer dizer:

«*Amaranto, filho de Senecion. Aqui jaz sepultado.*» (Vide Amarante.)

Celios Flaccos — era um ramo da familia Quirina, e que parece ter tambem aqui habitado, em vista de uma inscripção que está na parede exterior do norte, da egreja de Lomar, e diz:

T. COLIO TI.
QUIR.
FLACCO.

Quer dizer:

«*Memoria dedicada a Tito Celio Flacco, filho de Tito da geração Quirina.*

Celicos, Lucios e Frontonios, eram tambem familias romanas, residentes em Braga, o que se collige de uma inscripção que está na parede do norte da capella de Sant'Anna. Diz:

I. COLICUS:::::IPES
FRONTO FIL: I: * EI * LUCIUS
TITI * F * PRONEPOTES CA
ELICI *
FRONTONIS * RENOVARUMT.

Quer dizer:

Tito Celico, filho de Frontonio, e Lucio, filho de Tito, bisnetos de Celico Frontonio, renovaram esta obra.

Estes, Tito Celico e Lucio, eram architectos de profissão, e bisnetos de outro célebre architecto, chamado Celico Fronto, constructor de varios monumentos em Braga.

Quirinos Valerios, e Reburros Quirinos, eram duas familias romanas, que aqui habitavam, e d'ellas descendia Marco Valerio Pio Reburro, que parece foi tribuno da plebe, na Hespanha. Menteza (hoje Cazorla, ou Montejon) lhe erigio uma memoria, com esta inscripção:

M. VAL. PIO. REBURRO. L. F.
QUIR. REBURRO. EX. BRACAR.
AUG. O. H. IN. R. S. F. P. H. C.

Quer dizer:

«*Munumento dedicado á memoria de Marco Valerio Pio Reburro, filho de Lucio, Reburro da geração Quirina, o qual era natural de Braga, e alli tinha occupado todos os cargos honorificos da sua republica.*»

Quirina—familia romana, aqui estabelecida, que se dividia em varios ramos, sendo os principaes, os Poncios, os Severos e os Sabinos. Em Tarragona existio uma lapide, com esta inscripção:

Q. PONTIO. Q. F. QUIR.
SEVERO. BRACAR. AUG.
OMNIB. HONORIB. IN
R. P. SUA. FUNCTO. FLAM.

Quer dizer:

«*Monumento dedicado á memoria de Quinto Poncio Severo, natural da cidade de Braga, filho de Quinto, da geração Quirina, que exerceu todas as occupações honorificas na sua republica.*»

D'esta familia descendem varias casas nobres de Portugal e Hespanha.

Flavia Sabina—era outra familia patricia, que provavelmente aqui residio. Achou-se em Braga uma lapide com esta inscripção:

LARIB.
FL. SABINUS
S. V. S. V.

Quer dizer:

«*Aos deuses penates, por voto, dedica Flavio Sabino.*»

Flavia Urbícia—outra familia patricia aqui residente. No principio do seculo passado se achou na parede do cruzeiro da Sé, da parte do Evangelho, onde agora está a capella de Nossa Senhora das Angustias, uma pedra que parecia ter sido a base ou pedestal de uma estatua. Tem esta inscripção:

CENIO
MACELLI
FLAVIUS
URBICIO
EXVOTO
POSSUIT
SCARUM

Quer dizer:

Ao genio de Macello, por voto, consagrou esta memoria, Flavia Urbicio.

Genio, entre os gentios, era o espirito que presidia particularmente na fundação dos reinos e cidades, e no nascimento das pessoas, tendo cuidado do seu adiantamento e felicidades.

Julia—parece que tambem em Braga existia uma familia patricia assim denominada; por que no tempo do arcebispo D. Luiz de Sousa, mandando-se desfazer o antigo templo de S. Victor, se achou na parede uma lapide sepulchral, com esta inscripção:

JULIS PILADES
ORESTES
H. S. E.

Quer dizer:

«*Julio Pilades Orestes, aqui jaz sepultado.*»

Liciniana—parece que tambem aqui havia a familia dos Licinianos, segundo consta de uma lapide romana, mencionada por João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*. Diz elle que estava em Braga, e era uma columna com esta inscripção:

VALERIO LICINIANO D. A.
LICINIO JUNIORI. NOB.

Quer dizer:

«*A Valerio Liciniano, o mais moço, se dedicou esta memoria.*

Lucios—tambem aqui se suppõe ter existido esta familia patricia, pelo que consta de um cippo que existe na egreja de S. João do Souto, que diz:

QUINTUS LUCIUS TUSCI VALENTINI. F.

Quer dizer:

«*Aqui está sepultado Quinto Lucio, filho de Valentino Tusco.*»

Tarquinios e *Caturões*, outra familia que aqui existiu, o que se collige das inscripções que estavam em duas pedras no jardim do paço archiepiscopal. Dizia uma:

TARQUINIUS
CATURONIS
F. IX. AN.
H. S. E.

Quer dizer:

«*Tarquinio, fallecido de 9 annos, e filho de Caturon, aqui jaz sepultado.*»

A outra inscripção, diz:

ADRONUS
CATURONI
F. D. CIE. AN.
H. S. E.

Esta inscripção está truncada, faltando-lhe o principio; apenas se percebe que foi a campa de Adronio, filho de Caturon. (Vide Fermedo.)

Sálvios. De uma lapide que existiu na casa de André Jacome de Sousa, se collige ter existido esta familia em Braga, pois tinha a seguinte inscripção:

D : : SALVIUS
ATHICTUS
AN. XVIII. S. T. T. L.

Quer dizer:

«*Aqui jaz Dicio Salvio Athicto, que falleceu de 18 annos. A terra lhe seja leve.*»

Terencios e *Rufos*, era outra familia patricia, ramo da Quirina. Barros e Grutero, dizem que existiu n'esta cidade uma lapide com esta inscripção:

L. TERENTIO
M. F. QUIR. RUF.
PRAEF. COH. VI BRITTON.
D. QEG. I. M. P. F. DON. DON. AD.
IMP. TRAIANO BEL. DAC.
P. P. LEG. XV. APOLL.
TRIB. COH. II VIG.
D. D.

Quer dizer:

«*Este monumento foi dedicado á memoria de Lucio Terencio Rufo, filho de Marcos, da geração Quirina; prefeito da 6.ª cohorte dos brittones, centurião da 11.ª legião, chamada Marcia Feliz, o qual foi premiado pelo imperador Trajano, na guerra de Dacia; propretor da legião 10.ª, dos apollonienses e tribuno da 2.ª cohorte dos vigiadores.*»

Labinos—ha memoria de existir esta familia em Braga. No paço dos arcebispos, ha uma pedra, que foi pedestal de estatua, com esta inscripção:

LARI. VIAR.
BUSI. LA
BINUS. V.
S. L.

Quer dizer:

«*Aos deuses lares, das estradas, por voto, dedicou esta memoria Rusio Labino.*»

Valerios Rufinos—tambem ramo da celebre familia Quirina, residiu em Braga. Na egreja de S. Pedro de Merelim, embutida em uma parede, ao entrar a porta principal, está uma lapide com esta inscripção:

L. VALERIO
QUIR.
RUFINO.
VAL. RUFOS. FI. A
HES. EX L. S. M. N.

Quer dizer:

«*Esta sepultura, fez Valerio Rufo, a seu pae, Lucio Valerio Quirino.*»

Viriatos—havia em Braga a familia d'este appellido, o que consta de uma notavel inscripção que se achou gravada em uma pedra, que estava embutida na parede das casas de André Jacome de Sousa, e diz:

ARQUIUS
VIRIAT. K : .
D. ACRIF. IA
H. S. S. EST.
MEL CAE
CUSP. ELISTI
MONI ME : : : I : : :
CO

Esta inscripção, que evidentemente está truncada, e tem algumas letras apagadas, está por isso illegivel; apenas se póde lêr:

«*Aqui jaz sepultado Arquio Viriato.*»

Além das familias romanas, da classe dos patricios, que viveram em Braga, ha ainda outras muitas, de menos importancia, que seria longo e fastidioso mencionar.

Haviam em Braga, além das descriptas

outras muitas inscripções, que se perderam, umas por incuria, outras por serem despedaçadas pelo povo, ou empregadas em diversas construcções.

Mencionarei algumas das mais notaveis, conservadas por Argote.

De traz da egreja de S. João Marcos, em um quintal chamado do Idolo, está uma fonte e n'ella uma pedra, que tem em relevo a figura d'um homem, de habitos talares, de cinco palmos de alto, faltando-lhe parte do rosto e a mão direita; tem a barba comprida e na mão esquerda um envoltorio, cuja fórma primittiva se não póde distinguir. Por cima da cabeça e do lado direito, tem esta inscripção:

: : : : : ICVS. FRONTO
ARCOBRIGENSIS
AMBIMOGIDVS
FECIT.

Quer dizer:

«*Celico Fronto, natural de Arcobriga Ambimogido, fez esta obra.*»

Estes Frontos, ou Frontonios, como já disse, eram architectos, esculptores ou pedreiros.

Arcobriga, era uma cidade da Hespanha Tarraconense. Não se sabe o que significa a palavra Ambimogido.

Na mesma pedra, em um nicho quadrado, está esculpida a figura de um menino em meio corpo, tendo á direita a seguinte inscripção;

RONCOE
NATHLACO.

Ignora-se o que significam estas duas palavras: são talvez o nome de alguma divindade do paganismo, hoje desconhecida.

Perto da egreja de S. Pedro de Maximinos, ha em uma pedra esta inscripção:

T. FLAVIO

(*Dedicada a Tito Flavio.*)

Em Lomar, na quinta d'Abrahão, se acharam diversos cippos romanos, uns com as letras picadas, outros com ellas ainda legiveis. Uma d'estas inscripções, que está inteira, diz:

D. M. S.
TACANIUS DORUS
CIQAE CILENIQ. UXORI
AN. N. XXXI Q. CE Q.
THEODORO F. III.
ANQN. IIM.XI.D.XX
A: VON. IIM. XI OD:: XX.

Quer dizer:

«*Dedicada aos deuses das almas. Tacanio fez esta sepultura a sua mulher Doruscia, que viveu 31 annos, e a Theodoro, seu filho que falleceu de 3 annos, 2 mezes e 11 dias.*»

O resto da inscripção não se entende, talvez por ser érro do artista.

Onde esteve o convento de Dume, em uma casa, que foi de Valerio Pinto de Sá, estão embutidas na parede, duas pedras, em uma das quaes está o resto de uma inscripção, que diz:

D. M. S.
PRONIORI
VAE. AND.
I FLAMINICA
PROVINCIAE
CITERIORI

Apenas se póde ler que esta memoria foi consagrada aos deuses das almas, e que era a sepultura de uma sacerdotisa dos Flamines, e que tinha exercido esta occupação na Hespanha Citerior.

Na parede exterior da capella de Santa Anna, no campo do mesmo nome, está uma pedra com esta inscripção:

ATON GOMUNI
XXV. H. S. E.
RICIUS PROCU.

Quer dizer:

«*Aqui está sepultado Ato, filho de Gomunio, que falleceu de 25 annos. Ericio, procurador, lhe fez este jazigo.*»

—

Além do que já disse no principio d'este artigo, sobre os fundadores de Braga, accrescentarei aqui mais o seguinte:

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, pretende que esta cida-

de fosse fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, que lhe poz o seu nome, chamando-a Briga.

Não me parece admissivel esta opinião; porque *briga* é incontestavelmente uma palavra celtica, que significa cidade ou povoação, e é commum a muitas terras da Peninsula Iberica, o que próvo nos artigos relativos a Coimbra, Condeixa, Lagos, Feira e outras muitas povoações portuguezas.

Cunha, na sua *Historia dos Arcebispos de Braga*, fundando-se no que sobre isto diz o escriptor hespanhol Ferrer, attribue a Osiris, rei dos egypcios, a fundação de Braga.

Fundam-se em um cippo dedicado á deusa Isis, que já deixo copiado. É certo que o culto d'esta divindade teve principio no Egypto; mas depois se propagou por quasi todo o mundo, sendo tambem uma das divindades germanicas. Tacito (*De moribus germanorum*) diz:—«Pars suevorum et Isidi sacrificant»—isto é,—Muitos suevos sacrificam á deusa Isis.»

Uma carta de D. Hugo, bispo do Porto, diz que o templo de Isis, em Braga, foi edificado pelos egypcios; mas isto não prova que estes povos edificassem a cidade, e só sim o templo. Ha porém fundadas suspeitas de que esta carta é apocripha.

Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*, fundando-se na auctoridade de Laimundo e Angelo Pacence, diz que esta cidade foi fundada por Himilcon, capitão carthaginez, com gente africana, com que desembarcou nas costas do Minho; e que por serem naturaes das margens do rio *Bragada*, impozeram este nome á nova povoação. Não ha, porém, memoria escripta que prove satisfatoriamente a vinda e residencia de Himilcon a estas paragens.

Florião do Campo *(Hist. de Hesp.)* diz que Braga é fundação dos celtas e turdulos, que lhe pozeram o nome de *Bracara*, por serem aquelles celtas denominados gallos bracatos, que com os turdulos andaluzes, sahiram a povoar o interior da Hespanha, chegando até ao rio Lima. Esta opinião tambem offerece muitas duvidas.

Gaspar Estaço, nas *Antiguidades de Portugal*, sustenta, com bons fundamentos, e com o que diz Plinio, na *Hist. Nat.* liv. 4.º cap. 20, que Braga foi fundada pelos gregos. Pomponio Mella, diz que os gravios (gregos) habitavam desde a foz do Douro, até acima do rio Minho.

Não se póde saber ao certo o anno da fundação de Braga. O que se sabe é, que já existia pelos annos 3870 do mundo (134 antes de Jesus Christo) porque Appiano *(De Bello Hispaniensi)* relata a valorosa resistencia que os braccaros fizeram ao capitão romano, Decio Juno Bruto. (Vide Geira, Inscripções romanas, Marcos milliares, Chaves e Vias militares e Lima.)

Noticia biographica do Padre Mestre Fr. João d'Ascenção.

O reverendo padre fr. João d'Ascenção, nasceu em 26 de outubro de 1787, na freguezia de S. Romão de Neiva, districto da villa de Vianna, hoje cidade da provincia do Minho.

Tendo de edade 16 annos, entrou na ordem dos religiosos carmelitas descalços n'este reino de Portugal, e depois de completo o tempo canonico de noviciado, no anno de 1804, fez a sua profissão solemne, no convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Lisboa.

D'alli foi mandado pelos prelados da ordem para o convento do Carmo, do Porto, que então era a casa dos recem-professos, educados conforme os decretos pontificios na perfeição da disciplina religiosa *sub disciplina magistri*.

N'aquelle convento de rigorosa observancia regular, em o qual os religiosos iam para o côro á meia noite resar, ou cantar os louvores divinos, das horas canonicas de matinas e laudes, esteve até outubro de 1805, e então foi mandado para o collegio de philosophia em o convento do Carmo da villa de Figueiró dos Vinhos, na provincia da Beira.

Em 1808 veiu para o convento e collegio do Carmo d'esta cidade, onde estudou a theologia dogmatica até ao anno de 1811 e depois a moral até ao de 1814.

No terceiro anno de curso theologico foi

ordenado sacerdote, e cantou solemnemente a sua primeira missa na egreja do mesmo convento do Carmo d'esta cidade, em o segundo dia da oitava do Natal de 1810.

Pouco depois de ter acabado o curso de nove annos de estudos, foi nomeado presidente de conferencias moraes e mandado para o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Evora.

Em 1818 foi eleito substituto para o collegio de S. João da Cruz de Carnide, nos suburbios de Lisboa.

Em 1820, o definitorio geral da ordem o elegeu lente de theologia dogmatica, e o mandou para o collegio de S. José, de Coimbra, e alli por tempo de seis annos exercitou e desempenhou dignamente aquelle honroso emprego.

No capitulo geral celebrado em 1826, o padre fr. João foi nomeado prior do collegio de S. João da Cruz de Carnide, tendo 38 annos de edade; o que n'uma ordem tão reformada não era pequena prova do grande conceito que os prelados todos reunidos em capitulo, faziam dos talentos e virtudes que n'aquelle joven na edade, mas ancião na religiosidade, já resplandeciam.

A isto accrescia que os eleitores sabiam que o novo prelado devia governar e mandar n'aquelle convento, não só religiosos estudantes, mas tambem venerandos anciãos de 70 e 80 annos de edade, que tinham sido mestres e prelados.

No fim do triénio de seu muito acertado e feliz governo, em 1829, o padre fr. João, por mandado do muito reverendo prior geral, prégou na abertura do capitulo geral no convento dos Remedios de Lisboa, de tal modo, que excitou não só admiração, mas compunção e lagrimas nos prelados da ordem, que publicamente reunidos na egreja o ouviam.

Em outubro do mesmo anno, annuindo á vontade dos prelados, se sujeitou a ir ler theologia moral no convento e collegio dos Remedios de Evora, e no fim do triennio, no anno de 1832, foi eleito segunda vez pelo capitulo geral para o officio de prior do collegio de S. João da Cruz de Carnide, o qual exercitou pouco mais d'um anno, até á extincção dos conventos.

Então, depois de penosas angustias, graves trabalhos, e mortaes perigos, recolhendo-se aos lares patrios, sem despir o habito da ordem que professára, e na qual tinha vivido 31 annos, o padre fr. João começou uma nova vida, menos regular na fórma e ordem dos actos externos, mas certamente mais perfeita e santa, mais meritoria e mais digna de admiração pelas heroicas virtudes que, expulso do asylo sagrado do claustro, praticou no meio do turbulento e corrompido mundo.

A sua constancia em trazer sempre vestido o habito religioso, foi occasião de padecer incommodos e perseguições até ao excesso de ser mettido na cadeia publica, destinada para os facinorosos.

Saindo brevemente da prisão, porque a innocencia e a virtude, a verdade e a justiça, eram os seus eloquentes advogados, para evitar novos incommodos e repetidas perseguições, seguindo o conselho do Nosso Divino Salvador, Jesus Christo, que disse a seus discipulos: «Se vos perseguirem n'uma cidade, fugi para outra;» o padre fr. João, no anno de 1839 se retirou para esta cidade de Braga, e aqui, o muito reverendo conego, José Maria de Oliveira e Silva, antigo amigo dos religiosos do Carmo, e que desde muitos annos conhecia bem este innocente perseguido, com summa benevolencia e caridade o recolheu em sua casa e o soccorreu e beneficiou quanto poude. Porém sendo o muito reverendo conego extremoso em procurar todo o bem-estar e allivio do padre fr. João, tanto na saude como na enfermidade, este, como perfeito religioso, ainda que muito agradecido ao seu bemfeitor, não foi menos constante em não acceitar mais do que era necessario para sustentar a vida, observando sempre toda a abstinencia e mortificação que tinha professado. Assim homisiado, sem ser criminoso, o padre fr. João, recolhido continuamente em casa do muito reverendo conego, por tempo mais de 14 annos, passou uma vida quasi sempre escondida.

No anno de 1853, tendo já padecido e pa-

decendo graves molestias, e não querendo incommodar por mais tempo e mais gravemente o seu caritativo bemfeitor, ou talvez presagiando a morte do mesmo, pela penosa enfermidade, que elle começava a padecer e da qual falleceu, se retirou para casa do reverendo padre fr. Custodio de Jesus Vieira Lopes, religioso tambem da ordem do Carmo, o qual com extremoso affecto ternamente o agasalhou, beneficiou e serviu, não só como irmão, mas tambem como filho, que no padre fr. João reconhecia um venerando pae.

Depois que o reverendo padre fr. Custodio foi promovido ao ministerio de parocho, e se ausentou d'esta cidade, o padre fr. João além da casa que o mesmo reverendo abbade gratuitamente lhe prestava para morar n'ella, necessitava pela sua avançada edade e continuas molestias, de outro maior amparo e soccorro, o qual por manifesta disposição da Providencia Divina, que nunca falta aos que devéras procuram o reino de Deus, encontrou e gozou muito prompto e de todos os modos perfeito, em casa d'uma virtuosa familia, que com caridade verdadeiramente christã, acompanhada das outras virtudes, o agasalharam, soccorreram e trataram extremosamente até ao ultimo instante da vida.

Os grandes talentos intellectuaes d'este religioso, a sua prompta e certa reminiscencia, a sua luminosa e profunda intelligencia, a sua facil e fecunda invenção de pensamentos e razões, eram bem conhecidas e até admiradas pelos seus proprios mestres. A extensão e variedade dos seus conhecimentos, a rectidão e prudencia do seu juizo pratico, sobre tudo, a sua firme crença das doutrinas catholicas, a sua inteira submissão ás decisões da Santa Sé Apostolica, e a inabalavel adhesão ás opiniões, seguras, mais provaveis e menos perigosas, lhe mereceram que os prelados da ordem o escolhessem e nomeassem para os importantes officios de ensinar e governar, em os quaes, depois que acabou o curso dos estudos, esteve empregado sempre.

Ordenado sacerdote, emquanto viveu no claustro, exercitou com frequencia o ministerio de prégador evangelico, merecendo sempre nas cidades, villas e aldeias das provincias da Beira, Extremadura e Alemtejo, onde prégou, a gostosa attenção dos ouvintes de todas as classes, e colhendo copiosos fructos espirituaes, da semente da palavra divina, por isso que, além dos talentos naturaes que tinha para desempenhar dignamente o officio de orador, como ministro de Christo, expunha e intimava as verdades da religião catholica com clareza, força e uncção suave, que não só persuadia, mas tambem compungia e movia.

A sua erudição sagrada e a verdadeira sciencia dos santos, que elle sempre preferiu ao estudo das bellas lettras profanas, bem se manifestava nos rectos e prudentes conselhos, que dava a muitas pessoas que em duvidosos e difficultosos casos de consciencia o consultavam, e nas sabias respostas com que resolvia as questões praticas que lhe propunham.

Na cadeira, explicando aos seus discipulos religiosos as doutrinas dogmaticas, moraes e canonicas, com o espirito de intelligencia que Deus lhe infundira, e persuadindo-os com a verdadeira sabedoria que elle tinha bebido nas fontes puras das Divinas Escripturas, e dos Santos Padres, o seu maior empenho era persuadir-lhes que conformassem a sua vida com a sua fé e que para serem verdadeiramente sabios deviam ser tambem santos.

Praticando sempre exactamente o que ensinava no pulpito, nas cadeiras e nas instrucções particulares, o padre fr. João foi um verdadeiro exemplar de todas as virtudes chsistãs e tambem das que são particularmente proprias do estado religioso. De todas deu manifestos indicios desde o noviciado, e todas praticou constantemente em toda a sua vida, tanto dentro do claustro como fóra d'elle.

As causas primordiaes de sua innocencia e santidade, foram o ter recebido de Deus uma innata indole de bondade, e de seus paes uma educação verdadeiramente christã, haver tomado sobre si desde a adolescencia e levado sempre com gosto o jugo da

ligião e o ser penetrado e dominado pelo santo temor de Deus.

Certamente o padre fr. João tinha uma alma boa, generosa e heroica; um coração ternamente compassivo: tão grandes sentimentos de humanidade, que o fazer bem a todos lhe era como natural, e o maltratar e offender alguem, repugnava inteiramente á sua propensão para a beneficencia.

A manifesta e decisiva prova d'esta extremosa bondade, que o caracterisava, era o modo com que elle tractava até os irracionaes, não os maltratando nem se atrevendo jámais a matar o menor insecto ou bichinho, nem mesmo da especie d'áquelles que são mais encommodos.

Com estas bellas qualidades da natureza, aperfeiçoadas pela educação religiosa do claustro, e santificadas pela graça divina que as confirmou e augmentou, o padre fr. João, praticando quantos actos de beneficencia podia, se fez um varão de misericordia, cuja piedade com nenhumas difficuldades nem obstaculos desfallecia.

Sendo verdadeiramente pobre e carecendo até do necessario para a propria sustentação, nada pedindo para si, com extremosa caridade procurava e promovia occultamente esmolas para muitas pessoas indigentes e soccorros para familias desvalidas.

Grandemente empenhado, não só em promover o bem temporal, mas muito mais o espiritual do proximo, com a sua activa e efficaz diligencia, obtinha avultados subsidios para fazer entrar em religiosos recolhimentos e conventos, meninas que queriam fugir dos perigos do mundo ou seguir a vida religiosa.

Geralmente, em suas acções e palavras, em seu trato com eguaes e subditos, com domesticos e estranhos, com amigos e adversarios, com bemfeitores e perseguidores, resplandeceu sempre n'elle aquella caridade verdadeiramente christã, adornada com todos os caracteres maravilhosos, que S. Paulo, na sua Epistola primeira aos Corinthios, attribue a esta, que segundo a doutrina de Christo, ensinada pelo mesmo apostolo, é a maior e a mais excellente de todas as virtudes.

Tanta perfeição e fervor de caridade para com o proximo não podia ter por principio e motivo senão o amor de Deus, occulto no mais intimo de sua alma, mas bem manifesto em o ardente zelo da gloria do mesmo Deus e da salvação das almas, bem manifesto no acatamento, perfeição e compunção com que celebrava o santo sacrificio da missa, e todos os actos de religião, bem manifesto em o total desapego de todas as cousas terrenas e prazeres sensiveis, bem manifesto no doloroso sentimento com que lamentava e detestava os desacatos offensivos da Magestade Divina, o despreso da religião de Jesus Christo, e as perseguições contra a Egreja Catholica e seus ministros.

Todos estes religiosos e santos sentimentos, effeitos demonstrativos do verdadeiro amor de Deus, elle os adquiriu, augmentou e aperfeiçoou no continuo e fervoroso exercicio da oração, em a frequente elevação de seu espirito a Deus pela meditação e contemplação.

Além da devota recitação do officio divino, elle praticava diariamente muitas devoções, a principal das quaes era orar pelas almas do purgatorio, visitar os sepulchros do claustro, e sobre elles esparzir agua-benta, recitando psalmos e responsos; além de celebrar o incruento sacrificio, elle ouvia quasi todos os dias uma ou mais missas; além de outros pios exercicios, em obsequio da Santissima Virgem, da qual era devotissimo: elle a saudava com a *Ave Maria* todas as vezes que ouvia o relogio dar horas, se não estava impedido para cumprir aquelle religioso acto; além de visitar, quanto podia, o Santissimo Sacramento, exposto á publica veneração dos fieis; elle visitava com muita frequencia as egrejas, a via-sacra, e com a visita dos altares procurava lucrar as indulgencias das estações; além das horas, quotidianas de oração mental, determinadas pelas constituições da ordem a todos os religiosos, elle empregava n'este pio exercicio quanto tempo lhe restava do cumprimento de outras obrigações, e tambem quanto podia subtrair ao sommo e descanço, ficando muitas vezes no côro ou na egreja depois que os outros religiosos se recolhiam, e le-

vantando-se pela manhã, uma hora mais cedo para orar, antes de começar a oração da communidade.

A este continuo exercicio da oração, absolutamente necessario para illustrar, santificar e fortificar o espirito, o padre fr. João associou constantemente, desde o noviciado religioso até aos ultimos dias da vida, a mortificação e penitencia indispensavel para sujeitar perfeitamente a carne ao mesmo espirito, e para fazer do homem carnal um varão verdadeiramente espiritual, e verdadeiro discipulo e imitador de Christo crucificado.

Certamente, como apostolo, em toda a sua vida elle trouxe sempre no seu corpo a mortificação do Divino Mestre e viveu crucificado com Christo. A sua mortificação e penitencia, ainda que isenta de extraordinarios excessos de rigores, foi verdadeiramente perfeita e heroica. Perfeito observante de todas as austeridades da ordem, no vestido, no calçado, no leito, na solidão, no silencio, nas vigilias, na frequencia do côro, na flagellação e n'outras mortificações, não se limitando a cumprir sómente quanto estava mandado, accrescentava quantas obras de superrogação podia para mais se mortificar. Nas muitas e longas jornadas que por obediencia fez de uns conventos para outros, a fim de cumprir os empregos para que foi nomeado, privando-se voluntariamente do commodo de transportar-se em cavalgadura, conforme o permittiam as constituições da ordem, caminhava quasi sempre á pé, lucrando assim para si o merecimento da mortificação pelo trabalho e cansaço e renunciando em utilidade do convento o que licitamente podia gastar sem offensa da pobreza religiosa. Evitando a menor e licita modificação na observancia dos regulamentos da ordem, nunca nem pelo rigor do frio, nem por causa de enfermidades, nem pela sahida do claustro, nem pela conformidade com o seculo, se calçou de modo que não fosse conforme á profissão e nome de Carmelita Descalço.

Além de cumprir sempre exactamente e com rigor todos os jejuns determinados pelo preceito geral da Egreja Catholica, e os particulares jejuns da regra primittiva dos carmelitas, que são continuos desde o dia 14 de setembro até á Paschoa da Resurreição e tambem os das sextas feiras dos outros mezes do anno, e das vigilias de particulares festividades, determinados pelas constituições da mesma ordem, jejuava tambem por sua devoção em todos os sabbados para honrar a Santissima Virgem; e por isso em todo o anno poucos eram os dias em que não se mortificava com grave abstinencia. Podendo licitamente, por justa causa ou motivo, eximir-se algumas vezes d'esta penitencia quasi continua, nem a falta de saude, debilidade, justa excepção, que a mesma regra bem expressamente declarava, nem a isenção do jejum, que as constituições da ordem concediam ou permittiam que os prelados concedessem algumas vezes aos religiosos, e particularmente aos prégadores e mestres, em attenção aos seus maiores trabalhos eram bastantes para que o padre fr. João deixasse de praticar essa continua penitencia.

Egual era tambem a sua rigorosa observancia da perpétua abstinencia de alimento de carne; e ainda que falto de forças e padecendo molestias frequentes, não affrouxava no cumprimento d'esta mortificação, nem cedia facilmente a conselhos, mesmo dos medicos, sendo necessario toda a auctoridade de seu prelado e a força da virtude da obediencia para o obrigar a usar do alimento de carne quando a enfermidade não era manifestamente perigosa ou muito grave.

N'este rigor foi muito mais extremo nos vinte e sete annos que viveu depois da extincção dos conventos; porque além de nunca se utilisar da despensa d'este ponto da regra, á qual foi concedida pelo Summo Pontifice aos carmelitas egressos dos conventos padecendo muitas e graves enfermidades, particularmente nos ultimos annos da sua vida, não tendo prelado ao qual fosse obrigado a obedecer em taes actos, era necessario todo o absoluto e decisivo imperio do professor da medecina, para o obrigar a observar os regulamentos de perfeita diecta, necessaria para curar a enfermidade e recobrar a saude e as forças.

Entre os pungentes espinhos d'estas e d'outras muitas particulares e occultas mortificações, procurava conservar sempre, sem a menor mancha, o fragrante lyrio da pureza, regado com as influencias celestes do orvalho das graças divinas, cultivado com os pios exercicios de perenne devoção á Santissima Virgem, e defendido dos furiosos ventos das tentações com a vigilante cautella em guardar a perfeita modestia religiosa, de todos os sentidos externos.

Sendo assim pelo perfeito cumprimento do voto de castidade e por esta rara e delicada virtude, um digno filho da Santissima Virgem Maria, Mãe dos Carmelitas; tambem no total desapego das cousas terrenas, e na constante observancia do voto da pobreza religiosa, foi verdadeiro imitador dos primittivos monges do Carmelo e dos novos carmelitas descalços reformados, socios de S. João da Cruz. Ainda que mestre e prelado, nunca teve para seu uso particular cousa alguma mais do que o habito e roupa interior, que trazia vestida e aquella, com que se cobria no leito, nem mesmo algum livro mais do que o breviario.

Por isso, quando se transportava d'um convento para outro, a sua mobilia ou bagagem era, uma tunica ou camisa de sarja, umas sendalhas, o breviario e as disciplinas. Em vinte e sete annos que viveu fóra do claustros, nunca pretendeu a prestação para sustentar-se; sem ter officio nem emprego em tantos annos, verdadeiramente pobre, sustentou-se com a esmola da missa e com outras esmolas que a caridade d'algumas pessoas que o conheciam lhe offereciam sem elle as pedir, e que elle muitas vezes recusava acceitar, como menos necessarias para si, e mais necessarias para outros pobres, com os quaes algumas vezes repartia isso mesmo que lhe davam.

Se no fim da sua vida, por persuasões e diligencias de pessoas que se compadeciam das necessidades que elle padecia, foi habilitado para receber a prestação, essa habilitação foi para a sua delicada consciencia occasião d'angustias e afflicções espirituaes, até o extremo de recear e recusar acceitar essa pequena quantia de dinheiro, que seus bemfeitores lhe tinham agenciado

Perfeito observante da lei de Deus e de todos os preceitos e leis canonicas da Santa Egreja, pontualmente exacto na observancia da regra e constituições da ordem que professou, sempre inteiramente submisso á vontade de seus prelados e prompto em cumprir quanto elles lhe mandavam, ou simplesmente indicavam, por mais incommodo que fosse, o padre fr. João foi um religioso verdadeiramente obediente, e cuja vida no claustro foi um continuo sacrificio d'obediencia, e fóra do claustro se fez uma victima de conformidade e resignação com a vontade do nosso Deus, e d'aquelles a quem elle respeitou sempre como ministros do Altissimo.

Tantas e tão perfeitas virtudes deviam ter, e certamente tinham, por solido fundamento a mais profunda humildade, que bem claramente se manifestava em todo o procedimento do padre fr. João. Mestre ou prelado, portou-se sempre com seus discipulos e subditos conforme o preceito de Jesus Christo, como se fosse o menor e o servo de todos.

Occultando quanto podia os proprios talentos e virtudes, respeitando a todos, elogiando os outros, attribuindo-lhes sempre boas qualidades e desculpando os defeitos d'elles, parecia reputal-os sempre, segundo o conselho do Apostolo, superiores a si mesmo.

Mas quanto mais profundamente se abatia, tanto mais se fazia digno de ser respeitado, e assim conciliava e merecia a benevola familiaridade, attenções e obsequios d'alguns illustres personagens, ministros de estado, e prelados da Egreja, que o conheciam, estimavam e honravam.

Assim a sua humildade crescia em proporção das honras que lhe faziam; mas crescendo, sempre resplandeceu mais luminosamente quando no mez de março de 1833 foi nomeado arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente. O aviso d'esta nomeação, sendo mandado da secretaria d'estado e entregue por um correio particular ao padre fr. João, foi para elle como o estampido d'um raio, que gravissimamente o assombrou, perturbou e atterrou.

A noticia da nomeação para tão alto e honroso ministerio, que naturalmente excitaria em outro eleito gostosas emoções de satisfação e alegria, produziu em o humilde padre fr. João, afflicções e angustias inexplicaveis. Gemidos, suspiros e lagrimas foram os manifestos indicios da sua verdadeira humildade, pela qual se reputava insufficiente para levar o peso do ministerio episcopal, superior ás virtudes Angelicas, e se julgava indigno de exercitar tão alto e santo emprego; sendo muito certo que, se o acceitasse, seria realmente um verdadeiro pastor do rebanho de Jesus Christo, um prelado digno dos primeiros seculos da Egreja Catholica, e perfeito imitador dos varões apostolicos. Constante nos sentimentos e proposito de sua humildade, resistiu sempre a todas as insinuações e instancias que lhe fizeram, domesticos e estranhos, para que acceitasse o sagrado ministerio, em o qual daria muita gloria a Deus, faria grande serviço á egreja e ao estado, e conduziria muitas almas para o ceu.

Tão ponderosos motivos, na balança da sua timorata consciencia, não pesaram mais do que os intimos sentimentos da sua insufficiencia e indignidade, e por isso nunca acceitou. N'este procedimento de humildade não só imitou os grandes, mas humildes santos Bernardo de Claraval, Thomaz d'Aquino, Bernardino de Sena, Francisco de Borja, Filippe Neri o outros, mas tambem cumpriu os altissimos e incomprehensiveis juizos da Providencia Divina, que tinha destinado dar ao paiz natal d'este religioso, na pessoa d'elle, um grande exemplar e publico testemunho das virtudes evangelicas, que n'este seculo de desmoralisação e corrupção ainda se aprendiam e praticavam nos claustros reformados.

Se a falsa philosophia não reconheceu em o padre fr. João essas virtudes, a verdadeira philosophia as admirou; se a malicia de libertinos occultamente as motejou e despresou, a innocencia publicamente as respeitou e honrou.

Tão santa vida devia ter um fim egualmente, ou ainda mais santo; assim aconteceu. Nos ultimos annos, o padre fr. João padeceu um penoso martyrio d'escrupulos, causado não por defeitos reaes, mas sim pelo temor do menor defeito e pelo desejo da maior perfeição em tudo e principalmente do cumprimento da obrigação do officio Divino, que elle resava de joelhos, empregando na recitação d'elle, muitas horas, e recitando-o com uma vehemencia d'expressão e vivissimos sentimentos religiosos, que o cansavam grandemente e excitavam a compaixão em quantos o viam resar. Iguaes, ou maiores eram os sentimentos de temor, reverencia, devoção e compunção que o dominavam quando celebrava o santo sacrificio da missa, por força dos quaes prolongava muito o tempo da celebração; derramava copiosas lagrimas, e por isso se abstinha de celebrar em publico. Mas es e penoso martyrio, que o purificava, não obscurecia a luz da sua intelligencia, não perturbava a paz de seu espirito e nem diminuia a perfeição de suas virtudes, nem alterava a boa ordem de suas acções, nem o despojava de sua natural affabilidade.

No fim de sua prolongada vida, consagrada toda á gloria de Deus e ao bem do proximo, e santificada com as virtudes já referidas, o padre fr. João, abatido com o peso de mais de 73 annos, macerado com rigorosas austeridades, atormentado com antigas enfermidades, que cada dia se aggravavam mais, afflicto com as timidas anciedades de escrupulos, angustiado com dolorosos sentimentos pelas calamidades publicas, pelas tribulações da egreja e pelas perseguições contra o vigario de Christo, mortificado com tantas dores do corpo e de espirito, que elle soffria com paciencia e affavel alegria, já desfallecido no corpo, mas sempre vigoroso no espirito, morto já para o mundo e vivo só para Deus, tranquillo esperou e viu o dia da sua morte, para a qual se havia preparado sempre, e proximamente se dispoz, recebendo com pia e terna devoção os santos sacramentos.

Prevenido assim com todas as disposições necessarias, para que a sua morte fosse preciosa na presença do Senhor, em 16 de março de 1861, fechou os olhos do corpo á luz do dia e abriu os da alma á luz eterna, passou do desterro á patria, terminou os trabalhos temporaes, para receber premios eter-

nos, que piamente podemos crer já terá recebido, ou eternamente receberá como, justa recompensa de suas heroicas virtudes.

No dia 18 do referido mez, o humilde e pobre funeral d'este religioso, pobre e humilde, foi officiado e celebrado pelos religiosos da mesma ordem do Carmo, residentes n'esta cidade, e por alguns outros pios ecclesiasticos, que gratuitamente concorreram a elle; e foi tambem honrado com a presença de algumas respeitaveis pessoas de graduação, e pela voluntaria e obsequiosa assistencia de mais de 100 estudantes do segundo e terceiro anno das aulas maiores do seminario archiepiscopal, e de todos os alumnos do seminario dos orphãos d'esta mesma cidade. As lagrimas dos religiosos do Carmo e a compunção de todos os circumstantes tornaram este funeral verdadeiramente religioso, e mais honroso para o reverendo padre fr. João do que todas as honras da pompa mundana.

Seu corpo repousa sepultado na egreja do Carmo d'esta cidade, e alli espera o grande dia da resurreição geral, em o qual será tanto mais gloriosamente transformado, quanto mais gravemente foi mortificado. Então será devidamente manifestada e justificada a causa de todo o seu procedimento religioso, e á luz divina da verdade eterna se verá claramente que elle praticou verdadeiras virtudes, que a santa religião de Jesus Christo ensina; virtudes pelas quaes foi verdadeiramente amado de Deus e dos homens, e sua memoria é certamente digna de benção.

(Extrahido da *Atalaya Catholica*)

—

Cumpre-me aqui agradecer ao meu nobre amigo, o ex.mo sr. dr. J. J. da S. Pereira Caldas, illustradissimo lente de mathematica, do Lyceu Nacional de Braga, os muitos e preciosissimos esclarecimentos que com a sua proverbial delicadeza e generosidade, me facultou.

BRAGADA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Santa Eufemia, virgem, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança.

Situada em um valle profundo, junto ás margens do *Azibro*.

Tem ao N. a serra da Pena Mourisca e das mais partes outeiros continuos.

A antiga matriz estava até 1725 além do rio, ao O., e foi então mudada para a povoação, para o sitio onde hoje está.

Era annexa á abbadia de Sendas, cujo abbade apresentava aqui o cura, que tinha de renda 6$000 réis, 10 almudes de vinho, 30 alqueires de pão e o pé d'altar.

Produz trigo, centeio, milho, vinho e castanha, quanto basta para o consumo da terra, que é pobre. (Já ha 120 annos tinha a mesma população.)

BRAGADINHA—Traz-os-Montes. Havia uma grande povoação d'este nome, proximo a Bragança, cujos moradores, levados de um reciproco e implacavel odio, com inaudito furor, se mataram todos uns aos outros, em um só dia; ficando apenas alguma mulher, que se pôde esconder. Consta isto das *Inquirições* de D. Affonso III, de 1260. D. Diniz, achando-se em Thomar, a 9 de dezembro de 1286, decidiu a reedificação d'este povo, supprimindo-lhe o antigo nome, e dando-lhe o nome de Villa-Franca. (Vide Villa Franca de Lampassas.)

BRAGADO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiiar, 85 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A egreja era commenda dos condes de S. Lourenço.

Situada em valle, d'onde só se descobre a freguezia de Pensalves e parte do Valle de Bornes. Compõe-se de 4 aldeias, que são Carrazedo, Monteiros, Villela e Bragado, onde está a egreja.

A capella-mór da matriz foi feita pela commenda, que depois continuou a occorrer com as despezas e conservação d'ella. O vigario era collado, apresentado pelo reitor

de Pensalves. Tinha 16$800 réis, 40 alqueires de pão e o pé d'altar, que rendia uns 13$000 réis.

E' terra fertil em milho, centeio, e algum trigo, azeite e castanha.

BRAGADO — serra na freguezia do mesmo nome. É alta e alcantilada (em partes inaccessivel). Tem 6 kilometros de comprido pelo O., por onde confina com o rio Tâmega. Pelo S. confina com o rio Avelanes, e pelo N. com a freguezia de Capelludos.

Do mais alto d'esta serra, onde se chama as *Torres*, se descobrem muitas povoações da provincia.

Tem muita caça grossa e miuda. Tem muitos castanheiros e bastantes oliveiras.

No cume d'esta serra nascem muitas fontes, quasi todas perennes, que vão engrossar o Tamega e o Avelanes.

BRAGANÇA— cidade, Traz-os-Montes, districto administsativo, praça d'armas, 12 kilometros ao S. da raia de Hespanha, 50 ao NNO. de Miranda, 215 ao NE. do Porto, 480 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos, 4:500 almas em duas freguezias (Sé e Santa Maria); no concelho 3:920 fogos, na comarca 12:000, no districto administrativo 33:320.

Em 41° 32' de latitude e 12° 10' de longitude.

É situada junto ás margens do pequeno rio *Fervença* (que banha os muros da cidade, e morre no *Sabor*) em vasta, alegre e fertil planicie, proximo das ruinas da antiga *Brigancio*, e construida com os seus despojos.

A terminação de *briga* (de que os romanos depois fizeram *brica*) que teem quasi todas as grandes povoações antigas da nossa peninsula, tem sido causa de controversias entre os escriptores, e de se formarem duas opiniões inteiramente contrarias, isto é dizem uns que as cidades assim terminadas em *briga* foram fundadas ou reedificadas por *Brigo*, quarto rei de Hespanha, que viveu pelos annos do mundo 2090 (1914 antes de JesusChristo), ou que, por elle ser um bom rei, muitas ou quasi todas as cidades adoptaram o seu nome. A segunda opinião (e mais geralmente admittida, por mais provavel), é que *briga*, na antiga lingua lusitana, significava *cidade* ou *povoação*.

Na falta pois de provas que nos tirem de duvidas e hypothesis a este respeito, é licito a cada qual seguir a opinião que mais lhe agradar.

É preciso notar que a similhança dos nomes antigos com coisas modernas, ou com os nomes modernos das coisas, e o desejo de descobrir etymologias (doença de que eu sou soffrivelmente affectado) tem induzido muitos etvmologistas em erros palmares.

Ainda mais — a mesma palavra serve para sustentar opiniões diversas (como o mesmo artigo de qualquer das nossas leis serve para o auctor e para o reu, segundo a interpretação que os advogados lhe dão), v. g. —*Lacobriga* (Lagos).— Os partidarios do rei *Briga* a dão como prova da sua opinião, dizendo que esta palavra claramente significa *Lago de Briga* (porque na verdade proximo a Lagos ha uma grande lagôa ou lago). Os outros dizem que *Lacobriga* significa evidentemente *Cidade do Lago*. Ora não parece que ambas as opiniões teem bons fundamentos para se sustentarem?

Tratemos pois de Bragança.

—

A antiga Bragança, cujas ruinas ainda se vêem proximo d'esta cidade, foi, segundo muitos auctores, fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, no anno do mundo 2098 (1906 antes de Jesus Christo).

O padre Cardoso, seguindo a opinião de alguns antigos escriptores, diz que o seu primeiro nome foi *Celiobriga*, e que só depois veio a chamar-se *Brigancio* ou *Brigancia*.

Bragança esteve por muitos seculos sujeita ás differentes alternativas das outras cidades peninsulares, e sob o jugo de differentes dominadores.

—

No tempo dos romanos já Bragança era uma povoação muito importante, e o imperador Augusto Cesar lhe poz o nome de *Juliobriga*, em honra de Julio Cesar, seu tio.

Julio Cesar havia reedificado Bragança e a fez municipio do antigo direito latino.

—

Os godos lhe restituiram o antigo nome.

A sua importancia não tinha diminuido

no tempo dos godos e dos reis de Leão, visto que foi sempre governada por *condes*, pessoas das principaes familias das Hespanhas, e que só acceitavam os governos de cidades grandes e de consideração.

D. Affonso III de Leão fez conde de Bragança, pelos annos de 825, o famosissimo e esforçado cavalleiro D. Pelayo.

Com as continuas e diuturnas guerras dos christãos contra os arabes, estes tomaram muitas vezes e saquearam Bragança, arrazando-a mais ou menos, de cada vez que a occupavam, e segundo o tempo que tinham; pelo que se arruinou e despovoou completamente.

Em 1130, D. Fernão Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques, e grande senhor de Traz-os-Montes, achando-a destruida e abandonada, e não gostando do sitio em que estava fundada, principiou a sua fundação no actual sitio.

Chamava-se á aldeia que existia no local da actual cidade de Bragança—Bemquerença, e foi Bemquerença o primeiro nome da nova villa, á qual depois se deu o nome da destruida cidade de Bragança. Esta aldeia (Bemquerença) era do mosteiro de Castro de Avellans e o rei deu por ella, em troca, as villas de Pinéllo e Santulhão, para o assento da nova villa e seu termo; pois que a aldeia e todo o territorio circumvisinho eram dos frades. (Vide Bemquerença.)

Os mouros destruiram ainda esta nova cidade, pelo que D. Sancho I a reedificou e mandou povoar de novo, em 1185, ou, segundo outros, em 1187, com grandes fóros, e privilegios, para attrahir para aqui população.

No tempo dos godos, e até ao completo abandono de Bragança (a primitiva) era do senhorio dos frades do convento de Castro de Avellans, que já existia em 667. (Vide Castro d'Avellans.)

Andou desde então na corôa, até que D. Fernando a deu, e a villa do Outeiro, a João Affonso Pimentel, em dote de sua cunhada D. Joanna Telles de Menezes, irman bastarda da rainha D. Leonor, e commendadeira que tinha sido de Santos, da Ordem de S. Thiago.

Por morte de D. Fernando, João Affonso Pimentel tomou o partido de Castella, contra a sua patria, pelo que D. João I lhe tirou quanto elle tinha em Portugal; mas os castelhanos lhe deram o condado de Benavente. (Este Pimentel é progenitor dos marquezes de Tavora e de Vianna, e dos condes da Feira.)

Uma vez que Pimentel se tinha tornado traidor á patria, parece que devia perder *tudo* quanto tivesse em Portugal; todavia os reis de Portugal pagaram por muitos annos aos condes de Benavente (cujas armas ainda existem no castello) *dois açores de Irlanda*, ou por elles 24$000 réis.

Foi tambem senhor de Bragança, D. Fernando, filho bastardo do infante D. João e neto de D. Pedro I, casado com D. Leonor Coutinho, e senhor do couto de Leomil. Succedeu-lhe no senhorio de Bragança, seu filho D. Duarte; mas, morrendo sem filhos, o infante regente D. Pedro (o de Alfarrobeira) a deu, a titulo de ducado, a seu meio irmão, D. Affonso, conde de Barcellos, que foi o primeiro duque de Bragança. (Vide Barcellos.)

Desde então tem andado sempre na casa de Bragança.

—

Foi antigamente uma forte praça d'armas, toda murada e com um antiquissimo e grande castello (que tem 100 metros de altura e 50 de diametro, segundo diz o padre Cardoso, podendo n'elle manobrar muito á vontade mil combatentes) muito bem conservado. Dizem que foi edificado por D. Diniz, no fim do seculo XIII, mas foi ampliado (e provavelmente reedificado) por D. João I (cujas armas se vêem no castello) pelos annos de 1390.

Tanto a cidade como o castello, e um forte que está a NO., são de tal modo dominados pelas alturas circumvisinhas, que nenhum d'estes tres ponctos é defensavel. Parte da muralha do castello foi demolida pelos hespanhoes, em 1762, arruinando então tambem o forte.

Junto ao castello estão as ruinas de uma casa acastellada, que era dos duques de Bragança, e onde por seculos viveram os alcaides-mòres (do appellido de Figueiredo

Moraes Sarmento, de Azuffe, da familia dos condes de Ervedosa).

Consta que n'uma concavidade do castello nascem aguas, parte das quaes se conserva em grande porção, e parte se evacúa por aqueductos hoje desconhecidos.

O quartel militar, foi mandado edificar pelo general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, em 1800.

A casa da camara é celebre pela sua muita antiguidade (segundo a sua architectura e a tradição, é obra romana) e foi por muitos annos paço dos duques de Bragança; mas é só celebre por isso, que, no mais, é edificio sem merecimento nenhum artistico. Para maior desgraça, ha cousa de 30 annos, uns vereadores tiveram a lembrança de lhe mandar abrir umas janellas quadradas, destoando tanto do edificio, que o tornam caricato.

—

Bragança divide-se em duas partes, uma chamada a villa e outra cidade. A villa é mais antiga e n'ella se acha o castello. Occupa uma elevação ao N. A cidade é na baixa e ao SO., O. e NO. da villa.

Na villa está a egreja matriz de Santa Maria do Castello. O prior tinha 130$000 réis e quatro ecónomos, cada um com 40$000 réis. D'esta parochia são freguezes metade dos moradores da cidade. Tambem é na villa a capella de S. Thiago, que foi commenda da Ordem de Christo e rendia 200$000 réis.

Na cidade é a freguezia da Sé (antigamente, quando aqui não havia bispos, era orago S. João Baptista) o abbade era apresentado pelo bispo e tinha de renda réis 200$000.

—

Conventos

1.º—Frades franciscanos, observantes, que se diz fundado pelo proprio S. Francisco de Assis, patriarcha e fundador da Ordem, que aqui esteve então. Consta que a sua assignatura existe no archivo da camara, na escriptura que fez com os vereadores, quando fez o convento. Foi fundado em 1214, reinando D. Affonso II.

Em 1728 soffreu um terrivel incendio, mas, pelo zelo do general Sepulveda (de que já fallei) por esmolas do povo e á custa da Ordem, foi reedificado em 1800. Hoje faz dó vel-o, no mais atroz abandono, sem portas nem janellas e destelhado. Antes de pouco será um montão de ruinas.

Foi o segundo d'esta Ordem, em Portugal.

2.º—Collegio de jesuitas, fundado pelo povo de Bragança, que o deu aos padres da Companhia, em 1561, com licença do bispo de Miranda, D. Antonio Pinheiro.

3.º—Freiras franciscanas, de Santa Clara, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, fundado por D. Catharina, mulher de D. João III, pelos annos 1570. Outros dizem que a fundadora foi D. Catharina, duqueza de Bragança (e não a viuva de D. João III) pelo mesmo tempo.

A camara era padroeira d'este convento, e tinha o privilegio de dispor de 45 logares, para outras tantas donzellas de Bragança, que podiam professar n'este convento, não dando mais do que meio dote.

4.º—Freiras bentas, de Santa Escolastica, fundado por D. Maria Teixeira, viuva, d'esta cidade, que o dotou com todos os seus bens, pelos annos de 1600. As primeiras freiras que povoaram este convento, vieram de Vairão.

(Um d'estes conventos foi supprimido em 1853, pela morte da ultima freira.)

—

Bragança tem uma soffrivel egreja da Misericordia com nove capellães, bom hospital, e varias capellas dentro e fóra da cidade.

Tem tambem a egreja de S. Vicente, com dois beneficiados.

—

Bragança foi em outro tempo celebrada pelos magnificos veludos, damascos, gorgorões e outras fazendas que fabricava primorosamente e em grande escala; mas esta industria decaiu. Hoje torna a querer readquirir a sua antiga fama, n'este ponto, com o grande desenvolvimento que se tem dado n'estes ultimos annos á creação do *sirgo*, e producção da seda. Deus queira que os bragantinos não desanimem, pois d'esta indus-

tria lhes ha de porvir certamente riqueza e prosperidade.

Teve uma magnifica fabrica de veludos, por conta do estado.

Já em 1846 exportou 41:500$000 réis de belbutinas, 42 contos de réis de chitas, 45 contos de lenços de algodão, 80 contos de pannos de linho e algodão e 11 contos de lã em bruto e em chapeus, além de outros muitos artefactos, ao passo que a sua importação foi apenas de 13 contos. É a mais importante *alfandega secca* (ou interior) de todo o reino.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 4.º

—

Tem por armas, um escudo coroado e n'elle um castello de prata, em campo azul, sobre um prado verde.

Na *Chorographia Portugueza* (tomo 2.º, pag. 114) vem assim o seu brazão:

Escudo em palla, do lado direito, uma aguia parda, com as azas estendidas, mettida entre duas meias luas e duas estrellas, postas em aspa. Do lado esquerdo a esphera armilar e no centro o escudo das quinas portuguezas.

Segundo o *Livro d'Armaria*, de Alcobaça, são:

Em campo verde, um pato de prata, em pé, dentro d'agua, e de angulo a angulo duas estrellas de oito raios e dois crescentes com as pontas para baixo.

Como as traz o sr. I. de V. Barbosa (as que primeiro descrevi) são as mais usadas.

—

D. Sancho I lhe deu foral, quando a reedificou e mandou povoar, em 1187, confirmado em Guimarães, por D. Affonso II, em abril de 1219, e outra vez confirmado em Guimarães, a 4 de julho de 1219, pelo mesmo rei, e, finalmente, confirmado por outro foral que lhe deu D. Affonso III, em Chaves, a 20 de maio de 1253.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 11 de novembro de 1514.

—

Quanto ao bispado, vide Miranda.

—

Ha n'esta cidade varias pedras com inscripções romanas e outras antiguidades.

—

Tem no seu termo minas de estanho, prata e amianto.

—

É quartel de caçadores n.º 3 e cavallaria n.º 7.

—

É terra bastante fria, mas produz toda a qualidade de cereaes (principalmente milho) legumes, hortaliças, vinho verde, fructas e muito bons pastos, onde cria bastante gado.

—

Aqui foi martyrisado Santo Arcadio, bispo d'esta cidade, discipulo do apostolo S. Thiago, a 4 de março do anno 60, imperando Néro.

D'este facto e da tradição, se collige que a antiga *Brigancia* teve bispos nos primeiros seculos do christianismo e talvez até á invasão dos povos no norte da Peninsula. Do tempo dos godos, não me consta que aqui houvessem bispos.

—

No dia 1.º de janeiro de 1354, se receberam n'esta cidade, o infante D. Pedro (depois rei) com D. Ignez de Castro, assistindo á ceremonia D. Gil, bispo da Guarda e Estevão Lobato, guarda-roupa de D. Affonso IV. *Si vera est fama.*

—

Tinha esta cidade e seu termo grandes privilegios de couto, de homisiados, pelo que aqui se acoutavam muitissimos e grandes facinorosos. D. João I aboliu o couto, destruindo esta *colheita* de malfeitores.

—

Ha n'esta cidade tres praças. Uma na villa, dentro do castello, onde está o pelourinho e casa da camara, e duas na cidade. Tem mais um formoso terreiro, onde se faziam antigamente cavalhadas, corridas de touros, justas, torneios, etc.

—

A agua da fonte chamada de Affonso Jorge, dizem que cura a dor de pedra. A mesma virtude se attribue á da fonte do Conde. No termo de Bragança, na quinta de Valle

de Flores, ha uma fonte de agua permanente adstringente (dizem).

—

Era cidade prosperissima, quando tirava grandes recursos das suas fabricas de sedas, veludos e gorgorões, que exportava para toda a parte do reino e para o ultramar, e do grande commercio que sustentava com os hespanhoes.

—

Em 12 de junho de 1808, teve logar a patriotica revolução de Bragança, propagando-se logo a ambas as provincias do norte, contra Junot e suas hordas; a qual deu em resultado a derrota e retirada d'este general, para França.

—

No dia 30 de agosto de 1848, houve n'esta cidade, em Villa Nova de Fonte Arcada e por estas redondezas, um espantoso furacão, que, durando apenas 20 minutos, causou prejuizos de muitos contos de réis, em vinhas, olivedos, arvores de todas as qualidades, gados, etc. Foi um dia de horror para os habitantes d'estes sitios.

—

Bragança tem uma bella rua, guarnecida de bons edificios, e mais algumas soffriveis.

Os seus melhores edificios publicos, são a Sé, a casa que foi dos jesuitas e o convento de S. Francisco.

Os melhores edificios particulares são as bellas casas dos srs. Mirandas, Leites Bandeiras e Figueiredos, etc.

—

Tem estação telegraphica de primeira ordem (ou do estado) por ser capital de districto, pelo decreto de 7 de abril de 1869.

—

O primeiro duque de Bragança foi D. Affonso, filho natural, reconhecido, de D. João I, feito por seu irmão, o infante regente, D. Pedro. Este D. Affonso casou com D. Beatriz (ou Brites) Pereira, filha unica do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Vide Barcellos.

O ultimo foi D. João II, depois rei de Portugal e 4.º do nome. No reinado de D. Affonso VI, se encorporou na corôa o ducado de Bragança.

O primeiro duque de Bragança, o houve D. João I de Ignez Fernandes Esteves, natural da Guarda. Seu pae era um judeu converso, natural de Castella, sapateiro de profissão, chamado Mem da Guarda, por alcunha o *Barbadão;* que morreu e está sepultado na villa de Veiros.

É d'este sapateiro judeu que procedem muitas casas reaes da Europa,e grande numero das principaes casas titulares de Portugal e dos condes de Arondel na Inglaterra. Vide Guarda.

De D. Affonso I e de sua mulher procedem os seguintes duques de Bragança: D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jayme, D. Theodosio I, D. João I, D. Theodosio II, D. João II, que em 1640 foi acclamado rei de Portugal, com o nome de D. Jeão IV.

Desde então se intitulam duques de Bragança os primogenitos dos nossos reis.

Aqui nasceram, no seculo IV, S. João e S. Paulo, irmãos. Foram para Roma com seu parente Galiano, que era da côrte de Constantino Magno.

Foram martyrisados em Roma, por ordem do imperador Juliano, Apostata, em 354.

—

Aqui nasceram os santos Domicio, Pelagia, Aquila e Theodosia, martyrisados a 23 de março do anno 300, imperando Diocleciano.

É patria do celebre jurisconsulto e escriptor Antonio de Paiva e Pona, auctor de varias obras de jurisprudencia.

Apenas formado em Coimbra, foi feito provedor de Miranda. Depois, corregedor de Evora e finalmente do Desembargo do Paço.

Aqui nasceu tambem seu filho José de Barros de Moraes Pona, mestre de equitação de D. José I, auctor da *Arte real de cavallaria*, monteiro-mór de Villa Real e cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Era formado em direito pela Universidade de Coimbra.

BRANCA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, 30 kilometros ao NE. de Aveiro, 50 ao S. do Porto, 6 ao S. de Oliveira de Azemeis, 60 ao N. de Coimbra, 30 ao SO. de Arouca, 265 ao N. de Lsboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 338 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Estarreja, e até 24 de outubro de 1855 do concelho do Pinheiro da Bemposta, que foi então supprimido.

Foi antigamente do bispado de Coimbra.

É uma freguezia grande, mas tem-se desenvolvido pouco.

Situada em campina fertil e bonita, cortada pela estrada real de Lisboa ao Porto, e encostada a um monte, que lhe fica a NNE. e E., do qual se descobrem muitas povoações e o mar.

O prior é da apresentação do padroado real, e tinha de renda 600$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era apresentado pelos marquezes de Angeja, e rendia 500$000 réis.

É terra muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho verde.

N'esta freguezia nasceu e vive o illustrado jurisconsulto o sr. dr. Pereira Pinto.

Branca, no portuguez antigo, significava bouça, brenha, tapada. Era, e é, tambem nome proprio de mulher. E' povoação muito antiga e julga-se dever o seu nome a uma dona chamada Branca, que a possuiu antigamente; mas talvez o deva a alguma grande tapada ou bouça que aqui houvesse.

BRANCANES (contracção de *Branca Annes*)—Lindo convento (hospicio) de missionarios apostolicos, de que era padroeira Nossa Senhora dos Anjos. E' na cidade de Setubal. Foi fundado pelo veneravel fr. Antonio das Chagas, auxiliado por D. Pedro II, em 1682. Foi edificado em um terreno que de remotos tempos se chamava de *Branca Annes*, e ainda conserva esse nome. Tem uma linda cerca arborisada. E' situado em uma encosta junto á cidade, em posição muito formosa e pittoresca.

Teve esta egreja um quadro de grande valor, era a Annunciação de Nossa Senhora, original de Raphael de Urbino. Innocencio XI o deu á rainha D. Catharina, filha de D. João IV, que viuvando de Carlos II de Inglaterra, voltou a Portugal. Ella deixou por herança, a seu sobrinho, o infante D. Francisco, este precioso quadro, e o infante o doou ao convento. Sendo este profanado em 1834, veio o quadro para a galeria de pinturas da academia das bellas artes, de Lisboa, onde ainda existe.

O edificio e vasta quinta annexa, é hoje propriedade do sr. Agostinho Albino.

BRANCAS—aldeia, Extremadura, concelho, freguezia e 1:500 metros da villa da Batalha, comarca e 12 kilometros ao SO. de Leiria.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Proximo a esta aldeia (a uns 250 metros) entre a quinta do Pinheiro e o sitio das Sentas, ha uma nascente de agua, de duas telhas, verdadeiramente salgada.

Ao N. d'esta fonte, cousa de 20 metros, ha outra, que dá apenas meia telha de agua, tambem salgada. Ambas ficam ao lado do caminho que vae da Batalha para Porto de Moz, e a L. do ribeiro.

Ainda a distancia de uns 400 metros, da primeira nascente, e tambem na margem do referido caminho, no sitio chamado Moinhos de Cima, rebenta outra meia telha, da mesma natureza; deixando na sua passagem, sal crystalisado. Ha aqui vestigios de salinas, e, segundo a tradição, tambem se extraiu sal das outras nascentes.

Diz-se que se abandonou esta exploração pelos pesados tributos que lhe impoz a camara de Leiria. Vide Rio Maior.

BRANDARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto, dos Bezerras, de Canadêllo.

O abbade era apresentado pelos morgados de Canadêllo, tinha de rendimento 250$000 réis.

E' n'esta freguezia a grande quinta do Paço, do sr. Manuel de Vasconcellos e Sousa.

Ha vestigios de antigas fortificações, no sitio do Castello.

BRASFEMES — vide Brafemes.

BRASSAL — vide Braçal.

BRAVÃES — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho de Ponte da Barca, 25 kilometros ao NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Está situada em um valle.

A matriz é muito antiga e toda de cantaria lavrada, com varias figuras.

O reitor era apresentado pelo ordinario, e tinha 150$000 réis.

Consta que a capella de Santa Leocadia foi a primeira matriz, no tempo dos templarios, que foram senhores d'esta freguezia, por ser couto d'elles.

E' fertil. Passa pelos fins da freguezia o rio Lima.

Houve aqui um mosteiro de cruzios (que era coutado) fundado por D. Vasco Nunes de Bravães, rico homem d'aqui natural, pelos annos 1080. Era um dos principaes vassallos de D. Affonso VI, de Leão, e tronco dos Gallegos ou Ratinhos. Depois foi commenda da Ordem de Christo, mas reitoria da mitra. Por fim passou a abbadia secular, por breve de Martinho V, pelos annos de 1420, sendo arcebispo D. Fernando da Guerra. Aqui foi commendatario D. Rodrigo Taveira, natural de Villa Real. (Vide Lavradas.)

BRAZ (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho e 5 kilometros de Serpa, 70 kilometros d'Evora, 220 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca de Beja.

E' da casa do infantado. Fertil.

O arcebispo de Evora apresentava aqui o cura, que tinha 3 moios de trigo e 1 de cevada.

Ha n'esta freguezia, dentro do muro da Horta das Provincias, uma ermida, que foi antigamente mosteiro de frades paulistas, os quaes depois foram mandados para outro convento, dentro dos muros de Serpa.

N'esta freguezia principia a serra de Serpa.

BRAZ DA VARZEA (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 3 kilometros de Elvas, 70 kilometros de Evora, 180 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Evora.

Situada em uma baixa, entre olivaes, d'onde se não descobrem outras povoações.

O cura era feito por concurso. Tinha 3 moios de trigo e 20$000 réis em dinheiro, que lhe davam os freguezes, e o pé d'altar.

Fertil em cereaes, vinho e azeite, muita fructa, sendo optimas as suas laranjas.

E' muito abundante de agua.

Á fonte da Barqueira se attribue a virtude de curar a hydropisia e a dôr de pedra.

Passam aqui dois ribeiros, o da Varzea (que nasce na herdade de Torre d'Arcas e que tem uma ponte de cantaria no fim da freguezia) e outro anonymo, que junto á dita ponte se mette n'este e ambos morrem no Guadiana. Suas margens são cultivadas. Cria peixe miudo.

BRAZ D'ALPORTEL (S.) — vide Alportel.

BRAZ DOS MATTOS (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho do Alandroal, 24 kilometros d'Elvas, 168 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos. Orago S. Braz.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca de Elvas.

Situada em uma campina e a egreja em um téso, d'onde se vê Olivença, Alandroal, Badajoz e outras povoações menores. Fertil.

A egreja era da Ordem de Aviz.

O cura era apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de renda 3 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, pagos pelos freguezes.

Cria muito gado de toda a qualidade, que exporta, principalmente grande quantidade de porcos, que cria nos extensos montados que aqui ha.

Passa aqui a ribeira dos Pardaes.

BRAZÃO (d'armas)—segundo as nossas *Ordenações*, não o podia ter a mulher (ainda que seus paes o tivessem) salvo se fosse rainha, princeza, infanta, ou senhora de titulo ou terras, com jurisdição, ou alcaidessa de villa acastellada, e isto mesmo em escudo de losanja, excepto as rainhas.

BRAZIELLA ou **VARZIELLA**—pequeno rio, que nasce perto de Aguiar da Beira e entra na esquerda do Vouga, 12 kilometros abaixo da Lapa. Réga, móe e traz peixe miudo.

(Parece-me mais proprio escrever Varziella; mas vejo Braziella em quasi todos os diccionarios geographicos, por isso, assim escrevo tambem.

Se fôr Braziella, é nome proprio de mulher, diminutivo de Brázia (mas que tambem se usava mesmo em nome proprio (como Michaela e outros). Se fôr Varziella (que é o que julgo ser) é diminutivo de varzea. Muitos dizem Vargiella, e vem a dar na mesma, pois é diminutivo de Vargem, que é synonimo.

BRAZIELLA ou **VARZIELLA**—Dá-se este nome a um *sequeiro* do rio Douro, entre as freguezias da Lomba e a de Melres (onde este rio faz a grande volta da Lomba) entre a aldeia de Sante ou Pé de Moura (pois tem estes dois nomes) e a de Arêja, no comprimento de 2 kilometros. Nas estiagens não passam aqui barcos grandes sem ser preciso descarregal-os, levando as pipas aos trambulhões pela areia, coberta apenas por 30 ou 40 centimetros d'agua.

A mesma etymologia.

BREIA ou **VEREIA** (como antigamente se escrevia)—vide Lovelhe.

Verêa no portuguez antigo significava estrada, caminho, carreira, etc. Hoje diz-se verêda.

BRÉJO—logar baixo, alagadiço, humido, pantanoso, cheio de silvas e matagaes.

BREJOEIRA (quinta da)—sumptuosissimo palacio, extensa quinta, com formosos jardins, vastos pomares e campos, com grande abundancia d'aguas.

É na freguezia de S. Cypriano dos Pinheiros, Minho, comarca, concelho e 3 kllometros a SO. de Monção.

Este bellissimo e magestoso palacio, que mais parece obra regia do que de um particular, foi construido (e jardins, pomares, quinta, etc.) pelo sr. Luiz Pereira Velho de Moscoso.

Tiveram principio as obras do palacio em 1806 e concluiram-se em 1828.

O seu fundador gastou n'estas obras 400 contos de réis, aproximadamente.

É incontestavelmente a vivenda particular mais luxuosa, esplendida e agradavel de Portugal. Muitos palacios reaes lhe são inferiores.

Fórma o palacio um quadrado, com quatro magnificas fachadas, e com um bello torreão em cada angulo. Tem uma formosissima capella, vasta e decorada com magnificencia; uma boa bibliotheca; vastas e elegantissimas salas, com ricas pinturas a fresco, tanto nas paredes, como no estuque dos tectos, tudo mobilado com luxo. As mais peças do palacio correspondem em grandeza e sumptuosidade ao que fica descripto.

É seu actual proprietario o sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, filho do fundador; typo do verdadeiro e antigo fidalgo portuguez, reunindo uma não vulgar illustração á mais chan, delicada e amavel hospitalidade.

Tive o gosto (por mim havia muitos annos ambicionado) de visitar este soberbo palacio, em 1863. Tive a felicidade de ir em occasião que o nobre fidalgo estava em casa (o que raras vezes acontece). Fiquei penhoradissimo com o obsequioso acolhimento que s. ex.ª me fez (sendo-lhe completamente desconhecido antes d'esse dia) e pelas delicadas maneiras com que me tratou, mostrando-me todo este conjuncto de maravilhas.

Receba aqui s. ex.ª os meus mais sinceros agradecimentos e o protesto da minha eterna gratidão.

Tambem fiquei summamente agradecido a s. ex.ª, pelos esclarecimentos que lhe pedi e generosamente me prestou, sobre os paços e quinta da Brejoeira. Não fez como alguns a quem pedi informações sobre as suas casas e que nem resposta me deram!

Fidalgos como este são hoje rarissimos em Portugal.

Nos arredores da Brejoeira ha logares que serviram de theatro a heroicas façanhas dos nossos maiores; antiguidades que se prendem as glorias da fundação da monarchia; curiosidades naturaes muito notaveis e sitios de grande belleza e amenidade.

A 3 kilometros a NO., sobre a margem esquerda do rio Minho, está a celebre torre de Lapella, obra de D. Affonso Henriques. (Vae tudo nos logares competentes.)

—

Tenho visto escrever Berjoeira, Verjoeira e Varjoeira, acho porém mais proprio Brejoeira (de Bréjo) porque effectivamente esta quinta era antigamente um *bréjo*, do qual só podia fazer um paraizo, a grande alma do pae do sr. Moscoso.

É solar de um morgado instituido em 1500. As suas armas, são: em campo de prata, tres cabeças de lobo, da sua côr, cortadas em sangue e lampassadas de purpura, em pala, elmo de prata, timbre uma das cabeças de lobo.

Outros do mesmo appellido usam: em campo de prata, tres cabeças de leão, vermelhas e ao redor os versos seguintes:

Non nos a sanguine regum venimus,
ad nostro veniunt a sanguine reges.

(Não descendemos de sangue real; mas os reis descendem do nosso sangue.)

Os Mosqueiras são da mesma familia e usam das mesmas armas.

BRENA, BRENHA ou **BRENHE**—freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira, antigamente comarca de Coimbra, concelho de Maiorca, supprimido em 1855, 36 kilometros de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Theotonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era donatario d'esta freguezia o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Situada em montes que correm da serra de Quiayos até S. Fins; 18 kilometros de serra e montes, com varias povoações na mesma serra, da qual se vê Monte-Mor-Velho, Gayões, Coimbra e muitos descampados e desertos.

O cura (que apresentavam os cruzios de Coimbra) tinha 50 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho, que lhe pagava o povo, e o pé d'altar.

É medianamente fertil.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

A fonte d'esta freguezia é um poço, a modo de cisterna, que no verão fica muitas vezes quasi sêcco.

O nome d'esta freguezia é evidentemente derivado de Brena, que se pronuncia Brênha. Todos sabem o que é.

BRENCÊDA ou **BRENSÊDA**—portuguez antigo, brenha, silvado, matagal, bréjo.

BRENHAS—rio, Alemtejo. Nasce na serra de Moura, rega a fertil e bonita planicie d'esta villa, junta-se pouco abaixo d'ella com o Ardila, e vão morrer no Guadiana.

BRETIANDE Vide Bertiande.

BRETIANDOS ou **BRITIANDOS**— Vide Bertiandos e Britonia.

BRETOLVÃO—Antiquissima cidade do Minho, cujos vestigios existem proximo de Lindoso. Vide Lindoso, Cidadêlhe e Britêllo (S. Martinho.)

BRIÇOS—Vide Brissos.

BRINCHES—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 65 kilometros de Evora 145 ao S. E. de Lisboa. 370 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Em 1757 tinha 407 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

É do infantado.

Esta freguezia tem diminuido muito de população (não sei porque).

É situada sobre sete montes, dos quaes só se se descobrem terras desertas.

A Mesa da Consiencia e Ordens apresenta o capellão (parocho) por ser a egreja da Ordem d'Aviz.

Tinha de renda (o capellão) 4 moios e um quarteiro de trigo e um moio e um quarteiro de cevada. É terra fertil.

Ha por estes sitios muita caça, grossa e miuda.

Pouco distante desta freguezia passa o Guadianna.

BRINÇO ou **BRINSOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa. 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Catharina.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Pertencia á reitoria d'Alla, que era do real padroado.

Situada em planicie.

O reitor d'Alla apresentava aqui o cura, que tinha 50$000 réis.

Fertil em pão, vinho, e azeite; do mais mediania.

BRINGEL — Vide Beringel.

BRINHOSINHO ou **BRUNHOSINHO**, ou **A-BRUNHOSINHO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Foi antigamente do termo da Bemposta, comarca de Miranda.

Eram donatarios os senhores (depois condes) de VillaFlor.

Situada n'um alto, d'onde se vê Sanhoane e varios descampados.

Os marquezes de Távora apresentavam aqui o cura, até 1759, depois passou para o padroado real.

Tinha o ta. cura, de renda, 15 alqueires de centeio, 10 de trigo, 5 almudes de vinho e 10$000 réis em dinheiro, que lhe pagava a commenda; e um alqueire de trigo de cada fôgo, que lhe pagavam os freguezes, e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o seu rendimento era 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Não diz que eram os marquezes de Tavora (que então ainda não tinham sido executados como regicidas) que apresentavam o parocho; mas o padroado real.

Fertil em trigo e centeio, algum vinho, e do mais mediania.

Ainda em 1730 havia aqui uma bôa fabrica de estanho, de optima qualidade, extrahido de uma mina situada entre este logar e o da Figueira, que dista 3 kilometros.

Os empregados d'esta fabrica, todos tinham grandes privilegios. Acabou então, não sei porque.

Nascem n'esta freguezia dous regatos anonymos, que se juntam abaixo do povo; mas ainda ambos juntos apenas formam um pequeno ribeiro.

BRISSOS (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca d'Arrayolos, concelho de Monte-Mor-Novo, 18 kilometros d'Evora, 100 a E. de Lisboa. 65 fogos.

Arcebispado e districto administrativo d'Evora.

Orago S. Brissos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

O arcebispo d'Evora apresentava aqui o cura, que tinha 4 moios e meio de trigo e cevada, que pagavam os freguezes.

É muito fertil em trigo, centeio e cevada; do mais pouco.

Perto da egreja passa a ribeira de S. Brissos, que morre na do Ourega, no sitio do Moinho do Cavalleiro, freguezia de Regedouro. Réga, móe e traz peixe miudo.

Dizem uns que o nome d'esta freguezia é corrupção de S. Bricio, outros que é corrupção de S. Verissimo. O mesmo a immediata.

No sitio da Defeza e no da Nogueirinha ha minas de ferro, de que é proprietario (e concessionario, desde agosto de 1873) o sr. James Hall, subdito britanico.

S. BRISSOS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 60 kilometros d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Orago S. Brissos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Situada em campina, d'onde se vê Beja, Vidigueira e Cuba.

Era dos arcebispos d'Evora, que apresentavam aqui o cura, o qual tinha 3 moios e 40 alqueires de trigo, que lhe pagavam as herdades.

Fertil em cereaes e do mais pouco.

Tem canteiras de marmore finissimo.

Cria algum gado bovino e porcos, e muitas cabras e ovelhas.

BRITIANDE — Vide Berteande.

BRITIANDOS — Vide Berteandos.

BRITEIROS — (Santo Estevão) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Fertil.

Situada em um valle, em frente do monte Citania, onde se diz que existiu a antiga cidade de Citania.

Para o adro d'esta egreja se trouxe uma grande pedra, ornada de varios matizes e ramos, que estava no tal monte, por diligencias do chantre Ignacio de Carvalho. Está suspensa em quatro columnas.

O chantre da collegiada de Guimarães apresentava aqui o vigario, a quem dava 40$000 réis.

O tal chautre recebia os disimos d'esta freguezia, que lhe rendiam uns 340$000 réis.

No monte Sabroso, ao O. da freguezia, ha pedra muito fina, de granito; muito branca, optima para construções e mesmo para esculptura.

Pelo E., cérca esta freguezia o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

BRITEIROS — (Santa Leocadia) freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros a NE, de Braga, 364 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Orago Santa Leocadia.

Em 1757 tinha 146 fogos.

É terra fertil.

Situada nas faldas dos montes Sameiro, Fragas, Loural e Sabroso, d'onde se vêem muitas freguezias.

O reitor do collegio do Populo, de Braga é que apresentava aqui o vigario, que tinha 130$000 réis.

Os disimos eram para o tal collegio, e lhe rendiam liquido 390$000 réis.

É terra abundantissima d'aguas, de muitas fontes e regatos, chamando-se estes, Rio-Longo, Sameiro, Barrosa, e os mais anonymos.

Contiguo á porta da egreja matriz está um tumulo de pedra, razo com o chão, fechado com grades de páo, coberto com seu telhado.

Consta que é a sepultura do Santo Wamba, abbade do convento de benedictinos que aqui havia (fundado em tempos remotos) e do qual a egreja era a mesma que hoje é matriz. Este convento foi dado por o arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro (pelos annos 1596 ou 1597) aos eremitas de Santo Agostinho do convento do Pópulo, em Braga, que o reduziram então a abbadia secular.

A terra da sepultura do Santo Wamba, misturada com varias hervas do passal, tocadas na imagem de Santa Leocadia, se cosem em agua. Dada esta a qualquer doente, em 9 dias ou sára ou morre! (Segundo diz o padre Cardoso.)

BRITEIROS (S. Salvador) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago O Salvador do Mundo.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Fertil.

Era abbadia da mitra de Braga.

É terra muito saudavel, e não é raro ver aqui pessoas de 100 annos e mais.

Esta freguezia rendia ao arcebispo de Braga 200$000 réis.

Está nesta freguezia a antiga torre e casa de Briteiros, solar da familia assim appellidada, que eram ricos homens, e toda a freguezia era honra sua.

BRITEIROS (Nossa Senhora da Piedade e Santo Antonio) — freguezia, Minho comarca e concelho de Guimarães, 10 kilometros ao NE. de Braga, 363 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Situado em um valle, na raiz do monte Citania (ou, como outros dizem, Cinania.)

Fertil (Vide Citania.)

O arcebispo de Braga apresentava aqui o abbade, que tinha 400$000 réis.

Dentro d'esta freguezia, proximo á egreja, entre o logar da Matta e o do Carvalho, principia uma calçada para o monte Citania, antiquissima, mas que ainda se conserva.

Mais acima, entre uns penedos, se vêem as ruinas de uma capella, que dizem ter sido de Santo Antonio.

Aqui tem principio o muro d'esta antiga povoação, o qual cercava este monte para o O; e S; ainda se mostra razo com a terra para o N. mas, em muitas partes, ainda ha pedras de pé. Para baixo corre uma calçada, que vae ter proximo da levada do Paço. Tem de circumferencia umas 600 braças (1320 metros.)

Do monte para a esquerda, vae outra calçada, rodeando-o, e vae ter á freguezia de Pedralva e aqui (em Pedralva) se vêem ruinas de fortalezas, e a distancia de 110 metros mais adiante se vêem as ruinas de outras muralhas muito mais grossas, feitas de pedras grandes.

No topo do monte, ha vestigios de 3.ª muralha, que ainda em partes tem dous metros d'alto.

Alem d'esta ha vestigios de muitos edificios, ruas, etc, que dão fundamento á tradição de existir aqui a cidade de Citania, na qual dizem nascera S. Damazo, papa (vide Citania.)

João de Barros nas *Antiguidades d'Entre-Douro e Minho*, diz que S. Damazo foi natural de Pedralva (concelho de Guimarães) e que ainda no seu tempo se viam umas casas antigas, onde nasceu o santo pontifice. (Vide Braga e Pedralva.)

Querem alguns, que Citania e Egitania sejam a mesma cousa, e que Egitania foi aqui e não é Idanha a Velha, ou a Guarda.

Entendo que esta confusão é por causa do tal S. Wamba, que é tradição ter nascido na cidade de Egitania, que é Idanha-a-Velha. Ora como aqui está a sepultura de um Wamba (na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros como já vimos) e Wamba nasceu em Egitania, eis a razão porque dizem que foi aqui esta ultima cidade. Mas isto nada prova. Póde o abbade Wamba ser um e o rei Wamba ser outro, e até é muito provavel que o abade e o rei sejam o mesmo individuo; porque todos sabem que Wamba, depois de reinar desde 672 até 682, abaicou em Ervigo (que havia adoptado) e se metteu frade em um convento da Lusitania, que podia muito bem ser este.

Suppondo certo que se chamava Wamba o individuo que está enterrado no adro de Santa Leocadia de Briteiros (do que não conheço outra prova senão a tradição) quer esse Wamba fosse o rei ou outro qualquer, entendo que Egitania foi na Beira-Baixa e não no Minho.

Se Citania não fosse palavra tão semelhante a Egitania, de certo não havia esta barafunda.

Tambem alguns dizem que S. Torcato, bispo e martyr, era natural de Citania. Seu corpo está incorrupto, no mosteiro de S. Torcato, a 6 kilometros d'esta freguezia.

Está annexa á antecedente.

BRITÊLLO — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 30 kilometros ao NO de Braga, 385 ao N, de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Martinho.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Fertil.

Eram donatarios os herdeiros de D. Affonso de Menezes, senhores da Barca.

Situada em um pequeno valle e alguns montes tambem pequenos.

Os donatarios apresentavam os abbades, que tinham 400$000 réis de renda.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora da Penha, assim chamada, por lhe servir de docel uma grande penha bruta. Festeja-se a 8 de setembro.

Ha nesta freguezia grandes mattas de medronheiros. Cria muito gado e caça.

O rio Lima passa junto a esta freguezia.

Era antigamente do concelho de Lindoso, que foi extinto. É tradição que esta aldeia e a de Cidadêlhe, formavam parte de uma antiquissima cidade, chamada Bretolvão, outros dizem que o seu nome era Flavia-Lambria. (Vide Lindoso.)

BRITÊLLO — villa, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao

NE., de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Pedro, apostolo.

Em 1757 tinha 222 fogos.

Situado em um valle, fertil.

A matriz está fóra da villa, mas a pouca distancia.

O arcebispo de Braga apresentava aqui o abbade, que tinha de renda 600$000 réis.

Teve juiz de fóra e camara.

Feira a 25 de cada mez.

Passa aqui o rio Freixeiro, que réga móe e traz peixe; e se mette no Tâmega.

BRITO—freguezia, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Arcebispado e districto adminrstrativo de Braga.

Em 1757 tinha 149 fogos.

Foi antigamente da visita de Vermuim e Faria.

Era commenda dos condes de Sarzédas.

Situada em uma baixa, e fertil.

O cabido da Sé de Braga apresentava aqui o reitor, alternativamente com o papa. Tinha 100$000 réis de renda (o reitor) e o pé d'altar.

Mette-se n'esta freguezia a pequena serra de S. Miguel. Visinha a esta fica a serra de Montouto, que chega a Santa Martha, junto á cidade de Braga.

Corre aqui o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

Foi mosteiro de frades benedictinos, fundado por D. Soeiro de Brito, no reinado de D. Affonso V.

No Paço da Carvalheira, é o solar dos Britos, cuja varonia anda nos marquezes de Ponte de Lima, do qual se desannexou o grande morgado d'Evora, por casamento de D. Magdalena de Bourbon, condessa dos Arcos, com o conde D. Thomaz de Noronha, filho do visconde D. Luiz de Lima Brito e Nogueira.

BRITO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Barbara.

Em 1757 tinha 32 fogos.

O abbade de Penas-Royas apresentava aqui o cura, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em centeio, vinho, muita castanha, algum azeite, do mais pouco.

A pouca distancia ao O., passa o rio Tuella.

BRITONIA—cidade antiquissima da Lusitania, da qual apenas existem a memoria e algumas ruinas.

Dizem alguns escriptores que a villa de Bertiande, na Beira-Alta, e proximo a Lamego, está fundada sobre as ruinas d'aquella cidade episcopal, e d'ella traz o seu nome. Outros querem que Britonia fosse no Minho, proximo a Braga, ou a Ponte do Lima.

Outros sustentam que houve duas cidades do mesmo nome, uma na Beira-Alta, outra no Minho.

Quanto a mim, a semelhança das modernas palavras, Berteande e Berteandos, foi o que causou esta barafunda; mas depois de ter lido e relido differentes auctores, inclino-me a crer que effectivamente houve duas Britonias na Lusitania, uma na Beira-Alta, outra no Minho.

Tratemos pois d'ellas separadamente.

BRITONIA DO LIMA—Não se sabe com certeza o sitio em que era fundada esta cidade romana. Suppõem alguns escriptores que era proximo a Braga; mas a opinião mais geralmente admittida é que ella estava situada sobre uma ou ambas as margens do Lima; isto é mais provavel.

Supõe-se que o seu fundador foi o consul romano *Deccio Junio Bruto*, pelos annos, 135 antes de Jesus Christo, quando conquistou aos lusitanos o territorio ao N. do Douro e até ao rio Minho, d'onde não passou. (Vide rio Lima).

Diz-se que lhe pôz o nome de Brutonia. Sendo assim teve o mesmo fundador que teve a Britonia da Beira, segundo alguns escriptores.

Uns querem que ella existisse a meio caminho, pouco mais ao menos, entre a moderna Ponte do Lima e a foz, outros sustentam

que era no sitio actual de Bretiandos, onde está o palacio e quinta do sr. conde d'este titulo, e dizem estes que Bretiandos é derivação ou corrupção de Britonia.

Na impossibilidade de designar com exactidão o sitio d'esta cidade, direi sómente que ella existiu com certeza proximo do Lima, ou mesmo sobre uma ou ambas as suas margens, e a maior ou menor distancia da sua foz, mas em todo o caso, não excedendo esta distancia a 10 ou 12 kilometros, quando muito.

—

Ignora-se quem foi o fundador desta cidade, a origem do seu nome e a data da sua fundação.

Em um instrumento que no tempo de D. Fernando de Leão se escreveu, no qual se marcavam os limites do condado d'Entre o Douro e Minho, se lê o seguinte:

«*Principia (o condado) no logar cabêça (foz) do Minho, onde o tal rio entra no mar e o rio Froylano (Coura) entra no Minho; que d'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima: e d'alli pelo mesmo rio Lima acima até Britinia, onde antes foi Britonia; e depois até Pena-Maior, sobre a antiga cidade da Labruja, que agora se chama Romarigães. Desde alli, pelo termo do rio Froylano até ao castello pequeno de Tuy, que se chama Vallença, e desde alli pelo corrente do Minho até onde se começa. Cujo termo pertencia antigamente á cidade de Britonia, que se acha destruida e agora pertence parte á cabeça do Minho, parte á do castello de Cerveira e parte ao logar de Limia. (Ponte de Lima) exceptuando o grande couto que os reis deram antigamen'e ao mosteiro de Maximo, situado no altissimo monte chamado Arga.*» Consta que este instrumento (o original é latim e eu dei apenas a traducção) se acha no archivo da Sé de Braga, extrahido d'outro que está na Torre do Tombo, de Lisboa. D'elle pois se vê que Britonia era nas margens do Lima; sabe-se porem que era muito antiga, pois era cidade importante (e alguns até dizem que episcopal) no anno 55, imperando Néro, como adiante direi tratando dos martyres.

É certo que no seculo 4.º era cidade episcopal, pois que, na divisão dos bispados da Lusitania, feita no tempo do imperador romano Constantino Magno (ahi pelos annos 360 de Jesus Christo) figura Britonia como bispado suffraganeo da Sé de Braga.

Conservou esta preeminencia até 610, em que foi supprimido o bispado, unindo-se ao de Tuy e depois ao de Braga.

Britonia teve por bispos, S. Aristobulo Zebedeu, S. Lucio, S. Maximo e S. Valentino. (De certo que teve muitos mais, mas não acho os seus nomes.)

Foi uma cidade importante e próspera, no tempo dos romanos, e continuou a florescer sob o dominio dos godos; no começo do qual, a fé christan foi nella geralmente professada.

Consquistada pelos árabes em 716, continuou ainda a ser uma cidade florescente.

D. Affonso, o grande, rei de Leão, a resgatou do poder dos mouros, em 880.

Pelos annos 970, o feroz e destemido Abou-Amer, cognominado Al-Mansour (o victorioso, o invencivel) o mais terrivel inimigo que os christãos tiveram na Peninsula hispanica, vendo entertidos os christãos com guerras reciprocas) entre Bermudo II, rei da Galliza e Asturias, e seu primo Ramiro III de Leão, invadiu, com um poderosissimo exercito a Lusitania, pela Extremadura, pondo tudo a ferro e fogo, e marchando esta praga para o norte, chegaram a Britonia, cujos moradores se defenderam obstinada e corajosamente, sendo a cidade do Minho que maior e mais brava resistencia oppôz a Almansor; mas teve por fim de ceder á enorme desproporção do numero. Os mouros, enraivecidos pela sua tenaz resistencia, a arrazaram de tal modo, que nem d'ella hoje restam vestigios (o que nos põe em tantas duvidas sobre a sua situação.)

Em 1026, D. Fernando, rei de Leão, dividiu os condados d'Entre o Douro e Minho e da carta d'essa divisão consta o seguinte:

«Principia no logar Cabeça do Minho (hoje Caminha) onde o tal rio entra no mar e o rio Froylano (hoje Coura) entra no Minho: que d'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima; e d'alli pe- o mesmo rio Lima acima até Britinia, onde

antes foi Britonia; depois Penamaior, sobre a antiga cidade da Labruja, que agora se chama Romarigães. Desde alli, pelo termo do rio Froylano, até ao castello pequeno de Tuy, que se chama Vallença, e desde alli, pela corrente do Minho até onde se começou. Cujo termo pertencia antigamente á cidade de Britonia, que se acha destruida, e agora pertence parte á Cabeça do Minho, parte ao castello da Cerveira (Villa Nova da Cerveira) e parte ao logar de Limia, exceptuando o grande couto que os reis deram antigamente ao mosteiro de Maximo, situado no altissimo monte chamado Arga.» Esta carta é escripta em latim. Está no archivo da Sé de Braga, e é copia do original, da Torre do Tombo. Alguns negam a authenticidade deste documento. Se é verdadeiro (como eu creio) nenhuma duvida nos resta de que Britiandos é no local da antiga Britonia.

Grande parte dos britonienses foram mortos ou captivos, e os que poderam escapar, foram estabelecer-se em um alto monte, na costa do Atlantico, 4 kilometros a N. N. O. da foz do Lima, e 2 do mar, no sitio onde hoje existe a capella de Santa Luzia; e ahi edificaram uma povoação a que deram o nome de Vianna.

As successivas victorias dos christãos contra os serracenos, foram impurrando estes para o sul do Tejo e finalmente para além do Guadianna.

Os habitantes de Vianna, não temendo já as invasões dos mouros, se foram pouco a pouco estabelecendo na planicie, sobre a margem direita do Lima, proximo da sua foz, abandonando a antiga povoação, pela distancia em que estava do rio e do mar, e pela escabrosidade e esterilidade do solo.

Assim lançaram os fundamentos á moderna cidade de Vianna, e da velha apenas restam ruinas.

Em 1258, passando por a velha Vianna D. Affonso III, e vendo o estado de abandono em que estava e a impropriedade de tão inhospito sitio, para uma povoação, a mandou remover para o sitio da actual Vianna, aproveitando-se muitos materiaes da antiga.

Logo a 18 de julho d'esse mesmo anno, deu foral á nova villa, com muitos e grandes privilegios, datado de Guimarães.

Não satisfeito ainda com estes privilegios, e para que a nova povoação tivesse o rapido desenvolvimento que a sua optima posição topographica promettia, lhe deu outro foral, datado em Guimarães, em 1262, confirmando e ampliando os privilegiios do primeiro.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (Vide Vianna do Lima.)

—

Consta que na cidade de Britonia, no anno 55, imperando Nero, foi martyrisado, a 15 de março, o Santo Aristobulo Zebedeu, pae de S. Thiago e de S. João Evangelista, o qual era bispo d'esta cidade.

Em 66, imperando ainda o sanguinario Nero, foram aqui martyrisados S. Lucio, bispo e seus companheiros Absolonio, Largo, Heraquio e Primittivo.

Em 10 de março de 254, imperando Décio, aqui foram tambem martyrisados os santos Gorgonio, Firmio (ou Firmo) Antonio e a virgem Santa Agapes (ou Agatha.)

Em 260, imperando Marco Aurelio, um exercito africano invadiu a Lusitania. Chegaram os mauritanos até Britonia e aqui martyrisaram os santos Theophilo e Saturnino e Santa Revocata.

(Alguns historiadores attribuem o martyrio d'estes tres santos lusitanos aos romanos, o que, como se vê, é engano.) (Vide Britonia da Beira.)

BRITONIA DA BEIRA.—Segundo a opinião de varios escriptores, houve na Beira Alta, 5 kilometros a SE. de Lamego, (e no local onde actualmente está a bonita villa de Berteande,) uma grande cidade chamada Britonia. Dizem estes escriptores que Berteande ou Britiande é derivação, ou corrupção, de Britonia.

Pretendem uns que esta cidade fosse fundada pelos *britones* (ou *bretões*) antigos povos da Inglaterra; outros dizem que o seu fundador foi o consul romano Decio Junio Bruto, governador da Lusitania, 135 annos antes de Jesus Christo. (Os que seguem esta opinião, chamam-lhe *Brutonia*.)

É innegavel que n'este sitio existiu em tempos remotos uma cidade, ou pelo menos uma povoação grande e importante; quer se chamasse *Britonia*, quer tivesse outro qualquer nome. A sua existencia está provada, não só pela tradição e por vir mencionada por varios auctores antigos, dignos de credito, como pelos vestigios de edificios, cippos, moedas e outros objectos que aqui se teem descoberto.

Julgo porém que é êrro palmar, attribuir aos *britones* a sua fundação. Esta gente (que no principio da sua apparição na Peninsula Hispanica, não eram mais do que piratas) ainda que oriundos da Inglaterra, se tinham estabelecido na Bretanha e na Normandia, e de lá vinham para aqui fazer as suas correrias e delapidações, por mar.

A primeira vez que cá appareceram, foi no anno 672, no temqo de *Ricesvindo*, rei dos gôdos; mas foram logo rechaçados para bordo dos seus navios.

Não escarmentaram elles, e continuaram a invadir as povoações do litoral lusitano, andaluz e gallego, saqueando o que podiam.

Em 824 invadiram os bretões a Galliza em grande numero; mas D. Ramiro I, das Asturias, os desbaratou.

Já vemos que até este tempo não se davam os *normões*, *gascos*, *gascões* ou *bretões* (como indistinctamente se lhes chamava então) ao trabalho de fundar cidades; nem para isso se lhes dava tempo.

De mais a mais, elles, como já disse, só assaltavam as povoações da costa ou proximas; porque lhes não convinha distanciarem-se dos seus navios, e é, pelo menos, duvidosissimo que chegassem até *Berteande*, a uns 100 kilometros da costa.

Estes *bretões* eram christãos, e do fim do seculo IX em diante, nos foram ajudando a combater os mouros, pelo que os foram deixando estabelecer na Peninsula; mas elles só fundaram povoações no litoral, ou nas margens dos rios navegaveis.

Ora, sendo os historiadores concordes em asseverar que esta cidade foi destruida pelos arabes em 716, como é que elles *destruiram* uma cidade que ainda não podia existir, se os *bretões* foram os seus fundadores?

Entendo que unicamente a similhança da palavra *Britonia* e *britones*, é que deu causa a se attribuir a estes a fundação d'aquella, e nada mais.

—

É pois muito mais provavel que os seus fundadoros fossem os romanos; póde ser mesmo que fosse o tal *Bruto*.

—

Consta que a causa da ruina d'esta cidade foi a mesma que motivou a ruina da Britonia do Lima, isto é, a tenáz resistencia de seus habitantes contra os mouros.

—

Mas se os arabes a *arrazaram completamente*, é provavel que elles mesmos a tornassem a reedificar, porque, em 1102, era uma *povoação abandonada*, e que D. Egas Moniz povoou. (Vide Breteande.)

BROGUEIRA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Foram seus donatarios, até 1759, os duques de Aveiro, passando depois para a corôa.

Está situada em um valle d'onde se vê a Chamusca, Gollegã, Atalaya, Pinheiro, Barquinha e Mouta.

A egreja está em um monte, fóra do logar. O prior de Santa Maria de Torres Novas apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 80$000 réis. (Esta freguezia era annexa á de Santa Maria de Torres Novas.)

E' terra fertil.

Ha aqui uma fonte chamada dos Cardeaes, cuja agua dizem ser boa para a cura de molestias de figado.

O rio Almonda, passa no fim da freguezia, pelo sitio chamado dos Caniços.

BROTAS, ABROTEAS ou **BRUTAS**— Alemtejo. Era uma freguezia, que já ha mais de 80 annos está annexa á da villa das Aguias, em cujo termo está. (Vide Aguias e Brotas.)

Tem uma formosa egreja, que é a matriz da freguezia, dedicada a Nossa Senhora das

Brotas (nome que dizem ter, por as muitas abroteas que por aqui havia.) Mas tambem em alguns livros antigos se lhe dá o nome de Grutas.

Abrótea é uma herva medicinal bem conhecida. A sua flôr (que é branca ou amarella) chama-se *anthericon*. Os latinos lhe chamam *asphodelus*. Tambem se lhe dá o nome de *hastula regia*, porque quando floresce, fórma a figura de um sceptro, ou do ferro de uma lança. No mar ha um peixe (que tambem entra nos rios) chamado abrótea. E' uma especie de faneca, mas maior e mais largo.

O logar em que está a egreja é uma grande quebrada, sem vista para parte nenhuma. Ao fundo lhe corre um ribeiro. Este sitio é amenissimo e muito fresco de verão.

Segundo a tradição dos moradores d'aqui, a origem d'esta egreja é a seguinte:

Andando certo pastor, pelos annos de 400 e tantos [1] guardando algumas vaccas, lhe caiu uma a esta barroca, e indo o pastor buscal-a a achou morta do trambolhão, no sitio onde hoje está a egreja.

Para não perder tudo, a principiou a esfolar, para lhe aproveitar o couro, e tendo-lhe já cortado uma mão, lhe appareceu Nossa Senhora, e lhe disse que fizesse alli uma capella dedicada a ella.

A Senhora desappareceu, ficando em seu logar a sua imagem, *feita do osso cortado da mão da vacca*, levantando-se esta curada, sem a minima lesão.

O bom do homem ficou pasmado (e mais é que o caso não era para menos) e foi a correr levar a noticia á aldeia (hoje villa) das Aguias, d'onde elle era natural, e correndo todos a ver o milagre, levantaram logo uma ermida, onde pozeram a tal imagem da *mão da vacca*.

Diz o padre Cardoso que o homem «levou a noticia á aldeia (hoje villa) das Aguias.» Ora Aguias era concelho desde 5 de setembro de 1361 e já muito antes tinha o titulo de villa. Então foi o milagre da *mão da vacca* no seculo V.

Teve tanta fama de milagrosa esta santinha, e por consequencia tamanho concurso de romeiros e tantas offertas, que d'ahi a poucos annos se lhe fez no sitio da ermida uma boa egreja; e ainda hoje é muito afamada e concorrida por estas terras a romaria da Senhora das Brótas.

Quando o cardeal D. Affonso era arcebispo de Evora, vendo que esta egreja era melhor e estava mais bem collocada do que a egreja parochial, supprimiu esta, e fez da capella da Senhora das Brotas a matriz da freguezia.

Ha aqui duas fontes, uma junto á egreja e outra defronte d'ella, a pouca distancia, e sobre o ribeiro que aqui passa ha uma boa ponte, que mandou fazer, á sua custa, a cidade de Evora.

E' terra pobre e produzindo muito poucos fructos, pela escabrosidade do solo, e pelas muitas areias de que é coberto.

(E' preciso ver Aguias, villa.)

Pelo que se collige do padre Cardoso, houve aqui freguezia em tempos remotos, que foi annexada á das Aguias, e, passados provavelmente muitos annos, tornou a vir a matriz da freguezia para Brotas.

BRUFFE—freguezia, de 25 fogos, na provincia do Minho, foi do concelho de Villa Garcia, termo de Pico de Regalados, comarca de Vianna, depois do concelho de Terras de Bouro, comarca de Pico de Regalados até 1855, e sendo então supprimida esta comarca, ficou sendo da de Villa Verde. Fica a 30 kilometros de Braga, 385 ao N. de Lisboa. (Vide Villa Garcia.)

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Bruffe é situada em um monte, na encosta da serra Amarella, do qual se descobre toda a ribeira do rio Homem (ao E.) até á villa do Prado e Valle de Vico; e nas tardes limpas, uma extensa facha de mar, no horisonte.

[1] O padre Cardoso (de quem copio isto) diz *quatrocentos e tantos*, pelo costume que tinham os nossos antigos escriptores (e ainda têem alguns modernos) de supprimirem, por abreviatura, a palavra *mil*. Não sei, mas apesar d'isso, é provavel que este facto tivesse origem no seculo V.

No alto da Amarella, ainda existem as ruinas de quarteis e restos de fortificações, do tempo das guerras com Castella. Tambem apparecem alguns vestigios celtas, algumas sepulturas antigas, em Carregadella e um padrão (talvez marco milliario) a que dão impropriamente o nome d'Anta.

Corre n'esta freguezia o ribeiro do Espirito Santo, que, depois de regar e moer, se precipita no rio Homem, formando a magestosa cascata (que já mencionei) pouco acima de Pontido.

Tambem é nos limites d'esta freguezia o ribeiro da Moura.

Esta freguezia esteve por muitos annos annexada á de Villa Garcia; mas está outra vez independente.

A egreja é fóra do logar. O abbade da Carvalheira (S. Payo) apresentava o vigario d'aqui, que tinha 60$000 réis.

E' terra abundante de cereaes (apesar de fria), do mais a producção é mediana.

Tinha juiz ordinario e camara, com dois vereadores, procurador, meirinho, carcereiro e quadrilheiro.

Tinha privilegio de se não fazerem aqui soldados, com a obrigação de guardarem á sua custa o posto e guarda da serra Amarella, que confina com a Galliza.

E' abundante de aguas.

A população de toda a freguezia nada se tem desenvolvido ha 120 annos.

N'esta freguezia fórma o rio Homem a tal bellissima e imponente catadupa, chamada Poço da Moura, e a ella anda ligada uma poetica lenda popular, de uma formosissima moura que aqui está encantada.

Produz mel, cêra e muita caça miuda.

BRUFFE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros a OSO. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi do termo de Barcellos. Era da corôa. E' terra muito fertil. Situada em um valle, entre dois montes (Serita e Porrinho). Não se vêem outras freguezias.

O abba de era da apresentação do padroado real ou da casa de Bragança. Tinha de rendimento 180$000 réis.

E' terra muito abundante de aguas, tem muitos pastos, pelo que cria muito gado bovino e miudo.

A agua da fonte chamada Forcada, faz branca a terra por onde passa, como se fosse agua de cal; entretanto não faz mal a quem a bebe. Outra fonte dá nascimento a um ribeiro, que passa pelo meio da freguezia, entra em Villa Nova de Famalicão e S. Thiago d'Antas e se mette no Ave.

Ha tambem uma aldeia chamada Bruffe, na freguezia de Victorino das Donas (Minho) e outra do mesmo nome na freguezia de Santa Marinha de Barreiros, na Beira Alta.

BRUNHAES (dever-se-ia dizer *Abrunhaes*, como antigamente) — freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães.

Era da corôa. Fertil.

Situada na raiz de um monte d'onde se vêem a maior parte das freguezias de Souto, Sobradéllo, S. Bartholomeu e Travassos.

A matriz é no logar da Egreja, proximo ás margens do Ave.

O reitor de S. Thiago de Guilhofrei apresentava aqui o vigario, que tinha 15$000 réis, mais 1$000 réis para cêra, 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo para hostias e 40 alqueires de pão meado, e o pé d'altar.

Grande producção de milho e vinho verde. Cria bastante gado miudo e os seus montes têem caça, tambem miuda.

BRUNHEIRO ou **ABRUNHEIRO** (como antigamente se dizia) e *Bunheiro*, como hoje geralmente se diz — freguezia, Douro, comarca e concelho de Estarreja, 42 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 18 ao N. de Aveiro, 980 fogos.

Em 1757 tinha 632 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Foi antigamente do termo de Estarreja, comarca de Esgueira.

Situada em campina, com a matriz d'entro do povo.

Apesar da sua grandeza, era annexa á freguezia de Avanca, a cujo reitor pertencia a apresentação do cura d'aqui, que era annual, e tinha 50$000 réis em dinheiro e o pé de altar.

É terra muito fertil em cereaes, vinho e fructas, sendo grande a abundancia de laranja, que é de optima qualidade.

Ha aqui tambem nas margens dos esteiros grande abundancia de tabúa, *bunho*, (que é o que deu o actual nome á freguezia) e muito *molisso* (estrume vegetal marinho, com que se faz grande negocio. Vide Aveiro.)

Nos seus campos se criam ou engordam grande quantidade de bois, vaccas, cavallos, eguas, etc.

Passa por esta freguezia, e lhe dá grande valor, pelo seu rendimento, a ria de Aveiro, que aqui se divide em tres braços (*Martinho*, *Gago* e *Porto Mancão.*) Além da grande quantidade de *molisso*, cria muito peixe, principalmente barbos, saveis, solhas, linguados, etc., etc.

BRUNHEIRO, ABRUNHEIRO, SOUTO DE EL-REI ou **LAGARELHOS**—serra de Traz-os-Montes, termo de Chaves.

Tem 6 kilometros de comprido. D'ella nascem alguns ribeiros. Tem muita penedia e grandes mattos. Cria bastante gado de todo e traz caça miuda.

BRUNHIDO—pequena villa, Douro, na freguezia de Vallongo do Vouga, comarca de Agueda, concelho do Vouga, 18 kilometros ao NE. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 50 fogos, na freguezia, 600.

Tinha foral, que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 20 de março de 1516. (Vide Vallongo do Vouga.)

BRUNHÓS ou **ABRUNHÓS**—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Soure (foi até 1855 do concelho da Abrunheira) 24 kilometros ao S. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto admninistrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo de Monte-mor-Velho, comarca de Coimbra.

Foram seus donatarios, até 1759, os duques de Aveiro, desde então passou para a corôa.

Situada em um monte, do qual se vê Villa Nova da Barca, Carvalhal, Alfarellos, Villa Nova de Anços e varios desertos.

O cabido de Coimbra é que apresentava aqui o cura, que tinha 1 moio de trigo, 1 pipa de vinho e 4$000 réis em dinheiro, ao todo uns 60$000 réis.

BRUNHOSINHO—(Vide Brinhosinho.)

BRUNHOSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro. 180 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O cura era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 40$000 réis, e o pé de altar. Fertil.

BUARCOS e **REDONDO**—villa, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao N. da Figueira da Foz, 42 kilometros ao O. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. Era dos duques de Cadaval.

Situada na raiz de um pequeno monte, e proximo da praia do Oceano Atlantico, que a cerca pelo O., por onde é murada.

Está em 40° 12' de latitude N. e 29° de longitude occidental

A matriz é dentro da villa.

O vigario era apresentado pelo cabido da Sé de Coimbra, e tinha 40$000 réis. e o pé de altar.

Tem Misericordia e hospital, fundado por provisão de D. Manuel, do principio do seculo XVI.

Sustenta-se esta terra de pescarias, por ser tudo praia e areal.

Tinha antigamente juiz ordinario, e dos orphãos (que era o mesmo) com camara era cabeça de concelho, com comarca e appellação para o ouvidor de Tentugal, que era a cabeça de todas as villas dos duques do Cadaval.

É murada pelo O. (do lado do mar) com muralhas de dois metros de largura e com tres fortes para defeza da villa.

Ha aqui muitos barcos de pesca.

Tem uns penedos á beira mar, muito abundantes de camarões, carangueijos, polvos e marisco.

É villa muito mais antiga do que a da Figueira, e até á alfandega da Figueira se intitulava «de Buarcos.»

Tem uma linda enseada, que do S. se estende até ao Mondego, a 1:500 metros.

É abundantissima em peixe e marisco.

Perto da villa ha a grande romaria de Nossa Senhora da Encarnação.

Tem minas de azougue.

Dizem alguns, que esta povoação foi fundada por pescadores gallegos, no meiado do seculo XV.

No tempo dos Philippes, foi invadida pelos hollandezes e depois (em maio de 1602) pelos inglezes, que saquearam e destruiram a villa e lhe queimaram os cartorios da camara, pelo que não se sabe quando foi elevada a villa.

A povoação primittiva eram cabanas de *bunhos* e *arcos*, e d'estas duas palavras se pretende que lhe veiu o nome.

Fr. Bernardo de Brito, affirma, como testemunha occular, que ha aqui duas fontes, uma que *sorve*, e outra que *expelle*, tudo quanto se lhes deita dentro.

Grandes minas de carvão fossil (jurassico) em exploração, no Cabo-Mondego. (Vide esta palavra, para evitar repetições.)

Era do districto de Monte-Mór-Velho, e creada a comarca da Figueira da Foz, por D. José I, a 12 de março de 1771, passou a ser d'esta comarca. (Vide Figueira.)

BUCELLAS — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e 24 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação e vulgarmente Nossa Senhora do Carvalho, por ser tradição que esta imagem appareceu sobre um carvalho, no sitio onde se fundou a actual egreja.

Diz-se que a Senhora, quando aqui appareceu, tinha uma tocha accesa na mão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira no terceiro sabbado de julho.

Era da casa do infantado, que apresentava os priores.

Tinha sido da corôa, mas passou para a casa da condessa da Castanheira. Por morte da condessa, D. Anna de Athaide, vagou para a corôa, e passou por ultimo para a casa do infantado; porque D. Pedro II a deu ao infante D. Francisco.

Situada em um valle, entre duas serras (Bucellas e Torre.)

A parochia é dentro do logar. É um templo magnifico, fechado de abobada, sobre 8 columnas, que a dividem em 3 naves e tem de comprido, da porta até ao cruseiro, 35½ metros, e d'ahi até ao altar-mór, 8 metros.

O prior tinha de renda 1:200$000 réis.

Tinha quatro beneficiados, cada um com 80$000 réis.

Tinha (e não sei se ainda tem) um pequeno hospital, onde se recolhiam pobres mendicantes e frades passageiros, com camas, distinctas, para uns e outros.

Era administrado pela confraria do Espirito Santo.

Junto ao logar de Bucellas, passa um rio (que aqui nasce) chamado Rio Grande, formado dos regatos da Verdelha, Boução, Bom Nome, Mouseravi e Arroteia.

Este rio, a que vulgarmente chamam de Bucellas, morre no rio de Sacavem, e este na direita do Tejo.

É terra fertil em cereaes e fructas, e produz muito e o melhor vinho dos arredores de Lisboa, sobre tudo o famoso *vinho branco de Bucellas*.

Principiou esta povoação no logar de Villa de Rei, 1:500 metros a E. de Bucellas, e onde existe ainda a egreja de S. Roque, que foi a primeira matriz da freguezia.

Mudou-se para o sitio actual, em 1522; porque tendo apparecido aqui a tal imagem em cima de um carvalho (como ja disse) lhe edificaram um sumptuoso templo, que desde então ficou sendo a matriz da freguezia.

Ha n'esta freguezia muitas e lindas quintas de familias de Lisboa.

É aqui a casa vinculada, dos herdeiros de Antonio da Silva Caldeira Pimentel.

BUCOS—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, 35 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Situada em um alto, d'onde se vê a aldeia de Gondarem e parte da de Sendin, ambas da freguezia de S. Nicolau.

O vigario era amovivel *ad nutum*, apresentado pelo reitor de S. Nicolau. Tinha 12$000 réis, 2 alqueires de trigo, para hostias, 2 almudes de vinho para as missas, 3 libras de cêra lavrada, e mais lhe pagava a commenda 3$000 réis, 10 alqueires de pão meiado e 8 almudes de vinho.

Ha na freguezia a ermida de Santa Marinha, na qual se fazem 3 clamores annualmente, um a 25 de março, outro a 11 de junho e outro pelas ladainhas de maio.

É terra fertil.

Cae aqui muita neve pelo inverno, por ficar encostada á serra do Marão.

Nascem n'esta freguezia os ribeiros de Villa Bôa, Cangada, Agua-Talhada e outros menores, anonymos, que se juntam na ponte do Gado, correm para a freguezia de S. Nicolau e morrem no Tamega. Regam e móem.

BUDE—cidade antiquissima da Luzitania, da qual não existe hoje mais do que a memoria.

Abaixo da aldeia de Budens, ao O., havia uma torre antiga, do tempo dos mouros, em que hoje está um moinho de vento, e proximo o ribeiro d'*Almádena*. N'este sitio é que alguns dizem que existiu a tal cidade.

É no Algarve. (Vide Budens.)

BUDENS—freguezia que hoje fórma uma só com a de Barão, que já está descripta. (Vide Barão e Budens.)

Pertence hoje ao concelho de Villa do Bispo, comarca de Lagos, 66 kilometros de Faro e 240 ao S. de Lisboa. Ambas as freguezias reunidas têem hoje 327 fogos.

Posto já tenha no logar competente descripto esta freguezia sob o nome de *Barão e Budens*, direi agora sómente o que pertence a Budens, quando formava só por si uma freguezia, visto não haver n'isto repetição.

Era da corôa.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Situada em uma campina pouco elevada, d'onde se descobrem montes, mattos e campos.

O ordinario apresentava o cura, que tinha dois moios e meio de trigo, 25 alqueires de cevada e 30 almudes de vinho mosto, tudo pago pelos freguezes.

É na costa do Atlantico.

Tem boas terras de pão, vinhas e figueiraes. Cria muito gado, principalmente vaccum. Tem uma boa fonte de excellente agua. Egreja mediana.

A aldeia da Figueira, 1:500 metros ao O. assim como os casaes de Valle de Boi, 1:500 metros ao E., são d'esta freguezia. Ha aqui muita pedra calcarea e muitos fornos de cal.

D. Diniz concedeu licença a João Cordeiro, de Lagos, para fazer ameias na sua torre de Budens, por carta regia de 22 de dezembro de 1323.

N'esta freguezia nasceu Affonso Tello, que em a noite de 4 de maio de 1670, com uns poucos de paizanos d'aqui, derrotou, mesmo n'esta freguezia, grande numero de mouros, que tinham desembarcado de um bergantim, matando elle por suas proprias mãos o chefe, pelo que foi muito elogiado pelo capitão general do Algarve, que era então D. Nuno de Mendonça, conde de Valle de Reis, o qual lhe deu uma carta honrosissima d'esta façanha.

Ha n'esta freguezia duas fortalezas pequenas,—a de *Almádena*, feita sobre uma ro-

cha, por D. Luiz de Sousa, conde do Prado, general do Algarve, pelos annos de 1600,— e a de *Santa Cruz da Figueira*, tambem formada sobre um alto rochedo, junto a um ribeiro, que desembóca na praia.

Com o terremoto de 1755 cairam 7 casas d'esta aldeia e muitas mais soffreram ruinas, assim como a egreja. Pelo ribeiro de agua doce, que aqui desagua no mar, entrou este pela terra dentro, por espaço de mais de 3 kilometros e na altura de umas 10 a 12 varas, arrazando quanto achou. Na resaca deixou a descoberto na praia uns grandes e nobres edificios (de que não havia memoria nem tradição) com grossas muralhas. Para E. appareceu uma grande calçada, por entre paredes de boa cantaria, com portas de grades de ferro, ao lado das quaes se encontrou outra porta, que parece de templo, e ao nivel da terra um grande tanque. Pela parte do mar ha grandes alicerces e paredes largas e compridas, rebocadas e pintadas de varias côres. Por este lado ha uma entrada para o edificio, em arco e de boa cantaria, ornada de columnas de marmore. Junto a esta porta estão varios aposentos, cujo pavimento é de mosaico de cores, com varias lettras desconhecidas. Já em 1715 se descobriu aqui, em outra erupção do mar, um caes (junto a estes edificios) de boa cantaria, com grandes argolas, mas, passados annos, tornou a desapparecer.

Da outra parte da foz do rio, para E., está immediata a fortaleza de Almádena. Este nome prova-nos que effectivamente aquelle edificio foi mesquita mourisca (talvez depois de ter sido templo romano) pois já disse que *almádena* significa torre de mesquita.

Suppõe-se ser aqui uma grande povoação (ou cidade) romana, ou anterior aos romanos.

N'estas ruinas se achou uma moeda de cobre do imperador Nero.

Ha tambem quem supponha que este edificio seja o célebre templo de Hercules, porque Ptolomeu diz que este templo estava sobre a práia no Cabo, hoje de S. Vicente, e como n'este cábo não ha praia, e este sitio não seja longo, é na verdade de conjecturar que seja isto o tal templo.

Outros ainda dizem que foi aqui a antiga cidade de *Búdea* ou *Bude*, de que a actual povoação herdou o nome.

Ao O. de Budens, e logo abaixo onde havia uma antiga torre mourisca, hoje reduzida a moinho de vento, se diz existir em tempos remotissimos a cidade de Bude.

Ha aqui um ribeiro, chamado de *Almádena*, que serve de fosso ao forte d'este nome, o qual lança dois braços em que recebe as aguas da chuva e do ribeiro de Valle de Boi,—o outro braço, que é maior, e se junta onde chamam o *Pégo do Sinceiro*, em um valle comprido e estreito, que está cheio de aguas de varias fontes, sendo as principaes a de Contreiras e a do Gato, que, muitas vezes, em vez de beneficiarem, prejudicam a agricultura, por alagarem o valle, que então se não pode cultivar.

Ha aqui varios arrozaes.

Na bocca d'este rio, junto ao forte d'Almádena, se fazia uma *armação*, de março até julho, para atuns, corvinas, pargos, etc., cuja companha constava de mais de 40 homens e 8 barcos pequenos, tudo governado pela provedoria das *Almadravas*.

Almádena, como já se disse, é palavra arabe, que significa—*torre* ou logar do pregão (mas torre de mesquita e não de fortificação.) (Vide Almádena.)

BUEIRO ou **FEBRES**—freguezia, Douro comarca e concelho de Cantanhede, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 890 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' terra muito fertil.

BUFOARÍA—aldeia, Extremadura, termo de Alemquer. É a palavra arabe *Buhauaria* composta de *Bu*, pae—e de *hauaria*, a candida. Vem a ser—*logar do pae da candida*.

BUGALHAL ou **BOGALHAL**—freguezia, Beira-Baixa, foi da comarca de Trancoso, mas desde 1855 é da comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros ao E. de Vizeu, 330 ao NE de Lisboa, 57 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era da corôa.

A egreja é dentro do povo.

O vigario tinha de renda 40$$000 réis e o pé d'altar.

Era da apresentação regia.

É terra fertil e produz grande abundancia de bom azeite.

Esta freguezia fica entre os dois rios *Pêga* (que corre de S. para E., até morrer no Côa) e *Rio-Porco*, que corre de S. para N., e ambos regam e móem.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia, a de Valle-Bom, mas está outra vez independente.

BUGALHOS ou **BOGALHOS**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 108 kilometros ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Era antigamente da comarca de Santarem.

Foi até 1759 dos duques d'Aveiro, e desde então até 1834 da corôa.

Situada em um valle, d'onde só se vê a freguezia.

O vigario era apresentado pelo povo; mas collado pelo ordinario. Tinha de rendimento 6$000 réis de congrua, 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e o pé d'altar.

Não é muito fertil em cereaes e fructas, mas é muito abundante de azeite.

Tem muitos mattos, onde cria algum gado e ha n'elles muita caça do chão e do ar.

BUGEFA—Diz-se que assim se chamava um castello que existiu em tempos remotissimos na provincia do Douro, entre as aldeias da Ermida e a da Cadeada, termo da cidade de Penafiel, e proximo ao celebre e antiquissimo monumento chamado vulgarmente o *Marmoiral* (provavelmente corrupção de memorial.)

Pretendem alguns que D. Souzino Alvares foi alcaide mór d'este castello. Consta de um documento do anno de 1152 (ou mais provavelmente da era 1152, que é o anno de Jesus Christo 1114) que o tal *marmoiral* é o tumulo de D. Souzino Alvares. (Vide Marmoiral.)

BUGÍO—ilheu de rochedos, á entrada do Tejo, fortificado, artilhado e com guarnição militar.

Tem um pharol.

Foi edificado por el-rei D. Sebastião, sob o nome de *Torre de S. Lourenço* e vulgarmente do *Bugío*.

Lançaram-se-lhes os fundamentos em 1578, já quando o rei estava em Africa.

Continuaram as obras no tempo do cardeal-rei e de Philippe II; mas quem lhe fez grandes melhoramentos foi D. João IV, que a reedificou, sendo seu architecto fr. João Turriano, monge benedictino, que fez o risco e dirigiu os trabalhos. Este frade teve grande fama no seu tempo, e foi encarregado de varias obras de fortificação e de alguns edificios religiosos.

A torre do Bugio está fundada n'uma cabeça secca, á entrada da barra, do lado do S. em frente da torre de S. Julião, distando uma da outra 2:500 metros, ficando entre ambas, um pouco para o Oceano, e mais proximos da de S. Julião. os cachopos que dividem a barra em dois canaes. Ao do S. se chama *Carreira d'Alcáçova* ou *Barra Grande*, e o do N., que é muito mais estreito, se chama *Corredor* ou *Barra Pequena*.

Da torre do Bugio para O. se estende um banco de areia, onde tem havido bastantes naufragios.

Este banco d'areia tem sido o theatro das proezas humanitarias do intrepido e arrojado piloto Joaquim Lopes e dos seus companheiros, tão bravos e dedicados como elle.

BUIDOBRA—Vide Boidobra.

BULHENTE (mosteiro de)—de freiras benedictinas, supprimido pelo bispo de Ceuta pelos annos de 1460. Era da invocação do Salvador do Mundo. Provincia do Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, freguezia de Gondinhães. (Vide Gondinhães, Azevedo, Ville, Ancora, e Riba d'Ancora.)

BUNHEIRO—(Vide Brunheiro.)

BURACA—linda vivenda na freguezia de Bemfica (arrabaldes de Lisboa) obra do fallecido negociante João Antonio Lopes Pastor.

BURACO—formosa e magnifica casa de campo na freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 4 kilometros ao N., 37 ao S. do Porto e 275 ao N. de Lisboa.

Situada em fertil e agradavel planicie na margem esquerda do rio *Ul*, e proximo da estrada real de Lisboa ao Porto, e da bonita ponte da *Margonça* (que atravessa o referido rio sobre a estrada) e junto á antiga ponte (da estrada real velha) chamada da *Pica*.

Tambem lhe fica proximo (a 300 ou 400 metros) o convento que foi de frades benedictinos do Couto, e a bella casa da Gandarinha, do sr. Sebastião Pinto Leite, feito em 1870 visconde da Gandarinha.

A rica e bonita vivenda do Buraco foi feita pelo sr. Alexandre Luciano Soares de Albergaria, em 1830. Tem salas extensas, com bellas pinturas a fresco e estuques primorosos. Bom oratorio, varias e precisas officinas, bonito jardim e boa quinta. Tem um bom pateo á entrada, fechado por um magnifico portão de cantaria.

N'esta casa pernoitou o Senhor D. Miguel I e a familia real, em 1832, e aqui estiveram alguns dias as senhoras infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção.

Seu actual proprietario é o sr. dr. Alexandre Celestino Soares de Albergaria, que aqui reside com a sua ex.ma mãe e irmãos; uma das mais exemplares familias d'estes sitios e cuja sincera e delicadissima hospitalidade é geralmente conhecida e admirada. É um especimen das nossas familias portuguezas d'outras eras, e onde as immoralidades do seculo XIX ainda não puderam penetrar.

Aqui proximo ha minas de chumbo.

BURCÓ ou **BRUÇÓ**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 180 kilometros a NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era dos marquezes de Tavora até 1759, ficando desde então para a corôa.

Situada na margem direita do rio Douro, em uma baixa, sem vista para outras freguezias.

A egreja é um bom templo de tres naves. O cura foi, até 1759, da apresentação dos donatarios (os Tavoras) e desde então ficou o padroado para a corôa. Era de apresentação annual. Tinha de renda (o cura) 8$000 réis em dinheiro, 5 almudes de vinho e 5 alqueires de trigo, pago pela commenda, e cada morador lhe dava um alqueire de trigo.

Tinha juiz da vara, quatro homens da governança, quatro quadrilheiros, dois alcaides e um procurador. Toda esta gente era sujeita á justiça de Mogadouro.

É terra muito abundante de aguas e por isso muito fertil.

Dizem que a agua da fonte do Calvario Velho cura as *maleitas*.

No sitio do Valle do Castello, ha vestigios de fortificações muito antigas; mas não se sabe de que tempo, affirmando alguns ser obra mourisca. (Bem se sabe que em Portugal o povo attribue aos mouros todas as obras antigas, quer d'elles quer dos romanos, e até dos celtas.)

E' abundante de caça, da serra de Gujope, e de peixe, do Douro.

O seu nome é provavelmente corrupção de *Burgo*.

BURGA—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855. Sendo então supprimidos, esta comarca e este concelho, passou a pertencer á comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 468 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente no termo de Bragança e comarca de Miranda.

E' situada nas faldas da serra de Bornes, que lhe fica a E., e cercada por toda a parte de montes, que lhe tiram a vista de outras povoações.

O reitor de Bornes apresentava aqui o cura, que tinha 8$000 réis, que lhe pagava o commendador (que era o cardeal da Cunha) e o que rendia o pé d'altar.

E' corrupção de *Burgo* (villa).

E' terra fertil.

BURGÃES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao S. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo do Porto, concelho de Refoyos de Riba d'Ave; depois, foi do concelho de Negrellos (extincto).

Parte d'esta freguezia era couto do convento de Santo Thyrso, e se governava por juiz ordinario annual, posto pelo D. abbade do dito convento, que era senhor donatario d'este couto, o resto da freguezia (a que chamavam *o devasso*) se governava por um ouvidor, tambem annual, eleito, com mais dois, a votos do concelho e dos tres escolhia um a camara do Porto. Do mesmo modo se elegia procurador e meirinho.

Está situada na encosta do monte Cordova e corre para o N. até ao rio Ave.

O abbade era de collação ordinaria, com reserva ao convento de Santo Thyrso.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era da apresentação alternativa do papa, do arcebispo e dos monges de Santo Thyrso (benedictinos). Tinha de renda 675$000 réis.

Ha n'esta freguezia a capella de S. João Baptista, á qual no seu dia vão muitos *clamores*.

Ha n'esta freguezia um arco de cantaria muito bem polida, obra muito antiga. Parece obra romana, ainda que o povo d'aqui a attribue aos arabes.

Ao N. da freguezia corre o rio Ave, que d'aqui até ao mar é de curso socegado. Rega, móe e traz peixe.

Burgães é o plural de Burgo.

BURGO—pequena villa, Douro, na freguezia do Salvador do Burgo, comarca e concelho de Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro. (Vide Villa Mean do Burgo.)

BURGO, (hoje S. João de Tarouca)—freguezia, Bei-ra-Alta, comarca de Lamego, d'onde dista 12 kilometros, concelho de Mondim, 318 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago S. Braz.

O Burgo tinha em 1757 170 fogos.

Era da corôa. Fertil.

A freguezia perdeu o seu antigo nome, desde que se annexou á de S. João de Tarouca. Burgo é hoje apenas uma aldeia d'esta freguezia.

Ha n'ella um convento de frades bernardos, fundado por o abbade João Cirita, em 1139, e já em 1140 estava concluido. D. Affonso Henriques o coutou e deu aos religiosos, logo no mesmo anno, assim como lhe doou as honras de Nosso Senhor Jesus Christo e de S. João Baptista.

Em 1141 os ermitas de S. Thiago de Sever (do Vouga) no bispado de Viseu, cujo mosteiro havia fundado o mesmo João Cirita, se uniram ao convento de Tarouca, dando-lhe a sua ermida, que tambem o mesmo rei coutára, em novembro de 1140. Diz a doação «*Eccesioe S. Jacobi de Sever, et ipsis Monachis qui ibi habitant.*» *etc.*

A honra de Nosso Senhor Jesus Christo, é hoje o SS. Nome de Jesus (Salzédas) e S. João Baptista é hoje S. João de Tarouca.

A egreja do convento é de 3 naves. Ha n'ella o altar de Nossa Senhora a Gôrda, de muita fama por estas terras, em razão dos muitos milagres que faz. Aos pés d'esta imagem está a sepultura do infante D. Pedro, filho do rei D. Diniz. Tem esta sepultura 3 metros e 66 centimetros de comprido, com uma figura colossal em cima, tendo aos pés um cachorro: dos lados tem, em relevo, cães, javalís e outras montarias. Junto a esta estão mais duas sepulturas pequenas, que dizem ser de pessoas reaes.

Sobre a porta de um claustro está a inscripção seguinte:

«*N'estes claustros estão enterrados muitos senhores portuguezes e castelhanos, como consta do cartorio e sepulturas antigas, com suas armas.*»

Ao meio dos claustros d'este convento, passam dous ribeiros, o Corgo-do-Pinheiro e o Corgo-das-Avelleiras. Juntam-se a pouca

distancia, regam a freguezia e morrem no Barosa.

Para a etymologia, vide o ultimo dos Burgos.

Vide Torouca (S. João de)

BURGO e SALZÈDAS—freguezia, Beira-Alta, comarca e julgado de Lamego (termo da villa de Ucanha) concelho de Mondim, 9 kilometros de Lamego e 330 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago o SS. Nome de Jesus.

Em 1757 tinha 70 fogos a freguezia do Burgo. Salzedas não era freguezia.

Eram donatarios os frades de Salzedas.

O orago da freguezia tambem se denomina Bom Jesus.

O cura apresentava o D. Abbade de Salzedas.

N'esta freguezia está o grande convento de Santa Maria de Salzêdas, de frades bernardos, com jurisdição ordinaria. Foi fundado por D. Thereza Affonso, segunda (outros dizme quarta) mulher de D. Egas Moniz, que havia promettido fundar aqui um convento se se seu marido viesse são e salvo de Castella, quando foi apresentar-se ao rei de Leão, offerecendo-lhe.

«..... a doce vida,
Em trôco da palavra mal cumprida.»

—

E como elle regressou, D. Thereza Affonso cumpriu a sua pormessa. Em logar competente digo o que penso d'este facto historico. Além disso, parece-me que quando elle teve logar (se teve) ainda era viva a 1.ª mulher de D. Egas Moniz. É certo porem ser a fundadora d'este convento, D. Thereza Affonso, sua segunda mulher; mas o que não é provavel é que elle fosse fundado em virtude de semelhante promessa.

Buscou para isso differentes sitios, e depois de ter lançado os fundamentos para a obra perto de Cucanha (hoje Ucanha) onde chamam «Abbadia-Velha» mudou de conselho, fundando-o onde agora o vemos (Salzedas) com a sumptuosidade mais de uma grande rainha, do que de uma fidalga.

A sua primeira tenção era de o fazer para frades bentos, mas depois, mudando de parecer, mandou chamar o abbade João Cirita, e lhe fez doação do convento, terras e coutos de Salzêdas, para a ordem de Cister (bernardos.)

Os frades o vieram povoar, logo que estava quasi concluido, que foi a 25 de julho de 1167 (15 annos depois da fundação do de Alcobaça) mas, como a egreja (que é de formosissima abobada de pedra, assim como outras officinas) ainda não estava concluida, os frades ainda por muitos annos diziam missa e faziam os officios divinos em um oratorio, onde D. Thereza ia assistir, por dispensa apostolica d'Adriano IV.

Havia uma capella exterior para dizer missa ao povo.

A propria fundadora inspeccionava os trabalhos e premiava os que se destinguiam; mas não teve a satisfação de ver a sua obra concluida, pois morreu em 1171.

Jaz em uma sepultura de pedra tosca, sob um arco que está de fóra da egreja, onde, por humildade, quiz ser enterrada. Tem uma inscripção latina, louvando a sua alta descendencia e as suas bôas obras.

—

Esta esplendida fabrica só se concluiu a 6 das kalendas de novembro, da era de 1263, que vem a ser 26 de outubro de 1225 de Jesus Christo.

Tinha o convento de Salzedas, em seu couto, jurisdição spiscopal, com provisor e vigario geral, meirinhos, escrivães e todos os mais officiaes de justiça, postos por o D. Abbade, com appellação sómente para a legação apostolica.

Estes privilegios conseguiu a sua fundadora, de D. Mendo, bispo de Lamego, legado apostolico, em março de 1164.

Mas os bispos, o papa e os frades para que D. Mendo fizesse todas estas concessões ao convento de Salzedas, exigiram que D. Thereza lhes desse a egreja e couto de Bagaúste e os casaes de Vermudo Paes e de Gonçalo Conileo, em Villa de Rei; o que tudo foi confirmado por D. Affonso I.

O 1.º abbade de Salzedas foi D. fr. João Nunes. Eram os abbades perpetuos até 1564, e d'ahi em diante foram triennaes.

Estão n'este convento sepultados muitos cavalleiros nobres, sendo os principaes o 1.º conde de Marialva e sua mulher, no mesmo tumulo, com os seguintes epitaphios:

«Aqui jaz o muy nobre e esforçado Dom Vasco Coutinho, mariscal de Portugal e 1.º conde Marialva. Finou-se na era de 1450.»

«Aqui jaz a mui nobre e virtuosa D. Maria de Souza, mulher que foi do dito conde. Finou-se na era de 1472.»

Tambem aqui jaz D. João Coutinho, 2.º conde de Marialva (filho dos antecedentes) que da edade de 22 annos, morreu despedaçado, depois de combater valorosamente em Arzilla, sob as ordens de D. Affonso V. Morreu em 1471.

Deram estes senhores ao convento as rendas do Castello, que passavam de 400$000 réis por anno, pelas quaes lhes diriam duas missas resadas cada anno.

Vide Cucanha, Salzedas e Ucanha.

Para a etymologia vide o ultimo *Burgo*.

Além das descriptas, ha mais em Portugal 183 aldeias chamadas *Burgo*, que, como todos sabem, quer dizer villa.

BURGO VELHO A PAR DO PORTO — Quem quer escrever com exactidão sobre as nossas coisas antigas, vê-se muitas vezes verdadeiramente embaraçado. Eu podia passar por certas coisas, para não revelar a minha ignorancia; mas antes quero que todo o mundo a conheça, do que passar em claro alguns factos que reputo de importancia historica. Entendo que com este meu modo de proceder, ao menos, suscito o desejo de pessoas mais competentes profundarem a materia.

Vamos pois tratar do tal Burgo Velho.

Entre o sitio onde hoje existe a capella de Santo Ovidio, em Villa Nova de Gaia, e a aldeia de Coimbrões, existiu, em outras eras, uma villa chamada Portugal.

Não ha vestigios de similhante povoação, e nem mesmo da tradição (que, *mais por aqui ou mais por alli*, conserva a lembrança de muitas coisas) consta a existencia da tal villa. É certo porém que ella existiu, pois D. Ordonho II de Leão, fez d'ella doação a D. Gomado, bispo de Coimbra, na era de 912, isto é, 874 de Jesus Christo.

Logo abaixo do sitio onde existiu a villa de Portugal ha uma povoação chamada Paço de Rei. Quem sabe se serão reminiscencias da tal villa?

E' certo que ella foi completamente destruida (e tão completamente que nem os mais leves vestigios ficaram) e quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, já esta povoação não existia.

Seriam os moradores d'esta povoação destruida, que vieram mais abaixo fundar o Burgo Velho a par do Porto?

Mas ha uma objecção. Dizem escriptores respeitaveis que a Villa Nova de Gaia se poz o nome de Villa Nova, para a distinguir de Villa Velha, que era proxima. Que Villa Velha seria esta? Seria Calle, ou Gaia? Seria o tal Burgo Velho? Não posso saber.

Temos ainda outra duvida.

Dizem os auctores, que, quando D. Affonso III fundou a actual Villa Nova de Gaia, em 1255, lhe deu o titulo de Villa Nova d'El-Rei, que depois, não sei quando, se mudou no actual.

Mas D. Diniz deu em Lisboa, a 13 de agosto de 1288, foral a Burgo Velho a par do Porto, que depois (segundo Franklim) se veio a chamar Villa Nova d'El-Rei.

Ora entendam lá isto. O Burgo Velho será Villa Nova de Gaia?

Apesar de tudo quanto deixo escripto, entendo (mas não affirmo) que Burgo Velho, Villa Nova d'El-Rei e Villa Nova de Gaia, é tudo uma e a mesma cousa.

(Vide Gaia. Vide o Burgo seguinte, onde dou mais alguns esclarecimentos sobre este Burgo.

BURGO — é palavra dos antigos germanos, cimbros ou theuthões. Significa um ajuntamento de casas, nas raias ou fronteiras, seguidas umas ás outras, onde residiam effectivamente as guardas militares romanas. A estas se juntaram muitos allemães, que dos taes burgos se chamavam *burgunhões*, e rebellando-se contra os romanos, se estabeleceram nas margens do *Rhim*, d'onde penetraram até ao interior de França, dando o

seu nome á cidade e ducado de Burgonha.

Da Allemanha passou esta palavra para a França, que chamou burgunhezes aos moradores d'estes burgos, e d'alli passou a Portugal com o conde D. Henrique (no fim do seculo XI) com a mesma significação; mas, passados tempos, ficou restricta a significar sómente arrabalde ou logar pequeno, fundado junto de uma cidade, villa, castello, mosteiro ou cathedral.

D'aqui chamavam os portuguezes *burgel* ao habitante do burgo.

O conde D. Henrique, e sua mulher a rainha D. Thereza, dando foral a Constantim de Panoyas, em 1096, lhe dá o nome de burgo, e de *burguezes* aos seus moradores.

O mesmo conde deu foral ao burgo de Guimarães, o que se não deve entender pela povoação da villa (hoje cidade) que elle murou de novo, mas pelo arrabalde que se foi juntando fóra da praça.

D'estes burguezes de Guimarães se lembrou expressamente D. Affonso I, no foral que deu á villa, em 1138, pois tendo este burgo soffrido muito (por ficar extra-muros) quando o rei de Leão, D. Affonso VII, em 1140, lhe poz cerco e a bateu, diz o foral de Guimarães, que «as herdades dos burguezes *qui mecum sustinuerunt male, et penam in Vimarenes, nunquam dent fossadejras.*»

No *Livro Grande* da camara do Porto, se acha o foral que o bispo d'esta cidade, D. Hugo, deu em 1123 aos moradores do burgo da Sé, que a rainha D. Thereza lhe havia coutado; e é certo que estes burguezes ficavam fóra dos muros e do castello que os gascões ergueram, e dentro dos quaes se incluia a mesma Sé.

No mesmo livro a fl. 72, se lê o foral que D. Affonso III deu aos moradores da sua villa de Gaia, em 1255, que era então uma pequena aldeia; e o rei convida os moradores «*de meo Burgo veteri de Portu*» a que fossem povoar a dita villa de Gaia. Que burgo este fosse, declara o foral que D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, deram a Villa Nova de Gaia, passado em Lisboa, a 13 de agosto de 1288 (que se acha no referido livro a fl. 73) no qual diz: «*Damus, et concedimus vobis Populatoribus de illo nostro loco, qui consuevit vocari Burgum vetus, cui imponimus de novo nomen Villa Nova de Rey, pro Foro Forum de Gaia, quod tale est: In primis, etc.*»

D'aqui se vê que Villa Nova do Porto (ou de Gaia) foi antigamente chamada Burgo Velho da cidade do Porto, para distincção do Burgo Novo, que D. Thereza havia dado ao bispo D. Hugo.

BURGUEZ—individuo pertencente á classe média da sociedade, isto é, transição entre a nobreza e a plebe.

No portuguez antigo se dava o nome de *ruão*, ao que hoje chamamos burguez. Vide Ruão.

Os *ruões* antigamente eram turbulentos, *trocistas*, ociosos, devassos, etc. (no geral) e por isso mal vistos das outras duas classes. Deve porém confessar-se que muitos sabios illustres e bravos guerreiros sairam d'esta classe.

BUSSACO—serra, Douro, ramo da Serra da Estrella, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 90 ao S. do Porto, 222 ao N. de Lisboa.

Em altura de 40° e 46'.

É a *Alcoba* dos antigos. Quanto á sua etymologia (de Alcoba) para evitar repetições, remetto o leitor para a palavra *Alcoba*.

Principia proximo á villa de Pena Covaa, defronte do *Canal*, pelo qual vae correndo o rio Alva, em direcção ao Mondego. Tem 18 kilometros de comprido, e termina no Bussaco propriamente dito, isto é, no sitio do convento.

Nascem n'elle muitas aguas.

Entre as diversas etymologias que dão á palavra Bussaco, e que por absurdas não copio, só relato a seguinte, por ser menos disparatada.

Dizem alguns que tomou este nome de um negro, *buçal*, escravo, o qual fugindo da casa de seu senhor, se escondeu no mais alto da serra, em uma cova, que ainda hoje se mostra, e d'ella sahia de noite a roubar gado e commetter outros latrocinios e malfeitorias, com que trazia aterrados os povos circumvisinhos.

Quem quizer saber todas as etymologias do Bussaco, veja a *Chronica dos Carmelitas Descalços*, liv. 4.°, cap. 13.°

Alguns são de opinião que a este sitio se chamava em remotas eras, *Sublaco*. Nome que lhe pozeram os monges henedictinos (quando isto era d'elles) em memoria da gruta de *Sublaco*, na qual o seu patriarcha (S. Bento) fazia penitencia.

É terra saudabilissima, e os povos que por aqui habitam duram muitos annos.

Na maior altura da serra, onde começa a inclinar-se sobre *Luso*, sobre o muro do convento, assente em largos degraos, se ostenta ovante, como pharol de salvação, a famosa Cruz Alta.

Diz-se que a primeira cruz que aqui houve, foi feita de madeira, por um piloto, em cumprimento de uma promessa, em remotissimas eras. Em 1645 foi destruida por um raio. Um fidalgo, de appellido *Saldanha*, mandou fazer a actual, que foi collocada no dia 14 de setembro de 1648 (dia mesmo da Exaltação da Santa Cruz.)

D'este ponto culminante do Bussaco se vê para todos os lados, descobrindo-se uma grande parte do reino.

Para E., toda a Serra da Estrella e a de Castello Rodrigo, que lhe fica a distancia de 180 kilometros.

Para o S., a Serra de Minde (e alguns dizem que tambem a de Marvão, a 240 kilometros.)

Para NO. os montes de Grijó, a 90 kilometros, e d'ahi todo o paiz para o O. (até ao Cabo-Mondego) e uma vasta extensão do Atlantico.

Para todas as partes se estão vendo muitas cidadas, villas e aldeias, pertencentes a sete bispados, que são: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

Em dias claros, vêem-se os navios cruzar as aguas do Oceano em todos os sentidos. Vêem-se altos montes, vastos e formosos arvoredos, dilatados campos, amenos valles e rios caudalosos.

A imaginação embevesse-se na contemplação do quadro magestoso e deliciosissimo que se ostenta aos olhos encantados de quem se colloca em tão inimitavel posição.

Ha n'esta serra muitas pedreiras de optimo jaspe e marmores tão finos e de tão bellas côres, que até brilham mesmo antes de serem polidos. Ha tambem muita pedra de cal e minas de diversos metaes e de carvão fossil.

Produz diversissima qualidade de arvores, entre ellas cedros, platanos, cynamomos, etc., etc. Ha tambem aqui grande variedade de arbustos, plantas e hervas medicinaes e muitas castas de flores.

A dar credito á tradição, a matta do Bussaco data de remotissimas eras (menos os cedros, que foram plantados pelos frades.)

É certo que grande numero de carvalhos mostram evidentemente que teem seculos de existencia.

—

É célebre o convento de Santa Cruz do Bussaco, que foi de frades carmelitas descalços. É no cimo da serra, em uma matta que tinha sido dos monges de S. Bento (e na qual já havia algumas ermidas.)

No dia 7 de agosto de 1628, lançou a primeira pedra n'este convento, fr. Thomaz de S. Cyrillo, e era aqui a *Thebaida* dos carmelitas.

Chama-se tambem o *Convento do Deserto*.

Tendo, como já disse, a matta (que depois foi convento e cêrca) sido dos monges benedictinos, passou depois a ser propriedade dos bispos-condes.

D. João Manuel (ou D. João de Mello) bispo de Coimbra (que depois morreu arcebispo de Lisboa) a doou aos carmelitas descalços. Já no dia 15 de outubro de 1628 elles se vieram aqui estabelecer.

A 28 de fevereiro de 1629 já se disse a primeira missa na casa da livraria, que ficou servindo de egreja até 19 de março de 1630, dia em que na egreja se celebrou a primeira missa, fazendo-se a festividade do patrocinio de S. José.

Uma extensa e poetica matta, de arvores gigantescas, rodeia o convento. O monte é ornado de muitas capellas, representando os *passos da Paixão*, até ao cume, onde está a já referida Cruz Alta.

A egreja está encravada no convento e não tem porta principal, e apenas duas travessas.

O côro pouco mais elevado está do que o pavimento da egreja. Quasi todo o convento

é forrado de cortiça, assim como o refeitorio.

O edificio do convento e as muitas capellas espalhadas por toda a montanha, para habitação dos frades, vem extensamente descriptas na *Chronica dos Carmelitas*, de fr. João do Sacramento, tom. 2.º, e com magistral elegancia nas *Memorias do Bussaco*, por o sr. dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Tem a cêrca oito fontes principaes, que são as de Nossa Senhora da Espectação, S. Miguel, Santo Elias, Santa Thereza, S. Silvestre, Carregal, Fonte Nova e a Fante Fria, que é a mais célebre de todas, pelas optimas qualidades da sua agua.

Esta foi obra do bispo D. João de Mello, e é elegantissima.

—

O convento, a matta, as capellinhas, as fontes e toda a serra do Bussaco, é uma das maravilhas de Portugal no seu genero, e são constantemente visitados por muitos nacionaes e estrangeiros.

Os grandes temporaes de janeiro e fevereiro de 1872 damnificaram muito esta bella matta, cahindo por terra muitas arvores.

Das nossas pocessões ultramarinas tem vindo estes annos grande numero d'arvores para se aclimatarem no Bussaco.

Ha n'esta serra um manancial d'aguas mineraes, ferruginosas, frias, situado em um dos sitios mais pittorescos d'ella, e na sua encosta.

Annalysadas na Exposição Universal de Pariz, em 1867, viu-se que ellas continham 0, gr. 1134 de residuo fixo, e são mineralisadas por sulphatos e chlorêtos alcalinos, silica e phosphatos de ferro e de alumina; assim como, por sáes calcáreos e de magnesia.

Vide Trivim,

O nome de Bussaco estende-se a toda a serra de *Alcóba*, que hoje só por aquelle é geralmente conhecida.

—

É e será sempre célebre o Bussaco, pelas gloriosas batalhas dos dias 25, 26 e 27 de setembro de 1810.

O general francez Massena (a quem Bonaparte tinha feito *principe de Essling* e ao qual chamava *l'enfant cheri de la victoire*) aqui foi vencido por lord Wellington, deixando o inimigo 4:000 mortos e 3:000 prisioneiros, entre elles o general Simão, do *Judeu Errante*.

Os alliados obraram prodigios de valor, distinguindo-se, entre todos, o bravissimo regimento portuguez de infanteria 8 (quasi todo de recrutas!) que deu aos francezes tão terrivel ataque de bayoneta, que decidiu a victoria a nosso favor.

Os corpos portuguezes que entraram n'estas acções, foram: artilheria 1, 2 e 4; cavallaria 1, 4, 7 e 10; Leal Legião Lusitana, caçadores 1, 2, 3, 4, 5 e 6; infanteria 1, 2, 3, 4, 6, 7. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23.

Tambem aqui era commandante de uma divisão franceza o general *Ney*, a quem depois Bonaparte, na retirada de Moscow, appellidou *bravo dos bravos*.

—

Além do general Simão, tiveram os francezes 3 coroneis e 33 outros officiaes prisioneiros, o general Graindorge morto; e os generaes *Merle*, *Foix e Mancune* feridos.

Os alliados tiveram 197 mortos, 1004 feridos 51 extreviados, segundo a parte official.

Estas batalhas foram dadas proximo da cêrca do convento.

Os portuguezes (no fim de 64 annos) decediram-se a erigir um monumento commemorativo deste gloriosissimo feito d'armas. 27 de setembro de 1873 foi o dia destinado para a inauguração do monumento (que tem levado 6 annos a construir!) por ser o anniversario da brilhante victoria dos luso-anglos contra as hordas napoleonicas. Adiante vae a descripção deste monumento que recordará aos vindouros estes dias de gloria para os portuguezes! (vide Monumento do Bussaco.)

BUSTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi até 1855 do concelho de Ervedêdo, 72 kilometros ao NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario era apresentado pelo arcebispo. Tinha de rendimento 60$000 réis.

Bustello ou *Bostello*, significa pequeno bosque, tapada, territorio, termo ou districto. É diminutivo de *boscus* ou *bostus* (bosque).

BUSTELLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pela mitra. Tinha 500$000 réis de renda.

BUSTELLO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros a NO. de Penafiel, 36 kilometros a ENE. de Braga, 40 a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 329 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi do arcebispado de Braga.

A egreja do convento de frades bentos, serve de matriz, á qual eram annexas as freguezias de S. Pedro da Croca, Santa Martha e S. Martinho de Milhundos. As duas primeiras freguezias tinham obrigação de vir assistir, nas quatro festas do anno, á missa principal d'esta egreja.

O mosteiro está situado no meio da freguezia, em um alto, d'onde se vê toda ella e muitas das que estão situadas na ribeira do Sousa (què são mais de 40). Descobrem-se tambem terras de varios concelhos.

Era couto dos frades d'aqui, o qual comprehendia esta freguezia e parte da de Cróca, parte da de Novellas e parte da de Meinédo. Tinha este couto, ao todo, 43 alleias, com 340 fogos.

O parocho (vigario) era sempre um frade d'este convento, apresentado triennalmente pelo abbade d'elle. Tinha um coadjutor, clerigo secular, apresentado annualmente, e tinha 100$000 réis de rendimento.

Antigamente os de Arrifana de Sousa (Penafiel) levavam todos annos, na primeira oitava da paschoa, os *follares* ao S. Bento, d'esta egreja.

É terra muito fertil.

Era donatario d'este couto o D. abbade do convento, que no 1.º de janeiro elegia um juiz ordinario do civel e orphãos, com appellação para o mesmo abbade, como ouvidor.

Faziam-se aqui as audiencias, para o que havia uma formosa casa. O juiz elegia o porteiro e o povo elegia, a votos, o procurador, meirinho, quadrilheiro e um jurado, que prestavam juramento nas mãos do abbade e eram confirmados pelo corregedor da comarca.

O D. abbade era obrigado a fazer duas correições cada anno, e, como coudel-mór, elegia um juiz das montarias.

Passa pela freguezia o rio Sousa, que dividia este couto do concelho de Lousada. Rega e moe.

—

Consta que este convento foi fundado por um filho de D. Fayão Soares (que fundou Penafiel) e que é progenitor dos marquezes de Minas, Arronches e Gouveia, e do famosissimo Ruy Dias de Bivar, *o Cid*. Se este foi o fundador, devia ser ahi pelos annos 900. A mesma etymologia.

Vide Arrifana de Sousa e Penafiel.

D. Diniz lhe deu foral, em 1286.

BUSTELLO DA LAGE — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, antigo concelho de Ferreiros de Tendaes, 24 kilometros ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Em 1750 era da comarca de Barcellos.

A mesma etymologia.

Situada junto á serra de Monte Muro. O cura era apresentado por um canonicato de Lamego, e tinha de renda 40$000 réis.

(O *Portugal Sacro e Profano* diz que era apresentado pelo beneficiado de Ferreiros de Tendaes, e que tinha de congrua 6$000 réis e o pé d'altar.)

E' foreira á casa de Bragança.

Passa aqui o rio Bestança, que rega e moe.

Ha aqui uma grande lage (que dá o nome á freguezia) e serve de eira a todos os moradores do Bustéllo. Para saber os grandes privilegios que tinha esta freguezia, vide Ferreiros de Tendaes, a cujo concelho sempre pertenceu até que elle foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

Era um dos quatro curatos de S. Pedro de Ferreiros de Tendaes.

Além das descriptas, ha em Portugal mais 11 aldeias chamadas Bustéllo.

BUSTO—curral de bois ou vaccas. Na baixa latinidade se disse *bostar*, por curral, e tambem *bostarium, quasi statio boum.*

No Minho, desde o seculo VIII até ao XII, se tomou *busto* por tapada ou bouça.

Quem quizer amplas explicações sobre a palavra *busto*, veja o *Elucidario* de Viterbo.

Todos sabem que busto é tambem a estatua, só da cinta para cima.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

359

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

68 — Praça de D. Pedro — 68

1874

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
514
P65
1873
v. 2

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D. Pedro — 67
1874

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

C

CA—portuguez antigo (derivado de *car*, celta) significa *porque*.

CABA—serra, Traz-os-Montes, termo de Chaves. Principia na villa da Torre, correndo de norte a sul, tem 18 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

Em partes é cultivada e produz centeio. É fria e pedregosa.

Cria algum gado e traz caça.

—

Caba é mesmo a palavra arabe *Câba*. Significa cenáculo, ou casa quadrada. Deriva-se do verbo *caabâ*, fazer alguma cousa quadrada ou em quadro.

Tendo porém anteposto o artigo *al*, significa o templo de Mafoma, em Mecca. (*Alcaba*, isto é, a casa por excellencia.)

Parece-me porém que esta serra deriva o seu nome de *Cábba* (que os nossos antigos escreviam *Cava* ou *Caba*) e significa mulher má, dissoluta, adultera.

Talvez que para aqui fugisse (ou desterrassem) alguma mulher de má vida.

Tambem deram o epitheto de *Cava* á filha do conde Julião, pelos motivos que se pódem ver em fr. Bernardo de Brito, João de Barros, fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*) e outros.

«Os grandes e publicos peccados, acabaram de encher a medida da sua condemnação, com a força feita á *Cava*, filha do conde Julião.»

(Barros, dec. 1.ª, pag. 1.)

CABAÇOS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Santo Adrião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Fonte Arcada, Leomil, Sarzêdo e Arcozêllo.

O reitor de Sendim e o de Moimenta da Beira, apresentavam aqui alternadamente o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra muito saudavel e fertil em trigo, centeio, vinho e castanha.

CABAÇOS—freguezia (foi villa e couto) Minho, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Ponte de Lima, 20 ao ONO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' fertil.

Está situada entre o monte da Nó (a NO.) e o de S. Verissimo (a SE.) A primittiva matriz era a uns 200 metros da actual, que foi construida entre os annos 1720 e 1725. Segundo a tradição existiu n'esta freguezia, a

uns 1:500 metros da matriz, ao S. d'ella, um convento de monges benedictinos, a que davam a denominação de *frades longos*, o qual foi destruido pelos arabes, em 718. Era no sitio ainda actualmente chamado Bouça Longa. Não se reconstruiu. Se é certa a existencia d'este mosteiro, d'elle não existe o minimo vestigio, apenas em 1813 ou 1814, arroteando-se a parte da tal Bouça Longa, que fica ao S., se acharam, a pouca profundidade, quatro sepulturas, divididas umas das outras apenas por grandes tijolos, muito bem conservados. Se n'este sitio se fizessem escavações em outros pontos da bouça, talvez se encontrassem mais curiosidades archeologicas.

Era antigamente da comarca de Braga, segunda parte da *visita* da Nóbrega e Neiva. E' povoação muito antiga.

O parocho (reitor) era apresentado pela camara ecclesiastica de Braga. Tinha 2$000 réis de congrua e o pé d'altar, tudo uns cem mil réis.

Tinha annexa, a freguezia de Fôjo Lobal.

Tinha um juiz ordinario e dos orphãos, escrivão, almotacé, vereador e meirinho, todos sujeitos á jurisdição da mitra de Braga.

Passa pela freguezia o ribeiro do seu nome, que tem 12 moinhos e um lagar de azeite, réga, móe e desagua no rio Nêiva.

CABAÇOS ou **RÊGO DA MURTA**—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiázere, 48 kilometros de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 198 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Rêgo da Murta, era uma freguezia que se annexou á de Cabaços. No Rego da Murta, houve um antigo convento, fundado em tempos remotos, e que ainda existia em 1159, como consta da doação que d'elle n'esse anno fez aos templarios, D. Affonso I.

O parocho (prior) era de apresenção alternativa da mitra e do collegio da Sapiencia, dos frades cruzios de Coimbra. Tinha de rendimento 300$000 réis.

E' terra muito fertil.

Em 1757 ainda não existia a freguezia dos Cabaços.

Em 30 de novembro e em 4 de dezembro de 1810, houve aqui dois combates, entre o exercito luso-anglo e as hordas de Massena. Nenhum d'elles foi decisivo.

CABANA MAIOR—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença do Minho. Fertil.

Situada entre montes, d'onde se vê a maior parte do termo da villa dos Arcos.

O vigario tinha de rendimento 210$000 réis. E por esta freguezia ser annexa á freguezia de S. Cosme e S. Damião, o abbade d'esta ultima apresentava, *ad nutum*, o vigario d'aqui.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

Na serra do Outeiro Maior, havia antigamente javalis e corças, hoje só ha caça miuda.

Passa n'esta freguezia o rio Vage ou Vagem, que rega e móe.

Festeja-se o orago no primeiro domingo de agosto.

Ha aqui uma aldeia, chamada Bouças-Donas, cujo nome tomou de uma infanta e mais *donas* que a acompanhavam, para fundarem no alto do monte um convento (o de Cabanas?) e como aqui residissem, na aldeia de Bouças, lhe ficou o sobrenome de Donas.

CABANAS ou **CABANELLAS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho do Carregal, 18 kilometros de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1757 tinha 513 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Viseu, termo de Oliveira do Conde.

Era dos condes da Sortêlha, mas depois passou para a corôa.

E' situada em um alto. Os condes de Villa

Nova apresentavam o vigario, que tinha réis 300$000. Fertil.

CABANAS DE TORRES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 60 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. Gregorio, papa.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era da casa das rainhas.

Situada em um alto, d'onde se vêem os termos de Alcoentre, Santarem, Azambuja, Castanheira, Arruda, Sobral, Mafra, Cintra, Aldeia Gallega, Villa Verde e parte do termo de Lisboa.

O prior de Nossa Senhora das Virtudes, da Ventosa, apresentava aqui o cura, que tinha um moio de trigo, 51 almudes de vinho e o pé d'altar.

E' tradição que o logar da Torre e o de Cabanas do Chão, foram fundados no seculo XIII, quando uma peste terrivel assolou Torres Novas e Villa Verde dos Francos, obrigando os povos d'estas terras a fugirem para outras mais saudaveis, levando á sua frente o seu bispo ou parocho, e caindo a cada passo, pelo caminho, pessoas atacadas da terrivel epidemia de que fugiam.

Chegaram ao sitio de Monte Junto, chamado Monte Santo, e alli o prelado (que, segundo a mesma tradição, era da familia Gorjão) mandou fazer um tosco altar de pedras soltas, no qual collocaram a imagem de S. Roque, e alli celebrou missa, pedindo todos a Deus e áquelle santo, que os livrasse do flagello da peste. Suas préces foram ouvidas, e durante tres dias e tres noites não morreu mais ninguem da peste.

O bispo mandou alli construir cabanas para abrigo do povo em quanto não podesse regressar a suas casas.

O povo de Torres Vedras assentou n'este sitio o seu arraial, e o resto agrupou-se no logar de Cabanas do Chão e Abrigada (então chamada Amieiro).

Construiu-se uma pequena capella dedicada a S. Roque, que o tempo destruiu, sendo a imagem depois levada para a Abrigada.

Muitos d'estes emigrados preferiram viver aqui, a regressar ás suas terras, e com o tempo erigiram uma egreja e se constituiram em freguezia.

No logar da Paula, ha uma capella dedicada a Nossa Senhora do Ó. A de S. Roque era no meio da charneca, em frente d'esta aldeia.

Quanto ao convento de S. Domingos, vide Monte Junto.

Nasce debaixo da egreja uma fonte, por isso chamada de S. Gregorio, que é muito abundante de aguas no verão, e sécca no inverno. Attribuem-se-lhe muitas qualidades milagrosas, para cura de varias doenças.

Esta freguezia está encostada á serra de Monte Junto, da qual nasce o rio Arneiro, no sitio chamado Valle do Arnal.

CABANEIRO—Homem ou mulher de trabalho, que viviam de per si e sem familia. Pagavam annualmente, de *fôro cabaneiro*, um capão ou gallinha, 10 ovos e um alqueire de trigo.

Na Terra da Feira dá-se o nome de *cabaneiro* ao pequeno lavrador, que não tem bois nem carro.

CABANELLAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 84 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

Foi dos marquezes de Tavora até 1759, e desde então passou para a corôa.

Cabanellas, no portuguez antigo, significa *cabaninhas*. Os nossos passados formavam o diminutivo de algumas palavras em *êllo* e *ella* (aquelle masculino e este feminino.) Vgr. côvo, covêllo; souto, soutêllo; côtto, cotêllo; etc. Arada, aradella; parada, paradella; côva, covella; vergada, vergadella; etc. Tambem tinham os diminutivos *ó ó ól* e *óla*. Vgr. Paiva, Paivó; bouça bouçó; mosteiro, mosteiró, ou mosteirô; Travasso, Travassô; eira, eiró; egreja, egrejola ou egrejó; etc., etc.

Situada em campina, d'onde se vê a villa da Torre de Dona Chama, Lama-Longa, Vil-

larinho de Agro Chão, Cellas, Murços, Soutêllo, Bocozendé, Edroso, Melez, Mascarenhas, Villar do Monte, Grijó, Bornes, Burgã, Caravellas, Villa Verde, Valle de Govinhas, S. Pedro Velho, Valle das Fontes, Ervedosa, Villar-Tão e Bouças.

A egreja está fóra do logar, ao S., em um prado do concelho.

O reitor de Mascarenhas apresentava aqui o cura, que tinha 14$500 réis em dinheiro, 12 almudes de vinho e um moio de pão.

É terra fertil.

Aqui nasceu o célebre capitão de cavallaria Antonio Gomes da Costa, um dos homens mais valorosos do seu tempo e de forças herculeas. Morreu pelos annos de 1720.

Esta freguezia fica entre os rios Rabaçal e Tuella.

CABANELLAS—freguezia, Minho, concelho do Prado, comarca e 6 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 180 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Os marquezes de Minas apresentavam o abbade, que tinha de renda 800$000 réis.

No *Portugal Sacro e Profano*, diz-se que o seu rendimento era de 2:400 alqueires de pão. É terra muito fertil.

Passa pela freguezia o rio Cávado, que rega e moe. Traz lampreias e outros peixes.

Foi do real padroado e depois passou para os condes do Prado.

Passa tambem aqui o pequeno rio Purisso, que desagua no Cávado.

Ha mais em Portugal 11 aldeias d'este nome.

A mesma etymologia.

CABANÕES—aldeia, Douro, freguezia, comarca e concelho de Ovar, 276 kilometros ao N. de Lisboa.

É aqui a 34.ª estação do caminho de ferro do Norte, chamada vulgarmente Estação de Ovar.

Dizem alguns escriptores (e é muito possivel) que Cabanões foi a primeira povoação de Ovar, isto é, que a villa teve principio n'esta aldeia.

A capella de S. João, de Cabanões, parece que foi a primittiva egreja matriz da actual freguezia de Ovar. Junto á capella ainda existe uma grande sepultura de granito, com sua tampa, que, segundo a tradição, é do primeiro parocho da antiga freguezia de Cabanões. Não tem inscripção nem ornatos e é muito tosca.

Cabanões era terra de pescadores, e composta (no seu principio) apenas de *cabanas* de palha, d'onde lhe veiu o nome.

É povoação muito antiga.

Em 1254 era donataria de Cabanões a illustre sr.ª D. Orraca Fernandes, da quinta de Moz, junto a Berteande, que deu parte das rendas d'aqui ao mosteiro de Tarouca. (Vide Casar e Ovar.)

CABEÇA BOA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 150 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um monte summamente aspero e fragoso, d'onde se vê a Torre de Moncorvo, Cabeça de Mouro, Junqueira, Urrôs e Estevaes.

O reitor da Torre de Moncorvo apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha por tudo, 50$000 réis.

É terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Douro.

Muita caça no monte da Fraga.

CABEÇA DA EGREJA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 455 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, d'onde dista 84 kilometros.

Eram seus donatarios os condes de Athouguia.

Situada em um outeiro, d'onde se vêem as aldeias de Nuzendo Trespassante e Rebelhe.

O reitor de Tiozello apresentava o cura

d'aqui, que tinha 34 alqueires de trigo, 30 de centeio e 9$500 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

É fertil. Grande abundancia de castanha.

CABEÇA DE LORÍGA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, foi até 1855 do concelho de Loriga e hoje é do concelho de Ceia, 84 kilometros ao NE. de Coimbra, 264 ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Loriga.

CABEÇA DE MOURO—fre uezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 138 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Ja em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Fica a 12 kilometros ao O. da Torre de Moncorvo, e 6 a E. de Villarinho da Castanheira.

A egreja era commenda da Torre de Moncorvo.

Situada em um alto, d'onde se vê, a Torre de Moncorvo, Perêdo, Folgar, Urrôs, Larinho, Estevaes, Gouveia e Alfandega da Fé.

O reitor apresentava, primeiro o reitor da Torre de Moncorvo, depois o cabido de Braga. Tinha de renda, paga pela commenda, 40 alqueires de trigo, 10$700 réis em dinheiro, mais 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e 6 arrateis de céra lavrada, para as missas, e o pé de altar.

É terra muito aspera e fragosa.

Produz algum centeio, vinho e azeite. Do mais quasi nada.

Tinha juiz do povo, com *4 homens do regimento*, eleitos pelo juiz de fóra e camara da Torre de Moncorvo.

Diz-se que um mouro, a instancias de um christão, encantara as viboras d'estes sitios, para que não tivessem veneno, e que depois o christão, junto á fonte da aldeia, lhe cortou a cabeça para que as não desencantasse.

Diz o padre Cardoso, que effectivamente as viboras d'aqui não teem veneno. (!)

É tradição que d'este facto (da cortadella da cabeça do mouro) é que a freguezia tomou o nome que tem.

É aqui a serra tambem chamada Cabeça de Mouro, que tem 14 kilometros de comprido e 6 de largo. É muito alta. Tem muitos azinhos, arvoredos e matta. Ha aqui, e ha mais de 120 annos, grande numero de amoreiras, para sustento do bicho da sêda.

É cultivada em algumas partes e produz bom vinho e centeio.

Os menos crendeiros em historias da carochinha, julgam que esta serra se chamava antigamente Cabeço de Mouro, e que foi a que deu o nome á freguezia, degenerando *cabeço* em *cabeça*. É mais provavel.

CABEÇA DE S. ROMÃO—(Vide S. Romão.

CABEÇA SANTA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago O. Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O convento de Santo Eloy, do Porto, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento e o pé de altar.

CABEÇAES—pequena villa, Douro, freguezia de Fermêdo, comarca, concelho e 24 kilometros ao O. de Arouca, 10 ao SO. do rio Douro, 30 ao SE do Porto, 12 ao ENE. da Feira, 12 a NE. de Oliveira de Azemeis, 65 ao NO. de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa.

Na villa 50 fogos, na freguezia 280.

Foi por muitos seculos a capital do concelho de Fermedo, que foi supprimido, no tempo da regencia do sr. D. Fernando, por decreto de 24 de outubro de 1855.

Antigamente chamava-se a esta villa, *Fermedo* (e ainda nos nossos dias, em papeis publicos se lhe davam indistinctamente os dois nomes, *Cabeçaes* ou *Fermedo*.)

Foi antigamente da comarca da Feira, e esta freguezia é a ultima (a E.) das Terras de Santa Maria.

É povoação antiquissima, e a dar credito á inscripção romana que está em uma pedra, na parede exterior da capella-mór da

egreja, datada da era 28 de Cesar, se chamava então *Aviobriga.*

Devo declarar que não vi em auctor nenhum dar similhante nome a Fermêdo; mas é certissimo que consta da tal inscripção, que eu muitas vezes li, aberta em uma lapide de marmore durissimo (que veiu de muito longe, pois por estes sitios não ha similhante pedra) e em partes apagada pelo tempo.

Aviobriga é incontestavelmente nome proprio celta de povoação; e é certissimo ser esta freguezia habitada pelos celtas, muitos seculos antes da vinda de Jesus Christo, o que attestam varias *mâmoas* que se vêem (ainda que já todas arrombadas pelos buscadores de *thesouros encantados*) no monte do *Curuto*, onde em alguns rochedos se distinguem ainda inscripções em caracteres completamente ininteligiveis.

Ha tambem um *dolmen* na mesma serra, mais ao NE. das *mâmoas*, fóra outros que por alli haverá, sem que os eu tenha visto.

Ainda mais ao NE, onde já lhe dão o nome de Serra do Borralhoso, é onde existem *staurotidos* em grande quantidade. (Vide Borralhoso.

Foi tambem esta terra habitada pelos romanos, o que prova os nomes latinos que ainda conservam alguns logares, vgr. *Paramô* (que é manifestamente corrupção de *Paramus; Roda* (que é corrupção da palavra persa, adoptada pelos romanos e arabes, *Rhoda*, que significa jardim) etc., etc.

Quando os povos do Norte invadiram a Lusitania, um senhor godo povoou ou dominou esta freguezia e lhe deu o seu nome, que era *Pharamundo.* Nos primeiros seculos da nossa monarchia, já esta palavra se tinha corrompido em *Fermudo* (que é como então a vejo escripta) e, finalmente, ha muitos seculos que se chama Fermêdo.

D. Affonso III, a fez villa e lhe deu foral, em 1275.

Tem uma sentença sobre o foral antigo, dada em Fermêdo, a 22 de novembro de 1490, a qual se póde ver no archivo da Torre do Tombo, maço 6 dos foraes velhos, n.º 1; e no mesmo maço e n.º estão os apontamentos para o foral novo, que explicam muita cousa antiga.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 27 de setembro de 1514 (vide liv. dos foraes novos, da Beira, folha 64, columna 1.ª)

Eram donatarios d'esta freguezia os condes da Feira (cujas armas ainda se vêem na capella de Santo Antonio, d'esta villa.) Depois, passou no seculo 16 para a casa dos duques d'Aveiro, e d'esta, por troca, para a casa dos Peixotos, do Porto. Tinham aqui grandes rendas e direitos dominicaes, que lhe rendiam um conto de réis por anno (e se fossem bem administradas, podiam render mais de quatro mil cruzados.) O ultimo representante da familia dos Peixotos, é o sr. Antonio Peixoto Pereira Padilha, que vendeu isto tudo, e já alli não tem absolutamente nada.

A casa do infantado; as freiras d'Arouca; de S. Bento, Santa Clara e Monchique, do Porto; os Figueirôas (hoje condes de Rézende) os Cardosos do Porto, os Bacellares e os Mourões-Guedes, de Penafiel; os Albergarias do Buraco (vide Buraco) os condes d'Avintes (hoje marquezes do Lavradio) etc. etc. ainda aqui teem muitos fóros, rendas, dominios, e luctuosas: o que faz a terra mais pobre do que podia ser.

Parte d'esta freguezia era couto (ou honra) dos Peixotos, e tinha pelourinho e casa da camara, na extremidade da villa, ao NE. o resto, com a freguezia de S. Miguel do Matto e parte das de Escariz, Romariz, Valle e Louredo, formava o concelho de Fermêdo antes de 1834. Depois formou-se um concelho maior (de 1:800 fogos) com as freguezias de Fermêdo; Mançores; Escariz; Matto; Romariz e duas egrejas annexa; Valle e Louredo.

Este foi o concelho que se supprimiu.

N'esta villa havia uma forca de pedra e cal, que foi demolida em 1845 (por um particular, para fazer paredes!...) e ao sitio em que ella estava, ainda se lhe chama Chão-da Forca.

Em quanto foi séde concelho, esta villa prosperava a olhos vistos, e bastantes casas (algumas bôas) se iam fazendo. Depois da ex-

tinção do concelho *para commodidade do povo* (!!!) deu em total decadencia; acabando de completar a sua desgraça o abandono da estrada do Porto a Viseu, que passava pelo meio da villa, e que hoje quasi ninguem segue, preferindo dar uma volta de 40 kilometros, e irem por o caminho de ferro até á Mealhada!

Esta estrada, (a antiga) que era vantajosissima para parte da Beira-Alta, e grande parte da Beira-Baixa, aproveitando a muitissimas freguezias populosas e muito productivas da provincia do Douro, não ficava muito cara ao Estado; pois só havia a fazer uns 50 kilometros de estrada—isto é—entre os Carvalhos e S. Pedro do Sul; porque dos Carvalhos ao Porto, e de S. Pedro do Sul a Viseu, já está feita.

Mas é que em Portugal não fazem estradas senão aonde e por onde determine a as influencias de campanario.

É escandaloso ver terras insignificatissimas com bôas e quasi inuteis estradas e n'outras, em que ellas são urgentissimas, não haver nada!

Oliveira d'Azemeis é uma villa de muita vida, muito commercio e muito florescente, e não preciza das esmolas do thesouro. Pois o campanario arranjou para alli 9 contos de rs. para reparos da egreja matriz (!!!) que o povo tinha obrigação de concertar; não sei se 800$000 réis se um conto de réis para o cemiterio, e, como viam que a cousa lhe sahia como elles queriam, até pretenderam que o thesouro lhes desse dinheiro para a conclusão do seu theatro!...

Isto além de uma verdadeira rêde de estradas que teem para toda a parte!

Não devo esquecer que, o campanario, contra todas as regras da arte da economia e do bom gosto, e até contra a utilidade da villa, obrigou os engenheiros (contra a opinião de todos) a metterem a estrada por um bêco torto e estreitissimo uma verdadeira alfurja, uma betesga, que lá está tolhendo o desenvolvimento da villa, e incommodando os passageiros; pois em sitios não cabem dous carros a par!

Ha em Cabeçaes uma optima feira em todos os dias 13 de cada mez.

Os moradores d'esta freguezia tinham privilegio de infanções, por ser Terra de Santa Maria.

Para tudo o mais vide Fermêdo.

CABEÇÃO—villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Móra, 40 kilometros ao NO. d'Evora, 15 ao O. d'Aviz, 18 ao SO. das Galvêias, e 6 ao NO. de Pavia, 120 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Em 1757 tinha 254 fogos.

Foi antigamente da comarca d'Aviz, tem Misericordia e Hospital.

Era da corôa.

Situada em uma elevação e banhada pelos ribeiros Aviz, e Téra.

D'ella se avistam o castello d'Estremôz e as villas d'Evoramonte, Arrayolos e Pavia.

Teve antigamente termo seu, com 6 kilometros de comprido, d'E. a O. e 3 de largo, de N. a S., com 30 fogos, repartidos por herdades e sesmarias.

A matriz está a um lado da villa, em um cabêço, ao S.

O rei, como governador da Ordem d'Aviz, apresentava o prior, que tinha dois e meio moios de trigo, 2 de cevada e mais 34 alqueires de trigo da thesouraria, 2 arrobas de céra, 21 almudes de vinho e 22$000 réis, ao todo rendia 250$000 réis.

Tinha uma albergaria, administrada pela Misericordia, que foi fundada com esmolas d'este povo; e, para a concluirem, pediram os moradores mercê de Phillippe II, para lhe dar os privilegios, e lh'os deu em 1597, fazendo-se d'isso escriptura, que está no cartorio da egreja.

Esta albergaria supponho que é o actual hospital da Misericordia da villa.

Produz esta terra muito e excellente vinho; do mais medeania.

Tinha dois juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, 2 almotacés, cada 3 mezes. Capitão-mór, sargento-mór, tenente e alferes, de ordenanças.

Era commenda d'Aviz.

A villa principiou d'este modo.

Pelos annos de 1200, os mestres da Ordem

d'Aviz, fizeram aqui uma grande quinta. Em redor d'ella (como era costume n'aquelle tempo) se foram reunindo moradores, muitos d'elles mandados para alli pelos cavalleiros. Foi-se a povoação augmentando, e para seu maior incremento, lhe deu foral, com grandes privilegios, D. João I, em 1395. D. Sebastião a elevou á cathegoria de villa em 1578, dando-lhe foral.

Nem do foral dado por D. João I, nem do que depois lhe deu D. Sebastião, falla Franklim na sua obra.

Ha na freguezia um pinhal, que antigamente era do povo, que o deu á corôa, com a condicção de poderem os moradores da villa ir a elle buscar toda a madeira preciza para construcções de casas, na villa. O ouvidor da comarca d'Aviz, era guarda-mór d'este pinhal, e tinha aqui um vigia ou guarda-menor.

Pela freguezia passa o rio Bembelide, que réga e móe.

É terra fertil. Junto á villa ha uma extensa varzea, muito productiva, por ser regada pelos ribeiros Aviz, e Téra.

Foi seu alcaide-mór D. Luiz de Alencastre, depois, os condes de Villa-Nova de Portimão.

Parece que esta circumstancia indica que teve castello; mas não o vejo mencionado em parte nenhuma.

CABECEIRAS DE BASTO — villa, Minho, comarca de Celórico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 260 fogos, no concelho 3:300 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos, na freguezia.

Orago S. Nicolau e Santa Marinha.

Arcecispado e districto administrativo de Braga.

Era da comarca de Guimarães antigamente.

E' situada nas margens do Tâmega, e terra fertil.

Cabeceiras e Celorico, formavam antigamente um só concelho, com o nome de Terras de Basto.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 5 de outubro de 1514. (Este foral serve tambem para Lapella e Mação.) Livro dos foraes novos do Minho, fl. 60, v., col. 1.

Tem um fertilissimo valle, de mais de 18 kilometros de comprido, e 6 a 8 de largo, situado entre duas montanhas. Produz muitos cereaes, azeite, vinho, castanha, etc., etc. Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, e seus montes são abundantes de caça.

Esta freguezia é a mesma que está em Basto (S. Nicolau) a primeira descripta. Vide pois no logar competente, para tirar qualquer duvida. Em Basto descrevi a freguezia e aqui a villa.

Julgo que antigamente houve duas freguezias de Cabeceiras de Basto, sendo orágo de uma S. Nicolau e de outra Santa Marinha.

O que me convence d'isto, é que a freguezia de S. Nicolau era apresentada pelos arcebispos de Braga (como já disse na freguezia de Basto, S. Nicolau) e rendia 360$000 réis e a de Santa Marinha era apresentada por os Pereiras, da Taipa, e depois por D. Gastão José da Camara Coutinho e seus herdeiros. Diz-se que estes Pereiras e Coutinhos descendiam de D. Guêda, de que adiante se trata. Era abbade e tinha de rendimento 150$000 réis.

Esta freguezia é que, em 1757, tinha 110 fogos.

E' mais antiga do que a de S. Nicolau, pois a de Santa Marinha vem descripta no *Portugal Sacro e Profano* e aquella não.

Mem Gomes, musarabe, de Toledo, que veio a este reino com o conde D. Henrique, foi senhor de Barroso e Aguiar da Pena (Villa Pouca de Aguiar). Foi sua filha, D. Guêda Velho. Seus descendentes se appellidaram Barrosos, Aguiares, Bastos e Mascarenhas, cujos troncos procedem dos gôdos.

O solar dos Guêdos (hoje Guedes, que quer dizer, descendentes de Guêdo) é em Norwega e diz-se que é anterior a Jesus Christo.

Ha aqui a casa solar dos Pereiras Marramaques, chamada Taipa.

Tem este concelho 17 freguezias, que são: Abbadim, Alvite, Arco, Basto, Buccos, Cabeceiras, Cavéz, Faia, Gondiães e Samão, Outeiro, Painzella, Paços, Pedraça, Refoyos, Rio-Douro, Villa Nuno (ou Villa Nume) e Villar.

N'este concelho nasce o rio Béça, que en-

tra no Tamega, em frente do logar d'Aivãos.

CABEÇO DE REI—sitio no Alemtejo, proximo a Campo de Ourique, onde Ismar (Ismario ou Ismael) com vinte chefes, sendo cinco d'elles reis, e o seu grande exercito, acamparam, no dia 24 de julho de 1139, esperando o exercito portuguez commandado por D. Affonso Henriques. (Vide Ourique e Campo de Ourique.)

CABEÇO DE SOBREIRO ou de **SOVEREIRO**—serra, Douro, proximo da margem esquerda do Douro, 24 kilometros ao SE. do Porto, 318 ao N. de Lisboa.

Produz apenas carqueija (que toda vae para o Porto) urze e matto. Traz alguma caça e, no inverno, lobos.

Pertence ás freguezias de Fermêdo, S. Miguel do Matto, Valle, Canêdo e Lomba.

E' notavel por no seu cume ter um marco chamado *Marco dos quatro concelhos*, que marca a divisão dos concelhos de Gondomar, Paiva, Feira e Arouca. E' o ponto extremo (a ENE.) das Terras de Santa Maria.

D'esta serra se vê o Porto, a sua foz e grande extensão do Occeano Atlantico, muitas freguezias dos arrabaldes do Porto, o rio Douro e muitas povoações e serras de ambas as margens d'este rio.

Na maior parte é muito boa terra e com varias nascentes de agua, pelo que é susceptivel de cultura, e certamente não estaria improductiva se os nossos governos cuidassem mais nos interesses do paiz.

CABEÇO DE VIDE (alguns antigos tambem lhe chamavam *Cabeça de Vide*)—villa, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteira, 30 kilometros a NE. de Aviz, 20 ao O. de Portalegre, 6 ao SE. de Alter Pedroso, 36 de Evora, 160 ao E. de Lisboa, 370 fogos, 1:300 almas.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação, vulgarmente Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada sobre a ladeira de uma eminencia; tinha muros e castello, em sitio forte e alcantilado: tudo está destruido.

Era do mestrado e commenda de Aviz.

Segundo a tradição, a sua primeira fundação foi no sitio onde hoje se chama Pombal, em uma baixa proximo da villa. Quando a povoação era no sitio primittivo, foi invadida por um grande exercito de mouros, que, depois de rija batalha, mataram muitos christãos, isto pelos annos de 1090.

A povoação em uma baixa estava mais exposta ás correrias dos mouros, e a grande quantidade de corpos mortos que alli ficaram da batalha, tornou de mais a mais o sitio muito doentio; pelo que a gente que escapou e os povos visinhos foram fundar nova povoação no alto. Logo que aqui se estabeleceram, sararam os que estavam doentes, e por isso pozeram á povoação o nome de Cabeço da Vida.

Segundo outra versão, o seu nome provém de uma grande vide que havia no alto do cabeço. (E' muito provavel que esta seja a verdadeira origem do seu nome, em vista das armas da villa.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512.

Tem um rocio, que é dos mais lindos das villas da provincia.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.º

O concelho é atravessado pelos rios Villa, Vide e Vidigão, que fazem a terra muito fertil.

D'esta villa se descobre Portalegre, Alter Pedroso, Sêda, Aviz, Souzel, Arrayolos, Evora Monte, Extremoz, Veiros, Fronteira e muitos montes e desertos.

A egreja matriz está dentro da villa.

A Mesa da Consciencia e Ordens é que apresentava aqui o prior e tres beneficiados. O prior tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada, 20$000 réis e todas as offertas da egreja por inteiro. Cada beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Todos elles tinham obrigação de curar a freguezia, ás semanas, e o prior, nos domingos e dias santificados.

Ha n'esta villa dois hospitaes, um da Misericordia, pela qual é regido e administrado, e outro junto á egreja do Espirito Santo, governado pela irmandade da egreja do mesmo titulo (Espirito Santo). Este tinha muitos privilegios. Consta que esta egreja

do Espirito Santo é das mais antigas egrejas da provincia, e que já existia muito antes da villa ser do mestrado de Aviz. Parece que isto consta do archivo da irmandade.

A Misericordia e o seu hospital é do tempo da creação dos outras do reino, isto é —do seculo XVI.

Tinha no antigo regimen, juiz de fóra, posto pelo rei, com seus vereadores e procuradores do concelho.

Qualquer que seja a data da fundação d'esta villa, tem ella, pelo menos, 780 annos de existencia, no sitio actual. A povoação primitiva era antiquissima.

Foi antigamente murada; mas os castelhanos arrazaram as suas fortificações, em 1710, e apenas restam algumas ruinas.

O sitio em que está fundada a villa tem grande declive para todos os lados.

Tem uma boa feira no domingo do Espirito Santo, que dura 3 dias.

Dentro e fóra da villa ha varias fontes, sendo a mais notavel a do *Borbolegão*, de aguas mineraes.

As suas armas são—um castello com 3 torres, cercado por uma *vide*, ou por duas *vides*, uma de cada lado.

—

Tem optimo estabelecimento de banhos de aguas mineraes (sulphuricas e alcalinas) as quaes foram descobertas em 1820.

O edificio dos banhos foi muito melhorado pelo sr. D. Pedro V, em 1858.

Estas aguas, applicadas em banhos, curam varias molestias cutaneas e outros padecimentos, e tomadas internamente, curam os padecimentos do estomago, bexiga e outros.

São tão efficazes como as de *Vichy*.

Estas aguas exportam-se em grande quantidade para Lisboa e outras muitas terras do reino.

Foram analysadas na Exposição Universal de Paris em 1867. A sua temperatura é de 25°5 centigrados. As amostras que foram para França, eram extrahidas de dois mananciaes, dos quaes um fornece agua para banhos e o outro para uso interno.

A agua, applicada externamente, contém por kilogramma, 0gr.3225 de principios fixos; são—chlorêtos alcalinos, carbonatos de magnesia, de cal, de soda; silica, etc. Tratada pela dissolução graduada, do iodo, dá resultados que fazem acreditar que ella contém por kilogramma 0gr.00693 de acido sulphydrico.

O manancial cuja agua se applica externamente, tem as mesmas propriedades e a mesma composição que a precedente, mas apresenta uma mineralisação mais fraca. Um kilogramma d'agua apenas contém de principios salinos 0gr.230.

—

Rebentam em um sitio alcantilado, proximo á villa, e depoem nos sitios por onde passam um precipitado côr de enxofre.

As aguas são limpidas, sem cheiro, e com sabor muito pouco pronunciado das aguas sulphurosas, apresentando uma reacção levemente alcalina. Sua temperatura é de 25° 5 centigrados.

—

Dista 10 kilometros da linha ferrea de Leste e das estações de Portalegre e Crato.

CABEÇUDO—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 66 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 162 fogos.

Orago o Santissimo Sacramento.

Grão priorado do Crato (patriarchado) districto administrativo de Castello Branco.

O parocho era apresentado pelo grão prior por ser esta freguezia do seu districto (isento). Tinha de rendimento uns 150$000 réis ao todo. É terra fertil.

CABEÇUDOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca e termo de Barcellos, visita do arcediagado de Vermuim e Faria.

Era da casa de Bragança e seus habitantes tinham os grandes privilegios de seus caseiros.

Situada em um bonito valle, proximo de Villa Nova de Famalicão.

O abbade tinha de renda 450$000 réis; era apresentado (por concurso synodal) pelo ordinario.

É falta de agua de fontes, mas tem muitos póços.

Passa por ella um ribeiro, que se mette no rio de *Pelle*, que tambem aqui passa. Ambos regam e móem.

CABEDA—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Villar de Maçada, comarca de Villa Real.

Ha aqui as ruinas de um grande palacio, com muitas e grandes salas e muitas janellas de varios feitios, que mostram muita antiguidade.

Foi dos *Dragos*. Tinha o privilegio de se não poder prender n'elle quem alli se acoitasse, sem provisão regia. Isto é — tinha o privilegio de *couto de homisiados*. (Vide Homisio.)

CABEDÊLLO—lingua ou zona de areia na barra do Douro, do lado do S.

Entre a ponta septentrional do *Cabedêllo* e o castello da Foz (na margem opposta) medeiam apenas uns 30 a 40 metros, que é a largura do Douro na sua embocadura, o que, e os muitos penedos que obstruem o rio, tornam a sua navegação muito perigosa.

Se Portugal tivesse governos que olhassem com seriedade para as coisas mais instantes e necessarios, ha muitos annos que a barra do Porto teria consideravelmente melhorado, o que augmentaria a prosperidade do commercio d'aquella florescentissima cidade, digna de mais sollicitude dos governos de Lisboa.

Mesmo na ponta do Cabedêllo construiram os realistas, em fevereiro de 1833, uma bateria, a tiro de pistola das baterias do castello da Foz. Só portuguezes eram capazes de fazer e sustentar em tal sitio uma bateria, e de mais a mais de areia!

Os liberaes fizeram uma sortida, em 10 de abril de 1833, sobre o Cabedêllo, com o fim de destruirem esta fragil bateria; mas foram repellidos.

Esta obra fechava completamente a barra do Porto. (Vide *Hist. de Port.*)

CABO CARVOEIRO—Extremadura, proximo á praça de Peniche e das Berlengas. 65 kilometros ao O. de Lisboa. Está em 39.° e 21' de latitude N., e 1.° longitude occidental. E' posto semaphorico.

Tem estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 17 abril de 1869.

É o Promontorio da Lua, dos antigos, segundo uns, mas segundo auctores mais dignos de fé o Promontorio Lunario é o Cabo da Roca. (Vide esta palavra.) É um rochedo de mediana altura.

CABO DO ESPICHEL—Extremadura, ao S. da foz do Tejo, e proximo á foz do Sado. Em 38.° e 34' de latitude, N. e 48' de longitude occidental. É posto semaphorico.

Os antigos lhe chamavam Promontorio Barbarico. (Vide Arrabida.)

CABO MONDEGO—Douro, proximo, e ao N. da foz do Mondego, junto á villa de Buarcos.

Está 40.° e 12' de latitude. N., e 29' de longitude, occidental.

É o Munda dos antigos.

—

Grandes minas de carvão fossil (jurassico) da nação, que são exploradas por uma companhia de Lisboa, da qual é chefe o sr. Jorge Croft (hoje visconde da Graça.)

O carvão que aqui se extrahe, tem sido expererimentado nos gazometros e é de tão boa qualidade como o melhor carvão mineral inglez.

A principal extracção do carvão da actualmente, é no pôço *Lodi*, no alto das Fontainhas, o qual já tem 200 metros de profundidade.

Anda por 90 os opeparios (incluindo os das galerias de serviço) que aqui já se empregam, extrahindo-se ordinariamente de 7 a 10 toneladas de carvão por dia.

Todo tem prompto consumo, e não chega para satisfazer ás encomendas.

A mesma empreza construiu uma grande e magnifica fabrica de vidros, cujo motor é o vapor, no que se emprega o carvão d'estas minas. Principiou a produzir vidro crystal em agosto de 1872. Está estabelecida mesmo no Cabo Mondego. É mais um elemento de prosperidade para estes sitios.

Com o carvão mais ordinario d'esta mina se cosem 17:000 tijolos e 11:000 telhas por semana; empregando-se nesta industria 74 pessoas.

Junto á mina trabalha um forno de cal, que emprega 76 operarios e carreiros. De módo que esta empresa (que se póde dizer nascente, pois apenas conta uns quatro annos de existencia) já emprega 240 pessoas. Os actuaes empresarios tencionam dar a estas industrias o maximo desenvolvimento. (Vide Buarcos.)

CABO DA ROCA — Extremadura, 30 kilometros a O.N.O. de Lisboa, proximo, ao N. da foz do Tejo, formado pelo prolongamento da Serra de Cintra. É a ponta mais occidental do continente europeu. Tem um pharol

Os romanos lhe chamavam Promontorio Magno, Olisipònense, Artabro, Cynthio ou da Lua.

Está em 38.° e 46' de latitude, N., e 1.° e 5' de longitude occidental.

Segundo a opinião de auctores antigos dignos de fé, já em eras remotissimas se chamava Promontorio da Lua ou Cynthia, sob cujo nome os primeiros habitantes da Lusitania adoravam aquelle planeta. Segundo elles, de Cynthia se deriva a palavra Cintra. (Vide Cintra.) Plinio diz que este cabo se estendia pelo Oceano, por espaço de 60 milhas. (Vide Cintra, e Cintra serra.)

CABO RUIVO — bonito sitio sobre a margem direita do Tejo, na freguezia dos Olivaes. Consta de varias quintas e vastos armazens, sendo os principaes os do sr. visconde de Abrigada, que eram antigamente do sr. Bessone. 8 kilometros ao N. E. de Lisboa, Extremadura.

CABO DE SANTA MARIA — Algarve, em uma ilhota d'areia, defronte de Faro, aqual tem 1:500 metros na sua maior extensão. É posto semaphorico.

Está em 36.° 55' de latitude N., e 38' de longitude oriental.

É o Cúneus dos antigos. Um pequeno braço de mar, separa esta ilhota da terra firme. A este braço de mar se chama e Barrêta.

Chamam tambem a este cabo, os d'alli, Campo da Cunha. (Talvez corrupção de Cúneus. É formado pela extremidade meridional de uma ilha d'areia muito raza, chamada ilha dos Cães.)

Este cabo occupava todo o espaço do litoral desde Villa Real de Santo Antonio até Pêra, por onde ainda actualmente corre um banco d'areia. Dizem alguns que por estes sitios estavam as antiquissimas cidades de Cunisorgi e Cartêia.

Plinio lhe chama Promontorio Cúneu, os gregos lhe davam o nome de Sphena, e os latinos de Cúneus-Ager.

Dava-se o nome de Cabo Cúneu não só ao actual Cabo de Santa Maria, mas a todo o espaço da costa desde Mértola, Alcoitim, Castro Marim, Villa Real, Tavira, Fáro, Quarteira, Albufeira, até quasi á armação de Pêra.

CABO DE SINES — Alemtejo, proximo á villa de seu nome, e o mais pequeno de todos os que aqui vão mencionados.

Está em 37.° e 57' de latitude, N., e 28' de longitude occidental.

É o Pyrgus dos antigos.

CABO DE S. VICENTE — Algarve. Está em 37.° e 2' de latitude N., 34' de longitude occidental.

Segundo alguns escriptores antigos, foi aqui enterrado Tubal, e por isso lhe chamaram os antigos Promontorio Sacro.

E' posto semaphorico. Tem grandes pedreiras de basalto.

(Sobre Tubal, vide Setubal e para saber quando e por que motivo se lhe mudou o o nome antigo no actual, vide Lisboa.

Tambem se chamou Cabo dos Cynetas.

A fortaleza de Santo Antonio e as povoações de Portimão, Alvor, Lagos, Estombar, Lagoa e Silves, e seus territorios, era tudo comprehendido pelos antigos sob o nome de Promontorio Sacro.

Diz-se que houve aqui um templo dedicado ao Sol, no qual quizera Hercules ter a sua sepultura. Outros dizem que o templo era dedicado ao proprio Hercules. Querem alguns que por ter este templo é que se chamou *Sacro*.

Em maio de 1639, se descobriu junto ao *Cabo* uma sepultura, com a seguinte inscripção:

Hic est Posthumius Rufus, qui militans sub prœlio Caij Pompilii periit in bello Lusitanorum. Caius Cornelius Charissimus ejus ob familiaritatem sibi conjunctam hunc sarcophago memoriam imposuit: sit tibi terra levis.

Dentro da sepultura estava uma caixa de páo preto, com esta inscripção:

Cum sol libaverit ossa mea, tunc appropinquabit laeticia Lusitanorum; september autem videbit ingressus.

—

Os arabes lhe chamaram, *Canisat-el-gorab* (Egreja do Corvo.)

É notoria a lenda de S. Vicente e dos corvos, e é por isso que os arabes lhe davam aquelle nome. (Vide Lisboa.)

No tom. 3.º da *Monarchia Lusitana*, Escriptura 25, diz-se: *In loco remotissimo, versus Occidentem, qui Latine dicitur ad caput sancti Vincentii de Corvo, Arabice Kanisat et gorab: id est Ecclesia Corvi.*

—

O Cabo de S. Vicente é formado por uma pequena peninsula, de 600 palmos de comprido, na ponta meridional e occidental da Europa; cuja peninsula se prolonga ao SO. e se une ao continente por um isthmo de 200 palmos de largo.

Suas margens (melhor diremos, *bôrdos*) são rochedos cortados perpendicularmente, que em algumas partes teem mais de 300 palmos sobre o nivel do mar, e no seu cume está o convento que ultimamente era de frades capuchos, construido sobre tres picos de rocha, por entre os quaes passa o mar, que aqui é escuro e profundissimo; e quando bate furioso nos penedos, passa por cima dos telhados do convento, de um a outro lado.

D'aqui foram para Lisboa os frades de S. Vicente Martyr, em 1173.

—

D. Affonso III aqui mandou fazer uma casa pelos annos 1260, para se abrigarem os que iam em romaria a S. Vicente.

D. Diniz ordenou, por carta regia de 24 de setembro de 1316, ao bispo de Silves, D. Affonso Annes, visitasse esta casa. O cuidado d'ella foi confiado aos frades de S. Jeronymo, sendo então augmentada e feita mosteiro, ao qual o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, fez doação de varios *herdamentos*, confirmada por carta regia de D. Manuel, de 5 de março de 1514.

Em 1516, passou a cargo da Custodia de Santa Maria da Piedade, de frades capuchos; aos quaes ainda o mesmo bispo, por escriptura publica, feita em Silves *o novo*, a 21 de julho de 1520, doou varias outras propriedades, com casas e cêrca, para o convento, *salvas aquellas em que estava a torre do pharol*, para cuja conservação applicava os rendimentos, pedindo aos frades o mandassem accender, *para salvação e guia d'aquelles que ao dito Cabo de S. Vicente vem ter.*

D. Manuel confirmou esta doação, em 7 de agosto do mesmo anno.

—

Dão aqui muitos navios á costa, mórmente indo do N., por ser facil equivocarem-se com a *Ponta da Carrapateira* e a *Torre de Aspa*, que se avistam primeiro e são pontos mais altos que o Cabo.

—

Em 1587, foram incendiados todos os edificios do Cabo, pelos inglezes, escapando apenas uma pequena capella, que não ardeu por ser de abobada; pelo que os frades abandonaram o convento, recolhendo-se a Lagos e Portimão, ficando aqui só a guarnição das baterias, em algumas casas que foram reparadas.

Depois foi reedificado o convento, e os frades tornaram a occupal-o, até 1834. Desde então, tanto o convento como as baterias, ficaram abandonados.

—

Em 1797, lord Jervis, bateu aqui em frente do Cabo e derrotou completamente, a esquadra hespanhola que tinha sahido de Cadix; pelo que o governo inglez lhe deu o titulo de conde de S. Vicente.

Ha em Portugal mais alguns *pontaes* que não merecem o nome de *cabos*.

Ha tambem 76 aldeias com o nome de *Cabo;* mas sem cousa notavel.

CABRA—villa extincta, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 75 kilometros ao ENE. de Coimbra, 225 ao NE. de Lisboa, 120 fogos (na villa e freguezia).

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo da Guarda. (Antigamente era bispado de Coimbra.)

Foi da comarca da Guarda e era da corôa.

É situada em um vallé, sem vistas para outras povoações.

O prior de Arcozêllo apresentava aqui o cura (por ser esta freguezia annexa á de Arcozêllo). Tinha 6$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

Antigamente foi concelho e tinha juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho e mais officiaes, e uma companhia de ordenanças.

Passa aqui o rio Mondego, cujas margens são incultas n'esta freguezia, por serem fragosas.

Junto á villa ha sobre elle uma ponte de cantaria, chamada *Ponte da Cabra.*

Os condes da Figueira eram senhores d'esta villa. (Vide Figueira.)

CABRAÇÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do concelho de Ponte do Lima, mas da comarca de Vallença.

Situada em montanha, mas fertil.

Toda ou parte d'esta freguezia, pertenceu ao mosteiro de Victorino das Donas. Suppõe-se ser uma quinta de algum nobre senhor gôdo, o que se collige de uma escriptura que as freiras do mosteiro de Victorino das Donas levaram, quando foram para o convento do Salvador de Braga, na qual se diz que —indo D. Affonso Henriques á caça dos javalis, a esta freguezia, que é na serra de Arga, acompanhado de Nuno Velho, Sancho Nunes, Gonçalo Rodrigues, Lourenço Viegas, Soeiro Mendes, (o Gordo) Gonçalo Ramires e outros fidalgos; o abbade de Victorino, D. Fernando, lhes deu ahi de jantar, junto á capella de Nossa Senhora de Azevedo, no fim do qual o rei lhe demarcou o couto.

No reinado de D. Sancho I (1187) o seu celleireiro, por estar a capella arruinada, quiz que se lhe pagassem certos direitos, ao que se oppoz a abbadessa D. Sancha, e venceu. Depois foi vigariaria da casa de *Penteeiros.*

As freiras do convento do Salvador de Braga apresentavam aqui o vigario *ad nutum*, que tinha—o passal, 8$000 réis em dinheiro, 2 alqueires de trigo, 4 *cabaços* de vinho e a cêra para as missas conventuaes.

Cria bastante gado miudo e grosso.

Ha por aqui muita caça.

Nasce n'esta freguezia o ribeiro do seu nome (ao qual tambem chamam *Ceadouro*).

Rega e móe e desagua no Lima, proximo á villa de Ponte do Lima.

CABREIRA—freguezia, Beira-Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 85 kilometros ao SE. de Vizeu, 325 ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel (foi do de Viseu), districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, concelho e termo de Castello Mendo.

O abbade de Santa Maria Maior, de Castello Mendo, apresentava annualmente aqui o cura, que tinha 6$000 réis em dinheiro, e o pé de altar.

Passa aqui proximo a ribeira de Pinhel, que nasce a 6 kilometros de distancia e morre no *Côa*, proximo á serra de Morosa.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi annexo ao do Sabugal. Em dezembro de 1870 passou (com outras freguezias) a ser do concelho de Almeida.

CABREIRA—ha em Portugal cinco serras d'este nome—1.ª em Traz-os-Montes, proximo de Barroso, de cujo alto se vê o

mar. Tem 12 kilometros de comprido e 10 de largo. É muito fria. Cria gado, lobos, porcos bravos, raposas, veados e caça miuda. Tem tres fojos para caçar lobos.

A 2.ª é no Minho, com 6 kilometros de comprido e 3 de largo. Tem muito arvoredo silvestre e muita caça. Tem dois fojos para caçar lobos, um no sitio do Chão de Bragados e outro no do Confurco: este fica no mais alto cume da serra.

A 3.ª é no Minho, comarca de Guimarães, com 3 kilometros de comprido e 1:600 metros de largo. Tem rapozas e caça miuda.

A 4.ª é no Minho, comarca de Guimarães, concelho de Vieira, entre as freguezias de Santo Estevão e Santa Maria do Pinheiro.

É muito pedregosa e produz matto alto; n'elle se criam lobos, raposas, porcos bravos, algum gado, mas pouco, e tambem pouca caça miuda.

A 5.ª é no Minho, concelho de Basto; cria lobos, porcos bravos e caça miuda.

Ha tambem em Portugal 16 aldeias com o mesmo nome de Cabreira, que por não ter nenhuma d'ellas coisa digna de nota não descrevo.

CABREIRO — serra, Traz-os-Montes, faz parte da serra do Marão, e fica 18 kilometros ao NO. de Villa Real.

CABREIRO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros ao NO. de Braga, 396 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 306 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença, termo dos Arcos.

Eram seus donatarios os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Situada em um monte d'onde se descobrem varias freguezias.

Os donatarios apresentavam o abbade, que com a annexa (Cistêllo) tinha de renda réis 800$000.

A egreja matriz foi edificada na era de Cesar 1309 (1271 de Jesus Christo) reinando D. Affonso III.

Passa aqui o rio do seu nome, que a fertilisa. Nasce no sitio do Calcado, d'esta freguezia, e morre no Minho. É de curso arrebatado e suas margens são em parte cultivadas.

Ha n'esta freguezia a serra do seu nome.

Foi abbadia *in solidum*, tendo por annexa Cistêllo (ou Sistêllo) dos ditos viscondes.

—

Em Villela Sêcca, d'esta freguezia, vive a gente muitos annos, por cansa da sua salubridade.

—

No tempo da primittiva egreja, os filhos, assim que os paes, por velhos, não podiam trabalhar, os levavam ás costas, a uma lage escorregadiça, e os precipitavam no Poço de Portucales, acima da ponte, que atravessa o rio que vem do Outeiro Maior.

Parece que este acto de horrivel barbaridade o herdaram dos cantabros (ou mesmo seriam cantabros os povos d'esta freguezia).

Foi junto a esta lage que, trazendo um filho, seu pae, este lhe perguntou, que jornada levavam; respondeu-lhe o filho que para perto. «Bem sei, meu filho, disse o velho, levas-me onde eu levei teu avô, e onde te hade levar teu filho.»

O filho, meditando n'isto, tornou a pegar no pae e o levou para casa.

Consta que desde então cessaram estes atrozes parricidios.

Isto é o que consta da tradição, mas supponho que, se é certo ter aqui existido este barbaro costume, terminou pela acção benefica do catholicismo, exercida sobre estes povos, até então incultos e ferozes.

CABREIROS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 40 kilometros a O. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A matriz está no monte do Padrão, fóra do povoado (mas a pouca distancia) e proximo de um regato.

Antigamente na primeira sexta feira e sabbado de junho, ia o parocho com os freguezes em procissão a uma alta serra, chamada Côtto do Nabo, da mesma fregue-

zia, e se recolhia na egreja do Candal. Chamavam a esta procissão—*da Mura*, e consta que foi instituida para afugentar os ratos que lhe destruiam os fructos.

A abbadessa do real mosteiro de freiras bernardas, de Arouca, apresentava aqui o cura, que tinha 30 alqueires de pão, 30 almudes de vinho, 4$500 réis em dinheiro, o dizimo da castanha, do vinho, do linho e o pé d'altar.

Ha aqui bastantes colmeias, e cria-se muito e bom gado, de toda a qualidade.

No monte Vidoeiro ha muitos carvalhos e mais algumas arvores silvestres. N'elle se criam lobos, rapozas e caça miuda.

Junto d'este monte nasce um regato chamado Tevilhão, que réga e móe.

Apesar de montuosa, esta freguezia é bastante fertil.

Eram senhoras donatarias d'esta freguezia, as ditas religiosas, que recebiam os dizimos, menos os exceptuados (os que eram para o cura.)

CABREIROS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisbóa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario collado) era apresentado pelo cabido da Sé de Braga. Tinha de rendimento 70$000 réis.

É terra fertil, posto que o seu territorio seja bastante accidentado.

CABRELLA—villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho e 24 kilometros ao O. de Monte-Mór-Novo, 54 kilometros de Evora, 24 ao N. de Alcacer do Sal, 18 ao S. de Lavre, 40 a E. de Setubal e 65 ao NE. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1757 tinha 343 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um alto. Chamava-se antigamente Aldeia do Pinhal. É povoação muito antiga. A sua primeira situação foi em um outeiro, onde ainda se vêem vestigios da egreja.

A egreja velha foi matriz até 12 de janeiro de 1625, em cujo dia se celebrou alli o ultimo baptismo. Era de abobada.

Consta que D. Affonso I lhe deu foral em 1170, mas Franklim não falla d'elle. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1516, fazendo-a então villa.

E' banhada, pelo norte, por uma ribeira do seu nome, que desagua no mar, proximo a Agua de Moura.

É terra fertil em tudo. Produz muitas varas de porcos nos seus montados. E' abundante de lenha, cria muito gado e colmeias e tem muita caça. Optimos queijos.

Era do mestrado da Ordem de S. Thiago.

A maior parte da freguezia é espalhada por montes (casaes) herdades e sesmarias.

Quasi todas as casas da villa são terreas, menos as da camara e poucas mais.

D'esta freguezia se descobre o castello de Palmella, a serra da Arrabida, a de Monte Junto e o palacio real das Vendas Novas.

E' aqui a divisão do patriarchado com o arcebispado de Evora.

A actual matriz é dentro da villa. O primeiro baptismo e o primeiro casamento que aqui se fizeram, foi a 19 de janeiro de 1625. A Mesa da Consciencia apresentava aqui o prior e um beneficiado, curado; ambos freires da Ordem de S. Thiago. O prior tinha 5 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, e tinha a thesouraria annexa, que rendia 2$000 réis em dinheiro, 4 alqueires de trigo e 5 almudes de vinho. O beneficiado tinha 3 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

Ha ou houve aqui uma albergaria para peregrinos pobres, e se elles vem doentes os remette para o hospital de Monte-Mór-Novo.

Tem casa da Misericordia, com os privilegios da de Lisboa, por alvará de 1601.

Ha n'esta freguezia muitas gallinholas, e nos seus montes bastantes porcos bravos. Os cabritos de Cabrella são muitos e bons. (Querem mesmo alguns que o seu nome lhe provenha de haver aqui muita cabra.)

Tinha antigamente dois juizes ordinarios tres vereadores e um procurador do concelho, feitos de tres em tres annos, por pelou-

ros, a votos dos que serviam na republica, presidindo na eleição o ouvidor de Setubal.

Além d'estas auctoridades e empregados, o prior-mór do real mosteiro de Palmella nomeava o escrivão da camara (que o era tambem do judicial e notas), avaliador, partidor do concelho, escrivão dos orphãos (que o era tambem do judicial e notas) almotacé, contador e distribuidor, inquiridor e escrivão das sizas.

Tinha alcaide pequeno, posto pelo alcaide-mór; mas este era tambem posto pelo mosteiro de Palmella. O alcaide-mór tinha de renda, pelo celleiro da commenda d'esta villa, 2 moios de trigo.

Os aggravos e appellações eram para o corregedor de Setubal; mas o juiz de fóra de Alcacer do Sal, por posse antiga, vinha aqui fazer o lançamento da siza e *cabeção.*

Tinha a villa e seu termo privilegio de não pagarem portagem, por ser terra do mestrado da Ordem de S. Thiago, por alvará de D. Manuel, de 10 de fevereiro de 1516.

A commenda d'esta villa, era da Mesa mestral de Palmella, e se arrendava no mesmo convento; passava o rendimento de um conto de réis, livre dos ordenados que se pagavam ao prior e beneficiados da matriz d'esta villa e ao capellão da capella *curada* do logar da Landeira, nem 25$000 réis que se pagavam á *fabrica grossa* d'esta egreja, réis 9$000 para a fabrica miuda e 3$000 réis para a egreja de Landeira, e outros mais ordenados menores.

Esta terra, é, em muitas partes do seu termo, aspera, montuosa, de maus caminhos e de muitas mattas, serras e brenhas impenetraveis, nas quaes se criam muitos lobos, javalis, rapozas e caça miuda.

Passa aqui a ribeira do seu nome, que nasce nas Silveiras, termo de Monte-Mór-Novo, junta-se-lhe o ribeiro Saphira, o de S. Romão, o dos Cabritos e o de Campo Maior. Não é navegavel por correr arrebatado por entre penhascos; mas no fim d'esta freguezia, corre em despraiado e é de curso placido.

Cria muito peixe, mas diz-se que causa sezões a quem o come. Suas margens são em partes cultivadas.

Do *Porto de Cabrella* para baixo tem muitas arvores pelas margens.

Perde o nome na *Marateca*, tomando este, com o qual se mette no braço de mar que entra por Setubal (Sádo).

Tinha uma companhia de ordenanças, com seu capitão e mais officiaes competentes.

CABRIL ou **BALTAR DE CABRIL** — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros a ONO. de Lamego, 20 a NE. de Arouca, 310 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em terreno muito accidentado.

Muita castanha, boas fructas, e do mais mediania.

Cria muito gado miudo, e nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

CABRIL — freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho da Pampilhosa, 85 kilometros ao NO. da Guarda, 220 ao N. de Lisboa, 170 fogos

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Thomar.

Pertencia á corôa.

Situada na falda da serra do seu nome.

O prior da Pampilhosa apresentava aqui o cura, que tinha 15$000 réis, que o dito prior lhe dava em fructos, e o pé d'altar.

Produz muita castanha, algum milho, e do mais mediania.

Passa aqui a ribeira de *Unhaes.*

CABRIL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (foi até 1855 do concelho de Ruivães), 42 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

É da casa de Bragança.

Situada parte em valle e parte em monte pegado á serra do Gerez, d'onde se vê a villa de Ruivães, Covêllo do Gerez, Parada do Outeiro e Salamonde.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 16 de julho de 1514.

A casa de Bragança apresentava aqui o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra fertil.

Tem muita caça grossa e miuda.

Passa aqui o rio Cávado.

Ha mais em Portugal 5 aldeias chamadas Cabril. Nada n'ellas ha de notavel.

CABRIZ ou **CABRÍS**—aldeia, Beira Alta, freguezia de Sindim, comarca de Armamar, 3 kilometros da villa de Paredes da Beira, 30 ao E. de Lamego, 120 ao SE. do Porto, 2 da margem esquerda do Tavora, 8 da foz d'este rio e 335 ao N. de Lisboa.

Proximo a esta aldeia estão os célebres *Castellos de Cabriz*, sobre a margem esquerda do Tavora.

São trez rochedos alcantilados, contiguos uns aos outros, communicando-se por um carreiro difficilimo (que é uma fenda natural da rocha).

Ha vestigios de terem sido habitados em eras remotas, pelos restos de paredes que ainda existem. Só são accessiveis pelo lado do O., por umas pequenas fendas perigosissimas. Estes castellos serviam, pela sua quasi inaccessibilidade, de abrigo aos povos d'alli, em tempo de guerra.

—

Chamavam-se primittivamente Castellos de Tavora, e era o solar da familia d'este appellido (Tavora).

D. Thedon (ou Theudo, ou Thedo) *Ramirez* e seu irmão *D. Rausendo Ramirez*, eram filhos de D. Ermigio (ou Ermiron) Ramirez e de Dona Dordia Ozores, netos do infante D. Alboazar Ramirez (o Cid) e de D. Helena Godes, e bisnetos de D. Ramiro II, de Leão e da célebre moura Zahara, que se fez christan e tomou no baptismo o nome de Dona Artida (ou Artiga) e foi mulher ou amante do dito rei (vide Ancora, rio) e filha ou irman do rei ou emir mouro de Cale.

D. Thedon e D. Rausendo Ramirez, vieram da provincia do Minho para estes sitios pelos annos de 1062 de Jesus Christo, combater os mouros, e se estabeleceram nas margens do Tavora.

(D. Rausendo foi o progenitor dos Tavoras. D. Thedon morreu solteiro, sem descendentes, nas margens do Thédo, onde os mouros o surprehenderam.—(Vide Thédo e Granja do Thédo.)

É tradição que D. Thedon foi o que fundou a fortaleza ou castello de Cabriz. (Diz-se que sendo o seu primeiro nome, como já disse—*Castello de Tavora*, se lhe mudou muito depois, talvez mesmo depois de estar abandonado)—no de Cabriz, por lhe ficarem em frente uns curraes de cabras (*cabrís*) onde se recolhiam grandes rebanhos d'este gado, que então por alli havia.)

Foi D. Thedon que fundou a povoação proxima, tambem chamada Cabriz.

(Vide Granja do Thedo, Paredes da Beira e Sindim.)

É antiga e constante tradição que pelos annos de Jesus Christo, 1062, nas margens do Tavora, proximo a estes castellos, deram os dois irmãos, D. Thedon e D. Rausendo, uma grande batalha aos mouros, por surpreza, na manhã do S. João d'aquelle anno, em que os mouros se andavam banhando no rio, derrotando-os completamente, e dando esta victoria dos christãos em resultado a tomada da villa de Paredes da Beira.

D. Thedon deu o seu nome ao rio Thédo e á Granja do Thédo; e D. Rausendo á villa de Rézende e outras povoações. (Vide Rezende.)

CAÇARELHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, concelho do Vimioso, 18 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi da comarca do Mogadouro.

Era da corôa.

Situada em uma campina, d'onde se vê o castello da Villa do Outeiro, e varias freguezias e serras de Portugal e Castella.

O bispo de Miranda (depois o de Bragança) apresentava o abbade, que tinha de

renda 650$000 réis, e o abbade d'aqui apresentava uma annexa, que era S. Joanico.

(O *Port. Sacro e Profano*, diz que a apresentação era alternada, do papa e do ordinario.)

É terra muito fertil em tudo, cria muito gado e ha por estes sitios muita caça.

CAÇARILHE ou **CASSARILHE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Eram seus donatarios os marquezes de Vallença.

Situada entre duas serras, d'onde se vêem as freguezias de S. Salvador da Infesta, Santa Tecla, S. Miguel do Carvalho e S. João d'Arnoya.

O abbade era apresentado pelo arcebispo de Braga, e tinha 400$000 réis.

Entra n'esta freguezia a Serra do Viso, que tem de comprido 18 kilometros e 3 de largo. Cria-se aqui muito gado cavallar, bovino, caprino e lanigero. Muita caça grossa e miuda.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia o monte d'Ourilhe, que tem 5 kilometros de comprido e 3 de largo.

O rio Tâmega, com curso arrebatado, atravessa esta freguezia.

CACAVÉLLOS—ha em Portugal 24 aldeias assim chamadas; mas nenhuma d'ellas tem (que me conste) coisa digna de menção.

Não se confunda com *Carcavellos*, que é differente, como adiante se verá.

CACELLA—villa, Algarve, comarca e 12 kilometros a E. de Tavira, concelho de Villa Real de Santo Antonio, 36 kilometros de Faro, 260 ao S. de Lisboa, 500 fogos (com a freguezia)

Em 1757 tinha 291 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Cacella é corrupção da palavra arabe *Cacila*. Significa—prado ou pastagem do gado.

Esta povoação é antiquissima, e, se não é fundação romana, foi edificada pelos mouros, que lhe deram o nome que, com pequena corrupção, ainda conserva.

Pretendem alguns que os phenicios aqui fundaram, pelos annos 3200 do mundo (antes de Christo 804) uma grande cidade, que veiu a ser a capital dos *eúneus* (algarvios modernos) e á qual deram o nome de *Cunistergis* ou *Cunistorgis*. Se assim foi, o mar e o Guadiana deram cabo d'ella. (Vide Cunistergis.)

D. Sancho II a tomou aos mouros, em 1240, mas elles a retomaram logo. O mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, fronteiro mór do Algarve, a recuperou em 1242. Logo em 1240, o rei, em attenção ao mestre, a tinha dado á Ordem de S. Thiago, com o seu castello. D. Affonso III confirmou esta doação em 20 de setembro de 1255.

Mostra evidentes vestigios de ter sido grande povoação antigamente; mas em 1750 já não tinha senão 108 fogos, a villa.

Tinha um castello e reductos muito antigos (talvez do tempo dos romanos) e arruinados.

A fortaleza actual mandou construir D. Rodrigo de Noronha, governador do Algarve, em 1770.

A egreja matriz é um bom e magestoso templo de 3 naves.

Ao prior e coadjutor apresentava a Mesa da Consciencia, por ser da Ordem de S. Thiago.

O prior tinha de rendimento certo 168 alqueires de trigo, 120 de cevada, 15$000 em dinheiro e o eventual, que andava por 100$000 réis.

No tempo dos arabes, e ainda nos principios da nossa monarchia, era uma povoação famosa e importante.

Foi por muito tempo residencia (ou quartel general) do valoroso D. Payo Peres Correia, e aqui estava quando lhe vieram dar parte da infame traição praticada pelos mouros de Tavira, contra sete dos seus principaes cavalleiros: d'aqui marchou elle com

as tropas que pôde reunir, para soccorrer os seus companheiros ou lhe vingar a morte, se não fosse a tempo.

Com effeito, chegando a Tavira já elles tinham morrido gloriosamente. O mestre, no maior accesso de justo furor, sem attender ao diminutissimo numero das suas tropas, investe e toma a cidade, fazendo cruel destrôço nos mouros, que pagaram bem caro a sua traição. (Vide Tavira.)

A invasão das areias do mar, o terremoto de 1755, e a proximidade de uma lagôa, que aqui formam as aguas da ribeira Pedra-Alva, a quem as areias da costa impedem a sahida, tem concorrido para o aniquilamento e despovoação d'esta villa. Tambem é sitio doentio por causa das aguas estagnadas da lagôa; sobre a tal ribeira e a meia distancia entre Villa Real e Tavira, mandou o santo bispo D. Francisco Gomes d'Avellar, construir uma bôa ponte de pedra.

O terremoto deitou por terra varias casas e arruinou a egreja matriz; mas o mesmo bispo a fez reconstruir.

Em 1840, já da antiga e grande villa de Cacella, não existia senão a egreja, as ruinas dos antigos paços do concelho, as residencias do parocho e sachristão e mais umas 6 ou 7 moradas de casas!

A pouca distancia da villa (ou do sitio d'ella) para o lado do N., se tem achado alicerces e ruinas, que indicam ter alli sido o primittivo assento da povoação.

A freguezia (excluindo o termo) tem 9 kilometros de comprido, de N. a S., e 6 de largo, d'E. a O.

É muito espalhada, por casaes (montes) e fazendas, ficando-lhe a egreja na extremidade.

Corre pela freguezia a ribeira da *Gáfa*, que nasce na serra, a E., e morre, a O., na ribeira do Almargem.

Em Cacella desembarcou, a 24 de junho de 1833, o general conde de Villa Flor (duque da Terceira) com uma força de 2:500 homens, com a qual atravessou todo o Algarve, que conquistou em seis dias. Reforçada esta força, com as tropas da brigada da marinha, da esquadra realista, que se tinha passado para a liberal, e com os officiaes e soldados realistas, que tinham desertado da divisão do general legitimista, visconde de Mollelos, marcha em direcção a Lisboa. Encontra-se, na Cóva da Piedade, com o general Telles Jordão, com 3:000 homens, alli, e em Cacilhas o derrota e mata (23 de julho) e no dia seguinte entra em Lisboa.

Vide Cacilhas, Cova da Piedade, Lisboa, e, sobre tudo, Historia de Portugal, no fim do Diccionario.

—

É terra abundantissima de peixe de varias qualidades, por ser proximo da costa.

Hoje, mal merece o nome de villa.

Tinha até 1834, juiz ordinario, com jurisdição em todo o termo, o qual constava de 30 kilometros de N. a S., e 6 d'E a O.

É terra muito fertil em vinho, azeite, amendoa, figos, trigo e cevada. Muitos e bons pastos (origem do nome da villa.)

Tem uma serra do seu nome, em partes cultivada e, onde o não é, tem caça grossa e miuda.

Pela freguezia passa a ribeira da Pedra-Alva, que desagua no mar. Tem lagares d'azeite, moinhos e réga. Traz peixe.

D. Diniz a fez villa e lhe deu foral em Lisboa, a 17 de julho de 1283.

(Não me consta que tenha foral novo.)

CACEM — Vide S. Thiago do Cacem.

CACHADA = Ha em Portugal 40 aldeias d'este nome, e 4 chamadas Cachadas. (Vide Cachadinha.)

CACHADINHA — 8 aldeias d'este nome. Nenhuma d'estas nem das antecedentes tem cousa notavel.

Cachadinha é diminutivo de Cachada, e esta palavra, no portuguez antigo, significa *Arroteia*. (terra cultivada de novo.)

No Alto Minho, ainda se diz geralmente cachada por arroteia.

Á arroteia se chama em Arouca, *rompida*; na Terra da Feira, escouça, na maior parte do S. do reino *róssa*, ou *roça*.

CACHÃO — Vide Douro, rio.

CACHARIA — antigamente Cacheiria) aldeia, Extremadura, freguezia de S. Pedro de Dous Portos, comarca e concelho de Torres Vedras (foi até 1855, do concelho da Ribaldeira) 36 kilometros ao NE. de Lisboa, 52 fogos.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora dos Prazeres, e junto d'ella uma albergaria.

Tinha antigamente juiz, escrivão e mordomos, sujeitos ao provedor de Torres Vedras. É terra fertil e produz muito e optimo vinho.

CACHARIA ou **CACHARIAS** (antigamente **CACHEIRIA**)—aldeia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ourem, freguezia de Nossa Senhora da Purificação de Ceiça, 30 kilometros ao N. de Leiria, 132 ao N. de Lisboa.

É aqui a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Escreve-se vulgarmente *Caxarias*.

Ao S., entre esta estação e a de Chão de Maçãs, é o primeiro tunnell do caminho de ferro. (Indo do Sul para o Norte e Leste.)

CACHEIRO ou **CAIXEIRO** (hoje chama-se *S. Mathias de Montes Claros*)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 40 kilometros de Portalegre, 195 ao E. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Orago S. Mathias.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente da comarca de Portalegre.

Situada em um alto d'onde se vê Niza, Castello de Vide e a villa dos Envendos, do priorado do Crato.

O vigario era freire da Ordem de Christo, apresentado pela Mesa da Consciencia. Tinha dois moios e meio de trigo, um de centeio, 26 almudes de vinho môsto, uma arroba de cêra e 12$000 réis em dinheiro. O thesoureiro tinha 1 moio de trigo, 6 alqueires do mesmo para hostias, 6 almudes de vinho môsto para missas, 4 alqueires de azeite para a alampada e 5$000 réis em dinheiro.

É terra fertil, sobre tudo em trigo e centeio.

Passa aqui a ribeira de Palhaes, que rega e móe.

Não se confunda este Montes Claros, com o outro em que foram derrotados os castelhanos. Este é proximo de Borba. (Vide Montes Claros.

CACHOEIRAS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, 48 kilometros ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente da comarca e termo de Alemquer.

Era da casa das rainhas.

Situada na costa de um monte, d'onde se descobrem varias serras e povoações.

É terra fertil.

O prior de Santo Estevão de Alemquer, apresentava aqui o cura, que tinha de renda 100$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o seu rendimento, era 80 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho, dois cantaros de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

Tinha antes de 1834 juiz pedaneo, posto pela camara de Alemquer.

Aqui nasceram Philippe de Sousa, capitão de mar e guerra, e seu irmão Francisco de Sousa, nosso embaixador na Hollanda; Gomes Freire de Andrade, sargento-mór de batalha (avô do infeliz general que morreu enforcado em 1817 e que tinha o mesmo nome;) Bartholomeu de Gambôa, provedor dos contos do reino e casa, etc., etc.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce em varios sitios, que são: Monfalim, S. Quintino e Chão da Estiva Corda; formando todos estes regatos o tal rio, que, todavia, é pequeno. Toma diversos nomes, segundo os logares por onde passa. Cria bastante peixe, e morre na margem direita do Tejo, no sitio da Volta da Marinha, entre Villa Nova da Rainha e a Castanheira. Suas margens são cultivadas e ferteis. Tem uma ponte de cantaria, chamada da Couraça, entre a quinta dos marquezes de Abrantes e o Carregado. De verão fica quasi sêcco.

CACHOPO—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 40 kilometros de Faro, 265 ao S. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

Orago Santo Estevão.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Era antigamente do termo de Alcoutim (d'onde dista 40 kilometros para o O.)

Era da corôa.

Situada em um monte e cercada por um ribeiro, d'onde nada se vê, por causa da serra que tem á roda. Clima excessivo.

O bispo do Algarve apresentava o cura, que tinha de renda 9 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, certos, e de incertos, 3 moios de trigo e 1 de cevada. Tinha coadjutor, que tinha 3 moios de trigo, pagos pelos freguezes.

Fertil em cereaes (sobre tudo centeio, castanhas e nozes) e produz dos mais fructos o sufficiente para a freguezia.

Esta freguezia tem na serra 24 kilometros de comprido, desde os montes de Pêro Chumaço (que são do concelho de Fáro) até ao de Cabeças Gordas, do concelho de Tavira, e 18 de largo, desde a aldeia da Mealha, concelho de Alcoitim, até ao monte Garrôbo, concelho de Tavira. Tudo de serra.

Cria bastante gado miudo e grosso, e tem muita caça e lobos.

Está esta freguezia entre os rios Foupana ao N. e Odeleite (ou Deleite ou De-Leite) ao S. que ambos trazem bastante peixe, e morrem na margem direita do Guadiana.

Tambem passam n'esta freguezia os ribeiros do Leitejo (que se mette no Benaflor) das Vargens do Velho (que nasce em Pêro Sancho, freguezia de S. Braz, e morre no rio de Tavira e Asséca, no sitio da Aventurosa.)

Passa pela freguezia a estrada de Tavira para Lisboa.

Tem aguas ferreas em differentes sitios.

CACÍA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao NNO. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 447 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em uma bonita, extensa e fertil planicie, sobre a margem esquerda do Vouga, e atravessada pelo caminho de ferro do Norte. D'aqui se vê Fermelan, Salreu, Canellas, Veiros, Murtosa, Estarreja, Angeja e varias povoações e montes.

É um dos bonitos sitios por onde passa o caminho de ferro.

Tem extensas veigas pantanosas ao O., que produzem arrôz e muitos pastos com que se engordam muitos gados, sobre tudo cavallar, muar e asinino.

É povoação antiquissima (e foi villa.)

O conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza, deram metade d'esta freguezia ao convento de Lorvão, por carta de 24 de janeiro de 1076 de Jesus Christo (1114 de Cesar.)

A abbadessa de Lorvão apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis.

Pretendem alguns que a antiga cidade de *Talabriga* existiu aqui, o que me parece êrro; todavia esta povoação foi muito mais extensa na antiguidade, do que ha vestigios e tradições. (Vide Aveiro e Esgueira).

CACILHAS—grande aldeia, Extremadura, freguezia, de S. Thiago, da villa de Almada, a cuja comarca e concelho tambem pertence, e d'onde d'ista 1:500 metros, ao NE., 5 ao S. de Lisboa, e do seu patriarchado e districto administrativo.

Tinha em 1757, só esta povoação, 158 fogos, hoje tem uns 300.

É situada na margem esquerda do Tejo, sobre uma pequena rocha, que entra, em fórma de peninsula, pelo rio, fazendo uma enceada, capaz de conter 40 embarcações de pequeno lote. Na ponta da rocha, ao S., a que chamam *Pontal de Cacilhas*, tem um forte, hoje desartilhado, que antigamente era defendido por oito bôccas de fogo.

O Tejo, que na sua foz tem 3 leguas de largura, vae estreitando até ao *Pontal de Cacilhas*, onde só tem 5 kilometros. Torna logo aqui a alargar, e mais acima recupéra a largura da sua foz; formando uma vasta e formosissima *bacia*; em cujas margens se ostentam, do lado do Alemtejo, Seixal, Barreiro, Alhos-Vedros, Lavradio, Aldeia Galleg a de Riba Tejo, Sámouco e Alcochete. Ao ENE., ainda ao S. do Tejo, vastas e formosas lesirias, e ao N. do rio, na Extremadura propria, Alhandra, Alverca, Póvoa, S. João da Talha, Sacavem, Olivaes, Poço do Bispo, Beato e finalmente Lisboa.

A maior parte da população da Cacilhas

é composta de calafates, barqueiros e marinheiros.

O sr. Sampaio mandou construir aqui uma excellente doka, onde se concertam muitos navios.

Ha aqui uma grande capella, dedicada a Nossa Senhora do Bom Successo, vulgarmente chamada Santa Luzia, que foi antigamente hospital de Lazaros.

Ha tambem a capella de Nossa Senhora da Palma.

É terra fertil, bonita e produz optimo vinho.

Dois kilometros ao S. de Cacilhas, fica o bellissimo e pittoresco sitio, da Cóva da Piedade, onde, principalmente no verão, afflue grande numero de familias de Lisboa, a gosar as amenidades d'esta linda povoação. (Vide Cóva da Piedade.)

O caes de Cacilhas é concorridissimo de toda a qualidade de barcos, e aqui estão de meia em meia hora, aportando os vapores que atravessam o Tejo, levando e trazendo passageiros e toda a casta de mercadorias.

O panorama que se gosa de Cacilhas é magestoso, pois além de se vêr a maior parte de Lisboa e o Tejo famosissimo, se vêem outras muitas povoações das duas margens. É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos arabes (e provavelmente no dos romanos) mas não pude saber por quem nem quando foi fundada.

Cacilhas é palavra arabe (com pequena corrupção) *Cacila*, que significa pastagem de gado.

Ha outra Cacilhas na freguezia de Oeiras. Tem a mesma etymologia.

CADAFAES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 48 kilometros ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O seu antigo orago era Nossa Senhora das Candeias, on do Azambujeiro.

Situada em terreno muito accidentado, mas fertil.

O juiz e irmãos da confraria do Santissimo Sacramento, apresentavam o cura *in solidum*. Tinha 1 alqueire de trigo de cada fogo e dos viuvos e viuvas meio alqueire; os que tivessem vinha (ou propria ou arrendada) lhe davam 1 almudo de vinho, e os viuvos e viuvas meio.

N'esta freguezia, na raiz do outeiro do *Valle do Golfa*, está o convento de Santa Catharina da Carnota, de frades capuchos de Santo Antonio, fundado por fr. Diogo Arias (asturiano) e fr. Affonso Saco (gallego) em 1408.

Tem uma linda e grande cêrca e uma extensa matta, a maior parte d'ella sôbre um grande penhasco. Espalhadas pela matta ha muitas ermidas, com os diversos *passos da Paixão* de Jesus Christo, muito devotas e de grande concorrencia.

O edificio d'este convento (como quasi todos de Portugal) depois de estar alguns annos abandonado e a principiar por isso de desmantellar-se, foi vendido a um inglez (depois feito conde da Carnota) por uma bagatella, assim como a sua bella cêrca.

Deve porém confessar-se que o sr. conde que é um distincto escriptor, e homem de vasta instrucção e muito bom gosto, transformou o mosteiro em uma bella e sumptuosa vivenda. Deve mencionar-se o sr. Guilherme Henriques, administrador d'esta quinta, que a uma grande actividade junta um aprimorado gosto, o que sobremaneira tem concorrido para o actual aformoseamento d'esta vivenda. O sr. Henriques, além de ser um optimo administrador, é um joven escriptor de muito talento, que além de outros escriptos, publicou em 1873 um curioso livro sobre cousas de Alemquer, no qual revella muita intelligencia e aturado estudo. (Vide Carnota.)

Passa pela freguezia o ribeiro dos Refugidos, e abaixo d'elle, ao N., está uma grandiosa fonte, chamada da Pimenta, que nasce debaixo de um rochedo e lança grande volume de agua.

Diz-se que esta agua é remedio infallivel contra a dôr de pedra e areias.

Na egreja matriz ha duas lapides, com inscripções romanas.

Em 1855, caindo n'este sitio da parede, a cal que a rebocava, é que se descobriram

as duas pedras. A primeira tem um metro de largo e dois de comprido, diz:

D. M.
I. TERENTIVS
PRIMITVS
AN. XXXII
JVNIA FESTINA. MATER
F. PIENTISSIMO
F. E. C.

Quer dizer:

«*Dedicada aos deuses manes. Junia Festina, mandou fazer esta sepultura, para seu filho piedosissimo, Terencio Permicio, que morreu de 32 annos.*»

A segunda (que não está inteira) diz:

D. M.
M. FABRITIVS
F. FILIVS C. MAR
CIANVS. AN. XXII
SEV. FLORILLA.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Não se póde ler mais, por lhe faltar a parte inferior.

Indica ser a *sepultura de Marciano Fabrício, filho de Caio Marciano, que morreu da edade de 22 annos. Dedicada aos deuses manes, por Severina Florilla, etc.*

E' pois muito provavel que esta egreja esteja edificada com os materiaes de algum templo ou outro qualquer edificio romano; ou que algum templo romano fosse em tempos remotos transformado em egreja christã.

—

Esta freguezia é situada na extremidade do concelho de Alemquer, e confina com o de Villa Franca, pelo O. e S., pelo N. e E., com a freguezia de Santo Estevão de Alemquer e annexas.

O vinho de Cadafaes (principalmente o branco, que é egual ao de Bucellas) teve grande fama, e exportava-se em grande quantidade para o estrangeiro.

Esta freguezia foi muito mais extensa, e abrangia a rica propriedade chamada a Granja, que foi dos padres de S. Vicente, e hoje é dos srs. duques de Palmella. A quinta da Carnota de Baixo, que é muito antiga, e que, depois de pertencer á casa dos srs. marquezes de Penalva, hoje é tambem dos srs. duques de Palmella. Uma quinta ao pé das Caxoeiras, que foi de Luiz de Sousa Pacheco. A quinta junto á Ponte da Couraça, que, em 1707, pertencia aos marquezes de Fontes, e depois aos de Abrantes.

A matriz está situada proximo da aldeia de Cadafaes. E' um edificio vasto e decente, mas de architectura simples.

Foi edificada, pelos annos de 1550, por Vasco de Carvalho, mas tem soffrido varias reconstrucções. No centro da abobada tem as armas do fundador, que era dono da quinta da Peça, a qual era obrigada á fabrica da egreja.

Na capella estão as sepulturas de Vasco de Carvalho e de sua mulher, D. Isabel de Sousa e de Nicolau de Sousa Carvalho, seu filho, em uma mesma campa, e a de Antonio de Carvalho e Sousa (filho do fundador) e de sua mulher, D. Brites Brandão, em outra sepultura. Ambas têem inscripções que explicam isto.

A egreja actual foi reconstruida e ampliada em 1680.

Na capella-mór ha um *carneiro*, e na parede, do lado do Evangelho, uma lapide com as armas da familia do primeiro fundador, e a seguinte inscripção:

«*Esta capella é de Diogo de Sousa e sua mulher Philippa de Sousa e de todos os seus descendentes. 1681.*»

N'este carneiro se sepultou a sr.ª condessa da Louzã (julgo que em 1846). Era mulher do sr. conde D. Diogo. Na occasião do funeral, passando um dos padres pela capella-mór, sem reparar que estava aberto o carneiro, caiu n'elle, e ficou de tal modo ferido, que poucos dias sobreviveu á quéda.

Proximo á egreja ha um soffrivel cemiterio, feito á custa do povo, em 1850.

O documento mais antigo que no cartorio d'esta parochia se encontra, é um assento de baptismo, de 1627.

As aldeias que actualmente pertencem a esta freguezia, são: Cadafaes, Refugidos, Guizandaria, Cascaes, parte do logar do Carregado e o extincto logarejo da Carnota.

Na Castanheira, proximo á matriz, houve uma magnifica fabrica de sedas, que foi do fallecido sr. conde do Farrobo.

—

Ha n'esta freguezia algumas boas propriedades.

A quinta do Cesar, pertencente em outro tempo á nobre familia dos Cesares, e é hoje dos srs. marquezes de Sabugosa.

Na vêrga do portão d'esta quinta, ha a seguinte inscripção:

CAESARE
III
AVSPICIO
1613

A quinta das Amendoeiras, pertencente ao antigo morgado de Oliveira.

A quinta de Valle Flores, que é do morgado do Juncal.

O Casal do Bernardo, uma bella propriedade, foreira aos srs. condes de Lumiares, e do dominio util da Companhia do Credito Predial Portuguez. Chamava-se esta propriedade, antigamente, Quinta da Fonte da Pimenta. Tinha as officinas no sitio onde agora está a azenha da Pimenta, e derivava o appellido, de um olho de agua salôbra, que rebenta com grande força, proximo á azenha.

Esta propriedade foi de Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de D. Ignez de Castro (7 de janeiro de 1355). Dos seus tres cumplices, foi elle o unico que escapou ao cruel, mas merecido castigo. (Vide Coimbra e Santarem). Parece que lhe não foi sequestrada esta propriedade, pois que nos fins do seculo XV, ainda era da familia dos Pachecos. Depois passou para a familia Cunha, pois em 1760 era de Manuel Ignacio da Cunha.

A Quinta da Ferraguda, que em 1707 era de João Homem do Amaral, e hoje é do sr. Eugenio da Encarnação.

—

Tem esta freguezia, as quintas e casaes seguintes:

Quintas—Mécca, da Ponte, Amendoeiras' Valle de Flores, Carvalho, Cesar, Pôço, Velha, Outeiro, Chamalaria, Ferraguda, Santo Antonio e Grillo.

Casaes—Torino, Marmelleira, Amoreira, Guedêlha, Córvaceira, Bernardo [1] e Préces.

—

A aldeia de Cadafaes, é muito antiga, e talvez já existisse no tempo dos romanos. Em 1435, foi arrazada por um violento terremoto, morrendo todos os seus moradores, deixando apenas com vida duas creanças.

Tinha em 1707 (segundo a Chorographia do padre Carvalho) 42 fogos, hoje tem 62.

—

A origem do nome da aldeia de Refugidos, parece ser por aqui se terem refugiado os mouros, depois da tomada d'Alemquer. Tambem o terremoto de 1435 aqui fez grandes estragos e algumas victimas. Tinha em 1707 12 fogos, hoje tem 32.

Em 1811, os francezes saquearam e devastaram esta aldeia e assassinaram um dos habitantes.

Houve em 1645, um famoso prégador, d'aqui natural, chamado fr. Manuel dos Refugidos. Era capucho.

—

A *Guizandaria* (aldeia) fica proximo ao Carregado. Em 1707 tinha 28 fogos, hoje tem 63. Ha aqui uma capella que foi dedicada a Santo Antonio, mas está em ruinas. Tinha casa de residencia para eremitão. Ha tambem n'esta aldeia um bello lagar d'azeite.

Tambem foi saqueada, em 1811, pelas hordas de Napoleão, que profanaram a capella. Desde então, nunca mais alli se disse missa.

—

Casaes—(aldeia) é o que o seu nome indica. São varios casaes espalhados, comprehendendo 46 fogos. Teve uma capella dedicada a Santo André, apostolo, que já não existe ha muitos annos.

[1] É notavel esta coincidencia de nomes. Na margem esquerda do Douro, freguezia de Penajoia, ha a quinta da Corvaceira (dos srs. Ferreiras) e logo abaixo, a pouca distancia, e tambem á beira do rio, o Casal do Bernardo. Vide estas duas palavras.

Carnota — foi aldeia. Hoje é a quinta da Carnota de Baixo.

Em 1707 tinha 8 fogos, actualmente, tanto as casas, como a ermida, decicada ao Bom Jesus, estão em ruinas. Havia na ermida as imagens do Bom Jesus e de Nossa Senhora do Bom Successo, ambas objecto de muita devoção e muitas romarias, em todo o anno; mas especialmente na dominga do Espirito Santo: vindo n'esse dia um Cirio de Lisboa.

Em 1727, os romeiros lisbonenses, desgostosos (não se sabe porque) deixaram de aqui vir, e erigiram, á sua custa, a capella de Nossa Senhora da Graça, na Carnota, para onde possou o Cirio e as romarias.

A quinta da Carnota de Baixo, era vinculo, de Manuel Freire d'Andrade, que foi o fundador da capella, e suas armas estão sobre a porta.

São: uma banda vermelha, coticada d'ouro, em campo verde, e as palavras AVE MARIA, em lettras negras por orla, em campo de prata.

CADAFAZ — Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 285 ao NE. de Lisboa. 90 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Situada a meia ladeira de um monte. O prior de S. Martinho, da villa de Celorico, apresentava aqui o cura, que tinha 35$000 réis e o pé d'altar. É terra fertil.

CADAFAZ — freguezia, Beira-Baixa, comarca d'Arganil, concelho de Góes, 35 kilometros a NE. de Coimbra, 22 O ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Bispado e districto administrativo deCoimbra.

Orago Nossa Senhora das Neves ou das Necessidades.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Era antigamente da comarca de Coimbra.

Eram seus donatarios os condes de Villa Nova de Portimão.

A egreja é pequena. O cura era annual, apresentado pelo vigario da matriz, de Góes. Tinha 14$000 réis de congrua, pagos pelos beneficiados da mesma egreja de Góes, e 2$000 réis pelos freguezes d'aqui. Pagavam mais estes 30 alqueires de trigo e uma pequena porção de castanhas, a que chamavam magusto. Andava tudo por 100$000 rs.

Todos os logares da freguezia são encostados ás serras da Cabreira e Baçô, que ambas nascem na serra da Estrella, e d'ellas principia o rio Ceira. Fertil.

Nos montes ha caça grossa e miuda. Passa pela freguezia o tal rio Ceira, que móe e réga.

CADÃO — Ponto perigoso, no rio Douro. Vide Douro, rio. Querem alguns que os romanos lhe chamavam Callipus. Duvido.

CADAVAL — villa, Extremadura, comarca d'Alemquer, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 12 ao S. de Obidos, 160 fogos, no concelho 1:330.

Patrirachado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Feira a 8 de dezembro. Fertil.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras.

É a cabeça do ducado de Cadaval, e eram seus donatarios os duques d'ella, a quem os moradores pagavam os oitavos do vinho e linho.

O primeiro duque de Cadaval, foi D. Nuno Alves Pereira de Mello, marquez de Ferreira, feito por D. João IV, em 26 d'abril de 1648.

Para a genealogia dos duques do Cadaval, vide Guarda, no artigo Barbadão. O sr. I. de V. Barboza diz que este duque foi feito a 18 de julho.

Tem theatro. Da villa se vêem as aldeias de Pragança, Vermêlha, Póvoa e Rocheforte, todas do termo de Cadaval. (A villa está em um alto.)

Era antigamente do termo d'Obidos, d'onde a desmembrou, em 1371, D. Fernando I, que então a fez villa, e a deu, com toda a sua jurisdição, a D. João Affonso Tellos de Menezes (seu cunhado) conde de Barcellos e Ourem, mordomo-mór, e alferes-mór do dito rei. Por sua morte, tornou á corôa, e D. João I, a deu a D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, conde d'Arrayolos.

Tem esta freguezia muitas, grandes e bellas quintas e bonitos e rendosos casaes.

O prior da egreja de S. Pedro, d'Obidos, apresentava aqui o cura (por esta egreja ser annexa á de S. Pedro) e tinha, o cura, um moio de trigo, duas pipas de vinho, e 30 alqueires de cevada.

Tinha uma albergaria, muito pobre, que era administrada por um mordomo, nomeado pelo provedor de Torres Vedras.

Até 1834, tinha juiz ordinario, ouvidor e camara e mais empregados judiciaes e municipaes.

É terra abundante de boas aguas, que se dizem muito eficazes para a cura de molestias de bexiga, dôr de pedra, areias, etc. etc.

Parte da serra do Monte-Junto pertence a esta freguezia.

No termo d'esta villa está o hospicio de Nossa Senhora das Neves, de frades dominicos, fundado na serra de Monte-Junto.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, no primeiro de outubro de 1513.

Passa aqui o rio Bogota, que nasce n'esta freguezia, formado de varios arroyos.

Tem lindas e ferteis varzeas, que se estendem desde a quinta do Brigadeiro até á Vermêlha.

Creem os povos d'aqui que o pó extrahido das costas de Santo Estevam, que existe em uma pequena ermida, na aldeia da Sobreira, d'esta freguezia, misturado em bom vinho, livra de sesões; pelo que a imagem (que é de pedra) está já quasi sem costas!

Produz muito e optimo vinho, que é a sua pricipal riqueza.

Junto á villa ha tenue vestigios de edificios árabes. A villa não possue antiguidades, mas tem bons predios, sendo um dos melhores a casa do snr. Feliciano José da Silva.

É tambem digna de mensão a quinta de D. Amiga, muito aprasivel e fertil, com lindas alamêdas e formosas ruas, e que é o mais bonito passeio da villa.

Ha ainda em Portugal nove aldeias chamadas Cadaval, mas nenhuma tem nada notavel.

—

D. João IV, querendo premiar os relevantes serviços prestados á causa da restauração de Portugal, por D. Nuno Alvares Pereira de Mello, IV marquez de Ferreira e V conde de Tentugal, o fez duque de Cadaval, em 18 de julho de 1648 (ou segundo outros em 26 d'abril desse anno.

—

D. Nuno casou tres vezes (as duas ultimas com duas princezas da casa de Lorêna, em França, hoje Prussia.)

A varonia dos marquezes de Ferreira é a mesma da de Bragança.

D. Alvaro, filho de D. Fernando I, do nome e segundo duque de Bragança, e irmão de D. Fernando II, casou com D. Philippa de Mello, filha e herdeira dos condes d'Olivença. D'este casamento nasceu D. Rodrigo de Mello, que foi primeiro conde de Tentugal e primeiro marquez de Ferreira.

—

Foi segundo duque de Cadaval, D. Luiz, filho do duque D. Nuno, que casou com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II. Morreu novo e sem filhos, pelo que lhe succedeu o terceiro duque de Cadaval, seu irmão D. Jaime, que tambem casou com a viuva de seu irmão. Foi quarto duque, seu filho D. Nuno; quinto duque, o filho d'este, D. Miguel, que casou com uma filha dos duques de Luxemburgo. 6.º duque, D. Nuno Caetano Alvarez Pereira de Mello, que casou com D. Maria Domingas de Bragança Ligne e Souza, filha do esclarecido D. João de Bragança, duque de Lafões.

7.º, a senhora D. Maria da Piedade Caetana Alvares Pereira de Mello, condessa de Tentugal, actual representante e senhora da opulenta e nobilissima casa do Cadaval.

É casada com seu tio paterno, o sr. D. Jaime Caetano Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira.

D'este casamento ha dous filhos, gemeos, são os srs. D. Nuno Alvares Pereira de Mello e D. Jayme A. Pereira de Mello.

Os filhos primogenitos dos duques de Cadaval são marquezes de Ferreira, e os segundos condes, de Tentugal.

—

E' esta villa patria do historiador Duarte Ribeiro de Macêdo, e do jurisconsulto Fernando d'Abreu e Faria, que nasceu em 1660

e aqui falleceu em 1737. Foi juiz de fóra d'Obidos e ouvidor d'Alemquer. Por morte de sua mulher, se fez padre, e foi desembargador da relação ecclesiastica de Lisboa e visitador da comarca de Santarem. Escreveu, alem d'outras obras menos importantes, o Commentario ás Ordenações do Reino.

—

Segundo diz Francisco Antonio de Mattos, os casamentos das pessoas d'aqui, pouco abastadas, fazem-se ás segundas feiras.

Á hora marcada para a ceremonia nupcial, dirigem-se os noivos para a egreja, acompanhados dos competentes convidados, que vão embrulhados em compridos capotes. Durante o acto religioso, é levado para o adro, por duas raparigas, um vistoso arco, formado de cannas verdes, guarnecido com fitas e lenços de sêda, de differentes côres. As raparigas são sempre das mais novas, bonitas e solteiras, que se apresentam com as suas melhores galas.

No centro do arco vêem-se pendurados emblemas allusivos á occupação dos noivos. Se elle é jornaleiro, é uma enxada de papel, e se ella é tecedeira, um pente de tear, collocado junto da enxada, etc.

Finda a ceremonia, dirigem-se os esposos para casa, passando por baixo do arco; sendo n'esse acto saudados e festejados. Segue-se depois o jantar da vôda, e durante uma boa parte da noite ha baile, ao som de flautas e guitarras.

No fim do bailarico, recebe a esposa um ramo de flôres seccas, denominado *ramo matrimonial*, que existia na mão da que ultimamente tinha casado, a qual, desde este momento perde o titulo de noiva.

—

Em março de 1862, havia no Cadaval, duas lojas, com 2 caixeiros, e duas balanças em cada uma, 2 egrejas, cada uma com 2 sinos, 2 facultativos, 2 tabelliães, 2 cantores, 2 alfaiates, 2 ferradores, com duas bigornas cada um, 2 ferreiros, 2 barbeiros, 2 tabernas, 2 estalagens, 2 cemiterios, 2 sapateiros, bons, 2 pedreiros, 2 carpinteiros, casados, 2 engenheiros (carpinteiros de moinhos); nos paços do concelho, 2 salas para sessões, 2 cadeias, com 2 janellas cada uma, 2 nascentes de optima agua potavel, 2 chafarizes, 2 portas e 2 janellas no theatro, e finalmente 2 moinhos ao norte e outros 2 ao sul.

—

Este concelho é composto de 9 freguezias, que são: Péro Moniz, Cadaval, Peral, Vermêlha, S. Thomé das Lamas, Villar, Figueiros, Cercal e Alguber.

CADELLA—serra, Douro, termo do Porto, caminha de N. a S. Ha espalhadas por ella varias povoações e as freguezias de Melres, Aguiar de Sousa, S. Martinho do Campo, etc., etc.

D'ella sahem os braços chamados: Açôres, Santa Iria, Santa Justa e Pena-Porta. É cortada de varios rios e regatos. É bastante alta e em grande parte coberta de penedias e mattagaes, onde antigamente havia lobos e porcos bravos. Hoje apenas ha caça miuda.

É tradição que em um braço d'esta serra, ao SE. da aldeia do Covêllo, a 2 kilometros da margem direita do Douro, onde hoje ha grandes pinhaes, existiu em eras remotas uma cidade, que alguns dizem ser a antiga *Penafiel*, que foi abandonada em 850.

Para vêr se por aquelles sitios descubria alguns vestigios de edificios antigos, alli fui, em 1866, e em um dia inteiro que por alli andei a indagar, nada absolutamente vi, que possa, nem de longe, verificar a tradição.

Entendo (e d'esta opinião são bons escriptores antigos) que a primittiva *Penafiel* era na foz do rio Sousa, e d'ella (ou de antiga povoação, qualquer que fosse o seu nome) ainda ha vestigios. (Vide Sousa e Penafiel.)

CADIMA—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros de Cantanhede, 24 ao NO. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 960 fogos, 4:000 almas.

Em 1757 tinha 434 fogos.

Tinha o concelho, 2:740 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó e S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era um antiquissimo concelho, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

Foi antigamente da comarca de Coimbra, e do termo de Monte-Mór-Velho.

Era da corôa.

É terra muito fertil.

Esta villa tem-se desenvolvido muito ha 120 annos, pois ainda em 1757 não tinha senão 27 fogos, e hoje tem quasi 200.

Situada em uma vasta e fertil campina.

Em um padrão de marmore, que está do lado de fóra da porta principal da egreja, debaixo do alpendre, está a seguinte inscripção, em lettra gotica:

Era 1219 (anno 1181 de Jesus Christo) 15 kalend. Martii dedicata fuit Ecclesia ista, in honore Sanctæ Mariæ, et Vincentii, in diebus Domini Ildefonsi Regis: et consecravit eam Vermundus Episcopus regens domum istam Menendus Pelagii, que eam fecit consecrare pro remedio animæ suæ.

A Universidade de Coimbra apresentava o vigario (por concurso) que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Ha muitos seculos que era concelho com juiz ordinario e camara, estando sujeita no crime a Montemór Velho, e no civel ao ouvidor da Universidade.

Ha aqui muitos pinhaes bravos, e por conseguinte grande abundancia de madeiras.

No sitio das Fervenças, ha dois olhos de agua, que sórvem tudo quanto se lhes lança, ainda que sejam arvores inteiras. Já Plinio, o naturalista, celébra esta fonte, a que chama *Catinense*. Suas aguas vão formar a lagôa de Mira.

Segundo a opinião de muitos antiquarios, Cadima se chamava, no tempo dos romanos,—*Catina*. É certo que Plinio lhe deu este nome e por isso á tal fonte da Fervença chamou *Catinense*.

Tem foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514.

Cadimo significa—patente, manifesto, e o que usa continuamente de um officio.

Tambem se chamava *cadima* á ponte e estrada publica. Isto no antigo portuguez. Na lingua arabe *cadima* quer dizer—antiga.

CAFEDE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 75 kilometros da Guarda, 210 ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

Era da corôa.

É terra fertil.

Antigamente foi do bispado da Guarda.

Situada em um alto, d'onde se vê Castello Branco, Alcains, Castello Novo, Soalheira, Lordosa, Alpedrinha. S. Vicente da Beira, Pinalhas, Póvoa de Rio de Moinhos, Sarzedas, Penamacôr e Pedrogam.

O vigario de S. Miguel de Castello-Branco apresentava aqui o cura, que tinha de porção 55 alqueires de trigo, e 55 de centeio, pago pelos freguezes, e 27 arrateis de céra e um de incenso, pagos pela commenda.

Passa aqui o rio *Ocréza* e a ribeira de Cafede, que n'esta freguezia se mette n'aquelle, e cujas margens são cultivadas e ferteis, em partes e n'outras orladas de frondoso arvoredo silvestre.

CAHIDE ou **CAÍDE**—freguezia, Douro, 30 kilometros de Braga e 360 de Lisboa.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

O reitor era apresentado pelo conde meirinho-mór, e tinha de rendimento 100$000 réis.

Descrevi esta freguezia por descargo de consciencia, pois entendo que é engano do *Portugal Sacro e Profano*, que fez d'ella uma freguezia e da seguinte outra, quando são uma e a mesma freguezia.

CAÍDE (ou **CAHIDE**) **D'EL-REI**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, e pela suppressão d'este concelho passou a formar parte da comarca e concelho da Lousada. 35 kilometros a NE. de Braga, 360 de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor era apresentado pelos condes de

Obidos; tinha de rendimento 100$000 réis e o pé de altar.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

É nome feminino da palavra arabe *Caidon*, que significa — o governador ou capitão; e vem pois a ser *povoação da governadora.*

Era mais etymologico escrever-se *Kaid.*

Quem quizer saber mais circumstanciadamente o que ha sobre esta palavra, veja Alcaide, villa.

CAHIZ — Vide Villa Cahiz.

CAIA — freguezia, vide Caya.

CAIA ou **CAYA** — rio, Alemtejo. Nasce na serra de S. Mamede, freguezia de S. Gregorio, junto a Portalegre (ao N. de Alegrête).

Corre pelos termos de Portalegre e Arronches, e abaixo de Campo Maior, divide Portugal de Hespanha.

Mette-se depois n'este ultimo reino, juntando-se ao Guadiana, no termo de Elvas, proximo a Badajoz.

A 3 kilometros de Campo Maior, proximo a Badajoz, é a célebre *Ponte do Caia*, onde se fazia entrega das pessoas reaes de Portugal e Hespanha, que mudavam de um para outro d'estes dois reinos, por casamento.

A mais esplendida e sumptuosa d'estas ceremonias foi em 1728.

O principe do Brasil (depois D. José I) aqui veiu receber sua mulher, a infanta de Hespanha D. Maria Anna Victoria, e D. Fernando, principe das Asturias, veiu receber a nossa princeza da Beira, D. Maria Barbara.

D. João V (pae de D. José e da princeza da Beira) ostentou por essa occasião uma magnificencia propria do seu cognome (o *Magnanimo*).

O *estado* da casa real constava de 10 côches, 8 berlindas, 29 *estufas*, duas caléças e 141 seges. As cavalgaduras para serviço d'estes vehiculos eram 353 urcos, ou frisões; 468 cavallos e mulas; aquelles para os côches, e estas para as seges e para os criados — 673 cavallos de sella e 316 muares, para as *galéras*, carros de matto, liteiras e outros transportes.

Os criados passavam de 900, só para o serviço dos côches e cavalgaduras; além d'este *estado*, havia os côches e as suas competentes cavalgaduras e cavallos de sella e criadagem dos fidalgos que iam na comitiva.

O patriarcha, 12 conegos e mais ecclesiasticos necessarios para o culto acompanhavam o rei.

Na vinda da familia real e seu préstito para Lisboa, se empregaram, alem do bergantim real e outras embarcações, perto de 300 barcos, que da Aldeia Gallega do Riba-Tejo seguiram até Belem, onde se fez o desembarque, em uma vistosa ponte que alli se armou.

(Vide Guadiana.)

CAIMA — rio, Douro. Nasce nos montes da Feiteira, freguezia de Albergaria das Cabras, concelho de Arouca, de 3 regatos, que brotam d'esta serra. Passando pelo formoso valle de Cambra (onde tem tres bonitas pontes de pedra, proximas umas das outras) recebe muitos ribeiros, que o engrossam.

Suas margens são em grande parte cultivadas e muito ferteis.

Desde as minas do Braçal para baixo estão estereis e abandonadas, por causa da lavagem do minério, o que muito prejudicou os proprietarios d'esses campos, que em consciencia deviam ser indemnisados. (Vide Val-Maior.)

Faz mover muitos moinhos e traz muito peixe.

Chamava-se antigamente rio *Coimbra*, e diz-se que tanto o nome d'este rio, como o de *Cambra*, é corrupção de *Coimbra*. Outros dizem que só se chamava Coimbra á villa e a um dos ribeiros que nasce n'este concelho, e que no valle de Cambra se junta ao Caima.

(Esta ultima questão não vale muito a pena de se discutir.)

Morre na margem esquerda do Vouga, acima de Serem. (Vide Braçal.)

CAIOLLA CAYOLLA ou **URRA** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Portalegre, 185 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 188 fogos.

Orago S. Thiago Menor.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em planicie, d'onde se vê Portalegre e Alegrête, a 3 kilometros; Crato, a 18; e o castello da villa de Extremoz, a 40.

Ao orago se chama vulgarmente S. Thiago de Caiolla.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 2 moios e 15 alqueires de trigo, pagos pelos freguezes.

Urra era uma freguezia e Caiolla outra, que se uniram ha mais de cem annos.

É terra fertil em cereaes; tem muitos e grandes montados, que criam muitas varas de porcos. Cria muito gado.

Tinha antigamente juiz da vintena, feito pela camara de Portalegre.

Passa aqui o rio *Caiolla*, que lhe dá o nome e que morre no Cáia.

Caiola é, na lingua portugueza antiga, diminutivo de Cáia.

CAIRES—(antigamente *Coayres* e *Quaires*) freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho e 1 kilometro de Amares, hoje é do mesmo concelho, comarca de Villa Verde, 10 kilometros ao NNE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era abbadia apresentada pelo arcebispo de Braga.

A egreja matriz, apesar da reedificação da capella mór, capella do Santo Christo, fachada principal e torre, (feita no meiado do seculo XVIII) mostra muita antiguidade, conservando ainda restos da sua primittiva architectura, que nos convencem de ser obra do XI ou XII seculo.

De vinte annos a esta parte, tem-se cuidado com sollicitude no aformoseamento d'esta egreja, que é hoje uma das melhores do concelho.

A confraria do Santissimo Sacramento d'esta freguezia, consta que foi a primeira que se creou no antigo concelho de Entre Homem e Cávado. Foi instituída em 21 de septembro de 1629

Ha n'esta freguezia 3 capellas — uma proximo á egreja matriz, dedicada, desde tempos immemoriaes, a S. Bento; e desde 1843, em que se mudou da matriz para aqui a imagem do Bom Jesus Crucificado, ficou sendo da invocação do Senhor da Salvação.

A segunda é dedicada a Nossa Senhora da Lapa.

Foi reedificada em 1761. É muito antiga.

A terceira é dedicada a Santo Antonio. Foi construida em 1851. Estas duas ultimas são particulares.

Além d'estas, existe, em um pequeno plató, no cume do monte de S. Pedro Fins, outra edificada, metade nos limites d'esta freguezia, e metade nos da freguezia de S. Thiago de Caldellas, servindo esta capella de marco divisorio das duas freguezias.

É dedicada a S. Pedro Fins, e dá o nome ao monte. Faz-se-lhe uma grande festa no primeiro domingo de agosto, sendo obrigadas a concorrer alli em procissão (clamor) todas as cruzes parochiaes do concelho de Amares. É isto o cumprimento de um voto feito pela camara municipal d'este concelho.

Antigamente se fazia esta solemnidade no primeiro de agosto, e a camara assistia encorporada: depois assentou-se em ser na primeira dominga, para haver mais concorrencia, por ser dia desoccupado.

Concorre grande numero de romeiros, que levam muitas offertas, mas em maior quantidade frangãos.

S. Pedro Fins é objecto de particular devoção, não só dos póvos d'esta freguezia, mas tambem das circumvisinhas; e sobretudo nas calamidades publicas, aqui concorrem clamores e procissões de penitencia de muitas freguezias, invocando a protecção do santo.

Esta capella é antiquissima. Foi reedificada e ampliada em 1869, fazendo-se-lhe então sachristia, á custa de um devoto e dos dois parochos respectivos (Caires e Caldellas).

É tradição que a imagem do Santo veio para aqui, do logar de S. Fins, da freguezia de Rendufe, e por isto se chamou S. Pedro

Fins, por abbreviatura de S. Pedro de S. Fins; mas eu supponho que é corrupção de S. Pedro Felix.

Como já disse, está esta capella no sólo de duas freguezias, pelo que um anno é seu parocho o de Caires, outro o de Caldellas. (É *meeira.*)

—

Do sitio em que está esta capella se avistam os pontos culminantes da serra das Alturas (de Barroso) a 55 kilometros a ENE. a serra do Marão e o Oceano a 40 kilometros a O.

Tambem se vê todo o formosissimo valle que se estende desde o mosteiro de Bouro até á villa de Barcellos, atravessado pelo rio Cávado; bem como a maior parte do valle, que o rio Homem atravessa.

Houve ainda n'esta freguezia outra capella dedicada a S. Vicente, martyr, sita no logar do seu nome (S. Vicente) que foi demolida em 1815.

É tradição que foi matriz da freguezia em tempos remotos, o que não é verosimil, não só porque estava em uma das extremidades da parochia, como por ser de acanhadissimas dimensões.

—

A freguezia de Caires está situada na encosta meridional do monte de S. PedroFins, com lindissimas e extensas vistas. É muito abundante em cereaes, legumes, hortaliças e fructas, especialmente laranjas, famosas pela sua optima qualidade.

É tambem muito fertil em vinho verde, azeite, linho e castanha. Cria muito gado de toda a qualidade.

É abrigada do N. pelo tal monte de S. Pedro Fins (ramo do Gerez) que principia na freguezia de Paredes Seccas e termina na de Bésteiros, com 4 kilometros de comprimento e um de altura.

Nas suas faldas ha oliveiras, castanheiros e arvores silvestres em grande cópia.

Tem caça miuda, especialmente perdizes.

—

A residencia parochial é um bom edificio, mas o que a faz, sobretudo, apreciavel, é o delicioso panorama que d'alli se desfructa.

—

N'esta freguezia tem a sua dupplicada origem o ribeiro do Barrio, que atravessando esta parochia e as de Amares e Ferreiros, vae morrer, com 3 kilometros de curso, na direita do Cávado.

Tem duas pontes de pedra, de um só arco; uma n'esta freguezia, entre os logares do Outeiro e Sobrado e outra no logar do Barrio, freguezia de Ferreiros, na estrada que d'aqui vae para Amares.

Ha n'este ribeiro um engenho de serrar madeira,e moinhos. Rega e traz peixe miudo.

A distancia de 600 metros a NE. da residencia parochial, no sitio dos *Grôvos*, existem vestigios de uma antiga povoação e restos de um castello ou fortaleza. Tem aqui apparecido tijolos, canos de metal, e amphoras de barro, cheias de um pó negro (provavelmente cinza).

Ha 7 para 8 annos, appareceu uma cova redonda de metro e meio de diametro e outro tanto de profundidade, forrada de pedra, e em fórma de forno de coser pão. É talvez uma tulha subterranea dos antigos celtas e lusitanos. Têem tambem apparecido pequenas mós de pedra, proprias para moer cereaes, e pedras muito bem lavradas e com lavores.

—

A E. e S. d'esta freguezia passava uma das vias militares romanas, que de Braga iam a Astorga, e conhecida por—*Estrada da Geira.*

Tocava na Portella do Couto e Cancella de Paredes Sêccas, terreno d'esta freguezia.

CAIXEIRO — Vide Cacheiro.

CALÁBRE — Vide Calíabria.

CALÇADA DE CARRICHES — Vide Carriches.

CÁLCEDONIA — cidade antiga de que fallam Strabão, Plinio, Pomponio Mella e outros, a qual, segundo elles, existiu na parte septemtrional da Lusitania; mas cujo sitio certo se ignora. (Vide Covide.)

Passava por esta cidade a via militar romana chamada *Geira.* (Vide Geira.)

CALDAS D'AREGOS — Vide Aregos.

CALDAS DE S. JORGE ou **CALDELLAS** — freguezia, Douro, comarca econcelho e 6 ki-

lometros ao E. da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 38 ao NE. d'Aveiro, 16 ao NO. d'Oliveira d'Azemeis, 288 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra fertil.

Tem uma egreja, feita no fim do seculo passado.

O parocho é abbade, a sua residencia é das melhores do bispado, e seus passaes dos mais rendosos e extensos da comarca.

Na parede exterior da egreja, do lado do S., está uma pedra com uma inscripção. A pedra é muito branda, pelo que em 1840 já me custou muito a ler. Como muitos curiosos desejarão saber o que diz a inscripção, aqui vae :

Pedro Gonçalves, d'esta freguezia, deixou por obrigação a seu filho Balthazar Fernandes e successores, que é mandar-se dizer n'esta egreja nove missas em cada anno, que se dissessem do modo e nos tempos declarados em seu testamento, e vinculou a esta capella as herdades declaradas no dito testamento, e que o visitador tomasse conta d'isso.

Muitos me criticarão por copiar aqui uma inscripção tão insignificante. Declaro que só o fiz para que os curiosos, que não a possam ler, se não persuadam que é outra coisa, visto que já está quasi illegivel, e d'aqui a pouco desapparecerá completamente.

No adro da egreja está uma lapide com esta inscripção:

S. de Gonçalo Gil do Porto. 1601

O bispo do Porto e o convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) da mesma cidade, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 500$000 réis.

A freguezia é situada em terreno bastante accidentado; mas é muito aprazivel.

A egreja está isolada, quasi no centro da freguezia, tendo junto a ella apenas a residencia do parocho. O logar principal da freguezia é a aldeia da Sé, que ha 30 annos a esta parte muito tem progredido e prosperado com as caldas, e está já quasi uma villa, tendo bonitas casas.

Tem um bom estabelecimento de banhos, feito no reinado de D. Maria I, e administrado pela camara.

As aguas são sulphuricas e muito recommendadas e efficazes para a cura de diversas molestias, (sobretudo cutaneas) e muito concorridas no verão por gente do Porto e de outras muitas localidades.

Deve porém confessar-se que as tinas dos banhos são indecentes. São de madeira de pinheiro e soffrivelmente immundas. Podiam muito bêm ser de pedra, pois ha por aqui muita, e optima, ou, ao menos, forradas de azuléjo.

A camara da Feira, que ha 15 ou 18 annos tantos e tão bons melhoramentos teem feito no concelho, com reconhecida utilidade publica, deve tambem melhorar isto, no que não só utilisam os doentes; mas os póvos da freguezia e circumvisinhas, que fazem aqui bom negocio no tempo dos banhos e cujo interesse é o augmento da concorrencia, o que teria certamente logar, se este estabelecimento estivesse montado com mais aceio.

A agua, que sahe côr de leite, é naturalmente tépida; mas aquecida artificialmente por um systema muito vulgar, em caldeirões destapados, e com a maior descautella, o que faz perder á agua uma grande parte da sua força e virtude therapeutica.

A 20 ou 30 metros do frontespicio das caldas, passava a primeira directriz do caminho de ferro do Norte, que influencias de campanario arremessaram para a extremidade do reino, para os pantanos d'Aveiro. Se elle por aqui fosse, como devia ser, muito mais prosperava este estabelecimento thermal.

O descobrimento d'estas aguas, hoje tão preconisadas e frequentadas, foi do modo seguinte:

Em um grande campo, pertencente ao passal do abbade, que está ao fundo da aldeia da *Sé*, e sobre o pequeno rio *Uíma*, se via, no centro do tal campo, borbulhar da

enda de um rochedo, uma agua esbranquiçada, com um pronunciado cheiro a enxofre. Isto excitou a curiosidade do abbade da freguezia, Ignacio Antonio da Cunha, que conseguiu, á sua custa, desviar o curso do rio, para a extremidade do campo, deixando a agua thermal separada do rio. Mandou construir um cano para levar a agua mineral para sitio accommodado (no centro do tal campo) e fez construir algumas barracas, com tanques de madeira, para tomar banhos quem quizesse.

Isto teve logar ahi pelos annos de 1770.

Como se fossem acreditando as virtudes therapeuticas d'estas aguas, o governo de D. Maria I, pelos annos de 1780, tomou conta d'este estabelecimento, e lhe construiu um soffrivel edificio, de cantaria, com quartos para banhos de uma só pessoa.

Mas os tanques (apesar de por aqui haver abundancia de optimo granito) foram *provisoriamente* feitos de tábuas, e ainda assim se conservam.

Em 1843, a camara da Feira expropriou mais uma pequena parte do campo, em redor do edificio, para o desenterrar, pois que estava uns dois metros mais baixo (o pavimento) do que o nivel do campo, o que o tornava immundo e incómmodo.

Ficou desde então o edificio dos banhos, solto e independente, e com um passeio em redor, de uns 5 metros de largura.

Pela proximidade a que está do Porto, Aveiro, Feira, Oliveira de Azemeis, Ovar, Estarreja e outras muitas povoações menores, e pelos bons creditos que teem adquirido estas aguas, sobre tudo para molestias cutaneas, podia e devia fazer-se d'isto um bello e confortavel estabelecimento thermal, que redundaria em proveito geral d'aquellas povoações todas, e em especial dos habitantes da freguezia e proximidades.

Era porém preciso que se expropriasse todo o campo immediato, ou a maior parte d'elle, para alli se construirem casas para os banhistas, e um parque ou passeio, que sería bellissimo, porque o sitio, posto ser uma baixa, é pittoresco.

—

Não foram amostras para a Exposição Universal de Pariz, que teve logar em 1867.

—

A uns 150 metros ao S. do edificio dos banhos, ha uma nascente de aguas ferruginosas, que se applicam internamente, para a cura de varias molestias, sobre tudo, para padecimentos do estomago.

—

Ha n'esta freguezia minas de ferro e de cobre, que se não exploram, por indicarem pobreza.

—

É n'esta freguezia o logar das Airas, ou Souto Redondo, onde teve logar a batalha de 7 de agosto de 1832. (Vide Souto Redondo.

CALDAS DA RAINHA—villa, Extremadura, 5 kilometros ao N. d'Obidos, 85 ao NE. de Lisboa, 450 fogos, no concelho 1:880 na comarca 3:700.

Em 1757 tinha 308 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pópulo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Feira a 14 de agosto, tres dias, mercado diario, e feira de gado no ultimo domingo de cada mez.

Situada em uma baixa, d'onde se vê Obidos e algumas aldeias.

Era da casa das rainhas, desde a fundação da villa até 1833.

Famosa e concorrida nascente de aguas thermaes. O edificio das caldas foi feito por D. Leonor, mulher de D. João II, em 1490.

D. Manuel (a pedido d'ella) fez junto ao hospital que a rainha fundou, um logar para 30 moradores, dando-lhe fôro de villa, e com o privilegio de não pagarem *jugáda*, oitavos, siza ou portagem; nem os de fóra que aqui comprassem e vendessem.

O sr. Vilhena Barbosa diz que foi D. João II que mandou edificar estas 30 casas, e deu á povoação fôro de villa, em 1488. Não concordo. Quasi todos os auctores dizem que a obra dos banhos principiou em 1488. D. João II morreu (envenenado) de 40 annos de idade, a 25 de outubro de 1495, quando ainda o hospital provavelmente não estava concluido; e é muito provavel que fosse D. Manuel que mandou fazer isto. O

padre Cardoso (que nasceu pelos annos de 1700) assim o diz terminantemente, e tinha mais razão de o saber do que nós, porque viveu mais proximo d'esse tempo.

Estes 30 privilegiados conservaram-se até ao tempo de D. João VI, mas não se estenderam os privilegios aos habitantes posteriores da villa.

D. João V reconstruiu e ampliou o hospital.

Treze annos successivos (até ao fim da sua vida) vinha D. João V, a familia real e a côrte, fazer uso d'estes banhos, e é a esta circumstancia que a villa deve o seu maior incremento e prosperidade.

Começou em maio de 1747 a demolição da obra antiga, que estava muito enterrada (por causa das aguas, que para aqui arrastavam muitos entulhos) e findou em 1750. Comprou varias moradas de casas, que então se demoliram para augmento do hospital. Foi para o mesmo fim tambem demolida a primittiva casa da camara e cadeia, e a rainha (D. Marianna d'Austria, mulher de D. João V) as mandou fazer de novo, no recio da villa, com muitos melhoramentos.

Abrem-se estes banhos no principio de maio e fecham-se a 29 de setembro.

Na estação dos banhos ha aqui uma concorrencia extraordinaria de gente de muitas povoações do reino, sobretudo de Lisboa. Fóra d'este tempo, a população permanente da villa anda por 1:700 almas.

Tinha rendas para se curarem 600 pobres, as quaes lhe deixou a fundadora. A agua que sae do estabelecimento, réga e móe e vae entrar na lagôa d'Obidos.

O architecto e director d'esta obra (de reconstrucção) foi o brigadeiro Manuel da Maia, famoso por ser tambem o architecto e constructor do pasmoso aqueducto das Aguas Livres, de Lisboa. (Concluiu-se em dois annos.)

Manuel da Maia, morreu em 17 de setembro de 1768, e jaz na casa do capitulo do convento de S. Pedro de Alcantara.

O hospital tem uma bella egreja. Até 1834 tinha duas enfermarias para homens, duas para mulheres (tendo uma d'estas, uma separação para freiras) uma para frades e outra para padres. Hoje tem seis para homens e duas para mulheres.

As dos homens chamam-se, de S. Francisco, S. Camillo, S. João de Deus, Santo Amaro e Nossa Senhora do Pópulo, e outra que lhe não sei o nome. As das mulheres são: a de Santa Clara e Santa Isabel.

—

A dita rainha D. Leonor (que era filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, irmão do infeliz duque do mesmo titulo, que morreu apunhalado ás mãos do proprio D. João II, seu primo e cunhado) passando de Obidos para a Batalha, em 1487, no sitio da Cópa, viu uns doentes a banharem-se em uns charcos.

Perguntou-lhe porque o faziam, e dizendo-lhe elles, que era porque aquellas aguas curavam muitas enfermidades e feridas, ella, que padecia de um peito, fez a experiencia das taes aguas, e se achou facilmente curada; pelo que alli mandou logo erigir um padrão commemorativo, do qual ainda ha vestigios.

Mandou logo em 1488 fazer aqui um bom hospital, ao qual applicou todas as suas rendas, e até vendeu, para isto, a seu irmão, o rei D. Manuel, todas as suas joias.

Foi este estabelecimento que deu principio á villa.

Fez a caridosa rainha, ao hospital, um compromisso, assignado a 18 de março de 1512, confirmado por D. Manuel, a 22 de abril do mesmo anno, approvado por breve do papa Julio II, tambem em 1512.

Foi entregue o governo do hospital, aos frades *loyos* (conegos seculares de S. João Evangelista). D. José I lhe tirou a administração, por alvará de 20 de abril de 1775, ficando ella por conta do governo.

A Casa da Convalescença, foi feita á custa dos bens para isso doados por o commendador da Ordem de Christo, Manuel Mattos de Sousa.

A matriz da villa (Nossa Senhora do Pópulo) foi principiada em 1488 e concluida em 1502. É tambem obra de D. Leonor.

Foi reedificada com grande sumptuosidade, por D. João V, pelos annos de 1740.

A primeira egreja que teve esta villa (mas

não matriz) foi a capella do Espirito Santo. Tem a villa mais quatro capellas (Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Rosario, S. Sebastião e S. Bartholomeu) quasi todas reedificadas por D. João V.

Modernamente tem-se feito alguns melhoramentos no hospital. Defronte d'elle ha um bonito passeio publico, que era a antiga cerca do hospital. Ha na villa ainda outro passeio publico ajardinado.

O parocho, até 1834, era vigario collado, e tinha tres capellães (todos quatro resavam em côro) e eram da apresentação *in solidum*, do provedor do hospital. Todos tinham egual renda, que era, para cada um, 40 alqueires de trigo e 40$000 réis em dinheiro, ao todo uns 120$000 réis.

O provedor e o almoxarife, eram conegos de S. João Evangelista, desde D. João III até 1775, em que, como já disse, passou a administração para o governo.

O termo d'esta villa é terra infertil, vindo quasi tudo de fóra, mas ha sempre abundancia, porque concorrem aqui géneros de muitas leguas de distancia, sobretudo, fructas, hortaliças e legumes que vem das immediações de Alcobaça; gallinhas, ovos e caça de varias partes e pescado da lagôa de Obidos, de Nazareth e Peniche.

Na sua origem tinha juiz ordinario e camara; depois passou a ser sujeita ao juiz de fóra de Obidos; mas modernamente tornou a ser cabeça de concelho e de comarca.

—

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Tem esta villa um grande rocio; muitas casas boas; optimas hospedarias; um club, onde ha gabinete de leitura e se dão luzidos bailes; varios chafarizes, abundantes de excellentes aguas, todos obra de D. João V.

—

O primeiro brazão d'armas da villa, dado pela rainha D. Leonor, era o mesmo de Obidos (de cujo termo então era) e que é simplesmente o escudo real.

Estando D. João II e a rainha, com seu filho unico D. Affonso, e sua desposada a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos Fernando e Isabel, em Santarem, cahiu o principe abaixo do cavallo, nas margens do Tejo, a 12 de julho de 1491. Ficou sem sentidos, e foi levado em uma rede para a casa de um pescador que morava proximo; mas, apesar dos mais promptos soccorros, o principe morreu, sem tornar a fallar.

Desde então, augmentou a todas as suas villas, em memoria d'este triste acontecimento, uma rêde e um pelicano (que era a divisa ou emblema de seu esposo.)

São pois as armas d'esta villa actualmente: — o escudo de púrpura, tendo no centro dois escudetes parallelos, brancos, com cinco escudetes azues, pequenos, em cruz, cada um; e tendo cada um d'estes escudetes, cinco bezantes brancos em aspa (como os das armas de Portugal, mas duplicados, como se vê) e sobre o escudo doze castellos de ouro, em tres linhas perpendiculares, de quatro cada uma, ficando os quatro do centro no intervallo (de púrpura) que divide os escudetes brancos. Este escudo é mettido em outro branco, e de um lado d'aquelle tem uma rede e do outro um pelicano, sustentando os filhos com seu sangue. O escudo branco tem sobre elle uma corôa aberta, como a dos duques.

—

Ha tambem nascentes de aguas thermaes da mesma natureza das das Caldas da Rainha, proximo á quinta das Gaieiras, em Valle de Flores, onde ainda se vê um grande tanque para banhos.

Tambem aqui proximo, na cêrca que foi do convento de S. Miguel, de frades arrabidos, ha uma outra nascente de aguas thermaes, e ainda alli existe uma casa que foi feita para se tomarem banhos d'esta agua. Tem um tanque, no qual se podiam banhar 12 pessoas simultaneamente.

A tal quinta das Gaieiras era antigamente annexa ao hospital, ao qual pagava fôro.

A casa d'esta quinta é antiquissima, o que prova a architectura de suas portas e janellas.

A esta quinta se chamou antigamente Casal dos Mosqueiros, e porque depois veio a pertencer a Gaspar Freire de Andrade, se

chamou quinta dos Freires. O brazão d'armas dos Freires, ainda existe no portão da quinta.

Chamam-lhe das Gaieiras, por estar perto do logar d'este nome, e os visinhos tambem lhe dão o nome de quinta das Janellas. Vide Gaieiras.

—

Entre as portas das enfermarias, na casa da cópa, do hospital da villa, estão em relevo as armas de Portugal, e por baixo uma lapide com a inscripção seguinte:

JOANNES QUINTUS
LUSITANIAE REX VIGESIMUS QUARTUS
BENEVOLENTIA ET CHARITATE MOTUS
HANC THERMARUM HOSPITALISSIMAM DOMUM
INSTAURARE A FUNDAMENTIS
ET DECENTIUS AUGERE JUSSIT
AD MAIUS AEGROTANTIUM COMMODUM
ANNO REDEMPTIONIS MDCCLVII.

—

ET IN TRIENNIO ABSOLUTA CONSPICITUR
LEONORA REGINA
REGIS JOANNIS II DILECTISSIMA CONJUX
CONSTRUXERAT, ET ORDINAVERAT
SOLICITE, LIBERALITER, ET RELIGIOSE
ANNO DOMINI MCCCCLXXXVIII.
AMBO MISERICORDES
AMBOBUS DEUS RETRIBUET.
FRUERE HOSPES
IMITAREQUE QUANTUM POTUERIS
ET NON TE PAENITEBIT.

CALDAS DE VIZELLA (S. Miguel)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Guimarães, 24 ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

É terra fertil.

Era antigamente da *visita de Monte Longo*.

Situada em um valle, d'onde se vêem as freguezias de S. João das Caldas e a de Enfias e varios montes.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 400$000 réis.

Na divisão d'esta freguezia e da de S. João das Caldas, está uma lagôa de agua quente, e tem mais diversos *olhos* ou nascentes d'esta agua.

Em 1744, se descobriu aqui um tanque de 20 palmos de largo por 20 de comprido, lavrado e muito bem feito, com degraus de mosaico, obra romana, o que prova que já no tempo dos romanos se usavam, para cura de doenças, d'estas aguas.

Os banhos publicos dos romanos (thermas) não estavam reunidos dentro em um edificio, mas dispersos nos differentes sitios em que rebentam as nascentes.

Como as principaes aguas thermaes são nas duas freguezias de S. Miguel (esta) e S. João, para evitar repetições, direi aqui o que tenho a dizer das tão justamente celebradas Caldas de Vizella.

É nas margens do pequeno rio Vizella, que nascem estas aguas famosas, e frequentadas desde a mais remota antiguidade. As nascentes estão a 6 kilometros a SO. de Guimarães.

(Diz-se que os romanos edificaram aqui um templo a *Céres*.)

Mas, nem d'este templo nem da povoação que consta elles tambem aqui fundaram, ha o menor vestigio. Os proprios banhos jaseram por seculos soterrados e sem noticia que commemorasse a sua existencia, até que (parece que em 1840) foram descobertos uns apoz outros.

Estas Caldas offerecem a vantagem que se não encontra facilmente em qualquer paiz, isto é, a variada temperatura dos seus banhos, desde a agua quasi fervente até á tépida, ou quasi fria. Se tivessemos outros governos, ha muito que d'estas caldas se teria tirado todo o partido e immensas vantagens, que podiam e deviam produzir á nação em geral e aos povos d'aqui em especial.

A temperatura da agua das Caldas, proximo á nascente, é de 65°,5, thermometro centigrado.

Foram analysadas em setembro de 1867, pelos engenheiros srs. Pereira Caldas, Schiappa e Klass. (Vide Lijó.)

Vão-se-lhe fazer grandes melhoramentos, já principiados, para o que está feito o plano, pelo engenheiro Dejante. Realisados elles, a producção da agua sulphurea será de mais de 16:000 litros por hora.

Os banhos são de mui differentes fórmas e grandeza, mas todos revestidos de pedrinhas brancas, do tamanho e feitio das que se vêem nos mosaicos romanos. O maior é

um grande tanque quadrilongo, onde sem encómmodo se podem banhar 20 pessoas. Este porém não serve, porque a agua de que está sempre cheio, coseria qualquer corpo animal que lá cahisse. Para evitar qualquer sinistro, está resguardado por uma grade de ferro, que serve de varanda ao passeio de lagêdo que cérca o tanque. Ha outro tanque grande circular, em que podem banhar-se 6 pessoas.

É destinado a gente pobre. Os outros banhos é cada um para uma só pessoa.

Passa tambem pela freguezia (além do Visella) o rio Pombeiro, que réga, móe e tem pisões.

O sítio das Caldas é em um fresco e dilatado valle, rodeado de frondosos arvoredos, que o rio Visella corta e fertilisa. No centro da povoação está um lindo passeio publico, denominado da Lameira. Na frente d'elle está uma pequena praça, onde se faz o mercado. Á esquerda e ao fundo correm duas ruas, perfeitamente alinhadas, com casas caiadas e bonitas, que se alugam no tempo dos banhos. Pelo lado direito está outra rua, onde estão varias casas de banhos e uma fonte de aguas sulphureas, que rebentam quasi a ferver. Proximo á entrada do passeio, para a esquerda, tambem estão algumas casas de banhos. As outras casas da povoação sobem espalhadas pela encosta, e assombradas de denso arvoredo.

Agora (julho de 1873) está-se organisando uma companhia com o capital de cem contos de réis, em acções de 100$000 réis, para se construir um estabelecimento de banhos, aqui, com todas as condicções requeridas pelas leis da hygiene e do *confortavel*. É um melhoramento importantissimo a todos os respeitos.

No monte da margem esquerda do rio, está a linda casa gothica do sr. Vilby, negociante britannico, da praça do Porto.

É uma aprasivel vivenda, com bello jardim e n'um sitio alcantilado, mas muito pittoresco. (Vide Visella, rio.)

CALDAS DE VISELLA (S. João Baptista) —freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Guimarães, 24 ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

A egreja era do padroado real, e o abbade (apresentado pelo rei) tinha 330$000 réis de renda.

Junto á egreja passa o rio Visella, com curso arrebatado.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora de Jerusalem, do sr. Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Pôço das Patas do Porto.

Sobre, aguas thermaes, vide a freguezia de S. Miguel das Caldas de Visella.

Todas as mais caldas e aguas mineraes que ha no reino, vão nas terras onde nascem e é lá que devem ser procuradas.

CALDE — freguezia, Beira-Alta, comarca, e concelho 9 kilometros de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Situada em uma serra, da qual se vêem as de Bésteiros, Estrella e Monte-Muro.

O vigario de Lordosa apresentava aqui o cura, que tinha 8$800 réis, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho, e 8 arrateis de cêra. É terra fertil.

Fica n'esta freguezia a serra da Varzea, e passa aqui o rio Vouga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de julho de 1515, — Chama-se alli — *Caldas do Couto de Lafões.*

CALDEIRÃO — serra, Algarve, composta de rochas volcanicas. N'ella nasce o rio Vascão.

CALDEIREIROS — Vide S. João de Caldeireiros.

CALDELLAS — cidade antiquissima da Lusitania, na actual provincia da Extremadura.

Ainda ha vestigios d'ella. Não se sabe quando foi fundada e destruida. Ficava proximo das cidades, tambem destruidas, Bezélga e Concordia. Vide Bezelga (a ultima.)

CALDELLAS — aldeia, Douro, na freguezia das Caldas de S. Jorge, comarca e concelho da Feira. N'ella esteve a primittiva ma-

triz, e é porisso que esta freguezia se chamava antigamente Caldellas. Vide Caldas de S. Jorge.

CALDELLAS (S. Thiago de) — freguezia, Minho, foi da comarca de Pico de Regalados, até 1855, e desde então da de Villa Verde d'onde deita 4 kilometros a NE., concelho d'Amáres, 12 kilometros de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho d'Entre-Homem e Cávado (a que hoje se chama Amáres.)

Situado em um alto, d'onde se vêem muitas povoações e o mar.

O reitor era apresentado pelo ordinario, em concurso, e tinha 40$000 réis e o pé de altar. Lanhes e Villarinho, eram suas annexas.

Ha no centro da freguezia, duas fontes d'aguas mineraes, a que chamam Caldas (d'onde a freguezia toma o nome) uma tépida e outra fria. Ficam proximo as serras do Lodeiro e de S. Pedro Fins, que trazem muita caça. (Ao lódão chamam no Minho lodeiro.).

Passa pela freguezia o rio Homem, que réga, móe e traz peixe.

E' aqui a casa solar de Lamoso, que foi do conde D. Real de Lamaós, a quem matatam os de Sevêr. E' dos Marinhos.

E' terra fertil.

Era da commenda de Christo.

A egreja matriz é um bom templo: foi reedificada no meiado do seculo 18.º tem uma bôa torre de cantaria, principiada em 1856 e concluida no anno seguinte.

Ha n'esta freguezia 3 capellas uma de Nossa Senhora da Mesericordia, pertencente ao sr. Domingos Manuel de Mello Freire Barata, de Braga. Outra do Senhor da Saude e a terceira de Santo Ovidio, bispo. Está 2 kilometros a E. da matriz, edificada sobre um cabêço chamado monte de S. Pedro Fins, d'onde se gosam extensas e lindissimas vistas. E' muito antiga, mas foi reedificada, d'abobada, em forma de cruz de Malta. em 733, por mandado de José Alves d'Azevedo, sargento-mór da comarca do Rio das Mortes, natural de Braga.

Ainda aqui ha outra capella, no cume do monte de S. Pedro Fins, dedicada a este santo (Vide Caires.)

Esta freguezia está situada no principio da bonita e fertil Ribeira do Homem, em terreno medianamente accidentado, sobre a margem esquerda do rio Homem. E' abundante d'agua, não só d'este rio, mas de varios arrois e nascentes, e por isso muito fertil, em cereaes, fructas e legumes, vinho, azeite e linho. Tem abundancia de lenha e caça (miuda e grossa) na serra.

Ha nesta freguezia uma ponte de cantaria, do tempo dos romanos, sobre o rio Homem, que liga esta freguezia com a de S. Vicente da Ponte de Caldelllas, e dá communicação para as villas da Barca e Arcos de Valle de Vez, e para o Alto-Minho. Tem 3 arcos, tendo o maior 13.^{m},8 e de largura 13.,^{m}14. O seu comprimento é de 34.,^{m}8 e tem de largura 2.,^{m}63.

—

Entre os montes de S. Pedro Fins e Lombada, no centro d'esta freguezia, corre o ribeiro Alvito, que nasce no logar d'este nome, freguezia de Paranhos, e depois de 3 kilometros de curso, morre no Homem. Réga e móe.

Na esquerda d'este ribeiro, no meio da freguezia, são as aguas thermaes.

Ha 4 tanques (d'abobada) para banhos. Estes tanques, uma fonte d'agua mineral, para uso internos; e um pequeno passeio, foi tudo feito á custa dos povos d'este concelho, no principio de seculo 19.º

Tem mais duas boas nascentes, fóra do ribeiro, e ainda mais outras, mesmo no leito d'elle, que facilmente podiam ser aproveitadas.

Tem tambem esta freguezia, aguas férreas, na margem direita do mesmo ribeiro, que, por desmazêllo, andam desaproveitadas, e que sem grandes despezas se podiam utilizar; o que seria, não só de summa vantagem para os doentes, mas tambem para os povos da freguezia.

Houve proximo aos tanques, uma capella,

mandada fazer por um fidalgo de Ponte de Lima, para n'ella ouvirem missa os enfermos: foi demolida, em resultado de uma demanda que houve entre o fundador e o padre Antonio da Quintan, d'alcunha, *o padre Calção*; provando este que a capella estava edificada em terreno seu.

Ha 30 annos eram muito concorridas; mas, os pessimos caminhos, a pouca limpeza dos tanques e a falta d'habitações tolerancias, tem d'aqui feito fugir para outras partes os doentes.

Já no tempo dos romanos se fazia uso d'estas caldas; o que consta, não só da tradição mas de duas inscripções que aqui foram encontradas, e ainda existem debaixo de um alpendre, junto aos tanques. Estão ilegiveis, por terem já muitas lettras apagadas.

Estas aguas são da mesma composição chimica das outras do Geréz. Vide Geréz e Vilar da Veiga.

CALDELLAS (S. Vicente) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde. Até 1855 foi do concelho de Pico de Regalados, 12 kilometros de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Vicente martyr.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Proximo á freguezia antecedente.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de rendimento 300$000 rs.

Tem minas de crystal de rocha.

Fertil. Situada em montes e valles, vendo-se d'aquelles muitas povoações, serras e o Occeano.

Passa tambem aqui o rio Homem. No monte de S. Gião, d'esta freguezia, ha vestigios de fortificações antigas. D'aqui vae uma mina de 1:500 metros de extenção, até ao rio Homem.

Tambem no caminho que vae á Gomida, ha ruinas de antigas casas fortificadas.

CALDELLAS (S. Thomé de) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thomé, apostolo.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Dá-se geralmente a esta freguezia o nome de Santo Antonio das Taipas.

O D. prior e conegos de Guimarães apresentavam aqui o cura, que tinha de rendimento 60$000 réis.

De um lado cérca toda esta freguezia o rio Ave, que juntando-se com o Visella, desaguam no Occeano, em Villa do Conde.

Pelo meio da freguezia passa o rio Agrella e o ribeiro da Canhota, que ambas se mettem no Ave. Fica a freguezia no meio de duas serras, chamadas Falpérra de Santa Catharina.

E' terra bonita e muito fertil.

Ha n'esta freguezia uma nascente d'aguas mineraes, que lhe deu o nome. Vide Citania.

Proximo ao rio Ave, e mais perto ainda de um pequeno ribeiro, no logar do Couto, d'esta freguezia, estão situadas as caldas das Taipas, ou Caldas de Santo Antonio das Taipas, distantes assim de Guimarães, como de Braga, nove kilometros. O sitio é aprasivel, e ha poucos annos começou a ser mais povoado, em razão da utilidade que tem prestado as aguas mineraes, que ahi nascem, e tanto que em algumas occasiões acontece não haver quarteis sufficientes para os enfermos que concorrem.

E' o terreno plano e fertil, e as nascentes das aguas, em quatro differentes mananciaes, são abundantes, repartindo-se d'estes as aguas para nove tanques ou poços, cinco dos quaes são de pedra, e se denominam poço do Carvalho, dos Leprosos, do Figado, do Rheumatismo, e de Antonio de Sousa; os outros quatro são de madeira.

Todas as aguas são da mesma natureza; a côr é diaphana, o cheiro a óvos chocos, (sulphurio,) o sabor hepatico, nauseoso, desde as origens até aos poços, deixando n'estes sitios e no seu transito, deposito, ou lodo, cinzento, e com todos os caracteres da sua qualidade sulphuria; mas são menos mineralisadas do que as de Visella, e contem menor porção de acido sulphydrico.

A natureza dos saes que n'ellas se acham em dissolução são todavia os mesmos das de Visella.

A nascente thermal das Taipas, contem por kilogramma d'agua 0 gr, 00242 de acido sulphydico e 0gr. 2035 de principios fixos; são principalmente silicatos e chlorêtos, assim como saes calcarios e de magnesia.

Estas aguas foram analysadas na exposição universal de Pariz, em 1867, e deram os resultados que ficam descriptos.

Vide Taipas.

CALE—povoação (alguns dizem cidade) antiquissima da Lusitania, sobre a margem esquerda do Douro e a 3 kilometros da sua foz.

Em 41° e 8' de latitude N. e 12, de longitude Occidental.

Segundo alguns escriptores, foi fundada pelos gallos-celtas, 296 annos antes de Jesus Christo. Outros atribuem a sua fundação aos gallos-celtas, e turdentanos, 415 annos antes de Jesus Christo, denominando-a Porto-Gallo. A Monarchia Lusitana diz que foi fundada. por Diómedes (general grego, no cêrco de Troya) 600 annos antes de Jesus Christo.

Dizem outros que foram gregos da Thracia, habitantes das margens do rio Axio; e outros dizem que foi Menelau (o infeliz marido da bella Helena) 600 annos antes de Jesus Christo; finalmente dizem outros que foi Calais, rei da Thracia.

Os romanos lhe chamavam Calem, outros dizem que Portucale. Parece que depois lhe mudaram o nome, no de Castrum Antiquum para a differençarem do Porto, a que chamavam Castrum Novum.

Cale na lingua portugueza antiga (supponho que derivado do celta) significa cano ou aqueducto onde a agua corre com rapidez, por causa de grande descida.

Ainda nas provincias do norte se dá o nome de *cále* ao cano ou tubo que da levada dirige a agua ao moinho.

Dizem alguns que na antiga lingua latina, significava rio sinuoso (ou torto.) Strabão, fallando de Cale, diz no liv. 5.°—*Cayétam sic esse appellatam á sinus curvitate, quia omnia curva lacorum idiomate sic solent nominari.*»

Tanto póde pois quadrar a Cale a palavra portugueza e a sua significação, como a latina, porque o Douro, sendo muito estreito em frente de Gaia (a antiga Cale) corre alli com grande velocidade.

Tambem no mesmo sitio faz uma grande curva, o que justifica a significação latina.

Mas se Cale (de que depois se fez Gaia) é palavra grega, significa porto fresco, e plano, e que entra pela terra dentro. Ainda se usa o seu diminutivo, que é «calheta.» Gaia significa (como já disse) porto sinuoso. Gaeta é seu diminutivo. Em Italia ha uma cidade e porto de mar chamado Gaéta: e em Portugal, ha, na freguezia de Villa-Maior, comarca e concelho da Feira, uma aldeia do mesmo nome, que lh'o dá um ribeiro que alli passa (Vide Assaes.)

Não faltam porem auctores que sustentam ser Cale fundação dos gregos, pelos annos 2632 do mundo—isto é—1372 antes de Jesus Christo.—e que por isso se lhe chamou Porto-Graio, ou Porto-Gaio que, segundo elles (auctores) quer dizer Porto Grego, ou dos Grêgos.

Pretende-se que de Porto-Cale, ou Porto-Gaio, provem o moderno nome de Portugal.

Quando nos pômos a combinar os livros antigos, parece-nos que sempre assim se chamou Gaia, ou pelo menos mudou o seu primeiro nome de Cale em Gaia, ficando ao Porto o nome de Cale, ou Portu-Cale; por que vemos que Cale era do arcebispado de Braga, reino da Galliza (todos sabem que, no tempo dos suevos, a Galliza chegava até ao Douro, que a dividia da Lusitania) e Gaia era do bispado de Merida, na Luzitania. Esta divisão da Galliza durou até ao seculo 8.°

Desde que os árabes se apossaram da Lusitania, tiveram sempre em Cale um regulo ou emir (a que muitos escriptores antigos dão o titulo de rei.)

Na era de 886, que é o anno 848 de Jesus Christo, D. Ramiro 1.°, de Leão, venceu e fez tributario o *Mahamad Cid Atauf*, rei mouro de Cale. O filho de *Mahamad* se chamava *Haluf*.

Em 932, era rei, ou *emir* de Cale, *Al-Boazar-al-Bucadão. A lenda* (parece-me antes um facto historico embelezado pela poesia) do roubo de Gaia (ou *Zahara*) por D. Ra-

miro II, de Leão; e a desforra d'Al-Boazar irmão de Gaia, roubando D. Urraca, mulher de D. Ramiro II, vem contada em Ancora, rio, pelo que o não repito aqui,, Vide Ancora, rio.

Tambem alguns pretendem que Cale foi cidade episcopal, o que é engano evidente. Cale nunca teve bispo. No principio da prégação do evangelho e até ao tempo dos suevos, foi do bispado de Merida, e depois passou para o de Coimbra, ao qual pertenceu sempre, até que o bispo do Porto, D. João Peculiar, conseguiu separar toda a Terra de Santa Maria (hoje Terra da Feira, a que Cale, ou Gaia pertencia) do bispado de Coimbra e a incluiu no do Porto, o que foi confirmado por 4 bullas pontificias, a saber: de Innocencio II, em 1139; de Lucio II, em 1144; de Eugenio III, em 1148; e, finalmente, de Celertino IV, em 1195.

Todas estas de bullas foram precisas para que os bispos de Coimbra largassem a sua preza; e quasi 60 annos gastaram elles em toda a qualidade de chicanas e sophismas para não perderem estes rendimentos, e só á força de bullas, censuras e ameaças de interdictos e escommunhões, é que se resignaram a largar isto!

—

Alem de uma pequena torre, que se diz ser obra dos romanos, mas que parece muito mais moderna, não existe em Gaia (a antiga Cale) o mais leve vestigio de antiguidades.

Aquella torre (ameiada) está na quinta de Campo-Bello, junto ao monte de Gaia. E' dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, descendentes de D. Maria Mendes Petite, fundadora do convento de freiras de Villa Nova de Gaia. (Vide esta villa.)

Era concelho, que se supprimiu em 1834, annexando-o a Villa Nova de Gaia.

Gaia é um sitio bellissimo, situado em uma elevação, com extensas vistas para todos os lados, e descobrindo-se do O. uma immensa vastidão do Oceano.

Se foi cidade, hoje nem é villa. Mas nem por isso deixa de ser uma povoação notabilissima pela sua muita antiguidade.

No principio da monarchia chamava-se «Villa de Gaia», e desde que D. Affonso III fundou a actual Villa Nova de Gaia, se ficou chamando Villa Velha de Gaia, para a distinguir d'aquella. Com o tempo, e por abreviatura, se ficou chamando simplesmente Gaia; mas muitos chamam concelho de Gaia ao actual de Villa Nova de Gaia.

É um bellissimo aggregado de formosas quintas e bonitos casaes, espalhados por toda a serra, o que a torna deliciosa e pittoresca. Seus ares são puros e saudaveis. Seria um dos mais bellos passeios do Porto, se os caminhos que para lá conduzem não fossem tão incómmodos, por ingremes e mal construidos. Mesmo assim ainda é bastante concorrida por gente do Porto.

(Vide Ancora, rio — Gaia, Grijó, Porto, Portugal (villa), Serra do Pilar e Maia.)

—

Depois de ter nomeado o horror de fundadores que dão a Cale, direi que alguns, não contentes com aquelle numero, nem aquella antiguidade, attribuem a fundação de Cale a *Gethalo*, rei de Athenas, que viveu no tempo de *Moysés!*

A opinião mais seguida, porém, é que foram os gallos-celtas e turdetanos, que fundaram Cale, 415 annos antes de Jesus Christo.

De tudo isto o que ha de certo é que Cale é povoação antiquissima, cuja fundação se perde em a noite dos tempos.

(Para tudo o mais que diz respeito a *Cale* e aqui não vae, vide Gaia e Porto.)

CALENDARIO DE VERMUÍM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso. Tinha de rendimento 600$000 réis.

CALENDARIO DA SILVA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

O deão da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Hoje dá-se a esta freguezia, geralmente, o nome de SILVA.

CALHANDRIZ—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, e foi até 1855 do concelho d'Alhandra; 30 kilometros ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

—

Na aldeia do Matto, d'esta freguezia, nasceu, a 17 de janeiro de 1739, o virtuoso, illustrado e benemerito D. Francisco Gomes de Avellar, filho de paes humildes. Foi da congregação do Oratorio, de Lisboa.

Visitou Roma e outros paizes. D. Maria I o fez bispo do Algarve, em 16 de janeiro de 1789.

Rigido, austero e frugal comsigo mesmo, era bondoso e liberal com os mais.

Muitos e grandes beneficios lhe deve o Algarve, que achou assolado pelo terremoto, com suas povoações, egrejas, pontes, etc. em ruinas.

O santo prelado tudo via e tudo remediava.

Em poucas terras d'esta provincia deixam de haver monumentos da sua beneficencia e liberalidade. (Grande parte das obras de utilidade pública que mandou construir, vão nas terras onde existem.)

Morreu repentinamente e sem molestia conhecida, antes era de uma construcção sadia e robusta na apparencia. Conservou, mesmo até á sua morte, uma prodigiosa força muscular.

Falleceu na cidade de Faro, no dia 16 de dezembro de 1816, na edade de 78 annos, menos um mez (muito certo) tendo governado a sua egreja 27 annos e 11 mezes exactissimos. Tinha tambem 50 annos exactos (dia por dia) quando foi feito bispo.

Jaz no carneiro chamado—cemiterio dos bispos.

Pobre na vida e na morte, só se lhe encontraram em casa *sete cruzados novos*, resto de 20 moedas que poucos dias antes havia pedido emprestadas.

Tudo o mais tinha gastado em beneficio dos seus diocesanos.

Todo o Algarve chorou sinceramente a morte d'este glorioso prelado, como a de um pae estremecido, e a memoria dos seus beneficios será eterna na provincia.

CALHEIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santa Eufemia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

A familia Calheiros é que apresentava o abbade, que tinha de renda 350$000 réis.

Estes Calheiros teem o seu solar no Paço-Velho, d'esta freguezia.

Descendem de D. Arnaldo de Bayão. Outros dizem que elles descendem de Pedro Martins de Chacim Calheiros; mas são ambas as coisas.

Garcia Lopes de Calheiros (d'esta freguezia) entregou Ponte do Lima a D. João I, que o fez alcaide-mór de Ponte do Lima, com os reguengos d'esta villa e do Burral, e o senhorio de Santo Estevão, com todos os bens moveis e de raiz, que foram de Lopo Gomes de Lira.

Ha tambem aqui outra casa antiga da mesma familia, chamada Cladellas, que foi de D. Izabel de Amorim Calheiros.

As armas dos Calheiros são—em campo asul, cinco vieiras de prata estendidas de preto, e, em chefe, trez estrellas (em facha) de 5 pontas cada uma.

Timbre—dois bordões de prata, em aspa, ferrados de asul, e atados com um troçal, e no centro (por cima) uma das vieiras das armas.

CALIABRIA—Beira Baixa, 5 kilometros

distante de Castello Melhor. Entre E. e NE. já no tremo de Almendra; antiga comarca de Riba Côa, estão as ruinas da famosa cidade de Caliabria, (outros tambem lhe chamam Calabria, mas é êrro), que no tempo dos godos foi cidade episcopal, e nos concilios de Toledo figuraram seus prelados desde 621 até 693.

Deixou de ter bispos desde a invasão dos mouros, em 716, e na restauração das Hespanhas passou a séde episcopal para Ciudad Rodrigo.

Foi ultimo bispo de Caliabria, segundo a tradição, Santo Apolinario, que foi martyrisado pelos arabes, em 716, na freguezia de Urrôs, Traz-os-Montes, e na egreja matriz d'esta freguezia está o mausoléo do santo. (Vide Urrôs.)

Ainda hoje se dá ao sitio que occupava a cidade o nome de *Calábre*, corrupção de Caliabria.

Pretendem alguns que esta cidade fosse no reino de Castella, mas é erro crasso.

Em uma doação que D. Fernando II de Leão fez á Sé de Ciudad Rodrigo em 1171, se fez menção expressa de Caliabria, confirmando ser aqui. D'outros mais documentos que existem n'aquella Sé se prova o mesmo.

—

Em um angulo recto que fórma a ribeira de Aguiar, quando se lança de S. a N. sobre o rio Douro, se levanta um ingreme e alcantilado monte, em cujo cume se admiram os notaveis muros que cingiam esta nossa velha cidade; os quaes teem 2 metros e 20 centimetros de largo, feitos de lousa e sem argamassa de qualidade nenhuma. Não tem fossos, torres ou baluartes, e é de fórma circular esta circumvallação. Todo o seu ambito é um campo cultivado, que leva uns 40 alqueires de semeadura. A actual altura da muralha varia entre 1 metro, e 70 centimetros.

Este sitio é falto de aguas nativas, pelo que a tinham em cisternas, e ainda se vêem as ruinas de pequenas povoações, albergarias e casaes.

Em 1767 se achavam aqui 3 sepulturas feitas de grandes e finos tijolos, contendo ossadas de individuos de 10 até 11 palmos de altura, com inscripções que foram destruidas. Pareciam romanas.

—

A 2 kilometros e meio da foz do Aguiar, e mesmo junto ao angulo que formam o Douro e o Agueda, ha um descampado, chamado Aldeia Nova, que é tradição ter sido antigamente uma grande povoação. As grandes escavações e pedregulhaes immensos que alli ha, próvam que houve n'este sitio grande fabrica da metaes, que os romanos aqui mesmo fundiam.

Ha aqui a antiga capella do Santo Christo, e n'ella uma lapide na esquina do lado direito, da parte exterior, que diz:

MODESTVS AVIRATI F. C.°
BEL. AN. LX. CORNILIA.
CENSVLIA. AX. L. H. S. S. S.
V. T. 2 C. AVIMIVS MODE-
STINVS. PATRI. FIRMVS
MODESTI. LIB. PATRO.

Por esta lapide consta que:

Modesto, filho de Avirato, terminada a guerra, em que havia militado, falleceu, de 60 annos de edade, e aqui foi sepultado com sua mulher, Cornelia Censulia, que morreu de 50 annos; e que Caio Avimio Modestino e Firmo, liberto de Modesto, poseram esta memoria, o primeiro a seus paes e o segundo a seus patronos.

Alguns dizem que era aqui a cidade romana de *Ravenna*, mas, segundo já disse, ha provas incontestaveis de que era Caliabria.

—

Foi arrazada pelos arabes, quando invadiram a Luzitania em 716.

Supponho que o primeiro nome d'esta cidade era *Caliabriga*, depois *Caliabrica*, e por corrupção finalmente *Caliabria*.

CALLE — Vide Cale.

CALVÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves. Foi até 1855 do concelho de Ervedêdo, 72 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O arcebispo apresentava o vigario, que tinha de renda 160$000 réis.

É terra fertil.

CALVELHE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança. Foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho de Isêda, 40 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. Justo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Já antigamente tinha sido da comarca de Bragança, para onde tornou.

O reitor de Isêda apresentava aqui o cura, que tinha 42 alqueiros de pão, 22 almudes de vinho e 8$500 réis.

É terra fertil.

Passam por esta freguezia duas ribeiras anonymas. Na que fica a E., no sitio do *Sanguinho*, ha vestigios de uma fortaleza, na qual se têem achado instrumentos de ferro, cuja applicação se desconhece hoje.

Nas margens da outra ribeira ha tambem vestigios de outra fortaleza de eras remotas.

CALVELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Pedro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Albergaria de Penella.

É terra fertil.

Situada em um valle, na raiz do monte de de S. Verissimo.

A egreja matriz é muito antiga, e foi convento de frades benedictinos, do qual ainda ha vestigios.

O reitor, antes de 1834, era feito por concurso synodal, apresentado pelo ordinario, e tinha de renda 125$000 réis.

Dizem alguns que houve aqui um convento de templarios, mas julgo ser engano. O que é certo é ser um antigo, mas pequeno mosteiro de frades bentos supprimido no fim do seculo XV, passando para abbadia secular, commenda da Ordem de Christo, com sua annexa, Fristellas.

Foi aqui abbade Gonçalo Dias de Barros, da casa de Barros, que era senhora da honra de Babbo. Este abbade julgo que foi casado antes de ser padre, pelo menos teve muitos filhos; é seu descendente o célebre historiador portuguaz, João de Barros, auctor das Décadas da India.

Ha mais n'esta freguezia a casa de Meresse, solar dos Regos, que procedem de Mem de Gondar, fidalgo asturiano, e de sua mulher D. Goda.

Este Mem veio para Portugal em 1093, com o conde D. Henrique. É d'esta familia Antonio Pereira do Rego, auctor do célebre tratado de cavallaria e alveitaria (veterinaria) ainda hoje muito consultado.

Na aldeia de Cadem está uma torre pertencente ao morgado de Parto Supposto, á qual se pagam fóros de diversos casaes.

N'esta torre viveram os fidalgos de Penela, senhores d'este concelho.

Na mesma aldeia existem ruinas de uma fortificação antiga, com covas e estradas cobertas.

No alto do monte está a antiquissima capella de S. Verissimo e suas irmãs, Santa Maxima e Santa Julia, naturaes de Lisboa, onde foram martyrisadas, pelos annos de 360, imperando Diocleciano, e sendo consul das Hespanhas o sanguinario Daciano.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, deu a esta capella varios casaes, cujas rendas quasi todas se perderam ha muitos annos, provavelmente por incuria dos mordomos.

Ha mais em Portugal 12 aldeias chamadas *Calvêllo* e *Calvéllos*, que não teem nada de notavel, por isso as não descrevo.

CALVOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A freiras franciscanas, do convento dos

Remedios de Braga, apresentavam o vigario, que tinha de renda 40$000 réis e o pé de altar.

CALVOS (S. Gens de) — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era do arcediagado de Fonte-Arcada.

Antigamente pertencia a dois concelhos, Lanhoso e Ribeira de Soaz.

Situada em um valle bonito e fertil.

O arcebispo de Braga e o arcediago de Fonte Arcada, apresentavam aqui simultaneamente o abbade, que tinha de renda 260$000 réis.

Passa aqui o ribeiro de Porto de Carro, que réga, móe e traz peixe.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Calvos, nenhuma das quaes menciono, por não ter nada notavel.

CAMARANCHÃO—portuguez antigo, obra avançada das fortificações antigas, especie de *cubêllo*. Hoje dá-se o nome de *caramanchão* (e não camaranchão) á armação de ripas, em fórma de capéllo (ou pyramidal) para sustentar as parreiras, ou outras quaesquer plantas. Tambem significa eirado ou miradouro, coberto de trepadeiras, onde se está ao abrigo do sol. Tambem se diz caramanchel.

CAMARÁTE — freguezia, Extremadura, termo, comarca e 8 kilometros ao N. de Lisboa, concelho dos Olivaes, 140 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É da casa de Bragança e foi couto.

Situada em terreno accidentado.

A matriz principiou por uma capella fundada no seculo XIV. Lançou-lhe a primeira pedra o bispo de Lisboa, D. Agapito Colona, natural de Roma, que governou a egreja ulyssiponense desde 1371 até 1380. Foi reconstruida e augmentada em 1511, quando e elevou a matriz.

Os freguezes é que antigamente apresentavam o cura, que tinha 100$000 réis.

Esta freguezia foi desmembrada da de Sacavem, em 1511.

Teve uma albergaria para passageiros pobres.

É terra fertil, e abundante de bom vinho, chamado *do termo*.

Tinha juiz ordinario, feito a votos do povo e confirmado pela camara de Lisboa, o qual era sujeito ao corregedor do bairro do Castello.

Entre muitas cousas que D. João I deu ao famosissimo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, foi uma d'ellas, uma grande quinta em Camarate, onde D. Nuno fez uma capella dedicada a Nossa Senhora do Soccorro. Depois, o mesmo condestavel, deu esta quinta aos frades carmelitas calçados, de Lisboa, que n'ella fundaram um convento da sua Ordem, em 1602, da invocação de Nossa Senhora do Soccorro.

A quinta foi do opulento judeu, David Negro, almoxarife das alfandegas do reino, em tempo de D. Fernando, e seu privado e da rainha D. Leonor. Por morte do rei, seguiu o judeu as partes de D. João I, de Castella, pelo que D. João I, de Portugal, lhe mandou confiscar tudo, dando então esta quinta a D. Nuno, que aqui vinha muitas vezes e aqui viveu alguns annos, com sua mãe, Eyria Gonçalves. Sabemos que o santo condestavel morreu nos habitos de religioso do convento do Carmo, de Lisboa. Foi lá que elle deu esta quinta aos frades. Até 1608 foi vigaria-ría, ou hospicio, e desde então passou a ser convento, com seu prior.

O edificio e cêrca foram vendidos pelo governo em 1835.

Dizem que a agua da fonte do Orelhudo sára toda a chaga e molestia do figado.

—

N'esta quinta, antes de ser mosteiro, habitou D. Eyria (Iria) Gonçalves do Carvalhal, mãe do condestavel, a qual aqui morreu.

D. Francisco de Castello Branco, em cumprimento do testamento de sua tia, D. Violante Eugenia, tomou conta da capella-mór, dando-lhe boas rendas.

N'este convento residiu (no tempo de D. João III) D. Fr. Balthazar Limpo, prègador da capella real e confessor da rainha D. Catharina. Foi 13 annos reformador da ordem, 13 annos bispo do Porto, onde fez o côro da Sé. Em 1545 foi ao concilio de Trento. Em 1550, foi feito arcebispo de Braga, onde morreu em 1558. Era filho de Luiz Limpo e Ignez da Rocha. Tinha nascido na villa de Moura no anno de 1478.

—

A egreja parochial foi fundada pelos annos de 1370; mas só foi elevada a matriz em 1511, quando se criou esta freguezia.

CAMARÍDO — grande pinhal da nação, (era do infantado) fóra das Portas de Vianna, na villa de Caminha, provincia do Minho, 105 kilometros ao N. do Porto, 417 ao N. de Lisboa. É no litoral. Occupa todo o espaço entre a estrada de Lisboa e o mar. Foi mandado semear por D. Diniz, em 1294. Vide Caminha.

CAMBAR—portuguez antigo, trocar, cambiar, escambar.

CAMBAS — freguezia da Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Oleiros, 90 kilometros ao O. da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente da comarca da Guarda, termo da Covilhã.

Era da corôa. Fertil.

Situada em uma baixa, cercada de montes, junto ao rio Zêzere.

Era do padroado real, e o prior (que o rei apresentava) tinha de renda 300$000 réis.

É regada pelas ribeiras de Cambas, ou de Villar, e a do Orvalho, que n'esta mesma freguezia se juntam com o Zêzere.

Camba significa—moinho pequeno, molinheira, moinho de mão, picarnel. Tambem se chama *cambas*, ás peças das rodas dos carros que unem ao meiúl.

CAMBAS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 108 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Sant'Anna.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente da comarca de Campo de Ourique, termo de Mértola.

Era da corôa.

O bispo de Beja apresentava o cura, que tinha de renda 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Situada em montes e compõe-se apenas de duas grandes aldeias (Cambas e Mariannes.)

Abundante de trigo e centeio, do mais pouco.

Cria muito gado nos pastos communs, portuguezes e castelhanos.

Ao E., passa o rio Sancha, a distancia de 3 kilometros, réga e móe. Desagua na direita do Guadiana.

A mesma etymologia.

CAMBEZES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Antigamente era do termo de Monção, mas da comarca de Vallença.

Ha n'esta freguezia uma caverna circular, pela qual só de rastos se póde entrar, d'ahi a alguns passos, está uma sala e n'ella uma escada de pedra, que ninguem sabe onde vae ter, porque a certa distancia se apagam as luzes, por causa da densidade do ar. Attribue-sè a factura d'esta caverna aos celtas.

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa do Sopegal, d'onde procedem os Perciras, d'esta ribeira e de outras partes. E' d'estes Pereiras a formosa e vasta capella de Nossa Senhora dos Milagres.

Descendem de Affonso Pereira do Lago, védor da fazenda, da provincia do Minho, em tempo de D. Affonso V.

Os Alpoins, de Braga, apresentavam aqui o vigario (que era collado). Tinha 8$000 réis, cêra, vinho e hostias para as missas conventuaes, e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que o abbade de Cambezes (a freguezia seguinte) é

que apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

É fertil.

Cambezes, quer dizer, terra das *cambas*. Vide esta palavra.

CAMBEZES—villa, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' fertil.

Era antigamente *visita* do deão da Sé de Braga.

O conego *fabriqueiro* da mesma Sé, apresentava aqui o vigario, que tinha 60$000 réis.

Era couto privilegiado de Nossa Senhora da Sé, de Braga. Tinha juiz ordinario e camara, feitos a votos dos moradores e confirmados pelo deão da Sé de Braga, que era ouvidor d'este couto. Gozava a freguezia os taes privilegios, *por irem varrer a Sé de Braga, todos os sabbados.*

Estes privilegios deu D. Sancho I e a senhora D. Thereza a D. Pellagio Ramires.

Tinha alcaide-mór, que recebia a quarta parte dos dizimos.

Passa aqui o rio Este.

A mesma etymologia.

CAMBEZES DO RIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros a NE. de Braga, 414 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Montalegre; mas da comarca de Chaves.

Tem só duas aldeias (Cambezes e Frades.)

Situada em uma elevação, d'onde se vêem varias povoações.

É da casa de Bragança, que apresentava aqui o abbade, o qual tinha 300$000 réis de renda.

É terra muito fria e pouco fertil.

Suas aguas são muito insalubres, o que tudo tem concorrido para a diminuição da população.

Passa aqui o rio Montalegre.

A mesma etymologia.

CAMBRA—(Vide Macieira de Cambra.)

CAMBRA—rio, que rega o valle de Cambra (Douro) concelho de Oliveira de Azemeis, e no mesmo valle seguinte ao Caima. (Vide Caima.)

CAMBRA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vouzella, 24 kilometros ao N. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa. 360 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Vousella, e da comarca de Viseu, concelho de Lafões.

O rei apresentava o vigario, que tinha de rendimento 70$000 réis, e o pé de altar.

Situada em um valle entre montes.

É do padroado real.

É terra fertil.

Tem duas feiras, uma na terceira oitava do Espirito Santo, e outra em dia de S. Silvestre.

Passa aqui o rio Alfusqueiro.

Era do concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, e em outubro de 1871 passou a ser do concelho e comarca de Vouzella.

CAMBRES—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 3 kilometros ao NO. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 820 fogos.

Em 1757 tinha 320 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Vizeu.

Era do padroado real.

O vigario tinha 40$000 réis. Tinha dois curas e dois beneficiados, os curas tinham 60$000 réis, com o pé de altar, os beneficiados 40$000 réis cada um.

Muito e optimo vinho; do mais fertil.

O Douro passa pela extremidade N. da freguezia, ficando esta em frente da Régua.

É uma bonita freguezia, muito povoada e toda cultivada. Na margem do Douro, tem

muitas e bellas quintas, sendo as principaes as seguintes: Pacheca, Touraes, Calças, Carneiro, Varaes, etc., etc.

É dentro da demarcação da antiga *Companhia dos Vinhos*.

Produz annualmente, termo medio, 2:500 pipas de vinho de embarque.

É abundantissima de cereaes, legumes e hortaliças, e as suas fructas são em grande quantidade, muito variadas e de boa qualidade.

Ha n'esta freguezia uma casa notavel pela sua grandeza e pelo seu local. É a *Casa da Corredoura*, com grande quinta ajardinada, contigua. É dos srs. *Perfeitos*.

Optima egreja matriz. Faz-se n'ella annualmente a romaria do Senhor dos Afflictos, que é talvez a mais concorrida d'ambas as margens do Douro.

O povo d'aqui, é apparentemente tratavel, vivendo (como vive) em contacto com Lamego, Regua, Villa-Real, Porto etc.; mas, pela mais leve desintelligencia, se assassinam uns aos outros, sem ceremonia.

Ha annos que tem havido 18 e mais assassinatos!

Não ha talvez em todo o reino, freguezia onde se encontrem tantas cruses, commemorando homicidios. Só na estrada da Barca do Carvalho para Lamego, se vêem nove, encontrando-se só em um angulo da estrada (em Felgueiras) tres; mas algumas d'ellas, marcam varias mortes que aqui se teem feito.

De todas as aldeias d'esta freguezia, a mais tristemente célebre é Portêllo, que aliás é das mais bonitas povoações da freguezia, e atravessada pela estrada nova de macadam, que liga a Régua com Lamego.

—

O *pôrco do fisco*.

Junto á cidade de Lamego, e no dia de Santo Estevão, era muito celebrado o grande *pôrco do fisco*, que dos 13 casaes do logar de Portêllo, d'esta freguezia, se pagava annualmente ao mosteiro de Salzêdas. De todos quantos os taes frades recebiam, este era sempre o maior.

Fazia-se aqui n'esse dia (26 de dezembro) uma feira de porcos; vinha a ella o procurador do mosteiro (que era mesmo um frade) e escolhia na feira o melhor pôrco que via, e os povos o pagavam pelo preço que o dono do pôrco muito bem queria, e lá ia para Salzêdas.

Este fôro do pôrco era na sua instituição pago ao rei (e por isso se chamava do *fisco*) mas D. Affonso I deu ao mosteiro de Salzêdas, em attenção a D. Thereza Affonso (4.ª mulher de D. Egas Moniz) *todos os direitos reaes*, e portanto o pôrco de Portêllo e outros mais logares.

Fisco é pois o direito ou tributo que se paga á fazenda real. (Hoje diz-se á *fazenda publica*, e é mais bonito.)

Em 1163, Pedro Viegas, auctorisado por D. Affonso I, vendeu á tal D. Thereza Affonso, por 480 *morabitinos* (maravidíns) tudo quanto tinha nos territorios de Lamego e *Ermamar* (Armamar) que era em Queimada, Figueira, Portêllo, Quintião, Bouzonas, Penellas, Moimenta, Maguéja, Candêdo (abaixo do monte de Galafúra) Valle do Conde e Lamaçaes, aguas vertentes para o Douro.

Em 1155, *Munio Sandinio*, parocho d'Almacáve, com seus freguezes, venderam varias fazendas, em Mosteirô, d'esta freguezia, ao mosteiro de S. João de Tarouca, por 3 *mauros* para elles e 6 para o *senhor da terra*. Uns dizem que estes *mauros* eram *escravos mouros;* outros pretendem que sejam *morabitinos* ou *maravidís mouriscos*. É mais provavel que seja isto.

Supponho que os *maravidís* é moeda africana, talvez cunhada pelos *marabetins*, ou *morabetinos*, povos da Arábia, da seita de *Alí* (genro de Mafoma) opposta á de *Omar;* os quaes vieram para a Africa, em companhia de *Abu-Jauar*, fundador da sua seita, pelos annos 40 da *Egyra*, ou 662 de Jesus Christo, e d'alli passaram para a Hespanha, seus descendentes, no seculo VIII.

Dos arabes adoptaram os portuguezes esta qualidade de moeda, mandando-a cunhar com o mesmo nome.

Alguns pretendem que esta moeda, sim era originariamente mourisca, mas que tinha outro nome, e que o de *maravedí*, ou *maravedim*, que nós lhe démos, vem de *mauro butim*, que quer dizer, *despojo dos mouros*.

É êrro crasso, commettido pelo simples desejo de arranjar etymologias. Na palavra *maravedí* serei mais extenso.

O bispo de Lamego, doou ao convento de Tarouca, os dizimos da *Bugalheira*, por consentimento dos freguezes de Cambres, em 1217.

CAMINHA—villa, Minho, comarca e 18 kilometros a ONO. de Vianna, 54 a O. de Braga, 8 a O. de Villa Nova da Cerveira, 25 a O. de Vallença, 105 ao NNO. do Porto, 417 ao N. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas.

No concelho, 2:400 fogos.

Em 1660, tinha a villa 500 fogos, e em 1757, apenas 135.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Em 41º 52' de latitude N. e 20' de longitude occidental.

A 1:500 metros da foz do rio Minho, e sobre a margem esquerda d'elle e a confluente do Coura com o Minho, ficando-lhe este ao N. e aquelle a N. e NE., banhando-lhe ambos as suas muralhas.

Tambem é sobre a margem esquerda do Coura.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha de renda 110$000 réis e o pé de altar.

É provavel que os phenicios, ou os carthaginezes (que vieram depois d'elles) fundassem aqui alguma povoação ou estabelecimento, visto a importancia d'esta posição; mas não ha d'isso vestigios nem memorias.

O que é incontestavel é que estes sitios foram habitados pelos celtas, pois d'elles ha monumentos. Eu vi na freguezia de Mollêdo, do concelho e 1 kilometro ao S. de Caminha, *carns* (a que os d'alli chamam *cerrados dos mouros*) e em Gontinhães, freguezia do mesmo concelho, a confinar com o Mollêdo, um *dolmen*, perfeitamente bem conservado. (Vide Gontinhães e Ancora.)

É certíssimamente povoação romana; mas não pude saber o nome que os romanos lhe deram.

Na divisão dos condados de Entre Douro e Minho, feita por D. Fernando de Leão em 1026, se lhe dá o nome de Cabeça do Minho. (Vide Britonia do Lima.)

Foi esta villa uma praça d'armas importantissima da edade média e o continuou a ser até ao fim do seculo passado. Era defendida por tres ordens de muralhas.

A 1.ª, foi construida pelos romanos. Era tudo de cantaria. Tinha 10 torres e 4 portas, que são, a *da Villa*, que é uma alta torre, onde está o relogio; a *do Sol*; a *Porta Nova* e a *do marquez*. Ainda existe grande parte d'estas muralhas, a tal torre do relogio e a casa da camara, tudo obra dos romanos e em tão perfeito estado de conservação, que surprehende.

A 2.ª circumvalação é obra de D. Diniz, no fim do seculo XIII, era onde hoje é a rua da Misericordia. Tinha uma só porta, que é a *de Vianna* (ao S.) e um postigo, que vae dar ao rio Minho.

A 3.ª fortificação e circumvalação é obra de D. João IV e de seu filho, D. Affonso VI.

É feita de alvenaria, com *cava* (ou fosso) e contra-escarpa. Tinha 6 portas, que são: Porta Nova, de Santo Antonio, da Corredoura, Falsa, do Caes (ou do Vau) e a do Assougue.

Esta ultima circumvalação era muito mais ampla e comprehende no seu ambito quasi toda a villa.

Todas estas obras de defeza estão em completo abandono e em grande parte arruinadas. As mais bem conservadas (como já disse) são as mais antigas!

Fóra das Portas de Vianna principia o pinhal do Camarído, da nação (vide Camarído.)

Tem, na rua da Misericordia, um convento (ainda habitado) de freiras fransciscanas, fundado por André de Noronha, bispo de Portalegre, em 1561.

Este convento é da invocação de Nossa Senhora da Misericordia.

O bispo fundador, tinha sido abbade da freguezia de Caminha.

Tinha tambem um convento de frades capuchos, fundado por D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real, e pae do primeiro duque de Caminha, em 1618. (Ambos morreram degolados por traidores á patria, na

praça do Rocio de Lisboa, a 29 de agosto de 1641.)

Caminha foi cabeça de ducado, até que, em 1641, se descobriu uma vasta conspiração, cujos conjurados tinham por fim assassinar D. João IV e toda a familia real, e entregarem o reino aos castelhanos.

Os principaes traidores eram o arcebispo de Braga; o inquisidor geral; D. Miguel de Menezes, filho do marquez de Villa Real e duque de Coimbra; o marquez de Villa-Real (de qeu já fallei) o conde d'Armamar; D. Agostinho Manuel de Vasconcellos e outros.

O arcebispo, morreu na prisão; o inquisidor-geral, esteve muitos annos preso, sendo por fim perdoado; os quatro seculares morreram degolados, no Rocio de Lisboa, a 29 d'agosto de 1641. Foi então supprimido o ducado de Caminha.

D. Affonso V, fez conde de Caminha a Pedro Alvares de Sottomaior, visconde de Tuy (gallego) ao serviço de Portugal, e seus descendentes foram alcaides móres de Caminha. Phillippe IV fez duque de Caminha, a D. Miguel de Menezes, primogenito do marquez de Villa Real. Vide adiante.

Para a geneologia dos duques de Caminha, vide Guarda, artigo Barbadão.

—

Um illustre cavalleiro gallego cujo nome se ingnora, de appellido Caminio (por ser senhor da Casa do Caminho,) reedificou e povoou esta villa, pelos annos 950 de Jesus Christo, dando-lhe o seu nome.

É preciso notar que a palavra gallego, não quer dizer que o individuo fosse natural da actual Galliza. Já tenho dito e repetido que a antiga Galliza comprehendia então toda a nossa actual provincia do Minho e parte da do Douro da margem direita d'este rio para o N.

Sirva isto de regra para quando aqui fallar dos antigos gallegos.

Depois se destruiu, em grande parte com guerras contínuas d'aquelles infelizes tempos e a reedificou e povoou de novo, dando-lhe o titulo de villa, D. Affonso III, em 1265.

D. Diniz a augmentou, fazendo-lhe novas e mais amplas fortificações, em 1284, dando lhe, a 24 de julho desse mesmo anno, foral, com todos os privilegios do de Vallença. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Entre os muitos privilegios concedidos pelos seus foraes a esta villa, era um d'elles ser Caminha—*couto do reino*—isto é—couto d'homisiados: podendo para aqui vir morar qualquer malfeitor, sem receio da justiça nem do castigo.

Todos estes coutos do reino foram extinctos pela lei de 1790; mas ficaram as cartas de seguro, que ainda eram peores. Vide Couto.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.° (3.° logar da direita.)

—

Junto á Torre do Marquez, houve antigamente um grande caes, onde carregavam e descarregavam navios de muito maior lote do que os que hoje podem entrar a barra; mas as areias foram cobrindo este caes, até ficar completamente enterrado.

Ha mais de 260 annos que esta porta se tapou, por inutil.

Chamava-se do Marquez, porque junto d'ella havia um palacio dos marquezes de Villa-Real.

D. Affonso V, fez d'aqui conde a D. Pedro Alvares Sotto-Maior. Philippe II, fez d'aqui duque a D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real, e Philippe IV, (depois de degolado D. Miguel de Menezes, por traidor, em 1641) fez d'aqui duqueza, D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, condessa de Medelim (Hespanha) casada com D. Pedro Porto Carreiro, 8.° conde de Medelim. D. Maria Beatriz era irman do ultimo duque de Caminha, Philippe IV, lhe deu este ducado *in perpetuum (!)* em sua familia, isto em 1641 (ainda veio a tempo!) e de mais a mais as honras de grande de Hespanha.

Tem por armas, em escudo branco, um castello d'ouro, com tres torres, sobre o mar d'ondas verdes.

—

A egreja matriz da villa, é o mais bello templo d'architectura gothica das provincias do norte; lançou-se-lhe a primeira pedra no dia 4 d'abril de 1488, reinando D. João II.

Foi principiado á custa da camara e com

esmolas do povo da villa; mas estando as obras muito atrazadas quando D. Manuel subiu ao throno, este rei, contribuiu muito, com grandes esmolas, para a sua conclusão, que teve logar em 1500.

É este templo todo de robusta cantaria, e tendo a porta principal e travessa, janellas, cimalha e torres ornadas de muitas esculpturas e arabescos.

Tem uma platibanda formada por um primoroso rendilhado, com embornaes ou goteiros esculpidos. (Sendo os dous do lado do norte que olham para a Galliza formados por dous rapazes de côcaras (!) deitando a agua da chuva por um grande buraco que teem no recto!

O tecto de toda a egreja, apainellado, é formado de madeira de muitas qualidades e côres (naturaes) e não tem (que eu saiba) rival no reino.

Tem uma imagem de Jesus Ecce Homo, de primorosa esculptura.

Veio d'Inglaterra, quando Henrique VIII. alli abolio o catholicismo.

Tem egreja da Misericordia e hospital, fundado pela camara e povo, em 1551. Durante a guerra dos 27 annos (1640 a 1667) houve aqui um hospital militar.

Tem uma extensa praça, chamada Terreiro, com um bello chafariz no centro, feito em 1865, exactamente egual ao do Campo do Forno, de Vianna, pois foi feito pelo mesmo risco.

N'este terreiro estão as melhores casas particulares da villa, distinguindo-se as dos srs. Lima, barão de S. Roque, Cardoso e Faria. E' tambem notavel pela sua muita antiguidade, a casa gothica ameiada, do sr. Rodrigo Pitta.

A casa do sr. Pitta foi construida por um seu ascendente, chamado *Inigo Lopes Anuncivay*, fidalgo gallego, em 1490. Antigamente (não sei porque) se appellidavam Sérpes, os membros d'esta familia.

São tambem situadas n'esta praça, a torre da villa e a casa da camara (de que já fallei) de construcção romana, onde está tambem a estação telegraphica.

Ha n'esta villa 5 boas capellas, (Senhora da Piedade, S. Sebastião, S. João, Senhora de Guadelupe e Senhora da Graça.)

Tem varias fontes de optima agua, dentro e fora das muralhas.

Tem um estaleiro onde fazem brigues, lugres, hiates e outras embarcações menores.

O seu porto é muito frequentado e sustenta um commercio activo com Lisboa, Porto e outros pontos do reino. Entram e sahem annualmente mais de 100 navios, cujas lotações (de todos, excedem a 8:000 toneladas.

—

Caminha está pittorescamente situada. O rio Coira que lhe corre a E., e NE., o Minho que corre pelo N. e ONO., e o Occeano que a banha pelo O., fazem Caminha e seu territorio uma formosa peninsula.

Fica a villa nas margens esquerdas dos dous rios, confluindo, mesmo aqui o Coira com o Minho, e tem, sobre a fóz d'aquelle, uma linda ponte de madeira, em linha recta, assente em robustos pilares de granito, e uma das mais compridas do reino.

Desde Vianna até esta villa, sempre na costa, e desde aqui até Vallença, na margem esquerda do Minho, é um continuado jardim (melhor diriamos paraizo.)

Mas Caminha não cede em formosura a estas duas deliciosas zonas. Os campos que a cercam, são formosos e fertilissimos; os montes que lhe ficam sobranceiros, estão cobertos de frondoso arvoredo, apparecendo por entre elle as cristas escalvadas e cinzentas de rochedos alcantilados.

Ao O., vê-se o Atlantico, já deslisando-se placido sobre os areaes, já furioso debatendo-se, com medonho estampido, contra os rochedos.

Na embocadura do Minho, se vê a fortaleza da Insua (vide esta palavra) como um navio debatendo-se entre as ondas.

A ONO., em frente da villa, se espraia o formoso Minho, e na margem opposta se vê a bonita aldeia gallega da Passagem (da freguezia da Guardia, pequena villa hespanhola no litoral.)

Quasi a prumo sobre a fóz do rio, tambem do lado da Galliza, se vê a serra de Santa Tecla, cujo pico (coroado com a capella da mesma Santa) se vê a muitas legoas de distancia, tanto do mar, como de terra. Veem-

se as lindas margens gallegas do rio Minho, desde a Passagems até Gaião.

Para NE. e alem da ponte do Coira, se vê a poetica freguezia de Seixas; e para o E. o lindo rio Coira e suas ferteis e deliciosas margens.

Finalmente, de qualquer ponto d'esta villa que nos colloquemos, vê-se um panorama bellissimo, em que nossos olhos se não fartam de divagar.

—

Com a estrada nova, tem progredido e prosperado muito esta villa, que cada dia se torna mais bonita.

A rua principal (da Misericordia) e a que vae á ponte, são formadas pela estrada real (á macadam) feita em 1857. Tem mais varias ruas, quasi todas perfeitamente calçadas com lagens de granito, cujo melhoramento é devido ao sr. Torres, segundo barão de S. Roque, cavalheiro d'esta villa.

O sr. barão de S. Roque já morreu. (é hoje representante de sua casa, seu filho unico, o sr. doutor Antonio Xavier Torres e Silva, terceiro barão de S. Roque) Dos mais ricos proprietarios e capitalistas da provincia, sendo muitos annos presidente da camara, empregou o seu patriotismo, zello e illustração em melhorar as condições moraes e materiaes da terra que o viu nascer.

Fique aqui registado o nome d'este portuguez benemerito, para honra dos seus descendentes e d'esta villa.

Ha tambem em caminha a bonita casa e quinta do sr. José Maria de Leiras; e a 2 kilometros a N., na margem esquerda do Minho, em formosa planicie, está a casa acastellada do sr. Camillo, digna de menção pela sua antiguidade. E' na freguezia de Lanhelas.

—

Caminha, ainda no seculo 16.º formava uma peninsula triangular, e muito menos espaçosa do que actualmente; porem o Coira (que então passava por onde hoje é a praça do Terreiro) foi-se obstruindo na sua margem esquerda e invadindo os pantanos da margem opposta, dando assim mais amplitude á villa, e á peninsula sobre que ella está fundada, a configuração quadrangular que actualmente tem.

Na margem direita da foz do Coira, houve muitas marinhas de sal, mas, por este não ser de boa qualidade, estão hoje abandonadas.

—

Faz-se tambem em Caminha grande commercio com Hespanha.

Exporta cereaes, cortiça, fructas, vinho, peixe, etc.

Tem varias *diligencias* diarias, ascendentes e descendentes e a sua estrada é concorridissima.

—

É patria de D. Antonio Mendes, que foi lente de Coimbra, e bispo d'Elvas; que morreu n'esta cidade a 9 de janeiro de 1591;

Do insigne compositor de musica João Soares Rebello, muito estimado de D. João IV;

Do famoso jurisconsulto Pedro Barbosa, que reformou as *Ordenações do Reino;*

E de outros varões illustres em armas, em lettras e em virtudes.

—

Tem estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Já disse que Philippe IV fez duque de Caminha, em 14 de dezembro de 1620, a D. Miguel de Menezes, filho do quinto marquez e primeiro duque de Villa Real.

D. Miguel Luiz de Menezes, sobrinho do antecedente e filho do setimo marquez de Villa Real, foi feito segundo duque de Caminha, por D. João IV, em 14 de maio de 1641; porém esta graça não obstou a que este duque e o marquez, seu pae, fossem traidores ao seu rei e á sua patria; pelo que, como tambem já disse, foi justiçado com seu pae e os outros cumplices na traição, na praça do Rocio, de Lisboa, em 29 de agosto de 1641. Ficou desde então extincto este titulo.

(Vide Loronhas.)

ÇAMORA—Vide Samora.

CAMPANA—portuguez antigo, sino, sineta.

CAMPANEIRO—portuguez antigo, sineiro.

CAMPANHAN—freguezia (que foi villa), Douro, arrabaldes, comarca e 3 kilometros a NE do Porto, concelho e 3 kilometros a O. de Gondomar, 310 ao N. de Lisboa, 1:000 fogos, 3:800 almas.

Em 1757 tinha 758 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era couto dos bispos do Porto, e pertencia ao *termo velho*, pelo que tinha todos os privilegios e honras d'aquella cidade.

Situada em terreno accidentado, mas fertilissimo, formoso e saudavel, muito abundante de aguas, e correndo-lhe pela extremidade N. o rio Douro, cujas margens são muito bellas.

Dos seus cabeços se vê o Porto e muitas povoações das dúas margens do Douro, e interiores.

A egreja matriz, de uma só nave, é um templo vasto e muito aceiado, todo de cantaria por fóra e forrado de azulejo interiormente.

Á padroeira se chama Nossa Senhora de Campanhan, por ser achada em uma *campina*, depois de vencidos os mouros. Primeiro chamava-se Nossa Senhora da Entrega. É de pedra e muito bem feita.

Festeja-se a 8 de setembro, e vae alli muita gente de fóra, especialmente do Porto.

O bispo do Porto apresentava aqui *in solidum* o reitor, que tinha de renda 400$000 réis.

Havia aqui uma commenda, que rendia 1:300$000 réis livres de todos es encargos a que era obrigada.

Tinha antigamente juiz ordinario, que era tambem o almotacé do couto e julgava toda a quantia. Era confirmado pelo bispo. Servia-lhe de escrivão um ecclesiastico por turno.

Aqui nasceu fr. Manuel de S. Jeronymo, frade dominico, que, sendo captivo dos mouros, foi martyrisado em 1718, na Africa, sendo queimado vivo,

É terra muito rica, pelas suas variadas producções agricolas, pelo grande e continuo commercio que sustenta com a cidade do Porto, e sobretudo pelo decidido amor ao trabalho, que tão honrosamente dirtingue os seus habitantes.

Passa aqui o *Rio Tinto*, que se mette no Douro, no sitio do Esteiro, e outro ribeiro chamado *Ribeirinho*, que nasce no logar de Baguim do Monte, freguezia de Rio Tinto, e se mette no Douro em Campanhan de Baixo. Ambos regam e móem.

Ha aqui muitas quintas boas, com formosas casas, sobresaindo, entre as melhores, o sumptuosissimo palacio acastellado do sr. Antonio Affonso Vellado, viscondo do Freixo, o qual palacio, excluindo o da Breijoeira, é o mais bello, rico e magnifico de Portugal, fóra de Lisboa.

Está mobilado com um luxo surprehendente, e seu digno proprietario, que é um cavalheiro illustrado e delicadamente obsequiador, o franqueia facilmente para ser admirado, quando os visitantes são pessoas decentes.

O sr. visconde do Freixo é um cavalheiro perfeito, de conversação amena, revelando muita intelligencia o bom gosto, chão e sem ceremonia, pondo as pessoas que tem o gosto de conversar com elle, logo á sua vontade. Parece exactamento um dos nossos antigos fidalgos portuguezes, e não céde em boas maneiras e affabilidade aos do sangue asul.

Se o tão justamente célebre palacio da Breijoeira excede em grandeza e magestade ao do Freixo, se a quinta e magnificos jardins do sr. Moscoso excedem em vastidão e disposição aos do sr. Vellado, o palacio e quinta d'este senhor excede á d'aquelle pela sua pittoresca e formosa posição, pois está mesmo sobre a margem direita do Douro, no sitio onde este rio é mais bello, e cujas ondas se deslizam pelos muros d'esta encantadora propriedade.

O sr. visconde do Freixo comprou este palacio e quinta, em 1850, ao sr. visconde de Azurára, por 15:000$000 réis; mas, como estava ha muitos annos em total abandono, o sr. visconde, para o tornar uma das mais lindas vivendas de Portugal, tem gasto quasi trez vezes o seu custo.

Este palacio foi feito pelos Tavoras, cujos golphinhos (ou delphins) que eram o seu

timbre, ainda se vêem esculpidos em varias partes.

Chama-se a quiuta do Freixo.

(Vide Freixo (quinta do).

—

Tem o segundo logar entre as bellas propriedades d'esta freguezia, o lindo palacio e formosa quinta de Villar, de que é proprietario o sr. Alfredo Allen, visconde de Villar Allen.

—

Estão hoje tambem reparados com grande luxo o palacio e quinta que foi dos srs. viscondes de Balsemão, comprados em 1867 pelo negociante e capitalista portuense, o sr. Simão Duarte de Oliveira.

Além d'estas tres, ha muitas mais casas de campo, e bellas vivendas, que a natureza d'este livro me não permittem especificar.

Fabricam-se n'esta freguezia muitas e delicadissimas obras de ouro e prata, estando muito aperfeiçoadas as obras de *filagrana*.

Ha tambem aqui muitos e bons marceneiros (que chamam *ensambladores*) indo a maior parte dos artefactos d'estas duas qualidades de artistas para a cidade do Porto.

Ha n'esta freguezia muitos vestigios de grandes obras de mineração, do tempo dos romanos e arabes.

A agua da Fonte da Senhora, em Bomjôia (que rebenta de um rochedo) dizem que cura as molestias do estomago e outras. Rebentou milagrosamente (segundo uma inscripção que tem) na grande sêcca de março, de 1742.

Tambem no logar de Azevedo, d'esta freguezia, ha uma nascente de aguas thermaes, que ainda não foram (que me conste) analysadas scientificamente.

Aqui nasceu, em 4 de outubro de 1782, Joaquim Ferreira dos Santos, 1.º barão de Ferreira (feito em 7 de outubro de 1842), 1.º visconde de Ferreira (em 21 de junho de 1843) e 1.º conde do mesmo titulo (em 6 de agosto de 1850). Era commendador da Ordem de Christo, par do reino e grão-cruz da ordem hespanhola de Isabel a Catholica. Morreu na cidade do Porto, pelas 9 horas da manhã, do dia 24 de março de 1866.

Os governos que Portugal tem tido desde longos annos, e que tanto têem ridicularisado os titulos, commendas, brazões, cartas de conselho, etc., prodigalisando-os a tanto homem sem merecimento de casta alguma, poucas vezes conferido graus de nobreza bem merecidos, e nenhuma cértamente collocaram na classe da moderna aristocracia um varão tão digno d'essa distincção como o benemerito conde de Ferreira, mais nobre ainda pelas suas virtudes e pelas suas obras, do que pelos titulos que o condecoravam. São diplomas d'estes que a posteridade acata e confere aos bemfeitores da humanidade; diplomas que trazem por *sêllos pendentes*, ainda mais respeitaveis do que os officiaes, as obras de beneficencia e os legados de caridade.

O conde de Ferreira, nascido em humilde berço, adquiriu na America, pelo seu assiduo trabalho, pela sua intelligencia e honradez commercial, e pela sua economia bem entendida, uma grande fortuna, que no seu regresso á patria o tornou o maior capitalista da segunda cidade do reino.

A sua vida, depois de rico, foi uma continuada série de actos de caridade e beneficencia, e a corôa de todas as suas obras, foi o seu testamento, o mais notavel, o mais philantropico de quantos têem havido em Portugal e talvez em todo o mundo!

Este documento é o reflexo da alma virtuosa, do coração grande e beneficente de quem o dictou. N'este testamento brilham e resplandecem as qualidades de um bom amigo e de um inimitavel cidadão.

Não fallando nos valiosos legados que o conde de Ferreira deixou aos seus intimos, tratarei apenas dos que dizem respeito ao bem geral.

Deixou, além de outros muitos legados de muita valia em beneficio das classes desvalidas, 144 contos de réis para a fundação e mobilia de 120 escholas de instrucção primaria, para ambos os sexos, nas terras de Portugal que forem cabeças de concelho.

Á Santa Casa da Misericordia da cidade do Porto, para uma enfermaria homoeopathica, que não tenha menos de 20 enfermos permanentes, 20 contos de réis.

Deixou o remanescente da sua grande riqueza (calculada em uma cifra superior a 200 contos de réis) á fundação e sustentação de um hospital de alienados, na cidade do Porto; que tanto carecia d'este indispensavel estabelecimento, e que já está em construcção, com grande diligencia e sumptuosidade, fóra de barreiras, ao NO. da cidade, no sitio chamado Cruz das Regateiras.

Do que deixo dito se vê que o conde de Ferreira está na frente de todos os varões portuguezes que têem sido bemfeitores da humanidade, e o seu nome irá, de geração em geração, cercado de uma aureola de gloria, até ao fim das edades.

Esta freguezia, pois, deve ter orgulho de ser a patria de tão nobilissimo varão, menos nobre pelos seus titulos do que pelas suas qualidades.

—

A egreja parochial está situada quasi no centro da freguezia. Presume-se que o local em que hoje está não é o primittivo.

É provavel que o primeiro assento da egreja matriz d'esta freguezia fosse no sitio chamado antigamente *Luzazeres*, entre as aldeias de Luzaceres e Contumil.

Ignora-se quando foi mudada para o sitio actual, mas é certo que o foi ha muitos annos, e provavelmente antes da fundação da monarchia.

Eu supponho, com bons fundamentos, que o primeiro nome d'esta freguezia foi *Los Azares* (As Batalhas — vide Azares) ou *D'os Azáres*.

Sendo governador do Porto o conde Hermenigildo, Ab-el-Raman, rei de Córdova, pretendeu, em 824, reconquistar a cidade do Porto, atacando-a com um grande exercito.

O conde não só resistiu com a sua gente, aos mouros, mas tomando a offensiva, veio sobre elles, e n'esta freguezia lhes deu uma grande batalha, destruindo-os completamente.

Foi tanto o sangue mourisco que n'ella se derramou, que um ribeiro que por aqui passa, tomou o nome de *Rio Tinto*, que ainda conserva, em razão das suas aguas tomarem a côr do sangue.

(Esta victoria, porém, custou cara aos lusitanos; porque, logo no anno seguinte, 825, veio sobre o Porto o feroz Almançor, o grande, cognominado *terror dos christãos*, com um numerosissimo exercito, e tomando de assalto a cidade a saqueou e destruiu, reduzindo-a a um montão de ruinas, e assim esteve até 999. — (Vide Porto, onde isto vem mais circumstanciado.)

Tornando á etymologia de Campanhan, parece que *Los Azáres* se chamou a este sitio, em razão d'esta mortifera batalha.

Com o tempo se mudou o nome para *Campanha*, que no antigo portuguez vinha a significar o mesmo; ou talvez para *Campanhans*, que na lingua dos lusitanos, era o mesmo que dizer — sitio das batalhas. D'aqui facilmente se modificava em *Campanhan*.

Segundo a tradição, no dia da batalha appareceu aqui uma imagem de Nossa Senhora, á qual os fieis attribuiram a victoria dos christãos, e lhe erigiram logo depois d'ella uma ermida, que veio a ser a matriz da freguezia que aqui veio a crear-se.

Estou persuadido que a esta imagem se deu primeiro o nome de Santa Maria de Azáres. É certo que depois se lhe chamou Nossa Senhora da Entrega (não sei porque: talvez em razão de se entregarem muitos moiros para escaparem com vida depois da derrota) e por fim se denominou Nossa Senhora de Campanhan, nome que ainda conserva.

A egreja que hoje existe foi roubada, em 1809, pelas hordas de Soult, que não contentes com o saque, a desmantelaram.

Tambem soffreu alguns damnos com a guerra fratricida de 1832 a 1834, estando então fechada mais de um anno.

Depois se lhe fizeram alguns reparos, e em 1862 se lhe accrescentou a capella-mór e se lhe collocou um relogio na torre. É actualmente um lindo templo.

Está na quinta do Pinheiro d'esta freguezia o asylo dos meninos desamparados (denominado Seminario). Fundou este caritativo estabelecimento o padre José de Oliveira, da congregação do oratorio, em 6 de janeiro de 1814, na rua das Hortas (hoje do

Almada) coadjuvado pelo doutor Simão da Costa e Silva, para cinco creanças do sexo masculino, em commemoração das cinco chagas de Jesus Christo.

Foi depois transferido para a Torre da Marca, para uma casa proxima á capella do Senhor da Boa Nova, e já no anno de 1819 recolhia e educava 30 meninos.

Em 1825 mudou-se este collegio para o fundo da rua de Cimo de Villa, para uma casa denominada Paço da Marqueza, tomando então a denominação de Asylo de Nossa Senhora das Dôres e S. José.

Em 1863 foi mudado para a quinta do Pinheiro, de Campanhan, a qual tinha doado a este asylo o bemfeitor Luiz Antonio de Lima, com outros varios bens.

Este collegio está muito bem administrado por uma commissão, e o seu estado é mui florescente.

Tem hoje de rendimento annual—juro de inscripções 1:349$250 réis—rendimento de capitaes 1:098$290 réis—de obrigações prediaes 64$800 réis—de acções da companhia Utilidade Publica, 200$000 réis—do Banco Mercantil Portuense 266$000 réis—do Banco União 159$000 réis—do Banco Alliança 177$600 réis—do Banco Commercial 15$000 réis—de juro de acções da camara do Porto, 9$813—de fóros em dinheiro 99$360 e em especie 330$360—de rendas de propriedades em Portugal 694$140. Tem tambem propriedades na cidade da Bahia (Brasil).

A sua receita regula por 13:000$000 réis annuaes, e a sua despeza anda por dez contos de réis.

O sitio d'este collegio é formoso e muito saudavel, e a quinta está cultivada com esmero. (Vide Porto e Rio Tinto.)

CAMPANHÓ—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Villa Real, concelho d'Ermêllo, hoje é da comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho de Mondim de Basto, 60 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Barbara.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Eram seus donatarios os marquezes de Marialva.

Situada em uma asperissima montanha, nas abas da serra do Marão. A egreja parochial era annexa á de S. Vicente de Ermêllo.

O abbade de Ermêllo é que apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 15$000 réis e o pé d'altar.

Apesar da aspereza da serra em que está situada esta freguezia, tem sitios bastante ferteis.

Passa aqui o rio Olo.

CAMPEAN—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, foi até 1855 da mesma comarca, mas do concelho de Ermêllo, 66 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757 tinha 282 fogos.

Orago Santo André.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É do infantado, e povoação muito antiga.

Situada em planicie, na serra do Marão, mas em uma baixa, sem vista para outras povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 700$000 réis.

Muito fertil em milho, centeio, trigo, e sobretudo, castanha. Não produz vinho por causa da frialdade do clima. É terra muito saudavel. Tem uma fonte abundante de boa agua, chamada do Velho, e duas lagôas, chamadas Balça e Sardoura. É abundante de aguas; mas, mesmo no verão, é terra fria.

Tem minas de prata e outros metaes.

Parece que houve por estes sitios antigamente lavra muito activa de minas de ferro. Vide Gontães.

Eu disse que esta freguezia estava em uma baixa, e assim é; mas é no alto da serra do Marão, em uma especie de plató, cujas bordas são mais elevadas.

Em 1847 estive aqui aquartellado em casa de um rico proprietario, que tinha o desgosto de lhe nascerem os filhos todos com a terrivel molestia de *hydrocephalo;* morrendo antes de chegarem aos 7 annos.

CAMPÊLLO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, tiga.

30 kilometros de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 590 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente do termo de Miranda do Corvo.

O prior de Miranda do Corvo é que apresentava aqui o cura, que tinha 60$000 réis.

E' fertil. Cria muito gado e seus montes são abundantes de caça.

Pelo meio da freguezia passa a ribeira d'Alge (ou Algea, como antigamente se dizia) que nasce na Chan do Alhal e morre no Zêzere, abaixo de Figueiró dos Vinhos, no sitio da Foz do Alge. (Vide Alge.)

CAMPÊLLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Bayão, mas da comarca do Porto. Depois foi (até 1855) da comarca de Soalhães, concelho de Bayão.

Creada, em 24 de outubro a comarca de Bayão (sendo então supprimida a de Soalhães) ficou Campêllo a ser a séde, ou capital do concelho e da comarca de Bayão.

Situada em um valle entre duas serras.

Um dos arcediagos de Braga apresentava aqui o cura, que tinha 300$000 réis de renda.

E' terra fertil.

Foi antigamente villa e tinha juiz ordinario, camara e almotacés, procurador do concelho, meirinho, cinco escrivães do judicial, porteiro, um escrivão da camara, dois das sizas e juiz dos orphãos com dois escrivães.

Feira a 24 de agosto, tres dias, e mercado a 8 de cada mez.

As serras entre as quaes está a freguezia chamam-se Aboboreira e Mixo.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Campêllo e Campêllos. Nenhuma tem nada de notavel.

Campêllo, no portuguez antigo, é diminutivo de campo, o mesmo que campinho.

CAMPÍA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 30 kilometros ao NO. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 249 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era do termo e ducado de Lafões. Situada entre montes. Fertil.

Era do padroado real, e o vigario tinha 40$000 reis de renda.

Era do concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, e em outubro de 1871 ficou sendo da comarca e concelho de Vousella.

CAMPO—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O provisor do bispado de Viseu apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de renda e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil.

Campo é a palavra celta *camp* (ainda hoje usada, com a mesma significação, em França,) Tambem significa acampamento, arraial.

CAMPO (S. Martinho do)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca de Guimarães, concelho da Povoa de Lanhoso.

Situada em planicie fertil.

O cabido da Sé de Braga apresentava aqui o vigario, que tinha de congrua 8$000 réis, o pé d'altar, vinho e hostias para as missas conventuaes.

Passa aqui o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

No logar da Motta, d'esta freguezia, existem as ruinas de uma torre, obra dos romanos. E' o solar dos Mottas, que procedem de

Fernão Mendes de Gondar, filho de Mem de Gondar, capitão do tempo do conde D. Henrique.

CAMPO e **COUTO** (annexas) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago do Campo, S. Salvador e o da annexa, do Couto, S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos, terceira parte da *visita* de Nóbrega e Neiva.

Situada no valle de Tamel, d'onde se vê Braga e Barcellos.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor, que tinha de renda 100$000 réis.

E' fertil. Passa aqui o rio Seixomil, que réga e móe.

E' tradição que a egreja matriz de S. Salvador do Campo, foi convento de freiras bentas, e que estas morreram todas de medo, por verem um bixo.

Vide Couto.

CAMPO (S. Martinho do)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, (desde a suppressão do concelho de Negréllos) 24 kilometros ao SO. de Braga, 24 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 165 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca e termo do Porto. Depois foi do concelho de Negréllos, que, sendo supprimido, passou a formar parte d'este.

Situada em uma campina, sem vista para outras freguezias.

Era da corôa.

O abbade tinha de renda, até 1834, 700$000 réis. O *Portugal Sacro e Profano* diz que eram 500$000 réis. Era da apresentação alternativa do papa, do bispo e dos cruzios da serra do Pilar, em frente do Porto.

É terra fertil.

Era couto de Francemil e *visita* de Sousa e Faria.

Tinha juiz ordinario.

Passa pela freguezia o rio Visella, que réga e móe. Tem uma ponte de pedra, chamada de Negréllos, na estrada do Porto para Guimarães.

CAMPO (S. Salvador do)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao SO. de Braga, 24 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Refojos de Riba d'Ave, *visita* de Sousa e Faria, e depois passou para o concelho de Negréllos, que foi supprimido.

O abbade de S. Miguel de Entre as Aves, apresentava aqui annualmente o vigario, que tinha de renda 90$000 réis.

É terra fertil.

Esta freguezia está hoje annexa á de S. Martinho do Campo, do mesmo concelho.

CAMPO (S. Silvestre do)—freguezia, Douro, comarca, concelho, termo e 9 kilometros ao O. de Coimbra, (foi até 1855 do concelho de Tentugal) 284 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um valle d'onde se descobre a cidade de Coimbra, S. Martinho do Bispo, Táveiro, Revélles, Cegonheira e Ameal, que ficam além do Mondego (para o sul). Muito fertil.

O prior tinha de renda 390$000 réis.

Tem um convento (de S. Marcos) que foi de frades jeronymos.

Official e vulgarmente é esta freguezia só conhecida pelo nome do padroeiro, *S. Silvestre.*

CAMPO (S. Martinho do)—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, concelho de Vallongo, 330 fogos. Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente do termo do Porto, concelho de Penafiel.

Situada entre montes, dos quaes se vê o mar e grande parte das povoações do Minho, Douro e Traz-os-Montes.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, o bispo do Porto e os frades cruzios da serra do Pilar. Tinha 600$000 réis de renda.

Foi couto do Porto. Tinha então juiz ordinario, procurador e jurados.

Nos limites d'esta freguezia fica a serra de S. Martinho, e passa aqui o rio de Ponte Ferreira, que réga e móe.

N'esta freguezia está a pequena villa de Francemil. Vide esta palavra.

É uma freguezia muito rica pela sua fertilidade e pelo grande commercio que faz com a cidade do Porto.

CAMPO DO GEREZ ou **S. JOÃO DO CAMPO**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então, da comarca de Villa Verde, mas continuou a ser do concelho de Terras de Bouro, 30 kilometros de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago S. João Baptista.

Foi antigamente da comarca de Vianna, mas do concelho de Terras de Bouro.

Tem só duas aldeias, que são Campo e Villarinho das Furnas.

Vinham (e não sei se ainda vem) a esta freguezia, *clamores*, todos os annos, das freguezias de Aboim, Touvedo, Azias, Villa Chan, Entre Ambos os Rios, Germil, Ermida, Carvalheira, Covide e outras.

A egreja era do padroado real e o abbade tinha de renda 300$000 réis. Os passaes d'esta egreja são no logar de Sequeiros, freguezia de Chamoim, distante 7 kilometros d'esta freguezia, e d'elles paga o parocho de pensão ao senhor da casa de S. João de Rei, 2 pipas de vinho, 11 alqueires de pão e 220 réis em dinheiro.

Os dizimos do logar de Pergoim se partiam pelo meio, metade para o abbade de S. João do Campo; o mesmo se praticava com os da aldeia de Padroz, freguezia de Chamoim.

Além d'isto, pagavam os moradores de Padroz, ao abbade de S. João do Campo, em dia de Natal, 2:400 réis.

Tambem no logar da Infesta, da freguezia de S. Payo da Carvalheira, tem esta egreja muitas terras, de que os moradores partiam os dizimos, com o abbade de S. João do Campo.

E' terra fertil. Ha aqui muito e optimo mel.

Tinha esta freguezia o privilegio de se não fazerem n'ella soldados, com obrigação de defenderem a Portella do Homem á sua custa.

Era esta freguezia praça d'armas, na raia da Galliza, mas não tinha torre nem fortaleza alguma. No sitio onde se fazia o *corpo da guarda*, ha um muro feito de pedra miuda, entulhado com terra, que tem 1^{m},10 de alto, 1^{m} de grosso e 120 de comprido. Tem tambem duas casas terreas, pequenas, onde se recolhiam as sentinellas do concelho das Terras de Bouro e do de Santa Martha de Bouro, que eram os soldados que defendiam esta posição, em tempo de guerra, por contracto feito com o rei.

Comprehende esta freguezia grande parte da serra do Gerez. Diz o padre Cardoso, no seu *Diccionario Geograph.co*, que os homens e mulheres d'esta freguezia, são agigantados, robustos e optimos trabalhadores. Eu não lhe acho differença nenhuma, em corpolencia, dos outros habitantes do Minho, e quanto a robustez e ao amor ao trabalho, é qualidade que distingue todos os agricultores de Portugal, sobretudo os das provincias do norte.

Passa aqui o rio Homem, que muito concorre para a fertilidade da freguezia.

Quem segue a estrada da Geira (via romana que de Braga se dirigia á Galliza, atravez do Gerez) nos limites d'esta freguezia, ao approximar-se da Portella do Homem, sobre uma encosta sobranceira ao rio Homem, e na sua margem esquerda, vê um monstruoso e alto rochedo, chamado, com razão, o Castello; porque a certa distancia parece um castello artificial, com suas cortinas, setteiras, ameias, guaritas e até sentinellas. As heras e outros parietarias o cobrem

com sua constante verdura, dando-lhe um aspecto singularmente pittoresco.

Ha n'esta freguezia muitas antiguidades romanas.

Á entrada da planicie onde está a povoação do Campo, está um marco milliar a servir de pilar a um cruzeiro. A cruz é coberta por um telhado triangular, que descança em tres columnas de fino granito, muito mais delgadas do que o tal marco. Este marca 27 milhas, d'aqui a Braga, como se vê da sua inscripção, que é a seguinte:

IMP. CAES.
C. MISSO. TR.
DACO. NVTO.
PIO. FEL. AVG.
P. MX. TR. P.
PC. IIII. C. II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII.

Sobre a esquerda d'este sitio corre um ribeiro, formado de varios arroios que descem do Gerez. Sobre este ribeiro, e a poucos passos do referido cruzeiro, está lançada uma ponte de dois arcos, com suas ameias, contrafortes e *cortamáres*, tudo de boa cantaria. Argote diz que é obra romana, mas parece que é fundação, ou, pelo menos, reedificação do rei D. Diniz.

—

Na veiga d'esta freguezia tem apparecido, por vezes, restos de construcções romanas, e varios padrões (marcos milliares) que o povo destruiu, applicando-os a differentes obras.

Ainda n'esta freguezia ha um campo chamado Leira dos Padrões, pelos que aqui havia.

Ao fim d'esta veiga está o sitio chamado Casa da Guarda, onde antigamente haviam alguns padrões; já não apparece nenhum.

Tudo foi destruido.

D'aqui descahe a Geira para uma planicie chamada Valle de Linhares, cortada em todo o seu comprimento pelo rio Homem.

Este valle é o maior do Gerez, e é encaixilhado pela esquerda e direita por altas montanhas, semeadas de bosques e rochedos. Termina n'um desfiladeiro, que se prolonga até á Portella do Homem.

A Geira córta pelo sopé da cordilheira que fica ao SO.

Do meio do valle até ao Bico da Geira, ainda existem varios padrões. Um d'elles tem 1,^{m}50 de alto, está de pé e da inscripção só se pode ler:

IMP. CAES.....
M. AVR.....
PRO.....
AUG.....
IMP... N L...

Outro, tambem de pé, e da mesma altura ou pouco menos, tem uma inscripção que diz:

IMP. CAESARI
TRAIANO. HADRIANO
C. AUG.
PONTIF. MAX.
TRIBU. POTEST. XIIX
A BRAC. XXXI.

Ha outro padrão de um metro de altura, sem inscripção.

Outro de 1,^{m}66, sem vestigios de inscripção.

Outro de uns 12 palmos, partido em duas partes, do mesmo comprimento. Está cahido e com a inscripção voltada para a terra, pelo que se não póde ler.

D'aqui á Volta do Côvo, segundo a medição romana, é uma milha (2 kilometros).

Ha n'este sitio varios padrões.

O primeiro, da altura de 2,^{m}22, tem uma inscripção, da qual só se pode ler:

..... SI...
... NENE..
TRI... SSI..
.....M
BOP... CAIO.
.....CON..
..... B...

O segundo, da mesma altura, diz:

CAII.. CAESARI
....ANO.....
COS. III. P. P...
BRACARA
M. P.

O terceiro, de 2,^{m}44, não tem inscripção.

O quarto, de 1.^{m}33, tem a inscripção seguinte:

D. N.
MAGNO.
DECENTIO.
NOBILISSIMO
F. CORENTISSIMO
CAESARI
B. O. P. NATO.
M. XXXII.

O quinto está partido pelo meio. Tinha 12 palmos de alto. Sem inscripção.

O sexto de 8 palmos de altura, sem inscripção.

O setimo de 1 metro, sem inscripção.

O oitavo tem 2,^{m}22 de alto, e só se póde ler:

....MI. R.
.....O..
.. AUG...
M. P. XXXII.

O nono, da mesma altura, está partido em dois, servindo de parede de um pardieiro. Sem inscripção.

O decimo — um bocado de outro, tendo só 44 centimetros de alto, sem inscripção.

O undecimo de 1,^{m}33, mais delgado do que nenhum dos outros, sem inscripção.

—

D'aqui a Albergaria é uma milha, segundo os padrões (2 kilometros). Ha aqui um padrão sem inscripção.

O segundo está tombado e partido, tem 1,^{m}33, sem inscripção.

O terceiro tem quasi 1 metro de altura, e o resto da inscripção (o que se póde ler) diz:

..... N..
MIN. IAN.
M.....
..IC. FO. NOBI.

O quarto tem 2,^{m}11 de alto e a inscripção:

IMPE. CESARI.
MARCO AVRELIO
CARIN. PIO.

O quinto tem 2,^{m}60, sem inscripção.

O sexto é o bocado de um com 1,^{m}22, tombado e com a inscripção:

... ES. C. MES.
QUINTO. TRA.

DECIO. PIO.
P. MX. TR. POT.
PR. IIII. COS. II.
A AVG.....
....XIII.....

O setimo tem 1,^{m}60, sem inscripção.

O oitavo tem 1,^{m}22, só se pode ler:

...PO...
...PI....
.. VID...

O nono tem 2^{m} de alto, sem inscripção.

O decimo tem 2,^{m}22, inscripção illegivel.

O undecimo, tombado, 1,^{m}11, sem inscripção.

O duodecimo, mettido n'um fojo, tombado, 1,^{m}22, sem inscripção, ou com ella para a parte de baixo.

—

D'aqui á Portella do Homem é outra milha (romana).

Tambem alli ha varios padrões, e de um d'elles consta que de Braga alli são trinta e duas milhas.

(Vide Portella do Homem.)

CAMPO GRANDE—freguezia, Extremadura, comarca, termo e 3 kilometros a NO. de Lisboa, concelho dos Olivaes. 260 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago os Santos Reis.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Chamava-se antigamente *Alvalade*. (*Alvalade* é a palavra arabe *Al-balade*, que significa—logar habitado e murado.)

Grande feira no segundo domingo de outubro, 15 dias.

2.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres, aberto á circulação no dia 6 de setembro de 1873.

Dá o nome a esta freguezia uma extensa planicie (arborisada e ajardinada no gosto do *Bosque de Bolonha*, em Paris, e cujo melhoramento se principiou em 1869, e ainda não concluiu).

É cercado de bellas casas, quintas e hortas, e frequentadissimo dos lisbonenses.

Teve fabricas de seda. Hoje tem uma excellente de lanificios, onde trabalham nume-

rosos operarios, homens, mulheres e creanças.

Á rainha Santa Izabel fez aqui celebrar pazes entre D. Diniz, e seu filho D. Affonso (depois IV), em 1323.

Parece mais provavel que as pazes foram celebradas em uma casa proximo do Campo Pequeno (perto d'este). (Vide Campo Pequeno, Arroios, Lisboa e *Hist. Chron. Port.*

Alvalade era antigamente aldeia da freguezia de Santa Justa; depois passou a ser da freguezia do Lumiar, e por fim formou freguezia independente.

—

Havia aqui uma grande capella dedicada aos Treis Reis Magos. Quando esta povoação se tornou freguezia independente, largou os dizimos de todos os fructos, para a freguezia do Lumiar, com obrigação de— não havendo aqui clerigos sufficientes para as funcções, se chamariam da freguezia do Lumiar, e vice-versa, o que tudo depois foi extincto, por sentença contra os do Lumiar.

—

Houve aqui uma optima fabrica de sêdas, de superior qualidade, rivalisando com as melhores do estrangeiro.

—

A primeira alameda que aqui se plantou foi por ordem de D. Maria I, no fim do seculo passado, sendo ministro do reino D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que deu impulso a esta obra.

Este D. Rodrigo foi depois primeiro conde de Linhares.

Ainda depois se lhe fizeram outros aformoseamentos.

É todo fechado por um muro baixo, e tem seis avenidas fechadas por grandes portas de ferro.

—

Ha aqui brilhantes corridas de cavallos, organisadas pelo *hig-life* de Lisboa, e por cavalleiros *(sportmen)* estrangeiros, sobretudo inglezes. Mesmo assim, eram-lhe superiores em magnificencia as que se faziam aqui antigamente. Davam então logar a valiosissimas apostas, nas quaes tambem se distinguiam os amadores britannicos do *jockey club.*

—

Aqui fizeram por muitos dias exercicio as tropas portuguezas que acompanharam o rei D. Sebastião na infeliz jornada d'Africa, para irem ser derrotados em Alcacer-Kibir (4 de agosto de 1578).

Aqui vinha todos os domingos aquelle joven e infeliz rei passar revista ás suas tropas.

—

Ha aqui o asylo de D. Pedro V, obra digna de attenção.

Um dos melhores edificios particulares do Campo Grande é o palacio do sr. Mannel Joaquim Pimenta.

Diz-se que este edificio foi construido por D. João V (pelos annos de 1730) para residencia de certa dama da sua amisade. É uma bella construcção de nobre e regular architectura, e está adornada com sumptuosidade.

A quinta, pela sua grandeza, e pelas magnificas decorações dos seus jardins, corresponde á nobreza e elegancia do palacio.

—

Tudo o mais que aqui se não encontrar, vide Alvalade (Campo de).

CAMPO DE GESTAÇÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 66 kilometros a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pelos condes de Unhão. Tinha de rendimento um conto de réis.

Os donatarios da freguezia eram os taes condes, que recebiam os *quindenios* (isto é a 15.ª parte dos fructos).

O nome vulgar d'esta freguezia é Gestaçô.

É terra muito fertil e faz grgnde commercio com a cidade do Porto, por ficar proximo da margem direita do Douro.

CAMPO MAIOR—villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros ao N. de Elvas, 3 ao O. de Badajoz, 180 ao E. de Lisboa, 1:400 fogos, 5:000 almas, em 3 freguezias (Nossa

Senhora da Expectação, Nossa Senhora da Graça e S. João Baptista.) Verdadeiramente a villa só tem uma freguezia, que é a primeira nomeada. As outras duas são uma especie de curatos annexos e dependentes dá matriz principal. A de Nossa Senhora da Graça é a freguezia d'Ouguella, que tem 70 fogos.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Em 38° e 49' de latitude N. e 11° 24' de longitude occidental.

Feira a 15 de agosto. É praça de armas.

D. Diniz lhe fez o castello, pelos annos de 1300.

Diz-se que o nome lhe provem de que — havendo duvidas sobre o sitio onde se havia de fundar a villa, o rei (D. Diniz) disse:— «No campo maior» — e lhe ficou este nome.

Não é inverosimil esta etymologia; mas não podia ser o nosso rei D. Diniz, nem mesmo nenhum de Castella, pois quando os Peres a tomaram aos mouros, em 1219, já era villa. Só se foi algum rei godo, pois talvez que esta povoação fosse fundada pelos godos.

Situada na costa de um monte, fronteira a Castella, e d'aqui se vê Elvas, em Portugal, e na Hespanha Badajoz, Albuquerque, Lobon e as serras de Mérida.

A 3 kilometros d'esta villa passa o rio Caia, sobre o qual, perto de Badajoz, está a célebre ponte do Caia, onde se costumava fazer entrega das pessoas reaes de Portugal e Castella, que por casamento mudavam de reino. (Vide Caia.)

É povoação antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada, nem o nome antigo que teve. É certo que foi povoação árabe, pois os Peres, de Badajoz, a resgataram do poder dos mouros, em 1219. Os Peres a deram á egreja de Santa Maria do Castello, de Badajoz, sendo bispo d'esta cidade D. fr. Pedro Peres, da familia dos restauradores, que lhe deu por armas: Nossa Senhora com um cordeiro e a legenda— «*Sigillum Capituli Pacensis*» — (Isto está em contradicção com o que diz Estevão da Gama de Moura e Azevedo, nos seus Manuscriptos.)

D. João II, lhe deu novo brazão d'armas, que é — Em escudo branco as armas de Portugal de um lado, e do outro S. João Baptista, patrono d'esta villa.

No tratado da paz que houve em 1297, entre Portugal e Castella (reinando D. Diniz) se assentou que d'alli em diante deixavam de ser castelhanos e ficavam pertencendo á corôa portugueza as villas de Campo-Maior, Ouguella e Olivença.

D. Diniz deu a villa de Campo-Maior ao concelho d'Elvas, por carta regia, feita em Santarem, no 1.° de dezembro da era de 1335 (19 de novembro de 1297 de Jesus Christo.)

Deu-lhe foral, em 1309 (Franklim não falla em semelhante foral.

Outros dizem que D. Diniz a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral, em 1299.

Não pude investigar a razão por que esta villa tornou logo para a corôa; o que vejo é que uns auctores dizem que D. Diniz a deu á infanta D. Branca, em 5 de julho de 1301, outros dizem que elle a deu em 1311 a sua irman, a infanta D. Sancha, abbadessa das Olgas, de Burgos e senhora de Monte Mór Velho, em sua vida.

Concordam os auctores em que por morte da tal infanta (Branca ou Sancha) foi senhor d'esta villa D. Affonso Sanches, filho natural do mesmo rei, e senhor d'Albuquerque.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de setembro de 1512, encorporando-a então na corôa, com privilegio de não tornar a sahir d'ella, e não sahiu mais.

(Os nossos reis davam este privilegio a muitas povoações, mas depois os seus successores o quebravam, dando-as a quem lhes parecia.)

Em 16 de setembro de 1732, cahiu um raio nos armazens da polvora, que fez voar a porta principal do castello, arruinando tambem 823 casa da villas e ficando mortos ou feridos grande numero de habitantes. A villa ficou quasi arrasada, pois tendo 1076 fogos, só ficaram intactas 253 casas, e tendo mais de 3:000 habitantes, ficou reduzida a 836!

Este sinistro teve logar pelas 3 horas da manhã. Cinco torres foram pelos ares. Esta-

vam n'essa occasião no payol 5:732 arrobas e 6 arrateis de polvora, 4:816 granadas ordinarias, 830 reaes, 711 bombas, tudo carregado, álem de 2:575 granadas desatacadas.

Morreram 200 pessoas, 300 ficaram gravemente feridas, morrendo muitas d'ellas, e 2:000 ficaram levemente feridas. Sentiu-se o abalo a mais de 24 kilometros de distancia.

Sentiu-se em Elvas e Arronches, e em Badajoz e Albuquerque. (Vide o que digo sobre os soccorros que muitas povoações (até de Hespanha!) foram offerecidos e prestados aos infelizes povos d'esta villa, por essa occasião.

A egreja de Nossa Senhora da Expectação, que era a unica parochia que antigamente tinha a villa, é um bom templo de 3 naves, todo de optimo granito, com 10 altares.

Foi esta egreja construida, sendo bispo d'Elvas D. Sebastião de Mattos e Noronha, e pouco depois da expulsão de 1732. Até então a matriz era uma capella dentro do castello.

Tinha 3 parochos, (um prior e dous vigarios) todos apresentados (por opposição) pelo bispo d'Elvas.

Tem 8 beneficiados, 5 da mitra, e 3 que deixou o beneficiado João Lourenço, com 20$000 réis de renda, para cada um d'estes, pagos pelos rendimentos da sua fazenda.

Os 3 da mitra, tinha cada um 5$000 réis pagos em trigo.

O prior e vigarios, tinham a 9.ª parte do celleiro do bispo, sendo esta 9.ª parte dividida em 4 partes, duas para o prior e uma para cada um dos vigarios.

—

Tinha um convento de frades franciscanos, da provincia do Algarve. Foi primeiro fundado fóra da villa no sitio das Pôças, em 1496; em 1646, passaram para o castello, e para o sitio actualmente, em 1708. Foi D. Pedro II, que mandou edificar o convento actual.

Tinha tambem um convento de frades de S. João de Deus, fundado em 1645, para hospital militar.

Outros dizem que o hospital de S. João de Deus foi fundado em 1583. O que é certo, é que foi fundado por donativos dos moradores da villa. Era no convento das freiras da Madre de Deus e assim existiu até 1645, em que passou a ser hospital militar, a cargo dos frades de S. João de Deus. Hoje é isto considerado bem nacionaes.

Tem Misericordia e hospital fundado no seculo 16.º com um conto de réis de renda annual.

A 1.ª albergaria que consta ter havido n'esta villa, foi fundada por João Vicente do Castello, cujo testamento está no Cartorio da Misericordia. A primittiva egreja da Misericordia era na praça (onde hoje se vendem os comestiveis) mas, arruinou-se totalmente.

Em 1718, se deu principio á egreja actual (da Misericordia) ao fundo da rua do Pôço, e foi feita á custa do provedor João Rodrigues Galvão e dos irmãos padre João Mexia Fouto; padre André Mexia Bernardo, padre João Bernardo Mexia, Luiz do Rego Mexia, André Barradas Juzarte, Manuel Mexia Fouto e Manuel Gonçalves Mexia Fouto.

—

No baluarte de S. Sebastião, está a capella d'este Santo, mandada fazer por elrei D. Sebastião. Diz-se que esta imagem foi feita pelo nosso bem conhecido poeta Jeronymo Côrte-Real.

Alem d'outras ermidas, ha ao E. da villa uma grande capella de Jesus Maria José, e sobre ella uma torre, chamada do Mexia cujo nome lhe provem, de ser feita por o coronel Martinho Affonso Mexia, natural d'esta villa, em uma herdade sua, junto ao marco do Castello.

Ha tambem a ermida de Nossa Senhora do Rosario, com uma torre sobre ella, extramuros, em uma quinta dos srs. Dáças Castellos Brancos.

Tinha antigamente juiz de fóra, com 3 vereadores, escrivão da camara e procurador do concelho.

Tinha 4 escrivães do judicial e notas, um dos orphaõs e outro da almotacería.

Tem um celleiro commum muito antigo, onde se tem chegado a recolher 700 moios de trigo, que em outubro se reparte pelos lavradores e visinhos do povo.

—

Seus campos são fertilissimos, e cria muito gado, sobre tudo ovelhum, do qual extrahem muita e optima lan, que se exporta em grande quantidade.

—

Tinha esta villa todos os grandes privilegios da cidade d'Elvas, sendo os principaes os seguintes:

1.º — Não pagarem os moradores da villa e seu termo senão metade do cabeção, não se podendo em tempo algum accrescentar.

2.º — Não haverem aduanas, nem saccas, para os visinhos da villa e seu termo.

3.º — Nunca em tempo algum se poderem aqui lançar sizas, fintas nem talhas, nem emprestimos, ou outros quaesquer impostos, por nenhum motivo.

4.º — Que todo o visinho da villa e termo fosse franco e não pagasse nenhum direito, *passage, costumage* nem *portage* por todos os reinos de Portugal e Castella. (Este privilegio foi dado no tempo dos Philippes.)

5.º — Que se não pozesse tirar d'esta villa e termo, gente nem armas para fazerem guerra aos naturaes d'este reino. (Este privilegio tambem lhe foi dado pelos Philippes.)

6.º — Que n'esta villa se não possese presidio nem guarnição de soldados, ainda que fossem naturaes d'esta villa

7.º — Que as rendas da camara se gastariam em reparos de muros e fortalezas d'esta villa.

8.º — Que os moradores d'esta villa e seu termo podessem andar montados em mullas e *mûs* (machos) com sellas, e podessem trazer livremente sedas e vestirem-se d'ellas, ainda os mechanicos.

9.º — Que lhes não podesse ser imposta *pena vil*, salvo se o delicto fosse de qualidade que por elle o criminoso perdesse a nobreza natural.

D. Diniz lhe concedeu muitos d'estes privilegios, e D. João II lh'os augmentou.

—

Em 1712, sendo rei de Hespanha Philippe V e de Portugal D. João V, foi esta praça sitiada pelo marquez de Bay, e seu exercito (castelhanos) e bombardeada com 22 peças, 7 morteiros (que lançavam bombas de 9 arrobas castelhanas) e dois *pedreiros* (que lançavam balas de pedra.)

O cêrco principiou a 28 de setembro. O inimigo tinha 10:000 homens de infanteria e 8:000 de cavallaria.

Abriram brecha no baluarte de S. João, a 27 de outubro, sendo atacada por 32 companhias de granadeiros, o regimento de *dragões*, apeados, chamado de Queluz, com espadas e *rodellas* e 16 regimentos de infanteria, do que tudo era commandante D. Pedro de Zuñiga, tido por um bravo militar entre os hespanhoes.

Deram primeiro e segundo ataque; mas foram repellidos valorosamente com grandes perdas.

Avançaram tambem pelo flanco da cortina da porta de S. Pedro, com escadas; mas foram repellidos e derrotados pela briosa guarnição e pela artilheria que estava no baluarte do Pixa-Torta; deixando o inimigo 36 escadas, e muitos mortos.

Os castelhanos perderam n'este cêrco, mais de 5:000 mortos e muita artilheria.

O que fizeram foi arruinarem muitos edificios com o bombardeamento. Durou este cêrco 36 dias, sendo 28 d'elles de trincheira aberta. Em commemoração d'esta grande victoria, se fazia todos os annos, no dia 28 de outubro, uma procissão, em que ia S. João Baptista, e era acompanhada pela camara e pela guarnição militar da praça.

Dispararam contra a villa, no decurso do sitio, 10:870 balas de canhão, 1:309 bombas, 350 ballas de pedra e grande numero de granadas.

Arruinaram-se então 70 moradas de casas de paizanos.

Os castelhanos levantaram o cêrco a 2 de novembro (tendo-o principiado a 27 de outubro) e se retiraram, a 2 de novembro, corridos de vergonha, por verem que tamanho exercito não podéra tomar uma praça cuja guarnição era tão diminuta.

Governava a provincia de Alemtejo Pedro Mascarenhas, que depois foi conde de Sandomil e vice-rei da India.

O governador e bravissimo defensor da praça, era Estevão da Gama de Moura Azevedo, e se lhe introduziu para commandar a

guarnição, no ultimo assalto, o conde da Ribeira Grande, que teve a coragem e astucia de entrar na praça, ao quarto dia do cêrco.

(Chamava-se o conde da Ribeira Grande, D. Luiz da Camara. Entrou pela porta falsa.)

Constava a fortaleza de nove baluartes (S. João, Pixa-Torta, Fonte do Concelho, Santa Roza, Bôa Vista, S. Sebastião, Lisboa, Curral dos Coelhos e Santa Cruz.)

Tinha o forte de S. João e o do Cachimbo.

Tinha revelins, meias luas e contra escarpa. Tinha um formoso castello, que se demoliu todo, pela occasião da explosão, e no qual havia a egreja do Senhor do Castello, que, cahindo, ficou a imagem sem a minima lesão.

Era a egreja matriz da villa. Era de robustissima construcção; mas ficou arruinada, cahindo toda a frente e a abobada do côro, que era toda de pedra.

—

Como a praça ficou bastante arruinada com este cêrco, e demais a mais, durante elle, se viram os defeitos das antigas fortificações, foram ellas depois reedificadas e aperfeiçoadas; mas, como é dominada por elevações, por quasi todos os lados, não póde offerecer grande resistencia a um inimigo valoroso e ajudado pela poderosa artilheria moderna.

Foi D. João V que mandou reedificar e ampliar as fortificações d'esta praça, pelos annos de 1735.

É todavia bem murada e tem boas esplanadas e uma entrada coberta, defendida por travezes. Os fossos são bons. O da cortina, dos baluartes do Cavalleiro e Santa Cruz, eram cheios de agua; mas em 1801, o general de engenheria Mathias José Azedo, o mandou seccar, por differentes razões.

A praça tem duas portas geraes e um falsa, para servir em tempo de guerra.

A porta de S. Pedro (ao N.) é bem construida e defendida pela frente e flancos, pelos baluartes do Cavalleiro e Principe, tendo em frente um revelim que a cobre e defende.

A porta de Santa Maria, où da Villa, é no lado do S., entre os baluartes de S. Sebastião e Lisboa, e defendida por um revelim.

O antigo castello era obra dos mouros, e D. Diniz o mandou reparar e construir as torres em 1299.

D. Manuel mandou principiar a sua muralha, no sitio de S. Sebastião; mas assim ficou, até que em 1645, D. João IV mandou murar toda a praça e fazer varias obras de defesa, pelo engenheiro francez Nicolau Langre.

Tem actualmente as muralhas ao todo 10 baluartes, principiando pela porta de S. Pedro, e são: Cavalleiro (onde os hespanhoes abriram brecha em 1712, como já disse) Santa Cruz, Curral dos Coelhos, Lisboa, S. Sebastião, Bôa Vista, Santa Rosa (debaixo d'este é a porta falsa) S. Francisco (tem um travez) Concelho (n'esta abriram brecha os hespanhoes em 1801 e os francezes em 1811, como adiante direi.)

A pouca distancia d'este baluarte, para o lado da campanha, era o forte de S. João Baptista, que se demoliu, por se não poder defender. O do Principe (tem um travez, para o livrar de recochetes.)

O castello está no ponto mais elevado da villa, e a domina por todos os lados. Antigamente era alli a matriz da villa; mas hoje só lá está a ermida do Senhor do Castello, reconstruida depois da explosão do paiol. Dentro do castello estava a torre de *menagem*, que voou com a explosão e não se tornou a fazer.

Até 1834, tinha esta praça de guarnição permanente, um regimento de infanteria e outro de cavallaria; e em tempo de guerra, 4 de infanteria e 1 de cavallaria, e 1 parque de artilheria. Hoje, tem apenas um destacamento de linha e os veteranos.

Por occasião do sinistro de 1732, todos os povos das visinhanças, sobre tudo os conventos, soccorreram por todos os modos que poderam os infelizes habitantes d'esta villa.

Um dos *regedores* de Albuquerque veiu offerecer a sua villa a todos que para lá quizessem ir viver. O general de Badajoz, mandou offerecer ao governador de Campo Maior, os armazens e quanto se achasse no seu governo. (Tenho pena de não saber os nomes d'estes dois honrados hespanhoes, para aqui os registar!)

O conde d'Alva, que era general do Alemtejo, veiu logo de Villa Viçosa, com grande quantidade de dinheiro, para ser repartido pelos pobres, por conta de D. João V; que além d'isso mandou cirurgiões, com medicamentos para os feridos e mais 960$000 réis para repartir pelos moradores. Depois mandou mais oito contos de réis para se repararem as casas dos particulares.

—

Em 1801, alliando-se a Hespanha com a França, para fazerem guerra á Inglaterra, e não querendo Portugal fazer parte da alliança, pois não tinha motivos para fazer guerra a uma nação amiga e antiga alliada, nos declararam guerra aquellas duas nações, e Portugal foi invadido por um exercito de francezes e hespanhoes, sob o commando de Gondoy (o chamado *principe da Paz.*)

Tomaram-nos Olivença e pozeram cêrco a Campo Maior, chegando a abrir brecha no baluarte do Concelho, tendo a praça de capitular.

Era governador da praça o marechal de engenheria Mathias José Azedo, o qual, depois de um cerco de 17 dias e estar a praça em um montão de ruinas, e sem munições, tendo-se até ahi defendido com a maior bravura, conseguiu uma honrosa capitulação.

A *paz de Badajoz* (a 6 de junho d'esse anno, e na qual deixámos em refens á Hespanha a praça de Olivença, que lá ficou usurpada contra todo o direito) terminou esta guerra.

Tambem em 12 de abril de 1811 o marechal Mortier, com uma divisão do exercito de Massena, põe sitio a esta praça, e chegou a abrir brecha n'este mesmo baluarte do Concelho.

Era governador da praça o tenente coronel de engenheiros José Joaquim Talaya, que por não ter gente nem munições e terem brecha aberta, capitulou no dia 21 de março, mas logo a 25, pela manhã, fugiram os francezes á aproximação da divisão portugueza de Beresford, o qual por isto teve o titulo de marquez de Campo Maior.

A praça, em março de 1811, apenas era defendida pelo regimento de Milicias de Portalegre, e um destacamento de artilheria n.º 3.

Era juiz de fóra e foi então um brioso e aguerrido soldado, o dr. José Joaquim Carneiro de Carvalho.

Talaya e Carvalho foram promovidos nos postos immediatos, e os governadores do reino, em nome do principe regente (depois D. João VI) em abril, gratificaram a guarnição, e em testemunho de lealdade e heroismo dos habitantes da villa, determinaram que d'ahi em diante se dênominasse — «A leal e valorosa villa de Campo Maior».

—

Campo Maior era povoação muito mais extensa do que actualmente, pois se estendia muito pelos arrabaldes. Hoje está circumscripta quasi ao ambito das fortificações; mas mesmo assim, não é pequena e tem bonitas ruas (ainda que estreitas) e ornadas de boa casaria.

A casa dos paços do concelho é um edificio nobre e amplo, situado na Praça Nova, com salas para as audiencias civis, e teve uma bonita capella.

—

É terra abundante de aguas de boa qualidade.

Tem muitas fontes publicas e particulares.

No castello ha uma cisterna com agua nativa.

Tinha dois lagos nos fossos da fortaleza, que occupovam duas cortinas e um baluarte, e n'elles se criava o saboroso peixe *tenca.*

Consta que antigamente se faziam aqui as endoenças com grande magnificencia.

—

Campo Maior é uma das villas portuguezas, que de maior numero de varões illustres tem sido patria. Entre elles se contam os seguintes:

Ruy Gomes da Silva, grande capitão da Africa, pae do *beato* Amadeu e de D. Brites da Silva, fundadora do convento das freiras da Conceição de Toledo. Era alcaide-mór de Campo Maior e Ouguella, feito por D. João I, e concorreu muito para a tomada de Ceuta.

Martinho Affonso Mexia, filho de Martinho Affonso Fouto, e de Maria Lourença. Era doutor pela Universidade de Salamanca, prelado de Thomar, agente dos negocios de Portugal em Roma (quando este reino estava sujeito a Castella) secretario de estado do conselho de Portugal, bispo de Leiria, e depois, de Lamego. Foi elle que tratou da canonisação das rainhas Santa Izabel, e Santa Mafalda, e passou por fim a bispo de Coimbra. Foi um dos 3 governadores d'este reino, por Philippe III, e morreu em 30 de agosto de 1623. Jaz na egreja da Senhora da Expectação d'esta villa.

D, Manuel de Menezes, filho de D. João de Menezes (o de Campo Maior). Foi grande mathematico, profundo em historia grega e romana e na *sciencia do brazão*. Era tambem poeta.

Foi 4 vezes capitão mór das náos da India, e era um capitão valorosissimo.

Foi chronista-mór do reino, por morte de fr. Bernardo de Brito (pelos annos de 1618) e cosmographo-mór.

Escreveu a *Chronica de D. Sebastião*, a *Restauração da Bahia* e fez importantes notas ao *Livro das Familias*. Morreu a 28 de julho de 1628. Jaz na egreja da Madre de Deus, em Lisboa.

Affonso Mexia, védor da fazenda e capitão de Cochim. Instituiu no termo d'esta villa os morgados que depois foram de D. Antonio da Silveira e Albuquerque. Foi tambem valoroso capitão.

Diogo Mexia, que serviu em Ceuta, onde obrou acções de grande valor, e recolhendo ao reino cheio de cicatrizes das lançadas dos mouros.

Bartholomeu Rodrigues, tão valoroso capitão em Africa, que foi cognominado «*Blandim Marte Portuguez*».

Francisco Vaz Galvão, valorosissimo soldado da acclamação de 1640, capitão de cavallos ligeiros, commissario geral de cavallaria; morrendo na patente de tenente general.

Gonçalo Mexia, que pela sua muita sabedoria foi chamado o mestre Gonçalo. (Em memoria d'este sabio se deu o seu nome a uma rua de Lisboa, que ainda se chama *Bêco do Mexia*.

João Rodrigues, que, cegando, ainda no berço, de ambos os olhos, com bexigas, mesmo assim aprendeu portuguez, latim e philosopdia, na Universidade de Evora. Foi mestre de latim em Tavira, onde casou e morreu.

Estevão da Gama de Moura e Azevedo, valoroso soldado das campanhas de 1704 a 1705.

Ajudou á rendição das praças de Vallença e Albuquerque, e foi valoroso governador da praça d'esta villa, que defendeu heroicamente em 1712 (como já disse) com grande gloria das nossas armas.

—

Tem estação telegraphica de primeira ordem (ou do Estado), por decreto de 7 de abril de 1869, por serpraça de guerra.

—

Este concelho é apenas composto de 3 freguezias, com 1:400 fogos, que são as duas da villa e a d'Ouguella.

CAMPO D'OURIQUE—Vide Ourique.

CAMPO PEQUENO—Extremadura, 2 kilometros ao N. de Lisboa e no seu termo, e comarca; concelho dos Olivaes do lado do N., e do de Belem do lado do S., freguezia do Campo Grande.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Dá-se-lhe o nome de Campo Pequeno, não porque elle o seja, mas para se differençar do Campo Grande, que lhe fica visinho e ao N.

É plano e muito espaçoso.

Por todo o lado do N. o guarnece a excellente casa e quinta do sr. Francisco Isidoro Vianna.

O lado do S. é occupado com o palacio e quinta dos srs. condes das Galvêias. É uma das melhores residencias dos arrabaldes de Lisboa, tanto pela belleza da sua situação, como pelo nobre e grandioso palacio, cons-

truido no seculo XVIII, e pelos jardins e bosques da quinta, ricos de arvores exoticas. Infelizmente esta quinta está muito despresada, não obstante servir de habitação permanente aos seus proprietarios.

Pelo de E. é o campo orlado de boas casas, e junto a ellas passa a estrada que saindo das barreiras do Arco do Cégo, se dirige ao Campo Grande, Lumiar, etc.

N'esta estrada, entre o Arco do Cégo e o Campo, está o padrão que commemóra as pázes, que a rogos da rainha Santa Izabel, fez o rei D. Diniz com seu filho o infante D. Affonso (depois IV do nome), no proprio logar onde a batalha estava imminente.

—

Actualmente este campo, além de ser um passeio predilecto dos habitantes de Lisboa, é o destinado para os exercicios militares dos corpos da guarnição de Lisboa, e alli se passam brilhantes revistas em occasiões de solemnidades publicas, ou em obsequio de algum principe estrangeiro que vem visitar Portugal.

—

Tratemos rapidamente das discordias que deram causa ás pazes que fizeram este campo célebre nos annaes da historia portugueza.

O infante D. Affonso, de genio insoffrido e arrebatado, não via com bons olhos o valimento com que seu pae distinguia D. Affonso Sanches, filho bastardo de D. Diniz; porém, para colorir a sua rebellião contra seu pae, tomou por pretexto a recusa que este lhe fizera sobre a pretenção da posse de varias terras e castellos e sobre augmento de rendas.

Pondo-se o infante á frente de alguns fidalgos descontentes, e de seus vassallos e das tropas que puderam reunir, se dirigiram a Lisboa, onde seu pae se achava.

(Note-se que já não era a primeira vez que o turbulento mancebo tomava as armas contra seu pae e rei.)

Sabendo D. Diniz da chegada do filho desobediente, e das tropas rebeldes ao Campo Grande (ainda então chamado Alvalade) marchou logo contra elle com as tropas que á pressa poude reunir. Apenas chegou ao Campo Pequeno, começaram logo as escaramuças, e a peleja era infallivel; mas então apparece Santa Izabel, montada em uma mula, atravessou, sem ninguem, por entre os combatentes, e chegando ao pé do filho o convenceu do reprehensivel acto que praticava, e conseguiu trazel-o á presença do rei a pedir desculpa da sua rebellião, e alli ainda mais uma vez fizeram as pazes.

Para memoria d'este successo, mandou a mesma rainha collocar um padrão. É o que está no muro, do lado direito e no sitio já indicado.

Passados annos se poz no pedestal da *memoria* a seguinte inscripção :

SANTA IZABEL, RAINHA DE PORTUGAL,
MANDOU COLLOCAR ESTA PEDRA
NESTE LOGAR
EM MEMORIA DA PACIFICAÇÃO,
QUE N'ELLE FEZ, ENTRE SEU MARIDO,
EL-REI D. DINIZ,
E SEU FILHO, D. AFFONSO IV,
ESTANDO PARA SE DAREM BATALHA,
NA ERA DE 1323.

—

O infante D. Affonso pagou o que fez a seu pae, com as desobediencias e guerras que depois lhe promoveu seu filho D. Pedro.

—

É no Campo Pequeno a primeira estação do caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Torres-Vedras, cuja circulação começou no 1.º de outubro de 1873.

(Vide Alvalade, Arroyos e Campo Grande.)

CAMPO SALGADO—Vide Chão Salgado.

CAMPO DA TRINDADE—Vide Trindade.

CAMPO DAS VIBORAS—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca do Mogadouro, concelho de Vimioso. Desde então é comarca de Miranda, e do mesmo concelho 24 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Já foi antigamente da comarca de Miranda.

Foi do bispado de Miranda, hoje é do bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi saqueada pelos castelhanos em 1705, ficando os seus moradores reduzidos á miseria.

A egreja matriz é muito pobre, e o cura, antes de 1834, apenas tinha 7$000 réis e o pé d'altar. Era apresentado pelo reitor de Vimioso.

Está situada entre duas fragas muito altas, d'onde se avista muita terra de Portugal e Hespanha.

Fica entre os rios Maçans e Angueira. Regam móem e tem pisões.

Ha em Portugal mais 81 aldeias com o nome de *Campo*, mas sem coisa notavel.

CAMPOS — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso, 42 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Viade apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

Produz esta freguezia muito milho e centeio; do mais pouco.

Confina com as serras do Gerez e Cabreira. É terra fria, mas muito saudavel.

Passa aqui o rio Misarella, que réga e móe.

CAMPOS e **VILLA MEAN** — freguezia, Minho, comarca e 10 kilometros ao OSO. de Vallença, concelho e 8 kilometros a NE. de Villa Nova da Cerveira, 54 a NO. de Braga e 405 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha Campos, 127 fogos, e Villa Mean 65, hoje tem a primeira 163 e a segunda 97. Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Situada em bella e fertilissima planicie, atravessada pela estrada real de Lisboa, feita em 1864. D'aqui se vêem varias povoações portuguezas, a cidade de Tuy, e algumas serras de Portugal e Galliza.

Passa-lhe pela extremidade N. o delicioso rio Minho, que com seus ricos *nateiros* lhe fertilisa os campos marginaes, e a faz abundante de peixe de varias qualidades, sendo o mais estimado e estimavel o salmão, a lampreia e o savel.

Villa Mean era freguezia independente, tendo por orago S. Payo e pertencia (e pertence) ao concelho de Villa Nova da Cerveira. Campos é dividida de Villa Mean por um ribeiro que desagua na esquerda do Minho, e pertence ao concelho de Vallença. Agora que se uniram estas duas freguezias formando uma só, ficou pertencendo a dois concelhos. Vide Villa Mean, de Villa Nova da Cerveira.

No mappa das congruas de 1856, vem estas freguezias separadas; mas eu estive aqui em 1864 e ellas estavam unidas, tendo só um parocho. Em 1757 só a freguezia de Campos tinha dois abbades, um com cura e outro sem elle. Cada um tinha então de rendimento, 150$000 réis. N'esse tempo, a freguezia de Villa Mean tinha vigario, apresentado pelo cabido da collegiada de Vallença (Santo Estevam) e tinha de renda trinta mil réis e o pé d'altar.

O arcebispo de Braga apresentava aqui, por concurso, o abbade, e um beneficio simples, que ambos rendiam 500$000 réis.

Onde actualmente está a capella de Santa Luzia, foi a primittiva fundação do convento de freiras de Sant'Anna (benedictinas) de Vianna.

Eram padroeiros d'este convento, os Silvas, que tinham o seu solar aqui perto. Foi aqui abbadessa, D. Urraca Soares, filha de Soeiro Gonçalves Barbudo. O arcebispo D. Fernando da Guerra, por breve de Martinho V o reduziu a abbadia secular, mudando as freiras para Loivo, e d'aqui foram para o convento de Vianna, por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa; mas, como já disse, o primeiro convento (muito pequeno) foi junto á tal capella, que lhe servia de egreja. Mas isto só consta da tradição. O que é certo é ter sido o mosteiro, onde hoje é a egreja matriz.

São ainda estas religiosas as que administram aquella capella.

É terra muito abundante de aguas.

O sr. Gaspar Leite Ribeiro e Silva, de Vallença, tem aqui uma linda casa de campo e grande quinta, a uns 100 metros da estrada real.

Passa pelo centro da freguezia o ribeiro

do seu nome, que réga, e vae desaguar (mesmo n'esta freguezia) na margem esquerda do Minho. É o que dividia antigamente as freguezias de Campos e Villa Mean.

E' bellissima a situação d'esta freguezia.

Diz-se que foi aqui o solar dos Valbôas, de cuja familia procedem varões célebres. Alguns d'elles são famosos nas nossas chronicas, pelo seu valor nas guerras do ultramar, onde fizeram grandes serviços á patria.

Ha mais em Portugal 21 aldeias chamadas *Campos*, não tendo nenhuma cousa digna de menção.

CAMPOS ELYSIOS—vide Leça e Lima.

CANA ou **CANNA**—villa e freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 65 kilometros ao SE. de Viseu, 300 ao NE. de Lisboa, 232 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Apenas vejo esta villa e freguezia mencionada no *Diccionario Geographico* do Flaviense, e em mais nenhum livro antigo ou moderno. Ou foi engano do auctor do tal diccionario, ou esta freguezia foi annexada a alguma das da Guarda.

CANÁDA—portuguez antigo, passagem ou caminho por entre paredes ou logares ermos e escusos, isto é, por onde costuma passar pouca gente. De *Canada* se deriva canal.

CANADELLA—medida usada antigamente (até ao seculo XIV) na terra de Moncorvo; eram $^3/_4$ do actual alqueire.

No alvará que D. Pedro I deu a Moncorvo, em 1361, declara que—supposto havia mandado que fosse geral no reino o alqueire de Santarem, os de Moncorvo não pagassem 2 alqueires de cevada, que faziam duas *canadellas* e meia, mas sim $^6/_4$, que faziam duas *canadellas*.

CANADÊLLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros a NE. de Braga, 360 de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães, termo da honra da Ovelha do Marão.

Pertencia Canadêllo á freguezia de Boadella da Ovelha. Desannexou-se, formando freguezia independente, pelos annos de 1680.

Está situada em uma baixa, entre serras, que são ramificações do Marão.

O abbade dos frades bentos de Pombeiro, apresentava aqui o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Produz milho, legumes, vinho, azeite e algum trigo.

Boas aguas. Fria. Passa aqui o rio Ollo.

Canadêllo, no portuguez antigo, é diminutivo de *canada*, como se dissessemos *canadinha*, pequena azinhaga. Vide Canada.

CANAES—aldeia, Extremadura, freguezia de S. Christovão da Caranguejeira, comarca, concelho e 9 kilometros de Leiria, 138 ao NE. de Lisboa.

É tão saudavel esta aldeia, que se passam 20 e mais annos sem n'ella morrer ou adoecer pessoa alguma.

CANAL—villa, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Extremoz, 35 ao ENE. de Evora, 144 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É da casa de Bragança.

Situada em um monte d'onde se vê Estremoz e Evora Monte. Tem termo proprio, no qual não ha senão uma aldeia, chamada Agua Santa. É terra fertil.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 19$000 réis em dinheiro.

Ha n'esta villa um hospicio de frades paulistas, chamado do Valle do Infante, nas abas da serra de S. Gens. N'este sitio de Valle do Infante, se fundou um convento para frades paulistas, no anno de 1372, tendo por orago Santo Antão, e foi o segundo da ordem em Portugal.

Demoliu-se em tempo de D. João IV, mudando-se o convento para Lisboa, e ficando aqui o hospicio, ao qual pertencia uma boa quinta.

Tinha, antes de 1834, juiz ordinario, feito a votos do povo da villa e termo, confirma-

do pelo corregedor da comarca de Evora.

Tinha casa da camara e vereadores (que eram os ultimos que tinham servido de juizes ordinarios, por não ter vereadores feitos por pelouro).

Tinha os privilegios de caseiros da casa de Bragança.

Foi n'esta freguezia, e nas proximidades do Ameixial, a gloriosa victoria ganha por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor, contra D. João d'Austria, no dia 8 de junho de 1663. Chama-se a victoria do Canal, porém mais vulgarmente, victoria do Ameixial. Vide pois Ameixial.

CANAS ou **CANNAS** e **RANS**, (tambem se diz **RANS** e **CANNAS**) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 48 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha Canas 45 fogos e Rans 65.

Orago de Canas, S. Thomé, apostolo, e de Rans, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca do Porto.

N'esta freguezia era a celebre *honra de Barbosa* (vide Barbosa).

Situada parte em monte e parte em valle; d'ella se vê a freguezia de Oldrões, parte da de Gallêgos e da de Boa Vista.

Os frades bentos, de Paço de Sousa, apresentavam aqui o cura (de Canas) que tinha de rendimento 70$000 réis, e o reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura de Rans, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está freguezia era sujeita ao juiz da *honra de Barbosa*.

Corre aqui o ribeiro de Canas, que nasce na aldeia de Villa Verde, freguezia de Duas Egrejas, que móe e réga. Suas margens são orladas de *arvores de vinho* (arvores com vides) e tem de notavel, segundo diz o padre Cardoso, não crear qualidade nenhuma de peixe. Morre no rio Cavallum, no logar da Pena, freguezia de Gallêgos.

Estas duas freguezias foram annexadas uma á outra no principio d'este seculo. Vide Rans.

CANAS DE DUAS EGREJAS e **RANDE** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos a freguezia de Canas, e 29 a de Rande, que ainda então era separada.

O orago d'esta era S. João Baptista, e o de Canas, Santo Adrião.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Bôa de Quires, apresentava o cura de Rande, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar. Vide Rande.

Era antigamente da comarca e termo do Porto.

(O padre Cardoso diz que esta freguezia, em 1750, tinha 514 fogos; mas parece-me muita gente, nem vejo motivo porque a população diminuisse metade, desde então até hoje.)

Situada em montes d'onde se vê Penafiel, o Valle de Sousa até Cepêda, o Valle de S. Christovão dos Milagres, S. Thiago da Serra do Bom Jesus de Barrosas, Unhão, Santa Quiteria e as serras do Marão, Aboboreira, Gralheira e Rossas.

A matriz é na aldeia de Giró.

O ordinario é que apresentava aqui o reitor, que tinha 40$000 réis, pagos pela commenda, e 2$250 réis para cêra e hostias. Tem dois campos no passal, com suas hortas, junto á casa da residencia, outro entre os passaes da commenda, onde antigamente esteve a matriz primittiva. Tem mais 3 quartas de pão e 6 estrigas de linho de *conhecença*, dos casados, e dos meieiros metade. Tinha um coadjutor a quem a commenda dava 8$000 réis de *porção*.

Esta freguezia é muito abundante de aguas e muito fertil.

CANAS DE SABUGOSA — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, foi até 1855 do concelho de S. Miguel do Outeiro. 13 kilometros ao N. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 514 fogos.

Ha provavelmente engano na conta dos 514 fogos, dada pelo *Portugal Sacro e Profano*. O padre Cardoso, que escreveu quasi pelo mesmo tempo (1750) diz que tinha 200

fogos a freguezia e 40 a villa, ao todo, 243. Parece-me esta conta mais rasoavel, nem ha motivo para suppor que esta freguezia augmentasse mais do dobro, no espaço de 7 annos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente couto dos bispos de Viseu, que ainda aqui conservam uma tulha ou celleiro, junto da praça, onde recebiam os disimos e fóros.

Era da corôa.

Nos livros antigos, diz-se que o orago d'esta freguezia é Nossa Senhora da Assumpção, e nos modernos se lhe dá por orago Nossa Senhora das Candeias.

O abbade, já antes de 1834 era feito por concurso synodal, apresentado pelo ordinario, e tinha de renda 360$000 réis.

Tinha antigamente juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara e escrivão do publico e judicial.

Produz muito vinho na freguezia, dos mais generos medianía.

O seu foral é o mesmo de Penafiel.

CANAS DE SENHORIM — villa, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Nellas, 18 kilometros ao S. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 590 fogos, 2:200 almas. Era concelho, que foi supprimido em 1855. Tinha no concelho 870 fogos.

A villa e freguezia, em 1757, tinha 254 fogos. Orago o Salvador.

A 3 kilometros de distancia, para SE., a 400 metros da margem direita do Mondêgo, ha uma nascente de aguas sulphurosas, no logar de Felgueiras (pelo que, uns lhe chamam *Caldas de Canas de Senhorim*, outros *Caldas de Felgueiras.*) Vide Felgueiras.

Teve antigamente donatario particular, mas passou para a corôa, em tempo de D. Manuel, e assim se conservou até 1834.

Situada em planicie, d'onde se descobrem muitas povoações, que ficam nas abas e visinhanças da serra da Estrella.

O cabido da Sé de Viseu e o papa, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 600$000 réis. Tinha a terça nos disimos o cabido e chantre de Viseu, e os oitavos e fóros, que rendiam para o cabido 550$000 réis e para o chantre 350$000 réis.

Havia em tempos antigos, no termo d'esta villa, junto ao logar de Valle de Madeiros, um convento de frades bernardos, de que hoje só resta a memoria.

Outros dizem que este mosteiro era de freiras bernardas e não de frades; outros, finalmente, dizem que elle era *duplex*, isto é, de ambos os sexos, o que é mais provavel. Tambem se chamava mosteiro do Valle de Medeiros, e de Canas de Senhorim.

Esta freguezia é muito fertil e cria muito gado miudo.

Já antes de 1834 tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador do concelho, escrivão do judicial e notas, escrivão da camara e almotacé, tudo feito por eleição triennal, dos povos do concelho.

Ha n'esta freguezia muitos *dolmens*, a que os d'aqui chamam *ó cas*, e dizem *ser obra dos mouros, e que sobre a lagem superior queimavam os disimos.*

Todos sabem que o nosso povo das aldeias (e mesmo muito das villas e cidades) attribue aos mouros todos os monumentos celtas, phenicios, carthagineses, romanos, gothicos e arabes, que existem em Portugal. É porém certo que a tradição conservada de paes a filhos, por entre varias fabulas, nos transmitte muitos factos verdadeiros. Entendo, pois, que, depurando-a dos accessorios maravilhosos, e dos êrros do costume, quanto ás *raças*, se deve, se não dar credito completo ás tradições, pelo menos tel-as em muita consideração e prestar-lhe a maior attenção.

Por isso, a applicação que os povos d'aqui attribuem aos *dolmens*, é, na minha humilde opinião, verdadeira; e confirma a dos archeologos que sustentam serem os *dolmens* — áras, para a celebração dos sacrificios que os celtas faziam ás suas divindades — e não, como alguns pretendem, *monumentos funerarios*. Nem o facto de apparecerem ossadas humanas sob estes monumentos, prova nada absolutamente (na minha opinião) contra os que sustentam que os *dolmens* eram propria e exclusivamente altares ou áras, para a celebração de sacrificios.

Vou dizer as rasões que me movem a sustentar a minha opinião.

Grande numero de *dolmens* que tenho visto, não têem a capacidade necessaria para conterem o cadaver de um adulto, estendido horisontalmente. Os da opinião adversa, dizem que os celtas enterravam os seus mortos, sentados ou de *cocaras!* Era isto quasi impossivel materialmente; porque as lagens perpendiculares estão ordinariamente enterradas um metro. Para alli se enterrar um cadaver sentado, seria preciso, pelo menos uma cova de 1m,50, um metro para o corpo e 50 centimetros para ficar abaixo do nivel do terreno. Já se vê que, fazendo-se esta operação, cahiam os sustentaculos da mesa superior, e o temerario coveiro, ficaria esmagado, sob a lousa.

Uma religião antiga e radicada em qualquer paiz, ainda que seja substituida por outra, por muitos annos ainda (e, digo mais, por muitos seculos) ficam existindo e são respeitados, muitos dos seus usos, ritos e praticas. Não ha pois nada mais verosimil, do que sobreviverem á religião celtica (que foi substituida pela idolatra e depois pela christã) muitas das suas praticas. Ha um facto, que, na minha opinião, prova isto incontestavelmente. Cahiu a religião de Endovelico, druidica ou celtica, ante uma myriade de divindades olympicas, que nos *impingiram* os romanos.

Parece que os antigos lusitanos, convertidos a uma outra religião, deviam ir-se aos *dolmens*, *antas* e *carns* e escangalharem tudo.

Pois não o fizeram, pelo contrario, consagraram-lhe d'ahi em diante o mesmo respeito; e tanto que muitos d'esses monumentos, de mais de 2:000 annos de existencia, chegaram intactos até aos nossos dias.

É pois muito de suppor, que as raças que vieram habitar a nossa peninsula, depois de já estarem os celtas convertidos, e vendo os *dolmens* sem applicação, mas respeitados, escolhessem os mais amplos, para n'elles depositarem os ossos dos seus, pondo-os assim a coberto de qualquer profanação, attento o respeito conservado áquelles monumentos.

Devo porém declarar que, mandando cavar profundamente (e quanto sem perigo se podia fazer) alguns *dolmens*, nunca achei n'elles senão raizes, terra e pedras.

Entendo pois que só as *mâmoas* eram monumentos funerarios dos celtas. N'ellas sim, tenho eu encontrado cinzas e em algumas (muito poucas) ossos humanos.

Eis em que eu fundamento a minha opinião sobre os *dolmens;* mas direi como os jurisconsultos, no fim dos seus articulados —*Salvo meliori judicio.*

—

Tem esta freguezia varios ribeiros e a ribeira de Canas, que regam e móem, e fazem a terra fresca e fertil.

Todas estas aguas vão ter ao Mondégo, que passa tambem n'esta freguezia.

No *Outeiro do Mouro*, pequeno sêrro no sitio de Valle de Boi, ha pedreiras de cantaria, branca e muito fina.

—

Aqui nasceu Agueda Lopes. Era casada, e accusando-a seu marido (parece que falsamente) do crime de adulterio, foi presa e sentenceada a pena ultima, sendo enforcada em Lisboa a 9 de maio de 1494. Indo a enterrar á egreja dos Anjos, e vendo os frades dominicos que ella dava signaes de vida, a levaram para a sua egreja, no meio de uma grande multidão de gente. Ella escapou, e acabou os seus dias no serviço da dita egreja, morrendo em cheiro de santidade.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 30 de março de 1514.

Era couto muito antigo. Em 1186, D. Sancho I, o doou a D. João Pires, bispo de Viseu.

CANAVEZES—villa, na freguezia de Santa Maria de Sobre Tâmega, Douro, comarca, concelho e 2 kilometros ao NO. de Marco de Canavezes. 40 kilometros a NE. do Porto, 30 ao S. de Guimarães, 12 ao S. d'Amarante, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos toda a freguezia.

(Em 1757 esta freguezia e a de S. Nicolau, tinham ambas 210 fogos.)

Orago Nossa Senhora da Purificação, vulgo, Santa Maria de Riba Taméga. Vide S. Nicolau de Riba Taméga.

Situada em uma encosta de pouco declive, d'onde se vê a villa d'Amarante e varias povoações e serras, nas margens do Tamêga, sobre o qual tem uma magestosa ponte de robusta cantaria, feita (ou, pelo menos, reedificada) pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, pelos annos 1200.

Outros querem que fosse a rainha Santa Mafalda, sua neta, pelos annos 1230; mas é êrro. Julga-se que já aqui existia uma ponte romana, que a rainha reedificou.

A ponte, que é de pasmosa solidez, é toda de cantaria, com sete arcos, e as guardas d ponte são guarnecidas de ameias. Está tudo em tão bom estado como se fosse feito ha poucos annos.

Dizem bons auctores que a origem e etymologia d'esta villa é a seguinte:

Ahi pelos annos 110 de Jesus Christo, sendo imperador o immortal Trajano, hespanhol natural de Cordova, que o imperador Nerva tinha adoptado descobriram os romanos, em um monte sobranceiro ao Tâmaca (Tamega) uma nascente d'aguas sulphuricas, a que deram o nome d'Aquae Tamacanae, pela proximidade em que ella estava do Tâmaca.

Todos sabem quanto os romanos (e depois d'elles os árabes) gostavam de banhos, e quanto se apuravam nos seus estabelecimentos thermaes. Aqui crescia mais o seu interesse e predilecção pelos banhos, em vista das muitas qualidades therapeuticas que a tribuiam a estas aguas. Fundaram pois logo aqui umas thermas. Para facilitarem o transporte dos que precizavam fazer uso d'estes banhos, construiram uma estrada, a que deram o nome de Tamacana Via, e sobre o rio edificaram uma solida ponte (que muitos dizem ser a actual.)

Junto aos banhos se foi pouco a pouco formando uma povoação, que, por não ter outro nome, se chamou *Tamacana Via* (como a estrada) e por consequencia aos seus habitantes «*Tamacanavienses*» mas, como acharam a palavra comprida, lhe amputaram as duas primeiras sylabas, ficando portanto *canavienses*. D'aqui se formou a palavra *Canavezes*, que se deu primeiramente aos habitantes, e depois á povoação.

Tambem se veio a encurtar a palavra *Tamacana Via*, dizendo-se sómente *Cana Via*.

(Perto da villa ha uma aldeia chamada Cánavia, que se suppõe ser corrupção de *Cana Via*.)

Soffreu esta villa (como todo o reino) diversas alternativas e dominadores, até que o conde D. Henrique e sua mulher vieram para Portugal.

Desde o principio da monarchia que esta villa teve bastante importancia, e tem um foral muito antigo (mas sem data) tirado por certidão, em 9 de janeiro de 1498.

Foi até fins do seculo 15.º da comarca de Guimarães, mas formando concelho independente, com tres juizes (ordinario, dos orphãos e das Sizas) vereadores, procurador do concelho pespectivos, escrivães e mais empregados judiciaes e municipaes, tudo confirmado pelo administrador da Albergaria da Rainha (de que logo tractarei.)

O juiz das sizas tinha jurisdição no concelho de Tuyas e em parte do de Soalhães.

Creada a comarca de Soalhães, passou a pertencer-lhe o concelho de Canavezes, e finalmente, creando-se a nova comarca do Marco de Canavezes, foi supprimido o antigo concelho de Canavezes, ou, para fallar com mais propriedade, foi a séde d'este concelho transferida para o Marco de Canavezes, e esta povoação (que, ainda ha poucos annos era uma pequena aldeia) é hoje a capital da comarca e concelho de seu nome; mas nem freguezia é.

A mesma rainha D. Mafalda, que mandou construir (ou reconstruir, como é mais provavel) a ponte, fundou aqui uma albergaria para 9 passageiros pobres, como consta do seu testamento, (que está no archivo da camara) feito na era de 1240 de Cesar, 1202 de Jesus Christo. N'este testamento, ordena que o povo da villa e seu termo, eleja um administrador d'ella (albergaria) dos melhores da terra.

A rainha encheu este administrador d'honras e privilegios. A albergaria (que ainda existe) era contigua ao paço que para si aqui mandou fazer a fundadora. Para custear as despezas da albergaria, a dotou com muitas herdades e os direitos da portagem

d'este termo. Na albergaria fundou a mesma rainha uma capella dedicada ao Espirito Santo.

Tem a confraria do Espirito Santo. Chama-se a este estabelecimento «Albergaria da Rainha». Não sei como foram diminuindo as rendas d'esta albergaria, o que é certo é que tanto as foram defraudando que no principio do seculo passado eram apenas uns 50$000 rs. Hoje certamente não ha nada.

O 1.º orago d'esta villa, foi S. Pedro, cuja egreja ainda existe (reduzida a capella) fóra da villa. É fundação da mesma rainha.

O padre Cardozo diz que esta villa tinha em 1750 (quando elle escreveu o seu Diccionario) duas freguezias, ambas dentro da villa o que é manifesto engano. A villa nunca teve senão uma freguezia, e essa mesma pequena, e a matriz d'ella não é dentro, mas sim na extremidade da villa, como passo a dizer. A parochia de S. Nicolau, está a 800 ou 900 metros ao SO. de Canavezes, e é e foi sempre freguezia separada.

—

A matriz de Canavezes é ao fundo da villa, mesmo sobre a margem do Tâmega.

A origem d'esta egreja foi a seguinte. Pouco tempo depois da fundação da albergaria, em um sitio proximo d'esta e do rio, appareceu uma imagem da virgem D. Mafalda edificou logo para a dita imagem uma pequena egreja, com a invocação que ainda hoje tem.

O administrador da Albergaria da Rainha, apresentava in solidum, ao abbade. Tem uns bons passaes, mas a mais de um kilometro da direita da egreja. O rendimento do parocho andava por 360$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que a apresentação do abbade estava n'aquelle tempo (1757) litigiosa com o padroado real e a camara de Canavezes. Segundo elle, rendia 400$000 réis.

Tinha em 1757 130 fogos.

De Canavezes se vê a serra do Marão, que fica 12 kilometros a E.

—

Diz o padre Cardozo, que n'esta villa viveu por muitos annos Santa Mafalda, rainha de Hespanha, filha de D. Sancho I, de Portugal, que tinha casado em 1215 com D. Henrique I, de Castella, e cujo casamento annulou o papa, por serem parentes e casarem sem despensa.

É mais que provavel que Cardozo se engane, por varias razões. Elle confunde as duas rainhas D. Mafaldas, avó e neta, e atribue a esta o que fez aquella, como adiante mostrarei.

Alem d'isso, é de simples intuição que casando Santa Mafalda em 1215 (como diz o proprio Cardozo, e é assim) esteve em Castella uns dous ou tres annos (o rei D. Henrique I, morreu em junho de 1217) e em 1220 já estava no convento de Arouca. Como pois esteve ella muitos annos em Canavezes?

Quem aqui mandou fazer uma casa (ou paço) foi D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, (avó da Santa) que mandou reedificar a ponte e fazer a albergaria; e talvez que esta D. Mafalda aqui residisse por varias vezes (mas não por muitos annos) para fazer uso dos banhos, na estação propria.

E mais: Cardozo diz que o testamento da rainha D. Mafalda foi feito em 1240 de Cezar, que é o anno 1202 de Jesus Christo, e portanto é certo que é o testamento da viuva de D. Affonso Henriques.

Santa Mafalda morreu no primeiro de maio de 1290 (vide Arouca) e não é verosimil que ella fizesse testamento 88 annos antes de morrer.

Nem da vida da Santa, que vem na Chronica de Cister, consta que Santa Mafalda residisse em Canavezes.

Tambem Cardoso se engana quando diz que no concelho de Bembiver (que não tem nada com o do Marco, nem com o de Soalhães, nem com o actual do Marco) está, no logar do Memorial (vulgo Marmoiral) um arco de cantaria (que deu o nome ao logar) feito pela camara d'aquelle concelho para lembrança de por elle passar a santa rainha Mafalda, na sua ida para Arouca.

Nem o Marmoiral é no extincto concelho de Bemviver, nem commemora nada que pertença a Santa Mafalda; mas sim o tumulo de um senhor chamado D. Souzinho Alvares. (Vide Marmoiral.)

—

Da Monarchia Lusitania, de fr. Antonio Brandão (liv. X°. cap. 38.°, pag. 190) aqui citada por Cardozo, para provar que foi Santa Mafalda que fez aquellas obras em Canavezes, se collige facilmente que foi a avó, e não a neta, que as fez. Vejamos o final do tal testamento. Reza assim:

«*E sejam hi camas boas e limpas, em que se posam bem albergar nove desses perigrinos, aos quaes serão dadas reçoins de entrada e sahida, e lume, agua e sal, quanto lhe fizer mister; e finando-se algum desses perigrinos, seja interrado, com tres missas de sobre altar, e com pano e cêra; e para que isto nunca perca, tudo se deve bem arecadar assim as portagens, como as outras rendas e porque me el Rey* (se o testamento fosse de Santa Mafalda, é muito provavel que disesse el-Rey meu irmão) *deu privilegios porque esta cousa melhor firmase, não será escuzo nenhum, da dita portagem, por rezão da obra ser para bem dos minguados, que tenho que será prol das almas del-Rey e minha e dos Reys e Rainhas,* QUE DE NÓS VIEREM *etc.*»

Todos sabem que D. Affonso I, marido de D. Mafalda, morreu a 6 de dezembro de 1185. Ora, sendo o testamento feito em 1202, já se vê que a rainha estava viuva, e que o rei de que ella falla no seu testamento era D. Sancho I, seu filho.

Eu já disse (em Arouca) que a rainha Santa Mafalda morrêra com fama de virgem, por ter feito voto de castidade. Então como diz ella no seu testamento «e dos Reys e Rainhas que de nós vierem?»

Pois uma mulher virgem e que tinha feito voto de castidade, podia lá dizer semelhante cousa?

Parece-me ter demonstrado que foi a avó, e não a neta, que fez estas obras.

É certo porem que a rainha Santa Mafalda (neta) esteve aqui por varias vezes e deixou aqui muitos testemunhos da sua piedade. É mesmo provavel que ella reedificasse ou ampliasse varias das obras que fez sua avó.

—

Canavezes foi uma das behetrias do reino.

Já disse que por esta freguezia, e mesmo pelo fundo da villa, passa o Tâmega, que réga, móe e traz bastante peixe.

Os arrabaldes de Canavezes são bonitos, ferteis, e muito bem cultivados; porduzem em abundancia cereaes, legumes, azeite, vinho e frutas. Os pêcegos e melões d'aqui teem fama pela sua optima qualidade.

Tem mercado todas as segundas eiras, e feira a 3 e 15 de cada mez.

D'aqui foi natural o dr. José Monteiro da Rocha, a quem o marquez de Penalva graduára doutor, com capêllo gratuito, na creação da faculdade de mathematica, na Universidade de Coimbra, em 9 de outubro de 1772.

Foi graduado, depois de nomeado lente, juntamente com Miguel Antonio Ciera, piemontez, e Miguel Franzini, veneziano.

Ambos estes professores estrangeiros leccionavam no collegio dos Nobres, em Lisboa.

O renome de mathematico distincto, que o dr. Monteiro da Rocha grangeára pelos seus trabalhos valiosissimos, não ha canto do globo civilisado, em que não resôe com assombrosa veneração: e a extincta Ordem da Companhia de Jesus teve n'elle um dos filhos mais venerandos, pela sua distinctissima illustração.

Infelizmente, maream-lhe de sobra a honradez que deveria ter, as invejas com que tratára o dr. José Antonio da Cunha, que na mathematica o assombrava.

De Canavezes foi tambem natural o conego da Sé de Evora, Jeronymo de Almeida, auctor da *Relação de como foi recebido em 1582 o cadaver de el-rei D. Sebastião, trazido da Africa*, a qual não vem mencionada no *Diccionario Bibliograohico* do sr. *Innocencio Francisco da Silva*; mas vem indicado na *Bibliographia Historico Portugueza* do sr. *Jorge Cesar de Figaniere*.

Esta *Relação* anda inscripta na *Historia Sebastica* do célebre chronista cisterciense fr. Manuel dos Santos, fallecido em Alcobaça em 29 de abril de 1740.

CANAVEZES—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Monte Negro até 1855, e desde então da comarca e concelho de Valle Paços, 60 kilometros ao NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora da Espectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro da Veiga, apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CANAVEZES—vide Canavêzes, villa, S. Nicolau de Riba Tâmega, Fornos e Marco de Canavêzes.

CANDAL—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros de Vizeu, 300 ao N. do Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Viseu.[1]

Foi antigamente da comarca de Vizeu, e é termo e do ducado de Lafões.

O abbade de S. Thiago de Carvalhaes apresentava aqui o cura, que tinha 10$000 réis, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

Produz bastante milho e centeio, algum vinho, e do mais pouco.

Parte da serra da Coelheira é n'esta freguezia. N'esta serra nasce o rio Coelheira.

CANDAL—aldeia, Douro, freguezia de Villa Nova de Gaia, ao S. e em frente do Porto; formosissimamente situada no alto da serra de Gaia; formada de bellas quintas com suas casas de campo, e varias e bonitas habitações, sendo a maior parte d'ellas em uma larga e vistosa rua.

D'aqui se gosa um deliciosissimo panorama. Ao N. se vê toda a cidade do Porto, e o Douro, que lhe fica ao sopé (tanto do Candal como do Porto) medeando entre uma e outra povoação apenas a largura do rio, que aqui é estreito. Para o E. vê-se o convento da Serra do Pilar e parte de Villa Nova de Gaia, e ao O. vê-se uma grande extensão do Atlantico.

[1] Parece-me haver engano no numero de fogos, em 1757, que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano*, que são os taes 78. No tempo do padre Cardoso, tinha 37. Parece-me isto mais provavel, porque não ha razão para o descrescimento d'esta freguezia.

É uma das povoações mais bem situadas d'este reino. (Vide Gaia e Cale.)

Além das descriptas, ha em Portugal mais 6 aldeias chamadas do Candal.

CANDAL—aldeia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao NO. da Feira, freguezia de Oleiros.

Ha aqui uma bem montada fabrica de optimo papel de varias qualidades, da qual é proprietario o sr. Joaquim de Sá Couto.

É uma das mais antigas e mais bem acreditadas fabricas de papel da Terra da Feira.

CANDEDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 105 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real, termo de Murça, correição e provedoria da Torre de Moncorvo. Eram seus donatarios os senhores de Murça.

Situada em uma baixa.

O D. prior e cabido de Guimarães apresentavam aqui o cura, que tinha 26 alqueires de trigo e 10$600 réis pagos dos dizimos, e 1 alqueire de pão de cada fogo.

É terra fertil e produz muito bom vinho.

No sitio chamado Caldas, proximo ao rio Tinhella, ha uma fonte de agua tépida sulphurea. É remedio para molestias cutaneas applicada em banhos, e cura obstrucções bebida.

Ha n'esta freguezia a serra do Eivado; e passa por aqui o rio Tinhella, que réga e móe.

Esta freguezia tem só 3 aldeias, que são: Porraes, Martim e Monfevres.

CANDEDO—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, e desde então é comarca e concelho de Vinhaes; 90 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago S. Nicolau.

O abbade d'aqui era apresentado pelo ar-

cebispo e tinha 500$000 réis de renda. Apresentava as egrejas de Santo Estevão de Espinhoso e Nossa Senhora da Assumpção de Valle de Gameiro, por serem ambas annexas a esta egreja.

A freguezia é montuosa: produz poucos cereaes, muito vinho e castanha, e muita caça miuda, do chão e do ar.

Passa proximo o rio Rabaçal.

CANDEMIL—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Situada em terreno accidentado, mas fertil.

Cria bastante gado de toda a qualidade e tem muita caça nos seus montes.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CANDEMIL—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho e 4 kilometros ao O. de Villa Nova da Cerveira, 54 ao ONO. de Braga, 24 ao N. de Vianna, 400 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O primeiro orago d'esta freguezia foi S. Pedro Fins, hoje é S. Felix. (Parece que é uma e a mesma cousa.)

Esta freguezia é da casa do infantado.

Ha em Candamil o grande praso das *Córgas*, ou da *Egreja*, que foi vinculo. Pertence hoje o dominio util d'elle á sr.ª condessa da Ribeira e seus sete irmãos.

É senhorio directo o arcebispo de Braga, a quem os emphiteutas pagam annualmente 2$250 réis.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

Proximo d'esta freguezia é o convento de S. Paulo do Monte, de frades franciscanos. Está arruinado.

É terra fertil e fica proxima da margem esquerda do rio Minho.

CANDOZA ou VARZEA DA CANDOZA—villa, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a E. da villa da Táboa, foi até 1855 da comarca e concelho de Midões, 48 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Orago S. Facundo, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Viseu, e tinha concelho independente, do qual era capital esta villa. Foi extincto.

Situada em um ameno e aprasivel valle (chamado a Varzea) d'onde se vê a villa de Midões e o logar da Póvoa de Midões.

Tinha termo seu, que comprehendia os logares da Varzea de Candoza e Villa Chã.

As freiras benedictinas de Vairão apresentavam aqui o vigario, que tinha 32 alqueires de trigo, 32 almudes de vinho, 20 alqueires de centeio, 20 alqueires de milho e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Tinha juiz ordinario, vereadores e procurador do concelho.

Junto á villa nasce a ribeira do seu nome, que mesmo aqui tem 3 moinhos e um lagar de azeite. Suas margens são muito bonitas e ferteis.

Esta villa se tornou tristemente célebre em nossos dias, pelas atrocidades impunemente praticadas pelo scelerado, conhecido geralmente pelo nome de Ferreiro da Candosa, que foi barbaramente assassinado por outro scelerado ainda mais perverso, o João Brandão, de Midões. (Vide Midões.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Serve tambem para Varzea da Candoza e Villa Chã.

Ha n'esta freguezia o palacio e bella quinta do *Morôuho*, do sr. Luiz Candido de Figueiredo Audinot, a mais formosa vivenda da Beira, abaixo da dos srs. Paes, de Mangualde.

O sr. Audinot mandou construir uma bella estrada, á sua custa, que vae entroncar na estrada real de Coimbra, de modo que se sahe do *Morôn'o* e entra em Lisboa, ou no Porto, de carruagem.

CANDOZO — freguezia, Traz-os-Montes

comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 114 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

O commendador de Malta, da villa de Freixial, apresentava aqui o vigario (collado) que tinha 42 alqueires de trigo e 12$600 réis em dinheiro.

Situada em terreno accidentado, e abundante de centeio, vinho, azeite e castanha: do mais mediania. Cria-se aqui algum bicho de séda.

CANDOZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, d'onde se vê Guimarães. A matriz é antiquissima. Em uma pedra que está na parede, junto á porta travessa, está uma inscripção gothica que diz: *Na era 210 (172 de Jesus Christo) Pedro Leão obrou.* (É provavel que falte a letra que devia designar um milhar, ou por estar apagada, ou por omissão, o que era frequente n'aquelle tempo, nas inscripções.)

O bispo de Constantina apresentava o vigario, que tinha de rendimento 80$000 réis. Era collado.

Tem uma soffrivel residencia junto á egreja. Corre pela freguezia o rio Célho.

É terra fertil.

CANDOZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle fertil.

O cabido de Guimarães apresentava annualmente o cura, que tinha uns 60$000 réis.

É terra fertil.

CANÉÇAS—aldeia, Extremadura, freguezia de Loures, termo de Lisboa, e no patriarchado. O seu nome é derivado do arabe *caniça*, que significa templo de christãos.

Ha n'esta aldeia varias nascentes de aguas ferruginosas, applicadas internamente, com bom exito, em molestias do estomago.

As aguas mais usadas são as das nascentes do Camora e do Caldas.

Concorre aqui muita gente a fazer uso d'estas aguas, e a gosar os acres perfumes dos pinheiraes circumvisinhos, mesmo por expressa recommendação dos medicos.

Ha aqui um bom hotel, para residencia dos frequentadores.

Os moradores d'aqui dão-se geralmente á sementeira e plantio de viveiros de arvores fructiferas, de todas as qualidades, com o que fazem bom negocio com Lisboa e outras localidades.

(Vide Alcanéça, que vem a ser o mesmo.)

CANEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Bragança, termo de Montalegre.

Situada em terrenos ásperos e montuosos e só se vê a povoação da Penha Longa.

Os frades bentos do convento de S. Miguel de Refojos de Basto apresentavam aqui o reitor, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

Passa n'esta freguezia o rio Béssa.

É terra fertil.

Tinha foral, dado por D. Affonso III, em 27 de maio de 1258.

CANEDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 235 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães, termo de Celorico de Basto.

Era, em tempos antigos, dos condes de Basto, e depois passou para a corôa, até 1834.

Situada em um alto, d'onde se vêem as freguezias de Atey, Mondim, Faya, Corgo, Valle de Bouro, Molares e Viáde.

O abbade benedictino de Pombeiro apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 130$000 réis.

É terra fertil.

Passa aqui proximo o rio Tâmega.

É n'esta freguezia a serra de Valle de Aguas.

CANEDO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao NE. da Feira, 22 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 610 fogos.

Em 1757 tinha 522 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Tem esta freguezia 40 aldeias.

O ordinario apresentava o reitor, que tinha 360$000 réis.

Passam aqui os ribeiros Inha e Huyma. O primeiro morre no Douro (margem esquerda) na Foz da Inha, logo abaixo de Pé de Moura; o segundo morre tambem no Douro, na povoação de Crestuma. O rio Douro serve de termo a esta freguezia pelo N., tendo ella na margem esquerda a grande aldeia de Carvoeiro, d'onde constantemente sahem barcos para o Porto (que lhe fica a 20 kilometros ao O.) conduzindo varios generos, sendo os principaes madeiras, lenhas, e carvão vegetal.

—

A matriz é no logar do Mosteiro, assim chamado por ter aqui havido um antigo mosteiro de frades benedictinos, que já existia no principio da monarchia.

—

Este mosteiro foi fundado por D. Tello Guterres, no seculo XI.

D. Diniz deu este mosteiro ao bispo do Porto, D. Giraldo, em 1304; com obrigação d'elle e seus successores cantarem uma missa diaria, á honra de Deus e de Maria Santissima, pela alma de seu pae (do rei) pela sua e pelas de todos seus antecessores e successores.

Depois o bispo, em 1307, o deu ao seu cabido, conservando-se ainda tres religiosos benedictinos.

Em 1312 foi dado ao deão da Sé do Porto

Em 1336, o deão, Domingos Martins não o quiz e passou a ser da commenda de Christo. Este Domingos Martins, recusou ser padroeiro d'este convento, para não sustentar os tres religiosos que ainda continuavam a residir aqui.

Em 1336, em vista d'esta recusa, foi reduzido o mosteiro a reitoria secular, indo os frades para o seu convento, do Porto.

O mosteiro e a cêrca foram vendidos no tempo dos Philippes.

(Adiante trato d'elle.)

Houve um hospicio com sua pequena cêrca, que ficava junto á porta principal da egreja matriz; ficou sendo a residencia do reitor.

Alguns foros, foram para as freiras benedictinas de S. Bento de Ave Maria do Porto, e uns campos, que estão proximos e ao N. da egreja, foram encorporados á commenda de Malta, chamada *commenda de Lobão*. (Lobão é uma freguezia do mesmo concelho, a uns 3 kilometros ao SO. de Canêdo.)

—

Achei a maior parte d'estas noticias sobre o convento, em uns apontamentos meus antigos (não sei d'onde os extrahi) mas não me conformo com elles, por varias rasões, que não aponto, para não fazer este artigo mais extenso. Entretanto, a minha humilde opinião é que nunca aqui houve mosteiro de monges bentos, mas sim de freiras da mesma ordem. (Viterbo é da mesma opinião; mas não a fundamenta.)

Eu supponho que no sitio do Mosteiro, hoje a quinta do sr. Tavares, ao E. da matriz, (a uns 250 metros distante d'ella) era mosteiro de freiras; e o que é hoje residencia e passaes do parocho, era um hospicio, onde residiam os taes tres frades, que eram capellães e confessores das freiras, como era costume, e da sua ordem.

Entendo que foi esta circumstancia que

deu motivo a dizer-se que o convento era de frades.

É provavel que em 1304, o rei só desse ao bispo do Porto o convento e cêrca, o hospicio e terras juntas e os fóros: e os campos, que são grandes e bons, os encorporasse na commenda de Lobão, que foi dos templarios, e desde 1311, em que esta ordem foi extincta, ficou isto para a corôa, até 1319, em cujo anno o mesmo D. Diniz deu tudo quanto era d'aquelles cavalleiros, á Ordem de Christo, que então instituira.

O bispo, para lhe ficar o encargo menos pesado, mandou as freiras para o convento da sua ordem, do Porto, e deu a este todos os fóros, e mais nada. (É certo que ainda em Canêdo se pagam estes fóros de S. Bento da Ave Maria.) Mas, vendo que os rendimentos do mosteiro não chegavam para as despezas das missas cantadas, diarias, ou não podendo cumprir isto (que na verdade era árduo) doou este resto ao cabido. Este, não lhe fazendo tambem conta, com taes condições, o passou ao deão, que por fim tambem o veiu a regeitar, pelos mesmos motivos; passando então tudo a ser uma reitoria do padroado episcopal.

O bispo deu o hospicio e pertenças para residencia do parocho, ficando com as rendas do extincto mosteiro. Um dos Philippes, não sei qual delles, tratou de se apossar d'isto e o mandou vender, para as urgencias do estado (ou antes para as suas.)

Eis o que me parece cérto, ou, pelo menos, muito verosimil.

A commenda de Lobão (as terras, porque os dizimos já não existiam) foram vendidas pelos annos de 1840. Foi comprada pelo doutor e lente da Universidade, o padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, escriptor juridico bem conhecido (vide S. Miguel do Matto) e é hoje dos seus herdeiros.

Este convento tinha uma grande cêrca, mas quasi toda inculta. Hoje está possuida pelo sr. Bernardo José da Silva Tavares, conego do Porto, e por seu irmão Hermenegildo. Ainda existe o edificio do mosteiro (menos a egreja) transformado em casa particular, do dito conego, conservando o nome de *Casa do Mosteiro.*

Ainda sobre as ruinas do antigo muro d'esta quinta, do lado do E., sobre a estrada de Carvoeiro, está um vetusto miradouro (mirante) e junto a elle um velhissimo cedro, que é do tempo das freiras (ou dos frades.)

—

A aldeia de Varzea, d'esta freguezia, antigamente chamada Varzea de Carvoeiro, era uma freguezia antiquissima, pois já existia em 897, em cujo anno a doou Gondezindo, ao mosteiro de S. Salvador de Lavra, de de freiras bentas. Carvoeiro, sobre a esquerda do Douro (de que tratarei no logar competente) formava parte d'esta freguezia, e provavelmente Bouça, Villares, Mosteirô (de que adiante trato, vide Mosteirô) Val-Cóva e Suzanil. Não pude saber quando esta freguezia foi supprimida. A matriz ainda hoje existe reduzida a capella. na aldeia da Varzea. (Vide Lavra.)

É preciso notar que em Canêdo ha Mosteiro e Mosteirô, aquelle junto á matriz, este proximo do Douro. Em cada uma d'estas aldeias havia um convento de freiras benedictinas, e ambas depois foram encorporadas no da mesma Ordem do Porto. Parece que o de Mosteirô ainda era mais antigo do que o do Mosteiro. D'aquelle não ha vestigios, nem mesmo tradição; mas é certissima a sua existencia, pois de documentos antiquissimos consta ser na freguezia de Varzea de Carvoeiro, assim como consta ser o outro na freguezia de Canêdo.

A egreja, de uma só nave, é muito ampla; mas, mais parece um armazem do que um templo. É toda de tosca alvenaria, e sua frente, completamente desguarnecida de cantarias, causa desagradavel impressão. O interior está tambem em quasi total abandono, tendo cinco altares, todos a cahirem de velhos.

—

É n'esta freguezia a antiga casa e grande quinta de Fagilde, onde nasceu e morreu o brigadeiro Victorino José da Silva Tavares, bem conhecido pela sua acrisolada fidelidade á monarchia legitima.

—

Esta freguezia, que como se vê, é muito

populosa, é tambem muito extensa e accidentada.

Suas *ribeiras* (valles nas margens dos ribeiros) são muito ferteis; mas como a maior parte da freguezia é em elevações, tem muita falta de aguas e é pouco fertil, sobretudo em annos de sêcca. É todavia bastante rica pelo muito commercio que faz com o Porto, para onde exporta constantemente muitas e varias madeiras, lenha e carvão.

Ha n'esta freguezia fabricas de papel de embrulhar, e uma, fundada ha dois ou trez annos, de optimo papel almasso, de que é proprietario o sr. Dias.

—

Ha em Canêdo muitos e vastos pinhaes.

Querem alguns que Canêdo fosse villa no principio da monarchia; mas não achei documento que o prove satisfactoriamente. Tem isso porém algum fundamento pelo facto seguinte:

Canêdo tinha foral proprio, dado por D. Affonso II no 1.º de junho de 1212, e n'elle se lhe dá o titulo de villa; e no foral velho da Feira (do seculo XI ou XII) assim como no novo de 10 de fevereiro de 1514, que trazem as differentes freguezias comprehendidas no foral, não menciona Canêdo, que foi sempre da Terra da Feira; o que induz a crer que formava villa e concelho independente.

CANELLAS—villa, na freguezia de S. Miguel de Poyares, Traz-os-Montes, comarca e 8 kilometros ao NE. do Peso da Regua, 50 fogos na villa, que é a cabeça do concelho, o qual tem 1:060 fogos.

Era antigamente da comarca de Villa Real, (que lhe fica 18 kilometros ao NO.) e *Isento* da Ordem de Malta.

Fica 85 kilometros a E, de Braga, 102 ao ENE. do Porto, 12 ao N. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa. Toda a freguezia tem 620 fogos.

Situada em um monte proximo da margem esquerda e da foz do Corgo, e da direita do Douro.

(Vide S. Miguel de Poyares.)

Esta freguezia tinha em 1757, 101 fogos.

Já antigamente tinha juiz ordinario, vereadores, almotacé e escrivão do geral. Dentro da villa está a capella do Espirito Santo.

É terra muito fria e pouco fertil, mas saudavel.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou nem quando. É na terra de Panoias.

D. Sancho I a doou á Sé de Lamego, em 1205.

D. Sancho II a coutou, em janeiro de 1225, e em julho d'esse mesmo anno, a pedido do bispo de Lamego, erigiu D. Silvestre, arcebispo de Braga, n'este couto, uma egreja matriz, que já não existe.

—

Aqui viveu e morreu o ultimo visconde de Canellas, da familia dos Silveiras, e proximo parente do valorosissimo general marquez de Chaves.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 40 kilometros ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Foi do extincto concelho de Alvarenga.

Situada entre dois montes.

O bispo de Lamego apresentava annualmente o cura, que tinha 40 alqueires de pão e 12$000 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do real padroado.

O clima d'esta freguezia, apesar de excessivo, é muito saudavel e fertil. Nos seus montes ha muito arvoredo silvestre e muita caça.

Passa aqui o rio Paiva.

CANELLAS—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 7 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada no suave declive de uma serra; d'onde se descobre uma vasta extensão do mar, que fica 6 kilometros a O.

É terra muito fertil.

O abbade, já anets de 1834 obtinha esta

egreja por concurso synodal, e tinha de renda 800$000 réis annuaes, entrando os passaes, que são muito grandes e bons.

Era apresentado pela mitra e pela collegiada de Cedofeita, (Porto), em que esta entrava com alternativa de 4 mezes.

Tinha antigamente ouvidor, dois almotacés (estes só serviam dois mezes e eram feitos a votos pelo povo; findos os dois mezes elegiam outros.) Tinha dois jurados, que serviam um anno; um quadrilheiro que servia tres annos (todos eram eleitos a votos pelo povo da freguezia).

Ha n'esta freguezia grande abundancia de aguas excellentes.

Tem aqui uma boa quinta e casa e muitas rendas o sr. conde de Résende (D. Luiz Banedicto de Castro Pamplona), que, em 1870, fundou aqui e sustenta á sua custa uma escóla de instrucção primaria para os dois sexos.

N'esta freguezia ha grande creação de gado bovino.

Era antigamente da comarca e Terra da Feira.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Angeja, 12 kilometros ao NO. de Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 295 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Orago S. Thomé, apostolo.

Foi do bispado de Coimbra.

Foi antigamente do termo da villa da Bemposta, comarca da Esgueira.

Era dos marquezes de Angeja.

É situada em uma ladeira, d'onde se vê Fermelan, o lindo Campo d'Angeja, o rio Vouga, Salreu, Branca, Veiros, Cassia, e Angeja.

O reitor de Fermelan apresentava o cura d'esta freguezia, que tinha 18$000 réis em dinheiro, 6 almudes de vinho e 6 alqueires de trigo, que lhe davam as freiras de Jesus, de Aveiro, as quaes recebiam os dizimos d'esta freguezia.

É terra fertil.

Aqui nasceu, em 9 de julho de 1763, o bem conhecido poeta, Francisco Joaquim Bingre (cognominado «o cysne do Vouga» e na Arcadia—Francelio Vouguense).

Foi baptisado a 17 do mesmo mez e anno. Nasceu na aldeia de Pedregosa.

Era filho de Manuel Fernandes Dias, do mesmo logar, e de D. Anna Maria Clara Hybingre, nascida em Vienna d'Austria.

Francisco Joaquim, que não quiz ser Fernandes, adoptou o appellido de sua mãe, por ser de *melhor extracção;* mas por causa da *euphonia*, de que era amante, cortou-lhe o *Hy*, deixando ficar só o *Bingre*.

O pae d'aquella senhora (Gaspar Hybingre) foi, segundo consta, capitão de um regimento de hussards, no reinado da imperatriz Maria Thereza.

Ficando viuvo, metteu sua filha em um convento de Vienna, e morrendo em campanha, ficou ella desamparada.

Sahiu do convento e da patria e veio ter a Lisboa em busca de uma tia materna, que era, ou tinha sido, dama ou criada da rainha D. Maria Anna d'Austria (mulher de D. João V) e mulher de Philippe Ballestri, que não tinha filhos e parece que tinham alguma coisa de seu, do que a sobrinha contava ficar herdeira; mas o terremoto do 1.º de novembro de 1755, que destruiu Lisboa, sepultou nas suas ruinas Ballestri, sua mulher e tudo quanto tinham, ficando a infeliz orphan abandonada pela segunda vez.

Tinham os tios da mãe de Bingre um criado chamado Manuel Fernandes, que offereceu a D. Anna Maria Clara trazel-a para a sua aldeia (Canellas) e ahi casar com ella, o que foi acceite, e tudo assim se realisou.

Manuol Fernandes teve de sua mulher este filho sómente, e o educou com os rendimentos de alguns bens que tinha; mas como eram poucos e mal lhes chegavam para não morrerem de fome, resolveram ir procurar fortuna para Lisboa.

Alli se deram ao negocio de contrabando, em que parece lucravam bastante, mas Fernandes, ou desgostoso da mulher ou do negocio, deixou aquella e seu filho e veio para Canellas cuidar nas suas terras.

Foi pois Bingre educado por sua mãe,

que apenas o mandou aprender primeiras lettras e latim, e o destinou ao commercio, que exerceu em casa de sua mãe, mas principiando desde a sua adolescencia a fazer versos.

Passou a sua juventude entremeando o commercio das Musas, com o de contrabando e com a leitura de bons auctores.

Era de genio affavel e brando, inimigo do sarcasmo como da lisonja e da inveja; pelo que era de todos bemquisto.

Casou com D. Anna Maria, como elle natural da aldeia de Canellas, que lhe foi companheira extremosa, tanto na próspera como na adversa fortuna.

Parece que d'este matrimonio houveram 6 filhos, morrendo dois em creanças, pois só se sabe ao certo de quatro — D. Raymunda Marianna, que morreu viuva, pouco antes de seu pae — Nuno Maria, que morreu novo e era bacharel em direito — Francisco Lourenço d'Assis, e D. Perpetua Clara, que morreu adolescente. Parece que só de D. Raymunda ha descendencia.

A mulher de Bingre, segundo se collige de uma carta d'elle, parece que morreu em 1823.

Em 1790, Bingre, d'accordo com o beneficiado Caldas Barbosa, Joaquim Severino e Curvo Semêdo, organisaram a sociedade, que denominaram Academia de Bellas Lettras, (depois conhecida sob o titulo de *Nova Arcadia*).

No seu principio viu esta sociedade reunidos no seu gremio os melhores engenhos da época, e que, se durasse tanto como promettia, daria vantajosos resultados ás lettras patrias; mas a discordia depressa lavrou entre seus membros, divididos em duas parcialidades; uma composta de Bocage e dos seus, e a outra de José Agostinho de Macedo, Curvo Semêdo e a maior parte; pelo que tudo se desbaratou em 1795.

Durante estas discordias, Bingre estava ausente a tratar dos seus negocios, e não tomou parte n'ellas, senão para os harmonisar, não conseguindo senão ficar bem com todos.

Os negocios da mãe do poeta se complicaram, e tendo-lhe pregado varios fidalgos grandes calotes, e vendo-se outra vez em penuria, enlouqueceu.

Bingre, para ver se dava cura a sua mãe, foi com toda a familia para Canellas; mas o mal d'ella aggravou-se, e, morrendo seu pae pouco tempo depois da sua chegada, sua mãe pouco lhe sobreviveu, pois ambos morreram, parece que em 1793, e Bingre, não tendo rendimentos que o sustentassem em Canellas, regressou a Lisboa logo em 1794, a requerer algum logar publico.

Nove annos gastou como pretendente, arranjando no fim d'elles o insignificante logar de escrivão em Villa Nova d'Anços (proximo á sua patria), logar que não exerceu, por ser logo depois mudado para escrivão dos orphãos do julgado de Ilhavo.

Foi demittido em 1804; mas, Florencio de Abreu Perada, corregedor d'Aveiro, o seu protector, o fez escrivão da camara e do judicial e notas, da villa de Mira.

Sendo, como já disse, de trato ameno, degenerou para politico furibundo em 1820, e em seus versos, elogiando até aos astros a constituição, blasphemou contra a realeza, insultando os realistas, ainda mesmo depois da restauração (1823) pelo que foi demittido em 1828, ficando reduzido á miseria.

Parece que os libertadores de 1834 deviam pelo menos, restituir o pequeno emprego ao seu façanhudo cantor, mas elle estava velho e já não podia servir para os ajudar na sua obra de libertação, pelo que o deixaram ficar na indigencia, desmentindo-lhe assim os grandes elogios que havia feito aos liberaes e á liberdade.

Os ultimos 22 annos da sua vida (de 34 a 56) viveu de esmolas, a maior parte feitas pelos realistas, que não quizeram ver n'elle o poeta atrabiliario, e só viram o velho miseravel.

Morreu a 26 de março de 1856, com quasi 93 annos de edade.

—

Quasi todas as suas obras estão ineditas. Escreveu sonetos, odes, dithyrambos, canções, epistolas, elegías, idyllios, apólogos, contos, epigrammas, madrigaes, sátyras, etc., e dois poemetos — *Momo* e *As Mulheres* — varios dramas, farças e entremezes (mas

isto de pouco ou nenhum merecimento).

Na sua mocidade foi soffrivel improvisador.

Posto estar muito áquem dos grandes encómios dos seus amigos, suas poesias não eram destituidas de graça; tinha, porém, dois defeitos, um (como Nicolau Tolentino) era pedir esmola e chorar miserias em grande parte dos seus versos, outro era morder a mão caridosa que lhe dava com que matar a fome. isto é, insultar virulentamente o partido realista, que nunca o offendeu, e que, como disse, tantas vezes o soccorreu.

Este maldito séstro não o perdeu nem á hora da morte, apesar de só dever queixar-se dos seus, que lhe pagaram com despreso e esquecimento tantas resmas de versos que lhe dedicou.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao SO. de Penafiel 35 ao NE. do Porto, 325 ao N. de Lisboa 240 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Penafiel, mas termo do Porto.

Parece que esta freguezia pouco tem augmentado ha cem annos, mas não é assim. A causa do pouco augmento apparente é porque se desmembrou d'esta freguezia a de Sebollido no principio d'este seculo.

É d'esta freguezia a quinta da *Ufa*, que foi de D. Ufa, da qual tomou, ou ella lhe deu, o seu nome. (Vide Bayão.)

Fica esta quinta sobre a margem direita do Douro, em frente das célebres Pedras de Linhares. Vide esta palavra.

Cérca a egreja matriz um grande adro e no fim d'elle, ao sul, está a residencia. O vigario era apresentado alternativamente pelo papa, pelo bispo do Porto e pelos frades bentos de Paço de Sousa. Tinha de congrua 42$000 réis, pagos pela commenda (que tambem pagava a um coadjutor) e os mais rendimentos parochiaes, que tudo andava por 200$000 réis.

A actual freguezia de Sebollido, como já disse, era uma aldeia d'esta freguezia.

É terra fertil e rica.

Tinha ouvidor, feito a votos pelo povo e confirmado pelo senado do Porto. Tinha tambem um juiz chamado da *Rapoza* ou da *Montaria*, o qual, por privilegio antiquissimo, fazia os juizes das montarias e os coudeis de muitas freguezias circumvisinhas.

Este juiz e os seus subordinados, com todos os seus monteiros, eram obrigados a fazer montarias em todos os sabbados da quaresma. A estas montarias ia uma pessoa de cada casa, do sexo masculino, de mais de 18 annos.

Os que faltavam eram multados em certa porção de vinho, ou dinheiro para o comprar. Se algum recusava pagar a multa, iam os juizes e monteiros a casa d'elles, armados de espadas e roçadouras e os obrigavam a pagar á força. Todo o vinho d'estas condemnações era bebido pelos que iam ás montarias.

Esta freguezia é atravessada por varios ribeiros, que todos desaguam no Douro, que a limita pelo sul.

É nos limites d'esta freguezia a grande quinta (com optima casa e capella) denominada de Santa Cruz, que foi solar dos Madureiras. Foi vendida por 30 contos de réis, em 1863, á sr.ª viuva Cardoso, do Porto, que é a sua actual proprietaria. Só os pinhaes e olivaes valem hoje o custo. É mesmo sobre a margem direita do Douro.

Tem annexa a pequena Quinta da Cortiça, que é contigua, tambem sobre o Douro e em frente da freguezia de Sardoura, do concelho de Castello de Paiva.

Tem minas de cobre, que se não exploram.

CANGOSTA—vide Congôsta.

CANHA—rio, nasce nas visinhanças de Monte-Mór-Novo, recebe em si o Laure, proximo á Matta do Duque, e entra na margem esquerda do Téjo, abaixo de Samora Correia, com 60 kilometros de curso. Este rio é que deu o nome á villa seguinte. Antigamente chamava-se rio de Cañas, que se pronuncia *canhas*, e significa—rio de Cannas, pelas muitas que havia nas suas margens.

Vide Almançor e Benavente.

CANHA—villa, Extremadura, comarca e

concelho de Aldeia Gallega do Ribatejo, sobre a esquerda do Canha, 40 kilometros ao NE. de Setubal, 35 de Palmella e 48 ao SE. de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É situada em um alto ameno, onde antigamente haviam muitas cannas, das quaes tomou o nome.

É banhada pelo Canha e muito fertil em toda a qualidade de fructos, lenha, peixe, caça e gado.

Tem foral velho, dado por D. Affonso I em 1172. (Franklim não falla n'este foral.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1516.

Tem extensos montados, onde se cria grande porção de porcos, que exporta.

Em 1750 tinha, só na villa, 200 fogos, e em toda a freguezia outros 200.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o prior, que tinha dois beneficiados da mesma apresentação.

A egreja era do mestrado e commenda da Ordem militar de S. Thiago da Espada, e, por carta do cardeal-rei, andava annexa, *in perpetuum*, ao convento de Santos-o-Novo, de Lisboa.

Prior, beneficiados e despeza da fabrica eram pagos pela commenda, que rendia, liquido d'estas e d'outras despezas, 700$000 réis.

O prior tinha de congrua 4 moios de trigo, 2 de cevada, 20$000 réis em dinheiro e todo o pé d'altar. Cada beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 12$000 réis em dinheiro.

Tem casa de Misericordia, fundada pelos moradores da villa, na capella de S. Sebastião.

Tinha, antes de 1834, juiz ordinario, procurador do concelho, escrivão da camara, vereadores, juiz dos orphãos com seu escrivão, tabellião e alcaide. Tinha uma companhia de ordenanças.

Ha aqui boas e grandes herdades. Os duques do Cadaval têem aqui a famosa quinta da Matta.

A mesma etymologia.

CANHA ou **SANTO ESTEVÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 35 kilometros ao NO. de Evora, 144 a E. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 185 alqueires de trigo, 90 de cevada, uma arroba de cêra, 121 gallinhas e 21$500 réis em dinheiro.

É terra muito fertil.

A mesma etymologia.

CANIÇADA e **SOENGAS**—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães e do concelho da Ribeira de Soaz, do qual eram donatarios os condes de Unhão.

É situada em dois valles, o de S. Miguel e o da Caniçada, d'onde se descobrem varias povoações.

Esta freguezia era a cabeça do tal concelho de Ribeira de Soaz, e n'ella está o paço e foral das audiencias, proximo á matriz.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de renda.

Passa pela freguezia o rio Cávado, que a torna muito fertil.

O concelho de Ribeira de Soaz teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de julho de 1515. Este foral é das seguintes povoações: Aventosa, Berrezal (ou Bezerral) Caniçada, Cóva, Fornellos, Fradéllos, Freande, Parada de Bouro, Portella, Pouzadella, Soengas e Ventosa.

Soengas era freguezia independente, que foi annexada á da Caniçada no fim do seculo XVIII. O orago da freguezia de Soengas era S. Martinho. Em 1757 tinha 29 fogos. O cura era apresentado pelo abbade de S. Martinho da Ventosa, e tinha de rendi-

mento 20$000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia annexou-se á outra, não só por ser muito pequena, como porque ninguem queria aqui ser parocho, com tão insignificante rendimento.

CANIDÊLLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 100 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Ha n'esta freguezia uma alta torre arabe, chamada «Torre de Florentim Barrêto». Este era um senhor déspota, que obrigava as desposadas a estarem primeiro com elle, o tempo que elle queria e depois as entregava, mediante certo tributo de feijões (de que era muito guloso). Ninguem pergunte aos barqueiros do rio Lima, *se já levaram os feijões ao Florentim.* (Vide Cardiellas.)

É terra muito fertil em cereaes, fructos, gado e caça. Peixe do Lima, que passa proximo.

Para a etymologia vide Canadello, de que o nome d'esta freguezia é corrupção.

Não acho esta freguezia nos livros modernos.

CANIDÊLLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, foi até 1855 do concelho da Maia, comarca e 15 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em um valle, d'onde se descobrem muitas freguezias.

O papa e a mesa episcopal do Porto apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 200$000 réis.

É fertil. A mesma etymologia.

CANIDELLO ou **LAVADÓRES** — freguezia, Douro, concelho e 10 kilometros a OSO. de Gaia, comarca e 10 kilometros a SO. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 156 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da antiga comarca e terra da Feira.

Eram seus donatarios os marquezes de Abrantes.

Situada em fertil campina, junto ao mar, que a limita pelo O. Pelo N. chega até ao Douro. O Cabedêllo, na foz d'este rio, é d'esta freguezia.

Ao N. vê-se S. João da Foz e Lessa da Palmeira. Ao S. a freguezia da Magdalena, ao NE. a cidade do Porto e outras povoações.

As suas principaes aldeias são: Paço, Canidêllo, Lavadóres e Lumiara. A egreja matriz está no logar do Paço.

Os frades cruzios da Serra do Pilar apresentavam o cura, que tinha 120$000 réis.

É terra muito abundante de fructos e peixe, do mar e do Douro.

A mesma etymologia.

CANNAS — Para todas as Cannas, vide Canas. É mais etymologico Cannas; mas descrevi-as só com um *n*, por assim estarem nos Diccionarios geographicos antigos.

CANO — villa, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, e 9 kilometros de Souzel 40 kilometros d'Evora, 75 ao SE., de Lisboa, 280 fogos.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Fica 18 kilometros ao N. de Estremoz e 15 a ESE., d'Aviz. Foi até 1855 do concelho de Souzel, que foi então extincto.

Situada em uma fresca e aprasivel alameda. Chama-se Cano pelos muitos canos d'agua que por ella correm. (Outros dizem que por um célebre cano que aqui havia em eras remotas.)

É povoação mais antiga do que Aviz, mas não se sabe quem a fundou.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no primeiro de novembro de 1512 Tem Misericordia.

Tem duas grandes fontes (além de muitas mais nascentes menores.) A chamada Fonte Grande, é um grande deposito d'optima agua e d'ella sahe um granda cano (que provavelmente deu o nome á villa.) Para o O., tem umas nascentes d'agua chamadas Fon-

te dos Olhos, d'onde sáe um cano que faz moér azenhas e pisões. Dizem alguns que a agua d'esta nascente se petrifica.

Diz o Diccionario Abreviado, de Almeida, que esta agua sáe fervendo, e que depois se petrifica.

É terra muito fertil.

Era antigamente da comarca e mestrado d'Aviz.

Em outros tempos era povoação muito mais vasta do que actualmente, o que attestam os alicerces que se encontram fora da villa.

Apesar de estar situada em uma planicie, d'aqui se vêem as villas de Vimieiro, Arrayolos, Evora-Monte, Fronteira, Cabêço de Vide e Alter-Pedroso.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Tinha um beneficiado da mesma apresentação com 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 8$000 réis em dinheiro.

A Misericordia, foi fundada pelo povo, no seculo 16º. Tem uma albergaria, fundada pelo mesmo tempo (reinando D. Manuel) que lhe deu os privilegios das mais Misericordias.

Ha na freguezia muitas e excellentes fructas.

Feira a 24 d'agosto.

Era antigamente cabeça de concelho, com dous juizes ordinarios, trez vereadores, procuradores do concelho, escrivães, meirinhos etc. etc.

Por provisão de D. Duarte, de 30 d'agosto de 1438, tinha este concelho privilegio de não pagar siza nem portagem, de todos os generos que trouxessem da villa d'Aviz. D. Manuel lhe deu tambem em 1476, privilegio de poderem cortar madeiras para as suas abegoarias no termo d'Aviz.

Consta que a agua da fonte da Elmolinha tem a virtude de fazer lançar as sanguessugas da garganta e de curar a ronqueira do gado.

CANTANHEDE—villa, Douro, 23 kilometros ao NO., de Coimbra, 22 ao N. de Lisboa, 1:000 fogos, (em 1660 tinha 400 fogos) no concelho 3:550, na comarca 8:750.

Diz o *Portugal Sacro e Profano* que em 1757 tinha 220 fogos: é êrro evidente; porque o padre Cardoso, que escreveu pouco antes, diz que tinha então 420 fogos.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Orago S. Pedro, apostolo.

Feira a 20 de cada mez.

Não pude averiguar a data da fundação d'esta villa, nem quem foi o seu fundador. É porem certo ser antiquissima; talvez do tempo dos romanos e foi povoada pelos árabes. O conde D. Sisnando, governador de Coimbra, a mandou povoar de christãos, pelos annos de 1080.

Foram seus donatarios os condes de Cantanhede (que eram marquezes de Marjalva.)

A matriz é de tres naves. Tinha dous curas, ambos apresentado pelo bispo de Coimbra, cada um com 14$000 réis, fóra o pé d'altar, e obrigação de missa por seis mezes.

Tem Misericordia e hospital, fundado pelos donatarios, com provisão real.

No sitio do Agueiro ha um convento que foi de frades capuchos de Santo Antonio, dedicado a Nossa Senhora da Conceição; fundado em 1675 e do qual eram padroeiros os donatarios.

É terra muito fertil em cereaes, fructas, azeite, gado, colmeias e caça.

D. Affonso V, fez conde de Cantanhede a D. Pedro de Menezes, e depois o renovou Philippe III, em outro D. Pedro de Menezes. Para a genealogia dos condes de Cantanhede, vide Guarda, artigo Barbadão.

Antigamente tinha um ouvidor posto pelo donatario, dous juizes ordinarios, 3 vereadores, procuradores do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos e seu escrivão, dous tabelliães, um alcaide, um escrivão das sizas e um almoxarife.

Tinha capitão-mór e uma companhia de ordenanças.

Desde tempos remotos até ao fim do seculo passado, tinham os d'aqui privilegio de virem todos os annos os parochos e justiças, com cruz e varas levantadas, á Senhora de Vagos, na primeira oitava do Espirito Santo; com jurisdição, prendendo e soltando e dando dias santos, em Mira e Vagos, onde tinham casa propria para se recolhe-

rem, que foi feita pelos donatarios. Ignora-se a origem e causa d'este privilegio singular.

A villa é situada em alegre e fertil planicie. Tem um palacio, que foi sumptuoso, dos seus donatarios.

No fim do anno de 1360, e principio de 1361, aqui celebrou côrtes D. Pedro I, para validar o seu casamento com sua segunda mulher, a infeliz D. Ignez de Castro. Então declarou o rei perante as côrtes e grande numero de fidalgos e povo, que D. Ignez era sua legitima mulher, jurando em sua alma que haviam sete annos (primeiro de janeiro de 1354) a havia recebido canonicamente em Bragança (com despensa do papa João 22.º, que exhibiu) em presença de D. Gil, então deão da Guarda e depois bispo; o que este confirmou por estar presente.

Diz Miguel Leitão, que ha aqui uma fonte que sorve com espantosa violencia todo o pão que se lhe deita.» E se fôr pedra?

Estou persuadido que ha engano em Miguel Leitão, e que esta fonte é a das Fervenças, proximo da villa da Cadima, n'esta comarca. Vide Cadima.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 20 de maio de 1514.

Este foral é tambem o de Fonte Arcada e Povoa do Bispo.

—

A familia dos Menezes, á qual pertenciam os condes de Cantanhêde, é oriunda de Hespanha. Pelos annos 1200, vieram para Portugal D. Affonso Telles de Menezes e seu irmão D. Fernão Telles de Menezes, a quem D. Sancho I admittiu no seu exercito e fez grandes mercês. [1]

Suas armas eram—em campo de ouro, um annel do mesmo, perfilado de vermelho, com um rubim n'elle. Elmo de aço aberto; timbre, meia donzella vestida de brocado, com um escudo como o das armas, na mão direita, tendo os cabêllos soltos.

D. Affonso Telles de Menezes, casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches, filha bastarda de D. Sancho I e da célebre e formosissima D. Maria Paes Ribeira. Foi primogenito d'este consorcio, D. João Affonso Telles de Menezes, rico-homem e alferes-mór de D. Affonso III. Elle (D. João) e seus irmãos accrescentaram ás suas, as armas de Portugal, ficando o seu brazão assim — escudo esquartelado: no 1.º e 4.º as armas de Portugal (sem o filete de bastardia, que devia ter nas tres primeiras gerações) e no 2.º e 3.º, em campo azul tres flôres de liz de ouro, em roquete, sobreposto, um escudinho com o annel dos primeiros Menezes. Elmo de prata, aberto, e por timbre uma flôr de liz.

Os marquezes do Louriçal, marquezes de Marialva e condes da Ericeira, que eram da familia Menezes, usavam d'estas armas, sem a minima differença.

De D. João Affonso Telles de Menezes, foi quarto neto, D. Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, alcaide-mór de Coimbra e primeiro senhor de Cantanhede, e foi a D. Pedro de Menezes, seu filho, que D. Affonso V fez conde de Cantanhede, pelos annos de 1470.

As armas d'este eram como as antecedentes, mas com o filete negro em contrabanda, no 1.º e 4.º quartel (por signal de bastardia). Elmo de aço aberto, e por timbre a meia donzella dos primeiros Menezes.

—

Passou tambem a Portugal (fugido a D. Pedro, o *cruel*, de Hespanha, que o queria assassinar) pelos annos de 1350 (em que o tal *cruel* subiu ao throno) e reinando em Portugal D. Affonso IV, outro D. Affonso Telles de Menezes (da mesma familia, em Castella). O rei de Portugal o fez rico-homem, seu mordomo-mór e conde de Ourem, de quem procedem D. João Affonso Telles de Menezes, primeiro conde de Vianna (do Minho), D. Leonor Telles de Menezes (mulher de João Lourenço da Cunha, ao qual a tirou D. Fernando I, casando com ella), a infeliz D. Maria Telles de Menezes, que mor-

[1] Julgo aqui indispensavel uma nota. Muita gente que é da familia dos *Telles*, cuidando que se aristocratisa mais, se appellida *Tello*. É um erro. *Tello* é nome proprio, e *Telles* patronimico, por consequencia *Tel es* significa filho, ou da familia (descendente) de *Tello*. Se este nome é nobre, porque o não ha de ser o appellido?

reu apunhalada por seu marido (vide Coimbra) e outras muitas familias nobres. Suas armas são—escudo terceado, em pala, na 1.ª parte, 3.ª e 5.ª, de ouro, dois lobos vermelhos passantes, em pala; na 2.ª, 4.ª e 6.ª, de ouro, 4 palas vermelhas, e sobreposto o escudete das armas dos Menezes (com o annel) elmo de aço, aberto; timbre, um lobo.

Um bisneto de D. João Affonso Telles de Menezes, foi conde de Tarouca e prior do Crato, e a sua varonia terminou em sua sexta neta, D. Joanna Rosa de Menezes, e entrou n'esta casa a varonia dos Silvas. Suas armas são as mesmas dos Menezes, ultimamente descriptas.

D'esta linhagem foi D. Duarte de Menezes, que teve fóra do matrimonio, de uma senhora castelhana, chamada D. Clara Morena de Bivar, a D. Joanna de Vilhena, que casou com Damião Dias da Ribeira, alcaidemór da Amieira, escrivão da camara e fazenda de D. João III, e ao qual deu carta de brazão d'armas, em Evora, no 1.º de abril de 1526.

Foi filho de Damião Dias, Duarte Dias de Menezes. As armas d'estes (as taes que lhe deu D. João III) são—em campo asul, um leopardo de prata, passante, chefe de ouro, carregado de tres estrellas de púrpura, de cinco pontas; elmo aberto, de prata, timbre um leopardo, como o das armas, com uma das estrellas d'ellas na espádoa.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo de pavezes de ouro a modo de escamas, e sobre elle seis leões de prata, divididos, de dois em dois, em tres paveses, e outros tres com as palas de púrpura e sobreposto um escudete de prata, carregado de uma macassada de ouro. El .ıo aberto, e timbre um dos leões.

Ha ainda outras muitas familias de Menezes, ligadas com varios ramos de diversos appellidos, que formaram seus brasões d'armas de differentes modos.

—

O conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, general em chefe do exercito portuguez, durante a guerra dos 27 annos, combinado com D. Sancho Manuel, governador da praça de Elvas, ataca, derrota e põe em vergonhosa fuga, D. Luiz de Haro, marquez del Carpio, primeiro ministro de Philippe IV e o melhor general castelhano d'aquelle tempo. Por esta gloriosa victoria, foi D. Antonio de Menezes feito marquez de Marialva, por D. Affonso VI, em 11 de junho de 1661, e a 23 do mesmo mez e anno é feito conde de Villa Flôr o intrepido D. Sancho Manuel. Esta victoria (denominada das Linhas d'Elvas) teve logar em 14 de janeiro de 1659. Vide Elvas, no logar competente, onde isto vem mais circumstanciado.

CANTARO—serra do Douro, limites da villa do Carvalho. Chama-se do *cantaro*, porque como é muito sêcca, tinham os moradores da villa obrigação de terem n'ella um *cantaro* cheio de agua, para os passageiros, nos mezes de julho, agosto e setembro. Tambem se chama serra do Carvalho, por estar a villa d'este nome nas suas abas. Vide Carvalho, villa e serra.

CANTARO DELGADO—vide Estrella.

CANTÉ—portuguez antigo, usadissimo ainda nas provincias do norte, sobretudo, na Terra da Feira, Porto e seus arredores. É a palavra mais elastica da lingua portugueza. Significa: *está visto, pois sim, quem déra! não admira, era d'esperar, pois que*, e mil outras cousas.

Ninguem é capaz de saber a etymologia de similhante palavra.

CANTELÃES—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho da Vieira, 24 kilometros a NE. de Braga, 60 ao N. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 153 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Situada em um valle, d'onde se descobrem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

É terra muito fertil. Tem muita caça e cria muito gado. Passa por a freguezia o rio Ave.

Ha aqui o castello de Villa Sêcca, a 650 metros de distancia do rio Lima. Tinha este

castello uma galeria subterranea, por onde os cavallos iam beber ao rio.

CÃO (forte do)—pequeno fortim abandonado, á esquerda e a 200 ou 300 metros da foz do Ancora (no Minho). Vide Ancora, rio.

CAPAREIROS—villa, Minho, comarca e concelho de Vianna, 105 kilometros ao N. do Porto, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 218 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era couto dos arcebispos de Braga, que tinham tambem a jurisdicção temporal.

Está situada parte em valles e parte na serra da Padella (famosa pela sua grande abundancia de caça). Do alto d'esta serra se descobrem muitas freguezias.

A matriz é de tres naves e antiquissima. A camara ecclesiastica de Braga apresentava aqui *in solidum* o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Houve aqui um convento, muito antigo, de frades bentos, que passou a abbadia secular, no seculo XVI. Era seu padroeiro Payo Paes, que deu o padroado ao arcebispo D. Payo, pelos annos de 1125, seus successores supprimiram o convento, do qual não ha vestigios.

Nas lagôas dos Médros ou Médos, ha minas metalicas, que ainda não foram exploradas.

É terra fertil.

Tinha o couto, juiz ordinario, que tambem o era dos orphãos, um vereador, um procurador do couto, escrivão e meirinho.

No Campo de Barrozellas ha feira todas as quartas feiras.

Em dia de S. Pedro vem a esta freguezia com procissões e *clamores* os parochos e freguezes de Mujães, Tregosa, Carvoeiro e de todas as mais freguezias circumvisinhas.

Passa aqui o rio Neiva.

CAPARÍCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Almada, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 1:430 fogos.

Em 1757 tinha 1:193 fogos.

Orago Nossa Senhora do Monte.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada na esquerda do Tejo, e d'ella se gosam deliciosas vistas.

É n'esta freguezia a chamada Torre Velha, ou de S. Sebastião de Caparica, que serviu de lasarêto. Fica em frente da torre de S. Vicente, de Belem.

Foi mandada edificar por el-rei D. Sebastião, pelos annos de 1575.

Principia a freguezia logo á entrada da barra do Tejo, que a banha na extensão de 12 kilometros, pelo N.: o Oceano lhe serve de termo pelo O., e na praia está a aldeia da Costa, d'esta freguezia.

A matriz é um bello templo, fundado nos fins do seculo XVI.

O terreno d'esta freguezia é em geral fertil e seu clima saudavel. Antes do *oidium*, produzia annualmente, termo médio, 6:500 pipas de bom vinho.

Na aldeia de Mofacem, d'esta freguezia, ha 30 e tantas cisternas, todas magnificas e de dispendiosa construcção, obra dos arabes. Foram elles que deram a esta aldeia o nome de *mo-hacem*, que significa *barbeiro*.

Vê-se pois que esta povoação é muito antiga. *Capa* tambem é palavra arabe (que os mouros adoptaram dos persas) significa mesmo *capa*. (*Capote* é diminutivo de *capa*.)

Ha duas tradições sobre a etymologia de Caparica.

Uns dizem que morrendo aqui um velho, declarou no testamento que deixava a sua *capa* para ser vendida e com o producto da venda se fazer uma capella a Nossa Senhora do Monte. Fez isto rir bastante; mas, sabidas as contas, a boa da *capa* estava recheiada de bellos dobrões de ouro, que chegaram de sobra para a fundação da capella.

A segunda versão (e mais verosimil) é que, sendo a Senhora do Monte, de muita devoção para estes povos e limitrophes, concorreram todos para se lhe fazer um esplendido manto (ou capa) pelo que a Senhora ficou d'ahi em diante sendo conhecida por Nossa Senhora da Capa Rica.

Junto a Caparica está o convento de capuchos arrabidos, fundado por D. Lourenço Pires de Tavora, quarto senhor de Caparica, em 1564. Elle morreu em 15 de fevereiro

ro de 1573, e jaz na egreja do mesmo convento.

Este fidalgo, sendo embaixador de Portugal em Hespanha, em uma occasião que o imperador Carlos V estava zangado com elle, lhe disse: «Eu sei muito bem quantos rios e pontes tem Portugal» ao que Tavora respondeu: «Os mesmos que tinha em 14 de agosto de 1385.» Digna resposta de um bravo portuguez.

Caparica foi antigamente da comarca de Setubal.

D'esta freguezia se avista a serra da Arrabida, Palmella, o mar, o Tejo, Lisboa e outras muitas povoações, montes e valles.

Antes de 1834 era o povo da freguezia que apresentava o cura, a quem davam annualmente, 1 moio de pão meiado e 5 pipas de vinho em môsto, a saber: os que tinham uma junta de bois, davam um alqueire de pão, os que tinham duas ou mais, dois alqueires, e cada fazendeiro um pote de vinho. Andava tudo por 250$000 réis.

Além do convento dos capuchos arrabidos, ha mais n'esta freguezia um convento de frades paulistas, fundado em 1410. Este mosteiro está em um profundo valle, e era denominado, convento de Nossa Senhora da Rosa. Na sua cêrca ha uma fonte, cuja agua dizem que cura a lepra e outras molestias cutaneas. Foi fundador d'este convento Mendo Gomes de Seabra.

Outro de frades agostinhos descalços, fundado em 1677. Este é no logar da Sobrada.

Ha n'esta freguezia nada menos de 24 capellas, entre publicas e particulares.

É terra muito abundante de aguas.

Tem varios portos de mar, sendo os prinpaes, Benatega, Porto Brandão, Paulina, Portinho da Costa e Trafaria.

> Benatega é a palavra arabe *ben-ataija*. Significa, filho ou descendente da coroada. Vem de *ben*, filho, ou descendente, e de *ataija*, coroada.

No logar da Costa, d'esta freguezia, esteve (julgo que em 1823 ou 1824) D. João VI, hospedando-se na unica casa de pedra que então alli havia (todas as mais eram cabanas de palha) e tanto gostou da caldeirada que alli lhe deram, que fez o cosinheiro (dono da casa) *mestre das caldeiradas* (!) com a renda de 800 réis diarios, emquanto vivo.

Tambem aqui esteve a sr.ª D. Maria II e depois, quando rei, seu filho, o sempre chorado D. Pedro V.

CAPARROSA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 264 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do concelho de Bésteiteiros, comarca de Viseu.

A matriz está edificada junto á serra de Fornéllo. Era vigariaría do padroado real e o vigario tinha 40$000 réis em dinheiro, cêra e incenso para o culto divino, 4 almudes de vinho cosido, ou 5 em môsto, tudo pago pelo commendador, que era descendente de Bernardino Freire de Andrade.

O vigario d'aqui apresentava annualmente a egreja de Boa-Aldeia, e um anno sim outro não, a de Silvares.

(No outro anno apresentava o vigario de S. Thiago.)

É terra fertil e saudavel, ainda que bastante fria de inverno, por causa das neves da Serra da Estrella, que fica proxima.

ÇAPATARÍA ou **SAPATARÍA**—freguezia, Extremadura, até 1855 comarca de Torres Vedras, concelho de Enxara dos Cavalleiros, e desde então concelho de Arruda, comarca de Villa Franca de Xira, 26 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administratrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados de S. Julião, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha de rendimento 60$000 réis. A aldeia de Pêro Negro, que era da freguezia de Dois Portos, passou para esta, por ser mais proxima e de mais faceis caminhos.

CAPELINS—freguezia, Alemtejo, até 1855 comarca de Extremoz, agora de Redondo, concelho do Alandroal, 30 kilometros de Evora, 150 ao E. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É terra fertil.

CAPELLA—freguezia, Minho, concelho de Rendufe, comarca e 9 kilometros de Braga, até 1855, e desde então da comarca e concelho de Guimarães, 360 de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago a Santissima Trindade.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Não acho esta freguezia nos livros modernos, nem da lei das Congruas consta que esteja unida a outra.)

O parocho era um frade bento, por apresentação trienal do D. abbade do mosteiro de Rendufe (benedictino.) Tinha 6$000 réis de renda e o pé de altar.

CAPELLA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 25 kilometros a NE. do Porto, 330 de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Thiago.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Penafiel, mas do termo e comarca do Porto.

Situada entre as serras de Mósinho e Lousado, d'onde se descobre a villa de Vallongo e varias serras.

O reitor de Lagares apresentava aqui annualmente o cura, que tinha de congrua 50$000 réis.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de S. Martinho de Lagares, e era por isso que o parocho d'esta apresentava o d'aquella.

Na noite de 16 de dezembro de 1740, foi arrombada a porta da egreja da Capella e d'ella levaram o vaso sagrado (de prata) com 24 fórmas consagradas.

Prenderam-se varias pessoas e a 29 de abril de 1741, foram garrotados e depois queimados, na cidade do Porto, por este crime, Antonio José e João Martins. Pelo mesmo crime foram açoutados Paschoal da Silva, Antonio Alves (*o derrabado*) e João Rodrigues. Foi condemnado com baraço e pregão pelas ruas, João de Miranda—Antonio Barbosa, degredado. Foi absolvido José Rodrigues, por ser menor, mas assistiu ao supplicio com as mãos algemadas.

É terra abundante de aguas, e fertil.

Na serra de Mósinho nasce o ribeiro chamado de Entre Aguas, que morre na direita do Douro. Na extremidade S. da serra de Lousado está a pequena villa de Melres.

Produz esta freguezia muita lenha, gado, colmeias e caça.

Na serra de Mósinho e proximo ao logar de Branzéllo, ha um *fôjo* de caçar lobos.

CAPELLA DE S. PEDRO DE LOMAR—(Vide Lomar.)

CAPELLUDOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 90 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Real.

Situada, parte em monte, e o resto em um valle.

O reitor de Santa Eulalia de Pensalves apresentava aqui o vigario, que tinha de renda 100$000 réis.

Grande abundancia de vinho, milho, castanha, centeio e mais fructos.

É n'esta freguezia a Serra de Rio d'Uvas. Corre aqui o rio Tâmega, que réga, móe e traz peixe.

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255, e outro dado pelo mesmo rei, no Porto, a 30 de agosto d'esse mesmo anno.

CAPINHA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 40 kilometros da Guarda, 255 ao NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente do termo da Covilhã e da comarca da Guarda.

Era da corôa.

E' terra fertil.

Situada ao pé da Serra de Villa Velha, e d'aqui se vé o convento de Nossa Senhora do Seixo, de frades capuchos antoninhos, o Fundão e outras muitas povoações e serras.

A egreja é de 3 naves.

O bispo da Guarda apresentava aqui o prior, que tinha de renda 120$000 réis.

Tinha juiz pedaneo, sugeito ás justiças da Covilhã.

Ha aqui um reducto, que se fez em 1642 e tem 4 revelins: dão-lhe o nome de castello.

Corre proximo o rio Meimôa. Fica perto a Serra da Carrapata, muito abundante de caça grossa e miuda, e que produz muito pasto para o gado, que aqui se cria em grande quantidade.

—

É de horripilante nomeada em toda a provincia esta freguezia por um antiquissimo e atrocissimo costume que aqui ha. É o seguinte:

Assim que principia o *advento*, todos os homens querem tocar os sinos de dia e de noite, o que causa uma insupportavel inferneira, que não deixa ouvir nada de dia, nem dormir de noite.

Isto dura até dia de Natal. Ainda que chovam raios e coriscos, não ha nada que os faça arredar da torre, nem largar os badalos! Chamam elles a isto o *Tim-teri-nó*. Se algum parocho, ou outra qualquer pessoa tenta dissuadil-os de tamanha e tão infernal tolice e diabolico disparate, é tido por *pedreiro livre*.

Ignora-se quando teve principio este maldito e atroador costume, nem o que lhe deu origem. Uns dizem que é para *festejar* (!) o nascimento de Jesus Christo; outros que é em memoria de um antigo figurão de Capinha; que aqui appareceu, depois de ser geralmente julgado morto. O *Tim-teri-nó* da Capinha, é na Beira synonimo de barulho infernal.

CARAMÓL—portuguez antigo, ainda hoje usado na Terra da Feira e outras. Significa lamentação em gritos, berreiro, etc. É corrupção de *caramó* ou *caramô*, que é contracção de cara aos mouros. (Vide Caramôs.

CARAMONA—monte, Minho, freguezia de S. Martinho de Balugães.

É tradição que existiu aqui uma cidade ou grande povoação, da qual ha vestigios de ruas, alicerces e outras ruinas. Ignora-se o nome d'esta cidade; mas alguns pretendem que se chamava mesmo Caramona, o que me parece pouco provavel.

Outros dizem que era a cidade de *Carbona*. (Vide esta palavra.)

(Vide Carvoeiro.)

CARAMÔS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 18 kilometros ao NE. de Braga, 18 a O. de Guimarães, 48 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Fica 12 kilometros a E. de Amarante, ficando-lhe Pombeiro ao O.

Tenho visto em papeis antigos o nome d'esta freguezia escripto de diversas maneiras, Caramôs, Carâmos, Carámos e Quadramollos. (Vide Caramól.)

Situada em um valle fertil, ameno e aprasivel.

Eis, segundo a tradição, a origem e etymologia da palavra *Caramôs*:

D. Fernando Magno, rei de Castella, era casado com D. Sancha, irmã de D. Bermundo, rei de Leão. Ambicionando aquelle o reino d'este, moveu guerra ao cunhado e o matou em combate, no anno de Jesus Christo 1036; ficando depois d'isso, por conquista e por herança, rei de Castella e Leão. Este rei, que morreu em 1065, tomou muitas terras aos mouros, desde o Minho até ao Mondego (comprehendendo Coimbra) e ficando este rio servindo de limite S. das suas conquistas.

Era então governador e general das provincia do Minho e Traz-os-Montes, o valoroso conde D. Nuno Mendes, que residia em Guimarães.

No sitio onde hoje está o convento (e chamado então *Campos da Veiga*) teve o dito conde uma grande batalha com os moiros no anno 1060; na qual, opprimidos os chris-

tãos com o grande numero de inimigos, lhe viraram as costas e fugiram.

Debalde D. Nuno empregou todos os meios para conter os seus; mas quando as coisas estavam n'este estado eis que apparece S. Martinho, *montado em um cavallo branco*, armado de uma formidavel lança, espetando com ella mouros, sem dó nem piedade, e gritando aos christãos: *Cara aos mouros! Cara aos mouros!*—Outros dizem que foi o conde que gritou:—*Cara aos mouros! cara aos mouros, que S. Martinho é comnosco!* (Eis um ponto historico que muito cumpre averiguar.) (Vide Chacim.)

Os portuguezes, vendo que o santo era por elles, viraram a cara aos mouros valorosamente, e os pozeram em completa derrota.

Em commemoração d'esta victoria, e em agradecimento ao santo, fundou o conde, em 1068, no mesmo sitio da batalha, uma egreja com a invocação de S. Martinho de Cara aos Mouros.

É de *Cara aos mouros* que procede, por abreviatura *Caramôs*.

(Os antigos portuguezes chamavam aos mouros, *môs* ou *moos*.)

Junto á egreja se fundou depois um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) cuja origem é a seguinte:

—

D. Fernando Magno, por sua morte, deixou os seus estados divididos por seus trez filhos, dando a D. Sancho Castella, a D. Affonso o reino de Leão e a D. Garcia (o mais novo) Portugal e Galliza.

D. Garcia foi um mau rei e teve um pessimo conselheiro, que era o seu valido Verna. Tractava muito mal os seus vassallos em geral, e especialmente os portuguezes.

O bravo conde D. Nuno Mendes, (que era portuguez e minhoto) não podendo já soffrer as vexações e prepotencias que D. Garcia fazia aos seus patricios, juntou bom numero d'elles e offereceu batalha ás tropas do rei (que este commandava em pessoa) no sitio de Pedroso, entre Braga e o rio Cávado.

Os gallegos eram em triplicado numero dos portuguezes: de mais a mais estes eram quasi todos gente do campo e mal armados. Mesmo assim bateram-se por muito tempo como leões; mas, vendo morrer o seu conde e não tendo chefe, foram derrotados, não sem fazerem pagar cara a victoria aos inimigos.

Esta infeliz batalha foi em 1071.

D. Gonçalo Mendes, filho do conde, pôde escapar com vida, d'esta batalha. Foi muitos annos perseguido pelos castelhanos, até que obteve *carta de seguro*, do rei de Castella.

Fez-se padre e veio, em 1090, fundar um convento, junto á egreja que seu pae mandára fazer; dotou largamente este convento, e n'elle foi habitar com outros padres e aqui falleceu, em 8 de janeiro de 1124, sendo elle mesmo primeiro prior d'este convento.

O arcebispo de Braga D. Pedro, antecessor de S. Giraldo, aconselhou os padres d'este convento a que seguissem a regra de Santo Agostinho, ao que elles annuiram, e o mesmo arcebispo lhe veio lançar os habitos, a 28 de agosto de 1091.

Eram então apenas sete os padres d'este convento.

D. Affonso I doou a este mosteiro uma sua grande herdade, que tinha na villa de *Borvêta* (a qual tinha sido de Garcia Fafes), e o padroado da egreja de Constantim, proximo a Villa Real. Isto em julho de 1154.

Teve priores perpetuos até 12 de fevereiro de 1595, unindo-se então ao convento de Santa Cruz de Coimbra, e passando os seus priores a ser triennaes, sendo o primeiro d'estes D. Fr. João das Neves, nomeado n'esse mesmo dia.

D. Affonso IV coutou a freguezia do mosteiro e a deu ao convento com todos os *direitos reaes*.

A egreja do convento é matriz da freguezia, e, até 1834, n'ella era vigario um frade do mesmo convento, apresentado pelo seu prior e collado pelo arcebispo de Braga, por trez annos, com 50$000 réis de congrua e o pé d'altar. Tinha coadjutor, a quem o mesmo prior passava carta de cura, approvada pelo ordinario.

É terra muito fertil.

—

Já que fallámos n'esse pessimo rei D. Gar-

cia, diremos que elle morreu preso e cégo, no *Castello de Luna*, por seu irmão D. Sancho. (Vide *Hist. Port.* e a villa d'Alfaiates, que quando foi dos castelhanos se chamava *Castillo de Luna.*)

—

Caramôs é patria do nosso distincto escriptor classico Manuel de Faria e Sousa.

CARAMUJO—bonita povoação na Extremadura, contigua á Cova da Piedade, e proxima a Almada, a cujo concelho pertence.

Ha aqui uma importante fabrica de moagem de trigo, pertencente ao sr. Manuel José Gomes. Encontram-se alli as machinas mais modernas, todas movidas por vapor. É estabelecimento que muito honra o seu proprietario, e mesmo o paiz.

CARAMULO—Beira,alto pico da cordilheira que se estende a O. do Valle de Bésteiros. (Vide Bésteiros, Bussaco e Alcóba) 24 kilometros de Viseu. Tambem se chama Serra de Bésteiros e d'Alcóba.

Tem um extenso plató, d'onde se vê o mar a 48 kilometros a O.

O seu cume é todo composto de penedos amontoados uns sobre os outros, a modo de columnas, e é ao pé d'isto que está o tal plató ou planicie.

CARANGUEJEIRA—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. de Leiria, 138 ao NE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma ribeira, que tem 6 kilometros de comprido e um de largo, entre montes muito altos.

O ordinario apresentava o cura, que tinha de renda 60$000 réis.

É terra muito fertil.

Passa aqui o rio *Caranguejeira*, que nasce no principio da ribeira, ao S., no sitio do Olho da Fonte, do manancial d'este nome, e de outro chamado Olho do Seixo; sendo a agua d'aquelle quente e a d'este fria, apesar de estarem ambos proximos.

Rega, move 5 lagares de azeite e faz moer.

Morre no rio Liz, no sitio da Baralha, junto á egreja da Encarnação, de Leiria.

Ha n'esta freguezia muita caça, e produz optima fructa.

Diz-se que, por aqui haverem muitas e boas ameixas caranguejeiras. é que se lhe deu o nome que tem.

CARAPÁLHA—nome de uma quinta nos arrabaldes da cidade de Castello-Branco, de que é proprietario o sollicito agricultor e delicado cavalheiro, o sr. Domingos Roballo. É uma verdadeira granja modelo. Não ha melhoramento agricola que elle não conheça, nem progresso agrario que não acompanhe e não ponha logo em pratica. Quando o sr. Roballo introduz um novo systema de cultura, os visinhos riem-se primeiro, espantam-se depois, e acabam por imital-o. Se houvesse um agricultor assim em cada concelho do reino, cértamente a nossa agricultura havia de progredir e prosperar. Honra ao sr. Roballo, que assim despreza a rutina e os preconceitos.

CARAPÉÇOS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 460 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era em 1757 da comarca de Vianna.

Situada na costa de uma serra no principio do valle de *Támel*. Do alto da serra se vê o mar e toda a praia, desde Fão até Vianna. Tambem se vêem as serras do Marão, Falpêrra, Gerez, Nossa Senhora da Abbadia e outras varias freguezias.

O abbade era de collação ordinaria, por concurso synodal, e tinha de renda 500$000 réis.

No alto de um outeiro da serra está a capella de S. Migeel, (onde vae um clamor no dia 29 de setembro) e que é tradição ser a primeira matriz da freguezia.

É terra abundante de aguas, muito fertil, e cria muito gado.

Passa aqui o rio *Corujeira*.

Na serra ha muita caça.

N'esta freguezia é a quinta da Madurei-

ra, de que foi senhor João de Carapéços, casado com D. Maria Martins de Carvalho.

Depois passou ao infante D. Pedro, conde de Barcellos, que a deu a Pedro Coelho (um dos assassinos de D. Ignez de Castro). Vide Santarem.

D. Pedro I mandou confiscar todos os bens dos 3 assassinos, sendo portanto comprehendida esta quinta. O arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, a comprou, emprazando-a aos Figueiredos, de Chaves, cujos descendentes hoje a possuem.

CARAPINHA e **SANGUINHEDA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Tábua, foi da comarca de Midões, 35 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago o Bom Jesus.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Carapinha foi antigamente villa e era da comarca da Guarda, concelho de Ázere.

Situada em um valle.

O prior de S. Martinho da Cortiça apresentava aqui o cura, que tinha de congrua 6$000 réis e o pé de altar.

É terra pouco fertil. Tem porém muito gado de toda a qualidade e muita caça.

CARAPINHEIRA—freguezia, Douro, até 1855 comarca da Figueira, concelho de Montemór-Velho, desde então comarca e concelho de Montemór-Velho; 30 kilometros a O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 720 fogos.

Em 1757 tinha 360 fogos.

Orago Santa Suzana.

Eram donatarios os duques de Aveiro, mas, desde 1759 até 1834, ficou pertencendo á corôa.

A maior parte d'esta freguezia é situada em planicie e o resto em montes. Vêem-se varias freguezias e a estrada de ferro do Norte.

O parocho de Montemôr Velho apresentava aqui o cura (por esta freguezia ser annexa á de Montemór Velho) e só tinha o pé d'altar.

É terra fertil, cria muito gado, os seus montes teem caça e nas differentes vallas que aqui ha e se mettem no Mondego ha muito peixe. Andam n'estas vallas varios barcos pequenos de pesca e para serviço da lavoira.

CARAPITO—villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Vizeu, 324 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo—das Candeias).

Bispado da Guarda, districto administrativo de Viseu.

Em 1757 era do termo e comarca de Pinhel.

Eram seus donatarios os Mirandas Henriques.

É situada junto ao monte Calvario.

Os donatarios apresentavam o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Era cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara e seis eleitos, tudo sujeito ao corregedor de Pinhel.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era do real padroado.

Feira a 29 de abril.

Entra n'esta freguezia a serra de Almançor, assim chamada por estar n'ella uma torre em que, segundo a tradição, assistiu o rei arabe Almançor, e da qual ainda ha vestigios, no fundo da serra.

Passa pela villa a ribeira do Pinheiral e n'ella entram, n'esta freguezia, os ribeiros de Santa Cruz e das Bouças de Aguiar. Réga e móe.

Tambem junto á villa nasce a ribeira do seu nome, que morre no Dão, no sitio de Entre Aguas.

Ha mais em Portugal 5 aldeias d'este nome.

Para o mais que diz respeito á serra de Almançor, a quem lhe deu o nome e o que n'ella ha, vide Almançor, serra.

D. Manuel deu foral a esta villa, em Lisboa, a 10 de maio de 1514.

CARAVELLA—freguezia, Traz-os-Montes, termo de Bragança. 28 fogos (em 1750.)

Fertil. Egreja de 3 naves. Orago S. Bartholomeu.

O reitor tinha de renda 42$000 réis, 4 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, tudo pago pela commenda. Era apresentado pelo cabido de Miranda, depois, de Bragança.

Ao O. da freguezia, nas proximidades de uma pequena ribeira, ha vestigios de uma fortaleza, que, segundo a tradição, é obra dos mouros.

Tinha antigamente um juiz e um jurado, feitos pela camara de Bragança. O juiz elegia dous indeviduos, a que chamavam homens do accordam, e todos administravam a justiça da freguezia.

Não acho esta freguezia nos livros modernos. Julgo que está ennexa a Bragança.

CARAVELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, conacelho dos Cortiços. A comarca de Chacim e o concelho dos Cortiços, forám supprimidos em 1855. Desde então ficou esta freguezia pertencendo ao concelho e comarca de Mirandella. 75 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança. Orago S. Braz.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Mirandella. Foram seus donatarios até 1759, os marqaezes de Tavora, ficando então para a corôa.

Situada em campina, d'onde se vê Vinhaes, Montalegre e Monforte do Rio Livre, ao N.

Ao O. se vê Chaves, Murça de Panoyas, Lamas, Villa Real, Favaios e Villa Flor.

O reitor de Bornes apresentava aqui o cura, que tinha de congrua 40$000 réis.

É terra fertil e ha mais de 120 annos cultivam aqui o bicho de séda.

Tinha juiz da vara, homens do accordam, quadrilheiros e jurados, todos sujeitos ás justiças de Mirandella e á provedoria de Moncorvo.

Feira a 3 de fevereiro.

CARAVELLAS — aldeia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, freguezia de Santa Maria de Borbella. Tem uma ermida de Santa Barbara.

Consta que foi villa, com o nome de Caravilhas.

É tradição que houve aqui um convento de freiras bentas e que, despovoando-se a terra (não sei porque) pediram a sua trasladação para Nossa Senhora Cabeço, na freguezia de Mouçós, junto ao rio Córgo, onde ainda ha vestigios de paredes e de uma capella.

CARAVILHAS — Vide Caravellas, aldeia.

CARBONA — Antiquíssima cidade da Lusitania, que existiu no Minho, no alto de um monte que fica por cima de Santa Maria de Carvoeiro, no concelho de Espozende e da qual ainda ha vestigios. Consta que era muito vasta.

Dizem que se chamava Carbona, pela muito carvão que alli se fazia. Agora chama-se Caramona, ao sitio.

Foi destruida pelos árabes em 716. Tinha um convento de frades bentos, que foi tambem então arrazado.

Estando despovoada, D. Affonso Magno a deu, pelos annos de 1050, a um fidalgo, que a povoou com colonos e reedificou o convento, que se ficou chamando de Santa Maria de Carvoeiro.

Vide Carvoeiro, no concelho e comarca de Vianna, pois que este convento é o mesmo de que alli se trata.

Na egreja d'este convento estão sepulturas de varios fidalgos, muito antigos, entre elles D. Nuno Soares Velho, D. Sarrasino Ozores (filho de D. Ozorio Velloso, conde de Cabreira, que era neto de D. Ramiro II, o da célebre Zahara, moura, de Gaia, (que depois de christan se chamou Artida. Vide Ancora, rio.) Tambem em um monumento alto, junto da sachristia, e sob um arco, está sepultado o santo D. Pedro Affonso, D. abbade d'este mosteiro, que uns dizem filho, outros irmão de D. Affonso Henriques.

CARCABEAR ou **CARCAVEAR** — portuguez antigo, abrir fossos, vallas, covas, cárcovas, etc, para defeza d'arraiaes, praças ou castellos; e tambem para desviar as aguas, das ceáras, hortas, pomares, etc, etc.

CARÇÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Vimioso, 30 kilometros ao N. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Cruz.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Foi antigamente da comarca de Miranda, e depois do concelho do Outeiro, até 1855.

Situada em uma serrania no sitio chamado Lombo de Babe, proximo dos rios Maçans e Sabor, que a tornam uma peninsula.

O cabido de Miranda apresentava annualmente o cura, que tinha 6$000 em dinheiro, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

Produz algum pão e vinho, e dos mais fructos muito pouco. Cria algum gado e ha por aqui muita caça.

CARÇÃOZINHO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao N. de Miranda, 474 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Em 1557 tinha 15 fogos.

Pertenceu antigamente á comarca de Miranda, termo de Bragança.

É situada em um alto, d'onde se vê a aldeia de Penella e a Serra de Seabra, na Galliza. O rei apresentava o abbade, que tinha residencia e passaes e com o mais lhe rendia isto 200$000 réis.

O abbade apresentava as egrejas de Penella, Villa Bôa, Talhas e Serapicos, que são curatos annexos a esta freguezia.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz cousa muito differente. Segundo elle — o parocho era cura, apresentado pelo abbade de Sarapicos e tinha 8$000 réis de congrua e pé d'altar.

É terra fertil.

Cria muito gado e tem muita caça.

Esta freguezia não vem nos livros modernos. Foi annexada á antecedente.

CÁRCAVA — Vide *Cárcova*.

CARCAVELLOS — freguezia, Extremadura, concelho de Oeiras, comarca, e 20 kilometros a O. de Lisboa, 60 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Era antigamente do termo de Cascaes.

Situada em uma elevação muito linda e saudavel, vendo-se grande parte do mar e muitas povoações e serras.

O prior era da apresentação ordinaria e tinha de congrua 100$000 réis.

O *Portugal Sacro* diz que o parocho era apresentado pelo povo.

A matriz está no meio da praça. Junto a ella está um chafariz d'optima agua (como são todas d'aqui) e muito abundante. Tem mais duas fontes publicas.

Ha n'esta freguezia muitas e formosas quintas, muito ferteis em tudo.

Entre Carcavellos e o Oceano está a Quinta Nova de Santo Antonio, que era do morgado da Alagôa. Tem no centro um rico palacio, fundado ha uns cem annos por José Francisco da Cruz, avô do ex-possuidor. Tem bello jardim, grande alamêda, e o palacio é decorado com gosto e magnificencia, tendo vastas salas e uma bonita capella dedicada a Santo Antonio. Tem optimas vistas e seus torreões servem de baliza aos navegantes que demandam o porto de Lisboa, por se avistarem a muitas leguas de distancia. D. José I, aqui vinha almoçar muitas vezes, quando estava no Estoril. A quinta está hoje em grande decadencia.

Antes da molestia das vinhas produzia 500 pipas de optimo vinho. Foi vendida em 1872, por uns 23 contos de réis á Companhia do Cabo Telegraphico Submarinho, que aqui fez a sua estação; o que bastante tem feito prosperar esta terra. Ouvi dizer que o director d'esta companhia vence annualmente a bagatella de 6 contos de réis. Entre as bôas quintas de Carcavellos, distingue-se a do senhor conde da Lapa.

Ha muito boas fructas, sobre tudo laranjas. Produz muito e famoso vinho, principalmente o branco, muito conhecido e apreciado, não só em Portugal, como no estrangeiro.

Fica-lhe o mar a uns 300 metros de distancia, e proximo fica a torre de S. Julião da Barra.

Tem um forte na praia, onde esta é de areia, pois que o mais são rochedos inaccessiveis, que por si se defendem.

Abundante de bom peixe.

Com todas estas condições, não sei a rasão porque a população descresce em vez de augmentar.

Ha aqui muitas e vastas pedreiras de marmore branco (carbonato de cal) optimo para edificações, pelo que ha n'esta freguezia muitos canteiros.

Carcavellos é diminutivo de *cárcova* ou *carcova* quer dizer: pequeno fosso, etc. (Vide Cárcova e S. Domingos de Rêna.)

—

Ha em Portugal mais 12 aldeias d'este nome; mas nenhuma notavel.

CÁRCAVA ou **CÁRCOVA**—porta falsa. Tambem significa caminho encoberto.

Em Braga ha um sitio, proximo ao Campo de Sant'Anna, chamado, Fonte de Cárcova.

CARDAL ou **CARDOSA**—sitio cheio de cardos.

CARDENHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, foi até 1855 da de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, 144 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Já antigamente tinha sido da comarca da Torre de Moncôrvo, concelho de Alfandega da Fé,

Situada em planicie, d'onde se vêem varias povoações.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora; desde então ficou para a corôa.

O reitor de Adeganha apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 50$000 réis.

É terra pouco fertil.

Cardenha significa cabana, e tambem sitio cheio de cardos. (Vide Barga.)

CARDIELLOS antigamente **CARDELLOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Thiago, apostolo.

Foi antigamente da comarca de Vallença

O seu orago foi primeiro Santa Margarida, mas depois passou a ser S. Thiago.

O papa e o ordinario apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 120$000 réis.

Ha aqui, no alto de um monte, a capella de S. Silvestre, onde vem *clamores* de 14 freguezias, por varias vezes do anno e por voto immemorial que fizeram por occasião de uma grande fome.

O mesmo fazem para alcançar o sol ou chuva, ou por qualquer calamidade publica.

É pouco fertil, apesar de por ella passar o rio Lima.

Ha aqui a célebre torre de Moure, ou de D. Sapo.

É tradição que um tal Florentim Barrêto, das margens do Lima, senhor absoluto de Cardiellos, e fundador da torre que ainda hoje existe com o nome de Torre de D. Sapo, exigia de seus vassallos o tributo chamado antigamente *marketta* (direito de dormir o senhor da terra, com a noiva, na primeira noite do casamento.) Consta que foi assassinado por ordem do rei.

Segundo outros, o povo, para obter do rei licença para assassinar a D. Florentim (por alcunha o *Sapo*) lhe dissera que um *sapo* violava todas as mulheres da freguezia, se os auctorisava a matal'o, ao que o rei facilmente annuiu; mas quando soube que o tal sapo era D. Florentim, ficou muito pesaroso (porque era tão bom como elle.)

Nas Canárias consta que havia o mesmo costume, que cessou depois da descoberta d'ellas pelos hespanhoes.

Na Escocia, *si vera est fama*, os senhores, usavam e abusavam do mesmo ignominioso *direito*. O catholico rei Malcolm, em 1090, aboliu este odioso *tributo*, reduzindo-o a dinheiro, e remivel por 400 réis.

Em Lovaina, diz-se que havia o mesmo costume.

—

Mais acima, na Aguieira, no sitio onde esteve o *facho*, se vêem as ruinas de um castello, de eras remotas.

Tambem nas duas margens do Lima, em frente d'esta freguezia, ha vestigios de forti-

ficações do tempo dos romanos ou dos antigos lusitanos.

CARDÍGA (quinta da)—Vide Gollegã.

Esta quinta foi dos templarios, e depois da Ordem de Christo.

CARDÍGOS (antigamente) **VILLA NOVA DE CARDIGOS**—villa, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa de Rei, 168 kilometros ao NE. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

É do grão-priorado do Crato (d'onde dista 50 kilometros para o N.) provedoria de Thomar (d'onde dista 35 a E.)

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Figueiró dos Vinhos, Villa de Rei, Amendoa, Niza, Castello de Vide e Marvão.

Tinha termo seu, que antigamente foi julgado, chamado da *Brucheira*, como consta de muitos papeis antigos.

Já era villa em 1521. O seu termo compunha-se dos logares do Carrascal, Chaveira, Chaveirinha, Casaes de S. Bento, Collos, Casas da Ribeira, Cavalleiro, Pé do Azinhal, Azinhal, Azinhalete, Valles, Tinfaneiros, Pára Cannas, Lameirancha (ou Lameira Ancha) Sarnadas (ou Cernadas) Freixoeiro, Arganil, Montaricome, Meijão Frio, Valle de Infante, Rhoda, Casalinho e Carvalhal; que por todos, incluindo a villa, faziam 221 fogos.

A matriz é de 3 naves e está no principio da villa.

O vigario da villa da Amendoa apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 15$000 réis e 30 alqueires de trigo, pagos pela commenda, e o pé de altar.

Tem Misericordia e hospital, fundado por Francisco Moreno Callado, parocho que foi d'esta villa, em 1620, e tem provisão de 1640 com os privilegios da Misericurdia de Lisboa.

O seu rendimento é limitadissimo.

A terra é muito abundante de cêra e mel, gado e caça.

De cereaes e fructas, producção mediana.

Tinha 2 juizes ordinarios, 2 vereadores e procurador do concelho, feitos por pelouro e confirmados pelo ouvidor da comarca do Crato.

Tinha escrivão da camara, judicial e notas, 1 alcaide e 2 almotacés, cada 3 mezes.

Tinha tambem uma companhia de *ordenanças*, com seu capitão e officiaes, confirmados pelo grão-prior do Crato, sem sugeição a mais ninguem.

Tinha uma commenda do mestrado de Christo, sendo a terça parte do seu rendimento para os bispos da Guarda.

A freguezia é em sitio montanhoso, aspero e cheio de matagaes, tendo apenas ao fundo alguns valles ferteis.

Passam aqui as ribeiras de Meijão Frio, Bostelim e Ísna, que regam e móem.

Eram seus donatarios os grãos-priores, por ser uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros, em 1135.

CARDOSA e depois **VILLA FRANCA DA CARDOSA**—antigo nome de Castello Branco. (Vid e esta cidade e Cardal.)

CARDOSAS—freguezia, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho de Arruda dos Vinhos, 35 kilometros ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente do termo de Arruda, mas da comarca de Torres Vedras.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 50$000 réis.

Terra abundante de vinhos, mas do mais mediana producção.

Tinha juiz da vintena, posto pela camara da Arruda.

Passa aqui a ribeira do Bagueiro.

CARÍA—Na baixa latinidade, *caría* significava *pão*, e tambem a *malatolta*, isto é, máo costume, injusta e violenta imposição de algum fôro ou tributo.

Segundo fr. João de Sousa (*Vestig. da Ling. Ar.*) *caría* é palavra arabe, e significa aldeia, villa ou povoação; a que os hebreus chamam *Quiría*. (Vide *Alquería* e *Alcaría*.)

CARÍA—freguezia, Beira Baixa, concelho

de Belmonte, comarca e 30 kilometros da Guarda, até 1855, hoje é do mesmo concelho, comarca da Covilhã, 288 kilometros ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 286 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Foi antigamente do termo da Covilhã.

Situada em um monte, d'onde se vêem as villas da Covilhã e Belmonte e os logares de Trutozendo, Pêra Boa, Aldeia do Souto, Enguias, Malpica e Aldeia do Monte do Bispo.

Em 24 de agosto de 1869, pelas duas horas e meia da tarde, houve aqui um medonho temporal (um cyclone) que causou grandes prejuizos. Vide Covilhã, no logar competente, onde vem isto mais circumstanciado.

Por contracto, feito em 1644, davam os d'aqui dois jantares por anno aos camaristas da Covilhã.

O bispo da Guarda apresentava *in solidum* o prior, que tinha de renda 400$000 réis.

É terra fertil.

Tinha dois juizes ordinarios e procurador. Não tinha vereadores, mas, em seu logar, elegia o povo tres homens (a que se dava o titulo de *regedores*) e com elles e os juizes se governava a freguezia e faziam os accordãos e posturas.

Ha aqui um reducto, ou pequeno castello, e dentro d'elle umas casas como torre, que são do praso da mitra, e antigamente foi casa de campo dos bispos da Guarda.

Parte da serra da Pedrosa é d'esta freguezia.

O nome d'esta freguezia é arabe, sem corrupção; significa villa ou povoação. Vide Alcaria. Vide tambem a Caría antecedente.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512.

CARÍA—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, foi até 1855 do concelho de Caría e Rua, e desde então é do de Cernancelhe, 30 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Corredoura.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Lamego, termo da villa da Rua.

O reitor tinha de renda 200$000 réis. Era apresentado pelo bispo de Lamego.

É terra fertil.

A mesma etymologia.

É povoação antiquissima e já muito notavel no tempo dos romanos, com este mesmo nome de Caría. Em vista d'isto, ainda que Caría seja a palavra arabe Caría, ou Alcaría, como é, e que essa seja a etymologia de todas as outras Carías, ha todas as razões para crer que não o é d'esta, mas sim a que lhe dá fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu primorosissimo e estimavel *Elucidario*, que é a primeira que dou na Caria primeiramente descripta.

No tempo dos godos era esta villa de Caría uma das seis matrizes que formavam o bispado de Lamego.

No testamento de D. Flamula (ou D. Chama) feito em 960, se acha (no livro de D. Muma Dona, fl. 7) mencionado o castello de Caría, juntamente com os de Trancoso, Moreira, Langobria (Longroiva) Naumam (Numão) Vacinata (Macieira, de Fonte Arcada?) Amindula (Amendoa) Pena de Dono (Penedono) Alcobria (Alcarva) e Semórzelli (Sermillo?)

Sobre o cume do monte que fica sobranceiro ás terras de Moimenta da Beira, se admiram as vastas ruinas da primittiva Caría. (As terras de Moimenta da Beira pertenciam ao dilatado territorio ou termo da antiga Caría.) Almançor destruiu esta grande povoação, no seculo IX, e no tempo de D. Affonso Henriques fazia apenas um julgado, pertencente a Leomil; até que, no seculo XIV, se erigiu em concelho e villa independente; mas ficou cerceado o seu territorio, e a sua capital, que era o castello de Caría, se foi despovoando, retirando-se os moradores para logares mais commodos e abrigados, por já não terem a recear as invasões dos mouros.

Já no seculo XIII havia Caría Juzan (Caria de Baixo) e Caría Suzan (Caria de Cima).

Na gaveta 23 dos documentos de Tarouca (a que chamavam *inuteis*) havia um instrumento, feito na Tapha, a 4 de setembro

de 1284, pelo qual se vê que *estavam pagas as dividas e satisfeitos os graves damnos que D. Pedro Annes e sua mulher, D. Urraca Affonso* haviam feito e mandado fazer nos logares e pessoas do concelho de Caria, que então se dividia em tres, a saber: Caria a Velha (que era o tal castello, ha alguns seculos desmantellado), Caria Suzan (que é a actual Caria) onde então estava a cabeça do concelho, justiças, empregados e casa da camara—e Caria Juzan, que é a actual villa da Rua, para onde finalmente se transferiu o pelourinho, senado ou paços do concelho, justiças, etc.

Junto a esta villa, no logar de Vide e seus contornos, se tem descoberto por muitas vezes, varias inscripções, cippos, pedras sepulchraès, lapides, etc., que attestam haver n'estes sitios uma povoação famosa, no tempo dos romanos, e ainda depois d'elles.

Na capella de S. João, havia uma lapide (que se desencaminhou ha mais de 300 annos) da qual constava que—*Amanda, serva de Jesus Christo, fallecêra em paz, no anno do Senhor 586.*

No fim do seculo XVIII, se achou em uma vinha, junto a esta capella, uma grande sepultura, de pedra muito bem lavrada, que foi para a quinta do Ribeiro, onde ainda no principio d'este seculo se conservava, e não sei se ainda lá existe.

Em 1788, se achou nas casas do beneficiado Lourenço Manuel d'Almeida, uma lapide dedicada ao imperador Marco Aurelio, que diz:

IMP.
M. AV.
V. M. E.
AUG. P. F.
P. M. T. P.
P. P.
I I X X.

No mesmo anno, na quinta da Lagôa, se achou outra lapide, com uma inscripção dedicada ao imperador Antonino, que reinou desde 211 até 217.

Parece que por aqui passava alguma via militar romana, que de Braga se dirigia a Amarante, d'aqui a Cidadelhe (povoação romana nas faldas do Marão) e d'aqui ia um ramo para a cidade de Panoyas (no termo de Villa Real) e o outro á terra de Caria e d'aqui para toda a Beira e Riba Côa.

A inscripção dedicada a Antonino, é uma especie de marco milliar, de 2m,20 de alto, levantado sobre um pedestal quadrado, da mesma pedra. Diz:

CONCILIO AN-
TIQO
CAIO BAQ.
FORTISSIMO
CAES.
ANTONIO
:::TI:::
FILIO.
=====
BONO
REIP
NATO

(A inscripção superior aos dois traços, está no marco, e a inferior, no pedestal.)

—

No logar de Vide, no frontespicio da capella do Espirito Santo (que antigamente era de S. Sebastião) está uma pedra quadrada, que sem duvida serviu de base ou pedestal de um outro marco milliar, pois tambem diz: *bono, reip, nato.*

No logar de Prados, junto á villa da Rua, está a capella de S. Domingos, antiquissima. Consta que era, em tempos remotos, matriz da freguezia. No frontespicio está uma lapide com a inscripção seguinte:

VICTOR.
MARII. F.
HEIC. SE:
P. IACET.

(Victor, filho de Mario, aqui jaz.)

—

Muitos outros vestigios de antiguidades romanas aqui por estes sitios se têem encontrado; mas têem sido despresados e destruidos.

—

Ha aqui um convento que foi de terceiros de S. Francisco, fundado em 1443.

CARÍA e **RUA**—concelho (extincto em 1855) na comarca de Moimenta da Beira (Beira Alta) 30 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 880 fogos.

Vide a Caria antecedente e Rua.

CARIDADE ou **NOSSA SENHORA DA CARIDADE**—freguezia, Alemtejo, até 1855 da comarca e concelho de Monsaraz, desde então é do concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 35 kilometros d'Evora, 155 a SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora da Caridade.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente do concelho de Monsaraz, mas da comarca de Villa Viçosa.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 4 moios de trigo e 2 de cevada, que lhe pagavam os freguezes.

Situada em um valle fertil. Tem grandes montados de azinho, em que se criam muitos porcos, com que a freguezia faz grande commercio.

Tinha antigamente juiz da vintena, sujeito ás justiças de Monsaraz.

CARITÉL, CARITÉLLO ou **KARITÉLLO**—significa o a que hoje chamamos querella. Correspondia ao nosso—*aqui d'el-rei!*—e se chamava a este grito—*dar voz de caritel* ou *rascar*. Vem do latim *quiritare*, que segundo Varrão, tinha a mesma applicação, e se gritava—*Porro quirilis!*

De *quiritare* vem *gritar* (clamar, dar vozes de afflicção a pedir soccorro, etc.) Na freguezia de Mançores, comarca e concelho de Arouca, ha uma aldeia chamada Caritél.

CARLÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 108 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 150 fogos.

(O padre Cardoso diz que em 1750 tinha 233 fogos.)

Orago Santa Agueda.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Tem caldas. Vide Tinhella. (O rio Tinhella entra no Tua, proximo a esta povoação.) Era antigamente do termo de Alijó, comarca de Villa Real.

O vigario era collado e tinha 16$000 réis e 20 alqueires de trigo, de renda.

Produz muito centeio, castanha e figos; do mais pouco.

As aguas thermaes rebentam no fundo de uma fragosa eminencia: são crystallinas, tendo em a nascente a temperatura de 92 a 94, F., com o cheiro e sabôr proprio das aguas mineralisadas pelo gaz hydrogeneo-sulphurado, deixando no paladar uma sensação, como de tinta de escrever (caparrosa).

É muito adstringente.

Não ha no sitio banhos estabelecidos. Estes tomam-se em uns poços immundos, ou em tinas.

Tem estes banhos diversos nomes: chamam-lhe Caldas de Faváios, de Porraes, de Murça, e, finalmente, de Tinhella.

Não me consta que fossem examinadas pelos engenheiros que em 1866 e principios de 1867, andaram pelo reino a inspeccionar as nascentes de aguas mineraes, nem foram apresentadas na exposição universal de Paris, em 1867.

É muito provavel que estas aguas tenham tantas virtudes therapeuticas como qualquer das outras tão preconisadas, mas o abandono em que estão, é a causa de serem quasi desconhecidas.

Se a camara de Alijó, ainda que pedisse para isso um subsidio ao governo, tratasse de edificar aqui um soffrivel estabelecimento, no qual, com alguma commodidade, se podessem tomar banhos, a concorrencia seria muita e certa, porque, feita a estrada de ferro do Porto á Regua, e com o rio Douro, tinha duas vias de communicação, que ambas ficam proximas.

Isto daria uma boa renda ás camaras, utilisavam os enfermos que necessitassem d'estas aguas, e os povos circumvisinhos, que tinham prompta e vantajosa venda aos seus generos alimenticios.

CARMÕES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, foi até 1855 do concelho da Ribaldeira, que então foi supprimido, 40 kilometros ao SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Chamava-se antigamente *Clamores*. Era já do termo e comarca de Torres Vedras, julgado da Ribaldeira.

Situada em alto com extensa vista.

A matriz primittiva era muito pequena, pelo que foi quasi reedificada pelos fundamentos, em 1750.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava aqui annualmente o cura (por ser esta freguezia filial d'aquella de S. Pedro) que tinha 2 moios de trigo, 30 almudes de vinho crú e 6$600 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Parece-me que vem a ser o mesmo.

Muito fertil, sobretudo em optimo vinho.

Tinha antigamente dois juizes, dois almotacés, um procurador, um escrivão e um porteiro.

Ha aqui muitas fontes de boa agua, que no inverno formam um ribeiro, que tem duas pontes de lagens, uma no caminho da egreja para o Baraçal, outra indo da quinta do Valle de Cavallos para a freguezia de S. Pedro de Dois Portos (chama-se mesmo a ponte de Valle de Cavallos.) Morre no rio Sizandro, na freguezia de S. Pedro de Dois Portos. É orlado de arvores de fructo e silvestres.

CARN—monumento celta. Existem muitos em Portugal.

(No monte do *Crasto*, freguezia de Romariz, concelho da Feira, appareceram em 1845 uns cinco ou seis carns.)

Era uma especie de tanque de differentes tamanhos e figuras geometricas, com o pavimento feito de calçada, coberta de barro ou saibro, ou ambas as coisas combinadas, fechado por uma parede de 1 metro de altura. Não se teem achado com signal de porta ou entrada.

Ainda que hajam suas duvidas sobre a applicação das quatro qualidades de monumentos célticos (ou como querem outros, *precelticos*), de que tanto abunda a Luzitania, a opinião mais seguida é que — as *mâmoas* eram os tumulos dos céltas notaveis; as *antas*, monumentos erigidos á memoria dos seus chefes; — e os *carns*, templos onde cada tribu ou familia se reunia para orarem ao seu deus *Endovelico*.—Dolmen (ou *dolmin*) —ara céltica, onde se faziam os sacrificios.

Vide Antas, Dolmens e Mâmoas.

Vide tambem Vestigios celtas em Portugal.

Carn tambem é palavra árabe, que significa ponta ou chifre; mas não tem applicação para aqui. Onde ha maior quantidade de *carns* é em Traz-os-Montes, e na Galliza.

Nas freguezias do Mollêdo, Cristéllo, Portella e Gontinhães (concelho de Caminha) tambem vi alguns. Chamam-lhe alli «cerrados dos mouros.»

Em muitos sitios de Portugal tem-se corrompido a palavra *carn*, transformando-a em castro ou crasto. Evidentemente assim aconteceu ao monte dos carns, em Romariz, ao qual hoje se chama Monte do Crasto. (Vide Castro e Crasto.)

CARNAXIDE — freguezia, Extremadura, concelho d'Oeiras, comarca, e 10 kilometros ao NO. de Lisboa, 630 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago S. Romão.

Em 1757 tinha 303 fogos. (O *Portugal Sacro*, diz 493.)

Antigamente dizia-se Carnexide e era mais etymologico.

Era reguengo d'Algés e Oeiras.

Situada em posição eminente e escabrosa, mas muito sádia.

É quasi nas faldas da serra d'Alfragíde e cercada de montes.

Regam a freguezia as ribeiras d'Algés e Jamôr. (Esta é célebre pelo apparecimento da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.)

A matriz é de largas dimensões, e o culto divino é aqui feito com magnificencia.

Sobre levantados cabêços ficam as bonitas e famosas aldeias de Ninha-a-Velha e Ninha-a-Pastora (vulgarmente Linda a Velha e Linda a Pastora.)

Desde tempos immemoriaes que a estas duas formosas aldeias se chamou Ninha a Pastora e Ninha-a-Velha : só desde o seculo passado é que por corrupção se trocou o Ninha em Linda. (Todos sabem que Ninha no antigo portuguez é menina, do hespanhol niña.)

Na segunda d'estas aldeias estão duas formosas quintas; a do Rodizio, á beira do Ja-

mor (e que produz optimas laranjas) com a sua extensa alameda d'arvores seculares, que é um delicioso passeio no verão — e a da Graça, na margem opposta e em frente da antecedente; tambem aprasivel e do mesmo módo notavel pelas suas optimas laranjas. (Pena é que a molestia das laranjeiras tenha damnificado tanto as d'estas quintas.)

Aqui perto são as estações dos banhos da Cruz-Quebrada e Bôa-Viagem, no Tejo.

Álem das duas aldeias já designadas, tem mais a freguezia as seguintes, todas notaveis por serem no termo de Lisboa, e refugio dos ricos d'esta cidade durante os calores do verão.

São: Carnaxíde, Outorella, Algés e Queijos.

Antes de 1834, era o prior de Santa Cruz do Castello, de Lisboa, que apresentava *in solidum* o vigario d'aqui, que tinha de renda um moio de trigo, uma pipa de vinho e o pé d'altar, ao todo uns 240$000 réis.

Ha aqui tres conventos de frades arrabidos—S. José—este convento está em frente do forte de S. José de Riba-Mar, pelo que se lhe dá tambem o nome de Riba-Mar. Foi fundado por D. Francisco de Gusmão e sua mulher D. Joanna (progenitores dos condes de Vimioso) em 1559. Vide Ribamar.—Santa Catharina.

O convento de Santa Catharina de Riba-Mar foi fundado por D. Isabel, filha de D. Jaime, duque de Bragança, mulher do infante D. Duarte, filho d'elrei D. Manuel, em 1551.—Nossa Senhora da Boa-Viagem.

O convento da Boa-Viagem fundou-o a irmandade da Misericordia de Lisboa em cumprimento de testamento de Diogo Faleiro, que lhe deixou uma grande quinta em 1618. Todos tres ficam perto uns dos outros, são edificados na margem direita do Tejo, e com lindas vistas para elle.

E' terra fertil.

Antigamente tinha juiz ordinario, feito pela camara de Lisboa, e sujeito ao corregedor do Mocambo.

Ha n'esta freguezia quatro fortes sobre a margem direita do Tejo, são: Forte da Ponte de Palhaes, S. Jose de Riba-Mar, Cruz Quebrada e Boa-Viagem.

O Tejo serve de limite a esta freguezia pelo S. e SO.

O Jamôr nasce em Bellas. Tem aqui duas pontes — a de Ninha a Pastora e a da Cruz Quebrada.

O Algés nasce em um outeiro junto a Monsanto, e augmentado com o ribeiro Outorella, que se lhe junta na linda quinta das Romeiras, se mette no mar, junto ao forte da Conceição, onde ha uma bella ponte de pedra, que parte com a bella quinta dos duques de Cadaval.

D'aqui se descobrem as torres de S. Julião e Cabeça Secca, ficando-lhe defronte a Torre Velha.

Carnaxide é corrupção da palavra árabe — Carnexate — significa *corno da ovelha*. Compõe-se de *caru* (a ponta ou corno) e de *xate* (ovelha.) Vem pois a ser: Povoação do chifre da ovelha.

É terra abundantissima d'optimas aguas, e por tanto muito fertil, aprasivel, fresca e saudavel.

Ha n'esta freguezia uma curiosidade natural á qual veio juntar-se uma lenda religiosa, que deu celebridade em todo o reino á povoação de Carnaxide. É a gruta em que appareceu a pequenina imagem da Virgem, que se venera na Sé de Lisboa sob a invocação de Nossa Senhora da Rocha.

Está situada esta gruta proximo da povoação e é cavada em uma rocha banhada pelo rio Jamor. A gruta é quasi oval e póde conter umas 80 pessoas. Tem 28 palmos de comprido e 24 de largo. Toda a rocha é de pedra liós.

Na manhã do dia 28 de maio de 1822, andavam uns rapazes a brincar nas margens do Jamor, em um casal chamado da Rocha (por causa da penedia que alli se levanta junto ao rio). Por junto d'elles passou um coelho, que se introduziu por entre as fendas do rochedo.

Os rapazes, com o desejo de apanharem o coelho, metteram, a muito custo, pela mesma fenda uma cadella, mas sem resultado.

Então elles foram ao casal buscar uma lanterna e ferramenta, e, depois de muito trabalho, conseguiram entrar de gatas em uma concavidade. Entram a procurar o coe-

lho; mas acharam duas caveiras e varios ossos humanos espalhados pela gruta, agarrando por fim o coelho que estava cosido com a parede.

Divulgada a descoberta da gruta, concorreu alli muita gente a ver esta curiosidade.

No dia 31 do mesmo mez de maio, indo alli Manuel Placido, natural de Carnaxide, descobriu sobre umas pedras a imagem da Senhora, feita de barro e com um manto de seda muito velho.

N'essa noite, ou no dia seguinte, foi roubada a imagem. Procedeu-se a uma devassa, e depois de muitas diligencias baldadas, appareceu a Senhora, a 4 de junho, sobre uma oliveira, a pouca distancia da gruta.

Per ordem da auctoridade foi levada a imagem para a gruta, e alli allumiada e guardada.

Concorreu então á gruta uma grande multidão de gente de todas as classes da sociedade, não só dos arredores e de Lisboa, mas de toda a Extremadura.

Em breve a oliveira desappareceu até á sua ultima raiz, para reliquias, e a gruta se encheu de offerendas dos devotos, em joias, cêra e dinheiro, chegando este em pouco tempo a 2:000$000 réis.

Por portaria de 27 de julho mandou D. João VI que a imagem fosse conduzida para a Sé de Lisboa, o que se fez com grande pompa no dia 5 de agosto, collocando-se no altar de Nossa Senhora a Grande.

Continuando comtudo as offerendas a concorrer para o sitio onde a imagem havia apparecido, projectou-se edificar alli uma egreja, dando-se logo principio ás obras, que por algum tempo progrediram com ardor; mas tendo-se esgotado o dinheiro das esmolas, pararam as obras, ficando o templo apenas quasi concluido de obras de pedreiro, e assim está.

O cabido de Lisboa, invejoso das muitas esmólas que os devotos offereciam á Senhora é que influenciou o rei para que a imagem viesse para a Sé, na esperança de se apoderar das esmolas; mas, como viram que ellas continuaram, ainda depois da mudança da imagem, a concorrer para a gruta, tanto fizeram com o rei que este a mandou tapar com pedra e cal.

O povo havia posto no sitio da gruta onde apparecera a imagem, um registo da mesma. Vendo que se lhe tapava a lapa, arrombaram a parede e puzeram tudo outra vez patente.

O rei, então (já se sabe a instancias dos padres da Sé), mandou entupir quasi toda a gruta, e vedal-a com um muro solido, e assim está.

Foi desde então que cessaram as esmolas com que se faziam as obras da nova egreja.

CARNEIRO — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 12 kilometros d'Amarante, 60 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado de Braga e districto administrativo do Porto.

Orago S. Martinho, bispo.

Em 1660 tinha 50 fogos, em 1757 44.

Era antigomente da comarca de Guimarães, concelho de Gestáço.

O abbade de Santo Estevão, de Villa-Chan, apresentava aqui *ad nutum*, o vigario, que tinha de congrua 50$000 réis.

É terra fertil. É n'esta freguezia a serra dos Padrões.

Foi povoada por um grande cavalleiro, chamado Martim Carneiro, monteiro-mór de D. Affonso II, e progenitor dos Carneiros, o qual lhe deu o seu nome; pelos annos 1220.

D'este Martim Carneiro procedem os condes da Ilha do Principe, e outras familias nobres de Portugal. Martim Carneiro descendia dos duques de Monton (França.) Tambem d'esta familia procedem os condes de Lumiares.

O primeiro conde da Ilha do Principe foi Luiz Carneiro de Souza, por Philippe IV, em 4 de fevereiro de 1640. As armas dos Carneiros são em campo de púrpura, uma banda azul: com tres flores de liz, d'oiro entre dois carneiros passantes, de prata, armados d'oiro. Timbre um dos carneiros das armas.

CARNICÃES — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros a SE. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Orago Nossa Senhora da Calçada.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Era antigamente do termo de Trancoso, mas da comarca de Pinhel.

D'aqui se vê a villa de Celorico da Beira e parte da serra da Estrella.

O vigario de S. Payo, de Trancoso, apresentava aqui o cura, que tinha 6$400 réis e e pé d'altar.

É terra fertil e saudavel, ainda que de clima excessivo.

Chamava-se antigamente Cornicães.

CARNIDE—freguezia, Extremdura, conconcelho de Belem, comarca e 6 kilometros a N. NO., de Lisboa, 260 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Em 1757 tinha 250 fogos.

É freguezia muito antiga, pois já existia em 1394, o que consta por documentos, e parece que já existia no tempo dos árabes.

A maior parte da freguezia é situada em fertil e saudavel campina, com lindas vistas.

O seu primeiro orago foi Nossa Senhora da Assumpção; depois passou a ser Santo Amaro, e hoje é S. Lourenço. (Não consta porque houve estas substituicções.)

Antigamente o cura era da apresentação annual do prior do convento da Luz, de frades da Ordem militar de Christo; depois passou a ser vigario collado perpetuo, com 80$000 réis de renda.

Ha aqui quatro conventos, o tal de Nossa Senhora da Luz, que o terremoto em 1755 arrazou, ficando só a capella mór. Fundado pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel e de sua terceira mulher D. Leonor, pelos annos de 1540.

Na capella mór está sepultada a fundadora. Está n'este convento a milagrosa imagem de Bom Jesus.

Freiras carmelitas descalças, de Santa Thereza.

É antigo este convento e foi reedificado pela infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, pelos annos de 1680. (Vide adiante.)

Frades carmelitas descalços, de S. João da Cruz:

Fundado pela princeza Michaela Margarida (filha de Rodolpho II, imperador da Alemanha) em 1642, que n'elle está sepultada. Augmentou-o e enriqueceu-o com muitas rendas e joias, a infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, que aqui viveu desde 1649 até ao anno em que morreu (1693) e tambem aqui jaz no coro debaixo. Foi mestra da infanta D. Luiza, filha bastarda de D. Pedro II. Esta D. Luiza foi reconhecida por D. João V, que a casou com D. Luiz, duque do Cadaval; por morte d'este, com seu irmão (do duque) D. Jaime. que ficou sendo duque de Cadaval, pelo primogenito morrer sem filhos.

Ha mais o convento de freiras da Conceição, fundado em 1694, por Nuno Barreto Fuzeiro, em umas suas casas, dando-lhe muitas rendas.

Ha aqui o célebre hospital, fundado pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel e de sua terceira mulher, D. Leonor; concluiu-se em 1618. E' obra grandiosa, com uma sumptuosissima capella e uma bôa cisterna. A fundadora lhe deixou 2:500$000 réis de renda, sendo 250$000 réis para se dizer por sua alma uma missa cantada quotidiana, ao nascer do sol, e duas resadas. Não se curavam n'elle mulheres, nem doentes de molestias prolongadas ou contagiosas. E' ha muitos annos collegio militar. Vide Luz.

E' terra muito fertil.

Tinha antigamente juiz da vintena, posto pela camara de Lisboa.

Ha aqui uma unica fonte, chamada antigamente da Machada, e hoje da Luz. Dizem que a sua agua cura a dôr de pedra,

Carnide é corrupção da palavra árabe *carniete*. Deriva-se do verbo *cárana*, unir, juntar uma cousa a outra. —Quer pois dizer — Povoação reunida, ou junta.

Tambem alguns pretendem que Carnide se deriva de *carn*, palavra celta-logar d'oração dos sectarios da religião druidica. Vide *Carn*. Tem esta freguezia muitas e bonitas casas de campo, a maior parte d'ellas com bellos jardins.

Grande feira e concorridissimo arraial e festa a Nossa Senhora da Luz, a 7 e 8 de setembro.

Já disse que o convento de Santa Thereza (freiras carmelitas descalças) era antigo; mas no fim do seculo XVII era pequeno e estava muito arruinado.

D. Maria, filha bastarda de D. João VI, foi aqui educada desde 1649, sendo então de tenra edade.

Esta senhora reedificou a egreja e o mosteiro, ampliando este e dando-lhe muitas rendas. Viveu sempre recolhida n'este convento, sem professar, e n'elle falleceu.

N'este mosteiro se fez a ceremonia do reconhecimento de D. Maria, como filha do rei, na presença da familia real e da côrte.

Foi muito estimada e era com frequencia visitada por seu pae e seus irmãos; por D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, e por as rainhas D. Maria Francisca Isabel de Saboya e D. Maria Sophia de Neubourg.

Seu irmão, D. Pedro II, a encarregou da educação da sua filha, tambem bastarda, D. Luiza, que do mesmo modo que sua tia, foi reconhecida, já no reinado de seu irmão D. João V, que a deu em casamento ao duque de Cadaval, D. Luiz Alvares Pereira de Mello: e como este falleceu pouco depois de casado e sem filhos, casou a infanta com seu cunhado D. Jayme, que ficou sendo duque de Cadaval.

Costuma vir a esta freguezia o Cirio do Cabo. A primeira vez que aqui veio, foi no anno 1437, sendo então, como ainda hoje, a septima ordem do giro.

A mais esplendida solemnidade que aqui se fez do Cirio, foi em 1795, á qual veio o principe D. João (depois VI) com sua mulher D. Carlota Joaquina.

Nossa Senhora ia na mais rica estufa da casa real, puchada por oito urcos e acompanhada por dous coches d'estado, tambem cada um puchado a 4 parelhas d'urcos.

CARNIDE—rio, Extremadura, que nasce no termo de Leiria, no sitio de Santa Margarida. Passa proximo da villa do Louriçal, depois pelos campos do Terro, Quiciade, Marnoto, Campo-Velho e Campos-da-Rainha. Morre na esquerda do Mondego, 6 kllometros distante da sua foz, com 36 de curso.

O Mondego lhe communica a sua agua salgada, e é muito abundante de bom peixe.

Tambem lhe chamam Louriçal, por passar pelo termo d'esta villa. (Vide Figueira da Foz.)

CARNOTA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, 54 kilometros ao NE. de Lisboa, 290 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Sant'Anna.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Era da casa das rainhas.

Situada em um valle fertil. Os freguezes apresentavam o cura. (E' annexa ao priorado de Santo Estevão d'Alemquer.) O cura tinha dous moios de trigo, um quarto de vinho e o pé d'altar. Andava tudo por 80$000 réis.

Ha no logar de Sant'Anna (onde está a matriz) um hospital administrado antigamente pelo ouvidor de Alemquer.

É terra fertil. Grande abundancia de ginja e cereja.

As aldeias de que se compõe esta freguezia, são: Sant'Anna, Dosopo, Serra, Gataria, Moinho de Vento, Curral das Eiras, Boafúria, Prateiro, Gavinheira, Pipa, Antas e Canhêstro.

No logar do Moinho de Vento, ha uma capella, na Pipa outra, dedicada a Santo Antonio; no sitio da Silveira da Machôa, ha a de Nossa Senhora da Guia, e nas Antas a de Nossa Senhora das Angustias.

Quintas que ha n'esta freguezia

Quinta de Valle da Palha—era vinculo, instituido em 1628, por Francisco Soares de Abreu, e é hoje da sr.ª D. Margarida Gertrudes Falcão. É uma bonita e productiva vivenda.

Quinta do Alamo—Foi dos marquezes de Arronches, pelo que é hoje dos srs. duques de Lafões.

Quinta da Boa Fúria—foi de Bartholomeu Lobo da Gama, filho do bravo capitão Antonio Lobo da Gama, que, em 1651, em uma batalha naval, proximo a Mascate, vendo que não era possivel luctar contra tamanha desproporção numerica de inimigosa e que seria por força vencido, pois que ti-

nha o seu navio já invadido por grande numero de contrarios, lançou fogo ao paiol, indo tudo pelos ares, navio, elle e os seus, e os inimigos. Foi este acto que deu o nome á quinta. Hoje é propriedade do sr. Theotonio Lopes de Macêdo.

Ha mais n'esta freguezia as quintas das Antas, do Garrido, do Arreieiro, da Burjana, do Pinheiro, do Sôpo, do Leão, da Gataria, do Moinho de Vento, Quinta Nova, de Valle de Mulheres, da Prata, do Chafariz, da Silveira, da Adéga, do Porto de Cannas.

E os casaes dos Mourões, da Ulmeirada, do Canhêstro, do Ginêto, do Moinho de Vento, dos Môchos, Casal Novo, da Malicia, da Sarrueira e do Moinho.

CARNOTA—aldeia, Extremadura, freguezia de Cadafaes. Célebre pela grande matta que fórma a cêrca do convento de frades capuchos de Santo Antonio, que aqui está fundado. Vide Cadafaes, onde já tratei d'este convento.

CAROCEDO, CARROCEDO ou **CARRAZEDO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 88 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi da comarca de Miranda.

Situada em um alto.

O parocho intitulava-se *confirmado* e era da apresentação do bispo de Miranda, (depois, de Bragança). Tinha 6$500 réis, 30 alqueires de pão e 19 almudes de vinho.

Formava com Failde um concelho (chamado de Failde e Carocêdo) que foi supprimido.

CARPENTO—monte na costa do Algarve, termo de Tavira.

CÁRQUERE — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 18 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago Nossa Senhora de Cárquere.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era da comarca de Lamego.

Esta freguezia principia na serra do Espinheiro e chega á margem esquerda do Douro, com o comprimento de 6 kilometros.

D'ella se vê, parte dos concelhos de Rézende, Aregos e Bayão.

A imagem da Senhora de Cárquere é tão antiga, que é tradição que no tempo do ultimo rei godo, D. Rodrigo, quando os mouros tomaram Portugal, foi enterrada dentro de um cofre, em um cabêço que está proximo á egreja (vide adiante).

A matriz foi antigamente mosteiro, da invocação de Nossa Senhora de Cárquere. A capella-mór é de abobada, com arcos de pedra muito antigos, mas de magestosa architectura. Era mosteiro de conogos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), fundado pelo conde D. Henrique, pelos annos de 1110.

D. Sebastião deu o convento, em 1570, aos frades jesuitas de Coimbra. Foi reduzida a abbadia secular, e do convento apenas hoje existe a residencia do parocho, que era reitor, apresentado pelo bispo de Lamego, e tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Vagando o priorado d'este convento, em 1570, D. Sebastião applicou as suas rendas para a nova fundação do collegio de Jesus, de Coimbra. O bispo de Lamego, D. Ambrosio Pereira, deu aos jesuitas, em troca d'este convento, os cinco de Santo Antão, e o de Cárquere continuou a ser de cruzios. Vide Lisboa, no logar competente. Foi este bispo que reduziu o convento a abbadia secular.

Passa pela freguezia um pequeno ribeiro do seu nome, no qual ha duas pontes de pedra chamadas de Carcavellos e de Fornéllos.

Cárquere é povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos godos. Os mouros a occuparam por muitos annos. O conde D. Henrique, achando-a abandonada (ou expulsando d'ella os mouros) a povoou de christãos, em 1099.

É tradição que Nossa Senhora appareceu em sonhos a D. Egas Moniz, mandando-lhe que fosse a Cárquere e fizesse cavar no logar que lhe indicou, e que alli acharia os alicerces de uma egreja que lhe fôra dedicada, e uma imagem sua. Que fazendo alli

um altar, fizesse uma noite de vigilia, pondo o infante D. Affonso Henriques (de quem era aio) que tinha nascido tolhido das pernas, no mesmo altar, ao pé da imagem, e que logo alcançaria saude. D. Egas assim o fez e D. Affonso ficou logo são.

O conde D. Henrique, em acção de graças pela cura milagrosa de seu filho, mandou aqui fazer a egreja e o mosteiro, que deu aos cruzios, pelos annos de 1110.

Supponho que o nome d'esta povoação vem da antiga palavra portugueza *carque*, carqueija.

CARRACEIRA—serra, Douro, freguezia de Santa Marinha do Tropêço, concelho de Arouca, 12 kilometros ao S. do Douro, 38 ao SE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa. Proximo á aldeia de Folgosinho.

Ha aqui pedreiras de bellissima calcedonia, e bastante crystal de rocha.

No sitio chamado dos Sete Buracos, ha minas antiquissimas (dos romanos ou dos arabes) abandonadas. Não se sabe que metal elles d'aqui extrahiram (supponho que era cobre) nem se póde saber a extensão d'estas minas, por estarem entulhadas.

O nome d'esta serra é arabe, deriva-se da palavra *caráda*, insecto que se introduz entre o cabello dos cães e outros animaes, vulgarmente chamado *carráça*. Significa, pois, serra das Carráças.

CARRAGOZA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em planicie, d'onde se vê o castello de Bragança e a freguezia de Bábe.

O rei, como senhor da casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, é que apresentava o reitor, que tinha 46$000 réis, 30 alqueires de trigo e 30 de serôdio, que lhe pagavam os commendadores.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era apresentado pelo reitor de Donai, e que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar. Julgo isto êrro, porque elle confundiu Carragosa e Carregosa.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, eleito pelo juiz de fóra e camara de Bragança, a cuja justiça era sujeito.

É regada por duas fontes, que fazem o sitio muito ameno e fresco no verão, porque regam muitos e frondosos castanheiros, que abrigam o sólo dos ardores do estio.

CARRAGOZÊLLO ou **CARREGOZÉLLA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 78 kilometros a NE. de Coimbra, 264 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Clima sádio, mas pouco fertil, por excessivo. Muito gado e caça.

Nos papeis officiaes denomina-se esta freguezia *Carregozêllo*; mas em livros antigos tambem se lhe dá o nome de *Carregozélla*.

CARRAL-CÓVA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença. Eram seus donatarios os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Situada em um alto, com boas vistas.

O vigario era collado e apresentado pelo thesoureiro-mór da collegiada de Santo Estevão, de Vallença. Tinha 50$000 réis de renda.

É terra pouco fertil, por ser muito fria.

CARRAPATAS—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e então sendo supprimida esta comarca e este concelho, ficou sendo da comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros; 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos. Orago S. Geraldo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Bragança, comarca de Miranda.

Situada em uma baixa, povoada de muitas arvores fructiferas e silvestres, e vendo-se d'aqui Valle Bem Feito, Grijó, Villar do Monte e a serra de Monte Mel.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e 22 alqueires de pão. Os disimos eram partidos em tres partes, duas para o bispo de Miranda e uma para a casa de Bragança.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz de fóra de Bragança.

Foi antigamente couto e regalía da casa de Bragança.

A agua da Fonte Santa, traz ás vezes petroleo. Dizem que cura molestias cutaneas.

CARRAPATEIRA e **RAFOZEIRA** ou **RAPOZEIRA** e **CARRAPATEIRA** — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Lagos, foi do concelho de Villa do Bispo, que se supprimiu em 1855, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Situada em um monte na costa do mar, que lhe fica a 1:500 metros ao SO. e N.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo, pagos pelos freguezes. A egreja é pequena.

É terra pouco fertil.

A agua potavel que aqui ha é de um pôço que está a 150 palmos da povoação.

Tinha juiz da vintena (chamado aqui juiz da terra) feito pela camara de Lagos.

Na costa, entre o Murração e Ponte Ruiva (no caminho do cabo de S. Vicente) ha uma pedreira de bom lapis preto para desenho (*graphites*) e perto outra de branco. A veia fica coberta pelas marés, quando são grandes.

Proximo ao logar da Carrapateira está uma fortaleza feita em 1673, sendo governador do Algarve D. Nuno da Cunha e Athaide, conde de Pontevel. Foi reedificada em 1742, por ordem do conde da Athouguia, então general do Algarve.

No centro da fortaleza está a egreja.

Tem a fortaleza 6 quarteis para guarnição. Foi feita por causa das continuas e crueis invasões dos piratas africanos, que aqui vinham captivar gente e commetter toda a casta de roubos, barbaridades e sacrilegios.

É quadrada, e em cada canto tem um baluarte, que antigamente era defendido por seis peças. Está tudo arruinado desde 1755.

Pouca terra se cultiva n'esta freguezia, por ser quasi toda montanhosa e esteril.

Ha aqui muita caça grossa e miuda, sobretudo grande quantidade de coelhos e lebres. Cria muito gado e produz muito mel e cêra.

Ao E. passa uma ribeira, cujas margens são cultivadas e ferteis; morre no mar, com 3 kilometros de curso.

É terra doentia, por causa da pessima agua e por uma lagôa que tem ao S., que conserva todo o verão as aguas estagnadas.

O povo da Valleirinha, a 1:500 metros de distancia, e que tem 10 fogos, é d'esta freguezia. Tem excellentes vargens de pão, pela ribeira acima. Esta ribeira nasce nos barrancos de Valle Tisnado, sahe ao Paraiso, passa pelas vargens do N. da Carrapateira, e vem metter-se nos pégos, sahindo ao mar no sitio onde havia a fortaleza que já disse, feita em 1673.

A costa aqui é alcantilada, pelo que a pesca é perigosa, mas o peixe é muito bom.

A freguezia da Carrapateira está ha muitos annos unida á da Rapozeira, formando uma só.

Esta freguezia confina com Aljezur ao N., Bordeira a E., Budens e Villa do Bispo ao S. e o mar a O.

No dia 16 de novembro de 1873, estando o povo e auctoridades na egreja matriz da Rapozeira, a proceder ás eleições municipaes, abateu todo o tecto do corpo da egreja, matando umas 8 ou 10 pessoas, e ferindo muitas.

A capella mór, por ser de abobada, nada soffreu. N'ella estavam o administrador do concelho, parocho, *mêsa* e outras pessoas que ficaram incólumes. Já se acha reparado o tecto.

CARRAPICHANA ou **CARAPIXANA** — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico

da Beira, concelho de Linhares, 95 kilometros ao NE. de Coimbra, 288 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi do infante D. Pedro, filho de D. João V.

Situada em planicie, d'onde se vê Villa Cortez, Nabaes, Nabainhos, Fulgosinho, Freixó e Linhares.

O parocho de Linhares apresentava aqui o cura dois annos, e o vigario de Mesquitella, um. Tinha o cura 8$000 réis e o pé d'altar...

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz ordinario de Linhares.

Fica proxima á serra da Estrella.

É terra fria; mas cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

CARRAZEDA ou **CARRAZEDO D'ANCIÃES** —villa, Traz-os-Montes, comarca e 24 kilometros ao O. de Moncorvo, 120 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos, no concelho 2:200.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Santa Agueda.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Cercada de campos muito abundantes de agua, e muito ferteis em vinhos finos e ordinarios, azeite, fructa, cereaes, etc.

A casa da camara é o melhor edificio da villa.

Em 1734 se mudou para aqui a capital do concelho de Anciães.

(Tudo o mais que se deseja saber de Anciães, e que aqui não vae, veja-se em Anciães.)

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, e do concelho de Anciães.

O reitor de Marzagão apresentava aqui o cura *ad nutum*, que tinha 24$000 réis, *mais seis tostões para ensinar a doutrina*, o pé de altar e um alqueire de centeio de cada freguez.

Foi cabeça de um morgado, que instituiu o licenciado André Fernandes de Magalhães, natural d'esta freguezia, em 1593.

É terra fertil.

No sitio de Sainça, limites do logar de Belver nasce um ribeiro muito caudaloso no inverno, que com 12 kilometros de curso se mette no Douro. Rega e móe.

Tinha até 1733 juizes ordinarios e desde 1734, juiz de fóra.

—

Porque na palavra Anciães não mencionei todos os varões que se tornaram célebres, por qualquer motivo, accrescentarei aqui mais os seguintes, dos quaes esta terra com razão se ufana de ser patria:

João Gonçalves Vellasco, conego da Sé de Miranda, cuja memoria se conserva e respeita, na egreja de Santa Maria do Pinheiro no bispado de Viseu, onde depois foi abbade.

Frei Diogo de Jesus, que deu a vida pela fé de Jesus Christo.

As familias d'este concelho, de appellido Mesquitas, Magalhães, Mellos e Sampaios, são todas antigas e nobres, e descendem d'aquelles heroes.

—

Accrescentarei aqui, com respeito ao inclito Lopo Vaz de Sampaio, 8.º vice-rei da India, do qual já tratei em Anciães. mais o seguinte:

Dopois de praticar na Asia mil acções de sobre humano valor em defeza da sua patria, adquirindo-lhe novos estados e fazendo-a temida e respeitada em todo o Oriente, foi preso por intrigas e caprichos de Nuno da Cunha, seu successor no vice-reinado, e preso veio para Portugal, por ordem de D. João III.

Foi solto, por se não acharem fundamentos ás iniquas accusações de seus invejosos inimigos, e vendo-se esquecido e despresado na sua patria, emigrou para a Hespanha, onde se conservou alguns annos, até que D. Jayme, duque de Bragança, e seu parente, conseguiu que elle regressasse á patria; mas não figurou mais na republica, antes, retirado ao seu solar, ahi terminou a sua vida gloriosa, mas atribulada, em 5 de março de 1538.

As maiores façanhas d'este grande capitão na India foram.

A destruição de um exercito de 10:000 malabáres, com pouco mais de 2:500 portuguezes, em 1526.

A gloriosa victoria e desbarate da armada real de Calicut, em 1527.

A victoria contra o rei de Bintão, no Mar Roxo e a das Molucas; além de outras muitas nos mares e reinos asiaticos.

D'elle disse Camões nos seus immortaes *Lusiadas:*

«..... não nego que Sampaio
«Será no esforço illustre assignalado,
«Mostrando-se no mar um fero raio,
«Que d'inimigos mil verá coalhado.»

—

As armas dos Mellos são:—em campo de púrpura, seis besantes de prata, entre uma dobre cruz e bordadura de oiro; timbre uma torre.

Os condes da Ponte e outras muitas familias nobres de Portugal, são d'esta familia.

—

O nobre appellido de Magalhães foi tomado da torre e quinta de Magalhães, no Minho. O primeiro que usou d'este appellido, foi Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz, por ter casado com D. Sancha de Novaes, senhora da dita quinta. Suas armas são:

Em campo de prata tres fachas xadrezadas de púrpura e prata de tres peças, em palla: elmo de aço aberto, e por timbre um abutre de prata, bicado e armado de oiro.

Outros Magalhães trazem por armas escudo esquartelado;—no 1.º e quarto de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, de azul, uma cruz de oiro floreada e vasia do campo: elmo de aço aberto, e por timbre o pinheiro das armas.

Ainda outros Magalhães usam por armas —em campo de prata tres bandas escaquetadas de vermelho e prata, de tres peças, em palla—elmo e timbre antecedente.

Ainda outros teem construidos os seus brazões de differentes modos, segundo as suas allianças.

Os Mesquitas procedem de Fernão Martins Vasques Pimentel, que mudou este ultimo appellido em Mesquita, por ter tomado, com mais quatro irmãos seus, a mesquita dos mouros, na conquista de Ceuta, na Africa, onde os ismaelitas se tinham refugiado. Foi seu filho primogenito Lopo Martins de Mesquita, que herdou a sua casa de Guimarães.

Suas armas são:—em campo de ouro, cinco cintos de púrpura, em banda, com fivellas e passadores de prata, orla azul, carregada de sete flores de liz, de oiro. Elmo de aço aberto e por timbre, meio mouro, em frente, vestido de asul, com turbante de prata, e uma lança de sua côr, com hastea de oiro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros Mesquitas usam—escudo dividido em palla, na 1.ª as armas dos Pimenteis; na 2.ª as descriptas dos Mesquitas. O mesmo elmo e timbre.

Ainda outros Mesquitas trazem por armas—escudo dividido em palla, na 1.ª as dos primeiros Mesquitas, e na 2.ª as dos Pimenteis—o mesmo elmo e timbre.

Tambem outros Mesquitas teem alterado as suas armas por se ligarem com familias de outros appellidos.

Os Sampaios procedem de uma nobre familia de Hespanha.

Em tempo de D. Affonso IV veio para Portugal, fugido, Pedro do Souto (outros dizem Pedro Alvares Osorio) primeiro marquez d'Astorga, por matar, em desafio, a um fidalgo poderoso de Castella, e aqui ficou.

Era seu filho, Vasco Pires de Sampaio, o primeiro que se acha com este appellido, que se suppõe tomára do logar de S. Payo, na provincia do Minho.

D. Fernando I, e depois seu irmão, D. João I, lhe deram muitas terras, entre ellas Villa-Flor, Chacim, Mós, Anciães, Villarinho, etc. Foi grande valido de D. João I.

Suas armas são—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de oiro, uma aguia de púrpura, armada de negro—o segundo e terceiro escaquetado de oiro e asul, de quatro peças em faxa e 4 em palla. Orla de púrpura, carregada de oito SS de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre a aguia do escudo, com um dos SS no peito.

Outros Sampaios trazem por armas—escudo xadrezado e duas aguias negras em palla.

Outros da mesma familia teem—em campo de oiro, aguia de púrpura, com o peito xadrezado de prata. Talvez fossem estas as primeiras armas dos Sampaios, antes de se alliarem com outras familias.

Para tudo o mais que aqui se não encontrar, pertencente a este concelho, vide Anciães.

CARRAZEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 444 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Cecília.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Bragança, mas da comarca de Miranda.

É da casa de Bragança, que apresentava o abbade, que tinha uns 550$000 réis (mas a terça parte dos dizimos pertencia á capella de Villa Viçosa).

Havia (e não sei se ha ainda) n'esta freguezia um *monte de piedade*, que constava de pão *serodio*, que era repartido pelos logares de Refojos, Raio, Alimonde e este de Carrazedo; pagando por cada alqueire um selamim. Isto é:—quem precisava de pão pelo decurso do anno, ia-o alli buscar, e por cada alqueire dava, pelas colheitas, um selamim de premio, em beneficio do estabelecimento.

Consta que o fundador d'esta instituição foi um abbade d'esta freguezia. Administrava isto o parocho e o juiz da egreja, que cada um tinha sua chave.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sugeito ao juiz de fóra de Bragança.

Tem muitas aguas, que no verão são frigidissimas.

Ha n'esta freguezia tres castellos arruinados, que são: Castro-Carrazêdo (do qual, dizem, a terra tomou o nome) da Ceára e das Modôrras.

Esta freguezia é situada no meio da Serra do Carvalho.

Nascem aqui varios regatos, que se juntam no sitio do Pontão da Vargem, formando um ribeiro perenne, que réga e móe. Morre no Tuella.

Cria a serra muito gado e caça grossa e miuda, e tambem muitas viboras.

É terra muito fria e ventosa.

Vê-se esta freguezia escripta em livros antigos e modernos de differentes modos. Carrazêdo, Carocêdo e Carrocêdo.

Hoje, officialmente, é como vae na palavra indicadora.

CARRAZEDO DE BOURO—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados e desde então da de Villa Verde, concelho de Amares, (d'onde dista 3 kilometros ao O.) 9 de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica a 4 kilometros a E. de Villa Verde.

Era da comarca de Vianna, concelho de Entre Homem e Cávado (que agora se chama de Amares.)

Eram seus donatarios os descendentes de Luiz Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos (depois foram os marquezes de Monte Bello, representados pelos actuaes condes da Figueira) que apresentavam o abbade, ouvidor, juiz, 3 escrivães do publico e um da camara, almotacé, meirinho, juiz dos orphãos e seu escrivão. Era tambem o donatario capitão-mór e fazia capitão de ordenanças.

Todos os officiaes de justiça d'este concelho serviam no couto de Renduffe.

A matriz está n'uma planicie, no logar de Carrazêdo.

O abbade tinha até 1834 de rendimento 250$000 réis.

Diz-se que havia antigamente n'esta freguezia o costume de pôrem mesas cheias de iguarias, sobre as campas dos parentes fallecidos, e alli comerem e beberem regaladamente; não se esquecendo porém de metter nas sepulturas parte do contheudo dos pratos.

É aqui a casa e castello do Castro, onde

falleceram D. Maria da Silva e o commendador de Renduffe.

A egreja matriz é um bom templo; foi redificada pelos annos de 1750. Tem da parte do Evangelho duas capellas, mais antigas do que a egreja actual. A primeira, junto ao arco cruseiro, dedicada a Santa Margarida, martyr, era do marquez de Monte Bello, e é actualmente dos srs. condes da Figueira. Tem esta capella prazos administrados pelos ditos condes, cujos rendimentos são (deviam ser) applicados para legados de missas, que estão ha muitos annos por satisfazer, apesar dos foros se terem sempre pago.

A segunda capella é da casa da *Tapada*, da freguezia de Fiscal, concelho de Amares. N'ella (na capella) está sepultado o grande poeta Francisco Sá de Miranda, o que consta do seguinte epitaphio, escripto em duas grandes pedras, da parede da mesma capella:

EPITAPHIUM FRANCISCI DE SA DE MIRANDA
RUSTICA QUAEFUERAT SOLIS VIX COGNITA SYLVIS,
AULICA MIRANDAE CARMINE MUSA FUIT.
MATUROSQUE IOCOS ET VUDRICA SERIALLDENS,
DIVINA HUMANUM MISCUIT ARTE MELOS.
CUM POSSET GLADIO TRANSCENDERE NOMEN AVORUM,
MALUIT ARGUTI MILITIAM CALAMI.
OMNIA MIRANDUS, MIRANDUS PULVERE IN IPSO EST.
PULVERE IN HOC PATRIAE GLORIA SCRIPTA MANET.

Isto é:

A MUSA PASTORIL AINDA NOS MATTOS MAL CONHECIDA
TORNOU FRANCISCO DE SÁ MUI CORTEZÃO.
DISENDO GRAÇAS MADURAS E GALANTERIAS SISUDAS
AJUNTOU POESIA HUMANA COM SUAVIDADE DIVINA.
PODENDO COM SUA ESPADA PASSAR A HONRA DE SEUS AVÓS
QUIZ SÓMENTE PELLEJAR COM A PENNA DA POESIA.
EM TUDO MIRANDA, E NA MORTE TAMBEM FOI ADMIRAVEL.
EM SUAS COUSAS ESTÁ ESCRIPTA A GLORIA DESUA PATRIA.

Ha n'esta egreja uma reliquia de Santa Margarida, guardada em uma grande cabeça de prata, que o marquez de Monte-Bello deu a esta freguezia.

—

A freguezia é situada em terreno plano e produz cereaes, vinho (verde) e azeite, no que é fertil.

Nasce n'esta freguezia o Ribeiro de Cães, o qual, depois de atravessar esta freguezia e a quinta de Castro e a freguezia de Perozéllo, já com o nome de Ribeiro de Castro (que toma na tal quinta) morre, com 3 kilometros de curso, na mesma freguezia de Perozéllo, na direita do Cávado, pouco acima do barco de Ancêde. Réga e móe.

Ao NO. e a pouca distancia da matriz, está um terreiro, chamado Feira Velha, com uma capella no centro, dedicada ao Senhor da Piedade. N'este terreiro se fazia antigamente uma feira, nas primeiras quartas feiras de cada mez. É por isso que tem aquelle nome.

Era a principal feira do antigo concelho de Entre Homem e Cávado (que é o actual de Amares.)

Foi mudada esta feira, ha muitos annos, para um grande terreiro que ha no centro da freguezia de Ferreiros, onde agora se faz, em todas as quartas feiras do anno.

É muito concorrida de gado vaccum, e geralmente conhecida pelo nome de Feira Nova, (Vide Ferreiros.)

Pelo tal terreiro da Feira Velha se está construindo a estrada districtal, de Barcellos a Montalegre (1874.)

No passal do parocho teem apparecido alicerces e outros vestigios de um antigo edificio. É tradição que houve aqui um convento de freiras benedictinas, que os arabes destruiram.

Ha n'esta freguezia a quinta e casa (ou paço) de Castro, que foi do marquez de Monte-Bello e é agora dos srs. condes da Figueira. A quinta é soffrivel, as casas são grandes, mas estão muito arruinadas. Tem ao E. uma torre quadrada, com ameias, de altura de 14^{m},66.

No lado E. d'esta torre, está o brazão dos Machados, e tem por baixo a seguinte inscripção:

ESTA TORRE MANDOU REFORMAR
ANTONIO E LUIZA, SUA MULHER,

SENHORES DONATARIOS D'ESTE CONCELHO. ANNO DE 1699.

(Adiante tratarei dos Machados e suas armas.)

A entrada principal d'estas casas, é pelo O., e junto ao portão tem outro brazão dos Machados, ainda mais antigo do que o antecedente.

Estas casas teem sido varias vezes concertadas; mas foram reconstruidas (segundo a tradição) por Manuel Machado de Azevedo, senhor das casas de Castro, Vasconcellos e Barrôso, Terras de Entre Homem e Cávado e da villa de Amares, commendador de Sousel, da Ordem de Christo, e sua mulher, D. Joanna da Silva (dama da rainha D. Catharina) e filha de Manuel da Silva, aposentador-mór e alcaide-mór da villa de Soure.

Esta reedificação foi feita por occasião do baptisado de seu filho primogenito, a fim de darem uma esplendida hospedagem aos infantes, D. Henrique, arcebispo de Braga e ministro do baptismo; D. Luiz, duque de Beja (padrinho do baptismo) e a seu irmão, o infante D. Fernando.

No fim da ceremonia, brindou D. Joanna da Silva, os tres infantes, com tres collares, de primoroso lavor e de grande pêso.

O ouro de que foram feitos estes collares, foi extrahido das minas de Freitas, situadas na Ribeira de Térva, entre a freguezia de Ardãos e as aldeias de Sapéllos, povoação da freguezia de Sapiães, e Nogueira, aldeia da freguezia de Bobadella, no concelho das Boticas, comarca de Montalegre, em Traz-os Montes, no antigo territorio chamado Terras de Barrôso.

O povo chama a estas minas, *Pôço* (ou *Póços*) *de Freitas*.

Philippe IV, concedeu, em 1638, a Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, 1.º marquez de Monte-Bello, proprietario, então, d'estes terrenos, uma provisão para explorar aquellas minas, por tempo de 5 annos.

—

D. Affonso V, fez doação do senhorio do concelho de Entre Homem e Cávado, a Pedro Machado, fidalgo da sua casa e trinchante de seu irmão, o infante D. Fernando.

—

Machado é um nobre appellido em Portugal. Principiou em D. Mendo Moniz, rico homem e senhor de Gondar.

Como já tenho escripto tudo o que diz respeito aos Machados, suas armas, e a explicação d'ellas, na freguezia de Gondar, no concelho de Villa Nova da Cerveira, para evitar repetições, remetto o leitor para Gondar.

CARRAZEDO DE MONTE NEGRO—villa, Traz-os-Montes, até 1855 foi da comarca de Chaves, e desde então é da comarca e concelho de Valle Paços, 70 kilometros ao NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 350 fogos, no concelho (extincto) 1:900.

Em 1757 tinha 226 fogos a freguezia.

Orago S. Nicolau, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da Correição de Bragança, provedoria de Guimarães, termo de Chaves.

Era commenda dos marquezes de Fronteira. É terra fertil.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor e tinha um coadjutor, da mesma apresentação, ambos pagos pela commenda.

O *Portugal Sacro* diz que este beneficio era da apresentação alternativa do papa e do arcebispo.

Tinha o reitor 40$000 réis, *seis tostões de ensinar a doutrina*, 8 libras de cêra branca, 3 alqueires de trigo, para hostias, 3 almudes de vinho para missas e de cada fogo 1 alqueire de centeio, ao todo, uns 160$000 réis.

São os d'esta freguezia foreiros á casa de Bragança, que recebia d'aqui annualmente 500 e tantos alqueires de pão.

N'esta freguezia está a Serra de Viduêdo.

CARREÇO ou **CARRESSO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, d'onde dista 6 kilometros ao ONO., 40 ao O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 197 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em fertillissima e formosissima planicie, na costa do Oceano (que lhe fica a O.) e abrigada do N. por a serra do seu nome. Tem dois pequenos portos para barcos de pesca e dois fortins abandonados, á beira mar. A costa aqui é em geral pedregosa e baixa.

É atravessada na extremidade O. pela estrada real de mac-adam, feita em 1857, tendo na mesma, sobre o ribeiro do seu nome, uma pequena ponte de pedra.

No sitio de Monte-Dôr, proximo d'esta freguezia, foi assassinado o emir (ou rei) mouro de Gaia, em 930, pelo rei D. Ramiro II de Leão. (Vide Ariosa, Afife, Ancora e Cale.)

O reitor era apresentado *in solidum*, pela mitra, e tinha 160$000 réis de rendimento.

É uma bellissima freguezia, quasi toda em planicie cultivada e com bonitas e boas casas e quintas, abrigada pelo N. e NE. pela serra de seu nome, e desfructando a magestosa vista de uma larga extensão do Oceano.

CARREGADO—aldeia, Extremadura, antiga freguezia de S. Thiago, hoje de Santo Estevão, de Alemquer, e meieira da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Cadafaes. Foi do concelho da Azambuja, hoje é do concelho e comarca de Alemquer. 120 fogos (Vide Alemquer.)

Situada em extensaa, bonita e fertil planicie sobre a margem direita do Tejo.

É a 8.ª estação do caminho de ferro de Norte e Leste.

CARREGAL—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, foi até 1855 do concelho de Caría e Rua, e desde então é do concelho de Cernancêlhe, da mesma comarca, 30 kilometros ao N. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tem um hospital da Misericordia, muito antigo, administrado por uma irmandade, com soffriveis rendimentos.

O reitor de Caría apresentava aqui o cura; depois passou a ser vigariaria da apresentação do ordinario.

Ha aqui um convento de freiras bernardas, fundado por D. Maria, mulher de Paulo Homem Telles, governador da Beira.

É terra fertil.

Ha mais em Portugal 30 aldeias chamadas do Carregal.

CARREGAL e CURRELLOS—villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 390 fogos, no concelho 2:110.

Tinha em 1757 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu.

É terra fertil.

Os condes de Villa Nova apresentavam aqui o vigario, que tinha 24$000 réis, o pé d'altar e bons passaes, ao todo uns 200$000 réis.

Já antigamente era concelho (do Carregal) com juiz ordinario, um vereador e procurador.

Passa aqui o Mondego.

Feira no Domingo do Espirito Santo.

Eram antigamente duas freguezias. Supponho que Currêllos era freguezia mais antiga do que Carregal, porque vem no *Portugal Sacro* e Carregal não.

CARREGOSA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 8 kilometros a NE., 36 ao S. do Porto, 276 ao N. de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 265 fogos.

Orago S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo da Feira, comarca de Esgueira, e depois, da comarca da Feira.

É da casa do infantado, por ter pertencido primeiro á dos condes da Feira.

Situada em um valle, d'onde se vê o Porto, Aveiro, o mar e outras varias povoações e serras.

Os infantes apresentavam aqui o prior, que tinha de renda 700$000 réis.

É fertil e tem muito gado e caça.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1824, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, que se formou

em direito, pela Universidade de Coimbra: fez-se padre, foi logo feito conego da Sé de Viseu, e pouco tempo depois chantre. Transferiu-se para Coimbra, onde foi deão. Poucos annos depois foi nomeado coadjutor e futuro successor do bispo de Coimbra, tomando conta do bispado por morte do prelado, e foi sagrado em 1872.

É um varão illustrado e virtuoso, digno, a todos os respeitos, da sua rapida fortuna; e dos rarissimos da actualidade, que só deve a sua posição ás suas eminentes qualidades.

—

No logar da Póvoa, d'esta freguezia, ha uma excellente fabrica de papel, com mutor hydraulico. É do Morgado da Póvoa.

Produz annualmente uns 3 contos de réis de papel.

Foi fundada em 1858. Teve mensão honrosa na Exposição Industrial Portuense, de 1861.

CARREGOSA—aldeia, Beira Baixa, na freguezia da Gésteira, foi até 1855 do concelho da Abrunheira, hoje é comarca e concelho de Soure, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 280 fogos na freguezia, da qual é orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em 1854 appareceu aqui, em uma escavação que andava fazendo o parocho, uma cabeça humana de enorme grandeza (que pesava mais de 15 kilos) atravessada por uma lança de páo; uma farradura e uma laranja, tudo petrificado. Tambem appareceu um busio e muitas conchas.

Note-se que esta povoação está longe de rios e muito acima do nivel do mar.

Os povos d'estes arredores, crêem que ha por aqui muitos objectos de ouro, prata e diamantes *encantados* pelos mouros.

Crêem tambem que a imagem do patriarcha S. Bento (de pedra) que se acha em uma capella d'esta aldeia de Carregosa, fôra achada aqui perto, em uma lapa, chamada Costa de S. Bento; e que a tal imagem trazida para a capella, tornava a fugir; até que foi preciso arranjar-lhe um S. João Baptista, não só para lhe fazer companhia, mas tambem para estar de sentinella. Na capella só ha aquelles dois santos.

Ainda em 1843 ou 1844, pretendendo-se fazer uma procissão na matriz, o povo se oppôz a que da capella sahisse o S. João, para ir em um andor, com receio de terem depois de andar em procura de S. Bento.

Ha em Portugal mais 4 aldeias d'este nome.

CARREGOSO—aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis.

Possue aqui uma excellente casa e uma magnifica quinta, o sr. Antonio Gomes Brandão, feito, em 1870, visconde de Carregôso.

CARREGUEIROS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Thomar, 130 kilometros a NE. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

Prelasia de Thomar (Patriarchado de Lisboa) districto administrativo de Santarem.

Situada em um monte, d'onde se vêem muitas serras desertas.

Era commenda das freiras de Christo, de Thomar, que apresentavam o vigario e seu coadjutor. Tinha o primeiro, 2 moios de trigo, dois de cevada, 20$000 réis em dinheiro 26 almudes de vinho môsto e 6 alqueires de azeite. O segundo, 2 moios de trigo, mais 6 alqueires para hostias, 6$000 réis em dinheiro, mais 3$200 réis para cêra, 13 almudes de vinho môsto e 4 alqueires de azeite; tudo pago pela commenda. Ambos eram freires de Christo e collados por consulta da Mesa da Consciencia, precedendo exame na prelasía de Thomar.

Na capella de Santo Antonio dos pégões, está um tumulo, a que serve d'armas um leão, e no tumulo, a inscripção seguinte:

Aqui jaz Nuno Gonçalo de Meira, collaço do infante D. Affonso V, filho d'elrey D. João (o I.) e foi o dito rey á tomada de Ceuta e se achou na do cerco; e foi á Canaria, a primeira vez que foi descoberta, onde ficou captivo, e por ordem do virtuosissimo infante D. Henrique foi resgatado; e se

finou a 7 de novembro, na era do Senhor J. Christo, de 1450.

É terra muito fertil em azeite; mas do mais medeanía.

A agua da fonte de S. Miguel, cura (dizem) molestias cutaneas.

Do sitio dos Pégões, n'esta freguezia, vão encanadas, sobre arcos de pedra, as aguas para o convento de Christo, de Thomar. Diz o padre Cardozo, que este aqueducto, na sua maior altura tem cem braças (220 metros!) e por cima d'elle caminho para se poder andar. (É impossivel que aqui não haja cifra a mais!...)

Tem 3 kilometros do comprido. Tem tres mães d'agua, uma no principio, outra no meio e outra no fim do valle. N'esta ultima que é de abobada, de bella architectura, em uma pedra que está na parede, e sob as armas de Portugal, está esta inscripção:

O invictissimo e muito catholico rey Philippe I, do nome, de pia e venerada memoria, com real liberalidade, mandou fazer este aqueducto, em o anno de 1595. Com a mesma o augustissimo e christianissimo rey D. Philippe, seu filho, segundo do nome, a fez acabar, em 1613.

No mesmo sitio, do lado de cima, fica outra fonte, chamada do Valle, com 3 olhos d'agua, de bôa qualidade, a qual tem aqueducto e bastantes pégões, para o lado da fonte que vae para o dito convento de Christo, onde tambem a quizeram levar; mas, por não poder subir, ficou frustrada a muita obra que já para isto se tinha feito.

Ha n'esta freguezia outras mais fontes, e passa pelos confins d'ella o rio Nabão, que réga e móe.

CARREIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Era antigamente do termo e correição de Barcellos, provedoria de Vianna, visita de Vermuim e Faría.

É da casa de Bragança.

Situada em um dos mais bellos sitios da provincia; por ser todo povoado de aldeias tão unidas, que em um espaço de 2 kilometros se contam 12 freguezias.

A casa de Bragança apresentava o abbade que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

CARREIRA (e sua annexa *Fonte Coberta*) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Miguel, archanjo

Em 1757 tinha 128 fogos.

Era antigamente do termo de Villa-Chan. É da casa de Bragança.

Situada parte em valle e parte em monte, e d'este se vê Braga e varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 340$000 réis. O abbade apresentava o cura do Salvador da Portella das Cabras.

Ha aqui uma capella de Nossa Senhora da Penha, assim chamada por ser fundada em uma penha, junto á torre de *Penegate*. Esta torre é antiquissima e edificada sobre uma penha. E' de bella cantaria e tinha ameias, mas teem-lhe cahido quasi todas.

Tem 66 palmos d'álto e 35 de largo.

Esta freguezia era antigamente sugeita ás justiças de Villa-Chan. Fertil.

CARREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto. Orago S. Thiago, apostolo.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia. Fertil.

Situado em um valle, do qual se veem varias povoações.

O abbade de S. Christovão, de Refojos (que aqui recebia os dizimos) é que apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis.

Tambem foi concelho, e tinha ouvidor ordinario, eleito pelo povo e confirmado pella camara do Porto, á qual era sujeito.

Ha mais em Portugal 70 aldeias chamadas da Carreira.

CARREIRAS — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Portalegre, 185 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Situada na Ponta de uma serra, entre as villas de Marvão e Castello de Vide.

D'esta freguezia se veem as villas do Crato, Flor da Rosa, Valle do Pêso, Alpalhão, Niza e aldeia da Lagôa.

O cura era da apresentação ordinaria, e tinha 3 moios de trigo, de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes.

CARREIRAS (S. Thiago) — freguezia, Minho. Foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa-Chan, desde então é comarca e concelho de Villa Verde, por ter sido supprimida aquella comarca, e concelho de Villa Chan: 12 kilometros de Braga, 382 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago apostolo.

Em 1757 tinham 78 fogos, (a freguezia de S. Thiago e a seguinte, de S. Miguel.)

Éra antigamente da correição de Barcellos, provedoria de Vianna, termo de Villa-Chan.

E' da casa de Bragança.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento 360$000 réis.

Ha n'esta freguezia a capella de Santa Helena, ao pé do monte do Castello, á qual, em 3 de maio, vão muitos clamores, das freguezias visinhas.

E' terra muito fertil.

Pelo meio da freguezia corre um ribeiro anonymo que réga e móe. Desagua no Cávado, junto á villa do Prado.

Esta freguezia e a seguinte, ainda em 1757 formavam uma só, cujo Oragg era S. Thiago.

CARREIRAS (S. Miguel) — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho e distancias isto é foi da comarca de Pico de Regalados, e concelho de Villa Chan até 1855, e sendo então supprimidas estas duas circumnscripções, passou a ser da comarca e concelho de Villa-Verde, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrattivo de Braga.

Orago S. Miguel.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Era pois, como a antecedente, do que foi desmembrada, antigamente da comarca de Barcellos, provedoria de Vianna, termo de Villa Chan.

E' tambem da casa de Bragança e muito fertil.

Atravessada pelo mesmo ribeiro.

Houve aqui uma antiga torre, de que ainda ha vestigios, onde viveu D. Egas Paes, de Penegate, senhor do couto d'este nome e do concelho de Villa-Chan, grande valido do conde D. Henrique.

Junto aos alicerces da tal torre velha, ha outra torre mais moderna.

O arcebisdo apresentava o abbade por concurso synodal, e tinha de rendimento (o abbade) 330$000 réis.

CARRICHE ou **CALÇADA** de **CARRICHE** — aldeia da Extremadura, freguezia de S. João Baptista do Lumiar, termo, districto, comarca e 8 kilometros ao NO. de Lisboa, 24 fogos, 90 almas.

Situada sobre a estrada real, que de Lisboa conduz a Loures, e proximo do Lumiar e tambem na estrada para Odivellas (que é a mesma do Lumiar.)

No fundo da Calçada de Carriche, está uma hospedaria que pomposamente se intitulou «*Hotel de Nova Cintra.*»

E' por isto que muita gente vae chamando a este sitio *Nova Cintra.*

Em Nova Cintra é a quarta estação do Caminho de ferro Larmanjat de Lisboa a Torres Vedras.

Tem esta povoação tido bastantes melhoramentos, e, como é muito concorrida das familias de Lisboa (principalmente no verão) é bastante provavel que ainda venha a, merecer o nome de Nova Cintra.

Pouca adiante de Carriche ha um largo, onde a estrada se divide em dois ramaes. O que segue direito, conduz á Póvoa de Santo

Adrião, Mealhada, Loures, e outras terras dos arrabaldes de Lisboa, e depois a Torres Vedras. O da esquerda vae para Odivellas e outras povoações.

Ao tal largo se chama O Senhor Roubado, por causa de uma capella que alli está, da invocação do Senhor Jesus Roubado. A origem d'esta capella e do seu titulo, é a seguinte, (segundo a relação que do facto dá o padre Luiz Montez Mattoso, prégador e notario apostolico, em um folheto publicado em 1745.)

Na noite de domingo para segunda feira, 10 para 11 de maio de 1671, Antonio Ferreira, trabalhador e moço de soldada, entrou na egreja matriz d'Odivellas (em quanto um rapaz tocou a trindades) e se escondeu em uma mesa. Pela noute morta, foi ao altar-mór e depois de roubar a Nossa Senhora do Rosario umas contas d'ouro, ao Menino Jesus os seus vestidos, e cortar o espaldar do docel; abriu violentamente a porta do sacrario, tirou d'elle os vasos sagrados, e indo abrir o em que estava o SS. Sacramento, com a força que fez quebrou a cruz do remate, e comeu as hostias. (N'este ponto e quando o ladrão sacrilego hia a apoderar-se de 10 ou 12 particulas consagradas diz o padre Mattos lhe deu tamanho pé de vento, que cahiu sem sentidos.

Tornando a si, pegou nos vasos, luneta, corporal e sanguinho, que estavam no sacrario. Decorreu pelos mais altares da egreja; despiu a imagem de Nossa Senhora do Egypto e descompoz as mais que encontrou. Achando em uma gaveta o Santo Sudario, envolto em um bocado de tafetá encarnado, levou este e deixou aquelle. Tirou a bola da alampada da capella-mór e uma toalha do altar d'ella e embrulhando tudo na frontaleira da mesa, se sahiu da egreja, fazendo caminho para Lisboa; mas vendo que hia rompendo o dia, entrou em um silvado e matta de caniços (onde hoje é a capella do Senhor Roubado) e alli escondeu o roubo, para o hir buscar em melhor occasião.

Todas as justiças civis e ecclesiasticas procederam rapida e escrupulosamente ás mais rigorosas investigações para descobrir o roubo e o ladrão; mas foi inutil.

Em 16 de julho seguinte, se descobriram no tal silvado, casualmente, os dois vasos sagrados, atados em um lenço, faltando no dourado, a cruz do remate. Tambem então aqui se encontraram em uma trôxa, os vestidos da Senhora e do Menino e os mais objectos roubados.

Mas, por mais diligencias que se fizeram, não foi possivel descobrir o criminoso.

Na noite de 16 de outubro do mesmo anno foi preso um ladrão que andava a furtar gallinhas, dentro da cêrca do mosteiro de Odivellas. Era o tal Antonio Ferreira. Trazia no bolso a cruz de prata do remate do vaso sagrado. Estava finalmente descoberto o ladrão sacrilego.

Entregue aos tribunaes competentes, foi condemnado a baraço e pregão, arrastado pelas ruas de Lisboa, teve as mãos cortadas e queimadas, á sua vista, e sendo subido a um alto poste, ahi foi garrotado e depois queimado, e suas cinzas lançadas ao mar; isto por accordão da Relação, de 20 de novembro do mesmo anno, que foi executada a 23 no Rocio de Lisboa.

No sitio onde o roubo esteve escondido, se espetou no chão uma cruz de pau, mas como apodrecia em pouco tempo, collocaram outra em uma oliveira.

Em outubro de 1742, indo para a pedreira de Paradella, o irmão Antonio dos Santos Prazeres, da congregação dos descalços de S. Paulo, primeiro eremita (a quem a casa do Senhor da Boa Morte, de Buenos Ayres, de Lisboa, deveu grande parte da sua fundação e augmento) encommendar pedraria para as obras da referida casa, chegou á calçada de Carriche, junto a um painel das almas, onde, como já disse, convergem as duas estradas, e subiu a uma cortina de pedra e cal, que divide uma levada de agua que alli corre (ou corria) de inverno. Viu uma matta de caniços, algumas cêpas de vidé e uma oliveira, na qual estava pregada uma cruz, feita de uma estreita tábua, pintada de vermelho. Entendeu que esta cruz indicava o sitio onde morrera algum christão e lhe resou pela alma. Na volta, pelo mesmo sitio, achou alli um lavrador que lhe disse o que aquella cruz memorava.

Não consentia o animo do bom do padre que se conservasse quasi esquecido e com tão pouca decencia o logar onde tinham estado por 37 dias tão sagrados objectos do culto christão, e por muitos mezes scismou nos meios de construir um padrão mais duradouro, que recordasse o facto.

A primeira cousa que fez foi o risco para a *memoria*. Depois, foi a casa de Luiz Paulino da Silva e Azevedo, escrivão da camara de sua magestade, na mesa do desembargo do paço, que era o senhor da terra em que a cruz se achava, a pedir-lhe licença para fazer a obra. Azevedo respondeu que o que o padre queria era muito prejudicial para elle, Azevedo, porque a concorrencia do povo, que decerto se seguiria áquelle sitio, lhe talaria e devastaria as propriedades adjacentes, mas, que, emfim, consultaria com sua mulher (D. Maria Michaella Joaquina de Seixas) que deixasse o risco e viesse saber a resposta d'ahi a tres dias.

Não faltou o irmão Antonio no dia indicado, e Azevedo lhe disse que, não só lhe dava licença para construir o monumento, mas tambem concorreria com o que podesse, para ajuda das despezas.

De casa de Azevedo foi ao paço do cardeal patriarcha, pedir a este, beneplacito para a desejada construcção, que o prelado de muito boa vontade lhe concedeu; mandando-o porém dar parte ao prelado do seu convento, que tambem lhe deu licença.

Obtidas todas as licenças indispensaveis, faltava o melhor ao bom do padre — era dinheiro — mas não esmoreceu. Chega á pedreira de Paradella e todos os cabouqueiros lhe offereceram de muito boamente toda a pedra precisa para a obra; e os lavradores d'aquelles sitios se offereceram para a transportar gratuitamente.

D. Leonor de Menezes, condessa de S. Thiago (de Beduido) lhe emprestou uma das casas da sua quinta de Odivellas, para n'ella habitar o padre, e alli lavrar a cantaria, ordenando ao caseiro que désse ao padre tudo quanto elle pedisse.

D. Luiza Maria de Moura, abbadessa do real mosteiro de S. Dionysio (de Odivellas) lhe mandou o sustento em quanto durou a obra.

Na quinta feira, 14 de maio de 1744, começou o irmão Antonio a lavrar por suas proprias mãos, as principaes peças do padrão, isto é, a cruz, com o crucifixo do remate, e outras, em que esculpiu a figura do vaso sagrado, guardado por tres seraphins. Aos pedreiros que lavravam as outras mais simples, pagava com as esmolas que obtinha dos devotos.

Estando tudo concluido, se assentou o padrão, em uma quinta feira, 5 de novembro de 1744, com grande alegria do padre e de toda a gente dos arredores.

Para que a todo o tempo constasse a razão d'esta memoria, se gravou na parte dianteira do padrão e no pedestal d'elle, a inscripção seguinte:

AQUI
OCCULTOU A INGRATIDAM
DO MAYOR ROUBO A INSOLENCIA;
MAS LEVANTOU A CLEMENCIA
A MEMORIA DO PERDAM.
—
ESTE PIEDOSO PADRAM
COM ETERNA DOR SE LEYA:
AQUI HUM ATROZ LADRAM,
ÁS DUAS DA NOITE, E MEYA,
OS CÉOS ENTERROU NO CHAM.
—
CAZO DE ODIVELLAS, SUCCEDIDO NO ANNO DE 1671.
ESTE PADRAM SE FEZ NO ANNO DE 1744.

Para memoria do logar onde esteve enterrado o vaso com as sagradas reliquias, os 37 dias que já disse, levantou o irmão Antonio um pequeno padrão, junto ao grande, e no seu remate, que é espherico, lhe gravou as lettras seguintes:

LOGAR DO ENTERRO.

Principiou logo este logar a ser muito concorrido e o povo a venerar o *Senhor Roubado* (nome que logo geralmente se lhe deu) encommendando-se a elle em todas as suas tribulações, e dando-lhe muitas esmolas.

O prior do Lumiar, sob pretexto de que o padrão estava nos limites da sua freguezia, se quiz logo apoderar de todas as esmolas que os fieis davam ao Senhor, para ajuda das suas obras. Acudiu o irmão Antonio e

se combinou em nomear um thesoureiro provisorio para receber as esmolas e entregar a quem o ordinario mandasse.

O irmão Antonio foi a Santo Antonio do Tojal, ao retiro onde então se achava o cardeal patriarcha de Lisboa, e expoz a este prelado o que havia, e supplicando-lhe que quando regressasse a Lisboa viesse pelo Senhor Roubado, pois lhe ficava no caminho, para dar as providencias. O patriarcha na volta assim fez, e determinou que as esmolas fossem applicadas exclusivamente para se fazer um *cobérto* ao cruseiro e para as mais obras n'elle necessarias; o que se cumpriu.

Prohibiu n'esse acto que alli se consentissem bailes, comedias, ou quaesquer outras acções profanas.

D. Fernando de Sousa e Silva, prelado da santa basilica patriarchal, filho dos condes de S. Thiago, prometteu todo o azeite necessario para a alampada do Senhor Roubado, em quanto fosse vivo, e cumpriu sempre religiosamente a sua promessa.

—

Com o producto das esmolas, se construiu, poucos tempos depois, a capella, que é a actual.

—

Proximo e em frente da capella, fica a célebre aldeia da Ameixoeira, hoje freguezia, e que quando pertencia á parochia do Lumiar (da qual foi desmembrada em 1536) se chamava Funchal. Vide Ameixoeira.

CARRIL—em portuguez antigo é o mesmo que *caminho de carro*. Ha em Portugal varios logares d'este nome, e até ha uma aldeia do Carril que já teve visconde.

CARROCÊDO—vide Carocêdo.

CARROS ou **A DOS CARROS** ou **S. SEBASTIÃO DOS CARROS**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 120 kilometros a O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o capellão curado, que tinha de rendimento 2 moios de trigo, 1 de cevada e dez mil réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes.

CARTAXINHO—vide Condeixa Velha.

CARTAXO—villa, Extremadura, comarca de Santarem, 72 kilometros a NE. de Lisboa, 1:160 fogos, 4:600 almas, no concelho 1:900 fogos.

Em 1757 tinha 550 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Grande feira a 1 de novembro, 6 dias.

D'aqui se vê Santarem e os campos de Vallada.

As commendadeiras de Santos, de Lisboa, apresentavam o vigario, que tinha 100$000 réis.

Tem um convento de frades franciscanos, observantes, da provincia de Portugal.

No bosque que está proximo ao convento, houve, em 18 de novembro de 1810, um pequeno combate, sem consequencia, entre as tropas portuguezas e os invasores francezes de Massena.

Tem Misericordia e hospital.

É uma bonita villa, construida á moderna. Seus arrabaldes são muito bem cultivados, aprasiveis e muito ferteis. Produzem muito e optimo vinho, que se exporta para Lisboa e para o estrangeiro.

Tem foral velho, dado por D. Diniz, em Leiria, a 21 de março de 1312, e confirmado por D. João II, em Santarem, a 27 de junho de 1487, e segunda vez confirmado, tambem em Santarem, por D. Manuel, em 4 de novembro de 1496. Esta confirmação dada por D. Manuel, não é classificada como foral novo, mas é a que o substitue.

Os foraes chamados novos, só se principiaram a dar em 1500. (Vide o cap. 51.º)

CARTUXA—O convento de frades (monges) *cartuxos* é situado a distancia de 1 kilometro a NO. da cidade de Evora, e junto da estrada que segue para Arrayolos e Monte-Mór-Novo. Foi este convento e a sua extensa cêrca, fundado pelo arcebispo de Evora, D. Theotonio de Bragança, de 1587 a 1598, mandando vir monges da Catalunha, que foram os primeiros que habitaram este convento.

D. Theotonio de Bragança foi um grande

prelado, famoso e illustre, não só pelo sangu e e riquezas, mas pela humildade e pobreza em que quiz viver, para dispender as suas immensas rendas em instituições de caridade e em soccorrer, por todos os modos que lhe era possivel, os desgraçados. Em Evora tratarei de mais alguns estabelecimentos pios fundados por este santo e illustre varão.

O mesmo arcebispo o doou, com os terrenos circumvisinhos que lhe pertenciam, aos monges, em 15 de junho de 1598, por escriptura publica feita em Evora.

Chamava-se Convento da *Scala Dei*. Este e o de Laveiras eram os unicos d'esta Ordem que havia em Portugal. Apenas tinham um hospicio em Lisboa. Tambem se dava vulgarmente a estes monges o nome de Brunos, por serem da Ordem de S. Bruno, que a instituiu nas montanhas de Saboya, pelos annos de 1082. Seguiam a regra de S. Bento. Era da sua instituição empregarem-se nos trabalhos ruraes, que eram a principal occupação das suas communidades. E com effeito grandes serviços prestaram os cartuxos (assim como os frades de Alcobaça, Lorvão, Tibães, Pombeiro, etc.) ao aperfeiçoamento e desenvolvimento da agricultura em Portugal.

Os frades cartuxos vieram habitar este convento em 15 de dezembro de 1598, tendo estado aposentados nos paços reaes desde 8 de setembro de 1587.

Nicolau Agostinho, affirma que D. Theotonio de Bragança dispendeu com a fundação d'este convento, nos bens com que o dotou e nos seus paramentos, 150:000 crusados. (Foi *desamortisado* por 57:200$000 réis, abatendo d'isto 9:000$000 réis que o governo aqui gastou inutilmente, como adiante digo, veio a receber 48:200$000 réis, isto é, menos de 121:000 crusados da actual moeda, que é o mesmo que dizer que foi vendido por a quinta parte do seu custo, attendendo á moeda do seculo XVI). Tambem deu ao convento 7 escravos, a maior parte, a 40$000 réis cada um. Como combinaria o bom do arcebispo a sua provada caridade com a escravidão? Que época aquella! Um escravo deixava de ser uma pessoa para ser uma cousa.

Tendo D. João d'Austria destruido este convento quando sitiou Evora, em 1663, D. Pedro II deu ao prior da Cartuxa, D. Bernardo de S. José, 26:000 crusados para a reedificação da egreja, o que teve logar até ao fim do seculo XVII.

(Tudo o mais que diz respeito a este convento, veja-se em Evora e Laveiras.)

Ficou porém estipulado na referida escriptura de doação, de 1598, que — *caso viesse a acabar a communidade, revertería tudo para o collegio de donzellas pobres desamparadas, que o mesmo arcebispo instituira na rua da Lagoa, na casa que foi da familia do capitão Manuel de Sousa de Sepulveda.* (Hoje é uma fabrica de moagem.)

Em 1834, o governo (sem attender á clausula terminante da doação) apoderou-se do convento e cêrca, arrendando-os por sua conta, e estava para ser vendido; mas a Casa Pia d'Evora (á qual tinha sido encorporado o Collegio das donzellas) conseguiu fazer valer os seus direitos e tomou conta do convento e dependencias.

Em 1857, foi pela Casa Pia arrendado isto a uma sociedade constituida em Evora com o fim de ensaiar na quinta machinas agricolas modernas e novos processos de agricultura.

Em 1863, comprou o estado por treze contos de réis, á Casa Pia, a quinta da Cartuxa, para alli se constituir a escola regional, conforme o decreto de 16 de dezembro de 1852.

Até 1869, gastou o estado 9:000$000 réis em ordenados a empregados e em fazer curraes e cavallariças (sem gado!)

Em 8 de abril de 1869, um decreto aboliu as escolas regionaes, e lá se foi o dinheiro e um estabelecimento que podia e devia ser uma optima escola pratica para o ensino dos varios ramos agricolas, tão descurados em Portugal.

O rico capitalista e grande proprietario, o sr. José Maria Eugenio d'Almeida, de Lisboa, comprou, em fevereiro de 1871, o convento da Cartuxa, ao governo, por vinte e tres contos de réis.

Agora está em poder de quem póde e quer fazer d'isto uma bellissima e productiva vivenda.

Para noticias mais circumstanciadas d'esta Ordem, vide Laveiras.

CARTUXA DE LAVEIRAS—vide Laveiras e Caxias.

CARTÉIA—famosa cidade da Lusitania. Alguns escriptores dizem que Carteia era na costa do Algarve, onde hoje é a aldeia da Quarteira ou Carteira. *(Sanct. Marianno*, tom. 6.º, liv. 2.º, pag. 377 e outros auctores que elle segue).

O mar tem arruinado e desfeito muitas ilhas do nosso litoral.

Salgado *(Mem. para a Hist. Eccles. do Alg.)* diz que descobriu muitos vestigios de antiguidades na Quarteira, e que a torre a que hoje chamam de Vigia, talvez seja a famosa dos antigos.

Era Carteia cidade maritima e famosa por suas pescarias e marinhas de sal, no tempo dos phenicios, carthaginezes e romanos. Os gregos lhe deram o nome de *Tartesso*. Pescava-se aqui muito atum, *trinchiadas* (sardinhas) etc., que se vendia e exportava secco

O mesmo Salgado diz que viu aqui, na mão de um curioso, duas medalhas de prata, achadas na Quarteira, e bem conservadas.

Em uma se via uma cabeça laureada e no reverso um delfim, tendo por cima a legenda «*Lucius Marcius*» e por baixo «*Carteia*». A outra era ornada de muitos symbolos: na parte mais nobre se via um delfim e um tridente, posto horisontalmente, parecendo ferir o tal peixe, e por baixo «*Carteia*», no reverso, um leme, e em cima IIIIVIR, e por baixo D. D. *(decreto decurionum)*.

No tempo dos romanos, era Carteia sua alliada, e aqui se refugiou Lelio com a sua esquadra, depois que Scipião tomou Carthagena. O filho de Pompeu, vencido por Cesar, junto a Munda, se retirou a Carteia, onde havia um presidio maritimo, e alli se apoderou de 30 galeras ou fragatas.

—

Jorge Cardoso diz que aqui prégou o Evangelho, Santo Hesychio, ou Isco, pelos annos 40 de Jesus Christo.

É certo que na costa do Algarve havia uma cidade de Carteia, além de duas do mesmo nome que havia ao sul do Guadiana, uma das quaes é a actual Cadix.

—

Pomponio Mella (hespanhol) diz que na Lusitania havia uma ilha chamada Carteia, ou Erythia, que foi habitada por Geryão. Collige-se que isto era uma grande ilha (outros até dizem que era o prolongamento do nosso continente, que chegava até á Madeira e Porto Santo) que o mar ou algum grande terremoto, em tempos de que não ha memoria, destruiu, reduzindo-a ao que hoje está, isto é, a um grupo de ilheus. Segundo este escriptor ás Berlengas se chamava ilha Carteia.

Podia ser nas Berlengas a ilha de Carteia e na Quarteira a cidade de Carteia; mas eu, em vista de tanta Carteia, quer-me parecer que Carteia é nome generico de cidade, fortaleza ou ilha, no litoral.

CARULHA ou **GARULHA**—portuguez antigo, *carócha* (insecto).

CARVA — freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Villa Pouca de Aguiar, concelho de Alfarella de Jalles, e desde então da comarca de Alijó, concelho de Murça, 95 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Tres Minas apresentava aqui o vigario, que tinha 45$000 réis.

Muito bom mel e cêra, algum vinho e castanha; do mais pouco. Cria bastante gado e seus montes têem muita caça.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

CARVALHAES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 90 kilometros ao NO. de Miranda, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Mirandella, mas da comarca da Torre de Moncorvo.

Eram seus donatarios, até 1759, os Tavoras. Desde então ficou sendo da corôa.

Situada em campina d'onde se vê Mirandella.

O reitor de Mascarenhas apresentava aqui o cura, que tinha 10$500 réis em dinheiro, 30 alqueires de trigo, 12 almudes de vinho e o pé d'altar.

É terra fertil. Produz muita fructa e hortaliças, bons repôlhos e optimos melões.

Corre por a freguezia o rio de Lôbos, que nasce em Macêdo de Cavalleiros e morre no Tuella, proximo a Mirandella.

CARVALHAES—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 24 kilometros ao NO. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 269 fogos.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Lafões.

Situada em uma planicie, encostada á serra d'Arada, d'onde se descobrem muitas povoações.

A Misericordia de Viseu e os descendentes de D. Isabel Maria da Camara apresentavam aqui o abbade, que tinha 500$000 rs.

É terra muito fertil e produz muito bôa fructa.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa a 10 de março de 1514.

A egreja d'esta freguezia era, *in solidum*, de Pedro Moniz Buchicho e de sua mulher Maria Cides, d'Alafões, os quaes doaram metade d'ella ao mosteiro de Paço de Sousa. Depois: impugnando esta doação Martim Peres Buchicho, filho dos doadores, se justou com o dito mosteiro, em 7 de julho de 1228, que apresentasse juntamente, os frades com elle e seus descendentes, Buchichos, a egreja. Em 1455, por contracto com os herdeiros do Buchicho, passou a ser do padroado exclusivo do mosteiro. Por sentença da Legação apostolica, de 25 d'agosto de 1787, foi assim julgado, declarando-se n'ella que nunca esta egreja foi do padroado real. Não pude saber quando este padroado passou para a Misericordia de Viseu e para a tal D. Isabel Maria da Camara: é certo que foi no fim do seculo XVIII.

CARVALHAL e **ATALAIA**—já está em Atalaia e Carvalhal.

CARVALHAL—aldeia, Douro, uma só casa da freguezia de Santa Maria do Valle e o resto da de Romariz, comarca concelho e 10 kilometros a L. da Feira, 30 ao S. do Porto, 282 ao N. de Lisboa, 60 ao NO. d'Aveiro, 17 fogos.

É terra fertil.

Ha aqui pedreiras de bello feldespatho, branco e verde, e uma grande veia de kaolim.

Passa proximo o rio *Inha*, que réga seus campos e móe. Morre na esquerda do Douro, no sitio da *Foz da Inha*, um kilometro abaixo de Péde-Moura, e 24 a E. do Porto, com uns 20 kilometros de curso, desde Escariz, onde nasce.

Optimo granito, em grande abundancia, que vae para varios edificios, alguns a mais de 6 kilometros de distancia.

Ao N. d'esta aldeia, a uns 400 metros de distancia, está o môrro da Golfareira. N'elle havia uma monstruosa anta, a que chamavam o Penêdo da Golfareira. Os pedreiros a destruiram, para cantaria.

Viveu aqui muitos annos uma cobra gigastesca, que era o terror do povo. A bicha da Golfareira, ente pacifico, socegado e inofensivo, do qual não consta um unico acto aggressivo, um só momento de máo humor, fez apesar d'isso, dar prodigiosos saltos á mais de quatro. Dois machos, carregados de azeite, que a viram, tomaram tal mêdo, que na força da fugida rebentaram as cordas e os ôdres.

Esta cobra deixou d'apparecer desde 1840 Segundo diziam os velhos d'aqui, tinha mais de 100 annos. Até, se é certo o que dizem os mais entendidos na materia, era uma moura encantada!

CARVALHAL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Payo.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Era antigamente do termo de Barcellos, mas da comarca de Vianna.

O D. prior da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CARVALHAL — aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, e 48 kilometros de Lisboa.

Arcebispado e districto administrativo de Lisboa.

E' a 16.ª estação do Caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Torres Vedras. É fertil.

CARVALHAL — freguezia, Beira-Baixa, concelho e comarca de Méda, 54 kilometros de Lamego, 348 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 58 fogos.

E' terra fertil.

Era antigamente da comarca e termo de Pinhel.

O abbade de Santa Maria da Atalaia apresentava aqui o cura, que tinha 13$000 réis, 6 arrateis de cêra fina, e o pé d'altar.

Passa aqui a ribeira de Pinhel, que réga e móe.

Ha em Portugal 107 aldeias d'este nome, além das descriptas.

Esta freguezia era do concelho de Marialva, supprimido em 24 de outubro de 1855, e passou então para o concelho de Foscôa. Em 18 de dezembro de 1872 passou a ser do concelho da Méda.

CARVALHAL DE OBIDOS—freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, até 1855 foi do concelho do Cadaval, passando então para o de Obidos, 72 kilometros a NE. de Lisboa, 350 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria. Tinha juiz da vintena.

Orago Senhor Jesus.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Chamava-se antigamente Carvalhal de Soeiro, depois se chamou Carvalhal d'Obidos. Era da correição de Leiria, provedoria d'Alemquer, termo d'Obidos. Fertil.

Foi seu primeiro orago *S. Pedro de Finis, Terræ* (por ficar nos confins occidentaes da terra) Os principaes da patriarchal de Lisboa e o prior e beneficiados da egreja de Santa Maria, d'Obidos, apresentavam simultaneamente, aqui o cura, e lhe davam um moio de trigo, um tonel de vinho, 30 alqueires de cevada e o pé d'altar. Tinha mais 6$000 réis por administrar os sacramentos aos povos das aldeias de Barrocalvo, Salgueiro, Sanguinhal e mais sete casaes, que são da freguezia de S. Thiago d'Obidos. Estes 6$000 réis lhe eram dados pelo prior e beneficiados da egreja dita, de S. Thiago, d'Obidos.

Faz-se aqui uma grande romaria ao Senhor Jesus, muito concorrida dos povos da freguezia e arredores.

CARVALHAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa. 54 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

O reitor de Valle de Ladrões apresentava o cura, e tinha (o cura) 6$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

E' terra pobre e pouco fertil.

CARVALHAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 40 kilometros de Coimbra, 180 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Patriarchado de Lisboa (por ser isento do Grão Priorado do Crato) districto administrativo de Castello Branco.

Orago Nossa Senhora do Amparo.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*. E' provavelmente creação moderna.

E' terra fertil.

CARVALHAL-BEM-FEITO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 108 kilometros ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Orago Nossa Senhora das Mercês.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Era antigamente da comarca de Leiria,

termo da villa de Santa Catharina, e de Selir do Matto, coutos d'Alcobaça.

Situada em um valle muito ameno (d'onde lhe vem o nome) e do qual se vêem varias povoações.

E' terra fertil.

O abbade dos bernardos d'Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha um moio de trigo e uma pipa de vinho, que lhe pagavam as freiras do convento de Cós (que aqui recebiam os dizimos) 10$000 réis em dinheiro, que lhe dava o convento d'Alcobaça, e 2$000 réis que lhe dava o prior da villa d'Alvorninha.

CARVALHAL MEÃO — freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho e 18 kilometros da Guarda, 300 ao SS. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Thiago.

Em 1757 tinha 54 fogos.

O thesoureiro mór da Sé da Guarda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil.

CARVALHAL REDONDO — aldeia, Beira-Baixa, 3 kilometros ao S. d'Alpedrinha. Suppõe-se que é a antiga Petrata dos romanos.

Vide Alpedrinha.

CARVALHAL REDONDO — freguezia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Cannas de Senhorim, 15 kilometros de Viseu, 270 a NE. de Lisboa, 340 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu. Orago S. João Evangelista.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Era antigamente do concelho de Cannas de Senhorim, mas da comarca de Vizeu.

E' terra fertil.

Situada em planicie, donde se vêem varias povoações.

Os abbades de Santar e de Cannas de Senhorim apresentavam alternativamente o cura, que tinha de 60$000 réis.

Passam pela freguezia as ribeiras de Santar e Carvalhal, que régam e móem.

CARVALHAL DE VERMILHAS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Simão, apostolo.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Era do concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vousella, e em outubro de 1871 passou a ser da comarca e concelho de Vousella. Era dos duques de Lafões.

O vigario de Cambra apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de rendimento, e o pé d'altar. E' terra fertil.

CARVALHAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do termo de Barcellos, mas da comarca de Vianna.

É terra fertil.

Situada junto ao Monte da Saya.

O reitor de Santa Eulalia de Rio Côvo apresentava o vigario. collado, que tinha 40$000 réis.

CARVALHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa á freguezia de Montouto.

(Vide Montouto.)

CARVALHEIRA — freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então é da de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 30 kilometros ao N. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Payo, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Sequeirós de Terras de Bouro.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis.

É terra muito fertil.

No *antigo regimen*, gosava dos grandes privilegios concedidos pelos nossos reis ao concelho de Terras de Bouro, sendo os principaes não darem soldados nem concorrerem para as guerras com coisa alguma.

Mas tinham obrigação de, em tempo de guerra, defenderem o ponto da Portella do Homem das invasões dos gallegos e castelhanos, á sua custa.

Passa aqui o rio Homem, e n'esta freguezia se lhe junta, no sitio do Pontido, o ribeiro Fervêda ou Alfervêda.

Nos limites d'esta freguezia e da de Cibões, se sóme o rio Homem, uns 80 metros por baixo do chão.

A este *tunnell*, natural ou sorvedouro, se dá o nome de Pontído ou Rio Sêeco. (Vide Pontído.)

Esta freguezia está situada em umas collinas, sobre a Ribeira do Homem, d'onde se avistam a mesma Ribeira, até Villa Verde, e muitas vezes (em tempo claro) uma pequena orla do Oceano.

Corre-lhe o Homem ao N., e ha aqui, sobre elle, uma ponte de cantaria de um só arco, mas muito alto e firmado sobre dois rochedos.

Ao S. passa o Rio das Rodas, que é atravessado por uma ponte de alvenaria de dois arcos, em Cabaninhas.

Em um dos arcos tem a seguinte inscripção:

FUNDATA ANNO 1745.

Estes dois rios fazem a sua juncção na extremidade O. da freguezia, depois de a cercarem, fazendo d'ella uma peninsula.

É terra bastante fria no inverno, e mesmo no verão seu clima não é excessivamente quente; é, por isso, muito sádia.

Produz muito milho e castanha, algum centeio, vinho bastante, verde, e nos logares abrigados do N., azeite, laranja e optim fructa.

Tem esta terra muitas nascentes de excellente agua e bons pastios, em pequenos montados.

Foi digno parocho d'esta freguezia o illustrado sr. Manuel José Martins Capella, (agora foi despachado abbade de Painzella, em Basto). Este ecclesiastico, com a maior benevolencia me tem dado preciosos esclarecimentos sobre a sua freguezia e immediatas; pelo que lhe dou os mais cordiaes agradecimentos. Grande parte das descripções de antiguidades e inscripções dos marcos milliares romanos da célebre Geira, os devo a este benemerito parocho, que me forneceu, á custa de não pequeno trabalho seu, estimaveis apontamentos para as Terras de Bouro. Honra lhe seja.

CARVALHO—villa, Douro, concello de Pena Cóva, comarca e 24 kilometros de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada nas abas da serra do Carvalho, á qual se chama tambem serra do Cantaro. (Vide Cantaro, serra.)

O morgado do Carvalho, e depois os condes d'Oeiras, marquezes de Pombal, apresentavam aqui o prior, que tinha 200$000 réis.

Havia aqui proximo uma albergaria, chamada de Santo Antonio do Cantaro, com trez camas permanentes e com a obrigação de ter nos mezes de julho, agosto e setembro, um cantaro cheio de agua e um pucaro para se beber, na dita serra, á qual por isso se dá tambem o nome de Cantaro.

Na larga doação que D. Bartholomeu Domingues fez á Albergaria do Cantaro, junto á villa, em 1215, se determina que «todo o que fôr contra aquella doação, pague o dobro do damno que causar.»

Esta obra caritativa foi instituida por uma senhora de appellido Carvalho, que atravessando esta serra (do Carvalho ou do Cantaro) lhe morreu um criado á sêde. Já se vê que é muito antiga, pois em 1215 já existia esta albergaria.

Esta senhora é ascendente dos actuaes srs. condes de Oeiras, marquezes de Pombal, por casar em Cernancelhe Diogo de Carvalho com D. Philippa de Seixas, filha e herdeira de João de Figueiredo e de Maria Seixas. O morgado do Carvalho foi instituido em 1178 por Domingos Feyo de Carvalho.

Era terra realenga e governava-se por um juiz ordinario e camara, confirmada pelo corregedor de Coimbra.

É terra pouco fertil.

A serra do Carvalho (ramo da Alcóba-

que é ramo da Estrella) é abundante de arvores e hervas medicinaes, e diz Grisley no seu *Herbolario*, que n'ella encontrára todas as hervas que Laguna descreve.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de junho de 1514.

CARVALHO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa 230 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do termo de Villa Nova de Basto, comarca de Guimarães.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa e pelo arcebispo; tinha de renda 700$000 réis.

É terra muito fertil.

(Ha em Portugal mais 76 aldêias, além das descriptas, com o nome de *Carvalho.*)

CARVALHO D'EGAS — freguezia, Traz-os Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Villarinho da Castanheira. 130 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um valle.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava aqui o vigario, que era collado. Tinha 10$600 réis, 22 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz ordinario da villa da Castanheira.

Produz centeio, trigo, vinho e castanha; do mais pouco.

CARVALHO D'ESTE — aldeia, Minho, freguezia de S. Julião de Covellas, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 15 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 16 fogos.

Uma guerrilha portugueza fez aqui um fogo violento e aturado contra as hordas francezas commandadas por Soult, em 19 de março de 1809. Tiveram porém de retirar, em vista da desproporção de forças do inimigo, que de mais a mais era gente perfeitamente armada e disciplinada.

Soult entra em Braga e a saqueia no dia seguinte (20).

CARVALHO D'ESTE — serra, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso. Principia nos logares da Botica e Pinheiro. Tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo.

No alto d'ella, no sitio chamado Pena-Provincia, ha uma grande penedia, composta de dois grupos de rochedos, um ao E., chamado Matta dos Lobos, outro ao O. chamado Carvalho de Sancho.

É fria e ventosa, Em partes cultiva-se e produz milho, centeio, trigo, painço e algum vinho.

Ha n'ella a capella de S. Sebastião, á qual concorrem varios *clamores*, a 20 de janeiro.

Cria bastante gado e tem muita caça.

CARVALHO DE REI — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante. 54 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Pertenceu antigamente ao concelho de Gestaço, e á comarca de Villa Real.

Situada em alto d'onde se vêem algumas povoações.

O reitor de Santa Maria de Gondar, apresentava o vigario, que era collado, e tinha de renda 60$000 réis.

Produz centeio, milho e castanha; do mais muito pouco.

N'esta freguezia fica a Lagoa do Olho Marinho, ou Olheira.

Cria muito gado e seus montes teem muita caça.

CARVALHOS — aldeia, Douro, freguezia de Pedroso, concelho e 10 kilometros ao S. de Gaia, comarca e 10 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Esta povoação assente sobre a antiga estrada real do Porto a Lisboa, principiou a tomar grande incremento em nossos dias.

Com a nova estrada real á macadam (que aqui seguiu o leito da antiga) ainda mais prosperou e hoje está maior e mais bonita do que muitas villas do reino.

Tem muito bons edificios (grande parte novos) e uma extensa praça no centro, onde se faz uma grande feira de gado, ás quartas-feiras.

> Esta povoação estava topographicamente *talhada* para cabeça de uma comarca, das mais bem *arredondadas* de Portugal, e que já ha muito tempo estaria creada se os nossos governos cuidassem mais nos interesses geraes e menos nos pessoaes.

Para o mais que pertence a esta povoação vide Pedroso.

Ha em Portugal mais 18 aldeias d'este nome.

CARVALHOSA — freguezia, Douro, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, e desde então é da comarca e concelho de Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os frades dominicos de Amarante apresentavam o vigario, que tinha de Rendimento 60$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

CARVALHOSA — freguezia, Douro, comarca de Santo Thyrso, concelho de Paços de Ferreira, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo e comarca do Porto, concelho de Aguiar de Souza, visita de Souza e Faria.

Situada em uma elevação, d'onde se vêem as freguezias de S. Thiago de Figueiró, Santa Maria de Lamoso, S. Pedro Fins de Ferreira e S. João de Eiriz.

Os frades crusios do convento de Santa Maria de Landim apresentavam aqui o vigario, que tinha 10$000 réis, 30 alqueires de pão e o pé d'altar.

Produz milho grosso e miudo, centeio e algum linho.

Ha em Portugal mais 7 aldeias d'este nome.

CARVIÇÁES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 155 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Chamava-se antigamente *Carcaçaes*. Era da mesma comarca, mas do termo da Villa de Mós.

Situada em um alto, com extensas vistas.

O abbade da villa de Mós apresentava aqui o vigario, collado, que tinha de rendimento 9$000 réis e o pé d'altar. Isto, segundo o padre Carvalho.

O *Portugal Sacro* diz que o vigario era da apresentação régia e tinha 100$000 réis.

Produz muito centeio; do mais pouco.

Tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Mós.

Dizem que a agua da Fonte do Gágo cura as febres intermitentes.

Ha n'esta freguezia varias e abundantes minas de ferro, parte das quaes se tem explorado, e dão optimo mineral.

CARVIDE — freguezia, comarca, concelho e 15 kilometros de Leiria, 144 ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 282 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em campina, com larga vista.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 140$000 réis.

Produz muito milho e feijão; do mais pouco.

Corre proximo o rio Real.

No fim d'esta freguezia principia o famoso pinhal de Leiria, que tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo, encostado ás praias do mar.

Este pinhal tinha antigamente guarda-mór, meirinho, escrivão e 40 monteiros. (Vide Leiria.)

Foi mandado semear por D. Diniz, em 1290. Ainda emprega bastante gente e anda bem administrado. Ha ahi uma fabrica do estado, para a extracção do alcatrão e outras substancias dos pinheiros.

Modernamente tem-se feito n'este pinhal muitas sementeiras do *pinus larix* e outras variedades do Norte da Europa, de muita estimação, pela optima qualidade das madeiras.

O pinhal de Leiria é uma boa fonte de receita para o estado.

CARVOEIRA—villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho da Ericeira até 1855, depois concelho de Mafra, comarca de Cintra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Nossa Senhora do Porto.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras, termo de Cintra.

Situada em um alto, com boas vistas.

Esta freguezia formava parte da freguezia da villa de Cheleiros, da qual ficou annexa; pelo que, até principios d'este seculo, tinha obrigação de ir uma pessoa de cada casa da freguezia de Carvoeira, tres vezes no anno, (*Corpus Christi*, Natividade de Nossa Senhora e *Candeias*) á sua antiga matriz.

Todo o dizimo era da egreja de Cheleiros. Era *reguenga*.

Havia aqui uma capella de Nossa Senhora do Porto, que em 1570 (quando se separou de Cheleiros) foi elevada a matriz.

Os freguezes apresentavam o cura e lhe davam uma pipa de vinho, 100 alqueires de trigo e 20 de cevada.

Produz vinho, trigo, cevada e milho; do mais pouco.

Tinha juiz e almoxarife; juiz ordinario e procurador, que com o escrivão faziam camara: todos eleitos pelos *homens da governança* e confirmados pelo senhor da terra.

Tinha o privilegio de se não fazerem aqui soldados, sob a obrigação de fazerem sentinella a um *facho* que estava na foz do rio (pelo perigo de poderem aqui desembarcar mouros.)

Passa pela freguezia o rio chamado Rio Grande do Porto, que n'esta freguezia desagua no mar.

Esta freguezia está outra vez annexa a Cheleiros.

CARVOEIRA ou **CAROEIRA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 40 kilometros a NO. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente muito populosa; mas depois se foi despovoando, de modo que em 1757 apenas tinha 24 fogos. Hoje está mais povoada do que nunca.

Situada em um baixo.

A matriz tem 7 altares. O prior de S. Pedro, de Torres Vedras ,apresentava o prior *in solidum*. Tinha 4 beneficiados collados, da mesma apresentação. O prior tinha de renda 300$000 réis e cada beneficiado 30$000 réis.

Tinha 3 juizes de vintena, postos pelo senado de Torres Vedras.

É terra muito fertil.

CARVOEIRA—vide Carvoeiro, de Vianna do Minho.

CARVOEIRA—vide Carvoeiro, do concelho de Mação.

CARVOEIRO—vide Cabo Carvoeiro.

CARVOEIRO—aldeia, Douro, freguezia de Canedo, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 16 kilometros a NO., 24 a E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Situada na encosta da serra do seu nome, e sobre a margem esquerda do Douro.

Tem uma capella de Santo Antonio, particular.

É ponto muito commercial, pois aqui vem embarcar para a cidade do Porto grande parte dos generos que para alli exportam muitas freguezias da Terra da Feira, sobre tudo madeiras, lenhas, carvão, casca de carvalho e laranja.

Causa apertos do coração vêr que, apesar da contínua concurrencia de gente, carros e bêstas de carga, que do interior affluem a Carvoeiro, não tenha a camara da Feira dado impulso ás obras da estrada ha tanto tempo approvada pelas Obras Publicas; o que muito faria prosperar estas terras.

A actual estrada não é mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, por onde se passa sempre tremendo; mas, mesmo assim, como não ha outra, o transito é contínuo, e muito mais seria se houvesse uma estrada que merecesse este nome.

A camara da Feira, que (de alguns annos para cá) tanto tem curado de obras publicas municipaes, se tem completamente esquecido d'isto (provavelmente por lhe ficar distante da villa, que se não aproveita d'esta via de communicação.)

Esta desgraçada estrada, arteria principal para a vida commercial dos povos que estanceiam a NO. da villa da Feira, só é lembrada em tempo de eleições.

—

Esta povoação tem mais de 1000 annos. Em 897, era da freguezia de Varzea de Carvoeiro, hoje extincta. (Vide Canedo, Varzea de Carvoeiro e Mosteirô de Canêdo.)

CARVOEIRO ou **CARVOEIRA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros a O. de Braga, 108 ao N. do Porto, 378 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 151 fogos.

Orago Nossa Senhora.

Outros dizem Santa Maria. Antigamente era Nossa Senhora da Assumpção. Tudo vem a dar na mesma.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É da casa de Bragança. (Vide Carbona.)

Situada ao pé do monte Padella, do qual se vê Vianna e o mar.

A egreja é a do mosteiro de frades bentos e o D. abbade apresentava o vigario, triennal, que era um frade do convento, que tinha 50$000 réis. Os dizimos eram dos frades e rendiam annualmente 500$000 réis.

Ao S. da freguezia passa o rio Neiva.

Ha n'esta freguezia o convento de Santa Maria de Carvoeiro, de monges bentos, fundado na éra de Cesar 923 (885 de Jesus Christo) por D. Payo Guterres.

Tinha o mosteiro umas doações regias, que lhe davam esta freguezia e a visinha, (S. Lourenço de Durrães) por couto, e eram os frades senhores de todos os maninhos do couto (das duas freguezias) que os davam ou tiravam a quem queriam, e quando queriam.

D. Payo Guterres, éra senhor absoluto do seu couto, e se alguem casasse sem sua licença, e sem lhe pagar certo tributo, perdia as suas casas e terras.

Terminava e sentenceava todas as duvidas e demandas, sem appellação nem aggravo, e se houvesse ferimento, era preciso licença do abbade, para o ferido ir querelar a Barcellos.

N'este mosteiro está sepultado Nuno Velho, sogro de D. Gomes Paes da Silva, filho de D. Payo Guterres. (Vide Cardiellos.)

É terra fertil.

CARVOEIRO ou **CARVOEIRA**—villa, Beira Baixa, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 36 kilometros ao N. do Crato, 174 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado (por ser isento do Grão Priorado do Crato) districto administrativo de Santarem.

Era da comarca e ouvidoria do Grão Priorado do Crato *nulius diocesis*, provedoria de Thomar.

Em 1757 apenas tinha esta villa 15 fogos, e o resto da freguezia 163.

Situada na encosta de um monte; mas nada d'aqui se avista para outras freguezias, por estar cercada de outros montes mais altos.

Era da casa do infantado, que apresentava aqui o reitor, que tinha 60$000 réis.

Isto diz o padre Carvalho; mas o *Portugal Sacro* diz (e é o mais certo) que era apresentado pelo grão-prior, e tinha 100 alqueires de trigo, um cantaro de azeite, 10 almudes de vinho e 4$300 réis em dinheiro.

Tem Misericordia e hospital, instituida pelo padre Jorge Fernandes, reitor d'esta freguezia, no seculo XVII.

Produz azeite, mel, cêra, vinho, castanha: do mais pouco.

Tinha juiz ordinario e camara, de eleição popular e confirmados pelo ouvidor do Crato, sem sujeição a justiças d'outra terra.

Passa aqui a ribeira de Carvoeiro, que

nasce na serra de Bando Cimeiro, passa pela, villa dos Envendos e morre na ribeira d'Eiras. Suas margens são cultivadas e arborisadas.

(Ha em Portugal mais seis povoações d'este nome, além das descriptas.)

Eram seus donatarios os grão-priores do Crato, por ser uma das 12 villas do grão-priorado.

CASA BRANCA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, (até 1855, foi do concelho de Souzel) 40 kilometros de Evora, 105 a SE. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 168 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

É aqui a 12.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste, e é entroncamento.

Era antigamente do termo e comarca de Aviz.

Situada em um valle d'onde se não vêem outras povoações.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão (por ser a freguezia da Ordem de Aviz) o qual tinha de renda 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 réis.

É terra fertil.

Passa aqui a ribeira chamada da Alfandega da Fé.

CASAES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 348 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente *isento* do mosteiro de S. Pedro das Aguias, cujo abbade tinha aqui jurisdição episcopal *in solidum*. Era termo da villa de Vallenca do Douro e da comarca de Pinhel.

O abbade (bernardo) de S. Pedro das Aguias apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis.

A antiga matriz, foi a que hoje é capella de Nossa Senhora da Annunciação. Ainda tem pia baptismal. Junto a esta capella se faz uma feira no dia da Senhora.

Fica esta freguezia nas margens do Rio Torto.

Fertil em cereaes, e muito sumagre.

CASAES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel. Estava sujeita ás justiças de Lousada e ao ouvidor de Aguiar de Sousa.

O papa, a mitra e os crusios da Serra do Pilar, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Pelo meio da freguezia passa o ribeiro Mezío ou Amezío.

CASAES DA SOANNA—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de Thomar, 138 ao NE. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

Orago Nossa Senhora de Roque Amador (vulgo *Reclamador*).

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

É da prelasía de Thomar.

Situada em um monte. Vê-se o convento de Christo de Thomar e varias aldeias.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava, a concurso, o vigario (collado) que tinha 20$000 réis, dois moios de trigo, um de cevada, uma pipa de vinho e seis alqueires de azeite, menos meia canada. Tem coadjutor, da mesma apresentação, com 6$000 réis, 2 moios de trigo, mais 6 alqueires do mesmo, para hostias, 48 arrrateis de cêra, meia pipa de vinho e 3 alqueires de azeite.

É terra fertil em cereaes; do mais medianía.

Antigamente chamava-se *Casaes da Soanda*.

CASAES—aldeia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, freguezia de S. Miguel dos Arcos, 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos.

Tem uma capella de Nossa Senhora da Conceição.

Junto d'esta aldeia ha um monte chamado do Castello, no qual, segundo a tradição, houve uma fortaleza mourisca. Proximo d'elle está outro chamado da Reguenga, no qual ha vestigios de uma estrada occulta, que ia dar ao rio Ave. Suppõe-se ser obra dos romanos.

Ha em Portugal mais 115 aldeias chamadas Casaes, além das descriptas.

CASAL ou **VILLA NOVA DO CASAL** — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 84 kilometros ao NE. de Coimbra, 270 ao NE. de Lisboa, 428 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha de rendimento 650$000 réis.

É terra fria, mas muito fertil, e povoação muito antiga.

D. Guilhelmo (senhor d'esta terra) lhe deu foral na era de 1220 (1182 de Jesus Christo) Dava-se então a esta villa o nome de *Villa Nova de Riba Mondego,* e era no termo da villa de Fulgosinho.

Este foral foi dado aos 30 povoadores d'esta sua herdade. Uma das suas clausulas, é a seguinte: — *Homines de Villa Nova non dent de Exaveaduras, nec raberiis,* etc.

Exaveaduras é o mesmo que *esverdaduras,* vide estas palavras.

CASAL D'ALVARO — villa, na freguezia de Espinhel, Douro, comarca e concelho de Agueda, 12 kilometros ao NO. de Aveiro, 262 ao N. de Lisboa, 35 fogos, na freguezia 340.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Tinha um foral muito antigo, sem data. (Está na Torre do Tombo, maço 1.º dos foraes velhos, n.º 8 e 9.) D. Menuel lhe deu foral novo (e a Bolfar) em Evora, a 20 de dezembro de 1519. Bolfar tambem tem uma sentença a favor dos seus moradores e contra João Alvares, de 9 de maio de 1504.

Chamava-se antigamente Casal, depois, por ser donatario d'aqui um fidalgo chamado Alvaro (de quem João Alvares era descendente) se chamou Casal d'Alvaro.

Hoje merece mais o nome de aldeia do que de villa; entretanto, como não ha lei ou decreto algum que lhe tirasse o seu antigo fôro, a dou como villa.

Para tudo o mais, vide Espinhel.

CASAL CINZA — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 9 kilometros da Guarda, 305 ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto admipistrativo da Guarda.

O commendador de Malta, bailío de Oliveira do Hospital, apresentava o vigario, que tinha 5 moios de trigo, 8$000 réis em dinheiro e mais 600 réis para o vinho das missas.

Passa aqui a ribeira Pinhel.

É terra muito fertil.

CASAL COMBA — villa, Douro, comarca de Cantanhêde, concelho da Mealhada, 18 kilometros a NO. de Coimbra, 222 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

Foi antigamente do termo e comarca de Coimbra e era dos bispos d'esta cidade, e seu couto.

O ordinario apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Tinha camara, juiz ordinario, escrivães, etc.

Corre aqui o rio Cértoma. É terra fertil e produz optimo vinho chamado da Bairrada.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Serve para Antas, Landeosa, Mainel, Pedrulha, Silva e Vimieiras. Hoje está reduzida a aldeia.

CASAL DO ERMO (outros dizem d'*Ermio*) — freguezia, Douro, comarca e concelho da Louzan, 18 kilometros a NNO. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo da Louzan, comarca de Coimbra, ouvidoria de Monte Mór Velho.

Foi até 1759 dos duques de Aveiro, ficando depois para a corôa.

É annexa á collegiada da Louzan, cujo parocho apresentava aqui o cura, que tinha 40$000 réis.

É terra muito fertil, cria muito gado e tem muita caça.

Passa aqui o rio Ceira, que réga e móe.

Esta freguezia denominava-se antigamente *Casal de Ermíjo* (ou *Ermígio*) depois se chamou *Casal do Ermo*, e hoje, officialmente, se chama *Casal d'Ermío*.

Julgo que seria mais etymologico como os antigos escreviam—Ermigio—que é nome proprio de homem; talvez algum assim chamado, notavel no seu tempo, désse o seu nome a esta freguezia, ou ella tivesse principio no casal de algum individuo chamado Ermigio.

CASAL DE FOGO e **LOGO**—vide Logo.

CASAL DE LOIVOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Favaios, 95 kilometres ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real.

Foi villa e couto, extinctos.

Situada em um alto, proximo do rio Pinhão.

O abbade de Goivães apresentava aqui o vigario, que tinha 40$000 réis.

Corre proximo, ao S., o rio Douro. D. Affonso III lhe deu foral, pelos annos de 1260 (sem data) Franklim não o menciona.

CASAL DE MONTARÍA—o que pagava fôro de caça do monte, ou cujo emphiteuta ou colono, era obrigado a hir á montaria, quando fosse chamado pelo rei.

CASAL DO MONTE—vide Queiriz.

CASAL DE MONTINHOS—vide Mezão Frio, de Traz-os-Montes.

CASAL DE VASCO e **RAMIRÃO**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 30 kilometros ao E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Algodres, comarca de Linhares.

É do infantado.

O vigario de Santa Maria d'Algodres apresentava aqui o cura (de Ramirão), que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Situada em campina, ao N. da serra chamada Raza. Produz milho, centeio, castanha e trigo.

Todo o mundo sabe o que é casal. Vasco, é talvez o nome do que povoou este logar, ou d'elle foi senhor. Ramirão é augmentativo do nome proprio de homem, Ramiro. Algum Ramiro d'aqui, notavel por suas riquezas, forças ou coragem, deu o nome á freguezia.

Os antigos portuguezes accrescentavam o *ão* ao nome do que se distinguia em qualquer d'aquellas cousas. D'aqui, Cesarão, Almeidão, Vascão, Numão, etc.

Ramirão foi freguezia independente, até ao fim do seculo passado. Tinha por orago S. Sebastião, martyr, e compunha-se de 31 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano*, só traz esta freguezia. É provavel que ainda não existisse a de Casal de Vasco. Hoje formam ambas uma só freguezia.

Ha mais em Portugal 559 aldeias chamadas do Casal, além das nomeadas.

CASAR e **CASARES**—é o mesmo que Casal e Casaes. Casal é uma propriedade composta de casas, campos, hortas, pomares, etc., que póde sustentar uma familia e (pelo menos) uma junta de bois e um rebanho de ovelhas. Vem de casa.

Tambem se diz *um casal*, por marido e mulher, *um casal de pombos*, *um casal de patos* (todos estes tres casaes de differente especie, vem por fim a ser uma e a mesma cousa).

Ao sul do reino dão tambem ao casal o nome de monte ou herdade.*

—

Em 1258, fez seu testamento D. Chamôa Gomes, e n'elle deixa grandes e valiosos bens ás donas da ordem de S. Damião e de S. Francisco, assim como ás da cidade de Rodrigo e ás de Entre Ambos os Rios. Tambem deixa ao mosteiro de Salzedas nove *casares*, para que os frades *non seguem em o verão.*

Os frades antigamente roteavam os matagaes, bréjos e charnecas, que os reis e os particulares lhes davam; construiam as suas habitações e utensilios domesticos; cosinhavam; segavam e malhavam os seus pães; vindimavam, faziam e envasilhavam o seu vinho; finalmente, não só faziam todo o serviço pertencente á agricultura e colheita de fructos, como fazem os lavradores, mas tambem eram pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, etc., de modo que alguns dos primeiros conventos (e ainda muito tempo depois de constituida a monarchia portugueza) eram feitos desde a sua primeira pedra até á sua total conclusão, só e exclusivamente pelos frades e seus escravos, se os tinham.

Já se vê que isto trazia necessariamente muita relaxação na regra. Os frades indo ás malhadas, vindimas, linhares, apanhas de azeitona, etc., juntavam-se com o povo, do que, ás vezes resultavam desordens.

Foi por isto que o povo via de má vontade que os frades fossem a estes serviços. E foi tambem pela mesma razão que muitos dos doadores aos conventos, lhes deixavam seus legados com a condição expressa de não *segarem malharem, vindimarem*, etc.

Em 1254, fez testamento a illustre senhora D. Orraca Fernandes, que vivia na sua quinta de Moz, junto a Bretiandi, e era viuva de D. João Garcia, escolhendo para sepultura o mosteiro de Tarouca. Entre varias cousas que testa aos frades d'este convento, lhes dôa dois *casares* e uma vinha (para *pitanças*). E se tudo isto não chegar, se suppra pelas rendas de Cabanões. (Cabanões é onde teve principio a actual villa de Ovar, e onde está a estação do caminho de ferro do norte, vulgarmente e até officialmente, chámada estação de Ovar.)

Em 1503, deu o rei D. Manuel licença ao abbade de Maceiradão, para comprar para o seu mosteiro 300$000 réis de bens de raiz, em Figueiredo de Cêa; pois o dito abbade lhe expoz que, *de muitos annos atraz*, não tinham alli havido mais de dois até tres monges, que escassamente se podiam manter, pelas poucas rendas do seu *casar*.

CASARES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, foi do concelho de Santalha, 44 kilometros ao N. de Lisboa

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Cecilia.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Foi antigamente do termo de Vinhaes, comarca de Miranda.

Eram seus donatarios os condes d'Atouguia.

Situada em uma ladeira fragosa. O reitor de Santa-Valha apresentava aqui o cura, que tinha 25$000 réis.

Este cura tambem era parocho da freguezia de Cerdêdo, sua annexa, e dizia missa alternativamente nas duas freguezias.

Produz centeio, vinho, castanhas e fructa.

Situada proximo da raia.

Esta freguezia e as de Cerdêdo, Carvalhas, Landêdo e Villarinho das Touças, estão hoje unidas á de Montouto. (Vida Moutouto.)

Para a etymologia vide Casar.

CASAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi até 1855 do concelho de Monforte do Rio Livre, 468 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Orago Santa Marinha.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Monforte.

Situada junto á serra de Cabellinhos, en-

tre duas ribeiras que vão desaguar ao Tâmega.

O abbade de Monforte do Rio Livre, apresentava aqui o cura, que tinha 40 alqueires de centeio, dois de trigo, 2 almudes de vinho e oito mil réis em dinheiro, e mais um alqueire de centeio d'offerta, de cada freguez.

É terra fertil. Cria muito gado, pois tem muito bons pastos.

Produz muita lenha e tem bastante caça.

Esta freguezia, com outras, estão annexas á de Aguas-Frias, formando uma só freguezia de 280 fogos.

CASAS DO RIO antigamente **CASAS DO REI**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 a NE. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Marcos Evangelista.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Era antigamente do termo de Celorico, mas da comarca da Guarda.

Situada em um valle, entre vinhas e olivaes, proximo ao Mondego. D'aqui se vê Celorico e as aldeias da Ratoeira, e Aldeia da Serra.

Os priores de S. Martinho e de Santa Maria, de Celorico, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra bastante fertil.

Esta freguezia está annexa á da Ratoeira, cujo orago é S. Sebastião. Vide pois Ratoeira.

CASCAES—aldeia, Vide Cadafaes.

CASCAES—villa, Extremadura, comarca de Cintra, situada na costa do Oceano, 27 kilometros a O. de Lisboa, 400 fogos em duas freguezias (Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção e Ressurreição de Christo.) Hoje só tem uma freguezia (Nossa Senhora da Assumpção) pela razão que adiante se diz. 1:600 almas. No concelho 1:700 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Em 1754 tinha a freguezia da Ressurreição 250 fogos e a de Santa Maria (ou Senhora da Assumpção) 536 ao todo 760. Em um seculo tem diminuido a sua população quasi metade!

Arruinada a egreja da Ressurreição, em 1755, existe desde então sómente a de Nossa Senhora da Assumpção, que reuniu ambas as invocações e os parochianos das duas; as quaes, com a de S. Vicente d'Alcabideche e S. Domingos de Rana, formam o actual concelho de Cascaes.

É praça d'armas maritima (12 kilometros ao N. da torre de S. Julião da Barra e 12 ao SO. de Cintra.) Defendida por um castello e dois fortes, feitos com toda a solidez.

Tem no castello quarteis para 5:000 homens de todas as armas, hospital, capella (Nossa Senhora da Victoria) duas grandes cisternas, fossos e contramuralhas: além d'isto, tem seis fortes ao longo da praia. Proximo fica o forte da Senhora da Luz, com um pharol. (Vide adiante.)

A sua barra é das mais seguras das costas de Portugal, em occasião de tormentas.

O terremoto do primeiro de novembro de 1755, fez aqui grandes estragos, demolindo muitas casas; arruinou as fortalezas, os quarteis militares, o palacio dos marquezes de Cascaes, as duas egrejas matrizes e os conventos da Piedade e Santo Antonio do Estoril.

O mar, sahindo do seu leito, arremeçou os barcos da bahia ao Alto-do-Pôço-Velho, a maior eminencia da villa!

Mais de 300 pessoas pereceram n'este cataclysmo. O povo fugiu todo para a capella da Senhora da Conceição dos Innocentes, collocada em uma pequena peninsula ao E. da villa, a qual, parecendo que devia ser a a primeira submergida pelas ondas, foi por ellas respeitada, e os que alli se abrigaram, poderam escapar á morte. O povo, em acção de graças, faz todos os annos uma grande solemnidade a esta Senhora.

Cascaes está na latitude de 38° 41' O" e na longitude de 6° 27' 12" a O. de Greewich. Está situada na costa que corre desde o Cabo-Razo até ao seu assento. D'alli até á Pombeira, é toda a costa formada de rochedos a pique, sendo aqui situados os fortes abandonados de S. Jorge e da Guia, e

collocado n'este, o pharol da Guia. Dobrando a ponta S. para NE. começa a linda enceada, ou bahia, de Cascaes, com 40 a 44 metros d'altura.

Junto a esta villa está o pharol de Nossa Senhora da Guia (ao pé da capella d'esta Senhora.)

Tem 16 lumes e avista-se a distancia de 24 kilometros. Foi construido em 1761.

Cascaes tem marquez. Foi quartel de um regimento de infanteria, desde 1814 até 1834 (era o 19.)

Ha no seu termo minas de carvão fossil, pedreiras de bom marmore e pedras lithographicas.

—

Aqui desembarcou em 1580 o duque d'Alba, general do usurpador Philippe II, com um numeroso exercito de castelhanos. Os nossos se defenderam heroicamente por espaço de 2 horas; mas, tendo um traidor aberto uma das portas do castello, por ella entraram os castelhanos. O bravissimo e leal capitão d'Africa, D. Diogo de Menezes, era governador da praça, por D. Antonio I. Foi feito prisioneiro e poucos dias depois degolado em um patibulo levantado no meio da praça! Foi esta a primeira victima do cruel usurpador.

Aqui embarcou para a Inglaterra, em 1589, D. Antonio, prior do Crato, com o exercito auxiliar inglez. (Vide Ericeira.)

Apesar do estado de ruina e inutilidade em que estão as suas fortificações (como todas do reino, menos Elvas) ainda é considerada praça de guerra, e como tal tem governador, tenente-rei, e uma grande caterva de officiaes adidos e agregados. O que não tem são soldados!...

Com a sahida do regimento de linha d'esta villa, ella decahiu muito, da sua antiga prosperidade e está hoje muito pobre, comparado com o que foi em melhores tempos.

Não se sabe a data da fundação d'esta villa, nem quem foi o seu fundador. É todavia muito antiga, pois já no tempo dos romanos existia e era povoação importante, com o nome de Cascale, de que o actual é corrupção.

Bluteau cáe em érro manifesto dizendo que Cascaes foi fundada pelos annos 1540, e dando por origem ao seu nome as cascas d'aroeira, que, postas de môlho, davam a tintura para as rêdes, e que ás tinas em que se punham de infusão, chamavam casqueiros e os pescadores perguntavam uns aos outros «Encascaste já?» e que d'isto se fez Cascaes! Nem merece refutação esta puerilidade. O que prova completamente contra Bluteau, é o foral de Cascaes, dado por D. Manuel, no principio do seculo XVI quando já Cascaes era villa havia muitos annos. Ainda mais. Cascaes já era villa no principio da monarchia, pois que D. Affonso I, lhe deu foral em 1159, que seu filho reformou, em 1189. Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'estes foraes.

É terra muito sádia, muito abundante de peixe, optimo vinho e algum azeite, muito bom trigo e cevada.

Tem um soffrivel theatro.

Foi antigamente da comarca de Torres Vedras. Eram seus donatarios os marquezes d'aqui.

A egreja da Ressurreição de Jesus Christo, tem 9 altares. O cura era apresentado pelo patriarcha e tinha um moio de trigo e uma pipa de vinho, pago pelos donatarios. Havia n'esta freguezia um hospicio de frades capuchos arrabidos, na serra de Cintra, e, fóra da dita serra, um convento de frades recoletos franciscanos, da provincia do Algarve. N'esta freguezia está a Misericordia e seu hospital, fundado pelo povo em 1551.

A egreja da Misericordia era originariamente uma capella de Santo André. As primeiras rendas que teve, vieram do hospital de lazaros e gafos, que então se achava no logar de S. Pedro de Penaferrim, e que tinha sido instituido por D. Leonor, mulher de D. João II.

As rendas d'este hospital, foram divididas metade para a Misericordia de Cintra e metade para a de Cascaes. Adiante trato do hospital.

—

No sitio do Estoril, a uns 800 metros da villa, está a capella de Nossa Senhora do Pópulo e as célebres caldas d'Estoril. São sulphureas (Vide adiante)

Pela praia tem esta villa seis fortes, como já disse.

Dentro dos muros da villa, está a egreja matriz de Nossa Senhora da Assumpção. O patriarcha apresentava o reitor, que tinha 300$000 réis.

Em 1754 tinha 536 fogos.

Tambem era apresentada pela mitra a egreja da Ressurreição, e o cura tinha 25:000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia tinha em 1754 250 fogos. Hoje só existe a matriz de Nossa Senhora da Assumpção, e é a unica parochia da freguezia, pois que a da Ressurreição de Jesus Christo foi destruida pelo terremoto e nunca mais foi reparada.

Para o posto semaphorico de Nossa Senhora da Guia dava o rei, antes de 1834, uma pipa de azeite por anno; mas o pharol só se accendia desde novembro até ao fim de março.

Tem uma bonita praça de touros, que foi construida em 1873, e que foi inaugurada em agosto d'esse anno.

Tem tambem um bom theatro, denominado Gil-Vicente.

É patria do célebre e intrepido piloto Affonso Sanches que em 1486 descobriu a America: muito antes que alli aportassem Americo Vespucio, Colombo, Cadamosto, Emo, Caboto etc. etc. (Sobre este ponto vide Memorias Historicas de João Cardoso da Costa, Chorographia Brazileira.)

Affonso Sanches, navegando para as Indias orientaes, em uma caravella, foi impellido por uma violenta tempestade para a America septentrional. Arribando, na volta, á ilha da Madeira, com tres ou quatro marinheiros apenas, todos quasi mortos dos grandes trabalhos da viagem, alli falleceram. Sanches morreu em casa do seu amigo e collega Christovão Colombo (piloto genovez, que se tinha casado e estabelecido na Madeira).

O diario nautico do navegador portuguez ficou em poder de Colombo, que, guiado por elle *reachou* a America, em 1492.

—

Tinha foral velho, dado por D. Affonso I, em 9 de janeiro de 1154, confirmado por D. Sancho I, em 1189.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de novembro de 1514. Este foral serve tambem para Villa Nova (hoje Aldeia Nova). (Torre do Tombo, maço 1.º de foraes antigos, n.º 2; livro 2.º dos proprios das rainhas, fl. 41, v.; livro de foraes novos da Extremadura fl. 102, col. 1.ª)

O primeiro marquez de Cascaes foi D. Alvaro Pires de Castro (6.º conde de Monsanto) feito por D. João IV, em 19 de novembro de 1643. Para a genealogia dos marquezes de Cascaes, vide Guarda, artigo *Barbadão*.

O marquezado de Cascaes, acha-se ha muitos annos unido ao marquezado de Niza.

Em março de 1871, um pescador d'esta costa, disse ao sr. Barruncho (administrador do concelho) que na *Boca do Inferno*,—um dos sitios mais predilectos dos banhistas—havia umas grandes aberturas nas rochas, cujo interior parecia forrado de bocados de jaspe.

O sr. Barruncho decidiu ir examinar o sitio, para ver se poderia servir de refugio a malfeitores.

Antes de atravessar a ponte, para descer á Pombeira, do lado esquerdo, e na altura de 9 a 10 metros acima do nivel do mar, viu uma grande abertura, para a qual só pôde descer com ajuda de cordas. Na concavidade que ao E. e O. é defendida por grandes massas de rochedos e que tem ao S. o Occeano, encontrou cinco ou seis grutas, que apresentam uma bellissima vista, pois são todas forradas e tapetadas por poderosas camadas de stalactites e stalagmites, na sua maxima perfeição.

A maior das grutas póde conter 10 a 12 pessoas e as outras 7 ou 8.

Como as seis grutas ficam perto da Pombeira (para onde ha já um excellente caminho) é facil e pouco dispendiosa a factura de uma communicação para ellas. Se as auctoridades não pozerem cobro a isso, em poucos dias, os vandalos do seculo XIX esmigalharão e roubarão estas curiosidades geologicas, como fizeram em Marvão e outras partes.

A Bôca ou Gruta do Inferno, é um antro medonho por onde entra o mar com fragor estrondoso, rugindo e fervendo lá dentro

como se fosse a fabulosa *caldeira de Pero Botelho.*

—

Faz-se aqui todos os annos uma esplendida procissão á rainha Santa Isabel (mulher de D. Diniz) de quem o povo d'esta villa é muito devoto. Antigamente era feita á custa da camara; mas, como esta se fosse desmaselando no cumprimento d'esta solemnidade, tomou a Misericordia a seu cargo fazel-a, o que cumpre com sollicitude.

Antigamente era obrigada uma pessoa de cada casa, da villa e termo, a concorrer a esta procissão.

Uma postura da camara, feita em 1593, com respeito a esta solemnidade, dizia assim:

«*Convem a saber, de cada casa uma pessoa, e faltando, pagará 50 réis, para o concelho e accusador, e não serão môços nem môças, senão homens e mulheres; e os homens levarão capas e as mulheres, seus manteus.*»

—

Se n'esta villa existiram alguns edificios ou monumentos de remotas eras, foi tudo destruido pelo nefasto cataclysmo do 1.º de novembro de 1755.

O objecto existente, julgado mais antigo d'esta villa, é uma palmeira famosa, que está no quintal da sr.ª D. Feliciana Reicha Coutinho, situado junto ao rio que atravessa a villa, e pertença da casa d'esta senhora, na rua mesmo chamada da Palmeira.

Lineu lhe chamou *princeza do reino vegetal.* Tem 23 metros da altura e 4^{m},50 de circumsferencia, na base. Está muito bem conservada.

Segundo a tradição, vindo D. Affonso I de tomar Mafra e o forte castello de Cintra, aos mouros (1147) e fazendo aqui o seu quartel, para cercar Lisboa, descansou e comeu á sombra d'esta palmeira.

Dizem alguns que o rei que descansou e comeu á sombra da palmeira, *depois de tomar Cintra,* etc., foi D. Sancio I. Não foi tal. D. Sancho I ainda então nem era nascido. Este principe viu a luz do dia (d'ahi a 7 annos) em Coimbra, a 11 de novembro de 1154.

—

É formosa a posição de Cascaes, estanceando na costa do Oceano, com elegantes casas modernas, e agradavel clima. É abrigada do N. pela pittoresca Serra de Cintra, e em communicação com Lisboa por uma bella estrada a macadam.

Antes de pouco tempo tornar-se-ha o passeio predilecto dos lisbonenses e de muitos viajantes estrangeiros, pois que a companhia dos caminhos americanos de Lisboa, vae prolongar esta facil e cómmoda linha até Cascaes, o que lhe foi concedido pelo governo, em janeiro de 1874.

Corta esta povoação pelo meio, um pequeno rio, atravessado por duas pontes. Chama-se vulgarmente Rio da Villa (e é o nome que lhe dá o foral.) Nasce na Serra de Cintra e entra aqui no mar.

Tem um bom passeio publico, praça principal, onde está a casa da camara e tribunal do juiz ordinario e cadeia. É este um edificio de solida construcção e muito bem conservado.

Não tem edificio para as repartições da administração do concelho e fazenda, que estão em casas de aluguer, na rua das Flores.

Ha na villa um posto fiscal da alfandega e outro dos pilotos da barra.

É porto de mar de 1.ª classe.

Tem duas estações telegraphicas, electrica e semaphorica.

Divide-se em 28 ruas, 13 travessas, 4 becos, 12 largos, 3 calçadas, 2 caminhos e 2 altos.

—

Entre as differentes escólas de instrucção primaria que na no concelho, citarei a particular, do sexo masculino, na freguezia da Assumpção. É sustentada á custa do proprio professor, o benemerito e illustrado presbytero, o sr. José Maria Loureiro, que fornece casas para a aula e ensina gratuitamente os que se querem aproveitar d'este louvavel beneficio. Honra lhe seja.

Cascaes pertenceu antigamente á comarca de Alemquer, depois á de Torres Vedras e actualmente pertence á de Cintra.

—

Em 1712 era o termo de Cascaes formado pelas povoações seguintes:

Alcoitão, Alvide, Cabreiro, Ribeira de Penha Longa, Malveira, Almuinhas Velhas, Areia, Murches, Cobre, Rio Dôce, Birre, Tiris, Caparide, Murtal, Alapraia, Galliza, Samarra, Manique de Cima, Manique de Baixo, Douroana, Bicessi, Páo Gôrdo, Carcavellos, Sassoeiros, Torre da Guilha, Parêde, Revélha, Albarráque, Portas de Manique, Trajousse, Axfamil, Outeiro, Rocio, Reguengo a Par de Oeiras, Zambujal, Cóvas, Cerradas e Cabra Figa.

Ainda hoje comprehende os mesmos, menos Manique de Cima, Reguengo a Par de Oeiras e Cabra Figa.

Como alguns dos nomes d'estas povoações são arabes, ou portuguez antigo, julgo aproposito dar aqui as suas significações. Eil-as:

Alcoitão, ou *Alcoutão*—é a palavra arabe *Alcoton*, significa algodão.

Almuinha—não é arabe, mas portuguez antigo, significa horta, pomar, etc. (Vide Almuinha.)

Murtal, *Murteira* e *Murtoza*—é tambem portuguez antigo. Significa logar onde ha abundancia de murta.

Samárra—portuguez antigo, ainda usado na Beira Baixa, significa pelle.

Douroana—é provavelmente corrupção de Ouroanna, ou Oroanna, nome proprio de mulher, no antigo portuguez. (Vide Obidos.) Talvez que a este logar se chamasse antigamente *Aldeia d'Ouroanna*, que com facilidade se corrompia ou abreviava em Douroana.

Carcavellos—portuguez antigo, diminutivo de *cárcava*, ou *cárcova*, significa fosso ou cova, etc. (Vide Cárcova.)

Albarraque—segundo alguns, *Albarraque* é alcunha de homem arabe, significa o leproso, derivado de *albarrás*, lépra. Frei João de Sousa, diz que Albarraque, é, sem corrupção, palavra arabe, que significa cousa brilhante, etc. (Vide Albarraque, vol. 1.º)

Reguengo—uma especie de couto, cujo senhorio era o rei. (Vide esta palavra.)

Cerrada e *Cerrado*—portuguez antigo, propriedade murada, ou cercada de parede ou valla.

—

O territorio de Cascaes é muito salubre, e grande parte das suas aguas potaveis gosam a fama de adstringentes e proprias para a cura da dôr de pedra e areias. A agua do Pôço Velho, aberto em rocha, é de boa qualidade e fornece grande parte da villa.

Junto á villa, na Guia, ha duas curiosas fontes de excellente agua, que rebentam de uma grande fraga, contigua ao Oceano. Uma d'ellas é coberta pelo mar, nas enchentes; mas ás vezes rebenta com tal força, que se separa da agua salgada.

As Aguas da Pôça, são assim chamadas, por estarem em uma baixa, junto ao sitio da Cadaveira, á esquerda da estrada de Lisboa, e a quasi 3 kilometros da villa, são tambem mineraes. Ha aqui uns banhos, pertencentes á Misericordia, de Cascaes. São uteis para a cura do rheumatismo, paralyzias, escrophulas e varias molestias cutaneas.

A composição chimica d'estas aguas é muito similhante ás do Estoril.

Segundo o sr. Barruncho (*Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*) a analyse das aguas thermaes da Pôça dá o seguinte resultado.

(Esta analyse é dos srs. J. D. Correia e F. M. C. Leal.)

Em 5:000 gram. (14 lib. e 5 onças) contem:

Gaz acido carbonico	12.ce
Ar atmospherico	108.ce
Chlororéto de sódium	11gr,429
» de calcium	0,7
» de magnesium	1,89
Carbunato de cal	0,98
» de magnesia	0,5
Sulphato de cal	1,02
» de magnesia	1,39
Sílica	0,2
Materia organica	0,1
Oxido de ferro	0,2
Substancia gorda	0,04

Na Exposição Universal de Pariz, de 1867, foram estas aguas competentemente analysadas. Do relatorio official consta a respeit d'esta nascente o seguinte: (Traducção.)

Nascente da Pôça de Estoril

Este manancial rebenta á beira-mar, ao lado da estrada que de Lisboa conduz a Cascaes. O estabelecimento dos banhos está collocado tão perto do mar, que a agua salgada aqui entra algumas vezes no inverno, apesar dos altos muros que se construiram para o evitar.

As propriedades e a composição d'esta agua são quasi identicas ás de Estoril. Sua temperatura é de 27°C, no reservatorio, e um pouco inferior nas banheiras. A evaporação de um kilogramma de agua, fornece um residuo fixo do pêso de 3gr,11, que é exactamente formado dos mesmos saes e principios fixos da agua de Estoril.

As *caldas de Estoril*, tão justamente célebres, nascem na quinta de que actualmente é proprietario o sr. João Antonio Vianna.

Já d'ellas trata Jorge Cardoso, no seu *Aquilegio Medicinal*. Diz elle:

«Na quinta chamada do Estoril, está um «tanque, em cujo fundo nascem tres olhos «d'agua, que ao romper da manhã está mor«na e pelo dia adiante se põe menos fria que «qualquer outra agua commum. Corre por «mineraes de algum enxofre e por muito sa«litre e muita caparrosa; o que manifesta«mente nos constou, tirando-lhe o sal, em «que achamos bastante salitre e maior copia «de vitriolo.

«São muito uteis estas aguas nas paraly«sias, nos rheumatismos, nas convulsões, na «gôta *arteliar*, nas hydropesias quentes, flu«xos mensaes immodicos, nos hipochondrios «do ventre e do útero, e, finalmente, para «todas as queixas espurias e de calor, o que «nos consta por muitas experiencias, algu«mas proprias, outras de varias pessoas, e «particularmente do dr. Paulo Dias Policão, «medico da villa de Cascaes, de que temos «vinte e tres observações, de differentes ata«ques, remediados felizmente com estes ba«nhos, etc.»

Analysados competentemente na Exposição Universal de Paris, em 1867, extrahi do relatorio original francez o seguinte:

Nascente thermal de Estoril

Este manancial é mais importante e melhor situado do que os dois outros (Pôça e Santo Antonio.) Rebenta a 200 metros, aproximadamente, distante do mar, sobre a vertente de uma pequena collina, onde está o estabelecimento dos banhos. A agua é limpida e crystalina, levemente salgada e inodóra.

Tem no aqueducto a temperatura de 28°c., diminuindo um a dois gráos nas banheiras, que são vastas, porém mal dispostas.

Um kilogramma d'esta agua, contem 3gr,570 de principios fixos. Estes são chlororêtos de sodium, potacium, magnesia e calcium. Sulphatos de cal e sulphatos e carbonatos de magnesia e silica.

Nascente de Santo Antonio do Estoril

Estas aguas mineraes tambem foram analysadas na Exposição Universal de Paris, em 1867. Eis o resumo do relatorio official, dado alli então pelos chimicos: (Traducção.)

Esta agua rebenta do fundo de um pôço, na cêrca do antigo convento de Santo Antonio do Estoril, a 200 metros, pouco mais ou menos, das precedentes. É menos mineralisada do que as outras duas, tendo por kilogramma, 1gr,174 de principios fixos, que são: chlororetos de potacium, sodium e calcium. Sulphato de cal, carbonatos de cal e de magnesia e silica.

—

Ha no concelho minas de carvão fossil, que já foram exploradas em 1799 e abandonadas em 1802. Ficam junto ao mar e proximo do Estoril.

Em Alcabideche, d'este concelho, ha uma mina de oiro. Diz-se que foi explorada em 1517; mas que, por ser pobre, se abandonou em 1520.

Ha tambem no termo alguns jazigos de ferro e pyrites de ferro, mas pobres.

Em todo este concelho ha abundancia de marmores, pelo que muitas pessoas d'aqui se empregam nas pedreiras, tirando e lavrando pedra, e conduzindo-a para diffe-

rentes localidades (a maior parte para Lisboa.)

Actualmente (1874) estão em exploração 26 vastas pedreiras que, desde 1868 tem produzido mais de 14:000 metros cubicos de pedra.

Diz-se que na Torre da Guilha, houve uma pedreira de bello marmore vermelho. (Vide S. Domingos de Rana.)

—

A bôcca do inferno

Não pósso resistir a fazer aqui uma repetição, transcrevendo (com a devida venia) a bella descripção que d'este antro faz o sr. Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho, nos seus *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*. É a seguinte:

«Está a 1 kilometro de Cascaes, á esquerda da bella estrada que conduz ao sitio da Guia, a furna de larguissima bocca ha muito conhecida por esse tétrico nome.

»Obra da natureza merece em verdade a nossa admiração.

«As paredes d'este profundo antro são formadas de rochedos á borda do mar, mais ou menos incrustadas de camadas pedrosas de variadissimo e exquisito feitio.

No mais profundo, á esquerda, vê-se uma abertura fabricada pelo poder do Oceano, que por alli entra rugindo e elevando-se logo para afrontar as paredes do abysmo.

«Á direita fabricou o mesmo artifice uma gruta revestida de curiosas petrificações, tendo no tecto uma fenda, por onde o sol vem allumiar tão lugubre paragem e apresentar ao observador curioso um phantastico e admiravel quadro.

«Em occasião de tempestade parece que todas as furias do Tartaro alli veem despedaçar-se em medonha lucta.

«É verdadeiramente pavoroso n'esses momentos, o espectaculo que a natureza nos apresenta n'aquelle logar, justificando assim o temeroso nome de *Bôcca do inferno*, dado a este abysmo.

«Á esquerda, passando a ponte que conduz á *Pombeira Alta*, e descendo-se pela riba ou ladeira que alli existe, encontra-se uma grande abertura, no fundo da qual, á direita, está uma gruta que communica para uma serie de galerias ou abobadas de diversas alturas, contendo grande variedade de stalactites.

«As paredes e tectos estão revestidos de incrustações, que ao reflexo da luz formam um quadro maravilhoso.

«No fim da referida ponte, em frente, ha um caminho de ladeira, onde ultimamente se fizeram alguns degraus na propria rocha que conduz a uma grande fraga de 30 metros de comprido, por 12 de largo; a qual se chama *Pombeira Alta;* e descendo-se ainda uma pequena rampa, ao poente, encontra-se outra fraga de 20 metros de comprido e 10 de largo, a que chamam a *Pombeira Baixa;* havendo ahi uma furna onde se recolhe grande numero de pombos bravos.

«Aqui costumam vir pescar os pescadores de profissão e os curiosos, no que tambem se divertem algumas familias que vem a Cascaes a banhos, e principalmente os estrangeiros.

«O volume da agua que entra pela Bôcca do Inferno, é, ás vezes, tão grande e impetuoso, que subindo á enorme altura, desce formando diversos cylindros, que depois se convertem n'um immenso lençol de escuma, no qual, se o sol brilha, se refletem as mais variadas e scintillantes côres.

«O bramido das ondas que entram por entre as fragas, já abaladas, a uma grande distancia, e vão cobrir os penêdos (alguns talhados por fórma phantastica) que bordam o logar, completa este quadro do bello hórrido, bem digno de mais acurada descripção.

»Recommendamos pois ás pessoas que pela primeira vez visitarem Cascaes, que não deixem de observar aquella obra, em que só foi artifice a Natureza.»

—

Junto á Bôcca do Inferno está a praia do *Mexilhoeiro*.

No dia 2 de outubro de 1873, a Senhora D. Maria Pia, seus dois filhos, aia e veadôr, quizeram ver e examinar com seus proprios olhos a fámosa caverna infernal.

Só os actores e espectadores d'essa scena

pódem informar com verdade do que então alli se passou; porque das folhas publicas é impossivel tirar-ee uma conclusão incontestavel.

Dizem umas que uma furiosa e inesperada onda envolveu a Senhora D. Maria Pia e seus filhos, e que se não fosse a intrepidez e dedicação do ajudante do pharoleiro da Guia, as trez pessoas reaes seriam irremessivelmente tragadas pelas ondas.

Outras porém teimam em dizer que não houve mais do que escorregar na areia um dos principes, cahindo a uma *pôça*, e que indo a rainha tiral-o d'alli, cahíra, assim como tambem o outro principe, que ella levava pela mão.

O que é certo é que o ajudante do pharoleiro foi condecorado, e se lhe decretou uma pensão vitalicia.

—

As fortificações de Cascaes foram quasi todas feitas ou reedificadas, e ampliadas nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Tem quarteis para 3:000 homens de infanteria e artilheria d para dois ou trez esquadrães de cavallaria.

Tem duas bôas cisternas, além de outras menores, e para o O. tem um baluarte defendido por 14 peças montadas.

A pouca distancia está o forte de Nossa Senhora da Luz, defendido por 13 bôccas de fogo, com paiol e arrecadações de material de guerra, e uma bôa cisterna.

Na fortaleza da praça está a ermida de Nossa Senhora da Victoria, tão vasta como qualquer egreja, e com cinco bons altares.

A imagem de Santo Antonio, d'esta capella, acompanhou sempre o bravo regimento de infanteria n.º 19 (regimento de infanteria de Cascaes), em toda a guerra peninsular, e era de grande devoção para todas as praças d'este corpo.

Segundo a tradição, Santo Antonio ficou prisioneiro dos francezes, junto com as bagagens; mas o 19 correu logo a libertal-o e depois o trouxe sempre á sua vista, collocado sobre um macho branco.

—

Tem uma enfermaria militar, que ha muitos annos não serve para o fim a que foi destinada.

Tem a fortaleza as seguintes baterias desartilhadas actualmente:

Bateria dos Artilheiros, que teve.....	37	boccas de fogo
Bateria de Nossa Senhora da Luz.....	14	» »
Bateria dos Obuzes....	13	» »
Bateria dos Inglezes...	13	» »
Bateria Alta de Santa Barbara.....	12	» »
Bateria Baixa de Santa Barbara.....	16	» »
Total.....	105	» »

As duas ultimas baterias são do mesmo revelim, e provavelmente as primeiras que se construiram. Teem as armas de D. João II, picadas pelos francezes em 1807.

As casas do governador são bôas e teem lindas vistas. N'ellas se aloja a familia real portugueza, quando vem a Cascaes.

A cidadella de Cascaes é incontestavelmente um ponto militar de muita importancia, e seria muito bem empregado o dinheiro que se gastasse para os concertos que está reclamando.

O paço dos senhores de Cascaes estava edificado no alto da villa. O terremoto de 1755 o arruinou, e d'elle hoje não restam vestigios; apenas junto ao sitio onde existiu, está o antigo castello (vulgó *castellête*) que era dos senhores de Cascaes, e cuja porta dava entrada a este velho edificio.

Na muralha ainda se vê o brazão d'estes Castros; são: 6 aruellas azues em campo de prata. Estas armas foram feitas e alli collocadas em 1598, pelo mestre Pinto, segundo uma inscripção inferior.

Apesar de muito arruinado pelo terremoto, ainda n'elle se aquartellaram os francezes de Junot em 1807, e tropas portuguezas em 1831.

Este venerando monumento foi votado ao exterminio pela furia dos elementos e pelo desprezo dos homens. Em 1837 e em outras épocas se lhe venderam grande parte dos seus materiaes.

O sr. marquez de Niza (ha pouco fallecido nos Pyreneus) que herdou a casa de Cascaes, vendeu este solar dos seus maiores ao sr. José Carlos Mardel. Este vendeu-o depois ao sr. José Maria Eugenio de Almeida (tambem ha pouco fallecido em Evora). Este o vendeu ao architecto o sr. Evaristo, e este finalmente o vendeu ao sr. Sebastião Pinto Leite (visconde da Gandarinha) que o mandou arrazar completamente, para edificar uma sumptuosa vivenda.

Havia aqui um convento de frades carmelitas descalços, principiado em 1594 por iniciativa do conde de Monsanto, D. Antonio de Castro, e de sua mulher D. Ignez Pimentel, filha de Martim Affonso de Sousa, vice-rei da India.

Os fundadores offereceram ao provincial d'esta ordem fazer aqui um convento carmelitano, obrigando-se a darem sitio, casa e rendas para sustentação dos religiosos, sem outra condição que serem padroeiros do mosteiro.

Este mosteiro está em ruinas. Era da invocação de Nossa Senhora da Piedade, e foi fundado no sitio chamado até então as Courellas, proximo da egreja de Nossa Senhora da Assumpção e da fortaleza.

Os religiosos vieram habitar este mosteiro, ainda incompleto, em 8 de fevereiro de 1596.

Por morte do conde, seu filho, D. Luiz de Castro, por escriptura feita em 10 de fevereiro de 1598, se obrigou a concluir o convento, dando para as obras 500 cruzados (200$000 réis) por anno, emquanto ellas durassem; com a condição de se dizer uma missa diaria por alma do conde; se puzesse na porta da egreja o escudo das suas armas; que na capella-mór se enterrassem os condes e no cruzeiro só pessoas illustres.

Em 1600 alguns ministros disseram a D. Philippe III de Hespanha, que então reinava em Portugal, que este convento era prejudicial á fortaleza. O renegado D. Christovão de Moura (feito pelo usurpador marquez de Castello Rodrigo) deu ordem, da parte do rei, ao prior fr. Pedro dos Santos, para não continuar com as obras, e para se arrazar tudo. As obras pararam, mas não se demoliu nada; até que em 1616, mandou o mesmo Philippe III levantar o embargo e continuar a obra.

Por morte de D. Luiz de Castro herdou esta casa D. Alvaro Pires de Castro, que não quiz dar nada para as obras do mosteiro; mas desistindo dos encargos a que elle era obrigado e do direito de padroado.

Expulsos os religiosos em 1834, nunca mais aqui foram celebrados os officios divinos. Foi depois comprado (e a cêrca) por um individuo que a vendeu ao sr. Joaquim Rapozo, e este o vendeu ao sr. José Maria Eugenio de Almeida. Este o vendeu ao sr. Evaristo, que o vendeu ao sr. visconde da Gandarinha, actual possuidor, e da respectiva cêrca.

Foram bemfeitores d'este convento, e concorreram para as obras d'elle, o padre João Franco Ribeiro, que, em 1721, instituiu a capella de Sant'Anna, com missa diaria, por sua alma e de sua irman, Anna Thereza Brites da Veiga; o doutor Miguel Cordeiro, medico da villa; D. Maria d'Azevedo; Francisco Gomes e Francisco Bayão.

Apezar de ser reputado pobre este convento, deviam-se-lhe em 1834 mais de 24 contos de réis.

—

Por occasião da colera-morbus (1833) era governador da praça de Cascaes o brigadeiro realista Raymundo José Pinheiro. Para os que morressem da epidemia, mandou elle construir, junto ao mosteiro, nas ruinas da capella do Rosario, um cemiterio. Uma lapide collocada na esquina do muro que volta para o campo da Parada, tinha, por baixo de uma cáveira e duas fouces, a seguinte inscripção:

Oh tu que me vês aqui,
Assim feia com sobejo,
Vigia, olha por ti;
Tu te vês qual eu me vi,
Ver-te-has qual eu me vêjo.

A villa tem agora outro cemiterio, e para lá foi mudada a lapide.

—

A egreja matriz de Nossa Senhora da As-

sumpção, está situada em um largo, proximo ao convento. É um bom templo, d'uma só nave, e muito bem ornado. As paredes interiores estão forradas d'asuléjo, com bonitas pinturas de quadros biblicos. Tem sete altares. A capella do SS. foi mandada fazer por D. Ignez, viuva de José Eduardo, major que foi, do regimento 19. É obra moderna e bôa. O pulpito é de marmore e notavel pela sua elegante simplicidade. A sachristia da irmandade do SS. foi mandada fazer pelos irmãos maritimos, em 1720.

—

Ha na freguezia as seguintes capellas.

S. Pedro Gonçalves — tambem chamada de Nossa Senhora dos Prazeres; mas vulgarmente denominada Egreja dos homens do mar.

S. Pedro Gonçalves, é o *Santelmo* dos navegantes.

Esta capella é antiga. A imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, veio para aqui de uma aatiquissima capella da sua invocação, de que já não ha vestigios.

Esta capella é octogona, e construida de bella pedra lioz.

A sua construcção é solidissima, e nada soffreu com o terremoto de 1755. Foi reedificada em 1729.

Tem cinco altares, e grande parte das imagens que os adornam, foram do extincto convento dos carmelitas.

Está aqui a Ordem terceira de S. Frncisco, que tomou a seu cargo a celebração das festas dos maritimos, desde que foi supprimida a sua irmandade.

A capella particular de Nossa Senhora da Nazareth, junto ás casas do sr. Lima. Estas casas são antigas, mas das melhores da villa.

A capella de *S. Sebastião*. Celebra-se aqui uma festa annual, a 20 de janeiro.

A capella de *S. Martha*, era situada proximo ao mar, e foi arrasada.

A capella de *Nossa Senhora do Rosario*. Era muito antiga. Só d'ella existem as ruinas. Os escravos faziam aqui, com licença dos seus senhores, uma festa annual. Foi aqui, como já disse, cemiterio dos colericos.

A capella de *S. Bento da Torre*. Tambem n'ella se celebram 3 festas annuaes.

A capella de *S. Braz da Areia*. Tambem aqui se fazem algumas solemnidades religiosas.

A capella de *Nossa Senhora da Guia*. Foi fundada pelos annos de 1570, por Antonio Ribeiro da Fonceca, que morreu em 1577, e jaz sepultado n'esta capella. Tem 3 altares mas está muito descurada.

Antigamente faziam aqui os negociantes de Lisboa uma grande festa annual ao Espirito Santo.

Hoje fazem-se duas; uma pelo povo d'Almoçageme e a outra pelos visinhos. Fica contigua ao pharol, por isso chamado da Guia, Tanto a ermida como o pharol, foram reedificados pela junta de commercio (sob cuja direcção estavam os pharoes) em 1810.

—

A egreja da Ressurreição de Jesus Christo, era um templo vasto e sumptuoso, com nove altares, sendo o maior dedicado a Nossa Senhora da Victoria.

Os navegantes e outras pessoas devotas quiseram construir uma nova egreja da Ressurreição, depois que o terremoto arrazou a antiga. Principiou a fabrica d'ella, com tamanhas porporções, que devia ter 17 altares (!) mas a vastidão da obra fez esmorecer os devotos, e ficou por concluir. Hoje está em ruinas. Mesmo assim, ainda lhe dão geralmente o nome de egreja-nova.

—

Houve aqui um hospicio de frades capuchos arrabidos, da serra de Cintra, com sua capella. Foi tudo comprado por o snr. Francisco Marques Leal Pancada, varão muito estimado em Cascaes, pela sua muita caridade. A capella foi restaurada em 1871, pelo comprador. É de abobada, com bonitos estuques.

É da invocação de Nossa Senhora do Porto Seguro. A sua imagem tem um navio por pedestal. Sobre a porta principal está uma lapide com a seguinte inscripção:

ESTE HOSPICIO MANDOU FAZER
PASCHOAL DIAS E SUA MULHER
MARIA DA COSTA,
NATURAES D'OEIRAS, E O DERAM
DE ESMOLA AOS RELIGIOSOS CAPUCHOS
DE SANTA CRUZ DA SERRA DE CINTRA,
PARA N'ELLE SE RECOLHEREM

QUANDO VIEREM ÁS ESMOLAS
A ESTA VILLA, COM A
OBRIGAÇÃO DE UMA MISSA,
QUE LHE DIRÃO TODAS AS SEGUNDAS FEIRAS
POR ELLE E SUA MULHER
E SEUS DESCENDENTES
FOI FEITA NO ANNO E
ERA DE 1691.

—

O convento dos religiosos recoletos de S. Francisco, vulgarmente de Santo Antonio do Estoril, foi edificado no sitio d'este nome, a pouca distancia da villa, em 1525. É pequeno e era pobre. A egreja ainda está soffrivelmente conservada.

Foi isto comprado pelo snr. Manuel Joaquim Jorge, que entregou a egreja á junta de parochia, a cujo cargo está.

O comprador edificou aqui um bello predio, contiguo á cêrca do convento. Tem um excellente pinhal. Ha aqui um estabelecimento de banhos, do qual já dei noticia. Tem bellissimas vistas. É actualmente propriedade da senhora D. Anna Thereza Jorge Gourlade.

—

O hospital da Misericordia é contiguo á sua egreja. Tem 20 camas, aceiadas. O rendimento actual da Misericordia, anda por 2:600$000 réis por anno. Cumpre os seguintes legados. Dá dois dotes de 10$000 réis annualmente, a duas orphans. Veste 12 pobres, em quinta feira santa. Dispende 60$000 réis em baêta, para vestir 12 raparigas pobres. Sustenta os prezos da cadeia da villa. Dá 120$000 réis em esmolas aos pobres. Subsidia com 20$000 réis a aula nocturna. Fornece alimentos a 25 pessoas do sexo feminino, dando a cada uma sete alqueires de trigo, cinco de cevada e 255 réis em dinheiro. É obrigada a fazer as solemnidades da Semana Santa, Natal, Santa Isabel e officios pelos defuntos. A sua despesa annual anda por 700$000 réis.

Tambem concede gratuitamente aos pobres o uso dos banhos thermaes da Pôça. Em 1873, deu 1:987 d'estes banhos. (Os pagos foram 3:120 a 120 réis cada um.)

Tem dois capellães, um secretario, dois medicos, um boticario, um enfermeiro, uma rodeira, um recebedor, um sachristão e um servente. Tem tambem advogado de partido.

—

Houve n'esta villa, e proximo ao rio que a atravessa, uma capella, dedicada a Santa Clara, virgem e martyr, que foi demolida ha muitos annos.

A capella dos *Innocentes* ou de *Nossa Senhora da Conceição dos Innocentes*, está bem conservada e n'ella se commemora o anniversario do terremoto. Junto á capella está uma cruz de pedra e na sua base a seginte inscripção:

ERIGIRAM ESTA CRUZ
UNS DEVOTOS NO ANNO DE 1634,
EM MEMORIA DE UM NAUFRAGIO
QUE HOUVE N'ESTA BAHIA,
NO ANNO DE 1609.

(Consta que foi a náo Conceição, que naufragou, morrendo grande parte da sua tripulação.

A capella de *Santo Isidoro*, é em Birre, está bem conservada.

A capella de *Nossa Senhora do Pópulo*, no sitio do Estoril, junto a umas alfarrobeiras, está desmantellada. Só existem as suas ruinas.

Não ha em Cascaes vestigios de fortificações anteriores a D. João II. Em vista porem da importancia militar d'este ponto, é de suppor que as tivesse desde remota antiguidade.

Estas, se existiram, o tempo ou os tremores de terra as aniquilaram.

As mais antigas fortificações existentes, datam do reinado de D. João II, entre os annos 1481 e 1495.

Cascaes tem sido theatro d'acções dignas de memoria: mencionarei algumas.

Em 1580, a indecisão de um velho imbecil, a indifferença de alguns e a traição de muitos, deram a corôa portugueza ao odioso Philippe II de Castella, contra as leis fundamentaes portuguezas.

A maior parte dos fidalgos d'este reino, comprados com o ouro castelhano, tomaram o partido dos inimigos da sua patria. Alguns, porém, conservaram-se fieis ás tradições gloriosas de seus maiores, e juntando o povo que poderam, se pozeram em campo, em defeza de D. Antonio, prior do Crato, que, apesar de bastardo, fundado na legitimidade de D. João I, se julgava com

direito ao throno portuguez; e o tinha mais attendivel do que o usurpador estrangeiro.

D'entre os fidalgos que se dedicaram á causa da patria, sobresahiu o intrepido D. Diogo de Menezes, em cuja familia a bravura e lealdade foram em todos os tempos qualidades infaliveis.

D. Diogo era governador da praça de Cascaes, por D. Antonio. O duque d'Alba tinha chegado a Setubal com numerosas tropas castelhanas, e depois d'alli deixar uma forte guarnição, embarca o resto das suas tropas (22:000 homens) e saltando em terra na praia de Cascaes, em 20 de agosto, principia o ataque geral ás suas fortificações.

Corajoso e previdente foi D. Diogo de Menezes, e obstinada e valorosissima a resistencia que os seus 2:000 homens oppozeram aos castelhanos; mas um traidor (segundo consta de varios escriptores veridicos) abre uma das portas da fortaleza ao inimigo, que tomando-a, alli e na povoação pratica toda a sorte de barbaridades.

O bravissimo D. Diogo de Menezes, foi agarrado, e o malvado duque d'Alba o mandou degolar no meio da praça da villa.

Morreste, valoroso D. Diogo, ás mãos de um inimigo da patria, que só por traição te poude vencer; mas o teu nome glorioso será sempre repetido com orgulho e respeito por todos os verdadeiros portuguezes.

Era então senhor de Cascaes, D. Antonio de Castro, que havia tomado o partido de Castella. Foi elle que influiu o duque d'Alba para que atacasse Cascaes antes de Lisboa, pedindo porém que a villa não fosse saqueada. O cruel general hespanhol assim o prometteu; mas, tomadas as fortificações, houve *saque geral* na villa, não escapando nada á rapina e voracidade castelhana.

—

Estava em Lisboa o pequeno exercito do prior do Crato, se exercito se póde chamar a 4:000 homens, quasi todos paisanos, mal armados e sem disciplina.

O feroz duque d'Alba cae sobre Lisboa com um exercito regular de 22:000 homens (protegido por uma forte esquadra) e, ainda assim, depois de encarniçada peleja, derrota os portuguezes, junto á ponte de Alcantara, em 25 de agosto d'esse nefasto anno de 1580.

D. Antonio poude fugir para o norte do reino, e de lá para França.

Nove annos depois (1589) a rainha Isabel, de Inglaterra, depois de haver feito um vergonhoso tratado com o prior do Crato, segundo o qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza, dá ao mal aconselhado principe um exercito de 12:000 homens, com a sua competente esquadra, do qual era general em chefe Sir João Noris.

Os inglezes desembarcaram na Ericeira e em Peniche, fiados nas promessas do prior do Crato, que lhes affirmára que, apenas entrassem em Portugal, o povo se levantaria em massa, em seu favor.

Pozeram cêrco a Lisboa; mas os portuguezes, que já sabiam do ominoso tratado, não se moveram; pelo que estes *auxiliares*, levantaram, poucos dias depois, o cêrco, e marcharam em direcção ao mar.

Era então governador da praça de Cascaes o official castelhano Villafaña, ao qual persuadiram que Lisboa se tinha rendido a D. Antonio, pelo que elle entregou cobardemente a praça aos inglezes, que d'ella roubaram o que lhes pareceu e saquearam a villa, sem que D. Antonio se oppozesse a isso!

Depois de carregarem os seus navios dos roubos que fizeram por onde tinham andado, embarcaram para a Inglaterra, e D. Antonio não tornou a tentar fortuna.

Villafaña foi degolado, por ordem de Philippe II.

—

Cascaes representou um importantissimo papel, na heroica restauração do 1.º de dezembro de 1640; pois logo a 19 d'esse mez veio para aqui como governador o intrepido Martim Affonso de Mello, que, por ordem do rei, reparou e ampliou as fortificações.

Em 1646, o padre João Turriano, jesuita, do collegio de Santo Antão o Novo (actual hospital de S. José, de Lisboa) veio para aqui, por ordem do rei, construir o forte chamado Cabêça Sêcca, a que depois se veio a chamar Torre do Bogio.

Por esse tempo se publicou uma lei, obri-

gando os capitães-móres de Santarem, Torres Vedras e Thomar, a acudirem á defeza de Cascaes, sempre que fosse preciso.

É tambem d'essa época a muralha do lado da praia, pois que, em uma lapide, que está no arco grande d'ella, e por baixo das armas de Portugal, está a seguinte inscripção:

I. H. S. M.
O MUITO ALTO E PODEROSO REI D. JOÃO IV,
QUE DEUS GUARDE,
MANDOU QUE D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
SENDO GOVERNADOR D'ESTA PRAÇA,
FIZESSE ESTA FORTIFICAÇÃO,
NO ANNO DE 1645

—

É da mesma data o armazem qne está na praça da villa. Tem tambem as armas reaes e por baixo d'ellas uma inscripção, que diz:

D. JOÃO IV
MANDOU FAZER ESTE ARMAZEM,
GOVERNANDO AS ARMAS D'ESTA PRAÇA
D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
NA ERA DE 1645.

—

Sobre a porta da entrada da fortaleza está uma outra lapide, que diz:

I. H. S. M.
EL-REI D. JOÃO IV, DE FELIZ MEMORIA,
MANDOU FAZER ESTA FORTALEZA,
SENDO GOVERNADOR DAS ARMAS
D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
DOS SEUS CONSELHOS E DO DE ESTADO
E GOVERNADOR DA SUA FAZENDA.
COMEÇOU NO ANNO DE 1681.

É certo que esta data está errada. Ou devia ser o anno de 1641, ou declarar-se que esta inscripção é que foi aqui posta em 1681.

Da propria inscripção se conclue evidentemente que, quando foi feita já tinha fallecido D. João IV, pelo que se lê na segunda regra — *El-rei D. João IV, de feliz memoria.*

D. João IV morreu em 6 de novembro de 1657, e D. Antonio Luiz de Menezes falleceu em 1675.

—

Durante as guerras da restauração, varios cavalheiros e os terços de Cascaes fizeram importantes serviços á patria.

Em 1808, depois da vergonhosa convenção de Cintra (30 de agosto) a guarnição da esquadra ingleza do almirante Cotton veio occupar a cidadella de Cascaes e as fortalezas de S. Julião e Bugio.

Por decreto de 3 de dezembro de 1808, foi creado o regimento de infanteria de Cascaes, com o numero 19, que em poucos mezes tinha o numero de 1:600 praças aguerridas e disciplinadas.

Fazia brigada com infanteria n.º 7. [1]

O regimento de infanteria n.º 19, desde a sua instituição até ao dia 27 de maio de 1834, em que capitulou em Evora-Monte (sendo então dissolvido, como todo o exercito realista) foi sempre famoso pela sua bravura, disciplina e lealdade.

Na gloriosa batalha do Bussaco (27 de setembro de 1810) cinco companhias d'este regimento, commandadas pelo tenente coronel (emigrado francez) Mr. Bean, deram tão furiosa carga de bayoneta nos soldados de Massena, que muito concorreu para a victoria.

Seguindo o exercito alliado do immortal lord Wellington, ao travez das provincias hespanholas, o 19 mostrou sempre uma bravura indomavel; em Fuentes d'Onor, no sitio e assalto de Badajoz, em Victoria e nos Pyreneus, e depois na França, foi sempre um modelo de coragem e disciplina; assim como durante a guerra fratricida do 1832 a 1834.

—

Durante o reinado do sr. D. Miguel, se fizeram varios concertos n'esta praça e a estrada, junto ao mar, d'esta villa ao Estoril.

[1] Segundo a organisação do marechal Beresford, d'esse anno, havia 12 brigadas de infanteria, que eram — 1 e 13 — 2 e 14 — 3 e 15 — 4 e 16 — 5 e 17 — 6 e 18 — 7 e 19 — 8 e 20 — 9 e 21 — 10 e 22 — 11 e 23 — 12 e 24. Os uniformes e vivos de cada brigada eram eguaes, com a differença de que — de 1 até 12, as golas eram azues ferretes, isto é — do panno das fardas.

Tambem n'esse tempo serviu a fortaleza de prisão para *crimes politicos.*

—

Ha 3 ou 4 annos a esta parte, se teem operado importantissimos melhoramentos em Cascaes, e construido cómmodas e bellas casas particulares. Mencionarei as principaes.

Casa da Serra, é um lindo *chalet* no gosto suisso, com bello jardim e cercado de pinheiros. É situado no alto de um môrro, junto ao forte de S. Roque, e perto do convento do Estoril. Pertence ao sr. José Jorge de Andrade Torrezão.

Palacio e parque dos srs. duques de Palmella, á entrada da villa, no sitio chamado Castelhana.

Tem bellissimas vistas do mar e terra, e é abundante de agua, que lhe vem de Alcabideche, a 5 kilometros de distancia.

No sitio do forte da Conceição, em frente d'este palacio, á beira-mar, estão ainda os srs. duques construindo um outro palacio segundo o risco de um architecto inglez, executado por outro inglez. Diz-se que, concluido, terá a apparencia de uma abbadia em ruinas.

Theatro de Gil Vicente é no alto da villa, no sitio da Nazareth, junto á casa do seu proprietario o sr. Manuel Rodrigues Lima, de Lisboa. Foi edificado em 1868. É construido com luxo e comporta 500 espectadores.

O palacio do sr. conde de Valle de Reis é proximo ao palacio Palmella, está assente sobre rochas e a sua architectura é original e curiosissima. Ainda anda em obras, mas estão quasi completas.

Propriedade da Galliza, do sr. Antonio José Marques Leal, a 4 kilometros de Cascaes. Ainda ha pouco, sitio esteril, é hoje uma bella granja.

O sr. Leal comprou o *casal e quinta da Carreira,* que tinha sido do fallecido desembargador Alexandre de Gamboa Loureiro. Esta formosa propriedade virá a ser dentro de mui poucos annos uma das melhores e a mais rendosa do concelho.

Palacio e parque dos srs. viscondes da Gandarinha — Está em construcção. É no sitio onde existiu o palacio dos senhores de Cascaes, e a cêrca do convento carmelitano.

A quinta é cortada pelo rio dos Môchos, atravessado n'ella, por bonitas e elegantes pontes.

—

Se a praça de Cascaes era uma das mais importantes de Portugal pela sua situação, não acontecia o mesmo á villa, a quem os terremotos, os saques e outras causas tinham muito damnificado. O que apenas dava vida a esta povoação eram os tres conventos, e, sobre tudo, o ser quartel do 19.º regimento de infanteria e da numerosa guarnição da praça e fortes.

Em 1834, que tudo isto acabou, sofreu Cascaes um golpe quasi mortal. Chegou a tal decadencia que mais parecia aldeia do que villa. As casas eram demolidas para se lhes venderem os materiaes. Muitas se foram desmantelando e reduzindo a montões de entulho. Vendia-se aqui uma casa por menos do que em tempos anteriores rendia por anno.

Mas, das ruinas da decrepita villa tinha de nascer a nova Cascaes.

Em 1859, sendo director das obras publicas o sr. Joaquim Antonio Vellez Barreiros (visconde de Nossa Senhora da Luz) se principiou a bella estrada para Oeiras, que se concluiu em 1864.

Custou esta estrada 7:273$000 réis, dando a camara 5:273$000 réis, e o estado 2:000$000 réis.

O sr. visconde tendo tomado a peito a construcção d'esta verdadeira arteria para a vida de Cascaes, foi sinceramente amado pelo povo da villa, que bem conhecia que d'esta obra dependia a sua prosperidade. O sr. visconde tambem se affeiçoou á villa e aos seus habitantes, e aqui construiu, em 1863, na Aldeia Nova, a sua linda casa do Alto da Boa Vista.

Tambem concorreu poderosamente para a construcção do passeio publico da villa.

—

A estrada de Cascaes para Cintra, quasi tão importante como a antecedente, é optima, e foi construida, á custa do estado, em 1868.

—

A facil communicação estabelecida assim, entre Lisboa, Cascaes e Cintra, originou a moda de vir tomar banhos a esta praia. Os concorrentes foram augmentando; as casas foram-se reparando e reconstruindo; as novas edificações progrediram, e Cascaes é hoje uma rejuvenescida e formosa povoação, e com todas as condições de diuturna prosperidade.

Agora (1874) que o governo concedeu á companhia dos caminhos de ferro americanos o prolongamento da sua linha até Cascaes, tem esta villa mais outra garantia ao seu prospero desenvolvimento.

—

Os que desejarem mais amplos esclarecimentos sobre esta villa e seu termo, consultem a curiosissima obra intitulada *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*, dada á luz, em 1873, pelo actual administrador do mesmo concelho, o sr. Pedro Lourenço de Seixas Barruncho; de cujo livro, com a devida venia, me aproveitei, em grande parte, para a construcção d'este artigo.

Honra ao sr. Barruncho, que tão bem emprega os ocios que lhe deixa o seu cargo, dotando a sua patria com uma obra de tanto merecimento. Pena é que não tenha imitadores.

—

O concelho de Cascaes é apenas composto de tres freguezias, Nossa Senhora da Assumpção e Ressurreição de Jesus Christo, annexas, na villa; e no termo, S. Vicente de Alcabideche e S. Domingos de Rana.

CASSEM ou **CACEM**—aldeia, Extremadura, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao N., entre Queluz e Rio de Mouro. É a 7.ª estação do caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Cintra. Foi este caminho aberto á circulação publica, no 1.º de outubro de 1873.

CASSÍA—vide Cacía.

CASSURRÃES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Víseu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 309 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurára da Beira.

O abbade tinha de renda 700$000 réis. Era apresentado pelos condes de Belmonte.

Fertil, sobretudo em milho, de que ha grande abundancia.

CASTAINÇO—freguezia, Beira Baixa, comarca da Pesqueira, concelho de Penedôno, 40 kilometros ao SE. de Lamego, 340 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Antigamente era do termo de Penedôno, comarca de Pinhel.

Situada em um pequeno valle, d'onde se vê a villa de Sendim.

O abbade do Salvador, de Penedôno, apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 60 alqueires de centeio, 24 de trigo e 13 arrateis de cêra.

É terra fertil.

CASTANHEIRA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, 45 kilometros ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 24 de agosto.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras.

Situada em bonita e fertil planicie, sobre a margem direita do Tejo, e muito abundante de aguas.

É povoação antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Os mouros a abandonaram quando aqui chegou o exercito de D. Affonso Henriques. Depois da tomada de Lisboa, este rei a deu, em 1174, aos estrangeiros que o ajudaram, e foi povoada por elles.

Foi depois dos condes da Castanheira, que aqui tinham os quartos do pão e os oitavos do vinho.

Esta villa tem decahido muito da sua an-

tiga prosperidade e está reduzida a uma aldeia. Ainda em 1750 tinha 500 fogos, e hoje nem tem metade.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha dois conventos: um de freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Annunciada, fundado por D. Fernando de Athaide, filho de D. Pedro de Athaide, em 1514. Depois o augmentou em rendas D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira (feito por D. João III) e filho do fundador.

Para este convento foram transferidas as freiras franciscanas do convento de Santa Clara, de Alemquer, quando os francezes lhe queimaram o seu convento, em 1811. Vide Alemquer.

Outro de frades capuchos, de Santo Antonio, fundado em 1400, por D. Pedro d'Alemancos. D. Jorge de Athaide, bispo capellão-mór, augmentou este convento e reduziu a melhor fórma a capella-mór e egreja.

Esta freguezia era da casa do infantado.

Tinha dois juizes ordinarios, tres vereadores, um procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos e seu escrivão, e quatro tabelliães. Tinha tambem capitão-mór.

É terra muito fertil.

Passa pela villa o caminho de ferro do norte e léste, e tinha aqui uma estação, que está actualmente fechada.

O seu nome provém-lhe de ter sido fundada em um vasto souto de castanheiros.

Vide Cadafaes.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. —

Na bibliotheca real da Ajuda, existem dois manuscriptos, que, pela lettra e côr da tinta, parecem do meiado do seculo XVI, e que escriptores de muita imparcialidade attribuem ao célebre chronista Damião de Goes. (Vide Alemquer.)

Damião de Goes era, como todos sabem, um varão de profundo saber e vasta intelligencia, mas era homem, e por consequencia, sujeito, como outro qualquer, ás ruins paixões e aos vicios inherentes á humanidade.

D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira, era seu contemporaneo, e tambem um litterato illustradissimo. Não pude saber porque, tornaram-se estes dois homens implacaveis inimigos um do outro. Damião de Goes foi preso pela inquisição, e por ella condemnado a confisco e degredo, cumprindo este (por graça especial) no convento da Batalha.

Com razão, ou sem ella, attribuiu esta perseguição a influencias e intrigas de D. Antonio de Athaide, e o seu odio para com elle redobrou.

O conde da Castanheira estava muito alto para que Damião de Goes se podesse vingar, a não ser pela calumnia. É por isto que se suppõe, com bons fundamentos, ser Goes o forjador das duas genealogias (de Pero Esteves e *Barbadão*) que elle ou algum dos seus amigos introduziram subrepticiamente na bibliotheca da Ajuda, e cujas copias se espalharam então profusamente por todo o reino.

É certo que o conde da Castanheira e Damião de Goes foram os dois homens mais celebres e importantes do reinado de D. João III, e a sua reciproca inimisade (que tanto deslustrava um como o outro) procedia tão sómente da inveja, paixão mal cabida em varões de tanto merecimento.

Notarei aos leitores que a fabulosa genealogia inventada por Goes, foi destruida por documentos legaes, passados nos tribunaes d'este reino; e que, mesmo quando estes documentos não existissem, bastava a historia para anniquilar a universal lenda; pois todos sabem que D. Diogo Pinheiro, desembargador do paço, D. prior de Guimarães e de Thomar e bispo do Funchal, era filho do doutor Pêro Esteves Marques. Já se vê que o neto ou bisneto de uma moura, ou judia, como diz outra versão das coplas que adiante se seguem, e de mais a mais bastardo, não chegaria n'aquelle tempo a tão elevadas dignidades; nem seriam (como eram) os varões mais respeitados de Portugal, no seu tempo.

O doutor Pêro Esteves Marques, foi filho legitimo de Estevão Nunes de Penella e de sua mulher Garcia Martins, que era filha do

doutor Martim Domingues, cavalleiro nobre, da cidade do Porto e fundador do antiquissimo hospital da rua das Congostas (que é o actual seminario de Campanhan. Vide Campanhan).

Pêro Esteves era casado com D. Isabel Pinheiro, que, por seu pae, era descendente dos Lobos, d'Alvito (condes barões d'Alvito e depois marquezes do mesmo titulo) e por sua mãe era neta ou bisneta de Tristão Gomes Pinheiro. Vide adiante, sobre a genealogia e armas dos Pinheiros.

Estevão Nunes de Penella, era um fidalgo, companheiro do justamente celebre condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, com o qual se achou na gloriosa batalha dos Atoleiros (29 de janeiro de 1384) e o mesmo condestavel, em recompensa dos seus serviços, lhe deu o reguengo de Alviellas.

D. Luiza da Silva Pinheiro, filha de Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcellos, e chefe da familia dos Pinheiros, em Portugal, foi sexta avó do actual sr. visconde de Azevedo, que é hoje o representante d'esta nobre familia; porque aquella senhora trouxe para este ramo dos Azevedos o seu solar e morgados; como consta de D. Tivisco, fl. 70 da *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 12.º, parte 2.ª; prologo a fl. 56, e de todos os nobiliarios do reino.

É por esta circumstancia, que o sr. visconde de Azevedo possue todos os documentos, com que os Pinheiros destruiram completamente a tal lenda, attribuida a Damião de Goes.

—

Pinheiro é um appellido nobre em Portugal. Procede de uma quinta chamada do Pinheiro (em Hespanha) por haver alli um pinheiro de prodigiosa grandeza. O primeiro que em Portugal usou d'este appellido, foi Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo gallego, que vindo para Portugal, foi mandado construir as muralhas de Barcellos, por ordem do duque D. Affonso, e alli estabeleceu morgado; e onde seus descendentes foram alcaides-móres.

As armas dos Pinheiros, são: em campo de púrpura, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo e raizes de prata, e junto d'elle, um leão de ouro, trepante; timbre, um leão com um ramo de pinheiro nas garras.

As dos Pinheiros de Guimarães, (de que é actual representante o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindella) são do modo seguinte: em campo de púrpura, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo e raizes de prata. Junto a elle um leão de ouro, trepante, orla de prata, com a seguinte legenda:

Herculea quodam ducta fuere mano.

Elmo de prata aberto, e por timbre o leão das armas.

Os Pinheiros d'Aragão (assim denominados por virem do reino de Aragão, em Hespanha) trouxeram por armas—em campo de prata 5 pinheiros verdes, em aspa, e por timbre um dos pinheiros das armas.

Assim se acham no *Livro d'Armaría* da Torre do Tombo.

—

Pinheiro d'Andrade é tambem um appellido nobre em Portugal. Suas armas são—em campo de prata, 5 pinheiros verdes em aspa; chefe verde carregado de uma banda de púrpura, perfilado de oiro, saluindo da bôcca de duas serpes tragantes, de oiro, lampassadas de púrpura. Timbre, uma cabeça de serpe, de oiro, lampassada de púrpura, com um ramo de pinheiro na bôcca.

Depois da prevenção em que puz o leitor, sobre os manuscriptos da bibliotheca da Ajuda, e que serve tambem para modificarem a sua opinião sobre o que digo em Barcellos com respeito á familia dos Pinheiros e outras (artigo escripto quando não estava, como hoje, habilitado com mais amplos esclarecimentos) julgo curioso resumir aqui as taes duas lendas, que se suppõem inventadas por Damião de Góes.

—

Não julgo com esta transcripção offender nem levemente as nobres familias descendentes dos aggredidos.

Se a lenda fosse verdadeira, nem por isso era motivo de indisposição; visto que christãos, mouros, judeus, turcos, esquimós, etc.,

todos procedem de um tronco commum— Adão e Eva. Quanto mais, não podia de maneira nenhuma ser descredito, proceder do mesmo tronco de que procedem quasi todas as familias reaes da Europa.

Se a lenda é calumniosa (como estou convéncido-que é) ainda menos se lhe deve dar importancia, senão a que lhe dá a edade, e a celebridade do seu auctor. Tambem a copio, para sabermos que já ha mais de 300 annos, homens grandes se deixavam arrastar ao tremedal dos insultos e da calumnia, por motivos ás vezes bem futeis e puerís.

—

Primeira lenda

BRAGANÇA

Resumo dos manuscriptos da Ajuda

D. Antonio de Athaide descendia por um de seus troncos, de Mem da Guarda, de alcunha o Barbadão. Este homem, natural de Castella, era judeu converso. Veio estabelecer-se na cidade da Guarda, onde exerceu por alguns annos a sua profissão de sapateiro e foi morrer á Villa de Veiros, onde se enterrou.

Tinha elle uma filha chamada Ignez Fernandes Esteves, que foi amante do nosso D. João I, e d'elle teve dois filhos, D. Beatriz, que casou com Thomaz, conde de Arondel (Inglaterra) e D. Affonso que casou com D. Beatriz, filha unica do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Este D. Affonso, filho bastardo reconhecido de D. João I, foi pae do primeiro duque de Bragança. D'elle procedem os condes da Castanheira, muitas casas titulares de Portugal (Vide Guarda) e outras muitas da Europa.

—

Segunda lenda

BARCELLOS

Martim Affonso de Sousa, teve um filho natural, do mesmo nome. Teve este, um filho chamado Pedro de Sousa (de sua mulher D. Violante Peres de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, senhor do Mogadouro.)

Pedro de Sousa, que era criado dos duques de Bragança, passou a Castella, e alli, sendo protegido pelo conde de Benavente, lhe deram a alcaidaria-mór de Seabra, pelo que d'alli em diante se ficou chamando Pedro de Sousa Seabra.

Regressando a Portugal, casou com Catharina Pinheiro, filha bastarda do dr. Pedro Esteves Marques (natural de Barcellos, ouvidor do duque de Bragança, filho bastardo de um padre, por nome *Mestre João*, e de uma moura), e de uma judia conversa chamada Maria Pinheiro.

De Pedro de Sousa Seabra e de sua mulher Catharina Pinheiro nasceu o padre João de Sousa, prior de Rates, que teve muitos filhos bastardos, entre outros Thomé de Sousa, governador do Brasil, ao qual ficou uma filha que casou com D. Diogo de Lima.

Teve mais o dito Pedro de Sousa Seabra, de sua mulher Catharina Pinheiro, uma filha chamada D. Violante de Sousa, que casou com Ruy de Sá, e ficando viuva, tornou a casar com D. Alvaro de Athaide, senhor da Castanheira.

D'este casamento nasceu D. Antonio de Athaide, primeiro conde da Castanheira, o qual casou com D. Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, senhor do Mogadouro.

Foram filhos d'estes D. Antonio de Athaide, segundo conde da Castanheira, D. Violante de Tavora, mulher de D. Luiz de Castro, conde de Monsanto, D. Maria de Athaide, mulher de D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, — D. Joanna, que casou com o conde da Atalaya,— e D. Anna, que casou com Joannes Mendes de Vasconcellos, morgado do Esporão.

—

Poesia da bibliotheca da Ajuda, attribuida tambem a Damião de Góes

Mestre João, sacerdote,
De Barcellos natural,
Houve de uma moura tal...
Um filho de bôa sorte:
Pedro Marques se chamava,
Honradamente vivia,
E por amores casou

C'uma formosa judia.
D'este que nada se esconde
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que se diz, da Castanheira.

—

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora do Fojo.

Ha tambem a sumptuosa egreja de Nossa Senhora da Barroquinha.

A Castanheira é solar da familia nobre dos Correias e Silvas. Principia em D. Payo Ramires, rico-homem de D. Affonso VI, de Castella, cavalleiro portuguez, do qual foi filho D. Soeiro Paes Correia, casado com D. Urraca Hueres, dos quaes foi filho D. Payo Soares Correia que casou com D. Gontinha Godins, de cujo matrimonio houve dois filhos.

Por morte de sua mulher, casou D. Payo Soares com D. Maria Gomes da Silva, de quem teve Pedro Paes Correia, que casou com D. Dordia Paes de Aguiar, e ao inclyto D. Payo Peres Correia (cognominado o Josué Portuguez, por fazer parar o sol, em uma batalha contra os mouros algarvios) mestre da Ordem de S. Thiago, valoroso general portuguez e fronteiro-mór do Algarve.

São descendentes d'esta familia, Martim Correia, senhor da Torre da Murta, que morreu na batalha d'Alfarrobeira (20 de março de 1449.)

As armas dos Correias são — Em campo de púrpura, uma aguia negra, tendo no corpo um escudo, tambem de púrpura, tecido com correias de oiro.

As armas dos Silvas são — em campo de prata um leão de púrpura, armado de azul, e por timbre o leão das armas. Alguns senhores da casa d'Aveiras, usam uma silva verde como bordadura do escudo.

Para a genealogia d'esta familia, vide Villa Nova da Cerveira.

—

Segundo um documento que existiu no cartorio da Carnota, assignado pelo guardião e alguns frades, choveu no inverno de 1435, trez mezes consecutivos, e houve um terremoto, que fez grandes estragos em Lisboa, arrazou Villa Franca de Xira e a Castanheira, e causou grandes estragos no concelho de Alemquer.

O Campo de Santarem, Varzea de Villa Nova e outros, estiveram cobertos de agua por mais de um mez. Perdeu-se muito pão e outros generos e morreu muita gente e gado, afogados. Andava-se em barcos por cima dos campos e até das casas. Não se podendo semear as terras, houve uma fome que durou tres annos.

Tornou a haver outra fome na Castanheira e terras circumvisinhas, em 1485. O trigo, que até então regulava por 15 até 20 réis o alqueire, chegou a 99 réis.

Em 1531, no dia 7 de janeiro, principiou um grande terremoto que devastou e destruiu muitas casas e campos de Lisboa e do Riba-Tejo. (Vide Lisboa, em 1531.)

Ainda em 1546, houve por estas terras outra grande fome, chegando então o trigo a 400 réis o alqueire, cousa até então nunca vista; mas no anno seguinte houve tal abundancia, que se vendeu o trigo, no Alemtejo, dez tostões cada moio e do superior e escolhido, a 30 réis o alqueire.

CASTANHEIRA — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, senhores donatarios d'esta freguezia, apresentavam o abbade, que tinha de redimento 300$000 réis.

É terra fria e muito accidentada, mas fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça e lobos.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora de Gontrode (Gontrode é nome proprio de mulher) á qual o arcebispo, D. frei Balthazar Limpo, applicou os dizimos da aldeia de Sornil, desannexando da parochia os moradores d'esta aldeia, e deu esta renda e direitos a Heitor Leão de Lemos, seu parente.

Ha tambem aqui uma capella possuida pe-

lo sr. João Luiz Pereira de Azevedo, e pertencente ao vinculo da casa de Mantellães.

É acima da egreja matriz, e junto á capella havia uma torre, que foi d'esta familia.

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, foi até 1855 do concelho de Jermêllo, e desde então é do concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda, 318 ao NE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era dos marquezes d'Arronches.

A freguezia consta das aldeias da Castanheira e Quinta de Porto Mourisco.

Situada em uma campina d'onde se vêem o castello e muralhas de Almeida, e a aldeia do Pinzio.

Os marquezes d'Arronches, e depois os duques de Lafões, apresentavam o prior, que tinha de rendimento 350$000 réis.

Esta freguezia produz muito centeio, algum milho e castanha: do mais pouco.

Cria muito gado, principalmente cabras e ovelhas. Muita caça.

CASTANHEIRA—casal, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre, arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real. Em Terra de Barroso. D. Affons III lhe deu foral, em Guimarães, a 28 de maio de 1258. (Liv. 1.º de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 31, col. 1.ª)

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Pedrogam Grande, 35 kilometros de Coimbra, 180 ao NO. de Lisboa. 800 fogos.

Em 1757 tinha 364 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente do termo de Pedrogam Grande, comarca de Thomar.

Eram seus donatarios os condes de Redondo.

Situada em um valle, d'onde nada se vê além da freguezia.

O cabido de Coimbra apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

É terra fertil.

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 348 ao NO. de Lisboa. 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo da villa de Moreira e bispado e districto de Viseu.

O cura tinha 8$000 réis, de porsão, que lhe pagava o commendador de Santa Marinha, da villa de Moreira, e o pé d'altar.

Fertil em vinho e castanha.

CASTANHEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia de Santa Eufemia, comarca e concelho de Torres Novas, 125 kilometros ao NE. de Lisboa.

A freguezia era antigamente da comarca de Leiria, termo de Cós.

Ha n'esta aldeia a capella de Santa Martha, fundada pelo licenceado Antonio d'Almeida. É muito bonita. Seu fundador a dotou com a renda annual de 330$000 réis, com obrigação de uma missa quotidiana, vestir por anno 12 pobres e casar uma orphã da freguezia (com o dote de 20$000 réis.)

O parocho de Cós era o administrador d'esta capella e seu legado, e repartia as sobras d'elle com os pobres.

CASTANHEIRA DE PENAS ROYAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 35 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 20 de junho de 1289. (L.º 1.º das Doações do sr. rei D. Diniz, fl. 261, col. 1.ª)

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Penas Royas.

Os marquezes de Tavora (que eram os donatarios d'esta freguezia, até 1759) apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis, 5 almudes de vinho e 10 alqueires de trigo.

Teve antigamente um convento de frades bentos, denominados de S. Martinho da Castanheira, e depois do Lago. Em 1356, deu este mosteiro, por 15 annos, todos os bens que tinha em S. Martinho de Angueira de Miranda e em França e Avelleda de Bragança, com todos os seus fóros e *padaliças* (pastagens) etc., etc., a Estevão Pires, de Bragança, para este se pagar do que os frades lhe deviam.

Situada ao pé da serra do seu nome. Do mais alto d'esta serra se vêem terras de 9 bispados, que são, em Portugal: Miranda, Guarda, Braga e Lamego; e na Hespanha: Ciudad Rodrigo, Salamanca, Samora, Astorga e Orense.

Chamam a esta freguezia, corruptamente, *Castinheira.*

CASTANHEIRA E RORIZ (chamava-se antigamente **CIMO DE VILLA DA CASTANHEIRA**) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves; foi até 1855, do concelho de Monforte do Río Livre, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Roriz era uma freguezia independente, á qual o reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 50$000 réis. Tinha por orago Nossa Senhora da Conceição, e em 1757, tinha 27 fogos.

A Castanheira era outra freguezia á qual aquella se annexou ha muitos annos. Esta tinha por orago S. João Baptista, e o seu parocho (cura) era apresentado pelo reitor de S. Fins, e tinha 60$000 réis de rendimento. Hoje que ambas formam uma só freguezia, é seu orago Nossa Senhora da Expectação.

Nos livros officiaes dá-se a esta freguezia o nome de Roriz.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Monforte do Rio Livre.

Era dos condes de Athouguia.

Situada em plató. Fria.

A matriz tem uma torre separada d'ella, que consta ser obra dos romanos.

Em frente da matriz está a capella de S. Sebastião, que pela sua architectura mostra ter sido fortaleza mourisca.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Mouce, de curso arrebatado. Réga e móe.

CASTANHEIRA DO VOUGA — villa, Douro, comarca de Agueda, concelho do Vouga, 40 kilometros ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Foi do bispado de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Esgueira.

É da casa do infantado.

Situada em um monte, proximo á serra do Caramullo.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

É fertil em milho e centeio: produz algum vinho e do mais pouco.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de junho de 1514.

Era cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, camara, escrivães e mais justiças.

Passam pela freguezia os rios Agueda, Aguedão e Alfusqueiro.

(Vide Vouga.)

—

Aqui viveu e morreu o dr. José Feliciano de Castilho, pae do célebre poeta Antonio Feliciano de Castilho (hoje visconde) que tambem residiu por varias vezes n'esta villa e aqui escreveu varias obras, sendo uma d'ellas *Os ciumes do bardo.* Em 29 de setembro de 1872 foram seus ossos (os do pae) para um jazigo do cemiterio dos Prazeres, em Lisboa.

Ha mais em Portugal 29 aldeias chamadas Castanheira.

—

CASTANHEIRO — vide Gostei.

CASTANHEIRO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêdo, 110 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

É terra fertil.

O reitor de S. Miguel de Linhares apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 8$600 réis em dinheiro e o que rendia o pé d'altar.

CASTANHEIRO—pequena freguezia, Traz os-Montes, comarca de Bragança. Está ha muitos annos annexa a Gostei. (Vide esta palavra.)

CASTANHEIRO — villa, Beira Alta, até 1855 da comarca de Taboaço, concelho de Trovões, e desde então comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu

Tem foral, dado por D. Manuel, em 1 de fevereiro de 1514.

O padre Carvalho chama-lhe erradamente Castanheira.

Era *nullius diocesis*, isento do real mosteiro de S. Pedro das Aguias, de frades bernardos, cujo D. abbade tinha aqui jurisdicção *in solidum*.

Esta freguezia consta da villa e seu termo, que são as aldeias de Espinhosa e Pereiro.

O foral comprehende estas duas povoações.

O D. abbade de S. Pedro das Aguias apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil em centeio, azeite, sumagre, e muito bom vinho.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora.

Tinha dois juizes ordinarios (um na villa, outro no termo) dois vereadores e um procurador, que todos formavam a camara, sem sujeição a outras justiças, por ser couto isento.

Passa aqui o Rio Torto.

Ha mais 13 aldeias d'este nome.

CASTEDO—vide Castêllo.

CASTEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 110 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Alijó, comarca de Villa Real.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora, desde então ficou para a corôa.

O prior de Alijó apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis.

Fertil em optimo vinho, azeite e cereaes.

1:500 metros ao S. passa o Douro.

CASTEDO DA VILLARIÇA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, até 1855 da mesma comarca, mas do concelho de Villarinho da Castanheira, que foi então supprimido. 125 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um alto com ampla vista.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 13$600 réis, e para as missas 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, e o pé d'altar.

A antiga parochia é agora a capella de S. Bartholomeu.

Fertil em vinho, centeio, cereja, castanha e linho.

Passa aqui o Ribeiro Grande, que sécca no verão.

CASTEIÇÃO—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. da Méda, 60 a SE. de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Pinhel, d'onde dista 30 kilometros ao E., e 12 ao N. de Trancoso.

Situada em um alto.

Orago Nossa Senhora da Graça ou Nossa Senhora da Assumpção.

O rei e o bispo de Lamego apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 250$000 réis.

Antigamente chamava-se Castreição.

D. Sancho I lhe deu foral, em 30 de julho de 1196, confirmado em Coimbra por D. Affonso II, em novembro de 1217.

Teve outro foral, dado por D. Sancho II, em 1234.

(D'este ultimo falla o padre Cardoso, mas não vem mencionado em Franklim.)

CASTEJOM—portugez antigo, significa, *castellão* (nobre que tem castello.) Parece-me que tambem significava castelhano; mas era mais vulgar dizer-se *castijano*, ao que era de Castella.

CASTELLÃES—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 18 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santo Estevão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho de Vieira, comarca de Guimarães.

Eram seus donatarios os *fidalgos de Simães*, que apresentavam o ouvidor, e as mais justiças apresentava o rei.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 380$000 réis.

É terra fertil.

Ha na freguezia a serra do seu nome, que lança dois braços, um chamado Cabeço de Vacca, ao E., outro chamado Cabêço da Cicilia, ao O. Cria muito gado. Caça.

Passa pela freguezia o rio Ave.

CASTELLÃO—vide a freguezia seguinte.

CASTELLÃES ou **CASTELLÕES** ou **CASTRELLÕES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 366 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da visita de Monte Longo, termo e comarca de Guimarães.

O parocho era antigamente abbade, depois passou a ser reitor. Apresentava este parocho as egrejas de S. Pedro de Queimadella e a de S. Christovão da Agrella. O arcebispo de Braga é que apresentava o reitor, que tinha 16$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

Ao N. da freguezia corre o rio Ave.

Esta freguezia e a seguinte (assim como todas as de Castellões) chamaram-se sempre Castellãos e (é o seu verdadeiro nome; porque, *castellão* era o nobre que tinha castello, quasi sempre o castellão era rico homem) e é o plural de castellão. Hoje diz-se *Castellões*, que vem então a ser augmentivo de castello, e significa, *grande castello*. Já se vê que é cousa muito differente e transtorna a sua verdadeira etymologia; porquanto freguezia de *castellãos* quer dizer *freguezia dos nobres* e nunca dos *grandes castellos*.

CASTELLÃOS ou **CASTELLÕES DE CEPEDA**—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 28 kilometros a NE. do Porto, 324 a N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Salvador.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto. É fertil.

Era antigamente do termo e comarca do Porto.

Situada em um valle d'onde se vê Penafiel e outras povoações. É n'esta freguezia a villa de Paredes capital do concelho d'este nome. O bispo do Porto e o D. abbade do convento de frades bentos de Paço de Souza, apresentavam alternativamente (cada um o seu mez) o abbade, que tinha 300$000 réis, isto segundo o padre Cardoso.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o abbade era da apresentação da Sé Apostolica, com reserva de quatro mezes do mosteiro de Paço de Souza; e que a abbadia rendia 400$000 réis annualmente.

Quando foi cabeça de concelho tinha um ouvidor, dois tabelliães (que serviam de escrivães da camara) procurador, meirinho. etc. etc.

Em 1821, foi supprimido o antiquissimo e vasto concelho d'Aguiar de Sousa, passando a maior parte das freguezias que o con-

stituiam a augmentar tambem o antigo concelho de Castellãos de Cepêda, cuja capital se mudou então para a povoação de Parêdes, que obteve o titulo de villa, e deu seu nome ao actual concelho.

Junto á capella de Nossa Senhora da Guia está a Fonte Sagrada, abundantissima d'agua, com que se rega uma ribeira muito fertil. Pelo E. e S. da freguezia passa o rio Sousa, que réga e móe.

Vide Parêdes (de Penafiel) e Aguiar de Souza.

Para etymologia, vide a freguezia antecedente. Vide Castellões.

CASTELLATICO — direito real antigo, applicado para fundação, conservação e reparos dos castellos no respectivo territorio. Nos principios da monarchia, quasi não havia julgado ou concelho que não tivesse o seu castello, em que governava um conde, castellano ou alcaide, que sempre era pessoa muito fiel e honrada, a quem pagava o povo certos foros (alcaidarias) mas o direito castellatico era para o rei, e se pagava á dinheiro, quando não eram precizos reparos no castello da terra, e em dia de trabalho quando era necessario.

Expulsos os mouros e inutilisados os innumeraveis castellos, cujas ruinas hoje se encontram, foi reservado esse tributo (de que nem os monges e os padres eram isentos) para edificar ou reedificar as praças das fronteiras. O povo, para se eximir d'este foro, no reinado de D. Affonso IV combinou com o rei em lhe dar a terça do rendimento dos seus concelhos.

Desde 1640 ficaram essas terças para a corôa.

Ainda actualmente se pagam á fazenda publica as terças do concelho, a cujo pagamento são obrigados as camaras municipaes.

CASTELLEIRO — freguezia, Beira-Baixa, foi até 1855 da comarca da Covilhan, concelho de Sortelha, e desde então é da comarca e concelho do Sabugal, 36 kilometros da Guarda, 260 ao ENE. de Lisboa, 220 fogos.

Orago o Salvador.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Sortelha, comarca de Castello Branco.

Situada em uma planicie. O vigario de Sortelha apresentava o cura, que tinha de congrua 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil.

CASTELLÊJO E FREIXIAL DOS PÓTES — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 240 ao ENE. de Lisboa, 410 fogos.

Orago Nossa Senhora da Silva.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente do termo da Covilhan, comarca da Guarda.

Situada em uma baixa, junto a uma ribeira, cercada de montes, d'onde só se vê a aldeia do Souto da Casa. A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o vigario (por ser a freguezia da Ordem de Christo) e tinha 80$000 réis, 54 arrateis de cêra e 10 alqueires de trigo e 10 almudes de vinho, para as missas: tudo pago pela commenda da Ordem de Christo.

Feira a 16 de setembro e 13 de dezembro (Castellejo é diminutivo de Castello.) São duas freguezias reunidas Castellejo e Freixial dos Potes. Esta, quando era freguezia independente, tinha por orago S. Sebastião, martyr. O prior do Souto da Casa, apresentava aqui o cura, cuja renda era incerta. Tinha o Freixial, em 1757, 70 fogos.

CASTÈLLO — monte, Douro, freguezia de Mançôres, concelho e comarca d'Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao OSO,. 12 ao NE. de Oliveira d'Asemeis, 3 ao SE. de Fermedo, 36 ao SE. do Porto e 275 ao N. de Lisboa.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Tem uns 400 metros acima do nivel do mar. É quasi todo inculto e no cume bastante pedregoso. Tem algumas arvores silvestres e matto.

Do tópe d'este monte se gosa um bellissimo panorama. Vê-se uma vasta extensão de terra e mar; as serras da Freita, Parnaval, Marão, Vallongo e outras muitas de menos nota; toda a cidade do Porto, e centenares de povoações.

É tradição que houve aqui uma fortaleza e uma povoação romana, e ha ainda vestigios de alicerces e varios montões de pedras em differentes partes, que parece terem já servido em edificios toscos.

Em 1843 appareceram aqui dois capacêtes romanos, de cobre, e parte do machado de uma acha d'armas, de bronze.

Tem extensas pedreiras d'optimo granito.

É incontestavel que os celtas habitaram este monte, porque, do lado do O. d'elle ha varias *mâmoas* (todas já esgravatadas pelo povo á cata de thesouros encantados) um *dolmen* e vestigios de *carns*.

A este monte andam ligadas varias tradições de mouras encantadas.

Tem varias nascentes d'agua (até quasi ao seu cume!) e vastos terrenos d'optima qualidade para a cultura, tudo desaproveitado.

Se uma companhia, intelligente e bem administrada, obtivesse isto do governo e o arborisasse e cultivasse, tiraria um optimo resultado. Assim como está, apenas cria algumas arvores silvestres, tojos e carqueija.

CASTÊLLO ou **CASTÊDO**—pequena villa, Douro, na freguezia de Santa Maria d'Avioso, comarca e 14 kilometros ao N. do Porto, concelho da Maia, 324 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos, na villa e freguezia. Fertil.

Foi cabeça do concelho da Maia.

Vide Avioso (Santa Maria.)

Disse em Avioso, que a freguezia tem 150 fogos; mas actualmente tem 180.

CASTELLO—villa pequena, Beira-Alta, concelho de Satão, comarca e 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 40 fogos. É na freguezia de Ferreira d'Aves, da qual foi cabeça por muitos annos, assim como do concelho de Ferreira d'Aves, até á sua suppressão. Vide Ferreira d'Aves.

CASTELLO—Vide Alfandega da Fé.

CASTELLO.—freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Certan, 165 kilometros ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Orago Espitito Santo.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente do priorado do Crato, *nullius dioecesis*, comarca de Thomar, termo da Certan.

Era senhor d'esta freguezia o grão prior do Crato. Fertil.

Situada em campina, d'onde se descobrem as villas de Figueiró dos Vinhos e Aréga e parte do termo de Pedrogão Grande.

O prior do Crato apresentava aqui o reitor, que tinha 2 moios de trigo, 20 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

Passa aqui o rio Zêzere, e n'esta freguezia se lhe junta a ribeira da Mourisca.

CASTELLO ou **QUINTA DO CASTELLO**—freguezia Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, 145 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Em 1757 tinha 17 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé apresentava o cura que tinha de rendimento 6$000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia esta, ha muitos annos, annexa á d'Alfandega da Fé.

CASTELLO—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 18 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. O seu primeiro Orago foi o SS. Sacramento.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Leomil e S. Cosmádo. Tem outra matriz, e greja orago Nossa Senhora da Encarnação, situada em um cabeço da qual é fóra da villa.

Os frades bernardos de Salzêdas apresentavam o vigario, que tinha 18$000 réis, 80 alqueires de centeio, 25 de trigo, e 60 almudes de vinho.

Fertil.

Foi cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, camara, procorador do concelho, escrivães e todos os mais empregados judiciaes.

Passa pela freguezia o rio Tédo.

CASTELLO ou S. THOMÉ DO CASTELLO —freguezia Traz-os-Montes, comarca, e concelho de Villa-Real, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos. Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O castello que dá o nome a esta freguezia, está situado sobre o cume do mais alto picôtto que ha na freguezia, e sobre a margem esquerda do rio Córgo, quasi ao nivel da serra do Marão. O reitor de Mouçós apresentava aqui o vigario, que tinha 80$000 rs. de rendimento. E' terra fertil.

A fundaçãodo castello é tão antiga, que não ha memoria de quem foram os seus edificadores. A tradição attribue a sua construcção aos antigos lusitanos, no primeiro ou segundo seculo do christianismo.

Algnns atribuem aos romanos a fundação d'este castello.

Hoje não é mais do que um montão de ruinas e conhecem-se ainda, apezar d'isso, as cortinas ou panos da muralha, os alicerces da torre central e por baixo d'elles uma casa que parece ter sido cárcere.

Segundo os vestigios ainda existentes, tinha esta fortaleza 3 portas; uma ao N., outra ao S., outra a E.

Segundo a constante tradição, conservada por estes sitios, é este o mais antigo castello da provincia e o ultimo que foi conquistado pelos suevos, depois de uma obstinada resistencia, pelos annos 410 de Jesus Christo.

Segundo a mesma tradição, era chefe dos suevos D. Ruy Colodio, capitão poderoso, bravo e habilissimo nas manhas da guerra; pelo que se tornava temivel a seus inimigos. Suas tropas estavam divididas em quatro legiões, (cada uma dividida em 8 centurias) commandadas por Felmano, Lucino (ou Licinio) Roquelan e Jaime Guiberno (não me parecem muito germanicos estes nomes).

Foi este castello investido pelos romanos, da guarnição do castello do *Pontido* (no actual concelho de Villa Pouca de Aguiar) mas, apesar do grande numero dos sitiantes, foram postos em fuga e destruidos.

A D. Ruy Colodio succedeu D. Bruno Lucilio (este nome é mais romano do que suevo) que, não sei porque, não tomou logo conta do governo, sendo substituido por Jaime Guiberne. Por morte d'este foi eleito Lucino; mas então tomou conta do governo D. Bruno Lucilio. Todas estes chefes ou régulos obtiveram grandes victorias dos seus inimigos.

A D. Bruno succedeu D. Taludo, valoroso e intelligentissimo guerreiro e legislador.

Depois, nas guerras que houve entre os suevos e gôdos, ficando victorioso Leovigildo, rei d'estes, pelos annos 585, foi este castello atacado com grandes forças, e apezar de uma obstinada e brava resistencia, foi tomado e demolido pelos gôdos.

Até aqui o que consta da tradição e das memorias conservadas por curiosos de antiguidades.

—

Ha n'esta freguezia um sitio chamado *Mascusinhos*, que foi uma populosa aldeia.

Houve em Portugal uma grande peste em 1503 e outra ainda maior em 1505, que matou toda a gente d'esta aldeia, escapando apenas duas mulheres, que fugiram para a aldeia de Aguas-Santas, d'esta freguezia; abandonando-se para sempre a aldeia de Mascusinhos, da qual hoje só ha ruinas.

Perto do castello e junto á porta do L., existem as ruinas de uma capella, que depois se mudou para um outro sitio, a poucos metros de distancia, e é agora a capella de S. Sebastião, ou S. Christovão do Castello. Fica a uns 2 kilometros da povoação principal da freguezia.

Ainda em uma das annexas d'esta freguezia existem duas imagens que foram da antiga capella de Mascusinhos — uma é de S. Domingos e outra de Nossa Senhora das Neves. Os povos d'estes sitios teem muita devoção com esta Senhora, á qual attribuem muitos milagres.

—

Não podiam deixar as ruinas d'este vetustissimo castello de ter suas lendas e contos de mouras e thesouros encantados; e o nosso bom povo, cuja imaginação é tão fertil n'estas coisas, traz ligadas a estas ruinas, historias pavorosas e horripilantes..

Ahi vão as principaes.

D. Taludo e seus antecessores possuiam riquezas hyperbolicas, que tinham escondido em uma especie de *tunnell* que mina o picôtto, na Fonte dos Louranços (a uns 60 metros do castello)—na Fraga dos Sabugueiros, onde se vê uma mão esquerda, por baixo da qual, diz o *tombo* ou *roteiro*, estão as armas de D. Taludo, e onde era a morada de D. Martha; na Fraga da Torre, onde ainda se vêem os alicerces de um edificio, que se diz ter sido torre, e era o carcere dos prisioneiros e delinquentes. Dista 900 a 1:000 metros do castello. Por estes sitios, diz o *tombo*, se encontrarão as joias de um rei.

Tendo já fallado n'esta obra em *roteiros* (a que nas provincias do N. chamam *tombos*) é preciso dizer aos leitores que o ignorarem, que *roteiro* é um *quaderno* manuscripto que diz os sitios onde estão os *thesouros encantados* e a maneira de os *desencantar*. Já se sabe, os taes roteiros não passam de um logro.

Fiados nos taes *tombos*, muitos teem tentado desencantar thesouros, por meio de livros magicos (dizem que escriptos por S. Cypriano, antes da sua conversão) e com rezas dos padres, que para isso alli teem levado.

Diz-se que de uma vez acharam algumas riquezas. Que por outra vez, depois de muito trabalho nocturno, e estando mettidos todos dentro de um grande *sino saimão* (signo de Salomão) lhes appareceram figuras diabolicas e idolos monstruosos e medonhos, mas riquissimamente vestidos de oiro e de diamantes, que brilhavam como o sol, a cuja vista os ambiciosos desencantadores ficaram aterrados e fugiram espavoridos.

Junto á porta do castello que olhava para o N., consta que havia antigamente um buraco, por onde facilmente podia entrar um homem. Diz-se que ha annos por elle entraram varios individuos audaciosos, os quaes a poucos passos da entrada viram uma abobada de cantaria lavrada e depois umas escadas de uns 16 a 20 degraus, ao fim dos quaes se seguia uma estreita galeria até um largo onde estava um bello jardim com um elegante chafariz.

Mais adiante estava outro largo, e n'elle um sumptuoso templo pagão, todo ornado de ouro e pedrarias, com idolos medonhos e ameaçadores que lhe faziam terriveis esgãres. Os pobres fugiram espantados, e poucos dias sobreviveram á sua temeraria empresa.

Consta que os principaes chefes d'esta expedição foram Gonçalo Esteves e Paulo Mendes, da referida aldeia de Mascusinhos, arruinada.

E lá jazem encantados os famosos e riquissimos thesouros dos antigos possuidores do castello!

—

Dou os mais cordeaes agradecimentos ao reverendissimo sr. Fortunato Antonio Botelho Machado, dignissimo abbade de S. Thomé do Castello, que obsequiosamente me forneceu estes apreciaveis esclarecimentos.

Honra a este clerigo attencioso e illustrado, que não fez como muitos a quem pedi por muito favor esclarecimentos de antiguidades, e que nem se dignaram responder!

CASTELLO D'AGUIAR DO SOUSA—Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 14 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Este castello, célebre na antiguidade, existiu sobre a margem direita do rio Sousa, na sua confluente com o Douro (margem direita) onde hoje se chama Foz do Sousa.

Provavelmente foram os romanos que o edificaram (se não foram os antigos lusitanos). Durante o reinado dos principes gôdos foi este castello reedificado (ou, segundo outros, fundado) e d'elle trata claramente a *Chronica gothica;* situando-o na margem do rio Sousa, em frente de Arnellas.

O chronista fr. Antonio Brandão copia a dita *Chronica* d'este modo:—«*Era 1033. Almançor cepit Castellum de Aguilar, quod est in ripa Sausæ in Portugalensi Provincia.*» (*Mon. Lusit.* tom. 3.º, in App. fl. 27.)

Flores, que deu correcta e illustrada esta *Chronica*, conta o successo assim:—«*Era MXXXVIII. Cepit Almanzor Castellum Aquilar, quod est in ripa de Sousa Provincia Portugalensi.*» (*Esp. Sagr.* tom. 23, App. 7 pag. 337.)

Quer a tomada d'este castello fosse na era de 1033, como copia Brandão, quer na de 1038, como diz Flores, é incontestavel que pelos annos 995 ou 1000 de Jesus Christo (que é a tal éra de Cesar 1033 ou 1038) Almançor sitiou ou conquistou este castello aos christãos n'uma d'essas datas. Prova-se d'esse facto que esta fortaleza era importante n'aquelle tempo, aliás nenhum desejo teria o famoso guerreiro Almançor de a conquistar.

Quando D. Fayão Soares fundou Arrifana de Sousa, em 850, a povoou com gente que tirou da velha cidade de Penafiel e do Castello de Aguiar do Sousa, de que era senhor. Mas, ou o castello não ficou despovoado, ou foi povoado de novo, visto que Almançor depois lhe poz sitio para o tomar.

Pela leitura da *Chronica Gothica* deduz-se que Almançor, tomado o castello de Aguiar, lhe poz guarnição mourisca; porque se assim não fosse, o arrazaria, como fez a outros, o que não consta.

Ignora-se quando os christãos recuperaram este castello. Suppõe se ser ahi pelos annos 1020, em que o infante Alboazar Ramires resgatou muitas terras ao N. do Douro do poder mauritano; ou D. Fernando III (o Grande) pelos annos 1036.

O que é certo é que o castello de Aguiar do Sousa, ainda existia na era de 1273 (1136 de Jesus Christo) porque o mestre da Ordem de S. Thiago fez então uma escriptura de doação a Martim Annes do Avinhal (que era da familia dos Aguiares) na qual se lê o seguinte:

«*Damos e outorgamos a vos Martim Annes e áquelles vossos hereres* (herdeiros), *que de vós descerem, por vosso herdamento para todo sempre so* (sob) *a maneira, e so as condicions que adiante son escritas en esta carta es nossos logares, que son chamados os Padrois* (Padrões) *a que vós posestes nome Aguiar dos padrois, que son en ó Campo Dourique, etc.*»

Declara-se n'esta escriptura os muitos serviços que a Ordem tinha recebido de Martim Annes, e varios outros bens que lhe dá em recompensa d'esses serviços, e continúa: — «*E outro si pelo Castello de Iguiar, que era vosso herdamento, que nós avemos de vós, que nos entregou D. Gil Gomes, vosso tio, em vosso nome, e por vosso outorgamento, quando nos deo os Castellos de Asnar, etc.*» — (Alarcão, *Relacion Gen.* in Append. pag. 115.)

Vê-se pois que este castello foi então cedido (ou trocado) pelo seu proprietario á Ordem de S. Thiago.

Não me foi possivel averiguar quando este antigo castello foi destruido, mas é de suppor que fosse durante as frequentes (quasi continuas) guerras que tivemos algumas vezes com castelhanos e quasi sempre com os mouros, desde o conde D. Henrique até D. Sancho II.

O que é certo é que foi arrazado até aos fundamentos, pois d'elle não restam outros vestigios além do que deixo dito.

Segundo alguns escriptores, era este castello o solar dos Aguiares. Outros dizem que era a freguezia d'Aguiar do Sousa.

Consta que em frente d'este castello, na margem esquerda do Sousa, e tambem portanto na sua foz, existiu a antiquissima cidade de Penafiel.

Outros querem que esta cidade existisse na serra que fica sobranceira á foz do Sousa. (Vide Arrifana do Sousa e Penafiel.)

CASTELLO D'ALMOUROL — vide Almourol.

CASTELLO BOM — villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho e 18 kilometros d'Almeida, 36 kilometros de Pinhel, 324 ao E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do districto de Cima Côa, comarca de Pinhel, bispado de Lamego.

Situada em um alto, sobre uma rocha, d'onde se vê a praça d'Almeida (a 12 kilometros) e Castello Rodrigo (a 30).

Foi cabeça do concelho do seu nome, e tinha juiz ordinario, camara, procurador do concelho, escrivães, *et reliqua;* tudo feito de

tres em tres annos pelo corregedor de Pinhel. O seu termo comprehendia os logares de Freinêda, Naves, Rio Sêcco e Villar Formoso.

É terra fertil.

A matriz é dentro das muralhas. O papa e o bispo de Lamego, e depois o de Pinhel, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis.

Tem um castello, a cuja conservação eram obrigados os viscondes de Ponte de Lima. Ainda no fim do seculo passado tinha duas bôccas de fogo e armazens para petrechos de guerra e munições. Hoje está tudo desmantelado.

Tem uma antiga e famosa torre com duas abobadas, que tem servido de cadeia.

Este termo é dividido do de Castello Mendo pelo rio Côa, que passa 3 kilometros a E. da villa.

Castello Bom foi praça d'armas, e a villa é cingida de muros de cantaria, com duas portas, tendo dentro o castello, que lhe servia de cidadella. Todas estas fortificações foram obra de D. Diniz, em 1296. D. Manuel as reformou em 1509.

Era povoação arabe (mas não sei o nome que tinha) e D. Diniz a mandou povoar por christãos quando lhe fez as muralhas, e reconstruiu a villa.

Castello Bom passou para a corôa portugueza (1282) em dote da rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz; mas estava quasi despovoada.

D. Affonso VIII de Leão (primo e contemporaneo do nosso D. Sancho I) lhe deu foral, sem data. D. Diniz lhe deu tambem foral, em 1296 (ainda que Franklim não falla n'este foral) e D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510.

Vide foral antigo, sem data, no maço 5 dos mesmos, n.º 2. Vejam-se mais os *Artigos da Portagem e outros direitos, que se pagam, segundo o foral velho*, no livro XLVI, de Tombos, no armario 17, fl. 60, v., e *Livro de foraes novos da Beira*, fl. 22, v., col. 2.ª

Esta povoação tem decahido muito da sua antiga importancia e prosperidade.

CASTELLO BRANCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 168 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança. Muito fertil.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

Era esta freguezia cabeça de uma commenda dos templarios até 1311. Em 1319 passou a ser do mesmo modo cabeça de uma commenda de Christo (a mesma que foi dos templarios). Esta commenda rendeu alguns annos 4:800$000 réis.

CASTELLO BRANCO — cidade, Beira Baixa, capital da provincia, do bispado e do districto administrativo — 84 kilometros da Guarda, 80 ao E. de Abrantes, 120 d'Elvas, 215 ao E. de Lisboa, 1:500 fogos, 6:000 almas, em duas freguezias, Santa Maria e S. Miguel (Sé) que hoje estão unidas, por carta de lei de 20 de julho de 1849, existindo só a matriz da Sé. No concelho tem 5:400 fogos, na comarca 6:820, no districto administrativo 34:000.

Até 1771 foi do bispado da Guarda.

Era villa com o titulo de *notavel* (conferido por D. João II) e em 15 de agosto de 1771 foi elevada á cathegoria de cidade, e a séde de bispado. Até então era do bispado da Guarda.

Foi D. José I que obteve do papa Clemente XIV, que aqui se formasse o novo bispado, desmembrando-se do bispado da Guarda o territorio para esta diocese.

Foi seu primeiro bispo, D. José de Jesus Maria Caetano, mestre dos filhos de Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal. Este bispo, era religioso da Ordem dos prégadores (dominico).

É situada em posição elevada e vistosa, proximo do rio Laca.

O licenceado Gaspar Alvares de Lousada e outros archeologos, dizem que é a antiquissima *Castraleuca*, dos romanos, (onde foi martyrisada Santa Wilgeforte, segunda do nome). É certo que aqui tem apparecido cippos e inscripções romanas, por varias vezes.

Sustentam outros que esta cidade foi fundada pelos célebres cavalleiros templarios, no seculo XII. Na minha humilde opinião (e depois de folhear toda a casta de pulverulentos alfarrabios) Castello Branco é a *Castraleuca* dos romanos (da qual o nome moderno é a tradução litteral). O castello e a cêrca velha, cuja edificação alguns attribuem aos templarios, é, segundo todas as probabilidades, obra dos romanos.

Vide adiante o mais que sobre isto digo. Tambem alguns escriptores sustentam que *Castraleucos* é a villa do Crato.

Um dos factos principaes (e julgo-o mesmo essencial) em que me fundo para sustentar que os cavalleiros do templo não fundaram esta cidade, é que—se fossem elles, o seu grão-mestre (segundo o invariavel costume) lhe daria foral; mas não deu—pois o primeiro foral da então villa de Castello Branco, lhe foi dado por D. Sancho I, em 1188.

Em 22 de setembro de 1495, D. Pedro de Sousa, visitador da Ordem de Christo, deu outro foral a Castello Branco, *segundo a posse em que se achava esta ordem.*

Tem foral novo, dado por D. Manuel, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (Gaveta 13, maço 2, n.º 5, Livro dos foraes novos da Beira, fl. 23, col. 2.ª)

Estou convencido que os templarios só aqui fizeram obras de defeza e reèdificaràm as antigas, desde 1229, anno em que, *sendo já Castello Branco uma grande e importante povoação* (como expressamente o diz a doação) D. Sancho II a doou a D. Simão Mendes, mestre dos templarios n'este reino. Este fez no castello um palacio para os commendadores da Ordem, o qual depois foi residencia dos alcaides-móres.

Em 1286 mandou D. Diniz ampliar e concertar as fortificações, fazendo uma nova cêrca e outro castello, com quatro portas (Pelame, S. Thiago, Traição e do Ouro) guarnecida com sete torres, além da de menagem, que tem sete quinas.

Segundo a *Geographia Historica*, de D. L. C. de Lima (tom. 2.º, pag. 133) ainda em 1734 havia dois recintos de muralhas, denominadas *Cêrca Nova* e *Cêrca Velha.* A mais antiga era provavelmente do tempo de D. Sancho I, ou mesmo talvez antes da monarchia portugueza: a nova foi a que fez D. Diniz, ou os templarios, por sua ordem. Não se sabe quem mandou construir o antigo castello, que alguem disse ser obra romana ou arabe; e ha quem sustente que foi elle que deu o nome á villa.

Todos sabem que a Ordem dos templarios foi extincta em todo o mundo catholico, em 1311.

Em alguns reinos (sobre tudo na França) foram os cavalleiros assassinados, depois de lhe fazerem soffrer os mais atrozes supplicios, e seus immensos bens confiscados em beneficio do papa. Em Portugal, foi a Ordem simplesmente dissolvida, e o nosso bom rei D. Diniz, para evitar que Roma tomasse conta das grandes riquezas dos templarios portuguezes (como fez em outras nações) instituiu a Ordem de Christo, á qual deu todos os bens dos templarios, em 1319.

Desde então ficou sendo Castello Branco, commenda da Ordem de Christo, cujos commendadores se estabeleceram no palacio que os seus antecessores tinham feito no castello, e alli residiram até 1640, em cujo anno mudaram a sua residencia para Lisboa.

Os ultimos commendadores que viveram nos paços do castello, foram D. Fernando de Menezes e D. Antonio de Menezes, que foram para Lisboa, logo depois da acclamação de D. João IV.

Já disse que esta cidade tem duas freguezias, Santa Maria do Castello (assim chamada por estar a egreja dentro do castello) se mudou para a capella de S. Braz, que está junto ao mesmo castello, por se ter arruinado a antiga matriz, com as guerras de 1705. A de S. Miguel, é extra-muros e tem nove altares.

Desde a erecção do bispado, foi esta egreja feita Sé e dedicada a Nossa Senhora da Assumpção (como todas as egrejas cathedraes do reino).

Ambos os parochos eram vigarios e freires da Ordem de Christo, apresentados pela Mesa da Consciencia e Ordens.

Tem cada uma d'estas freguezias cinco

beneficiados, que eram da mesma apresentação e freires de Christo.

O vigario de Santa Maria, tinha de *porsão* 75 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho *cosido*, 14$500 réis em dinheiro, 1 moio de centeio e 10 alqueires de azeite, tudo pago pela commenda. Tinha mais 2 moios de trigo, 1 de centeio e 13 almudes de vinho *cosido*, pago em dinheiro (á vista da certidão dos preços correntes, tirada em agosto). Os beneficiados d'esta egreja tinham cada um 90 alqueires de trigo, 4 de azeite e 12$000 réis em dinheiro, de *porsão*, pago pela commenda.

O vigario de S. Miguel tinha de *porsão*, pago pela commenda, 75 alqueires de trigo, 1 moio de centeio, 10 alqueires de azeite e 14$000 réis em dinheiro, e mais 120 alqueires de trigo, 1 moio de cevada e 39 almudes de vinho, em dinheiro, segundo a certidão acima dita. Os beneficiados, tinha cada um, 1 moio de trigo, 4 alqueires de azeite e 12$000 réis em dinheiro, pago pela commenda.

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Maria do Castello 574 fogos e a de S. Miguel 620.

Tinha dois conventos de frades, extramuros: Capuchos de Santo Antonio, no fim da povoação da Soledade, fundado por D. Fernando de Menezes, commendador e alcaide-mór de Castello Branco, em 1562.

O edificio do convento serve actualmente de quartel e hospital militar, e na parte do sul está o theatro, feito aqui com licença e por decreto do governo, de 25 de maio de 1844. Denomina-se Theatro União, e é de uma sociedade constituida em 1842, e com os devidos estatutos.

Eremitas de Santo Agostinho (convento da Graça) que primeiro foi de franciscanos, até 1526, em que passou para agostinhos. É extra-muros e junto do paço episcopal. Tinha propriedades, no valor de 32 contos de réis, que foram vendidas em 1834 (ou pouco depois) como bens nacionaes. Em 1834 veio para este convento o hospital civil, que até então estivera na Misericordia Velha ou Rainha Santa. (Sobre a Misericordia, vide adiante.)

O primeiro é a E. da cidade e o segundo ao N.

Tem Misericordia e hospital, o melhor da provincia e dos bons do reino.

É terra muito fertil e produz muita e boa hortaliça.

Não é muito abundante de fructa, mas a que ha é de optima qualidade, principalmente as péras serôdias, que têem fama em todo o reino. Da bella quinta da Carapálha, pertencente ao sr. Domingos Roballo, já tratei no logar competente. Vide Carapálha.

Antes de 1834, tinha provedor, corregedor, juiz de fóra, juiz da alfandega, juiz dos freires da Ordem de Christo, juiz dos orphãos e camara, com seus competentes escrivães, meirinhos e porteiros.

Tinha capitão-mór com 15 companhias, 5 na cidade e 10 no termo.

É tradição que a 3 kilometros a E. de Castello Branco, existiu a antiquissima cidade de *Belcagia*, ou cidade dos Belgaios, (Vide Belcagia.) entre as ermidas de S. Martinho e de Nossa Senhora de Mercules.

Existem aqui ainda vestigios de remotissimos edificios.

Segundo a mesma tradição, uma epidemia assolou esta cidade, de tal maneira que a deixou despovoada; porque os que escaparam á peste resolveram abandonar este sitio e fundar outra cidade, para o que escolheram uma pequena montanha, que lhe ficava a uma legua ao O., onde effectivamente fundaram a actual Castello Branco, a que depois os romanos denominaram *Castra-Leuca*.

É certo que a tradição parece confirmar-se por alguns cippos com inscripções romanas, que aqui se tem em varias epocas encontrado.

—

Antes da invenção das armas de fogo, era a fortaleza de Castello Branco considerada inexpugnavel. Tinha quatro portas, o castello, e na sua torre de menagem (em fórma de polygono heptagono) estavam—as armas de Portugal de um lado e da outra as da Ordem de Christo.

Foi o rei D. Diniz, que, em 1319, mandou cingir a villa, de fortes muros, com 10 por-

tas, todas em fórma de arco. Estas portas foram todas demolidas, por ordem do ministerio da guerra, de 17 de julho de 1835.

Sobre os muros existentes, das vetustas muralhas, se vêem alguns mirantes, construidos por particulares, que estão de posse de parte d'ellas.

Do palacio dos commendadores e do castello, apenas hoje existe uma pequena parte, que é dependencia do bonito lyceu nacional, que modernamente se edificou em um recinto do castello. É este um dos melhores pontos de vista da cidade, pela vastidão de horisonte que d'aqui se descobre, em uma circumferencia de 30 kilometros de raio; vendo-se a E., as povoações de Idanha Nova, Ladoeiro, Zibreira, Monforte e Malpica; a S., parte da Hespanha, Marvão, Castello de Vide e a garganta do rio Tejo, chamada Portas do Rodão, a O., Sarzedas, Ninho d'Açôr, Tinalhas e S. Vicente; ao N., Alcains, Alpedrinha e outras povoações de menos importancia.

—

Aqui esteve D. Diniz e a rainha Santa Isabel, em 1285, e D. Manuel, em 1510.

—

No reinado de D. Affonso VI, existiu o titulo de visconde de Castello Branco.

Tambem no tempo da Senhora D. Maria II, houve visconde de Castello Branco.

No actual reinado do Senhor D. Luiz, tambem se deu o titulo de conde de Castello Branco, ao sr. Trigueiros

—

Tem esta cidade diligencia, que a liga com Abrantes, Covilhan e outras muitas povoações.

Seu territorio é abundante de cereaes, legumes e fructas.

Faz grande commercio de exportação, de excellente azeite, cortiça, gado suino e outros muitos generos.

Tem um bom mercado quinzenal e duas feiras annuaes, uma no 1.º de janeiro e outra a 4 de outubro.

Nos seus montes ha grande abundancia de caça miuda.

—

Os seus habitantes são laboriosos, soffredores, hospitaleiros e de boa indole.

A cidade é salubre, aceada e regular, principalmente a chamada baixa, onde abundam praças e bonitos palacios particulares.

Uma das melhores praças é a denominada Deveza, da qual, uma parte, arborisada, constitue o passeio publico, servindo ainda uma grande parte para largo de paradas, de cavallaria n.º 8.

—

Está Castello Branco situada entre as ribeiras Ponsul e Varzea, e a 20 kilometros do Tejo.

—

Em 1704, as tropas castelhanas de Philippe V, tomam e saqueiam a villa (então) de Castello Branco; mas pouco tempo estiveram senhores da praça, pois que as tropas portuguezas não só a resgataram, expulsando os hespanhoes, mas os levaram nas pontas das bayonetas pela Hespanha dentro.

Distinguiram-se na expulsão dos inimigos, alguns habitantes da praça, pela sua dedicação e coragem.

—

Querem alguns roubar a honra a Braga (n'este ponto) sustentando que as nove irmãs santas, eram d'aqui, o que segundo todas as provabilidades é erro manifesto, fundado apenas no martyrio de Santa Wilgeforte, natural d'esta cidade e aqui assassinada, cujo nome é egual a uma das nove irmãs.

Havia aqui antigamente cinco feiras: a 12 de março, 25 de abril, dia da Ascenção, 2 de agosto e 4 de outubro. Todas duravam um só dia.

Agora tem as seguintes feiras: 1.º de janeiro e 4 de outubro, cada uma dura tres dias, e mercado bi-mensal, na 1.ª e 3.ª segunda feira de cada mez.

Consta que a agua do pôço da Paqueixada faz despegar as sanguesugas das goellas, e que a da Fonte da Graça cura a dôr de pedra e areias.

Pelo termo passam os rios Ponsul, Ocresa e Liria.

As ruas da cidade alta são em geral estreitas e tortuosas, como as de todas as povoações antigas. Tambem não tem edificios notaveis. A egreja cathedral e o paço episco-

pal são bons edificios. Fica-lhe junto um jardim muito interessante e aprasivel.

(Adiante fallarei d'este jardim mais circumstanciadamente).

O paço episcopal e jardins, foram mandados fazer pelo bispo da Guarda, D. Nuno de Noronha, para residencia de verão, para elle e seus successores. O bispo de Castello Branco D. João de Mendonça fez muitas obras no paço e aformoseou os jardins e quinta; mas actualmente está tudo em grande decadencia e revelando a maior incuria.

Tem lyceu.

Tem por armas, em campo de púrpura, um castello de ouro com tres torres ameiadas. (Escudo coroado).

É quartel general da 6.ª divisão militar e quartel de cavallaria 8.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

No meio da barafunda de opiniões em que nos fazem *boiar* os nossos antigos escriptores, atrevo-me a emittir tambem a minha *conciliatoria* opinião sobre á origem d'esta cidade; e é o que judiciosamente se póde colligir dos differentes codices.

É provavel que n'este sitio edificaram os romanos um castello, que, pela côr branca da sua pedra, ou por outra qualquer circumstancia, denominavam *Castraleucos*, que quer dizer, Castellos-Brancos.

Esta fortaleza, e, provavelmente, a povoação contigua, foi por diversas vezes destruida e reconstruida, durante as encarniçadas guerras dos lusitanos com os romanos e depois com os arabes.

É preciso porém notarmos que Ptolomeu menciona uma cidade da Lusitania, chamada *Cattaleucos* (que, segundo Viterbo, é palavra grega, que significa *ad albos*.) Mas a *Cattaleucos* de Ptolomeu não póde ser a actual Castello-Branco, que está situada entre o Tejo e o Guadiana. Seria *Castraleucos* uma povoação e *Cattaleucos* outra? Enganar-se-hia Ptolomeu na posição d'esta cidade, como se enganou em outras?

Ptolomeu, na sua geographia da Peninsula Iberica, curou, na maior parte, por informações: é por isso que o seu livro está cheio de incorrecções, algumas disparatadas. É todavia uma obra veneranda pela sua antiguidade, e, mesmo assim, a melhor que temos d'aquelles tempos (d'este genero) e o *Itinerario* do imperador Antonino Pio.

Seja como fôr, o que é certo é que no tempo de D. Sancho I, haviam, exactamente eo sitio onde hoje está Castello Branco, as ruinas de uma grande povoação (com certeza romana) que os antiquarios diziam ser a velha *Castraleucos*, e a que o povo chamava *Cardóza*, pelos muitos cardos e silvas que vegetavam por entre as ruinas.

O vasto territorrio que circumdava a *Cardoza*, constituia uma magnifica propriedade, pertencente a Fernando Sanches, que em 1209, doou aos templarios metade d'ella, *com toda a sua povoação, fóros e direitos, e metade das egrejas que no seu termo elle tinha edificado e viesse para o futuro a edificar.*

Em 1214, era da corôa a metade reservada por Fernando Sanches, pois n'esse anno a doaram D. Affonso II, sua mulher, D. Urraca e seus filhos, D. Sancho e D. Affonso (depois reis) e sua filha D. Alionora, aos cavalleiros da Ordem do Templo. Dava-se-lhe então o nome de Villa Franca da Cardoza.

Os templarios reedificaram o antigo castello, com grande solidez e muito ampliado, e deram principio á reconstrucção da povoação, e persuadidos (erradamente?) que estas ruinas eram as de *Castraleucos*, deram logo á povoação o nome de Castello Branco, isto é, o antigo nome traduzido em portuguez.

O rei, na citada doação, só reservou para si a *colheita que lhe parecer*, quando alli fosse. Pouco depois, estando D. Affonso II na Covilhã, confirmou a doação, por carta regia do 1.º de novembro do mesmo anno.

O papa Innocencio III confirmou aquella doação em 1215; dizendo na bulla «*que os templarios tinham fundado, na fronteira dos mouros, uma villa e fortaleza, no sitio da Cardoza, a que elles deram o nome de Castello Branco.*»

Quando se expediu esta bulla, ainda o castello e a villa andavam em construcção.

—

Em parte do paço episcopal se estabeleceram depois de 1834, as differentes repar-

tições do governo civil do districto e da administração e da repartição de fazenda do concelho.

A quinta do bispo é uma boa propriedade; porém os jardins episcopaes são magestosos e surprehendentes. Teem lagos, cascatas e tanques sumptuosos. Teem longos lanços de escadaria, ornamentados com duas filas de estatuas de pedra, representando apostolos e reis, que se patenteiam um primor de cinzel soffrivelmente problemático, nem por isso deixam de embelecer aquella estancia.

Diz, com muita graça, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, que vou seguindo, na descripção d'esta quinta, que as taes estatuas «vistas de perto, parecem ter sido feitas por um radical façanhudo, que se encarregasse de desacreditar em pedra, o throno e o altar. Dir-se-hiam as folhas soltas de um *Punch* republicano, que se lembrou de immortalisar em Castello Branco as caricaturas dos monarchas e dos santos varões da egreja.»

Houve aqui em outro tempo jogos d'agua, como em Versailles; hoje na urna vasia da melancholica estatua, dá cascata cresce o musgo esverdeando a pedra. Em compensação, os canteiros, bem ornados de flores, as ruas dos jardins limpas e lisas, attestam a sollicitude do jardineiro.

—

Do vetusto e desmantellado castello, abrange a vista uma esplendida paisagem. Correm os olhos por vastas e ferteis campinas, sulcadas em todas as direcções pelas linhas sinuosas das estradas.

Em torno de nós jazem as pedras desmoronadas da antiga fortaleza. Trabalha-se alli porém em novas construcções. De um lado premedita-se (1874) um observatorio meteorologico; do outro lado ergue-se já, muito adiantado, um edificio destinado para escola de instrucção primaria, que estando concluido, será decerto o mais vasto e o de mais satisfatorias condições que existe no paiz.

Segundo as observações do sr. Pinheiro Chagas, nota-se n'esta cidade uma tendencia energica e profunda para satisfazer ás exigencias da vida moderna; para se romper com a rotina do passado; para se caminhar na senda do progresso, e para se tomar, por todas as fórmas, a iniciativa nos melhoramentos. Muitos d'elles são obra do sr. Guilhermino de Barros, que aqui foi alguns annos governador civil.

O asylo dos orphãos, foi fundado no tempo do seu governo e por diligencias suas, e efficazmente protegido pela caritativa familia Vaz Preto.

É um asylo modelo. As creanças adquirem alli uma educação solida e séria. Está montado com uma economia, com um aceio e com uma ordem inexcediveis. Os rostos dos asylados respiram a alegria e o bem estar.

Parece mais uma casa de familia do que um estabelecimento de caridade. As creanças, privadas do lar domestico, vão alli ter o carinho e conforto, que só os paes sabem dar. A direcção é com elles essencialmente paternal.

—

É innegavel que Castello Branco deve muito ao sr. Guilhermino de Barros. Além do asylo dos orphãos, elle fez desenvolver a construcção de varias estradas; fundou a casa de banhos, no monte da Touca, e algumas escolas.

Foi durante o governo d'este cavalheiro que se colleccionaram importantes memorias das differentes povoações do districto, etc., etc. Nunca houve em Portugal administração mais fecunda e iniciadora do que a d'este illustradissimo magistrado: o que é geralmente reconhecido por amigos e inimigos politicos do sr. Barros.

O actual governador civil (1874) o sr. João José Vaz Preto (cunhado do sr. Guilhermino) segue-lhe felizmente as pisadas e está fazendo tambem uma excellente administração.

—

Ha n'esta cidade o recolhimento de Santa Maria Magdalena, principiado pelo bispo da Guarda, D. João de Mendonça, e concluido em 1753, pelo seu successor, D. Bernardo Antonio de Mello Osorio.

N'este edificio está actualmente o asylo da infancia desvalida, que sustenta e educa, por

ora (1874) 24 creanças de ambos os sexos.

—

O palacio episcopal, foi principiado em 1590, por D. Nuno de Noronha, bispo da Guarda.

Hoje está occupado por diversas repartições do estado, taes como: secretaria do governo civil, repartição da fazenda (do districto e concelho) secretaria da camara ecclesiastica, administração do concelho, repartição dos afilamentos municipaes, typographia, etc.

Este palacio é digno de vêr-se. O salão da entrada é grandioso e rico de marmores e estuques.

Do seu jardim já fallei; mas accrescentarei que é, apesar de deteriorado, um dos melhores do reino. Passa-se d'elle por um viaducto, que corre sobre o Largo de S. João, para a quinta ajardinada e bosque, no gosto antigo, mas bonita.

—

A Sé, é de simples e ordinaria fabrica; mas toda de cantaria. A capella do Santissimo Sacramento e a sachristia maior, que tem 2:364 pés quadrados, são notaveis, e dignas de serem vistas.

—

A Misericordia de Castello Branco era pobre; porém o veneravel e virtuoso Bartholomeu da Costa, fallecido em 1608, legou-lhe todos os seus bens, que eram muitos e bons, e é de então que data a prosperidade d'esta casa; pois que, tendo principiado com alguns donativos de bemfeitores, e com uma avultada quantia do rei D. Manuel; ficou tendo, depois do legado de Bartholomeu da Costa, um rendimento de tres contos de réis. Hoje tem uns seis contos de rendimento.

—

O quartel de cavallaria 8 (caçadores a cavallo) é moderno, e o segundo d'esta arma. O antigo foi quasi destruido por um raio, no 1.º de agosto de 1847; pelo que foi quasi totalmente reedificado.

—

Os paços do concelho, ficam no centro da cidade, e n'elles está a cadeia publica. Nada tem de notavel. Foram construidos pelos annos de 1646.

A bibliotheca publica é soffrivel. Contem 8:000 volumes, e possue obras de muito merecimento.

—

Ha aqui dois montepios, o dos lavradores e o dos artistas.

—

Ha tambem uma fabrica, movida a vapor, para cardar e fiar lã e para moêr azeitona e cereaes.

—

Perto da cidade, ha minas de azougue.

—

Entre as varias fontes publicas d'esta cidade, ha uma, a distancia de 2 kilometros ao S., de aguas ferreas, muito recommendadas pelos medicos, para certos padecimentos.

A fonte da Graça, de uma só bica, é de agua muito adstringente e dizem que cura a dôr de pedra.

Na Deveza, existe um pôço, chamado da Páqueixada, cuja agua é boa, segundo dizem, para a cura das inflammações dos olhos e tem a particularidade de fazer cahir immediatamente as sanguessugas da garganta dos animaes que d'ella bebem.

—

Entre as pessoas illustres nascidas em Castello Branco, ufana-se justamente esta cidade de ser patria das seguintes (além de Santa Wilgeforte, martyr, de que já fallei.)

Frei Roque do Espirito Santo, que recusou o arcebispado de Gôa e os bispados de Viseu, Ceuta e Lamego.

Bartholomeu da Costa, thesoureiro-mór da Sé de Lisboa, da familia de D. Jorge da Costa, (o célebre cardeal de Alpedrinha.)

O Cardeal da Motta.

D. José Pinheiro, bispo de Meliapor.

Dr. frei Manuel da Rocha, lente de prima, em theologia e auctor do *Poutugal Renascido*.

João Velho, procurador no casamento da rainha Santa Isabel.

Francisco Sanches, célebre medico e auctor de varias obras da sua prefissão.

Francisco Xavier d'Andrade, poeta mystico.

Francisco Antonio de Paiva, lente de prima, em philosophia, e auctor de um compendio de zoologia.

Manuel d'Azevedo, lente de theologia, em Roma, auctor de diversas obras e edictor das do papa Bento XIV.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, doutor em medicina, pelas universidades de Coimbra e Salamanca, medico do hospital de Moscow, e da imperatriz Anna: auctor de varias obras.

Rodrigo Rebello, primeiro capitão-mór da India.

João Evangelista d'Abreu, um dos vultos mais eminentes da engenharia moderna.

Doutor João Rodrigues de Castello-Branco (*Amato Lusitano*) medico famoso. Perseguido pela Inquisição, foi morrer a Tsalonica, em 1490.

—

A correição de Castello Branco compunha-se de 22 villas, que eram:

Alpedrinha, Atalaya, Belmonte, Bemposta, Castello-Branco, Castello-Novo, Idanha-Velha, Idanha-Nova, Monsanto, Pena-Garcia, Penamacôr, Proença-Velha, Rosmaninhal, Sabugal, Salvaterra-do-Extremo, Sarzêdas, Segura, Sortêlha, Touro, S. Vicente da Beira, Villa Velha do Rodão e Zebreira.

Actualmente o seu districto administrativo compõe-se de 12 concelhos que são:

Belmonte e Covilhan, no bispado da Guarda,—Oleiros, parte no bispado da Guarda e parte no grão priorado do Crato, hoje patriarchado,—Fundão, parte no bispado da Guarda e parte no de Castello-Branco,—Proença a Nova, parte no priorado do Crato e parte no bispado de Castello Branco,—Penamacôr, parte no bispado da Guarda e parte no de Castello Branco—Certan, no grão priorado do Crato (patriarchado.) Castello-Branco, Idanha Nova, S. Vicente da Beira, Villa de Rei e Villa Velha do Rodão, estes cinco ultimos, no bispado de Castello Branco.

A comarca de Castello Branco, é formada dos julgados de Castello Branco, S. Vicente da Beira e Villa Velha do Rodão.

O concelho de Castello Branco é formado das 14 freguezias seguintes:

Alcains, Bemquerenças, Caféde, Cebolaes de Cima, Escallos de Baixo, Escallos de Cima, Lardosa, Lousa, Malpica, Matta, Monforte, Salgueiro, Sarzedas e Castello Branco (Sé)

O bispado comprehende os concelhos de Castello Branco, Idanha Nova, S. Vicente da Beira, Villa de Rei e Villa Velha do Rodão, na sua totalidade, e parte dos concelhos do Fundão, Penamacôr e Proença Nova.

—

Dou os mais sinceros agradecimentos ao senhor Antonio Roxo, pelos apreciaveis esclarecimentos que me enviou, relativos a esta cidade.

—

CASTELLO D'ESPINHO — (ou de S. Pedro Fins) pico notavel, Minho, freguezia de S. Pedro-Fins, concelho d'Amares, comarca de de Vila Verde. 15 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de d'Entre-Homem e Cávado.

Este *pico* ou môrro é muito alto e pedregoso, talhado, em partes, quasi prumo. Cria algum matto e n'elle pastam alguns gados.

Tem caça do chão e do ar.

No seu tope ha vestigios de uma antiquissima atalaia, e depois tambem aqui houve um facho.

Tem vastas e belissimas vistas.

CASTELLO DE FARÍA — Vide-Faria.

CASTELLO DE GUIMARÃES — freguezia, Minho, comarca, concelho, e junto de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 20 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Vide Guimarães.

CASTELLO MELHOR villa, Beira-Baixa, foi até 1855 da comarca da Méda, concelho d'Almendra, e desde então é da comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa. 360 kilometros a NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 apenas tinha 89 fogos. Em 1660 tinha 100 fogos. Ignoro a causa d'esta fluctuação na população.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, d'onde dista 24 kilometros.

É cabeça do marquezado de seu titulo, que foi condado. (O primeiro conde de Cas-

tello Melhor, foi Ruy Mendes de Vasconcellos, feito por Philippe III, em 21 de março de 1611.)

Situada em uma baixa e por isso sem vistas para outras partes.

O vigario d'Almendra apresentava annualmente o cura, que tinha 100 alqueires de trigo e o pé d'altar.

Da capella de S. Gabriel, na ponta de uma serra d'esta freguezia, se vêem terras de sete bispados (portuguezas e hespanhoes) e Ciudad Rodrigo, em Castella.

É terra fertil em cereaes, do mais medianía.

Antigamente tinha juiz ordinario, mas a camara assistia em Almendra. Eram seus donatarios os marquezes de Castello Melhor.

Em um alto, fóra da villa, está um castello com uma barbacan, feito de pedra miuda e desmantelado. Chama-se Castello-Melhor, e foi elle que deu o nome a esta pequena villa.

Por o seu termo passa o Douro, e aqui se lhe junta o Côa.

É povoação antiquissima, mas não pude saber a sua origem. D. Diniz é que lhe mandou fazer o castello, em 1298, e povoou a villa.

Esta villa veio para Portugal em dote da rainha Santa Isabel, em 1282.

Tem um foral velho, dado por D. Affonso VIII de Leão (quando a povoação era de Castella) feito n'esta mesma villa, onde então estava o rei, em fevereiro de 1209. (Maço 5.º dos foraes antigos, n.º 3.)

A 5 kilometros de distancia ha vestigios de uma antiquissima povoação, que uns dizem foi a cidade romana de *Ravena*, outros, com melhor fundamento, sustentam que era a cidade episcopal lusitana de Caliabria. Vide Caliabria, Almendra e Urrôs.

—

A familia dos Vasconcellos, uma das nobilissimas de Portugal, procede do capitão (celebrado nos *Lusiadas*) Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor de muitas terras e grande valido de D. Diniz. Descendia de D. Rodrigo Velloso, filho de D. Ramiro III de Leão.

As armas dos Vasconcellos, são: — Em campo preto, 3 fachas veiradas e contraveiradas de púrpura e prata, e por timbre, um leão preto, fachado das trez fachas das armas.

Para outras familias do mesmo appellido e suas armas, vide Amares. Penella, Porto Carreiro e Mafra.

CASTELLO MENDO — villa, Beira-Baixa, comarca do Sabugal, concelho d'Almeida, 12 kilometros ao O. de Villar-Maior, 24 ao SE. de Pinhel, 318 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos, a villa, e as trez freguezias que então tinha. O termo tinha 1200 fogos.

O orago actual das tres freguezias reunidas é S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

—

Foi sempre concelho, e era antigamente da comarca de Pinhel. Depois passou para a do Sabugal. Foi este concelho supprimido pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham (que eram esta, Azinhal, Péva, Freixo, Mesquitella, Monte-Paraboloso (ou Pero Bolso) Ade, Cabreira, Amoreira, Leomil, Mido, Sinoures e Aldeia-Nova) foram annexadas ao concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870 todas estas freguezias passaram a fazer parte do concelho d'Almeida.

Está situada em um alto muito fragoso, nas margens do Côa.

É cercada de muralhas com seis portas. Era da corôa.

Foi fundada por D. Sancho II, em 1239, transferindo para aqui uma pequena povoação que estava na baixa, e dando-lhe muitos privilegios, sendo o principal, que seus cavalleiros tivessem privilegio de infanções, e seus piões, privilegio de cavalleiros.

D. Diniz amplíou a povoação e fundou o castello, pelos annos de 1285.

Philippe IV fez conde d'aqui a D. Jeronymo de Neronha, filho segundo do conde de Linhares. (Pouco se gozou do seu novo condado!)

Hoje tem só uma freguezia (S. Pedro, apostolo) mas antigamente tinha tres, todas muito pequenas, que eram: Nossa Senhora dos Remedios (ou Santa Maria) S. Vicente e S.

Pedro, esta ultima fica no meio da villa. O bispo é que apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis. Isto segundo o padre Cardoso. O *Portugal Sacro e Profano* diz que era cura, apresentado pelo abbade de Mesquitella e que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Em 1757 tinha 26 fogos.

Nossa Senhora dos Remedios é dentro dos muros. O abbade de Moreira apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Em 1757 tinha 42 fogos.

S. Vicente tambem é intra-muros, e o prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, é que apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, segundo o padre Cardoso; mas o *Portugal Sacro e Profano* diz que era cura, da apresentação do reitor de Pêro Bolso, e tinha 6$000 réis e o pé d'altar. Em 1757 tinha 32 fogos.

Tinha juiz ordinario, vereadores e mais officiaes do concelho.

Tem Misericordia e hospital.

É fertil e cria muito gado. Ha por estes sitios muita caça.

O seu castello era muito forte.

Tinha foral antigo, dado em Touro, por D. Sancho II, a 15 de março de 1229, e confirmado n'esta villa (estando aqui o rei) por D. Diniz, a 16 de dezembro de 1281. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, a 1 de junho de 1510. (Gaveta 15, maço 3, n.º 9—Livro 1.º, de Doações do Senhor rei D. Diniz, fl. 38, v., col. 1.ª—Livro dos foraes novos da Beira, fl. 6, v., col. 1.ª

> Todos os auctores são concordes em dizer que D. Sancho fundou esta villa em 1239, pelo que, o foral velho que elle deu, em 1229, foi á antiga povoação que estava na baixa, e que foi transferida para aqui, com o seu foral e privilegios.

Deu-se-lhe o nome de Castello Mendo, por se chamar Mendo o primeiro alcaide-mór do seu castello.

CASTELLO DO NEIVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos, terceira parte da visita de Nóbrega e Neiva.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 1:000$000 réis.

É terra fertil e cria muito gado. É abundante de peixe.

Está situada na costa, e pela freguezia passa o rio Neiva, que aqui mesmo se mette no mar ao S. do Lima.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1516. É o foral d'Aguiar.

O nome d'esta freguezia provém de um antiquissimo castello que tinha na foz do rio (de que hoje não ha vestigios) e do rio Neiva. Chamava-se antigamente Aguiar do Neiva.

—

Foi villa, no reinado de D. João I. Trocou-se por Santa Cruz do Douro, entre D. João de Soalhães, bispo de Lisboa e D. Martinho, arcebispo de Braga, em tempo de D. Diniz (1307).

CASTELLO NOVO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 60 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente concelho, da comarca de Castello Branco; depois passou a ser concelho de Alpedrinha, comarca do Fundão, e finalmente (em 1836) concelho d'esta ultima villa. Fica 30 kilometros ao N. de Castello Branco e 12 a E. da villa de S. Vicente da Beira.

Era da corôa.

D. Pedro Soeiro e sua mulher Ausenda Soares, então donatarios d'esta villa, e progenitores dos actuaes barões de Castello Novo, lhe deram foral, sem data, no seculo XIII.

O ultimo barão de Castello Novo, era coronel do batalhão de voluntarios realistas, de Castello Branco e Penamacor. Por seu fallecimento lhe succedeu seu filho primogenito, o sr. D. Pedro d'Ordaz Caldeira Queiroz de Val-

ladares (que foi capitão do mesmo batalhão de seu pae) e que não tem querido ser barão, feito pelos liberaes.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (Livro de foraes novos da Beira, fl. 29, col. 1.ª)

O vigario era freire de Christo e apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de *porsão*, 75 alqueires de trigo, 75 de centeio, 20$000 réis em dinheiro, 37 1/2 almudes de vinho e 6 alqueires e 6 quartilhos de azeite. Tinha um coadjutor, da mesma apresentação, com a *porsão* de 30 alqueires de trigo e 6$000 réis em dinheiro.

Tem Misericordia.

É terra fertil; produz muito e optimo vinho e castanha.

A 2 kilometros da villa, a E., ha uma capella fundada pelos templarios, no seculo XII, na qual se venera a imagem de Nossa Senhora do Mosteiro; e a de S. Braz. Esta capella está no centro de uma antiquissima e frondosa matta de castanheiros.

Foi cabeça de julgado, com juiz de fóra, camara (com tres vereadores) procurador do concelho, escrivães, etc.

No centro da villa ha um castello antigo, de cantaria, em ruinas, fundado por D. Diniz, pelos annos de 1290, segundo uns, e segundo outros, é mais antigo e foi fundado por o dito D. Pedro Soeiro.

Passa aqui a ribeira Alpreade.

Esta villa está situada nas faldas da serra da Gardunha.

A sua antiga casa da camara e cadeia, estão hoje reduzidas a theatro e escola de primeiras lettras.

Pegado á ex-casa da camara ha um chafariz abundante, com as armas de Portugal, muito antigo.

Ha aqui fabricas de saragoças e bureis.

A melhor casa da villa e arredores, é a dos srs. Sarafanas. (Tinha um cedro monstruoso e antiquissimo, que seccou em 1864.)

É muito notavel um outro chafariz que tem em um largo, aberto em rocha viva, cuja agua sae alli mesmo do rochedo em abundancia e de optima qualidade.

Queiroz é appellido nobre em Portugal. Procede das Asturias (Hespanha). Trouxe-o a Portugal Fernão Alvares de Queiroz, senhor da casa de Moz, na Gallíza, que perdeu, por seguir o partido de D. Fernando, de Portugal. Sua filha unica D. Leonor Alvares de Queiroz, casou com Vasco Fernandes de Gouveia, alcaide-mór de Castello Rodrigo, por D. João I. Suas armas, são: escudo de prata, esquartelado, no 1.º e 4.º, seis crescentes de púrpura, em duas palas; no 2.º e 3.º, um leão de púrpura, armado de negro. Elmo d'aço, cerrado, e por timbre, o leão do escudo, com um crescente de ouro na espádua.

Nos manuscriptos da livraria dos srs. duques de Palmella, vem as armas dos Queirozes descriptas na fórma seguinte: escudo esquartelado, no 1.º e 4.º quartel de ouro, e no 2.º e 3.º de prata, leão asul, armado e lampassado de púrpura. Elmo de prata aberto. Timbre, meio leão das armas.

Outros Queirozes trazem por armas, em campo de prata, cinco cabeças de donzellas, por outras tantas que os cavalleiros d'este appellido, em Portugal, salvaram do poder dos mouros, aos quaes eram arrastadas pelo infame tributo instituido por o usurpador godo Mauregato. (Vide Figueiredo das Donas.)

Outros do mesmo appellido, trazem por armas: em campo de púrpura, cinco cabeças de donzella, de prata, em aspa; talvez que estas fossem as primeiras armas d'esta familia, antes das allianças.

Ainda outros, tambem procedentes das Asturias, trazem: em campo de prata, duas chaves asues, em aspa, entre quatro flores de liz, da mesma côr, tres em chefe e uma no contrachefe e quatro rosas de púrpura, duas de cada lado. Orla do mesmo, carregada de oito aspas de ouro.

Outros trazem as chaves entre seis cadernas de crescentes de púrpura, e em chefe, tres flôres de liz de ouro.

Valladares é tambem appellido muito nobre em Portugal. Não se sabe se foi dado por algum senhor á villa de Valladares, no Alto Minho, se d'ella o tomou.

O primeiro que se acha d'este appellido, é D. Soeyro Arias de Valladares, que se dis-

tinguiu nas duas batalhas que no mesmo dia (18 de abril de 1179) se venceram junto á cidade de Beja.

De D. Lourenço Soares de Valladares, procedem quasi todos os reis da Europa, por sua neta, a rainha D. Ignez de Castro.

Tem por armas, os Valladares: escudo esquartellado, no 1.º e 4.º de asul, um leão de prata, lampassado de púrpura; no 2.º e 3.º escaquetado de prata e púrpura, de seis peças em facha e seis em pala. Timbre, um leão de prata, com a cabeça escaquetada de púrpura e prata.

Outros do mesmo appellido, usam as armas dos Soutos Maiores.

CASTELLO DE PAIVA (vulgarmente **PAIVA**) — concelho, Douro, comarca e 18 kilometros a NO. de Arouca, 36 a E. do Porto, 310 a N. de Lisboa, no concelho 1:700 fogos, em 9 freguezias, que são: Fornos, Bairros, S. Pedro do Paraizo, Real, Raiva, Pédorido, Santa Maria de Sardoura, S. Martinho de Sardoura e Sobrado. (Esta ultima é villa e capital do concelho.)

D. Manuel lhe deu foral, no 1.º de dezembro de 1513. (L.º dos foraes novos do Minho, fl. 117, col. 1.ª) Serve tambem para Espiúnca, Oliveira do Arda, Oliveira Reguenga, Pédorido, Real, Rio Douro, S. Pedro do Paraizo, Sardoura, (Santa Maria e S. Martinho) e a villa e freguezia de Sobrado.

É do bispado de Lamego, que fica 40 kilometros ao ESE., e do districto administrativo de Aveiro, que fica 85 kilometros a OSO.

Está dividido do extincto concelho de S. Fins (hoje Sinfães) pelo rio Paiva; do concelho de Arouca por varias serras; do extincto concelho de Fermedo (hoje Arouca e Feira) pelo rio Arda (á excepção da freguezia de Pédorido, que fica ao O. d'este rio, vindo então a divisão a ser a serra de Gahido.)

O rio Douro limita este concelho pelo N. e NO.

Quatro freguezias etsão na margem esquerda do Douro, são: Fornos, Sardoura, Raiva e Pédorido.

O que diz respeito a cada uma d'estas freguezias, vae no logar competente; e o que pertence á capital do concelho e *honra*, vae em Sobrado.

A este concelho em geral, póde chamar-se-lhe a Suissa portugueza.

Tem lindos e ferteis valles, montanhas alcantiladas, lindos montes e cabêços pittorescos.

É abundantissimo d'agua, pois correm n'elle immensos ribeiros e regatos, que o regam e fertilisam, e movem muitos moinhos e lagares de azeite e são motores de fabricas de papel. Todos estes ribeiros aqui nascem e morrem no Douro, Paiva e Arda.

É pois este concelho fertilissimo em toda a qualidade de cereaes, fructas, legumes, hortaliças, e produz muito e optimo vinho verde. Tambem produz bastante azeite, talvez o melhor de Portugal. Optima e muita castanha e muitissima cereja. Produz muito mel e cêra e cria muito gado de toda a qualidade, sobretudo optimos bois, dos quaes uma grande parte se exporta para a Inglaterra.

Ha aqui muita caça.

É incontestavel que os celtas fizeram longa habitação n'este paiz, pois d'elles ha muitos vestigios, sendo os mais notaveis as *mâmoas* de Monte Grande, proximo a Serradéllo, e muitas *antas* em differentes partes. Tambem tem varias *mâmoas* nos montes da Cruz d'Ancia, sendo algumas só construidas de quartzo (seixo.)

Na freguezia de Fornos, abaixo do logar do Castello, no sitio chamado Castello de Baixo (ou Inferno) tem, mesmo sobre a margem do Douro, um notabilissimo *dolmen*, muito maior do que nenhum de Portugal. (Vide Castello de Paiva, aldeia.)

Tem tambem antiguidades romanas, pois que na aldeia de Fundões (freguezia de Sobrado) ha as ruinas de um templo romano, e na aldeia de Felgueiras (da mesma freguezia) teem apparecido grandes pedaços de mosaico. Em Gervide (da mesma freguezia) ha uma capella, que foi evidentemente mesquita arabe, e no monte de Corvite (ainda da freguezia de Sobrado) era um *almocabar* (cemiterio) arabe, do qual ainda algumas sepulturas, feitas em rochedos, estão em perfeito estado de conservação (e são eternas, se as não desfizerem.)

Ha n'este concelho minas de toda a quali-

dade de metaes (só se andam a pesquizar duas de chumbo nas freguezias da Raiva e Sardoura) e uma grande mina de carvão de pedra, com 13 kilometros de extensão; pois principiando na serra de Bertêllo, morre na freguezia de Péderido (quinta de Germunde) atravessando as freguezias do Paraizo, Real, Raiva e Pédorido.

Ha optima ardosia (lousa) em Guirella e muito e bom granito do meio do concelho para E. e NE.

É notavel o seguinte: No Porto e até Avintes (Douro acima) ha optimo granito. D'ahi, subindo o Douro, desapparece esta qualidade de pedra, por espaço de 30 kilometros, até ás célebres Pedras de Linhares (que já são todas de granito) e só ha differentes especies de *schisto*. De Linhares para cima continua o granito até ás immediações da Regua.

É de notar que estas differentes qualidades de pedra (granito e schisto) seguem zonas paralellas, de NE. a SO.

—

Ha muitos annos que n'este concelho existe uma encarniçada *guerra pessoal*, que tólhe o progresso moral e material d'este bellissimo e saudabilissimo paiz, digno de melhor sorte.

Se os *influentes* de Paiva tivessem mais amor á terra abençoada que os viu nascer, e menos ás sórdidas, mesquinhas e ridiculas intrigas, o seu concelho seria, com toda a certeza, um dos mais florescentes de Portugal.

As camaras d'aqui, ha talvez mais de 60 annos, não teem gastado 5 réis em nenhuma casta de obras de utilidade para o municipio (nem em nenhumas, mesmo inuteis) de modo que a unica rua da capital do concelho é um bêco estreito, torto e ascoroso, não passando, de inverno, de um immundo lagoeiro.

Aquillo a que aqui se dá o nome de estradas, não é mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, e o desgraçado que se vê obrigado a viajar por isto, vae em perigo constante de esmigalhar os ossos.

Estive em Paiva tres annos: nunca tomei parte, *nem por sombras*, nas suas intrigas. Fui sempre optimamente bem tratado por *gregos* e *troianos*, o que cordealmente aqui lhes agradeço; nem o que digo acima é para offender os paivenses, antes é uma prova de que me interesso pelo seu bem estar, e uma tentativa para o esquecimento de odios velhos e para uma *amnistia geral*.

(Vide Sobrado de Paiva.)

CASTELLO DE PAIVA—aldeia, Douro, freguezia de Fornos, concelho do Castello de Paiva, comarca de Arouca, 36 kilometros ao E. ds Porto, 310 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

É uma povoação pittoresca, situada sobre a margem esquerda do Douro e muito fertil.

Em frente d'esta aldeia, no meio do Douro, está um môrro chamado o Castello. De verão communica com a povoação por uma lingua de areia; mas no inverno é um ilheu.

É tradição que n'este môrro havia um castello de mouros. Eu fui lá, em 1863, e não vi no seu tope mais do que uns rochedos naturaes, que vistos de fóra, na verdade, parecem as ruinas de um pequeno castello. Não ha alli vestigios de edificio algum. Todavia o nome de Castello é ha muitos seculos dado a este môrro, e d'elle tomou o nome a povoação e d'esta o concelho.

A capital d'elle (Sobrado) fica ao cimo da serra (em cuja base está a povoação) a 3 kilometros ao S.

É povoação muito antiga, mas a maior parte das suas casas são novas, porque tem prosperado muito em nossos dias.

Os celtas habitaram aqui, pois 400 a 500 metros abaixo da povoação, no sitio chamado por uns Castello de Baixo e por outros Inferno (nome mal posto, porque o sitio é até bonito) ha um *dolmen* singular. Falta-lhe a lagem (ou *mêsa*) superior, que devia ter mais de 16 metros quadrados. Sete *pilares*, que parecem *calháos arredondados* (ou *rolados*) pelo atrito causado pelas correntes, de fórma cylindrica, sustentavam a ára, ou

mêsa. De um d'estes *pilares*, só existe a parte inferior; os mais estão perfeitos. Não eram *monolythos*, pois são feitos de tres ou quatro peças cada um, com as juntas tão certas, que bem demonstram o emprego de *instrumentos de ferro*. Pertence portanto aos *dolmens* de um época mais moderna do que a maior parte dos que existem na nossa Peninsula.

Em frente d'este *dolmen*, é um *ponto* alguma cousa perigoso do rio, pelos muitos calhaos que tem espalhados por elle, a que chamam ás Pedras da Rua.

O rio Paiva desagua no Douro junto á povoação do Castello, e divide a freguezia de Fornos, de Paiva, da de Souzêllo, do concelho e comarca de Sinfães. (Vide Fornos.)

CASTELLO DE PENALVA ou PENALVA DO CASTELLO—villa, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros ao E. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 470 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu.

Situada em um alto monte, d'onde se vêem varias povoações.

A parochia foi antigamente collegiada; está dentro da povoação.

Os marquezes de Cascaes apresentavam o abbade e este apresentava 13 egrejas filiaes, das quaes recebia os dizimos. O seu rendimento excedia a 1:200$000 réis.

Fica n'esta freguezia a serra da Peramuna, na qual ha vestigios de uma grande povoação antiga, que, segundo a tradição, foi cidade romana; mas eu entendo que são as ruinas da antiga povoação chamada Villa Nova de Penalva, ou Villa Nova de Sepulchro. Vide Trancozêllo.

O rio Dão réga a maior parte d'esta freguezia, que é muito fertil.

Note-se que Castello de Penalva é o nome da freguezia e Penalva o da villa. Consta que D. Sancho II lhe deu foral, em 1200; mas julgo que é êrro. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (L.º dos foraes novos da Beira, fl. 106 v. col. 2.ª)

Diz-se que o nome lhe provem de um antiquissimo castello que aqui havia sobre uma rocha, e do qual não ha vestigios. Outros dizem que do castello que havia na serra da Peramuna.

CASTELLO PICÃO—Ha na Extremadura duas aldeias d'este nome, uma no termo de Lisboa, freguezia de S. Miguel do Milharado, fertil em cereaes e muito vime, outra no termo de Almada, freguezia de Caparica; tambem fertil.

A primeira é ao N. do Tejo e a segunda ao S.

Tambem em Lisboa (no bairro de Alfama) ho um sitio d'este nome.

CASTELLO RODRIGO—villa, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, 18 kilometros ao NE. de Pinhel, 15 ao N. de Almeida, 6 ao S. de Escalhão, 348 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora do Reclamador, ou Roque Amador.

Em 1660 tinha 250 fogos. Se R. M. da Silva, ou o padre Cardoso se não enganaram (o que é muito provavel) não sei a que attribuir tão rapido decrescimento de população, em tão pouco tempo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Pinhel.

Situada sobre uma alta collina isolada.

Foi fundada pelos Turdulos, 500 annos antes de Jesus Christo.

D. Sancho I a tomou aos mouros, pessoalmente e aqui mesmo lhe deu foral, em setembro de 1209.

O primeiro rei portuguez que tirou esta villa do poder do mouros, povoando-a de christãos e fundando-lhe o convento, foi D. Affonso Henriques, em 1170; mas tornou a perder-se, até que seu filho a resgatou.

Com as guerras entre christãos e mouros tornou a arruinar-se, e a mandou reedificar e povoar D. Diniz em 1296, fazendo-lhe então um forte castello. Tornou a despovoar-se e a tornou a reedificar D. Manuel, em 1508, dando-lhe foral, em Santarem, em 25 de junho d'esse anno.

Foi cabeça de condado, dado por Philip-

pe II, em 1590, a D. Christovão de Moura, portuguez traidor á patria, e por consequencia seu grande valido. Foi depois marquezado, dado ao mesmo, por Philippe III, que o fez tambem *grande de Hespanha.*

Para a origem d'este appellido e suas armas, vide Moura, villa.

Para a genealogia dos marquezes de Castello Rodrigo, vide Guarda, artigo *Barbadão.*

A villa está assente sobre uma alta collina isolada, pelo que seu clima é desabrido.

É cercada de muralhas, com 13 torres (6 ao S., 3 ao E., 2 ao N. e 2 ao O.)

É tambem cercada de fóssos. Tem um castello, com sua *torre de menagem,* de cantaria, de extraordinaria grandeza e altura. É quadrada e tem 6 janellas *rasgadas* e gradeadas de ferro.

Dentro do castello está o palacio que mandou fazer o tal D. Christovão de Moura, em 1590, obra de grande primor; mas está em ruinas.

Feito á custa do suor e do sangue dos portuguezes, que elle *devorava* sem alma nem consciencia. Mas tambem, em 1640, o povo foi-se ao palacio e queimou-o.

No sitio de Alvacar, tem uma cisterna com 63 degraus, aberta em marmore.

A fortaleza tem duas portas (a do *Sol* e a de *Alverca.*) Á entrada da porta de Alverca ha um pôço de cantaria, muito fundo e com muita agua em todo o tempo.

A matriz está no meio da villa.

O bispo de Lamego apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Tem Misericordia.

Tinha governador militar, juiz de fóra o camara, tudo feito pelo rei.

Era isenta de pagar portagem.

Tinha assento em côrtes, no banco 11.º

—

Teve uma feira nos terceiros domingos de cada mez; mas pela escabrosidade do sitio era pouco concorrida, pelo que se mudou (ha cousa de 200 annos) para a Figueira de Castello Rodrigo.

Perto da villa ha uma abundantissima fonte, que réga muitas hortas e campos.

A agua do chafariz do Cavallo, dizem que tem a virtude de curar dôr de pedra.

É terra muito abundante de aguas e fertil. Muito gado e caça.

A 1:500 metros da villa é a serra da Morófa, muito alta.

No mais alto d'ella ha vestigios de muros e é tradição que alli foi a primitiva fundação d'esta villa.

Suppõe-se que o primeiro seu nome era Aguiar, depois que se lhe construiu a torre se chamou *Torre de Aguiar.* Quando D. Diniz fez o Castello, poz por alcaide-mór d'elle a um tal Rodrigo, de quem a villa herdou o sobrenome.

Parece que este Rodrigo é progenitor dos viscondes de Fonte-Arcada; pelo menos andou sempre n'elles a alcaidaria-mór de Castello Rodrigo.

Tambem a distancia de 1:500 metros para E. é o convento que foi de bernardos, de Nossa Senhora d'Aguiar, ou da Ribeira; fundado por D. Affonso I em 1170, quando povoou a villa.

N'este convento viveu, morreu e está sepultado o célebre chronista fr. Bernardo de Brito. Tambem se chama a este convento de Santa Maria da Torre de Aguiar.

Proximo corre o rio Aguiar.

Foi do infante D. Pedro, filho de D. Affonso o Sabio, de Castella. Depois foi do infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, de Portugal, depois passou a ser da casa do infantado.

Em um manuscripto gothico que existia no cartorio da camara d'esta villa, se relata a historia d'ella. Não o transcrevo, para evitar repetições, pois diz o que aqui fica dito.

Não sei se ainda existe este documento, que já no tempo de João Bernardo Falcão de Mendonça (que o leu) estava muito estragado e em parte illegivel.

Em 1810, os inglezes, a pretexto da construcção de um hospital militar, que, diziam elles, queriam construir proximo ao convento de Santa Maria de Aguiar, extramuros; desmoronaram as fortificações, que estão todas arruinadas.

Junto a esta villa, o general hespanhol duque d'Ossuna, que a cercava com 4:000 infantes, 700 cavallos e 91 peças d'artilheria, e D. João d'Austria, que o veio soccor-

rer, foram derrotados pelo illustre e valorosissimo portuguez Pedro Jaques de Magalhães, que commandava 2:500 infantes, e 500 cavallos, além de 150 soldados de guarnição, em 7 de julho de 1644.

Esta batalha foi dada na esplanada que se estende nas visinhanças do castello, desde o convento até ao rio Aguiar. Ainda hoje ao sitio da acção se chama a *Salgadella*.

Os 150 soldados da guarnição tinham sustentado o cerco com o maior denodo. Os castelhanos ficaram quasi todos mortos, feridos ou prisioneiros. Ossuna fugiu vestido de frade.

Junto á Matta de Lobos está um padrão memorando este feito glorioso, e ao tal padrão se chama *Cruz de Pedro Jaques*.

D. João d'Austria, se quiz escapar com vida, fugiu tambem vestido de frade.

Foi a ultima invasão dos castelhanos na guerra dos 27 annos.

—

As armas de Castello Rodrigo é um escudo com as armas de Portugal, ao revez (de corôa e escudo com o de cima para baixo). Foi um dos castigos que infligiu D. João I a esta villa, porque os seus habitantes, seguindo o partido de D. Beatriz, mulher de D. João I de Castella, recusaram, em 1385, a entrada na praça ao rei portuguez, quando por aqui passou, em direcção a Chaves.

D. João I de Portugal fez o castello d'esta villa sujeito ao de Pinhel, com certos serviços humilhantes. que Pinhel foi deixando perder. A esta povoação (Pinhel) deu aquelle rei o honroso titulo de = *Guarda-mór dos reinos de Portugal*.

Parece que pelo glorioso feito de 1664 deveria ficar remido o castigo do tempo de D. João I e tornar-se-lhe a pôr o escudo das quinas ás direitas; mas esqueceu. Só lhe foi dado o titulo de *Notavel* no foral novo.

—

Foi muitos annos (mais de 6 seculos) capital de concelho; mas por causa da asperesa da sua posição, pela sua decadencia, e porque a povoação da Figueira foi progredindo, se mudou para aqui a cabeça do concelho.

(Vide Figueira de Castello Rodrigo.)

CASTELLO DE VIDE—freguezia, Alemtejo. Vê-se esta freguezia a fl. 150 do tomo 1.º do *Port. Sacro e Profano*. Seguddo o seu auctor (o dr. Paulo Dias de Niza) tem por orago Nossa Senhora da Annunciação, e o parocho era prior apresentado por el-rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia, e tinha de renda 3 moios de trigo, dois de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Dista de Lisboa 27 leguas, e d'Elvas seis. Tem 315 fogos.

Não vejo esta freguezia em mais parte alguma, e entendo que é manifesto engano do *Portugal Sacro*.

Estou persuadido que o auctor confundiu Cabêço de Vide com Castello de Vide, e poz este nome em logar d'aquelle; mesmo porque não traz Cabêço de Vide. Esta freguezia é no Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca de Fronteira, bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre, tendo par orago Nossa Senhora das Candeias.

Finalmente, não consta que jamais em Portugal houvesse povoação alguma denominada Castello de Vide senão a villa seguinte.

Ainda mais, o rendimento que dá o padre Cardoso ao prior de Cabêço de Vide é exactamente o que o *Portugal Sacro e Profano* dá a este Castello de Vide.

Entendo pois ficar plenamente provado que similhante freguezia de Castello de Vide, nunca existiu.

CASTELLO DE VIDE—villa, Alemtejo, comarca de Portalegre, d'onde dista 12 kilometros a NE., 6 a O. de Marvão, 12 da raia, 190 ao SE. de Lisboa, 1:474 fogos, 6:000 almas, em 3 freguezias, (S. João Baptista, Santa Maria e S. Thiago) no concelho 1:690 fogos.

Em 1660 tinha na villa 800 fogos.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Em situação elevada, na encosta de um monte da serra de Portalegre.

É povoação antiquissima, nobre e notavel, contemporanea de *Norba-Cesaria*, pois antes d'esta cidade ser destruida, já existia a villa.

Diz-se até que é das mais antigas povoações do Alemtejo, pois que já existia antes dos romanos.

Pedro Annes lhe deu foral em 1180 e D. Diniz em 1310 (não falla d'elles Franklim.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa; no 1.º de junho de 1512; o qual serve tambem para Alcogullo, Fonte de Martinho e Prado.

O seu nome primittivo era *Villa de Vide*, segundo uns, e segundo outros era *Villa Divide*. Os primeiros dizem que o nome, (ou sobrenome) lhe proveio de uma grande vide que havia no sitio onde se fundou o castello (é certo que as suas armas são uma vide cercando um castello) os segundos dizem que se chamou *Divide*, por estar proximo da divisão de Portugal e Castella.

É cercada de muralhas, com quatro portas.

Em 1710 foi para aqui trazido um bello portico de cantaria lavrada, que foi da antiga cidade de *Medobriga*, para substituir a antiga porta de carro do castello, e por isso se ficou chamando porta de Aramenha (Aramenha é o nome moderno da cidade de Medobriga). Para evitar repetições, vide Aramenha no logar competente.

Tem um forte castello antiquissimo (provavelmente do tempo dos romanos) que D. Diniz reedificou ou concertou, e lhe fez a torre de menagem em 1289.

Outros dizem que castello, torre e muralhas é tudo obra de D. Diniz; mas é mais provavel que elle só reconstruisse o castello, e fizesse de novo as mais obras de defeza.

D. Affonso III deu esta villa a seu filho, o infante D. Affonso; mas D. Diniz, irmão d'este, não esteve pela doação paterna, e por vezes poz cêrco ao castello. Quiz o infante cercar a villa de muralhas, para se defender do rei; mas este lh'o impediu á força de armas (1287).

O infante D. Affonso pretendia ser o rei legitimo de Portugal, por seu irmão mais velho (D. Diniz) ter nascido antes de seus paes obterem dispensa de Roma *e por ter sido gerado* (!) *em vida da condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de D. Affonso III.* O rei, por fim cercou o infante em Arronches, no mesmo anno de 1287; mas sua mulher, a rainha Santa Izabel, compoz então as desavenças entre seu marido e cunhado.

Depois de D. Diniz estar senhor pacifico d'esta praça, é que lhe fez a torre de menagem e a cercou de muralhas, em 1289, como já disse.

—

Os hespanhoes occuparam esta praça em 1704, destruindo-lhe as fortificações.

Em 1710 foram não só reedificadas, mas tambem augmentadas todas as obras de defeza da praça; porém, apesar de tão modernas, estas obras estão, pelo abandono e desmasêlo, em estado de grande ruina.

A freguezia de Santa Maria da Deveza, ou da Assumpção, foi primeiro uma capella, edificada em 1311, por Lourenço Pires e sua mulher Domingas Joannes. Tem 9 altares.

Esta freguezia, em 1757, tinha 1:098 fogos; hoje apenas tem 960.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que Santa Maria da Deveza tinha 110 fogos. É infallivelmente êrro.

O padroado real apresentava o parocho, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

A freguezia de S. João Baptista era da Ordem de Malta e commenda das freiras maltezas de Estremoz (que parece foram as fundadoras da egreja). O grão-prior do Crato é que apresentava o prior.

Tinha em 1757 486 fogos, hoje tem 292.

A freguezia de S. Thiago era do padroado real, e tinha em 1757 340 fogos, e hoje só tem 222.

Teem pois estas 3 freguezias, em 1874, 480 fogos menos do que tinham em 1757.

O parocho da freguezia de S. Thiago é prior, e era tambem prior da villa da Póvoa, onde tinha um cura.

Os dizimos da Póvoa e Meadas eram todos das egrejas d'esta villa de Castello de Vide, partidos assim — em tres montes eguaes: um terço de um monte para as di-

gnidades da Guarda, (por ter sido Portalegre antigamente d'este bispado) e dos dois se faziam 7 partes, 5 d'ellas para o bispo de Portalegre e duas para o seu cabido. Os outros dois terços do principal, se partiam em 3 quinhões; d'este tinha um a commenda e beneficiados de Santa Maria da Deveza, e os dois que restavam se subdividiam em 5 partes, das quaes duas eram para a fabrica da Sé da Guarda, duas para o prior de S. Thiágo e uma para o prior de S. João Baptista.

Os priores de S. João Baptista e S. Thiago vinham a ter uns 150$000 réis de rendimento.

—

Tem hospital e Misericordia que, no reinado de D. Manuel, instituiu Miguel Contreiras na egreja de Santo Amaro.

O capital da Misericordia é de 60 contos, e tem (bem como varias confrarias e irmandades) encargos de dotes para casamentos e outros actos de beneficencia, para soccorro dos desvalidos.

Ha tambem n'esta villa um recolhimento para velhas pobres.

Tinha dois conventos de frades, um de Nossa Senhora da Conceição, de *recoletos* de S. Francisco, da provincia dos Algarves, e outro de Nossa Senhora da Victoria, de hospitaleiros de S. João de Deus, que é hospital actualmente (do primeiro logo fallarei).

Estando o hospital da Misericordia muito arruinado, foi abandonado, transferindo-se os doentes e repartições d'elle, em 8 de dezembro de 1855, para o convento de S. João de Deus, que fôra hospital militar.

Principiou-se aqui no castello, um convento para freiras, que estava quasi concluido em 1750; mas foi embargado e não se chegou a povoar.

Tem dois recolhimentos para mulheres pobres, um de velhas e donzellas beatas, fundado por Cypriano de Torres, administrado pela Misericordia; o outro recolhimento não sei como se chama.

Tinha (e não sei se ainda tem) uma albergaria (de S. Domingos) com um bom vinculo, que a camara d'esta villa nomeava em um homem nobre.

Tem a egreja do Espirito Santo, na qual, em 1700, o abbade Manuel Carrilho de Mattos instituiu uma collegiada, com rendas para seis beneficiados.

Dentro da villa e nos arrabaldes ha nada menos de 20 capellas.

A casa da camara é um optimo edificio.

O castello é vasto, e dentro d'elle assistem muitas familias (omas 150).

É terra fertilissima em toda a qualidade de cereaes e legumes, muita e optima fructa, excellente vinho, muito gado (só de suino exporta annualmente de 7 a 8:000 cabeças, com o que faz um commercio importantissimo). A carne de porco d'aqui tem fama em todo o reino e no Brasil. Produz tambem muito e bom azeite, e tem muita lenha nos seus vastissimos montados.

Tem uma fonte de agua excellente dentro dos muros, e outra fóra, chamada da Mealhada, cuja agua dizem que cura as dôres nefriticas.

Cercam esta villa as ribeiras de Vide e S. João, que amenisam e tornam fertilissimos os seus arrabaldes, e fazem mover moinhos, azenhas, lagares de azeite e pizões.

Teve uma grande fabrica de pannos, com 70 teares, na qual se faziam annualmente mais de 6:000 têas. Ha na villa e termo mais de 300 fontes.

Finalmente, todos os arrabaldes d'esta villa, formados por quintas, hortas, campos e pomares, são deliciosos.

Ainda aqui se fabricam muitos pannos, que se exportam.

Ha aqui tambem optima hortaliça e muita castanha.

Os seus montes têem muita caça.

Tem uma feira muito concorrida, a 10 de agosto, que dura tres dias.

Eram alcaides-móres do seu castello, os condes do Sabugal, que tambem eram meirinhos-móres. (Por isso aos condes do Sabugal se dava vulgarmente o titulo de conde meirinho-mór.)

Era da corôa, com privilegio de não sair d'ella, nem de se fazerem aqui soldados; mas com obrigação de defenderem a praça em tempo de guerra.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.º

Até 1834, tinha juiz de fóra (que era tambem juiz das sizas e direitos reaes) camara, escrivães, etc.

Tinha no concelho capitão-mór e 14 companhias de ordenanças.

—

Foi aqui juiz de fóra, Antonio Diniz da Cruz e Silva, distincto e bem conhecido poeta portuguez. Vide, para isto, Lisboa.

—

Aqui nasceu, a 12 de julho de 1780, José Xavier Mousinho da Silveira, formado em direito pela Universidade de Coimbra. Serviu differentes logares de magistratura e foi ministro da fazenda em 1823. Emigrou para a Ilha Terceira em 1828, e lá escreveu essa multidão de decretos, datados da Terceira, em 1832.

Foi ministro da Senhor D. Pedro, na Terceira, em 1832, saindo do ministerio no 1.º de janeiro de 1833, para ser director geral das alfandegas do reino.

Em 1840 retirou-se á vida privada, morrendo em Lisboa a 4 de abril de 1849.

Mousinho da Silveira era homem de muito talento e seria um optimo reformador com governos mais patriotas, prudentes e justos; porque foi sempre e incontestavelmente um varão, que a par de muita illustração, tinha muita honra e probidade. Vae adiante o que diz respeito ao seu appellido e armas.

—

Asylo de Nossa Senhora da Esperança — Na parte mais meridional da villa, se ergue o magestoso edificio que foi dos frades recolétos. É hoje o asylo de Nossa Senhora da Esperança, monumento venerando e respeitavel, sobretudo por ser a primeira instituição piedosa que em Portugal se destina exclusivamente a dar asylo, sustento e vestuario a cegos de ambos os sexos.

O nome do bacharel João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, natural d'esta villa, será perpétuamente venerando aos portuguezes, como um dos mais gloriosos bemfeitores da humanidade. Foi este inclito varão o fundador do asylo dos cegos, sem carecer de alheio amparo ou ajuda, e exclusivamente fundado á sua custa, no que dispendeu quasi 100 contos de réis.

Era João Diogo de uma familia nobre, pois seu pae (Manuel Dionisio Carrilho de Sequeira) era 7.º neto de Diogo Affonso de Sequeira, que viveu na segunda metade do seculo XV. Havia casado com D. Joanna Catharina Xavier da Costa Juzarte, havendo d'este casamento 18 filhos, alguns dos quaes cegaram totalmente, outros padeceram mais ou menos da vista, menos o mais novo dos filhos, José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro.

O instituidor achando-se na edade de 56 annos, solteiro e rico, casou com sua sobrinha, D. Helena Isabel de Barros Castello Branco.

Tiveram um filho, que apenas viveu momentos, e ainda mais dois que morreram antes de ver a luz do dia.

Desenganado João Diogo de que não podia ter familia propria, e não ignorando, pelo exemplo de seus irmãos e d'elle, a tristeza que a cegueira infunde, de combinação com sua mulher, concebeu o grandioso e caritativo projecto de fundar um asylo para cegos de ambos os sexos, sob a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Entendeu que o convento que tinha sido de frades franciscanos (recoletos) sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, estava no caso de servir para o seu piedosissimo intento. O edificio estava em ruinas e dividido em duas partes, uma pertencente ao ministerio da fazenda, outra ao da guerra; e as desmanteladas fortificações da villa (que foi praça de guerra) circumscrevendo a povoação, não lhe davam logar a uma nova edificação.

Em vista d'estas difficuldades, resolveu João Diogo esperar que o convento fosse á praça; mas procurou estabelecer provisoriamente o seu asylo no edificio abandonado da antiga Misericordia, o que conseguiu da administração d'esta santa casa, e foi confirmado por carta regia de 18 de abril de 1856.

João Diogo estava velho e viuvo, e começou logo a reparar o velho edificio, e no dia (sempre grato e sempre memoravel para

esta villa) 20 de julho de 1863, foi inaugurado o asylo, sendo já n'elle commemorado o primeiro anniversario da viuvez do instituidor.

Celebrou-se com o maior jubilo, no magestoso templo da Misericordia, a ceremonia religiosa da inauguração, com quatro cegas e dois cegos.

A camara, todas as pessoas principaes e povo da villa assistiram a este acto commovente, e á noite todos os edificios se illuminaram espontaneamente.

De accordo com seu irmão José Godinho, redigiu os estatutos do estabelecimento, que datou de 25 de março de 1865, os quaes foram confirmados por decreto de 25 de outubro de 1866.

Escriptos os estatutos, mandou lavrar o testamento e o mais que respeitava á instituição do asylo, no principio de junho de 1865.

Sessenta dias depois (7 de agosto) era cadaver! Consummou a sua grande obra e extinguiu-se-lhe a vida, como se mais nada tivesse a fazer n'este mundo!

João Diogo deu ao asylo todas as suas riquezas, com excepção de pequenos legados, e encarregou seu irmão José Godinho da administração do estabelecimento.

José Godinho elevou a 23 o numero dos asylados, e comprou o convento de S. Francisco para o estabelecimento definitivo d'elles.

Arrematou primeiro a parte do convento que pertencia ao ministerio da fazenda (que foi a que primeiro se poz em praça) e julgando que ninguem lhe faria concorrencia á outra metade, em vista do fim caritativo para que era destinado, preparou os materiaes e planeou a obra para todo o edificio.

Seis mezes depois foi posta em praça a metade que pertencia ao ministerio da guerra, e qual foi o espanto e indignação geral, quando viram um oppositor, que por acinte elevou o predio a um preço muito superior ao seu valor!

Foi este concorrente de uma especie singular, o sr. Manuel Caetano de Barros (antigo amigo de José Godinho) pessoa distincta e muitto relacionada, de Portalegre, que assim ficou com esta parte da propriedade, que lhe era completamente inutil, por uma grande quantia.

Todos os parentes e os mais intimos amigos do sr. Barros, e que tinham levado muito a mal o seu inqualificavel procedimento, instaram com elle para ceder do seu capricho e vender, pelo preço que quizesse, a José Godinho uma cousa que para nada lhe servia; mas elle despresou todas as propostas e empenhos.

Passando casualmente em Castello de Vide o sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. José Maria do Casal Ribeiro, hoje conde de Casal Ribeiro) e sabendo d'esta *birra* do sr. Barros, foi a Portalegre, empregando quantos argumentos lhe lembraram para o resolver á venda.

O sr. Barros respondeu-lhe terminantemente que, *por dinheiro nenhum venderia o predio em questão*, mas que o *dava* desde logo ao sr. Caldeira, que d'elle podia dispor como e para o que quizesse.

Isto foi em julho de 1866, e logo no dia seguinte lhe fez o sr. Barros doação legal, pura, irrevogavel e incondicional do predio da questão.

O sr. Barros allegava certos aggravos que havia recebido de José Godinho. Se aquelle cavalheiro commetteu um erro, ninguem ainda o reparou mais nobremente.

O sr. Caldeira o doou logo ao asylo, que assim adquiriu gratuitamente o resto do edificio de que tanto precisava.

Não foi este o unico obstaculo, outro se levantou ainda maior.

O instituidor dizia no seu testamento, que caducando o legado ao asylo, passaria aos seus herdeiros naturaes, dividindo-se em tres montes, um para José Godinho, outro para sua irmã (virtuosa e respeitavel religiosa no convento de freiras bernardas de Portalegre) outro para ser dividido por varios representantes de um fallecido terceiro irmão do testador.

Foram estes suppostos herdeiros de um dos tres montes, que proposeram acção em juizo contra o asylo.

É talvez o pleito mais notavel e singular que se tem ventilado no fôro portuguez.

José Godinho defende tenazmente os direitos incontestaveis do asylo, vindo assim a sustentar com a maior obstinação (secundado por a dita sua irmã) um direito que, aniquilado, o tornava e a ella, a cada um com uma parte egual a todos os auctores!

Era uma especie de *ganha-perde* juridico, em que os dois vencidos ficavam incontestavelmente vencedores. Era José Godinho e sua irmã a negarem por todos os meios que as leis lhes podiam suggerir, o direito que cada um d'elles tinha á bagatella de uns 30 e tantos contos de réis, direito que os seus contrarios lhes queriam por força conferir!

Este acto de José Godinho e de sua virtuosa irmã é nobilissimo e não se commenta. Referido, estão feitos todos os encomios.

O asylo venceu a demanda, a contento geral.

O governo premiou José Godinho com a commenda de Christo, em 22 de outubro de 1867, por occasião da transferencia do asylo para a sua nova casa.

O estabelecimento é vasto, aceiado e com tudo quanto é preciso para as suas necessidades. Tem um grande deposito d'agua, uma enfermaria para homens, outra para mulheres, dois grandes dormitorios para homens, tres para mulheres, um parlatorio para cada sexo (com fogões que se accendem no inverno) duas varandas ou terraços, dois refeitorios, grande cosinha, dispensas, etc.

Todas as habitações de ambos os sexos estão separadas, e os asylados só se reunem todos no côro da egreja, para assistirem á missa e orações diarias.

O edificio fórma um quadrado, com um claustro no centro, guarnecido de columnas de cantaria.

Os leitos são de ferro e a roupa branca toda de linho. O vestuario é uniforme. Todos os asylados trazem no peito uma medalha com Nossa Senhora da Esperança, protectora do asylo.

Têem duas refeições diarias (ás 9 da manhã e 3 da tarde) abundantes e nutrientes. Comem carne quatro dias em cada semana.

Por em quanto tem capacidade para uns 60 asylados; mas para o futuro, annexando-se-lhe a egreja do convento (que impropriamente serve agora de capella do cemiterio) e as casas da fazenda nacional, que por ora occupa a ordem terceira, póde conter muito maior numero.

Gastaram-se uns 15 contos com as obras d'este edificio, para onde os ceguinhos foram transferidos no dia 22 de setembro de 1867. Foi outro dia de grande regosijo para Castello de Vide, que estava embandeirada e as janellas guarnecidas de ricas telas.

Os asylados foram em procissão para o seu novo domicilio, indo um anjo a conduzir pela mão cada dois ceguinhos. A imagem da Virgem da Esperança, vestida de sumptuosas roupas, bordadas a ouro, hia em um sumptuoso andor.

(Tenho pena de não poder descrever miudamente tão esplendida quanto comovedora e imponente festividade. Muitos olhos d'ambos os sexos derramavam ternas lagrimas.

De Portalegre e de outras varias terras veio muita gente assistir.

O sr. Carlos José Caldeira e sua esposa, a snr.ª D. Gertrudes da Conceição Caldeira, que tambem quiseram assistir, levavam pela mão, aquelle um cégo e esta uma céga.

As philarmonicas de Castello de Vide e de Gaffete, abrilhantaram a solemnidade, tocando (gratuitamente) o hymno do instituidor, intitulado «*A columna de bronze*» o da Padroeira, e outras varias peças escolhidas do seu reportorio.

—

Acabamos de ver tudo quanto de grande e generoso tem havido na instituição d'este asylo; mas ai! toda a medalha tem o seu reverso! — Todas as obras dos mortaes, teem defeitos!

Em um jornal politico que se publica actualmente em Lisboa, intitulado *Jornal da Noite*, lê-se (em o numero 175, de 25 e 26 de julho de 1871) em um communicado legalmente reconhecido, datado de Castello de Vide (de 21 do dito mez e anno) assignado pelo snr. João Marques Canario, em que este se queixa *urbi et orbi*, do seguinte.

«Que, apezar dos differentes artigos laudatorios, publicados pela imprensa, á administração do asylo, esta tem delapidado escandalosamente o patrimonio do estabelecimento.»

«Que muita gente sabia, e não era até ignorado pelos poderes publicos, que os bens do asylo eram muito menos o patrimonio d'elle que o dos seus administradores e inculcados protectores.»

«Que José Godinho deu largas ao roubo do asylo, vendendo alguns predios e occultando nas respectivas escripturas grande parte dos preços ajustados.»

«Que morrendo José Godinho no primeiro de julho de 1871, aproveitou os ultimos instantes da sua vida para, por seu procurador, assignar dois dias antes de sua morte (!) uma escriptura de venda de todos os bens que ainda não tinha vendido e que estavam avaliados (baratos como é costume) no inventario legal por 67:777$800 réis, vendendo-os por menos de metade, isto é por 33 contos de réis.»

«Que no inventario occultava valores importantes em predios, dinheiro e gados.»

«Que ainda por cima foram esses bens vendidos com a clausula expressa de que o preço ficaria na mão do comprador mutuado, com o vencimento de juros de 5 p. c. ao anno, sendo o capital sómente pago quando o comprador quizer ou lhe convier.» (!)

«Que Caldeira, inculcado um dos maiores protectores do asylo, era o mais favorecido asylado do estabelecimento, que havia muito tempo que elle e a sua familia tinham no asylo hospedaria gratuita, todas as vezes que queriam ir tomar a fresca para Castello de Vide.»

«Que o tal Caldeira comprou por 33 contos o que valia pelo menos, 80.»

«Que devendo pagar de juros no asylo 4 contos de réis por anno (em vista do valor das propriedades que comprou) apenas lhe pago 1:650$000 réis, delapidando assim ao estabelecimento uma renda de 2:350$000 réis annual.

«Que é mais cómmodo contrabandear com os bens do asylo, do que com córtes deseda.»

«Que José Godinho declarou em seu testamento feito á hora da morte que era administrador sem responsabilidade (e era, segundo o testamento de seu santo irmão, que tinha n'elle ampla confiança) e que se havia feito a si mesmo (!) arrendamento dos bens do asylo, pela renda annual de 850$000 rs (dos quaes só se virá a pagar menos de metade, attendendo á fórma do pagamento) e que portanto os rendimentos de 1871 eram da sua familia e não do asylo.»

«Que no dia do fallecimento do administrador Godinho, não tinha o asylo um real com que comprasse o sustento dos cegos, vendo-se á nova administração obrigada, para isto, a recorrer á caridade publica, de que ainda se está aproveitando.»

Até aqui o communicado.

Já vêem os leitores que semelhante accusação é gravissima e que os proprios comentarios são sobre modo melindrosos.

Temos de um lado, uma nódoa infamante, que se quer lançar sobre pessoas de uma elevada posição na sociedade.

Temos d'outro lado um homem que vem á imprensa convicto do que avança, e tão convicto, que não trepida em se sujeitar ás consequencias legaes do seu artigo.

Será o snr. Canario um calumniador?

Faria o snr. Caldeira a sua philantropica jornada a Portalegre, a casa do snr. Barros, para depois exigir dos tristes cégos tão exagerada recompensa? Defenderia José Godinho com tanta tenacidade, contra os seus parentes, a legalidade do testamento do seu santo irmão, para no fim de contas, ser a sua familia a herdeira universal dos bens do asylo, com exclusão de sua irman e sobrinhos? — Isto é — em logar de herdeiro de um só dos montes da herança do fundador do asylo, como lhe aconteceria se o testamento d'este se annullasse, levaria em mira ser afinal herdeiro dos tres?

Poderia, juridicamente fallando, praticar tão cobarde expoliação, tão insigne tramoia, fundado na sua irresponsabilidade administrativa?

Isto na verdade, faz scismar!

Custa a crer que o snr. Canario se aventurasse a dar tão grande publicidade a tamanha calumnia, sem receio do castigo!

Custa a crer que hajam dois homens tão pouco escrupulosos como elle descreve Caldeira e Godinho!

O tempo nos desenganará.

—

Ainda estavam quentes as cinzas do caridoso testador e já seus pretendidos *herdeiros forçados* empregavam todos os meios indirectos para aniquilarem a obra caridosa do snr. doutor João Diogo.

Frustrados porém estes meios, appareceu o extenso libello no respectivo tribunal, em 1867.

Apesar de tudo, o integerrimo juiz de direito de Portalegre, proferiu a sentença a favor dos réus, isto é julgando válido o testamento e por consequencia o legado e instituição do asylo.

Os auctores appellaram para a relação de Lisboa; porem este digno tribunal, por accordão de 27 de junho de 1868, confirmou plenamente a sentença da primeira instancia.

Entreposto pelos auctores o recurso de revista, para o Supremo tribunal de justiça, foi revogada a decisão da segunda instancia, por accordão de 21 de dezembro de 1869, á qual o administrador do asylo oppoz embargos de falsa causa.

A resposta do sr. doutor Caetano de Seixas Vasconcellos, ajudante do procurador geral da corôa, aos embargos do asylo, perante o supremo tribunal de justiça, e que se vê a fl. 241 dos autos, é nobilissima e revela o mais profundo conhecimento do fôro portuguez e uma hermeneutica incontestavel.

Não posso resistir á tentação de transcrever para esta obra (registo de todas as acções nobres e grandes, de portuguezes) o ultimo periodo da resposta do sr. doutor Seixas. Eil'a.

«Pedimos desculpa da extensão do nosso «trabalho; moveu-nos apenas a obrigação «do officio, e um sentimento nobre—o inte«resse pela causa d'aquelles que a nature«za ou o accaso privou dos beneficios da «luz e dos bens da fortuna. São desvalidos; «por muito satisfeitos nos daremos se, com «as armas da justiça, conseguirmos enxugar «as lagrimas d'alguns infelizes. (Assignado) «Vasconcellos Caetano de Seixas—Vascon«cellos.»

Apesar dos fundamentos com que o asylo sustentou os seus embargos e da eloquente e tão bem fundada resposta do digno agente do ministerio publico, foram pelo supremo tribunal de justiça regeitados os embargos, por accordão de 24 de maio de 1870.

Em vista d'este accordão, segue a causa seus tramites ordinarios, offerecendo os auctores, no recurso, a mesma sua minuta da appellação, pelo seu advogado, a sr. Dr. Francisco Jeronymo da Silva.

O advogado dos appellados (os cégos do asylo) o sr. doutor Constantino Luiz Simões Ferreira, sustentou triumphantemente a ineptidão do libello e a validade e competencia dos embargos.

Tambem o digno agente do ministerio publico, o sr. doutor Manoel Pedro de Faria Azevedo, na sua concludente resposta de fl. 258, sustentou, com os mais sólidos fundamentos juridicos, os direitos do asylo, isto é, da humanidade.

> Em uma causa que se avalia em perto de cem contos de réis, e que decidiu *in perpetuum*, da sorte de tantos infelizes e da manutenção do mais caridoso estabelecimento d'este reino, de uma causa, digo, que fez alternativamente estremecer de susto e de esperança a tantos corações beneficos, em todas as terras de Portugal; julgo dever aqui mencionar as tenções dos desembargadores do supremo tribunal de justiça, concernentes a esta célebre demanda.

Foi relator o sr. doutor José Maria Pereira Forjaz. Foi favoravel ao asylo.

O sr. Barão da Ribeira Tâmega. Contra.

O sr. doutor José Maria da Costa e Silva — A favor.

O sr. doutor Augusto Henriques Ribeiro de Carvalho — A favor.

O sr. doutor Vicente Ferreira de Novaes — A favor.

O sr. doutor Joaquim Pedro da Silva Lobo — A favor.

Foram pois cinco tenções a favor do asylo e só uma contraria; pelo que o supremo tribunal de justiça proferiu o seu accordão, a fl. 279, confirmando a sentença da primeira instancia e condemnando os auctores recorrentes, em todas as custas. Este accordão

é de 25 d'abril de 1871. É assignado pelos cinco desembargadores cujos accordãos foram favoraveis ao asylo.

—

Esta sentença, que era já a terceira favoravel ao asylo, encheu de sincera alegria a todos os moradores de Castello de Vide.

Ás 5 horas da tarde do mesmo dia 25 d'abril, o sr. Carlos José Caldeira (que, segundo o sr. Antonio Maria do Couto Monteiro, é um dos mais dedicados amigos do asylo, seu bem feitor, pela doação que lhe fez, e incançavel em pugnar pelo bem e pelo direito dos pobres cégos) telegraphou para esta villa, dando parte da victoria.

Acções de graças, missas, promessas, musicas, o hynno do asylo, mil vezes repetido, finalmente, tudo quanto em occasiões de publico regosijo costuma fazer o nosso bom povo portuguez, tudo fôi feito, como se a victoria dos cégos fossse um facto de que dependesse a felicidade geral da villa.

No dia 27, foram os ceguinhos, todos descalços, em cumprimento do voto que haviam feito, dar graças a Nossa Senhora dos Remedios, á sua ermida, que é em sitio pittoresco, proximo do asylo, mas fóra das muralhas.

—

Farei aqui honrosa menção do sr. conselheiro Antonio Maria do Couto Monteiro, insigne e desinteressado patrono juridico do Asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Vide. A gratidão que lhe consagram os asylados, o povo d'esta villa e todas as almas caridosas em geral, constituem já o primeiro premio da sua caridade. O maior, achal'o ha alem da morte, no logar reservado pelo Omnipotente ás almas bemfasejas.

—

A pesar de tudo quanto deixo dito, e de tanto dinheiro gasto pelos auctores e réus; aquelles, ainda não desanimados com tres sentenças contrarias, invidam todos os meios imaginaveis, para conseguir a pêrda do asylo.

Restava-lhes ainda um *refugio*, uma ultima *trincheira*, era o recurso de segunda revista. Não trepidam em lançar mão d'elle. Depois de ainda mais 19 mezes de despezas e demandas, o supremo tribunal de justiça, por accordão de 18 de novembro de 1873, *nega a segunda revista* do processo, aos auctores, e o caridóso asylo tem agora certa a sua existencia.

Os que quizerem ter mais amplas noticias do que respeita a este estabelecimento, leiam o bello livro da sr. conselheiro Antonio Maria do Couto Monteiro, intitulado *O asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Viae, para cégos d'ambos os sexos*, impresso em 1872.

—

A população de Castello de Vide é quasi exclusivamente agricola e muito laboriosa, por isso todas as terras estão muito bem cultivadas.

As suas communicações são hoje rapidas e commodas, para algumas grandes povoações. Uma boa estrada a macadam, de 40 kilometros, liga esta villa com a estação do caminho de ferro de Portalegre.

Tinha-se projectado, em 1869, fundar aqui um banco agricola, com todos os bens dos estabelecimentos pios dos dois concelhos, de Castello de Vide e Marvão, que tinham de ser desamortisados e cujo valor attingia a uma cifra de 300 contos de réis. Não sei se já levaram isto a effeito.

O concelho de Castello de Vide é apenas composto das tres freguezias da villa, e da freguezia de Nossa Senhora da Graça, da Póvoa.

—

Castello de Vide é solar da familia Mousinho (Mósinho ou Mausinho, que tudo é o mesmo). É muito antiga, pois que Gonçalo Mousinho era um nobre cavalleiro, do tempo do conde D. Henrique e do de seu filho, D. Affonso I. Foi este rei, em recompensa dos serviços que aquelle fez a Portugal, que lhe deu rendas n'esta villa, e por armas:— em campo asul, banda de prata, carregada com tres rosetas de púrpura, entre seis estrellas de ouro, de oito pontas, tres de cada lado, em roquete. Elmo d'aço aberto e por timbre, uma aspa de prata, e no meio d'ella uma roseta das armas.

—

Castello de Vide é uma das mais nobres,

ricas e bonitas villas do Alemtejo; apesar de falta de estradas, que a ponham em facil communicação com outras terras da provincia, o que lhe daria ainda maior importancia commercial, agricola e industrial.

Tambem, com razão, se queixam os seus moradores do desmasêlo, descuido e até despreso com que as camaras d'aqui, ha muitos annos têem tratado esta bella povoação, cujas ruas estão em pessimo estado, parecendo mais asinhagas da serra do que ruas de uma populosa villa.

—

A notavel villa de Castello de Vide sempre primou em ser fidelissima a todos os monarchas portuguezes, dando não vulgares exemplos de boa lição nas artes, nas sciencias e na guerra.

Já em 1299 os povos de Castello de Vide, tendo á sua frente el-rei D. Diniz, avançavam contra Portalegre, que havia tomado o partido do infante D. Affonso, irmão do rei-lavrador e ao qual pretendia usurpar a corôa.

A fidelidade de Castello de Vide ao seu legitimo rei está comprovada por documentos historicos de grande valia. A 14 de maio d'aquelle memoravel anno estava D. Diniz alli, e no dia 15 confirmou «estando já sobre a villa, os foros e termos ao concelho «de Castello de Vide, concedendo-lhe que «fosse sempre da corôa.»

Seria um nunca acabar se mencionasse todos os nomes dos varões illustres, que nasceram na abençoada e encantadora villa de Castello de Vide. O insigne Morato Roma, que honrou a sciencia; o abalisado estadista Mousinho da Silveira; o philantropo dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro; são tres nomes que resumem em si uma epopeia de tudo quanto ha de mais maravilhoso na vida social de um povo livre.

Mas ainda acima d'estes tres grandes vultos depara-se-nos o nome de um valoroso capitão, que fez proesas no campo de Aljubarrota, sendo victima de sua palavra e do amor que lá dentro de sua alma votava ao mestre de Aviz.

Gonçalo Annes, de Castello de Vide, era o heroe que votou ser o primeiro que ferisse de lança os castelhanos.

Quando a 14 de agosto de 1385 os portuguezes de Aljubarrota estavam estendidos em linha de batalha, tendo por capitão o destemido D. Nuno Alvares Pereira, o bravo Gonçalo Annes, em cumprimento do seu voto, «adiantou-se das fileiras a ser o primei«ro que ferisse de lança, mas foi derribado, «e sendo soccorrido desempenhou bem o «proprio valor.»

São d'esta tempera todos os filhos de Castello de Vide, comprovada em todos os tempos, e ainda não ha muitos annos, na batalha do Bussaco, onde o bravo regimento de infanteria 8, quasi todo composto de castello videnses fez prodigios de valentia.

Amor ao rei, á patria, á liberdade e á familia constituem o brasão do nobre povo de Castello de Vide.

—

É afamada, desde antigos tempos, a procissão de domingo de Ramos, em Castello de Vide, a qual aqui attrae grande concorrencia, não só das visinhas povoações, mas até de Hespanha.

Todas as mais solemnidades da semana santa, são aqui feitas com grande sumptuosidade, e são sobremodo notaveis e imponentes.

—

No dia 20 de setembro de 1870, se começou no Rocio d'esta villa, um monumento ao sempre chorado rei D. Pedro V. Foi inaugurado em 29 de setembro de 1873.

—

Tem por armas um castello cercado por uma vide com seus cachos.

—

O territorio de Castello de Vide é fertilissimo em todos os productos agricolas necessarios á vida, e a villa se mira pelo N. e L. em vasta amplidão de vergeis, olivaes e vinhas e é semeada de varias quintas, sendo a melhor d'ellas a afamada Quinta do Prado (do sr. Lecoq) uma das mais bellas propriedades de muitas leguas de circumferencia.

Pelo O. se descobre da villa a formosa cordilheira de alcantilados penhascos, que lhe fica parallela.

—

Estando D. Diniz n'esta villa, em 1281

vieram aqui ter os embaixadores de Aragão, ratificar o casamento do rei com a princeza aragoneza D. Isabel (a rainha santa) que se effectuou em 1282.

CASTELLO VIEGAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 168 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um fresco, ameno e fertil valle, abundante d'aguas, mas sem vista para outras freguezias.

A matriz está no mais alto do logar.

O ordinario apresentava o prior, que tinha 300$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do padroado real.)

Tinha um convento da invocação de S. Jorge, de conegos regrantes de Santo Agostinho. (Vide Coimbra, onde vem mais minuciosamente declarada a fundação d'este convento.)

Ha aqui uma albergaria para passageiros, e um hospital para pobres, que eram pertenças do convento.

Fertil, sobretudo em vinho, azeite e fructas.

Antigamente formava esta freguezia dois concelhos, chamados de Castello Viegas e lhes eram sujeitos os concelhos de Valle de Cannas, Sobral, Ceira e Couraria.

Regam esta freguezia os rios Mondego, Duéssa e Ceira, que fertilisam seus campos e movem moinhos e lagares de azeite.

É tradição que o nome lhe provém de um castello que aqui houve (de que não ha vestigios) edificado por um tal Viegas. Outros dizem que foram umas donas que o fundaram e que por isso se chamava *Castillo de las Viejas* (Castello das Velhas).

Em 1166 era senhor de Castello Viegas, um fidalgo chamado Salvador Viegas, o qual, morrendo-lhe então sua mulher D. Aldonça (ou Dulce) desgostoso do mundo, deu tudo quanto tinha ao convento de S. Jorge e n'elle se fez frade. Talvez d'este lhe provenha o nome.

O convento foi em 1568 unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

CASTELLO DO ZEZERE—Alemtejo. Proximo á villa de Punhete (hoje Constancia) e na foz do rio Zêzere, fundou D. Gualdim Paes, mestre da Ordem do Templo, em 1159 ou 1160, um forte castello, que está hoje em ruinas.

O mesmo D. Gualdim lhe déu foral em 1174. (Vide Almourol e Constancia.)

CASTELLÕES ou **CASTELLÃOS**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 520 fogos. Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Situada nas abas da serra do Caramullo, e é uma das freguezias do Valle de Bésteiros.

Era do padroado real, que apresentava o reitor, o qual tinha 40$000 réis, 24 arrateis de cêra, 4 alqueires de trigo e 4 almudes de vinho (para as missas) e um arratel de incenso.

E' terra muito fertil.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce na serra do Caramullo, de varios arroios e morre no Crins, com 6 kilometros de curso. Suas margens são cultivadas e cingidas de frondoso arvoredo.

Chama-se a esta freguezia vulgarmente Castellões de Bésteiros. (Vide Bésteiros.)

Antigamente, em todos os escriptores e nos livros officiaes se denominava esta freguezia e todas as seguintes do mesmo nome, Castellãos, e é o seu verdadeiro nome; mas hoje diz-se corruptamente Castellões. (Vide a primeira freguezia de Castellãos d'esta obra.)

CASTELLÕES (ou **CASTELLÃOS**) **DE CAMBRA**—freguezia, Douro, comarca de Oliveira de Azemeis (d'onde dista 6 kilometros a NE.) concelho de Macieira de Cambra, 72 kilometros ao N. de Coimbra, 40 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro,

Foi antigamente do bispado de Coimbra.

Pertenceu á comarca de Esgueira e depois passou para a da Feira.

É do infantado.

Orago S. Pedro, apostolo.

A matriz é sumptuosa.

O cabido de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis. Depois, quando se criou o bispado de Aveiro, era, até 1834, apresentação do ordinario.

Situada quasi toda em planicie muito fertil e aprasivel, nas margens do rio Cáima.

Foi antigamente concelho, com juiz ordinario e camara, sujeitos ás justiças da Feira.

N'esta freguezia está a bonita quinta e magnifica casa de Areias, do sr. dr. Antonio Soares Leite Ferraz de Albergaria, vulgo o *Areias*, com uma boa capella.

Para as armas d'esta familia, vide Albergaria, a paginas 48 do 1.º volume.

Vide Cambra e Macieira de Cambra. Para a etymologia, vide Castellãos, a primeira mencionada.

CASTELLÕES ou **CASTELLÃOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 35 ao N. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos.

Situada em um valle muito fertil, sobre tudo em fructa. Não se vêem d'aqui povoações d'outras freguezias.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 50$000 réis e o pé d'altár.

Para a etymologia, vide a primeira Castellãos mencionada.

CASTELLÕES ou **CASTELLÃOS**—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca e concelho de Chacim, e desde então é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros. 420 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente do termo e comarca de Bragança, provedoria de Miranda.

E' da casa de Bragança.

Situada em um alto, nas faldas de Monte Mel, d'onde se vêem muitas povoações.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis, 33 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho.

No sitio do Castello (onde está a capella de S. Bernardino) é tradição que existiu uma povoação de mouros.

No alto da serra ha vestigios de uma fortaleza mourisca.

É ao pé da capella de S. Marcos.

É terra muito fertil, principalmente em azeite e castanha. Passa aqui a ribeira do seu nome, que morre no Tua.

A industria da creação dos bichos de sêda dura ha mais de 120 annos n'esta freguezia.

A mesma etymologia.

CASTELLÕES DE CEPÊDA—vide Castellãos de Cepêda.

CASTELLÕES (ou **CASTELLÃOS**) **DE RECESINHOS**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, e desde então é comarca e concelho de Penafiel. 48 kilometros ao N. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O conde d'Obidos apresentava *in solidum* o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil. Tem caça.

Os condes d'Obidos eram donatarios d'esta freguezia e aqui punham as justiças.

Tem muito boas quintas. Passa aqui o rio Odres.

A mesma etymologia.

CASTENDO—villa, na freguezia da Insua, Beira-Alta, comarca de Mangualde, 18 kilometros a E. de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

No concelho, a que se dá o titulo de con-

celho de Penalva do Castello, 2:400 fogos.

Situada proximo da margem direita do Dão.

E' terra fertil.

Muito e muito bom vinho.

D. Sancho II lhe deu foral (á villa de Penalva do Castello) em 1240.

Franklim não falla d'este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

CASTEVAL—portuguez antigo, alcaidemór, governador de um castello.

CASTIJANO—portuguez antigo, castelhano.

CASTRÊLLO—villa, capital do concelho da Maia, 18 kilometros ao N. do Porto, a cuja comarca pertenceu.

Tinha em 1660 150 fogos, hoje tem 350. 330 kilometros ao N. de Lisboa.

D. Sancho I a povoou em 1202.

CASTRELLOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 474 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. João Baptista.

No seculo X era denominada villa, como se verá da doação adiante mencionada.

É povoação muito antiga, pois já existia, com certeza, no tempo dos godos, e, provavelmente, no dos romanos.

Situada em um valle, no termo de Bragança.

(No mappa das congruas diz-se que o orago é S. Pedro; mas julgo que é engano; porque em todos os outros livros vejo S. João Baptista.)

O reitor de Quintella de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 25 alqueires de centeio, 27 de trigo serodio e 12 almudes de vinho.

O rio Baceiro réga esta freguezia, que é fertil.

Chamam-lhe vulgarmente (e assim está nos livros antigos) Crastellos.

Crastello é diminutivo de *castrum*, como se dissessemos castellinho. (Vide Crestello.)

D. Affonso IV lhe deu foral, em Extremóz, a 29 de julho de 1325.

Em 988, doou Munio Gonçalves, ao mosteiro de Lorvão, a sexta parte da villa de Castrello.

Na doação feita ao mesmo mosteiro por D. Sancho I, em 1190, da villa de Villa Meã, junto a Prime, tambem menciona outro Castrellos. Não pude saber (apesar de boas diligencias) que Castrellos era este. Ou mudaram de nome, ou são aldeias insignificantes.

CASTRO—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Matheus do Sobreiro (ou Sobreiro de Baixo) até 1855 foi da comarca de Bragança, e desde então é comarca e concelho de Vinhaes.

Antigamente foi da comarca de Miranda, termo de Vinhaes. 455 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1750 tinha 6 fogos.

Situada no monte da Circa, junto do qual houve em tempos antigos uma grande lagôa, que hoje está quasi sêcca. N'este monte ha muitos vestigios de uma antiga fortaleza e grande povoação.

Na aldeia ha uma capella de Santa Barbara.

Para a etymologia vide o Castro seguinte.

CASTRO ou **CRASTO**—monte, Douro, freguezia de Romariz, comarca e concelho da Feira (extincto concelho de Fermedo) 27 kilometros ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa.

Em 1845 se descobriram aqui varios *carns* celticos. Estavam entulhados com pedras, terra, carvão e cacos de telha. N'elles appareceu um resto (capitel) de uma columna muito tosca e a mó de um pequeno moinho. A poucos metros a O. d'estes *carns* existem os vestigios de uma grande *mâmoa*, em um plató, e ao fundo d'elle os alicerces de uma muralha de um metro de grossura. Entre esta *mâmoa* e os *carns* (que estão ao E. em sitio mais elevado) ha uma especie de azinhaga, a que o povo d'aqui chama Rua dos Mouros, com vestigios de paredes.

É tradição entre a gente d'aqui, que n'este monte houve uma povoação e fortaleza mourisca.

Todos sabem que o nosso povo chama mouriscos a todos os monumentos antigos, qualquer que seja a sua edade ou fundadores.

Ha mais probabilidade que isto fosse povoação dos antigos lusitanos. O que é certo é que ella foi incendiada e arrasada, talvez pelos romanos o que se collige da grande abundancia de carvão que se encontra dentro dos *carns*, poucos centimetros abaixo do solo, assim como de restos de telha e tijolo esmigalhados. Tambem aqui se achou o trôço superior de uma columna muito tosca; duas mós pequenas, que parecceciam de moer metaes, e uma especie de fôrno, que provavelmente era alguma sepultura, pois continha uma porção de cinzas, quasi reduzidas á terra.

No mesmo monte, uns 10 ou 12 dias antes, e mais abaixo, tinham apparecido em uma amphora de prata, 102 medalhas e meia de prata de diversos imperadores romanos e da republica, todas muito bem conservadas, e junto com ellas uma meia lua e uma argola ambas de ouro.

Deve notar-se que, ao SO. e a 1 kilometro d'este monte (na freguezia de Milheirós de Poyares) ha uma aldeia chamada *Mâmoa*. Ao S., e a partir com esta freguezia de Romariz, ha a freguezia de Cesar (no concelho de Oliveira de Azemeis.) Um nome celta e tres romanos. (*Mâmoa*, Castro, Romariz e Cesar.)

Na serra do Pinheiro, em frente do Castro (na dita freguezia de Cesar) ha tambem vestigios de alicerces antiquissimos.

Do alto do monte do Castro se vê parte da cidade do Porto, muitas serras e povoações e uma vasta extensão do Oceano.

Tenho notado que a alguns sitios onde ha *carns*, o povo dá o nome de *Crasto*. Estou convencido pois, que algumas vezes *crasto* é corrupção de *carns*, outras de *castrum* e outras de *crasta*.

O *Elucidario* de Viterbo diz: Castro ou Crasto tem-se equivocado com castello, que é, como castrêllo, diminutivo de *castrum*. Antigamente, aos arraiaes de todo o exercito, com 4 portas, cada uma de seu lado, cercado de fosso e vallado, se chamou crasta. A um pequeno arraial, só para uma legião (brigada) se chamava *castrum*. Quanto mais pequenos eram estes arraiaes e menos fornecidos de gente e armas, mais cuidado havia em se assentarem em sitios altos e facilmente defensaveis, e a estes se chamava castrêllos, crastellos ou crestêllos. Alguns d'estes se povoaram e ficaram a servir de *atalayas*, *cidadellas* ou *guardas* ás campinas e logares chãos e abertos ao inimigo.

Ha em Portugal (além do que aqui vae descripto) mais de 200 aldeias e montes com o nome de Crasto ou Castro.

Não se dava antigamente o nome de Castro ou Crasto só aos montes que tinham grande ou pequeno castello. Dava se tambem áquelles cuja posição era propria para alli se edificar qualquer fortaleza, e até aos que, sendo coroados por penedias, simulavam de longe um castello.

CASTRO D'AVELLANS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Bragança. É no termo d'esta cidade.

A mesa capitular da Sé de Miranda (depois de Bragança) apresentava o vigario, *in solidum*, que tinha 40$000 réis.

Fertil em trigo e centeio; do mais pouco.

Houve aqui um mosteiro de frades bentos, de sumptuosa fabrica, cujas memorias existem em um arco que está á entrada do logar, o qual (arco) era a portaria do mosteiro. Ainda se vêem parte dos alicerces da egreja e uma torre, das duas que ella tinha, feita de cantaria, de 24 metros de altura. Em uma pedra, de marmore, que serve de *credencia*, na egreja matriz, está a seguinte inscripção:

DEO AETERNO ORDO ZELATUR
EX VOTO

Esta inscripção, que está no altar-mór da egreja matriz, do lado da Epistola, é interpretada de mui differente modo, por outros escriptores, como adiante direi, quando tratar dos fundadores presumidos d'esta villa.

No frontespicio ha uma lapide que diz:

D. DIOGO PINHEIRO, BISPO

DO FUNCHAL, ADMINISTRADOR
D'ESTE CONVENTO, MANDOU
FAZER ESTA OBRA.

—

A antiga capella-mór da egreja do convento, é que é hoje a matriz da freguezia.

N'ella, em um tumulo de cantaria, jaz o conde D. Arias Annes, que morreu na éra de 1300 (1262 de Jesus Christo).

Este convento foi fundado por S. Fructuoso, em 667. Era portanto dos mais antigos do reino.

Os frades d'este convento eram senhores de Bragança (então villa) e de outras muitas villas e coutos, por doação de D. Affonso V, de Leão, feita pelos annos 830. Os frades cederam Bragança a D. Sancho I de Portugal, pelos annos de 1200.

Eram estes frades dos mais ricos, poderosos e despoticos de todo o reino. Nas muitas cartas de povoação (foraes) que deram a varios logares, que, ou por doações ou por usurpação, se tornaram do seu dominio, impuzeram aos moradores o infame, absurdo e expoliador direito de *maninhadégo*; isto contra a expressa determinação do foral regio dado áterra de Bragança, por D. Sancho I, em 1187.

O tal direito de *maninhadégo* (ou *maneria*) consistia em herdarem os frades a terça parte do toda a herança dos casados, que morriam sem filhos! (Vide Maninhadégo e Maninho.)

Mas os frades, abusando do seu poder e da simplicidade dos póvos, não se contentaram ainda com esta extorsão immoralissima, e exigiam a terça de todos os defunctos; quer tivessem, quer deixassem de ter filhos. E os póvos aguentavam isto com receio das execuções, odios e excommunhões dos frades!

O duque de Bragança, D. Affonso, por carta sua de 1452, fez terminar este roubo escandaloso, por ser contra o foral regio, contra as Ordenações do reino e contra o bom senso; e ordenou que as duas partes da herança ficassem aos filhos ou herdeiros do defuncto, podendo cada um dos testadores dispôr do terço *livremente*, a beneficio da sua alma.

Prohibiu que fossem penhorados ou *evitados*[1] os que o abbade do mosteiro, (como vigario geral do arcebispado) excommungasse por isto; e que o mosteiro e seus officiaes não *tomem* as coisas e mantimentos; mas *as paguem á vontade dos donos* (porque os frades, sobre todos os seus escandalos, tambem praticavam o de tirarem aos lavradores gados, fructas, pastos, etc., e pagarem-lh'os, se lh'os pagavam, pelo prêço que muito bem queriam!)

Apesar, porém, d'esta terminante carta do duque, os frades, armados com a terrivel arma da *excommunhão*, continuaram a receber os *maninhadégos*, e taes extorsões foram fazendo, sem respeito ás leis do reino e ás ordens do duque, que D. João III (apesar de muito religioso) viu-se na necessidade de se queixar ao papa Paulo III, pedindo a suppressão d'este convento, ao que o pontifice annuiu, extinguindo-o por uma bulla de 1545, sendo as rendas encorporadas na *mesa capitular* de Miranda (hoje Bragança) com a condição de se fazer todos os dias, na Sé, a *commemoração* de S. Bento.

Os frades fugiram antes de se lhes ler a sentença da curia romana, e não esperaram para serem expulsos.

Mandaram alguns d'elles queixar-se amargamente ao papa, mas nada conseguiram.

—

A lapide, de cuja inscripção primeiro fallei, tem um metro de altura e meio de largura, e como tem as letras já bastante carcomidas pelo tempo, não é clara e positiva a sua leitura.

Segundo Viterbo e outros archeologos, diz:

DEO
AVERNO ∴
ORDO
ZOELAR.
EX VOTO.

[1] *Evitados*. Aquelles a quem era imposta a pena de excommunhão, ficavam *ipso facto*, incommunicaveis com o resto dos christãos, que incorriam na mesma pena se fallassem com elles; por isso *evitavam* fallar-lhes, e era a este estado de incommunicabilidade, a que se chamava *evitados*. Ao N. do reino dizem, corruptamente, *habitados*.

Isto é—«*Ao Deus do Averno, a ordem dos zoelas dedica.*»

Por esta inscripção e pelos vestigios evidentes de uma grande povoação, que existem proximo do rio Sabôr, suppõe-se com bons fundamentos que aquella povoação era a antiquissima cidade de *Celiobriga* ou *Zelobriga*, e que os póvos *zoelas*, vindos das Asturias, a fundaram mais de 300 annos antes de Jesus Christo. (Vide Celiobriga).

—

Parece que o povo, depois da suppressão do convento, tratou de destruir o edificio do mosteiro, pois apesar de ser construido de tijolo e cal, não me parece que no espaço de pouco mais de 300 annos, estivesse no estado de ruina em que actualmente se vê.

É pois impossivel fazer uma idéa approximada da vastidão d'este edificio.

Estão ainda de pé, e arrostando a acção corrosiva dos agentes atmosphericos, dois arcos do vetusto mosteiro, tambem de tijolo e cal, que se suppõe terem servido para darem passagem para a egreja. São de fórma acanhada.

Parece que a egreja e o mosteiro eram defendidos por uma muralha da mesma materia; o que induz a acreditar que os religiosos se veriam algumas vezes forçados a defenderem-se das aggressões dos mouros. Confirma esta opinião um curioso manuscripto em que se lê:

«Eram os religiosos de Castro, senhores de Bragança (então villa) por doação que d'ella lhes fez D. Affonso V, rei de Leão, *por lhe terem feito grandes serviços e ajudado a tomal-a aos mouros.*»

—

Esta freguezia tem hoje muita importancia, pela reconhecida virtude de suas aguas sulphureas, que attrahem aqui, durante o verão, as principaes familias de Bragança e de outras muitas partes da provincia.

Não me consta que até hoje tenham sido analysadas competentemente; nem foram amostras d'ellas para a Exposição Universal de Paris, em 1867.

CASTRO DAIRE ou CASTRO D'AIRE — villa, Beira Alta, 24 kilometros a O. de Lamego, 30 de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 720 fogos na freguezia, no concelho 2:380 e na comarca 4:660.

Em 1757 tinha 80 fogos a villa, e toda a freguezia 540.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre um monte pyramidal, correndo-lhe ao sopé o rio Paiva.

A 1:500 metros ao S. d'esta villa, em uma casa que consta ter sido hospicio dos templarios, ha uma capella de Nossa Senhora do Presepe, e ao N. d'ella está um carvalho cujo tronco está perfeitamente ôco, cabendo-lhe dentro, sentadas, 24 ou 30 pessoas. Tem mais de 22 metros de altura e de circumferencia 13 e meio. É, pelo menos, coevo dos templarios.

No cume do monte houve antigamente um fortissimo castello, do qual ainda ha vestigios. Foi elle que deu o nome á villa.

É tradição que, passando aqui D. Diniz, pelos annos de 1300, lhe pediram os moradores a pedra do castello, para fazerem a egreja; o rei lh'a deu e a fizeram.

Este templo é sumptuosissimo e dos melhores do bispado de Lamego. Foi concluida esta obra (que estava apenas em meio) pelos annos de 1864, gastando-se n'ella muitos contos de réis. Tem sete bellos altares. Ha em Portugal Sés menos vastas.

Não acredito muito na tradição em que fallei, por tres motivos: 1.º, porque aqui ha muita abundancia de pedra e não valia a pena desmancharem o seu castello e importunarem o rei por tão pouca cousa; 2.º, porque n'esse tempo era uma grande honra ter um castello e os d'aqui não a haviam de querer perder; 3.º, porque, sendo D. Diniz um incansavel constructor de castellos e torres, mais facilmente consentiria em o mandar reedificar, do que em o deixar destruir.

Eu entendo mas é que o castello caiu em ruinas, e depois de estar em terra, o povo (como em muitas outras partes) deu á pedra a applicação que quiz.

O sitio onde esteve o castello tem bellissimas e extensas vistas, descobrindo-se mui-

tas povoações e as serras de S. Macario, S. Lourenço, Monte Muro e outras muitas menores.

Era antigamente da comarca de Lamego.

Foi cabeça de condado, sendo seu ultimo conde, Simão Correia da Silva, por morte do qual passou para a corôa.

Era primeiro do padroado real, e depois passou para a casa do infantado.

O abbade tinha de renda 1:300$000 réis. Tem cinco beneficiados, com pequeno rendimento, que resam em côro todos os dias.

É terra muito fertil em cereaes, fructas, azeite, mel, cêra e optimo vinho. Cria muito gado, de toda a qualidade.

N'esta villa nasceu o padre Sebastião Vieira, jesuita, que foi martyrisado no Japão.

Muita caça.

Regam esta freguezia os rios Paiva e Paivó, que aqui se juntam. São aqui atravessados por uma antiquissima e muito alta ponte de cantaria. Régam, móem e trazem muito bom peixe.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de março de 1514. (No foral dá-se-lhe o nome de *Castro Dairo*) Livro de foraes novos da Beira, fl. 7, v., col. 1.ª

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou, nem quando.

Tinha antigamente uma feira nos 4.os domingos de cada mez. Hoje tem duas, uma no 1.º e outra a 15.

Tem Misericordia e hospital, com bom rendimento.

Tem uma optima escola de instrucção primaria, das que instituiu o benemerito conde de Ferreira, (vide Campanhan) e um magnifico tribunal das audiencias e senado da camara.

Castro Daire tem muito bons edificios particulares, sendo dos melhores o palacio do sr. barão de Castro Daire, com bello jardim e boa quinta e matta.

É aqui o solar dos srs. Aguilares, que é tambem um bom palacio. É edificio muito antigo.

Tambem ha aqui um antigo e bello edificio, que foi dos Mendonças. É hoje, por herança, do sr. José Correia, por parte de sua esposa, a sr.ª D. Diana de Mendonça. Tem uma boa capella e grande quinta.

Ha ainda o soberbo palacete dos srs. Teixeiras de Lacerda. Tem um bom jardim e quinta. É casa muito antiga.

A irmandade das almas, d'esta freguezia, é antiquissima e muito rica.

—

Para a genealogia dos Mendonças e suas armas, vide Barbacêna.

Lacerda é appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, por Affonso Fernandes de La Cerda, que seguiu o partido do rei D. Fernando, de Portugal.

Suas primeiras armas são: — Em campo verde, uma torre de ouro, com ameias, entre dois leões trepantes, de púrpura, armados de preto e lampassados de vermelho.

Outros do mesmo appellido usam: — Escudo dividido em pala. A primeira dividida em facha, na primeira, de púrpura, um castello de ouro; na segunda, de prata, um leão de púrpura, armado de negro; na segunda pala, de asul, tres flôres de liz, de ouro em pala, entre seis meias flôres ditas, em duas palas e formadas nos lados do escudo. Elmo de aço aberto. Timbre o leão das armas.

Outros trazem: — Escudo esquartelado, o 1.º e 4.º quartel, divididos em pala; na primeira, de púrpura, castello de ouro; na segunda, de prata, leão de púrpura. No 2.º e 3.º quartel, as armas reaes de França, que são, em campo asul, tres flôres de liz de ouro, em roquete. Elmo de aço, aberto, e timbre, o leão das armas.

—

O concelho de Castro Daire, é composto de 20 freguezias, sendo 8 no bispado de Viseu e 12 no de Lamego; mas todas no districto administrativo de Viseu.

As do bispado de Viseu, são: Alva, Gafanhão, Mamouros, Mões, Mollêdo, Pepim, Réiriz e Ribolhos.

As do bispado de Lamego, são: Cabril, Castro Daire, Ermida, Esther, Gozende, S. Joanninho, Mezio, Monteiras, Moura Morta, Parada, Picão e Pinheiro.

—

A comarca é composta dos julgados de Castro Daire e Frágoas.

CASTRO LABOREIRO — villa, Minho, comarca, concelho e 15 kilometros ao SE. de Melgaço, 66 ao NNO. de Braga, 78 ao N. de Vianna e 400 ao N. de Lisboa, 570 fogos, 2:200 almas.

Em 1757 tinha 60 fogos na villa e 432 no resto da freguezia.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Visitação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vallença.

Situada em um alto.

O reitor tinha um coadjutor da sua apresentação. A casa de Brágança apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual 650$000 réis; e o coadjutor 20 alqueires de centeio e 10$000 réis, tudo pago pela commenda.

É da casa de Bragança.

Foram seus commendadores os Saldanhas de Albuquerque.

É terra muito fria e pouco fertil. Pouco mais produz do que centeio, nabos e vinho.

Tinha o privilegio de se não fazerem aqui soldados, dado por varios reis e confirmado por D. João V.

Proximo á villa ha um castello muito antigo, que diz o povo ser obra dos mouros, aos quaes elle attribue todos os edificios antigos. É porém mais provavel ser obra dos romanos, em vista do seu nome latino. Por elle estar edificado sobre uma rocha, se chamou *Castrum Laporetum* (castello penhascoso, ou do penhasco) da palavra latina *lapis*, pedra. Vide Lapêdo.

Ainda ha outra opinião sobre a etymologia d'este castello, que não julgo destituida de fundamento, é que Laboreiro vem do substantivo latino *labor*, (trabalho), pelo trabalho ou difficuldade que ha em subir ao môrro em que a fortaleza está edificada.

O que porém se não póde certificar é qual dos dois é mais antigo, se o castello se a villa, e qual d'elles deu o nome ao outro. O que é certo é dar o cabêço o nome a ambos, quer elle venha de *laporetum* quer de *labor*. É provavel que se edificasse o castello e depois a villa, como era costume quasi geral.

O que eu supponho é que antigamente se dava á fortaleza o nome de Castro Leboreiro e á povoação o de Villa de Leboreiro, e primeiramente Póbra de Leboreiro.

O castello fica ao sul da villa, a distancia de 400 metros, pouco mais ou menos, sobre um elevadissimo pico, que terá de altura 400 e tantos metros, e se levanta sobre uma base de acanhada circumferencia, o que o torna espantosamente aprumado.

Já só o môrro se póde chamar um castello natural. É um gigante coroado de pedra de cantaria, muito regular (e não tosco como diz o padre Carvalho).

É inaccessivel, e seria inexpugnavel, se não fôra, impropriamente fallando, uma especie de isthmo nimiamente estreito, que a põem, se bem que difficilmente, em communicação com o exterior. Teve quarteis em tempos remotissimos, assim como (cousa admiravel n'aquella espantosa altura) um pôço de agua nativa, o que tudo desappareceu ou ficou obstruido, em virtude de um raio que caiu no paiol; mas foi reedificado, como adiante direi. Hoje apenas apparecem as ruinas.

Os muros são baixos, parecendo presidir á sua construcção mais o agradavel do que as necessidades da guerra. Tem duas portas, uma para o sul e outra para o norte.

Por aquella, dizem que outr'ora, ainda que arriscadamente, se podia entrar a cavallo; para a do norte, que dá para o tal isthmo de rocha viva, custa a ir de gatas; porque sendo esta rocha tão inclinada e resvaladia, foi preciso abrir-lhe a picão uns toscos e estreitos degraus para subir por elles.

Mas o perigo não está ahi, está ao chegar á tal porta, ou antes frésta, pois que é tão estreita que pouco passará de 60 centimetros.

Ainda o visitante vai arripiado do perigo que venceu, mas na esperança de recuperar a serenidade, quando um novo susto, porem mais horrivel, mais sem nome, se apodera d'elle!

Destaca-se-lhe á direita um penedo, que terá, quando muito, trez metros d'alto, ahi posto pela naturesa, de figura rigorosamente cónica, e que fica mesmo fronteiro á por-

ta, e a tão pouca distancia, que qualquer homem, em outro sitio que não fosse este, a poderia salvar d'um salto; mas aqui está a morte!

É um abysmo profundissimo, que terá aproximadamente 350 a 400 metros, que é a distancia que tem de percorrer o ousado curioso, se porventura tiver a infelicidade de lhe escorregar um pé ou de se assustar.

Ninguem que tiver conhecimento d'esse famoso castello indico, deixará de chamar a este o nosso *Savendroog* ou *Rocher de la Mort*.

—

O conde Witiza, tendo-se levantado na Galliza contra D. Affonso III, (o magno) o rei mandou contra elle seu primo, o conde Hermenigildo, que o venceu e trouxe preso ao rei; o qual, em premio d'este serviço lhe deu as terras do conde traidor; entre ellas a villa de Lima, (Galliza) onde seu neto S. Rosendo fundou o mosteiro de Cella-Nova, e esta villa de Castro Laboreiro.

Constituido o reino de Portugal (1093) do qual o limite septentrional ficou (como actualmente) sendo o rio Minho, ficou esta villa sendo desde o principio portugueza.

D. Affonso Henriques é que rodeou de muralhas o antigo castello, o que consta de uma doação que este principe fez ao couto de Paderne.

No principio do seculo XIV, cahiu um raio no paiol da polvora, que, incendiando-se, fez ir o castello pelos ares; pelo que o rei D. Diniz o mandou reedificar.

—

A egreja matriz foi primeiramente vigariaria da matriz de Ponte de Lima, depois, abbadia do bispo de Tuy, que D. João Fernandes Sotto-Maior trocou com o nosso rei D. Diniz, em 1308, e era commenda da ordem de Christo.

—

É notavel a capellinha da Senhora d'Anamão, no districto d'esta freguezia, junto á raia, em uma gruta natural, cavada em rocha viva.

A ponte chamada Pedrinha, diz-se que é obra dos mouros.

É terra d'um clima extremo: sente-se ahi d'inverno um frio polar, e de verão um calor tropical. O padre Carvalho diz que o vinho chega alli a congelar naquella primeira estação.

O sólo é sáfaro e desabrido.

Nenhuns fructos produz mais que centeio, nabos, e batatas; mas a providencia, para compensar talvez os seus habitantes da falta dos mais fructos, dotou-lhes estes com uma qualidade tão superlativa, que não sei que haja melhores.

Abunda em gado vaccum e lanigero, o primeiro de má qualidade, pela incuria dos seus habitantes em aperfeiçoar a raça; mas o segundo gosa da reputação do melhor de Portugal, o que decerto é devido ás excellentes pastagens que aqui se criam de verão.

A terra é absolutamente desprovida d'arvores, se bem que o auctor da Chorographia Portugueza (Carvalho) lhe dê alguns poucos e pequenos carvalhos, e pouco milho miúdo, coisas que nunca lá viram, a não ser que as levassem de fóra, á excepção dos primeiros que alguns tem em rarissimos sitios, mas muito infezados. Estes mesmos não passam de poucos palmos de altura. A arvore indigna é o piorno e a urze.

A freguezia é a mais extensa e dilatada em área que se conhece, pois até ha pouco ella só formava um concelho, sendo depois annexado á comarca e concelho de Melgaço.

É cercada de elevadissimas serras, que desde a sua base até ao tôpo estão eriçadas de penhascos, d'um aspecto rude e selvagem, que se dezenham nas nuvens com mil formas caprichosas e phantasticas. É abundantissima em caça de todo o genero. Criam-se aqui mastins d'uma corpolencia e vigor extraordinarios, pois qualquer d'elles mata um lobo! Creados fora d'aqui, degeneram inteiramente.

Ha uma emigração espantosa, pois que desde que entra o mez de setembro, tudo que é homem de edade de oito annos para cima, até á de de mais provecta, estando em circumstancias de se arrastar, lá marcha para o Douro, Traz-os-Montes, Beira-Alta e outras partes, não recolhendo senão na Paschoa, que é o termo fatal em que hão de apparecer por força.

Fica a terra tão despovoada de homens, que os cadaveres são conduzidos para a egreja pelas mulheres, havendo antes disso, em casa dos doridos grande comesana para todas as pessoas que quizerem aproveitar-se d'elle, o que todos da melhor vontade fazem, e ás vezes em numero de muitas dezenas, mas que ninguem estranha por ser uso da terra.

Diante do ferectro (que é, como já vimos, conduzido por mulheres) segue uma comitiva d'ellas, umas com broas de pão, outras com açafates com bacalhau e outras coisas, á cabeça, tudo para a egreja, e que lá é entregue ao parocho.

Quem encontrasse um prestito d'estes, e não conhecesse o costume da terra, teria que se persuadir que esta pobre, mas boa gente estava embebida na crença d'alguns povos, que estão convencidos que os cadaveres comem debaixo da terra, recebendo por essa occasião muitos presentes!

Ao officio da sepultura assistem quantas pessoas ahi estiverem de todas as edades e d'ambos os sexos, cada qual com uma véla na mão, arrancando gemidos uns, soluços outros, mas todos (aparte os tregeitos ridiculos que alguns fazem) manifestando uma dôr e magua tão profundas, que não se poderiam fingir.

A egreja é boa, para aquella terra.

A chamada *villa* é uma pequena e pobre povoação, cujas casas, assim como as de toda a freguezia, são cobertas de colmo, e se algumas ha de telha, ainda assim não dispensam a palha por baixo, por que, a não ser isto, os sobrados, em virtude do excessivo resfriamento da athmosphera, appareceriam alagados em agua, como se ali tivessem entornado alguns cantaros d'aquelle liquido.

No tracto, em geral, a gente resente-se da rudeza da terra, advertindo que é muito obsrequiadora e hospitaleira para com as estranhos.

Não obstante a inquiestionavel asperesa d'esta paragem selvatica, teem nestes ultimos annos sahido d'aqui estudantes mui distinctos, e que tem sido laureados em diversas faculdades, o que vem contrariar a opinião dos que dizem que as comidas delicadas e as terras mimosas concorrem para o talento.

Á convivencia d'esses mancebos estudiosos, que tem ido beber a sciencia por esses diversos estabelecimentos scientificos do paiz, devem os habitantes d'esta desfavorecida terra o verem os seus costumes, rudes e asperos como ella, consideravelmente mais adoçados e as maneiras mais civilisadas.

—

Agradeço ao reverendissimo sr. José Manuel Alves Salgado de Castro, os valiosos esclarecimentos que me deu, tanto de Castro Laboreiro, como da Correlhan: e se não fui, em algumas cousas, da sua epinião, é porque houve para isso imperiosas razões.

D. Maunel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1513. (N'este foral se lhe dá o nome de Castro Leboreiro.)

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III em Lisboa, a 15 de janeiro de 1271. N'este foral se lhe dá simplesmente o nome de Leboreiro, e foi elle que a elevou á cathegoria de villa. Ha porem muitas aldeias em Portugal, mais ricas e muito maiores do que esta villa, que actualmente mais merece o nome d'aldeia. É porem povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos, que, com muita probabilidade lhe chamavam *Laporetum*, de que o nome actual é corrupção. É na raia de Hespanha.

O termo d'esta freguezia é montanhoso, desabrido e sem arvores.

Em frente da villa fica o castello (gallego) de Lobeira.

D. Affonso I; a tomou aos mouros em 1136 D. Diniz a reedificou e ao castello, pelos annos de 1290. Tem uma muralha tosca, com duas portas, uma para o O, pela qual se podia passar a cavallo, outra para o N. por onde mal, e com grande risco, póde passar uma pessoa a pé. A esta chamam o *postigo*.

Homens e mulheres d'aqui usam de polainas de burel branco e *chancas* (especie de sandalias, com a *solá* de páo, presa ao pé por correias.)

D'aqui sahem no inverno para Traz-os-Montes e outras terras, mais de 200 homens a fazer paredes de mattos e campos. Chamam a estes pedreiros *tapúas*.

CASTRO MARIM—villa, Algarve, comarca e 24 kilometros a E. de Tavira, 54 a ENE de Faro, 3 a ENE. de Villa Real de Santo Antonio, 3 ao N. de Ayamonte (cidada hespanhola da Andaluzia) e 240 ao S. de Lisboa, 930 fogos (3:700 almas) no concelho 1:860 fogos.

Em 1757 tinha 523 fogos, na villa e freguezia.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Em 37°11' de latitude N. e 1°5' de longitude oriental.

Por todas as partes de Portugal por onde tenho viajado (principalmente de Lisboa, para o Norte) em se fallando em Castro Marim, toda a gente estremece, cuidando que esta villa é no fim do mundo, a terra mais feia e inhospita que ha; finalmente *terra de degredados*.

Quanto se enganam!

Castro Marim é uma das bonitas villas do Algarve (onde quasi todas são tão bonitas) e do seu castello goza-se uma vista que não tem superior em belleza em todo o reino.

Pelo decurso d'este artigo se desenganarão, dando a esta interessante villa o seu verdadeiro valor.

Em uma vasta e fertil planicie estão dous outeiros que se coommunicam por uma baixa (especie de istmo) mais elevada do que a planicie.

O castello corôa o monte do E. (por isso chamado Monte do Castello) e no do O. chamado o Cabêço) está o forte de S. Sebastião.

Foi o forte do Cabêço (ou S. Sebastião) fundado por D. João IV, durante as guerras da restauração. Communica com o castello por uma estrada coberta.

Ambas estas fortalezas estão bem conservadas (se as compararmos com as das outras praças de guerra portuguezas.)

O castello é de fórma circular, e, ainda que feito de pedra miuda, bastante solido, por ser a pedra toda assente em cal e areia.

D. Diniz (outros dizem que foi seu pae, D. Affonso III) mandou construir o castello primittivo e as antigas muralhas que cercavam a villa; mas os castelhanos damnificaram estas obras de defeza por varias vezes, de modo que D. João IV, em vista da grande importancia militar d'este ponto, reconstruiu o castello, dando-lhe nova fórma e mais amplidão, e guarnecendo-o com cinco torres ou baluartes, e com cinco portas.

Tendo o terremoto arruinado muito este castello, D. José I o mandou reedificar, dando-lhe a fórma que hoje tem, e só com uma porta para o O. e um postigo (ou porta falsa) para o SO.

As muralhas de D. Diniz estão desmantelladas; mas as de D. João IV, que teem muito mais ambito, estão em melhor estado; porém, tambem muito arruinadas em partes. Tem esta muralha tres portas: S. Sebastião, que é na praça d'este nome, tem um baluarte, e está soffrivelmente conservado. (É ao ONO.) a de Santo Antonio (ao SO.) é do seculo passado e está em muito bom estado, e a da Villa, ao N.

Foram seus alcaides-móres os condes de Soure.

A villa está fundada em redor do castello; mas, como a população foi crescendo, a maior parte d'ella é extramuros. O cabeço tambem é povoado até á esplanada do forte, e este dista do castello uns 900 a 1000 metros.

—

Dentro do castello estão as ruinas da egreja de S. Thiago, primittiva matriz da villa. (Quando eu aqui estive, estava reduzido a cemiterio.) Foi destruida pelo terremoto do 1.° de novembro de 1755. Tambem aqui era a Misericordia e o hospital, e ha casas de habitação de muitos particulares, e o convento dos cavalleiros de Christo, hoje quartel militar; pois a villa primittiva estava toda dentro do recinto do castello.

Entre o castello e o Cabêço está (sobre o tal *Istmo*) a sumptuosa egreja de Nossa Senhora dos Martyres, a cuja Senhora se faz annualmente uma magestosa festa e concorridissima romaria, pois é esta egreja um santuario de muita devoção para os algarvios.

Junto a esta egreja está um bom hospital militar. Ao O. da mesma e contiguo a el-

la ha um vasto *eirado* (que é o adro da egreja, e ao qual aqui chamam o Alpendre) cujo pavimento é todo de cal e areia, cercado de muro, tambem argamaçado.

A egreja é antiga, mas foi restaurada pelo bispo do Algarve, D. Francisco Gomes d'Avellar, quando para aqui se transferiu a parochia, depois do terremoto. É hoje a matriz.

Castro Marim é um porto maritimo do Algarve e uma das suas principaes (senão a principal) praça de guerra.

É situada sobre a margem direita do Guadiana, a 6 kilometros da sua foz e a 1:500 metros d'este rio, com o qual communica por um esteiro, que permitte que as embarcações fundeiem no bairro da Ribeira, ao sopé do castello.

É povoação antiquissima (talvez fundação dos carthaginezes, ou, pelo menos, dos romanos) mas não se sabe por quem nem quando foi fundada.

Alguns pretendem mesmo que fossem os phenicios os seus fundadores, pelos annos do mundo 3050 (954 antes de Jesus Christo) porque navegaram muito pelo Guadiana, em busca de minas metalicas, sendo os primeiros exploradores das célebres minas de cobre de S. Domingos. (Vide Pomarão.)

D. Payo Peres Correia, *fronteiro-mór* do Algarve, expulsou d'aqui os mouros, pelos annos 1242, e esteve só povoada por tropa, até que D. Affouso III a mandou povoar, em 8 de julho de 1277. Segundo outros, os mouros d'aqui, abandonaram a villa e fugiram para a Africa, e quando aqui entrou D. Payo Peres Correia, já estava abandonada, concedendo-lhe então o rei grandes fóros e privilegios. D. Diniz lhe deu foral, no 1.º de maio de 1282, confirmando e augmentando os que seu pae tinha dado.

Lopo Mendes, commendador d'esta villa, vexava os moradores com exigencias exorbitantes, pelo que elles lhe moveram demanda; em 21 de março de 1504, obtiveram sentença contra elle, na qual ficou prohibido de levar mais direitos do que os que lhe marcava o foral velho.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

Esta villa tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.º

A mesa da consciencia e ordens é que apresentava aqui o prior, que tinha 3 moios de trigo, 90 alqueires de cevada, 90 alqueires de centeio e 8$000 réis em dinheiro. É annexa ao priorado e thesouraria, que rendia 30 alqueires de trigo, um *quarto* de vinho e 4$000 réis.

Tem um beneficiado, *curado*, que tinha 2 moios e 24 alqueires de trigo, 90 alqueires de cevada, 10$000 réis e metade do pé d'altar.

É terra muito fertil em cereaes, legumes e toda a qualidade de fructas, que são optimas, muito bom vinho, bastante azeite, hortaliças, etc.

Grande abundancia de peixe do mar, do Guadiana e dos esteiros. (Este ultimo, não é grande cousa, por ser do lôdo e é alli de muito pouco merecimento e baratissimo Chamam-lhe *peixe tapa-esteiro.*)

Eram alcaides-móres d'esta villa os condes de Soure, que tinham o seu paço dentro do castello. Esta familia está extincta.

Esta povoação foi muito mais vasta em tempos remotos, o que é provado pelos vestigios de alicerces que se encontram nos seus arredores.

Quando, pela extincção dos templarios, D. Diniz creou a Ordem de Christo (1319) fez esta villa cabeça da nova Ordem; mas D. Affonso V a passou para Thomar.

Outros dizem que foi o rei D. Fernando que transferiu a séde da Ordem para Thomar, e Rodrigo Mendes da Silva (na *Población general de Espana*) diz que foi D. Affonso IV; o que é manifesto engano. É mais provavel que fosse D. Fernando. D. Affonso V é que fez troca com os cavalleiros de Christo, dando-lhe Thomar por esta villa, que desde então ficou para a corôa.

Tem grandes marinhas de sal, cujo genero exportam em grande quantidade (uma grande parte para a cidade do Porto.)

O sal, os figos, as amendoas e uma grande porção de peixe salgado, que levam para todo o reino, constitue a maior e melhor parte do seu commercio.

Muitos d'estes generos so exportam para

Gibraltar, Africa, Brasil, Lisboa, Porto e outros pontos. Tambem produz muita cal. Exporta tambem bellas rendas de linha, de pita e de palma, em cujas obras se empregam muitas mulheres.

O seu brasão d'armas é um escudo com uma cidade cercada de muralhas e por cima as armas de Portugal.

Foi desde 1819 até 1834 quartel do batalhão de caçadores 4, o que muito fazia prosperar esta villa. Tinha uma companhia de veteranos, e capitão-mór, com 8 companhias de ordenanças.

As suas ruas são alegres e guarnecidas de muitas casas bôas; mas mal calçadas (ao menos quando eu lá estive) e não tem edificio nenhum notavel.

Poucos sitios ha em Portugal d'onde se gosem tão deliciosas vistas, como do castello d'esta villa. Ao SO. vê-se a foz do Guadiana, a linda povoação de Villa Real de Santo Antonio e o mar.

Ao S. vê-se o Guadiana (quo é aqui largo e formoso) a linda cidade hespanhola de Ayamonte (quasi defronte, na foz do rio) e varias montanhas de Andaluzia. Ao E. vêem-se as serras de Alcoutim e outras; ao N. e NO., vastas e ferteis planicies, bonitas aldeias, e ao longe varias montanhas.

Aqui teem os detractores de Castro Marim, o que é esta villa e seus arrabaldes, e a *fealdade* que tem a tal *terra de degredados*.

—

A gente d'está villa é muito alegre e dada a folias; mas, no geral, bôa e muito serviçal. As senhoras e os cavalheiros de educação são de trato ameno e delicadissimo.

—

Tem o titulo de «Mui antiga e notavel villa de Castro-Marim».

A primittiva villa constava apenas das casas que estão dentro do castello.

D. João I, para promover o augmento da população, em carta de foral de 10 de abril de 1421, permittiu que aqui podessem viver 40 *homisiados*, sem poderem ser perseguidos pela justiça, não sendo os seus crimes de traição ou aleivosia. D. João II e D. Manuel lhe confirmaram estes privilegios, mas exceptuaram tambem d'elles os moedeiros falsos, sodomitas e herejes.

D. Affonso V esteve aqui em abril de 1453, fazendo então um regimento sobre as pescarias.

Em 7 de julho do 1480 os governadores do reino aqui publicaram a ominosa *sentença*, que declarou Philippe II rei de Portugal. (Esta sentença tinham elles e os castelhanos redigido e assignado em Ayamonte.)

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 causou aqui espantosos prejuisos, demolindo muitas casas, morrendo debaixo das suas ruinas muita gente.

Tambem o cholera-morbus aqui matou muitas pessoas em 1833.

Tem esta villa dois arrabaldes, o bairro ou arrabalde da Ribeira, ao Sul, e o de Fóra, ao Norte.

O seu porto é accessivel a navios de alto bordo, mas não chegam á villa, nem mesmo á Ribeira, onde só podem fundear hiates; porém ficam no Registo.

O terreno d'este concelho é na maior parte muito fertil, e regado por muitas ribeiras.

A agricultura tem-se aqui desenvolvido bastante ha alguns annos a esta parte.

Foi elevada a cabeça de condado por D. João VI (ainda principe regente) em 14 de novembro de 1802; sendo primeiro conde Francisco de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, 8.º monteiro mór do reino. Este mesmo foi depois (1808) feito marquez de Olhão, pelo mesmo principe regente.

—

São dependentes da praça de Castro-Marim — o forte de S. Sebastião, as baterias do Registo (no esteiro) e da Rocha do Zambujal (perto do castello) e a praça de Alcoutim.

—

Aqui principia a Serra do Algarve, assim chamada por percorrer quasi todo elle, até á villa de Aljesur. Diz-se que esta serra é um ramo da Serra Morena, em Hespanha.

—

O concelho de Castro Marim é composto de trez freguezias — a da villa, a do Espiri-

to Santo, do Azinhal, e a de Nossa Senhora da visitação, de Odeleite.

—

O foral do rei D. Manuel está na Torre do Tombo, no *Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 24, col. 1.ª

Vejam-se os autos entre partes, que eram os moradores da mesma villa, e Lopo Mendes, seu commendador, nos quaes se deu sentença contra este, a 21 de março de 1504; para que não levasse mais direitos do que os que lhe dava o foral antigo, e não continuasse na cobrança dos que levava sem lhe pertencerem.

No maço de *Autos sobre Direitos Reaes e da Ordem de Christo*, n.º 1, acha-se inserto nos mesmos autos, a fl. 18 e fl. 22 o foral antigo de D. Diniz. Veja-se tambem no *Livro 1.º do Senhor Rei D. Affonso III*, fl 141, e *Livro 1.º do Senhor Rei D. Diniz*, fl. 44 v.

CASTRO-MIRE — Vide Crestuma.

CASTRO-ROUPAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 32 fogos.

Em 1757 tinha 330 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Os marquezes de Tavora apresentavam *in solidum* o abbade d'esta freguezia, até 1759, que ficou sendo do real padroado.

Tinha o abbade de renda 1:200$000 réis; apresentava as egrejas de S. Sebastião de Limãos, S. Giraldo de Banrezes, S. Vicente de Bagueixe, Santa Cruz de Gralhós e S. Vicente de Vinhas.

Era este logar, cabeça do titulo da abbadia de Nossa Senhora da Assumpção (vulgo Nossa Senhora das Vinhas).

É terra muito fertil, sobretudo em fructa. As ameixas brancas d'esta freguezia são as maiores e melhores de Portugal. Tambem ha aqui muitos e bons pastos.

Tinha juiz pedaneo (de vara encarnada) 4 quadrilheiros, 2 jurados e 3 *homens do accordam*, feitos pelo povo e confirmados pelas justiças de Bragança.

Eram seus donatarios até 1759 os marquezes de Tavora, e desde então ficou para a corôa.

Era da jurisdicção da casa de Bragança,

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

Esta freguezia foi dissolvida no principio d'este seculo, dividindo-se por varias outras.

CASTRO-VERDE — villa, Alemtejo, comarca de Almodovar, (foi até 1855 da comarca de Ourique) 40 kilometros de Beja, 50 de Serpa, 12 de Entradas, 95 de Evora, 150 ao E. de Lisboa, 880 fogos, 3:500 almas, no concelho 1:380 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 216 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Até 1759 era da comarca de Campo d'Ourique, mas sujeita ás justiças de Azeitão, por ser terra dos duques d'Aveiro.

Feira a 18 de outubro.

Situada em campina, d'onde se vê Beja, Serpa, Entradas e os castellos de Messejana e Aljustrel, e a villa de Monchique.

A matriz era da Ordem de S. Thiago. Tinha 3 beneficiados curados e um thesoureiro.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o prior, que tinha 4 moios de trigo, 2 de cevada e em dinheiro 20$000 réis; cada beneficiado 2 moios e meio de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis; o thesoureiro 90 alqueires de trigo, 3 almudes de vinho e 4$000 réis, tudo pago pela commenda d'esta villa.

Tem hospital e casa de Misericordia, confirmada pelo cardeal rei, com tres capellães, cada um com 3 moios de trigo e 20$000 réis e dois meios annaes de missas, com a renda de 150 alqueires de trigo, cada um.

O juiz ordinario e camara d'este concelho eram antigamente sujeitos ás justiças de Azeitão.

Passam pelo termo dois ribeiros, (Cobres e Viomar) mas a terra é falta de agua.

É fertil em trigo; do mais pouco. Cria muito gado, sobretudo, grande quantidade de porcos, cuja carne se exporta para todo o reino.

Foi perto d'esta villa a gloriosa batalha de Campo d'Ourique (vide Ourique).

No logar em que vivia o ermitão que annunciou a D. Affonso I a apparição, mandou este rei edificar uma capella, em memoria d'esta milagrosa batalha. Philippe II a mandou reedificar, ampliando-a muito. Tem esta capella o titulo de egreja das Chagas do Salvador (mas chama-se vulgarmente Nossa Senhora dos Remedios). Para as obras d'esta egreja instituiu o rei a feira de outubro, applicando para ellas o rendimento do *terradégo*.

Era toda de abobada, com primorosas pinturas. Tinha um rico pulpito de talha dourada, e na parede dez quadros de grande merecimento, allusivos á batalha d'Ourique, acclamação de D. Affonso I como rei de Portugal, seu juramento, etc.

Todos estes primores d'arte ficaram estragados, pois no dia 16 de abril de 1867 (terça-feira da semana santa) abateu a abobada da egreja, esmagando tudo. Lá se foi mais um padrão das glorias de nossos avós, sem esperar pelo camartello destruidor dos vandalos do seculo XIX.

Ha n'este concelho minas de manganez e de chumbo. (Só no mez de abril de 1867 foram registadas n'este concelho e no d'Ourique 30 minas, e em dezembro de 1872, mais duas de sulphato de baryte e trez de manganez). Entre aquellas ha algumas de cobre.

São proximas d'esta villa as milagrosas aguas de S. João Baptista do Deserto, em Aljustrel, que curam a morphea e todas as molestias de pelle. (Vide Aljustrel.)

Tem fôral, dado por D. Manuel, em Santarem, a 20 de setembro de 1510 (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 46 v., col. 2.ª)

(Com respeito ao celebre ermitão de Campo d'Ourique, vide Rériz.)

Foi esta freguezia commenda da Ordem de S. Thiago.

—

O concelho de Castro Verde é composto das freguezias — da villa, Entradas, Santa Barbara, Taboeira e Casevel.

CASTRO VICENTE — villa, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca e concelho de Chacim, e desde então, é comarca e concelho do Mogadouro, 155 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao N. de Moncorvo, 408 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

Situada em um alto; fria mas saudavel. Eram seus donatarios os marquezes de Tavora, a quem cada fogo pagava 36 réis. (Já se sabe que, desde 1759, passou para o dominio da corôa).

Os Tavoras apresentavam as justiças e não entrava aqui o corregedor em correição, por privilegio antigo dos senhores da villa.

O abbade era apresentado pelo real padroado e tinha 600$000 réis, segundo Cardoso, e 400$000 réis segundo o *Portugal Sacro e Profano*.

O abbade pagava, dos 600$000 réis, 200$000 réis á Capella Real, e é por isso que o *Portugal Sacro e Profano* lhe dá só os 400$000 réis, mas tinha mais; porque, como este abbade apresentava as egrejas de Parada e Saldanha, os parochos d'estas duas freguezias concorriam para o pagamento da pensão á Capella Real.

Tem Misericordia e é fertil, sobretudo em azeite e vinho.

Produz muita e boa sêda, e os seus montes são abundantissimos de caça, de todas as qualidades.

Tinha antigamente dois juizes ordinarios. O seu termo compunha-se de 9 logares, que eram Perêdo, Lomba, Saldonha, Valpereiro, Agrobom, Gebelim, Soeima, Villar Chão e Parada.

Abundante em boas aguas.

A primittiva villa era onde hoje se chama Villa Velha, 300 metros mais ao sul, para o lado do Sabôr, e ainda alli ha vestigios de antigas fortificações e outros edificios. Era muito maior povoação do que a actual.

Dizem que a antiga parochia era a capella que ha em Villa Velha, dedicada ao Santo Christo da Fraga. Proximo d'esta capella está uma inaccessivel penha de descom-

munal altura. Chama-se Fraga de Villa Velha. Em frente d'ella ha ainda outro monte mais alto, chamado Asinhal, que cria matto bastissimo e caça grossa e miuda.

O rio Sabôr corre proximo d'esta villa e réga o seu termo.

D. Diniz lhe deu foral, em Evora, a 3 de dezembro de 1305. D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. *Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 12, col. 1.ª e Livro 3.º de *Doações do senhor rei D. Diniz*, fl. 47, col. 2.ª

Em Villa Velha existiu um *castro* romano, que deu o nome á povoação antiga (e que foi transferido para a moderna). Parece que do nome do seu fundador, ou primeiro alcaide, por nome Vicente, tomou o sobrenome.

É povoação antiquissima, mas não se sabe com certeza quando foi fundada, e se foi o tal Vicente ou outro o seu fundador.

CATALAZÊTE—vide S. Julião da Barra.

CATANIA—Na freguezia de S. Salvador de Louredo, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa) e sobranceiro á egreja matriz, ha o monte de S. Miguel e o outeiro de Castilhão e outro chamado de Brandião, entre Lanhoso e Pedralva.

Ha aqui vestigios de antiquissimas fortificações, que fizeram os bracharenses para sitiar a cidade (tambem antiquissima) chamada *Catania*, que ficava a 1 kilometro; a qual, depois de tomada, arrasaram, não deixando pedra sobre pedra, de tal modo que não ha de similhante cidade outras memorias, nem do anno da sua fundação, nem do da sua destruição. Não se confunda com Citania, que era outra cidade em differente sitio, como se verá no logar competente.

CATHARINA (Santa)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Orago Santa Catharina.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Foi antigamente villa, da comarca de Leiria, sendo uma das 13 villas dos coutos de Alcobaça, e da qual portanto era donatario o D. abbade dos bernardos, cujo mosteiro era senhor (sómente no temporal) d'esta freguezia, o que lhe dava um grande rendimento. Teve antigamente duas egrejas, a da Senhora Benedicta, cujo parocho era o que o povo apresentava, e a das Mercês do Carvalhal, que era vigariaria, apresentada pelo D. abbade de Alcobaça. Esta é hoje a freguezia do Carvalhal Bem Feito, d'este concelho e comarca, e cujo orago é Nossa Senhora das Mercês. A da Senhora Benedicta é hoje esta de Santa Catharina da Serra, vulgarmente, por abreviatura, denominada freguezia da Serra.

A villa tinha, até 1834, e em quanto foi concelho, no seu termo 38 aldeias e casaes.

Os freguezes apresentavam annualmente o cura, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tem Misericordia e hospital.

É terra fertil e muito saudavel, e produz excellentes fructas.

Tinha, quando era concelho, juiz ordinario (que o era tambem das sizas e orphãos) camara, com tres vereadores, procurador do concelho, etc.

Feira a 25 de novembro.

Ao O. da villa corre o ribeiro do Corqueiro, que aqui se junta com outro e desaguam na barra de S. Martinho.

A villa é situada em um téso, no meio de uma espaçosa, fertil e saudavel ribeira.

É muito abundante de boas aguas.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1518. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 129, v., col. 2.ª)

Teve até 1834, duas companhias de ordenanças, de 300 homens cada uma, com seus competentes capitães e mais officiaes.

CATHARINA (Santa)—vide Fonte do Bispo.

CATHARINA (Santa)—vide Ribamar.

CATHARINA (oratorio de Santa)—arrabalde da villa de Alemquer, Extremadura.

Está situado á beira da estrada real. A historia d'esta capella antiquissima acha-se tão envolvida em tradições milagrosas, que é muito difficil, senão impossivel, emittir uma opinião incontestavel.

Segundo o sr. Henriques (*Alemquer e o seu concelho*, tantas vezes citado n'esta obra) o mais verosimil é o seguinte:

Anterior á vinda dos frades franciscanos para o convento d'esta villa (1222) o terreno que esta casa occupa, era da corôa, e, por testamento de D. Sancho I, passou a sua filha D. Sancha, junto com o senhorio da villa.

Havia n'este sitio, já n'aquelle tempo, duas ermidas, uma de Santa Catharina e outra de S. Jeronymo. Quando vieram os frades menores, Zacharias e Gualter, a santa infanta deu-lhes este cantinho de terra, onde, ou já havia, ou elles construiram alguma casinha ou hospicio, para se recolherem.

Com a doação dos paços, que formaram o nucleo do convento de S. Francisco, tornou o terreno do hospicio á corôa. A capella de Santa Catharina, foi arrasada com as enchentes do rio, e a imagem da Santa foi levada para o sitio onde é hoje o convento da Carnota.

Em 1330 apparece este terreno em poder de Lourenço Martins, *escansom* (copeiro) do rei D. Diniz.

Martins construiu no mesmo sitio uma nova capella, dedicada á mesma santa, e por escriptura publica de 22 de outubro de 1330, instituiu um vinculo, denominado — Morgado de Santa Catharina — cuja cabeça era a quinta, que tinha casas e officinas no sitio que hoje occupa o convento.

Os seus successores no morgado, que comprehendia avultados bens, tinham por obrigação ter quatro capellães effectivos, para na capella dizerem missa quotidiana, por alma do fundador.

Caso a sua geração se extinguisse, o direito de nomeação de successor, ficava ao guardião, que então fosse, do convento de S. Francisco.

Terminada a geração, pelos annos 1400, frei Affonso Sacco, então guardião, nomeou João Vaz, escrivão da puridade, de D. João I, que approvou esta nomeação.

João Vaz casou com D. Catharina Paçanha, filha de Mecer Manuel de Paçanha, 5.º almirante-mór, d'esta familia, que tiveram numerosa descendencia, que foi tronco dos Lobos, d'Alvito; Teixeiras, de Alemquer; Vaz de Azevedo, da quinta do Bravo e de Castello Branco; e Paçanhas, de Evora, que possuem hoje o vinculo.

Em 1508, o então administrador do morgado, para não fazer despeza com os quatro capellães, cedeu a capella e cêrca aos frades franciscanos, para se estabelecer alli um oratorio, onde residissem cinco frades, de missa, para cumprirem o legado; e assim continuou até 1834.

Este hospicio era muito pequeno e apenas tinha commodos para os cinco frades. Tem um pôço no meio do claustro, aberto por um dos frades (segundo a tradição) de optima agua, que ainda existe.

Na parede do claustro, em frente do capitulo, em uma pedra, está a inscripção latina, cuja traducção é a seguinte:

Casa santa; conventinho sagrado; cinco flôres pequeninas, mas formosas e alegres, de côr rosada e suavissimo cheiro, déstes a Deus pelo santo martyrio. Estas são as primicias e flôres gloriosas, das mesmas que já possuem venturosas o reino dos ceus. Nunca em ti, casa de Deus, faltem perfeitos frades. que guardem devotissimamente o Santo Evangelho.

Estas palavras são a benção que o seraphico padre S. Francisco, fundador da ordem, lançou a esta casa, quando soube o martyrio que os cinco religiosos (que aqui haviam estado alguns mezes) soffrera em Marrocos.

No capitulo estão enterrados alguns frades e seculares; uma lapide diz:

Este capitulo e sepultura é de Salvador Ribeiro de Sousa, commendador de Christo, natural de Guimarães, a quem os naturaes do reino do Pegú elegeram por seu rei.

Tem obrigação de missa cotidiana conforme o contracto que fez. Pede um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Para a biographia de Salvador Ribeiro de Sousa, vide Guimarães.

—

A egrejinha d'este hospicio, é muito alegre e aceiada. Foi completamente reparada ha poucos annos.

Debaixo do arco cruseiro ha uma lapide pequenina, com esta inscripção:

S.ª (sepultura) *de Manuel Carneiro Aranha e de seus herdeiros.*

CATHARINA DA SERRA (Santa) — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Leiria, 130 ao NE. de Lisboa, 295 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A matriz é situada em um monte, d'onde se vê Ourem e varias aldeias. Os freguezes apresentavam *in solidum* o cura, e lhe davam 80 alqueires de trigo, e vinte almudes de vinho; tinha mais 30 alqueires de trigo d'ementas perpetuas e 25 almudes de vinho, que lhe pagava a mitra, e 4$000 réis em dinheiro.

É terra muito abundante d'aguas e fertil

Ha na freguezia tres lagôas, mas, uma d'ellas sécca no verão. Cria muito gado, e ha por aqui muita caça.

CATIVELLOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 80 kilometros ao NE. de Coimbra, 288 a ENE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca da Guarda, termo da villa do Casal.

Era da Ordem de S. Bento d'Aviz. Compunha-se de tres aldeias — (Cativellos, Póvoa da Rainha e Dobereira.

Está situada nas margens do Mondêgo, em sitio fragoso..

O prior de Villa Nova do Casal apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

D. Affonso III lhe deu foral em Murça, no primeiro de maio de 1253. (liv. 1.º de Doações do sr. Rei D. Affonso III, fl. 1 col. 2 e liv. 2.º da Doações do mesmo rei, fl. 8 in principio.)

CAUCA — cidade antiquissima da Lusitania, Minho, entre Braga e Valença. Não resta d'ella mais do que a memoria, e até a sua situação se ignora.

Foi patria do imperador romano Theodozio primeiro (o grande) que reinou pelos annos 392 de Jesus Christo. Este imperador favoreceu muito a sua patria.

Era filho do famoso conde Theodozio, e descendente do imperador Trajano (que era hespanhol, natural de Córdova, por isso alguns escriptores o fazem hespanhol, no que não ha érro, porque á peninsula iberica sempre se chamou e chama, Hespanhas.) O imperador Theodozio morreu em Milão, de 50 annos d'edade, no anno de 395, pelo que se vê que nasceu em 345. Por sua morte começou a progressiva decadencia do imperio romano.

Theodozio havia, antes de sua morte, dividido o imperio entre os seus dois filhos, dando a Arcadio o do oriente e a Honorio o do occidente.

O imperador Graciano, seu antecessor, lhe havia já dado o titulo d'Augusto.

Vide Braga no logar competente.

CAÚNHO, CUNHO—Penedo redondo muito grande e solitario, que está no meio de um rio. (*Portuguez antigo*)

CÁVA (de Viriato) — Beira-Alta, monumento célebre com que a cidade de Viseu com tanta razão se ufana. E' uma extensa fortaleza, circumdada de grossissimas muralhas de terra (grande parte das quaes são hoje hortas e pomares) com largos fossos cheios d'agua, dos quaes apenas hoje existe uma pequena parte com o nome de Lago da Cava.

Esta antigualha gloriosa está proxima á cidade de Viseu e a pouca distancia do rio Pavia.

(Quem quizer ter amplas noticias sobre a Cava de Viriato, e d'outras antiguidades de Viseu, veja as memorias do sr. José de Oliveira Berardo.) Vide Viseu.

CÁVA — *portuguez antigo.* — mulher perdida, concubina, rameira.

CAVADINHAS — monte, Douro, proximo a aldeia de Pejão, freguezia do Paraizo, concelho de Paiva, 35 kilometros a E. do Porto, 600 ao S. do Douro, 255 ao N. de Lisboa.

Passa aqui a grande zona carbonifera de Paiva, e d'este sitio se tem extrahido grande porção de carvão mineral. Da-se-lhe vulgarmente o nome de Mina de Pejão. É d'uma companhia e está em lavra.

CÁVADO (Cátavo ou Cádavo)—rio, de Traz-os-Montes e Minho. Em latim *Cadavus, Cavadus, Cavus, Celandus Celanus* e *Celenus*.

Ainda se lhe davam os nomes de *Cabdo, Cela e Celado*. *Rezende*, nas *Antiguidades de Portugal*, diz que *Celando* ou *Celano* não era o actual Cávado, mas sim o Leça. É manifesto engano, que o padre D. Jeronymo Contador d'Argote desfaz completamente.

Os gregos e romanos lhe chamavam *Celandus*, segundo diz Pomponio Mella.

Nasce dividido, de varias serranias, proximo ao logar do Cabo; parte d'elle nasce na aldeia de Codeçoso, tudo na serra de Latoco, Traz-os-Montes, termo de Montalegre, proximo da nascente do Tamega. (A serra de Latoco é parte hespanhola e parte portugueza, (raia) a pouca distancia de Montalegre; passa a serra de Gerez, e no Váo do Bico se junta ao rio Homem, sendo aqui atravessado por uma das mais extensas e bellas pontes de Portugal. (Vide Bico.)

Cria saveis, lampreias, salmões e outros varios e gostosos peixes.

Torna-se caudáloso com os muitos ribeiros que se lhe juntam.

Antigamente suas areias traziam ouro. Tem n'elle apparecido amethistas e jacinthos. Suas margens são fertilissimas. Fenece no mar junto a Fão, entre esta povoação e Espôzende, por uma barra de pouco fundo e cercada de rochedos chamados *Cavallos de Fão*. Só é navegavel 12 kilometros, desde a sua foz até á aldeia de Mareces, pouco abaixo de Barcellos.

Na freguezia de S. Thomé de Perozêllo tem uma ponte de cantaria, de 12 arcos, obra soberba, e consta ser construicção romana, porque por aqui passava uma das cinco vias militares que de Braga sahiam para a estrada da Geira (ou Geiria) que fez (ou ampliou) o imperador Vespasiano pelos annos 74 de Jesus Christo.

Esta via ia até Orense e d'ahi até Astorga, no comprimento de 240 kilometros.

Nasce pois este rio na provincia de Traz-os-Montes, proximo da raia, ao O das povoações de Meixêdo, Padornellos e Pedroso. As suas 3 nascentes se unem a pouca distancia ao NE. do castello de Montalegre, formando então o rio, que, atravessando parte d'esta provincia e da do Minho, réga e fertiliza varias freguezias; passa ao N. de Braga, banha Barcellos (passando ahi por baixo de uma ponte magestosa, (vide Barcellos) e vae formar a barra d'Espózende.

Recebe pelo N. (margem direita) o ribeide Mourilhe e pela margem esquerda (S.) o de S. Pedro. Junto de Fiães, recebe pela direita o rio Máo, e descendo em torno da Rocha da Ponteira, recebe do mesmo lado o rio Berêdo (ou Brêdo.) Depois se lhe junta o Regavão e mais abaixo, a pequena distancia da ponte do *Saltadouro* recebe o rio d'este nome. Junto de Salamonde, entra na provincia do Minho, onde engrossa ainda com muitos ribeiros, sendo os principaes Rio-Caldo, que se lhe une junto á freguezia de Villar da Veiga, e o Homem, junto á bella ponte do Bico. Na provincia do Minho é atravessado por quatro notaveis pontes de cantaria, que são : primeira, do Porto, na freguezia de Perozêllo, que elle divide da de Pousada, e é obra romana, na estrada da Geira. Tem 12 arcos, tendo os 3 maiores, 10.m cada um altura e 13.m14 de vão. A ponte tem 3.m 28 de largo e 174.m de comprido.

Segunda, a do Bico; terceira a do Prado e quarta a de Barcellos. Estas tres vão descriptas nos logares competentes.

Tem 110 kilometros de curso; mas 98 não são navegaveis, por incuria dos governos de Portugal.

Na margem esquerda d'este rio, na quinta de Ruães, ha uma optima fabrica de papel, do sr. Bento Luiz Ferreira Carmo, do Porto. Foi avaliada, com a quinta, em 1872, em 53:180$000 réis. O seu proprietario pretende formar uma companhia com o capital de 100:000$000 réis para fazer d'esta fabrica uma das melhores de Portugal, e que produza papel de todas as qualidades, tanto para escrever como para imprimir.

CAVADOUDE—freguezia, Beira-Baixa, co-

marca e concelho da Guarda (da qual dista 6 kilometros) 300 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. Antigamente era Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente do termo de Celorico.

Situada na raiz d'um monte, d'onde se descobre Pôrco, Villa-Cortez e Porto da Carne.

O prior era apresentado pelos herdeiros dos Pinas, senhores de Carapito, e tinha de renda, 150$000 réis.

Passa aqui o Mondego, cujas margens são cultivadas ou arborisadas n'esta freguezia. É terra fertil.

CAVALLÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 345 kilometros ao N, de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Martinho, bispo,

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos, visita do arcediago de Vermuim.

O abbade era feito a concurso, mesmo antes de 1834, e tinha de renda 400$000 réis. Era apresentado pelo arcebispo.

É terra muito fertil.

D. Affonso III lhe deu foral, em Guimarães, a 16 de maio de 1258 (livro 1.º de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 29 v., col. 2 in principio.)

Foi abbadia da mitra, com S. Verissimo de Outiz, que foi antigamente convento de freiras. Foram estas que mandaram construir a ponte que aqui ha.

Antigamente chamava-se a esta freguezia Cavallões de Vermuim, por ficar no termo de Vermuim.

Aqui proximo está a torre de Pena Bôa, que consta ser a residencia de D. Elvira Fernandes, de Cabanões, mulher de Affonso de Messada, paes de D. Dordia, mulher de Gil Esteves de Avellar, tronco dos Avellares.

CAVALLOS DE FÃO—Minho, são uns penhascos, que correm de N. a S., na distancia de uns 1:500 metros, em frente de Fão e Espózende; podendo navegar entre elles e a terra, qualquer navio. Ha n'elles grande abundancia de marisco. (Vide Fão.)

Já eram conhecidos dos antigos. Os romanos lhes chamavam *Promontorio Ávaro.*

Para mais vastos esclarecimentos d'este e outros cabos e rios do Minho, vide Braga.

CAVÃO ou **CAVON**—portuguez antigo. O pequeno lavrador, que não tinha bois nem carro, e só com o trabalho da enchada, *cavando*, semeia o seu pão. Cavão é o mesmo que cavador.

Na Terra da Feira, aos pequenos lavradores, que não teem bois nem carro, se lhes dá o nome de *cabaneiros.* Esta mesma palavra e com a mesma significação, se vê em foraes e outros documentos antigos.

CAVERNÃES ou **CAVARNÃES**—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 8 kilometros de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santo Isidoro, arcebispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis.

E' terra muito fertil.

Grande abundancia de castanha.

CAVEZ—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 54 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O abbade do convento de benedictinos de Pombeiro, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

Passam aqui os rios Tâmega, Moimenta e Cavéz, que tornam a terra muito fertil.

O Tâmega é aqui cortado por uma boa ponte de cantaria, bastante antiga.

Nas margens do rio, junto á ponte, ha uma nascente de agua sulphurea, que sae

com a temperatura de 68 a 74 gr. F. É applicada interna e externamente para a cura de varias molestias, e os povos d'aqui attribuem grandes virtudes therapeuticas a esta agua.

A sua origem primittiva, é em uma grande penedia, no sitio das Caldas, d'onde por canos de pedra, de algumas braças de comprido, vem cair a um pequeno tanque. Deixa um residuo que, depois de sêcco, é combustivel.

É tradição que houve aqui um hospital, para onde vinham os doentes do hospital civil de Braga, quando precisavam d'estes banhos. Se existiu, não ha d'elle o minimo vestigio.

—

Consta que esta ponte foi mandada edificar por fr. Lourenço Mendes, no seculo XIII (*Tractado das Ordens Religiosas*, de Pedro Diniz, cap. 2.º, pag. 18.) Tinha uma inscripção que dizia:

Esta é a ponte de Cavez
Aqui jaz quem a fez.

O Tâmega divide aqui a provincia do Minho da de Traz-os-Montes, pelo que se considera a ponte, metade de uma e metade de outra provincia, o que declara um marco que está no meio d'ella.

Na margem direita, junto á ponte, existe uma capella da invocação de S. Bartholomeu, e fronteira a ella, na margem opposta, é que está a fonte de agua mineral.

Não ha nesta capella nenhuma solemnidade religiosa; mas, apesar d'isso, desde a manhã do dia 22 de agosto de cada anno se principia este sitio a encher de grande multidão de romeiros, de ambos os sexos, e ao meio dia o concurso é enorme; estabelecendo-se aqui barracas de doceiros e de bebidas, cosinheiros, taberneiros, tendeiros, belfurinheiros, carniceiros, com seus talhos, etc.

Todas as mulheres que se julgam occupadas por espiritos diabolicos, ou por almas do outro mundo, aqui vem, na esperança de curar-se, fazendo grandes tregeitos e momices e dando grandes berros, apenasavistam a capella do santo; mas, seus parentes as arrastam á força até ao altar, onde depois de gritos e contorsões violentas, se acalmam, o que é signal de que os maus espiritos as abandonaram.

Depois, fazem romaria a S. Bartholomeu, em volta da sua capella, umas de pé, outras de joelhos, e muitas com velas na mão, que depois offerecem ao santo.

Tambem aqui concorrem bastantes *benzedeiros*, que, abusando da credulidade d'esta gente simples, lhe vão extorquindo o dinheiro que podem.

Ha sempre aqui por essa occasião graves desordens, por causa da emulação dos minhotos contra os transmontanos e estes contra aquelles. Os dois bandos occupam o territorio das suas provincias, uns na esquerda, outros na direita do rio.

Na tarde do dia 23 é que principiam as disputas, sobre qual das duas provincias ficará vencedora. Muitas vezes, ainda de dia, ha braços e cabeças quebradas; mas n'essa noite é infallivel a pancadaria.

A ponte, que de dia está cheia de romeiros, fica despovoada ao sol posto. Tomam-se posições de um e outro lado, e o principio da desordem é, de um lado—*viva o Minho!*—e do outro—*viva Traz-os-Montes!*—isto, por muitissimas vozes e em grandes bérros.

Os da margem esquerda dizem aos contrarios—*andae á fonte!*—os da direita respondem-lhes—*andae ao santo!*

Ouve-se de um e outro lado um vivissimo tiroteio, que quasi sempre dura toda a noite.

Muitas vezes os contendores avançam até ao meio da ponte, e alli principia a pancadaria, facada e pedrada, resultando sempre muitos ferimentos e contusões, e até ás vezes mortes.

—

Tem o povo d'aqui a firme crença de que a agua da fonte de que fallei, bebida na manhã do dia 24 (dia do santo) antes de nascer o sol, livra de todas as molestias presentes e preserva das futuras; pelo que logo de madrugada (hora em que os animos estão mais socegados) começa a affluir gente

de todos os cantos do arraial, a encher garrafas, potes, cantaros e todas as mais vasilhas que podem haver.

Tambem ahi levam creanças a banhar-se sendo do *ritual*, lançar a camisa d'ellas pelo rio abaixo, onde outros já as estão esperando.

Pelo meio do dia 24, despovoa-se o arraial, e lá vão todos para suas casas, uns contando façanhas, outros protestando desforra para o anno seguinte; protestos que raras vezes esquecem.

CAXARIAS—vide Cacharia.

CAXIAS—quinta da familia real. (Vide Laveiras.

CAYA—rio do Alemtejo. Já está em Caia.

CÁYA ou **CÁIA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Elvas, situada sobre o Caia, 18 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos, dispersos em herdades, pelo campo.

Orago Nossa Senhora da Lentisca.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

O parocho era capellão apresentado pelo cura da seguinte freguezia do mesmo nome, e tinha 40$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Os castelhanos arrazaram egreja, em 1705, sendo pouco depois reedificada.

Abundancia de centeio e cevada, do mais medianía.

Passa aqui a ribeira do seu nome.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á seguinte freguezia de Caia, d'onde se tinha desmembrado.

CÁYA—ribeira, Beira-Baixa, que nasce na serra da Estrella com o nome de Alfofa, o qual perde no logar das Córtes, tomando este nome (Córtes) até á aldeia do Paúl, da qual toma o nome até á freguezia de Ourondo, onde se junta ao Zêzere, no sitio chamado Foz da Ribeira.

É de curso arrebatado. Cria optimo peixe, e em partes rega e móe.

Não se confunda este Caya, com o Caia do Alemtejo, que morre no Guadiana e fica descripto em Cáia.

CÁYA ou **CÁIA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Elvas, 180 kilometros a E. de Lisboa, 290 fogos, dispersos por 46 herdades.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma elevação, d'onde se vê Campo Maior, a 6 kilometros, e Badajoz, a 15.

O cura era da apresentação do ordinario (o bispo d'Elvas) e tinha 6 moios e 13 alqueires de trigo e 113 de cevada, que lhe pagavam os freguezes.

É terra fertilissima, sobretudo em trigo e cevada.

Ha n'esta freguezia tres atalayas, chamadas, da Mexia, de Marvão e de Segovia.

Régam e fertilisam a freguezia, os rios Caia e Cayolla, e os ribeiros do Rico e do Judeu, os quaes todos se juntam ao Caia.

Está annexa a esta a freguezia antecedente.

CAZA, CAZAL, CAZAES—vide Casa, Casal, Casaes.

CAZÉGAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago S. Pedro, *ad vincula*.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente da comarca da Guarda.

Eram senhores d'esta freguezia os condes de S. Vicente.

Situada em uma baixa, d'onde nada se descobre para outras freguezias.

O vigario de Nossa Senhora da Silva do Castellejo apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 22 alqueires e uma quarta de trigo, 16 e meio de centeio, 2 almudes de vinho e 24 arrateis de cêra, tudo pago pela commenda.

É terra fertil. Produz muito mel e cêra.

O seu nome deriva-se de Casa d'Egas ou Casa Egas; provavelmente de algum individuo que aqui viveu, chamado Egas.

CAZEVEL—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho de Pernes,

140 kilometros a NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Já era antigamente do termo e comarca de Santarem.

Compõe-se de tres logares: Villa Nova, Montirás e Vaqueiros, e de muitas quintas e casaes.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario (que era freire da Ordem de Christo) e tinha de renda, pago pela commenda, 40$000 réis; e de pé d'altar uns 160$000 réis. Tinha coadjutor, ao qual a mesma commenda dava um moio de pão meiado, um sacco de trigo (6 alqueires), 43 almudes de vinho e 4$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito gado, especialmente porcos, e ha por aqui muita caça.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia a de Vaqueiros (Espirito Santo) mas está outra vez independente.

CAZEVEL—villa, Alemtejo, comarca de Beja até 1855 e desde então da de Almodovar, concelho da Messejana até 1855 e desde então do de Castro Verde, 95 kilometros de Evora, 144 ao S. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Antigamente da comarca de Ourique. Era da corôa

O rei, como administrador da Ordem de S. Thiago, apresentava o prior, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, pago pela commenda da villa.

Tem Misericordia, pobre.

É terra fertil em cereaes.

Tinha camara e juiz de fóra (que tambem governava as villas de Messejana e Aljustrel.)

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Tem uma sentença sobre a *jugada* do Casal da Raposeira, n'este reguengo, de 10 de janeiro de 1533. (Livro das sentenças a favor da corôa, fl. 6, col. 2.ª)

É a 27.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste.

CAZEVEL—aldeia, Extremadura, freguezia de Nossa Senhora da Graça, da villa da Ega, 53 fogos. Tem uma capella de S. João Baptista.

CEA ou **CEIA**—ribeira, Beira Baixa. Nasce das fontes do Salgueiro, no monte da Mouta, e de outra do Valle da Quinta do Paço e de uns regatos que descem do Cabeço de S. Bento. Réga, móe e traz algum peixe miudo. Tem uma ponte de cantaria no sitio mesmo chamado a Ponte Nova. Morre no Mondego.

CEA ou **CEIA**—villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros a SSO. de Gouveia, 70 kilometros a NE. de Coimbra, 260 ao NE. de Lisboa, 500 fogos, 2:300 almas, no concelho 3:330 fogos.

Em 1650 tinha a villa 200 fogos e em 1757 tinha 329.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca da Guarda.

Situada em um alto, nas vertentes occidentaes da Serra da Estrella, dominando um bonito valle que lhe fica inferior, e sobre a esquerda do Mondego, sobre o qual tem tres pontes, uma d'ellas de pedra.

Foi fundada pelos turdulos, 450 annos (outros dizem 300) antes de Jesus Christo.

Foi senhor de Céa o tristemente célebre conde D. Julião (pae de D. Florinda, a *Cáva.*)

Os mouros a conquistaram em 715. D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza (filho de D. Affonso o *Grande*, rei de Castella e Leão) a resgatou dos mouros em 910. Almançor, rei de Cordova, a reconquistou em 985 e, finalmente, D. Fernando I, o *Magno*, de Castella, a resgatou do poder dos arabes em 1037 ou 1038; mandando-lhe então fazer o seu castello, de cuja construcção encarregou um cavalleiro chamado Pedro de Céa, da casa de Céa, na Galliza, e d'elle tomou o castello, e depois a villa, o nome actual.

Outros dizem, com fundamento, que o primeiro nome d'esta villa (no seculo XI) foi Castello de Sena.

Céa é palavra grega, e nome proprio de

mulher. *Cêa* se chamava a ultima amante do poeta Anacreonte, natural de Téos, cidade da Ionia, que morreu engasgado com um bago de uva de Coryntho, aos 85 annos de edade, estando a cantar na companhia de *Cêa* e alguns amigos, pelos annos 280 de Roma.

É porém certo que a povoação se chamou *Sena*. Vide adiante.

Arruinada com as guerras continuas entre mouros e christãos, se despovoou, e D. Affonso Henriques a achou deserta, em 1132, e d'ahi a tres annos a mandou reedificar e povoar, em 1136.

Em 1133, fez D. Affonso Henriques doação ao seu valido João Viegas, dos bens e herdades que tinham sido confiscados a Ayres Mendes e a Pedro Paes (o Caróía) naturaes de Viseu, que haviam passado para os seus inimigos (os castelhanos) e se tinham feito fortes no castello de Cêa. Talvez fosse por occasião d'esta traição que a villa foi destruida. O tal Mendes e o Caróía, passaram-se para os leonezes em 1129, quando D. Affonso Henriques pretendeu unir a Galliza a Portugal, que lhe foi offerecida por varios fidalgos gallegos, descontentes do seu rei; o que se não effectuou, porque, a rogos do arcebispo de Braga, se fez o tratado de paz, de Tuy, terminando a guerra com os leonezes.

No foral que o rei então lhe deu, lhe dá o nome de *Civitate Senam*.

D. Sancho I a ampliou e lhe deu grandes privilegios em 1188.

D. Affonso III, deu esta villa aos bispos de Coimbra, aos quaes tambem pertencia a jurisdição temporal, por sentença do cardeal João Caetano Orsini, de 27 de fevereiro de 1256, confirmada por uma bulla do papa Alexandre IV, de 27 de abril do mesmo anno.

D. Fernando I fez conde de Cêa a D. Henrique Manuel de Vilhena.

O appellido de Manuel, veio de Hespanha, tomado do nome proprio do infante D. Manuel, filho de D. Fernando III (o *Santo*), de Castella, que subiu ao throno em 1217. O filho de D. Manuel chamou-se D. João Manuel, e foi senhor de Biscaia. Passou o appellido de Manuel para Portugal com D. Constança Manuel, em 1340. Era filha de D. João Manuel, principe de Vilhena, e foi primeira mulher de D. Pedro I de Portugal, e mãe de D. Fernando I. Veio com ella seu irmão paterno (bastardo) D. Henrique Manuel de Vilhena, ao qual D. Fernando fez conde de Cêa e alcaide-mór de Cintra. Suas armas são: escudo dividido em pala, na primeira, de prata, um leão vermelho; na segunda, da mesma, uma asa de ouro, saindo do côto uma mão de homem, da sua côr, com a espada levantada. Timbre a mesma asa e mão armada. Outros Manueis procedem de D. João Manuel, filho bastardo do rei D. Duarte e bispo da Guarda e depois de Ceuta. Foi por ultimo capellão-mór d'elrei. Este bispo teve dois filhos, D. Nuno Manuel, que foi legitimado, e D. João Manuel; os quaes fundaram dois ramos do mesmo appellido. Estes têem por armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, vermelho, uma asa d'aguia, como os antecedentes; na 2.ª e 3.ª o mesmo leão vermelho, mas lampassado de azul, elmo aberto; o mesmo timbre. Ainda outros ramos modificaram mais ou menos estas armas. Muitas das principaes familias de Portugal são d'esta linhagem. Vide Cintra, no logar competente.

Depois, não sei como nem porque, passou para a corôa. (Parece-me que foi porque este D. Henrique sustentou contra D. João I, o castello de Cintra, de que era alcaide-mór.)

Eram bravissimos os povos d'esta villa e suas dependencias (chamados *pesures*, assim como todos os antigos lusitanos que habitavam a serra da Estrella) e eram reputados pelos romanos como os mais barbaros e crueis habitantes da Lusitania. É certo que os povos d'esta villa e seu termo deram que fazer a Julio Cesar (quando pretor) e só á custa de muito sangue das suas aguerridas legiões é que poude domar estes ferozes mas valorosissimos lusitanos.

Tambem as mulheres d'aqui eram tidas como as mais formosas das duas Beiras.

Tem Misericordia e um hospital muito arruinado.

A egreja matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é notavel pela sua grandeza. É collegiada do real padroado. O parocho é

reitor. Tem quatro beneficiados, que eram da apresentação e collação do reitor, cada um (servindo) tinha de rendimento 200$000 réis. O reitor tinha 150$000 réis e meio pé d'altar.

Consta que foi cidade no tempo dos romanos, mas ignora-se o nome ou nomes que teve, antes do actual.

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, vereadores, procurador do concelho, juiz dos orphãos, escrivães competentes, dois tabelliães, etc.

Teve antigamente alcaide-mór, e tinha, até 1834, capitão-mór, com tres companhias de ordenanças.

No tempo da *Patuleia*, tambem teve um batalhão de voluntarios, ao serviço da junta do Porto, que andava unido ao de Viseu.

—

Aqui nasceu Santa Antonina, virgem e martyr. Os romanos, depois de a fazerem soffrer os mais atrozes tormentos, a lançaram na Lagoa Escura, da serra da Estrella, no anno 300 de Jesus Christo, sendo imperador Diocleciano.

Dizem outros que quem martyrisou esta santa foram os mouros, em 716, afogando-a em um pégo do rio Céa, proximo á villa, que ainda hoje tem o nome da santa. (O padre Cardoso tambem diz que foram os mouros que a martyrisaram.)

É terra fertil em cereaes, azeite, vinho, fructas, gado e caça.

O seu termo comprehendia 40 logares. É um dos maiores concelhos do districto e tem 29 freguezias.

Em frente do Terreiro, onde se faz uma feira nos segundos domingos de cada mez, está o edificio chamado *Casa das Obras*, que é um palacio.

A casa da camara é tambem um bom edificio sobre bonitas arcarias. N'esta casa está o tribunal, o quartel militar e varias repartições.

D'esta villa se descobrem, para E. e S., grandes pinhaes, e para o N. e O. vastos olivedos.

As armas da villa são — Em campo azul uma torre ameiada, da sua côr, circular, com uma porta, e por cima d'ella uma fresta redonda; sobre a torre uma estrella de prata de cinco pontas. De cada lado da torre uma azinheira.

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques, em maio de 1136.

N'este foral se dá a Céa o titulo de cidade. É muito curioso este foral: entre outras coisas, diz: — *Se o muro* (do castello) *cahir, e se houver de levantar, o senhor da terra apromptará mozom e luria, e marra, e malios e duas lavancas; e nós, nostros corpos, et illo muro sedeat factum.* — Julga-se que *mozom* é o guindaste e *luria* o calabre. *Marra* é o martello grande a que hoje se chama *marrão; malio* é martello. O foral está todo escripto no latim barbaro d'aquelle tempo.

Este foral foi confirmado por D. Sancho I, em Coimbra, no mez de dezembro de 1217.

D. Sancho I lhe deu tambem foral em 1188 (d'este foral não falla Franklim.)

D. Affonso II lhe deu outro foral em Coimbra, no mez de dezembro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Trata-se n'este foral das terras seguintes: Folhadosa, Lageas e Passarella. (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.º 3, fl. 11, col. 1.ª—*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 30, col. 2.ª, e impresso no tomo 8.º, parte 2.ª pag. 24, das *Memorias da Academia.—Livro de foraes novos da Beira*, fl. 15 v., col. 1.ª, e impresso no tomo 8.º, parte 2.ª, pag. 29, das *Memorias da Academia*.

—

Houve aqui um convento de frades cruzios, chamado Convento de S. Romão de Céa, cuja historia é a seguinte:

Junto a esta villa viviam em 1137, em uma ermida dedicada a S. Romão, dois anachoretas. Deram elles esta ermida a S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz, de Coimbra, para aqui fundar um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho.

O santo acceitou a offerta, e, em junho de 1138, fizeram os dois anachoretas (que se chamavam João Cidiz e Tafila, ambos presbyteros) escriptura publica de doação da ermida, com todas as casas, pomares, herdades e tudo o mais pertencente á ermida.

Esta ermida e suas dependencias tinha dado áquelles dois padres o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza; mas só em vida dos dois anachoretas.

D. Affonso Henriques confirmou a doação dos dois clerigos, e doando tudo aos cruzios para sempre, em dezembro do mesmo anno de 1138, e coutou o novo mosteiro.

Em 1139, fez uma senhora de Cêa, chamada D. Elvira Moniz, doação ao convento, de uma herdade que tinha em Bobadella: e em 1140, Ausêdo e sua mulher Gentile, lhe doaram tambem todas as suas herdades e bens que tinham no logar de Lagares, no *territorio de Sena.*

Ainda outras pessoas fizeram doações de varias fazendas ao mosteiro; mas de menos importancia.

Em 1140 mesmo, se augmentaram as casas, fez-se a cêrca e se edificou uma torre para defeza do mosteiro, como então se usava, por ser precizo.

O primeiro prior foi D. Payo Godinho, que para aqui veio com nove conegos, fazendo a sua entrada solemne a 24 de julho de 1142.

Continuaram as doações, sendo as mais importantes em julho do mesmo anno de 1142, a de Fernando Rairiguiz, de um casal que tinha no logar da Nogueirinha. Em agosto de 1144, a de Vermudo Paes e sua mulher Gontina Mendes, do seu casal e herdade, no logar dos Vidueiros.

Em 1147, compraram os frades a um tal Ducio, toda a herdade que tinha em Fonte Cóva. Continuaram as doações.

D. Sancho I, confirmou todas as doações e coutou todas as terras de Cêa que eram do mostêiro, em 1186. D. Dulce (ou Dôce) mulher do dito rei, lhe deu a villa do Ervedal, em agosto de 1193, a qual tinha comprado, para isto mesmo, a Gonçalo Carneiro e seus irmãos, por cem morabitinos. (Vinham a ser 50$000 réis da nossa moeda, porque, cada morabitino valia 500 réis.)

Em 17 de fevereiro de 1196, os mouros cercaram o convento, e, como o não podessem entrar, juntaram muita lenha e lhe deitaram o fogo, ardendo todo o edeficio e morrendo queimado o prior (que ainda era o primeiro) e todos os frades.

Não se sabe quando foi redificado; mas é certo que em 1226 já tinha outra vez frades, pois, querendo D. Sancho II, tirar-lhe a villa de Valezim, o prior de S. Romão (D. André Alvares) se oppoz, dizendo que estava dentro do seu couto; e ficou com ella.

Ignora-se tambem quando e por quem foi segunda vez destruido este convento; mas o de Santa Cruz de Coimbra ficou ainda até 1450 com a jurisdição civel do couto de S. Romão de Cêa, e até 1834 com muitas propriedades que tinham sido d'este mosteiro.

Ainda em 1660 existia junto da egreja, a torre que foi do convento, e n'esse anno a mandou demolir, não sei porque, o conde de Portalegre, senhor do couto de S. Romão de Cêa.

—

Alguns escriptores sustentam que o grande Viriato (o antigo) era natural d'esta villa, ou, pelo menos, das suas immediações.

Eram d'aqui alguns dos celebrados *Dose d'Inglaterra*, os mais eram de Linhares, Gouveia, Celorico, Trancoso, Mello e Pinhel. Foi n'esta villa que se reuniram e d'aqui marcharam para Lisboa e de lá para Inglaterra, em 1390, com licença de D. João I.

Foram a rógos de João de Gand, duque de Alencastre (sogro do dito rei). Foram vingar 12 damas inglezas motejadas de feias por alguns senhores d'aquelle paiz. Em publico palanque, em Londres, estando presente toda a côrte, os mais nobres lordes do reino e grande multidão de povo, venceram os nossos 12 cavalleiros beirões, aos soberbos filhos de Gran Bretanha, morrendo alguns d'estes na liça, ficando o resto feridos, e os nossos bravos victoriosos e grandemente estimados pela côrte e muito mais ainda pelas damas que foram defender. Ha alguma divergencia nos nomes d'estes cavalleiros; Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de Hespaña*, diz que se chamavam Alvaro Gonçalves Coutinho (o Magriço) filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho—Alvaro Vaz d'Almada,—seu sobrinho, Alvaro d'Almada—Lopo Fernaude Pachecodescendente do leal D. Fernão Rodrigues Pacheco,

alcaide de Celorico por D. Sancho II—Pedro Homem da Costa—João Pereira, sobrinho do grande D. Nuno Alvares Pereira—Luiz Gonçalves Malafaia—Alvaro Mendes—Ruy de Cerveira—Ruy Gomes da Silva—Soeiro da Costa, e Martim Lopes d'Azevedo Mendes. Estes 12 heroes, mereceram ser cantados por Camões no seu immortal poema os *Lusiadas* Nove voltaram á patria e 3 ficaram por lá. Alvaro Vaz d'Almada fez grandes serviços ao rei de França, que o fez conde d'Abranches, na Normandia e o rei d'Inglaterra o fez cavalleiro da noblissima ordem militar da Jarreteira, (vide Alfarrobeira.) Vide Ferreira d'Aves e Pachacos. Muitos escriptores julgam isto nma fabula devida á fertil imaginação de Camões.

—

Aqui nasceu, em 9 de julho de 1789, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, 1.º visconde de Vallongo. Era 8.º filho de Luiz Bernardo Pinto de Mendonça e Figueiredo, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na Ordem de Christo, desembargador da relação do Porto e senhor das quintas de Penhanços e do morgado de Nossa Senhora das Préces, em Cêa; padroeiro da egreja de Santa Comba, e senhor da casa de seus paes. Era este casado com D. Anna Leonor Nogueira de Abreu Abranches, senhora dos morgados de S. Bernardo, em Santa Marinha, e da capella de Nossa Senhora da Piedade, que foi instituida, em 1593, por Melchior Rodrigues do Rêgo.

O 1.º visconde de Vallongo, entrou para o Collegio dos Nobres, em Lisboa, em 1798, e d'aqui foi para a Universidade de Coimbra, em 1803, tomando o grão de bacharel em leis, em 1807, e formando-se em 1808. N'este mesmo anno, a 5 de agosto, sentou praça, de cadete, no regimento de infanteria 11. Foi feito alferes, em 14 de janeiro de 1809; tenente, em 25 de setembro de 1811; capitão, em 28 de novembro de 1817; major, em 6 de fevereiro de 1818; tenente coronel, em 28 de dezembro de 1826; coronel, em 6 de agosto de 1832; brigadeiro, em 4 de abril de 1833; marechal de campo, em 4 de julho de 1845, e tenente general, em 6 de julho de 1847.

Entrou nas batalhas de Albuhera (16 de maio de 1811) Victoria (21 de julho de 1813) Pyrineus (29 e 30 de julho do mesmo anno) Orthez (27 de fevereiro de 1814) e Tolouse, em 10 de abril do mesmo anno.

Assistiu ás acções, da Redinha (12 de março de 1811) Alfaiates (27 de setembro do mesmo anno) Roncesvalles (25 de julho de 1813) Alturas de Salin (no mesmo anno.)

Esteve no sitio de Ciudad Rodrigo, desde 2 até 17 de janeiro de 1811, no de Badajoz, desde 17 de março até 6 de abril de 1812, em que foi o assalto.

Foi tres vezes ferido na campanha da Peninsula (em Badajoz, Victoria e Alturas de Salin.)

—

Nas guerras civis, seguiu o partido liberal, até 1828. N'este anno adheriu á acclamação do Sr. D. Miguel I; mas, em maio, revolucionou um batalhão de infanteria 23, pelo que teve de emigrar para o estrangeiro; e veio na expedição do Mindêllo.

Em 19 de abril de 1852, casou em Cêa com sua sobrinha a sr.ª D. Anna de Guadalupe de Mendonça Arraes Nogueira de Figueiredo, filha de seu irmão Francisco Pinto de Mendonça Arraes Nogueira de Figueiredo, que tinha sido coronel das milicias da Covilhã; mas não teve filhos d'este casamento. Morreu em Lisboa, a 30 de julho de 1858. Jaz no cemiterio occidental, em jasigo proprio.

—

O concelho de Cêa é composto das 29 freguezias seguintes: Alvôco da Serra, Cabêço (ou S. Romão do Cabêço) Carragozéllo, Cêa, Folhadosa, Girabolhos, Lages, Loriga, Paranhos, Pinhanços, Sabugueiro, Sameice, Sandomil, S. Gião, S. Martinho a Par de Cêa, S. Romão, S. Thiago a Par de Cêa, Santa Comba a Par de Cêa, Santa Eulalia de Cêa, Santa Marinha de Cêa, Sazes da Beira, Terrozéllo (ou Torrozéllo) Teixeiras, Touraes, Travancinha, Vallezim, Varzea, Villa-Cóva e Vide.

CEBOLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 25 kilometros da Guarda, 285 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1750 tinha 80 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia nem a seguinte.

CEBOLÁES DE CIMA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 25 kilometros da Guarda, 284 ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

CEBRADA—portuguez antigo, hoje diz-se *Quebrada*. (Docum. d'Alpendurada, de 1309.)

CEDÃES—freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Mirandella, 36 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Arcebispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Nossa Senhora da Encarnação de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

CEDAINHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 408 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Cyriaco.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É terra fertil.

Foi villa. Havia antigamente na casa da camara, um freio, para castigar as mulheres bravas e maldizentes; e mesmo todas as pessoas que proferiam palavras obescenas ou calumnias. Era applicado do mesmo modo que ás bêstas. Nas camaras de Mós e de Murça ainda em 1834 havia tambem eguaes freios, e com a mesma applicação.

O reitor de Bornes apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

CEDAVIM ou **SEDAVIM** ou **CÉDOVIM** — villa, Beira-Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, até 1855, e d'esde então, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 54 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda. (Vide Téja.)

Situada na ladeira de um penhasco, proximo ao rio Téja.

Chamava-se antigamente Cedaviz, e é este o nome que lhe dá o foral que lhe concedeu D. Affonso III, em Lisboa, a 5 de fevereiro de 1271. No *Portugal Sacro e Profano* se lhe dá o nome de *Sedavim*.

O rei e o bispo de Lamego apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CEDOFEITA — Douro, uma das mais antigas freguezias da cidade do Porto.

Ainda ha poucos annos era um arrabalde; mas com o progressivo augmento da população e dos edificios, é actualmente uma parte da cidade e dentro das suas barreiras.

Vide Porto, onde vae tudo o que pertence a esta freguezia.

CEDOFEITA—aldeia, Douro, freguezia do Valle, até 1855 do concelho de Fermedo, comarca d'Arouca, e desde então, concelho, comarca e 12 kilometros a ENE da Feira,

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro, 60 kilometros a NE. da capital do districto e 29 ao S. do Porto e 285 ao N. de Lisboa, 18 fogos.

Situada em planicie, cercada de montes pouco elevados, e muito fertil e aprasivel.

Passa aqui o rio Inha, que réga e fertiliza os seus campos. Move moinhos de pão e traz peixe miudo. Tem aqui uma ponte de madeira.

CEDÕES ou **CIDÕES** — freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 75 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. 20 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villar de Peregrinos apresentava aqui o cura, que tinha 6$000 réis. de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e está, ha muitos annos, annexa á de Villar de Peregrinos, no mesmo concelho e comarca. Vide Villar de Peregrinos.

CEDRIM ou **SEDRIM** — freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sever do Vouga, 40 kilometros ao O, de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor de Ribeiradio apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1017 tinha um mosteiro de monges benedictinos, que em 1050 doou D. Gonçalo (filho do conde D. Mendo Luci) e sua muther, D. Flamula (Chama) ao convento benedictino de Pedroso (concelho de Gaia.) No tal anno 1017 foi que D. Gonçalo comprou metade d'este mosteiro (parece que a outra metade já era d'elle.) Chamava-se então esta freguezia Cedarim. Para mais amplas explicações, vide Pedroso.

CEIÇA ou **CEICE** ou **CEISSA** — freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova d'Ourem, 30 kilometros de Leiria, 130 ao NE de Lisboa, 510 fogos.

Em 1757 tinha 514 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

N'esta freguezia, e no logar de Caxarias (ou Cacharia) é a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

É da casa de Bragança.

Situada entre ribeiras, d'onde se vê Ourem ao O. Para o S. se vêem as villas da Atalaia e Chamusca, e para as outras partes, varias serras.

O povo apresentava o cura e cada morador lhe dava meio alqueire de trigo, e uma quarta de cevada, e os que tinham vinho, um quartão de vinho mosto. Andava isto pelo valor 110$000 réis.

É banhada pelas ribeiras Barreira, Ceiça e Pisões, que a tornam muito fertil.

É povoação antiquissima e os romanos lhe chamavam *Celium*. (Vide a este respeito Ceira, freguezia.)

O abbade João (vide Lorvão) fundou aqui um convento de frades bernardos, em 856. Morreu a 2 de fevereiro de 867 e jaz sepultado na egreja d'este convento. Vide a seguinte. (Vide Monte-Mor-Velho.)

CEIÇA (Santa Maria de) — povoação, Douro, situada em uma planicie, cercada por toda a parte de penedias, e proximo do Mondego e da Figueira. (Vide Tentugal.)

No reinado de D. Ramiro II, de Leão (pelos annos 850) se fundou aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora.

D. Affonso Henriques aqui fundou, em 1165, um convento de frades bentos, do qual foi primeiro abbade D. Payo Egas, que era frade de Lorvão, d'onde vieram para aqui os primeiros religiosos.

No mesmo anno de 1165, o rei coutou este logar dando-o ao mosteiro, em 1175. Assignaram esta doação seu filho D. Sancho (depois 1.º) e sua filha, a rainha D. Thereza.

No reinado de D. Sancho I, mudou este convento para frades bernardos, por provisão regia, passada em Leiria, no primeiro de março de 1195; n'este mesmo anno deu o rei ao mosteiro, o couto da Barra. (da Figueira.)

Em 1199 o mesmo D. Sancho I, com seus filhos e filhas, doaram o reguengo de Migalhô, a Mendo Gonçalves «*jure haereditario in perpetuum*» (!) com licença de fazer d'elle o que lhe parecesse, e o dar, vender, ou doar a quem muito bem quizesse: «*isto pro Deo, et pro bono servicio, quod nobis, et filiae nostrae Reginae D. Tharasia fecistis, et facitis... et dedimus vobis ipsam haereditatem pro uno bono equo, quem Nobis dedistis. Et Nos dedimus illum ad Vassallum nostrum D. Fernandum Fernandiz.*» O donatario doou este reguengo ao mosteiro de Ceiça.

CEIFE — rio pequeno, Beira Alta, bispado de Lamego.

É mesmo a palavra arabe *ceife*, significa espada.

CEIRA ou **SEIRA** (chamava-se antigamente **VILLA NOVA DA SEIRA**) — freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

R. M. da Silva (*Pobl. Gen. de Hesp.*) diz que esta freguezia tinha em 1660 80 fogos. Decerto ha engano, pois em 97 annos não podia ter um augmento de 290 fogos, isto é, mais do tresdobro.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada perto da foz do rio Ceira, que nasce ao S. da villa de Avô, na serra do Baço, e morre no Mondego, junto ao logar de Ceira. É de curso arrebatado, mas cria bom peixe. Trouxe areias de ouro.

Tanto o rio como a freguezia se chamavam antigamente *Célla*.

É povoação muito antiga, já conhecida dos romanos, que, segundo alguns escriptores, chamavam *Celia* ou *Celium;* mas é mais provavel que fosse *Celia* ou *Seilia*, e que *Celium* fosse a actual povoação de Ceiça.

D. Affonso I a mandou povoar em 1180, dando-lhe grandes privilegios, e encarregando da povoação a Julião, seu cancellario.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de março de 1514. N'elle lhe dá o nome de Villa Nova da Seira.

A matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é fundada sobre um monte. Os condes de Athouguia apresentavam o prior, concorrendo tambem a prioreza do convento de Santa Anna, de Coimbra, e não concordando ambos, desempatava o ordinario. O prior tinha de renda 600$000 réis.

Isto segundo Carvalho. O *Portugal Sacro*, diz que quem apresentava era o real padroado e as freiras de Santa Anna de Coimbra, alternativamente, e que o prior tinha 400$000 réis de rendimento.

O Mondego e o Ceira tornam esta terra muito fertil, e produz grande abundancia de fructa, sobre tudo laranja e limão.

O citado R. M. da Silva diz que havia aqui um convento de frades bernardos, o que é engano. Confundiu Ceira com Ceiça.

CEIRA—rio, Traz-os-Montes, que nasce da grande fonte de *Roalde*, na freguezia de S. Martinho d'Anta.

No sitio da Quéda, se despenha de uma altura de 44 metros, por entre penhascos. Suas margens são em partes cultivadas e ferteis.

Morre na margem direita do Douro, proximo a Galafúra.

É no concelho de Sabrosa, comarca de Alijó.

CEIRA—rio, Douro. Nasce ao S. de Midões e da villa de Avô, e recebendo o Duéça, pela margem esquerda, entra no Mondego, em frente de Coimbra. Tambem lhe chamam Elnas. (Vide Ceira freguezia.)

CEIVÃES ou **SEIVÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros ao NNO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 160 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi commenda da Ordem de Christo, dos marquezes de Villa Real, até 1641, e sendo então o ultimo marquez justiçado por traidor, no Rocio de Lisboa (vide Caminha, Braga e Villa Real) e seus bens confiscados, passou o que era dos marquezes, n'esta freguezia, a formar um prestimonio da mesma ordem, da casa de Bragança.

CELAVÍZA ou **CELLAVIZA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, 36 kilometros de Coimbra, 215 ao N. de Lisboá, 230 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O bispo de Coimbra apresentava o parocho, que tinha 60$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

Parece que o nome d'esta freguezia vem de *Séba*, planta terrestre e aquatica (alga ou botilhão) e segundo o antigo portuguez, *cebães*, significa *logar onde* ha sebas ou algas.

Todos sabem que na lingua portugueza (mesmo em muitos escriptores classicos) se vê *frúita*, por fructa; *escúita*, por escuta; *trúita*, por truta, etc., etc., não é pois inverosimil que de *séba* se fizesse séiba.

Tambem póde ser derivado de *seiva*, o succo nutriente dos vegetaes; por ser este terreno de muita fertilidade.

Inclino-me mais a acreditar que o nome d'esta freguezia vem de *sébe* (tapume feito de rama sêcca, ou que depois vem a seccar com que os lavradores vedam alguns campos, vinhas, etc.) ou de *sébe*, tecido grosseiro de váras (ordinariamente de castanho ou salgueiro) que se põe em róda do leito do carro, para amparar a carga, quando ella é de objectos miudos. Sendo por alguma d'estas duas causas, é, ou porque aqui havia muitos campos tapados de *sébes*; ou porque aqui se faziam muitas sébes para carros.

É pois incerta, em vista do que fica expendido, a origem da palavra Ceivães; e esta (como outras muitas) perde-se na noite dos tempos.

CELEIRÓS ou **CELLEIRÓS** ou **CELLEIROZ**—freguezia, Minho, termo e proximo a Braga, 47 kilometros ao N. do Porto, 359 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do couto de Vimioso, comarca do Porto.

Um dos conegos de Braga apresentava o vigario. Rendia a egreja para o conego 320 mil réis e para o vigario 100$000 réis.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Passa aqui o rio Déste.

Celeirós, ou Celleirôs, é portuguez antigo, significa, *pequenos celleiros*.

CELEIRÓS ou **CELLEIRÓS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Sabrosa, 90 kilometros ao NE. de Braga, 120 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia andou muitos annos annexa á de Villarinho de S. Romão.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real, chamava-se Celleirós de Panoyas.

Situada em um alto. Ha aqui uma boa egreja, que foi a antiga e é a actual matriz, dedicada a S. Pedro, apostolo, com 6 altares e com sacrario. D'ella se administravam os sacramentos aos moradores (por ficar longe a matriz, S. Romão) mas os baptismos eram na matriz. (Isto, já se sabe, emquanto esteve annexa.)

Pagava este povo 80 alqueires de pão para que o parocho lhes dissesse missa conventual n'esta egreja e os não obrigasse a ir á matriz. Pagavam mais 80 réis por cada uma das quatro festas do anno e 20 réis no dia do orago da casa.

Ha mais n'este povo 4 ermidas (S. Roque, S. Bento, S. Francisco e Santa Barbara.)

Antes d'esta freguezia se annexar á de Villarinho, o reitor era sempre um conego secular da Ordem de S. João Evangelista, (loyo) e apresentado pelo reitor do convento de Santo Eloy, do Porto.

Tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Produz alguns cereaes e azeite, e o melhor vinho branco do Douro: do mais pouco.

Está proximo da margem direita do rio Pinhão (ou mais propriamente, Penhão.)

D. Affonso I e seus filhos lhe deram foral em 4 de dezembro de 1160.

N'elle se determina que a viuva que quizer passar a segundas nupcias *det pro balugas una cera*. (Uma *cera* eram 3 arrateis e quarta de cêra. (Vide Balugães.)

N'este foral foi a freguezia repartida em 8 *coirellas*, cada uma com o foro de 3 *quarteiros*, um de trigo, um de centeio e um de cevada ou milho. (Vide Coirella.)

CELERÍNOS—povos que habitavam ao N. do Douro, nas margens do *Avo* (Ave) proximo da sua nascente, e cujo paiz confinava com o dos *nemetatos*. Estes dois povos, os *límicos* e outros da provincia do Minho, e de parte da Galliza, tinham o nome geral de *braccarenses*, por serem da provincia de Brácara.

Os celerinos ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vide Chaves.)

Estes celerinos descendiam dos *gravios* ou *graios* (ou eram uma tribu d'elles) descendentes dos gregos. (Vide Celiobriga.)

CELHO ou **SELHO** e tambem **CIMA CELHO** (S. Lourenço)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 53 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O bispo de Constantina apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar; por tudo, uns 50$000 réis. Depois passou esta apresentação para um dos conegos da collegiada de Santo Estevão, de Vallença.

Esta freguezia e as duas seguintes são regadas pelo rio Cêlho, do qual recebem o nome.

Para todas as tres freguezias d'este nome, é importante ver o ultimo periodo, no artigo *Celinho*.

CELHO ou **SELHO** e tambem **CIMA CELHO** (S. Christovão)—freguezia, Minho, a mesma comarca, concelho, arcebispado, districto administrativo e distancias que a antecedente. 90 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Christovão.

Primeiramente apresentava esta egreja o bispo de Constantina, depois, passou a ser beneficio simples de um conego da collegiada de Santo Estevão, de Vallença, que apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha de rendimento 60$000 réis; mas quando era apresentado pelo bispo de Constantina, tinha 100 alqueires de *segunda* (centeio e milho miudo) 2 de trigo, 2 arrateis de cêra fina, 32 almudes de vinho e 12$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

CELHO ou **SELHO** ou **CIMA CELHO** (S. Jorge)—freguezia, Minho, comarca, concelho, arcebispado, districto administrativo e distancias, como as duas precedentes. 220 fogos.

Em 1757 tinha 380 fogos (mas parece-me que é engano do *Portugal Sacro*, porque o padre Cardoso apenas lhe dá 95 fogos, em 1750, e não podia, em 7 annos, augmentar-se a freguezia com mais 285 fogos; nem ha motivo para esta freguezia diminuir de então para cá 150 fogos.)

Orago S. Jorge.

A mesa capitular do arcebispado de Braga, apresentava aqui o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Em todas estas tres freguezias de Cêlho, se cria muito gado de toda a qualidade.

Tendo fallado tantas vezes n'esta obra, e tendo ainda de fallar, em parochos *ad nutum*, noto aos leitores que o não saibam, que, parocho *ad nutum* era uma especie de *encommendado*, que o padroeiro (o que apresentava a egreja) nomeava e despedia, quando quizesse.

CELHO—rio, Minho. Tambem se chama *Cêlhe* ou *Sêlhe*. Nasce mesmo na comarca de Guimarães e morre no Visella, com uns 10 kilometros de curso. Réga, móe e traz peixe miudo.

Já era conhecido no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Célio*. Tratam d'elle diversas escripturas, que existem no livro de *Muma Dona*.

CELIM—aldeia, Minho, arcebispado de Braga. É corrupção do nome proprio arabe *Çalim*, que significa salvado, livrado, resgatado, etc. Aqui viveu e possuiu esta aldeia uma familia arabe assim appellidada.

CELINHO—ribeiro, Minho, nasce na comarca de Guimarães, e, como o Cêlho, morre no Visella. Dá-se-lhe o nome de *Celinho*, para o distinguir do *Cêlho* e por aquelle ser mais pobre d'aguas. Tambem era já conhecido dos romanos, que do mesmo modo lhe deram o diminutivo de *Célio*, chamando-lhe *Celiolo*.

Estes dois pequenos rios correm proximos um do outro.

Diz-se que a ambos provém o nome de se *sellarem* aqui uns cavallos, para certa batalha; mas na doação que Muma Dona fez ao mosteiro de Guimarães, desmente-se esta etymologia. Vide Guimarães.

—

Segundo bons auctores, a antiquissima cidade de *Celiobriga* era situada entre os

rios Célho e Celinho, e não distante de Celorico de Basto, se não era esta mesma villa que foi a antiga *Celiobriga.*

—

O que é certo é que já no tempo do concilio lucense, se nomeiavam tres freguezias na diocese de Braga, chamadas *Celiolis*, *Celiotão* e *Cello*, que se suppõe serem as tres actuaes freguezias de Célho; e tambem que alguma d'ellas, ou todas tres, formavam a tal cidade de *Celiobriga.* Já se vê que tudo isto não passa de conjecturas, mais ou menos bem fundadas; porque, em tanta obscuridade, não póde a simples luz da razão (sem documentos positivos) penetrar e decidir com evidencia.

Vide Celiobriga, Celorico de Basto e Chaves.

CELIOBRIGA ou **ZELOBRIGA** — Traz-os-Montes, cidade antiquissima, fundada pelos zoelas, mais de 300 annos antes de Jesus Christo, e cujas ruinas existem (ou vestigios d'ellas) proximo do rio Sabor. *Zelobriga* quer dizer, cidade dos zoelas.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que os zoelas viveram por estes sitios. Eram povos das Asturias, do paiz onde existiu a cidade de Zoela, que lhe deu o nome.

É de presumir que no termo de Bragança existiu alguma cidade, na qual a ordem ou classe dos negociantes ou artistas zoelas dedicassem a memoria ou inscripção que está hoje na egreja de Castro d'Avellans, a Plutão, deus dos infernos e das riquezas.

Vide Castro d'Avellans.

—

O padre D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a Historia Ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tomo I, pag. 317, n.º 520, diz que *Celiobriga* era uma cidade, cabeça dos povos celerinos.

Querem uns que estivesse no sitio da actual villa de Barcellos, outros, entre elles o doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, diz que Celiobriga era Celorico de Basto, e que por alli habitavam os povos celerinos; mas pretende que Ptolomeu lhe chamava Selobrica; cuja palavra todavia se não vê n'este antigo geographo. Devia ser êrro do copista, ou typographico, em alguma das edições das obras de Ptolomeu.

Outros dizem que Celiobriga é a actual villa de Celorico da Beira. Não acho nenhum fundamento a esta opinião, a não ser que houvesse na Lusitania duas ou tres Celiobrigas, ou uma Zeliobriga e duas Celiobrigas, o que não é muito presumivel.

—

O doutor Francisco Xavier da Serra, corregedor de Guimarães, e um dos mais illustrados membros da Academia Real de Historia Portugueza, sustenta que Celiobriga, ou era onde existe hoje Celorico de Basto, ou nas suas immediações, e que o seu nome romano era *Elia*, talvez por alguma mercê que recebeu do imperador Elio Adriano (o que fez ou reconstruiu a celebre via militar da Geira.)

Diz elle que na egreja de Santa Senhorinha de Basto, sobre a porta principal, á direita, da parte exterior, em altura de 15 palmos do chão (3m,30) está uma pedra com esta inscripção:

MP. CAES.
IO. HADR
AN. PONT. M.
AUG. PIO
FURNIUM
A PROC. VI
T. VA. VEGETI.

Isto é: — *Tito Valerio Vegecio, superintendente das calçadas, dedicou esta memoria ao imperador Elio Adriano, pontifice, maximo, augusto, pio, e a Furnio, 6.º proconsul.*

—

Se isto é verdade (o que dizem Argote e Serra) é possivel que houvesse a cidade de Celiobriga, capital dos povos celerinos, na que hoje é provincia do Minho, e Zeliobriga, capital dos zoelas, proximo ao rio Sabor, e que se suppõe existir no territorio da actual Castro d'Avellans.

Offerecem-se-me aqui umas duvidas, são: eu não vejo na inscripção romana que o padre Carvalho diz ter estado sobre a ponte de Chaves, nem mencionados os zoelas, nem os celerinos. Suppondo mesmo que *geletinos* (que é como está escripto na tal inscripção, de Carvalho) seja erro de copia, em logar

de celerinos (como erraram escrevendo lincios em vez de limicos) o que Argote rectificou, como se vê em Chaves; porque razão os povos de Zelobriga, que habitavam muito mais proximos de Chaves do que os de Celiobriga, não ajudaram á construcção da ponte?

É verdade que esta inscripção é por alguns julgada apocripha; mas, por isso mesmo, tambem póde ser fabulosa alguma das duas cidades.

Finalmente, n'estas cousas, não podemos sair da região das hypotheses.

CELIR — Vide Selir.

CELLA — e Encelada, vide o que digo em Cellas, vide tambem Inclusa.

CELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 68 fogos. Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Nogueira da Montanha apretava o vigario, que tinha 100 alqueires de centeio, 7 arrateis de cêra fina, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e em dinheiro 13$500 réis, tudo pago pela commenda.

É terra pouco fertil.

CELLA — aldeia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao OSO, d'Arouca, freguezia de Varzea. Foi antigamente villa, com o nome de Saélla. D. Affonso Henriques doou esta villa a D. Monio, a 6 de abril de 1129, juntamente com a villa de Sala (hoje aldeia de Sá, freguezia de Santa Eulalia, tambem no valle de Arouca).

Esta povoação é situada nas margens do Arda, e passa por ella a nova estrada (em construcção) d'Arouca a Oliveira d'Azemeis. É fertilissima.

CELLA — villa, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Era seu donatario o abbade geral d'Alcobaça, por ser um dos seus coutos.

Situada em alto, d'onde se vêem varias povoações.

O abbade geral d'Alcobaça apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

Tem Misericordia, mas pobre. Foi erecta em uma ermida do Espirito Santo, em 1585, por Antonio Rebello, com provisão regia e bulla do papa Gregorio XIII. Tem ou teve uma albergaria dependente da Misericordia.

É terra muito fertil e ha aqui optima fructa.

Tinha dois juizes ordinarios (até 1834) que tambem o eram dos orphãos e sizas, e as mais justiças do couto.

Fica 6 kilomètros ao S. da Pederneira.

É povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de outubro de 1514. N'este foral se lhe dá o nome de Cella-Nova. (Liv. dos Foraes, Novos da Extremadura, fl. 134, v, col. 1.ª Vejam-se apontamentos para este foral, no maço 1.º dos Foraes Antigos, n.º 12.)

CELLA — aldeia, Douro, freguezia de Fermedo, concelho, comarca e 12 kilometros a O d'Arouca, e 32 kilometros a SE, do Porto, 5 ao S. do rio Douro, 290 ao N. de Lisboa, 10 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

E' povoação antiquissima, em frente e 2 kilometros a O d'Almançor (tambem aldeia antiquissima) ficando entre as duas povoações o rio Arda, que aqui perto tem uma bôa ponte de madeira.

E' tradição que uma senhora, morrendo-lhe um mancebo com quem estava para casar, tomou grande sentimento e jurou não casar com outro, fazer voto de castidade e encellar-se. Andou por estas montanhas examinando um sitio que lhe agradasse, e chegando aqui, mandou fazer uma cella onde se emparedou, até ao fim de seus dias. Depois de morta foi tida por santa e se transformou a sua cella em ermida da invocação do Senhor dos Afflictos, em memoria das afflicções que a santa soffreu com a morte do seu noivo.

Tem uma capella, feita em 1420 (á custa do povo e do donatario de Fermedo) da invocação do Senhor dos Afflictos. Ha n'ella

missa todos os domingos e dias santificados, dita por um capellão pago pelo povo do logar e circumvisinhos. Faz-se todos os annos uma festa e romaria, muito concorrida, à imagem de Nosso Senhor dos Afflictos.

E' situada na lombada de uma serra, sem vista para outras partes (alem d'Almançor) por ser cercada de serras ainda mais altas. É terra pobre e desabrida; produz algum optimo azeite e vinho verde, muito bom: do mais pouco.

Ha em Portugal mais 26 aldeias do mesmo nome, sem cousa notavel.

CELLAS — proximo a Coimbra, convento de freiras bernardas, fundado em 1210, pela infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, (irman da rainha Santa Mafalda.)

Tinha a fundadora, na villa d'Alemquer (que era sua) umas mulheres a que chamavam *encelladas*, ou *emparedadas*, vivendo em uma pobre casa.

Resolveu D. Sancha mudal'as para uma sua quinta, que tinha ao pé de Coimbra, chamada *Uvimarães*. Fez alli cellas para 30 freiras e mandando vir as *beatas* d'Alemquer e algumas freiras de Lorvão, para as instruirem, lhes impoz a regra de S. Bernardo, professando tambem aqui a mesma infanta.

Vide Alemquer, onde tracto da egreja de Nossa Senhora da Redonda.

Chamavam então a este convento o de «*Cellas de Uvimarães*» para as distinguir de outras *encelladas* que viviam junto á ponte de Coimbra, no sitio onde esteve o convento de Sant'Anna, antigo. Esta ultimas viviam muito pobres e do convento de *Uvimarães* lhe vinham todos os dias as sobras do jantar; o que depois foi reduzido a certas medidas de trigo.

Vide Coimbra.

D. Thereza, irman de D. Sancha, tambem fez algumas doações ao mesmo convento de *Uvimarães*, no anno de 1229.

Nos claustros d'este mosteiro existia uma lapide com a inscripção seguinte:

—

HIC BIS QUINQUE MANENT, QUAE CETIBUS ASSOCIATAE
ANGELICIS, CULTU PROMERUERE PARI
HUC AB ALONQUERIO, QUO VITAM SPONTE RECLUSAE
ARCTAM GESSERUNT, HIRTIS ET PELLIBUS USAE
HUC INQUAM REGINA THARASIA REGIS AMORE
ETHEREI VIXIT, CONTENTAS LAUDIS HONORE.
ERA MCCLXXII.

—

Quer dizer que alli descançavam 10 religiosas, as quaes, com egual tracto e santa observancia, mereceram ter logar entre os córos angelicos das virgens: que alli moravam e que d'Alemquer, onde faziam antes vida de rigores, com reclusão voluntaria, as mudára para este mosteiro de Cellas, a rainha D. Thereza, entendendo que o que ellas mais desejavam era permanecerem em continuos louvores ao ceu.—Era 1272—isto é, 1234 de Jesus Christo.

—

Todos os escriptores antigos dizem, e varios documentos provam, que foi D. Sancha e não sua irman D. Thereza que para aqui mandou as beatas d'Alemquer, o que esta inscripção parece desmentir.

Entendo que ha aqui erro de copia, talvez por estarem mal comprehensiveis os caracteres, por gastos do tempo.

N'esta duvida, o leitor faça o juizo que quizer.

CELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, e desde então é da comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Genezio, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Bartholomeu de Negrêda apresentava o cura, que tinha de rendimento 300$000 réis. O *Portugal Sacro*, diz que era apresentado pelo cabido da Sé de Miranda. É mais prvavel.

E' terra fertil, e tem caça.

Antigamente deliberava qualquer mulher encellar-se ou emparedar-se. Mandava fazer uma casinha, mettia-se n'ella e alli passava o resto de seus dias. Ás vezes eram tambem duas ou mais beatas que adoptavam este genero de vida, na mesma terra. Eis a razão porque em Portugal ha vinte e seis aldeais, chamadas, *Cella* e 19 chama-

das *Cellas*. *Cella*, quando a povoação tinha só uma encellada—*Cellas* quando eram mais.

Nas cidades e villas tambem havia emparedadas ou encelladas.

Vide Inclusa.

CELORÍCO DE BASTO—villa, Minho, comarca e concelho do mesmo nome, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, no concelho 5:110 fogos, e na comarca 8:500.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada nas margens do Tâmega, em territorio muito accidentado, mas fertilissimo, produzindo muito vinho verde de superior qualidade.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 29 de março de 1520 (*Livro de foraes novos do Minho*; fl. 125 v., col. 1.ª).

Trata das terras seguintes:

Afães, Agilde, Ardegão, Arnoya, Arnozella, Barbadães, Barrozende, Borba, Borba de Azinhores, Borba de Godim, Borbella, Britello, Cabeceiros, Cacavellos, Cacerêlhe, Canêdo, Carvalho, Castello, Ceidões, Celmães, Chapa, Chêllo, Coirito, Covas, Crêspos, Curujeira, Fervença, Fonte Coberta, Freixeiro, Feixo, Gagos, Gêmeas, Gotom, Infesta, Lavandeira, Loureiro, Macieira, Maderne, Molares, Montas de Beirega, Ourilhe, Paços, Paradella, Quintan, Quinta de Borba, Quintella, Rebordãos, Real d'Oleiros, Ribas, Ribeira, Rio Máo, Sancremonço, Santa Trégua, Sequeiros, Tudeia, Tulões, Valle de Bairro, Viáde, Villa Garcia, Villa Mean, Villar, Vil, lar d'Aufo e Uveiras.

A isto se chamava antigamente *Terras de Basto*.

A comarca de Celorico de Basto, é composta dos julgados de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto.

O concelho de Celorico de Basto comprehende 22 freguezias, que são:

Agilde, Arnóia, Borba, Britêllo, Canêdo, Carvalho, Cassarilhe, Codeçôso, Córgo, Fervença, Gagos, Gêmeos, Infesta, Molares, Moreira, Ourilhe, Rêgo, Ribas, S. Clemente, Santa Tecla, Valle de Bouro e Veáde.

CELORÍCO DA BEIRA—villa, Beira-Baixa, 18 kilometros a O. da Guarda, proximo da Serra da Estrella, e 300 kilometros a E. de Lisboa, 550 fogos, em 3 freguezias (Santa Maria, S. Martinho e S. Pedro, que hoje estão reduzidas a duas—Santa Maria, ou Nossa Senhora da Guia e S. Pedro, apostolo. Antigamente teve 4 freguezias, como adiante se verá. Tem 2:000 almas. No concelho 3:200 fogos, na comarca 4:750.

Em 1757 tinha em 3 freguezias 380 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em um alto nas vertentes da Serra da Estrella, proximo do Mondego.

Diz-se que foi fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, 1890 annos antes de Jesus Christo, com o nome de Celiobriga (anno do mundo 2070.

Os túrdulos a ampliaram 500 annos antes de Jesus Christo.

Parece-me que não foi fundada por Brigo (se é que tal rei existiu) nem se chamou Celiobriga. É mais provavel que os seus fundadores fossem os túrdulos, pelo tempo que disse. Para evitar repetições sobre Celiobriga, vide esta palavra, onde vae tudo quanto pude saber com respeito a esta antiquissima cidade.

Já Plinio a menciona como uma das cidades sujeitas a Braga.

Depois se chamou *Corro Rico*. Rodrigo Mendes da Silva, na *Poblacion General de Hespana* lhe dá tambem o nome de *Zêlo Rico*, alludindo á fidelidade de seus habitantes em varias occasiões. Pronunciava-se então *Cêlo Rico*, e d'aqui derivam o seu nome actual.

Ainda outros dizem que o seu nome era *Sólo Rico*, pela fertilidade de seus campos. Até mesmo ha quem sustente que o moderno nome d'esta villa é apenas a corrupção do primittivo, isto é— de *Celiobriga* fizeram os romanos *Celiobrica* e os arabes *Celorico*.

A minha humilissima opinião inclina-se a esta ultima versão, por me parecer muito natural.

Não sabemos hoje se os antigos pronunciavam *Celióbriga*, se *Celiobríga* (isto entende-se com todas as povoações que tinham a terminação em *briga*) mas ha razões para

suppor que diziam *Celiobriga*. Os arabes corromperam-nos muitas palavras (e antes d'elles fizeram o mesmo os romanos e godos) e não é muito para admirar que de *Celiobriga* fizessem *Celorico*, que para elles era de mais facil pronuncia.

Tem por armas um escudo bipartido, tendo á direita cinco estrellas, e por cima um crescente; e á esquerda uma torre, e sobre ella, voando, uma aguia com um peixe nas garras.

Deram causa e origem a estas armas dois feitos gloriosos aqui occorridos, que são os seguintes:

Em 1189, veio sobre esta villa um grande exercito de castelhanos e leonezes, e lhe puzeram cêrco.

Era alcaide-mór do castello de Celorico D. Gonçalo Mendes, e do de Linhares, seu irmão D. Rodrigo Mendes, filhos do conde D. Mendo; sendo rei de Portugal D. Sancho I.

Não soffreu o animo valoroso d'estes dois bravos portuguezes estarem muito tempo encurralados no castello, pelo que, uma noite de *lua nova*, deram de improviso sobre os inimigos, e os derrotaram completamente.

Os de Linhares tinham chegado n'essa mesma noite á praça. e foi animados com este valioso reforço que os de Celorico decidiram investir o inimigo, que fugiu vergonhosamente, deixando no campo todos os roubos que tinha feito, todas as suas bagagens, e grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

D'aqui tomou a villa por armas cinco es-
Linhares teve as mesmas armas.
trellas e um crescente.

Em 1245, era alcaide-mór de Celorico, D. Fernando Rodrigues Pacheco, por D. Sancho II. Sendo este rei deposto, e nomeado governador do reino seu irmão, o conde de Bolonha (depois D. Affonso III) persistiu o bravo alcaide-mór na sua fidelidade ao rei; pelo que D. Affonso lhe veio pôr cêrco, que durou muitos mezes. Estando o castello proximo a render-se pela fome, por acaso uma aguia deixou cair sobre o castello uma truta. O alcaide a mandou de presente a D. Affonso, significando-lhe que na praça havia abundancia; pelo que este abandonou o cêrco.

O conde de Bolonha (depois D. Affonso III) em desforra de não poder tomar o castello de Celorico, assolou toda a sua comarca! D. Sancho II, por carta regia, datada de Toledo, a 2 de setembro da era de 1284 (1246) declara estas crueldades, e que os bispos de Coimbra e Braga excommungacem os cercadorss. Conta a historia da truta, etc. Pela mesma carta regia fez alcaide-mór de Celorico a Pacheco e deu grandes privilegios á villa (além dos antigos, que confirmou) sendo um d'elles, «que seus peões sejam em juizo havidos por cavalleiros e estes por infanções.» Esta carta está assignada pelo rei, pela rainha (D. Mecia Lopes de Haro) D. Lopo Dias de Haro, D. Diogo Lopes de Salcêdo, D. Rodrigo Gonçalves Giron, D. Martim Gil, D. Pedro Eannes, D. Gonçalo Mendes, D. Egas Vaz, fr. Miguel e fr. Vicente. Este ultimo a escreveu, por mandado d'el-rei.

Quem levou a truta a D. Affonso III foi Gomes Viegas. D. Affonso, admirado, chamou a Gomes Viegas, o *Peixão*. Este ficou todo orgulhoso com o appellido e deixou o de Viegas (que significava *vélhas*, pelo que era feio) e tomou d'ahi por diante o de *Peixoto*. Eis, segundo o padre Carvalho, a origem do appellido Peixoto. Será.

Eis a origem da segunda parte das armas de Celorico, isto é, da aguia com a truta e da torre.

Teve esta villa differentes senhores. Antes do reinado de D. Fernando, pertenceu a Martim Vasques de Sousa. D. Beatriz, mulher de D. Affonso III, fez alcaide-mór de Celorico, a Martim Vasques da Cunha. Este rei a deu em dote a sua filha bastarda, D. Isabel, que casou, em 1373, com o conde de Gijon (D. Affonso Henriques de Castella e Noronha) filho, tambem bastardo, de D. Henrique II, de Castella, irmão de D. Pedro Cru.

Em 21 de janeiro de 1385, era senhor d'esta villa Martim Affonso de Mello, quinto senhor da villa de Mello e rico-homem de Portugal. Este *heroe* foi o primeiro cavalleiro portuguez que saiu a receber D. João I,

de Castella, á cidade da Guarda, *reconhecendo-o por legitimo rei de Portugal e entregando-lhe esta villa!*

D. Manuel a deu ao primeiro conde de Portalegre (D. Diogo, seu aio) e, pela extincção d'esta familia, tendo vagado para a corôa, a deu D. Pedro II a André Lopes de Lavre.

Os seus donatarios eram tambem alcaides-móres do castello.

No reinado de D. José I (1762) foi esta villa tomada e saqueada pelos hespanhoes; mas logo a largaram.

A egreja matriz de Santa Maria, é collegiada do padroado real. É um templo magestoso e seu orago Nossa Senhora da Guia. O prior tinha 300$000 réis. Tem seis beneficiados, que eram apresentados alternativamente pelo papa e pelo ordinario, e duas apresentações eram do padroado real. Cada beneficiado tinha 200$000 réis. Tinha mais, um arcediago, beneficio simples, que rendia 500$000 réis; e um thesoureiro da apresentação do prior, com 250$000 réis.

A egreja matriz de S. Martinho é um templo antigo, e, segundo alguns escriptores, fundado pelos templarios, em 1302. Era do padroado real, e o prior tinha 350$000 réis.

Viterbo diz que os templarios fundaram ou reedificaram esta egreja, em 1217. No seu frontispicio havia duas pedras com a seguinte inscripção:

E. M. CC. II. V. MAGISTRO
MENDO, CONSTRUCTA FUIT.
ISTA ECCLESIA.

Sendo esta egreja reedificada em 1770, se adulterou completamente a sua primittiva ordem architectonica, não restando outros monumentos da antiga egreja mais do que estas duas pedras, collocadas na parede exterior da capella-mór, da parte do Evangelho.

Esta egreja deixou de ser matriz, porque se supprimiu a parochia, que em 1757 tinha 92 fogos.

A matriz de S. Pedro, é tambem obra dos templarios, fundada em 1230, e tambem do real padroado. O prior tinha 300$000 réis. Em 1757 tinha 135 fogos.

Havia antigamente n'esta villa uma freguezia de Santo André, apostolo, que foi supprimida no reinado de D. João III, fazendo-se a Misericordia na sua egreja, e das rendas se fizeram dois beneficios na collegiada de Santa Maria; que eram os dois da apresentação regia.

Ha aqui uma albergaria.

O Mondego corre proximo da villa, fertilisando os seus campos, pomares e hortas. Cria muito gado e tem bastante caça nos seus montes.

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, camara, escrivães, etc., tudo posto pelos marquezes de Gouveia, menos o juiz das sizas, que era feito pelo rei.

No reinado dos nossos primeiros monarchas, tinha dois juizes, dois vereadores, almotacé, alcaide e meirinho, *et reliqua.* Tinha 30 logares na sua jurisdição.

Tinha capitão-mór, sargento-mór e uma companhia de ordenanças.

Sobre o rio Mondego tem uma magestosa ponte de cantaria, feita por D. Manuel, no principio do seculo XVI, e duas menores.

Cércam a villa extensas vinhas, que produzem optimo vinho, e grandes olivaes, que dão muito bom azeite.

É terra muito fertil.

O Campo do Tabolado chama-se assim, porque antigamente havia aqui um amphitheatro de taboado, onde se faziam justas, torneios, etc.

Em 1635 appareceu aqui uma lapide com a seguinte inscripção romana:

R. C. I. A.
V. A. N. S. I. R.
A. C. H. N. I.
R. V. M.
J. N. I. D. I.

Dizem (os adivinhadores) que quer dizer: «Sendo imperador romano Augusto Cesar, os povos de Castella, chamados vascos, com os capitães Nigro, Servio e Junio, edificaram este castello, em nome do imperador. O mestre que o fez se chamava Rutilio Varo. Os capitães Junio e Nigro o dedicaram ao imperador Julio.» (!)

O castello de Celorico era fortissimo e tinha duas torres e dois cubéllos.

E' no tope do môrro em que está fundada a villa, a qual e seus arrabaldes domina inteiramente. É obra dos romanos e D. Diniz o reedificou. Está em ruinas.

D. Affonso I lhe deu foral, sem data, com muitos privilegios. D. Affonso II lhe deu foral, confirmando e ampliando os privilegios do primeiro, em Coimbra, no anno de 1217. D. Manuel a fez villa, e lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512.

A villa tem bons edificios, mas nenhum notavel, além da casa da camara (contendo tambem o tribunal judicial e a cadeia) que é das melhores e mais seguras da provincia.

Ha aqui duas feiras cada semana, de grande concorrencia e importancia. Só de trigo concorrem ás vezes a uma d'estas feiras 8:000 alqueires.

Celorico é o centro de todo o commercio com a raia, o que faz muito prosperar esta terra.

É o seu territorio fertilissimo e muito saudavel.

Ha aqui, sobre o Mondego, tres pontes, uma de pedra e duas de madeira. Ao S., junto ao rio, se têem descoberto varias antiguidades romanas.

Os povos da Beira chamam a esta villa *Celorico dos Bebados*. E' com inveja da abundancia e optima qualidade dos vinhos d'aqui.

Tem Misericordia e bom hospital, 12 capellas, 8 fontes, sendo a melhor a da Pipa.

—

Celorico, como praça de grande importancia, serviu de refens, dado por D. Diniz, para as pazes que fez com seu filho D. Affonso (depois IV) em Santarem, a 25 de fevereiro de 1325.

Tornou a ser dada como refens, por D. Affonso IV, para penhor de paz com D. Affonso XII, de Castella, vindo então para alcaide (com guarnição castelhana) D. Fernando Affonso Cambraen. Tornou ainda a ser refens, dado por D. Fernando, de Portugal, a D. Henrique II, de Castella, em 1373.

—

É patria do dr. Miguel da Silveira, poeta illustre e auctor do poema dos *Machabeus*.

Do beato fr. Antonio de S. Pedro, que fez muitos milagres em Ossuna, no convento dos mercenarios descalços.

E de Rodrigo Mendes da Silva, chronista de Portugal por Philippe III, e auctor da bem conhecida obra intitulada—*Poblacion General de España*, impressa em Madrid, a primeira vez em 1628 e reimpressa na mesma *villa coronada*, em 1675. Este Silva bandeou-se com os inimigos da sua patria, e na sua obra chama muitas vezes tyranno ao nosso D. João IV. Passou-se para Castella, lá escreveu (em hespanhol) e por lá ficou.

—

A comarca de Celorico é composta do julgado de Celorico e do de Fornos de Algodres. O concelho comprehende 22 freguezias, que são:—Açôres, Baraçal, Cadafaz, Carrapichana, Cortiçô, Forno Telheiro, Jejúa, Juncaes, Lagiosa, Linhares, Maçal, Minhocal, Mesquitella, Prados, Rapa, Ratoeira, Salgueiraes, Celorico (Santa Maria e S. Pedro, duas freguezias) Valle d'Azares, Velloso e Vide.

CÉLTAS—suppõe-se que eram os primittivos povos da Lusitania. [1]

1.º grupo

Occupavam uns a Extremadura portugueza, ao S. do Tejo, o Alemtejo e uma pequena parte occidental da Extremadura hespanhola.

Suas principaes cidades eram *Paca* (Beja) *Ebora* ou *Elbora* (Evora) *Myrtilis* (Mertola) *Salacia* (Alcacer do Sal) *Cetobriga* (Setubal, Troia) *Norba Cesariana* (Alcantara, Hespanha) *Medobriga* (Aramenha) *Cecilia Gemelina* (Caceres) *Áruci Novum* (Moura).

A estes se chamava céltas meridionaes, por estancearem entre o Tejo e o Guadiana, e por conseguinte, ao S. da Lusitania. A este

[1] Os investigadores modernos pretendem que os primeiros habitadores (indigenas, ou, pelo menos, aborigenes) da nossa peninsula, eram uns povos barbaros, ferozes e antropophagos, vivendo em cavernas como as feras; cujo nome generico nos é hoje completamente desconhecido, e na impossibilidade de o descobrir, concordaram em os denominar *pre-celtas*, isto é, os antecessores dos céltas. Comparados com elles, os celtas podiam-se chamar civilisados; porque ao menos tinham uma religião e taes ou quaes leis e instituições porque se governavam.

paiz se dava mesmo o nome de *Céltica*, antes que os romanos, com as suas differentes circumscripções e subdivisões, confundissem, alterassem e mudassem os primittivos nomes dos paizes e povoações.

2.º grupo

Outros céltas occupavam uma grande parte da Bética. Este paiz, no tempo dos imperadores romanos, e ainda alguns annos antes, já se não intitulava Céltica, nem céltas os seus habitantes; mas sim lusitanos, e Lusitania a sua região, como se vê em Plinio e Ptolomeu.

Outros céltas havia que occupavam outra parte da Bética, segundo refere Plinio, no livro 3.º, cap. 3.º

Segundo Contador d'Argote, a região d'estes, antes das demarcações romanas, estava unida á dos céltas nomeados aqui em segundo logar, e todos juntos constituiam a provincia celtica, depois das divisões que os romanos fizeram.

O paiz d'estes se ficou ainda intitulando Celtica, e se aggregou á Bética.

3.º grupo

Estes habitavam o promontorio céltico (hoje *Cabo de Finis Terræ*) e em todo o Além Douro occidental, isto é, desde a fóz do Douro até ao promontorio céltico, e pelo lado septentrional, occupavam desde aqui até além da Corunha. Não se sabe hoje com exactidão, onde terminava pelo N., nem pelo lado oriental, que vinha terminar no rio Douro. Vinham pois a occupar o a que hoje chamamos provincias do Douro (a parte que está ao N. d'este rio) Minho, Traz-os-Montes (ou a maior parte) e a Galliza.

—

Vê-se pois que sob o nome geral de céltas se comprehendia um vastissimo territorio (que quasi todo se veio a chamar depois Lusitania) comprehendendo um grande numero de povos, sendo os mais notaveis os gravios, os presamarcos, os artabros, os lusitanos, os astures, os cantabros, os vacceos, os arevacos, os bracaros, os celerinos, os cérenecos, os espacos, os interamicos, os leunos, os limicos, os narbassos, os seurbos, os tamacanos, os turolos, os celtiburos, os pesures, os cintios, os eburones, os cuneus, e finalmente, ainda outros muitos povos cuja menção seria longa e abhorrecida.

Vide a antiga divisão da Lusitania, no final d'esta obra.

CEMIDE ou **SEMIDE**—villa, Douro, comarca da Louzan, concelho de Miranda do Côrvo, 14 kilometros de Coimbra, 193 ao N. de Lisboa, 730 fogos, 2:900 almas.

Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' terra fertil.

Ha aqui um magestoso convento de freiras bentas; eram ellas que apresentavam o cura da freguezia, que tinha de rendimento annual 60$000 réis. Foi couto.

No alto da serra de Cemide está o santuario do Senhor da Serra, muito frequentado ha mais de 300 annos.

Cemide é palavra arabe, significa a flôr da farinha.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de janeiro de 1514. (*Livro dos Foraes Novos da Extremadura*, fl. 108 v., col. 2.ª)

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos arabes.

E' situada no declive da serra do seu nome.

—

Foi senhor d'esta villa D. Anião da Estrada, fidalgo asturiano, fiel companheiro do conde D. Henrique e de seu filho, D. Affonso Henriques. Foi tambem senhor de Góes e seu termo. Teve dois filhos, D. João Anaya (que foi bispo de Coimbra) e D. Martinho de Anaya, que, com seu sobrinho, D. Gonçalo Dias (o *Cid*) fizeram prodigios de valor, na batalha de Ourique, em 25 de julho de 1139.

Estes dois irmãos, além do que tinham em Cemide, compraram terras a João Meliores e fundaram o referido mosteiro benedictino, em 1154. Este mosteiro e sua cêrca e dependencias, foi coutado por D. Affonso I, no mesmo anno.

D. Martinho Anaya, fundador do mosteiro, casou com D. Hermeneda, da qual teve um filho do mesmo nome do pae, que casou com D. Elvira Affonso, natural de Coimbra.

D'este casamento nasceram D. Marinha Martins, D. Urraca Martins e D. Elvira Martins, que todos casaram, e D. Sancha Martins, que professou.

O convento foi fundado para frades.

As tres filhas casadas, de D. Martinho Anaya e D. Elvira Affonso, tiveram muitos filhos e filhas: e como todos eram considerados *padroeiros*, e tinham de se sustentar do mosteiro, não deixavam nada para os pobres frades, que se viram na necessidade de deixar este convento e hir para outro da sua ordem, onde podessem viver.

Abandonado o convento, D. Sancha Martins (a 4.ª filha de D. Martinho) veio para elle com varias sobrinhas suas, formando communidade, e aqui professaram, a mesma regra de S. Bento, e n'elle falleceram. D. Sancha foi a primeira abbadessa.

Deu-se-lhes então o padroado e dizimos da egreja de S. Pedro e varias rendas, para sua sustentação, por escriptura publica de 1183. Estão n'ella assignadas 12 Anayas já freiras, e a tia (D. Sancha) já como abbadessa.

—

Em 1610, o bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, removeu as freiras d'aqui, para o convento de Santa Anna, de Coimbra; mas, não estando ahi satisfeitas, voltaram para Cemide.

As freiras d'este mosteiro tiveram sempre um comportamento exemplarissimo e floresceram em todas as virtudes christãs.

CEM SOLDOS—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 2½ kilometros de Thomar, 120 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Patriarchado (por ser prelazia de Thomar) e districto administrativo de Santarem.

O real padroado apresentava o vigario (por ser a freguezia da commenda de Christo) que tinha de rendimento 100$000 réis.

Ha aqui a aldeia de Caldellas, que, segundo a tradição, são os restos da antiquissima cidade do mesmo nome (segundo outros *Caldede*.)

Ha aqui o convento de Santa Cita, que foi de recoletos de S. Francisco, do qual eram padroeiros os Abreus, descendentes do conde D. Mendo, irmão do ultimo rei dos longobardos, Desiderio, que ambos viveram entre os annos 700 e 760. D'este D. Mendo procedem não só muitas casas nobilissimas de Portugal, mas até quasi todas as familias reaes da Europa e a imperial brasileira, por D. Nuno Alvares Pereira. São seus descendentes (entre as primeiras) os Sousas, Abreus, Sequeiras, Forjazes, Pereiras, Gonçalves, Castros, etc., etc.

CENDUFE E RIO CABRÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Rio Cabrão era ainda no fim do seculo passado uma freguezia independente, com 42 fogos, cujo orago era S. Lourenço, martyr. O reitor de S. Cosme e S. Damião de Ázere apresentavam o vigario, collado, que tinha de rendimento annual 120$000 réis.

—

Cendufe tinha antigamente o nome de Arcozéllo. Foi abbadia do convento de S. Domingos de Vianna, com reserva do ordinario.

Pouco acima do povo vêem-se vestigios de fortificações, no sitio ainda por isso chamado Crasto. Suppõe-se que era um castello ou *Castrum* romano, pois que tem n'este logar apparecido moedas romanas, de ouro e prata, de diversos imperadores.

Logo abaixo se descobriu uma *necropolis* (cemiterio) em que as sepulturas estavam divididas por paredes de pedra e cimento romano, e cobertas de terra.

—

A actual egreja matriz foi edificada á custa de um abbade d'esta freguezia, chamado Manuel Barbosa de Araujo.

Na aldeia de *Cenoi* houve um paço, que fez Martim Esteves, de Teixeira, e lhe juntou herdades que comprou, instituindo um vinculo, que ainda existia no tempo do rei D. Diniz.

Tanto a aldeia como a quinta mudaram de nome, e, por extincção da familia do instituidor, passou o vinculo a outra geração.

Este morgado tambem já deixou de o ser ha muitos annos.

CENTENAIRO—portuguez antigo, o espaço de cem annos. Tambem se dizia centenairo o que tinha um seculo,

CEPÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Eram seus donatarios os condes de Unhão.

Foi antigamente honra, e depois concelho da comarca de Guimarães, e comprehendia parte das freguezias de Santa Christina e Fareja.

Situada em um alto.

Os frades bentos de Pombeiro apresentavam o vigario, que tinham 60$000 réis.

Rendia a egreja para os frades (que aqui recebiam os dizimos) 300$000 réis.

O infante D. Affonso Sanches e sua mulher D. Tareja, deram o padroado d'esta egreja ao mosteiro de Pombeiro, em 6 de outubro de 1313; por aqui estar sepultado seu sogro e pae, D. João Affonso de Albuquerque, conde de Barcellos. A honra era dos condes de Unhão. E' terra fertil.

Tinha juiz ordinario e dos orphãos.

Tem gado e caça.

Corre aqui o rio Bouças, que julgo se chamou antigamente *Rio de Moinhos*.

D. Affonso III, lhe deu foral, em março de 1251.

Em 1290, era S, Miguel o padroeiro d'esta freguezia. Não pude saber quando nem porque foi substituido (Vide *Inquerições de D. Diniz I*, d'esse anno.)

CEPEDA (ponte de)—vide Sousa, rio, Castellãos de Cepéda, Paredes (de Penafiel) e Aguiar de Sousa.

CEPÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães, concelho de Sobre-Tâmega, ou Santa Cruz de Riba Tâmega, termo de Gouveia.

Eram seus donatarios os condes de Redondo.

A maior parte dos moradores vivem em uma rua chamada *Gouveia*, o resto da freguezia é em um monte, d'onde se vê Amarante, o castello de Celorico de Basto, o Marão e outras serras.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300 alqueires de pão de 2.ª, 4 de trigo, 200 almudes de vinho verde, 10 almudes de azeite, os passaes e o pé d'altar, ao todo 210$000 réis.

Antigamente os frades bentos de Pombeiro alternavam a apresentação com o ordinario.

Havia aqui uma albergaria administrada pela Misericordia de Amarante, a qual instituiu e dotou D. Mafalda, mulher de D. Affonso I. Só tinha camas para passageiros e mais nada. (Foi vendida.)

É terra muito fertil.

Passa aqui o rio Tâmega.

Esta Gouveia de que aqui se trata teve termo proprio e foi villa, á qual D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 22 de novembro de 1513.

Este foral servia tambem para Bocaya, Bomba, Fonte Arcada, Lourêdo, Lourosa, Mirelhe, Moz, Lomba, S. Salvador e Viveiros.

Eram estas povoações que constituiam o termo de Gouveia.

CEPÉLLOS ou **ÇAPÉLLOS**—freguezia, Douro, comarca de Oliveira de Azemeis, concelho de Macieira de Cambra, 48 kilometros a NE. de Aveiro, 6 a NE. de Oliveira de Azemeis, 15 a E. da Feira, 40 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa. 230 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

É povoação antiquissima.

Era antigamente da comarca de Esgueira, ouvidoria da Feira. Depois passou a ser da comarca da Feira, depois da de Arouca; e em 1855 passou para a comarca de Oliveira de Azemeis; mas foi sempre do concelho de Cambra.

É da casa do infantado, por ter sido antigamente dos condes da Feira.

Mas o seu primeiro donatario foi o convento de monges de S. Bento, de Castromire, a quem foi doada esta egreja de Cepéllos, por D. Ordonho II e os fidalgos da sua côrte, em 922. (Vide Crestuma.)

Era a casa do infantado que apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito e optimo gado, produz muita manteiga, optimas vitellas e tem muita caça.

CEPINS ou **SEPINS**—freguezia, Douro, concelho e comarca de Cantanhede, 30 kilometros ao N. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

CEPÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 86 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte do Lima. Era annexa ao arcediagado da Labruja.

Situada em um valle.

O arcediago da Labruja apresentava *ad nutum*, o vigario, que tinha 10$000 réis, 2 alqueires de trigo, 5 almudes de vinho, o pé d'altar, e, de cada freguez 1 alqueire de milho e uma quarta de centeio, ao todo uns 60$000 réis.

Fertil. Muito e bom vinho. Cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

É n'esta freguezia a torre de *Parada*, que foi de Martim Garcia de Parada, que viveu no tempo de D. Affonso Henriques. Esta familia extinguiu-se no Minho, e só ha descendentes d'ella no Alemtejo e em Traz-os-Montes. Aquelles ainda conservam o appellido de Parada, e estes são os actuaes Botêlhos. D'elles procedem os condes de S. Miguel e varias familias nobres do reino.

Da familia dos Paradas sahiram varões eminentes nas armas e nas lettras.

CÊPÕES—freguezia, Beira Alta, proximo e ao E. de Lamego (1:800 metros de distancia) 330 kilometros ao N. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em um baixo.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

CEPÕES—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade era apresentado pelos Tabordas e tinha 450$000 réis.

Abundancia de milho grosso e castanha: do mais medianía.

Passa aqui o rio Vouga.

CEPOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Arganil, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 46 fgos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Coimbra, termo d'Arganil.

Situado em um monte.

O reitor do *Collegio-Novo* (da Sapeincia) dos cruzios de Coimbra apresentava o cura, que tinha 35$000 réis. Pouco fertil.

CERAME—logar sombrio e ameno. E' a

palavra árabe *çarame*, derivada do verbo *çarama*, cortar ramos para fazer uma cabana, ou cobrir algum logar.

CÉRAS — aldeia, Extremadura, 12 kilometros ao N. de Thomar, antigamente Céra.

Arrazada a antiquissima cidade de Nabacia (Thomar) pelos árabes, em 715, esteve deserta até fevereiro de 1159, em que D. Affonso I fez d'ella doação aos templarios, que a vieram povoar.

Era então mestre da Ordem do templo D. Gualdim Paes, grande privado do rei, que o tinha creado e armado cavalleiro. Residia elle com os cavalleiros da sua ordem no castello de Céras (derivado da deusa Céres, por ser sitio de muitas cearas) em um antigo castello, que o rei lhe tinha dado e que elle havia reedificado.

Como, apesar dos concertos, o castello não era muito forte, D. Gualdim Paes, e os seus cavalleiros, examinando as ruinas de Nabancia, que o rei lhes havia dado, escolheram um monte que está na margem opposta do rio Nabão (ao O) e principiaram a fundar um novo castello, no primeiro de março de 1160, e, concluido elle, abandonaram o de Céras.

Ainda existem vestigios d'este castello, e junto a elle está a aldeia de Céras.

Vide Thomar e Templario.

CERCAL — villa, Alemtejo, comarca e concelho d'Odemira, 105 kilometros d'Evora, 130 ao SE. de Lisboa, 510 fogos, 2:000 almas, no concelho (que foi extincto em 1855) 820 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Feira a 29 de junho e a 18 de outubro, 3 dias.

Era antigamente do termo de Villa-Nova-de-Mil-Fontes, e do arcebispado d'Evora, comarca d'Ourique.

O tribunal da Mesa da Consciencia apresentava o prior, que era freire da Ordem de S. Thiago, e tinha 10$000 réis, 2 moios de trigo e 90 alqueires de cevada.

É tera fertil.

A agua da Fonte-Santa é abundante, e dizem que cura varias molestias.

CERCAL — Tambem lhe chamam *Cerceal*, freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, concelho do Cadaval, 70 kilometros a NE. de Lisboa, 105 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Vicente.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Torres-Vedras, termo da villa do Cadaval. Foi tambem do concelho d'Alcoentre.

Egreja pequena e com um só altar. O patriarcha presentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada e 52 almudes de vinho, ao todo uns 30$000.

Tem uma albergaria.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças do Cadaval.

Distante do logar, para o N, ha uma lagôa que cria muitas e bôas sanguessugas.

Ha aqui uma fabrica de louça ordinaria.

CERCIO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho, e proximo de Miranda, 48 kilometros de Bragança, 468 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Situada sobre uma fraga, d'onde se vê terra do bispado de Samóra, na Castella.

Era annexa á freguezia de Duas Egrejas, cujo abbade apresentava aqui o cura annualmente, e tinha este 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Ao fundo do logar ha uma fonte de cantaria, feita em arco, a cuja agua se attribue a virtude de curar a dôr de pedra.

Tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Miranda.

Passa pela freguezia o rio Douro, que tem aqui curso arrebatado.

Está outra vez annexa á freguezia de Duas Egrejas.

CERCOSA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mortágua, 240 kilometros ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra districto administrativo de Viseu.

Antigamente era do concelho da Mortágua, mas da comarca de Viseu.

O prior do Carvalho apresentava o cura.

A actual capella de S. João Baptista era a primittiva matriz da freguezia.

É terra fertil. Cria muito gado e caça.

CERDAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a NO de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 331 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado e fertil. Feira no primeiro de novembro, 3 dias.

É n'esta freguezia a quinta do morgado de Cubes, familia das mais antigas e mais nobres do reino.

N'esta quinta está a torre (arruinada) solar dos Bacellares (Vide Cubes.)

O bailio de Malta, apresentava o abbade, collado. Era *tornaria* em 3 vidas, duas dos bailios, e uma do mosteiro de Ganfei. Era beneficio simples, que rendia 600$000 réis.

Foi abbadia dos Telles Vieiras, descendentes de Gabriel Pereira de Castro, pelos Caldas, de Vascões. Tinha duas vidas, tanto na abbadia curada, como na terça, que era simples. A outra vida era do convento benedictino de Ganfei (proximo e ao ENE. de Vallença) isto é, tinha a egreja dois padroeiros, os Telles (descendentes dos bailios de Malta) apresentavam em duas vidas successivas, de abbades, e o convento em uma.

O abbade *simples* desfructava a renda, sem outra responsabilidade ou trabalho mais que recebel-a e gastal-a.

Em tempos remotos era esta freguezia apresentada pelos Barbosas de Aboim, Garcias, Gondins, Pereiras e outros, por herança; mas os Telles Vieiras lhe tiraram o padroado por demandas que por muitos annos litigaram, e estão no archivo da Sé de Braga.

—

Affonso Gil Martins (morgado de Cubes e Mira, de que fallo em Cubes) casou com D. Mecia Gil. D'este casamento nasceu Vasco Gil Bacellar, que casou com D. Helena Gomes de Abreu (da casa e couto de Abreu, na freguezia de Moruffe). Foi filho d'estes, Ruy Vaz Bacellar, grande capitão e famoso guerreiro, do tempo de D. João I e D. Affonso V, já na Africa, já nas guerras contra os castelhanos; pelo que D. Affonso V lhe confirmou os senhorios, por carta regia de 17 de março de 1476, datada de Toro.

D'estes procedem os Malheiros de Ponte de Lima, os Pereiras da Cunha, de Vianna, os Sotto-Maiores, do Minho, os Cunhas, de Monção, e muitas mais familias nobres de Portugal.

Houve tambem no logar de Gondim, d'esta freguezia, a torre e casa solar, chamada paço de Gondim, com cuja pedra se fez uma prêsa d'agua e alguns assentos. Foi vinculo, instituido por um fidalgo francez, da familia de Contin, de que procedem grandes principes. Este Mr. Contin, veio para Portugal ajudar os nossos primeiros reis a expulsar os mouros, d'este reino. De Contin procede o nome de Gondim. O primeiro que usou este appellido, foi Garcia de Gondim.

Em Alderête de Cima vivia a familia dos Garcias, ligada, por parentesco, com os Gondins. Esta aldeia de Alderête de Cima, foi honra, e veio depois a poder de um simples lavrador, vendo-se ainda hoje no portal da sua casa, duas garças, pegadas uma á outra, que são as armas d'estes Garcias.

Ha tambem n'esta freguezia a honrada casa do Fôjo, que procede dos Caldas, de Vascões, com uma capella dedicada a Sant'Anna. São fidalgos da casa real. D'esta familia procedem os Caldas de Villa Nova da Cerveira (Caldas Osôres) e outros Caldas, do Minho.

Ha a casa da Deveza, que foi dos Pereiras Caldas. Está hoje, por compra, em *arvore estranha.*

A capella de S. João, foi antigamente do padre Antonio Rodrigues, e tem patrimonio, que lhe fez Gaspar Pereira e sua mulher, por os seus terços.

A casa da Lameira, d'esta freguezia, está hoje unida com a de Mantellães, em Coura. Vem-lhe por Bento Soares Barbosa, da freguezia da Gandara, casado que foi com D. Maria de Sousa, e 5.º avô de João Pereira de Azevedo, casado com D. Ignez Barbosa.

Os Caldas, e Soares de Azevedo, de Bra-

ga, e outros muitos do Minho, são ramos d'esta familia.

Está n'esta povoação o convento de frades franciscanos, de Nossa Senhora de Mosteirô, da provincia da Conceição, fundado por Diogo Arias, fr. Pedro e fr. Gonçalo, quando deixaram a provincia de S. Thiago, para obedecerem ao verdadeiro pontifice, Urbano VI, a quem seguia Portugal, sendo a Hespanha do partido do anti-papa Clemente VII. Isto em 1382.

Fr. Gomes do Porto, foi que instituiu os recoletos. Passou a observantes e depois á provincia de Santo Antonio, em 1568; e ultimamente, para a Conceição.

Foi este o primeiro convento que houve em Portugal, pertencente á provincia de Santo Antonio dos Capuchos da Observancia, cuja regra teve começo no principio do seculo XV, reinando D. João I.

Era padroeiro, seu filho bastardo o infante D. Affonso; depois passou para a casa de Villa Real, e por fim para o ordinario.

O *Sanctuario Marianno* (tomo 4.º, liv. 10.º, tit. 19.º, pag. 98) diz que houve aqui um mosteiro de eremitas de Santo Agostinho, no tempo dos godos; que abandonaram o mosteiro (os monges) em 715, pela invasão dos mouros. Que quando fugiram, deixaram escondida a imagem da Santissima Virgem, que só foi descoberta no tempo de D. Ramiro II, de Leão, pelos annos de 940. Que logo que foi achada a santa imagem, a condessa Mumadona (tia do rei) erigiu, no sitio do apparecimento, um mosteiro da ordem benedictina; mas que, havendo uma grande peste, os frades abandonaram o convento.

Ficou na egrejinha do mosteiro, apenas um eremitão. O convento foi reduzido a cinzas, por um incendio, ficando apenas intacta a ermida.

Esta ermida ficava pela parte de baixo das escadas que vão para Gozende. Hoje nada d'ella já existe, mais do que a hastea do cruseiro.

Dizem outros que era no sitio onde nasce a fonte de Santo Antonio.

Foi pois, pouco mais ou menos, no sitio do antigo mosteiro de benedictinos que em 1392, sendo ja pontifice Bonifacio IX, os referidos Diogo Arias e seus companheiros fundaram o novo convento, com licença da curia romana; dando-lhe Martim, solteiro, natural de Vallença do Minho, o terreno para a egreja. Muitos proprietarios d'aqui, deram aos fundadores terras para se fazer o mosteiro e a cêrca. Esta era tão pequena, que os monges se serviam da matta de fóra para as lenhas d'este convento e do da Insua.

Com o andar dos tempos, estes dois conventos se tornaram senhores da matta que estava fóra da cêrca e de alguns baldíos que a camara de Vallença lhes tinha dado; mas depois, por accôrdo com a mesma camara, deram isto ao conde de Vallença, marquez de Villa Real, em 1585.

Era então geral da Ordem, fr. Francisco de Gonzaga (italiano) que auctorisou esta doação, mas pediu ao marquez que, por esmola, deixasse este convento e o da Insua irem alli buscar lenha para as suas cosinhas, a que o marquez annuiu de boa vontade, com a condição de os frades plantarem arvores em toda a matta ou coutada, onde as não houvesse, e não déssem lenha a ninguem.

O ouvidor Mathias Nunes Botelho, tomou conta d'isto, em nome do novo senhor, e fez-se a demarcação, assistindo o mesmo ouvidor e a camara, em 14 de julho d'esse mesmo anno.

Como era de lei e costume, foram citados os donos das propriedades confinantes, que eram os moradores dos logares de Cerdal e Thaião, para reclamarem, se tivessem motivo; mas ninguem se oppoz.

Tornemos ao mosteiro.

Desde 1392 até 1557, era um pequeno e pobre edificio, onde mal se agasalhavam os frades. N'este ultimo anno, estando tudo muito arruinado, e sendo provincial fr. Diogo de Ancêde, e guardião fr. Affonso de Albuquerque, se resolveu reedificar o mosteiro, o que n'este anno se levou a effeito; mas com tanta pobreza e maus materiaes, que em 1729 já estava outra vez tudo arruinado. Reedificou-se então tudo, e, em quanto duraram as obras, se dizia missa e celebra-

vam os outros officios divinos na casa do capitulo, que Gil Velho, alcaide-mór de Vallença, e sua mulher, D. Constança de Abreu, haviam dado ao mosteiro, e n'elle estão sepultados. Estes Gil Velho e mulher, e os que lhes succederam no padroado, José Soares Pereira e Pedro de Sousa Pereira, são os progenitores do sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, senhor da magestosa casa da Brejoeira.

Estes davam annualmente 800 réis para a fabrica da egreja do mosteiro, até 1743, em que desistiram do padroado, que, desde então, ficou vago.

Os marquezes de Villa Real davam aos frades, annualmente, para vacca, 12$000 réis.

D. Affonso V, por carta régia, datada do Porto, em 13 de dezembro de 1465, ordenou que a pessoa encarregada pelos frades de lhes receber as esmolas, fosse isenta de pagar fintas e de exercer qualquer emprego publico.

O mesmo rei, por provisão tambem passada no Porto, em 22 de julho de 1476, deu as mesmas isenções a um criado dos frades.

Foi este mesmo rei que deu o titulo de guardião ao superior, que até então se intitulava vigario, e de mosteiro ao convento, que até esse tempo era uma simples vigariaria.

Todos estes privilegios foram confirmados por D. João II, em Evora, a 24 de julho de 1482; e por D. Manuel, em Vallença, a 16 de novembro de 1502.

D. João IV mandou dar a este convento, pelo almoxarifado de Vianna, 26 cantaros (um quarto, se dizia n'esse tempo) de azeite, por carta régia datada de Lisboa, em 8 de julho de 1647.

Tinha o convento muitas rendas e legados, que foram dados por particulares, e pelos marquezes de Villa Real, e depois pelo duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa Real; mas, sendo ambos suppliciados por traidores (vide Caminha) passou o padroado d'este mosteiro para o infantado.

A imagem de Nossa Senhora das Dôres foi feita em 1823. Tem uma irmandade, que fundou fr. João de S. Thiago, da freguezia de Campos.

O orgão era o melhor da provincia, mas foi tirado da egreja (não sei porque titulo) e está em poder de um particular, mas escangalhado.

A egreja não é grande, mas é das melhores da provincia.

Apesar da pobreza d'este convento, em 1577 e 1630, que foram dois annos de fome por estas terras, nunca n'esta casa abençoada faltou o alimento para os religiosos e para todos os pobres da visinhança, que alli iam matar a fome; o que todo o povo attribuia a milagre da Divina Providencia.

Deu este mosteiro muitos religiosos de extremada virtude, e não poucos de muito saber e eloquencia.

Foi collegio, mas com a creação dos conventos de Melgaço, Monção, Arcos de Valle de Vez e S. Francisco (de Tuy, na Galliza) lhe escassearam os meios, findando em 1787.

No principio só tinha 12 frades, mas por fim tinha 20.

—

No sitio do Córgo, d'esta freguezia, no logar de Paços, tem apparecido uma grande massa de madeiras podres (algumas com o cerne ainda são) que, ardendo, expelle uma materia betuminosa é pessimo cheiro. Supponho que é lenhites que não attingiu o estado de carbonisação completo. Foi isto descoberto em escavações que se fizeram para construir uma fabrica de telha.

Por baixo d'esta materia (do tal carvão fossil imperfeito) ha uma camada d'argilla, boa para louça; mas tão cheia de alumina, que se não poderia empregar n'esta industria, sem ser misturada com outro barro mais simples.

Na primeira camada de lenhites se encontram troncos de grande espessura e tamanho, de uma especie de pinheiro; mas muito differente dos pinheiros que este paiz produz actualmente. Alguns ainda conservam a casca, e até se acham pinhas do tamanho de um ôvo de gallinha, com pinhões do tamanho de sementes de linho.

Tambem aqui apparecem uns globos que parecem de breu (alguns do pêso de 90

grammas) formados de materia sulphurosa.

Encontram-se por estes sitios certos pedaços de uma materia pesada e com apparencia de bronze, quebradiço, e que, exposto ao fogo, faz chamma mas não se derrete. É de certo sulphureto arsenioso.

Tem-se aqui tambem achado varios globos de ferro completamente oxidado, e com um orificio. São evidentemente bombas ou granadas que a acção do tempo decompoz.

—

Teve esta freguezia tres fortes: o de Paços, que é o que está mais bem conservado; o de Bacellar, onde se vêem duas pias, circulares, de pedra, e um pombal (ou cousa similhante) da mesma fórma e de 5m,50 de diametro; e pequenas mós de pedra (picarneis) que os arabes empregavam para moêr os minerios de ouro e prata; e pouco abaixo d'este forte se têem achado tijolos, muito maiores e mais grossos do que os que hoje se fazem. O terceiro forte é o de Eima e Pou, ao N. de Mosteirô. Tem uns fossos profundissimos, por onde correm dois regatos e é rodeado de um emmaranhado e escuro bosque.

Dos dois ultimos apenas ha vestigios.

—

A primeira vez que aqui appareceu a tal lenhites, foi pelos annos de 1816; mas a grande massa de madeiras fosseis foi descoberta em 1840.

Muitos dos troncos tinham as suas raizes; o que mostra terem sido arrancados por algum cataclysmo em tempos remotissimos, provavelmente anti-diluvianos.

Estes troncos assentam em uma grossa camada d'argilla, e estão *encaixilhados* em seixos rolados. O sitio é pantanoso e pertence á classe dos terrenos a que os geólogos chamam *secundarios* ou de *aluvião*.

Ha pois bons fundamentos para acreditar, que a vasta bacia que se estende desde Caminha até S. Pedro da Torre, na margem esquerda do rio Minho, e mesmo todo o vasto terreno baixo que jaz proximo ao rio, entre Vallença e Monção, esteve por muitos seculos coberto pelo mar.

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de Gondelim, que foi da freguezia de Ferreira, de Coura. Consta que passou para esta freguezia, porque, estando perigosamente doente um individuo d'esta aldeia, o abbade de Ferreira se negára a vir ministrar-lhe os sacramentos, desculpando-se com ser de noite, em occasião de tempestade e serem os caminhos, por ingremes, perigosos. Em vista d'isto foi chamar-se o abbade do Cerdal, que promptamente se prestou a acudir ao enfermo com os soccorros espirituaes.

Queixando-se o povo de Gondelim ao arcebispo de Braga, por este acontecimento, elle castigou o abbade de Ferreira, tirando-lhe esta aldeia, e dando-a ao abbade do Cerdal, para sempre, em premio da sua sollicitude.

CERDEDELLO ou **SERDEDELLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Martha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte do Lima, visita de Nóbrega e Neiva.

Situada entre os montes de Lousado e Agrella, que a dividem do antigo couto de Gouduffe. D'aqui se vêem as torres de Ponte do Lima.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, e tem muita caça.

Houve aqui um mosteiro de freiras bentas, fundado no seculo XI ou XII. O arcebispo D. Fernando da Guerra, com breve do papa Martinho V, o converteu em abbadia secular, em 1425, unindo-lhe a freguezia de Suconforto (S. João). As freiras, com a sua abbadessa, terminaram seus dias a pedir esmola por Ponte do Lima.

Esta egreja passou pouco depois a ser uma commenda da Ordem de Christo.

Ha n'esta freguezia uma confraria denominada do Sanctifissetur.

CERDEDO e CASARES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, antigo concelho de Santalha, hoje comarca e concelho

de Vinhaes 490 kilometros ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Em 1757 tinha 11 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, termo de Vinhaes.

Era dos condes d'Atouguia.

Situada em uma ladeira, proximo da raia de Castella, com bôas vistas. Fertil.

O reitor de Santalha (ou Santavalha) apresentava o cura, que tinha 25$000 réis com obrigação de dizer missa alternativamente n'esta freguezia e na de Casares, sua annexa, da qual tambem era cura. Estas duas pequenas freguezias são divididas por um ribeiro anonymo.

Cerdêdo, e Casares, estão ha muitos annos unidas á freguezia de Montouto.

Vide Casares e Montouto.

CERDÊDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em terreno accidentado, mas fertil.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha de rendimento 160$000 réis.

CERDEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, até 1855 foi do concelho de Coja, que foi então supprimido. 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Chamava-se vulgarmente, Cerdeira de Cója. É terra fertil.

Era antigamente da provedoria da Guarda, correição de Viseu, termo de Cója.

Situada em campina.

O vigario de Cója apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 10 alqueires de trigo, 10 de centeio e 2 almudes de vinho.

Tem foral, dado por D. Jorge de Almeida, bispo-conde, em Coja, a 15 de dezembro de 1505. Confirmado por D. Manuel, no foral do bispado de Coimbra, dado em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

CERDEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 70 kilometros de Viseu, 325 ao E. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Sendo supprimido o antiquissimo concelho de Castello-Mendo, em 1855, passaram as freguezias que o compunham para o concelho do Sabugal; mas, em dezembro de 1870, todas as freguezias do extincto concelho de Castello Mendo passaram para o concelho de Almeida. Todavia no decreto não vejo comprehendida esta freguezia, com certeza por êrro ou esquecimento de quem redigiu o decreto.

É hoje pois do concelho de Almeida.

(Vide Castello Mendo.)

Era antigamente da comarca de Pinhel.

Situada em um valle.

O D. abbade dos frades bernardos de Santa Maria de Aguiar apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis, 50 alqueires de centeio, $27^1/_2$ de trigo e $2^1/_2$ almudes de vinho, tudo pago pela commenda, que era do conde-meirinho-mór (conde do Sabugal e Obidos.)

Na capella da Senhora do Monte havia 6 feiras (e não sei quantas hoje ha) que eram, a 25 de março, 15 de agosto, 8 de setembro, dias da Annunciação, da Natividade e da Assumpção de Nossa Senhora.

É terra fertil.

Ha aqui um forte pequeno ou atalaia.

Réga a freguezia a ribeira de Noéme, á qual se junta um ribeiro anonymo.

Tinha foral, dado por D. Affonso III, em Murça, no 1.º de maio de 1253.

CEREJÁES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho de Alfandega da Fé, 395 kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Paulo, evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca e termo de Moncôrvo, depois foi, até 1855, da de Chacim, e sendo esta supprimida, passou para a de Moncôrvo.

Foi dos marquezes de Tavora até 1759, passando então para a corôa.

Situada em alto, d'onde se vêem varias povoações.

O reitor da freguezia de S. Pedro, da villa de Alfandega da Fé, apresentáva o cura, annualmente, e lhe dava 8$000 réis, 2 almudes de vinho e 2 alqueires de trigo. Cada morador lhe dava tambem meio alqueire de trigo.

E' terra pouco fertil.

Cria muitas ovelhas, que produzem finissima lan.

Tem 18 fontes, que quasi sempre seccam na estiagem, sendo então a terra falta de agua.

Corre proximo o rio Sabôr.

CEREJO ou **SEREJO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros a SE. de Viseu, 310 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Viseu e depois o de Pinhel, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 230$000 réis.

CERIZ (S.) ou **S. CYRIACO**—pequena villa, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Cyriaco.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em uma baixa.

É terra fertil.

O cabido da Sé de Miranda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis, 3 almudes de vinho e 3 alqueires de trigo.

Era concelho, com camara e juiz ordinario, escrivães, etc., etc. Foi supprimido ha muitos annos, assim como a freguezia.

Tinha foral, dado por D. Diniz, em Lisboa, a 24 de julho de 1285. (*Livro 1.º de Doações do sr. rei D. Diniz*, fl. 140, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, sem data, e está no *Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 73, col. 2.ª Veja-se tambem a inquirição para o foral novo no *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 11, documento 154.

O foral novo, sem data, remette-se ao foral de Miranda, que foi dado por D. Mannel, em Santarem, no 1.º de junho de 1510; e por consequencia é posterior a este o que se havia dado a S. Ceriz.

CERNÁCHE ou **SERNÁCHE DOS ALHOS**—villa, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao S. de Coimbra, 195 a N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos a villa, e toda a freguezia 353.

Orago Nossa Senhora da Assumpção, ou d'Alegria.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em planicie. É terra fertilissima.

Era dos condes de Athouguia.

O prior tinha duas terças partes dos dizimos, e o cabido de Coimbra a outra terça parte. Era apresentada alternativamente pelos condes donatarios (de Athouguia) e pelo dito cabido. Tinha 600$000 réis.

Foi concelho, e tinha camara, 2 juizes ordinarios, procuradores de concelho, escrivães e mais beleguins; juiz dos orphãos e seu escrivão, um tabellião, um alcaide e uma companhia da *bicha*.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 73 v., col. 1.ª)

Chama-se dos alhos, pela grande abundancia que aqui ha d'elles.

Para a etymologia, vide Serna.

CERNÁCHE (ou **SERNÁCHE**) **DO BOM JARDIM**—freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho e 10 kilometros da Certã, 180 ao E. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

(Parece que é êrro do *Portugal Sacro*, porque o padre Cardoso lhe dá 500 fogos em 1750, e não podia diminuir 391 fogos em 7 annos.)

Orago S. Sebastião.

Está no espiritual annexa ao patriarchado—districto administrativo de Castello Branco.

É do grão priorado do Crato, *nullius dioecesis.*

O reitor tinha 2$000 réis, 1 moio de trigo, 20 almudes de vinho e uma arroba de céra; ao todo uns 80$000 réis.

Tinha dois coadjutores, um com 1 moio de trigo, 1 de centeio, uma pipa de vinho, meia carga d'uvas e 3 alqueires de azeite; o outro tinha 15½ fangas de trigo, 13 de centeio, 15 almudes de vinho, meia carga d'uvas, 8 alqueires de azeite, e 2$000 réis por ensinar a doutrina. Tudo era apresentado pelo grão prior do Crato.

É uma lindissima e fertil aldeia, situada em planicie, coberta de opulenta vegetação, e toda a freguezia muito abundante de aguas e fertil em todas as producções agricolas. Cria muito gado. Nos seus montes ha muita caça.

Feira a 20 de agosto.

—

Aqui nasceu o immortal varão D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) em 25 de junho de 1360. Era filho do prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira. Pelo pae era descendente dos reis da Lombardia, e pela mãe, de D. Bermundo II de Leão. Foi o 2.º condestavel do reino. Foi armado cavalleiro pela mão da propria rainha, D. Leonor Telles de Menezes.

Morreu (no convento do Carmo, de Lisboa, que tinha fundado, e onde se tinha recolhido) no 1.º de novembro de 1430. D. João I e seus filhos assistiram ás exequias.

Quando estava no convento do Carmo, tantas obras de caridade fazia, que todo o povo lhe dava o nome de *Santo.*

As *Chronicas Contemporaneas* trazem umas *trovas* feitas ao *Santo condestebre* e que o povo de Lisboa cantava no seu tempo, que dizem:

O gran condestabre
Em o seu moesteiro,
Dá-nos sua sôpa,
Mail'a sua roupa,
Mail'o seu dinheiro.

A bençon de Deos
Caiu na caldeira
De Nun'Alv'res Pereira,
Que avondo creceu,
E todo lo deu.

Se comer queredes
Non vades além,
Don, menga non tem;
Ahi comerêdes,
Como lo bebêdes. etc.

—

Em 1441, os *Trez-Estados* e os bispos de Portugal, pediram a Urbano IX, e em 1647 a Clemente X, para que D. Nuno fosse canonisado; mas de ambas as vezes os embaixadores hespanhoes taes tricas empregaram, que nada se poude conseguir.

Tal era o odio que os castelhanos tinham a este inclito varão, que nem o lapso de 300 annos o poude obliterar!

Pois merecia bem ser canonisado, porque sendo um bravissimo guerreiro, era ao mesmo tempo muito caritativo e bemfasejo e tinha uma alma nobilissima.

Anda-se agora de novo tratando em Roma da sua canonisação.

Portugal tem tido grandes homens, mas ninguem ainda fez tantos e tão assignalados serviços á sua patria como este guerreiro illustre. Na edade de 25 annos, contribuiu poderosamente para a gloriosissima victoria de Aljubarrota, e por muitas vezes derrotou os castelhanos, em batalhas sanguinolentas.

D. João I, que quasi lhe devia a corôa, o amava com amor de irmão, e o encheu de honras e riquezas. Foi o 2.º condestavel do reino. Em premio das suas assombrosas proezas em Aljubarrota, foi feito conde de Ourem. Pela victoria de Val-Verde, foi feito conde de Barcellos. Foi tambem conde de Arrayolos. O rei o fez mordomo-mór do paço e lhe deu o senhorio de 60 villas acastelladas! Se ninguem o poude egualar em serviços, tambem ninguem o egualou em honras e riquezas. Além d'isto o rei casou seu filho natural, D. Affonso, com a filha unica de D. Nuno, D. Beatriz. Este D. Affonso foi o 1.º

duque de Bragança, e tronco de quasi todas as familias reinantes da christandade.

A sua primeira victoria foi na batalha dos Atoleiros, na qual derrotou os castelhanos, commandados por seu irmão, o traidor Pedro Alvares Pereira.

Entrando por Castella, derrota em Valverde 30:000 castelhanos commandados por os grão-mestres das ordens militares, morrendo o da Ordem de S. Thiago (5 de outubro de 1385).

Finalmente, taes proesas obrou, que bastava dizer-se: — *Ahi vem o Condestavel!* — para os castelhanos fugirem espavoridos.

—

Vide Aljubarrota, Barcellos, Flor da Rosa, Guarda e Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia um seminario, mandado construir por D. João VI, nos fins do seculo XVIII (quando ainda era principe regente) e que pertencia á *Congregação das Missões*. É actualmente o *Collegio das Missões Ultramarinas*.

É um edificio magestoso, apesar de incompleto, tendo na frente 28 janellas, que deitam para um lindo pateo.

A egreja d'este collegio é ampla, sumptuosa e magnificamente ornada.

Tem uma linda e fertilisissima cêrca, muito abundante d'aguas.

O governo, porém, tem feito muito pouco caso d'isto, e, se lhe não acodem os particulares, vae indo até se desmantelar.

Ha tambem n'esta freguezia a linda vivenda da *Quinta das Aguias*, que era um convento de frades. O edificio do convento está agora transformado em palacio. A antiga cêrca dos frades, hoje transformada em *quinta*, é vasta, muito abundante de aguas e fertilissima. (Vide Certan.)

—

D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga (Irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos dos condes da Feira) sendo estudante em Salamanca, teve de uma nobre dama, chamada D. Thereza Pires, a D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do Grande D. Nuno Alvares Pereira.

Este arcebispo era tambem um bravissimo militar. Nas guerras que houve em 1336 com os castelhanos, entrou D. João de Castro, governador da Gallíza, pela provincia do Minho, com um grande exercito castelhano, roubando e queimando tudo.

Sahiu-lhe ao encontro o bravo arcebispo, com alguns portuguezes, que á pressa poude juntar, e os derrotou completamente, com morte do general inimigo, tomando-lhes todos os roubos que elles tinham feito e todas as suas bagagens. Teve logar esta batalha no 1.º de junho de 1336.

O arcebispo morreu a 6 de março de 1348 e jaz em uma nobre capella, mandada fazer por elle mesmo na Sé de Braga.

CERNADA ou **SERNADA**—Vide Serna.

CERNADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago a Apparição de S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Cortiços.

O reitor de Cortiços apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

Passa aqui uma ribeira que quasi sécca no verão.

É terra fertil.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á dos Cortiços. (Vide Cortiços.)

O nome d'esta freguezia é derivado de *Serna*, que no antigo portuguez, significa — *herdade que se semeia e tributo que se paga por ella ser cultivada*. (Vide Serna.)

Tem foral dado em Constantim por D. Affonso II, em 23 de fevereiro de 1222 (Livro 2.º de *Doações do Senhor Rei D. Affonso II*, fl, 52, in fine, e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl 120, col. 2.ª)

Vem incluido no foral novo da villa de Cortiços. (Vide esta palavra.)

CERNADELLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 349 ao N. de Lisboa, 118 fogos

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O reitor de Alvarenga apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

CERNANCELHE ou SERNANCELHE—villa, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, 40 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos (no concelho 950).

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O vigario era apresentado pelo commendor de Cernancelhe e tinha de renda 20$000 réis e o pé d'altar.

Situada em um alto, a 1 kilometro ao N. do rio Tâvora. Tem um antigo castello desmantelado, que se diz foi reedificado em 1124, por João Viegas e Egas Gozendes (ou Gondezendiz) descendentes do grande Arnaldo de Bayão.

É povoação antiquissima; e estando abandonada pelos arabes, os taes Egas Gozendes e João Viegas (que julgo eram irmãos) a povoaram e lhe deram foral a 26 de outubro do dito anno de 1124.

Em 1158 se concertaram os habitantes d'esta villa com D. Affonso I, offerecendo-se a pagar-lhe annualmente 200 libras, com a condição de nunca ser a villa dada a *ricos-homens* ou senhores particulares, mas andar sempre na corôa.

Chamava-se antigamente *Semorzelle*, e este nome lhe dá Dona Flamula, senhora d'este castello e d'outros muitos, no seu testamento feito em 960. Vide Langroiva, (e o Livro 1.º de *Mumma Domna*, de Guimarães, a fl. 7).

D. Affonso II lhe deu foral, confirmando-lhe os seu privilegios, em Pinhel, em fevereiro de 1220.

Tem ainda uma sentença de foral. dada por D. João I em 27 de junho de 1430.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Tem Misericordia. É terra fertil.

A 3 kilometros da villa está o convento de freiras franciscanas, chamado da *Ribeira* fundado por frei Pedro da Ameixeira, em 1460. Foi primeiramente de frades da mesma ordem, até 1520, em que D. Maria Pereira, da casa dos condes da Feira, tomou esta casa aos frades (não sei com que fundamento ou pretexto) e o fez de freiras, professando ella aqui e sendo a sua primeira abbadessa; mas ficou sujeito á mesma regra.

Esta senhora foi tambem a fundadora do convento da *Rua*.

Este convento foi supprimido em 1873, e as senhoras seculares que n'elle se asylavam, postas na rua. A maior parte d'ellas andam a pedir esmola. Até, em Lisboa, o jornal—*Diario de Noticias*, anda (1874) a promover uma subscripção para estas infelizes e edosas senhoras. Sería menor crueldade, se o governo, que as expulsou do seu unico abrigo, as transferisse para outro convento ainda habitado, onde ellas terminassem em paz o resto de seus tristes dias.

—

O Senhor D. Miguel I fez visconde de Cernancelhe, o doutor José da Gama e Castro, varão exemplar e illustradissimo e um verdadeiro portuguez. Arremessado ás plagas do exilio, em 1834, fixou a sua residencia em Paris, e alli foi muitos annos correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Era um escriptor elegante e consciencioso.

Falleceu, estimado de quantos o conheciam, em novembro de 1873, com 78 annos, na cidade que 39 annos lhe serviu de refugio.

—

No foral de 1124, se ordena que «*Se a mulher fizer malfairo* (adulterio) *o marido repartirá toda a sua fazenda, de meio a meio com o senhor da terra, e a mulher ficará sem nada*» (os donatarios até especulavam com isto! E se o adulterio fosse commettido com o senhor da terra?)

No *Tombo do Aro*, de Lamego, feito em 1346, tambem (a fl. 3) vem uma pena similhante, mas a metade é para o rei! (Não bastava aos infelizes ficarem deshonrados e

seus filhos quasi orphãos, senão ainda por cima, roubados legalmente!)

—

Na aldeia de Santo Esteves, d'este concelho ha um castanheiro (diz um jornal de Coimbra, de dezembro de 1873) que mede 18 metros de circumferencia.

Tem dado alguns annos cem razas de castanhas. Calcula-se que produziria 200 carradas de madeira.

Se é verdade isto, decididamente é a mais gigantesca arvore de Portugal, ficando-lhe a perder de vista o *pinheiro d'Evora*, de collosal memoria; o famoso *carvalho de Barbosa* e o célebre pinheiro manso de Rio Meão.

É propriedade do sr. Luiz de Figueiredo Pereira Pinto de Carvalho.

CERNANDE ou **SERNANDE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor do Salvador d'Unhão apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

A mesma etymologia. Alguns tambem dão a esta freguezia o nome de Cernende.

CERTAN ou **SERTAN**—villa, Beira-Baixa, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E. de Thomar; na villa e freguezia 900 fogos, 3:600 almas; no concelho 3:250 fogos; na comarca 8:500.

Em 1660 tinha 300 fogos.

Em 1757 tinha 904 fogos na villa e freguezia.

Orago S. Pedro, apostolo.

Está annexa, no espiritual, ao patriarchado de Lisboa. É no districto administrativo de Castello-Branco.

Era antigamente do priorado ouvidoria e correição do Crato, comarca e provedoria de Thomar.

Era uma das 12 villas que o constituiam.

Situada em planicie, entre duas ribeiras (uma chamada Certan outra Amicso) que ambas se juntam no fim da villa, e desaguam no Zêzere.

Esta villa foi fundada por Sertorio, 74 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Certago*, que depois mudou para *Certagem* e finalmente para *Certan*. O mesmo Sertorio lhe fundou então o castello.

Quasi todos os auctores dizem que a origem do nome d'esta villa foi pelo facto seguinte:

Quando ainda se andava construindo o castello, foi a povoação atacada pelos romanos, matando no combate um nobre cavalleiro lusitano. Então Celina (ou Celinda) sua mulher, sahiu desesperada ao encontro dos romanos,) que já tinham entrado no castello) com uma *certan* cheia de azeite fervendo, e deu com elle na cara aos romanos, que espantados fugiram tornando os lusitanos a fechar a porta do castello até serem soccorridos.

É por isto que a villa tomou por armas uma certan, com a legenda—*Certago sternit certagine hostes* (a Certan derriba os inimigos com a certan).

Do castello apenas existe o sitio. Ainda ha poucos annos se conservava a porta onde Celina immortalisou o seu nome; mas foi barbara e estupidamente demolida para que as suas pedras fossem empregadas no concerto do arco de uma ponte. Nem a sua veneranda velhice, de 18 seculos, nem a notabilidade que lhe tinha dado a valorosissima lusitana, (pois que foi junto a esta porta que Celina fritou a cara aos romanos) valeram áquelle célebre monumento.

O conde D. Henrique reedificou esta villa e o seu castello em 1111, dando-lhe foral com grandes privilegios em 9 de maio d'esse anno.

Outros dizem que não foi o conde D. Henrique, mas seu filho D. Affonso I que a reedificou e lhe deu foral com grandes privilegios (para attrahir para aqui habitantes) pelos annos 1150. Isto é mais provavel, todavia Franklin não falla em foral nenhum senão no de D. Mannel.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 12.º

A villa tem a fórma de uma peninsula, formada pelos dois rios já nomeados, que se juntam ao fundo da villa, proximo ao convento.

Trez boas pontes de cantaria dão entrada para a villa (a de Santo Amaro, a da Varzea e a da Madeira, por ter sido primeiramente de páo).

É magnifica a entrada principal para a villa, pelo *Largo da Carvalha*, que é uma frondosa alamêda.

Em seu termo é grande a producção de cereaes, fructas, vinho, azeite e castanha.

Tem um bom mercado todos os sabbados e 4 grandes feiras cada anno. A de Santo Amaro, a dos Passos (em uma sexta feira de março) domingo de Pascoella e S. Lucas (a 18 de outubro.) Tem gado e caça.

Misericordia, fundada no reinado de D. João III. Tem tambem hospital, que parece mais antigo, o qual foi annexado á Misericordia em 1565.

Na extremidade da villa, onde se juntam as duas ribeiras, está o convento de capuchos de Santo Antonio, em formosa posição. Este convento foi fundado em 1635, por fr. Christovão, de S. José lançando-se-lhe a primeira pedra no dia 2 de maio d'esse anno. É hoje o palacio e *Quinta das Aguias*.

Já é em territorio da freguezia de Cernache de Bom Jardim.

Consta que a capella de S. João Baptista já foi egreja matriz. Antes de 1834, tinha juiz de fóra, 3 vereadores, escrivães e mais officiaes, feitos pelo grão prior do Crato, que era tambem alcaide-mór da Certan.

As duas ribeiras eram da casa do infantado, e os que se serviam das suas aguas lhe pagavam fôro.

A ribeira da Certan nasce na freguezia do Estreito, termo de Oleiros, e juntando-se ao Amioso, no sitio d'Entraguas, junto á cêrca que foi do convento, e depois ás ribeiras de Palhaes, Nesperal e Cernache, morre no Zêzere.

Até ao principio d'este seculo, era o districto d'esta villa dividido em 9 capellanias, com 850 fogos.

A matriz da villa é uma bôa egreja de 3 naves, tendo por orago S. Pedro, apostolo.

O vigario (que o era tambem da vara n'esta villa e seu termo e nas villas d'Oleiros, Alvaro e Pedrogão Pequeno) era apresentado pelo grão prior do Crato. Tinha 22$580 rs. 4 moios de trigo, um de centeio, 66 almudes de vinho, uma carga d'uvas (para tinta) 6 alqueires d'azeite (3 cantaros) e 56 alqueires de pão, de passaes; tudo pago pelo grão prior. Tinha 6 beneficiados curados, cada um com 2 moios de trigo, e um de centeio, uma pipa de vinho, meia carga d'uvas para tinta, 3 alqueires d'azeite e 4$000 réis em dinheiro.

O Thesoureiro tinha um moio de trigo, 40 almudes de vinho, 5 cantaros d'azeite, 10 alqueires de trigo para hostias, 2$000 réis em dinheiro, e mais outros dois mil réis por ensinar a doutrina. O organista tinha 4 mil réis, o vigario do côro 2$000 réis, o mestre de solfa, um moio de trigo. Tinha mais esta egreja 6 mercieiras, cada uma com 20 alqueires de pão, 6 canadas d'azeite e 3 môços do côro, cada um com 1$800 réis.

Tudo isto pagava o grão prior.

(Ha em Portugal tambem 3 aldeias chamadas Certan)

Na *Poblacion General de Hespana*, diz Rodrigo Mendes da Silva, que n'esta villa, em 1624, uma mule pario outra mula. Pode ser.

O que é certo é que em 1624 vivia o tal Rodrigo Mendes da Silva.

—

A pouca distancia da Villa da Certan, está situada á ermida de Nossa Senhora dos Remedios.

Todos os annos no dia 15 d'agosto se faz ali uma festa, que termina de tarde com o sahimento da Senhora em torno da sua ermida. A concorrencia de romeiros a esta festa é sempre immensa, e muitos vem de grandes distancias.

Esta ermida tem a seguinte tradição:

Andando á caça um fidalgo, foi acommetido d'uma formidavel serpente, que vivia no centro do espesso matto que então ali existia.

Horrorisado com similhante apparição, trepou para cima d'uma arvore, e possuido

de grande susto, invocou o auxilio de Nossa Senhora dos Remedios, e com tanta fé pediu á Senhora que esta o ouviu, porque repentinamente se achou tão encorajado, que logo carregou a espingarda, e com toda a firmeza e felicidade disparou sobre o horroroso animal, matando-o instantaneamente.

Mais se diz, que, logo em seguida, mandára construir no mesmo local em que a serpente cahiu morta, a ermida a Nossa Senhora, e por sua morte lhe doou alguns bens para a sustentação do seu culto.

Ao lado do altar, onde está collocada a imagem, existe, para memoria, a queixada da serpente, que seguramente tem de comprimento um metro.

Este sitio é mui pittoresco e aprasivel, todo circumdado de immenso arvoredo, experimentando-se n'elle uma certa suavidade que delicia e encanta.

—

O concelho da Certan é composto de 14 freguezias que são — Cabeçudo, Carvalhal, Castello, Certan, Cumiada, Ermida, Figueirêdo, Marmelleiro, Nesperal, Palhaes, Pedrogão Pequeno, Cernache do Bom Jardim, Troviscal e Varzea dos Cavalleiros.

—

A comarca compõe-se dos julgados da Certan, Oleiros, Proença a Nova e Villa de Rei.

CERTAN — rio, vide *Certan*, villa.

CÉRTOMA ou **CÉRTEMA** ou **SÉRTEMA** — rio, Douro, que nasce no sitio das Lameiras, no Couto da Vaccariça, junto ao convento do Bussaco; junta varios regatos e váe desaguar na esquerda do Agadão (ou Aguedão) no sitio do Requeixo. Réga e móe.

Passa perto da Anadia. Proximo da sua foz, fórma a pateira, navegavel, de Fermentellos. Vide Bairrada.

Dizem que o facto seguinte deu origem ao seu nome:

Passando por elle a rainha Santa Isabel, e querendo beber, lhe disseram que o não fizesse, que era agua de pessima qualidade, tanto para a gente, como para o gado que d'ella bebia. A Santa provou, e disse—«*Cérto má!*» — e ficou-lhe o nome; mas desde então por diante ficou sendo esta agua d'optima qualidade.

Isto não passa d'uma lenda. O nome d'este rio é árabe *(Sertemma)* composto do imperativo do adverbio *sára* (andar) e do adverbio *temma* (ahi.) Quer dizer—*Caminha para ahi* — *Vae para lá.* Em todos os papeis antigos se escrevia como os árabes e pronunciavam *Sértema.*

CÉRVA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho de Ribeira de Pena, 60 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. Lisboa, 550 fogos.

Tinha a villa e freguezia, em 1757, 411 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Guimarães, e concelho (com 770 fogos) que foi supprimido em 1855.

Situada em um valle fertil.

Alguns tambem escrevem *Sérva*, mas julgo que é érro; todavia, no foral de Mondim (que é de Mondim e Cérva) vem escripto com *S.*

Eram seus donatarios os marquezes de Marialva.

As freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 400$000 réis. Tinha 3 economias (especie de beneficios) cada uma das quaes rendia 72 alqueires de pão, 66 almudes de vinho e 390 réis em dinheiro, tudo pago pelas ditas freiras, que recebiam os disimos d'esta freguezia, os quaes rendiam annualmente 4$500 cruzados (1:800$000 réis)

É terra muito fertil e cria muito gado e caça.

No termo da villa ha a Fonte Santa, a cuja agua se atribue a virtude de curar varias molestias.

Passa aqui o rio Cerva, que nasce na Serra d'Ordens, e recebendo o rio Lourêdo, no sitio das Pontes Velhas, morre no Tâmega, que tambem passa proximo da villa.

Em dezembro de 1870 appareceu aqui uma porção de dinheiro, de cobre, do imperador romano *Vespasiano.*

Consta que D. Manuel lhe deu foral em 1517; mas Franklim não traz foral velho nem novo d'esta villa.

Diz sómente que o seu foral era o de Mondim (Liv. dos Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 27. Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 22.)

—

Se me julgo obrigado a mensionar n'esta obra todos os varões que illustraram e enobreceram a patria, pelo seu valor nas batalhas, contra os inimigos de Portugal; pelos seus talentos e obras litterarias; ou pelo exemplo de suas notaveis virtudes e santidade; não me julgo menos obrigado a divulgar os nomes d'aquelles utilissimos cidadãos, que, á força de insanos e honrados trabalhos, com risco de vida, em paizes insalubres, onde o leão, o tigre, a onça, o leopardo, e outras féras voracissimas; e monstruosos reptis (dos quaes a mais leve ferida é a morte) augmentam ao audacioso emprehendedor os perigos da vida, e, quando menos, a perpetua aniquilação da saude.

São dignos da nossa estima e do nosso respeito, aquelles que d'um bêrço humilde, se souberam elevar, á força de trabalhos honrados e sérios perigos, a uma esphera superior, e muito mais dignos são de respeito e consideração, se elles se não envergonham da humildade do seu nascimento.

Quatro homens d'esta classe tenho a apresentar aos meus leitores, d'esta freguezia.

São os trez irmãos, os srs. Manuel José Machado, Francisco Xavier Machado e Joaquim José Machado; e José Gonçalves da Silva.

Manuel José Machado, que falleceu em Lisboa, no fim do anno de 1873, era um dos maiores capitalistas d'esta cidade.

Depois dos trez irmãos Teixeiras de Sampaio (conde da Póvoa, barão de Sampaio, e visconde do Cartaxo) cuja casa reunida valia em 1827 *vinte milhões de cruzados (!)* tudo por elles adquirido, pois nada herdaram de seus paes, era a casa commercial de Manuel José Machado e irmãos, a mais rica e poderosa de Lisboa.

Tinham riquissimas casas commerciaes, além de Lisboa, na Bahia, Pará, Gibraltar e Algeciras.

Em um dos ultimos balanços, só a casa de Manuel José Machado, na Bahia, valia dois mil contos liquidos, e era das mais inferiores em riquezas.

A caixa de Manuel José Machado, em Lisboa, era reputada a primeira d'esta praça.

Morreu *ab intestatu*. Sete partes da sua fortuna pertencem a herdeiros cujas casas são em Traz-os-Montes, no districto de Villa Real Duas partes são provavelmente para o Brazil, e trez ficam em Lisboa, que são as do sr. João José Machado, sua esposa e cunhada, tambem suas primas e sobrinhas do fallecido, que deixou 12 parentes collateraes.

A pesar d'avultadas esmolas e valiosos legados que elle proprio distribuiu nos ultimos annos da sua vida, ainda assim legou aos seus uma fortuna verdadeiramente colossal.

—

Apesar do que dizem alguns estrangeiros, e da pequenez do reino de Portugal, ainda se contam n'elle muitas casas que se podem dizer riquissimas.

A casa de Henrique Teixeira de Sampaio, primeiro barão de Teixeira e primeiro conde da Póvoa (fallecido em 1832) valia 8:400 contos de réis. Rendia annualmente 227 contos! É actualmente da casa Palmella.

Só em Lisboa ha uns 12 ou 14 individuos cada um dos quaes possue para cima de mil contos de réis.

Em bens de raiz ha duas casas enormes, que, mesmo em Inglaterra, seriam grandes.

A do sr. duque de Cadaval, rende annualmente uns 300 contos.

A casa Palmella (junta com a da Póvoa) te mum rendimento pouco inferior.

—

Aqui nasceu tambem José Gonçalves da Silva, que morreu no Maranhão, pelos annos de 1830. Era alcaide-mór de Itapicurú-Mirim (provincia do Maranhão, Brasil) e o maior proprietario da provincia. Já em 1820 tinha uma fortuna calculada em 2:800 contos (7 milhões de crusados!) em dinheiro, commercio e estabelecimentos agricolas, nos quaes trabalhavam 2:000 escravos seus. Se as suas propriedades podessem reunir-se, formariam uma zona de 6 kilometros de largo e 180 de comprido!

CERVÃES — villa, Minho, concelho do

Prado, comarca e 12 kilometros ao NO. de Braga, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Villa Verde, 360 kilometros de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 235 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Antigamente era metade da freguezia da comarca de Vianna, termo do Prado, e a outra metade era couto da cidade de Braga.

Diz-se que a egreja foi convento de templarios, e por extincção d'elles (1311) foi do arcediago do couto, até ao concilio de Trento (1545 a 1556) em cujo tempo foi (como outras muitas do reino) reduzida a beneficio *curado*.

Antes da instituição da ordem dos templarios em Portugal, era este mosteiro, de monges benedictinos, que S. Martinho de Dume havia fundado pelos annos de 560 (vide Dume) o qual foi aqui religioso. Não se sabe porque razão os templarios tomaram conta d'este mosteiro e o habitaram até á sua extincção; passando depois a ser dos arcebispos o que era *couto de homisiados*, dos templarios.

—

N'esta freguezia se fabrica muita louça ordinaria, de barro.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora do Bom Despacho, a que deu principio o eremitão João da Cruz, natural de Monção, em 1640, e que era eremitão da capella de Nossa Senhora da Estrella, que fica pouco mais a baixo, edificada entre dois penedos, tendo no reconcavo d'elles os passos da Paixão de Jesus Christo.

Estando já adiantada a obra, o povo lançou por terra a casa, por imaginar que seria para convento de frades, que por nenhum modo queriam.

O eremitão queixou-se ao general das armas, da provincia do Minho, D. Diogo de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira, que tinha o seu quartel general em Braga. Veio elle com tropa e socegou tudo.

A obra adiantou-se muito, e mais se adiantaria se aqui não mettessem beatas com eremitões, pretendendo fazer um mosteiro *duples* (dos dois sexos) como se usou muitos seculos, e como se verá pelo decurso d'esta obra. Foi supprimido.

—

Está n'esta freguezia a torre de Gomoriz, solar antigo, de que foi senhor Francisco da Cunha da Silva, filho de André Velho de Azevedo, o que lhes veio por descendencia da casa de Azevedo, de quem era o dito solar.

Na porta travessa da egreja matriz, em uma pedra, está a seguinte inscripção, em lettras gothicas:

FEITA NA ERA MIL E
DUZENTOS ANNOS DOM.
4. B. B. VELLASCO VIEGAS
ME FECIT.

Tem pois esta egreja, em 1874, 712 annos, visto que a era (de Cesar) 1200 é o anno de Jesus Christo 1162.

A mitra de Braga apresentava o reitor, por concurso synodal. Tinha este, de rendimento annual, 70$000 réis.

A parte da freguezia que era couto da mitra, tinha juiz ordinario, do civel, crime e orphãos, dois vereadores, procurador, alcaide, escrivães, etc.

Tinha este couto o privilegio de os criminosos d'elle não serem punidos com pena de morte, qualquer que fosse o crime!

É terra muito fertil.

CERVEIRA—vide Villa Nova da Cerveira.

CÉRVOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Montalegre, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 108 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Terra montanhosa, mas seus valles são ferteis, e a maior parte da freguezia está situada na planicie, na base occidental da serra de Leiranco. É abundante em centeio, batata e castanha, produz optimo linho gallego e algum milho; cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino.

Tem, na serra, lobos, raposas e muita caça miuda.

Dizem uns que o nome lhe provém de haverem muitos cérvos antigamente nos seus montes. Outros dizem que é porque os romanos aqui fundaram uma colonia de servos. A primeira versão é mais verosimil.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia a de Santa Maria de Sarraquinhos.

Compõe-se esta freguezia de 4 aldeias, que são: Cérvos (séde da parochia) Arcos, Villarinho e Cortiço.

O pequeno rio Bessa atravessa a freguezia, que corre na direcção de NE. a SO. e recebe, dentro dos limites da freguezia, pela margem direita o ribeiro de Avenó, que nasce no valle de Fervidas, e o da Cova do Forno, que nasce junto ao logar de Morgade; tendo corrido juntos, a distancia de uns 800 metros. Pela esquerda recebe os ribeiros de Varziellas, que nasce a E. do logar d'Arcos, e mais abaixo o de Cérvos. Todos estes ribairos são abundantes em escallos, bógas, enguias e saborosas trutas.

Tambem esta freguezia é cortada, na direcção de SO. NO. pela estrada real, do antigo systema, que de Chaves vae a Montalegre, passando pelo centro da povoação d'Arcos, muito conhecida, não só por este facto, mas tambem por ser a primeira aldeia que se encontra, depois de ter subido a serra de Pindo. sobre uma ponte de um arco, feita em 1803, a qual atravessa aqui o rio Bessa, ao SO. e uns 400 metros da aldeia do Cortiço.

Ao NE., e a 50 metros d'esta ponte, está um môrro chamado Crasto, de difficil subida pelo SO., pela sua escabrosidade e quasi perpendicularidade; mas pelo E. e N. de facil subida até ao seu cume, onde está uma chapada um plató, de fórma quasi circular, cercada de tres ordens de fossos e muralhas, com a altura de 1^{m}50 a 2^{m}, feitos de terra e pedras miudas, sem outros alguns vestigios de mais fortificações.

Ao NE. da aldeia do Cortiço, e na distantancia de 300 metros, está outro pequeno môrro, quasi todo cultivado, em que, segundo a tradicção, existiu um *facho*, e por isso ainda se lhe chama Outeiro do Facho.

Na mesma direcção, e a distancia de um kilometro, existe no centro de uma deveza de Carvalhos, uma capella dedicada a Nossa Senhora da Natividade, vulgarmente denominada Nossa Senhora de Gallêgos, em razão do sitio onde está se chamar Deveza de Gallêgos.

Tem 2 altares, e exteriormente um bom adro de cantaria, com assentos em volta, e rivalisa com a melhor egreja parochial do concelho de Montalegre. Tem festa e romaria, no dia 8 de setembro de cada anno, ás quaes concorre muita gente pela grande devoção que consagram a esta imagem.

Proximo á capella existem vestigios de povoação antiquissima, e sepulturas abertas em fórma de corpo humano, cavadas em penedos. Não se sabe que povoação foi, nem a causa da sua ruina: ha porém todas as razões para acreditar que era habitada por um povo arabe, visto que se encontram aqui as taes sepulturas, feitas ao modo dos mahometanos antigos, que, sem duvida demonstram ser aqui um *almocabar* (cemiterio) mourisco. (Vide Almocavar e Corvite.)

—

N'esta aldeia do Cortiço nasceu, em 1779, o habil e distincto facultativo, José dos Santos Dias, bacharel em medicina, pela Universidade de Coimbra, medico da camara de Montalegre, do partido das Caldas do Gerez, onde fez relevantes serviços. Era de muitos conhecimentos litterarios, e cidadão honradissimo.

—

No territorio d'esta freguezia se descobriu, pelos annos de 1770, junto da estrada de Chaves para Montalegre, no cume da serra do Pindo, a pequena distancia do logar do Antigo d'Arcos, povoação da freguezia immediata, de Sarraquinhos, um marco miliario, que tem de circumferencia 1^{m}15, e de altura 1^{m}19. Na circumferencia da base se vêem ainda os cortes das cunhas, com que se rachou o penêdo.

É de fórma cylindrica, e tem a seguinte inscripção:

TI. CAESAR DIVI. AUG. F.
DIVI. TVLI. NEP. AUG. PONT.

MAX. IMP. VIII. CŌS. V.
TR. PRET. XXXIIII
BRAC. AUG. LIX

—

Quer dizer:

Dedicado ao imperador Tito Cesar Augusto, divino, pontifice maximo, filho de Augusto. Oito meves consul, cinco tribuno e trinta e quatro pretor. D'aqui a Braga, são 59 milhas.

Está collocada no patim da escada de um lavrador do referido logar do Antigo d'Arcos.

—

Pelos annos de 1840, appareceu, ao S. do mesmo logar, outro marco miliario, de 1m90 de alto e o mesmo de circumferencia. Antes de ser empregado em columna de uma varanda, em que ainda existe, tinha mais 0,m50 de altura.

Tem a seguinte inscripção:

TI — CAES. AVG. DIV.
.SA. F. AVG. C. . . . .
. . . . NIC. . . VS. P. O.
IMP. . . . . VCO. . . . .
POT. . . . III. . . . P. . .
. . . . AVG. . . . . .

Não se póde traduzir, por imcompleta.

—

No sitio do Vidual e no de Travassos da Chan, se encontram montões de pedra e terra e outros vestigios, que mostram ter por aqui passado, bem como pelo Crasto e Cortiço, já referidos, uma das vias militares romanas, que de Braga sahiam para a Hespanha; o que estes dois marcos miliarios evidenceiam. Talvez fosse ramal de outra e que se separasse em Penedónes (mais ao S.) Esta sahia de Braga e seguia a Salamonde, Codeçoso do Arco, Villa da Ponte, Penedónes, S. Vicente da Chan, Peireses (antiga *Beresir*) Caladuno (antiga cidade, ao S. de Gralhas) Castellãos e Chaves.

—

Agradeço sinceramente ao reverendissimo sr. José dos Santos Moura, digno e illustrado abbade da freguezia de Caires, estes e outros apreciaveis esclarecimentos, que teve a bondade de me remetter, de varias freguezias do Norte.

CERZEDELLO ou **SERZEDELLO** ou **SARZEDELLO** — villa, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 18 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Antigamente era do concelho de Lanhoso e da Ribeira de Soaz, comarca de Guimarães.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 550$000 réis de rendimento.

Fertil em cereaes.

Passa aqui um ribeiro, que nasce na freguezia de Santo Adrião de Soutêllo e morre no Ave.

CERZEDELLO ou **SERZEDELLO** ou **SARZEDELLO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a camara ecclesiastica de Braga, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha de rendimento annual 150$000 réis.

Esta egreja foi de um mosteiro de monges benedictinos, que aqui houve em tempos antigos. Passou no seculo XV a abbadia secular e por fim a reitoria.

E' n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora do Monte.

CERZEDO ou **SERZEDO** — freguezia, Minho, comarca, concelho, termo e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 9 ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1755 tinha 93 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da *visita* de Monte Longo. Passa aqui o rio Visella. E' fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CERZEDO ou **SERZEDO** — freguezia, Douro, concelho e 11 kilometros ao S. de Gaia, comarca e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O prior do convento de conegos regrantes, de Grijó (cruzios) apresentava o cura, que tinha de rendimento annual 70$000 réis.

E' terra muito fertil.

Passava aqui a antiga estrada mourisca. Vide S. Felix da Marinha.

CESÁR — vide Cezar.

CÉSTRO — portuguez antigo (ainda usado em algumas partes do reino) *mau, prejudicial, adverso.* Tambem significa *mau costume, má manha,* e é n'esse sentido unicamente que hoje se emprega, escrevendo-se *Séstro.*

CETOBRIGA ou **TROIA** — Na margem esquerda do Sado, ou Sadam (antigamente chamado *Calipo*) e desde a sua foz até á Comporta, corre uma faxa ou zona de terra, que tem 16 kilometros de comprido e 5 a 6 de largo, banhada ao S. pelas aguas da enseada de Sines e ao N. pelas do Sado.

Na *ourella* boreal d'esta faxa, em frente de Setubal (que fica na margem direita do Sado) existem as ruinas da antiquissima cidade phenicia, chamada pelos seus fundadores *Cetobriga,* e vulgarmente *Troia,* mencionada por Claudio Ptolomeu Alexandrino e por outros muitos auctores.

Caio Plinio, segundo, que percorreu as Hespanhas citerior e ulterior, e passou algum tempo na Bética, como intendente de Vespasiano, descreve a costa d'aquem do Estreito, do modo seguinte: «A que se estende desde o *Ana* (Guadiana) defrontando com o Atlantico, está povoada de bastulos e túrdulos.» Eram pois estes dois povos que estanciavam ao norte do Ana. Plinio e Mela dizem que os túrdulos occupavam a região maritima desde o Tejo até ao Douro portanto, eram os bastulos os habitantes de *Cetobriga,* antes da dominação romana.

Em Strabão vem uma nota topographica ainda mais positiva. Começa a descripção pelo *Promontorio Sacro* (Cabo de S. Vicente) e depois de ter feito menção geral dos bastulos que habitavam a costa, faz menção especial de uns que habitavam uma estreita faxa de terra junto ao mar *(angustum accolunt littus.)* Ptolomeu dá a estes povos a denominação de bastulos-penos. Appiano lhes chama bastulos-phenicios.

Notemos que *phoenices, poenices, punici, poenici* são uma e a mesma cousa, porquanto as vozes *poenos, puniceus, punicus, phoenix, phoenicius* ou *poenicius,* todas significam *vermelhos, erythrios, os do Mar Vermelho,* d'onde os phenicios se estenderam até Sidon e Tyro, e depois a Carthago e ás Hespanhas.

Segundo elles, a sua fundação remonta ao anno do mundo 3200, isto é, 804 antes de Jesus Christo.

Strabão e Avieno dizem que os phenicios d'aquem e d'além das Columnas d'Hercules (estreito de Gibraltar, por onde o Atlantico se communica com o Mediterraneo) em tempos antiquissimos e por muitos annos, fizeram exclusivamente commercio com as Ilhas Cassiterides, costeando a Lusitania, e fundando na costa, cidades e feitorias.

Os objectos achados nas escavações d'esta velha cidade, corroboram isto; pois, em 1814, desmoronando-se uma ribanceira que entestava com o rio, deixou a descoberto um pequeno caixão de chumbo (que foi entregue a D. Rodrigo de Lencastre, então governador de Setubal) contendo objectos incontestavelmente phenicios.

Em casa do sr. duque de Palmella existe uma taça de prata, com figuras mythologicas em relevo, vermiculadas de ouro, que é um dos objectos contidos no tal caixão de chumbo.

Cetobriga ainda era povoada no tempo dos romanos, cujos vestigios se encontram frequentemente nas escavações que aqui se têem feito, como estatuas, sepulturas de pedra e de *adobes* (tijolos cosidos ao sol) umas com ossadas, outras com cinzas; columnas; cippos; medalhas; inscripções e outros varios objectos.

—

Os romanos, alatinisando a palavra, como sempre faziam, lhe chamavam *Cetobrica*, *Caetobrix*, *Catobrica* e *Castobrix*. Suppõe-se que esta cidade foi subvertida (coberta com as areias que o mar sobre ella arrojou) pelos annos 420 a 425, de Jesus Christo, imperando Honorio; porque são d'elle as moedas mais modernas que aqui se têem encontrado. Pelas camadas de despojos marinhos, de carvão meudo e outras materias, suppõe-se que não foi submergida de uma vez, mas por differentes invasões do mar.

André de Rezende foi o primeiro descobridor d'estas ruinas, e diz o livro 4.º das suas *Antiguidades*, que achou alli uma estatua, sem cabeça; algumas inscripções romanas; os destroços de um templo, dedicado a Jupiter Amon, sobre cuja portada existiam ainda os symbolos d'esta divindade, e algumas *salgadeiras* de obra *signina*.

Em agosto de 1873, descobriu-se aqui uma bem conservada e expressiva cara ou mascara, em bronze, de um Satyro, de um d'esses monstros da fabula, que habitavam os bosques e as montanhas, representavam em toda a sua plenitude as forças vitaes da natureza, formavam o sequito do Fauno e eram inseparaveis do culto de Baccho.

Esta interessante antigualha foi descoberta junto ao logar onde antigamente se descobrira o tal templo gentilico, cuja maior parte ainda se acha soterrada.

Descobriram-se mais algumas moedas de bronze, de pequenas dimensões, de imperadores romanos, mas a maior parte *frustas*; grande quantidade de prégos de differentes dimensões, e quasi todos de cobre; uma porção de fragmentos de canos de chumbo; alfinetes, agulhas de fazer redes, differentes partes de objectos de bronze, que serviriam de ornato a outros; muitos pedaços de vidro de diversas côres, fragmentos de differentes vasos e taças; e lampadas sepulchraes de barro, sobresahindo entre aquelles os de algumas taças de barro vermelho e fino, denominado saguntino, pela sna elegante fórma e lustre ou brunido que conserva. De marmore, encontraram-se alguns fragmentos de cimalhas, cornijas, etc.

Todas estas antigualhas, assim como outras muitas, estão em Setubal, em poder do sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, que as tem adquirido e salvado do vandalismo da ignorancia.

—

A Sociedade Archeologica Lusitana, foi inaugurada no dia 9 de outubro de 1849, sendo seu primeiro presidente o fallecido duque de Palmella.

Formavam tambem esta sociedade os srs.: Manuel da Gama Xaro, Domingos Garcia Peres, Sebastião Maria Pedroso Gamitto, Annibal Alvares da Silva, e era secretario o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho.

Em 1850 (no 1.º de maio) principiou aquella benemerita sociedade as escavações *intermitentes* d'esta cidade subterrada em areia.

Tem-se descoberto grande diversidade de vasos de differentes materias; carneiros, com esqueletos; grande quantidade de ossos; instrumentos agrarios; louça; milhares de medalhas romanas, cunhadas em Roma, Antiochia, Constantinopla, Carthago, Leão, etc.; diversas casas, algumas de abobada e n'ellas bellas pinturas a *fresco* e admiraveis mosaicos nos pavimentos.

É pena que o governo não cuide com mais attenção n'esta Pompêa portugueza!

Tudo o mais que se pretender saber com relação a *Cetobriga* ou *Troia*, achar-se-ha em Setubal.

CÊTTE—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 127 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca do Porto, sendo então couto, do qual era donatario o reitor do collegio da Graça, de Coimbra (eremitas de Santo Agostinho.)

Situada em ameno e fertil valle. O vigario era um eremita da dita Ordem, apresentado pelo reitor do collegio da sua Ordem, de Coimbra, e collado. Tinha 60$000 réis de rendimento.

Grande convento de frades dos taes ere-

mitas de Santo Agostinho, fundado junto ao rio Souza, e a sua egreja é a matriz da freguezia.

A este convento eram annexas as freguezias de S. João da Foz do Souza, Santa Maria do Covêllo, S. Martinho de Parada de Tódea, Santa Maria de Coreixas, S. Miguel de Rans, S. Miguel de Urrô e Santa Maria Magdalena.

Todas estas egrejas, como annexas do convento, eram unidas *in perpetuum* (!) ao dito collegio da Graça, de Coimbra.

É um dos mais antigos mosteiros de Portugal; pois foi fundado por dois mouros convertidos, um chamado *Muzára*, outro *Zamóra*, em 882. Era da invocação de S. Pedro, apostolo. Os mouros o destruiram em 963, e foi reedificado em 967, por D. Gonçalo Vasques, tronco dos Freitas. Viveu no tempo de D. Affonso VI, sogro do nosso conde D. Henrique.

O reitor d'este collegio apresentava na freguezia de Cêtte e S. João da Foz do Souza, por vigarios, frades da sua Ordem, e nas outras, curas seculares.

Principiou-se o processo para o foral de Cette no reinado de D. Manuel, mas não se chegou a concluir. (Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11, n.º 19.)

Além do vigario, tinha esta freguezia um cura secular, com 8$000 réis, 10 alqueires de pão e o pé d'altar.

Em 1521 é que este convento foi dado ao collegio de crusios de Coimbra (Collegio da Graça.)

É terra muito fertil em todas as producções agricolas do reino. Muitos e bons pastos e muito gado.

Quando esta freguezia era couto, tinha juiz ordinario, do civel e orphãos, procurador, dois quadrilheiros, dois jurados e um porteiro, tudo feito a votos pelo povo, e confirmados pelo D. abbade.

Havia aqui (e não sei se ainda ha) quatro feiras, 25 de março, 15 de agosto, 8 de setembro e 3 de maio.

D. Affonso I concedeu ao convento e seu couto muitos e grandes privilegios, que seus successores confirmaram e ampliaram.

Cette é uma cidade maritima de França, onde tambem havia um mosteiro antiquissimo de eremitas de Santo Agostinho. Supponho que um, ou mais, religiosos d'este mosteiro vieram, na sua origem, povoar o mosteiro portuguez (lusitano) e, em memoria do seu, de França, lhe impozessem o mesmo nome. Declaro que esta opinião é só minha, por isso cada um lhe dará o valor e consideração que quizer.

CEZÁR ou **CESÁR**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao SE. do Porto, 50 ao NE. de Aveiro, 12 ao E. da Feira, 280 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É do infantado, e foi dos condes da Feira.

Era antigamente da comarca de Esgueira, concelho da Feira, depois passou a ser da comarca e concelho da Feira, até se crear a comarca de Oliveira de Azemeis.

É no districto da antiga Terra de Santa Maria (Terra da Feira).

Situada a maior parte da freguezia em um lindo e fertilissimo valle, cercado de pequenos montes e outeiros, dos quaes se vê a cidade do Porto, o mar, muitas freguezias e varias serras.

Francisco de Tavora e Noronha apresentava o abbade; mas em 1759, com a execução d'esta familia, sendo todos os seus bens confiscados, ficou esta egreja ao real padroado, passando depois para o infantado. O abbade tinha de renda 500$000 réis.

É terra muito fertil em tudo, cria muito gado e ha alguma caça. Réga a freguezia o ribeiro da Pedra Má e varios arroios.

No logar da Torre, ha vestigios de uma torre, que mostra ser de algum senhor que aqui viveu em tempos antigos.

Na serra do Pinheiro, ha alicerces de construcções antiquissimas, que, segundo a tradição, foi uma fortaleza romana. (Mas eu julgo ter ainda mais antiguidade.)

Esta freguezia é muito bonita e rica, devendo grande parte da sua actual prosperidade a muita gente que d'aqui tem hido para

o Brasil (quasi todos para o Pará) e d'onde têem trazido boas quantias de dinheiro.

A sua antiga matriz, que era muito pequena e insignificante, estava no sitio da actual residencia do parocho; mas, estando muito arruinada, se construiu a nova egreja, nos fins do seculo XVII, a qual tem duas torres, é muito clara, elegante e bem ornada.

Na rectaguarda da egreja tinha o abbade que era em 1834, feito um vasto e magnifico jardim, com uma bella casa de fresco (feita com um só e grande cedro) bonitos assentos, todos com sentenças, apotegmas e maximas moraes, extrahidas dos Evangelhos e de varios philosophos. Este bom e benemerito abbade foi, como quasi todos, expulso da sua egreja, e o que o veio substituir deixou arruinar tudo.

Em quanto se construia a actual egreja, como a velha estava demolida, servia de matriz a capella de Nossa Senhora da Graça.

No sítio da Gandara (ao cimo da freguezia) que é um bonito e extenso souto, ha uma grande feira, todos os dias 18 de cada mez.

Entre o logar de Trazeiros e Villarinho, houve antigamente um fôjo para caçar lobos, do qual apenas resta a memoria, e o nome de *Fojo*, dado ao sítio em que elle existiu.

Antes de 1834, parte d'esta freguezia era *honra* dos Castros, do Covo, que, entre outros titulos, se denominavam *senhores das honras de Cezar e Gaiate*. (Gaiate é uma aldeia na freguezia de Milheirós de Poares, que confina com esta.)

Esta freguezia é antiquissima e é muito provavel que já existisse no tempo dos romanos, que lhe deram o nome que tem. Os vestigios de edificios antiquissimos da serra do Pinheiro, dão testemunho de que ha muitos seculos é povoada.

CEZIMBRA — villa, Alemtejo, (mas a que officialmente se chama Extremadura) comarca d'Almada, 35 kilometros ao SO. de Lisboa, 1:270 fogos. (5:000 almas) em duas freguezias (Santa Maria ou Nossa Senhora da Consolação e S. Thiago).

Em 1757 tinha 430 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Á freguezia de Santa Maria se dá o nome de Nossa Senhora da Consolação, ou de Nossa Senhora do Castesllo. Em 1640 tinha 950 fogos. A villa era então da comarca de Setubal. Hoje tem a freguezia de Santa Maria do Castello 570 fogos e a de S. Thiago 700.

Situada na costa do Atlantico.

Segundo Philippe Ferrari (*Lexicon Geographico*) era a *Zambra* dos romanos. Segun- outros auctores era chamada *Caetobrix* ou *Cetobriga*.

Segundo a opinião mais seguida, *Zambra* era a actual Cezimbra, e *Cetobríga*, a cidade phenicia que está defronte de Setubal e a que vulgarmente se chama Troia. (Vide *Cetobriga*.)

Era antigamente da comarca de Setubal, d'onde dista 18 kilometros ao O.

A egreja de S. Thiago é de 3 naves, e 7 altares. Mas muito baixa e em máo estado.

Tinha prior e dois beneficiados curados e 4 simples.

Foi edificada (ou reedificada) em 1536.

O prior e os beneficiados curados (que a mesa da consciencia apresentava, por ser da Ordem de S. Thiago) eram pagos pela commenda, e tinha cada um 3 moios de trigo — os simples, tinham cada um 2 moios de trigo.

O prior tinha mais 2 $^1/_2$ moios de cevada e 20$000 réis em dinheiro, ao todo, pouco mais de 100$000 réis — e todos os beneficiados 10$000 réis cada um.

Santa Maria, ou Nossa Senhora da Consolação, ou do Castello, dentro do castello, é de uma só nave, mas tambem tem 7 altares.

Está no sitio onde era o castello dos mouros, como o attestam as muralhas e torreões que a cercam. É quasi tão antiga como a monarchia. (Foi edificada e 1166.)

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, por ser a egreja da Ordem de S. Thiago. Tinha o prior 3 mois de trigo, 2 e meio de cevada e 20$000 réis ao todo 240$000 réis. Tinha 2 beneficiados, da mesma apresentação, cada um com 10$000 réis, 3 moios de trigo e moio e meio de cevada.

—

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, camara,

procurador do concelho, juiz dos orphãos, almoxarife, juizes dos direitos reaes, escrivães, officiaes. etc.

Tinha capitão-mór, sargento-mór e duas companhias da *bicha*. Misericordia e hospital, pobres.

Tem duas fortalezas, uma dentro da villa e outra fóra. mas proximo, chamada do Cavallo. Estas fortificações foram restauradas, por ordem de D. João IV em 1648. Foi superintendente d'estas obras, o célebre padre Cosmander, da Companhia de Jesus.

Antigamente o governador d'estas fortalezas governava tambem em todas as mais ao N. até á Torre do Outão, e ao S. até Albufeira.

Em uma serra proxima ha gran finissima e optimas pedras de amolar, muito brancas.

Consta que esta povoação foi fundada pelos *gallo-celtas* e *Sarrios*, uns 300 annos antes de Jesus Christo. D. Affonso I a tomou aos mouros em 1165. Arruinou-se com as guerras e a reedificou e repovoou D. Sancho I, em 1200, dando-lhe grandes foros e privilegios; dando-a aos francezes que o vieram ajudar em 1199, contra os mouros.

Os duques d'Aveiro eram senhores d'esta villa; mas, em 1759, pelo supplicio do ultimo, ficou para a côroa.

Foi antigamente da corregedoria d'Azeitão.

É terra fertil. Tem muitas colmeias, pinhaes, gado, caça e peixe.

Ha aqui muito bôas quintas.

Eram do seu termo, Azeitão, Camarate, Aldeia dos Pinheiros, Aldeia das Vendas, Aldeia de Villa Fresca, (onde está a parochia de S. Simão, curado da Ordem de S. Thiago, vulgarmente Villa Fresca d'Azeitão) Aldeia dos Castanhos, Aldeia de Nogueira (onde está a parochia de S. Lourenço, curato da apresentação dos freguezes e a Casa de Misericordia: é hoje Villa Nogueira.) Aldeia Rica, Aldeia dos Oleiros, Aldeia dos Irmãos, Porto da Villa, Coina-a-Velha-de-Cima, e Coina-a-Velha-de-Baixo.

No meio d'estas aldeias está fundado um soberbo palacio, com magestosa entrada e espaçosa quinta, de frondoso arvorêdo, vinhas, campos, hortas, pomares, jardins, e muitas fontes, que foi dos duques d'Aveiro.

Junto d'este palacio está o convento de frades dominicos, que fundou Estevão Esteves, ou cavalleiro rico, que, com sua mulher, Maria Lourenço, fizeram doação a este convento, por escriptura publica de 15 de dezembro de 1434, de todas as casas, cêrca e mais dependencias.

O rei D. Duarte lhe deu muito bons paramentos. Fundou-se, como disse, na quinta dos doadores, lançando-se-lhe a primeira pedra no dia de Nossa Senhora do O, do anno de 1435, concorrendo para a obra o rei e seu filho, D. Affonso, depois V, que lhe deram 3 moios de trigo de renda, dos *fornos-de-Palhaes*, e dinheiro para os carrêtos. [1]

A 3 kilometros fica a Quinta do Calhariz, dos srs. duques de Palmella, e no mesmo sitio a dos srs. condes de Sampaio.

São duas formosas e magnificas vivendas, principalmente a primeira, que tambem tem uma sumptuosa capella.

—

Junto da villa ha um aqueducto de cantaria, por onde vem a agua para o chafariz principal d'ella.

Diz-se que a agua da Fonte da Têlha e a do Carvalho são efficicazes para a cura de muitas doenças.

Nas côrtes que se celebraram em Lisboa em 18 de março de 1427, teve banco.

Era cabeça da commenda, do mestrado da Ordem de S. Thiago, e foram seus commendadores, até 1759, os duques d'Aveiro: depois passou para a côroa.

D. Sancho I, lhe deu foral, em Coimbra (com todos os grandes privilegios, fóros e regalias do foral d'Evora) em agosto de 1201. D. Affonso II, o confirmou, em Santarem, em janeiro de 1218. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 28 de julho de 1514.

Tem mais duas Sentenças de foral, uma de 31 de maio de 1560, outra de 23 de junho de 1564 (Archivo da Torre do Tombo,

[1] Descrevi aqui este convento, porque, quando se fundou era no termo de Cezimbra; mas elle já está descripto e com mais minuciosidade em Azeitão. Vide esta palavra.

—

Liv. das Sentenças a favor da côroa, fl. 175, col. 2 e fl. 143 v., col. 2.)

Cezimbra tem um pequeno porto de mar.

As suas areias trouxeram ouro. (Vide Almada.)

—

João Martins de Deus, era um cavalleiro asturiano, que se veio estabelecer n'esta villa e é progenitor dos Martins de Deus, d'aqui e de Setubal. Suas armas são—escudo dividido em pala, na primeira d'azul, um castello d'ouro, com um côrvo negro á porta; na segunda, d'ouro, aguia azul, rompente. Elmo d'aço, e por timbre 5 plumas, duas d'ouro e 3 azues. Outros da mesma familia teem as mesmas armas, mas por timbre um castello d'ouro, que é o das armas.

Nos campos de Cezimbra derrotou D. Affonso I, em 1165, o rei mouro de Badajoz, que vinha soccorrer os castellos d'esta villa e Palmella.

D. Diniz é que creou o concelho de Cezimbra, em 1323, fazendo-a então villa.

—

Já vimos que o concelho de Cezimbra chegava antigamente até Côina e comprehendia todo o actual concelho d'Azeitão, que foi d'aqui desmembrado, formando novo concelho, por alvará de 3 de novembro de 1759. Mesmo assim, ainda este concelho tem 16 kilometros de comprido e 13 de largo.

O Cabo do Espichel é n'este concelho. Pelo N., L. e O., é a villa rodeada de serras alcantiladas.

Suas casas são em geral pequenas, antigas e irregulares e as ruas tortas e estreitas, como as de todas as povoações antigas.

A Fortaleza da Praia (que fica ao S.) tem bons quarteis para governador, officiaes e soldados, quando os havia; porque actualmente a guarnição consta de 4 artilheiros!

Parte dos edificios do forte foi destinada para a delegação da alfandega.

A casa da camara é soffrivel.

A maior parte dos habitantes de Cezimbra são pescadores, e fazem grande commercio de peixe (quando o ha) não só com o reino, mas até com a Hespanha.

A capella real de Nossa Senhora do Cabo é um templo magnifico e bello. É-aqui a grande romaria que toda a Lisboa e seu termo conhecem, concorridissima (sobre tudo, dos saloios e do seu famoso cirio.) Esta egreja tem a cathegoria de Capella Real. A imagem de Nossa Senhora do Cabo, appareceu pelos annos de 1250, no tempo de D. Affonso III. A festividade e concorrencia de cirios a esta egreja, que é um templo sumptuoso, data do seu apparecimento.

O cirio dos saloios tem logar no dia da Ascensão. O d'Azeitão, pelo Espirito Santo, e o de Cezimbra, no primeiro domingo depois do dia de S. Pedro d'Alcantara. É d'este sanpenitente, que habitou aquella serra, que toma o nome de cirio de S. Pedro d'Alcantara.

Os arrabaldes da villa são muito ferteis e bonitos.

Ha no termo minas de ferro e de trachites (de linda côr verde.)

A sua alfandega renda annualmente, termo medio, 10 contos de réis.

—

A principal festividade religiosa que aqui se faz, é ao Senhor das Chagas, no dia 3 de maio. Esta veneranda imagem, segundo a tradição, aportou a esta praia, em 1534, e a classe maritima empenha-se o mais possivel, para que todos os annos se faça esta solemnidade com grande esplendor.

Ha na freguezia, 5 capellas—a do Calhariz, a de S. Payo, a de Sant'Anna a de Aianna e a de Alfarim; isto fóra a de Nossa Senhora do Cabo, de que já fallei.

—

O concelho de Cezimbra é apenas composto das duas freguezias da villa (Nossa Senhora da Consolação e S. Thiago) a primeira com 568 fogos e a segunda com 702.

CEVER—Vide Sevêr.

CEZURES ou **SEZURES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 15 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno accidentado e muito fertil.

O abbade de S. Thiago de Priscos, apresen-

tava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

CEZURES, ou **SEZURES**—freguezia, Beira-Alta, concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, 24 kilometros a SE. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Fertil. Tem bom vinho.

Era commenda da ordem militar do Santo Sepulchro (cavalleiros de Jerusalem.) Vide Trancozéllo.

O abbade da freguezia do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis.

CHACIM—villa, Traz os Montes, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos, 600 almas. No concelho 3:900, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 192 fogos.

Orago Santa Comba, virgem martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo. Eram seus donatarios os condes de S. Payo (Cardoso, Carvalho e outros, dizem que eram os condes de Villa-Flor; só o *Portugal Sacro* diz que eram os condes de S. Payo.)

Pelo decreto de 24 de outubro de 1855, se passou a comarca e concelho de Chacim a denominar, de Macêdo de Cavalleiros, tirando-se-lhe algumas freguezias e annexando-se-lhe outras. Vide no fim d'este artigo, as freguezias de que se compõe actualmente.

O donatario apresentava o abbade, que tinha 1:100$000 réis.

O abbade apresentava um cura, ao qual dava 6$000 réis e metade do pé d'altar.

Tem Misericordia.

A capella de Nossa Senhora do Desterro foi a antiga matriz da villa.

É notavel a capella de Nossa Senhora do Amparo, pelo seguinte:

Antigamente era da invocação de Nossa Senhora da Torre, por haver junto d'ella uma torre, que estando quasi de todo desmantelada, foi completamente arrazada em 1740. Como já não havia a torre para dar o sobrenome á capella se ficou chamando de «D. Caetano.» Depois, deixou de se denominar de D. Caetano, e dedicou-se a capella a Santa Catharina; mas, ainda não satisfeitos com estas substituições, a dedicaram finalmente a Nossa Senhora do Amparo.

É terra muito abundante d'aguas, muito fertil e cria muito gado.

Tem muitas amoreiras, cria muito bixo de sêda e tem fábricas d'ella.

Antigamente a camara e as justiças d'aqui eram póstas pelos senhores de Villa-Flor que «*alimpavam as eleições.*»

Tinha capitão-mór, sargento-mór, dous capitães e duas companhias de ordenanças.

A Fonte da Frága, proximo ao rio *Azibo*, é sulphurea, e attribue-se-lhe a virtude de curar muitas doenças.

A 3 kilometros ao E. da villa, em um alto, êrmo e agreste (chamado Monte do Carrascal) existia de muitos annos uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Balsemão, ou de Balsamão, que é tradição ter sido mesquita de mouros.

Um frade, de nação polaco, chamado *Casimiro, de S. José Wizinski*, fundou junto a esta capella, em 1750, um convento de frades mariannos, com a invocação da Immaculada Conceição, que é hoje propriedade particular. Pela encosta do S., estão edificadas 8 capellinhas com os passos da paixão. (Via Sacra.) É conhecido por «Convento de Balsemão.

A situação d'este convento é muito formosa. No fim de uma dilatada veiga, se vê uma collina agreste e selvagem, mas que a arte conseguiu cultivar e tornar aprasivel. É no cimo d'esta collina, que os cenobitas fundaram o seu convento; do qual se avista uma formosa paisagem. Ao E. e N. se vêem os extensos montes de Moraes. Ao O, se vêem as ferteis veigas de Chacim e ao longe a serra de Bornes, quasi sempre coberta de neve.

Na egreja do mosteiro está a sepultura do fundador. Antes de haver o convento, já aqui havia anachoretas, que habitavam disperços pela serra.

Junto ao convento ainda existem vestigios

de edificios, que parecem ser restos de fortes muralhas.

A base do monte é regada a E. pelo rio Azibo, e ao N. corre um ribeiro, que, depois de regar os ferteis campos de Chacim, vae deaguar no Azibo.

É tradição que, no logar onde hoje está o convento, existira, no IX ou X seculo, o castello de um *rei* mouro, o qual entre outras oppressões que fazia aos seus vassalos christãos, era uma (de certo a peor) possuir todas as noivas, no primeiro dia do seu casamento.

Um habitante da villa de Alfandega da Fé (que é agora concelho d'esta comarca) ao qual chegou a vez de ser noivo, *não esteve pelos autos*, e, proclamando aos seus patricios, se revoltaram contra o tyranno.

Sabende o tal *rei* d'esta conspiração, veio esperar os *rebeldes* nos campos de Chacim e ahi se deu um renhido combate, em que os christãos (os revoltados) por serem muito menos do que os mouros, hiam de vencida; porém Nossa Senhora lhes appareceu e, com um vaso de *balsamo na mão*, lhes curava todas as feridas e dava novo alento; pelo que elles venceram os mouros, matando o *rei* e quasi todos os seus.

Depois foram se ao castello e o arrasaram.

Em memoria d'isto e em acção de graças a Nossa Senhora, edificaram uma capella, no sitio onde tinha sido o castello e lhe deram a invocação de Nossa Senhora do Balsamo na Mão (e lá está a Senhora com uma amphora ou vaso na mão) e a que o povo por abreviatura chama Nossa Senhora de Balsamão.

A ermida foi depois ampliada e é hoje uma egreja, sob a mesma invocação. Faz-se-lhe annualmente uma grande romaria no domingo de Paschoella, conhecida pelo nome de *Festa de Cara Mouro* (porque Nossa Senhora, animando os christãos na tal batalha, lhes dizia: *Cara aos mouros!*

Perto d'esta capella está um pôço, que communica com o rio Azibo, que corre nos limites d'esta villa. Nasce no logar de Pouzendo, termo de Bragança, e depois de 40 kilometros de curso, desagúa no Sabôr.

Tambem em premio d'esta victoria, se deu á villa d'Alfandega o sobrenome de: *da Fé*. (Vide esta villa.)

E ao sitio onde teve logar a batalha (que degenerou em *chacina*) se deu o nome de *Chacim*, que pássou para a villa.

Ainda hoje se vêem junto ao convento vestigios de fortes muralhas. (Vide Balsemão e Caramôs.)

Consta que D. Fernão Mendes Cogominho lhe deu foral no reinado de D. João I, pelos annos de 1400, mas Franklim não falla n'este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, sem data, provavelmente por esquecimento, ou por érro de cópia; mas suppõe-se que foi em 1514. (Torre do Tombo, *Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 18, col. 2.ª)

N'este foral, no artigo *Portagem*, se remette ao foral de Miranda, que é do 1.º de junho de 1510, logo o de Chacim é mais novo.

O foral d'esta villa o é tambem de Monte Mel.

Chacim é povoação antiquissima, mas não pude saber quem a fundou, nem quando. É provavel que já existisse no tempo dos romanos e que as ruinas de muralhas (alicerces) que se vêem no Monte do Carrascal (hoje Balsemão) seja construcção sua.

A lenda do *rei* mouro (que de certo não passava de algum *alcaide* ou *emir*) tem visos de verdadeira; e o milagre do balsamo tem facil explicação, isto é, podia alguma donzella lusitana curar as feridas e animar os chistãos no furor da batalha (talvez fosse mesmo a tal desposada do cavalleiro de Alfandega da Fé) e que os lusitanos no impulso da sua gratidão a comparassem á Santa Virgem.

—

Tem este concelho 40 freguezias, sendo 38 no bispado de Bragança e 2 no arcebispado de Braga. As de Bragança são: Ála, Amendoeira, Arcos, Bagueixe, Bornes, Burga, Carrapatas, Castellãos, Chacim, Cortiços, Corujas, Edroso, Espadanêdo, Ferreira, Grijó, Lagôa, Lama-Longa, Lamas, Macêdo de Cavalleiros, Melles, Moraes, Murços, Olmos, Podence, Roméu, Salcellas, Sesulfe (ou Ce-

zulfe) Soutêllo, Talhas, Talhinhas, Valle d'Asnes, Valle Bemfeito, Valle da Porca, Valle de Prados, Villar do Monte, Villarinho de Agrochão, Villarinho do Monte e Vinhas. No arcebispado de Braga, são: Lombo e Perêdo.

CHAFARIZ—palavra africana, *Xacarige*, fonte d'agua com bica, ou sem ella. Foi adoptada pelos portuguezes; mas só se dá ás fontes que teem uma ou muitas bicas.

CHAKRACH—nome que os arabes davam á villa de Sagres, no Algarve.

CHAMA ou **CHAMOA**—portuguez antigo, nome proprio de mulher. É corrupção do latim *Flamula*. Em todos os foraes e documentos antigos portuguezes, escriptos em latim, em que figurava alguma mulher d'este nome, se escrevia *Flamula*. Foi muito usado em Portugal até ao seculo XIV, principiando desde então a cahir em desuso. (Vide Torre de Dona Chama.)

CHAMOIM—freguezia, Minho, comarca do Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 24 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Terras de Bouro.

O arcebispo de Braga e o papa apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis.

É terra muito abundante de boas aguas e muito fertil e saudavel.

Corre pela freguezia a antiquissima via militar romana chamada a Geira.

É regada pelo rio Homem, que aqui se junta com o Rio Pequeno e vae juntar-se ao Cávado, no Bico.

Ainda aqui existem alguns marcos milliarios da Geira.

Junto ao logar está um sem inscripção (por lhe faltar a parte onde ella estava.) Tem 1m50 de altura.

Não longe d'este está outro, da mesma altura, do qual só se póde lêr:

....PD AUG.....
.....M. P.....

No sitio dos Esporões está outro de 5½ palmos de altura, sem inscripção.

—

O *cruzeiro* d'esta freguezia é formado por uma columna de granito mal lavrado, que o padre J. C. d'Argote diz, fôra marco milliario. Picaram-lhe a inscripção, para o adelgaçarem para isto.

CHAMORRA—grande e bonita aldeia, Douro, freguezia de Valladares, concelho e 5 kilometros ao SO. de Gaia, comarca, bispado, districto administrativo e 5 kilometros ao S. do Porto. 30 fogos.

A freguezia tem 340 fogos e é seu orago, S. Salvador.

Teve principio (segundo consta) em uma propriedade de que foi senhora uma dama nobre chamada D. Chamôa, a qual aqui construiu uma boa casa, pelo que se ficou chamando Quinta de D. Chamôa. Depois, por abreviatura, Quinta da Chamôa, que por fim se corrompeu em Chamôrra.

Dizem outros que á tal quinta se chamou sempre da Chamôrra, por ser de uma senhora que andava sempre com o cabêllo tosqueado.

Acho mais verosimil a primeira etymologia. (Vide Châma e Chamôrro.)

—

Esta aldeia é situada em formosa posição e muito fertil. É atravessada pela nova estrada á macadam, do Porto para Ovar. Fica a uns 3 kilometros ao S. da estação do caminho de ferro de Villa Nova de Gaia (Devezas) e a egual distancia a ENE. do Atlantico.

As mulheres d'estes sitios teem fama (bastante bem merecida) de muito formosas.

CHAMORRO—tosquiado. Deram os castelhanos este nome aos portuguezes (que tão bem os tosquearam) em Aljubarrota; porque os castelhanos ainda então usavam o cabello comprido, como os godos, e nós já não. D. João I de Castella dizia quando ia a fugir: «A maior pena que tenho é ser derrotado por estes *chamôrros*.»

CHAMUSCA—villa, Alemtejo, 100 kilometros a E. de Lisboa, 800 fogos, 3200 almas—no concelho 2:260 fogos, na comarca 3:700.

Em 1757 tinha 662 fogos na villa e freguezia.

Orago S. Braz, bispo e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em campina, muito fertil, na margem esquerda do Tejo, d'onde se vê a Gollegan, a 6 kilometros ao N., a Asinhaga e outras povoações.

A matriz é um bom templo, com sete altares. O prior, já antes de 1834, era feito a concurso. Tinha a terça parte dos dizimos, que andava por 1:000$000 réis.

Em 1757 andou em litigio o padroado d'esta egreja, entre o patriarcha e a rainha, allegando ambos direito a elle. Por fim venceu a rainha, por ser este padroado da denominada Casa das Rainhas.

Tem Misericordia e hospital, fundado em 1740 por Francisco Sutil, natural d'esta villa. Tem varias capellas dentro e fóra da villa.

É terra muito fertil em cereaes e legumes, optimos melões e melancias, muito e muito bom vinho (já em 1750 produzia a villa e termo 1:500 pipas) toda a casta de gado (os seus toiros são conhecidos pela sua bravura em todo o reino). Abunda em caça e peixe do Tejo.

Era da Casa das Rainhas que aqui punha juiz de fóra, camara e mais justiças, e sujeitas á ouvidoria d'Alemquer, como cabeça da comarca das *Terras das Rainhas*.

Tem duas boas feiras, uma a 13 de fevereiro, chamada de S. Braz (porque antigamente se fazia a 3) e outra no 2.º domingo de outubro. Duram tres dias cada uma.

Esta villa fica entre Santarem e Tancos.

Exporta muita carne de porco, lenha, fructa, cereaes, etc., e produz tambem muito mel e cera.

A egreja (moderna) da Ordem Terceira de S. Francisco, é o melhor edificio da villa.

Consta que D. Sebastião lhe deu foral em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1561; mas Franklim não falla em tal foral. Além d'isso, se o foral lhe foi dado em 1561, não podia ser D. Sebastião que lh'o deu, porque era ainda menor; mas sua avó, a rainha D. Catharina, então regente.

Não é provavel a existencia do foral (mas é possivel) porque, ainda em 1590 não era a Chamusca mais do que uma quinta de Ruy Gomes da Silva (principe d'Eboli) grande valido de Philippe II, e este a fez villa, n'esse anno, a pedido d'aquelle.

A 2 kilometros da villa está o convento de frades franciscanos.

Ha mais em Portugal 5 aldeias chamadas *Chamusca*.

—

Aqui nasceu, e aqui falleceu, em dezembro de 1873, o dr. fr. Lourenço Domingues Reis do Rosario, thesoureiro da egreja da Misericordia de Lisboa, desde 1853, e desembargador da camara ecclesiastica do patriarchado. Tinha sido religioso benedictino.

Era um varão bemfazejo, de costumes simples, de muita illustração; pelo que era geralmente estimado e respeitado.

—

O concelho da Chamusca é formado por 5 freguezias, que são—Chamusca, Pinheiro, Ulme, Valle de Cavallos e Chouto.

A comarca é formada dos julgados da Chamusca e Almeirim.

CHAMUSINHOS—Vide S. Pedro da Torre.

CHAN ou **S. VICENTE DA CHAN**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 4 kilometros ao S. de Montalegre, 65 kilometros a NE, de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

É nas chamadas *Terras de Barrôso*.

Era antigamente do termo de Montalegre, comarca de Chaves.

O vigario, collado, era apresentado pela abbadessa das freiras de Villa do Conde, que lhe dava de congrua 250 alqueires de centeio e 4$000 réis, e tinha além d'isso o pé d'altar. Tinha mais de cada fogo meio alqueire de centeio. Andava tudo por 300$000 réis.

O vigario apresentava dois curas e tinha cada um 8$000 réis e 50 alqueires de centeio, pago tudo pela commenda.

Ha n'esta freguezia muitas capellas.

A matriz é um templo muito antigo, es-

paçoso e aceiado. Foi edificado no X ou XII seculo (contemporanea da do mosteiro de Santa Maria das Junias, de Pitões, d'este concelho, e da de S. Salvador do Viveiro de Covas, concelho das Boticas).

Foi reedificada modernamente (no principio d'este seculo). Tem 5 altares e é das melhores do arciprestado de Montalegre.

S. Vicente da Chan foi mosteiro; o que consta do Livro censual da Sé de Braga e de outros documentos. Parece que foi de templarios, pois Duarte Nunes de Leão diz que na doação que D. Diniz fez dos bens dos templarios á Ordem de Christo, que instituiu, exceptuou o mosteiro de S. Vicente da Chan e outro. Desde tempos remotos foi annexado ao mosteiro de freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, e depois formou esta freguezia com as duas annexas de Negrões e Morgade, e com a aldeia de Codeçoso, que era da freguezia de Meixido.

Tudo isto formava uma commenda, que rendia ás ditas freiras 1:400$000 réis, dos quaes deduzidos 400$000 réis, para congruas e *fábricas*. lhe ficava liquido 1:000$000 réis.

Hoje esta freguezia é abbadia, com a congrua de 260$000 réis e 50$000 réis para um coadjutor.

Mais uma prova da antiguidade d'esta egreja é ter a pia baptismal fóra do templo, segundo a liturgía antiga, em que o baptisterio era no adro.

É terra frigidissima, mas muito saudavel. Produz muito centeio, algum milho e do mais pouco.

Cria muito gado e os bois d'aqui (chamados *barrozãos*) são bellos e optimos para serviço. Excellente carne de porco.

Aqui se instituiu em maio de 1862 a «*Associação dos devotos de S. Theotonio, primeiro prior de Coimbra*» que foi confirmada pelo arcebispo de Braga, em 16 de maio de 1863. (Vide Tardinhade.)

—

Passa por esta freguezia o rio Regavão, que, correndo aqui minguado de aguas, a poucas leguas de distancia, e proximo da sua confluencia com o Cávado, forma sob a celebrada e pittoresca ponte da Misarella, as notaveis cachoeiras ou cascatas tão justamente admiradas pelos viajantes curiosos.

O sólo da maior parte da freguezia é plano, e por isso se lhe deu o nome de Chan.

A sua egreja matriz é uma das melhores do concelho, e o seu frontispicio, que ainda é o primittivo, é ornado com figuras e arabescos, que bem manifestam a sua antiguidade.

Ha mais em Portugal 25 aldeias com o nome de Chan.

CHANÇA — rio, Alemtejo. Nasce ao S. de Barrancos e fórma a raia de Portugal, até entrar na esquerda do Guadiana, acima de Alcoutim.

Tem 70 kilometros de curso.

CHANÇA — aldeia, Alemtejo, concelho do Crato.

É a 26.ª estação do caminho de ferro de Leste.

CHANCELLARIA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 316 fogos. Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Santa Eufemia, virgem e martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Santarem.

É terra muito fertil. Optimo vinho (chamado de Torres).

Cria muito gado de toda a qualidade.

CHANCELLARÍA — villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Alter do Chão, 30 kilometros de Portalegre, 155 ao SE. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente da provedoria de Portalegre, ouvidoria de Villa Viçosa.

É da casa de Bragança, á qual são foreiras todas as terras d'este termo.

Situada no meio de uma charneca.

A casa de Bragança apresentava o prior, e este apresentava dois coadjutores, um que servia de cura da matriz da villa e tinha 2 moios de taigo, 4$000 réis e metade das offertas, o outro que apresentava na sua annexa de Nossa Senhora da Graça, da Margem, e tinha 90 alqueires de trigo, 14$000 réis e as offertas por inteiro.

O prior tinha os dizimos e d'elles pagava aos dois curas.

É terra fertil em cereaes.

Foi concelho e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, escrivães, porteiros, etc.

Tinha capitão-mór e uma companhia de ordenanças com seu capitão.

No campo onde hoje se vê a capella de Santa Luzia, estava antigamente a povoação de Villa Facaia, ou Villa Formosa, que depois se mudou para onde agora está esta villa da Chancellaria, não ficando alli senão a capella, que era a antiga egreja matriz.

No mesmo campo ha (ou havia) uma feira franca a 13 de dezembro.

Proximo da capella está uma magnifica ponte de 6 arcos, toda de cantaria, chamada Ponte de Villa Formosa, sob a qual passa o rio Sêda.

D Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de julho de 1518 (*Livro de Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 111 v. col. 2.ª)

CHANESCO, A—(portuguez antigo) Coisa ou pessoa grosseira, estupida ou mal feita. É corrupção de—cynesco. Os cynescos, ou cynetas, eram povos barbaros que habitavam proximo ao Cabo de S. Vicente, em eras remotissimas. (Vidę Algarve, provincia.)

CHANOUCA—aldeia, Alemtejo, arcebispado d'Evora. É a palavra arabe *Xanouca* (a forca). Deriva-se do verbo *xanaca*, dependurar pelo pescôço, enforcar. Quer pois dizer—Aldeia da Forca.

CHANS de TAVÁRES—villa, Beira-Alta. Chamou se primeiramente Villa das Chans, depois, Chans de Tavares e hoje se chama Tavares. É no concelho e comarca de Mangualde, bispado e districto administrativo de Viseu.

(Vide Tavares, onde vae a descripção da freguezia.)

CHANS (S. MARTINHO DAS)—freguezia, Beira-Alta, comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmádo, até 1855, e desde então comarca e concelho de Armamar. 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 229 fogos.

Em 1757 tinha o logar 38 fogos, e toda a freguezia 190.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, termo de Lumiares.

O bispo de Lamego apresentava o vigario (collado e feito por concurso) que tinha 40$000 réis e os incertos; e o seu coadjutor 8$000 réis e 15 alqueires de pão, tudo pago pela commenda, que é da Ordem de Christo.

Fertil em milho, centeio, vinho e azeite.

Nasce aqui o ribeiro Alcabriz, que se junta ao rio Temí-Lobos.

(O padre Cardoso traz esta freguezia repetida, com o nome de Chans e de Chãos.)

Tem 3 aldeias: S. Martinho, Lumiares e Gogim. S. Martinho está em um sitio elevado, com vasto horisonte para o N. e O. É muito fria. Lumiares, foi villa antigamente e tem algumas casas grandes, muito antigas. Foi esta villa que deu o titulo aos condes de Lumiares. Gogim é patria do 1.º conde de Samodães (Vide Samodães.)

Ainda existe o velho palacete do actual conde de Samodães (o 2.º d'este titulo.)

Nos limites d'esta freguezia, no alto da serra proxima, ha uma linda ermida, dedicada a Nosso Senhora da Piedade, muito visitada dos fieis, e onde no domingo da Santissima Trindade, vae a camara municipal de Armamar e os parochos, com cruz levantada, havendo por essa occasião um grande arraial. (Vide Gojim.)

CHANS—villa, Beira Baixa, concelho e comarca de Villa Nova de Foz-Côa, 70 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago actual, S. Caetano.

Em 1757 era Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis.

Era antigamente da comarca e bispado de Viseu, d'onde dista 25 kilometros.

Foi da comarca da Méda, concelho de Marialva, até 1855.

A sua 1.ª situação foi no monte de Nossa Senhora do Castello, d'onde foi mudada para o valle em que hoje está.

Foi aqui abbade, Jacintho Freire de Andrade. (Vide Beja, onde vem a sua biographia.)

No monte onde antigamente era esta villa, está hoje a capella de Nossa Senhora do Bom Successo.

Quando se desfez a antiga matriz, se acharam sepulturas inteiras (que ainda alli existiam no principio d'este seculo, e não sei se actualmente) com brasões.

No fundo d'este Monte está uma fonte de pedra lavrada, muito tosca, mas antiquissima.

Tinha esta egreja 4 annexas, que eram: Nossa Senhora da Vargea, S. João da Fresta, Santa Cicilia da Abrunhosa e S. Salvador de Travanca.

Era antigamente concelho e tinha juiz de fóra, camara, escrivães, *patrazanas*, beleguins, etc.

É terra fertil.

Ha mais em Portugal 7 aldeias chamadas Chans.

CHANTADO—portuguez antigo, ainda usado nas aldeias das provincias do Norte, significa mettido, espetado, introduzido, enterrado, etc.

CHANTARIM ou **CHATIREYN**—nome que os arabes davam á actual cidade de Santarem. A pronuncia vinha a ser a mesma de hoje, á excepção do *s*, que elles pronunciavam mais como *x*, ou *ch*, do que como o nono *s*.

CHÃO DO COUCE—villa, Extremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 300 fogos (1:200 almas) no concelho extincto em 1855, 800 fogos.

A villa tinha em 1757 218 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiría.

É do infantado.

Tinha sido dos marquezes de Villa Real, até 1759. (Vide Caminha.)

Chamava-se antigamente Palhaes.

Situada em planicie fertil.

Perto da villa fica a grande matta de castanheiros bravos, chamada de Santa Anna, ou do Pinheiro. D'aqui se exporta grande porção de madeira para Lisboa e outras partes.

Havia (e não sei se ainda existe) n'esta matta um pinheiro que tinha 9 metros de circumferencia e era altissimo. Foi elle que deu um dos nomes que tem a matta. É da casa do infantado.

Junto á tapada ha um palacio, com seus jardins e pomares, fundado pelos marquezes de Villa Real; que tambem passou para a casa do infantado, a qual tem aqui um couteiro. Os marquezes de Villa Real e depois os infantes é que nomeavam as pessoas que exerciam os empregos publicos.

A matriz é fóra da villa, no termo da villa de Penella, e era o prior da freguezia de S. Miguel d'esta ultima villa que apresentava o vigario de Chão do Couce, que tinha 60$000 réis.

É terra fertil e produz muito e bom vinho. Gado e caça.

—

CHÃO DO COUCE ou **NOSSA SENHORA DA GRAÇA**—freguezia, Extremadura, concelho de Pedrogão Grande, comarca de Figueiró dos Vinhos, 36 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 277 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiría. É terra muito fertil.

Chamava-se antigamente Nossa Senhora da Graça, de Chão do Couce; hoje chama-se vulgarmente Nossa Senhora da Graça.

A casa do infantado apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

CHÃO DA FEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia e proximo á Batalha.

O conde do Bomfim aqui bateu os generaes Saldanha e Villa-Flor, em 29 de agosto de 1837.

(Vide Batalha.)

CHÃO DA FONTE—ribeiro, Minho, que nasce nos alcantis do Gerez, no sitio do seu nome, e morre na direita do rio Homem. Corre arrebatado por entre penhascos alterosos.

No sitio do Pôço da Moura, se precipita

de grande altura, formando uma catarata magestosa, e atroando estes contornos. O Pôço da Moura, é um sitio triste, sombrio e profundissimo, e o povo d'aqui lhe liga uma horripilante lenda de mouras encantadas.

(Vide Homem, rio.)

CHÃO DA FORCA—monte, Douro, junto á pequena villa de Cabeçaes.

Deu-lhe o nome uma forca de pedra, que ainda em 1844 alli existia, posto que arruinada; sendo n'esse anno demolida por um visinho (sem auctoridade de ninguem) para com os seus materiaes remendar uma sua parede.

É tradição que alli foi enforcado um prêto (escravo da familia dos Peixotos, que eram donatarios de Fermêdo, em cuja freguezia é a villa de Cabeçaes) por ter assassinado uma creança, lançando-a a um forno acceso.

Ha em Portugal varios sitios com este nome e com os de Valle da Fôrca, Outeiro da Fôrca, Cabêço da Fôrca, Terreiro da Fôrca, etc., etc. São os logares onde existiram fôrcas.

Na cidade de Vianna ha o Largo da Picota, que significa o mesmo. Picota é synonimo de fôrca, assim como *Chamouca*.

CHÃO DE MAÇÃS—aldeia, no concelho do Pombal, Extremadura.

É a 19.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Proximo e ao N. d'esta povoação, é o primeiro tunnell do caminho de ferro. Fica entre esta estação e a de Caxarias.

CHÃO SALGADO—Segundo a nossa antiga legislação, os crimes de regicidio, alta traição, parricidio, sacrilegio e outros de maxima gravidade, não eram só punidos com a morte do reu, depois de horriveis tormentos. A vindicta da lei, no intuito de aterrar os mal inclinados e de prevenir os crimes pelos severissimos castigos infligidos aos reus, ia além dos limites de uma hermeneutica racional.

Os sequestros das propriedades dos criminosos era certamente uma barbaridade, pois que assim, vinham a viuva e os filhos innocentes, a ficar desherdados do que conscienciosamente lhes pertencia e só herdavam a ignominia que resultava do crime a que tinham sido estranhos. E muitas vezes não eram só os filhos ás victimas d'essas leis injustissimas, porque ellas fulminavam ainda os descendentes dos criminosos *até á 4.ª geração*, quando não se estendiam a toda a descendencia d'elles *até ao fim do mundo*.

Isto era flagrante crueldade e injustiça; mas *arrazar as casas* dos criminosos e *salgar o chão* em que ellas tinham sido edificadas, era uma estupidez, porque nem aproveitava ao estado (herdeiro *legal* dos bens dos delinquentes) nem ás familias d'estes.

Tambem nos crimes gravissimos, os cadaveres desconjuntados ou mutilados dos reus, eram *queimados e as cinzas lançadas ao mar*. Se elles eram nobres, que tinam *brazão d'armas*, eram estas *picadas* e destruidas. A lei, com estas severidades, pretendia apagar a memoria do criminoso, mas não fazia mais do que eternizar a lembrança do crime pela atrocidade do castigo.

As sentenças que mandavam *salgar o chão*, depois de arrasadas as casas, prohibiam que alli se tornasse a edificar, e o sal era para que aqelle chão nunca mais tornasse á dar fructo.

—

Campo Salgado ou *Chão Salgado*, é um sitio na Rua Direita de Belem (Lisboa) que nos recorda o attentado contra D. José I. Direi quanto julgar interessante com respeito a este logar de sempre funebre recordação.

Pelas 11 horas da noite de 3 de setembro de 1758, indo o rei caminho do palacio da Ajuda (o que ardeu) em um coche com o seu valido e criado particular, Pedro Ferreira, ao sahir pela porta da real quinta chamada *do Meio*, na Calçada do Galvão, para passar por um pequeno campo proximo á residencia do rei, ahi estavam tres conjurados, a cavallo, e armados de bacamartes ou *roqueiros*, fortemente carregados de grossa munição, que dispararam simultaniamente contra o coche real; porém um dos bacamartes *errou fogo*. Os bacamartes que *pegaram*, foram disparados (segundo diz a sentença) por Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo de Azevedo, e o que *errou* sup-

põe-se ser o de Manuel Alvares Ferreira; todos familiares dos duques de Aveiro e Tavoras.

Era tal a carga dos dois bacamartes que se dispararam, que fizeram no espaldar dois grandes rombos esphericos e o despedaçaram todo. Custa a comprehender como o rei poude escapar apenas com um ferimento, ainda que grave, no braço esquerdo.

Segundo uns, vendo-se o rei assim aggredido e receiando outra cilada, mandou o boleeiro retroceder para a Junqueira; outros porém são de opinião (e é mais verosimil) que as bêstas, espantadas com os tiros, retrocederam, sem governo, até áquelle sitio, onde pararam, extenuadas pela velocidade da carreia. Em qualquer dos casos, a volta por esta desusada verêda foi a causa do rei escapar de segunda emboscada, que estava mais adiande, prevenindo o caso de escapar com vida da primeira.

Morava então no sitio da Junqueira, na casa que antigamente tinha sido um forte, o marquez de Angeja, a quem D. José I tinha dado isto, depois que o terremoto lhe reduzira a cinzas o palacio que havia tido ás Cruzes da Sé. Foi a esta habitação que o rei se recolhera ferido, e na propria cama do marquez lhe fizeram a primeira cura; e, concluida ella, se recolheu ao seu palacio, em outro trem.

Na manhã do dia seguinte toda a cidade sabia do attentado, que era geralmente attribuido á familia Tavora; apesar da corte pretender fazer acreditár que o ferimento do rei foi em resultado de uma grande quéda, que déra a descer uma escada do paço.

O marquez de Tavora (pae) foi ao paço para protestar a sua fidelidade e offerecer-se para executor da pena por tal crime; mas o secretario (Sebastião José de Carvalho e Mello) o dissuadiu d'isso, dizendo-lhe que o rei attribuia o facto a ciumes da rainha; pelo que todos os grandes da côrte deviam fingir completa ignorancia do occorrido.

Passados poucos dias, pediu o duque de Aveiro licença para hir, por algum tempo, residir com a sua familia na sua quinta de Azeitão, e sendo-lhe concedida, para lá foi.

A familia dos Tavoras ficou em Lisboa.

Com tamanho segredo se deram todas as providencias que nada transpirou, pelo que tudo se levou a effeito.

Na madrugada do dia 13 de dezembro se cercaram de cavallaria e infanteria todas as casas de habitação de D. Francisco d'Assis de Tavora; D. Luiz Bernardo de Tavora; de D. José Maria de Tavora; (pae) de dois filhos da marqueza de Tavora; de D. Jeronymo d'Athayde, conde d'Athouguia, genro do primeiro e cunhado do segundo e terceiro; de D. Manuel de Tavora, que, por sua mulher, era conde de Villa Nova; do marquez de Alorna; dos condes de Obidos; da Ribeira e do Calhariz; do desembargador Antonio da Costa Freire; e de outros muitos fidalgos parentes d'estes, que estavam por todo o reino, e da mesma sorte todas as casas dos jesuitas.

Para cada uma d'estas casas se tinha destinado um ministro com seus officiaes, ás ordens do qual estava a tropa que fazia o cêrco.

Foram os ministros prendendo os chefes da casa e suas mulheres e filhos, de ambos os sexos, e varios creados indicados nas instrucções, conduzindo-os aos logares préviamente designados.

O marquez velho de Tavora tinha passado essa noite em um baile de inglezes, e sabendo, ao regressar, de carruagem, do occorrido, se foi queixar ao paço por a cavallaria (de que era inspector) sahir dos quarteis sem sua ordem, mas alli mesmo foi preso por Sebastião José de Carvalho e Mello, e entregue a D. Luiz da Cunha (secretario dos negocios estrangeiros) e ao conde de Soure, os quaes o conduziram á quinta dos Bixos (Belem) com porta fronteira ao caes, onde já estavam seus dois filhos e seus genros, separados uns dos outros e bem guardados.

No mesmo dia (13 de dezembro) passou um corpo de cavallaria para Aldeia Gallega do Riba Tejo, e tendo o duque d'Aveiro (que, como disse, estava em Azeitão) noticia d'isto, por seu secretario, Antonio José de Mattos Ferreira, que se conservára em Lisboa, para o avisar do que occorresse, perguntou muito perturbado (estava a jogar) o cami-

nho que a tropa seguia, e respondendo-se-lhe que marchava pelo d'Evora, foi continuando a jogar; porém a cavallaria, chegada a alguma distancia, retrocedeu e com uma rapida evolução lhe cercou a quinta.

Era ministro d'esta diligencia, o desembargador José Antonio de Oliveira Machado, que entrando com os seus officiaes, sem a minima formalidade ou ceremonia, só parou em frente do duque, que tentou resistir com os seus criados; mas vendo que era inutil (e ainda mais aggravante) a resistencia, e a fuga impossivel, se entregou. Foi tambem presa sua mulher e filhos e os familiares designados na lista, sendo logo separados e conduzidos a differentes partes. Os criados não relacionados ficaram em liberdade.

Junto ao duque e no acto da prisão estava José Polycarpo de Azevedo (um dos mais fortemente indiciado) mas, não tendo sido, por engano, comprehendido no rol dos que deviam ser presos, escapou por um acaso á prisão, aos tormentos e á morte. Depois fizeram-se as maiores diligencias para que elle fosse preso, não só em Portugal, mas em toda a Europa e America (para onde se mandaram todos os signaes por onde podia ser conhecido) mas tudo foi debalde, apesar das enormes recompensas que se prometteram.

Muita gente suppoz que elle se escondeu em algum deserto, onde morreria na solidão e desamparo; mas parece que escapou no estrangeiro, e que depois de muito velho, no reinado de D. Maria I, veio morrer ao hospital da Misericordia, de Lisboa. (Vide esta cidade, no logar competente.)

A sentença estabeleceu um premio de 10 mil crusados a quem prendesse José Polycarpo dentro do reino, e 20 mil se fosse em paiz estrangeiro, além de todas as despezas da jornada.

Constou que elle esteve, completamente disfarçado, em Lisboa, no dia do supplicio dos seus co-reus; mas parece-me isso inverosimil.

O desapparecimento de José Polycarpo deu logar a que muitos individuos, que por fatalidade sua tinham a desgraça de se parecerem mais ou menos com elle, fossem presos e passassem muitos incommodos (e alguns até tormentos) antes de provarem a sua identidade plenamente. Tambem bastantes foram presos por serem seus parentes ou conhecidos (!) a ver se por estes meios injustos se conseguia a sua captura; mas tudo foi em vão, e José Polycarpo foi o unico actor d'este drama horroroso, que se pôde subtrahir á acção da justiça.

Tambem em 13 de dezembro appareceram affixados nos logares publicos de Lisboa, dois editaes regios, um com a data de 9 d'esse mez, contando o attentado e suas circumstancias e declarando que na cocheira estava patente ao publico a carruagem destruida pelos tiros. Promettia com prodigalidade titulos, honras, postos, logares e grandes premios aos que delatassem o que soubessem d'este facto; e perdoando aos cumplices (não sendo cabeças) que viessem referir as circumstancias do crime.

O outro edital era datado d'esse mesmo dia 13, e prohibia a todos os portuguezes residentes no reino o sahir d'elle, e ainda do territorio do seu domicilio, sem provar a sua identidade perante o ministro *ad hoc*; que depois de rigorosissimo exame, lhe concedia licença, na qual eram minuciosamente expressos todos os signaes do pretendente e os fins e dias da sua ausencia.

A marqueza, velha, de Tavora (D. Leonor) tinha ficado presa no seu proprio palacio, mas no dia 14 de dezembro foi transferida para o mosteiro das Grillas. A marqueza de Tavora, nova, para o de Santos; a duqueza de Aveiro, para o do Rato; a condessa de Athouguia, para o da Magdalena e a marqueza de Alorna, para o de Chellas.

As filhas d'estas se distribuiram por outros conventos, e os filhos menores por collegios, privados todos da mais simples communicação e com expressa prohibição de serem tratados como nobres.

N'este mesmo dia foi o filho do conde de Villa Nova chamado á secretaria d'estado, onde, da parte d'elrei lhe disse Carvalho que o crime de seu pae o não prejudicava; mas que não tornasse a servir-se com criados de seu pae, o que elle logo fez, pondo casa com criados novos.

No dia 16 d'esse mez (dezembro) representou o Juiz do Povo e a Casa dos Vinte e Quatro, ao rei, o seu grande sentimento pelo attentado regicida, e pedindo que os delinquentes fossem desnaturalisados, *que contra elles se admittisse toda a qualidade de prova* (!) e que fossem castigados sem piedade.

No dia 11 de janeiro de 1759 foi proferida a sentença, que degredou os reus das honras, fóros e privilegios de commendadores e cavalleiros das diversas ordens de cavallaria a que pertenciam.

No dia 12, outra sentença declarava os motivos do castigo, e a 13 ainda outra que desnaturalisava os reus; mas todas estas sentenças foram secretas e ficaram em grande segredo.

Todos os exames e sentenças foram presididos por os tres ministros e secretarios d'estado Sebastião José de Carvalho e Mello, do reino—D. Luiz da Cunha, dos estrangeiros e guerra, e Thomaz Joaquim da Costa Corte Real, da marinha e America.

Foram nomeados para juizes relatores: Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira (deputado da Mesa da Consciencia e Ordens e da do Paço e chanceller da Casa da Supplicação)—para adjuntos, João Pacheco Pereira, desembargador do paço—João Marques Bacalhau, do conselho da fazenda—Manuel Ferreira de Lima, da Mesa da Consciencia—o doutor Ignacio Ferreira Souto, *aggravista*—e José Antonio de Oliveira Machado, da Supplicação. Este foi escrivão do summario e com voto na sentença.

No mesmo dia 12, depois de anoutecer. foi transferida a velha marqueza de Tavora, das Grillas para a Quinta dos Bixos (que, como já disse, era no caes de Belem.)

No centro d'este caes se levantou um cadafalso, quadrado, de madeira, sem ornato ou pintura, com 18 palmos de alto, 26 de largo e 36 de comprido, para o qual se subia por uma escada com corrimãos.

Desde a porta d'aquella quinta até ao caes amanheceram postados dois regimentos de infanteria (o da côrte e o de Campo Maior) nos lados estavam os dois regimentos de cavallaria, o do Caes e o de dragões d'Aveiro. Tomaram as boccas de todas as ruas que vão sahir áquelle sitio, partidas de cavallaria, para impedirem a passagem aos transeuntes e cumprirem as mais ordens que recebessem.

No cadafalso se viam oito rodas, postas em linha, vindo a ficar tres em cada face, e no centro um banco. Entre as tres rodas que estavam na parte opposta á escada que dava ingresso ao tablado, se viam dois bancos encostados cada um a seu poste, tendo estes uns 10 palmos de alto; de modo que estava tudo em perfeita symetria.

No boqueirão do caes estava uma grande barca carregada de tôjo e lenha.

O marquez de Marialva, como marechal general, assistiu á distribuição e collocação das tropas, que se fez na madrugada, e logo se recolheu. Todos os outros corpos estavam nos seus quarteis (abarracamentos, como então se dizia) em fórma e promptos á primeira voz.

Rondas de officiaes de justiça circulavam pelas ruas dos seus respectivos bairros, reconhecendo e apalpando os que passavam, especialmente de capote, e não os deixando passar para além de Alcantara.

Tomadas todas estas disposições e cautellas, pelas 6 horas e 42 minutos da manhã do dia 13 de janeiro de 1759, sahiu do pateo da quinta dos Bixos um corpo de dragões, seguidos pelos ministros do crime dos differentes bairros e estes por João Ignacio Dantas, corregedor do crime da côrte e casa. Todos hiam a cavallo e de capa e volta.

A estes se seguia uma cadeirinha, toda preta, entre dois padres de Rilhafolles, e fechava o prestito funebre um grosso destacamento de tropa.

Chegada a cadeirinha ao fundo das escadas do cadafalso, d'ella foi tirada D. Leonor de Tavora, marqueza (velha) d'este titulo. Esta mulher que, estando na India, quando seu marido foi vice-rei (feito em 1750) ahi praticou acções de uma verdadeira heroina portugueza, pelo que era adorada dos portuguezes da Asia e foi varias vezes elogiada e premiada pela familia real, agora não era mais do que uma miseravel criminosa, reduzida ao mais triste e abjecto abatimento.

Demorou-se cousa de meia hora no 1.º

degrau da fatal escada, confessando-se, em quanto em cima se faziam mais alguns preparos para o horrivel drama que hia ter logar. Depois mandaram-a subir, o que ella fez logo com desembaraço, entre os dois padres e vestida como estava no acto da sua prisão. Trazia saia de sètim asul escuro, casaco do mesmo, lenço no pescoço, a cabeça toucada com fitas brancas e coberta com uma capa alvadia.

O dia estava escuro e triste, não só pelo rigor da estação, mas porque n'esse dia havia um eclypse da lua que ainda durava, pois principiára no nosso horisonte pelas 6 horas e 3 minutos da manhã e terminou ás 8 e 47 minutos.

O meirinho das cadeias a esperava com tres algozes, sobre o cadafalso. Logo que a recebeu a foi mostrando ao povo, percorrendo com ella as quatro faces da platafórma. Depois lhe mostrou minuciosamente os instrumentos e as formalidades com que haviam de padecer todos os reus, o que lhe fez perder toda a coragem, derramar um diluvio de lagrimas e pedir que lhe abreviassem o supplicio.

O carrasco principal tirou a sua capa preta e carapuça da mesma côr, e passou depois a tirar a capa de D. Leonor, dobrando-a e pondo-a sobre o banco do centro do tablado, e mandando-a sentar alli. Sentada a infeliz, a prenderam com cordas, pela cintura e pelos pés ao mesmo banco (as mãos já vinham presas) e tirando-lhe o lenço dos hombros com elle lhe vendou os olhos. Absolvida pelos padres, o carrasco a degolou (por a parte de traz, para maior ignominia) mostrando a cabeça ao povo, e arremeçando-a depois ao chão, para junto do tronco, e cobrindo tudo com um pano preto. [1]

Esta execução terminou ás 8 e meia, voltando então a mesma cadeirinha, sempre escoltada por dragões e infanteria, á Quinta dos Bixos, d'onde logo sahiu entre dois padres arrabidos. Chegada ao fundo da escada, d'ella sahiu o desgraçado José Maria de Tavora, segundo filho dos marquezes velhos, e que fôra ajudante de ordens de seu pae (que era general) e capitão de dragões de Chaves. Era um elegante e formosissimo mancebo, de longos cabêllos louros; vinha vestido de veludo preto, meias côr de pérola, e mãos amarradas. Vinha quasi morto, de modo que foi precizo que os padres o levassem quasi suspenso. Foi mostrado ao povo, (como sua mãe) pronunciou algumas debeis palavras, com as quaes pedia perdão a tôdos.

Coufrange-se o coração e nega-se a penna a escrever tantos horrores! Grande foi na verdade o crime d'esta gente, que a ambição e o orgulho perderam; mas o castigo excedeu em barbaridade aos mais atrozes das nações selvagens. Direi apenas: este desgraçado foi amarrado a uma aspa, onde lhe quebraram, com macêtas de ferro, as *cannas* dos braços e pernas, e lhe deram garrote vil. Desatado o cadaver e depois de mostrado ao povo, foi estendido sobre a primeira roda que ficava á esquerda da escada. Eram 9 horas.

A cadeirinha, com a mesma escolta, voltou á quinta, d'onde logo veio, entre dois frades arrabidos. Chegando ao primeiro degráo da escada, d'ella sahiu Luiz Bernardo de Tavora, marquez (filho) d'este titulo. Trazia vestido escuro, meias pretas e cabelleira de tranças; era tambem um joven formoso e elegante trazia, como os mais, as mãos ligadas. No acto de ser mostrado ao povo, principiou a fallar, protestando que era in-

[1] Vou seguindo n'esta narração, em grande parte, a Guia do Viajante em Belem, annonyma e publicada em 1872; porem tambem tenho á vista uma outra narração coeva, illustrada com uma estampa de 27 centimetros de largo e 29 de comprido, em que se vê este espectaculo em toda a sua atroz veracidade.

Nem d'esta narração consta que algun cadaver fosse coberto, nem do quadro se vê semelhante circumstancia, pelo contrario todos os cadaveres estão completamente á vista dos espectadores, e acho isso mais proprio da sentença e dos usos do tempo.

No quadro veem-se as rodas de 4 raios (em forma de cruz) tendo no centro um poste, de 3 palmos, que os sustenta na altura conveniente. Debaixo de cada roda, como dos 3 bancos em que já fallei, se vêem molhos de lenha, achas e barricas. O espaço entre o pavimento da praça e o do cadafalso tambem está cheio de materias combustiveis.

nocente e que a sentença que o condemnou era iniqua; mas o corregedor o mandou calar e tratar sómente da sua salvação, aliás lhe mandaria pôr uma mordaça, o que o obrigou a guardar silencio. Morreu do mesmo módo que seu irmão, e foi collocado na roda immediata, que era a que estava no centro das 3 do lado esquerdo da escada. Eram 10 horas.

Foi a cadeirinha buscar á quinta uma outra victima e chegou logo, entre dois frades tambem arrabidos, e d'ella sahiu Jeronymo de Athaide, conde d'Atouguia, genro dos marquezes velhos de Tavora. Vinha de cabeleira e bolsa, e vestido de veludo escuro; subiu com aspecto furioso, e morreu do mesmo módo e com as mesmas formalidades que seus dois cunhados. Foi de posto na segunda roda do lado direito daescada.

Eram 11 horas.

Para maior brevidade n'estas execucções, não se esperou mais que uma fosse terminada (como se tinha praticado até ali) para se ir buscar o padecente immediato, antes, apenas um subia ao cadafalso, sahia a cadeirinha buscar outro.

D'esta vez chegou a cadeirinha entre dois padres mariannos, e d'ella sahiu Manuel Alves Ferreira, guarda-roupa do duque de Aveiro (Este Ferreira estava na cadeia de Belem.) Vinha só com camiza e calções, sem meias nem cabelleira e descalço, apenas coberto com um redingote escuro, e algemado. O seu supplicio só se differençou dos antecedentes em lhe serem os ossos quebrados com uma roda de ferro, e com mais brevidade. Foi deposto na terceira roda, da parte esquerda. Eram 11 e meia.

Já a este tempo chegava a cadeirinha, vinda tambem da cadeia de Belem, entre outros dois padres mariannos. Sahiu Braz José Romeiro, cabo d'esquadra da companhia do marquez de Tavora filho, e seu criado. Vinha na mesma figura e morreu do mesmo módo do antecedente. Foi deposto na terceira roda, do lado direito da escada.

Era meio dia.

Chegou logo a cadeirinha, vinda da Quinta dos Bixos, entre dois padres mariannos, e ao passar por entre as tropas, rufaram as caixas destemperadas, para maior ignominia do desgraçado que alli vinha, que havia sido seu general. Era Francisco d'Assis de Tavora, marquez (pae) d'este titulo. Vinha todo vestido de preto, cabelleira de bolsa e nas mãos atadas um crucifixo. Subiu velozmente a escada. Morreu do mesmo módo que seus filhos e genro. Foi deposto na primeira roda da direita.

Eram duas horas da tarde.

Então chegava a cadeirinha, vinda da quinta, entre dois padres mariannos, e d'ella sahiu D. José Mascarenhas, duque d'Aveiro. Trazia roupão encarnado, sem cabelleira, com as mãos prezas e entre ellas um crucifixo. Com as mesmas formalidades, mas com mais crueldade, por êrro (ou proposito) do carrasco, foi suppliciado e deposto depois na roda do centro a que ficava junto á escada.

Este homem intelligente e energico, era quasi geralmente aborrecido pela sua extrema vaidade e insupportavel orgulho, de cujos defeitos fazia ostentação até com os fidalgos da côrte. Era o titular mais rico e magnifico do reino; pois, apesar de nascer filho 2.º, veio a herdar o ducado d'Aveiro, o marquezado de Gouveia, e outros muitos titulos, honras e commendas. (Vide, Aveiro, no logar competente.)

Terminou o suplicio d'este desgraçado ás 2 e meia.

Chegou a cadeirinha, da cadeia de Belem, entre dois frades de Rilhafolles e d'ella sahiu João Miguel, môço d'acompanhar, do duque d'Aveiro. Vinha descalço, só com camiza e calções, algemado e coberto com um capote. Vinha quasi desfallecido, e morreu como os precedentes.

Foi posto na roda de centro, do lado do rio. Eram 3 horas da tarde.

Torna a chegar a cadeirinha, vinda da mesma cadeia, entre dois frades mariannos, e d'ella sahiu o mais infeliz de todos os condemnados, Antonio Alves. Em a narração que possuo, escripta evidentemente no tempo do marquez de Pombal, se diz sempre Manuel Alvares Ferreira e Antonio Alvares Ferreira. Na (*Guia do viagante em Belem* diz-se sempre Alves por Alvares; seja como fôr,

não vale a pena quebrar a cabeça por tão pouco) guarda-roupa do duque d'Aveiro.

Vinha em camiza e calções, coberto com um capote e algemado. Ao mesmo tempo chegou da quinta a estatua de José Polycarpo d'Azevedo, que, como já disse, tinha conseguido fugir. Subiram ambos ao cadafalso (indo a estatua levada pelos carrascos) e foram collocados nos dois póstes que estavam ao fundo do cadafalso (do lado do Tejo) vindo a ficar entre Manuel Alvares res Ferreira, João Miguel e Braz José Romeiro. Os carrascos amarraram (o vivo Antonio Alvares Ferreira) com uma cadeia de ferro, pela cinta e as mãos a traz com uma corda. Encheram-o todo de bocados de breu e lhe poseram ao pescôço um sacco cheio de pedaços de péz e enxofre, pondo-lhe aos pés um *lava-peixe*, com um archote acceso na mão.

Emquanto se fizeram estes horriveis preparativos, se foi descarregando a barca e trazendo para baixo do tablado, tôjo, lenha e barris d'alcatrão. Os frades faziam todos os esforços por animar o desgraçado réu, e isto levou uma hora.

Pelas quatro horas se lançou fogo ao cadafalso. Foi atrocissima a morte do desgraçado Antonio Alvares. Estava com a cara virada ao norte, e como o vento, n'essa occasião, soprava d'aquelle lado, obstava a que elle fosse suffocado pelo fumo, o que lhe prolongou por 20 minutos o supplicio, morrendo a fogo lento.

Depois d'isto, se lançou fogo aos combustiveis que estavam por baixo do tablado e tudo foi presa das chammas.

Eram 4 horas da tarde quando tudo terminou.

Os ministros e tropas retiraram. O rei, vestido de gala, deu beijamão á côrte. Foi a primeira vez que appareceu em publico depois de ser ferido.

—

Como este artigo já vae bastante longo, não transcrevo na sua integra a sentença que condemnou estes criminosos: copiarei apenas os trechos seguintes:

«Condemnam o réu José Mascarenhas, que já se acha desnaturalisado, exautorado das honras e privilegios de portuguez, de vassallo e creado, degradado da ordem de S. Thiago, de que foi commendador, e relaxado a esta junta secular, que n'ella se administra, a que, como um dos tres cabeças ou chefes principaes d'esta infame conjuração, e do abominavel insulto que d'ella se seguiu, seja levado com baraço e pregão á praça do caes do logar de Belem, e que n'ella, em um cadafalso alto, que será levantado, de sorte que o seu castigo seja visto de todo o povo, aquem tanto tem offendido o escandalo do seu horrorosissimo delicto, depois de ser rompido vivo, quebrando-se-lhe as oito cannas das pernas e dos braços, seja exposto em uma roda, para satisfação dos presentes e futuros vassallos d'este reino; e aqui, depois de feita esta execução, seja queimado vivo o mesmo reu com o dito cadafalso em que foi justiçado, até que tudo pelo fogo seja reduzido a cinzas e a pó, que serão lançados ao mar, para que d'elle e de sua memoria não haja mais noticia.....»

«e considerando-se que o mais conforme (castigo) é o de escurecer e desterrar, por todos os módos o nome e a recordação de tão enormes delinquentes, condemnam outrosim ao mesmo réu, não só nas penas de direito commum, para serem derribadas e picadas todas as suas armas e escudos em quaesquer logares em que se acharem postas, e as casas e edificios materiaes da sua habitação demolidos e arrasados, de sorte que d'elles não fique signal, sendo reduzidos a campos salgados; mas que tambem todas as casas, formaes ou vinculos por elle administrados, n'aquellas partes em que houverem sido constituidos em bens da corôa, ou que houverem sahido d'ella por qualquer modo, maneira ou titulo que fosse, como por exemplo o foram os bens declarados nas doações da casa d'Aveiro, e os mais semilhantes, sejam confiscados e perdidos d'esde logo, com effectiva reversão e incorporação na mesma corôa, d'onde sahiram.....»

«Pelo que pertence porém aos outros morgados constituidos com bens patrimoniaes dos instituidores que os fundaram, declaram que se deve observar em beneficio dos

que n'elles houverem de succeder, o que se acha determinado pela Ordem do Liv. 5.º, tit. 6.º §. 15.º»

«Nas mesmas penas condemnam ao réu Francisco de Tavora, tambem cabeça da mesma conjuração, persuadido pela ré sua mulher .....»

«mandam que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condicção que seja, possa, da publicacão d'esta em diante, usar do appellido de Tavora, sob pena de perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, e desnaturalisação d'estes reinos e senhorios de Portugal, e perda de todos os privilegios que lhe pertenceram como naturaes d'elles.»

«Aos dois ferozes monstros, Antonio Alvares Ferreira, e José Polycarpo d'Azevedo, que dispararam os sacrilegos tiros.....» queimados vivos, bens confiscados, demolidas as casas em que moravam sendo proprias, em cujo caso serão tambem os terrenos salgados. etc. etc.»

«E porque o réu José Polycarpo se acha ausente, o hão por banido, e mandarão ás justiças de sua magestade que appellidem contra elle toda a terra (!!!) para ser preso. ou para que cada um o possa matar, não sendo seu innimigo e no caso em que seja apresentado nos dominios d'este reino, ao desembargador do paço, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, juiz da inconfidencia, mandará gratificar á vista, a pessoa ou pessoas que o apresentarem, com premio de dez mil cruzados, ou de vinte mil cruzados, sendo apprehendido em paiz estrangeiro, além das despezas que na jornada se fizerem.»

Os réus Luiz Bernardo de Tavora, D. Jeronymo d'Athaide, José Maria de Tavora, Braz José Romeiro, João Miguel e Manuel Alvares, foram condemnados nas mesmas penas dos antecedentes, e de mais a mais, além do perdimento de todos os seus bens para a real camara diz a sentença.—«Ainda que sejam vinculos constituidos com bens da corôa na forma acima declarada, ou ainda de prazos, alem da infamia em que hão por incursos seus filhos e netos.»

(D. Leonor de Tavora, mulher de Francisco d'Assis de Tavora, marquezes d'este titulo, por lhe fazerem muito favor, só foi degolada, antes de ser queimada. Nas mais penas foi como os seus complices.)

«Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em junta de 12 de janeiro de 1759, com a rubrica dos trez secretarios d'estado que presidiram e de mais seis desembargadores do paço.

Os tres secretarios de estado, eram: Sebastião José de Carvalho e Mello, reino; D. Luiz da Cunha, estrangeiros e guerra; Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, marinha e America.

Os desembargadores foram—Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira (deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, da do Paço e chanceller da casa da Supplicação) João Pacheco Pereira (desembargador da mesa do Paço) João Marques Bacalháu (do conselho da fazenda), Manuel Ferreira de Lima (da Mesa da Consciencia), Ignacio Ferreira Souto (desembargador dos aggravos) e José Antonio de Oliveira Machado (da Casa da Supplicação) escrivão do summario e com voto na sentença.

—

Foram pois (em cumprimento d'esta sentença) arrasados todos os palacios dos fidalgos suppliciados e derrubadas e picadas as armas e todos os distinctivos heraldicos que n'elles se viam.

A camara e povo d'Aveiro, em despreso do duque, requereram ao rei que se mudasse o nome d'esta cidade, o que lhe foi concedido, ficando a chamar-se *Nova Bragança;* mas no reinado de D. Maria I, tornou a tomar o seu antigo nome, que ainda conserva.

—

O palacio do duque de Aveiro occupava então todo o espaço que hoje fica entre o largo do chafariz, proximo do convento dos jeronymos (Belem) e a travessa que fica para o E., na rua direita de Belem e junto á calçada do Galvão.

Arrasado o palacio e muros da quinta e jardim, se salgou todo este terreno, e n'elle se erigiu uma *memoria* para perpetuar o crime e o castigo d'elle.

É uma columna cylindrica, de cinco me-

tros de altura, terminada por uma chamma (em fórma de pyra) e cercada de cinco anneis, tambem de pedra, representando os cinco membros da familia de Aveiro que entraram na conjuração. No plynto da columna, que é quadrado, se lê ainda perfeitamente esta inscripção:

AQUI FORAM ARRASADAS E SALGADAS
AS CASAS DE JOSÉ MASCARENHAS,
EXAUTORADO DAS HONRAS DE DUQUE
D'AVEIRO E OUTRAS,
CONDEMNADO POR SENTENÇA PROFERIDA
NA SUPREMA JUNTA DE
INCONFIDENCIA, EM 12 DE JANEIRO
DE 1759.
JUSTIÇADO COMO UM DOS CHEFES
DO BARBARO E EXECRANDO DESACATO
QUE NA NOITE DE 3 DE SEPTEMBRO
DE 1758 SE HAVIA COMMETTIDO
CONTRA A REAL E SAGRADA PESSOA DE
D. JOSÉ I.
NESTE TERRENO INFAME SE NÃO PODERÁ
EDIFICAR EM TEMPO ALGUM.

—

Este terreno *salgado*, ficou pertencendo á camara de Belem, e esteve deserto e abandonado—como chão infame—até ao reinado de D. Maria I e seu tio, D. Pedro III, em o qual a camara foi dando licenças para se edificarem casas no ambito condemnado. Ao presente, todo elle se acha occupado (melhor diria obstruido) por insignificantes casas e tabernas e por barracas indecentes, que escondem a *memoria*, que actualmente está com a frente virada para as trazeiras de um dos taes casebres, e d'elle distante apenas meio metro, o que torna incommoda a leitura da inscripção.

Está a memoria ao fundo de um pateo pertencente á uma locanda que tem entrada pelo largo do chafariz, em cujo pateo esgravatam, sujam e esfoçam, gallinhas, porcos e outros animaes domesticos.

Da rua direita de Belem, apenas se avista o remate da columna, um pouco mais alta que uma barraca de um andar.

—

D. Maria I, logo depois do attentado, fez voto de erigir uma egreja, dedicada a Nossa Senhora do Livramento e S. José, em memoria e acção de graças por seu pae ter escapado d'esta cilada: devendo esta egreja ser edificada no proprio sitio onde foram disparados os tiros contra o rei, na calçada do Calvario ou do Galvão.

A este templo se chama vulgarmente *Egreja da Memoria.*

D. Maria (sendo ainda princesa do Brasil) deu principio ao cumprimento da promessa, em 1760, no mesmo anno em que casou (a 6 de junho) com seu tio o infante D. Pedro, depois III.

Fez o risco e superintendeu á sua construcção o engenheiro italiano João Carlos Bibiena.

—

Nem só por aqui serem suppliciados estes dez desgraçados é notavel o largo de Belem. Tambem foi no caes d'elle que embarcaram os jesuitas, expulsos de Portugal, pelo decreto de 3 de setembro de 1759. Foi tambem aqui que embarcou para o Brasil D. Maria I e toda a familia real, fugida ás hordas sanguinarias do impio Junot, no dia 27 de novembro de 1807.

CHÃOS—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zêzere, comarca e 12 kilometros de Thomar, 145 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 195 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Antigamente era da comarca e prelasia de Thomar *nullius diœcesis*, e termo da villa de Pias.

Situada na serra que corre de Minde para Alvaiázere. A maior parte do seu terreno é esteril e pedregoso.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario e um coadjutor, que ambos eram da Ordem de Christo. O vigario tinha 2 moios de trigo, 1 de cevada, 6 alqueires de azeite, 26 almudes de vinho e 22$000 réis, com a obrigação de pagar os sermões de quaresma—o coadjutor tinha 2 moios de trigo, 13 almudes de vinho e 6$000 réis; e por servir de thesoureiro tinha mais arroba e meia de cêra, 6 alqueires de trigo e 3 de azeite, tudo pago pela mesa mestral de Thomar.

Ha mais em Portugal 36 aldeias chamadas Chãos.

A esta chama-se-lhe vulgarmente *Chãos de Ferreira.*

CHAPA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior do convento de S. Domingos, de Mancéllos, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

CHAPINHEIRA—vide Varzea de Góes.

CHARNECA—freguezia, Extremadura, comarca, termo e 9 kilometros ao N. de Lisboa, concelho dos Olivaes, 195 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 24 de agosto.

O prior do Lumiar apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tinha dois juizes, chamados do *julgado*, com um escrivão e um alcaide, sujeitos á camara de Lisboa e á correição de Alfama.

É terra fertil e saudavel.

(Ha mais 20 aldeias d'este nome.)

A egreja foi fundada em 1685. Fica, a freguezia, ao N. do Valle de Chellas.

Ha aqui boas quintas, sendo a melhor a do sr. visconde de Pereira, que tem um bello palacio e bonitos jardins. Foi isto feito no principio d'este seculo pelo fallecido capitalista José Bento de Araujo, e melhorado por seu sobrinho e herdeiro Joaquim Pereira da Costa, pae do actual proprietario.

Ha n'esta freguezia uma nobre casa, solar dos Mesquitas, e cabeça de um vinculo, que foi do senhor da Torre dos Coelheiros. Este morgado foi instituido por Fernão Gonçalves Cogominho, meirinho-mór de D. Affonso IV, e que foi sepultado no convento de S. Francisco, d'Evora, em 1464.

O conde D. Pedro diz serem os Cogominhos descendentes de D. Guêda, o *Velho.* Este morgado tinha cadeira na capella-mór, onde lhe fazia venia o prégador, antes de subir ao pulpito. As terras d'este morgado tinham mais de 36 kilometros de circumferencia, com uma aldeia e uma torre.

CHARRAMA ou **XARRAMA**—rio do Alemtejo. Nasce ao S. de Tourega, e morre na direita do Sado, abaixo de Domim, com um curso de 60 kilometros. Suas margens são na maior parte cultivadas ou arborisadas, muito ferteis e em muitos sitios bellissimas.

Na margem d'este rio, proximo á villa do Torrão, construiram os romanos um soberbo templo dedicado a Jupiter Olympico. Os duques de Bragança o demoliram, para com as suas bellas pedras fazerem conventos em Villa Viçosa.

Vide Evora, Terena, Torrão e Pomares.

CHAVÃES—villa, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Taboaço, 24 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 118 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego. Era da corôa.

Situada em uma serra.

O abbade de Barcos (a cuja collegiada era annexa esta freguezia) apresentava annualmente o cura, que tinha 60$000 réis.

Fertil em pão, vinho e castanhas. Muita caça.

É regada pelo ribeiro do seu nome, que logo abaixo da freguezia se mette no Tédo.

Tinha foral, dado pelos Azevedos, senhores de Bayão, em 1265, confirmado por D. Affonso III, em Lisboa, a 27 de setembro de 1269.

CHAVÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 56 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle junto ao monte da Saya.

A matriz é muito antiga. No adro está a residencia do parocho e as casas que foram da habitação do commendador da Ordem de Malta, que era o donatario. O vigario geral

e o provisor da religião de Malta apresentavam e confirmavam o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

No secular, era sujeito ao juiz de fóra de Barcellos.

Tinha esta freguezia os grandes privilegios da Ordem de Malta.

É terra fertil. Muito gado.

CHAVE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 54 kilometros a O. de Lamego, 15 a NE. de Oliveira de Azemeis, 20 a SE. da Feira, 43 ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo de Arouca, comarca de Lamego.

O reitor da freguezia de Salvador de Varzea, apresentava o cura, *ad nutum*, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia a capella de S. Thiago, que, segundo a tradição, foi fundada pelo conde da Feira, D. Francisco Forjaz Pereira.

Situada em terreno muito accidentado e alto, mas em geral fertil, e regada pelos ribeiros de Sequeiros, Regada, Areeiro e outros arroios. Na extremidade NE. passa o rio Arda.

Pelo meio da freguezia passa a antiga estrada do Porto para Viseu, hoje quasi totalmente desfeita, pelo que os que querem transitar entre aquellas duas cidades, vão pela Mealhada, fazendo uma volta de mais de 30 kilometros.

A nova estrada de Arouca para Oliveira de Azemeis (em construcção) passa por esta freguezia.

Ha n'esta freguezia minas de chumbo, cobre e ferro, mas não se exploram, por terem todas apparencia de pobreza.

Esteve aqui em execução a barbara lei do *terradégo*. (Vide Anciães.)

D'esta lei procede o costume, que ainda existe, para se não perder completamente o do terradégo, de, por fallecimento de qualquer pessoa, seus herdeiros serem obrigados a mandarem ao paroch, (hoje reitor) *por uma rapariga bonita*, 3 *padas* de pão, 12 óvos e meia canada de vinho.

CHAVES — villa, Traz-os-Montes, praça d'armas, 12 kilometros ao S. da raia, 70 ao NE. de Braga, 70 ao ONO. de Bragança, 405 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos (4:400 almas) no concelho 6:650 fogos, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Em 1660 tinha a villa 500 fogos.

Feira no 1.º de novembro, 3 dias.

Foi antigamente da comarca de Guimarães, e depois da da Torre de Moncorvo, e tambem foi, por muito tempo, capital da provincia de Traz-os-Montes.

Era donataria d'esta villa e freguezia a casa de Bragança.

Situada na formosa e fertilissima planicie chamada Valle de Chaves. Chamava-se antigamente *Campo da Rhoda*. (*Rhoda* é palavra persica, adoptada pelos arabes, e significa jardim; e com effeito é bem empregado o nome. Ainda se chama Campo da Rhoda a um terreiro do estado, ao fundo do valle, que serve para exercicios militares.)

Noto aos meus leitores que em *Rhodna* (Moldavia) ha tambem uma nascente d'aguas mineraes, alcalinas, similhantes ás de Chaves. Esta circumstancia faz-nos suspeitar que haja na palavra *Róda* alguma relação com *Rodna*.

Ha aqui a Ribeira de Chaves, passando quasi pelo meio da villa, e pelo recinto de suas muralhas o rio Tâmega, que, mesmo dentro da villa, tem uma formosa e robustissima ponte de cantaria lavrada, de 18 arcos, obra dos romanos. Nas duas columnas erguidas n'uma das extremidades da ponte, se vêem varias inscripções de Trajano e de outros imperadores romanos.

(Trajano era hespanhol, natural de Italica, *Sevilha Velha*. Foi o primeiro imperador romano estrangeiro.)

Teve principio a construcção d'esta ponte no tempo do imperador Flavio Vespasiano

e se concluiu no de Trajano. (Entre 74 e 114 de Jesus Christo.)

Diz o padre Carvalho, que, em casa de um tal João Guedes, d'esta villa, estava uma lapide com a inscripção latina, que traduzida, diz o seguinte:

> Sendo pretores de Hespanha e legados do imperador, Cayo Calpetano, Roncio Quirinal, Valerio Festo e Decio Cornelio Mediciano; e sendo Lucio Aruncio Maximo, proconsul, e estando por guarnição a legião 7.ª gemina, chamada *ditosa*, 10 cidades, com seus povos, pagaram para a obra d'esta ponte. Foram os *Aquiflavienses*, *Aorbigenses*, *Bibalos*, *Geletinos*, *Equezes*, *Interamicos*, *Lincios*, *Ebossocios*, *Querquernos* e *Tamacanos*.

Da inscripção, copiada por D. J. C. d'Argote (*Mem. de Braga*, tom. 1.º, pag. 320 e seg.) foi copia remettida á Academia Real de Historia Portugueza) adiante dou a inscripção e traducção) d'ellas se verá que ha alguma differença nos nomes dos povos que concorreram para a construcção d'esta ponte.)

Deve esta villa o seu nome e a sua origem a uma nascente de aguas sulphureas que aqui se descobriu, no tempo dos romanos. Para aproveitarem estas aguas para banhos, fundou o imperador Flavio Vespasiano uma povoação junto á sua nascente, á qual (povoação) pôz o nome de *Aquæ Flaviæ* (no anno 78 de Jesus Christo.) É certo que existiu e assim se chamava no tempo dos romanos, esta povoação, que foi logo feita *colonia romana*.

Com o decurso do tempo, se corrompeu o nome primittivo (provavelmente por a agua sahir a ferver) e se lhe chamou *Aquæ Calidæ* (Aguas Quentes.) Tambem este segundo nome se veio a corromper, talvez por abreviatura, chamando-se *Clavis*, e finalmente, no tempo de D. Affonso VI de Leão (1080) se principiou a chamar Chaves.

Segundo outra opinião (que me parece plausibilissima) os póvos do Norte que succederam aos romanos, achando *Aquæ Flaviæ* uma palavra comprida, lhe *amputaram* a *Aquæ* e só deixaram o *Flaviæ;* mas, como alguns d'estes póvos pronunciavam o *f* como nós pronunciamos o *lh*, em vez de dizerem *Flaviæ*, diziam *Lkavie*, e d'aqui a facil transição para o castelhano *Lhaves* e por consequencia, para o portuguez Chaves.

Apesar d'estas duas opiniões, que são as unicas seguidas para a etymologia do nome d'esta villa, e, apesar de serem ambas tão verosimeis, atrevo-me a duvidar que *Aquæ Flaviæ* degenerasse em Chaves.

As cinco *chaves* que a villa tem por armas, faz-me suppôr que algum facto memoravel (em que, por qualquer circumstancia, figurasse uma ou mais *chaves*) e que não chegou ao conhecimento dos chronistas e etymologistas, foi a causa da mudança do nome antigo para o moderno.

Pelos annos 160 de Jesus Christo, era esta villa uma cidade e colonia romana importantissima, povoada e adornada de muitos e sumptuosos edificios e abrangendo muito mais vasta área do que a actual, chegando até á povoação do Outeiro Sêcco, como o tem provado as pedras lavradas, bocados de columnas, pedestaes, capiteis, plintos, canos e tanques (para banhos) que teem apparecido, sobre tudo no seculo passado, entre a villa e a tal aldeia do Outeiro Sêcco.

As aguas thermaes (salinas, alcalinas e gazozas) com a temperatura de 56° centigrados junto á nascente, que deram o primeiro nome a Chaves, nascem no Campo do Tabolado, ao fundo d'elle, ao N. do Tâmega, e proximo de um pequeno ribeiro que se lhe junta.

Para a significação de *Tabolado*, vide esta palavra. No tal Campo do Tabolado se faz uma bôa feira, a 14 e outra no ultimo dia de cada mez. Vende-se n'ellas muito gado e tudo o mais do costume.

É proximo e ao O. da praça. Os romanos tinham aqui as suas *thermas;* mas durante uma guerra que houve com Castella (1706) o primeiro conde de Mesquitella, governador da provincia, as mandou arrazar, para desobstruir a esplanada da praça. Adiante

vae a descripção scientifica d'estas aguas, segundo a analyse da Exposição Universal de Paris, em 1867.

Como todas as povoações antigas da Lusitania, Chaves soffreu grandes desgraças causadas pelos seus diversos dominadores.

Pelos annos 412 era ainda a florescente cidade romana de Flavio Vespasiano e de Trajano; mas os povos germanicos que a occuparam então, principiaram a sua decadencia. Logo d'ahi a 44 annos (456) havendo guerra entre os suevos Rumismundo (filho de Madras) e Frumario (filho de Franta) sobre o direito ao throno; Frumario tomou e arrasou a villa, sem deixar pedra sobre pedra.

Era então Chaves cidade episcopal e seu bispo o bem conhecido auctor do *Chronicon* (Idacio). Este escriptor diz que não foi em 456, mas em 460 que Frumario, com os suevos, assolou Aquas Flavias e suas visinhanças, prendendo o mesmo Idacio, que soltou d'ahi a tres mezes. Idacio attribue este odio dos suevos aos flavienses a estes se conservarem fieis aos romanos; mas, segundo elle, a destruição de Aquas Flavias não foi tão completa como dizem outros escriptores, pois só diz que esta cidade foi assolada. Devemos dar credito a Idacio, visto ser contemporaneo dos factos que relata. Denominava-se Idacio Limico, uns dizem que por ser de Limia, na Galliza, outros que por ser da actual Ponte de Lima (Forum Lemicorum) ou suas visinhanças.

N'este lamentavel estado a acharam os mouros em 716, e trataram logo de a reedificar, fortificar e povoar. D. Affonso (o Catholico) de Leão, lh'a tomou, em 888, e fez varios reparos na villa e nas fortificações.

Os mouros a cercaram e retomaram em 923, e D. Affonso III de Leão a resgatou em 955, mandando-a então reedificar, povoar e cercar de muros: encarregando d'estas obras o conde D. Odorio (ou Odoario).

Desde então esteve em poder dos reis de Castella e Leão até 1093, dando-a então D. Affonso VI de Hespanha, em dote a sua filha D. Thereza e ao conde D. Henrique.

Em 1129 tornou a cahir no poder dos mouros.

Em 1160, reinando em Portugal D. Affonso I, e com sua licença, a investiram denodadamente e a resgataram os dois irmãos Garcia Lopes e Ruy Lopes, que, por tamanho feito, se ficaram appellidando «de Chaves.»

Para eternisar a façanha d'estes dois irmãos, estão na matriz da villa os seguintes versos:

«Dois hirmaons com as Quinas,
«Sem rei, ganharam a Chaves,
«D'onde em roxo, crystalinas
«Lhes foi dado por insignias
«Em seu escudo sinco chaves.

D. Diniz engrandeceu muito esta villa, e reparou e ampliou as suas muralhas, em 1300.

D. Affonso III lhe deu foral em Guimarães, a 15 de maio de 1258. D. Affonso IV lhe confirmou todos os seus antigos privilegios e foros por carta de foral, em 1350.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 7 de dezembro de 1514. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 44, v., col. 2.ª, gaveta 18, maço 3, n.º 20; e no livro 1.º de *Doações do senhor rei D. Affonso III*, fl. 29, col. 1.ª, *in principio*.

Tinha voto em côrtes, com assento no 5.º banco.

Dentro do forte de S. Francisco havia um convento do mesmo santo, que foi primeiro de templarios, e estando abandonado e damnificado, foi reconstruido, (para ser dos taes frades franciscanos) com esmolas do povo e dos duques de Bragança, em 1637.

Na egreja d'este convento está sepultado o primeiro duque de Bragança, D. Affonso I, filho bastardo, reconhecido, de D. João I e de Ignez Fernandes Esteves (vide Guarda e Castanheira.) O seu magnifico tumulo mandou fazer a duqueza D. Catharina, filha do infante D. Duarte.

O palacio em que viveu e morreu este duque, ainda existe. Foi elle mesmo que o mandou fazer, pelos annos 1400.

As armas de Chaves são—em escudo de prata, cinco chaves de ouro. Mas antigamente eram—um escudo, dentro do qual

se vêem as armas de Portugal entre duas chaves de ouro, em campo asul, assente tudo sobre uma ponte, com um rio por baixo.

É quartel general da sub-divisão da 2.ª divisão militar, e quartel de infanteria 13 e cavallaria 6.

Até 1836, tinha esta villa pouca e pessima agua; mas então se trouxe do Bustello, que fica a 12 kilometros de distancia, encanada para aqui, e agora tem dois bons chafarizes e um grande tanque.

Além do castello, tem esta praça o forte de S. Francisco, ao N.; e fóra da praça, o forte de S. Neutel (ou Eleuterio) e o forte da Magdalena, ao S.

A porta da Magdalena foi arrasada em 1870, para passar a nova estrada de Villa Real á Chaves. Dentro do forte da Magdalena está a capella do hospital militar de S. João de Deus, toda de abobada de pedra, com telhas vidradas. O seu frontespicio é obra primorosa de esculptura e justamente admirada por nacionaes e estrangeiros.

Pois este bello templo foi profanado depois de 1834, sem lhe poder, ao menos, valer, ser a cousa melhor e mais notavel de Chaves. Está transformado em officina de carpinteiro, e a rica sachristia em armazem de madeira!

Tambem dentro do antigo forte da Magdalena, hoje vulgarmente chamado Bairro da Magdalena, todo povoado de casas particulares, ha a capella de Santa Maria Magdalena.

Tem uma só freguezia, de que é orago Nossa Senhora da Assumpção, geralmente chamada Santa Maria Maior.

O prior era *murçado* e tinha, antes de 1834, 800$000 réis de rendimento, segundo Cardoso. O *Portugal Sacro* diz que eram 600$000 réis. Era apresentado pela casa de Bragança. Tinha quatro beneficiados, dois d'elles da mesma apresentação, e os outros dois do papa e do ordinario. Os primeiros dois tinham 150$000 réis cada um e os outros dois 60$000 réis cada um.

Tem Misericordia e hospital.

No forte da Magdalena tinha um convento de frades de S. João de Deus, que sempre foi hospital militar e até 1834 era administrado pelos frades. Da sua sumptuosa capella já fallei.

Havia aqui duas albergarias, uma fundada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e outra fundada por Lourenço Pires de Chaves, chefe da familia d'este appellido.

Ha muitas capellas dentro e fóra da villa.

Além do hospicio de S. João de Deus, ha aqui dois conventos, um de frades franciscanos, da provincia de Portugal. Outro de freiras capuchas da Conceição, que primeiro foi recolhimento. Principiou a clausúra a 28 de outubro de 1691 e professaram em 18 de fevereiro de 1716, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles. Foi quartel do general das armas da provincia.

Tem um bonito theatro, cuja construcção se concluiu em 1873.

Tinha, até 1834, juiz de fóra, camara, etc. auditor geral, para os militares; vigario geral, etc.

Em varias partes d'esta villa ha nascentes de aguas thermaes, da mesma qualidade das do Tabolado, que deram o primeiro nome á villa.

O valle ou ribeira que circumda a villa é muito aprasivel e fertilissimo, pelo que esta villa se torna muito vistosa pelo delicioso sitio em que está collocada, e muito farta; mas é bastante sujeito o seu clima a febres intermitentes.

Na egreja parochial está enterrada Maria Mantella e seus sete filhos (gemeos, segundo a tradição) e todos clerigos. Era ella natural do Porto. Cada um edificou uma egreja, e foram as seguintes: Santa Maria de Moreira, Santa Maria do Calvão, a de Villar de Perdizes, Santa Leocadia, Santa Maria de Melres, a do mosteiro Doso e metade d'esta egreja matriz de Chaves.

Na lapide que cobria a sepultura de todos oito se lia a seguinte inscripção:

AQUI JAZ MARIA MANTELLA
COM SEUS FILHOS AO REDOR D'ELLA.

Posto que esta villa tenha perdido uma grande parte da sua antiga importancia, ainda hoje é uma povoação muito bonita, e não pequena, com muita vida, bons edificios e bonitas ruas.

Do seu castello gosa-se um formosissimo panorama.

Proximo da villa (a 8 kilometros) fica o logar de Sapéllos. (Vide esta palavra.)

Antes de 1834, era quartel de um regimento de infanteria e dois de cavallaria.

D'esta villa foi feito marquez, em 1823, o bravo e fidelissimo general, 2.º conde de Amarante, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, filho do 1.º conde d'Amarante, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

O valorosissimo 2.º conde d'Amarante e 1.º marquez de Chaves. morreu em Lisboa, a 7 de março de 1830, dois mezes, dia por dia, depois da morte da Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. Era o homem de mais prestigio que tem havido no exercito portuguez, e mesmo no povo, principalmente nas provincias do Norte.

A 15 kilometros a E. d'esta villa fica a praça de Monforte do Rio Livre.

As fortificações de Chaves teem por muitas vezes sido concertadas, modificadas ou ampliadas, de modo que talvez nada exista das suas primeiras obras de defeza. O actual castello e a maior parte das muralhas, que cercam a villa, são obra de D. Diniz, pelos annos 1300.

Em 9 de março de 1809, estando esta praça apenas guarnecida por ordenanças (commandadas por Francisco Homem, de Bóbeda) sendo atacada pelo general Soult, com uma divisão de 30:000 homens, os paizanos se atreveram a vir esperar os francezes fóra das muralhas, no campo; mas, sendo facilmente vencidos, retiraram para o castello, onde capitularam.

Os francezes na sua entrada saquearam muitas casas, e deixando uma guarnição de 3:000 homens, marchou o resto para Braga.

O 1.º conde de Amarante, que estava em Villa Pouca de Aguiar com uma brigada composta de alguma tropa e, a maior parte, paizanos, veio logo sobre Chaves, e atacando os francezes, tomou a praça no fim de 3 dias, ficando prisioneiros todos os francezes.

—

A inscripção que, segundo o padre Argote, estava na ponte d'esta villa, e de que atraz fallei, é a seguinte:

IMP. CAES. VESP. AUG. PON.
MAX. TRIB. POT. X IMP. XX COS. IX.
IMP. VESP. CAES. AUG. F. PONT. TRB.
POT. VIII IMP. XIIII. COS VI
= = = = = = = = = =
C. CALPETANO RANTIO QUIRINALI.
VAL. FESTO. LEG. AUG. PR. PR.
D. CORNELIO MÁECIÁNO LEG. ÁUG.
L. ARRUMTIO MAXIMO PROC. AUG.
LEG. VII GEM. FEL.
CIVITATES X
AQUIS FLAVIENSES. AOBRIGENS.
BIBALI. COELERN. EQUAESI
INTERAMNICI. LIMICI. AEBISOC.
QUARQUERNI. TAMAGANI.

—

Segundo Argote, deve traduzir-se assim:

A legião 17.ª (1) *feliz, e dés cidades, a saber — os aquiflavienses, aobrigenses, bibalos, celerinos, equisilicos, interamnicos, limicos, ebisocenses. quarquernos e tamaganos, dedicaram esta memoria ao imperador Cesar Vespasiano Augusto, pontifice maximo, tendo a decima vez o poder tribunicio, sendo acclamado imperador vinte vezes e tendo sido consul oito: e ao filho do imperador Vespasiano Cesar Augusto, sendo o tal seu filho pontifice, e tendo o poder tribunicio oito vezes, e sendo acclamado imperador 14 vezes, e tendo sido consul seis : : : : Sendo legados de Augusto e pro-pretores Caio Calpetano, Rancio Quirinal e Valerio Festo; e sendo legado de Augusto, Cornelio Máeciano, e sendo proconsul de Augusto, Tito Aruncio Maximo.*

—

Ha outras traducções, que variam alguma coisa d'esta, mas o essencial vem a dar na mesma. Entre todas porém, esta é a que me parece mais verosimil.

—

Viterbo, no seu apreciabílissimo *Elucidario*, pronuncia-se furibundo contra esta inscripção, sustentando que é apocripha, e contra as taes *dés cidades*, nove das quaes nunca existiram; pois só a primeira (*Aquas Flavias*) é que foi cidade.

(1) Parece-me engano do padre: julgo que devia ser 7.ª

É porque antigamente, desde a baixa latinidade até ao tempo dos nossos primeiros monarchas, se dava o nome de cidade a um vasto territorio, dirigido por um só governo. (Vide Cidade.)

—

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do estado, por ser praça de guerra.

—

As aguas mineraes de Chaves foram analysadas chimicamente na Exposição Universal de Paris, em 1867. Eis a traducção do respectivo relatorio:

«As nascentes alcalinas quentes rebentam no meio de um campo chamado Tabolado, perto da fortaleza. Suppõe-se que são as célebres *Aquae Flaviae*, dos romanos; o que parece provarem algumas inscripções do tempo do imperador Trajano, que aqui foram encontradas.

«Estas thermas, destruidas no tempo das guerras da restauração contra Castella, estão hoje reduzidas a um modesto estabelecimento, que mereceria uma melhor sorte.

«Na sua nascente, a agua mineral é tão abundante, que basta cavar a terra a uma pequena profundidade, para a ver apparecer, acompanhada de uma decomposição de acido carbonico. Os habitantes d'esta localidade e seus contornos, empregam esta agua como lexívia (barrélla) para a lavagem da roupa. As propriedades physicas d'estas aguas thermaes, assim como a sua composição chimica, são analogas á das de Vidado e de Villarêlho da Raia, menos a temperatura, que é mais elevada, variando de 50° a 56° centigrados. Conteem por kilogramma 1gr.7:645 de principios fixos.

A nascente principal é junto ao ribeiro de *Rivellas*, a pouca distancia do Tâmega, ao SE, da villa. A agua é perenne.

Já aqui mesmo houve um soffrivel estabelecimento, e D. João VI, em 1805, ainda regente, quiz aqui fundar umas boas thermas, para o que se chegaram a levantar as plantas e riscos necessarios; mas a guerra com os francezes fez cessar estes trabalhos.

—

O 1.º duque de Bragança, decidido protector de Chaves, erigiu aqui uma grande confraria, da invocação de S. João, que pouco depois se denominou *Congregação da nobre cavallaria de S. João Baptista*. Foi o proprio duque quem lhe fez os estatutos, nos quaes recommendava, que no dia 24 de junho de cada anno, pela manhã, o capitão de cavalleiros e pessoas de qualidade acompanhassem em duas alas a bandeira, até ao mosteiro de S. Francisco, e, depdis de ouvirem missa no altar de S. João, fizessem, de manhan e de tarde, em qualquer logar apropriado, dentro dos muros da villa, torneios, justas e corridas, jogassem *cannas*, *forquilha* e os mais jogos que o capitão indicasse.

Veio esta irmandade a cahir em decadencia, mas em 1625 foram renovados os seus estatutos por se haverem perdido os primeiros, e tornou a florescer até 1647, tornando depois a decahir.

Manuel de Faria e Sousa, no seu *Epithome das Historias Portuguezas*, parte 3.ª, cap. 2.º, diz:

«Junto a Chaves se acharam as lousas dos «sepulchros de dois capitães portuguezes, «com as seguintes inscripções:

1.ª

AQUI YAZ SIMON ANTOM
QUE MATO MUITÔ CASTELLÃO,
E DEBAIXO DE SU COVOM
DESAFÍA A QUANTOS SOM.

2.ª

HIC IACET ANTONIUS PERIZ,
VASSALUS DOMINI REGIS,
CONTRA CASTELLANOS MISSO.
OCCIDIT OMNES QUI QUISSO.
QUANTOS VIVOS RAPUIT
OMNES ESBARRIGAVIT.
PER ISTAS LADEIRAS
TULIT TRES VANDEIRAS
E FEBRI CORREPTUS
HIC IACET SEPULTUS:
FACIANT CASTELLANI FESTE
QUIA MORTUA EST SUA PESTE.

—

O concelho de Chaves é formado pelas 45 freguezias seguintes: No arcebispado de

Braga—Agostem, Anêlhe, Arcossô, Bostêllo, Calvão, Cella, Chaves, Curalha, Eiras, Ervedêdo, Faiões, Lama d'Arcos, Santa Leocadia, Loivos, Monte Negro, Moreiras, Nogueira, Oura, Outeiro Sêcco, Póvoa d'Agrações, Redondêllo, Salhariz, Samaiões, Sanjurge, Seara Vélha, Soutilho, Soutêllo, Valle d'Anta, Villela Sêcca, Villela do Tâmega, Villar de Nantes, Villarêlho, Villarinho das Paranheiras e Villas Bôas.

No Bispado de Bragança: Aguas Frias e annexas, Bobadella, Cimo de Villa, Mairos, Oucidres, Paradella, Roriz, Sanfins, Travancas, Tronco e S. Vicente.

CHAVIÃES—freguezia, Minho, comarca concelho de Melgaço, 70 kilometros ao NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada perto da margem esquerda do rio Minho.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CHEIRAS—freguezia, Beira-Baixa, concelho de Jermêllo, comarca e 15 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em campina, na Serra da Estrella.

O prior de S. Miguel de Jermêllo apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de centeio, 10 de trigo e 4$000 réis.

Fertil em centeio e vinho; do mais pouco. Muito gado miudo. Muita caça.

Esta freguezia foi supprimida, e depois tambem o concelho de Jermêllo.

CHELB—nome que os arabes davam á cidade de Silves, no Algarve.

CHÉLLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um monte.

O reitor de Mirandella apresentava o cura, que tinha 10$500 réis, 27 alqueires de trigo, 15 de centeio, 14 almudes de vinho e 6 arrateis de céra.

Produz algum centeio, milho e azeite, e do mais muito pouco.

A pouca distancia abaixo do logar se juntam os rios Tua e Rabaçal, que desaguam no Douro.

Ha aqui uma barca de passagem.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

CHÉLLAS—aldeia, Extremadura, termo e 3 kilometros a E. de Lisboa, na freguezia de S. Bartholomeu, do Beato Antonio, concelho dos Olivaes.

Situada em fertil, amenissimo e formosissimo valle, e cujas hortas são famosas em Lisboa. Muito abundante em boas aguas, saudavel e produz de tudo e optimo.

Sumptuosissimo convento de freiras (intituladas *conegas regrantes de S. Felix*, da Ordem de Santo Agostinho-cruzias) e por isso chamadas vulgarmente *agostinhas*.

Este convento, que se denomina de S. Felix e Santo Adrião, é no fim do valle de Chéllas e junto da povoação d'este nome. Ha n'esta povoação varias fabricas de tecidos e estamparia nas quaes se empregam a maior parte de seus habitantes.

A origem d'este venerando monumento é a seguinte:

Em 666 (chegava o Tejo até Chellas) e aqui vieram ter as reliquias de S. Felix, diacono, que com mais 12 companheiros haviam sido martyrisados em *Gerona* (Catalunha) no 1.º de agosto de 301, imperando Diocleciano.

Reinava então nas Hespanhas (n'esse anno de 666) o rei catholico Receswinto.

Logo os lusitanos fundaram aqui uma egreja dedicada a S. Felix, e n'ella se depositaram as suas reliquias.

Dizem outros (e não o nega o arcebispo D. Rodrigo da Cunha) que em Chellas, onde hoje é o convento, foi antes de Jesus Christo uma

casa, ou convento de virgens *vestaes*, e que o seu templo é que os lusitanos converteram em egreja de S. Felix. Dizem estes que foi o primeiro edificio pagão assim convertido ao christianismo.

Consta que foi de vestaes, não só pela tradição, como tambem por varias inscripções latinas que existiram no *claustro velho;* pelo sêpo em que se faziam os sacrificios, que tem uma inscripção que diz *Julia Flaminia;* pela *ára* onde se conservava constantemente o fogo sagrado, e por outros mais vestigios. (Vide adiante.)

Na invasão dos arabes, em 716, foi a egreja de S. Felix convertida em mesquita; mas em 1147, depois da tomada de Lisboa, foi logo purificada por D. João Peculiar, arcebispo de Braga e restituida ao culto catholico.

Alguns suppõem que, passada a primeira sanha dos mouros, conseguiram os monges a conservação do seu mosteiro mediante certo feudo, como aconteceu a muitos; porque, quando Affonso III (o Magno) rei das Asturias e Leão, tomou (no anno 804 de Jesus Christo) Lisboa aos mouros, era habitado o mosteiro de *Achéllis* Foi por este tempo que o conde Servando depositou n'este mosteiro as reliquias que lhe deu o papa Leão III. Eram de Santo Adrião e sua mulher, Santa Nathalia e mais 11 companheiros martyrisados em Nicomedia, imperando Maximiano. (Vide no fim.)

Pela *calustra* antiga e pelas casas e officinas que estavam ao redor d'ella (tudo muito arruinado) se entendeu que isto tinha sido um mosteiro de christãos e que era bem se reedificasse.

Tambem era tradição dos christãos que por alli havia, que n'esta egreja estavam as ossadas de alguns martyres, desde o tempo de D. Affonso o Magno, de Leão, o qual tinha tomado Lisboa aos mouros, em 804, mas elles o retomaram em 812, e conservaram até 1147, em que a perderam para sempre.

D. Affonso Henriques mandou a D. João Peculiar que tratasse da reedificação d'este convento, ao que elle logo procedeu e foi a Coimbra buscar sua irman Justa Rabaldes (que depois em Chellas tomou o nome de Justa da Cruz) conega do mosteiro das *donas*, com mais 4 freiras. para povoarem este mosteiro, sendo Justa da Cruz a sua primeira prioresa.

A egreja foi então purificada pelo bispo de Lisboa (D. João Peculiar) assistindo o rei a esta ceremonia, e á trasladação das reliquias, que estavam em duas caixas de marmore; as quaes foram collocadas na capella-mór, e ficaram servindo de altares de S. Felix e de Santo Adrião.

Então cada caixa podia conter lá 13 corpos? Talvez cada caixa apenas contivesse *reliquias* dos 13 martyres, e não dos corpos.

Vieram tambem então para aqui 4 conegos de Santa Cruz, para viverem no mesmo convento, que ficou sendo *dobrado*, isto é, de ambos os sexos.

Então, estava o mosteiro deshabitado. Podia muito bem ser que, quando os mouros retomaram Lisboa, em 812, zangados da derrota que lhe havia causado D. Affonso o Magno, expulsassem os frades e freiras, ou os assassinassem (mas isto não consta) ou elles fugissem do mosteiro, receando, com razão, a colera mourisca. Ha factos tão obscuros na nossa historia antiga, que a gente não póde sahir de hypotheses.

Alguns historiadores (e com elles fr. Luiz de Souza) sustentam que este mosteiro nunca foi *dobrado;* fundando-se em que, nas antigas doações feitas ao mosteiro, só se trata de frades e não de freiras. Não colhe a negativa, por tal fundamento; porque o costume era fazerem-se as doações só aos frades d'estes conventos dobrados, por serem os que administravam as rendas.

Ninguem ainda negou que o convento de Santa Cruz de Coimbra fosse *dobrado* no seu principio, e todavia em nenhuma doação que a elle se fizesse n'esse tempo, se falla nas freiras.

Frei Luiz de Sousa e outros, sustentam que o convento de Chellas foi no seu principio de cavalleiros de S. João. Outros dizem que foi da Ordem de S. Thiago, e outros, finalmente, dizem que foi de bernar-

dos. Mas é innegavel que foi *dobrado* de cruzios, porque o breve apostolico do papa Gregorio IX, de 1234, que concede muitos privilegios ao mosteiro, diz que elle é de agostinianas.

Uma doação que ao mosteiro fez Gonçalo João, filho de João Ermoriges e de D. Ausenda, em 1191 (março) de toda a sua herdade que tinha no logar do Aroil, com casas, aguas e quanto em si tinha, claramente diz que o mosteiro é de conegos e conegas.

Em 1192, estando em Lisboa D. Sancho I e sua mulher, D. Aldonça, e seus filhos, fizeram elles ao mosteiro doação de umas vinhas que aqui tinham. Ainda então era duplex (dobrado) mas não se sabe desde quando principiou a ser só de freiras. É opinião de alguns, que foi desde o reinado de D. Affonso II, a pedido de suas santas irman, para se evitarem os escandalos a que esta promiscuidade dava logar.

As principaes obras de reconstrucção d'este mosteiro, desde a instituição da monarchia, foram feitas por D. Affonso I, em 1147 a 1148—pelo bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, 1220 a 1226—por o rei D. Manuel, pelos annos 1510—pela Ordem, sendo prioreza D. Luiza de Noronha, em 1604—e pela mesma Ordem, com auxilio do governo, para reparar os estragos do terremoto do 1.º de novembro, em 1756 e 1757. Estas reconstrucções transtornaram completamente a architectura primittiva.

S. Domingos (instituidor da Ordem dos prégadores, ou dominicanos) era crusio e usou muito tempo do habito de Santo Agostinho; mas depois que formou uma ordem á parte, mudou o habito. Muitos conventos de freiras agostinianas passaram então a ser dominicas e o mesmo queriam fazer ás de Chellas; mas ellas não quizeram e se queixaram ao papa Bonifacio III, em 1295; que as conservou na sua antiga ordem.

Já em Chellas estavam os frades dominicos, desde o anno de 1224, e alli se conservaram por 71 annos, até que, como se viu, foram despedidos em 1295, tornando a vir os cruzios.

As freiras porém trouxeram sempre o habito de conegas (ou *donas*) e nunca o dominicano, e viveram, mesmo nos 71 annos, sob a regra de Santo Agostinho.

Em 1580 as tropas do duque d'Alba deram de noite assalto ao mosteiro, mas não poderam entrar. Em 1589 os inglezes que vieram com o prior do Crato, fizeram fugir as freiras para Lisboa. O terremoto de 1755 fez bastantes damnos á egreja e ao mosteiro, que logo se *repararam*.

Ainda outra opinião sobre este convento, é a seguinte:

Em 666, vindo aqui ter (por mar, como já disse) as reliquias de S. Felix, fundaram logo os christãos, no antigo *convento* das vestaes, um de frades (não se sabe de que ordem) que foram expulsos, ou fugiram em 716, quando os mouros occuparam estes sitios. Esta opinião, que é plausibilissima, não contradiz nenhuma das outras.

—

O valle de Chellas corre de N. a S., a um kilometro das barreiras da Cruz da Pedra (Lisboa). Começa junto ao Tejo, entre os conventos da Madre de Deus e S. Francisco de Xabregas. Tem bonitas casas, alvejando entre a verdura; e nas collinas que o cércam ha formosas quintas. Tem o valle uns 80 fogos com 300 almas.

—

É singular a etymologia que a tradição (e alguns escriptores) dão á palavra Chellas. Segundo ella, o primeiro nome d'este sitio foi *Valle d'Achilles*, porque este heroe esteve aqui, disfarçado em mulher, junto com as vestaes, e que aqui o veio desencantar o astuto Ulysses.

Todos sabem que, segundo a mythologia, Achilles esteve disfarçado em mulher, entre as donzellas do paço de Licomedes, rei de Cyros. (Vide *Diccionario Mythologico*).

Dizem que a palavra *Achilles* degenerou em *Achelles* e por fim em *Chellas*. Os escriptores que sustentam este absurdo, allegam duas razões: 1.ª, dizer Homero que a deusa Thetis escondeu seu filho (Achilles) entre as vestaes de um templo edificado nos confins da terra e proximo ao Oceano; 2.ª, encontrar-se em todas as escripturas anteriores ao seculo XI, e mesmo em algumas posterio-

res, que tratam d'este sitio, a denominação de mosteiro ou valle de *Achellis*.

Esta fabula deu que cuidar e que fazer a escriptores nossos, muito sérios. Em todo o caso, é fóra de duvida que o nome antigo d'este sitio era *Achellis*.

—

As reliquias dos 26 santos martyres, padroeiros do convento (S. Felix e seus 12 companheiros, Santo Adrião, Santa Nathalia e seus 11 companheiros) foram tiradas das suas caixas de marmore, em 1604, sendo mettidas em 26 meios corpos de santos, obra de boa esculptura, que mandou fazer a prioreza D. Luiza de Noronha, trasladandose para dois altares collateraes da capella-mór. No do lado da epistola, dedicado a Santo Adrião, estão as reliquias d'este santo, de sua mulher e dos seus 11 companheiros. Junto d'este altar estão duas lapides com as inscripções seguintes:

Este convento é de conegas regrantes de Santo Agostinho, por escripturas antiquissimas. Foi casa das vestaes, antes da vinda de Christo Nosso Senhor, o que se vê pelos vestigios de pedras que estão na crasta e pelo cippo de Julia Flaminea, e ara das vestaes, com o buraco da urna do igne perpetuo. Assim que se acha ser reedificada esta capella quatro vezes, uma em tempo das vestaes, outra na primittiva egreja de Hespanha e duas depois.

A outra inscripção diz:

Fidelissimo ac invitissimo XPI DNI Martiri Adriano et Natalia, uxore ejus aliisque undecim sociis, qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubere, quorum corpora ante Alphonsum primum Portugaliae Regem hic quiescunt, hoc altare dicatum est.

Em vulgar, quer dizer:

Dedicou-se este altar ao fidelissimo e invictissimo martyr de Christo Nosso Senhor, Adrião, e Nathalia, sua mulher, e outros onze companheiros, os quaes, imperando Maximiano, foram mortos com varios generos de tormentos; cujos corpos descançam n'este logar, antes de D. Affonso I, rei de Portugal.

—

No altar do lado do evangelho, consagrado a S. Felix, estão as reliquias d'este santo e dos seus 12 companheiros. Tambem tem junto d'elle duas lapides com as seguintes inscripções:

Esta capella reedificou, em tempo do Illustrissimo Senhor D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, prelado d'esta casa, com cujo governo foi sempre administrada antes dos reis de Portugal, como se vê de um cippo feito na era do S., de mil, e das armas d'elrei Wamba, que repartiu os bispados em Hespanha; o que tudo se achou n'esta reedificação, com ruinas de um caes de enxelharia, onde desembarcaram estes santos martyres, por este ser mar.

A outra lapide diz:

Beatissimo Xpi Dni Martiri Diacono, aliisque XII Martiribus qui impiorum gladiis sub Diocleciano occuberunt, quorum corpora hic jacent, ante Alphonsum 1.º Portug. Regem, hoc altare est dicatum.

Quer dizer:

Este altar se dedicou ao beatissimo martyr de Christo Nosso Senhor, Felix, diacono, e a 12 seus companheiros, que foram mortos pelos tyrannos, sendo imperador Diocleciano; cujos corpos aqui jazem sepultados antes do tempo de D. Affonso I, rei de Portugal.

—

Estas quatro inscripções foram aqui mandadas collocar pelo arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, no anno de 1604, em que se fez a trasladação das reliquias.

Existem ainda as lapides commemorativas do primeiro deposito das santas reliquias n'aquelle logar. Acharam-se enterradas, depois foram embebidas nas paredes. A que

diz respeito a S. Felix, está inteira, é de fórma circular e diz o seguinte:

APU.
DEPOSITIO
BONEMEMORI
MARTYRI D
FELICIS DECEM
. IDIBVS ERA
DCCIII.

Quer dizer:

Nos idos de dezembro de 703 (13 de dezembro de 665 de Jesus Christo) se fez o deposito de S. Felix, de boa memoria, martyr do verdadeiro Deus.

A outra lapide, que de certo diz respeito a Santo Adrião, tambem era de forma circular, mas só existe a metade superior d'ella. (Não copio a inscripção, porque a parte que se póde ler não faz sentido.)

As pedras de que fallam as outras inscripções e que se acham no claustro velho, são as seguintes: uma pedra quadrada, de alabastro, com um buraco oval no meio e quatro mais pequenos nos cantos. É a que dizem ser a ara do fogo perpetuo.

Uma lapide grande de marmore, em fórma de painel, fazendo-lhe moldura caçadas de differentes animaes, ornadas e entremeadas de folhagens, em relevo bem acabado. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos erguidas; e em logar mais alto outra figura que mostra estar sentada. Trajam vestidos talares, mas têem os rostos gastos, de modo que se não distinguem feições. Poderão representar vestaes adorando a sua divindade, diante da sua superiora *(Virgo Maxima)*. É incontestavelmente esculptura romana.

Estas pedras foram achadas no mesmo claustro, nas escavações que se fizeram em 1604.

Hindo do claustro velho para a cêrca vêem-se mais estas pedras:

Uma de marmore branco com uma cara de gente no meio, com um olho fechado.

Outra, tambem de marmore branco, com duas figuras, uma sentada, outra de pé, e no meio um pequeno rosto.

Outra com 4 figuras, duas sentadas e duas em pé, tendo cada uma das sentadas seu livro na mão, e cahindo-lhe dos hombros compridos mantos. Do centro da pedra resalta uma grande cara.

Outra com esta inscripção:

Era de 300 que este convento teve principio, das vestaes. CCC.

O cippo de Julia Flaminia, a que allude a primeira das inscripções transcriptas, está na parede do quintal da sachristia.

É uma pedra de marmore de seis palmos de comprido e trez de largo; porém mostra estar partida, faltando-lhe algumas letras.

Os caracteres são romanos, com *breves*, e segundo alguns, dizem:

Julia Quinti Filia Flamen Vestalis Julii, Quintus Julius Quinti Filius, Caius Severus Hic Sepulti Sunt.

Em vulgar, quer dizer:

Aqui estão sepultados Julia Flaminia, vestal, filha de Quinto Julio, filho de Quinto e Caio Severo.

Tambem esta pedra se achou em 1604. Estava enterrada por detraz da capella-mór a pouca profundidade, e cobria uma sepultura que os operarios, por ignorancia, destruiram.

Estão embebidas na parede do referido quintal mais as seguintes lapides:

Uma com uma inscripção composta de 4 linhas, mas só se distinguem as do principio de cada linha. Dizem:

MAC.....
N. ET. I..
O. IMP....
AUG.....

Suppõe-se ser memoria dedicada a Macrino (M. Opilio Severo Macrino) que imperou no anno 217 de Jesus Christo, e que reinou um anno e dois mezes menos dois dias.

Esta lapide estava debaixo do altar-mór.

Outra lapide, que demonstra ser um intercolumnio (provavelmente do templo de

Vesta) com um *Pegaso* e um gripho (gripho é, como Pegaso, um cavallo alado, mas tem cabeça de gallo). estão circumdados de festões de folhagem, que se cruzam nos intervallos. É um bello especimen de esculptura romana, e mostra ser apenas uma parte do intercolumnio.

Em uma parede do mesmo quintal está uma pedra com tres letras gothicas assim collocadas:

Significa: E. D. M. isto é—*Era Domini Millia.* (1)

Sobre esta lapide, mas muito mais acima, está outra pedra quadrada, com uns nove palmos quadrados, guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavor espherico a modo de botão. Parece ser peça do tecto de um perystillo; mas é a que em uma das inscripções transcriptas se chama *armas d'el-rei Wamba.*

Este cippo corrobóra de algum modo a tradição de que o mosteiro de Chellas tornou a ser restaurado e habitado sob o dominio dos mouros, depois que estes reconquistaram Lisboa a D. Affonso Magno, em 812. Todavia, se a tradição é verdadeira, não se conservou aqui o culto christão em todo o tempo que os mouros occuparam este sitio; porque em 1147 (em que D. Affonso I conquistou Lisboa) não havia já convento, e a egreja estava reduzida a mesquita.

—

Na parede interior da casa de arrecadação, contigua ao vestibulo da egreja, está embebida outra pedra, que parece ser fragmento de friso, e cujos lavores são em relevo. É de grosseira esculptura, mas tambem parece obra romana.

(1) Wamba reinou entre os annos de Jesus Christo, 673 a 682 (nove annos) que vem a ser, desde a era 711 até 720. Na era de mil era rei D. Ordonho IV (que apenas reinou um anno, succedendo-lhe D. Ramiro III.) É o anno de Jesus Christo 962.

Tem trez leões devorando palmas.

Suppõem alguns que esta pedra seria fragmento de uma das duas caixas de marmore em que primeiramente estiveram depositadas as reliquias dos Santos; e portanto obra gothica do anno 666 (ou, como querem outros, 665) em que os gôdos reedificaram o templo de Vesta e a casa das vestaes reduzindo-os a egreja e mosteiro christão.

Dizem os que são d'esta opinião, que os leões significam os idolatras e as palmas allegoria á morte triumphal dos santos martyres.

—

Além das pedras mencionadas, acharam-se outras em 1604, que mostram, ainda com mais evidencia, terem pertencido a um templo romano. Acharam-se columnas corinthias e as figuras de Juno e Minerva e outras divindades mythologicas; mas como as pedras estavam partidas, parece que nada d'isto se conservou, approveitando-se para outras obras.

É pois o convento de Chellas um monumento venerando pela sua antiguidade e curiosissimo pelas suas recordações. É por isso que fui tão prolixo no que lhe diz respeito; do que peço desculpa aos meus leitores.

Tudo o que deixo dito com relação a cippos e inscripções é extrahido dos bellos artigos do nosso incansavel investigador de glorias e antiguidades patrias, o distincto escriptor I. de Vilhena Barbosa (*Archivo Pittoresco*, vol. 7.º)

—

Parece que por Chellas (ou, pelo menos, nas suas proximidades) passava uma via militar romana; pois que aqui appareceu um *marco milliario*, que se guardou no convento. Era dedicado ao imperador Adriano. Não sei se ainda alli existe.

—

Ha em Chellas as seguintes fabricas:

1.ª Grande fabrica de lanificios, de que são proprietarios os srs. José Lourenço Meldery & C.ª Apesar de ser fundada em 1872, já emprega umas 200 pessoas.

É a vapor, tem uma machina da força de 60 cavallos, que faz mover 26 teares de dif-

ferentes modelos e 4 fiações com 1:150 fusos, 7 cardas e outros engenhos. Produz já diariamente 12 a 15 peças de bellas casimiras e pannos pretos, e angmentar-se-ha o seu movimento. É mestre d'esta fabrica o intelligente sr. José das Neves Meldery.

2.ª Estabelecimento de lavagem de lans, de que são proprietarios os srs. Francisco Garcia & C.ª Lava diariamente 2:000 kilogrammas de lan.

3.ª Fabrica de tecidos de algodão, na qual trabalham nove teares. Pertence ao sr. Gabriel Archanjo Ribeiro.

Todos estes trez estabelecimentos são no sitio denominado *Casas Novas.*

4.ª Fabrica de chitas e estamparia, do sr. Francisco da Silva Pinto, rico proprietario d'esta freguezia. Trabalham n'esta fabrica umas 80 pessoas.

Tem 20 bancas de estampar. Tem uma machina a vapor, da força de 7 cavallos, para diversos misteres do estabelecimento.

5.ª Fabrica de grude do mesmo sr. Francisco da Silva Pinto.

Estas duas ultimas estão situadas na estrada de Chellas.

Estas fabricas muito teem feito prosperar a terra, e dão trabalho e emprego a mais de 350 pessoas; pelo que seus dignos proprietarios bem merecem da patria.

São tambem dignos de louvor os artistas empregados n'estes importantes estabelecimentos industriaes, por destinarem as suas horas de descanço a estudarem musica e a aperfeiçoarem-se n'este ramo de bellas artes.

Organisaram uma sociedade philarmonica marcial, á qual deram a denominação de «*Timbre Fabril Chellense*»

Honra a estes nobres industriaes, que preferem esta diversão moral e instructiva, a desperdiçarem o tempo e arruinarem a saude e a reputação pelas tabernas e por outras casas de perdição.

—

CHETAWIR—nome que os árabes davam ao rio Sádão ou Sádo, na Extremadura portugueza. (Na parte d'esta provincia que fica ao sul do Téjo.)

CHÉVORA ou **SÉVERA** ou **XÉVORA**—pequeno, mas formosissimo rio do Alemtejo. Nasce nas sêrras de S. Mamede (junto a Portalegre) corre arrebatado pelas penedias do monte *Sette* (Hespanha) entra em Portugal junto a Ouguella, toca o termo de Campo-Maior, junto ao monte *Crasto,* mette-se outra vez em Hespanha e morre no Guadianna junto a Badajoz.

Em frente da villa d'Ouguella se lhe junta o rio *Abrilongo* e mais abaixo 9 kilometros o *Bótova.* Suas margens são quasi todas cultivadas, bellas e ferteis. É em partes orlado de frondoso arvoredo.

Proximo a este rio, na *Quinta de Crastos,* houve uma torre muito alta, e a respeito d'ella ha a lenda seguinte:

Moráva na tal torre, um emir serraceno, do qual se namorou uma dama lusitana chamada *Clara Moniz,* que fugiu para a torre do seu amante; mas, receando a vingança dos christãos, encantaram-se, e assim estão invisiveis, no rio, até que um cavalleiro christão lhe *quebre o encanto,* em uma noute de S. João; e logo o mouro se fará christão, casará com a senhora D. Clara e serão muito felizes!

CHILEIROS ou **CHELEIROS** — villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 35 kilometros ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora de Roque Amador (vulgo Reclamador.) O seu primeiro orago era Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras, d'onde dista 18 kilometros a O.

Situada em uma baixa. A matriz está no sitio chamado *Arrabalde.*

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 600$000 réis. (segundo Cardozo. O *Portugal Sacro* diz que eram 400$000 rs.)

Teve uma albergaria.

É terra muito fertil em tudo.

Foi muitos seculos concelho, e tinha juiz ordinario e das sizas, camara (com 2 vereadores) procurador do concelho, etc. etc.

Passa aqui o rio *Chileiros,* que nasce nos

montes da *Malveira* (a 9 kilometros d'esta villa.)

É orlado de frondosas arvores de fructo e silvestres e em grande parte cultivado e muito fertil.

Esta povoação é muito antiga. No seculo XII, eram apenas uns casaes, que D. Affonso I. deu, pelos annos de 1160, a uma dama do paço, chamada D. Violante, a qual casou com um fidalgo, da casa dos condes de Castanheira. Esta D. Violante é a que immortalisou em seus versos o nosso antigo poeta Egas Moniz Coelho (Vide Geographia litteraria e Louzan.)

Por morte d'esta D. Violante, que parece não teve filhos, passou a freguezia para a coroa, e depois para a casa do infantado.

O rio atravessa a villa, tendo aqui uma bôa ponte de pedra. Desagúa no mar.

Tinha foral antigo, que foi communicado em 15 de fevereiro de 1195 ao reguengo de Polvoares, por D. Rodrigo Rodrigues, com os homens bons de Cintra e Chileiros, Domingos Louzan, Garcia Alfaqueque, Martinho Dias e Pedro Clerigo, de Chileiros. Confirmado por D. Diniz em Santarem, a 4 de maio de 1305. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 25 de novembro de 1516. (Livro dos Foraes Novos da Extremadura, fl. 237 v. col. 2.ª e liv. 3.º de Doações do sr. Rei D. Diniz, fl. 40, col. 2.ª *in fine* e liv. 2.º dos bens dos proprios das rainhas, fl. 37 e na gaveta 18, maço 1.º, n.º 9.

CHINTRA ou **ZINTIRAS** — nome que os árabes davam á villa e serra de Cintra.

CHORENSE — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Terras de Bouro, até 1855, e desde então, do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Verde, 28 kilometros ao NO de Braga 378 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do concelho de Bouro, mas da comarca de Vianna.

Situada em um valle.

A matriz é um templo sumptuoso. O rei apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Eram obrigados os homens d'aqui a defenderem este reino das invasões dos gallegos, pela parte da *Portella do Homem*, pelo que tinham o privilegio de se não fazerem soldados n'esta freguezia.

É terra muito abundante de bôas aguas e por isso fertillissima. Gado e caça.

N'esta freguezia viveram, Gregorio Dias da Silva e sua mulher, Victoria Fernandes, que tiveram 24 filhos, todos vivos, de 23 partos (da mulher) sendo um d'elles de dois filhos.

Corta esta freguezia uma antiquissima estrada, que era a célebre *via militar* romana, chamada *Geira* ou *Geiria*. Ha aqui mais vestigios romanos, entre elles, os seguintes:

Adiante da capella de S. Sebastião, proximo do ribeiro dos campos de Cabaninhas, havia um marco millar, do lado de dentro dos mesmos campos, por onde passava a *Geira*, que foi collocado do lado de fóra e levantado, tendo 3 metros d'alto, e 2 e meio de grosso, e com a seguinte inscripção :

IMP. CAES. DIVI. SEVRI. PII. FIL DIVI.
MARCI. ANTONINI. NEP. DIVI. ANTONINI.
PII. PRONEP. DIVI. ADRIANI. ABNEP.
DIVI TRAIANI. PAR. ET. DIVI NERVAE.
AD NEPOT. M. AORELIO. ANTONINI. PIO III
FEL. AUG. PART. MAX. BRIT. MAX. TRIB.
PORT. XVII. IMP. III. P. P. COS III.
PROCOS. GERMANICO. MAX. PONT. MAX.

Quer dizer que este padrão foi levantado á memoria do imperador Cesar Marco Aurelio Antonio Pio trez vezes feliz, augusto, filho do divino Severo Pio, neto do divino Marco Antonio, bisneto do divino Antonino Pio, III neto do divino Adriano, IV, neto do divino Trajano e V, neto do divino Nerva, grande senhor da Assyria, de Inglaterra e da Allemanha; pontifice maximo, tribuno do povo 17 vezes, imperador 3, consul 4, pae da patria e proconsul.

—

(Ser 3 vezes imperaror, não é porque fosse cargo annual, mas pelas victorias que alcançou de mais nome.)

—

Dentro do campo donde estava este padrão, ha restos de mais dois.

—

Por cima da Nazareth, desta freguezia, no sitio de *Val fojos*, ha outro padrão; d'elle só se lê uma parte da inscripção que diz:

G. CALPETANO. RANTIO. QUIRINALE.
VALERIO FESTO LEG. AUG. PRO. PR.
VIA. NOVA. M. P. XV. III.

Quer dizer — Caio Calpetano e Rancio Quirinal e Valerio Festo, foram pretores da legião augusta e d'aquelle novo caminho: que da augusta e imperial cidade de Braga a este padrão, são 18 milhas.

—

Perto da capella de S. Sebastião, está outro padrão, de quasi 2 metros d'alto, todo coberto de musgo. Da sua inscripção apenas hoje se póde ler.

CIVI.....PII FIL.
MARCIANI.....NINI. NEP.

O mais está corroido pelo tempo.

—

Abaixo da aldeia de Saimo, encontram-se dois padrões. O primeiro tem d'altura 3 palmos e meio e não tem o sitio em que existiu a inscripção, o outro tem a inscripção quasi apagada, apenas se póde ler isto:

..... NO ..... NINI. NEP.
.....
..... RI. .....
..... NEP. .....
..... NTONIN .....
BRITAN. .....
CO .....

Tem 1m50 d'alto.

Já se vê que é ilegivel.

CHORENTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o reitor, que tinha de rendimento 100$000 réis.

CHOUSA ou **CHOUZA**—portuguez antigo, fazendinha pequena, bocado de terra cultivada, tapada sobre si. Vem do latim, *claudo*, que significa fechar, tapar. Nas provincias do N. diz-se mais frequentemente *chouso*. Se esta propriedade tinha uma casa, se denominava *Quinchoso*. Este termo ainda se usa para o N. do reino, com a mesma significação.

CHOUSAL ou **CHOUZAL**—portuguez antigo, herdade tapada sobre si, que serve mais para pastagem de gado, do que para produzir cereaes, legumes, vinho e fructas. (Vide Chousa.)

CHOUTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca; foi do concelho d'Ulme, 95 kilometros ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Antigamente, parte d'esta freguezia era do termo de Santarem e parte do d'Ulme, e toda da comarca de Santarem.

Foi primeiramente dos condes da Castanheira, depois passou para o infantado.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 46$000 réis, pagos por elles.

É terra muito fertil. Muito gado.

Tinha juiz de vintena, sujeito ás justiças de Santarem.

Feira a 29 de junho.

Grande creação de gados, principalmente porcos, cabras e ovelhas.

Nasce aqui a ribeira de Chouto, que morre na ribeira de Mugem. Suas margens são cultivadas e ferteis.

CHOUZENDO—freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Font'Arcada, até 1855, e desde então, concelho de Cernancêlhe. 35 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Font'Arcada, mas da comarca de Pinhel.

Situada em um pequeno valle.

O reitor de Font'Arcada apresentava a

cura, que tinha 80 alqueires de centeio, 47 de trigo, 36 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

O nome d'esta freguezia vem de *Chouza*, significa, pequenas fazendas, isto é, *Chouzêdo* (reunião de *Chouzas*) que se corrompeu em *Chouzendo*.

CHRISTÊLLO e **CHRISTÉLLOS** — vide Cristêllo e Cristéllos.

CHRISTINA DE FIGUEIRÓ (SANTA)— vide Figueiró.

CHRISTINA DO COUTO (SANTA) ou simplesmente **COUTO**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao NO. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentava o vigario. collado, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

CHRISTINA DE MALTA (SANTA) ou, simplesmente, **MALTA**—freguezia, Douro, concelho da Maiá, comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, até 1855, e desde então, concelho e comarca de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto e 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bailio de Lessa apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

Tinham os moradores d'esta freguezia os grandes foros, isenções e privilegios de caseiros da Ordem de Malta, á qual pertencia esta freguezia.

CHRISTINA DO MONDEGO (SANTA)— villa, extincta, Douro, 6 kilometros de Coimbra, na margem do Mondego, fertil.

Povoou-a D. Affonso III, em 1265, concedendo-lhe grandes privilegios.

Esta villa vem na *Poblacion general de Espana*, e não a acho nos mappas modernos. De certo foi arrasada pelo rio.

CHRISTOVAL—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Melgaço, 65 kilometros ao N. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Melgaço, mas da comarca de Vallença.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis.

É terra fertil. Gado.

Passa aqui o ribeiro Trancoso.

Á agua da fonte do Padrão se attribue a virtude de curar a lépra e todas as molestias cutaneas.

CHRISTOVÃO D'ALFAMA (S.)—vide Lisboa.

CHRISTOVÃO (S.)—vide Mafamude.

CHRISTOVÃO DE ABAÇÃO (S.)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O abbade de S. Miguel de Gémeos apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia já está descripta na 1.ª pagina do 1.º volume d'esta obra, sob o nome de *Abação* (onde se póde vêr a sua etymologia) repito-a aqui por no 1.º volume não levar a congrua do parocho e quem o apresentava.

Alguns escrevem erradamente *Abbação*, persuadindo-se que vem de abbade, mas não vem, como digo em Abação.

CHRISTOVÃO DO DOURO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Provezende, até 1855, e desde então da mesma comarca, concelho de Sabrosa, 95 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Um dos conegos da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis.

Esta freguezia está annexa ha muito tempo á de Provezende.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1513. Serve tambem para Bemviver, Seixos e Val Bom.

—

Aqui viveu Francisco de Afonseca, d'Abreu, capitão de cavallaria e governador das armas de Traz-os-Montes. Era um dos mais bravos e destros cavalleiros do seu tempo. Morreu em defeza da patria, na guerra da restauração.

CHRISTOVÃO (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho de Arrayolos, comarca de Monte-Mór-Novo, 18 kilometros ao N, d'Evora, 150 ao L. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente do termo de Monte Mór Novo, mas da comarca d'Evora.

Situada em um monte.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 3 moios e 18 alqueires de trigo e 66 alqueires de cevada.

Fertil em cereaes; muito gado e caça.

Passa aqui o rio Mourinho.

CHRISTOVÃO DE LAFÕES (S.)—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 24 kilometros ao O. de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Pela morte de D. Manuel 1.º, não se chegou a expedir foral; mas o processo para elle está na Torre do Tombo, gav. 20, maço 11, n.º 25.

(Para o convento de S. Christovão, vide Lafões, onde vae descripto.)

CHRISTOVÃO DE MALTA (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, antigamente comarca de Bragança, concelho de Algoso, actualmente comarca e concelho de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 18 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada no alto de um outeiro, no principio da serra de Chacim.

O reitor de Algoso apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Tinha um juiz da vintena e dois *homens do concelho*, eleitos pelo juiz de fóra de Algoso, ao qual eram sujeitos.

Tinha os grandes privilegios dos caseiros da Ordem de Malta, a quem a freguezia pertencia.

Passa aqui o ribeiro das Donas.

É terra fertil. Grande abundancia de castanhas. Gado e caça.

Esta freguezia está ha muitos annos reunida com a de Villa Chan de Braciosa, sendo orago o mesmo S. Christovão.

CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DO DOURO S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 30 kilometros ao O. de Lamego, 12 a NE. de Castello de Paiva, 48 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 710 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, na encosta septentrional da serra do seu nome. Muito abundante de aguas e muito fertil. Optimo vinho verde e bastante e bom azeite.

A matriz é um templo vasto e sumptuoso.

Feira no dia 20 de cada mez, no Seixêdo.

Passa aqui o rio do seu nome, que morre no Douro. É atravessado, proximo ao logar de Lourêdo, por uma ponte de pedra muito antiga. Réga e móe.

Foi antigamente villa e couto, com termo proprio e competentes justiças. Depois passou a ser do concelho de Sinfães, comarca de Rézende, e, quando se creou a comarca de Sinfães (1855) ficou pertencendo a esta comarca.

Ha aqui muittas e boas quintas e casas.

—

É aqui a quinta da Granja, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon, em bella posição, proximo da margem esquerda do Douro. Tem uma boa capella, com as armas dos Azevedos. A casa do sr. D. Pedro é uma das mais ricas e a mais nobre da comarca. O sr. D. Pedro é formado em direito, pela universidade de Coimbra, e um perfeito cavalheiro. Ha tambem a quinta da Quintan, do sr. João da Silveira.

CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DA REGEDOIRA (S.)—vide Regedôira.

CIANIA—vide Citania e Cinania.

CIBÕES—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, até 1855, e desde então de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Mamède.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Por esta freguezia passa o rio Homem, que aqui se mette por baixo do chão, por uma especie de *tunnell* natural, chamado Pontido ou Rio Sêcco; precipitando-se n'este órco com furia estupenda, principalmente no inverno. Vae assim por baixo do chão cousa de uns 90 metros.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fria, mas fertil e saudavel. Criam-se aqui grandes nabos. Diz-se que se criou aqui um que offereceram a Affonso Furtado de Mendonça, que foi levado por dois homens em uma padiola.

CIBRAÃO, CIBRÃO e **CIBRIÃO**—hoje diz-se *Cypriano.* É nome proprio de homem. Por muitos seculos se denominou S. Cibrão o padroeiro da povoação das Córtes e Villa Nova da Cerveira. S. Cypriano ainda é hoje o orago d'esta freguezia. Junto a esta villa ainda um campo se chama Campo de S. Cibrão. Ha mais algumas aldeias em Portugal com este nome.

Nas provincias do norte, os rusticos dizem ainda Cyprião (*Cypriom,* pronunciam elles) por Cypriano. Vide esta palavra.

Tambem os portuguezes de um só nome fizeram dois, isto é, de Cypriano fizeram Cyprião e Cypriano; como de Eduardo fizeram Duarte e Eduardo; de Jacob, Jaco, Jaques, Iago, Thiago; de Juliano, Julião e Juliano, etc.

CIBRAINHOS—freguezia extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Está ha muitos annos annexa á freguezia de Villar dos Peregrinos, na mesma comarca e concelho. Vide Villar dos Peregrinos.

CIBRÃO ou **CYBRÃO** (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sendas apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está hoje annexa á de S. Genizio de Cellas. Vide esta palavra.

CICOURO ou **SICOURO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

CIDADE—No capitulo 45, do ultimo volume, digo o que é uma cidade actualmente. Em latim *urbs, civitas* ou *oppidum.*

No tempo dos romanos, só se chamava *urbs* á povoação acastellada, cingida de muralhas e verdadeiramente defensavel; *civitas* era a capital de uma nação, ou grande porção d'ella, e todo o seu territorio, campo ou diocese.

Na baixa latinidade, foram chamadas *cidades* os grupos de muitos logares abertos, que tinham o mesmo governo.

Ainda esta denominação se dava a vastos territorios, comprehendendo muitas povoações, no tempo dos nossos primeiros reis;

assim vemos em varios documentos d'aquelles tempos dar-se á Terra da Feira a denominação de cidade de Santa Maria; e assim tambem á Terra de Panoyas, Terra de Sever (do Vouga), Terra d'Alafões, etc., ás quaes denominavam cidades; o que tem causado grande balburdia entre os escriptores, sustentando os de menos criterio (ou que têem queimado menos as pestanas) que foram cidades—povoações, algumas das quaes nem villas eram.

É tambem por esta razão que tanto se tem fallado nas cidades d'Anégia (ou Arégia) e das dez cidades que ajudaram a fazer a ponte romana de Chaves, onde se inclue tambem a famosa cidade de Limia, que todo o mundo sabe não era mais do que o formosissimo e vasto territorio banhado pelo poetico rio Lima.

D'estas cidades fallarei mais circumstanciadamente no seu logar, no Diccionario.

CIDADE DA MATANÇA—Minho, na Serra de Coura.

Dá-se este nome a um sitio onde se vêem as ruinas de uma praça, ou fortaleza. Diz-se que houve aqui uma cidade romana, cujo nome se ignora. Os normandos a arrazaram *matando* todos os seus moradores, e d'isso lhe vem o nome.

CIDADELHA—vide Vinhaes.

CIDADELHE—aldeia, Minho, freguezia de Britéllo, proximo da villa de Lindoso, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Val de Vez.

É tradição que foi aqui a antiquissima cidade lusitana, chamada *Bretolvão*. (Vide Bretolvão, Briteiros e Lindoso.)

CIDADELHE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Regua, concelho e 18 kilometros a E. de Mezão-Frio, 70 a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Lamego (que lhe fica 15 kilometros ao SE., do outro lado do Douro e provincia da Beira Alta.) Dista de Villa Real 18 kilometros a O., e 1:500 metros ao N. do rio Douro, sobre a margem direita. É povoação muito antiga.

Situada em um valle fertil.

O bispo do Porto apresentava o abbade, que tinha 1:200$000 réis.

Á agua da fonte do Couto se attribue a virtude de curar a dôr de pedra.

É terra muito abundante d'aguas e por isso muito fertil.

Ha nos seus montes pedra finissima como jaspe.

Em um dos montes se vêem as ruinas de uma antiga povoação, cujos muros ainda em partes estão levantados. São feitos de schisto e de uns 3 metros de altura.

Diz-se que era aqui a primittiva povoação de *Cidadêlhe*, a qual foi mudada para o valle, por ser mais ameno e fertil.

Outros dizem que foi povoação romana. (Sería ambas as cousas.)

O rio Seromenha, ou Soromenha réga esta freguezia.

Passava aqui a via militar romana que de Braga se dirigia a Amarante. Aqui se dividia em dois ramos, um, á esquerda, que seguia para a cidade de Panoyas; e outro á direita, que hia a Caria e d'esta villa para toda a Beira e Riba-Côa.

CIDADELHE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 70 kilometros ao SE. de Lamego, 335 ao E. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santo Amáro.

Foi antigamente da comarca e termo de Pinhel.

Situada na costa de uma serra.

O vigario da matriz de Azêvo apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

Muito fertil em centeio; do mais pouco.

Era uma das 10 *behetrias* do reino.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças de Pinhel.

É tão falta d'agua, que a unica fonte que tem no logar, se fechava á chave, no verão e se repartia por justiça.

No sitio do Castello ha um cabêço cercado de um muro, com um metro de alto, que dizem ter sido um castello dos romanos ou dos arabes.

(É mais provavel que fosse uma atalaia dos lusitanos.)

Cria gado e tem muita caça.

Ao E. da freguezia corre o rio Côa e ao O. o Laçoeima.

CIDE—aldeia, Douro, bispado de Coimbra.

É palavra arabe *Saide*, nome feminino do masculino *Sid* (senhor.) Vem pois a ser, *Aldeia da Senhora*.

CILADAS ou **SILADAS** (Nossa Senhora das)—freguezia, Alemtejo, concelho de Villa Viçosa, comarca de Extremôz, 60 kilometros d'Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora das Ciladas.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de centeio.

É terra muito fertil em cereaes.

CIMA CELHO—vide Célho.

CIMA-TAMEGA, SOBRE-TAMEGA ou **RIBA-TAMEGA** (Santa Maria de)—vide Canavezes e Santo Isidoro.

CIMA-VIZELLA ou **RIBA-VIZELLA**—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Barrosas, 24 kilometros de Braga, 30 ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Faustino, martyr.

É terra fertil.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

A freguezia de S. Cypriano de Taboadêllo, era annexa a esta freguezia e o abbade d'aqui é que apresentava o vigario de lá.

CIMBRES ou **SIMBRES**—freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, 7 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

CIMO DE VILLA DA CASTANHEIRA (antigamente chamava-se **CIMO DE VILLAR DO VALLE DA CASTANHEIRA**)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 120 kilometros ao NO. de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento.

O mesmo reitor apresentava o cura de Roriz. Hoje Castanheira e Roriz estão annexas, sendo o seu nome vulgar Castanheira e Roriz e o official, Roriz. (Vide Castanheira e Roriz.)

É provavel que em tempos antigos fosse uma só freguezia Castanheira, Cimo de Villa e Roriz; pois que vejo tudo isto sob a denominação geral de Cimo de Villar do Valle da Castanheira, em Viterbo e outros escriptores. Supponho que da Castanheira se desmembraram dois curatos (Roriz e Cimo de Villa) ficando dividida em tres parochias, e actualmente em duas. O reitor da Castanheira tambem era apresentado pelo de S. Fins.

CINANIA—vide Citania.

CINCO VILLAS—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 10 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel e da prelasia de Thomar.

Situada em um valle, fertil.

No seu termo existiu a villa de Fontenares, que os castelhanos arrazaram durante a guerra dos 27 annos, não deixando pedra sobre pedra. Apenas restam vestigios d'esta povoação.

A matriz é antiquissima e dizem que foi convento dos templarios. E' certo que proximo á egreja ha vestigios de alicerces antigos.

O vigario era freire da Ordem de Christo e da apresentação régia. Tinha 42$000 réis e os benésses.

Proximo da egreja está a capella de S.

Julião, que consta, por tradição antiquissima, ser cabeça da Ordem da Calatráva, e que a ella se vinham enterrar muitos cavalleiros da Ordem, em tumulos dos quaes ainda ha vestigios. D'aqui se passou a Ordem para a villa de Alcantara (Castella.)

Antigamente vinha aqui a camara de Castello Rodrigo, todos os annos, mandar dizer uma missa a Nossa Senhora do Pereiro; por voto e costume immemorial.

E' terra fertil em centeio, azeite e vinho; do mais mediania.

Foi concelho e tinha juiz ordinario, camara, escrivães, meirinho, etc., etc., todos sujeitos ao corregedor de Pinhel.

O rio Côa passa poximo a esta villa (a 3 kilometros ao O.)

D. Manuel, em Evora, a 15 de novembro de 1519, deu foral á villa de Fontenares (ou Fontanares) o qual depois passou a ser o de Cinco Villas, desde que aquella villa deixou de existir.

(*Livro dos foraès novos da Beira*, fl. 157, col. 1.ª)

E' povoação antiquissima (ainda que de menos importancia do que Fontenares, visto que esta tinha foral e aquella não) mas não pude saber quem fundou ambas estas villas, nem quando.

CINTRA — villa, Extremadura, 25 kilometros ao N. de Lisboa, 700 fogos (2:800 almas) em 3 freguezias. (S. Martinho, Santa Maria e S. Miguel) no concelho 5:560 fogos, comarca 12:860. Fica 18 kilometros ao S. da Ericeira e a sua comarca termina, ao O, no Atlantico.

A freguezia de S. Miguel era annexa e hoje está unida á de Santa Maria: vindo portanto a villa a ter agora só duas freguezias.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Feira a 13 e a 29 de junho, 3.º domingo d'agosto, primeiro domingo de setembro e primeiro domingo de outubro.

—

Os celtas davam á lua o nome de *Cynthia*, e é d'esta palavra (corrupto vocabuló) que Cintra tomou o seu actual nome. Adiante se tractará d'isto mais circumstanciadamente.

A situação de Cintra é uma das mais pittorescas, amenas, ferteis e saudaveis de Portugal, as delicias de tudo quanto Lisboa tem de *fashionable* e o enlevo dos *touristes* de todas as nações. Esta villa e todos os seus arredores são concorridissimos, sobre tudo na estação calmosa, e não tem valle, monte, penedía, gruta, aldeia, etc. que não tenha inspirado maviosos versos a poetas nacionaes e estrangeiros.

Cintra não se pinta nem se descreve. Só vendo este paraizo se póde fazer ideia da sua encantadora formosura.

Está situada junto á serra do seu nome, que tem 600 metros sobre o nivel do mar, e cujos alcantis parece que estão constantemente ameaçando esmagar a villa.

O valle é todo povoado de formosissimas quintas, bellos pomares e fertilissimas *hortas*, tudo da mais deliciosa vista e formando um verdadeiro jardim.

A formozura d'este paiz abençoado, é proverbial desde a mais remota antiguidade, e muitos nobres e muitos capitalistas nacionaes e estrangeiros têem aqui bellas quintas e formosas casas de campo, onde passam o verão.

Para se descreverem todas as maravilhosas bellezas de Cintra seriam precizos muitos volumes; mas tratarei apenas d'esboçar o mais notavel.

O *palacio real*, de architetura gothica com suas chaminés colossaes, sua *sala das armas* (brazões) a *sala dos cysnes*, a da *audiencia*, a das *pêgas*, a magestosa capella, as cosinhas vastissimas, foi tudo obra de D. João I. Foi este bom rei, filho do povo e popularissimo, que deu principio ao notavel palacio de Cintra, diz-se que sobre as ruinas de um grande palacio árabe (talvez a Alhambra do rei mouro.)

D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, continuaram as obras.

Não deve esquecer que n'este paço existe um fogão com baixos relevos do immortal Miguel Angelo.

Foi por oito annos prisão do infeliz D. Affonso VI, depois que seu irmão o infante D. Pedro (depois 2.º) lhe roubou a mulher e a corôa. Estava fechado n'uma sala de uma só janella (*que gradearam de ferro!*) em cujo

pavimento, de tijolo, ainda se conhecem os vestigios de seus passos.

Aqui falleceu em 12 de setembro de 1679.

—

Pretendem alguns que os árabes mudaram o nome á villa e á serra de Cintra, o que não é exacto. Nos 432 annos que elles estiveram senhores d'este territorio, lhe conservaram sempre o seu antigo nome; mas, como não podiam pronunciar claramente o nosso *s*, o mudavam em *x*, ou *ch*, pelo que diziam *Chintra*, ou *Zintira*.

O mesmo fizeram a Santarem, Silves, Sagres, etc, que elles pronunciavam *Chantereyn Chelb*, *Chakrach*, etc.

Em 1757 tinha Cintra 4 freguezias:

1.ª *S. Martinho.*

O ordinario apresentava o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha então esta freguezia 309 fogos.

2.ª *Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção*—a rainha apresentava o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha 104 fogos.

3.ª *S. Miguel archanjo*—a rainha apresentava o prior, collado, que tinha 700$000 rs. Tinha 97 fogos.

4.ª *S. Pedro* (Penaferrim)—a mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis. Tinha 255 fogos.

—

O convento de Penha-Longa, na freguezia de Penaferrim, era de frades jeronimos: foi fundado em 1355, por frei Vasco Martins e concluido por D. João I, em 1400.

D. João III, o reedificou. Aqui residiu muito tempo o cardeal D. Henrique (depois rei.)

Está edificado em um dos cabêços da serra, a 600 metros acima do nivel do mar.

Este convento teve principio em uma ermida de Nossa Senhora, cuja imagem, segundo a tradição, foi achada n'este mesmo sitio.

Os beneficiados da proxima egreja de S. Pedro hiam (antes de ter frades) dizer missa todos os sabbados a esta ermida; por cujo encargo lhes mandou dar D. João I. (por carta de 8 d'agosto de 1387) um moio de trigo em cada anno.

D. Manuel mandou tambem aqui fazer muitas obras em 1503 e em 1511, e deu á Senhora uma coroa feita do primeiro ouro que veio da India, ornada com uma grande esmeralda.

Parece que a primittiva denominação deste sitio era Pêra Longa (*pera* é contracção de *pedra*, em portuguez antigo, pelo que *Pera-Longa* é o mesmo que *Pedra-Longa.*)

Segundo uma chronica manuscripata, de um frade d'este convento—em eras remotas se chamou a este sitio *Pedra da Verdade.* (Adiante direi qual é a penha a que o sitio deve o nome.)

O local onde se fez o conveeto era um terreno baldío; mas, como tinha pouca extensão para elle, compraram os frades a *João Domingues*, corretor da cidade de Lisboa, uma sua propriedade que aqui tinha, por *3$500 réis, moeda corrente de dés soldos, e cuja propriedade consta de casas, azenhas, vinhas, herdades, pomares, mattos, fontes e fóros, a qual parte com o caminho que vae para a Malveira, e com o casal que foi do conde D. Henrique, etc.*

Esta escriptura foi feita em 1390. N'ella se dá ao sitio o nome de *Pera-Longa.* Assignam como testemunhas d'ella *Bartholomeu Domingues*, escholar de leis e filho do vendedor e João Martins, costureiro, (?) e outros mais.

Como os frades não tivessem dinheiro para pagar ao vendedor no tempo marcado, D. João I lh'a pagou por elles. Na escriptura vem uma carta do rei ao vendedor, agradecendo-lhe o elle ter cedido a sua quinta ao convento.

O convento de Penha Longa é hoje uma bella quinta com a mesma denominação, pertencente ao rico capitalista e proprietario de Lisboa, o sr. Thomaz Maria Bessone.

Direi agora o que deu o nome ao sitio.

Na estrada real que vae de Lisboa para Cintra, proximo a esta villa, á mão esquerda, fica uma casinha de modesta apparencia mas de grande nomeada. E' a da *Sapa*, antiga e immortal... queijadeira. Mesmo ao lado d'esta casinha, se abre uma estrada travessa, que em menos de meia hora conduz á aldeia do Linhó (ou Linhol) a qual fica no

fundo do valle que formam os montes da Pena e de Santa Euphemia.

Sobre esta planicie se ergue alterosa á beira da estrada a longa *penha* ou penedía formada por um grupo de penedos, todos rolados pelas aguas (como em geral são os de Cintra, e sobranceiro a elles está outro enorme penedo a prumo, em cujo vertice mandaram os frades collocar uma cruz, que já não existe.

E' junto a esta penha que está fundado o convento de Penha Longa, a que ella deu o nome.

O povo d'aqui, porém, chama ao tal penhasco (ou acérvo de penedos) ò *Penêdo dos Óvos* Segundo uma antiga lenda d'aqui, o que lhe deu o nome de Penêdo dos Óvos, foi o seguinte:

Era voz constante n'aquelles sitios que sob esta penedia existia um grande *thesouro encantado*, o qual só se descobriría a quem conseguisse derribar o penêdo, atirando-lhe tantos *óvos* quantos bastassem para conseguir tal façanha. Ninguem a tentava; mas um dia, certa velha do logar tentou a empreza, munindo-se de quantos óvos poude arranjar por muitos dias, e com elles tentou derribar o formidavel penêdo.

Esgotou porém as *munições* sem conseguir nem ao menos fazer dar ao penêdo o mais leve movimento, e na impossibilidade de arranjar mais óvos, abandonou a empreza, sem que até hoje houvesse quem a tornasse a tentar..

Cobre o penêdo, do lado do Sul, um musgo amarellado e as mulheres e creanças d'aqui dizem que são as gemmas dos óvos com que a velha fez o *tiroteio* ao penêdo.

Este rochedo serviu por muito tempo de signal ou marco aos navegantes que demandavam a barra de Lisboa. Com os melhoramentos da navegação e a collocação de pharoes na costa, apenas hoje serve o Penêdo dos Óvos para residencia de corvos e admiração dos raros viajantes que alli vão.

—

O convento da Peninha, esgue-se no alto de um penhasco. Fundado por D. Manuel, em 1503, tambem para frades jeronimos. É tambem na freguezia de Penaferrim. É situado em um dos mais pittorescos sitios de Cintra, e com extensas e arrebatadoras vistas.

É tradição que, em uma gruta dos rochedos, appareceu uma imagem de Nossa Senhora, á qual se construiu logo, aqui mesmo, uma pequena capella, que foi destruida quando se fez a actual egreja.

Na cêrca havia muitas capellinhas para onde os monges se retiravam a orar.

Este sitio era muito exposto a raios e aqui proximo se teem achado *pedras de cevar*.

É hoje a famosa *Quinta da Pena*.

O sr. D. Fernando Coburgo, comprou isto e o *castello dos mouros*, em 1838, por 700$000 réis, e não valía mais, em vista do misero estado em que tudo estava.

Assim que o sr. D. Fernando fez a compra, principiaram logo as obras e sabe Deus quando os aformoseamentos findarão. Já em 1848 importavam as despezas feitas pelo comprador, em 135 contos de réis e até 1871 excedem a 160, tanto com o convento, como com o *castetto dos mouros*, que fica perto.

O convento foi transformado em um castello feudal, de architectura normanda-grêga, sem nada se alterar do estylo primittivo, e conseguiu-se fazer do convento da Pena a mais formosa vivenda de Portugal, e talvez de toda a Europa.

—

Ha tambem em Cintra o convento de S. Miguel do Priorado, que era de frades trinos. Foi fundado por D. João I em 1410.

—

No dia 1.º de outubro de 1873. se inaugurou o tramway a vapor (systema Larmanjat) propriedade de uma companhia, entre Lisboa e Cintra. Tem nove estações, que são (sahindo de Lisboa) Sete Rios, Bemfica, Porcalhota, Ponte de Carenque, Quéluz, Cacem, Rio de Mouro, Ranholas e Cintra.

—

A *quinta de Penha Verde* (tambem em Penaferrim) toda povoada de arvores silvestres; fundada por D. João de Castro e hoje propriedade dos srs. condes de Penamacôr. (Vide Penaferrim.)

—

O *palacio de Seteaes*, edificado por um ne-

gociante hollandez chamado Devisme, que o vendeu ao marquez de Marialva, que o deixou á sua terceira filha, marqueza do Louriçal, e hoje é dos srs. duques de Loulé. Foi n'este palacio que se assignou a tão tristemente célebre convenção de Cintra (30 de agosto de 1808) pela qual Junot evacuou Portugal, deixando-o miseravelmente levar para França todos os roubos que tinha feito em Portugal, no valor de muitos milhões! Nodoa eterna para o general inglez Dalrymple.

—

A *Cruz Alta*, um dos pontos mais elevados da serra de Cintra, donde se vê a villa e todos os seus arredores, Cascaes, o pharol da Roca, o Tejo, o mar, povoações, valles e montanhas.

Tambem na mesma altura, o castello e mais fortificações de data remotissima a que chamam o *Castello dos Mouros*. Pertence á quinta da Pena e está concertado convenientemente e é hoje um bellissimo passeio.

É propriedade tambem do senhor D. Fernando Está todo renovado interiormente, ajardinado por fóra e arborisado. Ainda tem os restos da mesquita mourisca e a cisterna, sempre cheia d'agua (parece que foi casa de banho dos mouros) muito bem conservada. É dos mais antigos edificios arabes que existem em Portugal.

—

A *quinta do Ramalhão*, obra da rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, e que hoje pertence aos herdeiros do visconde de Val-Mor.

—

As *ruinas de Monserrate*, em um monte orlado de frondosas arvores.

—

O *convento da Cortiça*, que foi de frades capuchos, fundado por D. Alvaro de Castro, filho do célebre D. João de Castro, em 1560.

Está aqui enterrado um monge, que viveu 30 annos n'uma cova, ainda hoje chamada *gruta do monge*. É todo composto de grutas naturaes.

Depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, passou a ser propriedade do sr. conde de Penamacôr, que, em 1873, o vendeu ao sr. visconde de Monserrate, o qual vae fazer d'elle uma formosissima vivenda. Este convento é na freguezia de Collares, mas está na serra de Cintra. Quando passou para o sr. visconde, estava em ruinas. Com esta são já 40 propriedades que o sr. visconde tem comprado e annexado a Monserrate e ainda quer comprar mais 6 ou 7.

—

A *quinta da Regaleira*, com a sua agua frigidissima e seu monstruoso castanheiro da India, para o lado da estrada dos Pisões. É hoje propriedade dos srs. viscondes da Regaleira. (Da mesma quinta.)

—

A *quinta de S. Pedro* e o seu bellissimo jardim (generosamente franqueado por seus donos a todos que o querem ver) com um formoso lago, tendo uma ilha no centro, para a qual se vae por uma linda ponte de cortiça, e com uma varanda, dominando o Chão das Maias, grande largo onde ha uma feira mensal. Pertence aos srs. marquezes de Vianna.

—

A *quinta de Monserrate*. Sumptuosissimo palacio, extensa e formosissima quinta e maravilhosos jardins, do riquissimo negociante inglez, o sr. Francisco Cook, (hoje visconde de Monserrate). Custou-lhe mais de 600 contos de réis. Só para fazer os jardins empregou em dois annos mil trabalhadores diarios. Trabalham constantemente na quinta e jardins cincoenta operarios.

O seu jardim botanico é dos primeiros da Europa e está franco, por meio de bilhetes, 10 mezes de cada anno. Nos outros dois é quando o sr. Cook vem (de Londres) aqui residir e passar parte do verão com sua esposa e filhos.

É tão sumptuoso o palacio que é impossivel descrevel-o. Só vendo-o se póde fazer idéa da sua surprehendente riqueza. Tem estatuas e quadros de grande valor.

O sr. Cook ainda é muito novo (nasceu em 1823) e sua esposa é de uma respeitavel familia ingleza, mas nasceu em Lisboa. Tem um filho (já casado em 1868) e duas filhas.

Na palavra *Monserrate* vae a origem, ety-

mologia e mais esclarecimentos que dizem respeito a esta sumptuosa residencia.

A regia magnificencia d'esta quinta a torna uma das mais ricas e encantadoras vivendas da Europa.

Ainda ha muitos mais palacios, quintas e casas de campo mais ou menos sumptuosas, mas todas bellas, cuja descripção seria muito extensa e por muito que eu dissesse de Cintra, infallivelmente ficaria muito áquem da verdade, por isso não relaciono mais.

As principaes quintas que deixei de mencionar, são: as dos srs. marquezes de Pombal e Vallada; e as dos srs. duques de Cadaval e Palmella.

—

Perto da ermida da Peninha, sobre um pincaro, existe um curioso monumento dos tempos pre-historicos — um *dolmen* ou *dolmin*. Chama-se o *dolmen de André Nunes*, ou *Andrenunes*. Vae mais extensamente descripto sob a palavra Dolmen.

É facil de achar este monumento celtico (ou, como querem outros, pre-celtico) porque sobre elle está hoje um marco trigonometrico, destinado á triangulação do reino.

É tambem notavel a Gruta de Porto Côvo, proxima de Penha Longa; o Bosque de Diana e o delicioso valle de Penha Longa.

Vide Dolmen e Canas de Senhorim.

—

É certo que esta povoação foi habitada desde a mais remota antiguidade. Os celtas aqui deixaram vestigios, nos seus toscos monumentos, um dos quaes acabámos de ver que ainda existe.

Depois d'elles, occuparam estes sitios os túrdulos, povos pertencentes aos antigos lusitanos, e que se tinham pelos mais nobres e antigos da Lusitania.

É provavel que os phenicios e carthaginezes tambem aqui fizessem a sua residencia; mas as primeiras memorias que ha escriptas são do tempo dos romanos, e os nomes mais antigos de que ha memoria que estes sitios tivessem, foram postos por elles. É desde então que a esta villa se principiou a chamar *Cynthia* (se já não tinha este nome de tempos mais remotos; mas é certo que só nos consta esta circumstancia pelos escriptos romanos.)

Segundo a maior parte dos auctores, a fundação d'esta villa principiou por um templo edificado pelos gregos, gallos-celtas e túrdulos, 308 annos antes de Jesus Christo, e dedicado á Lua (Cynthia).

Quizeram dedicar este templo ao imperador Octaviano Augusto II, mas, como este não consentiu em similhante apotheose, o dedicaram então á Lua. Isto se acha confirmado por varios cippos e outras pedras com inscripções que por aqui têem apparecido em varias épocas.

Os romanos occuparam estes sitios, mas os que aqui deixaram mais monumentos foram os arabes, que de Cintra fizeram a sua vivenda predilecta.

D. Affonso VI de Castella e Leão lh'a tomou em 1074 (outros dizem que em 1080) mas pouco depois a tornaram a recuperar os mouros.

Parece que já D. Fernando Magno lh'a tinha tomado, pelos annos de 870, mas havia-a perdido pouco depois.

O conde D. Henrique a reconquistou em 1109; mas tornando a cahir em poder dos mouros, D. Affonso I a resgatou para sempre, em 1147; reedificando-a e povoando-a em 1149. O mesmo rei lhe deu foral em 9 de janeiro de 1154, que foi confirmado por D. Sancho I, em 1189. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, confirmando todos os seus antigos fóros e privilegios, em 29 de outubro de 1514.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.°

D. Fernando fez conde de Cintra a D. Henrique Manuel de Vilhena, e alcaide-mór do seu castello; o qual elle sustentou por algum tempo por D. Leonor Telles contra D. João I. (vide Cêa).

A villa está situada a duas terças partes da altura da serra, em terreno accidentado. O castello dos mouros, que corôa um dos mais altos pincaros da serra, está sobranceiro á villa e esta ao delicioso valle.

A egreja matriz de S. Martinho, no centro da villa, foi fundada por D. Affonso I, pelos annos de 1150; foi destruida pelo ter-

remoto do 1.º de novembro de 1755, mas logo reedificada.

A matriz de Santa Maria, situada no arrabalde, e proximo do castello, foi fundada pelo mesmo tempo e teve o mesmo fundador. Como a antecedente, o terremoto de 1755 a arruinou, e foi logo reparada.

A matriz de S. Miguel, tambem fóra da villa, teve o mesmo fundador, e é da mesma data. Hoje está unida á de Santa Maria, como já disse.

Tem Misericordia e hospital, fundado por D. Manuel, no principio do seculo XVI.

O termo de Cintra é abundantissimo de optimás aguas, ao que deve a sua prodigiosa fertilidade em todos os generos agricolas. Exporta para Lisboa e para Inglaterra muita e deliciosa fructa. Cria muito gado e os marmores bellissimos da sua serra são famosos em todo o reino. Tem pedreiras de pheldespatho, e minas de *magnete* (iman ou pedra de cevar.) —

Cintra tem por armas uma torre sobre penhascos, em campo verde. Outros querem que seja um castello com tres torres. As primeiras é como estão na Torre do Tombo.

Nos paços reaes de Cintra nasceu D. Affonso V, no dia 15 de janeiro de 1432. Foi o primeiro primogenito que teve o titulo de principe. Até então se lhes dava, como aos outros filhos, o titulo de infante.

Fugindo o mesmo rei para aqui, da peste que grassava em Lisboa, morreu n'este palacio (da mesma peste) em 28 de agosto de 1481. Morreu no mesmo quarto onde tinha nascido.

Aqui foi acclamado rei (pela segunda vez) D. João II, em 1481.

Aqui dá a sua ultima audiencia, antes de hir para a Africa, D. Sebastião, em 1578.

Cintra é patria do célebre bispo de Lisboa D. Domingos Jardo, e de outros varões illustres.

No principio de março de 1844, deu á costa, na *Magoita*, d'este termo, uma enorme baleia, viva, mas que pouco depois de estar em sêcco, morreu.

—

Não me parece fóra de proposito contar aqui uma anecdota, que muito depõe a favor da finura dos lavradores de Cintra, no seculo XV. Eil-a:

As bodas reaes mais geral e apparatosamente festejadas em Portugal, foram as do principe D. Affonso (que morreu d'ahi a alguns mezes, em 1491, em Santarem, da quéda de um cavallo) filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, quando casou com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

Cintra não quiz ficar atraz das outras villas e cidades do reino, pelo que a camara dispoz diversas e vistosas funcções, para solemnisar tão fausto successo. Entre ellas lembrou-se de fazer correr uma fonte de leite; divertimento muito em voga n'aquelle tempo e muito do agrado do povo.

Construiu-se a fonte, com os respectivos encanamentos, fazendo-se um grande deposito em uma casa proxima.

Mandou a camara a todos os lavradores do termo que trouxessem cada um a sua bilha de leite e a despejassem no deposito.

Um dos lavradores, disse com os seus botões: «Entre tantas bilhas de leite, quem poderá descobrir uma d'agua?» mas o peior foi que a todos occorreu o mesmo pensamento, e se bem o pensaram melhor o fizeram.

Quando no dia da solemnidade o povo cercava a fonte, ancioso de vêr rebentar um manancial de leite, e que esta principia a jorrar agua pura, ficaram todos pasmados ao principio, e depois desataram em grandes gargarlhadas.

D'este modo ficaram logrados os vereadores e os golosos.

—

O concelho de Cintra compõe-se das dez freguezias seguintes. As duas da villa (S. Martinho, e Santa Maria e S. Miguel) S. João das Lampas, Monte Lavar, Penaferrim, Rio de Mouro, Terrugem, Almargem do Bispo, Collares e Bellas.

—

A comarca compõe-se dos julgados de Cascaes, Mafra e Cintra.

—

Seria preciso um volume, só para descrever, mesmo rapidamente que fosse, todas as

bellezas e maravilhas notaveis da poetica e encantadora Cintra e seus contornos, tanto as que são obra dos homens, como as aqui operadas pela natureza. O trabalho não seria enfadonho, nem a leitura aborrecida; mas, se o tentassemos, collocar-nos-hiamos na obrigação de praticar o mesmo em outras muitas povoações, que são tão de Portugal como Cintra, e isto faria a obra interminavel. Além d'isso ha tantas descripções de Cintra, que o leitor com pouca despeza as póde obter; se quizer ter noticia das principaes notabilidades naturaes e artificiaes d'este oasis lusitano. Peço pois desculpa de não ser mais extenso.

CINTRA—serra, Extremadura, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, no litoral, composta de gigantescos penedos calcareos, lançados uns sobre os outros, que parecem prestes a cahir.

Os romanos lhe chamavam *Promontorio da Lua* (*Mons Lunæ*) e do nome de Cynthia, que os antigos davam a este astro (e sob o qual era adorada a lua) proveio o nome de Cintra á serra e á villa. Tambem lhe chamavam *Promontorio Magno*, *Olisiponense* e *Artabro*.

É a serra mais bella e pittoresca da Extremadura. Tem 30 kilometros de circumferencia e 600 metros acima do nivel do mar, na sua maior altura. Entra pelo Oceano, formando o Cabo da Roca. (Vide esta palavra.)

É toda eriçada de penhas, coberta de bosques e cortada d'aguas, encerrando muitas bellezas naturaes, que a tornaram célebre em todos os tempos.

(Para o mais que se desejar saber d'esta serra, vide Cintra e Collares.)

É de formação vulcanica e pertence ao systema Carpetano-Vetonico. Corre de E. a O. no comprimento de uns 18 kilometros. Pelo N. estende-se entre as villas de Cintra e Collares (que estão nas suas faldas) e pelo S. prolonga-se com o Oceano entre Cascaes e seu termo.

Plinio diz que o Cabo da Roca se estendia pelo Oceano, pelo espaço de 60 milhas.

Flores (geographo hespanhol) hindo muito mais ávante, pretendeu provar que, continuando o cabo por baixo do mar, com pequenas elevações, hia formar a ilha da Madeira.

Apesar da ousadia d'esta opinião, não se póde negar que o embate e furor das vagas, na diuturnidade dos seculos o tem encurtado. São provas d'isto o seu córte a prumo e os enormes rochedos que o precedem na sua entrada no mar, mostrando visivelmente serem membros separados d'aquelle corpo ou pela furia das aguas ou por convulsões subterraneas.

Quanto esta serra é fresca e aprasivel para os lados de E. e N., assim é triste e inhospita ao avisinhar-se ao Oceano.

É formada por pedreiras graniticas de differentes especies; por marmores cinzento, preto e branco; por feldspatho branco griz em algumas partes avermelhado; por pórfido feldspathico de varias côres, e por mica preta e quartzo branco.

Encerra esta montanha tambem variados productos metallicos. Tem-se encontrado em differentes sitios ferro, zinco, prata, enxofre etc. Tambem se tem aqui achado pedra de sebar.

Ha n'esta serra um curiosissimo monumento prehistorico; é o *dolmen de André Nunes* ou *Andrenunes*. (Vide Dolmen.)

Ha tambem minas de ferro, de manganez, e d'outros metaes.

CINUNA—CINUNHA, SENÓGA e **ESNÓGA**—Synagoga (ou assembléa) de judeus.

Em 1386, mandou D. João I á camara do Porto, que assignasse, dentro dos muros da cidade, logar certo e apartado, para os judeus que n'ella residiam, para alli fazerem a sua *judiaria*. A camara marcou-lhes um terreno junto á Porta do Olival, onde hoje estão o convento que foi de frades bentos e algumas casas das ruas da Victoria e S. Miguel, com o fôro e pensão annual *perpetuo, de 200 maravidins velhos, de 27 soldos o maravidim*. Ainda se dá o nome de *Escadas da Esnoga* ás que sobem de Bello-Monte para a antiga judiaria.

Em Lamego, era a judiaria (*cinuna*) na Cruz da Pedra, onde hoje está a Rua Nova; e nos antigos documentos d'esta cidade se falla muitas vezes na *esnoga* d'esta judiaria.

Vide Alemquer, Evora, Porto, e muitas outras povoações, onde trato de judiarias e mourarias, assim como de *foraes de mouros fôrros.*

CIÓGA DO CAMPO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Orago Nossa Senhora da Conceição (antigamente foi S. João Evangelista.)

O real padroado apresentava o reitor, que tinha de rendimento 60$000 réis.

Situada em bella e fertil planicie, do que lhe provem o sobre nome.

Foi do antigo e extincto concelho d'Ançan.

CIPRIANNO (S.) — Vide S. Cypriano e Cibrão.

CÍRA — matta, brenha, logar cheio de silvados e matagaes. Os árabes dizem *Xara* e significa tambem matta. A' esteva e ás setas d'ella feitas tambem se dava o nome de *xara.* De Cira se deu o nome a *Villa-Franca de-Cira* (hoje de *Xira*; vide esta villa.)

De *cira* se deu antigamente o nome de *cirita* ao solitario, ermita, habitador dos desertos e êrmos. João Cirita, foi d'illustre linhagem, célebre reformador e prelado geral dos eremitas, que deixaram o seu instituto e abraçaram a regra de S. Bento, e depois, sem mudarem de regra, passaram quasi todos para a nova reforma de Cister. (Como n'esta obra se falla muitas vezes em João Cirita, serei mais extenso a seu respeito.)

Mendo e seus filhos e parentes, doaram ao sacerdote Jeremias e a Gonçalo Delgado, a sua ermida de Santa Comba, em terra de Panoyas e sobre o lado esquerdo do rio *Córrago* (*Córgo*) em 1133, e no fim da doação a confirmam os doadores em «*Vobis Johani Magistri, et homini Cirita.*» Em 24 d' abril de 1139, D. Affonso Henriques coutou o terreno em redor da capella e o doou ao mosteiro da Ermida; pelo que se vê que, apezar de ser para ermitães, esteve algum tempo unido ao mosteiro de S. João de Tarouca, professando a regra de S. Bento, e não abraçando a reforma de Cister; pois ainda em 1275 era da Ordem benedictina, e por fim se uniu ao convento de Refoyos de Basto.

Mestre João Cirita, depois de transformar em religiosos eremitas os clerigos que antes viviam com seu abbade, em S. Christovão de Alafões, e recebidos alli no seguinte anno de 1138, os monges de Cister (bernardos) partiu com elles para o mosteiro ou eremitorio de S. João de Vellaria, em 1139, e logo em 1140 se principiou a fundar a abbadia de Tarouca, á qual D. Affonso I fez no mesmo anno, doação do couto e honra de Nosso Senhor Jesus Christo e de S. João Baptista.

Depois de muitos serviços á religião, morreu João Cirita, no mosteiro de S. Christovão d'Alafões, e no seu tumulo se poz o seguinte epitaphio:

JOANNES ABBAS CIRIT.
REXIT MONASTERIUM S. JOANNIS,
S. CHRISTOPHORI, SALZEDAE.
S. PETRI CLARUS
VITA,
CLARUS MERITIS, CLARUS MIRACULIS,
CLARET IN COELIS.
OBIIT X KAL. JANUARIJ. E. MCCII. (1164)

Sobre João Cirita póde ver-se Salzedas, Lafões, Sever, Santo Ovaya, etc. etc.

—

Os latinos davam o nome de *cirita-ae* á mulher louca, torpe e deshonesta, a que os antigos portuguezes e hespanhoes chamavam *cáva.*

—

CIRCA — vide Castro, aldeia, Traz-os-Montes.

CIRGÚDE — vide Aufragia.

CITANIA (ou, segundos outros, *Cinânia*, ou *Ciânia* — cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho, na qual dizem que foi bispo S. Torcato.

É indubitavel a existencia d'esta cidade (e talvez mesmo existisse uma chamada *Cinania* ou *Citania*, e outra chamada *Ciania.*)

Ha todavia mais certeza de que existisse *Cinania* ou *Citania*, por quanto Ptolomeu diz que «o rio Avus (Ave) corre á vista da famosa cidade de *Cinania.*»

No sitio em que ella esteve situada (e que

é effectivamente o indicado por Ptolomeu) ainda se encontram alguns vestigios de suas ruinas; e este local ainda conserva o nome de *Citania*. Ainda alli existe uma cisterna, coeva do seu castello, meio entulhada.

Ainda não ha muitos annos se viam muros derrocados e lanços de grossas muralhas; mas os povos d'aqui destruiram tudo, para empregarem a pedra em tapar mattos e fazerem comoros e vallados.

A tres kilometros das Taipas, proximo á quinta de Briteiros (que é do sr. Francisco Martins) está um sêrro, chamado *Citania*.

Proximo á matriz e entre os logares da Matta e Carvalho, principia uma calçada antiquissima, mas que ainda se conserva, e vae dar ao tal monte *Citania*.

A cumiada d'este monte é formada por um pequeno plató, e n'elle existem as ruinas de edificios e cisternas. Reza a tradição que era aqui a cidade romana chamada *Citania*. Se tal cidade aqui existiu, devia ser muito pequena, em vista da diminuta extensão de terreno que occupam estas ruinas. É porém certo que aqui existiu uma povoação em tempos remotissimos.

Dizem alguns escriptores que o pápa S. Damaso, I do nome, nasceu na cidade de Citania. Outros querem que elle nascesse em *Egitania*, outros, nos arrabaldes de Guimarães; outros, finalmente, em Pedralva. Vide Guimarães e Idanha Velha.

Alguns escriptores dizem que no anno 135 antes de Jesus Christo, o consul romano Decio Junio Bruto, pôz cerco a esta cidade, mandando-lhe parlamentarios a offerecer-lhe grandes venturas e privilegios se se quizessem fazer cidadãos romanos. Que os lusitanos responderam «que tinham armas e valor para defenderem a sua patria de tyranos estrangeiros, e que defenderiam a sua independencia até á morte.» Então Decio, desesperado de os seduzir com promessas fementidas, atacou a cidade com suas numerosas e aguerridas legiões. Intrepida e obstinadissima foi a defeza, carissima custou aos romanos a victoria; mas por fim venceu o numero, junto á disciplina, e os lusitanos foram vencidos, escapando muito poucos, pois a maior parte morreram com as armas na mão em defeza da patria. Os romanos, enraivecidos com a grande mortandade que tiveram nos varios assaltos e tomada da cidade, a saquearam, destruiram e incendearam, não deixando pedra sobre pedra, e assim deixou de existir uma das mais antigas cidades da Lusitania.

Se me é licito emittir a minha humilissima opinião, direi; talvez que a palavra *citania* fosse synonimo de cidade ou povoação, e que aqui existisse a cidade de *Ciania*, e no rio Ave a de *Cinania*. Se assim era, está desfeito o engano das duas *Citanias*: porque não é provavel que, tão proximas uma da outra, houvessem duas cidades do mesmo nome.

Tambem podia isto ser um posto militar ou atalaya dos antigos lusitanos, como haviam outros em redor de Guimarães, que fica 10 kilometros de distancia, e que d'aqui se descobre.

É porem mais provavel que isto fosse d'origem romana, em vista da pedra que d'aqui foi para o adro da egreja de Santo Estevão de Briteiros e que lá está. Vide as duas freguezias de Briteiros (Santo Estevão, Nossa Senhora da Piedade e Pedralva.)

CÍVIDADE (S. Thiago da) — freguezia, Minho, na cidade de Braga. (Vide Braga.)

CIVIDADE — monte famoso do Minho, comarca e termo de Barcellos. É bastante alto e o primeiro que se vê do mar quando se vemdo estrangeiro.

É tradição antiquissima ter aqui existido uma cidade, ou grande fortaleza romana. Restam apenas leves vestigios d'ella e ignora-se o nome que teve.

Ha mais em Portugal seis aldeias d'este nome.

CÍVITAS — Este nome na sua origem (Vide Cesar, Tito Livio, Cornelio Tacito, etc.) não significava uma povoação murada, mas sim um paiz, uma comarca, uma nação, um povo inteiro (Pitisc. *Lex. Antiquit. Rom* tom. I, pag. 451).

Á cidade propriamente dita davam o nome de *Urbs*. Julgo importantissimo saber-se isto, para se evitarem muitas duvidas e enganos. (Vide Cidade.)

CLARA (Santa) — freguezia, Douro, co-

marca e concelho de Coimbra, 200 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É terra muito fertil.

(Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem em outros diccionarios modernos, mas é certo que existe, como freguezia na actualidade.)

CLARA NOVA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Mértola, concelho de Almodóvar, 110 kilometros a O. de Evora, 160 ao S. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Almodóvar, mas da comarca de Ourique.

A egreja era da Ordem de S. Thiago, e a Mesa da Consciencia apresentava o capellão, que tinha 120 alqueires de trigo e 115 de cevada.

Fertil em trigo, cevada e centeio.

Tem vastos montados, onde cria grande numero de porcos, que exporta. Ha por aqui muita caça.

Pelo meio da freguezia passa a ribeira de Mira, e pelo N. a ribeira Mór.

CLARA DO TORRÃO (Santa)—Vide Porto, (convento de Santa Clara) vide Torrão e Entre-os-Rios. Houve aquí um convento de freiras de Santa Clara (franciscanas). Foi villa.

CLARA VELHA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 120 kilometros a NO. de Evora, 160 ao S, de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo e comarca de Ourique.

Situada em baixo, junto á ribeira de Odemira.

O ordinario apresentava o cura que tinha 3 moios e vinte alqueires de trigo.

Cria caça e gado. É fertil em trigo e centeio.

Passa aqui a ribeira de Odemira.

CLAUDIO (S.) e **NOGUEIRA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 48 kilometros a O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. João Baptista e S. Claudio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Vianna, comarca de Valença.

A egreja de S. Claudio foi mosteiro de frades bentos, fundado por S. Martinho de Dume em 568. Os mouros o destruiram em 716. Reedificou-se em 1145. Foi sagrado por D. Pedro, bispo de Tuy, em 1201. Passou a ser vigariaria secular, no seculo XVI, e os rendimentos do convento foram para o de Tibães, e para commendatarios que desmembraram d'ello muitas propriedades e fóros.

Foi a maior parte d'este mosteiro ou de suas pertenças commenda dos *Velhos*, familia nobre e de que existem muitos ramos no Minho e em outras provincias.

Os Velhos descendem de Gonçalo Pires Velho e de sua mulher D. Constança Gonçalves, a qual, depois de ser freira professa no convento de Victorino das Donas, havia sete annos, obteve annullação dos votos, e veio a casar. Procedem os Velhos de D. Nuno Soares Velho, bisneto do célebre D. Arnaldo de Bayão.

Ha n'esta freguezia a casa solar dos Rochas Lobos.

No sitio chamado *Cóvas dos Médos*, ha vestigios de edificios antiquissimos, que se suppõe terem sido fortificações.

—

D. Nuno Soares (segundo consta) teve o cabello branco, sendo ainda mancebo, pelo que foi alcunhado o *Velho*.

Seus descendentes tomaram a alcunha como appellido e se assignaram *Velhos*.

Descendiam, por fêmea, de Cayo Carpo, senhor (romano) da Maia, que existia no tempo em que veio ter ás praias do Minho o corpo do apostolo S. Thiago, quando foi para a Galliza. (Anno 42 ou 44 de Jesus Christo?)

Cayo, andando a passear a cavallo com sua mulher e mais séquito, vendo um navio sem governo, proximo á costa. se metteu pelo mar dentro. O cavallo mergulhou, e foi sahir ao navio, onde achou o corpo do santo, guardado por anjos, que lhe disseram que havia de ser christão. Elle, olhando para si e para o seu cavallo, que estavam ambos cobertos de conchas, teve isto por milagre, e se fez logo christão, abjurando a idolatria. Veio para terra e converteu sua mulher e toda a companhia. Isto é o que résa a lenda.

As armas dos Velhos, descendentes de Cayo, são — em campo de púrpura, cinco vieiras de oiro, realçadas de negro, em aspa; elmo de prata, aberto, e por timbre um chapeu pardo, de romeiro, com uma vieira das armas na aba.

Dizem outros que a origem d'estas armas é porque um dos Velhos foi em peregrinação á Terra Santa, em memoria do que tomou as vieiras por armas. Já se sabe tambem que estas são as armas dos Vieiras.

—

O geral da Ordem de S. Bento de Tibães apresentava, *ad nutum*, o vigario, que tinha 50$000 réis.

Fertil em centeio, vinho e milho.

Esta freguezia, por ser muito pequena, foi encorporada, no principio d'este seculo, á de Nogueira, e formam agora uma só freguezia com 110 fogos.

A freguezia de S. Claudio tinha por orago o mesmo santo, e da de Nogueira era S. João Baptista.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade de Nogueira, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

COA — rio, Beira Baixa. Nasce na Serra de Xalma, ramo da Serra da Gata (Castella) e entra em Portugal em Fulgosinho. Ao S. do Sabugal, e proximo a Sortelha se lhe juntam dois ribeiros, e outros em varias partes. Passa ao O. de Almeida.

Morre na esquerda do Douro, em Villa Nova de Foz-Côa. Réga e móe.

Os romanos lhe chamavam *Cuda*, e aos habitantes das suas ribeiras *cudanos* ou *transcudanos*.

Tem 70 kilometros de curso.

Tambem o rio Lamegal entra na esquerda do Côa, abaixo da Coriscada.

O Côa entra a correr no logar de Foios, (raia) termo do Sabugal, réga o territorio chamado Riba-Côa, e é atravessado pelas pontes de pedra do Sabugal, Villar Maior, Castello-Bom, Cinco-Villas e Pinhel, além de outras de madeira.

COBELLO, CUBELLO, COBELLOS e **CUVELLOS** — vide Covêllo e Covêllos. Para se saber a confusão em que andam estas palavras, vide Covêllo de Paivó.

COBRO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella — até 1855, do concelho de Lamas de Orelhão, 120 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Braz (antigamente S. Sebastião).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Lamas de Orelhão, mas da comarca da Torre de Moncorvo.

É da casa do infantado.

Situada em um valle.

As freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 14$200 réis, 42 alqueires de trigo e cada morador lhe pagava um alqueire de centeio.

Muito fertil em trigo, centeio e cevada. Gado e caça.

No *Portugal Sacro e Profano*, e mesmo em diccionarios geographicos modernos, diz-se que o orago d'esta freguezia é S. Sebastião, martyr. No rol das congruas, porém, vem S. Braz como padroeiro da parochia.

COCUJÃES ou **CUCUJÃES** — vide Couto de Cucujães.

CODAL — freguezia, Douro, comarca e 8 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, concelho de Macieira de Cambra, 38 kilometros a NE. de Aveiro, 40 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo da villa de Cambra, mas da comarca de Esgueira; depois passou para a comarca da Feira; depois para a de Arouca, e, finalmente em 1855, para a de Oliveira de Azemeis.

É da casa do infantado.

Situada no delicioso e fertilissimo valle de Cambra, na falda do monte Darigo.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

Como todas as terras d'este valle, é abundante de boas aguas, muito formosa, sádia e fertilissima em todos os generos agricolas.

Cria muito e optimo gado; produz muito boa manteiga e deliciosas vitellas. Seus montes têem muita caça.

CODECÊDA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Sánto André, de Renduffe, apresentava o vigario, que tinha 9$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

—

Foi couto do referido mosteiro, com justiças proprias, que o D. abbade nomeava.

Até 1855 foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Aboim da Nóbrega.

CODECEIRO — villa, Beira Baixa, concelho de Jermêllo, comarca e 18 kilometros da Guarda, até 1855, e desde então, da comarca e concelho da Guarda, 315 kilometros a E. de Lisboa, 105 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em uma campina.

O rei apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil.

Foi concelho, com juiz ordinario, camara (com dois vereadores) almotacé, etc.

Feira a 25 de julho.

Junto á villa está uma torre arruinada, que, pela sua architectura mostra ser muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 12 de novembro de 1519. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 158, col 1.ª Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 26.

É povoação muito antiga.

CODÊÇO (S. Payo do) officialmente *S. Payo* — freguezia, Beira Alta, comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital, 60 kilometros de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Payo, ou Pelayo, ou Pelagio (que tudo vem a dar na mesma).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Folhadosa apresentava o cura, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

CODEÇOS — freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a E. de Braga, 30 a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, visita de Sousa e Ferreira, concelho de Aguiar de Sousa.

Situada em planicie, d'onde se vêem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis.

É terra fertil.

CODEÇOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães, termo de Basto, 1.ª parte da visita de Sousa e Ferreira.

O cabido da collegiada de Guimarães apresentava o cura, que tinha 8$000 réis,

30 alqueires de pão meiado, 2 libras de céra fina, 2 almudes de vinho e 2 alqueires de trigo.

É terra fertil.

O rio Tâmega passa ao E. d'esta freguezia.

CODEÇOSO DO ARCO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 48 kilometros a NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Montalegre, mas da comarca de Bragança.

O abbade de Santa Marinha do Ferral apresentava o vigario, *ad nutum* (por ser esta freguezia de Codeçoso annexa á do Ferral) e tinha, o cura, 50 alqueires de pão, 6 libras de céra branca, 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo e 14$400 réis.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Barrellas.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Presidium*.

Era reguengo. Tinha foral antigo, dado em Guimarães por D. Affonso III, a 28 de maio de 1258.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Santa Marinha de Ferral, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. Vide Ferral.

CODEÇOSO DE CANEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros a NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 66 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Chama-se tambem *Codeçoso de Canêdo de Barroso*.

Era antigamente da comarca e ouvidoria de Bragança, termo de Montalegre.

Situada em campina.

O D. abbade dos frades bentos de Refoyos de Basto apresentava o cura, que tinha 8$000 réis, um alqueire de trigo e um almude de vinho, pago dos dizimos (que eram para os taes frades) e cada freguez lhe dava um alqueire de pão, de offerta.

É terra fertil. Passa aqui o rio Béssa.

CODORNOSO—aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajóia, comarca, concelho, bispado e 12 kilometros ao ONO. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa. É do districto de Viseu.

Na casa actualmente (1874) habitada por Antonio Rodrigues França, falleceu, pelos annos de 1844, um tio d'este senhor, conhecido por *fr. Bernardo, do Mollêdo* (por ser o Mollêdo povo visinho e mais conhecido) que foi o homem mais temido e respeitado em toda a freguezia e circumvisinhas, e a algumas leguas de distancia.

Nunca matou ninguem, mas pessoa alguma o provocava ou desconsiderava impunemente.

Soube por isso grangear, como poucos, a fama de grande valentão e teve a fortuna (rara em homens d'esta qualidade) de morrer tranquillo em sua casa.

Quasi em frente das suas janellas, é o *ponto da Sermânha*. O barco que o subisse, tinha obrigação (por antigo privilegio da familia do frade) de lhe pagar 1$000 réis por cada corda (sirga) que alli pozesse em terra.

Tal era o prestigio de fr. Bernardo, que sendo os arraes e barqueiros do Alto Douro, em regra, valentões e turbulentos, nunca houve um só que se oppozesse a este tributo, já havia muitos annos cahido em desuso em muitas partes, e extincto por uma lei vigente, de 16 de maio de 1832, sem levar muita pancadaria, dada pelo frade e por um seu criado, adrede escolhido por elle; tendo os barqueiros de pagarem, depois de espancados.

COELHOSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda, até 1855. Desde então é do concelho e comarca de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Situada em um valle.

O reitor de Parada apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 52 alqueires de pão e 16 almudes de vinho.

É fertil.

COENTRAL—freguezia, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho do Pedrogão Grande, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora de Nazareth.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente da comarca de Thomar, termo de Pedrogão Grande.

Era dos condes de Redondo.

Situada entre dois montes.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, sobretudo em castanha.

Passa aqui o rio Péra.

COGULLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a E. de Viseu, 335 a NE. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Trancoso.

O rei apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, 12 almudes de vinho e 3 alqueires de trigo.

Muito vinho, do mais pouco.

Passam aqui dois ribeiros anonymos, que nascem proximo a Trancoso e morrem no Maçoeime.

COHORTE—corpo de tropas romanas, formado de varias *centurias* (ordinariamente de 10) tendo cada uma d'estas 100 soldados, d'onde veio o nome, e de *centurião* ao seu chefe (hoje capitão). Uma cohorte correspondia a um regimento actual. (Viterbo traz *cohorte* por synonimo de brigada, mas é mais proprio comparal-a a um regimento). Tambem se dava o nome de *cohorte* ao arraial ou acampamento de uma cohorte, e d'aqui a corrupção ou contracção para *Córte*. Vide Córte e Córtes.

COÍDE DE VILLA VERDE ou **COÍDO DE VILLA VERDE**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, visita de Nóbrega e Neiva.

O geral dos conegos regrantes de S. Theotonio, de Vianna, e depois, o de Santa Cruz de Coimbra apresentava o cura, (por ser annexa a S. Martinho do Crasto) que tinha 6 rasas de *milhão* e 6$000 réis em dinheiro, ao todo 30$000 réis e o pé d'altar.

Situada nas ribeiras do rio Váde.

E' terra fertil.

N'esta freguezia está a torre e paço de Villa Verde; e no alto do monte se conserva o nome de D. Elvira, senhora d'esta casa, que fez D. João de Aboim, na quinta que lhe deu D. fr. Affonso Pires Farinha, grão-prior do Crato, com auctoridade do grão-mestre (que então ainda era de Hespanha) em 1260. Parece que D. Ourigo, o Velho, de Nóbrega, fundador do mosteiro do Crasto, lhe annexou este padroado. Teve a filha, D. Elvira, casada com Lourenço Mendes, de Gondar, tia d'este D. João de Aboim.

D. Elvira, com outras senhoras, se recolheu a este monte (por isso chamado de D. Elvira) em tempo de uma grande peste, vivendo aqui como religiosas.

Entraram n'este morgadio os senhores da Barca, por successão.

No monte da Anaya ha excellente granito.

COIMBRA—cidade episcopal, Douro, capital do districto administrativo, da comarca e do concelho, 75 kilometros a OSO. de Viseu, 105 ao S. do Porto, 54 ao SE. de Aveiro, 205 ao N. de Lisboa, 2:800 fogos, (11:000 almas) em cinco freguezias, que são: S. João Baptista; Santa Justa e Santa Cruz; Santo Antonio dos Olivaes; S. Bartholomeu e S. Thiago; S. Christovão; Nossa Senhora da Assumpção.

Tinha no principio d'este seculo nove freguezias, que eram: Nossa Senhora da As-

sumpção; S. Pedro; S. João d'Almedina; o Salvador; S. Christovão; S. Bartholomeu; S. Thiago; Santa Justa e S. João da Cruz.

Tem no concelho 9:000 fogos, na comarca 13:600 e no districto 65:700, em 183 freguezias.

Está em 40° 20' de latitude boreal e 12° 4' de longitude.

Segundo a maior parte dos antigos escritores, a Coimbra primittiva foi fundada pelos colimbrios (que vieram para a Lusitania com os gallo-celtas e andaluzes) 308 annos antes de Jesus Christo, no sitio onde é hoje Condeixa Velha; dando-lhe o nome de *Colimbria* (outros dizem que o seu primeiro nome foi *Conimbriga*.) Consta que foi habitada por nove nações barbaras (egypcios, phenicios, gregos, celtas, romanos, suevos, alanos, godos e mouros.) Mas, se isto é verdadeiro, a primeira Coimbra remontava a sua fundação a epoca muito mais anterior.

É preciso notar que os colimbrios, gallo-celtas, andaluzes, etc., se vieram estabelecer na Lusitania, no anno do mundo 3009, isto é, 995 antes de Jesus Christo. (Vide o que digo das cidades cujos nomes terminam em *briga*, na cidade de Bragança.)

Foi desde remota antiguidade uma povoação importantissima. Assim continuou durante o dominio romano, árabe e gothico; e desde D. Affonso Henriques até D. João I, em que foi côrte dos nossos reis; mas no reinado d'este ultimo monarcha, pediram os povos que a côrte fosse mudada para Lisboa, por ser mais central.

Ainda no seculo XIV era toda cercada de muralhas, com 7 portas (a da Estrella, do Castello, do Collegio Novo, de Santa Sophia, de Almedina, da Portagem e da Traição). Tinha um robusto castello (Alcaçar) que foi residencia de D. Sancho I, que n'elle morreu.

(A porta de Almedina não quer dizer Porta de Sangue, como alguns pretendem; mas Porta da Cidade. Do árabe *almedina*, a cidade.

O arco ou porta de Al-Medina, fica proximo da rua da Calçada, e dá communicação d'esta para a das Fangas e para a de Quebra Costas. Este arco é um dos mais curiosos monumentos de Coimbra, não só por ser todo de cantaria e muito alto, mas pela antiguidade que revela. Sobre o arco mandou el-rei D. Manuel esculpir as armas do reino e as da cidade e a imagem da Virgem. Por baixo estão uma serpente e um leão, que foram as primeiras armas de Coimbra. Em 1836 a camara de Coimbra mandou arrancar as fortissimas portas chapeadas e cravadas de ferro, que fechavam esta porta, e que era tradição serem ainda do tempo dos mouros.

Sobre o arco está a antiga *torre da rrolaçom*, que depois foi por muitos annos casa da camara e hoje é casa dos ensaios da philarmonica Conimbricense. Ainda lá está o antigo sino da camara, que tocava a recolher.

Os árabes chamavam a Coimbra—*Medina Colimbria*—isto é, cidade de Coimbra.

O castello foi demolido para ahi se fundar o observatorio astronomico (que se não conclue.) Era um monumento memoravel, não só pela sua antiguidade, mas, e ainda mais, pelo rasgo de bravura e fidelidade do seu nobre alcaide-mór Martim de Freitas.

Este facto é tão conhecido, que me dispenso de o relatar. Vide *Historia de Portugal.*

D. Fernando I, ainda reedificou as muralhas d'esta cidade, em 1383.

A capella do Bom Jesus estava sobre a porta do castello e perto estava a soberba torre chamada d'Hercules, por se dizer que elle a fundou, e é certo que tinha a seguinte inscripção:

Quinaria turris Herculea fundata manu.

Tambem proximo estava outra torre muito alta.

Querem alguns que a palavra Coimbra seja derivada de *Conus* (pinha) e *briga* povoação. Tenho porem a objectar que, *Conimbriga* já existia com este nome antes da dominação romana. Que antes d'ella nenhuma palavra latina tinha passado o Estreito de Gibraltar, ou os Pyreneus, para esta parte occidental da Europa; e que sendo *conus* incontestavelmente palavra latina, não póde ser esta a etymologia.

Dizem outros que é derivada de *collis* (collina ou monte) e *briga* povoação. Estamos no mesmo caso, e sempre a mistura hétero-génia de uma palavra latina annexa a outra celta.

Pedro de Mariz diz que se lhe deu o nome *Collimbria*. derivado de *collis* (collina) e *imbrium* (das chuvas) em razão da sua amenidade. É verdade que, ao menos esta *Collimbria* não é uma palavra *hybrida*; mas pécca por ser muito mais moderna do que o nome primittivo de *Collimbria*, ou *Conimbriga*.

Segundo *Pomponio Mella* e *Ptolomeu*, chamou-se *Collimbriga*, em honra de *Brigo*, IV rei das Hespanhas.

O doutor *Miguel Leitão d'Andrade*, diz que o nome de *Colimbriga* procede do facto seguinte:

Sendo estes sitios infestados por uma monstruosa serpente *(Coluber)* — (!...) — um esforçadissimo cavalleiro, que amava certa princeza, a matou (a serpente) ardilosamente, vindo, por premio d'esta façanha, a casar com a sua amada. Esta patranha fundou-se unicamente nas armas de Coimbra (de que adiante tractarei.)

Accrescenta Leitão, que, em memoria d'este facto, se fundou uma cidade no sitio do combate, a que se deu o nome de «*Coluber-briga*» (*batalha da cobra!*)

A'lem d'esta *briga* ter todos os visos de pêta, e temos tambem a historia de uma palavra latina associada a outra celta, em bôa paz e hormonia; quando os celtas foram sempre irreconciliaveis inimigos dos romanos.

Ao menos Leitão, teve a habilidade de fazer uma fusão do cão e do gato. A's vezes mettia cada patranha, este bom Leitão!...

Ora, eu, que *nos quoque gens sumus* (apezar de toda a minha insignificancia e obscuridade) tomo a liberdade de fazer tambem a minha supposição, quanto á etymologia de que se tracta.

Bem sei que os *cuneos* habitavam a extremidade meridional da Lusitania, o Algarve actual — mas parece-me que não era impossivel (nem mesmo dificil) virem alguns d'elles fundar esta povoação e dar-lhe o seu nome, isto é — *Cuneubriga* — (povoação *dos cuneos*) que muito facilmente se modificaria para *Conimbriga*.

É uma etymologia como outra qualquer.

Em todo o caso, parece-me mais provavel que fossem os *colimbrios* que fundaram *Colimbria* e lhe dessem o seu nome.

—

De proposito guardei para o fim uma outra opinião que faz mudar a questão completamente de figura. Eil'a:

Escriptores muito conscienciosos e investigadores, sustentam que *Colimbria* era uma cidade e *Conimbriga* outra, differentes, e ambas sédes de bispados.

Conimbriga, 12 kilometros ao S. da actual Coimbra, no sitio da actual Condexa Velha, e onde ainda hoje se vêem os alicerces de reforçados muros, alguns restos d'arcos e outros muitos vestigios; e Colimbriga, esta.

André de Rezende e João Vaseu (*Chronica de Hespanha, cap. 10.º*) sustentam esta opinião, apoiando se nos seguintes factos historicos:

No 8.º concilio toledano, celebrado no anno 652 de Jesus Christo, reinando em Hespanha *Receswindo*, entre outros bispos da Lusitania se acharam *dois bispos, cada um de sua Coimbra*, havendo então simultaneamente na Lusitania duas cidades do mesmo nome.

Um dos bispos se chamava *Celidonio*, e se assignou *Celidonius, episcopus Colimbriensis* e o outro se chamava *Siseberto*, e se assignava *Sisebertus, conimbricensis episcopus*.

Segundo André de Rezende, este Siseberto era bispo da *Conimbriga*; que foi edificada por *Brigo 4.º* rei de Hespanha, e que os romanos principiaram de desmantelar, e os arabes destruiram.

Não queria ser muito difuso para não fazer uma obra interminavel, e por consequencia maçadora; mas ha certos anachronismos (ou que, pelo menos, assim parecem) e me vejo obrigado a deslindal-os, mesmo para não passar por contradictorio.

Brigo parece que era filho de *Jubalda*, neto *d'Ibero* e bisneto de *Tubal*. Foi o 4.º rei (ou cousa semelhante)

das Hespanhas, que de seu avô haviam tomado o nome de *Ibéria*.

Viveu ahi pelos annos 2000, do mundo, e 2004 antes de Jesus Christo.

Todavia, graves auctores o dão por fundador de muitas cidades da nossa peninsula, 300, 400, 500, 600, etc. annos antes de Jesus Christo. Como podia elle fundar tantas cidades e em tão differentes seculos?

A opinião que formei a este respeito é a seguinte:

Brigo fundaria algumas cidades. (Já se sabe, n'esses tempos dava-se o nome de cidade a povoações mais pequenas do que muitas aldeias d'hoje.) Parece que foi um bom rei, e em reconhecimento da sua bondade, se deu o seu nome a muitas cidades fundadas seculos depois de sua morte, e por fim pegaria por costume terminar-se em *briga* o nome das povoações que se hiam fundando.

Outra circumstancia veio ainda augmentar a barafunda, levando os escriptores a attribuir a *Brigo* a fundação de cidades que só tiveram principio 10 ou 12 seculos depois de seu reinado. Foi esta.

Pelos annos 3009 do mundo vieram estabelecer-se na peninsula os gallos-celtas, que tambem fundaram muitas povoações desde a sua chegada até ao anno 3800. Na sua lingua, *briga*, significava cidade ou povoação, e aqui está a razão porque os escriptores se confundem, attribuindo a *Brigo* a fundação de tantas cidades.

Até alguns archeologos muito circumspectos, e historiadores de muito boa nota, sustentam que a terminação *briga* só denota povoação e nada tem com *Brigo*; o que tambem póde muito bem ser.

Noto aqui aos meus leitores, que, escriptores modernos, de grande e bem adquirida nomeada, sustentam que o tal *Brigo 4.º*, rei das Hespanhas, não passa de uma personagem mythologica, que só existiu na imaginação de antigos sonhadores.

Póde ser que assim seja; mas, costumado a ler desde a infancia, tantos factos com referencia a este real ou fabuloso Brigo, custa-me, sinto mesmo repugnancia em negar a sua existencia; e, por conseguinte, em declarar mentirosos tantos escriptores antigos, a todos os respeitos dignos do nosso acatamento, e aos quaes devemos tudo quanto sabemos d'esses tempos obscuros e remotissimos. Sirvam pois estas explicações para todas as povoações que estão no caso exposto, quer descriptas até aqui, quer até ao fim d'esta obra. E, para *descargo* de consciencia, declaro que darei ás taes povoações as datas e fundadores que os antigos escriptores lhes dão, sem attender ao anachronismo.

Tornemos pois ás nossas Coimbras *em duplicado*.

Colimbria foi fundada (*no sitio da actual Coimbra*) por *Hercules Líbio* (ou *Líbico*) filho d'*Osiris*, rei do Egypto, no anno 2216 do mundo, 560 depois do diluvio e 1788 antes de Jesus Christo. Tem então hoje (1874) nada menos de 3662 annos de existencia!

Conimbriga (Condexa Velha.)

Se esta cidade tivesse sido fundada por *Brigo*, era ainda mais antiga (e não muito mais moderna, como dizem André de Rézende, João Vaseu e outros) pois a sua fundação dataria do anno 2000 do mundo, e vinha a ser mais velha 216 annos do que Colimbria. Mas todos os auctores concordam em que esta cidade foi fundada 308 annos antes de Jesus Christo pelos gallos-celtas, e então nada tem com *Brigo*, e a sua terminação só significa povoação. D'este modo vem effectivamente a ser muito mais moderna do que *Colimbria*, pois tem de menos a *ridicularia* de 1480 annos na sua edade.

Deixando passar essas edades fabulosas ou hyperbolicas, em que ainda nas Hespanhas quasi todo o mundo vivia em cavernas, e poucas cidades se fundavam (se é que se fundavam, e se é que já isto por aqui era

habitado) e não fazendo caso do *Brigo* e da *briga*, suppunhamos que havia *duas Coimbras*.

A semelhança (para os escriptores) dos nomes d'estas duas cidades é que causou todas as barafundas.

Digo, *para os escriptores*, por que, para os antigos, essa semelhança quasi não existia. Elles pronunciavam *Colímbria* e *Conimbríga*.

Os romanos, alatinisando muitos nomes proprios *barbaros* (como elles denominavam tudo que não era italiano) fizeram a palavra exdruxula, pronunciando *Conímbrica*.

—

Os partidarios das duas Coimbras, e da prioridade da actual Coimbra sobre a que existiu no sitio de Condeixa-Velha, dizem que os vestigios da assistencia d'*Hercules* na Coimbra d'hoje, são—a torre (de forma pentagona) que está á porta do castello, no alto da cidade, e á qual, de tempos immemoriaes se chamou, e ainda se chama Torre d'Hercules, e á vasta planicie que se estende ao longo do Mondego, todos os auctores antigos chamavam Campos d'Hercules.

—

Dizem que *Conimbriga* era palavra composta de duas celtas (ou turdulas) *conim* e *briga*. Que, segundo uns significa *campo* (ou *arraial*, ou *acampamento*) *de Briga*, e segundo outros *povoação do arraial*.

É certo que á Coimbra actual sempre se chamou, em todos os codices romanos, bullas apostolicas e nos diversos concilios, *Colimbria*.

Ignora-se todavia o seu primittivo nome, isto é, o que lhe pôz Hercules Libio.

(Pergunto eu: Não podia este valentão pôr-lhe o seu proprio nome Hercules Libio, que muito facilmente degeneraria em *Hercolibia* e por fim em *Colimbria?*) Ainda ninguem se lembrou, que me conste, d'esta hypothese.

—

Segundo os nossos antigos escriptores, foi Coimbra das primeiras cidades onde se prégou Evangelho, por S. Pedro de Rates, (que aqui fez a Sé, e seu primeiro bispo, Santo Anastacio, companheiro de S. Gens) pelos annos 42 ou 43, e aqui houve sempre bispos até 716. (Isto, ou se refere á antiga *Conimbriga*, ou Condeixa Velha, ou então Ataces não fundou, mas reedificou *Colimbria*.)

Os arabes converteram a Sé em mesquita, e D. Fernando I (o Magno) quando resgatou esta cidade (1064) a mandou logo benzer e restituir ao culto catholico, pondo aqui por bispo a D. Paterno (bispo de Tortosa) o qual, em razão da guerra civil que houve entre os tres filhos de D. Fernando Magno, só veio para Coimbra no fim da guerra, reinando já pacificamente D. Affonso VI, sogro do nosso conde D. Henrique; isto pelos annos 1080, sendo conde e governador de Coimbra, D. Sisnando.

Hão de achar uma vida muito longa ao tal bispo. Eu explico o caso: Uns escriptores dizem que a cidade foi resgatada por D. Affonso I em 25 de julho de 1040, outros dizem que foi em 24 de julho, de 1064. É mais provavel que fosse em 1064.

Tambem podia ser que a cidade fosse tomada aos mouros em 1040, e nomeado então o tal bispo; mas, tornando-se a perder Coimbra, o bispo se retirasse até que ella tornou a ser dos christãos em 1064.

(A gente ás vezes n'estas cousas antigas, só póde julgar por conjecturas; muito mais quando os escriptores e historiographos se contradizem mutuamente.)

É certo que pelos annos 1037 a 1040, os netos de Alboazar Ramirez faziam em Portugal crua guerra aos mouros, ganhando-lhes nas margens do Távora uma grande victoria e tomando-lhes muitas povoações; mas, havendo guerra entre D. Fernando o Grande, de Castella, e seu cunhado D. Bermudo, rei de Nawarra, se aproveitaram d'ella os mouros, para reconquistar o que haviam perdido (ou parte) e retomariam Coimbra. Só assim se póde combinar o que dizem os escriptores, pois que uns sustentam que o resgate d'esta cidade foi em 1040, e outros, não menos respeitaveis, teimam em que fo em 1064. (Vide adiante Sé Velha.)

(Vide *Dissertações Chronologicas e Criticas*, de João Pedro Ribeiro e *Historia Chro-*

nologica d'Alcobaça, por fr. Fortunato de S. Boaventura, pag. 154 e seguintes.)

D. Fernando armou então cavalleiro n'esta Sé, ao famoso D. Ruy Dias de Bivar, o *Cid*, um dos maiores heroes d'aquelles tempos. —

Na Sé velha está o curioso tumulo de D. Vetaça Lascaris. Era filha de Irene Lascaris e de Guilherme, conde de Vintemiglia, fidalgo genovez. Por sua mãe, era D. Vetaça, neta de Theodoro Lascaris, (o Môço) imperador do Oriente, e sobrinha do infeliz João IV, a quem Miguel Paleologo usurpou a corôa e mandou arrancar os olhos e sepultar em uma prisão, na edade de 6 annos; isto no anno 1261, 2.º do reinado da infellz creança.

Alguns amigos fieis dos Lascaris, poderam salvar Irene, irman do imperador, e a levaram á Italia, onde ella casou com o conde Guilherme. D'este casamento nasceu a nossa D. Vetaça. Perseguida sua mãe pelos seus inimigos, teve de fugir com ella (sua filha unica) para o reino de Aragão, e acolhidas benevolamente por D. Pedro III, a joven Vetaça contrahiu verdadeira amisade com a infanta D. Isabel, filha d'aquelle monarcha.

Casando esta senhora com o nosso rei D. Diniz, veio D. Vetaça com ella para Portugal em 1282, onde prestou relevantes serviços á familia real, por quem foi sempre tratada com o maior carinho. Foi a primeira mestra do infante D. Affonso, que depois foi o 4.º do nome.

Casou D. Vetaça, em 1285, com D. Martim Annes, rico fidalgo portuguez.

Enviuvando e sem filhos, deu todas as suas riquezas, que eram avultadas, ao cabido da Sé de Coimbra.

Falleceu de uma edade muito avançada e o seu tumulo está em uma capellinha do cruseiro da Sé velha. O tumulo é de marmore e na tampa está a estatua da princeza, de proporções maiores do que o natural, e com habito de religiosa: repousa a cabeça sobre uma almofada que dois anjos sustentam. Aos pés tem um leão. A caixa do mausoleu é decorida com uns escudos ovaes, tendo cada un em relevo uma aguia com duas cabeças, que era o brazão da sua familia.

Tem uma inscripção que diz:

Aqui jaz D. Betaça, neta do imperador da Grecia.

Proximo d'este tumulo, está na mesma capellinha outro mausoleu muito antigo, onde jaz D. Tiburcio, bispo de Coimbra.

A esculptura d'ambos estes monumentos, está em partes bastante gasta do tempo e é grosseira, revelando muito atrazo das artes.

Tambem n'esta egreja está o tumulo do bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, 1.º conde de Abrantes, e irmão do grande vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, 2.º bispo que teve o titulo de conde de Arganil. Tinha apenas 23 annos quando foi feito bispo de Coimbra e no conclave que no seu tempo houve em Roma, teve muitos votos para papa; foi tambem inquisidor-mór, por bulla de Paulo III, de 23 de maio de 1536.

No anno de 1512, baptisou em Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei.

Morreu D. Jorge em 25 de julho de 1543, com 85 annos de edade e 62 de episcopado. O seu tumulo, de marmore, está na capella de S. Pedro, d'esta egreja, com a seguinte inscripção:

DIVINI NVMINIS
PIETATE. EPISCOPVS
COMES. GEORGIVS
DALMEIDA. HIC SITVS
VIXIT. ANNIS LXXXV
OBIIT VIII KL. SEXTILES.
ANN. D. M. D. XXXXIII
ANIS LXII VTRAQZ
DIGNITATE PRAEDITVS.

Na mesma lapide está esculpido o brazão de D. Jorge. Ornou muito este templo e lhe mandou pôr sobre o arco cruseiro esta inscripção:

Domine, dilexi decorem domus tuæ

As obras sumptuosas que mandou fazer n'esta Sé constituem a parte principal d'es-

te venerando monumento. Foi D. Jorge que mandou fazer pelo célebre esculptor João de Castilho, os dois porticos lateraes.

Foi o memo bispo que mandou revestir de bellissimos asulejos (que se suppõem flamengos e que tão admirados teem sido) parte do corpo da egreja. O primoroso retabulo de pedra da capella de S. Pedro e o de talha da capella-mór. É talvez a obra mais notavel d'este genero em Portugal; a pia baptismal, de primorosissimo lavor, feita por Péro Henriques e seu irmão, segundo diz uma inscripção que se acha na mesma.

Tudo isto e muito mais é obra de D. Jorge. (Vide adiante, Sé Velha.)

—

Conimbriga, como o resto da Lusitania, teve de soffrer o jugo dos diversos povos, mais ou menos barbaros, que a invadiram; mas durante o dominio dos romanos conservou a velha cidade de Conimbriga a sua antiga prosperidade.

Pelos annos 405 de Jesus Christo, sendo a Lusitania invadida pelos povos do norte (suevos, alanos, wandalos, selingos, visigodos etc.) morreram a maior parte dos lusitanos pela fome e peste, e pelo ferro e fogo. Suas principaes cidades foram saqueadas e destruidas, e uma das que mais soffreu foi Conimbriga, que ficou quasi arrasada e despovoada.

Hermenerico, rei dos suevos, tomou posse d'esta parte da Lusitania, e estes novos dominadores foram pouco a pouco tornando-se mais brandos e trataveis.

Pela morte de Resplandeano, rei dos alanos, Ataces, seu successor, regulou com os outros reis os limites dos seus reinos, ficando elle com a maior parte da Lusitania e parte da provincia de Carthagena, tendo Merida por capital.

Posto que Ataces tivesse estabelecido a sua côrte em Merida, cuidava em reedificar e povoar as cidades destruidas da Lusitania, attrahindo a ellas os seus antigos habitantes, por meios brandos e dando-lhes muitos privilegios.

Estando porém a antiga Conimbriga quasi totálmente desmantelada, e achando elle que para uma grande cidade era mais propira a formosa situação das margens do Mondego, para aqui mudou a cidade, pelos annos 420, ou reedificou a que existia no mesmo sitio, abandonando a antiga Conimbriga.

Querem alguns que fosse Ataces o fundador da ponte e da Sé Velha, o que não está averiguado.

Ataces morreu em uma batalha contra os godos e romanos, colligados, em frente de Merida. (Vide adiante Sé Velha.)

Quando elle tratava solicitamente d'esta edificação, o veio atacar Hermenerico, rei dos suevos da Galliza, com grande poder; mas Ataces o venceu e Hermenerico pediu pazes, e deu a Ataces, em casamento, sua filha Ciudasunda (ou Ciudaswinda) que era singularmente formosa.

Segundo a melhor versão, é d'este facto que se formaram as armas de Coimbra. A dama é a princeza, a taça, significa o hymineu, o leão era o timbre de Ataces e o dragão verde o de seu sogro.

Querem porém outros que o dragão é o mesmo que matou o cavalleiro de Leitão de Andrade; o leão, o mesmo cavalleiro, e a dama, a princeza que lhe deram por premio.

Ainda outros dizem que a taça significa o Mondego, a dama, a cidade de Coimbra, o leão o rei de Castella; e o dragão, o rei arabe Mahomah.

Os romancistas teem aqui por onde escolher.

—

Depois da morte de Ataces, os godos se tornaram senhores de toda a Lusitania, até que em 716 os arabes a invadiram e conquistaram.

No dominio serraceno, foi Coimbra governada por emires ou alcaides, até 739. Então, sendo alcaide de Coimbra Al-Boacem-Iben-Alhamar (sobrinho de Tarif-Aben-Zarca, vencedor do ultimo rei godo D. Rodrigo) se declarou independente do califa. Este novo rei, por politica, conservou varios condes e senhores christãos e alguns conventos, mediante certo tributo.

Em 850, D. Ramiro I, de Leão, venceu Alhamah, *rei* mouro de Coimbra, fazendo-o

seu tributario. Tambem é d'este facto que alguns derivam as armas de Coimbra, como já disse.

Em 862, D. Affonso Magno de Leão e Castella a resgatou do poder dos mouros, estando os christãos senhores d'ella por espaço de 123 annos.

Em 985, Mahumah Almançor, um dos mais ferozes guerreiros arabes, a cérca e conquista, depois de uma tenaz resistencia, e os mouros, a tornaram a occupar por 79 annos, até que, em 25 de julho de 1064, depois de um obstinado cêrco de sete mezes, foi definitivamente restaurada por D. Fernando I de Castella.

O rei christão queria, ao fim de tres mezes, abandonar o cêrco, por não ter com que sustentar as suas tropas; mas os monges de Lorvão, que então eram riquissimos, sustentaram o exercito á sua custa por mais quatro mezes, até que a victoria coroou os esforços dos christãos.

Então D. Fernando mandou povoar esta cidade por christãos, e lhe poz por governador o conde D. Sisnando, que enobreceu esta cidade com bons edificios, dos quaes ainda alguns existem.

—

Em 1067, o conde D. Rodrigo Dias, mata no paço, á vista de D. Garçia (então rei de Portugal e Galliza) o valido d'este (Verna.)

No mesmo anno é a cidade atacada pelos condes castelhanos D. Nuno de Lára e D. Garcia de Cabras. Sahe-lhes ao encontro o conde D. Rodrigo Dias e seus irmãos (os condes D. Pedro e D. Vermuiz) e os derrotam em *Agua de Maias*, proximo a Coimbra.

Tendo D. Garcia sido prisioneiro na batalha de Santarem, por seu irmão D. Sancho, este lhe usurpou a corôa, em 1071; mas, morrendo em 1072 o mesmo D. Sancho, no cêrco de Çamora, tornou Portugal a unir-se a Castella, no reinado de D. Affonso VI, que se intitulou imperador das Hespanhas.

Foi D. Affonso VI que deu a Coimbra o primeiro foral de que ha noticia certa, datado de 29 de maio de 1085, com grandes e muitos fóros e privilegios.

O conde D. Henrique, (que com sua mulher tomou posse de Portugal em 1093, como tenho dito e repetido n'esta obra) deu um foral a Coimbra, a 26 de maio de 1110 confirmando todos os foros e privilegios que seu sogro havia concedido a esta cidade.

Ainda d'ahi a um anno (26 de maio de 1111) lhe tornou a dar outro foral, confirmando-lhe os seus antigos privilegios e augmentando-lhe outros novos. Estes tres foraes existem no cartorio da cathedral de Coimbra.

D. Affonso I lhe deu foral, em maio de 1179, confirmando e ampliando o de seu pae, e D. Affonso II o confirmou em Coimbra em outubro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 4 de agosto de 1516.

Ha tambem duas sentenças de foral, uma de D. Manuel, de 29 de agosto de 1503, outra de D. João III, de 29 de março de 1538.

—

Aqui morre no 1.º de novembro de 1129 ou 1130, a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique (no mesmo dia em que morrera seu marido, mas passados 17 ou 18 annos) com o habito de Cister, que havia tomado poucos dias antes. (Vide Guimarães e Braga.)

N'esse mesmo anno de 1129, o rei mouro Enjune, põe cêrco a Coimbra, com um exercito que as chronicas do tempo elevam ao numero de 300:000 homens (Parece-me exagerada a cifra,) D. Affonso Henriques, (que n'esse anno tinha tomado conta do governo do reino) veio em soccorro da cidade, vencendo, derrotando, e pondo em fuga os mouros.

Aqui nasceu em 1175 Santa Thereza, rainha de Leão, filha de D. Sancho I e da rainha D. Dulce (irmã de Santa Matalda) Morreu em Lorvão, em 1200. (Vide Lorvão).

—

Em 7 de janeiro de 1355 foi barbara e cobardemente assassinada n'esta cidade a formosa e infeliz D. Ignez de Castro, esposa de D. Pedro I, por ordem de D. Affonso IV, pelos tristemente célebres Alvaro Gonçalves Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco.

Este atroz acontecimento teve logar na *Quinta das Lagrimas*. D'ahi a dois annos os

dois primeiros foram executados em Santarem, no meio dos mais horriveis, mas justificados tratos, arrancando-se ao primeiro o coração pelas costas, e ao segundo pelo peito. (Vide Santarem.)

O palacio de D. Ignez de Castro foi coberto com as areias do Mondego, e apenas da quinta resta a *Fonte dos Amores*, sitio melancholico, na margem do rio.

—

No dia 25 de abril de 1361, foi Coimbra theatro de uma scena que ainda não tinha acontecido, nem tornou a acontecer no mundo. É o reconhecimento de D. Ignez de Castro como legitima mulher de Pedro I, e a sua corôação como rainha de Portugal, dando beijamão, mais de 6 annos depois da sua morte. Em seguida, foi o seu cadaver para o jasigo que lhe estava destinado, em Alcobaça, entre duas alas ininterrompidas de tochas accesas, na distancia de 100 kilometros!

—

Aqui nasceu D. Affonso IV, em 8 de fevereiro de 1291.

No dia 16 de janeiro de cada anno, se fazia aqui (e fez até ha poucos annos) a indecente *procissão dos nús* (despidos dos joelhos para baixo e da cinta para cima). Era o cumprimento de um voto, por occasião da peste que aqui houve em 1423.

—

No dia 28 de novembro de 1377, no palacio de D. Maria Telles de Menezes, vasto edificio acastellado na rua de *Sub-Ripas*, d'esta cidade, (1) foi aquella senhora barbara e injustamente assassinada por seu marido o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

(Quem quizer ter mais larga noticia d'este tragico successo, veja a *Chronica* de Fernão Lopes.)

D. Maria Telles de Menezes era irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e viuva de Alvaro Dias de Sousa (de quem tinha um filho, que era mestre da Ordem de Christo); era nova, muito formosa e cortez para todos, mas muito honesta e recatada.

O infante D. João, como sua mulher, era muito bemquisto do povo. Era déstro e destemido caçador, grande cavalleiro e extremado justador. Era tambem amigo inseparavel de seu irmão bastardo D. João, mestre d'Aviz, que depois foi rei.

A *Messalina portugueza*, que se *descasára* com D. João Lourenço da Cunha (senhor de Pombeiro), para casar com D. Fernando I, havia affirmado ao infante D. João que sua mulher lhe era infiel. D. João, sem outra prova, acreditou a cunhada, e sahindo de Lisboa (onde então se achava) veio a Coimbra, onde chegou na madrugada do referido dia, e alli assassinou a innocente D. Maria, com duas punhaladas.

D. João Tello de Menezes, irmão de D. Leonor (e tão preverso como ella) é que urdiu esta trama infame contra a outra sua irman, de combinação com a rainha. Foi elle mesmo que deu ao infante o *bulhão* (punhal) com que assassinou sua mulher. Receiando a colera do rei e a vingança dos parentes de sua mulher, fugiu, com alguns seus amigos, para as mattas da Beira. Depois, sabendo que o rei lhe não era muito contrario, teve o descaramento de apresentar-se na côrte, e sendo prêso, veio a ser perdoado, como adiante se diz.

Trez foram as causas a que então se attibuiu este crime:

1.ª O odio de D. Leonor a sua irman, por esta não querer ser uma mulher devassa como ella.

2.ª Porque D. Leonor era a amante de seu cunhado, e tinha ciumes de sua irman.

3.ª e mais provavel — porque, tendo fugido para Castella o infante D. Diniz (irmão de D. João) não havia em Portugal outro concorrente á coroa d'este reino senão D. João e a filha de D. Leonor, D. Beatriz (que depois foi mulher de D. João I de Castella). Ora, se D. João fosse degolado, ou, pelo menos, desterrado por tamanho crime (porque, de mais a mais, D. Maria era de uma das principaes familias de Portugal) ficaria D. Beatriz (filha de D. Leonor) sem rival á corôa portugueza, e unir-se-hia Portugal a

(1) Este palacio é interessante e notavel, não só pelo triste drama de que foi theatro, como pelaas suas preciosidades artisticas.

Castella. D. Leonor parece que prometteu a D. João (por morte de sua mulher) a mão de sua filha, D. Beatriz; mas esta promessa foi só para o arrastar mais depressa ao crime; consummado elle, não cumpriu o que promettêra.

O infante foi preso e esteve quasi a ser executado; mas D. Fernando, vindo no conhecimento de toda a intriga, o mandou soltar.

D. João foi para Castella e de lá veio depois a tomar armas contra a sua patria nas guerras contra seu irmão D. Fernando, pelo que foi depois declarado pelas côrtes de Coimbra (assim como seu irmão) traidor á patria e inhabil para succeder a seu irmão.

Antes de fugir para Castella, vendo-se em Lisboa despresado de todos, apesar do perdão do rei, e ameaçado de morte pelos parentes de sua mulher, tornou a fugir para as brenhas da Beira, onde seu enteado, o mestre da Ordem de Christo, o perseguiu encarniçadamente. Um dia que este e os seus o tinham quasi preso, pôde escapar-lhe e fugir para Castella, onde foi bem recebido do rei, e por elle tomou armas contra Portugal, na guerra contra seu irmão D. Fernando. Mas depois, na guerra contra o mestre de Aviz, D. João I de Castella o prendeu em Toledo, onde o infante abdicou os seus direitos á corôa de Portugal, no mestre de Aviz.

Morreu novo, despresado e ralado de remorsos.

—

Em 1245, os povos do Minho, não podendo soffrer mais os desatinos da rainha D. Maria, e o mau governo de seu marido, D. Sancho II (o Capêllo) se revoltaram, e commandados por o bravo Raymundo Viegas Porto-Carreiro, avançam até Coimbra. Aqui o povo da cidade se lhes reune, arrebatam a rainha e a levam presa para o castello de Ourem.

—

A Universidade, que tinha sido fundada por D. Diniz, em Lisboa, no anno de 1288, por breve de Nicolau IV, (a primeira vez que esteve em Lisboa, quando se instituiu, era no sitio chamado da Pedreira, á Porta da Cruz, no bairro de Alfama) foi transferida para aqui (sendo então augmentadas as disciplinas) em 1308; e aqui se conservou por 67 annos.

O seu primeiro assento em Coimbra foi na rua da Sophia, em um palacio real que aqui havia, que depois foi tribunal da inquisição. Antes d'aqui estar a universidade, tinha sido este edificio supremo tribunal de justiça; quando os reis moravam nos paços reaes do Burgo de Santa Clara, que fundára D. Affonso Henriques.

Depois esteve no convento de Santa Cruz, a requerimento dos proprios frades, que das suas rendas sustentavam os lentes e mais empregados. Esta transferencia foi auctorisada por breve de Clemente V.

D. Fernando a tornou a mandar para Lisboa, em 1375. Estabeleceu-se então no sitio ainda hoje chamado Escolas Geraes, tambem no bairro de Alfama.

D. João III a tornou a mudar para Coimbra em 1539, mandando então edificar dois grandes collegios para ella, um de cada lado da egreja de Santa Cruz.

Tambem por esta occasião esteve no collegio de S. Paulo, e foi o mesmo D. João III que lhe deu os seus paços do Alcaçar, no alto da cidade (por isso, chamado Bairro Alto), para alli se estabelecer a universidade, e é onde ella está actualmente.

Ha na Universidade cousas dignas de verse, ou por sua riqueza ou por sua antiguidade. A *sala dos actos* é grandiosa. Está decorada com os retratos dos reis de Portugal, em grandes paineis. A *sala dos capêllos* é guarnecida com os retratos dos reitores. Possue uma galeria de quadros, alguns de grande merecimento. A capella (gothica) é como uma egreja. A livraria e o observatorio, fundados no seculo passado, são edificios vastos e sumptuosos. Do terrado superior do observatorio e da torre da universidade goza-se um panorama vasto e formosissimo.

—

O primeiro reitor da Universidade foi D. Garcia d'Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes e irmão do primeiro viso-rei da India.

—

Vide Universidade, n'este mesmo artigo.

—

Em 14 de junho de 1411, houve tamanha cheia no Mondego, que invadiu o convento de Santa Cruz, levando entre outras muitas cousas, os livros do cartorio, alguns dos quaes eram preciosos manuscriptos do tempo de D. Affonso Henriques.

—

Coimbra foi tres vezes cabeça de ducado, — a 1.ª em favor do infante D. Pedro, quarto filho de D. João I (em premio da sua intrepidez, na tomada de Ceuta, 14 de agosto de 1415) — a 2.ª, em favor de D. Jorge, filho legitimado de D. João II, por o rei D. Manuel, em 25 de maio de 1500, em cumprimento do testamento de D. João II — a 3.ª, em favor do actual infante, o sr. D. Augusto.

Os jesuitas fundaram aqui, em 1710, uma typographia, que durou até 1759, anno em que esta ordem foi supprimida em Portugal. Havia então mais cinco typographias em Coimbra.

—

Ha em Coimbra tres boas feiras: a 4 de julho, no Rocio de Santa Clara; a 24 de agosto e a 21 de setembro, no Campo de Coimbra. Ha tambem mercado no dia 22 de cada mez, e *praça* todos os dias.

—

Em 20 de agosto de 1810, as hordas de Massena occuparam e saquearam Coimbra; mas, logo a 18 de outubro, o general inglez Trant, com uma divisão de milicianos portuguezes, das provincias do norte, cahe sobre Coimbra, onde derrotou os francezes, fazendo-lhe 5:000 prisioneiros.

(Quando estes *libertadores*, segundo a frase moderna, entraram em Coimbra, Massena fingiu que não queria que se saqueasse a cidade; mas depois deixou roubar á vontade e elle fez o mesmo. Tendo elle roubado um riquissimo oculo do observatorio, offereceu-o ao marechal Ney, que respondeu com dignidade: «Eu vim *conquistar* e não *saquear* Portugal.» Então Massena ficou com o oculo para si, e usou depois sempre d'elle descaradamente.

—

Conventos

Tinha Coimbra oito conventos (de ambos os sexos) na cidade, e 22 no seu termo.

Coimbra tinha, só na cidade, 8 conventos e 23 collegios de differentes ordens religiosas (que eram outros tantos conventos) vindo a ser ao todo 31, com 22 conventos no seu termo, eram nada menos de 53!

Na freguezia de Castello Viégas

Cruzios (dobrado) chamado antigamente *S. Jorge a par de Coimbra*. Eis como principiou:

Em 1080, D. Sisnando, conde e governador de Coimbra, em cumprimento de um voto, fundou uma capella dedicada a S. Jorge, a 3:000 metros de Coimbra, no sitio chamado Valle do Monte, junto á matta de Mirláos.

D'ahi a quatro annos (1084) fundou o mesmo D. Sisnando, aqui, um convento de conegos e conegas de Santo Agostinho, lançando-lhe a primeira pedra o bispo de Coimbra, D. Paterno, a 23 de abril d'esse anno, e concluindo-se a egreja e mosteiro, em 1088.

Deu-lhe o conde, para rendas, varias herdades suas, no campo de Tentugal e uma azenha e vinhas no logar da Copeira, junto ao mesmo mosteiro, e varias herdades no Ameal.

Morreu D. Sisnando a 25 de agosto de 1091 (ficando-lhe só uma filha chamada D. Elvira Sisnandes) e deixou por testamento a este convento mais a terça parte da sua prata lavrada.

D. Elvira casou com Martim Moniz, que succedeu a seu sogro no condado e governo de Coimbra.

Salvador Guimariz, sobrinho de Martim Moniz e frade d'este convento, adoptou com a sua communidade a regra de Santo Agostinho, em 1125. Este Guimariz augmentou muito o convento. Era padroeiro d'elle, mas doou o padroado á ordem, em julho de 1126. Nunca quiz passar de diácono.

D. Affonso I, e muitos particulares, fizeram grandes doações a este convento, e já em 1190 era muito rico e tinha 26 conegos e nove conegas.

Junto ao convento havia um hospital para pobres, com uma albergaria para peregrinos.

Em 1128, um fidalgo de Coimbra, chamado D. Payo Grão de Milho (!) e sua mulher D. Suzana, deram ao convento tudo quanto tinham, que era umas casas nobres, na rua das Fangas, umas vinhas em Villa-Franca, outras na Portella, outras em Villa-Pouca.

Em 1148, lhe doou tambem Gonçalo Viegas e sua mulher Justa Arias, a varzea do Mondego, que está ao pé do mosteiro, e uns olivaes.

Salvador Viegas, senhor de Castello Viegas, deu ao convento tudo quanto tinha, em 1166, e por morte de sua mulher, D. Aldonça (ou Dulce, que é o mesmo) se fez frade deste convento.

D. Sancho I, lhe deu tudo quanto tinha no logar de Façalami.

O papa Honorio 3.º isentou este convento da jurisdição ordinaria, por breve de 19 de fevereiro de 1221, pela renda annual d'um bizancio (400 réis.)

D. Affonso III, lhe deu, em 1259, a egreja da Magdalena, de Portalegre. Já então o convento era padroeiro de 6 egrejas (Santo Estevão de Castello Viegas; Nossa Senhora da Hora; de Façalami; S. Justo, do Ameal; S. Thiago da Covilhan e annexa; S. Sebastião de Ferro e S. Vicente da Beira.)

Tinha tambem umas casas em Coimbra, na rua da Moéda.

O papa Julio II, deu o padroado deste convento a D. Manuel, em 1488.

Na egreja primittiva, que era de 3 naves, estava sepultado, na capella mór, em tumulo muito bem lavrado (da parte do evangelho) mettido na parede, um filho do conde D. Sisnando, que morreu creança: e da parte da epistola, a sepultura, tambem muito bem lavrada, de D. Diniz d'Alpoem, senhor d'Esgueira e embaixador d'Aragão.

Vasco Pires da Cunha, instituidor do morgado d'Antanhol, que morreu em 1389, tambem aqui esteve sepultado.

Em 1526, estando a egreja muito velha, foi arrazada, por ordem do prior, D. Martinho de Portugal, e feita a nova, de uma só nave.

Então se destruiram as duas primeiras sepulturas e só se conservou a terceira. Este D. Martinho era irmão do conde do Vimioso, nuncio apostolico, embaixador do papa Clemente VII, arcebispo do Funchal e primaz das Indias.

Em 1538 foi achada a sepultura do diecono Salvador Guimariz, um dos fundadores do convento, enterrado ha mais de 400 annos.

Foi a ossada mettida em um caixão de cedro e collocada debaixo do altar-mór.

Foi aqui prior o pusilanime cardeal D. Henrique, depois rei. Succedeu-lhe Jorge Coelho (irmão do célebre Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama) que fez as salas dos priores-móres, do lado do Mondego, com uma bellissima varanda para o nascente.

Este Jorge Coelho era homem de muitos talentos, doutor em canones e bom poeta latino. Morreu em 28 d'agosto de 1563 e jaz no meio da capella-mór em sepultura raza.

As rendas da Mêsa prioral d'este convento foram annexadas pelo cardeal D. Henrique ao collegio dos jesuitas d'Evora, por provisão sua de 16 de outubro de 1563, ficando o convento só com os rendimentos da Mêsa conventual, padroados das 7 egrejas, casas dos priores-móres, a varzea, a matta com sua cêrca e a coutada do rio.

Em 17 d'agosto de 1568 foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra. É por esta razão que o descrevo em Coimbra, e tambem por ser nos seus arrabaldes; mas elle é na freguezia de Castello-Viégas.

Em Coimbra

1.º *Cruzios* — Convento de Santa Cruz, de conegos regrantes de Santo Agostinho.

Foi fundado por o conego arcediago da Sé de Coimbra, D. Tello, em 1131.

O convento e suas dependencias occupavam um espaço quasi egual ao de todo o resto da cidade!

Lançou-se-lhe a primeira pedra a 28 de junho d'esse anno. Foi benzida pelo bispo de Coimbra D. Bernardo, e lançada por D. Affonso Henriques.

Entraram os frades para o convento, em

24 de fevereiro de 1132, que n'aquelle anno foi quarta feira de cinza.

D. Tello (o fundador) nasceu em Coimbra, a 3 de maio de 1070. Era filho de D. Odorio Telles, capitão de D. Fernando Magno, e senhor de algumas terras em Cantanhede e Arouca. Sua mulher era D. Eugenia, irman de D. Sisnando, conde de Coimbra.

A primittiva fundação d'este convento foi nos arrabaldes da cidade, no sitio chamado *Valle deRibella*, ou *Banhos da Rainha*, ou *Banhos Reaes*, onde já havia uma antiga egrèja, dedicada a Santa Cruz. Este sitio tinha sido de D. Súzana, mãe do conde D. Sisnando, que por seu fallecimento deixou á Sé o padroado da egreja, com casas e hortas que estavam junto d'ella. A mesma senhora deixou os banhos a D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, que os deu a D. Tello; o que seu filho D. Affonso Henriques confirmou em 5 de dezembro de 1129.

Vendeu o cabido a D. Tello, por *30 morabitinos d'ouro* (cada *morabitino* valia 500 réis) as casas e hortas, a 20 de dezembro de 1129. Confrontava este terreno pelo E. com *Isac*, hebreu; O. com a egreja de Santa Cruz; N, com o caminho publico, e S. com os Banhos Reaes.

Tambem o bispo de Coimbra, a pedido de D. Affonso Henriques, cedeu a D. Tello o padroado da antiga egreja de Santa Cruz.

O convento no seu principio só tinha 12 cellas, mas D. Affonso Henriques o augmentou muito e lhe deu muitas alfaias e rendas, podendo desde então ter 60 frades.

O 1.º prior-mór, foi S. Theotonio, e 1.º prior-castreiro D. Odorio, que depois foi bispo de Viseu. (Chamava-se, prior-castreiro, ou da crasta, porque á claustra se dava n'esse tempo o nome de crasta.)

Por breve de Innocencio 2.º era este mosteiro isento de toda a jurisdição episcopal e immediato á Sé apostolica. Os priores-móres de Santa Cruz tinham jurisdição, não só episcopal, mas até metropolitana, nas egrejas do seu padroado. Das sentenças dos priores-móres só se appellava para a curia romana.

As rendas d'este mosteiro eram eguaes ás dos maiores bispados do reino.

A actual egreja e convento de Santa Cruz é fundação de D. Manuel, no principio do seculo XVI, e D. João III a ampliou.

O pulpito de Santa Cruz, mandado tambem fazer por D. Manuel, é das mais primorosas obras de esculptura em pedra que temos no reino, e talvez a melhor no seu genero, em toda a Europa. Está tão perfeito e tão bem conservado como se fosse feito hoje. Em 1866 foi este pulpito modelado em gesso (pela associação dos architectos civis portuguezes) e ficou optimo. Esta copia em gêsso, foi á exposição de Pariz (de 1867) e ahi figurou com geral admiração, na secção retrospectiva das artes.

Suppõe-se que o pulpito é obra de João de Ruão, esculptor francez do seculo XVI.

Foram conegos d'este mosteiro, D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II (este andou mesmo d'habito d'esde creança, por isso lhe chamaram o Capêllo.)

Foram tambem aqui conegos muitos infantes e pessoas da família real.

Dois reis (ou régulos) mouros, chamados *Joas* e *Cia*, prisioneiros em Ourique, e que vieram com o rei para Coimbra, e faziam serviço de seus criados da camara, se converteram e baptisaram, tomando os nomes de Affonso e Giraldo (sendo o rei padrinho) e foram conegos de Santa Cruz. O 1.º disse missa e o 2.º foi só *converso*.

Está de tal módo ligada a historia do convento de Santa Cruz, com a de Coimbra, e mesmo com a de Portugal, que pedimos perdão aos nossos leitores de sermos tão extensos na descripção das cousas d'este convento, e continuâmos.

Era Coimbra muito falta d'agua, não tendo quasi nenhuma fonte; porque os cruzios a tinham usurpado quasi toda, tendo o convento e cêrca cobertos de profusão de fontes, sem que, por bem, quizessem ceder da superabundante, para a cidade.

Houve d'isto muitas queixas a varios reis, que todas eram abafadas pelo enorme poderio dos frades.

Em 1570, houve uma grande sécca e o povo andava desesperado por o convento ter trez vezes mais agua do que toda a ci-

dade, e o representaram a D. Sebastião.

Como os frades a nada se moviam, e teimaram em querer toda a agua, apegando-se á posse de mais de 400 annos, o rei mandou o desembargador João Borges, com ordens e poderes de tirar a agua superflua aos frades e a dar á cidade.

Mandou o desembargador fazer uma grande cava, para tirar a agua, mas os frades de noute a tornaram a entupir. Excommungaram o desembargador e todos os magistrados, officiaes e operarios que assistiam á obra, e se foram queixar ao rei, que estava em Santarem; mas nada lhes valeu; porque Martim Gonçalves da Camara, secretario da puridade, mandou a Coimbra outro desembargador, chamado Gaula, mais energico do que o 1.º, que levou a obra por diante, fazendo até algumas violencias aos frades, taes como, arrazar-lhes todo o muro do lado d'onde corria a agua, arrancar-lhes algumas arvores e multal-os em 600$000 réis para as custas da alçada.

Ficou tambem excommungado, é verdade; mas esta bôa obra progrediu com rapidez, pois toda a cidade trabalhava com afan, e foram rápidamente feitos os arcos e aqueducto, ficando assim a cidade dotada d'este indispensavel melhoramento.

A este aqueducto se chama de S. Sebastião, em memoria do nome do monarcha que o mandou construir. Tem 22 arcos de bastante altura. Quatro foram as fontes que então se tiraram aos frades, que apesar d'isso ficaram com agua sufficiente para as suas precisões.

Os frades foram queixar-se a Roma; mas, apenas conseguiram que o rei lhes desse certas terras pela agua que lhes tirou.

A egreja era riquissima em alfaias e paramentos, dados por muitas pessoas reaes e particulares. Os francezes lhe roubaram uma bôa parte, em 1807 e 1809. Restavam ainda muitas preciosidades que se poderam subtrahir á rapacidade das hostes de Junot; mas em 1834, outros *salteadores* ainda peores lhe roubaram tudo quanto tinha escapado ás hordas buonapartistas!

Ninguem soube onde tanta riqueza foi parar, só se se sabe que a riquissima *costodia* que aqui havia, esteve exposta por muito tempo em casa de um ourives de Londres.

Em 25 de outubro de 1505, D. Manuel mandou trasladar para esta egreja os restos de D. Affonso I (para o seu actual mausoleu, mandado fazer por aquelle rei) e ordenou que o fallecido rei désse beijamão, sendo D. Manuel o primeiro que cumpriu esta ceremonia, pela 2.ª vez vista em Coimbra.

Tambem aqui jaz D. Sancho I, em outro mausoleu tão sumptuoso como o de seu pae, e tambem mandado fazer por D. Manuel.

Estes dois tumulos e o primorosisimo pulpito da egreja, são as 3 mais notaveis obras d'este edificio. Tambem aqui jaz *S. Theotonio*, amigo e conselheiro do nosso primeiro rei, e primeiro prior de Santa Cruz.

No claustro da *Manga*, ha uma capella, cujo tecto e paredes são formadas de caveiras, tibias e outros ossos humanos. São dos bravos portuguezes fallecidos na gloriosa batalha d'Ourique. Hoje está tapada a porta d'esta capella. Foi D. Affonso I que aqui mandou reunir estes ossos, para serem conservados, como um *pantheon* de gloria, erigido á memoria d'esses heroes que perderam a vida pela sua patria.

A Chronica dos Cruzios, attesta a identidade d'estes ossos.

O mosteiro serve hoje de administração do correio e outras repartições. A cêrca foi vendida por *uma tuta e meia* (e o dinheiro devorado.) É pois hoje propriedade particular, e uma das melhores cousas de Coimbra, e das maiores, mais bellas e melhores *cêrcas* das ordens religiosas de Portugal. Suas ruas, escadarias, lagos, fontes, cascatas, etc, tudo era magestoso e magnifico, parecendo mais a quinta de recreio de um manarcha, do que a cêrca de um convento.

Todas estas esplendrosas obras foram construidas no tempo do reformador da congregação dos conegos regrantes de Santo Agostinho, D. freire Gaspar da Encarnação, no reinado de D. João V.

Depois da extincção das ordens religiosas, tem-se praticado n'esta quinta vandalismos inauditos.

Grande parte dos seus gigantescos arvo-

redos foram cortados ou arrancados, e muitas ruas destruidas, com o fim d'alargarem a cultura dos cereaes, por mais alguns metros de terreno.

A pezar de tudo, ainda aqui resta muito que admirar, e que convida a visitar a cêrca dos cruzios.

Algumas ruas largas e extenças, toldadas de frondoso arvoredo; o celebrado largo circular, orlado por altas paredes de cedro; o grandioso terreiro *do jogo da bola*, com os seus trez lindos arcos, coroados pelas estatuas da *Fé, Esperança e Caridade*, com a sua lindissima *cascata* e com os colloçaes e copados arvoredos que o assombram; as *magestosas escadarias*, entremeiadas de vistosos *repuchos;* a paragem encantadora da *Fonte da Nogueira*, etc. etc.

Tambem ainda restam algumas arvores seculares, que causam pasmo por sua corpolencia, principalmente os loureiros, dos quaes disse o célebre botanico Link na sua *Voyage en Portugal.* — «si l'on desire voir des lauriers des Indes, de Goa *(laurus indica)* dans toute leur magnificence, c'est ici qu'on doit se rendre.».

—

Coimbra formava um dos seis bispados em que o concilio de Lugo (convocado em 569) dividiu a Lusitania. Tinha cinco egrejas (ou freguezias) Vide Bispado.

—

No *Livro Preto* de Coimbra a fl. 297 v. está a doação da egreja de S. Julião, junto á foz do Mondego, feita pelo abbade Pedro, á Sé de Coimbra, sendo bispo D. Cresconio. N'ella se diz que esta egreja fora destruida pelos serracenos, e elle doador, com favor e ajuda de algumas pessoas tementes a Deus, a havia restaurado nos edificios e bens, por auctoridade do *consul* D. Sisnando. (Vê-se que n'aquelles tempos tambem ao grande conde D. Sisnando se dava o titulo de consul.) Vide Figueira da Foz.

Em 1098, segundo o mesmo livro (n.º 61) mas em 1090, segundo o original que está na torre do Tombo, o sacerdote *Frogia*, com seu irmão, o presbytero *Ero, divae memoriae*, doaram a esta Sé a egreja de Santa Eulalia do Couto de Baixo, junto a Viseu, os quaes a tinham edificado na sua propria herdade, e a doram com todas as suas pertençrs e moveis.

Segundo o mesmo liv. e no anno de 1101, o presbytero *Ermígio*, doou á mesma Sé, a egreja de S. Miguel de Molellos, no Valle de Bésteiros, *com seus passaes, terras rotas e por romper, pedras moveis e imoveis, vinhas, pomares, cortes, casas, livros, calix, vestimentas, ornamentos da egreja etc. etc. tudo isto para sustento e vestido dos monges, luzes dos altares e esmolas dos pobres.*

Em 1094, o conde D. Raymundo e sua mulher, a *rainha* D. Urraca (irman de D. Affonso VI de Castella) deu á mesma Sé o célebre mosteiro da *Vacariça.*

—

2.º *Freiras de Santa Clara* (franciscanas) — da outra banda do rio.

Foi fundado por D.ª Maior Dias, riquissima senhora d'esta cidade, em 1286, dando a fundadora para elle as casas e herdades que alli tinha, com vinhas e olivaes, etc.

Ainda hoje são notaveis as ruinas d'este convento, onde por varias vezes habitou a santa esposa de D. Diniz I.

Lançou-se a primeira pedra na egreja, a 12 de agosto (dia de Santa Clara) de 1298. Lançou-a o bispo de Coimbra D. Pedro.

Mas a primeira pedra do convento foi lançada a 28 de abril de 1286.

Em 1311, morreu D. Maior (ou Mór) Dias, e os cruzios de Coimbra, allegando que D. Maior tinha primeiro professado a regra de Santo Agostinho, se apossaram do convento e de tudo quanto lhe pertencia, mandando as freiras para diversos conventos de franciscanas, ficando-lhe com todos os bens e rendas, que eram de muito valor. A egreja e o convento, como eram de humilde fabrica e lhe não rendiam nada, entregaram-os aos frades franciscanos. Tres annos depois, a rainha Santa Isabel reivindicava o convento para as freiras franciscanas; mandando então alargar o convento, fez nova e mais sumptuosa egreja e deu-lhe para cêrca extensos campos na margem esquerda do Mondego, que mandou cercar de altos muros, dando-lhe tambem muitas rendas.

Contiguo ao convento fez erigir um hos-

pital para pobres, o qual tambem dotou liberalmente. Depois de viuva, passava a santa rainha a maior parte do tempo n'este convento, com o habito franciscano e sujeitando-se a todas as austeridades da ordem. Aqui viu morrer sua neta, a infanta D. Isabel, filha de D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz. Tambem aqui veio morrer a infanta D. Isabel, filha de D. Pedro III, de Aragão, irman da rainha santa. Morrendo esta em Extremoz, a 4 de julho de 1336, veio ser aqui sepultada, em rico mausoleu de marmore.

Casou aqui o infante D. Duarte (depois rei) com a infanta de Aragão, D. Leonor, em 22 de setembro de 1428.

Aqui veio tambem professar (violentada) e morrer, com o titulo de *excellente senhora*, a infeliz princeza D. Joanna, filha de D. Henrique IV, de Castella, e da rainha D. Joanna, de Portugal, filha de D. Duarte. Foi casada com D. Affonso V, de Portugal e era legitima herdeira da corôa de Castella; mas o papa annullou este casamento (por D. Affonso V ser tio da rainha) e sendo encerrada, em 1479, no convento de Santa Clara, de Santarem, foi para aqui mudada pouco depois e obrigada a professar.

Este convento foi mudado por D. João IV, em 1649, para o sitio actual, por este estar quasi enterrado com as areias do rio. (Vide adiante o outro convento de Santa Clara.)

—

3.º *Freiras de Sant'Anna* (eremitas descalças de Santo Agostinho)—fundado por D. Miguel Paes, bispo de Coimbra, em 1174, dando-lhe para isto sua irman, D. Joanna Paes, umas casas, vinhas e olivaes que aqui tinha.

O sitio em que se fundou este convento era muito aprasivel e fresco, e estava junto á ponte velha (onde agora póga a ponte nova com a velha) tão eminente ao rio, que entre elle e o convento havia uma ladeira plantada de oliveiras.

Foi lançada a primeira pedra no dia de Santa Anna, a 26 de julho de 1174 e foi concluida a obra em 1184, em cujo anno o foram habitar tres freiras, que eram a dita D. Joanna Paes (fundadora) que foi a primeira prioresa, e mais duas, que todas vieram do convento de S. João das Donas.

As rainhas D. Sancha e D. Thereza, filhas de D. Sancho I (irmans da rainha Santa Mafalda) lhe deram algumas rendas.

Chamavam-se (pela grande penitencia que faziam) as *reclusas*, ou *encelladas* ou *emparedadas*, de Sant'Anna. Eram muito pobres e as freiras de Cellas tinham obrigação de lhe darem certas esmolas, por legado da dita rainha D. Sancha. Como esta esmola não fosse paga pontualmente, por demanda e sentença, foi reduzida a certos moios de trigo. (Vide Cellas, vide tambem em Alemquer a egreja da Senhora da Redonda.

Muitos particulares lhe fizeram doações.

Em 1284, já o rio chegava ao convento, innundando-o, pelo que se mudaram para o sitio da *Vinha da Varzea*, em 1285.

Foi o bispo de Coimbra D. Aymerico, que fez mudar as freiras para este segundo sitio, que era uma quinta do *mestre Estevão*, deão da Sé; que a deixou para se mudarem para aqui (fugindo aos estragos do rio) as freiras do antigo convento.

D'aqui (por ser o sitio doentio) se mudaram para o logar de S. Martinho do Bispo, pouco distante do rio, para uma quinta que era dos bispos de Coimbra, chamada por isto *Quinta dos Bispos*.

O bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, fundou o sumptuoso convento de Sant'Anna, fóra das portas do castello da cidade, e para elle vieram as freiras de S. Martinho do Bispo, em 1612, e então mudaram o habito de conegas, pelo de eremitas, mas tudo de Santo Agostinho.

Do primeiro convento apenas restam leves vestigios; pelo que mal se divisa onde foi.

—

Convento de S. Francisco Velho—junto á ponte, pelo lado debaixo d'ella. (Foi submergido pelo rio, sem deixar vestigios.)

Era fóra dos muros. Fundou-o o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, pelos annos 1215, e o ampliou depois sua irman bastarda, D. Constança Sanches, em 1247.

S. Francisco de Assis veio de Hespanha com dois religiosos e chegou a Coimbra em

1214, reinando D. Affonso II. Pediu a D. Urraca, mulher do rei, para pedir ao cabido de Coimbra que lhe cedesse a capella de Santo Antão, abbade, que estava ao norte da cidade e era do cabido. Dando-lh'a este, alli deram principio ao convento, que foi o primeiro d'esta ordem em Portugal; mas este convento não merecia tal nome (pela sua pequenez) até que o infante D. Pedro e sua irman fizeram d'isto um solidissimo e magestoso mosteiro. Até á canonisação de Santo Antonio de Padua, chamava-se *convento de Santo Antão, abbade*, e depois d'ella, se lhe mudou o titulo para o de *Santo Antonio dos Olivaes*, em commemoração de Santo Antonio e em razão das muitas oliveiras que por aqui havia. Tinha as paredes tão grossas e solidas e portas tão seguras, que serviu de fortaleza a D. Diniz, na guerra civil que lhe moveu seu filho D. Affonso (depois IV). Tambem aqui se fez forte D. Henrique II, de Castella, e o traidor D. Diniz (filho de D. Ignez de Castro) contra as tropas portuguezas de D. Fernando I.

Aqui se reuniram as côrtes que, a 6 de abril de 1385, acclamaram legitimo rei de Portugal a D. João I. O maior vulto e melhor orador n'estas côrtes e a quem o rei deveu a corôa, foi o immortal dr. *João das Regras*. Vide Santo Antonio dos Olivaes.

—

4.º *Freiras bernardas de Cellas de Wimarães*—fundado por a infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, em 1210. Vide Cellas.

—

5.º *Frades dominicos*—fundado pelas infantas D. Branca e D. Thereza, filhas de D. Sancho I, pelos annos de 1226, no sitio da Figueira Velha. Foi sepultado sob as areias do Mondego, e só d'elle existia parte do campanario, no tempo de fr. Luiz de Sousa.

Em 1547 foram os frades mandados para o actual convento da Sophia.

Chama-se hoje ao sitio onde existiu o convento, *Chão da Torre*, e é uma rendosa insua, de que é proprietario o sr. dr. Fernandes Costa (lente de medicina) que traz isto perfeitamente cultivado, e fez aqui uma grande plantação de amoreiras, para sustento do sirgo e fabrico da seda, pelos processos modernos, e em grande escala.

6.º *Frades franciscanos de Santo Antonio dos Olivaes*—Está actualmente aqui estabelecido um collegio; o que o tem preservado de estar em ruinas. Adiante darei mais algumas noticias com respeito a este convento.

Tendo o Mondego invadido o antigo convento (de S. Francisco Velho ou de Santo Antão) apesar dos fortes muros que os frades lhe fizeram e dos 20 degraus que era preciso subir para chegar á egreja; pediu e obteve o rei D. Manuel, do papa Julio II, um breve, em 1506, permittindo a mudança do convento para sitio mais seguro. Escolheu-se o local na encosta do monte de Nossa Senhora da Esperança, que ficava proximo, mas mais alto. O novo convento foi feito á custa de esmolas do povo e só em 1609 é que para aqui se fez, com grande pompa, a mudança das imagens, dos frades, etc. Aqui foi conventual fr. Antonio das Chagas (vide Varatojo) e D. Philippe, principe de Ceitavaca, que sendo prisioneiro na ilha de Ceylão, se baptisou em Goa e aqui morreu novo.

—

7.º *Freiras bentas*—fundado por fr. Diogo de Murça, em 1555, nos paços da universidade (de que elle era então reitor) e depois se mudou para onde agora está, fóra das portas do castello.

A egreja foi sagrada a 19 de março de 1639.

—

Freiras franciscanas de Santa Clara—ao sul da cidade, além da ponte, no cimo de um monte. Foi fundado por D. João IV, no sitio chamado a *Esperança*, e lhe lançou a primeira pedra a 3 de agosto de 1649, (sendo reitor da universidade) o bispo de Viseu, D. Manuel de Saldanha. Este edificio ficou apenas na quarta parte.

Foi architecto e deu o risco, fr. João Turriano, frade benedictino, e director da obra, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e primeiro marquez de Marialva, célebre e valoroso general durante a guerra da independencia. Vieram para aqui as freiras a 29 de outubro de 1677, com grande magnificencia.

Na capella-mór da egreja, em rico tumu-

lo de prata, jaz Santa Isabel, mulher de D. Diniz.

No côro de baixo ainda se vê o magnifico e antigo tumulo de pedra, em que primeiramente estava depositada a santa rainha. É todo ornado de esculpturas em alto relevo, tendo sobre a tampa a estatua de Santa Isabel. Este mausoleu veio para aqui mudado do antigo convento de Santa Clara.

Em 1612, quando se tratava da canonisação d'esta santa, por ordem do papa Paulo V, se abriu a sepultura da rainha e se achou o cadaver em tão bom estado e tão flexivel, como se tivesse sido enterrado n'aquelle instante, apesar de haverem passado quasi tres seculos depois da sua morte. (Vide o convento de Santa Clara, antecedente.)

Ainda tem algumas freiras.

Não leva numeração, porque é o mesmo do n.º 2, ou d'elle procedente.

Adiante, no collegio de S. Thomaz (11.º) fallo mais detidamente n'este convento.

—

8.º *Freiras de Santa Thereza* (carmelitas descalças)—Proximo do *Penêdo da saudade.* Foi primeiramente em umas casas da quinta de Simão Pereira Homem, no sitio da Arregaça, que para isso ageitou o conego Manuel Moreira Rebello, e no que gastou quinhentos e quarenta mil réis. Frei José de Jesus Maria José, provincial da ordem, nomeou 11 religiosas de diversos mosteiros do reino, para a instituição do convento; as quaes aqui entraram em 14 de fevereiro de 1739, hospedando-se essa noite no convento de Sant'Anna, e no dia seguinte (que era domingo) se estabeleceram provisoriamente na Arregaça. A 6 de abril do mesmo anno, vieram mais duas religiosas para fundadoras.

No sitio do *Casal do Chantre,* doado pelo dito conego Rebello, se deu principio ao novo convento, lançando-se-lhe a primeira pedra, no dia 9 de abril de 1740 (dia de Nossa Senhora das Dôres.)

As freiras deixaram o hospicio da Arregaça, e entraram no seu novo convento, a 23 de junho de 1744.

—

Collegios das differentes ordens religiosas

1.º *Collegio da Graça* (eremitas descalços de Santo Agostinho, *gracianos.*)—Foi fundado por D. João III em 1543. Está situado na rua da Sophia. A irmandade do Senhor dos Passos está de posse da egreja. O resto do edificio pertence á camara municipal e está occupado pela eschola regia de instrucção primaria, quartel militar e theatro da Boa União.

—

2.º *Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas calçados) fundado pelo arcebispo de Braga D. frei Balthazar Limpo, com ajuda de D. João III, em 1560. Foi depois augmentado pelo célebre bispo de Portalegre D. frei Amador Arraes, que reconstruiu a egreja e sachristia.

Foi em uma das cellas d'este collegio que Arraes escreveu os seus excellentes *Dialogos.*

Jaz este illustre varão enterrado no centro da capella-mór da egreja (em cumprimento dos seus desejos) tendo uma lapide singela, sem brazão nem insignias, e só com a inscripção que se lê a pag. 365 do 1.º volume. (Para tudo que diz respeito a fr. Amador Arraes, vide Beja, sua patria.)

A egreja é de uma só nave, de abobada apainellada, e tem sete altares. E' de architectura singela. Em um dos altares lateraes, está uma pintura, em madeira, de muito merecimento, representando a morte de Santa Maria Magdalena.

No frontespicio da egreja estão duas lapides, rematadas pelas armas episcopaes, com as seguintes inscripções:

A. D. AMATORE. E. PO PORTALEGR. CONS TRVCTVM. 1597.	IN HONORE BE ATISSIMAE VIRGI NIS DE MÕTE CARM.

Por carta regia de 15 de setembro de 1841, foi concedida á Ordem terceira da Penitencia, esta egreja; escapando assim este bello edificio á devastação e ruinas que depois da extincção das ordens religiosas a muitos couberam por sorte.

A Ordem terceira, que aqui se estabeleceu, é das mais devotas, ricas, florescentes e bem administradas de Coimbra.

D'aqui sahe a imponente procissão de *Cinza*, com grande quantidade de ricos andores e bellissimas imagens.

A direcção da ordem instituiu n'este collegio um hospital, onde são recebidos os irmãos pobres.

Ao sr. dr. Manuel Martins Bandeira (d'aqui natural e pae dos illustrados doutores Abilio Augusto Correia Bandeira e Manuel Augusto Correia Bandeira) já fallecido, se deve a instituição d'este caridoso estabelecimento, pois, além dos seus valiosos donativos, promoveu uma productiva subscripção para se effectuar o hospital.

Em reconhecimento dos grandes serviços prestados á Ordem terceira, foi o seu retrato collocado em uma das salas do collegio.

Era o sr. Bandeira, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, lente de prima, jubilado, na faculdade de philosophia, vogal ordinario do conselho superior de instrucção publica, e geralmente respeitado e bem quisto por suas bellissimas qualidades.

Falleceu em 5 de setembro de 1862, deixando viuva, tres filhos e tres filhas.

Tambem alli se vêem os retratos dos illustres bemfeitores da ordem, os srs. Sebastião José de Carvalho, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, residente no Brasil e D. Francisco da Conceição de Maria Cardoso e Castro, conego regular de Santo Agostinho, em Santa Cruz, e Adriano Correia Bandeira, filho do instituidor, e negociante da praça do Rio de Janeiro.

—

3.º *Jesuitas* (das Onze mil Virgens)—fundado por D. João III, em 1564. Chamava-se vulgarmente *Collegio das artes*. O mais vasto e magestoso d'esta ordem em Portugal. A egreja é hoje a Sé Nova, que vae descripta adiante, nas freguezias da cidade.

O edificio do collegio é actualmente hospital e outras officinas da Misericordia. (Vide adiante Sé Nova.)

—

4.º *Santo Eloy* (conegos seculares de S. João Evangelista, loyos)—edificado no melhor sitio da cidade, ao cimo da Rua Larga.

Lançou-se-lhe a primeira pedra em 6 de maio de 1631. Serve hoje de palacio do governo civil, repartição da fazenda e estação telegraphica.

—

5.º *dos Militares*, na rua dos Militares.—Foi fundado pela Mesa da Consciencia e ordens, lançando-se-lhe a primeira pedra, no dia 25 de julho de 1615. Foi destinado para a instrucção litteraria dos cavalleiros das ordens militares de S. Thiago e S. Bento. D'elle sahiram muitos varões illustradissimos, que vieram a occupar os primeiros logares da republica.

É hoje hospital de molestias cutaneas chronicas (lazaros) cuja administração está a cargo da faculdade de medicina.

O primittivo hospital d'esta qualidade de molestias (*gafaría*) era fóra das portas de Santa Margarida, á beira do Mondego. Tinha sido instituido por D. Sancho I, pelos annos de 1200. Em 1774, por decreto de 15 de abril, foi unida á Universidade a administração d'este hospital, e depois da suppressão das ordens religiosas, foi mudada para este collegio.

—

6.º *de Santa Cruz* (de conegos regrantes de Santo Agostinho, *crusios*)—tambem se chamava *Collegio da Sapiencia*, e vulgarmente *Collegio Novo*.

Foi fundado pelo prior geral da ordem, D. fr. Acursio de Santo Agostinho; lançou-se-lhe a primeira pedra, a 30 de março de 1593. Os collegiaes e seus mestres foram para aqui transferidos no principio de julho de 1604. Foi seu primeiro reitor o dito D. fr. Acursio. É um magnifico edificio, hoje occupado pelos collegios dos meninos orphãos (de ambos os sexos) e outras repartições da Santa Casa da Misericordia.

Em um dos altares da egreja estava uma bellissima imagem do Menino Jesus, sobre uma peanha de cortiça, com resplandor e bandeira da mesma materia, obra delicada e curiosissima de um frade do Bussaco. Em 1810, um general francez dava por esta imagem aos frades uma grande quantia de di

nheiro, e os frades não lh'a quizeram ceder; mas *uns francezes* menos escrupulosos, a roubaram em 1834 e nunca mais appareceu.

—

7.º *de Santo Antonio da Pedreira*—de frades capuchos da provincia de Portugal. Situado na rua da Trindade e proximo das *Escadas de Minerva*. Foi fundade em 1602. É hoje *asylo da primeira infancia desvalida*. Foi aqui instaurado este pio estabelecimento em 1836, com 12 meninos pobres, tirados á sorte; mas este numero tem augmentado consideravelmente. Foi fundado por esmolas do povo da cidade.

—

8.º *de S. Bento*—fundado primittivamente no proprio edificio da Universidade, pelo reitor d'ella, D. Diogo de Murça, em 1555. Depois mudou-se para casa propria, que se concluiu em 1689. Está junto do aqueducto de S. Sebastião.

A ordem benedictina foi uma das mais illustradas e que mais serviços prestou ás lettras patrias.

D'aqui sahiram sempre varões insignes em virtudes e sciencias.

Já n'este seculo foram d'este collegio, entre outros muitos, D. fr. Joaquim de Santa Clara, lente de prima de theologia e arcebispo d'Evora; D. fr. Vicente da Soledade, tambem lente de theologia e arcebispo da Bahia; e D. fr. Antorio de Santa Rita, arcebispo de Góa e primaz do Oriente.

A egreja é magnifica e o edificio um dos mais vastos e bellos de Coimbra. A egreja foi sagrada em 19 de março de 1634, por fr. Leão de S. Thomaz, insigne escriptor, cujas obras ainda são muito estimadas, principalmente a *Chronica* a que deu o titulo de *Benedictina Lusitana*, da qual muito aproveitei para esta obra.

No cruseiro do templo, em frente da capella-mór, está sepultado este illustre filho de Coimbra, com uma lapide que diz:

M. F. LEO AD THOMA.
RELIGIONIS BIS GE
NERALIS, ACADEMIAE
PRIMARIVS, ET SAEPIVS
VICE RECTOR. OBIIT
DIE 6 IVNII 1651.

Este edificio soffreu grandes estragos, quando serviu de quartel militar, em 1849: chegou o vandalismo a arrancarem as guarnições de metal dos gavetões da sachristia e das grades de páo preto, que para isto despedaçaram.

O governo deu depois o edificio á faculdade de philosophia, para aqui estabelecer o lyceu e as precisas repartições do jardim botanico; mas a falta de meios obrigou a direcção a arrendal-o ao sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem, que aqui estabeleceu um optimo collegio de instrucção secundaria, considerado como o melhor do reino.

Tem produzido excellentes estudantes.

—

9.º *De S. José dos Mariannos* (hoje Collegio das Ursulinas)—Pertenceu á ordem dos carmelitas descalços. Foi primeiro fundado em umas casas do conde de Portalegre, ás portas de *Belcouce*, no principio da rua das Fangas, no dia 18 de julho de 1603; mas, passados tempos, se principiou casa propria para elle; sendo lançada a primeira pedra pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, a 11 de outubro de 1606.

Dava-se então ao sitio onde foi fundado o novo collegio o nome de *Outeiro da Genicóca*. Depois, os estudantes, em razão dos muitos malmequeres amarellos que então aqui havia, o *chrismaram* em *Monte Aureo*. É um bello sitio, passando-lhe ao sopé o rio Mondego.

O collegio das Ursulinas é um dos melhores, senão o melhor do reino, onde as meninas recebem uma esmeradissima educação moral e religiosa, aprendendo todas as prendas que podem adornar o bello sexo.

Foi primittivamente fundado na villa de Pereira (vide esta palavra) em 1748. D'ahi a 100 annos (1848) em razão do mau estado do edificio e das suas más condições sanitarias, e sendo convidadas as ursulinas pela abbadessa das freiras de Santa Anna, de Coimbra, vieram para este convento. Porém estando ahi, com grave incómmodo, duas communidades, foi concedido ás ursulinas o collegio de S. José, por decreto de 21 de junho de 1851, para onde foram logo removidas.

egreja estava desde 1834 muito deteriorada, não só pelo abandono; mas pelos grandes estragos que alli fizeram os inimigos do culto divino: foi modernamente reparada, vindo para ella alguns ornatos do convento de Thomar.

É um sitio ameno, pittoresco, saudavel, e com formosissimas vistas.

—

10.º *De S. Paulo*—fundado por D. João III, principiado em 1549, e concluido em 1563, vindo para aqui os alumnos no dia 2 de maio d'esse mesmo anno.

Foi destinado para frades paulistas, e para doutores e oppositores, ecclesiasticos e seculares.

É situado ao fundo da *Rua Larga*, em um terreiro arborisado, onde, segundo documentos do cartorio da Sé d'esta cidade, houve em outro tempo uma *mouraría*.

No sitio em que está este edificio diz fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que era em tempos remotos uma albergaria ou hospital. Foi aqui tambem o primeiro assento da Universidade no tempo do rei D. Diniz.

D'este collegio sahiram varões insignes nas sciencias e nas virtudes.

Foi concedido em 1838 para theatro academico. No mesmo anno (a 24 de junho) já n'elle houve representação, levando o bem conhecido drama—*A Nódoa de Sangue*.

Está aqui tambem estabelecido o *Instituto de Coimbra*, associação litteraria e scientifica de muito merecimento e grande reputação; e a secretaria da *Sociedade philantropico-academica*.

—

11.º *De S. Thomaz* (de frades dominicos) na rua da Sophia.—Já disse, quando descrevi o 5.º convento (frades dominicos) que a obra das infantas D. Branca e D. Thereza tinha sido subterrada com as areias do Mondego.

Em 1540, não podendo já alli viver os religiosos, abandonaram o seu convento (por consentimento de D. João III) e se vieram estabelecer em umas cásas na rua da Sophia; e com ajuda de esmolas do rei, dos duques d'Aveiro, que eram padroeiros do mosteiro,, e dos particulares de Coimbra, e com algumas terras que lhes deram os cruzios, principiaram essa immensa fabrica, depois chamada *Collegio de S. Thomaz*, destinada a convento e a collegio. Este chegou a concluir-se; mas do convento apenas se concluiu a sumptuosissima capella-mór. Foi em 1547 que estas vastissmas obras principiaram.

Na parede exterior do edificio, que faz frente para o Sophia, ainda existem as armas intactas dos duques de Aveiro, apesar da sentença de 12 de janeiro de 1759, que as mandou picár todas. (Vide Chão Salgado.)

D'este collegio sairam varões sapientissimos, distinguindo-se entre elles e já n'este seculo, o famoso orador sagrado Antonio José da Rocha (o *Rochinha*). Depois de 1834 foi vendido, e é hoje dos srs. Pintos Bastos, da Vista Alegre.

—

12.º *Dos Cavalleiros da Ordem de Christo* vulgarmente *Collegio de Thomar*—Foi fundado por D. João III, em 1550. É tambem um vasto e bello edificio. Tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A egreja é uma das mais bellas de Coimbra, mas está no mais lastimoso estado, porque em 1834 foi tudo escandalosamente saqueado, não escapando ferro, madeiras, azulejos, cantarias, tudo quanto com o maior descaramento e impunidade puderam roubar.

Por alvará de 19 de janeiro de 1852, foi determinada a venda do edificio, e extensa cêrca, por dois contos de réis! E no 1.º de abril de 1852 o comprou o sr. José Leite Ribeiro Freire por 2:520$500 réis; e por tão insignificante quantia ficou a nação sem este sumptuoso edificio, e suas dependencias, que caminha a passos largos para a sua total ruina.

—

13.º *Da Trindade*—fundado pela ordem dos trinos, em 1562. O nome que lhe deram os religiosos era—*Collegio da Santissima Trindade da ordem da Redempção dos Captivos*. É situado na rua denominada da Trindade, proximo da Sé Velha.

Teve principio em 1552, em umas casas que tinham sido de D. Vetaça. O seu principal fundador foi o virtuoso fr. Roque do

Espirito Santo, que só á sua parte resgatou mais de 3:000 christãos, captivos dos mouros.

A rainha D. Catharina (viuva de D. João III) e seu neto, o rei D. Sebastião, deram grandes esmolas para esta construcção.

Depois de 1834, a egreja foi transformada em tribunal de justiça e o resto foi vendido, e é hoje propriedade do sr. padre Manuel Simões Dias Cardoso.

—

14.º *De S. Bernardo* (ou do Espirito Santo) — fundado pelo cardeal-rei, em 1570, na rua da Sophia. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular do sr. Francisco da Silva e Oliveira.

—

15.º *Dos Terceiros de S. Francisco* — fundado pelo segundo bispo de Miranda, D. Rodrigo de Carvalho, natural de Lamêgo. Tambem se dava a este collegio a denominação de *S. Bôa Ventura*, e vulgarmente «dos Venturas». Era da Ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal. É na Rua Larga.

Serve actualmente de casa de retenção dos academicos e de eschóla de instrucção primaria.

—

16.º *Real Collegio de S. Pedro (bôrras)* — Fundado pelo padre Fernando Manga Ancha, com ajuda de D. João III, em 1545. É na Sophia.

Quando os nossos reis habitavam nos paços onde hoje é a Universidade, já existia este edificio, e era a morada das damas do paço. Depois é que o tal Manga-Ancha aceitou esta casa para collegio, dando-lhe a invocação de S. Pedro.

Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva.

—

17.º *Dos Jeronymos* — fundado pelo 1.º bispo de Leiria, D. Fr. Braz de Barros, frade jeronymo, em 1550, na rua de S. Jeronymo.

Faz hoje parte dos hospitaes da Universidade.

—

18.º *Dos Franciscanos* — da provincia do Algarve, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, em 1220. Supponho que já não existia em 1834.

—

19.º *Dos Capuchos de Santo Antonio da Estrêlla* — (franciscanos) da provincia da Immaculada Conceição da Beira e Minho; na rua das Fangas. Foi vendido depois de 1844, e é hoje do sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

—

20.º *De S. Bôa Ventura* — (franciscanos da provincia do Alemtejo, vulgo «Pimentas») na Sophia. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do Sr. Manuel José Ferreira Leitão.

—

21.º *De Santa Rita* — vulgarmente Collegio dos Grillos, da ordem dos eremitas descalços de Santo Agostinho. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do sr. dr. Adrião Pereira Forjaz de S. Payo. Julgo ser fundação de D. João III, no meiado do seculo XVI.

—

22.º *De S. Paulo* — da ordem de S. Paulo, 1.º eremita, ou dos eremitas da Serra de Ossa, vulgo paulistas, ao cimo da Rua Larga. E' hoje o Instituto de Coimbra e o museu archeologico, em principio.

—

23.º *Collegio pontificio* — e real de S. Pedro, annexo á Universidade. Serve actualmente para habitação do seu reitor, e para varias repartições academicas.

—

Tendo fallado tanto de conventos portuguezes, e tendo de fallar ainda de muitos no decurso d'esta obra, peço licença aos meus leitores para dizer o que penso em consciencia com respeito a conventos.

Não vou combater os novos principios politicos introduzidos em Portugal, só quero fazer umas perguntas muito sérias aos liberaes de boa fé, de 1834.

Teem visto e continuarão a ver no decurso d'esta obra, que não sou apologista dos frades; mas conheço que a nação lhes deve muitos e muitos beneficios de toda a casta.

Se eu tivesse voto na materia, votaria por uma reforma radical nos conventos de ambos os sexos, mas nunca na sua extincção, e muitissimo menos na expoliação e roubo sacrilego que fizeram aos conventos.

Não ha absolutamente nada que desculpe este acto de verdadeiro latrocinio. Demonstro.

Muitos conventos foram fundados pelos nossos reis e rainhas. — Mas os nossos antigos reis, já pelas instituições coevas, já mesmo porque em pessoa, e á ponta das suas valentes espadas, tinham conquistado aos mouros a maior parte do nosso Portugal, tinham o direito de dar a quem muito bem lhes parecesse uma quinta, certo numero de rendas, um tracto de terreno inculto e deserto (que, na maxima parte foi o que elles deram) ou os *direitos reaes* de qualquer povoação. Mas os nossos reis, desde D. Affonso I até D. Sebastião, com pouquissimas excepções, só premiavam a virtude, a sciencia e o valor. Quasi todas as suas doações foram, ou o premio de relevantes serviços feitos á patria, ou para o culto divino e manutenção da religião do Crucificado.

Ainda mais — nem foram só os nossos reis que fizeram doações aos conventos e aos servidores da patria, foram tambem os reis godos, e depois d'elles os de Castella, Asturias, Leão e Toledo.

Mas legaes ou illegaes, estas doações (que na opinião de todos os homens de bem eram *legalissimas*) segundo todas as leis, não só antigas e modernas de Portugal, mas de todo o mundo culto, uma prescripção diuturnissima, (em muitos casos excedente a mil annos!) tinha indisputavelmente legalisado, e deixem-me assim dizer, consagrado essas doações.

Os frades e as freiras levavam para os conventos os seus dotes, que eram empregados nos augmentos e bemfeitorias. Muitos conventos compravam a dinheiro de contado, rendas, casaes, terrenos e outras propriedades, algumas até aos mouros, quando elles dominavam Portugal; (como se póde ver n'este Diccionario, em mais de uma parte) e todos ou quasi todos desbravaram (muitos por suas proprias mãos) terrenos improductivos, brejos e penedías — que foi o que os reis em grande parte lhes deram; reduzindo isto a cultura, á força de trabalho e despezas; empregando braços, dando sustento a muitas familias e fazendo prosperar os sitios onde se estabeleciam, em especial, e a nação em geral.

(Muitas e muitas povoações florescentes devem a sua origem aos conventos.)

Não nego que muitos frades abusavam da credulidade e mesmo da superstição dos nossos avós, para lhe extorquirem bôas doações; mas vão lá agora saber as que estão n'esse caso! É porém evidente que no geral as doações dos particulares aos conventos foram espontaneas e muito espontaneas.

Com que direito o governo de 1834 e os seus successores, venderam estes conventos, tirando-lhes todas as suas pratas, preciosidades, livrarias, etc. e lhes venderam os edificios e as terras e fóros?

Com o direito que tinha Buonaparte de nos mandar roubar o que os seus generaes nos levaram. Nem mais nem menos.

E essas propriedades que os particulares davam (melhor diria — *consignavam*) aos mosteiros, sob a condição de lhes fazerem certos suffragios annuaes? Com que direito as venderam? Com o direito do mais forte.

Quem manda agora dizer essas missas e fazer esses suffragios?

É innegavel que o que os liberaes de 1834 queriam não era supprimir os conventos, era.... vendel-os.

Se só os quizessem supprimir, entregavam aos legitimos herdeiros dos doadores o que lhes pertencesse e restituiam aos frades e ás freiras os dotes que levaram para os conventos.

Não é sustentavel o argumento d'aquelles que dizem que não se podia saber a quem as propriedades e fóros doados pertenciam. Algumas não se saberia ou não se poderia averiguar, e essas que as vendessem ou disfructassem; mas a maxima parte e as maiores doações sabia-se perfeitamente, porque estava tudo muito bem declarado e por escripturas anthenticas, nos cartorios dos conventos.

Para cumulo de escandalo e de desgraça, venderam uma grande parte d'esses conventos por dez réis de mel coado, e ninguem sabe o que fizeram a esse dinheiro.

Muitas das pratas dos conventos (como as de Santa Cruz de Coimbra, que valiam uns poucos de contos de réis) ficaram logo nas garras do primeiro ladrão, sem dar satisfações a ninguem.

Por isso se viu em 1834, muito pobre e descalço, apparecer repentinamente com palacios, trens e lacaios.

Peço perdão de tamanha digressão, mas parece-me que todos os homens de bem, *de todos os partidos*, me hão de desculpar e ser da minha opinião.

Côrtes

Dez vezes se convocaram côrtes n'esta cidade; foram as seguintes:

—

1.ª Em 1211, por D. Affonso II (no primeiro anno do seu reinado.)

N'ellas se estabeleceram juizes e fizeram as leis, que se acham em o n.º 25, no livro do real archivo da Torre do Tombo, intitulado *Das Leis e Posturas Antigas*, e no livro intitulado *Ordenações do Senhor D. Duarte*, no n.º 26.

Tambem algumas d'estas leis se acham no foral velho de Santarem.

D'estas leis passaram 14 para o *Codigo do Senhor D. Affonso IV*.

—

2.ª Por D. Affonso IV, em 1335.

N'ellas se mandou conservar interinamente á egreja do Porto a jurisdicção sobre a abertura e execução dos testamentos, com exclusão dos ministros régios.

—

3.ª Por D. Fernando. Não se sabe ao certo quando estas côrtes foram convocadas: suppõe-se que foram antes de 1373, que este rei as convocou para Athouguia da Baleia, e de 1376 que as convocou para Leiria.

Só pude saber que houve aqui côrtes, convocadas por este soberano, porque a ellas se refere o artigo 6.º, *especial*, do concelho de Santarem, na carta regia de D. Fernando, do 1.º de maio da era de 1410 (1372 de Jesus Christo.)

—

4.ª Por o Mestre d'Aviz, em 1385.

Foi n'ellas acclamado rei legitimo e natural dos portuguezes, o mesmo Mestre d'Aviz, com o titulo de D. João I.

> Depois foi, com incontestavel justiça, cognominado *de boa memoria*. Era plebeu, por parte de sua mãe; mas, apesar d'isso (ou talvez mesmo por isso) foi um dos nossos melhores reis.

Teve esta patriotica acclamação logar a 6 de abril d'esse anno.

Foi orador, o célebre doutor e verdadeiro portuguez, João das Regras: concorrendo tambem muito para este glorioso triumpho popular o joven e bravissimo condestavel, D. Nuno Avares Pereira; cuja voz potente e auctorisada animou os partidarios do novo rei, e fez callar os adversos.

E' n'esta occasião que Luiz de Camões põe na boca do heroe dos Atoleiros, d'Aljubarrota, de Val-Verde, do vencedor de tantas batalhas, aquellas sublimes estancias, repassadas de patriotismo, que começam assim:

Como da illustre gente portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra, em toda parte,
Ha de haver quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

E mais adiante, no mesmo acto:

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Egual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante mêdo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos e com esta

(E dizendo isto arranca meia espada)
Em virtude do rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Defenderei da força dura e infesta,
A terra nunca d'outrem sobjugada.
Vencerei não só estes adversarios;
Mas quantos a meu rei forem contrarios.

—

Quando uma nação tem um guerreiro como D. Nuno Alvares Pereira, e um poeta como Camões, deve encher-se de eterno e justificadissimo orgulho. Na quasi nullidade a que estamos reduzidos, consola-nos, sequer ao menos, a lembrança do que já fomos...

Vamos ás côrtes.

Nem só se decidiu a acclamação do popularissimo mestre d'Aviz; tambem se fizeram muitas leis e *posturas* sobre o governo do reino.

Os povos se obrigaram então a pagar 400:000 libras de *moeda antiga*, como consta da carta regia de 20 de abril da era de 1430 (1392 de Jesus Christo) e das côrtes de Lisboa, da era de 1427 (1389 de Jesus Christo.)

D'estas se passou carta, a 10 de abril de 1385, ao concelho do Porto, com o theor de 24 artigos geraes, que se acham tambem com a mesma data, na *Ordenação* do rei D. Duarte.

Ha um artigo especial d'estas côrtes. que diz respeito á clerezia do Porto, em carta de 9 de abril, e outro especial do concelho da mesma cidade, datado de 8 do dito mez.

—

5.ª Convocadas por D. João I, em 1387.

N'ellas se lançaram sizas geraes, por um anno, para as despezas da guerra; sobre o que se expediu carta ao concelho de Coimbra, em data de 12 de maio d'esse anno, com 11 artigos.

—

6.ª Convocadas por D. João I, em 1390.

D'ellas se passou carta ao concelho de Coimbra, com o theor de sete artigos geraes, a 2 de março; e ao concelho do Porto as seguintes: uma a 2 de fevereiro, outra a 29 do mesmo, outra tambem a 29, outra a 3 de março, outra a 6, outra a 10 e, finalmente, outra a 14 do mesmo mez; contendo cada uma, um artigo especial do mesmo concelho.

Tratou-se então de varios assumptos, consernentes á boa administração da justiça.

—

7.ª Convocadas por D. João I, em 1394-1395.

D'ellas se passaram ao concelho de Santarem as seguintes cartas de artigos geraes: uma a 18 de dezembro de 1394, com nove artigos. Outra a 31, com sete artigos. Outra no 1.º de janeiro de 1395, com um artigo. Outra a 2 do mesmo mez, com onze artigos. Outra da mesma data, com um artigo.

Ao concelho de Coimbra, a 26 de janeiro de 1395, com vinte e sete artigos; e outra a 5 de fevereiro, com oito artigos, sobre sizas; comprehendidas ambas em um instrumento, e contendo estas duas certidões mais sete artigos que as de Santarem e tendo um menos: conhecendo-se assim, 36 artigos diversos d'estas côrtes.

Tambem d'ellas se passou carta, a 26 de janeiro de 1395, ao concelho do Porto, com um artigo artigo especial: e outra a 22 de maio do mesmo anno, datada de Tentugal, com outro artigo especial, ao mesmo concelho.

D'estas côrtes passaram para o *Codigo do Senhor D. Affonso V* seis artigos geraes, contados pela ordem da primeira certidão de Coimbra.

—

8.ª Convocadas por D. João I, em 1398.

D'estas ha 36 artigos respeitantes á nobreza, no *Codigo do Senhor D. Affonso V*.

D'ellas se passou carta, no 1.º de fevereiro, ao concelho de Santarem, com o theor de um capitulo geral; e tres ao concelho do Porto, com data de 2 fevereiro; contendo cada uma um capitulo especial do mesmo.

No *Codigo do Senhor D. Affonso V*, livro 4.º, titulo 29, § 12, vem outro artigo geral d'estas côrtes.

—

9.ª Convocadas por D. João I, em 1400.

D'ellas se passou carta ao concelho do Porto, no 1.º de julho, com o theor de seis artigos geraes.

—

10.ª Convocadas por D. Affonso V, em 1472.

Tiveram principio em Coimbra, em agosto de 1472, e foram mudadas para Evora, onde terminaram a 18 de março de 1473

D'ellas se escreveram no *Livro do Real Archivo* (da Torre do Tombo) 33 capitulos concernentes á nobreza; 14 da fazenda; 27 da justiça e 162 denominados *misticos*. (Mixtos.)

Dos da justiça, só se acha a resposta ao 16.º, sendo numerado por 18.º dos povos, nas côrtes d'Evora, de 1481, capitulo 12.º, e faltando talvez, além da proposta d'estes, mais dois capitulos, que deixaram de escrever-se na folha que ahi ha em branco, devendo contar-se 29 da justiça.

Além d'isso, entre o capitulo 77.º dos *misticos*, que só está principiado, e o seguinte (do qual tambem só se expressa a proposta) ha lauda e meia em branco, que talvez devesse conter mais capitulos.

D'estas côrtes se passou tambem carta ao concelho de Santarem, em Lisboa, a 11 de outubro de 1473; com o theor de 12 capitulos, que todos se acham tambem no Livro do Archivo, contendo só mais o alvará de 15 de setembro de 1473, em declaração do capitulo 11.º da justiça. Com o mesmo capitulo 11.º da justiça se passaram duas cartas ao concelho do Porto; uma em 7 de março e outra a 9 de julho de 1474.

Os capitulos 31.º da nobreza e 19.º e 20.º dos *misticos* (a que aqui chama 59.º e 60.º dos povos) acham-se transcriptos na *Deducção Chronologica*.

A decisão do capitulo 8.º, da nobreza, passou para o *Codigo do Senhor D. Manuel*, na edição de 1521. livro 2.º, titulo 29, § 3.º

—

Coimbra tinha voto em côrtes, com assento no 1.º banco.

—

As armas de Coimbra, são — Um escudo vermelho. No centro uma taça, ou calix d'ouro, significando a taça do hymineu e sahindo de dentro, com mais de meio corpo, a princeza *Cindasunda* (ou *Cindasuinda*) coroada de rainha, com os olhos voltados para o céo e as mãos postas, como implorando a Deus a paz. Á sua esquerda *Ataces*, na figura de um leão rompente, d'ouro (que era a sua diviza) e *Ermenerico* á sua direita, sob a figura de um dragão, ou serpe, verde, que era o emblema que trazia nas suas bandeiras.

Foi Ataces que deu a Coimbra este brazão d'armas, que ainda é o actual.

—

Era Coimbra cercada de muralhas, guarnecidas d'altas torres, tendo aquellas 6 portas (*Portagem, Estrella, Castello, Collegio-Novo, Sophia* e *Almedina.)*

Parece que estas fortificações já existiam no tempo dos suevos, e que os árabes as conservaram e reedificaram. É certo que D. Fernando Magno e o conde D. Sisnando as ampliaram e reconstruiram no seculo XI.

Até 1834 tinha Coimbra capitão-mór, e na comarca 95 capitães d'ordenanças, cada um com sua companhia e respectivos officiaes.

—

A *quinta das lagrimas*, célebre por ter alli sido assassinada a rainha D. Ignez de Castro, como já d'isse, foi subvertida pelo Mondego e só d'ella resta o poetico sitio chamado *fonte dos amores*. Aqui mandou collocar, em 1811, o general inglez *Trant*, uma lapide de marmore, com a oitava dos *Lusiadas* que começa.

As filhas do Mondego a morte escura,

Não foram os amores de D. Pedro e D. Ignez que deram o nome a esta fonte. Quando Santa Isabel fundou o convento de Santa Clara, já ella assim se chamava.

Esta rainha trocou com os frades de Santa Cruz varias propriedades que tinha em Leiria, dando-lhe elles a *quinta do Pombal*, junto ao convento. Aqui fundou ella um palacio, onde depois residia D. Ignez, e á porta do qual foi assassinada. Para o convento de Santa Clara, vinha a agua da *fonte dos amores* encanada por um *cano* chamado tambem dos *amores*. No sitio d'este palacio de D. Ignez, junto ao convento de Santa Clara está hoje uma aldeia chamada o *Culgo*. Convento e palacio, foram ha muitos annos arrazados pelo Mondego; mas a agua da fonte dos amores é de certo a da quinta do Pombal.

É tradicção que a ponte que aqui mandou edificar o imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo, assentava sobre outra antiquissima. (Parece-me muita ponte..... e, de mais a mais *umas sobre outras!*) Tambem alguns escriptores sustentam que Ataces mandou edificar a 2.ª (ou 3.ª) ponte sobre a de Trajano, pelos annos 420 de Jesus Christo. Seja como for, o que é certo é que todas as historias de pontes de Coimbra, antes da de D. Affonso I, de Portugal, se fundam mais na tradição do povo do que em documentos dignos de credito.

D. Affonso I, construiu outra ponte sobre a antiga, no anno de 1132, que tambem foi submergida com as areias.

D. Sancho I, teve de mandar fazer outra, em 1210, encarregando a camara de Coimbra d'esta obra, mas pagando elle todas as despezas. Ainda as areias do Mondego a submergiram e D. Manuel lhe mandou fazer a que existe, no principio do seculo XVI. Esta ponte vae-se tambem pouco a pouco suterrando, a ponto de estar quasi no estado das antecedentes. É de bôa e solida cantaria lavrada, e tem 22 arcos. É dos mais lindos passeios da cidade, e sitio concurridissimo.

Em 12 de julho de 1873 se inaugurou a nova ponte da *Portella*, ficando desde esse dia exposta á viação publica. Logo a 14 do mesmo mez e anno (pelas 6 e meia da tarde) se deu principio á demolição da velha ponte, para se construir a nova. Vide *Portella* (ponte da)

O segundo arco da velha ponte, foi cortado em 12 de março de 1811, para obstar a passagem das hordas da Massena, quando retiravam das *linhas* de Lisboa Foi reconstruido pouco tempo depois.

A baixo d'esta ponte está a elegante ponte do caminho de ferro do Norte, junto á estação 27.ª do mesmo caminho de ferro.

Ha ainda uma outra ponte, sobre um pequeno ribeiro, no fim da rua da Sophia, ao N. da cidade, que a liga com a estrada do Porto.

Parochias antigas

—

1.ª *Sé Nova* — (Nossa Senhora da Assumção) O seu parocho era um conego meio prebendado (meio conego) Tinha renda incerta, que regulava por 300$000 réis. Tinha esta parochia, em 1757, 792 fogos.

Foi fundada por D. João III, em 1554, para egreja do collegio dos jesuitas, denominado das *Onze mil Virgens*. É templo vastissimo e grandioso.

Em junho de 1542, vieram para Coimbra o padre Simão Rodrigues e 11 companheiros, que, por ordem do rei, se foram hospedar no convento de Santa Cruz, onde estiveram uns 3 annos.

O rei deu a estes padres as casas e terrenos precizos para a projectada edificação e avultadas esmolas em dinheiro e outros generos. Foi lançada a primeira pedra em 14 de abril de 1547.

É dos mais vastos edificios de Coimbra.

Tinha ordinariamente 200 religiosos, que formavam um verdadeiro seminario apostolico, com sabios professores. Uns se destinavam ás arriscadissimas missões da Asia, Africa e America, o que concorreu poderosamente para a propagação do catholicismo no Ultramar, e para a extensão e consolidação do nosso poder n'aquellas remotas regiões. Outros se dedicavam á instrucção da mocidade, sahindo das suas escholas varões sapientissimos nos diversos ramos das sciencias.

Todas sabem que o marquez do Pombal tinha um odio tão implacavel a alta aristocracia como á religião catholica. D'aquella vingou-se no caes de Belem; e, como não podia vingar-se d'esta, em vista do afferro dos portuguezes á religião de seus paes, principiára por fazer, por todos os meios de que poude dispor, espalhar toda a casta de calumnias contra os jesuitas, que bem sabia ser a mais forte columna da religião de Jesus Christo.

Julgando o terreno disposto para a sua obra, no mesmo anno em que no caes de Belem davam o ultimo arranco, entre os mais atrozes e incomportaveis tractos, o duque d'Aveiro e seus infelizes companheiros (13 de septembro de 1759) e antes a penas 10 dias (3 do mesmo mez) tinha extinguido em Portugal a ordem de Jesus, sendo seus

membros banidos do reino e declarados inimigos da patria e desnaturalisados para sempre!

Perante Sebastião José de Carvalho, eram os padres jesuitas *réus de quatro grandes crimes* 1.º dever-lhes a patria relevantissimos serviços. —2.º, deverem-lhes muitas pessoas collocadas por Carvalho nas posições mais eminentes, tudo quanto sabiam, quanto eram e quanto valiam — 3.º, seu grande poder e a sua excessiva influencia — 4.ª, (e talvez a essencial!) as suas immensas riquezas.

Sem negarmos que Carvalho foi um grande ministro e que os jesuitas muitas vezes abusaram do seu poder e da sua influencia, e que constituiram um segundo estado, devemos confessar que o que levou o marquez do Pombal aos cruelissimos excessos e roubos violentos contra os Tavoras e os padres da companhia, não foi o amor da patria, mas o odio, a inveja e o despotismo.

—

Supprimida pois esta ordem religiosa, foram dados á universidade de Coimbra a maior parte dos seus bens e rendas, por carta regia de 4 de julho de 1774.

O collegio das *Onze mil virgens*, teve diversas applicações.

Para parte d'elle foi removido o antigo hospital de S. Bartholomeu (ou da Praça) que tomou o titulo de hospitál de Nossa Senhora da Conceição.

Já foi transferido para outra parte.

O hospital de S. Bartholomeu tinha sido fundado por D. Manuel, que lhe deu 2 contos de reis de renda annual. Era da invocação de S. Cosmo e S. Damião.

D. João III tinha entregado a sua administração aos loyos.

Em outra parte do edificio se fundou o excellente museu de historia natural. A egreja, com algumas pertenças, foi dada ao cabido (por carta regia de D. José, de 11 de outubro de 1772.) Entregou-lhe o corregedor José Gil Tojo Borja em 19 d'esse mesmo mez e no dia 21 se trasladou para aqui a Sé antiga, em solemne procissão, acompanhada pela camara, clerigos e povo, e desde então é a egreja cathedral, sob a denominação de *Sé Nova*.

A egreja é um monumento respeitavel, pela sua extraordinaria vastidão e robustez.

A fachada, toda de cantaria, é de proporções magestosas e ornada com boas estatuas. A parte superior d'esta imponente frontaria soffreu grande damno, causado por uma faisca electrica que alli cahiu em 1833, derrubando a cruz do remate e varios ornatos.

É de uma só nave, mas da maior magnificencia. O zimborio que a corôa é de assombrosas proporções. O throno é chapeado de prata e ha aqui um frontal do mesmo metal. A pia baptismal, que é elegantissima, foi mandada construir pelo bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, e veio para aqui da Sé Velha.

Todas as officinas e dependencias condizem com a sumptuosidade do templo.

O seu archivo contém grande numero de documentos valiosissimos pela sua antiguidade. Está aqui uma copia do famoso *Livro Preto da Sé de Coimbra* (o original está na Torre do Tombo) codice precioso, contendo curiosissimos esclarecimentos relativos aos primeiros tempos da monarchia, e até mesmo a anteriores.

É a actual egreja parochial da Sé, com 803 fogos.

—

2.ª *Santa Justa*—collegiada e priorado. Em 1757 tinha 350 fogos. O prior tinha 200$000 réis e os beneficiados, cada um 40$000 réis. (Eram 12 beneficiados). Esta freguezia e a de Santa Cruz, estão actualmente annexas á de S. João de Almedina.

A egreja de Santa Justa é de simples mas elegante architectura; de uma só nave, alegre e vasta, e com 7 altares.

Edificada sobre uma collina que olha para o rio, do seu adro se gosa uma formosa vista.

Esta é a nova egreja de Santa Justa.

—

Santa Justa, a antiga—No sitio ainda actualmente chamado *Adro de Santa Justa*, existia ainda no principio do seculo passado a egreja d'esta invocação.

O leito do Mondego, levantando-se pro-

gressivamente, invade com frequencia a cidade baixa; pelo que damnificou tanto a egreja, que os fieis se viram obrigados a abandonal-a e a construirem outra, em sitio onde o rio não a prejudicasse.

Na parede da frontaria da nova egreja de Santa Justa, se vêem embebidas duas lapides, cada uma com sua inscripção, pelas quaes consta da fundação da antiga e moderna egreja. São as seguintes:

PELLOS ANNOS DO
S.or DE 1100 SE FVM
DOU A IGR.a ANTIGA
E HAVENDO IA M.tos
Q. AS INVNDAÇÕENS
DO RIO ENTRAVAM
NELLA SENDO ESTAS
CONTINVAS COM TE
RRIVEIS TEMPESTADES
NO INVERNO DE 1708
AOS 17 DE FEVR.o DE O
MESMO ANNO POR
ORDEM DO ILL.mo S.or
ANTONIO DE VASCO
NSELLOS E SOVSA BIS
PO CONDE SE FES PROCISÃO DE
PRECES COM A IMA
GEM DO S.to CHRISTO
A QVAL SE RECOLHEU
A IG.ra DE SANTIAGO
E NELLA SE COLOCOV
A SOBRED.a IMAGEM
NA TRIBUNA DO AL
TAR MAIOR E OS P.es
DESTA IGR.a FICAR
ÃO CELEBRANDO
OS OFFICIOS DI
VINOS COM OS
BN.dos DA MESMA.

A segunda diz:

AOS 24 DE AGOSTO
DE 1710 VEIO A ESTE
SITIO O ILL.mo S.or BISPO
CONDE ANTONIO DE
VASCONCELLOS E
SOVSA E NELLE COM
TODA A SOLEMNIDA
DE E ASSISTENSIA DO
S RED.os CAPITVLARES
NECESSARIOS E CON
CVRSO DO POVO
BENZEO A P.a PEDRA
A QVAL LANÇOV
AO CANTO DESTA
PARTE E FES AS MAIS
SEREMONIAS DA IGR.a

Ainda ha vestigios da antiga egreja. Entre outros, nota-se um tumulo, em fórma de arca, com esta inscripção:

ERA MCCIIII IDVS IVNII OBIIT MARIA: MENENDI:
UXOR IHNS: PELAGII.

Existe tambem um arco em ogiva e outro mais pequeno, de volta circular, cujo fêcho já está rente do chão, ficando tudo o mais submergido.

Vê-se tambem uma elegante janella, dividida por uma delgada columna, assim como alguns capiteis muito bem lavrados, indicando que o templo foi de primorosa architectura.

O antigo edificio foi primeiramente dos monges da Caridade, mas depois veio a ser collegiada, com 12 clerigos e um prior, que viviam em communidade, sob a regra de Santo Agostinho, e eram sujeitos ao mosteiro de Santa Cruz, e da sua visitação.

Antonio Coelho Gasco, faz vaga menção (nas suas *Conquista, Antiguidades e Nobreza de Coimbra*, cap. 4.º) de um epitaphio que no seu tempo estava detraz da porta que da egreja hia para o claustro, que se diz ser o que hoje se vê no novo templo, na parede, junto á porta lateral da esquerda. D'elle se collige que um tal D. Rodrigo foi o fundador da egreja velha.

A inscripção, em caracteres romano-gothicos, minusculos e maiusculos e com alguns conjunctos ou inclusos, é a seguinte:

HOC: JACET: IN: PVLCRO: RODERICUS: NEMPE: SEPVLCRO:
QVI: DOMINO: CELI: SERVIVIT: CORDE: FIDELI:
NAMQVE: LOCO: XPISTO: TEMPLVM: CONSTRVXIT: IN: ISTO:
QVOD: BENE: DITAVIT: SACRIS: DONISQVE: BEAVIT:
CLAVSTRI: STRVCTVRAS: FVNDAVIT: NON: RVITVRAS:
ATQVE: DOMOS: CVNCTAS: PER CIRCVITVM: BENE: JVNCTAS:
SED: VIGILI: CVRA: MISERIS: DANS: HIC: SVA: JVRA:
TEMPORE: SVB. SCRIPTO: MIGRAVIT: PRESBITER: ISTO:
XVIII: KAL: SEPTEMBRIS: ERA: MCLXXXXIIII:

—

3.ª *S. Christovão*—collegiada e priorado.

Em 1757 tinha 224 fogos, hoje tem 200. O prior tinha de rendimento 260$000 réis. Tinha oito beneficiados, cada um com 60$000 réis.

É a primittiva Sé cathedral de Coimbra.

Foi n'esta egreja que D. João I recebeu a corôa, em 6 de abril de 1385, depois de acclamado rei, no palacio real, hoje universidade; e aqui tiveram logar factos importantes da nossa historia. (Vide, adiante, Sé Velha.)

—

4.ª *S. Bartholomeu*—priorado e collegiada. Em 1757 tinha 380 fogos. Hoje, esta freguezia e a de S. Thiago, que lhe está annexa, tem 350 fogos.

O prior tinha 250$000 réis de rendimento annual. Tinha 10 beneficiados, cada um com 50$000 réis.

É um templo mais antigo do que a monarchia portugueza. Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, livro 7.º, cap. 18.º) faz menção da doação d'esta egreja, aos monges de Lorvão, por Samuel, sacerdote, na era de Cesar 965 (927 de Jesus Christo); e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*, verbo *Nodum*) dá noticia de outro documento relativo á egreja de S. Bartholomeu, no *arravalde* de Coimbra, da era 1109 (1071 de Jesus Christo).

Foi reedificado no seculo passado, para o que, no dia 5 de junho de 1755, se fez a trasladação do Santissimo e das imagens de Jesus Christo e Nossa Senhora, para o antigo hospital real, d'onde se passaram para a Misericordia.

Demoliu-se depois o antigo edificio, e a 16 de julho de 1756, Manuel Rodrigues Teixeira, provisor do bispado, lançou a primeira pedra no novo templo.

É de singela architectura, não contendo cousa notavel, a não serem tres bellas pinturas de Paschoal Parente, que representam —o *supplicio de S. Bartholomeu*, *Jesus Christo crucificado* e a *Annunciação de Nossa Senhora*.

Parente era natural de Résina (Napoles). Floresceu pelos annos de 1760. Veio para Coimbra, por convite do sr. D. Miguel da Annunciação, para fazer diversas pinturas. Morreu em Coimbra, a 9 de janeiro de 1792, e jaz na egreja de Santa Thereza.

—

5.ª *O Salvador*—collegiada e priorado. Tinha esta parochia (hoje extincta) em 1757, 290 fogos.

O prior tinha 200$000 réis de rendimento e os beneficiados, que eram cinco, tinha cada um 60$000 réis.

É na rua por isso denominada *do Salvador*. É de simples e modesta apparencia.

Não se sabe com certeza quando foi edificado este templo, mas segundo a inscripção que se vê ao lado das columnas da porta principal, á direita de quem entra, em caracteres de fórmas exquisitas, teve logar a sua fundação, pelos annós 1169. O *Antiquario Conimbricense* (n.º 7) traz o *fac-simile* das taes letras e a sua traducção, que é a seguinte:

Estevão Martins, de sua livre vontade, fez esta porta e frontespicio. Era de 1207. Era millessima.

Vem pois a ser o anno 1169 de Jesus Christo.

É de tres naves, divididas por columnas muito delgadas, em relação á sua altura.

Em uma capella do lado direito, sob um arco aberto na parede, está um grande tumulo, com uma inscripção, quasi toda em caracteres gothicos, que diz:

ESTA CAPELLA E ESTA SEPULTURA MÃNDOU FAZER
GVIMAR DE SSAA PA DEITAR HO M.TO HONRADO
A.º DE BARROS CAUALEIRO DA CASA DEL REI
SEU MARIDO HO QVAL AQVI JAZ E ELLA
MÃDA A SEU TESTAMETEIRO QVÃDO ELLA
FALECER Q A LÃCE CÕ ELLE HO QLL FALECEO
AOS XVIII DE F.º DE MILL 515 ÃNOS A QVAL
GVIOMAR DE SA IAS AQVI FALECEO A
IX..... DOVTVBRO DE I.S.XXXII.

No mesmo tumulo se vêem as armas dos Barros e Sás, sem timbres—no dos Barros, a *aspa com cinco estrellas*, e no dos Sás, *meio búfalo*.

—

Na capella de S. Marcos, d'esta egreja, do lado exterior da parede, está embebida uma

pequena lapide, que diz (por baixo de uma cruz da Ordem do Templo):

EGO. VERMUDUS. VERMUDI. ACCEPIT.
ISTUM. MONUMENTUM.
XII. DIES. TRANSACTIS. DE. APRILIS.
ERA. M.CC.XX.IIII.

Eu, Vermudo, Vermudes, acceitei este monumento, doze dias andados de abril. Era de 1224. (1186 de Jesus Christo.)

Em frente da inscripção e a poucos metros de distancia, na base da torre dos sinos, se vê, quasi entulhado, uma especie de carneiro de abobada.

Julga-se que a lapide pertenceu a este carneiro, ignorando-se a razão porque foi removida para o sitio actual.

—

6.ª *S. Pedro* — collegiada e priorado. O prior tinha de rendimento 250$000 réis. Tinha quatro beneficiados, cada um com 60$000 réis. Tinha mais um chantre (beneficiado) com 120$000 réis. Tinha esta parochia em 1757 413 fogos. Foi supprimida. É na rua de S. Pedro.

Ignora-se quando e por quem foi fundada; mas sabe-se que é antiquissima, pois quando D. Fernando Magno conquistou Coimbra (1064) já existia a egreja, e com a mesma invocação, de S. Pedro. Este rei a deu, como priorado, aos monges de Lorvão.

Segundo Coelho Gasco, falleceu n'este templo o martyr Eugenio, abbade de Lorvão, em 19 de junho de 815.

O mesmo auctor menciona duas lapides (que diz existirem ainda no seu tempo, no alpendre d'esta egreja) tendo uma o epitaphio de *Eratmundo*, fallecido na era de 1165 (1127 de Jesus Christo) e a outra o de *Randulfina*, que morreu na era de 1200 (1162 de Jesus Christo).

O padre Carvalho *(Choregr. Port.)* diz que esta egreja foi Sé, e que ainda no seu tempo tinha chantre. É provavelmente engano a que deu motivo a circumstancia de ter chantre. Ainda no tempo do publicação do *Port. Sacro e Profano*, e muito depois o teve; e não ha documento algum que nos leve a acreditar o ter a egreja de S. Pedro tido a cathegoria de cathedral; a não ser provisoriamente, por qualquer impedimento da Sé.

Estando a ameaçar ruina, o bispo D. Francisco de Lemos a mandou demolir. Foi reedificada, com simplicidade, em 1745.

Isidoro Emilio Baptista (*Planta topographica de Coimbra e seus arrabaldes*) diz que pelos monumentos descobertos na reedificação d'este templo, *parece* fôra fundado por Ataces (*talvez* a primittiva cathedral) e que a sua torre, muito anterior á do castello, e destruida n'aquelle anno (1745) fôra a chamada *Torre d'Hercules*.

Não acredito que esta fundação fosse de Ataces, não só porque elle era ariano, mas até porque era inimigo declarado dos catholicos, fazendo trabalhar nos rudes labores da edificação (ou reconstrucção) da nova Coimbra, não só os simples clerigos, abbades e frades; mas até os proprios bispos, que fazia acarretar materiaes, cavar, etc., como qualquer escravo.

—

7.ª *S. João de Almedina* ou *S. João do Bispo* — collegiada e priorado. Tinha o prior de rendimento 200$000 réis. Tinha cinco beneficiados, cada um com 80$000 réis.

O seu orago é S. João Baptista.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Hoje que tem annexas as extinctas freguezias de Santa Justa e Santa Cruz, têm 522 fogos.

Está no *Largo de S. João*. Foi fundada pelo bispo D. João de Mello, que governou a diocese de Coimbra desde 1684 até 1704. Está edificada no mesmo sitio onde existiu outra muito antiga, memoravel, pelos attentados que n'ella praticou o famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar. (Vide um artigo de L. A. Rebello da Silva, a pag. 18 do *Panorama* de 1853, e *Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça*, por R. M. de Vasconcellos, parte 2ª, pag. 28.)

Diz Bernardo de B. Botelho (*Historia Breve de Coimbra*) que por ter corrido junto d'este templo muito sangue musulmano, na tomada d'esta cidade, em 1064, se denominou esta egreja, *d'Almedina*, isto é, *do sangue*.

Segundo este escriptor, *medina* é palavra arabe, que significa *sangue*.

É êrro palmar. *Medina* é na verdade, palavra arabe, que não significa senão cidade. O artigo *al* que se lhe antepõe, quer dizer *a cidade* ou *cidade por excellencia*. (*Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, por fr. João de Sousa, pag. 46.)

O padre João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* segue tambem a errada definição de Botelho.

Suppõe mui judiciosamente o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, (no seu bello livro *Guia historica do viajante em Coimbra e arredores*, que em muitas coisas tenho seguido) que .alvez existisse, em tempos remotos, uma outra egreja de S. João nos suburbios de Coimbra, seria porventura a de S. João das Donas (ou talvez fosse a de Brasfemeas, que ainda existe, e cujo orago é o mesmo S. João Baptista) e para distincção se chamasse a esta, que era dentro da cidade, *d'Almedina*.

Nada tem esta egreja de notavel senão algumas pinturas de Paschoal Parente.

—

8.ª *S. Thiago*—collegiada e priorado. O prior tinha de rendimento 250$000 réis. Tinha dez beneficiados, cada um com sessenta mil réis.

É um dos mais antigos monumentos religiosos de Coimbra, pois foi reedificado em 1064, quando Fernando Magno resgatou esta cidade do poder dos mouros. É pois provavel que fosse edificado pelos gôdos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Hoje está annexa á parochia de S. Bartholomeu e teem ambas 350 fogos.

No *Instituto* (vol. I pag. 66) vem um artigo do nosso incansavel e consciencioso investigador, o sr. R. de Gusmão, pelo qual se vê que esta parochia, ainda no seculo XIV era sujeita ao arcebispo de S. Thiago de Compostella (Galliza) que a visitava ou mandava visitar, e que foi sagrada a egreja sob o titulo de *basílica*, no principio do XIII seculo.

Vê-se na *Chron. dos Con. Regr.*, por Nicolau de Santa Maria, que, entre os onze companheiros que o arcediago D. Tello recolheu no mosteiro de Santa Cruz, que fundára em 1131, figura em primeiro logar *D. Honorio, varão illustre e de grande auctoridade, prior da egreja de S. Thiago, de Coimbra.*

É provavel que esta egreja fosse construida para matriz de uma freguezia.

Que teve a prerogativa de *basílica* prova-se pelo *Martyrologio*, do uso do côro de Coimbra, onde se lê:

> *Sexto Kalendas Septembris—Dedicatio hujus Basilicæ Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis: quæ consecrata est anno milesimo ducentesimo quarto, ad expensas Domnæ Daniellæ, nobilis feminæ, cujus anima in pace requiescat.*

Isto é:—A seis das kalendas de septembro (17 de agosto) se dedicou esta basilica a S. Thiago, apostolo colimbricense. Foi consagrada no anno 1204 (1166 de Jesus Christo) á custa da nobre senhora D. Daniella, cuja alma descance em paz.

—

Foi n'esta egreja que o infante D. Pedro (regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, e duque de Coimbra) e D. Alvaro Vaz de Almada, conde d'Abranches (vide Cêa) juraram, pondo as mãos sobre uma hostia consagrada, não sobreviver um ao outro, em qualquer batalha. Cumpriram o seu juramento, pois ambos foram mortos nos campos de Alfarrobeira, no dia 20 de maio de 1449. (Vide Alfarrobeira.)

—

A egreja é de tres naves, revelando a sua vetustez. A porta principal e a lateral, são formadas por varias columnas, apoiadas em arcos de *cintro pleno*, com diversos lavores e folhagens em alto relevo.

Tem quatro capellas. Uma d'ellas é dedicada a Santo Eloy, patrono dos ourives, que tinham o privilegio de serem n'ella enterrados.

Em uma das suas paredes está embebida uma pequena lapide, que diz:

ESTA CAPELA
HE DOS OURI-

UES DESTA CID.e
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA.

Na capella dedicada a Santo Ildefonso, está um tumulo mettido na parede, sob um arco forrado de azulejo, com esta inscripção:

EN HESTA SEPO' TURA JAZEM OS HOSOS DAFFONS
O DOMINGEZ DAVEJRO PRIMEIRO IMSTITUJDOR
DESTA CAPELLA OS QUAEES FORAM AQUJ P
OSTOS PER PERO DALLPOI SEU TRESNETO
QUE ORA HE ADMJNISTRADOR DA DITA CAPEL
LA NO ANO DO NASCIMETO DE NOSSO SENOR
JHU XPO DE MJLL E QUJNHENTOS E QUATORZE ANOS

(Será este Affonso Domingues o célebre mestre das famosas obras do convento da Batalha? As datas combinam, porque em 1514 podia ter trinetos.)

—

9.ª *S. João da Cruz*—era curato, com cinco capellães, todos seis apresentados pelo geral de Santa Cruz, e isenta da jurisdição episcopal, até 1834.

(*Á excepção d'esta e da 1.ª das antigas freguezias, todas as outras sete eram apresentadas pela curia romana, pela mitra e pela respectiva collegiada, cada uma com seu mez — isto é — o 1.º mez era do papa, o 2.º do bispo, e o 3.º da collegiada.*)

O cabido tinha 15 contos de réis de renda, 33 prebendas, para 8 dignidades e 25 conegos, 6 meios conegos, 3 tercenarios, 14 capellães, 8 *môços* do côro, etc., etc.

Bispos

O primeiro bispo de Coimbra consta que foi Anastacio (diz-se que discipulo do apostolo S. Thiago.) Seguiram-se: Elipando, Lucio, Ermulfo, Reenato, Sizinerto, Celebrando, Cantaber, Miro, Emilla e Anastargio, em cujo tempo (716) se perdeu Coimbra, a primeira vez que cahiu em poder dos arabes.

Parece que mesmo durante a dominação agarena, teve Coimbra bispos (provavelmente *in partibus*) pois vejo nomeados, antes do resgate d'esta cidade, a Servando, Theodomiro, Nausto, Frualengo, Lucencio e Gonçalo-Ozorio.

Tornada Coimbra povoação christan, (1040 ou 1064) foi feito bispo D. Paterno, que morreu em 1090.

Seguiu-se-lhe D. Cresconio, que era bispo de Coimbra quando o conde D. Henrique e sua mulher tomaram conta de Portugal. Seguiram-se: D. Mauricio, D. Gonçalo, D. Bernardo, D. João Anaya (que morreu em 1158) D. Miguel (morreu em 1180) D. Vermundo, D. Pedro (morreu em 1184) D. Martinho (morreu em 1199) D. Pedro Soares (morreu em 1233) D. Tiburcio, o mestre Domingues (morreu em 1242) D. Egas Fafes, D. Raymundo (morreu em 1276) D. Estevão, D. Pedro, D. Aymerico (morreu em 1295) D. Pedro (que foi chanceller do rei D. Diniz; eleito em 1300) D. Fernando, D. Estevão II, D. Raymundo, D. João, D. Pedro, D. Jorge, D. Lourenço, D. Pedro Gomes, Barroso, D. Vasco de Toledo, D. Fernando, D. Pedro Tenorio, D. João Cabeça de Vacca, D. Fernando, D. Martinho, D. Gil, D. Fernando Coutinho, D. Alvaro Ferreira, D. Luiz Coutinho, D. Affonso Nogueira, D. João Galvão (que foi o primeiro conde de Arganil, feito por D. Affonso V, em 25 de setembro de 1472.) Desde então até hoje, todos os bispos de Coimbra se intitulam *condes de Arganil.*

Seguiu-se: D. Jorge d'Almeida, D. Garcia de Menezes, D. fr. João Soares, D. Manuel de Menezes (que morreu na batalha de Alcacer-Quibir, ao lado de D. Sebastião) D. fr. Gaspar do Casal, D. Affonso Castello-Branco (que morreu com fama de santidade, em 1614) D. Affonso de Mendonça (que foi para arcebispo de Braga, em 1618) D. Martinho Affonso Mexia Tovar (que morreu em agosto de 1623) D. Jorge de Mello, D. Joanne Mendes de Tavora, D. Manuel de Noronha, D. fr. Alvaro de S. Boaventura, D. João de Mello, D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, D. Miguel da Annunciação, e mais dois ou tres, cujos nomes me não lembram, até ao actual sr. bispo conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina. (Vide Carregosa.)

—

Coimbra está quasi no centro do reino

na provincia da Beira, mas actualmente chama-se provincia do Douro. (Um dos grandes disparates dos modernos *geographos politicos*, visto que fica a 108 kilometros ao S. do Douro, e 36 ao S. do Agueda. Só lhe poderia caber o titulo de provincia *de entre o Douro e Mondêgo*, se se creasse esta provincia. É como um vasto territorio ao S. do Tejo, na provincia do Alemtejo, e que se encorporou na Extremadura. É grande desconchavo, termos divisões naturaes, que evitam muitas duvidas e conflictos, e fazel-as *imaginarias*, que tantas desordens podem causar.)

Situada sôbre a margem direita do formoso Mondego, parte em planicie, parte reclinada na encosta de um monte, coroado por alguns dos seus melhores edificios.

Os frondosos arvoredos que bordam as margens do rio, concorrem para que Coimbra seja uma das mais bem situadas cidades do reino, tendo pelo lado do S, uma vista formosissima, que, diga-se a verdade, muda completamente de aspecto ao entrar na cidade, que, principalmente na baixa, é formada por béccos (a que chamam *ruas*) estreitos, tortos, immundos, mal calçados e ladeados de casas, quasi todas de mesquinha apparencia.

A unica rua que merece tal nome é a Sophia, larga, plana, bem macadamisada e adornada de edificios de boa apparencia, que, pela maior parte, foram conventos e collegios.

Deve porém confessar-se que as condições de belleza e salubridade teem melhorado muitissimo n'estes ultimos annos. O sr. dr. Manuel dos Santos Pereira Jardim (feito visconde de Monte São, em janeiro de 1872) digno e benemerito presidente da camara, secundado pelos vereadores seus collegas, tem effectuado muitos melhoramentos nas ruas de Coimbra, alinhando-as, calçando-as, nivelando-as quanto é possivel, em vista dos accidentes do solo.

As ruas da cidade baixa, foram terraplenadas, subindo o antigo nivel a uma altura superior ás enchentes ordinarias do rio. Na margem d'este ha uma formosa alameda; finalmente, quem hoje fôr a Coimbra, fica admirado da sua transformação, principalmente por se ter operado tão breve.

Honra pois aos nobres e benemeritos vereadores, que á custa de bastantes dissabores e despresando as calumnias de ignobeis *pessimistas*, conseguiram regenerar a terceira cidade do reino.

Ainda muito resta a fazer; mas o impulso está dado e as camaras futuras hão de seguir o trilho da de 1867 e bem merecer dos conimbricenses.

Trata-se tambem actualmente de um grande melhoramento: é a elevação e canalisação das aguas do Mondego, para abastecimento da cidade; para o que já está formada uma companhia. Ha de ficar a agua a menos de 3 réis o almude. Para que venha sempre pura serão empregadas *galerias de filtração*.

As camaras teem mandado plantar (até 1874) nas ruas e praças de Coimbra e nas estradas proximas da cidade, mais de 5:000 pés de arvores. Pela margem do rio, em quasi todo o comprimento da cidade, ha um bello caes de cantaria, com grades de ferro do lado do rio, e uma linda alameda.

As praças principaes são 4: a da Universidade e a da Feira, no sitio mais elevado da cidade. As de Sansão e a Praça, na baixa. A primeira é cercada por todos os quatro lados pelos bellos edificios da Universidade — na segunda ergue-se a cathedral, o museu e aulas de sciencias naturaes e o palacio do governo civil (convento dos loyos.) Na de Sansão (a mais pequena de todas) está o riquissimo templo e mosteiro de Santa Cruz. A quarta é o grande mercado da povoação, que alli se vae abastecer diariamente de peixe, fructas, hortaliças, etc., etc.

—

Tem um *asylo de mendicidade*, creado por iniciativa do sr. José Maria da Silva Leal, concorrendo para a sua dotação muito poderosamente o sr. Antonio José Duarte Nazareth, com uma grande subscripção que promoveu no Rio de Janeiro, quando ahi foi consul de Portugal.

Tem Misericordia e hospital, fundados por D. Manuel, pelos fins do seculo XV. Foi a

segunda que instituiu no reino. Era antigamente o *collegio da sapiencia.*

D. Manuel deu á Misericordia de Coimbra 5:000 crusados de renda annual.

A egreja ainda que pequena é bella e de primorosa cantaria.

—

Asylo de infancia desvalida. Adiante se trata d'este asylo mais detidamente, e de outros estabelecimentos de beneficencia.

O *seminario,* edificio vasto, mas incompleto, com sua magnifica capella.

Os edificios da Universidade estão collocados no mais alto da cidade, na praça do seu nome, ao fundo da qual estão os paços das escolas e do reitor.

Na frente d'este está o observatorio astronomico, e dos lados a capella, a livraria e o Collegio de S. Pedro.

As salas da bibliotheca são magnificas e conteem mais de 60.000 volumes. Os livros dos extinctos conventos occupam o pavimento superior do antigo *collegio das artes,* hoje lyceu, e sobem a 150:000 volumes!

As *aulas de sciencias naturaes* estão um pouco distantes dos paços da Universidade, em un edificio contiguo á Sé Nova, que antigamente fazia parte do collegio dos jesuitas, e que o marquez de Pombal, depois da extincção d'elles, reedificou ricamente, apropriando-o ao seu novo destino. Além d'aquellas aulas, acham-se n'elle estabelecidas as *salas do museu,* que encerram uma soffrivel collecção de productos dos tres reinos da natureza (os mais raros *exemplares* foram roubados pelos francezes em 1807.)

O *museu de historia natural* foi fundado pelo marquez de Pombal em 1772. Foi o primeiro museu publico que houve no reino. Tem progredido muito n'estes ultimos tempos.

O *gabinete de physica* e o *theatro anatomico.*

Em frente d'este edificio está o *laboratorio chymico,* obra magnifica, apesar de incompleta.

—

Ha tambem em Coimbra um bom *jardim botanico,* vasto e bello. É um bom passeio publico e muito concorrido, principalmente nos dias santifiadocs.

Tem tres theatros, o Academico, o de D. Luiz e o da Boa União.

Para fazerem o theatro de D. Luiz (em 1861) destruiram a antiquissima egreja de S. Christovão, um primoroso monumento de architectura christan; foi arrasado, para se substituir por um acanhado e defeituoso edificio de alvenaria, sem graça e sem gôsto.

Ha tambem em Coimbra dois clubs, o Academico, feito no theatro do mesmo nome; e o Conimbricense, estabelecido em um bom predio, proximo do Arco da Almedina, com excellentes e bem guarnecidos salões. Ha na cidade duas philarmonicas, Boa União e Conimbricense.

Coimbra é, ha 14 annos, illuminada a gaz.

—

A *Sé velha* é um dos mais antigos e curiosos monumentos religiosos de Portugal. A maior parte dos nossos escriptores dizem que foi fundada pelos godos, no seculo VI ou VII, e effectivamente a sua architectura é gothica, e em fórma de castello (exteriormente) com ameias; todavia alguns modernos sustentam que é obra de D. Affonso I. Não posso concordar com esta opinião (que contradiz tudo quanto escreveram historiadores antigos de muita verdade e criterio.)

É provavel que o nosso primeiro rei a reedificasse e ampliasse, e seus successores, até D. João I (que aqui tinham a sua côrte) tambem lhe fizessem varias obras, o que se prova, tanto interna como externamente, pela sua architectura de varias epocas. Tem obras de muito primor e sepulchros muito antigos.

Todos os historiadores e escriptores antigos dizem que este venerando edificio já existia como templo christão em 716. Uns dizem que foi edificado por Ataces, ou no seu tempo, outros que depois, pelos godos. Que os arabes fizeram d'este templo mesquita, e que D. Fernando Magno quando tomou Coimbra em 1064, a mandou purificar e benzer, armando ahi cavalleiros os 900 bravos que mais se distirguiram durante os 7 mezes de cêrco, sendo o principal d'elles, o *C'd* Ruy Dias de Bivar (como já em outra parte disse) e pondo ahi por bispo D. Paterno.

De mais a mais, segundo é constante em respeitaveis escriptores antigos, já antes de D. Paterno, e mesmo antes de 716, tinham havido em Coimbra onze bispos, e depois d'esse anno (durante a dominação agarena) houve seis bispos, antes de D. Paterno, (vide atraz, o catalogo dos bispos de Coimbra) e ninguem diz que houve aqui outra Sé antes ou depois da velha, senão a actual.

—

Vêem os nossos leitores quantos edificios notaveis tenho rapidamente descripto n'esta cidade; mas ainda ficam muitos e importantes por descrever, o que me abstenho de fazer para não tornar a descripção de Coimbra interminavel.

—

Finalmente Coimbra, a formosa rainha do Mondego, a Athenas lusitana, a côrte dos nossos primeiros dez reis, a terceira cidade de Portugal, é a todos os respeitos e por todos os motivos uma povoação interessantissima e notabilissima, e o desenvolvimento e melhoramentos que tem tido n'estes ultimos annos, e os que de certo hade ter nos seguintes, certificam-nos que antes de pouco hade ser uma das mais bellas cidades do reino.

Seus arrabaldes são notaveis e famosissimos pela sua inexcedivel belleza e pela sua fertilidade. Os formosissimos campos das margens do Mondego, os pomares e bosques silvestres que ensombram este lindo e poetico rio; os montes e valles verdejantes, já cobertos de frondoso arvoredo, já adornados com algum grande edificio religioso, como os conventos de Santa Clara, de S. Francisco, de Cellas, e a egreja e ruinas do convento de Santo Antonio dos Olivaes; as muitas e abundantes fontes que régam e fertilisam estas deliciosas paisagens, tudo, fórma dos arrabaldes de Coimbra um verdadeiro quadro de bellezas variadas que se não póde descrever.

É do mesmo modo impossivel mencionar todos os sitios famosos por sua belleza ou por suas recordações, que existem nos arredores de Coimbra; apontaremos apenas os seguintes:—o *penedo da saudade*; o *penedo da meditação*; a *quinta das lagrimas* (com a sua *fonte dos amores*, assombrada de frondosos cedros, onde foi assassinada a formosa D. Ignez de Castro) a *lapa dos esteios* (na margem esquerda do Mondego); a *fonte do castanheiro*; a *quinta de Revelles*, com seu formoso lago, cercado de alto muro, feito de cedros entrelaçados, e a bella rua de Santo Agostinho, ladeada de frondosas arvores; a *memoria*; a *varzea de Cosêlhas*; o *passeio do encanamento*; o *caminho de Cellas*, etc. (Vide Cosêlhas.)

—

É Coimbra abundantissima em cereaes, legumes, vinho, azeite, hortaliças, fructas, peixe, etc.

—

Tem fabricas de louça ordinaria e *entrefina*, e de cêra.

Tem tres typographias, sendo a melhor a da universidade, que é a segunda do reino.

—

É Coimbra patria de innumeros varões illustres pelas virtudes, pelas lettras e por serviços relevantissimos á patria. Seria preciso um grande volume para os mencionar todos, e limitar-me-hei aos mais notaveis.

D. Sancho I, aqui nasceu, a 11 de novembro de 1154.

D. Affonso II, a 23 de abril de 1185.

D. Sancho II, em 1202.

D. Affonso III, a 5 de maio de 1210.

D. Diniz, a 9 de outubro de 1261.

D. Affonso IV, em 1291.

D Pedro I, a 18 de abril de 1320.

D. Fernando I, em 31 de outubro de 1345. (Nasceu no mesmo dia e no mesmo mez em que nasceu (em 1816) o sr. D. Fernando Coburgo.)

Nasceram tambem aqui muitos infantes e infantas.

—

Aqui nasceram Ayres de Pinhel, fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, D. João Peculiar, fr. Leão de S. Thomaz, Pedro de Mariz e Ruy Lopes da Veiga.

O sr. Augusto Cesar Barjona de Freitas, aqui nasceu, em 13 de janeiro de 1833. É filho do sr. doutor Justino de Freitas, auctor das *Instituições de Direito Administrativo*, insigne jurisconsulto, e professor de direito

administrativo, na universidade. Formou-se em direito e foi despachado substituto d'esta faculdade em 21 de junho de 1858. É actualmente (1874) ministro das justiças.

—

Joaquim Machado de Castro, célebre esculptor, que nasceu em 1731. Trabalhou 14 annos em Mafra, sob a direcção do italiano Giusti. Em 1770, foi encarregado pelo marquez de Pombal, de fazer a estatua equestre de D. José I, para ser collocada no Terreiro do Paço (Praça do Commercio) de Lisboa. Terminou este monumento, que lhe deu eterna nomeada, em 1775.

É tambem o auctor da estatua de Neptuno que estava no chafariz do Loreto (e hoje está na *disponibilidade*) e das esculpturas da egreja da Estrella.

Morreu em 1822, de 91 annos, pobre, esquecido e despresado.

Só, ha cousa de 10 ou 12 annos, é que o governo se lembrou de dar uma pequena pensão a duas filhas do grande esculptor, que ainda viviam, velhas e pobres.

—

Francisco de Sá de Miranda. Nasceu a 27 de outubro de 1495. Era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de D. Philippa de Miranda. pessoas nobres, tambem naturaes de Coimbra.

Cursou a Universidade de Coimbra e foi intimo amigo do estimavel poeta Antonio Ferreira.

Sá de Miranda era um primoroso poeta e prosador eloquentissimo.

Sahindo de Portugal, viajou pela Europa, visitando Milão, Veneza, Roma e outras muitas cidades e paizes, onde muito se aperfeiçoou e instruiu.

D. João III lhe deu uma commenda de Christo.

Sá de Miranda fórma a transição entre a velha escola portugueza e a classica da *renascença*.

Seus escriptos são notaveis pela sua elegante simplicidade e despretenção.

Os criticos lhe notam bastantes plebeismos.

Casou com uma dama da familia dos Azevedos de Bayão, chamada D. Briolanja de Azevedo, senhora da quinta da Tapada, (proximo de Braga) de muita virtude, mas de pouca formosura.

Já era entrada em annos quando casou, mas ainda teve dois filhos, que foram herdeiros dos seus bens e da sua gloria. O sr. visconde de Azevedo e o fallecido D. João de Azevedo, da Tapada, são seus descendentes.

Sá de Miranda morreu na sua quinta da Tapada, a 15 de março de 1558. (Vide Tapada.)

—

Diogo de Paiva de Andrade. Nasceu a 26 de julho de 1528. É um dos mais notaveis oradores portuguezes.

Enviado por D. Sebastião ao concilio de Trento, adquiriu uma reputação europea.

Voltando a Portugal, foram pouco avaliados os seus grandes talentos. Dedicou-se ao pulpito, onde desenvolveu uma singela eloquencia em purissima linguagem portugueza.

Morreu no 1.º de dezembro de 1575.

Seus sermões foram impressos no principio do seculo XVII.

Seu irmão, Francisco de Paiva de Andrade, tambem nascido em Coimbra, foi chronista de D. João III.

Outro seu irmão, tambem conimbricense, Thomé de Paiva de Andrade, é o notavel escriptor mystico fr. Thomé de Jesus.

—

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do antecedente, aqui nascido, em 1576.

Escreveu o *Exame de Antiguidades*, para refutar as opiniões de fr. Bernardo de Brito.

Escreveu mais o *Casamento perfeito*, e um poema em latim, intitulado *Chauleida*, para celebrar o cêrco de Chaúl, sustentado em 1570, por D. Francisco Mascarenhas.

A sua gloria é devida, mais á sua vasta erudição do que ao seu talento poetico.

Morreu de 84 annos, em 1660.

—

Com justissima razão se ufana Colmbra em ser patria do conde D. Sisnando, um dos mais benemeritos lusitanos do seculo XI; que, além das grandes victorias que obteve

contra os mouros, fundou muitos edificios e instituições de utilidade publica.

Era D. Sisnando musarabe, filho de David, senhor de Tentugal e outras terras visinhas.

Na sua juventude, fez D. Sisnando guerra aos christãos, e, apresentando-se na côrte de Sevilha, em tempo de Ibn-Abbad, chegou pelos seus talentos e serviços a ser *wasir* no divan, isto é, membro do supremo conselho do emir serraceno.

Desgostoso da côrte do emir, entrou ao serviço de Fernando Magno, rei de Leão e Castella, e tanto se distinguiu pela sua intelligencia e bravura, que D. Fernando o fez conde (governador) das terras portuguezas ao sul do Douro, ás quaes serviam de limites, pelo E. a linha de Lamego, Viseu e Cêa, e de fronteira pelo SE. a vertente N. da serra da Estrella, cujo territorio formava então o condado de Coimbra.

Era tambem senhor das Terras de Santa Maria (hoje Terra da Feira.)

Os vinte e sete annos que D. Sisnando governou o seu condado, foi uma época de prosperidade para os portuguezes; pois que elle, além de muitas obras de utilidade publica que fez construir (algumas das quaes ainda existem) não só conservou a integridade do territorio que lhe foi confiado, mas ainda o alargou á custa do dos arabes.

Não foi só a cidade de Coimbra objecto dos seus cuidados, adornando-a de bellos edificios e fortalecendo-a de torres e muralhas; outras muitas povoações lhe devem assignalados serviços. Reedificou Cantanhede, Tentugal e Monte-Mór-Velho. Edificou os castellos da Foz d'Arouce e Penella e reedificou ou ampliou outras povoações.

Fundou e dotou muitas egrejas. Edificou o mosteiro de S. Jorge, (cruzios) e deu ao da Vaccariça o logor d'Otta; e á Sé de Coimbra muitas terras além do rio Mondego.

A D. Sisnando se deve o primeiro seminario ecclesiastico que houve em Portugal, o qual elle fundou junto á Sé cathedral de Coimbra.

Ainda que D. Sisnando reconhecia a soberania dos reis de Leão e Castella, era todavia senhor livre e independente das terras do seu condado, dando-as, (como acima disse) a quem queria, sem dependencia da auctorisação do rei castelhano.

Morreu D. Sisnando em 25 de agosto de 1091. Jaz sepultado em um tumulo de pedra calcarea, sob um arco, na parede exterior da Sé Velha de Coimbra. Tem uma inscripção portugueza (em caracteres allemães minusculos) que, segundo João Pedro Ribeiro, é traducção da primittiva latina; e data do reinado de D. Affonso III. Diz assim:

Aqui jaz hum que em outro tempo foy grande varom
Sabedor e muito eloquente avondado e rico e agora
He pequena cinza ançarada em este moimento
E com el jaz hum seu sobrinho dos quaes hum
Era já velho e o outro mancebo e o nome do Tio
Sisnando e Pedro avia nome o sobrinho.

Aqui temos esquecido e despresado um dos mais venerandos monumentos de Portugal; e, emquanto se gastam centenas de contos em erigir monumentos a nullidades, ninguem se lembra de elevar um modesto tumulo a um dos mais benemeritos portuguezes, cujos ossos antes de poucos adnos ninguem saberá onde existem.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1800, o sr. José da Gama Castro de Mendonça, doutor formado em medicina, por esta Universidade.

Foi physico-mór do exercito realista até á convenção de Evora-Monte. Emigrou para o Brasil (Rio de Janeiro) onde publicou o livro intitulado *O Novo Principe ou o Espirito dos Governos Monarchicos*, uma das obras mais perfeitas e concludentes sobre a materia, que viram a luz publica no seculo XIX.

Do Rio de Janeiro foi para a França, estabelecendo-se em Paris, onde, por muitos annos, foi elegante e assiduo correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janei-

ro: notando-se nas suas correspondencias a mais rigorosa imparcialidade e a verdade mair incontestavel.

Morreu em Paris, chorado por quantos o conheciam, em septembro de 1873.

Foi um dos mais distinctos filhos de Coimbra e da Universidade, em nossos dias.

—

O primeiro duque de Coimbra foi o infante D. Pedro, terceiro filho de D. João I. Seu pae, em attenção ao grande valor que mostrou na tomada de Ceuta (Africa) em 14 de agosto de 1415, apenas chegou á cidade de Tavira, na volta da conquista, ahi mesmo lhe deu este ducado.

O 2.º duque de Coimbra foi D. João, filho do 1.º duque, extinguindo-se este titulo por sua morte.

D. João II deixou nomeado em seu testamento por duque de Coimbra (já que não pôde conseguir fazel-o rei de Portugal) a seu filho bastardo, D. Jorge de Lencastre, mercê que o rei D. Manuel confirmou.

Por fallecimento de D. Jorge se acabou o titulo, em razão d'este ser mudado para o de Aveiro, para seu filho e netos. O ducado de Aveiro terminou com o supplicio dos seu ultimo duque, em 1759.

O sr. D. Luiz fez duque de Coimbra, em 1867, a seu irmão, o sr. infante D. Augusto.

—

Origem *Convento de Santo Antonio dos Olivaes* é a seguinte:

A rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, tinha uma capella da invocação de Santo Antão, abbade, que em 1217 ou 1218 dóou aos frades franciscanos, os quaes junto á capella fundaram um pobre hospicio e alli vieram pousar fr. Otho e seus quatro companheiros, vulgarmente conhecidos pela justa denominação dos *sinco martyres de Marrocos.*

Depois do supplicio d'estes santos religiosos, Santo Antonio de Lisboa, (que era então cruzio em Coimbra) vendo chegar á cidade as reliquias dos referidos martyres, o quiz ser tambem, e sahindo da ordem de Santa Cruz se metteu franciscano n'este convento, para mais facilmente poder obter o que desejava.

Foi d'este convento que sahiu o grande prégador da fé, o *Thaumaturgo* do seu seculo.

Foi em memoria d'este varão santo, tão querido dos portuguezes e dos paduanos, que a invocação do convento se mudou para a de Santo Antonio.

Em 1247 deixaram os frades o seu humilde convento dos Olivaes (assim chamado por estar situado entre olivaes) e foram habitar o convento que se havia acabado de fundar junto á ponte, e que depois veio a chamar-se *S. Francisco Velho.*

Mas nem com a sahida dos frades do humilde conventinho dos Olivaes arrefeceu a devoção do povo para este monumento. A cidade aqui edificou uma egreja, dedicada a Santo Antonio de Lisboa, onde, nos dias 13 de junho de cada anno, celebrava com grande pompa a sua festa, e a uma cellinha terrea, muito estreita, que, segundo a tradição habitava o santo, concorriam os povos da cidade e visinhanças com grande devoção.

Em 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa, fundaram aqui os frades franciscanos da provincia da Piedade um novo convento, que depois veio a pertencer á da Soledade, que se separou d'aquella em 1673.

Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a venerada cellinha, que foi transformada em casa de capitulo.

Em 1835 foi este venerando monumento *trocado a papeis de credito* (completamente *desacreditados* e que ninguem queria com o desconto de 90 por cento) e ficou pertencendo ao padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, doutor em leis, lente de prima, e vice reitor da Universidade (vide Covellas de S. Miguel do Matto) que o comprou pela decima parte do seu valor.

Em a noite de 10 para 11 de novembro de 1851 ardeu tudo, ficando apenas quasi intacta a egreja, sachristia, e pouco mais.

Já então tinha morrido o doutor Coelho da Rocha e pertencia este convento a sua sobrinha e herdeira, a sr.ª D. Luiza Augus-

to Coelho da Rocha, que tendo-o segurado em 600$000 réis, preferiu receber esta quantia a exigir que a companhia em que estava seguro, o reedificasse!

Apesar d'este sinistro ainda a egreja e cêrca dos Olivaes é digna de ser vista e admirada. A entrada (por uma larga escadaria que tem ao fundo tres arcos e um de cada lado) é bonita. É guarnecida de capellinhas com os passos mais tocantes da paixão de Jesus Christo.

Dá entrada para a egreja (que foi logo concertada depois do incendio, que pouco a damnificou) um portico de architectura antiga, de volta ogival, que se suppõe ter pertencido ao primittivo convento. De um e outro lado d'este portico se lê um elegante elogio que compoz (e fez gravar) a Santo Antonio, D. fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim.

A sachristia é pequena mas muito bonita; com vistosas pinturas a fresco e varios quadros representando passagens da vida do Thaumaturgo.

Ha tambem n'esta sachristia (segundo é fama) o verdadeiro retrato do santinho, tirado em Padua, pouco antes da sua morte; e um quadro, representando Santo Antonio a tomar o habito, obra de *Paschoal Parente*, e de muito merecimento. Está na sachristia a cabeça de Santo Antão e outras reliquias de santos.

A cêrca tem varias capellinhas e do alto d'ella se gosa um bello panorama.

Este sitio ainda é muito concorrido e ha aqui as festas de Nossa Senhora das Dores, do Espirito Santo e de Santo Antonio.

—

Do convento de Santo Antão, ou de S. Francisco Velho, junto à ponte, ha apenas tenues vestigios.

—

A espada de D. Affonso Henriques

Sobre o tumulo de D. Affonso I estava a sua espada, com uma rica bainha de velludo verde com ponteira e guarnições de prata dourada, e guardada em uma bella caixa d'ébano, com fechadura, chave e ornatos de prata. Hoje vê-se esta gloriosa espada no museu de S. Lazaro (Porto) mas apenas a espada (porque é de ferro) e mettida em uma reles caixa. A bainha, guarnições, fechadura, chave etc. *como eram de prata*, e a caixa, como era d'ébano, foi tudo roubado em 1834.

Pobres reliquias de tão venerando varão e tão grande rei! escapates aos castelhanos e aos francezes e não podestes escapar aos nacioaes! (Vide Porto, no logar competente, onde trato mais circumstanciadamente da historia d'esta espada gloriosa.)

—

Tendo-se revolucionado a cidade de Coimbra em 1808, para sacudir o feroz jugo das hordas napoleonicas, o corpo academico da universidade se alistou logo em duas secções. A *dos lentes* sob o commando de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro lente de canones. A *dos estudantes*, debaixo do commando de Tristão Alvares da Costa, lente de calculo e major d'engenheria. (O vice-reitor, Manuel Paes d'Aragão Trigoso, tinha sido acclamado governador da cidade.)

Estes dois corpos academicos fizeram relevantissimos serviços á patria durante a guerra peninsular, sendo uma das suas principaes façanhas e a primeira a tomada do *castello de Santa Catharina*, na villa da Figueira da Foz, a 27 de junho de 1808.

O chefe do destacamento de academicos (eram apenas 40!) que ajudados por uns 3:000 paizanos, armados apenas de piques, lanças e foices, cometteu este feito glorioso, foi o estudante Bernardo Antonio Zagallo, sargento d'artilheria do corpo academico.

(Vide Figueira da Foz.)

—

O jardim botanico, foi mandado fazer pelo marquez do Pombal, pelos annos de 1774 ou 1775.

É o melhor do reino, pela sua vastidão e opulencia, pela variedade de plantas, tanto indigenas como exoticas, pela sua grandiosa estufa e até pela sua encantadora posição.

Foi organisado sob a inspecção do insigne naturalista portuguez, o doutor Felix d'Avelar Brotero, rival dos Tourneforts, de Candolles, Links, Linneos etc. etc.

Para o esplendor d'este estabelecimento

scientifico muito concorreu o desvelo do reitor D. Francisco de Lemos, na sua parte material.

Ao principio a botanica fazia parte da cadeira da historia natural, que era então regida por Domingos Vandelli, um dos mais profundos naturalistas da Italia; mas no reinado de D. Maria I se estabeleceu uma cadeira especial de botanica e agricultura, sendo seu lente o nosso Brotero.

—

A *rua das Fangas* é assim chamada, porque n'ella, ou junto d'ella se vendiam cereaes e legumes, que se mediam por *fangas*.

Fanga continha antigamente 6 alqueires, hoje compõe-se de 4. No sul do reino dizem fanéga.

—

Rua do *Quebra-Costas* — deu-se-lhe este nome pelo seu grande declive e porque (principalmente em tempo de chuva) estava em risco de quebrar as costas quem a descia: Hoje construiram-lhe uma escadaria e está muito melhorada.

—

Entre varios estabelecimentos de Coimbra, uns que já relatei e outros que não menciono, alguns por falta de *dados positivos*, especificarei os seguintes:

Asylo da infancia desvalida.

Sociedade philantropico-academica; instituida para subministrar subsidios aos estudantes applicados a quem faltarem os meios.

Sociedade de beneficencia typographica,— fundada em 1849, para soccorro dos artistas e mais empregados da imprensa da universidade.

Sociedade consoladora dos afflictos, creada tambem em 1849, administrada por senhoras e filial da do mesmo titulo que existe em Lisboa.

O seu fim é acudir com esmolas ás familias necessitadas.

Monte-pio-conimbricense fundado em 1851, para todo o que quizer concorrer com as quotas mensaes designadas nos seus estatutos.

Asylo da mendicidade fundado pelo povo em 16 de setembro de 1855.

Esteve primeiro no collegio do Carmo e depois foi transferido para umas casas em *Mont-Arroio*, que haviam servido de róda dos expostos.

Associação dos artistas de Coimbra—para prestar soccorro aos socios que d'elle precizem e abrir cursos nocturnos. Tem casa propria, fundada em 1853.

Associação commercial, fundada em 1863.

Recolhimento do Paço do Conde, fundado pelo bispo de Coimbra D. João de Mello, nos fins do seculo XVII, ou principio do XVIII, para mulheres convertidas; cujo instituto foi mudado em 1827, pelo bispo D. Joaquim da Nazareth, que o fez recolhimento para educação de meninas pobres.

Alem do hospital-geral a cargo da universidade, tem mais Coimbra o hospital dos lazaros, tambem administrado pela universidade, e o hospital da ordem terceira, muito bem mantido.

O hospital dos Lazaros estabeleceu-se no extincto collegio de carmelitas descalços denominados de S. José dos Mariannos.

Ha em Coimbra uma sociedade litteraria e scientifica, que é o Instituto, creada e conservada até hoje com esplendor pelo, corpo academico.

Tem Coimbra seis typographias; diversas litographias, 3 periodicos politicos e 5 litterarios. Uma bôa fabrica (movida por vapor) de massas e bolacha, do sr. Domingos Antonio de Freitas e Irmão, em um edificio expressamente construido para esse fim, e dos melhores do reino. A *Fundição de ferro* (tambem a vapor) do sr. José Bernardes Gallinhas. Varias fabricas de louça, que alli chamam de Bandel (talvez corrupção de *Vandelli*; porque o fundador da primeira d'estas fabricas foi o italiano Domingos Vandelli, em 1784. N'ella se faziam as melhores faianças do reino. A este varão deve Portugal grandes serviços, já como mestre da universidade, já na creação de novos estabelecimentos scientificos, litterarios e industriaes

Ha tambem varias fabricas de chapeus, de sabão, de vellas de sébo. etc. etc.

Trabalha-se com perfeição em passamaneria, marceneria e doces. Esta ultima industria é fabricada com inexcedivel perfeição pelas freiras de Cellas.

Na praça ha mercado todos os dias, menos nas terças feiras, que se faz no largo da Feira, em frente da Sé nova. Na terça feira immediata ao dia da festa de Santa Isabel, ha grande mercado no terreiro que serve d'adro ao mosteiro de Santa Clara.

No Rocio de Santa Clara, ha feira de gado suino todas as terças feiras e no dia 23 de cada mez, grande mercado de gado vacum e suino, etc. etc Ha tambem a feira d'agosto (chamada de S. Bartholomeu) que dura 8 dias.

—

O grande sabio mestre e geral da Ordem de S. Bento e cardeal (estrangeiro) d'isse de Coimbra—«*Vidimus urbem undique ridentem*»—isto é— Vimos uma cidade tão bem assombrada, que por toda a parte parece que nos está sorrindo.

—

Em 1574 vivia em Coimbra o dr. Pedro Nunes (vide Alcacer do Sal) célebre mathematico do seu tempo, com sua filha D. Guiomar.

Tratava esta certo namorico (mais ou menos *sério*) com um rapaz *limpo* que lhe tinha promettido casamento. Vendo ella que o amante não tinha pressa de casar, se queixou ao bispo de Coimbra, D. Manuel de Menezes, que mandou chamar o mancebo á egreja de S. João, e alli o inquiriu sobre a sua promessa sempre addiada ou esquecida. O rapaz negava terminantemente haver feito tal promessa.

D. Guiomar, cheia de odio, tira de um estojo um canivete e alli mesmo lhe dá na face um profundo golpe.

Este facto deu então assumpto a varias satyras em prosa e verso, sendo a que mais fez rir, a seguinte:

Senhora Dona Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que déstes a cutilada;
Senhora Dona Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei,
Pois déstes a cutilada.

Os parentes e amigos do rapaz *marcado*, sabendo que Pedro Nunes queria metter sua filha no mosteiro de Santa Clara, e conseguindo saber o dia destinado para a entrada no convento, a foram esperar á ponte para, quando ella passasse, tomarem uma atroz vingança.

O bispo, que era irmão da abbadessa de Santa Clara, lhe mandou Dona Guiomar dentro de uma grande canastra, em ar de presente; ficando assim illudido o tetrico plano dos *conspiradores*. Isto deu ainda logar a novos ditos, satyras e poesias, que em grande numero se espalharam pela cidade e pelo reino.

—

Segundo o padre Luiz Montez Mattoso, prégador e notario apostolico, no folheto, que se imprimiu em 1745, de varios desacatos que tiveram logar no reino até ao seu tempo, a egreja do *Corpo de Deus*, de Coimbra, teve a seguinte origem:

Em 1362 vivia em Coimbra um mancebo catholico chamado João, o qual, induzido por um judeu chamado *Josepho*, roubou da cathedral um vaso de prata com 5 fórmas consagradas, que vendeu ao judeu, e este, levando-as á sua synagoga, depois de lhes dizer muitas blasphemias, as lançou em azeite a ferver e depois as fez em pedaços e enterrou em um logar immundo da mesma synagoga.

Divulgado este horroroso sacrilegio, foi o bispo com o clero e povo, derramando copioso pranto, buscar o Senhor offendido, ao sitio, e o depositou na cathedral, sendo preso o sacrilego e punido com a pena de morte (o padre Montez não diz se foi o rapaz, que roubou as particulas, se o judeu).

Em memoria d'este caso se converteu a synagoga em egreja dedicada ao *Corpo de Deus*.

—

Em 3 de outubro de 1873 passou por esta cidade um furioso cyclone, acompanhado de chuva torrencial (que penetrou, com grande abundancia, em muitas casas).

O vento despedaçou muitas arvores, arruinou telhados e esmigalhou muitos vidros de janellas. A trovoada foi medonha.

A arvore collossal, denominada a *arvore dos Dorias*, soffreu grandes estragos.

Na estrada da Beira, contam-se mais de 30 arvores partidas.

Este cyclone foi soffrido por outras muitas povoações em um grande espaço de Portugal, sendo as que mais sentiram, a villa do Pombal, Aveiro e arrabaldes de Guimarães.

—

Os cidadãos de Coimbra gosavam do privilegio de infanções, e a cidade tinha o titulo de *muito antiga e leal ao rei.*

—

Não julgo mal cabidas, nem mal acceitas, algumas poesias (partes d'ellas) que os nossos vates dedicaram á formosa rainha do Mondego.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
N'esse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

(*João de Lemos.*)

Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que d'amoroso timbra,
Na margem reclinada
Com socego,
Não sabe o que é belleza,
Ai! não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flores...

(*A. de Serpa.*)

Risonha terra, formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil.

(*A. Lima.*)

—

O sr. José Freire de Serpa (visconde de Gouveia), no tom. I do seu *Cancioneiro*, traz um *soláu*, intitulado *Cidazunda*, onde sobre as armas de Coimbra diz:

E dos dois chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de feras
Crusando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros,
Com riso brando
Surdos furores
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vem ante as álas
O Gôdo e ella.

E assim coroada
Em copa d'ouro,
De paz e graças
Rico thesouro,

De Coimbra Ataces
A fez brazão,
D'um lado a serpe,
D'outro o leão:

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E inda os dois brutos,
Inda a donzella,
São a divisa
De Coimbra bella.

—

Fallando da Sé Velha, que fôra mesquita de mouros, diz o sr. Antonio Feliciano de Castilho (visconde de Castilho) nos seus incomparaveis *Quadros Historicos*:

Christãos, ganhastes Coimbra,
Mais que joia oriental;
Mais tu, Coimbra, ganhaste,
Que tens fonte baptismal,
E a tua mesquita grande
Verás logo em cathedral.

—

Muitos mais elegantes poetas e mimosos prosadores teem decantado maviosamente as innumeras bellezas de Coimbra e seus pittorescos arredores. Não extráio d'ellas mais nada, para não fatigar o leitor.

—

Tambem, para não fazer este artigo ainda mais extenso, resolvi separar d'elle varios sitios notaveis, como — *Comba* (capella de Santa) — *Esperança* (capella da Senhora da) — *Lorêto* (Nossa Senhora do) — *Fonte dos Amores* — *Lapa dos Esteios* — *Largo da Feira* — *Penêdo da Meditação* — *Penêdo da Saudade* — *Villa Franca* (quinta de) — *Paço do Conde* — *Ponte* e *Sophia*. (Vide estas palavras.)

—

O districto administrativo de Coimbra é composto de 20 concelhos, sendo 16 no bispado de Coimbra; 2 nos bispados de Coimbra e Guarda, um no bispado de Aveiro e outro no da Guarda.

Os do bispado de Coimbra são:

Arganil, Avô, Cantanhêde, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Góes, Louzan, Miranda do Corvo, Monte Mór Velho, Oliveira do Hospital, Penacova, Penella, Poiares, Soure e Tábua.

Nos bispados da Guarda e Coimbra, são — Alvares e Fajão.

No bispado d'Aveiro — Mira.

E no bispado da Guarda — Pampilhosa.

—

A sua camarca consta dos julgados de — Coimbra, Condeixa Nova e Penacôva.

—

O concelho de Coimbra comprehende 29 freguezias, que são:

Almalaguêz, Amial, Antanhol, Antuzede e S. Facundo, Assafarge, Arzilla, Botão, Brasfemias, Castello Viegas, Ceira, Cióga do Campo, Eiras, Lamarosa, Santa Clara, S. Martinho d'Arvore, S. Martinho do Bispo, S. Paulo de Frades, S. Silvestre, Senhora da Nazareth, Sernache (ou Cernache), Souzellas, Taveiro, Torre de Villella e Trouxemil — e as cinco da cidade (S. João, Santo Antonio dos Olivaes, S. Bartholomeu, S. Christovão e Nossa Senhora da Assumpção.

—

Os que desejarem mais amplas noções da cidade de Coimbra, podem consultar as obras seguintes:

Guia Historico do Viajante em Coimbra, e Arredores, por Augusto Mendes Simões de Castro.

Chronica dos Conegos Regrantes, por D. Nicolau de Santa Maria.

Instituto, semanario coninbricense, vol. I — artigos por J. C. A. de C.

Conquista, Antiguidades e Nobreza de Coimbra, por Antonio Coelho Gasco.

Livro Preto da Sé de Coimbra.

(O original está na Torre do Tombo, e uma cópia no archivo ecclesiastico da Sé Cathedral de Coimbra.)

E, finalmente, todos os mais auctores citados no artigo relativo a Coimbra.

COIMBRÃO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 18 kilometros de Leiria, 150 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em campina.

O ordinario apresentava o cura, que tinha de cada fogo 1 alqueire de trigo e 25 réis em dinheiro (por um *quartão* de vinho) ao todo uns 120$000 réis.

É terra fertil em milho e feijão.

COIMBRÃOS — Douro, lindo sitio, perto

da Serra do Pilar, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, e proximo á margem esquerda do Douro. Ha aqui boas quintas com bonitas casas de campo. (Vide Cale, Gaia, Grijó, Portugal (villa) Serra do Pilar e Senhora d'Além.

COIMBRÕES—aldeia, Beira-Alta, freguezia de S. João de Lourosas, comarca, concelho e proximo a Viseu.

Ha aqui duas capellas, a de S. Domingos e a da Madre de Deus ou Santa Clara.

Diz-se que no sitio em que está a segunda capella, houve antigamente um convento de freiras franciscanas, da invocação de Santa Clara. Ha vestigios d'elle.

COINA e **PALHAES** (annexas)—villa Extremadura, comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo; foi do concelho de Alhos Vedros, 18 kilometros a SE. de Lisboa, 175 fogos.

Sendo este concelho supprimido, em 24 de outubro de 1855, passou a ser do concelho do Barreiro. O julgado foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873, annexando-se então, todas as freguezias que o constituiam, á comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 18 de julho, 3 dias.

Eram donatarias d'esta villa as commendadeiras de Santos, de Lisboa.

Situada em valle.

O rei apresentava o prior, que tinha 2 moios de trigo, 2 pipas de vinho e 200$000 réis.

Tinha a egreja 2 beneficiados, cada um com 1 moio de trigo, 1 pipa de vinho e 15$000 réis.

Tinha antigamente juiz ordinario.

Tem Misericordia.

Muito fertil em bom vinho. Nasce proximo e passa aqui a ribeira de Coina, Tem um *esteiro* de agua salgada, navegavel para embarcações pequenas.

Tem minas de azougue.

Muito abundante em gado, lenha e caça.

Tinha uma companhia de ordenanças.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Equa-Bona*. Os arabes, com a sua lingua travada, é que converteram a palavra *Equa-Bona* em *Côina*. Dizem outros que *Equa-Bona* era a actual Agua de Moura. Pois que fosse.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 88, col. 2.ª, e fl. 105 v., col. 1.ª)

COIRELLA, QUAIRELLA, QUAIRELARIA e **QUADRELLA**—casal, que consta de algumas peças de terra, juntas ou separadas, mas sempre bastantes para sustentar uma familia. Os nossos primeiros reis repartiram em *coirellas* ou *casaes*, quasi toda a *terra de Panoyas*. Portuguez antigo. (Hoje chama-se *coirella* a certa porção de terra, de má qualidade e de pouca semente.) D'aqui vem o nome de *coirelleiros* aos *homens bôos* (louvados) que repartiam as *courellas*. Vide Celeirós (Traz-os-Montes) e Folgosa.

CÓJA—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Arganil, 48 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 415 fogos, 1:650 almas; no concelho, que foi supprimido em 1855, tinha 1:680 fogos.

Tinha a villa e freguezia em 1757 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

—

O nome d'esta villa vem da palavra arabe *Copje*, que nós pronunciamos *Coje*. Corresponde á palavra latina *prætor* (pretor) significa villa, ou povoação do pretor.

É povoação muito antiga. Em 1121, Suario (Soeiro) e sua mulher Eva, doaram ao mosteiro de Lorvão, a sua vinha, em Telhada, junto a Coja, *cum sua Ecclesia, qae jacet in medio de illa vinea, et cum suo pomare, et cum suo proprio lagare*. (Documento de Lorvão.)

Tem minas de chumbo.

Era antigamente da provedoria da Guarda, correição de Viseu. Eram donatarios os bispos de Coimbra, que aqui teem um palacio e quinta.

Situada a meia encosta de um monte, e sobre um valle, d'onde se vê a aldeia da Esculca.

O bispo de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, 4 alqeuires de trigo, 2 almudes de vinho, e cêra para elle e seu coadjutor dizerem missa.

Passam aqui as ribeiras da Matta e de Cója e o rio Alva.

Tinha antigamente 2 juizes ordinarios, 4 vereadores, procurador do concelho, escrivães, meirinhos, *et reliqua*.

E' terra fertil.

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Egas Fafes, bispo de Coimbra, n'esta cidade, a 12 de setembro de 1260.

D, Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (Regeu-se pelo foral velho exactissimamente 254 annos. *Livro de foraes novos da Beira*, fl. 43 v., col. 2.ª Maço 5.º dos *foraes velhos*, n.º 6.

COLHEITA (em latim Collecta)—certo fôro e pensão que os vassallos pagavam ao rei e os emphiteutas ao senhorio, quando elles vinham á terra; mas só uma vez cada anno, e não vindo não lhe deviam pagar. Passados tempos, por abuso, foram obrigados a pagar ainda que o rei ou senhor não viesse pessoalmente. Dizia-se, *colheita*, *comedura*, *procuração*, *visitação*, *jantar*, *comedoria* e *parada*. Tudo são synonimos.

D. Diniz acceitou do concelho de Lamego 100 libras cada anno, por toda a *colheita* que o dito concelho era obrigado a pagar, que, até então, era: 500 *pretos*, 6 *moios* de vinho, 6 moios de grão, uma vacca, 3 porcos, 6 carneiros, 4 cabritos, 60 gallinhas, 300 óvos, 1 almude de manteiga, 1 almude de mel, uma teiga de sal, uma quarta de vinagre, 2 resteas de cebólas, 2 resteas d'alhos, e 7 estrigas de linho. Esta *avença* (ou commutação) foi feita em 1310 e consta do *Tombo do Aro*, de Lamego, de 1346, a folhas 1. (Vide Tentugal.)

COLLACÍA—celleiro, tulha, adéga, armazem ou casa para recolher fructas, ou outros objectos. Portuguez antigo.)

COLLARES—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao O de Cintra, 30 ao NO. de Lisboa, 40 ao SO. de Torres Vedras, 12 ao N. de Cascaes, 1:000 fogos, 4:000 almas.

Em 1757 tinha 400 fogos e 1:600 almas, Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O cura tinha 1 moio de trigo, metade do pé d'altar e 6$666 réis em dinheiro.

O coadjutor e thesoureiro tinham cada um 40$000 réis.

A basylica de Santa Maria Maior, de Lisboa, apresentava o cura, e a camara da villa apresentava o coadjutor e thesoureiro.

Tinha um convento de frades carmelitas calçados, fundado por fr. Constantino Pereira, sobrinho de D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1450.

Este convento está proximo á villa, em logar elevado, mas plano. Na capella-mór está sepultado o fundador e padroeiro, e em dois tumulos de marmore, em um carneiro e em varias sepulturas, differentes pessoas de sua familia, entre ellas, Antonio de Mello e Castro e seu filho Caetano de Mello e Castro, ambos vice-reis da India.

Tem Misericordia, fundada pelo povo, no seculo XVII, concorrendo D. Diniz de Mello e Castro, bispo da Guarda, que aqui habitou. (Vide adiante.)

O rio das Maçans rega esta freguezia, e vae desaguar no Oceano a 6 kilometros de distancia.

Junto ao logar de Almoçageme, d'esta freguezia, está um enorme banco de pedra de uma altura assombrosa, e quasi a prumo, contra o qual se debatem furiosas as ondas do Oceano. Chama-se *Pedra de Alvidrar*. Perto d'este penhasco se vê uma escavação de largo diametro e grandissima profundidade, a que chamam o *Fôjo*. Causa vertigens olhar para o fundo, sobretudo quando o mar está bravo, que alli entra com estampido medonho.

Collares está situada sobre duas collinas, sobranceiras a um ameno e delicioso vallę (chamado Varzea de Collares) assombrado de lindas arvores e com o seu rio que o atravessa e fertilisa, e onde navegam pequenos barcos de recreio.

Este rio desagua no mar, proximo ao Cabo da Roca. Na sua foz foi achada uma lapide, que se levou para o convento da Pena (hoje palacio.) Tinha a seguinte inscripção:

SOLI ET EVNAE
CESTIVS ACIDIVS
PERENNIS
LEG. AVG. PR. PR.
PROVINCIAE LVSITANAE.

É fertilissima em todos os fructos do paiz; suas fructas são saborosissimas e seus vinhos famosos em todo o reino. As fructas d'aqui são exportadas em grande quantidade, não só para Lisboa, como para o estrangeiro. Seus vinhos são semelhantes e talvez superiores aos de Bordeos.

Collares é um paraiso.

Diz a tradição que o nome lhe vem de que, sendo o mouro *Zeilão* senhor de Lisboa, uma dama lhe pediu dinheiro emprestado, para aqui fazer um castello, dando-lhe em penhor os seus *collares*.

Outros, com mais verosimilhança, dizem que o nome lhe provém dos dois *collos* ou *collinas*, sobranceiros á varzea, em que a villa está fundada.

Antigamente tinha dois juizes ordinarios, camara, procurador do concelho, escrivães, etc., sujeitos ás justiças de Torres Vedras.

Nas faldas da serra de Cintra está situada esta villa, á sombra de frondosos arvoredos. Pela encosta da serra sobranceira á povoação vão subindo algumas casas, quintas e mattas de castanheiros.

Não se sabe quando nem por quem foi fundada esta villa; mas é antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, o que attestam muitas medalhas e inscripções romanas que aqui têem sido encontradas.

Depois de soffrer as diversas alternativas porque passou a nossa peninsula, foi conquistada aos mouros por D. Affonso I, em 1147.

Não se sabe se já tinha este nome, se outro no tempo dos romanos.

D. Affonso III lhe deu foral, em 16 de maio de 1255.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de novembro de 1516.

D. João I fez doação d'esta villa a D. Nuno Alvares Pereira, em agosto de 1385 (logo depois da batalha de Aljubarrota). Passou aos descendentes de D. Nuno, até que pertenceu á infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel, e por morte d'ella tornou a ser da corôa.

Tinha um castello antiquissimo, ignorando-se a data da sua fundação. A camara se servia d'elle para as suas diversas repartições. No tempo dos Philippes, querendo D. Diniz de Mello e Castro (que foi bispo de Leiria, de Viseu e da Guarda) estabelecer a sua residencia n'esta villa, pediu e alcançou a posse do castello, transformando-o logo em um palacio, juntando-lhe uma bella quinta, o que tudo hoje pertence a seus herdeiros.

É talvez d'este castello que proveem as armas de Collares, que são—um castello entre arvores.

Pouco distante de Collares e junto ao Oceano, sobre um alto rochedo, está a capella da *Peninha*. É tradição que no tempo de D. João III, andando uma rapariga muda a guardar ovelhas n'esta serra, fugira uma, e procurando-a, foi dar com ella sobre o tal rochedo, onde então lhe appareceu Nossa Senhora e lhe deu falla.

Tambem se conta o caso de outro modo.

A rapariga era da aldeia das Almuinhas Velhas (*almuinha* ou *almoinha* é palavra gothica, que significa *horta*) e surda-muda de nascimento. Quando chegou ao alto do penhasco onde estava a ovelha perdida, viu, junto d'esta, uma menina muito linda, que lh'a entregou e disse: «Vae para casa e pede pão a tua mãe.» A pastora respondeu: «Não o ha em casa, nem na dos visinhos.» (Era um anno de fome.) A menina lhe tornou, que em certa arca acharia 6 pães. Foi-se a pequena com a ovelha, espantando toda a gente que a conhecia, por fallar claramente, contando o successo; e chegando a casa, lá achou os 6 pães, no sitio indicado. Entenderam todos que a milagrosa menina era Nossa Senhora, e concorrendo todos os visinhos ao rochedo, lá acharam uma imagem da Virgem. O mais concorda com o que se segue.

Este facto attrahiu muita gente ao sitio, e descobriram entre as fendas da rocha uma imagem da Virgem, feita de pedra, que logo foi transportada para uma ermida de S. Saturnino, perto d'ahi. Desapparecendo porém a imagem por tres vezes, se foi sempre

achar na mesma penedía. Então se lhe construiu alli uma pobre ermida, que no anno de 1673 foi arrasada, para se edificar a actual, á custa de Pedro da Conceição, que gastou n'ella grande parte dos seus haveres fazendo-se aqui ermitão. Ainda que é um templo pequeno e de humilde exterior, é riquissimo interiormente, não só pelas materias de que é feito, como pelas bellezas de arte. Todas as paredes e o altar-mór são de marmores de côres (tirados da mesma serra e proximo da ermida) e em mosaico.

Antigamente hiam aqui muitos cirios e romagens; hoje é menos frequentado; mas ainda attrahe bastante concorrencia de fieis.

—

Nos arredores da villa ha muitas e formosas quintas. Na de Rio de Milho, ha a mais gigantesca camelia de toda a Extremadura.

As aguas do rio das Maçans, represadas na varzea, por uma ponte de pedra, faz com que elle seja navegavel por barcos pequenos, o que é um bello divertimento, por ser a *viagem* sempre por entre pomares e debaixo de copado arvoredo.

A 6 kilometros da villa está a *praia das Maçans*, sobre o Oceano, onde termina o rio das Maçans e o valle de Collares. É uma bonita e concorrida estação de banhos.

Collares é, como Cintra, o passeio favorito da gente de Lisboa, principalmente no verão.

Os seus formosissimos marmores em nada cedem aos melhores de Paros e Carrára.

O *Convento da Cortiça*, é na serra de Cintra; mas na freguezia de Collares. Já fica mencionado em Cintra.

COLLES ou **COLES** — aldeia, Beira Baixa, comarca de Soure, proximo da Abrunheira, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Tinha foral, dado pelo mosteiro de *Ceiça*, em 1217, pelo qual pagavam os d'aqui (além do mais) um capão e uma *fogaça*, pelo S. Miguel (a *fogaça* de 2 alqueires) e um *corazil* pelo Natal. Esta aldeia é na freguezia da Gésteira.

COLLINA (Santa Maria da) — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Maria da Collina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Pertencia antigamente á comarca de Vianna, e depois á de Ponte de Lima.

É povoação antiquissima. Já era freguezia em 560 de Jesus Christo, porque Theodomiro, rei dos suevos, deu n'esse anno metade das rendas d'esta egreja ao bispo de Tuy. Na mesma doação lhe dá outras mais egrejas.

A rainha D. Thereza, mãe do nosso D. Affonso I, confirmou esta doação, pelos annos de 1125. (Flores, *Esp Sagr.*, tom. 22, in app., pag. 250).

Passou depois esta egreja, no reinado de D. Affonso V (o Africano) a ser do bispado de Ceuta, por bulla do papa Eugenio IV. Em 1512, o arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, deu ao bispo de Ceuta, D. Henrique, a comarca de Olivença (que era do arcebispado de Braga) recebendo a de Vallença, onde se incluia esta freguezia, e era (a comarca ecclesiastica de Vallença, ou parte d'ella) da doação de Theodomiro. O papa Leão X approvou esta troca em 1513, e desde então ficou esta freguezia sendo do arcebispado de Braga, com toda a comarca de Vallença.

Esta freguezia tem hoje o nome de *Cunha*. Vide Cunha de Coura.

COLLOS — villa, Alemtejo, comarca e 24 kilometros a O. de Ourique, concelho do Cercal, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Odemira, 100 kilometros d'Evora, 145 ao E. de Lisboa, 235 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da Ordem de S. Thiago.

Situada na raiz de um pequeno monte.

A Mêsa da Consciencia apresentava o prior e um beneficiado, ambos freires de S. Thiago. O prior tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. O beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis; tudo pago pela commenda, que era dos condes das Galvêas.

Tem Misericordia e hospital. E' terra fertil em cereaes e tem muito gado e caça.

Era concelho, com juiz ordinario, camara, procurador do concelho, escrivães, etc., tudo sujeito ao ouvidor da comarca, que assistia em Messejana.

Tinha esta villa, com a de Sines, que fica a 40 kilometros a O., ambas o privilegio de não pagarem direiros reaes, dos contractos que uma villa fizesse com a outra.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, em 20 de setembro de 1512.

O nome provém-lhe da *collina* ou *collo* que lhe fica sobranceiro.

COLMEAL — freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho de Góes, 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Coimbra, termo de Góes. A egreja era annexa á matriz de Góes.

O vigario de Góes apresentava annualmente o cura, que tinha 43$000 réis e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil, mas cria bastante gado. Tem muitas colmeias, que originaram o seu nome.

Passa pela freguezia o rio Ceira.

COLMEAL e **LUZÉLLOS** (annexas)—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 88 kilometros ao SE. de Lamego, 350 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Eram donatarios d'aqui os condes de Belmonte.

O vigario da freguezia da Penha d'Aguia apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo, 24 de centeio e 24$800 réis, segundo Cardoso e Carvalho. O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era da apresentação ordinaria e tinha 20$000 réis. Estou persuadido que o bispo é que apresentava esta, e o vigario de Penha d'Aguia, a annexa de Luzéllos.

E' terra pouco fertil, só de cebolas e pimentos ha abundancia.

Tinha antigamente juiz da vara, sujeito ao juiz de fóra de Pinhel.

O rio Colmeal passa aqui, e n'esta freguezia se junta com um ribeiro sem nome. Réga e móe.

As muitas colmeias que aqui ha, deram, como á freguezia antecedente, o nome a esta.

Em 1191, D. Affonso IX, de Leão, doou ao mosteiro de Tarouca, a vasta herdade de Luzéllos, em Riba Côa. Luzéllos pertencia então ao reino de Leão, e passou para Portugal (com outras povoações da Beira Baixa e Alemtejo) em dote da rainha Santa Isabel.

Ha mais quatro aldeias do *Colmeal*, sem cousa notavel nenhuma d'ellas.

Luzéllos era uma antiga freguezia, que se annexou ha muitos annos á do Colmeal. Luzéllos tinha em 1757 (eram ambas então do bispado de Lamego) 35 fogos. Era seu orago Nossa Senhora da Luz (d'onde vem o nome á freguezia). N'esta é que, sem contestação, o vigario de Pena d'Aguia apresentava o cura, que tinha 4$800 réis de congrua, e o pé d'altar.

COLMÊAS ou **COLMEIAS** — freguezia Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao N. de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 534 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado districto administrativo de Leiria.

A egreja matriz é das mais antigas do bispado. O bispo de Leiria apresentava o cura, que tinha 150$000 réis.

Era antigamente de Santa Cruz de Coimbra. (vide Leiria.)

É terra muito fertil e povoação muito antiga, mas hoje está muito decahida da sua prosperidade d'outróra.

Regam a freguezia as ribeiras das *Colmêias* e do *Gallêgo*.

Ha aqui muitas colmeias, e d'isso provem o nome á freguezia. Tem gado e caça.

Foi um rico e vasto priorado, de que posteriormente se formaram quatro freguezias.

Ha aqui um antigo edificio em ruinas, que segundo a tradição foi hospicio dos templarios.

No logar da Bouça, d'esta freguezia, nas-

ceu o bem conhecido escriptor, José Daniel Rodrigues da Costa. Ainda existem as casas que foram suas, e se denominam casas do capitão, por elle o ter sido de um dos bairros de Lisboa.

COLMÊAS ou **COLMEIAS** — freguezia, Trazos-Montes. Está ha muitos annos annexa á freguezia de *Villar da Villariça*, concelho de Alfandega da Fé.

COMBA (Santa)— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 210 kilometros a NE. do Porto, 140 ao NE, de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

COMBA (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 72 kilometros ao SE de Lamego, 350 a E de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Era antigamente seu orago Nossa Senhora dos Prazeres, hoje é Santa Comba.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda. É terra fertil.

A mesa da consciencia apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis.

COMBA (Santa) freguezia, Beira-Baixa, concelho de Céia, comarca de Gouveia, 70 kilometros a SE de Lamego, 300 ao E de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O marquez de Penalva (ou conde de Tarouca) senhor donatario d'esta freguezia, apresentava o prior, que tinha 300$000 rs. de rendimento. Foi antigamente da comarca da Guarda. Chama-se officialmente a esta freguezia (para a distinguir das outras do mesmo nome.) *Santa Comba a Par de Ceia*, —Situada em Campina, fertil em cereaes. Muito gado, principalmente ovelhas e cabras.

É regada pelo rio Céia.

COMBA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes comarca de Mirandella, concelho de Villa Flôr, 145 kilometros ao NE de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Villa Flor.

O abbade do convento de bernardos, de Santa Maria de Bouro, apresentava o vigario, a quem dava 11$600 réis, e 22 alqueires de trigo.

Cada freguez lhe dava tambem 100 réis annualmente.

É terra fertil.

Grande cultura de bixo de seda, ha mais de 150 annos. Gado e caça.

Réga esta freguezia a ribeira de Villa-Rica, por isso se chama geralmente *Santa Comba de Villa Rica.*

COMBA (Santa) — Traz-os-Montes. Havia proximo ao rio Córgo, e em frente de Lobrigos, uma ermida da invocação de Santa Comba. D. Affonso Henriques, em 24 d'abril de 1139, doou esta ermida e umas pequenas casas juntas a ella, a uns eremitas, que aqui fundaram um pequeno mosteiro. O principe coutou o territorio de Santa Comba n'essa occasião e o deu á ermida.

Entre os mais limites por onde este couto partia, eram— «*Et inde ad illum quomodo fontem, qui vocatur Mirleu, et inde pergit per illud Palacium Franciscum.*» (Vide Francisco.) Já em 1139 esta capella era muito antiga.

COMBA DE CELLAS (Santa)—capella, Douro, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e termo de Coimbra.

Proximo ao convento de *Cellas*, está uma ermida, construida, segundo a tradição, no mesmo logar em que foi martyrisada uma formosa e santa virgem, chamada *Comba* (corrupção de *colomba*, pomba.)

Consta que fugiu para aqui, porque um poderoso mancebo romano ou árabe a pretendia violar. Andou a santa a esconder-se de monte em monte, mas o malvado tanto procurou que veio dar com ella embrenhada em uma densa selva, que então aqui havia.

Offereceu-lhe, sob vantajosas e tentadoras promessas a mão de esposo; mas ella, que

tinha feito voto de castidade, recusou todas as honras e riquezas que lhe offerecia. Elle então, enfurecido com tão terminante recusa, a mandou alli mesmo crucificar.

Ignora-se porem, se esta virgem era portugueza ou estrangeira, assim como a época do seu martyrio.

O sr. José Freire de Serpa (depois visconde de Gouveia) cantou este martyrio em um bello solau no seu Cancioneiro.

Os restos mortaes da santa, permaneceram por muitos annos em uma ermida, que se construiu no sitio onde foi martyrisada; mas, pelos annos de 1130, os monges da Caridade o levaram para a egreja de Santa Justa. (Coimbra)

No anno de 1207, o prior, D. Miguel, os fez trasladar para a egreja do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, da qual era cónego, e lá está.

(Videa *Chronica dos Conegos regrautes de Santo Agostinho* liv. 7.º cap. 18, pag. 2.)

A actual capella não é a primittiva. Esta, estando em ruina, foi reedificada pelos annos de 1612.

No *Elucidario* de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, trata-se d'esta capella, na palavra *hermitagio*.

Diz-se alli, que em 1483, emprazou a camara de Coimbra o hermitagio, ou hermida, de Santa Comba, com sua crasta, casas e oliveiras. Já no de 1458, havia concedido por um anno, as offertas e fructo das oliveiras, aos môços, que n'ella tinham confraria, para ajuda das obras que aqui se faziam.

Não se sabe por que motivo, (por sentença contra os meios prebendados, de 9 de dezembro de 1491,) passou tudo isto a ser propriedade do cabido da Sé de Coimbra (*Indice Chron.* p. 1.ª n.º 94.)

Desde 1491 se tem esta propriedade conservado como pertença do dito cabido, que a tem em completo abandono, pelo que ameaça ruina iminente.

A *Fonte da Santa*, situada no valle e proximo á capella, tambem está em ruinas. É em uma propriedade do sr. visconde da Bahia, e onde, segundo a tradição, foi achado o corpo da virgem martyr, depois do seu trespasse.

A capella é forrada d'asulejos e tem bonitos lavores em pedra e em madeira, de bastante merecimento.

Descendo da sachristia, por uma estreita escada, se vê um cubiculo muito escuro, onde se diz que a Santa se escondêra, fugindo aos seus perseguidores, e onde a final foi por elles achada.

A 20 de julho de cada anno, se celebra aqui a festa da santa, muito concorrida de grande quantidade de romeiros.

COMBA DÃO (Santa) — villa, Beira-Alta, 48 kilometros ao NE de Coimbra, 250 ao N de Lisboa, 270 fogos, concelho 1:500, comarca 6:880. A freguezia (e a villa) tinham em 1757 218 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi da comarca de Viseu, em quanto não formou comarca propria.

Era dos bispos de Coimbra, como condes d'Arganil, os quaes primeiramente foram condes d'esta villa.

Situada em bonita e fertil planicie.

O bispo de Coimbra apresentava o prior, que tinha 260$000 réis. Misericordia.

É terra muito fertil e produz muito e optimo vinho, chamado vulgarmente *Vinho do Dão*.

Passa aqui a ribeira de Santa Comba Dão que nasce na fonte do Salgueiral (6 kilometros acima da villa) e morre no Dão, com pequeno curso. Na villa é atravessado por uma bôa ponte de cantaria. Suas margens, que em parte são cultivadas e em parte cobertas de viçoso arvoredo, são muito amenas e ferteis.

Santa Comba, padroeira antiga d'esta villa, e que lhe deu o seu nome, foi abbadeça de um convento de freiras bentas que existiu antigamente proximo a Lamego. Foi martyrisada com todas as suas freiras, pelos mouros, commandados por Almançor, rei de Córdova, no dia 19 de fevereiro de 982.

—

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira, fl. 42 v. col. 2.ª*.)

A 1:500 metros da villa (a NO) ao longo do rio Dão, proximo á aldeia do Grajal, na

encosta de um monte, nascem tres fontes d'aguas mineraes, das quaes duas são sulphureas hepathisadas, com grande porçãode gaz hydrogenio sulphurado; a 3.ª é d'agua acidulada ferruginosa. Estas aguas podem transportar-se engarrafadas, e permanecerem, sem perder nenhuma das suas virtudes therapeuticas, por muito tempo. Não me consta que tenham sido analysadas competentemente. Tem-se applicado, com bons resultados, para a cura de varias molestias, tomando-se internamente e em banhos. Podem aquecer-se, sem perderem as suas qualidades medicinaes.

São de pessimo gosto, pelo que só se tomam como remedio.

Tambem lhe chamam Fonte do *Grajal* e de *Treixêdo.*

O concelho de Santa Comba Dão, é composto de sete freguezias, quatro no bispado de Viseu, e tres no de Coimbra.

As freguezias de Viseu são — Santa Comba Dão, Ovoa, Treixêdo e Villa Nova da Rainha.

As do bispado de Coimbra, são — Couto do Mosteiro, S. Joanninho e Vimieiro.

—

A comarca é composta de quatro julgados a saber — Santa Comba Dão, com 1:500 fogos.

Carregal, com 2:410.

S. João d'Areias, com 1:050 e Mortágua, com 1:920.

COMBA DO LIMA (Santa) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros a O, de Ponte do Lima, 30 ao O de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 229 fogos, segundo o *Portugal Sacro e Profano*; mas entendo que houve grande êrro, visto que actualmente esta freguezia e a de Berteandos, que foram anexas, apenas teem 135 fogos, a saber — Berteandos 78 e Santa Comba 57. Não ha motivo para semelhante decrescimento de população.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O vigario era apresentado pela abbadessa das religiosas de Valle de Pereiras, (e depois a mitra) e tinha 290$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

COMBINHA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e termo de Bragança, 50 kilometros ao NO de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi do bispado de Miranda.

Situada em um outeiro, com bonitas vistas.

O cabido de Bragança apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis.

A terça parte dos disimos d'esta freguezia era da casa de Bragança.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

Era reguengo da casa de Bragança, á qual pagavam os moradores da freguezia 42 alqueires de trigo, e 25 de centeio.

Por esta pensão eram insentos de pagarem *peitas, fintas, talhas,* ou *pedidos.*

(É absurdo e repugnante que agora a casa de Bragança exija d'estes póvos o pagamento da antiga pensão, uma vez que elles teem de pagar, como os que não são foreiros d'esta casa, todas as contribuições, sem isenção alguma. Se a casa de Bragança quer a sua pensão, que pague os tributos a que a freguezia está sujeita; pois só sob esta condição é que o povo d'aqui se comprometteu a pagar a pensão. Vide o que mais extensamente digo sobre isto, na palavra *Correlhan.*

Ainda mais: *Os povos d'esta freguezia, como reguengueiros da casa de Bragança, não eram obrigados a acompanhar prêsos e dinheiros publicos. Não eram tutores, senão dos reguengueiros; nem podiam ser obrigados a servir cargos publicos do concelho; nem pessoa alguma, de qualquer condição que fosse, lhes podia tomar adégas, cavalhariças, pão, vinho, roupa, gallinhas, palha, e lenha, nem outra qualquer cousa contra sua vontade, sob pena dos* encoutos *e de 6:000 soldos.*

Até D. João IV gosaram plenamente todos estes privilegios, fóros e isensões; depois d'elle, deixaram de observar-se alguns.

Se a casa de Bragança quer a sua pensão, deve tambem garantir-lhe todas estas regalías.

Correm pela freguezia e n'ella se juntam os rios Azibo e Sardão, que depois de unidos só conservam o nome do segundo.

COMIADA—vide Cumeada.

COMIEIRA—vide Cumieira.

COMMENDA — freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, 35 kilometros do Crato, 168 a E. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente do priorado do Crato, termo da villa de Belvêr.

É da casa do infantado.

O grão-prior do Crato apresentava o reitor, que tinha 2 moios de trigo, 45 alqueires de centeio, 25 almudes de vinho, 4 alqueires de azeite e 2$000 réis em dinheiro.

Tinha antigamente juiz de vintena.

É terra fertil. Muito gado.

Vastos montados onde se criam muitas *varas* de porcos, grande commercio d'esta freguezia.

O nome d'esta freguezia era antigamente Nossa Senhora da Graça, depois, passando a ser commenda de grão-priorado do Crato, se denominou Nossa Senhora da Graça da Commenda, e por fim simplesmente Commenda.

COMPEÇAR—portuguez antigo, dar principio, começar.

COMPÊÇO — portuguez antigo, comêço, principio.

COMPRIDOURO—portuguez antigo, comprimento, extensão.

CONCEIÇÃO—freguezia, Algarve, comarca, concelho, e proximo de Faro (a NO.) 240 kilometros ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

O bispo apresentava o cura, que tinha de rendimento 120 alqueires de trigo, 40 de cevada e 100 arrobas de figos.

É terra muito fertil em cereaes e abundantissima em figos, que exporta em grande quantidade.

Esta freguezia está derramada por casaes, e é quasi toda em terreno plano e fertil. A egreja é mediana, situada junto ao ribeiro que vem á ponte do Rio Sêcco, na estrada de Faro.

O parocho d'aqui pagava antigamente 400 réis por anno, de *reconhecença*, ao prior de S. Pedro, de Faro. Em 1838 foi supprimida esta freguezia, hindo os seus casaes para as duas freguezias de Faro, para Santa Barbara e para Estoy; mas não teve effeito esta suppressão, continuando a ser freguezia independente.

CONCEIÇÃO — freguezia, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Messegana, até 1855, e desde então concelho de Ourique, comarca de Almodovar e 130 kilometros ao S. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O rei apresentava o cura, que tinha de rndimento a150 alqueires de trigo e 90 de cevada.

Foi antigamente do arcebispado d'Evora.

É terra muito fertil em cereaes.

CONCEIÇÃO (nova e velha)—vide Lisboa, no logar competente.

CONCEIÇÃO—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 240 kilometros ao S. de Lisboa. 350 fogos.

Em 1757 tinha 242 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

O rei apresentava o prior, que tinha de rendimento 300 alqueires de trigo.

Freguezia espalhada por montes. A Egreja é situada no largo de uma estrada chamada da *Canáda*, que vae para o mar.

Egreja de 3 naves, era da Ordem de S. Thiago e muito antiga.

Perto do *Canal*, proximo á fortaleza do mesmo nome, na esquerda do rio Assêca,

fica a povoação de pescadores, chamada Cabanas da Armação. Proximo do Canal tem boas marinhas de sal, e perto d'ellas uma mina de gêsso, que já teve grande lavra e agora está abandonada. Terreno muito fertil, principalmente nas courellas do Almargem, que dão: trigo, milho e optimos melões e melancias. Alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e vinhas. Tres lagares de azeite, dois proximo á egreja e um em Benamor.

Fertilissima em cereaes e fructas.

CONCELHO—antigamente era o mesmo que *synodo, assembléa ecclesiastica, concilio.* Hoje diz-se conselho. (Vide cap. 45 do ultimo volume.)

CONCHOSO, QUINCHOSO e **COITELHO**—pequeno cerrado, recinto de terra lavradia, de pequena extensão, fechado sobre si.

CONCIEIRO ou **COUCIEIRO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados, até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 12 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Situada em planicie.

A egreja foi dos templarios e é sagrada.

O ordinario apresentava, por concurso synodal, o reitor, que tinha 80$000 réis.

É povoação muito antiga.

Terra fertil, menos em vinho, que é pouco e péssimo.

Passa aqui o rio Homem.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Pico de Regalados.

Ha aqui as ruinas de um antiquissimo solar (gothico) a que chamam *Torre de D. Sapo.* Este figurão (D. Sapo) tinha o *direito* de dormir com as noivas, na primeira noite do casamento. (Segundo a lenda popular d'estas terras.) Um alfaiate d'aqui, casando, vestiu-se á noite com a roupa da mulher e foi ter á alcôva de D. Sapo. Quando este foi ter com a noiva, na esperança de gosar os seus *direitos de senhor*, o bom do alfaiate o apunhalou, mesmo na cama, e lá vae o Sapo e o seu infernal tributo.

Parece-me que anda aqui um D. Sapo de mais, a não ser que houvessem dois ou tres, ou que se desse o nome de Sapo ao senhor que tinha o tal *direito.* (Vide Cardiellos, Marketa e Moure.)

Sagrou esta egreja o arcebispo D. Payo Mendes, no reinado de D. Affonso Henriques.

—

Existe n'esta freguezia a torre e paço em que viveram os senhores de Regalados, antes que n'elle entrassem os Abreus.

Diz-se n'esta terra, que sete dias antes, e e pelas 10 horas da noite, havendo de morrer alguem d'esta familia, ou em prisão, ou no mar, se ouvirão tres pancadas, que são o indicio *certo* de desgraça imminente.

Tambem aqui está o paço de Linhares. N'elle morou D. Gonçalo de Barros, que era em 1543, commendador do mosteiro de Rendufe.

Acham-se á entrada da porta principal da egreja matriz, em uma pedra, cinco lettras indicando, na opinião de alguns escriptores, a era (de Cesar) em que este templo foi fundado.

Como não ha caracteres romanos com as suas abreviaturas e lettras inclusas, ponho a inscripção com as lettras hoje correspondentes, por extenso, que são MCCII. Vem pois a ser, o anno 1164 de Jesus Christo. Eu porém julgo que é a data da sagração (e não da fundação) da egreja.

A freguezia seguinte, do mesmo nome, está hoje annexa a esta.

CONCIEIRO ou **COUCIEIRO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 100 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Pico de Regalados.

Situada em campina.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil, e regada pelo rio Homem.

Está ha mais de 200 annos annexa á antecedente.

Ha mais no reino cinco aldeias do Concieiro.

CONCORDIA — cidade antiquissima da Lusitania, na actual Extremadura, proxima ás cidades, tambem antiquissimas, de *Bezélga* e *Caldellas*. (Todas tres formavam um triangulo, ficando a 3 kilometros de distancia umas das outras.)

De todas estas cidades ainda ha vestigios. Ignora-se a data da sua fundação e da sua destruição.

Alguns (erradamente) pretendem que Concordia é a actual cidade de Thomar.

Para evitar fastidiosas repetições, vide Bezelga (a ultima d'este diccionario) e Thomar.

CONDADO — a terra *solar* do conde. Antigamente tambem se chamava *condado* a certo tributo ou *reconhecença* que o vassallo pagava ao rei e o emphiteuta ao senhorio *jure dominii*. Ordinariamente ou era em peixe do rio, ou em caça do monte, á escolha do que recebia. Era frequente este tributo nos foraes antigos. (Vide Alvarenga e Valdigem.

CONDE (S. Martinho do) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 6 kilometros ao N., 24 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente visita de Monte-Longo.

Situada nas abas da serra de Nossa Senhora do Monte.

Os conegos da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil.

Passa pelo meio da freguezia o ribeiro do seu nome, que nasce na serra de Santa Catharina e morre no Visella. Réga e móe.

CONDEIXA NOVA — villa, Douro, comarca e 14 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 300 fogos, 1:200 almas; no concelho 2:400 fogos, 9:600 almas.

Em 1757 tinha a freguezia 52 fogos.

Orago Santa Christina.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil e bonita, situada sobre a antiga estrada de Lisboa, na encosta de um monte.

A matriz é um bom templo, mandado fazer por D. Manuel, no principio do seculo XVI. Tem 10 altares.

O *geral* de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho *môsto*, 11$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, ao todo uns 120$000 réis. É concelho creado depois de 1834. Antigamente tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Coimbra.

Emquanto era aldeia, chamava-se *Casal do Outeiro* ou *Outeiro*.

Em 1500 esteve aqui D. Manuel I, quando hia para S. Thiago de Galliza, e lhe deu então o fôro de villa, mudando-lhe o nome para o de *Condeixa Nova*, e mandando-lhe então fazer a egreja, por a antiga ser muito velha e pequena.

O mesmo D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de junho de 1514.

Aqui nasceu, em 24 de julho de 1789, o bem conhecido estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, que morreu em Lisboa, em 1856. Era homem de vasta intelligencia.

—

Vi aqui uma nogueira monstruosa, em 1840. Vejo dos jornaes que em fevereiro de 1872, se vendeu, *perto de Condeixa*, (de certo não era a que eu vi, pois essa era mesmo em Condeixa) uma nogueira collossal.

O tronco tinha 9 metros de circumferencia! Chegou a andar arrendada por 60 alqueires de nozes! Produziu 13 carros de madeira (da qual se fizeram 200 couceiras, de 10 a 12 centimetros de grossura e meio metro de largo) 6 grandes carros de rama e 7 de casca e raizes.

Esta villa tem progredido muito n'estes ultimos tempos, e vae-se tornando muito importante.

Foi segunda vez elevada á cathegoria de villa em 1838, a instancias de Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelo que a camara, em testemunho de gratidão, collocou o retrato

d'elle na casa das sessões, em 2 de janeiro de 1864.

Condeixa Nova foi uma das povoações que mais soffreram por occasião da guerra peninsular. As hordas de Massena saquearam e destruiram a maior parte da povoação, em 1811.

Quasi todos os seus edificios (quarenta e tantos!) foram incendiados, não escapando a egreja matriz. Só escapou á devastação total o palacio do desembargador Manuel Pereira Ramos, hoje do sr. Francisco de Lemos Ramalho. (Esta exclusão deu, n'esses infelizes tempos, muito que fallar ao povo...)

—

Rodrigo da Fonseca Magalhães fez um soneto a este horrivel acontecimento; eil-o:

Condeixa amena, que eras inda ha um anno
Que o paraizo do Eden mais mimosa,
Que torrente de estragos lastimosa
Eclypsou o teu lustre soberano?

Breve quiz dar-te o Fado deshumano
A sorte de Palmyra desditosa,
Riscando-te a lembrança lacrimosa
Ao longiquo futuro do teu damno.

Tudo cedeu á chamma devorante
Que ateada com horrida impiedade,
Qual Troya, te abrazou n'um breve instante.

Patria minha, a quem não farás piedade?!
Ah! veja-se, em tua cinza inda fumante,
Das grandezas do mundo a curta edade!

—

Successivas reedificações teem feito desapparecer quasi todos os vestigios d'aquelle cobarde e inutil vandalismo. Actualmente só cinco moradas de casas (sendo uma d'ellas o antigo palacio dos Sás, hoje dos srs. condes da Anadia) ainda estão no estado deploravel em que as deixaram os francezes, e memorando á posteridade as façanhas dos sectarios de Buonaparte.

Entre os bons predios d'esta villa, mereceu especial menção os palacios dos srs. Lemos, e do sr. Visconde de Podentes (que até 1834 era um hospicio de religiosos antoninos franciscanos) nos quaes por algumas vezes se tem hospedado a familia real portugueza e outras pessoas notaveis.

—

Onde era a capella de S. Thiago (na egreja matriz) que se não reconstruiu depois de 1811, está uma porta, e alli se vê um tumulo, no qual ha uma inscripção pela qual consta estar alli sepultado D. João Franco de Oliveira, que foi bispo de Angola, arcebispo da Bahia e depois bispo de Miranda; fallecido em 2 de agosto de 1715.

Era natural d'esta villa.

—

São muito aprasiveis e muito bem cultivados os arrabaldes da villa.

Por toda a parte se vê um sólo fertil e regado copiosamente por differentes aguas e povoado de loureiros, cyprestes, larangeiras e outras arvores sempre verdes. Ha por aqui muitas e formosas nogueiras de uma corpulencia não vulgar, cujos fructos teem sempre uma venda vantajosa pela sua optima qualidade.

Em redor da povoação ha varias quintas, algumas excellentes, sendo a melhor a do sr. Lemos. Esta tem extensos e bellos pomares, lindas ruas bordadas de exquisitos arbustos, e um grande lago cercado de frondoso arvoredo, tendo no meio uma pequena ilha, onde está um formoso *kiosque*, feito de cortiça, e coberto por um cedro palmar. É de um bello effeito, uma linda cascata, que d'este lago se despenha.

—

Entre as curiosidades geologicas que se observam no territorio de Condeixa Nova, é notavel a gruta da *Lapinha*, muito espaçosa, formada por tufo calcareo, d'onde, em fórma de lençol, se despenha uma copiosa torrente. Tem a configuração de um palco scenico, e é aberta em uma rocha que se eleva a muitos metros, e guarnecida de verdes musgos e outras plantas, que a tornam muito pittoresca.

Além d'esta, ha ainda nas visinhanças de Condeixa duas notaveis grutas—a *Gruta Nova* e a da *Eira Pedrinha*. A primeira onde só se póde entrar por uma escada de mão, é de fórma emispherica, e n'ella se ad-

miram bellas stalactites e stalagmites, de fórmas bizarras e aspecto deslumbrante.

A da *Eira Pedrinha*, descoberta ha poucos annos em uma pedreira que se andava explorando, é notavel, por se terem aqui achado ossos humanos petrificados e inteiramente adherentes á rocha. (Vide Condeixa Velha.)

Todas estas grutas são consideradas de grande interesse scientifico para o estudo da geologia e paleontologia.

No *Sanctuario Marianno*, tom. 4.º, tit. 76, por fr. Agostinho de Santa Maria, vem mencionadas estas grutas e outras menos notaveis.

O sr dr. Antonio Augusto da Costa Simões, publicou sobre ellas um curiosissimo artigo no 2.º volume do *Instituto*, pag. 43.

—

O concelho de Condeixa Nova é composto de nove freguezias, que são—Anobra, Bellide, Bendafe, Condeixa Nova, Condeixa Velha, Ega, Furadouro, Sebal Grande e Villa Sêcca.

CONDEIXA VELHA—villa, Beira Baixa, (mas hoje encorporada na provincia do Douro) concelho e 5 kilometros de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 390 fogos.

Em 1757 tinha 283 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O geral de Santa Cruz de Coimbra apresentava o cura, ao qual dava de congrua 64 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, em dinheiro 14$000 réis e o pé de altar, ao todo 60$000 réis.

—

Ha aqui grandes pedreiras de pedra para mós finas de moer trigo, que vão para muitas partes, e até para a Galliza.

Tinha esta freguezia antigamente os privilegios de caseiros de Santa Cruz de Coimbra, que eram grandes e muitos.

É terra muito fertil.

Foi uma das mais fortes praças da Lusitania, com um formidavel castello, edificado sobre um rochedo (a que ainda se chama *Almedina*, a cidade.) Vinha-lhe a agua para aqui por um grandioso aqueducto, parte sobre arcaria, da grande fonta de *Alcabideque*. Ainda existem de pé bastantes arcos d'este aqueducto.

(*Alcabideque* é palavra árabe, significa, Agua de Deus.) Ao pé da fonte havia uma torre, que ainda existe, para defender os que hiam á mesma fonte.

Dizem que em tempos remotos chegava aqui o mar, que hoje está a 40 kilometros de distancia, o que é inverosimil.

Haveria aqui algum canal; mas isso mesmo não é muito provavel.

Frei Be[illegible]o de Brito (*Monarchia Lusitana*, pa[illegible] 1.º, livro 2.º cap. 9.º) sustenta, com bons fundamentos, que nem o mar aqui chegou jámais, nem mesmo aqui houve, em tempo algum, canal ou rio navegavel. Estou convencido que a historia do canal procede da embrulhada de *Colimbria* e *Conimbriga*. Sabemos que o mar tem recuado muito nas costas portuguezas (principalmente no Algarve) e a tradição do *caes*, dos *argolões*, do *canal*, ou do *porto de mar* que havia aqui, póde muito bem ser que se referisse a Colimbria e não a Conimbriga. Mais facilmente se póde acreditar que o mar chegasse a Coimbra, do que a Condeixa. Quanto ao rio, lá está o Mondego.

Ataces, rei dos alanos, desfez seus principaes edificios (410) para fazer a actual Coimbra (se não foi Hercules Libio que fundou esta cidade, muitos annos antes de existir Condeixa Velha—damos-lhe por ora este nome para melhor intelligencia.) D'alli a 48 annos (458) foi reedificada em parte; mas tornou a ser arrazada, pelo rei dos suevos, Rumismundo, pelos annos de 490.

Rumismundo pôz cêrco á cidade, que seus habitantes defenderam valorosamente; mas, faltando-lhe os mantimentos, no fim de alguns dias de sítio, tiveram de capitular, sob condições favoraveis; mas o rei, assim que se viu senhor da povoação, faltou á sua palavra, e saqueou e destruiu tudo. D'esta destruição é que restam as actuaes ruinas, pois que a cidade nunca mais se reedificou completamente; apenas os arabes fizeram, ou concluiram, o aqueducto e a fonte e torre de Alcabideque, e reedificaram alguns edificios, como adiante se dirá. (Vide Alcabideque.)

Esta povoação é mais um testemunho material do que são as grandezas d'este mundo; pois sendo na antiguidade uma cidade florescente e importantissima, está hoje reduzida a uma pequena villa, que nem sequer é cabeça de concelho.

Sobre os seus fundadores, e a data da sua fundação, ha diversas opiniões.

Uns dizem que foi Hercules Libio, no anno do mundo 2216, isto é, 1788 antes de Jesus Christo. Outros dizem que o seu fundador foi Brigo, 4.º rei de Hespanha, 308 annos antes de Jesus Christo. (O que é êrro manifesto, porque Brigo viveu, se é que existiu, 2004 annos antes de Jesus Christo.) Outros dizem que Hercules fundou Colimbria, que é a actual Coimbra, e Brigo, Conimbriga, que é Condeixa Velha. Já em Coimbra disse o que devia dizer sobre Colimbria e Conimbriga, e para lá remetto o leitor curioso.

Suppõe-se, com justos motivos, que os romanos fortificaram esta cidade, e n'ella construiram varios e sumptuosos edificios: e ha mesmo quem assevere que construiram um canal navegavel, d'aqui até ao mar. (*Monarchia Lusitana*, parte. 1.ª, livro 2.º, cap. 9.º.)

Na invasão dos barbaros do norte (405) coube esta região a Hermenerico, rei dos suevos, que só a possuiu uns 5 ou 6 annos, como já se viu, sendo tomada por Ataces, rei dos alanos, em 409, que a destruiu, diz-se que para com os seus materiaes reedificar a actual Coimbra, o que por muitas rasões não acredito; sendo as principaes, não valer a pena, vir buscar tão longe, o que tinha com abundancia ao pé da porta; e existir incontestavelmente esta cidade (Colimbria) no tempo dos arabes, que, tratando-a melhor do que os suevos, silingos e alanos, se a não reedificaram completamente, é certo que aqui construiram edificios, de que ainda ha vestigios, que se differençam (estudados com attenção) dos edificados pelos romanos.

Frei Bernardo de Brito, seguindo Laymundo, diz que foi edificada pelos carthaginezes da Africa, pelos annos 3600 do mundo (404 antes de Jesus Christo.) *Conimbriga fortis civitas, a Poenis fuit fundata, a Romanis, diu, fuit possessa, a barbaris Alanis, et Selynguis fuit desolata, etc.* (*Monarchia Lusitana*, parte 1.ª, livro 2.º, cap. 9.º, por fr. Bernardo de Brito.)

—

Proximo de Condeixa-Velha, foi descoberta uma gruta em que haviam varias dendrites (arvores petrificadas) e dois fosseis humanos.

Esta descoberta foi feita por estupidos, que, ignorando o valor d'estas preciosidades geologicas e archeologicas, as despedaçaram e apenas hoje existem alguns restos.

Tem hoje visconde.

—

No sitio do Cartaxinho, 5 kilometros ao S. de Condeixa-Velha, teve logar, no dia 18 de março de 1828 o horroroso assassinato dos lentes e conegos de Coimbra que hiam em deputação comprimentar o sr. D. Miguel I, por ordem da Universidade e do cabido de Coimbra.

Este crime, sem exemplo e sem nome nos annaes dos grandes crimes, foi perpetrado por treze, ou mais, estudantes da Universidade.

Assaltaram as duas commissões, compostas de homens indefezos e varões virtuosos, na maior parte velhos. Os cobardes e ignobeis scelerados, arrastaram seus respeitaveis mestres para fóra da estrada, amarraram os criados, pozeram as suas victimas em linha e procederam ao arrombamento dos bahus (isso em primeiro logar para os roubar) depois começou o massacre.

O dr. Figueiredo, lente de medicina, foi o primeiro que cahiu, com um tiro na cabeça.

Dois filhos de Figueiredo, que sabendo do attentado o não previniram (nem ao menos para poupar o pae!) eram muito liberaes e ambos se formaram. Mas Deus, que nem sempre dorme, não quiz esperar para a outra vida com o castigo. Ambos morreram desgraçados. Um morreu com um ataque apopletico, na camara dos deputados, de que era membro; outro morreu afogado, por suicidio, na Allemanha.

Ambos foram lentes da escola polytechnica de Lisboa.

Depois dispararam tres tiros no dr. Matheus, lente de canones e velho octogenario, que, não ficando logo morto, um dos malvados o acabou espetando-lhe um punhal na cabeça, e depois lhe tirou os olhos!

É espantoso que este crime repugnante e brutal fosse praticado por jovens *illustrados*, contra pessoas pacificas, sem ódios e sem crimes.

Sobre o conego Falcão, dispararam sete tiros e lhe deram quarenta punhaladas!

O deão levou cinco tiros e grande numero de golpes. Um sobrinho do conego Falcão levou sete tiros e outro um.

Finalmente, nem um só dos infelizes escaparia se no meio da horrivel carnagem não fossem vistos por uma mulher da aldeia da Prêsa, que gritando com quanta força tinha, pôz todos os povos em alarma, fugindo então os infames assassinos espavoridos, em differentes direcções.

Mas o dêdo de Deus ainda se revelou mais uma vez.

Passava *casualmente* pela estrada o general da Beira Baixa, Agostinho Luiz da Fonseca, com uma escolta de cavallaria; e, *tambem por casualidade* passava uma escolta de caçadores 8, e todos estes militares correram em auxilio do povo.

O *acaso* aqui foi a justiça divina. É por isso que sublinhei o adverbio e o substantivo.

No meio da escolta dos caçadores, já vinha disfarçado um dos assassinos, que foi logo reconhecido e prêso.

Mais quatro foram prêsos perto de Condeixa, sendo dois tirados de um carro (carregado de herva, hindo elles por baixo d'ella) onde, *ainda por acaso* (!) uma creança os descobriu.

O povo, seguindo os outros, foi prender mais quatro no Rabaçal. Os outros escaparam.

Os nove malvados que se poderam prender, foram entregues ao carrasco, morrendo enforcados, no Caes do Tojo, em Lisboa, a 20 de junho de 1828.

Dois annos depois (março de 1830) foi prêso na fronteira hespanhola, vestido em trajo de almocreve, mais um que escapou. Tambem foi enforcaco no Caes do Tojo, a 9 de junho d'esse anno.

Tenho ouvido a muitos liberaes e lido em lettra redonda, que estes dez infames, cobardes e malvados, foram martyres da liberdade, e como taes estão incluidos por alguns no martyrologio liberal.

—

Na gruta d'uma pedreira, no logar da Eira Pedrinha, d'esta freguezia, foram ha annos encontrados ossos humanos adherentes á rocha.

Em 27 de maio de 1872, a pouca distancia d'aquelle logar, em uma propriedade do sr. Antonio Pires do Rio, appareceu um craneo e varios ossos humanos petrificados, no centro de uma rocha schistosa, e a 4 metros de profundidade. Já se vê que as pessoas a quem estes ossos pertenciam viveram ha muitas dezenas de seculos, e este facto prova evidentemente que o que é hoje Portugal, foi habitado desde remotissimas eras. Serão estas ossadas antidiluvianas? Quem sabe!...

Por Condeixa a Velha passava a via militar romana que de Lisboa hia a Calle (Gaia). Os árabes a reconstruiram pelo mesmo leito antigo (aqui) no seculo IX.

Da sessão da commissão archeologica do *Instituto de Coimbra*, que foi celebrada em 5 de junho de 1873, extrahi o que se segue: (1)

Presidencia do sr. Miguel Osorio Cabral de Castro. Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Adolpho Ferreira do Loureiro, Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conselheiro João José de Mendonça Cortez, Dr. Julio Marques de Vilhena, Luiz Guedes Coutinho Garrido, prior Manuel da Cruz Pereira Coutinho.— Secretario, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro (auctor do curiosissimo livro intitu-

(1) O *Instituto de Coimbra* e a commissão archeologica, teem prestado relevantes serviços ás letras com os seus valiosissimos estudos.

lado *Novo Guia do Viajante em Coimbra e seus Arredores*).

O sr. Miguel Osorio disse que a primeira difficuldade que se lhe apresentava era saber quando esta povoação principiou a chamar-se Condeixa. Que, a dar credito á fabula dadestruição da antiga Coimbra por Ataces, e aos romances dos nossos chronistas, aquella denominação lhe proveio de *como a deixa*, com que o povo porventura se lastimava da sua ruina. Que porém o que parece certo, segundo diz Carvalho na *Chorographia Portugueza*, é que Condeixa a Nova foi edificada por el-rei D. Manuel, que é d'esse tempo em diante que nos monumentos escriptos principia a apparecer um tal nome, mas que poderia acontecer que Condeixa a Velha já tivesse então tambem o nome de Condeixa.

Que quanto ás ruinas que existem junto de Condeixa a Velha, era de grande difficuldade o seu estudo, porque todos os assumptos de archeologia entre nós se tornam muito embaraçosos em razão da multiplicidade de opiniões que apparecem em varios escriptores, a maior parte d'elles propensos a fabulas; e que tal difficuldade se torna muito mais grave por não haver obras de critica como os hespanhoes já têem, que discriminem nas chronicas e velhos livros o falso do verdadeiro. Que houve uma épocha em que os nossos escriptores andaram como que em litigio a ver qual d'elles havia de introduzir mais fabulas nas suas obras, qual havia de dar maior antiguidade ás povoações de que se occupava; e que é vulgar encontrar noticia de muitas cidades que elles fizeram andar como em passeio de umas para outras localidades. Que era assim que o padre Carvalho da Costa na sua *Corographia* e Gaspar Barreiros no seu *Itinerario* seguem a opinião, hoje inadmissivel, de que Ataces arrazara a antiga povoação de Condeixa a Velha, e viera fundar com os seus materiaes a cidade de Coimbra na margem direita do Mondego.

Disse que outra questão muito embaraçosa se tem suscitado quanto a Condeixa a Velha. Que affirmam alguns escriptores que esta povoação e a actual cidade de Coimbra coexistiram, e que até dizem que cada uma teve seu bispo ao mesmo tempo, pois que n'um dos primeiros concilios toledanos apparece a assignatura do bispo *Coninbricensis* e a do *Eminicensis*, e pretendem que a povoação de Condeixa se chamava *Conimbrica*, e a actual Coimbra *Eminium*. Que segue esta opinião um auctor muito respeitaoel, o erudito D. Fr. Francisco de S. Luiz, bispo conde e depois patriarcha de Lisboa, o qual se determinou á vista do *Itinerario* de Antonino Pio e da *Geographia* de Plinio, que fallam de uma cidade e rio *Eminium*. Que outros auctores seguem a opinião de que o nome *Eminium* designava a povoação e o rio de Agueda; que porém D. Francisco de S. Luiz ponderára que Antonino, no seu *Itinerario*, não fazendo menção dos pequenos rios, mas dos grandes que desembocam no mar, de certo designaria com o nome de *Eminium* a cidade de Coimbra e o rio Mondego.

Não se inclinou o sr. Miguel Osorio a esta opinião, dizendo que por excepção podia Antonino mencionar um rio pequeno como o de Agueda, quando houvesse uma povoação importante a descrever, e que não achava crivel haver duas dioceses, cujas sedes estivessem tão proximas uma da outra, como Condeixa a Velha e Coimbra. Que era mais verosimil estar a séde de uma diocese na actual Coimbra, e a da outra em Agueda, ainda que em Condeixa a Velha apparecem vestigios da épocha christã anteriores ao citado concilio (que é o 3.º de Toledo do anno de 589) como era uma lapide de 541 (que apresentou e offereceu para o museu de archeologia) achada junto da egreja de Condeixa a Velha, na qual se lê:

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS IIII ET
REQU... INPA
C... VIII KL....DE
CEMBRES E
RA DLXXVIIII.

Disse mais que depois do dominio romano, ainda Condeixa a Velha fôra uma po-

voação importante, e tão importante. que n'ella se gravavam inscripções mortuarias; que isto invalidava em parte a idéa da destruição de Ataces, e apresentou ainda como prova uma moeda de Egica, o qual subiu ao throno depois do anno de 680, tambem achada em Condeixa a Velha.

Passou depois a descrever as ruinas de Condeixa a Velha. Disse que se vê alli um recinto amuralhado, cuja muralha, de notavel largura, não offerece duvida alguma ser de construcção romana. Que a um dos lados d'este recinto ha um despenhadeiro escarpadissimo sobre um pequeno rio que corre a grande profundidade, e que na extremidade occidental d'aquella área, no ponto mais elevado, ha uma como separação por uma muralha, e que d'ahi se descobrem e dominam largos tractos de terreno, para os lados da Ega. Que existem notaveis restos de um aqueducto, que de Alcabideque conduzia agua para alli. Que da parte de fóra da muralha encontrára restos de uma estrada romana, como eram tres grandes arcos de um viaducto.

Disse que não lhe restava duvida alguma de ter existido n'aquelle logar uma povoação romana importante. Mas seria uma cidade?

Que varios escriptores dizem serem importantes aquellas ruinas, mas que nenhum d'elles dá noticia de ter visto alli edificio algum notavel, e que só fallam de moedas romanas e de inscripções lapidares alli achadas.

Que elle mesmo possuia grande quantidade de moedas de cobre provenientes d'aquelle recinto.

Que tinha para si que o que se tem dito de Ataces passar a povoação para a margem direita do Mondego, é uma fabula; mas que isto não se oppõe a ter existido em Condeixa uma grande população. Que de certo ahi houvera grandes transacções, como se deve inferir das moedas lá encontradas em tanta quantidade. Que dentro das muralhas não ha vestigios de grandes edificios, mas que pelos detritos, que alastram o terreno, de fragmentos de tijolos, de pequenas pedras e caliça, era levado a crer que houvera alli muitas edificações, mas de pequena importancia. Que de tudo isto, e por serem de cobre e de insignificante valor as moedas alli encontradas, era opinião sua que aquelle recinto não foi mais do que um acampamento romano, *castrum*. Que era sabido que os romanos durante o tempo do seu dominio na peninsula tiveram continuadas guerras, e que era razoavel que fizessem n'aquelle ponto um acampamento para servir de abrigo ás tropas que transitavam de umas para outras povoações. Esta opinião lhe parecia tanto mais verosimil, quanto era evidente a necessidade que os romanos tinham de um abrigo para as suas tropas quando percorressem a estrada que vinha de Santarem (*Praesidium Julium*) a Bracara Augusta. Que a multidão de moedas que se têem encontrado em Condeixa a Velha, e a circumstancia de serem de cobre davam força á sua opinião, devendo crer-se que eram destinadas para o estipendio das tropas. Que este ponto era afastado do mar, e que por tanto se não podia conjecturar que fossem destinadas a transacções commerciaes. Que a circumstancia de se encontrarem tantas moedas diversas se explica facilmente, visto como é sabido que, logo que subia ao poder um novo imperante, as moedas do seu antecessor ficávam sem valor nenhum, e se procedia logo á cunhagem de outras novas, o que se fazia nos proprios acampamentos.

O sr. Miguel Osorio, concluindo a sua narração, disse que havia de mandar para o museu de archeologia grande porção de moedas achadas em Condeixa a Velha, para poderem ser examinadas e estudadas pelos consocios que se quizessem dar a esse trabalho.

Nada mais se tratou n'esta sessão.

SESSÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 1873

Presidencia do sr. Miguel Osorio.—Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, dr. Augusto Filippe Simões, dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, Luiz Guedes Coutinho Garrido, João Correia Ayres de Campos, dr. Julio de Vilhena, Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e eu

secretario. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. presidente disse que lhe constava que o sr. dr. Filippe Simões fallaria n'esta sessão das ruinas de Condeixa a Velha, e que por este motivo ficariam para a sessão seguinte quaesquer outros assumptos que n'esta se houvessem de tratar.

O sr. dr. Filippe Simões disse que, estando ausente em Evora, quando a secção de archeologia se occupára das ruinas de Condeixa a Velha, e, interrompendo-se depois nas ferias os trabalhos da secção, sómente agora poderia tambem tomar parte na discussão que tivera principio havia já alguns mezes.

Que estando o ponto intimamente ligado com a questão da existencia de uma povoação romana onde hoje é a cidade de Coimbra, trataria d'estes dois assumptos, parecendo-lhe que não se poderia esclarecer um sem examinar o outro.

Mencionou as lapides com inscripções romanas que tem apparecido em Coimbra e hoje se guardam no Instituto, e o arco da Estrella, demolido no seculo passado, o qual, pelas descripções dos contemporaneos, mais que pelas estampas em que foi representado, se ha de considerar obra de architectura romana. Que não contrariava esta opinião o dizer Coelho Gasco que o arco tinha ameias, porque as tivera tambem até ha poucos annos o templo romano de Evora.

De taes vestigios concluiu a importancia da povoação a que pertenceram, e que, attendendo-se sómente a estes restos, parece ter sido uma cidade.

Fallou depois das ruinas de Condeixa a Velha, da grande muralha que alli subsiste ainda de pé, das inscripções sepulchraes, dos vasos etruscos, da variedade das moedas romanas, das sepulturas, mosaicos, tijolos, da casa com pinturas a fresco, dos vestigios de uma therma e do aqueducto que trazia a agua de uma fonte de Alcabideque, na distancia de uma legna, e finalmente, do toro de uma base de columna, com um metro de diametro, egual na fórma e dimensões aos toros das columnas corinthias do templo romano de Evora, o que tudo em varias epochas alli se tem descoberto. Soccorreu-se particularmente d'estes dois ultimos vestigios para provar que no sitio de Condeixa a Velha houvera não um acampamento, como pretendiam alguns e ultimamente o sr. Miguel Osorio, porém uma grande cidade.

Mostrou tambem que a muralha, tendo de circumferencia mais de dois kilometros, se houvesse pertencido a um acampamento ou *castrum*, deveria este ser tão grande, que sómente pareceria possivel nas fronteiras das regiões dominadas pelos romanos, onde as invasões dos povos inimigos obrigavam a grandes obras de defeza. Que a peninsula estava sujeita ao dominio romano desde o tempo de Julio Cesar, não havendo, por tanto, motivo para existir um tão vasto acampamento longe de inimigos.

Que não lhe parecia provavel que se construisse um *castrum* onde não havia agua e era necessario trazel-a de uma legua de distancia por um aqueducto que os inimigos destruiriam facilmente, com grande prejuizo das tropas que se conservassem dentro das muralhas. Finalmente que não via vestigios alguns do *pretorium* ou torre principal do *castrum* e que no meio d'elle devera ter existido.

Mencionou a opinião geral dos escriptores portuguezes que suppõem ter sido em Condeixa a Velha a antiga cidade de Conimbriga. Que acceitava n'esta parte a tradição, porque tinha a seu favor, como depois mostraria, o itinerario de Antonino e todas as memorias que se referem á Conimbriga dos romanos, como a uma cidade importante. Porém que regeitava a opinião geral dos mesmos escriptores, na parte em que suppunham haver Ataces destruido aquella cidade no seculo V, para a vir logo depois reedificar na margem direita do Mondego, dando-lhe o mesmo nome de Conimbriga ou Conimbrica. Mostrou que esta fabula de Ataces fôra inventada ou ao menos propalada por fr. Bernardo de Brito, asserção que provou com o dialogo de Pedro de Mariz a respeito do brazão de Coimbra. Observou que Gaspar Barreiros, escrevendo antecedentemente ao chronista de Cister, dera por infundada a opinião do vulgo, que dizia que a antiga

cidade de Coimbra fôr deixada pela actual, d'onde procedêra o nome de Condeixa. Sendo que parece estar n'esta tradição vulgar o unico fundamento em que fr. Bernardo de Brito assentára o phantastico edificio da historia de Ataces e Hermenerico.

Leu depois o itinerario de Antonino, de Lisboa a Braga, e mostrou que as distancias antigas correspondiam com pequenas differenças, ás distancias actuaes, suppondo Conimbriga em Condeixa a Velha e Eminio onde hoje é Coimbra. Referindo com a maior parte dos auctores portuguezes Eminio a Agueda, aquellas differenças entre as distancias augmentariam. E augmentariam ainda mais, suppondo que Condeixa a Velha fôra um acampamento e que a Conimbriga romana estivera já onde hoje é a cidade de Coimbra. E para melhor se avaliar a força d'este argumento apresentou os seguintes mappas comparativos, declarando que, relativamente ás distancias pelas estradas modernas, seguira o *Roteiro* de João Baptista de Cástro. (Os mappas vão adiante.)

Disse que, ainda que variassem algumas das estações referidas, por se não saber com certeza se todas as terras cujos nomes se tinham feito corresponder aos do Itinerario, são aquellas por onde, com effeito, passava a estrada, ainda assim não se invalidariam os resultados geraes.

Explicou a crença, que se tornára geral entre nós, sobre o ter sido Agueda a antiga Eminio, por terem adoptado como certo um texto errado de Plinio. Que nas edições mais antigas do naturalista romano se lia *Oppidum et flumen Minium*, entre *oppidum Talabrica* e *oppidum Conimbrica*, apparecendo em edições posteriores *oppidum et flumen Eminium*. Mas que o erro fôra do auctor e não dos copistas, porque logo depois declarou elle que o rio *Aeminio* era o que alguns chamavam rio *Lima*, marcando a distancia de duzentas milhas entre aquelle rio *Minium* e o rio *Aeminium*, que manifestamente confundiu com o *Lima*. Ora, sendo o rio Minho *(Minius)* proximo do rio Lima *(Limae)* claramente se conhece haver Plinio confundido tambem os dois nomes de *Minius* e *Aeminio*. E assim á cidade de *Eminio* daria o nome de *Minium*, e como havia um rio d'este nome e tambem um rio junto da cidade Eminio, applicar-lhe-hia, como á cidade, o nome de *Minium*, ao qual depois, sem fallar da povoação, deu o verdadeiro nome de *Munda*. E ao rio *Minius*, confundindo-o com o de *Limae*, parece ter chamado *Aeminio* na parte em que trata de Lusitania.

Sendo, pois, manifesto o erro de Plinio, e despresando por isso a sua indicação, desapparece todo o motivo para procurar ao norte do Mondego e de Coimbra o sitio da cidade de Eminio e de um rio d'este mesmo nome que jámais existíra.

Por quanto, o itinerario de Antonino, não mencionando os rios, nenhuma duvida suscita. E, se não quizeram concordar com este monumento o texto confuso de Plinio, não se teriam seguido os esforços de alguns antiquarios para achar o rio Eminio fóra do leito do Mondego. Supprima-se o rio Eminio, suppressão a que nos auctorisam os erros apontados no texto pliniano, e desde logo cahirá, por falta de base, todo o edificio de uma questão egualmente inutil e ociosa.

Concluiu o orador esta parte do seu discurso, declarando ser difficil a quem falla, comparar e explicar textos; mas que n'uma memoria historica de Coimbra, que estava escrevendo, daria a este e outros pontos, que apenas de leve tocára, o conveniente desenvolvimento.

Disse mais que não tinha a menor duvida de que as duas cidades Conimbriga e Eminio coexistiram nos primeiros tempos da edade média. Que appareciam estes dois nomes em varios concilios. No de Lugo, de 560, fez-se a divisão de Theodemiro, pela qual Eminio ficára sendo uma das parochias da Sé conimbricense.

E logo no anno de 589 estivera no concilio de Toledo, Possidonio, bispo de Eminio. Que n'este ultimo anno reinava Recaredo, o qual cunhou moeda em Eminio. Que tambem era conhecida outra moeda de Sizebuto, pouco posterior, cunhada em Eminio. Por outra parte, em Condeixa a Velha ainda no anno de 541 havia uma povoação importante, como se prova pelo achado da inscripção de Serenianno, pertencente á col-

lecção do Instituto. E mais tarde no principio do seculo VIII alli ficára uma moeda de ouro de Egica, possuida pelo sr. Miguel Osorio. Emfim, na segunda metade do seculo IX ainda Affonso III destruira, e povoára depois de christãos, entre outras cidades, as de Coimbra e Eminio, como se lê no chronicon abeldense, documento contemporaneo ou pouco posterior.

Desapparecêra então o nome de Eminio de todos os monumentos, permanecendo sómente o de Coimbra, que no seculo X era já onde hoje existe, na margem direita do Mondego, como se prova por escripturas d'esse tempo.

Concluiu, declarando que, da mesma sorte que o sr. Miguel Osorio, não podéra sahir do campo das conjecturas, á falta de provas directas e decisivas; porém que lhe parecia que a interpretação dos factos de varias ordens que examinára, favorecia e fazia mais provaveis as idéas que tinha apresentado do que quaesquer outras.

Nada mais se tratou n'esta sessão.

O secretario

Augusto Mendes Simões de Castro

Distancias do Itinerario de Antonino, comparadas com as leguas das estradas modernas

			Leguas de 4 milhas	Leguas das estr. mod.	Differença para mais	Differença para menos
Iter ab Olisipone Bracaram Augustam	mpm	CCXLIIII	61	60		1
Ierabriga (Alemquer)	mpm	XXX	7 1/2	7		1/2
Scalabin (Santarem)	mpm	XXXII	8	8		
Sellium (Bezelga ou Ceice junto de Thomar)	mpm	XXXII	8	8		
Conimbriga (Condeixa a Velha)	mpm	XXXIIII	8 1/2	10	1 1/2	
Eminio (Coimbra)	mpm	X	2 1/2	2		1/2
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	XL	10	9		1
Lancobriga (Feira)	mpm	XVIII	4 1/2	5	1/2	
Calem (Porto)	mpm	XIII	3 1/4	4	3/4	
Bracara (Braga)	mpm	XXXV	8 3/4	8		3/4

Segundo Diogo Mendes de Vasconcellos, nos *Scholios a Rezende*, deveriam transpor-se as distancias de Eminio e Talabriga pela fórma seguinte:

Conimbriga (Condeixa a Velha)	mpm	XXXIIII	8 1/2	10	1 1/2	
Eminio (Agueda)	mpm	XL	10	8		2
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	X	2 1/2	3	1/2	

Suppondo que a actual Coimbra fosse a antiga Conimbriga, ficariam assim as distancias:

Sellium (Bezelga ou Ceice junto de Thomar)	mpm	XXXII	8	8		
Conimbriga (Coimbra)	mpm	XXXIIII	8 1/2	12	3 1/2	
Eminio (Agueda)	mpm	XL	10	6		4
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	X	2 1/2	3	1/2	

Em fevereiro de 1874, alguns membros da secção de archeologia, do *Instituto*, vieram aqui assistir a uma escavação, nas ruinas da velha Conimbriga. A profundidade de dois metros, encontraram quatro bases de columnas, bem lavradas, assentes em uma fila de lagens, bem apparelhadas. Contiguo a este sitio, acharam um pavimento de mosaico, muito bem construido. Levaram para Coimbra alguns pedaços d'este mosaico, para o museu archeologico (em principio) do Instituto.

Projectam os incançaveis cavalheiros d'esta secção, proceder aqui a escavações em grande escala, o que dará occasião a curiosissimas e instructivas descobertas, pois não

consta que estas ruinas tenham até hoje sido convenientemente exploradas.

—

A área d'esta vetusta cidade era cingida de duas ordens de muralhas, de notavel fortaleza. Da muralha externa ainda existem muitos lanços; a interna ainda existe quasi toda. Nos terrenos que esta cerca, hoje todos cultivados, é frequente encontrar-se, quando se revolve a terra, grande quantidade de moedas romanas. Os povos d'aqui chamam a estas moedas—*realôchos*—e as vendem aos curiosos que vem visitar estas ruinas.

Existem ainda de pé os restos venerandos d'esses soberbos edificios que enobreceram esta famosa cidade, tão querida dos romanos, que a adornaram de opulentas construcções e cercaram de muralhas gigantescas.

O viajante curioso fica pasmado á vista d'essas imponentes ruinas, que, nem a mão sacrilega dos barbaros, nem a acção corrosiva de quinze seculos tem podido aniquilar.

Aqui verá ainda, trez pontes, restos de aqueducto; arcos de cantaria lavrada; pilares inscripções, em diversas linguas, dos varios povos que possuiram esta cidade; e grande porção de fragmentos de cantaria lavrada, telhas, tijolo etc, espalhados em uma vasta extenção, provando que Conimbriga era uma cidade grande e populosa. Pelos *pannos* das muralhas ainda se divisam inscripções romanas em bellos caracteres.

Só o sr. Wenceslau Martins de Carvalho, em propriedades que aqui tem, achou, ha poucos annos, mais de 5:000 tijolos.

A mais notavel das trez pontes, pela sua robustez e grandeza, é a que fica do lado do O., sobre a via militar romana, de Lisboa a Calle. O arco do centro tem 14 metros de vão!

Era esta cidade copiosamente abastecida de optima agua da copiosa fonte de Alcabideque, que fica a 6 kilometros de distancia.

—

Entre as muitissimas moedas romanas achadas por estes sitios, mencionarei as que traz a *Nova Guia do Viajante em Coimbra e seus arredores* são:

1.ª de Cesar Augusto (*colonial de cobre,*) diz:

AVGVSTS C. V. I. CELSA

(AUGUSTUS. COLONIA VICTRIX IULIA CELSA.)

O busto de Cesar dentro de uma corôa de louro.

L. COR. TERR.

(Lucio Cornelio Terracina)

II. VIR.

(Duunviri)

M. IVN. HISP. V. HISP.

(*Marco Junio Hispali vel Hispano.*)

O boi, symbolo da colonia.

Esta medalha foi provavelmente lavrada para comemumorar alguma victoria, em *Celsa*, cidade tarraconense, proxima ao Ébro, que por ser feita colonia romana, por Julio Cesar, tomou o nome de *Julia Victrix.*

Terracina (cidade do Lacio) era o cognome de Lucio Cornelio.—hispalo era o cognome da familia Junia, á qual pertencia o duumviro *Marco.*

—

2.ª — Magnencio (de cobre) diz.

D. N. MAGNENTIVS P. F. AVG.

(Dominus Magnentius Prefectus Augustus.)

Tem o busto d'este imperador, e no campo a nota numismagraphica A.

VICT. DD. NN. AVG. ET CAES.

(*Victoriae dominorum nostrorum Augustorum et Caesarum.*)

Duas victorias de pé, segurando o escudo onde se lê:

VOT.	VOTIS
V.	V.
MVLT.	MULTIS
X.	X.

No campo, as letras S. P. e no exergo:

H. P. S. C.

Assassinado Constante, por ordem de Magnencio, tomou este o imperio do occidente, pelos annos 350 de Jesus Christo.

Não logrou todavia por largo tempo o fructo da sua traicção. Perseguido por Constancio, irmão do imperador assassinado, este matou por suas proprias mãos a Magnencio, no 3.º anno do seu reinado, na cidade de Leão, para onde tinha fugido:

3.ª—Constancio (de cobre.) diz.

D. N. CONSTANTIVS. PF. AVG.

(Dominus Constantius Prefectus Augustus)

O busto do imperador Constancio.

FEL. TEMP. REPARATIO.

(Felicis temporis reparatio.)

Dois guereiros, um dos quaes se acha prostrado pelo vencedor.

—

A egreja matriz de Condeixa Velha, é muito antiga, pois sabe-se que já existia em 1227. No seu pavimento está uma pedra, com a inscripção seguinte, bastante deteriorada e com muitas abreviaturas:

João Affonso de Moraes Botelho, primeiro instituidor do morgado e fidalgo da casa do infante D. Pedro. Anno de 1457.

Na mesma pedra se vê um signo de Salomão e a cruz dos templarios.

Vou extrahindo do livro do sr. Augusto Mendes Simões de Castro estas inscripções; mas noto que talvez a cruz seja da ordem de Christo e não do Templo, que já então não existia havia 146 annos.

Este João Affonso de Moraes Botelho, fez grandes proesas em Aljubarrota, e foi fiel ao infante D. Pedro, duque de Coimbra, sendo ferido a seu lado, em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449.

CONDEVÃO—vide Abbade do Neiva.

CONGOSTA, CANGOSTA e QUINGOSTA—portuguez antigo, do arabe *al-congôsta*. É o caminho entre duas paredes, mas em maior ou menor declive. Se este caminho é orlado de casas, se lhe chama então *calçada*.

CONLELAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É terra fertil.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Situada em baixa, na falda de uns outeiros.

O ordinario apresentava o reitor, collado, que tinha 46$000 réis, 78 alqueires de trigo serodio, 2 alqueires de trigo para hostias e 2 almudes de vinho para as missas.

O reitor d'aqui apresentava os curas das freguezias de Fontes, Barrosas, S. Thiago de Lagomar e Sabariz.

N'esta freguezia ha a célebre *Fonte de Luiz* ou *da Lua*, que segue em tudo o curso d'este planeta.

Principia a sua corrente na *lua nova* e vae augmentando de volume até á *lua cheia*, depois diminue até á *lua nova*. É no sitio das Compras. (Se o padre Cardoso não se Mudiu, isto é curiosissimo.)

Ao O. da freguezia, passa o ribeiro Carrazedinho.

CONSOLAÇÃO — pequeno promontorio, Extremadura, concelho freguezia e 3 kilometros ao S. da praça de Peniche, Fica 6 kilometros ao S. do Baleal, e é formado da mesma rocha calcarea d'este ilhote. Ha quem diga que formava, em tempos remotos, parte da grande ilha Eritreia, junto com as Brelengas e Baleal. (Vide Baleal.)

É uma estação de banhos hoje bastante concorrida e bonita.

CONSTANCE—freguezia, Douro, comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz, até 1855, e desde então comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros a NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente comarca e termo do Porto, mas já do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega.

O abbade tinha 200$000 réis, que era a terça parte dos dizimos; as outras duas ter-

ças partes eram para as freiras de Subserra, na villa da Castanheira. O bispo do Porto é que apresentava (por concurso synodal) o abbade d'esta freguezia.

Fertil em azeite, vinho e centeio; do mais medianía.

Antigamente chamava-se *Constante*.

N'esta freguezia está a quinta do Paço de Soutêllo, que foi da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, e fundadora das Caldas de Canavezes.

CONSTANCIA ou **VILLA NOVA DE CONSTANCIA**—villa, Extremadura, comarca e 12 kilometros a O. de Abrantes, situada na confluente do Tejo e Zêzere. 160 kilometros a O. da Guarda, 120 ao E. de Lisboa, 360 fogos, 1:400 almas, no concelho 800 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 390 fogos.

Orago S. Julião.

Foi antigamente do bispado da Guarda e hoje é do de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Feira a 5 de agosto. Muito fertil.

Situada na encosta de um monte, cujas raizes banha pelo S. o Tejo e pelo O. o Zêzere.

O rei apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi fundada pelos romanos, uns 100 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Pugna-Taje* (Combate do Tejo) em memoria de uma grande batalha que ahi tiveram os lusitanos.

Outros dizem que, por ser frequentes vezes invadida pelo Tejo.

Ha tambem escriptores que dizem que os romanos lhe chamavam *Moro*. (André de Rézende, nas suas *Antiguidades da Lusitania* segue esta opinião.) Outros, finalmente, dizem que *Moro* era o castello de Almourol. Em tanta barafunda de opiniões, cada um siga a que quizer. Almourol fica perto de Constancia.

Os arabes lhe mudaram o nome para *Almorolau*. (Outros dizem que *Almorolau* é o mesmo castello de Almourol.)

Foi resgatada do poder dos mouros, por Gonçalo Mendes da Maia (o *Lidador*) pelos annos de 1150. Desde então readquiriu o seu nome primittivo, mas degenerado, ou corrupto em *Punhête*.

Como este nome fosse mal soante, se lhe mudou para o de Constancia (dando-se-lhe então o titulo de *notavel*) por decreto de 7 de dezembro de 1836.

Foi uma medida acertadissima; mas haviam de fazer o mesmo a outras terras em identicas circumstancias.

D. Sebastião a fez villa em 1578.

As cheias do Tejo a invadem ás vezes, causando-lhe grandes prejuizos.

Tem Misericordia.

Grande abundancia de azeite, vinho e fructas: excellentes marmêllos (do celebrado *Malvar*) boas romans e deliciosas uvas, malvazias e gambôas. Ambundante em peixe.

Suppõe-se ser em Constancia (então *Punhête*) que esteve desterrado Luiz de Camões, ahi pelos annos de 1548 a 1550, por causa dos seus amores com D. Catharina de Athaide (dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III) que elle tornou immortal com seus versos á sua *Nathercia*. (Todos sabem que *Nathercia* é anagramma de *Catharina*.)

Chama-se a esta villa, ora Punhête, ora Constancia, ou Villa Nova de Constancia; mas, mesmo assim, a maior parte da gente lhe dá o primeiro nome.

Não me consta que esta Villa tenha foral. Pelo menos Franklim não o traz.

—

Em janeiro e fevereiro de 1872, houve aqui tão grande enchente, que a agua chegou aos segundos andares das casas. Um estaleiro que ha na margem do Zêzere, ficou coberto. Causou bastantes prejuisos esta cheia.

—

Perto d'esta villa fica a bella ponte lançada sobre o Tejo, no caminho de ferro de Leste, ficando-lhe quasi contigua a estação da Praia.

Esta ponte tem em cada uma das suas extremidades, assentes sobre as margens, dois grandes encontros, de cantaria e tijolo e 16 vãos de lioz, apoiados sobre pilares tubulares, de ferro fundido. Cada pilar é formado de tres tubos cylindricos, cravados pelo systema do ar comprimido, a profundi-

dades differentes, entre 10 e 21 metros, abaixo da estiagem. Metade dos tubos assentam sobre um banco de rocha, que está sob as areias do rio e o resto se cravou através da areia e de um banco de grosso cascalho, fortemente agglomerado com saibro.

A altura dos cylindros acima da altura ra media da estiagem é de 17 metros, e a das vigas, ou tirantes, de ferro, que se crusam obliquamente, é de 3 metros e 50 centimetros, sendo a altura total 20 metros, entre carrís, ou niveis, por onde passam os comboios e as aguas da estiagem. O comprimento total da ponte é de 550 metros.

Entraram na construcção d'esta ponte 640 tonelladas de ferro laminado, 1:150 de ferro fundido, e 165 braças cubicas de madeira.

Começaram os trabalhos em junho de 1861, empregando-se n'elles 3 machinas a vapor, da força de 12 vavallos cada uma, e differentes apparelhos de mergulhar.

Em 19 de agosto de 1862, já sobre a ponte correu a primeira locomotiva.

Em 26 de outubro do mesmo anno, foi inspeccionada por parte do governo, pelos distinctos engenheiros, os srs. José Victorino Damasio, Belchior José Garcez, Joaquim Simões Margiochi, Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas e Joaquim Nunes de Aguiar.

As experiencias foram feitas com um comboyo de 24 *wagons* carregados de carrís, puxados por duas locomotivas, trabalhando a *dupla-tracção*. O pêso total d'este comboyo era superior a 300 tonelladas.

Deu os mais satisfatorios resultados, sem que a ponte désse de si.

Em 7 de novembro de 1862, foi aberta á viação publica d'esta secção do caminho de ferro, chegando de Lisboa a Abrantes.

Foi dia de grande alegria para os povos das immediações, que festejaram este grande melhoramento material, com musicas, foguetes e todas as mais demonstrações de regosijo publico.

—

É n'esta villa o solar dos Cabraes, familia antiquissima, e já no tempo de D. Affonso Henriques occuparam os Cabraes logares distinctos, e n'elles permaneceu o senhorio de Belmonte e outras povoações, com o privilegio e preeminencia de não serem obrigados a prestarem juramento de fidelidade pelas alcaidarías dos castellos confiados á sua honra.

Ayres Cabral, foi, com esta distincção, alcaide-mór dos castellos de Portalegre, Mourão, Arronches e Castello de Vide. Viveu no reinado de D. Diniz. Era vassallo do infante D. Affonso, irmão do rei.

Frei Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*, parte 4.ª, livro 15.º, cap. 36, pag. 234) diz que os Cabraes ficaram em Hespanha, desde o tempo dos gregos.

Segundo Solino, e Justino, Cadmo, rei da Grecia, quando o oraculo de Delphos lhe mandou que collocasse a cabeça de seus estados, no logar onde o guiassem umas cabras, tomou por insignia duas cabras.

Julga-se que foi por isto que os Cabraes (talvez descendentes de Cadmo) tomaram por armas duas cabras passantes, armadas de púrpura e preto, e por timbre, uma das cabras do escudo.

Os que procedem de Jorge Dias Cabral, teem por armas, em campo de púrpura, quatro lanças de ouro, em pala e sobre ellas um estoque da sua côr, com cabo de ouro, e, em campo verde, quatro adagas, da côr do estoque, quatro manopolas e quatro coxêtes de prata entrelaçados, e em chefe, uma cruz de Christo. Timbre, meio cavallo russo, bridado de ouro, com redeas e cabeçada de púrpura, lançando sangue pela bôca e por quatro cutiladas que tem no pescôço.

Estas armas ganhou em Inglaterra o dito Jorge Dias Cabral, vencendo um cavalleiro da nobre Ordem da *Garroteia* (ou *Jarreteira*) um publico desafio. D. João III lh'as confirmou.

—

O concelho de Constancia é apenas composto de tres freguezias: Constancia, Santa Margarida e Montalvo (ou Monte Alvo.)

CONSTANTIM DE PANOYAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros a NE. de Villa Real, 75 ao NE. de Braga, 105 ao NE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1660 tinha 200 fogos e em 1757 não

tinha já senão 93 visinhos. Não sei a causa d'esta diminuição.

Orago Nossa Senhora da Natividade ou Santa Maria da Feira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os frades cruzios do convento de Caramôs apresentavam aqui o abbade, que tinha 93$000 réis de rendimento.

Pouco fertil, mas cria bastante gado e ha por aqui muita caça. Muita castanha.

Querem alguns que fosse aqui a famosa cidade de *Panoyas*, o que não é provavel; pelo menos não existem ha muitos annos os mais leves vestigios que o attestem. O que é verdade é ter sido por seculos a cabeça da celebrada Terra de Panoyas. Vide Val de Nogueiras e Cidade.

Aqui nasceu S. Fructuoso, advogado contra as mordeduras de cães damnados. Na egreja matriz da freguezia, que é muito antiga, se conserva ainda a cabeça d'este santo, que os romanos degolaram.

É terra do infantado.

Em Constantim havia, desde tempos remotissimos, uma grande feira. Ainda nos principios da monarchia era das melhores do reino.

Situada n'uma planicie elevada, proximo do ribeiro do seu nome.

O conde D. Henrique a povoou e lhe deu foral em 1096, com todos os privilegios de Guimarães.

CONSTANTIM e **CICOURO** ou **SICOURO** —freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 18 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

O orago de Constantim é Nossa Senhora da Assumpção, e de Cicouro S. João Baptista. Este é o actual orago.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O bispo de Miranda e depois o de Bragança apresentavam o vigario, por concurso synodal, que tinha 30$000 réis, 4 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

O real padroado apresentava o abbade de Cicouro (antigamente escrevia-se Sicouro) e tinha de rendimento, o abbade, 300$000 réis. Esta freguezia em 1757 tinha 43 fogos. Hoje estão estas duas freguezias annexas, tendo o nome official de *Cicouro*. Vide esta palavra.

É terra fertil em trigo e centeio; do mais pouco. Cria muito gado. Muita caça.

Tinha antigamente juiz da vara, feito pela camara de Miranda e sujeito ás justiças da mesma cidade.

CONTENÇAS—(portuguez antigo, e, mais antigo *conteenças*) trastes, moveis, utensilios indispensaveis (ainda que de pouco valor) em uma casa. Ha em Portugal alguns logares assim chamados.

CONTIM e **VILLAÇA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor dos Valles apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito azeite.

É situada em um alto, e saudavel.

CONTINS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. João Baptista.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Mirandella.

Situada em logar alto e penhascoso.

O reitor dos Valles apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de pão, 10 almudes de vinho e 12$000 réis em dinheiro.

É terra fertil. Muito azeite.

Esta freguezia, assim como as de Penso e Seixas, estão, ha muitos annos, annexas á de Santalha, tendo todas 120 fogos. Vide Santalha.

CORAÇÃO DE JESUS—freguezia da capital. Vide Lisboa.

CÓRBES—rio, Alemtejo, nasce proximo a Ourique e entra na direita do Guadiana (com 60 kilometros de curso) depois de ter regado os campos por onde passa. Traz peixe meudo.

CORCHA — portuguez antigo, ainda usado no E. do reino. Significa *cortiça*.

CORDINHAN — freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 18 kilometros a ONO. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É fertil.

Era antigamente da comarca e termo de Coimbra.

Os condes de Pombeiro (marquezes de Bellas) apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis.

Tinha juiz pedaneo, confirmado pelo juiz de fóra de Coimbra.

COREIXAS e **IRÍVO** ou **ERÍVO** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Penafiel, 30 ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha Coreixas 41 fogos, e era seu orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Conceição; e o de Irivo era S. Vicente, martyr. Hoje tem ambos os padroeiros. A freguezia de Irivo tinha em 1757, 94 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

O abbade de S. Pedro de Cette apresentava o cura (segundo Cardoso e Carvalho; o *Portugal Sacro e Profano*, diz que era o reitor do collegio da Graça, de Coimbra) Tinha 11$000 réis e o pé d'altar.

Esta egreja era unida *in perpetuum*, por breves apostolicos, ao collegio de Nossa Senhora da Graça, de Coimbra. Apesar do *in perpetuum*, deixou de existir o collegio da Graça e mais esta freguezia, que hoje está unida á de Irivo, formando ambas uma só freguezia, sob o nome de Irivo e Coreixas. Vide Irivo.

Está em Coreixas a torre e casa nobre dos Brandões, de origem britannica. Foi aqui o seu solar.

Coreixas é terra fertil e regada pelo rio Cavallum.

CÓRGA — aldeia, Douro, freguezia de Lobão, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 30 fogos.

CÓRGAS — aldeia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 12 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

É na freguezia do Pindo ou S. Martinho do Pindo, que antigamente era da comarca de Viseu, concelho de Penalva.

Tem uma capella dedicada a Nossa Senhora do Ó.

Tinha um *hospital* que constava de quatro casas em que viviam quatro *mercieiras*, que eram obrigadas a certas rezas annuaes e a ouvirem duas missas quotidianas que havia na mesma capella. Os bispos de Viseu administravam as rendas d'este *hospital*, ou, mais propriamente *asylo*.

CÓRGO — rio, Traz-os-Montes, nasce proximo de Villa Pouca d'Aguiar, passa junto a Villa Real, onde tem uma boa ponte de cantaria e morre na direita do Douro, 300 metros acima da Regua, na Foz do Corgo, com 40 kilometros de curso, quasi sempre arrebatado. Suas areias traziam ouro antigamente, e dizem que as suas aguas curam a tisica pulmonar. Vide Tanha.

Córgo ou *córrego* é palavra portugueza. Significa ribeiro ou regato que corre arrebatado por entre barrancos ou por sitios profundos. Vulgarmente tambem se chamam *córgos* ás *ravinas* ou outros sitios semelhantes. Antigamente escrevia-se *Córrago*.

CÓRGO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O abbade dos frades bentos de S. Miguel de Refojos de Basto, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 60$000 réis.

É fertil em centeio, boas fructas e optimo vinho verde.

Réga esta freguezia o rio Bouro.

CORISCADA — freguezia, Beira Baixa, con-

celho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz Côa, (era do concelho de Marialva, e pela suppressão d'elle, em 24 de outubro de 1855, ficou sendo do concelho de Foz Côa, e em 18 de dezembro de 1872 passou a ser do concelho da Méda.) 65 kilometros a SE. de Lamego, 345 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Marialva.

Situada em planicie e d'aqui se vêem as villas de Azêvo e Marialva.

O abbade de S. Thiago, de Marialva, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Fertil em trigo, centeio e cevada.

CORNELIANA—Minho, antiquissima cidade da Lusitania, fundada pelos romanos (*si vera est fama*) no sitio onde hoje é a aldeia de Barros, na freguezia da Correlhan. Vide Barros e Correlhan.

CÓRNES—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 54 kilometros a ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago S. Pantaleão, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Villa Nova da Cerveira.

É do infantado.

Situada em um valle.

A casa do infantado e o reitor do collegio dos jesuitas de Coimbra apresentavam o abbade, que tinha 120$000 réis. Desde 1759 até 1834 era apresentado *in solidum*, pela casa do infantado.

Foi primeiramente abbadia, metade dos duques de Caminha e metade dos jesuitas (dada por D. João III). Extincto o ducado de Caminha, passou o que era d'elle para o infantado. Extincta a Companhia de Jesus, ficou tudo encorporado na casa dos infantes.

É terra fertil. Grande abundancia de ginja e cerêja.

CÓRNES, antigamente **CORNIAS**—aldeia, Douro, freguezia de Espiúnca, comarca e concelho de Arouca. É povoação muito antiga, e foi villa. Em maio de 1139, doou D. Affonso Henriques, o reguengo da *sua villa de Cornias, aguas vertentes ao rio Paiva, no territorio de Coimbra*, a Affonso Paes e sua mulher Maria Affonso.

A doação diz *no territorio de Coimbra*, porque então o bispo de Coimbra administrava tambem os bispados de Viseu e Lamego; mas Córnes sempre foi d'este ultimo bispado.

Diz assim a doação: *Sicut jacet sub Mandamento de Sancto Felice* (S. Fins) *territorio colimbricensi, discurrientibus aquis in Pávia, sub monte Quebranzana.* (Doc. de Alpendurada.) Quanto a *Wilhelmo de Córnes*, vide Atouguia da Baleia.

Ha aqui uma capella de S. Pelagio, ou S. Payo, antiquissima.

CORNICÃES—vide Carnicães.

CORNILLA—vide Trovella (rio).

COROADA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Moura, comarca de Beja.

Situada em uma campina.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 140 alqueires de trigo e 40 de cevada.

É terra fertil. Optima carne de porco.

Réga esta freguezia o rio Fontalga..

Foi supprimida ha muitos annos.

CORONADO (S. Mamede de)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administratiivo do Porto.

Era antigamente da comarca e terrmo do Porto, concelho da Maia.

Era dos monges benedictinos dee Santo Thyrso.

O papa, o bispo do Porto e o abbbade de

S. Romão de Vermuim apresentavam alternativamente, (*tendo cada um seu mez,*) o abbade, que tinha 600$000 réis de renda.

É terra fertil. Muito gado.

O abbade de Vermuim tinha obrigação de vir aqui assistir á missa, no dia de S. Mamede, *com todos os seus creados, cavalgaduras, cães e gados* (!) dando de jantar a todos o abbade de Coronado, e offerecia ao de Vermuim (que estava de sobrepeliz e estola) sete varas de *bragal*, que este media, acceitava e tornava para a sua terra.

CORONADO (S. Romão de)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos. Orago S. Romão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Como a antecedente, era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia.

A egreja é no logar da Mâmoa. O ordinario e o collegio dos jesuitas d'Evora apresentavam o abbade (collado) que tinha 320$000 réis. Desde 1759 até 1834, só ficou pertencendo a apresentação ao ordinario.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do padroado real.

Passa aqui o rio de S. Romão.

É terra fertil. Muito gado.

CORPO DE DEUS (festa do) — Foi decretada pelo papa Urbano IV, poucos dias antes da sua morte, a 8 de setembro de 1264. Mas já desde 1246 que ella se celebrava em Liege (França) segundo pretendem os francezes, sustentando que aquelle pontifice, julgando esta solemnidade importante para o catholicismo, a generalisou.

Em 1311 foi esta festa um dos pontos submettidos ao concilio de Vienna (no Delphinado) congregado por Clemente V, que estava por esse tempo em Avinhão, e veio presidir a elle. O concilio approvou a festa e ordenou a procissão solemne de *Corpus Chirsti*, que desde logo se generalisou a toda a christandade, e portanto a Portugal, onde então reinava D. Diniz.

Este concilio foi o 15.º geral. N'elle foi supprimida a ordem dos templarios.

Não apparecem noticias circumstanciadas d'esta solemnidade religiosa, desde a sua introducção em Portugal até ao reinado de D. João I, que ordenou que a imagem de S. Jorge acompanhasse a procissão, vestido de ferro, ao uso do seu tempo, e montado em um brioso e bem ajaezado cavallo seguido de um pagem, de um alferes com a bandeira real e de todo o estado da sua casa.

Antigamente a procissão do Corpo de Deus era sumptuosa em todas as grandes povoações do reino; mas em Lisboa e Porto, era deslumbrante e immensa. Na vespera se faziam no Rocio, de Lisboa, varios jogos, folias, outeiros, justas, cavalhadas e outras muitas diversões agradaveis; sobretudo a indespensavel e brilhantissima tourada.

O *estado de S. Jorge* era imponente, pelo numero, qualidade e luxo dos cavalleiros e cavallos. A escolta de S. Jorge era tambem formada de cavalleiros e peões vestidos de ferro.

O juiz do povo, procuradores da cidade, vereadores, magistrados, titulares etc. eram obrigados a fazer parte do préstito.

Todas as *artes e officios* eram representadas n'esta procissão, levando as suas respectivas bandeiras, musicas, jograes, foliões, bailarinos e varios emblemas ou allegorias da sua classe.

Os tres reis magos e outras figuras, representando, bem ou mal, personagens biblicas, eram partes obrigadas da festa; assim como danças de pretos e de mouros. Finalmente era uma procissão interminavel, que todo o mundo á profia se empenhava em abrilhantar, e em que se despendia muita força de dinheiro.

(É notavel que sendo até mouros admittidos n'esta procissão—ou verdadeiros ou fingidos—nunca foram consentidos judeus, ou quem os representasse!

Devemos confessar que n'estas procissões havia muitas cousas ridiculas, outras que procvocavam o riso (o que era impropriissimo d'um acto religioso) e até não poucas cousas indecentes. Nas danças, principalmente, faziam os bailarinos taes cabriolas, taes *trejeitos* e cousas tão improprias de uma

procissão catholica, que, a pedido da camara de Lisboa, foram essas danças abolidas, em 1732.

Pouco a pouco foram cahindo em desuso e esquecimento muitas das allegorias e antigualhas d'esta procissão, até que chegou o seculo das luzes e não só se supprimiu o que era máo; mas a grandeza e sumptuosidade que devia ser sempre o distinctivo de uma das principaes festas do christianismo.

Hoje, graças á indifferença de muitos governantes (e de não poucos governados!) a procissão do Corpo de Deus em todas as terras de Portugal é uma cousa chata, pobre e insignificante.

—

CORRELHAN (antigamente Cornelhan)—freguezia, Minho, comarca e concelho e 1:500 metros ao SO de Ponte do Lima, 35 kilometos a O de Braga 17 ENE de Vianna, 395 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 307 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto da casa de Bragança.

N'esta freguezia é a aldeia de Barros, que foi villa, e alli fez vida penitente Santo Adão ou Eudon (italiano) cujas reliquias se veneram na sua antiga ermida, que está junto ao adro da egreja matriz. Vide Barros.

Outros dizem que foi cidade, com o nome de *Corneliana*, fundada por *Cornelio* de tal, (Vide adiante.) Perdendo a sua primittiva importancia, perdeu tambem, não só a cathegoria de cidade, mas o seu nome, ficando a denominar-se villa, com o nome de Barros. O que é certo é ter Barros sido villa. Vide esta palavra.

Era antigamente do termo de Ponte do Lima, 3.ª parte da visita de Nóbrega e Neiva.

Era da casa de Bragança, á qual pagava o *quinto* (!) dos fructos que recolhessem no couto.

É situada nas margens do Lima e, apesar de não ser abundante de aguas, é muito fertil.

É collegiada antiquissima. O reitor tinha de congrua 40$000 réis, e o pé d'altar, duas terças partes eram para elle e a outra para 6 beneficiados que tinha esta egreja. Tinha além d'isso muito bom passal e casas de residencia, andando o rendimento annual, ao todo, por 240$000 réis. Os beneficiados tinham cada um 40$000 réis, incluindo a al 6.ª parte da 3.ª parte do pé do altar. A todos apresentava a casa de Bragança e o ordinario.

Os beneficiados tinham obrigação de officiar ás missas conventuaes; mas podiam resar os officios divinos, onde quizessen.

Tambem réga esta freguezia o rio Tuella, antigamente chamado Cornila e depois Trovella.

(Quem sabe se seria o rio Cornila que deu o nome ao couto e freguezia da Cornihan?)

Tambem em alguns escriptos antigos se lhe dá o nome de Turuella.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam Corneliana, cuja palavra se corrompeu para Cornelhan, e finalmente para Correlhan.

Diz-se que *Corneliana* era uma cidade, aqui fundada, segundo uns, por Publio Cornelio Scipião, pelos annos 209 antes de Jesus Christo; e segundo outros, por o pretor Publio Cornelio Lenticulo, pelos annos de 60 antes de Jesus Christo.

Quanto a mim, tudo isto são conjecturas. Se é certo ter existido esta cidade, não se sabe quem a fundou, nem quem a destruiu.

—

D. Ordonho II, rei d'Oviedo e Leão, a resgatou do poder dos mouros, no anno 914 de Jesus Christo, tendo elles (mouros) dominado estes paizes por espaço de 200 annos.

Em 915, o mesmo D. Ordonho e sua mulher, D. Elvira, doaram esta freguezia aos bispos de S. Thiago de Compostella.

No anno 1064 de Jesus Christo, D. Fernando (o grande) rei de Leão e castella, e sua mulher D. Sancha, deram a Correlhan (á qual dão o titulo de villa) ao bispo Cresconio d'Iria. Diz assim a doação—«*Facimus hanc scripturam firmatis de hominubus qui venerunt populare ad nostram Vileam quam vocitant Cornelianam ripa Limae, quos Avus noster rex dominus Ordonius testavit Sancto Jacobo, est stat ipsa Villa per terminos de Vulturnio usque in focem de Cornila* (rio

Tuella) *et de rivulo locus que in montem Amior* (No)» etc. etc.

Diogo Tructezendes, Sisnando Annes, Thedon Telles e outros, opprimiram os povos d'esta freguezia, exigindo-lhes rendas e tributos excessivos e indevidos, pelo que os da Correlhan se queixaram a D. Fernando, o Grande, que expediu uma carta contra os oppressores. Estes, porem, eram muito poderosos, e o rei estava longe (em Leão) pelo que não fizeram caso de tal carta.

Ainda continuavam as extorções quando o nosso conde D. Henrique e sua mulher tomaram conta de Portugal, em 1093. Os opprimidos se lhes queixaram, e D. Henrique expediu uma provisão (tambem assignada por sua mulher) datada de Guimarães, a 18 de dezembro de 1097, raetificando a carta regia de D. Fernando, e comminando severas penas aos que d'alli em diante pretendessem extorquir individamente ao povo, fóros e alcavalas.

Era então ultimo bispo e primeiro arcebispo de S. Thiago de Compostella, D. Gelmires, e elle e seus successores possuiram este padroado pacificamente.

Em 10 de julho de 1324, D. Diniz, lhe confirmou os privilegios, em Santarem, a pedido de D. Berenguer, arcebispo de S. Thiago, o qual alli viera por ordem do papa João XXII, tractar de compor o rei com seu filho D. Affonso, depois IV do nome. Este tambem confirmou aquelles privilegios, em 1335.

—

Em 1426, D. Affonso, conde de Barcellos, comprou esta freguezia ao bispo gallego, por *duas mil coroas d'ouro do cunho de França*, incluindo n'esta venda e quantia, os coutos de Mouquim, Nogueira e Gonduffe e as herdades de Bertiande. É por isso que veio a pertencer á casa de Bragança.

—

Esta freguezia pagava aos bispos de S. Thiago o 5.º, de todos os fructos, e depois da referida venda os ficou pagando aos condes de Barcellos, e depois á casa de Bragança, para onde este condado passou e na qual foi incorporado.

Este cruelissimo pagamento do quinto (que vinha a ser *disimo dobrado)* o fez a freguezia até 1834, *mas não pagava mais nada;* pois que por este pesadissimo tributo, gosavam em troca os moradores da Correlhan, dos muitos e grandes privilegios de reguengueiros da casa de Bragança, que eram, isenção de pagarem peitas, fintas, *talhas* ou *pedidos e outros quaesquer tributos reaes.* Não podiam ser obrigados a acompanhar prêsos, ou dinheiros publicos; não podiam ser obrigados a tutellas, senão dos reguengueiros; não podiam ser obrigados a servir qualquer cargo publico nem pessoa alguma *de qualquer condição que fosse* podia pousar em suas casas, nem lhes tirar *adegas e cavalhariças* (vinho ou bêstas) pão, roupa, gallinhas, palha, lenha, ou outra qualquer cousa contra sua vontade, *sob pena dos encoutos e de seis mil soldos.*

Todos estes privilegios, fóros, regalias e isenções, foram rigorosa e religiosamente guardados até ao fim do reinado de D. João IV; e se depois algumas das *isenções* se foram deixando de observar (talvez por generosidade do povo) sempre se observaram a maior parte d'ellas: e, quanto mais, nunca o abuso do poder podia ser lei.

O *terremoto* politico de 1834, que destruiu tanta cousa bôa, aniquillou todos estes fóros e privilegios, e lá n'isso fez bem, porque todos os portuguezes ficaram com direitos e deveres eguaes.

Ora, cessando todas as isenções e grandes privilegios d'estes reguengueiros, pela *nova ordem de cousas*, cessou natural, conscienciosa e legalmente a obrigação do barbaro e anachronico pagamento do *quinto*, que era pago sob condição de lhes serem rigorosamente guardados seus privilegios.

De mais a mais, esse quinto foi extincto pelo decreto de 13 de agosto de 1832 e lei de 22 de junho de 1846; ficando os *caseiros* da casa de Bragança gosando sómente os direitos communs aos mais portuguezes, e sujeitos ao pagamento dos mesmos tributos, o que é justissimo.

É incontestavel que estes fóros (o *quinto*) são uma *doação regia*, pois existe a doação de D. Ordonho, em que já fallei.

Não obstante todas estas razões da mais facil intuição, a casa de Bragança (cujo

actual possuidor é neto do que fez o decreto de 13 de agosto de 1832, e filho da que assignou a lei de 22 de junho de 1846) quiz reduzir esta bella e rica freguezia, (e outras muitas mais) á condição de *servos de glêba*, e por consequencia á miseria; demandando-a agora pelo absurdissimo tributo do quinto.

Adiante fallo da *concordata* feita entre o povo e o almoxarifado.

Em 915 (como já disse) D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza doou a villa da Corneilhan, á egreja de S. Thiago de Compostella, em satisfação de 500 *numos* (moedas) que seu pae, D. Affonso III, havia legado ao santo apostolo.

No tomo 3.º das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, a folhas 463 v. e seguintes, se acham varios documentos curiosos, relativos á villa da Correlhan, junto a Ponte de Lima.

A egreja matriz (que foi primeiro dedicada a Santo Eudon) é antiquissima, o que facilmente se deprehende da sua architectura. A cimalha exterior tem esculpidas cabeças de animaes descenhecidos, ou, mais certamente, que só existiram na cabeça do canteiro que os fez.

Fica esta egreja ao cimo da freguezia, e na sua extremidade. É vasta, mas está em grande abandono e desmasêllo, pela incuria dos parochos e freguezes, que pouco ou nada curam da sua conservação e accio.

A L. da egreja, na vertente O. da serra da Nó, ha uma boa egreja dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte. Está edificada em um dos mais bellos e pittorescos sitios da Beira-Lima, e d'alli se gosam deliciosas vistas, descobrindo-se uma vasta extensão de territorio (mais de 45 kilometros quadrados) desde as serras de Soájo até á barra de Vianna. (Vide Nó.)

Ao NO. e ao O. se vê deslisar o famoso e poetico Lima, estendendo-se na sua margem esquerda a formosa e feracissima Veiga da Correlhan, com 5 kilometros de extensão, que o Lima rega e fertilisa com os *nateiros* que n'ella deposita no fim do inverno.

N'esta veiga appareceu em junho de 1871 uma moeda de ouro, gothica, do tamanho dos nossos actuaes 2$000 réis. O ouro é de 22 quilates e a moeda de fórma circular e com o peso de meia gramma. O seu valor real é de, 837 réis. É do rei Recaredo, irmão e successor de Hermenegildo e filho de Leonegildo. Tem de ambos os lados a effigie de Recaredo, em má esculptura. De um lado tem a legenda, *Reccaredus re* (não tiveram espaço para pôr o *x*, para dizer *Rex*) e do outro, *Toletus pius*. É uma das moedas que Recaredo mandou cunhar em memoria do 3.º concilio Toletano, em que elle abjurou a herezia ariana, em 589. Tem pois esta moeda 1285 annos.

Este rei chamava-se Flavio Recaredo (ou Ricaredo.) Sendo seu pae ariano, mandou matar seu filho Hermenegildo (irmão de Recaredo) por ser catholico. Recaredo, depois de convertido á fé catholica, foi um grande defensor d'ella e seu missionario.

Diz-se que foi assento da villa de Ponte de Lima, por algum tempo.

É tambem muito antiga esta egreja de Nossa Senhora da Boa Morte, mas ignora-se, como a egreja matriz, a data da sua fundação. Sabe-se sómente que a primeira festa que aqui se fez á Senhora da Boa Morte, foi em 1696.

O interior da nave é formado em arcaria e na capella-mór, no logar da tribuna, ha uma galeria elegantemente envidraçada, para onde se vae pelo centro da parede da capella-mór, onde estão todos os apostolos em vulto e de estatura collossal, que incutem terror a quem os vê inesperadamente.

Tem mais duas capellas: uma particular, e outra publica, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; edificada em bella posição, no tope de um môrro, ao N. da egreja matriz, avistando-se d'alli um vasto e formosissimo panorama.

Emfim, a Correlhan é uma bella, rica e fertilissima freguezia do Minho; extensa, populosa, sadia e notavel por tudo quanto fica dito. (Vide Ponte de Lima.)

—

Ha aqui vestigios de fortificações romanas e teem apparecido cippos com inscripções latinas.

A freguezia da Correlhan parte com a de

Ponte do Lima; e no fim do caes, junto á capella de Nossa Senhora da Guia, no sitio do Buraco estão (ou estavam) os marcos do couto de Correlhan. Esta freguezia fica sobre a esquerda do rio Lima, em frente de Arcozèllo, que é na margem direita.

—

A Correlhan tinha foral velho, dado pelo bispo de S. Thiago em 1120, confirmado por D. Thereza, mãe de D. Affonso I, no mesmo anno. Chamava-se então, e ainda em 1510, *Cornelhan*. No reinado de D. Manuel chegou-se a fazer processo para o foral novo, que se não concluiu. (Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11.º, n.º 28.)

Os da Correlhan devem mandar examinar no archivo da Torre do Tombo, no sitio indicado, o processo para o seu foral; pois n'elle certamente hão de achar documentos que provem a sua justiça contra a exigencia ex-temporanea dos advogados e almoxarifes da casa de Bragança.

A ribeira (veiga) da Correlhan é na margem do Lima. Basta dizer-se isto para se saber que é um dos mais bellos sitios de Portugal. É uma planicie, sem o menor accidente, de uns 4 kilometros de comprimento.

Aqui o formosissimo Lima se deslisa plácido, limpido e sereno, sobre o seu leito de areia; mirando-se em suas aguas, bellas casas e frondosos arvoredos. (Vide Lima.)

—

Ao N. do adro da egreja matriz, mas dentro d'elle, está a capellinha de Santo Eudon, ou (como querem outros) *Abdon*, um dos tres romeiros italianos, que vindo da peregrinação de S. Thiago de Compostella, por estes sitios ficaram fazendo vida eremitica.

É uma ermida antiquissima, cuja cimalha exterior é ornada de carrancas grosseiras, de animaes fantasticos e impossiveis.

—

Ha n'esta freguezia a casa do *Paço*, com uma capella antiquissima, que foi dos primeiros senhores d'este couto.

Era aqui n'este paço que se guardavam os *quintos* dos fructos, para a casa de Bragança.

—

Vimos como o povo d'esta freguezia obteve muitos e grandes privilegios, que *compraram* pelo quinto dos seus fructos; mas ficando isentos de pagarem mais casta alguma de tributos. Mas, aconteceu-lhe no seculo XIX, o mesmo que no seculo X lhe havia acontecido com Diogo Tructesendes e os outros, ou ainda peior. Então tinham contra si uns poucos de senhores ambiciosos e rapaces: hoje tem a maior casa de Portugal e uma das mais ricas da Europa.

Em 1858 (ou 1859) a administração da casa de Bragança, pôz em juizo a acção contra os lavradores da Correlhan. Estes allegaram em seu favor todos os fundamentos pelos quaes se evidenciava que entre os originarios senhores e vassallos, havia uma simples e clarissima *troca* de onus e proveitos: que davam os *quintos* e recebiam os *privilegios* e *isenções*. Que cessando estes, tinham incontestavelmente terminado aquelles.

Assim o entenderam os integerrimos julgadores da primeira instancia; mas não os da ultima, que condemnaram os lavradores ao pagamento.

O administrador da casa de Bragança (doendo-lhe talvez a consciencia por tamanha extorção) propoz aos lavradores, ou o *perdão* (!) dos fóros atrazados, com obrigação do exacto pagamento dos futuros, ou a remissão por uma vez, a dinheiro.

Collocados n'este desgraçado *dilêma*, tiveram de optar por a segunda proposta, e remirem os *quintos*.

Já se vê que esta, até então rica freguezia, ficou assolada, e serão precisos muitos annos para recuperar a sua antiga prosperidade.

CORROIOS ou **CORROYOS** e **AMORA**— freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) comarca de Almada, concelho do Seixal, 18 kilometros ao S. de Lisboa.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Setubal, termo de Almada.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 100$000 réis, pagos por a freguezia.

É terra muito fertil. Muito bom vinho, e bella situação.

Passa aqui o rio do seu nome, que se mette no braço do Tejo, da Amóra.

Esta freguezia está actualmente annexa á da Amóra (e por isso se lhe dá o nome de *Amóra e Corrôios*). Vide Amóra, Arrentella e Seixal.

CÓRTE, CURTE ou **CURTO**—portuguez antigo (do latim *cors* ou *cohors*) é propriamente um páteo rustico e descoberto, cercado de curraes, manjadouras ou cobertos em que se recolhem gados, e onde se cevam, criam e multiplicam. Nas provincias do norte diz-se *córte*.

Na baixa latinidade, *cortis* e *curtis*, se tomavam por um casal, villa, quinta, abegoaría, predio rustico, horta, quintal e tambem *alcaría*, com todo o preciso para a lavoura. Tambem significava o arrabalde de uma grande povoação e o pavilhão, tenda ou barraca do rei ou do general do exercito. Chama-se tambem *córte* ou *curte* ao alpendre, portico, galilé e pateo coberto, defendido das chuvas. Hoje chama-se tambem *córte*, ao logar onde o rei e a sua casa e familia assistem.

CÓRTE CABREIRA—vide Aljezur.

CÓRTE DO PINTO—freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Mértola, comarca de Ourique.

O arcebispo de Evora, e depois o bispo de Beja, apresentavam o cura, que tinha tres moios de trigo.

Fertil em trigo, centeio e cevada.

Situada proximo da serra de Mértola.

Passa aqui a ribeira de Chança.

Ha mais em Portugal nove aldeias com o nome de *Córte*.

Preciso fazer uma advertencia sobre as palavras *Córte* e *Córtes*, vem a ser—se em algumas povoações que têem um d'estes nomes significa *curral de gado*, na maior parte d'ellas significa *cohorte* (corpo militar dos romanos, e depois—á imitação d'elles—sobre tudo, desde o tempo de Sertorio—tambem os lusitanos se organisaram por *cohortes*). Tambem se dava o nome de *cohorte* ao sitio em que ella fazia o seu assento ou acampamento.

Os romanos tambem fundavam colonias com uma *legião* ou com uma *cohorte* das suas tropas. A estas colonias se dava umas vezes o nome do seu chefe, outras o nome dos seus imperadores, pretores ou proconsules, e finalmente a outras se lhe dava simplesmente o nome de *cohorte* numero tantos, ou *cohorte* de fulano.

CORTEGAÇA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mortágua, 30 kilometros de Coimbra, 235 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Mortágua, comarca de Viseu.

O prior de S. Miguel da Marmelleira, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

É terra fertil em centeio e azeite; do mais mediania.

Parte d'esta freguezia era dos cavalleiros de Malta, e gosava dos grandes privilegios dos caseiros d'esta Ordem.

CORTEGAÇA—villa pequena, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 6 kilometros ao S., 24 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

O seu primeiro nome foi *Cortegáda*.

Situada em terreno levemente accidentado, mas com muitos valles cultivados e ferteis, proximo do Oceano.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo da Feira.

É da casa do infantado.

O papa, o bispo e os frades cruzios de Grijó apresentavam o abbade, collado, que tinha 600$000 réis.

É terra muito fertil em toda a qualidade de fructos, abundantissima de peixe do mar e cria muito gado. Tem muitos pinhaes, que dão bom rendimento.

Era couto, com juiz ordinario, escrivão e mais officiaes. A villa actual não passa de uma boa aldeia, e já nem se lhe dá o nome de villa.

E' povoação muito antiga, pois já em 922 foi doada a egreja de S. Miguel de Cortegada ao mosteiro benedictino de Castromire. Vide Crestuma. Como se vê, o seu primeiro padroeiro, foi o archanjo S. Miguel, depois passou a ser S. Martinho, bispo, e hoje é Santa Marinha. Não pude saber a razão d'estas deposições e substituições.

Passa aqui o rio Cortegaça, que nasce em S. João de Vér (distante 5 kilometros) e morre na lagôa de Esmoriz, com 6 kilometros de curso. Réga e móe.

Ha mais 5 aldeias chamadas *Corte aça*.

CÓRTES — povoação do Minho, freguezia e arrabalde contiguo a Villa Nova da Cerveira, comarca de Vallença, 60 kilometros a ONO. de Braga, 8 a NE. de Caminha, 18 a O. de Vallença, 25 a NO. de Vianna, 440 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

O orago da freguezia é S. Cypriano. Antigamente S. Cibrão (vide Cibrão) mas a matriz é em Villa Nova da Cerveira.

E' povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos romanos antes da era vulgar. Provém-lhe o nome (corrupto vocabulo) da cohorte romana que aqui tinha o seu quartel e da qual era tribuno Lucio Venancio. (Vide Cohórte e Córte.)

Aqui nasceram, ou pelo menos aqui moravam (quando chegou o corpo do apostolo S. Thiago a estes sitios, para hir para a Galliza, trazido por seus discipulos, pelos annos 50 de Jesus Christo) Santa Celerina e seu marido, que eram christãos e foram martyrisados, sendo imperador o feroz Nero.

E' tradição que foi aqui a primittiva villa de Villa Nova da Cerveira, com o nome de Cohorte. Attesta a veracidade d'esta tradição, não só a antiguidade manifesta da maior parte das casas das Córtes, formando uma rua, como as ruinas de varios edificios antiquissimos, e os alicerces de muros que se vêem nas suas immediações, sobretudo em Vallinhas.

Tambem ainda hoje aqui se vê uma pedra com um espigão de ferro, que, segundo a tradição, foi a *picota* da antiga villa. *Picota* é o mesmo que pelourinho. Antigamente enforcavam-se os criminosos nas *picotas* (nas terras onde não havia forca) e por isso se toma esta palavra por forca. No Espirito Santo, ha alicerces, que é tradição serem de um antiquissimo castello. E' esse sitio muito alto e alcantilado. Nos sitios da Leira e Matta do Valle, aqui proximo, tambem ha vestigios de antigos edificios.

Pelos annos 700 de Jesus Christo, existia no sitio da actual villa (Villa Nova da Cerveira) uma povoação de origem romana, tambem antiquissima, chamada Cervária. Entrando por esse tempo, pela foz do Minho, alguns navios de normandos, ou gascões, fundaram ou reedificaram algumas povoações das duas margens d'este rio.

Agradou-lhes a bonita e fertil situação de Cervária, e n'ella se estabeleceram, augmentando-a e fortificando-a. [1]

Foi-se a povoação estendendo para o norte da egreja matriz, e pela margem do rio Minho, e pouco a pouco abandonando a parte mais alta e desabrida da villa (na encosta da serra) até que a antiga Cervária dos romanos se foi povoando, e lhe deram a denominação de Villa Nova da Cerveira.

Judiciosamente escolheram esta posição, porque é uma formosissima e fertil planicie, contigua á margem esquerda do rio. (Vide Villa Nova da Cerveira.)

Em poucos annos se formou aqui uma povoação que, annullando a antiga, attrahiu para esta os tribunaes e residencias das auctoridades.

CORTES — da nação portugueza.

Nenhuma nação do universo póde apresentar uma serie de reis tão sollicitos em ampliarem, defenderem e felicitarem a sua patria, como a portugueza. É por isto que os heroicos filhos d'esta terra abençoada, sustentaram uma guerra de 157 annos contra as disciplinadas, numerosissimas e aguer-

[1] D. Diniz, em 1317, deu maior desenvolvimento á nova villa e suas fortificações, como mais detidamente direi em Villa Nova da Cerveira.

Parece que no seculo X ou XI, se dava o nome de S. Cibrão (Cypriano) á povoação de Córtes, por ser S. Cypriano o seu padroeiro.

ridas legiões agarenas, até as expulsar para além do Atlantico; tendo muitas vezes de combater simultaneamente, e de vencer em batalhas sanguinolentas, os arabes, leonezes, gallegos e castelhanos.

Os nossos antigos reis, não satisfeitos de libertarem a terra portugueza do dominio mourisco, foram em pessoa atacar e destruir os ferozes africanos nos seus proprios covis, conquistando-lhes praças e territorios, não tendo por trincheiras e baluartes mais do que a sua fé acrisolada, a fortaleza de seus braços, a robustez de seus peitos e a fidelidade dos seus vassallos ao seu Deus, aos seus reis e á sua patria.

A sagrada bandeira das quinas lusitanas, ergueu-se e ondeou ovante sobre as torres e mesquitas de Ceuta, Arzilla, Tanger e outras praças de guerra da Africa occidental e oriental.

Mais tarde, a santa bandeira de Ourique tremulou victoriosa nos castellos e minaretes da Asia, como nos sertões da America e da Oceania.

Por toda a terra, emfim, os portuguezes invenciveis levaram e implantaram a religião do Crucificado, e fizeram temido e respeitado o nome de Portugal.

«E se mais mundo houvesse, lá chegára.»

Os reis portuguezes, reconhecidos ao valor inimitavel, á lealdade sem mancha e á dedicação heroica de seus povos, pagavalhes não só em honras, privilegios e preeminencias, aos que mais se distinguiam n'estas guerras titanicas; mas em promoverem o bem estar e a prosperidade moral e material de todos.

Se uma ou outra vez alguns reis portuguezes tiveram suas veleidades de despotismo, não se póde sustentar com fundamento que elles foram despotas, nem mesmo absolutos; porque acima d'elles foi quasi sempre considerada a lei e as côrtes.

Bastos exemplos nos offerece a historia, de varões illustres, que souberam aliar o respeito e fidelidade ao seu rei, com a linguagem franca, positiva e desassombrada da verdade.

Residiu sempre no povo portuguez o direito incontestavel de dar e tirar a corôa, elegendo ou depondo, segundo a sua vontade.

Quem deu o direito de reinar, a D. Affonso I, D. Affonso III, D. Manuel, D. João I e D. João IV?—O povo.

Quem depôz a D. Sancho II, a D. Beatriz, aos filhos de D. Ignez de Castro e a D. Affonso VI?—O povo.

Que rei de Portugal despresou ou desobedeceu ás leis fundamentaes da monarchia, feitas pelas côrtes?—Nenhum.

A convocação dos *Tres Estados* (clero nobreza e povo) foi sempre a prova mais concludente dos direitos do rei para com o povo, e d'este para com aquelle; e as leis promulgadas em côrtes foram sempre mantidas e acatadas.

—

Noventa e nove vezes foram convocadas as côrtes portuguezas desde 1143 até 1828. Mencionarei o anno, localidade e motivo d'essas convocações, e quem as presidiu.

—

1.as *Lamego* (na egreja de Almacave) 1143, presididas por D. Affonso Henriques.

N'ellas se promulgaram quatro leis fundamentaes, sobre a successão da corôa; duas sobre o modo de adquirir ou perder a nobreza e sete sobre a administração da justiça.

Os castelhanos foram os primeiros (principalmente D. Nicolau Fernandes de Castro) que se lembraram de discutir a authenticidade d'estas côrtes, em 1640. Nos nossos dias, tambem alguns portuguezes fizeram, debalde, côro com os castelhanos.

2.as *Coimbra*, 1211, D. Affonso II.

Estabeleceram juizes e fizeram varias leis para a administração da justiça.

3.as *Leiria*, 1254, D. Affonso III.

Fizeram-se varias leis civis e penaes e concederam-se varios privilegios a Santarem e Villa Nova de Gaia.

4.as *Santarem*, 1263, D. Affonso III.

Promulgação de varias leis, para repressão de abusos e delictos, e para a entrega dos bens pertencentes ás egrejas.

5.as *Guarda*, 1283, (?) D. Diniz.

Responde-se ás queixas feitas pelos prelados do reino ao pontifice Nicolau IV.

6.as *Lisboa*, 1285, D. Diniz.

Decidiu-se (em vista do requerimento dos donatarios e dos concelhos) se procedesse a inquirições sobre *honras* e devaças do reino.

7.as *Lisboa* (2.as) 1289, D. Diniz.

N'ellas prometteu o rei, guardar os 40 artigos de Roma, segundo a Bulla do papa Nicolau IV.

8.as *Guimarães*, 1308. D. Diniz.

Em que se tornaram a limitar as comedorías dos fidalgos, nas egrejas e mosteiros de que eram padroeiros, excluindo os illegitimos, etc. Mandou-se devassar das fidalguias e *honras* que alguns usurpavam na provincia do Minho.

9.as *Lisboa* (3.as) 1323, D. Diniz.

Para corrigir a falta de administração de justiça, e outros objectos de interesse publico.

10.as *Evora*, 1325, D. Affonso IV.

Fizeram-se leis sobre os direitos dos padroeiros das egrejas e mosteiros. Sobre o traje dos judeus, mouros e christãos. Mandou-se proceder a inquirições sobre *honras* e coutos. Tratou-se tambem de outros varios objectos.

11.as *Santarem* ((2.as) 1331, D. Affonso IV.

Foram apresentados pelos procuradores dos concelhos, varios *aggravamentos* a que se providenciou, com novas leis,

12.as *Santarem* (3.as) 1334, D. Affonso IV.

Fizeram-se varias leis e approvou-se o projecto do casamento do principe D. Pedro, com a infanta D. Constança.

13.as *Coimbra* (2.as) 1335, D. Affonso IV.

Mandou-se conservar provisoriamente á egreja do Porto a jurisdicção sobre a abertura e execução dos testamentos, com exclusão dos ministros regios.

14.as *Santarem* (4.as) 1340, D. Affonso IV.

Publicaram-se oito leis de interesse geral, N'estas se queixaram os povos dos delictos dos padres.

15.as *Lisboa* (4.as) 1352, D. Affonso IV.

Fizeram varias leis.

16.as *Elvas*, 1361, D. Pedro I.

N'ellas propôz a cleresia 33 artigos com respeito a objectos ecclesiasticos.

17.as *Coimbra* (3.as) 1370, (?) D. Fernando I.

Tratou-se de varios objectos.

18.as *Lisboa* (5.as) 1372, D. Fernando I.

Foram apresentados 101 artigos geraes, sobre differentes ramos da administração publica.

19.as *Porto*, 1373, D. Fernando I.

Foram presentes 19 artigos geraes sobre cousas do Porto e Coimbra, a que se deram providencias.

20.as *Leiria* (2.as) 1373, D. Fernando I.

Foram apresentados 25 artigos geraes, a que se providenciou.

21.as *Athouguia*, 1376, D. Fernando I.

Leis regulamentares sobre a jurisdicção dos donatarios. Concederam-se varios privilegios; e se deram differentes providencias a bem da navegação e commercio maritimo d'estes reinos.

22.as *Coimbra* (3.as) 1385, D. João I.

O mestre de Aviz (6 de abril) foi acclamado rei. Fizeram-se leis sobre varios ramos da administração publica.

23.as *Porto* (2.as) 1387, D. João I.

Concedeu-se aos clerigos d'Evora a isenção do pagamento da *redísima*, pelos seus beneficios; e se tomaram outras providencias.

24.as *Coimbra* (4.as) 1387, D. João I.

Lançaram-se sizas geraes, por um anno, para as despezas da guerra.

25.as *Braga*. 1387, D. João I.

Obrigaram-se os povos a pagar sizas dobradas, por um anno, para as despezas da guerra.

26.as *Lisboa* (6.as) 1389, D. João I.

Foram apresentados 24 artigos geraes, sobre diversos objectos.

27.as *Coimbra* (5.as) 1390, D. João I.

Foram apresentados sete artigos geraes, sobre varios assumptos.

28.as *Evora* (2.as) 1391, D. João I.

Nas quaes foi jurado o infante D. Affonso. Requereu-se que se fizessem estalagens pelo reino. O concelho de Coimbra requereu a confirmação do privilegio que lhe tinha sido outhorgado nas côrtes de Braga, contra os alcaides da mesma cidade; e que os escrivães seculares podessem escrever nas audiencias ecclesiasticas de Braga.

29.as *Lisboa* (7.as) 1391, D. João I.

Sobre negocios relativos ao concelho do Porto e outros.

30.as *Viseu* 1391 D. João I.

Foram apresentados sete artigos geraes, do concelho de Santarem; 12 artigos geraes do concelho de Coimbra; e 17 do concelho do Porto, aos quaes todos se providenciou.

31.as *Coimbra* (6.as) 1394,—1395, D. João I.

Foram apresentados diversos artigos geraes, sobre que se discutiu e deram providencias.

32.as *Coimbra*, (7 as) 1398, D. João I.

Foram apresentados 36 artigos da nobreza, a que se providenciou.

33.as *Porto*, (3.as) 1398, D. João I.

Sobre varios objectos de utilidade publica.

34.as *Coimbra*, (8.as) (1400) D. João I.

Foram presentes 6 artigos geraes a que se providenciou.

35.as *Guimarães*, (2ss) 1401, D. João I.

Seis artigos geraes sobre negocios publicos de Coimbra.

(Estas cortes são as ultimas que se dividem por artigos.

36.as *Lisboa*, (8.as) 1404, D. João I.

Sobre fintas do Pórto e outras povoações.

37.as *Santarem*, (5.as) 1406, D. João I.

Sobre varios objectos de interesse geral.

38.as *Evora*, (3as) 1408, D. João I.

Sobre a casa dos infantes e providenciando sobre os reparos das fortalezas do reino, para o que se consignou as terças dos concelhos (para os reparos.) Tambem se tratou sobre cousas da nobreza.

39.as *Lisboa*, (9.as) 1410, D. João I.

Legislou-se sobre 22 capitulos geraes.

40.as *Lisboa* (10as) 1412, D. João I.

Legislou-se sobre trez capitulos especiaes sobre cousas da cidade do Porto, e sobre 5 do concelho de Santarem.

41.as *Lisboa*, (11.as) 1414, D. João I.

Sobre cousas do Porto.

42.as *Estremôz*, 1416, D. João I.

Varias providencias tomadas a favor do *Porto*, *Coimbra* e *Santarem*.

43.as *Lisboa*, (12.as) 1417 D. João I.

Legislou-se sobre cousas pertencentes ao commercio do Porto.

44.as *Santarem*, (6.as 1418, D. João I.

Em que se estabeleceu o *pedido e meio* (mais 50 %) para cuja cobrança se fez um regimento especial.

45.as *Lisboa*, (13.as) 1427, D. João I.

Legislou-se sobre 60 capitulos geraes, sobre diversos objectos da administrcção publica.

46.as *Santarem*, (7,as) 1430, D. João I.

Legislou-se sobre seis capitulos geraes e especiaes.

Em uma das reuniões de côrtes, que tiveram logar durante o reinado de D. João I, requereram os procuradores que se reunissem em um só corpo todas as leis que andavam dispersas, o que era prejudicial á bôa administração da justiça. Ignora-se porem em qual das reuniões foi feito esse requerimento.

47.as *Leiria*, (3.as) e Santarem (8.as) 1434, D. Duarte.

Estas cortes foram principiadas em Leiria e terminadas em Santarem. N'ellas foi jurado o sr. D. Duarte, e se decidiram varias duvidas sobre a intelligencia de leis em vigor. Legislou-se sobre 41 capitulos geraes.

48.as *Evora* (4as) 1435, D. Duarte.

Fizeram-se algumas leis sobre um capitulo especial pertencente á villa de Barcellos.

49.as *Evora* (5.as) D. Duarte.

Decretou-se o subsidio de pedido e meio para a expedição d'Africa. Mais se legislou sobre 39 capitulos especiaes.

50.as *Leiria*, (4.as) 1438, D. Duarte.

Deliberou-se que se devia entregar aos africanos a praça de Ceuta, para resgate do Santo infante D. Fernando.

51.as *Torres Novas*, (1.as) 1438, D. Affonso V.

N'ellas se repartiu o governo do reino, em quanto durava a menoridade do rei, e se mandaram fazer cortes todos os annos, com dois prelados, cinco fidalgos e oito cidadãos seculares.

52.as *Lisboa*, (14.as) 1439, D. Affonso V.

Foi entregue todo o governo do reino ao infante D. Pedro, tio do rei, com o titulo de regente.

Teve logar isto nos paços d'Alcoçava.

N'estas cortes se isentaram as cidades e villas cercadas de muralhas, da aposentadoria da côrte, mandando-se para isso fazer *estáus*.

João Rodrigues Taborda e Gonçalo de Sá, procuradores do concelho do Porto, foram os primeiros que requereram n'estas cortes, tirar-se a educação d'elrei, á rainha sua mãe, e entregar-se ao infante regente, como tutor e curador.

Legislou-se tambem sobre 40 capitulos especiaes.

53.as *Torres Vedras*, 1441, D. Affonso V.

N'ellas se approvou o casamento de el-rei com sua prima, D. Isabel, filha do regente; para cujas despezas offereceram os povos um donativo.

Legislou-se sobre 19 capitulos especiaes.

54.as *Evora*, (6as) 1441, D. Affonso V.

Decidiu-se sobre as propostas de Castella, em desagravo da rainha mãe. N'ellas se resolveu que ella fosse privada de tudo quanto tinha n'este reino, e mais n'elle não fosse admittida; offerecendo os póvos varios *pedidos* para as despezas da guerra, que se esperava proxima.

Legislou-se sobre 16 capitulos especiaes relativos aos concelhos do Porto e Coimbra.

55.as *Evora*, (7.as) 1444, D. Affonso V.

Legislou-se sobre quatro capitulos especias.

56.as *Lisboa*, (15.as) 1446, D. Affonso V.

N'ellas o infante D. Pedro entregou o governo a el-rei, depois d'este ratificar o casamento que tinha feito, sendo menor, com a rainha, sua prima; e de ter approvado a administração de seu tio e sogro. O rei lhe incumbiu novamente que continuasse na mesma regencia.

Legislou-se sobre dez capitulos geraes, do concelho do Porto.

57.as *Santarem* (9.as) a 1451, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 30 capitulos geraes.

58.os *Lisboa* (16.as) 1451, D. Affonso V.

Legislou-se sobre varios assumptos de administração publica.

59.as *Lisboa*, (17as) 1455, D. Affonso V.

Tratou-se n'ellas do casamento da infanta D. Joanna, com el-rei de Castella.

Legislou-se sobre 15 capitulos em materias ecclesiasticas, denominados *concordata*.

Mais se legislou sobre seis capitulos especiaes.

60.as *Lisboa*, (18.as) 1455, D. Affonso V.

N'ellas foi jurado o principe D. João (depois II.) Mais se julgou sobre 46 capitulos geraes e especiaes.

61.as *Lisboa*, 1456 (19.as) D. Affonso V.

Legislou-se sobre quatro capitulos especiaes do Porto.

62.as *Lisboa*, (20.as) 1459, D. Affonso V.

N'ellas se principiou a deliberar sobre o modo de extinguir as tenças que se tinham concedido.

Requereu-se a reforma do real archivo, tirando-se d'elle os papeis que se julgassem inuteis, para evitar confusão nas buscas.

Legislou-se sobre 68 capitulos geraes e especiaes.

63.as *Evora* (8.as), 1460, D. Affonso V.

N'ellas se acabou de resolver o meio de extinguirem as tenças impostas, e que muito gravavam a fazenda real; para o que os povos offereceram o donativo de *150 dobras de banda*, pagas em *tres pedidos e meio*.

Legislou-se sobre capitulos geraes e especiaes.

64.as *Guarda* (2.as), 1465, D. Affonso V.

N'ellas se achava a rainha D. Joanna, irman d'el-rei. Tratou-se das propostas da mesma senhora; mas resolveu o rei que, supposta a inconstancia do rei de Castella, se não intromettia n'este negocio.

Legislou-se sobre 38 capitulos geraes e especiaes sobre diversos assumptos.

65.as *Santarem* (10.as) 1468, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 85 capitulos geraes.

66.as *Lisboa* (21as), 1471, D. Affonso V.

N'ellas requereram os procuradores que a rainha D. Joanna entrasse em um convento de Santarem, com o titulo de *Excellente Senhora*, do que se passou instrumento ao concelho de Santarem.

67.as *Coimbra* (9.as) e *Evora* (9.as), 1472 e 1473, D. Affonso V.

Foram principiadas em Coimbra e terminaram em Evora.

N'ellas se decidiram 33 capitulos da nobreza, 14 da fazenda publica, 27 da justiça e 162 chamados *mysticos* (mixtos), 12 capi-

tulos relativos ao concelho de Santarem.

68.as *Evora* (9.as), 1475, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 26 capitulos geraes e 7 do Algarve.

69.as *Arronches*, 1475, D. Affonso V.

N'ellas o principe D. João (depois II) deu homenagem como governador do reino, emquanto durasse a ausencia de seu pae, D. Affonso V, que foi para Hespanna com tenção de ser rei da Peninsula, reunindo as corôas de Portugal e Castella.

70.as *Lisboa* (22.as) 1476, o infante regente, D. João, depois II.

N'ellas foi jurado o infante D. Affonso, primogenito do principe, tendo este de partir para Castella em soccorro de seu pae.

71.as *Monte Mór Novo*, 1477, o mesmo infante regente.

Legislou-se sobre 59 capitulos geraes e especiaes.

72.as *Lisboa* (23.as) 1478, o mesmo infante regente.

Legislou-se sobre 5 capitulos especiaes do concelho do Porto.

73.as *Evora* (10.as) e *Vianna d'Apar de Alvito* (Vianna do Alemtejo), 1481 e 1482, D. João II.

Foram principiadas em Evora e terminaram em Vianna.

Legislou-se sobre 194 capitulos geraes e especiaes, sendo os mais importantes os que dizem respeito aos meios que se deviam empregar para que bem se conhecessem os homens de merecimento para serem empregados no serviço da nação.

Alguns capitulos são applicaveis a refrearem a liberdade do povo; outros a coarctarem o orgulho dos nobres, que abusavam da sua gerarchia, para opprimirem os vassalos.

74.as *Santarem*, 1483, D. João II.

N'ellas se estabeleceu o imposto de 50 milhões de *reaes brancos*, para pagamento das dividas de D. Affonso V.

75.as *Evora* (11.as), 1490, D. João II.

Deliberou-se sobre o casamento do principe D. Affonso com a infanta D. Isabel de Castella, filha e herdeira dos reis de Hespanha. Para as despezas d'este casamento offereceram os povos cem mil cruzados.

Legislou-se sobre 67 capitulos geraes e especiaes sobre varios assumptos.

76.as *Monte Mór Novo* (2.as), 1495, D. Manuel.

N'ellas toma o rei as homenagens do estylo pela sua subida ao throno. Entre outras coisas se legislou sobre as taxas dos generos que se vendiam no reino.

Decide-se a continuação das conquistas do Ultramar.

Não foram estas côrtes instauradas com todas as formalidades do costume, por causa da terrivel peste que então grassava no reino.

77.as *Evora* (12.as) e *Lisboa* (24.as), 1498, D. Manuel.

Principiaram em Evora e terminaram em Lisboa.

Deliberou se sobre a jornada d'el-rei e da rainha a Castella, para serem jurados principes herdeiros d'aquelle reino.

(D. Manuel effectivamente foi jurado, em Toledo, a 28 de abril d'este anno, principe herdeiro de Castella.

D. Manuel tinha casado com a rainha D. Izabel, viuva do nosso principe D. Affonso, filho de D. João II.

A rainha morreu de parto em Saragoça, dando á luz o principe *D. Miguel da Paz*, herdeiro de Portugal e Hespanha.

O rei voltára a Lisboa, deixando em Saragoça seu filho, que morreu de pouca edade; o que fez desvanecer a pretenção de unir as duas corôas e os dois reinos.)

Tambem se deliberou sobre outros objectos, formando tudo 104 capitulos.

78.as *Lisboa* (25.as) 1499, D. Manuel.

Tiveram logar no alpendre do mosteiro de S. Domingos (hoje Santa Justa e Santa Rufina.)

N'ellas foi jurado o principe *D. Miguel da Paz*, como herdeiro da corôa de Portugal (o de que acima trato) e se confirmou a fórma do governo do reino, depois do rei entrar na successão do de Castella. (Tudo

isto se inutilisou com a morte prematura do principe D. Miguel.)

79.as *Lisboa* (26.as), 1502, D. Manuel.

Foram celebradas nos paços d'Alcaçova.

Foi n'ellas jurado o principe D. João (depois III). Os procuradores offereceram vinte contos de réis, para as obras de defeza dos logares de Africa, que os portuguezes, commandados por D. Affonso V, tinham conquistado aos mouros.

80.as *Torres Novas* (2.as), 1525, D. João III.

(Foram convocadas para Thomar; porém celebraram-se em Torres Novas.)

N'ellas offereceram os póvos ao rei 150 mil cruzados para o casamento da infanta D. Izabel com o imperador Carlos V. (Ella foi a mãe de Philippe II de Castella.)

Legislou-se ainda sobre outros diversos objectos.

81.as *Evora* (13.as), 1535, D. João III.

N'ellas foi jurado o principe D. Manuel (que morreu menino.)

Os póvos offereceram 100:000 cruzados para as despesas do estado.

Legislou sobre 31 artigos geraes e especiaes, sobre diversos assumptos de administração publica.

82.as *Almeirim*, 1544, D. João III.

N'ellas foi jurado o principe D. João, pae de D. Sebastião.

Os povos offereceram ao rei cincoenta mil cruzados, para as urgencias do estado.

83.as *Lisboa* (27.as) 1562 e 1563, a rainha regente, D. Catharina, viuva de D. João III.

Foram celebradas nos paços da Ribeira, na presença do rei D. Sebastião, que tinha então 8 annos de edade.

N'ellas se decidiu, a rogos da rainha, entregar-se a regencia ao cardeal D. Henrique, até o rei completar 14 annos. Assentou-se que o rei casasse em França, e que viesse logo a futura rainha, para ser creada com D. Sebastião.

Os povos offereceram para este casamento, cem mil cruzados.

Legislou-se tambem sobre outros assumptos de interesse publico.

84.as *Lisboa* (28as) 1579, D. Henrique.

Os *Tres Estados* fizeram as suas sessões em diversos sitios. Os ecclesiasticos, na Sé; a nobreza, no convento do Carmo; e os procuradores dos povos, no convento de S. Francisco.

N'estas côrtes se tratou sobre a successão do reino, por morte do cardeal-rei, e este escolheu cinco governadores, de quinze que lhe foram propostos, e onze jurisconsultos, para julgarem a mesma successão, de vinte e quatro propostos em segredo, cujos nomes se mandaram depositar em cofre de tres chaves, em logar de confiança, na cidade do Porto, levando-o os seus procuradores.

85.as *Almeirim* (2.as) 1580, D. Henrique.

N'estas côrtes pretenderam os povos, com incontestaveis argumentos, arrogar a si o direito de nomear successor á corôa de Portugal, por morte do cardeal-rei; como consta dos embargos apresentados ao mesmo senhor, por Phébo Moniz, procurador de Lisboa, em nome dos povos.

Para evitar repetições, veja-se o que digo em Almeirim, sobre as côrtes, então aqui convocadas.

86as *Thomar* (2.as) 1581, o usurpador Philippe II, de Castella.

Foram mandadas convocar para Lisboa, porém, por causa da peste que então alli grassava, se transferiram para Thomar.

N'ellas se fez D. Philippe reconhecer como rei de Portugal e o principe D. Diogo, seu filho, como herdeiro da corôa portugueza,

Foram excluidos d'estas côrtes os verdadeiros portuguezes, que se não tinham vendido ao ouro castelhano.

Ha impressos d'estas côrtes, de triste memoria, 47 capitulos dos povos; 23 da nobreza e 18 do estado ecclesiastico. Ha mais 25 capitulos contendo as graças, privilegios e mercês feitas aos povos, o que tudo o usurpador, por si e seus descendentes, jurou cumprir e guardar; mas que todos despresaram, conservando-nos por 60 annos na mais insupportavel escravidão.

87.as *Lisboa* (29.as) 1583, o mesmo usurpador.

N'ellas foi jurado o principe D. Philippe (depois III) por ter morrido D. Diogo.

88.as *Lisboa* (30.as) 1616, o usurpador Philippe III.

N'ella foi jurado o principe de Castella, Philippe (depois IV.) Os procuradores queixaram-se contra o abuso que praticavam os fidalgos, dando dotes excessivos a seus filhos.

Legislou-se sobre 48 capitulos geraes e especiaes.

89.as *Lisboa* (30.as) 1641, D. João IV.

Reuniu-se na sala dos Tudescos.

N'ellas foi jurado D. João IV, como rei natural e legitimo dos portuguezes, e seu filho, o principe D. Theodosio, como herdeiro da corôa.

Os estados fizeram divididos as suas sessões: os eccleciasticos, em S. Domingos; os nobres, em Santo Eloy e os procuradores dos povos, em S. Francisco.

O rei declarou extinctos todos os tributos que até alli se tinham pago, e commetteu aos Tres Estados do Reino, o deliberarem sobre os meios da defeza d'elle, e promoverem por todos os meios legaes, a obtenção dos recursos para se occorrer ás despezas da guerra.

Assentou-se levantar 20:000 soldados de infanteria e 4:000 de cavallaria, para as guarnições das praças da raia.

Calcularam-se para isto 800 contos de réis.

Foram consignadas as decimas e *maneios* (decimas industriaes) para se juntar esta quantia; augmentando-se tambem os direitos da carne e vinho. Os ecclesiasticos foram excluidos das decimas; mas occorreram com valiosos donativos para a guerra santa da independencia da patria.

Para a boa cobrança e administração d'estes tributos e dos donativos voluntarios, se erigiu a Junta dos Tres Estados.

Os procuradores do povo offereceram, em nome dos seus constituintes, 800:000 cruzados para ajuda das despezas da guerra.

Finalmente, n'estas côrtes se decidiram muitos e differentes regulamentos, leis e regimentos, sobre muitos ramos da administração publica, principalmente sobre cousas militares, em vista da guerra encarniçada que nos moviam os castelhanos.

90.as *Lisboa* (32.as) 1642, D. João IV.

Convocadas nos paços da Ribeira.

Os Tres Estados fizeram divididos as suas sessões, nos mesmos logares que as antecedentes.

N'ellas se requereu contra alguns ministros de el-rei, e especialmente contra o secretario Francisco de Lucêna. Assentou-se serem precisos, para sustentar a guerra com Castella, dois milhões e 400:000 cruzados, pagos pelas decimas.

O rei deu 900:000 cruzados para ajuda d'estas despezas.

91.as *Lisboa* (33.as) 1645 e 1646, D. João IV.

Os Tres Estados, deliberando divididos, assentaram serem necessarios, para guarnecerem as fronteiras, 16:000 soldados de infanteria e 4:000 de cavallaria; para cuja manutenção se julgaram precisos 2:150:000 cruzados, que se tiraram do *real d'agua*, de outras consignações e principalmente da decima, de que, por esta vez, nem o clero foi isento.

Nomearam-se novos ministros, para a Junta dos Tres Estados e se deram providencias contra algumas extorções e desordens, nascidas da licenciosidade da guerra.

N'estas côrtes foi tomada Nossa Senhora da Conceição por padroeira do reino de Portugal, com 50 cruzados de ouro, de censo á sua imagem, de Villa Viçosa, e se mandou jurar á Immaculada Conceição da Virgem. (Carta de Lei de 25 de março de 1646.)

Decidiu-se que, só em caso de grande necessidade, se podesse obrigar a hir para as fronteiras a ordenança do reino. (Carta de Lei de 21 de abril de 1646.)

Mandaram-se accrescentar as cizas, para pagamento de um milhão e 500:000 cruzados, dos offerecidos pelos povos, n'estas cortes (C. de lei de 25 de maio de 1646.)

92.as *Lisboa*, (33.as) 1653 e 1654 D. João IV.

Foram convocadas para Thomar, mas depois, decediu o rei fazê-las em Lisboa.

N'ellas foi jurado o principe D. Affonso (depois, o infeliz Affonso VI.)

O estado ecclesiastico fez as suas sessões em S. Domingos, a nobreza, em S. Roque e

os procuradores do povo, em S. Francisco.

Discutiram-se e adoptaram-se os meios de prover ás necessidades da guerra.

Temos d'estas cortes 43 capitulos geraes do estado do povo, e dés capitulos especiaes, para a cidade do Porto.

93.as *Lisboa*, (35.as) 1669. O infante D. Pedro.

O infante D. Pedro tinha tomado o governo e regencia do reino, em 22 de novembro de 1667.

Foi elle que convocou estas cortes. N'ellas é jurado o mesmo infante, regente dos reinos de Portugal e seus dominios (pela incapacidade de seu irmão, D. Affonso VI) e futuro e legitimo soccessor da coroa. (27 de janeiro de 1668.)

Juntaram-se na sala dos Tudescos. Logo no primeiro dia (que foi o dito 27 de janeiro) fizeram a acclamação do infante regente, que alli mesmo prestou juramento.

Os estados fizeram as suas sessões separados, nos mesmos logares das antecedentes.

A 9 de junho, foi o principe jurado governador do reino.

Deliberou-se sobre o seu casamento com a rainha, e se requereu a conclusão da paz com Castella.

Os povos offereceram 400:000 cruzados, por trez annos, e mais 100:000 crusados para as fortificações das praças das fronteiras, cessando porem os mais tributos.

Decidiram-se outras diversas providencias, para a boa administração e cobrança dos impostos e offertas.

94.as *Lisboa*, (36.as) 1674, D. Pedro, regente.

Tambem os tres estados fizeram divididos os seus congressos.

N'ellas se requereu ao regente que desistisse da protecção dos christãos novos e dos interesses que com elles pretendia contratar.

Estabeleceram-se leis sobre o governo do reino e sobre tutellas dos reis, durante a sua menoridade, ou incapacidade.

95.as *Lisboa*, (37.as) 1677, D. Pedro, regente.

Decretaram as pragmaticas de 25 de janeiro de 1677 e de 9 de agosto de 1686.

96.as *Lisboa*, (38.as) 1679 e 1680, D. Pedro, regente.

Auctorisaram a infanta D. Isabel, filha do regente, para casar com o duque de Saboia.

N'ellas se dispensaram as de Lamego, para a mesma senhora não perder o direito ao reino, por casar com estrangeiro. (Foi tempo perdido, porque D. Isabel morreu solteira, em 21 de outubro de 1689.)

97.as *Lisboa*, (39.as) 1697 e 1698, D. Pedro II.

N'ellas foi jurado o principe D. João (depois V.)

Derrogou-se n'estas cortes um capitulo das de Lamêgo, a fim de succeder no reino, o filho do irmão do rei, sem nova eleição. (Lei de 12 d'abril de 1698.)

—

D. Pedro II, só convocou cortes, como regente e no principio do seu reinado, por lhe fazer conta, para os seus interesses e de sua familia. Depois, durante oito annos que ainda reinou, preferiu governar por si mesmo e pelos seus ministros, a ouvir, em pleno e imponente congresso, a vós auctorisada, e sempre attendida, dos trez braços do estado.

Já não precisava da bolsa e do sangue, dos portuguezes, para se sustentar no throno!

—

D. João V. D. José I. D. Maria I, e D. João VI, recusaram a poderosissima, legal e legitima coadjuração dos trez estados: unico dique aos seus injustificaveis desgovernos e despropositos dos reis, e dos seus ministros e validos.

—

Como acabamos de ver, pela frequencia da convocação de cortes, nos reinados dos nossos melhores soberanos, nada importante se dicedia, sem que o clero, a nobreza e o povo fossem consultados.

Depois—e quando as reuniões de cortes eram mais urgentes—vemos deslisar o periodo de 130 annos, sem uma só convoção dos representantes das tres classes da sociedade portugueza.

—

D. João VI, foge, em 1807 (27 de novem-

bro) para o Brazil, abandonando os portuguezes ás rapinas e atrocidades das hordas de Buonaparte.

Todos sabem o que se seguiu.

Mas os nossos alliados que, diga-se a verdade, nos salvaram das garras dos satelites do corso—abusaram da sua posição e com o seu exclusivismo, provocaram a revolução do Porto a 24 d'agosto e de Lisboa, a 15 de setembro, de 1820.

Os inglezes são expulsos de Portugal.

—

98.as *Lisboa*, (40.as) 1820, Institue-se a *Junta provisional do governo supremo do reino*, que decreta a convocação de cortes.

Mas já não foram as verdadeiras, as genuinas cortes portuguezas, que tantos e tão assignalados serviços haviam prestado á nação!

O governo determina que sejam estas novas cortes convocadas pela forma das da revolução hespanhola de 1812.

Todo o povo pedia instantemente a convocação de cortes; mas como ellas sempre haviam sido, e não adoptar as hespanholas, para norma do governo: nem esta qualidade de cortes estava no programma da restauração; por isso houve logo discordias e muitos eleitos (á frente dos quaes estava o patriarcha de Lisboa) recusaram prestar juramento a taes cortes.

O patriarcha foi desterrado para o Bussaco e de lá para França. Os mais do seu partido, ficando voluntariamente privados do seu voto, trataram desde logo de minar o edificio vacilante de 1820.

Eis pois formados os dois partidos que, para desgraça de Portugal, se combatem encarniçadamente ha 54 annos!

Estas cortes são dissolvidas em 1823, sem que da sua convocação e decisões podesse sahir nada util ao reino, pelo defeito organico da sua constituição; e não por falta de varões sabios, eloquentes e patriotas verdadeiros, que soubessem e quizessem promover os interesses da nação.

—

Chegamos ao anno 1828.

Lancemos um veu sobre tudo quanto nos recorde as scenas desagradaveis de que foram actores ambos os partidos politicos então combatentes, e narremos os factos com a mais cautelosa simplicidade, para não desgostar a nenhuma das parcialidades em que se dividem e subdividem actualmente os portuguezes.

—

O sr. D. João VI. morre (officialmente) a 10 de março de 1826; deixando regente do reino a senhora infanta D. Isabel Maria, que devia entregar o governo ao *legitimo herdeiro do throno*.

Abandonando a questão da legitimidade a quem fôr mais competente, limitar-me-hei apenas á narração dos factos, no que diz respeito á materia essencial d'este capitulo, isto é, *ás côrtes que têem havido em Portugal, desde 1143 até 1874*.

—

O sr. infante D. Miguel, desembarca em Belem, a 22 de fevereiro de 1828. Em 26 d'esse mez, em sessão real extraordinaria, e prestado o devido juramento, toma conta da regencia do reino, que a senhora infanta da melhor vontade lhe entregou.

O senhor D. Miguel é rogado pelo senado de Lisboa, pelo alto clero, por quasi toda a nobreza de Portugal, e por grande numero de municipios do reino, para que tome o titulo de rei; mas o infante, seguindo o exemplo de D. João I, manda convocar as *côrtes geraes dos tres estados do reino*.

99.as *Lisboa* (41.as) 1828. O senhor D. Miguel, infante regente. Abertura solemne dos tres estados, no palacio da Ajuda, pelas 5 horas da tarde, do dia 23 de julho, com todas as formalidades do costume das antigas côrtes.

As sessões foram separadas. O clero, reuniu-se na egreja de Santo Antonio da Sé; a nobreza, na egreja de S. Roque; e os procuradores do povo, em S. Francisco da Cidade.

Decidem que a corôa portugueza pertencia ao regente. Dão por nullos os juramentos prestados ao senhor D. Pedro e á carta constitucional, e acclamam rei legitimo e natural d'estes reinos ao infante, com o titulo de D. Miguel I.

Foi a ultima reunião das côrtes dos

tres estados, convocadas segundo o antigo systema portuguez.

Legislaturas que têem havido em Portugal, desde o anno de 1834 até 1874.

*(As que levam o signal * foram dissolvidas antes do termo legal.)*

1.ª * Durou 10 mezes, desde 15 de agosto de 1834, até 4 de junho de 1836. 125 deputados.

* A que foi eleita em seguida, não chegou a reunir-se, em consequencia da revolução de setembro.

2.ª * Durou 15 mezes successivos, desde 18 de janeiro de 1837, até 14 de abril de 1838. 120 deputados.

3.ª * Durou 15 mezes, desde 9 de dezembro de 1838, até 25 de fevereiro de 1840. 142 deputados.

4.ª * Durou 18 mezes, desde 25 de maio de 1840, até 18 de novembro de 1841. 142 deputados.

5.ª Durou 4 annos, desde 10 de julho de 1842, até 20 de abril de 1845. (Foi a primeira completa.) 145 deputados.

6.ª * Durou 4 mezes, desde 2 de janeiro de 1846, até 23 de maio do mesmo anno. 142 deputados.

7.ª * Durou 3 annos e 5 mezes, desde 2 de janeiro de 1848, até 25 de maio de 1851. 142 deputados.

8.ª * Durou 8 mezes, desde 15 de dezembro de 1851, até 24 de julho de 1852. 159 deputados.

9.ª Durou 4 annos, desde 2 de janeiro de 1853, até 20 de julho de 1856. 156 deputados.

10.ª * Durou 15 mezes, desde 2 de janeiro de 1857, até 26 de março de 1858. 162 deputados.

11.ª * Durou 18 mezes, desde 7 de junho de 1858, até 23 de novembro de 1859. 162 deputados.

12.ª * Durou 14 mezes, desde 26 de janeiro de 1860, até 27 de março de 1861. 179 deputados.

13.ª Durou 4 annos, desde 20 de maio de 1861, até 18 de junho de 1864. 179 deputados.

14.ª * Durou 4 mezes e meio, desde 2 de janeiro de 1865, até 15 de maio do mesmo anno. 179 deputados.

15.ª * Durou 2 annos e meio, desde 30 de julho de 1865, até 14 de janeiro de 1868. 179 deputados.

16.ª * Durou 9 mezes, desde 15 de abril de 1868, até 23 de janeiro de 1869. 107 deputados.

17.ª * Durou 8 mezes, desde 24 de maio de 1869, até 20 de janeiro de 1870. 107 deputados.

18.ª * Durou 4 mezes menos oito dias, desde 31 de março, até 23 de julho de 1870. 107 deputados.

19.ª * Durou 7 mezes e meio, desde 15 de outubro de 1870, até 3 de junho de 1871. 107 deputados.

20.ª É a actual, principiou a 22 de julho de 1871. 107 deputados. Fim a 6 de abril de 1874.

Vê-se que de *vinte* legislaturas, só *quatro* deixaram de ser dissolvidas.

—

Não julgo fóra de proposito mencionar aqui o vencimento dos deputados, eil-o:

Por decreto de 26 de outubro de 1826, vencia cada deputado 3$750 réis diarios. E por decreto de 30 de outubro do mesmo anno, tinha o presidente da camara electiva 2:400$000 réis annuaes.

Por decreto de 10 de outubro de 1836, vencia cada deputado 2$800 réis diarios, sujeitos a deducções.

Por decreto de 30 de junho de 1842, tinha o presidente 2:000$000 réis annuaes.

Por carta de lei de 25 de abril de 1845, tem o presidente 260$000 réis por mez, durante cada sessão legislativa, e o subsidio dos deputados é de 2$800 réis diarios, durante as sessões.

Esta lei foi ratificada pela de 25 de junho de 1856.

Por decreto de 8 de abril de 1869, foi marcado o subsidio de cada deputado, em 300$000 réis, e o do presidente em 600$000 réis, por cada sessão legislativa annual.

—

A despeza que as côrtes fazem á nação, é, termo medio de 45 contos de réis annuaes.

A dictadura de 1870, por decreto de 9 de julho, extinguiu o subsidio aos deputados; mas extincta tambem a dictadura, extinguiu-se o decreto, que não chegou a ter effeito.

CÓRTES—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Leiria, 125 ao NE. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gaiola.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma encosta.

A matriz é templo magestoso. O bispo apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

Produz algum milho e vinho: do mais muito pouco. Tem gado e caça.

Passa pela freguezia o rio Lena, que aqui se chama das Córtes.

CÓRTES DO MEIO—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Roque.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, de certo por esquecimento, pois é muito antiga.

É terra fertil.

Ha aqui muito gado e caça.

(Ha mais 16 aldeias chamadas Córtes: nenhuma tem cousa digna de especial menção.)

CORTIÇA ou S. MARTINHO DA CORTIÇA—freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, concelho de Farinha Pôdre até 1855, e desde então comarca e concelho da Tábua. 30 kilometros de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757, os mesmos 350 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O conde de Pombeiro (marquez de Bellas) apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Tem muito gado.

CORTIÇADA—antigo nome da actual villa de Proença a Nova. (Vide esta palavra.)

CORTIÇADA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Viseu, 310 a E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Aguiar da Beira, comarca de Linhares.

É do infantado.

Situada em campina.

O vigario de S. Pedro de Coruche apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de pão, 27 almudes de vinho e 40 alqueires de trigo.

É terra fertil. Tem gado e caça.

Tinha foral velho, dado por D. Sancho II, em 26 de setembro de 1242. D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 1 de julho de 1512.

N'este foral se lhe dá o nome de Cortiçada e de Villa Melhorada ou Proença a Nova. Aqui ha engano de Franklim, ou typographico. Havia de ser: «Serve tambem para Villa Melhorada ou Proença á Nova.»

—

Aqui nasceu, em 1528, o célebre jesuita Fonseca, cognominado *o Aristoteles portuguez*.

Foi professor de philosophia, em Evora e Lisboa, elevou-se aos maiores cargos da sua ordem e foi nomeado membro do conselho de ministros, por Philippe II, e encarregado de varias negociações pelo papa Gregorio XIII.

Escreveu um *Commentario á Metaphysica de Aristoteles*, em latim e as *Instituições de Dialectica*.

CORTIÇO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros de Evora, 150 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em campina.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 1 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

CORTIÇO DE ALGODRES — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algôdres, 35 kilometros de Viseu, 305 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Pelagio, ou S. Payo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Algôdres, comarca de Linhares.

É da casa do infantado.

Situada em um valle.

O reitor de Algôdres apresentava o cura, que tinha 20$000 réis em dinheiro, pago pela commenda de Algôdres, e o que rendia o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado, principalmente cabras e ovelhas.

CORTIÇÔ DA SERRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e junto de Celorico da Beira, 25 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Antigamente, a maior parte do povo d'esta freguezia era do termo de Celorico: o resto (a que chamam Monsanto ou Monsantinho) era do termo de Linhares; mas todos da comarca da Guarda.

O commendador de Oliveira do Hospital (da Ordem de Malta) apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis, 3 almudes de vinho, 12½ alqueires de trigo, 10 de centeio e o pé d'altar.

E' terra fertil.

Era commenda da Ordem de Malta; pelo que tinha os grandes privilegios dos caseiros de Malta.

Esta freguezia tinha antigamente o nome de Villa Boa da Jesúa, e no principio da monarchia se chamava Cortiçóo.

D. Martim Pires e sua mulher, D. Thereza Martins, senhores d'esta freguezia, lhe deram foral, em 1254. (Não vem mencionado em Franklim.) N'este foral diz: *et verdaduras non detis nihil*, porque em algumas partes se pagavam dizimos das *verdaduras*, como, pelo praso do logar de Arcouces, termo tambem de Celorico, feito pelo mosteiro de Salzedas, em 1256 pagava este casal, além do mais: *um quarteiro de esverdaduros*. Na renovação d'este mesmo praso, feito em 1333, diz: *um quarteiro de esverdados*. Tambem a isto se chamava *dizimos verdes*.

Tambem n'este foral se prohibem expressamente (e despoticamente) as *querimonias* (queixas ou querellas.) Vide Esverdaduros.

CORTIÇOS e **CERNADÉLLA**—villa, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia dos Cortiços propriamente dita, isto é, sem a sua annexa de Cernadélla, 80 fogos.

No concelho 1:630 fogos. Este antiquissimo concelho, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855 (ficando a subsistir outros muitos mais pequenos e de muito menos importancia.) Sendo tambem então transferida a comarca e concelho de Chacim para Macêdo de Cavalleiros, ficou a villa e freguezia dos Cortiços a pertencer á comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros.

Orago S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

É fertil.

O rei apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis.

D. Diniz deu foral á villa de Cortiços e ao logar de Cernadélla, em 1287 (Franklin não falla n'este foral) no qual declara que cada morador pagará 4 alqueires de centeio e 36 réis em dinheiro, *excepto o tabellião e os pardieiros de Affonso Fernandes.*

Diz assim o foral:—*E o taballião não paga pensão, nem ha hi portagem, nem pena d'arma, nem montado, nem maninho, nem gado do vento, nem pagará ao diante hi nenhum outro tributo real, nem foro, nem isso mesmo a pena d'arma, nem sangue, nem haverá ao diante. E declaramos que, se o pardieiro que ora traz Affonso Fernandes, de Cernadélla, se provar que em tempo algum foi fortaleza dos reis nossos antecessores,*

sendo justificado por direito, se guarde n'isso justiça.

Este foral foi confirmado por outro dado por D. Affonso IV, em Santarem, a 10 de janeiro de 1331.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de agosto de 1517, que é tambem para Cernadélla.

É das poucas povoações do reino que tem foral novissimo, dado por D. Affonso VI, em Lisboa, a 21 de julho de 1682. (Livro 15 da Chancellaria de D. Affonso VI, fl. 337, v.)

Entre esta villa e o logar de Cernadélla, corre a ribeira dos Cortiços, que quasi sécca no verão. Vide Cernadélla.

CORTINHA—portuguez antigo, *belga* (gleba) de terra, ou parte do campo, repartido em courellas ou leiras estreitas e compridas, divididas entre si por marcos, sebes ou paredes. No seculo XII se deu o nome de *cortinha* aos bens de raiz cultivados. Nas provincias do norte se chama *cortinha* ao campo proximo da casa.

CORTINHAL—portuguez antigo, veiga ou varzea dividida em cortinhas. Em algumas partes vem a ser o mesmo que *cortinhà*. Ha em Portugal varias aldeias e sitios com este nome.

CORUCHE — villa, Extremadura, comarca de Benavente, 70 kilometros de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 880 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos na villa e 500 em toda a freguezia, no concelho 1:620.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Feira a 29 de setembro, tres dias.

Era antigamente da comarca de Santarem.

Era da corôa.

A Mesa da Consciencia apresentava o reitor, que tinha 16 moios de trigo e outras rendas, andando o rendimento annual por 500$000 réis. Tinha o reitor dois coadjutores, chamados *companheiros*, e todos tres eram freires da Ordem de Aviz, e da mesma apresentação. Tinha mais a egreja 16 beneficios simples, com obrigação de côro de manhan e de tarde, cada um com 400 mil réis de renda. Era uma das boas collegiadas do reino.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que o reitor tinha 200$000 réis, o que é engano evidente.

Tem um recolhimento de Santa Rosa de Viterbo, que seguia a regra de S. Francisco.

A Misericordia é um templo sumptuoso, dos melhores do reino, d'este genero, e tem um bom hospital.

O territorio de Coruche é fertilissimo em tudo, e cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade.

Eram alcaides-móres e commendadores d'esta villa os descendentes de D. Affonso de Noronha.

Rendia esta commenda 18:000 cruzados!

Tinha juiz de fóra.

Situada em planicie, ao fundo de uma encosta, nas margens do Sorráia (sobre o qual tem uma boa ponte de cantaria) e proximo ao rio Erra. A villa é bonita, ainda que antiga, e tem bons edificios. A sua população anda por 2:800 almas. É a villa composta de duas ruas, muito compridas.

Foi fundada pelos gallos-celtas, 308 annos antes de Jesus Christo. D. Affonso I a conquistou aos mouros, em 1166. Em 1176 a deu á Ordem de Aviz.

Os mouros a retomaram e arrasaram completamente, em 1180.

Em 1182 a reconquistou D. Affonso I, que a mandou reedificar e povoar, concedendo-lhe muitos privilegios.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º

Tem por armas um escudo com uma coruja no centro. Ignora-se a origem d'estas armas, e parece que a villa se chamou antigamente *Coruja*, que degenerou em *Coruche*.

Tambem se não sabe que nome ou nomes teve antes do actual.

Está na fronteira da provincia do Alemtejo e junto á da Extremadura. Está 44 kilometros ao O. de Avi, 44 a NO. de Monte Mór Novo, 24 a E. do Tejo, 24 ao S. de Santarem, 4 a E. de Salvaterra de Magos.

A villa é abrigada o N. por uma montanha na qual houve antigamente um grande castello, fundado pelos romanos, e que os arabes arrasaram em 180, e nunca mais se reedificou. Ainda ha vestigios d'elle.

A casa da camara tambem é um bom edificio. Tem seis capellas, uma d'ellas edificada na corôa de um cabêço sobranceiro á povoação.

Os arredores da villa são muito aprasiveis e fertilissimos e a veiga, ou varzea, que o Surraia e Erra cortam e régam, é vasta e muito bem cultivada. Criam-se n'ella muitos gados e produz abundantes cereaes e outros fructos.

As margens das duas ribeiras são arborisadas, e muito formosas.

—

D. Affonso I lhe deu foral, com grandes privilegios, em 26 de maio de 1182; D. Sancho I o confirmou em 1189; D. Affonso II lhe deu outro foral, confirmando e ampliando os privilegios antigos, em Santarem, a 29 de janeiro de 1218. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no qual confirmou todos os antigos privilegios, em 28 de março de 1513.

—

N'esta villa está a casa solar do sr. D. José Manuel de Menezes d'Alarcão. Para a origem d'estes nobres appellidos, vide os Menezes, em Cantanhede, e Manueis em Villa Flor.

—

O concelho de Coruche, é composto de sete freguezias, quatro no arcebispado de Evora e tres no patriarchado. As do arcebispado são: Santa Anna do Matto e S. Torquato, Nossa Senhora do Pêso, Coruche e Santo Antonio do Coruçe. As do patriarchado são: S. José de Lamarosa, Santa Justa e Villa Nova da Erra.

CORUCHE=freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 310 a SE. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Era antigamente da comarca de Linhares, termo de Aguiar da Beira.

O cura tinha 25$000 réis. Era apresentado pelo vigario de Ville Verde.

É terra fertil.

Passa aqui a ribeira de Coruche, que nasce proximo de Aguiar da Beira (na freguezia de Fonte Arcada) Réga e móe.

Aqui houve em 9 de janeiro de 1827 um pequeno combate entre as tropas realistas commandadas pelo Magessy e as liberaes do Claudino. Os realistas retiraram para Trancoso. As perdas de parte a parte foram insignificantissimas.

CORUJÃES—vide Crujães.

CORUJAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, correição e termo de Bragança.

E' da casa de Bragança.

Situada em um valle.

O reitor de Lamas de Orelhão apresentava o cura, que tinha 12$000 réis, 20 almudes de vinho, 30 alqueires de trigo e 20 de centeio, pagos pela commenda d'aqui.

E' terra fertil. Cultura do bixo de seda, ha mais de 130 annos. Muito gado.

Tinha até 1834, juiz da vintena, dois *homens do accordam*, dois jurados e dois quadrilheiros.

Tinha esta freguezia privilegio de não pagar finta que pela camara de Bragança lhe fosse lançada.

No cume do monte Caunha, d'esta freguezia, ha vestigios de uma fortaleza romana ou mourisca.

CORUJEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves, ou Santa Maria Maior.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada ao fundo de um valle que aqui fórma a serra da Estrella.

O cabido da Sé da Guarda apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

E' fertil.

Tem uma fonte que é abundante no verão e sécca no inverno.

Ha em Portugal varias aldeias d'este nome. Vide Curujeira.

CORVACEIRA — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e 9 kliometros ao ONO. de Lamego, 4 kilometros abaixo da Régua (ao O.) 90 kilometros ao ENE do Porto e 365 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Está situada sobre a margem esquerda do rio Douro, e na extremidade E. da freguezia a que pertence, em local accidentado, mas fertil, ameno e com bonitas vistas, e junto á *barca do Carvalho*, e ás *Caldas do Mollêdo*.

É aqui o *Ponto da Corvaceira* e o caes do mesmo nome.

O Ponto da Corvaceira é um dos que foram muito perigosos para a navegação do Douro: hoje está melhorada e a sua passagem não offerece tanto risco. (Na palavra Ponto se diz o que significa, e os principaes d'este rio.)

É tradição que este ponto foi formado por uma medonha trovoada que carregou sobre Samodães e estes sitios, pelos annos de 1570. O ribeiro da Corvaceira arrastou na sua corrente impetuosa, varios rochedos que encontrou na sua passagem, arremeçando-os furioso ao rio Douro, d'envolta com suas aguas.

Aqui se vê ainda um acervo de penedos sobre a margem esquerda, que consta serem parte dos arrastados pela torrente. Chamam-se *Pedregal*.

Diz-se que o ribeiro n'essa occasião tantas pedras e arvores arrancou e conduziu, que fez emprezar por alguns minutos a corrente furiosa do Douro.

Na instituição da *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, se despedaçavam aqui tantos barcos (carregados de vinho) contra estes penedos, que a mesma Companhia se viu na necessidade de gastar alguns contos de réis, para melhoramento d'este ponto temivel; mas não poude destruir de todo os penedos, que, nas estiagens principalmente, continuaram a despedaçar os barcos que desciam.

Em 1860 mandou o governo quebrar varias d'estas pedras, e construir um muro na margem esquerda, para fazer subir a agua.

Pelo mesmo tempo se construiu na margem opposta, um assude para fazer mover as mós de uns moinhos fluctuantes, o que mais concorreu para o augmento de volume d'agua, no ponto, e por consequencia diminuiu, felizmente, a maior parte do perigo. Hoje são aqui raros os sinistros.

O caes da Corvaceira é um dos melhores e de mais movimento do Douro, principalmente no verão. É formado por um bonito areial, e alli se carregam constantemente barcos de fructas, vinho, madeiras, cortiça e outros generos, que são conduzidos para o Porto.

Esta aldeia é das mais antigas da freguezia, e pretende-se que ás Caldas do Mollêdo se chamou antigamente *Caldas da Corvaceira*. Tambem consta que se denominaram *Caldas de Penaguião*, por serem no concelho de Santa Martha de Penaguião.

Tem esta aldeia algumas casas bôas, mas a melhor é a antiga *Casa da Capella*, do sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, formado em theologia, pela universidade de Coimbra, e actual abbade da freguezia de S. Pedro de Miragaia, na cidade do Porto. Cavalheiro muito illustrado, ao qual devo o obsequio de me offerecer varios e preciosos esclarecimentos sobre varias povoações d'estes sitios.

Tem a *Casa da Capella* uma bonita ermida, dedicada a Nossa Senhora da Lapa, cuja imagem é tida em grande veneração pelos povos limitrophes, que aqui concorrem todos os annos, em 15 d'agosto, em animada romaria.

A capella está em um espaçoso terreiro, e foi edificada em 1740, por Domingos Rodrigues de Carvalho, ascendente do actual possuidor.

Os Ferreiras da Corvaceira pertencem ás antigas e nobres familias dos Mergulhões, de S. Romão d'Armamar; Cardosos Ferreiras, d'Armamar; Heredias, de Barcos, e Freires de Gouveia, de Goujoim.

O terreno d'esta aldeia (como o de toda a freguezia e das immediatas) está coberto de luxuosos vinhêdos, produzindo, em grande

abundancia, excellentes fructas, de toda a qualidade especialmente, laranjas; sendo o pomar do sr. dr. Ferreira, o melhor da localidade, com laranjeiras, limoeiros, cidreiras, e limeiras, de especiaes e variadissimas qualidades.

—

Em 1845, matou-se (a tiro) no rio Douro, junto a esta povoação, um sôlho, que pesou 4 arrobas e 11 arrateis (65 kilos aproximadamente.)

Pelos annos 1842, n'esta aldeia, teve uma mulher (que ainda vive) quatro creanças de um só parto. Nasceram vivas; porem morreram, pouco tempo depois de baptisadas.

—

Alguns escrevem *Curvaceira*, pretendendo que é palavra derivada de uma especie de *curva* que aqui faz o rio: outros escrevem *Corvaceira* (logar onde ha *córvos*, ou onde costumam fazer as suas paragens estas aves) eu inclino-me a esta ultima opinião, que me parece mais verosimil.

CORVAL—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monsaraz, até 1855, e desde então do concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 40 kilometros de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 278 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente da comarca de Villa Viçosa, termo de Monsaraz. Fertil.

E' da casa de Bragança.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 4 moios de trigo e 1 de cevada.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças de Monsaraz. Foi antigamente couto.

Passa aqui o rio Álamo.

Aqui nasceu pelos annos de 1710 uma mulher chamada Maria, que, sem ter lingua, fallava perfeitamente. O marquez do Louriçal a levou para sua casa, por esta singularidade.

CORVEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Monte Negro, até 1855, desde então é da comarca e concelho de Valle Paços, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves, *isento* da Ordem de Malta.

O dom prior do convento de S. João da Corveira, da religião de Malta, apresentava o capellão, que tinha 50 alqueires de centeio, 42 de trigo, 52 almudes de vinho e o pé d'altar. Ao todo uns 120$000 réis.

É terra fertil. Muita castanha.

Feira a 3 de fevereiro e 25 de março.

Gosava esta freguezia os monstruosos privilegios da Ordem de Malta.

Passa aqui o rio Poyo e o ribeiro Rio Bom.

No sitio de Pontido ha umas lagôas muito fundas e notaveis. Diz-se que tudo quanto n'ellas cahe se afoga.

CORVÍTE—monte, Douro, freguezia de Sobrado de Paiva, concelho do Castello de Paiva, comarca e 15 kilometros a NO. de Arouca, 3 ao S. do rio Douro, 37 a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

N'este monte ha varios calhaos esphericos e oblongos, do volume de grandes toneis, tendo cinco d'elles sepulturas muito bem abertas a picão, no cimo dos calháos, (as quaes só se podem ver subindo acima d'elles.) Era incontestavelmente um *almocabar* (cemiterio) mourisco.

Aqui appareceram, em 1859, moedas antiquissimas de cobre, quasi todas *fustras*. As poucas que, com difficuldade, mostravam o cunho ou parte d'elle, eram arabes.

Eram muito mais sepulturas, mas têem sido destruidas, para se quebrar a pedra, para edificar.

CORVÍTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 6 kilometros ao O. 12 a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Santa Christina apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CORVO—grande povoação, Douro, freguezia de Arcozello e S. Felix. Tem barão. (Vide Arcozello de Gaia.)

É na costa. Passa por aqui a estrada de Ovar ao Porto.

Parte d'este logar é da freguezia de Arcozello e parte na de S. Felix da Marinha, tudo do concelho de Gaia.

CÓS ou **COZ**—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Alcobaça, 108 a NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Eufemia.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Feira a 28 de outubro.

Era antigamente da comarca de Leiria.

Eram seus donatarios os abbades do convento de bernardos de Alcobaça.

É povoação muito antiga.

O D. abbade de Alcobaça apresentava, *in solidum*, o prior, que tinha 500$000 réis.

Tinha coadjutor, cou 6$000 réis, 1 moio de trigo e 7 almudes de vinho; e thesoureiro, com 30 alqueires de trigo e 13½ almudes de vinho. Eram ambos apresentados pelo prior, mas pagava-lhes o donatario.

Tem Misericordia e hospital.

Era couto de Alcobaça (dos frades bernardos) e tinha camara, juiz ordinario e escrivães: estes, feitos pelos frades, e aquelles pelo povo, mas confirmados pelo D. abbade.

Tinha uma companhia de ordenanças.

É terra fertil.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora da Luz, cuja imagem, segundo a tradição, appareceu a uma pastora, chamada Catharina Annes, no sitio onde depois se lhe fez a ermida. Ha alli uma fonte, a que chamam Fonte Santa, a cujas aguas attribuem os povos d'estes sitios varias virtudes medicinaes.

Situada em um valle ameno e muito productivo, composto de campos, vinhas, olivaes, pomares e outros arvoredos; e cortada pela ribeira de Cós, que junta com varios ribeiros morre no mar, proximo á Pederneira.

Tem um convento de freiras bernardas, fundado em 1300, por D. Fernando, abbade do real mosteiro de Alcobaça, em cumprimento do testamento de D. Sancho I.

Foi reformadora d'este convento D. Benta de Aguiar, que morreu com fama de santidade. Jaz sepultada n'este convento, e na sua campa tem o epitaphio seguinte:

Aqui jaz D. Benta de Aguiar, primeira abbadeça d'esta reformação, que viveu 75 annos e regeu 48, 3 mezes e 11 dias. Benta *na vida e* Aguia *na subida ao ceu. Falleceu a 15 de junho de 1578.*

D. Sancho I. deixou para a fundação d'este convento de Cós dez mil maravedis. Alcobaça (mosteiro) dava rendas para 115 freiras.

Esta freguezia é muito abundante d'agua.

Para o N. (do lado da costa do mar) ha muitos pinhaes, mattos e charnecas (a que chamam *Camarsão*) onde ha muita caça.

Tem foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 28 de março de 1513.

Ha n'esta freguezia varios lagares d'azeite e muitos moinhos de pão, cujo motor é o rio de Cós (ou da abbadia) e o ribeiro Areia, que aqui se junta áquelle, e fertilisam estas terras. Trazem algum peixe miudo. (Vide Póvoa de Cós, onde ha aguas mineraes.)

COSELHAS—formosa e fertil varzea (ou ribeira) arrabalde de Coimbra.

Ha aqui perto um sitio chamado Valle Meão (adiante de Cellas) e n'elle a ermida de Santa Comba. Faz-se-lhe uma grande festa e romaria, a 20 de julho, que são concorridissimas. Em um subterraneo do edificio está a imagem da santa, feita de pedra. Apenas o rosto conserva as primittivas feições: já não tem pés nem mãos e tem as roupagens completamente desfiguradas, porque o povo, crendo que o pó da pedra de que é feita esta imagem, é remedio infalivel contra as *maleitas*, tanto tem raspado, que a pozeram assim. (Para a lenda d'esta santa, vide Coimbra, no logar competente.)

COSMADO (S.)—vide Aldeias e Alrote.

COSMADO (S.)—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 18 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, e concelho de S. Cosmado. Depois passou a ser comarca de Taboaço.

Em 24 de outubro de 1855 foi supprimido este concelho, ficando a ser julgado, concelho e comarca de Armamar, comarca então creada de novo.

Os Silveiras eram donatarios d'esta freguezia.

A primeira matriz era a actual capella de S. Sebastião, ao fundo da villa. O rei apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de renda.

É terra fertil.

Era um concelho muito antigo. Até 1834 tinha juiz ordinario e um vereador; procurador do concelho e dois escrivães, apresentados pelo rei.

Passa aqui o rio Tédo, pelo S. da freguezia.

E' povoação muito antiga, talvez do tempo dos romanos, e com certeza dos arabes.

Depois da victoria alcançada pelos irmãos D. Thedon Ramires e Rausendo (ou Rosendo) Ramires, nas margens do rio Tavora (vide Cabris) continuaram elles a conquista de terras mouriscas, no *reino de Lamego*, e uma d'ellas foi S. Cosmado.

Proximo a esta freguezia e sobre a margem do Tédo (a que deu o nome D. Thedon) fundou este bravo portuguez um forte castello, pelos annos 1062 ou 1063, cujas ruinas ainda existem. Chamava-se Castello de D. Thedon.

Descendem d'este D. Thedon, os Tavoras, os Pimenteis de Mesquita e outras muitas e nobilissimas familias portuguezas. Para a familia e armas dos Tavoras, vide Tavora, e para as dos Pimenteis de Mesquita, vide Carrazedo de Anciães.

E' perto a Granja do Tédo.

Tem foral dado por composição antiga, e reformado por D. Manuel, em 1516. (Franklim não falla n'estes foraes.)

—

Cosmado, Cosmade, Cosmate e *Cosmode* é o mesmo que Cosme, nome proprio de homem. Hoje só se diz Cosme.

—

E' freguezia muito vasta e rica. Na villa de S. Cosmado ha bons estabelecimentos commerciaes. Tem esta freguezia mais tres aldeias, que são: Cardaes, Contim e Lapinha.

N'esta freguezia tinha um grande casal o sr. Ayres Pinto de Sousa Coutinho, regedor das justiças, hoje representado por seu neto, o sr. Ayres Adolpho de Mendonça, residente no logar de Aldéia de Cima, freguezia de Armamar; bem conhecido pelos seus eruditos e religiosos artigos, publicados em differentes jornaes. (Para a origem d'esta antiga e nobre familia e suas armas, vide Lamego e S. Romão de Armamar.)

COSME (S.) e **S. DAMIÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. 80 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Oragos os Santos Cosme e Damião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra fertil.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

Ha aqui uma torre muito antiga, que alguns dizem ter sido solar dos Barros.

Quando o povo da freguezia quer que chouva, levam o padroeiro a uma fonte (do seu nome) e o deixam estar de môlho até que principie a chover. E' por isso que se attribue á agua da fonte a virtude de curar varias molestias.

COSME (S.) e **S. DAMIÃO**—Vide Gondomar.

COSSOURADO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a ONO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno montuoso e pouco fertil.

O morgado da Boa-Vista (Fontouras) apresentava o abbade, que tinha de rendimento 200$000 réis.

Ha aqui a ermida de S. Bento da Porta Aberta, a cujo padroeiro se attribuem muitos milagres.

Acima da egreja matriz, no alto de um monte, ha vestigios de um vasto edificio, que parece ter sido castello. Dão a este sitio o nome de *Cidade*. Dizem que effectivamente houve aqui uma cidade chamada *Arnoya*, outros dizem que o seu nome era *Cauca*. (Vide esta palavra.)

As grandes columnas que estão em S. Bartholomeu d'Antas, consta que foram d'aqui.

Conhece-se ainda hoje que teve fossos e trincheiras, com estradas cobertas; está em altissima posição e parece ser obra romana, o que é muito provavel, porque aqui passava uma das suas vias militares, que se diz sahir d'esta cidade para Bayona, Corunha e outras partes; mas é mais de suppôr que fosse ramal de uma das cinco vias militares que sahiam de Braga para differentes povoações.

Logo, mais abaixo, onde se chama Rieiro, ao S. do rio Coura, sobre a mesma via, ha vestigios de um pequeno castello. E' tradição que esta cidade (*Cauca*) foi destruida pelos arabes, em 717.

COSSOURADO (S. Thiago de)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A esta freguezia chamava-se antigamente *Courado*.

Era commenda da Ordem de Christo e seus commendadores e donatarios os condes de Villa Flôr, que apresentavam o reitor, o qual tinha 100$000 réis.

(O *Portugal Sacro* diz que era apresentada pelo papa e arcebispo.)

É terra fertil. Passa aqui o rio Neiva.

Ha n'esta fronteira minas de prata.

O padre Carvalho diz que as mandou fechar D. João IV.

COSTA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente comarca e termo de Guimarães, primeira parte da visita de Sousa e Faria.

O prior do convento apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Fertil em cereaes, vinho e azeite.

Ha aqui bastante gado e caça.

É aqui a casa e quinta do sr. Guedes (hoje visconde da Costa) Vide Torrão do Alemtejo.

—

Ha aqui um convento, cuja origem é a seguinte:

Em 1145, D, Mafalda, mulher de D. Affonso I (avó da rainha Santa Mafalda) fundou aqui um convento de frades cruzios (do qual foi primeiro prior D. Mendo) e lhe deu, além do terreno do convento, varias rendas. D. Diniz lhe deu tambem muitas rendas e privilegios, coutando-o, por carta regia feita em Braga, a 8 de junho de 1280.

No principio do seculo XVI foi este convento reduzido a abbadia secular e dado por D. João III, em commenda, a D. Jayme, duque de Bragança.

Este o deu então aos frades jeronimos (em 27 de janeiro de 1528) por bulla de Clemente IV, que auctorisou a doação e a formação do mosteiro.

Junto a este convento ha um carvalho que tem mais de 720 annos de edade. Tem 9 metros e meio de circumferencia no tronco!

Este convento é situado em logar aprasivel, á vista da cidade de Guimarães, ao E., na costa de uma serra, que deu o nome á freguezia.

—

Santa Marinha, padroeira d'esta freguezia, era natural de Braga e foi alli baptisada por Santo Ovidio, terceiro arcebispo de Braga. Foi martyrisada na Galliza, em um logar chamado Aguas Santas, a 10 kilome-

tros de Orense, no dia 18 de julho do anno 130.

Ha em Portugal mais 129 aldeias com este nome, mas sem cousa digna de menção.

COSTA NOVA DO PRADO—Bonita estação de banhos, proxima de S. Jacintho, e 4 kilometros ao O. de Aveiro, na freguezia e concelho de Ilhavo. Tem um theatro particular, feito pelo sr. João Maria Garcia, tendo logar a primeira representação n'elle, em 21 de setembro de 1873.

Ha aqui uma capella.

Os pescadores de Ilhavo teem aqui as suas companhas para a pescaria, de cujo modo de vida fazem a sua exclusiva profissão.

Tem passado, n'estes ultimos annos, a moda de vir para aqui tomar banhos o *hig-life* d'estas terras; mas, apesar d'isso, ainda é bastante concorrida na estação propria.

COSTOIAS—vide Custôias.

COTA, ou **COTTA**—freguezia, Beira-Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Mões (antigamente, hoje é comarca e concelho de Viseu) 18 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 239 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Já em tempos mais antigos era da comarca e termo de Viseu.

Situada ao fundo da serra do Salvador.

O abbade tinha 350$000 réis de renda, afora os passaes, que são bons. Era da apresentação do real padroado.

E' terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Vouga.

Ha aqui aguas ferreas, que teem fama de muito efficazes para a cura de varias molestias.

Côto, no antigo portuguez, ainda usado nas provincias do norte, é o homem aquem falta, um, ou ambos os braços (manêta.) Côtto é um pequeno monte pyramidal.

Como desde seculos se escreve o nome d'esta freguezia já com um, já com dois tt, não se póde hoje saber com certeza a verdadeira etymologia d'esta povoação e da seguinte; mas parece-me que procede de côta (mulher manêta) porque *côtto* (cabêço) não tem genero feminino. E' provavel que alguma *côta*, por qualquer circumstancia, hoje desconhecida, desse o nome a esta freguezia.

Côta era a peça de armadura antiga (de ferro ou cobre) unida á couraça (peça que cobria o peito do guerreiro) mas dizia-se *côta* e não *côta* ou *côtta*: e *Côta* é tambem appellido nobre em Portugal. Não é verosimil que de qualquer d'estas duas cousas provenha o nome d'esta povoação.

CÓTAS ou **CÓTTAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho e 6 kilometros a SE. de Favaios, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real.

E' terra fertil. Optimo vinho.

Situada em um valle.

O reitor de S. Domingos de Favayos apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 30 mil réis.

Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

COTÊLLO—diminutivo de *côtto*.

COTIMOS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo da villa de Moreira.

O vigario de Santa Marinha, da villa de Moreira apresentava o cura, que tinha 4 alqueires de trigo, 6 almudes de vinho e seis mil e quinhentos réis em dinheiro e o pé d'altar.

E' terra fertil.

COTO ou **COTTO**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 18 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente da comarca de Alemquer, termo de Obidos.

O cabido de Santa Maria de Obidos apresentava o cura, que tinha 1 moio de trigo, 1 tonel de vinho e 30 alqueires de cevada, tudo pago pelos freguezes.

E' terra muito fertil, produz excellentes fructas e cria gado.

Passa aqui o rio Real.

Côtto, significa um pequeno outeiro ou cabeço. Cotéllo ainda é mais pequeno. (Vide Côta.)

COTOM—portuguez antigo, tombo, cambalhota, cabriola, etc. *Andar de cotom*, andar aos trambulhões.

COUCIEIRO—vide Concieiro.

COUÇO (ribeiro do)—ribeiro, Douro, divide as freguezias de Canellas da de Entre os Rios, desaguando na direita do Douro, entre as quintas da Abetureira e da Cortiça, 33 kilometros a ENE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Ha n'este sitio, mesmo no leito do ribeiro, uma mina de cobre, que se não explora, não só por se achar o minerio entre penhascos durissimos de basalto, como por ser necessario mudar o leito do ribeiro.

Côuço vem da palavra arabe, *cauçon*, significa *arco*. (Arma antiga que servia para expedir as settas.)

Os latinos escreviam *Kauso*. Gundezindo, doou em 877, ao mosteiro de Lavra, a egreja de S. Pedro de Kauso. (Vide Lavra.)

Todas as povoações d'este nome teem a mesma etymologia. (se não vem de *couce*, portuguez antigo, que significa *caruncho*, *carie*, *pulilha*.)

COUÇO—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Benavente, concelho de Coruche, 54 kilometros de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Era antigamente do termo de Coruche, mas da comarca de Aviz.

Situada nas margens do Sorraia.

O capellão era freire da Ordem de S. Bento de Aviz, e portanto apresentado pela Mesa da Consciencia. Tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada, 6 almudes de vinho, 1 arroba de cêra e 15$000 réis em dinheiro. Com mais umas capellas que administrava, andava o rendimento total por uns 240$000 réis.

E' terra fertilissima e bonita. A mesma etymologia.

COUÇO ou **COUSSO**—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então, comarca e concelho de Melgaço, 65 kilometros ao NO. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Valladares, mas da comarca de Vallença.

É terra fertil. Situada em um valle.

O prior dos frades cruzios de Padérne apresentava o cura annualmente, e este tinha 6$000 réis que lhe pagava o prior, 2$000 réis que lhe pagava a commenda de S. Pedro de Cima do Mouro, e o pé d'altar.

É terra fria e pouco fertil.

Passa aqui o rio *Estadella* e perto o rio Mouro.

A mesma etymologia.

COURA—Serra, Minho, no concelho de Coura, agreste, fria e pedregosa. Produz matto, tem arvores silvestres e muita caça, 400 kilometros ao N. de Lisboa.

COURA—serra, Beira-Alta. Vide Coura, freguezia, Beira-Alta.

COURA—rio, Minho, nasce na serra do *Corno do Bico*, no sitio chamado *Regueiro das Sebôllas*. Depois de regar e fertelizar varias freguezias, e fazer mover moinhos, azenhas e lagares d'azeite, espraia-se poeticamente entre as freguezias de Caminha e Seixas, onde confluê com o rio Minho, na margem esquerda d'este rio. Mesmo na confluente, tem uma bonita ponte de madeira sobre grossos pilares de pedra. É das mais compridas do reino. D'ella se gosa um bello panorama.

Argote (Mem. de Braga, tom. 1.º diss. 2.ª, liv. 1.º, cap. 8.º pag. 109) diz que este rio se chamou antigamente *Belion*. O que é certo, é que no 1.º seculo de Jesus Christo se chamava Froylano. (Vide Bretonia do Lima, Lima, rio e Caminha.

Querem alguns que este rio é o a que Strabão chama *Benis*. (Vide *Benis*.)

COURA — pequeno rio, Traz-os-Montes, nasce acima de Galafúra e morre no Douro (margem direita) na freguezia de Covellinhas. Tem pesqueiras onde se apanham optimas lampreias. Rega e móe.

COURA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Armamar, 12 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era da comarca de Lamego, concelho d'Armamar, mas desde a formação da comarca d'esta villa (24 de outubro de 1855) ficou sendo da nova comarca.

O reitor d'Armamar apresentava o cura, que tinha 25 alqueires de centeio, 25 de trigo, 27 almudes de vinho e 4$600 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, vinho e castanha.

Parte d'esta freguezia fica na serra do seu nome, que cria muito gado e caça.

COURA — villa, Minho, comarca de Vallença, 40 kilometros a ONO. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 650 almas.

Em 1757 tinha 131 fogos.

No concelho 2:670 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Era antigamente da correição de Vianna, comarca de Vallença.

Os Êças (da casa de Cavalleiros) apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis.

Situada em terreno accidentado e pouco fertil, nas margens do rio Coura. Cria muito gado e tem muita caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1515.

Os povos do Minho teem os de *Coura* por simplorios, assim como os do centro do reino teem os de Mancôres, e os do Sul teem os da *Lourinhan* e os d'Elvas.

Em todas as povoações ha tôlos e avisados, ainda que, o numero d'aquelles é em toda a parte muito superior ao d'estes. Já d'isto se queixavam os latinos, que diziam —*Stultorum infinitus est numerus.*—

—

A posição d'esta villa é em uma grande e áspera elevação.

É terra fria, mas saudavel, e suas aguas excellentes.

—

Em 1663, na guerra da restauração, foi este concelho o centro das operações contra os gallégos. Aqui estacionaram as reservas, depositos de munições de guerra e differentes arrecadações.

A gente da terra sustentou sempre as tropas, sem que fosse necessario virem generos alimenticios de outras localidades.

—

D. João I, deu o senhorio de Coura a Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Lionel de Lima; tendo-o regeitado como cousa muito insignificante, por premio a seus serviços, Garcia Rodrigues de Caldas, fidalgo gallégo, que vivia em S. Martinho de Vascões, picado de se ter dado a Firmão Annes a *Terras dos Arcos*.

Esta terra foi antigamente unida com o couto de S. Fins, e os habitantes d'aqui, hiam ás audiencias, de 15 em 15 dias, ao castello de Frayão, as quaes alli vinha fazer verbalmente o abbade benedictino do mosteiro de S. Fins.

Ainda em papeis do seculo XVII se falla no julgado de Frayão.

Este se desannexou quando o rei D. Sebastião coutou S. Fins, para os padres da Companhia de Jesus, o que já D. Affonso Henriques tinha coutado para os benedictinos.

Correu letigio entre o visconde e a coroa e decidiu-se que os escrivães de Coura fossem ao couto de S. Fins, bem como o juiz dos orphãos.

O visconde arranjou uma grande parte dos padroados das egrejas do concelho da Coura, que eram de particulares.

—

Tinha este concelho um juiz *de vara branca*, trez vereadores e procurador do concelho, todos biennaes, a cuja eleição presidia o corregedor de Vianna.

Os montados de Coura, são os melhores d'estes sitios, por causa dos seus bous pastos, e pelo que cria muito gado cavallar, bovino e muar, caprum e lanigero.

Ha aqui muitas vaccas, que produzem abundancia de leite, do qual se faz muita e excellente manteiga.

Nas suas serras ha muita caça miuda, do chão e do ar; mas criam tambem muitos lobos.

—

Entendo que a antiga capital do couto ou concelho de Coura, foi a povoação de Parêdes, d'este concelho. Fundo-me em que, D. Affonso III, deu foral a Parêdes, em junho de 1257 (*liv. 2.º de Doações de D. Affonso III fl. 19 v. in principio*) e Coura nunca teve foral, velho como adiante direi.

—

Pretendem alguns que a cidade de Cauca, patria do imperador Theodosio, o grande, era na serra d'Arga, no sitio de Formigoso, e pouco distante de Coura. Vide Cauca. Vide tambem Portella da Bostarenga.

—

A casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, hoje representada pela senhora condessa da Ribeira e seus irmãos, tem aqui muitas rendas, que passaram para esta familia, por casamento, da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

—

A villa de Coura é antiquissima, pois já existia no tempo dos gôdos: mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Alguns pretendem mesmo que foi aqui a antiquissima cidade de Cauca, e que o seu actual nome é corrupção de Cauca, o que é mais do que contestavel.

Actualmente não passa de uma pequena villa, sem edificios notaveis, ou cousa alguma digna de menção.

—

D. Manuel lhe deu o seu 1.º foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1515. (*liv. dos Foraes Novos do Minho, fl. 72 v. col. 2.ª*.

Comprehende as terras seguintes:

Castanheira, Crastêllo, Cunha, Ençalde, Formariz, Frayam, Infesta Moéllos, Padornéllo, Parada, Pinhote, Reigães, Rézende, Rubiães, Romarigães. Sam Payo e Vascões.

(Veja-se o processo para este foral, na Gaveta 20, Maço 12, n.º 46.) É o 1.º foral de Coura.

O concelho de Coura é actualmente composto de 21 freguezias, que são:

Agua-Longa, Bicco, Castanheira, Cristêllo, Cossourado, Coura, Cunha, Ferreira, Formariz, Infesta, Inçalde (ou Ençalde) Linhares, Mazéllas, Padornéllo, Parada, Paredes, Porreiras, Rézende, Romarigães, Rubiães e Vascões.

—

Ha mais em Portugal oito povoações (aldeias) com o nome de Coura; mas nenhuma tem cousa digna de menção.

COUREL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os conegos da collegiada de Barcellos apresentavam o vigario, que tinha 12$000 réis, 10 alqueires de centeio, e mais 5$500 réis, que lhe pagavam os freguezes, além do pé d'altar. E' terra fertil. Muito gado.

COURELLAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 325 kilometros ao NE. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago Santo Antão.

Era antigamente do termo de Trancoso, mas da comarca de Pinhel.

Era da Ordem de Malta e tinha os grandes privilegios d'esta Ordem.

Situada em campina.

A Ordem de Malta apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

Fertil em centeio, milho e castanha.

Feira a 25 de abril.

Courella é palavra portugueza, significa o mesmo que no norte *leira*. Pequeno campo, ou parte (ou tira) de uma veiga. Vide Coirella.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

COUSSO—vide Couço.

COUTADA (Santa Margarida da)—freguezia, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Constancia, 180 kilometros ao O. da Guarda, 125 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 339 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Situada em um alto.

O vigario de S. Julião de Punhete (hoje Constancia) apresentava o cura, que tinha 28 alqueires de trigo, 6$000 réis em dinheiro, 16 arrateis de cêra e um de incenso, tudo pago pela commenda de Punhête, e o pé d'altar, ao todo uns 120$000 réis.

E' terra fertil. Passa aqui o rio Alcolobra.

Ha em Portugal mais 16 aldeias com este nome.

A palavra *coutada* tem em portuguez duas significações, a geral quer dizer: territorio ou terra que se fez couto ou que foi *coutada*. Em muitas terras do sul de Portugal porém, dá-se o nome de *coutada* a uma extensão de bosque cercado de parede. E' maior do que um *cerrado* ou *tapada*.

COUTO—porção de terra demarcada por auctoridade do rei, com certas isenções e privilegios; e com determinados fóros e pensões para o directo senhorio, e com justiças proprias. Estas jurisdições porém, foram abolidas pela lei de 1790. Havia *coutos* dos mosteiros e dos fidalgos e *coutos do reino*, ou de homisiados. Estes eram creados para refugio de malfeitores, que aqui não podiam ser presos nem perseguidos ou incommodados. Os *coutos do reino* eram quasi todos na raia, taes eram Caminha, Freixo de Espada á Cinta, Marvão, Miranda, Noudar, Pena Garcia, Sabugal; e no Algarve, Castro Marim e outros.

Nem todos os crimes porém tinham protecção e impunidade n'estes *coutos*. Segundo o empenho de povoar a terra, assim era a *larga* que os reis davam aos crimes. Em todos os foraes se exceptuavam os crimes de heresia, regicidio e traição; em muitos o de moeda falsa e adulterio; em alguns o crime de *bestialidade* e incesto; e em muitos o de homicidio voluntario.

Não podiam acoutar-se os criminosos a menos de 10 leguas do logar onde commetteram o delicto. Tambem havia as célebres *cartas de seguro*, que eram ainda peiores do que os *coutos*, pois serviam para todo o reino. Acabaram os coutos e seus termos, mas ficaram as taes *cartas*, até que foram prohibidas em 1820.

Tambem tenho visto algumas vezes escripto e muitas ouvido pronunciar *coito*, o que é grande êrro. Aqui não se dá o caso como em *ouro* ou *oiro*, *dous* ou *dois*, *noute* ou *noite*, etc., em que é indifferente escrever-se ou pronunciar-se com *u* ou *i*. *Couto* não é mais (no sentido restricto da palavra) do que o que fica declarado; e *coito*, é cousa muito diversa, pois significa a cohabitação dos dois sexos.

COUTO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, e antigamente do couto de Santa Martha de Bouro, comarca de Pico de Regalados; 370 kilometros ao N. de Lisboa, 27 ao NO. de Braga, 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um conego da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 90$000 réis de rendimento.

Era da Ordem de Malta, pelo que os seus moradores tinham muitos privilegios.

(Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.)

Teve concelho proprio, com juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc., feitos pelo povo e confirmados pelo commendador de Chavão (da Ordem de Malta) por ser terra do seu couto.

E' terra fria e pouco fertil, mas produz grande abundancia de lenha, cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha muita caça.

COUTO—grande aldeia, Beira Alta, (mesmo na extremidade O. da provincia e proximo ao rio Paiva, que a divide da provincia do Douro) freguezia de Souzello, extincto concelho de Sanfins, e hoje comarca e concelho de Sinfães. 60 fogos.

Fica perto da margem esquerda do Douro, e da direita do Paiva, ficando-lhe aquelle ao NO. e este ao O. E' muito populosa e commercial. Tem boas casas, uma botica e uma boa hospedaria.

Faz-se aqui uma grande feira (no Escamarão) a 29 de setembro.

E' povoação muito antiga, pois já existia em 1132, e formava o couto de Villa Mean ou Escamarão. Vide esta palavra e Alpendurada.

Dá-se-lhe vulgarmente o nome de Couto de Souzêllo ou Couto do Paiva.

E' terra fertil. Optimo vinho verde.

COUTO — vide Santa Christina do Couto, comarca e concelho de Santo Thyrso.

COUTO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do concelho d'Entre Homem e Cávado, comarca e termo de Barcellos.

Situada em um monte, com boas vistas.

O reitor do Salvador do Campo apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis, que lhe pagava a commenda, e o pé d'altar.

E' terra fertil. Cria muito gado.

O primeiro nome d'esta freguezia foi Gandara. Foi erigida em couto (tendo pelourinho, na aldeia da Porta) pelo conde D. Henrique, pelos annos 1100. Era, como toda a provincia do Minho que fica ao N. do rio Lima, do bispado de Tuy (Galliza) até que D. João I conseguiu do papa que este territorio passasse para o bispado de Ceuta. Depois, por troca, passou para o arcebispado de Braga. (Vide Braga.) Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, escrivão, meirinho, etc. Principiou então a chamar-se *Couto da Porta*, e por fim, simplesmente *Couto*.

COUTO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto. Depois passou para o concelho de Negréllos, e pela suppressão d'este para Santo Thyrso.

Situada na raiz de um monte.

O reitor de Córdova apresentava o cura annualmente, e este tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

N'esta freguezia, no sitio hoje chamado *Sá*, houve antigamente uma cidade chamada *Salla* ou *Sallas*, da qual ainda ha vestigios. Não se sabe quando nem por quem foi fundada, e suppõe-se que foi arrasada pelos mouros no seculo VIII.

COUTO—antiga freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos, e que tinha por orago S. Mamede. Em 1750 tinha 20 fogos. Está ha mais de 140 annos annexa á freguezia do Campo (ou S. Salvador do Campo). Vide Campo e Couto.

COUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 28 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era vigario perpetuo, apresentado pelo conego fabriqueiro da Sé de Braga; tinha 80$000 réis de rendimento e o pé d'altar. É terra fertil.

Tinha concelho proprio, com juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc., feitos pelo povo e confirmados pelo commendador do Chavão (da Ordem de Malta) por ser a terra seu couto. Tinha os grandes privilegios dos caseiros de Malta.

É terra fria e pouco fertil; mas produz grande abundancia de lenha.

Nos papeis antigos, se lhe dá o nome de *Couto de Cambezes*.

COUTO D'ARENTIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Braga, d'onde dista 6 kilometros, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediagado da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Arentim*, villa. Repito-a aqui por causa dos fogos que tinha em 1757, e pela congrua antiga do vigario. Vide Arentim, villa.

—

Ha em Portugal mais 47 aldeias do Couto. Nada de notavel ha em nenhuma d'ellas, senão deverem este nome a terem sido coutos de conventos, ou de fidalgos.

COUTO DE BAIXO—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era da corôa.

Situada na falda do monte *Castro* (ou Crasto) em uma aprasivel campina.

O papa, as freiras de Lorvão e o bispo de Viseu apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 330$000 réis.

É terra muito fertil. Produz muita e optima fructa. Muita caça.

O padre Cardoso diz que esta terra tem foral, dado por D. Manuel em 1514; mas Franklin não falla em similhante foral.

O que é certo, é ser povoação muito antiga. Em 1098, segundo o *Livro preto de Coimbra*, n.º 61; ou em 1090, segundo o original—doou o sacerdote *Frogia* (que com seu irmão *Ero*, *divae memoriae*, a tinham edificado na sua propria herdade) a egreja de Santa Eulalia do Couto de Baixo, á Sé de Coimbra, com todos os seus moveis e pertenças. Vide a freguezia seguinte.

COUTO DE CARAPÉÇOS—vide Carapéços.

COUTO DE CIMA—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a O. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, mas do concelho do Couto de Santa Eulalia (ou Couto d'Esteves).

Situada em um valle.

O papa, as freiras de Lorvão e o ordinario apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 430$000 réis.

É terra fertil, e povoação muito antiga, pois já era freguezia no tempo dos godos.

Em 1090, doou o presbytero *Frogia* ao mosteiro de Lorvão, a sua egreja de Santa Eulalia do Couto de Cima *cum suas côrtes*. É por isso que as freiras de Lorvão tinham parte na apresentação dos parochos d'aqui.

Foram estes dois irmãos que fundaram esta egreja, como haviam fundado a do Couto de Baixo. Não se sabe o anno d'estas fundações, mas foi, com certeza, nos fins do seculo XI.

Ero, era parocho da freguezia do Couto de Baixo, e *Frogia*, do Couto de Cima. Morrendo *Ero* em 1090, ficou *Frogia* com as duas egrejas, que, ou no mesmo anno ou d'ahi a oito, doou, na fórma dita.

Notemos que o *Livro preto de Coimbra*, é uma copia; pelo que devemos prestar mais fé ao original (que está na Torre do Tombo.) Ora dizendo este que as doações tiveram logar em 1090, é mais provavel que fossem n'este anno, e não no de 1098, como diz a copia que está no archivo da Sé de Coimbra.

COUTO DE CUCUJÃES (ou simplesmente *Cucujães*, antigamente *Cucujães de Cacavellos*, e é o nome que lhe dá o foral da Feira)—freguezia, (foi villa), Douro, comarca, concelho e 5 kilometros a ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 a E. da Feira, 30 ao S. do Porto e 285 ao N. de Lisboa, 750 fogos, 3:000 almas.

Em 1757 tinha 404 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo da Feira; depois, quando se creou a comarca da Feira, ficou-lhe pertencendo. Quando se formou a comarca de Oliveira

de Azemeis, passou esta freguezia a ser da comarca e concelho d'esta villa.

Esta freguezia é no vasto territorio, denominado, desde o tempo dos godos, *Terras de Santa Maria* ou *Terra da Feira*. Tinha os grandes privilegios dos outros moradores d'este territorio, sendo um dos principaes, nos tempos antigos, terem os cavalleiros, para todos os effeitos, fôro de *infanções;* e os peões, fôro de cavalleiros. (Vide Feira, villa.)

É povoação antiquissima. D. Affonso VI de Leão, lhe deu fôro de villa e a fez couto em 1058. (Este D. Affonso VI era avô do nosso D. Affonso I.) Vide no archivo da Torre do Tombo, maço 8.º dos foraes antigos, n.º 1.)

Em 7 de julho de 1139, D. Affonso Henriques deu ao mosteiro de Cucujães o couto do mesmo nome (a freguezia). Este couto existiu com esta cathegoria 776 annos.

D. Manuel não deu foral especial a Cucujães; mas incluiu esta freguezia no que deu á Feira, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 176, v., col. 2.ª—*Livro dos foraes antigos*, de D. Affonso III, declarado nas inquirições tiradas no mez de agosto de 1251, maço 8.º, n.º 1.)

Situada em terreno muito accidentado, mas muito fertil nos valles, e seus outeiros são cobertos de frondosos arvoredos e *arvores de vinho* e em muitas partes cultivados e tambem n'outros povoados de vastos pinhaes.

A egreja do mosteiro é, e foi sempre, a matriz da freguezia, desde que se demoliu a antiga.

O abbade era commummente um frade do convento d'esta freguezia. Era da apresentação triennal do mosteiro benedictino d'aqui, e tinha só o pé d'altar. Em quanto foi parocho regular, tinha o titulo de vigario; desde 1834 é abbade. Rendia para o mosteiro 800 mil réis.

Ha n'esta freguezia as capellas de S. Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio.

Até 1834, tinha juiz ordinario com seu escrivão, procurador do couto e meirinho, feitos a votos do povo, na presença do D. abbade do convento, como donatario d'este couto, que era isento de toda a jurisdicção civil, com appellação para o D. abbade (como ouvidor que tambem era do couto) e d'este para a Relação do Porto. No crime, era sujeita á villa da Feira.

Tinha este couto muitos e grandes privilegios, dados por D. Affonso VI, de Leão, em 1058 (no foral que então lhe deu) e confirmados pelos primeiros reis de Portugal. As cartas d'estes privilegios existiam no cartorio do convento.

Passa pela freguezia o rio Antuan, mas aqui se chama Feirral (antigamente Ral). Tambem se chama Ul. É aqui atravessado por quatro pontes de cantaria; uma muito antiga, chamada a ponte da Picca [1] e outra moderna, muito elegante (feita em 1860) chamada da Margonça.

Outra tambem antiga, que d'antes se chamava *ponte de Ral* e hoje do *Feirral*. Ao SE. d'esta está tambem a nova ponte muito elegante e bastante alta, chamada *dos Moinhos*, feita em 1870, sobre a estrada de Ovar para Oliveira de Azemeis. Estas quatro pontes estão tão proximas umas das outras, que entre todas não ha extensão superior a 2 kilometros.

Mais alguns ribeiros anonymos régam e fertilisam esta freguezia.

Na aldeia de Santa Luzia, havia uma boa feira no dia 1.º de cada mez. Proximo da feira houve uma estação telegraphica do antigo systema.

Pelo E. e NE. da freguezia passa a estrada real (de *macadam*) de 1.ª ordem, que liga Lisboa com o Porto, Barcellos, Braga, Vianna, Caminha, etc.

Tem um ramal de estrada á *macadam*, que, atravessando a freguezia, liga a estação do caminho de ferro do norte (d'Ovar, a 12 kilometros a O.) com a estrada real de Lisboa. É a estrada n.º 40. Sae da Ribeira, de Ovar, atravessa as freguezias de Souto, Mosteiró, Couto, S. Thiago de Riba Ul, Oliveira

[1] *Picca* é uma especie de abeto (ou pinheiro alvar). É palavra latina. Tanto a *picca*, como o abéto e o pinheiro, dão a resina vulgarmente chamada *pêz*.

de Azemeis, Ossella, Cambra (aqui em construcção) e une á de Arouca, e d'aqui hade hir a Entre os Rios, Penafiel e Guimarães. Está pois esta freguezia unida com muitas e importantissimas povoações, incluindo Lisboa e Porto.

Está em construcção uma estrada municipal, d'Ovar a Santa Luzia. Está projectada outra d'aqui a S. João da Madeira e a Santo Amaro.

Tem tambem um ramal de estrada que liga a egreja com a estrada d'Ovar a Oliveira de Azemeis, e outro que liga a casa do sr. visconde de Carregoso e a fabrica dos srs. Carvalhos com a mesma estrada d'Ovar.

—

Da grande e bem montada fabrica de chapeus de lan, de superior qualidade, dos srs. Carvalhos, pae e filho, já fallei no logar competente. Vide Aldeia Nova.

O sr. Sebastião Pinto Leite (hoje visconde da Gandarinha) tem uma magnifica casa de campo e bella e extensa quinta no logar da Gandarinha, d'esta freguezia. Vide Gandarinha.

O sr. dr. Alexandre Celestino Soares de Albergaria tem tambem no logar do Buraco, d'esta freguezia, e sobre a margem do rio Ul, uma sumptuosa casa de campo, vasto e bonito jardim e grande quinta, onde por duas vezes esteve hospedado o senhor D. Miguel I e a familia real, no tempo do cêrco do Porto (1832 a 1834). Vide Buraco.

E no logar de Carregoso, tambem d'esta freguezia, tem o sr. Antonio Gomes Brandão (hoje visconde de Carregoso) uma bella casa e boa quinta. Vide Carregoso.

Ha n'esta freguezia muitas casas boas e luxuosas, de differentes proprietarios.

Tem um convento de frades bentos, fundado (ou reedificado) por D. Payo Guterres da Silva, governador de Portugal por D. Affonso VI de Leão e Castella, em 1060.

Este mesmo D. Payo Guterres fundou os conventos da Junqueira e de Villela. Vide estas duas palavras. Parece-me que este convento foi fundado por Egas Moniz, o *Gasco* (ou *Gaicão*) quando veio de França com o bispo do Porto, D. Nonego, pelos annos de 1004 ou 1005 de Jesus Christo. É certo que elle (Egas Moniz, o *Gasco*) aqui foi sepultado.

Ainda outros pretendem que o fundador d'este mosteiro foi Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques. Isto é manifesto engano, fundado na semelhança do nome, e em ter este célebre segundo Egas Moniz, descendente do outro, fundado um convento, da mesma ordem benedictina, em Paço de Sousa (onde jaz) e outros em differentes partes. A causa da minha supposição, que me parece probabilissima, é ser padroeira d'este mosteiro, em 1091, D. Godinha Soares, que fez n'esse anno, troca com o mosteiro de Arouca, de varios foros e propriedades; dando-lhe em Arouca e recebendo aqui. Vide adiante, onde fallo no logar do Têso.

Tem uma boa egreja, que, como já disse, é a matriz da freguezia, bom edificio, um vasto terreiro á entrada, e grande e rendosa cêrca, guardada por um alto muro. É hoje propriedade particular do sr. Manuel Joaquim da Fonseca.

Este convento era muito rico, e, como se vê da data da sua fundação, um dos mais antigos de Portugal, e mais antigo do que a monarchia portugueza.

Foi *hospital de sangue* do exercito realista de operações ao sul do Douro, durante a guerra civil de 1832 a 1834.

Era commendador d'esta freguezia, D. Antonio de Lima (camareiro mór do duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte e neto de D. Manuel I.) Este commendador era pae da tão celebrada D. Catharina d'Atahide que Camões immortalisou com seus amores e com as suas bellissimas poesias, sob o pseudonimo de (*Nathercia* anagramma de Catharina.)

Tem duas minas de chumbo, que eram propriedade dos referidos srs. Carvalhos, da Aldeia Nova e do sr. José L. Ferreira, d'Albergaria Velha.

A primeira é denominada de Monte-Meão, e a segunda do Feirral. São contiguas. Hoje são ambas de uma companhia ingleza, que dá aos seus primeiros proprietarios 22 e meio por cento do lucro liquido, por escriptura de 28 de dezembro de 1870.

—

Consta que um lavrador da aldeia de Fa-

ria, d'esta freguezia, tendo um formoso cavallo, de merecimento, o deu a um dos nossos reis, que o fez conde de Faria. Não sei se aqui ha engano (por causa da homonymia com os condes de Faria, do Minho; mas o que é certo é haver aqui uma familia que se dizia descendente do tal conde, e que era geralmente conhecida por «*os do conde*« — Eu ainda conheci uma pessoa d'esta familia, chamada o *Manuel do Conde*.

A esposa do sr. Agostinhó F. Velho (rico negociante e capitalista da cidade do Porto) é descendente do tal *conde de Faria*.

—

É tradição por estes sitios que no sitio onde hoje está a ponte da *Margonça*, existiu em tempos antigos uma cidade (ou grande povoação) mourisca, que foi arrasada durante as guerras dos seculos VIII e IX. Não me consta que haja vestigios d'ella. Diz-se que esta tal cidade se chamava *Marguçon*, ou *Marcuzon*. É certo que *marcuzon* é palavra árabe. (Significa a junta dos dois ossos do craneo. *Avicena*, cap. 1.º, pag. 10.)

N'esta freguezia ha uma aldeia chamada *Rio d'Ossos*. Diz-se que a causa d'este nome foi uma grande batalha que aqui houve entre lusitanos e normandos ou gascões (normões se chamavam nesse tempo) e que ficando muitos cadaveres insepultos, sobreveio uma cheia que os arrastou na sua corrente, pelo que ao logar e ao ribeiro que aqui proximo corre, se lhe deu o nome de *Rio d'Ossos*.

O Rio d'Ossos é uma aldeia de uns 40 fogos, situada no vasto plató de um monte.

Proximo a esta povoação (mas já na freguezia de S. Martinho da Gandara, do mesmo concelho) ha tenues vestigios de um antiquissimo castello, que, segundo a tradição, se chamava *Castro-Troncal* (ou *Francal*.) É certo que junto aos vestigios do castello ha uma aldeia chamada *Crasto*. Parece-me que o que aqui houve foi um *carn* celtico (ou pre-celtico) e que d'esta palavra carn é que o povo fez crasto, como aconteceu a varios sitios de Portugal. Esta minha supposição é por haverem nas immediações mâmoas, o que é prova irrefragavel de que estes sitios já foram habitados em tempos remotissimos, por povos celtas, ou anteriores aos celtas.

O sr. visconde de Carregoso, cidadão benemerito, natural d'esta freguezia, a dotou ha poucos annos com uma bella casa para a escola d'instrução primaria do sexo masculino, que, á excepção da de Aveiro, é a melhor do districto.

Anda-se tractando de fazer, por subscripção, uma outra casa para escola de meninas e outra para uma assembleia. A maior parte d'esta subscripção vem do Brazil, onde estão mais de 800 individuos d'aqui, alguns muito ricos.

Anda-se construindo um bom cemiterio, para o qual, e para obras da egreja, deu o sr. Antonio Soares da Silva 150$000 réis.

Vae tambem fazer-se um ramal de estrada, que ligue o logar da Venda Nova com a egreja, e para o qual o mesmo sr. Silva dá 200 e tantos mil réis. Este benemerito patriota, que é natural d'aqui, está actualmente no Rio de Janeiro; mas, apesar d'isso, não se esquece da terra onde nasceu. Honra-lhe seja feita.

A familia dos srs. Pintos Leites, ricos negociantes e capitalistas da cidade do Porto é natural d'esta freguezia. Consta-me que um membro d'esta respeitavel familia, (o sr. Sebastião Pinto Leite, visconde da Gandarinha) vae aqui fundar um estabelecimento de caridade.

Não é de esperar outra cousa da sua magnanimidade. A senhora d'este cavalheiro, tambem é da mesma familia, pois é sobrinha d'elle.

—

Alem da grande fabrica de chapeus da Aldeia Nova, ha outras mais, que apesar de serem de menor importancia, nem por isso deixam de concorrer para a prosperidade da freguezia.

Fabricam-se aqui muitas e optimas têas de linho, que se exportam para a Extremadura, Alemtejo, Algarve e Brazil.

Ha tambem muitos negociantes de madeira, de artefactos de lan e algodão e outros generos.

Tem esta freguezia actualmente dois viscondes e trez commendadores.

É uma das mais populosas e ricas freguezias do districto d'Aveiro, pela sua fertilidade, pelos muitos negociantes e industriaes que aqui ha e, sobre tudo, pela grande quantidade de pessoas d'esta freguezia que estão negociando no Brazil (já disse que são mais de 800) e que de lá teem mandado e estão mandando bôas quantias de dinheiro, o que tudo tem contribuido muito poderosamente para a prosperidade e grande desenvolvimento material e moral que nestes ultimos tempos tem tido esta freguezia.

Grandes capitalistas naturaes d'esta freguezia (e que aqui teem boas propriedades) estão estabelecidos em Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco, etc. etc.

Se, como é de esperar, nos annos futuros o Couto de Cucujães tiver o desenvolvimento que tem tido ha 30 annos a esta parte, não está longe a época de ser a mais rica freguezia rural do reino, se já a não é.

—

Ao S. da capella de Santa Luiza, a distancia de 300 metros, em um cabeço(onde foi estabelecido o primeiro telegrapho que aqui houve) e chamado vulgarmente Mama do Gato, existiu uma mâmoa celtica, que foi destruida para se cultivar este sitio. Da palavra mâmoa é que o povo fez mama.

Tambem houve outra mâmoa, de que ain da ha vestigios, uns 500 metros ao S. da antecedente, em um pinhal a que chamam do Peralta, proximo ao logar de Crasto Trancal.

A mâmoa é no districto desta freguezia, mas a aldeia de Crasto Trancal é já na freguezia de S. Martinho da Gandara.

É terra muito fertil e exporta para Inglaterra muito gado bovino.

—

É tradição que na aldeia do Têso, d'esta freguezia de Cucujães, houve em tempos remotos um convento de freiras bentas (do qual não restam vestigios) que parece se uniu depois ao de frades da mesma Ordem d'esta freguezia, ficando depois dobrado ou mixto, como foi costume antigamente. Outros dizem que o convento não era no Têso, mas em um logar da freguezia de S. Thiago de Riba-Ul, que é contigua. Parece-me que haviam até dois pequenos conventos de freiras bentas, um na freguezia de S. Thiago de Riba-Ul, outro aqui, no logar do Têso; porque d'ambos se conserva a tradição por estes povos.

Alem d'isso, e apesar de não haver vestigios alguns de nenhum d'estes mosteiros (que deixaram d'existir ha uns poucos de seculos) ha no Têso um sitio, que hoje é terra lavradia, chamado Campo da Estribaria, que, segundo a tradicção, está no logar onde foram as cavallariças do tal mosteiro.

Ainda mais — depois de extincto o mosteiro, passou o dominio de tudo quanto a elle havia pertencido a uma dona (provavelmente *commendataria*) e ainda hoje ha memoria da existencia d'esta dama, a quem chamavam a Senhora da Quinta do Têso.

Notemos que em 1091, era padroeira e commendataria do convento de frades benedictinos d'aqui (como já disse) D. Godinha Soares. Estou persuadido de que, a Senhora da Quinta do Têso, era a tal D. Godinha ou alguma sua descendente, e que a familia hoje proprietaria d'esta quinta, é descendente da tal D. Godinha, porque ainda actualmente usa do appellido—Soares — que o era da mesma senhora. Tambem por estes sitios ha varias familias d'appellido Godinho, que é provavel terem a mesma procedencia.

No sitio onde consta que estava edificado o mosteiro, estão hoje umas boas casas, com sua quinta, propriedade do benemerito sr. Antonio Soares da Silva, de quem já fallei.

—

Nasce n'esta freguezia, no sitio do Barrôco de Santa Luzia e no Valle Grande, o ribeiro chamado Rio Negro, que passa á freguezia de Vállega e ahi desagua na ria de Ovar, proximo á capella de Nossa Senhora de Entraguas.

E no sitio chamado Fonte do Mouro, tambem d'esta freguezia, nasce outro ribeiro, chamado rio da Senhora da Graça, que desagua na mesma ria.

—

Apesar de ser muito antigo o convento d'esta freguezia, ella era ainda muito mais antiga, pois que a sua egreja matriz já era

antiquissima quando se edificou a egreja do convento. Sendo esta muito maior do que aquella, que de mais a mais devia estar arruinada. Foi demolida a primittiva egreja (logo que se fez a actual) e passou a do mosteiro, desde então, a ser parochial, por ordem dos frades, que eram senhores da freguezia, e padroeiros da egreja.

É tradição constante e geral na freguezia, que a sua primeira matriz estava fundada na aldeia de Cucujães (hoje vulgarmente chamada Venda Nova ou Aldeia Nova (vide Aldeia Nova de Cucujães) em um sitio, que hoje é terra lavradia, proximo e ao NE. das casas do sr. Manuel José de Carvalho.

Consta que o nome de Venda Nova procede do seguinte:

Parece que desde a demolição da antiga matriz (de que não restam os mais pequenos vestigios) ficou despovoado ou quasi despovoado este logar. Pela expulsão dos jesuitas (1759) consta que veio aqui estabelecer-se com uma taberna, um tal Aveiro (que se dizia pertencer á Companhia de Jesus) e que desde então o vulgo entrou a chamar ao sitio de Cucujães—Venda Nova. E' certo que a casa da *venda* do tal Aveiro, foi demolida ha poucos annos, e era onde hoje está uma bonita morada de casas, de que é proprietario o sr. Andrade. Entretanto no rol da egreja e officialmente sempre a esta aldeia se ficou chamando Cucujães.

Tambem é tradição que a aldeia d'esta freguezia chamada Villa Nova, foi villa, em tempos antigos. Não acho isto em nenhum escriptor; mas é provavel que fosse a esta povoação que D. Affonso VI deu o titulo de villa, em 1058.

COUTO D'ERVEDÊDO—vide Ervedêdo.

COUTO D'ESTEVES — pequena villa e freguezia, Douro, concelho de Sevêr do Vouga, comarca de Agueda, 280 kilometros ao N. de Lisboa, 40 a O. de Viseu, 266 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

O reitor da freguezia de S. Miguel da Ribeiradio apresentava o cura, *ad nutum*, que tinha de rendimento 30$000 réis e o pé d'altar.

E' em terreno accidentado, mas fertil e saudavel. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça.

E' povoação muito antiga. Em 1067 era do convento de Lorvão.

Franklin não menciona foral algum, antigo ou moderno, dado a esta pequena villa; todavia julgo que teve foral, dado por D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, em 1128, fazendo-a então couto de Lorvão, e dando-lhe muitos privilegios.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, escrivão e meirinho.

Depois foi concelho, com juiz ordinario, escrivães, officiaes de diligencias, etc., administrador (provedor) do concelho, camara com cinco vereadores, escrivão, etc. Foi este concelho supprimido em 1836, hindo formar parte do de Sevêr do Vouga, ao qual hoje pertence.

Esta freguezia foi em tempos remotos uma povoação da de Ribeiradio; depois passou a ser curato da mesma, e por fim independente. Desde 1862, ficou sendo vigariaria, com parocho collado.

Termina ao S. no rio Vouga, que corre aqui quasi sempre por entre montes ingremes e alcantilados, sendo o resto orlado de arvoredos. Ao E. confina com a freguezia de S. João da Serra, do concelho de Oliveira de Frades e com a de Arões, do concelho de Macieira de Cambra. Ao N. com a da Junqueira, d'este ultimo concelho, e, finalmente, ao O. com a freguezia de Rocas, do concelho de Sever do Vouga.

No sitio de Ramillo, proximo á villa, existiu uma fôrca de pedra.

No edificio que foi casa da camara, e que a junta de parochia applicou para escola de instrucção primaria, ainda existe um cutello, correntes, mordaças, embudes (para o supplicio da agua) e outros instrumentos de tortura; assim como outros objectos cuja applicação hoje se ignora. Tambem alli existe uma arca com muitos manuscriptos antigos; mas illegiveis, pelo seu mau estado.

Diz-se que houve aqui um conde godo, outros dizem que era um emir arabe (alguns

até lhe dão o titulo de rei) senhor de baraço e cutello, com mero e mixto imperio, julgando, sem recurso, ainda em pena de morte.

Inclino-me a acreditar que este senhor do couto, não era godo nem mouro, mas portuguez e christão, pois consta que foi elle o fundador de uma capella, que hoje serve de altar-mór da egreja matriz, no anno de 1177, reinando D. Affonso I, de Portugal.

(Entendo que é a *era* e não o *anno* e vem então a ser o anno 1139 de Jesus Christo.)

—

No logar do Couto de Baixo, d'esta freguezia, está a casa e quinta da Fonte, solar dos Sequeiras e Quadros, instituida em morgado, por Francisco Tavares Coutinho, que teve dois filhos e cinco filhas. Um dos filhos (D. Manuel) foi bispo de Portalegre e o outro foi lente de prima, na universidade de Coimbra, do qual procede a familia actual.

Todas as cinco filhas foram freiras, quatro no real mosteiro de bernardas, de Arouca, e uma em Coimbra.

O ultimo morgado de Couto d'Esteves, foi o sr. Antonio Cardoso de Barros Loureiro Sequeira e Quadros, que morreu solteiro e sem filhos, em 14 de março de 1864. Era um cavalheiro honradissimo e muito illustrado. Está embalsamado na sua capella de S. Geraldo, contigua á egreja matriz. Tinha nascido em 1811.

Segundo o seu testamento, deve ser removido para um carneiro (que a familia anda a construir) no cemiterio publico da freguezia. No mesmo testamento, impoz á sua herdeira a obrigação de vestir annualmente cinco pobres da freguezia.

Deixou por sua herdeira universal, sua irman a sr.ª D. Maria Benedicta Sequeira de Quadros, casada com o sr. dr. Alexandre Soares Gomes Feijão. Ainda não ha filhos d'este matrimonio, pelo que é provavel a extincção d'esta antiga e nobilissima familia.

—

As armas dos Barros, são: — em campo de púrpura, tres bandas de prata, e sobre o campo, nove estrellas de ouro, uma na cabeça do campo, seis no meio e duas no fim. Timbre, uma aspa de púrpura, com cinco estrellas de prata.

—

As dos Cardosos, são: — em campo de púrpura, dois cardos verdes, floridos, com flor e raizes de prata, entre dois leões de ouro, batalhantes, armados de púrpura. Timbre, uma cabeça de leão de ouro, sahindo-lhe pela bôca, um cardo como o das armas.

—

As dos Coutinhos, são: — em campo de ouro, cinco estrellas de púrpura, de cinco pontas cada uma, em aspa. Timbre, um leopardo de púrpura, com uma estrella de ouro na espadua, armado de púrpura.

—

As dos Loureiros, são: — escudo esquartellado, no 1.º, de púrpura, um torreão de prata, e arrimada a elle, uma escada de ouro; no 2.º e 3.º, de púrpura, cinco folhas de figueira, verdes, perfiladas de ouro (que são as dos Figueiredos, com quem os Loureiros se alliaram) o 4.º, dividido em pala, na 1.ª, de ouro, bandeira de púrpura, de duas pontas; na 2.ª, de púrpura, bandeira de prata, tambem de duas pontas, e ambas com ferros da sua côr, e asteas de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o dos Loureiros, que são dois braços de leão, de púrpura, em aspa, e uma folha de figueira das armas, em cada garra, e no meio, um meio corpo de homem, de frente, com as mãos atadas com uma corda de ouro.

Estas armas foram assim construidas (accrescentadas ás dos Figueiredos, por ordem de D. João III, a favor de Luiz de Loureiro, adaíl-mór do reino e do seu conselho (do rei). A carta regia que mandou usar d'estas armas a Luiz de Loureiro, foi passada a 6 de junho de 1551.

—

As dos Quadros, são: escudo escaquetado de prata e asul, de tres peças em faxa e tres em pala. Timbre, meio leopardo de asul, armado de prata, com um taboleiro de xadrez, tambem de prata e asul, nas mãos.

Outros Quadros fizeram algumas variantes nas suas armas.

—

As dos Sequeiras, são: — em campo asul,

cinco vieiras de ouro, em aspa, realçadas de negro. Elmo de aço aberto, e timbre, quatro plumas asues, guarnecidas de ouro, com uma das vieiras no meio.

Outros Sequeiras augmentaram as suas armas, quando se ligaram a outras familias que as tinham.

—

As dos Tavares, são: — em campo de ouro, cinco estrellas de púrpura, de seis pontas. Elmo de aço aberto, e por timbre, meio cavallo de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis e freio de ouro.

—

As dos Gomes, são: — em campo de púrpura, um pelicano, ferindo com o bico o peito, e dando a seus filhos o sangue que d'elle corre.

—

As dos Soares, são: — em campo de púrpura, duas albarradas (vasos) de prata, de duas asas cada uma, cheias de açucenas da sua propria côr, abertas, entre uma banda real, de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre uma das albarradas das armas.

Outros Soares, têem por armas, em campo de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro. Outros do mesmo appellido, trazem por armas, em campo de ouro, tronco verde, com pontas de prata e sobre elle um leão asul, lampassado de púrpura. Todos estes têem elmo de aço aberto, e por timbre o leão das ultimas armas.

Note-se que os Soares de Albergaria, os de Azevedo, de Mendonça, de Tangil e de Toledo, têem armas construidas de differente modo.

—

Como o tronco originario e principal dos morgados de Couto d'Esteves, é um Tavares, direi rapidamente alguma cousa sobre a sua origem.

O appellido Tavares, é muito nobre em Portugal. Procede de D. Pedro Viegas de Tavares, que foi senhor da cidade da Guarda, no reinado de D. Sancho I.

Os Tavares foram, de paes a filhos, por muitos annos, alcaides-móres de Portalegre, Assumar e Alegrête, no Alemtejo. Eram senhores donatarios de Mira, na Bairrada.

Villas Boas diz que tomaram o appellido, da sua villa de Tavares, no districto de Viseu.

Ainda por estas terras ha varias familias (principalmente em Cambra) que usam dos appellidos de Tavares Coutinho, descendentes do instituidor do vinculo da Granja, de Couto d'Esteves.

—

Esta freguezia tem prosperado bastante no presente seculo, e augmentado de população.

Quando era concelho, constituiam-o as povoações seguintes: Couto d'Esteves, S. Fins, Linherio, Irigo e a freguezia de Rocas. Eram já estas povoações que formaram, por mais de sete seculos, o couto, denominado d'Esteves.

COUTO DE FARÍA — Minho, antigo julgado, na freguezia da Junqueira (S. Simão da) a 3 kilometros de Villa do Conde; entre os rios Ave e Éste (ou Déste). Era couto dos frades crusios do convento da Junqueira. Vide Faría e Junqueira.

COUTO DE GONDUFE — vide Gondufe.

COUTO DO MOSTEIRO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Santa Comba Dão, 48 kilometros de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Columba.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

O bispo de Coimbra apresentava o prior, que tinha de rendimento 400$000 réis.

D. Manuel a fez villa e lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. *Livro de Foraes novos da Beira*, fl. 42, col. 1.ª Vejam-se as minutas para os foraes novos de suas terras, no *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 1.º, documento 2.º, na Torre do Tombo.

Hoje está reduzida a aldeia.

D. Affonso III é que a fez couto, e a deu aos bispos de Coimbra, em 1255.

É terra fertil. Nos seus montes ha muita caça. Cria bastante gado de toda a qualidade.

COUTO DE MOURE D'OLIVA — vide Moure, de Villa Verde.

COUTO DO SOUTO — vide Souto (S. Salvador) em Terras de Bouro.

COUTOS DE SANTA EULALIA — Vide Santa Eulalia (Coutos de).

CÓVA (S. Pedro da) — freguezia, Douro, concelho de Gondomár, comarca e 10 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo e comarca do Porto, concelho de Penafiel.

O abbade era de collação pontificia, e tinha de renda 400$000 réis e tem bons e grandes passaes (Isto segundo Cardoso.)

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação da mitra, e que tinha de renda 650$000 réis.

É terra muito fertil, e exporta diariamente para o Porto cereaes e fructas, com o que faz grande commercio.

Era couto dos bispos do Porto, e tinha juiz ordinario feito a votos pelo povo e confirmado pelo bispo do Porto.

Passa n'esta freguezia o rio Ferreira, que a rega e fertilisa e faz mover moinhos de pão.

Parte da freguezia é situada em uma baixa (d'onde lhe vem o nome de *Cóva*) e o resto em terreno accidentado. Fica proximo da villa de Vallongo.

Ha n'esta villa a grande mina de carvão fossil, do Estado, descoberta em 1802, da qual se extrahem annualmente uns 7 a 8 mil carros de carvão da especie chamada *anthracites*. Anda arrendada a uma companhia e esta subarrendou ao actual explorador.

Cóva ou *silo* — especie de celleiro subterraneo de que usavam os celtas e antigos lusitanos. Os mouros ainda hoje usam d'estas *cóvas*, a que chamam *atamorras* e *matmorras*. São como cisternas e n'ellas se conserva o trigo e centeio, cinco e seis annos sem a minima corrupção. Algumas eram feitas de pedra, mas a maior parte eram póços muito bem calçados em terrenos sêccos. (Vide Atamôrra.)

CÓVA — freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhôso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães, concelho de Lanhoso e Vieira.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade por concurso synodal, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Antes de ser do concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães, foi da mesma comarca, mas do concelho da Ribeira de Soaz, cuja cabeça era a freguezia da Caniçada. (Vide Caniçada e Soêngas.)

O foral dado a Ribeira de Soaz por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de julho de 1515, serve tambem para esta freguezia, que n'elle vem comprehendida.

CÓVA DAS BARRANCAS — logar da freguezia de Maçãs de Dona Maria, concelho de Figueiró dos Vinhos.

Tem minas de ferro, de que é proprietario legal o sr. Carlos Hynece, reconhecido em agosto de 1873.

CÓVA DA LUA ou **SANTA COMBA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santa Comba ou Columba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Era da corôa.

Situada em uma ladeira, d'onde se não avistam outras povoações.

O abbade da freguezia de Espinhosella apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil em centeio, vinho e castanhas, e produz muito bôas fructas. Do mais pouco.

CÓVA DA PIEDADE — Depois do que disse d'este formoso sitio, em Almada e Cacilhas, accresceu mais o seguinte:

No anno de 1873 ajardinou-se o terreiro

que está no meio da povoação. Tem no centro um pavilhão para a philarmonica. Na face O. d'este pavilhão puzeram um letreiro, que diz:

Em memoria do feito heroico de 23 de julho de 1833
alguns cava'heiros residentes n'este sitio e cercanias
mandaram aformosear este largo e avenidas, a expensas suas
auxiliados pela vedoria da casa real.
Dedicado pela amisade, a tão prestantes cidadãos
Em 23 de julho de 1873.

(Vide Almada e Cacilhas.)

CÓVA DOS MOUROS — aldeia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Alcoutim, freguezia de Martim Longo.

Ha aqui uma grande mina de cobre em exploração, proximo a Vaqueiros. Dá 22 0[0 de pyrites e cobre *panaché*.

É da companhia denominada da *Cóva dos Mouros*. Anda arrendada aos srs. visconde de Carregoso e Antonio José Pereira de Magalhães.

Já foi explorada pelos romanos, ou pelos arabes, de que ha muitos vestigios.

COVÃO DO LOBO — freguezia, Douro, comarca de Aveiro, concelho de Vágos, 12 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo de Vágos, depois foi da comarca da Anadia, até que passou para a de Aveiro.

Situada em uma planicie, d'onde se vê a serra do Bussaco e muitas terras desertas.

O vigario de S. Thomé de Mira apresentava annualmente o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar, ao todo 100$000 réis.

Tinha este cura obrigação de paramentar a capella-mór do real convento de Santa Cruz de Coimbra.

E' terra fertil.

COVÃO DO LOBO — Beira-Baixa, sitio na Serra da Estrella. (Vide Estrella, serra.)

CÓVAS — rio, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas. Nasce nas faldas meridionaes da serra das Alturas, e atravessando o couto de Dornellas, e recebendo, pela margem direita, os ribeiros d'Agréllos e Couto, depois de um curso de 12 kilometros, se despenha no rio *Béça*, e tomando ambos o nome de *Rio das Mestras*.

Réga, móe e traz excellentes trutas, e outro peixe miudo.

CÓVAS ou SANTA MARIA DE CÓVAS — freguezia, Minho, antiga comarca de Pico de Regalados, concelho de Aboim da Nobrega, e hoje comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente visita da Nóbrega e Neiva, termo da Ponte da Barca, comarca de Vianna.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Váde.

O abbade de S. Thomé de Váde apresentava o vigario (por ser esta freguezia de Cóvas annexa á de Váde) e tinha 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e 8$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, ao todo 60$000 réis.

CÓVAS — freguezia, Douro, antiga comarca e concelho de Midões, hoje comarca e concelho da Tabua, 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

A casa do infantado apresentava o prior que tinha 430$000 réis de rendimento annual.

CÓVAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 35 kilometros a ENE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Arcebispado de Braga, districto adminis-

trativo do Porto. Orago S. João Evangelista.

Era antigamente do termo do Porto, 3.ª parte da visita de Sousa e Ferreira.

Situada em um monte. Fertil.

O arcebispo e o bailio de Leça apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

CÓVAS—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 48 kilometros ao ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Villa Nova da Cerveira e de Caminha.

O morgado da quinta de Parada, (na freguezia de Guilhabreu) e depois os srs. da *honra* de Barbosa, apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Para a familia dos senhores da *honra de Barbosa*, vide esta palavra no 1.º volume.

As rendas d'esta freguezia formavam duas commendas ou prestimonios, da ordem de Christo, que até 1641 eram dadas pelos duques de Caminha; depois passou este direito para a casa do infantado.

Houve aqui uma torre muito antiga, que consta ter sido o solar dos Antas, de Coura.

Tinha dois juizes da vintena ou pedaneos.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil. Passa por ella o rio Coura.

CÓVAS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 48 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O abbade de S. João da Pesqueira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Foi supprimida, e está ha mais de 50 annos annexa á de S. João da Pesqueira.

CÓVAS DE BARROSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 90 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 06 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

São curiosissimos, pela antiguidade que revelam, os casamentos n'esta freguezia.

Na manhan das bôdas, vem o noivo com os seus á habitação da noiva, onde estão reunidos os parentes d'ella.

Bate á porta varias vezes, até que os de dentro parlamenteiam, perguntando:

—*Quem é, e o que quer?*

Responde o noivo:

—*É F... que aqui vem buscar honra, gente e fazenda.*

—*Entre, que tudo encontrará.*

Então as raparigas offerecem á noiva flores e doces de varias qualidades. Os noivos acceitam. Provam os doces, que depois são comidos pelos padrinhos e pelos convidados.

Isto tudo acompanhado com versos mais ou menos mancos, coxos e insipidos. Antigamente as raparigas offereciam á noiva uma pomba, e a noiva, quando se abria a porta ao seu futuro, lhe atava uma fita á cinta. Hoje são dispensadas estas duas formalidades.

Suppõe-se que estas ceremonias *preparatorias* e *extra-officiaes* foram herdadas dos gôdos, que as herdaram dos francos. Ainda hoje, na maior parte das aldeias da Allemanha, são muito parecidas com estas as solemnidades dos casamentos.

CÓVAS DO DOURO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa (até 1855 do concelho de Provezende), 90 kilometros a NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real. É do infantado.

Situada em um valle fertil.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis.

Passa ao S. da villa o rio Douro, que a limita por esta parte.

Ha aqui duas minas de chumbo, ambas do sr. Ladislau Zarzechi, uma no valle da Macieira, e outras no sitio d'Agua Alta.

Obteve os direitos de descobridor em novembro de 1871.

(Vide *Trez Minas.*)

COVAS DO RIO—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros a ONO. de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Vouzella.

Situada em um valle pouco fertil.

O vigario de S. Martinho das Moutas apresentava o cura, que tinha 16 alqueires de centeio, 6 de trigo, 11 almudes de vinho, 9 arrateis de cêra e 9$000 réis em dinheiro.

COVELÃES ou **COVELLÃES** ou **COVELLANS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 55 kilometros a NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

O reitor de Santa Maria de Veade apresentava o vigario, que tinha 14$500 réis em dinheiro, 30 alqueires de centeio, 2 almudes de vinho, um cantaro de azeite, 6 arrateis de cêra e 4$000 réis em dinheiro, para a renda da casa, tudo pago pelo commendador, que era o conde do Vimioso.

COVÊLHAS—freguezia, Traz-os-Montes, no concelho de Alfandega da Fé. Foi ha muitos annos supprimida, e está annexa a Sambade. (Vide esta palavra.)

COVELINHAS ou **COVELLINHAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 15 kilometros a NE. do Pêso da Regua, concelho de Canellas, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Pêso da Regua; dista de Canellas 8 kilometros ao NE., 85 ao E. de Braga, 24 a E. de Villa Real, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1660 tinha 80 fogos, e em 1757, 40.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districio administrativo de Villa Real.

Era antigamente aldeia da freguezia de Galafúra, comarca e termo de Villa Real.

Situada na margem direita do Douro, em terreno montanhoso, e muito fertil em optimo vinho superior, que d'aqui mesmo embarca para o Porto, para de lá hir para todo o mundo.

Passa tambem aqui o ribeiro Coura. Em ambos (rio Douro e ribeiro Coura) ha *pesqueiras* onde se pescam optimas lampreias. Ha tambem aqui bastante e optimo azeite, algum pão e excellentes laranjas.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia, o que é manifesto esquecimento, visto que já existia no tempo dos arabes.

D. Sancho I a povoou em 1192. É pois povoação muito antiga.

O nome lhe provem da sua situação, em uma baixa cercada de montes.

COVELLAS—aldeia, Douro, freguezia de S. Miguel do Matto, no extincto concelho de Fermedo, e hoje comarca e concelho d'Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao O., 30 ao SE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa e 10 ao S. do Douro. 60 fogos.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1790, Manuel Antonio Coelho da Rocha.

Era filho de lavradores pouco abastados; mas o abbade de Sever do Vouga, seu parente remoto, lhe pagou a formatura em Coimbra, onde foi sempre premiado. Era presbytero, e doutor formado em direito e canones, lente de prima e vice-reitor da Universidade.

Não só no trato familiar, mas até mesmo em publico, fallava com tanta simplicidade e n'um estylo tão comesinho como qualquer lavrador boçal. Era um prégador abaixo do mediocre: finalmente a *fallar* quem o não conhecesse Julgal-o-hia um ignorante.

Com a penna na mão, porém, Coelho da Rocha, posto que não fosse um rhetorico elegante, era um escriptor eminente e profundissimo. Deu á luz muitas obras, muito estimaveis e muito estimadas e consultadas, a maior parte d'ellas em *direito*, hoje indispensaveis aos advogados e juizes.

Coelho da Rocha era bom, affavel, despretenciosissimo e homem de uma probidade e honradez a toda a prova, e honrou não só a terra que lhe deu o ser, mas o reino de Portugal, que se ufana em o contar no numero dos seus mais sabios juristas. Morreu em Covellas, em 1850, com 60 annos de edade.

COVELLAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia.

O papa e os frades bentos de Santo Thyrso apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra fertil. Passa aqui o rio Covellas, que réga e móe.

COVELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Esta freguezia deixou de existir ha muitos annos, sendo annexada á de Sobreiró de Baixo. (Vide esta palavra.)

COVELLAS—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei até 1855, e desde então comarca e concelho da Povoa de Lanhoso. 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos. Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho da Povoa de Lanhoso, comarca de Guimarães.

Situada em um monte.

Os frades da Graça (Pópulo) de Braga, apresentavam o cura, que tinha 8$500 réis e o pé d'altar, ao todo uns 30$000 réis.

É terra fertil.

COVELLAS (S. Thomé de)—(ou mais propriamente *Cubellas*, que é o nome antigo e etymologico d'esta freguezia) Douro, comarca e concelho de Bayão, 6 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 174 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Sobre-Tamega e depois de Soalhães, concelho de Bayão.

Situada em terreno montuoso, sobre a margem direita do Douro.

Os condes de Villa Nova de Portimão apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 800$000 réis.

E' terra fertil. Produz optimo vinho.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Covellas e Cubellas (estas duas palavras andam hoje confundidas e já quasi ninguem sabe qual a povoação que tinha o primeiro ou o segundo nome.)

> Aos menos lidos tenho a advertir que *Covellas* é uma cousa muito differente de *Cubellas*. *Covella* (na antiga lingua portugueza) é diminutivo de *cóva*, e como quem diz *covinha*. *Cubella* é diminutivo de *cuba*, e vem a ser *cubinha*.

COVÉLLO—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, concelho de Gondomar, 318 kilometros ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de pão, uma pipa de vinho e 8$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Tem muitos pinhaes.

Atravessa esta freguezia o rio Sousa, que n'ella mesmo morre na direita do Douro, na aldeia de Sousa.

Situada em terreno muito accidentado e limitada ao S. pelo rio Douro.

N'esta freguezia foi situada a antiga cidade de Penafiel. Na foz do Sousa havia de um lado o Castello de Sousa, e do outro uma povoação, que alguns pretendem ser a antiga Penafiel. (Vide Arrifana de Sousa, Penafiel e Castello de Aguiar do Sousa.)

Nos sitios de S. Gens, Midões e Covello, d'esta freguezia, ha minas de carvão fossil.

COVELLO DO GEREZ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (até 1855, concelho de Ruivães) 48 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

Situada na encosta de uma serra.

A casa de Bragança (que era donataria d'esta freguezia) apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis.

E' terra fertil. Cria muito gado.

Passa aqui o rio Cávado.

COVÊLLO DE PAIVÓ—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros a ONO. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Lafões.

O vigario de S. Martinho das Moutas apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

Esta freguezia é situada nas abas da serra da Gardunha, da qual nasce o rio Paivó (ou Paivô) que réga esta freguezia.

No reino ha muitas aldeias com o nome de Covêllo, Covêllos, Cubêllo e Cubêllos.

Temos aqui a mesma confusão que com Covellas e Cubellas. Já se não póde saber a que povoações compete o nome de Covêllo ou Cubêllo; palavras que não têem nada de commum uma com outra. Covêllo é (como *covella*) diminutivo de cova; *cubêllo*, significava antigamente um pequeno forte, e depois (e ainda hoje) o pequeno baluarte saliente, que defende certo panno de *cortina*, ou qualquer porta da fortaleza.

Cubêllo é de origem arabe. É a sua palavra *Coba*, que significa *pequena torre, torrinha*. Na antiga lingua portugueza, formava-se o diminutivo de qualquer palavra de varios modos (segundo a lingua d'onde os derivavam) *êllo* era uma das suas particulas diminutivas, de modo que n'esta palavra vieram a formar diminutivo do diminutivo. Isto é opinião minha, que sujeito ás mais competentes.

Deu-se pois o nome de *Covello* á povoação situada em alguma baixa ou cova; e a de *Cubêllo* á que tinha algum pequeno forte ou torre.

Vão lá agora adivinhar a quaes d'ellas (povoações) pertencia um ou outro nome.

COVÊLLO DO TAMEGA—aldeia, Douro, sobre a esquerda do Tâmega, em frente de Amarante, da qual é um arrabalde. Ha aqui o paço dos Sousas, condes do Redondo, senhores do concelho de Gestaço.

Para o mais que pertence ao Covêllo, vide Amarante, onde está tudo descripto.

COVELLOS—freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, concelho de Farinha Pôdre, até 1855, e desde então comarca e concelho da Tâbua, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo da villa d'Ázere.

O prior d'Ázere apresentava o cura, que tinha 20 alqueires de *pão baixo* e 6$000 réis em dinheiro, que lhe pagava o prior padroeiro. Tinha mais 20 alqueires de trigo, que lhe pagavam os freguezes, com obrigação de lhes dizer uma missa todos os sabbados.

Situada em uma planicie pouco fertil, d'onde se vê quasi toda a serra da Estrella

e a serra do Caramullo, ficando esta freguezia entre ambas.

COVIDE — freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, (extincta comarca de Pico de Regalados) 30 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente d'este mesmo concelho, mas da comarca de Vianna.

Situada entre serras, proximo do Zêzere.

O abbade de S. Payo da Carvalheira apresentava o vigario, que tinha 9$200 réis e o pé d'altar, ao todo uns 60$000 réis.

Tinha antigamente o privilegio de se não fazerem aqui soldados, com a obrigação de guardarem á sua custa a Portella do Homem, das invasões dos gallêgos.

Sobre um cabêço a E. da bacía onde está situada a povoação, existem as ruinas de uma atalaia dos antigos lusitanos, ou de um *castro* romano.

É tradição que foi aqui a antiga cidade de Calcedonia (outros dizem que esta cidade foi a 12 kilometros ao N., já em terreno da Galliza). Este sitio não podia conter mais do que uma fortaleza. Ha ainda por estes sitios restos de marcos milliares e vestigios da via militar romana chamada Geira. Em Sá ha um cruseiro feito de um marco milliar, sem inscripção. Tem a data de 1736, provavelmente quando fizeram o cruseiro.

No logar da egreja está outro cruseiro, coberto de zinco, e assente sobre uma columna que foi padrão romano. A inscripção não se póde ler, por estar enterrada a parte que a contém.

A pequena distancia a E. de Covide, está a capella de Santa Eufemia, e junto a ella um penedinho de fórma espheroidal, para o qual se sobe por alguns degraus de cantaria e dominado por uma pequena cruz de granito. Chama-se Penedo da Santa, ou Penedo de Santa Eufemia. N'elle se vêem vestigios de muitas pégadas de um pé delicado. É tradição que fugindo Santa Eufemia á perseguição de seu pae, governador romano de Braga, vagára por estas serras e que fazendo oração sobre este penedo, ahi deixou gravados os signaes de seus pés.

Na aldeia de Covide appareceu pelos annos de 1855, em uma escavação, um forno construido de tijolo.

Esta freguezia está situada em um pequeno valle, ao S. do Gerêz. É terra fria e humida no inverno; mas tem bons prados artificiaes e naturaes. Produz muito milho, linho e centeio, alguma castanha e pouco e mau vinho verde. Cria bastante gado bovino, da raça de Barroso.

N'esta freguezia, na casa do Passadiço, esteve o marechal Saldanha, quando fugiu para Lóbios (Galliza) em 1851.

Covide dava uma companhia para o regimento de milicias da Barca. D'esta companhia era alferes, em 1828, o sr. Antonio José Martins Capella, avô paterno do rev.mo sr. Manuel José Martins Capella (abbade de Painzella) que tantos serviços tem prestado a esta obra.

O referido sr. alferes, serviu 20 annos a sua patria, com honra, distinguindo-se durante as campanhas da Peninsula, das quaes fez a maior parte. Em 1811 salvou uma das bandeiras do seu regimento. Era homem chão e de muita probidade, pelo que morreu chorado por todos quantos o conheciam.

COVILHAN — cidade, Beira Baixa, 36 kilometros a SSO. da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 2:600 fogos, 10:400 almas, no concelho 6:700 fogos, na comarca 7:850.

Em 1757 tinha a cidade (então villa) e seu termo, 981 fogos, umas 4:000 almas.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Tem actualmente cinco freguezias, que são: — S. Francisco, Santa Maria, S. Martinho, S. Pedro e S. Silvestre, mas antigamente tinha 13 freguezias, que eram:

1.ª *Degolação de S. João Baptista* — cuja matriz era situada no bairro chamado das Tres Freguezias. Os frades cruzios do convento de Folques apresentavam, *in solidum*, o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha duas egrejas filiaes, Alcaría e S. Dominguizo, onde o prior apresentava os curas.

2.ª *S. Martinho, bispo* — situada no mes-

mo bairro. O ordinario apresentava o prior, que tinha 140$000 réis.

3.ª *S. Vicente, martyr* — no mesmo bairro (e eram as trez que lhe davam o nome) o prior era de apresentação regia, e tinha 60$000 réis.

—

4.ª *Santa Maria intra muros*, ou *Nossa Senhora de Roque Amador* (vulgo *Reclamador*) — O vigario era de apresentação regia, e tinha 42$000 réis, 40 alqueires de centeio, 20 de trigo e duas arrobas de céra, tudo pago pela commenda. O parocho apresentava o cura, a quem a mesma commenda dava 8$000 réis, e tinha mais a 3.ª parte do pé d'altar. A commenda apresentava o sachristão e lhe dava 4$000 réis, 8 alqueires de trigo, 12 de centeio, 16 almudes de vinho e 4 cantaros d'azeite. Tinha 4 raçoeiros, com 3$000 réis cada um.

—

5.ª *S. Silvestre intra muros* — O ordinario apresentava o prior, que tinha 230$000 réis. O prior apresentava o cura da egreja do Barco (filial d'esta.) A egreja é antiquissima e tinha um só altar. Por estar muito arruinada, foi reedificada em 1728.

—

6.ª *S. Thiago, intra muros* — o prior era da apresentação ordinaria e tinha 240$000 rs Este prior apresentava o cura do Ferro (annexa.)

—

7.ª *S. Pedro apostolo* — o cabido da Sé da Guarda apresentava o prior, que tinha cento e trinta mil réis.

—

8.ª *Santa Maria Magdalena*, ao fundo da cidade tinha um só altar; o prior era de apresentação ordinaria e tinha 240$000 réis este parocho apresentava o cura do Péso, cuja egreja era filial d'esta.

—

9.ª *S. João de Malta* (ou *S. João Baptista*) — tinha um só altar. Era cabeça da commenda de S. João do Hospital. Tinha duas egrejas filiaes, *Escarrigo* e *Sameiro* — o commendador do Hospital apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 16 arrateis de céra (para as missas) 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo e um arratel de incenso, tudo pago pela commenda.

—

10.ª *S. Paulo* — O rei apresentava o prior, que tinha 80$000 réis.

—

11.ª *S. Bartholomeu* — O rei apresentava o vigario, que tinha 42$000 réis (sendo dois mil réis por ensinar a doutrina) 30 alqueires de trigo, 30 de centeio, um d'azeite, 2 almudes de vinho e mais 4 alqueires de trigo para hostias. Este parocho apresentava o cura do Salgueiro, cuja egreja era filial d'esta.

—

12.ª *O Salvador do Mundo* — O ordinario apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

—

13.ª *Santa Marinha* — O rei apresentava o prior, que tinha 150$000 réis, e apresentava o cura do Carvalho, que era filial d'esta. Fica esta egreja fóra, mas a pouca distancia da cidade.

—

Antigamente era a Covilhan da comarca da Guarda. Era da coroa.

Está situada nas abas da Serra da Estrella, em um monte, na encosta que desce da serra, entre as ribeiras da Carpinteira (ou da Fabrica, por estar n'ella a real fabrica de panos) e Degoldra.

Ambas estas ribeiras nascem na Serra da Estrella, proximo da cidade, e ao cimo da ladeira em cuja encosta está fundada a cidade. Na Carpinteira por baixo da cidade, está uma ponte de cantaria, chamada de D. Joanna. No mesmo sitio havia outra, tambem de cantaria, destruida por uma grande cheia, que houve em 1749. Na Degoldra tambem ao fundo da cidade, está uma ponte de cantaria, chamada de Martim Collo. O seu termo tinha 99 aldeias. A sua primeira posição em uma baixa a deve o seu nome. A Covilhan, foi primittivamente fundada na baixa da costa junto aos pomares, onde chamam Ladeira de Martim Collo. D. Sancho I, a reedificou no mesmo sitio e d'esta primeira fundação ainda existem alguns edificios e a parte da cidade chamada Trez-Freguezias. No seu desenvolvimento foi-se estendendo para cima.

Seus arrabaldes e termo, abundantissimos d'aguas, são muito ferteis em todos os generos d'agricultura, e povoados de frondoso arvoredo. Cria muito gado de toda a qualidade.

Foi, merecidamente, elevada á cathegoria de cidade, em 20 de outubro de 1870.

—

Foi fundada pelo tristemente célebre conde D. Julião, em 690. Deu-lhe o nome de *Cóva-Juliana*, mas a maior parte dos auctores dizem que elle a denominou *Cáva-Juliana*, o que é um contra-senço. *Cáva* era synonimo de mulher de má vida (meretriz) e como é que seu pae havia de dar semelhante nome a sua adorada filha Florinda? porque os d'esta segunda opinião dizem que o nome de Cáva que se deu á povoação é allusivo á filha do fundador.

A formosissima Florinda (filha do conde D. Julião) que foi violada por D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos, e a causa (ou pretexto) da traição de seu pae e de seu tio (vide *Historia Chronologica de Portugal*) aqui nasceu, pelos annos 692.

Tambem alguns escriptores sustentam (e talvez seja o mais provavel) que o fundador lhe deu o nome de *Cova-lhana* por estar em uma planicie, cercada de serras.

Corrobora muito esta opinião, o nome de Covilhan que em Portugal têem dés aldeias, todas situadas em valles profundos, e que de certo tiveram o primittivo nome de Cova-lhana, em razão da sua situação.

De Cóva-Juliana, de Cáva-Juliana ou de Cóva-lhana é que lhe vem (corrupto vocabulo) o actual nome de Covilhan.

Com as continuas e encarniçadas guerras entre mouros e christãos nos seculos VIII, IX, X, XI e XII, foi esta povoação muitas vezes tomada, saqueada e destruida, já por uns já por outros; de maneira que, no principio do reinado do nosso 2.º rei, estava abandonada e quasi arrazada. D. Sancho I, a mandou reedificar e povoar em 1186 (o padre Cardozo diz que foi em 1196, mas é êrro, visto que o foral lhe foi dado em 1186), dando-lhe foral, em setembro d'esse anno (de 1186) com grandes privilegios e isenções, sendo os principaes que os cavalleiros d'aqui gosassem a preeminencia de infanções; que qualquer escravo aqui morador por mais d'um anno, ficasse livre, e seus descendentes habilitados para todos os empregos e honras.

Tinha tambem privilegio de ser sempre realenga (da coroa) não pagarem portagem os seus habitantes, etc etc.

O mesmo D. Sancho I, deu a Covilhan em 1199, a Raymundo Paes, em recompensa de seus grandes serviços á patria.

Os grandes privilegios d'esta povoação, foram guardados pelos successores de D. Sancho I; e D. Affonso II, dando-lhe outro foral em Coimbra, em outubro de 1217, ainda lh'os ampliou. No foral novo que lhe deu D. Manuel, em Santarem, no primeiro de junho de 1510, lhe foram conservados todos os seus antigos privilegios.

—

Esta povoação foi sempre muito conciderada pelos soberanos portuguezes. D. Affonso III, na sua provisão de 2 de dezembro de 1253, declara que é uma das principaes povoações da Beira, e como tal reconhecida pelos seus antecessores. D. Manuel I, na sua provisão de 21 de fevereiro de 1498, diz que é a principal, no centro das outras villas do reino. D. Sebastião I, na sua provisão de 6 de julho de 1570, diz que a Covilhan fez sempre grandes serviços á coroa, pelo que lhe confere o titulo de *notavel*.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 4.º.

Em 1209 foi tomada e saqueada pelos mouros; mas foi logo reedificada em 1210, por D. Sancho I.

Foi senhor da Covilhan o grande infante D. Henrique, duque de Viseu, insigne cosmographo, a quem se devem as nossas grandes descobertas na Asia, Africa e America. (Vide Sagres.)

É terra abundantissima de cereaes, fructas, peixe, vinho, caça, e castanhas; vastas e bôas pastagens, etc etc.

Da Covilhan vê-se Ferro, Pêra-Bôa, Caria, Belmonte, Teixoso, Alcaide, Aldeia-Nova, Donas, Souto-da-Casa, Aldeia-do-Carvalho, Bóidobra e a villa do Fundão.

Dentro da cidade e nos arrabaldes ha 8 capellas.

A capella de S. Lourenço, foi egreja matriz de uma antiga freguezia que aqui houve e se extinguiu ha mais de 250 annos.

Na parte mais alta da cidade está um castello antiquissimo, com duas torres, cuja fundação se attribue a D. Sancho, I.

É cercada de muralhas, com 3 portas (Valle-de-Caravêlho, Sol, e S Vicente) obra de D. Diniz, pelos annos 1300. Não é preciso dizer que todas as suas obras de defeza estão em ruinas.

A cidade é abastecida de muita e optima agua, e um dos seus chafarizes é de boa architectura.

Tem por armas uma estrella em campo asul, por estar edificado na Serra da Estrella.

Tem uma bella estrada á macadam, concluida em 1866 e duas diligencias diarias, que põem esta cidade em communicação com a Beira, Extremadura, Alemtejo, etc.

—

Esta cidade é, com justissima razão, denominada a Manchester Lusitana.

Afóra muitos teares particulares, tem 36 fabricas de tecidos de lan (saragoças, burelinas, casimiras, mesclas, castores, briches, castorinas, meias, chailes-mantas, etc etc) tudo d'optima qualidade e muita duração; o que constitue o seu principal commercio, sua grande actividade e riqueza e seu prodigioso desenvolvimento. O fabrico de panos de lan, n'esta cidade, data de remotas eras.

Só pude haver á mão dados estatisticos relativos ao anno de 1868, com respeito ás manufacturas d'esta cidade. Apesar de ter tomado grande incremento de então para cá, julgo curioso descrevel-os.

—

Tem o seguinte machinismo a funccionar para as suas differentes fabricas de tecidos e chapeus:

Machinas de cardar

Movidas por vapor.....	1	46
« por agua.....	45	

Fiadores mechanicos

Movidos por vapor.....	2	55
« por agua.....	53	

(Conteem 14:805 fusos.)

Lavadeiras mechanicas

Motor hydaulico.....	6

Maceiras de apisoar

Motor hydraulico.....	47

Percheas mechanicas

Movidas por vapor.....	2	32
« por agua.....	30	

Dornas de tinturaria

Aquecidas por vapor.....	3	21
A fogo de lenha ordinaria....	18	

Caldeiras, de differentes capacidades

Aquecidas por vapor.....	4	47
A fogo de lenha.....	43	

Estabelecimentos de ultimação

(Contendo tesouras, lustradeiras, prensas, etc., etc.)

Movidas por vapor.....	1	13
Motor hydraulico.....	7	
A braço.....	5	

—

Teares do systema *Jacard*, apparelhados, de differentes tamanhos.....	54	754
Ditos de *apparelho liso*, grandes, ou largos, na cidade e resto do concelho.....	571	
Ditos de *apparelho liso*, pequenos, idem.....	129	

Consomem annualmente 100:000 arrobas de lan. (3.500:000 kilos.)

—

De todos os estabelecimentos industriaes d'esta cidade, o melhor é a rica fabrica do commendador, o sr. Marques de Paiva, hoje visconde da Coriscada. Anda por dois contos de réis a importancia das ferias semanaes. Tem fabricantes estrangeiros.

O immediato é a fabrica dos srs. Campos de Mello e Irmão.

—

Ha n'esta cidade duas sociedades recreativas: Progressista e Erminia Covilhanense.

—

Tem esta cidade muitos edificios de bella e optima construcção; mas o melhor é o sumptuoso palacio do sr. visconde da Coriscada, proximo da sua magnifica fabrica. E' em um bello sitio. quasi no fim da cidade. A sua quinta é das melhores da provincia.

—

Tinha dois conventos.

Um de frades franciscanos, da provincia de Portugal, fundado por fr. Gualter e fr. Zacharias, em 1217—outro de frades capuchos da provincia da Soledade.

—

Tem estação telegraphica de 1.ª classe, posta ao serviço publico em março de 1874.

—

Havia aqui uma irmandade intitulada de Nossa Senhora da Alampada, que fundou um hospital de caridade em 1213. Tinha uma capella da mesma invocação. Este estabelecimento passou a ser instituido em Misericordia em 27 de junho de 1577. A egreja é um bom templo e o hospital está muito bem montado e administrado.

—

Tem duas feiras, uma no domingo da Paixão, outra a 25 de julho, e tem mercado nos terceiros domingos de cada mez.

Foi quartel do batalhão de caçadores 8.

—

No dia 24 de agosto de 1869, pelas 2½ horas da tarde, sobre as povoações de Pêra Bôa e Caria, proximo e ao N. da cidade, se levantou uma furiosissima e medonha trovoada, que aterrou todas as povoações circumvisinhas. Era um verdadeiro *cyclone* terrestre. Tomando depois a direcção da Serra da Estrella, passou sobre esta cidade, deixando após de si a desolação e a ruina. Ao aproximar-se, viam-se na frente d'aquella negra e immensa massa de nuvens, grandes bandos de passaros, que acossados pela tempestade, fugiam espavoridos, em *columna cerrada.*

O vento furioso, acompanhado de trovões medonhos e sem interrupção, abalava as casas até aos alicerces. A chuva de pedra, impellida pelo vento, destruiu vinhas, pomares, cearas, olivaes, hortas, arvoredos, etc., deixando muitas familias reduzidas á miseria. Os vidros das janellas foram quasi todos esmigalhados, porque a pedra era do tamanho de ameixas, pesando cada grão de saraiva 5 oitavas!

O Zêzere cresceu repentinamente, e na furia da sua corrente, arrebatou nóras, gados, cearas de milho e feijão, sem deixar vestigios de sementeira. Muitas aves cahiam do ar, como fulminadas.

Este horrivel temporal causou muitos contos de réis de prejuizo.

Em Pêra Bôa, um redemoinho do vento arrebatou um homem, atirando com elle a grande distancia, sem que todavia elle soffresse outro incommodo além do susto.

—

Aqui nasceu o célebre navegador Pêro da Covilhan, que com Affonso de Paiva partiu por terra para a India, em 1480. Paiva morreu na Ethiopia, e Pêro da Covilhan, depois de percorrer varios reinos da Asia, voltou a Portugal, em 1485, trazendo curiosas noticias da India e outros paizes.

—

Era d'aqui um individuo, por alcunha o *Migas Frias*, que se tornou célebre na nossa historia, pelo facto seguinte:

Em 3 de setembro de 1769 (um domingo) 10 annos dia por dia depois do attentado contra a vida de D. José I—dia do jesuita S. Francisco Xavier—sahindo aquelle rei do paço de Villa Viçosa, para uma caçada, depois de atravessar a porta do paço e ao passar á *Porta do Nó*, foi inopinada e furiosamente aggredido por um homem armado de um pesado bordão, com o qual atirou a D. José uma grande pancada á cabeça, que o rei aparou no braço. Então o homem deu outra grande bordoada no cavallo. Os que hiam com D. José, trataram de prender o furioso; mas elle se defendeu corajosissimamente, ferindo alguns fidalgos, sobretudo, o conde do Prado, que ficou em misero

estado, e custou muito a ser prêso. Este homem era o *Migas Frias*, da Covilhan.

(Em um manuscripto antigo donde extrahi isto, nem vinha o nome do *Migas Frias*, nem o caminho que levou, depois do attentado.)

Como nem todos saberão o que são *migas frias*, dir-lhes-hei que é uma repelente sôpa, feita com agua fria, sebola crua, azeite e pão: tudo mexido e comido mesmo assim frio.

—

Perto d'esta cidade ha a formosa vivenda do *Refugio*, constante de um bello palacete, jardim, pomares e quintas; propriedade do sr. Marcellino, actual representante da casa Mendes Veiga, uma das mais opulentas d'esta cidade.

—

Ha aqui um asylo da infancia desvalida, que sustenta e educa 12 meninos e dá lições a mais 16. Foi feito por uma subscripção e anda muito bem administrado. E' um vasto edificio, bem dividido e em boas condições hygienicas. Tem já de fundo, 16 contos de réis nominaes, sendo d'estes 16 contos, 10 dados pelo benemerito sr. visconde da Coriscada.

—

Estão actualmente (1874) em reconstrucção os paços do concelho, para n'elles caberem todas as repartições publicas do municipio.

—

É pois a Covilhan uma das cidades mais prosperas e commerciaes do reino, e as suas condições de progresso vão receber ainda um novo e poderoso impulso, com o caminho de ferro da Beira, que se vae construir.

O povo d'aqui é eminentemente laborioso, franco e hospitaleiro.

—

O concelho da Covilhan é composto de 26 freguezias, todas no bispado da Guarda, que são: Aldeia do Carvalho, Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Barco, Boidobra, Caségas, Cebôla, Córtes, Dominguizo, Eirada, Ferro, Orjaes(ou Urjaes), Ourondo, Paúl, Pêra Bôa Pêso, Sarzedo, Sobral, Teixoso, Tortosendo (ou Tructuzendo), Unhaes da Serra, Verdêlhos e as quatro da cidade.

—

A comarca é composta só de dois julgados, o da Covilhan e o de Belmonte. Este tem 1150 fogos, e é composto de 4 freguezias, que são: Belmonte, Caria, Inguias e Maçainhas.

COVO — aldeia, Douro, freguezia de S. Pedro de Villa Chan (vulgo S. Roque) comarca, concelho e 1:500 metros a NE. de Oliveira de Azemeis, 40 ao S. do Porto e 283 ao N. de Lisboa.

Tem uma fabrica de vidro, que é a mais antiga da peninsula hispanica, e á qual D. Affonso V deu grandes privilegios em 1580.

Esta fabrica não trabalha (parece-me que desde 1867) porque estando pessimamente montada, e sem se lhe adaptarem os grandes melhoramentos que teem tido estas fabricas pelos systemas modernos, seguidos em toda a Europa, não dava ao seu proprietario os lucros sufficientes.

Fabricava boa *vidraça*; mas os artefactos a que aqui chamavam de crystal, não podiam competir em perfeição com as mais ordinarias fabricas de França e Inglaterra, porque só se acceitavam *fabricantes* que ganhassem salarios diminutissimos, e por consequencia de um merecimento (os fabricantes) muito mediocre.

Estando, como está, esta fabrica a 20 kilometros apenas da estação do caminho de ferro de Ovar, e com bella estrada nova, que lhe dá facil communicação com este ponto, e, sobretudo, tendo de casa inexgotavel abundancia de optima lenha (que quase póde dizer-se é a *materia prima* do vidro; visto que os materiaes de que elle se fabrica são de um preço modicissimo, e o que fica mais caro é o combustivel) em vista d'isto, digo — Se um individuo intelligente e activo, que desprezasse o antigo e molento systema rotineiro, se pozesse á testa d'esta fabrica, montando-a convenientemente, podia dar um lucro immenso ao seu proprietario.

Junto á fabrica ha boas casas de habita-

ção, reedificadas de novo em 1850, e com uma elegante capella feito em 1862, com um bom carneiro de cantaria.

A quinta que antigamente era toda murada, é muito extensa (tem uns 10 kilometros de circumferencia) atravessada pelo rio do seu nome, e com muitas terras cultivadas e ferteis; mas o que faz (ou podia fazer) a sua riqueza, são os seus vastissimos pinhaes.

Dentro da quinta ha um lagar de azeite, o moinho de moer o seixo para o vidro e moinhos de pão, aos quaes serve de motor a agua do rio.

É tambem esta quinta atravessada pela estrada em construcção (mas aqui já concluida) de Oliveira d'Azemeis a Arouca.

Posto que as casas de habitação sejam na freguezia de Villa Chan, a quinta está em terreno de quatro freguezias—S. Pedro de Villa Chan, Pindello, Ossella e Oliveira de Azemeis.

O seu primeiro nome foi — *Monte do Corvo.*

É dos herdeiros (filhos) do fallecido sr. Sebastião de Castro Lemos.

COVÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhêde, 30 kilometros a O. de Coimbra, 234 ao N. de Lisboa, 760 fogos.

Em 1757 tinha 623 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo de Cantanhede, comarca de Coimbra.

Situada em uma campina muito fertil.

O cabido de Coimbra apresentava annualmente o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Ha em Portugal mais 8 aldeias chamadas *Covões.* Nenhuma tem coisa notavel.

COZ—Vide Cós.

COZELHAS — Vide Cosêlhas.

CRASTELLOS— Vide Castréllos.

CRASTO—serra, Douro, na freguezia de Romariz, comarca e concelho da Feira. Já está descripta sob o nome de *Castro.* (Vide esta palavra.)

CRASTO—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo da Barca, mas da comarca de Vianna.

Situada na encosta de um monte.

O geral de Santa Cruz de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

Primeiramente foi da apresentação dos conegos regrantes do mosteiro de S. Theotonio de Vianna, e depois, como este mosteiro foi encorporado ao de Santa Cruz de Coimbra (da mesma ordem, cruzios) é que para aqui mudou o direito da apresentação.

É terra fertil. Cria muito gado.

No logar do Crasto, a 3 kilometros de Villa Nova de Mohia, e 5 da Ponte da Barca no antigo julgado da Nóbrega, houve um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios).

Este convento foi fundado por D. Onerico Soeiro, senhor de Crasto, dando o terreno para o mosteiro e cêrca, e fundando a egreja, em 1136, como consta da inscripção que está á porta da mesma egreja e diz assim:

«*Era M.C.LXXIIII* (1136 de Jesus Christo) *xvj.* (16) *kal. may. caepta est opera ista.*»

Quer dizer:—Na era de 1174, a 16 de abril, se começou esta obra.

O mosteiro e a egreja se concluiram em 1140.

D. Onerico Soeiro fez a este mosteiro doação de tudo quanto tinha e possuia n'esta terra, em 1142; em presença do arcebispo de Braga, D. João Peculiar e de 22 testemunhas.

O arcebispo de Braga, D. Godinho, ampliou muito este convento e augmentou as suas rendas no anno de 1176.

Em 12 de abril de 1190, os quatro abbades, descendentes de D. Onerico Soares de Crasto, a saber: Onerico Viegas, abbade de

Santo Adrião d'Oleiros; Rodrigo Fernandes, abbade de S. Thiago de Sampriz; Goterre Soares, abbade de S. Romão de Santa Olaia; e Pedro Soares, abbade de S. Miguel de Brivanes (hoje Bravães) deram as suas egrejas a este mosteiro, e n'elle professaram.

Muitos particulares fizeram doações a este convento, sendo d'estas a mais notavel, a que fez Estevão João, cancellario de D. Affonso III, em 1278; na qual lhe deixou todas as suas herdades, quintas, casas e vinhas, que tinha na villa de Vallença do Minho, e um grande casal que tinha no couto do mosteiro de S. João de *Longouares*, junto á villa de Monção.

Com o tempo veio este mosteiro ao poder de commendatarios, que lhe comiam as rendas, a ponto de já não ter senão dois frades, em 1615; em cujo anno, morrendo o ultimo commendador (Sebastião Rodrigues da Fonseca) foi o mosteiro unido ao de Santa Cruz de Coimbra, por bulla do papa Clemente VIII.

Perto d'este convento havia outro da mesma ordem, em Santa Maria de Mohia.

CRASTO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, e desde então comarca e concelho de Valle Paços, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves.

Fertil. Gado e caça.

Era annexa á egreja de S. Nicolau, de Carrazêdo de Monte Negro, cujo reitor apresentava o vigario annual, que tinha 32 alqueires de trigo, 26 de centeio, 35 almudes de vinho, 7 arrateis de cêra branca e em dinheiro 10$600 réis, tudo pago pelos marquezes de Fronteira, que eram os commendadores d'aqui. Além d'isto dava cada freguez, ao vigario, um alqueire de trigo.

Passa aqui o rio das Pias.

Ha em Portugal, além das descriptas, mais 76 aldeias chamadas Crasto.

CRASTO—vide Castro.

CRATO—villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros a O. de Portalegre, 24 ao S. do Tejo, 24 ao S. de Niza, 180 ao E. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas, no concelho 1:250 fogos.

Em 1757 tinha, a villa, 360 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

Tinha antes da guerra da acclamação 900 fogos (a villa e freguezia) e durante os 27 annos d'esta guerra, ficou reduzida a 300.

Segundo Ptolomeu, foi esta povoação fundada pelos carthaginezes, pelos annos do mundo 3500 (504 antes de Jesus Christo) fazendo-a colonia, com o nome de *Castraleuca* ou *Crastaleucos*, derivado dos seus fundadores.

Dizem alguns que *Crato* é palavra grega e significa forte, formidavel. Outros dizem que *Castraleucos* é Castello Branco. Se não havia *Castraleucos* e *Cattaleucos*, e se Ptolomeu se não enganou na posição geographica d'aquella velha cidade, é forçoso confessar que ella era aqui e não na Beira Baixa; pois aquelle antigo geographo colloca *Castraleucos* entre o Tejo e o Guadiana e não entre o Tejo e o Douro, como está Castello Branco. Vide esta cidade.

Nos primeiros seculos do christianismo, foi cidade episcopal, pois que no concilio illiberitano celebrado no anno 300 de Jesus Christo, na cidade de *Elvira* (Andaluzia) assistiram tres bispos lusitanos, sendo um d'elles Secundino, bispo castraleucense.

Ainda no Crato existe uma rua chamada Episcopia, ou do Bispeiro, onde se suppõe que existiu o paço episcopal.

Foi incontestavelmente uma grande povoação em tempos antigos, e, ainda a 1:500 metros de distancia, ha vestigios de varios alicerces, pedras lavradas, campas de sepulturas, torres, cippos, etc., que o povo d'aqui tem destruido.

Os mouros a devastaram em 716, deixando então de ser cidade e não tornando mais a ter bispos; fugindo os seus habitantes a procurar abrigo pelas serranías.

Parece que foram os arabes que com a

sua *lingua de trapos* corromperam o antigo nome de *Castraleuca* no actual de *Crato*. É certo que já tinha este nome no tempo de D. Affonso VI de Leão.

No anno 1100, Godofredo de Buillon creou em Jerusalem a Ordem militar de S. João de Jerusalem. Mudando pouco depois a séde da Ordem para a ilha de Rhodes, mudou a sua denominação para Ordem de S. João de Rhodes. Por fim se mudou para a ilha de Malta, e desde então se chamou até nossos dias, Ordem militar de S. João de Malta.

Foi esta Ordem introduzida em Portugal no tempo de D. Affonso Henriques; mas parece que só no reinado de D. Affonso IV se elevou o Crato a cabeça d'esta Ordem.

E' certo que o primeiro prior do Crato, de que ha noticia (D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do inclito D. Nuno Alvares Pereira) vivia no tempo d'este ultimo rei.

Mas é certo que a 8 de dezembro de 1231 (reinando D. Sancho II) era prior da Ordem de S. João de Jerusalem, em Portugal, Mem Gonçalves, que então deu foral a esta villa (como adiante direi) mas é de suppor que, ainda que a Ordem fosse senhora do Crato, ainda esta villa não estava elevada a cabeça da Ordem.

Foi desde o anno 1350 que principiou o Crato a readquirir grande parte da sua antiga importancia, por ser a séde dos cavalleiros de Malta, os mais privilegiados de todos em Portugal.

Consta que antes do Crato pertencer á Ordem de Malta, tinha sido dos Templarios, desde D. Affonso Henriques até á extincção d'elles.

Não me parece inutil dar aqui conta de todos os grãos-priores do Crato. Foram:

1.º D. Alvaro Gonçalves Pereira, de que acima fallei.

2.º Affonso Gonçalves Pereira.

3.º Alvaro Gonçalves Camello.

4.º D. Pedro Alvares.

5.º D. Nuno de Góes.

A este grão-prior deve muito o Crato, pois, além de reedificar o seu antigo castello, fazendo-lhe uma grande torre e cingindo a villa de muralhas e outras obras de defeza, construiu varios edificios na villa. Isto pelos annos de 1460.

6.º D. Diogo Fernandes d'Almeida.

7.º D. João de Menezes, conde de Tarouca.

8.º D. Luiz, infante de Portugal.

9.º D. Antonio, filho do infante D. Luiz, que foi D. Antonio I, depois da morte do cardeal-rei (seu tio) e a quem Philippe II usurpou a corôa. Adiante vão alguns esclarecimentos sobre a vida de D. Antonio I.

10.º O principe Victorio Amadeu.

11.º D. Fernando, infante de Castella.

12.º O cardeal archiduque Alberto.

Estes tres ultimos grãos-priores (intrusos) os unicos estrangeiros que tiveram tão honroso titulo, foram feitos pelos Philippes.

13.º D. João de Sousa, o primeiro grão-mestre depois da gloriosa restauração de 1640.

14.º D. Manuel de Mello.

15.º O infante D. Francisco, irmão de D. João V.

16.º O infante D. Pedro, depois rei D. Pedro III.

17.º O principe D. João, depois rei D. João VI.

18.º O infante D. Miguel, depois rei D. Miguel I.

Parece que o primeiro individuo que em Portugal teve o titulo de prior d'esta Ordem, foi D. Fernando Farinha, valido de D. Affonso III (dizem outros que elle se chamava D. Affonso Pires Farinha.)

Os rendimentos do grão-priorado do Crato eram no seu principio, de 600$000 réis annuaes. Em 1800 já subiam a 24 contos de réis.

Por breve do papa Pio VI, de 24 de novembro de 1789, ficou este grão-priorado unido á casa do infantado, que foi extincta em 1834; sendo então tambem extinctos os dizimos, que constituiam o melhor d'aquelles rendimentos.

O grão-prior tinha dominio espiritual e temporal, com jurisdição episcopal, sem sujeição a bispo algum (por isso se denominava *isento* ou *nullius diœcesis*).

Eram do grão-priorado as villas de Gafete, Tolosa, Amieira e Gavião, que lhe ficam

da parte d'aquem do Tejo—e da outra parte (Beira Baixa) Belver, Envendos, Carvoeiro, Proença, Cardigos, Certan, Oleiros e Pedrogam-Pequeno. Ao todo 12 villas, além de muitas freguezias.

O territorio que constitue o grão-priorado do Crato é atravessado pelo meio por o Tejo, pelo que é este *isento* em duas provincias. Eram ao todo 29 freguezias que formavam o grão-priorado. Hoje está ecclesiasticamente encorporado no patriarchado.

Os dizimos do priorado, deduzidas todas as despezas com parochos, justiças, empregados, etc., rendiam liquido para a ordem mais de 32:000 cruzados.

—

A muralha que circumda a villa tinha 5 portas—a de Santarem, S. Pedro, Beringel, Nova e de Sêda.

Havia mais duas portas, chamadas — a d'Alter do Chão e a do Convento—d'estas já não ha vestigios.

O castello era edificado sobre rochedos, em uma eminencia sobranceira á villa (a E.) Ao sitio onde estão os restos do castello se chama o *Ervedal.*

Ainda resta a cêrca dos seus muros exteriores, com seus baluartes. A torre de menagem e mais edificios que existiam dentro d'aquella cêrca, foram destruidos pelos castelhanos, como adiante direi.

Ainda ha ruas inteiras arrasadas por elles, e que se não tornaram a reedificar. No meio da villa está uma torre (que tem agora relogio) muito alta e feita á maneira de pyramide.

Foi D. Affonso Henriques que tomou esta villa aos mouros, pelos annos de 1160, mandando reedificar parte d'ella e povoando-a de christãos, aos quaes concedeu muitos privilegios.

Franklim diz que o primeiro foral do Crato lhe foi dado por Mem Gonçalves, prior da Ordem de S. João de Jerusalem, a 8 de dezembro de 1232.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 15 de novembro de 1512.

Esta villa tem o titulo de *notavel.* Não pude porém saber desde quando; mas já o tinha quando se lhe deu o foral novo. N'este foral não só lhe foram confirmados seus antigos, foros e privilegios, mas até lhe foram ampliados e concedidos outros de novo.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.º

Tem por armas uma cruz de Malta, de prata, em campo de púrpura.

—

Em 1662, um exercito castelhano, commandado por D. João de Austria, pôz cêrco a esta villa, que tinha uma pequena guarnição. Defendeu-se esta valorosamente em quanto poude; mas vencida pela grande desproporção de forças (os castelhanos eram 6:000 infantes e 4:000 cavallos) rendeu-se, não podendo salvar mais do que as vidas da guarnição e habitantes.

D. João de Austria, que em Portugal não foi mais do que um cobarde parlapatão, sendo invariavelmente derrotado pelos portuguezes, quando estes eram, (quando muito; metade dos castelhanos; quando combatia, com 40 ou 50 contra um e vencia, desforrava-se das derrotas praticando toda a casta de crueldades.

Aqui, zangado pela tenaz resistencia que tão poucos portuguezes lhe opposeram, vingou-se fazendo e deixando fazer toda a qualidade de depredações. A villa foi saqueada e queimada, não ficando uma unica casa que não fosse mais ou menos desmantellada, e o seu castello foi arrasado. N'esta occasião arderam os cartorios, que continham muitos documentos importantissimos para a historia de Portugal e para a da Ordem de Malta.

Os povos d'aqui, espavoridos e sem habitação, fugiram para Portalegre e outras povoações.

Passado algum tempo se foi repovoando a villa pouco e pouco; mas esta catastrophe foi tamanha, que o Crato nunca mais tornou ao seu antigo esplendor, e ainda hoje ha ruinas d'esse tempo.

O terreno d'esta villa é bastante accidentado, pelos muitos e grandes rochedos que a cercam por todos os lados, menos pelo sul.

Ainda existem, apesar de muito arruinadas, as suas velhas muralhas, com as suas cinco portas, que já nomeei; mas do seu an-

igo e forte castello (que era edificado sobre rochedos, em uma eminencia sobranceira á villa) só resta a cêrca de muralha exterior, com seus baluartes. A torre de menagem e mais edificios que estavam dentro d'esta cêrca, não se tornaram a reedificar desde 1662.

A unica parochia da villa é Nossa Senhora da Conceição. E' uma boa egreja de 3 naves. O grão-prior apresentava o vigario, que tinha de rendimento 370 alqueires de trigo, 24 almudes de vinho, em môsto, cantaro e meio de azeite e 13$500 réis em dinheiro.

A egreja da Misericordia, fundada no principio do seculo XVI, era pequena e estava bastante arruinada, assim como o hospital. Foi aquella feita de novo pelos annos de 1750 (sendo demolida a antiga) e este tambem então reedificado. Tem uns 400$000 réis de renda.

A torre do relogio é toda de cantaria; muito alta e antiga, e de fórma pyramidal. Está no centro da villa.

Ha dentro e fóra da villa varias capellas, sendo a mais notavel, pela sua antiguidade, a de S. Pedro, que em tempos remotos foi egreja matriz.

Nos suburbios da villa está a linda aldeia e freguezia da Flôr da Rosa.

Não trato aqui d'ella, por hir no logar competente.

Proximo da villa está o convento de Santo Antonio, que foi de frades franciscanos, fundado no alto de um rochedo, com pequena cêrca.

O termo d'esta villa é muito fertil em cereaes, vinho e azeite.

Cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

E' regado por varias ribeiras, sendo a principal d'ellas a chamada de Sêdá, que réga e móe.

Passa tambem por aqui a ribeira do Xocanal. Perto d'esta ribeira se acharam em 1724 varios cippos e outras pedras com inscripções romanas.

Feira a 15 de agosto e 8 de setembro, na Flôr da Rosa, arrabalde d'esta villa.

Fabricam-se no Crato muitos e variadissimos objectos de Barro, famosos em todo o reino.

Em 24 de novembro de 1518 teve logar n'esta villa o casamento do rei D. Manuel com D. Leonor, irman do imperador Carlos V.

Em 5 de fevereiro de 1525 tambem aqui casou D. João III com D. Catharina.

E' n'esta villa a 27.ª estação do caminho de ferro de Leste.

—

Teve seis beneficiados capellães, com obrigação de curarem juntamente com o vigarie e de assistirem ao côro. Tinham até 1834, cada um 2 moios de trigo, 1 de centeio, 1 pipa de vinho, 3 alqueires de azeite, e 4$000 réis, tudo pago pelos grãos-mestres. Tinha um thesoureiro com 100 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho, 11 alqueires de azeite e 4$000 réis em dinheiro. Dois meninos do côro, cada um com 1$800 reis.

—

Consta que junto a esta villa houve em tempos remotos um famoso convento de frades bentos, que os mouros arrasaram em 716. Parece que era onde hoje está a capella de S. Bento, no alto de um monte.

—

Esta villa está entre Niza e Portalegre.

—

Não se póde affirmar se o Crato é a antiga *Caltaleucas*, *Catraleucas*, *Castraleucos*, *Crastaleucas* ou *Catraleucos*; ainda que ha mais probabilidade de ser aqui esta antiquissima povoação e não no sitio da actual Castello Branco; mas o que é certissimo é estar esta villa fundada sobre as ruinas de uma grande povoação de fundação remotissima.

Tambem é certo que antes de 1232 (em cujo anno D. Sancho II doou esta povoação á Ordem do Hospital, para a povoar e fortificar) tinha ella outro nome, que já hoje se não póde ler na doação original (Torre do Tombo, gaveta 6, maço 1, n.º 22) pois diz o rei que lhe fez mercê «*de illo loco..... cui de novo nomen imponitur Ucrate, ut faciatis ibi populationem, et fortalezam: et assigno vobis hos terminos.*» Esta carta de doação foi feita em Coimbra a XI k al. Aprilis E.ª M.ª

CC.ª 2 XX.ª E logo no mesmo anno, a 6 de dezembro, os donatarios deram foral á villa.

Vê-se pois que nos primeiros tempos da nossa monarchia se dava ao Crato o nome de *Ucrate* e tambem *Ocrate*.

—

D. Antonio, IX prior do Crato, e primeiro do nome, na ordem dos reis de Portugal, era filho do infante D. Luiz, duque de Beja (filho do rei D. Manuel) e de uma formosissima judia, chamada Violante Gomes, que pela sua muita belleza era conhecida pelo cognome de *Pelicana*. [1]

D. Antonio sustentava que seu pae tinha casado com sua mãe; mas não pôde provar satisfatoriamente essa circumstancia.

Violante Gomes, abjurou o judaismo e se fez catholica (a rogos do seu amante, ou marido.) Morreu freira professa, no convento de Almoster, da ordem de S Bernardo; onde deu sempre exemplos de humildade, de virtude e de uma verdadeira christan. Jaz no clautros d'esse convento.

Rarissimos principes terão dado tão vastos e interessantes assumptos para um bellissimo romance historico, como este rei desgraçado.

Não pude obter um documento que prove com certeza o logar e a data do seu nascimento. Julga-se que foi em Lisboa, pelos annos de 1555.

D. Antonio, pela amenidade do seu trato, pela sua generosidade e até pela sua bella e elegante phisionomia, era geralmente amado do povo portuguez, e especialmente pelos seus vassallos do grão-priorado.

Por morte do Cardeal rei, seu tio, varios foram os pretendentes á coroa portugueza (para evitar repetições, vide Almeirim, no logar competente.)

A universidade de Coimbra tinha resolvido que o throno portuguez, por morte do cardeal rei, pertencia, por direito incontestavel, a D. Catharina, duqueza de Bragança, neta legitima do rei D. Manuel: e, segundo as leis fundamentaes da monarchia, assim era; mas o prior do Crato tinha por si a maxima parte dos portuguezes—isto é—todo o povo e alguns padres e fidalgos.

Philippe II, de Castella, que sendo tambem neto legitimo do rei D. Manuel, nenhum direito tinha á coroa portugueza, por ser estrangeiro, mesmo sem esperar pela decisão dos juizes nomeados *ad hoc* (com a qual contava a seu favor, pela traição d'uns e pela pusilanimidade d'outros) reune em Badajoz um poderoso exercito, commandado pelo sanguinario duque d'Alba.

D. Antonio, contando com a geral sympathia do povo e com a dedicação de alguns fidalgos, nem espera tambem pela decisão dos juizes, nem se atterra com o belico apparato desenvolvido pelo *Diabo do Meio Dia* (como os francezes chamavam a Philipe II) e acompanhado de alguns nobres e povo, entra em Santarem, no dia 23 de junho de 1580.

Estavam aqui os cinco governadores do reino—uns cobardes, outros vendidos ao castelhano—e á chegada do infante, fogem para Setubal e depois para a villa hespanhola de S. Lucar.

As auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, os magistrados, o povo de Santarem e o sequito de D. Antonio, o acclamam rei legitimo e natural dos portuguezes, no dia immediato ao da sua chegada (24 de junho.)

O infante, animado por este primeiro triumpho, passa immediatamente a Lisboa, e vae, como rei de Portugal, residir nos paços reaes da Ribeira, promulga leis, manda cunhar moeda e exerce todos os mais actos magestaticos.

Por esta occasião trez dos governadores nomeados pelo imbecil D. Henrique, que se tinham mudado de S. Lucar para Badajoz, declaram em 7 d'agosto rei de Portugal ao futuro usurpador Philippe II.

[1] *Pelicanos* se chamavam n'aquelles tempos aos brincos ou arrecades de certa fórma, que as mulheres usavam por ornato, nas orelhas. Eram commumente adornados de brilantes (falsos ou verdadeiros.) Poderemos pois traduzir o cognome de pelicana, por joia. Na Terra do Feira ainda hoje se dá o nome de pelicanos a certos brincos que as mulheres, menos *janotas*, trazem nas orelhas. São de feitio antigo e adornados, pela parte inferior, com contas d'ouro presas por argolinhas do mesmo metal, que as faz mover em todos os sentidos.

Este manda logo o duque d'Alba sobre Lisboa, com um exercito de 22 mil homens.

Os nossos melhores generaes e a flor do exercito portuguez com o seu rei, tinham ficado ou mortos ou captivos na desgraçada jornada d'*Alcacer-Kibir*, em 4 d'agosto de 1578; e os portuguezes, atterrados, *ainda não tinham tornado a si* d'este horroso desastre.

O duque d'Alba investe Lisboa, pelo O (vide Alcantara) com os seus 22 mil castelhanos. D. Antonio não tinha para lhe oppor, mais de quatro mil homens, bisonhos e mal armados, que mesmo assim, resistiram por algumas horas intrépidamente (25 d'agosto) mas era inevitavel soccumbir ao numero e á desciplina dos soldados castelhanos, provados nas guerras de Flandres e da Italia. Os portuguezes foram derrotados e D. Antonio fugiu para as provincias do norte.

O duque d'Alba toma posse de Lisboa e faz comparecer na sua presença a nobreza de Lisboa, a qual jura obediencia ao usurpador!

D. Antonio é declarado traidor, perturbador da paz, *rebelde ao seu rei* e inimigo da sua patria!!!

Cincoenta e tantos fidalgos, fieis ao seu rei natural, á sua patria, foram incluidos n'aquella irrisoria qualificação, e tiveram a a honra de ficarem comprehendidos no mesmo castigo.

D. Antonio acha no Minho corações dedicados, que por algum tempo o podem subtrahir á sanha feroz do usurpador prejuro; mas, nem este abrigo podia durar muito, nem o principe perdêra as esperanças de vir a ser restituido ao throno que lhe haviam offerecido os portuguezes; pelo que, embarcou para a França, com o fim de interessar os reis da Europa (que quasi todos odiavam *o rei maldito*) em favor dos seus direitos.

As ilhas dos Açores tinham-se, apesar de tudo, conservado fieis ao seu rei natural.

A moeda de D. Antonio ainda circulou no reino até 4 de fevereiro de 1581, dia em que foi prohibida.

Philippe II convóca, em Thomar, umas cortes (eleitas a tiro e a cacête...) a que elle mesmo, preside, e por ellas é reconhecido rei de Portugal, a 19 de abril d'aquelle anno, tendo 53 d'edade. (Tinha nascido em Valhadolid, em 1527.)

Philippe marcha de Thomar para Lisboa, onde é recebido, pelos seus adeptos, com a maior magnificencia, e entra a tratar os portuguezes com fingida amabilidade e liberalidade (para mais facilmente os enganar; porque era o maior comico do seu tempo.)

Conhecendo porem que não era mais do que um usurpador imposto á nação pela força das suas armas e pela traição ou cobardia de alguns centos de portuguezes degenerados, pretende cohonestar e de algum módo legitimar a sua usurpação.

Tinha ficado viuvo de D. Anna d'Austria, em 26 d'outubro de 1580; pelo que se lembrou de pedir a mão da duqueza de Bragança, tambem viuva. Ella o reppelliu com a maior dignidade, dando-lhe esta memoravel resposta — «As mulheres da minha qualidade, não casam segunda vez.» —

A Africa, Asia e America portuguezas, tinham-se sujeitado ao jugo do usurpador castelhano, e as grandes frotas que de lá vinham, traziam riquezas immensas, que todas se sumiam nas algibeiras sem fundo de Philippe II, e dos seus adeptos. Tambem uma bôa parte d'ellas foi applicada para o pagamento da traição de muitos portuguezes-castelhanos.

D. Antonio conseguiu que o rei de França o reconhecesse como rei de Portugal, lhe d'esse uma esquadra, tropas e dinheiro, e com este auxilio navega para os Açôres, que continuavam a conservar-se-lhe fieis.

Uma esquadra castelhana, muito mais numerosa do que a franceza, derrota esta, sendo seus soldados e chefes feitos prisioneiros e enforcados como piratas.

O sangue dos leaes açorianos corre tambem a jorros em todas as ilhas, derramado pelos carrascos castelhanos.

D. Antonio pôde fugir para a Inglaterra, que tambem odiava Philippe II.

Este, em desforra, projecta destruir esta nação, e para isso, junta em Lisboa uma formidavel esquadra, de 120 náos (grande parte d'ellas portuguezas e tripuladas e guarnecidas por portuguezes.) Era a maior e mais poderosa armada que até então tinha sulca-

do os mares da Europa, e por isso chamada por elle a *invencivel armada.*

Esta esquadra faz-se de vella (de Lisboa) para a GranBertanha, mas no Canal da Mancha é destruida por um temeroso temporal, em 27 dejulho de 1588.

D. Antonio, animado por este acontecimento e achando em Isabel d'Inglaterra uma poderosa alliada, faz com esta ambiciosa rainha um vergonhoso tratado, pelo qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza.

Isabel lhe deu 12 mil homens, com os quaes D. Antonio desembarca, em 1589, na Ericeira e em Peniche, esperando que os portuguezes, animados com a sua prezença e com estas tropas se revoltassem contra o usurpador; mas já se cá sabia das ominosas condições impostas pela rainha Isabel, e nenhum portuguez se juntou a D. Antonio; que, desanimado, embarcou em Cascaes, regressou a Inglaterra, de lá á França, e nunca mais cuidou em tentar fortuna pelas armas, para reclamar a coroa.

Nunca porem deixou de denominar-se rei de Portugal, e com este titulo morreu em Pariz, em 1595; instituindo por herdeiro da coroa portugueza o rei de França! Jaz na egreja de S. Francisco, de Pariz.

No epitaphio da sua sepultura ainda é intitulado rei de Portugal.

O usurpador pouco lhe sobrevive; pois morreu no Escurial (onde jaz) a 13 de Setembro de 1598.

Parece que D. Antonio veio a casar, ou, pelo menos, teve filhos, pois que o *Journal de Genévre*, em um numero do mez de septembro de 1873, fallando dos sumptuosos funeraes do riquissimo e excentrico duque de Brunswich, que tiveram logar naquelle mez e anno, diz o seguinte:

«A morte e funeraes do célebre duque de Brunswich recordaram em Genébra o fallecimento e enterro de uma princeza illustre por seu pae, e alliada por seu marido ao sangue real da dynartia de Aviz.

Emilia de Nassau, filha de Guilherme, principe de Orange e libertador das provincias Unidas, e mulher de D. Manuel de Portugal, filho de D. Antonio, prior do Crato, foi em 1626 residir em Genébra com as suas seis filhas, onde as receberam as auctoridades com a maior consideração. Alojou-se no alto da rua de Coutance, na casa *Gallutin*, que desde logo se ficou chamando *Palacio Real.* Depois comprou na rua Verdaine uma casa, que em 1644 passou a ser propriedade da familia Rigaud, e serviu n'este seculo de residencia aos consules da Sardenha.

Foi sempre tratada com o respeito devido á sua pessoa e cathegoria, com a benevolencia ordenada pela hospitalidade que fôra pedir á cidade de Genébra, e com a consideração merecida pelo governo das Provincias Unidas e pelo chefe da casa de Orange. As suas virtudes particulares e nobres sentimentos conciliaram-lhe desde logo a estima publica, e fizeram com que vivesse nas melhores relações com os homens mais distinctos de Genébra, com eram os pastores e professores João Deodati, Theodoro Tronchin e Benedicto Turretin aos quaes muitas vezes pediu conselhos salutares e esclarecidos.

«Antes de se completarem tres annos, falleceu em Genébra. O registo diz assim, em data de 16 de março de 1629:

«A muito illustre e serenissima princeza «Emilia de Nassau, que nascera princeza «de Orange, mulher do poderoso e serenis-«sissimo principe Manuel de Portugal, de «edade de sessenta annos, morta de longa «enfermidade como febre hectica e como «hydropisia, ás 9 horas da manhã, na sua «habitação da rua Verdaine.»

«O conselho, mal soube do fallecimento, mandou um dos syndicos dar os pezames ás princezas orphãs, e combinar com ellas a fórma do enterro, que, segundo os desejos da defunta, devia ser decente, e determinou-se que os restos mortaes da princeza fossem depositados na egreja de S. Pedro, até serem transportados para a Hollanda.

«Assistiram ao enterro á corporação da magistratura com pastores e professores, todas as pessoas distinctas da cidade e a nobreza estrangeira. As exequias fizeram-se em uma capella, que ficou tendo o nome

de *capella da princeza de Portugal.* Ficava á direita do côro, em face d'aquella onde está o monumento do célebre duque de Rohan. Foi depois transformada em sachristia, em aula de theologia e por fim em archivo.

Em 1647 foi enterrada na mesma capella a filha mais velha da princeza Emilia, chamada Maria Belgia de Portugal, que fôra baroneza de Crol.

—

O concelho do Crato é composto de sete freguezias, todas *isentas* do Grão Priorado do Crato, e administradas pelo eminentissimo cardeal patriarcha. São as seguintes: — Aldeia da Matta, Crato (villa), Flor da Rosa, Gafête, Martyres, Monte da Pedra, e Valle do Pêso.

CREIXOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É da casa de Bragança.

Situada em um bonito valle.

A casa de Bragança apresentava *in solidum* o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra abundantissima de aguas e muito fertil. Passa pela freguezia um ribeiro do seu nome, que réga, móe e traz muito peixe.

Na freguezia de Mariz, annexa, ha uma fonte de agua mineral, que dizem cura varias molestias e o fastio. Ainda não está analysada. (Vide Fragoso e Mariz.)

CREIXOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 325 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Miguel Archanjo.

Situada em campina.

O chantre da collegiada de Guimarães apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis.

Póde considerar-se arrabalde da cidade de Guimarães, e parte da cidade pertence a esta freguezia, que é das mais ferteis do Minho.

Cria muito e muito bom gado de todo, principalmente bovino.

Tem uma capella de S. Lazaro, que foi antigamente *gafaria* (hospital de lazaros). Tambem foi gafaria a capella de Santo André, que hoje é a Misericordia da cidade.

Passa aqui o rio Célho. É aqui a quinta da *Porcariça*, do sr. Alexandre Palhares e Brito.

Palhares é appellido nobre em Portugal, tomado da aldeia de Palhares no Minho, o primeiro que o usou foi Pedro Annes de Palhares, que viveu pelos annos de 1222.

Teem por armas (brazão incompleto) — Em campo de púrpura, seis besantes de oiro, em duas palas, e entre elles um braço armado com uma espada de prata, guarnecida de oiro, na mão, com a ponta para cima. Elmo de aço aberto, e por timbre o braço com a espada, como o das armas.

CRESPOS e NAVARRA—freguezia, Minho, comarca, concelho e 7 kilometros ao NE. de Braga, 60 ao N. do Porto e 365 ao N. de Lisboa, 247 fogos (Crêspos 189 e Navarra 247).

Em 1757 tinham 123 fogos ambas.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em formoso valle, nas margens do Cávado.

Está annexa a esta freguezia a de S. Lourenço de Navarra, ha mais de 100 annos. O abbade tinha de renda dois contos de réis.

A freguezia de Navarra, antes de se annexar, era vigariaria apresentada pelo abbade de Crêspos, e o vigario tinha de rendimento 40$000 réis.

N'esta freguezia está a casa do *Enxido*, que foi solar dos *Brochados*.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil.

(Ha em Portugal cinco aldeias chamadas *Crêspos*, mas nenhuma tem coisa notavel.)

Tem uma boa nascente de aguas sulphureas.

Teve esta freguezia a fortuna de ter, até 1834, quasi sempre abbades exemplares, gastando em aformoseamentos da egreja, com o culto divino e em obras de caridade, os seus grandes rendimentos.

Distinguiu-se entre estes, o virtuoso arcipreste João Antonio de Mattos, que mandou fazer, entre outras obras, a grande *casa da renda*, com um salão de 19 metros de comprido e 6m,5 de largura; e uma adega com as mesmas dimensões, que lhe fica inferior. O salão tem uma boa varanda (ao S.) de todo o seu comprimento, e tres quartos, para residencia de um cura.

Fica ligada á residencia parochial, por um passadiço, em fórma de corredor, atravessando por cima do caminho publico.

A residencia é vasta, boa e está bem conservada.

A egreja matriz é um bom templo moderno. A capella-mór foi pintada em 1869. Vae-se tambem pintar o corpo da egreja, á custa das confrarias (1874).

Tem esta egreja boas armações de damasco de sêda, e ricos paramentos da mesma materia, mas já bastante antigos. Tem duas custodias, sendo uma de prata lavrada e ornada de brilhantes, e mais alguns objectos do culto tambem de prata. Tem um bom orgão.

O côro está em communicação com a residencia do abbade, por um passadiço coberto.

Tem apenas um campanario com dois sinos; mas vae construir-se-lhe uma boa torre, feita á custa das pessoas principaes da freguezia, dando para isto o sr. commendador Manuel Luiz Ferreira Braga, só á sua parte uma avultada quantia, que chega para mais de metade da obra.

Este benemerito e religioso cavalheiro tem por varias vezes feito valiosas dadivas a esta egreja, e faz todos os annos uma grande festa a Nossa Senhora das Dores, de cuja confraria é juiz perpetuo. Honra pois a este varão benemerito, que tanto se interessa pelo esplendor do culto divino.

O sr. Ferreira Braga tem aqui uma boa quinta. Foi por sua influencia que esta freguezia conseguiu ter uma bella estrada, municipal, que a liga com a cidade de Braga, o que muito concorre para a sua prosperidade.

Promove este melhoramento o actual abbade, o sr. Gaspar José de Sepulveda.

—

Esta freguezia é fertil em todo o genero de fructas do paiz, e cria bastante gado.

Ha na freguezia duas capellas, uma dedicada ao archanjo S. Miguel, que teve em remotas eras o seu assento em uma bouça (que ainda se chama hoje Bouça de S. Miguel) junto ao rio Cávado, e depois foi mudada para o logar da Venda, onde existe.

Tambem está na capella a devota imagem de Santo Amaro, que se festeja annualmente, tendo então logar uma concorridissima romaria.

A outra capella é um templosinho elegante, da invocação de Nosso Senhor do Padrão (dos Passos) no logar por isso chamado do Padrão.

CRESTELLO ou **CASTRELLO** (que hoje se escreve, erradamente, *Christello* e *Cristello*) — vem do latim *castro* e *crasto* (e algumas vezes tambem do celta *carn*). *Crestello*, *Castrello* e *Castêllo*, é diminutivo de *Castrum*. Mas isto não é *castra* ou *crasta*. *Castra* é o arraial de todo um exercito, com suas quatro portas (uma para cada um dos quatro pontos cardeaes, N., S., E. e O.) cercado de fosso. Ao arraial de uma só *legião* (brigada) dava-se o nome de *Castrum*.

Estes arraiaes ou acampamentos, estabeleciam-se sempre em posições eminentes e que com mais facilidade se podiam defender.

Como os romanos encontraram uma obstinada resistencia por mais de 200 annos na Lusitania, estes arraiaes se tornaram em alguns sitios permanentes.

Sertorio, adoptando a legislação, religião, usos, costumes e organisação militar e civil dos romanos, adoptou tambem para a sua patria adoptiva estas construcções, dando a tudo os respectivos nomes romanos, pois que tudo quanto era official se escrevia em latim; costume que seguiram os godos e ainda os nossos primeiros reis, como se verá repetidas vezes no decurso d'esta obra.

Dos arraiaes romanos e lusitanos, muitos se vieram a povoar e ainda bastantes existem transformados em cidades, villas e aldeias; conservam algumas d'estas povoações o seu primeiro nome, e eis uma das razões porque em Portugal ha tantas terras com o nome de Castello, Castêllo, Castêdo, Castendo, Castrello, Crestello, Cristello, Castro, Crasto, Córte (corrupção de cohorte), etc.

CRESTUMA—villa, Douro, concelho de Gaia, comarca e 12 kilometros ao E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada na encosta septentrional da serra do seu nome e sobre a margem esquerda do Douro.

Foi antigamente da comarca da Feira, e cabeça do couto do seu nome, que era dos bispos do Porto, por doação que fez a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, a D. Hugo, bispo do Porto, pelos annos de 1110.

É povoação muitissimo antiga, mas ignora-se por quem foi fundada.

Atravessa a freguezia o rio Huyma ou Uima, que aqui mesmo desagua no Douro, tendo proximo da sua foz uma ponte de cantaria, de um só arco, construida em 1870, da qual logo cahiu metade em 1872.

Parece que foi antigamente fortificada a povoação de Crestuma, e ainda ha vestigios de uma torre ou Castello. D'este castello *(crasto)* e de *Uima* se formou o nome da villa.

Isto segundo alguns, mas da doação de D. Ordonho, de Leão, que adiante menciono, se vê que em 922 se chamava *Castrumíre* (por o seu castello se *mirar* nas aguas do Douro) e então parece-me que, se não houve lapso na tal doação, ou êrro de copia, *Crestuma* é corrupção de *Castrumíre*. Castrumíre tambem podia já ser corrupção de *Castimíro*, nome proprio de homem, que hoje dizemos *Casimiro*.

Tambem se chamava *Crastumire* e *Crastumia*. É d'aqui que vem *Çrestuma*.

O abbade de Santa Maria do Olival apresentava aqui annualmente o cura, ao qual dava 12$000 réis. Tinha além d'isso o pé d'altar, que andava por 30$000 réis.

—

Em tempos remotos era Crestuma uma aldeia da freguezia do Olival. Quando se tornou freguezia independente e foi coutada (por D. Thereza, como já disse) tinha juiz ordinario, que tambem era dos orphãos, almotacé, coudel-mór, meirinhos, escrivão, etc.

É terra muito fertil e de muito commercio com a cidade do Porto, com a qual está em contínua communicação fluvial.

Tem muito e bom peixe do Douro.

Teve um convento de frades bentos, fundado (segundo alguns) no seculo VII. Ou este convento continuou a existir no tempo dos arabes (mediante certo tributo) ou foi reedificado no tempo dos reis godos; pois que em 922, D. Ordonho, rei de Leão, e os grandes da sua côrte fizeram doação ao mosteiro de Castrumíre (em attenção a D. Gomado, bispo de Coimbra, que se tinha recolhido a este mosteiro) do seu couto e jurisdição. Este convento passou a commendatarios (no seculo XV) os quaes deram cabo d'elle.

Julgo que, quando D. Thereza coutou Crestuma, foi para dar o couto aos frades d'aqui, mediante certa *reconhecença* aos bispos do Porto.

Crestuma é hoje uma bonita aldeia, e nada mais. Já não merece o nome de villa.

—

D. Gomado, resignando a mitra de Coimbra, se fez religioso n'este mosteiro de Castromire.

Em 922, estando no Porto D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza (que tomou Beja aos mouros, e derrotou o feroz Abd-el-Raman, rei de Córdova, n'este mesmo anno, junto á cidade do Porto) e tendo conhecimento das muitas virtudes e grandes talentos de D. Gomado, desejou vel-o e o mandou chamar. Este escusou-se, sob pretexto de ter feito voto de não tornar a sahir do convento. Então o rei, a rainha e toda a côrte, se metteram em barcos e foram visi-

tar o santo bispo a Castromire, e fazer oração á sua egreja.

Foi n'essa occasião que o rei deu ao mosteiro o couto e jurisdição de Castromire, a villa e couto de Fermêdo, e outras muitas terras e rendas, e fazendo-lhe grandes mercês.

Os condes *Lucídio Vimarães*, *Rodrigo Luci*, e outros fidalgos da comitiva do rei, tambem então doaram a este mosteiro grande numero de villas e mosteiros, e entre elles: Santa Marinha, não longe do porto e cidade de *Anégia* (Vide *Arêja)*—Santa Cruz d'*Abuil*—S. João d'*Ameixiedo*—S. Martinho de *Paradella* (junto ao rio *Februs*)—S. Miguel de *Cortegáda* (Cortegaça)—S. Pedro de *Villa Chan* (na Avanca)—S. Miguel de *Dezanos*—S. Thiago (junto ao rio *Ver* (Lever?)—S. Miguel d'*Oliveira*—o antigo mosteiro de Santa Marinha (na margem do rio *Antuan*)—S. Pelagio d'*Ossella*—S. João de *Cepellos*—as egrejas de *S. Donato* e *S. João* (no porto d'*Ovar*)—e finalmente a de S. Mamede (entre *Paçô* e *Ermogenes*).

E todas estas egrejas «*cum suos Dextros, vel debito*». (*Dextros* são os passaes e logradouros da egreja.)

—

Era vastissimo o couto de Crestuma, e segundo as demarcações feitas em 922, se estendia pelas duas margens do Douro, entrando pela margem direita, pela *terra de Sousa*, até ao monte *Zevrario (das Vaccas)*. —(Livro Preto de Coimbra, fl. 39.)

—

Ha n'esta freguezia uma optima fabrica de fiação de algodão, de uma companhia formada na sua quasi totalidade por capitalistas da cidade do Porto.

Em março de 1874 se reuniu n'esta cidade a assembléa geral d'esta companhia, para proceder á reforma dos seus antigos estatutos. Pelos novos, passa a denominar-se *Companhia de Fiação de Crestuma*.

As acções, que até então eram de 150$000 réis, ficaram reduzidas a 100$000 réis.

O capital, que era de 240 contos, foi elevado a 300, sendo os 60 contos do excesso emittido em novas acções, que serão rateadas pelos accionistas, em proporção das acções que já tiverem.

O pessoal da direcção, que era de 3 directores, fica reduzido a dois, e elevado o ordenado de cada um d'elles a 800$000 réis annuaes; tendo além d'isso o director da fabrica uma gratificação de 300$000 réis para as despezas de viação.

CRIMENÇO—portuguez antigo—Clêmente, nome proprio d'homem.

No concelho de Cabeceiras de Basto, ha a freguezia de S. Clemente (antigamente S. *Crimenço*). Houve aqui um mosteiro de frades bentos, em tempos remotos.

CRISTELEJOM—portuguez antigo (corrupção do latim)—expressão de despedida, isto é, *Christo seja comtigo, fica com Christo, adeus*, etc.

CRISTELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi abbadia apresentada pelos Pinheiros de Barcellos, como morgados de Pouve. (Vide Barcellos). E' terra fertil.

Para a etymologia, vide Crestêllo.

O abbade tinha 400$000 réis de rendimento annual.

CRISTELLO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros ao NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Miguel, archanjo.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

No logar do Outeiro havia uma torre muito antiga, que se demoliu para, com os seus materiaes se fazer uma casa.

Em um alto proximo, ha vestigios de fortificações romanas, ou dos lusitanos.

Houve aqui muita fidalguia, parte d'ella descendente dos *vascões*. Varias quintas de pessoas de fóra da freguezia o attestam. (Vide Crestello.)

CRISTELLO — freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, 54 kilometros ao O. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 100 ao N. do Porto, 18 ao NO. de Vianna, 45 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em planicie accidentada, na costa do Atlantico, ficando-lhe ao N. e NE. a serra do seu nome, que é um dos ramos da serra d'Arga. É terra muito fertil.

Passa aqui a estrada real de Lisboa para o Norte, e segundo o *traçado*, tambem aqui vem a passar o caminho de ferro do Norte, se o risco não for alterado.

A sua situação é muito linda, como as de todas as freguezias do litoral, desde Vianna até Caminha.

Na serra d'esta freguezia ha alguns *carns* (a que o povo d'aqui chama *cerrados dos mouros*) e, ainda que em grande parte destruidos, conhece-se perfeitamente o que são.

Eram senhores donatarios os marquezes de Villa-Real. Passou, por herança, para os duques de Caminha (da mesma familia — *Noronhas*) e sendo-lhes sequestrados todos os bens e fóros, em 1641, pelo attentado contra D. João IV, foram encorporados na casa do infantado. (Para isto vide Caminha, e para a etymologia, vide Crestéllo.)

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação antiquissima, pois foi incontestavelmente habitada pelos celtas.

CRISTELLO — freguezia, Douro (hoje annexa á de Vandoma), comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Hoje ambas as freguezias teem 145 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, e do concelho de Penafiel.

A matriz era situada em o monte Crasto.

O abbade de Santa Eulalia da Vandoma apresentava o cura, que tinha 180$000 réis. (Vide Crestéllo e Vandoma.) É terra fertil.

CRISTELLO — vide Bésteiros.

CRISTELLO COVO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Valença, 54 kilometros ao NO. de Braga, 40 ao N. de Vianna, 410 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Segadães*, pelo motivo que abaixo se declara.

É abbadia, que foi apresentada pelos marquezes de Villa Real, e depois pelos duques de Caminha. Pelo attentado contra D. João IV, em 1641, foram sequestrados todos os bens e rendas dos Noronhas, passando o padroado d'esta egreja para a casa do infantado.

Até ás guerras da restauração, tinha o abbade um vasto e bom *passal*, junto á egreja.

A fonte que está ao hir para as Portas do Sól (da praça de Vallença) era dos passaes, e ainda hoje se chama Fonte de Cristéllo. D. João IV e D. Affonso VI, augmentando as obras de defeza da praça, com a chamada *Obra Coroada*, que se fez em um monte, até alli coberto de grandes carvalheiras, mandaram arrasar tudo, comprehendendo a egreja matriz (que era antiquissima) a qual se mudou para a aldeia de Segadães, onde ainda está.

Por occasião d'estas obras de defeza, se arrasaram tambem muitas casas e fazendas que havia em volta da praça, o que muito prejudicou os seus proprietarios. Foram engenheiros Azevedo e Maximiliano.

A capella do Bom Jesus, imagem de grande devoção para o povo dos arredores, pelos muitos milagres que se lhe attribuem, pertenceu até então á freguezia de Cristéllo.

Junto á Veiga de Mira houve uma capella, dedicada a S. Miguel, archanjo, que hoje não existe.

Ha n'esta freguezia as capellas de Santa Luzia e de Nossa Senhora dos Remedios, que eram de vinculos particulares.

É esta freguezia situada sobre a margem esquerda do rio Minho, em formosa e feracissima planicie, e nos arrabaldes de Vallença.

Todos os annos, na segunda feira da Paschoa, se costuma fazer n'esta freguezia a festa chamada *Lanço da Cruz*.

Consiste no seguinte:

O abbade, o mordomo e alguns pescadores, mettem-se com a cruz dentro de um barco, e atravessando o rio, o benze o parocho e depois se larga uma rêde, sendo para o abbade o peixe que ella colher. Poucas vezes o pobre do abbade arranja cousa que valha a pena; mas em 1872, favoreceu-o a sorte, arranjando com o Lanço da Cruz, 16 saveis.

Quando está bom tempo é este um divertimento a que concorre grande multidão de Portugal e Hespanha, ficando então despovoada a villa de Vallença.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

CRISTÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 36 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 139 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Barcellos, concelho de Louzada.

E' da casa de Bragança.

Os frades cruzios do mosteiro de Villela (annexo ao da Serra do Pilar, de Gaia) apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis.

O *Portugal Sacro*, diz que a apresentação era do papa, do bispo do Porto e dos cruzios da Serra do Pilar, tendo 4 mezes cada um.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil.

N'esta freguezia ha o monte do Crasto, onde ha vestigios de fortificações, do tempo dos romanos.

CRÓCA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

Era couto do convento de frades benedictinos, de S. Miguel do Bustello (proximo de Penafiel.) Situada em uma serra.

A egreja está no couto de Bustéllo. O abbade do convento apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Nasce n'esta freguezia o rio Cavallum.

CROYO ou **CROIO**—portuguez antigo, Claudio. Nome proprio de homem.

CRUGEIRA—vide Corujeira.

CRUJÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está annexa á da Várzea, na mesma comarca, concelho, arcebispado e districto administrativo.

É da casa de Bragança.

Era antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos.

O abbade de S. Thiago de Sequiáde é que apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil. (Vide Varzea.)

—

Entendo que se devia escrever *Corujães* (de *coruja*, ave nocturna) mas vejo nos livros officiaes e no *Portugal Sacro* escripto *Crujães*, pelo que assim o escrevo tambem.

CRUJÃES—aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É uma povoação pequena, mas muito bonita e fertilissima. Fica proximo da margem esquerda do Douro. (Vide Corvaceira e Penajoia.)

CRUTO (devia ser **CURÚTO**)—môrro ou cabeço conico (composto de rochedos graniticos) a mais de 400 metros acima do nivel do mar, na serra do seu nome.

E' na provincia do Douro, freguezia de Fermedo, comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 22 kilometros a O., 282 ao N. de Lisboa, 30 ao SE, do Porto.

Do seu cume se gosa um extenso o formosissimo panoramma. Vê-se a cidade do Porto (distinguindo-se mesmo as torres das egrejas) o mar e muitas freguezias e serras.

A gente d'estes sitios conta muitas *maravilhas* d'este cabêço. Diz que houve n'elle um castello de mouros e que aqui existem grandes riquezas *encantadas*. E' tradição que em tempos remotos se chamava *Crasto Alvarinho* e sob este nome é conhecido nos taes *roteiros* com que os crendeiros de minas encantadas teem perdido muito tempo em busca de thesouros, que nunca encontram.

Examinei muitas vezes o Cruto com todo o vagar e não vejo alli o minimo vestigio de qualquer casta de edificios.

O que é porém certissimo é que na serra que fica ao sopé do môrro ha umas sete ou oito *mâmoas*, ao N. e S. d'elle, e que na serra de Borralhoso (prolongamento d'esta) ha um *dolmen*. Provas evidentes de que os celtas aqui fizeram diuturna habitação.

Tambem em algumas rochas graniticas d'estas immediações ha inscripções em caracteres desconhecidos. Na minha opinião são garatujas feitas a sinzel por alguem para *mystificar* os papalvos dos *roteiros*. Em todo o caso, estas lettras, ou garatujas, são antiquissimas.

Curutello é diminutivo de *Curuto*.

CRUZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

Orago S. Thiago, Maior.

Era antigamente da comarca e termo de Barcellos, arcediagado de Vermuim.

E' da casa de Bragança.

O abbade tinha 400$000 réis, e era apresentado pelo duque.

Situada em um valle. E' fertil.

Ha aqui o morgado de Pindella, hoje elevado a viscondado, e é seu primeiro visconde o sr. João Machado Pinheiro.

CRUZ (Santa)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 60 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo da Villa do Paço, depois, até 1855, foi comarca de Bragança, concelho de Vinhaes.

O reitor de Quintella de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 20 alqueires de centeio, 20 de trigo, 14 de serodio e 14 almudes de vinho.

A maior parte d'esta freguezia é situada em um profundo valle.

Passa aqui o rio Tuélla.

É terra muito fertil, sobre tudo em linho, do qual produz grande quantidade.

CRUZ (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, 125 kilometros ao O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 350 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pé da Cruz.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha por orago Nossa Senhora da Encarnação; é provavel que depois de 1757 se lhe mudasse a invocação para Nossa Senhora do Pé da Cruz, ou da Soledade.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente da comarca de Ourique, termo de Almodóvar.

A matriz é um antiquissimo templo de 3 naves. Era da Ordem militar de S. Thiago e a Mesa da Consciencia e Ordens é que apresentava o prior, que tinha 2 moios e meio de trigo, 2 de cevada e 12$000 réis.

O prior apresentava o cura, mas este era pago pelo povo e aquelle pela commenda.

É terra muito fertil e cria muito gado e colmeias.

Junto á capella de Nossa Senhora da Encarnação ha uma fonte cuja agua dizem que cura a lepra e outras molestias cutaneas.

CRUZ (Santa)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S.

Thiago de Cacem, 95 kilometros a O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca e concelho de Ourique, termo de S. Thiago de Cacem.

Foi primeiramente dos duques de Aveiro, depois (no seculo XVII) passou para a corôa.

Situada em terreno montuoso.

Era commenda da Ordem de S. Thiago, pelo que a Mesa da Consciencia apresentava o capellão, que tinha 2 moios e meio de trigo, 2 de cevada e 10$000 réis, tudo pago pela commenda da villa.

É terra fertil em cereaes e vinho.

Tinha juiz da vintena com seu escrivão, nomeados pela villa de S. Thiago de Cacem.

Aqui nasceu João da Costa, filho de André Christovão e de Maria da Costa (era appellidado *o menino do freixo*) de corpo agigantado e forças herculeas.

Tinha 5 palmos de um a outro hombro, a cabeça era disforme e todos os mais membros em proporção. Morreu em 9 de março de 1687 e está sepultado na egreja d'esta freguezia. Veio para a cova trazido por 8 homens, que vinham vergando. O esquife que o conduzia chegou á egreja feito em pedaços.

Ha em Portugal mais 83 aldeias com o nome de Santa Cruz, mas nenhuma tem cousa digna de especial menção.

CRUZ DO LIMA ou **DO BEIRAL** (Santa)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 325 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

Orago Santo André, apostolo.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte de Lima.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis.

Passa pela freguezia o rio Lima.

É terra muito fertil.

CRUZ DO BISPO (Santa)—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O ordinario apresentava o cura, ao qual dava de congrua dois carros (80 alqueires) de pão, 10$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

Em um sêrro, entre as capellas de Nossa Senhora do Livramento e de S. Sebastião, se achou uma estatua de pedra, de Hercules, a que o vulgo chama o *homem da maça*, pela que tem na mão. A seus pés se vê o leão.

Passa por esta freguezia o rio Leça.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia a bella e extensa quinta de recreio, dos bispos do Porto.

Esta quinta, segundo uns, foi hospicio de frades benedictinos em eras remotas, passando depois a ser dos templarios. Segundo outros, foi feita pelo bispo do Porto, D. Rodrigo Pinheiro. Podia ser ambas as cousas. Havia aqui uma bella e rarissima matta de gigantescos buxos, os maiores de Portugal e o maior ornamento e notabilidade da quinta. Sendo bispo do Porto o abbade de Fonte Boa, D. Jeronymo José da Costa Rebello (o *Canavêta*) destruiu e exterminou estes formosissimos e admiraveis buxos, que tinham muitos seculos de existencia, vendendo-os em 1844, por uma ridicularia, aos torneiros do Porto. Foi um verdadeiro, injustificavel e illegal vandalismo, que desagradou a todos.

Chamava-se antigamente, esta freguezia, *Santa Cruz da Maya*. Depois dos bispos do Porto terem aqui a quinta, é que se chamou *do Bispo*.

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se achou que a O. do hospital tinha n'esta freguezia seis casaes, que lhe havia empenhado fr. Adrião—o qual foi ter a um moinho, e *forciavit ibi unam mulierem*, e o rico-homem que então tinha a Maya, *demandabat ei Raussum*, e para satisfação d'aquelle crime, fez o dito empenho.

Esta freguezia, que era da corôa, foi dada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso

Henriques, aos bispos do Porto, para resarcir os prejuizos que a sua Sé tinha nos proventos dos enterros; pois que a maior parte das pessoas que morriam na cidade do Porto, eram por seus parentes mandados enterrar no convento de S. Domingos, da mesma cidade; mesmo os que eram da freguezia da Sé.

CRUZ DO DOURO (Santa) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 400 fogos. Em 1757 tinha 269 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Pertencia á comarca de Soalhães, que em 24 de outubro de 1855 foi dissolvida, passando então para esta.

Até 1834 era prelazia *nullius diocesis*, da jurisdição ordinaria do abbade de Soalhães, que d'ella era prelado no espiritual e temporal. Pertencia então á comarca do Porto.

Está situada no centro do concelho de Baião, em sitio alto. Parte d'esta freguezia era antigamente do concelho de Baião e parte, da *honra* d'Eyras. Tanto do concelho como da *honra* eram donatarios os senhores de Baião, depois passou para a corôa.

O abbade de Soalhães é que primeiramente apresentava o abbade, depois passou o direito de apresentação a ser dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, mas era collado pelo abbade de Soalhães. (Vide Soalhães.)

Tinha o abbade de renda 3:500 cruzados (1:400$000 réis).

Esta egreja era dos arcebispos de Braga, dada pelo papa Eugenio III, em 1147, ao arcebispo D. João, o que foi confirmado pelo papa Adriano IV, em 1150.

Em 1307, o arcebispo D. Martinho cedeu toda a jurisdição d'esta egreja no abbade de Soalhães, que era D. João Martins de Soalhães, que foi bispo de Lisboa; ficando assim esta egreja elevada a prelazia com jurisdição episcopal.

O tal D. João Martins, era natural de Soalhães e padroeiro d'esta egreja, á qual tambem deu a de S. Thiago de Neiva, no arcebispado de Braga.

Assim ficou o abbade de Soalhães com auctoridade quasi episcopal. Fazia audiencia todas as semanas, na sua residencia, da egreja de Soalhães, tendo dois escrivães, promotor e meirinho.

É terra muito abundante d'aguas e muito fertil em cereaes e vinho. Cria muito gado e faz bastante commercio com a cidade do Porto, pelo Douro.

Atravessam a freguezia, os ribeiros Eiras de Lazarim e Trancoso, que ambas desaguam na margem direita do Douro.

Ha n'esta freguezia uma grande quinta dos srs condes de Rezende. Foi privilegiada (couto do homisio) diz-se que por ter sido de D. Joanne Reymão, francez illustre, progenitor dos Cirnes Reymões.

CRUZ DE LUMIARES (Santa)—Vide Lumiares.

CRUZ DOS MOROUÇOS, ou dos **MEROUÇOS**—aldeia, Douro, proximo a Coimbra.

Tendo-se revolucionado contra o governo do sr. D. Miguel I varios generaes e corpos de linha e formado uma chamada junta provisoria, na cidade do Porto, o general Saldanha marchou com a flor das tropas revolucionarias sobre Lisboa. O general realista Póvoas os espera na Ega, proximo a Condeixa, onde ha uma pequena escaramuça a 23 de junho de 1828. Os liberaes retiram por Sernache até á Cruz dos Morouços, onde no dia seguinte houve um combate, no qual os liberaes foram derrotados, retirando sobre o Porto, para serem de novo derrotados e dispersos na batalha da Ponte do Vouga.

CRUZ QUEBRADA — aldeia, Extremadura, arrabaldes de Lisboa, freguezia de S. Romão de Carnaxide, concelho d'Oeiras, 20 fogos, 80 almas, 12 kilometros a NO. de Lisboa.

Tem duas fabricas de cortumes e um forte (chamado da Cruz-Quebrada.)

Situada em um valle onde corre a ribeira de Jamôr, que aqui entra no Tejo, por baixo de uma ponte de pedra.

Da povoação da Cruz-Quebrada descobre-se Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide; todas trez povoações pittorescamemte situadas.

Vide Carnaxide. A ponte da Cruz-Quebrada foi feita em 1618, á custa da camara de Lisboa a instancias de fr. Rodrigo de Deus, frade do convento de Santá Catharina de Riba Mar. Antes de se fazer esta ponte e as d'Algés e Caxias (tambem feitas em 1618) passava a gente ás costas d'homens que alli estavam para isso; mas todos os annos pelo inverno aconteciam desgraças: até que o bom do tal frade tantas diligencias fez, que conseguiu que a camara de Lisboa fizesse as tres pontes.

Na Cruz Quebrada teem uma bella quinta os srs. condes do Casal-Ribeiro.

CRUZ DE RIBA TAMEGA (Santa) — concelho extincto, Douro, comarca, e 10 kilometros ao O, d'Amarante, 48 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 3:600 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de setembro de 1513.

Foi supprimido este concelho pelo decreto de 24 do outubro de 1855, e as suas freguezias ficaram pertencendo ao concelho de Amarante. As freguezias que formavam o concelho de Riba Tamega, eram:

Athaide, Figueiró, Fregim, Louredo, Mancellos, Oliveira, Real, Travanca, Villa-Cahiz e Pacinhos.

CUBA — villa, Alemtejo, 18 kilometros ao N. de Beja, 48 a O, d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 830 fogos (3:300 almas) no concelho 1:400, na comarca 4:600.

Em 1757 tinha 422 fogos, na villa e freguezia.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca e termo de Beja.

É da casa do infantado.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos; mas ignora-se o seu nome d'então. O actual é manifestamente árabe, corrupção de Coba (diminutivo de torre) vem pois a significar Pequena-Torre, Torrinha.

André de Rézende, célebre antiquario portuguez, viu aqui grande quantidade de medalhas e cippos romanos, em 3 de janeiro de 1573.

Um dos cippos está embebido na parede exterior da casa do despacho, da irmandade, na egreja matriz. Tem a seguinte inscripção:

D. M. S.
TERENTIUS
CHRISOGONOS ANN. XXXII
H. S. E. S. T. T. L.
F. J. O. R. A. D.
MDCCXXIV.

Quer dizer:

Dedicado aos deuses dos defuntos. Terencio Chrisogono, falleceu de 32 annos e aqui jaz sepultado. Seja-lhe a terra leve.

As letras iniciaes F. J. O, etc, exprimem o nome do *restaurador* d'esta lapide. É Francisco José d'Oliveira, religioso dominicano. O anno 1724 é o em que a pedra aqui foi posta.

Os conegos regulares de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentavam *in solidum* o prior, collado, que tinha 250$000 réis.

Ha aqui um recolhimento de mulheres que vivem sob a regra de Santa Theresa e são sujeitas ao ordinario.

Foi fundado por Pedro Fialho e sua mulher Maria Lopes, em 1657.

Tem Misericordia.

—

Tem um convento de frades capuchos da provincia da Piedade.

—

É terra abundante de boas aguas e fertilissima em tudo.

Tem um celleiro commum de 150 moios de trigo, feito com provisão regia.

Tinha capitão-mór, duas companhias de ordenanças e uma de milicias.

Havia no centro da praça d'esta villa um pôço quadrado, de 8 metros de profundidade, coberto com uma abobada de 4,m50 de altura sobre columnas. Chamava-se Fonte do Diabo. O tecto interior da abobada tinha pintado S. Miguel e o Diabo. Era antiquissima. O povo cria que de noite faziam os diabos, duendes, bruxas, fantasmas, etc, suas sinagogas dentro d'este pôço d'alli sahiam a fazer toda a qualidade de diabruras.

Acreditavam que, quem por alli passasse depois da meia noite, sem fazer o signal da cruz, era agarrado pelos diabos e affogado.

A camara mandou demolir a abobada e

entupir o pôço, em setemoro de 1854, e nessa occasião appareceram alguns cadaveres no poço.

É n'esta villa a 18.ª estação do caminho de ferro de sueste.

Cuba é vasilha para guardar vinho, e antigamente tambem servia para guardar cereaes.

—

O concelho é composto de cinco freguezias todas no bispado de Beja, são:

Cuba, Faro do Alemtejo, Albergaria dos Fuzos, Villa Ruiva, e Villa Alva.

A comarca é composta de trez julgados—Alvito com 1:250 fogos—Cuba, com 1:400 e Vidigueira, com 1:950.

CUBALHÃO—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então comarca e concelho de Melgaço, 60 kilometros ao NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

—

Ha aqui um monte chamado *Crásto*, onde ha vestigios de uma fortaleza romana ou dos antigos luzitanos.

—

Era antigamente da comarca de Vallença, termo de Valladares.

Era couto dos conegos regrantes do mosteiro de Paderne, que apresentavam o cura annualmente, e este só tinha os *benesses*. Os dizimos eram para os taes frades.

Não é fertil senão em centeio. Produz algum milho e do mais pouco.

CUBELLAS—Vide Covellas.

CUBELLO—Anda tão confundida esta palavra com a de *Covêllo*, que é impossivel dizer agora quaes são as terras a que pertence um ou outro nome. Para evitar repetição, vide *Covêllo de Paivó*.

CUBES—logar do Minho, freguezia do Cerdal, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa.

É aqui a quinta do *morgado de Cubes e Mira*, familia das mais antigas e mais nobres do reino. N'esta quinta está a torre arruinada, que é o solar dos Bacellares, famosos pelos grandes serviços prestados por Affonso Gil Martins e outros d'esta familia, nos reinados de D. Diniz e de seu filho D. Affonso IV e outros, sob as ordens do conde de Barcellos, D. Pedro (filho natural de D. Affonso IV), guerreando os gallegos.

Estando em Ganfei o tal D. Pedro, onde residiu quatro annos, d'alli concedeu grandes privilegios a Affonso Gil Martins, em 3 de novembro de 1484.

Em 14 de outubro de 1870 morreu Marcellino Pereira Bacellar, chefe d'esta familia, e cavalheiro respeitavel e respeitado.

Vide para o mais dos Bacellares, *Cerdal*.

CUBO—o mesmo que *cubêllo*. Especie de torre de fórma redonda, quasi toda fóra da muralha. Tambem se chama *cubo* ao cano de pedra ou madeira que leva a agua ao moinho; e ao quadrado perfeito de 6 lados eguaes; d'aqui *cúbico*.

CUCANHA ou **UCANHA**—freguezia, Beira-Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar (até 1855 era do mesmo concelho, mas da comarca de Moimenta da Beira), 9 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É povoação antiquissima e foi villa.

O seu primeiro nome foi *Burgo de Cucanha*, depois simplesmente *Cucanha* e por fim *Ucanha*.

Foi couto do convento de Salzêdas.

Não tinha foral proprio, porque se regia pelo de Salzedas. Este foi dos primeiros que concedeu D. Manuel. É datado de Lisboa, a 5 de janeiro de 1504. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 70, col. 1.ª)

Comprehende este foral as terras seguintes: Cimbres, Cucanha, Fermêllo, Granja Nova, Meixedo, Murganheira, Valle de Vez, Villa Baca, e Villa Chan.

(Vejam-se os apontamentos para este foral, do couto de Salzêdas, no Maço 8 de foraes antigos, n.º 7, junto ao foral antigo da villa de Sarzêdas.)

Franklim dá sempre a Salzêdas o nome de Sarzêdas, confundindo a primeira com a segunda.

O foral antigo foi-lhe dado por D. Egas Moniz, e não tem data.

—

Aqui fundou D. Fr. Fernando (1.º de nome) abbade do convento de Salzêdas, em 1418, um hospital para pobres; estabelecendo-lhe rendas sufficientes para 12 desvalidos, dos quaes tratava o cirurgião do convento, vindo os remedios da botica dos religiosos.

—

O abbade D. Fernando 2.º, filho bastardo de um irmão de D. Nuno Alvares Pereira mandou edificar aqui, em 1427, a ponte sobre o rio *Barosa*, e, pelo mesmo tempo, o famoso castello (ou torre) que existe proximo á ponte. Esta ponte e castello estão na extremidade da freguezia.

Dizem outros que o abbade D. Fernando 2.º só reedificou a torre e a ponte, que estavam desmanteladas; mas que a sua fundação fôra pelos célebres dois irmãos D. Thedon e D. Rausendo. Outros ainda suppõem que eram obras do grande D. Egas Moniz, que por estas terras viveu muitos annos. Inclino-me mais a esta opinião. É porém certo que D. Fernando, se não *construiu*, reedificou estes dois monumentos.

—

Eram donatarios d'esta freguezia os frades de Salzedas.

Em 1750 tinha 70 fogos, e erá seu orago o Bom Jesus.

O cura era apresentado pelo abbade de Salzêdas, e tinha 60$000 réis.

(Vide Burgo, Salzedas, Tarouca, Cabris, Granja do Tédo e terras immediatas.)

CUCOS — nascente de aguas mineraes, Extremadura, entre Torres Vedras e Runa, (distando 2 kilometros de Torres e 3 de Runa). O manancial d'estas aguas é pobre e não promette um grande desenvolvimento ao actual estabelecimento thermal. O relatorio official da Exposição Universal de Paris em 1867, diz o seguinte:

(Traducção) — «A agua rebenta por differentes pontos, em uma bacia paralella ao urso de um ribeiro, chamado *Sizandro*, do qual está separado por um estreito muro natural. O Sizandro fica quasi sêcco na estiagem. No sitio onde nascem as agnas mineraes enterraram banheiras de madeira. Esta agua é um pouco turva, mas inodóra, com um sabor salgado e uma reacção levemente alcalina. Tem a temperatura de 32 graus centigrados na fonte, e 22 ao ar livre Contém, por kilogramma, 3gr.,457 de principios fixos, que são — clorureto de sodium, potassium, calcium e magnesia; sulphato de cal, carbonatos de cal, magnesia e sílica. Não contém enxofre, como ao principio se julgou.

CUCUJÃES — Vide Couto de Cucujães.

CUÍDE DE VILLA VERDE — Vide Coíde.

CUMEADA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 a E· de Lisboa, 110 fogos.

Orago Sant'Anna.

Pertence actualmente ao patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato.

E' no districto administrativo de Castello Branco.

O seu nome lhe provém da sua situação no alto de uma serra.

E' terra fertil em cereaes, azeite e vinho, do mais medianía.

Esta freguezia, que é muito antiga, não vem mencionada no *Portugal Sacro e Profnno*, por êrro do auctor. Tambem, pela mesma razão, não vem no *Diccionario Geographico* do Flaviense.

CUMEADA DOS CANÇADOS — Vide S. Barnabé, no concelho de Almodovar.

CUMEEIRA — (que muitos escrevem erradamente *Comieira*) freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Péso da Regua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 82 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real, concelho de Penaguião.

Situada no cume da serra do seu nome,

que o tomou da freguezia, ou esta d'aquella.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 200 alqueires de pão, 10 de feijão, 10 cantaros de azeite, 16 arrobas de prezuntos, todos os passaes e o pé de altar. Andava tudo por 1:200$000 réis.

Não é terra muito fertil senão em optimo vinho de embarque e é muito saudavel.

Passam pela freguezia os rios *Sôrdo*, *Veiga* e *Córgo*, que todos desaguam na direita do Douro.

CUMEEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca da Louzan, concelho de Penella, 35 kilometros a NO. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Em 1757 tinha 364 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Thomar, termo de Penella.

Situada no *cume* de um monte, de que lhe provém o nome.

O prior da collegiada de S. Miguel de Penella apresentava o vigario, que tinha 80 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho.

É terra saudavel e muito fertil em cereaes, fructas e legumes.

CUNEOS—antigos povos da Luzitania, que habitavam a parte meridional do Algarve. As suas principaes cidades eram *Lacobriga* (Lagos?) *Porto d'Annibal* (Villa Nova de Portimão) *Ossonoba* (Faro) e *Balsa* (Tavira).

(Vide Algarve, Cabo de S. Vicente, Coimbra e Condeixa Velha.)

CUNHA—freguezia, Minho, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle fertil, descobrindo-se d'aqui varias freguezias.

Era da corôa.

O rei apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

D. Jayme, duque de Bragança, deu esta freguezia e a de Ruilhe (que eram suas) á camara e povo de Guimarães, para lhe varrerem as ruas, praças e açougues 9 vezes no anno, em castigo da cobardia dos de Barcellos, em Ceuta, em 1415, e por isso ficaram por muitos annos pertencendo á comarca e termo de Guimarães.

(Vide Barcellos, no logar competente, onde este facto vem circumstanciado. Vide tambem Guimarães.)

Os primeiros donatarios d'esta freguezia eram os Cunhas. O rei D. Diniz, em 8 de setembro de 1285, tirou a seu padrinho, D. Gomes Lourenço da Cunha, esta abbadia. Em 1286, mandou-o condemnar e executar n'elle as penas em que incorrêra, por não ter cumprido um despacho, que D. Affonso III (pae do rei) havia dado a favor das freiras de Sant'Anna, de Coimbra, sendo prioreza, D. Thereza Dias.

O tal D. Gomes, tinha causado a estas freiras certos prejuizos e aggravos, de que ellas se queixaram ao rei, o qual, sem attenção a ser o criminoso seu padrinho, e homem poderoso d'aquelles tempos, o mandou castigar, como se fosse qualquer vassallo.

Desde então é que a abbadia passou a ser do real padroado.

E' aqui o solar dos Cunhas, que teve principio em D. Guterres, natural da Gasconha (França) que veio para Portugal com o conde D. Henrique, e foi seu fiel amigo e conselheiro, pois era varão de grande intelligencia.

Pelos seus serviços lhe deu o conde esta e outras herdades, em Braga, Guimarães e Póvoa de Varzim.

Os Cunhas teem por armas: em campo de ouro, nove cunhas de asul, postas em tres palas; timbre, um meio gripho, formado de ouro e cunhado de azul.

CUNHA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção ou da Collina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia já está descripta

sob a palavra *Collina;* mas repito-a por obter, desde que a descrevi a primeira vez, mais alguns esclarecimentos curiosos, de que não quero privar o leitor.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho e termo de Coura.

A mitra de Braga apresentava o abbade, collado, que tinha metade dos dizimos. Havia aqui um beneficio simples, para o qual era a outra metade dos dizimos.

Cada metade rendia uns 370$000 réis.

E' terra fertil em cereaes, legumes e lenha.

Na aldeia do Outeiro, d'esta freguezia, reedificou uma torre, ameiada, Francisco da Cunha, governador de uma provincia da America Hespanhola. N'ella está uma pedra, sobre a porta, com a seguinte inscripção:

Esta é a casa e torre dos Cunhas, solariega: reedificada pelo governador Francisco da Cunha, cavalleiro do Habito de S. Thiago, senhor d'ella.

Esta torre era antiquissima. Francisco da Cunha nasceu na freguezia do Bico, d'este concelho de Coura. (Vide Bico.)

Para as armas dos Cunhas, vide a freguezia antecedente.

Nos papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de Collina, ou Santa Maria da Collina.

Era abbadia da mitra, com as annexas de Mentrestido e Rézende, esta *in solidum*, e Cunha e Mentrestido, só metade; sendo a outra metade, beneficio simples da casa de Bertiandos.

Este beneficio de Cunha (ou Collina) foi dado pela rainha D. Thereza, e por seu filho, D. Affonso Henriques, a D. Affonso, bispo de Tuy, e á sua Sé, em 3 de setembro da era de 1163 (1125 de Jesus Christo.)

Aqui houve uma torre (ou paço acastellado) na aldeia, ainda por isso chamada Torre, que os moradores d'alli desfizeram aproveitando os seus materiaes para construirem casas.

Tambem aqui ha uma antiga casa, chamada Paço de Cunha, que alguns dizem ser o solar primittivo dos Cunhas Barretos.

E' tradição que S. Payo, era da familia dos Cunhas, e natural d'esta freguezia, quando ainda se chamava Collina.

D'esta familia procedem os srs. Pereiras, de Pias, e os mimosos poetas, srs. Antonio Pereira da Cunha e seu filho Sebastião Pereira da Cunha (neto do sr. conde da Figueira) de Vianna; além de outras muitas familias nobres d'este appellido.

As suas armas vão na Cunha primeiramente descripta.

—

Pela parte de cima d'esta freguezia, junto a Lizouros e a Penim, está o monte de Travanca. Aqui, nos dias 9 e 10 de agosto de 1662, o conde do Prado, D. Francisco de Sousa, governador das armas da provincia do Minho, com pouca gente, desbaratou, pela ultima vez, o exercito gallego, commandado por D. Balthazar de Roxas e Pantoja.

—

É tradição que o nome de Cunha applicado ás povoações que o teem e ao appellido de que usam varias familias, procede do facto seguinte:

Quando D. Affonso I cercava Lisboa, em 1147, D. Payo Guterres (senhor d'esta freguezia) mandou metter varias *cunhas* no castello de Lisboa, e por ellas subiu com os seus, concorrendo com este acto de bravura, para a tomada da cidade. Consta que foram nove as cunhas, e tantas teem os Cunhas por armas. Foi o rei que lh'as deu então, com o direito de usarem do appellido Cunha, em premio d'este feito.

CUNHA—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancelhe, 45 kilometros de Lamego e 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em uma baixa.

O cura tinha 40 alqueires de centeio, 10 de trigo, 10 de vinho e o pé de altar; ao todo 30$000 réis.

Era apresentado pelos Vasconcellos, commendadores de Malta.

E' terra fria, mas saudavel e fertil.

CUNHA ALTA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurara da Beira e da villa de Mangualde.

Situada em um valle.

O abbade de S. Thiago de Cassurrães apresentava o cura, que tinha 5$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

CUNHA BAIXA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de bisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 187 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurara da Beira.

Situada em um valle.

É terra fertil. Passa pela freguezia o rio Mondégo.

O abbade de S. Pedro d'Espinho e o vigario de S. Julião, apresentavam alternativamente o cura (cada um seu anno) e tinha (o cura) de rendimento, 60$000 réis.

—

Ha em Portugal mais oito aldeias com o nome de Cunha, mas nenhuma tem cousa digna de nota.

CUNHADOS (A dos)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 48 kilometros ao NO. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

Os beneficiados de S. Miguel de Torres Vedras apresentavam o cura, que tinha 70 mil réis.

CUNISTERGIS ou **CONISTORGIS**—era, segundo Appiano, a capital dos cúneus, aqui invernou Galba com suas tropas, antes de entrar pela terra dentro a assolar a Lusitania.

Tito Livio e Polybio questionam sobre o sitio d'esta antiquissima cidade.

Suppõe-se ter existido, pouco mais ou menos, no sitio da actual villa de Cacella (Algarve) e, em todo o caso, sobre a direita do Guadiana, e visinha de Ayamonte, que é na margem esquerda, provincia de Andaluzia. Vide Cacella.

CURALHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em uma planicie.

O vigario de S. Vicente de Redondéllo apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha de congrua, dos fructos da mitra de Braga, 50 alqueires de centeio, 2 e meio de trigo, 2 almudes de vinho e em dinheiro 13$500 réis. Tinha além d'isso, de cada freguez um alqueire de centeio.

É terra fertil em centeio; do mais pouco.

CURIA—antiga cidade da Lusitania, era o nome que os arabes davam á actual cidade de *Cória*, hoje da Extremadura hespanhola.

CURÓPOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Os abbades de Rebordello e de Candédo, apresentavam o cura, alternativamente. Tinha (o cura) 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra abundante de aguas e muito fertil.

CURRAL DAS VACCAS ou **DE VACCAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 105 kilometros ao NO.

de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

O abbade de Monforte do Rio Livre apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Esta freguezia não se encontra em nenhum livro moderno; porque está, ha muitos annos, annexa á freguezia de Lebução.

CURRÊLLOS E CARREGAL — freguezia, Beira Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação. Bispado e districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra indicadora — *Carregal e Corrêllos* — mas repito-a aqui, para levar mais alguns esclarecimentos.

A villa do Carregal tem um kilometro de extensão. Todas as casas são de granito e quasi todas sem cal, o que lhe dá um aspecto triste. A séde da freguezia é Currêllos, e eram seus donatarios os condes de Villa Nova (de Portimão).

Tem alguns bons edificios particulares, uma excellente botica e uma escola, das instituidas pelo benemerito conde de Ferreira. Tem um bonito chafariz e bellos passeios.

Os moradores d'aqui vão construir uns novos paços do concelho, e ha tambem tenções de se construir um theatro.

Vae ter (1874) correio diario.

Ha aqui grande abundancia de todos os generos agricolas do nosso paiz, e os seus vinhos (que se exportam em grande quantidade, assim como os outros fructos do concelho) são de optima qualidade, sobre tudo o que se assemelha ao da Madeira.

—

Ha em Currêllos um antigo castello quadrangular, com janellas ogivaes, que é actualmente propriedade do sr. Costa Magalhães. Chama-se *Castello de D. Branca.*

D'este castello se conta a lenda seguinte:

D. Branca de Vianna, teve dois filhos gémeos, e por não poder acreditar que eram de um só pae, mandou que lhe matassem o segundo nascido e lhe trouxessem a lingua, para signal de terem executado as suas ordens.

O pagem encarregado d'esta ordem cruel, mais humano do que a mãe degenerada, encontrando-se na margem do Mondego com o marido de D. Branca, lhe contou tudo. O fidalgo mandou que levassem á mulher a lingua de um cão, e ordenou que o menino fosse, em segredo, guardado em casa de um moleiro; trazendo-o sempre vestido como andava o irmão.

Pela festa do Espirito Santo, veio o menino á romaria, e o fidalgo sahiu com D. Branca e o outro filho, e disse á mulher «Aqui está um menino que se parece com o nosso, e que era digno de viver com elle e de ser nosso filho.»

Levou-o para casa e sentou-o á sua mesa.

D. Branca conheceu que o marido sabia tudo, e n'essa mesma noite se precipitou de uma das janellas do castello, morrendo da quéda.

D'alli por diante andava, de noite, um phantasma correndo estes sitios em uma carruagem, com grande séquito, e lhia dizendo: «Aqui vae D. Branca, de Vianna, acompanhada por quantos diabos ha no inferno.»

Segundo outra versão — D. Branca, andava vestida de branco (a pé) pela margem do Mondêgo, no sitio onde mandou afogar o filho, e acompanhada de um diabo em fórma de cão.

—

Ha n'esta freguezia uma carvalha muito antiga, que tem na base uns 8 metros de circumferencia, e junto á qual brotam duas nascentes de optima e fresquissima agua.

O concelho do Carregal é composto de seis freguezias, todas no bispado de Viseu, são: Beijós, Cabanas, Currêllos, Oliveira do Conde, Papisios e Sobral. (Vide Carregal e Currêllos.)

CURROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 75 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lis-

boa, 100 fogos. Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves.

O reitor de S. Nicolau de Carrazêdo de Monte Negro apresentava o vigario *ad nutum*, e este tinha 20 alqueires de centeio, 26 de trigo, 24 almudes de vinho, 7 arrateis de cêra fina e 10$600 réis em dinheiro, tudo pago pelos commendadores, que eram os marquezes de Fronteira. Tinha mais um alqueire de centeio de cada freguez.

Passa aqui o rio Roborêdo.

É terra fertil.

CURROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho de Boticas, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

Terra fria e pouco fertil.

O D. abbade dos frades bentos do convento de Refojos de Basto apresentava o cura, ao qual dava 8$000 réis e o pé d'altar. Andava tudo por 24$000 réis.

CURUGEIRA — portuguez antigo, pardieiro, povoação réles, sitio escabroso, só proprio de crear corujas.

CURUTELLO — diminutivo de *curuto*, vide Freixo.

CURUTO — vide Cruto.

CURVITE — vide Corvite.

CURVOS — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espozende, 30 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, quanto á provedoria, e da de Barcellos, quanto á ouvidoria, e termo de Espózende.

Supposto que metade d'esta freguezia ficava dentro da demarcação do reguengo da casa de Bragança, era da corôa, mas pagava muitos foros á casa de Bragança.

É situada em um valle.

O thesoureiro-mór da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, que tinha 70 mil réis. É terra fertil.

CUSTOIAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 54 kilometros a E. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 96 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Freixo de Numão; depois passou a ser comarca da Pesqueira, concelho do Freixo, e sendo este supprimido em 1855, ficou sendo da comaaca e concelho de Foz Côa.

Situada ao cimo de uma elevadissima costa, sobre uma planicie airosa, na falda do monte de Nossa Senhora do Viso, na extremidade O. do seu actual concelho, e immediata ao de S. João da Pesqueira.

O chantre da Sé de Lamego apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Esta freguezia era annexa á de Numão e o abbade de Numão era chantre da Sé de Lamego.

(O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.)

O solo d'esta freguezia é ingreme e escabroso em grande parte. Tem poucas aguas e de má qualidade. Os seus principaes productos são: sumagre, cortiça, sêda, fructas, cereaes, mel, cêra, azeite e vinho, sendo este ultimo genero o principal do concelho, tanto na qualidade como na quantidade. Ha tambem aqui muita caça miuda.

A 2 kilometros a SO, está o tal monte de Nossa Senhora do Viso, no cume do qual existem as musgosas ruinas da antiquissima capella da Senhora, que deu o nome ao monte. A incuria dos parochos e do povo d'aqui causou, com o seu despreso, estas ruinas. Na segunda feira da Paschoa de 1834, fôi a imagem da Virgem removida, com grande pompa, para a egreja matriz.

Os de Numão vieram sahir ao caminho, para tirarem a imagem. Houve então grande desordem, vencendo os de Custoias, tendo os agressores de retirar-se, com bastantes feridos.

Em quanto Nossa Senhora esteve na sua capella, hia alli todos os annos depois da Paschoa, uma ladainha das freguezias de— Numão, Villarouco, Pereiros, Souto, Penedôno e outras.

Fica esta capella a uns 250 metros acima do nivel da freguezia, e 595 do nivel do mar. Segundo a tradição, esta capella tinha grandes rendimentos em Almeida e Foz-Côa; mas foram ha muitos annos *consolidados*, em proveito dos....ambiciosos, e hoje não tem nada.

Alguns devotos emprehenderam reedificar esta capella, e já tem as paredes quasi concluidas. Está (1874) aberta uma subscripção para se concluir este pitoresco templosinho.

Do terreiro da capella se gosa um vasto e formoso panorama; vendo-se tambem o magnifico Sanctuario do Salvador do Mundo.

Veem-se d'aqui terras de quatro provincias Beira-Baixa, Beira-Alta, Traz-os Montes, e Minho e de oito bispados —Braga, Porto, Guarda, Pinhel, Viseu, Lamego, Coimbra e Bragança.

Tambem se descobrem serras de Hespanha.

—

Teem aqui nascido varões de muitas virtudes, sendo o mais notavel, fr. Francisco Antonio de Seixas, definidor do convento de Almeida, vigario geral do convento do Mogadouro e ministro do dos Remedios, de Marialva. Foi assassinado, *por ser realista*, no dia 20 de setembro de 1834.

—

CUSTOIAS — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca, e 6 kilometros do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Tinha antigamente grandes privilegios, por ser isento de Malta, do bailiado de Leça do Bailio.

O bailio de Leça era senhor dos dizimos d'esta freguezia, alem de muitos foros que ella lhe pagava.

Situada em campina muito fertil.

O parocho era cura *ad nutum* e residia na freguezia de Leça, onde era capellão, apresentado pelo bailio, e tinha 200$000 rs., que lhe elle dava. Este parocho e os mais das annexas da matriz de Leça residiam juntos de Leça, para assistirem e resarem em coro.

Esta freguezia era sujeita ao juiz ordinario e dos orphãos do couto de Leça do Bailio.

Passa na freguezia o rio Leça, que rêga, móe e traz algum peixe.

CUSTOYAS — Vide Custoias.

CYPRIANO (S.) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, (até 1855 era do concelho de Aregos) 18 kilometros ao O. de Lamego, 318 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, concelho de Arégos.

Esta freguezia é composta apenas de 5 grandes aldeias, que são: *Nogueira, Lagariça, Mattos, Lagares*, e *Covellinhas*.

Orago S. Cypriano.

O ordinario apresentava o reitor (por concurso synodal) que tinha 300$000 réis.

Os dizimos eram dos frades dominicos de Lisboa. (Rocio.)

É terra fertil. Optimo vinho verde.

Antigamente chamava-se S. Cibrão. (Vide esta palavra.)

CYPRIANO (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Viseu, 280 kilometros ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Cypriano, bispo e martyr.

O cabido e as freiras bentas de Viseu apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 40$000 réis. É terra fertil.

É n'esta freguezia a Serra de Soutulho. Passam aqui trez rios, que regam e móem.

São — João Moutello, Ponte-Mourisca e Esprendeo. — Antigamente se chamava S. Cibrão.

Ha aqui a quinta dos Mattos, que era solar da familia de appellido Mattos (do nome d'esta quinta.) É seu progenitor D. Payo Viegas, cujo filho, D. Hermigio Paes de Mattos é o primeiro que se acha com este appellido. Suas armas, são em campo vermelho, um pinheiro verde, perfilado d'ouro e rases de prata, entre dois leões d'ouro, trepantes, lampassados d'azul. Elmo d'aço, aberto Timbre, meio leão d'ouro, lampassado de vermelho e armado d'azul, com um ramo verde na garra direita. Pelo enlace d'esta familia com a dos Noronhas, formaram novo escudo—que é—esquartellado—no primeiro as armas de Portugal, no segundo, as dos Mattos e no terceiro o segundo e terceiro quartel das dos Neronhas, e no quarto uma aza d'aguia, com mão no côto, e espada, como dos Manueis. Orla dos Noronhas. Varios membros d'esta familia Noronhos foram garrotados no Rocio de Lisboa, por traidores á patria. Vide Lisboa em 1641, Villa Real, Caminha eBraga, no logar competente.

D

DAL DAL

D'ACHA — Vide S. Miguel d'Acha.

DA DOS CARROS — Vide Carros.

DA DOS CUNHADOS — Vide Cunhados.

DA DOS NÉGROS — Vide Négros.

DAELÃO — Vide Deilão.

DÁ FUNDO — Extremadura, arrabaldes de Lisboa, sobre a margem direita do Tejo, proximo a Santa Catharina de Riba-mar. Ha aqui tres bellas casas de campo, uma dos srs. marquezes de Castello Melhor. Não tem quinta, mas tem um vasto terreiro. Outra dos herdeiros do sr. Estevão Palha de Faria Gião; outra (que foi fundada pelo negociante da praça de Lisboa, Luiz Monteiro) é do sr. Gaspar José Vianna.

Estas duas estão rodeadas de jardins, ou de arvoredos das quintas, e todas trez tem bellissimas vistas.

É sitio agradavel, e muito concorrido dos habitantes de Lisboa.

Ha aqui duas soffriveis casas de pasto.

Fica perto da Cruz-Quebrada, e Santa Catharina e S. José de Riba-Mar.

É na freguezia de Carnaxide, concelho d'Oeiras.

DAGANHA E DEGANA — Vide Adeganha.

DAIÃO — Vide Deão.

D'ALVARES — freguezia, Beira Alta, comarca de Lamego, concelho de Tarouca, 9 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta bonita e rica freguezia, é situada na margem esquerda do Barosa, e notavel pela uberdade de seus campos.

É aqui o solar dos Mellos, familia antiga e nobre, e muito considerada pelas suas exemplares qualidades. É seu representante o sr. Bento de Mello Saraiva da Fonceca Coutinho, distincto official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

O appellido Mello é nobre em Portugal. Procede de D. Soeiro Raimundo, rico homem d'ste reino, que hindo um uma das cruzadas, assaltou a fortaleza de Mello, em Jerusalem, e por isso lhe ficou este appellido.

Regressando a Portugal, povoou o logar denominado Quinta do Mello, em 1204, no reinado de D. Sancho I. Foi rico-homem de seu filho D. Affonso II, e seu alferes-mór.

Os Mellos teem brazão d'armas completo é—em campo de púrpura, seis besantes de

prata, entre uma dobre cruz de coticas d'ouro, firmada: orla do mesmo. Elmo d'aço fechado e por timbre uma aguia negra, abezantada, bicada, membrada e armada de prata.

As armas dos Coutinhos, são, em campo d'ouro, cinco estrellas de púrpura, com cinco pontas cada uma, postas em aspa. Timbre um leopardo de púrpura, com uma estrella d'ouro na espádua, e armado de púrpura.

DAMIM — Vide Domim.

DAMINE — Vide Sado, rio.

DANTAS — Vide Antas.

DÃO (Santa Comba Dão) — villa, Beira-Alta. Já mencionei esta freguezia sob a palavra indicadora, *Comba Dão* (Santa.)

Por um d'aquelles transtornos, tão frequentes nas typographias, ficaram por paginar dous graneis, que me vi na necessidade de descrever aqui.

Peço desculpa aos leitores por este defeito, a que não dei causa.

—

É povoação muito antiga, mas não pude saber quando ou por quem foi fundada. Sabe-se que já existia no tempo dos gôdos, com a denominação de Santa Columba.

Parece que os arabes lhe não mudaram o nome.

O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, já lhe tinham dado foral, em outubro de 1102 (*liv. Prêto da Cathedral de Coimbra, fl. 33 v.*)

Já disse que D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Veja-se a minuta para este foral, no Corpo Chronologico, parte 1.ª, Maço 1.º, documento 2.º.

—

Em 19 de setembro de 1810, houve aqui um pequeno oombate dos portuguzes contra os hordas de Massena.

Santa Comba-Dão foi titulo de condado, de que gosou D. João Galvão, bispo de Coimbra, antes de ser conde d'Arganil.

Com o titulo de bispo de Coimbra e conde de Santa Comba Dão, assignou o dito D. João Galvão, uma provisão, de 25 de novembro de 1471, cujo original foi visto e examiminado, no archivo da colegiada do Salvador, em Coimbra, por o doutissimo João Pedro Ribeiro, como se vê das suas *Reflexões Historicas*, parte 1.ª, pag. 41 e 42.

O titulo de conde d'Arganil, de que gozam os bispos de Coimbra, foi por consequencia devido a uma mudança nobiliarchica, de que não são raros os exemplos, tanto em Portugal, como em outras nações.

—

É natural d'esta villa, o sr. doutor Albano d'Andrade Moraes, lente de mathematica, na universidade de Coimbra, a quem a faculdade deu capêllo gratuito, em 25 d'abril de 1852, pelos seus destintos merecimentos.

Aqui nasceu tambem o conego da Sé primacial de Braga, o sr. Joaquim Alves Matheus, professor de historia ecclesiastica, no siminario archiepiscopal de S. Pedro, que tinha sido conego da Sé d'Angra, na ilha Terceira. Tem varias vezes sido deputado ás côrtes, e é um dos mais destinctos oradores sagrados, da actualidade.

Como philólogo é versadissimo nos estudos theologicos, em que se formou com destincção, na universidade de Coimbra.

É escriptor primoroso e amador dos bons classicos.

É esta villa tambem patria do sr. dr. Antonio Correia Godinho da Costa, formado em theologia, pela universidade de Coimbra, em 21 d'abril de 1822.

—

O julgado de S. João d'Areias, foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873, e ficou annexado ao de Santa Comba Dão; vindo portanto a comarca a ser composta do mesmo numero de fogos.

DÃO — rio, Beira Alta, nasce a E. do concelho de Penalva do Castello e entra na direita do Mondego, 50 kilometros acima de Coimbra. Suas margens são em grande parte cultivadas e ferteis, e produzem optimo vinho verde.

O seu verdadeiro nome é *Om*. De se dizer *Rio d'Om*, se corrompeu em *rio Dom*, e por fim em *rio Dão*. (Note-se porém que na Russia ha o rio *Don* e na Irlanda o rio *Doon*.)

DAPIFER — antigo emprrgo no paço dos nossos reis. Não se póde hoje dizer com uma

certeza incontestavel, se *dapifer* (que se vê nos codices e documentos escriptos em latim barbaro, dos primeiros tempos da nossa monarchia) era o *trinchante*, se o *veador* da casa real, se, finalmente, o *mordômo* ou o *copeiro-mór*.

A maior duvida está entre os officios de *trinchante* e de *veador*.

Os primeiros fidalgos portuguezes que vemos com o titulo de *dapifer*, são Ermigio (ou Hermigio) *Moniz* e *Egas Moniz*, desde 1135 até 1137.

Em 1140 era *dapifer* o conde D. Rodrigo, ao qual se seguiu Egas Moniz, nomeado segunda vez; e a este se seguiu Fernão Pires, e outros.

No reinado de D. Sancho I se vê Vasco Martins, em uma doação feita em abril de 1209, com o titulo de *dapifer*.

Julga-se, com algum fundamento, que os officios de vedôr e trinchante, estavam unidos, n'aquelles tempos, e que um e outro era designado pela palavra *dapifer*, sendo estas funcções depois divididas por sujeitos diversos.

Na casa das rainhas, por muitos seculos se usou fazer o vedor o officio de trinchante, e é este facto que fundamenta aquella supposição.

Desde o reinado de D. Sancho II, não vejo mais em documento coevo o titulo de *dapifer*.

—

Os que tiverem interesse em saber isto com mais individuação, podem consultar a *Geographia Historica*, de D. Luiz Caetano de Lima, vol. I, pag. 508.

Não esperem porém encontrar alli mais do que conjecturas e deducções; posto que feitas com muito criterio e plausibilidade.

DARDAVAZ—Vide *Ardavaz*.

DARQUE — freguezia, Minho, comarca, concelho e em frente de Vianna, sobre a esquerda do rio Lima, 36 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 763 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A santa basilica patriarchal apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia era um curato do abbade d'Anha, ou Nossa Senhora das Areias. O decrescimento da população é porque a maior parte da freguezia, com a egreja matriz, foi submergida pelo Oceano. ((Vide Anha.)

É uma linda, sádia e fertil povoação, muito abundante em cereaes e vinho, e ainda mais em hortaliças e mostarda. Produz os melhores melões da provincia. É aqui tanta a abundancia de alhos e cebôllas, que abastece Vianna e outras povoações, exportando ainda grande quantidade para o estrangeiro. Tambem exporta para fóra do reino grande porção de mostarda.

N'esta freguezia, junto ao rio Lima, estão as ruinas de uns antiquissimos paços dos duques de Bragança. É tradição que foi aqui o castello e solar dos Macieis, fidalgos francezes, que vieram a Portugal no seculo XII guerrear os mouros.

Em novembro de 1871 morreu aqui uma mulher de 102 annos de edade.

Quando existia a freguezia, então principal (Anha), eram seus oragos Nossa Senhora das Areias e S. Thiago.

DASMES—Vide Asmes.

DEÃO—(antigamente *Daião*) freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o abbade que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Segundo a tradição, fundou-se esta freguezia, no tempo de S. Pedro de Rates, tendo principio em um pequeno convento de benedictinos, que depois se reedificou e ampliou. Suppõe-se que foi destruido pelos arabes no 8.º seculo. Ainda em 1676 aqui appareceram varias pedras com esculpturas e rendilhados, que mostravam ter muita antiguidade e pouco uso.

A residencia do parocho é vasta e boa. Foi feita pelo abbade d'esta freguezia, José

Mimoso Pacheco, que era um bom parocho, que exterminou muitas praticas antigas, do tempo dos gôdos, e varios abusos que aqui se praticavam.

Houve aqui uma torre, que foi solar dos *Coutos*. O 1.º d'esta familia, de que ha noticia, é Ruy Gonçalves do Couto, que viveu no seculo XIII. Era um fidalgo vindo de Parma (Italia). D'elle procedem os Coutos de Villa Nova d'Ourem, Farellães, Aborim e outras muitas familias nobres de Portugal.

DEAXERE — Vide Diáxere.

DEGÉBE—(devia escrever-se *Udigébe*) rio, Alemtejo, proximo ao Ameixial, concelho de Extremoz; passa proximo a Evora e a outras povoações e desagua na direita do Guadiana. (Vide Guadiana.)

Em junho de 1663, antes da célebre e gloriosa batalha *do Ameixial*, querendo os portuguezes e castelhanos passar ao mesmo tempo este rio, houve aqui uma *escaramuça*, na qual os portuguezes tiveram victoria, perdendo o inimigo 800 mortos e 800 feridos, e largando a fugir. Depois seguiu-se a batalha. (Vide Ameixial.)

Uad, *Ued*, ou *Wad*, é arabe; significa *agua* e (mais propriamente) *rio*. *Geb* ou *Gib*, na mesma lingua, significa *monte*.

Uad-el-Geb é pois *Rio do Monte*, corrupto em *Degebe*.

Os arabes tambem teem a palavra *djemma* —*casa do ajuntamento; das sessões; da camara*; mas não vem para aqui.

DEGOLADOS —freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 40 kilometros de Portalegre, 195 ao SE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

O bispo apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo.

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

DEGÓLDRA e **CARPINTEIRA** ou da **FABRICA VELHA** — ribeiras, Beira Baixa. (Vide Covilhan.)

DEGRACÍAS ou **DESGRACÍAS** —freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Soure (até 1855 era do concelho do Rabaçal) 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Pombalinho apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

DEILÃO —freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Fica proximo da raia, e a gente d'aqui já falla mais hespanhol do que portuguez.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 6$500 réis e o pé d'altar.

DEIS—portuguez antigo (corrupção do latim), *Deus*.

DELÃES —freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade por concurso synodal, e tinha 360$000 réis annuaes.

É terra muito fertil.

—

É tradição que houve aqui em eras remotas um convento de freiras benedictinas; mas não ha signaes d'elle.

No alto do monte ha vestigios de edificios antiquissimos, e é tambem tradição que existiu aqui uma cidade cujo nome se ignora, a qual foi arrazada com as guerras da edade média.

N'esta freguezia é o solar dos *Novaes*, que procedem de D. Pedro de Novaes, *o Velho*, que era um fidalgo gallego, pobre. Vindo a Portugal para melhorar de fortuna, foi captivo dos mouros, que o levaram para a

Africa. Uns *alfaqueques* (resgatadores) lhe emprestaram dinheiro para se resgatar. Elle veio á peninsula e andou a tirar esmolas para pagar o seu resgate, e tanto juntou, que pagou aos credores, e com o resto se fez negociante de trigo, com cujo commercio chegou a ser muito rico.

D. Sancho I o fez alcaide-mór de Villa Nova da Cerveira.

D'este D. Pedro de Novaes procedem os Novaes, de Guimarães, e outras muitas familias nobres de Portugal.

DELOUCA — Vide Odelouca.

DESEJOSA e **BALÇA** — Vide Balça.

DESSERMILLO — Vide Sermillo.

DÉSTE — Vide Éste.

DESTRIZ — freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros a NO. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Miguel de Campía apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

DEUCHRISTE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros á O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 80 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcipreste da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, collado, que tinha de congrua 70$000 réis e o pé d'altar.

DEXTROS — portuguez antigo. Passaes e Igradouros da egreja. (Vide Crestuma.)

DEVÊZAS — aldeia, Douro, no concelho de Gaia, comarca e em frente do Porto, situada em elevada e formosa posicão. É a estação principal provisoria do caminho de ferro do Norte no Porto.

Todas as casas (que são bonitas) foram edificadas desde 1862, em que aqui se estabeleceu a estação.

Era um pinhal chamado de *D. Leonor*. Todas estas casas, por serem edificadas em terreno do sr. Antonio Joaquim Borges de Castro, lhe são foreiras.

DIABRÓRIA — é uma lagôa feita pelas aguas do Borbolegão, que se despenha ao sahir d'ella, de uma alta penedia, com grande fragor. (Vide Aivados, Borbolegão e Grândola.)

DIANTEIRA ou **VILLA DIANTEIRA** — aldeia, Beira Alta, freguezia e concelho de S. João de Areias, comarca de Santa Comba Dão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

—

Aqui nasceu, em 19 de dezembro de 1782, José da Silva Carvalho. Era filho de José da Silva Saraiva e Anna de Carvalho, lavradores pobres. Frequentou o *collegio das artes*, de Coimbra, e matriculou-se no 1.º anno de direito da Universidade, em 1800. Formou-se em 1805.

Foi assentar banca de advogado, em Lisboa.

Em 1811, foi feito juiz de fóra de Recardães (hoje apenas uma freguezia do concelho e comarca de Agueda.)

Em 1814, foi feito juiz dos orphãos, da cidade do Porto, e alli ajudou a fazer a revolução de 24 de agosto de 1820.

Pertenceu desde então ao partido liberal. Em 1828, entrou na revolta do Porto, de 16 de maio, pelo que teve de emigrar.

Veio em 1832 e esteve no cêrco do Porto.

Foi duas vezes ministro e varias vezes deputado.

DIÁXERE ou **ODIÁXERE** — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 6 kilometros de Lagos, 60 de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

E' terra fertil.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo.

E' corrupção do arabe *wad* (agua) e *xaraqui* (praça larga.) Vem pois a significar, *Rio de agua que parece leite coalhado.*

Esta freguezia está situada proximo e a E. da ribeira do seu nome (que se mette na bahia de Lagos) que a rega e fertilisa.

No sitio da *Torre* e outros d'esta freguezia, cria-se muito assafrão bravo, mesmo até sem cultura. Ha n'esta freguezia grande abundancia de figos e bastante e bom vinho; cria gado e tem bom carbonato de cal (pedra calcaria) e exporta de todos estes generos. A egreja matriz é mediana. A agua dos poços d'aqui é melhor do que outra muita do Algarve.

DI-JUSO—portuguez antigo (do celta) *debaixo, por baixo, embaixo.*

DÍNE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (até 1855 comarca e concelho de Bragança) 490 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parâmio apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Trezulfe, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

DIVISÃO ADMINISTRANIVA, JUDICIAL, ECCLESIASTICA E MILITAR, DE PORTUGAL.

—

Administrativa—Divide-se este reino em 8 provincias: Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Extremadura, Alemtejo e Algarve. Em 17 districtos administrativos, que são: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castello Branco, Coimbra, Evora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarem, Vianna, Viseu e Villa Real.

Tem Portugal 348 concelhos e 3:636 frezias.

Judicial—Dois districtos (Lisboa e Porto) cada um com sua *Relação.* Estes se dividem em comarcas e estas em julgados; tudo subordinado ao Supremo Tribunal de Justiça, cuja séde é em Lisboa.

Em Lisboa e Porto, ha tribunaes do commercio; nas outras terras, as *causas* commerciaes, são julgadas pelos juizes de direito, com appellação para o tribunal do commercio de 2.ª *instancia,* de Lisboa.

Ecclesiastica—Divide-se Portugal em 3 provincias denominadas Lisbonense, Bracarense e Eborense. Aquella é séde de um cardeal patriarcha, estas de um arcebispo.

Comprehendem 14 dioceses ou bispados, que são: Aveiro, Beja, Bragança, Castello Branco, Coimbra, Elvas, Faro, Guarda, Lamego, Leiria, Pinhel, Portalegre, Porto e Viseu.

Os bispados se dividem em arcyprestados (ou vigariarias da vara) e estes em freguezias.

Militar—Havia 8 divisões. A 1.ª comprehendia os districtos administrativos de Lisboa, Santarem e Leiria—2.ª, Coimbra e Viseu—3.ª, Aveiro e Porto—4.ª, Braga e Vianna—5.ª, Villa Real e Bragança—6.ª, Guarda e Castello Branco—7.ª, Portalegre e Evora—8.ª, Beja e Faro. Eram 8 tambem as subdivisões.

Esta divisão militar foi alterada em novembro de 1869, como se vê adiante do mappa seguinte.

—

Em seguida dou um mappa da divisão civil de Portugal, para facil e rapida comprehensão dos leitores. Advirto porém, que, posto que a cifra n'elle dada aos fogos e almas, seja *official,* nem por isso deixa de ser muito defeituosa; porque, os parochos, quando se lhe pede o numero de fogos, regulam-se pelo *rol da egreja* (que tem um numero de fogos differente do da policia) e quanto ao numero de almas, fazem um calculo, mais ou menos aproximado, pois não o podem saber com exactidão, sem grande trabalho, para o que elles não estão, uma vez que é *ex-officio.*

Tambem a maior parte d'elles não mettem em conta as creanças até 7 annos (por não estarem no rol da egreja. (Contando estes, deve dar-se ao continente portuguez pouco menos de quatro milhões de habitantes.

Mappa demonstrativo da divisão civil de Portugal

PROVINCIAS	CAPITAES DOS DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	COMARCAS	CONCELHOS	FREGUEZIAS	FOGOS	ALMAS
Algarve	Faro	5	15	62	35:000	140:000
	Portalegre	4	19	94	23:000	92:000
Alemtejo	Evora	4	14	113	24:000	94:000
	Beja	5	17	108	30:000	120:000
	Leiria	5	16	111	32:000	126:000
Extremadura	Santarem	6	22	142	41:000	164:000
	Lisboa	14	39	212	103:000	411:000
Beira Baixa	Guarda	7	30	344	51:000	204:000
	Castello Branco	5	17	151	34:000	134:000
Beira Alta	Viseu	10	40	344	73:000	292:000
Douro	Porto	9	21	371	93:000	371:000
	Aveiro	7	24	172	60:200	241:000
	Coimbra	7	32	193	62:000	248:000
Traz-os-Montes	Villa Real	6	25	259	45:000	180:000
	Bragança	5	19	176	33:000	133:000
Minho	Vianna	5	13	271	44:600	179:000
	Braga	7	19	514	73:000	292:000
	Somma	111	382	3:637	856:800	3.421:000

Divisão militar de Portugal, desde novembro de 1869

Um decreto de novembro de 1869 reduz as 10 divisões militares a 5, pela maneira seguinte:

Divisões

1.ª Comprehende os districtos de Lisboa, Santarem, Leiria, Castello Branco, Coimbra e Funchal. *Quartel general — Lisboa*

2.ª Comprehende os districtos de Bragança, Villa Real, Viseu e Guarda. *Quartel general — Lamego*

3.ª Comprehende os districtos de Vianna, Braga, Porto e Aveiro. *Quartel general — Porto*

4.ª Comprehende os districtos de Portalegre, Evora, Beja e Faro. *Quartel general — Evora*

5.ª Comprehende os districtos de Ponta Delgada, Angra e Horta. *Quartel general — Angra*

Haverá *sub-divisões* militares, no Funchal, Ponta Delgada e Horta.

—

Se graves circumstancias o exigirem, poderá haver *sub-divisões* em Castello Branco, Chaves, Braga e Faro.

Veteranos

Desde novembro de 1869, ficam subsistindo 10 companhias, *independentes*, de reformados; sendo os seus quarteis em Vallença, S. João da Foz, Chaves, Almeida, Abrantes, Peniche, Castello de S. Jorge (Lisboa) Elvas, Faro e Angra.

Estas 10 companhias são todavia distribuidas pelas praças seguintes, residindo seus commandantes nas já indicadas. A saber:

Vallença, Braga, Vianna, S. João da Foz, Aveiro, Chaves, Villa Real, Bragança, Almeida, Viseu, Guarda, Abrantes, Santarem, Castello Branco, Peniche, Coimbra, Leiria, Castello de S. Jorge de Lisboa, Funchal, Elvas, Portalegre, Evora, Faro, Beja, Angra, Horta e Ponta Delgada.

Estado maior general do exercito

Outro decreto, tambem de novembro de 1869, fixa este quadro do seguinte modo:

—

1 marechal general, 1 marechal do exercito, 8 generaes de divisão, 22 de brigada.

—

Ha 6 auditores do exercito e 1 da armada.

DIVISÃO ANTIGA DA LUSITANIA—Não concordam exactamente os geographos antigos (Strabão, Plinio, Ptolomeu etc.) nos limites da Lusitania; confrontando porém uns com outros auctores, podemos marcar a extensão d'ella assim:

Cabos—*Promontorio Magno* (da Roca) *Barbarico* (Espichel) *Sacro* ou *Cuneo* (S. Vicente).

Montes—*Cico* (Monchique) *Barbarico* (Arrabida) *Herminio* (Estrella) *Alcoba* (Bussaco) *Muro* (Monte Muro) *Marano* (Marão) *Juresso* (Gerez).

Rios—*Ana* (Guadiana) *Tago* (Tejo) *Calipo* (Sado) *Moron* (Zêzere) *Munda* (Mondego) *Vacca* (Vouga) *Durio* (Douro) *Limia* (Lima) *Minio* (Minho) *Tamaca* (Tâmega).

Eis os cabos, montes e rios que estavam dentro da demarcação da Lusitania, pelo que se vê, que ella não era exactamente o que hoje é Portugal, mas sim, o paiz que estanciava entre o Douro e Guadiana, comprehendendo as duas Beiras, Extremadura, Alemtejo, Algarve e parte das provincias hespanholas limitrophes, que nos ficam ao S., SE. e E.

Quatro nações occupavam a Lusitania: eram os Lusitanos, os Vettões, os Celtas e os Cuneos.

Lusitanos—occupavam o paiz situado entre o *Durio* e *Tago*, o *Moron* e o *Herminio*. Estavam separados dos *Vettões* pelo pequeno rio Balsemão, que passa a Lamego. Suas principaes cidades, eram: *Olissipo* (Lisboa) *Scalabis* (Santarem), *Eminio* (Agueda), *Concordia* (Thomar), *Talabriga* (Aveiro), *Rusticana* e *Mendicula*.

Segundo André de Rézende, devemos considerar como lusitanos, os turdetanos, barbarios, turdulos (antigos e modernos), pesures e transcudanos.

Os turdetanos ficavam ao N. dos cuneos. (Eram mais illustrados que os outros barbaros, tinham suas chronicas e suas leis, em verso.) Os barbarios, occupavam a serra da Arrabida (a que deram o seu nome). Os turdulos antigos, desde o Cabo da Roca até ao Mondego. Tinham-se pela gente mais antiga e nobre da Lusitania. Os turdulos modernos, estanceavam ao S. dos celtas. Os pesures (os mais barbaros de todos) habitavam a Sarra da Estrella; e os transcudanos o Baixo Côa, em Traz-os-Montes.

Vettões—habitavam ao N. do Tejo, comprehendendo a Beira oriental, parte do reino de Leão e quasi toda a Extremadura hespanhola.

As suas principaes cidades eram: *Lancia-Opidiana* (Guarda), *Lancia-Transcudana* (cidade de Rodrigo), *Salmantica* (Salamanca), *Occelium* (Formosella) e *Lama* (Lamego).

Celtas—Occupavam a Extremadura portugueza, ao S. do Tejo, o Alemtejo e uma pequena porção da parte occidental da Extremadura hespanhola. Suas principaes cidades eram: *Páca* (Beja), *Ebora* ou *Elbora* (Evora), *Myrtilis* (Mertola), *Salacia* (Alcacer do Sal), *Cetobriga* (Setubal ou Troia, em frente, do outro lado do Sado), *Norba Cesarea* (Alcantara), *Medobriga* (Aramenha), *Cecilia Gemelina* (Caceres), *Aruci Novum* (Moura).

Cuneos—habitavam a parte meridional do Algarve. As suas principaes cidades eram: *Lacobriga* (Lagos), *Porto d'Annibal* (Villa Nova de Portimão), *Ossonoba* (Fáro), *Balsa* (Tavira).

DIVOR ou **ODIVOR** ou **NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE DIVOR**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros d'Evora, 112 a SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 157 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada proximo da nascente do rio do seu nome, que com 40 kilometros de curso entra na esquerda do Zetas.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 332 alqueires de trigo, e 107 de cevada.

É terra fertilissima em cereaes. Cria muito gado.

DOAÇÃO DE PORTUGAL A D. THEREZA E SEU MARIDO, PELA QUAL SE PROVA QUE PORTUGAL NUNCA FOI TRIBUTARIO DE CASTELLA DESDE O SECULO XI—Muitos escriptores (até alguns portuguezes) sustentam que D. Affonso VI de Leão, dando o condado de Portugal a sua filha D. Thereza e a seu marido, o conde D. Henrique, o instituiu feudo de Castella, com a obrigação de lhe pagar annualmente certo tributo.

Não ha facto algum que nos faça acreditar similhante asserção, e nenhum auctor contemporaneo (nem mesmo leonez) falla em similhante tributo.

Todos hoje sabem o que deu causa ao cêrco de Guimarães em 1127, e que não foi a falta de pagamento do tal tributo de que ninguem então fallava.

O chronista de D. Affonso VI, diz que este monarcha dotára magnificamente sua filha D. Thereza, com o condado hereditario de Portugal, e não falla em feudo nenhum.

O chronista do mosteiro de *Sahagun*, que assistiu ao enterro de D. Affonso VI, falla tambem no condado de Portugal dado a D. Thereza, por seu pae, e nem uma só palavra diz por onde se possa colligir a imposição de tal feudo.

Sustentam alguns que, dando, por esse tempo, D. Affonso VI o condado da Galliza a sua filha D. Urraca e seu marido o conde D. Raymundo, lh'o deu como feudo de Leão.

A Galliza sendo então muito maior do que Portugal, estava cercada de reinos christãos, que lhe serviam de atalayas e a defendiam das invasões dos sarracenos; e Portugal, sendo então mais pequeno do que a Galliza, estava todo exposto aos continuos ataques dos mouros; pelo que, a doação de Portugal, mesmo independente, era menos de cobiçar (e, com certeza, menos importante) do que a da Galliza, como feudataria.

Quanto mais, os reis d'aquelle tempo, eram absolutos senhores das suas provincias, que davam a quem queriam, sem obrigação nenhuma de igualarem os dotes dos filhos, e é incontestavel que D. Affonso VI adorava a sua filha mais nova, D. Thereza, e era extremoso amigo do conde D. Henrique, ao qual tantos e tamanhos serviços devia.

Quando o exercito portuguez (isto é, o povo portuguez, porque então todos os portuguezes eram soldados) acclamou D. Affonso I, rei de Portugal, nos campos de Ourique, D. Affonso VII de Leão (primo do nosso primeiro rei) *nenhuma objecção poz a isso, e como rei de Portugal, voluntaria e expressamente o menciona no foral que deu á cidade de Tuy, em 1156.*

Em 1158, D. Sancho III de Castella e D. Fernando II de Leão, fizeram entre si um tratado de união e partilha, *no qual trataram D. Affonso I como rei de Portugal (mesmo antes de estar confirmado pelo papa, como era de uso imprescriptivel n'aquelle tempo) e posto que tal tratado fosse uma liga contra o rei dos portuguezes, não se falla em feudo algum que este devesse pagar.*

O papa Alexandre III, na *bulla de confirmação* que expediu a D. Affonso I, como rei de Portugal, *não falla em feudo algum; e se houvesse a obrigação do pagamento d'elle, certamente lh'a impunha; porque era intimo e declarado amigo do rei leonez; que, demais a mais, tinha em Roma o seu embaixador, que havia de envidar todos os recúrsos para que tal feudo se mantivesse.*

Se Portugal fosse dado como feudo, as côrtes de Lamego (1141 ou 1142) *mesmo que decidissem que elle se não pagasse, forçosamente diriam que elle tinha sido indevida ou injustamente imposto*; mas ellas não fallam em similhante cousa, e só prohibiram que o reino de Portugal jámais pagasse tributo a outro reino.

Já disse que n'aquelles tempos os reis dispunham dos seus reinos e provincias, como de bens pura e simplesmente proprios, do que a historia nos offerece bastos exemplos.

Trinta annos antes da doação do condado de Portugal, D. Fernando Magno repartiu os seus dominios pelos seus tres filhos, dando a D. Sancho, Castella; a D. Affonso, Leão; e a D. Garcia, Portugal e Galliza, *sem a minima dependencia de um a outro reino.*

Quando o nosso D. Affonso III conquistou o Algarve (1250), D. Affonso o *Sabio*, de Leão, se quiz oppor; mas por fim se com-

poseram, dando o rei leonez sua filha D. Beatriz ao rei de Portugal, e *desistiu aquelle das suas pretenções ao Algarve* (pois que o rei de Leão *sómente allegava direitos ao reino algarvio*) e, ainda que D. Sancho IV de Leão tentou annullar os tratados feitos entre seu pae e seu cunhado, limitou-se a intitular-se *rei do Algarve;* titulo que aliás logo largou.

Se Portugal fosse obrigado a pagar tributo a Leão, não era esta conjunctura propria para alli ser allegado e pedido por D. Sancho IV?

É verdade que, apenas no fim do seculo passado, appareceu em Hespanha um *papel antigo*, que é uma inculcada copia do tratado de Tuy, feito em 20 de julho de 1137, entre D. Affonso Henriques e seu primo D. Affonso VII, e no qual o principe portuguez se obriga a pagar tributo ao castelhano, reconhecendo-se seu feudatario.

Mas esse papel é, e deve forçosamente ser julgado apocripho, pois não tem nenhum dos essenciaes requisitos que o podiam fazer suppor official. É um escripto feito por um anonymo, sem mais formalidade nenhuma.

De mais a mais, durante o periodo de 680 annos (desde 1093 até 1773) nenhum escriptor castelhano ou leonez fallou na existencia de tal papel; nem fez a menor allusão por onde se podesse suspeitar que elle existiu.

Já se vê que tal documento só póde ter credito negativo ou contraproducente.

—

Parece-me que todas estas razões, e todos os corollarios e consequencias que d'ellas se pódem tirar, são sufficientissimas e superabundantes para provar que o reino de Portugal foi pura e simplesmente dado a D. Thereza, por seu pae, *para ella e seus descendentes*, como estado livre e independente. E não só o que então constituia o condado de Portugal, como tudo quanto os portuguezes conquistassem aos mouros, ao sul do reino, até á margem direita do Guadiana.

Não sustento esta opinião, com receio de que os castelhanos nos venham pedir o tal *feudo*, que está prescripto (mesmo que elle fosse imposto, o que é falsissimo) pelo lapso de 777 annos, e anniquilado pelas victorias das linhas d'Elvas, Montijo, Montes Claros, Trancoso, Aljubarrota, etc; mas só allego isto, para esclarecer um ponto historico, no qual alguns ainda têem mal fundadas duvidas.

DOÇÃOS ou **DOS SÃOS** — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 18 kilometros a NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

DOIS PORTOS ou **DOUS PORTOS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras (até 1855 era da mesma comarca, mas do concelho da Ribaldeira) 36 kilometros ao NE. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757 tinha 531 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Ha aqui uma capella de Nossa Senhora dos Prazeres e junto d'ella uma antiga albergaria.

As quatro freguezias de Torres Vedras (Santa Maria do Castello, S. Pedro, S. Thiago e S. Miguel) apresentavam o cura e seu coadjutor, alternativamente. O cura tinha de renda 31$000 réis e o coadjutor tinha de congrua 4$000 réis. O pé d'altar era dividido em trez partes, duas para o cura e uma para o coadjutor.

Tinha antigamente juiz, escrivão e *mordomos*, sujeitos ao provedor de Torres Vedras.

É terra fertil. Muito e optimo vinho.

A capella de Nossa Senora dos Prazeres é na aldeia de Caxaria, que tem 50 fogos. Note-se que não é a Caxaria onde está a estação 20.ª do caminho de ferro do Norte; esta é na freguezia de Ceiça, comarca de Thomar, concelho de Ourem. (Vide a segunda Caxaria.)

DOLMEN — Manuel Severim de Faria, André de Rezende e outros escriptores nossos antigos e depois Martinho de Mendonça e Pina e D. fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas e outros, muito se dedicaram ao estudo archeologico dos nossos antigos monumentos; porém ás locubrações de homens competentissimos d'este seculo se devem as mais importantes descobertas sobre esses monumentos edificados, ou melhor direi, erectos por uma raça de homens cujos usos, costumes e mais circumstancias do seu viver nos são ainda (e provavelmente serão sempre) desconhecidos.

Comtudo, d'essas épocas remotissimas, cuja duração se prolongou por uma serie incalculavel de seculos, que não pertencem ao dominio da chronologia (e por isso se lhe deu o nome de *tempos pre-historicos*) ainda nos restam, espalhados pelos differentes paizes da Europa, grande numero de monumentos.

Os modernos archeologos dividiram os tempos pre-historicos em tres edades principaes—a *da pedra*, a *do bronze* e a *do ferro*.

A *da pedra*, subdivide-se em tres epocas, (alguns a subdividem em quatro) 1.ª, é a que se reconhece pelos instrumentos de pedra simplesmente *lascados*. 2.ª a em que esses mesmos objectos (armas, instrumentos e utensilios) apresentam um polido por meio de fricção, que já revela tal ou qual aperfeiçoamento; 3.ª é designada pelas habitações lacustres, pelos outeiros de conchas e pelas construcções de turfa.

Até aqui não apparecem mais instrumentos do que de pedra, mais ou menos polida.

Quando se precisava de um instrumento que servisse do que servem os nossos actuaes machados, procurava-se uma pedra (quasi sempre silex ou quartzo) que tivesse mais ou menos a fórma requerida, e o gume era aperfeiçoado pela fricção em outra pedra. Suppõe-se que esta especie de machados eram empregados ao principio sem cousa que lhe servisse de cabo, isto é, segurava-se com a mão pela parte opposta ao gume e assim se trabalhava.

Com o andar dos tempos vieram a aperfeiçoar isto, e então faziam, por fricção, um rêgo no meio do instrumento, atavam-lhe uma corda feita de couro de boi (molhado para se tornar mais elastico) e o deixavam secear ao sol, para se tornar duro. A ponta da corda servia de cabo.

O mesmo faziam com o instrumento que lhes servia de martello, etc.

Tendo-se descoberto o cobre e outros metaes, começou-se a applicar aquelle, só, ou ligado, á fabricação dos seus utensilios e armas, abandonando o emprego dos instrumentos de pedra.

Dá-se a esta época o nome de *edade de bronze*.

Seguiu-se a edade de ferro; porque então se principiaram a servir d'este metal.

Foi a edade do ferro que abriu a porta aos tempos historicos.

É pois acreditado com muita provabilidade, que os *dolmens* (ou *dolmins*), *camas* (ou *tumulos*) *dos Hûnen*, *camas de gigantes cromlechs*, etc., como lhe chamam os diversos paizes onde existem esses monumentos são obra dos tempos prehistoricos. A maior parte dos archeologos suppõem que esses monumentos pertencem á 3.ª edade, da pedra, e á do bronze.

Encontram-se *dolmens* tambem na Asia (na Syria, na Arabia e no Deccan) na Africa septemtrional e na Europa.

N'esta parte do mundo, os *dolmens* occupam uma comprida *zona*, desde a Curlandia até Portugal, e, apezar da grande destruição que n'elles se tem feito, ainda existem muitos centos, mais ou menos desmantelados.

Portugal continha grande numero d'estes monumentos, e se no Minho, actualmente não existem senão tres, é muito natural que por ser um paiz muito habitado de tempos remotissimos, os póvos posteriores aos prehistoricos destruissem esses monumentos, ou como objectos pertencentes a uma religião, que já não era a sua, ou para lhe aproveitarem a pedra para outras construcções.

Talvez mesmo que no Minho haja muitos mais *dolmens* do que se suppõe. Eu nunca ouvi fallar senão em dois, e nem um só dos nossos archeologos falla em um, que eu por

acaso achei em um matto na freguezia de Gontinhães, que é o mais bem conservado que tenho visto. O povo d'aqui lhe chama *Lapa dos Mouros*, e ao mesmo matto em que elle está, e por isso mesmo se chama *Matta da Lapa*.

É facillimo de achar, porque fica proximo á aldeia da Lagarteira, e a distancia de uns 300 metros ao NE. da estrada real. Demais a mais, perguntando alli pela *Lapa dos Mouros*, todos dizem onde é.

Os outros dois d'esta provincia, de que tratam os nossos archeologos, são — um no monte da *Polvoreira*, proximo das Caldas de Visella, e outro no monte da *Pedreira*, a pouca distancia de Pombeiro.

Em Traz-os-Montes, ha os seguintes: — o de *Fantelço* e o do *Monte Fidalgo*.

Na Beira, em Villa Velha do Rodam, em Antas de Penalva, perto de Celorico, proximo á Guarda e nos concelhos de Viseu e Sabugal.

Na provincia do Douro, sobre a margem esquerda do Douro, logo abaixo do logar de Castello de Paiva, proximo das *Pedras da Rua* está um grande dolmen, faltando-lhe a pedra horisontal. Pousava esta em sete pilares redondos (dos quaes 6 existem intactos). Estes pilares ou columnas não são monolythos, mas cada um composto de tres pedras com juntas bem feitas, o que mostra ter sido construido na edade *do bronze* ou *do ferro*. Nenhum dos nossos archeologos falla n'elle.

No Alemtejo é onde ha mais, em menos espaço de terreno, pois nas visinhanças de Castello de Vide ha muitos. Ha-os tambem nas immediações do Crato, entre a villa de Aguiar e Evora, entre Evora e Vendas do Duque, entre os Pégões e Vendas Novas, nos arredores de Niza, Arrayolos e Barbacena e ainda outros no concelho de Evora.

Na Extremadura, só se sabe da existencia do de Andrenunes, na serra de Cintra (de que logo tratarei).

Não consta que haja actualmente nenhum no Algarve; mas parece que algum existiu sobre o Cabo de S. Vicente, pois Strabão, tratando da peninsula iberica, diz com referencia áquelle cabo, então chamado *Promontorium Sacrum*: «*Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos.*»

Martinho de Mendonça Pina enviou á Academia de Historia Portugueza uma memoria ácerca d'estes monumentos, escripta com muita erudição, que a mesma Academia publicou em 1773, no tomo XIV das suas *Memorias*.

Em 1734 enviou o padre Affonso da Madre de Deus Guerreiro á mesma Academia, uma relação ácerca de 315 *antas* (elle confunde *antas* com *dolmens*) existentes no seu tempo em Portugal; mas não foi publicada, apenas d'ella se faz menção, com referencia ao 1.º de abril de 1734.

Dêvo notar que li todas as *Memorias* da Academia, dos annos 1733 e 1734, que são os volumes 14.º e 15.º e não achei senão *registada* a offerta das relações de Pina e Guerreiro; mas em parte nenhuma vem transcriptas essas relações, o que nos deixa na mesma duvida em que estavamos.

Em 1868 publicou o sr. F. A. Pereira da Costa, uma *Descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal*, publicação interessantissima, onde o assumpto é minuciosamente esclarecido, e illustrado com bellos desenhos.

O *dolmen* consta de varias lagens perpendiculares, cobertas por uma, muito maior, collocada horisontalmente sobre as outras, que estão em circulo, ou em quadro, o que na verdade lhe dá a fórma de mêsa.

—

Até ha poucos annos attribuia-se aos celtas a construcção dos *dolmens*, *antas*, *carns* e *mâmoas*. Agora diz-se que são obra de povos anteriores aos celtas, e como se lhe ignora os nomes, combinou-se em dar-lhes o de *pre-celtas*. Mas não é sem argumentos *pro* e *contra* que esta conjectura se sustenta, e isto tem dado logar a bastante confusão. O que se póde dizer afoitamente é que estes monumentos foram construidos por póvos pre-historicos.

A mesma divergencia tem havido, e ha, sobre a applicação que tinham estes diversos monumentos, e até sobre o nome d'elles.

Escriptores de muito criterio e grandes

conhecimentos archeologicos, sustentam que *dolmin* é o nome generico d'estas construcções, e muitos d'elles fazem *anta* synonimo de *dolmin*.

Escriptor obscuro e completamente desconhecido, aventuro-me todavia a expender a minha humilde opinião, fundado não só no muito que tenho visto e lido, mas até nos proprios nomes que conservam estas construcções.

Não hia contra a opinião de archeologos distinctos e conhecidos geralmente, se elles não fossem os proprios a confessar que n'este ponto não podemos (ao menos por emquanto) sahir de *conjecturas*.

Supponho que *dolmen* é uma *ara* construida para os sacrificios — *anta* é um monumento levantado á memoria de algum chefe ou guerreiro distincto — *mâmoa* o tumulo de alguma pessoa notavel — *carn*, templo destinado a oração.

Todos os archeologos são concordes em dizer que *dolmen* é palavra d'origem armorica (bretan) dirivada de *daul* (mêsa) e *min meu* ou *maen* (pedrs) e, com effeito, o *dolmen* é uma mêsa de pedra. (Parece que se escrevia *min* e se lia *men*.)

De todas as quatro qualidades de monumentos celtas, ou pre-celtas, de que aqui se tracta, só o *dolmen* tem a forma de mesa. Os outros teem formas completamente diversas: então como se lhes hade dar o nome de *dolmen* (mêsa de pedra ?) Eu até supponho que talvez isto tivesse outro nome dado pelos seus constructores *preceltas*, e que quando os gallos-celtas occuparam a Lusitania e achando estas construcções tão semelhantes a mêsas, lhes dessem o dome de *dolmens*.

A opinião de que os *dolmens* são monumentos funerarios tambem não passa de conjetura. É verdade que sob muitos *dolmens* se tem achado ossadas humanas, mas custa a crer que em 3:000 annos, pouco mais ou menos, possam os ossos deixar d'estar completamente reduzidos a terra. Quanto mais, se em muitos *dolmens* se teem achado ossos, em muitos mais se não encontra vestigios d'elles. E quem sabe se os povos que construiram os dolmens enterravam os seus defuntos, ou os queimavam, enterrando-lhe apenas as cinzas, como era uso quasi geral dos povos primittivos?

Ha um facto que, na minha opinião, prova incontestavelmente que os povos (quem quer que elles fossem) que construiram os *dolmens* queimavam os seus cadaveres. As mâmoas, que todos concordam em dizer que são obra dos mesmos que construiram os *dolmens*, são incontestavel e exclusivamente monumentos funerarios, e ne'llas (como logo direi) jámais appareceram ossos — o que apparece são cinzas.

Mas supponhamos que, com effeito, essas ossadas são coevas dos *dolmens*, não podiam ser os restos mortaes de alguma pessoa querida, ou de algum chefe aguerrido, que alli quisessem enterrar por distinção?

A religião christan (a mais chegada á natural e menos supersticiosa no seu comêço) não admittia o enterro dos cadaveres dentro dos templos?

Ainda mais: não podiam os gallos-celtas, os iberos, os cantabros e os antigos lusitanos (e mesmo os romanos e os árabes) enterrar os cadaveres dos seus sob estes monumentos que achavam feitos, tendo de mais a mais a vantagem de ter um signal permanente que lhes indicava o logar da ultima morada dos seus?

O apparecimento de cinzas guardadas em vasos de barro em alguns *dolmens*, e de instrumentos de metal, são, quanto a mim, uma prova de que a applicação dos dolmens a monumentos funerarios é de uma epoca muito mais recente do que a da sua construcção, pois que, de quantos dolmens tenho visto, que não são poucos, *só um* revela a existencia e o emprego de instrumentos de metal, que é o que já disse, do Castello de Paiva.

São tão raros os *dolmens* construidos na edade do bronze e do ferro, que em Portugal não ha senão aquelle. Nos paizes estrangeiros consta que alguns, mas tambem rarissimos, teem apparecido d'estas duas ultimas épocas.

Suppõe-se que uma das condicções dos dolmens é não terem o mais leve signal d'obra d'arte, e outra, não serem de pedras das immediações. É certo que em todos os monumentos pre-chistoricos que tenho exami-

nado, não se vê o minimo indicio do emprego de qualquer ferramenta, salvo aquelles em que os visitantes teem posto algum signal ou inscripção.

Esta materia levar-me-hia muito longe e este artigo tornar-se-hia maçador, principalmente para os leitores que embirram com as obscuridades da archeologia.

Nem isto é proprio de ser tractado em um diccionario.

—

Abreviando o que me for possivel, direi.

As *mâmoas* ou *modôrras* (a que tambem alguns chamam *mamunhas* e *mamuinhas*) são os tumulos dos povos pre-historicos por ventura os indigenas da peninsula iberica.

Nunca vi tantas mâmoas, como no monte do Curuto, na freguezia de Fermêdo; em Monte Grande, proximo ao logar de Serradello, freguezia da Raiva—e na Serra do Valle da Avó, entre Paiva e Arouca, tudo na provincia do Douro.

Todas ellas foram arrombadas pelo povo, em busca de thesouros, e em nenhuma se achou mais do que uma pia coberta, no centro da mâmoa, feita de lagens de granito ou de schisto (taes como sahiram da terra) contendo cinzas. Só duas encontrei sem vestigio de arrombamento (provavelmente porque o povo julga que são pequenos cabêços naturaes, e que na verdade são as maiores que tenho visto) uma no monte do Crasto, freguezia de Romariz (proximo de muitos *carns*) e outra em uma serra que me parece se chama da Cruz d'Ancia, 4 ou 5 kilometros a SE. de villa de Sobrado de Paiva.

Esta não é (como todas as outras que tenho visto) exclusivamente formada de terra. É feita com pedras quartorzas (seixos) de varios tamanhos e apenas com a terra sufficiente para as ligar.

As mâmoas eram construidas do módo seguinte.—juntavam as lagens necessarias para formar uma especie de pia ou tanque grosseiro. Feita a pia, punham dentro as cinzas (sobre a lagem do fundo e soltas, pois ainda não havia vasos de qualidade alguma) e as cubriam com uma tampa, formada de uma ou mais lagens. Depois amontoavam uma porção de terra sobre a tal pia, formando um pequeno cabêço de forma pyramidal.

Suppõnho que quanto mais importancia tinha a pessoa sepultada, maior era a pyramide.

Ao vulgo contentavam-se em o enterrar no chão razo; mas quando por alli passavam os devotos, rezavam certa oração e atiravam uma pedra sobre a campa. Alguns defuntos tiveram tantas orações que chegaram a formar uma pequena pyramide, das quaes algumas chegaram aos nossos dias!

Ainda em alguns sitios das nossas provincias do N, quando alguem foi assassinano em qualquer sitio, se lhe colloca ahi uma cruz de páu ou de pedra, e quem passa reza um Padre-Nosso por alma do assassinado e lança ao pé da cruz uma pedra, chegando a formar um monticulo. Passados alguns mezes esquece a devoção e a pedra, senão tinhamos por alli muitas mâmoas christans. Vide Fieis de Deus.

—

Antas suppõe-se serem monumentos elevados á memoria de chefes ou guerreiros notaveis. Constam de um grande pedregulho, de forma mais ou menos espherica, ou oval (alguns de um tamanho que faz pasmar!) collocados sobre quatro penedos mais pequenos, que os sustentam em equilibrio.

Nos concelhos de Arouca e Paiva ha grande numero d'antas, de differentes tamanhos. A maior que vi em Arouca é a que chamam Penedo de Casal-Mão, no alto de uma serra sobranceira e a NO da egreja de Santa Eulalia. Em Paiva a maior que vi, está a uns 300 metros ao SO da villa de Sobrado, e chama-se o Penedo do Valle da Rua.

—

Suppõe-se que os *carns* eram uma especie de templos, ou logares destinados para preces e orações, que cada tribu ou familia formava para si. Digo que cada familia tinha seu carn, porque no monte do Crasto (provavelmente corrupção de carn) na freguezia de Romariz, ha mais de uma duzia proximos uns dos outros, 5 ou 6 dos quaes foram desentulhados em 1845.

Construiam-se da maneira seguinte:—faziam uma especie de tanque, mais ou menos vasto, (suppõnho que segundo o maior

numero de pessoas da familia que devia conter) da fórma que lhes parecia, quadrado, oblongo, circular, etc., forravam o pavimento de calçada e guarneciam isto com uma parede de um metro de altura, pouco mais ou menos, e eis aqui um *carn.* Todos os do monte do *Crasto*, em Romariz, são n'este gosto, tendo as paredes argamassadas em barro e a calçada do pavimento coberta com uma camada do mesmo barro.

Os que vi nas freguezias de Gontinhães, Molledo e Cristello, do concelho de Caminha, são no geral muito mais vastos, não são *lageados* de calçada, nem refundados no sólo, as paredes tambem não são como as do *Crasto.* Os do Minho são feitos mais á semceremonia; chegavam á chapada de um outeiro ou monte, *espettavam* no chão uma linha circular de lagens, perpendicularmente, e estava prompto. Todos os que aqui vi são de fórma mais ou menos circular. Os póvos d'aqui chamam-lhe *cerrados dos mouros.* Nem nos do Crasto nem nos do Minho achei vestigio de porta.

Note-se que todos os *dollmens, antas* e *mâmoas* que tenho visto, estão em sitios elevados.

O maior *dolmen* que ha em Portugal é o de *Andrénunes*, situado sobre um dos mais elevados pinaculos da serra de Cintra. Sahindo da villa de Collares, em direcção ao logar do *Penêdo* e á ermida da *Peninha*, (tambem construida sobre um agudo pincaro, sobre o Cabo da Roca) encontram-se, antes de chegar á dita ermida, trez altos serros, a quasi eguaes distancias uns dos outros e quasi em linha. O do centro chama-se *Sêrro* (ou *Cabêço) dos Picotos*; o de L., *Monge*, e o do O. (que é proximo da aldeia da *Atalaya*) é o de *Andrénunes.* É no seu cume que está o *dolmen.* Este pincaro é composto de rochas graniticas—o dolmen tem a fórma de galeria coberta. Sobre elle está uma pyramide geodesica (ou trigonometrica) para a triangulação do reino.

—O distincto archeologo allemão *Carlos Andree* publicou em 1867, no *Globus*, excellente jornal litterario, tambem allemão, os artigos mais interessantes que existem sobre a materia.

DÓLO—portuguez antigo (corrupto do latim *dolor*) dôr. Tambem já antigamente, como hoje, significava *dólo, engano, perfidia*, etc.

DOMIM ou **DAMIM**—pequeno rio do Algarve e Alemtejo. Entra na esquerda do Sado, acima do Charrâma (ou Xarrama). Chamava-se no tempo dos arabes *Wad-Dolmin*, isto é *Rio do Dolmen* ou *Dolmin.*

DOMINGOS (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 70 kilometros a O. de Evora, 105 ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o capellão curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada.

E' fertil em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade.

DOMINGOS (Serra de S.)—Beira-Alta. Vide Fontéllo.

DOMINGOS (S.)—serra, Douro, concelho e 10 kilometros a O. de Paiva, comarca e 20 kilometros a NO. de Arouca, 1 da margem esquerda do Douro, 30 ao L. do Porto, freguezia de S. João Baptista da Raiva. Passa aqui a zona carbonifera de *Pijão* e ha vestigios de mineração antiga de metaes. Ha tambem indicios de minas de ferro, cobre e chumbo.

Na extremidade N. do seu cume está a muito antiga e notavel capella de S. Domingos.

DOMINGOS (S.)—serra, Alemtejo e Algarve, concelho e proximo de Mértola, sobre a direita do Guadiana.

São aqui as grandes minas de cobre do Pomarão, as melhores até hoje conhecidas, entre as que estão em exploração presentemente. (Vide *Pomarão.*)

DOMINGOS DE RANNA (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Cascaes, 18 kilometros ao O. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 520 fogos.

Orago S. Domingos de Gusmão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 90$000 réis.

Na *Torre da Guilha*, d'esta freguezia ha excellentes marmores vermelhos. D'elles se fez a capella de *Manique de Baixo*, freguezia de Alcabideche, que foi dos marquezes de Minas, a egreja da Graça de Lisboa, e outras obras.

—

A egreja matriz é muito antiga, mas ignora-se por quem foi fundada. Era sagrada desde tempo immemorial.

A *Chronica de S. Domingos* diz que á festa de *Corpus Christi*, que aqui antigamente se fazia, vinham algumas cruzes e bandeiras de Lisboa, e muitas das freguezias dos termos de Cascaes e Cintra.

Sendo a egreja antiga de pequenas dimensões para a população, e estando muito arruinada, foi demolida, para se reconstruir.

Principiaram as obras da actual em 10 de maio de 1710. Tem a capella-mór e 6 altares lateraes. Na bôcca da tribuna ha um bello quadro da *Cêa*, obra de Pedro Alexandrino.

Tem bellas imagens. O templo é de uma só nave e está completamente concluido e com magnificencia. Tem duas grandes torres, uma com um carrilhão de oito sinos, e a outra um bom relogio.

O tecto da capella-mór é de abobada de pedra e o do corpo da egreja, de estuque. Tem bonitas grades de pedra a dividir as *coxias* da egreja, e a adornarem o côro e as seis tribunas.

Tambem aqui ha um bello retabulo do mesmo Pedro Alexandrino, representando Nossa Senhora a entregar o rosario a S. Domingos.

Todos os arcos e columnas são de optima cantaria, e este templo é o mais rico do concelho.

É terra muito fertil em varios generos de agricultura e produz muito bom vinho.

DOMINGUIZO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 40 kilometros da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior de *S. João de Monte in Collo*, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

DONAI — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago antigo, Nossa Senhora do Rosario; e actual, S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança, que apresentava o reitor, a qual tinha 50$000 réis.

DONAS, DONNAS ou **ALDEIA NOVA DAS DONNAS** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação ou Santa Maria.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia já está descripta sob o nome de *Aldeia Nova das Donnas*. Repeti-a aqui por causa do rendimento do parocho e por ter mais fogos do que os que lhe dei no 1.º volume.

DONIM — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 9 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Está aqui o poço de Óla, onde vae dar á estrada coberta, que correspondia á antiga cidade de *Citania* (vide esta palavra).

DONÕES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 65 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Montalegre apresentava o vigario, collado, que tinha 75$000 réis.

DORNELLAS — freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, antigamente concelho de Fajão, hoje, concelho da Pampilhosa, 70 kilometros ao NO. da Guarda, 240 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, que tinha 200$000 réis.

DORNELLAS — freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 30 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 170 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Pena Verde apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

DORNELLAS — freguezia, Minho, antigamente comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, actualmente concelho de Amares, comarca de Villa Verde, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a antiga torre dos marquezes de Monte Bello, solar dos Dornellas, ou Ornellas. Foi dos Francos, que consta descenderem da casa real de França.

Chama-se a *torre do Outeiro*. Pretendem alguns que n'esta torre nasceu o célebre mestre dos templarios, D. Gualdim Paes; mas é êrro: elle nasceu em Marecos. Vide Amares e Marécos.

A torre é quadrada e tem uns 14 metros de altura. Tem uma boa quinta annexa.

Os caseiros pagam a esta torre, annualmente, 15 varas de bragal.

Passa aqui a via militar romana chamada Geira. Ainda ha vestigios d'ella, e o seu leito é aqui o de uma estrada, bastante concorrida, e que ainda conserva o antiquissimo nome de Geira.

Fica esta freguezia a 2 kilometros a E. da villa de Amares.

A egreja matriz é moderna e boa.

N'esta freguezia ha cinco capellas, que são: Nossa Senhora do Resgate, S. Pedro e S. Francisco, particulares; e as publicas, são: Nossa Senhora do Fastio e S. Thiago; esta situada na encosta oriental do monte de Dornellas. Todas foram edificadas nos principios do seculo XVIII.

A freguezia occupa um territorio bastante accidentado, na margem direita do Cávado, e é fertil em cereaes, vinho verde, azeite, alguma laranja e fructa. É abundante em lenha e está abrigada do norte, pelo monte de S. Thiago, que é um braço que para o sul lança o monte de S. Pedro Fins. O monte de S. Thiago, tem nas suas faldas, oliveiras, castanheiros, carvalhos e outras arvores silvestres, tendo vastos pinheiraes. Cria alguma caça miuda.

Dornellas era a freguezia mais oriental do antigo concelho de Entre Homem e Cávado, ao qual pertenceu até 1834. Passou depois para o concelho de Santa Martha de Bouro, e sendo este supprimido em 24 de outubro de 1855, passou para o actual concelho de Amares.

—

Na extremidade E. da freguezia, na estrada que segue para Bouro, está um grande e bom cruseiro, de pedra, em cujo pedestal se lê a inscripção:

AQUI COMÉÇA O COUTO
DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BOURO
O QUAL DOOU D. AFFONSO HENRIQUES,
PRIMEIRO REI DE PORTUGAL.

Nascem n'esta freguezia dois ribeiros, *Pogído* e *Cascalhaes*, que régam e móem.

Morrem, apenas com dois kilometros de curso, na direita do Cávado.

DORNELLAS — villa, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi couto e tinha juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

A mitra primacial apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

DORNES — villa, Extremadura, comarca e 20 kilometros ao N. de Thomar, concelho de Ferreira do Zêzere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa, 210 fogos, 800 almas.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de novembro de 1513.

O rio Zêzere corre a E. da freguezia.

A matriz está edificada sobre um rochedo em fórma de peninsula, cercada pelo E. por o rio Zêzere e pelo O. por uma profunda ribeira do nome da freguezia.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis. O vigario era freire da Ordem de Christo, da qual a freguezia era commenda, tendo sido primeiramente commenda dos templarios até 1311, e passando para a Ordem de Christo em 1319. (Vide Alemquer, onde se trata do que possuiam os templarios.)

A villa está na encosta d'este rochedo, situada entre altas serras silvestres, o que a faz sobremaneira triste. Tem quatro ruas (pequenas) em fórma de cruz, de modo que, quem está no centro as vê todas.

Seu territorio produz poucos cereaes, mas é abundante de excellentes fructas, madeiras, gado, caça, azeite e muito vinho.

Sobre um alto penhasco, chamado *Serra Vermelha*, estão as ruinas de uma torre, que se diz fundada por Sertorio, 74 annos antes de Jesus Christo (outros dizem que é obra dos mouros) e ao pé d'ella a egreja de Nossa Senhora das Dores, mandada fazer pela rainha Santa Isabel, em 1285.

É tradição que no sitio onde hoje está esta egreja, appareceu a Santa Virgem, com Jesus Christo morto nos braços, a um cavalleiro chamado Guilherme de Pavía, o qual o foi contar á rainha, que estava em Coimbra; pelo que ella mandou logo fazer o templo, no logar da apparição de Nossa Senhora.

D. Gonçalo de Sousa, descendente do infante D. Martim Affonso Chichorro (filho de D. Affonso III) reedificou e ampliou esta egreja, em 1453. A esta egreja vem 34 freguezias, cada anno, em solemnes procissões, fazendo grandes festas á Senhora.

Esta serra fica perto do Cernache do Bomjardim.

Dizem outros que a torre foi feita pelos templarios em 1160. Serve de torre dos sinos da egreja.

A padroeira d'esta egreja é que deu o nome á villa, pois que por ordem da referida rainha Santa Isabel se chamava «Villa das Dôres» que depois degenerou em Dornes.

A mesma rainha foi senhora d'esta villa, que depois passou a ser senhorio da casa de Bragança. O seu termo comprehendia tres freguezias.

Tinha 3 companhias d'ordenanças, cada uma com seus respectivos officiaes, e todas commandadas por um capitão-mór.

—

Tem por armas, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel as quinas portuguezas, no 2.º e 3.º em cada um um leão. (As armas de Santa Isabel.) Depois foram um escudo bipartido, tendo da direita as quinas e da esquerda uma cruz floreada. Estas são as actuaes. (O sr. J. de Vilhena Barbosa não traz estas armas.)

—

Ha aqui tambem a serra de S. Paulo, da qual diziam os mouros (segundo a tradição.) «Entre a serra de S. Paulo e o monte Minhôto, me ficou o meu bem todo.» Pelas grandes riquezas que se diz aqui terem deixado en-

terradas. É certo que aqui se teem achado objectos de grande valor.

O monte está minado pelos mouros, tendo bastante semelhança com a praça de Gibraltar.

Tem uma ermida de S. Paulo (que dá o nome à serra) a qual mandou fazer o capitão portuguez que ganhou estas terras aos mouros.

Principiou-se n'esta serra um convento para frades paulistas, mas não se chegou a concluir.

DOS FRANCOS—Vide Francos.

DOS NEGROS—Vide Négros.

DOS-SÃOS—já está em Doçãos.

DOURO—rio, o Durius dos antigos. Nasce na provincia de Sória, nas montanhas d'Orbion, antigo reino de Leão (Hespanha) e entra em Portugal 18 kilometros acima de Miranda do Douro. Serve de limite entre Portugal e Castella, até entrar todo naquelle reino, acima da Barca d'Alva, na confluente do Agueda, que por algumas leguas serve de limite entre as nossas provincias de Traz-os Montes e Beira-Alta.

Alem de uma multidão de ribeiros e regatos, recebe na margem direita o Sabor, Tua, Pinhão (ou Penhão) Corgo, Tamega e Souza—na esquerda—Agueda, Côa, Tavora, Barosa, Paiva, Arda, Inha, Uima e Sá.

Entra no mar 6 kilometros a O do Porto, tendo decorrido em Portugal (sempre navegavel) 180 kilometros, por um leito apertado e montanhoso, e com uma corrente rapida e fremente, que torna a sua navegação perigosissima.

Desde Orbion até S. João da Foz, tem 870 kilometros de curso.

É atravessado na Régua por uma bella e magestosa ponte de pedra e ferro, principiada em 1870 e que está concluida, e do Porto a Villa Nova de Gaia, por outra elegante ponte de ferro e madeira (pensil) feita em 1842.

As margens d'este rio são em quasi toda a parte tristes e alcantiladas, e apenas raros *oasis* se encontram no percorrer do seu dilatado curso. Do Porto até Arnellas offerece uma agradavel vista, por serem as margens ainda que montanhosas, em grande parte cultivadas e povoadas de bonitas casas de campo e varias aldeias.

No reino de Portugal banha (e muitas vezes alaga e destroe) grande numero de povoações, sendo as principaes (depois do Porto e Gaia) Régua e Miranda.

Como o seu leito é apertadissimo, qualquer enchente o faz subir a cima do seu nivel ordinario 8, 10 e mais metros, isto em poucas horas (e ás vezes, como aconteceu em 1861, em poucos minutos) o que obriga os habitantes das suas margens a salvarem-se em barcos pelas janellas, e não poucas vezes pelos telhados.

(As suas maiores enchentes, de que ha noticia escripta, podem ver-se na palavra *Enchentes;*

Tem varios *pontos* onde a agua corre, ou melhor, se precipita, com medonha impetuosidade, o que faz todos os annos quebrar contra os rochedos muitos barcos e morrer bastante gente.

Apesar dos perigos d'esta viagem, o rio é constantemente sulcado por grande numero de barcos que levam ao Porto os productos agricolas ou industriaes de varias terras e exportam do Porto para estas differentes generos.

Cria muito, variado e saborosissimo peixe, e os seus saveis, lampreias e trutas são famosos e dignos da sua nomeada.

Nas povoações que se descrevem n'este diccionario, situadas nas duas margens do Douro, se dão mais algumas noticias curiosas ácerca d'elle.

—

Sir Artur Wellesley (depois lord Wellington) foi pelo governo portuguez feito marquez do Douro, em premio das suas victorias contra as hordas de Buonaparte.

—

O rio Douro era a divisão meridional da antiga provincia bracharense e da Galliza, no tempo do imperio romano, e ainda depois, no tempo dos godos.

Vide Braga no logar competente.

—

DOURO—provincia, creada depois de 1834, formada com o antigo partido do Porto, varios concelhos do Minho e Beira e os

districtos administrativos d'Aveiro e Coimbra. Disparate geographico de grande marca, que faz rir todo o mundo (como uma grande parte do Alemtejo que enxertaram, sem razão nenhuma plausivel, na Extremadura) e que nem mesmo os grandes geographos que fizeram esta despropositada divisão são capazes de explicar. Chamar-se provincia do Douro á vasta extensão de territorio que estanceia entre o Douro e Mondego, e ainda muitos concelhos que estão ao S. d'este ultimo rio, não se comprehende.

Se queriam fazer das nossas seis provincias mais algumas (para lá fóra os estrangeiros julgarem que Portugal é um grande reino em territorio) não tinham evidentissimas divisões feitas pela natureza? Formassem uma provincia entre o Minho e o Cávado, outra entre o Cávado e o Douro, outra entre este rio e o Mondego, outra entre o Mondego e o Tejo, outra entre o Tejo e Guadianna, outra do Marão para o Nordeste outra da Serra da Estrella para Leste, outra além do Côa, etc etc.

Tinham rios e cordilheiras (que são as divisões naturaes e menos sujeitas a duvidas) e vão fazer uma divisão d'estas!

Andam ha 50 annos a fallar em divisão territorial e estamos á espera d'ella como esperamos pela lei agraria, pelos *boulevards* e fortificação de Lisboa e Porto, pela reforma colonial, pela morte do deficit, etc etc.

Foi o Douro a divisão meridional da antiga provincia braccarense, e da chancellaria de Braga.

Para evitar repetições n'este ponto, vide Braga no logar competente.

DOURO—pequeno rio, Minho, que dá o nome á freguezia do *Rio Douro* (Santo André) no concelho de Cabeceiras de Bastos, comarca de Celorico de Bastos.

Nasce na serra de Nossa Senhora da Orada, e morre no Tâmega, com pequeno curso.

Vide Rio Douro, freguezia.

DRUIDAS E SUA RELIGIÃO, LEIS, USOS, COSTUMES, GERARCHIAS, etc.—Cesar (nos seus *Commentarios)* diz que a religião druidica teve origem em Inglaterra; porém Tacito (nos seus *Annaes*) diz que os gaulezes, aportando a esta ilha, alli tinham levado as suas crenças. Parece que Tacito tem razão, mas os druidas inglezes (ou do Norte) conservaram com mais pureza a sua religião e tradições.

A religião dos gaulezes foi sempre mais esclarecida que a dos outros póvos de então. Suas idéas sobre a divindade eram muito mais justas e mais espirituaes do que as dos gregos e as dos romanos.

Tacito, Maximo de Tyro e outros historiadores nos dizem que os druidas estavam convencidos de que se deve honrar o Ser Supremo, pelo respeito e o silencio tanto como pelos sacrificios; mas esta simplicidade primittiva se foi perdendo pouco a pouco e já não existia ao tempo das conquistas dos romanos. Os druidas, esquecendo as suas primeiras tradições, se deram á adivinhação e á magia e toleravam os horrorosos sacrificios de victimas humanas, em honra d'*Esus* e *Teutatés*. Tacito Lactancio e Lucano nos testificam esta dagradação.

As conquistas de Julio Cesar introduziram novos deuses nas Gaulas, fundando-se então os primeiros templos, emquanto que os druidas da Inglaterra continuaram o exercicio da sua religião no centro das florestas. que para elles eram sagradas.

Os gaulezes tinham no interior dos bosques espaços consagrados ao culto e ás ceremonias religiosas. Era alli que elles enterravam os thesouros tomados aos inimigos, e que immolavam os prisioneiros. Fechavam-os em grandes gaiolas feitas de vimes, cercados de materias combustiveis e lhes lançavam fogo.

—

Differentes classes de druidas—Sua maneira de viver—Seus vestidos e funcções.

A palavra *druida* vem incontestavelmente do substantivo celtico *deru*, que quer dizer—*carvalho*.

Estes ministros se dividiam em differentes classes. Os druidas formavam a primeira, e eram os supremos chefes, tão respeitados que os demais deviam arredar-se quando elles appareciam e não podiam chegar á sua presença sem terem obtido licença para isso.

Os ministros inferiores eram os *bardos*, os *saromides* e os *eubages* ou *vacerres*.

Os *bardos*, cujo nome celtico quer dizer *cantor*, celebravam em verso as acções dos heroes, cantando ao som das suas harpas.

Ligava-se tanto valor aos seus versos que elles bastavam para immortalisar. Ainda que menos poderosos que os druidas, gosavam tamanha consideração, que, apresentando-se no momento em que dois exercitos estavam a ponto de combater, ou já tinham mesmo principiado a batalha, depunham as armas para ouvirem as suas propostas.

Não se limitavam a cantar as acções dos heroes, tinham tambem o direito de censurar as acções dos particulares que se apartavam do cumprimento dos seus deveres.

Os *saronides* instruiam a mocidade, inspirando-lhe sentimentos virtuosos.

Os *eubages* tinham o cuidado dos sacrificios e se applicavam á contemplação da natureza.

A origem dos druidas se perde na mais remota antiguidade. Aristoteles, Phocion e muitos outros escriptores que os precederam, os descrevem como os homens mais esclarecidos em materias de religião. Tinha-se tão grande crença no seu saber, que Cicero diz que elles foram os inventores da mythologia.

Os druidas, occultos em suas florestas, viviam na maior austeridade. Era alli que as nações os hiam consultar.

Elles formavam differentes collegios nas Gaulas; o mais célebre de todos era o do paiz de *Chartrain;* o chefe d'este collegio era o soberano pontifice das Gaulas.

Seus vestidos differiam alguma coisa segundo as provincias em que viviam ou os graus que exerciam.

A ceremonia da profissão se fazia recebendo a *accolade* (abraço) dos velhos druidas. O candidato, depois d'isto, deixava o vestido ordinario para vestir o dos druidas, que era uma tunica, chegando apenas ao joelho. As mulheres não podiam ultimamente ser admittidas ao sacerdocio.

Era muito grande a auctoridade dos druidas. Predsidiam aos estados, decidiam da paz ou da guerra; castigavam os culpados, depunham os magistrados e mesmo os reis, se elles não observavam as leis do paiz. Sua gerarchia era superior á dos nobres. Nomeavam annualmente os magistrados que deviam governar as cidades, podendo elevar qualquer d'elles á dignidade de *vergobret*, que egualava a dos reis; mas este *vergobret* nada podia fazer sem consentimento dos druidas, que decidiam tambem, *sem appellação nem aggravo*, as contendas e demandas dos particulares, cujo vencido se devia submetter ás suas decisões, sob pena de ser ferido de anathema, e desde então todo o sacrificio lhe era interdicto, toda a nação o considerava impio e ninguem ousava communicar com elle.

Eram dispensados de hir á guerra, e de pagar tributos. Já se vê que o numero dos aspirantes a druidas era immenso, jamais porque admittia todos os estados e profissões; mas tinha os inconvenientes de um diuturno noviciado e da indispensavel necessidade de decorar mui prodigioso numero de versos, que continham as maximas sobre a religião e a politica.

As mulheres gaulezas podiam antigamente ser admittidas na gerarchia dos druidas (ser *druidesses*) e gosavam então todas as prerogativas da ordem; porém exerciam as suas funcções separadas dos homens. Suas adivinhações as tinham tornado mais celebres do que aos proprios druidas.

Quando Annibal passou ás Gaulas, ainda ellas exerciam o direito supremo, e tanto que se estipulou em um tratado que elle fez com os gaulezes, que — «se algum carthaginez prejudicar por qualquer modo a um gaulez, a causa será levada ao tribunal das mulheres gaulezas».

Com o andar do tempo, os druidas despojaram as mulheres d'esta auctoridade, mas ignora-se a época d'esta usurpação.

—

Doutrina dos druidas — Suas superstições — Ceremonia do gui (1) do carvalho.

Toda a doutrina druidica tendia a tornar

(1) *Agarico*, planta parazita.

os homens sabios, justos, bravos e religiosos.

Os pontos fundamentaes d'esta doutrina se reduziam a trez: — adorar os deuzes — não prejudicar o proximo — e ser valoroso.

Pomponio Mella diz que a sciencia dos druidas consistia em conhecer a fórma e grandeza do Ser Supremo, o curso dos astros e das revoluções do globo.

Criam firmemente na immortalidade da alma e consideravam a morte como um seguro meio de hirem gosar uma existencia mais venturosa.

Os que morriam em paz, no centro das uas familias eram enterrados sem pompa e sem elogios e sem ás canções compostas em honra dos mortos; porém os que perdiam a vida em serviço da patria tinham tudo isto; porque acreditavam que elles sobreviviam a si mesmos e transmittiam seus nomes ás gerações futuras, acreditando-se que elles hiam gosar a felicidade eterna no seio da divindade. Só elles tinham tumulos e epitaphios.

Os que não tinham illustrado a sua vida com alguma acção guerreira, brilhante ou util ao bem geral, eram condemnados a um completo e eterno esquecimento.

O genio bellicoso dos gaulezes e dos outros celtas dava rasão a estas crenças, pois que elles nada presavam tanto como a profissão das armas.

—

Os druidas ensinavam que um dia a agua e o fogo destruiriam todas ás cousas.

Criam na metempsychose, e não a adoptaram da doutrina de Pythagoras, pois quando este sabio grego viajou nas Gaulas, já esta maxima era alli adoptada havia muito tempo.

(Todos sabem que a metempsychose é a transmigração das almas de uns para outros corpos.)

De tempo immemorial tinham o costume de sepultar os mortos ou de guardar suas cinzas em urnas funerarias. Nos seus tumulos se guardavam suas armas, seus moveis preciosos e as *cédulas* do dinheiro que haviam emprestado. Os vivos lançavam nas sepulturas cartas dirigidas aos seus amigos fallecidos, na certeza de que ellas hiam ao seu destino.

—

Nunca escreviam as suas maximas ou sciencias. Era em versos que elles conservavam os seus conhecimentos e era necessario aprendel-os de cór.

Estes versos eram em tão grande numero, que levavam de 15 a 20 annos a decorar.

Segundo Julio Cesar, a doutrina dos druidas era mysteriosa e só d'elles conhecida

Tambem cultivavam a medicina, no que eram considerados peritissimos.

Estes sabios tão respeitados e respeitaveis durante muitos seculos, principiaram depois a degenerar, dedicando-se á astrologia, á magia e á arte de adivinhar, na esperança de augmentarem o seu credito e o seu poder.

Tinham bastantes conhecimentos sobre botanica, porém misturavam-lhe muitas praticas mysteriosas, sobretudo na colheita das plantas medicinaes.

Plinio, o naturalista, diz o meio de que se serviam para colher o *selage* (planta medicinal, especie de aipo silvestre.) Devia ser arrancado sem instrumento cortante e com a mão direita inteiramente coberta com uma parte da roupa. Passavam depois a planta para a mão esquerda, com muita rapidez, como se fosse um roubo que se pretendesse esconder. Deviam os apanhadores estar vestidos de branco, ter os pés nús e offerecer um sacrificio com pão e vinho.

A *verbena* colhia-se antes de nascer o sol, no primeiro dia da Canicula, depois de se ter offerecido á Terra um sacrificio de espiação, no qual se empregavam fructos e mel.

Attribuiam a esta planta as maiores virtudes, e bastava esfregar-se com ella para se obter o que se desejava. Curava todas as doenças e tinha o poder de reconciliar os corações que a inimisade havia separado. Quem tocasse esta planta milagrosa sentia instantaneamente a paz e a alegria nascer nos seus corações.

Criam que a morte dos homens notaveis suscitava tempestades. O trovão, os terra-

motos, os meteoros, os eclypses, etc. annunciavam a morte de um personagem importante.

Os druidas deixaram acreditar ao povo que elles podiam mudar de fórma, ou viajar pelos ares, segundo a sua vontade; mas a mais barbara das suas superstições era immolarem victimas humanas, uso que só terminou com a extincção do druidiismo. Os numerosos editos dos imperadores romanos contra este crime, mostra quanto elle estava em uso nas Gaulas e quanto custou a exterminar.

—

A mais solemne das suas ceremonias era a colheita do *Gui du chêne* (agarico do carvalho.) Esta planta parasita nasce sobre algumas arvores; mas os druidas criam que Deus tinha principalmente escolhido o carval hopara lhe confiar esta preciosa planta,

Percorriam as florestas com o maior cuidado e se felicitavam entre si quando, depois de longos e peniveis trabalhos e buscas, descobriam uma certa quantidade de agarico.

Não se podia colher esta planta senão no mez de dezembro, no 6.º dia da lua.

Este mez e o n.º 6 eram sagrados para os druidas. Era sempre no 6.º dia da lua que elles faziam seus principaes actos religiosos.

Chegados ao pé do carvalho que o agarico envolvia, o chefe dos druidas subia á arvore e cortava a planta com uma foucinha de ouro e os druidas a recebiam com um grande respeito em o *sagum* (especie de saia branca.)

Depois immolavam-se dois touros brancos e um festim se seguia, findo o qual se invocava a divindade para que ligasse á planta recem-colhida uma felicidade experimentada por todos os circumstantes, a quem se distribuia uma pequena parte do agarico.

Era no 1.º dia do anno que se sagrava o *gui*, que se distribuia ao povo.

—

Principaes maximas dos druidas

(Estas maximas só as relatamos pela tradição que d'ellas chegou aos nossos dias, visto que os druidas nunca as escreviam.)

1.ª É indispensavel ser instruido nos bosques sagrados, pelos sacerdotes.

2.ª O agarico deve ser colhido com um grande respeito, sempre que seja possivel, no 6.º dia do anno, e só com uma foucinha de ouro se póde cortar.

3.ª O ceu dá origem a tudo que é creado.

4.ª Não se deve confiar o segredo das sciencias á escriptura, mas sim á memoria.

5.ª É indispensavel ter grande cuidado com a educação dos meninos.

6.ª Os desobedientes não pódem assistir aos sacrificios.

7.ª As almas são immortaes.

8.ª As almas passam a outros corpos depois da morte dos que ellas animaram.

9.ª Se o mundo vier a destruir-se, será pela agua ou pelo fogo.

10.ª Em occasiões extraordinarias é preciso immotar um homem: poder-se-ha predizer o futuro, regulando-se pelo modo de cahir do corpo do sacrificado, pelo correr do seu sangue, ou pela ferida que o ferro lhe abrir.

11.ª Os prisioneiros de guerra devem ser immolados sobre os altares, ou serem fechados em cestos de vime para se queimarem vivos em honra dos deuses.

12.ª Não se deve permittir o commercio com os estrangeiros.

13.ª O ultimo que chegar á assembléa dos Estados deve ser punido com a morte.

14.ª Os meninos devem ser creados até á edade de 14 annos fóra da presença de seus paes e mães.

15.ª O dinheiro emprestado n'esta vida, será restituido aos credores, no outro mundo.

16.ª Ha um outro mundo, e os amigos que se matam para acompanhar os seus amigos mortos, viverão com elles eternamente no outro mundo.

17.ª Todas as cartas entregues ao cadaver, ou lançadas nas suas fogueiras, serão fielmente entregues a quem pertencem, no outro mundo.

18.ª O desobediente seja expulso, que elle não receba nenhuma justiça, nem seja admittido em nenhum emprego.

19.ª Todos os paes ou chefes de familia são reis em suas casas: teem o poder de vida e morte sobre suas mulheres, filhos e escravos.

—

Das druidessas

Já disse que toda a moral dos druidas se reduzia a tres pontos principaes: honrar os deuses, não prejudicar o proximo e ser corajoso. Como conciliar com estas maximas sublimes, a que dá aos paes o direito de vida e morte sobre a sua familia? O abbade Banier porém, diz que esta ilimitada auctoridade paterna não era fundada em lei alguma positiva, mas sómente no amor e respeito.

Julio Cesar e Tacito descrevem com prazer o respeito que os gaulezes e os germanos tinham a suas mulheres: as dos druidas partilhavam a auctoridade com seus maridos: eram consultadas nos negocios politicos e religiosos. Havia mesmo nas Gaulas templos erectos depois da conquista dos romanos, nos quaes as *druidessas* exclusivamente ordenavam e regulavam tudo o que dizia respeito á religião, e dos quaes a entrada era interdicta aos homens.

Mr. Mallet, na sua excellente *Introducção á Historia da Dinamarca*, diz que os celtas e gaulezes se mostravam superiores aos orientaes, que passam da adoração ao despreso e dos sentimentos de um amor idolatra aos de um ciume deshumano ou aos de uma indifferença, mais insultante ainda que o ciume. Os celtas consideravam suas mulheres como eguaes e companheiras, cuja estima e ternura não podiam ser gloriosamente adquiridas senão por esforços de amor e coragem.

As poesias de Ossian provam que os habitantes das Ilhas Britannicas sempre levaram estes respeitos e estas attenções além d'outra qualquer nação do mundo. Fieis á belleza que seu coração tinha escolhido, nunca tiveram simultaneamente varias mulheres, e muitas vezes suas esposas seguiam, vestidas de homem, seus maridos á guerra.

—

Existiam tres classes de druidessas: as primeiras, viviam no celibato; as segundas, ainda que casadas, residiam nos templos que ellas serviam, e não viam seus maridos senão um só dia em cada anno; as terceiras, não deixavam seus esposos e tinham o cuidado do interior de suas casas.

Apesar d'estas differenças, as druidessas não formavam verdadeiramente senão duas classes. A primeira era composta de sacerdotizas, e as mulheres de segunda classe eram apenas ministras das sacerdotizas, de quem cumpriam as ordens.

A habitação mais ordinaria das druidessas era nas ilhas que bordam as costas das Gaulas e da Gran-Bretanha. Os druidas tambem habitavam algumas d'estas ilhas; mas nas que eram residencia dos druidas de um sexo, não havia d'outro.

Eram os druidas, de ambos os sexos, que habitavam estas ilhas, que mais se davam á magia, e os povos das Gaulas e da Inglaterra criam geralmente que elles podiam excitar ou applacar os furacões e tempestades.

Os druidas por fim abandonaram ás druidessas a arte de adivinhar, segundo a influencia dos astros, na convicção de que ellas teriam, mais do que elles, o dom de fazer persuadir os povos da verdade das suas predicções; por isso as encarregavam de todas as perguntas sobre o futuro. Ellas davam respostas tão habilmente combinadas, que a sua reputação sobre oraculos se espalhou por todo o mundo, vindo-as consultar de todas as partes e as suas decisões inspiravam infinitamente mais confiança que os célebres oraculos da Grecia e da Italia.

Os proprios imperadores romanos as mandavam muitas vezes consultar, emquanto dominaram as Gaulas. A historia, todavia, tem conservado muitas das respostas das *sybillas*, e não faz menção especial de nenhuma das druidessas.

—

Suetonio, Aurelio-Victor e Séneca sustentam que a religião druidica foi abolida sob o imperio de Claudio; mas, como os druidas subsistiram muito mais tempo, parece que estes auctores não quizeram fallar senão nos sacrificios humanos, que este imperador prohibiu expressa e severa-

mente. O que é certo, é existirem ainda no paiz chrartrense até ao meiado do seculo quinto. Parece certo que a ordem druidica só deixou de existir quando o christianismo triumphou inteiramante das superstições dos gaulezes e este triumpho só se conseguiu mais tarde em algumas provincias, e a religião druidica custou muitíssimo a desarreigar nas Gaulas e na Gran-Bretanha.

DUAS EGREJAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros a ENE. da Feira, 25 ao S. do Porto, 40 ao N. d'Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A egreja matriz é muito pequena, baixa, insignificante e antiga.

Esta freguezia era uma aldeia da freguezia de S. Jorge de Caldellas (hoje Caldas de S. Jorge). Depois passou a ser curato, que o abbade de S. Jorge apresentava, e rendia para o cura 20$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Romariz, a que está annexa, foram do concelho de Fermêdo, comarca d'Arouca, até 24 de outubro de 1855. É desde então que são da comarca e concelho da Feira. É nas *Terras de Santa Maria.*

Desde 1835 que esta freguezia foi annexada á de Romariz, que por isso se chama —*Romariz e Duas Egrejas.*

O povo oppoz-se a esta annexação, requerendo por muitas vezes contra ella e pugnando pela sua independencia; mas nada tem conseguido.

É terra fertil e com vastos horisontes, por estar situada em alto, d'onde se vê a cidade do Porto, muitas freguezias e o mar.

Faz-se aqui uma boa feira no dia de S. Silvestre (31 de dezembro) onde se vendem muitos porcos gordos, bois e outros generos.

Fica perto o *Monte de Mó,* que tem pedreiras de granito, proprias para mós de moinhos de milho, e passa pela freguezia uma larga zona de pedras de amolar.

Os seus montes são cobertos de arvoredos e tem vastos pinhaes.

DUAS EGREJAS (ou *Santa Maria de*)—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

O papa, o bispo, e o prior dos cruzios da Serra do Pilar (em frente do Porto) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

DUAS EGREJAS E RANDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha Rande 29 fogos.

Orago de Rande S. João Baptista, e de Duas Egrejas, Santo Adrião.

Estes dois santos continuam a ser ambos oragos da freguezia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Bôa de Quires apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* só traz a freguezia de Rande.

Eram duas freguezias independentes, que, por serem pequenas, se uniram no fim do seculo XVIII.

É terra fertil.

DUAS EGREJAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, donde dista 6 kilometros, 465 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpçao, vulgo Nossa Senhora do Monte.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É terra fria e bastante accidentada, mas fertil e saudavel. Cria muito gado.

DUAS EGREJAS—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 346 fogos.

Orago Santa Maria. ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O ordinario apresentava o reitor por concurso synodal, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Houve aqui um convento de templarios até 1311. Em 1319 passou a ser commenda da Ordem de Christo.

Está aqui a capella de Santa Luzia, e no campo proximo ha uma feira annual de gado.

Foi commendador d'esta freguezia o nosso célebre poeta classico, Francisco de Sá de Miranda. (Vide Fiscal, Tapada e *Larim.*)

DUCADO—é o territorio, edificios, foros e mais rendas que constituem o apanagio de um duque.

Em 1759 havia em Portugal quatro ducados, que eram os de Bragança, Cadaval, Lafões (ou Alafões) e Aveiro.

Depois de 1834 crearam-se os duques da Terceira, Saldanha, Lonlé e Palmella, mas não se lhes deram ducados.

Tratemos pois dos antigos duques que teem ducados.

Bragança

(Braganças)

Nas palavras Bragança e Barcellos, se tratou d'este titulo, pelo que, e para evitar repetições, remetto os leitores áquellas palavras indicadoras.

Cadaval

(Alvares Pereira de Mello)

Este ducado foi creado por D. João IV, em 26 de abril de 1649, a favor de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal. É um ramo da real casa de Bragança, cujo tronco é D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando, 1.º do nome e tambem 1.º duque de Bragança. Era do conselho de estado da rainha regente, D. Luiza de Gusmão, e dos reis D. Affonso VI, D. Pedro II e D. João V. Do despacho, das mercês e expediente, mestre do campo general da provincia da Extremadura, e capitão general da cavallaria da côrte e provincia, junto da pessoa de el-rei; embaixador a Saboia, mordomo-mór de tres rainhas, presidente do conselho ultramarino, da junta do tabaco, e, ultimamente, do desembargo do paço. Falleceu em 29 de Janeiro de 1727, com 89 annos de edade. Tinha nascido em 4 de novembro de 1638.

A duqueza, sua 3.ª mulher (era filha de Luiz de Lorena, conde de Arcourt-Armagnac, par e estribeiro-mór de França, principe da casa de Lorena) fallecida em dezembro de 1730.

Tomam os duques de Cadaval o appellido de «Mello» de D. Philippa de Mello, mulher do dito D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando I, a qual era filha e herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, conde de Olivença.

Em vida do 1.º duque de Cadaval, foi 2.º duque do mesmo titulo, seu filho, D. Luiz Ambrozio A. P. de Mello, fallecido sem successãoem 13 de novembro de 1700.

Succedeu-lhe seu irmão, D. Jayme de Mello, 3.º duque de Cadaval, nascido no 1.º de setembro de 1684. Casou em 16 de setembro de 1702, com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II, e sua cunhada, porque era viuva do duque D. Luiz, a qual morreu em 23 de dezembro de 1732, sem successão.

O duque D. Jayme era do conselho de estado, estribeiro-mór de D. João V e presidente do tribunal da mesa da consciencia.

O 4.º duque de Cadaval foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, filho de D. Jayme.

5.º duque d'este titulo, D. Miguel Alvares Pereira de Mello, que casou com uma filha dos duques de Luxemburgo.

6.º duque, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que casou com D. Maria Domingas de Bragança Ligne e Souza, filha do sabio e esclarecido D. João de Bragança, duque de Lafões.

7.ª, a sr.ª D. Maria da Piedade Caetana Alvares Pereira de Mello, marqueza de Ferreira, condessa de Tentugal e actual representante e senhora da opulenta e nobilissima casa do Cadaval, uma das mais distinctas da Europa.

É casada com seu tio paterno, o sr. D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira.

D'este casamento ha dois filhos, gemeos, que são os srs. D. Nuno Alvares Pereira de Mello e D. Jayme Alvares Pereira de Mello.

Os filhos primogenitos dos duques de Cadaval, são marquezes de Ferreira, e os segundos, condes de Tentugal.

—

As armas dos duques de Cadaval, são as mesmas dos duques de Bragança, dos marquezes de Vallença e dos condes de Vimioso; pois todos são das familias Alvares Pereiras de Mello, Portugaes, Faros e Bragançaś.

Vem a ser:

Em campo de prata, aspa de púrpura, perfilada de ouro, com 5 escudos das armas de Portugal, tambem em aspa, isto é, um no centro e um em cada extremidade da aspa: 4 cruzes de Malta, uma entre cada escudo. São encimadas pela corôa de duque, e tendo por timbre uma serpe verde. (O timbre das armas dos de Portugal.)

Lafões

(Sousas Braganças)

Foi creado este titulo em 5 de novembro de 1718, por D. João V, a favor de D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filho do infante D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II, e casado com D. Luiza Casimira de Sousa, herdeira da casa dos marquezes d'Arronches. Nasceu o duque D. Pedro, em 29 de novembro de 1718, e o rei o fez duque quando se baptisou, e, pouco depois, concedeu á mãe do dito duque as honras de duqueza. Esta senhora falleceu em 16 de março de 1729.

Era 3.º marquez d'Arronches, 7.º conde de Miranda, senhor de Lafões e das villas de Miranda do Corvo, Jarmêllo, Fulgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro.

—

As armas dos duques de Lafões, são: escudo esquartellado, ás de Portugal, com quadernas de crescentes de prata, em campo de púrpura. Sobre a corôa ducal, tem por timbre, um castello de ouro.

Aveiro

(Alencastres e Mascarenhas)

Ainda que esta nobilissima casa deixou de existir em 1759 (como extensamente relatei na palavra *Chão Salgado*) julgo curioso descrever resumidamente a sua origem.

Tinha a familia dos duques d'Aveiro por tronco, ao infante D. Jorge, filho legitimado de D. João II, e de D. Anna Mendonça, filha de Nuno Furtado de Mendonça, aposentador mór de D. Affonso V.

O rei, seu pae, o fez duque de Coimbra e mestre das ordens de S. Thiago e d'Aviz, accrescentando-lhe o senhorio de Monte-Mór, Aveiro, Torres Novas e outras terras.

Toma esta casa o appellido d'Alencastre, em memoria da rainha D. Philippa d'Alencastre, mulher de D. João I, que era filha de João de Gand, duque de Alencaster, em Inglaterra, e neta do rei da mesma ilha, Duarte 3.º

A D. Jorge succedeu seu filho, D. João de Alencastre, a quem o rei D. Manuel fez marquez de Torres Novas, e D. João III, duque d'Aveiro, em 1547

Foi 2.º duque d'Aveiro, D. Jorge de Alencastre, cuja filha D. Julianna d'Alencastre, casou com seu tio, D. Alvaro d'Alencastre, que foi 3.º duque d'Aveiro.

D'este matrimonio nasceu D. Jorge d'Alencastre, segundo do nome e 1.º duque de Torres Novas, que não chegou a ser duque de Aveiro, por morrer em vida da duqueza sua mãe.

Seguiu-se D. Raymundo d'Alencastre, seu filho, o qual passou para Castella, sendo 4.º duque de Aveiro; pelo que lhe succedeu no ducado, D. Pedro d'Alencastre, inquisidor geral, tio de D. Raymundo, e veio a ser 5.º duque de Aveiro.

Por morte do duque de Aveiro, D. Pedro, achando-se em Madrid D. Maria de Guadalupe, irmã de D. Raymundo, casada com o duque d'Arcos (Hespanha), D. Manuel Ponce de Leão, lhe foi julgada a casa de Avei-

ro, por sentença dada na Relação de Lisboa, em 20 de outubro de 1679, e confirmada no 1.º de março de 1681, sob a condição de voltar para o reino e assentar n'elle domicilio, com a devida vassallagem aos reis de Portugal.

Morreu esta senhora em fevereiro de 1715, e se declararam varios pretendentes a esta casa.

Foi 6.º duque, D. Gabriel Ponce de Leão Alencastre e Cardenas, que era duque de Banhos, em Castella; filho segundo de D. Maria de Guadalupe, que voltou a Portugal no anno de 1732, e em 2 de maio do mesmo anno prestou homenagem a D. João V.

O 7.º e ultimo duque de Aveiro, foi o infeliz D. José Mascarenhas, que era marquez de Gouveia, feito por D. João V, em 1749, cujo titulo lhe foi confirmado por D. José I, em 26 de maio de 1752, entrando de posse d'esta opulentissima casa, em 17 de agosto do mesmo anno.

Este duque e os seus morreram no Largo de Belem em 13 de janeiro de 1759, no meio dos mais atrozes tormentos (Vide *Chão Salgado*) ficando desde então extincto o ducado de Aveiro, que era o mais rico de Portugal.

As armas dos duques d'Aveiro e dos condes de Villa Nova de Portimão, são: as armas reaes de Portugal, com a quebra de bastardia. São (eram) encimadas com a corôa ducal, tendo por timbre um pelicano.

DUÉÇA — rio, Beira-Alta. Nasce a NE. do Espinhal, réga Miranda do Côrvo, e entra no esquerda do Ceira; entrando ambos no Mondego em frente de Coimbra, com um curso de 80 kilometros.

DUME — freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Teve antigamente um convento de frades bentos, mandado fundar, com grande magnificencia, por *Theodomiro*, rei dos suevos, em 566, a instancias de *S. Martinho de Dume*, bispo turonense, que era natural da Panonia, e monge de S. Bento. Prégou a fé de Jesus Christo na côrte sueva de Braga, convertendo o rei Theodomiro e seu filho o principe *Ariamiro*, (que eram arianos) e foi seu primeiro capellão mór.

Falleceu em 580, sobre cinza e coberto de cilicios. Foi sepultado no seu convento de Dume e trasladado para a Sé de Braga em 1606. Era o mais sabio e virtuoso prelado da sua época.

O nosso rei D. João II, e depois o rei D. Manuel, com seu filho D. Luiz, vieram a Dume de proposito visitar o corpo de S. Martinho.

É tradição que Dume foi cidade episcopal (não podia ser grande cidade) e é certo que ha vestigios d'uma antiga povoação romana.

Em março de 1862, n'uma quinta do sr. Raphael Machado, e quando se faziam certas escavações, appareceram columnas, dinheiro, e varias armas e utensilios de guerra, usados pelos romanos. Appareceram tambem muitas sepulturas e algumas d'ellas ainda com ossadas humanas.

Aqui, n'este mosteiro se recolheu outro S. Martinho, frade da ordem de S. Bento, que o mesmo Theodomiro fez abbade de Dume, e depois o fez sagrar bispo dumiense, em 570, erigindo-se a egreja do convento em Sé cathedral.

Dizem alguns escriptores (um é o padre fr. Jeronymo Roman) que este bispado existiu por mais de 600 annos, findando sómente com a invasão dos arabes em 716.

—

Até aqui a tradição, e alguns auctores credulos ou pouco escrupulosos : agora nós:

Dume é proximo dos muros de Braga e um seu arrabalde. Não é possivel que existissem duas cidades tão perto uma da outra, que formariam uma só. Nada depõe em favor dos que querem que Dume fosse cidade romana, as ruinas, cippos, sepulturas, armas, etc., que aqui teem por muitas vezes sido encontradas. Podia a cidade de Braga chegar até aqui, e podem estes objectos ter pertencido a familias notaveis, que por aqui tivessem as suas residencias.

A antiguidade da Sé de Braga é prover-

bial (*velho como a Sé de Braga*, diz o mosso povo) e não é possivel *aventar* a data dla sua fundação, que se perde em fabulas, maais ou menos absurdas, na noite dos temposs. Podia durante qualquer reedificação d'ellla ser transferida para Dume interinamente a cathedral; e mesmo podia Theodomiro, por ámisade ou gratidão, fazer bispo de IDume ao segundo S. Martinho (do que duvido)) mas, se assim foi, pouco podia durar este bispado. Nem eu ouvi jámais fallar em outro bispo de Dume que não fosse o tal S. Martinho; porque Savarico e Rodezendo, suppõe-se que são *apocriphos*.

Acho porém facil e de boa fé o engano dos escriptores que querem que Dume fosse bispado; porque n'aquelle tempo em que pouco se escrevia e quasi todos os factos passavam por tradição de umas a outras gerações, adulterando-se progressivamente; não havia nada mais facil do que calhirem n'estes enganos, por duas razões: 1.ª, porque os abbades benedictinos eram *mitrados*, e conferiam ordens—como o abbade dle Dume tinhà mitra, ergo, era bispo; 2.ª, S.. Martinho era abbade de Dume, e portanto podia designar-se (e designava-se) por S. Martinho de Dume, ou Dumiense. Podia ser feitto bispo ahi de qualquer parte e nomear-se — o bispo Martinho Dumiense—3.ª, finalmente, porque a palavra *prelado*, tanto designa o *bispo* como o abbade ou superior de uma ordem religiosa.

Quando os arabes invadiram a Lusitania no principio do seculo VIII, deixaram continuar constituidos varios conventos, mediante certo tributo annual, e o mosteiro de Dume foi um d'elles. Se o convento continuou a existir com todo o seu pessoall, tambem devia continuar a serie dos bispos de Dume. Qual é pois a razão porque sabendo-se ainda hoje o nome de muitissimos bispos, muito mais antigos do que os de IDume, se ignora o de um só d'elles, a não ser S. Martinho?

O tal chronista benedictino, fr. Jeronymo Roman, diz que o bispado de Dume foi instituido em 570, e que *este bispado durou mais de 600 annos, findando sómente com a invasão dos mouros na peninsula.*

Indubitavelmente é êrro. Se o bispado durou 600 annos, até 715 ou 716, então não foi instituido em 570, mas sim em 116, o que ainda ninguem disse; porque todos attribuem a creação d'este bispado a Theodomiro, que morreu em 570.

Se effectivamente foi erecto em 570 e terminou em 715, não durou 600 annos, mas apenas 145. E se existiu por espaço de seis seculos, atravez da dominação mourisca, então chegava a durar até 1315, o que é simplesmente mentira.

Conjecturemos, pois, que a egreja de Dume, se foi cathedral, ou teve essa cathegoria apenas provisoriamente, ou foi seu unico bispo S. Martinho.

—

Ao rei Theodomiro succedeu seu filho Ariamiro, que morreu em 583, deixando por seu successor no reino da Lusitania e Galliza a seu filho Eburico, ainda adolescente, pelo que seu pae lhe nomeou por tutor o rei godo Leovegildo.

Leovegildo estava longe e andava entretido com guerras, e o reino suevo estava governado por uma creança. Isto accendeu a ambição de Endeca, que por artes e manhas se fez acclamar rei, mandando *cortar o cabêllo* a Eborico, e ser monge n'este mosteiro de Dume.

(Os godos, suevos, alanos, vandalos, etc., jámais cortavam o cabêllo, a não ser por castigo e despreso. O principe a quem o cabêllo fosse cortado, ficava inhabil de reinar, para sempre.)

Foi o que Leovegildo quiz. Sob pretexto de ser tutor de Eburico, obrigou Endeca a largar o throno usurpado, fez-lhe *cortar o cabêllo* e obrigou-o tambem a fazer-se monge em Dume.

Leovegildo deu por terminada a dynastia sueva e uniu aos seus estados a Lusitania e Galliza, formando o grande reino gothico.

—

Examinemos agora as *Memorias* do padre D. Jeronymo Contador d'Argote, que passou a maior parte da sua vida investigando as antiguidades do Minho.

Diz elle (tomo 2.º, pag. 132, n.º 145) que

o primeiro que escreveu sobre as dioceses de que a egreja bracharense era metropolitana, foi Rasis, escriptor arabe, que viveu no X seculo.

Rasis (segundo Argote) dá a Braga (na sua *Historia de Hespanha*) as cidades de *Dumio, Portucale, Aurio, Oviêdo, Astorga, Britonia, Iria, Aljubra* e *Iffa*. Diz que esta divisão é a do imperador Constantino Magno.

Argote continúa a dizer (tomo 2.º, pag. 435, n.º 552) que, tendo o rei (Theodomiro) edificado nos arrabaldes de Braga uma egreja com a invocação de S. Martinho, este templo se entregou ao novo varão Martinho, chegado do Oriente, que n'elle logo introduziu a vida monachal, e *para com maior auctoridade se empregar na conversão dos povos, foi promovido á dignidade de bispo, como claramente diz o Turonense*, no cap. 37.º do liv. 5.º da *Historia dos Francezes*, e se lhe deu o titulo de bispo dumiense, em razão de se chamar Dume o logar em que está edificado o templo e mosteiro de S. Martinho.

(Notemos que o padre Argote diz que a cidade de Dume, não tinha *territorio* (termo) e então era este bispado circumscripto ao mosteiro e suas immediatas dependencias.)

—

Ha porém uma *Inquirição dos termos de Dume*, feita na era de 959, aos 28 de setembro (17 de setembro de 921 de Jesus Christo) demarcando este territorio, e feita por o rei D. Ordonho IV e por varios bispos, condes e capitães, na qual se declara que D. Affonso IV, pae de D. Ordonho, já tinha feito doação d'este termo aos bispos de Dume.

N'esta inquirição vem mencionados *Savarico* e *Rodezendo*, que parece terem sido bispos de Dume. Não copio esta inquirição, por ser extensa, e ainda mais, por ser tida como apocripha, por bons escriptores.

Limitar-me-hei a mencionar os sitios confinantes do tal termo.

«Principiou no monte que está entre o mesmo logar e a *villa* [1] de *Infidias*, no sitio onde está um marco de S. Vicente.. até outro marco que tem uma cruz, e seguindo por marcos, que tinham sido em tempo collocados para divisão e termo, até ao caminho chamado *Verêda*, que vem de Braga, onde está um grande pedregulho, d'aqui, pela carreira e marcos, até á arca que está esculpida em uma pedra, e d'aqui a outro pedregulho, e depois seguindo pela carreira e marcos que estão juntos ao caminho de *Verêda*, até ao termo de *Pitães*, e d'aqui pela carreira e arcas principaes, que partem entre Dume e Palmeira. D'aqui pela carreira *Sestuor*, que parte entre Dume e Paradellas, e d'aqui pela carreira até ao termo de *Lesmires*, e depois, por outro caminho de *Verêda*, que vem de Braga, até a *terra tumida*, que se fez á mão, e d'aqui a outra *arca petrinia* principal, feita pelos antigos, que parte entre Dume e a *villa* de *Lesmires*, d'alli á *villa* de *Forocos, Parada de Samuel, Froozos, Collina, villa de Pascoal* (aqui está uma pedra escripta que diz *Santa Olaia*) até ao monte onde principiou a medição, onde estão as casas que obteve *Espacundo* e as que obteve *Atamiro*, ou a egreja de S. Fructuoso, que chamam *Montêlhos*.»

Os que desejarem ver isto na sua integra, leiam as *Memorias do Arcebispado de Braga*, por Argote, livro 4.º, pag. 408 até 413.

—

Disem alguns escriptores que o bispado de Dume foi depois encorporado no de Mondonhedo; mas é mais verosimil que por extincção do bispado de Dume, fosse esta diocese (se é que assim se lhe póde chamar) encorporada na de Braga.

Diz o mesmo auctor que a instituição da egreja de Dume em cathedral é anterior ao concilio de Lugo (era de 607, ou 569 de Jesus Christo) mas que no anno da instituição *podem haver algumas duvidas*, sendo certo que teve *prelado* no anno de 556 e que a dedicação da sua basilica se fez no anno de 558, como consta das actas de S. Martinho de Dume, que se conservam manuscriptas em um *breviario*, tambem manuscripto, que existe na Sé de Braga.

Que a Sé de Dume sempre teve *prelados*,

[1] A palavra *villa*, aqui, só se deve tomar por quinta, ou casa de campo.

e foi muito venerada durante a dominação agarena.

S. Martinho falleceu na era de 627, *que é o anno de Christo 579.*

(Ha aqui um anachronismo de 10 annos. A era 627, é o anno 589 de Jesus Christo, mas se o santo viveu 23 annos em Dume depois de ser sagrado, como diz Argote, e sendo sagrado em 556, morreu na era de 617 (579 de Jesus Christo) e não na de 627. Vem pois a haver êrro na era e não no anno.)

—

Salvo o respeito devido ao estudioso Argote, e a outros que tratam de Dume, direi que Theodomiro foi acclamado rei dos suevos em 558 de Jesus Christo, e morreu em 570; pelo que a egreja e bispo de Dume não podiam ser obra d'este rei, no anno de 556.

Os mesmo Argote offerece varias duvidas com respeito á data da fundação d'esta egreja, como se póde ver no tom. 3.º pag. 5 e seguintes.

Quanto ao tal *breviario* da Sé de Braga, accrescentarei—ainda que seja verdade ter a egreja de Dume sempre *prelados* no tempo dos árabes, não se segue que tivesse *bispos*; porque os abbades benedictinos (e outros) tambem eram prelados da sua ordem.

Não é da natureza d'esta obra longas dissertações sobre pontos controvertidos da historia, por isso remetto o leitor que simpathisar com estes estudos, ao logar d'Argote ultimamente citado.

—

Para augmentar a confusão, ha noticia de trez templos diversos edificados em Dume: o de S. Martinho, bispo de Tours, fundado por Theodomiro—o de S. Salvador de Montelios, de que sómente tracta uma doação do rei D. Affonso Magno—e o de S. Fructuoso, que ainda existe, e já existia no reinado de D. Ordonho II.

D'estes, o que tinha o titulo de Sé e basilica, é o que ainda hoje existe com o titulo de priorado, o qual nas Inquirições do nosso rei D. Diniz, vem mencionado como parochia do arcebispado de Braga. Diz-se alli que junto a esta egreja havia uma quinta chamada *Ademir*, que era de uma tal D. Comba; e um logar chamado Cabanas—e os outros templos que parecem ser dois, não eram mais do que um, com dois nomes—isto é—a egreja estava em um sitio chamado *Montelios*, e o primeiro orago que lhe deu o fundador (S. Fructuoso) foi S. Salvador; mas o povo, depois da morte de S. Fructuoso, pela grande devoção que tinha a este santo, que alli estava enterrado, o fez orago desta egreja.

Já no tempo de D. Ordonho II, (910 a 923) era S. Fructuoso o orago ou padroeiro d'esta egreja.

—

Onde se edificou o mosteiro de Dume, já havia uma povoação romana, da qual tem apparecido vestigios, assim como do mosteiro.

Em 1737, quando se reedificou a egreja de S. Martinho de Dume, situada proximo d'onde antigamente estava a torre capitolina, se acharam ruinas de um sumptuoso edificio romano.

Entre varias lapides com inscripções, se encontraram as seguintes:

1.ª

LUCRET
L: F. QUIR
SATURNIN.
NUS. ET. Q.
EX.

(*Saturnino e seus coherdeiros, dedicaram esta memoria a Lucrecia Quirina, filha de Lucio.*)

2.ª

APIL
ARQU
MUN
PERFU
PEN. D.
D. AGRIP.
H. S. IIST.

Os caracteres d'esta inscripção estão muito mal feitos, e gastas as lettras das extremidades; por isso só se póde entender que falla de um *Arquio* e seu coliberto *Acrisio*, dos quaes falla outra inscripção, tambem achada n'estes sitios,

Só a ultima linha está completa, e diz: *aqui está sepultado.*

3.ª

N. XV.
H. S. ES.

Parece dizer: Névio, viveu 15 annos, e aqui está sepultado.

4.ª

IOVI
EPULSORI
RMIA
USSINA
X. VOTO.
OSUIT.

Falta-lhe uma lettra da esquerda em cada linha (menos na 1.ª) por estarem gastas, quer dizer: *Armia Lucina, por voto, dedicou esta memoria a Jupiter Expulsor.*

—

Appareceu aqui então, tambem um tumulo de marmore branco, com 2m66 de comprido e 0m66 d'alto, e na tampa uma rosa (ou uma corôa.) Continha ossos humanos com a cabeça incorrupta. Estava enterrado a 0m66 de profundidade e distante 3m30 desviado da parede da egreja.

Parece ser já tumulo de algum christão. Não tinha inscripção.

—

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o prior de Dume, que tinha 250$000 réis de rendimento.

DURRÃES ou **DURÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Lourenço, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia e a de Carvoeiro (contigua a ella) formavam o couto, dos frades benedictinos de Carvoeiro, que recebiam os dizimos e eram senhores dos maninhos.

Passa proximo o rio Nêiva.

É terra fertil.

O abbade de S. Pedro Fins, de Tamel, apresentava o vigario, que tinha 50$000 rs.

DURRUIVOS ou **A DOS RUIVOS**—aldeia, Extremadura, freguezia e concelho de Obidos. (Vide Obidos.)

Nada tem de notavel senão ser d'aqui oriundo e ter aqui passado os seus primeiros annos, o nosso actual e espirituosissimo folhetinista, o sr. Julio Cesar Machado, que nasceu em Lisboa, no 1.º de outubro de 1836. É filho do sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, natural de Lisboa, que falleceu em 1851, e da sr.ª D. Maria Ignacia Machado, natural d'esta povoação, e onde ainda vive. É sobrinha do bem conhecido conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira.

—

Ha aqui um templosinho dedicado a S. Roque, onde por varias vezes se ouviu a voz sympathica e eloquentissima do famoso orador sagrado Francisco Raphael da Silveira Malhão, que gostava muito d'esta aldeia. Dizia elle «Durruivos é o verdadeiro typo da aldeia, não tendo as pretenções de parecer villa. Ruas toscas, combros, vallados, riachos, etc. Uma aldeia com ruas calçadas, é um arremêdo tão presumido, que nem fica villa, nem aldeia.»

DUUNVIRO—Tendo tratado tantas vezes de *duunviros*, nas inscripções copiadas n'esta obra, julgo a proposito dizer a significação d'esta palavra.

O *duunvirato* era uma dignidade a que pertencia o reparo e conservação dos templos e outros objectos concernentes á religião romana.

Tambem havia *duunviros*, encarregados de cousas pertencentes á marinha.

Dava-se-lhes o nome de duunviros, porque este emprego era unicamente exercido por dois magistrados.

O *triumvirato* era composto de tres magistrados, e o *quadrumvirato* de quatro.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

68—Praça de D. Pedro—68

1874

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
514
P65
1873
v.3

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1874

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

E

EBUROBRIGA (*Eburobritium* dos romanos—vide Alfeizirão)—antiquissima cidade da Lusitania, na actual provincia da Extremadura. Querem alguns que ella seja a actual *Evora d'Alcobaça*, e outros, que seja uma aldeia chamada *Ramalheira*, proximo da villa de Alfeizirão, concelho de Alcobaça.

Tambem póde ser que *Eburobriga* fosse uma cidade e *Eburobritium* outra, e, n'este caso, harmonisavam-se as duas opiniões; todavia *Evora d'Alcobaça* não tem a favor do antigo nome que lhe attribuem alguns, senão a asserção d'elles, fundada na tradição. Não ha alli vestigios alguns da antiga *Eburobritium*.

Eburobriga foi fundada pelos gallos-celtas, uns 300 annos antes de Jesus Christo.

Aqui alcançou uma grande victoria dos romanos, o nosso grande Viriato, pelos annos 3858 do mundo (146 antes de Jesus Christo).

No anno 84 antes de Jesus Christo, veiu á Lusitania o proconsul Decio Junio Bruto, e não tendo ainda os romanos esquecido a grande derrota que aqui haviam soffrido ha 62 annos, ou por outras razões, cahiram contra a cidade de *Eburobriga*. Os lusitanos entrincheirados em uma elevação, hoje chamada Casal do Motta, disputavam tenazmente a passagem do *estreito* por onde entrava o mar para a bahia (onde são agora os campos de Alfeizirão, Vallado e Maiorga) 10 kilometros ao N. de *Eburobriga*. Vencidos os lusitanos, se retiraram para um sitio em que hoje é a quinta de S. Gião, onde ainda houve outra renhida batalha, e só depois d'ella é que os romanos tomaram a cidade.

Devemos notar que todas estas batalhas foram sustentadas pelos habitantes da cidade e pelos montanhezes das immediações, que os vieram soccorrer.

Tão importantes julgaram os romanos estas duas victorias, que o pretor mandou erigir, no sitio da segunda batalha, um templo dedicado a Neptuno, em memoria d'este feito. Ainda hoje alli existe uma lapide commemorativa e outros vestigios.

D'ahi por diante foi *Eburobriga* governada por tribunos romanos, até ao anno 622 de Jesus Christo, em que Flavio Swintila, rei godo, expulsou os romanos da Lusitania, tornando-se senhor de toda a peninsula.

Tinha então *Eburobriga* um bom porto, defendido por uma fortaleza edificada em um ilhéo. A torre d'esta fortaleza ainda existiu muitos annos depois, e serviu de pharol aos navegantes. Ainda d'ella existem ruinas.

Tinha fôro de municipio romano. A guarnição da cidade e da fortaleza se defendeu heroicamente contra os godos, pelo que estes destruiram tudo, não deixando pedra sobre pedra.

Os arabes, occupando estes sitios em 716

e 717; fundaram ao O. das ruinas de *Eburobriga* a actual Alfeizirão, dando-lhe o nome que ainda tem.

Querem alguns que o nosso segundo Viriato fosse natural de *Eburobriga*, o que não está provado. Advirta-se que é o Viriato cognominado *moderno* ou *segundo*, que viveu entre os annos 3990 e 3962 do mundo (42 a 14 antes de Jesus Christo) e portanto nascido, um seculo (pouco mais ou menos) depois de ser assassinado o grande Viriato, o *beirão*, que quasi todos os escriptores dizem ter nascido na serra da Estrella, pelos annos 3811 do mundo, ou 193 antes de Jesus Christo, e foi morto no anno do mundo 3861, ou 143 antes de Jesus Christo.

Este segundo Viriato vivia no tempo em que já os romanos eram pacificos dominadores da Lusitania, e até era chefe de uma legião de lusitanos ao serviço do imperio. Morreu em uma batalha na Italia, em defeza de Sexto Pompeu, contra Julio Cesar.

Para evitar mais repetições, vide o complemento d'este artigo na palavra *Alfeizirão*.

EBUROBRITIUM—vide Eburobriga.

EDRAL e **FRADES**—freguezia, Traz-os-Montes, antigamente comarca de Bragança, concelho de Santalha, hoje comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago de Edral, S. Romão, e o de Frades era S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor do Edral, que tinha 120$000 réis de rendimento. O reitor do Edral apresentava o cura de Frades, confirmado, que tinha 40$000 réis.

A freguezia de Frades em 1757 tinha 35 fogos.

Estas duas freguezias estão unidas ha muitos annos, formando uma só.

EDRÓZA ou **EDROSA** e **MÊILHE** ou **MELHE**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda, até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ouzelhão apresentava o cura de Edroza, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem, ha muitos annos annexa a freguezia de Meilhe, que em 1757 tinha 31 fogos e era seu orago S. Martinho, bispo. O abbade de Rebordãos, apresentava o cura de Meilhe, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Actualmente formam ambas uma só freguezia.

EDROZO ou **EDROSO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia está ha muito tempo annexa a Quiraz ou Queiraz. Vide esta palavra.

EGA—villa, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 18 kilometros ao S. de Coimbra, 12 ao NE. da Redinha, 185 ao N. de Lisboa, 520 fogos, 2:000 almas.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Feira a 11 de novembro.

Situada em uma baixa, junto ao rio do seu nome, que nasce no logar da Arrifana.

O tribunal da Mesa da Consciencia, apresentava o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento. O parocho era freire de Christo, por a freguezia ser commenda d'esta ordem.

É povoação muito antiga. Não se sabe d'onde é derivado o seu nome. Alguns dizem que é do nome proprio de homem *Egas*, de algum assim chamado que possuiu esta villa ou aqui habitou.

D. fr. Estevão de Belmonte, mestre da Ordem do Templo, lhe deu foral no 1.º de setembro de 1231. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 25 de fevereiro de 1514.

Teve marquez e foi couto.

Foi conquistada aos mouros, por D. Affonso Henriques, em 1135, e a deu aos templarios em 1145.

No seu antigo termo tinha outra vigariaria, no logar do Furadouro (ou Aforadouro) chamada do Espirito Santo.

No monte, em sitio alcantilado, está a capella de Nossa Senhora do Circulo, e ao sahir para Condeixa, está a capella de S. Braz, onde ha uma feira a 3 de fevereiro.

EGIRA ou **HEGYRA**—E' 622 annos mais nova do que o anno do nascimento de Jesus Christo. Vide Era.

EGREJA—Vide Villa da Egreja.

EGREJA NOVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Purificação.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

EGREJA NOVA DO SOBRAL—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zêzere, comarca de Thomar, d'onde dista 12 kilometros, 144 a NNE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Santarem.

O seu antigo nome era *Sobral*, e desde que se lhe construiu a actual egreja matriz se chamou *Egreja Nova do Sobral*.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o vigario, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 20 almudes menos 4 canadas de vinho, 3 alqueires de azeite e 12$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Ha aqui minas de ferro. É terra fertil.

EGREJA NOVA—freguezia, Extremadura, concelho de Mafra, comarca de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A freguezia foi da casa das rainhas, e eram ellas que apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

EGREJA NOVA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao NE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição, ou Santa Maria.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O prior de S. Thiago de Torres Novas apresentava o cura, que tinha 100$$000 réis.

É actualmente a freguezia de S. Thiago da villa de Torres Novas, com 500 fogos, por se ter annexado a ella a da Egreja Nova (Vide *Torres Novas*.)

EGREJINHA — freguezia, Alemtejo, comarca de Montemor Novo, concelho de Arrayolos, 12 kilometros d'Evora, 120 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão curado, que tinha 420 alqueires de pão terçado de rendimento.

É terra fertilissima em cereaes.

EGREJOL—portuguez antigo—egrejinha, capella, ermida. Tambem se dizia *egrejó* e *egrejô*, *igrejol*, *igrejô* e *igrejó*.

EGYPTO (Quinta do)—Vide Oeiras.

EI—portuguez antigo—*eu* (pronome).

EIDO — Vide Enxido.

EIRADÊGA, EIRADIGA e **HEIRADÊGA** — certo direito ou *foragem*, que, além dos oitavos, sextos e *jugadas*, os caseiros pagavam aos senhorios.

EIRA-VEDRA — freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometrosa NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 176 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Todos sabem que *vedra* quer dizer *velha.*)

A casa dos Sousas do Calhariz, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria muito gado e caça.

EIRADO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1767 tinha 67 fogos.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Coruche, da Beira, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Segundo escreve José Diogo da Cunha, abbade de Carapito, sonhou um lavrador e sua mulher do logar de *Aldeia Velha*, freguezia d'Açores, que no logar do *Ancinho*, d'esta freguezia do Eirado, estava em uma gruta, entre dois grandes penhascos, uma imagem de Jesus Christo crucificado. Foram os sonhadores ao sitio sonhado e ahi acharam um pedregulho, que alguma similhança tinha com um crucifixo.

Fez este achado grande alegria e balburdia no povo, que logo tratou de fazer dar á pedra tosca uma fórma mais parecida com gente, e lhe puzeram o nome de *Senhor do Castellinho*, por ser encontrado no cimo dos taes penhascos, onde havia um pequeno castello de alvenaria. Espalhou-se a noticia tanto que em pouco tempo as offertas chegaram para se formar uma irmandade e para se dar principio ao magestoso templo do *Senhor do Castellinho.*

Dirigiram as obras dois devotos, da familia dos Beltrões, da villa de Carapito. Concluida a capella, mandaram-lhe pôr a seguinte inscripção:

O sr. José de Gouveia Beltrão, de Carapito, mandou fazer esta obra em o anno de 1734.»

Zangaram-se com isto os devotos, e logo cessou a devoção, as offertas e a continuação da obra. Da confraria ha apenas um pequeno fundo, cujo rendimento mal chega para uma festa na 1.ª dominga de setembro, com grande romaria, a que dão um nome muito... exquisito:

Tambem á imagem, objecto da festa, lhe dão indistinctamente o nome de *Senhor do Castellinho, Senhor dos Ancinhos* ou *Senhor dos Engaços.* (Aqui *engaços* ou *ancinhos* são synonimos.)

EIRAS—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros a NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O visconde de Villa Nova da Cerveira, apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

No sitio de *Villar* d'esta freguezia, ha vestigios de edificios antigos, que é tradição ter sido uma fortaleza dos mouros.

É terra muito fertil. Cria muito gado e caça.

EIRAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santo Estevão apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

EIRAS—villa, Douro, comarca e concelho de Coimbra, d'onde dista 6 kilometros, 210 ao N. de Lisboa, 290 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 246 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Veja-se o processo para o seu foral novo, na gaveta 20, maço 11, n.º 33 da Torre do Tombo.

Teve concelho proprio com camara, ve-

readores, juiz, escrivães, meirinhos, etc. Foi ha muitos annos supprimido este concelho.

O mosteiro de freiras bernardas de Cellas, junto a Coimbra, apresentava o vigario, que tinha de rendimentto 100$000 réis.

Fazia-se aqui a célebre *Festa do Imperador*, ou do Espirito Santto. (Vide Alemquer.)

Teve principio em um voto feito por occasião da terrivel peste do anno de 1569, que assolou esta freguezia, escapando sómente com vida a familia de Luiz Eannes e o vigario Simão Braulim, que n'esse nefasto anno deu grandes exemplos de caridade e dedicação.

Consistia a festa do *imperador* em hir todos os annos a camarra, padres e o povo d'aqui á capella do Espirito Santo, junto a Santo Antonio dos Olivaes, em grande procissão, levando um individuo coberto com um manto, e arremediando (mais mal do que bem) o trajo de imperador e coroado; que era o protogonistta da festa. Atraz do imperador hia uma chairanga tocando, e os rapazes e raparigas cantando cantigas sagradas e profanas (algumas d'estas soffrivelmente licenciosas) dançando, fezendo cabriolas e momices, etc.

José Freire de Faria, vigario capitular, *sede vacante*, de Coimbira, por uma circular de 20 de novembro de 1728, prohibiu todas as danças, cantigas e mais obscenidades, por terem degenerado na pratica de muitos actos indecentes.

EIRAS MAIORES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Penhas Junttas, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. (Vide para tudo *Penhas Juntas*.)

EIREIRA (ou **EREIRA**) **E LAPA** — freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho do Cartaxo, 70 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos, a Ereira.

Orago o Espirito Santto.

Patriarchado, districtto administrativo de Santarem.

O commendador de Malta, senhor da freguezia, apresentava o cura, que tinha de renda, 60$000 réis.

Lapa era uma freguezia que, por pequena, ha muitos annos foi incorporada a Eireira.

O nome d'esta freguezia deverse-hia escrever com *H*, vista provir de *hereira* (hera) planta parietaria bem conhecida.

É terra fertil.

EIRIVO — Vide Irivo.

EIRIZ — freguezia, Douro, comarca de Louzada, concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a L. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Eiriz (segundo alguns) é nome proprio d'homem. É provavel que tomasse este nome d'algum individuo que fosse senhor da freguezia.

Em Arouca, proximo á villa, mas na freguezia de Salvador, ha aldeia de *Eiriz*, de que foi senhora e lhe deu o nome D. Gontina Eiriz. Tambem se dizia *Eirígo* e *Eurico*.

Apesar d'alguns etymologistas, estou persuadido que *Eiriz* não era nome proprio, mas *patronimico*, isto é, queria dizer *filho ou descendente d'Erígo ou Eurico*. Se assim é, *Eirígo* ou *Eurico* é que é o nome proprio.

(Na freguezia de Bairros, concelho de Paiva, ha a aldeia de *Villar d'Eirígo*.)

EIRIZ — aldeia, Douro, freguezia de S. Salvador do Burgo, concelho, comarca e 2 kilometros a SO. d'Arouca.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É uma bonita povoação no fertil e formoso *Valle d'Arouca*.

N'este logar está a casa (vinculada) que é solar de um ramo dos Cabraes. É um bom e grande edificio, com uma bellissima capella dedicada Nossa Senhora. O actual possuidor d'esta propriedade é o sr. Jeronymo Leite Cabral Tavares Castello Branco.

Para a genealogia e armas dos Cabraes, vide Constancia e Belmonte.

Para a etymologia vide o *Eiriz* antecedente. (Vide tambem Moldes.)

EIRÓ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Eiró é diminutivo d'*eira*—o mesmo que eirinha.

N'esta freguezia está a villa de Boticas, capital do concelho d'este nome. (Vide Boticas.)

O reitor de S. Pedro de Sapiãos apresentava *in solidum* o vigario collado, que tinha 85$000 réis.

É terra fertil em cereaes e legumes. Muito gado e bastante caça miuda.

EIRÓL—freguezia, Douro, concelho de Eixo, comarca d'Aveiro, até 1855; e desde então concelho e comarca d'Aveiro, 9 kilometros d'Aveiro, e 250 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Eiról é, como *eiró*, diminutivo d'eira.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

Na provincia do Languedoc (França) ha um rio chamado *Erool*, que desagua no mar junto á cidade de *Agda*. (Vide Agueda.)

É terra muito fertil em todos os generos de agricultura. Cria-se aqui muito gado, que se exporta.

EIXES—antiga freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Fructuoso.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario de Suzães apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis.

Esta freguezia está ha mais de 80 annos annexa á de *Paços*, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. (Vide *Paços*.)

EIXO—villa, Douro, concelho, comarca e 5 kilometros d'Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 410 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 750 fogos.

Orago Santo Izidoro.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

(Teve por muitos annos annexa a freguezia da Oliveirinha, hoje independente.)

Era concelho com 1970 fogos, que foi supprimido.

Situada proximo da esquerda do Vouga.

É terra de muitos caldeireiros.

É da casa de Bragança, a qual apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga.

Na Oliveirinha, que é proxima, ha feira a 21 de cada mez.

É terra muito fertil. Tem abundancia de peixe do Vouga e do mar.

—

Falleceu aqui, em 21 de março de 1874, D. Jacintha Soares Gomes de Lemos, irmã do fallecido D. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola, e commissario da bulla da Santa Cruzada.

Tinha esta senhora nascido em 1770, pelo que viveu nada de menos 104 annos. Apesar de tão longa edade, teve até ao ultimo dia de existencia, no seu estado normal todas as suas faculdades intellectuaes. Era senhora de muita virtude e dotada de uma prodigiosa memoria.

—

D. Manuel deu foral a Eixo em Lisboa, a 2 de junho de 1516. Este foral tambem pertence a Requeixo.

O rei D. Diniz deu varios bens que tinha n'esta freguezia e em *Requeixo* e *Lamas* ao mosteiro de Santo Thyrso (*Benedictina Lusitana*, tom. 2.º, tr. 1.º part. 1.ª, cap. 8.º)

Depois de Aveiro, é a villa d'Eixo a terra maior do concelho, tendo a sua rua principal, *Rua Direita*, dois kilometros de comprimento, passando por ella a nova estrada de Aveiro a Agueda; melhoramento devido ao célebre orador parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães, filho do conselheiro

Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, natural d'esta villa d'Eixo. (Vide Aveiro).

Antes de 1834 era Eixo cabeça de um juizo de fóra, ao qual pertenciam as villas annexas de Páos, Óis da Ribeira e Villarinho do Bairro, da comarca de Barcellos. A razão de tão disparatada divisão territorial era, porque todas estas terras pertenciam a um só senhorio, a casa de Bragança. Cada uma d'estas villas era cabeça de um termo, com sua camara municipal, composto de muitas povoações.

Depois de 1834 ficou Eixo sendo cabeça de um concelho e juizo de fóra, e depois juizo ordinario (composto das freguezias de Requeixo e Fermentellos, e dos curatos d'Eirol e Nariz) que foi extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853; passando para o concelho e comarca de Aveiro, menos a freguezia de Fermentellos, que passou para o concelho de Oliveira do Bairro.

A antiga freguezia de Santo Isidoro, d'Eixo, comprehendia uma área de terreno de 122 kilometros aproximadamente em comprimento, e compunha-se das seguintes terras: Horta, ao nascente; Granja, Povoa, Costa de Vallade e S. Bento, ao sul; e da Oliveirinha, Quintans, parte de Salgueiro, Moita e Azenha de Baixo, ao poente. Por decreto de 2 de maio de 1849, se creou a nova freguezia de Santo Antonio da Oliveirinha, ficando a freguezia d'Eixo reduzida á villa d'este nome e ás pequenas aldeias da Horta e Azenha de Baixo.

A antiga freguezia d'Eixo, tinha no anno de 1829 1:000 fogos, e 4:000 pessoas de sacramento. Em 1873 tinha a freguezia actual 4335 fogos, e 1:074 pessoas maiores, 124 menores e 119 ausentes, sommando tudo 1:317.

Não se sabe em que anno nem por quem foi fundada esta terra; mas é certo que é anterior á monarchia, e que no anno de Christo 1079, tinha tal importancia, que estava dividida por duas altas personagens, a condessa D. Flamula (ou Chama) e sua prima D. Thereza Fernandes, da antiga e célebre casa dos fidalgos do *Marnel*, os Mendes de Sousa (*Monarch. Lusit.*, part. 3.ª, liv. 11, pag. 23—*Bencdict. Lusit.*, do dr. fr. Leão de S. Thomaz, tom. 2.º, parte 1.ª, tr. 1.º, cap. 8.º, pag. 51 e 52).

Pertenceram pois as rendas d'esta terra, e outras muitas d'estes sitios, aos antigos condes da casa do *Marnel*, que quizeram fazer d'ellas suas, a ponto de ameaçarem os caseiros de lhes arrancarem os olhos, se os não reconhecessem; mas é certo que no anno de 1325 o rei D. Diniz mandou proceder a inquirições, porque se mostrou serem reguengas estas terras, cujas rendas ou tributos pertenceram depois aos condes de Barcellos e á casa de Bragança, como donatarios da corôa, como se prova (além de outros documentos existentes na Torre do Tombo) pelos citados na erudicta *Dissertação Historico-Juridica*, composta pelo bacharel sr. José Correia de Miranda, de Travaçô.

—

A fonte que ficava em frente da egreja, era um monumento que attestava grande antiguidade. Chamava-se por isso *Fonte Velha*. Quando se demoliu (1867), encontraram-se vestigios de já alli se terem feito tres edificações de fontes; o que só acontece de muitos em muitos seculos. A *Fonte Velha* era uma especie de cisterna, formada de quatro paredes, que teriam metro e meio abaixo da superficie da terra, e dois e meio acima d'esta, com uma grande bica d'agua (do lado do norte) cujo volume não ha memoria de ter diminuido, ainda nos annos de maior estiagem.

A nova fonte, construida em 1868, e na qual se gastaram 500$000 réis, inutilisou aquella grande nascente, de modo que está peior do que estava antes.

Outro facto que attesta a antiguidade da villa é o de n'ella se terem edificado, pelo menos, tres egrejas (afóra as que se ignoram), a saber: a egreja actual e a anterior a esta no mesmo local, centro da villa, e outra, a que ainda no seculo passado chamavam a Egreja Velha, ao norte da villa, onde hoje é a capella de Nossa Senhora da Graça.

A egreja actual é magnifica, de uma só nave, e, dos templos n'este gosto, o melhor e maior do bispado.

Foi padroeira d'esta egreja, a princeza Santa Joanna, duqueza de Bragança, por

doação de 19 de agosto de 1485, feita por seu irmão, o rei D. João II. Ultimamente, até 1834, pertenceu este padroado aos duques de Cadaval, que percebiam os disimos da commenda de Santo Isidoro, d'esta villa, com obrigação de fazerem certas despezas da egreja, que muito bem podiam fazer, porque a commenda rendia annualmente quatro contos e seiscentos mil réis. Na frente da egreja se vêem as armas dos duques de Cadaval.

A invocação e orago (Santo Isidoro) é antiquissima. Já no anno de 1095, o famulo de Deus, Zoleima Gonçalves, fez doação de certas propriedades á egreja e mosteiro de Santo Isidoro d'Eixo, *pro tolerantia fratrum et monachorum, qui ibidem habitantes fuerint, et in vita sancta perseveraverint.* (Escriptura de doação do convento de Lorvão, citada por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Diccionario*, ub. cidade, III.

Alguem, fundado nas ditas palavras da escriptura, tem pretendido que houvera aqui um convento; mas não ha memoria nem vestigios de tal; supponho que confundem o convento com a egreja *monasterial*, que esta seria. [1]

Não se sabe o anno em que a egreja actual foi edificada; mas é certo que no de 1705 estava a obra arrematada, e nos de 1711 até 1715 andava em construcção, e no de 1729 já n'ella se celebravam os officios divinos.

Na villa ha duas capellas—a de Nossa Senhora da Graça, que é festejada com esplendor no primeiro domingo de agosto, e a de S. Sebastião, que é festejado a 20 de janeiro. Aquella capella tem sobre a porta principal a data de 1710, e esta a de 1734, mas é certo que ambas são muito mais antigas, sendo estas datas as das reedificações que se lhes têem feito.

Ao pé da egreja estão os dois celleiros da casa de Bragança, a saber: um maior, e bom edificio, que até ao anno de 1832 era destinado para cereaes; e outro mais pequeno, de que só restam as paredes. No sitio d'este, era antigamente a casa da residencia do almoxarife, cuja descripção (da casa) vem no liv. 1.º do *Tombo Novo* da mesma serenissima casa, pag. 65 e 66, e no *Tombo Velho*, a pag. 65, onde se chama a esta casa, *Paços do Estado.*

É tradição que os nossos reis aqui tiveram o seu paço, constando da historia, que o rei D. Fernando aqui esteve quando assignou a *carta d'arras*, a D. Leonor Telles de Menezes, a 5 de janeiro do anno de 1372, (tres annos depois do seu casamento), que vem transcripta no tomo 8.º da *Monarchia Lusitana.*

A casa de Bragança recebia annualmente das rendas de todo o almoxarifado d'Eixo, 11:500$000 réis.

Havia um edificio soffrivel de cadeia, com salas para as repartições publicas da camara, audiencias dos juizes de fóra, e açougue e prisões no andar inferior.

Pelos annos de 1829 foi este edificio demolido, para se fazer outro melhor, que ficou em paredes e não se concluiu.

Eixo tem edificios particulares soffriveis, sendo o mais notavel o dos srs. Abreus, na rua *Direita*, no sitio do *Casal.*

—

Ha n'esta villa duas fabricas (ou fornos) de telha, que é talvez a melhor do reino, pela finura do barro de que é feita. Já em 1555 aqui se fabricava telha e tijolo.

Outra industria importante é a das caldeiras e outras obras de latão e cobre. Esta industria foi importantissima, em quanto foi uma especie de monopolio d'esta villa, d'onde estes artefactos se hiam vender para uma grande parte das terras do reino; mas tem decahido depois que se vulgarisaram taes fabricas, e as obras de folha de Flandres.

É tambem muito importante a creação de gados, com especialidade o vaccum e cavallar. Concorrem para isto os muitos e bons pastos, não só dos terrenos altos, mas, e principalmente, dos extensos terrenos do campo ou terras baixas, que ficam entre a villa e as margens do rio Vouga.

A creação de gado cavallar tem diminuido muito depois que se lançou tributo ás eguas de criação; chegando alguns creadores a vender as suas, para se livrarem do tributo.

[1] Chamavam-se *monasteriaes* as egrejas que eram padroados de qualquer convento.

No dia 3 de cada mez, se faz uma feira, ao poente da villa, no sitio a que chamam a *Serra d'Eixo*, a qual feira teve principio a 3 de outubro de 1855. O locall d'esta feira é dos melhores do reino, e a feira muito concorrida de gado vaccum e suimo.

Proximo d'este local é o denomimado, a *Forca*, onde se vêem duas pedras similhantes a mós de moinho, com buracos no centro, onde consta que cravavam os postes da fôrca. Era um patibulo *ad terrorem*, pois não consta que alli se enforcasse jámais pessoa alguma.

Junto ao adro da egreja, ha todos os domingos e dias sanctificados, uma *praça* (mercado) em que se vende muito trigo, fructas, hortaliças, gallinhas e algumas vezes sardinhas e peixe fresco.

—

Tem uma escola de instrucção primaria, do sexo masculino, e acaba de ser nomeada professora de meninas, a sr.ª D. Clementina Barreto; para cujas aulas o dignissimo presidente da camara d'este concelho, o sr. Agostinho Duarte Pinheiro e Silva, e mais vereadores, vão mandar construir uma casa, assim como querem fazer o cemiterio, que ainda não há (1874).

Eixo abunda em boas fructas, hortaliças e cereaes, principalmente milho.

Esta villa, apesar de estar rodeada de terrenos baixos e lagôas, por todos os lados, menos sul e poente, é tão salubre, que atravessou as duas epidemias da cholera morbus, sem aqui haverem mais do que alguns casos isolados (pela maior parte de colerinas) importados de Aveiro. A salubridade d'esta villa não póde attribuir-se senão a ser uma terra muito arborisada, haver limpeza nas casas, e os seus moradores se sustentarem de alimentos sadios.

—

Não nos consta de antigos personagens de Eixo, senão de um D. Domingos e D. Pedro, seu irmão, que eram de Eixo, e powoaram *Mamodeiro*, segundo se vê das citadas *Inquirições* do rei D. Diniz.

A grandeza e amenidade da terra devia de convidar os seus antigos donatarios (da grande casa do Marnel) a viverem por aqui algum tempo; e consta das mesmas *Inquirições*, que o conde D. Garcia se intitulava— D. Garcia Mendes d'Eixo.

No principio d'este seculo e fins do passado, teve esta villa muitos clerigos, bachareis formados, advogados, dois doutores, tres licenciados e dois bispos.

Entre os bachareis formados, foram advogados distinctos, Venancio Dias de Carvalho e Figueiredo, que foi governador civil em Aveiro, e o licenciado Clemente Joaquim de Carvalho e Silva, que foi provisor d'este bispado e abbade de Palmaz.

Eram filhos d'esta terra dois bispos, a saber: D. fr. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola e commissario geral da bulla da Santa Crusada, e D. Sebastião Dias Larangeiras, actual bispo do Rio Grande do Sul, que supposto nascesse no imperio do Brasil, era filho de Joaquim Dias Larangeiras, natural d'esta villa.

Foi um dos bispos do imperio, que veio ao concilio, que ultimamente se celebrou em Roma. (1869).

Os doutores foram José Jorge Ferreira de Castro e Silva, e Ricardo Gonçalves de Lima, que morreu novo, e pouco depois que tomou capello.

O dr. José Jorge, era bacharel formado em direito e doutor em philosophia, de que chegou a ser lente muito distincto, e que deixou nome na universidade de Coimbra.

ÊJA e ENTRE-AMBOS-OS-RIOS—villa, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a ENE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha Eja 66 fogos e Entre Ambos os Rios, 30.

Orago de Eja, Nossa Senhora da Assumpção; e d'Entre Ambos os Rios, S. Miguel, archanjo. Ainda tem estes dois oragos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada na foz do Tâmega, em frente de Santa Clara do Torrão, e sobre a direita do Douro, em sitio agradavel.

É sitio bastante concorrido no verão, por pessoas que vem tomar banhos no Tamega.

O cabido da Sé do Porto apresentava o

cura de Eja, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar. O papa, o bispo do Porto e os monges benedictinos de Paço de Sousa, apresentavam o abbade de Entre Ambos os Rios, que tinha 150$000 réis.

Foi primeiramente abbadia da mitra de Coimbra, que seu bispo D. Bernardo cedeu em 1129 *por emprestimo* a D. Hugo, bispo do Porto, e assim foi ficando.

—

É aqui a casa solar de um ramo dos Peixotos, chamada «Casa da Pesqueira» hoje representada pelo sr. visconde de Lindoso, D. João Peixoto da Silva, que é tambem senhor do morgado dos Peixotos d'Alemquer,

Em Entre Ambos os Rios está a *Casa do Outeiro*, que é do sr. Manuel de Sousa Cyrne, e a do sr. Rodrigo Barroso. Junto a esta povoação e ao O. d'ella, está a vasta e boa quinta de Santa Cruz, com uma grande e optima casa, com capella, de que é actual proprietaria a sr.ª viuva Cardoso, uma das mais ricas senhoras do Porto. (Vide Santa Cruz, quinta de).

As *aguas d'Entre Ambos os Rios* (mineraes) são famosas em todo o reino e se exportam em grande quantidade, engarrafadas, para o estrangeiro. São sulphureas e ferruginosas, efficacissimas nos padecimentos do estomago.

Eja teve antigamente fôro de villa; mas, ainda junta com *Entre os Rios* e o Torrão, que ambas tambem tinham fôro de villa, não são todas mais do que pequenas aldeias.

O Torrão fica separado d'Entre os Rios pelo Tamega.

Têm foral dado por D. Manuel, em Evora a 20 de outubro de 1519.

As aguas mineraes nascem no logar das *Quebradas*, quasi a 2 kilometros da confluencia do Tâmega com o Douro.

Ignora-se a época do seu descobrimento. São frias e limpidas, com cheiro pronunciado a gaz sulphidrico.

O seu principal modo de applicação é em bebida, nos padecimentos intestinaes; mas tambem se usa externmaente em banhos, para molestias herpeticas.

O manancial produz de 25 a 30 mil litros d'agua em 24 horas.

Ao N. d'esta localidade, a uns 80 meetoss de distancia, brota outra fonte, que, apeaar de ser ainda mais abundante, não está jor emquanto aproveitada.

Quatro kilometros ao N. das *Quebraidss*, e na freguezia de Lagares, ha uma albundante nascente d'aguas mineraes da meesma qualidade, que principiaram a applicaar-see em 1841 ou 1842. (Vide Lagares.)

—

Em toda a parte d'esta obra que se fallia no convento de freiras (bentas) d'Entre-Ambos-os-Rios, que é como sempre se disiigiaava este convento, entenda-se que é o dde Santa Clara do Torrão. Vide Torrão.

—

Suppõe-se que *Eja* é corrupção d'*Arégiaa*. Dizem alguns que foi aqui a antiquissima cidade d'*Arégia;* mas é êrro: *Arégia* era aao S. do Douro e provavelmente onde hoje é a pequena aldeia d'Aréja. (Vide esta palavraa.)

Note-se porem que a actual Eja, era o centro do vastissimo territorio que constituia a cidade d'Arégia. (Vide Cidade) mas ficaaao N., e não ao S, do Douro.

Querem alguns que *Eja* seja abreviaturra da palavra árabe *Ben-Dan-Eja*: o que mae parece um desproposito—porque, dizemesstes que *Ben-Dan-Eja* significa *lavado dos vemtos*. Ora, nem este sitio *é lavado dos vemtoos*, porque é em uma baixa, muito pouco superior ao nivel do Douro (que por muitas veezes cobre a maior parte da povoação, naas cheias) nem *Eja* quer dizer semelhante coousa. Se se derivasse de *Ben-Dan-Eja*, viinha a ser—*Filho de Dan, o renegado*—ou ddo que abandonou a sua religião, para seguiir outra. Deriva-se do verbo *âleja*, mudar dde religião. Entendo pois que quer dizer—poovoação do christão que se fez mouro, ou ddo mouro que se fez christão.

A esta freguezia pertence administrativaamente a d'Fntre Ambos os Rios; mas no ecclesiastico á de Santa Clara do Torrão. (Vide Entre-os-Rios.)

ELJAS, ELGES ou ERJAS — rio que naasce na Hespanha e serve de raia a Portuggal desde Monfortinho até entrar na esquerdda do Tejo.

É a palavra arabe *Elgi* (renegado.) Vem a ser—Rio do Renegado.

Para a etymologia vide *Ejja*.

ELNAS — rio. Vide Ceira, rio.

ELVAS — cidade episcopall, Alemtejo, districto administrativo de Portalegre, praça d'armas, situada a 10 kilometros da raia, 18 de Badajoz, 70 d'Evora e 187 a E de Lisboa, (pela estrada ordinaria, mas 256 pelo caminho de ferro.) Situada em uma elevação, junto de uma vasta campina, fertil em trigo, azeite e vinho.

Tem 2:510 fogos (10:000 allmas) em 4 freguezias. Alcáçova (710 fogos) S. Salvador, (450) Sé (810) e S. Pedro (540.)

O concelho tem 4:300 fogos e a comarca 6:500.

Feira a 20 de janeiro, 3.ª domingo de maio e 21 de setembro, trez dias.

Ha por esta occasião tambem aqui uma grande festa e romaria ao *Senhor Jesus da Piedade*, concorridissima de gente de muitas leguas de distancia (até de Lisboa, pelo caminho de ferro) e havendo quasi sempre, entre outras muitas diversões, corridas de touros.

Está em 38.º 44' de latitude e 14.º 8' de longitude.

É povoação antiquissima. Dizem uns, que foi fundada pelos *celtiberos*, juntos com os *helvecios*.[1]

O *xerife Elidrisi* nomeia na provincia de Al-Kassr, a povoação de *Jelch*, celebre pela formosura de suas mulheres.

Elidrisi escreveu pelos annos 483 da hegyra, 1090 de Jesus Christo.

Consta que foi reedificada pelos romanos, sendo o proconsul (outros dizem *pretor*) Marco Helvio, o primeiro que a republica romana investiu no governo de Hespanha Ulterior 198 annos antes do nascimento de Jesus Christo.

O que é certo, é terem aqui apparecido por varias vezes, cippos, tumulos, inscripções e moedas romanas.

[1] Os helvecios eram um povo feroz, que vivia entre a Italia e a Allemanha. D'elles procedem os actuaes suissos. Vieram á Peninsula Iberica no anno 3009 do mundo (995 antes de Jesus Christo.)

Dos godos não ha monumentos. Dos mouros appareceram duas lapides, com inscripções, segundo as quaes, o antigo castello foi feito, sendo emir o celebre Almançor, que governou no ultimo quartel do seculo X, e principio do XI.

Ainda outros querem que fosse fundada pelos hebréos, 2104 annos antes de Jesus Christo. (!) dando-lhe o nome da sua cidade d'Elba (que era da tribo d'Ásser.)

É certo que, segundo Tito Livio, p. 3.ª Dec. 4 Elvio (ou Helvio) foi governador do Alemtejo pelos romanos, e tambem é certo que estes davam o nome d'Elvii a esta cidade.

Qualquer que seja a data da fundação, d'Elvas, ella é remotissima, pois sabe-se que era o quartel do general carthaginez *Maharbal*, que viveu pelos annos 3600 do mundo — isto é — 404 annos antes de Jesus Christo. Maharbal foi successor de Bohodes. Veio aqui convalescer d'uma grande doença e em acção de graças pela sua cura erigiu (diz-se) um templo a Endovelico, em Terêna.

—

Passando portodas as alternativas e vicissitudes das outras terras da Lusitania, cahiu em poder dos mouros, em 714, que aqui se conservaram até que D. Affonso I lh'a tomou em 1166. (Os árabes, não podendo pronunciar Elvas, diziam, e escreviam, *Belch*, ou *Ieléh*, ou *Jelch.)*

Os árabes a retomaram, mas D. Sancho I a tornou a resgatar em julho de 1200.

N'estea nno, de 1200, houve em Portugal um medonho eclipse total do sol, que converteu em noute grande parte do dia. Tambem n'esse anno houve uma grande fome no reino.

Arruinada pelas continuas guerras, D. Sancho II a reedificou em 1226, dando-lhe o foral d'Evora, em maio de 1229.

Este foral foi confirmado por D. Manuel, em Almeirim, a 3 de março de 1507. O mesmo D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando-lhe todos os fóros e privilegios antigos (que eram muitos e grandes) em Lisboa no 1.º de junho de 1512, e a fez cidade em 1513.

—

Nas guerras do nosso D. Affonso IV com D. Affonso XI de Castella, este poz a ferro e

fogo os arredores d'Elvas, em 1336. Durante as guerras de D. Fernando de Portugal contra D. Henrique II de Castella (1369) Gil Fernandes d'Elvas, invadiu a Extremadura hespanhola, destruindo algumas povoações; mas as represalias foram horriveis. D. João de Castro (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) á frente de um exercito castelhano, invade o Alemtejo, matando, saqueando e incendiando tudo, e deixando a traz d'elle um rasto de fogo, sangue, e desolação. Atacou depois Elvas (1381.) Era governador da praça, seu tio, D. Alvaro Peres de Castro (irmão de D. Ignez) que resistiu valorosamente, d'esde 13 de julho até 16 de agosto, 25 dias. Viu-se então o que até ahi se não tinha visto, nem até hoje se tornou a ver — isto é — um general castelhano defendendo Portugal, contra um general portuguez, que á frente de castelhanos lhe fazia guerra!

Em 6 de julho de 1482, acampou em frente d'Elvas o exercito portuguez, com o rei D. Fernando á sua frente, esperando D. João I, de Castella, que com grandes forças pretendia occupar a praça; mas, temendo uma derrota, fez as pazes, casando com a nossa infanta D. Beatriz.

D. João I, de Castella, ainda aqui tornou com outro exercito, em 1385, mas depois de 15 dias de cêrco, e sabendo que vinham em defeza da praça D. João I e o condestavel, levanta o cêrco e foge. (Vide adiante.)

Tinha voto em cortes, com assento no banco 2.º. D. Manuel a elevou á cathegoria de cidade, por carta regia de 3 d'abril de 1513.

D. Sebastião lhe obteve a dignidade de diocese, em 9 de junho de 1570.

O seu primeiro bispo foi D. Antonio Mendes de Carvalho.

—

Logo no dia 3 de dezembro de 1640, o povo d'Elvas, apesar de estar a duas horas de marcha de Castella, fez a acclamação de D. João IV sacudindo o jugo ominoso de Philippe IV. Foi tambem este povo heroico que, á sua custa, levantou então as fortificações da praça e o forte de Santa Luzia. Em 1644 veio (de 1 a 7 de julho) o marquez de Torrecusa bombardear a praça, mas teve de retirar para Badajoz.

—

Aqui nasceu o inclito cavalleiro Gil Fernandes d'Elvas, que, com o povo d'esta cidade, tanto concorreu para a nossa liberdade e independencia desde 1383 em diante; não só resistindo corajosamente aos castelhanos, mas até fazendo repetidas e bravissimas entradas em Hespanha, tornando-se o terror dos inimigos.

Adiante tornarei a fallar d'elle.

Os condes de S. Lourenço, eram alcaides móres d'esta cidade.

Tinha seis conventos, que eram:

Frades dominicos, fundado por D. Affonso III (no sitio onde depois foi o dos paulistas) em 1267. Tem uma boa egreja de 3 naves. O convento serve actualmente de quartel militar.

—

Frades de S. João de Deus, com hospital para pobres, segundo a instituição da sua ordem. É hoje hospital militar.

—

Frades jesuitas, fundado pela camara e povo da cidade, em 1566. É hoje a sua egreja a matriz da freguezia do Salvador.

—

Frades franciscanos, (fora das muralhas e junto ao aqueducto da Amoreira) fundado em 1591.

—

Freiras dominicas, fundado em 1543 por duas irmans (que depois foram aqui freiras) nas suas proprias casas e com as suas rendas; dando-lhes tambem D. João III as fazendas e rendas do padre Pero Esteves. É este convento da invocação de Nossa Senhora da Consolação.

Foi supprimido em 1861, por ter uma só freira professa, que teve de hir viver para casa de uma sobrinha. Morreu em 1873, de 104 annos, como adiante direi.

—

Freiras Franciscanas, de Santa Clara, fundado pelos annos de 1670.

—

A confraria dos terceiros de S. Francisco possue um bom edificio e uma excellente

egreja, ornada de primorosa talha dourada.

—

A sé episcopal é um templo sumptuosissimo, de trez naves. A abobada é de marmore com primorosos artesões e laçarias, tudo dourado. O pavimento é tambem de marmore. As paredes estão forradas de bellos azulejos e tem 13 capellas ou altares. A sua torre é de uma singular e notavel architectura. A egreja é de architectura gothica. Foi fundada por D. Manuel, no principio do seculo XVI. Era a antiga Matriz de Santa Maria.

A capella-mór é sumptuosa. Foi construida pelos annos de 1750, por alguns dos melhores artistas que trabalharam no palacio real de Mafra. É toda de finos marmores. Adiante tornarei a fallar d'este templo, por causa de uma interdicção que aqui houve.

—

Tem egreja e hospital da Misericordia, com grandes rendimentos, bom edificio e bem administrado.

A egreja é de 3 naves, sustentadas por columnas de ordem toscana. É um bello templo.

Para se fazer ideia do estado florescente d'este pio estabelecimento, dou a conta geral da receita e despeza do anno economico de 1872 a 1873. É a seguinte:

Saldo do anno antecedente, 191$564 réis. Receita durante este anno, 7:002$320 réis. Soma 7:193$884 réis. Despeza, 6:631$505 réis. Saldo para o anno seguinte, 562$379. Movimento dos doentes, existentes nas enfermarias em 30 de junho, 37. Entrados durante o anno, 826. Curados, 817. Removidos para Rilhafoles, 1. Fallecidos, 98. Foram soccorridos em suas casas, 48, com 3:967 rações de pão, 3:683 de vacca e chibato (cabrito) 284 de gallinha. Remedios e assistencias de medico. Fóra as assistencias e remedios diarios no banco, a homens, mulheres, e creanças.

Elvas tem por armas um homem a cavallo, armado com uma lança na mão direita da qual pende uma bandeira com as quinas de Portugal, e em roda do escudo a legenda

CUSTODI DOMINE, UT PUPILLAM OCULI.

O mais antigo documento que se acha sellado com estas armas, é uma doação feita em 15 de dezembro de 1248.

É tradição que a origem d'estas armas foi o feito heroico praticado por o audaciosissimo cavalleiro Gil Fernandes d'Elvas (de quem já fallei) que havia protestado hir á praça de Badajoz e de lá trazer a bandeira real. Assim o fez, mas vindo uma multidão de cavalleiros castelhanos sobre elle e não lhe abrindo os d'Elvas as portas (com receio d'alguma traição) elle disse—«*Morra o homem e fique a fama!*»—e arremeçando a bandeira por cima da muralha para dentro da praça, fez cara aos inimigos, atirando-se como furioso leão; porem morrendo na desegual lucta a matar castelhanos.

Dizem outros que o cavalleiro das armas não é Gil Fernandes, mas D. Sancho I, no acto de tomar Elvas aos mouros. É verdade que o cavallo tem os jaezes ornados com as Quinas; mas, nem o cavalleiro tem o élmo coroado (como o costumavam trazer os reis) nem os monarchas traziam a bandeira, mas sim seus alferes-móres. Julgo pois que o cavalleiro é Gil Fernandes e não o rei; mas como isto é questão de supposição, cada um siga a opinião que mais verosimil lhe parecer.

—

Proximo a Elvas teem apparecido algumas sepulturas e inscripções romanas, em varias épocas.

—

Dão entrada para a praça trez grandes portas, chamadas da Esquina, d'Olivença e de S. Vicente, além de varias portas-falsas, ou poternas, que se abrem nas cortinas do recinto. Ha na praça vastos quarteis, armazens, paiões, arrecadações, etc, tudo á prova de bomba.

A sua guarnição póde elevar-se, em tempo de guerra, a 6 ou 7 mil homens. Durante a guerra da Peninsula era defendida por 257 peças de artilheria.

—

As ruas d'Elvas são em geral estreitas, mas regulares. A praça principal é a da Sé, onde tambem está o palacio episcopal, que é vasto e bom: a casa da camara, com sua

torre do relogio e com uma boa sala de sessões, e decorada com varios paineis do pincel do distincto pintor Cyrillo Volkmar Machado.

N'esta praça está o antigo *pellourinho*, monolytico, coberto de esculpturas no gosto gothico.

Tem Elvas um passeio publico, começado em 1807.

Os suburbios d'Elvas são amenos e muito arborisados, com muitas hortas e quintas, principalmente no extenso valle por onde corre o ribeiro Ceto, e que separa a praça do *forte de Lippe*.

Ha no seu termo magnificas herdades, onde se cria muito gado. É o seu territorio fertil em cereaes, legumes, azeite e vinho.

Em 1217, D. Affonso II derrotou os reis mouros de Cordova, Jaen, Sevilha e Badajoz, em frente d'Elvas, e depois em Moura e Serpa.

Em 1242 tomam os mouros Elvas por surpresa, mas são logo expulsos pelos portuguezes.

Em 1361 convoca aqui côrtes D. Pedro I.

—

Andando Portugal em guerra com Castella em 1382, estava D. João I de Castella e D. Fernando de Portugal com as suas tropas entre Elvas e Badajoz, em vesperas de darem uma batalha; mas vindo a concerto, foram assignadas as pazes em Elvas.

N'estas pazes se estipulou que D. Beatriz filha (?) do rei portuguez, casasse com D. João I de Castella (o que foi depois origem de novas guerras.)

O principe de Cambridge, com o exercito inglez, nosso auxiliar, regressou a Inglaterra.

D. João I de Castella, em pessoa, cérca Elvas com um exercito de 30:000 homens, em julho de 1385; mas em vista da tenaz resistencia dos habitantes da cidade e da heroica bravura de Gil Fernandes, retira sobre Coimbra, e d'aqui marchando sobre Lisboa, foi ser desbaratado na memoravel e gloriosissima batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto d'esse anno.

Já n'esse tempo Elvas era uma praça forte, com robusto Castello e uma boa cerca de muralhas.

Em 1580, os Pessanhas, que se tinham vendido aos castelhanos, combinaram com elles a entrega da cidade e do castello. Principiaram por excitar o povo contra o corregedor, que era um leal patriota, e lhe podia estorvar os seus planos infames, e assim que viram o povo em desordem, abriram as portas ao general castelhano, D. Sancho de Avila, em 18 de junho. Atraz de D. Sancho veio o duque d'Alba e o seu exercito, e depois d'elle veio o proprio D. Philippe II, que aqui esteve, com a sua côrte, desde 9 de janeiro até 28 de fevereiro de 1581.

O povo d'Elvas, não querendo soffrer um governo estrangeiro, apesar de estar ainda em Lisboa o usurpador, se revolta contra elle; mas, não sendo secundado pelo resto da nação, teve de succumbir; hindo presos para Castella muitos fidalgos e gente d'Elvas.

—

Em 1645, um grande exercito castelhano põe cêrco a Elvas, mas são repellidos valorosamente pela guarnição e obrigados a levantar o sitio e retirar vergonhosamente.

Mas, de todos os feitos d'armas de que Elvas com tanta rasão se gloria, e que tanto enobrecem os fastos d'esta heroica e leal cidade, nenhum é tão memoravel como o occorrido no dia 14 de janeiro de 1659 — é a gloriosissima batalha conhecida geralmente pela denominação de *Victoria das linhas de Elvas*.

Um exercito hespanhol, forte de 33:000 infantes, 6:500 cavallos e grande trem de artilheria, commandado pelo primeiro ministro de Philippe IV, D. Luiz d'Haro, marquez d'el Carpio, o melhor general de Hespanha n'aquelle tempo, põe cêrco á praça em 22 de outubro de 1658.

Era governador da praça o intrepido D. Sancho Manuel, que se defendeu com o maior heroismo, fazendo alem d'isso varias e repetidas sortidas, todas com feliz exito.

O conde de Cantanhede, general em chefe do exercito, junta como póde em Extremoz a gente disponivel de varias praças limitrophes e no dia 11 de janeiro de 1659 marcha d'Extremoz em direcção a Elvas,

com a força apenas de 8:000 infantes, 2:500 cavallos e 7 peças de artilheria.

A 13 formava em batalha em frente do inimigo.

D. Sancho Manuel, apenas vê a divisão portugueza, sahe da praça, no mesmo dia 13, á frente da sua cavallaria, e atravessa impávido, em pleno dia, todo o exercito inimigo, e vae conferenciar com o general em chefe, recolhendo de noite á praça!

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.»

No dia 14, pelas 8 horas da manhan, o nosso exercito, dividido em tres columnas, ataca arrojadamente o inimigo. D. Sancho Manuel, á frente da guarnição da praça, sahe ao mesmo tempo d'Elvas e investe os castelhanos com a maior galhardia. Estes defendem-se obstinadamente, procurando vender caras as vidas; mas nada resiste á temeraria bravura dos portuguezes. Em poucas horas é ferido D. Luiz d'Haro e todo o seu numeroso exercito roto e esmagado, retirando em vergonhosa debandada, e deixando no campo 10:000 homens, todas as suas bagagens e toda a sua artilheria e munições de guerra: sendo a nossa perda apenas de 800 homens.

O conde de Cantanhede (D. Antonio Luiz de Menezes) é feito marquez de Marialva, por D. Affonso VI, em 11 de junho de 1661, e a 23 do mesmo mez e anno, é feito conde de Villa Flor o valoroso D. Sancho Manuel.

«Pois com esforços e leaes
Serviços, foram ganhados,
Com estes e outros que taes
Devem ser recompensados.»
(*Cancioneiro real.*)

—

Elvas é a primeira (póde quasi dizer-se, hoje a unica) praça d'armas de Portugal, tanto pela sua posição, como pela solidez e vastidão das suas fortificações. A parte mais alta é occupada por um castello antiquissimo (suppõe-se ser obra dos romanos) cercado de robustas muralhas, e flanqueado por torres ameiadas, e nas collinas que lhe ficam sobranceiras e que a cercam, estão construidos differentes fortes. Entre os principaes é o de Nossa Senhora da Graça (ou *Forte de Lippe*) que é considerado como modelo de architectura militar.

Chamou-se desde o seu principio *Forte de Lippe;* mas quando D. Maria I subiu ao throno, em 1777, mais piedosa do que agradecida aos relevantes serviços que o conde de Lippe fez a Portugal, ordenou que o *Forte de Lippe* se denominasse Forte de Nossa Senhora da Graça, por haver aqui existido uma capellinha com esta invocação. Em Elvas porém e no Alemtejo, se tem sempre continuado a primeira denominação e só officialmente se lhe dá a segunda.

Foi principiado em julho de 1763, por ordem do conde inglez, Guilherme de Schumburg Lippe, commandante em chefe do exercito portuguez, sendo engenheiro constructor Mr. Valleré francez, (que depois foi general do Alemtejo.

O conde de Lippe era feld-marechal do exercito inglez e marechal-general do portuguez. D. José I o elevou á dignidade de principe de sangue, com tratamento de alteza. Nunca quiz em Portugal receber soldo, nem gratificações; porém quando voltou aos seus estados, D. José I, o presenteou com uma pequena bateria de artilheria, sendo os canhões de ouro macisso (cada um do peso de 32 libras) montados em reparos de ebano, chapeados de prata. Deu-lhe tambem o seu retrato e um botão de presilha para o chapeu, aquelle cercado e este feito de brilhantes, tudo de muito valor.

Chamava-se este sabio engenheiro Guilherme Luiz Antonio de Valleré, e tinha o posto de tenente general.

O risco foi feito por Mr. S. Etienne (tambem francez) que principiou a obra, mas M. Valleré a concluiu, fazendo-lhe grandes melhoramentos.

Terminou-se em 1792. Custou 767:199$039 réis. A casa do governador é sumptuosa e esta e a egreja á prova de bomba, tornando-se em castellos inexpugnaveis, em caso de necessidade.

Quando D. José I visitou este forte pes-

soalmente, em 1769, fez os maiores elogios a Mr. Valleré.

O principe de Waldeck, reputado um dos mais esclarecidos juizes sobre architectura militar, tambem visitou este forte em 1796, e o julgou (segundo affirma Link, na sua *Voyage en Portugal*) obra prima no seu genero, superior a tudo quanto tinha visto em obras de fortificação.

O forte de Santa Luzia, é obra de D. João IV, feita pelo engenheiro flamengo Cosmander.

A grande cisterna da praça, coberta de abobada, á prova de bomba, póde prover d'agua uma guarnição de 6:000 homens, por mais de 6 mezes.

A cidade é cercada de duplicadas muralhas, com 7 baluartes, 3 meios baluartes, 8 meias luas, 2 reductos e 3 contraguardas. Tem um soffrivel arsenal.

—

Quando se fizeram as fortificações d'esta cidade, se achou no fosso que se abriu no revelim, que fica em frente da rectaguarda da capella-mór da egreja de S. João de Deus, uma pedra de marmore, na qual está esculpido em meio relevo um homem com arco e setas, rocostado sobre uma pelle de leão, e com uma clava, o que faz julgar que seja a imagem de Endovelico (ou Cupido) deus dos lusitanos. (Vide Terena.)

Esta pedra foi collocada na face do dito revelim que olha para o Rocio do Calvario, ou Campo de S. Sebastião.

Este achado é mais uma prova da grande antiguidade d'esta povoação.

—

Até aos fins do seculo XV, não tinha Elvas dentro em seus muros mais agua potavel do que a do pôço de Alcalá, alimentado todavia por uma grande nascente.

Nas côrtes reunidas em Lisboa por D. Manuel, em 1498, requereram os procuradores d'Elvas um subsidio para reparos d'aquelle pôço. Foi deferida a pretensão, devendo o subsidio sahir do tributo de *um real* em cada arratel de carne e peixe, e em cada quartilho de vinho que se consumisse em Elvas.

Pela natureza de sua applicação se chamou *imposto do real d'agua.*

Foi o primeiro imposto d'esta denominação que houve em Portugal. Depois se foi propagando por varias terras do reino, e por fim, por todo elle. Em 1871 foi o tributo do *real d'agua* posto a quasi todos os generos de consumo e despoticamente augmentado, o que talvez venha a dar em graves desordens.

Concertou-se o pôço, mas a camara, vendo que este insignificante tributo foi bem racebido do povo, e que, ainda apesar do concerto, a agua escaceava na povoação, empreendeu a grande obra do *Aqueduco da Amoreira*, que principiou em 1500, tratando-se de trazer para Elvas a agua do manancial da *Amoreira* (que deu o nome ao aqueducto) e está a 6 kilometros ao O. da praça.

Já em 1520 se fez um chatariz provisorio na extremidade da obra que ficava mais proxima da cidade; mas só em 1622 é que a obra se concluiu, sendo preciso vender alguns baldios do municipio para com o producto das vendas occorrer ás despezas que se fizeram.

Correu esta agua pela primeira vez na cidade (no chafariz da Misericordia) no dia 23 de junho de 1622. Foi um dia de geral regosijo para Elvas, e solemnisado com uma grande festa, correndo-se touros, havendo cavalhadas, danças, foguetes, luminarias, etc.

—

O *aqueducto da Amoreira* é obra grandiosa no seu genero, pela sua extensão e altura, e unica no paiz pela sua architectura.

Percorre uns 5 a 6 kilometros, descrevendo *zigue-zagues*. Compõe-se de quatro ordens de arcadas, sendo a primeira muito mais alta do que as outras, e medindo todas $31^{m},10$ de altura (140 palmos).

Está construido com grande solidez, e robustecido de espaço a espaço por fortes gigantes, alguns dos quaes sobem a toda a altura do aqueducto.

Alimenta varias fontes publicas, sendo a principal d'ellas, pela sua architectura, a de S. Lourenço, construida segundo o desenho do general Valleré. Tambem abastece os grandes reservatorios (cisternas) da praça, que foram feitos durante a guerra da restauração, concluindo-se em 1650.

Os operarios que trabalhavam no aqueducto venciam 18 réis por dia. Em 1708, apesar de toda a robustez da obra, cahiram, em consequencia das grandes chuvas, nove dos arcos mais altos, mas foram logo reparados.

Em 1825 se introduziram no aqueducto novas nascentes d'agua.

—

A *fonte da Senhora da Piedade*, é de marmore e de elegante architectura.

—

Ha em Elvas um soffrivel theatro.

—

Era antigamente quartel de infanteria 5, 17 e artilheria 3. Hoje é de caçadores 8, artilheria 4 e infanteria 4.

—

E' a 31.ª estação do caminho de ferro de leste.

—

A ribeira do Caia, que divide Portugal de Hespanha, corre 12 kilometros ao S. de Elvas.

—

N'esta cidade nasceu o insigne medico e botanico Garcia da Horta, pelos annos de 1490. Formou-se em medicina nas universidades de Alcalá e Salamanca, e foi lente de philosophia na universidade de Coimbra. Partiu para a India, como physico do rei, em 1534. Alli estudou profundamente a botanica indiana, publicando um livro, que se imprimiu em Goa, sob o titulo de—*Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India*, etc., obra que foi geralmente apreciada na Europa e traduzida em varias linguas. Foi o primeiro medico que estudou o *cholera asiatico*. Morreu na India pelos annos de 1570.

Aqui nasceu, em 27 de março de 1816, Miguel Celestino da Silveira Carrilho, auctor de varias xácaras, repassadas de sentimento, que nos dramas *Dois Renegados*, *Homem da mascara negra*, *Fernando ou o juramento*, tanto agradaram ao publico, tanta voga tiveram e tanto duraram.

E' tambem composição sua a bellissima musica sagrada *Salutaris Hostia*, que passa por um primor d'arte; mas a sua obra prima é a musica que escreveu para o *Noivado em Friellas*, de Paulo Midosi, que foi pela primeira vez á scena, em Lisboa, em 1850, e freneticamente applaudida.

Falleceu n'esta mesma cidade, em 26 de abril de 1868. Jaz no cemiterio de S. Francisco.

Aqui morreu, em 28 de junho de 1873, D. Anna Ignacia de Gusmão, freira professa do convento da ordem de S. Domingos, d'esta cidade, a qual nascera em 9 de julho de 1769; tinha por consequencia 104 annos menos 11 dias! Tinha professado da edade de 16 annos (em 1786).

Expulsa do seu convento, em 1861, por ser a unica professa que então alli havia, foi viver com uma sua sobrinha, d'esta cidade.

Era uma senhora respeitavel pelas suas nobres qualidades. Conservou todas as suas faculdades mentaes até a hora da morte.

São tambem naturaes d'Elvas, Martim Affonso de Mello e os generaes D. João da Silva, Luiz de Mesquita Pimentel, Carlos Ferderico de Caula e Maximiano de Brito Mousinho—os antiquarios, Ayres Varella, João Eliseu Viegas e José Avellino da Silva Matta—os poetas, Alvaro de Mattos e Manuel Pereira Rego.—Tambem aqui nasceu o legendario João Paes Gago, que a tradição diz que fôra ao castello de Badajoz roubar a bandeira hespanhola.

—

Os nobres filhos d'Elvas, não precisam de quem os defenda da alcunha de *tolos* que lhe pespegam alguns invejosos do seu incontestavel patriotismo e das suas glorias. Elles sabem muito bem defender-se; mas, como tenho de relatar os apôdos e annexins de varias terras d'este meu tão querido Portugal, mencionarei alguns dos factos (sobremodo insulsos e disparatados) em que alguns de fóra da cidade fundam as suas satyras desenxabidas.

1.º

Os de Extremoz mandaram pintar o altar-mór da egreja matriz de Santa Maria do Castello. O pintor lembrou-se de pintar no timpano uma passarola, dizendo que era o Es-

pirito Santo; mas como era apenas um insignificante *bórra portas*, em logar de uma pomba, sahiu-lhe uma coruja; todavia os de Extremoz ficaram contentissimos e não se fartavam de elogiar e adorar o seu Espirito Santo, que achavam muito bonito.

Isto deu origem a muitos bons ditos, chalaças e epigrammas dos seus visinhos, e parece que os que mais *troça* fizeram foram os d'Elvas.

Por esta occasião foi a Extremoz o capitão-mór d'Elvas, e, sendo dia santificado, foi ouvir missa á tal egreja da coruja. Era ella (a missa) n'esse dia cantada, e aconteceu o *prefacio* ser o da Cruz. O celebrante garganteou a plenos pulmões o *Vere dignum et justum est*, e quando chegou ao *mentem élevas*, o bom do capitão-mór, que, pelos modos era um verdadeiro Ferrabraz, esquenta-se (e com razão, porque os d'Elvas tambem tinham fama de mentirosos) e desembainhando a terrivel espada semicircular, diz

..... *irado e não facundo*
ameaçando a terra, o mar e o mundo:

«Se se *mente em Elvas* muito mais se mente em Extremoz; e se aqui ha quem seja capaz de sustentar o contrario, sáia a campo e verá quem são os mentirosos.»

Ninguem sahiu a campo, nem quiz aceitar o repto.

Ora, todos sabem que *mentem élevas* em portuguez quer dizer—*mente em Elvas*—e então digam lá se o chefe da *bixa* elvense tinha ou não carradas de razão para despicar os seus patricios.

O que é certo é que os de Extremoz se alguma vez tornaram a chamar mentirosos aos d'Elvas, foi pela boeca pequena; e os padres, quando tinham de cantar o prefacio da Cruz, *engrolavam* sempre o tal horripilante *mentem élevas*.

2.º

Assacam tambem aos d'Elvas que, não estando elles satisfeitos com o local em que está a Sé, a pretenderam mudar para outro sitio. Reuniram-se os principaes da cidade para combinarem nos meios de se levar a effeito a projectada mudança e foi approvado por unanimidade o meio proposto por um dos preopinantes, por ser o mais simples e economico.

Consistia em se fazerem duas grossas cordas e, atando-as cada uma a sua torre, da Sé, levarem esta *a zôrro* até ao sitio indicado.

Por aquelles tempos havia pouco linho em Elvas, e por isso era muito caro; mas havia grande abundancia de lan e era portanto baratissima. Fizeram-se as cordas de lan.

Atadas convenientemente ás torres, entra toda a gente d'Elvas a puxar com unhas e dentes, e o caso é que estavam contentissimos, porque, mesmo depois das cordas chegarem ao maximo grau de tensão, elles hiam sempre andando, e se persuadiam que a egreja andava tambem. Era a elasticidade da lan que fazia o milagre. Ora, se a paciencia humana tem seus limites, tambem as propriedades elasticas de certos corpos tem um termo; e por isso, quando as cordas já se não podiam estender mais, rebentaram, e os elvenses cahiram todos de costas, ficando a Sé no mesmo sitio, e mais esta anecdota á cidade.

—

Pois senhores, esta patranha desconchavada, que alguns impingem a Elvas, dizem outros que teve logar na *Lourinhan* (Extremadura) outros que em Mançôres (freguezia da provincia do Douro) e outros finalmente na villa de Coura (Alto Minho.)

Mesmo que isto fosse uma cousa verosimil (que evidentemente não é) vão lá adivinhar em qual das quatro partes aconteceu.

3.º

O plantio das *arvores do macarrão*, é falsamen attribuido aos d'Elvas; porque homens *bem informados* sustentam que foi nos campos d'Evora.

4.º

A *sementeira das sardinhas* (e isto parece-me que foi certo) teve logar no monte

do Castêllo, na dita freguezia de Mançôres.

—

E vós, nobilissimos habitantes da heroica e sempre leal cidade d'Elvas, a quem vos apodar de parvos, respondei:

«Sim, senhores, somos *tolos*, e tão *tolos*, que á nossa custa fizemos e dotámos uma Misericordia das mais ricas e melhores da provincia.»

«Tão tolos, que fundámos e dotámos alguns sumptuosos conventos onde as orações e o insenso subiam todos os dias e quasi a todas as horas, ao throno do Altissimo, exorando-o para que arredasse da cidade e do reino todas as calamidades.»

«Tão tolos, que são filhos d'esta terra muitos e muitos varões illustres, célebres pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes.

«Tão tolos, que tendo por chefe o nosso patricio Gil Fernandes d'Elvas, fizemos por muitas vezes morder a terra ás aguerridas hostes de Castella.

«Tão tolos, que agrupados em volta do nosso intrepido governador, D. Sancho Manuel, e do não menos valoroso D. Antonio Luiz de Menezes, destruimos as bravissimas tropas do não menos bravo (e incontestavelmente perito) general D. Luiz de Hero, marquez del Carpio.»

«Tão tolos, que preparámos a gloriosa victoria de Aljubarrota (na qual muitos elvenses tomaram parte) escorraçando dos nossos muros 30:000 castelhanos, commandados pelo seu rei em pessoa.»

«Tão tolos, que fizemos á nossa custa e sem ajuda de mais ninguem, o sumptuoso Aqueducto da Amoreira; mais de dois seculos antes do das Aguas Livres, que foi feito á custa da nação inteira.»

Tão tolos, que em todos os tempos em que Portugal precisou dos corações e do sangue de seus filhos para serem sacrificados no altar sacrosanto da patria, jámais viu tremer, a não ser de impaciencia, os peitos leaes dos filhos d'Elvas, sempre dos primeiros nas lides da honra e do patriotismo; sempre prodigos do seu sangue e das suas vidas em prol da sagrada bandeira das Quinas Lusitanas.»

—

Ora, quando outra qualquer cidade ou villa portugueza possa attribuir-se tantas *tolices* (além de outras muitas que não relato) póde e deve ter orgulho de sua *toleima*.

—

Prometti de tornar a fallar na Sé d'Elvas, vou cumprir a promessa.

Era a 21 de maio de 1818, dia em que n'esse anno *cahiu* a festa de *Corpus Christi*.

Urbano Xavier Henriques da Fonseca Monteiro, natural da villa de Castromarim, e alferes do regimento de infanteria de Tavira (n.º 14) então de guarnição em Elvas, namorava perdidamente uma menina d'esta cidade.

N'aquelle dia estava a tal menina na varanda do orgão grande, que se debruça sobre o guarda-vento, e o alferes, que, pelos modos, era mais propenso aos combates de Venus e Cupido do que ás batalhas de Belona e Marte, lá *do seu pôsto* (de observação...) não tirava os olhos da sua *casta diva*.

Apenas a procissão sahiu da egreja, o impaciente e arrebatado alferes, completamente esquecido do seu nome (que lhe impunha rigorosamente os deveres da *urbanidade*) se dirige para a escadinha do orgão, no firme proposito de se collocar ao lado do seu *anjo;* mas logo nos primeiros degraus, um *bedel*, ou *altareiro*, que vinha descendo, por ter terminado a sua tarefa de dar aos folles, lhe *barra* a passagem, por ser prohibida pelas *Constituições do Bispado*.

O official teima, o bedel profia, e vendo que aquelle não se convence com razões, lhe deita as unhas á farda. Urbano recúa, deixando por tropheu, nas mãos do bedel, dois botões, e cheio de indignação por um *toca folles* lhe querer dar sentenças, esquece o logar sagrado em que está, e com um junco que trazia lhe dá duas *juncadas* na cara, da qual logo espirraram algumas gotas de sangue sobre o pavimento.

Estava o templo interdicto; pelo que a procissão teve de recolher-se á Misericordia, e passou a ser a egreja de S. Salvador a cathedral interna emquanto durou o interdicto.

Urbano foi preso e cara lhe custou a sua

audacia. Pelo juizo ecclesiastico foi sentenciado a ser flagellado sobre as costas nuas nos degraus do taboleiro da Sé, e depois nas escadas da egreja.

Mettido no calabouço, respondeu a um conselho de guerra e este o condemnou a não sei quantos annos de prisão, que foi cumprir no forte da Graça.

A causa, innocente, de tudo isto, a tal menina, foi... testemunha contra o adorador atrabiliario.

—

Asylo da Infancia Desvalida

Este asylo, inaugurado a 8 de novembro de 1853, nascera em uma das epocas mais criticas de miseria, que se teem atravessado. Ao general Baldy, então governador da praça, deve elle a sua existencia, e o seu rapido desenvolvimento dos primeiros annos.

O numero de creanças, que desde a sua instituição tem n'elle sido educadas, ascende a 475, das quaes 256 tem recebido, a par do ensino, a alimentação quotidiana.

Destacam-se tres epochas brilhantes para o asylo, nos 20 annos decorridos desde a sua creação: a da presidencia do general Baldy, a do sr. Joaquim Travassos Valdez, auditor do exercicio, e a do sr. Antonio Fausto Namorado, cirurgião militar. Estas tres epochas são assignaladas por uma grande serie de melhoramentos e por um extraordinario augmento da receita. Prestou tambem relevantes serviços ao estabelecimento em 6 annos successivos o sr. Ezequiel Augusto de Vasconcellos, no cargo de secretario; mas em resultado de uma d'aquellas guerras acintosas que ás vezes se movem, esquecendo-se os bons serviços que nunca se deviam pagar com ingratidão, a eleição de 1864 excluiu do conselho director a este cavalheiro, o que realmente foi uma perda bastante sensivel, e que logo atraz trouxe deploraveis consequencias.

Com respeito á instrucção dos alumnos, em maio de 1855 pretendeu-se dar-lhe um grande impulso, mas isto não passou de bons desejos. Ha poucos annos, porém, os padres Filippe Nery e Domingos do Carmo, secretarios da direcção, conseguiram, á força de trabalho e dedicação, apromptar nas materias que constituem a instrucção primaria duas meninas, que fizeram em Portalegre um brilhante exame.

E desde então até hoje o ensino d'essas materias tem sido um dos mais esforçados empenhos das direcções. E segundo o que declarou o sr. Namorado, no discurso de abertura da ultima sessão, conta-se que no presente anno de 1874 mais alguns alumnos vão fazer exame ao lyceu de Portalegre, que é natural em nada desmintam os creditos que gosa este estabelecimento pio.

—

Na feira annual de S. Matheus (21, 22 e 23 do mez de setembro de cada anno) se faz uma grande festa á milagrosa imagem do Senhor Jesus da Piedade, annunciada pelos círios que na tarde do dia 20 concorrem á Preda.

Junta-se sempre, por essa occasião, grande multidão de povo, de ambos os sexos, de todas as edades e de muitas povoações dos arredores; de Badajoz e outras localidades hespanholas. Á noite ha grandes fogos d'artificio, que custam aproximadamente 300 mil réis.

Esta romaria augmenta de concorrencia de anno para anno, e as esmolas dos romeiros, que sobem a uma grande quantia, são destinadas aos melhoramentos do templo e do sitio.

—

Foi Elvas o solar dos Peixotos Cachos, appellidos nobres de Portugal. Teve a origem seguinte: Diogo Lopes Peixoto, foi feito administrador das fortificações d'esta praça, e aqui fez o seu solar. Teve uma filha unica, chamada D. Antonia Peixoto, que casou com Diogo Gomes Cacho, e d'estes procedem os Peixotos Cachos. O primeiro que menciona a *Collecção dos Titulos e genealogias*, tomo 5.º da *Bibliotheca Publica*, fl. 111, é Lopo Gomes Borralho Cacho Peixoto. Fr. Manuel de Santo Antonio, no *Reformador do Cartorio da Nobreza*, tambem inclue na lista dos fidalgos, Pedro Ayres Peixoto. Coelho.

Suas armas são: em campo verde, um braço armado, de prata, tendo na mão um punhal com a ponta, para baixo; ferro de

prata e guarnições de ouro. (Villas-Boas diz adaga e não punhal.)

As armas dos Gomes são:—um pelicano, ferindo com o bico o peito, e dando a seus filhos o sangue que d'elle corre.

As dos Lopes são:—em campo azul, uma palmeira d'ouro, com um côrvo pousado n'ella, com as azas estendidas. Timbre o mesmo corvo, voante, com um ramo de palma no bico.

As dos Peixotos (sem Cacho) são—escudo enxequetado d'ouro e azul, de cinco peças em faxa. Timbre, um corvo marinho, da sua côr, com um peixe no bico.

—

Em 1864, pretendendo a camara d'Elvas reconstruir a fonte da rua dos Cavalleiros, resolveu mandar fazer um painel, em azulejos, com as armas da cidade, em uma elipse, acobertada com um manto. (As armas representam o rei D. Sancho I, a cavallo, armado de ferro, como entrou em acção, no dia da conquista d'Elvas aos mouros.) Por êrro de quem fez a encomenda para Lisboa, ou por engano do fabricante, sahiu o retabulo muito maior do que toda a fonte, pelo que não serviu para o sitio onde era destinado. Pretendem agora collocar o quadro em um pano do muro do aqueducto da Amoreira.

—

Duas vezes foi Elvas bombardeada, durante a guerra da successão, uma em abril de 1706 e outra em setembro de 1712, pelo marquez de Bay, alem de outros ataques menos importantes.

Em 1801, o ex-cabelleireiro Manuel Godoy, (feito principe da Paz) apresenta-se a 20 de maio, em frente d'esta praça, intimando-a para que se rendesse.

D. Francisco Xavier de Noronha, governador da fortaleza, deu lhe tal resposta, que os castelhanos houveram por bem retirar.

Em 2 de dezembro de 1807, por ordem do principe regente, recebeu Elvas pacificamente a divisão castelhana do general Solano, mas depois, os francezes que vieram occupar a cidade, taes roubos e atrocidades de toda a casta praticaram, que o povo, não podendo soffrer mais, se revoltou contra os francezes, ferindo mortalmente o seu chefe *Michel.*

Quando pela convenção de Cintra (31 de agosto de 1808) os francezes evacuaram o forte da Graça, (primeiro de outubro) para hir para Lisboa, embarcar para França, foi precizo fechar as portas da cidade, e collocar muitas sentinellas nas muralhas, para conter o povo enfurecido contra os *jacobinos.*

Foi a unica vez que, durante a guerra peninsular, os francezes entraram (á traição) em Elvas. Desde 1808 até 1812, foi sempre esta praça o paladio da nossa independencia.

—

Durante as guerras civis que teem dilacerado Portugal, desde 1820, nunca Elvas tomou a iniciativa em qualquer movimento.

Em 30 d'agosto de 1720, adheriu á revolução do Porto.

No primeiro de junho de 1823, acclamou o sr. D. João VI absoluto, depois da *guerra da poeira.*

Em 1826, acceitou a *carta constitucional.*

Em 29 d'abril de 1827, parte da guarnição (artilheria n.º 3 e um batalhão de infanteria 7) e muito povo, acclamam o sr. D. Miguel, como rei de Portugal. O general Caula, contemporisou até poder reunir forças do governo (da regencia da senhora D. Isabel Maria) e no dia seguinte, no baluarte do Trem e em S. Paulo, houve uma verdadeira carnificina, causada pela metralha, fusilaria e repetidas cargas de cavallaria, sendo os realistas vencidos.

Foi, póde dizer-se, o primeiro sangue que correu vertido por portuguezes contra portuguezes. Os insignificantes combates que até então se tinham ferido, não tinham passado de tiroteios sem importancia. Tambem então correu pela primeira vez o sangue de portuguezes por crimes politicos, em resultado de uma sentença, sendo prezos e por decisão de um conselho de guerra, sentenceadas muitas praças de infanteria 7, e outros corpos a serem chibatados (dos quaes alguns morreram) depois da flagellação.

Em 1828, Elvas toma decididamente o partido do sr. D. Miguel. Em desforra das

atrocidades que deshonraram o partido liberal, no anno antecedente; os realistas de Elvas deshonram o seu partido com outras atrocidades, que foram repetidas no fim do reinado do sr. D. Miguel.

Em 31 de maió de 1834, entra em Elvas, sem resistencia, em vista da convenção d'Evora-Monte, uma divisão liberal. Houve então algumas vinganças e represalias, mas muito menos barbaras do que em outras terras do reino.

A ultima vez que Elvas foi theatro de scenas sanguinolentas entre irmãos, foi em 9 e 10 de outubro de 1846, batendo-se parte da guarnição contra o resto, tomando tambem o povo parte pelo partido que mais lhe agradava.

Desde então Elvas tem-se conservado pacifica e indifferente a todas as mudanças politicas.

—

Tem aqui tido logar factos notaveis da nossa historia; são os principaes:

Pazes de D. Diniz com seu irmão D. Afonso (por intervenção de Santa Isabel) em 1292.

Pazes de D. Fernando, de Portugal com D. João I, de Castella, em 1382.

Reunião de côrtes, em 1361. (Vide cortes)

Casamento da infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando e de D. Leonor Telles de Menezes, com D. João I, de Castella, em 14 de maio de 1383.

Casamento do duque de Bragança, D. Theodosio (pae de D. João IV.) com D. Anna de Vellasco, da *quinta de Uvêda*, em 15 de junho de 1603.

Casamento do duque de Bragança (depois D. João IV) com D. Luiza de Gusmão, em 11 de janeiro de 1633.

Bençãos nupciaes de principe D. José (depois I) com D. Marianna Victoria, em 19 de janeiro de 1729.

—

O concelho d'Elvas é composto de 16 freguezias, todas n'este bispado, são—na cidade Sé, S. Pedro e Salvador; fora—Ajuda, Alcaçova, Aventosa, S. Braz da Varzea, Villa Boim, Barbaçêna, Caya, Santa Eulalia, Villa Fernando, Santo Ildefonso, S. Lourenço, Terrugem e S. Vicente.

A comarca comprehende trez julgados.

Elvas com 4:300 fogos. Campo-Maior, com 1:400 e Monforte com 800.

—

A comarca comprehende freguezias de 4 dioceses, Elvas, Evora, Isento do Grão Priorado do Crato (Patriarchado) e Portalegre.

ÉMERES (Santa Maria de) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, desde então comarca e concelho de Valle Paços, 80 kilometros ao NE. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Carrazêdo apresentava o vigario, collado, que tinha 112$000 réis de rendimento.

EMILIÃO (Santo) — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago Santo Emilião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O cabido da collegiada de Guimarães apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

EMINHATE — povoação antiquissima do Douro, proximo da villa de Agueda, e no sitio onde hoje se chama *Macinhata*. Em 848 de Jesus Christo, era senhor de Eminhate um mouro chamado Muley Achin, filho de Athach. D. Ramiro I, de Leão, o venceu n'esse anno, e fez seu tributario. Supponho que Eminhate é diminutivo de Eminio. Eminhate foi-se corrompendo em Minhate e por fim em Macinhata. Tambem póde ser corrupção de Emina, Hermina, Ermina ou Ema, antiga medida de solidos e liquidos. A de liquidos tinha uma libra; duas *emínas* faziam um *sextario*, e dois d'estes uma *bilibra*, a que os gregos chamam *ceniz*. Segundo Aulo Gelio, a *emína* dos romanos tinha meio quartilho.

A *emína* dos medicos tinha 9 onças. Esta medida era em umas terras maior, n'outras

mais pequena (como ainda hoje o nosso alqueire e almude e suas divisões). A *emina* dos solidos tambem variava, mas, mais geralmente levava um selamim de Toledo. Vide Macinhata do Vouga.

EMÍNIO (*Æminium*, dos romanos)—antiga cidade da Lusitania, que, com bons fundamentos, se julga ser no sitio actualmente occupado pela villa d'Agueda, capital de concelho e comarca, situada sobre a margem direita do rio do seu nome (que tambem antigamente se chamava *Eminio*) no bispado e districto administrativo de Aveiro.

Posto que no artigo *Agueda* (1.º vol., pag. 34) já tenha fallado d'esta antiquissima cidade (Eminio) como julgo curiosissimos e, na sua maior parte verdadeiros, os bellos artigos que os srs. José Maria Velloso, D. Miguel Sotto Maior e José C. de Miranda, publicaram no semanario litterario, que em 1870 se imprimia em Agueda, sob o titulo de *Escola Popular*, e do qual eram proprietarios os srs. José Ferreira da Silva Castro e José Soares de F. e Castro; com a devida venia os passo a transcrever.

—

Agueda, a feliz successora da velha cidade, cuja fundação alguns querem remontar aos recolhidos tempos dos celtas, turdulos e gregos; esta famosa terra, cuja situação bem fadada tem, em diversas epocas, no andar dos seculos, podido prender a attenção de visitadores de grande nomeada; Agueda, a antiga Eminium dos romanos conquistadores, e godos, com quanto abatida agora, é ainda, e será sempre digna de notar-se, pela sua belleza natural, pelas formosas margens do seu rio, e feracissimos campos.

Decahida do pristino esplendor, mas em communicação, ainda que—por mau fado—por ora não facil, com as duas Beiras, abastece-as, em parte, de peixe, que lhe é trazido, rio acima, das praias do Oceano; e de louça, sal, e varios objectos: e d'ellas recebe em troca os seus preciosos fructos, taes como: centeio, milho, azeite, castanhas, queijo, cerejas, pera secca, vinho, amendoas, sumagre, etc. Tambem por estes sitios se consomem milhares de carneiros da serra da Estrella, muitas das saborosas vitellas d'Alafões e muitos milhares de metros de panno das fabricas da Covilhã.

Está esta villa situada ao nascente da cidade de Aveiro, a 25 kilometros do Attlantico.

Como queremos escrever com a maior imparcialidade sobre o nosso *patrio ninho*, devemos dizer que, em geral, não tem bons nem lindos edificios antigos nem modernos, mas a sua situação é encantadora.

Com a frente voltada para o meio dia, assente em amphitheatro sobre tres pequenos outeiros, tendo a seus pés os vastos e fertilissimos campos d'Assequins, Borralha, Paredes e Recardães, cortados pelas limpidas aguas do seu formoso rio, o vetusto Eminium, que desce como fita de prata em vestido verde, rodeada, a mais de kilometro, de collinas, cobertas no estio de virentes parras, e coroadas de oliveiras, pinheiros, castanheiros e carvalhos; descobrindo, a sol posto, as cumiadas dos pequenos outeiros d'Ois da Ribeira, que é uma boa povoação, a 4 kilometros da villa; e, encarando d'alli para o Oriente, demorando a vista na pequena, mas esvelta e esguia torre da nova egreja de Espinhel, que contrasta com o tisnado e triangular campanario de Recardães, cuja egreja é, aliás, um templo rico em obras de arte.

Agueda, a Eminium moderna, com os seus barcos, que, de vela e á vara, se crusam nas aguas do seu rio, e pela vista dos rusticos casaes, que se descobrem por entre a côma frondente das arvores, que os circumdam, nas encostas fronteiras; tendo ao nascente, e mais ao longe, por detraz d'estas mesmas encostas as summidades das serras do Caramullo e de Boi-Alvo; e mais para o sul, a 10 kilometros d'esta montanha, os pincaros memorandos do Bussaco, que lhe fecham o horisonte; é bella povoação.

Agueda, ufana da uberrima bacia, sobre que reina, campea elegante, pittoresca e mimosa, quasi imagem da formosa Coimbra.

Tem ella actualmente quatorze ruas, duzentas e cincoenta casas, e cerca de mil habitantes.

No mais alto dos tres outeiros, em que se assenta, está a sua egreja matriz. É esta um sumptuoso templo, em relação á grandeza

da villa, se bem que devêra ser muito mais alto. Tem tres naves, celebradas já por antigos visitadores, e nas duas dos lados sete formosas capellas. É muito perfeita e muito abundante a obra de talha dourada do arco cruzeiro e da capella-mór, bem como a da capella do Senhor dos Passos, sob cujo altar está esculpido em pedra, e em inteiro relevo, o Senhor Jesus morto, de tamanho natural; sendo uma bella imagem digna de ser contemplada, não só pelos sentimentos religiosos, que suscita o vulto venerando, mas mesmo pela sua perfeição artistica. Ha tambem no alto do altar do Santissimo Sacramento um primoroso objecto, qual é a Ceia de Nosso Senhor Jesus Christo, onde o Divino Mestre, seus doze apostolos (incluindo o discipulo traidor) e os donos da casa se vêem tambem esculpidos em pedra, a meio relevo, tendo cada um de altura, pouco mais ou menos, quatro decimetros.

Tambem merece ser mencionado o arco do côro, por ser bastantemente largo e muito abatido.

Nos já referidos logares d'este templo, assim como nas demais capellas d'elle, e principalmente na de S. Francisco, ha muito trabalho primoroso em madeira, a baixo relevo, além de muitas e mui perfeitas imagens de Christo crucificado e de outros santos, e muitas e mui variadas figuras de anjos de grandes e pequenas dimensões.

No mesmo arco do cruseiro são tambem objecto de attenção a lua, o sol, e as armas reaes portuguezas em madeira primorosamente trabalhadas. Aos lados do altar-mór ha duas estatuas de madeira, do vulto de um homem regular, proprias para sustentarem os cirios, obra de muita perfeição e preço.

Não ha em todo o templo inscripção alguma digna de menção. Ha cinco ou seis em pedra que na essencia tratam de legados pios, e são dos annos de 1623 a 1628. D'estas, a primeira está na capella de S. Francisco.

Dos livros das visitas a esta freguezia, do anno de 1700 em diante, consta que a egreja antiga estava então em estado deploravel, velha, pequena e indecente para o culto. A instancias reiteradas dos visitadores foi finalmente reedificada, como agora está, de 1735 a 1737, á custa do povo, dos fundos das confrarias, e com ajuda, que provavelmente foi muito valiosa, do cofre do estado. Consta dos respectivos livros, e effectivamente o portal da entrada principal tem gravada a data de 1737.

Ha na chamada Praça Nova, d'esta villa, a qual por ora é um largo muito irregular, um bello chafariz de duas bicas, e muito farto d'agua. É obra de bastante trabalho, e algum d'elle muito mimoso.

Tem a sua nascente a 200 metros para o norte; e ahi a casa chamada *Mãe d'agua*, a qual pela sua solidez, e pela utilidade do respectivo encanamento, é obra completa no genero, em referencia á grandeza da povoação, e ao volume das aguas. Foi construido em 1866, e foi director d'esta obra o sr. Francisco Estevão Pinheiro de Figueiredo, d'esta villa.

Além d'este, vae agora a camara municipal mandar erguer outro no mesmo sitio de uma fonte antiga, que fica ao N. da chamada Praça Velha, que, pelo que d'elle já vimos, virá a ser, sem duvida, não só pelo donairoso aspecto do seu mui bem acabado frontispicio, mas pela excellente qualidade da sua agua, um dos melhores, se não o melhor, de quantos se possam encontrar em nossas provincias.

Foi canteiro e esculptor n'esta obra o sr. Antonio da Silva Prôa, da Figueira; e mestre de risco e director o sr. Joaquim Augusto de Macedo, d'Agueda.

Tem tambem esta velha povoação uma antiga, mas segura ponte de cantaria, com cinco arcos, na direcção do norte-sul. Não ha inscripção nem documento que authentique a data da sua construcção; alguns entendidos, porém, n'estas materias affirmaram ser ella obra do tempo d'el-rei D. Sebastião. O ultimo arco do lado do sul acha-se muito deteriorado, e toda a ponte carece de grandes reparos, mas por ora não ameaça ruina.

Ha aqui um bom palacio municipal, que está ainda por concluir. A sua primeira pedra foi lançada, nos alicerces, no vertice do angulo SO., no dia 22 de outubro do anno

de 1860. É uma bella casa. Mestre do risco e director foi tambem o mesmo sr. Joaquim Augusto de Macedo.

No fundo das armas, que são mui bem esculpidas n'uma grande pedra collocada no meio do frontispicio d'esta casa, lê-se a seguinte inscripção:—*A Romanis Eminium*— como querendo dizer:—*Fui chamada Eminio pelos romanos.* —

É ponto controvertido já agora por alguns sabios, se o Eminium dos romanos foi aqui, ou pelas adjacencias da moderna Coimbra.

O sr. cardeal patriarcha, D. Francisco de S. Luiz, com aquelle enorme peso da sua grandissima auctoridade, quiz tirar a Agueda essa gloriosa memoria. Folgamos com a intima convicção de que se enganára o illustre e sapientissimo prelado.

Pelo pouco, que ha muitos annos sabiamos dos antigos geographos e dos concilios, sinceramente acreditavamos, que a Eminium romana fôra n'estas cercanias. Ultimamente, porém, o sr. Antonio Francisco Barata, illustrado antiquario de Coimbra, homem, cujo merecimento litterario admiramos, pelas circumstancias especiaes que n'elle se deram, e que o tornam mais illustre aos olhos de todos quantos sabem apreciar o merito e honrar o talento, muito nos ajudou com a sua interessante carta dirigida ao sr. Augusto Soromenho e impressa em Lisboa em setembro de 1869, a nunca abandonarmos as gratas crenças de que é devida á nossa terra natal a alta gloria de assentar-se sobre os vetustos restos da formosa cidade dos tempos de Cesar.

Com effeito, o geographo Caio Plinio Segundo, que nasceu 23 annos depois de Christo, descrevendo a Lusitania, partindo do Douro, que era a sua raia do norte, diz: *Flumen Vacca* (Vouga), *Oppidum Talabrica* (Aveiro), *Oppidum et Flumen Eminium* (Agueda), *Oppida Conimbrica* (Condeixa?) E o geographo João Hardino, mais tarde, na interpretação e notas a Plinio, diz: *Æminium. Hodie Agueda: nomen est oppido amnisque commune.* E Vasconcellius, *In Scholis ad Resendium*, edição de 1593, diz: *Talabrica* (Aveiro, em Cacia, na ribeira do Vouga) *leucae ab Agatha duae cum demidia.* Por tanto Agueda, com o seu rio, são o *Oppidum et Flumen Eminium*, a duas leguas e meia de Aveiro, ou Cacia, que era o *Oppidum maritimum* da ribeira do Vouga. Mais: Joanne Vasaeo, nos annaes *Rerum Hispaniae memorabilium*, escreve: *Erat autem Eminium, civitas et flumen ejusdem nominis, inter Conimbricam et Portugallensem Civitatem, ut ex Plinio, et clarius ex Antonino Pio constat. Aliqui opinantur, neque inepte, fuisse oppidum illud, quod nunc appellatur—Agada—situm ad flumen ejusdem nominis.*

Diz ainda o sr. Barata: No concilio de Braga, celebrado no anno 411, assistiu o bispo Gelasius Eminiensis e tambem o bispo Elipando, de Coimbra. No concilio de Toledo, em 589, subscreveu Posidonius Eminensis Eclesiae Episcopus. Logo: havia bispado no Eminio e bispado em Coimbra (Condeixa a Velha). Diz mais: Leitão Ferreira, no catalogo dos bispos de Coimbra, escreve: A antiga Eminium, sobre cujas ruinas, ou a pouca distancia d'ellas, succedeu a pequena povoação d'Agada no termo da villa d'Aveiro. Foi cidade episcopal. E em F. do Nascimento Silveira: «Muitas das quaes cidades, subjugadas pelas victoriosas cohortes de Decio Junio Bruto, e as ruinas da antiga Talabrica (Aveiro) ainda nos lembram da sua animosa ferocidade, pois vindo soccorrer aos visinhos do Eminium, hoje Agueda, experimentaram em sua cidade as iras do vencedor.» E em fr. Luiz de S. Thomaz: «A porta de Coimbra, por onde se sahia para Eminio, que é a villa d'Agueda. E, das noticias de Portugal, transcreve: Eminio está perto de Aveiro, no logar onde agora chamam Agueda. E da *Descripção do reino de Portugal*, do abalisado Duarte Nunes de Leão, copiou: «o rio Vouga se mette no mar em Aveiro, despojando do nome e das aguas ao Agueda, que antigamente se chamava Eminium, assim como tambem se chamava uma cidade por a qual elle passava, que já foi episcopal.»

E termina o consciencioso indagador: «Em 675, anno em que Wamba fez nova divisão ecclesiastica, desapparece outra vez a Sé do Eminio, ficando sujeita ao bispo de Coimbra. D'este anno por diante é que eu

supponho o successivo anniquilamento da Eminio. Privada d'aquella importancia, que lhe dava a Sé que tinha, vendo surgir uma nova cidade nas margens do Mondego, com o nome da que havia sido destruida pelos suevos em 468; pouco mais ou menos 200 annos antes da dita divisão de Wamba, a sorte da Eminio é facil de prever; definhou, até que depois de 714 a invasão arabe lhe passou por cima, não deixando alli mais do que um monte de ruinas, derruidas suas habitações até aos fundamentos, como era costume seu praticar.»

Suppomos que nada deixou a desejar sobre este assumpto o sr. Barata.

Duas palavras sobre a origem do nome d'esta terra. Aventam-se varias cousas. Nós pensamos que este nome é apenas um diminutivo de Agadão. O rio Agueda tem a sua nascente nas fontes do Alfusqueiro e do Agadão. Agadão é uma área montanhosa, que se não circumscreve precisamente a sueste de Agueda. D'ahi desce o rio. Porque não hade, pois, o Agadão ter dado um bocadinho do seu nome á sua filha predilecta? E chamamos-lhe filha, porque, senão fosse elle, Agueda, ou não existiria, ou seria alguma simples aldeia, por certo muito insignificante.

Nascidos aqui, adoramol-a como a mãe carinhosa. Como filho, queremos-lhe tanto, como na qualidade de cidadão adoramos a patria.

Fazemos votos para que um dia os poderes publicos olhem por esta perola, quasi escondida.

Abram-lhe a estrada para Tondella e ella resurgirá, melhor que outr'ora, mui digna então outra vez do seu bispo e da sua Sé.

Agueda, a terra de boa fortuna, como significa o termo grego, de que traz a origem, dizem alguns ter tido a sua fundação 370 annos antes de Christo: que no tempo dos romanos e godos fôra cidade episcopal e populosa: que Alboacem Hibem Allamar, regulo de Coimbra, em tempo dos mouros, fez d'ella conde a um christão, (D. Sisnando?) que a governava, pagando-lhe tributo: e que D. Affonso I o catholico rei de Castella e Leão, pelos annos de 740 a povoou novamente, em cujo tempo se chamava Agatha, voz latina, que em romance sôa Agueda, como ainda hoje se appellida. Onde lemos isto vimos tambem que fôra conde d'Agada um D. Arias, casado com D. Aldara, ou Ilduara, a qual foi mãe de São Rozendo, da illustre familia dos Souzas, o primeiro confessor, a quem canonisou a egreja romana, no anno do Senhor de 1195. Não existem aqui monumentos nem vestigios de tão remota antiguidade.

Continuando a dar noticia do que achamos de mais notavel e antigo em nossa terra, fallaremos d'uma bulla apostolica, que tem a irmandade do Senhor Jesus, que é tambem a do Senhor dos Passos n'esta freguezia. Esta bulla foi dada em Roma em Santa Maria Maior, debaixo do annel do pescador, no primeiro dia de julho do anno de 1628, no 5.º anno do pontificado do papa Urbano 8.º. Concede a todos os irmãos, que são, e houverem de ser, indulgencia plenaria, e remissão de todos os seus peccados, se confessados e arrependidos receberem o Santissimo Sacramento: ou aos que agasalharem os pobres; ou composerem paz entre inimigos: ou tambem se encaminhar algum errado, pelo caminho da salvação, ou ensinarem aos ingnorantes os mandamentos de Deus.» Ve-se d'esta bulla, que é ainda mais antiga a mencionada irmandade, por quanto ella começa: «Urbano, papa 8.º, *ad perpetuam rei memoriam.* Está instituida canonicamente na egreja parochial de Santa Eulalia do logar d'Agueda, bispado de Coimbra, uma piedosa confraria de fieis christãos, homens e mulheres, debaixo da invocação do Santissimo Nome de Jesus. Nós para que esta confraria *cada vez mais rebeba maiores accrescentamentos,* confiados na misericordia de Deus, e na authoridade de seus bemaventurados apostolos, S. Pedro e S. Paulo, concedemos misericordiosamente em o Senhor etc. etc.—*José Maria Velloso.*»

—

Que houve na Lusitania uma cidade denominada *Eminium* ou *Aeminium* não é licito duvidal-o em face do testimunho de Plinio e do *Itinerario* de Antonio, o Pio. Em que local demorára, porém, essa povoação,

é o que por mais de uma vez se tem discutido, e o que nós hoje tentamos illucidar por meio d'estas breves linhas.

A maioria dos nossos antiquarios inclinou-se sempre a que a antiga Eminio existira no sitio da moderna villa de Agueda, á margem do rio do mesmo nome, a uns 15 kilometros de distancia de Aveiro. Alguns divergem, porém, d'esta opinião, e querem que a successora da Eminio dos romanos seja a nossa actual Coimbra. Assim o sustentava, ha pouco menos de um anno, o sr. Augusto Soromenho, em carta escripta ao sr. Antonio Francisco Barata; carta que este ultimo publicou pela imprensa, seguida de uma contestação sua, que accusa não vulgar erudição e atilada critica.

Quanto a nós, porém, o sr. Barata podia ter respondido menos diffusa e mais peremptoriamente ao seu contendor, volvendo contra elle a auctoridade de Plinio, em que se firmava sobretudo a sua opinião. Segundo Plinio — a cidade de *Eminium* estava posta á margem de um rio do mesmo nome — *oppidum et flumen Eminium.* De sorte que, para vermos em nossa actual Coimbra a successora da antiga Eminio, forçoso é admittirmos tambem que o *Eminium* e o Mondego são um e o mesmo rio. Esta hypothese é todavia insustentavel perante o texto do mesmo Plinio. Descrevendo a Lusitania diz elle:

«Ab Minio, quem supra diximus, CCM. «passuum ut auctor at Varro, abest *Emi-«nius*... Ab Durio Tagos, CCM. passuum, in-«terveniente *Munda.*» [1]

Não ha portanto que duvidar: o *Eminium* e o *Munda* (hoje o Mondego) eram rios diversos. O primeiro, alguem o confundiu (diz ainda Plinio) com o *Limia*, ou rio do Esquecimento; com o segundo não consta. O geographo Strabão chama ao Mondego *Mulliadas*: Pomponio Mella chama-lhe *Monda*; [2] nenhum, porém, o confunde com o *Eminium*, e Plinio, como acabamos de vêr, os distingue mui positivamente. Posto isto, como havemos de suppôr que a actual Coimbra, gentilmente assentada á beira do Mondego, fosse antigamente a Eminio, que jazia nas margens de um rio differente d'aquelle?

Resta, porém, ainda um outro argumento, bebido nas paginas de um antigo codice, que corta decisivamente a questão, e annulla a opinião de Bischoff, Moller, Hubner e Saavedra, com que o sr. Soromenho argumentára, provocando as chistosas, mas assisadas observações, que se lêem a pag. 6 da carta do sr. A. F. Barata. Vejamos:

«É ponto geralmente assentado que a vetusta povoação celtica chamada *Conimbriga* ou *Conembriga* fôra em Condeixa a Velha, onde ainda subsistem os seus vestigios em alguns restos de muralhas, lapides com inscripções, etc. [1] Esta cidade foi, porém, destruida pelos barbaros, e os seus habitantes dispersos ou captivos, ficando assolada toda a região circumvisinha. [2] Depois d'isto levantou-se de novo, ou reconstruiu-se na margem direita do Mondego uma outra povoação, que se chamou *Conimbria.* Esta é a cidade conhecida nos documentos historicos posteriores, que no seculo IX se concluiu na demarcação da Galliza, cujos limites — note-se — não passavam além do Mondego, [3] e que hoje conhecemos todos com o nome de Coimbra.»

Pois bem. No meado do seculo IX, subsistia ainda, como povoação distincta da Conimbria erecta na beira do Mondego, a *Eminium* dos Romanos. Quem isto nos affirma é o Chronicon *Albeldense*, escripto até ao anno de 883, decimo-oitavo do reinado de Affonso III o *Magno*, que conquistou Eminio aos mouros, e a repovoou de christãos.

Ouçamos o referido Chronicon:

«*Conimbriam ab inimicis possessam, cre-«marit (Atphonsus) et Gallaecis postea popu-«lavit, multaque alia castra sibi subjecit*...

[1] Plin. Natur. Hist. Lib. IV cap. 21 e 22.
[2] Pomp. Mela, de situ Orbis, Lib. III cap. I

[1] Secco, Mem. Hist. Corogr. do Distr. de Coimbra, pag. 49
[2] Chronicon de Idacio, na Hesp. Sagrada, tom. 4.º
[3] Viterbo, Elucidar. vid. Galliza.

«*Urbis quoque Bracharensis, Aucensis, Eminensis, Vesensis ad que Lamecensis a Christianis populantur.*»[1]

Isto é o mais positivo possivel. Vê-se d'aqui, apesar da opinião de Hubner e do sr. Soromenho, que Coimbra não foi a successora de Eminio, mas que estas duas cidades coexistiram distinctas ao tempo das expedições e conquistas do rei de Oviedo, D. Affonso o Magno.

E a passagem que acabamos de transcrever, serve ainda para desfazer o equivoco, em que laborou o sr. Barata, suppondo que depois do anno 714 a invasão arabe passára por sobre o Eminio, não deixando alli mais que um montão de ruinas.

Pelo contrario; ella sobreviveu, como deixamos mostrado, áquella primeira invasão, e conservou-se ainda por mais dois seculos.

Tomada porém aos mouros e repovoada por Affonso III, não tardou muito que não cahisse segunda vez sob o jugo sarraceno. Seria então a sua destruição total, ou viria ainda uma terceira vez ao poder dos christaos quando Ordonho III dilatou novamente as fronteiras da Galliza até ao Mondego? Ignoramol-o. Inclinamo-nos porém a crêr, que foi o terrivel Al-Mansur, o conquistador e destruidor de Coimbra em 987, quem tambem poz termo á longa existencia da Eminio, que resurgiu sim mais tarde como a sua visinha, [2] mas com outro nome e em mais limitadas proporções.

Com effeito, no começo do seculo XI o antigo rio *Eminium* já se denominava o Agata, como se vê de um documento citado por Viterbo (vid. *Regalengo*) do qual consta que D. Gonçalo, filho do conde Mendo Luci, comprára muitos bens de raiz por aquelles sitios, tendo da mão de D. Affonso V de Leão *mandamento, regalengo et condadu in ripa d'Agata.* Do mesmo modo que a antiga cidade de Eminio tomára o nome do rio, que lhe banhava os muros, assim tambem a nova povoação, que succedeu, se ficou chamando *Agueda*, acompanhando ainda o rio na sua mudança de nome.

Cumpre, por ultimo, declarar aos que porventura o ignorarem, que esses argumentos com que acabamos de corroborar a opinião de que a actual Coimbra não corresponde á Eminio da antiga geographia da Lusitania, já foram empregados pelo nosso illustre antiquario Diogo Mendes de Vasconcellos, nos seus *Schola in quatur libros Resendii;* maravilhando-nos portanto que o sr. Barata, de quem decerto não são desconhecidos os «Escholios» porque os cita na sua carta, prescindisse d'esses argumentos, especialmente da decisiva passagem do *Albeldense*, e sobretudo désse a cidade de Eminio como destruida pelos arabes depois de 714, quando o sobredito Chronicon nol-a mostra ainda subsistindo depois do meiado do seculo IX.

Como quer que seja, o ponto de haver sido a velha Eminio povoação distincta de Coimbra, está para nós mais que muito resolvido, sem todavia nutrirmos a louca pretenção de impôr esta nossa opinião, a quem por ventura tenha boas razões para contestal-a.

D. M. Sotto Mayor.

—

Ha muito que sabiamos da existencia d'essa antiga cidade *Æminium* dos romanos; assim chamada do nome do seu rio *Æminium*, que passa por ser o rio Agueda. Aos monumentos adduzidos pelo sr. Velloso, pouco mais podemos accrescentar: mas, esse pouco que sabemos e temos lido sobre a materia, aqui o damos.

Jeronymo Soares Barbosa, a quem se não póde negar a qualidade de escriptor de apurada critica, diz, no Epitome da Historia da Antiga Lusitania, cap. 6.º pag. 165,—que no tempo de Augusto a decima legião de suas tropas, tambem chamada a legião fretense, dividida em cinco cohortes, de não menos de 600 soldados cada uma, fazia presidio na costa occidental da Lusitania, desde a foz do Douro até ao rio *Eminio*, occupando as cinco cidades maritimas então existentes; a saber: *Talabrica* (Aveiro)—*Lacobrica*

[1] Mem. de Litter. da A. R. Tom. 7, pag. 113, nota 113.

[2] Coimbra, depois de estar arruinada por espaço de 7 annos, foi alfim repovoada pelos mouros.

(a Feira) — *Calen* (Gaia do Porto) — *Eminium* (Agueda) — *Vacca* (Vouga).

O mesmo escriptor não duvida que fossem cidades pequenas, mas cercadas de muros ou fossos á maneira de castellos, como n'esses tempos se usava, para as defender das incursões dos inimigos.

A pag. 182 refere que havia então uma estrada militar muito frequentada, de Lisboa a Braga, pela beira mar, que tinha de longitude 244 milhas ou 61 leguas, marcadas da maneira seguinte: — de Lisboa a Alemquer (*Gerabrica*) 30 milhas ou 7 1|2 leguas; de Alemquer a Santarem, 32 milhas ou 8 leguas;—de Santarem a Ceice (*Celium*) 32 milhas ou 8 leguas; — de Ceice a Condeixa a Velha (*Conimbriga*) 32 milhas ou 8 leguas; —de Condeixa a Velha a *Eminio* 40 milhas ou 10 leguas; de *Eminio* a *Talabriga* (Aveiro) 10 milhas ou 2 1|2 leguas;—de *Talabrica* a *Lancobriga* (Feira) 18 milhas ou 4 1|2 leguas;—da Feira a Gaia 13 milhas ou 3 1|4 leguas;—de Gaia a Braga 35 milhas ou 8 3|4 leguas.

Finalmente, o mesmo historiador, citando Faria (Europ. Lusitan.) allude tambem á inscripção romana que foi achada em uma pedra, que para o valle de *Oscella* ou *Ossella* (de Cambra) fôra trazida das ruinas de uma povoação antiga; por onde consta que os moradores das cidades de Vouga, Ossella, Feira, Gaia e *Eminio* concorreram para as hecatombes e jogos de gladiadores, que se fizeram por morte do mesmo imperador Augusto.

Estes testemunhos tornam indubitavel a existencia da cidade de *Eminio*, em tempo que os romanos senhoriaram a Lusitania.

Faltam-nos testemunhos positivos da existencia d'esta cidade no tempo dos barbaros e da monarchia wisigothica: mas temol-os posteriores, que mostram a existencia d'ella ainda mesmo no tempo da occupação dos mouros até ás guerras de exterminio da reacção wisigothica ou monarchia das Asturias, em cujo tempo cremos que desappareceu.

Os historiadores christãos contam grandes desastres e assolações da invasão dos arabes nas Hespanhas; o que sendo natural, fica todavia muito áquem das que depois houve durante as guerras, que duraram seculos, entre mouros e christãos, e que terminaram com a total anniquilação do poder dos mouros, sendo expulsos ou reduzidos ao captiveiro os que escaparam ao ferro e ao fogo. Foi então que se queimaram campos e cidades, que muitas povoações desappareceram; não por que oppozessem tenaz resistencia e antes quizessem morrer que entregar-se ao vencedor, como Sagunto e Numancia: mas pelo modo cruel de então fazer a guerra.

O conde D. Pelayo lançou os fundamentos da monarchia das Asturias. Como não tivesse exercito capaz de se bater em campo com o dos mouros, fazia incursões ou *entradas* pelas terras occupadas por estes, matando os que podia, captivando (ou descaptivando) e levando comsigo os christãos, e queimando as povoações, que depois fazia occupar por gente sua. N'isto trabalhou emquanto viveu.

Por sua morte succedeu-lhe seu filho, D. Favilla, que reinou pouco tempo, porque foi morto por um urso, no segundo anno do seu reinado.

A este D. Favilla succedeu D. Affonso I, o *Catholico*, que era filho do duque (Pedro) de Cantabria, e genro do mesmo D. Pelayo, por ter casado com sua filha Ermisinda ou Ermisenda. Reinou 18 annos, começando no de 759, segundo parece mais certo.

Este D. Affonso I foi homem de grandes feitos, segundo os *Chronicons* do tempo. O *Abeldense* diz que elle deu muitas batalhas, tomou as cidades de *Asturica* e *Leão*, queimou os campos chamados gothicos até ao Douro, e estendeu o reino dos christãos.

O do bispo D. Sebastião é mais explicito ao nosso proposito. Diz que este monarcha fôra homem de grande valor, porque por elle fôra muitas vezes domada a audacia dos arabes; e que juntamente com seu irmão *Froylan*, dera muitas batalhas aos serracenos, tomando-lhes muitas cidades; como foram: Lugo, Tuy, *Portucalem* (Gaia do Porto), Braga, Viseu, Chaves *(Flavias)* *Agatam* (Agueda) etc.

Não sabemos se esta cidade d'*Agata* ou

Agada seria a mesma cidade de *Eminio* Póde ser que fosse a mesma: porém nós vamos achar memoria, posteriormente, da cidade de *Eminio*.

Um dos monarchas que se distinguiu nas incursões e conquistas pela Lusitania foi D. Affonso III, chamado o *Magno*. Este D. Affonso III (da monarchia das Asturias e Oviedo) filho de D. Ordonho I, principiou a governar juntamente com o dito seu pae, 4 annos antes da morte d'este, succedida na era de 904 (anno de Christo 866) e morreu no anno 910 da era christã. «O Douro e o Tejo «viram suas conquistas. Quasi não ha cida«de ou povoação notavel das nossas provincias a que ellas não chegassem; Orense, «Braga, Porto, *Eminio*, Viseu, Lamego, Coim«bra, Egitania (Idanha), Merida, por elle fo«ram não só ganhadas, mas a maior parte «povoadas...» —(diz A. C. do Amaral, na 4.ª das suas Memorias para a historia da legislação e costumes de Portugal).

Segundo o *Albeldense*, este rei tomou e queimou Coimbra e a fez depois povoar de gente da Galliza (d'além-Douro) e subjeitou ao seu poder muitos outros castellos ou cidades acastelladas, que depois fez povoar de Christãos; entre outras: as de *Braga*, *Aucence* ou *Auriense*, *Eminio*, *Viseu*, e Lamego. E accrescenta: «*Istius victoria Cauriensis, Egi«taniensis, et cœteras Lusitaniæ limites gladio et fame «consumptas, usque ad Emeritam, atque freta maris cremavit et destruxit...*»

A tomada de Coimbra, que teve logar no anno 878, deve-se ao conde Hermenegildo Gutierres, que era avô de S. Rosendo: pelo que o mesmo rei D. Affonso III o fez conde de Tuy e Portugal (povoação) e em tal qualidade assistiu á sagração da egreja de S. Thiago; como tambem *Arias* seu filho conde de *Eminio*, e *Pelagio*, conde de Bragança.

No concilio de Oviedo, que teve logar no anno de 873 (Segundo Aguirr. tom. 4.º pag. 356) ainda se encontram estes condes entre os 13 que assistiram ao mesmo Concilio; a saber: *Hermegildus Tudæ et Portugalliæ Comes, Arias filius ejus in Minio Comes.*

Depois d'isto, não achamos mais menção da cidade de *Eminio;* encontramos sómente uma referencia ao relatorio ou inventario dos bens de D. Gonçalo Viegas do anno 1017 (que dizem achar-se no cartorio da Universidade de Coimbra entre os documemtos do extincto convento de Pedroso) d'onde consta que no reinado de D. Affonso V (de Leão) fôra conde *in ripa de Agata* um *D. Mendo Luci*, que aqui tinha *regalengo et Comdadu, et mandamento*. Não sabemos, porém, se ainda a esse tempo existia a cidade de *Eminio*. É provavel que fosse destruida por esses tempos, ou pouco antes, por alguma das expedições de Almansor, que começaram durante o reinado de D. Ramiro III e continuaram e recrudesceram no de D. Bermudo II, pae e antecessor de D. Affonso V; porque aquelle caudilho sarraceno, seguindo pela beira-mar da Lusitania, na expedição que fez a S. Thiago da Galliza, levou tudo a ferro e fogo, deixando destruida quasi toda a terra dos christãos. «Devastavit qui«dem civitates, castella, omnemque terram «depopulavit, usquequo pervenit ad partes «maritimas Occidentalis Hispaniae, et Gal«letiae civitatem, in qua corpus B. Jacobi «Apostoli tumulatum est, destruxit.»—diz o *Silense*.

Não ha certeza do anno em que teve logar esta expedição: mas, sendo no reinado de D. Bermudo II, a opinião commum assigna-lhe os annos de 982 até 999, e talvez com mais certeza o anno 988. Deve tambem notar-se que já antes de Almansor, no de 965, Alcorrexi, rei de Sevilha, tinha destruido toda a terra que então se chamava Portucalle.

É isto o que, em resumo, tiramos da citada Memoria de Amaral; por onde fica incontestavel a existencia da cidade de *Eminio* ainda no tempo da monarchia das Asturias, e assignadas com probabilidade a epocha e as causas da sua destruição.

Mas seria esta antiga cidade no mesmo local que actualmente occupa a villa de Agueda?

Parece-nos que não ha provas decisivas de que fosse precisamente no mesmo local, mas pode conjecturar-se, com fundamento, que seria não longe d'elle, talvês um pouco mais para o poente.

O que nos leva a pensar assim é principalmente o itinerario Romano da estrada de Lisboa a Braga, de que já fizemos menção.

Distava de *Condeixa a Velha* a cidade de *Eminio* 40 milhas ou 10 leguas, e da antiga *Talabrica* 10 milhas ou 2 1/2 leguas, mas sendo as leguas de 4 milhas, comparadas com as actuaes, de 5 kilometros, que segundo cremos, equivalem a tres milhas romanas, vem aquellas 2 1/2 leguas de distancia entre as cidades de Eminio e Talabrica a equivaler a 3 leguas e 1/3; e as 40 milhas entre Condeixa a Velha e *Eminio* equivalem a 13 1/3 das actuaes leguas. Nada sabemos de positivo sobre qual a distancia do local em que existiu a antiga cidade de Condeixa a Velha á actual Villa d'Agueda; mas sabemos que d'esta Villa a Aveiro se contam 4 leguas; e se a antiga Talabrica existiu no local em que hoje se acha a freguezia de Cacia, ou ainda a de Esgueira (como parece mais natural) não é facil explicar como distasse d'Agueda só 3 leguas e 1/3 das actuaes, 10 milhas romanas.

Póde dizer-se que a differença de 2/3 de legua podia provir de ser mais recto do que a actual estrada, o traçado da via romana? Não é facil acredital-o, nem aqui ha vestigios de tal estrada romana directamente de Agueda para Aveiro; a qual, vindo a Águeda, teria forçosamente de atravessar o rio d'este nome em alguma parte; e é isso o que a verdade historica não consente que acreditemos.

O celebre antiquario fr. Joaquim de Santa Roza de Viterbo, á palavra *estrada Mourisca*, mostra fundado em documentos do convento de Grijó, no itinerario de Antonino, e nos seus mais famosos commentadores, que a via militar romana atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra; e, *sem passar o Eminio ou rio Agueda*, cortava o Vouga não longe de Talabrica.

Sendo assim a cidade de *Eminio* que estava no itinerario romano, devia encontrar-se forçosamente ao sul do rio Agueda e não ao norte.

De mais, nada ha que indique que seja Agueda uma povoação antiga. Não era villa nem capital de concelho (ainda que muito digna de o ser) antes de 1834, mas pertencia a diversos termos ou concelhos; não apresenta vestigios materiaes ou moraes de cathegoria de cidade, e cidade murada ou afortalezada, como eram as cidades romanas, nem sequer um nome de alguma de suas ruas ou bairros indica essa cathegoria e antiguidade romana.

Ahi temos Vouga a antiga cidade de *Vacca* dos romanos, que está no mesmo caso, mas que ainda hoje poderia oppôr argumentos plausiveis a quem lhe contestasse a identidade. Poderia oppor que sempre gozou cathegoria de Villa, e que ainda nos principios da nossa monarchia era capital de um extenso concelho que foi successivamente desmembrado, principalmente no tempo do nosso rei D. Fernando I. Poderia oppor que pelos mesmos tempos era ainda um dos Arcediagos do bispado de Coimbra. Poderia oppôr o nome de *Carvalhal da Portella* que ainda hoje tem um pequeno *burgo* que lhe fica ao nascente; por que significando a palavra *Portélla* porta pequena, mostra que houve alguma por aquelle lado nos muros da antiga cidade, de que ficou o nome de *Portêlla* ao lugar.

Poderia oppôr o nome romano de *Belli* que teve outro lugar que lhe fica proximo, a que os naturaes ainda hoje chamam Bêlhe, nome que certamente deriva de alguma batalha que alli houve, e em memoria da qual ficou ao lugar o nome de *belli*.

Poderia oppôr ainda as tradições populares, que não damos por averiguadas, mas que conspiram tambem para fazer acreditar que a moderna Vouga foi a antiga cidade romana chamada *Vacca*.

Em Agueda, porem, não ha provas nem indicios de que fosse ali a antiga Eminio.

Entre os logares proximos não conhecemos algum que tenha nome de origem romana, a não ser o pequeno logar do *Crasto* ao sul do rio Agueda, entre as freguezias de Recardães e Espinhel. Longe de nós, porém, querer affirmar que fosse alli a cidade romana; porque seria affirmar o que não sabemos. O que concluimos do que fica dito é que nos parece mais provavel que a antiga Eminio não fosse precisamente no mes-

mo local da actual villa de Agueda, mas em algum logar proximo mais ao poente, e em todo o caso ao sul do rio Agueda; o que todavia não obsta a que a moderna Agueda se julgue a successora da antiga cidade romana, como Aveiro o é da antiga *Talabrica*, posto que seja certo que não occupa precisamente o mesmo local. As transformações phisicas do globo, além d'outras causas, determinam estas migrações.

José C. de Miranda.

EMMENTA — vide Amenta, onde se explica esta palavra.

EMPAREDADA — vide Inclusa.

ENÇALDE — vide Inçalde.

ENCARNAÇÃO (freguezia da) — vide Lisboa.

ENCHA — portuguez antigo — ira, odio, raiva.

ENCHENTES — as maiores de que ha noticia, no rio Douro, desde o seculo XVI.

(Trato só das enchentes do Douro, que são sempre as mais desastrosas; mas, sabe-se muito bem, que quando ha enchentes no Douro, tambem as ha, maiores ou menores, no Tejo e nos mais rios de Portugal. Não menciono as anteriores ao seculo XVI, porque não achei um documento que mereça credito; pois os que tenho lido vem cheios de hyperboles inverosimeis. As datas em lettra maior, indicam as cheias mais notaveis.)

Enchentes

1526, 1585, 1596, 1644, **1727** (esta inundou o convento das freiras de Villa Nova de Gaia; e, de Cima do Muro chegava-se á agua), 1729, **1739**, **1774**, **1779** e 1788. Algumas d'estas fizeram subir o rio á altura de 7 metros e meio acima do nivel da maré cheia.

Em **1739** choveu quasi sem interrupção de setembro a dezembro. O rio chegou a Cima do Muro. Da egreja de Santa Marinha, de Villa Nova, e da egreja das freiras da mesma villa, foi preciso mudar o Santissimo para a capella de S. Roque. No convento, a cheia entrou pelas janellas mais altas do dormitorio.

Perderam-se nove navios. Os prejuizos foram avaliados em 15 milhões de cruzados.

No Porto, a agua chegou aos altares da capella dos Terceiros de S. Francisco.

Nas ruas e casas onde chegou o rio, ficou areia de dois metros de altura.

A de **1774** foi menor 2 metros e 222 decimetros do que a de 1739; mas levou cinco navios e causou prejuizos avaliados em 3 milhões de cruzados.

A de **1779** foi quasi egual, em volume d'agua e em prejuizos, á de 1739.

A de 1821 (janeiro) chegou a grande altura, perderam-se seis navios e causou grandes prejuizos.

A de 1823 (fevereiro) subiu mais 444 decimetros do que a de 1821, mas não foi tão desastrosa. As casas da rua dos Banhos e de Miragaia, ficaram enterradas em areia até aos primeiros andares.

A de 1855 (fevereiro) levou pela barra fóra trez navios, dos quaes se perderam dois — *Campos I* e *Carl*.

A de **1860**, a mais notavel de todas as de que ha noticia escripta, subiu um metro acima da de 1823.

Perdeu-se, o hiate *Alliança* (que se despedaçou ao N. do Castello do Queijo), o hiate *Fé* (que se despedaçou na mesma praia, a 12 kilometros ao N. da barra), o pataacho *Hedwig* e a galera *Linda Russiana*.

Causou gravissimos prejuizos e encheu o Porto de consternação.

—

Desde 1860 até hoje (1874) não têem havido enchentes dignas de nota.

ENCOURADOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 9 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administratitivo de Braga.

O reitor do convento de Santo Eldoy, de Villar de Frades *(os bons homens de Villar)* apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

ENCRÉO — portuguez antigo (ainda hoje usado na Terra da Feira e outras povoações ruraes do norte) incredulo, sceptico, descrente, etc.

ENDE — portuguez antigo, — alli.

ENDOVELICO — divindade adorada pelos antigos lusitanos.

Parece que foi importada pelos phenicios. Dizem uns que era o deus Marte; mas então não era phenicio porem grego. Outros dizem que era Cupido, e esta opinião é mais seguida.

Eu julgo que *Endo* era palavra generica e significara deus e *Velico* era o nome da divindade.

Em um sitio do Gerez, chamado Crasto, appareceu no seculo XVIII uma lapide com esta inscripção.

ENDO CASTRORUM

Vide Terena, Villa Viçosa e Alandroal.

ENFÍAS ou **INFÍAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A prelada do convento de Nossa Senhora dos Remedios, da cidade de Braga, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

ENGRACIA (Santa) — freguezia, vide Lisboa.

ENGUEIRA (e mais antigo *Engeira*) — serviço que o emphiteuta ou colono prestava ao senhorio (portuguez antigo).

ENGUÍAS — vide Inguias.

ENSEMBRA — portuguez antigo (do celta) junto, misturado, confundido, etc.

ENSALDE — vide Inçalde.

ENTRADAS — villa, Alemtejo, comarca de Ourique, até 1855, e desde então comarca de Almódovar, concelho de Castro Verde, 90 kilometros de Evora, 130 ao E. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512.

Nas inquirições reaes, feitas em 1220, dá-se o nome de *Entradas*, ás limitadas pensões que se pagavam de alguns casaes.

ENTRE AMBOS OS RIOS — freguezia, Minho, concelho de Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 170 fogos. Em 1757 tinha 121 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcebispo apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 450$000 réis.

Estiveram antigamente annexas a esta freguezia, as da Ermida, S. João de Villa Chan e S. Thiago de Villa Chan, que hoje estão (e ha muitos annos) independentes.

Suppõem alguns que esta freguezia se chamou antigamente S. Miguel d'Aurega, e que foi doada ao bispo de Tuy, pela rainha D. Thereza, em 1125.

Estou convencido de que aqui ha confusão e engano, confundindo Eja e Entre Ambos os Rios (duas freguezias da provincia do Douro, que hoje formam uma só) com a presente, de Entre Ambos os Rios, da provincia do Minho, e Aurega com Aregia. Accresce que o padroeiro de ambas as feguezias de Entre Ambos os Rios, é o archanjo S. Miguel, o que fez augmentar as duvidas e confusões. Vide Areja e Eja.

—

Foi villa. D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de outubro de 1519 (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 24, col. 2.ª Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12 n.º 19).

ENTRE AMBOS OS RIOS ou **ENTRE OS RIOS** — (por ficar entre o Douro e o Tâmega).

—

Entre os Rios, Eja, Jugueiros e Torão, são das povoações portuguezas mais desparatadamente divididas.

Só por meio de uma planta topographica exacta, se poderia entender isto. Farei porem as diligencias por ver se me faço comprehender dos leitores.

Entre os Rios está na confluente do Tamega com o Douro, sobre a margem direita do primeiro destes dois rios. (Tem 121 fogos.)

O Tamega divide aqui o concelho e comarca de Penafiel do concelho e comarca do Marco de Canavezes, ficando o de Penafiel ao O, (na margem direita) e o outro na esquerda (a E.)

Mas Entre os Rios é hoje da freguezia de Santa Clara do Torrão, que está na margem esquerda, e por consequencia de differente concelho e comarca.

Ainda outro disparate—Entre os Rios está annexa administrativamente (*mas só administrativamente*) á freguezia de S. Miguel da Eja: e vem no mappa das congruas como do concelho de Penafiel, por estar administrativamente annexa a Eja!

No mesmo caso está a aldeia de Jugueiros (distante 4 kilometros de Entre os Rios) É da comarca e concelho de Penafiel, porque está ao O ou na direita do Tamega, e da comarca e concelho do Marco de Canavezes, porque é da freguezia do Torrão, e está annexa (*só administrativamente!*) á freguezia de S. Paio da Portella, que é do concelho de Penafiel.

Segue-se d'esta inextrincavel *contradança*, que na mesma freguezia (Torrão) ha trez regedores, tres juizes eleitos e tres juntas de parochia!

É uma cousa verdadeiramente insuportavel, e debalde se teem estes povos queixado, com grande razão e justiça, contra estes absurdos e vexames.

Resultou d'esta verdadeira anomalia, que na ultima divisão territorial (que ficou em projecto) ficaram os moradores d'Entre os Rios e os do Jugueiros, esquecidos e excluidos de toda a parte!

Por causa d'estes disparates o sr. E. A. de Bettencourt, no seu *Diccionario Chorographico de Portugal*, viu-se na necessidade de partir ao meio a freguezia da Eja (que nunca foi senão uma) dizendo na segunda Eja «parte do Torrão».

Engana-se porem nos concelhos, porque a primeira secção que menciona é que é (como eu já disse) do concelho e comarca de Penafiel e a segunda do Marco de Canavezes.

E qual será o mais consciencioso investigador que seja capaz de deslindar isto, sem um perfeito conhecimento d'estas localidades?

—

É urgentissimo que o governo, de combinação com o bispo do Porto, procêda a uma divisão rasoavel (e supportavel) a favor d'estes povos, que tambem pagam tributos e são portuguezes livres, como os das outras povoações do reino.

—

ENTRE HOMEM E CÁVADO — antigo concelho, Minho, arcebispado, districto administrativo e 10 kilometros ao N. de Braga situado quasi todo em planicie; limitado a E pelo extincto concelho de Santa Martha de Bouro, a NE, pelo de Terras de Bouro, a N. pelo rio Homem, e ao S, pelo rio Cávado e a O termina em ponta aguda, na confluencia d'estes dois rios, na formosa e extensa ponte do *Bico*.

A séde d'este concelho era a villa d'Amares.

Até 1834 compunha-se das 18 freguezias seguintes:

Amares, Bésteiros, Caires, Carrazêdo, Caldellas, Dornellas, Ferreiros, Figueiredo, Fiscal, Paranhos, Portella, Perozêllo, Torre, e Sequeiros; e do couto de Rendufe, que constava das 4 freguezias de Barreiros, Bico, Lago e Rendufe.

Pertencia á comarca de Vianna do Lima, e á visita d'Entre o Homem e Cávado e do Valle de Tamel.

Em 1839, era da comarca de Braga: em 1840, da do Pico de Regalados. Tinha este concelho em 1842 1:710 fogos.

D. Affonso V deu o senhorio d'este concelho a Pedro Machado, fidalgo da sua casa, e trinchante de seu irmão, o infante D. Fernando.

Pedro Machado descendia de uma das mais nobres e illustres familias do Minho, e ascendente dos marquezes de Monte-Bello, e dos condes da Figueira. Até 1822, eram senhores donatarios d'este concelho os ditos marquezes; passando então o senhorio para os condes da Figueira, pelo casamento contra-

hido entre D. José de Castello Branco Correia e Cunha Vasconcellos e Souza, primeiro conde da Figueira, e D. Maria Amalía Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, senhora da quinta da Torre, 11.ª donataria d'Entre Homem e Cávado. (Vide Figueira.)

Tinha este concelho juiz ordinario; dois vereadores; um procurador do concelho; um escrivão da camara e almotaceria; um distribuidor, contador e inquiredor, (officios que andavam juntos) tres escrivães e tabelliães do judicial e notas, um juiz dos orphãos com seu escrivão e um ouvidor de vara branca. Todos estes officios apresentava a casa de Castro.

O mosteiro de Rendufe apresentava um juiz, para as causas civeis do seu couto; e o crime era processado no julgado d'Entre Homem e Cávado.

Tinha o concelho um capitão-mór e trez capitães d'ordenanças, cada um com a sua companhia.

Tinha feira nas primeiras quartas feiras de cada mez e uma d'anno, a 8 de maio e no domingo seguinte; outra a 29 de setembro e no domingo seguinte, todas na freguezia de Carrazêdo, no terreiro que hoje se chama «Feira Velha.»

Actualmente faz-se a feira na freguezia de Ferreiros, no logar da «Feira Nova.»

(Vide Ferreiros.)

Os concelhos d'Entre Homem e Cávado e de Santa Martha de Bouro, uniram-se em 1853, e ficaram a formar o actual concelho d'Amares, na comarca de Villa Verde, cuja capital (do concelho) é a villa d'Amares, 10 kilometros a NO de Braga, 7 a E de Villa-Verde.

Tem uns soffriveis paços do concelho, que servem de casa da camara, tribunal judicial e cadeia.

Tem uma escola, das mandadas fazer pelo benemerito conde Ferreira.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 8 d'abril de 1514. *(liv. de Foraes Novos do Minho, fl. 108, col 1.ª)* Trata-se neste foral das terras seguintes:

Caldellas, Figueiredo, Odivellas e Perozêllo.

O concelho de Entre Homem e Cávado, hoje denominado d'Amares, tem 2:800 fogos em 24 freguezias, que são:

Amares, Besteiros, Bico, Barreiros, Caires, Caldellas, Carrazêdo, Fiscal, Ferreiros, Figueiredo, Perozêllo, Portella, Paranhos, Rendufe, Sequeiros, Torre, Lago, Bouro (Santa Martha) Goães, Dornellas, Paredes Sêccas, Villela, S. Payo da Carvalheira e Bouro (Santa Maria.)

Todas no arcebispado de Braga.

ENTREGUE ou **ENTREGADO**—portuguez antigo, ainda hoje usado nas provincias do norte. Significa—inteiro, completo, sem quebras ou desconto.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do norte e leste. Estação 17.ª Extremadura, concelho de Torres Novas, entre esta villa e a da Barquinha. Chama-se mesmo *Entronzamento.* É na freguezia de S. Thiago de Torres Novas; mas, como fica muito distante da matriz, os Sacramentos são para aqui ministrados, da egreja matriz da Atalaia, que apenas fica 2 kilometros ao N. da estação.

Antes da construcção do caminho de ferro, este sitio era deserto.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do sul e sueste. Estação 5.ª, Extremadura (mas ao S. do Tejo), freguezia de Palmella, entre esta villa e a Moita. Chama-se *Pinhal Novo,* 15 kilometros ao S. da estação central do Barreiro.

ENTRONCAMENTO—do caminho de ferro do sul e sueste. Estação 12.ª, Alemtejo, *Casa Branca,* entre Monte Mór e Alcaçovas, 91 kilometros ao S. do Barreiro (estação central). *Casa Branca* é uma freguezia do concelho de Souzel, comarca da Fronteira. Vide Casa Branca.

ENTRUVISCADA ou **TROVISCADA**—direito dominical muito frequente nos principios da monarchia. Por elle era o emphiteuta ou colono não só obrigado a apromptar o trovisco que se lançava no rio (modo mais usual de pescar n'aquelles tempos) mas concorrer para a *merenda* do senhorio e comitiva, uma vez por anno. Ainda mesmo que o senhorio não fosse n'aquelle anno pescar, exigia a *entroviscada.* O que é notavel é que,

apesar de D. Manuel I e seus antecessores prohibirem a pesca com *trovisco;* no foral que elle deu á terra de S. Fins de Paiva (hoje de Sinfães) em 1513, enuméra uma grande porção de *gallinhas, da entruviscada,* que os povos deviam pagar aqui ao senhor da terra, que não hindo já pescar ao Paiva nem ao Douro, barbos e bogas, pescava dos pobres caseiros bellas gallinhas.

No foral de uma aldeia do concelho de Villa Pouca d'Aguiar, junto ao Tâmega, que era muito antigo (o foral) se determinava que «quando o *rico-homem* fôr fazer no rio *troviscada,* os emphiteutas lhe dêem uma merenda de *porrêtas com vinagre,* sem mais outro fôro.» (*Porrêtas* é o a que hoje se chama *alho pôrro.*—Vide *Elucidario* de Viterbo. —Tambem se chamavam *porrêtas* aos guizados de asselgas). Quasi todos os casaes proximos dos rios piscosos, pagavam este fôro, ou *direitura,* como então se dizia.

No extincto concelho de S. Fins do Paiva, ainda ha um logar chamado *Entroviscada.*

ENVENDOS—villa, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 90 kilometros do Crato, 180 a SE. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 328 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra muito fertil.

É do grão-priorado do Crato, uma das 12 villas que lhe pertenciam.

O grão-prior apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Não consta que tivesse foral antigo ou moderno; mas D. Manuel, dando foral á villa de Belvêr, datado de Lisboa, a 18 de maio de 1518, inclue n'ella as terras seguintes: Bicheira, Carvoeiro, Costa de Sôr, Envendos, Foz da Ribeira d'Eiras e Polvorosa.

ENXARA DO BISPO e **ENXARA DOS CAVALLEIROS**—freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 30 kilometros ao NE. de Lisboa, 490 fogos, 1:800 almas. Em 1757 tinha 271 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

D. Manuel deu foral (á villa de Enxara de Cavalleiros) em Evora, a 20 de novembro de 1519.

Enxara é portuguez antigo; vem a ser o mesmo que *matagal, matta, deserto, despovoado* e *sem cultura,* ao que hoje chamamos *charneca.*

Tendo Jean Gorgeon, cavalleiro francez, roubado uma senhora casada, fugiu com ella para Portugal, no reinado de D. Pedro I. O marido veio procurar o roubador, e encontrando-o junto a um ribeiro que aqui corre (no sitio onde uma lagem atravessa o ribeiro) pelejaram até cahirem ambos mortalmente feridos.

É descendente d'este Gorgeon, o sr. Francisco Raphael Gorjão, actual dono da quinta da Abrigada. (Vide esta palavra.)

O real padroado apresentava o vigario de Enxara do Bispo, que tinha 300$000 réis de rendimento; mas até 1759 era esta freguezia do collegio dos jesuitas de Santo Antão de Lisboa.

Enxara dos Cavalleiros, foi antigamente freguezia, que ha muitos annos está annexa á outra Enxara.

ENXIDO, EXIDO, EIXIDO, EXUDO, INXUDIO e **ENXUDRIO**—e tambem em algumas partes *Eido* e *Exito.* Portuguez antigo. Significa, fazendinha cerrada, quintalzinho, hortejo ou conchoso, proximo da casa do dono.

Vem do latim—*exeo*—sahir—por ser ao sahir da porta.

Na provincia do Minho, ao N. da Beira e proximo do Douro, diz-se, *eido,* de todo o aposento de casas, hortas, quintaes e todo o recinto da vivenda, que está unido e conjunto.

Tambem em algumas terras do Norte a isto dão o nome de *aido.*

Na terra da Feira chamam *aido* ao curral dos bois, bestas, porcos, ovelhas, etc.

De *enxido* ou *enxudrio* vem *enxudreiro,* pocilga onde os porcos se chafurdam, *chafurdeiro.* (Vide Almeida.)

EPOCAS PRINCIPAES DO MUNDO:

(Anno antes de Jesus Christo)

Creação do mundo..... 4004

Diluvio (anno do mundo 1656) 2348
Troia arrasada pelos gregos..... 1183
Construcção do templo de Salomão... 1012
Fundação de Roma 753
Descoberta da electricidade..... 600
Destruição de Carthago pelos romanos 146
Era de Cesar..... 38

(Anno do nascimento de Jesus Christo)

Destruição de Jerusalem, por Tito.... 70
Fugida de Mahomet (hegyra)..... 622
Descoberta da typographia..... 1450
Descoberta da America [1] 1492
Descoberta do gaz..... 1739
Descoberta do vapor [2]..... 1775
Independencia dos Estados Unidos da America 1776
Descoberta do danguerreotypo..... 1842
Principio da abertura do isthmo de Suez, pelo engenheiro francez Fernando Lesseps 1859
Descoberta das armas de agulha..... 1865
Inauguração da abertura do isthmo de Suez. Festa universal (setembro)... 1869

Epocas memoraveis de Portugal

(Annos antes de Jesus Christo)

Fundação de *Cetobriga*, por Tubal (segundo alguns escriptores) ..... 2164?
Invasão da Lusitania pelos gregos ... 1372
Os gallos-celtas na Lusitania..... 995
Os phenicios no litoral lusitano..... 954
Colonias carthaginezas..... 592
Primeira invasão dos romanos..... 212
Viriato, o *Herminio*, ou *antigo*..... 154
Sertorio..... 84
Viriato, *moderno* ou *segundo* (vide Eburobriga)..... 58
Os romanos dominadores da Lusitania 51

[1] É mais provavel que fosse em 1486. Vide Cascaes.

[2] O primeiro barco de vapor que se viu no mundo, foi no rio Hudson (New-York) fazendo a sua primeira viagem a 20 de agosto de 1807. Foi seu inventor e constructor Fulton. A sua primeira viagem foi de New-York a Albany, 60 leguas. Foi feliz. Na Europa principiaram a apparecer barcos a vapor, em 1816.

(Annos de Jesus Christo)

Primeira prégação do Evangelho .... 36?
Invasão dos suevos, wandalos, alanos, godos, etc 405
Ataces (alano) rei dos lusitanos?..... 414
Primeira invasão dos gascões e normandos, e Wamba rei da Lusitania. 672
Invasão e conquista da Lusitania pelos arabes 715
A Lusitania principia a chamar-se Portugal ..... 950?
D. Garcia, rei de Portugal e Galliza.. 1065
O conde D. Henrique senhor de Portugal..... 1093
Constitue-se a monarchia portugueza. 1139
Lisboa é, pela ultima vez, resgatada do poder dos arabes..... 1147
Primeira victoria naval dos portuguezes, por D. Fuas Roupinho..... 1184
Completa expulsão dos arabes..... 1250
Fundação da Universidade de Lisboa 1288
Morte de D. Ignez de Castro..... 1355
Batalha d'Aljubarrota 1385
Deixa de contar-se pela *era de Cesar*, e conta-se pelo nascimento de Jesus Christo (1.º de agosto) [1]..... 1422
D. Vasco da Gama, na India..... 1498
Pedro Alvares Cabral, descobre o Brasil..... 1500
Fundação da Universidade d'Evora .. 1559
Derrota (e morte?) de D. Sebastião na Africa..... 1579
Usurpação de Philippe II 1580
Restauração de Portugal..... 1640
Principia a construcção do magestoso aqueducto das Aguas Livres 1729
Suppressão da Universidade d'Evora.. 1759

[1] Julio Cesar nasceu a 12 do mez *quintil* (assim chamado por espaço de 700 annos) o qual em honra d'aquelle imperador, se ficou chamando *julho*. É desde esse dia que começa a *era de Cesar*, segundo a reforma feita por elle mesmo no kalendario romano. Cesar nasceu 38 annos antes de Jesus Christo. O anno catholico começa no 1.º de julho, pelo que se deve advertir (para acertar as contas das datas antigas e modernas) que a era de Cesar é mais antiga do que a de Jesus Christo, 38 annos menos 11 dias, que são os que vão de 1 a 12 de julho.

Morte do marquez de Pombal..... 1782
Primeira invasão franceza por Junot, e fuga da familia real portugueza para o Brasil..... 1807
Os francezes definitivamente expulsos de Portugal..... 1812
Portugal revolta-se contra o dominio inglez e acclama a constituição (24 de agosto)..... 1820
O senhor D. Miguel I desembarca no caes de Belem (22 de fevereiro).... 1828
O senhor D. Pedro I desembarca em Arenosa de Pampelido (8 de julho). 1832
Convenção d'Evora Monte (27 de maio) 1834
Inauguração dos caminhos de ferro portuguezes 1853
Inauguração do telegrapho electrico (16 de setembro)..... 1855

ERA—tendo eu tantas vezes fallado n'esta obra da era de Cesar, julgo ser preciso fazer a seguinte explicação:

Os primeiros latinos escreveram *æra*, *era* e *ira*, para significarem distincção de escriptura, como vgr. capitulo, n.º, §, idem, etc.

Os astronomos usaram de era, como nota ou principio de numero, calculo, etc., e d'aqui se apropriou esta palavra ao computo dos successos famosos e illustres (ou como taes reputados.) N'este sentido são synonimos *epoca* e *era*.

A *era hispanica* (de Cesar) precede 38 annos menos 11 dias o anno do nascimento de Jesus Christo.

Julio Cesar nasceu a 12 do mez *quintil* (assim chamado por espaço de 700 annos) o qual, em honra d'aquelle imperador se ficou chamando *julio* (julho.) É pois d'esse dia que começa a *era de Cesar*, segundo a reforma feita por elle mesmo no kalendario romano.

O anno catholico principia no 1.º de julho do anno 38 de Cesar, vindo portanto a haver a differença de 11 dias, que são os que vão do 1.º a 12.

Segundo a chronologia tida por mais exacta, Jesus Christo nasceu no anno 4004 do mundo (e é segundo este *calculo* que conto todas as épocas n'esta obra) mas, segundo outros auctores, Jesus Christo nasceu no anno 4709 do *periodo juliano*, 5 annos justos antes da *era vulgar*, estabelecida por Dionizio, *o Pequeno*, no anno 4714 do *periodo juliano*; de sorte que 1795 da *era vulgar*, são exactamente 1790 de Jesus Christo.

Quatro annos justos, depois que Cesar foi assassinado no senado (anno 4671 do *periodo Juliano*, 711 da fundação de Roma e 38 antes de Jesus Christo) é que começa a *era hespanhola*.

Ainda durante a denominação arabe se continuou a contar na Peninsula pela *era de Cesar*; mas então, quando nas escripturas publicas figurava algum mouro, eram ellas ordinariamente datadas pelos annos da *heegira* (que, segundo a opinião mais seguida—pois tambem ha varias—como sobre o nascimento de Jesus Christo, principia a 15 de julho de 622 de Jesus Christo) e tambem muitas por ambas, isto é, pela de Cesar e pela hegira. Assim se vê em uma escriptura em que o mouro *Zuleiman-Iben-Giarah-Aciki*, vendeu ao abbade Dulcidio e seus fraades (de Lorvão) uma grande fazenda em Villella, proximo a Coimbra, em maio de 1016 (978 de Jesus Christo e 356 da hegira.) Vide IBotão.

Muitos d'estes exemplos nos offereccem as nossas *Chronicas*.

Os irlandezes, inglezes, allemães, italianos, chipriotas e outros, começaram o anno de Jesus Christo desde a sua *circumcissão* (1.º de janeiro) mas os hespanhoes tiverram diversos modos de contar o *anno christão*. Uns começavam no 1.º de janeiro, pelo que lhe chamavam *anno da circumcisão*, outros a 25 de dezembro, e lhe chamavam então *anno da graça*, outros a 25 de março e lhe chamavam *anno da paixão*, e em outras partes d'esta peninsula principiavam a contar de um qualquer dia notavel nos fastos do christianismo.

De uma escriptura original do convento de Arouca consta que alli se principiava a contar o anno a 25 de março. (Vide Moldes.)

—

Uma vez que tive de fallar na hegira, será bom advertir, aos que o ignorarem, que *Egira* ou *Hegira*, vem da palavra arabe *hajara*, que significa *deixar*, *desamparar*, *fugir*.

Os mahometanos contam a hegira desde o dia da fugida de Mafoma, da cidade de Medina (sua patria) para a de Mecca, perseguido pelos corachitas, seus parentes.

ERADA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 54 kilometros da Guarda, 300 ao E de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior do Paúl apresentava o cura, que que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

ERALDO ou **HERALDO**—Antigamente era um official de guerra, que compunha e ordenava as armas da nobreza (brazões) genealogias e *provanças* dos nobres. Depois mudou-se-lhe o nome para rei-d'-armas. Vide *Heraldo*.

EREIRA — Vide Eireira.

ERICEIRA — villa, Extremadura, comarca e 18 kilometros ao N. de Cintra, 50 ao NO. de Lisboa, 870 fogos, 3:500 habitantes (quasi todos pescadores) concelho de Mafra.

Em 1757 tinha 353 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está em 39.° 1' de latitude N. e 57' de longitude occidental.

Feira a 25 de julho, 3 dias.

Situada sobre um pequeno golfo, na costa do Atlantico, a 9 kilometros a O. de Mafra 40 ao S. de Peniche.

O seu nome provem-lhe de muitos ouriços do mar que ha na sua costa, aos quaes antigamente se chamava eyriço. Até as suas armas são um ouriço do mar, em campo de prata.

Mas no chafariz que fica ao S. da villa, e que foi construido no meiado do XV seculo, reconstruido em 1828, estão como armas da villa — um caranguejo em campo branco. (Talvez fosse ignorancia do canteiro fazendo um caranguejo em logar de um ouriço.)

Outros dizem que antigamente se dava o nome de eyriço ao carangueijo. Não me parece provavel.

Foi senhor d'esta villa, D. Antonio I, prior do Crato; porque o rei D. Manuel a tinha dado em 1513 a seu filho, o infante D. Luiz, e este a deu a seu filho natural, o dito D. Antonio.

—

D. fr. Fernão Rodrigues Monteiro, grão-mestre da Ordem d'Aviz, lhe deu foral em 1229, que D. Diniz confirmou em 1295, D. Manuel I lhe deu foral novo em Lisboa a 31 d'agosto de 1513. Tem ainda uma sentença do seu foral, de 10 de novembro de 1536.

O sr. J. de Vilhena Barbasa diz que D. Affonso IV lhe deu tambem foral em 1369; mas Franklim não falla n'este foral. Talvez que o sr. Villena Barbosa tenha razão; porque Franklim deixou escapar muitos foraes.

—

Foi praça d'armas maritima e tem um forte, hoje desguarnecido.

Este forte foi mandado construir por D. Pedro II, pelos annos de 1700. Está bem conservado.

A qui desembarcou, em 1589. D. Antonio I, com parte das tropas inglezas que lhe deu a rainha Isabel (desembarcando o resto em Peniche) para arrancar das garras do matreiro Philippe II o reino de Portugal, que este havia usurpado. Tendo porem D. Antonio feito um vergonhoso tratado com aquella rainha, pelo qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza, o povo (que sabia isto) não se moveu a favor d'este principe infeliz, que teve de abandonar a empreza, reembarcando em Cascaes, e não tornando a tentar fortuna, para recuperar a coroa.

—

Ainda que a Ericeira seja, como é, uma povoação muito antiga, não ha noticia da sua origem, nem tem vestigio algum d'antiguidades.

Posto que esta villa seja pequena, é muito aceiada, as ruas são muito bem calçadas, as casas muito bem caiadas e interiormente muito limpas.

É muito farta de generos alimenticios, optima fructa, excellente e muito peixe, e tudo barato. A agua é que não é lá muito boa, e a gente riea d'aqui, a manda buscar á Tapáda de Mafra (a 100 réis cada cantaro)

por ser a melhor d'estes sitios e superior á melhor de Cintra.

—

Tendo Philippe II sequestrado todos os bens de D. Antonio, passaram estes para a coroa; mas o usurpador, deu logo a Ericeira a Luiz Alvares d'Azevedo, de juro e herdade. Por morte d'este, veio a villa a pertencer a uma sua filha, religiosa do convento d'Odivellas, e a abbadeça vendeu este senhorio e a quinta e morgado de Mafra a D. Diogo de Menezes, por 8:000 crusados, com todas as suas rendas, direitos de peixe, etc.

Philippe IV fez D. Diogo, I conde da Ericeira, no primeiro de março de 1622.

—

Ainda n'esta villa existem as ruinas do palacio dos seus condes. (Julga-se ser obra do 3.º conde (D. Luiz) Nunca chegou a concluir-se.) Os condes da Ericeira lavaram bem a nódoa de acceitarem um titulo do usurpador, com os relevantes serviços que prestaram á sua patria nos reinados de D. João IV D. Affonso VI e D. Pedro II. O conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, foi um escriptor profundo e elegante e que grandes serviços prestou á sua patria com as suas estimadas e estimaveis publicações.

Os condes da Ericeira descendiam dos condes de Catanhede. Ambas estas casas estão hoje extinctas. D. Diogo, I conde d'aqui era mordomo-mór de Phillippe IV. Teve 4 irmãos, mortos ao lado de D. Sebastião, na desgraçada batalha d'Alcacerquibir. Casou com D. Isabel de Castro, filha d'Alvaro Pires d'Andrade, commendador de Torres Vedras.

O conde da Ericeira, tão conhecido na republica das letras, foi o terceiro deste titulo e era o seu nome D. Luiz de Menezes, general d'artilheria e veador de D. Pedro II. Dirigiu os negocios publicos com grande sabedoria e integridade, promovendo o desenvolvimento da industria e das artes, pelo que foi chamado o *Colbert* portuguez. É obra sua a historia de *Portugal Restaurado*, que descreve a guerra dos 27 annos (desde 1640 a 1668.) Escreveu mais diversas obras, muito estimadas no seu tempo.

Tinha o seu palacio (onde havia uma livraria preciosa de 18:000 volumes e manuscriptos d'immenso valor; mil collecções!!) na rua dos Condes. Suicidou-se atirando-se de uma janella d'este palacio ao jardim. O palacio, a rica bibliotheca e tudo quanto estava dentro foi devorado pelo fogo, com o terramoto de 1755. Sobre as suas ruinas está edificado o velho theatro chamado dos Condes.

Era este palacio, uma das mais sumptuosas residencias de Lisboa. Foi edificado por Fernando Alvares de Andrade, em 1533.

O paço, officinas e cavallariças, occupavam todo o espaço que medeia entre a actual Rua dos Condes e o largo da Annunciada.

Distinguiu-se esta familia, em todos os tempos, pelo seu fausto e bom gosto; o que ainda hoje attestam os seus palacios, ainda que todos arruinados, e pela magnificencia passada de que dão testemunho as quintas que lhes são contiguas, etc.

Este palacio denominado da Annunciada tinha uma magnifica entrada, com grutas e fontes, e um jardim, no qual se admirava uma cascata, obra prima do celebre esculptor romano *Bernini*, e que constava não ter rival em toda a Peninsula.

Continha este palacio 120 casas, 10 pateos, jardins e hortas um museu com mais de 200 quadros, entre os quaes havia alguns de Ticiano, Corregio e Rubens. cartas hydraulicas, levantadas pelos primeiros descobridores das nossas conquistas.

A *Historia do Imperador Carlos V*, escripta por elle mesmo, era uma das obras notaveis que enriqueciam a livraria d'este palacio, assim como um livro (*Herbolarïo*) de todas as plantas e hervas, coloridas ao natural, que foi de Mathias Corvino, rei da Hungria.

Para a familia e armas dos Menezes, vide Cantanhêde.

—

A Ericeira assenta sobre uma elevada rocha, cortada á prumo, e minada na base pelas ondas, dominando um pequeno porto e uma extensão do Oceano.

Este porto é formado por um recomcavo quasi circular, todo guarnecido de rochedos, que vão diminuindo em grandeza até

deixar aberta uma estreita garganta, por onde entra o mar e as embarcações n'esta pequena bahia.

A estreiteza da barra (só accessivel a embarcações costeiras de pequeno lote) e a força com que aqui rebentam as vagas, tornam a entrada difficil.

Da villa desce uma calçada para o porto, sustentada do lado do mar por uma grossa muralha. O porto é frequentado por uns 100 barcos de pesca e de cabotagem, que são os principaes ramos d'industria em que se empregam quasi todos os habitantes da villa. É por isto abundante de peixe de varias qualidades, que exporta, fazendo grande commercio com o interior.

—

Os pescadores da Ericeira são ousados. Não se limitam a pescar ao longo da costa da Extremadura, vão tambem pescar ás costas de Marrocos e até modernamente teem feito varias expedições aos bancos da Terra Nova.

—

É notavel esta villa pelo extremo aceio das suas ruas e casas, que, sem excepção resplandecem d'alvura.

No chafariz chamado *Fonte do Cabo* está uma lapide embutida na parede, com uma inscripção que diz — *Feita na era de 1457, annos*.

A pouca distancia da villa ha uma *mina de kaolim*, que se tem explorado para as fabricas das Janellas Verdes, em Lisboa, e da Vista Alegre, a 9 kilometros ao SO. de Aveiro.

E' aqui o *pinhal dos frades*, assim chamado por ter sido do convento de Mafra.

A mitra apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

Tem uma unica parochia, da invocação de S. Pedro, muito antiga, mas que foi reedificada no seculo passado (pelos annos de 1740) concorrendo D. João V com uma avultada esmóla para esta obra.

Consta que antigamente a Ericeira era da freguezia de Mafra; mas em 1406 já era freguezia independente.

—

A Misericordia foi fundada em 1678 (onde já havia uma ermida do Espirito Santo) por Francisco Lopes Franco. Tem bons rendimentos.

—

Ha na villa varias capellas e boas casas. Na estação dos banhos de mar passa-se aqui optima e commodamente.

Os arrabaldes da villa são muito aridos e desprovidos d'arvoredo (como todos os terrenos da Extremadura, proximo da costa, e apenas aqui se cultivam cereaes e batatas.

—

Em 2 de abril de 1872 deu aqui á costa uma monstruosa baleia morta.

E' uma excellente praia de banhos, hoje muito em moda e muito concorrida por gente de Lisboa e outras terras, durante o verão.

O seu porto tem dois pharolins.

O tronco da familia dos condes da Ericeira foi D. Fernando de Menezes, o *Roxo*, pae de Henrique de Menezes, illustre vice-rei da India. Da edade de 27 annos succedeu no vice reinado ao immortal D. Vasco da Gama, e foi um dos mais bravos governadores da Asia portugueza. Morreu em Cananor, em 1526, contando apenas 30 annos de edade. Camões o immortalisou, no canto X dos *Lusiadas*.

ERIÚDO — levantado, erguido, posto a prumo. — «*por padrões certos que hi forom postos e eriudos.*» (Carta de D. Diniz, pela qual dá ao mosteiro de Tarouca a villa de Sande e outros bens pela terça parte da villa d'Aveiro, que até então era do dito mosteiro — 1306.) É portuguez antigo.

ERÍVO — Vide Irívo.

ERJAS — Vide Elgas.

ERMEEIDEVORO ou **ERMES** — era um deus adorado pelos aquiflavienses (antigos habitadores de Chaves.)

Vide Outeiro-Juzão.

ERMÊLLO ou **HERMELLO** — Traz-os-Montes, comarca e julgado de Villa Pouca de Aguiar, concelho de Mondim de Basto, 18 kilometros de Villa Real; situada na falda do Marão, 60 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi povoada por D. Sancho I, em 1195, e lhe deu foral em abril de 1196, confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em março de 1218.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, em 3 de junho de 1514.

Era couto, até 1834, com 1:100 fogos, no couto, e tinha por seus donatarios os marquezes de Marialva. Este couto era composto de quatro freguezias.

O marquez de Marialva apresentava o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento annual.

Tem uma boa mina de estanho, que se explora.

E' terra fertil. Muito gado e bom vinho.

Ermêllo é diminutivo de *êrmo* — o mesmo que *erminho, pequeno êrmo.*

Tambem ha o nome proprio francez *Ermel.* No *Passo de Calais* (França) ha a fortaleza chamada *Rocha de Santo Ermel.*

Ha ainda em França algumas egrejas e logares d'esta invocação.

ERMÊLLO—Vide Ancêde.

ERMELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Pedro, do Valle, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

A egreja matriz e suas dependencias era um antigo convento de benedictinos, que consta ter sido fundado pela infanta D. Urraca, filha de D. Ordonho II, de Leão, pelos annos de 915.

D. Urraca, não querendo casar, se fez religiosa, para o que o pae lhe concedeu fundar um convento, promettendo dar-lhe todas as terras que d'elle avistasse. A filha escolheu o sitio elevado do Outeiro Maior; e, vindo o pae para lançar a primeira pedra do mosteiro, e vendo que o territorio que d'aqui se avistava era uma grande parte de Portugal e Galliza, revogou a promessa.

Veio então a infanta para Santar, e fundou o convento n'esta baixa, d'onde pouco se descobre; mas é um terreno fertil e saudavel, sendo aqui as fructas excellentes e muito temporans.

Não se sabe se na sua fundação foi só mosteiro de freiras bentas, se era *duplex* (dobrado) isto é, de ambos os sexos; mas é muito provavel que tivesse frades e freiras, como era uso n'aquelles tempos. O que é certo, é que, em 1109 era só de frades; pois que visitando este convento Gonçalo Annes, geral da ordem, mandou ao abbade, fr. Martim Vaz, que tirasse da egreja um retrato que alli havia, a quem o povo recorria nas suas tribulações e lhe fazia varias offertas, julgando que era a imagem de S. Bento, quando não era mais do que a do mestre das obras da egreja.

Tinha este retabulo a data da era de Cesar 666, que corresponde ao anno 628 de Christo.

Ha aqui um grande anachronismo, na *Benedictina Lusitana.* Ou a data do painel foi copiada erradamente (o que é mais provavel) ou a egreja já existia havia quasi 300 annos antes da fundação do mosteiro. Todos sabem que D Ordonho II de Leão, reinou desde 910 até 923.

Em 628, era rei de Leão Flavio Swintila, filho de Flavio Ricaredo I. Flavio Swintila reinou desde 621 até 631 e foi o 1.º rei godo de toda a Peninsula.

Os povos (com ajuda do rei de França, Dagoberto) o expulsaram do throno, pelos seus ascorosos vicios, e foi morrer na Galliza, em 641, abandonado e despresado de todos.

Succedeu-lhe Sesinando.

Devemos pois suppôr que foi mal entendida ou erradamente copiada a data do tal retrato.

Em 1427, o arcebispo de Braga, D. Fer-

nando da Guerra, por breve de Martinho V, supprimiu este e outros muitos conventos do seu vasto arcebispado, uns pela sua pobreza, outros pela sua relaxação e a maior parte, para d'elles formar rendosas commendas, e boas abbadias seculares. O d'Erméllo teve esta ultima sorte.

D. João I, que então reinava, consentiu n'estas suppressões, combinando com o arcebispo, em ter parte dos despojos dos mosteiros supprimidos; dando o que recebeu, em premio de serviços, aos fidalgos que o elevaram e sustentaram no throno, ou sob o titulo de *padroeiros das egrejas*, ou de *commendatarios*.

Ou porque o donatario d'Erméllo assim o decidisse, ou por qualquer outro motivo, hoje desconhecido, ainda aqui tornou a haver convento de monges benedictinos, pois que em 1515, se fez divisão d'este beneficio, estando então o mosteiro occupado pelos religiosos d'esta ordem.

Um grande incendio devorou o cartorio, e sobre duvidas que tiveram os monges com os fidalgos da casa de Britéllo, estes afogaram um frade, e os mais, temendo a mesma sorte, abandonaram o convento, que tinha boas rendas.

Este mosteiro apresentava as egrejas de Suajo, Britéllo e metade da Vella, que era annexa a Britéllo.

Tinha tambem muitos *fóros sabidos*, a cujo pagamento se foram pouco a pouco eximindo as foreiros, vindo por fim a reduzir-se a bem poucas estas rendas.

Nunca mais foi este mosteiro habitado, e se foi desmantellando, a ponto de existirem d'elle hoje apenas tenues vestigios.

Tinham tambem os frades um *caneiro*, no rio, em que pescavam salmões, lampreias e outros peixes. É actualmente da casa de Britéllo.

D. Manuel diminuiu este mosteiro, annexando-o ao Valle: tirou-lhe o padroado de Suajo, e deu Britéllo aos senhores da Barca.

Houve aqui fabricas de excellente têlha.

Para a etymologia, vide o primeiro Erméllo.

ERMIDA (DE PANOYAS)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 83 kilometros a NE. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Houve aqui um convento de eremitães, em frente do Lobrigos, que em 1135 adoptou a regra de S. Bento. Foi principiado pelo padre *Jeremias* e por *Gonçalo Delgado*, dando-lhe um tal *Mendo* e seus filhos e parentes, para isso, a sua capella de *Santa Comba*, sobre a esquerda do rio *Córrago* (Córgo) em 1133.

Era convento pobre, pois pouco mais tinha do que o terreno em redor d'elle, que D. Affonso Henriques lhe coutou e doou em 24 de abril de 1139.

Na doação do couto diz o principe: «*et «inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum palacium franciscum... usque in pelago Godim*, etc. (Vide Francisco.)

Parece que esteve algum tempo unido a S. João, de Tarouca; mas em 1275 já aqui havia frades bentos independentes de Tarouca. Por fim, (parece que no principio do seculo XIV) se uniu ao convento de Refoyos de Basto.

Esta freguezia é na *terra de Panoyas* (Vide Cira.)

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 90$000 réis.

É terra fertil. Produz bom vinho.

ERMIDA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros do Crato, 190 a SE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Era uma das freguezias do grão-priorado do Crato, e por isso está hoje annexa ao patriarchado. E' no districto administrativo de Castello Branco. E' terra fertil.

Não vem esta freguezia no *Portugal Sacro e Profano*.

ERMIDA—pequena villa, Douro, na freguezia de Ilhavo, 7 kilometros ao S. de Aveiro, 45 ao NO. de Coimbra, 60 ao S. do Porto, 252 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Feira a 13 de cada mez.

Era couto com juiz ordinario e seu escrivão, dois vereadores e um meirinho.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de junho de 1514.

E' terra bonita e fertil, e proximo da ria d'Aveiro. Muito abundante de peixe.

ERMIDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes; está hoje annexa á freguezia de Valle de Janeiro, na mesma comarca e concelho, no bispado e districto administrativo de Bragança. (Vide *Valle de Janeiro.*)

ERMIDA — freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez. Foi antigamente do concelho de Aboim da Nóbrega, comarca de Pico de Regalados, 40 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Miguel d'Entre Ambos os Rios (do Minho) apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

ERMIDA DO DOURO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, proximo da esquerda do Douro, 30 kilometros a O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia está annexa á de S. Miguel d'Oliveira do Douro.

É terra muito fertil. Produz optimo vinho verde.

Foi primeiro da comarca de Lamego, concelho de Ferreiros de Tendaes; depois passou este concelho para a comarca de Rezende, e, finalmente, sendo dissolvido em 1855, é hoje da comarca e concelho de Sinfães.

O papa e o conde-almirante de Portugal (conde de Rézende) apresentavam (por turno) o abbade, que tinha de rendimento 450$000 réis. O titulo d'abbadia passou para a freguezia de Oliveira do Douro.

Do foral novo de Ferreiros de Tendaes consta que a egreja da Ermida foi convento (de frades bentos) em tempos remotos. (Vide *Ferreiros de Tendaes.*)

ERMIDA DO PAIVA — villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 355 kilometros ao O. de Lamego, 325 ao NN. de Lisboa, 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil.

Foi couto com juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de julho de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira*, fl. 97 v. col. 2.ª) Veja-se a inquirição para este foral no masso unico de Inquirições, no armario 17, n.º 18.)

ERMÍNIO — Vide Herminio.

ERO — (portuguez antigo) campo, herdade ou qualquer propriedade dividida por marcos. Leira.

ÉRRA ou **VILLA NOVA DA ÉRRA** — villa, Extremadura, comarca de Benavente, concelho e 6 kilometros a O. de Coruche, 95 kilometros ao SE. de Lisboa, 24 ao O. de Móra, 35 ao SE. de Santarem, 150 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em alto, banhada, pelo O., por uma ribeira do seu nome, e pelo S. pela ribeira *Sorraya.*

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 10 de julho de 1514.

Tem vastos e fertilissimos campos.

Teve um convento de frades terceiros franciscanos, que se fundou em 1582, com esmolas do povo e grandes donativos do conde da Atalaya (marquez de Tancos), que apresentava o prior collado, que tinha de rendimento 600$000 réis. Houve tambem a aqui o curato de Santa Justa, apresentado pelo o prior da villa, que se uniu á freguezia.

Dá-se-lhe geralmente a denominação de *Villa Nova da Érra.*

ERVAS TENRAS ou **HERVAS TEENRAS** — freguezia, Beira Baixa, comarca de e Celorico da Beira, concelho de Alverca até é 1855; e desde então comarca e concelho de Pi-

nhel; 70 kilometros ao SE. de Viseu, 330 ao E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Santo André, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis.

ERVEDAL—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 45 kilometros ao N. de Evora, 142 ao SE. de Lisboa, 160 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Barnabé.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil, situada proximo do pequeno rio do seu nome, que se mette no *Zetas*.

Miguel Leitão de Andrade diz que ha aqui uma fonte que converte em pedra tudo quanto se lhe lance dentro. (?)

Foi couto com juiz ordinario e camara.

(Todas as povoações com este nome e com o de *Ervedêdo*, *Ervedeira*, *Ervedosa*, *Ervidel* e *Ervões* tem a mesma etymologia—significa «logar abundante de herva».

O seu foral é o de Aviz, dado por D. Manuel, em Santarem, no 1.º de janeiro de 1512. Comprehende o foral as terras seguintes — *Benavilla*, *Ervedal*, *Galveias*, *Granja* e *Valle de Mós*. (Vide Aviz.)

A mesa da consciencia apresentava o prior (por ser a freguezia commenda da ordem de Aviz) e tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. O parocho era freire da referida ordem.

ERVEDAL — villa, Douro, comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital (foi antigamente da comarca de Gouveia), 60 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 640 fogos, 2:500 almas.

Em 1757 tinha 292 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, pois já em agosto de 1193 era villa, e a deu D. Dulce, mulher de D. Sancho I, aos frades cruzios do convento de Cêa. Tinha a rainha comprado o senhorio d'esta villa a Gonçalo Carneiro e seus irmãos por cem *morabitinos* (cada morabitino valia 500 réis). Vide Cêa, no fim.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no principio do seculo XVI, mas Franklin, que o menciona, não declara a data.

É de suppor que fosse em 1514, pois foi n'esse anno que se expediram os foraes para as outras terras de que era (como d'esta) senhor o convento de Santa Cruz de Coimbra. Está na Torre do Tombo, no Livro de foraes novos da Beira, a fl. 19 v. col. 1.ª

Foi couto e tinha justiça e camara proprias. O couto tinha 1420 fogos.

ERVEDEDO—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 270 fogos, 1:050 almas.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Era antigamente couto, com 1:300 fogos. Tinha então juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

Situada na raia de Hespanha. Tem um castello, que se diz feito por D. Diniz, mas está arruinado. Parece que foi de alguma importancia, pois teve alcaide-mór. No seu ambito estão edificadas varias casas de habitação.

Foi *couto do reino* ou de *homisiados*.

ERVEDEIRA — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Fronteira, 54 kilometros d'Evora, 175 ao E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A Mesa da Consciencia apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Já não existe esta freguezia.

ERVEDOSA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de

Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi couto, com justiça e camara proprias. D. Diniz lhe deu foral, em Santo Thyrso, a 5 de julho de 1288. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de julho de 1514.

O foral de D. Diniz, diz que é *para 20 pobradores* (povoadores) *da sua pobra d'Ervedosa, com seus termos, a saber, como parte com Verêa Velha, que se vêem de Penas Juntas.* (Documento da camara de Bragança).

O abbade de Penas Juntas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. O seu couto tinha 1:300 fogos.

ERVEDOSA DO DOURO—villa, Beira Alta, comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago S. Vicente Ferreira.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi couto, com justiça e camara proprias.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

No sitio da Furada (ou Aforada) desta freguezia, ha uma mina de chumbo, registada pelos srs. Maximiliano Schreck e Joaquim Teixeira de Macedo. Em 20 de novembro de 1873, lhes foi concedida provisoriamente.

No mesmo dia, mez e anno foi concedida provisoriamente ao dito sr. Schreck e aos srs. Daniel Mauricio Kamp e Joaquim de Macedo, a mina de estanho de Roriz, na mesma freguezia.

ERVEDOSA ou **ERVEDOSINHA** e **VIEIRO**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros de Lamego, 340 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O reitor d'Azêvo apresentava o cura de Ervedosinha, que tinha 2$600 réis de congrua e o pé d'altar.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Ervedosinha*, mas hoje, em todos os papeis se chama *Ervedosa.*

Tem annexa a freguezia de *Vieiro.* Esta freguezia em 1757 tinha 50 visinhos. O seu orago era S. Vicente, martyr. Era tambem o reitor de Azêvo que aqui apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

ERVEDOSINHA e **VIEIRO**—(annexas). Vide Ervedosa ou Ervedosinha.

ERVIDEL—freguezia, Alemtejo, concelho de Aljustrel, comarca de Béja, 65 kilometros d'Evora, 125 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Beja.

No sitio do *Moinho dos Pinheiros*, herdade da *Margaridinha*, ha uma mina de manganez.

(Ha grande abundancia de minas de manganez em todo o districto de Beja.)

É terra fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de trigo e 60 de cevada.

ERVÕES ou **HERVÕES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Valle Paços, 80 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É fertil. Muito gado.

O commendador de Malta apresentava o reitor, que tinha 180$000 réis.

Esta freguezia era uma commenda da Ordem de Malta, pelo que tinha os grandes privilegios que lhe dava a ordem.

ESCABRALHADO—vide Aldeia da Ribeira. *Escabralhado* era uma antiga freguezia, que, por pequena, foi ha muitos annos annexada a Aldeia da Ribeira e ambas apenas formam hoje uma pequena freguezia.

ESCALHÃO—villa, Beira Baixa, comarca e 25 kilometros ao NO. de Pinhel, concelho

de Figueira de Castello Rodrigo, 354 kilometros ao N. de Lisboa, 500 fogos, 1:700 almas.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi concelho, com justiça e camara proprias. Foi D. João IV que a fez villa e lhe deu foral, em 1650. Franklim não traz este foral.

Situada em planicie, na margem esquerda do rio Douro. É n'esta freguezia a povoação da Barca d'Alva. Vide esta palavra.

Tem um castello em ruinas, que se diz fundado por D. Diniz, pelos annos de 1310.

Nos limites d'esta freguezia, em um sitio chamado S. Martinho, se mette no rio Douro, o rio Agueda, que correndo de N. a S. divide Portugal de Hespanha.

Ha n'esta freguezia um antigo costume, qual é—para se facilitar o parto que se julga difficil, vão sete Marias, todas virgens, dar cada uma sua badalada no sino da freguezia, para que as pessoas que as ouvem rezem sete *Ave Marias*, implorando a Nossa Senhora a felicidade do parto.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis de rendimento.

ESCALLOS DE BAIXO—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 10 kilometros a E. de Castello Branco, 70 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Muito proximo d'esta freguezia passa a estrada de 2.ª ordem, que deve ligar Portugal com Hespanha pela fronteira de Salvaterra. Seguindo esta estrada encontra-se, a 8 kilometros de Escallos, a ponte da Moinhéca sobre o rio Ponsul. Esta ponte tomou o nome do sitio onde foi feita, que em termo chulo significava moinho de pouca importancia; e com effeito, encontra-se, um pouco acima da ponte, uma insignificante azenha a que dão o nome de Moinhéca.

A ponte, feita sob a direcção do actual director das obras publicas d'este districto, o sr. Fidié, está solida e elegantemente construida, sobre tres arcos eguaes, de volta inteira, tendo 14^{m},0 de abertura e 7^{m},10 de largura entre as faces exteriores dos parapeitos. A altura é de 24^{m},0 desde o nivel da sapata do pilar mais alto, até ao nivel do passeio. É toda construida de cantaria, de granito fino, em fiadas eguaes de 0,50 de altura. Está assente toda em schisto rijo, que fórma o alveo do rio.

Na granja chamada de S. Luiz, que fica 3 kilometros a SE. d'esta freguezia, existe uma fonte de agua sulphurica, muito acreditada para certas molestias cutaneas. Um pouco mais ao S. e a egual distancia de Escallos, no monte chamado de Brito, encontram-se sepulturas mouriscas cavadas em rocha, algumas quadrilongas, em fórma de pias, outras apresentando á vista o feitio de um cadaver, isto é, com córtes proprios para a cabeça, tronco e resto do corpo.

Possue esta povoação um chafariz de boa e abundante nascente, o qual fica á vista da estrada de que já fallámos. O chafariz, cujo manancial passa por ser o mais abundante que existe por estes sitios, está em terras que pertenceram á casa do infantado, mas segundo uma tosca inscripção, que tem, foi feito a expensas do povo da freguezia.

ESCALLOS DE CIMA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 13 kilometros a NE. de Castello Branco, 80 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Por esta povoação passa a estrada de 2.ª ordem, que conduz a Penamacôr. Parece ter sido por aqui uma via militar romana; porque se acharam nas proximidades da povoação dois marcos milliares, um dos quaes, actualmente propriedade do sr. Joaquim Ma-

nuel, terá um metro de altura por dois decimetros de largura, e tem a seguinte inscripção:

IOVI.° M.
C°NSERV
AT°RI. IUL.
E.V.R.R.VS.°
M.GE. INI.
A.UCDLXX

É de cantaria.

A 5 kilometros d'Escallos, e seguindo a estrada de que já fallámos, encontra-se sobre a ribeira d'Alpreade a ponte de S. Gião: é, apesar de antiga, solidamente construida, e tanto que foi toda aproveitada pelas obras publicas, e póde bem ser que esta fosse feita sobre os fundamentos de alguma outra ponte mais antiga, a qual pertencesse á supradita via romana.

ESCAMARÃO—pequena villa, Beira Alta, na freguezia de Souzêllo, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de Sinfães, 48 ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, a 40 kilometros a E. do Porto, proximo do confluente do Paiva, e na extremidade occidental da provincia da Beira Alta. Era do concelho de S. Fins, comarca de Rezende. Sendo supprimido este concelho por decreto de 24 de outubro de 1855, e creada a comarca de Sinfães, foram todas as freguezias que formavam aquelle encorporadas n'esta.

Posto que o terreno d'esta freguezia seja bastante montuoso, é muito fertil em cereaes e legumes e produz muito bom vinho verde.

Ha aqui uma grande feira a 29 de setembro.

É povoação antiquissima, pois já em 1132 era couto, que D. Affonso Henriques doou ao convento d'Alpendurada (vide esta palavra.)

O primeiro nome que tinha esta povoação era Villa Mean. Vide Couto do Paiva.

Ainda hoje existe uma povoação chamada Villa Mean. É junto á margem direita do rio Paiva, na mesma freguezia de Souzêllo e não muito distante do Couto e do Escamarão. É provavel que este couto fosse creado por D. Thereza, ahi por 1123 ou 1124, e que comprehendesse Villa Mean, talvez a povoação de Villela, Couto, Varzea e Escamarão, que tudo fica proximo; ficando Varzea, Villela e Couto entre Villa Mean e Escamarão.

Esta freguezia está desde o fim do seculo passado, ou principio d'este, annexa á de Souzêllo.

O D. abbade do mosteiro benedictino de S. João d'Alpendurada, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis.

Offerecem-se-me bastantes duvidas sobre esta freguezia e a de Souzêllo, ambas antiquissimas, pois é provavel que já existissem no tempo dos godos, e certo que já eram freguezias no X seculo, como consta de varios documentos do cartorio d'Alpendurada, cujo mosteiro era senhor donatario d'estas duas freguezias.

Vejo nos papeis antigos *couto do Escamarão—couto de Souzêllo e couto de Villa-Mean.* Vejo que a uma aldeia (a maior e melhor) da freguezia de Souzêllo, se dá o nome de Couto, e teve casa da camara e pelourinho, de que hoje não ha vestigios, mas apenas a tradição.

Dizem as Doações d'Alpendurada que o primeiro nome do Escamarão foi Villa-Mean; mas para augmentar a confusão, ao S. e a distancia de uns dois kilometros da aldeia do Couto, ha o logar chamado Villa-Mean, onde é tradição que houve um convento de freiras bentas, cujo edificio e cêrca constituem, ha seculos, uma quinta, com sua capella, que é hoje do sr. Francisco Brandão de Mello Guedes, do Porto, neto do sr. marquez de Terena.

Diz-se que a actual capella d'esta quinta era a egreja do antigo mosteiro, e tambem se diz que a egreja foi destruida pelos árabes, e que só se reedificou a capella-mór, que é o que ainda existe, reduzida a capella.

Note-se que a aldeia do Couto fica no centro, entre o Escamarão e Villa Mean.

Depois de muito examinar tudo quanto me podia elucidar sobre o que á primeira vista parecem trez coutos destinctos, vim a tirar a conclusão de que Souzêllo, Escama-

rão e Villa-Mean, não formavam mais do que um só couto, tendo por cabeça a aldeia do Couto.

Os monges d'Alpendurada (que tinham o seu mosteiro perto e em frente do Escamarão e Souzéllo, mas na margem direita do Douro) escreviam de uma cousa muito sabida por elles e por todos os povos d'aqui, pelo que escreviam com o laconismo de quem trata de objecto geralmente sabido.

Hoje este laconismo embaraça o que quer deslindar isto.

Como os 3 logares da dúvida eram todos na freguezia de Souzéllo, escreviam indistinctamente couto de Souzéllo, couto do Escamarão (que era o que lhes ficava mais perto) e couto de Villa-Mean, por ahi haver um convento da sua ordem.

Isto, que parece verosimil, não é todavia positivo; porque D. Thereza, regente na menoridade de seu filho, D. Affonso I, coutou a freguezia do Escamarão (que Viterbo diz chamar-se primeiro Villa-Mean, no que me parece que ha engano) e tambem coutou Souzéllo. Haveria então dois coutos? Talvez; mas é presumivel que os frades os unissem depois, porque não ha memorias escriptas, nem a minima tradição (que me conste) por onde se prove incontestavelmente a existencia simultanea de trez coutos dentro da mesma freguezia, e em um espaço de terreno tão limitado.

Tambem podia ser que a rainha D. Thereza coutasse o convento de Villa-Mean; mas sómente o edificio do mosteiro e respectiva cêrca; e, se esta circumstancia se deu fez augmentar a confusão.

Finalmente, a minha opinião é que o logar do Couto, era onde residiam as auctoridades do couto, que comprehendia toda a freguezia de Souzéllo.

Isto porem não passa de uma supposição, que não assevéro; deixando o caso para ser deslindado por pessoa mais competente, ou que possa conseguir documentos mais explicitos.

—

A feira do S. Miguel, no Escamarão, dura desde a vespera do dia do Santo, até ao fim do mez de setembro. Faz-se em um pequeno areial, junto á capella de S. Miguel, e pouco abaixo do caes de Fontellas.

(Não se confunda com outro caes do mesmo nome, em frente de Penajoia, na margem direita do Douro. Este é 48 kilometros mais a cima, na provincia de Traz-os-Montes.)

No dia 29 é a maior concorrencia á feira por ser então a festa e romaria do Santo archanjo.

Concorrem á feira povos de muito longe, que aqui vem comprar e vender variadissimos generos: vindo até bastantes negociantes hespanhoes.

Do Porto, Régua, Lamego, Viseu, Castello de Paiva, Castro Daire, Arouca, Gondomar, etc, vem ourives, botiquineiros, doceiros, chapelleiros, tamanqueiros e grande numero d'outros industriaes, aqui vender os seus artefactos. Tambem se vende aqui muito gado bovino e suino.

É uma cousa deleitosa e pittoresca ver descer dos alcantis eminentis ao areal da feira, ondas de povo, de todas as classes, sexos e costumes; não se concebendo como pode tudo caber em tão acanhado terreno, a não ter o dom da compressibilidade.

O mesmo panorama offerece a margem opposta (direita) do mesmo modo alcantilada, desde o convento d'Alpendurada até ao rio.

E toda esta multidão se amontôa e referve no pequeno areial do Escamarão.

Rarissimos annos deixa d'haver aqui, então, grandes desordens, contra as quaes a policia administrativa é impotente; pelo que todos os annos vem um forte destacamento de 1.ª linha, da guarnição de Lamego, fazer policia da feira; mas devemos confessar que os soldados apenas impoem um respeito mediocre e quasi nunca, apesar das bayonetas, deixam de haver cabeças rachadas, e pernas, braços e costellas mais ou menos trituradas.

Antigamente, por varias vezes chegaram mesmo a haver mortes.

—

ESCANÇÃO ou **ESCANSOM**—portuguez antigo—nome que no principio da monarchia portugueza se dava aos copeiros-móres dos réis. O seu officio era darem de beber ao rei na occasião em que comia em publico.

Ainda no reinado do nosso terceiro rei (D. Affonso II) havia escanções, pois em uma escriptura de doação, feita a mestre Vicente, deão de Lisboa, em Santarem, a 15 de agosto de 1222, se lhe dá o titulo de escansom.

Fr. Antonio Brandão (Monarchia Lusitana) diz.—«Escanção era o que lançava o vinho na cópa, ao rei»

Parece que o primeiro escanção que houve em Portugal, feito por D. Affonso Henriques, foi Fernão Peres, cavalleiro muito nobre e respeitavel d'aquella época.

Ignora-se desde que tempo se principiou a dar ao escanção o titulo de copeiro-mór; o que é certo, é que o primeiro assim designado, cujo nome se acha em documentos coevos, foi Fernão Gonçalves Cogominho, copeiro-mór de D. Affonso IV. segundo se vê na Chronica de Duarte Nunes de Leão.

Alguns escriptores tambem mencionam, como copeiro-mór d'este monarcha, Pêro Esteves.

O emprego de copeiro-mór, veio a conferir-se (desde o ephemero reinado do cardeal rei) ao primogenito da nobilisima familia dos Souzas Menezes. O primeiro copeiro-mór desta casa, foi Francisco de Souza de Menezes, alcaide-mór da Guarda, em 26 de janeiro de 1580. Foi tambem copeiro-mór dos usurpadores Philippe II e III. Seu neto, Martim de Sousa de Menezes, foi copeiro mór de Philippe IV D. João IV e D. Affonso VI.

Estes Souzas e Menezes, foram depois condes de Villa-Flor, porque morrendo, sem filhos legitimos, o segundo conde d'este titulo, D. Christovão Manuel (filho do famosissimo D. Sancho Manuel, I conde de Villa-Flor) herdou o condado, seu sobrinho Martim de Souza de Menezes.

ESCAPÃES—freguezia, Douro, comarca, concelho e 4 kilometros a E da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 a NO, d'Oliveira d'Azemeis, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 100 fogos. Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Situado em terreno accidentado, fertil em cereaes, legumes e vinho verde, muitos pinhaes e arvoredos silvestres.

Cria muito gado bovino. É atravesada pela estrada real de Lisboa para o Norte. Passa aqui um ribeiro do seu nome. Tem uma capella de Nossa Senhora das Necessidades, onde se faz uma romaria todos os annos.

Antigamente chamava-se Escopaaes. Era do mosteiro de cruzios, de Grijó.

O ordinario, por corcurso synodal, apresentava o abbade que tinha 240$000 réis de rendimento.

ESCARIGO ou **ESCARRIGO** — freguezia, Beira-Baixa, comarca, e concelho do Fundão, 35 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Foi villa, feita por D. Diniz, que lhe deu foral, na Covilhan, em 13 de setembro de 1296.

Tinha camara e justiça proprias. É povoação muito antiga. Foi por varias vezes destruida com as guerras do principio da monarchia, e apesar das diligencias empregadas por D. Diniz, dando-lhe foros e privilegios, não se pôde conseguir um satisfatorio desenvolvimento.

O foral da-lhe o nome d'*Escarrigo*.

Escarrigo é nome proprio d'homem.

O commendador de Malta, da Covilhan (por esta freguezia ser commenda da ordem) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

ESCARIGO — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, 24 kilometros de Pinhel, 355 ao E de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O ordinario, por concurso, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

ESCARIZ — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Villarinho de Samardan, comarca e concelho de Villa-Real, 90 kilometros a NE de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Villa-Real.

É terra fertil.

Aqui foi creado e passou adolescencia (em casa de uma sua tia materna) o sr. Camillo Castello Branco, o primeiro romancista da actualidade, bem conhecido, pelos primores do seu estylo e privilegiado engenho.) Tem publicado grande numero de romances, de incontestavel merecimento. Vide Lisboa, no lugar competente.

ESCARIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 20 kilometros ao O, d'Arouca, 30 ao S. do Porto, 10 ao NE d'Oliveira d'Azemeis, 12 ao SE da Feira, 100 SE de Fermedo, 280 ao N, de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Situada em terreno accidentado, mas fertilissimo em cereaes, legumes, hortaliças e vinho (muito verde.)

Cria muito gado e colmeias. Exporta grande quantidade de todos estes generos e grande porção d'optima manteiga de vacca.

É uma rica freguezia, quasi exclusivamente composta de lavradores.

É abundante de lenhas, principalmente de pinhero. Tem caça.

Produz e exporta madeira. É muito abundante d'aguas e aqui nasce o rio Inha, que desagua na esquerda do Douro, no sitio da Foz do Inha, 1 kilometro abaixo de Pé de Moura, e 23 ao E do Porto. É ainda regada por alguns pequenos regatos que se juntam ao Inha.

É esta freguezia povoada de tempos immemoriaes, havendo aqui vestigios incontestaveis dos celtas, isto é, varias *mâmoas*, em um plató da serra de Vér. Pouco distantes d'estas *màmoas* estão as do monte Curuto (vulgarmente Cruto) mas já em terreno da freguezia de Fermêdo. (Vide Cruto.)

Dos pontos elevados da freguezia, se vê uma vasta extensão do Oceano, que fica 18 kilometros a O.; a cidade do Porto e muitas freguezias e serras.

A egreja matriz (Santo André, apostolo) é antiquisssima. As paredes são feitas de alvenaria, mas forradas exteriormente de pedras quadradas de cantaria de 0m,15 de grossura, o que as faz parecer de robusta cantaria. Estava isto tão bem feito que só se deu fé d'este *fôrro*, quando em 1844 a parede, isto é, o *fôrro externo*, da parede do S., ganhou uma pequena barriga.

Quando por estas terras se quer dizer que uma obra de pedreiro está bem construida, diz-se: «Está segura como a egreja d'Escariz». Supponho que este dito foi nos seus principios uma ironia, mas, com o andar dos tempos, vendo o povo a apparente robustez das paredes, empregou-o sériamente. Entretanto, apesar da manifesta antiguidade d'esta egreja, está perfeitamente bem conservada.

Tem uma *via sacra*, toda de boas cruzes de granito (que o ha em abundancia e optimo por aqui) que termina no logar mesmo chamado do Calvario.

Ha n'esta freguezia as capellas de S. Miguel, archanjo, em Vér, e a de S. Pedro, em Nabaes.

A abbadessa do mosteiro de S. Bento de Ave Maria, da cidade do Porto, apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis, um soffrivel passal e boa residencia.

Eram donatarias d'Escariz as freiras do referido mosteiro, que colhiam os dizimos. Ainda existe, junto á egreja, uma grande casa, que era a tulha d'ellas, em bom estado.

Houve aqui, até ao meiado do seculo XV, um mosteiro de monjas benedictinas, cuja egreja é a actual matriz. Era muito antigo, mas não se sabe por quem, nem quando foi fundado. A actual *casa da tulha* e um edificio que está junto e ao S. da egreja, tudo de cantaria (a tulha ainda muito bem conservada e o tal edificio, ainda com paredes sólidas, mas ha mais de 60 annos destelhado e sem portas nem janellas de madeira) era o antigo mosteiro. Este passou ao arcediagado do Porto, que era padroeiro do mosteiro. Quando se supprimiu este convento, foram as freiras d'elle unir-se ás da mesma ordem, da Ave Maria, do Porto, ao qual desde então ficaram pertencendo as rendas do convento supprimido. A cêrca, mattos e campos d'este mosteiro, foram emprasados

e são hoje possuidos por varios particulares. O hospicio dos frades da mesma ordem, que aqui habitavam, para os Sacramentos e officios divinos, é a actual residencia do parocho, e um campo e matto, são os actuaes passaes.

Ao E. da freguezia fica a serra do Castêllo, onde teem apparecido vestigios dos romanos. (Vide Castêllo.)

Escariz era uma das oito freguezias do antigo concelho de Fermêdo, que foi supprimido pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855. *Para commodidade dos povos,* transferiram esta freguezia para o concelho de Arouca, que, como já disse, fica a distancia de 20 kilometros, quando a capital do extincto, ficava a 1. De mais a mais esses 20 kilometros tem de andar-se por barrancos e barrocas, sempre com o credo na boca e em risco de esmagar os ossos, porque não ha estrada, e ainda ha poucos annos nem pontes havia em varios ribeiros, que no inverno eram invadeaveis.

ESCARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, desde 1855; 12 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal; tinha 280$000 réis.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

Tinha 20 fogos na freguezia, da Alheira, em Barcellos, e 30 na aldeia de Fébros, da freguezia da Lage.

ESCARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, esta freguezia e a antecedente formavam uma só.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É tambem terra muito fertil e cria muito gado e caça.

ESCOIRAL ou **ESCOURAL** ou **ESCURIAL**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Môr-Novo, 24 kilometros d'Evora, 95 ao E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 242 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Na *Casa Branca,* d'esta freguezia, é a 12.ª estação do caminho de ferro de Leste (Entroncamento.)

A mitra apresentava o cura, que tinha 420 alqueires de trigo e 270 de cevada.

N'esta freguezia são as grandes minas de optimo ferro, na Serra dos Monges. (Vide Monges.)

ESCRIVÃO DA PURIDADE—O individuo que antigamente exercia este cargo, era reputado o ministro principal do rei, cujas chancellas tinha a seu cargo para os despachos de graças e mercês.

(Era um emprego tão eminente e quasi com as mesmas attribuições do lord *guarda-sêllos,* na Gran-Bretanha.)

Tinha este logar grandes honras e preeminencias: era muito antigo em Portugal, pois já existia no reinado de D. Affonso II, sendo então *escrivão da puridade;* Mafaldo de Beja, que está sepultado na egreja de S. João, em Beja, e cujo epitaphio lhe dá o titulo de *escrivão da puridade.*

Este Mafaldo de Beja, ajudou a resgatar, pela segunda vez, a cidade e do seu appellido, do poder dos mouros, na era de 1229 (1191 de Jesus Christo) no reinado de D. Sancho I.

Até ao reinado de D. Diniz, todos os nossos reis—pelo menos desde D. Affonso III—tiveram escrivães da puridade, e houve e 33 pessoas que tiveram esse titulo e dignidade. Desde então, não vejo mais ninguem mencionado como escrivão da puridade.

ESCUDEIROS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O mestre-escola (conego) da Sé de Braga,

apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis. É terra muito fertil.

ESCULCA—portuguez antigo, significa, *sentinella, vedêta*. De *esculcar*, estar de vigia. O mesmo que atalaya.

ESCURIAL ou **ESCORIAL** e vulgarmente **ARRIAGA**—quinta, Extremadura, concelho de Oeiras. É do sr. desembargador Forjaz de Sampaio. Tem um lindo palacête, do qual se avista, d'um lado, Cintra, Carcavellos e Cascaes, do outro as torres da barra do Tejo. Tem bonito jardim e sitios summamente pittorescos, e um bosque de frondoso arvoredo. D'este sitio se gosa uma vista encantadora.

ESCURIAL—vide Escoiral.

ESCURQUELLA—freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Fonte Arcada, antigamente, e hoje concelho de Cernancelhe. 35 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em terreno accidentado, proximo do rio Távora.

O reitor de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha o pé d'altar e 2$400 réis de congrua.

ESGRAVIZAR—portuguez antigo, *declarar, explicar*. etc.

ESGUARDAR—portuguez antigo, *dar attenção, esperar, attender*, etc.

ESGUEIRA—villa, Douro, comarca, concelho e 500 kilometros ao N. de Aveiro. 258 ao N. de Lisboa, 530 fogos, 2:100 almas.

Em 1757 tinha 554 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Feira a 30 de novembro.

E' uma villa antiquissima, mas não pude saber por quem nem quando foi fundada. E' certo que, quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal em 1093, já esta povoação era uma populosa villa, á qual elle concedeu foral em 1110, e D. Affonso IV lhe deu outro, confirmando o antigo, em 1342.

Franklim não falla n'estes foraes, porém elles vem mencionados em muitos auctores dignos de fé.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de junho de 1515. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 212 v., col. 2.ª) Teve Esgueira muitos senhores, sendo os mais notaveis—1.º a infanta D. Urraca Affonso, irman de D. Sancho I, e casada com D. Pedro Affonso, neto do grande Egas Moniz—2.º tendo-se annullado o casamento da rainha D. Thereza (irman de Santa Mafalda) filha do dito D. Sancho I, com seu primo D. Affonso de Leão, lhe deu este muitas terras e rendas em Hespanha, e seu pae tambem lhe deu em Portugal muitas villas e coutos, e entre aquellas se comprehendiam Esgueira e Monte-Mór-Velho. Isto pelos annos 1200. Esta rainha, fez doação das duas villas ao convento de Lorvão, ahi por 1202.—3.º a rainha D. Leonor, mulher de D. Fernando.—4.º, o infante D. Pedro, filho de D. João I (o que correu as *sete partidas* do mundo) que aqui residiu por muito tempo e construiu varios edificios.—5.º, a Santa infanta D. Joanna, irman de D. João II.—6.º, no tempo de D. Manuel, passou para D. Jorge de Lencastre, progenitor dos duques de Aveiro. Além d'estes, teve outros donatarios e senhores, de menos consideração.

Pretendem alguns que Esgueira seja povoação mais antiga do que Aveiro. Teem e não teem razão. Aveiro era a importantissima cidade romana *Talabrica*, e é muito provavel que o sitio que hoje occupa Esgueira fosse comprehendido dentro da circumvalação d'aquella antiga cidade; e é certo que ainda alguns edificios da villa revelam muita antiguidade; mas a existencia de Esgueira como villa, ainda que antiquissima, é mais recente do que Aveiro. Esta cidade, por muitas causas (vide Aveiro) tanto foi decahindo do seu antigo esplendor, que, por quasi 7 seculos, era, como Esgueira, uma simples villa: só D. José I é que a fez cidade em 1760 (mudando-lhe então o nome em Nova Bragança, denominação que só durou 17 annos, pois em 1777 lhe foi restituido, por D. Maria I, o de Aveiro.)

Por espaço de muitos annos (ainda de-

pois de Aveiro ser elevada a cidade!) deu-se mais importancia a Esgueira, pois que era aqui a séde do corregedor da comarca e Aveiro era a sua correição; mas Esgueira nunca teve assento em côrtes e Aveiro sim.

É tão antiga a comarca da Esgueira, que já existia no tempo de D. Diniz; mas Aveiro tambem era comarca, posto que da correição de Esgueira. Foi no meiado do seculo XV que o infante D. Pedro reuniu as duas comarcas, ficando comtudo sendo Esgueira a séde da correição.

Hoje póde e deve Esgueira considerar-se simplesmente um arrabalde de Aveiro, porque não é outra cousa.

A abbadessa de Lorvão apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis.

Está Esgueira situada em uma bella, extensa e fertilissima planicie, com formosas vistas por um dilatado horisonte, e todos os generos da nossa agricultura aqui abundam. A estrada nova á mac-adam, que por aqui passa, é um delicioso passeio.

É aqui a 32.ª estação do caminho de ferro do Norte, a que, vulgarmente se chama de Aveiro.

—

No logar do Paço, d'esta freguezia, ha (em julho de 1873), um homem chamado Feliciano dos Santos, que nasceu em 1768 (!) Militou no exercito portuguez. É dos do *Roùsillon* e fez toda a guerra chamada da *Peninsula*. Este Mathusalem portuguez, trabalha na lavoura e conserva em perfeito estado todas as suas faculdades mentaes.

—

Para tudo o mais que d'esta villa se quizer saber, vide Aveiro.

ESMERIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

Esmeriz, é sobrenome, patronimico d'*Esmerio*.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Parte d'esta freguezia foi *honra* de Pedro Rodrigues de Pereira, da familia dos condes de Barcellos.

ESMOLÉR-MÓR—o officio ou dignidade de esmolér-mór é dos mais antigos do reino, e andou de tempo immemorial nos abbades de Alcobaça, até 1834. Porém como os *abbades geraes*, occupados no governo do mosteiro, não podiam residir sempre na côrte, nomeavam um religioso d'aquella casa, que servisse na sua ausencia, e confirmando o rei a apresentação, servia com o simples titulo de *esmolér*. (*Mon. Lus.*, 5.ª parte, liv. 17.º, cap. 9.º) Depois se veio a dar a estes substitutos, o titulo de *esmoleres-menores*, mas só assignavam com o titulo de esmoléres; todavia em alguns actos publicos se vêem assignados o esmolér-mór e o menor.

Na escriptura da instituição do hospital de Santo Eloy, de Lisboa, em 1298, fr. Martinho se assigna *esmolér d'el-rei* e não *esmolér-menor*.

Os abbades podiam nomear e demittir livremente os seus substitutos.

No reinado de D. Fernando, era esmolér-menor fr. João d'Ornellas, que veio a ser abbade de Alcobaça, esmolér-mór de D. João I, e seu decidido e leal partidario.

Mais alguns esmoléres menores passaram a móres, por serem feitos abbades de Alcobaça.

Algumas vezes porém, os reis nomearam seus esmoléres-móres, religiosos que não eram abbades de Alcobaça.

Em 1455 era esmolér-mór de D. Affonso V, D. fr. Vasco Tinoco, abbade de Bouro.

No reinado de D. João II, era abbade de Alcobaça, o célebre D. Jorge da Costa (*o cardeal de Alpedrinha*, vide Alpedrinha) mas, estando o rei mal com elle, não o quiz para seu esmolér (1486) e nomeou para este emprego, a Lopo Gonçalves, capellão do infante D. Jorge, seu filho. A este succedeu fr. Fernando, abbade de Tamarães, já no reinado de D. Manuel.

Ainda por varias vezes depois, exerceram o emprego de esmolér-mór, varios indivi-

dues que não eram abbades de Alcobaça; por que em uma questão suscitada pelos mesmos abbades, e que elles venceram, dizia a sentença: — *No caso de não haver em Alcobaça pessoa capaz para aquelle emprego* (de esmolér-mór), *se poderia fazer a nomeação em sujeito de fóra.*

Depois da extincção das ordens religiosas, os reis nomeiam os seus esmoléres-móres segundo a sua vontade, mas, desde 1834, têem exercido quasi sempre este emprego os patriarchas de Lisboa.

ESMOLFE — freguezia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 32$000 réis e o pé d'altar.

ESMORIZ — aldeia, Douro, no concelho e comarca de Bayão, a pouca distancia da direita do Douro.

É aqui a bella casa e optima quinta onde nasceu e reside o sr. dr. D. Miguel Carlos Sotto Maior Azeredo, cavalheiro respeitavel e illustrado, que tambem emprehendeu um trabalho litterario quasi no gosto d'esta obra. Ainda está inedito.

E' povoação muito antiga. «*Em 1120, comprou o grande Egas Moniz e sua mulher, D. Dorothea, a D. Ejeuva Prolix Guedas, um casal em Esmoriz, junto ao castello de Bayão, por C. (100) módios, que ella lhes devia, de luctuosa, por seu marido, Froila Viliniz: e eomo não tivesse módo de lhes pagar, veio pedir misericordia, pondo-se de joelhos, beijando-lhes as mãos e offerecendo-lhes este casal, que tinha sido de sua mãe, Bona Fáfias, o qual está debaixo do mônte Gestaçô, na margem do ribeiro Ovil.* (Documento de Alpendurada, de 1120.)

ESMORIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao O. da Feira, 22 ao S. do Porto, 294 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 223 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

E' a 35.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Situada sobre a costa, em bem cultivada, alegre e fertilissima planicie, abrigada do N. e NE. por vastos pinheiraes que produzem muita madeira e lenha. E' abundante de peixe do mar, principalmente de sardinha, que é optima.

E' povoação antiquissima, pois já era freguezia em 897, em cujo anno a doou Gondezindo (com outras muitas mais de que era senhor) ao mosteiro de S. Salvador de Lavra. (Vide Lavra.)

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

ESNOGA — vide Cinuna.

ESPACOS — povos que habitavam o litoral da provincia do Minho, desde a actual freguezia d'Afife, até proximo da villa de Caminha; sendo o centro das suas povoações a actual freguezia d'Ancora, no concelho de Caminha.

É por esta razão que os romanos chamavam á foz do rio Ancora — *Vicus Spacorum.* Pertenciam á chancellaria de Braga. Vide Ancora, rio.

ESPADANÊDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros. 54 kilometros ao NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

ESPADANÊDO — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 15 kilometros ao O. de Sinfães, 35 ao O. de Lamego, 30 ao NE. de Arouca, 48 ao E. do Porto, 314 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em terreno muito accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, em elevada e vistosa posição, d'onde se descobre o convento de Alpendurada e muitas freguezias e serras.

E' n'esta freguezia a casa da *Villa*, da familia dos Cortezes Machados. O sr. Tameirão (barão do Vallado) tambem aqui tem uma boa casa e quinta.

E' terra muito abundante em cereaes, legumes, fructas e produz muito e optimo vinho verde.

Caça nos seus montes e optimo peixe no Douro. Faz bastante commercio com o Porto pelo rio.

Pertencia ao concelho de S. Fins, que foi extincto em 1855. Era então da comarca de Rezende.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

E' tradição que foi villa em tempos remotos, e que foi couto, feito por D. Thereza, em 1122.

ESPARGO—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 35 ao NO. de Aveiro, 8 a O. de Ovar, 150 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos. Orago S. Thiago.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno levemente accidentado, muito fertil e saudavel. Cria muito gado bovino que exporta.

O papa, o bispo e os monges benedictinos do Couto de Cucujães, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 300$000 réis.

ESPARIZ—freguezia, Beira Alta, antigamente concelho de Arganil, comarca de Cója, hoje comarca e concelho da Tábua. 40 kilometros de Coimbra, 295 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 160$000 réis.

E' terra fertil.

ESPEÇANDEIRA ou **ESPESSANDEIRA**—vide Espiçandeira.

ESPECIOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, 465 kilometros ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Genezio.

O abbade de S. Genezio apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Santa Eulalia de Genizio, da mesma comarca, concelho, etc.

ESPERANÇA ou **NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA**—freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao SE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo. Fertil.

ESPERANÇA—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 24 kilometros ao NE. de Braga, 368 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

ESPIÇANDEIRA ou **ESPISSANDEIRA** e **MÉCA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 54 kilometros ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago da Espiçandeira S. Sebastião martyr; e de Méca, Santa Quiteria, virgem e martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o vigario, collado, da Espiçandeira, que tinha 120 alqueires de trigo, 2 pipas de vinho, e o pé de altar.

Foi annexa a Santo Estevão d'Alemquer.

Tambem era o povo que apresentava o

vigario, collado, da freguezia de Méca, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Já se vê que Espiçandeira e Méca foram duas freguezias distinctas e independentes, que se uniram em 1842. A de Méca, já em tempos antigos tinha estado annexa á freguezia de Santa Maria da Varzea da Villa de Alemquer. Hoje dá-se vulgarmente a estas duas freguezias unidas o nome de *Santa Quiteria de Mêca*, mas officialmente é *Espiçandeira*.

A egreja matriz actual é na aldeia de Méca.

Os povos que constituiam a freguezia de Espiçandeira eram — Espiçandeira, Corçoaria, Bordalia, e Puticaria — os que formavam a freguezia de Méca eram — Méca, Canados, Folhandal, Carvalhal e Catem.

Na aldeia de Méca está fundada a famosa egreja de Santa Quiteria, virgem e martyr, que é capella real.

É um templo rico e magestoso; e muito concorrido de fieis de differentes povoações de muitas leguas em redor; pela muita devoção que tributam a esta santa imagem.

Segundo a tradição, no anno de 1238, apparecera em um espinheiro, na quinta de S. Braz, uma pequena imagem de Santa Quiteria, advogada contra a hydrophobia. Edificou-se logo alli uma capellinha para collocar a santa.

Principiou a concorrencia a este templosinho e a devoção dos póvos á milagrosa imagem cresceu tanto, que, não cabendo os romeiros em tão acanhado edificio, se construiu, á custa das esmolas, uma outra capella mais ampla no sitio da actual.

Formou-se uma confraria, que veio a ser das mais ricas de Portngal, e no fim do seculo XVII se decidiu edificar-se um templo vasto e sumptuoso.

D. Maria I, a quem foi pedido auxilio para as obras, deu por varias vezes avultadas esmolas, e as construcções principiaram com grande sollicitude.

É tradição que o mestre das obras as não viu concluir, por morrer da queda de uma das torres.

Emquanto duraram as obras esteve a imagem em uma barraca de madeira, no sitio onde hoje ha umas mesas de pedra.

Concluida a capella, D. Maria I obteve do papa Pio VI, que fosse declarada pertença da Basilica de S. João de Latrão, de Roma, e como tal gosa das grandes indulgencias e graças espirituaes d'esta famosa basilica.

A confraria tem irmãos, não só no concelho e immediatos, mas até á extremidade do Alemtejo. O seu rendimento anda por 1:200$000 réis.

É um dos mais vastos, ricos e magestosos templos ruraes de Portugal. (Vide Méca.)

—

Na aldeia da Espiçandeira está a egreja do martyr S. Sebastião, matriz da freguezia do mesmo nome, hoje reduzida a capella.

Não é edificio muito antigo, mas pelo abandono em que está, desde que deixou de ser egreja parochial, está a desmantelar-se. Tem um só altar, e nada que seja digno de menção, a não ser um tumulo, de pedra grosseira, sustentado por dois leões, tendo na pedra superior, em relevo, um cavalleiro vestido de ferro, e de espada á cinta. Tem a seguinte inscripção:

SEPULTURA DE FR. JOÃO BOTO PIMENTEL
DA ORDEM DE S. JOÃO BAPTISTA,
COMMENDADOR DE TAVORA E ABOIM,
E DE SANTAREM, E DE N. S. DA PORTELLA
DE VEZ E DE S. JOÃO DE VALLADARES.
O QUAL FALLECEU NO ANNO DE 1683,
A 8 DE FEVEREIRO.

—

Os Botos é uma familia muito nobre de Portugal, cujo tronco foi o desembargador Ruy Botelho Boto, filho de Ruy Boto.

Possuiam uma quinta, na aldeia da Espinçadeira, ou aqui proximo; mas já em 1750 aqui não existia nenhum membro d'esta familia. Suppõe-se que esta quinta é hoje a dos srs. marquezes de Alvito.

As principaes propriedades d'esta freguezia, são:

Quintas

De Baixo, do sr. D. José de Mello da Cu-

nha Mendonça e Menezes, marquez de Olhão, (hoje fallecido).

De Cima, do sr. Francisco de Lemos Seixas Lacerda Castello-Branco.

Do Carvalhal, do sr. A. Soares Leal.

Da Boa Vista, do sr. J. F. Leal da Costa Fajardo.

De S. Braz, do sr. J. Caetano Barradas.

Do Casco, do sr. F. J. d'Albuquerque.

Do Valle Mourisco, do sr. M. J. da Costa Carvalho.

Do Rangel, do sr. conde de Mesquitella.

Da Espiçandeira, do sr. José Lobo Garcez Palha d'Almeida.

De D. Carlos, do sr. D. José de Mello da Cunha Mendonça e Menezes.

Casaes

Do Carvalhal, do sr. A. J. Pancadares.

Dos Amarellos, do sr. M. F. Ferreira.

Do Padeco, do sr. J. F. Leal da Cunha Fajardo.

Da Costa da Raposa, do sr. A. G. Crespo.

Do Outeiro, do sr. M. Pereira.

Dos Bugarreos, do sr. J. Pereira.

Do Fiandal, da sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Paim.

Do Miguel José, do sr. J. Carvalho.

Dos Sobreiros, do sr. Antonio Pedro.

Da Marinella, do sr. Pedro Ribeiro.

Da Faineira, do sr. Carlos Joaquim.

(Vide Méca.)

ESPICHEL — Vide *Cabo do Espichel*.

ESPINHAL — freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Penella, 24 kilometros a NE. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Em 1757 tinha 345 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de S. Miguel, de Penella, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

ESPINHEL — freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 12 kilometros a NE. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Tem minuta para o foral novo, na gaveta 20, maço 12, n.º 12, da Torre do Tombo.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

É terra muito fertil. (Vide Eixo.)

ESPINHO — freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O deão da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

ESPINHO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os condes de Belmonte apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis.

ESPINHO — freguezia, Beira Alta, comarca, de Santa Comba Dão, concelho de Mortagua, 30 kilometros de Vizeu, 250 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 252 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu.

Consta que no principio da monarchia foi villa. D. Affonso I lhe deu foral em 1144.

É terra fertil.

O cabido da Sé de Coimbra apresemtava o vigario, que tinha 220$000 réis.

ESPINHO — formosa e grande povoação, Douro, freguezia de Anta, comarca, concelho e 10 kilometros a O. da Feira, 24 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

A população é fluctuante. No tempo dos banhos do mar póde orçar-se em 3:000 almas, fóra d'esse tempo andará por umas 500 ou 600.

Ainda em 1840 não era Espinho mais do que uma informe agglomeração de peque-

nas casas de tabuado, (chamadas *palheiros*) occupadas por pobres pescadores. Foi sendo móda entre as familias ricas da *Terra da Feira*, irem para alli tomar banhos e muitas d'ellas alli construiram *palheiros* proprios. Ao principio era móda serem feitos de tábuas, depois alguns os construiram de pedra e cal, mas térreos.

O fallecido José de Sá Couto, rico industrial (fabricante de papel) da freguezia de Oleiros, d'este concelho, fez em Espinho, ahi por 1843, uma bella morada de casas, de pedra e cal, de um andar, vasta e elegante.

Muitos mais cavalheiros foram construindo bonitas casas de pedra e cal, mas sem ordem nem regularidade no seu alinhamento, até que a camara da Feira providenciou sobre isto, marcando os arruamentos, e agora, as que modernamente se teem construido e vão construindo, já formam ruas regulares. Está pois hoje Espinho uma linda e já não pequena villa, e em poucos annos de certo será uma das boas villas de Portugal.

Tem uma capella, um club, um optimo hotel (além de outros bons, mas secundarios) cafés, bilhares, restaurantes, etc.

Já se vê que está situada sobre a praia do atlantico, e o seu solo é areia; porém, proximo mesmo á povoação, ha terrenos cultivados e ferteis. É uma vasta, amena e saudavel planicie.

Hoje, não são só familias da Feira que vão passar a estação de banhos a Espinho: alli concorre muita gente d'Oliveira d'Azemeis, Arouca, Porto e outras muitas terras.

A sardinha d'Espinho é justamente famosa, pela sua optima qualidade, (superior á de Nantes) em todo o reino.

Tem mais Espinho a grande vantagem de ser estação do caminho de ferro do Norte, a 36.ª, o que facilita a concorrencia dos banhistas.

Faz-se aqui annualmente a grande romaria de Nossa Senhora da Saude, á qual afflue uma immensa multidão de gente, não só dos povos circumvisinhos, mas até do Porto, Aveiro, Feira, Ovar e outras povoações.

Os habitantes permanentes d'Espinho fazem grande negocio com as familias que vão a banhos, desde julho até novembro, em alugueis de casas, serviços, venda de comestiveis etc etc. e ainda muito mais fariam se perdessem o seu mal entendido e prejudicial egoismo, pois exigindo pelos generos alimenticios um lucro desarazoado, fazem com que muitas familias se surtam d'esses generos, do Porto, perdendo os d'Espinho *tudo* por quererem ganhar *muito*.

—

No principio de Abril de 1874, deu aqui á costa uma monstruosa baleia [1] morta, que tinha 30 metros de comprido e 6 d'altura. Tinha 5 ordens de dentes, muito agudos, e 8 barbatanas (4 por lado) muito semelhantes na forma e no tamanho ás asas de um moinho de vento. Appareceu a uns 2 kilometros da povoação.

ESPINHOSO—freguezia, Beira-Alta, antigamente comarca de Taboaço, concelho de Trovões hoje comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 330 ao N de Lisboa, 90 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem mencionada no *Portugal Sacro e Profano*, provavelmente por esquecimento.

ESPINHOSELLA—freguezia Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

ESPINHOSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 440 ao N de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

[1] Os velhos pescadores d'aqui, dizem que não era baleia, mas um monstro marinho, de uma especie desconhecida por elles. Não me consta que este cetaceo fosse visto e classificado por pessoa competente, que lhe desse o seu verdadeiro nome, se effectivamente não era baleia.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

O abbade de Candêdo apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Candêdo, no mesmo concelho, e comarca, bispado e districto administrativo.

ESPIRITO SANTO — freguezia, Alemtejo, comarca d'Almodóvar, concelho de Mértola, 12 kilometros ao O de Beja, 180 ao S de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 406 fogos.

Orago Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Béja.

Terra muito fertil,—muito gado.

A mesa da censciencia apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

ESPIRITO SANTO D'ARCA — Vide Arca.

ESPISSANDEIRA—Vide Espiçandeira.

ESPITE — freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova-d'Ourem, 18 kilometros de Leiria, 144 ao NE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gloria.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

Ha aqui minas de carvão fossil.

A mitra apresentava o cura, que tinha cem mil réis.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o orago d'esta freguezia é S. João Baptista.

É terra fertil.

ESPIÚNCA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 15 kilometros a NE de Arouca, 40 ao O de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

Situada em terreno montuoso, mas fertil em cereaes, legumes e fructas, optimo azeite, muito e superior vinho verde, gado, mél cêra e muita caça.

Cria bastante gado de toda a qualidade.

O abbade benedictino do convento de S. João d'Alpendurada apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

(Vide Córnes e Sarabigões.)

O rio Paiva, que passa pela extremidade norte da freguezia divide o districto administrativo d'Aveiro do de Viseu e a provvincia do Douro da Beira Alta.

É povoação antiquissima, e em muitcos documentos antigos se lhe dá o titulo de villa.

Em 1750, era esta freguezia da comarca de Bracellos (!) e do concelho de Paivaa.

Em 1139 era do concelho de S. Finss, hoje extincto.

Houve aqui um antiquissimo convenato de freiras bentas, que foi supprimido no seculo XV, hindo as freiras para S. Bentto do Porto. Em 1138, Elvira Mendes, priôreza da Espiúnca, doou uma herdade ao padre João Guilherme, seu abbade (confessorr) e a Martinho Pires, sobrinho d'este, com a condição de ficar livre por morte d'amboos.

No instrumento da união da egreja da Espiúnca, ao mosteiro d'Alpendurada, feita por D. Rodrigo, bispo de Lamego, em 1322, se manda que o vigario da Espiúnca receeba annualmente de congrua «*Tres modios divisios per medium, panis, saliginis, ae milii, atque vini per mensuram de Nespreira, nunc currentem; hoc modo videlicet: quod VI. quartarios panis recipiat annuatim in Festo S. Michaelis mensis septembris; et VI puçalia vini annuatim in Festo S. Martini, mmensis novembris.*» etc etc.

ESPORÕES — freguezia, Minho, comnarca, concelho, e 18 kilometros de Braga, 3660 ao N de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago S. Thiago apostolo.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o vigario, cobllado, que tinha 80$000 réis.

Houve aqui um celleiro, para emprrestar milho aos pobres, fundado por Martinm Ribeiro.

É terra fertil.

Dava-se a esta freguezia antigameente o nome de Asperões e Esperões. Nas prrovincias do N dão ás pedras d'amolar o nome de asperões, ou esperões.

ESPÒZENDE — villa, Minho, comanrca, e 14 kilometros a O de Barcellos, 33 1/22 ao O

de Braga, 15 ao SO de Vianna do Castello, 14 ao N. da Povoa de Varzim, 40 ao NO do Porto, 355 ao N de Lisboa, 430 fogos (em uma freguezia) 1:650 almas (no concelho 3:330.)

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça, antigamente, e hoje Nossa Senhora dos Anjos.

Está em 41° 31' de latitude, N, e 15' de longitude occidental.

Situada em plano, sobre a direita e na foz do Cávado, com um pequeno porto de mar (unico do districto administrativo de Braga) para hiates e rascas. Era defendido por um forte que ha muitos annos está desguarnecido e muito arruinado. Tem pharol. Tem duas feiras annuaes, em junho e dezembro, ambas muito concorridas.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho, linho e fructas. Muito peixe.

Em frente e na margem esquerda do Cávado, fica a freguezia de Fão.

É provavel que os romanos aqui estabelecessem alguma estação naval, de maior ou menor importancia, mas d'isso não ha vestigios.

Consta porem que este rio foi navegavel, desde a sua foz até Prado, suburbios de Braga. Nos *Annaes do Municipio*, de Espózende le-se que a barra do Cávado foi antigamente muito importante, havendo n'este porto 70 a 80 navios d'alto bordo; e ainda pelos annos de 1807 a 1809, se fizeram n'este porto grandes e vastissimas obras, que a invasão franceza interrompeu; mas que ainda hoje attestam a importancia que este porto merecia ao governo do principe regente (depois D. João VI.) Em 1867, o governo decretou a cobrança de um imposto sobre todas as mercadorias importadas e exportadas por esta barra e sobre a lotação dos navios, com exclusiva applicação aos melhoramentos do porto. Chegaram a fazer-se os competentes estudos, e algumas obras preleminares, mas infelizmente a *pacifica* (assim se denominou a revolta de 1868) fez outra vez interromper os trabalhos; e o tal imposto tem continuado a receber-se, tendo produzido até hoje uma avultada somma, que se tem distrahido da justissima e urgente applicação para que fôra destinada; sem que os governos desde então queiram empregar nada do que recebem, n'este importantissimo melhoramento.

No meiado do seculo XVII se vieram aqui estabelecer varias familias de S. Miguel das Marinhas, para darem impulso á navegação e á pesca.

É da casa de Bragança.

Teve esta villa pleito com Fão, sobre os direitos da barra, mas Fão venceu, por ser mais antiga.

Tem hospital e casa de Misericordia muito rendosa.

Tem uma sumptuosa egreja matriz. Muito peixe.

O seu territorio é fertil em cereaes. Ha por aqui alguma caça, cria bastante gado, produz pouco vinho e máo, grande abundancia de sebôlas e alhos.

N'este concelho, na freguezia de S. Bartholomeu do Mar, houve um convento de monges benedictinos, que se reduziu a vigariaria no principio do seculo XVIII.

Em S. Miguel d'Alvarães, d'este concelho, existem as ruinas de uma torre antiquissima, chamada do Silveira. (Vide Carbôna.)

Na freguezia de S. Julião do Freixo, tambem d'este concelho, está o antigo castello de Curutêllo (curutello é diminutivo de curuto) com torre e muralhas, que foi dos Curutéllos.

Vide Cávado, Fão, Mar e Alvarães.

Actualmente a barra, por ser de areia está muito obstruida, e já com difficuldade é demandado, este porto aliaz importante. Foi elevada a cathegoria de Villa por ElRei D. Sebastião, em 15 de agosto de 1572. Tem espaçozos paços municipaes, sobre elegante, e solida arcaria e de vistosa architectura, ha pouco restaurados, e alargados, onde se acham installadas commodamente todas as repartições publicas, e que tem sido admirados, e elogiados por todas as pessoas que os tem visitado. É séde de uma delegação fiscal de primeira ordem, da Alfandega de Vianna do Castello. Tem uma estação telegraphica considerada do estado, uma Bibliotéca municipal, uma casa de escola, do legado do conde de Ferreira; uma Mesericordia,

e um Hospital, estabelecido ha pouco, mas em boas condições.

Tem um cemiterio publico, feito pela camara, e aberto em 1855. Possue uma boa e solida cadeia de tres pavimentos, situada no local mais central da villa, e um bom estaleiro onde se tem feito importantes construcções navaes.

Está ligada com Barcellos e Braga, por uma estrada direita, a macdam, por onde está estabelecida viação regular entre estes pontos, e finalmente a estrada municipal n.º 1, em muito adiantada construcção (1874) em breve ligará por uma boa estrada ao litoral, esta villa a Povoa, de Varzim e a Vianna, dandolhe muito mais importancia, e encurtando o trajecto entre o Porto e Vianna cerca de 10 kilometros.

É terra de muita iniciativa, e o estabelecimento e empreza para banhos do mar, devido á energia dos seus habitantes, e que a imprensa periodica ainda á pouco encomiou, deve dar-lhe valioso impulso.

Pertencem ao seu concelho as freguezias d'Apulia, apontada como boa estação para banhos do mar; a de Fão (que alguns pretendem ter sido a antiga cidade romana de Aguas-Cellenas, vide Barcellos) importante pela sua industria, e commercio maritimo; a de S. Bartholomeu, que foi o berço do actual ministro do reino o sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

O solo do concelho é abundante em toda a qualidade de fructos do nosso paiz, e ha aqui differentes minas de varios metaes: e o seu clima é sádio.

Tem abundante pescaria, e possue a cargo da camara um barco salva vidas com sua estação.

Exporta cereaes e muitas madeiras. Em frente á sua costa estão os penedos denominados Cavallos Fão, muito conhecidos dos mareantes.

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 130$000 réis.

—

O concelho de Espózende é composto de 15 freguezias, que são:

Apulia, Antas, Bellinho, Curvos, Espózende, Fão, Fonte Bôa, Forjães, Gandara, Geméses, Mar, Marinhas, Palmeira, Rio Tinto e Villa-Chan.

Vide Cavallos de Fão, Barcellos e Braga.

—

EQUISILICOS — habitantes da parochia antiquissima chamada *Equesis* ou *Equisis*, que era proximo de *Baroncelli*, na chancellaria de Braga, d'onde tambem era pouco distante. Parece que o seu nome vinha de *Aquæ silicis*. D'estes povos só faz menção Plinio, e a inscripção da ponte de Chaves. Não ha d'elles outras memorias ou tradicções.

ESQUADRA PORTUGUEZA — em 1830 e 1870.

Em 1830

Náos, 3 — S. Sebastião, Rainha e D. João VI.

Fragatas, 6 — Perola, Diana, Principe Real, Amazona, Principe D. Pedro e Duquezza de Bragança.

Corvetas, 6 — Urania, Princeza Real, Lealdade, Infante D. Miguel, Tritão, Voador.

Brigues, 6 — Gloria, Tejo, S. Boaventura, Constancio, Infante D. Sebastião e Providencia.

Charruas, 5 — Galathea, Maia e Cardoso, Orestes, Venus e Princeza Real.

Escunas, 2 — Andorinha e Artilheira.

Hiate, 1 — Sant'Anna.

Ao todo 29 vasos de guerra.

Em 1870

Náos, 1 — Vasco da Gama (desarvorada e incapaz de serviço. Principiou a sua construcção em 1822).

Fragatas, 1 — D. Fernando, (n'este navio está estabelecida a escola pratica de artilheria naval). Este vaso, decorado com o pomposo nome de *fragata*, não passa de uma pobre *charrúa*, que só serve para estar fundeada no Tejo com a referida applicação.

Corvetas, 10 — Estephania, Bartholomeu Dias, Sagres, Duque de Palmella, Infante D. João, Duque da Terceira, Sá da Bandeira e Infante D. Henrique (era a corveta ingleza *Hawk*, que tanto deu que fallar, pelo seu excessivo custo, sendo um *navio velho* e julgado incapaz de serviço pelo almirantado

inglez. Crismou-se primeiro em *Gil Eannes* e depois em *Infante D. Henrique*. Tirou-se-lhe o *milhafre* que tinha á proa, pondo-se em seu logar as armas do infante D. Henrique.) Temos mais ás corvetas de vela Damão (desarmada), Nova Goa e D. João Primeiro.

Vapores, 6—Mindello, Argos, Lynce, Zarco, Tejo e Maria Anna.

Canhoneiras, 4—Rio Minho, Guadiana, Camões e Principe Carlos.

Brigues, 1—Pedro Nunes.

Transportes, 1—Martinho de Mello. (É uma barca de vela.)

Escunas, 2—Lazarim e Napier. (Ambas desarmadas.)

Hiates, 3—S. Thomé, Penha Firme e Algarve. (O hiate S. Thomé está reduzido a *pontão*, em Loanda).

Ao todo, 29 vasos de guerra.

—

Temos (em 1874) 4 almirantes, 8 capitães de mar e guerra e 18 capitães de fragata.

ESQUEIROS—freguezia, Minho, até 1855 comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 14 kilometros a NO. de Braga e 835 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal, o qual tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

ESQUIEIRO—portuguez antigo, hoje usado na Terra da Feira. Passagem a través de uma parede, feita com degraus permanentes, por onde possa passar gente, mas não gado grosso ou miudo.

ESTAÇÕES TELEGRAPHICAS—(segundo o decreto de 7 de abril de 1869).

Estações que devem julgar-se de primeira ordem ou do estado

Por estarem nas capitaes dos districtos

Lisboa, Porto, Bragança, Villa Real, Braga, Vianna do Castello, Viseu, Aveiro, Guarda, Coimbra, Leiria, Santarem, Castello Branco, Evora, Beja, Portalegre e Faro.

Estabelecidas em praças de guerra, commandos de divisões e postos militares importantes.

Chaves, Vallença, Campo Maior, Elvas, Extremoz, Tavira e Carnide.

Junto ás residencias reaes e ás côrtes

S. Bento (côrtes), Necessidades, Ajuda, Belem, Mafra, Villa Viçosa, Cintra.

Alfandegas e estações centraes dos caminhos de ferro.

Barca d'Alva, alfandega de Lisboa, alfandega do Porto, Devezas (estação do caminho de ferro do norte), Elvas (estação do caminho de ferro de leste), Caminha, Marinha Grande e S. Martinho.

Nos portos de mar e semaphoricos

Luz (foz do Douro), Figueira, Peniche (cabo Carvoeiro), Oitavos, Cascaes, Parede, S. Julião (foz do Tejo), Paço d'Arcos, Bom Successo, Arsenal, Pragal, Sagres, Olhão e Setubal.

Succursaes

Correio Geral, Largo do Rato, Bemposta, Caes dos Soldados, Cantareira.

Por terem rendimento superior a mil telegrammas por anno.

Villa Real de Santo Antonio, Regua, Guimarães, Lamego, Villa Nova de Portimão e Lagos.

Por serem indispensaveis ao serviço, por serem no entroncamento ou intermedios.

Monte Mór, Barreiro, Villa Franca, Abrantes, Pombal, Caldas, Mealhada, Celorico da

Beira, Covilhan, Foz Côa, Mirandella e Oliveira de Azemeis.

Estações que devem ser consideradas como municipaes

Agueda, Albergaria Velha, Albufeira, Alcobaça, Aldeia Gallega, Amarante, Arcos de Val de Vez, Alemquer, Barcellos, Barquinha, Batalha (Porto), Borba, Cartaxo, Ericeira, Espózende, Fundão, Gouveia, Lagoa, Loulé, Mangualde, Mértola, Moncorvo, Mattosinhos, Penafiel, S. João da Pesqueira, Pinhão, Pomarão, Ponte de Lima, Silves, Thomar, Torres Novas, Torres Vedras, Valle Paços, Vendas Novas, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Nova de Famalicão e Vinhaes.

ESTADIO—medida antiga, muito usada na Lusitania desde a dominação romana. Ptolomeu, Plinio, Pombonio Mella e Antonino Pio, quasi não usam d'outra medida.

Segundo a opinião mais seguida, cada 5 *estadios* formavam um dos nossos actuaes kilometros, sendo portanto necessarios 30 *estadios* para fazer uma legua portugueza, de 18 ao grau.

A *milha romana* vinha a ser, com uma nsignificante differença, 2 kilometros. Era pois de 2 em 2 kilometros que os romanos collocavam os *marcos milliarios*, nas suas *vias militares*.

ESTÁOS—Ha diversas (e algumas até extravagantes) opiniões sobre a etymologia d'esta palavra. (Vide Bluteau, *Vocabulario*; José Soares da Silva, *Memorias de D. João I*; e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario.*) Segundo Duarte Nunes de Leão, *Origens da lingua portugueza*; *hostáos* (ou *estáos*) significa hospedaria, e está decidido que é a verdadeira acepção d'esta palavra.

Na *Evora Gloriosa*, o padre Fonseca diz que *estáos* vem de *estâcas*!

Tambem se dizia *estãos*. Chamavam-se *paços dos estáos*, aos que havia no Rocio de Lisboa (onde hoje é o theatro normal) porque alli haviam varias estalagens ou *estáos*. Outros dizem que se lhe deu este nome por ser feito de proposito para n'elle se *hospedarem* os embaixadores estrangeiros.

ESTARREJA—villa, Douro, na freguezia de S. Thiago de Beduído; 40 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 2:500 almas, no concelho 8:000 fogos, na comarca os mesmos.

As freiras bernardas do real mosteiro de Arouca, apresentavam o reitor, por concurso, que tinha 140$000 réis.

Situada em terreno quasi plano, na direita do *Antuan*, que desagúa com o Vouga e Agueda na ria de Ovar.

E' a 33.ª estação do caminho de ferro do Norte, que tem aqui uma bella ponte.

Além da ponte do caminho de ferro, ha aqui mais duas pontes sobre o Antuan.

Pertencem-lhe as armas da Feira, por ter feito parte das Terras de Santa Maria. Os habitantes d'aqui tinham todos os fóros e privilegios da Feira.

Chamava-se antigamente *Antuan* ou *Antuão*.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519, e ainda então tinha o nome de *Antuão*, que é como no foral se designa.

Aqui viveu o distincto e sapientissimo jurisconsulto José Homem Correia Telles, e aqui morreu (deixando uma filha unica, que ainda vive, solteira) em 1849. Nasceêra na freguezia de S. Thiago, de Bésteiros em 1780. Para a sua biographia, vide Bésteiros, (S. Thiago-Maior, e para o mais de Estarreja, vide Beduido (S. Tiago de) e Antuan.

O primeiro conde de S. Thiago de Beduído, foi Lourenço de Sousa da Silva, por D. Affonso V, em 12 de novembro de 16667.

Suas armas (dos condes de S. Thiago) são: o escudo esquartellado dos Sousas e Silvas, que é, o 1.º e 4.º quartel divididos em quatro, no 1.º e 4.º de cada um d'estes, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º quartel, o leão dos Silvas. Timbre o mesmo leão.

Ha em Estarreja abundantes minas de chumbo, exploradas por uma forte companhia. Em abril de 1874 foi despachada na alfandega de Lisboa, uma grande caldeira, para uma machina de vapor d'esta empreza.

—

A comarca de Estarreja é composta sómente do seu julgado.

O concelho tem 9 freguezias, 6 no bispado do Porto e 3 no de Aveiro, que são: no bispado do Porto, Avanca, Beduído, Bunheiro, Murtosa, Pardilhó e Veiros; no bispado de Aveiro—Canellas, Fermelan e Solreu.

ÉSTE ou **DÉSTE**—é o nome moderno do rio *Aleste* ou *Aliste*, no Minho.

Para evitar repetições (que já não são poucas.) vide *Aleste* e *Aliste*.

Nasce proximo a Braga e morre na direita do Ave, perto do mar, com um curso de 35 kilometros. Réga, móe e traz peixe miudo.

ÉSTE ou **D'ÉSTE** (S. Mamede)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 300$000 réis.

N'esta freguezia (principalmente na aldeia ds Carvalho d'Éste) a Leal Legião Lusitana, artilheria 4, alguns milicianos e povo mal armado, sustentam por tres dias (18, 19 e 20 de março de 1809) renhidos combates contra as hordas de Soult, fazendo-lhe muitos mortos e feridos: por fim, supplantados pelo numero, tiveram os portuguezes de retirar, seguindo-se, no 3.º dia a tomada de Braga.

Passa aqui o rio Éste ou Déste.

Esta freguezia e a seguinte formava antigamente só uma parochia com 100 fogos.

E' terra bastante accidentada, mas bonita e fertil.

ÉSTE ou **DÉSTE** (S. Pedro)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 124 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Vide a freguezia antecedente.

É, como a outra freguezia sua homonyma, em terreno accidentado, bonito e fertil, regado pelo rio do seu nome.

Esta freguezia é que foi desmembrada da outra, pois o *Portugal Sacro e Profano* só traz S. Mamede d'Este.

ESTEPHANIA—villa (em projecto) na Extremadura, freguezia, comarca e concelho de Cintra, 30 kilometros a NO. de Lisboa e 1 ao NE. da villa de Cintra.

Passa por esta pequena povoação a nova estrada *Larmanjat*, feita e aberta á viação publica em 1873. N'este anno (de 1874) a villa Estephania tem apenas 10 moradas de casas. A sua situação, em uma pequena elevação, é muito bonita, como tudo em Cintra, de que fórma um arrabalde.

Entre esta povoação e a villa de Cintra, ha uma praça de touros, construida modernamente.

ESTELLA—freguezia, Minho, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 30 kilometros ao O. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora do Ó.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É fertil.

Estella ou *Stella*, é nome proprio de mulher. O mesmo que *Estrêlla*.

Foi senhor d'esta freguezia o conde D. Mem Paes Roufinho, tronco dos Azevedos, e tambem senhor de Villa do Conde (e é por isso que se chama assim esta villa) o qual, com seu filho Hermenegildo, venderam a freguezia d'Estella a D. Mendo, terceiro abbade de Tibães, por 25 *morabitinos*. (Cada *morabitino* valia então 400 réis.)

D. Affonso Henriques coutou depois (em 1133) esta freguezia por 600 alqueires de pão, que lhe deram os frades de Tibães.

ESTER—vide Esther.

ESTÈRE, ESTÉREL, ESTERELLE e **ESTERERA**—portuguez antigo, esteril, infructifero, que não rende.

ESTEVAES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 180 kilometros ao NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castello Branco (de Traz-os-Montes) apresentava o cura, que tinha dez mil réis de congrua e o pé d'altar.

ESTEVAES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, até 1855, e desde então comarca e concelho de Moncorvo, 144 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Cyriaco, ou segundo o *Mappa das congruas*, S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor da Torre de Moncorvo apresentava o vigario, que tinha 8$600 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia da Junqueira, d'este concelho, esteve alguns annos annexa a esta freguezia.

ESTEVAL — freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Proença a Nova, 60 kilometros do Crato, 180 a E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior apresentava o cura, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho, á bica, e 2$000 réis em dinheiro.

ESTEVÃO (Santo) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 35 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

É terra fertil, mas de clima excessivo.

A mitra apresentava o prior, que tinha 130$000 réis.

ESTEVÃO (Santo) ou **CANHA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros ao NO. d'Evora, 150 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administratitivo de Evora.

Esta freguezia já está sob a palavrra *Canha*, que é como se chamava antigammente. Hoje nos papeis officiaes diz-se *Santo o Estevão.*

A mitra apresentava o cura, que e tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.a.

Muito fertil em cereaes.

ESTEVÃO D'ALFAMA (Santo) — vidde Lisboa.

ESTEVÃO DE BARROSAS (Santo) — — freguezia, Extremadura, comarca e conncelho de Benavente, 80 kilometros ao O. d'EEvora, 60 ao E. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado d'Evora, districto adminministrativo de Santarem.

É muito fertil.

A mitra apresentava o cura, que e tinha 245 alqueires de trigo e 68 de cevada.a.

ESTEVÃO DO CACHOPO (Santo) — frreguezia, Algarve, comarca e concelho de TTavira, 24 kilometros de Faro, 245 ao S. de LiLisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de e Faro.

Esta freguezia está espalhada por mmontes, e é no *Barrocal*, em terreno agreste e e muito accidentado. Produz alfarrobas, exccellente vinho e muita lenha e carvão.

É terra pobre. Ha aqui muita caça. G Grande abundancia de pedra de cal e muitosos fornos d'ella. Tem fama de ser muito b boa a gente d'esta freguezia.

Ha dois lagares de azeite (em Mont'A Agudo e proximo á egreja). Passa aqui o rirribeiro Arroyo, que nasce no Bicalto, e o das OrOndas, que nasce nos Buracos de João Cavallleiro. Ambos morrem no Asséca.

A esta freguezia esteve algum tempoo annexa a de Nossa Senhora da Luz, quete hoje está independente.

A mitra apresentava o cura, que e tinha 150 alqueires de trigo, 75 de cevada a e 50 arrobas de figos.

ESTEVÃO DE FAIÕES (Santo) — vide Faiões.

ESTEVÃO DAS GALLÉS (Santo) — freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa (e foi do seu termo), 320 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada em alto. Fertil.

Esta freguezia era antigamente uma aldeia da freguezia de Loures.

O povo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e o pé d'altar.

ESTEVÃO DE RIBA D'AVE (Santo) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno pouco accidentado e fertil. Passa aqui o rio Ave.

Esta freguezia é actualmente a de S. Pedro Fins de Riba d'Ave. Vide Riba d'Ave.

O sacro collegio patriarchal apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual, segundo se vê no vol. 1.º do *Portugal Sacro e Profano*, pag. 220.

ESTEVÃO DE VILLAR DAS ALMAS (Santo) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

ESTEVES — vide Couto d'Esteves.

ESTHER ou **ESTER** — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Terra montanhosa mas fertil em centeio, trigo, castanha, azeite e vinho. Cria bastante gado, principalmente miudo e colmeias.

Á excepção da egreja (que é bonita) todas as casas, ainda as mais aceiadas, são cobertas de lousas.

Querem alguns que o nome d'esta freguezia venha de Esther, nome proprio de mulher, e por isso foram escrevendo com *h*: mas eu entendo que vem de *estére*, esteril. (Vide Estére e Parada d'Ester.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

ESTOI ou **ESTOY** — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 9 kilometros ao E. de Fáro, 245 ao S. de Lisboa, 1:000 fogos.

Em 1757 tinha 570 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Fáro.

Feira a 10 de julho, 3 dias.

A mitra apresentava o prior, collado, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Situada em um cabêço, no centro d'uma planicie amena e fertil. É uma grande e bonita aldeia, com boas casas, todas muito bem caiadas e aceiadas.

Pelo terramoto de 1755, teve 60 casas arruinadas. Corre pela freguezia, de N. a S., a ribeira do Alcaide (Vide esta palavra.)

Ha aqui bastante esparto. A egreja, que o terramoto arruinou, foi reedificada no principio d'este seculo por o benemerito bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar: é de 3 naves, separadas por bellas columnas monolythicas, de 15 palmos de altura, sobre pedestaes de 1 metro e com bellos capiteis. Tem um magestoso frontespicio, adornado de bellas columnas jonicas, e um vasto e bonito adro.

Teve uma grande feira de 3 dias, no 4.º domingo de julho, mas acabou.

Esta freguezia é abundante de optimas aguas.

Dizem os melhores escriptores que n'este sitio existiu a antiquissima cidade de *Ossonoba*. Outros dizem que *Ossonoba* é a actual cidade de Fáro. Outros emfim, que é *Estombar*.

Consta que *Ossonoba* foi a primeira po-

voação da peninsula hispanica onde se prégou o Evangelho, pelos annos 36 de Jesus Christo. Outros dizem que foi em Evora.

Dizem que foi bispado, sendo seu primeiro bispo, Pedro. Seus successores foram: Pluciano, Vicente, Cornelio-Iliberitano, Agripio e mais tres, de que não pude saber os nomes.

Em 589, no tempo do rei godo Flavio Ricaredo, tinha *Ossonoba* bispo e sé cathedral. Os arabes arrazaram esta cidade em 715, em desforra da brava resistencia que aqui fizeram os lusitanos. Quando o Algarve tornou a ter bispo, foi a sua séde em Silves. (Vide esta cidade.)

Principiou a ser bispado no fim do seculo III, e deixou de o ser no fim do VI. Quando os mouros tomaram o Algarve, já havia mais de um seculo que *Ossonoba* não tinha bispos; não se sabe pelo quê. Outros, porém, dizem que houve aqui sempre bispos até 715.

Ha todas as probabilidades de que effectivamente *Ossonoba* foi por uns 300 annos séde de um bispado, qualquer que fosse o local onde esta cidade existisse.

Não me consta que em Estôi tenham apparecido vestigios de tão remota antiguidade (do tempo dos primeiros christãos do Algarve) entretanto parece fóra de toda a duvida que a antiga *Ossonoba* era aqui. E tanto que os arabes lhe chamavam *Ossonoba* ou *Oksonoba* e a Fáro davam o nome de *Pharaon*. Vide Fáro, onde se trata mais circumstanciadamente d'esta antiquissima cidade.

E' terra muito fertil, tem bonitas quintas e produz optimas fructas.

Tem aqui apparecido vestigios de grandes edificios, aqueductos, sepulturas, lapides, cippos, columnas e outras antiguidades. Em Milreu, que é proximo, ha vestigios de um templo e tambem outras muitas antiguidades. Parece que o nome actual de Estoy, lhe provem de *Esteio* ou *Estuario*, por o *esteio* (esteiro) que dava ingresso ás marés, até quasi á povoação. Tudo o mais que se desejar saber quanto a antiguidade, póde vêr-se nas palavras: Algarve, Faro, Milreu e Ossonoba; o que aqui não escrevo para evitar repetições. Vide tambem Trindade (Campo da)

ESTOMBAR—villa, Algarve, comarca de Silves, concelho da Lagoa, 50 kilometros de Fáro, 240 ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 332 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Fáro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento, e o pé d'altar, além das *miúças*.

Tem uma boa egreja de 3 naves.

Tinha o parocho, antes de 1834, o dizizimo das *miúças*, que rendia 500$000 réisis. A povoação está dividida entre Estombar e o porto de *Mexilhoeira* (que lhe fica, a O. 1:1:500 metros) e varias casas e quintas.

E' terra fertil.

E' povoação antiquissima, e foi villa famosa, com forte castello, chamado pelos arabes *Abenabece*.

O seu castello foi doado por D. Sancho I ao convento de Alcobaça, em 1191, antes da perda da villa.

D. Sancho I a tomou aos mouros em 1189; mas o Miramolim de Marrocos a tornou a reconquistar (assim como a todo o Algarve e parte do Alemtejo) em 1191.

Em 9 de janeiro de 1243, sahiu de Silves (então côrte) o rei mouro *Aben-Afan-i-al-Mansor*, com parte da guarnição da cidade e veio atacar esta villa. O grande D. Payo Peres Correia, mestre da Ordem de S. Thiago e fronteiro-mór do Algarve, estava de prevenção e apenas o rei mouro sahiu de Silves, a investe e toma por surpreza. Almansor, abandona Estombar e vem logo em soccorro da sua cidade, mas já as Quinas fluctuavam ovantes nas torres do castello. Almansor teve de fugir, mas, com a pressa, cahiu a uma lagôa, onde morreu afogado. Ainda a esta lagôa se chama o *Pégo de Almansor*.

Segundo as memorias do tempo, Aben-Afan, era um perfeito cavalheiro, grande justador, musico e poeta.

Era um guerreiro corajoso, mas em tempo de paz recebia com muito agrado e gge-

nerosidade, em sua côrte, os cavalheiros e trovadores portuguezes.

—

Tinha um convento de frades franciscanos (de Xabregas) no sitio do Perchel ou Prachel, do qual a maior parte e toda a egreja cahiram com o terramoto de 1755. Era pequeno.

Em 1755, tinha esta villa 326 moradas de casas: 7 d'ellas (além do convento) cahiram então, e algumas das outras ficaram mais ou menos damnificadas. Não morreu pessoa alguma.

Por entre as ruas da villa passa a estrada de Fáro.

Alguns escriptores sustentam que esta villa está assente sobre as ruinas de *Ossonoba*. (Vide Estoi e Fáro) o que não é provavel.

—

Aqui nasceu, no anno 1797, o famoso guerrilheiro legitimista, José Joaquim de Sousa Reis (o *Remechido*.) Era filho de lavradores abastados, que o destinaram á vida ecclesiastica e o mandaram estudar no seminario de Fáro; mas namorando-se de uma senhora de S. Bartholomeu de Messines, casou com ella, e viveu em Estombar, como rico proprietario, que era. Foi homem de muita intelligencia e muito bondoso, caritativo e leal. Decidido realista, tinha emigrado para a Hespanha, em 1826, regressando em 1828.

Na desgraçada e fratricida guerra de 1832 a 1834, em que sempre serviu com fidelidade o seu rei, mostrou grande bravura e tactica militar. Depoz as armas em maio de 1834 (foi dos ultimos, como o valente algarvio Thomaz Antonio da Guarda Cabreira) e regressou a sua casa, mas os liberaes o perseguiram, o que o obrigou a *andar a monte*, por espaço de 27 mezes; mas vendo que todo este tempo não bastava para extinguir a sanha dos seus inimigos, e exasperado pelos insultos e barbaridades que elles praticaram contra sua mulher e filhos, vendo sua casa roubada e incendiada; se poz á frente d'outros perseguidos, como elle, e tratou de resistir. A primeira povoação que atacou, foi Estombar, onde tinha a sua casa e familia, que logo cahiu em seu poder.

As garantias foram suspensas e a provincia declarada em *estado de sitio*. Varios corpos de 1.ª linha e batalhões de guarda nacional andaram em perseguição do *Remechido*, que estava por fim senhor de muitas terras do Algarve e até algumas do Alemtejo. Mas, adoecendo *Remechido*, e estando quasi só, no sitio da Portella da Côrte das Velhas, houve alguem que o denunciou, sendo alli logo cercado por uma brigada.

Apesar de muito doente, *Remechido* resistiu intrepidamente por muito tempo; mas, emfim, foi agarrado, no dia 28 de julho de 1838. (Tinha principiado a sua campanha, a 23 de agosto de 1836, não contando os 27 mezes que andou refugiado e que tambem andava armado.) Foi conduzido para Fáro e alli logo fuzilado a 2 de agosto d'esse anno, isto é, 5 dias depois de prisioneiro.

O Algarve ficou assolado, tanto pelos guerrilhas como pelas tropas do governo.

ESTORÃOS—freguezia, Minho. comarca e concelho de Ponte do Lima, 375 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Penteeiros apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis.

No carreiro que vae d'esta freguezia para o alto do monte, onde está a capella de Santa Justa, ha uma pequena *chan*, e no meio d'ella uma grande pedra espherica, com um buraco de um lado. E' crença do povo d'estes sitios, que a rapariga que, sem difficuldade metter e tirar a cabeça por este buraco, tem plenamente provado a sua virgindade!

ESTORÃOS—vide Esturãos.

ESTORIL—vide Cascaes, a pag. 150 do 2.º volume.

ESTOY—vide Estoi.

ESTRADA MOURISCA—vide S. Felix da Marinha, Condeixa Velha, Agueda e Mourisca.

ESTRADAS ROMANAS ou VIAS MILITARES ROMANAS—antes do grande Sertorio

vir governar os povos da Lusitania (a pedido d'estes) no anno do mundo 3920, 84 antes de Jesus Christo, não havia na Penisula Iberica uma só via de communicação que tal nome merecesse.

Sertorio era um romano tão corajoso e perito pelas armas como insigne pelas lettras, e estabelecendo o seu *quartel general* (melhor diria *côrte*) em Evora, não só venceu os famosos generaes romanos Cayo-Anio, Romano-Cota, Dédio, Quinto-Metello-Pio, Lucio-Domicio, Manilio, Metello e Pompeo, que Roma mandou successivamente contra os lusitanos; mas, e o que é mais! —fez progredir e desenvolver muitos e grandes melhoramentos materiaes e moraes, na sua patria adoptiva, pagando aos lusitanos, em differentes monumentos de utilidade publica (muitos dos quaes ainda existem, mais ou menos bem conservados) o amor e a obediencia que cordialmente lhe dedicavam.

E' pois provavel, e opinião de alguns escriptores, que as primeiras estradas que se viram na Lusitania foram por elle mandadas construir.

—

Mas este grande homem apenas esteve 11 annos á testa dos negocios da Lusitania. O traidor Perpêna, estrangeiro ao serviço de Sertorio, o assassina cobardemente com 21 punhaladas, em um banquete a que o havia traiçoeiramente convidado, no anno 74 antes de Jesus Christo.

Alguns historiadores attribuiram este crime a suborno de Pompeo; mas é mais provavel que a ambição levasse Perpêna a commettel-o, visto que logo se pôz á frente dos lusitanos, porém Pompeo o derrotou e matou.

Os lusitanos, apesar de não terem já um chefe habil e valente que os dirigisse contra as aguerridas, exercitadas e bem armadas legiões romanas, commandadas por generaes escolhidos, resistem tenazmente por espaço de 13 annos, até que succumbiram, depois de terem derramado ondas de sangue romano, mas quando já na patria não havia senão mulheres, velhos e creanças (63 annos antes de Jesus Christo.)

—

Julio Cesar veio pela primeira vez á Lusitania como *questor* de Tuberon, no anno do mundo 3941 (63 annos antes de Jesus Christo) e para sujeitar este paiz commmetteu as maiores crueldades.

Vindo segunda vez á Lusitania no anno 51 antes de Jesus Christo, como *prefeito*, continuou a ser o mesmo sanguinario e exterminador. Vencido por elle Sexto Pompeo, no anno 49 antes de Jesus Christo, tornou Julio Cesar á Lusitania pela terceira vez; porém, com o fim de captar a benevolencia dos póvos, já não era o monstro de outros tempos, mas respirava brandura e amalabilidade, cobrindo a Lusitania de honras e e privilegios.

É d'este tempo que datam as primeiras *vias militares romanas* da Lusitania; ; porém quando estas obras tiveram grande e desenvolvimento foi quando Octavio Auguststo veio aqui no anno 26 antes de Jesus Chrisisto.

Este illustrado e glorioso imperador ampliou muito as concessões feitas por Julio Cesar, e não só construiu optimas, luxuxosas e solidissimas estradas, mas levantou sumptuosos templos aos deuses, fundou varias povoações e promulgou novas e protectoras leis; pelo que os lusitanos, agradecidos, lhe levantaram estatuas em Evora, Mértolola, Lisboa, Santarem e outras terras.

Repartiu a Lusitania em quatro chancellarias, que eram: Merida (capital dala Lusitania, e hoje na provincia da Extremmadura hespanhola) Beja, Santarem e Braga.

(Foram estas chancellarias que então fizeram o recenseamento geral da Lusisitania, vendo-se por elle que esta nação tinha n'esse tempo seis milhões de chefes de familia, o que vinha a dar em resultado uma a população de mais de vinte milhões d'almas.)

No anno do nascimento de Jesus C Christo, imperando ainda Augusto, todo o imperio romano gozava uma benefica e profunda paz (por isso ainda hoje se dá o nome de *paz octaviana* á que é feliz e duradoura).

Eram pretores de Augusto, na Lusisitania, Quadrato e Tito Flavio Claudiano, que fizeram progredir os melhoramentos materiaes e moraes do paiz que fôra confiado á sua direcção.

Augusto morreu no anno 14 de Jesus Christo, succedendo-lhe Tiberio, que fez consul da Lusitania a Vibio Sereno.

Durante os imperios de Tiberio, Caligula e Claudio, poucos progressos fez a Lusitania. Nero, que subiu ao poder imperial no anno 41, mandou governar a peninsula, na qualidade de proconsul, ao indulgente e virtuoso Otho Sylvio, que bastante fez em beneficio das Hespanhas.

As desavenças entre Sergio Galba, Otho Sylvio e Vitelio pouco influiram nas condições da Lusitania.

—

O anno 70 porém, abriu uma nova era de prosperidade para a Lusitania, com a elevação ao throno do célebre Vespasiano. Foi este imperador que abriu aqui grande numero de estradas e dotou muitas povoações com obras sumptuosas.

Seu filho Tito (anno 75) não lhe ficou atraz nos desejos de progresso. Fez Plinio questor das Hespanhas, e se dividiu então a Lusitania em tres comarcas, Lerida, Beja e Santarem, havendo tambem muitas colonias e municipios romanos muito populosos.

Até ao anno 100, durante o imperio do cruel Domiciano e de Nerva, não houve alteração sensivel na Lusitania.

Nerva adoptou o immortal Trajano, gloria das Hespanhas (era hespanhol, natural de Córdova) que elevou a Peninsula ao maior grau de prosperidade. Reedificou e ampliou muitas vias romanas, construiu muitas e solidissimas pontes, grande numero das quaes ainda existe, desafiando as injurias do tempo, sendo as mais notaveis as de Alcantara (que então era na Lusitania) sobre o Tejo, a de Alvarenga, sobre o Paiva, e outras muitas; concluiu a de Chaves, e, segundo alguns escriptores, construiu as de Canavezes, Mirandella, Barcellos, Ancora, Ponte de Sôr, Amarante (a primeira) e outras.

Os lusitanos, gratos a tantos beneficios, lhe levantaram estatuas e padrões em muitas terras.

Trajano morreu no anno 114; succedeu-lhe Adriano, que tambem muito beneficiou a Lusitania; não assim seu successor Antonino Pio, que além de alguns reparos nas estradas e outros monumentos, e da redacção do seu *Itinerario*, poucas memorias ha do seu tempo.

Desde 162 até 392 a Lusitania, em vez de prosperar, decahiu; mas n'este ultimo anno, sendo elevado ao solio imperial o illustre lusitano Theodosio *o Grande*, natural de Cauca, fez muitos beneficios á sua patria; porém logo, em 405, os barbaros do norte a invadiram, destruindo estupidamente, e só pelo prazer de devastar, muitos dos principaes monumentos do tempo do imperio romano.

Com o tempo, estes barbaros se foram tornando menos ferozes e por fim se foram polindo e illustrando; e como vieram a formar uma só e mesma nação com os povos da Peninsula, sem haver differença entre invasores e invadidos, reconstruiram muitos dos edificios romanos que tinham destruido. Fundaram muitas egrejas e conventos, dos quaes muitos ainda existem; assim como grande numero de castellos e fortalezas, e alguns d'elles o tempo tem mais ou menos poupado, e cuja robusta construcção ainda nos infunde respeito e veneração.

Parece porém que pouco ou nada curaram do reparo das vias romanas, pelo menos nada a esse respeito consta das historias contemporaneas.

Em 714 teve logar a invasão dos serracenos (arabes ou mouros) e se nos primeiros annos do seu feroz dominio muito destruiram, devemos confessar que depois muito reconstruiram e edificaram. Muitas pontes, algumas leguas de estradas, bastantes castellos e grande numero de templos (hoje transformados em egrejas christans) attestam a sua solicitude e adiantamento na arte architectonica. As Hespanhas estão ainda hoje cheias dos seus bellos monumentos.

—

Constituido o reino de Portugal, e completamente expulsos d'elle) no meiado do seculo XIII os mouros) os nossos reis naturaes trataram de assegurar a corôa na sua fronte e na de seus descendentes. Fundaram é verdade, muitos castellos, muitas egrejas, muitas capellas e innumeraveis conventos;

porém—é triste dizel-o—nada cuidaram—nem no tempo mais prospero e rico — em canaes e estradas.

Ha trinta e tantos annos é que se tem dado bastante impulso á edificação de estradas publicas, e, se ainda n'esse ponto não attingimos ao adiantamento que se nota na Inglaterra, França, Belgica, Hollanda, Prussia, etc., é innegavel que estamos mais adiantados do que os nossos visinhos e co-irmãos, os hespanhoes.

Solidez e magnificencia das vias militares romanas

O povo romano era magnifico e desvelado em construir as suas estradas, commodas, duradouras, luxuosas, e proporcionando aos transeuntes vias facilimas de communicação entre as diversas povoações, e ás suas tropas o rapido transporte de um a outro ponto.

De milha em milha collocavam um padrão (marco milliar) com a indicação do numero de milhas que uma cidade distava da outra. Muitos d'estes *padrões* eram ornados de bellas esculpturas e com inscripções laudatorias a diversos imperadores ou pessoas notaveis.

Ainda em Portugal se conservam muitos, que vão especialmente mencionados nas terras onde existem. Vide Braga, Geira, Portella do Homem, etc.

Estas estradas eram construidas, ou á custa do estado, ou do dinheiro tirado dos cofres publicos, ou de donativos e legados que para isso destinavam os particulares, ou, finalmente, do producto dos despojos dos inimigos do imperio.

Havia individuos exclusivamente destinados ao governo e conservação das estradas, a que davam o nome de *Viarum Curatores*, com as attribuições, pouco mais ou menos, dos actuaes chefes de cantoneiros ou fiscaes das estradas.

Havia *vias militares* e *vias vicinaes*, e os nomes dos que concorriam para a sua construcção, reedificação ou concerto, eram inscriptos nos marcos miliares, o que era considerado como grande honra.

Ninguem estava isento de contribuir para as estradas, nem mesmo as proprieddades dos imperadores.

Os montes eram aplanados, e quanddo absolutamente o não podiam ser, por causa dos rochedos, n'estes mesmos abriam caminho amplo a picão.

Se havia declives ou baixos, entulhavam-se ou se construiam viaductos, procurando-se sempre que as estradas fossem plannas e em linha recta.

Todas as vias militares eram calçadas, consistindo o pavimento em quatro camadas, cada uma de differente materia. A primeira, que servia como de alicerce ou fundamento das outras, se chamava *statumen;* e antes de a construirem se limpava d'alli toda a terra friavel, areia ou argilla que podesse obstar á firmeza e segurança que se exigia. A segunda camada se chamava *rudera-tio*, e consistia em uma composição de fragmentos de louça, telhas, tijolos, etc., adherentes com argamassa ou com betume, de tal qualidade, que ainda hoje admiramos a sua dureza e robustez. Á terceira camada se dava o nome de *nucleus*, e era formada de cal e areia, que se applicava em consistencia branda e capaz de admittir as fórmas que lhe quizessem dar. Era sobre esta que se collocava a quarta e ultima camada, a que se dava o nome de *summa crusta* ou *summum dorsum*, que consistia em seixos, calháos, pedras chatas, tijolo ou cousa similhante, que fazia os caminhos lisos, rijos e duraveis.

Para que as aguas não as arruinassem, construiam fossos ou vallas de um e outro lado e deixavam as calçadas abauladas, para que as aguas se escoassem logo pelas vallas lateraes.

As estradas eram mais ou menos bellas, segundo o material proximo que n'ellas se podia empregar.

Onde havia abundancia de pedra branca rija (como na estrada de Salamanca) ficava o leito muito alvo e por isso se lhe dava o nome de *via argentea*. Onde a pedra era cinzenta ou côr de ferro, se lhe dava o nome de *via ferrea*.

Mas se nas proximidades das vias planisadas não havia material proprio, era este

transportado dos sitios em que o havia, em carros ou em barcos.

Os imperadores e seus consules, proconsules, prefeitos, questores e tribunos nunca olharam a despezas e difficuldades para levarem á conclusão e perfeição estas verdadeiramente maravilhosas obras, das quaes ainda em Portugal ha muitos e solidos restos, apesar dos seus mais de 18 seculos de existencia.

ESTREITO—freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Oleiros, 75 kilometros do Crato, 210 a E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. João Baptista.

E' no grão-priorado do Crato e por isso está annexa ao patriarchado. Districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior apresentava o reitor, cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, 25 almudes de vinho mosto e 3$500 réis em dinheiro.

E' terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

ESTRELLA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 54 kilometros de Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Nossa Senhora da Estrella.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 200 alqueires de trigo e 40 de cevada.

E' terra fertil em cereaes.

ESTRELLA (Serra da)—Beira Baixa, o *Herminio Maior dos antigos*, para o differençarem do *Herminio Menor*, que é a actual Serra de Marvão.

Dizem alguns que se lhe deu o nome de *Estrella*, porque um de seus pincaros tinha um rochedo com a configuração d'uma estrella. Isto porém é inverosimil. Querem outros que a origem do seu actual nome seja porque n'esta serra existiu em remotos tempos, um templo dedicado a *Lucifer (estrella d'alva.)*

Hermenho ou *Herminio*, é palavra lusitana antiga, significa, áspero, rude, duro, intratavel, e eis aqui sua verdadeira etymologia. (Vide Hermenho.)

Esta serra é uma notavel cordilheira granitica, que, destacando-se da Serra da Gata, no reino de Leão, corre em Portugal pela provincia da Beira-Baixa, de SSE. a NNO., lançando consideraveis *ramos* para differentes direcções e com diversos nomes; entra pela nossa Extremadura, e vae terminar no Cabo da Roca.

O pincaro do Cantaro-Delgado, ponto culminante d'esta serra, segundo *Balbi*, tem—2:400 metros acima do nivel do mar. (Mesmo assim, a maior elevação de Portugal é o monte da Gaviarra, no Minho, na serra de Suajo, que tem 2:467 metros sobre o nivel do mar.)—(Balbi.)

O Cantaro Delgado é uma especie de pyramide, formada de rochedos collocados uns sobre outros. No seu cume está uma pyramide de 11m d'alto, de cantaria, mandada fazer pelo principe regente, em 1806, segundo diz a inscripção. De certos pontos parecem um grande castello arruinado. Não é accessivel por parte nenhuma. Tem muitas cavernas. O Cantaro Gordo é uma montanha de rochedos cortados perpendicularmente pelo lado do N, mas pelo S se estende pelo cume da serra. Apesar da permanente camada de neve que o cobre, tornando perigoso o seu ingresso, alguns curiosos atrevidos aqui teem subido pelo S., para admirarem a medonha profundidade do córte do norte.

Nesta serra nascem muitos rios, sendo os principaes Mondêgo, Zêzere e Alva.

O alto da serra é árido, pedregoso e desabrido, e apenas onde ha terra vegetal se vê alguma planta rasteira e poucos e enfesados carvalhos; do meio para baixo porem é terreno fertil o offerece á vista lindas paisagens, povoado de villas, e grande numero de grandes aldeias e casaes.

No alto da serra e perto da villa de Manteigas, há um plató com dois lagos, um de 1 kilometro de circumferencia, chamado Lagoa Escura (diz-se que se lhe não acha fundo) e outro mais pequeno, chamado Lagoa-Comprida.

Tem mais as lagoas Seccas e Redonda. A Lagoa Secca é assim chamada, porque, tendo pouca profundidade, sécca de verão, pastan-

do o gado no seu leito. Da Redonda nasce o rio Alva. Tem esta lagôa 616 metros de circumferencia e 5 de profundidade. A escura tem as bordas formadas de rochedos altos e denegridos: o excedente d'esta lagôa corre para a Lagôa-Comprida e dá tambem um forte manancial ao Alva. Tambem ha n'esta serra as Lagôas de Manteigas, que ficam proximo da villa d'este nome. São ellas que dão origem as Zêzere.

A terra que rodeia estes lagos sente-se tremer, quando se anda sobre ella. É denegrida e arida: apenas aqui se veem dois robustos carvalhos e nada mais de vegetação.

Suas aguas sobem e descem, sem se poder atinar com a causa d'este phenomeno. Não ha n'elles cousa viva.

Quando embravecem (sem tambem se saber porque!) seu horroroso estampido adverte os pastores de tempestade proxima.

O cume d'esta serra está constantemente coberto de neve. Ha na Estrella minas d'alabastro, crystal de rocha, chumbo, aguas-marinhas, turquezas, ametistas, cobre, etc. etc.

Diz-se que o sabio *Link* aqui achou admiraveis flores, no meio da neve. Encontram-se n'esta serra muitas plantas alpinas.

O nosso grande Viriato (o mais antigo) era natural d'esta serra, e um pastor de gado, antes de ser o glorioso general dos lusitanos.

Os primeiros habitadores da Serra da Estrella de que ha noticias escriptas, são os *pesures*, os mais bravos guerreiros da antiguidade e da edade media, que tantas e tão brilhantes victorias obtiveram contra os romanos. Eram na verdade os mais ferozes povos de Lusitania; mas tambem os mais aguerridos, e por mais de uma vez a patria deveu a sua liberdade aos destemidos lusitanos do Herminio. Viriato era *pesure*, e pondo-se á frente dos seus serranos, em breve viu correr a alistarem-se sob as suas bandeiras victoriosas, varios povos do resto da Lusitania, que por tantas vezes, dirigidos por este chefe audaz e infatigavel, fizeram rojar pelo solo ensanguentado da patria as soberbas aguias do imperio romano.

A serra da Estrella separa a Beira-Alta, da Beira-Baixa.

Dos *Cantaros* para o S. corre uma planicie, no cume de toda a serra, que gradualmente se vae elevando para o S, até cortar-se perpendicularmente a uma profundidade espantosa, a que chamam *Malhão da Estrella*. Chegando a este ponto fica-se maravilhado com o vastissimo panorama que se gosa. Para o E veem-se terras de Hespanha; para o S, a Beira-Baixa e Alemtejo, para o N, e O o Douro e Beira-Alta. Chama-se a esta elevadissima planicie «*Serra do Canariz.*»

A distancia de 10 kilometros do Canariz, na encosta da serra é que nasce o Mondêgo, cujo nome, se diz, tomou de uma aldeia chamada *Monda*, que está junto á origem do rio. Dá o Mondêgo grandes voltas, por causa das sinuosidades do terreno, correndo para L, até proximo da Guarda: d'aqui vira para o N. até Celorico, e d'ahi segue a direcção do O., dando ainda muitas voltas até á sua foz, na Figueira, pelo que tem um curso de mais de 180 kilometros. (Vide Mondêgo.)

O Zêzere, depois de uma despenhada corrente, desagua no Tejo, junto a Villa Nova de Constancia. (Punhete.)

O Alva, precipitando-se de grandes quebradas, formando bellas cascatas e correndo espumante por entre rochedos, cahindo em profundas cisternas e escondendo-se em cavernas, vae desaguar no Mondêgo, no sitio da *Foz do Alva*. Suas escarpadas margens são ricas em minas d'ouro, e os romanos e árabes d'aqui extrahiram grande copia d'este metal, do que ha muitos vestigios. Suas areias ainda hoje trazem palhetas d'ouro.

Todos estes rios são abundantes de varias especies de saborosos peixes, sendo os principaes *barbos*, *bogas*, *enguias* e as deliciosas *trutas*.

(Vide Alva, Mondêgo, e Zêzere.)

Em toda a serra ha grande quantidade de perdizes, coelhos, e lebres, mas só até ao meio da sua altura. Pelas cavernas ha bastantes lobos que frequentemente assaltam os rebanhos que pascem nas faldas da serra.

Nas lagoas e pantanos ha patos bravos, e em toda a parte immensidade de milhafres, mochos, hujos (ou bufos) e algumas aguias.

N'aquellas alturas não ha moscas, nem outras castas de insectos, nem reptiz; mas

nos valles onde se encontram algumas mattas, ha muitas viboras. Tambem por esta serra havia d'antes ursos e javalis. Hoje já não apparecem ursos, e os javalis (ou javardos, como aqui lhe chamam, e tambem porcos montezes) são raros, em consequencia da grande derrota que os povos d'aqui lhe teem dado.

Os que quizerem mais circumstanciadas noticias sobre a Estrella, consultem o livro do conselheiro Alexandre d'Abreu Castanheira, intitulado «*As lagoas da Serra de Estrella.*» E sobre as fabulosas tradições que d'ella ha em Portugal, a «*Academia da Humildes e Ignorantes.*» Veja-se tambem a nota a pag 301 do tom. 1.º da Geographia d'Urcullu.

—

Em 1149, principiou Lourenço Viegas (o Espadeiro) filho de Egas Moniz, em cumprimento das ordens de seu fallecido pae, a fundar n'esta serra um convento de frades bernardos, que se concluiu em 1161, dando-se-lhe a invocação de Santa Maria da Estrella, e vindo n'este mesmo anno para aqui 9 frades d'Alcobaça, com seu abbade, que era D. Mendo Vasques.

Os frades, não gostando do sitio, em 1163 ou 1164, lhe lançaram fogo, em uma véspera de natal, ardendo tudo. Os frades tornaram para Alcobaça e as ruinas do convento ficaram abandonadas até 1220, em que D. Mendo, abbade de Maceiradão, com licença do bispo e cabido da Guarda, o reedificou ou, mais propriamente, fundou; pois do antigo só aproveitou a pedra. Foi de novo povoado (de bernardos) mas tendo sempre poucos frades, porque não queriam vir para aqui.

Pelos annos de 1565, o cardeal D. Henrique (depois rei) sendo abbade d'Alcobaça, annexou este convento ao collegio de S. Bernardo, de Coimbra, que elle mesmo havia fundado, para ajuda da sua sustentação, deixando em Santa Maria da Estrella apenas um frade para cuidar na egreja, que é a unica cousa que existe.

A doação que Lourenço Viegas fez d'este convento, já depois de lá estarem os frades, é da éra de 1199 (1161 de Jesus Christo.)

Diz fr. Bernardo de Brito, que em 1145 mandou D. Affonso I a D. Egas Moniz expulsar os mouros que faziam correrias na Estrella. Cumprida a ordem ficou por alli alguns dias D. Egas a caçar. N'uma occasião que estava só, foi atacado por uma ursa que elle feriu, mas, sobrevindo o urso, companheiro da ferida, se lançaram a D. Egas, que encostado a uma fraga, se defendeu ás lançadas, podendo em fim matar o casal dos ursos. N'este aperto havia promettido a Nossa Senhora que, se escapasse, lhe fundaria alli mesmo um convento da sua invocação, mas, morrendo d'ahi a 8 mezes, encarregou o tal seu filho do cumprimento da promessa.

A historia dos ursos devia ter logar em agosto de 1145, pois D. Egas morreu a 21 de abril de 1146.

ESTREMADOURO ou **EXTREMADOURO** — pequena aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, bispado, comarca, e concelho de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

Tem aqui uma bella quinta o sr. visconde de Val-Mor. Esta propriedade foi, em grande parte, do coronel José Leite.

É uma situação alegre, sádia e fertil. Fica em frente da villa de Mezão Frio: esta na direita e Estremadouro na esquerda, do rio Douro.

ESTREMADURA ou **EXTREMADURA** — (provincia) Confina ao NE. com a Beira, ao S. com o Tejo, a O, com o mar.

Tem uma area de 433 leguas quadradas. Suas principaes montanhas são:

Monte-Junto e Cintra, e os rios são—Anços, Alcoa, Tejo e Rio-Maior.

Tem florescentes cidades, populosas e bonitas villas e muitas e grandes quintas e herdades, alem de grande numero de freguezias ruraes.

A agricultura está muito desenvolvida e o commercio e a industria tem progredido.

Julgo escusado mais explicações sobre esta provincia, visto hir tudo onde pertence.

ESTRÊMO ou **EXTREMO** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valde Vez, 48 kilometros ao ONO de Braga, 405 ao N de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora do Estremo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Extremo quer dizer—*raia, balisa, confim, extremidade*, de qualquer reino, região ou propriedade.

O commendador de Távora, da Ordem de Malta, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

ESTREMOZ ou **EXTREMOZ**—villa, Alemtejo, capital de comarca e concelho, 24 kilometros ao N d'Evora (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence) 150 ao O de Villa Viçosa, a mesma distancia á O, de Borba, 1:950 fogos (7:800 almas) em duas freguezias, Santo André, 1500 fogos, e Santa Maria do Castello, 450. Até ao fim do seculo XVIII tinha mais a freguezia de S. Thiago, apostolo, que está hoje annexa á de Santo André. No concelho tem 3:100 fogos, e na comarca 6:200.

Situada sobre uma eminencia, em terreno aprasivel, dos mais ferteis do Alemtejo, e muito saudavel; cercada de formosas quintas, hortas e pomares.

D. Affonso III a mandou povoar em 1258, concedendo-lhe todos os fóros e privilegios de Santarem. Tinha assento em cortes, no banco terceiro entre Guimarães e Olivença.

Foi praça d'armas, e ainda conserva muitas das fortificações que D. Affonso III lhe mandou fazer quando a povoou; mas todas desmanteladas, menos a torre, (de que adiante fallarei) que ainda está em estado de se conservar por muitos annos.

O mesmo rei lhe deu foral, em Leiria, a 22 de dezembro de 1258. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Junto a esta villa ha uma fonte abundantissima d'agua no verão e no inverno.

Estremôz é actualmente a maior villa de Portugal, e uma das mais formosas. Parece imposivel que Thomar fosse elevada a cidade, (com quanto o merecesse) que não é metade de Estremôz, nem tendo a importancia industrial e commercial d'esta povoação, e que Estremoz ficasse permanecendo villa. Miranda, Pinhel e Silves, são cidades, e todas juntas talvez não formem uma povoação tão grande como Estremoz. Mas não se desconsolem os d'aqui. Desde que Setubal, Santarem e Covilhan, villas importantissimas e rivaes d'Estremoz, foram elevadas com justiça á cathegoria de cidades, póde Estremoz gloriar-se, com razão, de que é a primeira villa de Portugal.

Na planicie junto ao monte onde está o castello, se vê um formoso terreiro com um bello chafariz de marmore, com 8 bicas.

Este terreiro é cercado de conventos e casas nobres.

Entre outras industrias, fabrica-se aqui bellissima louça de barro encarnado, que se exporta para todo o reino e para Hespanha.

Os marmores d'Estremoz, tanto pela sua optima qualidade, como pela belleza das suas côres, podem competir com os de P'aros e Carrára.

Ha tambem crystal de rocha.

Tem por armas uma planta de tremôços, e diz-se que este fructo foi o que deu o nome á villa, pela grande abundancia de tremôços que os primeiros povoadores aqui acharam.

Outros dizem que vem d'extremo, por esta villa estar quasi no extremo da provincia do Alemtejo; mas a primeira etymologia parece mais verosimil. 400 metros ao S, da villa se veem os antigos muros de um grande lago quadrado, que tem 52^{m} de comprido e 4^{m}, 50 de largo, com 2,^{m}2 de grossura. Chamam-lhe aqui o *tanque dos mouros*; mas pelas medalhas e sepulturas que por aqui teem apparecido, se colligé que era obra dos romanos, e que aqui foi uma povoação d'elles. Ainda se veem os grossos *gigantes* que sustentavam os muros da parte do O., e ainda existem restos de abobadas. A agua para aqui vinha do convento de Santo Antonio, mas, tendo-se obstruido a fonte, com o terramoto de 1531, ficou a agua para os frades. Tambem aqui tem apparecido cippos com inscripções romanas.

Tinha esta villa seis conventos.

1.º De frades franciscanos, fundado por D. Affonso III, pelos annos de 1260.

2.º De frades de S. João de Deus, que, segundo a sua instituição, era hospital de pobres.

—

3.º Frades agostinhos descalços. Tinha primeiramente sido de freiras de Santa Clara. (Franciscanas.)

—

4.º De freires de Malta (S. João Baptista.) o unico d'esta Ordem que havia no reino. Foi fundado em 1563 pelo infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel.

—

5.º Congregados de S. Philippe Nery, fundado por D. fr. Luiz da Silva Telles, Arcebispo d'Evora, em 1698, e no qual elle disse a primeira missa, no dia 8 de dezembro d'esse anno.

—

6.º *Frades capuchos antoninos*, da provincia da piedade, fundado em 1662, extramuros.

—

Estremoz distinguiu-se sempre pela bravura, lealdade e patriotismo de seus moradores, nas guerras de independencia contra a Hespanha.

Nas proximidades de Estremoz, é o memoravel sitio de *Montes Claros*, célebre pela assignalada victoria que os portuguezes, commandados pelo marquez de Marialva e pelo marechal de Schomberg, ahi ganharam aos castelhanos, commandados pelo marquez de Caracena (general de grande fama, que veio substituir D. João d'Austria) no dia 17 de julho de 1665. Nós perdemos 700 mortos, mas a perda dos hespanhoes foi de 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros; perdendo tambem a artilheria, bagagens, material de guerra, etc.

Foi de tanta consideração esta nossa gloriosa victoria, que obrigou o rei de Hespanha a pedir e propôr pazes, que ainda d'essa vez se não effectuaram. É esta a memoravel *Victoria de Montes Claros*.

—

Ha em Estremoz duas feiras annuaes muito concorridas, uma a 25 de julho, outra a 30 de novembro. N'ellas se faz grande commercio.

Os suburbios da villa são muito aprasiveis e fertilissimos, muito abundantes de aguas.

Eram alcaides-móres de Extremoz os duques de Cadaval.

As actuaes armas de Estremoz são — escudo de púrpura, no centro as *Quinas*, e por baixo um tremoceiro verde, á direita, em cima, um sol de oiro, e á esquerda uma lua de prata; no centro, de cada lado, uma torre, e por baixo de cada uma um escudo em branco.

—

Não se sabe se esta povoação já existia no tempo dos romanos, mas é de suppôr que sim, em vista dos cippos, inscripções, sepulturas, etc., de que ja fallei. É certo porém que foi povoação mourisca (sem que se saiba o nome que então tinha) pois os arabes a abandonaram quando os portuguezes resgataram do seu poder as terras circumvisinhas. É provavel que fosse em 1166, quando viram em poder dos christãos a capital da provincia, a famosa cidade d'Evora. Se assim foi, esteve quasi um seculo abandonada.

D. Affonso III, vendo que esta posição era importante para defender a fronteira do Alemtejo, fundou no cume do monte um forte castello (como já dissemos) em 1258, e á sombra d'elle se foi povoando este logar, occupando não só as casas abandonadas, mas outras que de novo se foram fazendo; progredindo a povoação, que para aqui attrahia a amenidade e feracidade do paiz; e assim se foi cobrindo de habitações o monte que cercava o castello, e por fim a visinha planicie.

Pouco depois da gloriosa restauração de 1640, tratou D. João IV de augmentar as fortificações, e ainda que as primeiras obras de defeza, que então se fizeram, fossem frageis, passados poucos annos se construiram com solidez e segundo as regras da arte, ficando a villa cingida de muralhas, defendida por dez baluartes, tres meios baluartes, e um redente, além dos revelins e mais obras exteriores.

O antigo castello foi reparado, passando a ser a cidadella da praça.

Os muros de circumvallação tinham no-

ve portas, que estão hoje quasi todas demolidas.

Sobre um monte visinho construiu-se um forte com 4 baluartes, e sobre outro, um pouco mais distante, se edificou um reducto, denominado de *Santa Barbara.*

A torre ou cidadella (construida no mesmo sitio onde depois el-rei D. Diniz tinha o seu palacio) é tão alta que d'ella se avista —Portalegre, Marvão, Alter do Chão, Cabeço de Vide, Fronteira, Monforte, Veiros, Villa Boim, Albuquerque (Hespanha), Evora-Monte, Vimieiro, Arrayolos, Aviz e as serras da Estrella e Monte-Junto.

O castello de Estremoz é notavel na nossa historia, por ter servido de residencia a D. Diniz e sua mulher, a santa rainha Isabel (que aqui morreu com 65 annos de edade, em 4 de julho de 1336, quando hia estabelecer pazes entre seu filho D. Affonso IV e seu sobrinho o rei de Castella). Tambem aqui residiu e falleceu seu neto D. Pedro I, a 18 de janeiro de 1367.

Ao lado O. do castello está a capella de Santa Izabel, construida no proprio quarto em que esta virtuosa rainha exhalou o ultimo suspiro, mandada fazer pela rainha D. Leonor, mulher de D. João IV, depois da victoria *das linhas d'Elvas*, em cumprimento de um voto feito por D. Luiza, para se vencer esta batalha.

D. João V dotou esta historica capella com riquissimas alfaias, e lhe deu grandes rendas, que em 1834 foram julgadas *bens nacionaes*, e vendidas em hasta publica, ficando assim abandonoda, fechada e sem culto, esta linda egreja, que era ao mesmo tempo um monumento historico, digno do respeito eterno dos portuguezes.

O antigo palacio de D. Diniz, contiguo á referida capella, foi depois convertido em armazem de munições de guerra, e por fim serviu de payol da polvora, até 17 de agosto de 1698, em que, pela uma hora da tarde, ardeu, em resultado de uma horrivel explosão, que destruiu todo o edificio e arruinou algumas casas da villa.

Em 1738 se fundou no mesmo logar, por ordem de D. João V, a grande *sala de armas*, um dos mais ricos e curiosos museus de objectos militares que havia na Europa, e o unico de Portugal, desde que o terramoto de 1755 destruiu o que havia nos paços da Ribeira, em Lisboa.

Este de Estremoz continha 40:000 espingardas, 10:000 pistolas, armas de toda a qualidade, de varias épocas (algumas muito antigas), armaduras completas de ferro e de cobre e outras muitas curiosidades militares.

Houve n'esta villa uma fundição de artilheria. Ainda em março de 1874 foi offerecido ao sr. D. Luiz, o modelo antigo de uma peça de artilheria, de bronze, da fabrica portugueza d'Estremoz. Tem as armas reaes de Portugal, e a seguinte inscripção:— *Arsenal d'Estremoz* — 1799 = *Ultima racio Regni.*— *C.* (calibre) 14.

Em 1809 os francezes espoliaram a famosa *sala d'armas* de todas as suas preciosidades para enriquecerem com ellas os museus militares de Paris; mas julgando este infame roubo ainda pequena façanha, quizeram fazer saltar a torre pelos ares, para o que a minaram, enchendo a mina de barris de polvora (tambem roubada) e lançando fogo a um comprido rastilho, deitaram a fugir.

O fogo, porém, não se communicou á polvora, e este venerando monumento foi ainda salvo da ferocidade d'estes novos wandalos das Gallias.

Hoje é quartel de infanteria 17. Tem tambem o seu quartel em Extremoz o regimento de lanceiros n.º 1.

Até 1834 era quartel de infanteria n.º 8 e de um parque de artilheria 3.

Em 1823 tambem foi, por quasi um anno, quartel de caçadores n.º 4, que aqui esteve de guarnição.

—

Junto á villa está o palacio e quinta dos arcebispos de Evora. N'elle foi assassinado a punhaladas, por seus proprios familiares (que eram do partido do infante, depois D. Affonso IV, e elle do rei D. Diniz) o arcebispo de Evora, D. Giraldo, no dia 5 de março de 1320.

—

Estremoz foi quartel general da 7.ª divisão militar até novembro de 1869.

Até 1834 era esta villa uma corregedoria, cuja jurisdicção abrangia 15 villas. Hoje tem juiz de direito.

Tem uma boa egreja da Misericordia e bem administrado e rendoso hospital, fundado no principio do seculo XVI.

—

No dia 27 de julho de 1833, os presos liberaes (e d'envolta com elles, os que estavam presos por diversos crimes, porque n'estas occasiões todos diziam que eram liberaes) que estavam na cadeia de Estremoz, loucos com a noticia da entrada do conde de Villa Flor em Lisboa, effectuada 3 dias antes (a 24) se revoltam, pretendendo arrombar a prisão. Então os ferozes canibaes que estavam de guarda á cadeia, parte da guarnição e mesmo muitos malvados da villa, commettem toda a sorte de barbaridade contra os infelizes presos, aquem uma noticia fausta (para elles) tinha cegado a ponto de tentarem o impossivel.

O sr. D. Miguel I, só soube d'este massacre, quando já não tinha cura, e a maior parte dos realistas se horrorisaram de tamanhas atrocidades, mas nem estas razões, nem todas as crueldades praticadas pelos liberaes nos Açores, no Porto, no Algarve, em Cacilhas, em Lisboa, antes d'este dia de triste recordação, e, depois d'elle, por todo esse reino; nem todas estas razões (repito) lavam esta nódoa indelevel que cahiu no partido legitimista, em geral e contra os monstros que praticaram o crime, em especial. Dezesete foram os presos que morreram a tiro, nas pontas das bayonetas e a machado (!) além de grande numero de feridos, mais ou menos gravemente.

Tenho querido investigar circumstanciadamente este lamentavel acontecimento; mas nada pude conseguir. Consultei varias pessoas que presenceiaram o facto; mas fiquei na mesma. Se o consultado era liberal, pintava-me os realistas como monstros sedentos de sangue e de carnagem, que tudo fizeram sem a minima provocação: se era realista, foram os presos os provocadores e mereciam ainda mais!—Vão lá deslindar isto!

Note-se porém que o governador militar de Estremoz tratou immediatamente de obstar á continuação da ignobil carnificina, mandando formar a tropa, carregar a artilheria e prender todos os cabeças de motim e os que mais se distinguiram n'este acto de canibalismo. Todos elles ainda estavam presos em Estremoz, quando a guerra civil terminou em 1834, e pagaram com a vida, e pelo mesmo modo, o seu crime; pois tambem foram barbaramente assassinados pelos liberaes, e sem fórma alguma de processo, tal e qual como haviam feito ás suas victimas.

—

Da propensão natural que os filhos d'esta notavel e nobre villa teem sempre tido para a cultura das sciencias, dá brilhante testemunho o abbade Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, mencionando os nomes e as obras, em diversos generos de litteratura, de escriptores aqui nascidos. Não são menos de 27 os que até ao seu tempo se distinguiram, e desde então varios outros se addiccionaram.

Hiudo já bastante longo o artigo relativo a Estremoz, não posso augmental-o com a relação dos filhos d'aqui que em varias épocas mais se teem distinguido pelas virtudes, pelas armas ou pelas lettras; mencionarei apenas os seguintes:

Manuel Alves Pêgas, nascido a 4 de dezembro de 1635, e fallecido em Lisboa, a 12 de novembro de 1696, sendo sepultado no claustro do convento do Carmo. Foi o mais distincto jurisconsulto do seu tempo, exercendo importantes empregos na magistratura e escrevendo muitas obras de jurisprudencia, ainda hoje estimadas.

Manuel Gomes Freire, mais conhecido na republica das lettras pelo nome de fr. Agostinho de Santa Maria, que adoptou na religião.

Nasceu a 28 de agosto de 1642. Era filho de Antonio Freire e de Catharina Gomes.

Em 18 de dezembro de 1665, tomou o habito dos eremitas descalços da Ordem reformada de Santo Agostinho, introduzida recentemente em Portugal, sendo elle o primeiro noviço admittido á nova congregação, professando em 19 de dezembro do anno se-

guinte, no convento de Nossa Senhora do Monte Olivete, extra-muros de Lisboa, deixando então o nome do seculo.

A muita virtude, juntava muita instrucção e amor ao trabalho. Foi feito chronista da sua ordem, prior do seu convento de Evora, secretario da provincia, tres vezes definidor geral e por fim vigario geral de toda a congregação. Apesar de todas as suas occupações, escreveu varias obras, muito apreciadas, e que sobem a 28 tomos as impressas, além das ineditas. A melhor das suas obras publicadas é o *Santuario Marianno*, 10 tomos em 4.º, impressos em Lisboa desde 1707 até 1723.

Os escriptos d'este douto varão eram correctos e elegantes.

Morreu em Lisboa, a 2 de abril de 1728, na provecta edade de 86 annos. Foi sepultado na egreja do convento de Nossa Senhora da Boa Hora.

Quando se profanou este convento, para nelle se estabelecerem os tribunaes de justiça de 1.ª instancia, o retrato de fr. Agostinho foi para a Bibliotheca Nacional, onde existe.

—

No sequito da rainha D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª filha do conde D. Lopo Dias de Haro, senhor de Biscaia; quando veio para Portugal, para casar com D. Sancho II, vinha com ella seu primo, D. Pedro Paes Lobo.

E' d'este D. Pedro que procedem os Lobos d'esta villa de Estremoz, Evora, Alvito, Elvas, Lisboa, etc., etc. Teem por armas:— em campo de prata 5 lobos negros armados de ouro, em aspa, lampassados de vermelho, elmo d'aço aberto — e por timbre um dos lobos.

D'esta familia foi D. Maria de Sousa Lobo, bisneta de Diogo de Sousa Lobo, um dos cinco irmãos, que em tempo de D. João I de Portugal vieram da Galliza aqui estabelecer-se. Diogo de Sousa Lobo foi senhor da villa de Alvito. D. Maria de Sousa Lobo, herdou este senhorio, por morte de seu pae, e foi segunda mulher de D. João Fernandes da Silveira, regedor das justiças e chanceller-mór de D. Affonso V, e seu escrivão da puridade. Por este casamento ficou senhor de Alvito, de cuja villa o mesmo rei o fez primeiro barão, em 1475. Tiveram varios filhos, sendo o primogenito, Diogo de Sousa Lobo da Silveira, por quem se segue a baronia d'esta casa, com o brasão d'armas antecedente, accrescentando-lhe uma orla asul, carregada de oito aspas de ouro, e o lobo do timbre com uma das aspas na espádua. É' d'este Diogo de Sousa que procedem os condes d'Oriola e barões d'Alvito, cujo titulo é mais conhecido por *conde-barão*. Vide Alvito.

—

Em setembro de 1873 chegou a esta villa o primeiro wagon do caminho de ferro do sueste.

—

Já disse que esta villa tinha no fim do seculo XVIII tres freguezias. Eram todas priorados da Ordem de Aviz, e os priores eram freires da mesma Ordem. Eram apresentados pelo tribunal da Mesa da consciencia e ordens.

A freguezia de Santa Maria, em 1757, tinha 502 fogos. O prior tinha 180 alqueires de trigo e 120 de cevada.

A freguezia de S. Thiago, tinha 27 fogos, e o seu prior tinha de rendimento 400$000 réis.

A freguezia de Santo André, tinha 1:227 fogos. O seu prior tinha de rendimento 400 mil réis.

—

A comarca de Estremôz é composta de tres julgados: Borba, com 1:350 fogos—Estremôz, com 3:100—Villa Viçosa, com 1:750.

—

O concelho de Estremôz comprehende 13 freguezias, todas no arcebispado de Evora, são:—Ameixial (S. Bento)—Ameixial (Santa Victoria)—Anna Loura—Arcos—Santo Estevão—Estremôz (Santo André)—Estremôz (Santa Maria)—Nossa Senhora da Gloria—Mamporcão—Cortiço—Canal—Evora Monte (Santa Maria do Castello)—Evora Monte (S. Pedro).

—

No dia 21 de dezembro de 1873, foi aqui inaugurado o ramal do caminho de ferro de

SE., desde a estação da Venda do Duque até esta villa.

A camara municipal da villa convidára o governo, as camaras municipaes de Lisboa, as do districto de Evora limitrophes da linha ferrea, diversos funccionarios, e os redactores da imprensa da capital, para o *lunch* destinado a celebrar tão fausto acontecimento.

Ás 7 horas da manhã estavam reunidos no Terreiro do Paço os convidados da camara de Estremôz. O governo era representado pelo sr. João de Andrade Corvo, ministro dos estrangeiros e da Marinha. O sr. presidente do conselho, que tencionava hir á inauguração, não pôde, por motivos de serviço publico, realisar o seu intento. O sr. ministro das obras publicas, tinha de assistir em Lisboa a uma lugubre ceremonia de familia. Os seus collegas do reino e da justiça estavam encommodados de saude.

Representavam a camara municipal de Lisboa os srs. vereadores Margiochi e Araujo; os funccionarios civis e militares eram os srs. Margiochi, Ernesto de Faria, Pedro Roberto, Miguel Paes, Castello Branco, Fenn, Sousa Brandão, Torres Trigueiros, major Quintino, tenente coronel Salgado, major Augusto Pinto, tenente Abreu e Sousa, coronel Valente, pagador Fava, conselheiro Thomaz Ribeiro, juiz Miguel Osorio e alguns outros. Estavam os srs. visconde do Carvalhido, Barroso, genro do sr. Andrade Corvo e antigo deputado Mello e Faro. Dos deputados do districto de Evora, o sr. Pinheiro Borges. O sr. Falcão da Fonseca não assistiu por estar fóra de Lisboa.

A imprensa era representada pelos srs. Cunha Belem, da *Revolução de Setembro;* Germano de Magalhães, do *Jornal do Commercio;* Pimentel e Brito Aranha, do *Diario de Noticias;* Santos Nazareth, do *Diario Popular;* A. Ennes, do *Paiz;* Hermenegildo Pedro de Alcantara, da *Crença Liberal;* Gastão da Fonseca, do *Diario Illustrado* e Teixeira de Vasconcellos, do *Jornal da Noite.*

Pouco depois das 7 horas e meia da manhã largava do caes do Terreiro do Paço o vapor *D. Carlos,* e ás 9 menos 10 minutos partia do Barreiro o comboio especial destinado a conduzir a Estremôz a numerosa comitiva. A manhã estava serena, formossissima e pouco fria. Depois de breve demora nas Vendas Novas e na Casa Branca, seguiu para Evora, onde chegou ás 11 horas e 25 minutos. Na estação de Evora esperavam os srs. visconde de Guedes, governador civil do districto, Silveira, presidente da camara municipal da cidade, e outros cavalheiros. Perto da estação estava formado o regimento de cavallaria 3, sob o commando do sr. coronel Sá Chaves. A tropa saudou militarmente, tocando a musica o hymno real, em quanto subiam ao ar numerosas girandolas de foguetes. Ao meio dia sahia de Evora o comboio, levando o governador civil, o presidente da camara, e o coronel do regimento.

Á 1 hora menos 1 quarto tirava-se em Venda do Duque a machina *D. Luiz,* que servira até alli, e era substituida por outra mais propria para correr sem perigo na prolongação da via, que tem muitas curvas e rampas de 15, de um e outro lado do rio Ter. A ponte de ferro, sobre pilares de cantaria, é uma formosa obra d'arte.

Á 1 hora e meia chegava o comboio á estação de Estremôz.

Ahi o espectaculo era em verdade admiravel. De um e outro lado da via, ondeavam immensas mós de povo; o regimento de lanceiros 1 esperava em linha o comboio, e saudava com a continencia militar o representante do governo; a musica tocava o hymno, e de todos os lados, por entre os postes com bandeiras e junto do arco de verdura, por onde se devia passar para a villa, subiam aos ares immensas girandolas de foguetes.

O sr. general Maldonado, commandante da divisão, com os seus ajudantes d'ordens e a camara municipal de Estremôz, sahiram a receber no caes da estação o sr. Andrade Corvo, seguindo-se depois a benção da locomotiva. Na viagem não occorreu nenhuma novidade.

Junto da estação, estavam aguardando muitas carruagens para os convidados, em uma das quaes seguiram para a villa o sr. ministro dos estrangeiros, e os srs. general commandante da divisão, governador civil

e engenheiro Margiochi. A villa estava muito embandeirada, e manifestava por todos os modos o contentamento que lhe causáva o importante beneficio solemnisado por aquella festa.

O sr. Andrade Corvo dispensára todas as honras militares que lhe estavam destinadas, mas o brilhante regimento de lanceiros desfilou por diante da casa onde o ministro esteve presenceando a esbelta attitude da tropa, e o optimo estado dos cavallos. Depois o sr. Corvo, acompanhado por differentes pessoas, entre as quaes estava o sr. Tocha, subiu ao castello e torre de menagem d'onde se avista a immensa campina da batalha do Ameixial, Evora Monte, a serra d'Ossa e outros pontos situados a grandes distancias. Na torre é curiosa uma sala, cuja architectura parece remontar ao reinado de D. Diniz.

D'ahi regressou ao palacio do sr. visconde de Monforte, agora occupado por uma sociedade de artistas, e onde devia ser o *lunch*.

A comida principiou cêrca das 4 horas, e foi excellente, como póde imaginar quem conhece o animo brioso dos alemtejanos e como sabem festejar os melhoramentos materiaes que progressivamente vão transformando a provincia. Presidia o sr. visconde de Monforte, tendo á direita os srs. Corvo e governador civil, e á esquerda o sr. general Maldonado e visconde de Carvalhido.

O primeiro brinde foi feito pelo sr. engenheiro Graça, membro da commissão dos festejos e em nome d'ella ao representante do governo e aos seus collegas pelo que n'aquelle dia lhe ficava devendo a villa e o districto. Respondeu-lhe o sr. Corvo indicando os motivos pelos quaes não estavam alli os outros ministros, e manifestando sinceros desejos de attender a todos os melhoramentos materiaes do paiz, sem esquecer os melhoramentos moraes, indispensavel elemento de prosperidade publica. Celebrou o accordo com que sob a influencia de uma idéa civilisadora se reuniam alli varias municipalidades, e prestando homenagem ao desenvolvimento da acção municipal, regulada pelas leis, brindou aos representantes d'aquelles municipios. Foi muitas vezes interrompido com applausos. Agradeceu o sr. presidente da camara municipal de Estremóz.

A festa foi explendida a todos os respeitos, e o tempo tão sereno e formoso como raras vezes se vê nos fins de dezembro.

ESTRIBEIRO-MÓR — emprego honorifico no paço dos nossos reis, rainhas e mais familia real. Não ha certeza da creação d'este titulo, e a primeira vez que o vemos mencionado na historia de Portugal, é no reinado de D. Pedro I, do qual era estribeiro-mór João Domingues de Beja (*Chron. de D. Pedro I*, por Alvaro Ferreira de Vera).

O mesmo João Domingues foi estribeiro-mór do rei D. Fernando.

Só se dava este emprego a pessoas de nobreza qualificada; e, pelo menos, desde D. Pedro I, todos os nossos reis, rainhas e infantes, tiveram estribeiros-móres.

Os titulares de que pude obter noticia, que exerceram este emprego, foram D. Francisco da Gama, 2.º conde da Vidigueira, por compra que fez a Pedro Mascarenhas, confirmada por D. João III, em 2 de maio de 1524. Foi estribeiro mór d'este monarcha.

Dos reis D. João IV e D. Affonso VI o foi D. Francisco de Sousa, 3.º conde do Prado, e 1.º marquez de Minas.

Do mesmo D. Affonso VI o foi D. Diogo de Lima Brito e Nogueira, visconde de Villa Nova da Cerveira.

De D. Pedro II o foi D. José de Menezes, conde de Vianna, que o continuou a ser de D. João V.

Do mesmo D. João V o foi D. Jayme de Mello, 3.º duque do Cadaval.

Desde o reinado de D. João V se tem dado o emprego de estribeiro-mór a fidalgos (quasi todos titulares) de differentes familias.

(Vide *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tom. 1.º pag. 433.)

ESTURÃOS — freguezia, Minho, comarca de Guimarães, concelho de Fafe até 1855; e desde então comarca e concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

(Não vejo razão justificavel para que esta freguezia se escreva *Esturãos* e a do concelho de Ponte do Lima *Estorãos*. No *Portugal Sacro e Profano* veem ambas escriptas *Esturãos*.

ESVERDADUROS, ESVERDADOS, VERDADUROS e **EXAVEADURAS**—fructos, que se colhem das hortas, pomares ou quintaes. Na baixa latinidade *verdearii*, *verdegariũ* e *veridiaria*. (Vide Cortiçô, da Serra e Casal, ou Villa Nova do Casal.)

EUCIZIA ou **OUCIZIA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca da Torre de Moncorvo, (foi até 1855 comarca de Chacim) concelho de Alfandega da Fé, 155 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade, bernardo, de Bouro, senhor d'esta freguezia, apresentava o cura, que tinha de *renda certa*, 8$600 réis e o pé d'altar.

Esteve alguns annos annexa a esta, a freguezia de Santa Justa, que hoje está independente. É no mesmo concelho.

Ha aqui uma fonte que sahe de um rochedo chamado a *Gaicha*.

EUFEMIA ou **EUPHEMIA, DA CHANCELLARIA** (Santa)—Vide *Chancellaria*, de Torres Novas.

EUFEMIA (Santa) — grande e formosa capella na aldeia de Touriz, freguezia de Real, no concelho de Castello de Paiva, comarca de Arouca, bispado de Lamego, d'onde dista 54 kilometros a O., 15 a NO. de Arouca, 7 ao S. do Douro (rio) 38 ao SE. do Porto, e 300 ao N. de Lisboa.

Faz-se aqui uma esplendida festividade e concorridissima feira nos dias 15 e 16 de setembro de cada anno, onde se vendem (além d'outros muitos generos) grande numero de pellissimas juntas de bois gordos, e de trabalho.

EUFEMIA ou **EUPHEMIA** (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros a SE. de Lamego, 335 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago antigo, Santa Eufemia; hoje Nossa Senhora de Nazareth.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil.

O abbade de Souropires apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

EUFEMIA (Santa)—antiquissima capella, no logar de *Sante* ou *Pé de Moura*, freguezia da Lomba, concelho de Gondomar, mas sobre a margem esquerda do Douro, bispado, districto administrativo e 24 kilometros a E. do Porto.

Faz-se-lhe aqui uma romaria annual no 4.º domingo de setembro, muito concorrida.

EUFRAZIA—Vide Aufragia.

EUGENIA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho d'Alijó, 95 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santa Eugenia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Produz muitos o optimos figos, que exporta sêccos.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

EULALIA (Santa)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 2 kilometros a O. de Arouca, 50 a O. de Lamego, 46 a E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do extincto couto de Villa Mean do Burgo, comarca de Lamego.

Eram donatarias as freiras bernardas de Arouca, que recebiam dois terços dos dizimos, sendo o outro terço para o abbade.

Era este real mosteiro que apresentava o abbade.

Esta freguezia é situada no centro do formosissimo e fertilissimo *Valle d'Arouca*, em amena e saudavel planicie, abundante de todos os generos agricolas e farta de optimas aguas. Cria muito gado bovino e algum lanigero, colmeias e excellente e muito azeite.

A egreja matriz é vasta e bonita, e fica no centro da freguezia.

Foi edificada nos fins do seculo XVII, quando as aldeias, que constituem a freguezia, foram desmembradas da freguezia de S. Salvador do Burgo e S. Bartholomeu da Villa, para formarem esta freguezia. É a mais moderna do Valle, como freguezia; mas a povoação é antiquissima, do que ha vestigios.

Na serra de *Casal Máo*, a NO., ha *antas*, sendo uma d'ellas o chamado *penêdo de Casal Mào*, que é a maior que tenho visto. Mesmo proximo á egreja ha outra monstruosa *anta*, e muitas mais em diversos sitios da freguezia, afora as innumeras que tem sido destruidas para se lhe aproveitar a pedra para construcções.

Proximo da freguezia, fica a capella de Santo Antonio do Burgo, e o monumento funerario contiguo de que trato na palavra *Villa Mean do Burgo*. Sobre estes dois monumentos e sobre a batalha que em 1102 aqui teve o conde D. Henrique e Egas Moniz, contra *Echa*, rei de Lamego, vide Arouca, no logar competente.

EULALIA (Santa) — Vide *Bésteiros* (Santa Eulalia de).

EULALIA (Santa) — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes. (Vide Sobrosa.)

EULALIA (Santa) — freguezia na mesma comarca e concelho. (Vide *Vandoma*.)

EULALIA DE CÊA (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 65 kilometros de Coimbra, 240 ao E. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil.

O prior era da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 280$000 réis.

EULALIA (Santa) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 12 kilometros de Elvas, 170 ao E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 295 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

É a 30.ª estação do caminho de ferro de Leste.

A mitra apresentava o prior, que tinha 408 alqueires de trigo e 72 de centeio.

É terra fertilissima em cereaes e produz bastante e bom azeite.

EULALIA (Santa) coutos de — concelho extincto, na comarca e concelho de Viseu, d'onde dista 6 kilometros a O.

O vinho dos Coutos é famoso pela sua superior qualidade.

EULALIA DE GAIFAR (Santa) — vide Gaifar.

EULALIA (Santa) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 14 kilometros de Viseu, 257 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago a mesma santa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertilissima. Muito e optimo vinho. Muita caça.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

EUPHEMIA (Santa) — vide Eufemia.

EVENTO — divindade dos antigos brácaros (ou brácharos.)

Em Braga appareceu uma lapide romana, com a inscripção latina, cuja traducção é a seguinte:

Flavio Fronto, dedicou esta memoria ao Santo Deus Evento, por preceito.

Outros mais documentos existem, que provam o culto dos antigos povos braccarenses a esta falsa divindade, que alguns dizem ser o *deus da fatalidade* ou o *acaso*.

Se a origem do seu nome é latina, assim é, porque *evento* tambem póde significar *acaso, fatalidade, acontecimento*, etc.

EVORA — cidade, arcebispado, Alemtejo,

capital de districto administrativo. Situada sobre uma eminencia, no meio de uma extensa, bellissima e fertil campina, no centro da provincia e proximo do rio Degébe, ficando-lhe a NE. a Serra d'Ossa e ao S. os montes de Portél e Vianna, aos quaes se segue a serra de Monte-Muro e outras.

Tem 3:000 fogos, 12:000 almas; em 4 freguezias: Nossa Senhora da Assumpção (Sé) 1:100 fogos—Santo Antão, 700—S. Mamede, 730—S. Pedro, 470. Tinha mais a freguezia de S. Thiago-Maior, com 69 fogos (em 1757) que foi supprimida. Adiante fallarei mais circumstanciadamente n'esta freguezia, segundo o que traz o *Portugal Sacro*.

O concelho tem 5:000 fogos, a comarca 7:450. O districto administrativo 24:250. Tinham as 5 freguezias, da cidade, em 1757, 4:000 fogos.

Feira a 24 de junho, 3 dias.

Está em 38° e 30' de latitude e 13° e 20 de longitude N.

É a capital do districto administrativo e da provincia do Alemtejo.

É das mais nobres e antigas cidades da peninsula hispanica. Segundo alguns, foi fundada pelos *eburones*, antigos povos da Hespanha, pelos annos do mundo 1945 (289 depois do diluvio, ou 2059 antes de Jesus Christo) com o nome de *Ebura* ou *Elbura* ou *Ebora*.

Os romanos lhe mudaram o antigo nome para o de *Liberalitas Julia*, e a fizeram *municipio do antigo direito latino*, isto é, os seus moradores eram em tudo e para tudo considerados como cidadãos romanos. Occupando os arabes esta cidade, em 715, lhe restituiram o seu antigo nome, que ainda conserva.

(Foi depois residencia dos grandes generaes dos lusitanos, Viriato e Sertorio.)

Viriato derrotou junto a esta cidade (no anno 3860 do mundo, 144 antes de Jesus Christo) o consul romano Caio Plaucio.

Para não fazer muito extenso o artigo relativo a esta cidade, e mesmo para evitarmos repetições, o que aqui vae apenas apontado, póde vêr-se mais circumstanciadamente na *Historia Chronologica de Portugal*.

Outros escriptores dizem que os fundadores d'Evora foram os celtiberos, e outros finalmente attribuem a fundação d'esta cidade aos tartesios andaluzes. Quaesquer que fossem os seus fundadores, é incontestavel que Evora é uma cidade antiquissima, e como tal é anterior ao dominio dos romanos. Mas o seu maior esplendor e mais nobres edificios os deve ao immortal Sertorio.

Os romanos, e ainda muito mais Quinto Sertorio, erigiram em Evora muitos monumentos, de que adiante tratarei.

Quinto Sertorio estabeleceu o seu quartel-general (ou antes a sua côrte) em Evora, no anno 81 antes de Jesus Christo.

Não podendo os romanos vencer o bravo e illustrado Sertorio, em combate leal, compraram Marco Perpêna, seu tenente, que, com outros conjurados, o assassinaram com 21 punhaladas, n'esta cidade, no anno 681 de Roma (73 antes de Jesus Christo.) Mas de nada valeu ao infame Perpêna a sua traição, porque, pouco depois d'ella, Pompeu o derrotou e matou. Sempre será bom notar que os assassinos de Viriato e Sertorio eram estrangeiros.

Com a morte de Sertorio, muito lucraram os romanos, que achando os lusitanos sem um chefe que podesse competir em illustração e tactica militar com os generaes romanos, os venceram, mas não sem muitos e sanguinolentos combates e batalhas, e que, ainda assim, os romanos foram por varias vezes derrotados, e por muitas pagaram carissima a victoria.

Com o geral dominio da Lusitania, considerada provincia do imperio, chegou Evora a um grau de esplendor tal, que era a primeira cidade do reino.

Mas os dominadores não gosavam sempre em paz o seu novo dominio. As extorções, abusos e crueldades praticadas pelos pretores, propretores etc., por muitas vezes exasperaram os povos da peninsula, obrigando-os a revolucionar-se.

Por estas razões se revoltou tambem Evora, entre os annos 90 e 100 de Jesus Christo, seguindo-lhe o exemplo Lamego e outras cidades da Lusitania. Trajano mandou então 14 legiões subjugar os revoltosos, e arrazar as cidades que se haviam insurgi-

do. Evora, n'esta conjuntura, deveu a sua salvação a Lucio Voconio Paulo, pelo que, em testemunho de gratidão, lhe erigiu estatuas com magnificas inscripções.

Não consta mais nada notavel occorrido em Evora desde então até ao fim do dominio romano, senão a edificação de alguns monumentos e os grandes fóros e privilegios que foram concedidos a esta cidade, que por isso tomou o nome de *Liberalitas Julia*.

Os arabes a occuparam em 716. D. Fruela I, rei de Oviedo, a resgatou em 753; mas foi reconquistada por Abd-el-Raman, califa de Cordova, em 760. D. Fernando Magno, rei de Oviedo e Leão a tornou a resgatar em 1037. Poucos annos depois, tornou ainda a cahir em poder dos mouros. (Estes lhe chamaram *Ieborah*, ou *Iaborah*.)

Giraldo Giraldes (o *Sem-Pavor*) nobre cavalleiro portuguez, mas que, por causa de uma morte, andava fugido da côrte e se tinha feito capitão de uma quadrilha de salteadores, querendo remir as suas culpas e obter o perdão de D. Affonso I, toma Evora, *por surpreza*, aos mouros, na noite de 30 de novembro de 1166.

Entrou só na *torre da Atalaya*, que era proximo ao sitio onde depois foi o convento de S. Bento, e tendo degolado a moura (como adiante direi mais largamente) e seu pae, que eram os vigias da torre, investiu as portas da cidade com seus camaradas, e assim venceu facilmente os mouros *estremunhados*, e tomou a cidade, que entregou a D. Affonso I, que lhe perdoou e o fez alcaide-mór de Evora.

—

Giraldo Giraldes descendia de uma nobre familia, de appellido Pestana, e era natural da Beira.

Parece que era da villa de Ferreiros de Tendaes, ou suas immediações. (Vide Ferreiros de Tendaes.)

Depois de combater heroicamente ao lado de D. Affonso I (foi este monarcha que lhe pôz a antonomasia de *Sem-Pavor*, em razão da sua bravura) teve certas questões com outro fidalgo, grande privado do rei, e o matou em desafio.

Receando a colera do rei, fugiu, hindo abrigar-se na serra de Monte-Muro, onde construiu um castello, cujas ruinas ainda existem. D'alli sahia com outros muitos foragidos, que se lhe reuniram, a roubar mouros e christãos, sendo o terror dos povos da provincia.

A fama das grandes presas que fazia, attrahiu tantos bandidos á sua bandeira, que chegou a ter 526 soldados de cavallaria e grande numero de peões, de maneira que fazia a guerra como *conquistador* e não como *salteador*.

Quem queria estar ao abrigo de suas rapinas, lhe pagava annualmente um tributo estipulado.

Mas Giraldo Giraldes era um nobre cavalleiro, não lhe soffria o animo viver sempre esta vida de rapinas e depredações e queria a todo o custo obter o perdão do rei.

Deixou os seus camaradas no seu castello e foi só com cinco á cidade d'Evora, e ahi, fallando com o alcaide mouro, lhe disse muito mal de D. Affonso I e prometteu ajudar os mouros a derrotal-o. Ficou o alcaide muito contente e o trateu muito bem, tendo-o comsigo dois dias, que Giraldo approveitou para examinar minuciosamente a fortaleza.

Tornando ao seu castello, proclamou aos seus soldados, incitando-os a uma grande façanha, em serviço de Deus, do rei e da patria (sem lhes dizer qual.) Prometteu-lhes o perdão do rei e ainda honras e terras. Todos annuiram e elle os mandou armar e prover de mantimentos para dois dias.

Assim que anouteceu, sahiram do castello, e andando toda a noute, se esconderam apenas amanheceu, continuando a marcha na noute immediata, chegando a 2 kilometros a O da cidade (onde hoje é o convento das freiras bentas) mandou aos seus cortarem trancas, em quanto esperavam por elle, descobrindo-lhe então o seu intento.

Recomendando-lhe o maior silencio, se foi só para Evora, chegando á torre da Atalaya, que hoje se vê no outeiro de S. Bento, onde estava por sentinella um mouro e uma sua filha. Giraldo hia coberto de ramos verdes, para não ser visto, mas não era preciso esta prevenção, porque as sentinellas dormiam a somno solto.

Não tinha a torre communicação alguma com as outras obras de defeza, nem porta d'entrada, e apenas tinha uma janella, para onde se subia por uma escada de mão, que se recolhia logo depois de ser preciza: Giraldo, largando a rama e espetando ferros de lança nas juntas das pedras, subiu até á janella onde estava a moura e precipitou esta abaixo da torre, cahindo sobre uns penedos, onde logo morreu. Entrando na torre, degolou o mouro, que ainda dormia, levando as cabeças dos dois vigias aos seus, em signal de bom annuncio.

Separou d'entre os seus, 120 de cavallo mandando-os pela parte onde hoje está o convento do Espinheiro, com ordem d'esperarem alli até que ouvissem rumor e gritos na cidade; e elle com os restantes se foi direito á torre de Atalaya, e subindo a ella, accendeu o fogo que indicava ser este sitio atacado por christãos.

Os da cidade se reuniram á pressa e o alcaide com a maior força sahiu da cidade em direcção á torre, sem mesmo julgar necessario fechar as portas. Giraldo, que estava á espreita, entrou facilmente na cidade, protegido pela escuridão da noute, matando quanto se lhe punha diante, e cerrando as portas com as trancas que os seus haviam feito.

Os gritos de mouros e christãos e os lamentos das mulheres e creanças eram horriveis. Acudiu o alcaide com os seus, mas Giraldo lhe defendeu a porta como um leão.

N'isto, os 120 cavalleiros deram nos mouros pela rectaguarda, pondo-os em precipitada fuga; pois julgaram que o proprio D. Affonso I estava dentro da cidade.

Não cuidou Giraldo em os seguir, mas em fortificar melhor alguns pontos da cidade. No outro dia mandou pôr fóra d'ella aos mouros que tinham ficado, só com o que tivessem vestido; menos aos que quizeram estar sob o poder dos christãos, que aqui ficaram vivendo e seus descendentes, convertendo-se muitos ao christianismo e os outros aqui viveram até ao reinado de D. Manuel, que os expulsou do reino e mais aos judeus.

A cidade foi saqueada, tirando-se o quinto para o rei (como era a praxe d'aquelles tempos) e Giraldo mandou-o a D. Affonso I com a noticia d'esta façanha e o pedido de perdão para elle e os seus, pedindo-lhe tambem que mandasse tomar conta da cidade e lhe posesse guarnição.

D. Affonso I ficou contentissimo com esta inesperada conquista: perdoou logo a Giraldo e aos seus, nomeando-o alcaide-mór d'Evora, e fazendo-lhe outras muitas mercês.

A *Pedralves Cogominho*, que foi o que levou a noticia e o presente, fez doação de muitas herdades e outras muitas mercês. Alem d'isso mandou muita gente a Giraldo, para reforçar a guarnição da cidade, e com ella os cavalleiros da nova ordem (Aviz) a quem se deu a parte da cidade a que ainda hoje se chama Freiria. (Vida Aviz.)

Assim foi arrancada para sempre do poder serraceno a nobre e veneranda cidade d'Evora.

Os phantasiadores e os poetas contam este feito de Geraldo Giraldes com algumas variantes, mettendo-lhe a historia de um fingido namoro que elle teve com a moura da torre da Atalaya; mas a versão mais seguida, por mais verosimil é a que fica escripta.

—

As primeiras fortificações d'Evora, foram feitas por Sertorio e ainda augmentadas durante a occupação dos romanos. Era uma cêrca de muros, com quatro portas, defendidas por varias torres.

A estas portas deu Sertorio os nomes adquados ás suas posições; eram — Porta do Oriente (depois Machêde) Porta do Occidente (depois Alconchel) Porta do Sul (depois do Rocio) Porta do Norte, (depois Aviz.) — Alem d'estas quatro portas, havia um postigo nas fortificações de Sertorio, que foi depois demolido.

D. Diniz emprehendeu uma mais ampla circumvalação, mas a morte não o deixou effectuar esta obra. Seu filho, D. Affonso IV, a principiou, e as obras de defeza d'esta cidade continuaram no reinado de D. Pedro I, e se concluiram no de D. Fernando. Fez-se então uma mais larga cêrca de muralhas (que ainda existem, bem conservadas) au-

gmentou-se o numero de torres, que defendiam dez portas com que ficou a cêrca. Como as muralhas de Sertorio não fechavam já toda a cidade, foram então demolidas, aproveitando-se a sua pedra na construcção das novas.

D. João IV deu principio a um novo plano de fortificações, que devia constar de 12 baluartes e dois meios baluartes, ligados ás muralhas existentes. D. Affonso VI e D. Pedro II continuaram estas obras, mas não se chegaram a concluir todas.

As muralhas tinham de circumferencia 2:902 passos, a saber—da porta do Rocio á do Raymondo, 488—d'esta á d'Alconchel, 300—d'esta á da Lagôa, 352 — d'esta á do Moinho, 416—d'esta á da Traição, 154 —desta á de Machêde, 262 — d'esta á de Mendo Esteves, 190 — d'esta á da Mesquita, 370: e d'esta á do Rocio, 370.

Das suas antigas 10 portas, uma ficou inutilisada com a construção de um dos novos baluartes, e duas com edificação de dois conventos, existindo actualmente 7, que são — da Lagôa, d'Aviz, de Mendo Esteves, da Piedade, do Rocio, do Raymondo e d'Alconchel,

As trez portas que se inutilisaram chamavam-se do Moinho (por ter um moinho de vento) Da Mesquita (por ser proximo a uma mesquita mourisca) e a da Traição (proximo ao collegio dos jesuitas. — Alconchel é corrupção da palavra árabe *alconcel*. Significa cupula ou corucheu. Os mouros deram este nome á rua em que estava então uma torre com um altissimo corucheu, e á porta que fechava a rua.

A porta da Lagôa tinha este nome por estar proximo a uma lagôa que então havia. A' de Mendo Esteves deu o nome um fidalgo que morava proximo—assim como á do Raymondo se dava este nome, por ter proximo o seu palacio um fidalgo eborense assim chamado.

Todas as 10 portas eram dedicadas á Virgem, sob varias invocações, e a sua imagem se via em um nicho sobre cada uma das portas. (Esqueceu-me dizer que á porta d'Aviz se chamava assim por dar entrada á estrada da villa d'Aviz.)

Foi Evora tambem corte dos reis gôdos, e o sabio pio e valoroso *Sisebutho*, que reinou desde 612 até 621 (ao qual Evora muito deveu) mandou aqui construir duas torres, que ainda existem com o seu nome. Este rei conquistou aos romanos a Biscaia e outras provincias. Consta que no seu tempo tinha Evora 20:000 habitantes.

—

Nada menos de 22 conventos (8 de freiras e 14 de frades) teve a cidade d'Evora e seu termo.

Freiras

1.º—*Convento de Santa Helena* (capuchas) fundado pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, em 1540.

—

2.º *Convento de Santa Clara*, (franciscananas) fundado por D. Vasco Varella, arcebispo d'Evora, em 1458.

—

3.º—*Convento dos Remedios* (carmelitas calçadas) fundado pelo arcebispo D. José de Mello, que aqui está enterrado.

—

4.º—*Convento de Santa Catharina* (dominicas) fundado por duas beatas chamadas—Vida Pobre e Amor Pobre (!) pelos annos de 1400. A este convento se uniu o recolhimento de Santa Martha, que era de *empvredadas*. A egreja, ainda serve para oculto.

5.º — *Convento do Menino Jesus* (agostinhas) fundado em 1380 por duas beatas, chamadas Constança da Vida Pobre e Maria da Vida Pobre.

—

6.º—*Convento de S. Bento*, (bernardas) a 4 kilometros d'Evora, proximo ao sitio onde esteve a torre de Giraldo, e cuja primeira fundação foi em 1169, segundo a opinião mais seguida; porem fr. Bernardo de Brito diz que foi em 1180, e fr. Antonio Brandão sustenta que foi em 1274, quando veio de Roma, Domingos Soeiro, de obter o breve para os votos religiosos, da ordem de Cister para ella e para as suas companheiras, que já neste sitio faziam vida ascetica. Nada tem de notavel; mas é muito bem situado, este mosteiro, e tem dilatado horisontes. A egreja

está ornada com magnificencia, e as cadeiras do côro são construidas de ricas e custosas madeiras. Estão na capella mór ao lado do Evangelho. Este sitio é muito concorrido por familias da cidade, por ser ameno e pittoresco. Houve aqui, em tempos remotissimos, umas pequenas fortificações, chamadas os *Castris* por isso ainda se dá ao mosteiro o nome de S. Bento de Castris.

—

7.º—*Convento de Nossa Senhora do Paraizo* (dominicas) fundado por tres irmans; da familia dos Galvôas, em 1460.

—

8.º—*Convento de Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas descalças) junto á porta de Aviz, fundado em 1516.

Frades

1.º—*Convento de freires d'Aviz*, que existiu no sitio a que hoje se chama *Torre Mouxinha*. Foi supprimido ha muitos annos. Tinha sido fundado em 1170.

—

2.º—*Convento de S. Francisco*, junto ao paço real, fundado pelos discipulos do proprio S. Francisco d'Assis, pelos annos de 1224.

Em julho de 1245, João Esteves e sua mulher Maria Martins, deram por escriptura publica (feita por mestre Payo, tabellião) aos frades, uma terra para alargarem o convento, com a obrigação de os *encommendarem a Deus*. Por outra escriptura, feita em setembro de 1250, João Pelagio Cordura e sua mulher Mayor de Guimarães, deram aos frades outra terra, junto á porta de Alconchel, para estenderem mais o convento. (Deve notar-se que a porta d'Alconchel era então mais proxima do convento e que foi mudada para o sitio actual quando se alargou a cêrca das muralhas). Em 22 de junho de 1280, deram Pedro Affonso e sua mulher Maria Soares, ao convento, um campo contiguo ao mesmo, pelo *amor de Deus e em beneficio de suas almas*. Foi tabellião, Domingos Martins.

D. Affonso III lhe deixou em testamento, 50 libras. D. Fernando e D. Duarte lhe deram terras e casas para se alargarem. Chegou a ser tão rico e vasto este convento, que lhe chamavam *convento do oiro*. É tradição que a primeira egreja era de 7 naves, cada uma como um grande templo; que cahindo, se fez outra de 5, que tambem cahiu, e que a actual foi feita por D. Affonso V, em 1460. (A historia das 7 naves e das 5, não é das mais verosimeis.) D. Manuel lhes augmentou outra vez o convento e concluiu a egreja, pelos annos de 1501. Conta-se que, queixando-se os frades de que as portas das cellas eram muito pequenas, D. Manuel, entrando por uma, disse: «por onde cabe um rei, tambem póde caber um frade.»

Tem um vasto templo de uma só nave e sem columnas que sustentem a sua singular abobada. É matriz da freguezia de S. Pedro, desde 28 de novembro de 1840.

A galeria dos paços reaes é a actual residencia do parocho.

Tem uma maravilhosa capella subterranea (ou *carneiro*) de tres naves, cujas paredes e columnas são formadas de tibias e cáveiras. Chamam-lhe o *Senhor da casa dos Ossos*. N'este convento está sepultado Gil Vicente, de quem adiante tratarei. Aqui se receberam o infante D. Pedro (depois Pedro I) com D. Constança Manuel, em 1336 (por procuração).

O mestre pedreiro d'esta egreja notavel, foi Martim Affonso.

Estando a egreja muito arruinada determinou-se que fosse a parochia para a egreja do Carmo, mas o povo de Evora deu 3:411$481 réis e o governo 3:000$000 réis e reedificou-se esta egreja de S. Francisco, principiando as obras em janeiro de 1860 e terminando em junho de 1862.

Aqui se recebeu o infante de Aragão, D. Fernando, marquez de Tortosa, com a infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, a 3 de fevereiro de 1354.

É um dos melhores templos de Portugal (incluindo a Graça e S. Domingos, de Lisboa) e de grandes dimensões. O convento, parte foi arrasado e parte, que serve para casa da aula da mestra regia, sel-o-ha tambem em breve.

No corredor de S. Francisco, que vae pa-

ra a *casa dos ossos*, está uma urna com as cinzas de Gil Vicente, e tem esta inscripção:

HIC TANTI VIRI CINERES

3.º — *Convento de S. Domingos*, fundado por Martim Annes e sua mulher D. Catharina, em 1286, dando-lhe quanto tinham, e aqui estão enterrados.

Aqui professou o nosso antiquario André de Rézende. Desde 1834 está parte do edificio a servir de vivenda particular, e o resto quasi todo arrasado. É aqui a praça publica.

—

4.º—*Convento de Nossa Senhora das Mercês* (agostinhos calçados). Foi vendido depois de 1834. Houve aqui (depois de vendido) um collegio do sexo masculino, e outro do feminino. Este ainda existe. As meninas ouvem missa do côro. Parte da cêrca está transformada em *curralêtes*, praça de touros e outros divertimentos publicos.

—

5.º — *Convento de Nossa Senhora dos Remedios* (carmelitas descalços) proximo á cidade, fóra das muralhas; serve de cemiterio para todo o concelho.

É situado na estrada nova, que liga Evora com Monte Mór Novo. Foi construido, a maior parte, pelos annos de 1610, com esmolas dos devotos de Nossa Senhora dos Remedios, que estava no sitio da actual capella das Brotas. Foi seu padroeiro, o arcebispo D. José de Mello, que dotou o convento com a agua necessaria para os seus misteres. Jaz sepultado no cruseiro d'esta egreja. A agua vem por um pequeno aqueducto, de um kilometro de distancia. Tambem jazem, na capella-mór, os ossos de D. Constantino de Bragança, os de sua mulher D. Eugenia, e sua filha, D. Maria de Castro; que para aqui vieram de Estremôz, em 1633. [1]

[1] Foi por decreto de 30 de julho de 1839, que o governo cedeu á camara municipal a egreja e cêrca, para o cemiterio publico, que foi inaugurado em 10 de julho de 1840. Chama-se ainda *Cemiterio dos Remedios*. Tem alamêdas de corpulentos cyprestes e varios mausoleus bonitos, e um elegantissimo portico de marmore, no gosto da renascença, que foi do demolido convento de S. Domingos.

6.º—*Convento de capuchos de Santo Antonio* (Nossa Senhora da Piedade) fundado pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1576. Está a 500 metros da cidade. Foi vendido depois de 1834 e é hoje propriedade particular. A egreja está profanada. É uma bellissima vivenda, com tanques, jardins, pomares, etc.

—

7.º—*Real convento de capuchos de S Bruno* (cartuxos) d'*Ara Celi* (ou *Scala Cœli*) fundado pelo arcebispo D. Theotonio de Bragança (sobrinho e successor do cardeal-rei) em 1598. Vide Cartuxa. (É fóra da cidade, a 1 kilometro a NO.)

Foi vendido depois de 1834, e é propriedade particular. Tem uma fabrica de rolhas. A egreja conservou-se e ainda serve para o culto divino.

No dia 8 de setembro de 1587, chegaram a esta cidade quatro religiosos, da Ordem de S. Bruno, vindos de Hespanha, por diligencias do dito arcebispo, para estabelecerem a sua regra em Portugal, que ainda cá não havia. Em quanto se não concluiram as obras do mosteiro, residiram os cartuxos nos paços reaes de S. Francisco.

—

8.º—*Convento de Nossa Senhora do Espinheiro* (jeronymos), fundado por D. Vasco Perdigão, então bispo d'Evora. Principiado em 1452 e concluido em 1558.

Estando em ruinas, foi reconstruido, quasi pelos fundamentos, pelos monges de S. Jeronymo, em 1566. Está em sitio coberto de arvoredo, em uma elevação amena, cercada de vinhedos. O templo é alegre, magestoso e de primorosa architectura; mas está deserto e abandonado. Ainda aqui se conservam varias sepulturas e mausoleus de pessoas notaveis, e uma admiravel capella do Senhor morto, de esmeradissimos trabalhos em marmore. Foram tirados do convento muitos objectos ricos que possuia.

Ainda assim, é um dos mais bonitos passeios dos arrabaldes de Evora.

Aqui jaz Garcia de Rézende, em uma capella da cêrca, (que está a desabar) de quem adiante fallarei.

A egreja está quasi abandonada. O con-

vento está arruinado. É particular. Os restos d'este edificio estão 3 kilometros a NNE. da cidade. Foi n'este convento que o rei D. Manuel recebeu a faustissima noticia do descobrimento da India, por D. Vasco da Gama.

—

9.º — *Convento de Valle Verde* (capuchos de Rilhafolles) fundado pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1552. Serve actualmente de seminario archidiocesano, deposito de *livros findos*, de obitos, baptismos e casamentos, do arcebispado.

Era da invocação de Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.

10.º—*Convento de Paulistas*, fundado por Mendo Gomes de Seabra, e com esmolas dos reis D. João I, D. Duarte e D. Affonso V, principiado em 1430 e concluido em 1470.

A egreja serve hoje de aula regia, de primeiras lettras, do sexo masculino e o convento para repartições do concelho.

—

11.º—*Convento dos loyos* (conegos seculares de S. João Evangelista) fundado por D. Rodrigo Affonso de Mello, 1.º conde de Olivença; lançando-lhe a primeira pedra o mesmo conde, a 6 de maio de 1485.

Morrendo o conde de Olivença em 25 de novembro de 1487, deixou em seu testamento que sua filha concluisse a obra e dotasse o convento com rendas necessarias. Sua filha, unica, D. Philippa de Mello e o marido d'esta, D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando I, 2.º duque de Bragança, concluiram a obra. Aqui jazem os fundadores (o conde e mulher) e outros muitos membros d'esta familia.

Desde 1834 até ha poucos annos esteve a egreja fechada. Os duques de Cadaval tomaram conta d'ella, restauraram-a e alli teem um capellão que cuida na egreja e n'ella diz missa. É aqui a 3.ª Ordem do Carmo.

O convento é hoje propriedade particular.

A primeira missa que se disse n'esta egreja, foi a *do gallo*, em 24 de dezembro de 1491.

Os fundadores (condes de Olivença, marquezes de Ferreira e hoje duques de Cadaval) tinham dado isto aos religiosos, com a clausula de reversão. É hoje dos srs. duques de Cadaval.

Ha na egreja luxuosas campas, sendo algumas de bronze, com ricos relevos, que foram á exposição de Pariz, em 1867, sendo ahi muito admiradas.

—

12.º—*Convento ou collegio do Espirito Santo* (jesuitas) vulgo, *Casa Pia*, fundado pelo cardeal D. Henrique, em 1559.

Serviu 200 annos (muito certos) de universidade, até á extincção dos jesuitas (1759) e hoje serve de *Casa Pia*, *Lyceu*, tribunal de justiça, repartição da administração e da fazenda e typographia do governo civil.

—

13.º—*Convento de Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas calçados) fundado pelo padre mestre provincial, D. fr. Balthazar Limpo (que depois foi arcebispo de Braga) em 1532. Foi construido pegado ás muralhas, do lado de fóra, junto á *porta da Lagôa*; depois, por causa das guerras, se derrubou, transferindo-se para os paços dos duques de Bragança, que lhes deu D. Pedro II, pelos annos de 1700.

O caldeal D. Henrique, então bispo d'Evora, deu para o convento a capella de S. Thomé, fóra da muralha e proximo da porta da Lagôa, e a camara deu o terreno adjacente para a cêrca e convento; mas quem mais deu ao convento foi Ruy Dias Cotrim, d'esta cidade, que, sendo muito rico, deu todos os seus bens ao convento, por escriptura de 24 de outubro de 1532.

Em 1663 serviu este convento de fortaleza ao terço do Algarve, commandado pelo mestre de campo Manuel de Sousa, que por alguns dias resistiu valorosamente. Tendo porém a cidade de ceder á força, D. João d'Austria, em desforra do damno que do convento causaram ás suas tropas, o desmantellou. Os frades foram para umas casas que tinham na praça do Peixe, até que lhe foi dado o palacio dos duques de Bragança, proximo da porta de *Moura*. Aqui principiaram a nova egreja em 6 de janeiro de 1670, que se concluiu em 1691. E' um templo sumptuoso.

Outros dizem que foi D. Affonso VI, em 1666, e é mais provavel.

—

14.º—*Convento de Nossa Senhora da Graça* (agostinhos) fundado em 1495 e reedificado por D. João III em 1524.

A egreja está transformada em aula nocturna e o resto do convento está servindo de hospital militar, quartel de um destacamento de infanteria, deposito de polvora, etc.

—

Ha tambem em Evora os recolhimentos da rua da Alagôa; do Senhor da Pobreza, Meninos Orphãos e Madre de Deus, etc.

—

Noticias curiosas relativas a alguns d'estes conventos

Convento de S. Bento (o 6.º) de freiras bernardas.

Chamava-se antigamente *Convento de S. Bento de Castris.*

Pouco depois da tomada da cidade, por Giraldo Giraldes, se fez a E. da *torre da Atalaya* (onde elle degolou o mouro e a filha) em um valle, uma casa forte, para recolher em noites tempestuosas as *esculcas* do campo. A esta casa chamavam *Castris,* nome dado então a esta casta de edificios, derivado da palavra latina *castra* (arraial.)

Com a total expulsão dos mouros, do Alemtejo, cessou a precisão de tal casa, que se foi desmoronando pelo abandono, e apenas servia de abrigo aos pastores, quando chovia.

D. Payo, primeiro bispo d'Evora, mandou limpar esta *crasta* e desentulhal-a, e no centro funddou uma capella, dedicada a S. Bento, na qual se fazia uma grande romaria todos os annos, no dia do santo.

D. Urraca Ximenes, nobre viuva d'um fidalgo da côrte de D. Affonso I, com uma sua irman, duas filhas e tres sobrinhas, e com licença do bispo, aqui fizeram uma casa em que viveram conventualmente.

Algumas senhoras d'Evora se lhes reuniram, doando á casa quanto possuiam, e este exemplo foi seguido por outras senhoras do reino.

Em 1169 tomaram estas reclusas o habito de *Cister,* sob a regra de S. Bento, sendo sua primeira abbadessa *D. Urraca Ximenes,* sua fundadora.

Foi o 1.º convento de freiras benedictinas que houve no reino, fundado desde o tempo do conde D. Henrique.

Principiou muito pobre, mas foi crescendo em riqueza, com as doações de varias pessoas, e com o que traziam para o convento as que n'elle professavam, de modo que chegou a ser uma casa rica.

Fundaram então uma nova e mais ampla egreja no sitio da ermida, na era de 1366 (1328 de Jesus Christo).

Em 1383 era abbadessa *D. Joanna Peres Ferreirim,* prima de D. Leonor Telles,, mulher de D. Fernando. Quiz ella mudar o convento para dentro dos muros da cidade, para umas casas que eram do conventco, em quanto duravam as guerras com Casstella; mas o povo d'Evora lhe fazia muitos insultos (á abbadeça) e a seus criados, por a julgarem parcial de Castella.

Estando ella um dia na Sé, e vendo tratar cruelmente um homem accusado de não seguir o partido do *Mestre,* ralhou com os seus perseguidores, que se saltaram tambem a ella. Os conegos a esconderam atraz de umas reliquias, mas o povo lá foi encontral-a e a trouxe de rastos para a rua, onde a assassinaram a pancadas, rasgando-lhe depois os vestidos e lançando-a nú á sobre um monturo.

Os frades franciscanos a foram buscar de noite, em segredo, e a enterraram na casa do capitulo do seu convento, onde jaz com fama de santa. (*Martyr,* pelo menos, foi ella.)

O povo, não satisfeito com aquella atrocidade, foi á casa onde estavam provissoriamente as outras freiras, para lhes fazer o mesmo; não achando porém mais do que duas, as despiram e amarraram com as mãos atraz das costas, para as violarem e assassinarem. Valeu-lhes, porém, Miguel Godinho, nobre cidadão de Evora, strenuo defensor do *Mestre,* e por isso muito querido do povo. Ellas, em premio d'esta protecção, quando regressaram ao seu convento extramuros, lhe dooram a casa em que viveram na cidade, por doação de 1392.

Collegio do Espirito Santo (jesuitas).—Quando era bispo de Evora o infante D. Henrique (depois cardeal e rei) fundou o collegio do Espirito Santo, para ensino da mocidade, entregando a direcção aos jesuitas, e logo no primeiro anno (1557) se matricularam mais de 300 estudantes.

Consta que D. Henrique mandou vir para este edificio 96 columnas jonicas, de marmore, do magnifico templo de *Endovelico*, que existiu junto a Terena (Alemtejo). (Vide Terena e Villa Vicosa.)

Doou-lhe a sua livraria, enriquecendo-a ainda com uma grande copia de livros, que de Flandres mandou vir á sua custa.

Não contente com ter já um grande collegio (o melhor do reino, n'aquelle tempo) quiz eleval-o a Universidade, para o que impetrou bulla do papa, como então era costume. Apesar da tenaz opposição da Universidade de Coimbra, foi confirmada a creação da de Evora, por bulla de Paulo IV de 18 de setembro de 1558.

Mas não pôde conseguir isto senão depois da morte de D. João III, e quando D. Henrique era regente do reino, na menoridade de seu sobrinho D. Sebastião.

Então D. Henrique accrescentou muitas obras ao collegio para accomodar as novas aulas, ficando este um dos maiores edificios d'este reino.

Duzentos annos certos durou esta Universidade, pois que em 3 de setembro de 1759, sendo dissolvida a *Companhia de Jesus*, deixou de existir este estabelecimento.

Em 1836, sendo governador civil de Evora o sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez) lembrou-se de aproveitar este magestoso edicio, fundando aqui a *Casa-Pia*, utilissimo e bem dirigido estabelecimento, que sustenta mais de 600 individuos, entre alumnos e empregados. Além das muitas e extensas accomodações necessarias para uma casa d'este genero, ainda lá cabem (á larga) e lá estão, as differentes repartições publicas e o seminario diocesano.

A *sala dos actos* á sumptuosissima. No meio do grande pateo exterior, que dá entrada para o edificio, está uma formosa fonte de marmore alimentada com agua do *aqueducto da Prata*.

Os que desejarem amplas noções sobre este vasto e sumptuoso edificio, vejam a *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo padre Balthazar Telles, tom. II.

—

Como disse no principio d'este artigo, tinha Evora em 1757 cinco freguezias:

1.ª—*Sé* (Nossa Senhora d'Assumpção). Tinha 25 parochos, 2 cada semana para a administração dos sacramentos aos parochianos, 15 *bachareis*, e 10 beneficiados. Uns e outros—assim os bachareis como os beneficiados—eram da apresentação *in solidum* da mitra; mas os beneficiados eram de concurso de theologia moral, latim e solfa. Tinham os 15 bachareis de renda, cada um, 160$000 réis, e os beneficiados 120$000 réis.

Em 1757 tinha 1:336 fogos.

2.ª—*Santo Antão*, de que é prior o arcebispo. Rendia mais de 8:000 cruzados. É curada por um parocho, com o titulo de reitor, apresentado pela mitra, e tinha 80$000 réis de congrua.

Em 1757 tinha 1:185 fogos.

3.ª—*S. Mamede*. O parocho era prior de concurso synodal e tinha 500$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha 1:346 fogos.

4.ª—*S. Pedro, apostolo*. O parocho era prior da mesma apresentação. Tinha de rendimento 500$000 réis.

Em 1757 tinha 64 fogos.

5.ª—*S. Thiago* (supprimida). O parocho era prior da apresentação do padroado real. Tinha 350$000 réis de rendimento.

Em 1757 tinha 69 fogos.

—

O concelho de Evora é composto das 20 freguezias seguintes: — Bôa-Fé, Divor, as quatro da cidade, Giesteira, S. Jordão, Machêde (Nossa Senhora da Natividade), Machêde (S. Miguel), S. Manços, Abóbada, S. Mathias, Pigeiro, Pomares, Torre dos Coelheiros, Regedouro, Touréga, Vallongo e Matto. Todas no arcebispado.

—

A comarca comprehende os julgados de

Évora com 5:000 fogos, *Portel* com 1:550 e *Vianna do Alemtejo* com 900.

O concelho de Portél é composto de 10 freguezias; sendo 8 no arcebispado, e duas no bispado de Beja.

O concelho de Vianna é formado por tres freguezias, sendo duas no arcebispado e uma no bispado de Beja.

—

O districto adminstrativo é formado pelos 11 concelhos seguintes: —no arcebispado — Arrayolos, Bórba, Estremoz, Evora, Monte-Mór-Novo, Redondo, Reguengos e Villa-Viçosa.

No arcebispado e no bispado d'Elvas,— Alandroal.

No arcebispado e no bispado de Beja,— Portel e Vianna.

Monumentos romanos

O templo de Diana, cuja fundação se atribue a Quinto Sertorio, ahi pelos annos 75 antes de Jesus Christo. A sua frente é ornada de 6 columnas e os lados d'oito. É d'ordem corinthia e o mais bem conservado monumento d'este genero e d'aquella época, em Portugal e em toda a Peninsula.

Archeologos illustrados, dizem que os romanos seguiam a ordem corinthia para os deuses e a jonica para as deusas, e por isso que este templo não foi dedicado a *Diana*, mas provavelmente a Jupiter.

Alguns são d'opinião que este templo é de data mais recente—isto é—fundado por algum dos imperadores romanos; mas é mais provavel que seja obra de Sertorio. Alem da tradição, sempre transmittida de paes a filhos, que atribue a este illustre capitão dos lusitanos a erecção do templo em questão, accresce mais que escriptores antiquissimos dizem que Sertorio fizera conduzir a agua do aqueducto que edificára, primeiramente ao atrio do seu templo de *Diana*, d'onde corria depois para o chafariz que construira junto ao arco de triumpho, que elle tambem erigíra na praça maior da cidade. Isto convence de que o templo é mais antigo do que o aqueducto, e tudo obra de Sertorio.

Deve o templo o estado de conservação em que se acha a ter sido aproveitado pelos mouros e christãos para varios mistteres.

Não se sabe a razão porque elle escapou á furia destruidora dos godos, nos seeus primeiros tempos de dominio na Lusitania; o que é facto é que escapou.

Os árabes fizeram d'elle a sua pprincipal mesquita, durante quasi $4^1/^2$ seculoss.

Suppõe-se que quando os portuguuezes tomaram Evora, em 1166 o purificaranm e converteram em egreja christan. Não ha d'isso noticia positiva, mas toda a probbabilidade; porque assim praticavam com a maior parte das mesquitas que tomavam (muitas das quaes já tinham, antes do VIII[seculo, sido templos christãos) e porque não tendo em Evora templo algum do seu culto, nem o podendo edificar com a brevidadee que as crenças d'aquelle tempo exigiam, dde certo aproveitariam este, que estava feitoo.

Suppõe-se mesmo, com bons funndamentos, que foi a primeira Sé d'esta ciddade, no seculo XII (e mesmo no tempo doos gôdos) porque fallando-se, nas chronicas dd'aquelle tempo, na Sé velha d'Evora, não haa o minimo vestigio d'ella, a não ser o teemplo de *Diana*.

Não se sabe quando deixou de seer egreja christan, mas, tendo o bispo d'Evora, D. Payo, começado em 1186 a Sé (proximo d'este templo) e concluindo-se ella emm 1204, é natural que deixasse então de ser eemprega do no culto catholico o antigo tempplo.

Parece que no seculo XVI serviaa de celleiro. Depois se estabeleceu n'elle o mnatadouro publico, que aqui esteve até 1836,, em que o dito sr. A. J. d'Avila o mandou tiraar, e entregou a chave á camara, que não fez caso nenhum d'este acto de illustração do seu governador civil, e deixou continuaar o monumento cheio de cortumes no inuterior, e externamente com o mesmo aspecto immundo e repugnante.

A primittiva construção do monnumento está bastante alterada na sua archititectura apenas existe o portico; tudo o maiis é obra dos mouros, menos o campanario qque está sobre o centro da fachada, provavelmnente feito pelos christãos, para alli collocaarem um sino.

Os mouros formaram uma muralha ameiada sobre a columnata, fazendo da sua mesquita uma casa forte, segundo o custume de então.

Com o tempo foi-se soterrando o envasamento do templo, mas em 1852 rebaixou-se a rua e desobstruiu-se todo; porem deixou-se ficar a indecente parede que tapava o espaço entre as columnas, tirando ao monumento a sua primittiva elegancia. Estas columnas são lavradas em canelluras e muito esbeltas e formosas e de alvissimo marmore da serra d'Ossa (vulgarmente, d'Estremoz) mui semelhante ao de Carrára. Os capiteis estão lavrados com muita perfeição e admiravelmente bem conservados, apesar da delicadeza da esculptura e dos seus 19 seculos d'antiguidade.

O sr. dr. Augusto Philippe Simões, bibliothecario da bibliotheca d'Evora, e professor do Lyceu, cavalheiro illustradissimo e dedicado investigador d'antiguidades, conseguiu salvar o templo de Diana do geral esquecimento e progressiva deterioração. A's suas incançaveis diligencias se deve o estabelecer-se n'este venerando monumento, o museu archeologico (ou museu Cenaculo.)

Para aqui transferiu tudo quanto restava das colleções do sabio arcebispo, e mandou vir do museu Sisenando, de Beja, varias lapides, assim como o que tem apparecido em Evora e visinhanças, de modo que está actualmente n'este velho templo um bom thesouro d'antiguidades.

Tirou-se-lhe ha pouco tempo a tal parede, que o tornava um casarão: hoje é outra vez o templo romano.

—

O *arco triumphal*,—eregido por Sertorio na praça maior, em honra do valor dos lusitanos, pelas victorias alcançadas contra os romanos. Soberba obra de bello marmore, em que se admiravam grandes e elegantes columnas e primorosos baixos relevos. Era da mesma edade do Templo de Diana.

Foi destruido pelo cardeal D. Henrique, pelos annos de 1566, para com seus venerandos despojos se ornar o collegio dos jesuitas, e para desafrontar a egreja de Santo Antão, que tinha alli construido.

As 8 columnas colossaes, d'ordem dorica, e de bello marmore branco, que sustentavam este magestoso arco, é que foram para o collegio dos jesuitas, e lá estão e se podem admirar, decorando o ex-refeitorio. As columnas do templo d'Endovelico, em Terena, estão no claustro do mesmo collegio.

—

Palacio de Sertorio—obra magnifica e rico de estatuas, baixos relevos e outros primores d'esculptura. Foi transformado em convento de freiras, perdendo, com a mudança, todas as galas com que se adornava.

Antes de ser convento de freiras, foi por muitos annos paço dos e bispos arcebispos, como se verá adiante.

—

Aqueducto de Sertorio (ou da Prata)—Sertorio amava sinceramente a Lusitania, sua patria adoptiva, do que deu incontestaveis provas, já fazendo leis sabias e justas, já promovendo a agricultura e a industria, já estabelecendo escolas, já creando um exercito regular e uma esquadra, já finalmente fundando varios estabelecimentos de utilidade publica.

Em Evora, porem, é onde temos os mais indubitaveis testemunhos da solicitude d'este illustrado e valoroso chefe dos lusitanos.

Entre outros monumentos com que enriqueceu e enobreceu esta cidade, alguns dos quaes, como vimos, ainda existem, fundou esse magestoso aqueducto que trazia agua para Evora.

Dos grossos alicerces descobertos por André de Rézende, no reinado de D. João III, e sobre os quaes ainda hoje assenta o aqueducto, se vê a robustez com que elle era feito. Mas se a sua sólida construcção podia resistir á acção corrosiva dos agentes atmosphericos, não o podia fazer á sanha feroz das varias raças de barbaros que invadiram a Lusitania. Esse magestoso monumento, pois, foi arrazado durante as interminaveis guerra dos primeiros seculos do christianismo, e d'elle só ficaram dois pavilhões, um na extremidade do aqueducto, sobre a muralha, entre as portas da Lagoa e Aviz, e outro, em tudo egual, junto ao convento de S. Francisco. Tudo o mais estava de tal modo

destruido, que nem o mais leve vestigio se via; a ponto de que, apesar da constante e geral tradição, alguns escriptores negavam obstinadamente a existencia de tal aqueducto.

Foi pelos annos de 1540 que o nosso infatigavel antiquario André de Rézende, examinou e investigou com tanto tino e minuciosidade o sitio provavel do aqueducto, que deu com os seus robustos alicerces, que á sua custa mandou desentulhar, e tanto instou com D. João III, que conseguiu que este monarcha restaurasse o velho aqueducto de Sertorio, dotando Evora com este melhoramento, de que a haviam despojado.

O proprio André de Rézende é que foi encarregado d'esta reconstrucção, que principiou em 1532 e terminou em 1536.

Vinha a agua a um magnifico chafariz de marmore, sahindo pela boca de 4 leões, que então se construiu na praça grande e debaixo do arco triumphal de Sertorio, que ainda existia.

Este bello chafariz tambem foi demolido quando arrazaram o arco, e seus leões andaram aos tombos pelo chão, até que foram uns para fontes publicas, outros para jardins particulares. Em lugar d'este chafariz se edificou outro defronte da egreja de Santo Antão, de macissa e desengraçada architectura, que lá está atestando á posteridade o pessimo gosto do beato e pusilamine cardeal-rei.

Chamava-se *aqueducto da Prata* por se chamar *Fonte da Prata* o manancial que o alimenta.

Principia o aqueducto em um monte, a 3 kilometros além da egreja de Nossa Senhora da Graça, de Odivor, e a distancia de 11 kilometros da cidade, contados em linha recta. Recebe alli as primeiras nascentes (duas) e depois corre, torneando varios outeiros até á Torre Alva, vindo enriquecêl-o 28 nascentes.

Da Torre Alva prossegue para Evora sobre uma comprida arcaria construida de pedra, mas com as voltas dos arcos de tijolo. Entra na cidade por cima das muralhas, servindo-lhe de mãe d'agua o pavilhão de que já fallei, que está entre as portas da Lagoa e Aviz.

Tanto este pavilhão como o que está p próximo á egreja de S. Francisco, que emm tudo lhe é egual, são (como já disse) os pririmittivos, mandados construir por Sertoricio. São muito elegantes, de forma redonda, feieitos de tijolos ligados por uma tão solida argaramasse e revestidos por uma especie de estuqique ou cimento de betume, tão duro e comppacto, que está muito bem conservado, apesesar da sua antiguidade.

Fôra da cidade fornece este aqueduducto 3 chafarizes, e dentro 4, publicos, além d de numerosas fontes nos jardins e claustroros dos mosteiros, recolhimentos, hospital, e cadeia, etc.

André de Rézende teve a fortuna dde descobrir a lapide com a inscripção cocommemorativa da primeira fundação do aqqueducto, e á mandou collocar no que de nnovo se construiu. Diz assim:

Q. SERTOR.....

Honorem nominis sui et cohort. fort.
Eburensum munic. vet. emer virtutis e ergo
Dou. don. bello celtiberico, deque maanubiis
In public. munic. ejus utilitatem urb.).
Mœnivit, eoque aquam diverseis in ducuct,
Venum colleteis fontib. perducendam c curav.

Quer dizer, em vulgar:

Quinto Sertorio, em honra do seu u nome e da cohorte dos bravos eborenses, ppor seu valor na guerra celtiberica, cercou e e fortificou a cidade, municipio de soldadosos veteranos e benemeritos; e para utilidadade publica, fez cunduzir á mesma por um n aqueducto muita agua, recolhida de diversasas nascentes.

A maior parte das palavras da pririmeira regra estão gastas e ilegiveis, mas essssa falta não transtorna o sentido das linhas subsesequentes. Provavelmente as lettras que faltatam exprimiam alguns titulos de Q. Sertoririo, como vgr. «*dux luzitanorum*» (capitão oou chefe dos lusitanos.)

Ainda em Evora ha outras varias amntiguidades (que se podem vêr em André d de Ré-

zende e outros auctores) mas as mais notaveis são as que ficam descriptas.

Edificios

Sé cathedral, de tres naves, magestoso frontespicio. E' um dos mais venerandos templos de Portugal. A sua architectura, no estylo *musárabe*, assimelha-se á Sé velha de Coimbra e á Sé de Lisboa. A capella-mór não é tão antiga como o resto da egreja. Estando a antiga muito arruinada, foi demolida e totalmente feita de novo no reinado de D. João V, de 1718, até 1746, segundo o risco de João Frederico Ludovice (architecto das obras de Mafra.) É sumptuosa e rica de preciosos marmores, vasta e clara; a sua architectura, porém, está em desharmonia com a grave e simples magestade do corpo da egreja, o que é desagradavel.

A capella-mór que D. João V mandou demolir já não era a primittiva. Tinha-a mandado fazer o bispo D. Durando I. Foi esta a que se demoliu, construindo-se a segunda em *séde vacante*. Na capella-mór de D. Durando, havia a seguinte inscripção:

Esta capella, que o povo eborense enriqueceu com as suas dadivas, foi fundada pelo bispo D. Durando, que Deus levou para si, com grande sentimento nosso, aos 2 de abril de 1283. Todos os que virem esta pedra, lembrados de que tambem hão de morrer, lhe digam um Miserere pela sua alma.

Era em gothico abreviado.

Como esta inscripção está cheia de abreviaturas, como se usava então, parece que é mais veridica a interpretação que lhe dá o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto paleographo conimbricense: eis a sua traducção:

Aos 2 de abril do anno de 1321, chamou o Salvador para a gloria o prelado Durando, que edificou e enriqueceu, por meio de esmolas, esta Sé. Todos voluntariamente se vestiram de lucto. Assim, todos os que de futuro virem esta lapide e os que d'ella tiverem conhecimento, digam: Ó Deus, tende misericordia d'elle.

A *claustra*, junto á egreja, é obra do bispo D. Pedro IV, em 1376. Esta Sé foi fundada por D. Payo (1.º bispo d'Evora no seculo XII) pelos annos de 1186.

Diz André de Rézende, que do *Livro dos Anniversarios* consta que D. Payo lhe lançou a primeira pedra a 21 de maio da era de 1224 (1186 de Jesus Christo.)

Suppõe-se que o seu constructor foi *mestre Roberto*, o mesmo que fez as Sés de Lisbo e Coimbra, que são mais antigas uns 10 annos. Mas no dito livro dos *Anniversarios do coro d'esta Sé*, estão marcados 5 *anniversarios* para o dia 29 de novembro, por bemfeitores da egreja, e, com relação ao ultimo dos cinco, diz: «Item: no dito dia fazem anniversario por Martim Domingues, que foi mestre da obra.»—Será este o mestre da Sé? Será o da *crasta* do bispo D. Pedro IV? O mestre da Batalha foi Affonso Domingues, que viveu pelo fim do XIV e principio do XV seculo; o de Alcobaça foi (do claustro) Domingos Domingues, que viveu pelo fim do XII e principio do XIII seculo; e o de Evora? Será da mesma familia? Viveria pelo fim do seculo XII, ou pelo fim do XIV? Parece-me que Martim Domingues foi o mestre da *crasta*. O que é certo é que elle foi o mestre de uma d'estas obras, ou da Sé ou da *crasta*.

Como já disse, parece que o *Templo de Diana*, que estava convertido em mesquita arabe, serviu de Sé nos 18 annos que decorreram d'esde a tomada d'Evora (1166) até á conclusão da Sé actual. Lançou-lhe a primeira pedra o dito bispo, em 24 de abril de 1185 e a 21 de maio de 1204 a dedicou e consagrou a Nossa Senhora da Annunciada, ou do Anjo.

Está situada no mais alto da cidade, servindo-lhe de corôa tres elevadas torres. É toda de robusta cantaria e com ameias. Na egreja ha 20 capellas, todas ricamente ornadas, e teve muitas outras encostadas aos pedestaes, que se tiraram para desabafar a egreja, ficando só a de Nossa Senhora do Anjo.

Tem 3 formosas portas de entrada, estando a principal adornada com as estatuas, de pedra, dos 12 apostolos.

Na egreja ha preciosas pinturas do Grão-Vasco e sua escola.

—

Paço archiepiscopal. D. Payo, 1.º bispo de Evora, fundou junto á Sé e pela occasião da fundação d'esta, um *mosteiro* onde vivia com os seus conegos (os conegos nos primeiros seculos do christianismo viviam em communidade como outros quaesquer frades, depois é que foram pouco e pouco saccudindo o jugo fradesco.)

Este convento serviu de palacio á maior parte dos bispos, mas quando os conegos conseguiram sahir da reclusão, ficou o convento deserto. O cardeal infante D. Fernando, viveu na *rua dos Infantes*, a que elle e seus irmãos deram o nome.

O acrdeal D. Henrique, na *rua da Mesquita*, acima da da *Madre de Deus*, e no paço de S. Francisco. D. João de Mello e seu successor D. Theotonio, residiram no *palacio de Sertorio*, a que fizeram varias alterações. Tambem aqui residiu D. fr. Luiz de Sousa, bispo eleito do Porto e governador d'este arcebispado, em 1664, e D. Luiz da Silva. Estes dois ultimos aqui fizeram muitos melhoramentos.

—

Paços reaes.—Até ao tempo de D. Affonso V, aposentaram-se os reis, com a sua côrte, nas casas que tinham na praça, chamadas dos *Estáos* (vide Estáos.)

Esta casa era no sitio onde actualmente é o palacio do sr. José Maria de Sousa Mattos, que tambem occupa o sitio de umas casas dos condes das Alcáçovas. (Estas casas e as dos *Estáos* eram então separadas pela *rua dos Toiros.*)

Segundo a constante tradição, nos *Estáos* se hospedaram D. Diniz e Santa Isabel e outros antigos reis de Portugal. O ultimo que aqui residiu foi D. Sebastião.

D. Affonso V, que tambem esteve algum tempo nos *Estáos*, é que deu principio aos paços de S. Francisco, ahi pelos annos de 1468.

Os frades deram parte do seu mosteiro a D. Affonso V, sob promessa d'elle lhes fazer a egreja; mas depois arrependeram-se, e, porque o rei foi alargando o paço á custa de grande parte do convento.

Seus successores foram alargando e melhorando estes paços, e D. João II foi o que fez n'elles mais obras, para aqui celebrar o malogrado casamento de seu filho, o infante D. Affonso (que morreu da quéda de um cavallo em Santarem, 8 mezes depois de casado com D. Isabel, princeza de Hespanha (1490.) Mandou então fazer, entre o palacio e a portaria do convento, um salão de madeira, que tinha 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 d'alto.

Estas festas (do casamento do principe D. Affonso) foram as mais esplendidas de que ha noticia que se fizessem em Portugal. Em todas as cidades e villas do reino se esmeraram as camaras e povos para dar o maior brilho e magnificencia a estas festas, mas nenhuma povoação chegou a egualar E Evora em sumptuosidade.

Poucas ruinas existem d'estes paços; mas sabe-se que elles occupavam uma área muito vasta, pois chegavam desde a muralha sobranceira á *horta dos soldados*, até á *rua do Paço*, tocando quasi a portaria junto ao *largo de S. Francisco.*

Philippe III deu aos frades franciscanos a parte oriental dos paços, que elles transformaram em dormitorios.

Era aqui o *quarto da rainha*, cujas janellas ainda se conservam. Suppõe-se que os frades destruiram (ou fizeram com que se destruisse) a outra parte dos paços reaes, para ficarem com o seu edificio separado d'outras quaesquer habitações. Assim se perdeu uma das maiores e mais ricas residencias reaes de todo o reino.

—

Museu Cenaculo.—D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja e arcebispo d'Evora, era tão dado ao estudo da archeologia, que a essa circumstancia devemos muitas curiosidades antigas, de inestimavel valor. Em 25 de janeiro de 1786, sendo ainda bispo de Beja, recommendou com grandes instancias ao clero do seu bispado, em uma pastoral, os estudos physicos.

As grandes relações que teve com muitos sabios estrangeiros e nacionaes que serviam nas possessões ultramarinas, lhe proporcionaram muitos objectos de fóra do reino. Foi assim que elle deu principio ao seu célebre museu; mas a maior e melhor parte da collecção de antiguidades que elle contem, foram desenterradas, nas escavações que a expensas suas mandava fazer em Beja, suas immediações e n'outras partes, onde verosimilmente presumia que deviam apparecer, não se poupando a qualquer sacrificio.

Desde as *armas de pedra*, que muitos reputam achado dos nossos dias, até ás obras dos artistas portuguezes, tudo colligia cuidadosamente.

Escolheu a egreja de S. Sisenando, proxima do paço episcopal, para deposito das lapides e cippos, columnas e fragmentos que, por volumosos e pesados, se não accommodavam em um gabinete. Deu a esta collecção o titulo de *Museu Sísenando Cenaculo Pacense*. Eram mais de 120 as lapides que continha.

Apesar de contar 78 annos quando foi nomeado arcebispo d'Evora, não tinha o illustre prelado desanimado dos seus trabalhos litterarios e archeologicos; pelo que, logo depois de tomar posse do seu novo cargo, fundou a bibliotheca publica d'Evora, e instituiu varias escolas ecclesiasticas.

De Beja trouxera a maior parte dos seus livros e os mais preciosos objectos das suas collecções, deixando (por causa da difficuldade do transporte) n'aquella cidade, quasi todas as pedras que estavam na egreja de S. Sisenando, e annexou isto á bibliotheca.

Os francezes roubaram, tanto em Beja como em Evora, primeiro os objectos que eram de ouro ou prata, e depois tudo o que lhes fez conta, para enriquecerem os seus museus. Do que estava na egreja de S. Sisenando (que eram mais de 100 pedras) tambem quasi todas foram roubadas, pois apenas alli existem umas 10!

Felizmente porém D. fr. Manuel do Cenaculo, parece que já adivinhava o que havia de acontecer ao seu museu, pois mandou desenhar fielmente 122 lapides d'elle, e juntar aos desenhos, as medidas exactas das dimensões de cada uma e a indicação dos logares em que muitas foram encontradas.

Estes desenhos estão na bibliotheca de Evora.

—

Ermida de S. Braz.—Situada no vasto rocio que se estende ao S. da cidade e fóra das muralhas.

Por occasião de uma grande peste que assolou o reino em 1482, fizeram os habitantes d'Evora a promessa a S. Braz, bispo e martyr, de lhe edificar uma capella, se a peste cessasse; mas não esperaram pela terminação do flagello, pois logo n'esse mesmo anno deram principio á capella, construindo junto a ella um hospital provisorio, de madeira, onde se recolheram muitos dos atacados de peste, que ahi eram tratados com muito desvelo e caridade.

Consta do compromisso da irmandade de S. Braz, que, apenas se principiou esta capella, cessou a peste.

Concluida a capella, se celebrou n'ella uma sumptuosa festa, em acção de graças, e d'ahi em diante todos os annos, em dia de S. Braz, se fazia uma grande funcção, a que assistia a camara, o cabido e muito povo da cidade e visinhanças.

Hoje ainda se faz esta festa e a ella assiste o cabido, mas já não é com a antiga pompa.

A capella está solta e desassombrada de outro qualquer edificio, e posto que esteja em uma planicie, se descobre um vasto horisonte; avistando-se até a cidade de Beja, a mais de 60 kilometros.

A sua architectura é de um estylo de que restam poucos specimens em Portugal.

É o *gothico-normando* puro, pelo que exteriormente mais parece um castello do que uma egreja. Interiormente foi toda forrada de asulejo em 1575.

Diz-se que a primeira imagem de S. Braz que aqui houve era um perfeito retrato de D. João II. Foi substituida por outra, não se sabe quando.

É proximo d'esta capella que está a 15.ª estação do caminho de ferro do Sueste.

—

Collegio.—Era um recolhimento de don-

zellas pobres e desamparadas, fundado por D. Theotonio de Bragança, arcebispo d'Evora, em 1535. Era na rua da Lagôa, em umas casas que foram da familia do capitão Manuel de Sousa de Sepulveda. Este collegio é actualmente uma fabrica de moagem, e o recolhimento foi encorporado á Casa Pia.

—

A *Casa da Camara* é um bom edificio, situado em uma espaçosa praça, ornada de um chafariz.

Foi edificada no reinado de D. Affonso V, pelos annos de 1470.

—

A *Bibliotheca publica*—tambem é um bom edificio, contendo preciosos manuscriptos. Está contigua ao paço dos arcebispos.

—

Tem Evora tantos edificios notaveis, já pela sua antiguidade, já pelas suas recordações e merecimento artistico, que sómente a relação d'elles faria um longo artigo. Vejo-me pois privado do gosto de os nomear, com receio de fazer este artigo fastidioso: e são tantas as cousas notaveis d'Evora que vão descriptas, que se devem dar por satisfeitos.

—

Os que quizerem ter amplas noções de tudo o que diz respeito a esta cidade famosissima, achal-as-hão na *Evora Gloriosa* do padre Francisco da Fonseca.

Factos notaveis d'Evora

Depois da gloriosa victoria do *Salado* (30 de outubro de 1340) ganhada pelo nosso rei D. Affonso IV e seu filho, D. Pedro, depois I, e seu genro, D. Affonso XI de Castella, casado com a nossa infanta D. Maria [1] entraram os dois monarchas em triumpho, na poetica cidade de Sevilha, onde se ddemoraram sete dias, a solemnisar com festaas inauditas esta portentosa victoria.

Prodigiosos foram os despojos d'eesta batalha. Diz-se que o ouro e prata tomaado aos mouros, foi em tanta quantidade, quue o seu valor abateu a sexta parte; isto, aalém de muitos milhares de escravos, bandeiiras, armas e outros muitos objectos de grannde valor.

Todo o despojo publico foi offereciido pelo rei castelhano ao nosso, que responddeu: — «Não quero riquezas, mas só a gloriaa de ver abatida a soberba mauritana; porénm, para memoria d'este dia, acceito a trombbeta do rei de Granada, o infante Abohamo ee as cinco bandeiras que por minha mão gannhei.»

—

A entrada de D. Affonso IV e seu fifilho em Evora, depois da batalha do Salado,, acompanhados dos principaes guerreiros que se distinguiram n'esta empreza, e doss *terços* eborenses, foi uma das mais esplendiddas festas que esta cidade tem presenceaddo. Mais de um mez duraram as solemnidaddes religiosas, em acção de graças; as justaas, jogos de cannas, touradas, cavalhadas e mnais demonstrações festivas do tempo.

—

Tendo fallado na maravilhosa victtoria do Salado, e não tendo outro logar emn que a possa commemorar, julgo interessanntes alguns factos que a precederam e quue passo a relatar.

Tendo a rainha Maria soffrido a maaior affronta que uma mulher virtuosa póde e soffrer

[1] D. Affonso, de Castella, era uma especie de Henrique VIII de Inglaterra. Casou com D. Constança (a mais formosa senhora hespanhola do seu tempo) filha do infante D. João Manuel, neta paterna do rei D. Fernando, o *Santo*, e materna de Amadeu III, duque de Saboya e da infanta D. Constança, filha de D. Jayme II, de Aragão, e da rainha D. Branca.

Induzido por D. Affonso Nunes Osorio, seu valido, *descasou-se*, para casar (em 1329) com a infanta portugueza, D. Maria, filha do nosso D. Affonso IV. Depois, quiz casar com sua cunhada, D. Constança (que foi i depois primeira mulher do nosso D. Pedro I) promettendo-lhe *descasar-se* com a rainha D. Maria.

Este projectado divorcio deu em rresultado uma guerra de tres annos, entre Portugal e Castella, entrando o rei portuguez pela Betica, assolando tudo até Sevillha, em quanto seu irmão, o infante D. Pedro,, conde de Barcellos, invadiu e conquistou i toda a Galliza.

Vendo-se o monarcha castelhano aatacado pelos mouros hespanhoes e africanoss (1339) ajustou pazes com Portugal, deixanndo vir para cá a infanta D. Constança.

de seu marido (como fica dito na nota antecedente) mas, vendo a sua patria adoptiva, em risco de imminente destruição, escreveu a seu pae, implorando soccorro para o seu marido ingrato.

O nosso D. Affonso IV, que estava justamente resentido contra o monarcha castelhano, respondeu á filha: «que, ainda que aquelles varonis pensamentos não eram alheios do seu real sangue, *como não nascera para amazona, devia deixar ao valor de seu marido aquelles cuidados, e occuparse em torcer os fios da sua roca e os bilros da sua almofada, e esquecer-se dos ferros das lanças e dos fios das espadas.*»

D. Affonso IV dera esta resposta á filha, que tanto adorava, porque suppoz (como era verdade) que a carta d'ella fôra escripta sob a influencia do marido; o qual, vendo a sua traça descoberta, mandou embaixadores pedir formalmente soccorros a Portugal.

O monarcha portuguez lhe mandou 300 lanças, que se immortalisaram em Hespanha, na guerra contra os mouros, ficando o seu chefe Aben-Ali, filho de Ali-Boacem, rei de Marrocos, degolado na batalha.

Enfurecido Ali-Boacem com a noticia da morte do filho, se colligou com os beis de Tunes, Sejulmanca e Búgia, resolvido a vir em pessoa a Castella, vingar a morte de Ben-Ali.

Desde o Zaire até ao Nilo, se reuniram os mahometanos, para cahirem sobre a Hespanha, qual avalanche monstruosa e destruidora.

O rei castelhano pede a sua mulher que venha a Portugal implorar soccorro a seu destemido pae.

A formosa rainha vem a Evora, vestida de luto, e lacrimosa se lança aos pés de seu pae, expondo-lhe o motivo da sua vinda inopinada.

São bellas as palavras que os historiadores referem proferidas então por ella; dizem que dissera: — «*Quantos povos, Senhor, tem produzido a Africa; quantas gentes tem creado a Barberia; todos, em companhia do rei de Marrocos, estão para passar á Hespanha. Poder tamanho, junto, não se viu desde que as discordias dos homens inventaram as guerras, para seu reciproco exterminio. E, porque as nossas forças são limitadas, venho a implorar a vossa assistencia. Só a vossa pessoa e a vossa espada podem impedir esta tempestade e serenar esta tormenta. Empunhae-a, valoroso rei, desembainhae-a, amoroso pae, se estimaes a conservação da minha vida e a perpetuidade da minha corôa. Rompei as demoras e acudi apressado ao mesquinho rei de Castella; porque se tardardes, temo muito que não acheis mais do que umas poucas de cinzas, reliquias fataes da sua desgraça.*»

D. Affonso IV, aquelle que tão justamente mereceu o cognome de *bravo*, levanta sua filha, aperta-a ao coração, e, depois de lhe enxugar as lagrimas, com rosto alegre e animo sereno, lhe disse que «ainda que Ali Boacem lhe tinha offerecido vantajosos partidos (que elle tinha despresado) para não sahir a campo, acudiria a Castella com todas as suas forças e com a sua pessoa.»

Mandou immediatamente circulares a todos os senhores e cidades do reino, para que com todas as suas forças se fossem encontrar com elle na fronteira, e o rei marchou para Juromenha com sua filha, com 100 cavalleiros e 1:000 infantes eborenses (de que era alferes-mór, *Gonçalo Añes Carvoeiro*, um dos mais nobres cidadãos d'Evora) para alli reunir o resto das forças.

O rei de Castella já o estava esperando em Juromenha, e depois de algumas conferencias, passou a Sevilha, e o nosso rei a Elvas, e reunindo as forças que pôde, passou á Andaluzia, com 21:000 homens.

Foram os portuguezes recebidos em todas as povoações hespanholas com as maiores demonstrações de fraternal amisade e do mais espansivo regosijo. Em Sevilha os foi esperar, em procissão, toda a clerezia e grande multidão de povo e nobreza, cantando os sagrados hymnos da egreja, que eram principiados pelo *Benedictus qui venit in nomine Domini.*

Aqui (em Sevilha) souberam os dois monarchas, que os mouros e turcos tinham passado o estreito de Gibraltar (por culpa da esquadra castelhana, que se não uniu á

portugueza) com numerosissimas forças, que uns dizem elevar-se a 400:000 homens, outros a 700:000, 70:000 cavallos e 12:000 lanças dos principaes senhores da Mauritania. Tambem o rei mouro de Granada se lhes uniu, com 57:000 guerreiros.

Em vista de tão grande multidão, desanimaram os hespanhoes, que, em conselho de guerra, propozeram pazes com os mouros, mediante uma avultada quantia de dinheiro. Acompanhava a expedição portugueza, D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que tenazmente se oppoz a esta deliberação, o que principiava a causar murmurações aos castelhanos.

Então o rei portuguez disse: *que não tinha sahido do seu reino, com soldados sempre costumados a vencer, para se retirar sem combate. Que se os castelhanos temiam o grande numero dos inimigos, elle só com os seus 21:000 portuguezes os combateria e venceria. Que se as settas dos mouros (como diziam) eram tantas, que escureciam o sol, tanto melhor, porque combateriam á sombra.*

O rei de Hespanha tambem era corajoso, e do voto do nosso rei e do arcebispo de Braga, pelo que logo gritou—*Batalha! á batalha!*—palavra magica que, com a rapidez do raio, electrisou os soldados, que todos repetiram:—*batalha! batalha!*

—

Já disse o resultado d'esta jornada, de eterna gloria para as armas portuguezas e hespanholas.

O rei de Castella e os principaes fidalgos da sua côrte, acompanharam o nosso rei até Olivença, onde se fizeram as mais cordiaes despedidas.

—

Chegado D. Affonso IV a Evora, instituiu a confraria de Nossa Senhora da Victoria, em acção de graças, pela obtida dos mouros. Foi a irmandade constituida na egreja dos tres santos martyres Vicente, Sabina e Christeta. Inscreveu-se el-rei como irmão, e foi o seu primeiro juiz.

Mandou inscrever, em letras gothicas, em uma grande lapide de marmore) que permanece embutida no pedestal que separa a capella-mór da do Santissimo) a inscripção seguinte:

Era 1378 (1340 de Jesus Christo) *Aben-Amorim* (Ali-Boacen, filho de Amorim) *Senhor de alem do mar, confiado de si e do seu grande haver, passou áquem do mar, com ha Forra* (rainha Fatima) *filha del Rey de Tunes, para perseguir e destroir os Christaons. Cercou Tarifa, e o seu poder era tanto, que se nom podia somar. E pois El Rey D. Affonso de Castella, viu que nom pode ser certo, ouve receio, e per si veyo a Portugal, demandar ajuda a ho Quarto Affonso, Rey de Portugal, seu sogro. Á el proque muyto delha fazer, com seu corpo e com seu poder.*

Logo sem tardança compeçou ho caminho para a fronteyra, e mandou que os seus se fossem empós el..

De Evora levou cem Cavalleyros e mil peões. Gonsalo Pires Carvoeyro, foi por Alferes.

Lidarom com os Mouros, e el Rey de Portuyal entendeu com el Rey de Granada; e El Rey de Castella com Aben-Amorim.

E, mercê foi de Deus, que nunca Mouro tornou rosto. E morrendo delles tantos a que non poderom dar conto.

Rey Aben Amorim e Rey de Granada fugirom. No arrayal de Aben-Amorim acharom grande haver em prata e oyro, e houve-o El Rey de Castella.

Matarom hi ha Forra e muytas ricas Mouras, e outras muytas Mouras, e meninos enfindos. Captivarom um filho de Aben-Amorim (o infante Abohamo) *e huã sua sobrinho, e hua sua neta. Deus seja por todo sempre bento, por tanta mercê quanta fez aos Christaons. Amen.*

—

Emquanto Evora foi côrte, cresceraam os edificios d'esta cidade. A casa do senadd da

camara estava estabelecida no edificio onde foi a antiga Sé (e onde hoje são os celleiros dos arcebispos). Não sendo edificio condigno de tal cidade, resolveram os vereadores lançar uma finta ao povo, para a construcção de uns novos paços do concelho. Estava presente o *pae dos pobres de Evora, João Mendes Cicioso*, que approvou a obra, mas desapprovou a imposição do tributo; offerecendo-se a fazer á sua custa os novos paços, e assim o fez com grande magnificencia.

D. Affonso V ordenou, em reconhecimento d'esta acção, e em memoria d'este serviço á cidade, se puzessem, na fachada do edificio, em vez das armas d'Evora, as de João Mendes Cicioso.

Em 1481, D. João (que no mesmo anno foi rei, 2.º do nome) mandou fazer novos ornamentos a este palacio, e por sua ordem se lhe fizeram as varandas e columnas de marmore, que ainda existem.

Está este edificio situado em uma das melhores praças d'Evora, onde se ostenta o pelourinho, que occupa o logar onde esteve um chafariz, feito durante a usurpação de Philippe II. A agua para este chafariz vinha de uma nóra, que estava no Terreirinho, da rua da Sellaria, junto da torre do rei Sisebuto. Durou este chafariz até ao reinado de D. João IV, que restaurado o *Aqueducto de Sertorio*, introduziu na cidade a agua da *Prata*.

—

El-rei D. Manuel, gostava muito da agua de um poço, que havia junto da *Piedade*, pelo que mandou romper este poço e encanar a agua até ao chafariz que mandou construir, pelo que ainda hoje se chama *Chafariz d'El-rei*.

—

Segundo alguns escriptores, Evora foi a primeira cidade fundada pelos netos de Noé, conservando ainda hoje o nome e sitio primitivos.

—

Foi, no tempo de Viriato e Sertorio, a primeira capital da Lusitania.

—

Foi tambem residencia do consul romano da Luzitania, e cabeça da religião idolatra.

—

Foi a primeira e principal praça de guerra de Viriato, Sertorio, Swintila, Sizebuto, D. Affonso Henriques, D. Sancho II, e D. Nuno Alvares Pereira.

—

Em frente d'Evora conseguiram os lusitanos as primeiras victorias contra as legiões romanas; ornando-se os templos d'esta cidade com as bandeiras e tropheus dos vencidos.

—

Consta que foi a primeira cidade da Peninsula Hispanica onde foi prégado o Evangelho de Jesus Christo, pelo discipulo dos apostolos S. Manços, entre os annos 36 e 44.

—

Diz-se que os primeiros eremitas de toda a egreja catholica foram eborenses, mandados para a serra d'Ossa por S. Manços.

—

Foi o cardeal D. Affonso, prelado eborense, o primeiro que ordenou e introduziu nas freguezias os livros dos assentos dos baptismos, casamentos e obitos, pratica elogiada e approvada pelo Concilio de Trento, que reconhecendo a sua necessidade, a mandou observar em toda a christandade.

Tambem este cardeal foi o primeiro que obrigou os parochos a fazer a cathequese aos seus parochianos, ao som da *campa tangida*, e elle a fazia tambem na sua egreja.

Foi ainda elle o primeiro que coordenou as *Constituições* da diocese d'Evora.

—

Foi em Evora que se creou pela primeira vez o officio de meirinho-mór, e que se instituiram as *guardas reaes dos ginetes e alabardeiros*, e foi seu primeiro capitão o eborense Fernão Martins Mascarenhas.

—

Foi Affonso Gonçalves Baldaya, o primeiro que trouxe a Portugal, despojos das nossas conquistas do ultramar.

Pedro d'Evora — o primeiro que foi em descoberta do caminho da India, por terra.

Pedro Fernandes de Queiroz — o primeiro descobridor das *terras austraes*.

Soeiro Mendes — o primeiro que fundou e governou praças portuguezas nas nossas conquistas.

Todos foram eborenses.

—

Foi em Evora que el-rei D. Manuel mandou em descoberta da India, por mar, a D. Vasco da Gama (que era morador n'esta cidade) e aos seus intrepidos argonautas; dando-lhe aqui as necessarias instrucções e entregando-lhe a bandeira real.

Foi tambem aqui — em Nossa Senhora do Espinheiro, que recebeu as primeiras noticias da feliz descoberta do Oriente; dando, em acção de graças, duas corôas de oiro á mesma Senhora e ao seu menino.

—

Eram naturaes d'Evora:

Lourenço de Brito—o primeiro que, sendo capitão de Cananor, defendeu um cêrco formal, na India.

D. Pedro Estaço — primeiro mestre de S. Thiago. desde que esta ordem se separou da Hespanha.

D. João Galvão — o primeiro bispo-conde de Coimbra.

D. Martinho de Portugal — primeiro e unico arcebispo da Madeira, primeiro primaz do Oriente e primeiro e unico *legado a latere* de toda a Hespanha.

D. Fernando Vaqueiro—primeiro bispo que passou á India.

D. Gaspar de Santa Maria — primeiro arcebispo de Gôa.

D. Pedro Fernandes Sardinha — primeiro bispo do Brasil.

D. Estevão Brioso — primeiro bispo de Pernambuco.

—

Foi Evora a primeira cidade portugueza que se revoltou contra os oppressores da sua patria no tempo de Viriato, de Sertorio e de D. João IV.

—

A primeira duqueza d'Aveiro (D. Beatriz de Vilhena) era eborense.

—

Nasceram mais em Evora :

D. Rodrigo de Mello—primeiro conde de Tentugal, depois marquez de Ferreira.

D. Affonso de Portugal—conde de VVimioso, depois marquez de Aguiar.

D. Francisco Luiz d'Alencastre—conde de Alcanêde.

D. Fernando de Castro — conde de I Basto.

D. Ruy Mendes de Vasconcellos — conde de Castello Melhor.

D. Francisco de Vasconcellos — conde de Figueiró.

D. Alvaro de Castro—conde de Monnsanto.

Ruy de Mello — conde de Olivença.

D. Diogo da Silva de Menezes — conde de Portalegre.

D. Pedro de Sousa — conde do Prado.

D. Luiz da Silveira — conde da Sortelha.

D. João de Menezes—conde de Tarouca.

D. Henrique de Menezes — conde dele Loulé e de Vallença.

D. Pedro de Menezes—conde de Villala Real.

D. João Fernandes da Silveira—pririmeiro barão de Alvito.

—

Foi Evora solar dos condes de Cantanhêde, Santa Cruz, Sarzedas, Torre, Unhão e Villa Nova de Portimão;—dos senhores das Alcáçovas, Bobadella (que depois foram condados); dos morgados da Oliveira e I Esborrandadouro;—das antigas e nobres fafamilias de Canos (ou Cam) Cascos, Cogomminhos, Pessanhas, Fuzeiros, Jacomes, Oliveiras, Patalins, Pestanas, Portugaes e Silveiras. Além de muitas outras familias nobres, que seria longo enumerar.

Havia em Evora e seu termo 5:5000 casas vinculadas.

—

Consta que o primeiro bispo que e Evora teve, foi S. Mancio, um dos 72 discipulos de Jesus Christo, no anno 35. O primeiro bispo christão que teve no seculo XII, foi DD. Soeiro, feito em 1167. Seguiu-se-lhe D. P. Payo.

S. Mancio (ou Manços) avisado por Santa Celerina, de que em uma barca velha tinha arribado a Sines o corpo de S. Torpeses, martyr, e foi sepultar por suas mãos, a a 17 de maio de 55. S. Torpes era um patriricio da côrte de Nero.

—

É patria de S. Celerino, que com seseus tios Laurentim e Ignacio (tambem de Evora) fo-

ram martyrisados em Africa, no dia 3 de fevereiro de 254. (Não se confunda com Santa Celerina, que era dois seculos mais antiga. D'esta trato adiante.)

—

No dia 3 de março do anno 300, imperando Diocleciano, foram martyrisados n'esta cidade S. Felix, S. Luciolo e Santo Eusebio.

—

Aqui se assignaram as pazes entre D. Fernando de Portugal e D. Henaique II de Castella, em 31 de março de 1369.

—

Aqui morreu em 1455, a rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V e mãe de D. João II.

—

Em 29 de maio de 1483, aqui foi preso, pelo proprio D. João II em pessoa, nos paços do conde de Olivença (onde o rei morava) D. Fernando II, duque de Bragança e cunhado da mulher do rei. No dia 21 de junho do mesmo anno foi condemnado á morte e no dia seguinte degolado na praça grande de Evora. (Vide Villa Viçosa.)

—

Apesar de ser muito conhecida a sentença aqui proferida por D. Pedro I, julgo dever registal-a.

Havia n'aquelle tempo na Sé d'Evora um conego chamado D. Henrique da Silva, fidalgo de costumes devassos. Era aleijado de um pé, e mandou chamar o mestre sapateiro Affónso Annes, encarregando-o de lhe fazer um par de sapatos, com recommendação de que o do pé aleijado fosse feito de modo que lhe encobrisse o defeito. Trouxe o sapateiro os sapatos, mas como o do pé torto lhe não disfarçasse a tortura, vae-se ao triste sapateiro e o mata a bordoadas.

(Outros dizem que o conego assassinou o sapateiro por este não consentir que aquelle lhe seduzisse a mulher.)

Foi isto tão publico que os parentes do tal fidalgo não poderam *abafar* completamente a justiça, que por um crime de assassinio sem provocação, se contentou em prohibir o padre de assistir ao côro por espaço de um anno.

Tinha o sapateiro um filho, que era pedreiro, e que ainda era creança quando o pae foi assassinado; mas jurou vingar tão injusta morte. D'ahi a tres annos, em um dia de *Corpus Christi*, matou o tal conego a punhaladas, publicamente na rua.

Mas o pobre rapaz não era conego nem fidalgo, pelo que foi preso e sentenceado a ser esquartejado vivo.

Estava então D. Pedro I em Evora, e tendo noticia d'esta sentença, admirou-se de tanta perversidade em tão pouca edade, pois o rapaz apenas tinha 18 annos. Mandou chamar o reu á sua presença, que desassombradamente confessou o crime e o nenhum arrependimento de o haver commettido. O rei ordenou-lhe que dissesse qual era a razão de tamanho odio contra o padre, e o criminoso respondeu: «Se um malvado, abusando da sua gerarchia, assassinasse injustamente o pae de Vossa Alteza (os reis então só tinham *alteza*) não quereria vingar a morte do auctor de seus dias? D. Henrique sem a menor razão e só por maldade, assassinou meu pae. Minha mãe gastou com a justiça tudo quanto tinha e até agora tem soffrido a fome e a indigencia com todos os seus filhos (dos quaes eu sou o mais velho) e de tudo foi causa quem matou aquelle que pelo seu constante trabalho evitava á familia as privações.» «E que castigo teve D. Henrique?» disse o rei. «O de não hir ao côro um anno» respondeu o rapaz. «Por Deus, disse D. Pedro, que, se é como dizes, justiça se fará.»

Mandou logo alli averiguar o caso, e vendo que o rapaz em tudo fallava verdade, disse: «É certo que commetteste um crime de morte, e deves ser castigado; por isso te condemno *a não fazeres sapatos até de hoje a um anno*: vae em paz.» (Esta justissima sentença em nada prejudicava o rapaz, que não vivia de *fazer sapatos*, mas de construir paredes.)

Além d'isso condemnou os herdeiros do conego a restituirem á viuva todas as despezas que tinha feito com a querella, e a darem-lhe uma pensão annual sufficiente para as suas despezas.

—

Durante a guerra da restauração, o general castelhano D. João d'Austria, filho bas-

tardo de Philippe IV, toma Evora, depois de uma heroica resistencia, feita apenas por um pequeno numero de alemtejanos e algarvios, contra um numeroso exercito, a 22 de maio de 1663; mas, depois da derrota dos castelhanos no Ameixial (7 de junho—vide Ameixial) os portuguezes recuperam Evora a 24 de junho, estando os castelhanos só 32 dias senhores da cidade. Mas n'este curto periodo tiveram tempo de saquear a cidade, destruir varios edificios e commetter muitas barbaridades.

—

Em 29 de junho de 1808, o general francez Loison, com numerosas tropas, toma de assalto esta cidade, que se achava com pequena guarnição e falta de toda a casta de munições.

Os francezes, reentrando em Evora, assassinaram todos que encontraram, não respeitando sexo nem edade; roubam todas as casas, e violam casadas e solteiras, assassinando-as depois.

—

D. João II, sendo (pela segunda vez) acclamado rei em 1481, n'esse mesmo anno reune côrtes n'esta cidade. N'ella escolhe homens para o serviço da nação, dando tudo *sómente ao merecimento*. Refreia a liberdade do povo e abate o orgulho dos grandes.

Em 1490 torna o mesmo rei a convocar côrtes n'esta cidade, para deliberarem sobre o casamento de seu filho, o principe D. Affonso com D. Isabel, filha e herdeira dos reis de Hespanha. (Talvez fosse uma fortuna para Portugal a morte desastrada de D. Affonso, como já disse. Se a morte o não arrebata tão cêdo, já então se teriam juntado as *Hespanhas* (a peninsula iberica) formando uma só nação.

—

Aqui falleceu em 1557, *Gil Vicente* (o Plauto portuguez.) Jaz na egreja do convento de S. Francisco. Sobre a campa tem um epitaphio composto por elle mesmo. (Houve dois poetas portuguezes do mesmo nome, pae e filho. O que aqui morreu em 1557 foi o pae. Vide Barcellos.)

—

Quasi todos os nossos reis, desde D. Affonso Henriques até D. Sebastião, tiveram por vezes a sua côrte em Evora.

—

Foi cidade episcopal desde o primeiro seculo do christianismo (segundo a opinnião de varios escriptores) até 715. Apenas resgatada do poder dos mouros, tornou a ter bispos até ao cardeal infante D. Affonso, que morreu em 1540. Foi então elevada esta mitra á dignidade archiepiscopal, sendo seu primeiro arcebispo o cardeal infante DD. Henrique, depois rei. As rendas da mitra eram no seculo passado 140:000 crusados (556 contos de réis!)

—

Em 11 de março de 715, foi martyrisado pelos mouros, Santo Arcomio, bispo d'Evora.

Não se sabe com certeza quantos foram os confessores de Jesus Christo que n'esse dia soffreram martyrio; mas sabe-se que com Santo Arcomio foram tambem martyrisados S. Faustino, arcebispo de Braga, e depois, de Sevilha; Theodofredo, bispo de Viseu; S. Fionio, bispo de Lamego e outros muitos prelados, presbyteros e diaconnos das Hespanhas.

Parece que estes santos se tinham refugiado em um monte, para ahi celebrarem os officios divinos, quando os mouros os descobriram e assassinaram. Este monte estava perto de Cáceres e de Xarandilla, Hespanha.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no 1.º banco.

D. Affonso I lhe deu foral em 28 de abril de 1167, que foi confirmado em Santarem por D. Affonso II, em 1218. Tem tambem foral dos *mouros forros*, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 16 de agosto de 1273.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1501.

—

A egreja e hospital da Misericordia foram fundados em 1533.

—

A egreja matriz de S. Pedro foi egreja dos templarios foi fundada pelos annos de 1180, mas reedificada depois, Estando muito ar-

ruinada passou a parochia para a egreja de S. Francisco em 28 de novembro de 1840.

—

A egreja matriz de Santo Antão foi edificada na praça maior pelo cardeal infante D. Henrique, arcebispo de Evora, em 1558.

—

A *Casa Pia* foi fundada em 1836.

—

O *Monte de Piedade* (celleiro para emprestimos aos lavradores pobres) foi instituido pelo cardeal arcebispo D. Henrique (depois rei) em 1576.

—

Quando Evora era côrte dos nossos reis, era residencia de muitas das mais nobres familias de Portugal, que aqui tinham os seus palacios, muitos dos quaes ainda existem, sendo o mais notavel o antiquissimo paço acastellado dos duques de Cadaval. Tambem ainda existem restos dos antigos paços reaes, com as suas formosas janellas gothicas (junto ao convento de S. Francisco) e com a sua notavel *galeria das damas*.

—

Tem Evora dois soffriveis theatros e uma casa de assembléa.

O quartel de cavallaria 5 é o mais bello e vasto de todos os quarteis militares do reino.

Não tem a cidade nenhuma praça regular, mas tem varias e algumas muito espaçosas. O *Rocio* é fóra dos muros da cidade, e junto á porta a que dá o nome. É um grande campo sem mais edificios que um chafariz. Tem uma alameda de arvores ainda novas, mas pouco concorrida, apesar de ser um agradavel passeio. E' aqui que se fazem as feiras annuaes de 24 de junho e 12 de outubro. Esta é só de gado e muito concorrida, mas a do *S. João* (e a de Viseu) são as maiores do reino.

Proximo ao Rocio, e junto á parte exterior das muralhas, está a *horta dos soldados*, com seus arvoredos, tanques e flores. É um bonito passeio, com extensas vistas, mas tambem pouco frequentado.

A cidade é abundante de agua, distribuida por varios chafarizes e alimentada pelo *aqueducto da Prata*. Tem tambem algumas fontes extra muros.

Os arrabaldes d'Evora não são formosos. Em torno das muralhas ha varias hortas e a distancia se veem espalhadas aqui e alli algumas quintas arborisadas, mas poucas e pequenas. Tudo o mais é uma planicie vastissima applicada a cearas de trigo. Só ao longe se avistam montes, olivaes, e os frondosos arvoredos dos montados.

É a cidade abundante de cereaes, azeite, vinho, fructas, hortaliças, aves, caça, etc., que lhe vem do seu termo, cujos terrenos são de uma fertilidade extraordinaria, e o grande numero e variedade de gados que n'elles se criam, e as suas optimas lans, constituem um dos mais importantes ramos do seu commercio.

É a 15.ª estação do Caminho de Ferro do Sueste.

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do Estado.

É quartel general do commandante da 4.ª divisão militar, desde 1869; e quartel de cavallaria n.º 5.

—

Tem por armas em um escudo branco um cavalleiro, armado, com uma espada na mão direita, e duas cabeças de mouro, de differente sexo, na esquerda. A origem d'estas armas é a tomada d'Evora por Giraldo Giraldes que é o cavalleiro n'ellas pintado.

—

N'esta cidade capitulou (*convencionou*) o exercito realista, a 27 de maio de 1834. (Vide *Hist. Chronologica de Portugal* e Evoramonte.)

—

Proximo da cidade passa o rio *Degébe*, que desagúa na direita do Guadiana.

—

Evora é patria de muitos varões distinctos pelas suas virtudes, pelo seu saber e pelo seu valor. Nomearei os seguintes:

Garcia de Rezende, nasceu pelos annos de 1474 e morreu pelos de 1554. Era varão de grande talento. Escreveu a *Chronica* de D. João II, de quem foi grande privado. É tambem o auctor do tão estimado *Cancioneiro* (collecção de canções populares do seu tempo e dos antecedentes).

Era tambem um primoroso desenhador e

foi o que fez o desenho da notavel torre de S. Vicente de Belem. Foi secretario da pomposa embaixada que o rei D. Manuel mandou ao papa Leão X. Instituiu o morgado das *Antas*.

Aqui viveu em *casas suas*, que ainda hoje existem. Está enterrado na capella que mandou construir na egreja do convento do *Espinheiro*.

—

Julga-se ser Evora a patria de *Jeronymo Corte Real*, nascido em 1540. Era morgado de Palme, capitão-mór d'uma armada da India.

Foi pintor distincto e bom poeta. Escreveu os poemas *Segundo cêrco de Diu* e *Naufragio de Sepulveda*, além de varias obras de menos fama.

—

Pedro Fernandes de Queiroz, que nasceu pelos annos de 1575. Foi almirante da esquadra hespanhola no tempo de Philippe III (pelo que alguns, erradamente o teem por hespanhol), e o mais notavel navegador do seculo XVII.

Segundo a opinião de *Cook*, foi Queiroz o primeiro a suppôr a existencia de um continente austral; e por isso, partindo de *Callao* (Perú) a 25 de dezembro de 1605, descobriu grande parte da Oceania, sendo o primeiro a encontrar o archipelago a que *Cook* deu o nome de *Novas Hebridas*; a ilha de Taiti e muitas outras do már do Sul.

Ignora-se quando, onde e como falleceu.

—

Santa Celerina (bisneta de Lucia Pompea Celerina) mulher de Lucio Venancio (ou Veronio) tribuno militar. Este se converteu á fé catholica, quando á Hespanha vieram as reliquias de S. Thiago, apostolo, pelos annos 44 de Jesus Christo) e bem assim sua mulher. Eram ambos portuguezes e naturaes d'Evora.

Santa Celerina era tão rica e poderosa, ainda depois de viuva, que, segundo alguns escriptores, era senhora de quasi metade da Lusitania (!). *Monfricio* diz que ella possuia metade da Lusitania (isto, quanto a mim, é força de expressão).

Edificou um magnifico templo a S. Torpes, martyr, na villa de Sines, onde ella vivia, por ser senhora de todas estas terras. Foi martyrisada em Sines a 17 de maio de 65, imperando o feroz Nero.

—

O Manuelinho d'Evora

Não se sabe com certeza quem era o individuo legendario denominado *Manuelinho d'Evora*. D. Francisco Manuel de Mello diz que Manuelinho era um idiota, do qual os jesuitas se serviram para o inculcar como cabeça de motim, nas revoltas contra a usurpação de Castella. Outros pretendem que elle era um fidalgo portuguez, desconhecido em Evora (por ter estado muitos annos ausente) e que se fingia louco, com o louvavel intento de influir o povo para a libertação da patria.

Manuel Severim de Faria, diz que elle era um official mechanico, chamado *Manuel Martins d'Evora*. Outros ainda lhe dão differentes nomes e empregos.

O que é certo é que todas as proclamações, protestos, reclamações, officios e correspondencias diversas sobre a revolta contra a usurpação de Philippe IV, eram assignados pelo *Manuelinho*.

A opinião mais seguida, por ser a mais verosimil, é que *Manuelinho d'Evora*, não passava de um pobre mendigo idiota, que, pelo seu estado mental, se soppunha poder escapar á cruel vindicta castelhana.

—

D. Payo Peres Correia — mestre da ordem de S. Thiago da Espada; era filho de Pêro Peres Correia e de D. Dordes d'Aguiar. Nasceu nos fins do seculo XII ou principio do XIII.

Morreu em *Ucles* (Hespanha) aos 11 de fevereiro de 1275, com 33 annos de governo da sua ordem, como grão-mestre. Foi commendador-mór d'Alcacer do Sal.

Acompanhou D. Sancho II nas suas expedições contra os mouros do Algarve.

Pela deposição d'este monarcha, D. Payo continuou com os seus freires e tropas, na gloriosa conquista d'aquella formosa parte da antiga nação lusitana, ganhando palmo a

palmo e com o maior denodo e dedicação as diversas e fortes praças mouriscas do Algarve, até tornar este reino uma provincia portugueza; expulsando os sectarios de Mahomet para os seus covis africanos.

Não satisfeito das portentosas façanhas por elle obradas em Portugal, durante os reinados de D. Sancho II e de seu irmão, D. Affonso III, acompanhou este monarcha á Hespanha, onde continuou a prestar relevantissimos serviços ao seu rei, á sua religião e á sua patria; adquirindo assim um nome glorioso, que será eterno emquanto em Portugal se presar a honra, o valor, o catholicismo, a lealdade e o amor da patria.

Tal era em toda a Europa a reputação d'este aguerrido e incançavel batalhador portuguez, que estando captivo dos turcos, em Damietta, Luiz IX de França (S. Luiz) foi D. Payo nomeado unanimamente, pelos mais famosos chefes militares do christianismo, para commandar a vanguarda do exercito dos crusados, que se organisava para libertar o monarcha francez.

Como se não levou a effeito esta empreza, por S. Luiz se ter remido a dinheiro, D. Payo marchou com a sua hoste, em favor de Balduino de Flandres, imperador de Constantinopola, contra os gregos. Balduino lhe deu em premio, para a sua ordem, a cidade de Vicoya.

—

Finalmente, a vida d'este inclito e valorosissimo portuguez, foi uma serie de feitos gloriosos, que honram a cidade que tão justamente se ufana de lhe ser berço, e Portugal que teve tal filho.

—

No Algarve tinha elle, só com os seus cavalleiros e alguns populares, conquistado Tavira, Silves e o então forte castello de Paderne. D. Sancho II, em premio de taes façanhas, lhe deu, para a ordem, em 1239, as villas d'Alfajar e Mértola (mandando então mudar para esta o convento d'Alcacer.) Em 1240, tomou aos mouros,) para o rei de Castella, D. Fernando o Santo) a villa d'Ayamonte, que o mesmo rei lhe deu para a ordem, logo que foi resgatada. Em 1242, foi feito Grão-mestre de S. Thiago. Estando na Hespanha em razão do seu emprego. Em 1243 conquistou os reinos de Murcia e Jaen, com as importantes praças de *Lorca, Mula e Carthagena.* Com o destemido cavalleiro D. Lourenço Soares (tambem portuguez) conquistou *Sevilha*, em 1247; e em seguida, *Xerês, Texeda, Arcos, Nebrissa, Bejar, Medina-Sidonia,* e *S. Lucar.* Depois veio ajudar o nosso D. Affonso III á conquista de Faro.

(Os milagres que lhe attribuem de *fazer parar o sol, e fazer rebentar agua de uma penha*, diz-se que tiveram logar na *Serra Morena*, e não no Algarve, como outros erradamente asseveram.)

Fundou muitos conventos da sua ordem, na Italia e Hespanha, e alguns na Hungria,

Depois de ser grão-mestre de S. Thiago (que então se chamava *Cavallaria d'Ucles*, por estar nesta villa o convento principal) veio trez vezes a Portugal. A primeira, em 1252, a negocios da ordem; alcançando do rei algumas rendas, e de D. Ayres Vasques, bispo de Lisboa, as egrejas de *Almada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Belmonte, Villa-Nova de Canha, Alcochete* e *Sebona.* A segunda em 1261, convidado pelo rei D. Affonso III para ser padrinho de seu filho, D. Diniz, depois rei. A terceira, em 1272, para compôr certas desavenços entre *seu compadre* e a ordem.

Tantos serviços e tão espantosas façanhas tiveram por premio .... a ingratidão e o esquecimento. Nem uma lagem raza, nem o mais simples epitaphio nos diz hoje onde jazem os ossos venerandos d'este heroe legendario!

Dizem uns que está sepultado em *Talavera;* outros, que na egreja de Santa Maria de Tudia, que elle edificou e consagrou á Virgem, no sitio em que o sol parou, para o deixar completar a derrota dos mouros.

Mas, se a ingratidão castelhana deixou no olvido o seu mais inclito grão-mestre, que um obscuro portuguez lhe levante aqui este singello monumento, que leve aos vindouros os feitos gloriosos d'este varão immortal. Sirva-lhe de epitaphio o que o padre Marianno diz na sua Historia.

IPSO ANNO PELAGIUS CORREA D. JACOBI MAGISTER

EXTINCTUS EST, ANNIS GRAVIS, OMNI LAUDUM GENERE BELLO, PACEQUE CLARISSIMUS

—

D. fr. Luiz Mendes grão-mestre da ordem de Malta. Nasceu na rua dos Infantes, em 1550. Foi um grande latino. Em 12 de setembro de 1571, se alistou freire da dita ordem, tirando-lhe as *provanças*, da sua antiga nobreza, o celebre D. Antonio 1.º, grão-prior do Crato. Fez a guerra do Levante com D. João d'Austria, do qual foi embaixador, em Malta. Foi dois annos capitão da famosa gallé *Esperança*, e na batalha de *Chaca*, saltando em terra, obrou grandes prodigios de bravura, sahindo do combate com 28 feridas, muitas d'ellas graves; que, se lhe poseram a vida em perigo, lhe immortalisaram a fama.

Em 1589 o mandou a ordem a Portugal, como recebedor das suas commendas, e d'este reino a Roma, como embaixador de Malta; ostentando-se tão dextro politico, como tinha sido militar intrepido. O papa Paulo V, lhe offereceu o bailiado d'Áquila, que elle recusou.

Em 1609 foi feito conservador da sua ordem, e em 1613, general das gallés da armada; e com ellas acoçou os turcos, dando-lhe repetidos e sempre victoriosos combates.

Foi depois bailio de S. João d'Acre, commendador de Montouto e Elvas, que trocou com a commenda de Vera-Cruz. Teve tambem, por graça especial, as commendas de Villa Cóva, Rossas (Arouca) Froços e Algoso.

O rei o quiz fazer tambem commendador de Santarem e Pontevel, mas elle regeitou, em beneficio do seu antigo camarada, Antonio Pereira de Lima.

Foi eleito grão-mestre da Ordem de Malta em 17 de setembro de 1622. Foi o 3.º grão-mestre portuguez e o 54.º da ordem. Succedeu-lhe o immortal D. Antonio Manuel de Vilhena, filho dos condes de Villa-Flor.

Morreu este grande vulto portuguez, na ilha de Malta, pelos annos de 1630.

—

Vasco Martins de Mello, senhor de Povos e Castanheira (do Riba Tejo) tronco da casa dos marquezes de Ferreira e duques de Cadaval e Buarcos, e alcaide-mór d'Evora. Foi para Castella com a infanta D. Beatriz, quando ella casou com D. João I, de Castella. Achando-se com a corte em Toledo, quando chegou a noticia da morte de D. Fernando de Portugal, o mandou o rei castelhano, que montasse a cavallo e acclamasse D. Beatriz rainha de Portugal, ao que o leal fidalgo respondeu — «Como guarda-mór dos reis de Portugal, antes perderei a vida do que concorrerei para semelhante traicção á minha patria. Se quereis proseguir na vossa injustiça, escolhei alferes, ou menos honrado ou menos escrupuloso que Vasco Martins de Mello.»

O rei, pasmado de tanta coragem, contentou-se em nomear outro alferes (porta-bandeira.) Vasco Martins de Mello, veio logo para Portugal com seus tres filhos (Gonçalo, Vasco e Martinho) todos naturaes d'Evora, e todos quatro foram partidarios e amigos dedicados do mestre d'Aviz, distinguindo-se em todas as batalhas em que entraram, durante essa guerra, em defeza do seu rei e da sua patria.

—

A *infanta D. Isabel*, filha de D. João I, e da rainha D. Philippa aqui nasceu, em 11 de fevereiro de 1397.

Era uma senhora dotada de rara belleza, grandes talentos e angelicas virtudes; pelo que, foi pedida em casamento por muitos principes da Europa. Casou com Philippe III, *o Bom*, duque de Borgonha, conde e senhor de Flandres; um dos mais poderosos soberanos da Europa, e experimentado e corajoso guerreiro, que conquistou e uniu aos seus estados a Hollanda e Zelandia. Tinha casado duas vezes, a primeira com D. Michaela, filha de Carlos VI de França; e a segunda com D. Bona d'Artois, viuva de seu tio, o conde de Nivers e Rethel, das quaes não teve filhos.

Levou a nossa infanta em dote 1560 mil cruzados (60 contos de reis) que n'aquelle tempo era uma quantia fabulosa. O duque a mandou buscar a Portugal por uma brilhante esquadra composta de 39 vasos de guerra, nos quaes vinha a flor da nobreza flamenga e borgonheza.

Com feliz viagem, chegou a nossa infanta a Bruges (19 de janeiro de 1430) onde o duque a esperava, e a recebeu com as mais delicadas manifestações d'amor e regosijo. Foram esplendidas as festas que então se fizeram a este casamento, e o duque, instituiu logo, em honra de sua esposa, a nobilissima ordem do Tosão d'ouro (que só se confere a soberanos e a individuos da mais alta nobreza, ou — e raras vezes — aos mais importantes serviços. Tinha esta ordem na sua instituição, só 39 cavalleiros — (o numero dos navios que vieram buscar a nova duqueza.)

A vida d'esta immortal portugueza, foi uma sequencia d'acções nobres, virtuosas e cavalheirescas. Sabendo que era tomada pelos turcos a cidade de Constantinopoia (1453) escreveu, com seu proprio punho, a todos os principes christãos, animando-os a recobral'a e offerecendo-se com todos os seus vassallos para companheira dos trabalhos e da conquista.

Pretendia Carlos VII de França que os estados de Borgonha eram seus fuedatarios, e que lhe deviam pagar tributo, vindo os seus duques assistir aos parlamentos. Defendia o duque a sua soberania, não querendo reconhecer-se suzerano de França.

Estava o negocio a pique de um rompimento, que seria fatal aos dois estados; para o impedir, passou a duqueza a Paris, e com palavras eloquentes persuadiu a el-rei que o pleito se decidisse pelo duello de dois cavalleiros. Elle acceitou, nomeando o mais déstro e esforçado cavalleiro francez que tinha na sua côrte. A duqueza escolheu para seu defensor, o nosso immortal Alvaro Gonçalves Coutinho (o *Magriço*), que voltava triumphante, com os seus onze cavalleiros, dos celebres duellos de Londres. (Vide Cêa.)

Chegou o dia do duello, ao qual assistiu, em publico *tabolado*, toda a côrte de França, a nossa duqueza, os respectivos juizes e muita nobreza e povo. No primeiro impeto, partiram os contendores as lanças, e puxando das espadas, o impetuoso e déstro Magriço, cortou a cabeça ao seu adversario, vencendo assim o pleito da sua real patricia.

Teve a duqueza tres filhos, dos quaes dois morreram meninos, sendo seu herdeiro o duque D. Carlos, o *Atrevido*, que morreu, combatendo intrepidamente na batalha de Nancy. Deixou por unica herdeira, D. Maria, que casando com Maximiliano, archiduque d'Austria, que era seu primo (por ser filho do imperador Frederico III e da imperatriz D. Leonor, infanta portugueza, filha do nosso rei D. Duarte) e levou em dote á casa d'Austria os senhorios de Flandres e Borgonha.

—

Depois de estar escripto tudo quanto se acabou de ler, com respeito a Evora, obtive mais as seguintes noticias, das quaes julgo não dever privar os leitores, a quem peço desculpa de não irem no logar competente.

—

Já fallei na virtuosa martyr eborense, Santa Celerina, que, segundo a *Evora Gloriosa*, foi assassinada pelos romanos, em 93 ou 94.

Por espaço de 209 annos, foi o christianismo progredindo na Lusitania; porque as perseguições de Trajano, Adriano, Decio e Aureliano, não passaram áquem dos Pyreneos; mas sendo imperadores os crueis Diocleciano e Maximiano, todo o imperio romano nadou em sangue christão.

Para as Hespanhas veio como presidente, Daciano, o monstro mais sanguinario da Italia, que, no meio dos tormentos mais atrozes, encheu de sangue a terra e de martyres o ceo.

Chegado a Evora, já manchado do sangue de milhares de victimas, deu começo á mais horrorosa carnificina, morrendo no supplicio innumeros martyres, cujos nomes hoje se ignoram.

Mandou prender S. Vicente, mancebo nobre, das primeiras familias da cidade, e com palavras amigaveis e carinhosas tentou persuadil-o que adorasse os idolos da republica. Vicente lhe respondeu, modesta, mas terminantemente, que não deixaria o Deus verdadeiro pelos falsos deuses.

Daciano ordenou aos soldados, que levassem o santo ao templo de Jupiter, para que lhe sacrificasse, e quando o não fizesse, o assassinassem.

Os soldados prenderam Vicente com cor-

das e o levaram em direcção ao templo; mas, no meio do caminho, parou, pedindo aos soldados que o matassem, pois preferia isso a ver os seus falsos deuses. Então—diz a tradição—os soldados não o poderam tirar de sobre a pedra em que estava, tão firme, que suas pégadas n'ella ficaram impressas. [1]

Os soldados, assombrados com isto, se contentaram em o pôr em uma casa proxima, apenas guardado por dois soldados, que o deixavam fallar com quem o procurava. Vieram suas irmans Sabina e Christeta, que expondo-lhe a pouca edade (d'ellas) e os perigos que corriam entre os soldados romanos, lhe supplicaram fugisse com ellas para algum sitio remoto.

O santo, annuindo, fugiu com ellas até á cidade d'Ávila, onde porém foram presas e atormentados na *catasta;* mas, como no meio d'este atroz supplicio, os tres irmãos continuassem a louvar o Senhor, lhes esmagaram as cabeças com pedras, até fallecerem.

Teve este martyrio logar, no dia 27 de outubro do anno 303 de Jesus Christo.

Seus corpos ficaram expostos aos animaes carnivoros, no proprio sitio do supplicio; porém uma serpente gigantesca se enroscou aos tres cadaveres, fazendo-lhes vigilante sentinella.

Um judeu, que vivia em Avila, se dirigiu ao sitio, para ultrajar os santos despojos; porém a serpente, solta-se dos santos e se enrosca no judeu, que, vendo-se em tamanho perigo, e conhecendo o milagre, supplicou a Deus o livrasse da serpente, promettendo abraçar a religião christan e erigir um mausoleu aos santos martyres.

Concluida esta oração do judeu, a serpente o largou, e foi para a sua cova. Elle cumpriu as suas promessas: fez-se christão e construiu o promettido sepulchro, sobre o qual, quando cessaram as perseguições, se edificou um formoso templo, onde descançaram as cinzas de S. Vicente e suas irmans, até ao anno de 1062, no qual el-rei D. Fernando levou para a cidade de Leão o corpo do Santo, e o abbade, arlense, Garcia, para o seu convento, as de Santa Sabina e Christeta.

A casa d'estes tres santos, e na qual elles nasceram, era encostada aos muros da cidade, e n'ella, em sua memoria, erigiram os eborenses uma pequena ermida, que Luiz Eloy (tambem eborense) transformou, em 1467, em bellissima egreja, que ainda existe.

—

Pouco tempo depois de S. Vicente e suas irmans derramarem em Avila o seu sangue pela santa religião de Jesus Christo, em Evora eram pela mesma causa martyrisados 18 confessores da fé, á qual tinham sido convertidos por S. Vicente. Eram estes—S. Felix (guia e chefe de seus companheiros) outro S. Felix, e os santos Luciolo, Fortunato, Eusebio, Martinho, Herodes, Antigonio, Januario, Tortulla, Calixto, Gaviano, Quiriolo, Donato e Quinto, e tres soldados das tropas imperiaes, chamados Basilico, Eutropio e Cleonico. Os 15 primeiros eram eborenses, mas ignora-se a naturalidade dos militares.

Foram martyrisados pelo proconsul Asclepiades, que, depois de os fazer soffrer os mais incomportaveis tormentos, os fez degolar, em 3 de março do anno 304 de Jesus Christo.

—

No anno 305, voltou a Evora o sanguinario Daciano, e constando-lhe que varias pessoas professavam a religião catholica, mandou prender quantos poderam ser encontrados, e, vendo que eram inuteis todas as suas diligencias para os fazer abjurar o christianismo, os mandou levar a *Ouréga* (que então se chamava *Touréga*) 12 kilometros distante da cidade (vide *Ouréga*) onde elle então residia, em um sumptuoso palacio, e uma magnifica quinta, com um soberbo aqueducto, banhos, etc., (do que ainda ha vestigios) e alli, na sua presença, os mandou degolar a todos; fazendo-os enterrar em uma gruta, ainda hoje chamada *Cóva dos Martyres.*

Ignora-se o numero e os nomes d'estes

[1] Esta pedra ainda hoje é objecto de veneração do povo. Está na sua egreja; mas já se não conhecem os vestigios dos pés, porque o povo tem raspado a pedra, para ser o pó applicado como remedio para varias doenças.

martyres, e só se sabe que eram muitos.

O nosso famoso antiquario, Manuel Severim de Faria, viu, em poder do prior d'Auréga, um pergaminho antiquissimo, que relatava este martyrio; mas, sem mais pormenores do que os que ficam mencionados.

Ainda em Ourega, e pelo mesmo Daciano, foram martyrisados outros santos confessores de Jesus Christo. Para evitar repetições, vide Ouréga.

—

Tinha Evora sete freguezias, no tempo de D. Theotonio de Bragança. Além das cinco de que já tratei, eram tambem parochias, S. Joanninho e Santa Martha; mas, tirando D. Theotonio a congrua aos dois parochos, seu successor, D. Alexandre supprimiu estas duas freguezias, em 1602.

—

Diz-se que a primeira Sé que houve em Evora, no tempo de S. Manços, foi instituida no anno 35 de Jesus Christo, mas sómente existia como congregação. Em quanto viveu Santa Celerina, servia a sua casa de templo episcopal.

Depois do martyrio d'esta santa, até á entrada dos mouros, dizem alguns manuscriptos antiquissimos, que a egreja de S. Pedro fôra a cathedral d'Evora, o que não é verosimil, porque até ao imperio de Constantino (4.º seculo) não houve templos publicos christãos. É mais provavel que os bispos da Lusitania, como os das outras partes do mundo christão, celebrassem os officios divinos e mais ceremonias religiosas, nas grutas e subterraneos.

—

Quando os arabes invadiram a Lusitania (715 e 716) a maior parte do povo d'Evora fugiu para as Asturias e o resto foi captivo para Marrocos; ficando a cidade completamente despovoada de christãos.

Os arabes, vendo que não havia quem cultivasse os ferteis campos d'Evora, attrahiram para aqui os christãos, dando-lhes grande parte das terras abandonadas pelos eborenses. Permittiram-lhes o culto da religião christan, mas não consentiam que elles morassem na cidade, porém só nos seus arrabaldes.

Resgatada a cidade do poder dos mouros, por Giraldo Giraldes (como já disse) D. Affonso Henriques fez bispo d'Evora a D. Soeiro I, que governou 14 annos, succedendo-lhe, em 1180, D. Payo, que no 6.º anno do seu governo (a 24 de abril) lançou a primeira pedra do edificio da nova Sé, no logar em que está o altar de S. Manços. Levou 18 annos a construir este templo, e no dia de S. Manços, 21 de março de 1204, a dedicou e consagrou a Nossa Senhora da Annunciada ou do Anjo.

Emquanto duravam as obras, se faziam os officios divinos em uma casa visinha, que foi depois casa do senado da camara e por fim celleiro dos arcebispos. É' contigua ao paço archiepiscopal.

Alguns escriptores sustentam que no sitio da actual Sé, havia uma cathedral, edificada no tempo dos godos, a qual, depois da invasão mourisca serviu, segundo uns, de *mesquita*, e segundo outros, de residencia do *mufti* arabe (pontifice) sendo a sua principal mesquita o *templo de Diana*. Que, depois da tomada d'Evora pelos portuguezes, foi purificado o antigo templo, tornando a servir de Sé, por espaço de 20 annos; sendo depois arrazado, para se construir a nova Sé, por a primittiva ser muito antiga e pequena.

—

Parece que no tempo dos arabes se veio a construir em Evora uma egreja christan (musarabe) que, segundo alguns, foi a egreja de S. João Baptista, depois, da Madre de Deus, que ficava então no arrabalde, na rua da *Mesquita* e *Farrobo*, que os christãos occupavam com as suas familias. Junto d'esta egreja, fundou D. Affonso I, em 1167, o seu *hospital real*.

—

O cardeal D. Affonso foi o ultimo bispo d'Evora, que, por morte d'aquelle prelado, foi elevado á cathegoria de archiepiscopado, sendo seu primeiro arcebispo, o cardeal (infante e depois rei) D. Henrique.

Antigos Hospitaes d'Evora

Doze hospitaes e albergarias teve esta ci-

dade, no tempo do seu maior explendor: aquelles para abrigo e tratamento de doentes pobres, e estas para recolher e agasalhar viajantes, romeiros, peregrinos, e todos os que se quizessem utilisar d'este asylo de caridade.

1.º—De *S. João de Jerusalem*, (o mais antigo e mais nobre de todos.) Fundado por D. Affonso Henriques, na rua da Mesquita (junto da egreja musarabe, em que os christãos celebravam os officios divinos, durante a dominanão agarena, como já disse) ao qual succedeu, no mesmo sitio, o collegio e egreja da Madre de Deus.

2.º—*Do Corpo de Deus, da Sé.* Ficava para a parte da Freiria de Baixo.

Era para os enfermos da freguezia da Sé.

3.º— *De Santo Antão.* Junto á ermida deste santo, para a parte em que está hoje o convento de Santa Catharina. Era para os infelizes atacados pela ascorosa molestia, denominada—*fogo de Santo Antão*—(morfeia) muito vulgar n'aquelle tempo.

4.º—*De S. Bartholomeu.* Ficava junto á Porta d'Aviz, contiguo a uma capella do mesmo santo, que em 1612 o padre Lourenço Martins transformou em egreja.

5.º—*De S. Gião* (Julião) que é o orago e padroeiro de todos os hospitaes de Flandres.

6.º— *De S. João.* Estava encostado á antiga muralha da cidade, proximo da Porta de Moura, e ao edificio que depois foi casa da róda dos expostos.

7.º— *Do Salvador* Era no terreiro da egreja do Collegio, e cujas rendas se annexaram depois ao hospital de S. João de Jerusalem (o 1.º) e as casas serviram para recolhimento dos fundadores do convento do Salvador.

8.º—*Do Espirito Santo.* Situado junto á egreja da mesma invocação.

9.º— *De S. Bento.* Julga-se que foi junto ao mosteiro d'este santo, e que servia para os enfermos do mal de S. Lazaro ou *gafos* (elephancia.)

10.º—*De S. Francisco.* Era unido ao convento da mesma invocação.

11º— *Da Santissima Trindade.* Este e o antecedente, encorporou o bispo D. Martinho ao hospital do Corpo de Deus da Sé, o segundo mencionado.

12.º—*De S. Braz.* Que serviu de *Casa de Saude* e enfermaria, para os atacados de peste em 1479. Era um grande barracão de madeira, construido exclusivamente para os doentes d'aquelle contagio, findo o qual, se desmanchou, e as poucas rendas que tinha se uniram ao hospital de S. João, o 6º. mencionado.

—

Quasi todos estes hospitaes tinham boas rendas; mas, como ellas passavam por muitas mãos, pouco chegava aos pobres.

Para evitar estas desordens, D. Affonso V lhe nomeou administradores; mas como nem com essa providencia se evitavam os *extravios;* e se dispendia muito, com o grande pessoal empregado, D. João II alcançou do papa, Alexandre VI, licença para unir em um só hospital as rendas de todos os doze; mas como morreu (em 25 de outubro de 1495) foi o rei D. Manuel, que, com grande magnificencia, fez construir o novo hospital, em 1505; escolhendo para esta fundação o sitio do *Espirito Santo,* por ser mais espaçoso e sobre a muralha da cidade. E porque teve alguns escrupulos sobre a primeira bulla da união, impetrou nova bulla, que obteve do papa Julio II, em 23 de agosto de 1508. [1]

D. Manuel, e depois seu filho, D. João III, confiaram o governo d'este hospital a pessoas de provada virtude, até que em 1535 ou 1536, o rei (D. João III) o entregou, como a maior parte dos outros de Portugal, aos conegos seculares de S. João Evangelis-

[1] A *Evora Gloriosa*, que vou seguindo (no que me convem) traz aqui um anachronismo de 90 annos, e uns poucos de disparates. Diz que D. Manuel fundou este hospital em 1595, isto é, 74 annos depois da sua morte, pois todo o mundo sabe que este monarcha falleceu, em Lisboa, em 13 de dezembro de 1521. Diz que foi o papa Alexandre VI, que expediu a segunda bulla, em 23 de agosto de 1598, quando é certo que Alexandre VI foi feito papa em 1492 e morreu em 1503. Desde este pontifice até ao anno de 1598, reinaram nada menos de 18 papas, que foram: Pios III, IV e V; Julios II e III; Leões X e XI; Adriano VI; Clementes VII e VIII; Paulos III e IV; Marcello II; Gregorios XIII e XIV; Xisto V; Urbano VII e Innocencio IX *(Aliquando dormitat Homerus!)*

ta (loyos) que, com louvavel zelo e caridade evangelica, o administraram, até que em 1551, por justos motivos, e voluntariamente, desistiram d'este penoso encargo.

El-rei entregou a superintendencia a seu irmão, o cardeal D. Henrique, que nomeou para administrador da casa ao conego Gomes Pires, até 1562, e a Luiz Alvares de Azevedo, prior de S. Thiago, até 1567. Estes dois varões, insignes em lettras e em virtutudes, foram exemplares administradores; até que, em 6 de abril do dito anno de 1567, o cardeal D. Henrique (então regente na menoridade de D. Sebastião) entregou *in perpetuum*, a direcção exclusiva do hospital, á mesa da Santa Casa da Misericordia.

—

Os edificios dos outros hospitaes se converteram em casas de particulares, ficando apenas existindo o hospital dos lazaros (dedicado a Santo André) fóra da *Porta do Raymondo*, que consta ser fundação do bispo D. Affonso de Portugal. Foi arrazado em 1663, por ser visinho ás muralhas, e para as desobstruir, quando D. João d'Austria pôz cêrco á cidade, n'esse anno. As suas rendas foram para o hospital real.

—

Além dos hospitaes que ficam descriptos, havia em Evora alguns mais modernos. São os seguintes:

Hospital de Convalescentes (de S. João de Deus) fundado por Bartholomeu do Valle. Era entre as *Portas de Aviz* e da *Lagôa*. Este caridoso eborense, que era pobre, sustentou toda a sua vida este hospital, com o producto do seu trabalho e com o das esmolas dos bemfeitores. Por morte do instituidor, deixou de existir (por falta de meios) este util e caridoso estabelecimento.

—

A todos estes hospitaes excedia em riqueza e magnificencia, o *Hospital da universidade*, que é um sumptuoso palacio, mandado fundar pelo testamento do cardeal D. Henrique, para tratamento dos lentes, empregados e estudantes pobres.

Lançou-lhe a primeira pedra o reitor, padre Manuel de Sequeira, em 18 de setembro de 1584, 3 annos, 7 mezes e 18 dias depois do fallecimento de D. Henrique.

Fica no fim da *rua de Machêde*, em frente da ermida de Nossa Senhora da Natividade, fundada sobre uma das antigas portas da cidade.

—

De proposito guardei para o fim a narração da historia de um hospital ainda existente, por querer dar mais desenvolvimento a esta materia. É o

Hospital-asylo de velhas pobres, de Santo Antonio do Conde

Se são nobres os feitos gloriosos do soldado intrepido, que no horror de mil batalhas expõe seu peito magnanimo aos golpes de inimigos furiosos, em defeza do seu Deus e da sua patria; conservando, á custa de seu sangue, a religião, a paz, a propriedade e a honra de seus patricios—se merece honrosos elogios e gratidão eterna o sabio, que, passando a vida em profundos e aridissimos estudos, para dotar a humanidade com livros preciosos—quanto é nobre e digno de louvor o homem benefico, que se dedica ao allivio e protecção de seus irmãos desvalidos, e exerce uma das mais santas virtudes da religião christan—a CARIDADE!

É n'este caso que está o sr. D. José de Menezes e Távora Rapack da Silveira e Castro d'Oliveira e Miranda, marquez de Vallada, um dos mais illustrados fidalgos dos nossos dias, e o que em mais larga escala exerce com prazer e sem ostentação a virtude da caridade.

Não precisava o sr. marquez, nem da sua corôa, nem dos antigos pergaminhos de seus regios ascendentes, para se nobilitar. A sua principal nobreza está nos seus actos de caridade e na sua incontestavel illustração.

Não julgo porém fóra de proposito saber-se que o sr. marquez de Vallada é um dos mais nobres fidalgos d'este reino.

É 19.º neto d'el-rei D. Sancho I, por sua filha, D. Thereza Sanches, casada com D. Affonso Telles de Menezes. Tambem é descendente, por linha legitima, do infante D. Affonso (filho d'el-rei D. Affonso III e da rai-

nha D. Brites) casado com a infanta D. Violante Manuel, filha do infante D. Manuel e neta de D. Fernando III (o *Santo*) de Castella.

É o sr. marquez, por allianças, tambem descendente dos antigos condes de Basto; dos Castros, d'Evora; dos Mirandas, da Patameira; dos senhores de Menezes e de outras nobilissimas familias, cujo principal representante é actualmente; assim como senhor e administrador de todas estas nobres casas.

Descende tambem de um irmão do célebre Ruy Dias de Bivar (o *Cid*) e do famosissimo capitão Giraldo Giraldes, o *Sem Pavor*.

Dadas estas explicações preliminares, tratemos do *hospital-asylo*.

—

Lê-se na *Evora Gloriosa* (do padre Francisco da Fonseca) a pag. 230, n.º 408, que — D. Fernando de Castro, 1.º conde de Basto [1] fundou um hospital, na travessa fronteira á universidade, abaixo da do Salvador, para velhos e velhas, a quem a falta de forças e sobra de edade, embaraçava de ganharem a sua vida.

No cartorio da casa de Vallada existe o testamento do fundador, no qual determina aos seus herdeiros que melhorem, quanto lhes fôr possivel, as condições d'este pio estabelecimento.

O sr. marquez de Vallada, posto ser herdeiro do 1.º conde de Basto, por ter perdido grande parte dos rendimentos d'esta casa, em vista da legislação liberal de 1834, e ainda por outras razões, não podia ser, juridicamente, obrigado á conservação d'este estabelecimento; porém a sua caridade não lhe consentiu deixar morrer ao desamparo as pobres desvalidas. [2]

[1] Não se confunda a familia d'este conde de Basto, com a moderna do conde do mesmo titulo, que foi ministro do senhor D. Miguel I. Este morreu sem descendentes; a linha primogenita d'aquelle, extinguiu-se no ultimo (antigo) conde de Basto, D. Lourenço de Castro, casado com D. Violante de Lencastre, da casa dos duques de Aveiro (bisneta de D. João II) de cujo matrimonio não ficaram filhos.

[2] O sr. marquez não limita a sua beneficencia unicamente a este asylo — tambem paga a renda das casas a viuvas e outras pessoas pobres de Lisboa; concorre com boas quantias para a educação de creanças pobres e para sustento e vestuario de muitos necessitados da villa de Cintra (onde reside uma parte do anno). Conserva em sua casa os creados e creadas inuteis pela sua avançada edade, etc.

Tem pois o sr. marquez cuidado com paternal solicitude da prosperidade do asylo das *suas velhas*, como elle lhes chama, visitando-o varias vezes, e procurando todos os meios de lhes fazer passar os ultimos dias de sua longa existencia no conforto e carinho que as suas edades e molestias reclamam. Honra lhe seja feita, e aos ricos da terra que lhe seguirem o nobre e religioso exemplo.

—

O palacio do sr. marquez de Vallada, em Evora, está situado no logar mais alto da cidade, por detraz da Sé, e junto á *torre de Sertorio*, dentro de um pateo denominado de S. Miguel, em que ha varios predios, pequenos, a que se chama a *Freiría*, e a capella que dá o nome ao palacio e ao terreiro.

O edificio é cercado pelas antigas muralhas de Sertorio.

Era este palacio o antigo castello da cidade, no tempo dos mouros, e onde se recolheu D. Affonso Henriques, depois da tomada de Evora, e aqui fundou a ordem de Aviz, estabelecendo o convento dos freires nas casas do castello, por isso chamadas *Freiría*.

A esta ordem se deu primeiramente o titulo de *cavalleiros d'Evora*. Julga-se que foram estes freires os fundadores da capella de S. Miguel, para alli fazerem as suas orações.

Desde que a ordem se mudou para a villa de Aviz, ficou o paço dos alcaides-móres sendo residencia real, até que D. Diniz mudou a sua residencia para o *paço dos Estáos*, d'Evora.

No tempo de D. Sebastião, tornou a servir de residencia real; mas ordinariamente era a habitação dos capitães, ou alcaides-móres d'Evora, que o julgavam propriedade sua (do que ha sentenças) porque sendo seu 1.º senhor Giraldo Giraldes, d'elle o herd

dára seu descendente, o conde de Basto. Tambem foi residencia de D. Catharina de Bragança, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II.

O sr. marquez tem cuidado da conservação d'este sumptuoso palacio, sem lhe tirar os evidentes signaes da sua veneranda antiguidade. D'elle se gosa um formoso e dilatado panorama, vendo-se as villas de Vianna do Alemtejo e Evora-Monte; a serra de Portel, a cidade e extensa campina d'Evora e varias serras e povoações.

—

Não cabe nos curtos limites que a cada povoação se podem marcar em um diccionario geographico, tudo quanto ainda fica por dizer, com respeito á nobilissima cidade d'Evora e seus arrabaldes.

Principiei, ha muitos annos, uma *Historia abreviada da cidade d'Evora*, que, se Deus me der saude, concluirei, terminada que seja esta obra.

N'esse livro se trata com mais minuciosidade, de varios assumptos, rapidamente mencionados no *Portugal Antigo e Moderno*, assim como de outros novos, dignos de serem sabidos.

EVORA DE ALCOBAÇA—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de N. de Alcobaça, 105 ao NE. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Foi couto, com as respectivas auctoridades, e uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

Situada em terreno pouco accidentado e muito fertil.

É povoação muito antiga e alguns escriptores querem que seja a *Eburobritium* dos romanos, mas é certo que nada aqui tem apparecido que revele tamanha antiguidade.

Tem Misericordia, fundada no seculo XVI.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514.

Foi mandada povoar por D. Sancho I, em 1210, dando-lhe então foral. (Franklim não menciona este foral.)

Era uma das villas do convento de Alcobaça, cujo D. abbade apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Era o D. abbade que nomeava todas as justiças e mais empregados do couto, como senhor donatario d'esta villa. (Vide Alcobaça.)

Para evitar repetições, vide Alfeizirão e Eburobriga.

EVORA MONTE—villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Vimieiro, até 1855, e desde então comarca e concelho de Estremoz. 24 kilometros ao S. de Borba, 24 ao O. de Villa Viçosa, 15 ao SO. de Estremoz, 24 d'Evora, 135 ao E. de Lisboa, 280 fogos (1:100 almas) em duas freguezias (Santa Maria do Castello e S. Pedro.)

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Maria 101 fogos e a de S. Pedro, 90.

Hoje tem a primeira 174 e a segunda 106.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em alto, d'onde se avista a maior parte da provincia, no centro de extensos e ferteis campos e vastos montados, nos quaes se criam muitas varas de porcos.

É povoação antiquissima, mas não se sabe ao certo quem foram os seus fundadores, ainda que pelo seu nome se suppõe terem sido os *eburones*; e, sendo assim, tem mais de 3:800 annos de existencia.

Segundo a *Evora Gloriosa* (pag. 297) esta villa foi colonia dos primeiros eborenses (eburones.)

D. Affonso I a resgatou do poder dos arabes, em 1166, mandando-a logo povoar.

D. Affonso III lhe deu foral em 1248, ampliando-o e dando-lhe maiores privilegios em 1271.

Dizem alguns escriptores que o primeiro foral não foi dado por D. Affonso III em 1248, nem em 1271 o segundo; mas que foi D. Diniz que lhe deu o seu primeiro foral em 1284. Franklim porém só traz o foral dado em 1271 e o de D. Manuel.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1516.

—

Parece que já tinha algumas obras de fortificação do tempo dos romanos (provavelmente de Sertorio) mas foi D. Diniz que

a cingiu de muralhas e lhe edificou o castello, em 1312. Até este anno parece que esteve abandonada, porque a povoação que para aqui mandou D. Affonso I, vendo-se em uma villa aberta e exposta ás continuas correrias dos mouros, a abandonara; por isso só se principiou a povoar com permanencia (*Poblacion general de España*) desde que se fortificou.

Um espantoso tremor de terra que houve em fevereiro de 1531, e que durou 8 dias, causou grandes ruinas a esta villa, demolindo muitas casas, parte das fortificações e matando varios habitantes. D. João III (que então reinava) mandou reedificar a parte arruinada das muralhas, e concorreu para a reconstrucção das casas dos mais pobres.

O territorio d'esta villa é muito fertil e cria muito gado, sobre tudo porcos, no que faz grande negocio.

—

N'esta villa foi assignada, em 27 de maio de 1834, a célebre *convenção*, pela qual a França, Inglaterra e Hespanha obrigam a depôr as armas ao sr. D. Miguel e ao seu exercito.

—

O papa e o arcebispo, apresentavam alternativamente o prior da freguezia de Santa Maria do Castello, que tinha 150$000 réis de rendimento.

A Sé apostolica apresentava o prior da freguezia de S. Pedro, que tinha de rendimento, tambem os mesmos 150$000 réis.

—

Para a grande festa de Nossa Senhora do Carmo, vide Azeruja.

EXAVEADURAS—portuguez antigo. (Vide Esverdaduras.)

EXERCITO PORTUGUEZ—e resumo abreviado da historia militar de Portugal, desde 1807 até ao sr. D. Luiz I (1874.)

—

A nação portugueza foi em todos os tempos uma das mais bravas e mais bellicosas da Europa.

A fundação d'este reino, ganhado palmo a palmo á ponta da espada dos portuguezes, contra os innumeros exercitos musulmanos; suas acções heroicas; suas grandes empresas; os prodigios de valor dos generaes e soldados d'esta briosa nação em todas as cinco partes do mundo, sobre tudo, suas gloriosissimas façanhas e conquistas na Africa e na Asia, contra nações valorosas e guerreiras; as longas, desproporcionadas e sempre gloriosas luctas sustentadas contra o poder colossal da Hespanha, principalmente na diuturna *guerra da restauração*, desde 1640 até 1668; tantos prodigios, demonstram plenissimamente quão briosos, dedicados e audaciosissimos foram sempre os portuguezes.

Se a Hespanha nos conservou por 60 annos sob o mais atroz e incomportavel jugo, deve-se esse captiveiro, de sempre triste e horrida recordação, á imbecilidade de um padre (o cardeal rei) valetudinario e pusilame; á ignobil traição de muitos fidalgos portuguezes; ao estado de terror em que a desgraçada derrota de Alcacer-Quibir deixou o povo portuguez; e sobre tudo á falta de um chefe estimado d'elle, que fosse prudente mas decidido.

A restauração de 1640 acordou os brios dos portuguezes, dando-lhes constancia, resignação e energia.

O universo, espantado, viu então um reino pequeno, sem thesouro, sem marinha, sem exercito, sem colonias (pois que tudo tinha sido devorado e destruido pela pilhagem systematica e organisada do governo hespanhol) sustentar gloriosamente durante 28 annos uma guerra desigual e sahir victorioso, obrigando uma nação soberba e arrogante, e que dispunha de vastos e inesgotaveis recursos, a reconhecer a nossa independencia e autonomia.

Note-se ainda, para maior gloria da nação portugueza, que nós não luctavamos sómente contra os exercitos numerosos, disciplinados e aguerridos de Castella; tambem simultaneamente combatiamos em varios pontos do Brasil contra os francezes e hollandezes, até os expulsarmos á fuzilaria e metralhada, e na ponta de nossas bayonetas, de todas as paragens que nos tinham roubado.

Na campanha de 1706 viu-se que os portuguezes ainda eram os filhos não degenerados dos heroes de 1640; e os nossos sol-

dados triumphantes entraram na capital da Hespanha para alli proclamar Carlos d'Austria.

Desde a paz de *Utrecht* até á invasão de 1762, se descurou completamente tudo quanto dizia respeito ao exercito, deixando-o em quasi total abandono, reduzido a 8 ou 10 mil homens, mal armados, mal equipados, mal instruidos e mal pagos.

Portugal seria victima da sua imperdoavel negligencia se então o conde Lippe-Schauenburg, chamado pelo marquez de Pombal, não reformasse os restos subsistentes do exercito, creando um novo, composto de 33 batalhões de infanteria e 26 esquadrões de cavallaria. Este illustre general restaurou tambem as fortificicações das praças da raia e construiu o famoso forte do seu nome (Lippe) na praça d'Elvas, considerado, com razão, pelos entendedores como obra prima de architectura militar.

Regressando o conde de Lippe á sua patria (Allemanha) bastante se esqueceu o exercito; porém o receio de uma nova guerra com Hespanha, deu momentaneamente alguma actividade ao ministerio da guerra.

A sanguinaria revolução franceza, chamou de novo a attenção do governo para o exercito.

A curta campanha contra os francezes no *Roussillon*, em 1795 em que as nossas tropas obraram prodigios de valor, e a guerra contra os francezes e hespanhoes, em 1801, terminada pelos tratados de paz de 6 de junho e 29 de outubro d'esse anno, alguma attenção attrahiram do governo sobre o exercito, e varias providencias se tinham dado.

No tratado de 6 de junho démos á Hespanha em *refens* a praça de Olivença, que, com a mais inqualificavel má fé, ainda hoje conservam, usurpada contra todo o direito.

Quando Junot invadiu Portugal pelo Sul, occupando Lisboa a 30 de novembro de 1807, e o general hespanhol Taranco invadiu o Norte, occupando o Porto em 13 de dezembro d'esse anno, foi o nosso exercito desarmado, e mandado grande parte d'elle para França.

Alguns fidalgos são intimados para se apresentarem em França a Buonaparte; mas muitos para lá foram *muito por sua livre vontade* prestar-lhe os seus serviços.

Mas, nem todas estas desgraças, aggravadas pela fugida do rei (ainda principe regente) para a America, foram sufficientes para quebrar o animo á nobilissima e indomavel nação portugueza.

Buonaparte, por uma ignobil traição, prende em França Carlos IV e seu filho (depois Fernando VII) pelo que os hespanhoes se levantam contra os francezes, e a 6 de junho de 1808, a divisão hespanhola que estava no Porto, marcha para Hespanha.

A cidade de Bragança foi a primeira que teve a gloria e o arrojo de acclamar o principe regente. O Porto e todo o Norte do reino adhere a este grito de liberdade, e logo a 19 de junho se forma no Porto uma *Junta Suprema do Governo do Reino.*

O Algarve annue tambem logo á gloriosa revolução do Norte, e o Alemtejo, apesar de occupado pela divisão do feroz *Kelerman*, dá o grito da liberdade em Evora, a 20 de julho. Mas *Loison* toma esta cidade de assalto a 29 do mesmo mez, praticando as maiores atrocidades.

O nosso exercito do Norte, organisado á pressa dos restos dispersos das nossas tropas; mas, na maxima parte formado de paizanos, marcha para a Estremadura.

Uma divisão ingleza, commandada por *Dalrimple* e *Wellesley* (depois lord *Wellington*) que havia desembarcado na Figueira e na Estremadura, se juntam ao nosso exercito e marcham sobre Lisboa.

Logo a 17 de agosto, os alliados, commandados por Wellesley, derrotam o general francez *Delaborde*, na Roliça, e a 21, Junot no Vimieiro.

Estas duas derrotas obrigam os francezes a capitular a 30 d'agosto; mas Dalrymple os deixa sahir de Portugal, levando uma quantidade enorme de milhões de cruzados que nos roubaram em dinheiro, e em preciosidades.

A convenção de Cintra é o tratado mais vergonhoso que um vencedor tenha concedido aos vencidos.

Nós ficamos espoliados, é verdade, nem

os francezes cá vinham a outra coisa, (o que plenamente provaram) mas a sacrosanta bandeira das quinas tremúla de novo nas fortalezas de Portugal.

Os francezes, vendo que ainda em Portugal havia mais alguns milhões para roubar. o tornam a invadir em 1809, com 30:000 homens, commandados por *Soult*, que occupa Braga a 20 de março e o Porto a 29.

Mas o bravo e incansavel Wellesley, com o exercito luso-anglo, expulsa do Porto o general francez, a 12 de maio, e a 17 já Portugal estava de novo livre.

Buonaparte, desesperado por ver que uma nação tão pequena tinha feito morder a terra ás suas aguerridas legiões, manda um terceiro exercito de 120:000 homens, commandado por um dos seus melhores generaes, o marechal *Massena* (a quem chamava—«*o filho querido da victoria*») em 1810.

Porém, Massena estáca logo 17 dias e 17 noutes, em frente de Almeida, e só tomou esta praça depois de desmantelada por uma explosão do paiol, (não sem suspeita de traição) a 27 de agosto.

Massena marcha para o Norte, mas encontra o exercito luso-anglo (na força de setenta mil homens) nas fortes posições do Bussaco. Faz um *reconhecimento* no dia 26 de setembro, do qual não tirou em resultado senão alguns mortos e feridos.

A 27 foi a esquerda e centro da nossa linha atacada vigorosamente pelos francezes; mas foram repellidos com a maior bravura e galhardia, tendo grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

Quasi o mesmo lhes aconteceu no dia seguinte (28).

Vendo Massena que n'estes tres dias tinha perdido 4:000 soldados mortos na acção e 3:000 prisioneiros, retira sobre o Sardão na noite de 28 para 29. (Vide Bussaco.)

Os alliados, conhecendo o plano do inimigo, marcham sobre Lisboa com admiravel ordem e rapidez, derrotando os francezes nos campos de Coimbra e em Leiria.

O general inglez *Trant*, com uma divisão de milicias do Norte, cahe sobre Coimbra, onde aprisiona mil francezes.

O general inglez *Hill* occupa com a sua divisão o Alemtejo, e o marquez de la Romana, com 10:000 hespanhoes se reuniu, a 20 de outubro, ao exercito alliado.

O designio de Massena era, por uma manobra arrojada, e a marchas forçadas, occupar Lisboa; mas, o *filho querido da victoria* pára á vista das *Linhas de Lisboa*, e retira para Santarem e Leiria, d'onde os nossos o não podem desalojar, por causa do inverno. (Os francezes occuparam estas duas cidades a 14 de novembro).

No principio de 1811, Massena recebe um reforço de 30:000 homens, mas nem com elle se atreve a atacar-nos; antes, de 5 para 6 de março, começa a sua vergonhosa retirada para a Hespanha.

Os nossos o atacaram no Pombal, na Redinha, na Foz d'Arouce e no Sabugal, levando sempre a melhor.

Os francezes, que cercavam a praça de Campo Maior, fogem á vista dos alliados, que commandava o marechal *Beresford*. Massena entra em Hespanha a 4 de abril.

Os portuguezes tomam Olivença a 15 de abril. (Esta praça estava, como já disse, em refens, em poder dos hespanhoes, desde 6 de junho de 1801, e tendo-a perdido e nós resgatado do poder dos francezes, a regencia, por um acto de mal entendida lealdade, a entrega aos hespanhoes, que abusando da nossa generosidade, boa fé e cavalheirismo, nunca mais a quizeram largar.)

A 11 de abril resgatámos a praça d'Almeida, ficando Portugal livre, pela terceira vez, das hordas de Buonaparte.

Massena recebe ainda novos reforços e ataca os alliados a 3 de maio, em Fuentes-de-Honor; mas, foi vencido, perdendo 4:000 homens.

O exercito alliado, commandado por Beresford, derrota a divisão de Soult, em Albuera, a 16 de maio. Os alliados perderam 6:000 homens n'esta sangrenta batalha; mas os francezes perderam 9:000.

Massena, tornado de *filho da victoria* em *engeitado*, é substituido por Marmont. Este toma toda a artilheria dos alliados, em Fuente-Guinaldo, a 27 de setembro, e obriga o exercito luso-anglo a retirar sobre as fronteiras portuguezas; mas esta retirada foi

um dos maiores feitos d'armas do exercito luso-anglo e do seu nobre chefe, lord Wellington. A cavallaria franceza, que nos *picava* constantemente a rectaguarda, foi sempre repellida com perda, em todos os seus ataques, e n'um d'elles resgatámos a nossa artilheria.

A 28 de outubro, a divisão luso-ingleza do general Hill, derrota na batalha do *Arroyo-de-los-Molinos* o general francez *Gerard*.

A 19 de janeiro de 1812, os alliados tomam d'assalto a praça de *Ciudad-de-Rodrigo*.

A 6 de abril tomam tambem de assalto a forte praça de Badajoz.

A 22 de junho, os alliados, commandados pelo inclito general Wellington, derrotam o exercito de Marmont, em Salamanca, causando-lhe a perda de 15:000 homens, e alcançando a mais bem disputada, famosa e gloriosa victoria de toda a guerra peninsular.

Desde então, os francezes fogem em toda a parte diante do bravo e victorioso exercito alliado, que toma Madrid a 12 de agosto, e El-Retiro a 24.

Por desobodiencia, ou cobardia, do general hespanhol Ballesteros, os francezes podem reunir em Burgos (que ainda era d'elles) cem mil homens. Forças tão numerosas obrigam os alliados a levantar o cêrco da praça, e á fatal *retirada de Burgos* para a fronteira portugueza, onde chegaram no meiado de novembro; mas n'esta retirada, a bravura e galhardia dos portuguezes mereceu os maiores e mais enthusiasticos e merecidos encomios de Wellington, e foi um dos mais gloriosos feitos do nosso exercito, apresentando poucos eguaes a historia militar de qualquer nação.

Em 15 de dezembro teve logar o combate de Arapiles, em que ainda os nossos levaram a melhor.

No principio do anno de 1813, os alliados tomam a offensiva, levando por toda a parte os francezes de vencida.

A 24 de junho, os alliados alcançam os francezes em Victoria, e os derrotam. O inimigo perdeu mais de 6:000 homens, toda a sua artilheria, thesouro (roubado) bagagens, etc.

José Buonaparte (intitulado *rei de Hespanha*) salvou-se, fugindo em um veloz cavallo.

Os regimentos portuguezes de infanteria n.º 9, 11, 21 e 23 e os batalhões de caçadores, tambem portuguezes, n.º 7 e 11 obraram taes prodigios de valor na batalha de Victoria, que causaram a admiração de toda a Europa (até dos proprios francezes) e em premio da sua coragem e disciplina, lhes foram conferidas novas bandeiras, pela ordem do dia de 13 de março de 1814, com honrosas legendas, em letras de oiro. As de infanteria diziam:

Julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, ou de tal gente.

As de caçadores diziam:

Distinctos vós sois na lusa historia
Com os louros que colhestes na victoria.

—

O exercito francez, aterrado com esta derrota, atravessa os Pyreneus, entrando na França, no 1.º de julho; mas deixando fortes guarnições em Pamplona e S. Sebastião.

Soult toma o commando do exercito de Marmont, reforçando-o com 30:000 homens e para fazer levantar o cêrco de Pamplona ataca os nossos em *Porto de Maia* e *Roncesvalles*, a 25 de julho. Os nossos concentram-se em *Villalba* e *Huerta*, cobrindo a praça. Grandes combates de 27 e 28 de julho, em que os alliados levam a melhor e tomam a offensiva, ganhando a célebre batalha dos Pyreneos, a 30 de julho; na qual Soult perde 15:000 homens e é de novo arrojado para França.

A 31 de agosto o exercito anglo-luzo toma d'assalto, com a mais pasmosa intrepidez, a forte praça de S. Sebastião. A guarnição franceza mette-se na cidadella; mas rendeu-se a 8 de setembro.

Os alliados passam o Bidasoa e a 7 de outubro ganham a memoravel batalha de *Nivelle*, tomando as linhas francezas. Os combates, já no territorio francez, são diarios.

Principiam a 9 de dezembro os sangrentos ataques junto á praça de Bayona, e os francezes são arrojados das suas formidaveis posições entre os rios *Nive* e *Adour*, perdendo ainda a 13 de dezembro a batalha de *Nive*. Soult dirige-se para *Dax*.

A 27 de fevereiro de 1814, os nossos ganham contra Soult a sanguinolenta batalha de *Orthez*, em que os francezes perderam 5:000 homens.

A 12 de março entra Beresford em Bordeos com a sua divisão luso-ingleza.

O general francez *Suchet*, abandona a Catalunha e se junta a Soult, que toma fortissimas posições entre o canal de *Languedoc* e o rio *Garonq*, nas alturas que dominam Tolosa; mas os nossos ahi o atacam furiosamente a 10 de abril, e depois de 10 horas de um combate desesperado, ganhamos a gloriosa batalha de Tolosa; em cuja cidade entraram a 12. Soult retirou de noite.

A 30 de maio é proclamada a paz geral de Paris, com a expulsão de Buonaparte, e o exercito portuguez volta á patria coroado de louros immarcessiveis, ganhos em uma campanha de seis annos, memoravel para todos os seculos; na qual os portuguezes obraram sempre tamanhos prodigios de valor, que causaram a admiração de todo o mundo.

—

Desde 1814 até nossos dias pouco ha a dizer sobre o nosso exercito, pois não queremos fazer recrudescer odios de partido, quasi dissipados com o tempo.

Só direi que de 1832 a 1834, n'essa guerra fratricida, ainda de ambos os lados as tropas portuguezas mostraram por muitas vezes que eram os netos dos soldados de D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso III, D. Affonso IV, D. João I, D. João III, D. João IV, e D. João VI.

—

Rapida noticia sobre a organisação do exercito portuguez, segundo as ordens do dia de Lord Beresford, de 1814. (1)

Primeira linha

24 regimentos de infanteria, com duas companhias de granadeiros e 8 de fuzileiros, cada um. Total 1:011 praças cada regimento.

12 batalhões de caçadores, cada um com 5 companhias armadas de espingardas, e uma (a 6.ª) armada de *reffes* (1). Cada batalhão com 501 praças.

12 regimentos de cavallaria, sendo dois d'elles de *dragões* (2). Cada regimento com quatro esquadrões, total 531 praças e 435 cavallos cada regimento.

4 regimentos de artilheria, cada um com 892 praças.

1 regimento de artistas engenheiros (vulgarmente *artifices*) 348 praças.

A brigada real da marinha.

O corpo de engenheiros conductores, na força de 276 praças, divididas por 4 companhias, de 69 praças cada uma (3) e 400 muares. (Chamava-se *artilheria-montada.*)

O corpo da *guarda real da policia de Lisboa*, composto de 8 companhias de infanteria, 4 esquadrões de cavallaria e um *parque* de artilheria. (Chegou a ter, no reinado do sr. D. Miguel, quasi 3:000 homens.)

Este corpo foi creado em 1804 pelo conde de Novion, emigrado legitimista francez, no ministerio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Segundo a primittiva organisação, o seu *completo* eram 1241 praças. Pouco depois foi creada a policia do Porto.

O corpo da *guarda real da policia do Porto*, composto de 3 companhias de infanteria e 1 de cavallaria. Tinha 400 e tantas praças. (A 3.ª companhia de infanteria tinha o seu quartel em Villa-Nova de Gaya.

Estes dois corpos eram os mais brilhantes de toda a Europa. Desde furriel, inclusivé, até ao coronel, suas fardas eram cobertas pela frente, gola, e canhões, de ricos galões d'ouro fino; e as calças

(1) Lord Beresford era marechal-general do exercito portuguez e inquestionavelmente o melhor organisador e disciplinador militar dos tempos modernos.

(1) Carabinas de *broca oitavada* e que se carregavam a maço (!) Todavia seus tiros eram de muito alcance e certeza. Eram armadas de terçados (como as modernas), e não de bayoneta, como todas as mais espingardas d'aquelle tempo.

(2) Era a *elite* dos cavalleiros e cavallos.

(3) Cada companhia estava aggregada a um regimento de artilheria.

eram tambem agaloadas do mesmo metal.

Nas policias não se sentava praça. De todos os corpos de cavallaria, caçadores e infanteria do exercito eram escrupulosamente escolhidos os officiaes, officiaes inferiores e soldados de melhor comportamento, mais aceiados e de mais serviços, para completarem estes dois respeitaveis corpos, que, em todos os sentidos, eram dos melhores da Europa.

O corpo do estado-maior do exercito.

O regimento de Malta (de fardas encarnadas) que só servia para montar as guardas dos paços reaes. Foi dissolvido em 1833.

Trinta companhias de veteranos, cada uma com 120 praças; 8 companhias na Extremadura, 6 na Beira, 3 no Alemtejo, 2 no Algarve, 4 no *Partido do Porto*, 4 no Minho e 3 em Traz-os-Montes.

—

Além de toda esta força respeitavel de 1.ª linha, havia durante a guerra da Peninsula a célebre *Leal Legião Lusitana*, que tão relevantes serviços prestou á patria n'essa época.

—

E os dois regimentos de *Voluntarios reaes do commercio* (um de cavallaria, outro de infanteria e artilheria) formados exclusivamente da classe que lhe deu o titulo. Estes corpos eram quasi tão aceiados como as policias. Suas fardas eram cobertas de alamares de prata, e as calças agaloadas do mesmo metal. A cavallaria era fardada á *hussard*, tendo sobre a farda e só presa por cordões de prata, uma jaqueta tambem coberta de alamares do dito metal.

Fez tambem muitos serviços durante a guerra peninsular.

—

Houve tambem desde 1823, em Lisboa, um corpo de *Voluntarios realistas urbanos*, que acabou com a convenção d'Evora Monte.

Milicias

Portugal tinha no principio d'este seculo 48 regimentos de milicias, que no fim da guerra peninsular estavam tão aguerridas e tão bem exercitadas como a infanteria de linha.

As milicias eram compostas de proprietarios, ou filhos de proprietarios, desde a edade de 18 até 40 annos.

Eram porém isentos, os empregados civis, os estudantes da universidade de Coimbra [1], os lentes e mestres de instrucção publica, os medicos, cirurgiões e boticarios, um certo numero de operarios de cada fabrica ou estabelecimento manufactureiro, um individuo por cada junta de bois e um carro etc.

Eram estes corpos a parte *auxiliar* do exercito, e recebiam meio soldo da linha, quando faziam serviço.

Formavam uma vez por mez para fazerem exercicios militares.

Seus officiaes eram escolhidos de entre os mais ricos proprietarios do districto, á excepção dos majores e ajudantes, que eram, aquelles capitães e estes subalternos do exercito, que vinham em commissão para as milicias.

Um general era inspector geral das milicias do reino, sendo seus immediatos dois sub-inspectores, um para o Minho e *Partido do Porto*, outro para Traz-os-Montes.

O completo de cada regimento de milicias era o mesmo dos regimentos de infanteria de linha, e identica a sua organisação.

Eis aqui as terras que tinham regimentos de milicias:

EXTREMADURA

Lisboa — 4 regimentos, dois de Lisboa oriental e dois de Lisboa occidental. (Além de dois regimentos de *voluntarios reaes*, a pé, de Lisboa oriental e outros dois do mesmo titulo, de Lisboa occidental; dos dois regimentos, um de cavallaria outro de infanteria de *voluntarios reaes do commercio*, de que já tratei e dos *voluntarios realis-*

[1] Mas durante a guerra da Peninsula formaram o bello e arrojado corpo de *Voluntarios Academicos* que era a *Ala dos Namorados*, do seculo XIX.

tas urbanos e *regimento de Malta,* já mencionados.)

Os 4 regimentos de Lisboa (vulgarmente *milicias novas*) eram, dois de caçadores nacionaes e dois de artilheiros nacionaes.

Torres Vedras, Santarem, Thomar, Louzan, Setubal, Alcacer do Sal, Leiria e Soure.

ALEMTEJO

Beja, Evora, Villa Viçosa e Portalegre.

ALGARVE

Lagos e Tavira.

BEIRA BAIXA

Castello Branco, Idanha e Covilhan.

BEIRA ALTA

Viseu, Tondella, Lamego, Arouca, Trancoso, Guarda e Arganil.

PARTIDO DO PORTO

Coimbra, Figueira, Aveiro, Oliveira de Azemeis, Feira, Porto, Maia e Penafiel.

MINHO

Basto, Guimarães, Villa do Conde, Braga, Barcellos, Barca, Vianna e Arcos.

TRAZ-OS-MONTES

Villa Real, Chaves, Bragança e Miranda.

Voluntarios Realistas

No reinado do senhor D. Miguel I, além de todos os corpos de 1.ª linha e milicias referidas, se crearam 52 batalhões de caçadores, denominados *Voluntarios Realistas,* (por quererem servir o rei por sua livre vontade). O seu completo e organisação era como o dos batalhões de caçadores de linha.

Para officiaes eram, na maxima parte, escolhidos fidalgos, ou pessoas nobres. Os majores e ajudantes eram (como nas milicias) capitães e subalternos de 1.ª linha.

A maior parte d'estes batalhões de voluntarios, estavam tão bem disciplinados e aguerridos como os caçadores de linha..

Não me foi possivel obter dados officiaes para designar quaes as terras que tinham batalhões de voluntarios realistas; pelo que dou em primeiro logar as de que tenho certeza, e em segundo, as de que tenho probabilidade.

Se houver algum engano (que julgo provavel) obsequeiam-me muito os senhores que me advirtam d'elle, para o rectificar opportunamente.

As terras de que tenho certeza terem batalhões de voluntarios realistas, são as seguintes:

Arganil, Aveiro, Braga, Bragança, Castello Branco e Penamacôr, Castro Daire, Covilhan e Fundão, Guimarães, Lamego, Lisboa (4 batalhões), Mangualde, Mirandella, Moncorvo, Monsaraz, Montalegre, Oliveira d'Azemeis, Penafiel, Porto, Santarem, Serpa, Thomar, Trancoso, Vianna do Lima, Villa Flôr, Villa Real.

Supponho que os tinham:

Abrantes, Agueda, Barcellos, Beja, Boorba e Villa Viçosa, Chaves, Cintra, Elvas, Evora, Faro, Figueira, Guarda, Leiria, Miranda, Monção, Moura, Palmella, Pinhel, Ponte do Lima, Portalegre, Setubal, Tavira, Tondella e Viseu.

—

O senhor D. Miguel chegou a ter um exercito de 1.ª e 2.ª linha, de 84:000 homens.

Ordenanças

Todos os portuguezes que não pertenciam á primeira ou segunda linha, e que não tinham empregos publicos — desde os 16 annos de edade até aos 60 eram obrigados a alistar-se nas ordenanças.

Os francezes chamam a estes corpos «*levée en masse*» os hespanhoes «guerrilhas o somaten» e os allemães «landsturm.»

Pela organisação das ordenanças, decre-

tadas em 1804, era o reino devidido em 441 *capitanias-móres*—sendo—71, na Extremadura—51, no *Partido do Porto*—79, no Minho—46, em Traz-os-Montes,—119, na Beira,—61 no Alemtejo.—e 14 no Algarve.

Cada *capitania-mór* era subdividida em um certo numero de companhias, commandadas por um capitão, ou sargento mór, que tinha por immediato um alferes. Cada companhia tinha tambem sargentos, cabos, um tambor, e a maior parte d'ellas um portabandeira, com sua bandeira.

Era das ordenanças que sahiam os soldados para a primeira linha.

Estes corpos, ainda que sob differente forma, tinham sido creados por D. João IV, em 1641. A constituição de 1820, dissolveu-os; mas a restauração de 1823, os tornou a chamar. Foram de novo suprimidos em 1826, e tornados a reorganizar até 1834, em que foram definitivamente exterminados.

Foi uma das medidas bem acertadas dos liberaes; porque se estes corpos irregulares fizeram bastantes e bons serviços a Portugal durante a guerra da Peninsula, depois faziam mais perca do que proveito, e mais descredito do que honra; porque tinham degenerado de corpos irregulares, em hordas de gente sem rei nem roque; rotos, descalços, incorregiveis pessimamente armados, e ratoneiros.

Fugiam dos combates, e só appareciam depois d'elles terminados, para roubarem os mortos e feridos.

Deve confessar-se porem que alguns capitães-móres, valentes e rigorosos, conseguiram que as suas companhias conservassem uma tal ou qual desciplina; mas foram excepções.

Na maior parte, esta instituição, desde 1812 só deu maus resultados.

Exercito portuguez em 1874

18 Regimentos de infanteria.
12 Batalhões de caçadores.
3 Regimentos d'artilheria.
1 Batalhão de sapadores.
8 Regimentos de cavallaria e lanceiros.
1 Batalhão de marinheiros militares.
Estado maior d'engenheria.
As guardas municipaes de Lisboa e Porto.

Tudo com um total de 24:000 homens.

Para mais explicações, vide a palavra *Divisão*, a folhas 468, 469 e 470 do segundo volume.

EXERTADO ou **ENXERTADO**—portuguez antigo logar cheio d'arvores fructiferas, enxertadas—pomar.

EXPORTAÇÃO DE GADO BOVINO—pela barra do Porto, para a Inglaterra, desde o anno de 1847, em que principiou este felicissimo commercio, até ao fim de 1873.

ANNOS	CABEÇAS DE GADO	CUSTO, EM RÉIS
1847	548	17:500$000
1848	825	31:200$000
1849	791	35:100$000
1850	362	13:800$000
1851	150	6:000$000
1852	312	18:400$000
1853	1:383	45:000$000
1854	2:606	105:440$000
1855	2:926	142:300$000
1856	4:288	217:170$000
1857	3:253	199:604$000
1858	3:431	203.040$000
1859	3:992	255:563$000
1860	5:426	329:923$000
1861	6:196	410:456$000
1862	8:222	551:735$000
1863	5:772	403:350$000
1864	6:537	454:525$000
1865	4:621	319:325$000
1866	6:035	414:842$000
1867	6:979	493:316$000
1868	8:511	592 450$000
1869	11:892	797:440$000
1870	16:800	1.092:000$000
1871	18:350	1.192:950$000
1872	17:810	1.157:650$000
1873	17:702	1 062:120$000
	165:720	10.292:229$000

Dez mil duzentos e noventa e dois contos duzentos e vinte e nove mil réis, isto é, dois milhões duzentas oitenta e sete mil cento e sessenta e duas libras sterlinas.

Isto afóra a grande porção de gado que tambem sae pela barra de Lisboa.

EXTREMADURA—já está em Estremadura.

EXTRÊMO—já está em estrêmo.

EXUDRIO—portuguez antigo—o mesmo que *eixido* ou *enxido*. Vide esta ultima palavra.

F

FACHA ou **SANTO ESTEVÃO DA FACHA** —freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 385 kilometros ao N. de Lisboa, 25 a O. de Braga, 12 a NE. de Vianna, e 5 de Ponte de Lima, 230 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Houve aqui, em tempos antigos, um convento de monges benedictinos, que, no fim do seculo V, sendo abbade Diogo Alvares Pacheco, passou a reitoria secular, e commenda da Ordem de Christo.

Fernão Borges Pacheco, filho do tal abbade, foi o primeiro commendador.

Foi antigamente concelho, que el-rei D. Fernando deu, com outras terras (estando em Valença do Minho) a Fernão Caminha e seus filhos, que da Galliza o vieram ajudar, na guerra contra D. Henriqee, *o Bastardo*, de Castella.

Estes Caminhas, vieram depois a passar-se para o partido de D. Beatriz e D. João I, de Castella, contra o nosso D. João I, que por isso lhe tirou esta commenda, e a deu a Fernão Annes de Lima, pae de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira, para elle e seus descendentes.

No alto da *Nó*, ha vestigios de uma cidade e de um castello. Ha aqui uma casa, a que chamam o *Paço*, em que viveu o rico homem, D. Soeiro Mendes Facha, do qual se diz que a freguezia tomou o nome. Era casado com a condessa D. Elvira Gonçalves da Faya. Este Paço passou depois para os Barretos do Amaral.

A freguezia fica dentro do angulo, e nas encostas de duas serras que correm, a primeira de norte a sul, com o nome de serra da *Nó*, no alto da qual e na extrimidade SE apparecem ainda vestigios de povoação antiquissima, e grandes cavernas com seus compartimentos de tijolo, onde ninguem quer entrar por se apagarem as luzes, segundo dizem, e é possivel, por decomposição do ar; mas é mais rasoavel que seja por medo por que, se algum mais ousado tem tentado isso, dizem que sae immediatamente, pallido e assustado.

Corre a outra serra com o nome de *Castello* (e vestigios mostra d'isso) em direcção de nascente a poente, destacando-se da primeira, onde forma o angulo, na *Portella de Santo Estevão*, e hindo morrer, em declive sobre as freguezias de Victorino das Donas e Geraz do Lima.

A freguezia fica, pois, nas faldas d'estas serras, n'um fundo valle, cortado em toda a sua extensão por um riacho anonymo, que descendo pobre, da Portella, divide a freguezia em duas partes quasi eguaes; toca algumas rodas de engenhos e azenhas, e vae morrer no Lima, na extremidade occidental da formosa veiga da Correlhan.

É terra abundante em todo o genero de fructos; mas nem por isso os seus habitantes deixam de ser geralmente pobres; porque, de trinta e tantas quintas (a freguezia é muito grande) que se encerram em seu ambito só trez ou quatro, se tanto, pertencem a proprietarios d'ahi; sendo os mais habitantes méros caseiros de senhorios de Vianna, Ponte do Lima, Arcos e outras terras.

A egreja foi bom templo antigo.

Já não é a mesma: foi demolida e feita inteiramente de novo em 1868, com uma elegante torre, donde cahiu um desgraçado pedreiro no momento em que lhe estava a metter o fecho do zimborio.

Ficou despedaçada, ficando cada membro a palpitar para sua parte!

A' iniciativa do seu ex-parocho, o sr. Antonio Joaquim Feijó (hoje abbade de Villa-Fria), homem eminentemente emprehendedor, deve aquella freguezia tão consideravel melhoramento, que lhe importou não pequenos dissabores, pelas dificuidades com que lutou e caprichos que venceu.

Fica como a egreja da Correlhan, sua limitrophe, na vertente occidental da serra da Nó, que é a da freguezia.

A residencia parochial está proxima á egreja e é boa.

Tem no quintal contiguo, uma fonte d'agua frigidissima, qualidade que deve de certo á profundidade d'onde sae, por isso que nasce da raiz da serra.

Nada ha de notavael na freguezia a não ser o bom palacete do ex.mo sr. Francisco de Mello Barreto, que fica a poucos metros da egreja, para o sul, e que exceptuando o palacio da Brejoeira, é dos melhores do Minho.

Fica mesmo junto á raiz da serra da Nó, o que é de grande vantagem para o edificio no sentido de o fazer sobresahir, pelo contraste que formam ambos.

Gosa-se das janellas das suas duas torres, que são elevadissimas e elegantes e guarnecidas de graciosas pyramides, um panorama pouco vulgar, pela sua triplice vista de serras, veiga e rio.

O palacete é d'uma architectura primorosa pelos seus engraçados lavores de pedra, na fachada.

A porta principal, que fica no centro da grande varanda, (para onde se sobe por uma ampla escada de pedra) e que dá para a sala nobre, é uma peça magnifica pelos seus arabescos e trabalhos de talha.

Mas o que prende ahi mais a attenção são as maneiras e o tracto lhano e franco com que o sr. Mello costuma receber a todos.

FACHO — Fogo artificial, convencionado, accêso em uma eminencia, para indicar a aproximação do inimigo. Os lusitanos lhe chamavam *almenára*, nome que conservou ainda nos principios da monarchia.

O facho porem, tinha certas combinações mais perfeitas do que a *almenára*. Ainda se usou na guerra da Peninsula. Haviam companhias, com officiaes, sargentos e soldados (chamadas *companhias do facho*) cuja obrigação era fornecerem combustivel para o *facho*, guardarem-o, accenderem-o etc. segundo as instrucções recebidas.

Esta gente tinha certos privilegios. Vide *Almenára*.

FACUNDO (S) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 150 kilometros a E, de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. João Baptista, d'Abrantes, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

FACUNDO (S) e **ANTUZÊDE** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757, tinha Antuzêde 35 fogos, e era seu orago Santo Agostinho—e S. Facundo, 105, e era seu orago S. Facundo. Estas duas freguezias estão, ha muitos annos annexas, e é seu orago actual Santo Agostinho.

Bispado districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o péd'altar.

É terra fertil.

D. João III a deu á Companhia de Jesus, e, por extincção d'esta ordem, passou para a universidade.

FÁFE — villa, freguezia, Minho, 10 kilometros de Guimarães, 30 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 530 fogos (2:100 almas) no concelho 6:050 fogos, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 342 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fafe era uma importante freguezia, e foi elevada a villa em 1840. Diz-se que Fafe tomou o nome de D. Fafe Luz, rico homem e alferes-mór do conde D. Henrique, pae de D. Affonso I.

—

Grande romaria a Nossa Senhora d'Antime ou Senhora da Misericordia, ou do Sol.

A imagem é de pedra, e com a charola pésa 24 arrobas!

Outros dizem que a senhora pésa 8 arrobas, e o andor, que tambem é de pedra (!) outras oito. Levam-a na procissão os maiores valentões da freguezia.

A imagem da Senhora é de granito metamorphico, com braços postiços e sem pernas nem pés, nem feitio algum de gente, além da cara. São 8 rapagões que levam a charola e a Senhora, mas vão outros oito para os revezar. Apesar da sua valentia, por varias vezes teem alguns ficado esmagados debaixo da imagem; mas, mesmo assim, ha grandes empenhos para levarem a charola, porque teem fé de serem bem succedidos, nos seus casamentos, se tiverem sido conductores da santa.

Já dos nossos dias, um dos que ajudava a levar a Senhóra, andava picado com outros dos conductores, e ao dobrarem uma esquina, tal geito deu, que o andor cahindo sobre o seu inimigo, o matou logo, ficando esmagado; mas esta morte foi immediatamente vingada por um terceiro, que deu no tal amigo uma *choupada*, matando-o immediatamente e ficando a santa e a charola cheios de sangue!

Fafe era antigamente concelho de Monte-Longo, ao qual D. Manuel deu foral em Lisboa, a 5 de novembro de 1513.

A villa tem uma só rua, mas tem boas casas. Ha aqui feira no primeiro de cada mez e na Pica aos 18.

—

Em Fafe nasceu o bacharel José Cardozo Vieira de Castro, filho do desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro. José Cardoso foi deputado e era bom orador e de muita intelligencia. Tendo ido ao Rio de Janeiro dar mostras do seu talento oratorio, casou com uma brasileira. Regressando com a mulher a Lisboa, deu entrada em sua casa a um sobrinho do immortal *Garrett*, por nome José Maria d'Almeida Garret, joven de muita intelligencia, mas de uma devassidão proverbial. Tendo José Cardozo (ou julgando ter) provas do adulterio de sua mulher com Garrett, estrangulou-a. Foi em 1871 degredado por 15 annos para a Africa, onde morreu a 5 de outubro de 1872, de febre perniciosa. Um anno, dia por dia, depois de chegar a Africa. Morreu em Loanda.

Muito se tem dito e escripto contra José Cardozo. Eu, que não sou nada, e me acho segregado do mundo, penso sobre este tragico successo do modo seguinte.

Se não precedessem ao facto certas circumstancias, estava Cardozo, plenamente justificado pela sociedade; porque todo o homem de bem, todo o homem d'honra, no primeiro impulso do seu furor faria o que elle fez; faria até mais porque mataria os dois adulteros.

O que é certo é que a mulher morreu assassinada e que o assassino morreu no degredo e assim se annullou uma intelligencia que podia vir a ser utilissima á patria.

—

No monte de S. Jorge Magno ha grandes pedreiras de granito metamorphico e porphiroide, optimo para construcções. É proximo da villa. N'este monte venera o povo o *Penêdo de Pégadinha*, no qual deixára impressas as suas *santas patas*, a jumentinha da Nossa Senhora, *quando esta aqui passou acavallo, na fugida para o Egypto!!!*

É fertil em trigo, vinho e algum azeite. Muitos gados, mel e cêra, caça e pesca (em 3 regatos que nascem no concelho e formam o Visella.)

Teve um antiquissimo mosteiro, ignorando-se quando deixou d'existir para ser unido ao de Santa Marinha da Costa.

A 12 kilometros de Fafe, proximo ao logar de Luilhos, uma rapariga descobriu, por acaso, em principios de 1870 uma nascente d'agua que rebenta d'uma rocha e que se diz ser efficaz para curar toda a qualidade de molestias cutaneas e outras. Já alli corre muita gente. O povo diz que alli proximo está enterrado S. Silvestre; pelo que chama esta fonte *Banhos de S. Silvestre*. Tem um cheiro particular e é muito limpida e leve. Apesar da aridez do sitio, está alli um arraial com barracas de comida, muitas pipas de vinho etc.

Nas escavações que se fizeram em junho de 1870, para a construção d'uma capella, proximo á villa, appareceram varios objec-

tos e entre elles differentes moedas, cujo metal e nacionalidade se ignora, por estarem muito corroidas da ferrugem.

É tradição que este logar foi occupado (e habitado) pelos celtas. Outros dizem que pelos romanos.

A irmandade da Misericordia foi instituida a 23 de março de 1862, mas a primeira pedra do hospital de S. José, que ella administra, foi lançada a 6 de janeiro de 1859, e em 19 de março de 1863 foi aberto aos pobres. É um elegante e vasto edificio, em optimas condicções. Foram seus fundadores José Florencio Soares e outros negociantes d'aqui, estabelecidos no Brazil. Os estatutos, foram feitos em 23 de março de 1862. O povo d'aqui tambem concorreu muito para esta obra. A sua receita ordinaria é de 82 9$772 rs. e a extraordinaria de 432$364 rs. A despeza obrigatoria é de 776$472 rs, e a facultativa 379$114. Ainda são precizos 16 contos de réis para a conclusão d'este estabelecimento de caridade, que nos primeiros trez annos já tratou 210 doentes. Os poderes publicos, longe de subsidiarem este estabelecimento e procurarem o seu desenvolvimento, teem procurado varios meios de o prejudicarem e embaraçarem. É seu actual provedor (o 1.º) o sr. José Florencio Soares.

Em janeiro de 1874, falleceu em Lisboa, Antonio Joaquim Vieira Montenegro, que foi um rico negociante, no Brazil. Era natural de Travassós, d'este concelho.

Deixou ao hospital de Fafe, 2 contos de réis fortes. A' camara municipal da mesma villa, 7 contos de réis, para mandar construir uma casa na freguezia de Travassós, para escola de meninos: 14 contos de réis, para a mesma camara mandar construir uma casa para asylo de meninas pobres, das differentes freguezias d'este concelho.

Tambem deixou ao hospital de S. Domingos de Guimarães, um conto de réis fortes.

Vide Travassós.

O mosteiro de monges jeronimos, de Santa Marinha da Costa, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

A comarca de Fafe, é composta sómente do seu julgado.

O concelho comprehende 35 freguezias, todas no arcebispado de Braga; são as seguintes:

Antime, Armil, Agrella, Arões (S. Romão) Arões, (Santa Christina) Aboim, Arnozella Cepães, Esturãos, Fafe, Felgueiras, Fornélos, Freitas, Faréja, Gontim, Gulães, Médêllo, Monte, Moreira, Pedrahido, Paços, Queimadella, Quinchães, Regadas, Revelhe, Ribeiros, Serafão, Seidões, S. Gens, Silvares, (S. Clemente) Silvares (S. Martinho) Travassós, Varzea-Cóva, Villa-Cova, e Vinhós.

A pouca distancia de Fafe, na serra d'Arga (ou Agra) nasce o rio Ave, que passando junto a Guimarães e outras povoações, entra no Oceano, em Villa do Conde. Vide esta palavra e Ave.

FAGILDE — ha varias aldeias em Portugal com este nome. É nome proprio d'homem (gôdo.)

Tambem se dizia *Fagile* (Vide Cêa.)

Na freguezia do Canêdo, Douro, concelho da Feira (Vide Conêdo) ha a quinta de Fagilde, onde nasceu e morreu o brigadeiro realista Victorino José da Silva Tavares.) Vide Pernes.)

FAGUNDO ou **FACUNDO** (S.) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Coimbra. Vide Antuzéde e S. Facundo.

FAIA — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O grão-prior do Crato apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis.

É n'esta freguezia a quinta do *Vellar*, que foi de Antonio de Lima de Noronha, senhor de Regalados, e passou a seus genros Bento Rebello Lobo e Balthazar Pereira da Silva.

Vide Cabeceiras de Basto e Refojos de Basto (S. Miguel.)

FAIA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Caria e Rua até 1855, e depois, concelho de Cernancêlhe 35 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

É terra fertil.

Orago S Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

FAÍA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, 6 kilometros da Guarda, 305 a E de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O ordinario apresentava o prior por concurso, e tinha 320$000 réis de rendimento.

FAIL—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Cypriano apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FAÍLDE—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 490 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

(É a mesma etymologia de Fagilde.)

A mitra apresentava o cura, confirmado, que tinha 12$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FAÍLDE E CAROCÊDO—Traz-os-Montes, havia um concelho d'este nome, na comarca de Bragança, que foi extincto, (Vide Carrocêdo.)

FAIÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 289 fogos.

Orago S. Estevão, protomartyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis. (Vide a freguezia immediata.)

FAJÃO—villa, Beira Alta, comarca d'Arganil, concelho da Pampilhosa, 60 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 190 fogos, 730 almas.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O collegio dos conegos regrantes, de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Fajão, Faiões e Fajões, é corrupção de nome proprio de homem (godo) *Fayão*. Foi D. Fayão Soares que fundou Arrifana de Sousa (Penafiel) em 850.

Foi concelho, com 808 fogos. Foi supprimido. Tinha seis freguezias, duas no bispado de Coimbra e quatro no da Guarda. As do bispado de Coimbra, eram: Fajão e Teixeira; as do da Guarda, eram: Dornellas, Janeiro de Baixo, Unhaes o Velho e Vidual de Cima.

FAJÕES—freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao N. de Oliveira de Azemeis, 35 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Em escripturas antigas tambem se dá a esta freguezia o nome de *Fojões* e *Fajozes*.

No foral dado por D. Manuel á Terra da Feira, em 10 de fevereiro de 1514, se dá a esta freguezia o nome de Fayões. (E é o mais proprio.)

O povo chama-lhe *Feijões*.

A abbadessa de S. Bento da Ave Maria, do Porto, apresentava o reitor, que tinha de rendimento 22$000 réis e o pé d'altar.

É situada em uma planicie abundante de agua, mas pouco fertil, por ser muito fria, e cercada de serras pelo S. e N.

A egreja foi fundada, ou reedificada, pelos annos 1550.

Não é terra muito rica. Ha aqui muitos serralheiros, pregueiros, verrumeiros, ca-

nastreiros e chapelleiros (de chapeus de lan.)

A capella de S. Marcos corôa o môrro do mesmo nome, que é muito alto, e de mais a mais está assente no alto de uma serra.

Esta capella e o môrro pyramidal em que está assente vêem-se de muitas leguas de distancia. D'aqui se vê perfeitamente o Porto (em dias claros, mesmo a vista desarmada) grande extensão de mar e innumeras povoações, serras e freguezias.

Ha n'esta capella uma festa no dia do santo evangelista, e tambem uma feira, chamada *da Linhaça.* (a 25 de abril.)

Quem tem filhos travêssos que os leve alli no dia da festa, se os quizer mansos. Isto diz o povo, e eu tambem digo que, se os rapazes forem por seu pé, quando chegarem á capella hão de por força ir *mansos* para 2 ou 3 horas.

Ha no logar do Côtto uma capella particular que tem uma inscripção sobre a verga da porta, que diz que a capella foi fundada por um fulano de tal, *familiar do Santo Officio.*

Esta povoação é antiquissima e tinha algumas *antas,* que o povo destruiu.

Na serra, em redor do môrro de S. Marcos, ha muitos vestigios de paredes e alicercer antigos.

(Vide Fajão.)

Está aqui bastante desenvolvida a industria da creação do gado bovino, que exporta para a Inglaterra. Ha tambem aqui muita e optima manteiga de vacca, que vae, em grande quantidade, para a cidade do Porto.

Esta freguezia era das freiras benedictinas, do Porto, que ainda aqui teem muitas rendas.

FAJOZES ou **FEIJOZES**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É aqui a casa vinculada dos srs. Ferreiras, da Maia.

FALACHOS ou **FALASCOS** ou **FALAXOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 330 ao NE. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta, extra muros de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Falacha, é um bôlo que se faz com maça de castanhas piladas, muito usado nas terras onde ha abundancia de castanheiros.

Esta freguezia não vem no diccionario de Bettencourt.

FALDIJÃES—aldeia, Minho, freguezia de Arcozêllo do Lima, comarca, concelho e em frente de Ponte de Lima. (Vide Arcozêllo do Lima.)

É um logar populoso e rico. Por estar nas *faldas* dos montes e com planicies proximas, talvez se lhe désse o nome de *Faldas Chans,* que com o tempo degenerou em *Faldijães.*

Ha n'esta aldeia uma fonte chamada *Fonte do Piôlho.*

FALIJAR—portuguez antigo, *respirar, resfolegar, aspirar.*

FALPERRA—pequena aldeia, Douro, na freguezia de Escariz, concelho de Arouca, que teve principio em uma casa de taboado, em 1840, abaixo uns 100 metros do monte Curuto, de Fermêdo. É situada em um alto, d'onde se vê o formoso valle de Fermêdo, a cidade do Porto (30 kilome-(ros ao NO.) muitas freguezias, aldeias e serras e uma vasta extensão de mar. (Vide Cruto.)

FALPÊRRA (serra da)—no monte da Magdalena, Minho, a 1:500 metros ao S. da cidade de Braga.

No alto da serra da Falpêrra, está o edificio que foi convento de missionarios apostolicos (falperristas) denominado Seminario de Santa Maria do Monte da Magdalena.

Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular (tanto o mosteiro, como a cêrca) da irmandade de Santa Maria Ma-

gdalena, estabelecida na sua capella, no cimo da serra, contigua ao convento, e proximo da antiga estrada publica, entre Braga e Guimarães.

A esta irmandade da Magdalena estão annexas, as do Senhor da Agonia e de Santa Martha. Esta tem a sua capella no monte do seu nome, sobranceiro ao da Magdalena.

N'este monte, pouco acima da capellinha de Santa Martha, ha uma pyramide geodesica (ou trigonometrica) que está 562 metros e 53 centimetros acima do nivel do mar.

Principiou a edificação d'este mosteiro, em 1826, mediante um breve do pontifice Leão XII, obtido pelos preseverantes esforços de seu fundador, fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico, do convento de Vinhaes (Traz-os-Montes) para onde entrára aos 15 annos de edade. Recolheu-se fr. Antonio de Jesus, ao convento da Falpêrra, em abril de 1833, sendo expulso em 1834.

Como os terrenos que occupavam o mosteiro e cêrca, foram cedidos com a condição de, em caso de suppressão, voltarem ao poder do doador; é por isso que tornou áquella irmandade.

Segundo um letigio, julgado em 1872, a capella de Santa Maria Magdalena, e todo o mosteiro e cêrca, da Falpêrra, está em territorio de Guimarães, e não no de Braga.

FAMALICÃO—villa, Beira Baixa, comarca de Valhêlhas até 1855, depois concelho, comarca e 12 kilometros da Guarda, 285 ao E. de Lisboa, 210 fogos, 800 almas.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada na Serra da Estrella, pouco distante da bonita villa de Manteigas, e em uma baixa cercada de arvoredos, pelo que só se vê depois da gente estar dentro da rua.

É povoação antiquissima, mas pequena. Grande abundancia de castanhas, e do mais fertil.

Famalicão é nome proprio d'homem.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi concelho antigamente, com os magistrados e empregados competentes. Ha muitos annos que foi supprimido.

FAMALICÃO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, até 1855 era do concelho da Pederneira (extincto) 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 217 fogos.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Foi couto.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 10 de janeiro de 1514. Serve para Caniceira, Outeiro e Povoa do Roupeiro.

O D. abbade geral de Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha 2 pipas de vinho, 30 alqueires de cevada, além do pé d'altar.

A mesma etymologia da antecedente.

FAMALICÃO—vide Villa Nova de Famalicão.

FANADÍA—freguezia, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho de Obidos, 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago S. Gregorio, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

E' terra fertil.

O prior beneficiados da e collegiada de S. Pedro, d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 90 de cevada e 1 tonel de vinho.

FANDINHÃES—freguezia, no bispado do Porto, da qual era orago S. Martinho, bispo.

Em 1757 tinha 158 fogos.

O marquez de Marialva apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis.

Dista do Porto 60 kilometros e de Lisboa 384 ao N.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII.

FANGA DA FÉ—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, até 1855, e desde então comarca de Cintra, concelho de Mafra, 40 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *Encarnação*.

O prior de S. Thiago, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 6$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

FANHÕES — freguezia, Extremadura, comarca de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao NE., concelho dos Olivaes, 310 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Saturnino.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente uma aldeia da freguezia de Santo Antão do Tojal, da qual se desmembrou, formando freguezia independente, ha mais de 150 annos.

O povo da freguezia apresentava o cura, confirmado pelo patriarcha que tinha de rendimento 100$000 réis. Os *benesses* d'esta freguezia e da de Santo Antão do Tojal eram divididos egualmente entre os dois parochos.

É terra fertil.

—

São dignos de menção honrosa n'este *Diccionario* dois benemeritos cavalheiros d'esta freguezia.

São os srs. Lucas Duarte, e seu irmão Germano Duarte Junior, d'aqui naturaes. Ambos teem trabalhado com o maior empenho para o engrandecimento moral d'esta terra.

Em 1865, por iniciativa d'elles, foi creada uma pequena bibliotheca, para a formação da qual concorreram differentes cavalheiros, contando hoje (1874) já uns 300 e tantos volumes.

O professor publico (o sr. José Duarte) é da mesma familia, e não menos incansavel em secundar a propaganda civilisadora d'aquelles seus dois parentes. Ensina gratuitamente musica aos seus alumnos (quasi todos muito pobres) que honram tão bom mestre, pelo seu aproveitamento e moralidade. Os progressos d'estas creanças teem sido rapidos. Está já formada uma philarmonica, composta de 12 figuras, que tem já acompanhado algumas procissões, com geral louvor dos auditores.

Á bibliotheca concorrem, aos dias santificados e feriados, varias pessoas, que, sendo conhecidas, podem mesmo levar livros para lerem em suas casas.

Note-se que este caridoso mestre dá as lições de musica, fóra das horas destinadas pela lei á instrucção primaria.

—

Ha tambem n'esta freguezia a *Associação Fanhoense*, cujo fim é cultivar e desenvolver o estudo das bellas artes e das letras.

Tudo isto é devido ás diligencias e exemplos dos srs. Duartes.

Honra pois a estes utilissimos cidadãos que tão poderosamente concorrem para a bôa educação e moralidade do povo, que se ufana de ter taes patricios.

Agradeço cordialmente ao sr. Francisco Augusto Cordeiro da Camara Leme os esclarecimentos, que a este respeito se dignou enviar-me.

FANZERES ou **FANZES** — freguezia, Douro, concelho de Gondomar, comarca e 6 kilometros ao NE. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 510 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago o Salvador. Foi antigamente S. Thiago.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil.

O cabido da Sé do Porto apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

Foi aqui solar dos Araujos Rangeis.

Rangel é um dos nobres appellidos de Portugal. Veio da Extremadura hespanhola. O primeiro que em Portugal se acha com este appellido é D. Diogo Dias Rangel, commendatario do mosteiro de Villela.

Esta familia está ramificada em Lisboa, Beire, Fânzeres, Aveiro, Porto e outras partes, assim como no Rio de Janeiro.

As armas dos Rangeis são: — em campo azul, flôr de liz, de prata, orla d'ouro, carregada de sete romans, verdes, abertas com bagos de púrpura. Timbre um ramo de ro-

meira verde, com tres romans como as do escudo.

Os Rangeis, d'Aveiro, trazem por armas —em campo de oiro 6 cabeças de corvos, de negro, cada um com seu pão no bico, em duas palas, viradas umas para as outras. Timbre o ramo da romeira, como o das antecedentes, mas com 4 romans.

Ainda outros Rangeis usam das armas d'este modo—em campo d'oiro, 5 flores de liz, esquarteladas de prata e púrpura. O mesmo timbre.

FÃO—villa, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, sobre a margem esquerda do Cávado, defronte de Espózende, 30 kilometros a O de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 453 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fão é uma povoação antiquissima, fundada muitos seculos antes de Espózende.

Querem alguns que fosse aqui a cidade romana de *Aguas Celenas* (Vide Espozende e Barcellos).

E até podia ser aqui uma *Aguas Celenas* e outra em Barcellos; porque o *Agiologio Lusitano* (tom. 3.º, pag. 627) menciona duas cidades do mesmo nome de *Aguas Celenas*, na Galliza, e todos sabem que a Galliza, segundo a antiga divisão, chegava até á margem direita do Douro.

O que é certo é que em 66 já era cidade e a 12 d'abril d'esse anno aqui foram martyrisados os Santos Chrispulo e Restituto.

Situada 2 kilometros acima da barra ou foz do Cávado, da parte do S., em terreno arenoso.

A casa de Bragança apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis.

Consta que quando tinha o nome de *Aguas Celenas* era uma grande povoação.

Parece que foi fundada pelos celtas, ahi pelos annos do mundo 3020 (984 antes de Jesus Christo) mas grande parte da povoação foi em tempos remotos submergida pela areia.

N'este porto, dizem os historiadores antigos, se carregavam navios de ouro para os carthaginezes e romanos.

Aqui fundeou tambem uma grande esquadra romana, carregada de soldados para a conquista de Braga e seu territorio.

Em Fão principiava uma das cinco vias romanas que hiam a Braga.

É da casa de Bragança.

No mar, a 3 kilometros da barra, em frente de Fão, e perto da costa, estão os célebres *Cavallos de Fão*, que são uns penhascos que correm de Norte ao Sul, na distancia de 1:500 metros, podendo navegar qualquer navio entre elles e a terra. Na baixa-mar se pescam aqui muitos mariscos. (Vide Cavallos de Fão.)

Desde janeiro até dia de Paschoa se faz uma estacada no rio, para se armarem rêdes, onde se pescam salmões, iris, saveis, lampreias, trutas, rêlhos, etc.

A terra é abundante de cereaes, linho e prodigiosa quantidade de alhos e cebolas, mas muito falta de lenha.

Teve antigamente marinhas de sal. Ainda em 1160 deu D. Affonso I o dizimo d'ellas aos frades do convento de Nossa Senhora da Abbadia.

Consta que houve aqui um concilio celebrado pelo arcebispo primaz D. Paterno, no qual se condemnou a heresia de Prescilianno (gallego) no anno de 402.

Tem Misericordia e hospital. (Vide Barcellos, Cávado e Espózende.)

FAREJA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 20 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

É tradição que n'esta freguezia existiu a antiquissima cidade d'*Aufragia* (ou *Eufrazia*). (Vide Aufragia.)

É a palavra arabe *Fareija*. Significa o *o prazer* (do verbo *faraja*, ter gosto, prazer, allivio, etc.) Vem pois a ser—*Povoação do prazer*.

O D. prior da collegiada de Nossa Senhora de Guimarães apresentava o vigario, confirmado pelo arcebispo. Tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FARELLÃES—Vide Fralães.

FARIA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia foi annexada á de Milhares ou Milhazes, formando uma só freguezia, sob o nome de *Milhares e Faria*, mas estão outra vez independentes.

Está aprasivelmente situada em uma planicie, entre as freguezias de Milhares (ou Milhazes) Villar de Figos, Paradella e Christêllo.

A egreja matriz é muito antiga, mas foi reedificada em 1695, segundo consta de uma data que está sobre a porta da egreja. Tem um bom campanario com tres sinos, feito em 1846.

O castello de Faria é celebre nos annaes das glorias portuguezas, pelo acto de coragem e amor da patria praticado por *Nuno Gonçalves de Faria*, alcaide-mór d'este castello, o qual, tendo ficado prisioneiro dos castelhanos, em 1373 (no reinado de D. Fernando I de Portugal) elles o levaram defronte do castello (cujo governo elle tinha confiado a seu filho) para que obrigasse este a entregal-o; porém o nobre portuguez disse ao filho, que ainda que o visse alli fazer em postas, se não rendesse. Então, o governador da Galliza, *Pedro Rodrigues Sarmento*, commandante dos castelhanos, mandou alli mesmo, á vista do filho, assassinar covardemente o corajoso Nuno, cobrindo este de gloria eterna, e o gallego a si e aos seus de perpetua ignominia.

O castello de Faria é antiquissimo, e tanto que nem se sabe ao certo quem o fundou.

Dizem alguns, que chegando a este sitio *Offer* ou *Offir*, filho de *Letan*, 4.º neto de Noé, fundou esta povoação, pelos annos 1900 do mundo (ou 2104 antes de Jesus Christo). Outros dizem que os seus fundadores foram os netos d'*Offir*, pelos annos 2000 do mundo, ou 2004 antes de Jesus Christo.

Os fundadores (quem quer que elles fossem) lhe puzeram o nome d'*Offerina*.

Diz-se tambem que chegando aqui, pelos annos 2700 do mundo (1304 antes de Jesus Christo) *Fara*, chefe grego, fundou ou reedificou *Faria*, dando-lhe o seu nome. Outros querem que o nome lhe provém de *Farai*, célebre na Biblia. Finalmente, dizem outros que, aportando aqui os gregos, ahi pelos annos 2900 do mundo (1104 antes de Jesus Christo) fundaram ou reedificaram a povoação e edificaram o castello, pondo-lhe o nome de algumas das terras da Grecia, como era em Creta (hoje Candia) a cidade de *Phara*, na Dalmacia *Pharia*, ou em fim do rio *Faro*.

Até alguns pretendem que o nome de Faria provém de Santa Fara, virgem, que foi monja benedictina, e morreu muito velha, ahi pelos annos 1280; mas não é verdade, porque o castello de Faria já tinha este nome em 1093, quando o conde D. Henrique veio para Portugal.

Para não ficar nada por dizer, de quantas patranhas se têem inventado, para dar a Faria um fundador de nome, e uma antiguidade remota, direi que, ainda outros escriptores sustentam que o castello de Faria foi fundado pelos francos, e que por isso a este sitio se chama a *Franqueira*. É certo que o castello tinha por armas tres flores de liz; mas não é por isso, é pelos seus condes.

De todas estas fabulas, só se conclue uma cousa, e é que Faria e o seu famoso castello são de muita antiguidade e foram importantissimos em eras remotas.

O conde de Trastamara, D. Fernando Peres de Trava (que uns dizem amante, outros marido, e que o mais provavel é não ser uma cousa nem outra, de D. Thereza, viuva do conde D. Henrique) pretende tomar o castello de Faria, mas D. Affonso Henriques o põe em fuga, pelos annos de 1125 ou 1126.

Erà este castello no alto de um monte, onde ainda hoje se vêem restos de suas ruinas venerandas. Foi demolido, para com os seus materiaes se edificar o convento da Franqueira, alli proximo.

Este castello foi por muitos seculos resi-

dencia e solar de senhores godos, e deu o appellido aos Farias. Tambem teve condes.

Foi por muitos seculos couto, dos frades cruzios da Junqueira. Vide Junqueira.

Pelos annos 1400, D. João I fez conde de Faría e Neiva a D. Gonçalo Telles de Menezes, 5.º neto da célebre D. Maria Paes Ribeira (a *Ribeirinha*). Era esta que tinha tres flores de liz nas armas, e que as mandou pôr no castello. Para evitar repetições, vide Cantanhede, onde trato dos Telles de Menezes e suas armas. (Vide Neiva.)

FARINHA PODRE—villa, Douro, concelho de Penacova, comarca e 30 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 470 fogos, 1:900 almas.

Em 1757 tinha 318 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi concelho, que se supprimiu em 1855; tinha, o concelho, 1:500 fogos.

É fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis.

Nunca teve foral.

Foi da comarca de Arganil.

FARINHA PODRE (S. Payo de)—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua, 30 kilometros de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi do concelho de Farinha Podre (a villa antecedente) que foi supprimido em 1855, e era então da comarca de Arganil.

O vigario da villa de Farinha Podre (S. Pedro) apresentava o cura, que tinha 10$500 réis e o pé d'altar.

FARINHO—freguezia, Alemtejo, foi villa, hoje chama se *Fáro*. Vide esta palavra.

FARMINHÃO—freguezia, Beira Alta, comarca de Tondella, concelho de S. Miguel do Outeiro, até 1855, e desde então comarca, concelho e 9 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Miguel do Outeiro apresentava o cura, que tinha 10$500 réis e o pé d'altar.

FÁRO DO ALEMTEJO ou **FARINHO**—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Cuba, 45 kilometros d'Evora, 18 ao N. de Beja, 120 ao SE. de Lisboa, 90 fogos, 320 almas.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Luiz.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo.

É terra bonita e fertil em cereaes.

Antigamente, esta villa só era conhecida pelo nome de *Farinho*, para a distinguir da cidade de *Faro*, no Algarve.

Consta que foi fundada por D. Estevão de Faro e sua mulher D. Luiza Cabral, em 1616, em uma terra sua, chamada de S. Luiz de Jacente, por auctoridade de Philippe III, que deu o titulo de conde de Faro, ao dito D. Estevão.

FÁRO—cidade episcopal e capital do districto administrativo, Algarve, (unico bispado e unico districto administrativo da provincia), na foz do rio de Valle Formoso, na costa do Oceano, 8 kilometros a O. da antiga *Ossonoba*, com excellente porto, defendido por tres fortalezas em bom estado, e pelo qual faz grande commercio. As fortalezas são:—*Fuzêta*, *S. Lourenço* e *Farrobilhas*. Fica 135 kilometros ao O. de Beja, 30 ao O. de Tavira, 45 de Silves, 240 ao S. de Lisboa. Tem 2:150 fogos (8:600 almas) em duas freguezias (S. Pedro e Sé). No concelho 5:600 fogos, na comarca 9:250, no districto administrativo 45:100.

Está em 36° 57' de latitude N. e 32' de longitude oriental.

Defronte de Faro está um grupo de ilhotes.

Situada em planicie arenosa na margem oriental do dito rio, que, passando pela freguezia da Conceição, vem até onde chega a maré, encontrar-se com ella. Sobre elle está a ponte do Rio Sêcco. O rio é formado por

um braço de mar, que se mette entre o areal chamado a *Ilha*, e a terra firme. O seu porto, apesar de ser de areia, e por tanto amovivel, é um dos melhores do Algarve. Dá, na praia-mar, entrada pela *Barra Grande*, defronte de Olhão, a embarcações de mais de 200 toneladas. É defendida por o forte da Barra Grande. Mais a O., no fim da Ilha (a 6 kilometros) está a *Barrêta*, que dá entrada a barcos de 50 toneladas.

O rio, na praia-mar, tem 3 kilometros de largo, e na baixa-mar fica reduzido a uns 65 metros. Toda a outra extensão do rio, até á cidade, é composta de ilhotas, cobertas de murraça (*dactylis cynosoroides*, de Linneu—*paspalum cynosoroides* e *spicis linearibus*, de Brotéro.) É planta herbacea marinha, creada nos pantanos d'agua salgada. Entre a *murraça* se criam bons mariscos, principalmente ameijoas.

Chama-se *Praia do Ramalhete*, ao sitio onde se lança a armação do atum. É desde a Barrêta até S. Francisco, na extremidade da cidade, do lado do E., no comprimento de 3 kilometros.

Ao E. da cidade ha a marinha do *Joinal*. (Vide Farrobilhas e Ancão, onde ha mais marinhas.)

O clima de Fáro é quente, mas saudavel.

Os arabes lhe chamavam *Pharaon*.

Antes de tratarmos da actual cidade de Faro, precisamos dizer o que consta da velha Ossonoba.

A fundação de Ossonoba, como a de todas as povoações cuja origem se perde na noite dos tempos, está envolvida em fabulas mais ou menos verosimeis; e varios escriptores lhe dão fundadores e edades differentes.

Escolhamos o que nos parecer menos fabuloso.

Dizem varios historiadores que esta cidade foi fundada por uma colonia de gregos, pelos annos 2640 do mundo, ou 1364 antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de Ossonoba. (Era no sitio onde hoje está a povoação d'Estôy.)

Dizem alguns que o seu primeiro nome foi *Pharo*, por causa de um pharol que os seus fundadores aqui edificaram, para guia dos navegantes. É certo que *pharo*, *phano* e *phanal* é de origem grega; mas não consta que a antiga Ossonoba tivesse jámais este nome. Em todo o tempo da dominação romana e ainda depois da invasão dos arabes, sempre se chamou Ossonoba.

Auctores menos crendeiros, attribuem a fundação de Ossonoba aos *curetes*, antigos povos da Lusitania, uns 500 annos antes de Jesus Christo. Se os *curetes* não foram os seus fundadores, pelo menos a reedificaram e ampliaram; e, ainda que não pude saber a significação da palavra Ossonoba, é certo que ella me parece mais lusitana do que grega.

No tempo dos romanos era Ossonoba cidade famosa, e já então reputada muito antiga, capital da Celtica, que é, pouco mais ou menos, o actual Algarve.

Se dermos credito a escriptores julgados veridicos, foi Ossonoba séde episcopal desde o primeiro seculo do christianismo.

Era pois esta cidade uma povoação de muita importancia, quando se deu o fatal cataclismo do principio do seculo VIII. Mas Ossonoba não se rendeu aos invasores, senão depois de uma heroica resistencia, pelo que os mouros conquistando-a a desmantelaram. Seus moradores, parte foram captivos para a Africa, e os que poderam fugir, se foram acoutar nas serras de Monchique e Caldeirão.

Passados alguns annos e sujeita a maior parte da peninsula aos mouros, começaram alguns pescadores a edificar varias casas em um sitio asado para as suas pescarias, 8 kilometros a O. da destruida Ossonoba, de cujas ruinas foram aproveitando os materiaes.

Foi augmentando a povoação, e muitas familias fugidas de Ossonoba, se vieram aqui estabelecer pouco a pouco, e assim se deu principio á povoação de Santa Maria, que foi o primeiro nome que teve a actual cidade de Faro.

Aqui temos outra vez duvidas sobre a etymologia da palavra Faro. Dizem uns que, tendo-se com o andar dos tempos desenvolvido a navegação e o commercio n'estas paragens, se edificou aqui (outros dizem que nos ilhotes fronteiros) um pharol, para governo dos navegantes, e que á povoação se

principiou a chamar *Villa de Faro* (Farol.)

Dizem porém outros (e eu acho isto mais natural) que não querendo os mouros estar pelo nome que os christãos impozeram á povoação (Santa Maria), lhe deram o nome de *Faraon*, que significa *povoação dos cavalleiros;* porque *farás* significa o cavallo e *fares* o cavalleiro.

(Já disse que alguns sustentam que o nome de Faro já se dava á velha Ossonoba, e sendo assim, o que é, pelo menos, muito duvidoso, não é palavra arabe, mas grega, como já disse).

—

Tendo os mauritanos invadido a Celtica, pelos annos 260 de Jesus Christo, o general romano Lucio Quintilio Galion, veio com uma legião em soccorro dos lusitanos algarvios, e secundado por elles expulsou os invasores, que fugiram derrotados para a Africa. Em Ossonoba se gravou um magnifico padrão com uma inscripção laudatoria, dedicado a Galion.

—

O conde D. Henrique e todos os seus descendentes até D. Sancho II, tinham expulsado de Portugal, a poder de rios de sangue, os sarracenos, que se tinham apossado do reino havia mais de cinco seculos, e que agora o defendiam palmo a palmo, pois não se podiam acostumar á idéa de trocar o doce e fertilissimo clima de Portugal pelos adustos areaes africanos.

Mas a maior parte do reino do Algarve, ainda via tremular nas suas torres e barbacans as meias luas do propheta. D. Affonso III decide a restauração do Algarve, e dedica a esta empreza todas as suas attenções.

Era fronteiro-mór do Algarve o bravissimo e prudente mestre de S. Thiago, D. Payo Peres Correia, e não podia o monarcha portuguez fazer melhor escolha; porque D. Payo em poucos mezes conquistou muitas povoações do Algarve.

Era n'esse tempo Faro uma praça muito bem fortificada e abastecida de tudo (que facilmente lhe vinha da visinha costa africana) e vendo o rei que D. Payo não podia com as suas poucas tropas emprehender a conquista d'esta villa, vem de Lisboa, põe cêrco em pessoa á praça por mar e terra, e apesar da obstinada resistencia dos mouros, os portuguezes, animados com a presença e com os exemplos do seu rei, e do grande D. Payo, atacavam como leões e em poucos dias as Quinas portuguezas ondulavam ovantes sobre os muros de Faro.

Os mouros não esperaram pelas *ultimas*. Em 9 de março (outros dizem que em 29) de 1249, capitularam o alcaide Aloandro e o almoxarife Aben-Barran, que tinham a praça pelo miramolim de Marrocos. O rei lhe deu o nome de *Santa Maria de Faraon*. É certo que ainda em agosto de 1251 era dos portuguezes, pois aqui fez D. Affonso III uma doação, n'esse mez e anno, ao chanceller Estevão Annes, pretor d'esta povoação. Parece que depois de 1251 se tornou a perder (por causa das guerras com Castella), pois que Ruy de Pina e outros, dizem que Faro foi tomada aos mouros em janeiro de 1260.

Esta victoria e outras muitas dos portuguezes desanimaram os mouros, e em menos de dois annos todo o reino do Algarve ficou sendo uma parte da monarchia portugueza.

Porém as fortificações e os edificios de Faro ficaram tão arruinados com este cêrco, que a maior parte dos habitantes se viram obrigados a abandonar a povoação. Já se sabe que em Faro, como em todas as outras povoações, os mouros que se queriam sujeitar á dominação portugueza, continuavam a residir nas suas terras, e se se fizessem christãos, tinham todos os fóros e privilegios dos portuguezes. (Não eram como os judeus, que, mesmo depois de convertidos, não deixavam de ser uma raça geralmente despresada.)

—

Tão destruida tinha ficado a povoação, que, apesar de D. Affonso a mandar povoar em 1250, pouco se tinha desenvolvido a população. O rei, querendo fazer de Faro uma boa povoação e uma praça de guerra, a mandou cercar de murós muito mais fortes do que os antigos, e guarnecer de torres em 1250, dando-lhe então por armas um escudo em branco (de prata) coroado, por ser conquistada pelo proprio rei em pessoa.

Nem assim Faro attingia o gráo de desenvolvimento e prosperidade que o rei desejava; pelo que, estando em Lisboa, lhe deu foral em agosto de 1266 com muitos e grandes privilegios. Tambem deu foral aos *mouros fôrros*, de Faro, em Lisboa, a 12 de julho de 1269.

Depois, ainda D. João I lhe deu foral particular da *portagem*, com todos os privilegios do de Lisboa, por carta regia feita em Santarem, a 18 de maio de 1401.

D. Manuel lhe confirmou todos os seus antigos privilegios no foral novo que lhe deu em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

Tem ainda uma sentença de foral, dada pelo desembargo do Paço a favor de Faro, em 14 de janeiro de 1556.

—

Foi elevada á cathegoria de cidade, por D. João III, em 7 de setembro de 1540, dando-se-lhe então por armas as que agora tem, isto é, o mesmo escudo de prata, coroado, e no centro Nossa Senhora da Conceição entre duas torres soltas. (L. 25 de D. João III, fl. 27 v.)

—

D. Sebastião determinou que se transferisse para aqui a séde episcopal de Silves, em 30 de mazço de 1577; mas esta transferencia só se effectuou em 1580, já no tempo do usurpador Philippe II. Esta Sé tem 29 prebendas! (7 *dignidades*, 12 *conegos* e 10 *beneficiados*.)

Quanto ao bispado e aos bispos d'Ossonoba, vide Estoy.

Faro tinha voto em côrtes, com assento no 3.º banco.

Era da casa das rainhas, desde D. João II, que a deu a sua mulher D. Leonor.

D. Affonso V, fez conde de Faro, a D. Affonso, 3.º filho de D. Fernando, 1.º duque de Bragança.

(Vide Guarda, art. *Barbadão*.)

Até 1834 era quartel de artilheria 2, hoje é de ifanteria 15.

Tinha Faro 4 conventos.

1.º de frades franciscanos, fundado em 1529.

2.º de frades capuchos de Santo Antonio (denominados *piedosos*) fundado em 1620.

3.º o collegio dos jesuitas, fundado por Fernão Pires Mascarenhas, bispo do Algarve, em 1602. Foi depois, de *mariannos*.

(Em 1809, fazendo-se escavações no Largo do Collegio, se acharam ruinas de edificios, os alicerces de um chafariz e os restos do aqueducto que para elle conduzia a agua.)

4.º freiras capuchas da Madre de Deus (franciscanas) fundado por D. Catharina, mulher de D. João III (e irman do imperador Carlos V) em 1527. Foi extincto pelos liberaes, e as freiras transferidas para as bernardas de Tavira.

Havia tambem um recolhimento de mulheres, ao qual dissiparam o que produziam os rendimentos, pelo que acabou.

Este recolhimento foi fundado por Catharina da Fonseca Henriques, viuva de Simão Soeiro de Sousa, que a elle se recolheu com algumas donzellas pobres. As casas eram d'ella, e as deixou por sua morte para o mesmo fim. Depois annexaram-o á Misericordia e por fim o venderam.

—

No ultimo quartel do seculo XVIII era bispo do Algarve o virtuoso e illustradissimo varão D. Francisco Gomes de Avellar, que antes de ser bispo tinha viajado pela Europa e residido algum tempo em Roma. D'esta cidade trouxera o gosto pelas bellas artes e o amor á agricultura.

A este sabio prelado deve o Algarve o desenvolvimento da agricultura, a plantação de olivaes, a sementeira das batatas, o aperfeiçoamento na apanha e sécca da uva, do figo e da amendoa, e muitos outros processos que elle indicava e recommendava em suas pastoraes, fazendo com que os parochos influissem os povos para as pôrem em pratica, o que concorreu poderosamente para o melhoramento material do Algarve.

Foi por suas diligencias que se construiram as formosas e utilissimas pontes de *Ludo*, *Marim*, *Cacella*, *Maxil* e outras.

Ao seu cuidado se deve tambem a construcção da calçada sobre o *Sapal* que conduz á barra de Portimão, e a de muitas outras estradas de incontestavel utilidade publica.

(Como nas provincias do Norte não sabem o que é *sapal*, direi aos que o ignorarem que sapal, é um pantano ou lesiria d'agua salgada. No Minho se lhe dá o nome de *pateira*)

Rara é a obra publica do Algarve feita no fim do seculo passado, de algum vulto, que, ou pela construcção ou pela reparação, não recorde o nome do benemerito D. Francisco Gomes de Avellar.

Fundou tambem varias egrejas, estabelecimentos de instrucção e de caridade e reedificou ou ampliou outros.

Foi elle que construiu de novo o excellente hospital da Misericordia d'esta cidade, e o esbelto arco de cantaria lavrada que adorna a praça. Foi esta a ultima obra de D. Francisco, porque a morte lhe veio interromper os seus proveitosissimos trabalhos.

É composto este arco de duas columnas jonicas e cimalha corrida, em que assenta o nicho, dentro do qual está a imagem de S. Thomaz d'Aquino, que é de bello marmore branco, com 1m,80 de altura, que elle mandou vir de Italia. Foi feita esta estatua por Francisco Xavier Fabri.

A primeira egreja e casa da Misericordia, foram fundadas pelo bispo do Algarve, D. Affonso de Castello Branco, em 1583; posto que já antes um devoto houvesse applicado alguns bens seus, para tratamento de pobres doentes. O bispo D. Francisco Barrêto (2.º) mandou fazer mais acommodações, e o cardeal Pereira fez novos reparos, em 1733. Quasi tudo cahiu em 1755.

A sua renda anda por dois contos de réis annuaes.

Faro está situada em uma planicie arenosa na margem esquerda do rio (ou esteiro) denominado de *Valle Formoso*, que, communicando com o Oceano a 9 kilometros de distancia, lhe forma um porto accessivel a barcos de navegação costeira e até a navios de 200 toneladas.

Em frente de Faro fica o *Cabo de Santa Maria*.

—

A Sé é um templo muito antigo, de 3 naves quadradas, sustentadas por columnas jonicas. N'elle esteve depositado o cadaver que se diz ser de D. Sebastião I.

Um dos conegos é *reitor* da freguezia e tem 4 curas *beneficiados*. A Sé foi edificada pelos godos. Desde 716, foi mesquita de mouros, até que, resgatada definitivamente Faro, do seu poder, foi purificada e tornou a ser templo christão, estabelecendo-se n'ella o collegio de Santa Maria, da Ordem de S. Thiago, d'onde depois passou para a egreja de S. Pedro, quando para a outra foi transferida a Sé.

A egreja de S. Pedro (da Ordem de S. Thiago) é antiga e mediocre. Tem prior, 2 beneficiados curados, com congruas, que antigamente eram pagas pela commenda, ás quaes juntava o prior, metade do pé d'altar das freguezias de S. Braz, Estoy, Santa Barbara, S. João da Venda, Olhão, Quelfes e Peixão, suas annexas. Tinha mais 2 beneficiados *simples*, nomeados pelo bispo e pagos pela *massa grossa* dos dizimos.

—

A egreja da Misericordia foi fundada em 1583, e o hospital, como já disse, por D. Francisco Gomes. Estes edificios são na praça. Ha tambem n'esta cidade a bonita egreja de S. Luiz e varias capellas.

Além d'estes edificios e dos conventos, os principaes da cidade são o paço do bispo, feito por D. Affonso Castello Branco, pelos annos 1590; o seminario diocesano, que se communica com o paço dos bispos; e a casa da camara, que fica proxima d'ambos.

O primeiro bispo que aqui houve, depois da mudança de Silves para esta cidade, foi o grande D. Jeronimo Osorio, escriptor bem conhecido e varão de muitas virtudes e acrisolado patriotismo; mas o que se intitulou primeiro bispo de Faro foi o dito D. Affonso Castello Branco.

As barras, que, como disse, estão a uns 9 kilometros da cidade, são estreitas e mudaveis, fazendo o rio (que é o maior do Algarve) muitas voltas e ilhotes de pouco fundo.

A posição de Faro é agradavel e a alvura e aceio de suas casas offerece uma bonita vista. Tem ruas espaçosas e em geral limpas e uma grande praça rectangular, cujo lado do sul deita para o rio, onde tem um

caes e um forte. N'esta praça ha mercado diario.

Faro é ainda considerada praça de guerra. Foi começada a fortificar com reductos para o lado do mar e com alguns baluartes para a parte de terra, nos fins do seculo XVII. Das fortificações antigas, reedificadas por D. Affonso III, ainda conserva o seu velho castello e muralhas torreadas. Dentro do castello ha bons quarteis militares. N'elles está hoje o 15 de infanteria.

Era Faro o quartel general do commandante da 8.ª divisão militar; mas pela reforma feita em novembro de 1869, passaram os districtos de Portalegre, Evora, Beja e Faro a pertencer á 4.ª divisão, e o quartel general passou a ser em Evora.

É residencia do governador civil do Algarve e mais auctoridades e empregados que competem á capital de um districto.

Tem um lyceu, um theatro e a respectiva alfandega.

Nos arredores da cidade ha alguns sitios aprasiveis. O da ermida de Santo Antonio do Alto, que é uma pequena elevação, proximo da cidade, offerece lindas e variadas perspectivas. O grande banco de areia a que chamam a *Ilha*, que juntamente com outras menores, divide a barra em dois canaes (*Barra Grande* e *Barreta*) é um logar de agradavel passeio, pela sua pittoresca situação e pela vista da cidade.

O termo de Faro é fertil e bem cultivado. Produz cereaes, azeite, vinho, e grande abundancia de figos, amendoas e alfarrobas, constituindo estes tres ultimos generos o ramo mais importante da sua agricultura, e do seu commercio de exportação. Tambem exporta muito peixe, principalmente atum.

Tambem exporta laranja, sumagre, assafroa (aqui chamada *assaflor*) cortiça, obras de esparto e de palma, etc., etc.

No mez de outubro de 1871 foi grande a exportação de figo, feita pela alfandega de Faro e suas delegações. O seu valor foi calculado em 222:449$490 réis, sendo o figo destinado para Bruxellas, Dunkerque, Nantes, Waardinger, Amsterdam, Antuerpia, Londres e Roterdam.

É tambem importantissima a exportação de minerio pela alfandega d'esta cidade. Para se fazer uma idéa aproximada do valor d'este ramo de industruia, note-se que, só em abril de 1873 se exportou minerio de cobre no valor de 22 contos e 600 mil réis.

Ha aqui feira a 16 de julho e 20 de outubro. E em Estoi (onde foi Ossonoba) a 10 de julho.

É famosa a festa que aqui se faz a S. Sebastião, e data de tempos antiquissimos.

—

Havia 16 annos que Portugal gemia no ominoso captiveiro do jesuitico Philippe II, quando uma esquadra ingleza fundeia em frente de Faro. Desembarca as suas tropas em Farrobilhas, e entram á força na cidade no dia 25 de julho de 1596. Depois de saquearem a povoação, e de lhe terem lançado fogo, tornaram a embarcar.

Era governador do Algarve Ruy Lourenço de Tavora, e bispo D. Fernando Martins Mascarenhas. Arderam então os archivos e cartorios antigos. Os inglezes ainda chegaram até á aldeia de S. Braz, talando e assolando tudo por onde passavam, e commettendo toda a sorte de atrocidades. Eram 3:000 homens commandados pelo duque de *Essex*.

A cidade ficou no mais lamentavel estado de miseria e ruina. O fogo devorára a maior parte dos seus edificios, e dos templos apenas escapou a egreja de S. Pedro e a da Misericordia.

A riquissima livraria do bispo D. Jeronymo Osorio foi levada pelos inglezes, para a sua Universidade de Oxford.

O diabo do meio dia (o usurpador Philippe II) por causa de quem soffremos estes e outros muitos roubos dos inglezes (em desforra da estupida guerra que aquelle lhes pretendia fazer) nenhumas providencias deu em favor d'esta desgraçada cidade, que pouco a pouco e com seus proprios recursos se foi levantando das suas cinzas.

Os habitantes de Faro foram sempre de extremado valor. Em 1616, resgataram do poder dos mouros uma náo flamenga, captivando alguns mouros.

Em 1617, captivaram 70 turcos e o seu capitão.

Em 1620, tomaram uma *navêta* de turcos com toda a sua artilheria e armas de toda a qualidade, matando ou captivando a sua guarnição e tripulação.

N'esse mesmo anno de 1620, tomaram aos turcos 14 peças de artilheria, munições e todo o armamento.

Em 24 d'agosto de 1630, tomaram uma galé de turcos.

Em 1638, tomaram outra galé de turcos.

Tambem a gente de Faro concorreu com muita e luzida gente, navios e munições, para as guerras d'Africa.

Em 1722, um horroroso terramoto derruba muitos edificios, e muitos dos habitantes d'esta cidade, ficam sepultados debaixo das ruinas.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, que tanto mal causou a quasi todas as povoações do Algarve, tambem causou aqui enormes prejuizos, arruinando ou derrubando grande numero de edificios e fazendo muitas victimas.

—

Uma nodoa indelevel cahiu sobre alguns habitantes d'esta cidade e sobre as auctoridades de então. Foi o caso.

O bravo e fiel general *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira* ainda general das armas do Algarve pelo sr. D. Miguel I (apezar das suas poucas forças e da invasão das tropas hespanholas) em 27 de maio de 1834: n'esse dia teve ordem do general em chefe (Lemos) para fazer depôr ás suas tropas as armas, entregando-as ás auctoridades liberaes, e mandando os officiaes e soldados para os depositos indicados na convenção d'Evora-Monte.

Cabreira cumprio rigorosamente as ordens do seu chefe e os artigos da convenção, recolhendo-se muito descansado a sua casa.

Os liberaes, faltando ao estipulado na convenção, o prendem e fazem conduzir, no meio de insultos á cadeia de Faro.

Então alguns malvados entram na prisão em pleno dia, e alli assassinam, a punhaladas, este bravo portuguez.

Os que praticaram este acto de malvadez, entraram na cadeia com as caras cobertas.

Tem Faro a incontestavel honra de ser a patria da nossa famosissima e valorosissima heroina *Brites* (ou *Breatiz*, como então tambem se dizia) *d'Almeida*, por alcunha a *Pisqueira*, conhecida nos fastos militares portuguezes pelo titulo de *Padeira d'Aljubarrota.*

Não se sabe ao certo quando nasceu, mas é provavel que fosse ahi por 1345; porque, segundo os nossos historiadores, tinha ella pouco mais ou menos 40 annos, no dia da gloriosissima batalha e victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385).

Era tão alta como o homem mais agigantado; magra, mas corpulenta, de semblante feio, pallido e triste. Tinha os olhos muito pequenos em proporção do tamanho do rosto, e por isso era alcunhada *Pisqueira.*

Seu cabello era aspero, o nariz adunco e grande a bôcca. Tinha 6 dedos em cada mão.

Era filha de paes humildes e laboriosos. Ficando orphan aos 26 annos, gastou a maior parte do que herdara de seus paes em aprender a jogar as armas. Arrendou depois uma fazenda em Loulé, e ahi vivia.

Um soldado Alemtejano, namorado do valor d'esta virago (já se vê que do *physico* não podia ser) lhe pediu a mão d'esposa. Ella respondeu-lhe que brigassem, e que se fosse vencida, casaria com elle. O soldado acceitou, mas perdeu a vida no combate.

Para evitar a prisão, fugio *Brites* para Faro, embarcando-se ahi, sósinha, com destino a Andaluzia, em uma lancha; mas sendo o vento contrario, a arremessou ao mar largo, onde foi feita captiva d'um chaveco argelino.

Em Argel foi vendida a um mouro rico. Este, tendo mais dois escravos portuguezes, Brites os convenceu a fugirem todos trez. N'uma noite mataram quantos mouros havia em casa e embarcaram em uma lancha, que tinham já de prevenção na praia; mas sem terem a precaução de levarem alimentos.

Quatro dias luctaram contra as ondas sem comerem nem beberem, até que finalmente chegaram á *Ericeira.*

Temendo ser reconhecida, vestiu-se de homem e se fez almocreve. N'este modo de

vida teve uma desordem com outro almocreve e o matou, pelo que foi presa para as cadeias de Lisboa.

Conseguiu livrar-se e foi para *Vallada*, onde pouco se demorou, ajustando-se para Aljubarrota como criada de uma padeira. Viveu oito mezes e meio com a ama, e, morrendo esta, ficou *Brites* com a pádaria, ganhando a sua vida honestamente.

Casou, logo depois da batalha, com um lavrador rico, de quem teve uma filha, que por sua morte (provavelmente em 1393) tinha seis annos.

Morava na *Rua Direita*, em uma casa pegada ao celleiro dos frades d'Alcobaça; a qual casa, por morte de Brites, foi de uma mulher chamada a *Tubarôa*, e esta casa depois se annexou ao mesmo celleiro

Para o mais vide Aljubarrota.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 arrazou quasi todos os edificios de Faro. A Sé só teve uma fenda. Morreram 250 pessoas.

Governava então as armas do Algarve o arcebispo *D. Fr. Lourenço de Santa Maria*, o qual, salvando-se por entre as ruinas do seu palacio, que todo foi a terra, deu logo energicas providencias, e distribuiu muitas esmolas na cidade e por todo o Algarve.

O mar aqui sahiu pouco do seu leito ordinario.

Em 13 de janeiro de 1757 um medonho furacão (ou cyclone) deitou por terra a egreja de S. Pedro d'esta cidade. N'esse mesmo dia, no convento do *Cabo de S. Vicente*, pelas 2 horas da tarde, matou algumas pessoas. (Vide Algarve.)

—

São dependentes de Faro—o *Forte Novo* e as baterias de *Ancão*, *Barrêta*, *Barra Nova* e de *Olhão*.

Eu supponho que Faro já existia quando florescia Ossonoba, e que era uma especie de cidadella d'esta ou ponto fortificado, para guardar a embocadura da sua barra e surgidouros.

Ossonoba, capital do Algarve, e seu governo, estavam sujeitos ao *convento juridico pacense* (de Beja) mas documentos irrefragaveis provam ter Ossonoba um governo democratico, composto de uma junta governativa (ou coisa que valia o mesmo) e seis membros (ou *tribunal sevirato*) como republica distincta e populosa.

Os outros pontos do Algarve eram governados por *duumviratos* ou *quadrumviratos*; ou por delegados do Cesar, investidos do poder consular.

Uma lapide que existe na casa da camara de Faro prova esta verdade, pela inscripção que contem, cuja copia é a seguinte:

M. CORNELIVS ERIDANVS. G. IVNIVS. RECEPTVS.
OB HONOREM IIIIIIVIR. D. S. P. DD.
MARCVS CORNELIVS HERIDANVS,
GAIVS JVNIVS RECEPTVS.
OB HONOREM SEVIRATVS,
DE SVA PECVNIA DEDICARVNT.

Isto é—*Marco Cornelio Eridano e Gaio Junio Recepto, por causa da honra de sevirato, dedicaram esta lapide á sua custa.*

Esta lapide veio de Ossonoba e esteve em differentes sitios de Faro, até que, em 1846, estava embebida na muralha do arco da *Porta da Villa*, proximo á casa da guarda. A camara, a pedido do sr. B. J. de Senna Freitas, a collocou no frontispicio dos paços do concelho, no 1.º de junho d'esse anno de 1846.

Tal era a honra de ser do sevirato de Ossonoba, que os eleitos mandaram gravar esta lapide para perpetuar esta honraria.

(Tudo quanto se desejar saber sobre antiguidades de Faro, que não vá aqui, procure-se em Estoi, Milreu (ou Mirleu), Ossonoba e Trindade (Campo da).

—

Em Faro havia, em 1872, quatro macrobios, a saber:—Thereza Gomes, viuva de José Gomes, do sitio da Boa Vista, com 110 annos. Governa a sua casa e está no gozo de todas as suas faculdades—Maria Thereza, tambem viuva, com 109 annos, com perfeita saude e são juizo—Isabel Correia, com 101 annos. Não tem molestia alguma, apenas soffre alguma falta de vista, e, finalmente—José Gonçalves Borrêga, com 96 annos, que

governa perfeitamente a sua casa e trata de todos os seus negocios.

—

Em agosto de 1873, constituiu-se n'esta cidade uma commissão de 27 cavalheiros, cujo utilissimo fim é a construcção de um asylo de mendicidade. D'entre estes senhores foi eleita uma commissão directora para solicitar subscriptores e encarregar-se dos mais trabalhos preliminares, para se levar a effeito este caridoso estabelecimento.

Honra a estes nobres patriotas que tão bem sabem comprehender uma das principaes virtudes da religião catholica.

—

Faro póde ter orgulho de ser a patria de muitos varões illustres, nas virtudes, nas lettras e nas armas. Já fallei na famosissima Brites d'Almeida, a *Padeira d'Aljubarrota*, mencionarei agora alguns dos principaes filhos d'esta terra.

Pelos annos de 1513, aqui nasceu Antonio Pinheiro, mancebo valorosissimo. Na edade de 25 annos, só com outro companheiro, tambem mancebo, sustentaram, de cima de um andaime, fóra da parede do *baluarte dos Rumes*, na fortaleza de Dio, o combate dos turcos, que em grande força accommetteram a praça, na tarde de 27 de setembro de 1538, matando os dois intrepidos portuguezes muitos inimigos ás lançadas e ficando ambos gravemente feridos.

—

Pelos annos de 1520, aqui nasceu Francisco Barrêto, filho do grande Ruy Barrêto, fronteiro-mór do Algarve, e de D. Branca de Vilhena. Foi para a India por capitão-mór de tres naus e governador de Baçaim. Depois governou os estados da India (16 de junho de 1555) por morte do vice-rei D. Pedro Mascarenhas.

Foi substituido por D. Constantino de Bragança, em 1558.

Na volta ao reino, foi governador das *galés*, com as quaes se achou na tomada de *Penhão de Vellez*, em 1564, a favor de Castella, onde praticou taes acções de valor, que o rei hespanhol lhe escreveu uma carta de elogio e agradecimento, e lhe deu o seu retrato, preso a uma rica cadeia de ouro. Foi depois feito capitão governador dos reinos que estão desde o Cabo das Correntes até ao Cabo Guardafú; e encarregado da conquista do imperio de Monomotapa, para onde partiu a 18 de abril de 1569, fallecendo ahi de molestia.

Foi casado duas vezes; da primeira mulher teve dois filhos, Ruy Nunes Barreto, que foi com seu pae á conquista e morreu em Rios de Sena, e Luiz da Silva Barreto, que foi morto em Goa n'um desafio.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1540, Belchior Vieira, um dos melhores *espingardeiros* que passaram á India, onde obrou prodigios de valor, principalmente nos cêrcos da fortaleza de Ito, em 1569; cuja conservação foi devida ás maravilhas que alli obrou nos dois cêrcos; sendo preciso levarem-o de cadeirinha para uma guarita, por estar doente de cama. No primeiro cêrco matou o *caciz* que commandava os ternates e no segundo, Ben-Aviah, commandante da gente de Tidore, além de grande numero de inimigos.

D. João III o fez fidalgo da sua casa, dando-lhe o habito de Christo, com uma boa tença, brasão d'armas, e querendo que se chamasse Belchior Vieira Ternate.

—

Pelos annos 1600, nasceu aqui Dionisia Antonia da Encarnação. Era filha de gente *ordinaria*, mas não obstou isso a que fosse muito instruida em philosophia, mathematica, astronomia e architectura. Tambem desenhava e pintava com muito mimo e gôsto.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1746, Francisco José da Horta Machado, filho de João Carlos de Miranda e Horta e de D. Maria Benta. Foi embaixador na Russia e na Austria, de grande erudição, e prestou relevantes serviços ao paiz.

Juntou o mais rico museu numismatico que havia em Portugal, e pelo qual, ainda em 1835, havia quem désse 8:000$000 réis.

Foi commendador da Ordem de Christo, do conselho de sua magestade e do da fazenda; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 22 de maio

de 1780, e socio livre em 30 de novembro de 1809. Morreu em Lisboa, em 1817.

—

N'esta cidade nasceu em 1753, Antonio José da França e Horta, irmão do antecedente. Foi conego d'esta Sé, mas abandonou a sua cadeira, para ser militar, sentando praça no regimento de infanteria de Tavira. Era formado em philosophia e mathematica pela universidade de Coimbra. Sendo já tenente coronel aggregado, do regimento de artilheria da côrte, foi posto fóra por Junot, no 1.º de agosto de 1808, por ter hido para o Brasil. No Brasil, foi nomeado capitão general e governador da provincia de S. Paulo; sahindo d'este logar (mais pobre do que entrou) em 1818. Foi reformado em marechal de campo e nomeado conselheiro da fazenda do Rio de Janeiro, d'onde regressou ao reino com a familia real, em 1821.

Morreu em Lisboa no principio do anno de 1823.

No seculo XVIII floresceu *Antonio dos Santos da Cruz*, natural d'esta cidade, primoroso esculptor de grande fama.

A 11 de novembro de 1764, aqui nasceu *Carlos Frederico Lecor*, filho de Luiz Pedro Lecor e de D. Quiteria Maria Krusse.

Sentou praça no regimento d'artilheria de Faro. Sendo primeiro tenente, embarcou com um destacamento, para a Bahia. Foi feito capitão, ajudante d'ordens do marquez d'Alorna. Não querendo acompanhar para França, em 1808, este *fidalgo* (que foi um dos muitos que se venderam a Buonaparte) emigrou para Inglaterra.

Expulso de Portugal o execrando Junot, regressou Lecor á patria, com a Leal Legião Lusitana. Distinguiu-se nas campanhas da Peninsula, e, commandando a 6.ª brigada d'infanteria, assistiu ás batalhas de Victoria, dos Pyreneus e de Zugaramundi.

Commandou a 7.ª divisão do exercito alliado, na batalha de Nivelle, e uma divisão portugueza na de Nive.

Sendo marechal de campo, commandou o exercito portuguez, no regresso de França, em 1814. Em toda a parte se portou com extremado valor.

Nomeado tenente general, em 1815, conduziu ao Brazil a brilhante divisão dos Voluntarios Reaes d'El-Rei, com a qual passou em 1817 ao Rio da Prata, onde em poucos dias conquistou a cidade de Montevideu e a banda oriental; cujos estados governou até 1828, em que voltou ao Rio de Janeiro, onde foi feito marechal do imperio. Tinha sido feito barão de Lagúna, em 6 de fevereiro de 1817.

Na guerra da separação do Brazil, esquecendo-se que era um militar portuguez e de quanto devia a Portugal e a D. João VI, bandeou-se com os inimigos da patria, que renegou, e se fez general ao serviço do sr. D. Pedro, perseguindo encarniçadamente a bandeira das Quinas e os portuguezes fieis á patria! Assim deslustrou uma carreira honrosa de 30 annos de serviços! o sr. D. Pedro o fez visconde de Lagúna. Tinha casado em Montevideu. Morreu no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1836.

É preciso notar—a independencia e autonomia do Brasil, foi um acto justo, previsto e naturalissimo. Os brasileiros praticaram acção heroica pugnando pela sua emancipação, e os mesmos portuguezes residentes no Brazil em 1820, e que nenhum juramento ligava ao seu rei e á sua patria, fizeram muito bem em preferir o Brazil a Portugal; mas os militares, que tinham solemnemente jurado defender a bandeira das Quinas, ou morrer a seu lado; e os ministros, magistrados e todos os mais empregados publicos que, tambem por juramento, tinham promettido obediencia e fidelidade, não podem deixar de ser indelevelmente manchados com a nódoa de *traidores*, conspirando-se contra a sua patria e guerreando e insultando a gloriosa bandeira *Portugueza*

—

Aqui nasceu em 4 de outubro de 1808, Sebastião Francisco Severo Drago Valente de Brito Correia Lacerda Green Cabreira. Era filho de Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira (general) e de D. Maria Amelia Alves Pinheiro Correia de Lacerda Green, senhora de origem ingleza.

Sentou praça de cadete, em artilheria n.º 4 (de cujo regimento era então seu pae coronel) em 23 d'agosto de 1820, e feito alferes, em 18 de setembro d'esse anno. Em 1828

foi despachado tenente de infanteria n.º 18. Seguiu o partido liberal e assistiu ás acções da Ega, Venda do Cégo, Cruz dos Morouços e Ponte do Vouga. Emigrou para a Galliza, e d'alli para a Inglaterra e depois para a Ilha Terceira, onde já estava seu pae, e seu tio, o general Diocleciano Leão Cabreira (que depois foi barão de Faro.

Desembarcou em Arenosa de Pampellido, a 8 de julho de 1832. Assistiu á batalha de Souto Redondo (7 d'agosto de 1832) e logo depois foi feito capitão. Foi para a Hespanha com a divisão auxiliar, e foi feito major, quando regressou a Portugal. Na guerra chamada dos *Marechaes* (1837) sendo commandante de caçadores n.º 2, salvou a vida ao marquez de Sá da Bandeira, que estava a ponto de ser apunhalado, na procissão de Corpo de Deus, em Lisboa; e apaziguando o tumulto que pretendia assassinar Antonio Bernardo da Costa Cabral (conde de Thomar) e José da Silva Carvalho.

Casou, em 10 de janeiro de 1842, com a senhora D. Guilhermina Henriqueta Peixoto d'Almeida e Silva.

Em 1751, sendo coronel commandante de caçadores n.º 5, foi promovido a brigadeiro (general de brigada, como hoje se diz) e feito barão de Nossa Senhora da Victoria da Batalha.

Em 1852, foi feito governador da torre de S. Julião da Barra (Lisboa) fazendo então varios melhoramentos n'esta fortaleza. Tambem, por sua iniciativa, se construiu então, no *Campo da Cruz do Alqueidão*, um munumento á memoria do general Gomes Freire de Andrade, que foi enforcado por sentença do concelho de guerra (depois de exautorado das honras militares) promovido pelo marechal Beresford, em 18 de outubro de 1817, em frente d'esta torre. (Outros infelizes companheiros de Gomes Freire, foram, no mesmo dia, enforcados, no Campo de Sant'Anna (Lisboa) e depois queimados e suas cinzas lançadas ao mar.)

O crime d'estes desgraçados era pretenderem sacudir o jugo dos inglezes; mas devemos notar que Gomes Freire tinha sido traidor á sua patria, bandeando-se com os francezes, inimigos d'ella, e feito, desde 1807 até 1814, a guerra contra as nações nossas aliadas.

Era este um dos pontos principaes da accusação contra elle.

Tornemos ao barão da Batalha.

Em 1856, foi governador da praça d'Abrantes, onde tambem fez notaveis melhoramentos nas fortificações. (Vide Abrantes.)

Em 1862, foi feito vogal do supremo concelho de justiça militar, e em 1867, foi nomeado presidente da commissão militar, que devia assistir ás manobras do *Campo de Chalons*, para onde foi. Morreu em Paris, a 12 de novembro de 1868.

Tinha sido por varias vezes ferido e algumas gravemente.

Sendo um valente militar, era ao mesmo tempo de trato afavel, extremoso amigo dos seus soldados (de quem era amado.) Ear bondoso, caritativo, nunca negando esmola a quem lh'a pedia.

Finalmente, era um verdadeiro portuguez e um brioso e intrepido militar, digno de outras eras.

—

O districto administrativo de Faro, comprehende 13 concelhos, todos no bispado do Algarve, que são:

Albufeira, Alcoutim, Castro-Marim, Fáro, Lagôa, Lagos, Loulé, Monchique, Olhão, Silves, Tavira, Villa-Nova de Portimão e Villa Real de Santo Antonio.

A sua comarca tem dois julgados, Faro, com 5:600 fogos; e Olhão, com 3:650.

O concelho de Fáro é composto de seis freguezias, que são:

Alportel, Estoy, Nexe, Conceição e as duas da cidade.

—

Em 1757, tinha Fáro as mesmas duas freguezias que tem actualmente.

Nossa Senhora da Assumpção, ou Santa Maria Maior (Sé) com 1:080 fogos. O parocho era reitor, e denominava-se vulgarmente conego reitor. Era apresentado alternativamente pelo papa e pela mitra. Tinha de rendimento 220$000 réis.

S. Pedro tinha, em 1757 747 fogos. O prior era apresentado pelo tribunal da Mesa da Consciencia, e tinha 221 alqueires de trigo,

150 de cevada, 10 almudes de vinho e em dinheiro 19$000 reis: tinha metade do pé d'altar das freguezias d'Estôy, Santa Barbara, S. João da Venda, Olhão, Quelfes, Pexão e suas annexas.

—

O sr. Francisco Pedro da Silva Soares, commerciante da praça de Fáro, está construindo (1874) na mesma cidade um bello theatro, no gosto moderno.

—

FARREJAL—aldeia, Extremadura, termo de Leiria. É a palavra arabe *farrejal*, composta de *farr* (a fugida) e *rejal* (os homens). Vem a ser—*povoação da que fóje aos homens*—da esquiva.

(Não se confunda com *ferragial* ou *ferregial*, que é campo de *ferran*—herva.)

FARROBILHAS ou **PEDREGOSA**—aldeia, Algarve, freguezia, concelho e 3 kilometros ao O. de Faro, proximo á *Barrêta*. Ha aqui boas marinhas de optimo sal, armazens para elle e cabanas de pescadores.

Houve aqui uma povoação fundada pelos moradores de Loulé, com boa egreja e uma torre para defesa do porto, pelos annos de 1460.

Suppônho que o terramoto de 1722 deu cabo d'esta povoação e da sua torre (que consta ter sido uma das melhores do Algarve) Não ha hoje o minimo vestigio d'isto.

A 3 kilometros ao O. de Farrobilhas desagúa o ribeiro de *Ludo*. Ha aqui tambem outras marinhas de excellente sal e terras de lavoura muito ferteis, nas margens do ribeiro. Ainda mais adiante, a O., ha as marinhas d'*Ancão*.

Em Farrobilhas desembarcou, em a noite de 24 para 25 de junho (outros dizem de julho) de 1596, o duque d'Essex (irmão da rainha d'Inglaterra) com 3:000 inglezes, e d'aqui foram roubar e incendiar Faro.

FARROBO (Quinta do)—Extremadura, no Monte-Gordo, immediações de Villa Franca de Xira, sobre a margem dircita do Tejo. É uma das melhores propriedades do districto de Lisboa. É d'ella que tomou o titulo o sr. conde do Farrôbo (até então barão de Quintella) e seu filho, o actual 2.º conde do Farrobo e 3.º barão de Quintella.

Esta quinta foi arrematada em praça publica, e a comprou, em 20 de março de 1874, por 112 contos de réis, o fidalgo hespanhol, o sr. *conde de Torres Novaes*, que é o seu actual proprietario.

(Para se saber a razão por que foi anniquilada a casa Farrôbo, uma das mais ricas de Portugal. (Vide a *Hist. Chron. de Port.*, no fim d'esta obra.)

FARROPO—portuguez antigo—bezêrro, pôrco ou carneiro grande, castrado. Applica-se mais frequentemente ao bezêrro ou touro.

FARTO—portuguez antigo—*muito*.

FATAÚNÇOS e **FOLGOSA** — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vouselle, 18 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha Folgosa 208 fogos.

Orago S. Carlos Borromeu.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

N'esta freguezia, e proximo á aldeia de *Bandabizes* (ou *Vendavizes*) está a propriedade da *Torre*, que é da familia dos *Lemos*, da casa da *Areia*, em Avanca. (Hoje pertence á sr.ª D. Maria José de Lemos, viuva do doutor-medico Manuel da Costa Pinto Basto, d'Oliveira d'Azemeis.)

Ha n'esta propriedade uma antiquissima torre, que dá o nome á quinta, e se chama *Torre dos Mouros*, ainda em bom estado.

É quadrada, e serviu em tempos remotos de habitação, como se vê dos cachôrros que sustentavam os pavimentos, e ainda mostra claros vestigios de ter sido coberta de telha.

Esta torre é na freguezia de Folgósa, annexa a Fataunços.

É tradição que, depois da expulsão dos mouros d'estas terras, foi solar dos Figueiredos, de Figueirêdo das Donas.

Esta freguezia, como todas as da antiga comarca de Lafões, é terra muito abundante d'agua, muito fresca, aprasivel, saudavel e fertil.

Cria muito e optimo gado. As suas vitellas, como as de todo o valle de Lafões, são de um gosto especialissimo. Tem colmeias, caça e pesca.

Aqui nasceu em 1820 o sr. *José Lourenço*

de Sousa. Filho de paes humildes, laboriosos e honrados, foi na adolescencia para a cidade do Porto, empregar-se como caixeiro. Á sua honradez e á sua perseverança no trabalho, deveu unicamente o vir a ser dono de uma boa typographia e de algumas boas moradas de casas.

Mas nem por estar a 70 kilometros de Fataunços se esqueceu da terra que lhe deu o ser, antes fez mais do que outros mais ricos e poderosos d'alli podiam fazer, se quizessem.

Fundou em Fataunços, em umas casas suas e á sua custa, uma bôa escóla de instrucção primaria, em 1870, e é já actualmente muito concorrida. Deu á mesma escóla uma escolhida bibliotheca, composta de numerosos livros rudimentares, indispensaveis aos discipulos, e mesmo outros muitos de reconhecida utilidade para os proprios adultos que se quizerem instruir.

Honra a este benemerito e prestante patriota que tão bem soube applicar os seus haveres. Morreu na cidade do Porto, em 1871.

—

Tambem em Fataunços é o solar dos Mellos, de que ha por estas circumferencias muitas e nobres familias. Um dos ramos principaes d'esta familia, procedente de D. Maria Izabel de Mello, são os Castros de Côvo (proximo a Oliveira de Azemeis—vide Côvo) á qual familia pertence a actual senhora condessa da Ribeira, residente á Junqueira, em Belem.

Ainda existe o paço dos Lemos de Fataunços. É antiquissimo e está em ruinas. Pertence ao sr. Antonio Carlos de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, do Côvo, tio da referida condessa.

—

O real padroado apresentava o abbade da Folgosa, que tinha 500$000 réis de rendimento.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz a freguezia de Fataunços.

FATELLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 45 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Muito fertil, cria gado e caça.

O commendador do mestrado da ordem de Christo apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FATIMA—freguezia, Estremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova d'Ourem, 18 kilometros de Leiria, 125 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 255 fogos.

Orago Santo Antonio, e antigamemte Nossa Senhora dos Prazeres.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

O cabido da collegiada de Ourem apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

Fatima é a palavra arabe *Fatema* ou *Fatma*, nome proprio de mulher.

Tomou esta freguezia o nome de *Fatima*, por ser o de uma nobre e formosa moura, assim chamada, que era senhora d'Ourem e d'esta freguezia.

Estando ella em Alcacer do Sal, que estava cercada por D. Affonso Henriques, sahiu da villa na madrugada do dia 24 de junho de 1158, com alguns familiares seus, mas foi captiva pelo templario *Gonçalo Hermigues*. (N'esse mesmo dia se tomou Alcacer do Sal aos mouros.)

Gonçalo Hermigues era joven, bravo e poeta; e Fatima era uma perfeita formosura oriental. Viram-se, pois, e amaram-se. Fatima deixou a lei de Mafoma e baptisou-se, tomando então o nome de *Oriana* ou *Ouriana*, e casou com Gonçalo Hermigues. Vide Ourem.

FAVAIOS—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 20 kilometros ao N. E. de Villa Real, 4 a E. de Penhão, 4 ao O. do Tua, 7 ao N. de Douro, 98 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos (1:600 almas).

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi concelho com 1:110 fogos, supprimido em 1855. (Vide Villarêlho.)

É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos com o nome de *Flavia* ou *Flavias*.

É situada na falda de uma serra granitica. Tem um bello chafariz de boa agua, muito antigo.

A egreja matriz é um templo vasto e aceiado, tambem bastante antigo, e a sua torre é muito alta; a maior de toda a provincia.

Tem uma nascente d'aguas mineraes (ferreas).

É fertil em azeite, castanha e muita qualidade de fructa, cereaes e optimo vinho de embarque.

D. Affonso II lhe deu foral, datado de Balsemão, a 29 de outubro de 1211.

D. Affonso III lhe deu outro foral em Lisboa, a 10 de julho de 1270; e D. Diniz outro, em Lisboa, a 20 de julho de 1284.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 15 de julho de 1514.

Foi dos marquezes de Tavora, e passou para a corôa em 1759.

Perto d'esta villa, entra na direita do Douro o ribeiro *Roncão*, que nasce nas serras situadas ao Sul de Murça de Panoyas.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É patria de Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, auctor do um *Diccionario Geographico Abreviado de Portugal*, publicado em 1852, que era o unico moderno que existiu até 1863, e pelo qual todos se regulavam apezar dos muitos erros e bastas omissões que continha.

Tem aqui apparecido cippos, inscripções e outras antiguidades romanas.

Segundo João de Barros, foi esta povoação fundada pelos flavios, no I ou II seculo da nossa era.

FAVÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros a E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da comarca de Soalhães, concelho de Bemviver, depois passou para a comarca e concelho de Bayão e ultimamente para a de Marco de Canavezes.

—

É n'esta freguezia a quinta da *Casa Nova*, na qual viveu Julio Giraldes, corregedor no Minho, e Traz-os-Montes, no reinado de D. Fernando. Falleceu em 30 de janeiro de 1419.

O papa, o bispo e o convento de S. João de Alpendurada (bentos) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 280$000 réis.

FAYÃO—vide Faião, Fajão e Arrifana de Sousa.

FEBRES e **BUEIRO**—são duas freguezias annexas, que já estão descriptas na palavra Bueiro; mas officialmente diz-se Febres. São na provincia do Douro, comarca e concelho de Cantanhède, 30 kilometros a O. de Coimbra, a cujo bispado e districto administrativo pertence. Tem 890 fogos, e é seu orago Nossa Senhora da Conceição.

O *Portugal Sacro* não traz nenhuma d'estas duas freguezia.

FEDEGOSA—portuguez antigo, de mau cheiro, fedorenta.

Ha duas aldeias d'este nome.

FEIJÕES e **FEIJOZES**—vide Fajões e Fajozes.

FEIRA (S. Sebastião da)—villa, Douro. comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital. (Até 1855 era da comarca de Gouveia, concelho de Penalva d'Alva) 54 kilometros a NE. de Coimbra, 240 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Chamava-se antigamente S. Sebastião de Riba d'Alva, e é este o nome que tem no foral que lhe deu D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 80$000 réis.

FEIRA—villa, Douro, 26 kilometros ao S. do Porto, 84 ao N. de Coimbra, 30 ao N. de Aveiro, 12 ao ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 ao N. de Ovar, 280 ao N. de Lis-

boa, 500 fogos (2:000 almas) na comarca e concelho 9:000 fogos.

Em 1757 tinha 297 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno muito accidentado, mas pittoresco e aprasivel, passando pelo meio da villa o rio *Lavandeira*, atravessado na rua por um optimo pontão, da largura d'ella, e no fim do Rocio por uma ponte de pedra, feita por D. Manuel, em 1512.

O reitor do convento de Santo Eloy, d'esta villa, apresentava o cura, que só tinha o pé d'altar.

Seus arrabaldes são muito abundantes de agua, ferteis e saudaveis, semeados de boas quintas e bonitas casas de campo. Varios e formosos cabeços, em parte cultivados e em parte cobertos de frondoso arvoredo, dão abrigo e poesia a esta villa.

Ao SO. d'ella e sobre o maior e mais elevado cabeço dos que a circundam, se ostenta, desafiando as injurias do tempo, o seu nobilissimo e venerando castello, e a sua famosa *torre de menagem*.

—

Pelos annos 390 antes de Jesus Christo, uma colonia de gallos-celtas fundou esta povoação, a que deu o nome de *Lancobriga*.

Querem alguns que o chefe d'esta colonia se chamasse *Lanco*, e que d'elle tomou o nome a povoação. Na verdade, em celta, *Lancobriga* significa *povoação* (ou *cidade de Lanco*.)

Outros escriptores porém, remontam a fundação d'esta villa ao anno do mundo 1920, isto é, 2084 antes de Jesus Christo! Dizem estes que o seu fundador foi Brigo, 4.º rei de Hespanha. Estes fundam-se unicamente na terminação *briga*, e não adduzem facto algum por onde se possa provar tamanha antiguidade. Quanto mais, está hoje provado que *briga* é palavra celtica; que significa povoação, cidade, etc. E que, se em alguns casos *briga* indica a povoação fundada por Brigo ou em sua honra (o que podia ser muitos annos depois da sua morte) na maior parte d'elles não exprime senão cidade ou povoação.

A Feira, como todas as mais povoações da Peninsula, teve que soffrer as tristes consequencias das interminaveis guerras da edade media, até que a Lusitania cahiu no 1.º seculo de Jesus Christo, exhausta de forças e quasi reduzida a mulheres e creanças, em poder dos romanos.

Estes, que achavam barbara a terminação *briga* em tantas povoações da Lusitania, a *alatinisaram*, mudando-a para *brica*, e aqui temos *Lancobriga* chrismada em *Lancobrica*.

Foi cidade de muita importancia no dominio romano e por aqui proximo passava a *via militar* que de *Merida* (então capital da Lusitania) vinha a *Conimbrica* (Condeixa a Velha) *Talabrica* (Aveiro) *Lancobrica* e *Cale* (Gaia) onde terminava. (Vide S. Felix da Marinha.)

No seculo IX, vendo os arabes que a *via romana* era muito dispendiosa, por ser preciso concertar-se com muita frequencia nos pantanos por onde passava, fizeram uma nova estrada de Coimbra ao *Porto de Cale*, pela cidade de *Æminium* (Agueda) e quasi pelo leito da actual estrada de Lisboa para o Norte.

A esta nova via se ficou chamando *estrada mourisca*, e durou muitos annos. (Vide Mourisca.)

Quando os povos do Norte invadiram a Luzitania, ficou Lancobrica pertencendo aos visigôdos (vulgarmente gôdos.)

Ha toda a probabilidade para crer que os gôdos foram os constructores do castello. Attesta-o a sua architectura e as suas *séteiras* em fórma de cruz. (As *séteiras* das fortalezas arabes tinham a fórma de um crescente.)

Durante o dominio romano e no principio do gothico, pertencia *Lancobriga* ao bispado de *Merida*. Os godos, creando o bispado de Coimbra, desmembraram do de *Merida* todo o territorio entre o Mondego e Douro, e outras mais terras, para constituirem o novo bispado. Ficou pois *Lancobriga* a pertencer ao bispado de Coimbra até 1195, em que passou a ser do bispado do Porto. (Vide Grijó.)

Parece que durante a dominação agarena, conservou *Lancobriga* o seu permittivo

nome: pelo menos não ha prova do contrario.

Os christãos hiam resgatando, palmo a palmo, do poder dos arabes, o solo querido da patria. Já quasi toda a provincia do Minho até á cidade do Porto era christan. Então os reis de Leão e Oviedo deram aos seus cavalleiros as terras que elles resgatassem ao sul do Douro, as quaes se denominariam *Terras de Santa Maria.*

Já disse que o castello tem indicios incontestaveis de ser construcção gothica, o que não quer dizer precisamente que foi construido durante os tres seculos do seu dominio na peninsula; porque a architectura gothica sobreviveu muitos seculos a essa epoca; todavia suppõe-se que quando os arabes occuparam a Feira já existia o castello.

O que é certo é que, no anno 990, reinando em Castella D. Bermudo II (o *Gotoso*) dois illustres condes, chamados Mem Guterres e Mem Lucidio, juntos com os senhores do Marnel (todos do sangue dos reis de Leão) estando Lancobriga abandonada e quasi destruida, a reedificaram e povoaram de christãos, construindo-lhe então (ou reedificando-lhe) o seu nobre castello, fortissimo para aquelles tempos, em que ainda não havia artilheria.

Estes condes deram então á velha Lancobriga o nome de *Villa de Santa Maria*, e a todo o territorio desde a margem esquerda do Douro até ao Caima, e desde o Oceano até ao rio Arda, o nome de *Terra de Santa Maria.* Isto, como já disse, em cumprimento das ordens do rei.

Os descendentes de Mem Guterres, Mem Lucidio e dos senhores do Marnel, tinham o nobre titulo de *infanções antigos de Santa Maria.* (Vide *infanções*).

Em tanta conta tinham os antigos reis de Castella e os primeiros reis portuguezes a Terra de Santa Maria, que todo o cavalleiro aqui nascido tinha os foros e privilegios de *infanção*, e todos os peões tinham o foro de cavalleiros. Foram os primeiros infanções que houve em Portugal.

Assim o declara D. João I, nos privilegios que deu ao Porto, Braga, Guimarães e outras povoações, e o mesmo se vê de uma sentença de 3 de julho de 1486, transcripta por *Pêgas.* (Tom. 7.º, pag. 377.) Em 1337, havia na Terra de Santa Maria 24 casas de infanções.

Quando o conde D. Henrique tomou posse de Portugal, em 1093, confirmou todos os foros e privilegios da Terra de Santa Maria, e lhe deu foral em 1109, declarado nas *inquirições* tiradas no mez de agosto de 1251. (Maço 8.º dos foraes antigos, n.º 1. Torre do Tombo.) Já n'este foral se dava a esta povoação o titulo de villa.

D. Affonso III lhe deu foral em 1270. (Franklin não falla n'este foral).

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. Este foral não é só da villa, o seu titulo é—*Foral da Terra de Santa Maria.*

Comprehende as seguintes povoações:

Anta d'Ermujães (hoje Anta, freguezia do litoral á qual pertence Espinho); Arada; Azevedo da Bailia; Azevedo de Sayões (Azevedo, aldeia da freguezia de Gião); Azeveduce (Azevedo, aldeia da freguezia das Caldas de S. Jorge); Barrella; Burgo d'Arrifana (Arrifana de Santa Maria); Cabêdo (Canedo?) Cacavellos; Capiellos; Carrazinha(?) Carregosa; Cesár; Ciricosa (?) Cucujães de Cacavellos (Couto de Cucujães); Curraes; Ermilhe; Escapães; Escariz; Esmoriz; Espargo; Fafião (aldeia na freguezia de Romariz); Fayões (Fajões); Fiães; Fornos (da Feira); Fornos de Guizande (aldeia da freguezia de Guizande); Gaiate (aldeia da freguezia de Milheiroz de Poiares); Gandara; Gandarei; Insua de Cadal; Lama (aldeia na freguezia de Guizande); Lever; Lobão; Lourosa; Macêdo (Macêda); Maceira do Soveral (Macieira de Sarnes ou das Terças); Macinhate; Madail; Madeira (S. João da Madeira); Mançores; Manhôce; Milheiroz de Poiares; Mosteirô; Muzellos (Mósellos); Nogueira (da Regedoura); Nogueira de Cravo; Oleiros; Oliveira d'Azemeis; Ossella; Paço de Brandão; Paços; Parada (Parada do Monte, na freguezia de Louredo); Parmos (Parâmos); Pereira de S. Vicente de Goncida (S. Vicente de Pereira); Pigeiros; Pindello; Pruzelhe (Perozêllo); Riba d'Alfigueiredo (Figueiredo); Rio Mêão;

Romariz; Sandim; Sanfins; Sanguedo (Terreiro); S. Gião (Gião); Sé de S. Jorge (aldeia na freguezia das Caldas de S. Jorge); Serra Alva (Serralva, aldeia da freguezia do Valle); Silvade (ou Silvalde); Silvares (aldeia da freguezia de Carregosa); Souto Redondo (ou Airas, aldeia nas freguezias de S. João de Ver e das Caldas de S. Jorge); Souto de Theobalde (Souto); Villa Boa (proximo á villa); Villa Chan; Villa Nova de Buim (Villa Nova de Guim, aldeia na freguezia de Romariz); Villa Secca (grande aldeia, que fórma mais de metade da freguezia de Louredo); Ul.

N'este foral não estão nem a terça parte das terras chamadas de Santa Maria. As povoações que aqui faltam ou têem foraes proprios, ou estão comprehendidas nas que os têem. Nomearei aqui as povoações da *Terra de Santa Maria* que têem foraes proprios, e que me lembrarem, com as datas d'esses foraes.

Angeja, 15 de agosto de 1514—Antuão (Estarreja), 15 de novembro de 1519—Bemposta (Pinheiro da), 1 de junho de 1510—Cambra, 10 de fevereiro de 1514—Fermedo, 27 de setembro de 1514—Ovar, 10 de fevereiro de 1514—Pereira Juzão, 2 de junho de 1514.

Além d'estes foraes dados por D. Manuel, tem Canêdo foral velho, dado por D. Affonso II, no 1.º de junho de 1212. N'este foral se dá a Canedo o titulo de villa.

—

El-rei D. Manuel deu muita consideração a esta villa, fazendo-lhe a ponte (como já disse) reedificando-lhe (tambem em 1512) a sua antiga torre (a que vulgarmente se dá o improprio nome de castello) e cercando, essa torre, de muralhas com seus reductos, cubellos e barbacans, o que tudo ainda existe, mas desmantellado.

Tambem lhe fez uma fonte dentro do recinto fortificado e á porta da torre. A fonte lá está com as armas de D. Manuel, mas a agua foi roubada ha muitos annos.

O mesmo rei D. Manuel, creou o condado da Feira, em 1515, a favor de D. Diogo Pereira, senhor de Bésteiros. Este condado continuou n'esta familia até ao reinado de D. Pedro II, em que acabou, por falta de successão, hindo a maior parte das suas terras e foros para a casa do infantado. Os condes da Feira intitulavam-se senhores da terça parte da villa d'Aveiro. (Pêgas á *Ordenação*, pag. 241 e seguintes.)

O castello propriamente dito, tinha duas portas e um postigo. A *porta da Villa*, defendida por dois cubellos e uma estrada coberta, ainda existe, do lado do O., em bom estado e coroada com as armas de D. Manuel. A *porta da traição*, ao N.; não se póde hoje ver, por ter cahido sobre ella todo o lanço da cortina d'este lado. O *postigo* (a E.) defendido por uma estrada coberta, casamatas e um revelim, ainda existe.

A torre, que apesar de ter a parte mais antiga, é a mais bem conservada da fortaleza, ficou servindo de torre de menagem ou cidadella.

Dentro d'esta torre está uma grande cisterna (quasi completamente entulhada) e proximo, mas fóra da torre, do lado do norte, está outra que foi desentulhada em 1852, até uns 10 ou 12 metros. As paredes d'esta estão perfeitamente conservadas. Tem uma escada de caracol parallela á cisterna, para serviço d'ella, toda de degraus inteiros e em tão bom estado, com as arestas tão vivas e a pedra tão branca como se fosse apenas feita ha uns poucos de dias.

A cisterna da torre é de certo da edade d'ella; a segunda é com toda a probabilidade do tempo de D. Manuel.

Foi este rei que fez alcaide-móre do castello da Feira, a D. Diogo Pereira; e este fez dentro do castello uns paços para a sua residencia e dos seus descendentes, que ainda existem, mas ameaçando imminente ruina.

Desde que D. Diogo Pereira foi feito conde, ficaram os condes da Feira sendo seus alcaides-móres.

A familia dos Pereiras era de sangue gôdo e o ramo primogenito do conde Mem Guterres. Eram donatarios da Feira.

D. Affonso V, tambem fez conde da Feira a D. Rodrigo Vaz Pereira.

O condado da Feira era um dos maiores e melhores de Portugal, pois comprehendia toda a Terra de Santa Maria, já então chama-

da vulgarmente Terra da Feira. (Officialmente se chamou sempre até 1834 Terra de Santa Maria)

A maior parte do condado da Feira passou para a casa do infantado. Desde então ficou o castello, e todas as propriedades e fóros a elle vinculados, pertencendo ao infantado, até 1834.

—

Do alto da torre gosa-se um deliciosissimo panorama. Ao O., vê-se uma vasta extensão do Oceano. Ao S., N. e L., lindos valles, viçosos outeiros e varias povoações. Ao NO., ao sopé do castello se assenta a villa, que da torre apresenta uma bonita vista.

—

A comarca da Feira era uma das maiores de Portugal. Parte d'ella pertencia á correição de Barcellos (!) e parte á d'Esgueira.

Depois passou toda para esta ultima villa e depois para Aveiro, pela suppressão (ou mais propriamente transferencia) da corregedoria d'Esgueira para Aveiro. Depois finalmente, formou a Feira correição propria.

Tinha a comarca da Feira em 1834 noventa e seis freguezias, muitas d'ellas de mais de mil fogos.

As actuaes comarcas d'Oliveira d'Azemeis, Estarreja e Ovar, foram exclusivamente formadas com freguezias da comarca da Feira.

Além d'isso ainda esta comarca deu para a d'Arouca as freguezias de Louredo, S. Miguel do Matto, Fermedo, Escariz e Mançores.

Era a esta vastissima comarca que se chamava Terra de Santa Maria, e depois Terra da Feira.

Ainda que verdadeiramente a Terra da Feira é hoje a mesma que era antes de 1834, todavia só se dá agora o nome de Terra da Feira ás 37 freguezias que formam o seu actual concelho, que é tambem comarca.

Mas o pôvo da maior parte das freguezias que pertenceram a esta comarca, a qualquer parte aonde chega, se lhe perguntarem d'onde é, diz que é da Terra da Feira.

—

Já disse que a Feira é uma povoação bonita, mas não tem senão uma rua, estreita e torta (e mais chama-se Rua-Direita) é comtudo muito bem calçada.

Tem 3 ou 4 bêccos ou travessas, estreitas, tortas, immundas e quasi sem casas, que não merecem até mencionar-se.

Tem alguns edificios bons, sendo os principaes a casa do tribunal das audiencias, que foi paço dos condes da Feira, a antiga matriz da villa (S. Nicolau) hoje Misericordia, as casas que foram de Bernardo José Correia de Sá, no Rocio, etc.

Tambem tem uma bonita casa da camara, feita em 1860, mas pequena. Nos baixos d'esta casa está montada uma pequena typographia, para impressão dos papeis da camara e das outras repartições do concelho.

Tem um bonito chafariz na praça, em frente do tribunal, feito em 1845, devido á iniciativa do sr. José Correia Leite Barbosa, então e actual administrador do concelho.

Tem outro, feito pelos frades, no seculo passado, ao fundo das escadas do convento.

A villa é muito abundante d'agua, que lhe vem do grande manancial chamado da Velha, ao ONO. e ao cimo da villa.

Esta agua foi achada ha uns 40 annos, rebentando com grande força de uma mina que se andava fazendo. Antes d'esta feliz descoberta era a villa muito falta d'agua.

Ha na Feira mercado todos os domingos, e feira nos dias 3 e 20 de cada mez.

Tem um convento, que foi de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) fundado pelo 4.º conde da Feira, D. Diogo Forjaz Pereira, em 1560.

A sua egreja é a matriz da freguezia, ha mais de cem annos. A primitiva matriz, como já disse, era S. Nicolau.

A actual matriz é sumptuosa, vasta e toda de solida abobada. O convento era tambem um amplo e magestoso edificio.

Agora é alli a residencia do parocho, um theatro (feito no antigo refeitorio) muito ordinario e feito em 1854, a repartição de fazenda e a eschola de instrução primaria. A maior parte do edificio porem, está correndo a passos agigantados para a sua total ruina, e tão asquerosamente immundo, que nem se lá póde hir, sem perigo de morrer de peste!

Fóra da porta da egreja, e mesmo nas escadas que dão ingresso para ella, estabele-

ceram algmas pessoas o cemiterio (!) de sua familia.

Em algumas das campas se veem epitaphios, que a camara, por honra da terra, devia mandar eliminar, pois não são mais do que um chorrilho de baboseiras.

Por muitos annos, os grandes rendimentos d'este municipio foram desaforadamente devorados, sem o povo saber em que; mas, sendo eleito presidente da mamara, o doutor Fausto da Veiga Campos (hoje delegado do procurador regio, em Abrantes) mancebo de uma honradez a toda a prova, energico e independente; tomou á sua conta a ardua tarefa de recoperar para a camara o seu antigo nome honrado (que estava tristemente desacreditado) e conseguiu-o.

Desde então vê-se em que se despende o dinheiro do povo, e as obras publicas municipaes tem-se desenvolvido satisfatoriamente.

A camaras que lhe seguiram, continuaram merecendo a approvação publica, pelo seu zello em promover o desenvolvimento das commodidades dos povos.

—

A Feira está ligada a Lisboa e Porto por um ramal d'estrada á mac-adam; e com o caminho de ferro do norte, pelo prolongamento do mesmo ramal, que vai ter á estação de Cabanões (Ovar) a 10 kilometros ao S.

Outra estrada em construcção ligará esta villa com a estação do caminho de ferro, em Esmoriz, 8 kilometros a O.

O caminho de ferro do norte, atravessa varias freguezias d'este concelho.

—

Tem correio diario, e expede e recebe dinheiro em vales d'elle, desde a quantia de mil réis até á de 50$000.

—

Foi até 1834 quartel do batalhão de caçadores n.º 11, o que muito fazia prosperar a villa e seu termo.

—

Tem por armas, em escudo branco, Nossa Senhora da Conceição (com o menino) em pé, sobre a porta de um castello, com uma torre de cada lado e por baixo a legenda *Lancobriga.*

(Como estas armas são as da Terra da Feira, entendo que tambem devem ser as armas de Angeja, Cambra, Estarreja, Fermedo, Oliveira d'Azemeis e Ovar—menos a legenda.—As armas não são só da villa, são de toda a Terra da Feira. A legenda é que é exclusivamente da villa.

Faz-se aqui no dia 20 de janeiro, á custa da camara, a festa de S. Sebastião, vulgarmente chamada das fogaças ou das fogaceiras (fogaças é uma especie de bôlos e fogaceiras, as pequenas que os levam.)

Consta que esta festa se instituiu por occasião de uma grande peste que assolou todo o reino em 1505. Dizem uns que foram os alcaides-móres do castello que principiaram esta festa, outros que foi a camara e o povo. Parece mais provavel que fosse a camara e o povo.

Todavia é tradição que foram os condes da Feira, e que no dia em que se fez a festa cessou a peste.

Estas fogaças, que não são para comparar com as de Pombal, Abiul e outras do S. do reino, pois apenas conterão um alqueire de farinha, teem comtudo a mesma origem e etymologia, pelo que, quem quizer saber isto circumstanciadamente veja—Pombal—que é onde a cousa teve principio.

—

Além de ser esta villa até 1834 quartel e praça do batalhão de caçadores n.º 11, tinha tambem um regimento de milicias, capitão-mór, uma companhia d'ordenanças na freguezia e mais sete no concelho.

—

No concelho ha varias fabricas de papel, de differentes qualidades, sendo algum já muito aperfeiçoado—muitas fabricas de chapeus de lan, e outras industrias. Fabrica-se tambem grande quantidade de finas teias de linho.

Ha grande abundancia de pedreiras d'optimo granito, de schisto e de pedras de amolar.

Ha minas de cobre, chumbo, kaolim e feldespatho, mas nenhuma se explora,

A sua costa é abundante d'optimo peixe, sendo famosissima em todo o reino a deliciosa *sardinha de Espinho.*

(As noticias mais circumstanciadas das differentes manufacturas e productos d'este concelho, vão nas freguezias ou aldeias em que estão os respectivos estabelecimentos.)

—

As terras d'este concelho, são, em grande parte, bem cultivadas e arborisadas, muito abundantes d'aguas e ferteis. Ha por aqui muitos e vastos pinhaes, que constituem um florescente ramo de commercio, pela grande quantidade de madeira e lenha que constantemente exporta para o Porto, para onde tambem exporta grande numero de bois gordos, que vão para a Inglaterra.

—

Os habitantes da Terra da Feira, são, no geral, inclinados ao trabalho e ás especulações commerciaes. Teem porém um horror hereditario ao serviço militar (como quasi todos os habitantes das provincias do Norte) e, a dizer a verdade, são, pela maior parte, pessimos soldados. (Haja vista a *bravura*, alguma cousa abaixo de zero, das célebres *miticias da Feira*.)

—

Além das duas feiras que ha na villa, ha mais as seguintes no concelho:

No 1.º domingo de cada mez, na Póvoa; a 4, na Arrifana; a 7, em Canedo; a 10, nas Vendas Novas (aqui tambem ha feira d'anno a 29 de setembro) a 17, em Souto Redondo; a 24, no Terreiro; a 25, no Murado, e a 28 nas Vendas Novas.

—

O concelho da Feira confina—pelo E, com o de Arouca—pelo N., com o de Gondomar (sómente a freguezia da Lomba, ao S. do Douro) pelo S., com o de Ovar—pelo SE., com o de Oliveira de Azemeis e pelo N. com o de Gaia. Pelo NNO. chega até ao rio Douro, e finalmente pelo O., na extensão de mais de 15 kilometros é limitado pelo Oceano.

—

Já disse que os condes da Feira representavam o ramo primogenito de D. Mem Guterres, isto por um costado, por outro, que é o da familia dos Pereiras, procedem do conde D. Forjaz Bermuez, neto do conde D. Mendo, que era irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos, e de sua mulher (de D. Mendo) D. Joanna Romães, filha do conde D. Ramon, filho de D. Fruela I, rei de Leão.

Seu descendente, D. Gonçalo Rodrigues Forjaz, veio para este reino, em tempo de D. Sancho I (por desgostos que teve em Castella.)

O rei portuguez lhe fez muitas honras; e D. Gonçalo Pereira foi um dos grandes senhores de Portugal e poderosissimo.

Conta-se que um dia, estando no seu solar de Pereira (quinta junto ao rio Ave, na terra de Vermuim, d'onde tomaram o appellido) deu a parentes e amigos seus, 70 cavallos escolhidos! (Vide Flor da Rosa.)

Foi bisneto d'este D. Gonçalo Pereira, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, ascendente de muitas familias reinantes da Europa e do Brazil.

(Vide Guarda.)

Os descendentes de D. Gonçalo Pereira deram principio á casa da Feira, á dos senhores de Riba Visella e outras.

As armas dos condes da Feira eram: em campo de purpura, uma cruz de prata, floreada, e por timbre uma cruz vermelha floreada, entre dois côtos d'azas d'anjos.

Foram dadas estas armas (segundo alguns) a D. Rodrigo Forjaz Pereira, por se achar na célebre batalha de *Navas de Tolosa*, em 1212, em cujo dia appareceu no ceu uma cruz vermelha, similhante á de *Calatrava* (Aviz) a qual muitos fidalgos, dos que alli se achavam, tomaram por armas, ou por timbre das que já tinham.

Segundo fr. Manuel de Santo Antonio, os Pereiras tomaram esta cruz por armas, em memoria das cruzes que appareceram a D. Affonso II, de Leão (o *Casto*) que subiu ao throno em 791.

—

Em muitos papeis antigos vemos mencionada a *Terra da Feira* com o nome de *Cidade de Santa Maria*. É porque antigamente dava-se o nome de cidade ao territorio, mais ou menos vasto, que tinha governo proprio, e se regia por os *usos e costumes* da terra. (Vide Cidade.)

—

A comarca da Feira é formada só pelo seu julgado.

O concelho comprehende 37 freguezias, que são: Anta, Argoncilhe, Arrifana, Canêdo, Cortegaça, Escapães, Esmoriz, Espargo, Feira, Fiães, Fornos, Gião, Guizande, Lamas, Lever, Lobão, Lourosa, Macêda, Milheiroz de Poáres, Mosteirô, Mósêllos, Nogueira da Regedoura, Oleiros, Parâmos, Paços de Brandão, Pigeiros, Rio-Meão, Romariz e Duas Egrejas, Sanguêdo (ou Terreiro) S. João de Vêr, S. Jorge (ou Caldas de S. Jorge) Silvalde, Souto, Sub-Feira (ou S. Fins, ou S. Pedro Fins) Travanca, Valle e Villa-Maior.

—

Foi esta villa solar de varias familias nobres; mencionarei as principaes:

Pedrosas, appellido nobre em Portugal. É opinião seguida que a familia d'este appellido, descende de Garcia Alvares de Pedrosa, fidalgo gallêgo, que veio para Portugal no reinado de D. Affonso V.

Foi seu filho Diogo Pedrosa, que casou com D. Ignez Gomes de Azevedo, criada da infanta D. Leonor, que foi imperatriz da Allemanha. Suas armas, são: em campo de ouro, uma aguia de negro, lampassada de púrpura, sobre uma pedra, entre 4 aguias, acantonadas, eguaes á 1.ª; timbre, a aguia das armas, sobre a pedra. Elmo de prata, aberto.

Villas Boas diz que esta familia é oriunda de *Tôro*, no reino de Leão (Hespanha) e lhe dá por armas: em campo de ouro, cinco pedras de negro, em aspa, e uma aguia azul, armada de prata, na pedra do meio. Timbre uma aguia azul, armada de prata como a das armas.

Em um antigo manuscripto da livraria dos marquezes (depois duques) de Palmella, se diz que a aguia dos Pedrosas era bicada, armada e membrada de púrpura.

—

Pereiras, [1] appellido nobre em Portugal, procede de D. Gonçalo Rodrigues, que, com seu pae, D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, se passou de Castella para Portugal, por ter morto a D. Fernando Gutierres. Foram bem recebidos por D. Sancho I de Portugal, que lhe deu os coutos de Palmeira e *Pereira*, tomando D. Gonçalo Rodrigues o appellido de Palmeira, e casando, a primeira vez, com D. Froyla Affonso, filha do conde D. Affonso, teve a D. Rodrigo Gonçalves, o primeiro que se appellidou Pereira, por ser senhor da quinta de Pereira, onde fundou o seu solar, junto ao rio Ave, no Minho, em Terras de Vermuim; e do qual procedem os Pereiras legitimos d'este reino.

Suas armas são—em campo de púrpura, uma cruz de prata floreada, e vasia do campo. Elmo d'aço cerrado, e timbre uma cruz vermelha, floreada e macissa, entre duas asas d'ouro, abertas.

—

Pinhos—appellido nobre em Portugal. O conde D. Pedro, no *Tit. 44*, faz menção d'este appellido em João Lourenço de Pinho, e que ha familia d'elle (appellido) na Terra da Feira.

Suas armas são—em campo de prata 5 pinheiros verdes em aspa, com pinhas de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre um dos pinheiros.

—

Pintos—appellido nobre em Portugal, cuja familia, (segundo Villas Boas) procede de D. João Garcia de Sousa Pinto, neto do conde D. Mendo, e que foi o primeiro que usou d'este appellido. Mas fr. Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do cartorio da nobreza, diz, que procede de Payo Soares Pinto, que viveu no tempo do conde D. Henrique, na quinta do *Paço* (hoje *Paço de Brandão*) proximo á villa da Feira.

D. Payo Soares Pinto falleceu antes do anno 1126, em que sua mulher, Dona Mayor Mendes, vendeu a quinta do Paço ao mosteiro de Grijó. (1)

Suas armas são—em campo de prata, cin-

[1] Repito aqui a origem dos Pereiras da Feira, tal e qual como achei em um manuscripto, copiado d'outro da bibliotheca da casa Palmella, por ter algumas variantes ao que antecedentemente fica escripto.

(1) Ou esta venda não teve effeito, ou se annullou, ou algum descendente de Dona Mayor a revindicou; porque ainda hoje é possuida pela familia do mesmo appellido. (Vide Paço de Brandão.)

co crescentes de púrpura, em aspa. Elmo de prata, aberto, e por timbre um leopardo de prata, armado de púrpura, com um crescente do escudo, na espadua.

Antonio Soares d'Albergaria (fl. 164 v.) diz que o 1.º que se acha d'este appellido, é Garcia Soares Pinto, nas *Inquirições d'el-rei D. Diniz*, em cujo tempo tinha o titulo de seu vassallo.

Os descendentes do conde D. Mendo de Sousa Pinto deixaram as armas dos Sousas e tomaram as seguintes:—em campo de prata, cinco quadernas de crescentes, de púrpura, em aspa, e por timbre um leão de prata, lampassado de vermelho. As quadernas de crescentes, são as ganhadas por um ascendente d'esta familia, na batalha de Mértola, e o leão, por descenderem do rei D. Ramiro de Leão.

—

Castros—appellido nobre em Portugal. Os Castros verdadeiros d'este reino procedem de dois ramos, um legitimo, outro bastardo.

Os legitimos procedem de Alvaro Pires de Castro, fidalgo castelhano, e trazem por armas, em campo de ouro, 13 aroellas azues em 3 palas, as duas dos lados com 4 e a do centro com 5. O ramo principal d'esta familia é actualmente o sr. conde de Rézende.

Os do ramo bastardo, descendem da rainha D. Ignez de Castro, e de seu irmão D. Alvaro Pires de Castro, filhos naturaes do outro D. Alvaro Pires de Castro.

Estes trazem por armas—em campo de púrpura seis aroellas de prata, em duas palas, e por timbre um caranguejo de prata, realçado de azul, com bocas grandes, pregadas em uma truta.

Os principaes representantes d'esta familia eram os marquezes de Cascaes, os condes d'Arrayolos, os condes das Galvêias, os Castros de Villa Nova da Cerveira (hoje do Côvo) e outras nobilissimas familias portuguezas.

—

Costas—appellido nobre em Portugal. Procedem de D. João da Costa, conde de Soure.

Suas armas são—em campo de púrpura, 6 costas (costellas) de prata, em 3 faxas, timbre 2 *costas* em aspa, atadas com uma fita de púrpura.

FEIRÃO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende, 12 kilometros ao O. de Lamego, 265 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Carquere apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FEITAL ou **FETAL**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a SE. de Viseu, 340 ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Consta que na matriz d'esta freguezia está enterrado D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos. (Vide Viseu.)

O abbade de Nossa Senhora da Fresta, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FEITOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

O reitor de Santo Eloy, do convento de Lamego, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

Esta freguezia está annexa á de Palme. (Vide Palme.)

FEITOSA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Salvador. O *Portugal Sacro e Profano* diz que é S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior de Ponte do Lima apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Era esta freguezia couto da casa de Bragança, e fica proximo a Ponte do Lima.

Foi villa em tempos remotissimos com o nome de *Vedendri*. Diz-se que foram os normandos que fundaram esta povoação, pelos annos 700 de Jesus Christo, pondo-lhe o nome de *Vendredi*, que na sua lingua quer dizer *Sexta-feira*. D'aqui *Vedendri*.

Depois se chamou *Dómisi* (ainda aqui ha uma veiga com este nome), que se corrompeu em *Dornes*. Quando tinha este nome é que foi coutada.

Ha uns poucos de seculos que se chama Feitosa.

Em 1131, *Sesnando Ramires*, e sua mulher *Justezenda Soares*, doaram ao arcebispo de Braga *D. Pelagio* e ao seu cabido e successores *a sua villa de Dómizi, que antigamente se chamava Vedendri.*

FELGAR—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 150 kilometros a NE. de Braga, 325 ao N. de Lisboa, 270 fogos. Em 1757 tinha 222 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

É terra fertil. Produz optimas cebôllas.

O abbade de Santa Maria de Mós apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

No sitio do *Cabeço de Mua*, d'esta freguezia, está um buraco, que se diz ser obra dos mouros, para explorarem metaes.

O que é certo é haver n'este sitio uma abundante mina de ferro, que foi concedida em março de 1874 á companhia de exploração de ferro, da Serra de Reborêdo.

É a freguezia situada nas vertentes da Serra de Reborêdo. Produz muitas amendoas. Ha aqui olarias de boa loiça e faz grande commercio em sedas.

Tem um vasto pinheiral, que é do pôvo.

FELGARES—freguezia, Traz-os-montes, concelho de Villa-Flor, comarca de Mirandella. Está annexa á freguezia do *Freixial*. (Vide Freixial.)

FELGUEIRAS—villa, Douro, cabeça de comarca e concelho, 30 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos, 1:400 almas. Orago Santa Eulalia e Santa Maria (ou Nossa Senhora da Expectação.).

No concelho tem 5:800 fogos: na comarca os mesmos, porque é formada só por este julgado.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A villa de Felgueiras não é freguezia, pertence á de Margaride e Padroso, duas parochias que estão annexas.

A freguezia de Margarida, tinha em 1757 150 fogos, e era seu orago Santa Eulalia.

O D. abbade benedictino do mosteiro do Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

A freguezia de Padroso tinha em 1757 60 fogos.

Era seu orago Nossa Senhora da Expectação, ou Santa Maria.

Os monges, jeronymos, do mosteiro de Santa Marinha, da *Costa*, extramuros de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha quarenta mil réis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de outubro de 1514. *Livro dos Foraes Novos do Minho, fl. 45 v. col. 1.*

É concelho muito antigo. Foi primeiramente da comaaca do Porto, e até 1855 comarca da Lousada.

Este concelho e comarca é composto de 32 freguezias, todas no arcebispado de Braga, que são:

Aião, Airães, Borba de Godim e Lixa, Caramôs, Friande e Pinheiro, Jugueiros, Idães, Lagares, Lordello, Macieira da Lixa, Margaride e Padroso, Moure, Pedreira, Pena-Cova, Pombeiro, Rande, Regilde, Refontoura, Revinhade, Santão, Sendim, Sernande, Souza, Torrados, Unhão, Varzeas, Varziella, Villa Cova da Lixa, Villa Fria, Villa Verde, Visella (Santo Adrião) e Visella (S. Jorge.)

—

A familia dos Peixotos tinha aqui uma grande casa e muitas rendas e foros, e era o solar dos Coelhos Peixotos. Antonio Peixoto Padilha, o ultimo morgado desta familia, vendeu tudo.

Para as armas dos Peixotos e Padilhas, vide Fermêdo.

—

FELGUEIRAS—aldeia, Minho, na fregue-

zia de Chamoim, concelho de Terras do Bouro, comarca de Villa Verde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Proximo a esta aldeia e de um ribeiro, que do monte desce á estrada, no sitio chamado *Hervosa*, estavam duas columnas romanas, uma com a inscripção apagada e a outra marca o numero das milhas. Do resto da inscripção apenas se lê.

. . . . . .
BRACARA AUG.
. . . . . .
. . . . . .
A BRAC. . . AUG.
M. P. XXII

N'este mesmo sitio existiu uma outra columna de excessiva grandeza, que os moradores d'aqui levaram para o adro da egreja, pelos annos de 1718, e fizeram d'ella um cruseiro, que ainda existe.

FELGUEIRAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Thomé de Travassos, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Aqui nasceu o célebre classico Manuel de Faria e Souza, cujas numerosas obras foram quasi todas publicadas em hespanhol, nas typographias castelhanas.

Vide Sigude.

FELGUEIRAS—freguezia, Traz-os-Montes comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia está annexa á de Penhas Juntas, do mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

Vide Penas-Juntas.

FELGUEIRAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e proximo de Moncorvo, 150 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Aqui nasceu o célebre chimico, padre Thomé Rodriges Sobral.

Foi concelho, com justiças proprias e independentes. Houve aqui grande lavra de minas de ferro. D. Duarte I, (em 1436) deu grandes privilegios aos que aqui trabalhavam na extracção e fabricação do ferro e a esses operarios se dava o nome de *ferreiros*.

A collegiada da Torra de Moncorvo, apresentava o vigario, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FELGUEIRAS — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende, 12 kilometros a O de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de Rézende apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FELGUEIRAS—freguezia, Traz-os Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo. Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de S. Miguel d'Agrobom. É no districto deBragança, arcebispado de Braga.

FELGUEIRAS—aldeia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Nellas, freguezia de Cannas de Senhorim, 15 kilometros de Viseu, 225 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu

A 500 metros da margem direita do Mondego, junto á aldeia de Felgueiras, nascem as aguas sulphurosas, conhecidas hoje pelo nome d'esta povoação, e que o teem sido tambem pelo de Cannas de Senhorim, de cuja villa dista 2 kilometros, para ESE.

A temparatura d'estas aguas é de 30° cent. e o seu volume é de 50:000 litros em 24 horas. São limpidas e cheiram a gaz sulphidrico.

(Os limos d'estas aguas, depois de sêccos, ardem como se fossem mechas enxofradas.)

Tem um pequeno edificio para onde a agua sulphurosa é conduzida por canaes abertos, e que tem uns pequenos quartos com banheiras.

Ha diligencia diaria entre Mangualde e a Mealhada, passando em Nellas: d'aqui vae-se a cavallo para Felgueiras, 6 kilometros.

Foram analysadas na exposição universal de Pariz, em 1867, e o resumo do relatorio, feito sobre estas aguas, é o seguinte—(traducção.)

«Tiram o seu nome do logar onde nascem. Rebentam na encosta de uma collina, a 500 metros da margem direita do Mondêgo, e a 2 kilometros a ESE. da villa de Cannas de Senhorim. São limpidas e transparentes, não apresentando nada notavel quanto ao gôsto e cheiro: a sua composição é simples e deixam, por kilogramma. O gr. 34467 de residuo fixo, formado de sulphatos e chlorurêtos alcalinos; saes calcareos, de magnesia e de silica, e uma diminuta quantidade de ferro e d'alumina.

«Sua temperatura é 32° 5 C., a 35° C.

FELIX (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Felix.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

FELIX DA MARINHA (S.)—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago S. Felix.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Passava aqui a antiga estrada mourisca. Nos documentos de Grijó se faz larga menção de propriedades por baixo e por cima da estrada mourisca.

Em 1148, Tructezindo Mendes, doou ao convento de Grijó o que tinha em Brantães e em S. Felix «*subter illam stratam mauriscam, discurrente rivulo Cerzedo.*»

Chama-se mourisca, por ser feita pelos mouros; provavelmente por estar já intransitavel a via militar romana, que sahindo de *Conimbriga* (Condeixa Velha) atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra actual, e, sem passar o *Eminio* (rio Agueda) cortava o Vouga proximo a *Talabriga* (Aveiro) e d'aqui, por entre *Lancobriga* (Feira) e o mar, hia a *Cale* (Gaia).

Com o tempo, a costa do mar se entupiu e alteou por causa das areias, e os rios estagnados, não só esterilisaram os campos, mas tambem destruiram as estradas e pontes; por isso os mouros fizeram a sua estrada mais por terra, hindo do Porto por Grijó, Oliveira d'Azemeis, Albergarias (Nova e Velha) Vouga, Agueda, Coimbra, etc., quasi pelo leito da actual estrada real de Lisboa ao Porto.

A povoação da Mourisca, herdou o seu nome, da estrada mourisca.

—

Parte da grande povoação do Côrvo pertence a esta freguezia e parte á de Arcozêllo, tudo no concelho de Gaia. (Vide Côrvo.)

É tambem n'esta freguezia, de S. Felix, a formosa povoação da Granja, concorridissima estação de banhos, e 37.ª estação do caminho de ferro do norte. (Vide Granja).

Está esta freguezia situada no litoral, em terreno levemente accidentado, formoso e fertilissimo. É uma rica povoação, pelo grande e constante commercio que faz com a cidade do Porto.

FERMÊDO—villa, Douro, comarca, concelho e 24 kilometros ao O. d'Arouca, 12 ao NO. de Oliveira de Azemeis, 12 ao ENE. da Feira, 30 ao SE. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 244 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Os Peixotos, senhores donatarios d'esta freguezia, apresentavam o abbade, cujos rendimentos andavam por perto de 1:000$000 réis.

Officialmente denominava-se villa de *Fermêdo;* porém ha uns poucos de seculos que a capital do concelho era a villa de Cabeçaes, e alli havia dois pelourinhos, e duas

casas da camara; um pelourinho e uma casa da camara era da *honra* dos duques de Aveiro, que depois passou aos condes da Feira e depois (por troca) para os Peixotos do Porto (os fidalgos de Simães); e outro pelourinho e casa da camara, que ainda existem, pertenciam ao concelho de Fermêdo.

Quando os povos do norte invadiram a Lusitania, no principio do V seculo, um senhor gôdo povoou e dominou esta freguezia e lhe deu o seu nome. Chamava-se *Pharamundo* ou *Faramondo*. Nos primeiros seculos da nossa monarchia já esta palavra se tinha corrompido em *Fermudo*, e por fim em *Fermêdo*.

O seu primeiro donatario foi o mosteiro de frades bentos de *Castromíre* (Crestuma), ao qual D. Ordonho II, a deu em 922. (Vide Crestuma). Extincto este mosteiro, passou para os duques d'Aveiro, depois (por casamento) para os condes da Feira, e, finalmente (por troca) para os Peixotos do Porto.

—

Este concelho é muito mais antigo do que a monarchia portugueza. Suppõe-se que o conde D. Henrique lhe deu foral, porque no foral velho, que lhe deu D. Affonso III, em 1275, falla-se de um foral antigo.

Tem uma sentença sobre o foral antigo, dada em Fermêdo, a 22 de novembro de 1490. (Veja-se na Torre do Tombo, maço 6 dos foraes antigos, n.º 1. No mesmo maço e numero estão os apontamentos para o foral novo.)

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 27 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 64, col. 1.ª)

Com o fim da freguezia de Fermêdo, no rio Arda (ao NE.) terminava tambem a Terra de Santa Maria (hoje Terra da Feira.)

Este antiquissimo concelho foi supprimido pelo decreto (da regencia do Senhor D. Fernando Coburgo) de 24 de outubro de 1855, contra toda a justiça, em incontestavel prejuizo dos povos do concelho, e sem nenhuma utilidade publica.

Para *commodidade* dos povos (como diz o decreto) a freguezia de Fermêdo, que dista 12 kilometros de Oliveira de Azemeis ou da Feira, foi para o concelho de Arouca, que fica a 24—Escariz, que fica a 9 kilometros de Oliveira de Azemeis, ficou para Arouca, a 24—S. Miguel do Matto, que fica a 12 kilometros da Feira, foi para Arouca, que fica a 27.

Mas o que ainda é mais notavel é o seguinte:

A freguezia de Lourêdo fica a 8 ou 9 kilometros da Feira, e ficou pertencendo a Arouca, que dista 30 kilometros!

Ainda mais. Esta freguezia ficou completamente *insulada*, de modo que, para o povo d'aqui hir para Arouca, tem infallivelmente de atravessar o concelho da Feira!

—

A egreja matriz é de duas naves, e antiquissima. Ignora-se quando foi fundada, só se sabe que o corpo da egreja foi reedificado em 1480. Tendo o terramoto do 1.º de novembro de 1755 arruinado a capella-mór, foi esta reedificada pelo abbade, (que era obrigado á conservação e reparos d'ella) em 1785. Isto consta de uma inscripção que está na parede exterior da mesma capella-mór, que diz:

TERCEIRA VEZ REFORMADA
EM 1785 A.º

Esta inscripção está em uma pedra de granito, e sobre ella, tambem embebida na parede, está uma lapide de marmore durissimo (que com certeza veio de muito longe, porque desde a extremidade septentrional do reino até á Extremadura, não ha semelhante casta de pedra) e n'ella está uma inscripção latina.

(No fim do artigo vae a inscripção, no estado em que se acha actualmente.)

—

Tenho-me cançado a investigar onde seria *Aviobriga*, mas é povoação que não acho em auctor nenhum. *Aviobriga* seria Aveiro? seria Fermêdo?

O que é certo é que *Aviobriga* é incontestavelmente nome de povoação celtica, e tambem é certissimo que Fermêdo foi habitado pelos celtas ha mais de 2:000 annos, porque deixaram aqui vestigios de uma diuturna residencia, pois no monte do Curuto ha mui-

tas *mâmoas*, e no monte de Borralhoso ha um *dolmen*, além de outros mais que o povo tem destruido.

—

É tradição que em Fermêdo houve um castello mourisco, no sitio onde ainda hoje é a casa chamada do *Castello*. Faz acreditar esta tradição uma robustissima muralha de uns 10 metros de altura, e muito bem conservada, que cérca um grande terreiro que está na frente da tal *casa do Castello*. (Esta propriedade é dos srs. Camizões.)

—

Proximo da egreja matriz, em um vasto terreiro, está o paço que foi dos condes da Feira, mas todo desmantelado. Este paço tinha communicação por uma galeria construida sobre arcos de pedra (ainda bem conservados) com uma formosissima capella de architectura musarabe, que está mesmo junto da egreja (apenas a uns 5 ou 6 metros de distancia).

Esta capella foi edificada no seculo XIV, segundo se collige da sua architectura. Foram seus fundadores os condes da Feira, cujas armas magistralmente esculpidas se vêem no frontispicio e no interior, em quatro escudos, a saber: dois dentro, um de cada lado das *credencias* e dois fóra, um de cada lado da porta. Sobre estes escudos estão, no da esquerda do espectador, a figura do sol, e no da direita um crescente, tambem de boa esculptura, mas inferior á dos escudos, manifestando evidentemente não serem obra do mesmo artista. A porta principal era formada por varias columnas esculpidas nas hombreiras e muito floreadas. O côro assentava sobre um bello arco de *ponto abatido*, com bem acabadas esculpturas e era guardado por uma formosa grade de pedra rendilhada. Sobre a cornija em toda, a volta da capella, havia uma *platibanda* de cantaria, que, como um gigante que reforça a parede do norte, mostram ser obra mais moderna. A *platibanda*, como lhe faltou o apoio de grossas traves de ferro, que lhe tiraram em 1834, tombou; mas está ainda toda ou quasi toda sobre as paredes. Esta capella, que está ha mais de 60 annos destelhada e sem portas, é de tal robustez e suas pedras tão bem argamassadas, que promette durar ainda muitos seculos, se a mão impia do homem não antecipar a obra destruidora do tempo.

O ultimo donatario de Fermêdo (Antonio Peixoto Padilha) vendendo tudo quanto aqui tinha, não teve quem lhe comprasse a capella, pelo que está sem dono, e completamente abandonada.

—

O *valle de Fermêdo* é muito lindo e fertilissimo. Abundante de aguas, fresco e aprasivel. Produz cereaes, legumes, vinho, algum azeite e fructas. Cria-se aqui muito gado bovino, que se exporta. As suas vitellas são tão famosas pelo seu delicioso gosto como as de Lafões. Fabrica-se aqui muita e optima manteiga. Ha tambem muitas colmeias e nos montes e serras da freguezia muita caça.

As armas de Fermêdo são como as da Feira, mas sem a legenda.

—

Eis a inscripção que se vê na parede exterior da capella-mór da egreja matriz:

IAFIVS CATURONIS PT. (1)
AVIOBRICI SISHS FT.
AN. XXIIX NICER
TRAI. ER. IXI. EST AN. E. N. O.
PACIINDVM CVRAVII
ARII TRAI. VOLABERI
EX O A. II. OLISIPONĒSIS.

Note-se que ha letras que se não pode evidenciar se são EE se FF, no mesmo caso estão os CC e os GG; finalmente varias das letras d'esta inscripção as ponho, *deitando-me a adivinhar*.

Esta inscripção está quasi indecifravel, porque, além das abreviaturas formadas por uma só letra representando duas e trez, está em partes já pouco legivel, e errada na orthographia.

Apenas se póde colligir que *Jafo Caturão*,

(1) Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote (*Mem. do Arceb. de Braga*, vol. 1.º, pag. 257, n.º 424), os *caturões* eram patricios romanos, que residiam em Braga, e da familia dos Tarquinios. Vide o 1.º vol. d'esta obra, a pag. 470 e 471.

pretor (?) d'Aviobrica dedidcou esta memoria a Trajano, no anno 28.º

Não sei que anno 28 é este. Trajano imperou 14 annos (desde o anno 100 até 114 de Jesus Christo, em que morreu) e portanto similhante data não se póde referir a este imperador. Deixo esta enigmatica inscripção para ser decifrada por pessoas mais competentes do que eu em similhante materia.

O concelho de Fermêdo tinha 1:750 fogos, e comprehendia as sete freguezias seguintes — Fermêdo, Escariz, Mançôres, S. Miguel do Matto, Valle, Lourêdo e Romariz e sua annexa Duas Egrejas.

(Para o mais que aqui não fôr, vide Cabeçaes, Cruto e Borralhoso.)

—

Tendo fallado dos Peixotos, donatarios d'esta freguezia, d'Alfêna, Felgueiras, Vieira, e outras povoações: dou aqui as suas armas, que eram as dos *Coelhos*, *Padilhas*, *Peixotos*, *Pereiras*, *Pintos* e *Silvas* — todos appellidos nobres de Portugal.

Coelhos — em campo de ouro um leão de púrpura, faxado de tres faxas, empequetado d'ouro e asul, armado de púrpura, e uma bordadura asul, com sete coelhos de prata, malhados de preto. Timbre o leão das armas, com um coelho nas garras. Trazem a legenda «*Nos a sanguine Regum venimus, et nostro veniunt sanguine Reges.*»

Padilhas — Appellido tomado do logar de *Padilha* (junto á cidade de Burgos na Castella Velha, Hespanha) trouxe-o para Portugal Pedro Norberto d'Harcourt e Padilha, que foi em Portugal secretario do desembargo do Paço, na repartição do Minho.

Suas armas (incompletas) são — em campo asul, 3 pás de prata, em 3 palas, entre 3 minguantes, no chefe, e tres crescentes de prata no contra-chefe — todos seis na direcção das pás — um por cima e outro por baixo — e mais 3 crescentes, em pala, tambem de prata. Timbre, uma aguia negra, voante.

Note-se que só o ultimo donatario de Fermêdo (Antonio Peixoto) é que era da familia Padilha, por sua mãe.

Peixotos — é familia portugueza. No tempo de D. Affonso II (que subiu ao throno em 1211) já ha noticia de *D. Gomes Peixoto, o velho*, filho de D. Egas Henriques, de Porto-Carreiro. D. Gomes, tomou o appellido da quinta de *Pardêlhas* (peixe pequeno) de que era senhor, no concelho de Monte-Longo, comarca de Guimarães, onde tinha o seu sollar.

Tinham os Peixotos um morgado, em *Pombeiro* (Douro) comarca e concelho d'Argamil, instituido por Vasco Gonçalves Peixoto. Outro morgado, chamado de *Pousada*, instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, conego da Sé de Braga, e por seu irmão Gomes Gonçalves Peixoto. Passou esta familia á provincia do Alemtejo, Fermedo, Peso da Régua, Lamego, Vieira e outras terras do continente, e ás ilhas dos Açores.

Trazem por armas — escudo xadrezado de ouro e asul de 6 peças, em faxa e 7 em pala. Elmo d'aço aberto, e por timbre um corvo marinho, da sua côr, com um peixe de prata no bico.

Como no portuguez antigo *peixôto* é diminutivo de peixe, e como *pardêlha* é um peixe pequeno, d'aqui se deriva a alcunha de *Peixôto*, que depois passou a appellido.

Outros Peixotos, usam das mesmas armas mas têem por timbre, em logar do côrvo um golphinho, com o peixe (pardelha) na bôca, tudo de prata.

Ha ainda outras familias de *Peixotos Barretos* e *Peixotos Cachos* (vide Elvas) que usam outras armas.

Pereiras — vide Feira.

Pintos — Vide Feira.

Silvas — esta familia veio da Galliza, e tem o seu solar na *Torre da Silva*, povoação situada sobre a margem direita do rio Minho, em territorio gallégo.

Passou a Portugal, na pessoa de D. Gutierres Paes Alderête, companheiro do conde D. Henrique (pae de D. Affonso I de Portugal). Era *rico-homem* de Castella, e casado com D. Maria Peres Andia. Teve um só filho, D. Payo Gutierres da Silva, que foi senhor da *quinta da Silva* (que julgo ser a

actual quinta da *Gandarella*, na freguezia de Reboréda, concelho de Villa Nova da Cerveira, hoje pertencente aos herdeiros de Sebastião de Castro Lemos, da Casa do Côvo).

Foi alcaide-mór do castello de Santa Olaia, junto ao rio Mondêgo, por baixo da villa de Monte-Mór Velho.

Suas armas são—em campo de prata, leão de púrpura, lampassado de azul. Elmo d'aço aberto, e por timbre o mesmo leão das armas.

D'esta familia eram os condes d'Aveiras, que ao leão do escudo juntaram uma cercadura de silvas verdes.

O 1.º conde d'Aveiras, foi João da Silva Tello de Menezes, feito por Philippe IV, em 24 de fevereiro de 1640.

Ha ainda mais dois troncos d'esta familia.

Os que procedem de D. Pedro da Silva tem por armas—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º de púrpura, 6 besantes de oiro, entre uma dobre cruz (como as dos Mellos) e bordadura do mesmo—no 2.º e 3.º de prata, leão azul, e por tmbre uma aguia negra, abesantada de ouro.

Os Silvas, da casa dos condes de Unhão, teem por armas—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de oiro, liso; 2.º e 3.º de prata, leão de púrpura. Timbre, uma donzella, com um escudo de oiro na mão esquerda.

FERMELAN ou **FORMELÃO**—freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho d'Angeja, até 1855, e desde então comarca e concelho de Estarreja, 15 kilometros ao N. de Aveiro, 264 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 357 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Derivado do francez *ferme* (granja ou casal). D'isto fizeram os antigos portuguezes *formal*. *Formelans* ou *Formelães*, é o territorio onde ha *formaes*. Vide *Formal*.

As freiras dominicas, do convento de Jesus, de Aveiro, apresentavam o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É aqui a casa dos herdeiros do desembargador Francisco Lourenço d'Almeida.

É uma freguezia grande, bonita e muito fertil, proxima ao famoso *campo d'Angêja*.

FERMENTÉLLOS—freguezia, Douro, concelho d'Eixo, comarca d'Aveiro, até 1853, e desde então concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia, 9 kilometros ao N. de Aveiro, 245 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada ao O. e proximo do ribeiro ou *pateira* do seu nome.

É terra fertilissima, sobretudo em milho.

A *pateira* de Fermentellos tem 4 ½ kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia. Vide Eixo e Pateira.

FERMENTÕES ou **FERMONTÕES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, nem no *Diccionario Geographico* de Almeida, de certo, por descuido, pois existe.

O seu nome é derivado de *foramontãos*. Vide esta palavra.

É terra fertil.

FERMENTÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Salsas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

A mesma etymologia da antecedente. Esta freguezia foi ha muitos annos annexada á de S. Nicolau, de Salsas.

FERMIL—grande povoação, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, no arcebispado e districto administrativo de Braga, 4 kilometros ao E. da villa de Freixieiro, 40 a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

É uma das maiores e melhores aldeias da provincia, que bastante tem prosperado ha

cousa de 30 annos, e que bem merecia o titulo de villa; pois é maior e melhor do que muitas povoações que têem esta cathegoria.

FERNÃO JOANNES — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O ordinario apresentava, por concurso, o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

FERRADOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, até 1855, e desde então do mesmo concelho, mas da comarca de Moncorvo, 390 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Santo Amaro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Pedro, de Alfandega da Fé, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FERRADOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 20 fogos em 1757.

Orago Santa Maria.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi ha muitos annos annexada á de S. Mamede de Guide.

FERRAGIAL, FERREGIAL e **FERRAGINAL**—(portuguez antigo) terra semeada de *ferran*, na accepção restricta da palavra; mas amplia-se muitas vezes a qualquer terra que produz herva para o gado. Hoje diz-se prado, lameiro, pastio ou pastagem.

Em Lisboa ha duas ruas e uma calçada com o nome de Ferregial; provavelmente porque aquelles sitios estavam em tempos antigos reduzidos a campos de herva.

FERRAGUDO—freguezia, Algarve, comarca de Silves, concelho da Lagôa, 50 kilometros de Faro, 234 ao S. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

Situada na foz e margem esquerda do rio Portimão, pouco a cima da fortaleza de S. João, na encosta d'um serro, com frente para o rio. Suas ruas são tortas e quasi todas de ladeira, mas com bastantes casas bôas e modernas. Tem uma bôa egreja, feita a requerimento da camara de Silves (a que pertencia esta freguezia) com o privilegio de nunca ser desannexada do seu termo (!) por carta de 21 d'agosto de 1520. (Lei 11 de D. João III, fl. 24.)

Esta freguezia foi eregida em 1749, pelo bispo do Algarve, D. Ignacio de Santa Thereza. Pelo terramoto de 1755, tinha 60 fogos.

O mar entrou então pelas casas e derrubou 20 e tantas; mas não morreu ninguem.

Os pescadores d'aqui são muito peritos no seu officio e audaciosissimos, hindo pescar mais longe do que os outros do Algarve.

Faz-se aqui muito azeite de peixe. Nos mezes d'inverno, passada a *temporada*, vão nos seus cahiques pescar nos mares de Lisboa, e n'esta cidade vendem o peixe que pescam. Tambem se occupam no transporte das fructas e artefactos do paiz

Tem uma escola de instrucção primaria, fundada por decreto de 16 de novembro de 1839.

É terra fertil. Exporta muito e optimo figo sêcco.

FERRAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mantalegre, foi até 1855 do concelho de Ruivães. 50 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

É terra muito fertil.

A esta freguezia está ha muitos annos annexa a de Codeçoso do Arco. Vide esta palavra.

É da casa de Bragança, que apresentava o abbade, o qual tinha 300$000 de rendimento annual,

FERRÃO — Vide *Pontos do Douro*.

FERRARIAS — Vide *Aljesur*.

FERRÁRIOS — Vide, *Ferreiros*.

FERREGIAL, FERRAGEAL, e **FORRAGEAL** etc.— Portuguez antigo — Vide Ferragial, na pagina antecedente.

FERREIRA — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Suppõe-se que se deu o nome de Ferreira ás povoações onde havia minas de ferro.

A casa dos Silvas Telles, de Lisboa, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento. (Estes Silvas Telles, succederam a Gabriel Pereira de Castro, pelos Caldas de Vascões.)

Na casa do Paço, d'esta freguezia, se diz nascêra, em 1521, o primeiro bispo d'Elvas, D. Antonio Mendes de Carvalho.

N'esta freguezia, em Linhares e em outras povoações circumvisinhas, ha muitos vestigios de edificios antigos e de fortificações do tempo dos romanos. Ainda conservam aquelles o nome de *Cividades*, e estas o de *Crastos*. A O. e proximo á egreja, estão as ruinas de uma fortaleza, chamada a *Modôrra*, nome celta, que parece indicar ter aqui havido algum monumento celta (mâmoa.) A um kilometro ao S., junto ao rio Coura, ha vestigios de um castello, que dizem ser dos mouros: chama-se *Crasto de Brosendes*. Aqui appareceram moedas d'ouro e prata romanas.

Tem esta freguezia uma boa egreja matriz. Nos passaes estão as ruinas da residencia. Diz-se que um abbade d'aqui morreu de susto, porque um rapaz, vestido de defunto, lhe appareceu em uma noute; desde então, mais nenhum abbade alli quiz morar mudando a sua residencia para a aldeia de Villa-Mende. Vide Villa Mende e Paço de Ferreira. Se não está errada a data que se vê sobre a porta da residencia parochial da freguezia, é ella muito antiga, pois diz —

«Era 1002, que corresponde ao anno 964 de Jesus Christo.»

FERREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira; foi do concelho de Maiorca até 1855, 24 kilometros a O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É fertil.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40 mil réis, e o pé d'altar.

FERREIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda 455 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros, apresentava o cura confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FERREIRA (do Alemtejo) e **VILLASBOAS**, (ou Villas Lobos) — villa e freguezia, Alemtejo, cabeça de concelho, no bispado districto e comarca de Beja, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 820 fogos, 3:200 almas. No concelho 1:400 fogos.

Em 1757 tinha Ferreira 70 fogos e Villas Bôas 24.

Orago de Ferreira, Nossa Senhora d'Assumpção, que é o actual, e de Villas Bôas, Nossa Senhora da Natividade.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes, vinho, azeite e frutas.

Ha por aqui bastante caça miuda.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa a 5 de março de 1516 (*Livro de Foraes Novos do Atemtejo, fl. 86, col. 1.ª*)

Grande feira a 16 de setembro.

A mesa da consciencia, apresentava o prior de Ferreira, que tinha 210 alqueires de trigo, 180 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O papa apresentava o prior de Villas Bôas que tinha 150$000 réis de rendimento.

Estas duas freguezias estão ha muitos annos annexas, formando uma só.

Em um monte, ao E. da villa, está um castello, cercado de muralhas, com 9 torres e suas barbacans, que, segundo a tradição, foi fundado por D. Gualdim Paes, mestre do Templo (vide Amares, Almourol e Thomar) pelos annos de 1150.

Proximo á villa ha vestigios de uma povoação, que, segundo alguns escriptores, foi a cidade romana chamada *Singa*, na qual se fez célebre uma lusitana, defendendo heroicamente a porta do castello, contra os godos, com um malho na mão (outros dizem com dous, um em cada mão) no anno 405 de Jesus Christo.

Em memoria d'este facto, tem a villa por armas, uma mulher, com um malho em cada mão.

Ha 104 annos (1770) ainda se viam junto á villa (a E,) restos de edificios, em uma extensão de trez kilometros.

Julga-se que esta cidade foi destruida pelos godos, por causa da sua tenaz resistencia.

Passam proximo da villa as ribeiras de Valle d'Ouro e Safrins. A primeira dista 1:500 metros da villa, e a segunda 3 kilometros. Os bordallos de Safrins, dão-se aos doentes.

Em 1796, appareceram aqui muitas medalhas de prata e cobre, de varios imperadores e consules (e até de familias patricias romanas.) As de prata foram achadas em um sitio, entre Ferreira e Barrellas, e as de cobre em um monte sobranceiro ao Valle da Ribeira. Tambem então appareceram varios instrumentos agrarios, domesticos e fabris. Eram todos de ferro, mas estavam muito oxidados.

Perto da villa, está a freguezia da Figueira dos Cavalleiros, assim chamada por n'ella residirem (segundo a tradição) 20 cavalleiros, que tinham optimos cavallos, famosos em toda a provincia.

—

O concelho de Ferreira é composto de cinco freguezias, todas no bispado de Beja são:

Ferreira e Villas-Bôas, Figueira dos Cavalleiros, Alfundão, Peroguarda e Santa Margarida do Sadão.

—

FERREIRA—villa, Douro concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada, 20 kilometros ao NE. do Porto, 30 ao S. de Braga. 340 ao N. de Lisboa, 230 fogos (900 almas)

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Pedro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor era de collação ordinaria, por concurso synodal, e tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi couto dos frades cruzos de S. Pedro de Ferreira, e depois dos bispos do Porto.

Houve aqui um mosteiro de templarios, que desde 1319 passou a ser de cruzios.

D. João d'Azevedo, bispo do Porto, uniu e annexou este convento, *in perpetuum*, á mesa pontifical, da cathedral do Porto, por bulla de Sixto 4.º, em 1475.

Ainda conserva o nome de *mosteiro*, e tem uma collegiada, com beneficiados.

Foi este convento fundado por D. Soeiro Viegas (tronco dos Pachêcos) em 1120.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de setembro de 1514 *(livro dos foraes novos do Minho, fl. 58, col. 2.ª)*

Serve tambem para Parada e Portella.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente o nome de *S. Pedro Fins de Ferreira.*

FERREIRA D'AVES — villa, Beira Alta, concelho de Satão, comarca e 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 650 fogos, 2:600 almas.

Em 1757 tinha 529 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu

Os duques de Cadaval, marquezes de Ferreira, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

Situada na margem direita do Vouga, em frente de Villa-Rei, que é na margem esquerda, já no bispado de Coimbra.

É povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos. Abandonada pelos arabes, esteve alguns annos quasi deserta, até que D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques a mandaram povoar e lhe deram foral, em 24 de novembro de 1126, com muitos privilegios. (Franklim diz que D. Thereza deu este foral em 1136, o que é manifes-

to engano, visto que esta senhora falleceu em 1130.)

O foral elleva Ferreira d'Aves á cathegoria de villa, constituindo concelho independente. Mas D. Thereza (como muitos escriptores dizem) não achou esta terra despovoada, o que ella fez foi augmentar-lhe a população.

(Note-se que n'aquelles tempos chamava-se *povoar uma terra* ao acto de lhe dar foral.)

Logo em 1126, foi pela *rainha* e seu filho dado esta terra a Fernão Jeremias, fidalgo leonez, que em 1093 tinha vindo para Portugal com o conde D. Henrique.

[Casou este fidalgo, aqui, com *D. Maria Soares*, filha de *Soeiro Viegas* (que fundou o mosteiro de cruzios, de *Ferreira* de Santo Thyrso, e outro aqui, de que logo tratarei).

Não pude saber porque titulo, em 1156 já metade d'esta villa era dos templarios. O foral velho (o de D. Theresa) é escripto no latim barbaro d'aquelles tempos, e dá á villa o nome de *Ferreira d'Aules* (que de certo é corrupção de *ales* (aves).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. N'este foral está a traducção do antigo.

Parece que os templarios não residiram aqui muitos annos, nem se occuparam na restauração do castello; antes a cantaria do antiquissimo que aqui havia (com toda a probabilidade romano) foi empregada toda, depois, no magestoso templo de Santo André e n'outros edificios. Estabelecidos já os templarios no seu castello de Soure, trocaram com os *cavalleiros do hospital* (Malta) o que aqui tinham.

Os de Malta aqui residiram algum tempo no logar ainda por isso chamado *Cas-Freires* (Casa dos Freires) e ainda aqui estavam no tempo do rei D. Diniz.

El-rei D. Manuel fez marquez de Ferreira a *D. Rodrigo de Mello*, conde de Tentugal. Quando os marquezes de Ferreira passaram a ser duques de Cadaval (1548) ficou intitulando-se marquez de Ferreira, o filho primogenito d'aquella casa. (Vide Cadaval.)

N'esta freguezia está o convento da *Fraga*, que foi de frades capuchos da Conceição. N'elle viveu, escreveu, falleceu e jaz o bem conhecido antiquario e consciencioso escriptor, *fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*, auctor do tão lido e geralmente apreciado *Elucidario*. Nasceu em Gradiz pelos fins do seculo XVII, ou principios do XVIII. (Vide Gradiz.)

Tambem aqui foi conventual *fr. Francisco dos Prazeres Maranhão* (o *Flaviense*) auctor de um *Diccionario Geographico de Portugal* (muito resumido).

Ha aqui um convento de freiras benedictinas, que alguns escriptores dizem que esteve primeiro no *Barrocal*, mas é erro. O principio d'este convento é o seguinte.

Soeiro Viegas, (de que já fallei) fundou aqui um *mosteirinho* para eremitas (ermitães) em 1111, junto á capella de Santa Eufemia, que já n'esse tempo era muito antiga. *Dona Mayor Soares*, filha de Soeiro Viegas, amplíou o edificio, e por fim o transformou em mosteiro de freiras bentas. Esta *Dona Mayor Soares* era viuva de *Pelagio Fernandes*. (Adiante direi mais alguma coisa d'esta senhora.)

—

Ferreira d'Aves foi por sete seculos concelho independente, com juiz ordinario e das sizas e orphãos, camara, escrivães, etc., e até, segundo diz *Viterbo* (que além de ser um escriptor muito verdadeiro e investigador, aqui escreveu) já tinha *juiz de fóra* no tempo de D. Affonso Henriques, assim como a villa de *Cótta*, sua visinha; mas ambas deixaram perder esta *regalía*, usurpando os senhores da terra o direito de nomear juizes.

Não valeram a esta villa, nem a sua veneranda antiguidade, nem os fóros e privilegios de seus regios pergaminhos; nem as suas tradições, para escapar ao furor dos modernos reformadores, e o seu concelho foi supprimido, passando a formar parte do concelho de Satão.

A capital do concelho de Ferreira d'Aves era a villa do *Castello*.

Ferreira d'Aves era o solar dos *Ferreiras*.

O primeiro que usou o appellido de *Ferreira* foi *Ruy Pires de Ferreira*, bisneto de *Fernão Jeremias* (de quem já fallei), em 1191.

Quando Dona Mayor Soares transformou o convento de frades em freiras, foi com tenção

de se recolher a elle com algumas suas filhas, sobrinhas e parentas. Em 1136 já n'elle havia freiras, e em 1170 já o convento era bastante rico. Em maio d'este ultimo anno, sendo abbadessa *Maria Fernandes*, doou ao conveno *Sancha Pires* a sua herdade de *Barreiros*.

Passados alguns annos entraram para o convento Dona Mayor Soares com suas 3 filhas, *Dordia*, *Thereza* e *Mayor*.

Logo que Dona Mayor entrou para o convento, os outros seus filhos, *Pedro*, *Egas*, *Soeiro*, *Fernando*, *Mendo*, *João*, *Affonso*, *Martinho*, *Maria* e *Marinha* lhe demittiram as herdades que tinham no bispado de Lamego, que eram a quinta de *Maçans*, com todas as suas pertenças; dois casaes em *Moimenta*; dois em *Quintella*; um no *Omisio*, e o mais que lhes pertencia em *Almakavi* e *Lama*; e davam isto a «*Nostræ Matri et filias vestras Dordia, Tarasia et Mayor Pelagii.*» Esta doação não tem data, mas foi pelos annos 1181.

Martinho Paes, um dos doadores, filho de D. Mayor Soares, foi abbade de Santo André de Ferreira, e depois bispo da Guarda, e deu ao convento de Santa Euphemia, em attenção a uma de suas irmans, que era alli abbadessa, todos os dizimos das terras que o mosteiro fizesse cultivar em toda a sua freguezia, *que se estendia desde o Vouga até ao Paiva!*

Não pude saber quando este mosteiro tornou a ser habitado por frades; é porém de suppôr que por morte de Dona Mayor e suas filhas, faria *Martinho Paes*, já bispo da diocese, esta mudança recolhendo-se n'este mosteiro como seu irmão João Paes se tinha recolhido ao de Santa Cruz de Coimbra, d'onde sahiu para primeiro deão da Guarda.

Em 1206 andavam os monges de Santa Eufemia todos afadigados na reedificação da sua egreja e nas officinas da sua abbadia. Os bispos de Lisboa, Guarda, Viseu e Lamego ajudaram a esta sobras.

Em 1207 ainda aqui residiam os frades, com o seu prior, fr. Lourenço; mas em 1209 já havia outras freiras aqui, das quaes era abbadessa D. Maria Fernandes, que ainda o era em 1228. (Se era a mesma *Maria Fernandes*, abbadessa em 1170, morreu velha.)

Desde então continuaram a viver aqui freiras bentas, até ao meiado do seculo XV, em que as professas d'este instituto se esqueceram inteiramente d'elle (no que tiveram muitas imitadoras, — vide sobre tudo Recião) e das obrigações do seu estado; seguindo-se á corrupção dos costumes o despreso dos póvos a estes conventos e a suppressão de muitos d'elles.

Por morte da abbadessa *Leonor Pires Mourata*, *D. João de Chaves*, bispo de Viseu, lhes não permittiu elegerem abbadessa, e havendo então aqui 6 ou 7 freiras, as lançou fóra do mosteiro, reduzindo este a egreja e *beneficio* secular, unido ao *mestre-escolado;* dignidade que de novo havia instituido na sua cathedral.

Largas e renhidas foram as contendas que isto originou. Em 1448, *por administração e cargo que então havia no mosteiro de Santa Eufemia*, fez o dito bispo prazo a *Gonçalo Annes* e sua mulher, do casal de *Bordonhos*, que era do mosteiro; porém, desde 1450 até 1455 habitaram n'elle os religiosos terceiros de S. Francisco, postos alli pelo prelado. Vendo, porém, *estes bons frades* que as freiras expulsas queriam viver regularmente n'esta casa, promptamente as admittiram.

Ellas elegeram então para abbadessa *Ignez Martins*, por auctoridade de *D. Alvaro*, bispo de Silves e legado *a latere* — e em 4 de novembro de 1460, obtiveram final sentença, dada por *D. Fr. Fernando*, abbade de Salzedas, e juiz apostolico — e desde então se tornou este um dos conventos mais respeitaveis e exemplares de Portugal, pela virtude e santidade de suas religiosas.

—

A collegiada de Santo André de Ferreira d'Aves, principiou com 5 *raçoeiros* sujeitos ao abbade, isto talvez antes do bispo *D. Egas*, que foi o que lhes deu estatutos. Já no tempo de *Fernão Jeremias* se haviam supprimido as *duas egrejas*, das quaes apenas resta a lembrança, no logar que ainda tem este nome (Duas-Egrejas).

No principio do seculo XIV se erigiram

duas egrejas ruraes (*S. Miguel de Lamas* e *Forles*) que foram unidas à collegiada, pelo bispo D. Egas (que o foi desde 1287 até 1313).

Em 1331, *D. Miguel Vivas*, estando em visita no *Castello de Ferreira*, a 30 de dezembro, deu nova fórma e estatutos novos a esta collegiada; *por consentimento dos senhores da terra, Lopo Fernandes Pacheco* e sua mulher *D. Maria Gomes Taveira;* podendo os *raçoeiros* ser 10, e que *chegando a este numero, se podessem chamar conegos e ter deão*—tendo só *prioste* emquanto não tivessem tal numero—que as rendas ecclesiasticas d'este concelho se dividissem em tres partes, a primeira para o cabido (*livre de todo o encargo*) a segunda para o abbade, e a terceira repartida entre os beneficiados, tirando-se d'estas duas terças partes *tudo o que fôr preciso para a fabrica e reparos da egreja=e que não vençam as suas porções, senão os que forem presentes ou legitimamente impedidos, por molestia, serviço da egreja, ou por mandado superior.*—(Docum. da Camara Eccles. de Viseu.)

Lopo Fernandes Pacheco, que em 1331 era senhor de Ferreira d'Aves, como vimos—era um dos *cavalleiros da tavola redonda*, e um dos célebres «*Doze de Inglaterra*». (Vide *Cêa* e *Pachacos*).—Seu filho, *Diogo Lopes Pacheco* foi um dos cobardes assassinos da formosa e infeliz *D. Ignez de Castro*, o qual escapou ao cruel mas justo castigo dos seus cumplices, por ter fugido a tempo para Castella e de lá para França. (Para evitar repetições enfadonhas, vide *Pachacos*, onde vem mais alguma coisa a este respeito.

D. João Fernandes Pacheco, filho de Diogo Lopes Pacheco, passando-se para os castelhanos (como digo em *Pachacos*), perdeu o senhorio de Ferreira d'Aves, que passou a outros, até que por fim veio a ser da nobilissima casa do Cadaval. (Vide Coimbra e Gaya.)

—

Até 1517 formavam as villas de *Ferreira d'Aves* e a de *Villa-Rei* um só concelho, cuja capital era *Castello de Ferreira*, e o rei D. Manuel as dividiu então, fazendo dois concelhos independentes.

—

A pedido de *Diogo Lopes Pacheco*, senhor d'esta villa, eximiu D. João I, em 1389, as freiras d'aqui, de pagarem *jugada* na sua quinta da Arrancada (julgado do Vouga) e mandou que tambem não fossem obrigadas a *mostrar cavallo, no primeiro de maio.*

(Em Viseu e seu termo todo o chefe de familia era obrigado a *mostrar* no primeiro de maio de cada anno, um cavallo de marca, proprio para a guerra, e o que o não mostrasse tinha uma multa. A esta multa se chamava *cavallo de maio.*)

FERREIRA DO ZEZERE—villa, Extremadura, cabeça do concelho de seu nome, na comarca de Thomar, d'onde dista 12 kilometro, 30 ao N. de Abrantes, 60 ao S. de Coimbra, 144 ao NE. de Lisboa, 480 fogos, 1:900 almas.

No concelho 2:560 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima. Foi povoada por *mestre Gualdino* (D. Gualdim Paes de Marecos, mestre da Ordem do Templo) em junho de 1156, dando-lhe elle então foral; mas em 1222 vemos senhores d'esta povoação, um grande fidalgo (*ferreiro* de profissão) chamado Pedro, e sua mulher, Maria Vasques, que n'esse anno deram foral *aos que andavam povoando uma sua herdade chamada Ozezar, nas margens do Zêzere «quæ vocatur de novo Villa Ferreira.»*

D. Affonso II confirmou, a este *ferreiro fidalgo*, a doação que seu pae, D. Sancho I, lhe havia feito de *juro e herdade*, de uma grande porção de campo, no sitio dos *Ordiaes*, que parte com o termo de Thomar, em premio dos seus grandes serviços. A carta de confirmação é datada de Santarem, a 5 de julho de 1191: a confirmação de D. Af-

fonso II não tem data; mas deve ser por ahi de 1218, que foi quando elle, estando em Santarem, confirmou grande numero de foraes e doações de seus pae, avô e bisavô.

D. Sancho I, deu ainda a este illustre *ferreiro*, a herdade de *Valdorjães*, no termo de Thomar, em 1190, e no de 1225 a deu o *ferreiro* aos templarios, e no mez de maio d'esse mesmo anno, o ferreiro, sua mulher, e sua filha Maria, deram aos templarios *todas as suas herdades de Ordiaes e Villa Verde.*

Eu estou convencido que não era *ferreiro* nenhum: que era um fidalgo chamado Pedro Ferreiro, a que algum copista pespegou um *f* pequeno no appellido.

É verdade que na Arrifana de Sousa houve um nobre fidalgo, que exercia a profissão de ferreiro, sem que as chispas do *ferro rubro* lhe chamuscassem os pergaminhos; e até de mais a mais morreu com fama de santidade. (Vide Arrifana de Sousa.)

Em 1306, deu D. Diniz aos templarios o padroado d'esta villa.

—

D. Manuel deu foral novo a esta povoação (elevando-a então á cathegoria de villa) datado de Lisboa, a 12 de março de 1513.

Outros porém sustentam que já era villa, feita por D. Affenso V, em 1450.

—

É terra muito abundante d'aguas, fertil e sadia. Situada em planicie, mas o seu termo do lado do *Zêzere* é terreno fragoso, com muitas serras de desmedida altura e grandes penhascos. Tem á beira do rio *Zêzere* um cabeço muito alto, separado dos mais, e n'elle uma capella, de cantaria lavrada, muito antiga, dedicada a S. Pedro, apostolo.

Diz-se que no sitio da *Castanheira*, tambem á beira do rio, houve em tempos remotos um convento de frades bentos, que deixou de existir ha muitos annos e que das pedras da sua egreja fizera a actual capella uma *D. Antonia*, d'esta villa. Ha n'este cabeço sepulturas vazias, feitas á maneira de caixas, a que chamam *sepulturas dos mouros*. É provavel que fosse aqui algum *almocabar* dos arabes.

—

Esta villa é do bispado de Coimbra e fica fronteira a Villa Rei, que é do outro lado do rio (margem esquerda) e já no bispado da Guarda.

—

Este concelho é composto de 9 freguezias, sendo 5 em Coimbra e 4 na prelasia de Thomar, hoje patriarchado.

As do bispado de Coimbra, são: Ferreira do Zêzere, Aguas-Bellas, Payo Mendes, Dornes e Bêco.

As da prelasia (isento) de Thomar, são: Areias, Pias, Chãos e Egreja Nova.

—

Em grande extensão de territorio d'este concelho e nas proximidades de Thomar, ha importantes minas de ferro, manifestadas em 1873 e 1874.

FERREIRIM—freguezia, Beira-Alta, concelho de Cernancelhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamego, proximo da pequena villa da *Lapa*, 324 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Estevão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil.

Foi do concelho de Fonte Arcada, que se supprimiu em 24 de outubro de 1855.

O reitor de Fonte Arcada, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FERREIRIM—freguezia, Beira Alta, comarca e 6 kilometros de Lamego, concelho de Tarouca, 320 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Em uma elevada collina, coberta de frondosa vegetação, está a rica ermida de *Nossa Senhora da Guia, dos Cyprestes*, com sua *galilé*, ou vestibulo, e um pequeno jardim, e casa de habitação dos ermitães. Tem um espaçoso adro, com uma copiosa fonte de boa agua.

A imagem da Senhora é de *roca* e muito antiga.

D'este sitio se gosa uma extensa e bonita vista.

Ha aqui grandes festas a Nossa Senhora, na primeira oitava da paschoa, e no domingo seguinte (por occasião de hir a Cruz de Sepões á capella, como é obrigada, por costume immemorial.)

Ainda nos seguintes domingos continuam a hir alli muitos romeiros; mas a maior concorrencia é nas duas primeiras solemnidades. Nas casas dos ermitães viveram por muitos annos algumas *recoletas*, ou *beatas*; mas, no seculo XVIII não entraram mais nenhumas, pelo que foram acabando as que havia, e no fim do dito seculo já não existia nenhuma. Jazem sepultadas na mesma capella.

Junto ao templosinho estão dois vetustos cyprestes, bastante corpulentos. É por isto que á capella de Nossa Senhora da Guia, se lhe dá o *sobrenome*, dos *Cyprestes*.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

FERREIRIM (convento de)—vide Bertiandos.

FERREIRIM—vide Mós.

FERREIRÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Martinho (o *Portugal Sacro* diz que é Santa Marinha.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 150$000 réis.

É terra fertil.

FERREIRÓS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 50 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

FERREIROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia já não existe, como tal, por estar ha muitos annos annexa á do Edral. Vide esta palavra.

FERREIRÓS ou **FERREIROZ**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 264 ao N. de Lisboa, 138 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Miguel, de Papisios, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

FERREIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (foi até 1855 do concelho de S. João de Rei) 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de Nossa Senhora da Graça (Populo) de Braga, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a quinta da *Torre*, que foi dos marquezes de Monte Bello. É o solar dos Machados, por D. Maria Moniz, filha de D. Moninho Osorio, neta do conde D. Osorio, povoador d'estas terras. Esta D. Maria teve de Mem Moniz de Gondarem (outros dizem que foi de D. Sancho I) a Martim Martins, que com um machado arrombou as portas de Santarem (8 de maio de 1147) sendo dos primeiros que entrou na praça. D'este acto lhe proveio e aos seus descendentes, o appellido de *Machado*.

Pedro Machado foi senhor d'Amares, porque comprou este senhorio, por 500 corôas, que D. João I devia a D. Maria de Azevedo, viuva de Alvaro de Biedma, dando-lhe o rei esta terra com a obrigação do pagamento d'aquella divida.

FERREIROS—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então é da de Villa Verde, d'onde dista 6 kilometros a E., concelho d'Amares. 10 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação, ou Nossa Senhora do Ó.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha de rendimento 440$000 réis.

É aqui a torre e solar da nobilissima familia dos Vasconcellos, descendentes de Ramiro III, de Leão, e de sua irman, a infanta D. Ermenezinda, de cujo incestuoso ajuntamento, tido na casa de Lóbios (Galliza) solar dos Vellosos, nasceu o infante D. Velloso, pae do conde D. Osorio (que veio povoar estas terras, em tempo do conde D. Henrique.) Era parente de D. Egas Moniz.

Descendem d'este D. Velloso, tambem os marquezes de Castello Melhor, alcaides-móres de Pombal, senhores de Valhelhas, Famalicão, Almendra e Moura, e do concelho e solar d'Alvarenga.

É tambem n'esta freguezia a antiga e nobre casa da *Corredoura*, da qual é actual representante o sr. dr. Antonio d'Amorim Soares de Azevedo.

Foi antigamente da comarca de Vianna, visita d'Entre Homem e Cávado.

Situada em terreno quasi plano, com bonitas vistas.

Grande feira (em todas as quartas feiras do anno), de gado e varios generos, em um vasto terreiro da freguezia. Chama-se *Feira Nova*, porque foi para aqui mudada do sitio antigo, que era na freguezia de Carrazêdo. Vide Carrazêdo.

Tem tambem uma boa feira annual, a 5 e 6 de maio.

A egreja matriz é um templo vasto e bom; foi edificado em uma pequena elevação, quasi na extremidade oriental da freguezia, no anno de 1802, á custa do povo da parochia.

Tem uma soffrivel torre, e um extenso e bonito adro, feito em 1844, á custa dos freguezes.

A antiga matriz era uns 80 metros ao sul da actual, dentro do *quinteiro* (pateo) da residencia parochial.

Ha n'esta freguezia duas capellas, muito antigas — Santa Catharina e Santa Luzia.

É terra muito fertil em cereaes, vinho (verde), azeite, linho e optimas laranjas e outras fructas.

—

A E. d'esta freguezia, corre o ribeiro do *Barrio*, que nasce na freguezia de Caires, e morre na direita do Cávado. Réga e móe.

Pelo centro d'esta freguezia de Ferreiros, passa a estrada districtal de Barcellos a Monte Alegre, que anda em construcção (1874).

FERREIROS—villa, Extremadura, na freguezia da Moita dos Ferreiros, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

É povoação muito antiga. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de março de 1514. Este foral é tambem o do Soalhal.

Era capital do concelho do seu nome, hoje extincto. Tinha camara, juizes e mais auctoridades e empregados publicos.

Vide Moita dos Ferreiros.

FERREIROS D'AVÕES—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 2 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, vulgo, das Candeias.)

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra fertil.

FERREIROS DE TENDAES—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 24 kilometros ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 340 fogos, 1:300 almas.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada na margem esquerda do Douro, no declive da serra de Monte Muro (ou Monte do Mouro) do lado do N. d'ella. Esta serra, com as da Franqueira, Castro, S. Macario, Pernaval, Arouca, Freita, Caramullo e outras, são ramificações da serra do Bussaco, e ás quaes todas chamavam os antigos *serra d'Alcóba*.

Ferreiros de Tendaes, que é uma povoação antiquissima, foi muitos seculos conce-

lho, com casa da camara, pelourinho, cadeia, juizes (ordinario, dos orphãos e das sizas) tabelliães, escrivães, etc.

Era primeiro da comarca de Lamego, depois de 1834 passou a ser um concelho da comarca de Rézende (então creada) e pelo decreto da regencia (do senhor D. Fernando Coburgo) de 24 de outubro de 1855, foi supprimido este concelho (que tinha 1:200 fogos) e passou a formar parte do concelho e comarca de Sinfães.

—

D. Sancho I lhe deu foral, em maio de 1210. D. Affonso III lhe deu outro foral, com grandes privilegios e fóros, elevando Ferreiros de Tendaes á cathegoria de villa, e mudando-lhe o julgado em concelho.

Este foral é datado de Coimbra, de 4 de janeiro de 1258.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de setembro de 1513, confirmando-lhe todos os seus antigos fóros, privilegios e regalías, sendo dos principaes os seguintes— Nomearem entre si um *mordomo* para receber os fóros e entregal-os ao rei. Não hirem á guerra senão com o rei em pessoa, isto é, só eram obrigados a hir para a guerra, quando o rei fosse. Não responderem senão pelos crimes de *homicidio, rapto* e *lixo na bocca*. (De modo que podiam ser adulteros, sacrilegos, herejes, falsarios, ladrões, etc., impunemente!)

Todos estes privilegios e outros menos importantes tinham os povos da *Agralheira* (hoje *Gralheira) Alhões, Bustêllo da Lagem, Pinheiro* e *Villa Boa de Cima*, que tem o mesmo foral, isto é, que todos são comprehendidos no mesmo foral.

Tambem tinha o concelho, privilegio de *reguengo* e nunca poder sahir da corôa; mas D. Affonso V annullou-lhe este privilegio (como em outras muitas partes fizeram differentes reis) dando esta terra, *em sua vida*, a D. Fernando I, duque de Bragança, por doação regia, de 15 de agosto de 1471, com a cathegoria de julgado.

D. Manuel confirmou esta doação no duque D. Fernando II (filho d'aquelle) de *juro e herdade*, por provisão passada no *Rastello* (Belem) a 15 de agosto de 1495, e depois a confirmou ao duque D. Jaime, em Alcochete, a 16 de julho de 1496. Era pois da casa de Bragança.

—

D. Jayme era intimo amigo e companheiro d'armas de Ruy Vaz Pinto (outros dizem Gonçalo Vaz Pinto) da familia dos *Pintos*, de *Riba Bestança*, senhor da quinta de *Covellas*, adiantado de Entre Douro e Minho, regedor das justiças e alcaide-mór de Chaves. (Esta geração dos *Pintos* acabou em Manuel Antonio Pinto, que morreu no fim do seculo XVIII.)

Tendo o rei D. Manuel dado o commando de uma armada a D. Jayme, este toma á viva força a cidade marroquina de Azamor, em e 3 de outubro de 1513. Esta victoria desanimou tanto os mouros, que abandonaram as cidades de *Ti-Ti* e *Al-Medinah. Ben-Al-Cafiz, Ta-Fut* e *Tetnest*, se rendem em poucos dias ás armas portuguezas.

Ruy Vaz Pinto, capitão de uma das gallés, taes feitos de valor obrou n'esta guerra, que D. Jayme pediu ao rei licença para lhe doar (a Ruy Vaz) o senhorio de Ferreiros de Tendaes, ao que D. Manuel annuiu.

Esta doação foi feita em 1515. D. João III a confirmou em Evora, a 22 de novembro de 1533.

Assim passaram os *Pintos* (desde então chamados da *Torre da Chan* ou *Villar da Chan*) a serem donatarios d'este concelho.

—

Fallemos agora d'este célebre castello de *Villar da Chan*, ou, como vulgarmente era denominado, *Torre da Chan*.

Não ha nenhum portuguez que ignore o feito glorioso do andaciosissimo cavalleiro Giraldo Giraldes, o *Sem Pavor*, isto é, a conquista d'Evora, em 30 de novembro de 1166.

Um precioso manuscripto, de auctor anonymo (mas que era com certeza frade bento) que muito me tem servido para esta obra, diz que Giraldo Giraldes era natural da villa de Ferreiros de Tendaes, ou do concelho, e de uma familia de *sangue limpo* de appellido *Pestana*. Joven, bravo e aventureiro, reuniu uns 100 homens seus patricios, e apresentando-se com elles a D. Affonso Henriques, obrou prodigios de valor com a

sua gente; pelo que era muito estimado do rei, que lhe chamava o *Sem Pavor;* porém, matando em desafio um fidalgo chamado D. Nuno, grande valído de D. Affonso I, e temendo a colera d'este (que era terrivel) fugiu com a sua hoste.

Como antes de ser um grande soldado tinha sido um caçador intrepido, sabia que sobre a margem direita do *Bestança*, 6 kilometros a ESE. do Douro, havia no alto de um monte um sitio agreste e escabroso, formando um plató quasi inaccessivel, por estar cercado de altas penedias, tendo no centro um alcantilado rochedo. Sobre elle edificou Giraldo e os seus, um robusto castello, tão inexpugnavel por arte como terrifico por natureza, e aqui fez o centro de suas operações, que eram, diga-se a verdade, roubar indistinctamente mouros e christãos. (Para tudo o mais que diz respeito ao *Sem Pavor*, para evitarmos repetições, vide Evora, no logar competente.)

Eis aqui, segundo o tal manuscripto, a origem do *Castello da Chan*, a que deu o nome a *chan* ou plató em que está edificado.

Foi depois este castello o solar dos Pintos, da *Torre da Chan*, que construiram junto ao castello as suas casas de habitação. No declive do monte se veio com o tempo a formar a aldeia da *Chan*, onde ha uma capella mandada fazer em 1671 por Francisco de Oliveira e Brito e sua mulher Isabel Pinto da Costa.

O castello está quasi desmantellado, porém a torre ainda está muito bem conservada e para resistir muitos annos ao rigor do tempo. É toda de cantaria, com ameias; está coberta de telhado e é habitada. Ainda n'esta torre se conserva um morrião ou capacete, de cobre, uma couraça de tiras tecidas, de couro cru, e uma espingarda sem feixos e de accender com morrão, muito comprida e mais pesada do que tres das actuaes.

—

Querem alguns, que os povos da *Bastetania* foram os primeiros povoadores d'esta terra e que deram ao rio o nome da sua patria, que depois se corrompeu em *Bestança*. O que é certo é ser povoação antiquissima, povoada no tempo dos godos, que aqui construiram os tres castellos chamados da *Corôa da Aldeia, de Alrête e de Ramires*.

De todos estes tres castellos ainda ha vestigios. No da *Corôa da Aldeia* ainda está de pé parte da muralha. Ainda ha poucos annos aqui havia um pôço, que, segundo a tradição, era a entrada de uma galeria subterranea, que ia até ao Bestança.

Por uma escriptura que existia no cartorio do convento de *Paço de Sousa*, consta que o rio *Bestança* já assim se chamava na era de 1088 (1050 de Jesus Christo.)

—

O concelho de Ferreiros de Tendaes tinha duas freguezias: S. Miguel, de Oliveira do Douro e Ermida, annexa—e S. Pedro de Ferreiros, que tinha quatro curatos: Bustello da Lage, Alhões, Gralheira e Ramires.

Do foral novo se vê que a egreja da Ermida (hoje annexa a Oliveira do Douro) foi convento em tempos remotos.

—

O concelho de Ferreiros de Tendaes era limitado ao S., por o concelho de Castro d'Ayre—ao E., por a ribeira do Cabrum, que o separa do concelho d'Arégos)—ao O. pelo Bestança (que o separa dos concelhos de Sinfães e Tendaes) e pelo N. terminava no rio Douro.

Tinha 12 kilometros de comprido, desde a serra do Pernaval até ao rio Douro, e 6 de largo, entre os ribeiros Cabrum e Bestança.

O terreno d'este concelho é muito accidentado e escabroso, semeado de rochedos graniticos e basalticos. Tem porem alguns pequenos valles, muito amenos e ferteis, principalmente na margem do Douro, onde é mais cultivado, e produz bastantes cereaes e frutas, optimo vinho verde e azeite.

As vaccas d'este concelho dão optima manteiga, industria aqui muito antiga, pois já no seu foral pagavam os seus moradores annualmente, 25 *bôlos* de manteiga, *do tamanho d'óvos de pata*. As vitellas d'aqui são saborosissimas, e os presuntos (conhecidos em Lamego por presuntos da Gralheira e em outras partes por presuntos de Lamego) são optimos.

As suas principaes industrias são a agricultura e a nevegação do Douro.

Exporta continuadamente para o Porto vinho verde e madeira de castanho, e no tempo proprio castanha, cereja, laranjas e nozes.

Nos seus montes ha muita caça, e o Douro, Bestança e Cabrum lhe fornecem vario e saboroso peixe, sobre tudo saveis, lampreias e trutas.

—

FERRO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 35 kilometros da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior de S. Thiago, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra muito fertil. Gado e caça.

FERROCAN — monte, Minho, territorio de Braga, ribeiras do Cávado. Em abril de 1185 Sancha Viegas, e seus filhos, venderam aos templarios de Braga, sendo seu mestre D. Pedro Arnaldo, um casal nas faldas d'este monte, regado pelo dito rio.

Entendo que Ferrocan é a palavra tártara adoptada pelos árabes, *Ferruk Kan* (o capitão ou chefe, *Ferruk.*)

FERVENÇA — rio, vide Bragança.

FERVENÇA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 298 fogos.

Em 1757 tinha 338 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil, e produz bom vinho.

As religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o reitor que tinha 200 mil réis.

O rei D. Diniz, deu esta freguezia a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, senhor de Albuquerque, e este a doou ás referidas freiras.

Segundo a tradição, houve n'esta freguezia um convento de freiras benedictinas, muito antigo, pois já existia no tempo de D. Affonso Henriques, convento que se chamava *Mosteiro de Recião* e estava sujeito ao de *Caramôs.*

Julgo ser engano, confundindo-se os nomes por causa da sua identidade. Não achei em parte nenhuma outro convento de *Recião*, senão o que existiu junto a Lamego, que era effectivamente de freiras benedictinas, e que se tornou tristemente celebre, como direi no logar competente. Vide as palavras *Evason* e *Recião.*

FERVENÇAS — Douro, no concelho e comarca de Catanhede. freguezia da Cadíma, ha dois *olhos d'agua* chamados *as Fervenças*, que (segundo dizem) sorvem tudo quanto se lhe lança, ainda que sejam arvores inteiras. Suas aguas vão formar a *Lagôa de Mira.*

Já Plinio, o naturalista (que, aqui para nós, mentia muito) celébra esta fonte, ou *olhos marinhos*, e lhe chama *Fonte Catinense*, de *Catina*, antigo nome de Cadima.

FERVIDELLAS ou **FIRVIDELLAS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 6 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Viade, de Barroso, apresentava o vigario, que tinha 50 mil réis.

FETAL — Vide *Feital.*

FETÊNA ou **ALFETÊNA** — portuguez antigo, derivado do árabe. Significa revolução, rebelião, ou anarchia.

«*Depois da morte do bispo Hermenigildo, cahiu aquella terra.* (Braga e seu territorio) *em alfetena, isentaram-se estes homens de servirem a Santa Maria, até que se restituiu a paz ao paiz, no tempo de D. Affonso, descendente de D. Bermudo.*» (Chronica de D. Affonso V, de Leão.) Já se sabe que o positivo é *fetena;* mas antepunham-lhe o artigo *al*, ficando, com o tempo, a ser *alfetena* uma só palavra.

FÉVEROS — (hoje diz-se *Fébros*) pequeno rio, Douro, nasce na freguezia d'Avintes, con-

celho de Gaia, comarca do Porto, e morre na esquerda do rio Douro, no logar do *Esteiro*, com apenas um kilometro de curso. Divide a freguezia d'Avintes de Oliveira.

Faz mover dois moinhos de pão, réga alguns campos e traz peixe miudo.

Em frente da pequena foz d'este rio, e na margem opposta, está a bella quinta das *Sete Capellas*, do sr. dr. Albino Pinto Miranda Montenêgro.

Fica a 5 kilometros a E do Porto.

FÉVEROS (hoje **FÉBROS**) — pequeno rio, Minho, já conhecido dos romanos, que se julga lhe deram o nome. Passava pela villa de *Requeixo*, abaixo do monte *Severoso*, ou *Reveroso*, e por *Villa de Mouro*, e proximo ao *Castello de Barbudo*, pela villa de *Crespéllos* e nas faldas do monte *Burrial*.

Este rio (ribeiro) corre pela actual freguezia de Carreiros e pela de Moure: d'ahi vae a S. Julião da Lagem, ao logar de *Fébros*, e mais a baixo, junto á villa do *Prado*, desagúa no Cávado. Não é caudaloso. Tem moinhos de pão, réga e traz peixe miudo, mas gostoso.

FIÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço, 66 kilometros a NE. de Vianna, 66 a NO. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A egreja do mosteiro de S. Bento é a matriz da freguezia.

(Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*.)

Passa aqui o pequeno rio Trancoso, que divide Portugal da Galliza e entra na esquerda do rio Minho, 6 kilometros acima de Melgaço.

Fian, *Fiãa*, *Fiaam*, *Ffia*, *Sfiãa*, e *Fiada*, é tudo o mesmo (portuguez antigo) significa vaso de barro chato e redondo, a que depois se chamou *almofia*. Servia antigamente para pagar certa medida de cereaes e tambem de manteiga. 16 *fiães* faziam um alqueire.

É provavel que aqui se pagasse este fôro pelo que se diria, *terra de Fiães* (ou que paga *fiães*.) Ou que houvesse aqui oleiros que fabricassem *fians*. A *fian* era quasi da fórma de um alguidar, e levava 2 quartilhos. Em latim, *fiala*.

—

Houve aqui um convento de frades benedictinos, antiquissimo, pois já existia em 851, no tempo de D. Ramiro II, de Leão, e de sua mulher, D. Paterna. (Vide Ancora, Gaia e Areosa.)

Consta que era o mosteiro mais rico das Hespanhas. Tinha fóros e rendas no Minho, Traz-os-Montes e Galliza.

Na egreja d'este convento (como na de Alcobaça) havia *Lausperenne*, no verdadeiro rigor da palavra, estando o Santissimo Sacramento em exposição permanente e ininterrompida, de dia e de noite.

Tinha regularmente 80 religiosos de missa, fóra os conversos, minoristas, leigos, etc.

Foram aqui sepultados alguns principes, tres infantes e muitos fidalgos, portuguezes e gallegos, que quasi todos lhe doaram rendas e propriedades.

Tambem aqui foi sepultado Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira.

Era um edificio magnifico, que existiu mais de tres seculos em grande prosperidade; mas foi destruido por um pavoroso incendio, onde arderam todos os papeis do cartorio, incluindo todos os titulos das suas rendas: reduzindo os frades á miseria, porque os foreiros subnegaram os seus titulos, recusando-se a pagar os foros; porém Alvaro de Abreu arcou como s mais poderosos, e bastante ainda conseguiu para o mosteiro.

Affonso Paes e seus dois irmãos, o reedificaram, dando-o aos religiosos de Alcobaça.

Em 1151, mandaram pedir a Alcobaça um religioso de S. Bernardo (ordem de S. Bento, reformada) para instruir os frades d'aqui, que queriam adoptar o novo instituto.

—

Aqui perto, junto á raia, fundaram uma aldeia, a que chamaram *Alcobaça*, em honra da villa capital da ordem, com uma capella de S. Bento.

Pagava este convento, 40$000 réis á Capella Real, e 25$000 réis ao convento do *Destêrro*, em Lisboa.

Julga-se, com fundamento, que este con-

vento foi coutado do seu principio, pois já era couto no tempo do nosso primeiro rei, que lhe confirmou o coutamento; assim como seu filho, D. Sancho I.

O D. abbade, tinha jurisdicção episcopal, metropolitana, com recurso sómente para o pontifice. O provisor, nomeado pelo D. abbade, recebia directamente os breves apostolicos.

O arcebispo de Braga não podia aqui fazer visitas, nem na *Ourada de Melgaço;* nem o bispo de Tuy as podia fazer na Azoreira e em Lapella, por serem freguezias que, apesar de estarem dentro do seu bispado, eram sujeitas a este mosteiro.

Sendo abbade D. João, deu a condessa D. Frouilla, em 1166, ao mosteiro, as quintas da *Ourada* e de *Cavalleiros.* (Vide *Ourada.*)

Ainda no fim do seculo XVI tinha este convento a apresentação (no todo ou em parte) de 20 abbadias, entre ellas *Lamas de Mouro, Christoval, Chaviães, Santa Maria da Porta da Villa* e *Villela dos Árcos.* Depois só tinha Christoval e Villela.

Tinha tambem a egreja de *Paderne,* na Galliza, e muitos coutos, que os commendarios aforaram a varios fidalgos.

A casa de Bragança pagava ao mosteiro um *florim d'ouro,* pelas aldeias de *Villarinho, Fézes de Jusão* e *Mondim;* e pelos padroados das egrejas d'estes logares, visinhas a *Monte Rei.*

Tinha na Galliza, o couto de *Freyxomo,* proximo de *Alhariz,* que lhe doara Fernão Peres de Sandias; fallecido n'este mosteiro em 1386: pelo que o convento cobrava annualmente, 600 maravedíns de prata. Em 1640, os gallegos suspenderam-lhe este pagamento, mas tornaram a pagar-lhe desde 1668.

Tinha mais, na Galliza, os coutos de *Coginha, Asperêllo, Gancêros, Requeixo* (em *Enterimo*) e *Rio Frio,* em Vigo; a fóra fazendas, granjas e casas que possuiam em differentes pontos da Galliza.

O D. abbade tinha, *de direito* de condado, as cabeças de toda a *caça real,* morta no couto do mosteiro; mas os moradores d'elle eram isentos do pagamento de *fintas* ou *pedidos,* ainda feitos pelo rei.

Está este mosteiro situado a 3 kilometros a E. da villa de Melgaço, na chapada de um monte alpestre, mas cercado por montes ainda mais altos e alcantilados.

São vastas as suas proporções e imponente a sua magestosa apparencia, a dominar um vasto horisonte.

Confrange-se o coração ao contemplar estas gigantescas ruinas, testemunhas melancolicas e severas da piedade de nossos avós.

Alli, onde o insenço se elevava dia e noi em parenne adoração ao Omnipotente; onde a toda a hora se ouvia o plangente som do orgão, os cantos sagrados dos religiosos e do povo; alli, refúgio predilecto dos que no mundo soffriam attribulações; alli, finalmente, a Casa de Deus, em que a piedade tinha amontuado prodigios sobre prodigios de magnificencia, de fé e de caridade—que vemos hoje? Ruinas, devastação, silencio, horror! As silvas e os cardos invadem os marmores de suas aras santas. Os reptis immundos, revolvem as ossadas venerandas de varões illustres. As aves nocturnas pairam sobre suas abobadas, e fazem seus ninhos sobre os brincados capiteis de suas columnas, dez vezes seculares.

Quem foi, ó solitario e respeitavel mosteiro, que assim dsemantelou tuas robustissimas muralhas, que pareciam desafiar a acção corrosiva de seculos de seculos? Quem destruiu teus sagrados altares? Quem aniquillou tuas esculpturas primorosas? Quem desterrou tuas santas imagens? Quem com tal iniquidade te transformou de um primor d'arte, em um montão de destroços e ruinas?

Não foi a tua vetustez; não foi o incendio; não foi um inimigo estrangeiro, sanguinario e implacavel: mas foi cousa peior do que tudo isso! — Foi a indifferença, o abandono, e a descrença!

Leitor, se tens um coração portuguez; se a luz divina da fé se não apagou totalmente em tua alma; se respeitas a memoria de teus passados—dos que te deram uma patria um lar, uma familia; e se algum dia viajares pelo Alto Minho, não deixes de visitar as tristes e poeticas ruinas do convento de Fiães; e alli, qual outro Mario

contempla respeitoso estes restos venerandos da fé e piedade de nossos maiores, e chora sobre as ruinas d'este testemunho de suas crenças inabalaveis.

—

Sei são desconsoladoras as reflexões que a saudade nos induz a fazer, serve-nos ao menos de lenitivo o ver que os póvos simples d'estas terras, conservam fervorosa e indestructivel a fé e a esperança de seus paes. Milhares de pessoas, de todos os sexos e edades, portuguezes e gallegos, aqui concorrem no dia 11 de julho, consagrado á solemnidade do patriarcha S. Bento; formando-se então aqui um pittoresco arraial. É o sitio sobremodo asado para elle. Já disse que o edificio está construido em uma vasta chapada, ficando no centro d'ella, e tendo em frente um extenso terreiro assombrado por frondosos carvalhos, dispostos symetricamente em linhas rectas, e formando uma ampla abobada impenetravel aos raios do sol do estio.

—

O templo ainda se conserva em soffrivel estado, e podendo celebrar-se o culto divino. É de architectura gothica, vasto, e seu tecto sustentado por formosas arcarias.

A entrada principal é ornada de muitas columnatas da mesma ordem architectonica, que, revelando uma remota antiguidade, mostram a largura robustissima das paredes do templo.

Dentro d'elle, junto ao altar de S. Sebastião, está um elegaute tumulo de granito, que se suppõe ser o de *Fernão Annes de Lima*, por ter as armas dos viscondes de Villa Nova da Cerveira (Limas).

O interior da egreja é escuro e triste, como são quasi todos os templos gothicos. As cornijas e cimalhas são ornadas de differentes figuras, mais ou menos phantasticas.

—

Ao O. do adro rebenta um manancial de agua mineral ferruginosa, a que se attribuem algumas virtudes medicinaes. Consta que houve aqui uns tanques para banhos, mandados entupir por ordem da auctoridade por causa das desordens, ferimentos e até mortes, de que eram causa, por quererem todos banhar-se ao mesmo tempo.

Em um recanto da larga rua que do lado de Melgaço dá entrada para o rocio do mosteiro, ha uma *meia laranja*, com assentos de pedra, orlados de murta, e no meio um chafariz de frigidissima e optima agua.

—

Ainda ha poucos annos as paredes do mosteiro estavam de pé. Foi o edificio posto em praça; mas como a ninguem fazia conta tão gigantesca fabrica, n'aquelle sitio, o governo mandou vender *por todo o preço*, em detalhe, a pedra das paredes, columnas, arcarias, telhados, portas, janellas, varandas, grades de ferro, etc.

—

O clima d'esta freguezia é excessivo, e seu sólo, apesar de abundante de aguas, é em geral pouco fertil. Produz porém muito centeio, algum milho, pouco (e mau) vinho, muita castanha e bastante fructa, em um estreito e profundo valle, que fica a E.

Cria bastante gado, e os seus presuntos, curados sem sal, são os melhores da provincia.

Ha aqui muita caça de varias especies, principalmente no sitio das *Ramalheiras*, immensa floresta de carvalhos, urzes e giestas.

Toda a freguezia está assente em terreno muito accidentado, e é vasto o seu territorio. Tem montes quasi a pique. Ainda ha poucos annos desabou um cabêço, na distancia de uns seiscentos metros, arrastando na sua queda grandes arvores e penedias, e destruindo uma aldeia, da qual morreram então 15 pessoas.

Esta *avalanche* monstruosa foi direita a uma capella da encosta, e quando todos se persuadiam que ella seria arrazada, aquella mole immensa se divide em duas, e se precipita pelos dois lados da ermida, ficando esta intacta.

Por muitas vezes se teem n'esta freguezia dado deslocações identicas, deixando sempre tristes consequencias da sua passagem devastadora.

—

A 1:500 metros ao S. do mosteiro, se ele-

va magestosa a alta serra de *Pernidêllo*, d'onde a vista se estende por um vastissimo e formoso panorama. Ao sopé d'esta serra se estende na distancia de 6 a 7 kilometros a verde e fertil veiga de Melgaço.

Do alto da serra se vê grande parte da Galliza, e a cidade d'*Orense*, a uns 40 kilometros para o N.—Mais áquem, se descobrem as povoações (tambem gallêgas) de *Cartegada*, *Arnoya*, *Caniça*, *Salvaterra*, *Pont'Areias*, a cidade de *Tuy*, etc.

Cincoenta kilometros a O. se vê uma vasta extensão do Oceano Atlantico. Vêem-se tambem muitas povoações de Portugal, sendo as principaes *Monção*, *Melgaço*, *Valladares*, *Vallença*, *Caminha* e outras.

—

O ribeiro de *Varzeas* divide aqui Portugal da provincia da Galliza.

—

Em 1861 foram devastadas as povoações gallegas de *Padrenda*, *Monte Redondo* e *Gazgoa*, por uma féra, que uns diziam ser lobo, outros tigre, outros javali, etc.

D'alli passou a Portugal e encheu de terror as povoações de Castro Laboreiro e immediatas, fazendo muitas victimas.

Só em um dia, matou duas creanças de 11 annos, em Castro Laboreiro, devorando uma e despedaçando outra. Não era raro encontrar aqui um braço, acolá uma perna, além um craneo; principalmente nas freguezias gallegas.

Tudo andava horrorisado. Ninguem sahia de noite, e, mesmo de dia, só bem armado e nunca só.

O povo, sempre propenso ao maravilhoso, ligou varias historias sobrenaturaes a este acontecimento. Segundo uns, era a féra—um filho indigno, amaldiçoado por seus paes. Segundo outros era um Caim que tinha assassinado um seu irmão. Outros pretendiam que era uma *alma do outro mundo*. Os mais *espertos* sustentavam que era um *lobishomem* — e os mais *serios*, teimavam que era, nem mais nem menos, o diabo em pessoa.

Combinaram-se todos os povos d'estes sitios para fazerem uma grande montaria ao animal feroz, qualquer que fosse a especie a que pertencesse.

Reuniu-se grande numero de povo no terreiro da capella d'*Alcobaça*, limites de Fiães e Castro Laboreiro, e mais de 300 homens investiram com a floresta das *Ramalheiras*.

Não appareceu a féra, mas achou-se um rapaz, de 14 annos, horrorosamente ferido por ella, e salvo por umas vaccas, que andava guardando, as quaes se atiraram resolutamente ao animal feroz, e o fizeram fugir. O rapaz escapou.

Esta féra appareceu n'estes sitios por duas vezes, com intervallo de dois annos, demorando-se de cada uma alguns mezes.

Desappareceu sem se saber como, nem para onde.

Tambem nunca se chegou a saber positivamente que especie de animal era. Pelos signaes que davam os que tiveram a infelicidade de o ver, suppõe-se ser um grande tigre, fugido da jaula de qualquer domador de féras.

FIÃES—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros a NE. da Feira, 20 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 218 fogos.

Orago Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno accidentado, mas saudavel e fertil.

A mesma etymologia.

Ha aqui muitos artistas e bastantes negociantes, o que faz a terra soffrivelmente rica.

A egreja matriz foi edificada no seculo XIV. É pequena, mas bonita.

O convento de Crusios, de Grijó, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis. (O *Portugal Sacro*, diz que era apresentado pelos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) do convento de Santa Cruz, da cidade de Lamego; mas entendo que é êrro.

FIÃES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O real padroado apresentáva o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

FIÃES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, 40 kilometros a E. de Viseu, 330 ao NE. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 3$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A mesma etymologia.

FIÃES-DO-RIO—freguèzia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*. A mesma etymologia.

FIÃES DO TAMEGA—freguezia, Traz-os Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

Tambem não vem no *Portugal Sacro*.

A mesma etymologia.

FICALHO ou VILLA VERDE DE FICALHO—villa, freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho e 24 kilometros a E. de Serpa, 90 a SO. d'Evora, 180 ao SE. de Lisboa, 120 fogos, 400 almas.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão-curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 195 de cevada e 19$000 rs. em dinheiro.

É povoação antiquissima. Os romanos lhe chamavam *Finis*.

Das ruinas d'esta antiga cidade ainda ha vestigios junto á villa. O Itinerario d'Antonino Pio, situa *Finis* entre *Arouche* (Arronches) e *Serpa*. O padre Fonseca (*Evora Gloriosa*, pag. 297, suppõe que de Finis provem o actual nome de Ficalho; mas não é verosimil.

Situada em um outeiro, junto á serra do seu nome, 3 kilometros do rio *Chança*, que divide aqui Portugal d'Hespanha, e ao sul, do Guadiana.

É terra fertil em tudo, menos em vinho, que ha pouco. Tem extensos montados, onde se criam muitos porcos e onde ha muita caça.

Passa tambem aqui o rio *Alcarabouça*. Tanto este como o Chança, regam e moem, e trazem peixe.

A sr.ª D. Maria II, por decreto de 14 de maio de 1836, fez duqueza de Ficalho a sua camareira-mór, marqueza do mesmo titulo a sr.ª D. Eugenia d'Almeida, filha do terceiro marquez do Lavradio e viuva de Francisco de Mello, segundo conde e quinto senhor de Ficalho. Foi pois esta senhora segunda condessa, primeira marqueza e primeira duqueza de Ficalho.

(Para a genealogia d'esta senhora, vide Lavradio.)

Não me consta que esta villa tivesse foral antigo ou moderno. Ao menos Franklim não falla n'elle.

FIEIS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 330 kilometros ao NE. de Lisboa, 70 fogos.

Esta freguezia foi supprimida ha mais de 100 annos.

FIEIS DE DEUS—Os celtas enterravam os seus chefes em *mâmoas*, cujo tamanho era na proporção directa da consideração que davam ao defunto. Se morria algum pobre, contentavam-se em lhe collocar sobre a cóva uma pequena pyramide de pedras miudas soltas.

(Vide *Mâmoas*.)

É muito provavel que os Lusitanos adoptassem esta pratica dos celtas.

Os romanos tambem usavam estes *monticulos* de pedras (a que chamavam *montes gaudios*) para indicarem os caminhos, e eram

dedicados a Mercurio, que entre outros muitos e variados empregos era tambem deus dos caminhos.

Os Lusitanos, desde que se fizeram christãos, continuaram ainda com a pratica dos *montinhos* das pedras; mas collocavam as sobre o sitio onde estava enterrado algum criminoso que fosse punido de morte, e por fim, nos sitios onde alguem tinha morrido de morte violenta ou desastrosa.

Quem por alli passava, resava um *padre-nosso* e punha uma pedrinha. Em pouco tempo se via no sitio uma *pilha* de pedras, e era a isto que se chamava *Fieis de Deus*.

Nas povoações de N., principalmente na *Terra da Feira*, ainda ha este costume.

(O nosso povo chama *fieis-de-deus* aos que teem morrido.)

Em Lisboa (no Bairro-Alto) ha uma rua dos *Fieis de Deus*; talvez por aqui houvesse os taes *fieis de Deus*... de pedras.

FIFE — Vide Afife.

FIGO — monte, Algarve, proximo de Tavira, na Serra do Algarve. Tem 667^{m} sobre o nivel do mar, segundo *Franzini*. Está em 37°9' latitude N. e 43' long. or.

FIGUEIRA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho e 6 kilometrss de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O cabido da Sé de Lamego apresentava o obbade, que tinha 800$000 réis de rendimento.

FIGUEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 30 kilometros ao NE, do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto

É terra fertil.

Os monges benedictinos, de Paço de Souza, apresentavam o cura, que tinha 40 alqueires de pão e 25$000 réis em dinheiro.

FIGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 385 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra pobre.

Chama-se vulgarmente a esta freguezia, para a distinguir das outras do mesmo nome *Figueira do Mogadouro*. [1]

FIGUEIRA e BARROS — villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho e 12 kilometros a E. d'Aviz, 24 ao N. de Estremoz, 54 d'Evora e 116 a SE. de Lisboa, 120 fogos, 480 almas. Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

Situada em um têso, proximo do rio Aviz em terreno fertil.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 154 alqueires de trigo e 120 de cevada.

Tem Misericordia e hospital.

Foi concelho com camara, juizes, etc. etc. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no primeiro de outubro de 1510.

Era commenda d'Aviz.

Barros, foi até ao fim do seculo passado freguezia independente. Tinha em 1757 22 fogos.

Era seu orago Nossa Senhora dos Barros.

Era tambem commenda d'Aviz, por isso o tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão-curado, que tinha 120 alqueide trigo e 90 de cevada. As mesmas distancias.

FIGUEIRA DE CASTELLO RODRIGO — villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros de Pinhel, 345 ao NE. de Lisboa, 250 fogos, 800 almas. No concelho 2:450 fogos.

[1] Não se confunda esta freguezia com a outra freguezia da *Figueira de Mogadouro*, que vae descripta adiante. A de que tracto n'este artigo, posto ser do districto administrativo de Bragança, e na comarca e concelho do Mogadouro, é no arcebispado de Braga. A outra (a que vae descripta adiante) é tambem no mesmo concelho, comarca e districto administrativo, mas está annexa á freguezia de Travanca, e são ambas no bispadod e Bragança.

Em 1757 tinha a villa e freguezia 157 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta villa era uma aldeia (e freguezia) do concelho de Castello Rodrigo, porém esta villa, pela asperesa da sua posição, foi decahindo, ao passo que a *Figueira* ia prosperando; pelo que esta foi elevada á cathegoria de villa em 25 de junho de 1836, e para aqui mudada a capital do concelho n'esse mesmo anno.

Os foraes e mais honras, fôros, privilegios e armas de Castello Rodrigo, são hoje as d'aqui. (Para evitar repetições, vide Castello Rodrigo.)

É terra fertil.

—

O concelho da *Figueira* é composto de 14 freguezias, todas no bispado de Pinhel. São: *Algodres, Almofalla, Castello Rodrigo, Escalhão, Escarigo, Figueira, Freixêdo do Torrão, Matta de Lobos, Penha d'Aguia, Quinta de Pêro Martins, Valle d'Affonsinho* (ou de *Affonsim*) *Vermiosa, Villar Torpim* e *Villar d'Amargo*

FIGUEIRA DOS CAVALLEIROS—freguezia, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Ferreira, 54 kilometros a O. d'Evora, 140 ao S. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Oragos Nossa Senhora da Luz e S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o prior, collado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro. É terra muito fertil.

Vide *Ferreira*, da comarca de Beja, ou *Ferreira do Alemtejo.*

FIGUEIRA DA FOZ DO MONDEGO—villa, Douro, 44 kilometros a O. de Coimbra, 185 ao N. de Lisboa, 1450 fogos, 5:800 almas (população permanente) no concelho 8:600 fogos, na comarca os mesmos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Situada no angulo septemtrional da foz do Mondego, margem direita, nas praias do Atlantico, com porto fortificado. Em 40° e 9' de latitude N. e 26' de longitude occidental.

Exporta em grande escala, sal, vinho azeite, laranja, cortiça, nozes, cereaes, pedra calcarea, etc.

Tem boas casas, a maior parte modernas, e um bom theatro.

Tem uma extensa e bellissima praia, frequentadissima por grande numero de familias de varias provincias (até d'Hespanha) na estação dos banhos. Tem conde.

É a mais bem situada e populosa villa do districto de Coimbra. Maior, mais bonita e mais rica do que algumas das nossas cidades.

No seculo passado era apenas uma aldeia de 300 moradores (em toda a freguezia) do concelho de Monte-Mór-Velho. Todavia a povoação da Figueira é muito antiga, e até era aqui a alfandega de Buarcos.

Está de tal sorte ligada a existencia d'esta villa com a de Buarcos que é indispensavel ver esta ultima palavra.

Já no tempo dos nossos primeiros reis, e emquanto a côrte d'elles foi em Coimbra, era por aqui que sahiam as nossas armadas.

Foi elevada á cathegoria de villa, por decreto de D. José I, de 12 de março de 1771, creando-se no mesmo decreto um juiz de fóra, e a comarca composta dos coutos de *Mayorca, Alhadas, Quiaios, Tavarêde* e *Lavos*,—das villas de *Buarcos* e *Redondos*,—e dos concelhos e territorios ao S. do rio, chamado de *Carnide* ou *Louriçal*, desde onde principiava o districto da ouvidoria do Pombal até ao *Moinho do Almoxarife*, o que tudo fazia parte do concelho de Monte-Mór Velho. Foi seu primeiro juiz de fóra, o bacharel *Bento José da Silva.*

Corre ao longo do rio um comprido e largo caes de cantaria, com varias escadas e linguetas. Desembocam n'elle a *Praça do Commercio* e *Praça Nova*, cercadas de bellos predios, bem calçadas, e com renques de arvores e assentos de pedra.

O vasto areial que se estende desde o forte de Santa Catharina até Buarcos é pittoresco, e dos melhores sitios de banhos da nossa costa.

Os arrabaldes da Figueira são bonitos e semeados de lindas casas de campo e herdades.

Em razão da grande afluencia de familias que para aqui veem a banhos, era preciso ampliar a villa. Em 1861 formou-se aqui uma companhia constructora, por iniciativa do sr. *Antonio Maria Pereira da Silva*, para erigir um novo bairro, junto ao forte de Santa Catharina, e do mesmo nome do forte; que já tem construidas muitas e bonitas habitações.

—

A egreja matriz, da invocação de S. Julião, é um templo vasto, e muito antigo. No *Livro Preto* da Sé de Coimbra se acha a doação d'esta egreja, pelo abbade *Pedro* á mesma Sé, sendo bispo D. Cresconio, que o foi desde 1092 até 1098. N'esta doação se diz que a egreja fôra destruida pelos sarracenos e que elle, doador, a tinha restaurado nos bens e edificios, por ordem do conde *D. Sisnando*, que havia facultado aos clerigos e leigos o edificarem as egrejas *more hæreditario, sicut a Rege Fernando acceperat potestatem, et postea ab ejusdem Filio Rege D. Aldephonso.*

Esta egreja é de singela fabrica e sem coisa notavel. Foi reconstruída no principio do seculo passado.

Tem um *convento*, que foi de *frades da Ordem seraphica de Santo Antonio*, no couto de Tavarede. (Vide *Tavarêde*.)

Egreja da Misericordia, cuja porta principal communica com a egreja do convento de Santo Antonio, formando com ella um angulo recto. A irmandade da Misericordia administra um hospital com sufficientes rendimentos e a sua botica, que é no interior do convento.

De parte da cerca do convento se fez o cemiterio publico, que é bonito e tem elegantes mausoleus.

O forte de Santa Catharina.—Este castello fica exactamente no vertice do angulo formado pela margem direita do rio e pelo mar. Tem bonitas vistas. É construido sobre enormes rochedos, contra os quaes as ondas se debatem furiosas. É d'esta fortaleza que se fazem os signaes para a entrada das embarcações.

O castello de Santa Catharina recorda-nos um feito gloriosissimo praticado por *Bernardo Antonio Zagalo*, sargento d'artilheria do corpo de *voluntarios academicos*, e pelos seus 40 intrepidos companheiros. Foi o seguinte:

Estava o forte em poder dos soldados do feroz *Junot*.

O vice-reitor da Universidade, *Manuel Paes d'Aragão Trigoso*, acclamado pelo povo governador de Coimbra, vendo que era convenientissimo á causa do povo a tomada d'este castello, tanto para se tirarem aos francezes as armas e munições de guerra, de que havia grande falta, como para estabelecer communicações com a esquadra ingleza, encarregou esta acção ao destemido *Zagalo*.

Partiu este de Coimbra, a 25 de junho de 1808, com os seus quarenta bravos camaradas (e collegas quasi todos). Levava porém ordens do governador *Trigoso* a todas as auctoridades por onde passasse para lhe darem todo o auxilio e gente que podessem.

Zagalo, tendo entregado o commando do destacamento a *Antonio Ignacio Cayolla*, sargento do regimento de Peniche, o mandou marchar até Monte-Mór-Velho, pela margem esquerda do Mondego, e elle, com quatro cavalleiros, seguiu pela direita.

Por todas as terras por onde passaram fizeram a acclamação da nossa independencia, ao que os povos annuiram com o maior enthusiasmo, descobrindo por toda a parte as quinas portuguezas.

Reunidos em Monte-Mór, continuaram a marchar de noite, e ás sete horas do dia 26 chegaram á Figueira, levando com elles

uns 3:000 paizanos armados de piques, lanças, fouces, etc.

A villa foi atacada por duas divisões, sendo logo aprisionados 11 francezes, que andavam fóra do castello, e pondo-se sentinellas á porta do governador.

Dirigiram-se depois para o forte, que *Zagalo* tencionava fazer render por capitulação; porém os paizanos que o acompanhávam, aos quaes logo se reuniu o povo da villa, impacientes por se lançarem sobre os *jacobinos*, corriam indiscretamente a atacar o castello, o que obrigou Zagalo a correr á frente para os fazer parar. Então os francezes deram uma descarga de mosqueteria, que nenhum mal nos fez.

O commandante do castello era um tenente de engenheiros, portuguez. Cercado formalmente o castello, Zagalo intimou os francezes a que se rendessem, sob pena de serem todos passados á espada. Respondeu o commandante do castello que não podia render-se, porque, se o fizesse, seria infallivelmente assassinada a sua familia, que estava em Peniche, em poder dos francezes. Mas os soldados estavam desprevenidos de mantimentos e proximos a renderem-se á descripção, quando no dia 27, *Zagalo* recebeu ordem de recolher immediatamente a Coimbra. Não lhe soffria o animo abandonar assim uma empreza tão bem encaminhada, pelo que, propoz ao commandante do castello a capitulação, podendo os francezes retirar para Peniche com espingardas e mochilas, mas sem polvora nem bala. Foi acceite a proposta, e, estando os francezes para embarcar, a fim de atravessarem o rio, caminho de Peniche, quiz o povo fiscalisar se elles cumpriam as condições, e posto que lhe achassem as patronas vasias, lhes encontraram muitos maços de cartuxos escondidos nas mochilas e nos bolsos. Como infractores do tractado, ficaram os francezes prisioneiros.

A bandeira portugueza foi arvorada ao som de uma salva real, poz-se guarnição no castello e deu-se a guarda e governo d'elle ao major Soares.

O destacamento regressou a Coimbra com os prisioneiros e as suas armas, e cinco peças de artilheria de campanha, que se tinham achado no castello.

—

Tem a villa dois clubs recreativos, um d'elles estabelecido em uma boa casa que foi dos condes de Tavarêde, e hoje é do negociante o sr. Manuel dos Santos Junior.

Tem tres optimas hospedarias, e construiu-se ultimamente uma vastissima e de toda a magnificencia. Além d'isto grande numero de casas particulares recebem hospedes, na estação dos banhos.

Ha tambem na Figueira um elegante café, de cuja varanda se vê o mar e todo o movimento do porto.

Está em construcção, e quasi concluido (1874), um bonito e elegante theatro.

Ha aqui uma associação de artistas e outra commercial.

—

Foi 1.º conde da Figueira, feito por D. João VI, D. Jorge de Castello Branco Correia da Cunha Vasconcellos e Sousa, senhor d'Entre Homem e Cávado, da quinta da Torre, de Cabra, Arranca Cêpas, alcaide-mór de Mourão, par do reino, grão-cruz das Ordens da Torre e Espada, Conceição e Carlos III, de Hespanha, commendador da Ordem de Christo e veador da princeza D. Maria Benedicta. Em 1818, foi capitão general e governador da provincia do Rio Grande do Sul. Era grande de Hespanha, de 1.ª classe, marquez d'Olias e de Zurrial, na Catalunha, e marquez de Mortara, no ducado de Milão. Foi casado duas vezes. Nasceu a 5 de fevereiro de 1788 e morren em Lisboa, de 84 annos, a 17 de março de 1872. Era um verdadeiro, intelligente, respeitavel e virtuoso fidalgo, sempre fiel e dedicado amigo do senhor D. Miguel I e de seu filho, o senhor D. Miguel II. Era sogro do nosso mavioso e eximio poeta e dramaturgo *Antonio Pereira da Cunha*. (Para a familia dos Machados e suas armas, vide Carrazêdo de Bouro).

—

A Figueira tem soffrido grandes calamidades.

Os arabes a arrasaram completamente, não deixando pedra sobre pedra, em 717.

Em 1580, *Gregorio Gancheagui*, alferes do

beato Philippe II, sob pretexto de procurar o *prior do Crato*, entrou com grande numero de soldados castelhanos no convento de Santo Antonio, e alli praticaram toda a casta de violencias, roubos, insultos e sacrilegios. Queixando-se d'isto os frades ao usurpador, contentou-se este em lhes responder que *sentia muito o excesso do seu alferes!*

Em maio de 1602, sete naus inglezas desembarcaram em Buarcos grande porção de soldados, que depois de saquearem e incendiarem aquella villa, vieram tambem saquear a Figueira, onde se demoraram seis dias, fazendo-se fortes no convento, que entrincheiraram, e guarnecendo os fortes.

Sabendo que grande numero de gente armada, de Coimbra, Monte Mór Velho e outras localidades os vinham atacar, embarcaram uma noite em segredo, perdendo apenas uns 15 ou 20 homens, que por se desordenarem, lhe mataram os nossos, e dois prisioneiros.

D. Affonso Furtado de Mendonça, reitor da Universidade, havia corrido em soccorro da Figueira e Buarcos com um escolhido corpo de academicos e povo, em numero de 500 e tantos. D. Affonso de Castello Branco, bispo de Coimbra, que estava então em Lavos, alli mesmo juntou muita gente de Soure, Pombal, Condeixa, Ega e Redinha e com ella veio em soccorro das duas villas. Como os inglezes fugissem á approximação d'esta gente, não teve logar acção nenhuma.

Todos os que vieram soccorrer este povo, tiveram tanta comiseração das suas desditas, que lhes deram quanto traziam, tanto dinheiro como mantimentos.

O prior geral de Santa Cruz mandou tres barcas carregadas de pipas de vinho, pão cosido, grande porção de carne de vacca, muitos carneiros mortos e algum dinheiro, que tudo foi distribuido pelo povo. Tambem mandou duas pipas de vinho para os frades e algum dinheiro para repararem as perdas do seu convento e para vestidos de alguns frades.

Dando-se parte d'este acontecimento ao usurpador, limitou-se a dizer que *tinha muita pena d'isto*, e nem sequer perdoou um *ochavo* dos tributos d'esse anno, das duas villas, assim, por culpa d'elle, roubadas.

—

Tendo Massena invadido Portugal em 1810, os povos de varias localidades se refugiaram na Figueira, horrorisados á chegada d'aquellas hordas de malvados (que nos vinham dar uma amostra do que era o governo de Buonaparte.)

Da agglomeração de tanta gente, se desenvolveu um contagio, e a peste e a fome mataram aqui mais de 5:000 pessoas.

Em commemoração d'esta terrivel calamidade, se erigiu em 1812 um cruseiro (em frente do campo que então serviu de cemiterio) e no pedestal d'elle uma elegante e sentimental inscripção latina, que por extensa não transcrevo.

Tambem em nossos dias o estrago do porto da Figueira, que a accumulação das areias tornou perigoso, causou grandes prejuizos aos figueirenses. Desde 1854 a 1859, os trabalhos hydrographicos effectuados sob a direcção do intelligente tenente da armada, o sr. Francisco Maria Pereira da Silva, têem melhorado muito as condições d'esta barra. Tem-se gastado n'estas obras, até setembro de 1873, 95:000$000 réis.

—

Foi nas praias do concelho da Figueira que desde 2 até 5 de agosto de 1808 desembarcaram 13:000 homens de tropas inglezas, que, sob o commando de sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington) vieram em nosso auxilio, contra os francezes. (Vide *Historia Chronologica.*)

—

Do alto do monte da *Salmanha* se gosa um surprehendente panorama.

Do monte da *Despedida*, se descobre uma vasta extensão e costa do mar. É d'aqui que as familias e amigos dos nautas se vão despedir dos que sahem a barra, accenando-lhes com lenços e enviando-lhes, por entre lagrimas de saudade, o ultimo adeus.

O clima da Figueira é ameno e saudavel.

Muitos filhos da Figueira vão procurar fortuna na Africa e na America, e não poucos teem voltados ricos. Então o humilde tugu-

rio onde nasceram bem depressa se converte em esplendida e elegante vivenda.

O desenvolvimento material e moral da Figueira ha meio seculo dão-lhe juz incontestavel á cathegoria de cidade, e já é uma das mais bellas, ricas, grandes e prosperas villas de Portugal.

Em 1873 appareceram aqui, em rochas, á beira-mar, *palhetas* de ouro. Em dezembro de 1873, foi registada n'esta camara uma mina d'ouro.

—

Aqui nasceu, parece que em 30 de junho ou julho de 1771 (no dia e mez ha suas divergencias) Manuel Fernandes Thomaz.

Foi filho de João Fernandes Thomaz e de D. Maria da Encarnação. João Fernandes, era negociante, pouco abastado dos bens da fortuna.

Manuel Fernandes Thomaz formou-se em direito, na Universidade de Coimbra.

Foi feito juiz de fóra de Arganil, em 1800. Superintendente das alfandegas de Coimbra, Leiria e Aveiro, em 1805.

Quando entrou Junot, retirou-se para a sua quinta da *Alegria*, nas *Alhadas*.

Foi feito provedor de Coimbra, em 1808. Desembargador da relação do Porto, em 1811.

(O sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, diz que foi em 1817.)

Fez com José da Silva Carvalho e outros, a revolução do Porto, em 24 de agosto de 1820.

Foi nomeado membro da *junta provisoria do governo supremo do reino*, e eleito deputado ás côrtes de 1820.

Foi casado com D. Maria Maxima Fernandes.

Morreu em Lisboa, a 19 de novembro de 1823 (o sr. M. Pinheiro Chagas, na sua obra já citada, diz que foi em 19 de novembro de 1822.) Falleceu na *Rua do Caldeira*, a Santa Catharina e jaz no cemiterio occidental (Prazeres.)

—

A comarca da Figueira é formada só pelo seu julgado. O concelho é composto de 11 freguezias, todas no bispado de Coimbra, são: Alhadas, Brênha, Buarcos, Ferreira, Figueira da Foz, Lavos, Maiorca, Paião, Quiaios, Tavarêde e Villa Verde.

FIGUEIRA DE LORVÃO—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros de Coimbra, concelho de Penacova, 215 kilometros ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

As freiras bernardas, de Lorvão, apresentavam o vigario, que tinha 60$000 réis, e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

—

Aqui nasceu, em 1750, uma mulher (um monstro) chamada Luiza de Jesus. Em 1772, tendo apenas 22 annos de edade (!) foi por muitas vezes á *Róda* de Coimbra buscar grande numero de expostos, dos quaes envenenou 34, só para adquirir 600 réis e o enxoval que a *Róda* dava a quem levava cada criança! Foi presa e sentenciada á morte, mas parece que morreu na prisão, pois não consta que morresse no patibulo.

FIGUEIRA DO MOGADOURO—freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Mogadouro, 24 kilometros de Miranda do Douro, 395 ao N. de Lisboa, 20 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Nossa Senhora da Assumpção, de Travanca,

Vide a nota na outra Figueira, d'este mesmo concelho e comarca.

FIGUEIRA VELHA—vide *Pontos do Douro*.

FIGUEIRAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 296 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O bispo do Porto e o bailio de Leça, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

Os bispos do Porto e os bailios de Leça andaram muitos annos em letigio, allegando ambas as partes o direito de padroado d'esta freguezia.

FIGUEIREDO—rio, Alemtejo, passa por a villa de Niza e desagúa na esquerda do Tejo. *Figueirêdo* e *Figueirido*, são synonimos de figueiral.

FIGUEIREDO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 190 kilometros a E. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado (por ser isento do Crato) districto administrativo de Castello Branco.

Nem o *Portugal Sacro*, nem o *Diccionario Geographico* de José Avellino de Almeida trazem esta freguezia, apesar de ser muito antiga e ainda existir.

A mesma etymologia.

FIGUEIREDO (de *Amares*) — freguezia, Minho, comarca e 8 kilometros a E. de Villa-Verde, concelho e 1 kilometro a E. de Amares (até 1855 era do mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados.) 11 kilometros a NE. de Braga, 60 ao N. do Porto, 370 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Antes de ser da comarca de Pico de Regalados, tinha sido da comarca de Vianna, concelho e visita de Entre Homem e Cávado.

Ha n'esta freguezia 4 capellas: S. Sebastião (pertencente á confraria do Santissimo Sacramento.) Santo Aleixo, S. Verissimo e Nossa Senhora da Conceição. As 3 ultimas são particulares.

É situada em planicie, na margem direita do Cávado, que corre ao S. da freguezia, com lindas vistas.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 400$000 réis de rendimento.

Seu terreno é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz.

N'esta freguezia está a quinta *do Villar*, solar dos Abreus Limas. É sua actual possuidora a sr.ª D. Francisca Barbosa de Sousa Machado, casada com o sr. D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho, capitão do estado-maior de engenheria, e filho segundo da casa da Tapada.

É tambem n'esta freguezia a antiquissima e nobre casa da Ribeira, de que é actual proprietaria a sr.ª D. Maria Antonia d'Araujo Malheiro, descendente dos Malheiros de Ponte do Lima.

A mesma etymologia.

FIGUEIREDO — freguezia, Minho, comarca concelho, e 6 kilometros ao S. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

Um dos conegos da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

FIGUEIREDO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos. Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 11$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

FIGUEIREDO D'ALVA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 20 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mesma etymologia.

O arcediago de Viseu apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FIGUEIREDO DE CÊA — freguezia e Couto extinctos (dos frades bernardos de Maceiradão) Beira Baixa, na freguezia, concelho e proximo á villa de Cêa, comarca de Gouveia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda. (A mesma etymologia.)

Peyson, abbade do convento dos bernardos de Maceiradão, lhe deu foral em agosto de 1242 (1204 de Jesus Christo.)

Notarei aqui algumas curiosidades d'este foral.

O que o povo de Figueiredo de Cêa pagava aos frades era *o oitavo dos fructos e vinho—uma fogaça, d'alqueire e meio de trigo,—um frangão e dés óvos : pelo S. João.—um corazil*, (é o rabo e cousa de um palmo, 22 centin.—do ôsso—com a competente carne e coiro da espinha dorsal) *de toicinho—e não matando porco, uma galinha, ou uma geira de bois*—tudo pago *pelo natal*. Já se sabe, isto pagava cada fogo, ou chefe de familia.

O *monteiro* (caçador) que só vivesse de caça, pagava *um coelho, com a sua pelle, todas as vezes que dormisse no monte duas noutes; mas se matar um só coelho, só dará as mãos d'elle. Se matasse um porco montez, daria 4 costas* (costellas) *e de outra qualquer veação um lombo.*

Os frades se obrigaram a nunca edificar casa em Figueiredo, para ahi habitarem.

O mordomo, para receber estes fóros, era da mesma freguezia, nomeado pelos frades, mas os habitantes lhe davam, como *eyradégo* (que recebia os fóros na eira dos foreiros.) meio feixe de linho, uma quarta de pão e uma quarta (3 canadas) de vinho.

Dos montados não pagavam *vexação* (fôro)

A mulher que enviuvar, e quizer tornar a casar, não pague luctuosa.

O visinho que furtar no campo e não quizer restituir o furto, pelas duas primeiras vezes, pagará meia vara de bragal. (se o furto vallesse mais do que a *meia vara de bragal*, ainda o ladrão fazia negocio, *sem ficar com pêso na consciencia) mas, se depois reinsidisse no mesmo crime, seria lançado fóra e vendidos os bens que tivesse no logar.*

Nas vendas de bens de raiz, pagavam ao convento *um oitavo da siza.*

Os dizimos da villa eram para o *clerigo* de S. Salvador.

Terminava o foral com estas terriveis palavras:

Este foral, e leis acima escriptas, guardarei vós outros, em quanto viverdes, e vossos descendentes, para com o nosso mosteiro.

E, se algum de nós quizer quebrar este foral e não dér a emmenda devida, pela primeira vez pagarêmos 20 alqueires, em pena, e vós, de propria maneira. E além disto seja maldito e excommungado e atormentado sem fim no inferno, com Judas Scharioth e com o proprio demonio; e vossos filhos e netos ardam nas proprias chamas, se contradisserem este contrato.

FÍGUEIREDO DAS DONAS — freguezia, Beira Alta, concelho e comarca de Vousella, 18 kilometros a NO. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 17 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Pedro do Sul, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha aqui um antiquissimo *paço acastellado* em ruinas. É da familia dos *Mellos*. Consta que foi solar do célebre *D. Ansur* (de que vou fallar) progenitor dos *Figueiras*, *Figueirôas*, e *Figueiredos*.

Contam todos os nossos historiadores que o que deu a esta freguezia o sobrenome (das Donas) foi o facto seguinte.

Mauregato, filho de D. Affonso, o *catholico*, e d'uma escrava, pretendeu usurpar (como usurpou) o throno a seu sobrinho, D. Affonso, filho de D. Fruela, e para isto pediu e obteve o auxilio das tropas do kalifa de Córdova, Abd-el-Raman, em 783, mediante o vergonhoso tributo de 100 donzellas lusitanas, para os harens mouriscos.

Em 784, *Orélia* e mais 5 companheiras, d'estes sitios, foram escolhidas pelos *caçadores* do usurpador, para fazerem parte do tributo d'esse anno. Hiam ellas passando por Figueiredo, acompanhadas e guardadas por 20 mouros e 40 castelhanos, todos de cavallaria, além dos guardas de pé.

Um nobre cavalleiro lusitano, de sangue gôdo, natural de Lafões, chamado *D. Guesto Ansur*, era namorado de Orelia, que lhe mandou dizer a desgraça que lhe acontecêra e pedir-lhe que a salvasse.

D. Guesto junta á pressa uns trinta homens de Lafões e com elles cahe inopinada-

mente sobre a escolta que conduzia as donzellas a Merida, quando ella passava a Figueiredo. O furor de *D. Guesto* e dos seus era tal, que os mouros e castelhanos morreram quasi todos no combate. As damas foram libertadas, e *D. Guesto* as levou para o seu castello e alli casou com Orelia.

(Ha tambem quem diga que este facto não occorreu aqui, mas em Figueiró dos Vinhos Estes, quanto a mim, fundam-se sómente nos primeiros dois versos da poesia de *D.* Guesto, que em muitos escriptores veem assim—«No figueyrol de figueyredo—*A no figueyrol entrei.*»)

No maior furor da peleja, tinha quebrado a espada *D. Guesto;* mas este *estroncando* um grosso ramo d'uma figueira, continuou com elle a esmagar os inimigos.

Por esta façanha, D. Bermudo 1.º deu, em 789, a *D. Guesto Ansur* o appellido de Figueiredo (outros dizem, de Figueirôa) e por armas um ramo de figueira.

Depois, na reforma dos brazões, em logar do ramo, foram 5 folhas de figueira, que ainda hoje são as armas dos Figueirôas.

O mesmo rei determinou que ao logar da peleja se chamasse d'ahi em diante Figueiredo das Donas.

Dizem outros escriptores que estes appellidos e estas armas, foram dadas por D. Ramiro 1.º em 848, mas é mais provavel que fosse D. Bermudo 1.º porque é de suppor que D. Ansur já não existisse 64 annos depois d'este facto, e mesmo porque o rei não demoraria tanto tempo um premio que nada lhe custava.

Os gallegos dizem que um facto semelhante aconteceu junto a *Mondonhêdo,* por esse tempo, com um cavalleiro da Galliza, que tambem com uma pernada de figueira matou os guardas que escoltavam algumas donzellas d'aquelle reino, destinadas ao infame tributo, resgatando-as. Outros escriptores gallegos e castelhanos dizem que o tal cavalleiro que obrou esta façanha tinha por appellido Figueirôa já antes a d'ella, e que é por esse motivo e não por ter combatido armama do do ramo de figueira, que aos seus descendentes se conserva o appellido de Figueirôas.

O que é certissimo é que todos os escriptores de boa nota contam o facto e a origem do appellido e das armas, como primeiro relatei — que em Hespanha ha tambem o appellido de *Figueirôa,*—e que, nem só em *Figueiredo das Donas* e *Mondonhêdo,* mas em varias terras das Hespanhas, o pôvo por varias vezes sahiu ás escoltas que levavam as donzellas do tributo, e as libertaram, com mais ou menos derramamento de sangue.

Este infamante tributo só durou 6 annos, porque, tendo morrido o usurpador Mauregato, em 789, e subindo ao throno D. Bermudo I, só n'esse anno pagou o tributo, porque atacando as tropas do kalifa *Abd-el-Raman,* junto de *Aledo,* as derrotou, e livrou os christãos de tão humilhante tributo.

—

D. Guesto Ansur era poeta e celebrou o resgate da sua *Orelia* e companheiras em uns versos, que depois dos attribuidos a D. Rodrigo, ultimo rei gôdo (em que se relata a perda das Hespanhas) é a mais antiga poesia que existe na nossa lingua.

Eis a poesia:

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei,
seis niñas encontrara,
seis niñas encontrey:
para ellas andára
para ellas andey,
lhorando as achára
lhorando as achey.
Logo lhes pescudára,
logo lhes pescudey,
quem las mal tratára
y a tão mala ley.

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
uma repricára
—«infançon, non sey:
mal ouvesse la terra
que tene o mal Rey.
Se ei armas usára
a mi fee non sey
se hombre a mi levára
de tão mala ley.

A Deos vos vayades,
garçon, ca non sey
se onde me falades
mais vos falarei.»

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrei:
eu lhe repricára
—«a mi fee non irey,
ca olhos d'essa cara
caros los comprarey:
a las longas terras
entras bos me irey;
las compridas vias
ei las andarey,
lingoas de aravias
ei las falarey:
mouros, se me bisse
ei los matarey.»

No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey,
mouros que las guarda
cerca los achey;
mal las ameaçára
eu mal me anegey,
troncon desagalhára
troncon desagalhey,
todolos machucára
todolos machuquey:
las niñas furtára,
las niñas furtey.
La que a mi falára
nalma la chantey.
No figueiral figueiredo
a no figueiral entrey.

—

Tenho visto esta poesia escripta de varios modos; mas o essencial é em todos os copistas o mesmo — menos nas donzellas, que esta diz *seis niñas*, e outras dizem *las niñas*.

Tambem alguns escriptores dizem que as *niñas* eram cinco e não seis. Estes fundam-se em que as armas dos *Figueiredos*, *Figueiras* e *Figueirôas*, são cinco folhas de figueira, verdes, em campo de prata. Parece-me verosimil.

Para mais esclarecimentos sobre este facto, vide *Figueiró dos Vinhos*.

FIGUEIRÓ — (Santa Christina de) freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 40 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

Figueiró é diminutivo de figueira— quer dizer—figueirinha.—Em latim do seculo XII escrevia-se— figairola — e d'aqui figueirol.

Era do concelho de Santa Cruz de Riba-Tâmega, que foi supprimido em 1855.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento 500$000 réis.

É n'esta freguezia, a casa e quinta da Torre, solar dos Figueirós.

Já está descripto em Santa Christina, mas descrevo-o aqui, por causa de mais esplicações.

FIGUEIRÓ — (S. Thiago de) freguezia, Douro, camarca e concelho d'Amarante) até 1855, do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega) 40 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Cova da Lixa, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil. Cria muito gado.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ — freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, 36 kilometros a ENE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

A mesma etymologia.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia o nome de *Figueiró de Ferreira*, para a distinguir dos outros *Figueirós*.

FIGUEIRÓ DO CMAPO—freguezia, Douro,

concelho e comarca de Soure, (até 1855) concelho de Santo Varão) 18 kilometros ao S. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

A abbadessa (bernarda) de Cellas (Coimbra) apresentava o vigario, que tinha 120$000 rs.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ DA GRANJA —villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 35 kilometros a E. de Viseu, 305 ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 116 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

Foi concelho com camara, juizes e mais officiaes.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de julho de 1518.

Era do convento de Tarouca.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Houve aqui uma escaramuça, entre as tropas portuguezas e os invasores francezes, em 1811.

A mesma etymologia.

FIGUEIRÓ DA SERRA—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Linhares até 1855, e desde então comarca e concelho de Gouveia, 275 kilometros a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Rosalia Lopes, d'esta freguezia, pariu, a 20 de março de 1842, aqui, um monstro. A cabeça tinha um talhe e figura medonha. O rosto semelhava o do cão, os queixos tinham dentes tão agudos como de pescada, o tronco aproximava-se á figura humana, mas com os braços e pernas desconformes, tomando a apparencia d'um quadrupede medonho.

Nasceu vivo, mas morreu poucos minutos depois de nascido.

Esta freguezia foi commenda da ordem de Malta, pelo que tinha muitos e grandes privilegios.

A mesma etymologia.

Chama-se da Serra, por estar na serra da Estrella.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS— villa, freguezia, Extremadura, 40 kilometros ao N. de Coimbra, 30 ao N. de Thomar, 165 ao S. de Lisboa, 730 fogos, 2:900 almas.

Em 1757 tinha 410 fogos, no concelho 3:400 na comarca 6:160.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O collegio novo de Santa Cruz de Coimbra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis. Feira a 27 de julho, 3 dias.

A mesma etymologia.

Chama-se Figueiró dos Vinhos, pelas muitas figueiras e excellentes vinhos em que abunda.

Figueirol, no antigo portuguez, significava figueiral e é provavelmente o nome primittivo d'esta villa.

Figueiró ou *Figueirô* significa *figueira pequena, figueirinha*. Vide Figueiró (Santa Christina de.)

Tambem o seu territorio produz muitos cereaes e fructas, azeite, linho, etc.

Passam proximo os rios *Zezêre* e *Pera*, que regam, moem e dão peixe.

Situada em uma planicie amena, fertil e saudavel. Cria muito gado.

D. Pedro Affonso, filho natural de D. Affonso I, a povoou em 1174, dando-lhe foral, com grandes privilegios, em maio do mesmo anno (segundo Viterbo, em 1176) que depois veio a ser confirmado em Santarem, por D. Sancho I, em 1187.

Tornou a ser confirmado por D. Affonso II, em Santarem, no anno de 1218. Vide adiante o que se diz a respeito do primeiro foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 d'abril de 1514.

Al-Bojaque, rei mouro de Sevilha, saqueia e arraza esta villa em 1181, e d'aqui marcha para Santarem a pôr cêrco a D. Affonso I, que lá estava; mas o infante D. Sancho (depois primeiro) correu em soccorro de seu pae e ambos derrotam os mouros, hindo D. Sancho em sua perseguição até Sevilha.

Em tal estado ficou esta povoação, que em 1187 estava reduzida a uma pobre aldeia, sujeita a Pedrogão Grande.

D. Sancho I, a tornou a mandar povoar de novo nesse anno, dando-lhe a cathegoria de villa, confirmando-lhe todos os privilegios do foral que seu irmão lhe tinha dado.

Tem Misericordia.

Tinha um convento de frades carmelitas descalços, fundado por D. Pedro d'Alcaçova, e outro convento de Freiras franciscanas, fundado por *Anna de Jesus*, *Isabel da Conceição*, *Justina do Salvador* e *Catharina da Conceição*, naturaes d'esta villa, em 1549.

—

Tinha voto em cortes, com assento no banco 15.º

—

Rodrigo Mendes da Silva, na *Poblacion general de España*, diz que bons escriptores dizem que aqui foi o caso de *cinco cavalleiros* lusitanos, que durante a usurpação de Mauregato (de 783 a 789) libertaram *cinco donzellas*, que hiam para os harens de Cordova, por serem parte do tributo d'esse anno, e não em Figueiredo das Donas, nem em Mondonhêdo.

Entendo que podia muito bem ser verdadeiro isto em todas as tres partes.

Em *Moudouhêdo* não consta com certeza qual era o numero de donzellas resgatadas: só dizem os escriptores (ao menos os que li) que uns *cavalleiros* gallegos assaltaram a escolta que levava as donzellas e as resgatou.

Em *Figueiredo das Donas*, consta que foi *D. Guesto Ansur com a sua gente*, e que as donzellas eram *seis*.

Aqui consta que *cinco cavalleiros* lusitanos libertaram *cinco donzellas*.

Por consequencia, já veem que as circumstancias diversificam.

Eu já disse (e é constante) que *em muitas partes* das Hespanhas christans, o povo sahia ás escoltas que conduziam as donzellas do tributo e as libertavam á força.

Além d'isso—segundo o mesmo escriptor (R. M. da Silva) as armas de Figueiró dos Vinhos são—Em campo d'ouro, *cinco* folhas verdes de figueira, orladas d'esta legenda. —«*Por Deus e pela patria.*»

Cada um tire d'aqui os corollarios que quizer.

—

D. Philippe III, de Castella, quando ainda dominava Poriugal, fez conde d'esta villa a D. Francisco de Vasconcellos.

—

No foral de D. Pedro Affonso, tractando das divisões do termo d'esta villa pela parte do Pedrogão Grande, diz.—«*Quomodo venit pela teia* (muro? vallado? cava?) *de Monasterio de Agia, et venit ás cabeças de Nadavis, etc. etc.*»—Vê-se d'este antigo documento que houve aqui um mosteiro chamado *da Águia*, que nenhum auctor menciona.

—

Esta villa é uma povoação insignificante, que apezar da fertilidade de seus campos, nada tem prosperado. Compõe-se de uma rua torta e alguns bêccos ou travessas. A casa da camara é um pardieiro.

O unico edificio bom é a egreja, notavel pela sua vastidão e pela sua antiguidade.

No largo da Egreja (de S. João Baptista.) existiam ainda ha poucos annos tres carvalhos de extraordinaria grossura. O maior tinha na parte inferior 8 metros de circomferencia.

—

No convento d'esta villa foi freira, Antonia da Trindade, natural da villa de Cantanhêde. Sendo de poucos annos, desejou aprender grammatica e depois theologia. Veio para Coimbra, em 1549, com sua mãe. Vestiu a batina de estudante e em pouco tempo excedeu seus condiscipulos em saber e talentos.

Não poude encobrir tanto o seu sexo, que não fizesse acordar as curiosidades. Um dia que passeava na ponte do Mondego, com alguns estudantes, estes lhe foram observando

o modo de andar e attentando em outros signaes.

Com palavras equivocas, lhe deram a entender as suspeitas que tinham. Ella então, vendo descoberto o seu sexo, resolveu metter-se freira, e tomou o habito no convento d'esta villa de Figueiró; tomando o nome de Soror Beatriz da Cruz. Morreu com fama de santa.

—

A comarca de Figueiró dos Vinhos é composta de tres julgados, que são: Alvaiazere, com 1:560 fogos; Figueiró dos Vinhos, com 3:400 fogos; Pedrogão Grande, com 2:200 fogos; total 6:160.

—

O concelho de Figueiró comprehende oito freguezias, que são: Agúda, Aréga, Avellar, Campêllo, Chão do Couce, Figueiró dos Vinhos, Maçans de Dona Maria e Pousa Flores todas no bispado de Coimbra.

FIGUEIRÓS—freguezia, Extremadura, comarca de Alemquer, concelho do Cadaval, (até 1855, da mesma comarca, mas concelho de Alcoentre, então suprimido) 70 kilometros a NE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

O prior e beneficiados de S. Thiago, de Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada e duas pipas de vinho.

FILHADELLA—vide Folhadella.

FILHADO—portuguez antigo, *tomado, prêso, agarrado, pilhado*, etc.

FILHAR—portuguez antigo, *tomar, aprehender, agarrar, pilhar, fillar*, etc.

FILHO DAS HERVAS—vide Hervoeira.

FINS (S.)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Felix.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Couto e villa extinctos. Antigamente foi unido com Coura, até ao reinado de D. Sebastião. Tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador do concelho etc., por eleição triennal do povo, a que presidia o corregedor.

Houve aqui um convento benedictino, chamado de S. Fins das *Fréstas*. [1]

Já existia em 566. Dizem que S. Rosendo (fundador do convento de *Cella Nova*) foi abbade d'este mosteiro.

Era muito florescente em 1023.

D. Affonso I coutou este mosteiro e a freguezia, em 1172, dando o couto aos frades. Os abbades eram senhores do couto no espiritual e temporal; mas depois, vinha a justiça de Coura fazer aqui audiencias de 15 em 15 dias.

O convento passou no fim do seculo XIV, ou principio do XV, a poder de commendatarios, que com as suas extorsões reduziram a communidade a 3 ou 4 monges, pelos annos de 1545, em que D. João III deu este couto ao mosteiro, com as egrejas de que era padroeiro (que tudo já era do real padroado) aos frades da Companhia de Jesus, para fundarem o seu collegio, de Coimbra.

(Ainda aqui ha uma casa a que chamam a *Torre*, que é tradição ter sido por vezes prisão de pessoas nobres.) O papa Paulo III confirmou esta doação, em 1548, tomando os jesuitas posse de tudo, n'esse mesmo anno.

Os religiosos benedictinos d'este mosteiro, eram senhores do direito de *condado* (vide esta palavra a fl. 368 do 2.º vol. d'esta obra) pelo que recebiam o 1.º veado, côrça ou javalí, que no couto se matasse, em cada anno; bem como o 1.º salmão, sôlho ou truta marisca [2] que fosse pescada no rio Minho, dentro do territorio do couto; tambem em cada anno.

[1] Diz-se que o nome de *fréstas* (no Minho *friéstas*) lhe provem das projecções do sol, pelas aberturas de uns altos montes que ha proximos.

[2] Não me consta que hajam *trutas mariscas* em Portugal, senão no rio Minho. O seu comprimento medio é de dois palmos (0m44.) São exteriormente manchadas de varias cores (dominando o encarnado) e no interior de um amarello alanranjado como os salmões frescos, e quasi tão saborosas e apreciadas como elles.

Tinham o privilegio de não morar n'este couto homem poderoso. Seus moradores não eram obrigados a hir á guerra, senão com o rei em pessoa; mas tinham obrigação de defender dos gallegos, leonezes e castelhanos, o *Váo de Carrexil*.

Depois de ser dos jesuitas, todas as rendas do mosteiro hiam para o seu collegio de Coimbra, ficando apenas a congrua para um superior e dois ou tres religiosos que aqui residiam ordinariamente.

O nome d'esta freguezia (S. Fins) provem de uma capella (que estava pouco acima do sitio onde chamavam *S. Fins o Velho*) onde estava a cabeça de S. Felix, de Gerona (Catalunha) martyr. Tinham os povos d'estes sitios a crença de que esta cabeça santa perseverava de hydrophobia, aos mordidos por cães damnados.

Tinha tambem esta capella reliquias de S. Rosendo, e outras, que se não sabia a quem haviam pertencido. Tambem aqui havia a correia, com sua fivella, que fôra de S. Rosendo, e por isso reputada como reliquia. Perdeu-se, em 1854. Diz-se que esta correia fez muitos milagres ás parturientes, que se cingiam com ella no acto do parto.

A architectura da egreja do mosteiro, matriz da freguezia, é gothica e magnifica. Sobre a porta do lado direito tem o anno de 1548.

A matriz primittiva era a egreja dos Remedios; depois passou a ser a do mosteiro, e, finalmente, tornou a primittiva a ser parochial, por exigencia do abbade. O povo oppoz-se a esta mudança, com rasão, porque a egreja do mosteiro é mais vasta e melhor. Correu demanda com o abbade, que ficou vencido por uma sentença que determinou que a matriz fosse a egreja do convento.

Na *capella dos Milagres*, estão tambem muitas reliquias de S. Felix e S. Rosendo.

—

Nos limites d'esta freguezia, ha no rio Minho (que a termina pelo N.) duas *insuas* (ilhas) chamadas *Lagos de Rei* e *Verdoêjo*. São ferteis em cereaes (sobretudo milho) e produzem muito pasto para os gados.

FINS (S.)—concelho extincto, Beira Alta, situado sobre a margem direita do Paiva, que lhe fica a O. e a esquerda do Douro, que lhe fica a NO.

Emquanto existiu este concelho, era da comarca de Rézende. Foi supprimido em 24 de outubro de 1855; e sendo então creada a nova comarca de Sinfães, as freguezias que formavam este concelho passaram a pertencer ao concelho e comarca de Sinfães.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1513, serve para, Antemil, Cortegaça, Entruviscada, Ervilhães, Fornellos, Macieira, Nespereira, Paradella, Pereira, Pindello, Portella, e Ventuzéllos. (Vide Entruviscada.)

FINS DO DOURO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Alijó, 1:500 metros a NO. de Favaios (a cujo concelho pertenceu até 1855, anno em que se supprimiu este concelho.) 20 kilometros a NE. de Villa Real, 4 a E. de Penhão, 6 ao O. do Túa, 8 ao N. do Douro, 136 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Boa casa de residencia parochial e optimos passaes.

É terra fertil..

(Vide Villarêlho.)

FINS (S.) **DE FERREIRA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços. Vide Ferreira (S. Pedro Fins de.)

FINS (S.) e **PARADA**—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Chaves (foi até 1855 do concelho de Monforte do Rio Livre, então supprimido), 420 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O real padroado apresentava o cura de S. Fins, e tinha 150$000 réis de rendimento.

Parada foi uma pequena freguezia inde-

pendente, que ha muitos annos se annexou a esta.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *S. Fins do Castanheiro.*

FINS (S.) **DE RIBA D'AVE** — Vide *Santo Estevão Fins de Riba d'Ave.* É no concelho de Villa Nova de Famalicão, e denomina-se officialmente *Riba d'Ave.*

FINS (S.) **DE SUB-FEIRA** ou **S. FINS DA FEIRA** — (officialmente *Sub-Feira*) freguezia, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao NE. da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo; ou S. Pedro Fins.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É freguezia bonita, abundante de agua, fertil e saudavel.

As freiras benedictinas da *Ave Maria*, da cidade do Porto, apresentavam o cura, que só tinha o pé d'altar.

Tem uma egreja nova, que ainda está por concluir. É pequena, mas desmedidamente alta, em comparação do seu tamanho.

É um arrabalde da villa da Feira. Quasi toda a gente chama a esta freguezia *S. Fins da Feira.*

FINS (S.) **DE TAMEL** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. Lisboa, 68 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Pedro Fins ou S. Pedro *ad vincula.*

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Esta freguezia e as de Santa Leocadia de Tamél e S. Verissimo de Tamél, são situadas no lindo e feracissimo valle do Tamél, que lhes dá o nome. (Vide Tamél.)

FIOLHOSO — freguezia, Tras-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 100 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias (da Purificação).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Diz o padre Carvalho, que ha aqui uma fonte, chamada da *Pipa*, na qual mettendo uma garrafa de vinho, bem tapada, brevemente perde toda a sustancia, não ficando mais do que uma *escassa tintura.*

O que é certo é a agua da *Fonte da Pipa* ser frigidissima.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

FIRVIDELLAS — já está descripta em *Fervidellas.*

FISCAL — freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho e 4 kilometros a O. d'Amares, e desde então é do mesmo concelho, comarca de Villa Verde, d'onde dista 3 kilometros a NE. 10 kilometros a N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 157 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo (antigamente S. Maméde).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, por concurso synodal. Rendia annualmente a abbadia 250$000 réis.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho e visita de Entre Homem e Cávado, a que hoje se chama Amares.

A egreja matriz, mediana em tudo, foi construida no anno de 1739.

—

Ha n'esta freguezia uma capella dedicada a S. Bento, outra a Santo Antonio (antigamente de S. Sebastião) meeira da freguezia de Carrazedo, conhecida pela denominação de Santo Antonio do Pilar; e mais outra pertencente á casa e quinta da Tapada, dedicada a Nossa Senhora da Guia, a qual tem sobre a porta principal a seguinte inscripção:

ESTA CAPELLA MANDOV FAZER FER.DO DE SAA DE MENEZES. 1618.

N'esta capella existe uma irmandade de

ecclesiasticos, intitulada de S. Pedro de Rates. O fim d'esta irmandade é soccorrerem-se os irmãos uns aos outros nos apertos da morte. Não se póde averiguar com certeza, em que anno começaram os primeiros alicerces e fundamentos d'esta piedosa obra. Só se presume, por tradição, que seria pelos annos de 1552, em que foram trasladadas para a Sé de Braga as preciosas reliquias do seu primeiro prelado e pastor, o glorioso martyr S. Pedro de Rates, ao qual os primeiros fundadores d'esta irmandade tomaram por patrono e pedra fundamental da mesma. Outros fazem sua origem mais antiga; e dado que defendam, com bons argumentos, a sua opinião, comtudo, o que tenho dito, parece mais provavel e verosimil.

Com tão feliz e acertado principio foi esta irmandade crescendo e augmentando-se de maneira que, d'alli a poucos tempos, se podia contar por uma das mais auctorisadas do nosso Entre Douro e Minho; porque se lhe uniram logo os mais ecclesiasticos dos concelhos de Regalados, Villa Chã, S. João de Rei, Lanhoso Couto de Bouro e termo de Braga, e na irmandade existiram por muitos annos.

Esteve primeiro esta irmandade instituida e encorporada na egreja parochial de S. Martinho de Carrazedo; depois, por conveniencias e respeitos que assim o pediram, se mudou, pelos annos de 1618, para esta capella de Nossa Senhora da Guia, onde hoje permanece em grande decadencia.

—

Está situada esta freguezia em terreno accidentado, na margem esquerda do rio Homem, que corre ao O. da mesma freguezia. É fertil em cereaes, vinho verde e fructas, principalmente laranja. Corre pelo centro d'esta freguezia um ribeiro, chamado *Villonços*, que principia na freguezia da Torre e acaba, com 2 kilometros de curso, na esquerda do Homem. Réga e móe.

Esta freguezia fica perto do mosteiro de Rendufe. É n'esta freguezia a casa e quinta da *Tapada*. É actual possuidor d'esta casa o sr. D. Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho.

A quinta da Tapada é celebre por ter sido do poeta classico Sá de Miranda, que a fundou no seculo XVI e que jaz na sua capella, na egreja de Carrazêdo de Bouro.

Sá de Miranda era da familia dos Sás. Por uma sua neta, ou bisneta, que casou com o senhor de S. João de Rei (ramo 2.º dos Azevedos) passou aos Azevedos.

O ramo primogenito dos Azevedos é na freguezia de Lama, onde teem o seu solar, que já o era d'esta familia no tempo de D. Affonso Henriques; sendo então senhor d'ella D. Pedro Mendes d'Azevedo, 23.º avô, por linha legitima e primogenita o sr. visconde de Azevedo, que reside na cidade do Porto.

Para evitarmos fastidiosas repetições, vide *Carrazêdo de Bouro*.

FISCO — vide Cambres.

FLOR DA ROSA — freguezia, Alemtejo, comarca de Niza (até 1855 comarca de Portalegre, d'onde dista 18 kilometros) 12 kilometros do Crato, 180 a SE. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Flor da Rosa, ou Nossa Senhora das Neves.

Era isento do grão-priorado do Crato, pelo que pertence hoje ao patriarchado; districto administrativo de Portalegre.

Feira a 15 de agosto e 8 de setembro, ambas muito concorridas, e cada uma dura tres dias.

O grão prior apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho cru, dois cantaros de azeite, e em dinheiro 4$000 réis.

Chama-se vulgarmente *Arrabalde da Flor da Rosa*. Deve este nome e a sua origem a um templo que ahi fundou o grão-prior do Crato, *D. Alvaro Gonçalves Pereira*, (pae do santo e immortal condestavel *D. Nuno Alvares Pereira*) em 1356, dedicado a Nossa Senhora das Neves, e mais vulgarmente Nossa Senhora da Flor da Rosa.

A imagem da Senhora achou-se escondida, no mesmo logar em que está fundada a egreja. Consta que no mesmo sitio da egreja actual existiu em tempos remotos outra, (a que pertencia a imagem aqui apparecida) e um convento de monges benedictinos, que os mouros destruiram completamente em 716.

Outros dizem que este convento existiu sobre o monte visinho, onde hoje está uma capella dedicada a S. Bento, e que a imagem de Nossa Senhora da Flor da Rosa pertencia á egreja d'esse mosteiro.

A egreja de Nossa Senhora da Flor da Rosa é de architectura gothica e de excellente fabrica.

No meio d'ella descança o fundador, em um tumulo de marmore. Suppõe-se que foi seu filho, o *condestavel*, que mandou erigir este monumento.

No cruzeiro ergue-se outro tumulo, tambem de marmore, sobre seis leões, no qual estão os restos de D. Diogo Fernandes de Almeida, grão-prior do Crato, e filho de D. Lopo de Almeida, conde d'Abrantes.

R. M. da Silva designa este edificio como um *forte castello*, e diz que Flor da Rosa foi povoada por D. fr. Alvaro Gonçalves Pereira (que então lhe edificou o *castello*) em 1356.

(Já no seculo XVI aqui se fazia a grande feira de 8 de setembro.)

Na verdade, ao edificio da egreja da Flor da Rosa mais lhe cabe o nome de castello do que o de templo. Aqui foi o alcaçar do seu fundador, e devia então ser uma inexpugnavel fortaleza, pois é todo construido de robusta cantaria e coroado em toda a sua extensão de ameias, guaritas e cubêllos, recordando os tempos em que os portuguezes, das proprias egrejas defendiam a patria e a liberdade.

As cellas dos antigos moradores estão em completa ruina, e apenas algumas salas se conservam ainda de pé, servindo de deposito de palha. Tambem ainda se conserva de pé um claustro de oito arcadas, com pilares de marmore, todo coberto de cardos e silvas.

Ainda em 1737, segundo diz fr. Lucas de Santa Catharina, nas suas *Memorias da Ordem militar de S. João de Malta* «*davam corpo ao antigo edificio, nobre e sumptuoso, grandes claustros, casarias espaçosas e eguaes officinas, servindo-lhe d'ornato torres de cantaria, altas e bem lavradas.*»

O que se acha mais bem conservado de todo este edificio, por tantos annos residencia principal dos grão-priores de Malta e dos seus freires, é a egreja, apesar de estar assente em terreno alagadiço, reçumando agua, ainda na maior estiagem, as paredes e pavimento.

Sobre o portico tem a seguinte inscripção:

VIRGINI GRATIARUM SACRUM

O templo é muito comprido, de uma só nave, em fórma crucial e mal alumiado. O arco cruzeiro é altissimo.

A imagem da padroeira é de marmore e de primorosa esculptura, apesar da sua muita antiguidade. Tem no braço esquerdo o menino, tambem de muita formosura.

Nos dias das duas feiras, fazem-se tambem duas grandes romarias a que concorre gente de muitas leguas em redor e até de Hespanha.

Este alcaçar é em uma planicie, separado, mas a pequena distancia da povoação.

Foi n'este alcaçar que o immortal Garrett fez nascer a formosa *Alda*, donosissima esposa do *Alfageme de Santarem*, sobrinha do bom Froilão Dias e afilhada de D. Alvaro Gonçalves.

—

A aldeia da Flor da Rosa é grande e muito alegre e desabafada a sua situação. Quasi todos os seus habitantes são oleiros de louça ordinaria, mas que tem a qualidade de resistir muito ao fogo, e por isso é muito estimada e tem grande extracção, até para fóra da provincia.

—

D. Alvaro Gonçalves Pereira, fundador do castello e templo da Flor da Rosa, era filho de D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga e de D. Thereza Pires Villarinho. Este arcebispo era filho do rico e poderoso conde D. Gonçalo Pereira e de D. Urraca Vasques Pimentel.

Foi este conde D. Gonçalo Pereira que, estando um dia no seu solar de Pereira, deu 70 cavallos a parentes e amigos seus. (Vide Feira.)

D. Alvaro Gonçalves Pereira, achou-se, com o arcebispo seu pae, na batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) onde, por or-

dem de D. Affonso IV (o *Bravo*) arvorou o *santo lenho da vera cruz*, que levára do Marmellal, á vista do exercito portuguez, para ser adorado, servindo-lhe depois de guia, precedendo a *signa* real.

Casou com D. Iria Gonçalves do Carvalhal, e d'este casamento nasceu, a 24 de junho de 1360, o excelso D. Nuno Alvares Pereira, condestavel de Portugal, conde de Ourem e de Barcellos, mordomo-mór de D. João I, etc. Além do condestavel, houve d'este casamento mais 18 filhos (alguns dos quaes degeneraram, tomando o partido de D. João I de Castella, contra a sua patria.)

FOGAÇA, FOGACIA e **FOGAZA**—originariamente eram bolos cosidos sob o borralho, a que os latinos chamavam *subciniricios*. O uso d'estes bolos *(fogaças)* é muito mais antigo do que a monarchia, pois data, pelo menos, do tempo dos romanos.

Eram pequenos pães redondos e chatos, proprios para serem facilmente cosidos (ou, melhor diriamos, *assados*).

Ainda em algumas terras de Portugal, principalmente nas provincias do norte, se usa isto, e lhe chamam *bôlo do borralho*.

Mais tarde, se deu o nome de *fogaças* a grandes pães de trigo, ovos e manteiga, cosidos no forno, attingindo alguns um grande volume. (Vide Abiúl, Feira e Pombal).

Convertidos os lusitanos ao christianismo, principiaram a pôr sobre os altares *offertas*, que consistiam em maiores ou mais pequenas *fogaças*, mais ou menos aperfeiçoadas. Depois tambem foram depondo outras offertas, a que egualmente davam o nome de *fogaça* (porque eram comestiveis).

Com o andar dos tempos, cahiram os vassallos, colonos e emphiteutas em *offerecerem* ao rei ou ao senhorio, ou pelas festas, ou quando elles vinham ás terras, seus *presentes* de *fogaças*, e eis como, por um acto de deferencia, attenção e obsequio, crearam um fôro contra si mesmos, vindo o que até então era um *favor*, a converter-se em um *fôro*.

Muitos foraes e emprasamentos impõem o fôro ou *reconhecença* de fogaças, mais ou menos volumosas. (Vide Colles e Serpins).

As *fogaças* da villa da Feira, porém, nunca foram obrigatorias nem consideradas fôro. É a camara que manda fazer certo numero d'ellas, e tambem ás vezes os particulares, para darem *talhadas* aos amigos (que tenham 12 vintens, ou o que quizerem, para dar á *fogaceira*, que é o nome da pequena que leva a fogaça na procissão, e a distribue. Vide Feira).

O povo da terra da Feira tem para si que estas *fatiinhas* de fogaça livram de muitos males da alma e do corpo.

—

Querem alguns que o dar-se a estes pães o nome de *fogaça*, é porque a *festa da fogaça* na villa do Pombal foi inventada por uma tal *D. Maria Fogaça;* mas é erro: ella é que o tomou (ou o povo lh'o deu) pela enorme *fogaça* que alli mandava coser annualmente. Ou até mesmo já teria este appellido, que é muito mais antigo do que ella.

A antiga familia portugueza que usava o appellido de *Fogaça*, tinha por armas, além de cinco faxas de ouro, uma fogaça azul, *gretada* de ouro, e por timbre, um molho de lenha, ardendo.

FOGO—Dá-se este nome a uma familia que cosinha no mesmo lar. Nas nossas antigas leis civis e ecclesiasticas, nos tombos, foraes, emprasamentos, etc., chama-se *fôgo inteiro* se o chefe da familia é casado—e *meio fôgo* se elle é solteiro ou viuvo. Em regra o proprietario casado pagava sempre para a egreja o dobro do que pagava o viuvo ou o solteiro.

Se na mesma casa ha mais do que uma cosinha, em serviço, para familias que vivam em separado, são tantos os fogos, como os lares. Finalmente, nos documentos antigos, e para o que fica dito, lar, fogo e familia, são synonimos.

FOGO MORTO—*Casal de fogo morto* (fogo apagado) é o que está deshabitado, reduzido a matto e sem cultura.

Direito de fogo morto, é o que tinha a pessoa que roteou a terra brava e inculta ou abandonada, de não poder ser expulso pelo direito senhorio d'aquellas terras.

Em 1240, achando-se de *fogo morto* todo o territorio de Idanha Velha, mandou D. Sancho II, a 10 de março d'esse anno, que

fosse todo povoado até ao ultimo do proximo maio, sob pena de perderem o que seu fosse, os que o não fossem povoar (os que d'aqui eram proprietarios ou seus herdeiros) sob pena de se julgarem propriedades de *fogo morto*.

FOGUEIRA—o mesmo que *fogo*, *casal* ou *reguengo*.

D. Diniz, por alvará de 1281 «deu a Antonio Esteves e sua mulher Thereza Esteves, a sua *fogueira* de *Coraciães*, com a condição de fazerem cabeça da tal *fogueira*, na herdade que elles tinham em *Calvilhi* (hoje Calvelhe) onde se chamava *Palas*.»

FÓIA—pico granitico e isolado, na serra do Algarve. Vide Foya.

FOIO—vide Fojo.

FOJO—vide Portella do Fôjo.

FOJO LOBAL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 24 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Fôjo Lobal, quer dizer—*fôjo de caçar lobos*. Vide Foyo.

Esteve annexa á freguezia dos Cabaços.

É terra fertil.

O reitor de Cabaços apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FOJOS ou **FOIOS** ou **FOYOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 285 kilometros ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 10 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É proxima da raia. Vide Foyo.

O vigario da Nave apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

FOLES ZOMAQUES—Em 986, venderam *Segulfo Frudildi*, *Gutina* e *Bezemira*, a *Truitesindo Osorediz* e sua mulher *Unisco*, certas fazendas em *Oredi*, abaixo do castello *Aviarelivi*, no territorio do Porto, por 50 *foles*. Já no tempo dos romanos, e muito depois, *foles*, era uma moeda de cobre, que, segundo uns, valia um real, e segundo outros 10 réis.—Mas *foles zomaques*, é a pelle de qualquer animal. É derivado do grego *zoma* ou *soma*, que significá o corpo humano e tambem o pergaminho.

Geralmente, aos pergaminhos já preparados para escrever, se dava o nome de *foles zomaques*. Nas provincias do norte chamam *fole* á pelle inteira do carneiro ou cabrito, que serve de sacco para a farinha. É tal e qual como um odre. Vide Penella, comarca da Louzan.

FOLGOSA—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Terra muito fertil e cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra.

O bispo e o mosteiro benedictino de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

FOLGOSA—vide Pontos do Douro.

FOLGOSA—freguezia, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de Barcos até 1855, e desde então comarca e concelho de Armamar, 18 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Viterbo diz que D. Sancho I lhe deu foral em 1188, repartindo todo o terreno da freguezia em *dés quairellas* (coirellas—casaes) o que constava dos documentos do mosteiro de Salzêdas. Franklin não menciona este foral. O que é certo, é que esta freguezia é muito antiga, e, pelo menos, do tempo dos godos.

O reitor de Armamar apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Produz muito azeite e excellente vinho, havendo no territorio da

freguezia muitas e valiosas quintas, sendo as melhores, a que foi do convento de Salzêdas, hoje dos herdeiros do célebre estadista e eloquente orador, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e a de *Valle Mor* (ou Valmor) que deu o titulo de visconde ao sr. José Isidoro Guedes, e actualmente a seu sobrinho, o sr. Fausto de Queiroz Guedes, segundo visconde do mesmo titulo.

Na extremidade N. d'esta freguezia, corre a bella estrada marginal do Douro.

Era natural d'esta freguezia, o fallecido desembargador da Relação do Porto, Joaquim Cardoso de Carvalho e Gama.

FOLGOSA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros de Viseu, 275 ao N. de Lisboa.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Fataúnços.

Na freguezia de Folgosa está a celebre torre de *Bandavizes* (corrupção de *Ben-dab-Issa* — os cabelludos — appellido de uma familia arabe). Vide Bandavizes.

FOLGOSINHO — vide Carraceira.

FOLGOSINHO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros a NE. de Coimbra, 6 da villa de Mello, 300 a NE. de Lisboa, 280 fogos, 850 almas.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada na serra da Estrella, banhada por a ribeira do seu nome.

Foi povoada por D. Sancho I, em 1188. Todos os auctores dizem que foi povoada por aquelle rei e n'aquelle anno, menos Franklin, que diz — que o foral lhe foi dado em 1187, e não é provavel que o foral lhe fosse dado um anno antes de estar povoada. Ha aqui apenas a differença de um anno, que póde ser de alguns dias, porque, como Franklim não traz o dia e mez da data do foral, podia este ser dado no fim de 1187, povoando-se então a villa, e como faltavam então poucos dias para o anno de 1188, podiam os escriptores marcar a época da povoação n'este anno.

D. Affonso II confirmou este foral, em outubro de 1217.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de setembro de 1512.

Grande abundancia de carvão, lenha, castanha, gado e caça. Do mais medianía.

Os duques de Lafões, que são tambem marquezes de Arronches e condes de Miranda (do Côrvo) eram senhores donatarios das villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro. Para as armas d'esta familia, vide Alafões.

Eram estes duques que apresentavam o vigario, o qual tinha de rendimento 50$000 réis.

FOLGOSO — grande aldeia, Douro, comarca e 15 kilometros a NO. de Arouca, concelho e 9 kilometros a O. de Paiva, 1 ao S. do rio Douro (margem esquerda) 30 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Pertence á freguezia de S. João Baptista de Raiva, que fica 1 kilometro a NE.

Ha aqui duas boas fabricas de papel, sendo a melhor do sr. Manuel Vieira de Andrade e Silva. O motor de ambas é a agua do rio *Arda*, que passa ao NO., pelo fundo da povoação, a distancia de um kilometro.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Lourenço, onde se diz missa nos dias santificados e se faz uma festa a 10 de agosto.

Por este logar passa a grande zona carbonifera de Paiva.

Proximo á povoação, e a E. d'ella, fica (mesmo sobranceiro ao logar) o môrro ou pico de *S. Domingos*, que é a extremidade O. da serra do mesmo nome. (Vide S. Domingos, serra, Douro.)

Nas immediações de Folgoso (nas duas margens do Arda) teem apparecido muitas mós de *moer ouro*, do tempo dos arabes.

Estas *mós* revelam muita antiguidade e bastante uso. Entre duas d'estas mós collocavam o minerio, e depois de bem triturado procediam á *lavagem*, para separarem da terra as particulas ou *palhetas* d'ouro.

Tambem por aqui ha varias galerias abertas pelos arabes, para extracção de metaes. Em 1860 se achou aqui um pedaço de cobre nativo, do peso de 2 kilogrammas; mas por mais que se tenha investigado, não appareceu mais. (Vide Arda, rio.)

Folgoso é povoação bem situada e seu

terreno fertil em cereaes, azeite e optimo vinho verde; produz muitas e boas melancias e outras fructas. Pelo S. passa o ribeiro do seu nome.

FOLHADA — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca e concelho de Soalhães) 54 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. João Baptista, ou Degolação de S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

FOLHADELLA ou **FILHADELLA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 84 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 315 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e caça.

A mitra apresentava *in perpetuum* o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento.

FOLHADOSA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Sandomil, até 1855, depois concelho de Céa, 65 kilometros a NE. de Coimbra, 245 ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil. Cria muita caça.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis annuaes.

—

«Constando por officio do governador civil do districto da Guarda que D. Maria Carlota Vieira Tovar e Albuquerque tem praticado relevantes actos de caridade em beneficio da povoação de Folhadosa, do concelho de Céa, onde reina uma epidemia de escarlatina maligna, já soccorrendo os pobres com dietas e roupas, e já abonando-lhes os medicamentos; de modo que, em virtude da sua generosidade se tornou desnecessario nomear uma commissão de soccorros para acudir aos enfermos: determina sua magestade el-rei que, em seu real nome, louve o dito magistrado a referida D. Maria Carlota Vieira Tovar e Albuquerque, pelos beneficios que tem prodigalisado aos enfermos da sobredita localidade, no que tem dado provas de uma dedicação verdadeiramente christã. —Paço, em 29 de janeiro de 1874.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*»

FOLQUES—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 290 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Tem um convento que foi de frades cruzios; mas como d'este convento disse tudo o que tinha a dizer no artigo *Arganil*, para evitar repetições, vide Arganil.

Folques é corrupção da palavra arabe *falque* (divisão) do verbo *falaca*, que significa *dividir*, *partir ao meio*—por causa de um ribeiro, que passa pelo centro da freguezia.

É terra bonita e muito fertil.

O collegio da Sapiencia de Coimbra (crusios) apresentava annualmente o cura, que tinha 60$000 réis annuaes.

FONTAINHAS — Estremadura, proximo a Oeiras. São uns *olhos d'agua*, que rebentam no meio da praia, formando uma pequena lagôa, rodeada de grandes penedos.

É um sitio aprasivel no verão, porque recreia ver, junto á superficie do Tejo, no centro d'alvissimo areal, e entre rochas de varias fórmas, um lago d'agua crystallina, onde borbulham continuamente diversas nascentes. No inverno desapparece o lago, porque o invadem as ondas embravecidas.

FONTÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 146 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As freiras benedictinas do Salvador, de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

É terra fertil.

FONT'ARCADA ou **FONTE ARCADA**—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancélhe, 35 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 220 fogos, 800 almas;—no concelho, que foi extincto em 1855, tinha 680 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Em 1122 entrou *Al-Bucazan*, rei mouro de Badajoz, pelas terras do Alemtejo e Beira, saqueando, incendiando tudo, e degolando quantos portuguezes alcançava.

Foi pôr cerco a Trancoso; mas acudindo D. Affonso Henriques e o grande Egas Moniz, apezar dos moiros serem muito superiores em numero e se baterem como leões, foram completamente derrotados, tomando-se todas as grandes riquezas que tinham roubado e as suas proprias.

Quando o principe portuguez marchava victorioso para Guimarães, lhe sahiu, na passagem de Tavora, um numeroso corpo de mouros. D. Affonso Henriques fez descançar a sua gente e tomar alguma refeição até ao meio dia, e então, investindo os mouros, com tal impeto o fez, que em duas horas os desbaratou completamente.

Esta batalha teve logar junto ao rio Tavora, onde pouco depois se fez uma fonte de pedra (que ainda existe) entre as povoações de *Villar* e *Font'Arcada*. Foi em acção de graças por esta batalha, que D. Affonso Henriques mandou fundar o convento de S. João de Tarouca.

—

É povoação muito antiga. *D. Sancha Vermuiz* (senhora d'esta villa) e seus filhos lhe deram foral em fevereiro de 1193. Outros dizem que este foral velho lhe foi dado pela tal D. Sancha Vermuiz e seus filhos, em 16 de fevereiro de 1231.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Está em sitio alto, com má entrada, por causa dos grandes penhascos que a cercam. Fica proxima do rio Tavora.

O nome de Fonte Arcada provem-lhe da sua antiga fonte, em fórma d'arco, que mencionei.

Foi concelho, quasi tão antigo como a monarchia, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

É terra fertil. Cria muita caça.

A Universidade de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis annuaes.

FONT'ARCADA—villa, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 312 fogos.

Orago o Salvador, ou resurreição de Jesus Christo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, com justiças proprias, e com nove freguezias.

A egreja matriz foi de um mosteiro de frades bentos, que fundou o *rico-homem* D. Godinho Fafez, (da freguezia de Gallegos) em 1067.

Este convento passou depois a abbadia secular, de commendatarios.

Não se sabe quando este convento deixou de existir como congregação religiosa, mas foi supprimido depois de 1434; porque n'este anno ainda aqui havia frades.

Em 1455, o arcebispo, D. Fernando da Guerra, apresentava aqui um clerigo; e em 1465, creou para a sua Sé, com cadeira, um arcediagado, com grandes rendas, que os arcebispos ficaram apresentando.

É n'esta freguezia a villa da Povoa de Lanhoso, capital do concelho d'este nome. (Vide Lanhoso e Povoa de Lanhoso.)

É terra muito fertil. Cria muito gado, que exporta para Inglaterra.

O sacro collegio patriarchal apresentava dois vigarios, com alternativa egual, que curavam a freguezia. Cada vigario tinha 90$000 réis annuaes.

FONT'ARCADA — freguezia, Douro, comarca o concelho de Penafiel, 24 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Houve aqui um convento de freiras benedictinas, muito antigo, que no seculo XVI foi encorporado no de S. Bento de Ave Maria, do Porto. N'este convento de Fonte Arcada viveu a riquissima viuva, D. Froilla Herminges (*familiar* da Ordem do Templo) a qual, em 1228, fez uma amplissima doação aos templarios, de todos os seus bens que tinha nos tres reinos de Portugal, Leão e Castella. Tendo-lhe morrido um filho unico e sua mãe (d'ella) ainda herdou muitas terras e egrejas nos bispados de Lamego, Braga, e Coimbra, que tudo deu aos templarios, em 1239.

Pela extincção d'esta ordem (1311) passou o convento e todas as terras de D. Froilla a constituir uma boa commenda de Christo, em 1319.

A Mesa da Consciencia apresentava o reitor (que era freire de Christo) e tinha 50 mil réis e o pé d'altar.

A egreja matriz só podia ser visitada pelo bispo da diocese, que recebia 40$000 réis por cada visita, dados pela commenda.

FONTE DE ALDEIA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Anna.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villa Chan da Barciosa, apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Villa Chan da Barciosa. (Vide Barciosa.)

FONTE BOA — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 hilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O ordinario apresentava, por concurso, o abbade, que tinha 1:100$000 reis annuaes.

Chamou-se primeiro *Fonte do mar*, depois, *Fonte Má* (por ter *más* aguas) depois Fonte Boa. (Porque *melhorariam* as aguas? É o que não pude saber.)

Pouco acima da *Barca do Lago*, n'esta freguezia, estão as ruinas de um castello (no sitio chamado *Crasto*) que parece ser obra dos romanos.

Chega a freguezia até ao sitio chamado *Pôço da Batalha*, e é tradição que aqui houve uma muito grande, entre christãos e mouros, e fugindo estes até um ribeiro, affluente do Cávado, alli foram acabados de derrotar, e ao ribeiro, por causa do sangue que então correu, se ficou chamando *Rio Tinto*.

A partir com esta freguezia está a de *Rio Tinto*, a cujo nome deu origem o mesmo ribeiro.

Em ambas estas freguezias ha grande abundancia de sebolas, que se exportam.

FONTE COBERTA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O reitor de S. João de Silveiros, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis annuaes.

Esta freguezia esteve alguns annos annexa á da Carreira; mas está outra vez independente.

FONTE DA PIPA — vide Almada.

FONTE DA PIPA — vide *Fiolhoso*.

FONTE DO BISPO ou **SANTA CATHARINA** — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 24 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 403 focos.

Orago Santa Catharina.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Situada junto a fragosas serranias, no caminho de S. Braz.

A egreja é de tres naves, ordinaria.

Abundante em alfarrobas e azeite; do mais pouco.

Ha aqui muitos caçadores de profissão e muita caça, que se exporta. Muitos almocreves. Povo richoso e turbulento.

As mulheres fabricam *surianos*, estamenhas, linho e estopa. Muitas colmeias. (Moram aqui muitos hespanhoes, que levam a cêra em *râma* para a Hespanha.) Muita *gran de carrasco*, que vae para Tavira. Tres lagares de azeite. Muite pedra de amolar. Escola de instrucção primaria, creada por decreto de 16 de novembro de 1839.

15 kilometros ao N. da egreja, no sitio da *Agua das Tábuas*, ha uma fonte de *aguas ferreas*, que se diz muito efficaz nas obstrucções.

Tem esta freguezia 18 kilometros de comprido e 12 de largo.

O bispo do Algarve apresentava o cura. Não tinha renda certa. Um arado, pagava alqueire e meio de trigo; dois arados, 2 alqueires, e o que não faz lavoura, 1 alqueire, e todos pagavam meio alqueire de cevada, excepto os moradores d'este logar (Fonte do Bispo.)

FONTE DOS AMORES — vide pag. 339 do 2.º vol.

FONTE LADRÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda, d'onde dista 18 kilometros, 455 ao N. de Lisboa, 22 fogos, em 1757.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa á freguezia da Silva. Quando era independente, tinha por orago S. João Baptista.

O abbade de Villar Sêcco apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar

FONTELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros a O. do Pêso da Regua, 90 kilometros ao ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

N'esta freguezia, no sitio mesmo chamado *Caldas*, pertencente ao logar da Rêde, estão as célebres caldas vulgarmente denominadas do *Mollêdo* (povoação da Beira Alta, que lhe fica em frente, na margem opposta, esquerda do Douro.)

Como toda a gente chama a estas aguas mineraes, *Caldas do Mollêdo*, ponho tudo o que lhe diz respeito, no Mollêdo. (Vide Mollêdo.)

Fontellas fica sobre a margem direita do Douro, ficando-lhe sobranceira e a 3 kilometros ao NO., a villa de Mezão-Frio.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento.

Muito bom vinho e fructas; poucos cereaes, caça, e peixe do Douro.

É aqui a quinta do sr. dr. Antonio Fernandes Alvares Fortuna, juiz de direito aposentado.

FONTÊLLO — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 8 kilometros a NE. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi concelho, com camara, juizes e mais *officiaes* proprios, supprimido depois de 1834.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de maio de 1514.

Situada a 6 kilometros ao S. do Douro, 54 ao NE. de Viseu, e 95 ao E. do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis.

N'esta freguezia está a alta e alcantilada serra de S. Domingos, a que dá o nome uma capella de S. Domingos, que está no vertice do monte. Este Santo é advogado contra a esterilidade.

A capella está em territorio deFontêllo; mas a serra não é toda d'esta freguezia: parte d'ella, a menor, pertence á freguezia da Queimada, e por isso uns lhe chamam, *Serra de S. Domingos de Fontêllo*, outros, *Serra de S. Domingos da Queimada*.

D. Affonso V e depois seu filho, D. João II, aqui vieram pedir ao santo para terem filhos.

Para o mesmo fim aqui vem gente de mais de 20 freguezias.

Diz-se que, onde hoje é a capella, foi um castello arabe.

Na falda da serra, está a extensa *Veiga de*

Naçarães, onde, segundo a tradição, foi o primittivo assento da cidade de Lamego, que por se ter revoltado contra os romanos (pelos annos 100 de Jesus Christo, sendo imperador Trajano, hespanhol, e amigo dos lusitanos; porém seus consules e pretores, estando Roma tão longe, praticavam taes e tantas extorções e crueldades contra os lusitanos, que isto os levou á revolta) por se haver revoltado, digo, mandou o imperador 14 legiões á Lusitania castigar os *rebeldes*.

Estas legiões arrasaram e incendiaram completamente a cidade escapando muito poucas casas.

Os lusitanos que escaparam, foram fundar a actual cidade de Lamego.

Consta que as aldeias de *Queimada* e *Queimadella* (no antigo sitio de Lamego) trazem o seu nome d'este tragico successo. (Vide *Queimada* e *Queimadella*.)

Outros escriptores dizem que esta devastação aconteceu á cidade de Lamego, estando já no sitio actual.

Da capella de S. Domingos, se vê *Bayão*, Castro-Daire, Rézende, Mezão-Frio, Peso-da Régua, Santa Martha de Penaguião, Villa-Real, Sabrosa, Alijó, S. João da Pesqueira, Penedôno, Moimentada, Beira, Tarouca, Lamego, Armanar, Jugueiros, Parada do Bispo, o rio Douro e grande extensão de montes (incluindo a serra do Marão).

O sitio onde está fundada a capella de S. Domingos, é um dos mais lindos pontos de vista de Portugal.

Tem esta serra um medonho despenhadeiro, que vae perder-se nos bellissimos e feracissimos campos de Valdigem, que se veem ao sopé e do lado opposto á bonita villa de Fontêllo, que está na falda da serra.

É terra amena e fertil, sobre tudo, em cereaes e vinho, que produz em grande abundancia e de optima qualidade.

FONTELLO — quinta dos bispos de Viseu (Beira Alta) proximo á cidade.

Não se sabe quando principiou este vasto terreno a ser quinta; do que ha certeza é de ser muito antiga, pois consta de um documento que existe no archivo do cabido da Sé cathedral de Viseu, que esta quinta já era propriedade da mitra, d'esde 1159 em que o bispo *D. Odorio*, a comprou a Ximena Mendes e a seus filhos, Pedro e João, pelo preço de 25 *miramolins* (morabitinos) ou maravidins.)—*Sub era 1197. Ego Exmena Mendis, una cum filiis meis. Petro Heris et Joanne Heris, facimus vobis domno Odorio, episcopo, cartam venditionis, et firmitudinis de heriditate, quae habemus in territorio Viseo, ubi vôcitanti Fontanello: damus illa hereditate pro pretio, quae de vobis accepimus XXV moramolinos, etc.*

O chronista da companhia de Jesus, Balthazar Telles, diz, que *D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, fizera esta famosa quinta, junto da cidade, com paços pontificaes com grande magnificencia, para habitação dos prelados d'esta diocese e que dentro da quinta se estendiam grandes ruas cobertas de parreiraes bosques mui frescos, tanques mui formosos, fontes de grande artificio e outras notaveis curiosidades; entre as quaes se viam gaiolas d'arame, de tal altura e capacidade, que dentro d'ellas voavam os passaros livremente; criando nas arvores que ficavam dentro d'estas vastas rêdes.*

Ainda que esta quinta seja uma das melhores e mais vastas da provincia e tenha uma grande abundancia d'agua e uma extensa matta, e que deva grande parte dos seus melhoramentos a D. Miguel da Silva, é provavel que Balthazar Telles errasse quanto ao fundador, e exagerasse quanto á magnificencia.

Tambem alguns escriptores sustentam que esta quinta pertenceu aos duques de Viseu, e que fôra por elles doada á mitra diocesana, o que é êrro porque já era da mitra muito antes do nascimento do infante D. Henrique, que foi o primeiro duque de Viseu, como disse no principio d'este artigo.

FONTE LONGA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncorvo, 140 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativô de Bragança.

O reitor do Salvador d'Anciães apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 rs.

FONTE LONGA — freguezia, Beira Alta, comarca de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Longroiva apresentava o cura, confirmado, que tinha 40$000 réis.

FONTENARES — villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho d'Almendra, 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa.

Proximo de *Cinco Villas*, existiu uma villa chamada *Fontenares*, que era muito antiga, e a que D. Manuel deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519.

Durante a guerra da restauração (chamada dos 27 annos) os castelhanos arrazaram e incendiaram esta villa, não deixando pedra sobre pedra, de módo que d'ella apenas ha tenues vestigios. O seu concelho e foral passou a ser depois o de *Cinco Villas*. Vide esta palavra.

FONTES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Regua, concelho de Santa Martha de Pena Guião, 90 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 530 fogos. Em 1757 tinha 311 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O commendador de Malta apresentava o vigario, collado que tinha apenas o pé d'altar.

É povoação muito antiga e foi villa e couto. D. Sancho I lhe deu foral em 1202. D. Affonso II, lh'o confirmou, com todos os seus privilegios, em Coimbra, em julho de 1218. D. Manuel lhe deu novo foral, em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

É terra fertil, sobretudo em optimo vinho.

FONTES BARROSAS — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Conlellas apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Conlelas*, ou de *S. Pedro de Conlelas*.

FONTOURA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

Os Silvas Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, em duas vidas, e a casa de *Aborim* (termo de Barcellos) e o morgado de Covas (termo de Villa Nova da Cerveira) em terceira.

O abbade tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha sido antigamente da apresentação dos Antas, de Rubiães.

É n'esta freguezia o antigo solar da *Casa Alta*, que hoje está unido ao de Covas.

Junto ao cruzeiro da egreja parochial, está a capella do Senhor dos Afflictos, muito frequentada de romeiros. A imagem do Senhor dos Afflictos, veio para aqui, do Bom Jesus do Monte (Braga) e é de grandes proporções.

Foi edificada esta capella pelo abbade d'esta freguezia, José Barbosa de Vasconcellos (natural de Braga) para a qual obteve do papa Pio VII, (que governou a egreja desde 1800 até 1823 e foi o 250.º na ordem dos papas) por bulla de 14 de novembro de 1820, os privilegios e graças seguintes — O altar do Senhor privilegiado *in perpetuum,)* para todas as missas que n'elle se disserem pelas almas dos fieis defuntos—Indulgencia plenaria a todos os fieis christãos, de um e outro sexo, que, confessando-se e commungando, visitarem a dita capella, nos dias da festa da Conceição e da apparição do archanjo S. Miguel. Este jubileu principia desde vesperas até ao pôr do sol, do dia seguinte.

Alem disto, aos mesmos fieis, assim dispostos, que visitarem, nos dias das Estações de Roma, esta capella e altar, ganharão as

mesmas indulgencias, como se esta visita fosse feita nas egrejas romanas.

O edital, que publicou a bula pontificia, foi datado em Braga, aos 2 de outubro de 1821.

No logar do *Reguengo*, d'esta freguezia, é á casa da *Rua*, de que é actual possuidor o sr. Francisco José Dantas Montenegro, morgado da casa d'Antas, na freguezia de Rubiães, concelho de Coura. A casa da Rua, é célebre por n'ella ter estado a rainha Santa Isabel, quando foi (segundo dizem) em romaria a S. Thiago de Compostella.

—

Na encosta do monte de S. Gabriel, ao N. a capella, ha um sitio chamado *Telhões*, pelos muitos que aqui teem apparecido. Tambem alli se vê um pequeno môrro pyramidal, de pedras e terra, que parece ser o resto de alguma fortificação.

Nos *Telhões*, andando-se a fazer os alicerces de uma casa, appareceram os de outra, achando-se muito carvão vegetal, e varias cunhas, de metal amarello, desconhecido, dentro de um forno.

Diz-se que o nome d'esta freguezia procede de uma fonte que havia junto á *Casa-Alta*, entre *Rio-Torto* e *Casa-Gonçallo*; porque a agua d'ella trazia palhetas d'ouro.

No sitio do *Córgo*, junto ao logar de *Gróve*, ha um monte, cercado de um fosso, pelo lado da estrada de Coura; parece ser o resto de algum antigo *castro*, ou d'algum acampamento dos antigos lusitanos.

No alto da montanha, entre os concelhos de Vallença e Coura, existe um pequeno fortim, quadrado, com seu fosso em redor. Chamam a este sitio—*os Casarões*—Este fortim serviu de casa do *facho*, no tempo da guerra peninsular.

FONTOURA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 15 kilometros a O. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 340 fogos. Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. Martinho de Mouros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma grande e rica freguezia, fertil em todos os generos agricolas, produzindo muito e optimo vinho e azeite.

Fica perto da margem esquerda do rio Douro, que a abastesse de optimo peixe.

Suppõe-se que a esta freguezia deu o nome alguma antiga fonte que se chamasse *Fonte do Douro*.

Talvez que lhe provenha de *fonte da toura*. (Na cidade do Porto, junto á margem dideita do Douro—no bairro da Ribeira—ha uma fonte denominada—*Fonte Taurina*—que deu o seu nome á rua onde está edificada, por isso chamada—*Rua da Fonte Taurina*.) Não era muito que aqui houvesse tambem uma fonte que, por qualquer razão, se chamasse *da toura*. Já se vê que isto não passa de conjectura.

FORAES—os foraes são de instituição gothica. Ainda que alguns escriptores sustentam que os romanos davam *carta de foral* ás terras que queriam beneficiar, é erro manifesto.

Os romanos davam por um *decreto* do senado, ou por uma *carta* do imperador, *privilegio de colonia romana*, ou elevavam á cathegoria de *convento juridico, com as honras e prerogativas de cidade do antigo direito latino*, as importantes povoações que queriam engrandecer; e tambem davam estes privilegios (os imperadores) com o fim de attrahirem adhesões e crearem partido, o que lhes era necessario, nas continuas guerras civis em que andavam envolvidos.

Sertorio, chefe dos lusitanos depois de Viriato, o *antigo*, adoptou para a Lusitania todos os usos, costumes e legislação dos romanos, dando muitos d'aquelles privilegios; mas a isto não se póde nem deve chamar *foraes*; porque estes tinham fins quasi totalmente diversos, e até a sua redacção era differente.

Quando no seculo V as hordas semi-selvagens do norte dividiram entre si os innumeros paizes que constituiam o immenso imperio romano, os que occuparam as Gallias e as Hespanhas, foram pouco e pouco modificando e civilisando seus barbaros costumes e perdendo a sua ferocidade; porque já então n'estes paizes havia a dominação

romana derramado as suas luzes, as suas leis e costumes.

Não levou muitos annos que as raças germanicas se não misturassem com as peninsulares e formassem um só povo. Então os reis godos trataram de promulgar leis tanto sobre religião, como sobre os diversos ramos de administração publica, e direito de propriedade.

Todas estas leis e regulamentos que as explicavam, eram feitas pelos concilios, formados dos bispos e dos *senhores*, e estes procuravam estabelecer legal e solidamente o seu dominio sobre a propriedade e o seu despotismo sobre o povo. D'aqui nasceram os *foraes*.

A Peninsula Iberica cahe no principio do seculo VIII em poder dos sarracenos, e o poder dos *senhores* godos acabou.

Pelayo, senhor godo, de sangue real, junta nas cavernas de Covadonga o nucleo d'essas legiões que, depois de uma guerra de mais de 500 annos, conseguiram expulsar os arabes das Hespanhas.

Tornam pois a ressuscitar as leis, a religião e os costumes gothicos; e novos *foraes* se vão dando ás terras resgatadas do poder dos mussulmanos.

Não tenho noticia da existencia de nenhum foral anterior ao reinado de D. Rodrigo, ultimo rei godo.

Os mais antigos que ha em Portugal foram dados pelo conde D. Henrique, por sua mulher D. Thereza, por varios senhores de terras, bispos, conventos e mestrados, no fim do seculo XI e principio do XII.

Todos os nossos reis desde D. Affonso I até D. Affonso III concederam muitos foraes; mas D. Diniz deu mais do que todos os seus antecessores, e muito mais favoraveis ao povo.

Os reis que lhe succederam, até D. João II, foram dando alguns foraes e varios privilegios. Até D. João II inclusivè se dá a todos os foraes o titulo de—*Foraes velhos*.

D. Manuel, vendo a confusão e irregularidade que havia nos *foraes velhos*, e o quanto eram vexados os povos com os foraes dados pelos fidalgos, grão-mestres, bispos e frades, decidiu dar foraes a todas as terras do seu reino, e é a estes que se chama *Foraes novos*.

Este rei, por *carta regia* de 22 de novembro de 1497, escripta em Evora, por Vicente Pires, deu ordem para se proceder á factura de novos foraes para todo o reino.

A commissão era composta do dr. Ruy Boto, do seu conselho e chanceller-mór do reino—do dr. João Façanha, do desembargo do paço—e de Fernão de Pina, cavalleiro de sua casa.

N'esta carta mandou recolher os originaes de todos os foraes de todas as cidades, villas e logares do reino, para se fazerem os novos.

O primeiro foral que deu D. Manuel, foi o de Lisboa, a 7 de agosto de 1500.

O trabalho dos foraes, abrangeu todo o reinado de D. Manuel. Poucos mais foraes se deram depois da morte d'este monarcha —e a esses se dá o nome de *foraes novissimos*.

A relação mais exacta das terras que têem foraes, é a que escreveu Francisco Nunes Franklim, socio da academia real das sciencias, cuja 2.ª edição foi publicada em 1825. [1]

E' preciso muito cuidado com as datas que o padre Carvalho deu aos foraes, na sua *Chorographia*.

A confusão no modo de datar, umas vezes pela *era de Cesar*, outras pelo *anno de Jesus Christo*, o atrapalhou, fazendo escrever muitos anachronismos.

O padre Cardoso, no seu *Diccionario Geographico de Portugal* (que não passou da letra *C*) é muito mais exacto nas datas; mas ainda assim, traz alguns êrros de chronologia.

FORAMONTÃOS—(portuguez antigo) emphiteutas, colonos ou caseiros, que pagavam ao direito senhorio, como parte da pensão, o *foro de montaria*, ou de *monte*. Segundo

[1] Franklim não leu mais do que os titulos dos foraes, pelo que a sua obra, aliás importante, tem o grande defeito de deixar o leitor ignorando a que povoação pertencem os foraes de terras pequenas, principalmente se ha mais de uma do mesmo nome. Tambem em muitos lhe dá a provincia errada, o que ainda causa mais confusão.

alguns foraes ou prasos, era pago em caça; segundo ontros, era a obrigação de correrem os montes com armas e cães, na companhia do senhorio ou seu mordomo.

Nas *inquirições* de D. Affonso III, se achou, na freguezia de S. Miguel de Queiran, que o logar de *Noumam* ou *Loumam*, fôra dado por D. Affonso Henriques, em 1134, a *Pelagio Vozoiz*. Em 1290, nas *inquirições* de D. Diniz, se achou que alli (Noumam) moravam uns 12 homens, cujos casaes eram coutados e elles eram *foramontãos*.

Em *Ventosa* se achou então, que o casal de *Covêllo* era foreiro ao rei e seus colonos *foramontãos*.

Em *Vousella*, a maior parte da herdade de *Paços de Vilharigues* era de *foramontãos* d'el rei.

No mesmo anno um casal da aldeia (freguezia) de *Pindello d'Alafões*, era de *foramontãos* da Ordem do Hospital, etc.

Havia *foramontãos* do rei, dos fidalgos, das ordens religiosas e de cavallaria, e de alguns bispos e abbades.

FORCALHOS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, (até 1855 do concelho de Villar Maior), 120 kilometros a SE. de Lamego, 315 a E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor d'Alfaiates apresentava o cura, que tinha 5$500 réis de congrua e o pé de altar.

Fica perto da raia.

FORJÃES ou **FROJÃES**—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica perto da costa do Oceano.

É terra muito fertil.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Palme, apresentava o vigario, que tinha réis 70$000.

FORLES — freguezia, Beira Alta, concelho de Sattão, comarca e 28 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Forles, forlys, frolyees, frolys e *frolonças*, o mesmo que *florins*. Moeda de ouro puro, que se começou a cunhar em Florença, em 1252, tendo cada uma, uma oitava. Esta moeda foi introduzida em Portugal, no reinado de D. Diniz. Em 1309 já cá havia *forles* de ouro (vide Guimarantinhos) em 1380, já os havia de ouro e de prata. (vide Forum.)

O abbade de Ferreira d'Aves, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o péd'altar.

FORMAL — (portuguez antigo) vivenda, casas, quinta ou qualquer fazenda ou casal, que anda emprasado. Tambem se diz *formal*, a parte que toca a cada herdeiro. Ha varios logares em Portugal com o nome de *Formal*, *Formaes* e *Formelans*.

FORMARIZ — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros ao NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Formariz é corrupção de *Frumariz*, que quer dizer—filho, ou da familia de Frumario.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

(O abbade d'esta freguezia era primeiramente feito pelo povo, e confirmado pelo arcebispo; mas um abbade—filho do abbade de Fontoura—conseguiu dos freguezes que cedessem o direito de apresentação, nos taes viscondes.)

—

N'esta freguezia é a antiquissima casa de *Aborim*. Dizem alguns, que nasceu aqui D. Antonio Mendes de Carvalho, primeiro bispo d'Elvas, e não em *Villa Mende*, na freguezia de *Ferreira*; nem em Caminha, como outros pretendem.

Tambem n'esta freguezia está a antiga e illustre casa de *Mantellães*, e não em *Parêdes*, como outros dizem. Foi esta casa solar dos Castros, que vieram de Fornéllos (Galliza) descendentes de *Aldonsa Vasques de Fornéllos*, senhora da casa de seu marido, Fernão Pires (ou Peres) de Castro, filho bastardo de D. Pedro Fernandes de Castro, senhor de *Lemos;* a qual se uniu á casa de *Sotto Maior*, por casamento de D. Ignez Annes de Castro, senhora de Fornéllos, que casou com Alvaro Paes de Sotto Maior, senhor de Sotto Maior.

Consta que esta casa foi originariamente dos condes de Belmonte.

—

Houve n'esta freguezia uma torre antiquissima, que Thomé Pereira mandou derrubar, para com os seus materiaes se construir uma casa, onde fazia as audiencias. É hoje esta casa possuida por o sr. João Pereira d'Azevedo.

No mais alto monte d'esta freguezia, estão as ruinas de uma grande fortaleza, ainda hoje chamado *Crasto*. É provavelmente obra dos romanos, porque, pouco distante passava uma das vias militares romanas (ou ramal d'ella) que se dirigia a Astorga.

—

É a freguezia mais fertil, amena e bonita, do concelho de Coura.

Nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

FORMARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 35 kilometros a O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 14 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

O abbade de S. Salvador de Touguinhó, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 30$000 réis annuaes.

FORMIGA—Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, freguezia de Arcozéllo.

Na serra de *Arga*, em terreno d'ella pertencente a esta freguezia, existem as ruinas de um castello construido pelos romanos.

O padre Carvalho, diz assim na sua *Chorographia:*

Acima do arruinado castello da Formiga *está a capella de Santa Justa, virgem e martyr, de Sevilha; mui visitada com clamores de muitas freguezias, e romagens de toda esta ribeira:* (do Lima) *é advogada d'aquelles que não teem filhos, e quando lh'os vão pedir, lhe levam frangos e frangas brancas, e obra Deus, por sua intercessão, grandes maravilhas.*

FORMIGÃES—freguezia, Extremadura, comarca e 18 kilometros de Thomar, concelho de Villa Nova de Ourem, 150 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Prelasia de Thomar (actualmente patriarchado) districto administrativo de Santarem.

A Mesa da Consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 30 de cevada, 1 pipa de vinho e 24$000 réis em dinheiro.

Junto ao logar da Quebrada, d'esta freguezia, ha uns *olhos d'agua*, abundantes no inverno. Por elles sahem ás vezes ouriços de castanhas. Em mais de 8 kilometros de distancia não ha castanheiros, o que faz crêr que veem do rio Zêzere.

FORMIGOSO—monte, na serra de Arga, Minho, pertencente á freguezia de Arcozéllo, comarca e concelho de Ponte do Lima. Ha aqui muita caça e tambem muitos lobos e rapozas.

FORMIL—pequena freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança. Está ha muitos annos annexa á de Gostei.

(Vide Gostei.)

FORMILLO—aldeia, Beira Alta, da freguezia da Granja Nova, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É aqui o solar do sr. Miguel Antonio de Mesquita Pimentel, fidalgo da casa real, e chefe de uma das mais nobres familias da Beira Alta.

Mesquita é um appellido, nobre em Portugal. Procede de Fernão Martins Vasques

Pimentel, que lhe accrescentou Mesquita, por ter tomado, com quatro irmãos seus, a mesquita dos moures, na conquista da praça de Ceuta, em Africa (14 de agosto de 1415.)

Foi seu primeiro filho, Lopo Martins de Mesquita, que herdou a casa de Guimarães, na provincia do Minho.

Tem brasão d'armas completo, que é—em campo de ouro, 5 cintos, de púrpura, com fivella e passadores de prata, em banda. Orla azul, carregada de sete flores de liz, de ouro; elmo de aço, aberto, e por timbre, meio mouro, de frente, vestido de azul, com turbante de prata, e uma lança, da sua propria côr, com hastea de ouro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo dividido em pala—na 1.ª as armas dos Pimenteis 2.ºs, e na 2.ª, as dos Mesquitas.

Ainda outros d'este appellido, trazem o escudo dividido em pala—na 1.ª as armas dos Mesquitas 1.ºs—e na 2.ª, as dos Pimenteis 2.ºs

—

Pimentel, é tambem um nobilissimo appellido em Portugal. Procedem da alcunha, imposta por D. Affonso III a Vasco Martins de Novaes, que era môço fidalgo e meirinho-mór d'aquelle rei, pela sua intelligencia e desembaraço.

Suas armas são—em campo verde, 5 vieiras (conchas) de prata, em aspa, realçadas de nêgro. Timbre, meio touro, de púrpura, armado de prata, com uma das vieiras do escudo na testa.

Alguns lhe accrescentam orla de ouro, carregada de oito cruzes de púrpura.

Foram d'este appellido e usaram d'estas armas, os condes de Benavente; mas as augmentaram da maneira seguinte:

Escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas de púrpura, em faxa—no 2.º e 3.º, de verde, 5 vieiras de prata, realçadas de negro, em aspa.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º de ouro, 3 coticas, de púrpura, em faxa; no 2.º e 3.º, de verde, tres vieiras de prata, em roquête, realçadas de negro, orla de prata, carregada de cruzetas de púrpura.

Os condes de Benavente, procedem de D. Rodrigo Affonso Pimentel, que casou na Hespanha, com a filha do almirante D. Affonso Henriques, filho do mestre de S. Thiago, D. Fradique, e o rei de Castella (Philippe II) lhe deu o titulo de conde de Benavente, em 1598.

Suas armas são—escudo dividido em pala, na 1.ª, de verde, 5 vieiras de prata, em aspa, e na 2.ª, de prata, faxa, de 3 coticas de púrpura.

Os marquezes de Vianna, d'este mesmo appellido, procedem de D. Pedro Pimentel, filho segundo de D. Affonso Pimentel, ao qual Philippe II de Castella fez marquez de Vianna.

Suas armas eram—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de ouro, 3 coticas, de púrpura, em faxa, e no 2.º e 3.º, de verde, 5 vieiras, de prata, em aspa. Elmo e timbre dos outros Pimenteis.

FORMOSELHA—aldeia, Douro, proximo á villa de Soure. É aqui a 25.ª estação do caminho de ferro do norte.

FORNÁCA—portuguez antigo—*casa da moeda* (em razão da *fornalha* em que alli se derrete o metal).

FORNASINHO ou **FORNESINHO**—portuguez antigo—*filho bastardo*.

FORNÊLLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 25 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras de Vairão apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Fornêllo é diminutivo de forno, o mesmo que *forninho*.

FORNELLO—quinta, Douro, freguezia de Pédorido, concelho de Paiva, comarca de Arouca, districto administrativo de Aveiiro, bispado de Lamego. Situada sobre a margem esquerda do rio Douro. É seu actual proprietario o sr. Verissimo Albino Teixeira Vaz Pinto, do Burgo, d'Arouca.

Esta quinta tem terras de semeadura e um extenso pinhal. Junto a ella, ao O. passa a grande zona carbonifera de Paiva.

FORNELLO DO MONTE—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vouzella, 18 kilometros ao NO. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mesma etymologia.

O vigario de Santa Maria da Ventosa apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

FORNÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 25 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

Foi da Ordem de Christo.

FORNÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

A casa de *Lestido*, a de *Quintan* e a do *Assento* apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 180$000 réis.

FORNÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis annuaes.

Foi commenda de Christo. É n'esta freguezia o *paço de Anguião*, que foi de D. Rodrigo de Mello e Lima, 5.º filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

Ha tambem aqui a nobre e antiga casa de *Barreiros*, que foi dos descendentes do dito visconde.

É tradição que no monte proximo viveram umas santas mulheres, fazendo vida ascetica.

No alto da serra ha vestigios de antigas fortificações.

FORNÉLLOS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 40 kilometros a O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 118 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era do concelho de S. Fins, comarca de Rézende; mas, sendo supprimido o concelho de S. Fins, em 24 de outubro de 1855, e creada então a comarca de Sinfães, ficou esta freguezia a formar parte da nova comarca e concelho. É terra fertil.

A mesma etymologia.

O papa e a mitra apresentavam o abbade, que tinha 450$000 réis annuaes.

Fica proxima da margem esquerda do Douro, que a fornece de peixe; servindo-lhe o mesmo rio para a navegação do Porto e Alto Douro.

FORNÉLLOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Regoa, concelho de Santa Martha de Penaguião, 90 kilometros a ENE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

A mesma etymologia.

O commendador de Fontes (da Ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

FORNEZINHO—o mesmo que *fornazinho* (filho bastardo).

FORNILHOS ou **FORNINHOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 30 kilometros a E. de Viseu, 305 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

FORNIZIO — portuguez antigo — concubinato, adulterio, mancebia, vida torpe, etc.

FORNOS — freguezia, Douro, comarca e 18 kilometros a NO. de Arouca, concelho e 3 kilometros a NO. de Paiva, 40 ao O. de Lamego, 35 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 260 fogos,

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Pelagio (ou S. Payo).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Situada no angulo formado pela confluente do rio Paiva com o rio Douro, ficando na margem esquerda (a O.) do primeiro e na margem esquerda (ao S.) do segundo.

Os Azevedos Britos, senhores da *honra* de Barbosa, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

É n'esta freguezia a antiga e grande povoação do Castello de Paiva, que dá o titulo a todo o concelho, mas não é a capital d'elle, que esta é a villa de *Sobrado do Paiva*. (Vide Castello de Paiva).

N'esta freguezia e pouco distante da margem esquerda do rio Paiva, está a nobre e antiga casa da Cardia, solar dos Pintos. É seu actual possuidor, o sr. Nicolau Pereira Pinto d'Almeida. A familia da Cardia, é uma das mais dignas, respeitaveis e respeitadas d'estes sitios.

É freguezia muito abundante d'aguas e fertilissima em todos os generos de agricultura. Cria muito gado e algumas colmeias.

Ha nos seus montes bastante caça e é muito farta de saborosissimo peixe (sendo o mais precioso a lampreia, truta e savel) do Douro e Paiva.

Exporta constantemente para o Porto (pelo Douro) optimo vinho verde, fructa, carvão, cortiça, madeira, etc.; e no tempo proprio, cereja, castanha, azeitonas e nozes.

Ha n'esta freguezia um sitio (e que não é feio) chamado o *Inferno!* Fica mesmo sobre a margem esquerda do Douro.

FORNOS e **S. NICOLAU** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago Santa Marinha e S. Nicolau.

O orago da antiga freguezia de S. Nicolau era o mesmo santo. O de Fornos era Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

N'esta freguezia é que está a nova villa de Marco de Canavezes, capital do concelho e da comarca.

(Vide Canavezes, Marco de Canavezes e S. Nicolau de Riba Tâmega.)

A freguezia de Fornos e a de S. Nicolau estão unidas ha mais de 150 annos.

A Sé apostolica apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

FORNOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Freixo de Espada á Cinta, 180 kilometros ao NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

E' terra fertil.

Os beneficiados da villa de Freixo de Espada á Cinta apresentavam o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FORNOS D'ALGODRES — villa e concelho, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 320 fogos, 1:200 almas. No concelho 1:600 fogos. Em 1757 tinha 206 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

É uma linda povoação e que em nossos dias tem prosperado muito.

Eram senhores d'esta villa os condes de Linhares, e depois passou para a casa do infantado.

Situada em um terreno accidentado, mas o seu territorio é fertil em todos os generos de agricultura, cria muito gado e colmeias, e seus montes teem muita caça.

Era antigamente dependente de Algodres (que lhe fica 3 kilometros ao S. e é muito mais antiga) e hoje é a capital do antigo concelho d'Algodres, vindo para aqui os tribunaes, casa da camara, etc.

O seu foral é tambem o de Algodres.

O primeiro que teve foi dado por D. Diniz, em Lisboa, a 6 de março de 1311. D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 20 de maio de 1514 (Vide Algodres.)

—

O concelho de Fornos é composto de 13 freguezias, todas no bispado de Viseu são: *Algodres, Casal-Vasco, Cortiçô, Figueiró, Fornos, Fuinhas, Infias, Maceira, Matança, Muxagata, Queiriz, Sobral*, e *Villa Chan.*

—

FORNOS DA FEIRA—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

É terra muito fertil, amena e bonita.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 330$000 réis annuaes.

FORNOS DE LÈDRA—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, (foi até 1855 do concelho da Torre de Dona Chama) 420 kilometros ao N. de Lisboa, 57 fogos, em 1757.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 6$000 de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Guide.

FORNOS DE MACEIRA DÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros a SE de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1767 tinha 208 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O ordinario, por concurso, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

FORNOS DO PINHAL—freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O abbade de Santa Valha (Santa Eulalia) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

FORNO TELHEIRO (antigamente **FRONTELHEIRO**)—villa extincta, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 160 fogos, 560 almas.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado, e districto administrativo da Guarda.

O prior da freguezia de Açores apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

FORO MORTO—*Casal do foro morto*, é aquelle que está livre e isento de qualquer foro ou pensão, por doação, compra, troca ou outro qualquer titulo.

Em julho de 1139 (antes da gloriosa batalha d'Ourique) hindo D. Affonso Henriques para o fossado de *Ladéra*, vendeu a *Monio Guimariz*, um casal em *Travancella*, termo de Satão, e diz o principe no titulo.—« *Et accepi in pretio de te uno caballo bono, et uno manto. Hebias tu ipso Casale firmiter, et omnis posteritas tua a foro morto, usque in temporibus saeculorum.*» *(Amen.)* (Documentos de Viseu.)

FORTIOS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Portalegre, 185 kilometros a SE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Domingos. Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, de rendimento.

FORUM—segundo os bons auctores latinos, esta palavra não só significa, *a praça em que se celebravam as assembléas do povo* (pouco mais ou menos ao que nós agora chamamos *meeting*) mas tambem as *praças em que se faziam feiras e mercados publicos.* Tambem se dava o nome de *forum* ao logar em que se faziam as audiencias publicas e em que litigavam as partes. É por isto que ainda hoje chamamos *forenses* a todas as demandas e causas do *fôro.*

Da palavra *forum* se deriva o *fôro ecclesiastico*, o *fôro secular*, o *fôro militar*, o *fôro interno*, o *fôro externo*, etc., etc.

Chamavam os romanos ás praças em que se faziam feiras ou mercados, *Fora venalia*; e *Fora civilia* ás destinadas para administração de justiça. A estas tambem se dava o nome de *Fora judicialia*. D'esta ultima classe de praças, havia varias em Roma, sendo as mais célebres o *Forum Romanum*, o *Forum Julii Cæsaris*, o *Forum Augusti*, o *Forum Divi Nervæ* e o *Forum Trajani*.

Os romanos, as passo que hiam conquistando reinos, estabeleciam n'elles, á imitaçôo de Roma, estas praças, tambem com o mesmo nome de *forum*. D'esta maneira tiveram principio muitas cidades na Italia, França, Hollanda, Hespanhas, etc. Á actual cidade *Frejus*, deu origem o *Forum Julii* (de que Frejus é corrupção.) Á de *Forli*, deu origem *Forum Livii* (que se corrompeu em *Forli*) á de *Ferrara* deu origem *Forum Alleni*, á villa de *Ponte do Lima*, deu origem *Forum Limicorum*, et., etc.

FOSSADO—(do latim *fossa*) *expedição militar*, *cavalgada* que hia a terras inimigas colher fructos, talar campos, saquear, etc. [1]

Tambem se toma por *fóssos*, *válláis* ou *cavas* de uma fortalleza ou arraial. Castello, ou *adarve*, *fossado*, é o que está cercado de fóssos.

FOSSO—campo, terreiro, rocio, paúl, que ficava junto ao mosteiro (d'aqui o nome de *Fósso*, que tem o rocio de Pinhel e outros terreiros.)

Em um praso das freiras bentas de *Rio Tinto* (junto ao Porto) eram os caseiros obrigados a lavrarem o *fósso* do mosteiro.

Designa tambem o *fósso* de uma fortalleza.

FÓSTE—vara de ministro real. Vem do latim, *fustis*.

O [1] *fossado* compunha-se de cavalleiros, escudeiros e tropas regulares, e de gente de toda a casta (muitas vezes até mulheres e rapazes) para trazerem o que se pilhasse.

Os mesmos reis, infantes e bispos, tomavam parte nos *fossados*, sem terem isso por desdouro.

Os *fossados* eram arranjados repentinamente, para cahirem de surpresa na terra inimiga.

É d'esta palavra que tomou o nome a aldeia de *Fuste*, proximo e ao NE. da vila de Arouca, e mais algumas; ou talvez da palavra *fusta* (certo castigo.) Vide Futa e Fuste.

FOZ DO ALGE—vide Aréga.

FOZ DE AROUCE—villa extincta, Douro, comarca e concelho da Louzan, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 12 de Miranda do Côrvo, 190 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada nas margem do rio *Arouce*, em terreno muito accidentado, mas com alguns valles ferteis.

Tem visconde.

Foi povoada pelo conde D. Sisnando, governador de Coimbra, em 1080; fazendo-lhe então o castello. Tornando a despovoar-se, por causa das guerras, D. Affonso I a povoou de novo em 1150.

Os francezes de Massena são aqui atacados pelo exercito luso-anglo, em fevereiro de 1811, e retiram para o Alemtejo.

Para o seu castello e mais curiosidades respectivas a estes sitios vide *Arouce*.

A abbadessa do convento de Lorvão, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

FOZ COA—vide Villa Nova da Foz Côa.

FOZ-DÃO ou **FOZ DO DÃO**—sitio onde o rio Dão conflue com o Mondego. N'estas proximidades, varios penedos difficultam e tornam perigosa a navegação d'este ultimo rio. Por esse motivo tem-se cortado as pedras mais perigosas que existiam no seu leito. Estas obras foram principiadas na estiagem de 1873, e já a 31 de agosto d'esse anno haviam pedras cortadas e extrahidas, na extensão de 175 metros quadrados.

FOZ DO DOURO (ou **S. JOÃO DA FOZ DO DOURO**)—villa, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 1:350 fogos, 4:800 almas, de povoação permanente.

Em 1757 tinha 625 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade do mosteiro de Santo Thyrso, apresentava o vigario (que era sempre um monge benedictino) e tinha 150$000 réis de rendimento.

Foi couto, com as justiças proprias.

Situada no angulo septentrional da foz do Douro, em sitio levemente accidentada, formoso, fertil e saudavel; ficando-lhe o rio ao S. e occeano a O.

Em 1400 já existia uma pequena povoação de pescadores na margem direita do Douro, junto á sua foz. Aquelle territorio constituia então um couto pertencente aos frades benedictinos de Santo Thyrso.

Em Arouca (no cartorio do mosteiro) se acha a doação da ermida de *S. João da Foz do Douro* (que depois foi de Santo Thyrso) feita por D. Affonso I, em 1145, ao mosteiro *de S. Miguel de Riba Paiva*, que já era mosteiro *duplex* em 989. Este mosteiro existiu na freguezia de Santa Maria de Sardoura, cuja egreja é a actual matriz. (Adiante digo mais alguma cousa sobre a actual egreja matriz da Foz.)

Vendo os frades que a aldeiasinha crescia e prosperava de anno para anno, edificaram no pontal onde o Douro mistura as suas aguas com as do Oceano, um hospicio com sua egreja, para o qual foram viver dois frades, encarregados de ministrar aos pobres pescadores o *pasto espiritual*.

Foi o templo consagrado a S. João, e pela sua posição, *S. João da Foz;* nome que se fez commum á povoação.

O Castello de S. João da Foz teve principio do modo seguinte:

—

Segundo diz o nosso incançavel e curiosissimo investigador de antiguidades Portuguezas, o sr. Camillo Castello Branco [1] (*Mosaico e Silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, pag. 8) o castello

[1] Todos sabem que este distinctissimo escriptor, reune a uma *veia romantica* inexgotavel, o mais decidido amor pelas nossas cousas; por isso tem *desencantado* das bibliothecas, documentos que ainda por nenhum archeologo seu antecessor tinham sido descobertos e publicados.

Em 1560, D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, D. Sebastião I, mandou ao Porto, João Gomes da Silva, com a missão de fortificar as costas maritimas d'esta cidade.

O documento d'esta mensagem está no archivo da camara do Porto, a fl. 142, do livro 1.º das *Chapas*. [1]

Começou J. G. da Silva a fortalleza de S. João da Foz. Parece que a camara se recusou a concorrer com as despezas d'esta obra, pelo que Silva embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e das imposições. A camara reagiu, conseguindo que no anno seguinte se levantasse o sequestro, obrigando-se a pagar 120$000 rs. annualmente para a guarnição da fortalleza, e ficou obrigada ao concerto dos telhados d'ella.

—

É certo que a construcção d'este castello ficou por então nos alicerces.

Os usurpadores Philippes não se importavam absolutamente nada do abandono das nossas praças de guerra do interior e das colonias, antes o que queriam era o nosso enfraquecimento; não era assim porém nos nossos portos maritimos do continente. O receio de que as nações inimigas de Castella desembarcassem em Portugal e nos ajudassem a saccudir o seu jugo execrando, foi causa de que elles (Philippes) tratassem da defeza das nossos portos maritimos.

Depois de mandar fortificar Lisboa e outros portos, ordenou Philippe III que se construisse um castello na Foz do Douro.

Fez-se. O logar escolhido não podia deixar de ser o mesmo onde Silva principiára a construcção primittiva, e em que se achava o hospicio e templo de S. João e assim ficaram estes no interior da fortalleza. Estas

[1] No registo d'este documento ha anachronismo. D. Catharina foi regente do reino desde 11 de junho de 1557 (data da morte de D. Ioão III) até 1562. (Supponho que a hida de Lisboa ao Porto, foi em 1560.) De 1562 até 1568, foi regente o cardeal D. Henrique; e por conseguinte, em 1570 já D. Sebastião tinha *tomado as redeas do governo*. Se fosse n'este anno a hida de Silva ao Porto, já tinham terminado as duas regencias.

obras porém hiam vagarosamente, de modo que, quando rebentou a gloriosa revolução de 1640, que immediatamente repercutiu em todo o reino, ainda o castello estava muito longe da sua conclusão.

Foi D. João IV, que, apenas subiu ao throno, mandou concluir este castello, ficando com 4 baluartes, 1 revelim e largos e profundos fossos do lado de terra. Foi guarnecido com 18 peças de artilheria, 12 de bronze e 6 de ferro, e se ficou tambem chamando *Castello de S. João da Foz do Douro.*

Os marquezes de Fontes (titulo que depois foi mudado para o de Abrantes) gozavam a regalia de nomear, com approvação régia, os governadores d'esta fortaleza, a cujo cargo correspondiam grandes proventos, pois que todos os navios, nacionaes e estrangeiros e embarcações costeiras, que entravam ou sahiam a barra, pagavam certa quantia ao governador, segundo a sua naturalidade e lotação. Até os barcos de pesca de quaesquer partes do reino, que fossem ao Douro pescar ou vender peixe, pagavam os emolumentos, em especie, entregando os pobres pescadores ao governador as melhores peças de pescado que tinham nos seus barcos.

A povoação crescia sempre, de modo que no principio do seculo XVIII já contava 730 fogos e 1:508 almas. Comtudo não passava de terra de pescadores e as casas eram quasi todas terreas.

É aos banhos do mar, cujo uso se tem propagado por todo o reino, no presente seculo, que esta formosa villa deve o seu actual engrandecimento.

Tanto o castello como a povoação soffreram muito com o cêrco de 1832 a 1834; mas finda a guerra se foi reparando e mesmo augmentando, vendo-se todos os annos levantarem-se muitas e formosas casas, melhorarem-se e illuminarem-se as ruas, arborisarem-se passeios, fazer-se uma boa estrada do Porto aqui, que hoje tem um caminho de ferro americano; feito em setembro e outubro de 1871, o primeiro que se estabeleceu em Portugal.

Esta estrada, que tem 5 kilometros desde a *Porta Nobre*, até á Foz, é um bonito passeio, ornado de casas e arborisado.

Em 1647, concluido o castello, foi a parochia mudada da egreja antiga (que era dentro d'elle) para um novo templo, edificado a meia encosta da collina. É templo grande, de architectura singela e desengraçada, mas com bonitos altares de talha dourada.

Da egreja velha, só ficou no castello a capella-mór, servindo de capella militar; o corpo da egreja foi demolido. D. João IV deu do *seu bolsinho*, para a construção da nova egreja, 6 mil cruzados (2:400$000 réis) e os frades benedictinos de Santo Thyrso, pagaram as restantes despesas.

A provisão do rei, sobre a demolição d'esta egreja, vem a pag. 13 da já citada obra do sr. Camillo Castello Branco. É datada de 14 de fevereiro de 1648.

Ha mais n'esta freguezia as capellas de *Santa Anastacia*, *Nossa Senhora da Lepa*, e *Nossa Senhora da Conceição*, (primeiro intitulada de *S. Sebastião.*)

Antigamente tinha mais duas: *S. Miguel, archanjo*, (que serve agora de casa de conferencia dos pilotos) construida sobre um pontal de rochedos que entra pelo rio; e *Nossa Senhora da Luz*, onde actualmente está o pharol e um telegrapho maritimo.

O castello está menos mal conservado. Depois da guerra civil de 1846 e 1847, o governo mandou recolher a sua artilheria a Lisboa, deixando-lhe apenas duas peças velhas de pequeno calibre, para os signaes dos navios que demandam a barra. Em 1865 mandaram-lhe mais umas 3 ou 4 peças do systema antigo, por isso quasi inuteis. Tem um governador e uma companhia de veteranos de guarnição. Serve de casa do governador, o hospicio dos frades.

Na praia contigua ao castello e a pouca distancia d'elle, está a casa chamada *Salva-Vidas.* É edificio de solida construção, fundado sobre rochedos. Foi o Senhor D. Miguel I que o mandou fazer em 1830, para d'alli se ministrarem promptos soccorros aos naufragos. O governo, em 1835, vendeu este indispensavel e humanitario edificio, recebendo por elle a quantia de 800$000 réis.

Por 17 annos foi a casa do *Salva Vidas* uma residencia particular.

O horroroso naufragio do vavor Porto (29 de março de 1852) no qual morreram 60 e tantas pessoas —*mesmo junto á casa do salva-vidas*— sem ninguem lhe poder valer, abriu os olhos ao povo do Porto e da Foz, que amaldiçoaram os que deram cabo d'um tão prestante estabelecimento.

Logo em 1852 se instituiu a *Real sociedade Humanitaria*, que obrigou o governo a expropriar a casa do *Salvá-vidas* por 5 contos de réis (!) havendo portanto uma economia... (para o expropriado) de 4:200$000 réis.

Esta casa, desde então, está convertida em hospicio de naufragos e administrada pela dita *Sociedade*, governador civil e camara. Está com muito aceio e tem bastantes camas, sempre promptas, botica e todos os utencilios precizos para a salvação e tratamento dos naufragos, possuindo *barcos salva-vidas, boias de salvação*, a parelhos de electricidade, cabos, etc.

—

A alfandega do Porto tem um posto fiscal na Foz, em uma casa construida em 1841, no sitio da *Cantareira*, junto á antiga capella de S. Miguel, onde é o principal caes da povoação.

D'esta casa devia seguir uma muralha até ao castello, segundo um plano d'encanamento do rio e melhoramento da barra, traçado e principiado a executar no principio d'este seculo, chegando a concluir-se alguns lanços de muralha, que ainda existem. Modernamente, dando-se um *pequeno empurrão* a estes trabalhos, fez-se um muro e aterro junto á tal estação da alfandega, que se converteu em alameda com seus assentos de pedra. Tambem ha aqui outro passeio publico, chamado *Passeio Alegre*.

A praia dos banhos é erriçada de penhascos e perigosa, o que não obsta a que na estação dos banhos concorram aqui milhares de familias do Porto e de muitas terras do reino.

Ha aqui alguns estabelecimentos de banhos quentes, mas todos incommodos e mal montados.

Ha cinco hospedarias, tambem ordinarias, a que é alguma cousa soffrivel é a de M.me *Mary Castro*. A melhor foi feita em 1874, e pertence á senhora D. Maria Henriqueta de Mello Lemos e Alvellos.

Não ha uma casa de assembleia, um theatro nem um botequim decente!

Ha aqui duas grandes festas annuaes: a *S. Bartholomeu* (a 24 d'agosto) e a de *Nossa Senhora da Luz*, a 8 de setembro. São concorridissimas.

A bella estrada á mac-adam, da Foz a Lessa da Palmeira, é um bello passeio, sempre á beira-mar. Tem 4 kilometros de comprimento. Vae-se guarnecendo de casas pelo lado de terra.

A maior parte das casas da Foz são de bonita apparencia, mas sem nada notavel. As duas melhores são: uma edificada em 1808, no sitio do *Monte*, por um negociante inglez d'appellido *Nassau*, e é hoje do sr. Fladgate, tambem inglez. É no gosto britannico e cercada pelo jardim e por um frondoso bosque—a segunda é de cantaria, em forma de castello, com suas ameias e com janellas ogivaes. Foi feita pelo fallecido capitalista Domingos d'Oliveira Maia, ha cousa de 30 annos, e é hoje do sr. Bernardo Pereira Leitão.

Ha na Foz varias fontes, sendo a melhor, pela excellencia e frescura da agua, a da Senhora da Luz.

O pharol da Senhora da Luz não merece descripção, tanto pela mesquinhez do edificio, como pelo seu máo arranjo.

Teve outrora luz de eclipse e de cores: hoje porem, é fixa, mas deficiente.

N'estes ultimos annos tem-se tirado alguns penedos do rio n'este sitio; mas ha quem diga que a barra peorou com estas obras em vez de melhorar, porque até agora se via o perigo (os rochedos) e se podia evitar; ao passo que, quebrando-lhes apenas os topos, fica o perigo escondido e quasi inevitavel, e constantemente estão aqui despedaçando-se navios, principalmente na occasião da entrada da barra.

Ainda é o governo causa de grande parte d'estes naufragios, porque ha no Porto uma companhia de reboques a vapor, funda-

da ha 12 ou 13 annos, que têm prestado relevantes serviços ao commercio, rebocando inumeros navios, sem que até hoje os assim rebocados tenham soffrido o minimo desastre; porem a maior parte dos capitães de navios, donos ou consignatarios, para pouparem o que se dá aos rebocadores, fazem entrar os navios á vela, o que tem causado tantos e tão continuados sinistros.

O governo devia prohibir, pelo menos a entrada, sem ser a reboque dos vapores.

A companhia dos reboques, tambem devia construir um vapor de maior força, para navios maiores, e baixar alguma cousa o prêco dos reboques, que é excessivo.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de novembro de 1519.

FOZ DE SOUZA ou simplesmente **SOUZA** —freguezia, Douro, concelho e 6 kilometros a E. de Goudomar, comarca e 12 kilometros a E. do Porto 310 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 198 fogos

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, aprosentava o reitor, que tinha 180$000 réis de rendimento.

—

Situado em terreno moutuoso nas margens do pequeno rio Souza, que desagúa na direita do Douro, onde termina a freguezia pelo S.

É celebre a *Foz do Souza* em razão de um antiquissimo castello que aqui houve, no confluente e sobre a margem direita, e de uma povoação que tambem em tempos remotos existiu fronteira ao castello, e que alguns querem que fosse a primittiva cidade de Penafiel. Para evitarmos repetições vide *Aguiar de Souza, Arrifana de Souza Castello de Souza e Penafiel.*

O termo da freguezia é fertil em milho, legumes, linho e vinho.

Tem muitos pinhaes e bastante caça.

FOZÊTA — vide Fuzêta.

(*Fozêta* é diminutivo de *foz*, e, por consequencia, dever-se-hia escrever *Fozêta* e não *Fuzêta*; mas, como todos escrevem *Fuzêta*, não me quiz fazer-me singular, e segui-os.)

FOYA — Algarve. Pico, na serra de Monchique, que, segundo Franzini, tem 1:277 metros acima do nivel do mar. Tem 7 kilometros de diametro e 26 de circumferencia, formando no topo um plano inclinado para o O., onde se encontra uma fonte, muito abundante de excellente agua. Ás vezes cobre-se de neve no inverno, mas derrete-se logo.

No alto mar, serve de balisa aos navegantes.

FOYO *foio e fojo* — É uma cova funda feita ao fim de duas paredes (que principiam a distancia, ás vezes, de mais de 2:000 metros, e vão ambas terminar na tal cova.) Os caçadores e mouteiros cercam os lobos e outros animaes ferozes, impellindo-os para entre as duas paredes, depois os espantam para elles hirem fugindo até que não tendo outra sahida, cáem á cova, que está disfarçada com ramos.

Antigamente haviam em Portugal muitos d'estes *fojos*, que hoje estão destruidos.

Algumas freguezias e muitos logares devem o seu nome (Fojo, Fòia, Refoyos, etc.) á circumstancia de terem n'ella existido fojos. Antes da imenção das armas de fogo, eram estes fojos indispensaveis.

FRADÉLLOS e **TADIM** — duas freguezias curadas por um só parocho, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos nas duas freguezias.

Em 1757 tinha Fradéllos 41 fogos, e Tadim 45.

O orago de Fradéllos era S. Martinho, bispo, e o de Tadim era S. Bartholomeu, que é o actual orago.

Arcebispado e districto administratiivo de Braga.

A mitra primacial, apresentava o abbade (que de tempos antigos parochiava as duas freguezias). Tinha de rendimento annual 360$000 réis. (Vide Tadim.)

Estas duas freguezias são consideradas, para todos os effeitos, como se fossem uma só.

FRADÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 340 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 200 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 600$000 réis annuaes.

Terra fertil. Cria muito gado bovino, que exporta.

FRADES — vide Edral e Frades.

FRADES — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (até 1855 do concelho de Vieira, que foi então supprimido), 24 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os condes de Unhão, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

FRADIZELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, (até 1855 do concelho da Torre de Dona Chama, que foi então supprimido), 425 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FRÁGOAS—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira até 1855, e sendo então supprimido o concelho de Frágoas, passou a formar parte do concelho e comarca de Castro d'Ayre, 30 kilometros de Lamego, 305 ao N. de Lisboa, 110 fogos, 400 almas. Tinha no concelho 1:120 fogos.

Em 1757 tinha a villa 82 fogos.

Orago S. Pelagio (ou Pelayo ou Payo).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Barrellas apresentava o cura, que tinha 30$000 réis annuaes.

Situada sobre a direita do rio Paiva, em terreno muito accidentado e pouco fertil.

Diz-se que o seu nome lhe provém de uma grande e antiga fabrica de fundição de ferro que aqui houve e da qual ha vestigios.

Chamava-se antigamente *Frávegas* (que quer dizer o mesmo).

D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, coutou esta villa, em 1128, e se ficou chamando por muitos annos *Couto de Frávegas*.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1514. Já n'este foral se lhe dá o nome de *Frágoas*.

Ha nos montes d'esta freguezia bastante caça, grossa e miuda.

FRÁGOAS—freguezia, Extremadura, comarca de Santarem, concelho de Alcanêde até 1855, e sendo então supprimido este concelho, passou para o de Rio Maior, 90 kilometros a NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago Santo Antonio, de Lisboa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Feira a 29 de setembro, tres dias.

A origem do seu nome é a mesma da villa de Frágoas. Ha aqui minas de ferro.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario, que tinha 90 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Era da Ordem de Aviz, da commenda de Alcanêde.

FRAGOZELLA—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

A mitra apresentava o cura, collado, que tinha 30$000 réis de rendimento.

O sr. José Pereira Loureiro, foi feito visconde de Fragozella, em 1871.

FRAGOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

Foi couto da casa de Bragança, pelo que tinha grandes privilegios.

Tem uma fonte de agua mineral, que dizem ser milagrosa. Não está ainda analysada.

Ha aqui uma pia, com uma cruz no fundo, que o povo beija tres vezes, de mergulho, na firme crença de que, ou logo saram, ou morrem antes de poucos dias.

Na freguezia de *Mariz*, proxima, ha outra egual fonte. Entre outras molestias, dizem que cura o fastio.

Era ouvidor perpétuo d'este couto o abbade da freguezia de *Abbade do Neiva*, que aqui nomeava juizes, recebia luctuosas, coimas e *gado do vento*.

A casa de Bragança apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis. Os dizimos foram dados pela mesma casa ao thesoureiro-mór de Barcellos.

FRAIÃO ou **FRAYÃO**—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Olivença, da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Frayão e *Fayão* (que vem a ser o mesmo) é nome proprio de homem, muito usado no tempo dos godos.

FRAIÃO ou **FRAYÃO** (castello de)—vide Boulhosa, serra, Minho, e Coura, villa.

FRAISSEO—vide Freixo de Baixo.

FRALÃES ou **FARELÃES**—villa extincta, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 40 fogos.

Foi couto da casa de Bragança, com as respectivas justiças.

Foi ha mais de 200 annos supprimida a freguezia, e a villa ficou reduzida a aldeia.

FRANÇA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É freguezia antiga, pois já existia em 1356. Vide Castanheira, concelho do Mogadouro.

O reitor de Rabal, apresentava o cura, que tinha 7$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FRANCE—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 470 fogos.

Em 1757 tinha 316 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Muito fertil. Gado e caça.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 120$000 réis annuaes.

FRANCEMIL, hoje **SANJOMIL**—aldeia na freguezia de S. Martinho do Campo, concelho de Vallongo, comarca e 12 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa. Tem a villa 100 fogos, e toda a freguezia 330.

(Vide Campo, S. Martinho do).

Dizem que a actual aldeia de *Sanjomil*, foi villa, em tempos remotos, com o nome de *Francemil*; mas isto só consta da tradição. Não ha documento algum que o atteste.

FRANCISCO—(portuguez antigo) quer dizer *francez*. (Vide Ermida de Panoyas e Santa Martha de Penaguião).

Francisco era tambem uma especie de machadinha, insignia dos consules. Era tambem certa medida de pão (talvez por ser originaria de França.)

É tambem, como todos sabem, nome proprio de homem, usado na Peninsula desde alguns seculos antes da monarchia portugueza.

FRANCISCO (S.)—freguezia, Beira Baixa, na cidade, comarca e concelho da Covilhan, 36 kilometros a SSO. da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 470 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

E' no districto d'esta freguezia que está fundada a riquissima e magnifica fabrica de lavar, cardar, fiar, e tecer lans, para toda a qualidade de telas. A sua firma social é *Campos Mello & Irmão*, cujo chefe é o sr. Francisco Joaquim da Silva Campos e Mello, visconde da Coriscada.

O estabelecimento fabril immediato a este em magnificencia, movimento e prosperidade é o do mesmo genero, que foi do sr.

commendador Marques de Paiva, e que é hoje de uma sociedade denominada — *Companhia Nacional de Lanificios, Covilhanense* — da qual é actualmente director o sr. visconde de Mourão.

—

Era isto mesmo que eu tinha escripto no original e que se tinha composto; mas na revisão houve quem, com informações erradas, me fez emendar, confundindo assim o nome do sr. visconde da Coriscada com o do sr. Marques de Paiva, e uma com outra fabrica. Peço desculpa ao sr. visconde de um engano em que todavia não tive culpa.

—

Principiei esta obra em 1840, e desde então innumeras alterações teem havido em Portugal, tanto nas divisões ecclesiasticas como nas civis, administrativas, judiciaes e militares.

Não me tem dado pouco trabalho a emendar e *reemendar* tantas alterações, notando-as logo que ellas tenham logar; mas é inevitavel escaparem algumas, por mais attenção e cuidado que n'isso empreguei.

Por estas razões disse no artigo — *Covilhan* (pag. 431 do 2.º vol.) que esta cidade tinha cinco freguezias, quando é certo que actualmente só tem quatro, porque foi supprimida a de S. Silvestre.

No fim da obra publicar-se-ha um supplemento com todas as indispensaveis rectificações.

FRANCISCO DA SERRA (S.) — freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 80 kilometros a O. d'Evora, 105 a SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Francisco de Assis.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão-curado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, annualmente.

E' terra fertil em cereaes.

FRANCO — freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Mirandella, (até 1855 foi do concelho de Lamas d'Orelhão) 105 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario de Santa Cruz, de Lamas de Orelhão apresentava o cura, confirmado, que tinha 40$000 réis, annuaes.

FRANCOS (A dos) — freguezia, Estremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho d'Obidos, 80 kilometros ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

A mitra apresentava o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

FRANCOS (A dos) ou **MIRAGAIA** — freguezia, Estremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

E' terra fertil.

O povo apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de trigo, 30 de cevada e 100 almudes de vinho.

FRANQUEIRA — serra, Beira-Alta. (Vide *Ferreiros de Tendaes.*)

FRATEL — freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de Villa Velha de Rodão, 195 hilometros a E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

E' terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça miuda e grossa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

FRAZÃO — villa, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira, 24 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 274 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil.

Foi *honra* dos Alcoforados.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de novembro de 1514.

O papa e o mosteiro benedictino de Santo Thyrso apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 90$000 réis.

O juiz da *honra* elegia os officiaes, para servirem triennalmente.

Os moradores da *honra* não eram obrigados a sahir fóra para coisa nehuma.

Os Alcoforados, senhores d'esta *honra* estão hoje unidos aos Sousas.

Ha aqui uma torre que foi seu solar.

Os direitos reaes d'esta freguezia eram da casa dos Azevedos Coutinhos, senhores de S. João do Rei. (Vide Bayão.)

FRAYÃO (Castello de) — Vide Boulhosa, serra.

FREAMUNDE — freguezia, Douro, comarca de Lousada (foi até 1855 da comarca de Santo Thyrso) concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago o Salvador,

Bispado e districto administrativo do Porto.

Aqui nasceu em 1795 o bravissimo e fidelissimo general *Bernardino Coelho Soares de Moura*, e aqui falleceu em 1860.

E' terra fertil e muito antiga, pois já em 1288, nas *Inquirições Reaes*, se menciona como povoação antiga, e tendo alli a Ordem do Hospital oito casaes. Era então do julgado de Bayão.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Foi prestimonio da Ordem de Christo, que com o habito davam os marquezes de Villa Real (Noronhas) e tinham as mesmas honras e privilegios, como se fossem dados pelo rei.

Isto e tudo o mais d'esta nobre e grande casa e da dos duques de Caminha, (que era a mesma familia), perderam os Noronhas em 1641, por tentativa de regicidio, (pelo que foram executados, no *Rocio* de Lisboa, em 29 de agosto de 1641) passando a maior parte das suas propriedades e fóros para o infantado.

FRECHÃO — Vide Torres.

FRÉCHAS ou **FRÉCHES** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 320 ao NE. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição (antigamente Nossa Senhora da Graça).

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o vigario que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria gado e caça.

FRÉCHAS — villa extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 130 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos, 300 almas.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

D. Manuel lhe deu foral *novo*, mas o escriptor esqueceu-se de o datar.

E' porém feito depois de junho de 1510, porque nos seus ultimos capitulos se refere ao foral de Miranda, que foi passado em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos de Tras-os-Montes*, fl. 19, col. 2.ª—Veja-se a inquirição para este foral, na gav. 20, maço 11, n.º 4.)

Dizem alguns que D. Lourenço Soares, senhor de Villa Flor, lhe deu foral (tambem não se sabe quando), mas Franklim não falla em similhante foral. E' provavel que nunca existisse.

O reitor de S. Lourenço de Lilella apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento.

Era dos senhores (depois condes) de Villa Flor, donatarios d'esta e outras freguezias de Traz-os-Montes.

A familia dos condes de Villa-Flor extinguiu-se por morte do seu ultimo conde, o marechal, que foi feito duque da Terceira pela senhora D. Maria II.

FRÉCHES — Vide *Fréchas ou Fréches.*

FREGIM — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante (foi até 1855 do concelho de Santa Cruz de Riba-Tâmega, então supprimido) 30 kilometros a NE. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 206 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O commendador de Malta, da casa do Calhariz, apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis. O reitor era freire de Malta.

E' terra fertil.

Ha aqui uma imagem de Nossa Senhora que, segundo a tradição, appareceu em uma *olaia* (arvore). Levaram-a para a egreja, mas ella fugiu para a olaia.

Quantas vezes a tiraram d'alli, tantas ella tornou a regressar; pelo que não tiveram remedio senão construir-lhe uma capella no sitio onde appareceu.

Ainda junto á capella existe uma grande olaia.

FREI-GIL — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rezende (foi até 1855 do concelho d'Arégos, então supprimido) 24 kilometros a O. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Purificação (vulgo das Candeias).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra fertil. Produz bom vinho.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

Fica proximo da margem esquerda do Douro, que, além de lhe fornecer optimo peixe, lhe dá uma via de communicação com a cidade do Porto, para onde exporta o remanescente dos generos que o seu territorio produz

FREINEDA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho d'Almeida, 105 kilometros ao ESE de Lamego, 320 ao E. de Lisboa, 125 fogos. Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Castello Bom, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIRÍA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, (foi do concelho da Azueira) 35 kilometros de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Lucas, evangelista.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 6$600 réis em dinheiro. É terra fertil.

Freiría, casa onde habitavam os *freires*.

Tambem significa congregação, confraternidade, confraría, sociedade, ordem, sodalicio, de varias corporações militares.

FREIRIZ — villa extincta, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, (foi antigamente do concelho do Prado, comarca de Braga) 12 kilometros ao NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos, 420 almas.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, com as respectivas justiças. Deriva o seu nome ou de *Freire*, ou de *Freiría*, logar onde residiam os *freires*. (Vide Freiría.)

A casa dos Menezes, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

Era senhor d'este couto, Fernão Nunes Barrêto, depois passou a seu genro Fradique de Menezes, senhor da Barca, por sua mulher, D. Jeronyma Nunes Barrêto.

Esta casa rendia sete mil e tantos alqueires de pão, afora as mattas e outros rendimentos. Foi primitivamente uma quinta de Egas Paes, de Penagate, e depois, por casamento, passou para os Penellas, senhores do concelho de Penella.

O juiz que terminava, elegia, com o povo, o que lhe havia de succeder, sentenciava no civel e orphãos. O crime, era processado pelas justiças de Prado.

Aqui passava a *Geira*. Ainda existem ruinas de uma fortificação romana, que protegia a via *militar*.

FREITA — alta e ingreme montanha granitica, Douro, no concelho e ao SE. e S. do valle d'Arouca, 55 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisbaa, e 20 ao SO. do rio Douro.

É um ramo da *Gralheira* e poucos mezes deixa de ter neve em seu alcantilado cume. Apenas produz pouco e enfesado matto rasteiro do meio para cima; mas para baixo, nas vertentes de ONO. é povoada de varios, bonitas e ferteis aldeias, que dominam o valle d'Arouca.

Freita e *freitada* vem do verbo *freitar* (portuguez antigo)—significa—*roteada, cultivada*, reduzida á cultura.

Na parte d'esta serra pertencente á freguezia de Rôças mandou a rainha Santa Mafalda construir uma albergaria (em 1280) para peregrinos. Havia uma pessoa encarregada de tocar uma buzina de noute, para advertir os passageiros, de que alli havia uma albergaria, para se abrigarem da neve e dos lobos. O *buzineiro* ganhava certa pensão. (Vide *Albergaria das Cabras.*)

FREITAS (pôço das)—Célebre lagôa, Traz-os-Montes, na Ribeira do Térva, uns 18 kilometros ao SO. de Chaves, e proximo á aldeia de *Sapéllos*, ou *Çapéllos*, entre a freguezia d'Ardãos e a aldeia Çapellos, que é na freguezia de Sipiães, e na aldeia de Nogueira, da freguezia de Bobadella, no concelho das Boticas, comarca de Montalegre. (Vide Carrazêdo de Bouro.)

É uma vasta escavação mineira, dos romanos ou árabes, pois tem aqui apparecido algumas vezes páos, que provavelmente foram d'antigos escoramentos. (O povo diz que isto é um *ôlho marinho*, que communica com o Oceano, e que aquelles páos são restos de navios!).

Terá uns 45 metros de comprido e 25 de largo. A sua agua pouco diminue na estiagem: está quasi sempre na mesma altura. Não cria animal de qualidade nenhuma e está completamente coberta de limos.

A mesma etymologia.

Eram minas d'ouro, que ainda se exploraram no reinado de Philippe IV. Vide (para evitar repetições) o que digo d'esta mina, em Carrazêdo de Bouro.

FREITAS — freguezia, Minho, comarca, e concelho de Fafe, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca e concelho de Guimarães até 1855.

É terra fertil.

As religiosas do convento dos *Remedios*, de Braga, apresentavam o reitor, que tinha 11$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É aqui o paço e solar dos Freitas.

Suas armas são: em campo de púrpura, cinco estrellas d'ouro, de 6 pontas cada uma; timbre, dois braços de leão, d'ouro, em aspa.

FREIXEDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

FREIXEDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros a NO. de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 38 fogos em 1757.

Orago S. Nicolau (foi antigamente S. Silvestre.)

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Salsas, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, annexa á de Salsas.

No alto de um monte d'esta freguezia, ha uma fonte d'agua frigidissima, tão corrosiva, que em 30 minutos (dizem) consome toda a carne de um quarto de carneiro, deixando-lhe só os ossos.

Junto a esta fonte está o cabeço de *Figueiro*, onde se veem concavidades na terra, que segundo a tradição, foram minas de prata, exploradas pelos romanos ou pelos árabes. Junto ao ribeiro estão as ruinas de uma grande casa, onde a prata se purificava e fundia-

No sitio de *Valle de Mouros*, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

FREIXÊDA DO FORRÃO—freguezia, Beira Alta, comarca de Pinhel, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, 80 kilometros ao S. E. de Lamego, 345 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O ordinario apresentava o abbade (por concurso e collado) tinha 200$000 réis.

FREIXÊDAS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico, concelho d'Alverca até 1855, e desde então, comarca e concelho de Pinhel. 70 kilometros a SE. de Viseu, 330 ao NE de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 353 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

É terra fertil.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FREIXEDELLO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros a NO. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos, em 1757.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado.

FREIXIAL—Vide *Telhado e Freixial.*

FREIXIAL—Vide *Villa Garcia*, a cuja freguezia está annexa. *Freixial* era uma antiga villa, a quem deu foral D. Sancho Fernandes, prior da Ordem do Hospital, em abril de 1112. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa a 19 de julho de 1515.

É na comarca e concelho de Trancoso.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, da villa de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIXIAL DO CAMPO—freguezia, Beira-Baixa, concelho e comarca de Castello Branco (até 1855, concelho de S. Vicente da Beira) 210 kilometros a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de S. Vicente da Beira, apresentava o cura, que tinha 9$200 réis de congrua, e o pé d'altar.

FREIXIAL DOS PÓTES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior da freguezia do Souto da Casa, apresentava o cura, cuja renda era incerta.

Esta freguezia já fica descripta em Castelléjo, á qual está annexa.

FREIXIANDE—Vide *Freixiendas.*

FREIXIEIRO — villa, Minho, cabeça do concelho e comarca de Celorico de Basto. (Vide esta palavra.)

É situada na freguezia de S. Pedro de Britéllo. Até 1870, nem merecia o nome de villa; mas desde então tem tomado bastante desenvolvimento e feito progresso materiaes, graças ás suas duas ultimas vereações. Tem-se edificado muitos predios: sendo o melhor a casa da escola, fundada com o legado do benemerito conde de Ferreira (Vide Campanhan.)

Para o mais que pertence á comarca e concelho de Celorico de Basto, vide esta palavra, a folhas 233 do 2.º volume.

FREIXIEIRO—*Reguengo*, no extincto concelho de *Bem Viver* (sobre a direita do rio Douro.) Teve foral dado por D. Affonso III, na Guarda, em 23 d'agosto de 1256. (*liv. 1.º de Doações, do sr. Rei D. Affonso III, fl. 16 v. col. 2.ª in fine: liv. 2.º de Doações*, do mesmo rei, *fl, 22 in principio liv, dos Foraes antigos de leitura nova fl. 142 col. 2ª.*

—

FREIXIEIRO DE SOUTELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 45 kilometros a O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 100 fógos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O conde d'Aveiras, apresentava o abbade, collado, que tinha 220$000 réis de rendimento.

É terra fertil cria gado e caça.

FREIXIEL—villa, extincta, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 125 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 230 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador de Poyares, (da Ordem de Malta) apresentava o vigario, confirmado que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Situada em uma baixa, rodeada d'altos montes. Não é tão fria como a maior parte das terras d'esta provincia; mas o seu clima é pouco saudavel.

É todavia muito abundante, sobretudo em pão e azeite.

Foi, até 1641 dos marquezes de Villa Real, que então a perderam, com tudo o mais (e a vida no patibulo, no *Rocio*, de Lisboa, em 29 d'agosto d'esse anno) por traidores á patria.

Foi natural d'esta freguezia fr. Antonio das Chagas (arrábido) célebre orador sagrado —no seu tempo—e escriptor mystico.

FREIXIENDAS ou **FREIXIANDAS**—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova de Ourem, 30 kilometros de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 660 fogos.

Em 1757 tinha 560 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo, *das Candeias.*)

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

O cabido da collegiada de Ourem, apresentava o cura, que tinha 120$000 réis annuaes.

É terra fertil.

Tem uma grande feira, a 8 de setembro de cada anno.

FREIXINHO—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe (até 1855 concelho de Fonte-Arcada) 35 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

FREIXIOSA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros a SE. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. João, de Mangualde, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FREIXIOSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros de Bragança, 474 ao N. de Lisboa, 36 fogos, em 1757.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villa Chan, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha mais de 60 annos annexa á de Villa Chan, no mesmo concelho.

FREIXO (S. Julião do)—freguezia, Minho, concelho de Espózende, comarca de Barcellos, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Ponte do Lima. 360 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

N'esta freguezia está o antiquissimo castello de *Curutêllo*, com sua torre e muralhas, que foi de uns fidalgos appellidados

Curutêllos. Sobranceiro ao castello, em outro monte mais elevado, está a antiquissima capella de S. *Christovão dos Milagres*, tendo em roda um alto muro, que lhe mandou fazer D. Agostinho de Castro e Jesus, arcebispo de Braga, para a abrigar dos temporaes.

O reitor de S. Miguel de Alvarães, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

FREIXO (quinta do)—Formoso palacio e bonita quinta do sr. Antonio Affonso Vellado (hoje visconde do Freixo) nos arrabaldes do Porto, sobre a direita do Douro, na freguezia de Campanhan, concelho de Gondomar.

Dentro da quinta está uma fabrica de sabão (de optima qualidade) das mais bem montadas do paiz. Actualmente está fechada.

Já na freguezia de Campanhan tratei d'esta bellissima propriedade. (Vide Campanhan) e do seu attenciosissimo proprietario; mas darei aqui mais algumas noticias.

A architectura do palacio pertence ao estylo chamado *renascença*, como era moda no principio do seculo XVII, isto é, sobre carregado de ornatos.

É um edificio quadrangular, com 4 fachadas, rematando cada uma um bonito pavilhão. A fachada mais nobre é a do S., (do lado do rio) que deita para um pequeno mas bonito jardim, cercado de bellas grades de pedra e tendo no meio um bonito chafariz de repucho.

No interior, este palacio está decorado com grande magnificencia e é habitação digna de um principe. Tem formosas salas, com differentes titulos, e em diversos gostos, embellecidas com bellas pinturas e primorosos estuques.

Não pude saber quando foi construido este edificio; mas parece que foi no principio do seculo XVIII, e a sua architectura nos indica essa data.

Em 1770, era proprietario do palacio e quinta, Vicente de Noronha Leme Cernache. Pelo casamento de uma filha d'este fidalgo, chamada D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache, com João Antonio Salter de Mendonça, 1.º visconde de Azurára, veio a *quinta do Freixo* para a casa de Azurára.

Jorge Salter de Mendonça, 2.º visconde de Azurára, vendeu isto ao actual proprietario, em 1850; e este foi feito *barão do Freixo*, em 1866 e visconde em 18[illegible]0.

FREIXO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 315 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham foram annexas ao concelho do Sabugal.

Em dezembro de 1870, todas as freguezias que tinham sido do antigo concelho de Castello Mendo, ficaram fazendo parte do de Almeida.

O vigario de S. Vicente, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento.

FREIXO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho do Redondo, 24 kilometros d'Evora, 135 ao SE. de Lisboa, 106 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

É terra fertil. Tem bom vinho.

FREIXO—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Purificação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Foi até 1855 da comarca e concelho de Soalhães.

O reitor de Tuyas, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

FREIXO DE BAIXO—freguezia, Douro, comarca e concelho e proximo de Amarante, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

Esta freguezia e a seguinte chamavam-se antigamente, *Fráisseo*. (É mais provavel que só em escripturas se lhe desse esse nome, por ser *alatinisado*, e que o *vulgo* sempre lhe chamasse *Freixo*.)

Houve aqui um mosteiro de frades cruzios, fundado em 1120, por D. Gotinha (ou Gontina) Godins, mulher de D. Egas Hermiges, *o Bravo*, e sogros de D. Egas Gozendes.

Em 1540, D. João III o deu aos frades dominicos de S. Gonçalo de Amarante, o que foi confirmado pelo papa Paulo III, em 1542. (Parece-me que os frades d'aqui, se então os havia, é que foram povoar o convento de Amarante; porque vejo os dois conventos unidos no mesmo anno em que se fundou o de Amarante.)

O prior dos frades dominicos, de S. Gonçalo de Amarante, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

FREIXO DE CIMA—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo de Amarante, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos religiosos dominicos de S. Gonçalo de Amarante, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

FREIXO DE ESPADA Á CINTA—villa, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, 180 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao SE do Mogadouro, 400 ao N. de Lisboa, 510 fogos, 4:600 almas.

No concelho 1:500 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada 4 kilometros ao N. do Douro (margem direita) que aqui divide Portugal de Hespanha.

É povoação muito antiga e foi *couto do reino* ou de *homisiados*. (Vide Couto.)

Em 1211 foi esta villa saqueada pelos leonezes.

—

D. Affonso II, ambicionando as gandes riquezas que seu pae deixára aos ouros filhos, não quiz estar pelo testamento paterno (apesar de o ter promettido a su pae agonisante!) e quiz expoliar violentamente seus irmãos das suas villas, castellos e rendas. O infante D. Fernando teve de fugir para Castella, e o infante D. Pedro para Marrocos. As infantas defenderam-se nos seus castellos e d'alli pediram auxiio ao rei de Leão e ao papa, e foi então que os leonezes assolaram e roubaram Freixo.

Esta villa foi até 1240 do concelho la villa de Alva. Na guerra que n'esse anno teve D. Sancho II de Portugal, com o rei de Leão, foi esta villa de Alva cercada pelo infante leonez D. Affonso, (filho de D. Fernardo III de Castella, *o Santo*) e os seus moradoies, ou por mêdo ou por traição, se entregaram aos leonezes, sem resistencia. Em castigo d'esta cobardia ou traição, lhe tirou D. Sancho II logo o fôro de villa, dando-o a Frexo de Espada á Cinta, pela fidelidade e bravura que então seus habitantes mostraram, defendendo-se obstinada e valorosamente, pelo que os leonezes tiveram que levantar o cêrco e retirar-se vergonhosamente.

A data da fundação d'esta villa, e etymologia do seu nome e a origem do seu brazão d'armas, são cousas muito duvidosas.

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, diz que foi fundada por um fidalgo chamado, por appellido, *Feijão*, primo de S. Rozendo, que morreu em 977; e diz que, por este fidalgo trazer por armas um *freixo e uma espada*, ficara o *freixo e a espada* por nome á villa.

Segundo a tradição, porém, foi um capitão gôdo, de appellido *Espadacinta*, que, chegando áquelle sitio cançado de uma batalha, e deitando-se á sombra de um grande *freixo* que alli havia, deu á arvore o nome de *Frixo de Espada á cinta*, e este nome passou á povoação, que pouco depois alli se principiou a fundar, a qual, em memo-

ria do caso, tomou por armas o *freixo* e a *espada*, em campo de púrpura.

Ainda no principio do seculo passado, existia junto à egreja matriz da villa, um freixo colossal, cercado de assentos de pedra, que os povos d'aqui tinham em grande estima por o reputarem o mesmo da lenda.

—

Em 1272 conseguiram os povos da villa de *Moz*, que D. Affonso III decidisse a grande demanda que traziam com os de Freixo de Espada á Cinta, sobre pastagens e limites, mandando *que os gados pastassem nas relvas, só depois de n'ellas não haver pães, e que logo que estejam lavradas fiquem defezas.*

Tem um castello, que, *no seu tempo*, foi muito forte, guarnecido com tres soberbas torres. Foi edificado por D. Diniz, no anno de 1310. Está sobre um outeiro contiguo á villa.

—

Em 1342 requereu o povo d'aqui, a D. Affonso IV, que lhe desse a *terça* da sua egreja, para concluir as muralhas da villa, o que o rei concedeu. Depois, com essas mesmas *terças* fizeram a egreja (que parece ter sido principiada por D. Diniz.) Mesmo assim, não chegou o rendimento da *terça* para a conclusão do templo, que esteve incompleto muitos annos. Ainda em 1650 estava por fazer o côro, o pulpito e os remates. Já então as *terças* de todo o reino pertenciam á corôa (vide *Castellatico*) pelo que os de Freixo pediram a D. João IV a *terça* d'aqui, para conclusão da sua egreja, que é de cantaria lavrada, com abobada tambem de cantaria.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 10.º

D. Sancho II, como já disse, lhe deu o titulo de villa, em 1240, mas não consta que lhe desse foral. O 1.º que teve, lhe deu D. Affonso III, sem data. (*Livro das doações de D. Affonso III*, fl. 118 v., col. 2.ª, gav. 15, maço 8.º, n.º 23.)

D. Manuel lhe deu foral *novo*, mas tambem esqueceu a data; comtudo é posterior ao 1.º de junho de 1510, porque, a ultima verba da *portagem*, do foral novo, remette-se ao foral de Miranda, que foi dado em Santarem, n'aquella data.

Tambem tem uma sentença de foral, dada a favor da corôa, datada de 6 de junho de 1533, no reinado de D. João III.

Ha na villa 10 ermidas e 12 fontes (de má agua.)

Diz o padre Costa na sua *Chorographia*, que no logar de *Masouco*, d'esta freguezia, ha uma fonte, chamada do *Xido*, que principia a deitar agua em março, com a circumstancia de que, se o anno tiver de ser fertil, deita muito pouca, e muita se tiver de ser esteril.

O seu territorio produz cereaes, azeite, vinho, amendoa e poucas fructas.

Fazem-se aqui optimos queijos.

Tem creação de bichos de seda, que antigamente constituiu um ramo muito importante da sua industria, exportando para todo o reino muita variedade de manufacturas de seda, principalmente tafetás e meias.

Ha alguns annos tem-se por aqui plantado muitas amoreiras e desenvolvido muito a sericultura. Deus queira que não desanimem.

Hoje (como a maior parte das povoações de Traz-os-Montes) tem decahido bastante da sua antiga prosperidade (relativa) pela falta de boas vias de communicação.

—

A villa está assente sobre uma elevação, rodeada de muitas vinhas, olivaes e terras de pão, muito bem cultivadas.

N'este concelho e entre os limites de *Lagoaça* e *Quinta das Quebradas* (concelho de Mogadouro) corre em sitio aprasivel, a ribeira de *Valle de Marinha*. Na sua margem esquerda existe um manancial d'agua, chamado *Fonte Santa*. Dizem que as suas aguas são um remedio efficacissimo para sarna, tinha, lepra e todas as mais molestias cutaneas, e até para as ulceras cancerosas. Perto da fonte se vêem restos de pequenas casas, talvez habitações dos que em outras eras alli concorriam a tomar banhos.

Ao N. d'esta ribeira eleva-se uma alta serra, cujas pedras (de uma côr amarellada) são alguma cousa sonoras, o que faz crer

aos lavradores das visinhanças que é *ouro encantado.*

Ao fundo d'esta serrania, está um cerrado, fechado por uma parede de descommunal altura e grossura, que revela grande antiguidade e (na fórma do costume) se diz ser obra dos mouros, que por aqui habitaram, no seu tempo. Ainda a este cerrado se chama *Casal dos Mouros.*

Perto da villa, ha uma collina chamada *Cabêço de S. Braz*, e no seu cume está a capella de Nossa Senhora dos Montes Ermos. Na base d'esta collina passa a estrada de Lagoaça, Mogadouro, etc. Junto da mesma está a fonte de *Mé Nunes.*

Diz-se que um sujeito de Lisboa sonhára que perto d'esta fonte havia uma grande mina de ouro. Não quiz saber mais nada, logo se dirigiu para aqui. Chega, procura, acha a mina e desandou logo com todo o seu ouro para Lisboa, onde chegou *riquissimo.* No sitio onde estava o ouro, deixou esta quadra:

Adeus, fonte de Mé Nunes,
Quem te dever que te pague;
Que eu dentro de ti achei
O valor d'uma cidade.

Se isto é verdade, o homem, mesmo assim, tinha mais habilidade para descobrir *thesouros encantados*, do que para achar consoantes.

—

O concelho de Freixo d'Espada á Cinta, é composto de 6 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são: — Freixo, Lagoaça, Fornos, Mazouco, Poyares e Ligares.

FREIXO DE NUMÃO—(concelho extincto da comarca da Pesqueira), villa, Beira Alta, hoje comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 54 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 215 fogos, 400 almas. No concelho tinha 1:100 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 220 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A universidade de Coimbra, por concurso, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis.

Freixo era uma aldeia e freguezia, do concelho de Numão, e como fosse prosperando e a capital do concelho decahindo, passou para aqui a séde do concelho, até que foi extincto, em 1855.

A villa é pequena; mas o seu territorio é fertil em cereaes, optimos vinhos, fructas, etc.

O seu foral é pois o de *Numão* (que hoje é uma freguezia d'este concelho). Era senhor de Numão (então *Nemam*) Fernão Mendes, que, a 7 de julho de 1130, lhe deu foral, o qual foi confirmado em *Quintella*, em outubro de 1217, e outra vez confirmado em *Trancoso* a 27 de outubro de 1285.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de agosto de 1512.

(Tudo quanto pertence a Numão, vae sob esta palavra.)

FREIXO DA SERRA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico, concelho de Linhares até 1855, e desde então comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros ao SE. de Coimbra, 300 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Em fevereiro de 1872, cahiu um raio na torre da egreja matriz, lançando o zimborio a grande distancia e abrindo largas fendas nas paredes. O prejuizo foi de uns 800$000 réis. Cahiu na mesma occasião outro raio em casa de um tecelão, proximo á egreja, mas só causou susto.

O commendador de Oliveira do Hospital e o vigario de Folgosinho, apresentavam alternativa e annualmente o cura, que tinha 35$000 réis de rendimento.

FREIXOFEIRA—aldeia, Extremadura, concelho de Torres Vedras, 44 kilometros a NO. de Lisboa. É a 13.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

FRENDE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era, até 1855, da extincta comarca de Soalhães.

É situada sobre a margem direita do Douro, em terreno muito accidentado, mas com valles muito ferteis. Produz muito bom vinho.

Ha aqui muitos barcos, que navegam constantemente para o Porto, sustentando um commercio activo com esta cidade, o que faz a freguezia florescente.

A mitra apresentava o abbade, por concurso, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

FRÊTE—vide Pontos do Douro.

FREZULFE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 488 kilometros ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra, por concurso, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

FRIANDE e **PINHEIRO** — (annexas), freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 35 kilometros a SE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 271 fogos.

Orago S. Thomé e S. Thiago, apostolos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o vigario de Friande, que tinha 140$000 réis annuaes. Era orago d'esta freguezia S. Thomé, que tinha 208 fogos.

O prior dos conegos regrantes, do mosteiro de Caramôs, apresentava o vigario, confirmado, do Pinheiro, que tinha 250$000 réis annuaes. Era orago d'esta freguezia, S. Thiago. Em 1757 tinha 63 fogos. Vindo pois a ter estas duas freguezias, no tal anno de 1757, os 271 fogos, que lhe dou acima.

Estas duas freguezias estão unidas, desde o fim do seculo passado, formando uma só, com dois oragos.

FRIANDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Póvoa de Lanhoso, (até 1855, do concelho de S. João de Rei, então supprimido), 20 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

Chamava-se antigamente *Friães do Rio.*

O reitor de Santa Maria de Veade (concelho de Celorico de Basto) apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis annuaes.

FRIAS-TELLAS ou (mais etymologico) **FRIESTELLAS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil. Muita caça.

O reitor de S. Pedro de Calvêllo, apresentava o vigario, que tinha 14$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

Foi originariamente abbadia.

Hoje dá-se a esta freguezia officialmente o nome de *Frias-Tellas*, mas é corrupto. O seu nome, como se vê nos livros antigos (que é o verdadeiro) é *Friestellas*, diminutivo de *frésta* (nas provincias do norte *friésta*). Vem a ser *povoação das frestinhas* ou *friestinhas.*

FRIDÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago S. Faustino.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

FRIEIRA—villa extincta, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda até 1855, em que passou tudo para Macêdo de Cavalleiros, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 20 fogos, 80 almas, em toda a freguezia.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Miranda (depois o de

Bragança) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Era uma pequena villa, que mal merecia semelhante titulo, que foi ha muitos annos supprimido, assim como a freguezia.

Dizem alguns que foi couto, ou honra; mas parece-me que é êrro, pois nunca teve foral.

FRIELLAS — pequeno rio, Extremadura, 12 kilometros de Lisboa, dá o nome á freguezia de Friellas, ou d'ella o recebe. Passa a esta freguezia, a Santo Antão do Tojal e a Sacavem, onde morre na direita do Tejo. Toma o nome das terras por onde passa.

FRIELLAS — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, termo, comarca e 12 kilometros a NO. de Lisboa, 3 de Loures, 80 fogos.

Em 1757 tinha 251 fogos.

Orago S. Julião.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A abbadessa de Odivellas, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Situada proximo da estrada de Loures, nas faldas de uns montes pouco elevados e tendo na frente extensissimas campinas.

A egreja matriz é antiquissima, pois já existia em 1191, em cujo anno, sendo bispo de Lisboa D. Soeiro Annes, a reservou este prelado para os seus successores, tendo até então pertencido ao cabido da Sé de Lisboa.

Foi senhor de Friellas e Unhos, Lopo Mendes do Rio e seus descendentes.

Rio, é um appellido nobre em Portugal. Procede da Galliza, passando a este reino na pessoa de Fernando Ayres do Rio (que trouxe seus filhos) no reinado de D. Affonso V. Lopo Mendes do Rio, 1.º senhor de Friellas, era neto de Fernando Ayres do Rio, que instituiu morgado em uma capella do mosteiro de Bemfica. Suas armas são—em campo verde, um castello de prata, sobre um contrachefe de ondas, da sua côr, e em chefe, tres flores de liz, de ouro. Timbre, uma aspa verde, carregada das tres flores de liz do escudo. Outros *Rios* trazem por armas—em campo de púrpura, uma torre de prata, com ameias, firmada em ondas de asul e prata. Contrachefe estreito, de verde e nas ameias, uma cara humana e duas flores de liz de ouro, de cada lado.

A segunda familia d'este appellido, veio do reino das Asturias; foi Christovão do Rio, que se estabeleceu em Portugal, no reinado de D. João III, e ao qual este rei confirmou as armas que trazia, em 1530. São—em campo de ouro, duas faxas de ondas, orla de prata perfilada de negro, carregada de cinco cabeças de serpe, verdes, lampassadas de púrpura, cortadas em sangue. Timbre, uma d'estas cabeças.

—

Havia aqui um palacio real, principiado por D. Affonso III e concluido por seu filho D. Diniz, que d'elle datou muitas doações e outros documentos. Em 1313 erigiu o mesmo D. Diniz n'este paço a capella de Santa Catharina, com capellão e missa quotidiana. Este *palacio* não passava de uma casa de campo, em que vinham habitar os reis, quando se davam ao exercicio da caça miuda, que por estes sitios abundava.

Aqui residiram alguns dias e por varias vezes, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I e D. Fernando.

Durante as guerras que este ultimo rei teve com D. Henrique II de Castella (1369) por aquelle pretender o throno d'este, chegando algumas cidades castelhanas a prestar obediencia ao rei de Portugal (pelo que Henrique II se viu obrigado a alliar-se com o rei de Aragão e com o rei, mouro, de Granada) e cuja guerra terminou pelo tratado de paz d'Evora, de 31 de março d'aquelle anno; durante esta guerra, digo, os castelhanos que vieram sitiar Lisboa, incendiaram este palacio e outros muitos edificios.

Em 1378 fez D. Fernando doação do que havia d'este paço e da sua quinta, aos monges de S. Jeronymo, para aqui fundarem um convento da sua ordem, o que não se realisou.

Com o tempo e o abandono, desmantelou-se completamente o edificio, e seus materiaes se applicaram a outras construcções, de modo que d'elle já nada existe. Em 1670, fazendo-se uma escavação no local em que estava o paço, se achou uma bella taça de

marmore e um pavimento de marmore de côres, em xadrez (mosaico).

Ha por aqui muitas quintas.

FRIÉSTAS ou **FRÉSTAS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra muito fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

Esta freguezia é muito antiga, e já aqui era uma abbadia, no reinado de D. Diniz.

Junto a esta freguezia está o celebre convento benedictino de S. Fins (por isso chamado *das Friestas*). (Vide S. Fins, de Vallença).

FRIO ou **RIO FRIO**—pequeno rio, que nasce na Cadima, faz um semicirculo para N. e E. e entra na direita do Mondego, acima de Monte-Mór-Velho, com 30 kilometros de curso.

FRIO ou **RIO FRIO**—pequeno rio, Traz-os-Montes, nasce na freguezia de Rio Frio, comarca de Bragança, extincto concelho do Outeiro, e desagua na esquerda do Sabôr.

FRIÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 90 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 355 fogos. Em 1757 tinha 254 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o reitor, que tinha annualmente 200$000 réis.

FRIÚMES—freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Poiares até 1855, e desde então concelho de Penacóva, comarca de Coimbra, d'onde d'sta 24 kilometros ao N., 215 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertil.

O prior de Penacóva apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento.

FROJÃES—Vide *Forjães*.

FRONTEIRA—villa, Alemtejo, 2 kilometros do rio *Zétas*, 40 kilometros d'Evora, 30 de Portalegre, 165 a E. de Lisboa, 530 fogos, 2:200 almas, no concelho 2:300 fogos, na comarca 6430.

Em 1757 tinha a villa e freguezia 561 fogos.

Orago Nossa Senhora da Atalaya.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Foi antigamente da comarca d'Estremoz.

Feira a 28 de junho.

Dista 24 kilometros ao N. de Borba, e 26 ao E. d'Aviz, e 24 ao N. d'Estremoz.

É uma bonita povoação, collocada em um plató. A sua primeira fundação foi em um outeiro, a que ainda chamam *Villa Velha*, onde então estava uma atalaya *fronteira* aos mouros de *Viamonte*, de cuja circumstancia tomou o nome.

A *Villa Velha* foi fundada em 1226 por *D. Fernando Rodrigues Monteiro*, quarto mestre da Ordem de S. Bento d'Aviz, segundo a opinião de varios escriptores.

Tem um castello com duas torres soffrivelmente conservadas, além de outras em ruinas. Eram sete as que desappareceram.

Era cercada de muralhas torreadas, que estão em grande parte destruidas.

O seu territorio é abundante em cereaes, e nos seus vastos montados se cria muito gado, principalmente porcos. Cria muita caça.

Foi fundada pelos cavalleiros d'Aviz pelos annos de 1226.

Dizem outros auctores, que foi D. Diniz que a fundou, pelos annos de 1290, e que perguntando-se onde elle queria que se fizesse, o rei, apontando para o sitio actual da villa, respondeu «*na fronteira*», e que é d'isto que lhe provém o nome. (A primeira etymologia parece-me mais verosimil.)

O que é mais provavel é que *D. Fernando R. Monteiro* fundou a *Villa Velha*, e que estando arruinada com as guerras dos mou-

ros, e querendo-a D. Diniz reedificar, mas não gostando do sitio, a mudou para o actual, que na verdade fica *fronteiro* a *Villa Velha*, que desde então se abandonou.

No sitio da *Villa Velha*, ainda estão abertas muitas covas, como poços, e lá está a capella de Nossa Senhora.

Tem na porta de uma das torres do castello umas garatujas, que alguns pretendidos paleographos entendem que são letras e que dizem *Casa do Prazer*.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha um convento de frades capuchos da provincia da Piedade.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 12.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Pelo concelho passa o rio de *Aviz*, que traz muito peixe. Rega e móe.

O seu brazão d'armas é simplesmente um escudo de prata em branco; isto é, sem divisa nenhuma.

No *Valle da Amoreira*, no sitio chamado *Cerejeira*, ha vestigios de edificios antiquissimos, e alli se acharam, no principio do seculo XVIII, 1:700 moedas d'ouro, romanas, de grande valor pelo seu peso e antiguidade.

Foi n'este concelho, proximo á aldeia dos *Atoleiros*, que se deu a gloriosa batalha denominada dos *Atoleiros*, a 29 de janeiro de 1384, no qual o grande *D. Nuno Alvares Pereira* derrota e põe em fuga o exercito castelhano, de D. João I, commandado pelo irmão do mesmo D. Nuno, o transfuga *Pedro Alvares Pereira*. As perdas dos castelhanos foram enormes.

—

O orago da freguezia era Santa Maria — e o de *Nossa Senhora da Atalaya* consta que lhe foi posto pela rainha Santa Isabel (talvez em razão da atalaya que existiu na *Villa Velha*).

O parocho é prior e a egreja matriz é collegiada, com quatro beneficiados. A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis annualmente.

O termo da Fronteira é muito fertil, sobretudo em trigo e azeite. Produz tanbem algum vinho e fructas.

—

O primeiro marquez de Fronteira foi D. João Mascarenhas, segundo conde da Torre, feito por D. Pedro II em 1670. O actual é o 7.º marquez de Fronteira — chama-se *D.* José Trasimundo Mascarenhas Barreto — é o 5.º marquez d'Alorna, 8.º conde da Torre, 7.º conde d'Assumar, e mordomo-mór da rainha.

A familia dos marquezes de Fronteira é das mais nobres do reino, e a mesma dos duques d'Aveiro, dos marquezes de Gouveia, condes d'Alva, condes de Coculim (villa, da comarca de Salsete e Bardez, na India) dos condes de Sandomil (todos estes titulos actualmente extinctos) e de outras muitas nobilissimas familias portuguezas.

Mascarenhas, appellido nobre d'este reino. É da Galliza. Procedem os de Portugal de Estevão Martins (outros dizem Rodrigues) (1) a quem D. Sancho I deu a villa de Mascarenhas, em Traz-os-Montes, onde é o seu verdadeiro solar. O filho do Estevam Martins,—Lourenço Esteves, foi o primeiro que se assignou Mascarenhas.

As armas d'este appellido são completas —a saber: em campo de púrpura, tres fachas de oiro—elmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de púrpura, armado e lampassado d'oiro.

Na sepultura de D. Fernão Martins Mascarenhas, capitão-mór dos ginêtes, que morreu em 13 de novembro de 1501, a qual se vê no convento dos jeronymos da cidade d'Evora, estão as suas armas, do modo seguinte: — escudo esquartelado—no 1.º e 4.º as armas que ficam descriptas; e no 2.º e 3.º as de Castella, que são — em campo de púrpura, castello de oiro, mantelête do mesmo, carregado de dois leões de púrpura, trepantes.

(1) A causa d'esta duvida é porque antigamente escrevia-se *Miz* por Martins e *Riz* em vez de Rodrigues (por abreviatura). Era facilima a duvida, logo que a primeira letra não estivesse bem formada.

D. Pedro Mascarenhas foi vice-rei da India, por D. João III. Este rei lhe accrescentou as armas, por mercê feita em 1564. (Morreu sem successão.) Ficou assim o brazão completo. Em campo de púrpura tres faxas d'ouro — orla azul, carregada de oito anneis, repassados dois a dois. Elmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de púrpura com um ramo verde de palmeira, com tamaras de ouro, na garra direita.

Pela união da familia d'este appellido com a dos Lencastres (casa ducal d'Aveiro) se uniram os seus escudos em 1752, ficando do modo seguinte:

Escudo dividido em pala, na 1.ª as armas de Portugal, e na 2.ª as primeiras dos Mascarenhas.

Outros d'este mesmo appellido usam das armas primeiramente descriptas, porém o timbre é meio unicornio de oiro.

Ainda outros Mascarenhas trazem por armas, em campo de púrpura, 4 palas d'oiro, em logar de tres. Timbre o mesmo.

—

A comarca de Fronteira é formada por 4 julgados, que são: — *Alter do Chão*, com 1:760 fogos; *Aviz* com 1:500; *Fronteira* com 2:300, e *Ponte de Sôr* com 870.

—

O seu concelho é formado de 11 freguezias; 7 no bispado d'Elvas, que são — *Santo Aleixo, Santo Amaro, S. Bento, Fronteira, Almuro, Vallongo e Veiros* — e 4 no arcebispado d'Evora, que são: — *Cano, Casa-Branca, S. João* e *Souzel.*

FRONTEIRO-MÓR — Já na palavra *Almocadem* dissemos d'onde os portuguezes tomaram este posto militar, suas antigas attribuições e etymologia da palavra.

Depois se *crismaram* em *fronteiros-móres*, alargando-se-lhes muito a orbita da sua auctoridade.

Em cada comarca havia um fronteiro-mór, que fazia o officio de capitão-general da gente da sua circumscripção, para assim se poder acudir promptamente e em boa ordem, ás *entradas* que o inimigo fizesse no reino.

FRONTILHEIRO — Vide *Forno Telheiro.*

FRÓSSOS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O thesoureiro-mór da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis annuaes.

FRÓSSOS — villa extincta, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Albergaria-Velha (até 1855 do concelho de Angeja) 9 kilometros ao N. d'Aveiro, 258 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada na direita do Vouga, que aqui fórma uma *pateira* navegavel, a qual tem 450 metros de comprimento e 260 de largo.

E' terra bonita e fertilissima, sobretudo em milho. E' muito abundante de peixe do rio e do mar. Cria muito gado.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de março de 1514. N'elle lhe dá o nome de *Foróços.*

O reitor de S. João de Loure apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congura e o pé d'altar.

FUÍNHAS — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 40 kilometros ao SE. de Viseu, 310 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

E' terra pouco fertil em cereaes e fructas pela frialdade do seu clima, mas abundante de aguas, e produz bastante azeite e castanhas.

Nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

O vigario de Algodres apresentava o cu-

ra, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

FULGOSA, FULGOSINHO e **FULGOSO** — Vide *Folgosa, Folgosinho* e *Folgoso.*

FUNDADA — freguezia, Beira Baixa, comarca da Certan, concelho de Villa de Rei, 180 kilometros a E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Villa de Rei apresentava o cura, que tinha 8$600 réis e o que rendia o pé d'altar.

FUNDÃO — villa, Beira Baixa, 45 kilometros ao S. da Covilhan, 54 da Guarda, 260 a E. de Lisboa, 530 fogos, no concelho 6:200, na comarca os mesmos, porque é composta só do seu julgado.

Em 1757 tinha a freguezia 457 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Situada em uma baixa, d'onde lhe provém o nome. E' povoação muito rica e commercial e seus arrabaldes são muito aprazíveis e ferteis em cereaes, vinho, azeite e fructa. Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

Tem muitas fabricas de pannos de lan, e de chapeus.

Tem Misericordia e hospital.

Tem um convento de capuchos da Piedade, fundado pelo povo em 1553.

Foi por muitos annos quartel de cavallaria n.º 8.

Tem no seu territorio minas de manganez e outros metaes.

O concelho e comarca do Fundão comprehende 31 freguezias, sendo 23 no bispado da Guarda, que são:—*Alcaide, Alcaría, Alcongôsta, Aldeia de Joannes, Aldeia-Nova, Barróca, Bodelhão, Bógas de Baixo, Bógas de Cima, Capinha, Castellèjo e Freixial* (annexas), *Donnas, Escarígo, Fatélla, Fundão, Janeiro de Cima, Lava-Cólhos, Pero-Vizeu, Salgueiro, Silvares, Souto da Casa, Telhado* e *Valle Verde.*

As do bispado de Castello Branco são 8: *Alpedrinha, Atalaia, Castello-Novo, Orca, Povoa, Soalheira, Valle de Prazeres* e *Zêbras.*

FUNDÕES — bonita aldeia, Douro, freguezia de Ul, concelho e comarca d'Oliveira de Azemeis, bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro. E' situada na encosta O. da serra do seu nome, e proximo da esquerda do rio Ul, e da nova estrada real de Lisboa ao Porto.

Teem aqui uma boa quinta com grande casa e capella, e ricas propriedades, os srs. drs. Manuel e João Baptista Camossa Nunes de Saldanha, e suas irmans, filhos do fallecido dr. José Antonio Nunes de Saldanha, que foi juiz de fóra, no reinado do Senhor D. Miguel I, e um dos mais ricos cavalheiros da Terra da Feira.

FUNDÕES — aldeia, Douro, freguezia de Sobrado de Paiva, concelho do Castello de Paiva.

Ha aqui as ruinas de um antigo edificio, que, segundo a tradição, foi uma mesquita mourisca. Supponho que era antes algum templo ou qualquer outro edificio romano, porque em 1868 appareceram aqui varias peças de mosaico, uma das quaes (a maior) se conserva na quinta da *Boa Vista* (do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte-Negro) junto á villa de Sobrado.

Ha mais em Portugal algumas aldeias d'este nome.

FURADOURO — portuguez antigo — sahida, atalho pouco frequentado e pouco conhecido, por onde se póde fugir sem ser visto. *Não lhe dar furadouro,* não lhe dar sahida. Tambem a *acolheita* ou refugio, onde se podia estar sem ser facilmente encontrado.

FURADOURO corrupção de **AFORADOURO** — aldeia, Douro, freguezia e 2 kilometros ao S. d'Ovar, na costa do mar. E' muito concorrida, e por gente de muitas leguas de distancia, no tempo dos banhos do mar. (Vide Ovar.)

Aforadouro quer dizer = terreno inculto que está para aforar.

FURADOURO (corrupção de **AFORADOURO**) — freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca e 18 kilometros ao

S. de Coimbra, 185 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia (por ser a freguezia commenda de Christo) apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

E' terra fertil.

FUSCO—portuguez antigo—*triste, melancholico*, tristonho, sorumbatico, etc.

FUSTA e **FUSTÃO**—castigo que, por auctoridade de justiça, se dava, açoitando com varas os criminosos. D'aqui *fustigar*.

Era castigo dado ao de leve, mais por despreso e pela vergonha, do que pela dôr. A *flagellação* era mais rigorosa e d'ella muitas vezes resultava a morte. Talvez de *fusta* venha o nome á aldeia de *Fuste*, proximo a Arouca (Vide Foste.) Vinha então a ser:= *logar do açoutado* ou *dos açoutes*.

Fusta é tambem certo barco. Uma especie de *falúa*.

FUSTE — portuguez antigo — *cano* ou *canhão*. Tambem o bocado de palha, que o juiz dava ao beleguim, como insignia do seu cargo, para fazer alguma citação. (Vide *Fosta* e *Fusta*).

Na freguezia de *Móldes*, do concelho de Arouca, ha uma aldeia d'este nome.

O *Diccionario* de Constancio diz que *fuste* é uma canna, com uma cabeça fingida de cavallo.

Entre os romanos era uma vara, insignia do juiz.

FUZETA — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 13 kilometros ao Sul de Tavira, 240 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Orago Nossa Senhora do Carmo.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Antes de mais nada apresso-me a dizer que escrevi *Fuzeta*, porque assim vejo escripto em todos os auctores; mas estou convencido que é um grande erro, porque, sendo esta palavra diminutivo de *Foz*, dever-se-hia sempre escrever *Fozêta* e não *Fuzêta*.

E' uma freguezia moderna, composta quasi exclusivamente de pescadores e gente que vive da pesca.

Os pescadores d'aqui são tão laboriosos, intelligentes na sua arte e atrevidos, como os d'Olhão e Villa Nova de Portimão, que teem fama (bem merecida) de audaciosissimos.

É situada á beira do *Canal*, junto á barra do seu nome (Fozêta) pela qual ainda entram embarcações de mais de 2:000 arrobas de tonelagem.

Tendo esta povoação em 1784 já 132 fogos, requereram ao bispo do Algarve a fundação da freguezia, desmembrando-se da de *Moncarapacho*, a que pertenciam; a que o bispo (que então era D. André) acedeu, por provisão de 12 de março d'esse anno, mandando n'ella, se creasse aqui uma *coadjutoría* annexa á antiga matriz, com a clausula de que, tendo maior augmento a população, seria de todo separada, e formaria freguezia independente; devendo comtudo pagar ao parocho de Moncarapacho 9:000 réis por anno.

Por sentença do bispo D. Francisco Gomes d'Avellar, de 22 de outubro de 1802, só se ficou dando ao tal parocho 3:000 rs. por anno, e os restantes 6:000 rs. foram applicados para a confraria do SS., da Fozeta.

Em 1835, o governador do bispado (o dr. fr. Antonio de Santo Ilidio da Fonceca e Silva) isentou o povo, do pagamento dos taes 3:000 réis, ficando esta freguezia completamente separada e independente.

Tem a Fozeta uns 18 *cahiques* e mais de 30 *lanchas* de pesca. Os pescadores d'aqui, vão aos mares de *Larache* (Africa) desde abril até setembro, fazer as suas pescarias, grande parte da quaes alli vendem aos larachinos. Nos outros mezes, pescam no mar de Setubal, levando o peixe para Lisboa.

A povoação, que no seu principio apenas era composta de cabanas de junco, tem-se desenvolvido muito, e as cabanas foram substituidas por boas casas de pedra e cal, que já chegam até ao forte (arruinado) da *Fozêta*.

A egreja matriz é pequena mas bonita e muito aceiada.

Concorrem aqui muitos almocreves a com-

prar peixe, que vão vender ao Alemtejo.

Tem uma escola de instrução primaria, creada por decreto de 16 de novembro de 1839.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho (optimo) azeite, figos, alfarroba e outras frutas.

A agua aqui é pessima (quasi toda *salôbra.*) Na baixa mar, vão buscar bôa, a uns olheiros, onde chega a maré, que ficam proximo e ao S. da povoação.

Ha por aqui bella pedra de cantaria e outra optima para mós.

A uns 800 metros a O. da povoação, sobre um alto, estão as ruinas de uma torre redonda, de uns 10 metros d'altura e 7 de diametro, tendo ao pé uma pedra de cantaria, com as armas de Portugal, e por baixo a legenda « *Joannes 3.º 159...* » não se destingue o ultimo algarismo. (Aqui ha manifesto engano—talvez erro typographico—na *Chorographia do Algarve* de João Baptista da Silva Lopes, que vou segunido—porque D. João III morreu em 11 de junho de 1557. Em 1590, já haviam 10 annos que estavamos debaixo do jugo ominoso do usurpador Philippe II.)

Ao lado das armas está a coroa real, que tinha estado sobre o escudo. (Isto estava alli em 1840; não sei se ainda se conserva no mesmo sitio.)

Fica esta torre a uns 1:500 metros do Occeano (que lhe fica ao S.) e está cercada de vinhas.

A 1:500 metros a NO. está a torre d'*Alfanxia*—a egual distancia para o O, está a torre de *Bias*, e a 5 kilometros a E. está a torre d'*Ares*, todas mais ou menos desmanteladas.

Junto á torre de *Bias* teem-se encontrado muitas sepulturas antigas.

Alfanxia parece ser corrupção do árabe—*Alhajar* (penêdo) que os mouros pronunciavam *Alfaxar*. *Bias*, é nome proprio d'homem.)

Ha na Fozeta uma bôa armação d'atuns.

G

GAF GAF

GABIARRA — *Gabiara, Gaviara* ou *Gaviera*, notavel cabêço, da serra de Suajo, Minho, perto de Castro Laboreiro. O seu pincaro tem, segundo *Balbi*, 2:467 metros, acima do nivel do mar.

A serra de Suajo é um dos ramos do Marão. Vide Suajo.

GADO DO VENTO — Dá-se este nome em todos os foraes e mais papeis antigos, ao gado de toda a especie que era encontrado sem dono.

GAFANHA — aldeia, Douro, na freguezia e concelho de Ilhavo, comarca e 3 kilometros a O. d'Aveiro, a cujo bispado e districto administrativo pertence, proximo da costa. É uma povoação pequena, rodeada pela ria d'Aveiro, tendo ao SO. a barra, e a fortaleza dos signaes, e ao S., a villa de *Vágos*. A E. está Aveiro, com cuja cidade está ligada por uma boa estrada, e uma ponte, de madeira. (Esta estrada vae sempre parallela á ria, desde a cidade até á barra.)

Parece que a primeira povoação que aqui houve foi um hospital de *gafos*, que lhe deu nome.

Dizem outros que o seu nome provem de *gafar* (palavra árabe) tributo que se paga pela passagem de um rio, em barca ou ponte do estado, porque aqui havia já antigamente uma ponte de madeira para a communicação com a terra do E. e N. do Esteiro. Vinha então a ser—*Logar onde se paga o gafar*. (Ou ao qual se não póde hir sem pagar *gafar*.) Parece-me isto mais provavel, mesmo porque os antigos portuguezes denominavam *gafaría* (e não *gafanha*) ao hospital dos gafos.

Ainda ha outra versão. É que uma infeliz mulher que tinha morfeia, vendo-se despresada de todos (que fugiam d'ella com

horror) viera habitar, só, para este sitio, que d'ella tomou o nome, pois os d'Aveiro lhe chamavam a *gafanha*.

Ha aqui 3 capellas: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora de Nazareth e Nossa Senhora da Encarnação.

Ha tambem aqui um soffrivel estaleiro, onde se construem *palhabotes*, hiates, lugres e barcos de pesca.

GAFANHÃO — villa, extincta, Beira Alta, comarca e concelho de Castro d'Aire, 30 kilometros ao N. de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 115 fogos, 350 almas.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tirou-se inquirição para se lhe dar foral na reforma d'elles por D. Manuel, mas não se chegou a expedir. (Torre do Tombo, Gav. 20, maço 12, n.º 1.)

(A mesma etymologia.)

No logar de *Grijó*, d'esta freguezia, reside o sr. Joaquim d'Almeida, official do exercito realista, um dos mais ricos lavradores do districto administrativo de Viseu, e o cavalheiro mais popular d'estas terras.

(Vide *Grijó*.)

A povoação principal é pequena, e nada tem de notavel.

A freguezia é situada em terreno muito accidentado; mas seus valles são ferteis e saudaveis.

Nos montes d'esta freguezia ha muita caça, grossa e miuda.

Os descendentes de Bento José Barreto Corte-Real, da villa da Feira, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis.

GAFANHOEIRA—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte Mór Novo, concelho d'Arrayolos, 24 kilometros d'Evora, 100 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 90 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

GAFARÍA—portuguez antigo, hospital de gafos, isto é, hospital de lazaros.

GÁFETE—villa, Beira Baixa, comarca de Niza, concelho e 12 kilometros ao N. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 270 fogos, 1:000 almas.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma planicie. Fertil.

O seu primeiro nome foi *Gafete*, depois (em 1680) se chamou *Villa Nova de S. João de Gafete*, e ultimamente tomou (por abreviatura) o seu antigo nome.

A mesma etymologia.

Tem Misericordia e hospital.

D. Pedro II lhe deu a cathegoria de villa, e foral *novissimo*, em 1700. (E' das poucas terras que tem foral *novissimo*, isto é, dado depois do reinado de D. Manuel.) Franklim não traz este foral.

E' uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

O seu termo é muito fertil em azeite, e produz alguns cereaes, vinho e fructas. Cria muito gado e ha por aqui bastante caça.

O grão-prior do Crato, apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis annuaes.

GÁGOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 135 fogos. Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil. Tem caça.

O abbade de S. Clemente de Basto e o reitor d'Antime apresentavam, alternativamente, o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

GAIA—(portuguez antigo) do arabe *Gaia*, significa *pequena*. De *áça* (arabe) e de *gaia*, se fez *asagaia* ou *azagaia*, isto é, lança pequena. Vide Assaes.

GAIA ou VILLA NOVA DE GAIA — villa, Douro, comarca e em frente do Porto (separada d'esta cidade apenas pelo Douro, e sobre a margem esquerda d'este rio), 1:800 fogos, 7:000 almas, no concelho 12:300 fogos (45:500 almas) em 23 freguezias.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Ha n'esta villa grande numero de armazens, que podem conter mais de 100:000 pipas.

Chamou-se *Villa Nova de Gaia*, para a distinguir da villa velha de Gaia *(Cale?)*

Tambem, por muitos annos, o povo lhe chamava *Porto Novo*.

Gaia é palavra arabe, significa *pequena*. (Vide *Assaes*.) Vide *Cale* por causa da etymologia.

A maior parte dos escriptores dizem que esta villa foi fundada por D. Affonso III, em 1255 (fundando n'esse mesmo anno a sua egreja matriz — Santa Marinha). Mas eu estou intimamente convencido que o que D. Affonso III então fez, foi tornar esta povoação freguezia independente (desmembrando-a de S. Christovão de Mafamude) eleval-a á cathegoria de villa e dar-lhe foral. Já disse em mais de uma parte, que n'aquelles tempos, ao acto de dar foral a uma terra se dizia *povoar*, e isto tem causado, e causará, muitas duvidas a quem se propozer a escrever sobre as nossas cousas antigas.

(Por mais que queira evitar n'esta obra aborrecidas repetições, não tenho remedio senão repetir ás vezes o que já disse; quando com isso evitar aos leitores o trabalho de folhear outros logares do diccionario.)

—

No *Livro Grande*, da camara do Porto, a folhas 72, está o foral que D. Affonso III deu aos moradores da sua villa de Gaia *(que então era uma pequena povoação ou aldeia)* em 1255.

N'elle convida o rei, aos moradores *de meo Burgo veteri de Portu*, a que vão povoar a dita villa de *Gaia*.

Na incerteza do que era o *Burgo velho d'apar do Porto* (que até podia muito bem ser a villa chamada então *Portugal*, que D. Ordonho II, de Leão, doou a D. Gomado, bispo de Coimbra, no anno 874 de Jesus Christo. Vide Burgo velho a par do Porto, Grijó, Cale e Porto), n'esta incerteza, repito, do que se não póde duvidar é de que é povoação e couto antiquissimos; pois quando em 1123, a rainha D. Thereza (viuva do conde D. Henrique e mãe de D. Affonso I) coutou os arrabaldes da Sé do Porto (isto é—o terreno, povoado, que ficava fóra dos muros e do castello dos gascões) e deu isto ao bispo do Porto D. Hugo, que n'esse mesmo anno de 1123 lhe deu foral; já a povoação da margem opposta se dava o nome de *Burgo Velho*.

(Note-se que o bispado de *Merida*, —antiga capital da Lusitania — chegava até á margem esquerda do Douro. Depois, se creou o bispado de Coimbra, em 1064, que egualmente pelo norte chegava até aos mesmos limites, e finalmente, sendo bispo do Porto D. João Peculiar — que tinha sido cruzio de Grijó—pelos annos de 1138, passou toda a *Terra da Feira* (de que Gaia formava parte) para o bispado do Porto). Vide Bispado.

O primeiro foral de Gaia (o de D. Affonso III) é datado de Coimbra, em setembro de 1255, e o segundo, o de D. Diniz.

—

No reinado de D. João I, tendo esta villa perdido aquelle foral (o primeiro) e não se descobrindo cópia em parte nenhuma, pediu a camara d'aqui ao rei que lhe désse o foral de Villa Nova de Rei, que lhe tinha dado o rei D. Diniz, em Lisboa, a 13 de agosto de 1288, pelo seu que tinham perdido e se não achava. D. João I lhe deferiu, expedindo-lhe carta, feita no Porto, a 25 de outubro de 1394, com o theor do foral de D. Diniz.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de janeiro de 1518. Serve para Arcozêllo, Golpelhares, Grijó, Mafamude, Magdalena, Mezide, Paraizo (Villar do), Pedrosp, Perosinho, Sanfins, Santa Marinha, Santo André, S. João (Canellas), Sermonde, Serzêdo, Valladares, Villa Chan, Villar d'Andorinho e Ulveira (Oliveira).

O foral de D. Diniz (que tambem é assignado por sua mulher, a rainha Santa Isabel) está transcripto no dito *Livro Grande* da camara do Porto, a folhas 73.

D'elle consta que este rei deu ao *Burgo velho a par do Porto*, como até alli se lhe

chamava, o nome de *Villa Nova do Rei* (ou d'El-Rei).

Damus, et concedimus vobis populatoribus de illo nostro loco, qui consuevit vocari Burgum vetus, cui imponimus de novo nomen Villa Nova de Rey, pro Foro Forum de Gaia, quod tale est: In primis, etc.

A causa de se dar foral, elevar á cathegoria de villa e conceder grandes privilegios ao *Burgo velho a par do Porto*, depois *Villa Nova de Rei*, depois *Villa Nova de Gaia* e finalmente (por abreviatura) *Gaia*, foi a seguinte:

Os bispos do Porto, a quem D. Thereza dera (como já disse) o senhorio do *Burgo novo do Porto* (na doação dá-se-lhe este nome para o distinguir do *Burgo velho*, que é Villa Nova de Gaia) não só chamaram seu ao *burgo novo* (que não era mais do que o actual bairro da Sé, entre o Codeçal e Bainharia e entre a ribeira e uma *alfurja* que do sitio onde esteve a *Porta da Vandoma*, vae ter ao convento de Santa Clara), mas a todas as mais casas e ruas (aliás becos) que com o andar dos tempos se foram fazendo a O., NO., N., NE. e E. do tal *burgo novo*.

D. Sancho I e D. Affonso II não gostaram de ver sumir-se e dissipar-se no luxo e em toda a qualidade dos mais mundanos vicios dos bispos do Porto e dos seus conegos, as grandes rendas provenientes dos direitos sobre os generos e fazendas importadas e exportadas pela barra do Porto, a que aquella santa gente chamava suas, e por varias vezes pretenderam pôr um dique, não só a este abuso, mas a toda a casta de extorsões praticadas pelos beleguins do bispo e do cabido; mas a influencia e o poder do clero eram n'esse tempo immensos, e apenas egualados pela sua ambição, e prepotencia. Nada pois poderam fazer.

D. Sancho II tomou a serio esta e outras delapidações do clero portuguez, e quiz, pelo menos, cerceal-as. Os bispos e o alto clero, que receiaram ver diminuir os seus rendimentos, tremeram de raiva, e vociferando, chorando e excommungando, tiveram a astucia de illudir varios *fidalgos* e algum povo, e, ajudados com todo o poder do papa, depozeram e excommungaram o rei, que foi morrer a Toledo.

Substituiu-o seu irmão, o conde de Bolonha (D. Affonso III) que, diga-se o que se disser, foi um bom rei, e cohonestou com as suas obras os meios pouco fraternaes e decentes porque subiu ao throno.

D. Affonso III era talhado de molde para luctar com os padres, oppondo razões a razões e sophismas a sophismas. De mais á mais possuia uma boa dóse de despotismo, que cresceu e se radicou com o seu incontestavel valor nos combates e sobretudo com a plena restauração do Algarve.

Pois mesmo assim, apesar de tudo isto, não se atreveu a arcar desassombradamente contra o bispo do Porto e seu cabido. Preferiu *levar a agua ao seu moinho* por meios mais moderados, e sem atacar nem destruir ostensivamente os pretendidos e mais que duvidosos *direitos* dos padres.

O seu plano (que foi optimo e sortiu bom effeito) era fundar na margem opposta do Douro uma cidade rival do Porto, ou, pelo menos, um emporio commercial importante.

Dando á nova villa muitos e grandes privilegios, para attrahir para alli moradores, ordenou que descarregassem na margem esquerda todas as embarcações que affluissem ao Porto, para assim lhe serem pagos os direitos. D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I, foram fazendo o mesmo, do que resultaram muitas desordens, conflictos, lamurias e demandas com os bispos do Porto, que se queixaram amargamente para Roma, pelo que choveram os *interdictos* e *excommunhões*; até que por fim a ambição episcopal ficou vencida pela influencia benefica d'aquelles reis, todos propriissimos para arrostarem com o poder clerical.

Com a restauração de Portugal do poder dos mouros, e com a paz, que poucas vezes e por pouco tempo foi alterada n'esses felizes tempos, se tinha desenvolvido prodigiosamente o commercio do Porto; pelo que seus bispos, que se apoderavam de todos os tributos e direitos, novos e velhos, do Porto, tinham chegado a um estado de riqueza e poderío, que fariam tremer ou-

tros reis que não fossem D. Affonso III e seus filhos, neto e bisneto.

A alfandega real, estabelecida logo em 1255, n'esta villa, e tornada ella a escala e ponto unico do commercio do Douro, a fez prosperar muito, chegando a ser rival do Porto.

—

Em 1322, tomou o principe D. Affonso (depois IV) a D. Diniz, seu pae, entre outros, o castello de Villa Nova de Gaia e a cidade do Porto.

—

Em 1336, reinando D. Affonso IV, veio sobre o Porto um exercito de castelhanos. A cidade não foi entrada pelo inimigo, graças á valorosa defeza dos seus habitantes e das tropas levantadas e organisadas pelo bispo D. Vasco, que afinal pozeram os sitiadores em vergonhosa fuga; mas todos os arrabaldes do Porto foram assolados pelo inimigo, e esta villa foi tambem por elles saqueada.

Quando D. João I se propôz dar cabo da guarida dos piratas africanos, que infestavam os nossos mares, incommodando o nosso commercio e roubando os nossos navios mercantes; se apresentou no Porto, seu filho, o immortal infante D. Henrique, (Vide Sagres) e d'esta cidade e de Villa Nova de Gaia lhe foram liberal e patrioticamente offerecidos muitos navios, tropas, munições e dinheiro.

O proprio infante se pôz á testa da esquadra e das tropas, que foi capitaneando até Lisboa, e Ceuta cahiu em poder dos portuguezes no glorioso dia 14 de agosto de 1415.

Em 1420 se desenvolveu aqui a peste, que matou muitos de seus habitantes.

No dia 27 de setembro de 1580, entrou n'esta villa D. Antonio I (o *prior do Crato*) á frente de uns 4:000 portuguezes fieis á sua patria. Este principe, vencido pela grande desproporção do numero, na ponte de Alcantara, junto a Lisboa, tinha retirado para o norte do reino, e obtendo em Coimbra soccorros de gente e munições, vinha em demanda do Porto, esperando achar no patriotismo de seus habitantes um poderoso auxiliar contra a usurpação de Filippe II.

Mas o Porto, esquecido então das suas gloriosas tradições, se tinha declarado a favor do usurpador. D. Antonio assentou o seu arraial em Villa Nova, e d'aqui mandou intimar a cidade do Porto para que se rendesse. Como seus habitantes se recusassem foi investida e tomada sem grande resistencia; mas o rei portuguez viu-se obrigado a abandonal-a logo, por ser perseguido pelo general castelhano D. Sancho de Avila, com um numeroso exercito.

D. Antonio dirigiu-se a Vianna e dalli embarcou para a França.

—

O dia 28 de dezembro de 1727 é de triste recordação para o Porto e Villa Nova, pelos grandes prejuizos que lhes causou uma das maiores enchentes do Douro, de que ha memoria. Além da gente morta e de muitos navios e barcos perdidos, teve esta villa muitos edificios destruidos, avaliando-se os prejuizos em alguns milhões de cruzados.

—

A instituição da *companhia geral dos vinhos do Alto Douro*, que provocou na cidade do Porto aquella fatal rebellião, do dia 23 de fevereiro de 1757, pela qual foram punidas com a pena de morte, de açoites, galés, confiscações de bens e degredo, 283 pessoas; essa instituição, digo, trouxe a esta villa uma nova era de prosperidade. Feita deposito geral dos vinhos do Douro, não só reassumiu em breve a importancia que perdêra pela transferencia da sua alfandega, para o Porto, mas ainda veio a adquirir maior trafico do que tivera, augmentando em edificios e crescendo de dia para dia em riqueza e população.

—

A 22 de fevereiro de 1785, outra enchente do Douro, ainda mais desastrosa do que a de 1727 (porque accresceu um medonho tufão do oeste) encheu Villa Nova (e o Porto) de ruinas, e o rio de destroços e naufragios. Estavam então ancorados no Douro 85 navios portuguezes e 33 estrangeiros, muitos dos quaes foram a pique ou despedaçados uns contra os outros. No Porto foram alagadas 18 ruas e mais de 1:000 casas.

Aqui foram a terra todas as casas e armazens situados na praia.

—

Em 1806 se fez a ponte de barcas que ligou esta villa com o Porto e deu passagem á estrada real de Lisboa para as provincias do Norte. Mas esta obra imperiosamente reclamada para utilidade publica, foi prejudicial a Villa Nova, porque, sendo até então aqui os grandes depositos de todas as mercadorias destinadas ás duas Beiras, evitando assim a passagem do rio, esses depositos, feita a ponte, se foram pouco a pouco mudando para o Porto.

Em 18 de junho de 1808, levantando a cidade do Porto o grito de independencia, os habitantes de Villa Nova accudiram logo, cheios de enthusiasmo, a alistar-se nos batalhões que o bispo do Porto á pressa organisava.

Este grito repercutiu por todo o reino, fazendo crear aos portuguezes novos brios, e imitando os valorosos *portuenses* e *gaienses*.

—

A 26 de março de 1809, o marechal Soult, á frente de um numeroso exercito, põe cêrco ao Porto, apenas defendido por pouca tropa e muitos guerrilhas, pelo que, no fim de 3 dias de obstinada, mas mal dirigida resistencia, os francezes entram na cidade a 29 d'esse mez, dia marcado para sempre como de luto nacional, porque, além das muitas pessoas de todo o sexo e edade que foram mortas ou atropeladas sob as patas dos cavallos e pelas cutiladas dos *bravos* francezes, morreram innumeraveis (calculam-se em 5:000) afogados na passagem da ponte, que tinha um dos alçapões levantados. (Vide Porto.)

Tambem foi desastrosa para esta villa a desgraçada guerra fratricida de 1833.

A occupação por mais de um anno das tropas realistas; os projectís lançados da Serra do Pilar e do Porto sobre esta villa, durante esse tempo; o incendio dos grandes armazens de vinho do Alto Douro (ordenado pelo conde de Almer, a 16 de agosto de 1833) causaram a esta villa enormes prejuizos.

A dissolução da *Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro*, decretada pelo governo liberal, tambem prejudicou muitissimo os habitantes de Villa Nova.

Os grandes e numerosos armazens alugados pela *Companhia*, faziam entrar annualmente n'esta villa muitas dezenas de contos de réis de rendas.

Havia proprietarios que não tinham outros rendimentos e eram ricos. Dissolvida a *Companhia* e desacreditados os *vinhos do Porto* pelas adulterações operadas por especuladores sem alma nem consciencia, a maior parte dos armazens ficaram vazios, desertos e improductivos.

—

Em 1834, foram alargados os limites d'este concelho, que até então eram muito estreitos, unindo-se-lhe a povoação de Gaia, que até então formava concelho independente e juntaram-se ao concelho de Villa Nova muitas e populosas freguezias, com o que está hoje um dos mais importantes municipios do reino.

Era tambem julgado, com juiz ordinario e mais justiças e empregados respectivos, que foi extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passando para uma das *varas* do Porto. (Faziam melhor se, quando dissolveram este julgado, formassem uma comarca nova na grande e bonita povoação dos Carvalhos, 10 kilometros ao S. de Villa Nova.)

—

Em 1842 se fez a bonita ponte pensil, que ligou Villa Nova ao Porto, e veio substituir a de barcas, que era preciso desmanchar em tempo de cheias.

Foi um grande melhoramento para Villa Nova e Porto em especial, e em geral para todo o reino.

—

Esta villa está na extremidade septentrional da provincia da Beira Alta, mas com a *raccional e scientifica divisão territorial* feita em 1834, se ficou chamando *provincia do Douro* a todo o territorio entre o Ave e o Mondego, e ainda muito ao sul d'este ultimo rio.

—

Tem esta villa uma só parochia, e já disse que a matriz (orago Santa Marinha) foi

edificada por D. Affonso III, em 1255, quando deu foral e fez villa a esta povoação. Posto que fosse modernamente reconstruida é um templo insignificante. (Tinham mais juizo os que o *reedificaram*, se o *construissem* em sitio mais proprio e bem escolhido, pois o actual é improprio e entre bêcos immundos.)

A villa propriamente dita, não tem nem um unico monumento notavel e tem apenas duas ruas, a *estrada-rua*, que de Lisboa vem desembocar na ponte, e que se vae povoando vagarosamente, e a chamada (por escarneo) *Rua Direita*, que é estreita, ingreme, immunda e *tortissima*. Tudo o mais não passa de um labyrintho de bêcos, viellas, alfurjas e bitesgas. (Nunca aqui houve casa da camara, nem tribunal das audiencias do julgado, servindo-se os vereadores e juizes de casas alugadas. O mesmo está acontecendo com a administração do concelho, que tambem nunca teve edificio proprio. Custa a comprehender similhante miseria em uma das principaes villas de Portugal.)

Esta villa, que deve ser considerada como um bairro do Porto, que é muito commercial e que tem muitos proprietarios ricos, está dando o mais triste exemplo da incuria, desleixo ou ignorancia e incapacidade de todos quantos teem administrado os negocios do municipio. Ao passo que povoações muito mais insignificante (e sem as condições de prosperidade d'esta) teem progredido a olhos vistos, Villa Nova de Gaia conserva-se estacionaria! Não tinha um cemiterio, enterrando-se os cadaveres nos adros! (só agora construiram um, que se benzeu a 7 de junho de 1874.) Não tem um theatro, um passeio publico, uma assembléa (nem mesmo um *café!...*) uma typographia, nem nada que preste senão as suas recordações historicas. É a villa de ha cem annos: são os mesmos becos lamacentos e escuros (porque tem uma insignificante illuminação que não illumina) sem ar puro, sem uma praça, e, o que é mais! sem esperança de vir a ser uma povoação limpa, salubre e habitavel. Causa vergonha, este criminoso abandono! Villa Nova de Gaia era digna de melhor sorte.

No momento que estou escrevendo, anda ahi uma representação com grande numero de assignaturas, requerendo a passagem da villa, para um dos bairros do Porto, o que seria vantajoso para ambas estas povoações.

Ha no antigo *monte de S. Nicolau*, que depois se chamou *de Quebrantões* e ultimamente *Serra do Pilar*, um convento de frades cruzios. D'elle trato em artigo especial. (Vide Serra do Pilar.)

Ha na villa, e proximo ao rio, o convento (anida habitado) de freiras dominicas, intitulado de *Corpus Christi*.

(Foi primeiramente de agostinhos e depois é que mudou para dominicas.)

Foi fundado em 1345 por D. Maria Mendes Petite, viuva de Estevão Coelho e mãe de Pedro Coelho, um dos assassinos de D. Ignez de Castro, ao qual D. Pedro I mandou arrancar o coração pelo peito, em Santarem, no dia 18 de janeiro de 1357. (Vide Germêllo.)

(Tinham assassinado D. Ignez de Castro em Coimbra, a 7 de janeiro de 1355.)

A Alvaro Gonçalves, seu cumplice, lhe foi no mesmo dia e logar arrancado o coração pelas costas. Tinham todos os tres assassinos fugido para Castella, mas o terceiro, Diogo Lopes Pacheco, passou de lá a França e assim escapou á barbara mas justa vingança, do rei, ou antes, ao justo castigo, de cobarde seu crime.

Os dois primeiros foram entregues a D. Pedro I, por seu sobrinho D. Pedro *cruel*, de Castella, dando-lhe em troca os traidores castelhanos que cá estavam fugidos, que eram D. Pedro Nunes de Gusmão, D. Mem Rodrigues Tenorio, D. Fernando Gudiel de Toledo e D. Fortão Sanches Calderon, a quem tambem o rei castelhano mandou matar, no meio de barbaros supplicios.

Quando D. Pedro Cruel, mandou prender os 3 assassinos de D. Ignez, tinha Pacheco sahido para a caça.

O rei mandou pôr guardas a todas as portas, para não sahir ninguem que levasse a noticia ao infame Pacheco; mas um mendigo pôde conseguir passar e o avisou. Elle fugiu para França vestido d'almocreve e no

meio d'outros almocreves. Perdoado depois por por D. Fernando I, regressou a Portugal. Diogo Lopes Pacheco, era filho de Lopo Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira d'Aves, cavalleiro extremrdo, um dos da *tavola redonda*, e um dos celebrados *Doze d'Inglaterra*.

(«*Vide da natureza o desconcerto* !»)

Diogo Lopes Pacheco, regressando a Portugal, tambem foi senhor de Ferreira d'Aves. Tendo aconselhado ao infante D. Diniz (filho da sua victima) a que não beijasse a mão de D. Leonor Telles de Menezes, mulher do rei, teve de fugir de novo para Castella.

D. João I, o tornou a chamar, e, tendo já Pacheco 80 annos de edade, ainda combateu valorosamente em Aljubarrota (14 d'agosto de 1385) com seus tres filhos, D. João Fernandes Pacheco (legitimo) e Lopo Fernandes e Fernão Lopes (bastardos) a favor de Portugal. Mas o primeiro de seus filhos (D. João) se passou depois para os castelhanos.

Por isto perderam os Pachecos o senhorio de Ferreira d'Aves, que passou a outros até que por fim veio a ser da casa dos duques de Cadaval.

D. Maria Mendes Petite, era muito rica, e o convento foi fundado nas proprias casas em que ella vivia, e a fundadora n'elle professou. O cabido da Sé do Porto quiz-se oppor á fundação d'este convento; mas as freiras recorreram ao papa Innocencio VI (que então estava em Avinhão.) e este lhe concedeu a licença, por bulla de 5 de março de 1353. Se esta senhora (a fundadora) foi mãe do cobarde assassino Pedro (ou Pero.) Coelho, tambem era avó de D. Leonora d'Alvim, mulher do inmortal dondestavel, D. Nuno Alvares Pereira, ambos progenitores de quasi todos as familias reaes da Europa e da do Brazil.

E' tambem progenitora do grande Nicolau Coelho, que com D. Vasco da Gama descobriu a India; sendo aquelle o commandante de uma das galés d'essa gloriosa esquadrilha, de D. Vasco da Gama.

—

Peço perdão aos meus leitores, d'esta divagação, e tornemos a Gaia.

—

O edificio das freiras dominicas, tem sido reedificado e ampliado por diversas vezes, algumas por ser destruido pelas cheias do Douro. Chegou a ter mais de 300 mulheres, entre freiras, seculares, recolhidas e criadas. Agora está a acabar.

—

Ha tambem a egreja do *Bom Jesus* de Gaia. É situada no monte d'este nome e serve d'auxiliar á matriz, por ser a freguezia muito extensa e populosa, para o que tem SS. e um padre encarregado pelo abbade para o substituir, quando for preciso.

Tambem no monte de Gaia ha a capella de S. Lourenço, fundada ha mais de 400 annos, por um papa, em cumprimento de certo voto, segundo a tradição. Em 1836 foi reparada e accrescentada.

Ha mais algumas capellas de pouco valor.

—

Não ha n'esta villa uma unica praça, servindo-lhe disso o vasto areal que se estende ao N. da povoação, á beira do rio. Era aqui que estava o *pelourinho*, que a cheia de 1822 derrubou e se não tornou a erguer.

Ha n'esta villa um *theatrito*, feito em um armazem, pelo sr. Antonio José da Costa Veiga, em 1856.

Tambem tem uma philarmonica, formada por artistas e operarios.

É terra muito abundante d'aguas, tendo umas 30 fontes. Uma d'ellas chamada *Fonte Santa*, foi analysada pelo doutor (medico) Antonio Francisco da Silva, em 1764, e diz que as suas aguas são semelhantes ás célebres aguas medicinaes de *Spa*.

Foi illuminada ao mesmo tempo que o Porto, por decreto de 5 de outubro de 1824, sendo consignado para essa despeza o imposto de 2 réis em cada arratel de carne de vacca e porco, e o rendimento da ponte de barcas.

—

Havia por aqui algumas antiguidades, que o tempo, as guerras, e ainda mais, o furor vandalico dos proprios portuguezes, destruiram completamente.

A mais notavel d'ellas, era o *castello de Gaia*, *o castrum antiquum* dos romanos, o *alcaçar*, *d'Alboazar*. (Vide Ancora, rio,) de

que não ha vestigios, nem mesmo se sabe com certeza o sitio onde era edificado.

Tambem já não existe a *capella de S. Marcos*, que ficava proximo e ao N. do dito castello, e que alguns escriptores pretendem fosse a Sé dos bispos de *Calle* (que nunca existiram.) Vide Calle.

—

O caminho de ferro do N. deve atravessar (para as kalendas gregas.....) esta villa de O. a E. Actualmente, a estação principal provisoria é no sitio das *Devezas*, que é a 39.ª estação não comprehendendo n'este numero a de Lisboa—pois d'esta cidade até Gaia, ha 40 estações.

—

A pesar de tudo quanto tem concorrido para estorvar o engrandecimento e prosperidade d'esta villa, ainda ella é uma povoação muito industrial e commercial. Emprega grande unmero de pessoas no negocio dos vinhos, dos quaes contem constantemente em deposito uma quantidade nunca inferior a 60:000 pipas.

Nos seus estaleiros se construem annualmente muitos navios, não só para este porto, como para o Brazil.

Tem varias fabricas de louça de *faiança*, pó de pedra e azulejo. Tem uma fabrica de vidros, e tambem aqui se fabrica sabão, *zuarte*, e outros tecidos, cervaje, genebra e aguardente. Fabricam-se aqui muitos prégos e differentes artefactos de ferro. Alem de varias padarias de trigo e brôa, ha aqui uma fabrica mechanica, de moagem, pão de trigo e bolachas, do sr. Eugenio Ferreira Pinto Bastos, movida a vapor.

—

Apesar da sua antiguidade, não tinha esta villa brasão d'armas, por mais que as camaras municipaes d'aqui as tivessem, com justiça, requerido. Em 1850 porem, lhe foram ellas dadas, e foram assim compostas.

(Como tinha sido indicado pela camara, de que era então presidente, o sr. Authero Albano da Silveira Pinto.)

Um escudo partido: no lado direito sobre campo d'ouro (alludindo ao rio Douro.) *um castello antigo ameiado — no lado esquerdo, em campo de purpúra, uma fortaleza com zimborio* (alludindo ao convento da Serra do Pilar) e no centro do escudo um estandarte azul cercado pela legenda — « MEIA VILLA DE GAIA »—(que são palavras do foral de D. Affonso III.) Sobre o escudo uma corôa mural, e por timbre, sahindo d'ella, um guereiro armado, embocando uma bvzina (alludindo á lenda de D. Ramiro II de Leão) Vide Ancora.

O escudo é cercado com uma fita branca com a legenda em letras azues « NOME E RENOME » (alludindo ao nome que *Cale* deu ao reino de Portugal.)

Devemos confessar que, se a cousa não é muito bem combinada, segundo as regras d'*armaria*, pelo menos, o mais exigente rei d'armas, nada tem que lhe notar, quanto á abundancia (mesmo prodigalidade) de ornamentação.

Os arrabaldes de Villa Nova, são formomosos, amenos e muito ferteis.

—

Havia aqui um convento de frades franciscanos, denominado de Santo Antonio do Valle Piedade, de menores reformados da provincia da Soledade.

Foi fundado pela camara e povo do Porto e Villa Nova, em 1569, e reedificado a primeira vez em 1680 e a segunda no seculo XVIII.

A camara e o povo fundaram este convento, porque até então havia aqui um *denso bosque*, onde homens e mulheres praticavam constantemente muitas deshonestidades pelo que se chamava *Val d'Amores*, e a gente séria queria acabar com este inmoral *rendez-vous*. Os liberaes incendiaram este convento no dia 17 de dezembro de 1832.

Em 1834, foi vendido ao sr. Antonio José de Castro e Silva, negociante da praça do Porto, a quem depois a senhora D. Maria II, fez *barão de Val d'Amores*; mas como esse titulo vinha recordar a antiga applicação do sitio (isto é—vinha a ser como se se dissesse *barão do Alcouce*) foi-lhe trocado, subindo o *agraciado* mais um furo, e vindo agora a ser *visconde de Val Piedade*.

A egreja foi transformada em um armazem de vinhos, e o convento é hoje uma bonita casa d'habitação.

Nos arredores d'esta villa ha muitas e bonitas quintas, sendo as melhores a de *Campo Bello*, em deliciosa situação, junto ao monte de Gaia e sobranceira ao Douro, com boa casa de residencia com sua torre ameiada. É dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, descendentes de D. Maria Mendes Petite, fundadora do convento de *Corpus Christi*.

A dos herdeiros do sr. Ricardo Browne, junto á villa. As outras dignas de mensão, vão nas freguezias onde são situadas.

—

Já disse que o *caminho de ferro do Norte* (se não houver ordem em contrario, o que parece provavel) hade cortar esta villa de O. a L.

Este caminho de ferro tem trez principaes *tunneis*, e d'estes o mais pequeno é o denominado da *Serra do Pilar*, que principia n'eta villa. Tem este tunnell d'extenção 425,m 10—d'altura sobre o balastro 6.m, e de largura 8.m Atravessa a serra tambem de Oeste a Leste.

Gastaram-se 29 mezes na perfuração da montanha e na construcção do tunnell, principiando os trabalhos no primeiro de julho de 1861 e terminando no primeiro de dezembro de 1863. É todo formado em *rocha viva*, máis ou menos dura.

A direcção do tunnell, bem como da estrada em principio desde as *Devezas* (estação provisoria) até elle—onde ha uma bella ponte — Viaducto de boa cantaria, com 5 arcos, que custou bons contos de rs. e está em perigo d'hir a terra! — e do tunnel para ENE. (onde tambem ha uma linda ponte-viaducto) é para a Pedra Salgada, na margem esquerda do Douro, onde se devia fazer a magestosa ponte *tubular*, que atravesse o rio; mas que pelos modos já se não faz alli; perdendo-se todo o trabalho e algumas centenas de contos já gastos com este lanço de quasi 4 kilometros; onde tantas obras d'arte foi preciso fazer, que todas talvez fiquem para sempre inuteis (se ainda por cima não for preciso gastar muito dinheiro para se desfazerem, por estarem obstruindo este trato de terreno!)

Desde a sahida do tunnel até à *Pedra Salgada*, ha um espaço de 2:420 metros. Os trabalhos estavam d'este lado muito adiantados e das *Devêzas* até ao embocamento do tunnel (SO) quasi concluidas.

O risco da ponte sobre o rio Douro, é do sr. *Jaubert*, engenheiro chefe da construcção. É esbelto e grandioso.

Se se adoptasse o plano feito e cuja execução está (como se viu) tão adiantada, na margem opposta do rio (direita) percorreria o caminho de ferro uma extensão quasi egual á que medeia entre a *Pedra Salgada* e a bôca NE. do tunnel.

Desde a primeira ponte de que fallei (entre as *Devezas* e o principio do *tunnell*) começa um longo *desatêrro* por onde segue a via ferrea, quasi sempre em bastante profundidade até outra ponte mais pequena (tambem *viaducto*, que passa por cima da *Rua Direita*) e d'esta continúa tambem entre altas *trincheiras* até á entrada do *tunnell*. Perto d'esta entrada, a uns 40 ou 50 metros d'ella, atravessa a via ferrea a estrada da *Bandeira* (estrada real de Lisboa ao Porto) sobre uma bonita ponte, com um grande e largo arco, que toma toda a largura da via ferrea, e dois *meios arcos*, que se vão embeber nas altas trincheiras da mesma via. Esta ponte é de optima cantaria, tendo por guardas gradarias de ferro.

Esta ponte e a nova estrada real de *macadam* foram construidas pelo governo, em 1861, para serviço da *mala-posta* entre Lisboa, Porto e provinvias do Norte.

O concelho de Gaia é composto de 23 freguezias, todas no bispado do Porto, que são:—*Arcozêllo, Avintes, Canellas, Canidêllo, Crestuma, Grijó, Golpelhares, Guetim, Mafamude, Magdalena, Marinha (S. Felix da), Olival, Oliveira do Douro, Pedroso, Perosinho. Sandim, Seixezêllo, Sermonde, Serzêdo* (ou Cerzêdo), *Valladares, Villa Nova de Gaia, Villar d'Andorinho* e *Villar de Paraizo.*

GAIFAR—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

É corrupção da palavra arabe *gafar*. (Vide *Gafanha*.)

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

GAITA — portuguez antigo.—Dáva-se este nome á lampreia pela similhança que, pelos seus buracos, tem com uma *gaita*.

Em muitos prazos, de terreno das margens do Mondego, Douro, Lima e Minho, se impõe o fôro de certo numero de *gaitas*.

Por a lampreia ser saborosissima, quando algum guizado estava muito bom, dizia-se (e ainda se diz) «*Sabe que nem gaitas.*»

GALAFÚRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Péso da Regoa, (foi do extincto concelho de Canellas, de cuja villa dista 8 kilometros a NE.) 85 a E. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario de Goães apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 réis annuaes.

Situada em terreno accidentado, proximo do ribeiro Coura, e 3 kilometros ao N. do Douro. O seu territorio produz optimo vinho d'embarque, excellentes laranjas, azeite, fructas, cereaes e legumes. Abunda em peixe do Douro e do Coura.

Foi antigamente da comarca e termo de Villa Real.

A freguezia de *Covellinhas* foi antigamente povoação d'esta freguezia, que se desmembrou para formar parochia independente.

GALAMARES— Vide Monserrate.

GALHARDOS (Casa dos) — a 1:500 metros ao NNE. de Castello de Vide, está aqui um *dolmen* celta. (Vide *Dolmen*.)

GALLEGO — portuguez antigo — ainda hoje usado para o N. É o gado de casta pequena ou magro; plantas de casta tambem pequena. Para evitar repetições, vide o que sobre isto fica dito em *Aldeia Gallega da Merceana*.

GALLEGOS — pequena villa extincta, na freguezia de Vallongueira, ou Valle de Nogueiras, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 80 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Foi honra. El-rei D. Diniz, dormindo aqui (em 1300) uma noite, os moradores erigiram um arco de cantaria. O rei lhe deu n'esse anno foral, com grandes privilegios.

D. Manuel o confirmou no foral novo que lhe deu em Evora, a 12 de novembro de 1519.

Era uma das *beetrias* de Portugal.

GALLEGOS (Santa Maria de) — freguezia, Minho, camarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Barcellos, 25 a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Encarnação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Tem aguas sulphureas eguaes em tudo ás de Lijó (que ficam proximas) e superiores ás das Taipas em mineralisação, mas inferiores em calorisação. Foram analysadas em septembro de 1867 pelos srs, *dr. Pereira Caldas* (de Braga), *J. B. Schiappa d'Azevedo* e *F. G. Klass*, engenheiros de minas, por ordem do governo.

São muito efficazes para molestias herpeticas, ephelide e suas congeneres, applicadas externamente em banhos, e para doenças do estomago tomadas internamente.

Tem uma pequena casa com tinas de madeira para banhos, coisa muito insignificante.

De Barcellos póde ir-se de trem até estes banhos.

Para mais explicações vide *Lijó*.

—

É terra fertil.

Os descendentes de Pedro Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, senhor da casa d'Azevedo, apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 800$000 réis.

—

Ha aqui as ruinas de uma casa, que foi solar dos *Campos*.

Campos é um nobre appellido em Portugal. D. Affonso V lhe deu brazão d'armas em Portalegre, no anno de 1465.

GALLEGOS (S. Martinho de)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 15 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, collado, por concurso, que tinha 80$000 réis annuaes.

Aqui viveu o conde e rico-homem D. Fafez Sarrazim, de Lanhoso, que morreu junto a Coimbra, pelejando pelo seu rei D. Garcia, contra D. Sancho, rei de Castella (1067). Succedeu-lhe seu filho, D. Godinho Fafez, fundador dos mosteiros de Fonte-Arcada e Muhia.

Já se vê que esta freguezia é mais antiga do que a monarchia portugueza.

GALLEGOS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Barcellos, 20 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O sacro collegio patriarchal e o vigario de Salvador, de Fonte-Coberta, apresentavam dois vigarios collados, que parochiavam ás semanas, alternativamente, com a matriz de Fonte-Coberta. Tinha cada um d'estes vigarios 100$000 réis.

GALLEGOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, do bispo do Porto e D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Sousa. Tinha 300$000 réis de rendimento.

Foi *honra* e era uma das *beetrias* do reino (vide esta palavra). A honra era sujeita á de Lourêdo.

Foi do concelho de Aguiar de Sousa.

É terra fertil.

GALLÉS—vide Santo Estevão das Gallés.

GALLINHEIRA—monte do Minho, na comarca de Villa Verde. É um ramo da *Serra Amarella*. Tem lobos, javalis e caça miuda.

GALLISTÊU—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 47 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Vide d'Entre as Vinhas, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida. Está encorporada á freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, de Vide. Vide *Vide*.

GALLÍZES—freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua, 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 70 fogos em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertil.

O prior de Nogueira do Cravo, apresentava o cura, que tinha 26$000 reis annuaes.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII annexa á de Nossa Senhora da Expectação, de Nogueira do Cravo.

GALVEIAS—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Ponte de Sôr, 12 kilometros de Aviz, 60 d'Evora, 54 de Portalegre, 144 a E. de Lisboa, 380 fogos, 1:500 almas.

Em 1757 tinha 313 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

Feira a 7 de janeiro, tres dias.

Situada na encosta de uma collina de bonita apparencia. Do alto, onde está a egreja matriz, se descobre um vasto e aprasivel

horisonte, e ao sopé um extenso valle, ornado de grandes larangeiras, limoeiros e outras arvores de fructo, hortas e campos.

Foi fundada por D. fr. Lourenço Affonso, mestre da Ordem de Aviz, em 1342, e ampliada por D. Jorge d'Alencastre, filho natural de D. João II (e que o pae tentou collocar no throno portuguez, por sua morte, ac que a rainha e a côrte se oppozeram) em 1425.

O seu primeiro nome foi *Villa Nova do Laranjal.* D. João III lhe deu o titulo de villa, em 1538, tomando então o nome actual. Dizem alguns que D. Manuel lhe tinha dado foral em 1517, que D. João III confirmou por outro em que a fez villa, no dito anno de 1538; mas Franklim não traz nenhum d'estes foraes, e diz que está incluido no foral d'Aviz.

Seu territorio é fertil em vinho, azeite, fructas, gado, colmeias e muita caça. Produz tambem cereaes, mas não em grande abundancia.

Tem conde. O 1.º conde das Galveias foi D. Diniz de Mello e Castro, feito por D. Pedro II, em 10 de novembro de 1691. Era D. Diniz terceiro filho de D. Jeronymo de Mello e Castro e de D. Maria Josepha Côrte Real, ambos de nobilissimas familias.

Na acclamação de D. João IV, passou D. Diniz de Mello e Castro a servir na provincia do Alemtejo, com o conde de Vimioso; e, apesar de não ter mais de 16 annos de edade, se fazia respeitar de seus superiores.

Cento e onze vezes combateu contra os castelhanos, sendo 22 vezes ferido, mas sahindo sempre vencedor.

As maiores batalhas em que se achou, foram: — Montijo, S. Miguel, Linhas d'Elvas, Ameixial, e Montes Claros. Na 1.ª, soldado; na 2.ª e 3.ª, tenente general de cavallaria, e general d'ella, na 4.ª e 5.ª

D. Pedro II o fez conselheiro d'estado e governador das armas do Alemtejo, quando já contava mais de 80 annos de edade.

As suas duas façanhas militares, foram a tomada das praças de Albuquerque (Extremadura hespanhola) e Vallença do Minho.

Falleceu em Lisboa, em 18 de janeiro de 1709, com 85 annos de edade. Foi sepultado na capella-mór dos eremitas de S. Paulo.

As armas d'esta familia são: — escudo partido — no primeiro, em campo de pratta, seis aroelas asues (que são as armas dos Castros, de D. Ignez), e no segundo, de púrpurra, seis besantes de prata, entre uma doble cruz, e uma bordadura de ouro. (Estas são as armas dos Mellos).

GAMELLAS — freguezia, Beira Altta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 80 kilometros de Viseu, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos em 1757.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é a actual chamada do *Pereiro.* Vide Pereiro, do concelho daa Pesqueira.

GAMÍDE — villa extincta, Minho, comarca e concelho de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Arcebispado e districto administrattivo de Braga.

Foi couto, com juiz e mais justiças, e escrivães proprios. Tudo isto foi extincto ha muitos annos.

GAMÍL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrattivo de Braga.

Diz-se que o seu nome é corrupção do arabe *gomía* — arma de arremesso — especie de faca de matto. D'aqui *gomiáda*, golpe dado com *gomía.* Outros pretendem quue seja derivado de *gamo*, e que *gamil* vem a ser — sitio onde *ha muitos gamos.*

As religiosas franciscanas de Valle de Pereiras (proximo a Ponte de Lima) appresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis.

Sendo abbade de Gamil, Estevão Ferreira (da casa de Cavalleiros) deu este padroado e abbadia áquellas freiras, em recompensa d'ellas lhe admittirem no seu convento duas filhas suas, do abbade.

GANDARA—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É perto da costa do Oceano.

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis.

GANDARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil, sobre a margem esquerda do rio Minho.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 600$000 réis annuaes.

Foi couto, que a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, deram, com a egreja, á Sé de Tuy, sendo bispo D. Affonso, em 3 de setembro de 1125.

É tradição (quanto a mim inverosimil) que Diómedes, depois da guerra de Troia (1:081 annos antes de Jesus Christo) entrára pela foz do rio Minho, e veio edificar n'estes sitios, a cidade de Tide (em memoria de Tideu.) Faria e Sousa diz que esta cidade é a *Tuy Velha*, a que hoje se chama *Tuide*, e é um logar d'esta freguezia da Gandara. O que é certo é não haver por aqui vestigio de similhante cidade; por isso não é acreditavel a opinião de Faria e Sousa, que, decerto, teve más informações.

O que ha aqui proximo, mas já na freguezia de S. Pedro da Torre, são vestigios de fortificações antigas, que demonstram ter sido arrasadas. Vide Torre (S. Pedro da).

GANDARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As religiosas de Sant'Anna, de Vianna, apresentavam o vigario perpetuo, que tinha 150$000 reis annuaes.

Foi primeiro abbadia, que os freguezes apresentavam.

Na *Coutada dos Viscondes* (de Villa Nova da Cerveira) ha um *olho marinho*, que dizem sorver tudo quanto se lhe lança. (Vide Cadima e Fervença.)

Esta parochia é uma das mais antigas de Portugal, pois já existia como tal, pelos annos de 560. Theodomiro, rei dos suevos, a deu, com outras mais do Minho, n'esse anno, á Sé de Tuy. (O bispado de Tuy chegava então até á margem direita do Lima, e comprehendia esta freguezia. Então o seu orago era o Salvador.)

A sua egreja foi reedificada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I de Portugal, pelos annos de 1160. Dizem outros que a reedificou a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, no seculo XIII, mas é engano.

É terra muito fertil. Gado e caça.

Ha aqui uma capella muito antiga, dedicada a S. Sebastião. Conta-se a seu respeito a tradição seguinte: Um rapaz pobre, chamado Martim Rodrigues de Lima, tirou da caixa das esmolas da capella, 18 réis. Por essa occasião (1511) se enforcou um ladrão, e muitos disseram que se havia de fazer o mesmo ao ladrão das offertas de S. Sebastião. O rapazito, ouvindo isto, fugiu, e foi ter á India. Lá, chegou a ser riquissimo, e mandou dinheiro para restaurar a capella, e para n'ella se dizer missa diaria, de boa esmola. Mandou tambem um grande legado á Misericordia da villa, com a condição de dar um quartilho de vinho e um pão alvo, a cada morador d'esta freguezia, em 20 de janeiro de cada anno; e em maio 14 alqueires de milho, aos parentes do doador.

GANDARA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, 36 kilometros ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 262 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

E' terra fertil.

Esta freguezia é povoada desde tempos remotissimos, e ha aqui a aldeia do Crasto, cujo nome procede de um *castro* (talvez *carn*) que aqui houve e de que ainda se vêem os alicerces. Perto d'elle havia uma *mâmoa* celtica (que o vulgo chamava *Mama do Gato*) mas já na freguezia de Cucujães (vide esta palavra). E' tradição que ao tal crasto ou castello, se dava o nome de *Castro Trancal* ou *Troncal*.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 300$000 réis annuaes.

GANDARA — freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil.

O papa e o bailio de Leça, com seis mezes cada um, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis annuaes.

Ha em Portugal mais 100 aldeias com o nome de *Gândara*, *Gandra* e *Gândaras*, mas nenhuma tem cousa notavel.

GANDARELLA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

Gandarella é diminutivo de *Gandara*. Ha tambem em Portugal 35 aldeias chamadas *Gandarella* e *Gandarellas*, mas não têem cousa digna de especial menção.

GANDARINHA—bonita aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, comarca, concelho e 4 kilometros a ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 a SE. da Feira, 30 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa e 10 a E. d'Ovar.

No centro da aldeia ha um bonito terreiro e n'elle a capella de S. Sebastião. O lado septentrional d'este terreiro é limitado pela quinta e magnifica casa do sr. Sebastião Pinto Leite, feito visconde da Gandarinha, em 1870.

Uns 200 metros abaixo da Gandarinha (ao NE.) está a sumptuosa casa, jardins e bella quinta do *Buraco*, que vae no logar competente.

GANFEI—freguezia, Minho, comarca, concelho, proximo e ao NE. de Vallença, 60 kilometros ao ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Grande e antiquissimo convento de frades bentos. Dizem uns escriptores que o fundou S. Martinho de Dume, outros que seu successor, S. Fructuoso. É certo que em 691 já estava fundado havia annos. Em 997, Almançor, bravo mas feroz rei mouro de Cordova, o destruiu. Foi reedificado por D. Ganfrido ou Ganfei ou Gaifeiros (francez) em 1018. Este Ganfei aqui se metteu frade e foi santo.

O seu primeiro titulo era *Convento do Salvador*, depois, em attenção ao seu reedificador, lhe deram a invocação de *S. Ganfei*.

Em redor do convento se foram (como era costume) edificando casas e formando a população, que constituiu depois freguezia com o nome de S. Ganfei.

Este convento foi vendido depois de 1834.

É hoje propriedade do sr. dr. Antonio Xavier Torres e Silva, sobrinho do fallecido 2.º barão de S. Roque, e primo do sr. dr. José Joaquim de Oliveira Torres, 3.º barão de S. Roque. (Vide Caminha.)

O D. abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava triennalmente o vigario (regular) que tinha 70$000 réis.

—

N'esta freguezia, na aldeia de *Tardinhade*, (onde ha uma capella da sua invocação, e com reliquias d'elle) nasceu o grande S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra, e amigo querido do nosso D. Affonso I. Morreu em Coimbra, a 18 de fevereiro de 1162.

Esta freguezia fica na margem esquerda do rio Minho, em terreno levemente accidentado e em formosa situação. D'aqui se vêem Vallença, varias serras e campos de Portugal, o rio Minho, a cidade gallega de Tuy, e varias serras e povoações da Galliza.

É fertil em cereaes, fructas, hortaliças, vinho e gado. Muito e optimo peixe. (Vide Villar).

Este convento ajudou, com as suas rendas, a povoar Vallença, e fundou a egreja de Santa Maria dos Anjos e a de Cristéllo. Os reis o favoreceram com outras rendas, e D. Affonso II lhe deixou a sua prata lavrada, para que os monges lhe encommendassem a alma a Deus.

O infante D. Pedro, conde de Barcellos, aqui viveu quatro annos, no tempo das guerras com Galliza, reedificando então o mosteiro.

Passou á commendatarios, e por bulla de Pio V (que governou a egreja de Deus, desde 1563 até 1572) tornou á congregação benedictina, contra vontade do marquez de Villa Real, que queria que lhe pertencesse o padroado. Para o socegarem lhe deram algumas outras apresentações.

Tinha este mosteiro quatro coutos, que eram — *Ganfei*, *Torreiras*, *Villarinho* e *Rebordões*; que tinham sido supprimidos já antes de 1834.

O mosteiro tinha muitos e bons prasos em Coura, Vallença, Sanfins e Monção. Tinha uma vida para apresentarem Insalde e Cerdal.

A capella de Nossa Senhora do Pharo, era d'este mosteiro, (chama-se do *Pharo*, por ter alli havido um *facho*). Havia n'esta capella uns grilhões, que, segundo a tradição, eram de um christão, captivo na Barberia, o qual por intercessão d'esta senhora, se achou em uma noite á porta da capella, preso com os mesmos grilhões.

Tem tambem a capella de S. Vicente, junto á *Caxaria*.

GARDINGO — os godos davam este nome aos filhos da primeira nobreza, os quaes serviam em palacio, até que a edade lhes désse logar ao condado ou ducado. Depois se chamou *gardingo* ao guarda-mór. Ricome, porém, diz que *gardingo* era superior ao *tyufado* e immediato ao duque e conde.

GARDUNHA ou **GARDUNIA** — (portuguez antigo) teixugo: animal bem conhecido.

Ha em Portugal varias serras com este nome, sendo a maior na Beira Baixa, e um ramo da *Estrella*. Ha tambem alguns logares com este nome.

No concelho de Paiva (freguezia do Paraizo) ao fundo do logar de Serradéllo, passa o pequeno ribeiro da *Gardunha*, e no seu leito ha uma mina de cobre. Nas suas pedreiras, que são exclusivamente de schisto, apparecem muitas *impressões*, sobretudo fosseis de conchas bivalves.

GARFE — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o reitor que tinha 150$000 réis annuaes.

GARÍTO — portuguez antigo — Casa de jogo; e d'aqui *gariteiro* ao que a dá. Hoje em estylo chulo, diz-se *casa de batota* e *batoteiro*.

GARRIOSO — portuguez antigo — *divertido*, *alegre*, *garrido*, *enfeitado*, etc.

GARULHA — portuguez antigo — *carócha* (insecto). Tambem diziam *carulha*.

GARVÃO — villa, Alemtejo, comarca d'Almodovar, concelho d'Ourique, d'onde dista 12 kilometros para O., 95 d'Evora, 135 a E. de Lisboa, junto á estrada real que communica com o Algarve, 160 fogos, 640 almas. Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada e 12$000 réis em dinheiro, annualmente.

Feira a 10 de maio, 3 dias.

Alguns escrevem *Gravão*. É a palavra *Gorabon*, que significa *corvo*.

É povoação pequena, mas muito antiga. É provavel que fosse fundada pelos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva; porém alguns dizem que a fundaram os cavalleiros da Ordem de S. Thiago, no reinado de D. Affonso I, ahi pelos annos 1150.

Supponho que estes, achando-a abandonada, a povoaram. É certo que o seu primeiro foral lhe foi dado pelo grande D. *Paio Peres Correia*, mestre da ordem de S. Thiago, em Alcacer do Sal, em fevereiro de 1268, dando-lhe então o titulo de villa. Era commendador de Mértola *D. Jaão Raymundo.*

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512, dando-lhe novos e maiores privilegios.

—

Ha todas as razões para acreditar que esta villa é muito mais antiga do que a monarchia portugueza; porque desde os primeiros tempos d'ella que *Garvão* era povoação importante, pois tinha a prerogativa de enviar procuradores ás côrtes, os quaes tinham assento no banco 14.º

Era antigamente muito maior e muito mais populosa do que hoje, do que ha vestigios, além do que está escripto e da tradição.

Tem Misericordia e hospital.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara e pelourinho.

Tem 3 capellas (Espirito Santo, S. Pedro e S. Sebastião).

O seu territorio é muito fertil em cereaes, legumes e fructas; cria-se n'elle muito gado, especialmente suino, e muita caça.

O seu brazão d'armas é um escudo de prata, com uma arvore verde, e na parte superior duas cruzes de púrpura, da Ordem de S. Thiago, uma de cada lado da arvore.

GASCO ou **GASCÃO** — Vide *Normão.*

GATÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi villa.

É o seu nome corrupção da palavra arabe *Càtton*, o gato, animal domestico bem conhecido. Vem pois a ser — *povoação do gato.*

Outros dizem que o nome lhe provém de D. Gatão, conde e senhor d'esta freguezia; o que povoou Astorga, em tempo da restauração d'esta cidade do poder dos mouros. Era descendente do rei godo Flavio Egica. Fundou muitas egrejas em Portugal.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis annuaes.

É terra fertil.

A freguezia de Villa Garcia estewe annexa a esta freguezia de Gatão.

GATEIRA — freguezia, Beira Baixa, foi da comarca da Meda, concelho de Marialva, (hoje é da comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa), 63 kilometros de Lamego, 345 ao NE. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago a Santissima Trindade.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Marialva apresentava o cura, que tinha 6$600 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado, e está annexa á de Marialva, formando uma só e mesma freguezia.

GATÊNHO — portuguez antigo — coisa infructifera, esteril, de monte ou de pousio. Tambem se dá este nome a uma especie de tojo.

GATIM — Vide *Parada de Gatim.*

GATÕES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, 24 kilometros a O. de Coimbra, 144 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Virtudes.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A abbadessa de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 27$000 réis e o pé d'altar.

Tem a mesma etymologia de *Gattão*, mas no plural. Foi villa.

É terra fertil.

GATÕES — Vide *Seixo de Gatões*.

GÁVE ou **GÁVIA** — freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então comarca e concelho de Melgaço, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado, proximo da margem esquerda do rio *Mouro*.

E' terra fertil.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

O reitor de Riba de Mouro apresentava o cura, que tinha os *benesses*.

GAVIÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

É terra fertil.

GAVIÃO — villa, Alemtejo, comarca de Niza, 30 kilometros a NO. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 410 fogos, 1:600 almas. E' cabeça de concelho com 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 262 fogos, a freguezia.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado, (grão-priorado do Crato) districto administrativo de Portalegre.

Era uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

O grão prior do Crato apresentava o reitor, que tinha 120 alqueires de trigo, 40 alqueires de centeio, 25 almudes de vinho crú, 1 1/2 cantaro de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

Feira a 24 de setembro, 3 dias. É terra muito fertil em cereaes.

E' povoação antiquissima. Alguns sustentam que foi aqui a *Fraginum* ou *Fraxinum* dos romanos. Outros dizem que *Fraginum* é a actual villa de *Alpalhão*.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 23 de novembro de 1519.

—

A 5 kilometros d'esta villa (ao O.) e ao S. do Tejo, em frente da povoação de Torres de Belver, que fica uns 3 kilometros ao N. do rio, nasce uma fonte, chamada *Fedegosa*, ou *Fedegosa do Pêso de Belver*, tão proxima do rio, que com qualquer enchente fica coberta.

Brota por entre penhascos, na quantidade de uma telha d'agua. É fria, crystalina, e comcheiro proprio das aguas hepatiasadas, sulphureas, e tão activo que se sente a distancia. Tem gosto nauseabundo, e por onde passa, deixa lôdo, que, depois de sêcco, arde como enxofre.

As analyses tem mostrado que estas aguas são verdadeiramente sulphureas, mineralisadas com o gaz hydrogenio sulphurado e oxido de ferro.

Havendo cuidado no engarrafamento, conservam-se por tempo indeterminado, sem perderem nenhuma das suas virtudes therapeuticas.

—

O concelho de Gavião é composto de 6 freguezias. No priorado do Crato (patriarchado) — *Amieira, Atalaia, Commenda* e *Gavião*.

E no bispado de Portalegre — *Margem e Longo-mel* — e *Villa-Flor*.

GAVIÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa-Flor, no arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Já não existe esta freguezia e está ha muitos annos annexa á do Seixo. (Vide *Seixo*).

GAVIARA — vide Gabiarra.

GAVIEIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez (foi do concelho de Suajo) situada na serra do seu nome (ou Gabiarra) 54 kilometros ao NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra montanhosa, pobre e pouco fertil. Muito gado e colmeias, e caça grossa e miuda.

O abbade de S. Martinho de Suajo, apre-

sentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha por aqui aguias, guinchos e bufos. Nas sua intrincadas mattas, ha boas madeiras; mas de difficil conducção, pela falta de estradas e alcantilado do sitio.

É nos limites d'esta freguezia o famoso pico da Gabiarra, que tem 2:467 metros (segundo *Balbi*) e é a maior elevação de Portugal.

GAZÚ—portuguez antigo, matança, carnificina.

GAZÚA—portuguez antigo (do arabe) chamar gente para a guerra, appellidar, convocar. *Tocar a gazúa* póde entender-se por *tocar a rebate*. Tambem significa, reunião de tropas.

Ha na villa de Villela (comarca de Coimbra) uma fonte chamada *da Gazúa*.

GAYEIRAS—entre as villas de Obidos e Caldas da Rainha, está a nascente d'aguas mineraes das *Gayeiras* ou *Gaeiras*, junto á quinta d'este nome, em *Valle de Flores*, no centro de um bosque. (Vid. tom. 2.º, pag. 40, col. 2ª)

Estas agnas são do mesma natureza das das Caldas da Rainha, e muito abundantes.

Analysadas em Paris, na Exposição Universal de 1867, deram o seguinte resultado:

Contem porkilogramma 0,gr.00867 d'acido sulphydrico e 2, gr. 2766 de principios fixos. Sua temperatura é de 32,8c., sendo a do ar exterior 23°.

GEBELIM—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Chacim até 1855, e desde então concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo. 420 kilometros ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O nome d'esta freguezia é corrupção da palavra arabe, *Jabalain*, significa, *dois montes*. Deriva-se de *jabalon* (o monte.)

O abbade de Chacim, apresentava o vigario, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

GEIRA—portuguez antigo. Havia *geira de campo* e *geira de vinha*. Aquella levava 4 alqueires de centeio de semeadura e esta era a terra que 50 homens podiam cavar em um dia.

No *Campo de Coimbra*, a *geira*, são 60 *aguilhadas* de comprido e 12 de largo. Cada aguilhada anda por dois metros. Havia tambem *meias geiras* e *quartos de geira*. Chamava-se *geirom* ao que pagava geiras.

Nos foraes e emprasamentos se dá o nome de *geira d'homem*, ao dia que o caseiro era obrigado a dar ao senhorio, e *geira de bois*, ao serviço de um dia que o caseiro era obrigado a dar ao mesmo senhorio, com uma junta de bois. Na descripção dos fóros, que se impunham aos colonos, caseiros ou emphiteutas se designavam as geiras d'homem ou de bois que cada um era obrigado a dar aos directos senhores.

O decreto de 16 de maio de 1832, extinguiu os tributos pessoaes, e fez bem.

GEIRA—De *Brachara Augusta* (Braga) sahiam 5 *vias militares romanas*, para differentes pontos da provincia. O imperador Vespasiano as mandou construir pelos annos 75 de Jesus Christo, ou, segundo outros, as concluiu.

Segundo as inscripções de alguns *marcos milliares* da Geira, esta estrada já era antiga no tempo de Vespasiano. Elle a reconstruiu e ampliou, e ao que elle mandou fazer se chamava *Via Nova*.

A chamada da *Geira* ou *Geiria*, que tomava o rumo de NO., atravessava varias freguezias do Minho, tendo na freguezia de S. Thomé de *Perozêllo* uma robusta ponte de cantaria, de 12 arcos, obra magestosa (ainda muito bem conservada.) Atravessava varias serras, sendo a principal o *Gerez* e se dirigia a *Orense* (Hespanha) e d'ahi até Astorga, no comprimento de 240 kilometros.

Esta via militar, da qual, além de muitos *marcos miliares*, ainda ha por muita parte admiraveis vestigios (e até lanços do seu pavimento!) é notavel pela aspereza dos leitos por onde passa. Ora são bosques seculares, ora planicies, ora medonhos precipicios. Em algumas partes tem pontos de vista bellissimos. O seu leito foi preservado das aguas por *valêtas* (muitas vezes, cavadas na rocha *viva*) e é muito suave, porque, onde haviam

grandes declives, se fizeram bem imaginadas *voltas* e rodeios. (Lacêtes.)

Todos os rios e ribeiros que a atravessam teem robustas pontes de cantaria, a maior parte das quaes ainda estão em bom estado, apesar dos seus mil e oitocentos annos de existencia.

Grossos e solidos paredões e contrafortes, foram construidos nos despenhadeiros, alguns de grande altura, e que ainda estão attestando á posteridade o dispendio, a segurança e até o luxo com que foram feitos.

De milha em milha estava um padrão (marco *miliar*) com a numeração das milhas (a contar de Braga) e todos com inscripções dedicadas aos imperadores, consules e outros cavalleiros romanos.

Logo á sahida de Braga, passa sobre a ponte *do Porto*, obra soberba dos romanos e entra por o concelho de Amares e por cima da freguezia de Dornellas, segue ás freguezias de Santa Cruz, S. João da Balança, Chorense, Moimenta, Villar, Travassos, Chamoim, passa aos logares de Felgueiras, Santa Comba, Padroz, hindo sahir ao Bico (onde hoje está a bella ponte ha pouco construinda) e d'ahi passa á freguezia de Covide, cortando aqui a *Veiga de Santa Eufemia*, e passando pelos montes visinhos da antiga cidade de *Calcedonia* (que já não existe) vae á freguezia de S. João do Campo, aqui atravessava o rio Homem pela ponte de *Rodas* (ou de *Eixões*) tambem obra romana; mas reedificada depois, conservando da primittiva só a base— corta a veiga, direita á *Casa da Guarda*. (Vide Campo do Gerez) e vae á freguezia de Villarinho, ultima d'este reino que a Geira atravessa. Na freguezia de Villarinho passa aos sitios chamados Berbezes, Bico da Geira, Volta do Covo, Ponte do Arco, Ponte de Monção, Ponte de Albergaria e Ponte de S. Miguel (tudo pontes da Geira.)

Note-se que da Volta do Covo até ao extremo, que pelos *padrões romanos* (marcos milliares) são duas milhas (4:000 metros) passa a Geira quatro vezes o rio, onde principia, e toma o nome de *Homem*. Havia pois 4 pontes, uma de 3 arcos e as mais de 1. Todas eram de bella architectura romana, de excellente pedraria, assentada sobre betume, sahindo para sua guarda, dos lados do rio, fortissimos muros de pedra lavrada de almofadas, tudo com luxo e segurança, e do meio d'estes muros sahia a obra de *esquadría*, que eram os arcos das pontes. Todos estes primores de architectura ainda hoje existiriam, se na guerra da restauração o povo d'aqui não cortasse as pontes, em 1642, para tolher o passo aos castelhanos. Nunca mais se reedificaram.

Pouco adiante da *Portella do Homem*, na raia da Galliza, se mette em Hespanha na freguezia do Valle. D'aqui seguia para a cidade de Orense e d'alli a Astorga. D'esta ultima cidade se dirigia aos Alpes, atravessava a França e terminava em Roma.

—

A maior parte dos *marcos milliares* foram destruidos ou roubados pelos povos. Dos que estavam mais proximos de Braga, mandou o arcebispo D. Diogo de Sousa recolher todos os que poude haver, para aquella cidade, collocando-os no *Campo de Sant'Anna*; mas depois foram mudados para as *Carvalheiras*, onde estão.

(Vide Braga.)

Foi o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que em 1723, achando alguns d'elles cahidos, os mandou erguer, fazendo-se-lhes bons alicerces e pilares. Eram ao todo 12, mas um estava no jardim dos arcebispos, partido: mesmo assim foi collocado ao pé dos outros, apesar de cada bocado ser de seu sitio, como se vê do resto da inscripção, pois um d'elles é do imperador Antonio Baciano e o outro de seu filho Antonino.

Ainda, apesar de tudo, existem varios *padrões* em differentes pontos por onde passava esta *via militar*, que vão descriptos nas freguezias onde existem ou existiram.

De um que está na *Portella do Homem* se póde colligir que a *Geira* foi construida pelo imperador Vespasiano, assistindo á obra os seus pretores Gayo Calpetano, Rancio Quirinal e Valerio Festo; porém temos memorias escriptas, e (como já disse) inscripções de varios *marcos milliares*, que provam ter esta estrada muito mais antiguidade.

Tambem de algumas inscripções dos taes

marcos se collige que a via aberta ao través do *Gerez* se chama *Via Nova*, e talvez fosse esta a que mandou fazer Vespasiano.

No concelho de Terras de Bouro, principia esta *via* na freguezia de Santa Cruz, ao S., e termina na *Portella do Homem*, ao N. (na freguezia do *Campo do Gerez*, vide esta freguezia.)

Desde Braga até á *Portella do Homem* havia 34 *marcos milliares*, por ter a estrada 34 milhas de comprimento até aqui.

Auctores de muito credito dizem que eram 27 marcos (e por consequencia 27 milhas) mas na *Portella do Homem* existem dois marcos que declaram que *de Braga alli, são 34 milhas*. Até o 8.º que eu designo, diz na ultima regra—..... RAC..... V....., o que faz suppôr que era o marco n.º 35, por não haver a lettra numeral V em nenhum dos outros e os latinos costumarem então escrever 4, IIII e não IV.

Em todo o caso eram pelo menos 34 e não 27.

Vide *Portella do Homem*, onde descrevo os 8 *marcos milliares* que alli existem.

O padre Jeronymo Contador de Argote, nas suas monumentaes *Antiguidades de Braga*, entende que a *Geira* foi aberta pelo imperador Augusto Cesar (pelos annos do mundo 3962, ou 42 antes de Jesus Christo) como se colhe da inscripção de um *marco milliar* que se achou nas margens do *Cávado* (onde passava a *Geira*) quando se edificou a ponte do Prado; mas que, arruinada a *via romana*, com o tempo, a mandára concertar o imperador Adriano, pelos annos 134 ou 135 de Jesus Christo.

Isto mesmo se collige de um *padrão* que está (ou estava) na quinta do *Antepoço* (vide esta palavra, onde vem as inscripções de 3 padrões que lá estão, ou estiveram) e do qual só aqui darei a traducção de Argote, é:

«*Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Adriano Augusto, Pontifice maximo, do poder tribunicio 18 vezes, consul 3. D'aqui a Braga são vinte mil passos.*»

—

Estas *vias romanas* eram construidas á custa do estado, ou do dinheiro que se tirava dos cofres publicos, ou dos donativos e legados que para isto deixavam os cidadãos e, finalmente, do producto dos despojos que se tomavam aos inimigos do imperio.

Havia sempre pessoas destinadas para o cuidado e governo das estradas, ás quaes se dava o nome de *Viarum Curatores*.

Nenhuma pessoa estava isenta de contribuir para taes estradas, e até as proprias terras do imperador pagavam para ellas.

—

Estas vias eram feitas com grande solidez e até com magnificencia.

Aplanavam-se os montes, ou, se eram de rocha, era a via aberta a picão. As baixas se entulhavam, procurando sempre o minimo declive possivel.

Todas as *vias militares* eram calçadas, consistindo o seu pavimento em 4 camadas, cada uma de differente materia—a 1.ª se chamava *statumen*, e era o fundamento das outras—a 2.ª tinha o nome de *ruderatio*, e consistia em uma composição de fragmentos de louça, telhas, ladrilhos, etc. de uma tal qualidade, que alguma ainda hoje dura!—a 3.ª se chamou *nucleus* e era cal amassada com areia em consistencia branda, e sobre ella se collocava a ultima camada, que era a *summa crusta*, ou *summum dorsum*: consistia em seixos, calháos ou pedregulho chato, tijolo ou cousa similhante, que faziam as estradas duras e duradouras; com as necessarias valletas para desviar as aguas.

Quando a pedra de que se fazia a estrada era branca, se lhe dava o nome *via argentea*, e se era cinzenta se lhe chamava *via ferrea*. (Vide *Estradas romanas*.)

GÉME—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa-Verde 12 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos. Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 250$000 réis annuaes.

Foi antigamente abbadia dos monges benedictinos de Rendufe, que punham aqui por abbade um religioso do seu convento.

GÉMEOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora do O.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 reis annuaes.

É aqui a quinta dos *Calvos*, que sendo dada como honra, a esta familia, (dos Calvos) aqui assentaram o seu solar.

GÉMEOS (S. Miguel dos) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

E terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

—

Na parede exterior da egreja matriz, do lado da Epistola, está um tumulo com duas figuras humanas de tosca esculptura, cuja origem se diz ser a seguinte.

Havia aqui uma capella do archanjo S. Miguel e junto a ella vivia um lavrador rico, com sua mulher, a qual teve um parto monstruoso—erau m ente com duas cabeças, quatro pernas e um só ventre. Este ser infeliz viveu 30 annos, com perfeito uso de razão e confessando-se sacramentando, e empregando-se na lavoura. Morreu uma das cabeças, sobrevivnedo-lhe a outra trez dias!

Foi esta creatura singular que edificou á sua custa a actual egreja, á qual doou todos os seus bens, e quiz que se ficasse chamando S. Miguel dos Gémeos, e assim se fez.

GEMÉZES — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho d'Espozende, 18 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa 168 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis annuaes.

Está nesta freguezia a *Barca do Lago*, onde antigamente se passava de graça, por um legado feito á camara, com esta condição.

GEMIEIRA ou **GIMIEIRA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É erra fertil e muito rica.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis annuas.

Cria muito gado, de tôda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

GEMUNDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão; 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 28 fogos, em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Thiago d'Antas, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis annuaes.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Antas.

GEMUNDE — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 218 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado, e districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes do mosteiro de Moreira da Maia, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis annuaes.

É terra muito fertil, e cria muito gado bovino.

Ha aqui uma torre muito antiga, com sua quinta, que foi de Antonio Pinheiro Touro.

Ha n'esta freguezia um logar chamado *Campa do Prêto*, cuja historia, é a seguinte:

Em 1841, córreu o boato que n'aquelle sitio estava um santo prêto, e logo alli começaram a concorrer os povos dos arredores, com muitas e bôas offertas e trataram de levantar uma ermida ao santo prêto. Soube-se depois, que todas as pedras que n'aquelle sitio se achavam reunidas, e que tinham a forma de campa, haviam sido trazidas de fóra, por especuladores, que sobre ellas punham cruzes e agua de cheiro, com o intento de fazer acreditar em um milagre, e aproveitarem-se da devoção da bôa gente d'estas terras, para fazerem negocio.

Foi isto sabido pelas auctoridades ecclesiasticas e administrativas, que mandaram para aqui uma força de tropa, que demoliu tudo e prendeu os especuladores criminosos.

GENÍZIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, d'onde dista 12 kilometros, 470 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

GENS (S)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757 tinha 301 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça miuda.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 réis annuaes.

Houve aqui um antigo mosteiro de monges bededictinos, fundado por D. Rodrigo Forjaz.

D. Affonso Henriques, o deu aos cruzios, e no tempo dos commendatarios, o prior João de Barros o deu á referida collegiada.

A egreja do mosteiro, ainda é a mesma que serve de matriz da freguezia.

GENS (S)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte Mór Novo, 30 kilometros d'Evora, 90 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de cevada.

E' terra muito fertil em cereaes.

GENS (S)—vide *Calvos*.

GENS (S)—vide *Ossa*.

GEOGRAPHIA LITTERARIA—Serie de composições e fragmentos escriptos em portuguez, desde o seculo VIII até ao anno 1500.

—

No reinado de D. Sancho I, e pelos annos 1187 se encontrou no castello de Louzan, o fragmento de um poema attribuido ao ultimo rei godo D. Rodrigo, descrevendo a occupação dos mouros nas Hespanhas, em 714.

Estava de tal maneira estragado pela humidade, que apenas se puderam ler quatro oitavas.

Para evitar repetições, vide *Arouce*, rio, no 1.º vol. E' a poesia que começa assim:

«*O rouço da cava impriu de tal sanha.*»

Se esta poesia era obra do infeliz rei D. Rodrigo (do que não temos motivo nenhum para duvidar; porque o ultimo rei godo era poeta) a que se achou no castello da Louzan, era evidentemente copia, pois tambem continha as duas célebres cartas de *Egas Moniz* á sua querida *Violante*, que são mais modernas do que o poema de D. Rodrigo uns 300 annos, e vão tambem copiadas na palavra *Arouce*, onde se podem ver.

É pois o tal poema a poesia mais antiga de que tenho noticia, escripta em portuguez, pois remonta ao principio do seculo VIII.

No tempo do governo do conde D. Henrique era muito conhecida em Portugal a canção anonyma, ou, como outros sustentam, obra do proprio libertador das donzellas, que canta a façanha praticada em *Figueiredo das Donas*, (antiga comarca de Lafões) por *D. Guesto Ansur*, libertando a sua amada *Orélia* e mais cinco companheiras, que hiam para o harem do kalifa de Córdova. (Vide *Figueiredo das Donas*.)

Este facto teve logar entre os annos de 783 e 789. (Julga-se que foi em 784.)

Se a poesia é de *D. Guesto*, como se collige da sua leitura, pois falla sempre na primeira pessoa, é evidentemente do fim do seculo VIII ou principio do IX. Se é de um outro poeta, tambem não é muito mais moderna; e é a *segunda* poesia de que tenho noticia, escripta na nossa lingua.

—

A esta canção segue-se a terceira poesia escripta na nossa lingua, de que tenho noticia. São as duas *cartas* de *Egas Moniz Coelho* a D. Violante, dama d'honor de D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e que se acham na palavra *Arouce*, do 1.º volume.

Estas *cartas* são da segunda metade do seculo XII. Já se vê que não são obra do grande *Egas Moniz*, mas de um seu sobrinho do mesmo nome.

—

Ás duas *cartas de Egas Moniz* segue-se a *canção* feita pelo templario *D. Gonçalo Hermigues* a sua mulher *D. Oriana*, ou *Oroana*. E' do fim do seculo XII ou principio do seculo XIII. (Vide *Ourem*).

Eis a canção:

Tinherabos nom tinherabos
Tal a tal ca monte?
Tinherasdeme nom tinherasdeme
De la vinherasdes, de ca filharasdes,
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goyvos trebelhando
Oy oy bos lombrego
Algorem se cada folgança
Asmey eu: perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.
Ouroana, Ouroana oy tem per certo
Que inha vida do viver
Se olvidrou per teu alvidro perque em cabo
O que eu ey de la chebone sem referta
Mas nom ha perque se ver.

—

Regulamento feito pelas côrtes de 1211 (sendo rei D. Affonso II)

«Perque a sanha sohe embargar o coraçom que nom pode ver direytamente as cousas, per onde estabelecemos que se per ventura no movimento do nosso coraçom a alguem julgarmos morte, ou que lhe cortem algum membro; tal sentença seja prolongada ata vinte dias, e des hi em diante será a sentença a execuçom, se a nos em este comenos a nom revogarmos.»

—

Prologo do livro sobre o clima de Portugal, escripto por Zacuto Lusitano, astrologo e medico judeu; dedicado a D. Affonso, conde de Bolonha, regente de Portugal.

(*Foi escripto este livro entre os annos 1240 e 1248*)

«Do que achardes, honrado senhor, quereele, e honrada seminheira deste reino em que deos vos mantenha et mais atrigada, pera arrabanhar porradas, a ganhas coisas per birras, et a jager em sembra co olho; a co cuidar no libro onde jaz a sabença. Perque com ei já ouvi, a o soibe de Rabi-Sangar, mei mestre, foi no segre quando pelas garrupas do terrenho andavom os Portuguezes a feiçom de bestiaes que nom sabem.»

—

Carta da abbadessa de Lorvão a D. Affonso III

(*Escripta a 1 de dezembro de* 1270 (?)

«Ao muy alto Senhor D. Affonso, pela graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, Orraca Rodriguez, Abbadessa, e o convento do Mosteyro de Lorvom, inviamos humildemente bejar vossas mons. Senhor, nos, per boa parança e honra de nos e do Mos-

teyro de Lorvom, recebemos a muy nobre infanta Dona Branca, vossa filha, pera Senhora de nos e do devandito Mosteyro, e todalas cousas que a nos e a este Mostèyro pertencem, e pertencer devem, e metemos sò su poder e sa guarda, que ella em nos, e em todalas cousas devanditas aja tal e tanto poder, qual et tanto ouve a Raynha Dona Tareja, ouve e acostumou a aver na Abbadessa, et nas Donas et no Mosteyro devandito, e nas sas cousas. Um vos pedimos, Senhor, per mercé, que vos plasa, e que o firmedes tombem per nos, como per aquellas que depois de nos vierem. Dado no dito Mosteyro de Lorvom iiij dias, per andar, do mez de dezembro.»

—

Testamento de D. João Affonso d'Albuquerque, conde de Barcellos (1304)

«Em nome de Deos amen. Eu o Conde Dom Joom Affonso, temente minha morte, pero com todo meu ciso et meu entendimento, faço meu testamento em esta guisa.

Primeiramente dou a minha alma a Deus et á sa Madre Santa Maria, et mando meu corpo sotterrar em o Mosteyro de Pombeyro. E perque eu fiz muitas malfeitorias, et em muitos logares o que nom podia dar recado, nem fazer d'ellas emenda assi como devia, mando que todolos dinheiros, e todalas cousas moveis, que eu ei, tambem os dinheiros que sabe o Mestre do Templo, et Gomes Paes, et Egas Lourenço, como os dinheiros que estom em Albuquerque para lavrar esta villa, que tragom todo a El Rey meu Senhor, e peço lhe por mercé e pela fiusa que eu em el ei, que faça todo dar per Deos, que nom fique ende nada, per aquelles a que ei era teudo. E se el achar que eu trazia vinhas, ou casaes, ou herdades d'alguem, como nom devia, peço-lhe per mercé que lhas faça entregar a seus donos, assim como el vir que direito será. Outro si mando a Gomes Paes, que dê o meu Castello d'Albuquerque que de mi tem, a meu Senhor El Rey. E vós, Senhor, devedes a saber que o feyto d'Albuquerque passou sempre assi em guisa que o ouverom os filhos mayores. E peço a vós, Senhor, per mercé, que o entreguedes a Tareja Martins, minha filha e vossa criada. E, Senhor, bem sabe Deos, e vós, que sobre a minha fazenda, nom ei outrem se nom vós. E per fiusa que em vós avia leixo todo em vós. E per vós foste desto mais certo, mandei eu fazer esta minha carta aberta, et sellada com o meu sello nas costas, estando deante Frey Estevom Martins, meu confessor, et Frey Martim Escola, da Ordem dos Prégadores et Egas Lourenço, meu clerigo. Feyta em Lisboa cinco dias andados de Mayo. Era de mil et tresentos et quarenta e dous annos.» (1304 de Jesus Christo.)

—

Dois sonetos attribuidos a D. Affonso IV ou a seu irmão bastardo D. Affonso Sanches, sobre o «Amadis de Gaula» [1]

(Escriptos entre 1345 e 1350)

Bom Vasco de Lobeira, e de grâ sem,
De pram, que vós avedes bem cantado
O feito d'Amadis o namorado,
Sem quedar ende per contar hirem.

E tanto nos aprogue e a tambem
Que vós seredes sempre ende loado,
E entre os homes bós por bom mentado,
Que vos lerom adeante, e que hóra lem.

Mas porque vós fisestes a fremosa
Brioranja amar endoado hu non amarom.
Esto cambade, e compra sa vontade.

Ca eu grâ dó de a ver queixosa,
Per sa gram fremosura, e sa bondade,
E er perque o fino amor nom lho pagarom

—

Vinha amor pelo campo trebelhando
Com sa fremosa madre, e sas donzellas,
El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
Ja de arco e de sas setas nom curando.

Brioranja ahi a sasom sia pensando
Na grâ coita, que ella ha, e vendo aquellas
Setas de amor, filha em sa man huâ d'ellas,
E metea no arco, e vay-se andando.

[1] Vide a nota no fim d'este artigo.

Des hi volveu o rostro hu amor sia
El, disse, ay, traydor, que me has fallido,
Eu prenderey de ti crua vendita.

Largou a mam, quedou amor ferido,
E catando a sá sestra, endoado grita,
Ay, mercé, a Brioranja, que fugia.

—

Poesia feita por D. Pedro I á morte da sua querida D. Ignez de Castro

(*Escripta entre 1355 e 1357*)

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mim causou.

E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fim,
Recebo-vos, vida minha,
Per Senhora, e per Raynha
D'estes Reynos e de mi.

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causárom,
Nom huma vida, e nom mais,
Mas duas vidas matárom.

A vossa acaba jaa
Pelo que non foy culpada,
E a minha, que fica quaa,
Com saudade seraa
Pera sempre magoada.

Oh crueldade tão forte
E injustiça tamanha!
Vio-se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar-se-ha per maravilha
Minha alma tam verdadeira,
Pois morreis d'esta maneira.
Eu serei a Torturilha
Que lhe morre a companheira.

Hi, Senhora, descançada,
Pois que vos eu fico quaa,
Que vossa morte seraa
(Se eu viver) bem vingada!

Por isso quero viver,
Que, se per isso nom fôra,
Melhor me fora, Senhora,
Com vosco logo morrer.

Que cousa ha esta que vim
Ou onde m'ensanguentei,
Senhora, eu vos matei,
E vós matasteis a mi!
Sangue do meu coraçom
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeu sem razom,
Eu lhe tirarei o seu.

—

Relação da morte de D. Pedro, o cruel, rei de Castella

(*Escripta no anno de 1369*)

Foy morto o muy alto e muy nobre Dom Pedro, Rey de Castella e de Leom, no mez de Março, em Montiel, que he d'este senhorio; o qual foy morto a traiçom, que lhe foy bastida per Dom Henrique, seu Irmom, et pera o haver em seu poder, que o matasse, foi ende o Corrector Dom Beltrom de Resquim, que áo dito Dom Henrique o vendeu per grande falcidade; logo o muy alto e muy nobre Dom Fernando, Rey de Portugal, primo do dito Rey Dom Pedro, esguardando o grande devido que com elle havia, tratou grandes e cruas guerras, e durom hora, á feytura d'isto. Feyta no Mosteyro de Santa Crux de Coimbra, aos 16 de Setembro. (1369)

—

Carta de D. João I (sendo ainda só governador do reino) ao abbade de Alcobaça

(*Escripta em 1384*)

Dom Abbade, Amigo. Nos o Mestre d'Aviz vos enviamos muito saudar. Fazemos vos saber que as Donas do Mosteyro de San Bento da cidade d'Evora elegerom per Abbadessa a Mor Paes, Freyra professa no dito Mosteyro, per que entendem que he pessoa idonea e pertencente pera aquelle cargo, e outro si grande serviço de Deos, e sua prol a todos geralmente, pela qual nos enviou

pedir per merce Nunalvares Pereira que vos escrevessemos, e quisessedes confirmar per Abbadessa, perque hé mulher que ha com elle devido; e nós, vendo em como ella hé bem discreta e virgem, e casta, e tal que merece o dito estado, e outro si per honra de Nunalvares, que hé homem de quem nós recebemos grande serviço, como sabedes; porem vos rogamos muito aficadamente que vosprasa de a querer confirmar per Abbadessa, e nom outra nenhuma, perque sede bem certo que nós entendemos bem que hé de serviço de Deos, e em esto fasedes cousa que nós muito vos agradecemos. Feyta em Torres novas, 19 desembro. (1384)

—

Poesia feita a Lisboa, pelo infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte (o que morreu em Alfarrobeira)

(Escripta pelos annos de 1430)

Porque tu foste a colheyta [1]
Daquelle Grego sesudo
Tam matreyro;
A te fés toda bem feyta [2]
Neste logo tam sabudo [3]
A neste outeyro.

A depois de muitos segres [4]
Sergueo de ta semente [5]
A desta Terra,
O Annibal Carthages [6]
Que ós Romons, et sa gente [7]
Armou crua guerra [8]

[1] *Colheyta* ou *acolheyta*, refugio, quartel, acolhida, abrigo, acolhimento, etc.
[2] *A*, no antigo portuguez correspondia á nossa actual conjuncção *e*.
[3] *Logo, sabudo*, logar, sabido.
[4] *Segres*, seculos.
[5] *Ta*, tua.
[6] *Carthages*, carthaginez.
[7] *Romoms*, romanos.
[8] É preciso advertir que, conservando religiosamente a orthographia dos *trechos* que copio, augmento, onde é essencialmente preciso, alguns assentos ou pontuação, para mais facil intelligencia d'elles.

Resposta do infante D. João, a seu irmão o rei D. Duarte, quando este lhe perguntou a sua opinião sobre a continuação da guerra de Ceuta. [1]

(Escripta pelos annos 1435 a 1437)

Senhor, sj per doutrinas e ensinanças de Jesus Christo, e de seus Apostolos, nos havemos de reger; esta guerra de mouros, nom estaa muito certo sj hé della servjdo; sej porem que a Santa Scriptura, per preegações e vjrtuosos exempros de vjda, os manda converter: e sj per outra maneyra Deos fora servjdo, permitjra e mandara que em seus erros e damnada contumacia usaramos de nossas forças e ferro atee seerem convertidos a sua fee: e isto ajnda nom vi nem ouvj que se achasse em authentica scriptura. E as indulgencias, e remissões de peccados, que pera esta guerra o Papa outorga, nom teem effectuosa força de ley pera obedecer, nem de regra pera de necessidade seguir ca estas presupoem necessidade que aquj nom ha, e santa vontade, e boa devoçom, que os menos nella levom. E mais bem sej que per mil dobras que enviemos a um Cardeal, pera fasermos uma muj pequena obra de misericordia, no las inviaara outorgada do Papa com graças muito maiores. Nem os milagres que n'esta guerra as veses parecem, e per ventura se fasem, nom os hej per testimunhos de seer vontade de Deos que a façamos; perque taes e maiores se fiserom e fasem em terra e sangue de christoms contra christoms, o que per qualquer interpretaçom nom hé serviço de Deos, e porem seu incomprensjbil juiso o permite assj.

—

Fragmento de uma carta escripta pela propria mão de D. Affonso V, ao chronista Gomes Eannes d'Azurara.

(Escripta pelos annos 1476)

Gomes Eannes, Eu vos envio muito saudar: vi huma carta, que me enviastes por

[1] Transcrevo esta carta, não só para se ver o aperfeiçoamento que hia tendo a lingua portugueza; mas, e sobre tudo, para conhecimento do são juizo e desassombrado modo de expender a sua opinião, de que n'ella nos da provas incontestaveis este sisudo principe.

Affonso Fernandes, com que muito folguey, por saber que ereis em muito boa disposição da saude, porque certo, tanto tempo havia, que vós la ereis, e eu não via carta vossa, que havia por muito certo que de alguma infirmidade ereis occupado; porque não podieis escrever, e desto dou por testemunha ao reverendo Padre Bispo de Lamego, com quem eu muitas vezes fallava, que causa seria para me não escreverdes? Que por muy sem duvida tinha, que não seria por mingua de vontade, e lembrança vossa: e muito me prouve saber como o conte D. Duarte vos aposentara; e o gasalhado que delle recebestes: e, posto que assim o deva fazer por sua virtude, eu lho agradeço muito, e vós assim lho disey da minha parte.

Não he sem razão, que, depois d'aquelles Princepes ou Capitães, que fazem os feitos dignos de memoria, aquelles que depois de seus dias os escreveram, muito louvor merecem. Bemaventurado, dizia Alexandre, que fora Achilles, porque tivera Homero por seu escriptor: que fora dos feitos de Roma, se Tito Livio os não escrevêra? e Quinto Curcio os de Alexandre; Homero os de Troya; Lucano os de Cesar; e assi outros Authores muitas cousas, que são dignas de memoria, quanto são dignas de ouvir, e ler, pelo bom estylo em que forão escriptas.

Lesse no primeiro de Tito Livio, como vós melhor sabeis, que, se não fôra a oração que fez em Roma um nobre Varão d'aquelle tempo, todo o povo romano fôra perdido: muitos são os que se applicão ao exercicio das armas; e muy poucos ao exercicio da arte oratoria: assi que pois vós sois n'esta arte assás ensinado, e a natureza vos deu muy grande parte della, com muita rasão eu, e os Princepes de meus reynos, e capitães devem haver por bem empregada a mercê que vos seja feita, muitos por certo vos são obrigados; porque ainda que os feitos de Cepta sejão assás de recente, depois que eu vi a Chronica que vós d'elles escrevestes, a muitos fiz honra e mercê, com melhor vontade, por ser certo de alguns bons feitos, que lá fiserão, por serviço de Deos, e dos Reys meus antecessores, e meu; e a outros por serem filhos daquelles, que assi la bem servirão; do que eu não era antes em tão comprido conhecimento.

. . . . . .

O meu vulto pintado, eu o não tenho para agora vo-lo poder enviar; mas o proprio praserá a Deos que vereis lá em algum tempo, com que vos mais deve praser. A vossa irmãa haverey em minha encommenda, segundo me escreveis, etc.

(Quem quizer lêr esta interessante carta na sua integra, veja — *Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarve*, por Balbi, tom. 2.º — *Appendix*, pag. IX).

Vejam os modernistas, que tanto gritam contra o despotismo e ignorancia dos nossos antigos reis, com que franqueza e familiaridade escrevia o bravissimo D. Affonso V, o *Africano*, a um seu simples vassallo: com que deferencia e attenções o tratava, e quanta instrucção revela a sua carta. [1]

—

Poesia feita por Ayres Telles de Menezes, sobre a peste que houve em Lisboa, em 1481.

(Foi escripta durante o contagio ou pouco depois)

De pungentes estimulos ferido
O Regedor dos Ceos, e humilde terra,
Sobre ti manda, desastrada Lysia,
Effeitos da sua ira.
A peste armada, destruir teu povo
Ao seu leve aceno vôa logo,
Estraga, fere, mata sanguinosa
Despiedada e crua.
Despenhada no abysmo da ruina
Fugir pretendes aos accesos rayos
Qual horrida fantasma, porem logo
Desfallecida cahes.

O açoite do Céo lamenta, oh Lysia,

[1] D Affonso V não só era um valorosissimo e intelligente guerreiro, mas tambem um dedicado protector e cultor das lettras. Fallava a lingua portugueza com tal precisão e elegancia, que parecia composição estudada.

Mas ainda muito mais os teus errores,
Que provocar fizerão contra ti
Contagião mortal.
Dos Ceos apagar cuida a justa sanha,
Da penitencia com as vastas aguas,
Já que revel e surda te mostraste
A seus mudos avisos.
Então verás ornada a nobre fronte
Como nos priscos tempos que passárão
De esclarecidos louros signal certo
De teus almos triumfos.

—

Elogio da lingua portugueza, escripto por Manuel Severim de Faria; o qual é simultaneamente em latim e em portuguez.

O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, noblissima Lingua Lusitana! Cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas, inflamas! quam altas victorias procuras! quam celebres triumphos speras! quam excellentes fabricas fundas! quam perversas furias castigas! quam feroces insolencias rigorosamente domas! manifestando de prosa e de metro tantas elegancias latinas.

—

Soneto dedicado ao traductor das «Georgicas» de Virgilio, por José Barroso d'Almeida; e que é tambem escripto em portuguez e latim.

Cantando-te per modos eminentes
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excusando estás musas humanas,
Quanto a divino stylo differentes.

De Phaebo spera tu palmas florentes,
De cujo solo, o bella Aurora, manas,
Ante confusas nubes virgilianas,
Manifestando luces refulgentes.

AEternamente docta, Phoenix rara,
Vivas felix, per modos peregrinos,
Mantuanas reliquias renovando.

A cuja gloria es Lusitania, clara
Mantua, dando stylos tam divinos,
Parthenope memorias conservando.

Ha em Portugal uma grande diversidade de opiniões sobre a epoca em que viveu Vasco de Lobeira, auctor do *Amadis de Gaula.*

Manuel de Faria e Sousa e mais alguns escriptores o fazem contemporaneo do rei D. Fernando, sem comtudo darem provas convincentes; em quanto que o maior numero, e os escriptores estrangeiros, suppõem que elle floresceu pelos fins do reinado de D. Diniz.

Os dois sonetos sobre o *Amadis,* que ficam classificados como pertencentes á época do reinado de D. Affonso IV, viriam em apoio da ultima opinião, se elles fossem incontestavelmente de algum dos principes a quem são attribuidos; mas Faria e Sousa os cita como composições do infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte (tio e sogro de D. Affonso V, regente do reino na menoridade d'este rei e morto em Alfarrobeira), sem notar quanto elles differem, quanto á linguagem, dos versos feitos á cidade de Lisboa pelo mesmo infante D. Pedro, e que ficam classificados como da epoca do reinado de D. Duarte.

No discurso que precede a primeira edição das obras de Antonio Ferreira, seu filho Miguel Ferreira, pretende que estes dois sonetos foram compostos secretamente por seu pae, na linguagem do tempo de D. Diniz, e que a indignação bem conhecida dos infantes, filhos d'este rei, contra Vasco de Lobeira, por elle ter feito tão desgraçada a formosa Brioranja (ou Briolanja) em seus amores, tinha dado logar a que elles fossem atribuidos a D. Affonso IV; mas Miguel Ferreira não adduz prova alguma em favor d'esta asserção.

Pessoas dignas de fé, que viram o manuscripto original do Amadiz, quando elle passou para o real archivo (pela confiscação dos bens do duque d'Aveiro, em cujo feudo estava) asseguram que elle é perfeitamente similhante aos manuscriptos de D. Diniz, pela linguagem, calligraphia, etc etc.

—

Como meu intento é sómente reproduzir excerptos de linguagem sob os differentes reinados que precederam aquelle em que a lin-

gua portugueza se fixou definitivamente, não hesito em atribuir os dois sonetos ao reinado de D. Affonso IV, seguindo n'isto a opinião do maior numero.

—

Na epoca do reinado de D. Duarte, juntei aos versos de seu irmão, o infante D. Pedro, uma carta, de seu irmão, o infante D. D. João, como prova da incerteza da orthographia n'aquelles tempos.

Sobre tudo do reinado dos dois Sanchos, o que ha escripto é mais inintellegivel ainda do que o dos reinados anteriores, o que se póde atribuir aos desastres d'estes dois reinados, os quaes (desastres) suspenderam o progresso das luzes, e mesmo o fizeram retroceder.

GERAZ — (Santo Estevão do)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhozo (foi até 1855 do concelho de S. João de Rei) 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santo Estevão, protomarty.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O sacro collegio patriarchal, apresentava o abbade, que tinha 600$00 réis.

E' terra muito fertil.

Querem alguns escriptores que foi aqui a cidade romana chamada *Forum Lemicorum*; é duvidossissimo.

Ha mais probabilidade que fosse no sitio da actual Ponte de Lima, ou proximo.

Foi primeiro abbadia dos condes do Sabugal.

Está n'esta freguezia a torre de Berrêdo, solar dos Berrêdos, que procedem dos Osorios Ribeiros, senhores d'esta casa e quinta que foi de D. Martim Paes Ribeiro, do qual tomaram o appellido.

Andam agora unidos com os Pereiras; porque D. Maria de Berrêdo casou com Ruy Vasques Pereira, pelo que depois se chamaram Pereiras de Berrêdo.

Era d'esta familia a celebre e formosissima D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*,) amante de D. Sancho I.

Suas armas eram— escudo esquartelado, no primeiro quartel, o escudo d'Aragão, que são 4 barras de purpura em campo d'ouro, no segundo o escudo dos Vasconcellos, e assim os contrarios. Timbre, um lirio d'ouro, floreado.

Para as armas dos Paes, vide Mnagualde; para as dos Ribeiros, vide Lourinhan; para as dos Pereiras, vide Feira.

Tambem aqui ha a quinta de Paços, muito honrada em tempo do Rei D. Diniz, por ser de D. Thereza Paes Bugalho, irman de Ruy Paes Bugalho.

—

GERAZ DO LIMA (Santa Leocadia do) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago a mesma Santa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É fertil e rica, e tem muito gado.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis annuaes.

No alto do monte existem as ruinas de um castello, que dizem ter sido fundado pelos túrdulos, 400 annos antes de Jesus Christo (vide *Facha.*)

Tambem aqui ha uma pedra espherica, que, de noute, fallando-se de certo sitio, repete claramente as palavras. De dia, batendo-lhe, vibra como se fosse de metal.

Geraz do Lima foi concelho, que o rei D. Fernando deu a Lopo Gomes de Lira. D. João I, deu a Ruy Mendes de Vasconcellos, e depois, a Fernão Annes de Lima fidalgo gallego, que deixou sua casa e veio ajudar o rei, no cêrco de Tuy.

Nas Doações antigas se mandava, que entrando aqui os senhores da terra, seria conforme o uso de Biscaia, que era com o pé direito descalço.

GERAZ DO LIMA (Santa Maria do) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago a mesma Santa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis annuaes.

É tradição que esta egreja foi de um antigo convento benedictino que aqui houve, e de que ainda ha vestigios.

Está n'esta freguezia uma torre a que chamam o *Paço*, que foi dos senhores d'este concelho. Passou aos Bezêrras, que a possuem por compra. Era vinculada.

GERAZ (Santa Tecla do) freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 12 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Está unida á freguezia de Santo Estevão do Geraz. (O primeiro nomeado.)

GERAZ DO LIMA—Minho, concelho extincto, que abrangia as freguezias de Santa Leocadia e Santa Maria (do Geraz) na comarca de Vianna.

Orago Santa Marinha.

Tinha este concelho foral, dado em Lisboa, por D. Manuel, a 2 de junho de 1515.

N'elle se lhe dá o nome de *Jaraz*.

Vide *Geraz do Lima*, Santa Leocadia.

GEREZ — Cordilheira notavel nas provincias de Traz-os-Montes e Minho. Estende-se de NE. a SO. desde a povoação de *Pitões*, no sitio de *Fonte Fria*, até *Rio-Caldo*, na extensão de 35 kilometros, com 18 de largura. Isto pelo que respeita á parte da serra, que está em territorio transmontano.

Proximo d'este sitio, e ao N. de Pitões, se encontra a mina de ferro magnetico e *pedra de Sebar* (iman ou magnete.)

A formação geologica d'esta serra pertence ao terreno chamado *primittivo*, e é formada em grande parte pelo granito silicioso.

Seus picos são formados por descarnadas e alcantiladas rochas, d'enorme altura e aspecto medonho.

Segundo Link, a maior elevação d'esta serra, está a trez ou quatro mil pés a cima do nivel do mar, o que é êrro—Balbi, que medio estes pincares, dá ao da *Gabiarra* 2:467 metros, ao do *Bogarreiro* 1:600, e ao do Marão, 1:467.

—

Tem grandes mattas e plantas alpinas. Cria lôbos, javalís, cabras selvagens (*capra œnagrus, de Lin.*) veados, rapozas e muita caça miuda.

Tem aqui apparecido *lobos cervaes*. Em 1728 se matou um. Pelos annos de 1805, na freguezia de Cabril, matou o lavrador João Bernardo Pereira, outro animal d'esta especie. Na freguezia da Granja (concelho das Boticas) se matou outro, em 1825. Tambem aqui houve ursos; mas os fogos dos pastores os espantaram. O ultimo que aqui appareceu e se matou, foi em 1650.

Por esta serra passa a célebre via militar romana chamada a *Geira*. (vide esta palavra.)

As célebres *Caldas do Gerez*, são na freguezia de *Villar da Veiga*.

Ha n'esta serra minas de ouro (no rio de Cabril) manganez (junto á extincta fabrica de vidros) *aguas marinhas, turquezas, amethístas* (das quaes se tem feito formosos aderêces) *cobre, chumbo, ferro, crystal de roca* e carvão fossil.

Varias freguezias estanceiam nesta serra. Vide *Campo do Gerez, Covêllo do Gerez e Parada do Gerez*.

É abundantissima d'aguas, e n'ella nascem o *Homem* e grande nnmero de ribeiros.

Nos alcantís do Gerez fazem seus ninhos as aguias reas, os bufos, as garças e outras aves de rapina.

O conde de Hoff, Brótéro e outros naturalistas dizem que ha aqui grande numero de plantas raras, sendo as mais notaveis—*azereiros, teixos, juníperos, plátanos, azevínhos, uvas selvagens, cornogadinhos, sôrvas, betonicas, abróteas fragárias, medronheiros, cistos, airas, amieiro preto*, e grandissima variedade de plantas medicinaes.

—

Quasi todas estas circunstancias se dão na parte da serra que se estende na provincia do Minho. É aqui ainda mais pittoresca pela variedade de perspectivas que apresenta. Retalhada em todos os sentidos, por innumeras torrentes de frígidas e crystalinas aguas cobertas de florestas virgens até ao meio da altura, nas lombas mais elevadas; e nas inferiores até ao seu cume erriçada de rochedos, que se elevam aos ares por entre denso arvorêdo, ou se penduram imponentes e ameaçadores sobre pequenos mas profundos

valles, dominados em quasi toda a sua extensão por alcantis escalvados e temerosas agulhas de formas fantasticas.

Nas faldas d'estas montanhas ha, em grande cópia, prados sempre verdes, onde pascem descuidosos rebanhos de bois, cabras e ovelhas, quasi tão selvagens como o Gerêz.

—

Para o lado E. (Traz-os-Montes) até *Barroso*, é o Gerez quasi todo inculto e deshabitado, apesar de ter algumas campinas de optima terra vegetal, sendo as principaes— *Lâmas d'Homem*, *Chan da Fonte*, *Chan das Mêsas*, *Chan de Lionte e Chan Longa*. Pelo meio d'ellas correm varias fontes, que vem formar ao sopé differentes rios e ribeiros. Sendo os principaes dos primeiros, o *Cávado* e o *Homem*.

—

Para nada faltar aos encantos selvaticamente pittorescos d'estes famosos montes, tambem aqui se encontram não poucos monomentos de construcção romana. Já na palavra Geira, fallei de bastantes, e aqui addicciono mais os seguintes:

Restos de quatro pontes, que os romanos construiram sobre o rio Homem — chamam-se —*ponte do Arco* (por ter só um) — *ponte d'Albergaria* (por estar construida junto ao sitio onde houve uma casa de acolheita de peregrinos) *Ponte de Monção* (por estar perto uma nascente de aguas medicinaes d'este nome) e *Ponte de S. Miguel* (por causa de uma ermida d'este archanjo, que aqui estava fundada.)

> Consta que havendo uma interdicção no reino, os moradores d'aqui construiram uma capella, dedicada a S. Miguel, em territorio gallego, para ouvirem missa, e que, findo o interdicto, a mudaram para aqui.
> Depois, como este sitio era ermo e remoto, demoliram a capella, levando o santo para a de Nossa Senhora das Mercês, de *Villarinho*. (Parece que este interdicto foi o que teve logar no anno de 1267, reinando D. Affonso III)

Só uma das quatro pontes tinha 3 arcos; as outras eram de um só. Eram todas de bella architectura, sobre a via militar romana, chamada *Geira*. As pedras eram primorosamente lavradas e ligadas admiravelmente com optimo *cimento romano*. Os *pégões* eram robustissimos e lavrados em almofadas, assim como os solidos *corta-máres*.

Eram tão seguras estas construcções, que certamente ainda hoje se conservariam intactas, se D. Gastão Coutinho (general do Minho) as não mandasse demolir, a requerimento do povo, durante as guerras da restauração para evitar as surprezas dos gallegos.

—

Ha grandes indicios de existir um vasto edificio romano, na *Veiga de Santa Eufemia*. Alem de grande numero de pedras lavradas, se achou aqui um cippo, com esta inscripção.

M. C. CAES. C. I. C.
AED. M.

Tantas abriveaturas, tornam isto hoje ilegivel: apenas se conhece que falla de um monumento ou templo, dedicado a Marte. O ultimo verso, tanto se pode ler (adivinhar) templo de Marte, como (as letras *aed*) podem significar *edil* (vereador.)

É uma columna com 1^{m}54 d'altura.

A 500 metros de distancia, se veem 6 baluartes, de forma circular, distando entre si o espaço de 100 metros.

Na planicie chamada *Chan de Linhares*, se veem restos de uma antiga aldeia, formada de casas pequenas, com uma rua calçada de pedra miuda.

Na *Veiga de Santa Eufemia*, está um grande penedo (chamado *da Santa*) em que se veem impressos, signaes de joelhos e pés, pequenos.

É tradição que foram feitos por Santa Eufemia, quando aqui orou prompta a padecer pela fé de Jesus Christo. (Andava fugida á perseguição de seu pae, que era idolatra, e governador romano de Braga.)

A um kilometro d'esta veiga, ao E., (no districto da freguezia de *Covide*) ha um altissimo monte, formado d'enormes penhascos, intermeiados de frondoso arvoredo, e cortados por torrentes de aguas perennes.

É tradição que no alto d'este monte existiu a cidade de *Calcedonia*, de que fallam Strabão, Plinio, Pomponio Mella e outros geographos antigos, e pela qual passava a via militar romana (Geira.)

É verdade que estes escriptores dizem que *Calcedonia* era na parte septentrional da Lusitania; mas o sitio que a tradição marca no tope d'este monte, como assento de uma cidade, apenas podia dar logar a uma não muito vasta fortaleza, e lá estão os vestigios d'ella, que se suppõe construida pelos lusitanos e romanos, no V seculo, para resistirem ás hordas germanicas.

A via militar passava ao sopé d'este cabeço. (Veja-se *Covide* a pag. 431 do vol. 2.º e Geira.)

—

Em um valle pouco distante d'este sitio, se viam ainda no fim do seculo XVIII umas *fileiras* de pedra bem lavradas de 4ᵐ72, de altura, redondas, mais grossas na parte superior do que na inferior—diz-se que foram assim collocadas para defenderem os ursos de hirem ás colmeias.

Segundo o padre D. Jeronymo Contador d'Argote (*Mem. de Braga*, tom. V, pag. 392) usavam os ursos de um estratagema para comerem o mel. Era o seguinte: abraçavam-se a um cortiço e o rolavam até onde houvesse agua, afogando n'ella as abelhas, para, sem perigo poderem satisfazer o seu desejo.

Na freguezia de S. João do Campo, por onde passava a Geira, ha varias inscripções romanas. Para evitar repetições, vide *Campo do Gerez*, a pag. 64 do 2.º volume.

—

Ao N. de Braga (a distancia de uns 30 kilometros) nos limites de Santa Cruz, ha um sitio chamado *Cantos da Geira*, alli se acharam diversos pedaços de columnas, enterrados, e duas columnas, tendo uma 1ᵐ,54, com uma inscripção muito gasta —a outra tinha 2ᵐ,64 d'altura, sendo 1ᵐ,54 á vista, com 2ᵐ,31 de circumferencia, com a seguinte inscripção:

IMP. CAES. M.
AUR. CARO...
...INVICTO...
P. C. P. M. X. TR. P.
....AUG. P. P. XV.

Quer dizer:—*Esta columna se dedicou ao imperador Cesar Marco Aurelio Caro, invicto, proconsul, pontifice maximo. Investido dez vezes do poder tribunicio. D'aqui a Braga são 15:000 passos.*

—

Grande numero de marcos milliares (vulgarmente chamados *padrões romanos*) ainda existem em differentes freguezias que estanceiam paralellas á via militar romana.

Para não cançar o leitor com repetições, vão estes padrões nas freguezias onde pertencem, ou onde foram achados.

—

Aguas thermaes do Gerez [1]

Rebentam de muitas nascentes abundantissimas em volta de um grande rochedo, sobre a encosta da cordilheira do Gerez, a 30 kilometros de Braga e de Guimarães e a 5 da freguezia de *Villar da Veiga*, em territorio d'esta freguezia.

Ainda que estas aguas pareçam derivar de um mesmo reservatorio subterraneo, apresentam entretanto temperaturas differentes, nos varios tanques a que são dirigidas em razão das distancias maiores ou menores que teem de percorrer.

Os banhos principaes são conhecidos sob os nomes de—*forte*, *contra forte*, e *da bicca*. O 1.º tem a temperatura de 45º a 48º centigrados — o 2.º de 49º centigrados—e o 3.º de 42º a 45º5 centigrados—mas ao sahir do reservatorio, o mesmo thermometro marca uma temperatura mais elevada, oscillando entre 54º e 63º centigrados.

As aguas thermaes do Gerez, tão notaveis pela sua alta temperatura, apresentam comtudo uma composição chimica simplicissima; contem apenas por 1 kilogramma d'agua 02gr.,675 de principios fixos—são silicatos

[1] Traducção do relatorio da analyse feita na exposição universal de Paris de 1867.

e chloruretos alcalinos e uma pequena quantidade de saes cálcareos e de magnesia.

São limpidas e crystallinas, muito leves para o estomago, e sem gosto nem cheiro— Gosam de grande e antiquissima reputação pelas suas propriedades therapeuticas.

Já eram famosas no tempo dos romanos que as applicavam para a cura de varios padecimentos.

GERMELLO — Vide Jermêllo.

GERMIL — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 30 kilometros a ONO. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior dos conegos regrantes (crusios) de S. Theotonio de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis annuaes.

GERMIL — freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 18 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro, do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha de congrua 6$000 réis e o pé d'altar.

GESTAÇÓ — Vide *Campo de Gestaçô.*

GESTAÇÓ — villa extincta, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 60 kilometros a NE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado, e districto administrativo do Porto.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de maio de 1514.

Foi muitos seculos concelho. (Vide *Amarante.*)

N'este extincto concelho passam os rios *Tâmega, Dólo* e *Ovelha.* Todos regam, moem e trazem peixe.

Feira no 1.º de cada mez.

Produz poucos cereaes e pouco vinho e fructa, mas muita castanha, azeite e nozes. Cria muito gado e ha aqui muita caça e muitas colmeias. Tem muita pedra calcarea (carbonato de cal).

O primeiro senhor de Gestaçô foi o infante D. Pedro, conde de Barcellos, (o que compoz o *Livro das Linhagens*) que lh'a deu seu pae, D. Diniz, em 15 de setembro de 1306, e como não teve successores, vagou para a corôa.

D. João I fez mercê d'este senhorio a Gil Vasques da Cunha, que procede de D. Guterres. Casou com D. Isabel Pereira, filha de Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato e irmão de D. Nuno Alvares Pereira. Foi seu filho João Pereira Agostim, que se diz fôra um dos *Doze d'Inglaterra*, e que tomou o appellido *Agostim*, porque o inglez que lhe coube em sorte, e que elle matou assim se chamava. É d'esta familia o nosso celebre embaixador em Roma, Tristão da Cunha.

Para as armas dos Cunhas, vide *Cunha.*

GÉSTEIRA — Vide *Giésteira.*

GÉSTEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Soure; foi até 1855 do concelho de Abrunheira, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É freguezia muito antiga e pertencia ao reguengo da *Milharada.* O mosteiro de Ceiça deu em 1217 (1179) foral ao logar de *Colles* d'esta freguezia. (Vide *Colles.*)

O D. abbade cisterciense de Ceiça apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis.

É notavel a aldeia de *Carregosa*, d'esta freguezia, pelas suas antiguidades. (Vide *Carregosa*, aldeia.)

É terra fertil e bem situada.

GESTOSA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 90 kilometros a NO. de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis.

Não pude saber a causa de tão espantoso decrescimento de população. Note-se que ainda os 50 fogos actuaes, comprehendem os da freguezia extincta de *Tresmontes*, que está annexa a esta.

Gestosa decahiu tanto que até deixou de ser parochia, estando annexa a Villar Sêcco da Lomba, e para tornar a constituir-se em freguezia independente, foi preciso unir-lhe a tal de Tresmontes.

GESTOSA — aldeia, Douro, freguezia de Escariz, no extincto concelho de Fermêdo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao O.

Bispado do Porto, d'onde dista 35 kilometros ao S.; districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 60 kilometros a NO. 275 ao N. de Lisboa.

É terra fertil.

Situada nas faldas do monte do Castêllo, sobre a estrada do Porto a Viseu.

Nas suas proximidades ha monumentos celtas (no *Cruto*, vide esta palavra) e proximo ás *Lagoas de Gestosa*, ha vestigios, em muitas partes, de varios edificios, que mostram ter sido totalmente arrasados.

Ha mais em Portugal 33 aldeias chamadas *Gestosa*, sem coisa digna de menção.

GHURGO — portuguez antigo — *Jorge*, nome proprio de homem. Tambem se dizia *Jurgio* e *Jurgo*.

GIÃO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao NE. da Feira, 10 ao SO. do Douro, 25 ao S. do Porto, 20 ao NE. do Oceano, 285 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em um ameno e fertilissimo valle, muito abundante de aguas e cercada por alguns montes de pouca elevação.

A matriz é bonita e foi construida no meiado do seculo passado. Tem um pequeno mas bonito cemiterio, a uns 300 metros ao N. da egreja.

A abbadessa do convento de S. Bento de Ave-Maria, do Porto, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha aqui a grande casa da *Beira*, que, segundo a tradição, foi em tempos remotos mosteiro de freiras benedictinas, que se annexou ao da mesma ordem, do Porto. É certo que estas freiras ainda aqui teem muitas rendas. A casa da *Beira* e a sua vastissima e optima quinta são hoje propriedade do sr. Moura.

Produz muitos cereaes (principalmente milho) bastante vinho verde; fructa, algum azeite e é abundante em pastos, pelo que cria muito e bom gado bovino e lanigero.

Tem muitos pinhaes, cuja madeira e lenha exporta constantemente para o Porto.

O seu primeiro orago era *S. Gião* (S. Julião) do qual tomou o nome. Não sei quando nem porque deixou de ser padroeiro.

Em 1836 ou 1837, appareceram aqui em uma *saibreira*, proximo ao logar do Outeiro, mais de mil *aerolithos*, todos juntos.

As tres casas mais ricas d'esta freguezia são as de tres familias que enriqueceram no Brasil.

Os srs. Mottas Marques, da aldeia de *Azevedo*, tres irmãos *brasileiros*, (dos quaes já morreu um). Os srs. Pereiras, do *Outeiro* (quatro irmãos) e os senhores Freitas, de *Canedinho* (tambem quatro irmãos, dos quaes morreram dois.)

GIÃO (Castello de S.) — Minho, na freguezia de *Caldellas* ou *Ponte de Caldellas*, concelho, comarca e 4 kilometros a NE. de Villa Verde. (Vide *Ponte de Caldellas*.)

Ao NO. da egreja matriz está um alto cabêço, denominado *Monte do Castello de S. Gião*. No seu cume está uma capella dedicada a S. Gião (Julião).

Veem se n'este monte muitos vestigios de fortificações e uma escavação profunda e larga, chamada *Cóva da Moura*. Está hoje quasi entupida pelos pastores. Dizem que esta cóva era uma galeria ou *tunnell* subterraneo, que chegava ao rio Homem, que fica a 2 kilometros de distancia.

Ha annos, andando um lavrador a arrotear uma bouça, sita nas faldas d'este mon-

te, achou um canno feito de tijolos, que indicava ser uma parte da tal galeria.

GIÃO (S.) — aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajoia, concelho, comarca, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa; no districto administrativo de Viseu.

Tem esta aldeia 120 fogos.

—

Ha aqui uma capella (dedicada a Nossa Senhora da Encarnação) superior a muitas egrejas parochiaes. Está perto da povoação, no sitio mais alegre e pittoresco da freguezia, É bastante espaçosa, com dois alttares lateraes e o altar-mór, com throno.

Tem uma excellente sachristia, e sobre ella a *casa da fabrica.*

Fazem-se n'esta capella, em cada anno, duas concorridas solemnidades, com apparatosas procissões; uma ao *Senhor dos Milagres*, e outra á padroeira.

Ainda ha poucos annos havia n'esta aldeia onze presbyteros. Hoje ha apenas dois e nenhum alli reside. Um, o rev. sr. Antonio Coelho Diniz, é conego honorario da Sé de Lamego, escrivão da camara ecclesiastica e mordomo do paço, onde reside. É um dos ecclesiasticos mais dignos e virtuosos da diocese, apesar de não ter hoje mais de 45 annos de edade.

O outro é o sr. Fr. Manuel Pinto Coelho, egresso, que é professor de latim na Régua. Ancião de muito merecimento, e não vulgar illustração; sabe francez e grego e é um profundo theologo. É varão exemplarissimo. Foi mestre do sr. conde de Samodães, que o honra, tanto pelo seu saber como pelo seu comportamento moral e religioso, que póde servir de modelo e nórma ao que quizer occupar um logar eminente na sociedade. (Vide *Samodães.*)

—

José Fernandes d'Almeida (filho de outro de egual nome) d'esta aldeia, deve mencionar-se aqui como um exemplo do que póde a coragem, a perseverança e o amor ao trabalho. Herdando uma boa casa; mas cujas dividas excediam o valor d'ella, viu todos os seus bens postos em almoeda e arrematados na praça. Não desanima—pelo contrario, emprehende reconstruir a casa de seus paes, e, bafejado pela fortuna, com uma herança, e á força de trabalho, conseguiu ser um dos maiores proprietarios actuaes da freguezia, e tem sido algumas vezes eleito vereador da camara de Lamego.

—

Pelos annos de 1770 morreu uma mulher d'esta aldeia, que deixou por sua alma treze mil missas (!) Era uma boa proprietaria.

—

O territorio d'esta aldeia é (como a maior parte da freguezia) fertilissimo, coberto em grande parte por vinhedos, que produzem mais de 100 pipas de optimo vinho, annualmente.

A povoação é unida e muito bem situada, atravessando-a uma estrada-rua.

O seu clima é ameno e saudavel, como o resto da freguezia.

D'aqui se vê a Régua, S. Domingos da Queimada, o Marão e varias povoações e serras.

Os homens de S. Gião eram turbulentos e máos, ainda ha poucos annos, sendo temidos até pelo proprio famigerado *fr. Bernardo*, de Mollêdo (vide *Coderneiro*) mas teem modificado os seus costumes, e hoje é um povo de lavradores pacificos e laboriosos.

Actualmente já por alli se póde viajar sem perigo de vida.

GIÃO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

E' terra fertil e cria muito gado.

As freiras benedictinas de Vairão, apresentavam o reitor, que tinha de rendimento annual, 100$000 réis.

A mesma etymologia.

GIÃO DA BARRA (S.) — vide *Julião (S.)* da Barra, Lisboa.

GIÃO (S.) hoje **S. JULIÃO** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e na villa de Gouveia, 60 kilometros a NE. de Coimbra, 255 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Vide Gouveia.

A mesma etymologia.

GIÃO (S.)—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, (foi do concelho de Sandomil) 60 kilometros a NE. de Coimbra, 255 a ENE. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Julião (antigamente S. Gião).

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Penalva d'Alva, apresentava annualmente o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

GIELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

(Giella é contracção de *Julianna).*

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 170$000 réis.

Os Britos, dos Arcos, têem aqui um praso, ao qual a egreja paga 60 alqueires de pão terçado, pela *medida reguenga.* Deu-o D. frei Balthazar Limpo, frade crusio, de Grijó, bispo do Porto e depois arcebispo de Braga, a seu parente, Francisco de Caldas, sogro de Heitor Lemos de Leão, dando-lhe tambem parte da dizimaria de Gontrode, na Castanheira de Coura; e um praso em S. Pedro de Sá.

Está aqui o paço, capella e torre com sua barbacan, que consta ser obra de um D. abbade de Sabadim, que tambem fez a capella de Nossa Senhora da Conceição, nos Arcos de Val de Vez.

Annexa a esta torre está a quinta e uma grande matta. Tudo isto veio a ser da corôa, e D. João I a deu a Fernando Annes de Lima, com metade do senhorio dos Arcos e outras terras, por o ajudar na conquista da cidade gallega de Tuy. (Vide Villa Nova da Cerveira.)

GIÉSTEIRA ou **GÉSTEIRA** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros d'Evora, 100 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de trigo, annuaes.

E' terra fertil em cereaes.

GIESTEIRA—vide Gésteira.

GIL (S.)—vide Pérre.

GILMONDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Gilmonde é nome proprio de homem.)

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis.

Antigamente escrevia-se *Gimonde.*

GIMONDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O reitor de S. Pedro de Bábe, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

GINZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis annuaes.

GIÕES — freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho d'Alcoutim, 60 kilometros a NE. de Faro, 285 ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 480 alqueires de trigo e 60 de cevada, annualmente.

O logar de Giões é uma grande aldeia, mal arruada, mas com boas casas; situada em um outeiro, entre serras. A 500 metros da povoação, tem uma fonte abundante de boa agua.

Boa egreja de tres naves, magnifica capella mór, moderna, e possue os mais ricos paramentos do Algarve.

N'esta freguezia se fabricam tecidos grosseiros de lan, da mesma qualidade e tantos como em Martim Longo.

E' terra de dextros caçadores. Ha aqui muitos almocreves. Seus campos são muito ferteis e bem cultivados.

A freguezia tem 36 kilometros quadrados. Tem poucos arvoredos e poucos mattos; mas tem boas terras de pão, principalmente para o lado do rio Vascão, que corre 3 kilometros ao N. do logar. Cria muito gado.

A ribeira do Vascão separa Giões da freguezia de S. Bartholomeu de Mértola, já no Alemtejo; pelo E. fica-lhe Pereiro, com o qual parte pelo *Barranco do Malheiro*, direito á *Lagôa-Marim* e vae ter á ribeira *Foupana*, que lhe serve de limite ao S., com Vaqueiros, e ao O. com a freguezia de *Martim Longo*.

Para a etymologia, vide *Gião*, de que esta palavra é plural.

GIRABOLHOS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, 75 kilometros ao NE. de Coimbra, 255 ao E. de Lisboa, 215 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Justa.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava annualmente o cura, que tinha 25$000 réis annuaes.

GIRALDO (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte Mór Novo, 30 kilometros d'Evora, 100 a E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago S. Geraldo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 180 de cevada.

GLAFÚRA — vide Galafúra.

GLORIA ou **NOSSA SENHORA DA GLORIA** — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Estremoz, 35 kilometros d'Evora, 145 ao SE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gloria.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

GOÃES — freguezia, Minho, comarca e 11 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 4 kilometros a E. d'Amares, (foi até 1855, comarca de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro), 15 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É muito fertil.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, que tinha 400$000 réis annuaes.

A egreja matriz, situada na extremidade norte da freguezia, é vasta e foi construida pelos annos de 1762. Tem uma boa torre de cantaria, concluida em 1861. Levou quatro annos a edificar. Na noite de 29 para 30 de novembro de 1872, um raio lhe arruinou a cúpula e fez grandes estragos na egreja. Foi logo tudo concertado.

Foi em tempos antigos da comarca da Foz do Lima, visita d'Entre Homem e Cávado e Valle de Tamel.

Ha n'esta freguezia quatro capellas, que são: — S. Lourenço (no monte do seu nome), Santo Antonio, Santa Marinha e Sant'Anna.

A freguezia está situada na margem direita do Cávado (que corre ao S.) em terreno accidentado.

As suas laranjas (conhecidas no Porto por *laranjas do Salgueiral*) são optimas e ha aqui grande abundancia.

Correm n'esta freguezia tres ribeiros — *Salgueiral*, que réga, móe e tem um lagar de azeite que foi do mosteiro de Bouro. Morre na direita do Cávado, com 3 kilometros de curso. *Portozêllo*, réga e móe. Morre na

direita do Cávado, com 1 kilometro de curso. *Ramourel*, réga, móe, tem engenhos de serrar madeira e um lagar de azeite. Morre na direita do Cávado, com 2 kilometros de curso.

GOÃES — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 18 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

GOÃES—vide Guiães.

GODIM, mais vulgarmente **JUGUEIROS**— villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Peso da Regua, 85 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 460 fogos, 1:600 almas.

Em 1757 tinha 252 fogos.

Orago S. José.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 15 de dezembro de 1519. Tinha foral velho, dado em Bustello, em maio de 1205.

Jugueiros, quer dizer — lavradores que estão sujeitos ao pagamento das *jugadas*; por outra, *lavradores que têem bois e carro.* (Vide Jugada, Jugadeiro, Jugadário e Jugueiro).

O arcediago da Régua, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis.

GODINHAÇOS—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella, até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do convento da Graça (Pópulo) da cidade de Braga, apresentava o vigario, que tinha 23$000 réis e o pé d'altar.

Está aqui uma torre, chamada hoje de *S. Mamede*, que, segundo a tradição, foi feita por um mouro, para guardar a sua amante.

GODOS ou **WISIGODOS** — (*wisigodos* quer dizer godos do oeste), povos da Scandinavia. Commandados por Alarico, atravessaram a Grecia, passaram á Italia e tomaram e saquearam duas vezes Roma. Expulsos do meio dia da Gallia, onde se haviam estabelecido, passam á Hespanha, e ahi, depois de submetterem os alanos, suevos e vandalos, dominam até á invasão dos arabes.

Os *ostrogodos* (godos do leste) tinham por chefe Theodorico, o menos barbaro dos chefes barbaros. Penetraram na Italia, onde venceram os *herulos*, em 493, e onde depois foram vencidos pelos *lombardos*. Os *ostrogodos* foram os primeiros povos da Germania que abraçaram a religião christan.

Os godos, senhores das Hespanhas, se foram pouco a pouco domesticando, vindo por fim a tornar-se muito mais pacificos e cultos, e misturando-se com as raças ibericas, e adoptando o catholicismo (elles eram arianos) vieram a formar uma só nação até á invasão dos arabes em 714.

Os *godos* e outras differentes raças do Norte que invadiram a França, as Hespanhas e outras nações da Europa, no seculo V.

Os *burgonhezes*, povos do N. da Allemanha, commandados por *Gondicario*. Invadiram o imperio romano em 407 de, Jesus Christo, e estabeleceram-se na parte oriental da Galliza.

Os *suevos*, povos da mesma procedencia commandados por *Hermanric* (ou *Hermenerico*). Atravessaram a Gallia em 409, e se estabeleceram na Hespanha e Lusitania, e sendo vencidos pelos *visigodos*, se fundiram em uma só nação.

Os *vandalos*, vieram das mesmas paragens, sendo seu chefe *Genserico*. Invadiram a peninsula iberica, juntos com os *suevos*, no mesmo anno de 409, depois de terem devastado a Gallia.

Á chegada dos *visigodos*, passaram á Africa, onde foram vencidos pelo famoso general romano Belisario, no tempo do imperador Justiniano.

Os *alanos*, originarios das proximidades do

Caucaso, na Asia. Era seu chefe *Gonderico*. Atravessaram a Hungria e a Allemanha, reuniram-se aos suevos e aos vandalos, e invadindo e devastando as Gallias, se estabeleceram na peninsula iberica. Foram desbaratados pelos *visigodos*, e os seus restos se incorporaram na nação gothica.

Francos, eram naturaes da Germania, e seu chefe *Pharamond* (ou Faramundo) passaram o Rheno em 418 e se estabeleceram nas Gallias, que dominaram e ás quaes imposeram o seu nome, ficando desde então chamando-se *França*.

Anglos e saxonios, povos do norte da *Germania-Jutlandia*. Foram chamados á Inglaterra em 449, pelos inglezes, para os defenderem de outros barbaros. Derrotados estes se apoderaram da *Bretanha*, expulsando os naturaes, e ahi dominaram até á invasão de *Guilherme o Conquistador*.

Hunos, eram da Scythia, e das fronteiras da *China Septemtrional*. Atravessaram a Hungria, commandados por *Attila*, em 466, e invadiram as Gallias, onde foram derrotados. Retiraram para a Italia, e por morte de *Attila* se estabeleceram uns na Hungria, outros na Polonia e na Russia.

Herulos, originarios da Allemanha. Era seu chefe *Odoacro*. Estabeleceram-se na Italia em 476, sendo depois expulsos pelos *ostrogodos*.

Visigodos (*godos do oeste*), eram *scandinavos*, e commandados por Alarico. Atravessaram a Grecia, e, passando á Italia, duas vezes tomaram e saquearam Roma.

Estabeleceram-se ao sul das Gallias, e sendo d'ahi expulsos, invadiram as Hespanhas, onde submetteram os *alanos*, *suevos* e *vandalos*.

Ostrogodos (*godos de Leste*), tambem *scandinavos*, e tendo por chefe *Theodorico*.

Lombardos, tambem oriundos da *Scandinavia*. Era seu chefe *Alboin*. Foram chamados por *Narsés*, e atravessando os Alpes se apoderaram da maior parte da Italia septemtrional, d'onde expulsaram os *ostrogodos*, e ahi se estabeleceram até que foram derrotados por Carlos Magno.

GÓES—villa, Douro, comarca de Arganil, 30 kilometros a NE. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 850 fogos, 3:300 almas. No concelho 1:650 fogos.

Em 1757 tinha 568 fogos na freguezia.

Orago Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um profundo valle, sobre o rio *Cêira*. É tão profundo que raras vezes lhe dá o sol no inverno.

É terra fertil.

O conde de Villa Nova (de Portimão) apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Tem uma boa fabrica de papel, estabelecida em 1820, no sitio denominado *Ponte Soutão*. Emprega o motor hydraulico e os antigos processos. Trabalha apenas oito mezes no anno, por falta d'agua durante a estiagem. Emprega 90 operarios.

A villa está collocada entre as serras do Rabadão e Carvalhal. Mandou-a povoar em 1130 D. Anian Estrada, senhor asturiano, companheiro e amigo do conde D. Henrique.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, á 20 de maio de 1516. Serve para Agua Boa, Arcos, Cellaviza e Valle Bom.

O rio Cêira, réga, móe e traz peixe. Tem aqui uma ponte de pedra.

Tinha um formoso palacio dos senhores d'aqui, fundado por Vasco Pires Farinha (descendente de D. Anian Estrada) que aqui instituiu um grande morgado. É o solar dos Goes. Este morgado passou, por casamento, aos Silveiras, *condes de Sortêlha*.

É n'esta freguezia a serra de Baçô, ramo da Estrella. Tem 18 kilometros de comprido e 12 de largo. D'ella nasce o Cêira. Traz muita caça, grossa e miuda.

—

O concelho de Góes, é composto de quatro freguezias, todas no bispado de Coimbra. São: Cadafaz, Colmeal, Góes e Varzea.

GOIOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de Villar de Frades, denominados *bons homens de Villar*, apresentavam o vigario, que tinha de rendimento annual 40$000 réis.

Esta parochia foi fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1150.

Na aldeia de Carcavellos, d'esta freguezia, no reinado de D. Sancho II, houve um tal Estevão Pires de Molnes, que tinha um nobre paço, e pretendia que toda a freguezia era honra sua, servindo-se para a sua pretenção, de exacções e violencias; chegando a querer impedir que aqui entrasse o mordomo do rei.

E porque Martim Vermoiz foi alli penhorar um lavrador, elle o prendeu, e o trouxe assim, em volta da freguezia, repetindo-lhe muitas vezes estas palavras: *por aqui é honra*, e no fim o enforcou.

Outra vez matou um alcaide, chamado Domingues, depois de lhe ter cortado as mãos.

Estando extincto este appellido (Molnes) no tempo do rei D. Diniz, passou o que era do tal despota, a ser solar dos *Góios*.

GOIVÃES (ou **GOUVÃES**) **DO DOURO**—villa, extincta, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa (foi até 1855, concelho de Provezende) 345 kilometros ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

D. Affonso III lhe deu foral, em Pinhel, a 3 de outubro de 1256, e logo outro, confirmando o antigo, e dando-lhe novos privilegios, em Santarem, a 27 de março de 1257.

Situada em alegre e elevada planicie, muito fertil e com bello clima.

D. Sancho I a povoou e lhe deu foral em 1202, que foi o primeiro que a villa teve; mas Franklim não falla n'este foral.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

GOIVÃES ou **GOUVÃES**—freguezia, Beira Alta, comarca de Lamego, concelho de Tarouca, 6 kilometros de Lamego, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Tarouca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

GOIVÃES DA SERRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 75 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Tollões (ou Tellões) apresentava o vigario, confirmado, que tinha de rendimento 30$000 réis.

GÓJA—pequena villa, Beira Alta, na freguezia de Villa Maior, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, 18 kilometros ao N. de Viseu 285 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Foi couto, com justiças proprias.

GOJIM—vide *Goujoim*.

GOJIM ou **GOGIM**—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Martinho das Chans, comarca e concelho de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

(Vide *Chans*, (S. Martinho das) a pag. 259 do 2.º vol.)

Não se confunda esta povoação com *Goujoim*, pequena villa e freguezia (cujo orago é Santa Eulalia) no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

—

Tenho a satisfação de escrever aqui, em rapidos traços, a biographia de um verdadeiro homem de bem, de um portuguez de antiga tempéra, de um varão cuja probidade, franqueza, honra e lealdade, nos faz recor-

dar esses nobilissimos vultos de antigas eras.

É de todo o ponto insuspeito este artigo, escripto por um adversario politico do illustre biographado, militando ambos em campos diversos, n'essas pugnas fratricidas, que por tantos annos teem enlutado e ensanguentado o solo do nosso querido Portugal.

Perdoe-me o sr. Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar, 2.º conde de Samodães, se eu, tão falto de cabedal litterario, e em estylo chão, despretencioso e comesinho, ouso aventurar-me a um assumpto digno de mais apurada penna, narrando a vida de seu venerando pae.

—

Em 14 de janeiro de 1770, nasceu o sr. Francisco de Paula de Azeredo, no logar e freguezia de Samodães, d'este concelho e comarca de Armamar.

Foi o ultimo filho legitimo do sr. Francisco Antonio Teixeira de Carvalho (fallecido em 30 de outubro de 1771) e da sr.ª D. Joaquina Leocadia de Azeredo Leite e Albuquerque, senhora da casa de *Quintião*, nos suburbios de Lamego: nascida em 1742, e fallecida em 4 de abril de 1787. Jaz na capella da sua casa, n'esta aldeia de Gojim.

Era o pae do 1.º conde de Samodães, filho de Manuel Teixeira de Carvalho, senhor dos vinculos de Gojim e Samodães (que nascéra em 1669 e fallecêra em 29 de janeiro de 1756) e de sua mulher, D. Maria Euphrasia Rebello (nascida em Freixo de Numão, e fallecida em 21 de dezembro de 1759.)

Manuel Teixeira de Carvalho, era filho de outro do mesmo nome, casado com D. Maria Saraiva da Costa, herdeira da casa de Gojim.

Este Manuel Teixeira de Carvalho, era filho e representante de André Teixeira de Carvalho, natural de Lamego, fidalgo da casa real, casado, em segundas nupcias, com D. Anna Ribeiro Machado Rangel, que tinha nascido em Aveiro, em 1590. Era filha do capitão-mór de Aveiro, Antonio Ribeiro Rangel, fidalgo da casa real, e de D. Maria Nunes Machado.

Já se vê que, se o 1.º conde de Samodães não pertencia a uma das primeiras familias aristocraticas de Portugal, era todavia, pelas linhas paterna e materna, descendente de troncos muito nobres e respeitaveis.

Teve seis irmãos, (como já disse) mais velhos do que elle. Eram, pela ordem das edades:

1.º Antonio de Azeredo Teixera de Carvalho, administrador dos morgados de Samodães e Gojim, e da casa de Quintião e outras, que desbaratou completamente, morrendo em 1836, no emprego de administrador do correio do Porto, sem successão.

2.º Francisco Antonio de Azeredo Teixeira de Carvalho, bacharel formado em canones, que exerceu varios cargos publicos, e administrou os vinculos de Gojim e Samodães. Morreu sem successão, em Gojim, a 30 de julho de 1853.

3.º D. Marianna Casimira de Azeredo Leite, que casou em Celorico de Basto, com Rodrigo Leite de Sousa Machado, monteiro-mór de Basto e Monte Longo, a qual falleceu em 1850, deixando uma numerosa successão.

4.º Frei José de Santo Ignacio Leite, que foi monge da Ordem de S. Bernardo, exercendo n'ella cargos importantes. Falleceu no mosteiro de Alcobaça, em 1831.

5.º Bernardo Correia de Azeredo, capitão do regimento de infateria n.º 23, que depois foi reformado. Falleceu em 1836.

6.º Carlos de Azeredo, que morreu na infancia.

—

Vendo-se sua mãe viuva, e com tantos filhos, todos menores, foi com elles habitar para a sua casa de Gojim, que é em boa situação, com uma vasta quinta, e que possue todas as commodidades de uma habitação rustica.

Fôra esta casa reedificada por occasião do casamento de seu sogro, que se celebrou com um esplendor e magnificencia, que ainda vive na tradição d'estes povos, apesar do lapso de quasi dois seculos.

—

Fica a aldeia de Gojim nas ábas da serra que limita a bacia que está entre os rios *Thédo* e *Barosa* (ou *Varosa.*)

É banhada pelo ribeiro de Gojim, que morre na esquerda do Douro. É povoação saudavel, mas êrma e triste.

—

Aqui, no socêgo da solidão, e com mestres de muita virtude e instrucção, aprenderam estes orphãos o portuguez, latim, logica, rhetorica, geometria, etc.

Sahiram estas doceis creanças, virtuosas, tementes a Deus e esmeradamente educadas.

Chegando á edade juvenil, cada um seguiu a vida para que tinha mais predilecção.

Cumpre notar, que antes da sua mútua separação, quizeram fazer partilhas, o que se não levou a effeito, sem grandes demandas, o que causou quasi a total ruina d'esta até então florescente casa.

—

O 1.º conde de Samodães e seu irmão Bernardo, sahiram da aldeia de Gojim, em 24 de janeiro de 1792, para a praça de Almeida, onde chegaram a 26.

Pretendiam sentar praça no regimento de cavallaria, que então alli estava de quartel; mas não havia uma só vacatura; pelo que se alistaram, como cadetes, no 2.º regimento de infanteria de Almeida, depois (desde 19 de maio de 1806) n.º 23, em 31 de janeiro do dito anno. [1]

Tratemos sómente do que depois foi feito conde de Samodães.

Foi despachado porta-bandeira, em 1796; alferes, em 4 de abril de 1797. Fez com muita distincção a curta campanha de 1801. Foi promovido a tenente, em 15 de agosto de 1805.

O tenente Azeredo (como seu irmão e camarada) na invasão de Junot, recusaram-se com lealdade de portuguezes, a servir nas fileiras dos inimigos da sua patria, e sahiram de Almeida, com as suas espadas, e não tornaram a entrar, mas foram, a pé, para a sua casa de Gojim.

Em 9 de junho de 1808, se lavantou a praça de Melgaço contra os *jacobinos*.

[1] O então chamado *regimento de Penamacor*, ou *1.º de Almeida*, tomou n'esse tempo o n.º 11.

A 11, Bragança, com o general Sepulveda á frente. A 18 o Porto, e em seguida as duas provincias do Norte, e em breve todo o reino.

Estava Azeredo então na casa da *Ribeira*, em Cabeceiras de Basto, residencia de sua irmã.

Não hesitou um momento em marchar para Amarante, a unir-se aos patriotas, sendo logo encarregado do commando de um corpo de paisanos armados.

Loison, com a sua horda (2:400 infantes e 100 cavallos) sahe de Almeida, invade a Beira Alta, entra em Lamego, e marcha para o Norte, em direcção a Mezão-Frio. Os povos sublevados, lhe vão picando os flancos e a rectaguarda, e chega ao Marão debaixo de um fogo mortifero, que lhe disima os seus soldados vendo-se obrigado a retroceder para Lamego, pela Régua.

Mas Azeredo, adivinhando o plano do inimigo, sahe de Amarante á frente dos portuguezes, sobe ao Marão, onde ataca os francezes, que, vendo-se assim acossados, tomam a estrada de Castro d'Ayre, retirando-se sobre Almeida, pela estrada de Viseu.

Azeredo, como perfeito conhecedor da provincia da Beira Alta, foi nomeado commandante de uma força destinada á perseguição dos francezes, em guerra de guerrilhas, que tão desastrosa foi para o inimigo, na Peninsula.

A sua marcha de flanco sobre Loison, lhe deu ensejo de causar grandes baixas aos francezes.

Assim foi Azeredo flanqueando-os até que se viram na necessidade de abandonar Almeida, dirigindo-se para Abrantes, deixando desoccupada toda a Beira Alta.

De Almeida se dirigiram estas hordas ferozes sobre a Guarda, onde praticaram as maiores atrocidades, e o mesmo fizeram em Sarzêdas.

Já a esse tempo se havia revolucionado o Algarve e depois d'elle o Alemtejo. O sanguinario Kellermann, á frente de 6:000 francezes, saqueia Beja, innundando-a de sangue e praticando os actos mais horrorosos.

Revolta-se a Extremadura e Junot chamou a Lisboa todos os francezes que tinham

invadido Portugal. O reino nadava em sangue.

O povo em armas, exasperado pelos actos de canibalismo praticados pelos francezes, não lhes dava quartel. Além d'isso foram assassinadas muitas pessoas indefesas (e maior parte innocentes) por serem alcunhadas de *jacobinas*.

Os francezes, em desforra de tantas pequenas derrotas, vingavam-se levando a ferro, fogo e sangue, todas as povoações por onde passavam. Evora, Thomar, Leiria e Nazareth, além de outras muitas mais, foram victimas de todos os horrores.

—

Em Viseu organisava-se uma junta, denominada *dos prudentes*, e o regimento 23 foi reorganisado.

Azeredo foi feito ajudante do seu antigo regimento.

Nos fins de julho principiou o desembarque das tropas inglezas, sob o commando de Sir Arthur Wellesley, na praia de Lavos.

As forças da Beira Alta, commandadas pelo general Bacellar, não tomaram parte nas gloriosas acções da *Roliça* e *Vimeiro;* mas expulsaram os francezes de Abrantes, e vieram postar-se sobre Villa Franca de Xira, cobrindo o flanco esquerdo do exercito alliado.

Todos sabem o desfecho d'esta campanha, pelo ominoso tratado conhecido sob o titulo de *convenção* de Cintra, que obrigou a sahir de Portugal as hordas de Junot.

Esta evacuação não nos trouxe o socêgo. Emquanto Buonaparte existisse, era impossivel a paz na Europa. Nada bastava para saciar a sêde de ouro e de sangue a este flagello, que a Corsega vomitára. Debalde as nações faziam com elle tratados sobre tratados, em que sempre eram por elle engulidos milhões e milhões e o dominio de varios paizes. Recebido o dinheiro, e avassallados os povos, que não havia remedio senão entregar-lhe, quebrava logo esses convenios, e a sêde de ouro e sangue tornava a rebentar com maior ferocidade.

O governo portuguez, que, por nossa desgraça, sabia isto, não se descuidou em prevenir-se para o caso de nova invasão, que todos julgavam imminente.

O marechal Beresford, o melhor organisador dos tempos modernos, trata, por ordem do governo, da reorganisação do exercito portuguez.

Formaram-se 6 batalhões de infanteria ligeira, de 628 praças cada um; os 24 regimentos de infanteria, ficaram compostos de 1550 praças cada um. Os 48 regimentos de milicias, eram compostos cada um de 1101 praças.

12 regimentos de cavallaria, 12 batalhões de caçadores e 4 regimentos de artilheria, concluiam o numero de corpos do exercito.

O tenente general Sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington) toma o commando em chefe de todo o exercito alliado.

—

Verificam-se os receios dos alliados. Soult invade o norte de Portugal, em março de 1809, com um exercito de 30:000 homens.

O valoroso general Silveira defende tenaz e heroicamente a posição de Amarante, por 11 dias, sendo preciso vir Soult em pessoa, desalojar os portuguezes d'este ponto.

Mas os portuguezes não esmoreceram com esta retirada e foram sempre picando os flancos e rectaguarda dos invasores.

Wellesley (feito marechal-general, por decreto de 20 de abril de 1809) á frente do exercito alliado, marcha sobre o Porto, occupado pelo inimigo, e batendo as suas avançadas no Vouga e em Grijó, vae postar-se em Villa Nova de Gaia.

Os francezes fazem voar a ponte; porém o general inglez Murray passa o Douro, em Avintes, e o general Sherbrook, mesmo em frente da *Ribeira*, protegido pelos fogos da Serra do Pilar. Foi um dos bellos feitos de armas da guerra peninsular.

O inimigo fóge do Porto para o Minho, sob as bayonetas dos alliados, emquanto que Beresford, apoiado pelas tropas do general Silveira (1.º conde de Amarante) e outros, lhe não dão quartel em Traz-os-Montes.

Dentro em poucos dias os invasores tiveram de abandonar o solo portuguez, fugindo para a Galliza.

—

O tenente Azeredo, é promovido a capitão de infanteria n.º 23, por decreto de 14 de janeiro de 1809, e em fevereiro, tendo o coronel d'este corpo (Carlos Frederico Lecor) sido encarregado da organisação de uma brigada de operações, escolheu o capitão Azeredo para major de brigada.

Esta brigada foi postada em observação sobre o Tejo, porque o marechal francez Victor tinha forçado a passagem de Almaraz.

Os francezes Soult, Ney, Mortier, Kellermann, Sebastiani, Suchet e o alcunhado *rei de Hespanha*, José Buonaparte, occupavam a Extremadura hespanhola.

Beresford marchara de Castello Branco, pela Guarda e Almeida, para Ciudad-Rodrigo, contramarchando depois por Fuente Guinaldo, Acebo e Coria, para a Beira Baixa.

O general Sir R. Wilson, foi incumbido por Wellesley de marchar sobre Alberche, tomando parte n'este movimento a brigada em que servia o capitão Azeredo.

Postos em marcha a 15 de julho, chegaram a Escalona no dia 22. Ao mesmo tempo, entrava Wellesley em Talavera.

O exercito inimigo retira, e o grosso do alliado põe-se em communicação, por Cardiel, com a divisão do general Wilson, e com a divisão do general hespanhol Cuesta, por Casalejas.

A 28 de julho dá-se a gloriosa e sanguinolenta batalha de Talavera, em que os francezes são derrotados.

Sendo reforçado em agosto o exercito de Ney, os alliados retiraram por Oropesa para Arzobispo.

O nosso exercito passou á fronteira de Portugal. O exercito alliado estaciona ao N. do Tejo. A brigada Lecor, a que pertencia Azeredo, acantonou em Torres Novas.

Os francezes não se atreviam a sahir da Extremadura hespanhola, menos a praça de Badajoz, que Wellesley occupára.

Em 1810, sabendo-se que Massena pretendia invadir Portugal com um exercito formidavel, sahiu Wellesley de Badajoz, com a força principal do seu exercito, vindo sobre Coimbra, e d'ahi marchou para Viseu, onde estabeleceu o seu quartel general. A nossa direita apoiava-se sobre a Guarda; a esquerda, sobre o Douro, e os postos avançados, sobre o Côa.

O tenente-general Hill, estacionava em Abrantes com a sua divisão.

Os francezes tinham então em Hespanha, 8 corpos de exercito. Victor, Mortier e Sebastiani, occupavam posições sobre o Tejo; Soult, estava em Talavera; Ney e Junot, na Castella Velha; Suchet e Mac-Donald, no Aragão e na Catalunha.

Ney, cerca Ciudad-Rodrigo. Loison, cerca Astorga; mas os movimentos do exercito alliado o fazem retrocecer sobre o Tormes.

Os francezes recebem novos e grandes reforços, e com elles investem segunda vez Astorga, que se rende a 22 de abril.

Sir Wellesley muda o seu quartel general para Celorico da Beira; no dia 25 de junho para Almeida, e no dia 30 para Alverca.

Os francezes tinham posto cêrco a Ciudad Rodrigo, a 26 de abril, e esta praça capitulou a 11 de julho.

A 24, houve um combate entre a nossa divisão da vanguarda e os francezes. Aquella repassa o Côa e o inimigo põe cêrco a Almeida.

Wellesley vem estacionar sobre o Mondego; e a divisão de Lecor, foi encarregada de conservar as communicações entre a divisão Hill e o exercito de Wellesley.

O inimigo ataca Almeida a 15 de agosto, e esta praça, depois da explosão do paiol (não sem suspeita de traição) rende-se a 27. (O estampido d'esta explosão ouviu-se no acampamento de Lecor, a 78 kilometros.)

Lecor vae occupar a forte posição da Ponte da Murcella, a marchas forçadas, por se imaginar que fosse o objectivo do inimigo.

Massena invade Portugal, pela Beira Baixa, com um exercito de 120.000 homens.

Vendo Sir Wellesley que o inimigo avançava inesperadamente sobre Celorico da Beira e Trancoso, occupa as posições do Bussaco.

Lecor, com a sua divisão, sustentava as posições da Murcella e a ála direita do nosso exercito.

O general inglez Fane, á frente da caval-

laria, sustenta, no Alva, os ataques da cavallaria inimiga. Hill, passa o Mondego.

Trant, tinha avançado desde o Douro, sobre a estrada de Coimbra, para impedir a passagem do inimigo.

Em 27 de setembro trava-se o grande conflicto do Bussaco. Wellesley commandava os alliados, e Ney e Regnier os invasores.

Uma brilhantissima carga de bayoneta, dada pelo regimento n.º 8 de infanteria portugueza (quasi todo de recrutas) e pelos regimentos inglezes n.ºs 45 e 88, dirigidos pelo major-general Picton, decidiu a sorte d'este dia, sempre glorioso para as armas portuguezas e britannicas.

O inimigo retira para o Sardão (em frente e ao S. de Agueda) que não podéra ser occupado a tempo por Trant.

Os alliados, descendo a Coimbra, vão occupar as *linhas de Lisboa.*

Foi a divisão Lecor, que cobriu a rectaguarda do nosso exercito, n'esta admiravel retirada, na qual o major de brigada Azeredo mereceu os elogios de Sir Wellesley, pelo modo como deu as acertadas providencias, durante os 12 dias que ella durou, e tendo sobre a sua rectaguarda um exercito inimigo, numerosissimo. A sua marcha foi de Coimbra pelos Cabaços e Thomar, até Santarem.

Collocado o nosso exercito dentro das *linhas*, a divisão Lecor guarneceu as posições desde a direita do Tejo até Sobral de Monte Agraço.

A 14 de novembro, o inimigo retira sobre Santarem; tomando esta posição e occupando a sua rectaguarda Torres Novas, Gollegan e a linha de Zêzere, e n'estas posições se conservou todo o inverno.

O quartel-general dos alliados era no Cartaxo; não havendo n'este tempo senão simples escaramuças, nos postos avançados.

O inimigo tenta passar o Tejo; porém Hill, que occupava a margem esquerda, o fez retirar.

Portugal, occupado militarmente, na sua maior parte, por dois grandes exercitos, ficou horrivelmente assolado, tanto pelos amigos como pelos inimigos; porque os inglezes roubavam tanto como os francezes, apesar das repetidas e severissimas ordens do dia do general em chefe.

—

Principia o anno de 1811. A Hespanha e Portugal estavam occupados por grandes massas de francezes, capitaneadas pelos seus mais famosos generaes.

Buonaparte, desesperado por vêr eclipsar-se a sua estrella na Peninsula, invida todos os seus esforços, não recuando ante nenhum sacrificio, para se desforrar das grandes e repetidas derrotas que aqui tinham levado seus generaes escolhidos.

Massena continua a ameaçar Lisboa, defendida pelos alliados, postados nas formidaveis linhas que se estendiam desde o Tejo até ao Atlantico.

Os orgulhosos vencedores de Austerlitz, Jena e Wagram, aterrados á vista das linhas, e da heroica attitude dos alliados; depois de cinco mezes de inacção, retiraram para Santarem, a 5 de março de 1811.

—

Durante o cêrco, Lisboa, fiada no valor do exercito alliado, estava tão socegada como em plena paz; e os officiaes do nosso exercito facilmente obtinham licença para hirem para Lisboa descançar das fadigas da guerra.

A estada de Junot em Lisboa, deixára rastos desastrosos, não só pelos grandes roubos praticados pelos francezes, mas tambem pela seita maçonica que iniciou em Portugal.

Azeredo, joven inexperiente e facil de illudir, convidado pelo general inglez, barão de Eben, filia-se em uma *loja.*

(Eben esteve para ser enforcado com Gomes Freire (em 1817) devendo á sua qualidade de inglez a conservação da vida, porque Beresford não consentiria que um seu compatriota fosse justiçado por sentença de tribunaes portuguezes.)

Fisher, Damm, Rebold, Redarés, Reghellinide Schio, Acerelos, e outros escriptores maçons, em que os fins da ceita maçonica são patenteados com a maior clareza e revelados os seus mysterios, não eram conhe-

cidos dos incautos, que hiam receber a iniciação.

Foi, pois, com as melhores intenções que Azeredo recebeu os primeiros gráos na franc-maçonaria. Desenganado, porém, dos fins a que visavam estas sociedades secretas, e muitos annos antes da sua morte, as abandonou para sempre, fazendo retractações sinceras.

—

Tendo Massena, como disse, retirado das linhas de Lisboa, Sir Welleley, já Lord Wellington (como d'aqui por diante sempre o designarei) marcha em sua perseguição na madrugada de 6 de março.

A columna de Lecor, onde hia Azeredo, seguiu a linha de ataque pelo Pombal. Os francezes, na sua retirada, devastam tudo, incendiando povoações inteiras e saqueando mosteiros, egrejas e casas particulares. Nem a historia antiga nem a moderna mencionam atrocidades como as que praticaram estes canibaes.

Fugindo do Pombal, procuram sustentar-se em um desfiladeiro entre esta villa e a Redinha, apoiando a sua esquerda sobre o rio de Sôr; mas foram brilhantemente desalojados por uma divisão do nosso exercito.

N'esta acção tomou uma parte mui distincta a columna Lecor, em que Azeredo servia.

No dia 13 foi ainda esta columna que bateu o inimigo na posição de Condeixa, obrigando-o a retirar sobre a ponte da Murcella.

No dia 14 foi a mesma columna, apoiada por outras forças de exercito, que desalojou os francezes das posições de Casal-Novo, repellindo a sua rectaguarda para Miranda do Corvo, em plena debandada, deixando no campo grande numero de mortos e feridos.

Os felizes resultados d'estas operações, deixaram livre toda a estrada de Lisboa a Coimbra, escapando esta ultima cidade aos horrores que a raiva devastadora do inimigo infligiu a Leiria, Alcobaça, Pombal, Condeixa e outras povoações que ficaram reduzidas a um montão de ruinas fumegantes.

Emquanto em Portugal os francezes eram heroicamente escorraçados de toda a parte, a praça de Badajoz se lhes entrega cobardemente, no dia 11 de março, apesar do governador ter a certeza de que seria efficazmente soccorrido em poucos dias; o que trouxe desastrosas consequencias aos alliados.

Nos dias seguintes ao ataque de Miranda do Corvo foram os francezes desalojados das suas posições do Rio Ceira e da Moita.

O exercito francez, depois d'estas acções, destruiu todo o seu material pesado, e pozse em precipitada fuga, sempre perseguido pela nossa vanguarda. Entraram na Guarda, donde fugiram a 29 de março, sem esperarem combate, mas sendo perseguidos pela nossa cavallaria, que lhe fez grandes perdas.

Occuparam então a villa do Sabugal, e os alliados a margem esquerda do Côa.

A 3 de abril o inimigo é atacado nas fórtes posições do Côa, Rovina e Sabugal. Um denso nevoeiro fez com que a brigada Beckwith e a divisão ligeira, tendo passado o Côa, sem poder vêr o terreno que pisava, foi bater com o grosso da ala esquerda no inimigo, seguindo-se um terrivel combate que lhe podia ser fatal se as brigadas Picton, Colville e Dunlop não lhe acudissem a tempo.

Azeredo tomou uma parte importante n'esta acção, atravessando intrepidamente o Côa com a brigada a que pertencia.

Os francezes perderam muitas peças e grande numero de prisioneiros e mortos, passando, no dia 4 de abril, o rio Agueda, e evacuando completamente o reino de Portugal, depois de 4 annos de correrias, das violencias mais inauditas e dos mais atrozes crimes, praticados por generaes e soldados de uma nação que se vangloriava de ser a primeira em civilisação.

As praças portuguezas de Almeida, Olivença e Campo-Maior ainda tinham guarnições francezas. Beresford liberta Campo-Maior a 4 d'abril e Olivença a 15. A praça d'Almeida é reconquistada a 11.

O tenente-rei, o coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, é fuzilado (depois, em junho de 1812) por suspeitas de coninvencia na capitulação da praça.

Os aliados perseguem os inimigos em territorio hespanhol.

Como nos levaria longe esta eliada de gigantes, desenvolvida em um reino estrangeiro, limitar-me-hei a dizer que Azeredo tomou parte em varias acções com muita distincção durante toda a guerra da Peninsula, sendo por decreto de 2 de janeiro de 1812 promovido a major de infantaria 23, a que sempre tinha pertencido, dispensando-o Beresford das provas do costume para o accesso de official superior d'um regimento. N'esta qualidade tomou parte nos differentes assaltos á praça de Badajoz, á frente de infanteria 23, tornando-se este corpo e o 11 de infanteria, que formavam a brigada Harvey, admiraveis pela sua sua firmeza e bravura, merecendo por isso honrosa distinção; e como o major Azeredo commandou o seu regimento n'estas acções, teve depois a medalha correspondente.

Assistiu tambem Azeredo á batalha e victoria dos Arapiles, onde perdeu dois cavallos, levando-lhe uma bala a espada e outra a barretina.

N'esta batalha foram feridos Beresford, Cole, Leith, este gravemente, Marchand, cahiu morto, carregando o inimigo, que na sua retirada perdeu mais de 7:000 prisioneiros, incluindo generaes e grande numero de officiaes, peças d'artilheria, munições e bagagens. O marechal Marmont, commandante em chefe do inimigo, perdeu um braço, alem quatro de seus generaes, de grande numero de officiaes e soldados, que ficaram mortos no campo, fugindo os francezes em completa debandada.

Os alliados entraram victoriosos em Madrid e a divisão a que pertencia o regimento do commando do major Azeredo foi aquartellar-se para o Escurial.

Azeredo assistiu aos varios combates que tiveram logar na Hespanha, á celebre retirada de Burgos e outras acções subsequentes, distinguindo-se na gloriosa batalha de Victoria, em que o inimigo soffreu uma completa derrota, perdendo toda a sua artilheria, muitas bandeiras, bagagens, munições, equipagens, thesouros, cavallos e grande copia de feridos, mortos e prisioneiros.

José Buonaparte, commandante em chefe, fugiu, valendo-lhe a velocidade do seu cavallo, para não ficar em poder dos alliados.

Esta batalha, completamente decisiva, trouxe a immediata evacuação da Peninsula pelos francezes, que na sua precipitada fuga, cortando os tirantes da artilheria, para vêr se podiam salvar as muares, iam fazendo repetidas descargas sobre os seus persiguidores por uma das quaes foi Azeredo gravemente ferido na perna esquerda.

Os marechaes, ainda antes da entrada do ferido no hospital de sangue mandaram informar-se do seu estado, e felicital-o pela sua brilhante conducta n'esta sanguinolenta batalha. Beresford lhe mandava ao mesmo tempo parte de que n'este dia de gloria (24 de junho de 1813) o promovia, no campo da batalha, ao posto de tenente coronel.

Aqui terminou a campanha para Azeredo visto não poder seguir o seu regimento na perseguição do inimigo.

A junta dos cirurgiões militares dicidiu amputar-lhe a perna, ao que elle se oppoz terminantemente, conseguindo salval-a depois de um mez de cuidadoso curativo. Obteve licença de 6 mezes para vir concluir o restabelecimento nas Caldas de S. Pedro do Sul.

Em acção de graças pela sua cura, fez celebrar uma festa religiosa na capella de Nossa Senhora da Piedade, em Gojim, a que assistiram quasi todos os monges bernardos de Salzêdas.

Em 1814 foi mandado commandar o regimento de infanteria 8, que estava em Castello de Vide, o qual dentro em pouco apresentou um grao de disciplina e instrucção que o tornaram um dos melhores do exercito.

Em janeiro de 1815, sendo este corpo inspeccionado por Campbell, testemunhou este general a mais completa satisfação pelo seu estado de disciplina.

—

O tratado de Fontaineblau, expulsando da França o usurpador, deixou a Europa em paz por algum tempo, e na chamada guerra dos

cem dias não foi preciso entrar em campanha o exercito portuguez.

—

Azeredo, quando já na Europa não havia perigo para a independencia da sua patria, offerece-se para hir combater os rebeldes commandados por Artigas, no Rio da Prata, (America do Sul.) Foi acceite o seu offerecimento e por decreto de 12 de junho de 1815 foi promovido a coronel, addido ao Estado-maior da Divisão e foi apresentar-se em Lisboa ao tenente-general Carlos Frederico Lecor, seu antigo chefe e amigo, que havia sido nomeado commandante d'esta expedição. Azeredo embarcou a bordo da nau *Vasco da Gama* (que apodreceu no Rio de Janeiro e não voltou mais a Portugal.)

A 8 de fevereiro de 1816 tomou a esquadra que conduzia a divisão, o rumo do SO. em direcção ao novo mundo.

Com favoravel viagem chegaram ao Rio de Janeiro onde se demoraram 4 mezes. D. João VI lhe deu o commando do segundo regimento de infanteria d'esta expedicção, que em junho de 1816 levantou ferro do rio de Janeiro, tomando a direcção do seu destino.

Aportaram á cidade de Nossa Senhora do Desterro, na costa occidental da Ilha de Santa Catharina, onde permaneceram até 15 de julho, em cujo dia sahiu para o continente o segundo batalhão do segundo regimento de voluntarios reaes, d'el-rei commandado por Azeredo. O embarque fez-se em lanchas baleeiras, levando a atravessar o estreito canal que separa a Ilha de Santa Catharina, da provincia do mesmo nome, em terra firme, apenas 7 horas, desembarcando no pontal da *Pinheira*, proximo á barra do Sul e a 6 leguas de distancia da cidade de Nossa Senhora do Desterro.

A columna atravessou, em uma jangada, o rio *Imbaú*, indo os cavallos e as bêstas de bagagem á mão e a nado. Fizeram alto na povoação de *Cambôa* onde descansaram. Depois subiram o morro de *Seriú*, atravessando na baixa-mar o rio do mesmo nome, a vau, e indo pernoitar á *armação de Gurapavá*. Em seguida a uma comprida marcha encontraram os rebeldes em *India-morta*, onde teve logar o primeiro combate, em que o regimento de Azeredo não tomou parte, entrando as tropas portuguezas na praça de Montevideu, em janeiro de 1817; ficaram alli de guarnição alternando os bailes e toda a casta de divertimentos com sortidas contra os rebeldes.

Em 27 de janeiro de 1818, sahiu a brigada que de fazia parte o regimento de Azeredo para fóra da praça indo acampar no sitio denominado *Casa do Inglez*, d'onde Azeredo foi render o 1.º regimento, commandado pelo coronel João Carlos de Saldanha (hoje duque marechal do exercito.)

Apenas chegado ao novo acampamento teve noticia de ter sido promovido a brigadeiro graduado mas continuou a commandar o seu regimento.

No dia 22 de fevereiro fez uma sortida sobre os piquetes inimigos, fazendo-lhe alguns prisioneiros, principalmente dos *dragões de Torgues*, que eram quasi todos mulatos. A 10 de abril tomou o commando da brigada; e n'esta qualidade fez varias sortidas contra os inimigos, sempre com bom exito, e sendo a principal em 24 de maio, em que investiu, por surpresa, o valle de *Saladero de Pereira*, matando então dezenove praças do inimigo, e aprisionando-lhe 22, incluindo um official; isto alem de muitos feridos, quatro dos quaes por o serem gravemente, ficaram no campo, fugindo o resto em debandada, deixando 41 clavinas, 8 espadas e 33 cavallos.

Finalmente, depois de successivos combates, quasi todos por surpresa, porque os rebeldes fazendo guerra de guerrilhas não acceitavam uma batalha formal, terminou o anno de 1818, e principiou o de 1819.

Durava a campanha já ha 3 annos n'esta região, cujo clima contrario aos padecimentos de Azeredo o obrigou a pedir licença por tres mezes para regressar ao Rio de Janeiro visto que no Rio da Prata havia paz, porque os insurgentes tinham fugido para os bosques.

Chegou-lhe a licença no fim de julho de 1819, e a 7 de agosto entregou o commando da brigada a Antonio Feliciano Telles Apparicio, brigadeiro graduado, marchando em seguida para a capital do Brasil em um navio mercante inglez.

Chegado ao Rio de Janeiro, depois de 14 dias de viagem, o rei o tratou com muita consideração, promovendo-o em 13 de maio de 1820 a brigadeiro effectivo. Já por decreto do 1.º de julho de 1817 lhe havia sido conferida a Ordem de S. Bento de Aviz, e em 5 de fevereiro de 1820 tinha sido feito commendador da Ordem de Christo, com a tença de 300$000 réis, em quanto se não designasse a commenda. Tambem em 1820 se lhe deu a propriedade do officio de escrivão do juizo da corôa, da cidade do Porto, lotado em 500$000 réis.

D. João VI lhe offereceu a capitania geral de Goyaz, que elle não acceitou, e depois de 10 mezes de continuas sollicitações conseguiu licença para regressar a Portugal, havendo permanecido por mais de 4 annos na America.

—

Depois de uma viagem de 71 dias, chegou Azeredo a Lisboa. D. Miguel Pereira Forjaz, presidente da regencia, o mandou chamar ao palacio do governo, narrando-lhe os acontecimentos politicos occorridos na cidade do Porto, em 24 de agosto d'esse anno (1820).

O ministro da guerra lhe entregou o commando da brigada d'Elvas, 5 e 17 de infanteria, que elle acceitou; mas nova ordem o obrigou a ficar em Lisboa, sendo então desligado d'aquelle commando, e encarregado do governo da praça de Abrantes, e do commando do regimento de cavallaria n.º 7, do batalhão de caçadores n.º 2 e dos regimentos de milicias de Thomar e Santarem.

Foi só a 14 de setembro que o commandante em chefe, interino, do exercito, Francisco de Paula Leite, lhe deu ordem para marchar para Abrantes; mas rebentando no dia immediato a revolução em Lisboa, acclamando a constituição, o ajudante general Manuel de Brito Mousinho, participou ao brigadeiro Azeredo, que, em virtude d'este acontecimento estava dispensado do encargo que recebera na vespera.

Estabelecido n'este mesmo dia o governo liberal em Lisboa, Azeredo apresentou-se logo ao mesmo, que lhe deu o commando da brigada, composta dos regimentos de infanteria 4 e 16, de que logo tomou conta.

Depois d'isto foi transferido para a brigada formada pelo 1 e 19 de infanteria e 5 de caçadores, indo a Alcobaça encontrar-se com os chefes da revolução do Porto, para os harmonisar com o governo de Lisboa.

—

Finalmente, Azeredo, votado de corpo e alma ao partido liberal, lhe fez sempre assignalados serviços, desde 1820 até 1834, pelo que foi elevado a tenente general, par do reino e conde de Samodães.

Mas Azeredo era um liberal de boa fé e convicções sinceras, e presenceava com mortal desprazer o caminho inesperado que as cousas publicas hiam tomando. *Viu com horror o esbanjamento da fazenda publica em diversas epochas e notavelmente em 1834 e 1851; o predominio das facções; o modo porque eram sophismados os principios constitucionaes; e a desmoralisação desenfreada que se enraizou nas regiões do poder, propagando-se immediatamente ás differentes camadas da sociedade.*

Morreu desenganado de que todos os seus sacrificios tinham sido baldados, que o seu intenso amor pelo bem publico não podia ser senão uma utopia, e que uma corrupção gangrenosa corroia as entranhas da patria.

Não deixou, porém, de confessar a sua fé politica até final, e não tendo gravâme na consciencia sobre o modo como a servira, teve a consolação de que não era sua a culpa, se os negocios publicos tinham levado e continuariam a seguir tão errado caminho.

Estes pezares profundos o levaram á sepultura e não pouco perturbavam o seu espirito desde muitos annos.

Foi com estas tristes idéas que o conde de Samodães deixou a capital nos fins de junho de 1857, vindo para o Porto, esperando tão pouco da sua saude como dos homens que estavam na estacada da politica, dirigindo e preparando-se para dirigir os negocios do estado. O seu firme e inabalavel instincto religioso exaltou-se com a proximidade, em que via a eternidade, não só pela sua avançada edade mas pela sua deteriorada saude.

Quiz, porém, ir morrer á terra do seu nascimento, e por isso deixou o Porto nos fins de julho, partiu para Samodães e d'ahi para

Gogim, onde passou o mez de agosto, progredindo sempre o seu enfraquecimento.

A 5 de setembro voltou outra vez para Samodães, fazendo ainda uma jornada de tres leguas, por um caminho intransitavel.

Desde os principios de agosto, porém, que elle estava plenamente convencido de que os seus dias estavam cheios. Em pleno juizo e com uma memoria san, quando corria para a avançada edade de 88 annos, não alterou nunca a serenidade e bom humor de que era dotado, e entregue a contemplações espirituaes, animado pela luz ardente de uma fé vivissima, esperava tranquillo o termo de uma longa existencia, que podia contemplar com vista retrospectiva, cheia de intima consolação, porque nem uma mancha embaciava o brilho que n'ella divisava.

Para recompensar a bondade do seu coração e a pureza de suas intenções, Deus proporcionou-lhe um passamento suave, sem dores nem anciedade.

. . . . . .

Meia hora antes de morrer, conversava docemente e estava sereno como o justo, que antevê a beatitude.

Pelas 4 horas da tarde, do dia 9 de setembro de 1857, deixou de existir.

Quatro annos depois, as côrtes geraes declararam relevantes os seus serviços, e a sua viuva recebeu uma pensão de 50$000 réis mensaes.

Tudo quanto vae em *italico*, é textualmente copiado dos *Apontamentos biographicos de Francisco de Paula de Azeredo, conde de Samodães, compilados e publicados por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães.*

Peço desculpa aos meus leitores pela extensão d'este artigo, a que deu causa — 1.º, a occasião opportuna de descrever rapidamente as tres invasões francezas; 2.º, a consideração e respeito que dedico ao actual sr. conde de Samodães, por ser um dos mais exemplares caracteres de nossos dias.

A biographia d'este senhor, e as armas da sua familia, irão em Samodães, para não fazer este artigo ainda mais extenso.

—

O 1.º conde de Samodães, casou em *Cedovim* (comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa) com sua prima, a sr.ª D. Maria do Carmo de Lemos Teixeira d'Aguilar, filha de Francisco Teixeira Bravo Pacheco Rebello d'Aguilar, fidalgo da casa real, e senhor de varios morgados, e de D. Maria Ludovina de Lemos Alvim e Carvalho, da casa de Cedovim, onde se effectuou este consorcio, a 4 de junho de 1827.

—

Sanctuario de Nossa Senhora da Piedade

A 12 kilometros a E. de Lamego, está a aldeia das Chans, capital da freguezia do mesmo nome, no antigo concelho de Lumiares, e hoje no de Armamar.

A uns 900 metros das Chans, está esta aldeia de Gojim, e proximo a ella o *monte de Nossa Senhora da Piedade*, a que deu o nome o famoso *sanctuario* da Virgem d'esta invocação, visitado por continuas romagens vindas não só das proximas freguezias, da cidade de Lamego e villas de Armamar e Mondim, como ainda de povoações a muitos kilometros de distancia.

É muito antigo este devoto sanctuario, o que a sua architectura demonstra evidentemente.

—

Ha duas tradições da origem d'este sanctuario.

Segundo uma — a imagem de Nossa Senhora da Piedade, appareceu n'este mesmo monte, junto a um silvado, e a pessoa ou pessoas, que a acharam, foram dar parte d'isto ao abbade das Chans, que, com o devido respeito e devoção, levou processionalmente a santa imagem para a egreja matriz de S. Martinho.

Quando no dia seguinte o povo foi á egreja, tinha a Senhora desapparecido, regressando ao monte onde tinha sido encontrada.

Tres vezes foram buscar a Senhora para a egreja, e outras tantas fugiu ella para o monte.

Então resolveram edificar-lhe uma ermida no proprio sitio da apparição.

A segunda tradição é que—um juiz do mesmo logar, sonhára tres vezes (ou tres noites) que a imagem da Senhora estava debaixo de uma silveira, no alto do monte. Foi lá e a achou no sitio do sonho.

Mandou-lhe o mesmo juiz logo edificar uma pequena capella, que a piedade e devoção dos povos em poucos annos transformou no formoso templo que hoje admiramos.

Com os milagres obrados por Nossa Senhora da Piedade, foi crescendo e propagando-se a devoção dos povos, e com muitas e valiosas esmolas, não só se adornou o templo com magnificencia, mas se edificaram casas de novenas, casas de residencia para um eremitão, e outra capella, junto ao templo. (Julga-se que esta capella está no proprio sitio onde foi a apparição.)

Construiu-se ainda outra capella, dedicada a Santa Maria Magdalena.

—

Do altar de Nossa Senhora sae uma fonte de excellente agua, correndo para um sitio agradavel, não só pelos loureiros e amieiros que lhe dão fresca sombra, mas tambem pelas extensas e formosas vistas que d'aqui se disfructam.

—

A imagem de Nossa Senhora da Piedade é de madeira, e, apesar da sua antiguidade, é de primorosa esculptura e está tão bem conservada como se fosse feita ha poucos annos.

Está sentada, tendo seu divino filho, morto, nos braços. Tem 0m,66 de altura, na posição em que está.

Tem uma irmandade que a serve, a qual alcançou um Breve perpétuo, com um grande jubileu e outras muitas graças e indulgencias.

O jubileu se ganha a 25 de março, porque n'este dia se celébra a festividade da Senhora, que é muitissimo concorrida de romeiros de muitas leguas de circumferencia.

Está o templo perfeitamente adornado e tem mui ricos paramentos.

Para a sua fabrica lhe deixou uma devota 6 alqueires de trigo, perpétuos.

A camara de Lumiares (e hoje a de Armamar) apresentava o eremitão e administrava a egreja.

—

Ao sopé do monte de Nossa Senhora da Piedade, correm de um lado o rio *Tédo*, e do outro o *Temilobos*.

—

A devoção d'esta santa imagem decahiu muito desde 1834, por não haver quem alli fosse celebrar; mas, ha poucos annos, o actual abbade de S. Cosmado (então reitor de S. Martinho das Chans), tomou sobre si o cuidado de restituir á Senhora e á egreja todo o seu perdido esplendor, fazendo-lhe uma solemne festividade.

O actual reitor das Chans, não tem sido menos incançavel n'esta piedosa devoção, e as romagens, offertas e esmolas têem continuado n'estes ultimos annos, a ponto de se poder restaurar a egreja e construir-se uma outra capella de Santa Maria Magdalena.

No dia 31 de maio de 1874, se fez a festa da Santissima Virgem da Piedade, na fórma dos annos antecedentes, sendo a romaria concorridissima, indo milhares de pessoas visitar o sanctuario da adoravel mãe dos afflictos.

A camara d'Armamar, as auctoridades do concelho e pessoas de todas as classes, alli concorreram, acompanhando as cruzes parochiaes e assistindo á solemnidade com a maior decencia e recolhimento.

—

É uma doce consolação para os verdadeiros catholicos, ver como o nosso bom povo portuguez, despresando os sophismas blasphemos de sonhadores ignobeis, e as nescias utopias dos desgraçados atheus do seculo XIX, conservam indestructiveis e inabataveis as sacrosantas crenças de nossos paes, e a fé e a esperança de que o sangue do Redemptor não regou inutilmente os rochedos do Calvario, e que a Egreja Catholica, edificada sobre alicerces divinamente solidos, resistirá eternamente a todos os vendavaes da descrença, corrupção e immoralidade.

—

São dignos de louvor os reverendos parochos de S. Martinho das Chans e S. Cosmado, pelo zelo edificante que sempre têem mostrado pelo culto da Santissima Virgem da Piedade, e pelo esplendor do seu devoto sanctuario.

—

Devemos declarar, em honra da verdade, e como voto de sincero agradecimento a esta, a todos os respeitos nobre familia, que todos os senhores da casa de Gojim, cujo proprietario e representante é o actual sr. conde de Samodães, foram, em todos os tempos, fervorosos devotos e dedicados protectores d'este sanctuario.

Já disse que o 1.º conde de Samodães (pae do actual) em cumprimento de um voto que fez a Nossa Senhora da Piedade, se escapasse dos graves ferimentos que recebeu em defeza da sua patria e do seu rei, e terminada a desastrosa guerra que tão injustamente nos moveu Buonaparte, aqui veio, em 1815, cumprir a sua promessa, fazendo a Nossa Senhora uma das mais sumptuosas festas que se têem visto por estes sitios.

—

Não menos sollicito, zeloso e dedicado n'esta devoção, tradicional na sua familia, se tem mostrado sempre o actual sr. conde de Samodães, que tem justo orgulho na sua qualidade de sincero christão e catholico verdadeiro—e que está convencido ser mais nobre ainda conservar as santas e inabalaveis crenças de seus antepassados, do que os seus nobres pergaminhos—e que a verdadeira e immorredoura nobreza, consiste mais na virtude e na honra, do que nos titulos e commendas.

Honra ao nobre fidalgo, que assim nos recorda esses gloriosos varões portuguezes, que, cobertos de honras, titulos e glorias, vinham agradecer de joelhos, humildes e reverentes, ao Deus dos exercitos, as victorias homericas obtidas contra os inimigos da sua patria.

GOLÃES ou **GULÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É povoação muito antiga. D. Affonso Henriques, estando a banhos em Lafões (Vouzella) fez doação de Golães, que então era villa, a D. Sancha Paes, em 1175, dando então á mesma senhora as villas de Gondim e Villar, em terra de Guimarães.

Passou isto depois para os infantes D. Martinho Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, e para sua mulher, D. Urraca, que deram ao mosteiro de Santo Thyrso o padroado d'esta egreja.

O abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis annuaes.

GOLEGAN ou **GOLLEGAN**—villa, Extremadura, comarca e 5 kilometros a SSO. de Torres Novas, 108 ao NE. de Lisboa, 20 ao NE. de Santarem, 900 fogos, 3:000 almas. Em 1757 tinha 750 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

No concelho os mesmos 900 fogos.

Feira franca a 11 de novembro, uma das melhores do reino. Dura 8 dias.

Situada em uma vasta planicie de 224 kilometros de comprido e 8 de largo, toda cultivada, coberta de cearas, vinhas e olivaes.

Os *campos da Golegan* são famosos em todo o reino.

São limitados ao S. pelo Tejo, que nas suas enchentes invade não só os campos, mas a villa, da qual então se póde sahir embarcado.

Foi sempre da corôa.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 320$000 réis de rendimento annual.

Teve principio esta villa em uma estalagem que aqui estabeleceu uma gallega, no reinado de D. Affonso Henriques, ou de D. Sancho I.

No reinado de D. Affonso V, já aqui havia uma povoação.

Á estalagem chamavam *Venda da Gallega*, e depois se mudou para *Villa Gallega* e por fim se corrompeu no actual nome.

Esta mulher tinha primeiro vivido alguns annos em Santarem. A venda primittiva que ella aqui estabeleceu era apenas uma barraca de taboas, mas em breve os lucros lhe deram para transformar a humilde choupana em boa casa de pedra e cal, e a taberna em hospedaria. Os seus grandes lucros despertaram a cubiça de outros concorrentes, que estabelecendo novas vendas, foram transformando a *Venda da Gallega* em povoação, por se hirem edificando casas tambem para a residencia de pessoas de differentes officios.

O seu brazão d'armas é—um escudo verde (alludindo a fertilidade dos seus campos) e no centro uma mulher com uma infusa na mão.

Por estar sobre a antiga estrada real de Lisboa para o Porto, prosperou muito até ao reinado de D. Maria I, em que se abriu a nova estrada real por Leiria e Pombal, ficando a chamar-se esta, *estrada velha*.

A mudança da estrada causou grande mal a esta villa e a sua decadencia.

O tempo do seu maior engrandecimento foi no reinado de D. Manuel, porque tendo este monarcha por muitas vezes a sua côrte em Almeirim (a 20 kilometros de distancia) faziam os da Golegan alli grande extracção dos seus generos.

Os povos, porém, vendo que a recuperação da sua antiga prosperidade estava na agricultura e na grande fertilidade do seu solo, se dedicaram a ella, e a povoação vae medrando a olhos vistos, em edificios, população e riqueza.

O caminho de ferro do norte e Leste, que tem uma estação proximo d'esta villa, tambem muito tem concorrido para a sua actual prosperidade.

Tem uma só freguezia, de que é orago Nossa Senhora da Conceição, e quatro capellas (Salvador, S. João, Santo Antonio e S. Miguel.)

Tem casas de boa apparencia e algumas d'ellas sumptuosas. Ha aqui opulentos lavradores.

É terra abundantissima em cereaes, azeite, vinho, fructas e hortaliças. Tem vastissimos prados, onde se cria muito gado de varias especies, com o que faz grande negocio com Lisboa e outras muitas terras.

No seu termo está a quinta da *Cardiga*, junto ao Tejo, que foi dos freires de Christo, de Thomar. Hoje é do sr. Almeida Lima. É uma das maiores propriedades que ha no reino, e uma das mais bem cultivadas, onde se teem adoptado os processos agricolas mais aperfeiçoados. Foi comprada á *Fazenda Nacional*, em 1834, por Domingos de Almeida Lima (pae do actual proprietario) por uns 200 contos de réis.

O actual proprietario é irmão da sr.ª viscondessa do Paço do Lumiar.

Em nada inferior á quinta da *Cardiga*, antes a muitos respeitos superior, é a famosa quinta do *Paúl*. Foi dos marquezes de Niza (descendentes de D. Vasco da Gama.)

O ultimo marquez a vendeu em 1866, por 400 e tantos contos de réis, ao sr. dr. José Maria Eugenio de Almeida, que gastou em melhoramentos quasi tanto como o seu custo.

Até 1866, o termo medio porque andava arrendada eram 24 contos de réis! Agora deve dar o dobro! Supponho que é a maior e a melhor quinta de Portugal.

O sr. José Maria Eugenio de Almeida, nasceu pobre, e formou-se em direito, em Coimbra, com grande sacrificio da sua familia. Fez um casamento rico, e como era intelligentissimo e muito activo, aventurou-se a negociar, ganhando em todos os seus negocios, sobretudo, com o contrato do tabaco. Hindo visitar as ricas propriedades que tinha em Evora, morreu n'esta cidade, de um ataque apopletico, a 23 de abril de 1872. Era par do reino e deixou dois filhos, e uma fortuna de 10 milhões de cruzados, metade em dinheiro, e o resto em optimas propriedades. O seu palacio de S. Sebastião da Pedrira, é um dos melhores de Lisboa e de Portugal.

Ainda no termo da Golegan ha outras grandes quintas, como a da *Labruja* (que foi dos jesuitas) a dos *Álamos*, etc.

Muitos fidalgos attrahidos pela fertilidade do solo, se vieram aqui estabelecer, fazendo-se *lavradores*.

—

Foi el-rei D. Manuel que mandou edificar a egreja matriz, no principio do seculo XVI.

É um templo de tres naves, vasto, e sumptuosissimo, da ordem a que chamamos *manoelina*. Poucas villas de Portugal teem uma tão magestosa matriz.

O seu interior é espaçoso e de proporcionada altura, sendo as naves divididas por amplas arcadas ogivaes, esbeltas e bem lançadas, mas singelas: não assim o *arco-cruzeiro*, que é adornado com todas as galas do estylo *gothico florido* e coberto de lavores primorosos.

Ha n'esta egreja um painel attribuido ao Grão Vasco, mas estragado.

Este templo está muito bem conservado, porque, ainda ha poucos annos se lhe fizeram reparações importantes, conservando-se-lhe rigorosamente a sua primittiva architectura.

Tambem se attribue ao rei D. Manuel a fundação da egreja da Misericordia, e pelo mesmo tempo.

É uma bonita egreja, e o seu hospital tem boa renda, está bem organisado, com excellente serviço e administrado com muito zêlo.

A casa da camara e cadeia são bons edificios.

As praças e ruas são todas irregulares, como todas as nossas terras antigas. A melhor casa da villa é da familia Relvas de Campos.

Ha na villa um club recreativo e uma excellente philarmonica.

O cemiterio publico é bem construido e está com muito aceio. Ha n'elle varios mausoleus muito formosos.

—

Ha aqui muito peixe, tanto do Tejo como do mar, vindo da *Nazareth*.

Não é falta d'aguas, mas á sua má qualidade se attribue a presistencia de febres intermitentes que aqui incommodam bastante os seus habitantes, principalmente nos arrabaldes.

Criam-se no seu termo optimos cavallos.

Nos campos da Golegan já trabalha, com bom resultado, ha mais de 8 annos, a charrua movida por vapor. Foi o sr. Antonio Vaz Monteiro, abastado lavrador d'aqui, que introduziu este melhoramento.

—

A uns 1:300 metros da villa está o convento de Santo Onofre, que foi de frades franciscanos, da provincia de Portugal.

Foi fundado em 1519 e pertenceu primittivamente aos frades *claustraes*. É edificio pequeno e de mesquinha architectura.

—

O concelho da Golegan tem apenas 25 kilometros quadrados; mas, para que se faça idéa da sua riqueza, basta dizer que paga uns 22 contos de contribuição predial, industrial, de registo e decima de juros.

—

A Golegan deve importantissimos serviços ao benemerito cidadão José Farinha Relvas de Campos, nascido em 1791 e fallecido em 27 de fevereiro de 1865.

Era tão probo e intelligente, quanto activo e emprehendedor. Vindo fixar a sua residencia aqui fundou importantes estabelecimentos agricolas e uma bella casa de habitação. N'esta achavam franca e excellente hospedagem todas as pessoas notaveis que transitavam por esta estradas e por varias vezes hospedou a familia real.

Nos seus estabelecimentos agricolas, introduziu e fez uso, com grande proveito publico, de muitos processos e instrumentos agricolas modernamente adoptados e aperfeiçoados entre as nações mais cultas da Europa.

Ao seu zêlo e á sua iniciativa deve a Golegan muitos e importantissimos melhoramentos, uns promovidos por elle como simples particular, outros a que deu impulso como presidente da camara, cargo que exerceu quasi constantemente; e como procurador á junta geral do districto, para que foi eleito seis ou sete vezes.

Os povos o elegeram deputado ás cortes de 1842, mas elle não acceitou. Tambem por muitas vezes o quizeram fazer commendador, canselheiro, barão, e até visconde; mas o honradissimo lavrador, superior a todas estas futilidades, tornadas caricatas pela sua multiplicidade, regeitou com despreso, titulos que via todos os dias prodigalisar a in-

dividuos sem o minimo merecimento, a outros de pessimos precedentes, e rarissimas vezes a pessoas de bem.

Seu filho, o sr. Carlos Relvas, segue em tudo os nobres exemplos de seu benemerito pae, distinguindo-se alem d'isso pelo modo brilhante por que exerce, como amador, a arte photographica. Os seus trabalhos teem alcançado justo renome em Portugal e no estrangeiro.

—

O concelho da Golegan é composto sómente da sua freguezia.

GOLEIRA DA QUÍNTA DAS TULHAS—vide *Pontos do Douro.*

GOLFAREIRA—vide Carvalhal, aldeia do Douro.

GOLPELHARES ou **GULPELHARES**—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 6 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 350 fogos. Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis annuaes.

Esta freguezia está situada em terreno accidentado, fertil e bonito, na costa do Atlantico, e é atravessada pelo caminho de ferro do norte.

É nesta freguezia a poetica capella do Senhor da Pedra, edificada sobre um rochedo, que as ondas açoitam furiosas, em ocasiões de temporal: ficando a capella reduzida a ilheu, nas aguas vivas. É de bôa cantaria e o seu interior está ornado com luxo.

E' imagem de muita devoção para os povos d'estas terras, até mais de 50 kilometros de distancia.

A romaria do Senhor da Pedra faz-se no ultimo domingo de maio. E' concorridissima não só por aldeanos, mas por milhares de romeiros do Porto, e até por alguns de Lisboa, d'esde que ha caminhos de ferro, cuja companhia estabelece então comboios a preços reduzidos.

Na vespera ha muito e variado fogo preso e do ar, com grande gaudio dos lavradores.

Antigamente havia sempre, por occasião das festas, grandes desordens (e até ás vezes mortes.) Ainda occorrem alguns desaguisados, mas de pouca monta, em razão do destacamento de tropa, que vae sempre fazer a polícia do arraial.

A freguezia de Golpelhares é muito rica, em consequencia do grande e constante commercio que faz com a cidade do Porto.

As mulheres d'esta freguezia teem fama (bem merecida) de formosas.

GOMES AYRES—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Almodovar, 120 kilometros d'Evora, 155 ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 137.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e distrtcto administrativo de Beja.

Foi da comarca e concelho d'Ourique.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 68 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes.

O seu nome lhe provem de Gomes Ayres, valoroso cavalleiro de D. Affonso Henriques, ao qual o rei deu o senhorio d'esta freguezia, em premio dos seus serviços á patria, e povoou estas terras, pelos annos de 1170.

GOMIDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Villa-Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos. Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É corrupção de *Gomía*, palavra árabe. Era uma arma antiga, especie de *faca de matto.*

Foi aqui o solar da familia dos *Gomides*, e parece que o primeiro que tomou este appellido foi Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade (primeiro ministro, é o título que hoje corresponde ao de escrivão da puridade) de D. João I.

Este Gonçalo Lourenço era o primeiro senhor de Villa Verde. Seu filho, João Gonçalves de Gomide, II senhor de Villa Verde, foi alcaide-mór de Leiria, Obidos e Alemquer.

Foi bisneto de Gonçalo Lourenço de Go-

mide, o grande Affonso d'Albuquerque, vice-rei da India desde 1510 até 1515. A casa de Villa Verde foi elevada a condado e passou para os marquezes d'Angeja.

Foi couto de Malta, com grandes privilegios, como os dos outros caseiros d'esta ordem.

Tinha juiz para o civel, mas não tinha escrivão. Vinha um dos de Pico de Regalados aqui escrever nas audiencias e fazer os processos.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis annuaes.

É terra fertil.

Cria muito gado e os seus montes tem muito caça, grossa e miuda.

GOMIL — freguezia, Traz-os-Montes, no bispado, districto administrativo, e comarca de Bragança, extincto concelho de Santalha. Foi supprimida ha muitos annos.

O seu nome vem de *gomil*, especie de jarro antigo. Ainda nas casas nobres são conservados alguns gomis de prata ou porcellana, como memoria de antiguidade.

GOMINHÃES — freguezia, Minho, comarmarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Pedro Fins.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O nome d'esta freguezia significa *terra dos gomis*. Talvez por se fabricarem aqui aquelles vasos. Vide *Gomil*.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis annuaes.

GONÇA ou **GONCE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONÇALO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho e 18 kilometros da Guarda, (foi do concelho de Valhelhas) 300 a E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

É terra fertil; cria muito gado e caça, grossa e miuda.

A mesa da consciencia apresentava o prior que tinha 100$000 réis annuaes.

GONÇALO BOCCAS — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de S. Pedro, da cidade da Guarda, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GONDALÃES — vide Gondellães.

GONDAR ou **GUNDAR** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

400 leguas ao S. do *Cairo* é a cidade de *Gondar*, capital da Abyssinia. *Gondar* tambem é nome proprio de homem. É palavra normanda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONDAR — freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, 54 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O D. abbade, benedictino, do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Depois passou a ser vigariaria de S. Bento de Coimbra.

A mesma etymologia.

GONDAR — freguezia, Minho, comarca de

Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 48 kilometros a ONO. de Braga, 406 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna. A mesma etymologia.

É terra fertil.

Foi vigariaria das freiras bentas de Vianna, que apresentavam o parocho, o qual tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Era senhor donatario d'esta freguezia D. Mendo Moniz, rico-homem, que lha deu D. Affonso Henriques, em premio de destruir a machado a porta da praça de Santarem, quando aquelle rei a tomou aos mouros, em 8 de maio de 1147; e mais determinou que elle e os seus descendentes tomassem o appellido de Machado. Outros dizem que este appellido foi dado por D. Sancho I, em 1205, a Fernão Mendes Machado, filho de D. Mendo, ao qual deu tambem o senhorio da *Torre de Penagate*, no Minho. Estes Machados tem por armas—em campo vermelho, tres machados de prata, em roquete, e nove torres da sua côr, em orla. Timbre, dois machados em aspa, atados com fita vermelha.

D'esta familia procedem muitas no Minho e em outras partes. A Alvaro Machado, a seu primo João Machado Moniz e a seu filho Francisco Fernandes Machado, todos d'esta familia, deu o imperador da Allemanha, Fernando II, em 1637, novas armas, que são—escudo esquartellado, no 1.º quartel, de verde, tres machados de prata, com cabos d'ouro, em roquete; no 2.º, de negro, uma espada de prata com um bastão d'ouro, em aspa, entre estas quatro lettras—F. I. L. F.—que querem dizer «*Ferdinandus Imperator libenter facit*» (o imperador Fernando a deu de boa vontade); no 3.º, asul, um coração vermelho, perfilado d'ouro, entre um letreiro do mesmo, que diz «*spes mea in Deo est*» (a minha esperança está em Deus); no 4.º, d'ouro, um gallo, cinzento, com algumas pennas de negro.

GONDAR—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros ao NE. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

É terra fertil. Cria muito gado. Caça.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

—

Houve aqui um antigo convento de freiras benedictinas, do qual era egreja a actual matriz da freguezia. Aqui vinham aos *capitulos* as freiras de dois conventos, pois n'esses tempos ainda não havia clausura.

No seculo XVI passou ao poder de commendatarios.

—

Foi aqui o solar dos *Gondares*, procedentes de *Mem Gondar*.

Tambem foi solar dos *Mottas*, descendentes de um nobre fidalgo asturiano, que veio para Portugal com o conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei.

O primeiro que se acha com este appellido, é Ruy Gomes de Gondar da Motta, em tempo de D. Affonso II. Tomou-o de sua quinta da Motta, onde teve o seu solar, na freguezia de Villa Chan do Marão.

Tem brasão d'armas completo, a saber—em campo verde, cinco flores de liz d'ouro, em aspa—elmo d'aço, aberto, e por timbre, duas plumas verdes, guarnecidas d'ouro e entre ellas, uma das flores de liz das armas.

Os que descendem do dr. Jeronymo da Motta, formado em direito na universidade de Sena (Italia) e escrivão da camara de D. João III, do seu desembargo, e juiz da real fazenda, augmentaram as suas armas, por outhorga do mesmo rei, do modo seguinte:—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, leão de prata, coroado d'ouro; no 2.º e 3.º, as armas dos Mottas, que ficam descriptas. Elmo d'aço, aberto; timbre, meio leão das armas.

GONDAREM—freguezia, Minho, comarca e 20 kilometros ao O. de Vallença, concelho e 3 kilometros ao O. de Villa Nova da Cerveira, 54 ao ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Britiandos apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis annuaes.

Situada parte em bella planicie, na margem esquerda do rio Minho (que limita a freguezia pelo N.) e parte na encosta de uma alcantilada serra, ramo da Arga, com formosas e dilatadas vistas. Pelo meio das suas veigas passa a bella estrada real, feita em 1864.

É terra muito fertil, devendo toda a sua feracidade aos preciosos *nateiros* que o rio Minho deposita nas suas margens.

Ha aqui em abundancia, cereaes, vinho e fructas; muito linho, algum azeite e colmeias. Cria muito e bom gado. É farta de saborosissimo peixe do rio e do mar, que apenas lhe fica distante 9 kilometros ao O.

A estrada real, por estes sitios, mais se póde chamar um delicioso e encantador passeio, do que uma via publica.

É aqui o solar dos *Cadavaes*, fidalgos oriundos da Galliza. É hoje representante d'esta familia o sr. Francisco de Sousa Cadaval, aqui residente.

—

Os navios de piratas normandos e gascões, invadiram por muitas vezes as costas da Lusitania, saqueando seus povos e talando seus campos, principalmente as costas do N., no seculo VI.

Como eram christãos, os reis de Hespanha por algumas vezes recorreram ao seu auxilio, nas guerras contra os mouros. Por fim, attrahidos pela amenidade e fertilidade do clima, se foram estabelecendo por estes sitios, fundando varios castellos e povoações, nas proximidades do litoral e nas margens dos rios navegaveis, e por fim, vieram a formar uma e mesma nação com os antigos povos que por aqui estacionavam. (Vide Normão.)

Um chefe normando (alguns lhe dão o titulo de rei, o que de certo é êrro) chamado *Gundarêdo*, que no reinado de D. Ramiro III tomou aos mouros a Galliza e varias terras da parte septentrional da provincia do Minho, fundou esta povoação, pelos annos 970, fazendo aqui um castello á beira do rio de que não ha vestigios (provavelmente alguma enchente do Minho o destruiu) e dando o seu nome á povoação, o qual se corrompeu em *Gondarem*.

Note-se que *Gundarêdo* só fundou o castello e a povoação proxima a elle, porquanto já então aqui havia uma freguezia chamada *Mangoeiro*, que com o andar dos tempos veio a perder o nome, tomando o de *Gondarem*, que só se dava ao castello e povoação immediata. Ainda n'esta freguezia ha uma aldeia chamada *Mangoeiro*, onde estava a primittiva egreja.

Os descendentes de *Gundarêdo* foram senhores de Gondarem por muitos annos e se intitulavam os *Gondarens* ou *Gondares*, e aqui tinham o seu solar. Este sr. Cadaval em quem já fallei, consta ser descendente d'essa familia; entretanto o seu ramo primogenito (dos Gondarens) extinguiu-se, sendo a sua grande casa dividida por varios herdeiros.

O nobre appellido *Cadaval* d'esta familia, não vem do Cadaval portuguez, mas da povoação do *Cadabal*, na Galliza, cujo solar o sr. Francisco de Sousa herdou.

Para a familia e armas dos Sousas, vide S. Thiago de Bedoído, Alafões e Redondo.

GONDAREM — bonita aldeia, Douro, freguezia da Raiva, concelho e 10 kilometros a ONO. de Paiva, comarca e 20 kilometros a NO. de Arouca, 35 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Está situada em terreno bastante accidentado, mas fertil, sobre a margem esquerda do Douro, e o seu territorio é bem cultivado, e muito fertil.

A mesma etymologia, isto é, vem do nome proprio de homem, *Gundarêdo*. Talvez o mesmo que fundou o Gondarem da margem esquerda do Minho fundasse este; ou outro normando do mesmo nome — ou seria senhor d'este logar um *Gondarêdo*.

GONDEFÉLLOS ou **GONDIFÉLLOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos

Orago S. Felix e Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era abbadia da mitra primacial. O abbade tinha 600$000 réis annuaes.

Era da comarca e concelho de Barcellos, mas em 20 de dezembro de 1872 passou a fazer parte da comarca e concelho de Famalicão.

É terra muito fertil. Cria bastante gado de toda a qualidade.

GONDELLÃES ou **GONDALÃES**—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra e os conegos regrantes (cruzios) da Serra do Pilar (Gaia) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

GONDEZENDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 18 kilometros ao S. da raia hespanhola, 48 de Miranda, 210 ao NE. do Porto, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Gondezendo, Gondezindo e *Gozendo* são nomes proprios de homem.

Era da casa de Bragança, que apresentava o abbade, o qual tinha 200$000 réis annuaes.

GONDIÃES e **SAMÃO**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Bom vinho, chamado *de Basto.*

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

GONDIÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, (até 1855, comarca e concelho de Pico de Regalados), 12 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro de Esqueiros, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

Foi couto. Houve aqui um palacio de D. Berengueira (ou Berengaria) Ayres, fundadora do mosteiro d'Almoster (bernardas).

Affonso Vasques Pimentel e sua mulher, Sancha Fernandes, pretenderam o senhorio d'este couto, por lh'o venderem Mayor Pires de Novaes e seu marido Lourenço Annes Carneiro; mas D. Affonso III, julgou a favor de D. Berengueira.

GONDIÇALVES ou **GONDISALVES**—freguezia, Minho, comarca, concelho e suburbios de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro de Maximinos, da cidade de Braga, apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de S. Pedro de Maximinos, e fórma com ella parte da cidade. Têem ambas hoje 400 fogos, e os dois oragos (S. Pedro e Santo André). Aqui vinham os arcebispos fazer oração, antes de fazerem a sua entrada official em Braga.

Foi aqui a cidade primittiva, do que ainda existem ruinas, que mostram ser de grandes edificios; como o amphitheatro, aqueductos e outras construcções. Vide Braga.

GONDIFELLOS—Vide Gondefellos.

GONDIM—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É freguezia muito antiga, e tinha o titulo de villa no seculo XII, pois estando D Affon-

só I nas Caldas de Lafões, em setembro de 1169, deu as suas tres villas de Golães, Gondim e Villar a D. Sancha Paes.

É terra fertil.

D. Diniz lhe deu foral, em Santarem, a 20 de fevereiro de 1287.

O bailio de Lessa (do Bailio) apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Cria-se n'esta freguezia muito gado bovino que se exporta. É uma terra prospera, pelo commercio diario que faz com a cidade do Porto.

GONDINHÃES (mais vulgarmente *Gontinhães*) — freguezia, Minho, comarca e 12 kilometros ao N. de Vianna, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, 50 ao O. de Braga, 98 ao N. do Porto, 408 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É da casa do infantado.

Situada na costa maritima, parte em planicie á beira-mar e parte em terreno accidentado, abrigado do N. e NE. pela serra d'Arga.

É uma das mais bonitas freguezias da provincia do Minho, e fertilissima em todos os generos de agricultura.

Cria muito gado e colmeias, e nos seus montes ha muita caça. É abundante de peixe aqui mesmo pescado; no que se empregam muitos barcos e *maceiras*, e do rio Minho lhe vem o optimo savel, a deliciosa lampreia, o rico salmão, o excellente e volumoso sôlho, e a saborosa *truta* marisca.

Quasi na extremidade da freguezia passa a nova estrada real de Lisboa para as provincias do Norte, a poucos metros das praias do Oceano, e ainda entre estrada e o mar, deve passar o *caminho de ferro do norte*, quando se fizer, e se se adoptar o *traçado* feito.

N'esta freguezia é o formoso logar da *Lagarteira* (vide esta palavra) optima estação de banhos do mar, e concorridissima no verão — vulgar, mas erradamente chamados *Banhos d'Ancora*.

Querem alguns escriptores que a primitiva egreja matriz d'esta freguezia era na veiga de *Balthazares* (corrupção de *Valle d'Azares*), e que a capella de S. Braz que ainda alli existe (e que realmente é antiquissima) foi a matriz. É e não é verdade. Segundo a tradição, o 1.º nome da freguezia d'*Ancora* foi *Valle d'Azares* (que se corrompeu em *Balthazares*) e a sua matriz estava na veiga que ainda tem este nome. Mas essa egreja era a matriz d'Ancora, quando Gontinhães lhe pertencia, e a 1.ª egreja matriz de Gontinhães era a actual.

Além d'isso a veiga de *Balthazares* é nos limites d'Ancora, e não nos de Gontinhães.

Tenho lido que a matriz de Gontinhães foi edificada em 1560.

Não pude averiguar quando esta freguezia se formou desmembrando-se d'Ancora, mas o que é verdade, e eu vi, é que esta egreja denotava muito mais antiguidade. Era de 3 naves, de architectura simples e grosseira, e estava quasi a cahir. O povo da freguezia se propoz reedifical-a á sua custa, e principiaram as obras em 1864, terminando em 1866.

Ficou pouco do antigo templo, sendo feita de novo a capella-mór, o arco cruzeiro e a frente. As columnas toscas e os arcos singelos e desengraçados das suas tres naves foram completamente desmanchados. Tornou a ficar de 3 naves, mas elegantes e de boa architectura, e esta egreja é uma das bôas e bonitas do Minho.

Dividida da egreja só por o caminho está a *quinta da Egreja*, ou *das Torres*, ou *dos Pintos* (que por todos estes nomes é conhecida) que foi solar dos Pintos. O abbade d'esta freguezia, Diogo de Caldas Barbosa (irmão do bisavô da actual condessa da Ribeira) a houve por compra, e d'ella fez um vinculo, que por sua morte se encorporou no dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, de que era então administrador o desembargador Ignacio de Castro Lemos, sobrinho do tal abbade.

A quinta é pequena; tem grandes casas, em ruinas, e duas altas torres (torreões) que lhe dão o nome — e tem um bello chafariz, onde vem em tubos de pedra (mani-

lhas) a agua que foi das freiras de Bulhente. Mas se esta quinta é pequena, não deixa de ter um grande valor, não sómente por estar no mais bello sitio da freguezia, e por se ver d'aqui toda ella, a estrada real e grande extensão do mar; mas, e principalmente, pela grande quantidade de propriedades e fóros, que lhe estão annexos. São actuaes possuidores de tudo isto a sr.ª condessa da Ribeira (residente na Junqueira, em Belem) e seus sete irmãos, que todos teem valiosissimas propriedades e muitos e ricos prasos em toda esta costa e nas freguezias da margem esquerda do rio Minho, desde Caminha até Monção.

A actual freguezia de Ville era uma aldeia (ou aldeias) d'esta, da qual foi desmembrada, passando a formar parochia independente, no principio do seculo passado. Julgo que a freguezia d'Azevedo, contigua á de Ville, tambem então se desmembrou da de Gontinhães.

Na encosta O. da serra de *Real*, ramo da d'Arga, estão os vestigios de uma antiquissima egreja, tendo apenas um metro de altura. Ainda se distinguem os *cunhaes*, com os seus grosseiros e toscos lavores, denotando a architectura dos seculos VI ou VII. É a egreja do antiquissimo mosteiro *do Salvador do Mundo*, de freiras benedictinas, de Bulhente.

Não pude saber quando foi fundado este convento, só se sabe que já existia no tempo dos suevos, e que pertencia ao bispado de Tuy, que até ao reinado de D. Affonso V, de Portugal, chegava até á margem direita do rio Lima. Foi este soberano que expoz ao papa Eugenio IV (pelos annos 1440) que não tinha que dar ao novo bispo de Ceuta (Africa) e que lhe ficasse pertencendo o territorio do bispado de Tuy que estava entre o Minho e o Lima; ao que o papa annuiu, ficando desde então até 1512 do bispado de Ceuta, e sendo n'este anno mudado todo aquelle territorio para o arcebispado de Braga, por troca, o que D. Manuel confirmou e o papa Leão X, aprovou em 1513.

As freiras d'aqui eram, como as de *Recião* (vide esta palavra que traz coisas curiosissimas com respeito ás suas freiras) praticando toda a casta de escandalos com quem lhes parecia, principalmente com os frades de S. João de Cabanas, na freguezia de Afife, que ficavam perto parecendo mais sacerdotizas de Venus, do que religiosas christans. Tantas fizeram que o bispo de Ceuta, supprimiu este convento, pelos annos de 1460, e parece que até o mandou arrazar.

Outros dizem que os arabes assassinaram as freiras e arrazaram o convento, em 716; o que é êrro, porque elle ainda existia no reinado de D. Affonso V, como já disse.

O que é certissimo, e eu vi, é que da egreja só existem os vestigios que disse, entre silvas e cardos.

Do edificio do mosteiro só existem alguns alicerces; e a sua *cêrca* está hoje convertida em uma *bouça*, chamada *Matto de Bulhente*, que é da casa do Côvo (Oliveira de Azemeis).

Esta bouça está toda murada, provavelmente com a pedra que foi do mosteiro; pois não ha outros signaes d'elle, a não ser nas paredes d'esta e outras tapadas de por alli.

Em todo o caso era mosteiro pequeno e pobre. É situado em um alto com deliciosas vistas.

No matto, que foi *cêrca*, passa *encanada* a grande nascente d'agua, de *Real*, que nasce pouco acima d'onde foi o convento, e réga e fertiliza grande parte da freguezia.

Ha n'esta freguezia a capella do *Salvador do Mundo*, feita depois da suppressão do mosteiro, e por ordem do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles. Foram para aqui trazidas, em 1723, as imagens da egreja de *Bulhente* (o que eu não sei é onde ellas estiveram até então.)

—

Tambem ha a capella de S. Sebastião, toda de abobada, situada no centro da freguezia, tendo no seu adro um pulpito de pedra, muito tosco, feito a modo de cuba, coberto por uma abobada sustentada por columnas de pedra; obra incontestavelmente muito antiga, e em 1865, quando eu vi isto, estava a abobada do tal pulpito já qua-

si a cahir. Ha n'este adro uns corpulentos carvalhos, que tambem denotam grande velhice.

E' tradição que esta capella serviu de matriz, emquanto se não construiu a primittiva egreja.

Dizem alguns escriptores que a matriz foi a capella de S. Braz, o que já mostrei ser é êrro. A actual matriz é incontestavelmente a primittiva. Parece que foi edificada no fim do seculo XV, sendo abbade da freguezia João Vicente do Valle, que lhe deixou todos os seus bens, por testamento. Não sei o que foi feito d'esses bens — se é certo isto — porque a egreja não tem bens de raiz, e o actual parocho só possue o passal, que é pequeno.

—

Não pude averiguar em que anno Gontinhães e Riba d'Ancora se desmembraram de Ancora, formando freguezias independentes, apenas soube que foi no seculo XV.

Depois d'isto, ainda se desmembraram de Gontinhães varias aldeias, que foram formar as freguezias d'Azevedo e Ville. Quando Ancora possuia a vasta área, que agora comprehende aquellas quatro freguezias, chamava-se *Valle d'Azares*, e depois *Villar de Ancora*. (Vide esta palavra, e tambem *Azevedo*, no concelho de Caminha).

—

No sitio da *Barrosa*, ha um cerrado (tambem da tal casa do *Côvo*), chamado *Matta da Lapa*. No centro d'este cerrado está um *dolmen* (*celtico* ou *pre-celtico*) dos mais bem conservados que tenho visto. O povo lhe chama a *Lapa dos Mouros*, e é d'este engano que ao cerrado provem o nome de *Matta da Lapa*.

Apesar da facilidade que ha em achar este *dolmen*, que está em um sitio plano, e proximo da nova estrada real e do logar da Lagarteira, nenhum archeologo antigo, ou moderno, o viu nem falla n'elle; antes *todos* dizem que na provincia do Minho ha *só dois dolmens*,— um no monte da *Polvoreira*, (proximo das Caldas de Visella) e outro no monte da *Pedreira*, perto de Pombeiro.

Tambem n'esta freguezia, na de *Mollêdo*, (contigua) e na de *Cristêllo*, contigua á de Mollêdo, ha varios *carns*, ainda facilmente reconhecidos como taes, e a que o povo d'aqui chama *cerrados dos mouros*.

Não achei em grande parte do Minho que percorri, vestigios de *mâmoas*, nem informações de que por aqui as houvesse.

Tambem o mesmo me aconteceu com as *antas*. Não vi nem me constou que houvesse nenhuma.

É verdade que na *Gandara de Santo Isidro*, (freguezia do Mollêdo, 3 kilometros ao S. de Caminha) ha dois penedos que me parecem antas; mas não o pude verificar, por estarem enterrados (parte) com as areias, pois são mesmo á beira mar. Ambos estão rachados pelo meio: um consta que foi partido por um raio (e lhe chamam mesmo penedo do raio) e o outro foi partido pelos constructores da estrada real (que por alli passa) em 1857.

José Avellino d'Almeida no seu *Diccionario Geographico Abreviado*, diz que, quando cahiu o raio sobre o penedo, estavam abrigadas debaixo d'elle duas pastoras. Não póde ser. Nenhum d'estes penedos podia servir d'abrigo a cousa nenhuma; porque são esphericos e estando metade enterrados, teem a figura de uma tigella com o fundo para cima — isto é—a forma hemispherica. Accrescenta o mesmo escriptor que quando cahiu o raio, uma das raparigas resava e a outra praguejava, mas que nenhuma teve perigo.

Para os leitores saberem a que eu chamo *dolmen*, *anta*, *carn mâmoas*, vide Dolmen.

—

É pois incontestavel que estes sitios foram habitados d'esde a mais remota antiguidade, em vista dos vestigios que por aqui existem de povos desconhecidos.

Segundo alguns historiadores, quando a Lusitania foi invadida pelos gregos, no anno 1360 antes de Jesus Christo, alguns persas os acompanhavam.

Talvez que estes persas aqui se estabelecessem, ou, pelo menos, aqui residissem. Faz-me conjecturar isto o seguinte:

Haver n'esta freguezia um valle ou veiga chamado de *Sapôr*.

Na freguezia de Riba d'Ancora, a partir

com esta, ha uma aldeia e uma matta chamada *do Médo* (proximo de Ponte de Lima ha tambem um monte chamado *dos Médos.*) Entre esta freguezia de Gontinhães e a de Riba d'Ancora, ao O. da tal aldeia do Médo, e pela parte debaixo d'ella, ha a veiga de *Sub-Médo* ou *Sumédo.*

Ha ainda por aqui outros nomes antiquissimos de que já me não recordo.

Tambem este foi habitado o paiz pelos primeiros lusitanos, do que ha vestigios.

Aos povos que na antiguidade habitaram esta parte da costa lusitana, se dava o nome de *espacos* ou *spacs*, e porisso ao rio Ancora chamavam os romanos *Vicus Spacorum*. Vide Ancora.

—

O rio *Ancora* divide freguezia da de Ancora, e ainda que a formosa estação dos banhos esteja toda ao N. do rio, e por consequencia na freguezia de Gontinhães, lhe dão vulgarmente o nome de *Banhos d'Ancora.* (Vide *Lagarteira.*)

Já disse que o rio *Ancora* era o *Vicus Spacorum* dos romanos. No tempo d'elles, a sua era mais ao S., (e proximo do *fortim do Cão*) do que ainda ha vestigios. A actual *foz do Ancora*, de areia movediça, é apenas uma pequena *garganta*, que na vasante se passa quasi a pé enchuto, e mesmo na praia mar só dá ingresso a pequenas lanchas.

Da ponte d'Ancora já fallei, quando tratei d'este rio e da tragedia que lhe deu o nome.

Na *Lagarteira* ha um *fortim*, que foi reparado em 1865 e que tem uns 3 ou 4 veteranos de guarnição; mas ha muitos annos está completamente desartilhado.

Tambem ha aqui, junto e ao S. do tal fortim, um *varadouro* chamado o *Portinho*, onde só podem entrar as pequenas lanchas de pesca. Está de todos os lados cercado de penhascos, onde quasi todos os annos ha desgraças a lamentar, pois os barcos n'elles se despedaçam com frequencia. É verdade que em 1865 se concluiu um *quebra-mar*, ao N. do *Portinho*, por conta das obras publicas do districto, que evita alguns perigos e sinistros; mas muito mais util seria aos pobres pescadores d'aqui, se fosse mais sólida e mais scientificamente construido. Este, no estado em que está, não dá grande credito a quem o deliniou!

O mar, com qualquer temporal (que é quando o corta-mar era precizo) galga sobre elle com a maior semceremonia!

—

Atraz do *fortim*, uns 300 ou 400 metros ao NE., ha vestigios de fortificações muito antigas, no sitio da *Venda-Velha* e em um cabeço proximo. Mais a cima uns 500 metros, na encosta da serra, ha as ruinas de uma *atalaia*, a que chamam *o facho.*

Todas estas fortificações foram feitas por causa dos piratas africanos que infestavam estas costas muito frequentemente.

Foi D. Pedro II que mandou fazer os fortins da *Lagarteira, do Cão* e outros, em 1690.

—

D'esta freguezia se avista o *pico de Santa Tecla*, 8 kilometros ao ONO, sobre a foz do Minho, já na Galliza, e outras povoações.

É uma freguezia rica, saudavel, abundante de bôas aguas e fertil.

GONDIZALVES — Vide *Gondiçalves.*

GONDOMAR — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Gondomar é corrupção do nome proprio de homem *Gondemar* ou *Gondemario.*

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

É terra fertil.

GONDOMAR — freguezia, Minho, comarca e concelho de Nilla Verde, 24 kilometros ao ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa dos Menezes (senhores da Barca) apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

Tinha sido primeiro do real padroado.

É terra fertil.

Ha aqui um fojo para caçar lobos.

A mesma etymologia.

GONDOMAR ou **S. COSME DE GONDOMAR**—villa, Douro, comarca e 8 kilometros a NE, do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 950 fogos, 3:800 almas, no concelho 5:300 fogos.

Em 1757 tinha 548 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

Diz-se que esta villa foi fundada em 610, pelo rei gôdo *Flavio Gundemario*, que lhe deu o seu nome,.

Desde que Gondomar se elevou a villa, se disse *S. Cosme de Gondomar*. Hoje diz-se simplesmente *Gondomar*.

O ordinario e os conegos de S. Martinho, de Cedofeita (Porto) apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar, que é bom.

A egreja matriz é antiquissima. Foi a primeira egreja das Hespanhas, dedicada a estes padroeiros.

S. Cosme e S. Damião eram naturaes de Egéa, na Arabia, (a cidade que deu nome ao mar *Egeu*).

O terreno da freguezia é bastante accidentado; mas seus valles são amenos, salutiferos e fertilissimos em todos os generos agricolas. E' muito fertil em aguas de boa qualidade, e ha aqui grande abundancia de cebolas, das quaes se exportam para o estrangeiro uns poucos de contos de réis por anno.

Fabricam-se n'esta freguezia muitas obras de filigrana de oiro e prata e artefactos de marceneria.

Ha muitas, boas e bonitas quintas. Fica proximo da direita do Douro.

Tem peixe do rio e do mar.

Tem foral, dado por D. Sancho I, em Coimbra, a 5 de abril de 1193; confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em março de 1218.

D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 19 de junho de 1514.

—

E' freguezia muito antiga, pois já em 897 foi dada esta egreja ao mosteiro de *Lavra*, por Gundezindo. (Vide *Lavra*.)

Foram donatarios d'este concelho os condes de Penaguião, marquezes de Fontes, e depois, por herança, os marquezes d'Abrantes.

Tanto esta freguezia, como quasi todas de que se compõe o concelho, são fertilissimas em todos os generos agricolas. São terras muito ricas em razão do constante commercio, que por terra e pelo Douro, fazem com a cdade do Porto. Tambem exporta annualmente centenares de cabeças de gado bovino, para a Inglaterra, o que muito tem feito desenvolver a creação de bois e vaccas e fabricação da manteiga.

Foi aqui a honra de D. Soeiro Reymondo, solar dos Reymondos, que D. Affonso III, nas *Inquirições*, não julgou ser *honrada nem coutada*, por padrões ou documentos, mas confirmou a honra, em attenção á pessoa de D. Soeiro.

No monte *Crasto* houve um forte castello romano.

Ha n'este concelho minas de carvão de pedra, talco, antimonio e outros metaes.

E' tradição que houve tambem minas de ouro; e é certo que os romanos e os arabes aqui fizeram muitas obras de mineração, do que ha evidentes vestigios em varias galerias.

Aqui nasceu, em 19 de março de 1804, D. João de França Castro e Moura, que morreu bispo do Porto.

Era filho legitimo de Antonio João de França e Rosa de França Castro e Moura, naturaes d'esta freguezia.

Foi um dos mais illustrados e virtuosos bispos que tem tido a diocese portuense.

O concelho de S. Cosme é composto de 11 freguezias, todas no bispado do Porto. São — *Covêllo*, *Fânzeres*, *Foz do Sousa* ((vulgo *Sousa*) *Gondomar*, *Jovim*, *Lomba*, *Méédas*, *Mélres*, *S. Pedro da Cóva*, *Rio Tinto* e *Walle Bom*.

GONDOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 60 kilometros a NO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis annuaes.

Ha aqui uma torre com *fóros sabidos*, annexa á casa d'*Agra*, que dos Abreus, de Regalados, se desannexou por successão, passando para a casa de Sotto-Maior. Tinha primeiro sido dos condes de *Crecente*, marquezes de Tenorio, na Galliza. São os ascendentes dos Sottos Maiores de Monção e outros.

(Para a familia e armas dos Sottos Maiores, vide Monção.)

GONDORIZ — freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras do Bouro, 15 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 337 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do Salvador, de Baldreu, apresentava, *ad nutum*, o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

Foi n'esta freguezia a *honra* dos Coelhos, que, no reinado de D. Diniz, passou aos Abreus, de Regalados. Ainda existe a torre da *Gardenha*, que era o seu solar.

Esta freguezia foi até 1855 d'este mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados, que, em 24 de outubro d'esse anno passou para Villa Verde.

E' terra fertil.

Cria muito gado. Nos seus montes ha muita caça.

Se não é erro do *Portugal Sacro e Profano*, não sei a que se possa attribuir a reducção da população, a menos da terça parte do que era em 1757.

GONDORIZ — freguezia, Minho, comarca e concelho de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 311 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis annuaes.

—

Foi primeiramente do padroado de João Rodrigues, do *Cabo da Villa* (metade, e a outra metade era da casa do *Paço*, solar dos *Gachimeiros;* dos Gonçalves, de *Pugído*, e dos Vellosos, Pires de Castro, e Barros) que tambem tinha (João Rodrigues) os padroados, *in solidum*, de *Santa Vaia*, e sua annexa, *Aguião*. Como todos estes eram pobres, para evitar *simonías*, D. João III obteve bulla de Paulo III, para este padroado passar para a corôa, e o deu aos taes viscondes.

GONDUFE — villa, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Gondufe é de certo corrupção do nome proprio de homem — *Gondulfo* ou *Gundulfo*.

Foi couto, com justiças proprias.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento annual 500$000 réis.

É povoação muito antiga, provavelmente fundada, ou povoada por algum senhor gôdo, chamado Gondulfo, que lhe deu o nome.

Não tinha foral proprio; era incluido no de S. Martinho. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 67 v.)

Ha aqui um pequeno ribeiro, que vem do *Beiral*. D'este logar para cima, nunca ha nevoa no rio, nem cria peixe de qualidade nenhuma.

No logar da *Armada* está a capella de S. Lourenço e vestigios de um antiquissimo castello.

No logar da *Aldeia* existem os restos desmantelados do paço e casa dos *Sequeiros*, que procedem do conde *D. Fafes Sarrazim*, de Lanhoso, morto na batalha que D. Garcia deu a seu irmão D. Sancho, de Castella, em 1071.

D. Fafes Luz, filho de D. Egas Fafes e

neto de D. Fafes Sarrazim, foi senhor do couto e solar de Gondufe, por mercê de D. Affonso Henriques.

Ha tambem aqui o antigo paço de *Jazim*, que foi dos Antas, de Coura.

É terra bonita, fertil e saudavel. Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

(Vide Correlhan.)

GONTÃES — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia da Campean, comarca de Villa Real, concelho d'Ermêllo, 65 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Situada na serra do Marão.

É muito provavel que antigamente se extrahisse aqui, de minas de ferro, este metal em não pequena quantidade, pois que em 1292, fez o mosteiro de Salzedas, prazo do casal de Gontães, impondo-lhe o foro annual de *10 masas de ferro bôas e direitas*.

Com semelhante pensão, variando o numero de *massas*, ha por estas terras outros prazos. Todos sabem que as rendas dos prazos eram sempre dos fructos que as terras foreiras produziam.

Já se vê que este fôro indica claramente a existencia e lavra de minas de ferro, naquelle tempo.

GONTIGE—freguezia extincta, situada na provincia do Minho, sobre a margem esquerda do rio Minho, e ha muitos annos encorporada na de *Reboreda*, concelho de Villa-Nova da Cerveira d'onde dista 5 kilometros a NE., comarca e 12 kilometros a O. de Valença, 422 ao N. de Lisboa.

Gontige era uma das dez *beetrias* de Portugal.

Ha quem diga que existiu aqui uma cidade, em tempos remotissimos, com o mesmo nome de *Gontige*. O que é certo (e eu vi) é existirem por aqui vestigios de uma povoação grande. Dizem uns que foi destruida pelas guerras da edade media, e outros attribuem a sua destruição ás enchentes do Minho. Eu sou d'esta ultima opinião.

Gontige não é hoje mais do que uma pequena aldeia, bellissimamente situada na *Veiga de Gontige*, fertil e saudavel planicie que o rio alaga nas suas enchentes.

Passa proximo a bella estrada real de 1.ª classe, que de Lisboa vae ás provincias do Norte.

GONTIM—freguezia, Minho, comarca concelho de Fafe, 40 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Gontim é nome proprio d'homem; *Gontina* é o feminino correspondente.

O abbade de S. Clemente de Basto, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

GONTINHÃES — Já está em *Gondinhães*.

Já estava composto e paginado o artigo d'esta freguezia, sob a palavra Gondinhães, quando se deram os calamitosos successos que vou mencionar.

No dia 10 de junho de 1874 (quarta feira) pelas quatro horas da tarde principiou n'estes sitios, uma medonha trovoada, ao E. O rebombo aterrador dos trovões, o constante fusilar dos relampagos e o aspecto escurissimo do ceu, horrorisava o povo, que fugia espavorido. A saraiva cahia em torrentes, partindo vidros e destruindo telhados, arvores e cearas. As freguezias que mais soffreram, foram Ville-Riba d'Ancora e esta de Gontinhães. Alguns lavradores ficaram prejudicados em mais de 200$000 réis.

A saraiva era tão volumosa, que chegou a ferir varias pessoas.

GÓRÇA — Vide *Pontos do Douro*.

GOSTEI ou **GUSTEI** (*Formil e Castanheiro* — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa, 95 fogos. Em 1757 tinha 80 fogos.

Oraga S. Claudio.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi concelho, com justiças proprias.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 20 de junho de 1289. N'este foral se chama *Gustei*.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha o pé d'altar.

GOUJOIM ou **GOJOIM** — villa, Beira Alta, comarca e concelho e 5 kilometros d'Armamar, 20 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Lamego, depois, até 24 de outubro de 1855, da comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmado; passando então para Armamar. Ainda existe na praça de Goujoim o antigo pelourinho.

Situada a meia encosta de um monte ingreme e alcantilado, na margem esquerda do Tédo.

Na coroa do monte, em um plató denominado *Crasto*, ha vestigios de fortificações romanas. Teem se aqui achado ferros de lanças e outras armas antigas e moedas romanas.

Parece que os godos abandonaram esta villa; porque, em 1030, estando deserta a povoou o *regulo* de Lamego *Zadam Aben Uvim* (ou *Win.*) É pois povoação muito antiga. Ignora-se o seu 1.º nome e parece que o actual é corrupção de *Aben* ou *Ben-Uvim*

Muito linho e grande abundancia de castanha, optimo vinho de pasto, azeite, cereaes e muita fruta.

O reitor da collegiada de Barcos, apresentava o cura, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em igual altura, na margem direita do Tédo, em frente d'este castro, fica Pinheiros, antiga povoação, que tambem foi fortificada.

Ainda se veem os restos de um castello d'alguma consideração, e diz-se que este castello e o castro se communicavam por fachos e outros signaes então em uso.

Os habitantes d'esta freguezia são muito lhanos e de ameno tracto, mesmo os pobres.

Sendo pequeno o povoado, e completamente isolado dos povos visinhos, aqui se fazem ha muitos annos funções religiosas notaveis, e tambem ha muito tem uma banda de musica e já houve um theatro.

Tem esta pequena villa algumas casas boas e familias ricas e nobres, avultando entre ellas a nobre, rica e antiga familia do morgado da *Praça*, o sr. Francisco Antonio Lopes Freire de Gouveia, já fallecido, e hoje representado muito dignamente por seus tres filhos, o dr. Germano Lopes Freire de Gouveia, juiz de direito substituto, Braulio Lopes Freire de Gouveia, por vezes presidente da camara municipal, e Candido Lopes Freire de Gouveia, tres cavalheiros de muito merecimento.

A egreja matriz é exteriormente singela, mas interiormente merece attenção, por ter boa obra de talha e o tecto apainelado e todo ornamentado com quadros a oleo, muito antigos e de muito preço.

Diz-se que esta povoação de Goujoim, bem como Gogim, Lalim, Lazarim, Mondim e Sendim, todas no bispado de Lamego, e quasi lemitrophes foram fundadas aproximadamente em 1:030 pelo dito regulo de Lamego *Zadan. Aben Wim....*

O terreno d'esta freguezia é em grande parte inculto, por ser muito alcantilado, e todo coberto e eriçado de penedos.

Ao sul, junto a esta povoação, ha uma ermida de Santa Barbara, em sitio pittoresco, e com bonitas vistas.

A villa é abundante d'agua magnifica, e na extremidade sul tem um elegante chafariz, mandado fazer ha poucos annos.

GOUVÃES — Vide *Goivães*.

GOUVEIA — villa, Douro, na antiga freguezia de Cepéllos, comarca e concelho d'Amaramte, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos, na villa, e 260 na freguezia.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Gouveia era cabeça de concelho do seu nome (composto de sete freguezias) na comarca de Guimarães; depois passou a ser do concelho de Sobre-Tamega e da mesma comarca, até que finalmente, sendo supprimido este concelho, ficou a formar parte do de Amarante.

Esta pequena villa consta só de uma rua. Muita castanha: do mais mediania.

(Vide a primeira Cepéllos.)

O reitor do convento de Santo Eloy, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de movembro de 1513. (Liv. dos foraes Novos do Minho, fl. 3, col. 1.ª

Trata-se n'este foral das terras seguintes: —Bocaya, Bomba, Font'arcada, Lourêdo, Lourosa, Mirêlhe, Mós, Penha, S. Salvador e Viveiros.

Foram senhores d'esta villa os Sousas, descendentes de Martim Affonso Chicorro, filho bastardo de D. Affonso III e de D. Aldonça (ou Dulce) Rodrigues de Sá. O primeiro sr. de Gouveia foi Fernão de Sousa, que casou com D. Mecia de Castro.

Gouveia pertenceu em tempos antigos á freguezia de Cepéllos; mas, ha mais de 150 annos que forma parochia independente.

Já em tempo do conde D. Henrique tinha sido parochia: depois se annexou a Cepellos, e no principio do seculo XVIII tornou a ser freguezia independente.

—

Para a familia e armas dos Souzas uma das mais nobres de Portugal, vide Lisboa, Miranda e Penafiel.

—

A rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, coutaram, em 1125, a povoação de Gouveia, e a doaram nesse mesmo anno, ao mosteiro de conegos do Santo Sepulchro, *d'Aguas Santas* (Maia.)

A mesma rainha e seu filho, deram muitos privilegios a esta freguezia, e na doação que d'ella fizeram aos taes conegos, se diz que os habitantes de Gouveia só pagam.— «*Medietatem de homicidio, et de Rauso et de merda inbuca. vel de latronem: et vadunt in anuduvam Regis.*» — Vide Aguas Santas.

GOUVEIA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho da Alfandega da Fé, 390 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Adeganha, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

GOUVEIA (S. Payo de)—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kilometros de Coimbra, 320 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pelagio (que é o mesmo S. Payo) Bispado e districto administrativo da Guarda. Bonita e fertil.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, que tinha 370$000 réis.

Situada em uma baixa, nas abas da serra da Estrella, com uma boa egreja, e em agradavel e salubre posição. É freguezia muito antiga.

GOUVEIA—villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca, 80 kilometros a NE. de Coimbra, 30 da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 600 fogos, 2:400 almas, em duas freguezias (S. Pedro, 390 fogos, e S. Julião, 210) no concelho, 4:600 fogos, e na comarca 11:670.

Em 1757, tinha uma só freguezia, que era S. Pedro, com 240 fogos.

As freiras de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 140$000 réis annuaes.

Situada em alto nas faldas da Estrella (que aqui se chama *Ajax*) e cortada pela ribeira do seu nome.

A egreja de S. Pedro é o melhor edificio da villa.

Fabricam-se aqui saragoças e baetas (seu principal commercio.)

Ha aqui uma optima fabrica de lanificios, cujo motor é o vapor. São seus proprietarios os srs. Guimarães e Barbosa. Em 24 de março de 1874, sahiu da alfandega de Lisboa uma excellente machina, para este florescente estabelecimento industrial.

No concelho de Gouveia ha 23 fabricas de tecidos, com 192 teares.

É fria, mas o seu territorio muito abundante em cereaes, vinho, azeite e fructas, hortaliças e castanha. Muitos e bons pastos. Fabrica optimos queijos, chamados *da serra* ou *de ovelha*.

Era antigamente quartel de caçadores 7.

Foi fundada pelos turdulos, 580 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Gauvê*.

D. Fernando Magno de Castella e Leão, a tomou aos mouros, em 1038. Arruinou-se e a reedificou e povoou D. Sancho I, em 1186, dando-lhe foral com grandes privilegios.

Tinha marquez, que era o primogenito dos duques de Aveiro.

Este marquezado extinguiu-se em 1759. (Vide Aveiro.) Tinha visconde *novo*. (Era o distincto poeta e bem conhecido litterato, o sr. José Freire de Serpa Pimentel, que seguia a magistratura.)

As armas da villa, são—em campo de prata, um leão de púrpura, *armado* de azul, e por timbre um leão, como o do escudo. São as armas dos Silvas; porque, no tempo da usurpação philippina, Philippe IV fez d'aqui marquez a D. Manrique da Silva, conde de Portalegre, em 20 de janeiro de 1625.

Tem misericordia e hospital. Tem um convento que foi de frades franciscanos, da invocação do Espirito Santo.

Tem 5 capellas.

Grande creação de gado.

O ultimo marquez de Gouveia, foi o infeliz duque de Aveiro, D. José Mascarenhas, que tinha sido feito marquez de Gouveia em 1749. Era senhor de uma das grandes casas do reino (e isso tambem concorreu muito para a sua morte!)

Esta *tragedia* vem mais circumstanciada em *Chão Salgado*, para onde remetto os leitores, para evitar repetições.

Os arrabaldes de Gouveia são pittorescos, ainda que o seu clima é bastante excessivo.

O primeiro foral (como já disse) lh'o deu D. Sancho I, em fevereiro de 1186. D. Affonso II o confirmou em Coimbra, em novembro de 1217. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Os marquezes de Bórba (que tambem são condes de Redondo) foram senhores de Gouveia.

A comarca de Gouveia é composta de 3 julgados: *Gouveia*, com 4:600 fogos; *Cêa*, com 6:400; e *Manteigas*, com 670.

O concelho comprehende 23 freguezias, 10 no bispado de Coimbra, que são: *Aldeias, Cativéllos, Gouveia* (S. Pedro) *Gouveia* (S. Juliao) *Lagarinhas, Mangualde, Moimenta, Paços da Serra, Villa Nova do Casal* e *vinhó*.

E 13 no bispado da Guarda, que são: *Arcosêllo, Cabra, Figueiró da Serra, Folgosinho, Freixo da Serra, Mello, Nabaes, Nespreira, Rio Tôrto, S. Payo de Gouveia, Villa Cortez, Villa Franca* e *Villa Ruivo*.

GOUVEIAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 70 kilometros de Lamego, 340 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

É povoação muito antiga.

Em 1142, S. Paes (julgo que é *Soeiro Paes*) deão da Sé de Viseu, deu foral aos que povoassem «*as suas herdades das Gouveias e seu termo, junto a Pinhel, com o fôro, do 6.º de todo o fructo, além dos 8.os do trigo e centeio, excepto verças, porros e fructas das arvores.*»

(*Tombo Velho* da Sé de Viseu, fl. 9 v.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

GOUVIÃES ou **GOUVEÃES** ou **GOUVÃES**—freguezia, Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca e 6 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tinha foral antigo, dado por D. Sancho I em 1202 (a 8 de abril.)

N'elle se lhe dá o nome de *Guivães*.

Esta freguezia era do grande D. Egas Moniz. Payo Cortes era seu monteiro e sua mulher, D. Ximena, era dama de D. Thereza, mulher de D. Egas.

Payo Cortes, trouxe de presente a D. Thereza (que então estava em Salzedas, creando o principe D. Affonso Henriques) um grande porco montez. D. Thereza lhe deu por isto (em 1115) a sua quinta de *Gouvães* (hoje *Gouviães*) que passou aos seus herdeiros.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e pé de altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

Esta freguezia foi dada á Sé de Braga por D. Sancho II, a 26 de novembro de 1238, e mais outras. (Vide Braga, no logar competente.)

GOUVINHAS ou **GOIVINHAS**—freguezia. Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa, 90 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario de Santa Maria de Goães apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha annuaes 80$000 réis.

Foi até 1855 do concelho de Provezende, que foi então supprimido.

GOVE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 213 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi até 24 de outubro de 1855 da comarca de Soalhães, que então foi extincta.

N'esta freguezia é a villa e *honra de Gozende*.

O prior do convento de S. Domingos, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha de rendimento 50$000 réis.

GOZENDE—villa, Douro, na freguezia de Gôve. É povoação muito antiga, pois já existia em 967, no reinado de Bermudo II, que deu esta villa e outras muitas terras a D. Arnaldo de Bayão, fidalgo allemão, filho de Wilhelmo I, duque de Baviera e eleitor do imperio romano.

D. Arnaldo era um extremado cavalleiro, mas sendo-lhe adversa a sorte das armas, em uma batalha que sustentou contra Hugo, conde de Arles, sahiu da Allemenha e se veio com os seus para as Hespanhas fazer guerra aos mouros. Desembarcou na cidade do Porto, pelos annos de 963, e com tanta bravura investiu os mouros, que lhe tomou todo o territorio d'aquella cidade até Bayão. Continuou com as guerras e victorias no reinado de D. Affonso IV de Castella, que lhe deu ainda mais senhorios.

D. Gozendo Arnaldes de Bayão era segundo filho de D. Arnaldo. Foi senhor de Bayão, rico-homem de pendão e caldeira. Casou com D. Alonça Gutierres, filha do conde D. Alonso Gutierres e de sua mulher D. Velasquita (ou Velasquinha) Egas, descendentes do rei godo Wamba, e são os progenitores dos Soares de Azevedo e outras muitas familias.

Foi este D. Gozendo que elevou a povoação ao titulo de *honra*, dando-lhe o seu nome, pelo anno 1000 de Jesus Christo, e assim existiu *emquanto houveram honras em Portugal*.

GOZENDE—villa extincta, Beira Alta, comarca e concelho de Castro d'Aire, 12 kilometros ao O. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Já vimos que *Gozendo* é nome proprio de homem.

D. Affonso III lhe deu foral em Guimarães, a 18 de fevereiro de 1261; n'elle se lhe dá o nome de *Gozendas*.

Um dos beneficiados da collegiada de S. Mrtinho de Mouros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GRAÇA (Nossa Senhora da)—Vide *Divôr*.

GRAÇA (Nossa Senhora da)—Vide *Chão do Couce*, o segundo.

GRACIOSA—sumptuoso palacio e formosissima quinta dos srs. condes da Graciosa na freguezia da Anadia, comarca e concelho d'este nome, na provincia do Douro.

(Vide *Anadia*.)

GRADE—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros ao NO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

O thesoureiro-mór da collegiada de Santo Estevão de Valença apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis annuaes.

—

Da parte do Evangelho, no altar lateral

da egreja matriz, está a maior reliquia do Santo Lenho, que havia nas Hespanhas. Foi achada por D. Affonso Henriques, na batalha que deu a D. Affonso VII de Leão (seu primo) na *Veiga de Matança*, proximo á villa dos Arcos de Valle de Vez (1129).

Póde ver-se na primeira oitava da Paschoa, dita do Espirito Santo; a 3 de maio; na Ascenção; e a 8 de setembro. Fóra d'estes dias, só com licença do arcebispo de Braga.

—

Ha n'esta freguezia a *Torre do Pháro*, edificada pelos mouros, (segundo a tradição) para dar signal, por meio de uma fogueira, da aproximação dos christãos. É mais provavel que seja construcção romana, como a palavra *pháro* leva a acreditar.

—

O nome d'esta freguezia lhe vem (segundo a tradição) de ser d'aqui o constructor das grades que se poseram contra os castelhanos e leonezes na *Veiga da Matança*.

—

Foram senhores da *Torre do Pháro* os *Gáres*, cuja familia se extinguiu.

Em 1434 era senhora d'esta torre, Maria Dias da Torre; e sob pretexto de que esta propriedade pagava uma canada de azeite, de fôro, ao mosteiro d'Azere, Mem Vaz Aranha, então abbade d'esta freguezia, arranjou tornar-se commendatario da Torre (que tinha varios fóros annexos). Passou-a depois a um filho chamado García Vaz d'Azevedo. Tendo os seus descendentes instituido o morgado dos Azevedos Abreus, incluiram no vinculo esta torre e seus fóros. Em 1680 a possuia Francisco Pereira de Castro.

—

Além do rio, ha um monte, chamado do *Castello* (entre *Villela de Gráde* e *Carral-Cóva*). Tem uma estrada coberta (especie de *tunnell*) que se diz communicar com o rio, e, segundo a tradição, a guarnição da fortaleza, que existiu no Monte do Castello, vinha d'elle buscar agua ao rio, pela tal estrada subterranea.

GRADIL — villa extincta, Estremadura, antigamente comarca de Torres Vedras, concelho da Azoeira, hoje comarca e concelho de Mafra, 30 kilometros ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, no 1.º de outubro de 1519.

É terra fertil.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 70$000 réis annuaes.

Tinha sido curato dos padres do collegio de Santo Antão (jesuitas) de Lisboa.

GRADINS — Vide *Pontos do Douro*.

GRADISSIMO — Vide *Amendoeira*.

GRADIZ — freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Vizeu, 315 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

N'esta freguezia nasceu, pelos fins do seculo XVII, ou principio do XVIII, o sabio e estudiosissimo antiquario, fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, auctor do immortal *Elucidario*. (Vide *Ferreira d'Aves*.)

É povoação muito antiga. Em 1189 deu D. Sancho I ao convento de Tarouca a *Granja de Gradiz*, que os frades emprazaram em 1197.

O vigario de Aguiar da Beira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

GRAJAL — aldeia, Beira Alta. (Vide *Santa Comba Dão*.

GRAJAL — Vide *Granjal*.

GRÁLHAS — villa extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 75 kilometros a NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 85 fogos,

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

D. Diniz a fez villa e lhe deu foral em Lisboa, a 20 de setembro de 1310.

Foi *honra*.

Um tercenario da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

GRALHEIRA — cordilheira, Beira-Alta, principia na freguezia do seu nome (comarca e concelho de Sinfães) no extincto concelho de Ferreiros de Tendaes, 18 kilometros ao NO. de Lamego, 30 ao ENE. de Arouca, 310 ao N. de Lisboa — e seguindo para OSO., passa ao O. de Lafões, e termina nas Talhadas. Segundo uns, seu nome lhe provém das muitas *gralhas* que aqui ha; mas entendo que vem d'*agreste*, porque o seu primeiro nome foi *Agralheira*, que no portuguez antigo significava—sitio desabrido, agro, aspero, infertil, etc. (Vide a *Gralheira* seguinte.

GRALHEIRA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães, 18 kilometros a NO. de Lamego, 30 ao ENE. d'Arouca, 60 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O seu primeiro nome foi *Agralheira*; muito adequado, pela asperesa e pouca fertilidade do seu terreno.

Tinha grandes privilegios. (Vide *Ferreiros de Tendaes*).

Era um dos quatro curatos da freguezia de S. Pedro dos Ferreiros de Tendaes.

Os presuntos da Gralheira (que se vendem em todo o reino, sob o nome de *presuntos de Lamego*) são optimos.

É situada na serra que lhe dá ou d'ella recebe o nome.

Os d'aqui lhe chamam *Grélheira*, porque ás gralhas chamam *grélhas*.

É terra muito fria, e pobre por ser pouco productiva.

O abbade de S. Pedro, de Ferreiros de Tendaes, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

GRALHEIRA — monte, Traz-os-Montes, freguezia do Avidágos, comarca e concelho de Mirandella, antigo concelho de Lamas de Orelhão, arcebispado e 120 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, districto administrativo de Bragança.

Fica a 2 kilometros da matriz. Aqui se veem escavações que parecem ser de mineração muito antiga. Ha uma abertura bastante extensa, rasgada até á superficie do monte, em cuja encosta está situada esta povoação, e tão estreita, que em partes é preciso andar de lado. Tem o seu principio no meio da encosta do monte, vindo do corte horisontal a ter grande profundidade no alto do monte. No fim continúa uma galeria, que se não póde examinar por estar entulhada. Ha em outras partes d'este monte mais escavações, todas em rocha viva. Ignora-se que mineral se extrahia á custa de tão dispendiosos trabalhos.

GRALHÓS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 400 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Orago Santa Cruz.

O abbade de Vinhas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia anda ha muitos annos annexa á de *Castro Roupal*. (Vide esta palavra)

GRAMAÇOS ou **GRAMASSOS** — Vidde *Codeço*.

GRAMÍDO — aldeia, Douro, freguezia de Campanhan, concelho de Gondomar, comarca e 10 kilometros a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Situada sobre a margem direita do rio Douro.

Esta pequena povoação é memoravel na historia portugueza, pela célebre convenção do seu nome, feita entre os generaes portuguez *Cesar de Vasconcellos* e castelhano *Concha*, em 30 de junho de 1847; pela qual o exercito do povo foi desarmado.

Para este triumpho se conseguir, foi preciso que Portugal fosse invadido por um exercito hespanhol de 25:000 homens. Que outro exercito, tambem hespanhol, estivesse na raia prompto para entrar n'este reino á primeira ordem. As esquadras combinadas, ingleza, castelhana e franceza. O *aprisionamento* do general do povo, *conde das Antas*, em 31 de maio de 1847 (entregando 4:000 homens e toda a esquadra do povo). A desserção de outro general do povo, o *marquez de Sá*

da Bandeira, em 14 de junho do mesmo anno, fugindo de Setubal (onde deixou as suas tropas sem chefe) e mettendo-se a bordo de um navio inglez. A fuga de alguns membros da junta popular, e finalmente outras muitas circumstancias, para que a revolta do povo portuguez tivesse este resultado.

GRANDOLA—villa, Extremadura, cabeça de concelho, comarca e 24 kilometros ao S. de Alcacer do Sal, 95 a SE. de Lisboa, 580 fogos, 2:300 almas, no concelho tem 1:500 fogos.

Em 1757 tinha 214 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Situada em planicie ao O. da serra do seu nome. Feira no ultimo domingo de agosto.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

No principio do XVI seculo não era Grandola mais do que uma insignificante aldeia.

D. Jorge d'Alencastre, duque de Coimbra, filho legitimado de D. João II, sendo muito inclinado á caça, vinha com muita frequencia fazer caçadas á serra da Grandola, onde então havia muita caça, grossa e miuda; por isso tanta amisade tomou ao sitio, que mandou fazer um palacio nas faldas da serra, junto á referida aldeia, e alli assistia a maior parte do anno.

Grandola era então do termo d'Alcacer do Sal, e D. Jorge, desejando tornal-a independente, pediu a D. João III o fôro de villa para o seu logar de Grandola, o que o rei lhe concedeu, em 1543.

D. Jorge era um perfeito cavalheiro e muito rico, pelo que, tomando a peito o progresso da sua villa, em pouco tempo mandou edificar muitas e boas casas de habitação. No foral que o rei lhe deu em 1543, foram concedidos muitos privilegios a Grandola, o que muito concorreu para a sua rapida povoação.

Como o duque vivia com grande fausto e consideração, tinha grande auctoridade, como principe e extremado cavalleiro que era, e demais a mais, sendo grão-mestre da Ordem de S. Thiago, conseguiu facilmente attrahir á sua villa algumas familias nobres e ricas, que aqui edificaram boas casas de residencia permanente.

A egreja matriz era muito pequena e velha, e D. Jorge a reconstruiu e ampliou com magnificencia.

Por estas razões e por ser uma povoação moderna, é uma das villas mais regularmente edificadas.

Tem cinco ruas bem alinhadas e varias travessas que as cortam.

No centro está a matriz, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção; mas a antiga era da invocação de Nossa Senhora da Abendada.

Ha na villa mais quatro egrejas (S. João Baptista, S. Domingos, S. Sebastião e S. Pedro), collocadas em quatro pontos oppostos, de modo que formam uma cruz, ficando a da Senhora da Assumpção (unica parochia) no centro.

Misericordia e hospital, situado em frente do antigo palacio do duque.

Em 1679 se fundou aqui um celleiro commum, á maneira dos d'Evora e de Beja, para fazer emprestimos de trigo aos lavradores pobres, recebendo depois, na mesma especie, o capital e um modico juro.

Nos seus arredores ha muitas vinhas, hortas, olivaes, alguns campos de trigo, e mais longe bosques de carvalhos e sobreiros.

O rio Davino, com suas margens arborisadas, passa junto da villa, vindo desaguar no Sado, depois de fazer trabalhar varias azenhas. E' tambem proximo o célebre *Borbolegão*. (Vide esta palavra.)

Ha ainda outros mananciaes de optimas aguas, e o Sado tambem corre pouco distante; o que tudo concorre para fazer o termo da villa fertil, aprasivel e formoso.

Cria-se aqui muito gado, principalmente suino, que constitue um grande ramo de commercio.

Tem por armas, uma cruz da Ordem de Christo. (Não sei porque não é a de S. Thiago, visto ser a villa fundada por um grão-mestre d'esta ultima Ordem, que era a donataria da villa e apresentava os seus parochos.)

Proximo d'esta villa ha tres curiosidades

naturaes. O *Borbolegão*, grande *olho d'agua*, que nasce a 3 kilometros de distancia, formando logo o rio Arcão. A *ponte dos Aivados*, feita pelo mesmo rio, debatendo-se furioso contra um enorme penhasco que lhe obstava a carreira, e sobre cuja ponte passa commoda e seguramente um carro. As heras e outras trepadeiras com que a natureza a enfeita, augmentam a sua formosura e poesia. A *Diabroria*, lagôa formada pelo mesmo rio, a qual se despenha de uma alta penedia com grande fragor. Para evitar repetições, vide *Aivados*, *Arcão*, *Borbolegão* e *Diabroria*.

Tambem a 6 kilometros fica a serra dos *Algares*, d'onde os romanos e arabes (e talvez os phenicios) extrahiram grande quantidade de prata e ferro. Vide Algares, serra.

Teve primeiramente prior e dois beneficiados, todos freires de S. Thiago, providos pelo mestre da ordem; mas o arcebispo de Evora, D. José de Mello, lhe usurpou esta regalia.

Foi commenda dos duques de Aveiro, passando depois aos marquezes de Ferreira (duques de Cadaval.)

Tinha capitão-mór e tres companhias de ordenanças. Os condes de Santa Cruz eram alcaides-móres da fortaleza.

—

Tem minas de cobre em lavra.

—

Tinha seis fortalezas (S. João Baptista, S. Domingos, S. Sebastião, S. Pedro, Nossa Senhora da Assumpção, e a que depois serviu de armazem de munições.)

Junto á villa, sobre a *Varzea das Vinhas*, ha um sitio chamado *Castello*, onde se vêem ruinas de um antigo edificio. Olhando para o S., se vê um outeiro, onde está a capella de Nossa Senhora da Penha de França, fundada em 1700.

Quando se andava a fazer esta capella, appareceram nos alicerces, ferros de lança e moedas de ouro, romanas.

Mais adiante, ao S., está o sitio chamado *Corte Gallego*, onde se vêem tambem ruinas de antigas fortificações e muitos cannos de agua subterrados, que vão ter ao sitio chamado a *Repreza*, de cuja agua se aproveitam os habitantes para fazerem moer as suas azenhas.

—

Conta-se que a causa principal (ou o pretexto) para que o duque D. Jorge pedisse o fôro de villa para a Grandola, foi a seguinte:

Achando-se o duque um dia á janella do seu palacio, olhando para a matta que lhe ficava em frente e proxima, um furioso e corpulento javali, rompendo com furia o matto, perseguido dos cães, veio esbarrar ao terreiro do palacio. O duque, apenas o viu, chamou pelos criados e vassallos, e sahiu a montear o javali.

Faltou-lhe porém o mais destro e ousado dos seus monteiros e o animal escapou. O monteiro havia faltado por ter de ir infallivelmente a uma audiencia judicial a Alcacer do Sal, para a qual fôra citado, e a cuja jurisdição pertencia então a Grandola. O duque, para evitar a repetição d'estes casos, é que pediu a D. João III o foral de villa e justiças proprias para a sua Grandola.

(Bem se diz: — *Pequenas causas produzem ás vezes grandes effeitos!*)

—

O concelho da Grandola é composto de cinco freguezias, todas no arcebispado de Evora. São: *Azinheira dos Bairros*, *Grandola*, *Serra*, *Sadão* e *Mellides*.

GRANHAR — portuguez antigo, *esquecer*, *despresar*, *abandonar*.

GRANJA — aldeia, Douro, concelho e 10 kilometros ao S. de Gaia, comarca e a mesma distancia ao S. do Porto, freguezia de S. Felix da Marinha.

Estação 37.ª do caminho de ferro do Norte, inaugurada em 1863. Situada na costa do Oceano, e em uma bella e concorridissima estação de banhos.

É uma formosa povoação, que tendo apenas principio em 1854 já conta muitas e bellas casas de habitação, sendo a maior parte d'ellas propriedade do sr. Fructuoso José da Silva Ayres (pae do lente de Coimbra e bispo eleito do Algarve, o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia) que tem aqui uma boa quinta com uma capella da invocação do Espirito Santo. (O sr. D. Antonio, nas-

ceu no Porto, a 13 de setembro de 1828, e foi feito bispo do Algarve em 1871.)

Granja (antigamente *Grancha*) é o mesmo que *casal*, qualquer propriedade, grande ou pequena, que consta de casas, curraes e campos.

GRANJA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Viseu, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria de Guimarães, da villa de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GRANJA—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia, concelho e comarca de Alijó, 20 kilometros a E. de Villa Real, e 95 a NE. de Braga, 20 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Aqui nasceu, em 18 de fevereiro de 1808, o sr. D. frei Antonio Alves Martins. Foi religioso franciscano, depois capellão da fragata *Pérola*, e por fim, bispo de Viseu. Foi ministro uma vez, e presidente do conselho de ministros e ministro do reino outra. (Vide *Historia Chronologica*, no fim do *Diccionario*.)

GRANJA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 88 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O D. abbade (bernardo) do mosteiro de Bouro, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis annuaes.

GRANJA—freguezia, Alemtejo, comarca de Redondo, concelho de Reguengos, 65 kilometros a OSO. de Evora, 160 ao S. de Lisboa, 310 fogos. Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo e 120 de cevada.

É terra fertil, sobretudo em cereaes.

GRANJA (quinta da)—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Christovão de Nogueira do Douro, comarca e concelho de Sinfães.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada na margem esquerda do rio Douro, em aprasivel e fertil posição. É seu actual proprietario o sr. dr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon, um dos mais ricos e nobres proprietarios da comarca.

Tem uma capella muito antiga e singela. Sobre a porta d'ella tem as armas dos Azevedos de Bayão, de que procede o proprietario da quinta.

Em 1860 morreu n'esta casa, frei José da Granja, tio do sr. D. Pedro, e o homem mais valente e corajoso d'estes sitios. Não era todavia malfasejo; mas em alguem o insultando, tinha o castigo certo, immediato e terrivel.

Uma vez fui a casa d'elle. Estava na cama, d'onde ha muitos annos não sahia (por estar entrevado, dizia elle.) Mostrou-me a sua *livraria*. Eram barrís, garrafões, garrafas, etc., cheias de vinho, licores, aguasardentes, etc., etc. Até entre a parede e a cama tinha entaladas garrafas! As cadeiras eram os barrís. O seu quarto era uma perfeita adega... quero dizer, *livraria*.

GRANJA—freguezia, Beira Alta, comarca de S. João da Pesqueira, concelho de Penedôno, 6 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*.

Chama-se vulgarmente, *Granja de Penedôno*.

GRANJA DE ALPREADE—freguezia, Extremadura, 18 kilometros de Lisboa.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Era seu orago S. Sebastião, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis annuaes.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

GRANJA NOVA—freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade do Salvador, de Penedôno, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar. É terra fertil.

É n'esta freguezia a aldeia de *Formillo*, residencia actual do sr. Miguel Antonio de Mesquita Pimentel, representante da familia dos *Mesquitas*, da *Aldeia*, de Armamar, uma das mais nobres da Beira Alta.

—

Ha n'esta aldeia uma capella da invocação de Nossa Senhora do Carmo, a que todos os annos afflue um concurso immenso de povo, no dia da sua festividade, que é uma das esplendidas d'estes sitios. (Vide Formillo.

—

Aqui é o solar do distincto cavalheiro e rico proprietario o sr. José Osorio Freire Marques, que foi official do exercito realista.

Varão respeitavel e respeitado pela sua honradez e probidade.

Marques, appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado por patronimico do nome proprio Marcos. Suas armas são—em campo asul, castello de prata, com duas chaves de ouro, com os aros para cima.

Osorio, é tambem appellido nobre d'este reino. Veio de Hespanha, por D. Gutierre Osorio, pae de D. Osorio Cabreira, que veio povoar Portugal, em tempo do conde D. Henrique.

Passou segunda vez aqui este appellido, no reinado de D. João I, pelos annos 1386, na pessoa de Martim Osorio, da casa dos marquezes de Astorga. Fez seu solar na villa de Trancoso.

Trazem por armas—em campo de ouro, 2 lobos de púrpura, passantes, em pala, elmo de aço aberto. e por timbre, um dos lobos das armas.

Outros do mesmo appellido usam—em campo de púrpura, banda de prata, entre 2 lobos do mesmo.

Outros usam—em campo de ouro, 2 ursos de púrpura.

Outros usam—em campo de púrpura, 2 vaccas, de ouro, passantes, em pala. Elmo e timbre, como as primeiras.

GRANJA DE S. PEDRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villar Sêcco, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á da Silva. (Vide Silva.)

GRANJA DO TÉDO (ou **THÉDO**) villa, extincta, Beira Alta, comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmado, até 1855, e desde então, concelho de Taboaço, comarca de Armamar, 24 kilometros a E. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Oragos S. Faustino e Santa Jovita.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em baixo, cercada por dois montes e banhada pelo rio Tédo.

D. Thedon (ou *Theudo*, ou *Thedo*) Ramires e seu irmão, D. Rauzendo Ramires, filhos de D. Hermigio (ou *Ermiro*) Alboazar Ramires e de D. Dordia Ozorez; netos do infante D. Alboazar Ramires (o *Cid*) e de D. Helena Godes—e bisnetos de D. Ramiro II, rei de Leão e da bella e celebrada moura *Zahara* (a que alguns escriptores dão erradamente o nome de *Gaia.*)—Vide Ancora, rio—Cabriz, Calle, Pavedes e Résende.

D. Thedon e Rausendo, nasceram (ou viviam na provincia d'Entre o Douro e Minho, e como eram muito ricos e valorosos fizeram crua guerra aos mouros, tomando-lhes muitas terras n'aquella provincia.

Em 1062 de Jesus Christo, (e segundo outros, em 1030, e esta data é a mais seguida) com os seus vass allos minhotos, passaram para o S. do rio Douro (Beira Alta) a guerrear os arabes, e lhes tomaram muitas terras pertencentes ao *rei* ou *emir* de Lamego.

Agradados d'este sitio, aqui assentaram a sua residencia, ajudando elles mesmos a fazer uma *granja* ou quinta e as casas d'habitação, que porisso se ficou chamando *Granja de D. Thedon* e depois *Granja do Tédo.*

D. Thedon dispoz pelas suas proprias mãos um grande olival, que existiu seculos.

Foi tambem o mesmo cavalleiro que fundou o castello de *Cabriz*, na freguezia de Sendim, a 3 kilometros de Paredes da Beira, e elle e seu irmão que tomaram aos mouros a villa de Paredes da Beira, na madrugada do dia 24 de junho de 1062, em quanto grande parte da guarnição mourisca da villa tinha hido banhar-se ao Távora, e neste mesmo rio acabaram de derrotar os mouros.

D. Thedon é progenitor da familia dos Tavoras. D. Rauzendo fundou a villa de Rézende e outras povoações.

O vigario de S. Cosmado, apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

GRANJA DO ULMEIRO — freguezia, Douro, concelho e comarca de Soure (foi do concelho de Santo Varão) 18 kilometros ao S. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos. Orago S. Gabriel.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia apresentava o vigario (collado) que tinha 120$000 réis.

GRANJAL — freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Sernancelhe, 35 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu. (Esta freguezia não vem no Portugal Sacro, nem em Bettencourt.)

GRANJINHA (S. Pedro das Aguias)—freguezia, Beira Alta, concelho de Taboaço, comarca d'Armamar, 24 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado de Lamego districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia está annexa á de Sandim.

GRAVÃO — vide *Garvão.*.

GRÁVIOS—povos da Grecia, tambem chamados *graios* e *grovios*, que acompanharam *Teucro* á guerra de Troia, pelos annos do mundo 2620. Destruida aquella cidade, muitos gregos se estabeleceram nas costas maritimas de variss nações da Europa.

Strabão, Pomponio Mella, Silio Italico e outros historiadores dizem que os gravios se vieram então estabelecer na costa da Lusitania, desde o rio Ave até ao rio Minho e ainda ao N. d'este ultimo rio; e alguns sustentam mesmo que os gravios desembarcaram na foz do Douro e se espalharam por todo o litoral desde este rio até além do Minho. «*A Durio ad flexum Gravii, fluuntque per eos Avo, Celandus, Naebis, et Minus, et cui oblivionis cognomen est, Limia* (Pomponio Mella, lib. 3.º cap. 1.º)

Eram *gravios* os povos que habitavam as margens do Lima.

«*Quique super Gravios lucentes volvit arenas Infermae populis referens oblivia Lethes.*»

(Sil. Ital. lib. 1.º v. 235.)

Os *gravios* deduziram o seu nome de *graios* (gregos.)

«*Et quos nunc Gravios, violato nomine Grajum.*

«*Oenea misere domus Aetolaque Tyde.*

(Ib. lib. 3.º v. 366.)

Plinio diz que os *helenios*, os *grovios* ou *gravios* e os da cidade de Tuy (Galliza) descendiam dos gregos.

—«*A Cilenis conventus Bracharum Helleni, Gravii, Castellum Tyde, Graecorum sobeles omnia.*»

Os *celerinos* e os *nemetatos*, tambem eram gravios (Vide aquellas duas palavras.)

GRÊGOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 24 kilometros de Miranda, 445 ao N. de Lisboa, 15 fogos, em 1757.

Orago Santo Apolinario.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida e está annexa a Travanca.

GREGORIO (S)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho d'Arrayolos 24 kilometros d'Evora, 114 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Gregorio Magno.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão curado, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de cevada, annualmente.

É terra muito fertil em cereaes.

GRÊNHA—portuguez antigo, cabello comprido.

GRIJÓ—villa, Douro, concelho e 18 kilometros ao S. de Gaia, comarca e egual distancia ao S. do Porto, 294 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos, 4:800 almas, na villa e freguezia.

Em 1757 tinha 308 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O prior (crusio) do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A antiga villa de Grijó era sómente o convento e povoação adjacente. Sobre a estrada de Lisboa (feita sobre o mesmo leito da antiga *estrada mourisca*) havia uma *venda* que existiu muitos annos; mas depois se foram construindo mais algumas tabernas e outras casas.

O primeiro nome d'esta povoação era *Venda Nova de Grijó*, depois, como as vendas se multiplicaram, se chamou *Vendas Novas de Grijó* e por fim, progredindo esta povoação, se tornou a principal da freguezia, e, ainda que os povos d'aqui lhe chamam as *Vendas*, é geralmente conhecida por Grijó.

Devemos notar que não é esta povoação que teve a cathegoria de *villa*, mas é hoje considerada como tal. Tem uma só rua (que é a estrada real) orlada de bonitas casas, a maior parte d'ellas novas.

A egreja matriz é sumptuosissima, e pertencia ao convento de frades cruzios de Grijó, um dos mais antigos da sua ordem em Portugal. Tratemos d'elle.

—

Vivia por estes sitios, em 912 de Jesus Christo, (no reinado de D. Ordonho II de Leão e Castella) um rico homem, chamado D. Nuno Soares Velho, senhor das Terras de Santa Maria (hoje Terra da Feira.))

Tinha dois irmãos padres, um chamado Guterres Soares, e outro Ausindo Soares.

Edificaram estes dois clerigos uma pequena egreja, em uma quinta que seu irmão D. Nuno lhes deu para isto: e como o templo era de acanhadas dimensões, lhe chamaram elles *ecclesiola*—e o povo—*egrejola* ou *egrejol*, diminutivo d'egreja e o mesmo que egrejita ou egrejinha,-eis aqui a origem do nome do convento, da villa e da freguezia—*Grijó*.

Fizeram os dois padres casas para a sua residencia e alli viviam orando a Deus e praticando actos de caridade.

Bem depressa se lhes reuniram outros clerigos, a ponto de lhes ser precizo, em 922, edificar convento; dando-lhe os dois fundadores, além da quinta que D. Nuno lhes déra uma grande herdade que tinham na freguezia de *Perosinho*.

D. Guterres Soares foi o primeiro abbade d'este convento, e por sua morte lhe succedeu na abbadia seu irmão, D. Ausindo Soares.

D. Soeiro Formarigues, filho e herdeiro de D. Nuno Soares Velho, vendo que era pequena a egreja que seus tios haviam construido, fez uma nova, muito mais ampla e sumptuosa, que se concluiu em 10093 (no mesmo anno que o conde D. Henrique e sua mulher tomaram posse de Portugal.))

Foi esta egreja dedicada ao Salvador do Mundo, e foi sagrada a 3 de novembro d'esse anno, por D. Cresconio, bispo de Coimbra (porque o bispado de Coimbra chegava então até á margem esquerda do Douro.)

D. Soeiro Formarigues, fez, no acto da sagração, uma ratificação por escripto, da doação que havia feito ao mosteiro, de extensas e ricas propriedades; isto em presença

do dito bispo, de todos os frades do mosteiro, de D. Flacencio, alcaide-mór do castello da Feira, e outras pessoas notaveis.

Morreu D. Soeiro, pelejando valorosamente contra os mouros, ao lado do conde D. Henrique, em Santarem, no anno de 1110.

Era casado cam D. Elvira Nunes Aurea, da qual teve varios filhos, sendo o primogenito D. Nuno Soares, herdeiro de seu pae, não só nas riquezas, mas tambem no valor e na piedade; pois, a 7 de junho de 1112, elle, sua mãe e irmãos, doaram ao mosteiro varias terras «*que seu pae havia ganhado aos mouros, á ponta da lança.*»—e augmentou o edificio do mosteiro.

Os irmãos de D. Nuno que assignaram a doação, eram Payo (ou Pelayo) Soares, que aqui veio a ser abbade; Soeiro Soares; Pedro Soares; Erus Soares; Salvador Soares; Adozinda Soares; Ermezinda Soares e Tóda Soares.

Sendo já abbade D. Payo Soares, a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, doou ao mosteiro, em maio de 1128, o couto de Grijó e sua jurisdição, que n'esse mesmo anno havia coutado, para dar a estes frades.

Mas D. Thereza não deu este couto aos frades, de *mão beijada*. D. Nuno Soares lhe deu, para que ella fizesse esta doação «*unum caballum adpretiatum in D.* (500) *modios.*» segundo consta da mesma doação.

Em 1132, a dita D. Elvira Nunes Aurea, que era padroeira das egrejas de S. Mamede de Serzedo, S. Martinho d'Argoncilhe, S. Salvador de Perosinho, S. Martinho de Travanca e S. Miguel de Travassô, doou todos estes padroados ao mosteiro.

O abbade D. Payo, desejando a maior perfeição nos seus padres, quiz tomar a regra de Santo Agostinho; mandando pedir a Santa Cruz de Coimbra, frades para isso.

Em 1135, vieram de Santa Cruz, o padre D. frei João Peculiar e seu sobrinho D. fr. Pedro Rabaldis, que aqui chegaram a 21 de novembro, e logo a 24 foi canonicamente tomada a nova regra e habito de conegos regrantes de Santo Agostinho, vulgarmente cruzios.

D. Payo resignou a abbadia (cujo titulo foi desde então mudado em *priorado*) e foi logo feito seu primeiro prior *D. Fr. Tructezindo* (ou *Tructezêndo*).

D. Fr. João Peculiar, sahiu d'aqui, para bispo do Porto, em 1136, succedeudo-lhe seu sobrinho, *D. Fr. Pedro Rabaldis*.

Sendo bispo do Porto *D. Fr. João Peculiar*, foi a *Terra da Feira* desmembrada do bispado de Coimbra, ficando a pertencer até hoje ao do Porto; mas o bispo isentou o convento de Grijó e seus coutos, da jurisdição episcopal, e lhe deu outros muitos privigilegios, que confirmou quando foi feito arcebispo de Braga, e fazendo com que fossem (como foram) confirmados pela curia romana, por bullas apostolicas de Innocencio II em 1139; Lucio II, em 1144; Eugenio III, em 1148; e, finalmente, Celestino IV, em 1195.

Os bispos de Coimbra opposeram-se obstinadamente á separação da *Terra da Feira*, porque não queriam perder as grandes rendas d'este vasto territorio. É por isto que, como vimos, nada menos de quatro bullas, de quatro differentes papas, foram precisas (fulminando as duas ultimas interdictos, e excommunhões contra os desobedientes) para que os bispos de Coimbra largassem a sua preza; durando a sua tenaz desobediencia, demandas e chicanas, nada menos de 56 annos!

Por estas bullas, além de outras prerogativas, podiam os priores de Grijó usar insignias pontificaes, bago e mitra, nas festas solemnes, trazer cruz peitoral e annel como os bispos e conferir ordens menores.

Tinham tambem no temporal a jurisdição civel dos seus coutos, nomeando justiças e empregados d'ella.

—

D. Affonso I coutou a villa de *Brito*, em 1139, e a deu ao mosteiro de Grijó.

Em 1142 coutou a villa de *Tarouquella*, e lh'a doou tambem.

—

Aqui foi frade *D. Nuno Sanches*, filho bastardo de D. Sancho I, e da formosissima e célebre *D. Maria Paes Ribeiro*. Seu irmão D. Affonso II, muito o estimava, e por mui-

tas vezes o quiz fazer bispo; mas *D. Nuno* nem prior quiz ser. Era varão virtuosissimo.

Morreu n'este mosteiro em 16 de dezembro de 1246, de desgosto pela morte de seu irmão *D. Rodrigo*, a qual teve logar do modo seguinte:

D. Rodrigo Sanches era tambem filho bastardo de D. Sancho I, e de D. Maria Paes Ribeiro. Tendo amores com uma irman de *D. Martinho* (ou *Martim*) *Gil de Soverosa*, descendente do conde *D. Gomes do Sobrado*, D. Martinho o desafiou e feriu mortalmente em duello, vindo D. Rodrigo a morrer junto á egreja de Grijó, no sitio onde chamam o *Padrão Velho*, a 2 de julho de 1245, deixando um filho natural chamado *D. Affonso Rodrigues*, que houve de uma senhora chamada *D. Constança Affonso*, da freguezia de Cambra.

D. Affonso Rodrigues foi creado n'este convento, mas querendo antes ser frade franciscano, professou a regra de S. Francisco, e morreu guardião do convento de S. Francisco, de Lisboa.

—

A infanta D. Constança Sanches, filha legitima de D. Sancho I, muito amava seu irmão D. Rodrigo Sanches, e foi ella que mandou fazer o cruzeiro do *Padrão Velho*, no sitio onde seu irmão expirou, e lhe mandou fazer um magestoso tumulo, com uma grande inscripção laudatoria, em latim (que por extensa não copio) e doou muitas rendas ao mosteiro, para fazer um anniversario no dia 2 de julho de cada anno.

Esta doação foi feita na éra de 1301 (1263 de Jesus Christo) e por ella deu ao mosteiro tudo quanto tinha na *Avelleda*, que era muito.

D. Maria Paes Ribeiro tambem doôu ao mosteiro tudo quanto tinha em *Maçans de Dona Maria*, para os seus rendimentos serem empregados em missas por alma de seu filho D. Rodrigo; cujo legado foi religiosamente cumprido pelos cruzios, até 1834, anno em que foi supprimido este mosteiro.

Estando bastante deteriorada a antiga egreja, se construiu uma nova, lançando-lhe a primeira pedra o prior D. Fr. Pedro Salvador, a 28 de junho de 1574, e é a actual.

Para as egrejas da sua jurisdição, tinha o convento *vigario geral*, promotor de justiça, meirinho ecclesiastico; e *aljube*, junto ao mosteiro.

—

O prior de Grijó era tambem *ouvidor* dos seus tres coutos (*Grijó*, *Brito* e *Tarouquella*).

—

D'este convento sahiram, um arcebispo de Braga, um de Lisboa, dois bispos do Porto, e um de Silves.

—

O couto de Grijó era dos maiores de Portugal. Confrontava pelo S. com o concelho da Feira; pelo N. com o rio Douro; pelo O. com o mar; pelo E. com o concelho de Fermêdo; chegando pelo NO. até ao couto de Avintes. Todo lhe deu a rainha D. Thereza, e foi a doação confirmada por seu filho D. Affonso Henriques, sendo infante, a 11 de janeiro de 1139, e depois de rei ratificou a confirmação em 13 de julho de 1142. D. Affonso II, seu nêto, confirmou tudo em 1220.

—

Com tantas doações e rendas, prosperou muito este mosteiro.

Sendo prior *D. Fr. Bento d'Abrantes*, desejou ter um hospicio da sua ordem proximo da cidade do Porto, e, com licença de D. João III, comprou, *á custa do convento*, um monte chamado então de *S. Nicollau*, ou *Meijoeira*, ou *Coimbrãos*, em uma eminencia, quasi a prumo, do lado do S., sobre a esquerda do Douro, em frente do Porto.

N'este sitio havia uma capella dedicada a *S. Nicolau* (que deu o nome ao monte)) e junto a ella um hospicio de *emparedadas*, a que chamavam *donas de S. Nicolau*. (Os frades, com licença do bispo, mudaram a capella e o hospicio para o fundo do monte, mesmo á beira do rio. Acabaram as *emparedadas*; o hospicio está hoje transformado em fabrica de loiça de *faiança*, e a capella ainda existe sob a invocação do *SSenhor d'Além*. (Vide esta palavra.)

Lançou a primeira pedra ao edificio do convento (hoje e desde então chamado da *Serra do Pilar*) o bispo do Porto, *D. Fr. Balthazar Limpo*, a 28 de março de 1538.

Como este convento fosse tambem prosperando muito, se separou do de Grijó, em 1566, por breve de Pio V. (Vide *Pilar* e *Gaia*.)

—

As familias dos *Soares*, *Rodrigues*, *Sanches* e *Formarigues*, descendentes dos fundadores do convento de Grijó, e que todos eram (segundo o costume) considerados *padroeiros* do mosteiro, chegaram a ser tão numerosas, que o convento tinha, no reinado de D. Pedro I, nada menos de 208 padroeiros! Isto além das familias d'estes, que tinha os mesmos direitos. (Vide Padroeiro.)

Tamanhos e tantos pedidos fizeram os frades ao rei (D. Pedro I) que elle os livrou dos taes padroeiros, pelos annos de 1360.

(Os outros conventos tambem se foram pouco a pouco descartando, como puderam dos taes parasitas.)

A egreja do convento de Grijó foi sempre e ainda é, a matriz da freguezia. É um templo grandioso e dos melhores do bispado do Porto.

A sua cêrca é extensa, muito abundante de boas aguas e fertilissima. As suas laranjas são famosas, pela sua optima qualidade. Foi vendida, e o edificio do convento, em 1835 (pela oitava parte do seu valor), e é propriedade do sr. Maia, filho do comprador.

—

A freguezia de Grijó é situada em terreno bastante accidentado, mas seus montes são todos pouco elevados. Seus valles, regados por alguns pequenos ribeiros e arroyos, são muito ferteis.

Das suas elevações se gosa uma extensa e bonita vista para todos os lados, descobrindo-se a cidade do Porto, muitas freguezias ruraes, varias serras e o mar. Os seus montes estão cobertos de arvoredos, sobretudo grande abundancia de pinheiros.

É terra bastante rica pelo commercio quotidiano que sustenta com a cidade do Porto, não concorrendo tambem pouco o grande numero de pedreiros, trolhas, carpinteiros e outros operarios que constantemente se empregam nas obras d'aquella cidade, e que ao sabbado trazem boas *férias* para a freguezia.

—

Não me consta que em Grijó hajam outras antiguidades dignas de nota (além das descriptas) nem que aqui occorresse mais facto algum digno de memoria, além dos que relatei.

—

Os habitantes d'esta freguezia tinham as honras, foros e privilegios de *infanções*, por ser Terra de Santa Maria.

GRIJO — aldeia, Beira Alta, freguezia de Gafanhão, comarca e concelho de Castro d'Aire, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

N'esta povoação nasceu e aqui reside, o sr. Joaquim d'Almeida, official do exercito realista. E' um dos mais ricos proprietarios, e incontestavelmente um dos mais respeitaveis e respeitados cavalheiros d'estas terras, e um verdadeiro portuguez, dos de antes quebrar que torcer.

E' homem chão e despretencioso, bemfazejo e religioso, o typo (hoje rarissimo) do verdadeiro lavrador portuguez. Vide Gafanhão.

GRIJÓ DE PARADA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia.

O reitor de S. Gens de Parada, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

GRIJÓ DE VALLE BEM FEITO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Cortiços, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis, annuaes.

GRIJÓ DE VALLADARES — aldeia, Beira Alta, freguezia de Valladares, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, 24 kilometros a NO. de Viseu, 290 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Tanto a freguezia como esta aldeia são muito antigas. Em 1155, D. Odorio, bispo de Viseu e o seu cabido, demittiram ao mosteiro de S. Christovão d'Alafões, todos os direitos episcopaes que tinham *na Grijó de Valladares.*

A mesma etymologia.

GRILLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros a NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era do concelho de Baião, comarca de Soalhães, e sendo esta comarca supprimida em 24 de outubro de 1855, e creada a de Baião, ficou sendo do seu concelho e comarca.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil. Optimo vinho. Muita caça. Muito peixe do Douro e do mar.

GRILLO—povoação, Extremadura, na freguezia do Beato Antonio, concelho dos Olivaes, comarca e 5 kilometros a ENE. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Situada sobre a direita do Tejo.

Fica proxima aos palacios dos marquezes de Olhão, representados actualmente pelos filhos do sr. D. José da Cunha Mendonça e Menezes, e do dos condes da Taipa.

E' um sitio povoado de casas e dois conventos. O primeiro, foi de eremitas descalços de Santo Agostinho, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete. Foi fundado pela rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, quando era regente do reino. Seu filho, D. Affonso VI, lançou a primeira pedra, no dia 15 de maio de 1666. Em 1683, a 23 de outubro, um violento incendio destruiu, em menos de duas horas, toda a egreja e a maior parte do mosteiro; mas logo se restaurou. Pela extincção das ordens religiosas, foi transferida para este templo a parochia de S. Bartholomeu do Beato.

Passados tempos, foi reparado o edificio do mosteiro, e para elle se mudou o recolhimento de Nossa Senhora do Amparo, que estava na Mouraria, e tinha sido fundado por D. João IV, em 1644, para servir de asylo a filhas de militares e de magistrados pobres.

O segundo convento é de freiras da mesma ordem e reforma, de Santo Agostinho, e está ao S. da estrada, communicando-se com a cêrca, que fica do lado do N., por um passadiço coberto, sobre um arco de pedra, de bastante altura e largura. Era dedicado a Santo Agostinho (por isso a este convento se chamava das *grillas*, e ao outro dos *grillos*), e foi fundado pela mesma rainha, D. Luiza.

D. frei Domingos de Gusmão, arcebispo d'Evora, lhe lançou a primeira pedra, no dia 2 de abril de 1660. (Este prelado era filho dos duques de Medina Sidonia e sobrinho da fundadora.)

As primeiras seis freiras que o povoaram, vieram do convento de Santa Monica, de Lisboa.

A rainha D. Luiza, desgostosa de seu filho, D. Affonso VI, depois de lhe entregar as redeas do governo, se recolheu a este convento (23 de junho de 1662), estando ainda por acabar, e n'elle falleceu, em 27 de fevereiro de 1666.

O seu mausoleu, ergue-se no côro, e é de marmore, primorosamente lavrado.

Vide Beato.

—

Tendo na descripção do Beato, fallado de leve, na *quinta do Duque*, e como julgo que ella merece uma descripção mais circumstanciada, juntarei aqui mais o seguinte:

—

Segue-se ao Grillo, o sitio do *Beato Antonio*, onde os srs. duques de Lafões téem a sua principal residencia.

O palacio foi principiado pelos annos 1760,

pelo duque D. João de Bragança, filho do principe D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II. Apenas tem concluida a frente que deita para o jardim. Encerra uma magnifica galeria de pintura, em que se admiram varios quadros de alguns dos mais distinctos mestres, das diversas escolas.

Foi colligida esta galeria, pelo fundador do palacio, um dos homens mais illustrados do seu tempo, e instituidor da *Academia real das sciencias, de Lisboa.*

Este principe, notavel pela cultura do seu espirito, pela sua gentileza, e pela graça e delicadeza de suas maneiras, foi o portuguez que mais viajou, principalmente pela Europa, em todo o decurso do seculo XVIII.

Na ermida d'este palacio, da invocação de Nossa Senhora da Piedade, têem sido baptisados os duques de Lafões e todos os seus filhos; sendo conduzidos á pia baptismal pelos nossos soberanos, desde D. João V, que estabeleceu esta pratica.

A *quinta dos duques* contém formosos jardins e extensas ruas de bosques, assombradas por copado arvoredo.

O caminho de ferro de norte e leste, corta esta quinta, quasi na extremidade do N.

—

No fim da rua do Grillo, a E., principia a alameda que conduz ao edificio, que foi mosteiro do Beato Antonio.

No logar em que estava a egreja, existiu em tempos remotos, uma ermida dedicada a S. Bento, que foi a primeira d'esta invocação, em Lisboa e seus arredores.

Foi fundada por D. Estevão d'Aguiar, sendo D. abbade d'Alcobaça, com o intento de fundar alli um collegio ou hospicio para a sua ordem (Cister). Como se não levasse a effeito esta fundação, determinou a rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V, leval-a ávante, não para os *bernardos*, mas sim para uma congregação introduzida no paiz, no reinado de D. João I, a qual, pelas virtudes dos *congregados*, e por se estabelecerem em um sitio chamado *Villar*, junto ao rio Cávado, 12 kilometros ao N. de Braga, principiou a ser conhecida do povo, sob a denominação de *Congregação dos bons homens de Villar*. (Vide Villar de Frades.)

Morreu em Evora, aquella desditosa rainha [1] em 1455, na florente edade de 23 annos, (jaz na Batalha).

No seu testamento, deixou ao mosteiro 8:000 corôas de ouro, determinando que o novo convento fosse cabeça da ordem.

D. Affonso V se apressou a dar execução ás ultimas vontades de sua virtuosa esposa, obtendo do D. abbade d'Alcobaça, a ermida de S. Bento, e construiu n'este logar a egreja e convento, que entregou aos *bons homens de Villar*. Além d'isso, e em memoria da singular devoção que a fallecida rainha dedicava ao discipulo bem amado de Jesus Christo, alcançou de Pio II, por breve de 1461, que aquelles homens se intitulassem *conegos seculares de S. João Evangelista*. Em homenagem, porém, ao antigo padroeiro da ermida, deu-se á nova egreja a invocação de *S. Bento de Emxobrégas.*

Como este mosteiro era destinado a uma ordem pobre e humilde, a sua fabrica era tambem pobre e mesquinha, de modo que 150 annos depois da sua fundação, já estava ameaçando ruina, em partes.

Era então conventual d'aqui, fr. Antonio da Conceição, simples conego, sem cargo algum na ordem, que não tendo de seu mais de 700 réis, metteu hombros á empreza da reconstrucção de todo o edificio. Tal era a sua bem merecida fama de virtude em Lisboa, que grande numero de fidalgos e populares, se apressaram a ajudal-o com as esmolas de que podiam dispor, de modo que nunca lhe faltou dinheiro, apesar de ser vasto o plano da nova obra da egreja e mosteiro, que, com o correr dos annos chegou a ser muito rico, pelos legados e doações de muitos particulares ricos e pelos padroados de muitas egrejas, que lhe deram alguns reis, principalmente D. Sebastião.

Quando foi supprimido, em 1834, tinha este mosteiro um rendimento annual superior a 30:000$000 réis.

O seu superior, denominava-se *D. reitor geral* (vulgarmente *geral*) e tinha honras e poderes quasi episcopaes.

[1] Era filha do infante D. Pedro, que morreu em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449. Vide Alfarrobeira.

Por algum tempo serviu o mosteiro de hospital de sangue.

Em 1834, estando aqui aquartellada a tropa realista da divisão do conde da Madeira (D. Alvaro da Costa, da familia dos condes de Mesquitella) que tinha convencionado nas ilhas da Madeira e Porto Santo—um pavoroso incendio (lançado por alguns exaltados, para queimarem os soldados de D. Alvaro, segundo é fama) reduziu a cinzas este sumptuoso edificio. Esteve alguns annos em ruinas. Depois foi destinado para deposito de monumentos historicos, o que não teve effeito, e a final foi dividido em lotes e vendido a diversos particulares, que o reedificaram, adaptando-o a casas de habitação, armazens de vinhos e outras industrias.

Mais tarde, um dos arrematantes, o fallecido negociante João de Brito, estabeleceu, na parte que comprou, a par dos seus vastos armazens de retem, de vinhos, uma grande fabrica a vapor, de farinha, pão e bolacha, cujos productos rivalisam com os melhores de França e Inglaterra. (Vide *Beato.*)

—

A livraria do convento dos conegos seculares de S. João Evangelista, era notavel, não só pela vastidão e optima distribuição da luz, como por conter dez mil volumes, muitos d'elles raros a preciosos.

Tambem era bella e magnifica e escadaria conventual, construida de marmore branco e côr de rosa, e guarnecida de uma elegante balaustrada com varias estatuas.

—

A egreja parochial primitiva, de S. Bartholomeu, era junto dos muros do castello de S. Jorge. Sendo destruida pelo desastroso terramoto de 1.º de novembro de 1755, passou a ser matriz da freguezia a egreja do Beato, que depois foi transferida para a egreja do convento de Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, como já disse na palavra Beato e no principio d'este artigo.

A egreja do Beato, era vasta, sumptuosa e rica de imagens e ornamentos, e ainda mais rica de tradições, e monumentos historicos.

A dos Grillos é pequena e pobre, sem historia e sem coisa alguma que a recommende; pelo que a profanação da primeira e a mudança da parochia para a segunda, foi um verdadeiro vandalismo.

—

O ducado de Lafões foi creado por D. João V, em 5 de novembro de 1718, sendo seu primeiro duque, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, terceiro marquez de Arronches, setimo conde e senhor de Miranda (do Corvo) senhor de Alafões e das villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro. Era filho do infante D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II.

Para a familia e armas d'esta nobilissima familia, das primeiras de Portugal, e para as suas armas, vido Lafões.

GRIMANCELLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Minhotães apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

Foi barão de Grimancellos, o sr. Antonio de Almeida Passos Pimentel, que morreu governador do castello da Foz do Douro, sem successão.

GROVELLAS—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Valle de Vez, concelho da Ponte da Barca, 18 kilometros a NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente do concelho de Aboim da Nóbrega, comarca do Pico de Regalados.

Em um monte d'esta freguezia, ha escavações, que, segundo a tradição, foram minas de ouro, dos mouros.

As freiras do Bom Jesus de Evora, apresentavam o vigario, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

GRUIM, GROIM ou **GOIM**—em portuguez

antigo significa *tromba* ou *focinho de porco*, que na baixa latinidade se disse *grugnum*, por onomatopea; pois com a tromba é que o porco *grunhe*.

Ha em Portugal alguns logares d'este nome, mas vulgarmente lhe dão só o terceiro nome, *Goim*.

—

Talvez que Goim venha da palavra gallo-celtica, *guí*, que significa *agarico*, planta parasita. (Vide Guí.)

GRUTA—Ermida de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, na Serra de Santa Catharina.

A Serra de Santa Catharina fica 3 kilometros a E. da cidade de Guimarães, na provincia do Minho, arcebispado e districto administrativo de Braga, e é uma das mais pittorescas da provincia. É esmeradamente cultivada até meia encosta e tambem muito aprasivel, cortando-a varios arroios e regatos de limpidas aguas, e modificando-lhe os ardores do sol, frondosos arvoredos, onde trinam uma infinidade de passarinhos. Do meio para cima, é formada por grandes maças de alcantilados rochedos, muitos d'elles minados por varias grutas e espaçosos subterraneos.

Na linha superior da montanha, a poucos metros ao E. de uma pyramide geodesica, está a capellinha de Santa Catharina, que deu o nome á serra.

Esta ermida está hoje despresada e em ruinas, apesar de ter uma irmandade com alguns fundos.

Em volta d'ella se vêem muitos milhares de carradas de pedra miuda, que parece serem os restos de antiquissimas construcções, e ha vestigios de ter sido cultivado em remotas eras este sitio.

A poucos metros ao S. da capella, ha um grupo de penedos, sendo um d'elles escavado no centro, á maneira de pia irregular e com um buraco em uma das paredes que olha para o O. Chamam a esta pia, a *cama de Santa Catharina*, e a elle anda ligada a seguinte tradição:

Em tempos remotos, pastoreava a Santa Virgem, por estes desertos, numerosos rebanhos. De dia, reclinada á sombra d'aquellas rochas, e de noite, deitada no seu tosco leito de granito, era a atalaia vigilante dos povos christãos, contra os mouros, que então dominavam a Lusitania.

Uma noite viu ella que uma numerosa legião de mouros, á luz de fachos, descia sobre Guimarães. Santa Catharina, para subtrahir o povo da villa aos horrores de uma batalha e um saque, com todas as suas crueldades, lembra-se de um plano — ata vellas accesas nas pontas de suas cabras, e dirigindo-as com o seu bordão, as obriga a descer a montanha, quasi em fórma. Os mouros, julgando ser um grande exercito de christãos, fogem em tropel, deixando em paz a povoação de Guimarães, a cujas portas já estavam.

—

Descendo por uma extensa fraga, cortada nos sitios de mais difficil accesso, por toscos degraus, abertos na rocha, em direcção ao N., chega-se á *fonte de Santa Catharina*, que rebenta de alterosos rochedos, com grande abundancia, mesmo no tempo da estiagem, apesar de estar em tamanha altura. Poucos passos além, e sempre na direcção N., está a *Gruta do Sino*, que é uma comprida mas estreita garganta entre dois monstruosos rochedos. Chama-se *do Sino*, porque ao fundo ha certas pedras que, feridas com outras, produzem um som alguma cousa similhante ao do sino. Andando em frente, chega-se a uma vasta chapada ou plató, de ilimitados e bellos horisontes.

É aqui onde existe a *gruta-ermida*, coberta por enormes penedias, cheias de grutas e cavernas, communicando, quasi todas, umas com as outras.

No môrro mais septentrional da serra, levanta-se, a uma desmedida altura, um grupo enorme de penedos escarpados e inaccessiveis, em toda a volta da sua grande extensão. Por baixo d'esta montanha de pedra, abre-se primeiro uma grande gruta, formada por dois penedos, erguidos a prumo, e por um terceiro que assenta sobre elles, parecendo um grande portico, com seu atrio, ladrilhado por uma vasta lagem.

D'esta entrada principal, se ramifica, para a esquerda do espectador, outra caverna

apertada, que vae descendo em linha quasi regular, até muitos metros de comprimento, para o N. Além d'esta, ha varias grutas que minam os rochedos em todas as direcções, tendo algumas evidentes signaes que mostram ligar-se alli a mão do homem á obra da natureza.

Os antigos construiram ao S. d'esta penedia, uma escada, na pedra, de 11 degraus, por onde se sóbe para um pavimento quasi regular, que dá entrada para o hospicio, que está em frente; e para a esquerda, passagem para a gruta-ermída, por um estreito corredor, no fundo do qual, e junto á porta da ermida, se abre, na rocha, uma pequena gruta, forrada de cortiça e musgo, obra de arte, e n'ella está Santo Elias, monge carmelita, adormecido.

D'aqui por entre dois grandes penedos, que se fecham em abobada, se sóbe por uma escada de 18 degraus, para um segundo pavimento, em fórma de terraço. de 15 metros de comprido e 12 de largo, recentemente plantado de buxo e flores.

Ao N. d'este jardim suspenso, sobem-se mais 7 degraus, para se chegar ao *terraço da bandeira*, menos espaçoso que o primeiro, mas muito regular. Sobindo ainda mais algumas escadas e parte de um penedo descommunal, chega-se á *Cruz Alta*, o ponto mais elevado d'estes rochedos.

Este sitio, descoberto por todos os lados, é de uma vista surprehendente e abrange um vastissimo horisonte.

Descendo d'aqui, por uma escada de 21 degraus, chega-se a outro terraço, chamado *da Ermida*, e d'este para ella, ainda se desce outra escada de 6 degraus, para se chegar ao ponto da partida.

A *gruta-ermida* é formada por dois grandes penedos, formando-lhe um d'estes a parede do lado da Epistola, e o outro, o tecto e as paredes da sachristia, do lado do Evangelho. Entre esta e o corpo da ermida, se construiu uma parede de estuque, para dar regularidade á capella. Abrem-se n'esta parede dois nichos, nos quaes estão as imagens de Nossa Senhora da Oliveira e Nossa Senhora do Rosario, e levanta-se um dos altares lateraes, muito antigo, dedicado a S. José, padroeiro da egreja. Em frente está outro altar egual, dedicado a S. Simão Stok, patriarcha da Ordem do Carmo. Á esquerda fica o pulpito.

O altar principal, em que se venera a magnifica imagem de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, é moderno e elegante. Por baixo do pavimento do templo, ha uma caverna, que recebe luz de uma janella aberta na rocha, e, ainda por baixo, ha outra caverna, escurissima, que se estende pela penedía. Tem a ermida, desde a porta até ao altar-mór, 8 metros de comprido, e de largo 3^{m}80, sendo a sua altura média, 3^{m}20.

O hospicio, ou *casa da Senhora*, está collocado sob um montão de rochedos para o lado do nascente. Compõe-se de uma sala, dois quartos, cosinha e dispensa, tudo com communicação para um corredor que vae ter a um terraço plantado de arbustos e trepadeiras.

Fóra do acervo de rochedos já descripto, ha um grande penedo, a E., accessivel por uns degraus abertos no mesmo. Tem no cimo uma grande pia, que é reservatorio das aguas pluviaes. Pela parte inferior ha uma espaçosa gruta, que a arte transformou em loja, fechada por uma porta e recebendo luz por uma pequena janella. Chama-se *Gruta Verde*, porque as suas paredes interiores são forradas de um mimosissimo musgo de uma linda côr verde.

Ha ainda por todo o monte muitas outras grutas e varios grupos de rochedos, parte d'elles tambem minados.

—

Origem da Gruta-Ermida e do hospicio de Nossa Senhora do Carmo, da Penha.

Um devoto e virtuoso ermitão, chamado Guilherme, natural de uma aldeia proxima da cidade de Roma, sahindo da Italia, e depois de ter percorrido varias partes da Europa, veio ter á Galliza e d'aqui passou á villa de Vallença do Minho.

Visitou todos os desertos d'estes sitios a vér se encontrava um, proprio para fazer vida eremitica. A 3 kilometros a E. de Guimarães viu a serra, hoje chamada de Santa Ca-

tharina, e ahi assentou fazer o seu eremiterio, em setembro de 1702.

Escolheu para seu tugurio uma gruta, e n'ella collocoua imagem de Nossa Senhora, que havia mandado fazer em Braga. É de perfeita esculptura em madeira, de 0m66 de alto com o menino Jesus nos braços. (Foi primeiramente collocada na loja que fica descripta e está por baixo da *Gruta-Ermida*, e é por isso que se lhe dá o nome de *Nossa Senhora da Penha.*) Os povos d'estes sitios principiaram a ter grande devoção a esta imagem, concorrendo aqui em constante romaria, invocando a Senhora nas suas attribulações e dando ao eremitão muitas esmolas que foi applicando em adornar o altar e a gruta da Senhora.

A *Casa da Senhora* ou *Hospicio da Penha.* foi, segundo a tradição, construido mais tarde pelos religiosos carmelitas calçados, no pincaro d'aquelles rochedos, e aqui vivia sempre um monge com alguns noviços, tendo elle o titulo de presidente.

—

Em 1870 alguns poucos devotos, animados de fervor religioso, empenharam-se em levantar o culto á Virgem do Carmello, até então simplississimo e pobre, e aformosear e engrandecer a *Gruta-Ermida.* Appellaram com tal fim para a piedade e dedicação das damas vimaranenses, e ellas corresponderam digna e generosamente concorrendo com donativos e mimosas prendas, que, vendidas em leilão, produziram meios com que logo no primeiro anno se realisaram alguns melhoramentos, que satisfizeram os concorrentes que alli affluiram em romagem a 23 de julho de 1871, a presencear a boa applicação das suas esmolas. A commissão que realisou os melhoramentos foi em 1872 ampliada com mais alguns devotos, com egual fim de promover a realisação de novos planos de maior importancia. Fizeram-se alguns reparos no hospicio da Senhora, mandaram estudar por engenheiro competente o nivelamento das aguas, que sahindo da Fonte de Santa Catharina, devem ser convenientemente canalisadas para o local da Penha: o mesmo engenheiro levantou a planta topographica que deve regular a disposição e construcção de seis passos, havendo já concluidos dois em 21 de julho de 1872, e fundou-se a irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, havendo tambem projectados grandes melhoramentos, como arborisar os terrenos já pertencentes á Senhora, abrir uma estrada, que seguindo de Guimarães pela de Fafe até á freguezia de S. Romão, córte d'aqui pelo Senhor dos Serodios para ligar Guimarães com a Penha, etc., etc.

Ha todas as esperanças da breve realisação d'estes planos, pois existe muita boa vontade da parte dos vimaranenses e povos convisinhos, tendo além d'isso a cooperação dos compatriotas de além-mar que teem offertado valiosas sommas, sem fallar em serviços gratuitos, esmolas e objectos do culto, que ultimamente teem emanado da generosidade de muitos fieis.

GUADIANA — rio, do Alemtejo, e Algarve, nasce nas famosas *lagôas de Roidera*, na Mancha (Hespanha.)

A primeira destas lagôas está a 12 kilometros a NO. d'Alcaraz, no campo chamado *Ossa de Montiel* perto de *Villa Nueba de los Infantes*; e tendo corrido, ainda com pouca agua, 30 kilometros, perde-se em uma planicie (proxima da aldeia de *Logar Nuebo*, pouca distante de *Formelloso*) entre juncos e canaviaes; percorrendo subterraneamente 30 kilometros.

Torna a surdir entre *Villa-Harta* e *Daimiel*, no sitio chamado *Ojos del Guadiana* e é desde então que toma o nome com que termina. Continúa o seu curso, banhando os muros de *Merida* e *Badajoz*. A 12 kilometros d'esta praça e a 6 ao O. d'Elvas, divide os termos d'estas praças e os dois reinos, por uma parte e o rio *Caia* por outra. (Vide *Caia.*)

No termo d'Elvas se junta o mesmo *Caia*.

Entra o Guadianna de todo no reino de Portugal 12 kilometros ao N. de Mourão. Torna a dividir este reino do de Hespanha (separando a antiga Betica, da Lusitania) desde a confluente do *Chança* até ao Occeano. Passa por entre *Beja* e *Serpa* e pouco a baixo d'esta villa forma uma catadupa, chamada *Salto do Lobo*, precipitando-se as aguas

de uns altos rochedos, mas n'um passo tão estreito, que quasi se póde saltar de um a outro lado. Torna logo a alargar e vae passar a *Mértola* (banhando seus muros) sendo d'ahi em diante navegavel até á sua fóz.

Passa tambem ás villas d'*Alcoitim Castro-Marim, e Villa-Real-de-Santo Antonio*, abaixo da qual se mette no Occeano. Na margem opposta (esquerda) fica, em frente de *Alcoitim* a villa hespanhola de *S. Lucar de Guadiana*, e em frente de *Castro-Marim* e *Villa-Real*, a cidade, tambem hespanhola (tudo Andaluzia) chamada *Ayamonte*.

O seu curso total (incluindo o que anda subterraneamente) são 840 kilometros (140 legoas de 6 kilometros.) Sendo a sua nascente até se juntar no *Caia*, e formar a divisão de Portugal e Hespanha, 600 kilometros e d'ahi á sua fóz 240.

D'estes só 72 são navegaveis, desde *Mértola*, como já disse, até ao mar.

Muitos ribeiros engrossam este rio, tanto na Hespanha como depois em Portugal, desembocando nas suas margens.

Os principaes afluentes em Portugal são: na margem direita *Caia*, *Degebe* (ou *Odejebe)* e *Córbes* e á esquerda, *Ardila* e *Limas*.

—

O Guadiana tinha no tempo dos phenicios e dos carthaginezes (e supponho que ainda no tempo dos romanos) na sua extremidade O. dois braços, cada um com sua fóz. Hoje tem só uma.

Ha muitos seculos que este rio, ou mudando de leito, ou abandonando um dos seus braços, termina proximo a Villa Real; mas esta mudança tem causado grandes duvidas e contestações, tanto nos geographicos como nos historiadores; porque ninguem hoje sabe onde eram situados esses dois braços.

Ignora-se qual foi o primeiro nome d'este rio. O nome que tem ha mais de 23 seculos, é incontestavelmente carthaginez; porque *Ana* é palavra *púnica*, segundo uns nome proprio d'homem, e segundo outros, de mulher.

Pretendem outros que *Anna* é palavra phenicia, mas que significa *áde* ou *adem*, ave aquatica, que mergulha para pescar, e que deram este nome ao rio por tambem mergulhar por baixo da terra e tornar a apparecer. Teem os etymologistas por onde escolher.

Em todo o tempo da dominação romana e gothica se chamou *Ana*, ou *rio Ana*, e assim se vê em todos os escriptores d'aquelle tempo.

Os árabes invadindo a peninsula hispanica no principio do seculo VIII, e assenhorando-se d'ella, não mudaram o nome d'este rio, mas accrescentaram-lhe (como era seu costume, em todos os rios) o substantivo *uad*, que em árabe significa *rio* ou *agua* e lhe chamaram *Uadiana*; mas como pronunciavam o *u* quasi como *gu*, os portuguezes e hespanhoes lhe chamaram *Guadiana*, e assim ficou.

Querem alguns que *Ana* seja tambem palavra árabe, que significa *cousa que se esconde*, ou *escondida*; mas é êrro; porque, ainda que este rio effectivamente se esconde (como já disse) e corre por baixo do chão, já vimos que mais de 13 seculos antes da invasão dos mouros, já o rio se chamava *Ana*.

Duarte Galvão (*Chronica de D. Sancho I. pag. 9.*) lhe chama, com menos corrupção, —*Odiana*.

A mesma origem tiveram os nomes dos rios do Algarve: *Odeleite*, *Odesseixe e Odiáxare;* e os do Alemtejo, *Odegebe*, *Odemira* e *Odivo*, e outros mais.

Alguns auctores escrevem *Waddyel Ana* fundando-se na palavra radical árabe *Wad*, ou *Waddy*, que significa não o rio ou a agua, mas o *leito do rio*, e de cuja palavra nós fizemos *vau* (de um rio) é porem mais proprio escrever-se *uad*.

Tambem em alguns escriptores se vê este rio escripto com o nome de *Uad-And-Fluvius*. (É pleonasmo.)

—

Muitos rios da Hespanha ainda conservam com pequena corrupção os nomes árabes: os principaes são.

Guadalabiar (Uad-el-abiar) Rio dos Poços —Guadelcacer (Uad-el-caçar) rio do Palácio—Guadelerce (Uad el-ôrse) Rio das Bodas —Guadalajara, ou *Guadalaxara (Uad-el-jara) Rio das Pedras — Guadellanar (Uad-el-fanar) Rio de Lanterna, da Luz*, ou *do Pha-*

rol.—Guadelmedina (Uad el medina) Rio da Cidade.— Guadalquibir (Uad-el quibir) Rio Grande— Guadelupe (Uad el ûbb) Rio do ubere (Para significar rio fertilisador.) etc.

GUADRAMIL— freguezia. Traz os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 505 ao N. de Lisboa, 27 fogos, em 1757.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII, ou principio do XIX, e encorporada na de S. Bartholomeu de Rabal.

GUALTAR— freguezia, Minho. comarca, concelho, e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago da sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Na freguezia de Fiães, do concelho da Feira, ha uma aldeia do mesmo nome. É corrupção do nome d'homem — *Gualter.*

GUARDA ou **S. THIAGO DA GUARDA** — freguezia, Extremadura, comarca do Pombal, concelho d'Ancião, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 833 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

As religiosas de Lorvão apresentavam o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

GUARDA (Casa da)—Minho, concelho de Terras de Bouro. Dá se lhe este nome, porque antigamente se fazia d'este sitio um posto militar.

Junto ás ruinas d'esta *Casa da Guarda*, no sitio chamado *Padrões de Cal*, está um pedaço de columna (marco milliario) de 1^{m},32, com esta inscripção:

DIV. C. ABI.....
MAXIMIANO.....
.....
.....
A BRAC. AUG.
M. P. XXVIIII.

Quer dizer:—*Esta columna foi dedicada ao imperador Maximiano... D'aqui a Braga são 29:000 passos.*

Havia aqui muitas mais d'estas columnas e entre outras uma de notavel grandeza (com 5^{m}28 de alto), e grossura correspondente. Tambem tinha uma inscripção.

Um lavrador de Villarinho a levou e mais outras, para pesos de lagar e outros misteres.

GUARDA— cidade, Beira-Baixa, cabeça de bispado, e de districto administrativo, 66 kilometros de Viseu, 300 ao N. d'Elvas, 70 de Castello Branco, 300 ao E. de Lisboa, 830 fogos, em 3 freguezias (Sé 480, S. Vicente 240, S. Pedro 210), 3:700 almas.—No concelho 7:500 fogos;—na comarca 7:500 (porque é formada só pelo seu julgado); — no districto administrativo 52:400.

É quartel de infanteria n.º 12, e da 2.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica.

Situada em planicie elevada nas faldas da serra da Estrella, proximo das nascentes do Mondego, cercada de muralhas de cantaria, com suas torres, e castello na parte mais alta da cidade. (Apesar de bastante arruinado, este castello, ainda, pela sua elevada posição e robustez, se tornou importante na guerra peninsular.)

As muralhas teem 6 portas.

Está em 40° e 14' de latitude, e 14° e 32' de longitude N.

Diz se que é *feia, fria* e *farta.*

Em 1829 gelaram aqui os óvos, aguardente e outros corpos, que só gelam com frio intensissimo.

É a *Lancia Oppidiana* dos romanos.

Seus arrabaldes são ferteis e muito abundantes de boas aguas e o seu clima, posto que excessivo, é sádio.

Feiras a 24 de junho e 4 de outubro, durando cada uma tres dias.

Foi reedificada por D. Sancho I, em 1197, abaixo do sitio onde havia uma alta torre d'atalaya, a que chamavam *Garda* ou *Warda*, d'onde lhe veio o nome actual. (Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'esta célebre torre.)

O mesmo rei lhe deu foral, com muitos e grandes privilegios, em 26 de novembro de 1199, na cidade de Coimbra. D. Affonso II o confirmou em Santarem, em dezembro de 1217. D. Manuel lhe deu novo foral em Santarem, no 1.º de junho de 1510, com os antigos privilegios.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 2.º

D. João III fez duque da Guarda a seu irmão mais novo, o infante D. Fernando, em 5 de outubro de 1530. Foi o primeiro e ultimo duque que aqui houve.

Seus melhores edificios são: a egreja cathedral, (das mais sumptuosas do reino) o o paço dos bispos e a casa da Misericordia, que tem a seu cargo o hospital civil.

No antigo seminario estão as differentes repartições do governo civil.

Tem lyceu.

Era cidade muito florescente no tempo dos godos, mas decahiu muito, pois que D. Sancho I a achou quasi despovoada, em 1197.

Em *Tentinôlho*, aldeia ao O. da cidade, tem apparecido varios objectos antiquissimos. Esta aldeia está em tal altura (n'um dos ramos da serra da Estrella) que d'ella se avistam mais de vinte leguas em circumferencia! Ao sopé da cidade passa o Mondego.

Tenho ouvido dizer que nos campos da Guarda se criam nabos de 8 e 9 kilogrammas de pêso. —

Ao S. e a 6 kilometros da cidade está a aldeia de *Porcas*, e ao S. d'ella e mui proximo, um pequeno monte, chamado *Fonte Alta*. N'elle nascem muitas aguas, que, umas correndo para o N. se vão juntar ao Mondego, á ponte da *Misarella*; outras, dirigindo-se para o S., se vão unir ao Zêzere, proximo de Belmonte; outros, encaminhando-se para E., vão engrossar o Côa.

Ha na casa da camara d'esta cidade uma collecção de pêsos e medidas muito curiosa pela sua antiguidade. Os pesos teem a fórma de um cône truncado, e pesam todos 60 kilogrammas, ou 4 arrobas, tendo submultiplos até 459 grammas (arratel).

Na tampa do maior dos pêsos (que serve de caixa aos outros) ha as armas de Portugal, em alto relevo, com duas espheras armillares, uma de cada lado (são as armas de D. Manuel).

Os pêsos são todos de bronze, e no maior ha a seguinte inscripção:

O MVYTO, ALTO, E, EJXELENTYSYMO,
REJ, DON, EMÃNVEL, O PRJMEJRO, DE
PVRTVGAL, .ME, MÃNDOV, FÃZER,
ÃNO, DO NCMTO, DE, NOSO, SNOR,
JHV, XPO, DE 1499.

Estas letras estão mal gravadas. A orthographia está fielmente copiada.

A collecção de medidas para seccos compõe-se de um alqueire, meio alqueire, quarta e selamim, tudo tambem de bronze, e tendo a fórma de prismas de base quadrada.

Cada uma d'estas medidas tem, entre ornatos em alto relevo, um distico tambem em relevo, na disposição seguinte:

R.
L. SEBAS V.
TIANUS
A. I. S.
1575

No lado opposto a esta inscripção, ha tambem, em alto relevo, as armas reaes, e nas duas faces restantes, em cada uma, uma asa.

Com estas, e com egual inscripção, ha uma canada e uma meia canada. São tambem de bronze, e de fórma cylindrica.

A capacidade das medidas de sêccos é perfeitamente egual ás actuaes; mas as de canada e de meia canada fazem uma pequena differença para menos, provavelmente em resultado de se terem gasto pela oxidação.

No dia 26 de junho de 1727, pelas duas horas da tarde, houve n'esta cidade uma trovoada medonha, e uma espantosa chuva de pedra, tão grossa que cada uma pesava uma onça.

Os conegos estavam na cathedral acabando o officio de vesperas; cahiram n'ella dois raios, derribando um, do alto da capella nova, o escudo das armas dos condes d'Alva, seus padroeiros, e o outro uma pyramide da capella-mór, e outras pedras do côro; fazendo cahir alguns conegos e capellães, os quaes, apesar do grande susto, proseguiram no officio divino, e cantaram, com grande devoção, uma ladainha a Nossa Senhora; ordenando-se que se fizesse uma novena de missas, no altar do Santissimo, em acção de graças por não terem os raios feito damno a pessoa alguma.

—

Foi D. Sancho I que mandou fazer as fortes muralhas guarnecidas de torres e no centro o seu robusto castello. Isto tambem em 1197, edificando então a primeira Sé, com as suas competentes habitações e officinas.

Transferiu para aqui a séde do bispado (que era até então em Idanha, mas o bispo e cabido já havia muitos annos residiam em Penamacôr, e d'esta villa veio para aqui D. Martinho Paes, primeiro bispo da Guarda, que tinha sido conego de Santa Cruz de Coimbra), [1] o que foi confirmado pelo papa Innocencio III, em 1199, com a condição de se intitularem *bispos egitanenses*, em memoria da antiquissima Sé de Idanha Velha. (Vide Idanha Velha e Penamacôr).

Em 1270, dividiu o bispo que então era, as rendas do bispado entre elle e os seus conegos, e estes deixaram de viver em communidade, sob a regra de Santo Agostinho, que até ahi seguiam, e passaram a *conegos seculares*.

[1] Mas a séde do bispado não se mudou logo em 1199, nem então havia bispo egitanense, pois D. Martinho Paes, foi feito bispo em 1202, e ainda residiu alguns annos em Penamacôr, como bispo, e de Penamacôr quiz reivindicar (até á força d'armas!) as egrejas de *Germêllo*, *Castello Mendo* e outras, que o bispo de Viseu lhe tinha usurpado n'uma *séde vacante*.

Tem por brazão d'armas, um escudo coroado e n'elle uma fortaleza de prata com tres torres, em campo asul, tendo na torre do meio um escudo com as quinas portuguezas.

—

Tinha um convento de frades franciscanos, fundado por fr. Gualter e fr. Zacharias, em 1217.

Tinha tambem um convento de freiras franciscanas.

—

A correição da Guarda comprehendia 20 villas e 12 concelhos.

A feira de S. João foi creada por D. Sancho I, em 1199, com grandes privilegios. Dizem que este soberano lhe deu o nome de Guarda, por *guardar* as fronteiras castelhanas.

Entre os grandes privilegios que tinham os moradores d'esta cidade, era o principal que os cavalleiros tivessem honras de *infanções*, e os peões fôro de *cavalleiros*.

O primeiro alcaide que o dito rei aqui poz, foi Pedro Paes de Mattos.

Supponho que este Pedro Paes de Mattos era ascendente dos condes de Sarzedas, porque eram elles os alcaides-móres da Guarda. O primeiro conde de Sarzedas, foi D. Rodrigo Lobo da Silveira, feito por Philippe IV, em 21 de outubro de 1630.

Deu-a em 1202 ao conde D. Fernando e depois a Pedro Viegas Tavares.

Aqui esteve o rei D. Diniz, e sua mulher, a rainha Santa Isabel, em 1182, pouco depois do seu casamento; e aqui fez e promulgou varias leis a favor do povo (como eram todas as d'este illustrado e benemerito soberano.)

Tornou á Guarda em 1295, e aqui fez pazes com D. Fernando IV, de Castella.

Foi bispo da Guarda, D. João Manuel, filho bastardo do rei D. Duarte.

O bispado da Guarda era o mais vasto em territorio de todos os do reino, em quanto teve unido o que hoje constitue o bispado de Castello Branco e grande parte do de Portaleegre. Quando a Sé era em Idanha, foi primeiro suffraganeo de Merida, e como Compostella ficou sendo successora de Merida,

ficou o bispado sendo suffraganeo de Compostella, até ao reinado de D. João I, que conseguiu do papa Innocencio VII, que ficasse livre de sujeição á metropolitana estrangeira, passando a sel o do arcebispado (hoje patriarchado) de Lisboa. Isto em 1405.

Pertence a este bispado todo o territorio do arcediagado de Cêa, que separou de Coimbra o papa Clemente XIV, em 12 de abril de 1774, a instancias de D. José I.

Tem esta Sé, sete dignidades, 22 conegos e 4 meios prebendados.

—

A Guarda foi no principio do seculo XVIII côrte de dois monarchas, D. Pedro II de Portugal e D. Carlos III (ou, segundo outros, VI) de Castella, na campanha de 1704.

—

Já disse que quando a séde episcopal passou da Idanha para a Guarda, era o mais vasto bispado do reino em territorio. Julgam alguns que o bispado de Idanha foi creado pelo concilio de Lugo, em 569, sendo seu primeiro bispo *Adorio* ou *Adorico*, que em 572 assistiu como tal ao concilio bracharense; mas elle foi creado em 534, e sèu primeiro bispo foi *Pamerio*, o segundo foi *Audencio* e *Adorio* foi o terceiro. Teve 9 bispos até 715, sendo o ultimo *Agecindo*. Vide Idanha a Velha.

O bispado egitanense tinha quatro territorios — *Tota Egitania, Mene, Cipio et Francos.*—Mas parece êrro de copia, e provavelmente deve ser — *Tota Egitania, Municipio et Tancos* — vindo a ser só dois territorios Este *Tancos* é o territorio de *Abrantes*, em que habitavam os *tancos* ou *tabuccos*.

O bispo D. fr. João Martins (da Guarda) em 1283, dava por verdadeira e legitima a divisão que o rei Wamba fez, em 675, limitando este bispado em 40 leguas de comprido e 20 de largo.

Outros porém dizem — *Egitania teneat de* Salla *usque Nabam: de* Sena *usque* Muriellam. — (Itacio, Lib. Fidei).

Salla é hoje *Sarça*, no bispado de Córdova (Hespanha) proximo da raia.

Nabam, era *Nabancia* (vide esta palavra e Thomar). *Sena*, é a actual villa de Cêa. *Muriella* é, com muita probabilidade, o poetico castello de *Almourol*, edificado no meio do Tejo, e proximo da foz do Zêzere (que antigamente se chamava *Ozezar*). Vide Almourol.

—

Prometti de fallar da famosa torre de *Garda* ou *Warda*, e vou desempenhar-me.

Em 879, D. Affonso III, das Asturias (o *Magno*) derrotou os mouros em Coimbra, Viseu, Lamego e Chaves; e julgando indispensavel pôr um forte *padrasto* ás correrias dos mouros de Alcantara e dos que habitavam os campos de Idanha a Velha, escolheu o ponto, já pela natureza defensavel, da *Serra da Estrella*, e alli fez construir um temeroso e altissimo castello, que, além de servir para o que já disse, fosse tambem uma atalaya, vigia, sentinella ou *guarda*. Eis porque a esta fortaleza se deu o nome de *Garda* ou *Warda*, que hoje se diz *Guarda*.

Cinco kilometros a O. d'esta cidade, e sobranceiro ao logar de *Cabedoudi*, ainda se vêem as tres ordens de muralhas que cingiam esta praça formidavel e quasi impossivel de conquistar com as armas d'aquelles tempos; não só pelo alcantilado do sitio, como pela robustez da sua construcção.

Ao sitio onde estão estas ruinas venerandas, se chama *Tintinolho*, e aqui se tem achado monumentos de pedra e objectos de ouro e prata antiquissimos.

D'aqui se vêem Celorico, Viseu, Trancoso, Pinhel, Caria, Penedono, etc.

Almançor, rei mouro de Cordova, destruiu este castello, no anno de 985.

—

Como o sitio do castello era muito desabrido, por isso D. Sancho I resolveu fazer a povoação em uma planicie mais baixa, e taes diligencias empregou o rei, e tantos e tamanhos privilegios concedeu ás familias que para aqui quizessem vir estabelecer-se, que em 1199 (dois annos depois da fundação da fortaleza) já era uma grande povoação e foi n'esse anno que se lhe deu o nome da antiga torre da *Garda* (que se suppõe que no antigo dialecto fosse synonimo de *Tintinôlho*) e muitos annos se gastaram em concluir as fortificações d'esta nova cidade, pois que em 1221 ainda se andava fazendo o seu castello;

todavia, ainda em vida de D. Sancho I, por auctoridade do papa Innocencio III, veio para aqui a cadeira episcopal, como já disse.

Até março de 1200 se chamou a esta povoação *Villa de Garda*, e depois cidade da *Garda*, e por fim (passados poucos annos) *Guarda*.

Segundo o sr. I. de Vilhena Barbosa, D. Sancho I elevou a Guarda á cathegoria de cidade, em 26 de novembro de 1199.

—

Duas grandes quebradas separam a cidade dos terrenos circumvisinhos. Pela do O., que fórma um profundo valle, corre o Mondego, que nasce perto d'aqui, na serra, d'onde se precipita no valle. Pela outra quebrada passa o ribeiro *Nocyme*, que, unindo-se depois ao *Lamegal*, vae morrer no *Côa*.

A Guarda está quasi na extremidade da Beira Baixa, distando 35 kilometros da raia de Hespanha.

—

A egreja da Sé, como as outras cathedraes do reino, é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

A primeira egreja que serviu de Sé, foi começada por D. Sancho I, em 1197, e concluida por D. Affonso II, em 1214, sendo consagrada a *S. Gens*. Era pequena e de mesquinha fabrica, como quasi todas as d'aquelle tempo; mesmo que fossem de fundação real; e não tendo a necessaria capacidade, decidiu D. Pedro I fazer uma nova. Escolheu para isso sitio mais desafogado, em um espaçoso terreiro, fóra dos muros da cidade, e ahi a mandou construir, á custa das rendas do bispado, pelos annos de 1360. Consta que era um templo vasto e de boa architectura.

Pouco tempo existiu esta egreja, pois seu filho, D. Fernando I, a mandou arrazar, afim de desaffrontar as fortificações da cidade, durante as guerras encarniçadas, que então por vezes houve entre Portugal e Castella (1369 a 1382).

Em vão requereram os bispos a D. Fernando que lhe mandasse edificar nova Sé dentro da cidade; elle não lh'o concedeu.

Acclamado rei o Mestre d'Aviz, e terminada a guerra com Castella, mandou fazer o novo templo, para o qual deu o risco e algum dinheiro; mas D. Jorge de Mello, então bispo da Guarda, apesar de ter umas rendas enormes, não queria dar nada para as obras; porém o cabido e o legado dos papas Urbano VI e Bonifacio IX, com sequestros rigorosos e até com interdictos, obrigaram o bispo a dar uma avultada quantia annual para a fundação. Correram as obras com grandes interrupções, ora por impulso real, ora por conta da mitra, pelo espaço de mais de um seculo, até que só terminaram no reinado de D. João III.

É das mais vastas e sumptuosas de Portugal; de bella architectura gothica, exteriormente construida de boa cantaria, e no interior ornada de bellos marmores, e obra primorosa de talha dourada.

O seminario episcopal foi fundado pelo bispo D. Nuno de Noronha, filho dos condes d'Odemira, em 1595.

—

Das antigas fortificações da cidade, ainda existem as muralhas, com 6 portas, com varias torres, e na parte mais alta, o seu vetusto castello; mas tudo em ruinas.

—

O seu territorio é fertil em milho, centeio legumes, hortaliças, fructas e algum vinho; porém as suas vastas pastagens, que são magnificas, e onde se cria grande quantidade de excellente gado, de diversas especies, constituem o principal ramo da sua industria agricola; sendo importantissimo o seu commercio de exportação de gado, lans, queijos e manteiga.

Tambem a plantação d'amoreiras se tem aqui desenvolvido muito, prosperando a creação do bicho de seda, e a fiação d'ella, no que as mulheres se empregam quasi exclusivamente; o que já dá animadores resultados, que, com o tempo e aperfeiçoamento, virão a ser uma nova fonte de prosperidade.

—

A *Serra da Estrella*, com as suas celebradas lagôas, vistosas cascatas, grutas singulares e rochedos imponentes, faz mui curiosas e pittorescas as cercanias da Guarda.

Ha tambem na serra muita variedade de caça miuda e grossa.

O Mondego tambem fornece bastante peixe.

(Tudo o que aqui se não achar quanto a antiguidades da Guarda, vide Idanha Velha.)

—

É patria do insigne chronista Ruy de Pina. Nasceu ahi pelos annos de 1450.

Apparece pela primeira vez em publico na qualidade de secretario do barão d'Alvito, em uma embaixada a Castella, em 1482.

Depois, D. João II o encarrega de uma missão secreta aos reis de Castella.

Em 1484, terceira embaixada de Castella lhe foi confiada pelo mesmo rei. Na volta d'esta embaixada, foi encarregado por D. João II de escrever a chronica do seu reinado.

Em 1493 foi outra vez como embaixador a Castella. Em 1495 assistiu á morte de D. João II, em 25 d'outubro, em Alvor, (como assistira á execução do duque de Bragança, D. Fernando 2.º, cujas ultimas palavras recebeu, na praça d'Evora, no cadafalso, a 21 de junho de 1483).

D. Manuel o fez chronista-mór do reino e guarda da Torre do Tombo.

É opinião geral que Ruy de Pina, para escrever a historia dos reis anteriores a D. Duarte, se utilisou muito das chronicas de Fernão Lopes, se as não plagiou completamente, sumindo depois os manuscriptos.

Não se sabe com certeza a época do seu fallecimento; mas, foi nos primeiros annos de reinado de D. João III; e portanto posteriormente a 1521.

Deixou-nos as chronicas de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sanho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V, D. João II, e a de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, e governador da praça de Alcacer-Ceguêr (Africa).

Tambem principion a escrever a chronica do rei D. Manuel, da qual Damião de Goes confessa ter-se aproveitado.

O estylo de Ruy de Pina é sóbrio e digno Sabe dizer a verdade aos reis; e era grande observador e profundo politico.

—

Aqui nasceu. em 1435, o santo varão *Fr. Pedro da Guarda*. Era filho de João Luiz, official de tecelão, e de sua mulher, Agueda Gonçalves.

Foi frade franciscano. Morreu no convento de S. Bernardino, da Ilha da Madeira, a 27 de julho de 1505.

Os madeirenses teem particular devoção com este santo, ao qual erigiram duas capellas, das quaes só existe uma actualmente.

—

Tratemos agora de uma questão que para alguns será cousa de muita importancia, e para mim não tem neuhuma; pois que estou intimamente convencido de que não são os nobres ascendentes que dão merecimento ao homem, nem os humildes que lh'o tiram. O seu merecimento está unicamente nas suas obras. Já vêem que não é por *desfazer* no sr. *Mem da Guarda* (*o Barbadão*) nem na sua nobilissima descendencia; mas para esclarecimento de um ponto historico, que vou narrar o seguinte:

Um antigo *Nobiliario, anonymo* (note-se que é *anouymo*) tratando dos *Pereiras*, do *Gêge*, diz—que, em tempo de D. Pedro I houve no logar de Veiros (Alemtejo) um homem *honrado e rico*, chamado *Fernão*, ou *Pero*, *Esteves*, por alcunha o *Barbadão*, o qual teve *de sua mulher*, um filho e uma filha. Aquelle se chamou *João Mendes d'Agueda* (note-se que *Mendes* quer dizer — filho de *Mem* ou *Mendo*); e aquella *Ignez Peres*.

João Mendes d'Agueda casou com *Isebel Pereira*, filha de *Alvaro Pereira*, senhor de Souzel, de quem teve *Affonso Pereira*, reposteiro-mór de D. Affonso V. e morreu na batalha de Tóro—*Fernão Pereira*, senhor de Castro Daire, Penella, Lalim e quinta de Gêge, que deu o nome aos seus descendentes—*Violante Pereira*, primeira mulher de Martim Affonso Valente, senhor do morgado da Póvoa, e, em segundas nupcias, mulher do Dr. João Fernandes da Silveira, regedor da casa do civel, e primeiro barão d'Alvito— e *D. Bri-*

tes Pereira (só esta é que teve *Dom ?*) que casou com D. Diogo de Castro, 1.º capitão d'Evora.

Ignez Peres, filha do *Barbadão*, e irman de *João Mendes d'Agueda*, teve amores com o mestre d'Aviz (depois D. João I) e d'elle houve *um filho*, chamado *D. Affonso*, que foi primeiro duque de Bragança.

Ignez Peres, depois de ter este filho, se metteu (ou a metteram) *commendadeira* de Santos.

Diz o tal *Nobiliario* que *o pae* (d'Ignez) *foi tão anojado d'ella assim parir do Mestre, que nunca mais cortou a barba, e pela trazer, mui comprida, lhe chamaram o Barbadão, d'alcunha; e nem sendo D. João já rei, se pôde acabar com elle, que o visse, nem lhe fosse beijar a mão.*

O padre Sousa (*Hist. Gen.* tom. II, liv. 3.º pag. 49 e seguintes) diz que *alguns genealogicos* chamam ao pae de D. Ignez *Mem da Guada, que era castelhano, e que morou em Veiros,*— e ao irmão (d'ella) *João Mendes da Guada.* Confessa que esses genealogicos *se fundam na tradição* e que ha *poucas* luzes sobre os ascendentes do *Barbadão.*

Não haver em Portugal (nem na Hespanha) nenhum nome de povoação ou appellido de homem *Guada*, (estou certo que o *r* foi furtado para *disfarçar o caso*).— não se saber de quem é o tal velho *Nobiliario* — a duvida no nome do *Barbadão* — a mera tradição, e as *poucas luzes* e incertezas confessadas pelo padre Sousa, levam a dar algum credito a um manuscripto antigo, existente na bibliotheca real da Ajuda; do qual fallei em Barcellos, e com muito mais desenvolvimento na Castanheira (vide estas duas palavras).

E' tambem attribuido a Damião de Góes, que alli o poz, ou mandou pôr, subrepticiamente.

Diz assim:

Quando D. Henrique II de Castella (pae do D. João, I que foi derrotado em Aljubarrota pelo nosso D. João I, em 14 d'agosto de 1385) expulsou os judeus, de Castella, uma grande parte d'elles se vieram estabelecer em Portugal, sobre tudo na Beira Baixa.

Um d'elles chamado *Mem, Mum*, ou *Mendo* era sapateiro e veio estabelecer-se na cidade da Guarda, exercendo alli a sua profissão, e parece que abjurou a *lei de Moysés.*

O sapateiro (tornado de judeu christão novo) parece que era casado ou cousa que o valha — pois ahi por 1360, lhe nasceu na Guarda uma filha chamada Ignez Fernandes Esteves.

Mem não tinha, ou não queria usar de appellido de familia (ou talvez esquecesse aos historiadores) o caso é que só era conhecido por *Mem da Guarda*, e por ter grandes barbas lhe poseram a alcunha de *Barbadão* Parece que era rico (como são quasi todos os judeus!)

Ignez Fernandes era formosissima, como são quaisi todas as *filhas de Israel.* O mestre d'Aviz, filho bastardo de D. Pedro I, viu Ignez e namorou-se d'ella. Ignez teve d'elle uma filha e um filho. Aquella, chamada D. Beatriz, casou com o conde d'Arondel (Inglaterra) e d'ella procedem muitos *lords* e *ladys* da alta aristocracia britannica.

O filho chamou se D. Affonso, e casou com D. Beatriz, filha unica do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que herdou a grande casa de seu pae; vindo a ser D. Affonso, o 9.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança, feito por seu irmão, o infante regente D. Pedro. (Note-se que D. João I reconheceu os dois filhos que teve de Ignez Fernandes.)

Parece que D. João I, deu grandes propriedades a *Mem da Guarda*, na villa de Veiros: o que é certo é que elle se veio aqui estabelecer e aqui morreu e foi enterrado.

—

Do duque D. Affonso e de sua mulher D. Beatriz (e por consequencia do Barbadão) procede a familia real portugueza e brasileira e a maior parte das familias reaes da Europa.

Tambem dos mesmos, procedem os duques do Cadaval e Lafões; os marquezes de Cascaes, Niza e Marialva; os condes de Portalegre, Monsanto, Vidigueira, Cantanhede, Vimioso, Santa Cruz, Obidos, Feira, Faro e Castanheira; os senhores da Azambuja e do Vimos, e outras muitas familias nobilissi-

mas do reino. Tambem procediam do mesmo tronco os duques d'Aveiro e Caminha, os marquezes de Villa Real, de Ferreira, de Castello Rodrigo, de Gouveia etc.

Para se dar a estes manuscriptos a fé que elles merecem, leia-se o que a este respeito digo na Castanheira. Menciono aqui estes factos, por me parecerem curiosos e por isso dignos de memoria; e por estar convencido que a sua narração não póde por modo algum offender pessoas de são juizo e completo descernimento.

—

Perto dos muros d'esta cidade, ao E, no sitio do *Mirleu* (hoje *Mileu*) havia uma albergaria do mesmo nome e junto a ella houve antigamente *emparedadas*. Vide esta palavra e *Mirleu*, se quizerem saber o que qualquer d'estes dois termos segnificam.

—

Em 19 de junho de 1727, falleceu no convento de Santa Clara, com 103 annos de edade, e 80 annos de professa, a madre Marianna de S. Miguel. Ainda no dia antecedente tinha assistido ao tríduo de S. José, na capella do claustro.

—

Em 22 de maio de 1733, morreu n'esta cidade, com 103 annos incompletos, Antonio de Sequeira e Albuquerque, conego da egreja cathedral, da mesma, havendo 86 annos que occupava esta dignidade. Consta que um mez antes do seu fallecimento se lhe tornou preto todo o cabello, que tinha completamente branco.

—

Foi senhor da Guarda, D. Pedro Viegas de Tavares, no reinado de D. Sancho I. Era filho de D. Estevão Peres de Tavares, primeiro alcaide-mór da cidade de Fáro, depois que foi tomada por D. Affonso Henriques. Os Tavares foram muitos annos alcaides móres de Portalegre, Assumar e Alegrete e senhores da villa de Mira.

Tavares é appellido nobre em Portugal, tomado do logar de Tavares, na antiga comarca de Lamego (segundo Villas-Bôas; mas outros escriptores dizem que foi tomado da villa de Tavares, na antiga comarca de Viseu.)

Suas armas são, em campo d'ouro 5 estrellas, de púrpura, de 6 pontas. Elmo d'aço aberto. Timbre meio cavallo, do púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis e freio d'ouro.

(Livro da armaria da Torre do Tombo, a fl. 15.)

Julga-se que estas armas ganhou o dito Estevão Peres, quando se achou na tomada de Sevilha. Deste descende Estevão Tavares, alcaide mór-de Portalegre.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas, em campo azul, banda d'ouro, sahindo da bôcca de dois tragantes de verde, lampassados de púrpura. Timbre, meio leão azul.

—

A cidade da Guarda tinha em 1757 cinco freguezias com uma população de 743 fogos, a saber:

Nossa Senhora da Conceição, (Sé) tinha 420 fogos.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento 120$000 réis.

S. Vicente Martyr, tinha 125 fogos.

A mitra apresentava tambem o prior, que tinha o mesmo rendimento.

S. Pedro apostolo, tinha 77 fogos.

O prior era da mesma apresentação e tinha de rendimento 170$000 réis.

Nossa Senhora da Victoria, tinha 92 fogos.

O commendador Maltez da commenda de Oliveira do Hospital, apresentava o prior, que tinha 150$000 annuaes.

S. Thiago, tinha 29 fogos.

O padroado real apresentava o prior que tinha 200$000 réis de rendimento.

—

O concelho da Guarda é composto de 55 freguezias, que formam tambem a comarca e julgado. Destas, uma, Avellans da Ribeira, é no bispado de Pinhel, e 54 no bispado da Guarda; são:

Adão, Albardado, Aldeia do Bispo, Alvendre, Arrifana, Avellans de Ambom, Benespéra Carvalhal-Meão, Castanheira, Cavadoude, Casal Cinza, Codeceiro, Crujeira, Faia, Famalicão, Fernão Joannes, Gonçalo, Gonçalo Bôccas, João Antão, Macainhas, Marmelleiro, Meios, Misarella, Monte-Margarida, Pa-

noyas, Pêga, Pera-do-Môço, Pero-Soares, Pínzio, Pomares, Porcas, Porco, Porto-da-Carne, Pousada, Ramellas, Ribeira-dos-Carinhos, Rochoso, Rocamundo, S. Miguel, Guarda (S. Pedro) Guarda (S. Vicente) Guarda (Sé) Sant'Anna, Seixo-Amarello, Sobral-da-Serra, Trinta, Valle-de-Moreira, Valhêlhas, Vella, Vide-Monte, Villa-Cortez, Villa-Franca, Villa-Garcia, e Villa-Fernando.

O districto administrativo comprehende 14 concelhos, que são:

Celorico e Manteigas, no bispado da Guarda; Gouveia, nos bispados de Coimbra e Guarda; Guarda e Sabugal, nos bispados de Pinhel; e Guarda; Aguiar da Beira e Fornos, no bispado de Viseu; Cêa, no bispado de Coimbra; Méda, no bispado de Lamego; Pinhel, Trancoso e Villa Nova de Foz-Côa, nos bispados de Pinhel e Lamego; Figueira, no bispado de Pinhel; Almeida, nos bispados de Pinhel e Lisboa.

—

GUARDA-MÓR—O officio de guarda-mór de el-rei, era o primeiro depois de mordomo-mór.

Dormia á porta da camara do rei, ao qual tinha obrigação de ver, depois de deitado, hindo em companhia do *sumilher*, sem cuja ceremonia se não corria a cortina.

Era tambem o primeiro que entrava, de manhan, na camara real.

O guarda-mór era capitão da guarda do rei, e esta se compunha de 24 fidalgos, de nobreza conhecida.

Assim se praticou nos reinados de D. Manuel e D. João III.

Algumas vezes succedia não estar completo o numero dos 24 guardas, e do *rol das moradias* (vide *Moradias*) que está no maço 29 da chancellaria de el-rei D. João III, consta que n'aquelle anno, não excediam o numero de 20, incluindo o mesmo guarda-mór. Consta tambem que as moradias dos dois mezes, de janeiro e fevereiro, faziam a quantia de 86$468 réis; conforme o mandado do guarda-mór (D. Diogo da Silveira) feito em Evora, a 14 de março de 1534.

Finalmente do mesmo *rol* se sabe os nomes dos guardas que havia n'aquelle tempo, que eram:

Guarda-mór—D. Diogo da Silveira.
Guardas—D. Simão da Silveira.
D. Alvaro da Silveira (irmãos do guarda-mór.)
Garcia de Rézende.
Bastião da Costa.
Fernão Lopes de Sande.
Braz Gomes de Carvalhosa.
Antonio Godinho.
Henrique da Motta.
Thomaz de Barros.
Henrique Moniz.
Duarte de Goes.
Fernão Rodrigues de Palma.
Bartholomeu Ferraz.
Fernão Táveira.
Fernão Cardoso.
Diogo de Lemos.
Antonio Antunes.
Antonio Lopes de Andrade.

—

Ao guarda-mór tambem se davam os titulos de *guarda-mór da camara, guarda-mór da côrte e capitão dos cavalleiros da guarda da camara.*

—

Entre as obrigações dos guardas, uma era a de dormir no paço; e alguns d'elles, na mesma casa do guarda-mór.

Vê-se em alguns documentos, que no reinado de D. Affonso Henriques, se dá o titulo de *guarda-mór*, a D. Mendo Moniz.

Os guardas-móres de que ha mais clara noticia são:

Gonçalo Mendes—no tempo de D. Sancho I, do qual se faz mensão com o titulo de *custodiens curiam* (guarda do paço) em uma escriptura do anno de 1197. Estava no cartorio do mosteiro de Pedroso (concelho de Gaia.)

Este é o primeiro guarda-mór de que falla Gaspar Alvares de Lousada.

Gonçalo Vaz de Moura—no reinado de D. Affonso IV.

Lourenço Bubal—no reinado de D. Pedro I. Vem mencionado na carta em que o mesmo rei lhe dá a alcaidaria-mór do Porto, datada de Lisboa, a 8 de junho de 1357.

Gomes (ou *Gonçalo*) *Lourenço de Avellar* —no reinado de D. Fernado. Consta da con-

firmação que o rei lhe fez da doação da villa e termo de Cascaes.

É datada de Villa Nova de Famalicão, a 22 de agosto de 1372.

A doação lhe tinha sido feita pelo mesmo rei, *com toda a jurisdicção alta e baixa, méro e mixto imperio*, em Santarem, a 8 de abril de 1370. (*Livro do Registo do Sr. Rei D. Fernando.*)

Em 7 de junho de 1373, estando este rei em Vallada, fez nova doação de Cascaes a Henrique Manuel de Vilhena, *por se ter hido Gomes Lourenço d'estes reinos*; o que consta do mesmo Livro do Registo.

Vasco Martins de Mello—no mesmo reinado, ao qual D. Fernando fez seu guarda-mór, e meirinho no reino do Algarve; fazendo-lhe doação dos bens e fóros que tinham no Algarve as pessoas que se passaram para Castella, tomando o partido de Henrique II.

A carta d'esta doação, foi feita em Santarem, a 15 de fevereiro de 1382.

João Fernandes Pacheco—no reinado de D. João I, logo que este monarcha subiu ao throno; mas depois lhe tirou o officio, e lhe mandou confiscar todos os bens para a corôa, por crime de traidor; o que consta de uma carta, feita no Porto, a 12 de abril de 1398.

Martim Affonso de Mello—no mesmo reinado; como se vê de uma carta datada de 2 de maio de 1398, pela qual lhe faz mercê de todos os bens que João Fernandes Pacheco tinha em Santarem. No mesmo anno, estando o rei no Porto, em 30 de agosto, lhe fez mercê da *cêrca velha de Evora*, e no de 1399, lhe deu, e aos seus descendentes, os paços de Elvas; por carta feita em Lisboa, a 27 de outubro.

Acompanhou el-rei na tomada de Ceuta (Africa) e continuou nos dois reinados seguintes (D. Duarte e D. Affonso V) como se vê de uma carta d'este ultimo rei, feita em Evora, a 18 de abril de 1450; na qual diz que elle fôra guarda-mór de el-rei, seu avô.

Ruy de Mello (ou *D. Rodrigo Affonso de Mello*) filho do precedente, governador da infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V, capitão de Tanger (Africa) alcaide-mór e depois conde de Olivença. Foi guarda-mór no reinado do mesmo D. Affonso V, que lhe deu todos os privilegios dos desembargadores. Depois, em Evora, lhe fez mercê de outra tença,

Em 5 de janeiro de 1469, o fez védor dos vassallos de Olivença, por ser filho de Martim Affonso de Mello, que morrêra. Em 22 de setembro do mesmo anno, lhe fez mercê de outra tença. Finalmente, em 1476, o fez conde de Olivença: como consta do *Livro 2.º dos Mysticos*, que está na Torre do Tombo.

D. João de Lima—no reinado de D. João II, o qual o fez seu guarda-mór, por carta datada de Alvito, a 16 de abril de 1482. Em 5 de julho d'este mesmo anno, estando em Evora, lhe dá posse das terras e fóros que tem da corôa, e declara que é filho primogenito de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

Já era guarda-mór d'este monarcha, emquanto era ainda principe.

Jorge Moniz—no reinado de D. Manuel, como se vê da carta que lhe passou d'este officio, em Monte Mór Novo, no 1.º de março de 1496. Já era guarda-mór d'este rei, emquanto era duque de Beja.

O rei lhe deu 2:000 corôas para o seu casamento, como consta do *Livro 4.º dos Mysticos*.

D. Nuno Manuel—no mesmo reinado, pelos annos de 1507, conforme se vê da quitação da sua moradia, em Santarem, a 4 de dezembro. Continuava em 1518; como consta de um *mandado*, d'elrei D. Manuel, para outro pagamento; datado d'Almeirim, a 9 de janeiro de 1519.

João de Barros—no reinado de D. João III, no anno de 1527; como se vê de um mandado d'este rei, datado d'Almeirim, a 16 de dezembro, no qual lhe chama *guarda-mór da sua côrte*.

D. Luiz da Silveira—no mesmo reinado, pelos annos de 1528, o que consta de uma carta de mercê, feita em Almeirim, no mez de maio do dito anno; no qual lhe dá o titulo de seu guarda-mór do seu conselho e veador-mór das obras, terços, resi-

duos, hospitaes e capellas, de seus reinos e senhorios.

Já era guarda-mór d'este rei, emquanto principe.

Foi o 1.º conde de Sortêlha.

D. Diogo da Silveira—2.º conde de Sortêlha (filho do precedente) no mesmo reinado, conforme um *mandado*, datado em Evora, a 29 de outubro de 1533. N'elle é chamado guarda-mór, e capitão dos cavalleiros da guarda de el-rei. No rol das moradias, de 1534, lhe chamam guarda-mór da camara.

Continuou com o mesmo officio, nos reinados de S. Sebastião e D. Henrique.

D. Diogo de Miranda—no reinado de D. Henrique.

Martim Affonso de Miranda—no mesmo reinado.

D. Luiz da Silveira—3.º conde de Sortêlha, em algum tempo da usurpação de Philippe II.

D. Gregorio Taumaturgo de Castello Branco—conde de Villa Nova (de Portimão) no dominio do mesmo Philippe II.

Pedro de Mendonça Furtado—no reinado de D. João IV. Desde então, não se proveu mais o officio de guarda-mór de el-rei.

—

Tambem havia o officio de guarda-mór dos principes e dos infantes. Contam-se os seguintes:

Alvaro Rodrigues—(do infante D. Pedro, filho D. João I.)

Ruy de Sousa—senhor de Sagres (do principe D. João, depois II.)

D. João de Lima—filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira (do mesmo principe.)

Payo Rodrigues de Araujo—(do infante D. Henrique, filho de D. João I.)

Jorge Moniz—(do duque de Beja, depois D. Manuel I.)

D. Rodrigo de Menezes—(do principe D. Affonso, filho de D. João II.)

D. Luiz da Silveira—depois 1.º conde de Sortêlha (do principe D. João, depois III.)

Ruy Telles—(do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel.)

Francisco Pereira Pestana—(do mesmo infante.)

Jorge da Silveira—(do infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel.)

Martim Affonso de Mello—(do infante D. Duarte, filho de D. Manuel, do qual tambem era camareiro-mór.)

D. García de Menezes—(do infante D. Affonso, e depois, do infante D. Henrique, filhos de D. Manuel.)

Simão de Miranda—(do infante D. Henrique, depois cardeal e rei.)

Ruy Pereira—(do principe D. João, filho de D. João III.)

GUARDÃO—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) antigamente Nossa Senhora dos Milagres.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Diz o padre Carvalho, que no logar de *Parêdes*, d'esta freguezia, ha uma fonte, cuja agua mata a quem a bebe.

O morgado do Guardão apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis.

É povoação muito antiga e foi concelho com justiças proprias.

D. Sancho I a povoou e lhe deu foral, com muitos e grandes privilegios (para attrahir povoadores) em Coimbra, em setembro de 1207. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Situada no fertilissimo e formoso valle de Bésteiros.

Ha por aqui bastante caça. Cria gado, de varias especies, de optima qualidade, com cuja exportação faz bom commercio, assim como tambem exporta, em grande quantidade lans, queijos e manteiga.

(Note-se que a freguezia de que esta villa é cabeça, já está descripta em Bésteiros (Guardão de) para se não julgar que são duas freguezias do mesmo nome.)

Para tudo o mais que aqui se não encontrar com respeito a esta povoação, vide Bésteiros (Guardão de) a pag. 96 do 1.º volume.

GUARDIFANTE—portuguez antigo (contracção de *guarda-infante*) *babeiro* que se vestia ás creanças para não sujarem a rou-

pa. Vinha a ser, com pouca differença, o mesmo a que hoje se dá o nome de *bibe*.

GUARDIZELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Barcellos.

A mitra primacial e o mosteiro de crusios, de Landim, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 450$000 réis.

Em junho de 1872, uma mulher do logar de *Penso*, d'esta freguezia, deu á luz tres creanças do sexo feminino, duas vivas, e no dia seguinte, ainda outra do sexo masculino, que nasceu morta. As duas que nasceram vivas, morreram pouco depois.

GUARÍTA—aldeia, Beira Alta, na freguezia e concelho do Carregal e Curréllos, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É uma bonita e fertil povoação.

É aqui o solar dos Serpas Pimenteis. É actual representante d'esta familia o sr. barão de S. João d'Areias.

Serpa é appellido nobre de Portugal, que se diz proceder do infante D. Fernando (4.º filho de D. Affonso II) o qual se denominava D. Fernando de Serpa, por ser senhor da villa d'este nome, no Alemtejo. Foi guerrear os mouros a Castella, e lá casou, em 1241.

Não consta que de Hespanha viesse algum seu descendente para Portugal, mas consta que deixou cá um filho natural, que é o progenitor dos Serpas. Jorge de Serpa, seu descendente, foi fronteiro-mór da Beira, no interregno do cardeal rei.

As armas dos Serpas, são—em campo verde (segundo Albergaria. Villas Boas diz que o campo é vermelho), leão d'ouro, lampassado de púrpura, entre duas torres de prata, lavradas de negro, e por baixo do leão, uma serpe d'ouro, volante; elmo d'aço aberto, e por timbre, uma das torres, com a serpe, nascendo do alto d'ella.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo verde, leão d'ouro e ao pé d'elle um abutre e quatro torres de prata, acantonadas; elmo e timbre como as antecedentes.

—

Tambem na Guarita, nasceu o bem conhecido politico liberal, José da Silva Carvalho.

—

Em 1874 se fundou aqui uma escola de primeiras lettras. O sr. barão de S. João d'Areias deu o terreno para ella, assim como mobilia e utensilios, e ainda um subsidio pecuniario para ajuda do custeamento da mesma escola.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel, actual ministro da fazenda, é da mesma familia e irmão do sr. barão de S. João d'Areias.

—

Para os Pimenteis, vide Formillo, a pag. 215 d'este volume.

GUAZIL—vide Aguazil.

GUÊDA e **GUÊDO**—eram nomes proprios de mulher e de homem, gôdos. Hoje, em vez de *Guêdo* diz-se *Guêdes*, que significa, *filho ou descendente de Guêdo*.

GUÊDO (S.) ou **TERREIRO**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros a NE. da Feira, 17 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Em todos os diccionarios geographicos vem errado o nome d'esta freguezia, pois lhe dão um nome só—*Sanguêdo*—quando não é senão *São Guêdo*, que foi o primeiro padroeiro d'esta antiquissima parochia.

Tambem vulgarmente é esta freguezia conhecida pelo nome de *Terreiro*, ou *Santa Eulalia do Terreiro*.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 170$000 réis e o pé d'altar. Tem uma boa residencia e soffriveis passaes.

Feira a 24 de cada mez.

Para a etymologia, vide a palavra antecedente.

—

A egreja matriz é um bonito templo, e ainda que muito antigo, bem conservado, em razão dos bons materiaes de que é construido. Está situada a egreja, em uma bonita planicie, com extensas vistas.

—

É terra fertil em todos os generos de agricultura, e cria muito gado bovino, que exporta.

Faz constante negocio com a cidade do Porto. A freguezia é cortada pela nova estrada, em construcção, que de Gaia conduz á Feira e á estação do caminho de ferro do norte, em Ovar.

Esta freguezia é limitada pelo S. e E., pelo rio Uima (aqui chamado rio de Gaêta, em razão de passar por uma aldeia d'este nome, na freguezia de Villa Maior) e morre na esquerda do Douro, na freguezia de Crestuma. É n'esta freguezia atravessado por uma boa ponte de alvenaria, no logar da *Tabuáça*, e outra de madeira, no sitio dos *Moinhos*.

GUEIFÃES ou **GUIFÃES**—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Faustino.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bailío de Leça apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis.

É terra bonita, rica e muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta, e faz muito e diario commercio com a cidade do Porto.

GUELFEZ ou **GUELFES** — freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca e 12 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Esta freguezia está espalhada em casaes pelos campos, com boas terras, vinhas, figueras, alfarrobeiras, amendoeiras, etc.

—

A egreja matriz é ordinaria e está fundada junto ao ribeiro de *Guelfes*, sobre o qual tem uma boa ponte de pedra (mandada construir pelo benemerito bispo do Algarve, D. Francisco Gomes de Avellar, no principio do seculo XIX) no sitio de Marim, na estrada que vae para Tavira, e logo abaixo d'esta ponte, se mette o ribeiro no mar.

Ha aqui um bom pinhal.

Esta freguezia foi supprimida em 1838, passando os seus casaes para as freguezias de Olhão, Moncarapacho e Pexão; mas não teve effeito essa suppressão.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90$000 réis annuaes.

GUERAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Rio Côvo apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

GUETIM — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros ao S. de Gaia, comarca e a mesma distancia ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil.

O reitor de S. Felix da Marinha apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GUÍ — palavra gallo-celta, significa—*agarico*, planta parasita, que vive enleada nos troncos das arvores.

A maior solemnidade dos druidas consistia na colheita do *gui- (agarico.)* Esta trepadeira parasita, vegeta e prospéra em varias especies d'arvores; porem os druidas criam que Deus tinha principalmente escolhido o carvalho para lhe confiar esta planta, para elles tão preciosa; e por isso só colhiam o *gui* d'esta arvore.

O ramo do carvalho é de tempos remotissimo, o emblema da força e o symbolo da guerra. Os scandinavos, os germanos, os francos, os armoricos os gregos, os phenycios, os romanos e outros povos da anti-

guidade, tinham pela maior honra o serem coroados com um simples ramo de carvalho, depois das suas mais disputadas victorias, e era para elles uma causa de perpetuo orgulho, este simples ornato natural, conferido pelos seus concidadãos reconhecidos.

A nação celtica essencialmente guerreira, guardava tambem estas tradições. É por isso que escolhiam exclusivamente o *gui* do carvalho.

Corriam com a maior sulicitude as florestas do seu paiz, em busca d'esta planta preciosa, e se felicitavam quando, depois das mais minuciosas investigações achavam a sua planta symbolica.

Segundo os seus livros sagrados, era expressamente prohibido colher esta planta mais do que no sexto dia da lua, no mez de dezembro.

Este mez e o numero seis, eram sagrados para elles, e era sempre no sexto dia da lua que elles praticavam os seus principaes actos religiosos, e os seus mais solemnes sacrificios.

No dia destinado para a ceremonia de colher o *gui*, se reuniam com maior apparato e hiam em procissão para os sitios onde havia probabilidade de se encontrar a planta.

Dois adfvinhos marchavam na frente cantando hymnos sagrados e balladas patrioticas.

Um arauto, empunhando um caducéu, os seguia. Atraz d'este vinham tres, druidas, com os instrumentos necessarios para o sacrificio: em fim o chefe dos pontifices, vestido d'alva tunica, fechava esta procissão, que era seguida de uma multidão immensa de pôvo de ambos os sexos e de todas as edades.

Chegados ao pé da arvore, o chefe dos druidas, subia ao carvalho, cortava o *gui* com uma fouce d'ouro e os druidos o recebiam em baixo, com grande respeito, no *sagum*, que era uma especie de saia branca.

Immolavam-se depois dois touros brancos, e se seguia um esplendido festim. Concluido elle se dirigiam orações á divindade, para que ella ligasse á planta recentemente colhida, uma ventura participada por todos os assistentes, a cada um dos quaes se distribuia uma pequena parcella do *gui*.

Era no primeiro dia do anno que se sagrava todo o *gui* colhido, que não tinha sido distribuido na acto da colheita, e que então se repartia completamente por todo o pôvo.

—

GUIA — freguezia, Algarve, concelho de Albufeira, comarca de Louté.

Orago Nossa Senhora da Visitação. Já está descripta sob o nome de Alffontes da Guia

Vide esta palavra.

GUIÃES ou **GOÃES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, 90 kilometros a E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1757 tinha 179 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra muito fertil. Gado e caça.

Peixe do Douro, que lhe fica 6 kilometros ao S.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 225$000 réis annuaes.

—

GUIDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi do concelho da Torre de D. Chama) 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Maméde.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1:600$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

GUIDIMTESTA — nome do vasto territorio que D. Sancho I deu a D. Affonso Paes, prior da ordem do Hospital, em 13 de junho de 1194, para alli fazer o castello de *Belver*

Vide esta palavra.

GUIDÕES — reguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Passa aqui o rio Ave.

É terra fertil. Gado, caça e peixe.

O reitor d'Alvarelhos apresentava o cura que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

GUIFÕES —freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

O reitor de Mattosinhos apresentava o cura, que tinha 125$000 réis, e 20 alqueires de milho.

Cria-se aqui muito e optimo gado bovino que se exporta, em grande parte para a Inglaterra.

É n'esta freguezia que nasceram os dois célebres républicanos de bôa fé Manuel e José da Silva Paços.

Vide Bouças de Mattosinhos.

GUILHA (Torre da) — Vide Cascaes e S. Domingos de Rana.

GUILHABREU—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era do concelho da Maia, comarca do Porto; mas a requerimento do povo da freguezia passou para o concelho de Villa do Conde, por decreto de 11 de maio de 1870.

É terra muito fertil.

Guilhabreu é corrupção de Gil Abreu. N'esta freguezia houve uma aldeia chamada *Paiços*, de que só existem as ruinas; foi solar dos Mendes da Maia Paiços é corrupção de Paços.

Na aldeia de Parada, ha uma casa nobre, que fez Luiz de Moraes da Silva, o qual deixou seis mil réis perpetuos, para vestir pobres.

Ha tambem a casa do Freixo, que foi cabeça do morgado dos Madureiras.

A sé apostolica apresentava o reitor, que tina 120$000 réis.

Cumpre prestarmos n'este artigo preito e menagem ao portuguez intrepido, ao valente soldado da Cruz, ao incançavel batalhador, ao invicto guerreiro nonagenario, a um dos maiores vultos d'este reino de Portugal, a cuja espada sempre victoriosa devemos em grande parte a nossa liberdade: áquelle que pelas suas gigantescas e gloriosas façanhas, se tornou um heroe legendario, e que, tão justamente mereceu dos contemporaneo e da posteridade, o cognome de *Lidador*.

Se em mil combates, *vencedor*, *nunca vencido*, conquistou, á custa do seu sangue e da sua vida, e mais do que outro coevo, um nome brilhante nas paginas da historia portugueza, não lhe foi preciso hir buscar entre o fragor de sanguinolentas batalhas, a nobreza para a sua descendencia; porque, rico-homem e descendente de ricos-homens, já era um nobre fidalgo portuguez, antes de Portugal figurar na lista das nações como reino livre e independente.

Amigo e companheiro fiel do conde D. Henrique, dedicou ao filho a amisade verdadeira que consagrára ao pae, e foi um dos mais extremados servidores do nosso primeiro rei.

N'esses felizes tempos, em que quasi todos os portuguezes eram heroes, Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, se podia afoitamente chamar heroe entre os heroes.

Nasceu este famosissimo varão n'esta freguezia. e, com toda a probabilidade, na aldeia de *Paços*, em 1079.

Aos 90 annos, conservava todas as forças e intrepidez e até toda a temeridade da juventude.

Sendo *fronteiro* de Beja, fazia *entradas* frequentes em terras de moiros, ficando sempre victorioso, por mais desiguaes que fossem as forças; acontecendo muitas vezes atacar e vencer tropas mouriscas dez vezes superiores em numero aos seus portuguezes.

Em uma d'essas desiguaes batalhas cahiu morto o nosso bravissimo Lidador, mas depois de derrotar o inimigo, no anno de 1169, tendo, como já disse, 90 annos de idade, e 74 de guerras, batalhas e victorias.

Mendes é um appellido nobre em Portugal, tomado do nome proprio *Mendo*, de que é patronimico.

Os primeiros que n'este reino se acham com elle, são os dois capitães, *Soeiro Mendes, o Bom* e o nosso *Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador*. Eram irmãos. e tambem de *D. Payo Mendes*, arcebispo de Braga, todos nascidos n'esta freguezia.

Não pude saber que armas traziam os *Mendes*, até ao reinado de D. Manuel, que em 1520 deu por armas a Manuel Mendes, descendente de Gonçalo Mendes da Maia, ou, segundo outros, de Soeiro Mendes.—Escudo dividido em faxa, na 1.ª d'asul, uma muralha de prata, com duas torres, tudo com ameias, uma em cada canto e lavrada de negro, e uma porta do mesmo, no meio da muralha, a 2.ª, dividida em pala, na 1.ª, de púrpura, uma cabeça de mouro, cortada em sangue, com turbante de azul e prata, na 2.ª, tambem de púrpura, 3 lanças de prata com hasteas de ouro, em roquete. Elmo de aço aberto e por timbre a cabeça do mouro das armas.

A segunda familia d'este appellido, que ha n'este reino, veio de Galliza, que o trouxe D. Estevão Mendes de Araujo, cujas armas são—escudo dividido em pala, no 1.º, de púrpura, um braço de prata, armado de uma espada com guarnições de ouro, com a ponta para baixo, enfiada n'um broquel do mesmo—a 2.ª de ouro, lisa; elmo d'aço aberto e por timbre o braço armado com a espada em acção de cutilar.

D. Antonio Mendes, 1.º bispo de Elvas, usou das armas seguinles: em campo de ouro, 3 faxas de púrpura, orla de prata, carregada com 8 cruzes de púrpura.

Outros Mendes trazem—em campo de púrpura, 5 bandeiras asues, 2 em banda, 2 em contrabanda, e 1 em pala, no meio d'ellas. Hasteas de ouro e ferros da sua côr, cada uma carregada de 3 crescentes de prata.

Ainda, finalmente, outros Mendes, usam—campo de prata, semeado de azinheiras verdes, chefe de ouro, carregado de 4 cabeças de mouro, cortadas em sangue, e toucadas de asul e prata, e, por differenças, uma brica, com seu coxim.

Maia, appellido nobre em Portugal; procede de D. Gonçalo Alboazar Ramires da Maia (primeiro filho de Alboazar Ramires, infante leonez, filho de Ramiro II, de Leão, e de Zahara. (vide Ancora)—que com outros companheiros veio a Portugal, no anno 1000, e resgataram dos mouros, as terras da Maia, de cujo senhorio tomou o appellido, e ahi fez seu solar.

É este infante D. Gonçalo o legitimo progenitor (avô) do grande Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador.—As armas d'esta familia são—em campo de purpura, aguia d'ouro, armada, bicada e golada d'oiro, elmo d'aço aberto e por timbre, meia aguia das armas. Diz-se que estas armas foram dadas a D. Soeiro Mendes da Maia (pae do Lidador e de seus irmãos) por ter vencido um cavalleiro em desafio, em Roma, no anno de 1038.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo de purpura, aguia negra golada de oiro. Elmo d'aço aberto, e por timbre, meia aguia das armas.

—

Moraes, appellido nobre em Portugal, tomado do logar de *Moraes*, termo da cidade de Braga, onde esta familia tem seu solar. O 1.º que com elle se acha, é Gonçalo Rodrigues de Moraes, que vivia em 1217. Tem brasão d'armas completo, a saber—escudo dividido em pala, na 1.ª de purpura, torre de prata, lavrada de negro, com telhado de oiro, e grimpado de uma bandeira de prata, contrachefe d'ondas d'asul e prata, na 2.ª de prata uma amoreira verde, com raizes, contrachefe estreito de terra, elmo d'aço, aberto, e por timbre, a torre das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo dividido em pala, na 1.ª d'ouro, uma amoreira verde, na 2.ª, de púrpura, torre de prata, lavrada de negro, contrachefe estreito, de ondas de asul e prata.

—

Madureira, appellido nobre em Portugal. O 1.º que com elle se acha, é Alvaro Annes de Madureira, em tempo de D. Affonso V. Tem brasão d'armas completo, que é—escudo de púrpura, esquartelado, no 1.º e 4.º, leão de ouro, no 2.º e 3.º, flor de liz ao mes-

mo—elmo de aço, aberto, e por timbre o leão das armas.

—

Outros do mesmo appellido, usam—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, 6 besantes de ouro, em duas palas—no 2.º e 3.º, de prata, um cordeiro pardo, lampassado de púrpura, tem por baixo da barba uma flor de liz, de prata.

—

Outros trazem—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, uma flor de liz, d'ouro—no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, um lobo passante, com a bôcca aberta. Elmo e timbre como os das 1.as.

—

Outros, finalmente, usam—escudo esquartelado no 1.º e 4.º, de púrpura, um coelho de ouro—e no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, uma flor de liz de ouro—elmo como as 1.as—timbre, o coelho das armas, com uma flor de liz de ouro na testa.

GUILHADËZES—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao O.NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Vianna.

É n'esta freguezia a Torre da Mó, solar dos cabeças de Vacca.

Os Menezes e outros compadroeiros da mesma familia, da cidade de Braga, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

GUILHAFFONSO ou **VILLA FONCHE**—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O seu nome é corrupção de *Gil Affonso*. (O verdadeiro nome d'esta freguezia, é o da primeira palavra indicadora; e é como vem em todos os livros antigos. Não sei porque razão, já no seculo XIX, lh'o corromperam para Villa Fonche.)

O abbade do Salvador, da villa dos Arcos, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

Aqui viveram, no reinado de D. Affonso III, Martim Fernandes Batalha e sua mulher, freires do Hospital, a cuja ordem fizeram foreiras as suas fazendas. Eram da familia dos Pachecos.

No logar de *Cadorcas*, está a capella de S. Thiago, e crê o povo que, de uma sepultura que aqui ha, se exhala um cheiro suavissimo.

GUILHAFFONSO—aldeia, Beira Baixa, 8 kilometros ao N. da cidade da Guarda. Proximo de um regato perenne, que passa junto da aldeia, em uma campina, cercada de outeiros, ha um dolmen, cuja mesa tem 2m,8 de largo e 3m,3 de comprimento. Tem, acima da terra, a altura de 1m,98. Firma se sobre cinco toscos padrões.

A mesma etymologia.

GUILHAFFONSO—aldeia, Douro, comarca e 10 kilometros ao NO. da villa de Arouca.

Entre esta aldeia e a de Monte de Monção, ha uma serra d'este ultimo nome, que é tristemente célebre, pelo facto seguinte: Pelos annos de 1840, por causa das partilhas de uma agua de regar, quatro caseiros de duas quintas (sendo um pae e um filho de um lado, e outro pae e outro filho do outro), como não tivessem outras armas senão enchadas, com ellas entraram a bater uns nos outros. Um dos filhos foi o primeiro que ficou gravemente ferido, por uma *enchadada* na cabeça, cahindo logo sem sentidos. O pae, julgando o filho morto, atira-se como um leão aos contrarios. Depois de um pequeno combate, cahem dois mortos e um mortalmente ferido, que poucos minutos viveu. Só uma pastora viu esta barbara carnificina, a alguma distancia. Quando acudiu gente, aos gritos da rapariga, achou no sitio tres cadaveres, e um desgraçado alagado em sangue e sem sentidos. Este, depois de uma longa e perigosa cura, foi preso; mas nada soube dizer do occorrido, porque, como já disse, foi o primeiro ferido. Pelo depoimento da unica testemunha presencial, que provou que elle não teve tempo de ferir ninguem, foi absolvido.

Este facto aterrou a gente d'estes sitios.

GUILHEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 24 kilometros ao O. de Pinhel, 325 ao NE. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta, de Cernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi villa e tinha foral, dado por D. Sancha Vermuiz e seus filhos, em 1231.

Foi cabeça de viscondado, que D. Pedro II deu a Pedro Jaques de Magalhães, fidalgo aragonez, que por causa da morte do arcebispo de Zaragoça, se passou a Portugal, com D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, filho de D. João I. Foi governador das armas da Beira, e na batalha de Castello Rodrigo, derrotou completamente o duque de Ossuna, general castelhano. Casou e teve successão.

GUILHOFREI—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

GUILHOTE—portuguez antigo,—velhaco.

GUILHUFFE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 30 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 207 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O papa, o bispo e o collegio dos eremitas de Santo Agostinho, de Coimbra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 440$000 réis.

Cria muito gado bovino, que exporta.

A freguezia de Urrô, esteve annexa a esta, mas já está outra vez independente.

GUIM—vide Gruim.

GUIMARÃES—cidade, Minho, cabeça de concelho e de comarca, 18 kilometros a NE. de Braga, 48 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa. Tem 1:940 fogos (7:752 almas) em 4 freguezias—*Santa Maria d'Oliveira*, com 815 fogos e 3:260 almas—*S. Miguel do Castello*, com 37 fogos e 140 almas—*S. Payo*, com 484 fogos e 1:936 almas—e *S. Sebastião*, com 604 fogos e 2:414 almas.

Em 1757 tinha as mesmas 4 freguezias.

Nossa Senhora da Oliveira, tinha 689 fogos, e a honra de *collegiada insigne*. Era curada por dois parochos (conegos de meia prebenda) apresentados pelo D. prior d'esta collegiada. Tinha cada um de rendimento annual, 250$000 réis.

S. Miguel do Castello—(antigamente Santa Margarida) tinha 17 fogos. O D. prior e o cabido da collegiada d'esta cidade (depois de feito o exame synodal, em Braga) apresentava o abbade, collado, que tinha trezentos mil réis.

S. Payo—tinha 587 fogos. O mesmo D. prior e cabido, apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

S. Sebastião—tinha 422 fogos. Tambem o D. prior e cabido apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100$000 réis annuaes.

O concelho de Guimarães tem 12$000 fogos, e, como a comarca não tem julgados, tem os mesmos fogos do concelho.

—

Situada em terreno accidentado, mas formoso, fertil e aprasivel, nas faldas da serra de Santa Catharina, e entre os rios Ave e Visella. É a *Araduza* e depois *Vimaranes*, dos antigos—ou, mais verdadeiramente, proxima a esta antiquissima povoação.

O primeiro nome da velha *Vimaranes*, vem escripto de diversos modos, pelos escriptores antigos. Uns lhe chamam *Araduza*, outros *Araduça*, outros *Arzúa*.

Tem Guimarães a honra de ser a côrte do conde D. Henrique, de sua mulher, a rainha D. Thereza, e de seu filho, D. Affonso I, e o berço da monarchia portugueza.

Tem uma notavel collegiada, com bella egreja gothica.

A condessa *Mumadona*[1] tia de D. Ramiro II, rei de Leão (vide Ancora, rio) e viuva de Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto e governador da provincia de Entre Douro e Minho, que residiu e morreu aqui; fundou um mosteiro, para n'elle se recolher na sua viuvez, pelos annos 929. Dedicou a egreja a Nossa Senhora da Oliveira e ao Salvador do mundo, e n'ella deu o conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) principio á collegiada, com o nome de *capella real*, deixando desde então de ser mosteiro. Seu filho a concluiu em 1172.

N'ella poz clerigos e lhes deu por prior D. Pedro Amarello, isto pelos annos 1109; mas o templo que hoje existe (de Nossa Senhora da Oliveira) foi fundado por D. João I, pelos annos 1396, e dedicado á Virgem, em memoria da célebre victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385) como se vê da inscripção posta por baixo das armas de Portugal, e que está á entrada da porta principal, entre dois anjos; tendo por timbre um seraphim, que sustenta a corôa real. A egreja é de tres naves e de nobre architectura gothica.

A imagem da Senhora é antiquissima, e, segundo a tradição, trouxe-a o apostolo S. Thiago para a Lusitania.

D. João I fez demolir o templo de Mumadona, que estava muito arruinado, para o reconstruir com a actual magnificencia.

D. Affonso I e seus successores, e, sobre tudo, D. João I, concederam a esta egreja muitas honras e bens, e lhe alcançaram dos papas grandes privilegios, com o que veio a ser uma das mais ricas e insignes collegiadas do reino.

A condessa Muma-Dona (ou Mumadona) teve de seu marido quatro filhos e duas filhas. O conde, á hora da morte determinou que sua mulher podesse gastar a quinta parte da sua fazenda, com pobres, peregrinos, viuvas, orphãos e construcção e reparo de egrejas e mosteiros.

Feitas as partilhas, tocou Guimarães, entre os rios *Célho* e *Celhinho*, junto ao monte *Latito*, a sua filha D. Urraca. Sua mãe trocou com ella, dando-lhe em outra parte, e aqui fundou o convento de monges e monjas, benedictinos.

Em 1028, o abbade D. Pedro fez outra doação ao mosteiro *dobrado*. D. Hermenegildo Mendes lhe doou, em 1046, a villa de *Calvos*, com a egreja de S. Cypriano, para frades e freiras.

Os primeiros monges d'aqui, vieram do mosteiro de Telões.

A doação da condessa ao mosteiro foi — os logares dos *Fornos*, *Lavrosa*, *Santa Olaia* — as quintas de *Silvares*, de *Adaúfe*, *Alcorobim* (junto ao Vouga) — terras e marinhas em Aveiro — pomares e devezas no *Tamega*, *S. Fins*, em *Gestaçô* — *S. Mamede*, em *Gestaçô* — *Ferreira* e *Monte Córdova*, com mais 13 logares em varias partes do reino — as egrejas de *S. João* e do *Salvador*, em *Felgueiras* — em *Ponte Vedra*, na *Galliza*; e terras nos rios *Minho* e *Lima*.

Tambem lhe deu alguns calices, 5 cruzes douradas e com pedras, 3 corôas de 70 soldos, 12 capas, frontaes, thuribulos, castiçaes, alampadas, 4 sinos, vasos, livros para o côro, e para a livraria.

Deu mais para a hospedaria muitas camas e roupas; muito gado para o serviço do mosteiro, 30 cavallos, 50 muares e 70 eguas.

Impoz aos monges e monjas a regra de S. Bento, com as constituições de S. Fructuoso e Santo Izidoro.

D. Gonçalo Mendes, filho da condessa D. Flamula e D. Mendo, sobrinho de S. Rosendo, ambos fizeram boas doações ao mosteiro.

—

Segundo alguns escriptores, Guimarães teve varios nomes. (Mas não a Guimarães do sitio actual e sim a primitiva.)

Diz-se que, quando os gallegos a edificaram, lhe deram a denominação de *Ara-*

[1] Parece-me que o nome d'esta senhora era *Muma* — e assim vem escripto em alguns auctores — o povo se havia de dizer *Dona Muma*, dizia *Muma Dona*, e d'aqui vem o engano, de modo que alguns chronistas, menos reflectidos, escrevem *D. Mumadona*.

duça, que quer dizer em celtico, (segundo elles) *Cidade das letras*.

Que esta povoação chegou a ser uma grande cidade e foi crismada em *Leobriga* (este nome é que me parece verdadeiramente celtico).

Que pelo decurso do tempo, se veio a chamar *Columbina*; e finalmente, *Vimarano* ou *Vimaranes*. (*Vimarano* é nome proprio de homem, e *Vimaranes* é nome patronimico —significa filho ou descendente de Vimarano).

Adiante trato da moderna Guimarães.

—

Consta que foi no anno 954 que a antiquissima cidade, que se chamára primittivamente *Araduça*, se mudou de todo para o sitio onde está a actual Guimarães.

Ainda a povoação não era formada senão de pequenas casas e cabanas, quando *Al-Coraxi*, rei mouro de Sevilha, cahiu uma noite sobre os desprevenidos burguezes, e saqueiou e destruiu a povoação, em 967.

Reinava D. Ramiro III (que tinha apenas 5 annos) em Leão, e os mouros só retiraram em razão de uma grande peste, que então se desenvolveu n'esta parte da Peninsula.

Tratou o povo de reconstruir as suas habitações; mas, ainda ellas não estavam concluidas, quando o feroz *Almançor*, rei de Cordova, repetiu as mesmas crueldades de *Al-Coraxi* (998).

Retirado *Almançor* com os roubos que fez em Portugal, invadiu a Galliza; mas alli o esperava o intrepido conde D. Forjaz Vermuiz, que reunido com o conde D. Garcia Fernandes e D. Bermudo, rei de Navarra, no sitio de *Alcantanaçôr*, junto a Osma, deram sobre os mouros e os desbarataram, tomando-lhes tudo quanto em Portugal e na Galliza tinham roubado.

Foi provavelmente depois de 998, que se concluiu sobre o alcantilado monte *Latito*, o forte castello, com altas muralhas e macissas torres, cercado de profundos fossos, e com todas as obras de defeza n'aquelles tempos usadas.

A cidade é cercada de muralhas e tinha sete torres (parte d'ellas foram arrazadas em 1848, por ordem da camara, para, com os seus materiaes, se concertarem as calçadas das ruas!)

A velha torre e castello d'esta cidade foram feitos pela condessa *Mumadona*, pelos annos de 957, dando-lhe o titulo de *castello de S. Mamede*, para defeza do mosteiro *dobrado*, (de frades e freiras) que fica na baixa da collina.

É mais provavel que a condessa não terminasse as obras de defeza, pois não consta que ellas estivessem em estado de resistencia na occasião das duas invasões dos mouros, em 967 e 998, como atraz fica dito.

(A condessa vivia na sua quinta de *Vimaranes*, da qual a maior parte dos escriptores derivam o nome da cidade, e é certo.)

O monte *Latito* onde está a torre, é no mais alto da cidade. É dividido em dois cabeços (*Monte de Santa Maria* e *Monte-Largo*.)

A torre tem uma só porta, e á sua esquerda está uma inscripção, composta de certos caracteres, que uns traduzem «*Via Maris*», (d'onde tambem derivam Guimarães) outros leem «*Via militaris*» (e dizem que é em memoria da *via militar romana* que de Braga ia a Amarante e a Traz-os-Montes,—(que julgo não existir nunca: pelo menos, não vem mencionada no *Itinerario* de Antonino).

A torre é quadrangular, e do seu cume se descobre para muito longe, em todos os sentidos, vendo-se uma vasta porção de mar.

A torre é cercada de altas muralhas, com seus cubellos, e dentro d'ellas estão os venerandos restos dos *paços* do conde D. Henrique.

Foi a 4 de dezembro de 968 (930) que a condessa doou este castello ao mosteiro.

Foi n'este castello que D. Henrique de Borgonha e sua mulher D. Thereza assentaram a sua côrte, e aqui nasceu, a 25 de julho de 1109 seu filho D. Affonso Henriques.

—

Attribue-se a fundação d'esta cidade aos gallos-celtas, 296 annos antes de Jesus Christo, (outros dizem 500) o que é muito duvidoso.

Outros, ainda não contentes com esta antiguidade. dizem que foi fundada pelos gre-

gos, 1300 annos antes de Jesus Christo. Já se sabe, isto refere-se á velha *Vimaranes*.

É porém certo que no tempo dos romanos havia proximo, uma cidade, ou grande povoação chamada *Araduza*, mas *Mumadona* achou isto deserto, e a ella é que deve considerar-se como verdadeira fundadora de Guimarães; pois que *Araduza* era no sitio onde ainda se vêem alguns vestigios de povoação, que depois se chamou *Vimaranes*, e da qual esta cidade incontestavelmente herdou o nome.

Feito o mosteiro e castello, e mudando para aqui a condessa a sua residencia, se foram construindo ao abrigo do castello, e em torno do convento, varias casas de habitação, de pessoas dependentes d'elle, e pouco a pouco se mudaram para este sitio os moradores da antiga villa de *Vimaranes*, que se foi arruinando e despovoando completamente.

Vimaranes estava quasi destruida pelas guerras da edade media, e principiava apenas a repovoar-se quando a condessa fez o mosteiro e o castello.

—

Seus arrabaldes são muito aprasiveis, e ha por elles varias e boas quintas.

Suas ruas não são muito largas, mas são bem calçadas e ornadas de bons edificios. São em geral, mais bem alinhadas do que a maior parte das povoações antigas do reino.

Na egreja de Nossa Senhora da Oliveira ainda existe a pia de pedra em que foi baptisado o nosso primeiro rei, por S. Giraldo, arcebispo de Braga, em agosto de 1109.

Em 1664 mandou o prior, D. Diogo Lobo da Silveira, abrir um nicho dentro da egreja, do lado da epistola, para guardar esta pia monumental. Veio da egreja de S. Miguel do Castello (onde o infante foi baptisado) em 1664.

Guimarães foi sempre muito considerada dos nossos reis, que lhe concederam grandes privilegios, honras e isenções.

Já antes d'isso D. Ordonho III, de Leão, em 1953; D. Affonso IV, em 1010; e D. Fernando Magno, em 1050; deram grandes privilegios á nova villa de *Vimaranes*.

Tenho em meu poder uma *provisão* e um *alvará* (authenticos) de D. Pedro II, passados em favor do cabido e seus caseiros, servidores e familiares da collegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães.

A *provisão* é datada de 5 de dezembro de 1699, e sustenta todos os privilegios e isenções conferidas pelas *Tabolas-Vermelhas* a esta collegiada.

O *alvará* é de 4 de março de 1707. Confirma a provisão e todos os privilegios antecedentes e dá as razões porque elles foram concedidos. Tenho pena de não poder (pela sua extensão) transcrever aqui estes dois documentos, que são curiosissimos.

D. Diniz e D. Affonso IV guarneceram a cidade de muralhas e D. João I lhe fez as sete torres.

Tambem foi D. João I depois de fundar a nova egreja de Nossa Senhora da Oliveira, lhe fez riquissimas doações; entre ellas o magnifico altar de prata, que tomou a D. João I de Castella, em Aljubarrota, o qual ainda existe na sachristia, assim como o *pelote* que o rei portuguez trazia vestido no dia d'essa gloriosa batalha: deu-lhe tambem riquissimas alfaias e paramentos.

D. João III, deu a Nossa Senhora da Oliveira uma corôa de oiro e diamantes, de subido valor. D. Affonso IV lhe deu uma cruz de prata, de bello lavor.

—

Esta egreja foi Sé, e é hoje collegiada, com 28 conegos e um *D. prior*.

As arcarias do templo eram magestosas, e as tres naves estavam em harmonia com tudo o mais; mas uns *illustrados* conegos entenderam ser melhor caiar tudo de gesso, e cobrir de paus doirados e outros ridiculos arrebiques, e assim o fizeram, tirando a este venerando monumento toda a sua originaria poesia e magestade.

É de grande valor, tanto pela fórma como pela materia, o riquissimo thesouro de objectos de ouro, prata e brilhantes que ha n'esta collegiada.

—

São n'este concelho as celebres caldas de Visella, e no rio Visella ha boas fabricas de optimo papel.

Junto a esta cidade (em S. Mamede) ganhou D. Affonso Henriques uma batalha, em 1128, contra o *conde de Trastamara*, D. Fernando Peres de Trava, que com os seus vassallos e alguns portuguezes do partido da rainha D. Thereza, mãe d'aquelle principe, lhe disputavam a soberania de Portugal.

Escriptores mui veridicos sustentam, com bons fundamentos, que D. Thereza era uma senhora virtuosissima, completamente desambiciosa, e não disputando um só momento o governo a seu filho. É certissimo que mesmo antes da maioridade do principe, sua mãe o associava ao governo, como o provam muitas doações e outros actos publicos d'aquelle tempo, assignados por ambos. Estes taes sustentam que o conde gallego fazia a guerra por sua conta, ou por odem do seu rei.

Dizem que D. Thereza, depois da acção, foi presa para o castello de *Lanhoso*.

Este facto é contestado por alguns escriptores de boa nota; mas outros o julgam verdadeiro, pois foi o principal fundamento para que os papas recusassem a *canonisação* de D. Affonso I, como desejaram alguns dos seus descendentes, que fizeram muitas, mas baldadas diligencias para isso.

É certo que D. Thereza esteve então uns poucos de mezes no castello de Lanhoso, mas não ha uma unica prova incontestavel de que ella estivesse presa, e ha muitas de que estava no uso pleno dos seus direitos de soberana, pois de Lanhoso datou muitas doações, foraes, coutamentos e outros actos publicos, que *todos* seu filho confirmou; o que se tem visto e continuará a ver em muitas partes d'esta obra.

Talvez que a recusa dos papas fosse só por fazer a vontade aos castelhanos, que odiavam D. Affonso I, pelas derrotas que lhes causou.

Uns escriptores dão D. Thereza como amante do conde de Trastamara, outros, como mulher, e outros finalmente (e com provas attendiveis) dizem que elle não foi uma nem outra coisa; e que a guerra que fez a Portugal, em que sempre foi infeliz, era por odio a D. Thereza, por ella ter recusado a sua mão, como elle *ardentemente* ambicionava.

(Não me parece todavia que a rainha estivesse, em 1128, na edade de inspirar um amor *ardente*, pois já tinha então os seus 55 annos. O conde era um poderoso senhor na Galliza, e talvez quizesse d'ella e de Portugal formar um reino para si; ambição que bons escriptores lhe attribuem.)

—

Não se póde hoje dizer com certeza quaes foram os motivos que levaram D. Affonso VII, de Leão (sobrinho de D. Thereza) a mover guerra a seu primo D. Affonso Henriques. Uns dizem que foi para despicar o seu poderosissimo *vassallo*, conde de Trastamara, outros que foi para obrigar o principe portuguez a reconhecer-se seu feudatario, e outros finalmente, dizem que elle veio a Portugal para livrar, pelas armas, sua tia, do supposto captiveiro; o que é certo é que elle invadiu este reino com um exercito, em *som de guerra*, em 1129.

D. Affonso Henriques juntou á pressa a gente que pôde e lhe foi sahir ao encontro na veiga de *Val de Vez*, ou da *Matança*, desbaratando-o completamente. O rei leonez fuigu para a Galliza, mas reunindo um poderoso exercito, tornou no mesmo anno a Portugal e veio pôr cerco a Guimarães.

Se dermos credito a varios historiadores, á tradição, e á grosseira esculptura do tumulo de D. Egas Moniz, em Paço de Sousa, este glorioso varão, aio e o maior amigo de D. Affonso Henriques, sahiu de Guimarães,

como parlamentario (outros dizem que foi a occultas de D. Affonso Henriques) e foi prometter a Affonso VII, que seu pupillo compareceria nas côrtes de Toledo. O rei levanta o cerco e regressa a Leão; mas D. Affonso Henriques não esteve pelo que tratou o seu aio, pelo que este, com sua mulher e filhos (pois dizem que por si, por ella e por elles, se tinha obrigado ao cumprimento da sua palavra) se apresenta ao rei leonez «*offerecendo a doce vida, em troca da palavra mal cumprida*»—e o rei, vendo tanta magnanimidade, lhe perdoôu.

Este facto, que tem dado assumpto a tanta coisa bonita em prosa e verso, é tão duvidoso como a recusa de D. Thereza a entregar o governo a seu filho; como a sua prisão no castello de Lanhoso, e como os seus amores ou o seu casamento com o conde gallego. Bons escriptores negam a hida de D. Egas Moniz a Toledo (*vestido de sacco, e de corda ao pescoço*), e o nosso sabio chronista, Duarte Nunes de Leão, diz que o caso aconteceu, mas que foi com *Pero Ansures*, aio de D. Urraca de Castella, irman de D. Thereza.

Qualquer que fosse o motivo, o que é certo é que D. Affonso VII levantou o cerco e se foi embora.

—

Guimarães foi elevada a cathegoria de cidade, por decreto de 22 de junho de 1853. Tinha voto em côrtes, com assento no banco 3.º

—

Sobre a etymologia do seu nome ha tantas opiniões, que por fim de contas ninguem sabe qual é a verdadeira. Ahi vão as principaes.

1.ª—que provem do nome da villa e residencia da condessa *mumadona*, senhora d'este territorio, que se chamava *Vimaranes*, e é verdade.

Note-se que o mosteiro foi fundado em uma quinta da condessa, que se chamava *Quinta de Vimaranes*, por ser proximo á villa velha d'este nome.

2.ª—que vem de *Via-Maris*, legenda que está á porta do castello, segundo a traducção de alguns.

Outros dizem que esta inscripção estava gravada em uma pedra da muralha de uma antiga torre que existiu sobre o monte Latito, proximo á cidade.

3.ª—que é corrupção de *Via-Militaris*, que é uma outra traducção da mesma legenda.

4.ª—que o chefe celta (gallo-celta) que presidiu á sua fundação se chamava *Vimarano*, e lhe deu o nome de *Vimaranes*, que significa, filha ou procedente de *Vimarano*.

(Pretendem outros que Vimarano se chamava um conde, governador de Entre Douro e Minho, que aqui residia e lhe poz o seu nome.)

5.ª e ultima—que tendo-a reedificado *Wimarano*, irmão do rei godo *D. Fruela*, no seculo 8.º, lhe poz o seu nome.

É certo que o nome lhe provem da antiga villa de *Vimaranes*, e, o que é mais rasoavel é vir de *Via Maris*, nome que os romanos lhe pozessem por passar por aqui alguma estrada que levasse a Braga e de lá ao Oceano.

Antonino Pio não menciona esta *via* no seu *Itinerario*; mas isso não prova que ella não existisse. Elle só mencionava as *vias militares* e poucas mais. É porém mais que provavel que de Traz-os-Montes viesse uma estrada pelo Marão a Amarante, Guimarães e Braga, para d'aqui cortar por duas partes em direcção ao mar, uma por Ponte de Lima a Vianna, outra por Barcellos a Fão.

—

Diz-se de Guimarães (e é verdade) que tem—*Sé, sem bispo; ponte, sem rio; palacio, sem rei e relação sem desembargadores.*

—

Quando D. Ioão I se propoz atacar os piratas nos seus proprios covís africanos, todas as terras notaveis de Portugal (e principalmente as que estavam proximas da costa, e, por consequencia, mais sujeitas á rapina e captiveiro dos mouros) concorreram

com gente, dinheiro, navios e munições para uma empresa de geral utilidade.

Tomada a cidade e praça de Ceuta (no Estreito de Gibraltar) no glorioso dia 21 de agosto de 1415, o rei repartiu os pontos da praça pelos moradores das cidades e villas de Portugal que o haviam acompanhado á Africa.

Os mouros, desesperados por perderem esta cidade, vieram em grande numero para a resgatar. Atacaram tão bravamente e com tamanho alarido (como é costume dos arabes) o ponto defendido pela gente de Barcellos, que esta, aterrada, fugiu, abandonando o posto. Junto a elle era o dos vimaranenses, que vendo aquelle acto de cobardia, dividiram a sua gente em duas secções, defendendo os dois postos com tanta galhardia e bravura, que os mouros foram furiosamente repellidos, com grande perda.

D. João I mandou que d'alli em diante (em premio do valor d'estes e castigo da cobardia de outros) fossem os dos Barcellos todos os annos varrer as praças e açougues de Guimarães.

Por mais de 70 annos hiam os vereadores de Barcellos, nove vezes no anno (que tantas eram as festas da camara) varrer as ruas, praças e açougues de Guimarães.

Vendo o duque de Bragança, D. Jayme, que não havia quem quizesse ser vereador na sua villa de Barcellos, por causa d'este acto de humiliação, contratou, em 1488, com a camara e povo de Guimarães, de lhes ceder as freguezias da Cunha e Ruilhe, do termo de Barcellos, e de que elle era senhor, para continuarem aquella obrigação, o que os de Guimarães acceitaram, e continuou esta comedia até 1580, anno em que terminou. (Vide Barcellos, onde isto vem mais circumstanciado.)

—

O primeiro foral que teve Guimarães, lhe foi dado pelo conde D. Henrique, com grandes privilegios. Não tem data; mas é do fim do seculo XI. D. Affonso Henriques lhe deu outro foral, com todos os privilegios do primeiro, e ainda outros mais, a 27 de abril de 1128, que foi confirmado por seu neto, D. Affonso II, sem data. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no dia 20 de novembro de 1517.

O foral do conde D. Henrique ainda lhe dá o nome de *Vimaranes*.

D. Diniz tambem lhe deu carta de confirmação dos seus antigos foraes e concedeu novos, em 1324. Segundo Viterbo, D. Affonso I ainda deu outro foral a Guimarães, em 1158.

D. Affonso Henriques, alargando o seu reino pelas gloriosas conquistas que fez aos mouros, na Beira, Extremadura e Alemtejo, não podia continuar com a sua côrte em Guimarães, que lhe ficava quasi na extremidade septentrional dos seus estados; por isso a mudou para Coimbra, que era (e ainda é) no centro de Portugal. Isto fez decahir muito a villa de Guimarães, que deve o não cahir em total decadencia á prodigiosa affluencia de peregrinos e romeiros que de remotas terras vinham em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, que era a mais venerada d'aquelles tempos, e á qual attribuiam numerosissimos milagres.

Esta circumstancia attrahiu para Guimarães muito povo, varias familias nobres e algumas ordens religiosas.

Deve tambem Guimarães grande parte da sua prosperidade, á industria de seus habitantes. A separação e autonomia do Brasil deu um golpe profundo na felicidade e bem estar d'estes povos, pois era para alli que exportavam em grande escala, a maior parte das suas manufacturas.

Tambem nas discordias entre D. Diniz e seu filho D. Affonso (depois IV) e na guerra do fim do seculo XIV, entre D. João I de Portugal e D. João I de Castella, foi por vezes Guimarães cercada e combatida, o que lhe causou graves damnos.

As pestes que flagellaram Portugal no seculo XVI, disimaram-lhe grande parte da sua população.

—

O brasão das suas armas, é—em campo de prata, a imagem da Virgem, tendo nos braços o Menino Jesus, que empunha, na mão esquerda, um ramo de oliveira.

—

Em frente da egreja collegial, ergueu-se

um curioso monumento, obra do reinado de D. Affonso IV. É um cruzeiro de pedra, com varias imagens e ornatos de alto e baixo relevo e collocado no centro de 4 arcos gothicos, que sustentam a abobada que o cobre, tudo de pedra.

Proximo se vê uma oliveira cercada de grades de ferro, que recorda o milagre de Nossa Senhora, e que consistiu, segundo a lenda, em que uma oliveira que para aqui se transplantara em tempos remotos, seccando logo depois, reverdeceu apenas por ella passou a dita imagem da Virgem.

—

A egreja de S. Miguel do Castello era a matriz da villa velha. Está edificada perto do castello, e é um pequeno templo, de mesquinha architectura, que denota muito grande antiguidade. Foi n'elle que foi baptisado D. Affonso Henriques.

Actualmente (1874) varias senhoras e cavalheiros de Guimarães tratam de restaurar, por subscripção, este monumento historico.

—

A egreja de S. Thiago, reconstruida em tempos modernos, dizem que foi em tempos remotos um templo gentilico, dedicado a Ceres, o que se prova por uma inscripção romana que aqui se achou quando se reedificou a ogreja.

Em Guimarães ha outros muitos templos, capellas e conventos, sendo os mais importantes—a egreja da Misericordia, fundada em 1585; a egreja de Nossa Senhora da Consolação, templo moderno, de boa architectura, em sitio aprasivel, cercado de arvores, em um extremo da cidade; a egreja de S. Damazo, edificada em 1641, em memoria d'este pontifice, d'aqui natural; convento de frades dominicos, fundado em 1271, por frei Alvaro, prior de S. Domingos, do Porto, frei Estevão e outros. Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'este convento, e por que se mudou para o sitio actual.

Darei tambem mais algumas particularidades que pude obter, com respeito aos outros conventos. Este convento é da invocação de Nossa Senhora das Neves.—Convento de frades franciscanos, fundado em 1290—convento de Santo Antonio, de frades capuchos, fundado em 1644. As egrejas de todos estes conventos ainda estão em bom estado e se conserva n'ellas o culto divino—convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) fundado em 1561—convento de Santa Rosa, fundado em 1680—convento de freiras capuchas, fundado em 1681—convento de Santa Thereza de Jesus (carmelitas calçadas) fundado em 1685. Foi supprimido em 1850. Foi depois hospital de caçadores n.º 7, e é agora o asylo da infancia desvalida, de Santa Estefania.

Ha aqui 4 hospitaes—*Misericordia, Santo Antonio dos Capuchos, Terceiros de S. Francisco* e *Terceiros de S. Domingos*. Os dois ultimos são dos bons que ha no reino.

—

A cidade tem varias praças e terreiros, a melhor é a do Toural. Tem nas suas extremidades um esbelto chafariz, feito em 1588, e um bonito cruzeiro, feito em 1650. A praça da Oliveira é a mais notavel por ser aqui a egreja collegial (a que chamam *Sé*!) o cruzeiro de que já fiz menção e a célebre oliveira.

Tambem nesta praça está a casa da camara, feita sobre arcarias de pedra e obra de D. Manuel, cujas armas estão na frente do edificio.

Tem um bom theatro moderno, denominado de D. Affonso Henriques.

Ainda existem de pé varias torres das que fez D. João I; e alguns lanços da muralha, feitos por D. Diniz e por seu filho, D. Affonso IV. Tambem existe o vasto palacio dos duques de Bragança, principiado no seculo XV por D. Affonso 1.º duque de Bragança (filho bastardo de D. João I e neto do Barbadão.) Aqui residiram por vezes principes e princezas d'esta familia. Hoje está parte em ruinas e parte servindo de quartel militar.

Ainda aqui se admiram duas grandes e formosas janellas gothicas, que pertenciam á capella.

As mais bellas torres que D. João I mandou construir para defeza das portas de Guimarães, foram arrasadas até aos fundamentos pelos vandalos modernos.

Esta cidade tem muitas fontes de optima agua que a abastessem. Tem um mercado semanal (ao sabbado) dos melhores, senão o melhor de todo o reino. A elle concorre grande numero de gente de muitas leguas em redor, e aqui se vendem gados, aves, cereaes, fructas, hortaliças, louças, tecidos (de lan, seda, linho e algodão) ferragens, etc.

Feira no primeiro d'agosto.

O jardim dos Terceiros de S. Domingos é bonito. O Campo da Feira serve de passeio publico. Está em uma situação pittoresca á sahida da cidade, junto ao ribeiro Célho, aqui atravessado por uma formosa ponte, guarnecida de estatuas, assentos e arvores. (A ponte é mal empregada em semelhante ribeiro, e é por isso que se diz — «*ponte sem rio.*»

São mui formosos os arrabaldes de Guimarães (poucas povoações portuguezas os teem tão lindos.)

São notaveis os palacios e jardins dos senhores condes da Arrochella e de Villa Pouca. Faz uma linda vista o castello de Mumadona, vestido d'heras e cercado d'arvores.

O mosteiro da Costa (que foi de monges de S. Jeronimo) é rico de memorias da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e de D. Antonio, prior do Crato.

Está magestosamente sentado a meia encosta de um monte todo coberto de arvoredos, entre os quaes avulta o carvalho colossal de que adiante tracto.

Proximo e pela parte de cima d'este convento houve antigamente uma especie de universidade, com lentes de humanidades, philosophia e theologia.

Aqui estudou o infante D. Duarte, filho de D. João III, e D. Antonio (prior do Crato) filho do infante D. Luiz. Ainda se dá hoje o nome de *Fonte de D. Duarte* a uma que alli ha, onde este infante costumava hir passear. O edificio do mosteiro e a cêrca, foram vendidos em 1835, e são hoje propriedade particular.

A egreja conserva ainda o culto, e em dia de Santa Marinha (que é o seu orago) se faz aqui uma grande festa, concorridissima de gente da cidade e de varias freguezias limitrophes e remotas.

O termo de Guimarães é abundante de bôas aguas e fertilissimo.

Produz cereaes, legumes, vinho, linho, azeite, etc, e tem optimas pastagens onde se cria muito gado de varias especies, que se exporta em grande quantidade.

A maior parte dos moradores d'esta cidade são serralheiros, ferreiros, cuteleiros, tecelões e surradores. A maior parte d'estes artistas são muito trabalhadores e muito esmerados nos productos da sua industria: sobre tudo, os seus artefactos de linho e de ferro, teem justa e bem merecida fama em todo o reino e no Brazil.

—

Tambem aqui se faz e exporta varia qualidade de doce, sobre tudo de fruta, e ha annos em que só d'este genero se exportam 8 contos de réis.

Aqui nasceu, no principio do seculo XVI, João Gonçalves, cognominado o Engenhoso, que assombrou os maiores mathematicos do seu tempo, com as machinas e artefactos que inventou, sem ter cultivado as sciencias. Ha uma moeda d'ouro, de 500 réis, chamada Engenhoso, por ter sido lavrada por João Gonçalves, com raro primor, em 1562.

—

Aqui celebrou cortes o conde D. Henrique em 1093 (quando tomou posse de Portugal) para estabelecer novas leis. D. Affonso III, em 1256; e D. Diniz, em 1324 (pouco antes da sua morte.)

Por essa occasião lhe fez carta de confirmação dos seus antigos privilegios, concedendo-lhe novos.

—

O rei de Leão não quer reconhecer a total independencia de Portugal, pelo que D. Affonso I lhe declara guerra e obriga a fazer a paz, em 1140. Neste anno poz o rei leonez cêrco a Guimarães, e como não podesse tomar a villa, vingou se em saquear e incendear os seus arrabaldes. Foi porisso que D. Affonso I, no foral que, segundo Viterbo, deu em 1158 a Guimarães, se lembra expressamente dos seus burgeis, (moradores dos arrabaldes) dizendo que as herdades d'elles «*qui mecum sustinuerunt, et male pe-*

nam in Vimarens, nùmquam dent fossadejras.»

—

Vou cumprir a promessa que fiz, sobre factos historicos relativos a alguns conventos de Guimarães.

Convento de frades dominicos (Ordem dos prégadores.)

Em 12 de dezembro de 1270 (em uma sexta feira) o povo da villa, que com fr. Alvaro, prior do convento de S. Domingos, do Porto, fr. Estevão e outros frades da mesma ordem, se tinha congregado na egreja de S. Thiago, *deram licença aos ditos frades para a fundação do convento; dando muitos particulares logo para isso, dinheiro, campos, casas, e quintas.*

Principiou logo a obra, no sitio onde é a *Porta da Villa*, que vae para S. Domingos.

Este convento foi derribado depois, porque nas contendas entre D. Diniz e seu filho D. Affonso (depois IV) estando a villa pelo rei, de cima do mosteiro faziam os do infante grande damno aos da villa.

No reinado de D. Affonso IV (pelos annos de 1350) se tornou a edificar este convento no sitio onde hoje está.

Aqui foi conventual S. Gonçalo de Amarante, quando o convento ainda era no primeiro sitio.

Frades franciscanos

Em tempo de D. Affonso II, veio residir a Guimarães fr. Gualter e um companheiro (franciscanos). Assistiam no cimo da serra, onde chamam Villa Verde, em uma pequena e pobre casinha. D'alli foram para a villa, para um hospital que existia junto ao sitio da *Torre Velha.* Foi ao longo da parede d'este hospital que, já no tempo de D. Diniz, D. fr. Tello, arcebispo de Braga, lançou a primeira pedra para o convento (1290) onde fr. Gualter e seu companheiro foram residir.

Este mosteiro foi destruido pela mesma razão e no mesmo tempo do de S. Domingos. No tempo de D. João I (1400) e com licença d'este rei, tornou a edificar-se, sob a condição (quo o rei lhe impoz) de *não ser mais chegado á villa, do que estava o de S. Domingos.*

Fr. Gualter foi canonisado e tem no mesmo convento capella propria, em cujo altar estão as suas reliquias, em um tumulo de fórma pyramidal.

—

O primeiro donatario de Guimarães, foi D. fr. Alvaro Gonçalves Camêllo, por mercê de D. João I, em 1403. Vagando depois para a corôa, foi dado este senhorio, pelo mesmo rei, a D. Fernando I, segundo duque de Bragança, e ao filho primogenito d'este, e do mesmo nome, foi então concedido o titulo de conde de Guimarães.

Tendo casado o infante D. Duarte, filho do rei D. Manuel, com D. Isabel, filha de D. Jaime, 4.º duque de Bragança, que lhe trouxe em dote o senhorio e palacio de Guimarães, intitulou-se aquelle principe, duque de Guimarães, em cujo titulo e senhorio succedeu seu filho D. Duarte; por morte do qual foi outra vez para a corôa.

—

Em 1569, houve no reino o flagello a que se deu o nome de *grande peste.* Tinha então Guimarães umas 4:000 pessoas, das quaes metade morreram da epidemia.

—

Na cêrca do convento da *Costa*, é tradição que a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, plantou dois carvalhos. É certo que alli existe um frondoso carvalho, com 700 annos de edade, que mede $7^{m},50$ de circumferencia no tronco. É uma das maiores res arvores de Portugal.

Tinha um irmão da sua edade (o outro que a rainha plantou) e tão robusto e gigantesco como elle, que seccou em 1834.

—

Em a noite de 3 para 4 de junho de 1869, houve um pavoroso incendio no largo do *Toural*, ardendo quasi todo um dos quarteirões.

Mais de 60 pessoas ficaram mortas ou feridas! Os prejuizos foram enormes.

O povo, ao principio, temendo alguma explosão, esteve alguns minutos aterrado e inactivo, mas depois todos concorreram para que o fogo se extinguisse.

Os vimaranenses deram, n'esta triste conjunctura, nobilissimos exemplos de coragem, generosidade, caridade e abnegação. Muitos dos que acudiram, foram feridos, e um dos que mais se distinguiu pela sua bravura, entre tantos bravos, morreu no dia seguinte, em resultado dos ferimentos que recebeu na extincção do incendio.

Por muitos annos será este dia lembrado com horror em Guimarães.

—

Pretendem alguns, que o immortal doutor João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640, nasceu em Guimarães, o que é duvidoso. Amarante, Lamego, Lisboa, Paiva e Arnoia lhe disputam esta honra. (Parece-me mais provavel que elle fosse oriundo d'Amarante, mas nascido em Lisboa, segundo a declaração feita por o mesmo Ribeiro, sendo juiz de fóra de Pinhel.)

Vide Lisboa no logar competente, onde vem isto tratado minuciosamente.

—

Nos arrabaldes de Guimarães, nasceu, pelos annos 304, *S. Damaso*, papa (o primeiro d'este nome). *Urciano* lhe disputou a thiara, pelo que houve guerra, na qual interveio o imperador, em favor de S. Damaso, que ficou vencedor. Foi papa 18 annos (desde 367 a 384). Morreu a 11 de dezembro de 384. É padroeiro de Guimarães.

S. Jeronymo, o austero eremita de Bethlem, lhe chamou: — *Vir egregius, et eruditus in scripturas, et virgo ecclesiæ virginis doctor.* — Estas palavras, proferidas por S. Jeronymo, equivalem aos mais dilatados elogios.

Ha quem diga que elle não nasceu aqui, mas na cidade de *Egitania* (hoje Idanha Velha, na Beira Baixa).

Vide Briteiros (Santa Leocadia e Nossa Senhora da Piedade) e Idanha Velha. Parece que S. Damaso nasceu na antiga cidade de *Citania*, que era em territorio hoje d'este concelho. Vide Citania. João de Barros, nas *Antiguidades de Braga*, diz que elle nasceu em Pedralva. Vide Pedralva.

—

Tambem alguns pretendem que aqui nasceu Gil Vicente (o *Plauto portuguez*) pelos annos de 1470; porém Lisboa e Barcellos lhe disputam esta honra. Vide Lisboa, no logar competente.

D. Thereza e D. Henrique

Não cabe nos limites de um dicciomario (nem mesmo da natureza d'este) *desenvencilhar* pontos historicos duvidosos ou controvertidos. De mais, tendo tanto de que tratar n'esta obra, e sobre tudo a minha insufficiencia, não me permittem ser extenso, nem decidir *ex cathedra*, questões obscuras e problematicas.

Tenho porém, tanto lido e tanto estudado, e desejo tão ardentemente que a minha obra seja de alguma utilidade á minha patria, que tão cordialmente amo, que me atrevo a tratar (no meu estylo, humilde, comesinho e despretencioso) de varias questões, nos logares que julgo proprios.

Desejando dizer alguma cousa relativa á mãe do nosso primeiro rei (da qual tanto bem e tanto mal se tem dito) e não tendo outro logar senão aqui, onde ella tantos annos viveu, digo o que sobre o caso penso, além do que já disse.

D. Thereza, era a terceira e mais novva filha de D. Affonso VI (o *Grande*) de Leão, Castella, Oviedo, Portugal, Galliza, etc., e se intitulava *imperador das Hespanhas.*

Suppõem alguns que ella era bastarda, *reconhecida;* mas a opinião mais geral e que mais provas apresenta de verdade, é que ella era filha legitima, e das tres a que seu pae mais amava, pelas suas grandes virtudes e raros talentos.

Casou em 1095, com D. Henrique de Borgonha, 3.º filho de D. Henrique, duque de Borgonha e da duqueza Sibyla, filha de Renato, conde de Borgonha, neto de Robberto I, duque de Borgonha, bisneto de Robberto II (o *devoto*) rei de França e 3.º neto de Hugo Capeto, tronco da *dynastia Capeto*, que teve principio em 987.

Suppõe-se que D. Henrique nasceu em 1035. Veio para a Hespanha guerrear os mouros, em 1063, e pelos seus repetidos actos de bravura, pela sua intelligencia e pelas suas virtudes, foi muito estimado de

D. Affonso VI, que em 1093 lhe deu o governo de Portugal, com o titulo de conde (o maior d'aquelles tempos, abaixo do rei) e em 1095 lhe deu em casamento, sua filha D. Thereza, tendo D. Henrique então os seus 60 annos e sua mulher 22.

Sua mulher trouxe em dote Portugal, como então era, e tudo quanto os portuguezes podessem conquistar aos mouros, ao sul, até ao Guadiana.

D. Henrique, como conde soberano de Portugal, justificou a escolha de seu sogro e amigo, alargando o seu herdamento, derrotando os mouros em 17 batalhas e muitos combates; fazendo bôas leis e regimentos; dando foraes a muitas povoações; fundando muitas egrejas, ermidas e conventos e fazendo outras muitas obras de utilidade publica.

Estando a sitiar Astorga, morreu no primeiro de novembro de 1112, com 77 annos d'edade. Á hora da morte, designou para seu jazigo a Sé de Braga. Seu filho, D. Affonso Henriques, o fez logo transportar para a ultima morada que escolhera, e alli jaz.

D. Thereza havia nascido em 1073, tendo portanto 39 annos quando enviuvou.

Seu pae, reunindo as coroas de Castella e Aragão e os reinos de Portugal e Galliza, se intulou imperador das Hespanhas. Sua mãe era D. Ximena Nunes de Gusmão. Teve em dote Portugal, que se compunha então de Coimbra, Braga, Porto, Viseu, Lamego e Feira, com seus territorios, Traz-os-Montes e tudo o mais que ha desde Guimarães até ao castello de Laboreira, para além de Ponte Vedra, na Galliza, e tudo quanto os portuguezes conquistassem ao Sul do reino, até á margem direita do Guadianna.

Todos os escriptores são concordes em designar esta senhora como um modelo de virtude e uma illustrada e benemerita soberana. (Sempre se intitulou ráinha, pois naquelles tempos e ainda nos principios da nossa monarchia, todas as filhas legitimas dos reis assim se denominavam. Isto é tambem uma prova da sua legitimidade.)

Depois de viuva, porem, alguns escriptores dizem que ella foi amante de D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamara, e poderoso senhor gallego; e até alguns sustentam que ella casou com elle clandestinamente, o que é mais que duvidoso.

Fr. Bernardo de Brito, na sua *Chronica de Cister*, sustenta, com sólidos fundamentos, que D. Thereza se portou sempre virtuosamente, tanto em solteira e casada, como depois de viuva; accrescentando que «*estando a rainha em Guimarães, ahi a veio visitar o conde de Trastamara, a dar-lhe os sentimentos pela morte do marido, e propondo-lhe passar a segundas nupcias com elle.*

D. Thereza levou tanto a mal esta proposta, que, com mostras de muito enfado lhe ordenou que em 12 horas se posesse fóra de Guimarães, e em 3 dias, de Portugal.

O conde jurou então, mesmo á vista de D. Thereza, que havia de casar com ella, ou por vontade ou por força. Foi para a Galliza, e juntando um grande exercito, veio pôr cêrco a Guimarães, em 1125.

D. Thereza se defendeu tenazmente com a pouca gente que tinha, em quanto esperava por seu filho, que com a sua gente andava por terras das Asturias, e que mandou logo chamar.

D. Affonso Henriques, assim que isto soube, marchou immediatamente para Portugal, só com a cavallaria, deixando Egas Moniz com a mais gente, para o seguir como podesse.

Chegado o principe a Guimarães, mesmo sem dar descanço á gente e aos cavallos, atacou os gallegos; mas, como estes além de serem muito superiores em força, estavam descançados, obrigaram a retirar o principe, hindo lhe no encalço: até que encontrando-se os portuguezes com a gente d'Egas Moniz, deram sobre os gallegos, derrotando-os completamente, e fazendo prisioneiro o conde que, D. Affonso trouxe para Guimarães, entregando-o a sua mãe, para lhe dar o castigo que quizesse; mas tudo se terminou em bem, por tratados de paz que alli se fizeram, e com o casamento das duas filhas de D. Thereza (D. Urraca e D.Thereza) casando D. Urraca com o conde D. Bermudo e D. Thereza com D. Fernão Mendes.

D. Thereza (mãe) veio depois d'isto residir em Coimbra, onde viveu até ao anno 1130 (alguns dizem 1129) *em que morreu.*»

Poucos dias antes da sua morte, quiz to-

mar o habito de religiosa de Cister, o que fez.

Falleceu no dia primeiro de novembro de 1130, 18 annos exactos, dia por dia, depois da morte de seu marido, tendo 57 annos de edade.

D. Affonso Henriques, em cumprimento do testamento materno, a fez sepultar na Sé de Braga, junto ao conde D. Henrique, e com o respectivo habito de S. Bernardo.

Vide Braga e Coimbra.

—

Guimarães é patria de Manuel Gonçalves, o Trovador. Consta que foi o primeiro que fez trovas em Portugal.

Jaz no mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, ao pé do tumulo de D. João de Mello e Sampaio, antigo cammendatario d'aquelle mosteiro.

—

Aqui nasceu, em 25 de julho de 1109 (30 annos, dia por dia, antes de dar a gloriosa batalha de Campo d'Ourique, em que foi acclamado rei dos portuguezes) o nosso primeiro soberano, D. Affonso Henriques. Era filho do conde D. Henrique de França e de sua mulher, a rainha D. Thereza, filha do imperador das Hespanhas, D. Affonso VI, neto por parte do pae, de D. Henrique, duque de Borgonha e de sua mulher Sybilla de Semier, bisneto do duque Roberto II, o *Devoto*, e de sua mulher Mengrada (ou Ermengarda).

D. Affonso I foi incontestavelmente um dos maiores e melhores reis dos portuguezes. Não só foi o fundador do reino de Portugal, tirando grande parte d'elle das garras dos agarenos; mas promulgou leis; creou instituições uteis; amou o povo; venceu, em muitas batalhas, 36 reis mouros, e a sua vida foi um continuo lidar. Fundou ou reedificou muitas povoações, sendo as principaes, as villas d'Almada, Villa Franca de Xira, Villa Verde, Arruda, Azambuja, etc.

Fundou 150 mosteiros e fez ou reconstruiu varias egrejas.

Coberto de gloria, d'annos e de trabalhos morreu em Coimbra, a 6 de dezembro de 1185, com 76 annos de edade. Jaz na egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Aqui nasceu em 29 de setembro de 1749 D. Catharina de Sousa, filha de Francisco da Silva Alcoforado e de D. Maria Viterbo d'Alencastre, da casa dos viscondes da Asseca.

Casou com Luiz Pinto de Sousa Coutinho, feito visconde de Balsemão, em 1801.

Falleceu no Porto, em 4 de janeiro de 1824. Foi poetiza distincta. Sabia com perfeição francez, inglez e italiano, e compôz varias poesias muito mimosas. Cognominavam-a a *Sapho portugueza*.

—

Guimarães é o solar dos Mesquitas,—Mesquita é um appellido nobre em Portugal. Procede de Fernão Vaz Pimentel, que mudou este ultimo appellido em Mesquita (mas alguns de seus descendentes usam d'ambos.)

Provem do seguinte: Na tomada da cidade de Ceuta (Africa) aos mouros, em 1459, por D. Affonso V, Fernão Vaz Pimental, com quatro irmãos seus, atacam furiosamente e tomam á viva força uma mesquita, onde muitos inimigos se tinham refugiado, e se batiam desesperadamente. O rei os mandou desde então usar do appellido de Mesquita, em premio e por memoria d'esta façanha.

Foi seu primeiro filho e herdou a casa de Guimarães, Lopo Martins de Mesquita.

Suas armas são: em campo d'ouro 5 cintos de púrpura (em memoria dos 5 irmãos) com fivellas e passadores de prata e orla azul carregada de 7 flores de liz d'ouro. Elmo d'aço coberto. Timbre, meio mouro, em frente, vestido d'azul, com turbante de prata e uma lança da sua côr com hastea d'ouro e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros Mesquitas uniram as suas armas ás dos Pimenteis, e, finalmente, outros fizeram variantes de pouca monta nos seus escudos d'armas.

Tambem é solar dos Rochas, appellido nobre, proveniente de Castella. O doutor Pedro Fernandes da Rocha, veio para Portugal, e se estabeleceu em Guimarães, onde sua filha casou, com João Gonçalves da Ramada, e teve successão. Isto segundo os manuscriptos da casa Palmella; mas Villas-Bôas diz que o tal Pedro veio de França, e não de Castella, e que fez seu solar em Vianna

do Minho; e que já no anno de 1126 se acha Arnaldo da Rocha, companheiro do mestre do Templo, D. Gualdim Paes.

Suas armas são: Em campo de prata, aspa vermelha, firmada e carregada de 5 vieiras, d'ouro, realçadas d'azul, timbre a aspa do escudo, entre trez vieiras, uma em cada extremidade da aspa, e uma outra no meio—outros teem por timbre a aspa com uma só vieira no meio.

—

Na praça do *Toural* está o palacio dos srs. Mellos e Alvim, da casa de Tresmonde, (proximo a Guimarães). N'esta casa houve, desde remota antiguidade, o fôro de nobreza. Modernamente foram d'esta familia Jeronymo Vaz Vieira da Silva e Mello. alcaide-mór de Villa do Conde, e João Antonio Vaz Vieira de Mello e Alvim, mestre de campo dos auxiliares, de Guimarães.

Mello é um appellido nobre em Portugal. Procede de D. Soeiro Raymundo, rico-homem n'este reino, o qual, indo em uma das cruzadas, assaltou e tomou o forte de *Mello*, em Jerusalem, e por isso lhe ficou este appellido.

Regressando a Portugal, povoou o logar denominado *quinta do Mello* (depois villa do Mello) em 1204.

Foi alferes-mór de D. Affonso II.

Teem brazão d'armas completo; é—em campo de púrpura, 6 besantes de prata, entre uma dupla cruz de coticas d'ouro—orla do mesmo, elmo d'aço cerrado, e por timbre, uma aguia negra abesantada, bicada, membrada e armada de prata.

Os *Alvins* teem por armas—escudo esquartelado, 1.º e 4.º xadrez de púrpura e oiro, e no 2.º e 3.º 5 flores de liz, d'ouro, em campo azul.

—

Ha em Guimarães a nobilissima casa do *Tanque*, a que está unida a não menos nobre da *Oliveira*. É dos verdadeiros Vasconcellos.

(Para esta familia e suas armas, vide Castello-Melhor.)

—

A casa dos *Pinheiros* é tambem nobilissima, e é seu representante o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindella.

—

Cardoso é appellido nobre em Portugal.

O instituidor do morgado dos Cardosos foi Pedro Cardoso do Amaral, contador-mór do reino, a quem foi passada carta de brazão, em 1538, por provar ser descendente legitimo da familia Cardoso, de nobreza esclarecida.

D'esta casa era fidalgo, Pedro Cardoso do Amaral e Menezes, que na India foi o primeiro a levantar o grito da independencia em 1641.

Representa hoje esta casa o sr. João Lobo Machado Cardoso do Amaral e Menezes, filho da sr.ª D. Maria Amalia Cardoso Pinheiro de Menezes, filha do sr. visconde de Pindella.

—

Arrochellas—familia tão nobre como antiga, d'esta cidade. Foi d'ella ultimamente senhor o sr. Nicolau d'Arrochella Vieira de Almeida Sodré.

Sua filha, a sr.ª D. Leonor da Arrochella, é a actual representante d'esta casa.

Almeidas—teem por armas—em campo de púrpura, 3 besantes d'ouro, entre uma dupla cruz e bordadura do mesmo. Timbre—uma aguia de púrpura, besantada de ouro.

Sodrés—teem por armas—em campo asul, uma asna de prata, entre 3 gomís do mesmo metal, descobertos, e com duas asas cada um; sobre a asna 3 estrellas de púrpura. Timbre—a mesma asna.

Vieiras—teem por armas—em campo de purpura, 6 vieiras d'ouro, realçadas de preto, em duas palas; timbre, dous bordões de S. Thiago, de púrpura, em aspa, com uma das vieiras do escudo entre elles, atados com um troçal de prata.

—

Para a casa de *Sesim*, junto a Guimarães, —vide Sezim.

—

Casa dos Torrados e casa do *Costeado*, em Guimarães.

É um vinculo antigo, de que foi barão Antonio de Napoles Vieira de Mello, fidalgo

da casa real, ex-governador civil de Braga.

Foi senhor d'este vinculo, por casar com a senhora D. Anna de Faria, senhora e herdeira d'estas duas casas.

Os srs. dos Torrados eram padroeiros do convento de Santa Clara, de Guimarães.

Já ficam mencionadas as armas dos Mellos e dos Vieiras.

Farias, teem por armas — em campo de púrpura, um castello de prata, com portas e janellas de preto, entre 5 flores de liz, de prata, 3 em chefe e duas em facha. Timbre —a torre do escudo.

—

Casa da Caldeiroa— Está situada na rua *da Caldeirôa*, n'esta cidade.

O sr. João Carlos Pereira Lobato de Azevedo (filho do sr. João Pereira da Arrochella Machado e Couros, e da sr.ª D. Augusta Eduarda de Sousa Lobato, filha do sr. José Joaquim de Sousa Lobato, guarda-roupa e porteiro da camara de D. João VI, e 1.º visconde do Magé) é o actual senhor e representante d'esta familia.

Para a genealogia e e armas dos Pereiras, vide Feira.

Azevedos—teem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º d'oiro, uma aguia, de preto, estendida — no 2.º e 3.º d'azul, 5 estrellas de prata, de 5 pontas, em aspa,— bordadura de púrpura, com 8 aspas d'ouro. Elmo de prata aberto, e por timbre a aguia das armas, com uma estrella d'ellas no peito.

Lobatos—para a genealogia e armas d'esta familia, vide Almeida, no 1.º vol. pag. 147.

Casa de Villa Pouca — morgado antigo d'esta cidade, instituido por Diogo Machado, fidalgo da casa real.

João de Sousa Alcoforado, moço fidalgo da casa real, deixando sua mulher, alguns de seus filhos, morgado e casa de Villa Pouca, obrigado mais do amor de Deus que do mundo, embarcou para a India com seus filhos, Manuel de Sousa da Silva e Francisco de Sousa Alcoforado, onde se distinguiram nas guerras contra os inimigos da patria, até morrerem gloriosamente em seu serviço.

É tambem d'esta familia a celebre poetisa D. Catharina Michaella de Sousa Cesar e Lencastre, dama de 1.ª ordem de S. João de Jerusalem, que casou com o 1.º visconde de Balsemão, Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, do conselho d'el-rei, alcaide-mór, commendador de Christo, tenente general, governador das armas do Porto, foi o 1.º barão de Villa Pouca (d'Aguiar).

Sua filha, D. Maria Antonia, senhora e herdeira da casa de seu pae, casou com Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, commendador das ordens de Christo e Torre e Espada, tenente-general, governador das armas de Traz os-Montes, e viscoude do Peso da Régua.

Rodrigo Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado, filho dos viscondes do Peso da Regua, foi o 2.º barão e 1.º conde de Villa Pouca, par do reino, commendador da Conceição e ex-governador civil de Braga. Foi tambem coronel do regimento de milicias de Guimarães, o corpo d'esta classe mais disciplinado e aceiado de Portugal.

O sr. Rodrigo Teixeira da Silva Alcoforado (filho do antecedente) é moço fidalgo, commendador da Conceição, e é o 3.º barão e 2.º conde de Villa Pouca, e actual senhor e representante d'esta illustre casa.

Alcoforados — teem por armas — campo enxiquetado de prata e asul, de 7 peças em facha. Timbre—uma aguia asul, voante, armada e enxiquetada, da parte direita, de prata.

Lacerda—Para a genealogia e armas d'este appellido, vide *Castro d'Ayre*.

Magalhães—appellido nobre em Portugal, tomado da torre e quinta de *Magalhães*, na provincia do Minho.

O 1.º que com elle se acha é Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz, por ter casado com D. Sancha de Novaes, senhora d'aquella quinta. Foi grande valido de D. Affonso IV.

Suas armas são:— em campo de prata, 3 faxas, xadrezadas de púrpura, e prata, de 3 peças em pala — elmo aberto. Timbre —

um abutre de prata, armado e bicado de oiro.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, d'azul, cruz d'oiro floreada, e vasia do campo—elmo d'aço aberto, e por timbre o pinheiro das armas.

Outros usam—em campo de prata 3 bandas escaquetadas de púrpura e prata, de 3 peças em pala.

Outros usam—escudo escaquetado de prata e púrpura, de tres peças em faxa e 3 em pala—elmo d'aço aberto—e por timbre um abutre de prata, bicado e membrado de púrpura.

Silvas—para a sua genealogia e armas, vide Aveiras, S. Thiago de Beduído, Unhão e Villa Nova da Cerveira.

Sousas—para a sua genealogia e armas vide Arronches, Lafões, Miranda e Penafiel.

Teixeiras—appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha.

O 1.º que em Portugal se acha com este appellido, é D. Hermigio Mendes de Teixeira, filho de D. Fafes Luz, alferes-mór do conde D. Henrique e seu rico-homem. Tomou o appellido da villa de Teixeira, em Bayão, onde teve solar.

Trazem os Teixeiras por armas—em campo asul, cruz d'oiro, vasia do campo—elmo de prata cerrado, e por timbre, meio unicornio de prata, armado d'ouro.

A João Teixeira de Macedo (que tem capella na villa de Macedo de Cavalleiros, onde é o seu morgado) foram dadas as referidas armas, por D. Affonso V, em 1472.

Outros Teixeiras usam—escudo faxado e contrafaxado de prata e púrpura, de 4 peças. O mesmo elmo e escudo.

—

Casa da Azenha—Foi fundada pelo intrepido cavalleiro Pedro Alvares de Almada, que, depois de se distinguir valorosamente no Ultramar, foi servir Henrique III, rei de França e Inglaterra, e senhor da Hybernia. Este monarcha, por carta de 2 de março de 1501, dada na sua côrte (Richemond) em recompensa dos seus serviços, não só accrescentou ao seu brazão d'Almada, uma parte determinada das armas de Portugal, metade de uma flor de liz, d'ouro e metade de uma rosa de purpura, em campo dividido de verde e prata; senão o elevou tambem á alta dignidade de cavalleiro da jarreteira.

Dona Gracia Xavier Leite d'Almada, grancruz da ordem de Santa Isabel, senhora e herdeira d'esta casa, desposou Martinho Correia de Moraes Madureira, que foi o 1.º visconde da Azenha, commendador de Christo e brigadeiro dos reaes exercitos.

Bernardo d'Almada Correia Leite de Moraes e Castro foi o 2.º visconde e 1.º conde d'Azenha, conde-commendador palatino, e commendador das ordens de Torre Espada, Conceição e Christo.

Representa hoje (1874) esta casa o sr. Ignacio Correia d'Almada, 3.º visconde e 2.º conde da Azenha.

Ficando já n'este artigo descriptas as armas dos Moraes e Madureiras, fallarei só das seguintes:

Almadas—tem por armas, em campo de oiro, uma banda asul, com duas cruzes de oiro, floreadas, vasias do centro, entre duas aguias, de púrpura, estendidas;—mas os Almadas, da casa da Azenha, trazem sobre este escudo outro, partido em pala; a 1.ª de verde, e n'ella meio lyrio de oiro, e a 2.ª de prata, e n'esta, meia flor de purpura.

Correias—trazem por armas, em campo de oiro, correias de púrpura, repassadas (tecidas) umas nas outras, e por timbre—dois braços, em aspa, armados, e atados com uma correia de púrpura, com fivela de oiro.

Os *Correias de Farelães* trazem por armas:—escudo de púrpura, e n'elle uma aguia de negro, estendida, formando-lhe o corpo um escudo, tambem de púrpura, e n'elle, correias de oiro, tecidas. Timbre, a aguia das armas.

Os *Correias*, visconde da Asseca, trazem por armas—escudo esquartelado—no 1.º quartel, campo de púrpura, com as correias tecidas, de oiro,—no 2.º as armas dos Sás, —no 3.º as dos Vellascos e Benevides,—e no 4.º as dos Silvas.

Leites — trazem por armas — em campo verde, 3 flores de liz, d'oiro, em roquete, elmo d'aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz das armas. (Outros trazem por timbre, a cruz dos Pereiras, entre duas flores de liz d'ouro.)

Castros—para as armas dos legitimos vide *Rézende*, e para as dos bastardos, vide *Cascaes*.

—

No meiado do seculo XVI, nasceu em Guimarães o famoso capitão, *Salvador Ribeiro de Sousa*.

Era um dos aventureiros portuguezes, que no principio do seculo XVII, offereciam os seus serviços aos reis dos pequenos estados em que o Indo-China n'aquella epoca se dividia.

Pelos fins do seculo XVI, passou a Arrakan, onde commandava as tropas do rei d'este paiz, que em premio dos serviços do guerreiro portuguez, lhe deu licença para fundar uma feitoria em *Sirião*.

Acompanhava Salvador Ribeiro, um sujeito de Lisboa, chamado Philippe de Brito Nicote, filho de paes francezes, que, atraiçoando o seu companheiro e o rei, marchou para a India, para que o vice-rei tomasse conta da feitoria; o que o rei veio a saber, pelo que ganhou um grande odio não só a Nicote, mas a Ribeiro e a todos os portuguezes, ordenando a expulsão d'elles de todo o seu reino.

Juntou, para isto, um exercito de 40:000 homens, e uma esquadra de 1:200 velas, com que cercou o estabelecimento portuguez. Salvador Ribeiro, com um punhado de soldados, se tinha refugiado na feitoria, mal fortificada, onde se defendeu heroicamente, e, a final, em uma surpreza nocturna, desbaratou o inimigo, obrigando-o a levantar o cêrco.

A fama do valor e façanhas de Ribeiro, chegaram ao Pegú, cujos habitantes vieram a Sirião offerecer-lhe o throno d'aquelle reino.

Ribeiro acceitou, e foi por algum tempo rei do Pegú.

Entretanto, Nicote, tendo allegado em Goa grandes serviços á corôa portugueza, conseguiu ser nomeado capitão geral da conquista do Pegú; apparecendo aqui, entregou-lhe Ribeiro a corôa que os povos lhe haviam offerecido, e se retirou a Portugal.

A vida d'este intrepido guerreiro, deu a I. P. de Moraes Sarmento assumpto para um pequeno romance, em verso, intitulado *O Massinga*, que é a antonomasia por que era conhecido Salvador Ribeiro.

> Nicote se tornou um tyranno execrado em todo o reino do Pegú, pelas suas crueldades. O rei de Ova surprehendeu em 1613, a feitoria, já então tornada fortaleza, que Nicote não soube defender, enervado pelos prazeres e sensualidades orientaes; e sendo a fortaleza entrada pelo inimigo, o rei vencedor o mandou empalar, nas ameias do forte. Seu filho, que tinha casado com a filha do rei de Matarban, foi assassinado por seu sogro; perdendo assim Portugal, pela traição e cobardia de Nicote, esta conquista, com tanta facilidade como a ganhára.

Salvador Ribeiro de Sousa, o *Massinga*, morreu em Alemquer, para onde se tinha retirado, e jaz na casa que foi do capitulo do conventinho de Santa Catharina, proximo a esta villa.

Na sua campa se poz a seguinte inscripção:

Este capitulo e sepultura é de Salvador de Souza, commendador de Christo, natural de Guimarães, a quem os naturaes do reino de Pegú elegeram por seu rei.

Tem de obrigação, missa quotidiana, conforme o contracto que fez. Pede um Padre Nosso e uma Ave Maria.

—

A casa do capitulo, onde jaz este grande homem, é hoje uma casa de despejos. Por cima da sepultura de um rei, estão arrumadas umas tábuas velhas e vigas podres, que ficaram das ultimas obras da casa.

Vide *Alemquer e o seu concelho*, pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques, publicado em 1873.

Para mais perfeito conhecimento da bio-

graphia do *Massinga*, vide o vol. 4.º do *Archivo Pittoresco*, n.º 8, pag. 62.

—

Para a admiravel escola dos surdos-mudos, de Guimarães, vide os n.ºs 4 e 5 do jornal politico *Correspondencia de Coimbra*, do anno de 1874.

—

Ha aqui uma fabrica de cutelaría, fundada em 1836, de que é proprietario o sr. José Custodio Vieira. Emprega 20 operarios, e os seus productos foram premiados nas exposições de Braga, Porto e Londres.

—

Para a devota capella de Nossa Senhora do Carmo, da Penha, vide *Gruta-Ermida*.

—

No convento da *Costa*, de Guimarães, foi creado o infeliz D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz (irmão de D. João III) e de Violante Gomes, a *Pelicana*. (Vide Crato.)

Foi depois levado para Lisboa e entregue aos insignes mestres, D. fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Jeronymo Osorio; pelo que chegou a ser um douto latino, philosopho e theologo. (Vide *Anno Historico*, vol. 2.º, pag. 591).

—

D. Payo Galvão, natural d'esta cidade, (filho de Pedro Galvão e de D. Maria Paes) foi conego regular de Santo Agostinho (crusio) e mestre em theologia pela universidade de Paris, da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Foi embaixador de Portugal, em Roma, sendo pontifice Innocencio III, por D. Sancho I, e este papa o nomeou cardeal de Santa Maria, *in septi solio*, em 1206. Em 1211, cardeal de Santa Cecilia e em 1215 elevado a cardeal albanense. Em 1218, foi enviado por Honorio III, como legado apostolico, á Terra Santa, e alguns annos depois, legado junto do imperador Frederico II. Na crusada em que foi, como legado apostolico, prestou grandes serviços, não só durante o assédio de Damietta; mas tambem na calamidade da peste, e depois, na paz que os crusados fizeram com o sultão; nos convenios com os soberanos de Chypre e Armenia.

Depois de uma vida tão agitada, e de tão assignalados serviços, retirou-se ao cenóbio do *Monte Casino*, onde falleceu no 1.º de junho de 1229, e alli jaz.

—

D. frei Soeiro Gomes, fundador da ordem dos prégadores (dominicanos) em Portugal, fundou o convento d'esta ordem em Guimarães, onde foi prelado, D. Lourenço Mendes.

Para a biographia de D. frei Soeiro Gomes, vide Monte Junto.

—

O papa João XXI, natural de Lisboa, e que antes de subir ao pontificado se chamava Pedro Gião (ou Pedro Julião, que é o mesmo) foi, por D. Affonso III, feito prior de Mafra; foi depois feito deão da Sé de Lisboa e prior de Guimarães.

Foi embaixador de Portugal ao concilio lugodunense, e ahi creado cardeal da Santa Egreja romana, em companhia de S. Boaventura e frei Pedro de Tarantaria, geral dos dominicanos.

Pela morte de Adriano V, foi elevado ao papado, e o rei de Portugal, D. Affonso III, o felicitou pela sua exaltação ao throno pontifical (1276) e pedindo-lhe então que levantasse as censuras apostolicas que pesavam sobre o reino; mas o novo papa lhe respondeu que se sujeitasse á Santa Sé, pois que sem isso o interdicto não seria levantado.

O seu pontificado apenas durou 8 mezes, fallecendo repentinamente a 19 de maio de 1277 Succedeu lhe no mesmo anno Nicolau III.

Foi João XXI o primeiro papa portuguez, isto é, o primeiro portuguez que subiu ao sólio pontificio, desde que este reino se constituiu nação independente; pois que S. Damaso, posto ser minhoto, viveu quando este paiz ainda se chamava Lusitania, e estava sujeito ao imperio romano. S. Damaso foi eleito papa em 15 de setembro de 367 e falleceu em 385.

—

Guimarães é patria de frei Estevão de S. Payo. dominico.

Em 1580, não se quiz bandear com os castelhanos, e seguiu o partido popular de D. Antonio I, pelo que foi depois preso, por or-

dem de Philippe II, e mettido em um forte carcere, em Lisboa, do qual pôde fugir com outros religiosos da sua ordem, que com elle e pelo mesmo motivo estavam presos. Fugiu para Tolosa, onde obteve o grau de doutor em theologia, vindo a ser um mestre distincto d'aquella universidade. Era um famoso latino, e para essa lingua verteu do portuguez, as vidas de S. frei Gil; de S. Gonçalo de Amarante; de S. Pedro Gonçalves; do beato frei Lourenço Mendes; de frei Payo, 1.º prior do convento de Coimbra; de frei Pedro, porteiro do convento d'Evora e de outros varões illustres em dignidades, lettras ou virtudes da sua religião dominicana.

Escreveu mais na mesma lingua, um tratado sobre o juramento e confirmação que D. Affonso Henriques fez, da celestial visão de Campo de Ourique. Todas estas obras foram impressas e publicadas em Paris, desde 1585 até 1600.

Ouvindo dizer em Tolosa, no anno de 1598, que el-rei D. Sebastião estava preso em Veneza, partiu immediatamente para esta cidade, e não podendo alcançar do senado licença para ver o preso, passou disfarçado, a Portugal, e depois de dar aquella noticia aos fidalgos portuguezes que eram patriotas, voltou para Veneza, e fez as mais fortes instancias para que o rei (verdadeiro ou supposto) fosse solto; o que finalmente conseguiu por intervenção de Henrique IV, de França, da rainha de Inglaterra e da republica de Hollanda; mas com a condição de sahir de Veneza no mesmo dia da soltura, e em tres dias do territorio da *senhoria*.

Frei Estevão levou D. Sebastião (?) para Florença, acompanhando-o sempre com a mais dedicada fidelidade; mas n'aquella cidade, o duque, faltando a todas as leis da hospitalidade, o entregou ao célebre e feroz conde de Mello, governador de Napoles, por Philippe II de Castella.

Frei Estevão, sendo preso, Philippe III o mandou assassinar, em S. Lucar de Barramêda, em 30 de agosto de 1603.

—

Aqui nasceu, em 1589, D. Agostinho Barbosa, filho de Manuel Barbosa, ambos famosissimos jurisconsultos, e ambos dignos de perpetua memoria, pelos excellentes livros que escreveram e publicaram.

O pae excedeu o filho na profundidade, e este a aquelle na vastidão. As suas obras são mais uma copiosa livraria, do que livros.

D. Agostinho Barbosa deixou impressos 21 livros, de differentes e gravissimas materias, e promptos para se imprimirem, 12; todos muitos volumosos e de grande erudição.

Em Roma e em toda a Italia, foi justamente apreciado e respeitado. Urbano III o fez thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, proto-notario apostolico, censor de livros e consultor da sagrada congregação do Index. Philippe IV o fez bispo de Ughento (Napoles), onde falleceu, no primeiro anno de governo episcopal, em 19 de novembro de 1649. Jaz na sua egreja cathedral.

Seis kilometros ao N. de Guimarães, é a *Ponte de S. João*, célebre porque—quando alguem d'estes sitios adoece, e descrê da medicina, vae, *á meia noite em ponto*, (que é a hora dos doendes) levando comsigo um padre, ou um *benzedeiro* que lhe lê os exorcismos. Concluidos elles, o doente atira da ponte abaixo com meio, ou um alqueire de milho miudo, ou painço (segundo as suas posses) e depois tres punhados de sal e rasga a fugir, *sem olhar para traz*, e muito convencido que o *pôrco sujo* (o diabo) ficará entretido a contar os grãos do milho ou painço, *per omnia sæcula sæculorum*, e deixará de molestar *a creatura*.

—

Faz-se n'esta cidade, a 10 de junho de cada anno, a festa dos pães-bentos, em cumprimento de uma promessa antiquissima, feita em occasião de grande calamidade. Vae em procissão o *andor do rôlo*, e é acompanhado pelo cabido e camara. As vellas de céra que o andor leva, são depois distribuidas pelos altares do Santissimo Sacramento, Espirito Santo e Nossa Senhora da Oliveira, todos na collegiada. Estas vellas devem conter o péso que teria o rólo necessario para cercar os muros da cidade. (Vide Alemquer, onde ha egual procissão.)

Recolhido o prestito, procede-se á benção

dos *ppães*, que são repartidos pelas auctoridadess ecclesiasticas, civis e militares e pelo povo. A procissão sahe da egreja de Santa Clara e recolhe-se na collegiada.

—

Em 24 de julho de 1861, pelas 8 horas de meia da noite, falleceu n'esta cidade, em casa de José Fernandes Guimarães (que a tinha caridosamente recolhido) Felicidade da Gloria, velha e entrevada. Viveu oito annos n'esta casa, sempre paralytica. Um anno continuo, o seu unico alimentto era uma chavena de café pela manhã, outra de tarde, sem mais nada! Um anno, succando moellas de gallinha (uma por dia) sem as engulir, 18 mezes fazendo o mesmo a cabeças ou pernas de frangos.

No tempo da fructa, succava maçans, quando ainda estavam muito verdes. Finalmente, n'aquelles 8 annos não enguliu nada sólido.. Perdeu a falla por espaço de 3 annos, e recobrou-a 18 dias antes de fallecer, não a tornando a perder até ao ultimo momento, e quasi que não proferindo mais do que louvores ao Senhor, á Santissima Virgem e aos Santos.

Emquanto não fallou, escrevia em uma lousa tudo o que queria dizer ao seu confessor, e em papel, o que queria communicar ás pessoas da sua amisade. Desde que recobrou a falla, já não escrevia, nem tinha forças pa sustentar a penna.

Teve sempre desde o seu nascimento uma vida virtuosa e exemplarissima. Soffreu com uma paciencia e resignação inalteraveis, todas as dores e incommodos dos ultimos annos da sua existencia, o que admirava e edificava todos quantos a viam. Está sepultada na egreja da Ordem Terceira de S. Domingos, d'esta cidade.

—

No dia 3 de outubro de 1873, passou por aqui um furioso cyclone, acompanhado de chuva e trovoada, que causou grandes prejuizos a casas e arvoredos. Sentiu-se tambem no mesmo dia, no Pombal, Aveiro e Coimbra.

As freguezias de S. Cosme de Lobeira e S. Torquato, nas immediações d'esta cidade, foram as que mais soffreram.

Pelos fins de 1873, falleceu no Brasil, o sr. Antonio Francisco Guimarães, natural d'esta cidade, o qual legou á Santa Casa da Misericordia de Guimarães, 143 contos de réis; e deixou alguns legados importantes, para o casamento de seis orphans, da freguezia de S. Payo; onde tinha nascido e fôra baptisado este caritativo cidadão.

—

A comarca de Guimarães é composta só do seu julgado.

O concelho é formado por 80 freguezias, todas no arcebispado de Braga. São: Airão (Santa Maria) Airão (S. João) Abação (S. Christovão) Abação (S. Thomé) Athães, Azurem, Arosa, Aldão, Brito, Balazar, Briteiros (Santa Leocadia) Briteiros (S. Salvador) Briteiros (Santo Estevão) Barco, Creixomil, Candoso (S Thiago) Candoso (S. Martinho) Calvos, Caldas (S. Miguel) Caldas (S. João) Conde, Costa, Cerzêdo, Corvite, Castellões, Caldellas, Donim, Figueiredo, Fermentões, Gondar, Gémeos, Gandarella, Guardizella, Guminhães, Goma, Gondomar, Infias, Infantas, Leitões, Lordêllo, Lobeira, Longos, Mascotéllos, Moreira dos Conegos, Mezão-Frio, Matta-Má, Nespreira, Guimarães (as 4 freguezias da cidade) Paraizo, Polvoreira, Pentieiros, Pinheiro, Pencêllo, Prazins (Santa Eufemia) Prazins (Santo Thyrso) Ponte, Rônfe, Renduffe, Oleiros, Silvares, Sêlho (*Cêlho*, S. Christovão) Sêlho (*Cêlho*, S. Jorge) Sêlho (*Cêlho*, S. Lourenço) Serzedêllo (Cerzedêllo) Souto (S. Salvador) Souto (Santa Maria) Sande (S. Martinho) Sande (S. Clemente) Sande (S. Lourenço) Villa Nova de Sande, Taboadêllo, Tagilde, Torquato (S.) Urgézes, Vermil, Visella (S. Mamede) Visella (S. Payo.)

GUIMARANTINHOS — aldeia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, freguezia de Tavares (Chans de) 24 kilometros de Viseu, 255 ao N. de Lisboa.

Estevão Mendes Cavalleiro, vendeu a quinta de *Guimarantinhos*, na terra de Tavares, aos bispos de Viseu, em 3 de julho de 1309, por *cinco forles de ouro*.

Este vendedor era conhecido pela alcunha de *Pichel*.

GUIMAREI — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros

ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757 tinha 88 fogos. Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de João Rodrigo Pereira de Lacerda e Mello, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

Ha n'esta freguezia uma casa, que pertence aos Guimareis, e outra que fez o bailio Braz Brandão.

É terra fertil. Tem gado de toda a qualidade.

GUINFÃES—vide Guifães.

GUIZANDE—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 3 a E. das Caldas de S. Jorge, 285 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Maméde.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

A egreja matriz é pequena, mas bonita e aceiada. Abbadia, que apresentava alternativamente o papa, a mitra e as religiosas de S. Bento da Ave Maria, do Porto.

Rendia 400$000 réis annuaes.

Situada em terreno muito accidentado, mas abundante de boas aguas e muito fertil nos seus pequenos valles.

Tem uma capella dedicada a Santo Ovidio, onde se fazem tres festas no anno, muito concorridas.

A quem tiver padecimento nos ouvidos, tem (segundo a crença da gente d'aqui) um optimo remedio. É furtar uma *telha* e leval-a de presente a este santo; fica logo bom e a ouvir perfeitamente.

É medicamento muito experimentado e approvado pela gente da *terra da Feira.*

A *telha* ha de ser furtada, senão não o vale.

Guizando, é nome proprio de homem.

Ha n'esta freguezia a capella da *Senhora da Boa Fortuna* e junto a ella se faz uma feira (nova) de varios generos, e, sobbretudo, de gado cavallar, bovino e suino, muito concorrida, e com premios para os mais esmerados expositores. Estes premios são dados pela camara da Feira. Chama-se o mesmo a feira da *Bôa Fortuna.*

GUIZANDE—freguezia, Minho, comarca concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia. (Vide Braga e Lomar.)

O reitor de Lomar apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

GULÃES—vide Golães.

GULFAR ou **GOLFAR**—concelho extincto, Beira Alta, é hoje concelho de Satão, cuja capital é a *Villa da Egreja;* comarca e 18 kilometros de Viseu, 290 ao N. de Lisboa.

O concelho de Satão é formado do d'este nome, do de Gulfar e do de Ferreira de Aves.

Em Gulfar nasce a ribeira do seu nome, que entra na direita do Vouga.

D. Diniz deu foral a Gulfar (então villa) em Lisboa, a 6 de junho de 1315.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 29 de abril de 1514.

GULPILHARES—vide Golpelhares.

GUNDEZENDO—vide Gondezendo.

GUNDIFÉLLOS—vide Gondeféllos.

H

HABUDO—portuguez antigo, *tido, havido.*

HARAMENHA—vide Aramenha.

HAZ—portuguez antigo, batalha ordenada—exercito posto em campo. Hoje é mais usada na Hespanha do que em Portugal.

HEGIRA—posto que a paginas 42 e 43 d'este volume, já fallei em *hegira,* julgo dever dar mais as seguintes explicações.

Mafoma pretendeu acclamar-se senhor de Méca, contra os orachitas, seus parentes; mas, falhando a sua tentativa, teve de fugir, na noite de 15 para 16 de julho de 622 de Jesus Christo. (Note-se que os arabes não contam—como as mais nações—o espaço de 24 horas, por *dias,* mas sim por *noutes.* O dia d'elles tem principio e fim á meia noite; e quando querem designar uma data, não dizem *no dia tantos,* mas, *na noite de tantos.*)

O anno arabe pois, começa á meia noite do dia 15 de julho de cada anno christão. Esta data é muito necessaria em Portugal, por causa dos documentos arabes que existem do tempo d'elles, por um espaço de mais de 500 annos (desde 715 até 1250) para não cahirmos em anachronismos, em que bons escriptores têem tropeçado.

Advirto que o anno arabe não é *solar* e nada tem com este astro (o sol), mas lunar, e totalmente depende do curso da lua; de modo que 12 luas formam um anno arabe, composto de 12 mezes; dos quaes—6, têem 30 dias, e os outros 6, 29—alternando-se um de 30 a um de 29, excepto no anno *embolimeo,* em que o ultimo mez tambem tem 30 dias.

Ao *mez* dão os arabes em umas partes o nome de *rabia* e em outras o de *molud.*

Os mezes têem a seguinte denominação:

EM PORTUGUEZ	EM ARABE	DIAS	OBSERVAÇÕES
Janeiro	Al-muarão	30	Pronuncia-se *Al-muára.* É o oitavo mez arabe.
Fevereiro	Saphar	29	É o nono mez.
Março	Rabia 1.º	30	É o decimo.
Abril	Rabia 2.º	29	É o decimo primeiro.
Maio	Jomada 1.º	30	Pronuncia-se *Chobé* ou *Giumé.* É o decimo segundo e ltimo.
Junho	Jomada 2.º	29	Idem. É o primeiro mez arabe.
Julho	Rajab	30	Pronuncia-se *Raguel.* É o segundo mez arabe.
Agosto	Shaban	29	Pronuncia-se *Chavão.* É o terceiro mez.
Septembro	Ramadan	30	É a quaresma arabe, e o seu quarto mez.
Outubro	Shaaval	29	Pronuncia-se *Chavel.* É o seu quinto mez.
Novembro	Dulcandath	30	Pronuncia-se *Dulquida.* É o sexto mez.
Dezembro	Dulhegia	29	Pronuncia-se *Dulqueia* (no *embolimeo* tem 30 dias). É o setimo mez.

Do que fica exposto se vê que sendo o anno arabe mais pequeno 11 dias do que o nosso, é hoje complicada a conta para reduzir uma data arabe á actual christan.

Como é extensa a explicação que ensina a fazer esta operação, o que desejar sabel-a, veja as *Memorias de Braga*, de D. J. C. d'Argote, tom. 4.º, cap. 1.º do liv. 5, pag. 37.

HERALDOS ou **ARAUTOS, REIS D'ARMAS** e **PASSAVANTES** — o que eram.

Reis d'Armas

Os reis de Portugal tiveram sempre grande empenho em conservar a nobreza do reino, não consentindo que os fidalgos casassem sem seu consentimento, e tratando da conservação dos appellidos, titulos de nobreza e brazões d'armas.

A mais antiga providencia que se encontra sobre este objecto, é a construção da *Gallité*, (galleria) no mosteiro de Pombeiro, na abobada da qual estavam esculpidos por sua ordem todos os escudos d'armas da nobreza antiga de Portugal.

Por muitos annos era alli que se hiam tirar duvidas sobre nobiliarchia; mas, como este mosteiro era muito antigo (havia sido fundado em 900) a *Gallité* veio a terra no seculo XVI, e hoje só d'esse *salão* restam memorias escriptas.

D. Fernando I mandou fazer para a sua capella um paramento mui rico de borcado, em que se viam bordadas a ouro e aljofares, as armas dos fidalgos portuguezes.

Infelizmente esta raridade (e outras muitas) perdeu-se em 1755, sepultando-a o terramoto debaixo das ruinas do paço.

Todos sabem que nas guerras da independencia, que Portugal teve de sustentar contra Castella, pela morte do dito rei D. Fernando, muitos fidalgos portuguezes renegaram a sua patria e tomaram o partido de D. João I de Castella, contra D. João I de Portugal. A estes condemnou o bom *Mestre de Aviz*, desnaturalisando-os e confiscando-lhes seus bens.

Ninguem tambem ignora que todos os populares foram fieis ao seu rei e á sua patria, obrando em toda a porte prodigios de valor em defeza da causa sagrada da liberdade d'esta terra e do seu adorado rei, o mais populár e dos melhores que temos tido. A estes *populares* assim nobilitados pelos seus actos de lealdade e valor, concedeu o rei portuguez muitos premios e aos que d'entre elles mais se distinguiram concedeu fóros de nobreza e deu brazões d'armas.

Mas d'isto resultou grande confusão heraldica, tomando os novos fidalgos as armas que lhes pareceu e muito a seu belloo prazer.

D. João I, querendo pôr côbro a esta desordem, e por conselhos de sua espossa, D. Philippa de Lencastre e de seu sogro, João de Gand, duque de Lencastre, adoptou a instituição ingleza de reis d'armas.

Estes foram incumbidos da formação de livros em que estivessem escriptos todos os fidalgos e pintados os brazões e divisas pertencentes a cada um.

D. Manuel reformou e melhorou esta instituição, encarregando Antonio Rodrigues, seu rei-d'armas, d'hir por essa Europa adiante estudar as obrigações do seu carggo; e emquanto Rodrigues andava n'estas *utilissimas* diligencias e investigações, o rei mandou por todo o reino examinar as sepulturas que tinham brazões e copial'as exactamente.

Colligidos estes desenho e recolhiddos ao reino Antonio Rodrigues, com o que pôde obter, decretou o rei novo regimento para os reis-d'armas, e mandou fazer um livro com todos os brazões de nobreza do reino, illuminados.

Não se contentando com isto, construiu no paço real de Cintra um vasto salão, no tecto do qual mandou pintar, em torno das armas reaes e dos escudos de seus filhos, 74 brazões de familias nobres que foram os que couberam no tecto.

Pelo novo regimento foram assim classificados os officiaes da armaria:

Tres *reis d'armas*, trez *arautos* e tres *passavantes*.

Os *reis-d'armas* denominados *Portugal Algarve* e *India*. Os arautos com os nomes das capitaes d'estes trez reinos (*Lisboa*, *Sil-*

ves, Gôa) e os passavantes chamados *Santarem, Lagos* e *Cochim.*

Aos *reis d'armas* incumbia ter cada um o seu livro do respectivo reino, para registo de todas as familias nobres, assentos de casamentos e nascimentos, com os brazões e arvores genealogices de cada familia. Vigiar que os fidalgos não usassem de brazões que lhes não pertencessem (para o que os reis d'armas deviam visitar o seu reino de dois em dois annos.) Tomar lembrança de todos os feitos d'armas, torneios, reptos e desafios em que os fidalgos se distinguissem.

Estudar a *sciencia heraldica* e determinar os escudos d'armas *timbres* e insignias que que deviam usar as pessoas a quem o rei concedia de novo titulos de nobreza e assignar e registar as cartas de taes nomeações.

Assistia nos actos solemnes e publicos onde estava o rei, como nas acclamações, reunião de côrtes, entradas solemnes das cidades, etc.

Á ceremonia da investidura do officio de rei d'armas, se chamava *baptismo.*

Ainda existem presentemente e com os mesmos nomes estes officiaes; mas hoje só servem para acompanharem o rei nas grandes solemnidades, hindo na frente do prestito com as suas insignias sobre as cotas (que são de seda encarnada, do feitio de uma dalmatica e bordados a ouro.) A insignia dos reis d'armas é um collar com as armas do reino de que tem o nome.

Tambem ainda lhes compete compôr e designar os brazões que devem usar as pessoas a quem o rei *faz a graça* de conceder essa honra.

Ja se sabe, cada rei d'armas só governa no seu *reino.* Já não se baptisam.

Heraldos ou Arautos

Na Grecia desempanhavam as funcções a que este cargo obrigava depois na Europa, uns individuos denominados *caduceatur* (proveniente da divisa que os distinguia, que era um *caduceu.*)

Os romanos tomaram dos gregos este cargo, mas chamavam aos que os exerciam *fetiales,* e, em logar de *caducens,* levavam na dextra, quando hiam em serviço, um ramo de certa planta chamada *Sagueina.*

Com a queda d'estes dois imperios lá foram por agua abaixo os *caduceatur* e os *fetiales;* mas decorridos muitos annos, Carlos Magno, fundando o novo imperio romano, fez reviver o cargo de *fetiales,* dando-lhe porem o nome de *herold,* segundo uns (e que na lingua germanica quer dizer *homem d'armas*) e de *heráos,* segundo outros (e que é derivação da palavra latina *heros*—heroe.)

Os inglezes (de quem herdamos os *arautos* e *reis d'armas*) e que haviam adoptado este emprego dos allemães, lhes chamavam *heralde.* É pois d'esta palavra que nós fizemos heraldo e *arauto,* e foi tambem D. João I, que os creou em Portugal, quando fez os *reis d'armas.*

É tambem de *herald* que se deriva a palavra *heraldica.*

Os arautos serviam de embaixadores e parlamentarios. Davam parte ao inimigo da terminação das treguas; faziam as declarações de guerra, etc, acompanhando as tropas junto ao estandarte real, e, finalmente, faziam serviço de officiaes de cavallaria.

Nos combates subiam a uma eminencia para notar os que mais se distinguiam e participal'o ao rei. Depois da batalha levantavam e recolhiam as bandeiras que achavam no campo; contavam os mortos; tratavam da troca dos prisiôneiros, presidiam á distribuição dos despojos e das recompensas. Intimava as praças d'armas e fortalezas para que se rendessem; proclamavam pelo seu reino as victorias obtidas e hiam participal'as aos soberanos amigos.

Annunciavam tambem aos justas, torneios e desafios, convidando as pessoas que ahi deviam comparecer. Marcavam o campo do combate e animavam os justadores, dando-lhe o signal de começo. Por este serviço recebiam uma gratificação paga pelos contendores, maior se combatiam com lança, menor se era com espada.

Tambem á investidura d'este cargo se chamava *baptismo.* Ninguem podia ser *arauto,* sem haver sido sete annos *passavante.*

Ainda existem em Portugal os arautos, cujas funcções actuaes são, pouco mais ou menos como as dos *reis d'armas*. Nas acclamações vem a uma janella e gritam « — Real, real, por D. Fulano, rei de Portugal» Tambem annunciam a morte dos reis.

As *cotas* dos *arautos* são como as dos reis d'armas, mas não teem collar: trazem o brazão do seu reino (sem corôa) preso ao peito.

Já não são *baptisados*.

Passavantes

É inferior ao *arauto* e este ao rei d'armas. Quer dizer *passa adiante*.

Deu-se lhe este nome, porque é uma especie de aspirante ou aprendiz d'arauto. Depois de ser sete annos *passavante*, passa a arauto, assim como este, no fim de egual prazo, passa a rei d'armas.

Suppõe-se que este cargo tambem teve origem durante o imperio de Carlos Magno. Em Portugal foi tambem introduzido por D. João I, quando creou os *reis d'armas* e *arautos*.

As obrigações dos *passavantes* eram: estudar tudo quanto pertencia aos arautos e *reis d'armas*, para a seu tempo desempenharem estes logares com proficiencia, e seguirem a côrte em todas as suas solemnidades, ao lado dos *reis d'armas* e *arautos*, e a estes nas diligencias que tivessem a desempenhar dentro ou fóra do reino.

Tinham tambem a obrigação especial de andarem pelo reino, de terra em terra, observando os usos e costumes dos povos, e do que vissem dar conta ao rei.

É por isso que muitos tambem sustentam que o nome lhes vem d'esta circumstancia.

Já disse que os *passavantes* se denominavam Santarem, Lagos e Cochim. Obedeciam aos *arautos* e *reis d'armas* do seu reino.

As ceremonias da sua *investidura* deixou de existir como as dos *reis d'armas* e *arautos*, deixando tambem de ser *baptisados*. Uma simples carta regia as substituiu e é o seu unico diploma.

Hoje a sua unica obrigação, é comparecerem nas solemnidades da côrte ao lado dos seus *arautos* e *reis d'armas* respectivos.

Já se vê que estes tres empregos são actualmente de mera ostentação e portanto completamente inuteis.

HERDADE — casal, quinta, villa, granja, casa de campo, aldeia, etc., que alguem *herdou*. No Alemtejo, herdade, granja, casal e monte, são sinonymos. Hoje dá-se o nome de *herdade* á mesma propriedade a que se chama *granja*, de que é sinonymo. Vide *Granja* e *Villa*.

HERDADE D'ALGÊDA — Na estrada que segue da mina de cobre, da serra da *Caveira* para a aldeia dos *Barros*, no Alemtejo, a uns 200 metros, existe um dolmen, grande, e bem conservado. Consiste em 8 grandes lagens cravadas verticalmente no solo, e formando um circulo de uns 4 metros de diametro.

Proximo á mesma herdade (ou monte) de Algêda, ha outro dolmen, mais pequeno do que o antecedente, e já não tem *mêsa* (a pedra que cobre horisontalmente as lagens perpendiculares). Tinha nove *esteios* ou lagens, mas já lhe falta um: os que existem, em consequencia das escavações que se lhes têem feito, estão deslocados da sua posição primittiva.

A ONO. do dolmen, jaz, deitada no chão, uma grande lagem de 2,^{m} de comprido e um de largo. É provavelmente a mêsa (ou parte d'ella) que completava este monumento.

O escriptor de quem copiei isto, suppõe (e eu tambem) que estes dois dolmens, não são mais do que um, cujos esclarecimentos lhe foram remettidos por dois differentes individuos.

HERDADE DA MURTEIRA DE BAIXO — Alemtejo, concelho d'Evora, a 500 metros de distancia do monte da Murteira.

Ha aqui um dolmen, com dois metros de altura fóra da terra. Só tem de pé 3 esteios, e outros tres deitados, dentro do seu ambito.

HERDADE DA TISNADA — Alemtejo, na freguezia da Torre da Coelheira, concelho d'Evora, d'onde dista 14 kilometros ao SE.

Ha aqui um dolmen desmantelado, tendo-

lhe sido roubada a pedra superior (a mesa).

HEREIRA—(que é como se devia escrever) vide Eireira.

HERMÊLLO—vide Ermêllo.

HERMENHO e **HERMINIO**—no portuguez antigo significava *aspero, duro, intratavel.* D'aqui os montes Herminios, grande e pequeno, (o Grande Herminio ou Herminio Maior é a Serra da Estrella, e o Pequeno Herminio ou Herminio Menor é a Serra de Marvão, a que alguns tambem chamam Serra d'Aramenha.)

A qualquer d'estas duas serras (Estrella e Marvão) é bem applicado o nome de aspero, rude, duro e intratavel; e tambem o era aos seus habitantes (os *pesures*) que eram os mais ferozes e rudes de todos os lusitanos; mas bravissimos, e os que mais estragos causaram aos romanos. Viriato (o antigo) era *pesure.*

HERMIDA—vide Ermida.

HERMÍNIO MAIOR—vide Estrella (serra da) e Hermenho.

HERMÍNIO MENOR—vide Aramenha e Marvão.

HERMITAGIO—ermida, sanctuario, capella, ou casa de oração, fundada em *êrmo* e solitario. Em 1285 emprazou o mosteiro de Vairão, certos casaes, e a *hermida ou hermitagio* de Santa Maria Magdalena «*que est in Castro de Boi.*»

No bispado de Castello Branco, foi célebre o *hermitagio* de S. Pedro, de Villa Correa (quando ainda era bispado da Guarda.)

Em 1388, emprazaram os conegos da Guarda *todos os direitos* que ao cabido pertenciam, do dito *hermitagio*, e em 1450, D. Luiz, bispo da Guarda e o seu cabido, arrendaram a Gonçalo Affonso, conego da Guarda, o mesmo *hermitagio, vinhas, hulivais, figueiredos, terras, cháos, casas, hortas e todalas outras cousas, com foro e pensom annual de 3 arrobas de cêra bôa e recebonda (de receber) 36 alqueires de bôos e recebondos figos passados, pelo pêso e medida d'esta cidad,* (Guarda) *e 18 libras de moeda antiga.*

Em 1483, emprazou a camara de Coimbra o *hermitagio* de Santa Comba, com sua *clasta*, casas e oliveiras, etc.

HERVOEIRA—portuguez antigo, mulher prostituida, marafona, meretriz, etc., que se vende ao primeiro vindo, onde quer que fôr; ainda que seja em um matto, deveza ou relva. D'aqui, *filho das hervas.* Mas, tome-se sentido, *filho das hervas*, não significa o filho bastardo, de pae conhecido; mas aquelle a que não é possivel designar o pae, por a mãe ser de todos.

HESTER—vide Parada de Esther.

HIRIVAR—portuguez antigo, derribar, arrazar, deitar por terra. «Entonces D. Gomes, que era mui sonhudo, fijo (fez) hirivar em terra aquella Igreja; que era fundaçon de saa avoenga.» (Documento da Torre do Tombo.) Vide Lobrigos e Santa Martha de Penaguião.

HISN-KASTALA—nome que os arabes poseram á antiga villa de Cacella, no Algarve.

HOMEM—rio, Minho. Nasce na *Portella do Homem* (em frente de Lóbios, na Galliza) proximo á *Volta do Côvo.* É pobre d'aguas no verão, mas crescido, furioso e arrebatado no inverno; porque recebe muitas aguas que descem do *Gerez*, e principalmente as de *Lamas d'Homem* (d'onde o rio toma o nome. (Vide Lamas d'Homem.)

Junta-se ao *Cávado* no *Vau do Bico*, onde se concluiu em 1870 a construcção de uma das mais bellas e extensas pontes feitas no seculo XIX em Portugal. Foi edificada alguns metros acima da confluencia (por causa da solidez do terreno) vindo portanto a passar sobre os dois rios (Homem e Cávado) antes de se juntarem. (Vide Bico e Cávado.

As aguas do Homem, correndo turbulentas e arrebatadas por mais de 30 kilometros, já apertadas entre penhascos, já espraiando-se por ferteis e formosas veigas, vão, juntas com as do Cávado, morrer no Oceano, em Fão.

Quando o Homem passa á freguezia de Cibões (proximo á de S. Payo da Carvalheira) se some, na distancia de uns 80 metros, por um *tunnell* natural. Nas grandes enchentes, espadana furioso, arremeçando-se aos ares, em novêllos frementes e atroadores e precipitando-se no abysmo com me-

donho estridor. A este *tunnell* ou *sorvedouro* se dá o nome de *Pontido*, ou *Rio Sêcco*.

Cria muito e saborosissimo peixe, principalmente as deliciosas *trutas*, que cosidas em calda de vinagre, ou mettidas em neve, se mandam como um precioso mimo (e é) para terras muito distantes.

Um dos affluentes d'este rio, é o ribeiro que nasce no *Chão da Fonte* (um dos mais altos pincaros do Gerez) e que fórma uma magestosa catarata, que se precipita com medonho estridor no *Pôço da Moura*. (Vide Chão da Fonte.

A estrada da Geira (via militar romana) corta muitas vezes o rio Homem. (Vide Geira.)

Abaixo da Portella do Homem, sobre a margem esquerda d'este rio, se ostenta orgulhoso um rochedo de grande altura, em sitios quàsi perpendicular, parecendo de longe um castello formidavel, com suas *almenáras*, *adarves* e ameias.

HONRA ou **ONRA**—senhorio dado pelo rei, em recompensa de grandes serviços, ou brilhantes actos de coragem.

Compunha-se de um numero indeterminado de aldeias e casaes, ou de uma mesma freguezia, ou de diversas.

Tambem ás vezes, uma freguezia inteira era elevada á cathegoria de *honra*.

Os conventos, de ambos os sexos, tinham tambem muitas d'estas *honras*, mas era mais commum terem *coutos*.

As *honras* gosavam muitos privilegios, que o marquez do Pombal cerceou e a constituição de 1820 extinguiu.

As *honras* são muito antigas em Portugal, pois já as havia no tempo dos godos. El-rei D. Diniz lhe deu uma organisação mais uniforme em 1315.

—

Os dois Affonsos, 2.º e 3.º e D. Diniz, fizeram tirar rigorosas inquirições sobre o *feito das honras*, e vendo-se que a maior parte d'ellas eram abusivamente adquiridas, foram estas supprimidas, ficando as terras *devassadas*. No reinado de D. José I, ficou isto sendo um mero titulo honorifico, isto é, alguns fidalgos intitulavam-se *senhores da honra de tal* (que já não existia) e nada já alli tinham, ou apenas alguns fóros, mas nenhum terreno.

Amadígo, tambem era uma especie d'honra. Vide Amadigo.

HONRA DE SOBRADO—vide *Sobrado*, villa, Douro, capital do concelho de Castello de Paiva.

HORTA—freguezia, Beira Alta, antigamente comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, hoje comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 50 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago O Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, aa 15 de dezembro de 1512.

O chantre da Sé de Lamego apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

HORTA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 135 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A collegiada da Torre de Moncorvo apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

A freguezia de Vide tem andado annexa a esta.

HOSPITALEIROS—vide *Ordens Militares* e *Crato*.

HOSTE ou **OSTE**—exercito posto em campo contra o inimigo. D'aqui, *hostilidade*. Vem do verbo latino, *hostire*, que antigamente significava ferir. Tambem nos seculos XIII e XIV se tomava por *alistamento*, *recrutas*, etc. (portuguez antigo.)

HU—portuguez antigo (derivado do celta *oú*, *onde*.)

HUCHA—arca, cofre, armario. Tambem se escrevia, *ucha*. Vem do francez *huche*, ou do inglez *hutch*, arca (portuguez antigo.)

HUM—portuguez antigo, onde. Muito usado no seculo XV.

HYCHARÍA—Ucharia real. (hoje *Ucharía*.)

I

IAGO-YAGO—o mesmo que Thiago, Jacob, Jacobo, Jácome, Jaques Jaco, Iakoube Diogo, etc.

IANA—nome porque os arabes tambem designavam o rio Guadiana; mas, mais commumente diziam, *Uadi-Ana*. (Vide Guadiana.)

ICHA-CORVOS—portuguez antigo, impostor, enganador, ocioso, comilão, etc. Dava-se este nome mais vulgarmente aos que pediam para os santos e lhe comiam as esmolas.

IDÃES—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Barrosas, até 1855, e desde então comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros ao E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 216 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primaciapal apresentava o abbade, que tinha 480$000 réis

IDANHA NOVA—villa, cabeça de comarca e de concelho, Beira Baixa, 30 kilometros a E. de Castello Branco, 70 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 800 fogos, 3:200 almas, no concelho 4:000 fogos, na comarca 6:200.

Em 1757 na villa e freguezia 551 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis annuaes.

Feira a 13 de dezembro, 3 dias.

Situada em um alto bastante aspero, cercada de muros, com um castello, feitos por D. Galdim Paes, grão-mestre da Ordem dos Templarios, em 1187.

Em 1206, D. Sancho doou esta villa aos templarios, sendo seu mestre D. Fernando Dias. Já então o rei lhe dá o nome de villa. D. Affonso II, confirmando esta doação, em 1218, em Santarem, dá a ambas as Idanhas o titulo de villas.

É banhada pelo rio *Ponsul*, que a reduz a Peninsula, tendo aqui uma antiga e formosa ponte, além de outras menores.

Tem um convento de frades franciscanos da provincia da Piedade (de Santo Antonio) ao qual lançou a primeira pedra, fr. Custodio da Guarda, a 2 de setembro de 1630. É nos suburbios.

Esta villa teve principio quando se fez o castello, em roda do qual se foram fazendo varias habitações. D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Deu-se-lhe o nome de *Idanha Nova*, em memoria da antiquissima cidade de *Egiditania* ou *Egitania*, hoje *Idanha Velha*, 13 kilometros a O. d'esta.

Foi commendador de Idanha e da Azinhaga, governador da casa do civel e capitão de Tanger, D. Rodrigo de Menezes, da casa dos condes de Tarouca. Era natural de Lisboa.

Tem Misericordia e hospital e sete ermidas. Tambem passa perto a ribeira *Alpreada*, atravessada por algumas pontes de pedra.

O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, natural d'esta villa, a dotou com uma escolhida bibliotheca de 600 volumes.

Em março de 1874, foram registadas na camara municipal de Idanha Nova, tres minas de chumbo, duas de chumbo argentife-

ro, duas de galena de chumbo, uma de chumbo e ferro e uma de ferro, manganez e outros metaes.

Seu territorio é fertil em cereaes, legumes, algum azeite e vinho e muito gado e caça. Tem por brazão d'armas, a esphera armilar de D. Manuel, que foi o que lh'as deu.

A comarca de Idanha Nova é composta do seu julgado, com 4:000 fogos, e do de Penamacor, com 2:200.

O seu concelho comprehende 15 freguezias, todas no bispado de Castello Branco, São:

Alcafozes, Aldeia de Santa Margarida, Idanha Nova, Idanha Velha, Ladoeiro (ou Lodoeiro) Medelim, S. Miguel de Acha, Monsanto, Olêdo, Penha García, Proença Velha, Rosmaninhal, Salvaterra do Extremo, Segúra, Zebreira.

IDANHA VELHA — villa, Beira Baixa, comarca e concelho d'Idanha Nova, da qual dista 13 kilometros a O. 40 a E. de Castello Branco, 63 da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 50 fogos, 200 almas.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Situada em terreno accidentado, proximo ao rio Alpreada, onde tem uma antiga ponte. A mesa da consciencia e ordens apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Era uma da mais antigas cidades da Lusitania, atribuindo-se a sua fundação aos turdulos, uns 500 annos antes de Jesus Christo.

Foi destruida por varias vezes durante as longas e encarniçadas guerrras que a Lusitania sustentou contra os romanos. Dominados por fim os valorosos lusitanos pelas aguias do imperio, os romanos reedificaram esta cidade uns 30 annos antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Igaedita Egitania*, ou *Egiditania*.

(Alguns tambem lhes dão o nome de Hircania.) E em um documento de S. Vicente de Fora (Lisboa) de 1290 (1252) se lhe dá o nome de Eydaia. Consta d'esse documento que era então cidade episcopal.

(Ignora-se qual foi o seu primeiro nome.) Os romanos lhe concederam grandes honras e preeminencia, fazendo-a muuicipiio do antigo direito latino.

Era uma das mais vastas, nobres e opulentas cidades da Lusitania.

Dizem alguns que aqui prégou o Evaangelho o apostolo S. Paulo, em 64, o que é muito inverosimil.

Foi destruida pelos suevos, em 4220. Os godos a reedificaram, poucos annos deepois, e, se não tornou a ser a florescentisssima cidade romana, readequiriu grande parte da sua importancia, pois em 534 foii elevada a cidade episcopal, sendo seu primeiro bispo *Pamerio*. Teve nove bispos no tempo dos godos, que foram:

1.º *Pamerio* (que governou o bispaddo 25 annos) — 2.º *Audencio* (que em 569 asssistiu ao concilio de Lugo)—3.º *Adorio*, ou *Addorico* (que em 572 assistiu ao concilio brachaarense) — 4.º *Licerio* — 5.º *Metensio* — 6.º *AArmenio* — 7.º *Selva* — 8º *Monefonso* — 9.º *Agecindo*, ou *Aregesindo* (que em 693. tinhaa assistido ao XVI concilio de Toledo.

Era este o bispo d'Egitania quanddo os árabes invadiram a Lusitania em 715;; que depois de saquearem esta cidade a reeduziram a um montão de ruinas, consuminndo o ferro e o fogo toda a sua grandeza e foormosura.

O bispado egitanense era um dos maiiores da Lusitania, pois, segundo a divisão dos bispados feita por Wamba, rei dos ggodos (quasi todos os historiadores dão comoo natural d'aqui) no consilio XI de Toledo, em 675, tinha 40 leguas de comprido e 2:20 de largo (Para tudo quanto pertencer ao bibispado, que aqui se não ache, vide Guarrda e Penamacor.)

A egreja que serviu de cathedral, é a actual matriz d'Idanha Velha, templo veneerando, de 3 naves.

Suppondo eu com fundamentos que e julgo attendiveis, que Wamba nasceu em a Egitania, darei um breve resumo da sua vida.

Wamba nasceu pelos annos 630. Erara um varão illustrado e virtuoso.

Posto descender do rei godo Flavio Gundemario por ser muito rico, era tão pouco

ambicioso, que nunca se envolvera em intrigas politicas e occupava-se em cultivar as suas vastas propriedades.

Em 672, morreu o rei godo Recesvindo, deixando por unico herdeiro Theodofredo, ainda na infancia. Os senhores godos, temendo, com razão, as desordens que uma longa regencia occasionaria e como julgavam (com mais acerto do que nós hoje) que as bôas qualidades, e não o sangue, é que fazem os bons reis, elegaram Wamba, que nesse mesmo anno foi coroado em Toledo, com grandes festas e ceremonias magnificas

Ainda havia pouco que era rei, quando os navarros e outros povos do norte das Hespanhas se revolucionaram; mas Wamba os fez entrar na ordem, á força d'armas, obrando então actos de grande coragem.

Em 676, uma poderosa armada africana infestava as nossas costas.

Wamba a derrota e aniquila, e seus navios foram incendiados nos portos, onde esperavam captivos e despojos.

Wamba, depois de reinar dés annos, abdicou (em 682) voluntariamente a corôa em *Ervigo*, que tinha adoptado, o qual se tinha distinguido na guerra contra os africanos, pelo seu valor, e nos concilios pela sua inteligencia (Note-se que esses concilios eram uma especie de *junta dos tres estados.*)

Ervigo só reinou 5 annos, morrendo em 687 e succedendo-lhe Egica, seu genro, e sobrinho de Wamba. Este depois de abdicar *cortou o cabello* (o que era grande acto de humiliação para os godos, e impedimento para subir ao throno) e se metteu em um convento, onde morreu com fama de santo.

Sabe-se que Wamba se fez frade em um convento então da Lusitania, mas ingnora-se em qual.

Na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros (concelho de Guimarães) houve em tempos remotos, um convento de frades bentos. Contiguo á porta da matriz da freguezia, que era a egreja do tal convento (de que não ha vestigios) está uma sepultura de pedra, fechada com grades e coberta com telhado, que se diz ser a sepultura de S. Wamba, que foi abbade d'este mosteiro. Ha quem diga (mas não eu) que é o mesmo rei que aqui professou e morreu.

É verdade que *Wamba* se fez religioso benedictino, mas foi no mosteiro d'Arlança, na Hespanha, onde morreu. Sendo rei D. Affonso, o sabio, foi *Wamba* trasladado para a egreja de Santa Leocadia, de Toledo (em 1284) e ali jaz. Tomou parte na trasladação dos restos mortaes de *Wamba*, o nosso portuguez D. João Martins, frade menor da ordem seráphica, que então era bispo de Cadix, d'onde o papa Nicolau 3.º o transferiu para a Sé da Guarda.

Aqui, pelas suas grandes virtudes, o cognominaram *de bôa memoria*. Morreu em março de 1301.

Aqui perto existiu a antiga cidade de *Citania*, e é por isso que alguns dizem que *Wamba* era natural d'aqui, e que n'este sitio era a Egitania dos romanos e não onde hoje é a Idanha Velha.

Tambem alguns dizem que S. Damaso, papa, era natural de Idanha a Velha (Egitania) e não de Guimarães, outros querem que elle nascesse em Citania.

Ora vão lá deslindar a confusão que a semelhança d'estes dois nomes (*Citania* e *Egitania*) tem causado!

Todavia, os escriptores mais acreditados dizem que *Egitania* é uma cidade e *Citania* outra. Que *Wamba* era da primeira e S. Damaso da segunda. (Vide Briteiros, Santa Leocadia e Briteiros, Nossa Senhora da Piedade, Citania e Guimarães.) João de Barros nas *Antiguidades de Braga*, diz que S. Damaso nasceu em *Pedralva*.

Não se sabe em que anno morreu *Wamba*.

—

Ervigo, a que muitos escriptores dão o nome d'*Ervigio*, guarneceu Egitania de fortes muros, em 686, em memoria de *Wamba*. D'estas muralhas não ha vestigios.

Os árabes tornaram a reconstruir a cidade d'Egitania, pelos fins do seculo VIII e parece que foram elles que, não lhe *chegando a lingua* para dizerem Egitania ou Egeditania, lhe chamavam *Eydaia*, ou *Idanha*; e assim ficou.

As continuas guerras entre mouros e christãos, causaram ainda outra vez a ruina d'E-

gitania, de modo que no reinado de D. Affonso I estava deserta. Este rei e seu filho, D. Sancho I, a 2 das kalendas de dezembro da era de 1203 (1165) a doaram aos templarios

D. Gualdim Paes lhe fez um castello e reedificou as muralhas; mas a desgraça da Egitania tornou ainda a cahir em poder dos mouros, que a tornaram a destruir, arrazando-lhe o castello, sem d'elle deixarem vestigios D. Sancho I, a resgatou do poder agareno, a 20 de outubro de 1206, tornando a dal'a aos templarios (que d'esta vez, parece que não lhe fizeram obra nenhuma de defeza, nem tomaram conta d'ella. (Ainda pela ultima vez!) os a mouros acabaram d'arrazar; mas a abandonaram. D. Sancho II a reedificou e povoou, em 1229, dando-lhe o foral da Guarda (que tinha grandes privilegios) em abril d'esse anno. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no primeiro de junho de 1510. (No mesmo dia, mez e anno que o deu a Idanha Nova.)

Debalde, porém, os nossos reis tentaram povoar esta villa.

Tantas vezes tinha sido reedificada e arrazada, que parecia uma povoação maldicta, e ninguem para lá queria hir!

Em 1240, achando-se de *fogo morto* todo o territorio de Idanha Velha, mandou D. Sancho II (a 10 de março d'esse anno) *que fosse todo povoado até ao ultimo dia do proximo maio, sob pena de perderem o que seu fosse, os que o não viessem póvoar* (já se sabe, os que aqui tivessem propriedades, ou seus herdeiros).

Segundo Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, a marcha das coisas de Idanha Velha, varia alguma coisa dos outros escriptores. Segundo elle: D. Affonso I deu-a aos templarios (e tambem Monsanto) em 1165; mas, não podendo elles então preencher as condições da doação (povoação e reedificação) continuou a ser da corôa até que, em 1194, D. Sancho I deu principio á sua povoação, intitulando-a cidade, e dando-a de novo aos freires do templo, sendo então seu mestre D. Lopo Fernandes.

Doou-a o rei á Ordem, *jure hereditario in perpetuum*, com todos os direitos reaes; mas os templarios cederam então ao rei os castellos de *Mogatorio* (Mogadouro) e *Penis-Rubis* (Penas Royas).

Já vimos em Idanha Nova, que, quando D. Affonso II confirmou em 1218 as doações das duas Idanhas aos templarios, lhes dá (a ambas) o titulo de *villas*.

Estou persuadido que desde 715, não o tornaram a haver bispos em Idanha Velha, e com residencia aqui; e que, mesmo antes de se mudar a séde do bispado para a Guardala, os bispos—posto que se assignassem *egitannenses*, residiam na villa de Penamacor, e servindo-lhe de Sé a egreja matriz de S. Th'hiago.

Parece-me mesmo, que nos primeiros tempos de D. Affonso I, não havia bispo nem na Idanha-Velha nem em Penamacôr, mas apenas uma *collegiada episcopal*, e uma especie de cabido, que governava o bispado, *sede vacante*.

Isto mesmo se collige do foral que D. Sancho I deu a Penamacôr, em 1199, pois o diz:

«*Ecclesia de Penamacôr accipiant primicias singulas fangas de omni pane, et t decimam de pane, et vino, et de omnibus f fructibus et pecoribus.*

«*Et* episcopus *habeat tertiam partem,n, et clerici tertiam partem, et parrochiani alidiam tertiam, et expendat illam per* episcopupum, *et perdericos ecclesiarum, ubi rectum f fuerit..... venarii et barrari de Penamacôr habeant unum forum, exceptis Domibus s Regis, et* episcopi, *etc.*»

Assignados além do rei e outros—«*Menendus Petri, prætor qui incepit populalare.—Martinus Cresconis, archidiaconus, qui incepit populare.—Mauratum, portarius, qui incepit populare.*»

Aqui se falla em bispo, que ainda não havia, mas que brevemente se esperava, pois se determina por lei, o que se devia praticar quando elle chegasse a existir.

Tambem se póde inferir que *Martim Cresconio* era prelado dos clerigos de Penammacôr.

E' pois muito de suppôr que, pelo menos depois de 1100, os bispos d'Idanha (se os houve, o que é provavel) residiram sempre em Penamacôr; porque nem em Idanha Velha

lha tinham povo, nem egreja, que podesse servir de cathedral — e em Penamacôr tinham ambas as coisas; e além d'isso, estava mais a coberto das invasões dos mouros, e já no fim do seculo XII, se achava com povo e clero, a quem um *arcediago* presidia.

E mais—é tradição constante na Beira-Baixa, que a egreja de S. Thiago de Penamacôr, foi Sé. (Já então tinha castello.)

Já disse que os bispos, ainda que aqui residissem, sempre se intitulavam (como ainda hoje) egitanenses.

D. Sancho III, vendo que, por mais que fizesse, não era capaz de tornar Idanha Velha uma cidade em termos de ser episcopal, pediu ao papa Innocencio III, para mudar para a Guarda a séde d'este bispado, o que o papa lhe concedeu em 1199, com a condição, *sine qua non*, de que os bispos sempre se intitulariam egitanenses, em memoria da famosa cidade de Egitania.

Não pude saber se em Penamacôr houve só um, se mais bispos d'Idanha. O que é certo é que D. Martinho Paes, eleito bispo depois de março de 1202, residiu, como bispo egitanense, alguns annos em Penamacôr; e d'esta villa quiz revindicar (até á força d'armas) as egrejas de *Germêllo*, *Castello Mendo* e outras, que o bispo de Viseu lhe tinha usurpado.

Do bispado de Idanha sahiu o de Castello Branco, todo, e a maior parte do de Portalegre. Era suffraganeo de *Merida* (capital da Lusitania) e depois o foi de *Compostellá*, successora de Merida.

No reinado de D. João I, quando já os bispos residiam na Guarda havia muitos annos, é que Innocencio VII, a rogos d'aquelle rei, livrou o bispado da sujeição a metropolitano estrangeiro, fazendo-o suffraganeo do arcebispo (hoje patriarcha) de Lisboa, em 1405.

Para tudo o mais que diz respeito a bispos e bispado, vide *Guarda*.

—

Ainda em Idanha Velha e nos arredores ha muitos vestigios da sua remota antiguidade, e da vastidão do seu ambito.

Esta, que foi nobilissima e brilhante cidade, está hoje reduzida a insignificante aldeia, e só por commiseração e em attenção ao que foi outr'ora, se lhe dá o titulo de villa!

Egitania era um dos seis bispados em que o concilio de Lugo (569) dividiu a Lusitania. (Vide *Bispado*.)

—

É actualmente (1874) bispo egitanense (da Guarda) o sr. D. Manuel Martins Manso, que em 1873 consagrou esta Sé, solemnemente, ao Santissimo Coração de Jesus.

IEBORÁH ou **JEBORAH** — nome que os arabes davam á cidade d'Evora.

Vinha a ser o seu antigo nome *(Ebora)* mal pronunciado.

IENTO — herdade cultivada e fructifera. (Portuguez antigo.)

IFFANES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Mogadouro, até 1855, e desde então comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 465 ao N. de Lisboa, 150 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis annuaes.

IGREJA — vide Egreja.

IGREJINHA — vide Egrejinha.

IGREJOL — vide Egrejol. (Tambem se dizia *igréjó* e *igrejô*.)

IGUARÍÇO — vaqueiro, pastor de vaccas. (Portuguez antigo.)

IHOM ou **YOM** — portuguez antigo, João, nome proprio.

ILANDRA — Olanda, panno de linho que vem de Hollanda. Dá-se o mesmo nome ao panno portuguez fabricado de egual modo.

ILDEFONSO (Santo) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.

ILGARES—vide Ligares.

ILHAS E MAIS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA AFRICA, ASIA E OCEANIA [1]

Africa portugueza

AFRICA OCCIDENTAL

Archipelago da Madeira (a que se chama *Ilhas adjacentes*):

Consta das ilhas da *Madeira*, *Porto Santo*, *Desertas*, *Bogio* e *Selvagens*.

Estão na Africa Occidental, na zona temperada, em 32°37' e 32°64' de latitude septentrional — e 6°50' e 1°30' de longitude oriental;= 540 kilometros a O. da costa de Africa, e 960 de Lisboa.

O seu clima é dos melhores do mundo. As suas maiores elevações são—na Madeira, o *Monte-Ruivo*, que tem 1:800 metros acima do nivel do mar; e o das *Torrinhas*, que tem 1:660 metros.

Os seus principaes portos são *Funchal*, na Madeira, e *Porto Santo*, na ilha d'este nome.

O terreno d'estas ilhas é fertilissimo; produzindo todos os fructos da Europa e muitos da Africa, Asia e America.

A ilha de *Porto Santo* foi descoberta em 1418; e a *Madeira* foi descoberta por *João Gonçalves Zarco*, em 1 de julho de 1420.

Outros dizem que foi em 1419. João Gonçalves Zarco ficou desde então chamando-se, por ordem do rei, *João Gonçalves da Camara*, por causa da caverna, ou *camara*, das phocas *(lobos marinhos)* que alli ha.

ARCHIPELAGO DOS AÇORES

Consta de 9 ilhas e alguns *ilheus*, divididas em 3 grupos.

O *grupo oriental* comprehende as ilhas de *S. Miguel* e *Santa Maria*.

O *central* comprehende a *Terceira*, *S. Jorge* e *Graciosa*.

O *occidental* consta do *Fayal*, *Pico*, *Flores* e *Côrvo*.

Situado em 53° de latitude e 10 de longitude da ilha do *Ferro*.

A sua maior elevação é a montanha vulcanica do *Pico*, na ilha d'este nome, com 2:500 metros acima do nivel do mar.

Os seus principaes portos são: — *Horta*, no Fayal; *Angra*, na Terceira; e *Ponta Delgada*, em S. Miguel.

Fertilidade como na Madeira.

—

Este archipelago foi descoberto por *Gonçalo Velho Cabral*, em 1444.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

Consta de 10 ilhas e alguns *ilheus*, divididas em dois *grupos*.

O *grupo do norte*, compõe-se das ilhas de *Sal*, *Boa-vista*, *S. Nicolau*, *Santa Luzia*, *S. Vicente* e *Santo Antão*.

O do *sul* compõe-se das ilhas de *S. Thiago*, *Fogo*, *Brava* e *Maio*.

Os *ilheus*, são — *Grande* e *Bombo*, ao sul — e *Branca* e *Roza* (ilhotas) ao norte.

É na Africa occidental, em 14°43' de latitude N, e 8°24',5" O. de Lisboa. 600 kilometos ao O. da terra firme, de *Cabo Verde*.

Clima doentio, por causa das aguas esagnadas. Na ilha de *Santo Antão* é bom.

As suas maiores elevações são — o *Pico de Santo Antonio*, na ilha de S. Thiago, com 3:114 metros acima do nivel do mar, e o *Volcão*, na ilha do Fogo, com 2:466.

Os principaes portos são na ilha de *S. Vicente* e na de *S. Thiago*—os immediatos são — na *Ilha do Fogo*, *Boa-Vista*, *Maio* e *Sal*. Os mais são de pouca importancia.

Tem minas metalicas, aguas thermaes, e muito sal mineral e artificial.

Terreno fertil em quasi todas as ilhas, não havendo grandes sêccas.

—

Antonio Noli e Diogo Gomes, descobrem este archipelago, em o 1.° de maio de 1460.

COSTA DE GUINÉ

Territorio no continente da Africa occidental.

[1] No fim d'esta obra publicarei um *Diccionario Geographico* de todas as nossas possessões fóra do continente portugnez, com todos os esclarecimentos que me fôr possivel obter. Para satisfazer porém a impaciencia de muitos senhores assignantes, dou n'este logar a relação abreviada d'essas possessões.

Tem *adjacentes*, as ilhas de *Cacheu*, *Bissau*, *Bossis* e *Bolama*, e a ilha das *Gallinhas*, archipelago de *Bujalós*.

Situada em 13° de latitude N., e 3° de longitude.

Tem 360 kilometros de comprido, pela costa, e o mesmo de largo.

Clima doentio, por causa das aguas estagnadas. De novembro até maio grassam as febres chamadas *carneiradas*.

Tem quatro *cabos*;—*Verde*, *Santa Maria*, *Roxo* e da *Vêrga*.

Os seus principaes portos são:—*Bissau* (formado pelos rios de *Gêba*)—*Bolama* (formado pelos rios *Gêba* e *Grande*); — *Cacheu* (formado pelo rio de *S. Domingos*).

Os outros são de menor importancia.

Os seus mais importantes rios, são: *Casamansa*, *S. Domingos* (ou *Cacheu*), *Gêba* e *Rio Grande*.

Terreno feracissimo, sobretudo em arroz fructas, anil, algodão, inhames, azeite de palma, café, madeiras de construcção e tinturaria, etc.

Cria muito gado e abelhas.

—

Esta costa foi descoberta por *Diogo da Azambuja*, em 1482.

GOLFO DE GUINÉ

Ilhas de S. Thomé, *Principe*, e *Rôllas*.

Situadas debaixo do Equador.

Insalubres por causa das aguas estagnadas, principalmente na ilha de S. Thomé; mas o clima tem melhordo bastante.

A maior elevação d'estas ilhas é o *Pico*, na de S. Thomé, que tem 2:200 metros acima do nivel do mar.

O porto de S. Thomé é bom; e o do Principe é excellente.

Terreno fertilissimo em madeiras, café, anil, tabaco, assucar, algodão, pimenta, canella, etc.

Cria muito gado e abelhas e tem sal mineral.

O sr. barão de Agua Isé descobriu na sua vasta propriedade do mesmo nome, em 1874, uma abundante mina de petroleo.

—

A ilha de S. Thomé foi descoberta em 1470; e a do Principe em 1471.

COSTA DA MINA

O *forte de S. João Baptista de Ajudá*, que é uma *feitoria* commercial; mas está quasi abandonada.

Situado em 6°16' N. e 11°16' de longitude oriental do meridiano de Lisboa.

Tem dois portos, *S. Jorge da Mina* e *Ardra*, no reino de Dahomé na costa de Leste.

—

Diogo da Azambuja descobriu esta costa, em 1482, e fundou a fortaleza de *S. Jorge da Mina*. Lançou-lhe os alicerces a 21 de janeiro de 1482.

CABINDA E MOLEMBO

Paiz na costa de *Loango*, na Africa occidental. Estão abandonados.

Situados de 5° a 8° de latitude.

O clima é mortifero para os europeus; e é por isso que se acham abandonados.

O porto principal é *Cabinda*. O seu maior rio é o grande rio *Zaire*.

—

Foi *Diogo Cão* que descobriu este paiz, em 1484.

ANGOLA E BENGUELLA

Reinos na Africa occidental, situados de 8° até proximo de 18°, perto de *Cabo Frio*.

Tem 1:200 kilometros de comprido de N. a S., pela costa e de 840 a 1:200 para o interior.

Paiz insalubre para os europeus, principalmente durante as *carneiradas*, na estação das chuvas, que é de novembro a abril.

Os seus principaes *cabos* são:—*Lédo*, *Negro* e *Frio*; e os seus melhores portos são: *S. Paulo de Loanda* e *S. Philippe de Benguella*.

Os seus maiores rios são: em Angola—*Lifune*, *Dande*, *Bengo* e *Quanza*; — e em Benguela — *Longo*, *Nico*, *Catumbella*, e *Rio dos Mortos*.

As suas producções do reino animal, são: —*gado cavallar*, *vaccum*, *lanigero*, *suino* e

toda a qualidade d'aves domesticas. Varias especies de animaes silvestres e amphibios, e muito peixe; abundando a *baleia*, o *cacholote* e o *bacalhau*.

As do reino vegetal, são: *milho, legumes, azeite de palma, algodão, anil, trigo, arroz, chá, assucar, tabaco, cacau, camphora*, e optimo *café*; boas madeiras, etc.

As do reino mineral, são: pedra calcarea, ferro, cobre, estanho, salitre, sal, enxofre, prata, oiro, muitas aguas sulphureas, etc.

—

A conquista de Angola principiou em 1576, e terminou em 1589.

O seu bispado foi erecto em 1596.

AFRICA ORIENTAL

As ilhas de *Cabo Delgado*, a ilha de *Moçambique*, os vastos territorios de *Rios de Senna*, e de *Sofalla* e *Inhambane*, e a *Bahia de Lourenço Marques*.

Lourenço Marques foi o que, em 1545, descobriu a bahia a que deu o seu nome.

Situada entre 10° e 26°.

Tem 2:400 kilometros de comprimento, pela costa, e 1:200 na sua maior largura, para o interior.

O seu clima ainda é mais doentio para os europeus que o de Angola.

Os seus principaes cabos são: — o *Cabo das Correntes*, e o *Delgado*.

A sua maior elevação são os montes de *Lupata*, que teem 2:000 metros acima do nivel do mar.

Os portos principaes são—*Bahia de Lourenço Marques, Moçambique, Sofalla, Quilimane* e *Oibo*.

Os seus maiores rios são:—*Espirito-Santo, Inhambane, Sofalla, Zambeze* (ou *Cuama), Quilimane, Mongollo, Arcanha, Revugo, Chire;* além de outros muitos de menos volume.

Terreno fertilissimo, produzindo o mesmo que Angola e Benguella.

—

Este paiz foi descoberto por *Vasco da Gama*, em 1497.

—

Asia portugueza

ESTADOS DA INDIA OU INDIA PORTUGUEZA

As ilhas de *Goa*; as de *Anchediva;* os territorios de *Bardez, Salsete* e *Novas Conquistas*: *Damão*, na costa de Decan, 440 kilometros ao N. de Goa; ilha de *Diu*, no golfo de Cambaya e costa de Guzarate, 480 kilometros a NNO. de Gôa.

Situados entre 15° a 21° de latitude occidental, e 87° a 97 de longitude septentrional.

Este paiz é quasi todo plano, e o seu clima benigno e saudavel.

Os seus principaes portos são:—*Gôa, Damão* e *Diu*.

Produzem muito gado e aves domesticas; ha muito peixe, e são abundantissimos em chá, café, especiarias, algodão, arroz, milho, trigo, assucar, côco, opio, vinho de palma, fructas, etc.

Tem sal mineral, aguas sulphureas e minas metallicas.

—

Vasco da Gama, é que descobriu o caminho para a India, por mar, dobrando o *Cabo da Boa Esperança*, e penetrando no Oceano Indico, em 1498.

CHINA PORTUGUEZA

A cidade e territorio de Macau é n'uma peninsula, que faz parte da grande ilha de *Han-chan*, que está á entrada do grande rio e bahia de *Cantão*, na parte meridional da China.

Situada na latitude N. de 22°12'.

A cidade e o territorio tem 6 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

O clima é bom e saudavel, e o porto vasto e seguro. —

Fernando de Andrade é recebido amigavelmente pelo imperador da China, em 1517 e faz então com elle um tratado para os portuguezes edificarem a cidade de Malacau, cuja fundação principiou em 1557.

(Parece que este navegador portuguez se chamava *Fernão Peres de Andrade*, e não Fernando de Andrade.)

Elle descobriu a China a 15 de agosto de 1517.

—

Oceania portugueza

Temos n'esta parte do mundo os estabelecimentos das ilhas de *Solor* e *Timor*.

Seu clima é quente e humido; mas salubre na maior parte.

Tem algumas pontas ou cabos pequenos, sendo a principal — *Larantuca*, na parte oriental de Solor Novo.

A sua maior elevação é em Timor, cujo monte tem 2:000 metros sobre o nivel do mar.

O porto principal é o da cidade de *Dilli* em Solor; e o de *Lifau*, em Timor.

São muito ferteis; teem muito gado cavallar, vaccum e lanigero, e outras muitas especies de animaes.

Tem muitas tartarugas e no seu mar se pescam muitas perolas.

Produzem algodão, milho, trigo, legumes, arroz, uvas, laranjas, limas, ananazes, especiarias e pau sandalo.

Tem minas de sal, salitre, enxofre, ouro, cobre, ferro, etc.

Debaixo do nome de Solor, comprehende-se a grande ilha de *Solor-Novo*, *Flores* ou *Oende*, e as tres pequenas adjacentes de *Adonare*, *Sabráo* e *Solor.-Velho*.

Estão situadas em 10° de latitude oriental.

Todas estas ilhas teem muito bons portos, sendo o melhor o de *Babau* ou *Capam*, que póde receber grandes esquadras, mas não é nosso. Estas ilhas não são nossas senão em parte; o resto está occupado pelos indigenas, governados por seus reis ou chefes, dos quaes uns são tributarios, outros nossos alliados e outros (poucos) nossos inimigos, e com os quaes andamos quasi sempre em guerra.

A Oceania foi descoberta pelos portuguezes em 1525.

As fortalezas de Solor foram edificadas em 1595.

Por a julgar bem cabida n'este logar, dou aos leitores a taboa topographica e estatistica seguinte:

Táboa topographica e estatisiica das provincias continentaes, insulares e ultramarinas

	PROVINCIAS	SUPERFICIE EM LEGUAS QUADRADAS	CAPITAES	POPULAÇÃO	N.° DE HABITANTES POR LEGUA QUADRADA
CONTINENTAES	Estremadura	800	Lisboa	762:885	953
	Douro	320	Porto	839:796	2:624
	Minho	210	Braga	410:720	1:955
	Traz-os-Montes	340	Villa-Real	305:314	897
	Beira Alta	200	Vizeu	289:038	1:445
	Beira Baixa	260	Castello-Branco	326:160	1:254
	Alemtejo	860	Evora	276:590	321
	Algarve	160	Faro	130:329	814
INSULARES	Açores — Orientaes	68	Ponta-Delgada	89:857	1:321
	Açores — Centraes	60	Angra	65:000	1:083
	Açores — Occidentaes	135	Horta	68:438	505
	Adjacentes — Madeira e Porto Santo	66	Funchal	116:146	1:759
ULTRAMARINAS	Cabo Verde, etc.	4:200	Ribeira-Grande	100:000	23
	S. Thomé e Principe	54	S. Thomé	16:000	293
	Angola, etc.	28:000	Loanda	432:853	15
	Moçambique	24:000	Moçambique	300:000	12
	Estado da India	556	Nova-Gôa	451:276	811
	Macau, Solor e Timor	1:652	Macau	875:000	529
	Somma	61:941		5.855:402	94

(A superficie e população do ultramar é por um calculo aproximado rasoavel, pois não ha dados officiaes.)

ILHAVO—villa, cabeça de concelho, Douro, comarca e 5 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 65 ao S. do Porto, 2:065 fogos, 8:000 almas.

Tem 1:405 fogos na villa e 660 no resto da freguezia.

Em 1757 tinha 1:023 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

No concelho os mesmos fogos, porque é formado só por esta freguezia.

Situada em fertil e bonita planicie, banhada, na direcção NS., pela formosissima ria de Aveiro.

Abunda em cereaes, vinho, fructas e legumes. Boas pastagens e muito gado de toda a qualidade.

Muito peixe, da ria e do mar; porém o seu maior commercio é o sal, que exporta em grande abundancia.

Tem quatro *companhas* de pescadores, que, com suas familias, formam a maior parte da população da villa, e freguezia.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 1:100$000 réis de rendimento annual.

—

Ilhavo é povoada de boas e bem construidas casas, divididas em 11 ruas principaes, com 43 travessas, que todas tem numeração civil. Algumas das principaes ruas e toda a parte central da villa é soffrivelmente illuminada a petroline.

Augmenta notavelmente a população de anno para anno, favorecida pelas condições climatericas da localidade, que são excellentes, em resultado da abertura da barra de Aveiro, e dos melhoramentos materiaes da villa, em continuo desenvolvimento ha 30 annos a esta parte.

Foram donatarios d'esta villa os condes de Carvalhaes.

Ignora-se a epocha da sua fundação, e qual o fundador; e não é menos desconhecida a origem do nome de Ilhavo; pois que não parece crivel a que a tradição dá por verdadeira, qual é a de que, quando em eras remotas vinha a esta localidade algum morador de Aveiro, dizia «á ilha vou», e d'ahi o nome de Ilhavo; nem ainda a que refere que, existindo junto a Aveiro uma avó com seu neto, este, convidando-a a vir á nova povoação, lhe dizia: «á Ilha, avó.»

Mais acceitavel seria a que ha poucos annos tenho ouvido, e é que—reconhecendo todos os comvisinhos a belleza e fertilidade d'este trato de terra, amiudo cortada de regattos e valles abundantes, que tornam feracissimos os seus numerosos prados e campinas, lhe deram o nome de Ilha Bôa, que o decorrer dos tempos mudou no de Ilhavo.

Em tal escuridade porém está envolvido este ponto, que não póde affirmar-se qual ou se alguma d'estas origens é verdadeira.

—

A população de Ilhavo compõe-se, na sua maxima parte, de maritimos, artistas e lavradores; predominando todavia a classe maritima, que é justamente apreciada e distincta no paiz pela inexcedivel coragem e valentia com que se arroja aos perigos do mar, e pela sua constancia e serenidade de animo na luta contra a adversidade.

São maritimos de Ilhavo os que tripulam todos os navios dos armadores d'esta villa, e dos de differentes praças commerciaes do reino, principalmente do Porto e Aveiro.

Os homens de Ilhavo passam por descendentes da raça pelasgica; e esta opinião é tambem a do visconde d'Almeida Garrett, como póde vêr-se no 1.º capitulo das *Viaggens na minha terra.*

As mulheres gosam do conceito de formosas, e sobretudo de muito sympathicas e donairosas.

Acerca do caracter dos habitantes de Ilhavo citarei o que d'elles escreveu o grande orador parlamentar José Estevão Coelho de Magalhães, no periodico o *Distrito de Aveiro*, em 1861 «A povoação de Ilhavo é intelligente, livre e apaixonada» e a este juizo devemos tambem accrescentar que, a população de Ilhavo é sincera e verdadeiramente religiosa e bem morigerada.

Dos edificios publicos da villa é notavel a egreja parochial, bello templo de tres naves, vasto e elegante.

No dia 3 de outubro de 1774 benzeteu e lançou nos fundamentos d'ella, a primeira

pedra o respectivo parocho, com licença do prelado, e proseguindo as obras muito morosamente foi a egreja finalmente benzida, e exposta ao culto em 1785.

Foi edificada com o rendimento do real da carne e vinho, e do acrescimo do cabeção das cizas, que el-rei D. José para este fim concedeu por sua real resolução de 7 de julho de 1773; exceptuando porém a capella-mór, que, segundo reza o mesmo documento, ficava a cargo do parocho, que disfructava os dizimos, e que effectivamente a mandou construir á sua custa. Valioso e importantissimo para aquelle tempo era o rendimento dos dizimos, pois que subiu em alguns annos a dez mil cruzados.

Sabe-se que esta egreja era rica de alfaias preciosas de ouro e prata, que infelizmente lhe foram arrebatadas na primeira invasão franceza por ordem de Junot, escapando apenas uma boa custodia de prata dourada, de grande valor artistico, que pertence á irmandade do Santissimo Sacramento, erecta na mesma egreja. Possue bons paramentos brancos de lhama de prata, bordados a ouro em relevo.

Tem a villa mais dois templos: o das Almas, onde está erecta a Ordem Terceira da Penintencia de S. Francisco, e o de Nossa Senhora do Pranto, a cargo da irmandade sob a invocação do Pranto e Dores.

Tem a villa mercado diario, abundante dos artigos de primeira necessidade; e póde affoitamente dizer-se, que é uma das terras do reino onde as subsistencias são mais baratas.

Em volta da villa ha 18 aldeias, todas pertencentes á freguzia e concelho de Ilhavo, e são, a começar pelo Norte: Forte da Barra, Costa Nova, Gafanha, Chouza Velha, Vista Alegre, Soalhal, Ermida, Ribas Altas, Carvalheira, Valle de Ilhavo, Moitas, Moitinhas, Quintans, Preza, Legua, Corgo Commum, Arribas e Coutada.

Quasi todas estas aldeias são aprasiveis e pittorescas, com os seus campos povoados de constante vegetação, e abundantes de hortas e pomares.

Entre a villa e o Oceano, que é limite da freguezia, correm dois braços da ria de Aveiro; um, que separa a Gafanha da villa, e sobre o qual ha uma ponte de pedra d'onde se desfructa um bellissimo panorama; e o outro, que separa a Gafanha da Costa Nova do Prado e offerece agradavel distracção aos banhistas e moradores d'esta costa.

São ambos navegaveis em todo o tempo; criam abundantes e variadas especies de saborosissimos peixes, e differentes algas, denominadas *moliço*, que serve para adubo das terras; e com suas aguas alimentam numerosas salinas ou marinhas, que são *amanhadas* por *marnotos* d'esta villa.

Os artigos principaes, que a villa de Ilhavo exporta, são: peixe, sal, fructas, trigo, feijão, pão fabricado, serguilhas e moliços, afora outros productos de industria.

Cabe aqui fazer especialissima menção da fabrica de porcellana e vidraria da Vista Alegre, que é povoação da freguezia, e quasi continuação da villa de Ilhavo.

Os productos ceramicos d'este estabelecimento fabril, unico do seu genero no paiz, são geralmente estimados; e nos certames da industria, assim nacionaes como estrangeiros, se teem apresentado honrosamente para o reino, alcançando sem favor medalhas e diplomas de merito.

Na Vista Alegre faz-se mensalmente um importantissimo mercado, conhecido pela triplice denominação de *feira da Ermida, dos treze e do bispo*. Diz-se da Ermida, porque a Vista Alegre pertenceu outr'ora ao extincto concelho e couto da Ermida; dos treze, porque o mercado tem logar em egual dia de cada mez; e do Bispo, porque alli residiu o bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, cujos restos mortaes estão encerrados n'um admiravel mausoleu de marmore na capella por elle edificada, a qual é toda um primor de arte, mas sobretudo notaveis o mausoleu, a magnifica tribuna de masaico, e a pintura do tecto da capella. Alem do que a respeito d'este templo se diz no *Santuario Mariano*, deve lêr-se o que refere o sr. Brito Aranha no seu livro, ácerca de algumas povoações notaveis do paiz. Ahi vem narrados importantes factos, e lendas curiosas, que julgo desnecessario

repetir aqui; mas que assevero serem conformes á tradição.

A absoluta falta de annaes do municipio deixou cahir no olvido os factos notaveis, que possam ter acontecido em Ilhavo em epochas afastadas; se é que as revoluções politicas do nosso paiz, e aquelle tão conhecido, e tão nosso, desamor pelas antiguidades não inutilisaram os documentos publicos (que alguns existiriam forçosamente outr'ora nas repartições publicas dos antigos concelhos de Ihavo e Ermida) onde um espirito investigador colheria hoje abundante messe de curiosas noticias.

No mesmo esquecimento cahiram as pessoas notaveis de Ilhavo em eras remotas. No primeiro quarto d'este seculo e ainda alguns annos depois, distinguiram-se entre os filhos de Ilhavo, o brigadeiro João de Sousa, segundo tio do actual visconde de Almeidinha, cujo brazão d'armas se vê na sua casa da rua de Alqueidão, solar da familia, e onde tem o seu jazigo em capella propria, dedicada a Nossa Senhora das Neves; o dr. Manuel da Rocha Couto, lente de canones na Universidade de Coimbra, e deputado ás côrtes ordinarias, que se seguiram ás de 1820; Manuel Nunes Chocha do Couto, que foi juiz do crime no Porto, e corregedor de Trancoso; e Ricardo José da Maia Vieira, que depois de exercer varios logares da magistratura judidial antiga, foi corregedor em Setubal até ao estabelecimento do regimen constitucional.

Actualmente ennobrece-se a villa de Ilhavo, contando no numero dos seus filhos existentes, um arcebispo, um governador civil, um juiz desembargador da Relação do Porto, dois juizes de direito, um delegado do procurador regio, medicos, advogados, engenheiros civis e de minas, parochos e grande numero de simples sacerdotes.

Entre todos os filhos de Ilhavo sobresahe o vulto venerando do ex.mo arcebispo de Evora, cuja biogaphia, em rapidos traços, vae no fim d'este artigo, e ao qual, assim como ao seu digno secretario o rev.mo sr. José Candido Gomes de Oliveira Vidal, agradeço eternamente reconhecido, a benevolencia com que se dignaram satisfazer a minha supplica, mandando-me preciosos apontamentos sobre esta villa.

—

Pelos annos 1372 ant. de Jesus Christo, *Baccho*, filho de *Semele*, acompanhado de muitos gregos, aportou á Lusitania, e mettendo-se de gôrra com os póvos d'aqui, lhes deu para rei, Lysias.

Foi, provavelmente, por este tempo, ou pouco depois, que uma colonia de gregos, da formosa raça pelasgia, entrou pela foz do Vouga e se estabeleceu nas suas margens, e d'ella procedem (mas hoje já muito *crusados* com outras raças) os *ilhavenses*, *aveirenses* e *ovareiros*, *varinos*, ou *vareiros*.

Os primeiros (ilhavenses) são, ainda hoje, o typo mais gracioso e elegante d'essa formosa raça. As mulheres d'Ilhavo, sobre tudo, conservam, com pouca corrupção, as fórmas elegantes e esbeltas, e o rosto regular e bello das encantadores georgianas do Caucaso, tão célebres pela sua inimitavel belleza e elegancia.

—

Já se vê que Ilhavo é povoação antiquissima.

D. Diniz a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral, em Coimbra, a 13 de outubro de 1296. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de março de 1514

(Este foral é tambem para *Sá* e *Villa-de Milho*, hoje *Verde Milho*.)

—

Aqui nasceu, a 22 de março de 1801, o sr. D. José Antonio Pereira Bilhano, filho dos srs. João Antonio Bilhano e Rosa Maria de Jesus, modestos e honrados habitantes d'esta villa.

Ficou no adolescencia orphão de pae, o que lhe foi um obstaculo para seguir a vida ecclesiastica, para que mostrava decidida vocação.

Foi porem apresentado ao virtuoso bispo d'Aveiro, D. Manuel Pacheco de Rezende, que o tomou e amparou.

Em 1823, havidos d'aquelle prelado os precizos meios, fez em Coimbra a sua formatura em canones, obtendo informações distinctas pelo seu talento, applicação, exemplar comportamento.

N'aquelle mesmo anno foi nomeado professor das cadeiras de historia sagrada, ecclesiastica e de direito canonico: regendo depois tambem a de theologia moral.

O bispo o nomeou promotor do juizo ecclesiastico e successivamente juiz dos casamentos, vigario geral do bispado e provisor.

Até á morte do seu protector, se conservou o sr. D. José no exercicio dos seus ultimos cargos, não accedendo as instancias que então lhe fizeram para continuar (como vigario geral) no governo do bispado, sede vacante; preferindo recolher-se á sua humilde casa d'Ilhavo, tão pobre como d'ella tinha sahido, e depois de 14 annos de vida publica.

Aqui se dedicou exclusivamente ao ensino particular da historia, latinidade, logica, rhetherica, geographia, francez e inglez.

Gratuitamente receberam do sr. D. José a instrucção, muitos mancebos, que d'outra sorte a não alcançariam.

A fama das muitas luses, superior methodo de ensino e bons exemplos que o sr. D. José adquiriu até grandes destancias de Ihavo, lhe trouxeram muitos discipulos, que depois, nos estudos superiores e em elevados logares publicos, honraram o mestre pela sua illustração e moralidade.

Ficando em 1842 interrompidas as relações entre a Curia romana e o governo portuguez, Sua Santidade investiu o sr. D. José, de todos os poderes e jurisdicção ordinaria, no bispado d'Aveiro, com a faculdade de os delegar em ecclesiasticos da sua escolha.

Por tal modo se houve, que mereceu do Summo Pontificie, os justos louvores e incontestaveis provas de estima e aprêço; o que directamente lhe foi communicado em documentos honrosissimos, admirando a prudencia com que o sr. D. José soube sempre cumprir os seus deveres, sem se mal quistar com os poderes seculares de Portugal.

Em 1849 foi feito prior da freguezia da Oliveirinha, e em 1851, ganhou, por concurso, a d'esta villa d'Ilhavo.

Em 1860, não podendo resistir ás repetidas instancias de seus amigos e admiradores, acceitou o governo do bispado d'Aveiro, que conservou até 17 de março de 1868, em que foi exonerado.

Em 1869 foi eleito arcebispo metropolitano d'Evora e confirmado por Sua Santidade, Pio IX em 6 de março de 1871.

No primeiro de maio d'este anno, tomou posse, por procuração do sr. D. José, o fallecido deão da Sé d'Evora, José Abilio de Oliveira.

No dia 4 de junho do mesmo anno, foi sagrado em Lisboa; fazendo a sua entrada solemne, na sua cathedral, no dia 8 do mesmo mez e anno.

Nos tres annos que até hoje tem durado o seu governo archiepiscopal, se tem mostrado o sr. D. José um sollicito e exemplarissimo principe da egreja lusitana, e digno do eminente logar que com tanta dignidade occupa.

Uteis e urgentes reformas materiaes e moraes tem levado a effeito, com geral louvor, e o seu trato ameno, chão, affavel e despretencioso lhe tem conquistado as geraes simpathias: distinguindo-se d'entre tantas virtudes que adornam este varão respeitavel, a principal a — caridade— que exerce em larga escala.

Honra pois ao nobilissimo prelado, que se soube elevar pelo caminho da honra, da virtude e da sciencia, a tão alto emprego, e n'elle conservar-se com tanta dignidade.

IMPRIR — portuguez antigo, *encher*.

INÇALDE — Vide *Insalde*.

INCLUSA ou **EMPAREDADA, EMPEREDEADA EMPAREDENADA** e **EMPARDEADA** —pois de todas estas maneiras se escrevia.

A *emparedada* mettia-se voluntariamente (ou em cumprimento de um voto, ou por penitencia d'algun pecado grave, ou por mera devoção) n'uma cella ou cubiculo estreito (em alguns nem se podiam deitar!) fechava-se-lhe a porta de pedra e cal, ficando apenas um buraco para receberem o alimento (pão e agua) e por onde se confessavam e commungavam.

É tão repugnante ver um homem sem religião como é ridiculo ver outro supersticioso até este ponto. Não fariam maior serviço a

Deus e á humanidade, estas mulheres desvairadas se fossem umas virtuosas e exemplares mães de familia, ou se empregassem o seu tempo em soccorrer os famintos e consolar os afflictos? Decerto que sim.)

As *emparedadas* do Porto habitavam na rua da Ferraria de Cima, onde depois foi um hospital e actualmente está o bonito oratorio de Nossa Senhora da Silva, que já era padroeira d'ellas e do hospital. Vide Senhor d'Alem.

Junto á cidade da Guarda havia duas *emparedadas* uma no logar e Sanctuario de Mirleu (ou Milreu) e outra proxima á Senhora do Templo. Existiram desde 1299 até 1302.

No Porto tambem no principio do seculo XIV havia muitas emparedadas; e por todo o reino as havia, principalmente em Lisboa, Coimbra, Porto, Santarem, Braga, Viseu, Guarda, etc.

Esta singular devoção durou desde o seculo XII até ao XV.

Tem havido grandes polemicas entre os escriptores, por causa das célebres *Donas de S. Nicolau*, do Porto. Querem alguns que ellas existissem no *Monte de S. Nicolau*, ou *Serra de Quebrantões*, hoje *Serra do Pilar* (Gaia) e que eram *emparedadas*. Viterbo porém, diz que as *Donas de S. Nicolau*, existiram na *Serra do Pilar;* mas que eram conegas regrantes de Santo Agostinho e não emparedadas.

É certo que o primeiro nome da *Serra do Pilar*, foi *Serra de Quebrantões;* depois, tendo-se alli erigido uma capella a S. Nicolau, se ficou chamando *Serra de S. Nicolau;* e por fim, quando os cruzios aqui fundaram o seu convento, lhe mudaram o nome para *Serra do Pilar*. Foram os cruzios que mudaram para a beira do rio (margem esquerda) a antiga capella de S. Nicolau e o hospicio annexo, que desde então se ficou chamando *Senhor d'Além*. A capella ainda existe e o hospicio está hoje convertido em fabrica de louça.

Estou persuadido que n'este hospicio, quando ainda estava no alto da serra (onde hoje está o convento) houve *emparedadas*, mas que o seu viver era menos rigoroso do que o das acima ditas, porque nem todas viviam n'um cubiculo estreito e immundo.

As *encelladas* (que eram uma especcie de *inclusas* ou *emparedadas)* viviam em a communidade, não sahindo porém nenhunma da sua respectiva cella, senão para oraar em commum, para se confessarem e comnmungarem, ou para o serviço indispensavvel da casa; e feito elle se recolhiam ás suaas cellas. Tambem não comiam só pão e a agua, mas sustentavam-se das suas rendas e e das esmolas que lhe davam. Em Coimbra l havia um convento chamado ainda hoje por r isso, de *Cellas*. Vide Coimbra.

Não eram só mulheres que viviamm esta vida de pobreza voluntaria e mortificcação, segregadas do mundo; tambem muitoos homens assim viviam *encellados*. Não eranm outra cousa os eremitães das serras *d'l'Ossa, Cintra, Arrabida, Bussaco*, etc.

Tanto homens como mulheres, tinnham uma regra mais ou menos rigorosa, segundo o voto que tinham feito, que impunnham a si mesmos. No seculo XV, os respecctivos bispos lhe impozeram *regra*, e os *encelllados* de ambos os sexos se transformaram emn conventos, todos porém de ordens pobres e e penitentes.

Tenho achado nas chronicas, tanto dde diversas ordens religiosas, como dos nnossos reis, e em outros livros, muita relaxáçção (e até crimes) nas ordens religiosas, principalmente nos taes *conventos dobrados* (de e frades e freiras) mas ainda não li um só o facto de relaxação attribuido ás *emparedadas*.

INCRÉO—portuguez antigo, vide *Enncréo*.

INFANÇÃO—(no portuguez antigo *Infançon*).

Em vista da sentença que a 3 de j julho de 1486 se proferiu, *pelo juizo dos f feitos d'el-rei* «com conhecimento dos documeentos e arestos, que se acharam nos archivoos antigos d'este reino, mandados examinar,r, para este fim, por el-rei (D. João II) e e pela qual se julgou, que, os cidadãos de Lisboa deviam gosar os privilegios dos infançções *e que os infanções nada mais eram, do quue os netos dos reis e filhos dos infantes, irmããos do principe herdeiro da corôa—ou, mais brreve—os infanções eram sobrinhos do rei, queee foi, que era, ou que havia de ser.*»

É de certo d'aqui que ainda hoje os reis de Portugal dão (por grande honra) o titulo de *sobrinho* ao individuo a quem querem fazer grande mercê.

Em vista de tal sentença, proferida por tal tribunal, e no tempo de tal rei (que tanto *esmiunçou* os titulos de nobreza em Portugal) parece que deviam ter terminado todas as duvidas e contestações sobre o que eram os *infanções*. (Esta sentença está nos documentos de Silves, e a transcreve Pegas, tom. 7.º, á Ord., liv. 1.º, tit. 91, § 2.º, gloss. 4.ª)

Ainda mais.

No *Livro das Provisões*, da camara de Coimbra, se vê a sentença, tambem de 1486, e d'ella consta, que se mandaram examinar os archivos da camara de Lisboa, e da Torre do Tombo; assim como os cartorios de Santa Cruz de Coimbra; d'Alcobaça, Bouro, Santo Thyrso, Lorvão, Odivellas e Arouca, e que, depois de vistos e examinados todos os alfarrabios alli encontrados, decide o mesmo que *julgou* o juiz dos feitos d'el-rei.

Ha uma carta regia, na qual D. Manuel manda (em 1510) que os cidadãos de Coimbra tenham os mesmos privilegios que antigamente tinham os infanções e ricos-homens, sob o *encouto* (multa) de 6:000 soldos, a quem lh'os infringir.

No foral dado a Coimbra, em 1111, se diz: *Infanzon non habeat in Colimbria domum, vel vineam, nisi qui voluerit habitare vobiscum, et servire, sicuti vos.*

Pois apesar de todas estas *peças officiaes*, e de muitas outras que deixo de citar, por ser desnecessario, ha documentos antigos, incontestaveis, que provam evidentemente, que o infanção era inferior ao *conde* e ao *rico-homem*.

Além de outras preeminencias que os condes e ricos-homens tinham sobre os infanções, bastará notar as seguintes:

D. Affonso IV, tratando das aposentadorias, manda que se dêem aos ricos-homens, 30 réis; aos infanções 15, e aos cavalleiros, 10.

D. Affonso III, fez rico-homem, em premio de brilhantes serviços, a Ruy Gomes de Briteiros, que era infanção. Se rico-homem fosse menos do que infanção, não era *premio*, era *castigo*.

Vemos tambem de todos os documentos antigos, e *regimentos* dos nossos primeiros reis, que, aos condes, se contavam vinte creados, montados; aos ricos-homens, doze; aos infanções, sete; e aos cavalleiros e escudeiros, quatro. (Vide *Nobiliarch. Port.*, c. 7 e 10).

Já se vê, pois, que o tal exame, feito e tempo de D. João II, ou foi parcial (talvez feito por algum infanção) ou por quem não entendeu os codices antigos.

Pretendem alguns, que, todos os militares que acompanharam o infante D. Pelagio (ou Pelaio) para as cavernas e alcantis de Covadonga, nas montanhas quasi inaccessiveis das Asturias, e que lá formaram o nucleo d'essas hostes crentes, dedicadas e aguerridas, que, depois de continuas guerras, por espaço de sete seculos e meio, conseguiram expulsar totalmente da peninsula iberica as raças mouriscas; e os herdeiros d'esses bravos militares, tiveram o titulo de infanções, por se unirem ao dito infante.

Não ha fundamento para negar esta asserção, que póde muito bem ser verdadeira; mas o que se póde afoitamente affirmar, sem o minimo receio de ser desmentido, é que não se inventou então o titulo; pois que já muito antes havia infanções, no tempo dos reis godos; aos quaes se dava tambem o nome de *gillonarios* e depois, de *donzeis* (donzel é synonimo de infanção) e entre os officiaes palatinos de 1.ª ordem, havia o *praefectus gillonariorum*, a que depois se deu o titulo de *alcaide dos donzeis*.

Em Castella, Oviedo, Leão, etc., sempre antigamente houve infanções, e d'estes se diz, nas *Leis das Partidas* (t. 1.º, p. 2.ª) *que são fidalgos, mas não tidos em conta de grandes, ainda que procedidos de antiga linhagem.*

Sustentam bons auctores (e é o mais provavel) que *infanção* correspondia exactamente ao a que hoje chamamos *moço-fidalgo*.

Segundo Miguel del Molino (Reportorio For. Aragon v. Infantio e v. Miles) o filho do fidalgo, era infanção; quer fosse legitimo, quer bastardo, e, ou fosse varão ou femea.

Finalmente, nenhum documento incon-

testavel apparece, que prove ser o infanção superior ao conde e ao rico-homem; e todos mostram antes, que era inferior: pelo que me parece inacreditavel que, se os infanções fossem filhos de infantes, os reis collocassem os netos e sobrinhos em uma classe inferior (a terceira) na cathegoria aristocratica.

INFANÇOM ou **INFANÇON** — portuguez antigo. Vulgarmente fidalgo. Vide *Infanção.*

INFANTADÍGO — terra ou cousa pertencente aos infanções. (Documento de Refoyos do Lima).

INFANTAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 16 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

INFANTE — o menino, desde que nasce até chegar á edade da adolescencia. Os filhos dos reis, menos o primogenito, que se intitula *principe.* (Ás filhas, menos á primogenita, está permittido pelo uso chamarem-se *infantas*; mas contra as leis grammaticaes, porque *infante* é commum de dois.)

Houve tempo em que aos monges benedictinos, que eram novos ou que ainda não tinham ordens de missa, se dava o nome de infantes; depois se lhes chamou *choristas.*

INFERNO — vide Castello de Paiva.

INFESTA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 45 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Tem dois abbades, um curado, que apresentava a mitra e tinha 200$000 réis e o pé d'altar, que andava por 60$000 réis. O abbade sem ser curado (era um *beneficio simples)* era apresentado pela casa do infantado, e tinha 200$000 réis.

Os dizimos e as primicias eram divididos ao meio, entre os dois abbades.

No sitio ainda hoje chamado *Paço,* houve uma torre, que consta ter sido de Vasco Ennes Caramena, que a deu a sua filha, Rica Vaz Caramena, mulher de Pedro Vaz, fidalgo gallego, que morou no logar da *Rapadoura.* Esta torre foi demolida, para com os seus materiaes se construir uma casa.

Para a etymologia vide a terceira Infesta.

INFESTA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É fertil. Gado e caça.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

INFESTA (S. Mamede de) — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 4 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Muito fertil e rica. Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

A egreja matriz é nova. Foi sagrada em 9 de setembro de 1866.

Está edificada no mesmo sitio da antiga (em uma bonita planicie) á custa do benemerito Rodrigo Pereira Felicio, natural d'esta freguezia e residente no Brasil, e feito visconde de S. Mamede de Infesta.

É um bonito templo com um elegante frontispicio, ainda que singello. Interiormente, ainda que pouco elevado, é de bonita apparencia, adornado com um bom altar-mór e seis lateraes.

Todos estes altares foram da egreja do convento de freiras franciscanas de Monchique, da cidade do Porto.

Lançou-se a primeira pedra n'esta egreja, em 27 de agosto de 1864.

Foi toda a obra concluida em 7 de setembro de 1866.

O bailio de Leça (Ordem de Malta) apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis annuaes.

A freguezia tinha muitos e grandes privilegios, por ser da Ordem de Malta.

Esta freguezia tem tido tres nomes, sempre com o mesmo orago (S. Maméde,) pois se tem chamado *Mualde*, *Ermida* e *Infesta* (nome actual.) Parece que estes diversos nomes teem sido tomados das aldêas que ha na freguezia, e nas quaes tem estado a egreja parochial, pois ainda hoje existem as aldeias de Mualde, Ermida o Infesta: mas a egreja actual está em outro logar. Em um documento feito no anno de 1021, pelo qual D. Unisca Mendes e seu filho Oseredo, e sua filha Patrina, doaram ao mosteiro de Vaccariça o mosteiro de Leça e suas pertenças, se nomea a egreja de S. Maméde de Manualde, de que sem duvida Mualde é corrupção.

No catalogo dos bispos do Porto, de D. Rodrigo da Cunha, impresso em 1623, tambem se nomeia a freguezia de S. Maméde de Moalde; melhor se dirá *Mualde*. É uma grande aldeia d'esta freguezia, e talvez alli seria a primeira egreja da parochia.

Não sei quando perdeu este nome e passou a chamar-se *Ermida*. Na aldeia assim cognominada ha hoje uma bella capella da invocação da Senhora da Conceição. Ainda pelos fins do seculo passado se dizia S. Maméde da Ermida.

Provavelmente mudou-se a egreja para o logar da Infesta que tambem se chama o logar da *Egreja Velha*: e é este o nome que até hoje se tem conservado.

A freguezia de S. Maméde da Infesta é muito linda, povoada, e tem bellos edificios, lavradores ricos e grandes proprietarios. Parece uma villa, e bem merecia ser elevada a esta cathegoria, com mais razão do que outras aldeolas.

Atravessa esta freguezia a estrada de macadam que vae para Braga, e ha d'aqui uma estrada concelhia para a villa de Mattosinhos Todos os dias ha d'aqui carreira de diligencia para o Porto e Mattosinhos.

Ao norte é banhada pelas aguas do rio Leça, que vae morrer no Oceano Athlantico entre Mathosinhos e Leça de Palmeira: e tem aqui a historica *Ponte da Pedra, rendez-vous* de muitos portuenses.

Produz esta freguezia muito milho e centeio, bom gado, tem muitas leiteiras, lavadeiras, pedreiros e carpinteiros.

A egreja tem um bello cemiterio.

Infesta é palavra antiga portugueza, que significava *subída costa, costeira*, etc.

Hoje significa cousa prejudicial, damn'inha etc, e d'aqui *infestar*, damnificar, saltear, assolar, etc.

Os barqueiros do Douro chamam *infêsto* á corrente da agua do rio que desce pelos lados em quanto a maré sóbe; ou que sobe pelos lados quando a maré desce—isto é—os pontos do rio em que as duas correntes se encontram e neutralisam a sua rapidez, facilitando assim a viagem aos que remam contra a maré; pelo que os barqueiros, n'estas circumstancias, escolhem sempre o infêsto.

—

Infesta — como nome d'esta e das duas freguezias antecedentes, é na antiga accepção, por causa da subida ao cimo da qual estava a antiga egreja.

—

Agradeço cordialmegte ao sr. padre João Vieira de Castro da Cruz, de Milheiroz, os esclarecimentos que tem tem tido a bondade de me dar, d'esta e d'outras freguezias do concelho de Bouças.

INFÍAS—vide Enfias.

INFÍAS—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 35 kilometros de Viseu, 315 ao NE. de Lisboa, 60 fogos, 240 almas.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Situada em terreno accidentado, sobre a margem direita do Mondego.

É povoação antiquissima e foi grande e notavel no tempo dos romanos, como ainda hoje attestam as suas ruinas.

Pretendem alguns que a sua antiga egreja matriz foi um templo dedicado a Mercurio, e dão como prova uma inscripção latina que está na parede do lado esquerdo d'ella, que diz:

DEO MERCVRIO
APONIVS SOSVMVS
A. L. V. S.

Tambem no fim do seculo passado existia aqui uma lapide, muito bem lavrada, com a inscripção seguinte:

D. M. S.
MARCVS
MARINO
I. F. AN. LX.
CILEIA
VXOR

(*Cileia*, fez pôr esta memoria sepulchral, em honra de *seu marido, Marcos, filho de Marqninhos*, ou Marcos pequeno, *no anno sessenta.*)

—

O papa e o bispo apresentavam o abbade, que tinha 100$000 réis annuaes.

INFÍAS (antigamente **INFÍDIAS**)—Minho, proximo a Braga. (Vide esta cidade e Dume.)

INFURÇÃO—portuguez antigo, tributo, renda ou aluguer que era pago ao senhorio, pelo que vivia nas suas casas.

INGUIAS ou **ENGUIAS**—freguezia, Beira Baixa, concelho de Belmonte, comarca e 24 kilometros da Covilhan, 285 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

O vigario de Belmonte apresentava o cura, que tinha 6$5900 réis de congrua e o pé d'altar.

INHA—pequeno rio, Douro. Tem seu nascimento n'uns pequenos arroyos que vem do monte do *Castêllo*, freguezia de Escariz, concelho de Arouca.

Passa proximo a Cabeçaes (ao O.) regando as freguezias de Escariz, Fermedo, Romariz, Valle, Louredo, Gião e Canedo (sendo a 1.ª, 2.ª e 5.ª do concelho de Arouca e as mais do da Feira, e fazendo nas duas ultimas trabalhar fabricas de papel.)

Desagúa na esquerda do Douro, no sitio da *Foz do Inha*, 1 kilometro abaixo de Pé de Moura, e 24 a E. do Porto. Tem 18 kilometros de curso. Faz mover muitos moinhos, e traz algum peixe, miudo mas muito saboroso, em razão de correr arrebatado por entre pedras. Tem algumas pontes de pau e uma boa de pedra, no *Cascão*.

Dá-se n'este rio uma singularidade. Logo abaixo da tal ponte do *Cascão* (que é proximo da aldeia de S. Vicente de Lourredo) é a fabrica de papel da *Lagem*. A margem esquerda é da freguezia de Gião, concelho da Feira, e a direita é da de Louredo, concelho de Arouca, e, como a maior parte do edificio da fabrica está construido sobre o rio (que aqui é muito estreito) póde um individuo (ou uns poucos, estando em linha) estar de pé no meio de uma sala, e ter metade do corpo na comarca da Feira e a outra metade na comarca de Arouca.

O que é bonito é que a esta sala vemos tabeliães das duas comarcas fazer escripturas, e todos dizem que estão na sua; e se muitas vezes mentem, tambem muitas fallam verdade.

O Inha recebe varios ribeiros, por uma e outra margem.

INSALDE, ou **ENÇALDE** [1]—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 54 kilometros a NO. de Braga, 4405 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os descendentes de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, que tinha 330$000 réis de rendimento annual.

N'esta freguezia ha vestigios de duas fortificações, em frente uma da outra. A do E., no sitio chamado *Forninho do Ouro*, diz-se que é obra dos mouros. Tinha grandes *estradas subterraneas*, que, segundo a tradição, hiam ter ao ribeiro de Portozêllo: sendo a fortaleza para defender as minas de ouro que alli havia.

> É mais provavel que as taes *estradas* subterraneas fossem galerias de lavra d'aquelle metal, que vinham desembocar ao ribeiro, para alli ser *lavado*.

A outra fortaleza, que a tradição diz ter

[1] No foral que D. Manuel deu á villa de Coura, em 2 de junho de 1515, se lhe dá o nome de *Ençalde*; mas nos livros modernos se lhe chama *Insalde*. (Vide Coura.)

sido obra dos christãos, era no sitio chamado mesmo *Ensalde* (ou *Insalde*).

Consta que os christãos, após uma encarniçada batalha, tomaram a fortaleza dos mouros, que fugiram para os Arcos de Valle de Vez.

O padre Manuel José da Cunha, d'esta freguezia, diz que as aldeias de *Rebordans* e *Villarinho*, d'esta freguezia, formaram um couto, em tempos antigos; mas Franklin não menciona similhante couto nos foraes novos nem velhos.

O que é certo, é que no foral que D. Manuel deu a Coura, em Lisboa, a 2 de Junho de 1515 (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 72 v., col. 2.ª) é comprehendida a freguezia de *Ensalde*. (Vide vol. 2.º, pag. 414.)

Na provincia do Minho, nenhuma povoação chamada Rebordans ou Villarinho tem foral no Franklin.

É verdade que o padre Cunha diz que os monges benedictinos de Ganfei eram padroeiros d'esta egreja e que foram elles que deram foral ás taes duas aldeias; mas o *Portugal Sacro e Profano* traz unicamente como padroeiros, d'esta freguezia os taes descendentes dos Silvas Telles, de Lisboa, e não os monges de Ganfei; aos quaes tambem o padre Cunha attribue jurisdição espiritual e temporal em Insalde, o que não está provado.

—

O territorio d'esta freguezia, posto ser bastante accidentado, é muito agradavel e sádio.

As povoações da freguezia estão situadas a pouca distancia do rio Coura. As terras bem cultivadas, são no centro da freguezia, que é cercada por mattos, bosques e terrenos baldios.

Está em uma baixa formada pela serra da Boulhosa, e n'ella nasce (no sitio do *Ral*, limites d'Insalde) o referido rio *Coura*.

É terra abundante de milho, centeio, algum trigo, batatas, lenha, matto e feno. Ha tambem por aqui muita caça.

Nos pincaros da serra da Boulhosa ha varios fortins, mas todos em ruinas.

No sitio chamado ainda *Torre Velha* existiu uma torre, de que não ha vestigios.

Haverá 10 ou 12 annos (1864) que debaixo do muro do quintal do *Casal de Cima*, se achou uma lapide sepulchral, com uma inscripção em caracteres que ainda ninguem entendeu, e sob ella, um vaso de barro (muito bem conservado) cheio de ossos.

—

Affirmam muitos escriptores que o imperador do Oriente, Theodosio Magno (que depois, por morte de Valentiniano II, foi tambem imperador do Occidente) era natural da cidade de Cauca, na Lusitania, e que *Cauca*, era a actual Insalde, ou muito proximo. (Vide a pag. 215 do 2.º vol.)

INSUA ou **INSUA DE SANTO IZIDRO**, e vulgarmente **FORTE DA INSUA'**—Mesmo no meio do rio Minho ha um ilheu de rochedos graniticos, que divide em duas, a barra, sendo a do S. chamada *barra portugueza*, e a do N. *barra gallega*. A nossa é mais limpa, funda e melhor.

Fica este ilheu entre a villa portugueza de Caminha e a aldeia gallega da Passagem.

Sobre o rochedo, ou rochedos se construiu a fortaleza da *Insua*. Na baixa-mar descobre uma restinga de areia; mas na preamar, as ondas banham as muralhas, e não poucas vezes, embravecidas, galgam por cima d'ellas com fragor.

Em occasião de temporaes fica incommunicavel com a terra, porque nenhum barco se atreve a ir lá.

D. João I construiu esta fortaleza em 1388, e D. Manuel a reedificou e ampliou em 1512.

Dentro da fortaleza ha um convento que foi de frades capuchos da Conceição, fundado por Fr. Diogo Arias, em 1392.

Affirmaram-me varias pessoas naturaes de Caminha, que n'esta fortaleza ha tres singularidades:

1.ª Uma fonte de optima agua potavel, dentro do recinto da fortaleza;

2.ª Que quem estiver dentro da pequena egreja do convento não ouve o rugido do mar, debatendo-se contra os rochedos, por mais embravecido que elle esteja;

3.ª Não haver aqui ratos. Alguns *curiosos*

por experiencia os levam para lá, mas morrem logo.

Os soldados da guarnição, (quando a tinha) fizeram uma especie de tanques com grandes pedras, (ao que por aqui chamam *cambôas*) e quando vaza a maré, fica nos taes tanques, ou *cambôas*, muito peixe, que facilmente se apanha.

Em 1866 (que aqui estive) era este forte guardado por dois ou tres veteranos; hoje não sei se ainda tem esta *guarnição*.

Do forte da Insua se gosa uma bellissima vista. Ao E. o formoso rio Minho, e suas delíciosas margens—ao O. a vastidão do mar—ao N. a serra de Santa Tecla, e a bonita aldeia da *Passagem* (Galliza) e ao S. a bonita villa de Caminha.

No rio Minho ha muitas outras *insuas*, todas planas e cobertas de uma especie de *murraça* (herva marinha), que vão ceifar os moradores das duas margens — mas só na falta de outra, porque é fraca, e o gado só com muita fome a pode comer.

Ha *insuas* portuguezas, promiscuas e gallegas. Á mais vasta de todas se dá o nome de *Canosa* (e por isso, á tal *murraça* ou *capim* dão aqui o nome de *herva da Canosa*).

Apesar da pessima qualidade d'esta herva, por muitas vezes tem havido serias desintelligencias entre portuguezes e gallegos.

Todos sabem que *insula* é o mesmo que *ilha*.

—

Por uma casualidade, muito frequente nas typographias, e sobre tudo em obras extensas e complicadas (em que trabalham differentes compositores) se não *paginaram* seis *graneis* que terminavam a descripção de Caminha, pelo que, o unico recurso que tive foi publical-o na palavra Insua, por ser este forte dependencia da villa.

Peço aos leitores desculpa d'esta *deslocação* involuntaria, a que não dei causa.

—

Custando-nos a acreditar os escriptores que pretendem dar á fundação d'esta villa uma data remotissima e se não fabulosa, pelo menos problematica; esquecendo-nos da invasão da Lusitania, por Baccho, filho de Semele, no anno do mundo 2632 (1372 antes de Jesus Christo) e da residencia de Ulysses em Lisboa, pelo mesmo tempo, facto que tem bastante de inverosimil, direi apenas que os escriptores antigos, sempre inclinados ao fabuloso, deram por fundadores de Caminha os gregos Antifilico e Diomedes, companheiros de Ulysses.

Já disse que Caminha foi *couto de homisiados*: primeiro só tinham este privilegio os maritimos; mas depois, estendeu-se a toda a casta de criminosos.

Consta que no archivo do forte da Insua existe um documento que prova que quarenta d'estes criminosos homisiados foram os fundadores de Caminha; e que uns vereadores d'aqui, envergonhando-se de taes fundadores, riscaram do archivo da camara esta circumstancia, extrahida de tal livro.

Tambem não se póde dar fé a similhante documento; porque é innegavel que Caminha, qualquer que fosse o seu fundador, é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e os coutos de homisiados são instituição dos nossos primeiros reis. Podiam muito bem esses quarenta criminosos, achando a povoação destruida, reconstruirem algumas casas para sua habitação, mas não me parece deverem ser considerados como fundadores da villa.

O ultimo alcaide-mór de Caminha foi Gonçalo Affonso Pereira, setimo neto de D. Pedro Alvares de Souto Maior, visconde de Tuy, senhor da casa de Souto Maior, que passou ao serviço de Portugal no reinado de D. Affonso V, que o fez conde de Caminha.

É aqui o solar dos Caminhas, cujo fundador era um fidalgo gallego.

D'esta familia procedem varões illustres nas armas e nas lettras. Em Vianna houve um Gaspar Caminha que foi o mais rico negociante portuguez do seu tempo. No foro são bem conhecidos Antonio Caminha de Castro e Fernão Caminha, afamados jurisconsultos.

É tambem esta villa patria do dr. Pedro Barbosa, que reformou as *Ordenações do Reino*.

Aqui nasceu, no seculo XVII, João Soares Rebello, que foi considerado o melhor ecom-

positor de musica, da Europa, e cujas obras mandou imprimir todas, à sua custa, D. João IV.

O concelho de Caminha foi muito mais extenso, do que é actualmente, pois d'elle se desmembraram varias freguezias das que constituem hoje o concelho de Villa Nova da Cerveira.

—

Em 1743, foi feito parocho da freguezia de Villar de Mouros, João Affonso de Souza, que escreveu sobre Caminha uns apontamentos (ineditos) bastante curiosos. Sustenta, contra a opinião do padre Carvalho e outros, que o nome de Caminha não vem de *Camainio;* porque, muitos seculos antes da existencia d'este homem, já Plinio dá a esta povoação o nome de *Opido Minitim;* e que o nome actual é corrupção de *Caput Minii.* É certo achar-se esta villa situada proximo ao cabo de Santo Antão, sobranceiro ao Minho, e a rua que corre na raiz do mesmo cabo se denomina ainda *Rua do Cabo.*

—

Já disse que primeiramente esta villa só tinha a privilegio de homisio para quarenta criminosos, da classe maritima; mas como d'esta classe não chegassem nunca a quarenta, para a povoação da villa, requereram os moradores d'ella a D. João I para o privileggio se estender a toda a classe de criminosos, mas nunca excedendo o dito numero de quarenta.

Este privilegio foi confirmado por el-rei D. Manuel.

—

O pedreiro que construiu o corpo da egreja matriz, chamava-se João de Siloro, era biscainho; a torre porém foi construida pelo portuguez Diogo Ennes. Duraram as obras 68 annos.

—

Os parochos, até 1561, intitularam-se abbades. O ultimo foi D. André de Noronha, da casa dos marquezes de Villa Real, que era então a padroeira.

Este D. André foi depois bispo de Portalegre.

Passou então a ser reitoria, e das rendas dos abbades (a maior parte provenientes dos dizimos) se fizeram quatro prestimonios, da Ordem de Christo, que todos dava a casa de Villa Real, até ao seu exterminio, em 1641, passando então o padroado para a casa real e depois para o infantado.

—

O convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) teve principio em um recolhimento de beatas. É situado na rua da Misericordia, que tomou este nome porque a padroeira do recolhimento, e depois do convento, é Nossa Senhora da Misericordia. A capella das beatas foi continuando a servir de egreja do convento, até se fundar a actual; menos a capella-mór, que é mais moderna, e foi fundada pelo morgado d'esta villa, Antonio de Magalhães e Menezes, residente em Braga, e progenitor dos Pittas e Magalhães, de Caminha; Castros, do Côvo; e outras familias nobres de Portugal.

Este morgado tinha obrigação de dar 10$000 réis por anno ao convento, para o azeite da alampada do Santissimo Sacramento.

—

Segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se venera na egreja d'este mosteiro, foi achada por uns fidalgos, que andavam á caça no pinhal do Camarido, mettida dentro d'um caixão, quasi enterrado na areia. Trouxeram-n'a para a egreja do convento, na intenção de a levarem no outro dia processionalmente para a matriz; mas as freiras, escondendo-a, se recusaram a entregal-a, e lá ficou.

—

Havia n'esta villa uma albergaria, administrada pela Misericordia, muito antiga, e não se sabe quem a fundou. Tinha 12$000 réis de renda annual, provenientes de bens que lhe deixou Gonçalo Gil, em 1457. Esta albergaria foi, por ordem regia, unida ao hospital da Misericordia, em 1556.

Antes de existir o hospital militar de S. João de Deus, curava-se a tropa no da Misericordia, pelo que recebia annualmente do thesouro, dez cruzados (4$000 réis) para pagar ao medico e cirurgião, e cada soldado da guarnição do forte da Insua, dava do seu soldo, annualmente, um vintem, para ter o direito de ser alli curado.

Durou isto até 1647, em cujo anno os padres de S. João de Deus, vendo que a Misericordia lhes não queria ceder o hospital, fizeram um para os militares.

A Misericordia tinha no principio d'este seculo uns 600$000 réis de rendimento.

Junto á Misericordia está a bonita e grande capella de S. Sebastião. Tem duas imagens d'este santo, sendo objecto de maior devoção a mais antiga, que é tradição ter sido achada no areal do Camarido (como a de Nossa Senhora da Conceição.)

A mais moderna foi mandada alli collocar, pelos annos de 1750, por um governador de Caminha.

A camara faz a festa a S. Sebastião, a 20 de janeiro (para isto tinha a camara annualmente 20$000 réis, que lhe dava o cobrador dos direitos reaes.)

Emquanto aqui houve guarnição militar, lhe fazia a tropa uma outra festa, á sua custa.

—

A capella de S. João, foi fundada em 1632, e n'ella collocaram os estudantes da villa, uma imagem de S. Bento, e principiaram uma florescente irmandade, no anno de 1728, e celebram suas festividades, sem dependencia do parocho.

—

A capella de Nossa Senhora da Piedade, do Muro, tem esta denominação, por estar dentro da torre que se chamava da Piedade, e que tinha uma irmandade, composta das donzellas da villa.

—

A capella de Santo Antonio Esquecido, estava mettida na mesma torre, por baixo da antecedente. Tinha uma imagem de Santo Antonio, que esteve muitos annos mettida em um nicho, na mesma torre.

Fez-se-lhe, em 1739, a actual capella, com as offertas e esmolas do povo, que é muito devoto d'este santo.

—

A capella de Nossa Senhora de Guadalupe, foi administrada pelos herdeiros de Eugenio Pereira de Castro. Hoje é da administração parochial, e a familia dos Castros (de Villa Nova da Cerveira) só lhe paga, para ajuda do azeite da alampada, 240$ reis annuaes.

Está extra-muros.

—

A capella de Nossa Senhora da Graaça, é publica, mas administrada pela casa doss Pittas (hoje o sr. Rodrigo Pitta de Menezzes e Castro.) Está tambem extra-muros, além da ponte do Coura, já na freguezia de Seixas; mas mesmo no fim da ponte.

—

É Caminha o solar dos Pittas. Foi seu progenitor, um fidalgo gallego, chamado João Pitta Ortigueira, natural de Santa Maartha da Ortigueira, na Galliza; que veiu para Portugal e aqui estabeleceu o seu solar. D'elle procedem quasi todos os Pittaas de Portugal. A sua primeira residencia (do tal João Pitta) foi em Ponte de Lima; mas, commettendo alli um crime, fugiu para aqui por ser couto de homisiados.

Fez grandes serviços a D. Affonso V, nas guerras da Africa, pelo que, em 1476, estando aquelle rei em Toro, o fez fidalgo, o que D. Manuel confirmou, em 1497.

Todas as familias nobres d'esta villa, são descendentes dos Pittas.

Dizem outros que João Pitta e seu irmão Gonçallo Pitta, assassinaram na Galliza, dois fidalgos, um da familia Pardo e outro da dos Fajardos; e que fugiram logo para o couto de Caminha e não para Ponte de Lima.

As armas dos Pittas, são: escudo esquartellado no 1.º e 4.º, de azul, uma torre de ouro e no 2.º e 3.º, de púrpura, bandada de ouro, sahindo da bocca de duas serpes, tragantes, de verde, picadas de ouro, lampassadas de púrpura. Timbre, a torre das armas. (São os *Serpes* de Caminha.)

Outros da mesma familia, descendentes de Sebastião Gonçalves Pitta, commendalador da Ordem de Christo, trazem por armas: em campo de púrpura, uma onça, da sua côr, rompente, cortada de sangue e lampassada de ouro: orla do mesmo, carregada de oito crescentes azues, em pala, com as pontas para a direita. Timbre, a onça das armas, com um dos crescentes da orla nas garras, em acção de o querer despedaçar.

Estas armas foram dadas, por el-rei D

Sebastião, em 1572, ao tal Sebastião Gonçalves Pitta, em recompensa dos seus grandes serviços.

—

A feira, tinha antigamente o privilegio de *franca*. Faz-se no primeiro dia de cada mez. A primeira fez-se no dia 1.º de maio de 1627.

—

A Porta do Sol (onde está a capella de Santo Antonio Esquecido) foi aberta por D. Affonso III, em 1260.

Junto a esta porta estão as ruinas dos antigos paços dos condes de Caminha. Ainda alli se vê, em uma pedra, já muito gasta pelo tempo, a seguinte inscripção:

AQUI VIVEU D. PEDRO ALVARES
DE SOTTO-MAIOR
E SUA MULHER, D. THEREZA
DE TAVORA,
CONDES DE CAMINHA
VISCONDES DE TUY, SENHORES
DA CASA DE SOTTO-MAIOR
E DAS VILLAS DE CRECENTE
E FORNELLOS
ANNO DE 1476.

—

No dia 10 de junho de 1874, houve em Caminha e na maior parte do seu concelho, uma horrorosa tempestade, de vento, trovões e raios; cahindo ao mesmo tempo e por uns tres quartos de hora, uma chuva de pedra, tendo alguma 500 grammas de pêso.

Causou grandes prejuizos, quebrando vidraças, arrancando e esmigalhando telhados, matando gado e gente. As novidades perderam-se, sendo preciso semear de novo. Foi preciso cobrir as casas com palha, até se fazer telha.

As freguezias que mais soffreram, foram: Caminha, Portella, Cristêllo, Mollêdo, Gontinhães, Ville, Ancora, Riba de Ancora, e a freguezia de Affife, já no concelho de Vianna; mas a partir com Ancora. Aterrou toda a gente d'estes sitios.

INSUA — Vide Castendo.

INTEIRO E ENTREGADO — portuguez antigo, ainda hoje usado no Norte do reino.— Significa — completo, sem quebra ou desconto. (Vide *Entregue.)*

IRIA (Santa) — freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa, 70 kilometros ao O. de Evora, 150 ao SE. de Lisboa, 65 fogos. Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Iria.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão curado, que tinha 180 alqueires de trigo, de rendimento annual.

IRÍA (Santa) ou **RIBEIRA DE SANTAREM** — freguezia, Estremadura, concelho e comarca e um bairro de Santarem, vulgarmente chamado *Ribeira*, onde está a 13.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste; 84 kilometros a NE. de Lisboa, 360 fogos. Em 1757 tinha 381 fogos.

Orago Santa Iria, virgem e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada sobre a margem direita do Tejo, e muito fertil.

Tem grande commercio com Lisboa pelo Tejo, e pelo caminho de ferro com Lisboa e outras muitas terras.

A collegiada de Santa Maria da Alcaçova, de Santarem, apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis. (Para evitar repetições, vide, para tudo quanto diz respeito a esta freguezia, a palavra *Santarem).*

IRÍA (Santa) ou **POVOA DE SANTA IRÍA** —freguezia, Estremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira (foi do extincto concelho d'Alverca) 16 kilometros a NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 349 fogos.

Orago Santa Iría, virgem e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

É a 4.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Situada sobre a direita do Tejo, em bonita posição. Faz tambem grande commercio com a freguezia antecedente.

O prior de Santo André, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 150$000 réis annuaes.

—

A Povoa de Santa Iria foi solar dos *Valentes.*

O primeiro que se acha com este appellido é Abril Pires Valente, pae de D. Vicente Affonso Valente (ou D. Affonso Pires Valente) que em 1348 instituiu o morgado da Povoa; como se vê de um letreiro que está em uma sepultura da capella-mór da egreja de S. Jorge, de Lisboa. Este D. Vicente, morrendo sem successão, deixou o morgado a seu irmão, Lourenço Affonso Valente, pae de Pedro Affonso Valente.

Suas armas são—em campo de púrpura, leão de oiro, faxado de 3 faxas azues; élmo d'aço, aberto, e por timbre o leão das armas.

Alguns d'esta familia accrescentaram o escudo com este letreiro—STRENO STRENUUS NON INDIGET ARMIS.

IRIVO E COREIXAS— (antigamente *Erívo*), freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. de Penafiel, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Oragos S. Vicente, martyr, e Santa Maria, que eram os das duas antigas freguezias, hoje annexas.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Irívo é corrupção de *Eurígo* ou *Eurico*, nome proprio de homem. Antigamente escrevia-se *Erivo*, e era menos corrupto.

É terra fertil.

Vide Coreixas, onde está o mais que pertence a esta freguezia, que aqui não vae, por já estar na sua annexa.

Em Coreixas disse quem apresentava o parocho, quando as duas freguezias estavam separadas.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Sousa apresentava o cura de Irívo que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

IRMÃOS DAS TALHADAS — tres monstruosos penedos que se vêem na serra das *Talhadas*. O maior chama-se *penêdo dos cucos*; o 2.º é o *penêdo do trigo*; e o 3.º é a *lapa da fazenda*. D'elles trato circumstanciadamente na serra das *Talhadas*; vide esta palavra.

ISABEL (Santa) — freguezia da capital. (Vide Lisboa.)

ISIDÓRO (Santo) ou **SANCHE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros a NE, de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era do antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855, por isso ainda se dá a esta freguezia o nome de Santo Isidoro de *Cima-Tamega*, ou de *Sobre Tamega*, ou finalmente de *Riba-Tamega*.

As religiosas do convento dos Remedios, Piedade e Madre de Deus, de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Produz muito bom vinho.

ISIDÓRO (Santo)—freguezia, Estremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 40 kilometros a NO. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 361 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Pathriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Os freguezes apresentavam o cura, ao qual davam 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, e uma pipa de vinho. O vigario de Santo André de Mafra, de que esta egreja foi filial, lhe pagava 30 alqueires de trigo, 30 de cevada, uma pipa de vinho, 600 réis em dinheiro, metade das offertas da mesma freguezia de Santo Isidoro, que vinha a ser —das pessoas maiores, 3 canadas de vinho e meio alqueire de trigo; e das menores, canada e meia de vinho, e uma quarta de trigo, e o pé d'altar. Além d'isto rendia uns 30$000 réis de *benesses*.

ISIDÓRO (Santo) **DE RIBA TAMEGA** — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis.

(Vide *Cima-Tâmega*.)

ISNNA — freguezia, Beira Baixa, comarca da Ceertan, concelho d'Oleiros, 180 kilometros aa E. de Lisboa, 100 fogos.

Orrago Nossa Senhora das Dôres.

Patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato), districto administrativo de Castello-Branco.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

ITTINERARIO DO IMPERADOR ANTONINO AUGUSTO PIO — Damos a parte do Itinerario de Antonino, relativa ás vias romanas, comprehendidas entre o Minho e o Guadiana, conforme a optima edição de Parthey et Pinder, Berlin, 1848. Para julgar, porém, da maior ou menor auctoridade das variantes, que vão em nota ao texto de Wesseling *(Vetera Romanorum Itineraria, 1735)* adoptado pelos editores, fazemos a enumeração dos codices que se tiveram presentes, indicando-os com as lettras do alphabeto, que marcam a procedencia das variantes.

A — Codice da Bibliotheca de Paris (num. 4806) escripto no seculo X.
B — » » » (num. 4806) do fim do seculo IX.
C — » » » (num. 4808) do seculo XII.
D — » » » (num. 7230) do seculo X.
E — » » » (num. 4126) do seculo XIII.
F —
G — } Copia do seculo XVI. *G* non magnae est auctoritatis.
J — Codice Remensis (num. 785 K) do anno 1417.
K — » Guelferbitano (num. 61) do seculo XV.
L — » Vindobonense (num. 329) do seculo VIII.
M — » Dresdense (D, 182) do seculo XI.
N — » Vaticano (num. 1883) do seculo XIV.
O — » Matritense (Q, 129) do seculo XIV ou XV.
P — » Scorialense (II, R, 18) do seculo VIII.
Q — » Florentino (plut. 89, sup. cod. 68) do seculo XV.
R — » » (plut. 89, sup. cod. 67) do seculo X.
S — » Lugduno-Batavo, do fim do seculo XIII.
T — » Parisiense (sup. lat. 671) do seculo XV.
U — » Monacensis (num. 291) do anno 1542-51.
V — » » (num. 99) do anno 1436.

Assim, para designar o codice d'onde deriva a variante, se põe somente a lettra, ou, quando sejam mais do que um os codices, as lettras iniciaes que os distinguem.

ITINERA

1 Iter ab Olisipone Emeritam..... mpm CLXI sic
2 Equabona..... mpm XII
3 Catobriga..... mpm XII
4 Caeciliana..... mpm VIII
5 Malececa..... mpm XXVI

1 *oom. B* | olisippone *CDFGMRTU*, olishippone *JLN*, hilisipone *Q* | emerita *Q* | CLXI | *s c CDFJLR, recte*; CXLI *N*, e *W*esseling. CLXXVII *GMOQTUV*
2 aaquabona *D*, aequabona *MOQTUV* | XVI *GOQTUV*
3 ccatobrica *libri: nummi et lapides in similibus* — briga
C4 aeciliana | *sic L*, ceciliana *DJN*, ciliana *GMOQTUV*, ciciliana *BCFR* | XII *D*
5 Malececa | *sic CGJLMNT*, maleceta *OQV*, malecea *R*, malecaeca *U*, malateca *D*, malceca *BF* | XVI *F* e *W*esseling.

1 Salacia ..... mpm XII
2 Ebora..... mpm XLIIII
3 Ad Adrum flumen..... mpm VIIII
4 Dipone..... mpm XII
5 Evandriana..... mpm XVII
6 Emerita..... mpm VIIII.

---

7 A Salacia Ossonoba..... mpm XVI.

---

8 Alio itinere ab Olisipone Emeritam... mpm CXLV sic
9 Aritio praetorio..... mpm XXXVIII
10 Abelterio..... mpm XXVIII
11 Matusaro..... mpm XXIIII
12 Ad Septem aras..... mpm VIII
13 Budua ..... mpm XII
14 Plagiaria ..... mpm VIII
15 Emerita..... mpm XXX.

---

16 Item alio itinere ab Olisipone
17 Emeritam ..... mpm CCXX
18 Ierabrica..... mpm XXX
19 Scalabin..... mpm XXXII
20 Tubucci..... mpm XXXII
21 Fraxinum ..... mpm XXXII
22 Montobrica ..... mpm XXX
23 Ad Septem aras ..... mpm XIIII
24 Plagiaria..... mpm XX
25 Emerita..... mpm XXX

1 salatia *CMOQTUV*
3 atrum *JLN*, dadrum *FG* | flumen *inter versus sec. L*, fulcoen *J* | VIII *R*
4 *om. B* | dippone *FGMOQTUV*
5 euandria *J*, euendriana *R*
6 *om. QR* | ementa *MTUV*
7 *ante* A Salacia *F G add.* Iter — A Salacia *om. J* | salatia *CMOQTUV* | ossonoba *BFG LNR*, osonoba *J*, bona *CMOQTUV*.
8 Alio | item alio *N*, item *(puntis supra pos.)* alio *L*, *om. FG* | itenere *L*, iter *FG* | | Olisipone | *sic O*, olisippone *CFG*, olisipone *B*, olippone *R*, olishippone *JL*, olishopppone *N*, alisippone *MTUV*, ilisipone *Q* | emerita *R* | CXLIIII *N*, CXLIIII *(ex. corr. sec. nm) L; numeri collecti efficiunt* CXLVIII | R hic III super sunt *mg. B*, R IIII super *mg. L*
9 pretorio *BJQR* | XXX *J*, XXVIII *OQ*
10 abelteri *BF*, a belitrio *G*, abaelterio *M*
11 manisaro *G* | XXVII *B*
14 Plagiaria | *sic JN*, plagiari *BFR*, plagiara (*corr.* plagiaria) *L*, plagiam *CMOQTUV*, plactaria *D*, plagiani *G* | VIII | *sic BCDJLNR*, VIIII *CMOQTV*, XII *F* e *Wesselingii*.
16 iter *FG* | alio *om. F* | itenere *L*, *om. F* | Olisipone *sic OQ*, olisinpone *B*, olishippone *JL*, holishippone *N*, olisippone *reliqui*
17 emerita *R* | CCXX) *recte;* CCL *D* | sic *om. Q*
18 ierabrica *JLN*, ierabrica *D*, gerabricam *Q*, gerabrica *reliqui; cf. n.* 19
19 scallabin *BCFGJLR* | XXX *Q*
20 *et 12 post 13 ponit J* | tabucci *(ut videtur) D* | XXX *QR*
21 fraxinum *C* | XXX *Q*, XXXIII *D*
22 Montobrica) *sic JLN*, mundobrica *BFG*, mantobrica *T*, montobrica *reliqui* | X (X.....?) *D*
23 XIII, *Q*, XXIIII *B*, XL *D*

1	Iter ab Olisipone Bracaram Au-	
2	gustam	mpm CCXLIIII sic
3	Ierabrica	mpm XXX
4	Scalabin	mpm XXXII
5	Sellium	mpm XXXII
6	Conembriga	mpm XXXIIII
7	Eminio	mpm X
8	Talabriga	mpm XL
9	Langobriga	mpm XVIII
10	Calem	mpm XIII
11	Bracara	mpm XXXV.

12	Iter a Bracara Asturicam	mpm CCXLVII sic
13	Salacia	mpm XX
14	Praesidio	mpm XXVI
15	Caladuno	mpm XVI
16	Ad Aquas	mpm XVIII
17	Pinetum	mpm XX
18	Roboretum	mpm XXXVI
19	Compleutica	mpm XXVIIII
20	Veniatia	mpm XXV
21	Petavonium	mpm XXVIII
22	Argentiolum	mpm XV
23	Asturica	mpm XIIII

24	Item alio itinere a Bracara Astu-	
25	ricam	mpm CCXV sic

1 Olisipone) *sic FG*, olisinpone *B*, olishippone *JLN*, olisippone *reliqui* | bracaram *BCFGMQRTUV*, bracatã *O* | Augustam *om. F*
2 CCXLIIII) *recte;* CCXLIII *R* | sic *om. B*
3 Ierabrica) *sic JL*, ierabrica *BFG*, ierabriga *N*, ierabrica *reliqui*
4 scallabin *JLN*, scalabim *Q* | XXVI *R*
5 celliùm *BF*, cellum *G*
6 Conembriga) *sic JLN*, concunbrica *O*, concumbrica *Q*, conembrica *reliqui* | XL *J*
7 *om. J* | emenio *C*, aeminio *L*, emmio *R* | XI *Q*, XXX *N*
8 *om. J* | talabrica *libri*, Talabria *Ptolem. Appian.* | XI *R*
9 Langobriga) *sic JLN*, langobrica *reliqui* | XXX *R*
11 bragara *libri*
12 a *om. QR* | bragara *CFGOQR* | asturigam *C* | CCXLVII) *recte;* CCXLVI *R om. CO* | *inter* CCXL *et* VII *spatium trium vel quattuor litterarum capax L* | sic *om. CJLNO* | R X minus *mg. L*
13 salatia *CFGMNOQTUV*
14 presidio *JOQRV*
16 XXVI *BFG* e *Wesseling.*
17 pineto *G* | XXVIIII *G*
18 XXXIII *R*
19 compleutica *BL*, completica *Q* | XVIIII *(ex correct. sec. m.* XXVIIII) *L*, XXV *OV*, XXVI *Q*, XXXIIII *FG*
20 ueniacia *BCLMRU*, uemacia *N*
23 asturiga *D*, astudiga *Q* astirica *R* | XXIIII *D*
23 *quae sequuntur duo itinera hoc loco habet D, om. L*
24 Item) item ab *D* | itenere *B* | asturica *BCDJMNOQRT*
25 CCXII *F; numeri collecti efficiunt* CCXIIII | sic *om. JN*

1	Salaniana	mpm XXI
2	Aquis Originis	mpm XVIII
3	Aquis Querquennis	mpm XIIII
4	Geminas	mpm XVI
5	Salientibus	mpm XIIII
6	Praesidio	mpm XVIII
7	Nemetobriga	mpm XIII
8	Foro	mpm XVIIII
9	Gemestario	mpm XVIII
10	Bergido	mpm XIII
11	Interamnio Flavio	mpm XX
12	Asturica	mpm XXX

13	Item a Bracara Asturicam	mpm CCXCVIII sic
14	Limia	mpm XVIIII
15	Tude	mpm XXIIII
16	Burbida	mpm XVI
17	Turoqua	mpm XVI
18	Aquis Celenis	mpm XXIIII
19	Pria	mpm XII
20	Asseconia	mpm XXIII
21	Brevis	mpm XII
22	Marciae	mpm XX
23	Luco Augusti	mpm XIII
24	Timalino	mpm XXII

1 silaniana *D*, salamiana *J*, salamana *MQTUV* | XI *CMOQTUV*
2 Originis) *sic BCF*, oreginis *D*, ogirinis *GMOTUV*, ogirinis (*corr.* originis) *N*, ogerinis *QR*, ocirinis *J* | XXVIII *F*
3 *om. GT* | quis *D* | quercennis *D*, quennis *MUV*, quecnis *Q*, quetnis *O*, querquuennis *R* | XIII *J*, XVIIII *N*
4 geminis *D*, ceconas *J* | XV *R*, XIII *Wess.*
5 *in D legi nequit* | XIIII) *sic N*, XIII *J*, XVIIII *CMRT*, XVIII *reliqui*
6 —10 *R ponit post p.* 11
6 *om. O* | presidio *JQR* | VIII *BFG*, XVII *C*
7 Nemetobriga) *sic N*, nemetobrica *FMR*, nemotobrica *B*, nemetoborica *C*, nomerobrica *Q*, nometobrica *GOTUV*, nemetobrica coptio (coptio *natum ex* mpm)
8 forocoptio *J* | XVIII *J*
9 gecoestario *J* | XVII *J*
10 belgido *libri;* | XVI *N*, X *Wess.*
11 Interamnio) *sic N*, intereraconio *BR*, intereragonio *F*, interepaconio *CGMOTUV*, interepaconia *Q*, interaconio *J* | fluvio *CGMOQTUV*
12 asturiga *N*
13 bragara *BC* | adsturicam *B*, asturica *JNR* | CCXCVIII) *recte;* CCXCVIII *JNV*, CCCCXCIX *Sur. Wess*, | sic *om. J*
14 licoia *J* | XVIII *JN*
15 YVI *J*, XVIIII *O*
16 *om. J* | burbala *G*, burbacla *T*, burbada *MOQUV*, barbida *R* | XXVI *F*
17 *om. J* | turoca *C* | XIII *F*
18 selinis *F*, scelenis *OQ*, celinis *BJT* | XXIII *J*
20 assegonia *DJN*, aseconia *O*, ascionia *H* | XIII *D*, XXII *OQ*
21 XXII *D*
22 Marciae) *sic CNUV*, martiae *FG*, martie *J*, marcie *reliqui*
23 loco *libri.* | augusto *CMOQTUV*, augustini *R* | VI *F*, XVI *Sur. Wess.*
24 timilano *F*, tinialino *N*, tomalino *G*, timalino *T*, ticoalino *J*

1 Ponte Neviae..... mpm XII
2 Uttaris..... mpm XX
3 Bergido..... mpm XVI
4 Interamnio Flavio..... mpm XX
5 Asturica..... mpm XXX

---

6 Item per loca maritima a Bracara
7 Asturicam..... mpm CCVII sic
8 Aquis Celenis..... stadia CLXV
9 Vico Spacorum..... stadia CXCV
10 Ad Duos pontes..... stadia CL
11 Grandimiro..... stadia CLXXX
12 Trigundo..... mpm XXII
13 Brigantium..... mpm XXX
14 Caranico..... mpm XVIII
15 Luco Augusti..... mpm XVII
16 Timalino..... mpm XXII
17 Ponte Neviae..... mpm XII
18 Uttari..... mpm XX
19 Bergido..... mpm XVI
20 Asturica..... mpm L.

---

21 Item de Esuri Pace Iulia..... mpm CCLXVII sic
22 Balsa..... mpm XXIIII

1 Neviae) *sic DR*, neuie *BCF*, naeuie *J*, naeuiae *N*, nouiae *GTUV*, nouie *MOQ* | XVI *J*
2 Uttaris) *sic CDR*, uttarris *(ut videtur) B*, utcaris *MOQTUV*, uitarris *FG*, uitaris *N* uectaris *J*
4 interamnio *FG*, intermino *U*, in teraconio *J* | fluuio *CGMOQRTUV*
5 sturica *D*
6 marittima *Q* | braccara *N*, bracaria *OQR*, B *C*
7 asturica *MOQRT* | *post* Asturicam *add.* usque *CJMMOQRTUV* | CCVII *om. JNQ, inter versus a tertia manu habet L* | sic *habent MOQT, om. reliqui* | *stadiorum summa omissa est: milia sunt* CCVII
8 scelenis *J* | *Aquae Celenae, si eaedem sunt quae memorantur antec, via eo loco ponendae erunt quo nunc legitur* Ad Duos pontes, *ita:*
Ad Duos pontes
Vico Spacorum
Aquis Celenis
| stadia) *sic codices plerique hic et in seqq.*, stadia mp *Q*, stadia mpm *T*, stad *Wess.* | CXLV *MOQRTUV*
9 sparcorum *FG* | stadia mpm CXCV *T, om. Q* | CXXV *R*, CL *UV*
10 spontes (*corr.* pontes) *C* | stadia) stadia mpm *TU*, stadia mp *Q* | pontes duos *U*
11 grandimuro *GMTUV*, gradimuto *O*, grandimuto *Q* | stadia) stadia mpm *TUV*, stadia mp *Q* | LXXX *GMOQTUV*
12 trigondo *JLN*, erigondo *Q*, | XX *U*, XXIIII *R*
13 *om. Q*
14 carinico *Q*, caronico *R* | XVII *Q*
15 lugo *CMOQTUV*, loco *N*, iugo *R* | angustini *R* | XIIII *F*
16 tunalino *UV* | XXIIII *GT*
17 Neviae) *sic FLR* neuie *BJN*, nouie *CMOT*, nouiae *GUV*, nonio *Q* | mpm XII *om. OQ*
18 utari *FGMOQTU*, uitari *R*, ultari *V*
19 borgido *GOQTUV* | XVII *Q, om. J*
20 LI *O*
21 esupi *G*, estri *F*, exuri *Q*, suri *J*, suri (*corr. sec. m.* esuri) *L* | CCLXVII) *recte;* CLXIIII *F*, CLXVII *G*, CCLXXVII *JLN*, CCLXIIII *Wess.* | sic *om. JUV* | R X minus *mg. L*

1 Ossonoba..... mpm XVI
2 Aranni..... mpm LX
3 Salacia..... mpm XXXV
4 Eboram..... mpm XLIIII
5 Serpa..... mpm XIII
6 Fines..... mpm XX
7 Arucci..... mpm XXV
8 Pace Julia..... mpm XXX

---

9 Item ab Esuri per compendium
10 Pace Iulia..... mpm LXXVI sic
11 Myrtili..... mpm XL
12 Pace Iulia..... mpm XXXVI.

1 Ossonoba) *sic JLN*, ossanoua *B*, ossana *R*, ossonoua *reliqui* | XIII *F*
2 atani *Q*, atanni *O*
3 scalacia *D*, serapia (*et mox* sarapia) *J*, sarapia *LN*, rarapia *BCFR*, rapta *GMOQTUV*. | XXXII *F* | *versus 1 et 2 repetit J, deinde inserit duo itinera a Bracara Asturicam (pag. 99-100), quod hic latet vitium Cortesius ita emendare tentavit (M. Cortés y Lopez, Diccionario geogr. hist. de la Esp. ant. Madrid 1835, T. 1, p. 265)*:

Iter ab Esuri Pace Iulia
Balsa XXIV. *Tavira.*
Ossonoba XXVI. *Faro.*
Arani XL. *Monchique.*
Rarapia XXX. *Ourique.*
Pace Iulia XXXIX. *Beja.*
Iter ab Esuri Ebora
Serpa LX. *Terpa.*
Fines XVI. *Moura.*
Arucci XXIV. *Mourão: Arucci nova.*
Ebora XXIX. *Ebora.*

4 eburam *R*, Ebora *Wess.* | XLIII *V*, XLVIII *N*, LXIIII *D*
5 XII *R*
6 fine *D*
7 araccі *D*, arrucci *FG*, aructi *J*, aruca *MOQTUV* | XXII *FG*
8 paci *D* | XXXVI *D*
9 *om. D* | ab) a *U* | esuria *R*, aesuri *T* | conpendium *BL*
0 *om. D* | LXVI *R* | sic *om. JN*
11 *om. D* | mirtili *N*, murtila *O*, murtili *Q* | L *Q*
12 *om. D* | XXIII *R*

IZÊDA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Chacim até 1855, e desde então concelho e comarca de Bragança, 200 fogos, 800 almas. Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi até 1855 cabeça de um antigo concelho, que tinha 1:520 fogos, e que então foi supprimido,

Izêda é corrupção de *Jazêda* (portuguez antigo) que significa—estancia, enseada, ancoradouro. Tambem pode ser derivado de *Isidis*, palavra latina—a deusa *Isis*, adorada primeiramente pelos egypcios, e cujo culto se propagou por quasi todo o mundo, sendo tambem adoptado pelos suevos.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

ÍZIDÓRO (Santo)—Vide Isidoro.

J

JACINTHO (S.) (Costa de) povoação maritima, Douro, pertencente á freguezia de Vera Cruz, da cidade, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Aveiro. É uma pequena costa no litoral, com algumas casas de madeira, a que chamam *palheiros*. A sua população permanente são apenas, alguns, poucos, pescadores. No tempo da *sáfra* está mais animada, porque se fazem aqui grandes pescarias—e no tempo dos banhos do mar, estão as casas cheias de gente, que vem para aqui tomar banhos.

Em dezembro de 1873, appareceu n'esta costa um peixe desconhecido. Estando alli mais de 400 pescadores (alguns septuagenarios) nenhum lhe soube dar o nome, nem se lembrava de vêr outro de egual especie.

Tinha a configuração de um peixe espada; mas muito curto, relativamente á altura, que é—desde o ápice do lombo até á extremidade inferior, 0m,36, e de comprimento 0m,60. Não tinha rabo, era tão largo pela parte anterior como pela posterior, terminando em gume, como uma faca. Tinha nos olhos um circulo branco, com o centro preto. Em logar de boca, tinha um buraco circular, na extremidade superior da cabeça.

Tinha duas barbatanas, crescidas, nos pontos onde os outros peixes as teem, e duas ainda mais crescidas (guias) no corpo, uma por cima e outra por baixo.

Tinha côr de estanho, com lindissimas ondulações.

JALLES—vide Alfarella de Jalles.

JALNE—portuguez antigo, *amarello*, derivado do francez *jaune*.

JAMAR—portuguez antigo, *nomear*, chamar alguem pelo seu nome.

JANARDE—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao ENE. de Aroure, 35 ao O. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Barnabé.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Ha n'esta freguezia uma mina de optima galena, que se não explora pela sua má posição; pois, além de estar ao fundo de um barranco, onde não podem hir carros, nem mesmo bêstas, fica muito longe das vias de communicação. Junto d'esta mina, por entre as fendas de um rochedo sahe um líquido betuminoso que me pareceu petroleo.

Esta freguezia produz alguns cereaes, castanha, azeite e algumas fructas. Cria bom gado de varias especies, e ha por aqui muita caça. É montanhosa. É atravessada pelo ribeiro do seu nome.

JANEIRO DE BAIXO—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Arganil, concelho de Pampilhosa, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Todos sabem que *Janeiro* é nome proprio de homem, corrupção de *Januario*.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Foi do concelho de Fajão.

JANEIRO DE CIMA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 264 kilometros ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Janeiro de Baixo apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JANÊTA—portuguez antigo, *jinêta, fuinha*.

JARAZ—vide Geraz.

JARMÊLLO — vide Jermello.

JAZEDA — portuguez antigo, estancia, enceada, ancoragem de navios.

JAZENTE (antigamente **JACENTE**) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo do Porto apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 300$000 réis.

Situada em terreno accidentado mas fertil e sádio, proximo do Tamega.

Aqui foi abbade, o célebre poeta e *bon vivant*, Paulino Cabral de Vasconcellos, que floresceu no fim do seculo XVIII.

Havia aqui um antiquissimo convento de freiras bentas, que ainda existia em 1458, pois então foi para aqui mandada do convento da mesma ordem, de *Recião*, Maria Rodrigues, por incorrigivel. Não pude saber quando este convento foi supprimido, passando a abbadia secular; mas parece-me que foi antes de 1600.

JAZÍDA — portuguez antigo, *habitação, morada*.

JAZÍDO — portuguez antigo, *o que é, o que está—ser, estar*.

JEJÚA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 24 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago o Salvador (antigamente a Transfiguração de Jesus Christo.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador de Santa Eulalia de Ceia, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 50$000 réis

JELMANIAH — nome posto pelos arabes á villa de Moura, no Alemtejo.

JERMELLO ou **S. MIGUEL DE JERMELLO** — villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 130 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Já era couto no reinado de D. Affonso Henriques. Depois passou a concelho com 1:060 fogos, que foi supprimido em 1855.

Situada em terreno accidentado, na Serra da Estrella.

Fazem-se aqui optimos queijos.

E' terra fertil.

Havia antigamente tres freguezias d'este nome, que hoje estão reunidas, de que adiante tratarei. Além d'essas, ha mais a seguinte, cujo orago é S. Pedro.

É patria de Pedro Coelho, um dos cobardes assassinos de D. Ignez de Castro. Era filho de Estevão Coelho e D. Maria Mendes Petite. (Vide Gaia.)

Elle, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, commetteram aquelle barbaro assassinio, em Coimbra, a 7 de janeiro de 1355.

A Pedro Coelho, mandou D. Pedro I arrancar o coração pelo peito, e ao seu cumplice, Alvaro Gonçalves, lhe foi arrancado pelas costas, em Santarem, a 18 de janeiro de 1357.

Só escapou á vingança do rei, Diogo Lopes Pacheco, por ter fugido para a França, feito almocreve.

D. Pedro I, ainda não contente com este horroroso castigo. mandou no mesmo anno de 1357, arrazar esta villa de Jermêllo (o que se fez) só por ser patria de Pedro Coelho!

—

Jermêllo é povoação muito antiga, pelo menos do tempo dos godos, que lhe chamavam *Jarmello*.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em Coimbra, mas não tem data. (Acha-se no *Livro Preto* da cathedral de Coimbra, a pag. 222.)

—

D. Fernando mandou reedificar esta villa, pelos annos de 1375; e D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Os duques de Lafões, que são tambem marquezes d'Arronches e condes de Miranda (do Corvo) eram senhores donatarios das

villas de Jermêllo, Folgosinho, Sóza, Podentes, Vouga, e Oliveira do Bairro. (Para o seu brazão d'armas vide Alafões.)

Esta egreja, como a da freguezia seguinte, é matriz de varias povoações espalhadas pela serra; e em bastante distancia umas das outras.

(Não sei porque razão nenhuma das freguezias de Jermêllo vem mencionada na *lei das congruas*.)

As 3 antigas freguezias, que, como já disse, hoje estão reunidas ou annexas; são:

Santa Maria, de Jermêllo, cujo parocho era cura da apresentação do prior da Castanheira, e tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar. Tinha em 1757 apenas 17 fogos. Fica a 12 kilometros da Guarda.

Nossa Senhora da Conceição, de Jermêllo, cujo parocho era prior, collado, da apresentação dos marquezes d'Arronches e condes de Miranda (duques de Lafões). O prior tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha em 1757 só 18 moradores. Fica a 12 kilometros da Guarda.

S. Miguel, de Jermêllo, cujo prior, tambem collado, era da mesma apresentação do antecedente, e tinha de rendimento 200$000 réis. Tinha em 1757 102 fogos. Fica á mesma distancia da Guarda.

Havia sete freguezias annexas a estes dois priorados e ao seguinte, todas apresentadas pelos duques de Lafões.

—

Pretendem alguns que Jermêllo é corrupção do adjectivo arabe *jobeilia*, que significa *montuoso*, por ser derivado de *jabalon*, o monte. Ainda que o nome quadra ao sitio *montanhoso* do antigo couto de Jermêllo, parece-me esta etymologia bastante *forçada*.

JERMÊLLO (S. Pedro)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855 do antiquissimo concelho de Jermello.

A egreja é, como a da freguezia antecedente, matriz de varias povoações espalhadas pela serra.

As *ceremonias* que fazem por occasião dos casamentos são como as da freguezia antecedente, e é como ella fertil, e fabricam-se tambem aqui dos melhores queijos chamados da *Serra da Estrella*.

Eram tambem senhores donatarios d'esta freguezia (porque o eram de todo o couto) os duques de Lafões, por serem marquezes d'Arronches. Eram pois elles que apresentavam os priores, que tinham de rendimento 450$000 réis.

(Para tudo o mais vide a freguezia antecedente.)

JERONYMOS—Sumptuoso convento, em Belem, para cuja descripção seria necessario um volume maior do que qualquer d'este *Diccionario*. Já a pag. 378 do 1.º volume tratei rapidamente d'este magestoso edificio.

Recommendo ás pessoas que desejarem possuir uma mais ampla descripção do convento dos jeronymos, de Belem, o livro publicado em 1873, sob o titulo—*Summario de Varia Historia*, e do qual é auctor o sr. Ribeiro Guimarães.

No tomo 3.º d'esta obra curiosissima, e no capitulo 1.º d'ella, descreve o sr. Guimarães tudo quanto n'este mosteiro ha digno de menção.

—

Como no 1.º volume disse que o caridoso estabelecimento da *Casa Pia*, era sustentado pela Real Casa da Misericordia, de Lisboa, e isto não seja de todo o ponto exacto, visto que a Casa Pia se sustenta de outros rendimentos além do que recebe da Misericordia, dou aqui todas as fontes d'onde provém a receita para o custeamento das despezas da casa.

Os seus rendimentos provém do seguinte:

Alfandega municipal de Lisboa —quota nos direitos da carne e vinho.....	14:004$441
Santa Casa da Miisericordia— loterias ordinarias; lucros e quota de 500$000 réis das extraordinarias.....	8:806$846

Junta do Credito Publico—juros das inscripções de 3 % (o capital é de 406:000$000 réis)	12:180$000
Propriedades rusticas e urbanas; e fóros em differentes localidades, renda	2:098$287
Praça dos touros do Campo de Sant'Anna	4:000$000
Cêrca e hortas junto do edificio da Casa Pia, em Belem	2:413$955
Donativos em dinheiro andam, termo medio, por	500$000
Legados em dinheiro, termo medio	3:000$000
Receitas eventuaes não classificadas, termo medio	868$969
	47:912$518

Sustenta, veste, instrue, etc. 550 alumnos, gastando com cada um, por dia, 137 réis; somma 27:502$750 réis.

Ainda ha 30 orfans do antigo estabelecimento, com as quaes gasta (com cada uma) 130 réis diarios; somma 1:423$500 réis.

Com empregados invalidos, 734$800 réis.

Subsidios a alumnos que sahiram d'este estabelecimento, 300$000 réis.

O remanescente é dispendido com o culto divino, ordenados dos empregados obras, concertos, etc.

JERUMENHA—Vide Juromenha.

JESUFREI—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 80 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Querem uns que o nome d'esta freguezia lhe viesse de um frade que aqui morreu em cheiro de santidade, ao qual chamavam *Fr. Jesus.*

Outros dizem que é porque havia aqui antigamente uma imagem de Jesus Christo, vestido com habito de frade.

Ha aqui um paço, que foi do convento de Nossa Senhora da Graça do Populo, em Braga.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

JOANNE—portuguez antigo—*João.* Tambem antigamente se dava o nome de *joannne* ao que fazia vida penitente e eremitica.

JOANNE ou S. SALVADOR DE JOANNEE—freguezia, Minho, comarca, concelho e 12 kilometros de Famalicão ao O. de Braga, 364 ao N. de Lisboa, 338 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi até 1311 reitoria e commenda dos templarios, que em 1319 passou para a Ordem de Christo.

Na serra da Corvean, d'esta freguezia, estão as ruinas de um edificio, que, segundo a tradição, foi um castello mourisco.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 110$000 réis annuaes.

O terreno em que está situada a parochia é formado, no geral, de boa ribeira, defendida do norte pelos montes d'Arcella e Corvean que dão os mattos para fazer os adubos das terras de cultura. Corre ao nascente da parochia, um regato, a que impropriamente dão o nome de rio, e se denomina—*Rio Pelle*—cuja origem dista d'aqui 3 kilometros, e é na freguezia de S. Martinho de Leitões; formado das vertentes do monte e da Serrana e aguas nascentes na dita freguezia. Tanto este como outros ribeiros que attravessam a freguezia, régam muitas das suas terras.

As producções mais valiosas da propriedade agricola são: milho grosso, centeio, feijão e vinho, e empregam-se na cultura mais de 600 individuos entre maiores e menores.

Não existe n'esta freguezia estabelecimento algum fabril digno de menção, ha, porém, 68 teares que tecem cotim, em cujo mister de tecer, dobar, etc., se empregam mais de 150 pessoas; e é industria que n'esta e nas freguezias circumvisinhas vae em progresso.

—

Atravessa esta freguezia a estrada nova feita pela companhia *Viação Portuense* que

sae para Villa Nova de Famalicão, para Guimarães, e d'aqui para outras povoações do norte; dentro dos limites da freguezia tem duas pontes, uma junto ao logar de Villa Boa e outra no sitio de Laborins; a primeira atravessando o ribeiro de *Pelle*, a segunda o ribeiro *Laborins*, além de varios pontilhões de serviço particular e publico. No primeiro d'estes ribeiros abundam as trutas e peixe miudo, e em ambos ha moinhos de moer milho grosso.

—

N'esta freguezia não ha mercado ou feira.

Não me consta que na mesma houvesse alguem que se tornasse célebre em virtude, armas ou lettras, nem por inventos ou descobrimentos notaveis.

Não ha brazão d'armas, a não ser o que está na casa do sr. Paulo de Mello Pereira Sampaio, barão de Pombeiro. Tambem esta freguezia serve de titulo ao barão de Joanne, sr. Antonio Machado Guimarães, que na mesma possue varios predios.

Ha uma aula regia de instrucção primaria para o sexo masculino, subsidiada pela junta de parochia, que fornece casa e utensilios, e que é frequentada por bastantes alumnos.

Ha tambem uma sub-delegação do correio e uma pharmacia soffrivelmente montada.

As freguezias confinantes com esta, são: do N. as freguezias de S. João d'Airão e Santa Maria d'Airão, do concelho de Guimarães; do poente S. Martinho de Pousada de Saramagos, d'este concelho; do nascente, S. Thiago de Ronfe; do sul, Santa Marinha de Mogege, concelho de Famalicão e Ronfe do de Guimarães.

—

A egreja d'esta freguezia denota antiguidade, é espaçosa, tendo 100 palmos de fundo e 45 de largo; é de duas naves, divididas por quatro arcos de pedra sustentados por tres columnas da mesma; as paredes no interior são forradas de azulejos antigos; tem cinco altares, um na frente de cada nave, sendo um dedicado ao Santissimo Sacramento, o outro á Santissima Trindade; do lado do evangelho tem os altares de Nossa Senhora do Rosario e do Senhor da Agonia; do lado da epistola o altar de Santo Antonio; todos elles (mas principalmente os dois da frente) não obstante a sua antiguidade, attestam que nada se poupou de trabalho e despeza; é tudo obra de talha dourada, porém pela sua vetustez tem perdido muito do seu brilho. A torre da egreja é de architectura moderna e n'ella estão collocados tres sinos, e tem relogio.

Estão erectas n'esta egreja a confraria do Santissimo Sacramento e irmandade de Nossa Senhora do Rosario e de Santo Antonio; os estatutos da primeira foram reformados e approvados em 1614, por provisão do dr. Aleixo de Moraes, governador, provisor e vigario geral, no espiritual e temporal, do arcebispado de Braga; os da Senhora do Rosario em 1684, e os de Santo Antonio em 1785, pelo ex.mo sr. D. Gaspar; os da confraria do Santissimo foram consumidos no incendio que houve no palacio do governo civil, em Braga, onde estavam.

Existem dentro dos limites da parochia tres capellas publicas, que são — a de S. Bento, sita no logar do mesmo nome, ao S. da egreja matriz, erecta pelos rendimentos da fabrica, e hoje administrada pela junta de parochia, a cujo cargo está a sua veneração e despeza de culto — a capella de Nossa Senhora da Conceição, no logar de Villa Boa, pertencente á quinta da Torre, da qual é possuidor o sr. barão de Pombeiro; foi fundada pelo bisavô d'este, o dr. Luiz Caetano de Barbosa e Lima, é seu patrimonio 10 razas de pão impostas em uma leira na Agra de Vinhal do Louro, d'esta' freguezia — a capella de Nossa Senhora do Soccorro, no logar da Bemposta, pertencente á casa e quinta do mesmo nome, de que é possuidor o sr. João José Rodrigues de Azevedo Marinho, e que foi fundada pelo bisavô d'este, o sr. Paulo Gonçalves, é é patrimonio d'elle 5 razas de pão meado, imposto em terras sitas na freguezia de Ruivães, d'este concelho.

—

É tradição constante ter sido a egreja matriz, mosteiro dos cavalleiros templarios, cuja ordem foi extincta em 1311; o unico vestigio que passa por ser ainda do tempo d'aquelles cavalleiros, é uma pequena porta con-

tigua ás duas principaes da egreja, por onde se entra para descer uma escadaria de pedra, que pára n'um grande páteo, tudo hoje pertencente á quinta do Assento, que dizem ter sido passal d'aquelles cavalleiros, e é seu actual possuidor o sr. Domingos Antonio de Araujo Campos. Esta quinta produz para cima de 40 carros de cereaes.

JOANNÍCO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, concelho do Vimioso, comarca e 18 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 40 fogos, em 1757.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Caçarêlhos apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi, no principio do seculo XIX, annexa á de Caçarelhos.

JOANNINHO (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros ao O. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto adminitrativo de Viseu.

O reitor da freguezia da Ermida do Paiva apresentava o cura, que tinha 8$800 réis de congrna e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes, gado e caça.

JOANNINHO (S.) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Santa Comba Dão, 45 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Produz muito bom vinho; cria gado e caça.

JOÃO (S.) ou **SEIXO DE GATÕES** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte Mór Velho, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514.

Foi antigamente da comarca de Coïmbra, depois da da Figueira, até que foi feita cabeça de concelho.

JOÃO (S.) — vide Fontoura (S. João Baptista).

JOÃO ANTÃO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 300 kilometros ao NE. de Lisboa, 80 fogos.

Orago S. José.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

JOÃO D'AREIAS (S.)—vide Areias (S. João de) a pag. 238 F, do 1.º volume.

JOÃO (S.) **D'AREIAS** e **SILVARES**—villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 20 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 530 fogos, 3:200 almas, no concelho 1:100 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Vide Areias (S. João de) onde já fica descripta em parte, e Silvares.

Este concelho é apenas composto de tres freguezias, que são: S. João Baptista (capital), S. Miguel de Parada e S. Miguel do Pinheiro d'Ázere, todas no bispado de Viseu.

—

Como já depois da publicação d'esta freguezia, sob o nome de *Areias*, teve logar aqui um facto digno de nota, descrevo-o n'este logar.

No dia 16 de novembro de 1873, tiveram logar nos paços d'este concelho, as eleições municipaes.

Os regedores, cabos de policia, influentes, etc., tinham conduzido para aqui grande mu-

mero de eleitores. Estavam a fazer-se os preparativos para a formação da mesa provisoria. De repente ouve-se um estrondo immenso! Era o pavimento que cahia, e com elle, quantos alli estavam, menos o administrador do concelho e presidente da camara, que foram as duas unicas pessoas que escaparam de ser precipitadas.

Dos que cahiram, tres ficaram com as pernas quebradas e alguns com os braços partidos, sendo melindroso o estado de alguns dos feridos.

Todos quantos cahiram soffreram mais ou menos.

Debaixo d'aquella sala, era a cadeia das mulheres, e lá estava uma presa, que escapou milagrosamente, soffrendo apenas algumas contusões.

A parte da sala que está sobre a cadeia dos homens, não cahiu, aliás teriamos mais victimas a lamentar.

—

O orago da freguezia de Silvares, que está annexa a esta, era Nossa Senhora da Natividade. O cura era apresentado alternativamente pelos vigarios de S. Thiago de Bésteiros e Capa Rosa. Tinha 19$000 réis de congrua e o pé d'altar. Tinha em 1757, tempo em que ainda constituia parochia independente, 80 fogos.

—

Tem visconde, novo. O actual sr. visconde (hoje juiz de direito d'Aveiro) instituiu, em março de 1874, á sua custa, uma escola de instrucção primaria, na aldeia da Guarita, d'esta freguezia. Honra ao nobre titular, que assim promove os interesses moraes da sua terra. Vide Guarita.

JOÃO BAPTISTA (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca d'Evora, concelho de Portel, 40 kilometros d'Evora, 120 a E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 35 de cevada.

JOÃO BAPTISTA (S.) DOS CALDEIREIROS — freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola, 110 kilometros a O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

É terra fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo e 20 de cevada.

JOÃO DA FOZ (S.) — Já está em *Foz do Douro*.

JOÃO DA FRÉSTA (S.) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, (foi até 1855 do concelho de Tavares), 24 kilometros a SE. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. João Baptista.

O abbade de Santa Maria das Chans, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JOÃO DAS LAMPAS (S.) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Tambem se chama simplesmente *Lampas*.

É terra fertil.

Os athenienses celebravam annualmente uma grande festa, denominada das *Lampas*, em acção de graças, a trez divindades—a Minerva, por lhes ter dado o azeite—a Vulcano, por ter inventado as *alampadas*—e a Prometheu por ter trasido o fogo do ceu. A cidade se illuminava toda e os jovens corriam com tochas accesas certo espaço. Eram premiados os que as não deixavam apagar na carreira.

Introduziriam aqui os gregos estas festas? Chamar-se-ha S. João das Lampas por causa d'algumas *alampadas* (antigamente *lampas*) que houvessem notaveis, na egreja?

É o que me não foi possivel averiguar. A mitra apresentava o vigario, que tinha 66 alqueires de trigo e 6$600 réis em dinheiro, que lhes davam os conegos de Santa Ma-

ria Maior, da cidade de Lisboa, e 1$300 rs. da egreja de S. Martinho, da villa de Cintra.

JOÃO DE LOURE (S.) —freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho d'Albergaria Velha, 10 kilometros ao NO. d'Aveiro, 225 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

As religiosas do convento de Jesus, da cidade d'Aveiro, apresentavam o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil e rica; cria muito gado de toda a qualidade.

JOÃO DA MADEIRA (S.) — Vide Madeira.

JOÃO DO MONTE (S.) — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 30 kilometros de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 340 fogos, 1260 almas.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi concelho, com 720 fogos, que se supprimiu em 1855.

Situada na encosta da serra do *Caramulo*, em terreno accidentado, mas fertil. Produz muito e bom vinho. Muita caça.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra apresentava o reitor, que tinha annuaes 160$000 réis.

JOÃO DOS MONTES (S.) —freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira (foi do concelho da Alhandra até 1855) 30 kilometros a NE. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

A mitra apresentava o vigario que tinha de congrua 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 5$000 réis em dinheiro, 18$000 réis de rendimento dos passaes e o pé d'altar.

JOÃO DOS NEGRILHOS (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho d'Aljustrel, comarca e 70 kilometros d'Evora, 100 ao S. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada, annualmente.

JOÃO DA PESQUEIRA (S.) — Vide Pesqueira.

JOÃO DE REI (S.) — villa, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 120 fogos, 430 almas.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era um antigo concelho que foi extincto em 1855. Tinha este concelho 910 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de dezembro de 1514.

Franklim não traz este foral.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

Passa por este concelho o rio Cávado, que réga, móe, e traz peixe.

No monte do *Castro*, por cima da egreja matriz, ha ruinas de fortificações romanas.

É terra fertil, cria gado e caça.

É natural d'esta freguezia (da casa de *Pousadella*) a célebre D. Maria Paes Ribeira, formosissima amante de D. Sancho I.

Villas Bôas diz que eram naturaes da villa da Lourinhan; mas supponho que é engano, como adiante direi. (Vide Grijó)

A familia dos Paes Ribeiros, ricos homens de Lanhoso, era das mais nobres de Portugal.

Paes é um nome patronimico, que significa, filho ou descendente de Payo. É appellido tão nobre como antigo em Portugal, porque já D. Pedro Paes foi um dos 5 fidalgos que acclamaram D. Affonso Henriques, na batalha de Campo de Ourique, em 25 de julho de 1139; e foi depois alferes mór do mesmo rei, e morreu gloriosamente, na batalha de Badajoz.

A Payo Rodrigues Paes, foi dado brazzão d'armas—que é—em campo de prata, 5 pinheiros verdes, com raizes, em aspa, elmo d'aço aberto e timbre, meio leão de prata, lampassado de púrpura.

A João Paes, deu D. Affonso V, em 20 de

abril de 1476, brazão d'armas, que é — em campo azul, 9 losanjas, veiradas e contraveirados d'ouro e púrpura, em 3 palas-elmo d'aço aberto, timbre um pavão da sua propria côr.

A Gonçalo Paes, natural de Coimbra, e thesoureiro e mordomo-mór do cardeal rei, se deu brazão d'armas, em agosto de 1561, é em canpo azul, 9 losanjos, veirados e contraveiradas de ouro e púrpura, em 3 palas, elmo d'aço aberto, e por timbre, meio dragão, de prata, com uma losanja de púrpura no peito.

Ribeiro — é tambem um appellido nobre e antigo em Portugal. Villas Boaes, lhe dá origem, em D. Martim Paes Ribeiro e sua irman, D. Maria Paes Ribeiro (a Ribeirinha, em que já fallei) filhos de D. Pay Moniz, rico homem de D. Sancho I e natural da villa da Lourinhan [1]

Suas armas são — em campo verde, trez coticas d'ouro, em faxa, timbre, um lirio de folhas verdes, com 5 flores d'ouro. Villas-Boas, lhe dá—campo d'ouro com 3 faxas de verde; mas estas armas são dos Ribeiros de Castella, e não d'estes,—porque aquelle escriptor não distingue os Ribeiros de origem portugueza dos de origem castelhana. As armas que Villas Boas dá ao outro ramo dos Ribeiros, que são os denominados vulgarmente de Lanhoso (os de S. João de Rei) as armas seguintes — escudo esquartellado, no primeiro e quarto as armas d'Aragão e no segundo e terceiro as dos Vasconcellos. Timbre, um lirio d'ouro florido, com 5 pernas.

Fr. Manuel de Santo Antonio traz as armas de outros Ribeiros, construidas do modo seguinte — em campo d'ouro, banda azul, contra chefe d'ondas verdes e prata, e por timbre o mesmo lirio.

—

Lopo Dias d'Azevedo, descendente do grande D. Arnaldo de Baião (Vide Baião) e de D. Velasquinha Rodrigues, filha de D. Rodrigo Forjás—*o Bom* — conde de Trastamava (descendente do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos e casado com D. Isabel Romães, filha do infante e conde D. Romão, filho de D. Fruella II rei de Leão) Lopo Dias d'Azevedo, digo, era senhor das terrrs d'Aguiar (de Jalles) Pena (de Jalles) Jalles e S. João de Rei, Terras de Bouro com todos os seus coutos e jurisdições e a honra Frazão, com todos os seus direitos reaes.

Tomando, em 1383 o partido do mestre de Aviz, a rainha regente (D. Leonor Telles de Menezes, viuva de D. Fernando I) o expoliou de todos estes senhorios e dominios dando-os a João Affonso de Bessa, partidario de Castella, e que aleivosamente quiz assassinar ao mestre de Aviz. Este, logo que tomou o governo do reino, restituiu tudo ao fiel Lopo Dias de Azevedo, o qual praticou taes actos de bravura na gloriosa batalha de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385, que D. João I o armou cavalleiro no proprio campo da batalha.

Diogo Lopes de Azevedo (1.º filho de João Lopes de Azevedo e de sua 1.ª mulher D. Maria de Vilhena, segundo outros, D. Maria da Cunha Coutinho, filha de Fernão Coutinho da Cunha, senhor de Celorico de Basto, de Monte Longo e outras terras) foi senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Teve um filho do seu mesmo nome e appellidos, que por sua irregular conducta, perdeu os senhorios de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Teve este Diogo Lopes de Azevedo (filho do outro) quatro irmãos, que éram: Pero Lopes de Azevedo, Antonio de Azevedo, D. Branca de Vilhena, e D. Joanna de Azevedo.

Pero Lopes de Azevedo, herdou os senhorios de S. João de Rei e Terras de Bouro (que o rei D. Manuel tirára a seu irmão mais velho, e as deu a este, em 1513.)

Casou, a primeira vez, com D. Maria de Vilhena, de quem não teve filhos e a segunda (em Arzilla, na Africa) com D. Maria Ribeiro, filha de Diogo Fernandes, *escrivão dos contos*, de Arzilla, de quem teve Antonio de Azevedo Coutinho, que herdou a sua casa, e de quem adiante tratarei.

[1] Villas Boas diz que o pae e os dois filhos eram da Lourinhan; mas os mais acreditados escriptores, dizem que só o pae era da Lourinhan, e que os filhos nasceram na casa de *Pousadella*,

Antonio de Azevedo, foi clerigo, desembargador do paço e embaixador de D. João III ao imperador Carlos V, sobre as *cousas de Maluco*, dando boa conta da sua missão; mas, sendo malquistado com o rei, que o reprehendeu, morreu de paixão.

D. Branca de Vilhena, casou com Antonio de Sousa, senhor das terras de Gouveia e alcaide-mór de Montalegre, de quem teve geração.

D. Joanna de Azevedo, casou cou João Alves Pereira, senhor de Fermêdo, d'onde procedem os Azevedos da casa de Paradella, na freguezia de S. Miguel do Matto, no concelho e comarca de Arouca.

O primogenito d'estes quatro irmãos (o 2.º Diogo Dias de Azevedo) era casado com D. Leonor da Silva, filha de Henrique Henriques de Sá, senhor de Sever e alcaide-mór do Porto, da qual não teve filhos; por isso passou a casa de S. João de Rei e Terras de Bouro, ao 2.º irmão, Pero Lopes de Azevedo.

Já disse que este casou em Arzilla com D. Maria Ribeiro.

Teve d'ella, cinco filhos, que foram:

Antonio de Azevedo Coutinho, que herdou a casa de seu pae, e de quem adiante trato.

Francisco de Azevedo (que morreu no cêrco de Dio, India) casado com D. Anna Soares, filha de Ayres Pereira Soares, progenitores de todos os Azevedos e Soares de Azevedo, da cidade de Braga e immediações.

Diogo de Azevedo, que morreu em Tanger (Africa) sem successão.

D. Isabel Coutinho, que casou com Diogo Soares de Albergaria, de quem procedem os Soares de Albergaria das casas de *Refojos* e de *Areias*, em Cambra; de Aveiro de Porto de Mós; de Torres Vedras; de Paradella (que já eram da mesma familia) do Buraco (freguezia de Couto de Cucujães) e outros.

Antonio de Azevedo Coutinho, 1.º filho de Pero Lopes de Azevedo (irmão dos tres ultimamente nomeados) foi criado do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, e este rei confirmou n'elle (em Evora, no anno de 1520) o senhorio de S. João de Rei e Terras de Bouro, que 7 annos antes tinha dado a seu pae.

Casou Antonio de Azevedo Coutinho, com D. Mayor da Cunha, filha de Xisto da Cunha, commendatario do mosteiro de Oliveira. Tiveram:

Francisco de Azevedo, que morreu nas guerras da India, sem successão legitima.

Pero Lopes de Azevedo, que tambem morreu nas guerras da India, sem filhos.

Diogo de Azevedo, que teve egual sorte.

João Lopes e Lopo Dias de Azevedo, que morreram solteiros.

Vasco Fernandes de Azevedo, que, sendo o 4.º filho, herdou a casa de seus paes, pela falta de successão de seus tres irmãos mais velhos.

Vasco Fernandes de Azevedo, senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, com toda a sua jurisdicção, casou com D. Jeronyma Coronel, filha do desembargador Leonardo Nunes Coronel, physico-mór de D. João III e do rei D. Sebastião. Tiveram:

Diogo de Azevedo Coutinho, que herdou a casa.

Vasco Fernandes de Avevedo Coutinho.

Antonio de Azevedo Coutinho, que morreu solteiro.

D. Philippa de Azevedo, que casou com Alvaro Barbosa, morgado de Aborim.

D. Leonor de Azevedo, que casou com Fernão Velho de Araujo.

O primogenito (Diogo de Azevedo Coutinho) senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, casou com D. Brites de Sá e Menezes, filha de Francisco de Sá e Menezes, senhor da casa da *Tapada*, na freguezia de Fiscal. (Vide Fiscal.)

Foram seus filhos:

Vasco de Azevedo Coutinho, senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro, foi cavalleiro (com tença) do habito de Christo, mestre de campo, da gente dos seus coutos, nos reinados de D. João IV e D. Affonso VI, e fez grandes serviços á patria, na guerra da restauração. Casou com D. Luiza Ignacia de Castilho, filha de Diogo de Castilho, da cidade de Lisboa, de quem teve filhos.

Francisco de Azevedo, senhor da quinta

da Tapada, que, depois de viuvo, foi beneficiado e tomou o nome de Francisco de Sá de Miranda, escriptor classico bem conhecido. (Para a sua biographia, vide Tapada.)

—

Para não estar a cançar mais os meus leitores com abborrecidas genealogias (que só interessam ás familias a quem dizem respeito) termino dizendo, que é actual representante dos antiquissimos senhores de S. João de Rei e Terras de Bouro, e dos senhores da quinta da Tapada, o sr. D. Rodrigo de Azevedo de Sá Coutinho, 16.º senhor de S. João de Rei, irmão do chorado D. João de Azevedo de Sá Coutinho, illustre fidalgo e primoroso escriptor, que morreu na flor da edade (43 annos) em Lisboa, em 18 de dezembro de 1854.

Como na palavra *Tapada*, tenho de fallar ainda d'esta nobilissima familia, para la remetto o leitor.

JOÃO DA RIBEIRA (S) — freguezia Alemtejo, comarca de Santarem, concelho de Rio Maior, 40 kilometros d'Evora, 120 ao E. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 382 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa districto administrativo de Santarem.

O reitor dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de S. Bento de Xabregas (Lisboa) apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis annuaes.

JOÃO DA RIBEIRA (S)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Fronteira, 40 kilometros d'Elvas e 165 a SE. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado d'Evora districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 119 alqueires de trigo e 47 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

JOÃO DA RIBEIRA (S.) Vide Ribeira, concelho de Ponte do Lima.

JOÃO DA SERRA (S)—freguezia Beira Alta comarca de Vousella, concelho d'Oliveira de Frades, 30 kilometros a ONO. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor d'Oliveira de Frades apresentava o cura, que tinha 9$5000 rs. de congrua e o pé d'altrr.

JOÃO DA TALHA (S.) — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca e termo e 12 kilometros de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mesa da fazenda, da universidade de Coimbra, apresentava o cura que tinha de congrua 16$000 réis, 64 alqueires de trigo, um tonel de vinho, 4 cantaros d'aseite, e o pé d'altar, que andava por 40$000 rs.

JOÃO DE TAROUCA (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca de Armamar (foi até 1855 da comarca de Moimenta da Beira) concelho de Mondim, 12 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A pag. 505 do 1.º vol., sob a palavra *Burgo* (hoje S. João de Tarouca) já fallei do mosteiro de religiosos cistercienses (bernardos.) Obtendo mais alguns esclarecimentos, os dou n'este logar; mas notando que esta freguezia e a tal do Burgo, são actualmente uma e a mesma cousa.

—

A egreja matriz da freguezia, que é a do antigo mosteiro, é magestosa e tão vasta como a Sé de Lamego.

Foi o 1.º convento que houve em Portugal, da Ordem de S. Bento reformada, denominada de S. Bernardo ou de Cister.

O beato abbade Bernardo (francez) discipulo de S. Bernardo, fundador da nova ordem (ou reforma) foi por este patriarcha mandado a Portugal, para fundar esta ordem, e assistiu á fundação d'este mosteiro; do qual foi 1.º abbade Santo Adalberto, varão tão respeitado no seu tempo, que a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henri-

que, estando para morrer, se quiz confessar com elle; mas como pela sua avançada edade não podesse fazer a jornada, mandou em seu logar o beato Bernardo e o abbade João Cirita, que foi depois 2.º abbade d'este mosteiro e succedendo-lhe o dito beato Bernardo.

D. Sancho I tinha grande devoção por este mosteiro, que visitou varias vezes, e nos santos exercicios do claustro alli passou um advento inteiro. O beato Bernardo acompanhou a D. Sancho I, á batalha de Sevilha, contra os sarracenos.

Ainda existe este mosteiro, por tantos titulos venerando; mas deserto, abandonado e reduzido a ruinas. Tinha muitos fóros, rendas e pensões; mas, tendo em 1834 hido o cartorio para os Nerys, de Viseu, ardendo este edificio, foram devorados pelas chammas todos os documentos de S. João de Tarouca. A *fazenda nacional* nada lucrou com a suppressão d'este convento, porque não tem documentos por onde possa pedir os foros e rendas: e, comquanto os foreiros muito bem saibam quaes são as propriedades oneradas, não o dizem, entendendo nas suas consciencias, que é mais justo ficarem com ellas do que pagal-as.

JOÃO DA VARZEA—(S.) vide Varzea.

JOÃO DE VER (S.)—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 3 kilometros ao NE., 24 ao S. do Porto, 16 ao N. de Oliveira de Azemeis, 285 ao N. de Lisboa, 385 fogos.

Em 1757 tinha 229 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

A estrada real á macadam, de Lisboa para as provincias do Norte, atravessa esta freguezia. Já era atravessada pela antiga estrada real, e pela estrada mourisca que de Lisboa se dirigia a Calle.

No logar de *Souto-Redondo* (ou Ayras) ha uma boa feira mensal (mercado) no dia 17.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis annuaes.

Souto-Redondo é uma boa povoação, metade d'esta freguezia de S. João de Vêr e metade da freguezia das Caldas de S. Jorge.

É célebre esta povoação pela grande batalha que aqui se deu em 7 de agosto de 1832, entre realistas e liberaes, sendo estes completamente batidos.

Vide Souto Redondo e Caldas de S. Jorge.

JOBIM—vide Jovim.

JÓLDA (Santa Maria Magdalena)—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Marcos Pereira Velho de Moscoso (*Pé de Ferro*) da quinta da Brejueira, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

É n'esta freguezia a casa solarenga da Jólda, a que o conde D. Pedro chama Jóla. D'este appellido (Jola) houve uma nobre familia do Minho, que teve principio em Martim Paes de Jola, filho de Vasco de Bravães neto de D. Vasco Nunes de Bravães, fundador do mosteiro de Bravães (na Barca) fidalgos muito illustres, senhores do meio termo dos Arcos de Val de Vez. D'esta familia procederam os condes d'Aveiras e Unhão, os senhores da Chamusca e Ulme, em Portugal —os duques de Pestrana, os principes de Mileto, os marquezes de Orais, na Sardenha,— na Hespanha os duques de Ixar, os condes de Salinas, e outras muitas casas illustres.

Esta casa passou a Garcia Rodrigues de Caldas, da freguezia de Vascões, por casamento; extinguindo-se então o appellido *Jola*.

JÓLDA (S. Payo)—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

Até esta freguezia chegam os barcos que vem de Vianna, pelo rio Lima. Já chegaram á villa da Barca, no fim do seculo XVII. Em 1680 o capitão Antonio d'Aráujo e Azevedo, dedicou-se a melhorar o Lima n'este ponto, para facilitar a navegação, porem a falta de dinheiro interrompeu esta utilissima obra. Depois Antonio Fernando d'Araujo quiz levar a effeito o projecto da desobstrucção do rio n'estes sitios; mas não fez mais do que estragar alguns campos marginaes e ficou o rio no mesmo estado.

JOMIL (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes 90 kilometros de Miranda 480 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor do Edral apresentava o cura que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

JORDÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, d'Evora donde dista 9 kilometros, 125 a SE. de Lisboa, 67 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Jordão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 111 alqueires de trigo e 111 de cevada.

JORGE DOS ARCOS (S.) — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros a NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia já está descripta a pag. 233 do primeiro vol. sob a palavra Arcos; mas repito-a, aqui, não só porque então disse que era do districto administrativo de Braga, sendo do de Vianna, como por cauza da apresentação dos dois abbades, que aqui havia, que eram do modo seguinte:

Tinha esta freguezia dois abbades — um com cura outro sem elle — dividiam ambos entre si os disimos e permicias. O abbade com cura era apresentado alternativamente pela mitra e pelos conegos de Santa Cruz de Coimbra. (Primeiramente era apresentação *in solidum* do convento de *Muhia*, com reserva do arcebispo) e o abbade sem cura, era apresentado pelos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

A abbadia sem cura, rendia 285$000 réis annuaes e a abbadia com cura, rendia o mesmo na disimaria; mas tinha de mais as *oblatas*, que com os mais direitos parochiaes, rendia 400 mil réis annuaes.

O abbade sem cura, não tinha obrigação nenhuma parochial, limitando-se o seu serviço a receber e gastar os rendimentos. A estas abbadias se dava o nome de *beneficios simples*. Esta apresentação foi de varios padroeiros, depois, até 1834, da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Ha aqui um poço, no rio Lima, em que os lavradores deitam a nadar o gado doente, na crença de que fica são.

Esta virtude curativa é atribuida pela tradição, á passagem de um santo (que se suppõe ser S. Julião) por este sitio, fugindo á perseguição dos romanos, e que foi por fim preso e martyrisado em *Flavia Lambria*, que segundo uns ficava entre Monção e Valladares, no sitio das *Caldas*, e segundo outros em Lindoso. (Vide *Lindozo*.)

É n'esta freguezia a aldeia de *Garção*, digna de ser aqui mencionada, pelo facto seguintee:

Um certo fidalgo, tomando o nome supposto de D. Martim Velho, por alguma circumstancia que se ignora, veio com sua mulher habitar para o logar de *Outeiro Maior*, no sitio chamado *Villa Bôa*. Com algum dinheiro que trazia, comprou gados, que constituiram o seu principal patrimonio.

Como lhe adoecessem, os trouxe a banhar a este poço do Lima, onde melhoraram. D. Martim se veio estabelecer em um sitio proprio, a que deu o nome de *Gração*, que no antigo portuguez dizem que significa *bonito*, *engraçado*, e que depois se corrompeu em *Garção*.

Junto á casa em que vivia, tinha sempre este fidalgo, sobre o caminho, uma cêsta em um póste, com pão, vinho e carne, ou peixe, para os passageiros.

Por isto e pela bondade de D. Martim, seus descendentes foram sempre muito considerados e respeitados por estes sitios, sendo isentos de todos os trabalhos servis ou empregos vis do municipio; mesmo os desta familia que tinham cahido em pobreza.

D. Martim, apesar da sua nobre linhagem foi sempre lavrador, assim como seus descendentes, sem que por isso deslustrassem a sua nobre ascendencia.

D. Diniz ordenou que os fidalgos antigos conservassem todas as suas honras, ainda que fossem lavradores (uma vez que não fossem jornaleiros) que por suas proprias mãos cultivassem terras suas.

Este D. Martim Velho e sua mulher; são progenitores dos Cerqueiras e Taveiras, no bres familias da provincia do Minho.

JORGE INTRAMUROS (S.) — Vide Lisboa

JORGE EXTRAMUROS (S.) ou **S. JORGE D'ARROIOS** —freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, 125 fogos.

Orago S. Jorge.

Vide *Olivaes* e *Arrois*.

JORGE DE CALDELLAS (S.) — Vide Caldas de S. Jorge.

A mitra e o convento de Santa Clara franciscanas do Porto, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis

Tinha a freguezia em 1757 112 fogos.) É a mesma freguezia que fica descripta a pag. 36 do 2.º volume.

JOSÉ DE RIBA MAR (S.) — Vide Riba-Mar.

JOU — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, desde então comarca e concelho de Valle Paços, 105 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro dos Valles, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis annuaes.

É terra fertil, cria muito gado e caça.

JOUVER — portuguez antigo, jazer, dormir, decançar, estar sepultado. Vide Lobrigos.

JOVIM ou **JOBIM**—freguezia, Douro concelho de Gondomar, comarca e 9 kilometros a ENE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago A Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Jovim é corrupção de *Jouvi* descanço, por isso dever-se-ha escrever *Jovim* e não *Jobim*

Pertendem alguns que o nome d'esta freguezia é diminutivo de *Job* (*Jobinho*) mas é êrro Vide *Jouver*, que é o verbo.

O papa e o bispo apresentava alternativamente o abbade, que tinha 400$000 annuaes.

Não me consta que nesta freguezia haja tradicção alguma, nem munumento digno de menção.

A extremidade meridional de Jovim é limitada pela margem direita do rio Douro: ao N. e O., intesta com a freguezia de S. Cosme da Gondomar, e pelo E. com a de S. João da Foz do Sousa (vulgo Sousa.)

Sobre a margem do Douro, pertence a esta freguezia o logar de Atães (ou Athães) onde está a bella quinta d'Atães, da snr.ª D. Maria Helena Leite Pereira de Mello e Alvim, por herança de seu tio o virtuoso sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, que falleceu no Porto, em junho de 1871. Era esta quitna um morgado, annexo a uma capella que esta nobre familia tem na claustra da Sé cathedral do Porto.

Esta quinta é a primeira da freguezia, do lado de S. e a que está mais proxíma do rio.

Ha aqui uma praia, onde se vem buscar os generos que vão para o Porto.

—

Ainda sobre a margem direita do Douro, está a aldeia de *Marécos*, em uma praia onde embarcam para a cidade do Porto diversos generos agriculas, e onde os barcos do Douro esperam pela praia-mar, para descerem o rio.

Supponho que em tempos antigos, *Atães* era uma freguezia e *Jovim* outra. Fundo me no seguinte.

Atães é a principal povoação de toda a freguezia, já pelo seu maior numero de habitontas, já por ser muito mais fertil.

A parte da freguezia denominada Atães está naturalmente dividida de de Jovim, por um ribeiro anonymo, que vae desaguar ao Douro, na povoação de Marécos. Atães fica a O. e Jovim a E.

Estas duas partes da freguezia estão phisica e moralmente divididas, como se fossem freguezias diversas, de modo que os de Jovim, dizem « Vamos a Atães — Aquelle é d'Atães, etc. » — e vice versa. — Até ha uma certa rivalidade entre estas duas populações.

O terreno da freguezia é, em grande parte, de aluvião, ou secundario; achando-se terra argilosa e sedimentar, até grande profundidade, o que torna muito fertil, apesar de ser bastante accidentado.

Apparecem em varias partes da freguezia camadas ou filões de ferro, que ainda se não teem explorado; assim como bastantes nascentes d'agua ferruginosa, ainda que pobres e que me não consta terem sido analysados

O terreno cultivado d'esta freguezia, (que é apenas uma terça parte d'ella) é fertilissimo em todos os generos agriculas do nosso paiz, havendo grande abundancia de melancias, pêcegos e melões, que tem prompta venda no Porto, pela sua optima qualidade. Os nabos, rivalisam, em volume e bôa qualidade, com os famigerados de S. Cosme, e ha tambem grande producção de sebôlas, que se exportam pará o Porto, Inglaterra e Brasil.

Tambem aqui se cria muito e optimo gado vaccum, que em grande escala se exporta para a Granbertanha. É sustentado principalmente com nabos, o que o faz engordar em pouco tempo.

Nos seus valles, ha tambem grande abundancia de milho, centeio e legumes.

Produz pouco e pessimo vinho, não pela má qualidade do sólo; mas pelo desleixo na cultura da videira, pela indifferença na escolha da sua qualidade, e, sobretudo, por fazerem o vinho quando a uva está ainda mal sasonada.

Duas terças partes da freguezia estão a tojal e pinhal; pelo que a terra é abundante matto, lenha e madeira, que exporta constantemente para o Porto.

A unica via de communicação d'esta freguezia, é o Douro; pois ainda não tem uma só estrada concelhia ou municipal. Anda porem em construcção (1874) uma estrada, que sahindo de Goudomar, vae até Melres (margem direita do Douro, 20 kilometros ao E. d'esta freguezia) a qual, se se excutar o traçado feito em 1856, hade corresponder com a que d'Arouca deve vir a Pédorido.

—

A egreja matriz, é no centro da freguezia Tem bôa residencia e optimos passaes.

Tem cemiterio.

Esta freguezia está em excellentes condições de prosperidade, sobre tudo, se o pod'aqui, abandonando o systema rutineiro, se souber aproveitar da bôa qualidade do solo, que lhe coube em partilha.

—

Ao digno e illustrado abbade de Jovim, o Rev.mo sr. Bernardo de Vasconcellos Monterroso, agradêço os esclaricimentos, que a meu pedido, teve a bondade de enviar-me.

JUDENGA — Vide Juderéga.

JUDERÉGA — portuguez antigo, tributo de 30 dinheiros, que antigamente os judeus pagavam em Portugal (e julgo que tambem na Hespanha) em memoria e castigo de terem vendido Jesus Christo por aquella quantia. *Cada cabeça* pagava annualmente os taes 30 dinheiros.

(Os nossos antepassados tinham tamanho odio a esta raça proscripta, que procuravam todos os meios e pretextos de os esfolarem!)

Tambem a este tributo infamante se dava o nome de *judenga.*

JUDIARÍA — portuguez antigo. Nos primeiros tempos da nossa monarchia, os judeus e os mouros, não viviam nas povoações, misturados com os christãos: tinham seus bairros separados. Ao bairro dos primeiros se chamava *judiaría* e ao dos segundos *Mouraría.*

Os mouros porem não eram tidos em des-

preso, e logo que se baptisassem, eram em tudo considerados como os mais portuguezes, e seus descendentes eram armados cavalleiros, dava-se-lhes fôro de fidalgo e serviam os logares da republica. Um grande exemplo d'isto, é o célebre e benemerito conde D. Sisnando, consul ou governador de Coimbra no seculo XI, que era filho de mouros. (Vide Coimbra e Tentugal.)

D'este D. Sisnando fallo muita vez n'esta obra.

Mesmo os mouros que não abjuravam a sua lei, eram protegidos pelas nossas instituições politicas, ficando até grande parte d'elles com as vastas propriedades que haviam herdado de seus maiores. Um grande exemplo é *Echa*, rei ou *emir* de Lamego, a quem D. Affonso Henriques deixou todo o vasto territorio que seus antepassados lhe tinham deixado. (Vide Lamego e Arouca.)

Além d'isso os nossos reis, para os protegerem de qualquer vexame ou injustas exacções, lhe concediam foraes exclusivamente para elles, a que chamavam—«*foral dos mouros forros*»—Lisboa, Evora, Santarem, Silves, Setubal, etc. etc. tinham d'estes foraes, como se tem visto e continuará a ver n'esta obra; mas os desgraçados judeus; eram tidos em tamanho desprezo, que para elles não havia leis protectoras. Todos os perseguiam e roubavam, quasi sempre impunemente.

Elles porem, vingavam-se em nos extorquir por todos os meios de que podiam dispor, quantas mealhas lhe era possivel; porque eram todos sórdidos, miseraveis, avarentos e usurarios.

Vide *Cinuna*.

JUGADA — tributo antiquissimo que, já desde o tempo dos romanos, se pagava nas Hespanhas.

D. Affonso Henriques reservou as *jugadas* para a corôa; mas, algumas vezes, ainda que raras, doavam as jugadas, por grande mercê, os nossos reis. (Deve notar-se que este tributo desde a sua remota stituição, era destinado ao chefe do estado.)

O conde D. Henrique doou a Bernardo Franco cinco casaes em *Villa Bôa de Satan*, livres de todo o direito real, *e mesmo da jugada*; accrescentando que—se algum mordomo, guarda ou meirinho entrar n'elles, (cinco casaes) com animo de *fazer mal*, e alli o matarem—«*nullam inde Imperator terræ recipiat calumpnia.*» (*Documento* de Alpendurada.)

Pagava-se este tributo de cada *jugo* de bois com que — *em terra jugadeira* — se lavrava um moio de trigo ou milho (miudo, porque ainda não havia *milho grosso* ou *milhão*).

Os lavradores eram, no tempo dos gôdos, meros *servos da gleba;* pagando cada anno *o censo fiscal, conon, frumentario* ou *fossatária*, que consistia em certa porção de grãos, por cada junta de bois.

Os *ricos-homens*, e muitos nobres receberam grandes porções de territorio, com a obrigação de accudirem á guerra, com suas gentes sustentadas á sua custa. Estes deram terras aos seus *vassallos* com os mesmos direitos dos reis.

As *jugadas* variavam, segundo as terras em que se pagavam. Havia *jugadas* de pão, de vinho e de linho.

D. Manuel, em 1514, manda pagar, no foral de *Serpins (por contracto feito com o povo d'aqui e o mosteiro de Lorvão, que era seu donatario)* 890 alqueires de pão pela medida de Coimbra, 300 almudes de vinho e 35 feixes de linho, repartido isto por todas as propriedades, em proporção do que produziam.

Havia *jugada nova* e *jugada velha*. Parece que esta era maior do que aquella.

JUGADAR — portuguez antigo — medir o pão da jugáda.

JUGADEIRO — portuguez antigo — o que pagava a jugáda.

JUGÁRIO e **JUGUEIRO** — o mesmo.

JUGUEIROS — Vide Godim.

JUGUEIROS — freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Felgueiras até 1855, e desde então comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 246 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

(Para a etymologia, vide *Jugario*.—Vide tambem *Jugáda*.)

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Cria muito gado.

JUGUEIROS — aldeia, Douro, 4 kilometros acima de Entre os Rios, comarca e concelho de Penafiel, mas da freguezia de Santa Clara do Torrão, que é da comarca e concelho de Marco de Canavezes; está porém (*só administrativamente*) annexa á freguezia de S. Payo da Portella, que é da comarca e concelho de Penafiel.

É o tal disparate que já mencionei em *Entre Ambos os Rios*. Remetto para esta palavra o leitor que quizer saber mais alguma coisa d'esta *célebre divisão territorial*.

JUIGADO — portuguez antigo — julgado ou concelho que tem foral proprio.

JULGADO — nas *inquirições* reaes, desde D. Affonso II até D. Diniz, *julgado* era synonimo de *concelho* — terra ou termo, que tinha juiz ou alvazil, com maior ou menor jurisdição.

Tambem se chamava *julgado* certo tributo que se pagava ao juiz da terra, proveniente da carne e outros comestiveis que se vendiam no districto da sua jurisdição.

—

Até 24 d'outubro de 1855 todos os concelhos eram julgados. Então, foram supprimidos 54 concelhos no continente e 3 no archipelago dos Açores, (os que vão na relação junta a este artigo) deixando portanto de ser concelho e julgado.

Foi desde essa época que *concelho* ficou sendo uma circumscripção diversa de julgado; porque foram supprimidos os julgados de Bouças, Gondomar, Maia, Vallongo e Villa Nova de Gaia, e ficaram existindo os concelhos d'estas villas.

Por decreto de 23 de setembro de 1873 foram supprimidos 20 julgados (os constantes da 2.ª relação) mas os concelhos ficaram como municipios.

O concelho tem um administrador effectivo e um substituto (e na sua falta, serve interinamente o presidente da respectiva camara); uma camara, composta de mais ou menos vereadores, segundo a classificação do concelho; escrivães da camara, do administrador e da fazenda; officiaes de diligencias da camara e do administrador; um recebedor; um carcereiro e um thesoureiro da camara.

O julgado tem—um juiz ordinario, 3 substitutos, um subdelegado do procurador regio; escrivães e officiaes de diligencias.

O sub-delegado, ou agente do ministerio publico, é tambem curador dos orfãos, contador, distribuidor, e fiscal da fazenda publica do julgado.

Os escrivães são tambem tabelliães de notas.

Relação dos concelhos e julgados supprimidos por decreto de 24 de outubro de 1855

DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS	DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS
Vianna do Minho.	Castro Laboreiro Valladares	Guarda.....	Linhares Marialva
Braga.....	Prado Penella (só o julgado) Pico de Regalados (com. concelho e julgado)	Castello-Branco .	Sobreira Formosa Alpedrinha Salvaterra do Extremo
Santarem.....	Ulme Salvaterra de Magos Pernes Mont'argil	Portalegre.....	Cabeço de Vide Souzel Veiros Alegrete

DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS	DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	CONCELHOS E JULGADOS
Beja	Messejana Villa Nova de Mil Fontes	Faro	Villa do Bispo Aljesur } só o julg.do
Porto	S. Thomé de Negrellos Bouças Gondomar Maia Vallongo Villa N.ª de Gaia } (sò os julgados)	Viseu	Mões S. Martinho de Mouros Leomil Ferreiros de Tendaes S. Fins Trevões
Bragança	Torre de Dona Chama	Coimbra	Avô
Leiria	S. Martinho do Porto Pederneira Chão do Couce Maçãs de Dona Maria Louriçal	Evora	Vimieiro Alandroal Móra Mourão } (só o julgado)
Aveiro	Fermedo Pinheiro da Bemposta	Angra (Açores)	S. Sebastião Villa da Praia Villa do Tôpo
Lisboa	Sines Moita Alcoentre Ald.ª Gallega da Merceana Sobral de Monte Agraço Collares	Lisboa	Ericeira Azeitão Palmella Ribaldeira Alhandra Oeiras (só o julgado)

Relação dos julgados supprimidos por decreto de 23 de dezembro de 1873

	JULGADOS	FICAM PERTENCENDO ÁS COMARCAS DE
1	Aljesur	Lagos
2	Alvito	Cuba
3	Barreiro	Aldeia Gallega do Ribatejo
4	Batalha	Porto de Mós
5	Castello de Paiva	Arouca
6	Castro Verde	Almodovar
7	Cezimbra	Almada
8	Fornos d'Algodres	Celorico da Beira
9	Mação	Abrantes
10	Marvão	Portalegre
11	Mondim	Armamar
12	Mondim de Basto	Villa Pouca d'Aguiar
13	Nellas	Mangualde
14	Penedôno	S. João da Pesqueira
15	Ribeira de Pena	Villa Pouca d'Aguiar
16	S. Thiago de Cacem	Alcacer do Sal
17	S. João d'Areias	Santa Comba Dão
18	Sardoal	Abrantes
19	Satão	Viseu
20	Villa Velha do Rodam	Castello Branco

JULIÃO (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 465 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

JULIÃO (S.) — Vide *S. Gião.*

JULIÃO (S.) — Vide *Lisboa.*

JULIÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e 12 kilometros de Portalegre, 180 a SE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 2$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em çereaes.

JULIÃO (S.) ou **MONTE - NEGRO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 95 kilometros a NE. de Braga, 450 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis.

JULIÃO (S.) **DA BARRA** — freguezia, Estremadura, concelho de Oeiras, comarca e 18 kilometros ao O. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 12 fogos.

Orago S. Julião (antigamente S. Gião).

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Situada na vastissima foz do Tejo.

O real padroado apresentava o capellão-cura, que tinha 50$000 réis.

Tem uma fortaleza bem construida.

Lançou-lhe os alicerces D. João III, pelos annos de 1556, e seu irmão, o cardeal D. Henrique, depois rei, fez continuar as obras durante a sua regencia, na menoridade de seu sobrinho D. Sebastião, desde 1563 até 1568.

Ainda aqui'ha a porta chamada do *Cardeal*, que era então a principal da fortaleza. Tem sobre o escudo das *Quinas*, as setas, de que usava o rei D. Sebastião.

Os tres Philippes tambem deram impulso ás obras de fortificação d'este castello, por causa das guerras que traziam com differentes nações da Europa. (Para se saber o fim que tinham em vista estes usurpadores, construindo ou reedificando as nossas fortalezas, vide o que digo no artigo S. João da Foz, a pag. 221, col. 2.ª d'este volume.)

D. João IV concluiu estas fortificações em 1650. Este rei ampliou o recinto da praça, para o lado meridional, e concluiu o revelim, como declara a seguinte lapide que está por baixo do escudo d'aquelle monarcha, e diz assim:

O Serenissimo Rei de Portugal D. João IV de gloriosa memoria, mandou fazer esta fortificação, á ordem do conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, sendo dos seus conselhos de estado e da guerra, veador da fazenda e governador das armas de Cascaes, a cujo cargo está a fortificação da barra de Lisboa.—Anno de 1650.

Estas ultimas obras tinham principiado em 1644.

—

Proximo a S. Julião da Barra ha minas de oiro, mas, ou são pouco abundantes, ou foram mal exploradas, pois ha muitos annos se abandonaram.

O governo as lavrou por sua conta, e desde 28 de fevereiro até 2 de abril de 1825 se extrahiu d'ellas oiro no valor de 474$370 réis, com a despeza de 298$585 réis; e portanto com o lucro de 175$785 réis.

Perto d'esta fortaleza está o forte de *Catalazête* feito pelo mesmo tempo, e do qual se disfructam bellissimos pontos de vista.

O castello de S. Julião da Barra é de triste nomeada na nossa historia, por ter por varias vezes servido de *prisão do estado*, sendo mais notaveis as cinco épocas seguintes.

1.ª desde o sanguinario usurpador Phi-

lippe II de Castella, que aqui fez encarcerar todos os fidalgos e religiosos, que não quizeram ser traidores á sua patria, nem bandear-se com os intrusos castelhanos.

Muitos d'estes presos foram mesmo aqui julgados, e sentenciados com tal barbaridade, que, segundo escriptores veridicos do tempo, muitos sacerdotes, seculares e regulares, e grande numero de fidalgos, foram lançados ao mar, pela gruta da torre.

Consta das memorias contemporaneas, que o mar, por muito tempo não deu peixe, e os pescadores só colhiam em suas redes membros humanos despedaçados, restos das infelizes victimas da ferocidade castelhana.

Foi preciso ir o arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida, exorcismar o Oceano, com as santas ceremonias da egreja. Diz-se que desde esta formalidade religiosa, tornou o mar a dar peixe.

O povo de Lisboa cria que o mar estava excommungado, e nem os pescadores queriam ir á pesca; e se algum, mais descrente se aventurava a pescar, e colhia algum peixe, ninguem lh'o queria comprar, emquanto o arcebispo não levantou a excommunhão.

Consta que Philippe II impetrou e obteve do papa uma bulla de absolvição por *dois mil* ecclesiasticos que mandára então assassinar por varios modos.

—

2.ª — Foi durante o ministerio do marquez de Pombal.

Fulminada a Companhia de Jesus por decreto de 3 de janeiro de 1759, e expulsos do reino os jesuitas, o marquez, attribuindo a alguns d'elles a conspiração dos fidalgos, cujo resultado foi a tentativa de regicidio da noite de 3 de setembro de 1758, na *Calçada do Galvão*, (vide *Chão Salgado*) encerrou 124 padres da Companhia nas masmorras de S. Julião, onde jazeram por espaço de 18 annos, de 1759 até 1777, em que morreu D. José I, e o marquez de Pombal foi desterrado.

—

3.ª — Desde 1828 até 1833, foram tambem as masmorras de S. Julião da Barra, convertidas em prisões do estado, para *crimes politicos*, sendo aqui encerrados 618 presos, que tambem soffreram muitas barbaridades de seus carcereiros. A historia d'este captiveiro foi escripta, em 4 volumes, por um dos presos, o dr. João Baptista da Silva Lopes.

Era governador do castello, o malvado brigadeiro, Joaquim Telles Jordão, que depois (em 23 de julho de 1834) na *Cova da Piedade*, e em Cacilhas, pagou com usúra as suas atrocidades, sendo arrastado em vida e despedaçado pelos liberaes. (Vide a pag. 141 do 1.º volume, e *Historia de Portugal*, no fim do *Diccionario*.)

—

4.ª — Em maio de 1847, sendo alli encerrado, como *prisioneiro de guerra*, o conde das Antas, chefe do ministerio formado pela *Junta do Porto*, com toda a sua divisão.

Já em 1846 para alli foram presos o conde de Villa Real e outros, por pertencerem ao partido popular, sendo muitos d'elles *degredados* para a Africa por esse *crime*.

—

5.ª — Em 1861, vindo para estas prisões e d'aqui para a Africa, as praças que se tinham revolucionado em Braga contra o governo.

Tinha-se-lhes promettido amnistia completa, e foi sob essa condição que entregaram as armas; mas assim que os viram desarmados, os encarceraram, e depois os mandaram para o degrêdo.

Os jornaes, porém, tanta motinada fizeram, que os revoltosos foram mandados recolher do degredo.

—

Desde o fim da guerra peninsular se descuraram as obras d'estas fortificações, que mais estavam convertidas em prisões do que em uma fortaleza de guerra. Sendo porém governador da praça o general Cabreira, barão da Batalha (vide Faro) restaurou a maior parte d'ella, reparando os baluartes, desentulhando os terraplenos, e avivando as memorias e lapides antigas.

—

O castello de S. Julião da Barra, posto se

uma sólida e robusta fortaleza para resistir por muito tempo á antiga artilheria; não está de modo algum em condições de poder sustentar-se contra os formidaveis projectis modernos; é porém de suppor que agora, que parece tratar-se sériamente das fortificações de Lisboa e Tejo, seja transformada em uma boa praça de guerra artilhada e couraçada, ou blindada, pelo systema moderno.

O actual ministro da guerra, o sr. Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, a tem inspeccionado com outros officiaes competentes, para lhe fazerem as indispensaveis modificações.

JULIÃO (S.) DE GOUVEIA — freguezia, na villa, comarca e concelho de Gouveia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis annuaes.

Para tudo o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Gouveia*, villa da Beira Baixa, onde já fica descripta.

JUNÇA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 95 kilometros ao SE. de Lamego, 335 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrtivo da Guarda.

Todos sabem que *junça* é planta paludosa, uma especie de junco.

O reitor d'Almeida apresentava o cura, que tinha 4$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JUNCAES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi do extincto concelho de Linhares), 100 kilometros de Coimbra, 315 ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis annuaes.

JUNCAL—freguezia, Estremadura, comarca e concelho de Porto de Mós, 24 kilometros de Leiria, 105 ao NE. de Lisboa, 400 fogos. Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, ao qual dava 380 alqueires de trigo annualmente.

JUNCEIRA—freguezia, Estremadura, comarca, concelho e 10 kilometros de Thomar, 130 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 130$000 réis annuaes.

JUNIAS DE PITÕES—Vide Pitões.

JUNQUEIRA — vide Estevaes.

JUNQUEIRA — vide Pontos no Douro.

JUNQUEIRA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao S. de Villa do Conde, 30 a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 20 ao N. do Porto, 290 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É no antigo couto e julgado de Faría, extincto.

O cabido do mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) apresentava o vigario, triennal, que era um dos conegos do mesmo mosteiro. Tinha 30$000 réis annuaes.

Situada em terreno fertil e pouco accidentado, entre os rios Ave e Éste (ou Déste). *A egreja matriz está situada na ribanceira do rio Éste e junto ao rio Ave.* (Palavras da escriptura de que logo se trata.)

Tinha um antiquissimo convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) que, segundo todas as probabilidades, foi fundado antes da invasão dos arabes, em 716.

É certo que em 1110 (1072) achou o arcediago de Braga, D. Arias, enterrado no laranjal da cêrca, um breviario do seculo VII, o qual depois mandou imprimir João Gonçalves de Sequeira, abbade de Santa Olaia de Rio Côvo (Santa Eulalia). No fim do breviario vem a nota d'esta circumstancia.

Arruinado o mosteiro e destruido durante o dominio sarraceno, o dito D. Arias, por ordem do arcebispo de Braga, D. Pedro, o reedificou, principiando a obra, provavelmente, em 1071 ou 1072, e concluindo-se, com certeza, em 1082, sendo seu primeiro abbade o mesmo D. Arias.

O antigo convento era de monges de S. Bento; mas, desde a sua reedificação, foi de cruzios.

Existia n'este mosteiro um prazo feito por D. Arias, em agosto de 1082 (em latim) a D. Maria Paes, da vinha de Guazim, para ella a possuir em sua vida, sem renda, por ter doado ao convento os tres casaes, de Formariz, Lamezinhos e Córvos.

O célebre capitão, D. Payo Guterres (vide Villela) e sua mulher, D. Fafia Guterres, augmentaram muito este convento em edificios e rendas, no anno de 1110, por uma doação, confirmada por seus descendentes, no segundo dos idos de dezembro de 1218 (12 de dezembro de 1180). Figuram na escriptura de confirmação de doação, todos os filhos, filhas e netos de D. Payo e de D. Fafia; os filhos, filhas e netos de Soeiro Ramirez e sua mulher, D. Eldora Soares; todos os filhos e netos de D. Payo Soares e sua mulher, D. Elvira Soares; todos os filhos e netos de Payo Nunes; e Gonçalo de Rio Mão, com todos os filhos e netos de D. Guida.

Todos estes individuos eram padroeiros do mosteiro e senhores do couto de Faría, que pela tal escriptura cederam e doaram ao mosteiro.

Estavam presentes e confirmaram a escriptura—D. Godinho, arcebispo de Braga—Pero João, deão—D. Pedro Garcia, prior de Nandim — D. Wilhelmo Nunes, prior de S. Pedro de Rates—mestre D. Pedro Moniz, conego de Nandim—D. Mendo Odoriz, conego de Rates.—Tambem assignaram os herdeiros do mosteiro, Soeiro Fafes, Payo Fafes, Mendo Paes, Gonçalo de Rio Mão e Payo Nunes. Foi escrivão o padre Mendo.

Era então *priol* (prior) D. Payo Garcia, sobrinho do arcebispo D. Godinho, irmão do prior de Nandim e parente dos doadores. Tambem era parente d'estes, o prior de Rates.

Este D. Payo Garcia, era, pelas suas grandes virtudes, chamado geralmente *o prior santo, de S. Simão.* Morreu a 20 de agosto de 1192, e está sepultado na parede da egreja, junto ao altar de Santo Agostinho, como se vê da competente inscripção.

A egreja do convento foi sempre a matriz da freguezia.

D. Affonso I confirmou esta doação, em 1181. D. Affonso III tambem a confirmou, em 1275; mandando, entre outras cousas, que *sob pena de 500 crusados, não devassem o couto de Faría, do mosteiro de S. Simão da Junqueira,* e deixou fazer ao juiz do dito couto (posto pelo prior) livremente o seu officio, etc.

Este mosteiro, pagava, desde a sua reedificação, aos reis de Portugal, um *morabitino de ouro,* annualmente pelo seu couto.

D. Diniz, por carta regia, datada d'Evora, a 20 de fevereiro de 1320 (1282) dispensou, para sempre, d'este tributo, o mosteiro.

Os priores da Junqueira, eram *coudeismóres* do couto de Faría.

Foi ultimo prior perpétuo, eleito canonicamente, D. Pedro Alvares, que morreu em 1516. Passou então o mosteiro ao poder de commendatarios, sendo o primeiro D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal. Por morte de D. Martim Pinheiro, que era commendatario em 1594 (provavelmente filho ou neto de D. Diogo) se uniu este convento ao de Santa Cruz de Coimbra, sendo seu primeiro prior triennal, D. Manuel, nomeado a 7 de fevereiro de 1595. Vide Milhom.

JUNQUEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, concelho de Vimioso, 24 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Algoso apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Algoso.

JUNQUEIRA—freguezia, Douro, concelho de Macieira de Cambra, comarca de Oliveira de Azemeis (depois de 24 de outubro de

1855), 40 kilometros ao OSO. de Viseu, 8 ao N. de Oliveira de Azemeis, 43 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro. É terra muito fertil.

Esta freguezia foi annexada á de Arões, em 1702; mas está outra vez separada e independente.

O abbade de S. Simão, d'Arões, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é na serra. Fertil em cereaes e algum vinho e azeite. Muita caça do chão e do ar.

JUNQUEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho d'Algoso, (até 1855 e desde então comarca e concelho de Moncorvo), 24 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Philippe e S. Thiago, apostolos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Esteve alguns annos annexa á freguezia de Estevaes, do mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

O reitor de Adeganha apresentava o vigario, collado, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

JUNQUEIROS—aldeia, Alemtejo, proximo da villa e concelho d'Ourique, na comarca d'Almodóvar.

Em 10 de maio de 1733, a mulher de Braz Figueira pariu um filho, e nos dias 11, 12 e 13, em cada um, outro filho. Todos quatro foram baptisados, e morreram pouco depois do sacramento.

JURADÍA — portuguez antigo, officio de jurado.

JURGIO e **JURGO**—portuguez antigo, *Jorge*, nome de homem. Tambem se dizia *Jurge*.

JURIO — portuguez antigo. Abreviatura ou contracção de Jeronymo.

JUROMENHA — villa e praça d'armas, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 35 kilometros ao SE. de Estremoz, 15 ao SO. d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa, 110 fogos, 440 almas.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Nossa Senhora do Loreto.

Bispado d'Elvas, districto administrativo d'Evora.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Situada junto á margem direita do Guadiana, sobre um outeiro, escarpado do lado do rio, que a separa de Hespanha.

Não se sabe com certeza quem foram os seus fundadores e qual o seu primeiro nome; alguns dizem que foram os gallos-celtas, 390 ou 400 annos antes de Jesus Christo.

Julio Cesar a cercou de fortes muralhas, pelos annos 44 antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Julii-moenia* ou *Juris-moenia* (*Muralhas de Julio* ou *Jurisdição de Julio*). Outros porém attribuem o seu nome ao facto que deu motivo ás suas armas (que adiante narrarei) e portanto mui diversa etymologia.

D. Affonso I a conquistou aos mouros, em 1167. D. Sancho I deu o castello de Juromenha a D. Gonçalo Viegas (filho do excelso D. Egas Moniz) o primeiro que se intitulou *mestre da cavallaria* d'Evora.

Em 1212, os mouros a tornaram a conquistar, mas o grande D. Payo Peres Correia a resgatou logo.

D. Diniz reedificou a villa e seus muros, ampliando a antiga cêrca romana, em 1312, dando então muitos e grandes privilegios á povoação.

O seu castello, tambem obra romana, reedificado por D. Diniz, tem 17 torres, sendo uma d'ellas (a de *menagem*) muito alta e robusta.

Suppõe-se que foi D. Diniz que lhe deu o seu brazão d'armas, o qual consiste em um escudo de prata, com um castello cercado d'agua, pendendo de cada lado de suas ameias, dois grilhões (um de cada lado). O castello e a agua são allusões á villa fortificada e ao Guadianna que a banha. Os dois grilhões, segundo uns, significam o privilegio que D. Diniz deu aos seus moradores, de não poderem ser mudados para outra cadeia fóra da villa, estando presos, sem que

os tribunaes pronunciassem sentença final.

Segundo outros, os grilhões alludem a que, em tempo dos romanos, n'este castello se prendiam e executavam os criminosos de delictos graves.

A terceira etymologia de Juromênha, querem muitos que seja pelo facto seguinte:

No tempo dos godos, um ricô e nobre senhor, quiz expoliar sua irman *Mégnia* ou *Mênha* (não é preciso dizer que, ou *Mégnia* é *alatinisando* a palavra *Mênha*, ou esta *lusitanisando* aquella) das grandes riquezas que herdára de seus paes, (outros dizem que o tal senhor godo pretendeu ter amores incestuosos com a irman).

Qualquer que fosse o motivo, o irmão, vendo que ella não annuia ás suas ambições, ou ao seu criminoso amor, a prendeu n'este, já então, fortissimo castello, a ver se ella, pelo desejo da liberdade, consentia em satisfazer os desejos do irmão; porém ella recusou-se heroicamente a isso, dizendo sempre—*Jura Mênha que não.*—D'este Jura Mênha, é que muitos derivam Juromênha.

O que é certissimo é que uma das torres do castello se chama *torre de Mênha.* Diz-se que foi n'ella que esteve presa a tal donzella.

Esta villa e seu termo, foram antigamente concelho, com camara, casa do senado, juizes e justiças proprias, e pertencia á comarca d'Elvas.

Tem uma só freguezia.

Tem governador da praça e uma pequena guarnição.

Tem Misericordia e hospital. Quatro capellas.

Junto á villa (a E.) entra no Guadianna a ribeira de *Mures*, em cujo confluente se fazem grandes pescarias.

Ha tambem por aqui muita caça.

As margens do Guadiana e do Mures, fazem muito amenos os suburbios da villa, e seu territorio é abundante de cereaes, fructas e extensas pastagens, onde se cria muito gado de varias especies.

Tem muitos azinhaes, onde se criam muitos porcos, por isso se diz:

Juromênha, Juromênha
Boa de trigo e melhor de lenha.

No dia 19 de janeiro de 1659, durante a guerra da independencia, estando de guarnição a esta praça os estudantes da universidade d'Evora, commandados pelo padre Francisco Soares, o *Lusitano*, estavam aquartellados em umas casas, sobre o armazem da polvora. Por acaso (e segundo outros, por traição) incendiou-se a polvora, indo pelos ares as casas e todos quantos n'ellas estavam, o que horrorisou a villa e contristou todo o reino, pelos muitos e esperançosos mancebos e seu heroico chefe, que assim morreram tão horrivelmente.

As fortificações estão muito arruinadas.

—

O seu primeiro foral lhe deu D. Diniz, em 1312. Está declarado na carta regia de foral, dada por D. João II, em Villa Viçosa, a 28 de agosto de 1492.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1512.

—

N'esta villa se achou, em 1776, uma lapide, com a seguinte inscripção romana:

C. IVLIVS C. F. GAL.
MAXIMVS
MILES. LEG. VII. O. M.
V. S. L. M.

JUSSÃA, JUSSAN e **JUSAN**—portuguez antigo, *debaixo*; assim como *Susãa* ou *Susan* é *decima.* Vg. *Caría-Jusan* (Caria de Baixo) *Caría-Susan* (Caria de Cima.)

Porque antigamente se dizia, *jusso*, por baixo, ou sob, e *suso*, por cima, ou sobre. Em quasi todos os documentos antigos se lê, *susodito*, por sobredito.

Ainda hoje tambem dizemos, *jusante*, por maré a vazar, e *montante* por maré a encher.

Estou persuadido que são palavras introduzidas aqui pelos gallos-celtas, pois ainda hoje na lingua franceza, *sous* é o que está por baixo, ou *sob;* e *sus*, o que está por cima, ou *sobre.*

JUSTA—nome proprio de mulher, tambem antigamente se dava o nome de *justa*, a um vaso pequeno, de ouro, prata, estanho, vidro, barro, etc., e em que á mesa se lançava vinho para cada convidado. Eram

todas, com pouca differença, do mesmo feitio, mas não do mesmo tamanho, pois as havia maiores e mais pequenas.

Justas se chamavam tambem aos exercicios dos antigos cavalleiros, armados de ponto em branco e com as suas melhores galas. Tinha logar em um campo ou arena, que tivesse pelo menos a extensão da carreira de um cavallo e quasi cercado de uma *têa*. Collocavam-se dois contendores nas duas extremidades da praça e arremettiam um para o outro. Primeiro combatiam á lança e depois á espada. O mais destro, ou mais feliz, era acclamado vencedor.

JUSTA (Santa)—vide Eucisia.

JUSTA (Santa)—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 105 kilometros ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Santa Justa.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O prior da Érra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

JUSTA (Santa)—freguezia Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, 150 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Justa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O D. abbade do mosteiro de Bouro (bernardos) apresentava o cura, que tinha de congrua 8$000 réis e o pé d'altar.

JUSTA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Monte Mór Novo, concelho de Arrayolos, 18 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Santa Justa.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o capellão-curado, que tinha 124 alqueires de trigo e os mesmos de cevada.

JUSTA (Santa)—serra, Douro, freguezia de Vallongo, concelho de Gondomar, comarca e 6 kilometros a ENE. do Porto.

Ha n'esta serra profundos póços e extensas galerias, que evidenceiam a grande extracção de metaes que aqui fizeram os antigos.

Suppõe-se que os primeiros que aqui fizeram trabalhos de mineração foram os phenicios, e depois d'elles os romanos e por fim os arabes.

Alguns d'estes trabalhos são realmente notaveis.

JUSTA (Santa)—vide Lisboa.

JUSTIÇA DE MONTE MÓR—a que mandava que o criminoso fosse precipitado de um rochedo ou despenhadeiro.

Teve principio este supplicio em Monte Mór Velho, e d'aqui passou a Santarem e outras terras.

Junto a Jerusalem (Palestina) havia o *Monte Moria*, sitio onde os criminosos eram justiçados, arremeçando-os de uns penhascos altissimos e perpendiculares (especie de *Rocha Tarpéa*, de Roma.)

Será de *Monte Mória* derivado o nome de *Monte Mór*, por ter um similhante principio?

JUVIM—vide Jovim.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

68—Praça de D. Pedro—68

1874

AOS LEITORES

Acceitam-se, agradecem-se e publicar-se-hão, em supplemento, quaesquer esclarecimentos ou rectificações, com respeito ao que por ventura faltar em algumas povoações, sitios ou factos descriptos n'este Diccionario; bem como qualquer advertencia sobre omissões, que possam haver n'esta obra.

Não se dá porém valor algum a cartas anonymas.

A correspondencia litteraria, deve ser dirigida ao auctor (franca de porte) para a Rua de S. José, n.º 227, Lisboa.

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

DP
514
P65
1873
v.4

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D. Pedro — 67
1874

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

L

LABRUGEIRA—aldeia, Extremadura, na freguezia da Ventosa, concelho de Alemquer. Vide Ventosa.

LABRUJA, ou **LABRUJE**—serra, Minho, comarca e concelho de Coura e de Ponte de Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

O padre Carvalho diz que o seu primeiro nome foi *Lauruja* (derivado da palavra latina *laboriosa*, por ser laboriosa a sua subida) e que se corrompeu em Labruja. Diz que houve aqui dois conventos da Ordem de S. Bento, um de frades outro de freiras. Diz que este passára para Vitorinho (hoje Victorino) das Donas, da parte d'além do Lima.

O arcediago de Labruje, da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

—

É tradição antiquissima, referida por muitos escriptores, que aqui existiu em tempos remotissimos a cidade de *Labruja* (que deu o nome á serra) no sitio da actual *Romarigães* (vide esta palavra.)

Na carta de D. Fernando de Leão, feita em 1026 (vide *Britonia do Lima*) se lê: «*Inde ad Penam-Maiorem, super civitate antiqua Labrugia, quæ modo dicitur Romariganes.*»

Além d'esta cidade houve em tempos remotos n'esta serra varias povoações e fortalezas, quasi todas fundadas no seu cume, e no districto do concelho de Coura, a que a maior parte da serra pertence. (Vide Labruja, freguezia, e Romarigães.)

Na Portella, que vae da freguezia de Santa Marinha de Arcozéllo para o concelho de Coura, se encontram as ruinas de uma grande praça, chamada ainda hoje *Cidade da Matança* (porque consta que os mouros, em 716, em vingança da resistencia que os lusitanos aqui lhes fizeram, mataram quantos defendiam este ponto, incendiando-o e arrazando-o.)

Esta serra, posto ser de clima excessivo, é muito saudavel. (Diz o padre Carvalho, que «*os homens e mulheres d'aqui vivem de 100 até 130 annos.*»

É abundante de optimas aguas, pelo que os terrenos que se cultivam são muito ferteis.

Ha aqui muita caça grossa e miuda.

Nas freguezias de Labruja e Romarigães, se dão mais noticias d'esta serra.

LABRUJA—ribeiro, Minho, comarca de Ponte de Lima. Nasce na serra que lhe dá o nome, passa á freguezia de Santa Marinha de Arcozello (onde tem uma ponte, feita no principio do seculo XVII, chamada *ponte do Arquinho*) e vem desaguar na direita do Lima. Rega e móe. Tem peixe miudo.

LABRUJA — Extremadura, freguezia e concelho da Gollegan. É o nome de uma

bella quinta do sr. marquez de Castello Melhor, e onde elle costuma passar parte do verão.

LABRUJA ou **LABRUJE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 35 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É freguezia antiquissima, e se não existia já no tempo dos romanos, existia com toda a certeza no tempo dos godos.

Theodomiro, rei dos sueves, em 560 deu as egrejas de S. Christovão da Labruja, com seu couto e suas pertenças; a freguezia de Santa Marinha de Arcozêllo, na ribeira do Lima; a 4.ª parte da egreja de Santa Maria de Villar de Ancora, na Marinha (hoje Ancora) a egreja de Santa Olalla, de Villar de Mouros, com seu couto, na ribeira do Minho; e metade da egreja de Santa Maria da Collina, em Coura; a egreja de Santa Maria de Palacios, em Val de Vice (Val de Vez) e a egreja de S. Salvador da Gandara, ao bispo de Tuy, (já disse que então o bispado de Tuy chegava até á margem direita do Lima; vide Arcozêllo do Lima e Ponte do Lima.) sendo bispo de Tuy D. Affonso (2.º do nome entre os bispos d'esta cidade) pessoa de muita virtude e um grande amigo de D. Affonso Henriques.

Nas *nonas* de setembro de 1163 (3 de setembro de 1125) a rainha D. Thereza e seu filho (depois D. Affonso I) confirmaram aquella doação por outra, da qual passo a copiar os trechos seguintes:

In nomine Santæ et Individuæ Trinitatis, Patri et Filii et Spiritus Sancti, Amen. Ego Tarasia Regina, Adefonsi Imperatoris filia, testamentum Regis Theodomiri Ecclesia Tudensi quondam factum de Ecclesiis, etc., etc...

Concedo ob remedium animæ meæ et remissionem peccatorum meorum, quarum nomina hæc sunt. In primis Ecclesia S. Marinæ de Arcucelo integra cum omnibus pertinentiis suis in ripa Limiæ, Ecclesia S. Christofori integra in Labrujia cum suo capto et cum omnibus pertinentiis suis: quarta pars Ecclesiæ S. Mariae de Villâr de Ancora in Maritima cum totis suis pertinentiis, etc....

Ego praefata Regina T. hanc Donationis Kartam, vel Testamentum propria manu roboro. Menendus propriae Aulae Notator depinxi. Ego Pelagius Bracarensis Archieps. confirmo. Ego Infans Adfonsus ipsius Reginae filius conf. Ego Comes Fernandus conf. Ego Comes Gomes conf. Ego Fernandus Johannides conf. Qui praesentes fuerunt et viderunt et audierunt Petrus Testis. Pelagius Testi. Martinus Testis. Tarasia Regina confirmavit.»

—

D. Lucas, bispo de Tuy, creou em 1241 o arcediagado simples da Labruja, cujo titulo ainda se conserva na Sé de Tuy, sem renda, e na de Braga com ella.

Na doação feita pelo rei D. Ordonho II, á Sé de Lugo no 1.º de setembro de 953 (915 de Jesus Christo) se menciona um convento *duplex*, de S. Christovão (da Ordem de S. Bento) no logar da Labruja (sitio da *Portella*) na ribeira do Lima (*Memorias do Arcebispado de Braga*, tom. 3.º, pag. 402.)

O mesmo rei declara n'aquella doação que este convento foi fundado por Ermogio, bispo de Tuy, em uma herdade d'este rei, que a deu ao bispo de «*jure haereditario.*»

Este bispo Ermogio jaz na matriz da Labruja. Fr. Leão de S. Thomaz, na *Benedictina Portugueza* (Tr. 1. p. 3. prel. 3. cap. 1.) lhe fórma o seguinte epitaphio:

Hic jacet Hermogius Labruja marmore clausus
Qui monachus quondam grande Tudense decus.

Ermogio passou em penitencia os ultimos annos da sua vida, no mosteiro que havia fundado, e aqui falleceu. Tinha-se-lhe erigido um monumento sepulchral; mas D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, o mandou demolir (provavelmente quando se desfez a egreja velha) e jaz agora em sepultura raza.

—

Naustio, bispo de Coimbra, era tio de Er-

mogio; e S. Payo (ou Pelayo) que morreu martyr em Córdova, era sobrinho de Ermogio.

O fundador (D. Ermogio) havia juntado dinheiro para resgatar seu sobrinho S. Pelagio, que tinha deixado em refens, depois da batalha de *Valle da Junqueira*, em 921; mas, sabendo, na Labruja, que elle tinha sido assassinado em Córdova, applicou aquelle dinheiro para a fundação d'este mosteiro, no proprio sitio onde tinha recebido a infausta noticia.

No Tombo de Lugo, declara *D.ª Senior* (em 976) ser irman do bispo *Vimara*; e diz: «*meo germano Domino Vimarano, Episcopo... quae fuerunt de meo tio Domino Ermuigio Episcopo, quas commutavit cum Domino Naustio Episcopo suo tio et nostro avio.*»

Suppõe-se, com bons fundamentos, que *Naustio, Ermogio, S. Payo, Vimara e D.ª Senior* (que, como se vê, eram da mesma familia) foram todos naturaes d'esta freguezia.

S. Payo, martyr, era de tanta devoção entre estes povos, por ser d'aqui, que o escolheram para padroeiro as freguezias de Agua Longa, Mózéllos, Villa Mean (hoje unida a Campos) Molledo, Segude e Jólda; todas d'estes sitios.

O mosteiro da Labruja, era em outro tempo tão famoso e devia ser tão seguro e forte, que outro bispo de Tuy, tambem chamado Naustio, quando esta cidade foi invadida pelos normandos, em 1112, aqui se acolheu.

—

Transcrevo pela achar curiosa, a traducção de parte da referida doação de D. Ordonho II.

«Por ordem de el-rei D. Ordonho. Em nome de Deus Pae, Gerador e do Filho Gerado, e do Espirito Santo, que é um Deus em Trindade perfeita; e em honra e louvor da sempre VIRGEM MARIA» etc., etc....

.....

«seguindo o costume de nossos avós, e armados com a auctoridade da Sé Apostolica, confiando no patrocinio da gloriosa Virgem Maria, Nós, Vossos pequenos servos, Ordonho, rei, e Geloira, rainha, sujeitamos *as cidades destruidas*, acima nomeadas (Braga e Orence) a Vós, Virgem Maria e á Vossa Egreja, confirmando os privilegios de Nossos Avós. E de mais, Accrescentamos e Concedemos á Vossa cidade de Lugo, em remedio da nossa alma, o *mosteiro de S. Christovão, fundado e fabricado em uma nossa herdade, pelo Senhor bispo Ermogio, no territorio de Lugo, no logar chamado Labruja no rio Lima*, que o mesmo bispo deixou na Nossa protecção e entregou, por direito hereditario.»

Doamos-Vos pois, e concedemos-Vos, Gloriosa VIRGEM MARIA, o sobredicto mosteiro, pelos seus antigos termos, com toda a sua herdade, familias, villas e egrejas, a saber — com a *Villa e egrejas que estão entre o rio Cávado e o Lima* — isto é — *Cresspellos e Victorinho* (Victorino das Donas) e tambem a *Villa de Mazoneta*, com seus termos e da mesma sorte em *Toronho* a *Villa de Bemviver* e tambem a de *Parada*, na margem do Minho, com seus termos.»

.....

.....

«E se se contravier a esta nossa ordem transfira *O* SENHOR, a memoria de quem quer que for, do livro da vida e não se escreva n'elle, mas padeça nas mais profundas penas do inferno, e n'esta vida, todo elle se encha de bixos e perca a vista d'ambos os olhos e seja excommungado; e vos restitua em dobro ou tresdobro o que vos pretender tirar.»

—

Este convento estava fundado no sitio onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora da Graça. Havia aqui uma pia baptismal, de pedra, que foi trazida para a egreja velha; mas, diz a tradicção, que quantas creanças n'ella se baptisavam, cegavam todas, pelo que tornaram a pôr a pia onde a tinham achado.

Mais abaixo, está um pôço, ao pé da *Serra Clivia*, onde trazendo as freiras um sino para o novo convento, o carro, bois e homens que conduziam o sino, tudo se despenhou, cahindo no tal poço, e nada de tudo isto tornou a apparecer.

Creem por estas terras que o tal poço *não tem fundo.*

A egreja mudou-se para o sitio onde hoje está a capella de Sant'Anna, que tambem foi mosteiro de freiras benedictinas, e teve o mesmo fundador do de S. Christovão. Este mosteiro, passados annos, se mudou para Victorino das Donas, e a egreja para o sitio onde ainda está.

A historia d'este dois conventos vem bastante obscura no Argote e nos *Estrangeiros no Lima.* A minha opinião (que aliás não passa de mais ou menos bem fundada conjectura) é que feito o primeiro convento de que fallei, que era *dobrado,* o fundador, achando inconvenientes na reunião dos dois sexos, no mesmo mosteiro; fundou aqui um outro, e n'elle recolheu as freiras que estavam no de S. Christovão, e que ficava pouco distante d'este. Ainda ao sitio onde existiram estes dois edificios religiosos, se chama *os Mosteiros.*

D. Urraca filha de D. Fernando III, (o Magno) de Castella, o restaurou pelos annos de 1050, e o deu á Sé de Tuy. Em 1242, o bispo D. Lucas (de Tuy) creou o arcediago da Labruja, de que já fallei no principio d'este artigo.

Extincto o convento de S. Christovão, pelos annos 1460, por passar a commendatarios, ficou a egreja a ser matriz da freguezia.

LABRUJA ou **LABRUGE**—freguezia, Douro, comarca do Porto, concelho de Bouças até 1855, desde então comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes (cruzos) do mosteiro de Moreira, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis.

LABRUJÓ — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 40 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Labrujó significa *Pequena Labruja.*

A mitra apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento.

LABRUSCA — em algumas terras do sul do reino dão este nome ao parreiral, lattada ou ramada de videiras. Vide Aldeia do Mato.

LACA — rio, Beira Baixa, o qual nasce proximo a Lordosa, passa ao O. de Castello Branco e entra na direita de Tejo com 50 kilometros de curso. Réga e móe, e traz peixe.

LACONIMURGI ou **LACONIMBURGI** ou **LACONIMURGO** — cidade antiquissima da Lusitania.

Strabão (liv. 3.º) diz que uma colonia grega, sahida da Laconia, aportára á Iberia, e que, tendo penetrado na Lusitania, em companhia d'alguns celiberos, aqui fundarra a referida cidade, que depois se tornou famosa

D'esta cidade nos falla tambem uma inscripção achada nas ruinas da vetusta Egitania (Idanha Velha.)— Diz:

M. LEPIDO. VICT. LVSIT.
COHOR. FORTISS.
COHOR, MEIDOBRIG.
COHOR. LACONIMBVRGEN.
COHOR. TALABRICEN.
COHOR. AEMINIEMS.
TRIVMV. MER.
P. P. E. OMNES. LIBERA
LITATEM. D. D.

Isto é — *A marco Lepido, triunviro e ppae da patria, pela victoria que conseguiu contra os lusitanos, e pela sua liberalidade para com todos, dedicam esta lapide as cohortes seguintes — fortissima* (d'Evora) *meidobrigense* (de Plumbaria, junto de Marvão?) *laconimburgense* (d'esta) *talabricense* (d'Aveiro) *e emminense* (d'Agueda.)

É pois incontestavel a existencia d'essa cidade, que devemos suppor fundada ahi pelos annos do mundo 2640 (ou 1364 antes de Jesus Christo.) mas não ha certeza do logar que occupava, nem da epoca da sua destruição, que todavia é provavel tivesse lo-

gar durante as sanguinolentas guerras que os peninsulares sustentaram contra os romanos.

Pretendem alguns que ella estava em territorio da Lusitania, que hoje é Extremadura hespanhola. Jorge Cardozo e outros, sustentam que éra a antiga Lamego (Vide Queimada e Queimadella) confundindo a *Laconimurgi* de Strabão, com a Lama, ou Lameca de Ptolomeu.

Parece mais provavel que esta cidade estava situada entre o Tejo e o Vouga, e no centro da Lusitania.

Alguns escriptores modernos, que investigaram as ruinas de uma grande povoação que existem junto da villa de Bobadella, no concelho d'Oliveira do Hospital, suppoem que fosse aqui a antiga Laconimurgi.

Já a pag. 405 do 1.º vol. d'esta obra, na palavra Bobadella (villa) descrevi algumas antiguidades que ainda alli existem: accrescentarei mais as seguintes — dois aqueductos, que correm dos lados de E. e N. ambos d'architectura romana, um descoberto e outro subterrado; restos de muralhas; de uma calçada; e, finalmente varias columnas que existem em differentes casas da villa, que mostram terem pertencido a sumptuosos edificios.

Por entre estes destroços, tem-se descoberto em differentes epocas, algumas inscripções, das quaes, infelizmente, nenhuma indica um nome que se possa atribuir á cidade que aqui estanciára.

Ainda em 1844, em uma escavação que aqui se fez, appareceu uma cabeça humana, que mostrava, pelas suas dimenções ter pertencido a uma estatua de Apolo [1] dos seus 4,m40 (20 palmos) d'altura.

A distancia de 1:000 ou 1:100 metros, ao sul de Bobadella, apparecem tambem indicios de povoação antiga, e aqui se acharam, ha poucos annos, dois vasos de bronze, de muita perfeição, um em fórma de gomil e outro pyramidal, com tampa e base.

Em um campo chamado de S. Bartholomeu, a 6 kilometros de Bobadella, appareceram em grande espaço, importantissimas ruinas, contendo grossas telhas, tijollos, alcatruzes de barro, campainhas, caldeiras de ferro muito oxidado, esculpturas em pedra, e mais de duzentas medalhas de diversos cunhos.

É pois certo ter aqui existido em eras remotas uma esplendida povoação; mas não se póde dizer com certeza o seu nome. Alguns dos modernos visitadores d'estas notaveis ruinas, dão por fundamento de ter sido a Laconimurgi dos antigos, o nome de *Morúge*, que ainda conserva um dos sitios onde existem ruinas.

Devemos confessar que se isto não é uma prova plena, dá bastante provabilidade de que *Morúge* seja corrupção de *Laconimurgi*.

Estas interessantes ruinas mereciam muito ser exploradas por pessoas competentes, que aos seus conhecimentos em archeologia juntassem um decidido amor pelas nossas cousas.

No *Viriato Tragico* (Canto 4.º Cst. 74) diz o poeta hirminense:

Na villa, hoje chamada Bobadella,
Esteve antigamente uma cidade,
Que estão, de quanto fosse grande e bella,
Indicando vestigios, nesta edade,
Gastadas letras, a memoria d'ella
Conservam da ruinosa antiguidade,
E cidade mui célebre a declaram,
Se o tempo escureceu como a chamaram.

Diz o mesmo escriptor que Laconimurgi foi tomada por surpresa aos romanos, por Viriato, o antigo, e seus companheiros d'armas, os herminios, ou habitadores da Serra da Estrella (ó Herminio Maior dos antigos.)

Só tenho noticia de quatro inscripções aqui achadas são.—

1.ª

SPLENDIDISSIME CIVITATI
JULIA MODIS TAPLAMINA.

2.ª

NEPTUNALE.

3.ª

JULIAE QUE
FLAMINIA
JULIUR
RUFUS
D. D.

[1] Outros dizem de Julio Cesar.

4.ª

JULIA
EX

TESTAMENTO
SUO.

—

Vide *Babadella, Lamego, Queimada e Queimadella.*

LACRIMATORIO — Vaso em que os parentes e as *choradeiras*, guardavam as lagrimas que choravam pelo defunto, e que era mettido (o vaso) no seu tumulo.

LADA — portuguez antigo—a margem do rio.

Tambem se tomava pelos lados de uma estrada. Havia antigamente em Lisboa uma feira ou mercado semanal á beira do Tejo, que porisso se chamava *Feira da Lada.*

Depois mudou-se para a *Praça d'Alegria*, e, depois de 1834, para o *Campo de Sant'Anna*, onde actualmente se faz, ás terças feiras Consta, na sua maxima parte, de objectos usados. O povo lhe chama *Feira da Ladra.*

No Porto ha tambem a capella de Nossa Senhora da Lada, na Ribeira, a poucos passos do rio.

LADÁRIO (antigamente **LADAIRO**) — villa, Beira Alta, concelho de Satão, comarca e 18 kilometros de Viseu, 290 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districio administrativo de Viseu.

Esta villa e a sua freguezia estão hoje unidas á freguezia de Villa Boa. (Vide Villa-Boa e Ladario.)

D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques deram, em 1125, ao convento d'Aguas Santas (Máia) os coutos de Gouveia e *Ledáairo.* (Vide Aguas Santas e Gouveia do Douro.) Em 1186, D. João Pires, bispo de Viseu e o seu cabido, cederam ao dito mosteiro d'Aguas Santas, a 3.ª dos dizimos que lhes pertencia, da egreja de Ladario (então Ledáairo) o jantar, ou collecta, a luctuosa e a 3.ª dos mortuarios; reservando só para elles um *aureo*, que esta egreja tambem lhe pagava pela Paschoa.

O sacro collegio patriarchal apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel deu foral á villa de *Laddairo*, em Lisboa, a 5 de maio de 1514.

Ladairo é palavra portugueza antiga, significa *procissão* ou *clamor* com *ladainhas* e *préces*, para conseguir remedio em alguma afflição ou calamidade publica.

LADEIRA — no extincto concelho de Fajão, hoje da Pampilhosa, Douro, districto administrativo de Coimbra, ha uma cordilheira de serras alcantiladas, cujos ramos se espalham em differentes direcções. Um d'estes ramos se denomina *Ladeira* e corre, coroado de soberbas penedias, desde a serra da *Rocha* até ao sitio do *Amieiral*: abbate aqui (Fajão) de repente, para dar passagem ao Zêzere, apparecendo da mesma imponente altura, na margem fronteira.

LADERA, LADEIA ou **LADEYA**—nomee antigo da actual villa do *Rabaçal.* (Vide esta palavra.)

LÁDICO — monte, Tras-os-Montes. Era o nome romano da actual serra de Larôcco.

LADÍMO e **LADINHO** — portuguez antigo —*puro, sem mistura, genuino.*

Nas provincias do Norte ainda se emprega a palavra *lídimo*, para significar o mesmo.

LADOEIRO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha a Nova, 240 kilometros a E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

É corrupção de *lodoeiro*, lugar plantado de *lodãos.*

É terra fertil. Cria muito gado e caça.

O vigario de Idanha Nova apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LADROEIRA — pequena aldeia, freguezia e 3 kilometros ao SE. da Villa de Sobrado, capital do concelho de Castello de Paiva, 16 kilometros a NO. d'Arouca, 40 ao E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Havia aqui uma feira de gado no dia 77 de cada mez, que acabou por falta de concorrencia.

É situada em uma serra agreste, e pouco fertil, chamada de *Ancía*.

É provavelmente corrupção de *lodoeira*. Nas provincias do Norte dão vulgarmente o nome de *sobreira* ao sobreiro; *carvalha* ou *carvalheira* ao carvalho, etc. É por isso que ao lodão chamam *lodeira* ou *lodoeira*; e d'aqui facilmente o povo mudou para *ladroeira*.

LADROEIRA—Algarve. No alto de um sêrro que ha no *Monte da Cabeça*, na freguezia de *Moncarapacho*, concelho de Olhão, do lado do mar, ha um profundo poço chamado da *Ladroeira*. Perto d'elle ha outro chamado o *Abysmo*, e tambem outros mais pequenos. Todos estão cheios d'agua no inverno.

(Vide Moncarapacho.)

LAFÕES ou **ALAFÕES**—Beira Alta, fertil, formosa, salutifera e notavel comarca (hoje chamada *de Vousella)* que se prolonga a E. da serra da Gralheira. (Vide Vousella.)

Lafões fica 20 kilometros a NO. de Viseu, e 275 ao N. de Lisboa.

É palavra arabe *(Alafoii)* derivada do nome proprio d'homem—*Alahum*—que significa *o irado*.

O mouro *Alahum* (Alafum) povoou Lafões em 1040. Era senhor de Viseu, e sendo vencido por D. Fernando, o Magno, rei de Leão, se fez christão (já então os homens mudavam de opinião, quando d'isso tiravam proveito) pelo que o rei lhe deu a terra de *Lafões*, que elle tinha povoado, e á qual poz o seu nome. Outros dizem que elle não era senhor de Viseu, mas sómente de Lafões, e que D. Fernando lhe restituiu esta comarca, logo que elle abjurou o mahometismo.

D. Diniz lhe deu foral em 1280. (Franklim não o traz.)

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 15 de dezembro de 1514.

Em setembro de 1169, esteve nas caldas de Lafões (Vousella) D. Affonso I, fazendo uso das aguas thermaes. Parece que se demorou aqui bastante tempo, pois de Lafões datou, n'esse anno, varios foraes, doações e outros documentos.

Uma das doações datadas d'aqui foi a larguissima que fez a D. Sancha Paes, das villas de *Golães*, *Godim* e *Villar*, em terra de Guimarães.

A comarca de Lafões (officialmente Voúsella) é uma das mais formosas, ricas, ferteis e saudaveis do reino. É abundantissima d'aguas, e tem vastas pastagens onde se cria, em grande quantidade, gado de varias especies, sobretudo bovino, que é optimo para trabalho, e precioso para alimento.

As suas vitellas são de um gosto deliciosissimo.

Além da grande abundancia de cereaes, azeite, hortaliças, legumes, vinho, linho, fructa, etc., produz tambem em grande quantidade manteiga, mel e cêra. Seus montes produzem muita caça.

Os habitantes de Lafões occupam-se, na sua maxima parte, na agricultura, sendo geralmente pacificos, hospitaleiros e laboriosos.

Ha muitos seculos que a terra de Lafões tem fama de serem muito formosas as suas mulheres.

Ha espalhados por toda esta terra grande numero de castellos, edificios e outros monumentos, antiquissimos que vão nas freguezias ou logares mais notaveis, onde são situados.

—

Convento de frades da Ordem de S. Bernardo, e da invocação de S. Christovão.

Este mosteiro foi fundado pelo célebre abbade *João Cirita*, na era de 1161 (1123 de Jesus Christo) por ajuda e auctoridade da rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques.

Havia no sitio onde se fundou o mosteiro uma ermida, já então antiga, dedicada a S. Christovão, martyr.

Pelas grutas que haviam por estes sitios viviam oito anachoretas ou ermitães, fazendo vida penitente, e vindo dizer missa, os que eram clerigos, á ermida e orar todos.

João Cirita, que além d'aquelles oito tambem por aqui vivia (a mesma vida de segregação do mundo, oração e penitencia) os persuadiu a formarem communidade, adoptando a regra de Cister (S. Bernardo) que

era uma reformação da antiquissima ordem de S. Bento.

Os eremitas annuiram facilmente a isto e constituiram convento sob aquella regra.

A velha capella de S. Christovão serviu de egreja do mosteiro, emquanto se não edificou egreja mais vasta e propria de um mosteiro.

A egreja actual (que é, e foi sempre, matriz da freguezia) foi sagrada a 17 de setembro de 1138, o que consta da inscripção que está em uma lapide na capella-mór.

A rainha D. Thereza e seu filho o então infante D. Affonso Henriques, tomaram tanto empenho na fundação d'este mosteiro, que lhe doaram *toda a terra que jaz em cima do rio Vouga, até ao ribeiro do Tortêllo, para que possaes ahi fazer um moesteiro, em honra de Deos e do martyr S. Christovão, em qualquer sitio que escolherdes*, etc.

A mesma D. Thereza e seu filho coutaram a freguezia e a doaram ao convento. Tudo isto foi feito (coutamento e doação) em janeiro de 1123.

Está situado este vasto convento proximo á margem direita do Vouga, e na confluente do pequeno rio Baroso. O antigo nome d'este ultimo rio, era *Tancas;* mas os frades, em memoria do rio Barosa, que corre junto ao mosteiro de S. João de Tarouca, o primeiro d'esta ordem em Portugal, lh'o mudaram, logo que fundaram o convento, para Baroso.

Vide S. Christovão de Lafões.

Ha por aqui minas de prata, estanho, chumbo, ferro e cobre.

Lafões é ducado, creado por D. João V, em 5 de novembro de 1718, sendo seu primeiro duque, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, 3.º marquez de Arronches, 7.º conde de Miranda, senhor d'Alafões e das villas de Miranda do Corvo, Jarmello, Folgosinho, Sósa, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro.

Era filho do infante D. Miguel, filho legitimado de D. Pedro II. Suas armas são as de Portugal e as dos Sousas, a saber: — esquartelladas, no 1.º e 4.º quartel as de Portugal e no 2.º e 3.º divididas em quarto, nos 1.ºs e 4.ºs, d'estes, outra vez as armas portuguezas, com quadernas de meias luas de prata, em campo de púrpura. Corôa ducal, e por timbre um castello de ouro. Vide adiante.

Poucos territorios em Portugal possuem tantos monumentos da edade média, como a Terra de Lafões. Para evitar repetições, vão as descripções d'esses monumentos nas freguezias onde existem. Todo o mundo sabe que a lenda de Guesto Ansur e do resgate das seis donzellas, foi em Figueiredo das Donas, d'esta comarca. Vide S. Christovão de Lafões, a pag. 297 do 2.º vol., e Figueiredo das Donas, a pag. 193, 2.ª col. de 3.º volume.

—

Os duques de Lafões são Sousas, uma a das tres familias mais nobres de Portugal (Braganças, Cadavaes e Lafões).

O appellido nobilissimo de Sousa, é verdadeiramente portuguez. Procede de D. Fayão Soares, fundador da villa de *Arrifafana de Sousa* (vide esta palavra) hoje Penafiel, onde estabeleceu o seu solar. Era filho de D. Soeiro Bemfeitor, que floresceu no reinado de D. Affonso II de Leão, (filho de D. Fruela I) ao qual D. Bermudo I cedeu o throno em 791.

O primeiro que se acha com o appellido *Sousa*, é D. Egas Gomes de Sousa, filho de D. Gomes Echigas e de D. Gomtrode Monniz. Foi rico-homem de D. Affonso VI de Leão e Castella. Casou com D. Chama (ou Flammula, que é o mesmo) Gontinha, filha de D. Gonçalo Trastamires da Maia, bisneto de D. Ramiro II de Leão e da formosa e legendaria moura *Zahara*, de Gaia; e teve por filho primogenito ao conde D. Mendo Viegas de Sousa, que floresceu no tempo do conde D. Henrique, que lhe deu a terra de Santa Cruz, para defender dos mouros, pois era D. Mendo um dos mais bravos guerreiros d'aquelle tempo. Casou com D. Thereza Fernandes, e foi seu primogenito o conde D. Gonçalo de Sousa, tão valoroso como seu pae, e que D. Affonso Henriques fez seu logar-tenente, e, a maior dignidade a que n'aquelle tempo podia chegar um vassallo.

Foi o principal promotor da acclamação de D. Affonso I, no campo d'Ourique, em 25 de julho de 1139.

As primeiras armas dos Sousas, eram as

de Aragão (em campo de ouro, quatro coticas de púrpura, em pala).

Em 1188, na batalha d'Ajarafe (Andaluzia) dada por D. Sancho I de Portugal, o dito conde D. Gonçalo de Sousa, tomou aos mouros, por suas proprias mãos, quatro bandeiras vermelhas, em que havia os crescentes de prata (emblema mauritano) pelo que o rei lhe mandou accrescentar o escudo com a quaderna de cresçentes, ficando as suas armas do modo seguinte: —escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas de Aragão, e no 2.º e 3.º de púrpura, quatro crescentes de prata, apontados. Não quiz outros despojos d'esta batalha, onde tanto se havia distinguido, senão as quatro bandeiras, que depositou no convento de Pombeiro.

Foi veador de D. Affonso I. Casou tres vezes, pelo que se propagou consideravelmente a sua descendencia.

Foi sua filha a célebre D. Maria Paes Ribeiro de Sousa, que, ficando herdeira da casa de seu pae, casou com D. Affonso Diniz de Portugal, filho de D. Sancho I; mudou as suas armas, que ficaram construidas do modo que já disse quando n'este artigo fallei do primeiro duque de Lafões, e são ainda as actuaes.

—

A segunda e terceira familia d'este appellido, procederam de outra alliança com a casa real, pelos casamentos de duas netas de D. Mem Garcia de Sousa, com dois filhos bastardos de D. Affonso III, a saber: a primeira, foi D. Maria Pires Ribeiro de Sousa, com D. Affonso Diniz; e a segunda, foi D Ignez Lourenço Soares de Valladares (filha de D. Maria Mendes de Sousa) com D. Martim Affonso Chichorro.

As armas d'estas duas familias, são: —as quinas reaes, no 1.º e 4.º, mas sem a orla dos castellos; no 2.º e 3.º, de prata, leão de púrpura; timbre, o leão das armas. Este é o brazão dos marquezes de Minas, condes do Redondo (Sousas Coutinhos) e outros que d'elles procedem.

Ha terceiro casamento, que foi o de D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes-mór do reino, com D. Leonor Affonso de Portugal, filha bastarda do mesmo rei D. Affonso III. Suas armas, são: —escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, as armas do reino, com um filete negro, em contrabanda, que não tapa a orla e passa por baixo do escudinho do centro; no 2.º e 3.º, em campo de púrpura, quatro crescentes de prata, apontados. Timbre, um dos castellos do escudo, lavrado de preto.

D'estas armas usavam os duques d'Aveiro, condes de Villa Nova (de Portimão) e outras familias nobilissimas do reino.

Outros que procedem da terceira alliança que fez D. Martinho Affonso Chichorro, trazem as mesmas armas; mas o timbre é um leão de prata, tendo sobre a cabeça uma grinalda de verde, com flores de prata.

Os condes de S. Thiago de Beduido (Sousas e Silvas) trazem por armas: —escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas dos Sousas; no 2.º e 3.º, as dos Silvas, e por timbre, um leão d'ouro.

—

Da familia d'este appellido, foi D. Marianna de Sousa, que casou com o principe Carlos José de Ligne, do sacro imperio romano, senescal d'Arnaut, que foi feito em Portugal, conde de Miranda (do Corvo) e depois, marquez d'Arronches. Foi sua filha, D. Luiza Casimira de Nassau e Sousa, que casou com D. Miguel, filho bastardo de D. Pedro II.

As armas d'este ramo dos Sousas, foram, em 4 de janeiro de 1716, construidas do modo seguinte: —escudo em pala, na 1.ª as armas de Portugal, e na 2.ª as dos Sousas; mas depois foram reformadas, e são as actuaes dos duques de Lafões.

—

Não é preciso dizer que as armas dos Sousas têem soffrido varias modificações, occasionadas pelas allianças de pessoas d'esta familia com as de outros ramos; accrescentando-lhes diversos brazões.

—

O mais célebre duque de Bragança, foi o illustradissimo D. João de Bragança. Vide Grillo.

LAGARELHOS —freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 455 ki-

lometros ao N. de Lisboa, 36 fogos em 1757.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Paçô apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está actualmente annexa á de *Villar d'Ossos.*

LAGARES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago S. Verissimo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O ordinario apresentava o reitor, collado. Tinha 150$000 réis de rendimento annual.

LAGARES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 25 kilometros ao ENE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 175 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

Situada na encosta de uma serra, a 6 kilometros da foz do Tamega. Fertil.

Ha n'esta freguezia, aguas mineraes (ferruginosas) que se applicam, com feliz successo, para varias doenças do estomago. São ainda mais efficazes, para certas molestias, do que as de *Entre-os-Rios*, porque, apesar de serem da mesma qualidade, contêem mais principios sulphurosos e ferruginosos; comtudo, as de mais fama, e de maior extracção actualmente, são as de Entre-os-Rios. Vide esta palavra e Eja.

LAGARES — villa, Douro, comarca da Táboa, concelho de Oliveira do Hospital, 60 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 300 fogos, 1:200 almas.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de maio de 1514. *(Livro dos Foraes novos da Beira,* fl. 90 v., col. 2.ª Vejam-se as *Inquirições* para este foral, no masso unico das inquirições, armario 17. n.º 17.)

A Universidade de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É uma como peninsula, dividida das freguezias do Seixo e do Ervedal pelo rio Céa, que corre de N. a Oeste; e das freguezias da Lageosa, e de Travanca de Lagos, pelo rio Cobral, que corre de Este pelo S. a O. onde faz juncção com o Céa, tendo banhado muitas e optimas tapadas d'esta freguezia.

É uma das terras mais importantes da Beira pela sua extensão de fertil solo, que banhado pelos dois rios acima mencionados e pelas duas ribeiras dos Linhares, e das Foucinhas, produz grande abundancia de milho, feijão e batatas, para consumo e exportação, e mais cereaes. Tem bastante azeite para consumo, e ainda para exportação, muito maior abundancia de bom e precioso vinho, e tem extensas mattas de pinnheiros, carvalhos e outras arvores.

Se porém esta villa e freguezia é fertil em fructos da terra, não o é menos em homens notaveis. Além de um desembargador e um doutor de capello, que conheci, ainda hoje conta dois lentes de direito na Universidade de Coimbra, um doutor em theologia, parocho em Lisboa, seis bachareis em direito, alguns já em delegacias, e um no terceiro anno de medicina; e seis parochos collados em differentes egrejas.

Esta povoação, que hoje se acha bem calçada, tem alguns edificios muito bons e outros sufficientes, merecendo especial menção a nova egreja, que é grande, e espaçosa, cuja torre e altares lateraes são primores de arte: e a fonte proximo á egreja, cuja construcção e architectura é a melhor d'estes sitios.

Esta freguezia tem passado por differentes phases. Consta por tradição que era priorado até D. Diniz, que para a erecção e dotação da Universidade a reduziu a curato amovivel, (como fez a outras muitas); e ha d'isto não poucos indicios, e até uma pedra que estava na capella mór da egreja velha parece demonstral-o.

Entretanto nos livros de visitas pastoraes que não tem principio nem fim, offerece a

primeira visita em 1603, sendo esta freguezia parochiada por um cura, e só em 1715 começam a apparecer vigarios collados apresentados pela Universidade, que d'aqui recebia dizimos e fóros.

O ex.mo sr. bispo-conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, em visita que fez a esta freguezia em maio ultimo, em attenção á grandeza, riqueza e importancia da freguezia concedeu o titulo de prior ao actual e seus successores, por diploma datado de 7 de junho de 1874. É actual parocho o rev.º sr. Antonio Affonso Borges Garcia.

LAGARINHOS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concetho de Gouveia, 75 kilometros de Coimbra, 285 ao NE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Eufemia.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de Villa Nova do Casal apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis.

É terra de clima excessivo e pouco fertil. Cria muito gado e tem muita caça.

LAGARTEIRA—aldeia, Minho, freguezia de Gontinhães, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, comarca e 12 kilometros ao N. de Vianna, 50 fogos.

Situada em planicie á beira-mar, formando na maxima parte os dois lados da estrada real de primeira classe, que de Lisboa vae a Coimbra, Porto, Vianna e povoações do Norte, feita em 1857.

Esta bella povoação, que ainda em 1860 contava apenas quatro moradas de casas velhas e insignificantes, tem augmentado e prosperado de um modo espantoso, tendo actualmente muitas e bellas moradas de casas para os *banhistas*. (Só em 1864 se edificaram 16!)

Quasi toda a *população permanente* da Lagarteira vive da pesca e das enormes rendas das suas casas no tempo dos banhos. Ha casas que produzem de renda 2:400 réis diarios.

Tem uma boa hospedaria n'um bonito edificio, mas só está aberta no tempo dos banhos.

A *população fluctuante*, isto é, a que aqui reside desde julho até novembro, já póde calcular-se em milhares. E muito mais concorrida seria esta bella praia, se os habitantes da Lagarteira se compenetrassem melhor do que eram os seus verdadeiros e mais duradouros interesses, moderando-se mais nas rendas das casas, na venda dos generos alimenticios, etc., o que tem affastado d'aqui muitas familias, e faz com que as que para aqui vem mandem buscar as coisas a Vianna ou a Caminha.

Mesmo apezar d'isto, já para aqui vem gente aos banhos, de muitas leguas, pelo aprasivel do sitio.

Esta povoação está na margem direita do rio *Ancora* (o *Vicus Spacorum* dos romanos), que divide Gontinhães da freguezia de Ancora, á qual antigamente pertencia, mesmo na sua foz, por isso quasi toda a gente lhe chama os *banhos d'Ancora*.

Ha na Lagarteira um pequeno porto (que só dá ingresso a barcos de pesca) todo cercado de rochedos e muito perigoso; a ponto de quasi todos os annos aqui haverem sinistros.

Em 1864 se construiu a uns 200 metros do tal porto (a que chamam o *Portinho*) por conta das obras publicas um quebra-mar tão pouco elevado, e tão mal seguro, que o mar o cobre e escangalha sem serem precisos grandes temporaes.

Apenas o architecto o deu por concluido, o mar saltou por cima d'elle e o desmantelou. Já foi concertado umas poucas de vezes.

Se o fizessem segundo as regras da arte, seria uma boa obra, que evitaria muitas desgraças; no estado actual de pouco serve.

Entre este *quebra mar* (ou *quebra-o o mar*) e o *portinho* está um fortim mandado edificar por D. Pedro II, ahi por 1690, por causa dos piratas africanos, que infestavam então estas costas. Está em muito bom estado, porque foi concertado em 1864. Tem uma guarnição de 3 veteranos.

A uns 250 ou 300 metros a NE. d'este fortim, no declive de uma serra (do nome da povoação), existem vestigios de antigas fortificações, e no alto da serra (ramo da de

Arga) estão as ruinas de uma antiquissima *atalaya*, onde em tempos mais modernos, e durante a guerra da restauração (1640 a 1668) se accendia um facho, para annunciar a aproximação do inimigo. Por esta razão, tambem a esta serra se dá o nome de *Serra do Facho*.

A uns 300 metros a E. d'esta povoação, está um bem conservado *dolmen*. Vide esta palavra e Gondinhães.

O terreno d'esta aldeia, é fertilissimo, e a sua situação tão deleitosa como o é todo o espaço que medeia entre Vianna e Caminha. Ha tambem aqui abundancia de peixe (ás vezes, quando o mar se quer deixar explorar), mas no tempo dos banhos custa o tresdobro, e mais, do preço regular.

A costa por estes sitios, desde Vianna até Caminha, é formada, em quasi toda a parte, de rochedos e penedias de pouca elevação, mas perigosissimos para os navegantes; porque muitos d'estes rochedos não se vêem— pelo que têem aqui acontecido muitos naufragios. Vide Ancora.

LAGARTEIRA—freguezia, Extremadura, comarca do Pombal, concelho d'Ancião, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O prior de S. Miguel de Penella, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

LAGE ou **LAGEM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 6 kilometros ao NO. de Braga, 54 ao N. do Porto, 365 ao N. de Lisboa. 360 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do concelho do Prado, comarca de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis annuaes. Vide Lagenas.

LAGE ou **LAGEM**—villa extincta, na freguezia de Santa Leocadia de Bayão. Foi *honra*. Vide Bayão.

LAGÊNAS—antiquissima villa, Minho, que existia no territorio bracharense. Ficava na falda do monte de Santo Adrião e junto ao rio *Sanguinhedo* (ou *São Gonhêdo*).

Tinha aqui um casal, *Sendonio Numes* e sua mulher, *Tóda Oveques*, que o doaram a D. Pedro, bispo de Braga, no anno de 1078. (Note-se que a palavra *villa*, aqui significa *casa de campo*.)

LAGÊNAS—villa, Minho, tambem no territorio bracharense. Por uma escriptura, do anno 1133, se vê que esta *casa de campo* existia nas faldas do monte *Cottêllo*, junto ao rio Cávado. Tinha aqui algumas herdades o arcebispo D. Payo, e as doou á Sé de Braga.

Supponho que estas duas Lagênas eram uma e a mesma cousa, designadas por *confrontações* diversas, e que foram a origem da actual freguezia da *Lage*, na comarca e concelho de Villa Veerde.

LAGEOSA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 136 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os priores de Santa Maria e S. Martinho, de Celorico da Beira, apresentavam alternatitivamente o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAGEOSA—freguezia, Beira Alta, commarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital, 40 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Lagos, da Beira, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAGEOSA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros a SE. de Lamego, 315 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario da Nave, do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAGEOSA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 12 kilometros de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os herdeiros de Gonçalo Thomaz da Silva Macedo e Carvalho, da villa d'Alemquer, apresentavam o abbade, que tinha 1:200$000 réis.

É terra abundante de todos os generos de agricultura. Gado e caça.

No areal do rio Dão, que aqui passa, se encontram aguas sulphureas, tepidas, que dizem ser utilissimas para a cura da frouxidão dos nervos, tomadas em banhos.

LAGES—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Céa, 70 kilómetros a NE. de Coimbra, 275 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava annualmente o cura, que tinha 24$000 réis de rendimento.

LAGINOSO—monte do Minho, proximo e ao NE. de Braga. Vide *Lanhoso*.

LAGO—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados até 1855, e depois comarca e 9 kilometros ao E. de Villa Verde, concelho e 4 kilometros a O. d'Amares, 7 ao NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do couto de Rendufe, concelho e visita d'Entre Homem e Cávado, comarca de Vianna.

Proximo a esta freguezia é a extensa e elegante ponte do *Bico*, na freguezia d'este nome. Vide *Bico*.

O abbade benedictino do mosteiro de Rendufe apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra bonita e muito fertil. Passam aqui os rios Cávado e Homem; para a passagem do Cávado havia uma barca. Pesca-se aqui muito e bom peixe, principalmente salmões, que têem fama de ser os melhores do reino. A sua pesca principia quando termina a do rio Minho.

Ha tambem aqui muitas lebres e mais caça miuda.

N'esta freguezia é a casa do *Lago*, solar d'este appellido, que floresce em Portugal desde o reinado de D. Affonso II, do qual era rico-homem Gomes Gonçalves do Lago. Suas armas são:—em campo de púrpura, torre de prata, com portas e frestas negras, lavrada de negro, sobre um lago de ondas azues e prata, em contrachefe, com tres peixes nascentes, e sobre a torre meia donzella de frente, vestida d'azul, perfilada d'ouro, cabellos soltos do mesmo, e em chefe, tres flores de liz de ouro, em faxa. Elmo d'aço, aberto, e por timbre a meia donzella das armas, com uma das flores de liz na mão direita.

Os *Pereiras do Lago*, usam escudo dividido em pala, na 1.ª as armas dos Pereiras e na 2.ª as dos Lagos.

Outros Lagos usam:—em campo de púrpura cinco flores de liz, de ouro, em aspa. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, uma aspa de púrpura com uma flor de liz de ouro em cada uma das pontas superiores e outra no centro da aspa.

Estes ultimos vieram de Hespanha, no reinado de D. Diniz.

—

A egreja matriz é boa e moderna e tem um vasto e bonito adro.

Ha na freguezia tres capellas—Santa Martha, antiga—O Senhor da Saude, aceiada e moderna—e da Careira, particular.

Está a freguezia situada em planicie, no angulo formado pela confluencia dos rios Homem e Cávado. É no seu vertice a extensa ponte moderna do Bico (pag. 398 do 1.º volume). O Cávado corre ao S. e o Ho-

mem ao N. da freguezia, indo juntar-se no Bico.

Fabrica-se aqui muito boa telha.

Pelo centro da freguezia passa a nova estrada districtal, de Barcellos a Montalegre, cuja conclusão, no territorio do Lago, se effectuou no principio de 1874.

No logar de Paços houve uma torre, que era dos Queirozes, d'Amarante, que actualmente residem em Barcellos.

LAGOA ou **ALAGOA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 17 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O papa e o arcebispo, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis de rendimento.

LAGOA ou **ALAGOA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Izêda, até 1855, e desde então comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 40 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Santo André, de Moraes, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAGOA ou **ALAGOA** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 12 kilometros de Portalegre, 190 ao SE de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 140 alqueires de trigo, além das *miuças*.

Cria muito gado de toda a qualidade.

LAGOA ou **ALAGOA** — villa, cabeça de concelho, Algarve, comarca de Silves, 40 kilometros de Faro, 210 ao S. de Lisboa, 1:450 fogos, 5:800 almas, no concelho 2:500 fogos.

Em 1757 tinha na villa e freguezia 768 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado e districto administrativo de Faro.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 132 alqueires de trigo, 55 almudes de mosto e 2$000 réis em dinheiro, annualmente.

O concelho da Lagoa foi separado do de Silves (ou desmembrado) por D. João V, em alvará de 16 de janeiro de 1713, dando-lhe juiz de fóra, e por termo a mesma freguezia e as de Estombar e Ferragudo. Em 1834 uniu-se-lhe tambem a de Porches.

Era da casa das rainhas.

N'esse mesmo alvará, D. João V. a elevou á cathegoria de villa.

Situada em uma planicie, sobre a estrada de Faro para Portimão.

Tem bôas ruas e bonitas casas, quasi todas feitas ou reedificadas depois do terramoto do primeiro de novembro de 1755, que arruinou a maior parte das que então havia, ficando apenas 100 em pé.

Este horrifico terramoto destruiu tambem o convento dos frades carmelitas calçados, que foi todo a terra.

A antiga e magestosa egreja matriz ficou muito arruinada, mas foi reparada. É bonita e de 3 naves.

Morreram esmagadas, no dia do terramoto, 24 pessoas.

O parocho tinha o dizimo das miúças que andava por 500$000 réis.

Ha aqui um recolhimento de educandas, de pouco rendimento, fundado pelo padre Antonio Pacheco Quaresma.

Tem Misericordia, pobre.

O territorio d'esta villa, formoso e fertil, é um continuado bosque de oliveiras, amendoeiras, alfarrobeiras e figueiras, com extensas varzeas, que dão muitos cereaes e vinho; pelo que se chama com razão, o coração do Algarve, pois é a mais fertil d'estes sitios.

Ha tambem por aqui muito sumagre, 3 lagares d'azeite e olarias, de bôa louça ordinaria.

Era antigamente terra muito doentia, mas

a abertura de uma valla, que enxugou um extenso pantano, tornou a freguezia mais saudavel.

Julga-se que a este pantano, ou *lagoa* (d'aguas estagnadas) deve a villa o seu nome, o que é provavel.

A sua visinhança do porto de Ferragudo e rio de Portimão lhe fornece muito peixe.

Exporta em grande quantidade figo, amendoa e outros generos, pelo porto da *Mexilhoeira Grande.*

É povoação muito antiga; mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Alguns situam aqui a cidade de Lacobriga, dizem que aqui houve um bispo chamado *Hisicio* ou *Esiquio,* que foi discipulo do apostolo S. Thiago, o que é fabula conhecida. (Vide Lagos.)

Tinha este concelho, em 1839, 8 freguezias que eram: Estombar, Ferragudo, Porches, Albufeira, Paderne, Alfontes da Guia, Boliqueime e a da villa. Hoje tem só quatro, que são: — Estombar, Ferragudo, Lagoa e Porches.

LAGOA DOS BRAÇOS — Marnel, Douro, no extincto concelho de Maiorca (hoje Figueira.) Ha nos campos de Maiorca duas vastas lagôas (esta e a da Villa) formadas pelas enchentes do Mondego, que cobrem grande parte d'estes campos.

Quando a maior parte das aguas, o abandonam, se semeia arrôz, que se dá aqui perfeitamente. É o primeiro territorio do districto administrativo de Coimbra onde consta se tenha cultivado arrôz.

Esta lagôa está situada no logar do *Camarção* (e porisso tambem se lhe dá o nome de *Lagôa do Camarção.*) D'ella sae uma corrente d'agua, que engrossada com outras das freguezias das Alhadas e Ferreira, forma o rio *Esteiro,* que morre na direita do Mondego, junto a S. Fins. É navegavel até á quinta da *Fôja,* e por elle se transportam as madeiras do pinhal do estado. Vide *Lagôa da Villa.*

LAGOA DE MIRA — Vide *Arão.*

LAGOA D'OBIDOS—Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho d'Obidos donde dista 6 kilometros ao O., 70 ao NO. de Lisboa.

É a maior e a mais importante e productiva lagôa de Portugal, pois fornece de peixe e caça varias terras circumferentes; principalmente quando communica com o mar.

Os seus linguados, douradas, tainhas e safios, são saborosissimos, e tambem produz excellente marisco.

Em setembro, *arribam* aqui uma immensidade espantosa de *adens galeirões* e outras aves, cuja carne é muito estimada.

De setembro até janeiro, fazem-se muitas caçadas em *bateiras,* matando-se ás vezes, de uma só caçada, 300 a 400 d'estas aves.

Foi antigamente muito frequentada pelas pessoas reaes.

D. João IV, D. João V, e D. José I e outros membros de familia real, aqui faziam brilhantes caçadas e pescarias.

Tem 9 kilometros de comprido e 5 de largo (excepto nos dois braços em forma de cruz—o do *Bom-Successo* e o da *Barrosa,* que teem mais de 3 kilometros.)

Está quasi cercada de montes.

Desembocam n'ella varios rios, sendo o principal o *Arnoia,* que passa junto á villa e atravessa a extensa veiga chamada a *Varzea da Rainha.*

Costuma dizer-se que *esta lagôa, dá pão, carne e peixe*; porque todos os annos se extrahem d'ella milhares de carradas de *limo,* que é optimo adubo para as terras; e carne e peixe, em razão da immensidede de aves e peixe que aqui se mata.

LAGOA DA VILLA — Marnel, Douro, no logar do Bom-Successo, extincto concelho de Maiorca (hoje Figueira.)

Tem 1:500 metros de comprido e 700 de largo. Conserva a agua estagnada; mas, nas grandes cheias, rebenta para o mar. É abundante de caça do ar (de arribação) e peixe miudo, espicialmente em grandes e saborosas eróses.

Tambem lhe dão o nome de lagôa do Bom Successo. É nos campos de Maiorca. Vide *Lagôa dos Braços.*

LAGOAÇA — freguezia, Traz os Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Freixo d'Espada á Cinta, 180 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago Santo Antão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

É povoação muito antiga e denominava-se antigamente *Lagoança*. D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 26 d'abril de 1286.

(Liv. 1.º das Doações de D. Diniz, fl. 166 col. 1.ª)

N'este foral se lhe dá o nome de *Lagoança*.

Ha aqui aguas sulphureas frias no sitio por isso chamado *Fonte Santa*, que são applicadas, ás vezes com bom exito, em varios padecimentos, principalmente nas molestias cutaneas e ulceras ou qualquer ferida.

A fonte Santa é proxima á ribeira de Val de Marinha, e na sua margem esquerda, em sitio ameno. Junto á fonte estão as ruinas de umas casinholas, que foram habitação provisoria das pessoas que vinham fazer uso d'estes banhos.

Tem visconde novo.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 30$000 réis annuaes.

Perto e á direita da Fonte Santa ha umas serranias, e, segúndo Almeida (*Diccionario Geographico Abreviado*) as pedras que alli se encontram, tem a côr e som do ouro, e crê o povo que é effectivamente *ouro encantado*.

Nas faldas e ao abrigo d'aquellas ingremes montanhas, quasi junto á mencionada ribeira, está um *cerrado*, com paredes d'altura descommunal e que denotam muita antiguidade. Chamam por aqui a este serrado, *Casal dos Mouros*, e é tradicção que Valle de Marinha foi povoação d'elles.

LAGOA SECCA — ribeiro, Douro, freguezia da Cadíma, concelho de Cantanhede. Morre no Fervença.

LAGOINHA ou **LEGOINHA** — antiga freguezia, de Traz-os-Montes (Não vem no *Portugal Sacro*, nem em outro qualquer Diccionario geographico.)

Foi supprimida ha muitos annos e está unida á freguezia de Villar-Chão, no concelho d'Alfandega da Fé.

LAGOMAR ou **LAGO MÁO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 30 fogos, em 1757.

Orago S. Thiago, apostolo.

O reitor de Conlellas, apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, a de Fontes Barrosas e Sabariz (todas muito pequenas) estão, ha muitos annos annexas á de S. Pedro de Conlellas.

Esta freguezia é muito antiga, e foi d'alguma importancia, pois que D. Affonso III lhe deu foral, em Santarem, a 27 de março de 1257. No foral se lhe dá o nome de *Lago Máo*.

LAGOMEL ou **LOGUMIL** ou **LONGOMMEL** e **MARGEM** ou **MARGENS** — villa Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião a 190 kilometros ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Nosso Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em planicie fertil.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no primeiro de julho de 1518. N'este foral se dá á villa o nome de *Logumil*. Serve tambem para Margens, a que o foral chama a *Almargem*.

A mitra apresentava o vigario da Margem que tinha 90 alqueires de trigo, 30 almuudes de vinho e 14$000 réis em dinheiro.

Lagomel era freguezia mais antiga do que Margem, e tanto que no seu foral se trata d'esta como dependente d'aquella; todavia, em nenhum diccionario geographico vem Lagomel; não pude saber a razão d'isto.

Hoje estas duas freguezias estão unidas, formando só uma.

LAGOS — cidade, Algarve, cabeça de comarca e de concelho, bispado e districto administrativo de Faro, d'onde dista 45 kilometros 260 ao S. de Lisboa, 1:700 fogos, 6:800 almas, em duas freguezias (Santa Maria Maior e S. Sebastião.)

Concelho 5:400 fogos, comarca 9:020.

Feira a 12 de outubro, 3 dias. Antigamente tinha outra a 21 de setembro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor de Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção) que tinha 200$000 réis.

O *Portugal Sacro* não traz a freguezia de S. Sebastião, que foi creada depois da publicação d'aquelle diccionario.

Situada em uma bahia, em terreno fertilissimo, com um bom porto, defendido por duas fortalezas.

Latitude N. 37°6', longitude occidental 14'.

O padre Carvalho, Rodrigo Mendes da Silva e outros, dizem que a fundára Brigo, 4.º rei de Hespanha, 1899 annos antes de Jesus Christo, e que, tendo cahido em ruinas, foi reedificada e tornada a povoar por o capitão carthaginez *Boodes*, 350 annos antes de Jesus Christo.

O seu primeiro nome foi *Lacobriga*.

Este *Boodes* era amigo dos *cuneos* (lusitanos do Algarve) e foi por consentimento d'elles que reedificou *Lacobriga*.

Não ha provas de tão remota antiguidade, que parece alguma cousa fabulosa. O seu mesmo nome tem dado motivo a disputas; porque, os que são da opinião de Carvalho dizem que significa *Lago de Brigo*, os menos crendeiros em sonhadas antiguidades, lhe dão por fundadores os gallos-celtas, uns 400 e tantos annos antes de Jesus Christo, e dizem que o seu nome significa *cidade* ou *povoação do lago*, por causa de um grande lago que havia aqui proximo. Parece-me isto mais verosimil.

Os romanos lhe conservaram o nome, alatinisando-o apenas (*Lacobrica*) e os arabes lhe chamaram *Zawaia*.

O que é certissimo é que *Lacobriga* foi uma grande, forte e florescente cidade dos antigos, pela sua industria, agricultura e commercio, e sobre tudo pelas suas grandes pescarias.

No anno 76 de Jesus Christo lhe pôz apertado cêrco o consul romano Quinto Cecilio Metelo, com um numeroso exercito; porém, sendo a cidade soccorrida por Sertorio, foram aqui os romanos desbaratados e postos em fuga.

—

Porém a antiga Lacobriga não estava fundada no mesmo sitio onde hoje vemos Lagos; mas ao S. do sêrro chamado *Figueiral da Misericordia*, ao E. do *Adualho*, ao N. das *Portellas* e ao O. do *Paúl*, em cujo ambito se tem encontrado muitos alicerces de edificios e grande porção de tijolos (dos quaes parece que tinham sido construidas as melhores casas.)

Consta que foi o tal *Boodes* que a mudou para o actual sitio, mais á beira-mar e a 1:500 metros da primittiva.

Tinha então esta cidade uma grande feira, concorrida por gente de varias nações, que a tornou célebre e riquissima.

Pelas continuas e encarniçadas guerras da edade media, *Lacobriga* foi por muitas vezes cercada, tomada, saqueada, destruida e reedificada, até que, em 716, cahiu em poder dos arabes, que a conservaram por mais de 470 annos.

D. Sancho I lh'a reconquistou, em 1190, dando a sua egreja ao bispo de Silves, que a cedeu ao convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, em março do mesmo anno.

Tomada outra vez pelos arabes, lh'a tornou a tirar D. Affonso de Castella.

Parece que então estava em grande estado de destruição e abandono, pois que o rei castelhano a doou *como aldeia*, a D. Fr. Roberto, bispo de Silves, por carta passada em Sevilha, a 28 de agosto de 1253.

N'esta carta de doação, além do rei e da rainha (D. Violante) assignaram 71 bispos, magnates e grandes do reino, e entre elles os seguintes: — *Don Aboabdille-Aben-Naçor, rei de Granada, vassallo de el-rei — Don Mahomat-Aben-Aomat-Aben-Hut, rei de Murcia, vassallo de el-rei—Don Aben-Ahfot, rei de Niebla, vassallo de el-rei — Don fray Roberth, bispo de Silves—Don Pelay Perez, maestro da la Orden de S. Thiago—Alvar Garcia de Fromesta, la escreveu el anno 2.º que el-rei D. Affonso regno.*

Sendo Lagos já villa, D. Pedro I a desmembrou de Silves, e depois, em carta de 5 de janeiro de 1361, lhe foi concedido ter jurisdicção independente. (*Livro 1.º de D. Pedro I*, fl. 64, na Torre do Tombo.

—

Tinham os habitantes de Lagos muitos e

grandes privilegios, sendo um d'elles trazerem armas defezas, por todo o reino; isto por carta regia de 15 de agosto de 1360.

Em 27 de junho de 1430, D. João I os isentou de velarem, rondarem e servirem por corpos, no exercito.

D. João II lhe fez mercê, em 30 de março de 1477, de não serem vendidos por dividas os seus bens de raiz, mas pagarem pelos rendimentos.

Em 1507, ordenou D. Manuel, que, sendo escudeiros de Lagos presos por crimes, fossem tratados como cavalleiros, e não podessem ser açoitados, nem degredados com baraço e pregão.

Por carta de 5 de março, foi doada a Gregorio Tremado. Depois, foi senhor de Lagos o infante D. Henrique. Por sua morte, foi doada a villa, com seu castello, ao infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V, hor carta regia de 4 de agosto de 1464; e d'este passou ao duque D. Diogo. Este a deu a sua irman, a princeza D. Leonor, em dote de casamento, com o principe D. João, depois rei, 2.º do nome; cuja escriptura foi feita a 16 de setembro de 1473, ficando desde então unida á corôa.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. (Foi dos primeiros foraes que este rei concedeu.) Tem ainda uma sentença de foral dada por D. João III, a 14 de janeiro de 1556. Este mesmo rei tinha honrado Lagos com o titulo de *notavel*, por alvará de 25 de agosto de 1535.

D. Sebastião a elevou á cathegoria de cidade, em 1573, quando na sua bahia juntou a armada com que foi para a Africa.

Outros dizem que já era cidade, feita por D. João III, em 1540, e que D. Sebastião só mandou para aqui mudar a séde do bispado de Silves, em 1577, e fez Lagos capital do Algarve, em cuja cathegoria se conservou até ao fatal cataclismo de 1755; ficando desde então Faro a ser a capital da provincia.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 3.º

O seu brazão d'armas compõe-se de um escudo coroado, e n'elle uma fortaleza com 3 torres, banhada pelo mar, e tendo de cada lado do castello uma lança ao alto.

Estas armas estavam esculpidas na a cantaria da porta da capella de Nossa Senhora da Graça, que parecé ter sido a primeira egreja parochial da freguezia de Santata Maria.

Tinha Lagos, antes dos Philippes, mais de 4:000 fogos; mas no tempo de D. João IV, já não chegavam a 1:000!

—

D'aqui sahiu Gil Eannes, em uma pequena barca, e descobriu o cabo de *Não*, em 1433 ou 1434.

O seu porto foi sempre muito frequentado de navios, nacionaes e estrangeiros, por causa da sua espaçosa bahia.

Nos seculos XV e XVI, se vieram aqui estabelecer varios nobres sicilianos, naturaes de Messina, e outros italianos, de Milão, e tambem genovezes; os quaes fundaram, em 1553, a egreja de Nossa Senhora do Porto Salvo, no *Rocio da Trindade*. Fizeram *compromisso*, nomearam capellão, para lhes dizer missa nas quartas feiras, sabbados e domingos, e lhes administrar os Sacramentos: isto por breve pontificio. A egreja concluiu-se em 1564, e durante as obras, se serviram da egreja de S. Braz.

Cederam depois esta egreja aos frades trinos, para fundarem convento, por escriptura lavrada nas notas do tabellião Affonso Alves Camacho, a 27 de julho de 1600, sendo presentes, o governador do Algarve, Ruy Lourenço de Tavora, e o escrivão das almadravas Rodrigo Rebello Falcão. Esta cedencia porém, foi feita com a condição de ficarem os frades obrigados ás missas, e funeraes do compromisso.

Os frades trinos fizeram logo o mosteiro, que existiu 155 annos, cahindo com o terramoto do 1.º de novembro de 1755. As duas egrejas (Porto Salvo e S. Braz) estão actualmente servindo de armazens e arrecadações militares.

Esta cidade está na costa meridional do reino e na occidental da bahia, sobre tres montes, na margem direita do pequeno rio que banha suas velhas muralhas.

A barra é formada entre grandes cachopos e está hoje bastante obstruida de areias.

Não se sabe com certeza quando as mu-

ralhas actuaes foram construidas, mas consta de uma carta de D. Affonso IV, datada de 1332, que este rei mandou ás justiças de Lagos, que *continuassem a obra dos muros da villa, aos quaes faltavam 500 varas, em roda, para a sua conclusão.*

É pois de suppôr que foi D. Diniz o que principiou a construir, ou reedificar, as fortificações de Lagos.

Vinham os muros então, desde a egreja de Santa Maria, até á cadeia, onde terminava a villa.

Os novos muros que hoje cercam a cidade, são attribuidos a Fernão Telles de Menezes, que foi o primeiro governador do Algarve que se seguiu aos *fronteiros-móres.* Outros dizem que os fez João Furtado de Mendonça, que lhe succedeu muito depois.

As muralhas são altas e teem 9 baluartes para o rio, com 4 portas (*S. Gonçalo, Caes, S. Roque* e *Nova*) e outras 4 para terra (a de *Portugal, Postigo, Quartos* e a *da Villa.*

Ha na cidade 4 praças e algumas ruas bôas; mas poucos edificios notaveis.

O terramoto de 1755, arrazou ou arruinou os seus melhores edificios, deitou por terra a egreja matriz de Santa Maria (na qual morreu então muita gente, que n'ella estava a pedir misericordia) o convento das freiras (do qual só a egreja ficou de pé; mas muito arruinada) morrendo n'elle 11 freiras e 11 creadas o convento da Trindade ficou inteiramente razo, assim como o de S. João de Deus, na Praça dos Touros (hoje da Misericordia) onde estava o hospital militar e junto d'elle os paços do concelho que tambem cahiram, assim como a torre do relogio, o castello, ou palacio acastellado, dos capitães generaes, e muitas outras casas.

Todos as outras egrejas e casas que não cahiram, ficaram mais ou menos arruinadas.

O mar subiu á altura de 11 metros, ficando ao nivel das muralhas, e todas as que estavam d'esta parte levou diante de si. Entrou pela terra dentro mais de 3 kilometros levando 5 barcos quasi á mesma distancia. Foi arruinada a ponte e todas as portas que ficavam para aquelle lado, assim como a capella de S. João Baptista, que foi arrastada pelas ondas. Era talvez a mais antiga d'estes sitios, pois segundo a inscripção que tinha na porta, foi edificada em 1174.

Foi tambem arrazada a de S. Roque, que estava do lado da praia.

Arruinou completamente a antiga fortaleza do *Penhão,* arremeçando 3 peças fóra da bateria, que tambem destruiu.

(Esta fortaleza, que foi edificada em terra firme, já no principio do seculo passado estava em uma peninsula, e hoje é uma ilha. Outra fortaleza, que se construiu defronte d'esta, para a substituir, tambem foi destruida pelo mar.)

Morreram mais de 200 pessoas logo, além de muitas que vieram a morrer dos ferimentos.

Em alguns desentulhos que depois se fizeram, acharam-se varias moedas romanas e portuguezas antigas. Eram estas de D. João II e de D. Sebastião — de cobre — de D. Manuel — de prata — e de D. João III — d'ouro.

Estas eram das chamadas Vicentes. Tinham de um lado a imagem de S. Vicente, martyr, com a legenda «*Zelator fidei usque ad mortem*» e do outro «*Joannes tertius Rex Portugalliae et Algarbiorum*» — Valiam então mil réis e hoje teem de peso 3$000 rs.

Proximo á cidade, em uma propriedade do sr. Lobo de Miranda, andando-se a fazer uma plantação de vinha, em fevereiro de 1874, se encontraram algumas sepulturas romanas e moedas, bem conservadas, dos imperadores Marco Antonio e Philippe.

Muitos dos edificios destruidos pelo terramoto não tornaram a reparar-se, taes foram o convento da Trindade, as casas da camara, o palacio dos capitães-generaes (que desde então mudaram a sua residencia para Tavira.)

Muitos dos edificios aluidos vieram depois a cahir, matando algumas pessoas; pelo que os habitantes armaram barracas, no alto de Santo Amaro, e outros sitios, fóra da cidade.

Tinha então Lagos 900 fogos e 3:000 pessoas maiores.

A freguezia de Santa Maria, tinha cura, em 1415, e parece que comprehendia a vil-

la *a dentro*. O bispo D. João Camello, creou n'ella, em 1496, um prior e 4 raçoeiros, que depois tomaram o nome de beneficiados. A egreja, que era a E. da cidade, cahiu pelo terramoto. Principiou a reedificação, mas não passou de meias paredes, e serve de cemiterio. De matriz serve a egreja da Misericordia.

A freguezia de S. Sebastião occupa a parte do N. da cidade, e parte do campo.

No sitio d'esta egreja, era antigamente a de Nossa Senhora da Conceição, que ficou incluida n'esta. O bispo D. Affonso de Castello Branco, creou n'ella prior, que até ahi se chamava reitor, e dois beneficiados, em 1582. O bispo D. Jeronimo Barreto, fez mais outro beneficiado, que o bispo D. Francisco Gomes d'Avellar fez curado. Esta egreja é de 3 naves, com 7 capellas e altares, e muito vasta.

Está situada em um alto. É templo muito antigo, e foi reconstruido por D. João II, pelos annos 1490, que lhe mudou a primittiva invocação da Conceição, pela de S. Sebastião, por ser este santo, advogado contra a peste, que então affligia com frequencia o Algarve.

A irmandade da Misericordia principiou em 1498, e os primeiros rendimentos lhe deu o arcebispo de Gôa, D. Gaspar de Leão e seu irmão Simão da Cruz d'aqui naturaes.

O seu rendimento actual, em dinheiro é de uns 200$000 réis, e 454 alqueires de trigo, que com alguns laudemios e a renda da tumba, montará a 400$000 réis, com o que occorre ás despezas do hospital, que é pequeno. D. João III escreveu uma carta a esta irmandade, em 29 d'agosto de 1521, mandando-lhe que introduzissem na villa o costume de se encommendarem as almas, de noute, hindo o porteiro com a campa (campainha) para que os fieis resassem.

Houve aqui um hospital para gafos, com a sua egreja, no sitio a que ainda hoje se chama Gafaria, fóra da porta dos Quartos, do qual já nem vestigios ha.

Tambem não ha vestigios de outro hospital, com sua egreja, que aqui havia, chamado de Lourenço Esteves.

Ha tambem n'esta cidade as egrejas de Santo Antonio, bonita, que é da guarnição militar—a do Espirito Santo, muito acceiada que é dos mareantes—a do convento das freiras carmelitas, fundado no sitio da Pedra da Eira (onde antigamente havia a egreja de Nossa Senhora da Conceição) pelo padre Christovão Dias e seus parentes, em 1554; ficando com a mesma invocação da Conceição. A capella de Nossa Senhora da Graça, no hospital militar; e fóra das portas a egreja de Nossa Senhora da Gloria, que era do convento dos capuchos, fundado em 1518 e reedificado e augmentado em 1560.

Ha tambem as capellas de S. João Baptista, S. Pedro, Santo Amaro e Nossa Senhora da Piedade, esta na ponte do seu nome. A antiga egreja de Santa Barbara, serve actualmente de quartel militar.

Lagos já antigamente era cabeça de comarca, residencia de corregedor e juiz de fóra.

Tem uma alfandega, de pequeno rendimento.

O governador militar d'aqui, tem dez fortes e baterias maritimas sob a sua dependencia.

Nos arredores de Lagos ha abundancia de bôas aguas principalmente a que vem do sitio do Paul por um aqueducto d'alvenaria, de 4:555 metros de comprido. Foi começado em 1490 e terminado em 1522. É d'esta agua que se faz a aguada para os navios; mas o aqueducto está muito arruinado, e até, no verão muitas vezes se sóme a agua pelas grêtas, d'elle e não chega á cidade. É obra d'el-rei D. Manuel.

Sustenta varias bicas e o chafariz da praça, que tem 8 bicas de bronze.

Esta agua é mal gostosa e insalubre. Antes de se construir este aqueducto, provia-se a povoação do poço da *Fonte Cobeberta*, que é abundante e tem bôa agua.

A agua do aqueducto, nos seus principios era bôa e não prejudicava a saude; porem as raizes de diversas arvores e plantas que se introduziram no cano, e a terra que alli entra pelas grandes grêtas que tem, são a causa, não só da pessima qualidade da agua como da quasi inutilidade d'esta grande obra no tempo da estiagem. Se as camararas de

Lagos fossem mais solicitas, estes males ha muitos annos estariam remediados.

Ao sahir da cidade, pela *porta de Portugal*, está, no *Rocio de S. João*, uma bonita ponte d'alvenaria, sobre o rio. O terramoto a arruinou muito, mas, sendo capitão general o conde de Rézende, foi reedificada em 1783, e concluida em 1796, como se vê da inscripção que tem n'uma lapida, sobre o arco maior. Tem 11 arcos.

Junto a *S. Pedro* ha umas pequenas marinnas de Sal, feitas em 1800.

A barra é defendida pela fortaleza da *Ponta da Bandeira*, que é quadrada e serve de registo—a do Penhão e a da Meia-Praia, que quando tinha artilheria defendiam todo o espaço comprehendido entre a *Ponta da Piedade*, e dos *Trez Irmãos*.

O mar tem *engolido* aqui muitas braças de terreno, de modo que, muitos armazens da Ribeira, já não existem, e a antiga fortaleza do Penhão está hoje reduzida a ilha, de módo que, entre ella e a nova (tambem já abandonada e em ruinas) passam lanchas grandes.

As pescarias são o principal ramo de riqueza d'esta cidade. Outrora se pescavam aqui baleias e coral.

Hoje pesca-se atum, corvina, e outras qualidades de peixe; mas esta industria está agora muito decadente em consequencia da suppressão de *compremisso* em 1834.

Empregam-se ainda na pesca muitas embarcações e alguns centenares de pescadores, que pescam não só nas costas do Algarve, mas até nas de Marrocos (Africa) que são mais productivas. A pesca do atum ainda é muito importante. Exporta muito peixe salgado e azeite de peixe.

Os campos dos arredores da cidade estão bem cultivados e cobertos de vinhas, cearas e figueiraes, e semeados de casaes (a que chamam aqui *montes*.)

Produzem cereaes, azeite, vinho, fructas, hortaliça, legumes etc. Exporta de tudo isto. Só de grãos tem annos de exportar mais de 600 moios! O vinho d'aqui é de muito bôa qualidade. Grande exportação de figo sêcco.

Os dizimos d'aqui e de *Odiáxere*, chegaram a render 2:300$000 réis, 20 mois de trigo e 40 pipas de vinho!

Os fortes e baterias dependentes do governo militar de Lagos, são:

Fortalezas da Figueira, d'Almadena, da Senhora da Luz, do Penhão, da Ponta da Bandeira e da Meia Praia e as baterias de Burgau, Porto de Mós, Piedade e Barroca (muralha da cidade.)

Direi mais alguma cousa sobre antiguidades de *Lacobriga*.

—

Duas cidades d'este nome mencionam os antigos geographos. Antonino ainda traz mais.

A do Algarve, segundo Pomponio Mella, pertencia ao *Promontorio Sacro*. Segundo o padre Salgado (*Memorias Ecclesiasticas do Algarve*, cap. 9.º) foi fundada por Brigo, 4.º rei de Hespanha (que reinou 400 annos depois do diluvio.) A sua primeira situação, foi no districto do *Paúl* ou *Lago;* como já a traz fica dito.

Florião do Campo, diz, com mais plausibilidade, que as familias dos *lacóos*, que habitavam aqui, foram os que fundaram *Lacobriga*.

Já disse que, quem mudou a cidade para melhor sitio, por mais elevado e mais visinho da costa, foi *Boodes*, ou *Bohodes*, capitão carthaginez, successor de *Hannon*, no governo da Lusitania, pelos annos 350 (outros dizem 359 antes de Jesus Christo.)

Foi Boodes que instituiu a grande feira que tanto fez prosperar esta cidade; porque, além dos commerciantes, vinham tambem muitos povos, de remotas terras, em romaria ao famoso templo de Hercules, no *Promontorio Sacro*, que fica distante 35 kilometros.

—

Querem alguns que *Lacobriga* fosse a actual villa da *Lagôa;* mas aquella sempre foi no litoral e considerada cidade maritima e *Lagôa* não é no litoral, mas na margem do rio *Portimão*, distante 12 kilometros da costa, e no *Cabo Cuneo*, e não no *Sacro*, onde os geographos antigos todos situam *Lacobriga*.

Tambem alguns dizem que *Lacobriga* é a actual *Alvor;* mas não é verosimil.

Nem na villa da Lagôa ha vestigios alguns de antiga povoação; e muitos no *Paúl* ou *Lago.*

Nideridorff diz que a *Lacobriga* se chamou antigamente *Porto de Annibal.* «*Lacobriga Urbs ad mare Gaditanum Residentia Gobernatoris Provinciae Olim Portus-Hannibalis.*» Vol. 3.º, pag. 23, da edic. de 1739.

D. João II, quando esteve no Algarve, prometteu elevar Lagos á cathegoria de cidade; porém morrendo em *Alvor* (25 de outubro de 1495) não cumpriu a promessa.

Briecio diz que teve bispo; mas mais ninguem diz similhante cousa.

Já disse que antigamente era aqui a residencia dos governadores do Algarve.

O primeiro nome que elles tiveram foi *annadel,* depois, *fronteiro,* e finalmente, em 1581, Philippe II o mudou em governador.

—

Em 28 de junho de 1693, presenceou esta cidade um magnifico e surprehendente espectaculo. Foi uma batalha naval entre as esquadras franceza contra a ingleza e hollandeza, combinadas. A franceza era composta de 71 navios de guerra, commandados pelo almirante, conde de *Tourville*; a ingleza e hollandeza compunha-se de 25 vasos de guerra, que commandava o almirante *Rooke,* e que comboyava perto de 400 embarcações mercantes, que vinham dos mares do *Levante* (*Smyrna*) com ricas carregações, consignadas a negociantes de Londres e Amsterdam.

A esquadra combinada teve de retirar, em vista da grande desproporção de forças, no fim de 5 horas de encarniçado combate, e de uma brilhantissima defeza. Os francezes tomaram e roubaram muitos navios mercantes, no valor de 36 milhões de francos. (14 milhões e 400:000 cruzados, ou 5:760 contos de reis.)

—

A bahia de Lagos, é celebre pelas recordações da nossa historia maritima.

O *Pontal da Piedade* (assim chamado por haver n'elle uma capella da Virgem, d'esta invocação) é um rochedo a pique, onde já houve uma bateria. D'aqui se descobre o mar, desde o *Cabo de Santa Maria* até ao de *S. Vicente.* Esta capella é antiquissima, e a julgar pela sua cantaria, pertenceu a algum templo dos que os romanos costumavam erigir em sitios similhantes, aos seus deuses maritimos.

—

Lagos foi por muitos annos quartel do regimento de infanteria n.º 2.

Havia aqui um theatrinho, denominado de *Gil Vicente,* que ardeu, no principio de maio de 1871.

Lagos não tem provas da antiguidade que lhe attribuem, em nenhum monumento. O que parece mais antigo é a capella da Senhora da Piedade.

Tem uma boa bahia, bem resguardada dos ventos, podendo conter grande numero de navios; e com uns 16 metros de fundo.

Mas a barra, que ha 100 annos apresentava 7 a 8 braças de fundo, agora apenas tem uns 10 palmos. Alguns cachopos e bancos de areia lhe difficultam um pouco a entrada.

O convento de frades piedosos, franciscanos, foi fundado por D. Fernando Coutinho, bispo de Algarve, em 1518, em sitio mais distante da cidade; mas depois, ameaçando ruina, foi mudado, em 1560, para o sitio onde o terramoto o desmantelou.

O convento dos frades trinos foi fundado fóra dos muros, junto á fortaleza, por D. Ruy Lourenço de Tavora e seu cunhado, D. Miguel de Almeida, em 1599.

Já disse o que foi feito d'este convento. O de S. João de Deus, em que havia um hospital militar, tinha sido fundado em 1696.

O convento de freiras carmelitas, foi fundado por tres devotos, em 1557.

Era da invocação de Nossa Senhora da Conceição, ficando quasi totalmente arrasado em 1755; foi reconstruido depois.

—

Lagos é patria de muitos varões illustres nas armas, nas lettras e nas virtudes. Mencionarei os principaes.

S. Gonçalo de Lagos, cononisado pelo pa-

pa Pio VI, em 1780. Jaz no seu convento de Torres Vedras.

Nasceu pelos annos de 1378. Tomou o habito de eremita de Santo Agostinho, em 1398.

Foi grande prégador, e de tanta virtude e intelligencia, que era amado de todos.

Morreu em Torres Vedras, a 15 de outubro de 1422. Os torrejanos o elegeram por seu padroeiro

—

Gil Eannes—Nasceu pelos annos 1400. É um dos mais illustres navegadores portuguezes.

Em 1434, animado pelos conselhos e promessas do infante D. Henrique, foi o heroe que primeiro *quebrou o encanto* que fechava o Oceano aos navegantes, ultrapassando o limite fatidico, imposto pela ignorancia e pela superstição, ás expedições dos europeus. Gil Eannes passou emfim 60 leguas além do *Cabo de Não*, e foi até ao *Cabo Bojador*.

Viu que o mar, do outro lado do *Cabo*, era como o de Portugal, cahindo assim por terra todos os horrores que se diziam d'este medonho Oceano.

Em 1435, voltou Gil Eannes, acompanhado por Affonso Gonçalves Baldaya, a proseguir as explorações; e depois foi commandando um navio, na expedição *Lançarote*.

A sua fama era tamanha, que todos queriam levar comsigo o venturoso piloto.

Se o nome e a fama de Gil Eannes parecem pequenos ao lado de Vasco da Gama, é certo que, sem a façanha do célebre e intrepido piloto, nunca se realisaria o grandioso feito da circumnavegação da Africa.

Gil Eannes foi o precursor de Vasco da Gama.

Ignora-se o anno certo do seu nascimento, assim como o da sua morte.

Nem mesmo se sabe se é na terra, se no mar que as suas cinzas foram depositadas. É provavel que morresse na obscuridade e na indigencia!

—

Antonio José de Lima Leitão—Nasceu a 17 de novembro de 1787, e morreu em Lisboa, a 8 de novembro de 1856. Era um insigne cirurgião, membro de varias corporações scientificas, de Portugal, Brazil, França e Hespanha; e escriptor correcto e talentoso. Além d'isso era virtuoso e modesto.

—

D. Gaspar de Leão—Nasceu pelos annos 1500. Foi conego da Sé de Evora.

Feito arcebispo de Gôa, em 1559, e não querendo acceitar, D. Sebastião I pediu ao papa um *breve* que o obrigou a acceitar, partindo de Lisboa, a 20 de abril de 1560. Renunciando a sua dignidade, recolheu-se ao convento dos franciscanos do *Paço de Danguim* (a 2 kilometros de Gôa.) Morrendo sem successor D. Jorge Themudo, a instancias do rei e do papa, tornou a tomar conta do seu arcebispado. Foi um prelado illustrado e exemplar. Morreu em Gôa, a 13 de agosto de 1568.

—

Gaspar dos Reis—Célebre professor de musica, tendo por mestre o insigne Duarte Lobo. Morreu em Braga.

—

Em janeiro de 1757 pariu aqui uma mulher um feto monstruoso. Tinha o vaso mulheril, e do meio nascia um nervo de 44 centimetros de comprido. A cabeça era maior do que todo o corpo. Da testa para cima tinha mais de 44 decimetros. No logar dos olhos só havia duas fistulas. No nariz uma pelle muito branda, que cobria um só orificio. Ainda viveu algumas horas.

—

Era em Lagos o solar da familia *Moreira Perengal*. Para saber a causa d'este appellido (porque lhe foi dado) e as suas armas, vide *Moreira de Rei*, na Beira.

—

A comarca de Lagos é composta de 3 julgados—Villa do Bispo, com 900 fogos; Villa Nova de Portimão com 2:720, e Lagos, com 5:400.

(O julgado de Villa do Bispo foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855; mas tornado a restabelecer, em 10 de setembro de 1861.)

—

O concelho de Lagos é formado de 6 fre-

guezias, que são: Bensafrim, Barão de S. João, Odiáxere, Luz e as duas da cidade.

Antes da ultima divisão tinha 12 freguezias, que eram: — Aljesur, Odesseixe, Villa do Bispo, Budens, Bordeira, Raposeira e Carrapateira, Sagres, Bensafrim, Odiáxere, S. João e as duas da cidade.

Todas estas freguezias no bispado de Faro.

LAGOS DA BEIRA—villa extincta, Douro, comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital; 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 210 fogos, 700 almas.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

D, Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de março de 1514. Este foral serve para *Andorinha, Ballocas, Cóvas, Negréllos* e *Travanca.*

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis. É terra fertil.

Entre esta povoação e a de S. Payo, no sitio chamado *Malhadinhas*, nasce o rio *Ballocas*, que morre no *Cobral.*

LAGOS DA RIBEIRINHA— Vide *Tres Minas.*

LAIDO—portuguez antigo—rustico, torpe, afrontado, vil.

LAIRA—portuguez antigo — leira, belga, tira em um campo, glêbo.

LAIS—antiga cidade na Lusitania. (Vide Lanhezes.)

LALIM—villa, extincta, Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca e 6 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 240 fogos, 900 almas.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi fundada em 780 por *Zeidan-Ben-Huin*, régulo arabe de Lamego. Já se vê que é povoação muito antiga.

É mesmo a palavra arabe *Lalim.* Significa *o irreprehensivel, sem mancha, sem defeito.* É pois *povoação do perfeito.* (Vide *Lazarim* por causa da etymologia.)

Os marquezes de Penalva e o abbade bernardo, do convento de S. João de Tarouca, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

LALIM—Vide *Larim* e *Villa Chann.*

LAMA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 683 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, que tinha annualmente 40$000 réis.

É terra fertil.

Foi aqui a villa, *honra* e depois couto de *Azevedo.*

O juiz que acabava, com o povo, elegia o successor, a cujo acto presidia o senhor da casa solar dos Azevedos; que procedem de D. Godinho Viegas, fundador do mosteiro de Villar de Frades. Era filho segundo de D. Egas Gozendes, senhor de Riba Douro e Bayão (que viveu no tempo de D. Affonso VI de Leão e Castella. Seu pae D. Gozendo Arnaldes era filho segundo de D. Arnaldo de Bayão.)

No couto de Azevedo está a quininta de *Gairos*, onde existem ainda as ruinas de uma nobre casa, que foi paço dos Azevedos.

Tambem aqui está a casa que foi i solar dos Campos.

Na freguezia de Lama residiu sempre o ramo primogenito da familia Azevedo, o, hoje representada pelo sr. visconde de Azevedo 23.º neto, por linha legitima e primogenita, de D. Pedro de Azevedo, fundador d'esta casa.

O couto d'Azevedo compunha-se não só d'esta freguezia da Lama, mas tambem d'alguns logares pertencentes á freguezia de Santa Eulalia de Oliveira, que lhe ficavam ao N.; e de outras ao E., pertencentes á freguezia de S. Romão da Ucha.

No civel e crime tinha jurisdicção n'este couto o juiz do antigo concelho (extincto) do Prado.

O juiz do couto só tinha jurisdicção nos negocios municipaes e sobre coimas.

LAMA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros a SE. de Braga, 30 ao NO. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento annual 300$000 réis.

LAMA D'ARCOS e **VILLA FRADE**—freguezia, Tras-os-Montes, comarca, concelho e 8 kilometros a NO. de Chaves, 80 ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 96 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

E' na raia e proximo das celebres aguas mineraes de *Verim.*

O prior de Chaves apresentava o cura, de Lama d'Arcos, que tinha 10$500 de congrua e o pé d'altar.

Villa Frade foi até ao principio do seculo XIX freguezia independente, tendo em 1757 43 fogos, e por orago Santa Martha.

O mesmo prior de Chaves apresentava o cura d'aqui, que tinha 40$000 réis.

LAMA LONGA—freguezia, Tras-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho da Torre de Dona Chama até 1855, e desde então comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 70 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Epiphania. O seu antigo orago era Nossa Senhora dos Reis.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

LAMA D'OURIÇO—freguezia, Tras-os-Montes, antigamente comarca de Chaves, concelho de Monforte do Rio Livre, hoje comarca e concelho de Valle Paços, 435 kilometros ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, unindo-se a Lebução.

LAMAÇAES—freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Purificação (das Candeias).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da Sé de Braga apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis annuaes.

LAMARES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros a NO. de Villa Real, 90 ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É terra fertil.

O reitor de Riba Penhão apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis annuaes.

LAMAROSA—freguezia, Douro, concelho de Tentugal, comarca de Coimbra, até 1855, hoje concelho, comarca e 15 kilometros a O. de Coimbra, 203 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Orago Santo Varão.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

LAMAROSA—villa extincta, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 95 kilometros ao SE. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. José.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Proximo a esta villa ha uma lagôa do seu nome, de 12 kilometros de comprido e 6 de largo. D'ella sahe o rio Sorraia. Fica perto da origem do rio Alpiarça.

Nas estiagens esta lagôa fica reduzida a um pantano, marnel ou pateira. Dá-se-lhe tambem o nome de *Lamas d'Ourem.*

Os herdeiros de Francisco Xavier Telles de Mello, apresentavam o prior, collado, que tinha 300$000 réis annuaes.

Situada em uma baixa, cercada de montes. O seu nome provém da referida lagôa.

LAMAS (Santa Maria de)—freguezia, Mi-

nho, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora do Ó.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um dos conegos da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

LAMAS—freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, concelho do Cadaval, 70 kilometros ao NE. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra muito fertil.

Esta freguezia foi creada e a sua egreja fundada no principio do seculo XIII.

Os principaes da Santa Egreja patriarchal, e os beneficiados de Santa Maria, de Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 15 de cevada e 60 almudes de vinho.

LAMAS—freguezia, Douro, concelho e comarca d'Agueda. Vide *Lamas do Vouga.*

LAMAS DA FEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 20 kilometros ao S. do Porto, 292 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra muito fertil.

O papa apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento annual.

LAMAS D'HOMEM — grande planicie ou campina, Minho, na serra do Gerez, formando um vasto plató no seu cume. Nascem aqui muitas aguas, que vão cahir á Portella do Homem, e todas juntas dão principio e nome ao rio Homem. Sua corrente é rapidissima e suas aguas escuras, frementes e temerosas, mas criam delicioso peixe. Vide *Homem.*

LAMAS DE MIRANDA — freguezia, Douro, concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 217 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Miranda do Corvo apresentava o cura, que tinha 45$000 réis annuaes.

LAMAS DE MOLLEDO—aldeia, Beira Alta, freguezia de Mollêdo, comarca, concelho e 6 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 24 a NE. de Viseu.

Ha aqui uma inscripção, em caracteres latinos, aberta na rocha natural. É dedicada a *Proserpina Servatrix* e outras divindades.

LAMAS DE MOURO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 18 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É na raia.

O papa e o arcebispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 70$000 réis annuaes.

Houve aqui um mosteiro de templarios, cuja egreja é a actual matriz. Pela suppressão d'esta ordem (1311) reverteu isto á corôa, que o deu á Ordem de Malta, em 1319. O povo d'aqui pagava aos cavalleiros muitos foros; mas tinham os grandes privilegios de caseiros de Malta. Depois passou a ser abbadia do papa e ordinario.

Nasce aqui o rio *Mouro*, e é onde o emir arabe *Jusão* (vide Riba de Mouro) tinha uma grande coutada para caçar.

N'esta freguezia teve logar em 812, no sitio chamado *Valle de Mouro*, junto ao rio Orneze, uma grande batalha, dada pelo bravo Bernardo del Carpio (parente e vassallo de D. Affonso, o *Casto*, de Leão) contra Ali-Aton, rei de Córdova, que ficou derrotado. Dizem alguns escriptores, crendeiros, que os mouros perderam então 70:000 homens! Ali-Aton tinha tomado muitas terras aos lusitanos, que, em consequencia d'esta derrota, tornou a largar.

E' tradição que por esta freguezia entrou em Portugal, D. Affonso VII de Castella, em

1129, para ser derrotado na Veiga da Matança, junto aos Arcos de Val de Vez, por seu primo, o nosso D. Affonso Henriques. Tambem por aqui entrou em 1657, o general castelhano D. Vicente Gonzaga, para ir atacar Vallença.

Ao sul da egreja matriz está a *Portella do Lagarto.*

LAMAS D'OLLO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho de Mondim de Basto, 65 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O abbade de Ermêllo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis annuaes.

Foi do concelho d'Ermêllo, hoje extincto.

LAMAS D'ORELHÃO—villa, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Mirandella, 110 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 400 fogos, 1:000 almas, no concelho (que foi extincto em 1855) 1:800 fogos.

Orago Santa Cruz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

E' povoação antiquissima, e foi de muita importancia quando era côrte de um rei arabe, que dizem chamar-se, ou ter por alcunha *Orelhão*, que foi o que deu o sobrenome á villa.

Hoje está esta povoação muito decadente e apenas aqui vivem da agricultura.

Ao O. da villa está a serra de *Santa Comba*, que tem 18 kilometros de comprido e 12 de largo. E' fertil em lenhas, e n'ella pascem mais de 8:000 cabeças de gado.

Na maior altura d'esta serra, mas mui distantes uma da outra, estão as capellas de S. Leonardo e Santa Comba, ambos naturaes d'esta villa, e filhos de paes humildes. Faz-se todos os annos, a 9 de agosto, uma grande romaria a estes santos.

Ha aqui ruinas de fortalezas arabes.

Ha n'este concelho minas de cobre, estanho e chumbo.

D. Sancho II lhe deu foral, em Coimbra, a 6 de junho de 1225. D. Affonso III lhe deu outro foral, em Lisboa, a 13 de julho de 1259. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 15 de julho de 1515.

Segundo a lenda, Santa Comba e S. Leonardo, guardavam os seus rebanhos na serra que hoje tem o nome da Santa. Orelhão, tentado pela formosura d'esta (que tinha visto em uma caçada) lhe fez as mais tentadoras promessas, e quando viu baldadas as suas diligencias para seduzir a casta donzella, tentou empregar a força. Ella, vendo-se em tão imminente perigo, foge para junto de um penedo, e invocando a Virgem Maria, este se abre para esconder a santa.

Orelhão, cego de furor e ardendo em desejos, desembainha a espada e dá tão grande cutilada no rochedo, que ainda hoje se lhe divisa o signal (!) Então o feroz mouro, vinga-se em Leonardo, matando-o no sitio da serra que por isso se chama *Fonte de S. Leonardo*, onde rebenta um manancial de agua crystallina.

LAMAS DE PODENCE—freguezia, Tras-os-Montes, antigamente comarca de Chacim, concelho de Cortiços, hoje comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis annuaes.

Ao O. da povoação ha um outeiro pyramidal, coroado por uma chapada ou plató.

A encosta d'este cabeço, que olha para a aldeia, é guarnecida com as cruzes da *Via Sacra.*

No alto está uma ermida dedicada a Santa Barbara. É muito antiga e não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Ainda a O. d'este monte, ha outro muito mais alto, chamado *Valle de Monte*, ou do *Facho*, ambos nomes apropriados ao sitio, porque no seu cume ha uma grande planicie; e porque existiu aqui um *facho*, tão antigo que alguns o fazem como já existente no tempo dos godos.

Do lado do N. d'este monte, e quasi no alto d'elle ha uma fonte perenne, (chamada

da Senhora) que vae ao fundo formar um ribeiro, que rega um bonito prado assombrado por frondosos carvalhos e freixos, que o tornam muito ameno, indo n'elle descançar no verão os romeiros. Criam-se n'este bonito valle algumas hervas medicinaes, como *betonica, polygonato,* (vulgò *signo de Salomão) macella,* etc.

No plató do monte, (que é uma formosa planicie orlada de basto arvoredo silvestre, formando um sombrio bosque com suas antigas e gigantescas arvores se descobre um vasto horisonte, comprehendendo muitas povoações, serras e valles.

No centro d'esta planicie havía, desde tempos remotos, uma ermida pequena (que, segundo a tradição, escapou ao furor dos serracenos, que não souberam da sua existencia).

Era dedicada a *Nossa Senhora do Campo.* Segundo a tradição constante, pelos fins do seculo XIV ou principio do XV, veio aqui ter um santo varão biscainho, ou navarro, e que trazia comsigo a planta do moderno sanctuario, que alli existe, o qual elle mandou edificar á sua custa, por lhe agradar a belleza do sitio.

Diz-se que os bois bravos se jungiam com tanta facilidade ao carro como os mais mansos, para conduzirem os materiaes para as obras; e que um dos mais expeditos e perfeitos operarios, nunca comia nem bebia, julgando-se portanto ser algum anjo.

O moderno sanctuario foi edificado no mesmo sitio onde estava a antiga ermida.

Tem na frente um alpendre sobre columnas, tudo de cantaria. A capella-mór é de abobada e de bonita architectura. A egreja, por causa das grandes ventanias a que está exposta, tem as suas paredes exteriores reforçadas por oito *gigantes* ou *botaréos* de cantaria. É o templo de 3 naves, divididas por arcos de tijolo, sustentados por boas columnas de granito.

Ha n'esta egreja retabulos a oleo de muito merecimento.

Tem uma boa sachristia, e casas de residencia de um ermitão, junto á egreja.

Tem duas imagens da Virgem. A primeira que é a antiga, e está na sachristia, é de $0^{m},66$ de altura—a nova está no altar-mór; tem $0^{m},90$ de altura e é muito bonita e bem esculpida; a antiga é menos perfeita. Ambas têem o Menino Jesus sobre o braço esquerdo, e o direito estendido, em acção de offerecer.

A sua festa se faz a 25 de março (dia de Nossa Senhora da Encarnação), e é concorridissima, mas tambem fóra d'esse dia aqui vem grande numero de romeiros.

É Nossa Senhora do Campo a protectora dos atribulados, que a ella recorrem em todas as suas calamidades e desgostos.

Tem duas irmandades, uma composta só de clerigos, outra de seculares, ambas auctorisadas por bullas pontificias, que lhes concedem muitas e perpetuas graças e indulgencias.

LAMAS DO VOUGA—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Agueda (foi até 1855 do concelho do Vouga) 18 kilometros a NE. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e disiricto adimnistrativo de Aveiro.

Situada em terreno accidentado, entre o Vouga e o Marnel.

É terra fertil.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 100$000 réis annuaes.

(Vide *Vacca.*)

É n'esta freguezia a villa do Vouga, que foi capital do concelho d'este nome até 24 de outubro de 1855.

LAMBEL—portuguez antigo—panno de lã grosso, e de ordinario listrado de varias côres que servia de cobrir algum escabello (banco).

LAMBREQUIM—portuguez antigo—era o estôfo que cobria o elmo ou capacete, e guardava o cavalleiro do sol, da chuva e do pó nos combates.

LAMBRIA ou **FLAVIA LAMBRIA** — cidade antiquissima da Lusitania (?)

(Vide *Lindoso.*)

LAMEGAL e **PENHAFORTE**— villa extincta, Beira Baixa, comarca da Guarda, concelho de Jermêllo até 1855, e desde então, comarca e concelho de Pinhel, d'onde dista

12 kilometros a O. 330 a E. de Lisboa, 180 fogos, 600 almas.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Situada perto do rio do seu nome.

Antigamente eram duas freguezias. Foram annexadas no fim do seculo XVIII.

O real padroado apresentava o abbade do Lamegal, que tinha 200$000 réis annuaes. Era esta freguezia que tinha 128 fogos em 1757.

A freguezia de Penhaforte tinha em 1757 40 fogos, e era seu orago Nossa Senhora das Neves.

O vigario das Gouveias apresentava o cura d'aqui, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAMEGAL—rio, Beira Baixa, nasce proximo á cidade da Guarda, e entra na esquerda do Côa, abaixo da Coriscada, com 50 kilometros de curso. Rega e móe.

LAMEGO—cidade episcopal, Beira Alta, districto administrativo de Viseu, 6 kliometros ao S. do Douro, 54 ao NE. de Viseu, 95 ao E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 2:600 fogos, 9:300 almas, em duas freguezias (Sé e Almacave); no concelho 5:650 fogos; na comarca 7:150.

Em 1757 tinha a freguezia da Sé (Nossa Senhora d'Assumpção) 639 fogos, e a de Almacáve (Santa Maria Maior) 1:039. Hoje tem a Sé 1:600 fogos e Almacáve 1:000.

A mitra apresentava o vigario, confirmado, da Sé, que tinha 180$000 réis.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor d'Almacáve, que tinha 240$000 réis.

Consta que o nome de *Almacave* procede de que um mouro assim chamado fundou a mesquita que depois se purificou e converteu em templo christão (e foi a primeira Sé de Lamego) conservando o nome do seu fundador.

Outros dizem que Almacave edificou a mesquita com os materiaes de uma egreja christã, que havia no mesmo sitio, e que os arabes tinham demolido em 716.

Tem feira no 1.º de março, 3 dias—e a 8 de setembro a celebre feira e romaria dos *Remédios*, 3 dias.

É quartel general da 2.ª divisão militar e quartel do regimento de infanteria n.º 9.

Situada em logar baixo nas faldas do monte de *Penúde*, que é continuação das serranias da *Estrella*, e na margem da ribeira de *Balsemão*. (Este rio chamava-se antigamente *Unguio*. Nasce na serra de *Monte-Muro*, termo de *Rossão*, a 24 kilometros de Lamego, e junto com o *Távora*, *Barosa* e outros desagúa no Douro, (esquerda) em frente da Régua, no sítio da Barosa. Toma o nome dos sitios por onde passa, e assim se chama *Portarouca*, *Penúde*, *Magueija*, *Bigorne* e *Arneiroz*. Vide *Balsemão*, rio.)

Tambem passa proximo á cidade o pequeno rio *Fáfel*, ou *Coura*.

Lamego está em 40º 4' de latitude; e 13º 26' de longitude N.

Segundo alguns auctores, foi fundada pelos gregos, uns 500 annos antes de Jesus Christo.

Outros contentam-se em lhe dar por fundadores os gallos-celtas, 381 annos antes de Jesus Christo.

Strabão lhe chama *Laconimurgo*, e diz que foi fundada por *lacões* ou *lacôos* (povos da Grecia) que lhe deram este nome, que quer dizer—*cidade dos lacões*. (Mas então devia ser *Laconimburgo*.) Parece que Strabão confunde a *Laméca* de Ptolomeu com *Laconimurgo*.

Tudo isto tem suas duvidas; entretanto Lamego é cidade antiquissima, e como tal figura no tempo dos romanos com o nome de *Lameca* ou *Lama*. (D'aqui *Lamego*.)

(É muito conveniente ao leitor que quizer estudar isto a fundo conferir este artigo com *Bobadella*, *Laconimurgi*, *Queimada* e *Queimadella*.)

Tendo-se rebellado esta cidade contra os romanos, por causa das extorsões e rapinas dos seus pretores e beleguins, e malsins d'estes, o imperador Trajano aqui mandou 14 legiões, pelos annos 100 de Jesus Christo, que destruiram e incendiaram a cidade; porém esta não era onde hoje é, mas sim na *Veiga de Naçarães*, segundo alguns escriptores. (Vide *Fontêllo*.)

Hortelio e Vasconcellos lhe chamam *Lameca*, e dizem que era no sitio onde hoje são as aldeias de *Queimada* e *Queimadella*. Quando se mudou para aqui, foi edificada no alto, onde hoje é o castello e cêrca antiga; isto é, a primittiva cidade da moderna Lamego, é o actual *bairro do castello*.

Parece porém que pouco depois o mesmo imperador Trajano (que era hespanhol e amigo dos lusitanos) a mandou reconstruir, e julga-se que foi então que se transferiu para o actual sitio. Em todo o caso, as poucas noticias que d'esse tempo nos restam de Lamego, fazem acreditar que não era cidade muito importante.

Destruido o imperio romano, e invadindo os povos do norte a peninsula iberica no principio do V seculo, se estabeleceram aqui os suevos, e é desde então que Lamego principiou a florescer e engrandecer-se.

No tempo dos suevos aqui floresceu o célebre escriptor *Idacio*, natural d'esta cidade, que escreveu desde o anno 410 até 430.

Alguns auctores pretendem que esta cidade era séde episcopal já desde o tempo dos romanos; o que não é muito verosimil.

Dizem estes que o seu primeiro bispo foi *Sevéro*, eleito em 203.

O que é certo, é que o concilio de Lugo, convocado em 510, a elevou a séde episcopal; o que prova que já n'esse tempo (dos suevos) era cidade de muita importancia.

O bispado de Lamego, no tempo dos suevos tinha apenas cinco egrejas matrizes. Pelo menos é as que lhe dá o concilio convocado em Lugo, em 569.

Oito bispos teve Lamego até 716, em que os arabes invadiram a Lusitania. Então o seu bispo e a maior parte dos seus habitantes, fugiram para as Asturias, e foram juntar-se ao principe *Pelayo*, nas cavernas de *Covadonga*, ajudando a formar o nucleo d'esse punhado de bravos que fundaram o reino christão de Leão e por fim resgataram toda a Peninsula (depois de 750 annos de guerras e batalhas) do jugo dos mahometanos.

D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza, tomou Lamego aos mouros, em 910.

Dizem alguns escriptores que, em 848, era *rei* de Lamego o mouro *Muça* (pae de Zuleyma) e que então D. Ramiro I de Leão o venceu e fez tributario.

Almançor, rei de Córdova, a tornou a conquistar, em 985.

D. Fernando, o *Magno*, rei de Castella e Leão, lhe pôz apertado cêrco, em 1037, ajudado pelo valorosissimo capitão Ruy Diaz de Bivar (o *Cid Campeador*) obrigando o seu *rei, emir* ou *régulo, Zadan-Iben* (ou *Abeen*) a tornar-se tributario do rei christão.

A *Zadan* succedeu *Echa* ou *Eycha Martim*, que continuou a pagar o tributo até ao tempo de D. Affonso VI; mas tendo este dado Portugal a sua filha D. Thereza e ao conde D. Henrique, *Echa* não só se recusou a pagar-lhe o tributo, mas ainda invadiu, talou e saqueou as suas terras; pelo que D. Henrique e o grande Egas Moniz, correndo em auxilio dos portuguezes, apanhou *Echa*, sua mulher, *Ayxa Ansora* (que nós dizemos *Axa-Anzures*) suas outras mulheres, e exercito, e os grandes e ricos despojos e muitos captivos christãos, no valle de Arouca (Vide Arouca, onde isto vem circumstanciado) e os derrotou, ficando captivos os poucos que escaparam da morte. *Echa* e sua mulher ficaram captivos; mas o conde tão bem os tratou, que elles se fizeram christãos; e pelo que D. Henrique os fez senhores da cidade de Lamego e seu termo «*como Echa sempre a teve de herança dos mouros seus antepassados, que alli reinaram.*»

Isto por escriptura authentica, feita em Guimarães, aos 13 de novembro da era de 1140 (24 de novembro de 1102.) *Chronica de Cister*, tom. 1.º, livro 5.º, cap. 1.º, pag. 559.

Não me consta que *Echa Martim* tivesse outro filho além de João Martins, que quiz ser padre, e morreu deão da Sé d'esta cidade; vindo portanto a pertencer Lamego e seu termo totalmente a D. Affonso I. (O conde D. Henrique, quando restituiu a *Echa* os seus estados, tambem o armou cavalleiro.)

D. Affonso I aqui convocou côrtes, em 1142 e 1143, nas quaes se decidiu que elle fosse rei dos portuguezes e que nunca a coroa de Portugal podesse ser herdada por *principe estrangeiro*, e outras muitas regras

e providencias tendentes a regular a successão ao throno portuguez; pelo que os liberaes *(os mais obstinados)* negam a existencia d'estas côrtes.

Estas côrtes tiveram as suas principaes sessões na egreja de Santa Maria de Almacáve, que era a primittiva Sé, do tempo dos suevos e godos, e que desde 716 até 1102 foi mesquita dos mouros; tornando a ser purificada logo que o ultimo rei mouro abjurou o islamismo.

As guerras com os arabes, e com os castelhanos e leonezes, por vezes arruinaram e despovoaram a *moderna* cidade de Lamego; sendo necessario, algumas d'essas vezes, reedifical-a e povoal-a quasi inteiramente.

Nos seculos XIV e XV chegou a ser uma cidade florescente, pelas suas fabricas de diversos tecidos, por uma grande feira annual muito concorrida, sobre tudo de mouros de Granada, que aqui traziam muitas especiarias e fazendas do Oriente, que de Lamego se distribuiam pelo resto do reino.

O 1.º golpe na prosperidade de Lamego, foi a conquista do reino de Granada pelos reis catholicos, Fernando e Isabel, expulsando completamente os mouros da Peninsula; o 2.º foi a descoberta da carreira da India, pelo *Cabo da Boa Esperança*, feita pelo immortal Vasco da Gama, em 1497; e o 3.º foi a introducção das fazendas francezas e inglezas, que se principiou em grande escala desde a 2.ª metade do seculo XVI; o que acabou de arruinar as suas fabricas.

Entre estas havia uma fabrica real de lonas, famosa pela superior qualidade e grande quantidade de seus productos. Tambem devemos notar que a mal entendida politica (ou talvez antes o *beaterio*) dos nossos reis, concorreu bastante para a decadencia d'esta terra, impondo grandes tributos aos granadinos, por serem mouros, e mui pequenos aos inglezes e francezes, por serem christãos.

No principio do seculo XVII, estava Lamego reduzida apenas a mil habitantes.

Se as vinhas do Alto Douro conservaram a Lamego ainda algum resto de vida, não foi isso bastante para tirarem esta cidade do *estacionarismo* em que jaz ha seculos.

Deus queira que o melhoramento das vias de communicação faça sahir esta cidade do estado de *marasmo* a que parece condemnada.

O conde D. Henrique, reduzida Lamego á fé christan, logo aqui pôz bispo, construindo-lhe a sua actual Sé, em 1110.

Foi o mesmo D. Henrique que deu foral a esta cidade, em 1109. (Franklim não o traz.)

E D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 3 de julho de 1514.

Dizem alguns que D. João I lhe deu tambem foral, em 1390, com grandes privilegios; mas Franklim não o menciona.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 2.º

Tem por brazão d'armas—um escudo coroado, e n'elle, em campo azul, um castello de prata com 3 torres, sobre campo negro. Ao lado está uma arvore com pomos, que dizem chamar-se *Lamegueiro*; e na parte superior do escudo, tem, de um lado o sol, de ouro—e do outro a lua, de prata.

Este brazão é o que está na Torre do Tombo, mas em alguns auctores se vê, em vez da *lua*, uma *estrella*, e por cima do castello o escudo das *Quinas*.

Esta cidade é dividida em tres bairros. Um, que é o mais plano e principal, se chama da *Praça*. Outro, que fica como uma peninsula, entre os dois ribeiros (Balsemão e Fáfel) e comprehende a Sé e o paço dos bispos, se chama *Couto da Sé*. O terceiro, que é a cidade primittiva, está em uma elevação, entre os dois primeiros, e tem na parte mais alta o seu velho castello, e por isso se denomina *bairro do Castello*.

A cathedral é um bom templo, de tres naves e de architectura gothica, com tres portas na frontaria, correspondendo cada uma a sua nave. E' um dos nossos antigos monumentos mais bem conservados. Ha n'este templo alguns tumulos e sepulturas muito notaveis e antigos. Na capella do Santissimo, do lado da epistola, está mettido na parede, o sepulchro de D. Guiomar de Berrêdo, neta de D. Affonso III. Junto a esta capella está outra com as armas dos viscondes de Bal-

semão, na qual estão sepultados alguns ascendentes d'esta familia, entre elles, em rico tumulo, Alvaro Pinto da Fonseca, fidalgo da casa real, morgado de Balsemão e fundador d'este jazigo.

A egreja de Santa Maria d'Almacave, que, como já disse, foi a Sé do tempo dos suevos e godos, é de humilde architectura e mui singella, como são todos os raros monumentos que ainda existem, de tão remota antiguidade.

Ha a egreja da Misericordia, com seu hospital, e varias ermidas.

Havia aqui cinco conventos.

1.º — de freiras franciscanas, das Chagas, que ainda está habitado.

—

2.º — de freiras bentas, fundado por D. Dordia, mulher de D. Soeiro, por carta de testamento, feita em 1184.

Este convento é proximo de Lamego, mas já na freguezia de Recião. Vide Recião, onde se descrevem cousas curiosas com respeito a este célebre mosteiro.

—

3.º—de frades capuchos, que foi originariamente de templarios. Fundado por Joanne Annes, abbade de S. Pedro das Aguias, em 1279. E' hoje hospital militar.

(Adiante dou mais algumas informações sobre este convento).

—

4.º — de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos). Fundado pelo dr. Lourenço Mourão Homem.

Foi demolido em 1853 e dos seus materiaes se fez o bello edificio dos paços do concelho. A cêrca d'este convento é hoje uma alameda publica.

—

5.º—de eremitas de Santo Agostinho (gracianos). Fundado pelo dr. Francisco d'Almeida Cabral.

Hoje quartel do regimento de infanteria n.º 9 (quarteis de Santa Cruz).

—

O paço do bispo é uma boa residencia e tem sua cêrca e jardim.

—

O velho castello está em ruinas, mas, ainda assim, é um monumento venerando, pela sua muita antiguidade e curioso pella sua singular estructura.

Na sua *torre de menagem*, que é muito alta, mandou o conde de Marialva, D. Francisco Coutinho (vide Recião) abrir uma formosa janella, muito grande e com assentos de pedra, d'onde se gosa uma extensa e bella perspectiva.

—

As casas d'esta cidade são em geral boas, distinguindo-se as dos srs. Osorios e as dos herdeiros do sr. Macario de Castro; e ainda existem alguns edificios do principio da monarchia. Mas a cidade é pequena e triste e as ruas (como as das nossas povoações antigas) são estreitas, tortas, immundas e mal calçadas. Todavia as camaras n'estes ultimos annos, alguma cousa têem feito para melhorarem a cidade; mas, ainda assim, precisa muita cousa, para se collocar nas condições que o actual desenvolvimento da civilisação reclama.

—

Ao E. da cidade, a 1 kilometro de distancia, sobre uma elevadissima collina, está o sumptuoso templo e sanctuario de Nossa Senhora dos Remedios, para o qual se sobe por uma rica escadaria de granito, em nove magestosos lanços, com espaçosos pateos, ornada lateralmente de frondosas arvores e bonitas fontes. E' o passeio favorito da gente de Lamego. Nossa Senhora dos Remedios é a padroeira da cidade.

E' aqui a grande *romaria dos Remedios*, a 8 de setembro.

Um dos largos que medeiam entre os lanços das escadas, chama-se *Largo dos Gigantes*, fica immediatamente inferior ao templo. Entra-se para elle por dois magnificos portões, formados de altissimas columnas, sobre as quaes assentam estatuas de personagens biblicas. A architectura d'estes portões é magestosa e elegante, deleitando e deslumbrando o visitante. No centro está uma elegantissima fonte. E' um formoso obbelisco, adornado por quatro soberbas estatuas de granito, fingindo sustentarem o peso d'aquella immensa mole, que da base ao cume tem 22 metros (100 palmos) de altura e é

ornada de primorosos lavores e rendilhados. A agua sáe por quatro formosas bicas. Em volta do obelisco se agrupam diversas columnas, que servem de pedestaes a outras tantas estatuas. A escadaria tem, ao todo, 500 degraus.

As vistas que se gosam do templo, são vastas e surprehendentes.

E' extraordinaria a devoção dos povos para com a Senhora dos Remedios, não só da cidade e arredores, mas até de longes terras; e a concorrencia para aqui é espantosa, principalmente no dia da sua festa, tendo então Nossa Senhora muitas e valiosissimas offerendas.

Ao S. da cidade, e pouco distante do templo dos Remedios, está o convento de Santa Cruz, hoje quartel de infanteria n.º 9.

Em frente d'este quartel, está um vasto e bello terreiro, orlado de arvores, chamado *Largo de Santa Cruz*. Foi feito pelos soldados de infanteria 9, por iniciativa do sr. José Manuel da Cruz, coronel commandante do regimento; que muito fez para levar ávante esta obra: levou 18 annos a fazer (desde 1846 até 1864) que tantos foi o sr. Cruz commandante d'este regimento.

Tem Lamego um lyceu e um soffrivel theatro.

Os arredores de Lamego, posto serem muito accidentados, são pittorescos, e seus montes cobertos de frondosos arvoredos e seus valles bem cultivados e sempre verdes, graças á abundancia de optimas aguas. São tambem muito ferteis, e produzem muito azeite, cereaes, legumes, fructas, linho e vinhos especiaes. Cria-se por aqui muito gado de varias especies, e ha muita caça. Tem peixe dos seus dois ribeiros e do Douro.

Para evitar repetições, vide *Colheita*.

No territorio de Lamego, ha minas de chumbo, nikel e bismuto.

—

Já disse como *Echa Martim* foi vencido pelo conde D. Henrique, e como se fez christão e tributario de Portugal.

Acceite por elle pois esta posição, se foi de Guimarães para a sua cidade de Lamego; mas seus vassallos não quizeram obedecer-lhe, por elle se ter feito christão, nem pagar-lhe os tributos do costume; antes tramaram uma revolta, para o assassinarem. Fugiu elle para Guimarães, a queixar-se ao conde, que logo veio sobre Lamego, com a sua gente, tomando a cidade de assalto e fazendo nos mouros cruel exterminio, até que *Echa* lhe pediu que recolhesse os seus soldados, pois não queria ser senhor de uma povoação sem gente.

Como porém as terras em derredor da cidade eram todas de mouros, *Echa*, para não ficar entre elles sem defensores, pediu a D. Henrique que repartisse o seu territorio por fidalgos da sua côrte; o que assim fez o conde, dando a Egas Moniz as terras entre Balsemão e Barosa e outras muitas, até quasi ao rio Távora. A Gracia Rodrigues e a D. Fayão Rodrigues, seu irmão, deu o couto de Lomil (Leomil) e repartiu as mais terras por varios cavalleiros.

Egas Moniz povoou as suas terras com gente que trouxe d'Entre Douro e Minho, e fez uma quinta onde agora está fundado o convento de Salzêdas, dentro de cuja cêrca ainda existem as casas que elle edificou, e em que viveu sua mulher, D. Thereza Affonso, (menos duas ordens de varandas, que já não existem).

Aqui ficou a dita D. Thereza com o principe D. Affonso Henriques (que ella e seu marido crearam) em quanto Egas Moniz andava com o conde D. Henrique, combatendo os mouros.

Vide Bretiande, Gouviães, Paço de Sousa, Salzedas e outras muitas terras em que se falla no inclito varão Egas Moniz.

—

Pelos annos 1062, era rei de Lamego um mouro chamado *Al-Boazan*. Tinha uma filha, chamada *Ardinga* ou *Ardínia*, que se enamorou do cavalleiro christão, *D. Thedon Ramirez* (vide Granja do Tédo), filho do infante *Alboazar Ramirez* (o Cid) e neto de D. Ramiro II de Leão. (Vide Ancora, rio; Calle e Gaia).

Fugiu a moirinha ao pae, vestida de homem, com uma sua collaça por companheira, em busca de D. Thedon.

Chegou a uma ermida, perto do rio Tavora, que era da invocação do apostolo S. Pe-

dro (hoje S. Pedro das Aguias) e ahi, vendo um eremitão, chamado Gelasio, lhe disse quem era e a que vinha, dizendo-lhe tambem que se queria fazer christan.

O anachoreta a instruiu nos mysterios da religião christan e a baptisou, promettendo-lhe que D. Thedon casaria com ella; o que não teve effeito, porque o pae veio aqui dar com ella e a matou, afogando-a no rio Távora.

D. Thedon sentiu grande pezar pela morte de *Ardinga*, prometteu não casar, e cumpriu a promessa.

D'ahi a alguns annos, vindo D. Thedon de obter uma grande victoria contra os mouros, foi surprehendido por uma grande partida d'elles, que, depois de encarniçada resistencia, o mataram junto a um rio, que desde então tomou o seu nome — *Thedon* — que ainda conserva com pouca alteração, pois se chama *Tédo*. Vide Cabriz e S. Cosmado.

—

Em Lamego nasceu, pelos annos 200 de Jesus Christo, o famosissimo athleta e extremado cavalleiro, *Caio Appuleio Diocles*, celebrado nas chronicas do seu tempo, pelas suas espantosas proezas, chegando a levantar-se-lhe uma estatua na cidade de Roma, em cujos *circos* tinha muitissimas vezes sido triumphador coroado.

Dão noticia das suas repetidas victorias, duas inscripções que existiram muitos seculos, uma em Roma, no *Campo de Marte*, outra, erigida por seus filhos, em *Preneste*.

Faria e Sousa viu a primeira, em 1633, da qual consta que «*Appuleio Diocles*, corredor e domador de cavallos, da quadrilha e facção *Russata*, de nação lusitano, tendo 40 annos e 7 mezes, já tinha vencido—duas vezes, os corredores da facção *Albata* (a 1.ª sendo consules *Acilio Aviola* e *Cornelio Pansa*, e a 2.ª, no consulado de *Acilio Glabrio* e *Caio Bellicio Torquato*.) Venceu os da facção *Prasina*, sendo consules *Torquato Aspernate* e, 2.ª vez, *Annio Libonio*.

Em *Ostia* e *Lenate*, ganhou o premio destinado ao vencedor.

Correu com 6 e 7 cavallos juntos, ganhando assim muitos premios e victorias.

Em *Albato*, correu com dois carros juntamente, ficando victorioso.

Alcançou em um só anno 100 victorias publicas e 103 particulares.

Venceu a sua mesma facção, cuja victoria maior nome lhe deu; sendo proclamado o 1.º corredor da republica romana, no seu tempo.» etc., etc.

A inscripção da *memoria* de *Preneste*, dizia assim:

C. APPULEIO DIOCLI
AGITATORI PRIMO FACT.
RUSSAT. NATIONE HISPANO
FORTUNAE, PRIMIGENIAE
D. D.
C. APPULEIUS NYNPHIDIANUS
FILII
ET NYMPHIDIA.

—

Fr. Bernardo de Brito traduz assim:

«*Esta estatua e memoria dedicaram a Caio Appuleio Diocles, principal e primeiro corredor da quadrilha chamada Russata, de nação hespanhol, e é sua boa e venturosa fortuna, seus filhos Caio Appuleio Nymphidiano e Nymphidia.*»

—

Tambem alguns pretendem que o heroe de 1640, o dr. João Pinto Ribeiro, nascera em Lamego, o que é êrro. (Vide *Santoadou*.)

—

Segundo alguns escriptores, em 412, era bispo de Lamego, Thibureio, que como tal assistiu ao primeiro concilio de Braga.. Desde 716, não tornou a ter bispos (semdo a diocese governada, no espiritual, por *priores*) até 1144, em que D. Affonso I fez d'aqui bispo a D. Mendo, conego de Santa Cruz de Coimbra.

É certissimo que durante o governo de D. Thereza e muitos annos do de D. Affonso Henriques, não houve bispos em Lamego (talvez por causa das duvidas com a *Santa Sé*) e que o bispo de Coimbra governava o bispado de Lamego; pelo que, em muitos documentos d'aquelle tempo (como se vê d'esta obra) se dão como do bispado de Coimbra muitas terras do de Lamego, o que tambem tem causado duvidas e engamos.

Aqui nasceu, pelos annos de 1520, frei Francisco da Madre de Deus, conego secular da congregação de S. João Evangelista (loyo) e era de uma das mais nobres familias d'esta cidade.

Foi um religioso virtuossimo e um dos cinco conegos que a sua congregação elegeu, por ordem do papa S. Pio V, para hir, como foi, reformar a congregação da sua ordem, em Alga, de Veneza. Voltando a Portugal, se recolheu ao convento de Villar de Frades, onde foi reitor. Durante o seu governo, houve uma grande fome no reino, e tendo fr. Francisco dado em esmolas aos necessitados, quasi todo o pão do celleiro do convento, os seus frades, vendo que elle não lhes deixava nada para elles, foram ao celleiro e o acharam com mais trigo ainda do que o recebido nas colheitas.

Foi depois eleito geral da congregação, por todos os votos (menos o seu) mas tanto supplicou, com lagrimas de verdadeira dôr, que o eximissem d'este cargo, que assim o fizeram os religiosos; retirando-se fr. Francisco, para o convento de Santo Eloy, de Lisboa, d'onde nunca mais sahiu, nem mesmo da sua cella, senão para os actos do culto divino.

No dia 15 de junho de 1600, tendo mais de 80 annos de edade, confessou-se, disse missa, com toda a pausa e devoção do costume, e voltando da sachristia, foi á cella do prelado, pediu-lhe licença para morrer, e chegando á sua cella, acompanhado de muitos conegos, deitou-se na cama, pediu a extrema uncção, e entre fervorosas orações ao Omnipotente e á Santissima Virgem, expirou, com a doçura e gloria dos justos.

—

Lamego é patria de D. Rodrigo Lopes de Carvalho, doutor em ambos os direitos, e famoso jurisconsulto.

Foi abbade de Santa Maria de Alijó e S. Pedro de Gosães, no arcebispado de Braga, por apresentação de D. João III. Foi conego da Sé d'Evora, feito pelo cardeal infante D. Affonso, de quem foi grande valido, e seu desembargador. Foi inquisidor do *Santo Officio*, em Coimbra, e dahi passou a bispo (o 2.º) de Miranda, onde falleceu a 13 de agosto de 1559. Foi o fundador do collegio pontificio de S. Pedro, de Coimbra, ao qual, por bullas apostolicas annexou as ditas duas egrejas, de que era abbade; além de muitos bens patrimoniaes seus, de que fez doação a este collegio, que foi um dos mais célebres, não só d'este reino, mas até do orbe catholico.

—

Segundo Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion General de España*. Foi esta cidade fundada por os grêgos *lacones (lacoos* ou lacões*)* no anno do mundo 3:633, 371 antes de Jesus Christo, dando-lhe o nome de *Laconi*, e como lhe aggregassem algumas aldeias visinhas, fizeram *Laconimurgi* ou *Laconimurgo;* porque *murgi* em grêgo significa *aldeia*.

Continua a dizer o mesmo escriptor, depois de sustentar que a antiga situação de Lamego era nas actuaes *Queimada* e *Queimadella*, e de narrar a invasão das 14 legiões de Trajano; que a actual Lamego foi fundada pelos lusitanos d'estes sitios e pelos romanos. Diz que se despovoou no tempo dos arabes, e que D. Affonso III, de Leão, a reedificou e povoou em 904.

Tornou a cahir em poder dos mouros, e a resgatou D. Fernando (o *Magno*) a 22 de julho de 1038, sendo regulo de Lamego *Zadan-Aben-Vucin*, que ficou tributario do rei de Leão.

Diz mais (depois de contar a derrota e conversão da *Echa Martim*) que a cathedral, Almacave, que estava convertida em mesquita, foi de novo purificada e consagrada, logo em 1102, por D. Bernardo, arcebispo de Toledo.

Segundo este auctor, o primeiro bispo foi o insigne escriptor Idacio (d'aqui natural) pelos annos 490.

No tempo do tal Silva (1650) tinha a correição de Lamego 14 villas, 47 concelhos e 5 honras.

—

No sitio onde ainda hoje se chama *Campo dos Frades*, havia um antiquissimo convento de frades, que era chamado mosteiro do *Retiro de Fáfel*, e que ainda existia em 1272.

Uma senhora de Lamego, que sabia que os frades desejavam mudar o seu mosteiro para mais perto da cidade (*bairro do Castello*) lhe deixou por testamento, 4 anneis, uma *magestade*, um camafeu e uma cruz de prata com uma pedra preciosa no centro, dizendo no testamento, D. *Aldára* (que assim se chamava esta senhora) que os frades vendessem aquillo, pois o seu producto chegava para a projectada mudança. É certo que em 1279 já este convento, que depois foi de franciscanos, estava no sitio onde os frades viveram até 1834.

Supponho que este mosteiro foi primeiro de frades bentos; não só porque então ainda não havia franciscanos; mas porque foi fundado (o 2.º) por um abbade benedictino, chamado Joanne Annes.

—

No *Tombo do Aro*, de Lamego (a fl. 3) se determina que: «*Se a mulher fizer* malfairo (adulterio) *o marido repartirá toda a sua fazenda com o mordomo de el-rei, de meio a meio, e a mulher ficará sem cousa nenhuma.*» Este Tombo é de 1346.

—

Junto a Lamego está o santuario de Nossa Senhora do Amparo, ou dos Meninos, no districto da freguezia da Sé. É a imagem d'esta Senhora de muita devoção dos povos d'estas terras, e antiquissima, pois consta por tradição e por memorias escriptas, que foi feita por Nicodemos e pintada por S. Lucas. Está sentada em uma cadeira, e tem 1m10 de alto, e sobre os joelhos tem o menino Jesus.

Fica o templo situado em uma costa, sobre o rio Balsemão.

A imagem de Nossa Senhora do Amparo, esteve primeiro na Sé, no altar que é hoje de Nossa Senhora do Rosario. Tirou-a do seu altar, o bispo de Lamego, D. Manuel de Noronha, depois de lhe fazer o templosinho onde hoje está: substituindo-a no altar da Sé, pela imagem da Virgem do Rosario, que mandára vir de Roma.

Este santuario foi edificado pelos annos 1555.

—

Proximo a esta cidade, para o E., e junto á ribeira de *Fáfel*, está o santuario de Nossa Senhora da Lagem, nome tomado do sitio em que o templo está edificado. O seu fundador foi Miguel Freire, e era conego da Sé de Lamego, como se vê de uma inscripção que está na capella-mór. Não se sabe em que anno foi edificada.

Eram administradores d'esta capella os morgados de Balsemão, que, segundo a instituição do vinculo, eram obrigados, não só ao reparo e conservação da capella, mas a varias missas em certos dias do anno, e em todos os dias santificados. Elles porém só trataram de receber as rendas obrigadas a estes legados, sem cumprirem nenhum d'elles, pelo que a capella foi pouco a pouco cahindo em total decadencia.

Quem instiuiu este vinculo, foi D. Affonso, bispo do Porto, nascido no logar de Balsemão; o qual tambem na Sé fundou a capella de S. Pedro, na qual assentou a cabeça do morgado. Aqui foi sepultado em 1400, como consta do seu epitaphio, gravado na sepultura. Este vinculo é o dos srs. viscondes de Balsemão.

—

Aqui morreu, com 72 annos de edade, em 21 de janeiro de 1863 na sua casa da rua da Pereira, o doutor em medicina pela Universidade de Coimbra, Antonio Pereira Zagallo, que nascera na villa de Ovar, em 6 de janeiro de 1791. Era um medico distincto e um honrado cidadão. Para a sua biographia, vide Ovar.

—

A comarca de Lamego é composta do seu julgado, com 5:650 fogos, e o de Tarouca, com 1:500.

O concelho de Lamego, é composto de 20 freguezias, todas n'este bispado. São:—Arneiroz (ou Villa Nova de Souto de El-Rei) Avões, Bigorne, Britiande, Cambres, Cepões, Ferreiros, Figueira, Magueija, Melcões, Parada do Bispo, Penajoia, Penude, Pertarrouca (ou Bertarouca) Samodães, Sande, Waldigem, Varzea, e as duas da cidade.

LAMEIRA — freguezia, Alemtejo, concelho d'Arronches, comarca e 35 kilomettros ao E. de Portalegre, 190 ao SE. de Lisboa, 15 fogos, em 1757.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura que tinha 180 alqueires de trigo, annualmente.

Esta freguezia foi supprimida no principio do seculo XIX.

LAMEIRAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 70 kilometros ao SE. de Lamego, 335 ao E. de Lisboa 130 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção (antigamente Nossa Senhora da Consolçaão.)

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor de S. Martinho, da cidade de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LAMELLAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil e cria muito gado.

É corrupção da palavra árabe «*Lamenhi*» que em portuguez é o mesmo que dizer — «*De quem é?*» — Composta de *la* (de) *man* (quem) e *hi* (é.)

O D. abbade benedictino do mosteiro de Santo Thyrso, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis annuaes.

LAMELLAS — é uma aldeia da freguezia de Castro Daire, d'antes quasi completamente ignorada, e hoje visitada por fieis, e até por viajantes de longes terras, por que encerra uma recente maravilha. É o caso:

José Lopes, um pobre jornaleiro, tendo recebido uma contusão em uma perna, aggravou-se-lhe a ponto d'aterrado de ouvir sentença de amputação, áqual reagio, preferindo um voto a Nossa Senhora dos Remedios, se sarasse, consistindo em mandar-lhe fazer uma festa, e em todos os sabbados mandar-lhe dizer uma missa, mendigando para isto esmolas. Oito dias depois já andava sem encosto: collocou-se a imagem da Senhora na capella publica de Lamellas, e celebrou-se-lhe uma esplendida festa.

Lembra-se então de edificar um templozinho á sua bemfeitora, e manifesta o seu pensamento, é coberto de sarcasmos e apôdos que, longe de o desanimarem, o estimulam mais; pega no sacco e parte por esse mundo de Christo.

Abençoado peditorio! Nunca mais deixou a missa de dizer-se, os pedreiros começam a obra da capella, são sastisfeitas pontualmente as suas ferias, ultima-se, collocam-se as imagens em tribuna dourada, celebra-se a primeira missa em 30 de janeiro de 1858, no meio de um concurso immenso, e José Lopes paga tudo, e ainda dá um bodo aos pobres.

Parece que Nossa Senhora dos Remedios permittia que sobre elle pesasem de quando em quando alguns infortunios para fazer sobresahir a sua gloria, porque um castanheiro cahe sobre elle, quebra-lhe ou esmaga-lhe as costellas, e quando se preparava com os Sacramentos para a morte, surge-lhe um derradeiro lampejar de esperança, e faz á Virgem novo voto de tornar diaria a missa semanal, se recuperasse saude.

Não tardou a retomar o sacco, e os fieis o habilitaram a cumprir o voto.

Appareceu, como que providencialmente, em Lamellas o Reverendo Antonio Correia dos Reis, e fez do pulpito um tocante discurso, manifestando o desejo de n'aquelle logar se edificar um magestoso templo á Nossa Senhora dos Remedios, e todos os ouvintes se prestaram a dar o seu óbolo, lançando-se a primeira pedra no dia 16 de julho de 1859 apoz uma commovente pratica do Reverendo Frei João de Santa Rosa da Silveira. Mas como obter as immensas sommas que tinham de despender-se até á conclusão da obra?

Reccorreu á devoção dos povos, e hoje (1874) um sumptuoso templo de vastas dimensões muito proximo da sua conclusão, substituiu a pequena capella primittiva que ainda lá se vê no centro d'este; e o obscuro José Lopes espera ver antes de pouco tempo a sua consagração, do que os mais scepticos já não duvidam.

A propria familia real portugueza, gran-

de parte da aristocracia da capital e de outras terras e immensos catholicos de todas as cathegorias teem contribuido para esta obra, merecendo especial menção o sr. dr. Nicolau de Mendonça Falcão, residente em Fareginhas, da mesma freguezia de Castro Daire, sempre com a bolsa aberta em occasião dos apuros de José Lopes; e o sr. João Francisco de Moráes, da cidade do Porto, que tão bom uso faz da sua riqueza, e que consta ter alli posto constantemente um pedreiro por sua conta.

Se alguem ainda duvidar do sentimento religoso do bom povo portuguez, convidamo-lo a hir dar um passeio a Lamellas.

—

LAMENHE — Vide *Lemenhe*.

LAMOSA — freguezia, Beira Alta, concelho de Caria e Rua antigamente, hoje concelho de Cernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Cárquere apresentava o cura, confirmado, que tinha 3$600 réis de congrua e o pé d'altar.

LAMOSO — freguezia, Douro, comarca de Louzada, concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros ao SE. de Braga, 24 ao N. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga districto administrativo do Porto. É terra fertil.

O reitor de S. Pedro Fins de Ferreira apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis.

LAMPAS — Vide S. João das Lampas.

LAMPASSA ou LAMPAÇA—Ha em Portugal algumas aldeias e muitos sitios chamados *Lampassa* — vem a ser o mesmo que *verbasco*, ou *varbasco*, planta medicinal bem conhecida.

LANÇÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 36 fogos em 1757.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Sórtes apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi no principio do seculo XIX annexa á de Sórtes.

LANDA ou LONDA — terra maninhaa, inculta e desaproveitada. Os fóros que d'estas terras se pagavam chamavam-se *londosos*.

Portuguez antigo — Vem do germaninico— *land*, que significa *terra*.

LANDAL — freguezia, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho d'Óbidos, 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Feira a 10 d'agosto.

Landal, no antigo portuguez, significa — *terra dos maninhos*. Vide *Landa*.

O commendador de Malta, bailio de Leça apresntava o vigario, que tinha 30$00000 rs. annuaes.

LANDÊDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, bispado e districto administrativo de Bragança. Esta freguezia e as de Carvalhas, Casáres, Cerdêdo e Villarinho das Touças, estão annexas á de S. Pedro de Montouto, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

A mesma etymologia.

LANDEIRA — freguezia, Alemtejo, comarca, e concelho de Monte Mór Novo, 700 kilometros d'Evora, 60 ao E de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Nossa Senhora da Nazareth.

Arcebispado e districto administrativo d'Evora.

A mesma etymologia.

A mesa da consciencia apresentava a o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, annualmente.

LANDIM — villa, Minho, comarca e concelho e 10 kilometros de Villa Nova de Fa-

malicão, 18 ao SO. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 144 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma etymologia.

Os conegos regrantes (crusios) do mosteiro de Landim, apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis annuaes.

Foi couto. É aqui o convento referido, fundado e dotado, em 1096, por o conde D. Rodrigo Forjaz de Transtamara, filho do conde e rico homem D. Forjaz Vermuí, companheiro do conde D. Henrique.

Outros pretendem que o fundador do mosteiro foi D. Gonçalo Gonçalves, filho do conde D. Gonçalo Rodrigues, senhor do couto de Palmeira, mas é êrro. Gonçalo Gonçalves e seu irmão Rodrigo Gonçalves Pereira, é que com seu pae, doaram o couto de Landim ao mosteiro.

D. Gonçalo Rodrigues, sr. do couto de Palmeira, doando o couto a este convento, fez assignar a doação por seus filhos.

Consta do *Liv. dos Obitos* d'este mosteiro haver sido commendatario e reedificador d'elle, D. Miguel da Silva, da illustre casa dos Silvas de Portalegre, bispo de Viseu e cardeal da Santa Egreja Romana, que morreu em Roma, a 5 de junho de 1556.

Teve este couto titulo de condado, e assim o tratava D. Affonso IV;— D. João I, o conservou, com jurisdicção civel.

O prior era ouvidor, e na feira que se fazia aqui, punha o preço aos generos que estavam á venda.

O convento era isento do ordinario, que só visitava os freguezes, em uma capella que estava fóra onde está sepultado o virtuoso D. Pedro Garcia, 2.º prior, fallecido em 1198

Em 1562, foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

Foi aqui o solar dos Landins, appellido nobre em Portugal. Alguns o fazem originario dos Landins de Inglaterra, que vieram para Portugal com o duque d'Alencastre (sogro do nosso D. João I.)

Outros sustentam que este appellido foi tomado do couto de Landim (este) e outros dizem que procede dos Landins de Palencia.

O primeiro que se acha com este appellido, é Gaspar Dias Landim, aquem D. João III mandou passar brazão d'armas, que é— em campo de prata, faxa de púrpura, e em chefe, uma cabeça de leão, da sua côr: elmo de prata aberto, e por timbre, a cabeça do leão das armas, entre duas asas d'ouro, em meio vôo.

Outros do mesmo appellido, usam — em campo de prata, facha de púrpura, carregada com uma cabeça de Leão, d'ouro: elmo de prata aberto, timbre, uma cabeça de leão, de púrpura, entre duas azas d'ouro.

Os morgados de Villar do Paraizo (Gaia) os Castros Portugaes, de Mançores (concelho de Arouca) e outras familias nobres de Portugal, procedem dos Landins.

Na egreja do mosteiro é tida em grande veneração uma imagem a que antigamente davam o titulo de Nossa Senhora da Basta, e que hoje a invocam sob a denominação de Nossa Senhora de Landim.

A tradição relativa a esta imagem é a seguinte:

Junto ao referido mosteiro havia em tempos remotos uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Basta; nome cuja significação e etymologia nos é desconhecida.

Suppõe-se ser muito mais antiga do que o mosteiro. Arruinada pelo tempo, os conegos, que eram administradores da capella, por estar em terras do mosteiro, não quizeram reedifical'a, preferindo trasladal'a para a sua egreja.

Foi sempre esta santa imagem, da particular devoção dos povos d'estas terras, que a ella sempre fervorosamente recorreram, com bom exito, nas suas atribulações, e em todas as calamidades publicas, levando-a n'este ultimo caso, em solemne procissão (clamor) a Villa Nova de Famalicão.

São estes clamores muito concorridos de gente de varias freguezias, com suas cruses, parochos e clerigos, e obtido o milagre que imploram, regressa a S. S. Virgem em triumpho, á sua egreja.

A imagem é pequenina, mas de bôa esculptura e de um rosto angelico. Está per-

feitamente conservada, apesar da sua antiguidade.

LANGROIVA ou **LONGROIVA**—villa, Beira Alta, comarca de Villa Nova de Foz-Côa, concelho da Méda, 70 kilometros de Lamego, 340 ao NE. de Lisboa, 160 fogos, 640 almas.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O seu primeiro nome era *Langóbria.* (Vide Caria— a segunda.)

A mesa da consciencia e ordens apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis annuaes.

No seu termo ha minas de chumbo.

Situada em logar baixo e doentio, 6 kilometros ao S. de Muxagata, e 6 ao E. da Méda; cercada de 4 outeiros, banhada ao E. pelo rio *Pisco.*

É povoação antiquissima, e provavelmente fundada pelos celtas, pois existia e era antiga no tempo dos romanos.

Abandonada pelos arabes, foi povoada por *D. Fernão Mendes de Bragança*, em 1145, reedificando então o seu castello, que deu n'esse mesmo anno aos templarios.

O castello está em ruinas; porém a sua torre ainda está bem conservada.

Esta villa foi dos templarios.

É notavel pelos seus banhos thermaes e aguas ferreas, muito frequentadas no verão.

O referido D. Fernão Mendes, era ricohomem, conde e cunhado de D. Affonso Henriques, per ser casado com a rainha D. Sancha, filha legitima do conde, D. Henrique e da rainha D. Thereza.

Note-se que D. Fernão já achou feito o castello pelos arabes, ou talvez pelos romanos, e elle só o povoou. Viterbo diz «D. Fernão Mendes, havendo povoado o castello de *Langrovia*, que está entre *Marialba* e *Nomam* o doou aos templarios, em 1145.»

D'aqui se collige que já achou feita esta fortaleza, a qual elle talvez reedificasse. É pois com certeza um monumento antiquissimo.

Desde antes de 1130 até depois de 1145 eram *Longroiva, Numão, Penadono, Marialva* e todas as mais egrejas d'entre o *Táuvora* e *Côa*, do arcebispado de Braga. (*Mon. Lus.* V, fl. 174.)

A falta de bispos, por muitos annos, em Lamego e Viseu, fez alargar os limites do arcebispado de Braga e do bispado de Coimbra, contra o determinado nas antigas demarcações. Vê-se em muitos documentos antigos, que Arouca, Paiva, Sinfães, Sanhfins, Rezende, etc. são do bispado de Coimnbra, o que é erro. Estas terras foram sempre do bispado de Lamego; mas como elle foi por muitos annos (como o de Viseu) administrado pelo bispo de Coimbra, foi d'aqui que nasceu o engano.

—

No tempo dos godos era esta villa uma das seis matrizes que constituiam o bispado de Lamego. No testamento de Dona Flamula, feito em 960 (que está no Liv. 1.º de Dona Mumma-Domna, de Guimarães, a fl. 7) se acha mencionado o *castello de Langobria*) juntamente com os de *Caria, Trancoso, Moreira, Naumam* (Numão) *Vacinata* (Macieira de Font'arcada?) *Amindula* (Ammendoa) *Pena do Dono* (Penedono), *Alcobria* (Alcarva) e *Sermozelle* (Cernancêlhe).

Esta Dona Flamula (em portuguez *Chama*) era sobrinha da condessa Dona Mumma Domna, e de D. Ramiro II de Leão, e uma senhora riquissima, que morreu solteira.

No tal testamento *deixa a sua alma por herdeira* da sua muita fazenda que toda manda repartir em obras pias—«*Et in laicale nihil transferre*« (!) e continúa—«*Ordinamus nostos castellos esse Trancoso, Moraria, Langrovia, Naumám, Vacinata, Amindula, Pena do Dono, Alcobria, Semorzella, Caria, cum alias penellas* (outros castellos mais pequenos e insignificantes) *et populatuturas, quæ sunt in ipsa Stremadura:* (no tempo dos godos e ainda muito depois, se dava a este territorio o nome de Estremadura) *omnia vendere et pro remedio animæ meæ, et captivos, et peregrinos, et Monasteria dedestribuere in ipsa Terra.*»

—

O seu primeiro foral lhe foi dado pela rainha D. Thereza em Cernancêlhe, a 26 de outubro de 1124. D. Affonso II o confirmou em Pinhel, em fevereiro de 1220, e foi communicado a Langroiva, por carta expedida de Santarem, por D. Diniz, em 7 de fevereiro de 1304.

D. Manuel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

As aguas mineraes de que fallei são applicadas, com bom resultado, para padecimentos nervosos. A sua composição chimica é egual ás de S. Gemil, mas com maior grau de mineralisação, que as torna similhantes ás de S. Pedro do Sul.

Tambem no sitio das caldas ha um poço com agua da mesma qualidade, da qual se faz uso.

Ha tambem aqui uma rica mína de chumbo, pouco explorada.

LANHAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 57 fogos. Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil. Cria muito gado e caça.

O reitor de S. Thiago de Caldellas apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está na egreja matriz um cofre de reliquias de santos, mas não se sabe de quaes.

LANHELLAS—freguezia, Minho, comarca e 20 kilometros ao NO. de Vianna, concelho e 2 kilometros ao NE. de Caminha, 60 ao ONO. de Braga, 102 ao N. do Porto. 415 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em fertilissima e formosissima planicie, na margem esquerda do rio Minho, e cortada pela nova estrada de 1.ª classe, que de Lisboa vae para o N., feita em 1863.

O reitor de S. Pedro de Seixas apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

Os dizimos d'esta freguezia eram do commendador de Seixas.

Mesmo ao pé do rio está uma quinta, com sua torre ameiada de pequenas dimensões, toda de cantaria, que denota muita antiguidade.

Era o solar dos Abreus, de Merufe; mas passou a uma outra familia.

E' a casa da residencia do sr. Camillo de Sá e sua familia. Chama-se mesmo quinta *da Torre*.

A' delidadeza e benevolencia do rev.mo sr. João Joaquim Baptista, da freguezia de Seixas (immediata a esta) devo a copia de um manuscripto do abbade de Villar de Mouros, (freguezia proxima) escripto em 1747, do qual passo extrahir o que se segue, alterando-lhe aquelles pontos em que por qualquer circumstancia tenham havido mudanças de qualquer natureza.

A quinta da Torre é uma das mais bellas e bem situadas de todo o Alto-Minho. Em 1860 foi cortada pela nova estrada real de primeira classe, que vem de Lisboa ao Porto, Barcellos, Vianna, Ancora, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção e Melgaço.

Este córte porem em vez de a prejudicar a tornou mais bonita e valiosa, visto que a estrada vem agora a passar a uns 50 ou 60 metros apenas, em frente das casas, que são, como já disse, formadas de robustas paredes da cantaria, em forma de torre, quadrada, enobrecida com ameias. Fica ao S. da quinta, — ao N., e perto do rio Minho tem outra torre mais pequena, da mesma fórma e materia. D'esta torre vae até ao rio um esteiro (denominado *Rego de Lanhellas*) que serve d'abrigo aos barcos d'esta freguezia e da de Seixas. Junto á primeira torre estão as casas d'habitação, tambem antigas, mas não tanto como as torres, que egualmente são habitadas, e estão muito bem reparadas.

Das casas para o rio ha um passeio com um mirante de cantaria, terraplenado, com 6 metros acima do nivel do sólo, onde se veem duas laranjeiras, alli mandadas plantar por o arcebispo de Braga, D. fr. Barthomeu dos Martyres.

Ao S. tem um bom pomar de espinho,

ainda mais antigo do que as lanranjeiras. É guarnecido de um alto muro ameiado, com janellas deitando para o rio; de módo que, quem por elle navega lhe parece isto um formidavel castello. Ha aqui um bom caes de cantaria.

N'este esteiro ha tainhas e outras optimas qualidade de peixe, fazendo-se aqui bellas pescarias.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que as casas d'esta quinta foram edificadas mesmo sobre a margem esquerda do Minho, que amontuando por este sitio grande deposito de terra, se foi distanciando. Não só os terrenos adjacentes são de aluvião, e por isso feracissimos, como já em nossos dias se tem conhecido differença maior, das casas ao Minho.

São pretenças d'esta quinta varias terras e fóros.

D. fr. Bartholomeu dos Martyres aqui vinha passar uma grande parte dos verãos, para descançar dos seus arduos trabalhos apostolicos.

O ultimo possuidor legitimo d'esta bella propriedade foi D. João de Sá e Menezes, bem conhecido em todo o reino e dominios pelas suas emprezas extravagantes.

Em 1747 era proprietaria, sua filha bastarda, D. Quiteria de Sá e Menezes, depois de varias demandas com Pedro Lopes de Azevedo, de Barcellos, e outros parentes proximos de D. João.

Não pude saber como isto passou á familia Sá. O pae do actual possuidor (1874) era o sr. João de Sá (casado com a sr.ª D. Carlota, filha de uma açafata de sr.ª D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança, imperatriz rainha.)

Era da casa da Ameosa. O sr. João de Sá era formado em direito e foi corregedor de Vallença.

—

A egreja matriz é bonita e aceiada. Ha na freguezia 5 capellas que são:

S. Martinho, que, segundo e tradição, foi a primittiva egreja parochial. Está em uma elevação a uns 500 metros do Minho.

S. Sebastião, Senhor do Cruseiro — estas tres publicas — e a de Nossa Senhora da Graça e Santo Antonio, da casa da Torrre; e S. Gregorio, com um bonito jardim em volta, fechado por um muro. Esta capella é muito linda e pertence á ordem terceira de S. Francisco. É muito frequentada de devotos.

Está na falda do monte de Gôios.

Ao zêllo e solicitude do illustrado, virtuoso e exemplar eclesiastico, R.mo José Soares d'Antas Faria deve este templosinho todos os seus melhoramentos e formosura, pois que, desde que é capellão d'elle, não se tem poupado a trabalhos. para á sua custa e por esmolas por elle obtidas, conseguir fazer d'este edificio religioso uma bellissima casa de oração.

—

Na egreja matriz ha um quadro a oleo, com S. Jorge—a cavallo—e umas barcacas com remos, e cheias de gente pelejando. Tem um letreiro que diz:

Esta imagem *de S. Jorge mandaram fazer os moradores d'esta freguezia de Lanhellas, pela victoria alcançada do inimigo galallêgo; e Sua Magestade, o Rei D. João IV fez a mercê de libertar do tributo da decima, a este povo: e succedeu a victoria aos 27 d'abril de 1644.*

—

Segundo a constante tradição, os galallêgos vinham em grande numero, para saquearem e incendiarem estas povoações, o que se soube a tempo pelos espias, e pelas rondas do rio, e á pressa se reuniram 60 homens (que eram quantos estavam em estado de tomar as armas) e os esperaram na praia, dentro das trincheiras que alli se tinham construido, desde o esteiro da casa da Torrre até ao Parapeito. [1]

Desembarcou a maior parte do inimigo, commandado pelo capitão Toro, que a si mesmo se tinha cognominado o *Trovão*. Os lanhelenses os receberam com uma *susurriada* (descarga) de mosqueteria, que foi muito bem empregada, e desembainhando as suas espadas, e empunhando os seus chuços, dardos, partasanas, etc, saltaram fóra

[1] Este *Parapeito* é uma especie de mólhe ou caes d'alvenaria, que entra um pouco pelo rio Minho. Tambem lhe dão o nome de Pesqueira de Lanhellas.

da trincheira, dando sobre os gallêgos, que fugiram para as suas barcas, nas pontas dos dardos dos nossos bravos populares, que naquelles fizeram horrorosa matança, excedendo, entre mortos, e feridos e prisioneiros, o numero de 600, sendo um dos agarrados o tal *Trovão*, que depois foi trocado por os portuguezes Antonio Lourenço e seu filho Pedro Lourenço, dois lavradores corajosos, que tinham cahido em poder dos gallegos.

Como diz a inscripção, este feito glorioso dos nossos lanhellenses, teve logar em 27 de abril (1644) dia de festa de S. Jorge, defensor do reino de Portugal.

O tal Trovão, dizia depois, que *la mayor rabia que tenia, era quedar presionero de unos villanos.* [1]

—

Os homens de Lanhellas são em geral corpulentos, corajosos e de grandes forças. Antigamente tinham por costume, em occasiões de festas, hirem a Vianna lutar com os d'alli, ficando muitas vezes vencedores.

Tinha o povo d'esta freguezia o privilegio de não hir ás montarias, sob a condicção de perseguir os arroazes (roazes) que são uns peixes muito damninhos do Minho.

—

Bastantes varões notaveis teem nascido n'esta freguezia, sendo os mais dignos de menção :

José Antonio Guerreiro, ministro do estado, no tempo de D. João VI.

O doutor Antonio Luiz Fetal Carneiro, que foi mais de 20 annos administrador do concelho de Caminha, e hoje é um distincto advogado em Braga.

É um cavalheiro illustrado e geralmente bem quisto, pelas nobres qualidades que o adornam.

Frei Paulo, provincial dos capuchos da observancia, grande lettrado e bom orador sagrado.

[1] Ainda na guerra civil denominada da *patuleia*, se formou em Lanhellas uma companhia de voluntarios populares, commandados por um tal Cavallaria, que deu que fazer ás tropas do governo de Lisboa.

Em Lanhellas nasceram varios homens de talento, conegos, abbades, beneficiados, doutores, prégadores, religiosos, clerigos, etc.

Ha n'esta freguezia, optimos officiaes de canteiro, que trabalham com distinção por varias e distantes terras do reino e pela Hespanha.

LANHEZES — villa extincta, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros ao O de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 230 fogos, 880 almas.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

Os Cyrnes, da casa do Paço, de Vianna, e os Rochas de Meixêdo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600$000 rs. de rendimento annual.

Faz-se n'esta freguezia muita e optima telha.

Ha vestigios de lavra de minas de estanho; e tambem de fortificações antigas.

Dizem alguns escriptores que era aqui o assento da antiquissima cidade lusitana chada *Lais* ou *cidade dos laisenses* (de que Lanhêzes é corrupção.)

Lais era a capital dos povos *turolicos*; mas *Abrahão Ortelio*, na sua carta geographica, a demarcou com o nome de *Aquae-Faae, Turodorum* (*Aguas Faias*, ou *Lunas*.)

Outros pretendem que esta cidade existiu entre as villas de Monção e Valladares o que é êrro, a dar credito a Ortélio.

LANHOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhôso, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 270 fogos. Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É muito fertil e tem gado e caça.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis annuaes.

Lanhoso é uma povoação antiquissima. Os romanos aqui construiram, sobre um acervo de penhascos bastante elevados, um inexpugnavel castello, do qual ainda existem os restos venerandos.

Na torre existiu uma lapide com esta inscripção:

CRASTINUS AEDIFICAVIT

Este Crastino foi general de Cesar, na conquista da Galliza. Pretendem alguns que d'este general procedem os Castros portuguezes e hespanhoes.

Outros dizem que Crastino não foi general, mas capitão, de Cesar, e que morreu na batalha de Pharsalia, sem em tempo algum ter vindo á Peninsula Iberica.

Ainda havia outra inscripção no castello, que tambem já não existe, nem Argote a traz copiada.

N'este castello residiu por muito tempo a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, emquanto governou Portugal, e d'aqui são datados muitos foraes que ella deu a diversas terras do reino, e varias doações.

Aqui foi cercada D. Thereza, em 1125, por sua irman, a rainha D. Urraca, mulher do conde D. Raymundo, a quem seu pae tinha dado o reino de Galliza. Depois de poucos dias de sitio, se reconciliaram as duas irmans, fazendo as pazes; do qne existe um documento authentico, chamado «*Tratado de Lanhoso.*»

Pretendem alguns escriptores, que D. Thereza, recusando entregar o governo de Portugal á seu filho, este se viu na necessidade de tomar as armas contra as tropas de sua mãe, sobre as quaes ganhou a victoria de S. Mamede (junto a Guimarães) em 1128, encerrando sua mãe no castello de Lanhoso. Este facto porém, é negado por os melhores historiadores, e estou convencido que D. Thereza, depois de exercer a soberania com a maior intelligencia, rectidão e solicitude, por espaço de 16 annos, entregou o governo expontaneamente a seu filho, que sempre a amou e respeitou muito, cumprindo as suas ordens, emquanto ella viveu, e ainda depois da sua morte, todas as disposições do seu testamento. (Vide Guimarães.)

—

Lanhoso foi villa, e D. Diniz lhe deu foral, em Coimbra, a 25 de setembro de 1292. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de janeiro de 1514.

Além do castello, ha ainda aqui rruinas de outras fortificações.

No castello ha duas capellas, a de S. Caetano e a de S. Payo. Ainda existe aqui uma vasta cisterna.

Ignora-se em que anno os romanos edificaram o castello de Lanhoso: sabe-se porém que foi quando se construiu a célebre *ponte do Porto*, proximo a Braga e a magestosa ponte de *Perozêllo.*

Estas pontes estavam construidas sobre a célebre *via militar romana* denominada *Geira* (Vide Geira) de que ainda ha restos magnificos; mas aquellas duas pontes estão ainda tão bem conservadas como se fossem feitas ha poucos annos.

Proximo d'esta freguezia, em varios sitios, ha restos de antigas fortalezas, e ficava perto a antiquissima cidade de *Citania.* (Vide Citania.)

Esta cidade, em que foi bispo S. Torquato, foi destruida pelo consul romano Decio Junio Bruto, no anno 135 de Jesus Christo.

Lanhoso foi muitos seculos capitatal do concelho do seu nome, hoje é uma freguezia do concelho da Povoa de Lanhoso, cuja capital é a villa d'este nome, na freguezia de Fonte Arcada.

—

Se o castello de Lanhoso foi construido quando se edificaram as duas pontes de que acima fallo, é certo que a sua fundação data do tempo do imperador romano Vespasiano, e pelos annos 75 de Jesus Christo, vindo por tanto a ter nada menos de 18 seculos de existencia.

Sendo seu alcaide-mór D. Rodrigo Gonçalves Pereira de Berrêdo, este lhe lançou fogo, por ciumes; damnificando-lhe a maior parte dos madeiramentos; mas sem em nada prejudicar a solida construcção de suas muralhas.

Largos annos decorreram até que um rico homem chamado André da Silva Machado, negociante da cidade do Porto (mas natural do logar de Valle de Mil, d'esta freguezia) pelos annos 1680, lhe desmantelou alguns reductos, bastiões, adarves e mais

obras de defeza e erigiu no cimo d'aquelles rochedos, da parte do sul, um templo de granito, abobadado, dedicado a Nossa Senhora do Pilar, com suas capellas exagonas, em frente: e outras nos angulos de uma verêda, que em *zigue-zague* desce pelo nascente até á raiz d'aquellas gigantescas penedias; terminando em uma capella octogona, dedicada ao Senhor do Horto.

Nas capellas estão representados, por figuras de tamanho natural, os *passos da paixão de Jesus Christo.*

A imagem de Nossa Senhora do Pilar, é em tudo cópia fiel da que se venera na egreja do mosteiro crusio da Serra do Pilar (Gaia.) A sua festividade não é a 15 de agosto, como a de Gaia; mas a 29 de junho, dia dos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

As cortinas ameiadas do castello e alguns dos seus cubêllos e bastiões ainda se conservam de pé, descobrindo-se a muitas leguas de distancia.

Do alto do vetusto castello e do adro do templo de Nossa Senhora do Pilar (ponto central do concelho) se gosa um bellissimo panorama. Ao sul, em baixo, e apenas a 500 ou 600 metros de distancia, se vê a villa da Povoa do Castello de Lanhoso, povoada pelos condes *Ozores*, por ordem de D. Diniz, em 1292; e que hoje tem progredido, não só devido á actividade de seus moradores, mas tambem á rede de estradas que possue para differentes direcções. Tem uns bons paços do concelho e uma bella ponte de cantaria sobre o ribeiro de Pontído, que a divide. É a mais bem situada villa que se encontra na estrada de Braga a Chaves.

São suas armas—escudo partido em pala, na 1.ª, as armas de Portugal; na 2.ª, em campo de púrpura, um castello de ouro, chammejante, sobre rocha de prata, tudo lavrado de preto. Por timbre, corôa mural de prata, com o castello por cima.

Do castello de Lanhoso, olhando para o E., termina a vista no elevado pico de S. Maméde, na aspera Serra da Cabreira e na longa *Cumiada dos Moroiços*; e mais abaixo, sobranceiro ao rio Ave, se vê, em sitio ameno e formosissimo, o magestoso santuario de Nossa Senhora do Porto de Ave.

Do mesmo ponto se avistam terras de 4 freguezias, tão antigas como a monarchia; que são: Mottas, Godinhos, Machados e Berrêdos; e mais a E., a egreja de Font'arcada. (Vide Font'Arcada.)

Pelo S., divide este concelho, o piscoso rio Ave; pelo N., o caudaloso Cávado; e pelo O. o Monte de S. Miguel e cordilheiras adjacentes. Pelo E. termina nos referidos Picos de S. Mamede e de Moroiços.

(O que faltar n'esta freguezia, procure-se em Font'Arcada e Póvoa de Lanhoso.)

Era no concelho de Lanhoso o solar dos *Mottas;* que traziam por armas, em campo verde, cinco flores de liz, de ouro, em aspa —capacete de prata, aberto, e por timbre uma flor de liz das armas; entre duas plumas verdes.

Outros usam—em campo verde, cinco flores de liz, de ouro, em aspa—elmo d'aço aberto, e por timbre, duas plumas verdes, guarnecidas de ouro, e entre ellas, uma das flores de liz das armas. (Vide Santo Estevão de Villa Chan.)

Motta, é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Ruy Gomes de Gondar da Motta, que viveu no reinado de D. Affonso II, e tomado da sua quinta da *Motta*, onde teve o seu solar, na freguezia de Santo Estevão de Villa Chan (Minho.)

LAPA e **EIREIRA**—vide Eireira e Lapa.

LAPA—villa extincta, Beira Alta, na freguezia de Quintella da Lapa, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Caría e Rua, até 1855, hoje concelho de Cernancêlhe, 35 kilometros a SE. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa.

Situada na penhascosa e desabrida serra da Lapa. N'ella está o santuario da Senhora da Lapa, muito frequentado, especialmente a 15 de agosto, que se faz aqui uma grande romaria.

No meio da capella-mór ha um enorme penedo, no qual está encaixado o altar da Senhora (e é por isso que se chama da *Lapa.*)

Consta que a origem d'este santuario é a seguinte:

Al-Mançor, rei, ou califa de Córdova, per-

seguidor feroz dos christãos, invadiu a Lusitania em 983, levando tudo a ferro e fogo. Assolou a maior parte do Minho, e as cidades de Viseu e Lamego, e todas as mais povoações por onde fez a sua passagem devastadora.

As freiras do convento de *Sesmiro* (hoje *Sermillo*) abandonaram o seu mosteiro, fugindo ás crueldades de Al-Mançor; mas, para que os mouros não commettessem algum sacrilegio a uma imagem da Virgem, que tinham em grande veneração, a esconderam entre umas brenhas. Al-Mançor, arrasou este mosteiro até aos seus fundamentos sem deixar pedra sobre pedra. Diz-se tambem que as freiras foram agarradas pelos mouros, que assassinaram umas e levaram outras captivas. No sitio onde foi o convento, ainda hoje existe uma ermida, chamada de Nossa Senhora do Mosteiro.

Desde 983 até 1498 esteve a imagem da Senhora escondida na lapa, e n'este ultimo anno, uma menina, muda de nascimento, chamada Joanna, do logar de Quintella, que fica a pouca distancia da lapa, andando a guardar o gado a seus paes, lembrou-se um dia de entrar na lapa, e alli achou a santa imagem, e a metteu na cêsta onde guardava as maçarocas. Era a imagem pequenina mas muito formosa, e a pastorinha, soberba do seu thesouro, a enfeitava como podia, com as mais bonitas flores que achava n'aquelles alcantis.

Quando á noite recolhia para casa, não fazia outra cousa senão vestir e despir a Senhora, até que sua mãe, aborrecida d'aquella insistencia da filha, lhe tirou a imagem das mãos e a arremessou á fogueira. Então a menina, tansida de horror, disse em voz clara e vibrante: «*Ta, não faça isso.*» A falla foi desde então restituida á pastorinha e sua mãe ficou com os braços e pernas sêccos.

Áos gritos das duas acudiram os visinhos, ficando todos pasmados d'estas maravilhas, e levando a Senhora para a sua Lapa, guiados por Joanna. Assim que a Senhora foi collocada no seu escondrijo de 515 annos logo a mãe da pastorinha adquiriu saude perfeita.

Alli coustruiram á Senhora um altar rustico, e a fama d'estes milagres em breve circulou por todas aquellas terras, affluindo á lapa numerosos romeiros, não só da Beira, Traz-os-Montes e Minho, mas até de Hespanha.

Com o producto das avultadas offertas se lhe fez uma vasta egreja, em cuja cappella-mór, da parte da Epistola, fica o altar da Senhora, que é uma lapa, formada por quatro grandes penedos, que parecem alli postos artificialmente e de proposito para isto.

A Senhora está collocada em um nicho, formado de jaspes de varias côres, em mosaico. É muito linda, tendo um rosto tão grave e magestoso, que infunde amor e adoração. É de roca, e tem 0m55 de altura.

Esta capella foi depois dos jesuitas, do collegio de Coimbra; mas o producto das esmolas e offertas, que eram muitas, se dividia em duas partes, uma para o tal collegio, outra para a Universidade.

Desde o Espirito Santo até outubro havia aqui uma constante concorrencia de romeiros: não assim de inverno, por causa da excessiva frialdade e escabrosidade do sitio. Hoje estão muito decadentes estas romarias.

Para o mosteiro de *Sesmiro*, vide *Sermillo*.

LAPAS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 115 kilometros ao NE. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O prior de S. Pedro, de Torres Novas, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e 6$500 réis em dinheiro.

LAPEDO—portuguez antigo—terreno penhascoso ou cheio de pedras, pedregulhal.

Do latim *lapis*—a lagem. D'aqui *Castrum Laporetum*, á actual villa de Castro Laboreiro.—*Lapella*, *Lapa*, etc.

LAPELLA—freguezia, Minho, commarca, concelho e 8 kilmetros ao O. de Monção, 60 ao NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada parte em planicie, na formosa e fertilissima margem esqnerda do rio Minho, e parte em montes, cobertos de frondosos arvoredos. O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

E' terra muito abundante de aguas, produzindo toda a qualidade de fructos do nosso clima e saudavel.

Mas o que faz célebre esta freguezia é a sua famosa torre que lhe deu o nome.

Junto ao rio tem um pequeno caes, um posto fiscal (dependente da alfandega de Valença) e uma barca de passagem para a Galliza.

E' perto d'este caes, e entre as casas que formam a pequena aldeia da *Torre*, que se vê a notavel *torre de Lapella*, edificada sobre uma grande lagem, de granito durissimo, e plana como uma eira. Medi-a em 1864, e tem 66 metros de alto, 22 delargo em cada face, e 3,^{m}11 de espessura a parede. E' perfeitamente quadrada, correspondendo cada um dos seus lados aos quatro pontos cardeaes. E' toda construida de pedras cubicas, sem cimento de qualidade alguma, e com as juntas perfeitamente unidas. As arestas estão tão vivas como se ainda hoje saissem de sob o cinzel; tal é a dureza e boa qualidade do granito. Ten ameias, cada uma formada por uma pedra cubica. Por tres lados não tem porta ou janella alguma, nem a minima fresta; só do lado que olha para o rio (N.) e a 10 metros da sua base, tem uma porta em ogiva, com uma pedra saliente (especie de balcão) a servir de *soleira*, mas não tem nem jamais teve escada para subir a ella, senão uma escada portatil de madeira. Sobre esta porta estão as armas de Portugal, *com 11 castellos*. Não tem data nem inscripção alguma.

No alto da torre, no cunhal ou angulo que olha para o E. cahiu um raio (disseram-me que em 1835) que apenas desconjunctou algumas pedras.

No alto da torre encarregaram-se os melros e outros passaros de semear um olival e alguns loureiros, cujo fructo tambem só elles colhem.

O interior da torre mostra ter tido 4 pavimentos ou andares (além do terreo) pelos *cachôrros* ou *descanços* que alli se vêem. (O que eu queria saber é d'onde lhe vinha a luz.)

Tanto externa como internamente, esta torre é perfeitamente lisa, sem o minimo ornato, apresentando uma superficie egual e plana por todos os lados. (Já se sabe—menos a tal porta e as armas.)

Este edificio singular, que não tem egual em todo o reino, era a *torre de menagem* de um lindo castello. Tanto este como aquella, foram mandados construir por D. Affonso Henriques, em 1130. Fez esta fortaleza *D. Lourenço d'Abreu*, senhor do couto e torre de Abreu, em Moruffe, e grande capitão, que combateu sempre ao lado do nosso primeiro rei, obrando prodigios de valor, sobretudo na batalha de *Valle de Vez*, em 1128

> Já disse que as armas de Portugal que se vêem sobre a porta da torre teem 11 castellos. Não são portanto as usadas por D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II. É claro que, ou a torre não foi concluida em 1130, nem durante estes 4 reinados, ou que as armas alli foram collocadas depois d'elles; o que me parece provavel.

Apesar dos seus sete seculos de existencia, e dos seus 297 palmos de altura lá está direito, bello de simplicidade, robusto e incolume este formoso gigante de granito, desafiando impávido a furia dos elementos, sem temer a acção corrosiva dos agentes atmosphericos.

Apesar de estar em uma baixa, vê-se a muitas leguas de distancia.

Consta que o castello que cercava esta torre era um primoroso specimen da architectura militar do seculo XII.

D. João V, que bastante curou da conservação dos nossos monumentos antigos (de certo mal informado) mandou demolir as muralhas e castello em 1706, para com os seus materiaes se fazerem as obras de defeza da praça de Monção, ficando só de pé

a torre, a que chamavam *Vara do Castello.*

Uns *illustrados* vereadores da camara de Monção quizeram em 1860, mandar demolir este venerando monumento; mas homens de juizo, se oppozeram tenazmente a esta barbaridade e poderam (por aquella vez) salvar a *torre da Lapella* dos vandalos do seculo XIX.

Os taes vereadores queriam a pedra da torre para fazerem calçadas em Monção!

Quanto á sua etymologia, vide *Lapêdo.*

Esta torre e o seu castello é cheia de recordações dos primeiros tempos da nossa monarchia.

Foi alcaide-mór d'este castello Vasco Gomes d'Abreu, (descendente de D. Lourenço de Abreu, fundador da fortaleza) senhor do couto de Abreu, em Valladares, tambem alcaide mór de Castro Laboreiro e Melgaço, nos reinados de D. João I. Seus descendentes foram depois senhores de Regalados. Seu 4.º neto, Leonel de Abreu, trocou o couto de Abreu, com o marquez de Villa Real, por 100$000 réis de juro.

Os Abreus possuiram algumas quintas e muitas propriedades e fóros n'esta ribeira; sendo a sua melhor propriedade a quinta da *Agra*, onde houve sete lagares, e se chegaram a colher mais de 200 pipas de vinho, afora cereaes, legumes, fructas e os fóros que lhe andavam annexos.

Desannexou-se tudo o que os Abreus tinham em Lapella, para o filho ssgundo desta familia, Lopo Gomes d'Abreu, capitão-mór das naus da India, que casou a primeira vez na Galliza com D. Thereza Annes de Moscoso, nascendo d'este casamento, D. Maria d'Abreu e Noronha, que casou com D. Fernando Annes de Soto-Maior, senhor da casa de Fornellos, visconde e depois conde de Crecente. (Galliza)

Um neto d'elles, marquez de Tenorio, vendeu toda esta grande casa, com todos os seus fóros e dependencias a D. João Manuel de Menezes, em 1684. São hoje seus descendentes e representantes, a sr.ª condessa da Ribeira, e suas tres irmãs e quatro irmãos, filhos do fallecido Sebastião de Castro Lemos de Magalhães eMenezes, e de sua mulher (tambem já fallecida) D. Emilia Antonia de Pamplona de Sousa Holstein, filha dos viscondes de Beire, irmã da actual sr.ª condessa de Rezende, e neta do marquez de Palmella (pae do primeiro duque d'este titulo).

A sr.ª condessa da Ribeira e seus irmãos, posto nascerem na quinta do Côvo, freguezia de S. Pedro de Villa Chan (junto a Oliveira d'Azemeis) são vulgarmente chamados —os *Castros, de Villa Nova da Cerveira,* por ser n'esta villa o seu solar.

A quinta da Agra ainda hoje é uma rica propriedade, com optima casa, construida de novo em 1862. Produz com abundancia todos os fructos do paiz. Tem lagar de vinho, dois alambiques de aguardente e é atravessada por um pequeno ribeiro, que a rega e faz na mesma quinta mover um *engenho* de serrar madeira e um moinho,,

É dependencia d'esta quinta o bello campo do Caes, sobre a esquerda do rio Minho, mas proximo da quinta, e tres prasos chamados da *Torre* por estarem em redor da célebre torre de Lapella. Tudo isto anda actualmente (desde 1862) emprazado.

Além d'estas propriedades são depemdencias da quinta, e propriedade da sr.ª condessa da Ribeira e seus irmãos, muitos fóros nas immediatas freguezias de *Lara, Taias, Troporiz* e *Pias.*

Tudo isto constituia um dos onze vinculos que foram annexados ao riquissimo morgado dos Castros, de Villa Nova da Cerveira.

A este de Lapella se chamava o vinculo dos Abreus.

É curiosa uma das clausulas da instituição do vinculo de Lapella. Diz assim:

«Todos os administradores d'este vinculo serão obrigados a assignar-se *Abreu.* O primeiro que desprezar este nobre appellido, perderá o morgado, que passará logo aos Abreus de Valladares, os quaes darão o quinto do valor do vinculo, assim perdido, ao denunciante.»

Se esta condição valesse, já ha mais de cem annos que os Castros, do Covo, tinham perdido tudo o que teem em Lapella, porque desde o fim do seculo XVII, que deixaram o appellido d'Abreu.

LAPÕES — Beira Baixa, grande nascente d'agua na serra da Estrella, no sitio dos *Covões do Bixo*, na extremidade dos concelhos de Gouveia e Manteigas.

É d'esta nascente que tem a sua origem o Mondego.

LÁRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 12 ao ENE. de Vallença, 4 ao S. do rio Minho, 150 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era do real padroado, porque em 1308, sendo do bispo de Tuy, D. João Fernandes de Sotto Maior, este a deu ao nosso rei D. Diniz, em troca de outras propriedades. Depois passou a ser vigariaria das freiras de Sant'Anna, de Vianna do Minho, que apresentavam o reitor, collado, o qual tinha cento e cincoenta mil réis annuaes.

Dizem que o nome lhe vem do conde *D. Alvaro Nunes de Lára*, que aqui fizera novo solar, por concessão de D. Affonso II, *o Gordo*, em premio da sua bravura na batalha de Navas de Tolosa, sendo então, o conde, alferes do rei D. Affonso, de Castella, sogro do nosso, que o fôra ajudar com uma divisão de portuguezes. N'esta batalha (que teve logar em 16 de julho de 1212) entraram tambem, em ajuda do rei de Castella, os de Navarra e Aragão, com as suas tropas.

D. Alvaro Nunes, se appellidava de *Lara*, por ser senhor da cidade d'este nome, na Castella Velha.

—

Lara é um dos mais nobres appellidos de Portugal, tomado da cidade que já disse.

O primeiro que se vê com elle em Portugal, é o referido D. Alvaro Nunes. Têem os Laras por armas — em campo de púrpura, duas caldeiras em pala, xadrezadas de ouro e negro, com oito cabeças de serpe, de verde, salpicados de ouro, quatro em cada pegado das asas das caldeiras, duas para dentro e duas para fóra.

Outros Laras usam das armas seguintes: — em campo de prata, duas caldeiras, de negro, em pala, com bocaes de ouro; timbre, meio gallo de prata, malhado de negro, com coleira de púrpura guarnecida de ouro e a bocca aberta.

LARANGEIRAS (quinta das) — Extremadura, arrabaldes de Lisboa, 5 kilometros ao NO. do Terreiro do Paço, na estrada de Bemfica.

Foi fundada esta sumptuosissima propriedade, logo depois do terramoto do 1.º de novembro de 1755, pelo 1.º barão de Quintella, pae do 2.º barão de Quintella e 1.º conde do Farrobo, e avô do actual sr. conde do Farrobo, 2.º d'este titulo.

O risco do palacio e planta da quinta e jardins, foi feito pelo padre Bartholomeu Quintella, da congregação do oratorio, e tio do fundador; mas as mais grandiosas obras d'esta quinta foram feitas pelo infeliz Joaquim Pedro de Quintella, 2.º conde do Farrobo e pae do actual.

O palacio é magnifico e suas vastas salas são decoradas com magnificencia. Tinha uma grande collecção de quadros, de famosos auctores, nacionaes e estrangeiros, e muitos objectos d'arte, de grande merecimento.

Tinha um bellissimo theatro, decorado com magnificencia, assim como salão de baile e mais camarins que o cercam.

Este edificio foi o primeiro que em Portugal se illuminou a gaz. (Não sei quando aqui se construiu o gazometro, mas é certo que em 1833, já o tinha e eu o vi).

O theatro ardeu em 1863, mas foi logo reconstruido.

Na quinta ha diversos jardins, um labyrinto, estufas, lagos, de differentes tamanhos e feitios, jogos de cadeiras e de cavallos, e teve casas de animaes ferozes, e um grande viveiro de aves de recreio; um chalet suisso, no centro de um pequeno bosque; varias estatuas, bustos, vasos de marmore e outras curiosidades; tendo sobre a estrada de Bemfica, no muro O. da quinta, uma bella entrada, adornada de dois formosos pavilhões, com columnas e estatuas de marmore, ficando-lhe em frente uma larga e extensa rua, orlada de copado arvoredo, tendo um famoso obelisco de marmore branco e côr de rosa.

A estrada do lado do E., deita para a es-

rada da Luz, Telheiras, Carnide, etc. É d'este lado o palacio, theatro e mais officinas. Tem magnificos porticos de gradaria de ferro.

—

O sr. duque de Abrantes e Liñares (fidalgo hespanhol) comprou, em hasta publica, em 1874, esta principesca propriedade, que anda restaurando com magnificencia.

Para se saber a razão porque a casa Farrobo, uma das melhores e mais ricas de Portugal, foi anniquilada, vide *Historia Chronologica de Portugal*, no fim d'este Diccionario.

O sr. duque de Liñares, comprou, tambem em 1874, o palacio do sr. infante D. Sebastião, á Junqueira, em Belem.

LARANJO—Douro, sinuosidade da ria de Aveiro. Tem 1:500 metros de comprido e 500 de largo; n'ella desagua o rio Antuan e algumas ribeiras. Vide Ria.

LARDOSA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario das Soalheiras, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LARIM—antiga villa, Minho, tambem chamada *Villa Verde*, na extincta comarca de Pico de Regalados, hoje Villa Verde. Ha muitos annos que a villá de Larim foi encorporada na de Villa Chan, hoje dita de *Villa Chan e Larim* ou *Villa Verde*, tendo a freguezia 200 fogos. (Vide Villa Chan e Larim).

Larim chamava-se antigamente *Lalim*, e era julgado. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 6 de outubro de 1514. Dá-lhe ainda o nome de *Lalim*. Este foral serve para Duas Egrejas, S. Payo e Santa Ovaya.

Está situada junto ao rio Cávado, em Terras de Bouro, entre Regalados e Villa Chan.

Aqui vivia e era senhora d'esta villa, a riquissima *D. Flamula* (ou Chama) senhora tambem de outras muitas villas e castellos. Era sobrinha da celebre condessa, *D. Mumma Domna*, senhora de Guimarães e fundadora do mosteiro de S. Mamede. Esta senhora era tia, e aquella sobrinha, de D. Ramiro II, de Leão.

Em 960, estando *D. Flamula* muito doente, prometteu, se escapasse, fazer-se religiosa, ou *Deo-vota*, e se fez logo d'aqui conduzir a Guimarães, onde distribuiu os seus muitos bens de raiz, ouro, prata, metaes, escravos, villas, castellos, bestas, gados, joias, etc., por varios mosteiros e egrejas, e se fez freira no convento que sua tia fundára.

(Para a etymologia, vide Lalim).

Ja se vê que esta povoação é antiquissima, pelo menos do tempo dos arabes, que lhe deram o nome.

Na Persia ha a cidade de *Larim*, onde se cunhava uma pequena moeda de prata, que por isso os portuguezes lhe chamavam (á tal moeda) *larim*. Valia 60 réis da nossa moeda. (*Itiner.* de Antonio Tenreiro, cap. 3.º, pag. 360).

LARINHO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 385 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor da Torre de Moncorvo, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

LAROUCO — serra, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, districto administrativo de Villa Real, situada 6 kilometros ao NE. da villa de Montalegre.

Eleva-se a grande altura, em fórma quasi pyramidal, encadeia-se a NE. com as montanhas, que dividem o valle de Sales dos campos da Gironda, em Galliza; e a O. com a cordilheira da Arandella, Vidoeiro, serras de Mourilhe e Mourella, servindo o cume d'esta cordilheira de linha divisoria dos reinos de Portugal e Galliza, excepto a freguezia de Tourem, que fica da parte do norte, encravada no territorio da Galliza. Acaba pegando com a ponta boreal da serra do Gerez, no sitio de Fonte Fria. Fórma para a parte SO. um segundo monte menos elevado, a que chamam pequeno Larouco.

Do cume d'esta serra gosa-se umas extensissimas vistas, tanto para a parte de Portugal, como para a da Galliza, nada inferiores ás que se gozam do môrro do Borragueiro, na serra do Gerez.

No mais alto ponto d'esta serra (Larouco) encontra-se para o lado NE. uma nascente de agua, que juntamente com outras que brotam nas faldas d'esta mesma serra, dão origem, pelo E. ao rio Tamega, braço consideravel do Douro, pelo S. ao Cávado e pelo N. ao Lima.

Seu cume é quasi desnudado, e no inverno está quasi sempre coberto de neve ou nevoeiro. Suas encostas têem muitas florestas, que fornecem lenha ás povoações situadas nas suas bases, bem como á villa de Montalegre.

Estas montanhas criam lobos, javalis, rapozas, veados e coelhos; e as suas faldas, bem como a Mourella, muitas e boas perdizes.

Havia, segundo Morales, n'esta montanha um templo dedicada a Jupiter.

Os romanos chamavam a esta serra *Monte Ladico;* e já no tempo dos suevos, fazia um ponto de demarcação da diocese bracharense, feita no concilio de Lugo por o rei Theodomiro e S. Martinho de Dume.

LASENHO — monte, Traz-os-Montes, comarca de Mont'alegre, concelho de Boticas. Este môrro é um cabeço dos mais notaveis, que forma a serra das Alturas em um ramo ou bráço, que se estende na direcção sul da mesma serra. Está o monte, ou picoto situado junto á povoação de Campos, aldeia da freguezia de Covas de Barroso: é da forma d'uma pyramide conica e inaccessivel pelo S e O. por ser muito alto e escabroso; e pelo N. e E. pode facilmente subir-se até seu cume, onde existe uma planicie circumdada por primeira segunda e terceira ordem de muralhas, cujos alicerses se conhecem ainda.

D'aqui foram extrahidos dois toscos bustos de guerreiros, e de ali condusidos para o adro da egreja matriz de Santa Maria de Covas, onde permaneceram por mais de 100 annos, até que, por ordem de Miguel Pereira, juiz de fóra de Mont'alegre, foram transportados para Lisboa pelos annos de 1782.

Existem actualmente, proximo de um dos lagos do jardim do palacio d'Ajuda collocados aos lados da porta que dá entrada para o terreiro.

Alguns attribuem estas estatuas aos phenicios, outros querem que sejam dos antigos lusitanos e outros dos romanos.

LATITO — monte, Minho, a que hoje se chama *Monte Largo*, e incluia outro a que se chama agora *Monte de Santa Maria*, tudo proximo á cidade de Guimarães.

Trata d'este monte o livro de *Mumadona*, que existe na collegiada de Nossa Senhora de Guimarães. Vide esta cidade.

LAUDOMANES, NORMANDOS, LORMANOS, LEODOMANOS, NORMÃOS, e **LOTHOMANOS** — Eram os povos de Dinamarca, que depois de varias fortunas, se estabeleceram em França, na provincia a que deram o seu nome —Normandia.

Os nossos antigos escriptores lhes chamam *pagãos*; porque, ainda que parte d'elles se fizeram christãos em 900, a maior parte permaneceu ainda muitos annos no paganismo.

Em 961, começaram a infestar as costas de Portugal e Galliza, captivando, saqueando e assolando tudo.

Pouco tempo depois, voltaram em uma grande armada, e, saltando em terra, fizeram grandes e horrorosos damnos, até que S. Rosendo (que então era governador do bispado de Compostella) juntando um poderoso exercito, os destruiu e afugentou; mas elles tornavam, atacando, de surpreza, varios pontos no litoral, e ainda pela terra dentro, continuando nas suas depredações e barbaridades.

Em 968, a condessa D.ª Mumma Domna, deu o seu castello de S. Maméde, de Guimarães, ao mosteiro d'esta povoação, para que os moradores d'ella n'elle se abrigassem das repetidas invasões dos normandos e gascões.

N'esse mesmo anno de 968, desembarcaram elles na Galliza e saquearam Compostella, tendo antes derrotado e morto o seu bispo D. Sesnando; mas, quando estavam para embarcar-se, com um grande e preciosisimo despojo, cahiu sobre elles d'improvi-

so, o conde D. Gonçalo Sanches, com grande numero de gente, matando ou prisionando todos, *sem escapar um só!* Recuperou-se tudo quanto elles tinham roubado.

Depois d'isto, continuaram as suas piratarias, não com tropas de desembarque mas em pequenos vasos, ou barcos, roubando e captivando o que podiam e admittindo resgate, das pessoas que cahiam em seu poder

Abraçando a religião christan, pelos annos mil de Jesus Christo, se fizeram amigos dos peninsulares, e ajudaram, em 1032, o conde D. Rodrigo Romariz, na expugnação do castello da *Pena* ou *Alpe-de-Lapio*, onde se tinham rebelado e feito fortes, os vascões da Galliza.

LAUNDOS—freguezia, Douro, concelho da Póvoa de Varzim, comarca de Villa do Conde, 30 kilometros ao N. do Porto, 30 ao O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

E' terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis annuaes.

LAVACOLLOS ou **LAVA-CÓLHOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago Santo Amaro.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Castellejo apresentava o cura, que tinha 9$500 réis de congrua e o pé d'altar.

LAVADÔRES—grande aldeia, Douro, na freguezia de Santo André de Canidello, concelho e 8 kilometros a OSO. de Gaia, proximo da esquerda do Douro e em frente da sua barra (por isso tambem á freguezia se chama de *Santo André da Barra*).

LAVANDEIRA D'ANCIÃES—freguezia, Tras-os-Montes, comarca da Torre de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anciães, 120 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano.*

LAVANDEIRA—pequeno rio, Douro, nasce proximo da Feira, passa aqui pelo meio d'esta villa, onde tem uma ponte e um pontão de pedra, e em Ovar entra na ria de Aveiro. (Vide Ovar e Feira)

LAVANDEIRA—pequeno rio, Alemtejo. Pássa á villa de Moura, e desagúa na direita do Guadiana.

Ha em Portugal grande numero de aldeias e ribeiros d'este nome, que por insignificantes não merecem mencionar-se. Todas as aldeias chamadas *Lavandeira* tem proximo um ribeiro ou um regato.

LAVEGADAS ou **LAVEGADOS** ou **LILEVEGADAS**—freguezia, Douro, concelho de Poiares, comarca da Louzan, 24 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa; 100 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. José.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra apresentava annualmente o cura, que tinha 60$000 réis annuaes.

LAVEIRAS e **CAXÍAS**—povoações da Estremadura, arrabalde e termo de Lisboa, freguezia de Carnaxide, concelho de Oeiras. *Laveiras* fica perto de *Caxias*, e tem 60 fogos.

Em Caxias ha um palacio real, e junto a elle uma ponte de pedra, feita em 1818, pela camara de Lisboa. (Vide Cruz Quebrada.)

Em Laveiras ha o forte de S. Bruno. Ao E. está o convento de cartuxos (S. Bruno) fundado por D. Simôa Godinho pelos annos 1595. Ella está enterrada na Misericordia de Lisboa. Este convento está por detraz da quinta real de Caxias. Era um vasto edificio, todo de cantaria.

Dava-se a este convento o titulo de *Vallis Misericordiæ.*

D. Simôa Godinho era preta, mas de origem nobre. Nasceu na ilha de S. Thomé, e era riquissima. Casou com um fidalgo portuguez, do qual ficou viuva e sem filhos. Dis-

pendeu todas as suas riquezas em obras pias.

Foi fundadora da capella do Santissimo Sacramento, na antiga egreja da Misericordia de Lisboa (agora a capella-mór da egreja da Conceição Velha).

Tendo-se arruinado e sendo pequena a egreja de Laveiras em 1736, reinando D. João V, resolveram os frades edificar nova egreja, cujas obras começaram sendo prior da ordem D. Luiz de Brito, e foram feitas por esmolas, concorrendo o rei com grandes sommas e valiosos donativos.

O claustro foi mandado fazer pelo cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa.

Depois da extincção das ordens religiosas, foi vendido este convento e em seguida demolido em muitas partes. A egreja foi despojada de todas as suas imagens, adornos e alfaias, entre isto, os magnificos quadros de S. Bruno, pintados pelo nosso famoso Sequeira, e que existem actualmente na academia das bellas artes de Lisboa. A egreja está profanada, mas ainda não foi demolida.

A regra dos monges cartuxos de S. Bruno, era uma das mais austeras. Ainda alli se vêem as cellas onde os religiosos faziam vida solitaria e contemplativa. Cada cella continha tres quartos, todos pequenos, com um hortosinho em que havia uma fonte d'agua corrente. Os jardins eram, no tempo dos monges, separados por altos muros, pois não era permittido aos religiosos conversarem, nem vêr-se, fóra dos actos da communidade, apenas nas quatro festas do anno se podiam reunir e conversar, certas e determinadas horas.

Não recebiam visitas senão do procurador geral, ou do prior, e só para negocios da ordem. Cada um comia na sua cella, onde não entravam criados ou outra qualquer pessoa, além do medico, em caso urgente. Recebiam a comida, ou o mais de que necessitavam, por uma roda (como as das freiras) sem verem a pessoa que lh'a levava.

Nunca comiam carne, nem ainda nas mais graves molestias, nas quaes se sustentavam com caldos de kagado, para o que tinham na cêrca um grande viveiro d'elles, em um tanque muito vasto.

A ordem dos cartuxos de S. Bruno, foi instituida em 1084, por S. Bruno, natural da cidade de Colonia, em um deserto de Grenoble (França) chamado *Cartouche*, d'onde a ordem traz o titulo.

Foi introduzida esta ordem em Portugal pelo arcebispo d'Evora, D. Theotonio de Bragança, filho de D. Jayme, 4.º duque de Bragança, em 1587, fundando para esse fim o convento de *Scala Dei*, junto á cidade de Evora.

Não havia em Portugal senão o convento de Laveiras e o d'Evora, d'esta ordem.

Tinham um hospicio em Lisboa.

Para a Cartuxa d'Evora, vide o 2.º volume, pag. 130.

—

Caxias é uma povoação de 40 fogos, em situação muito aprasivel, junto á margem direita do Tejo, na extremidade de um valle, onde desagua a ribeira de Barcarena. Logo á entrada da povoação está uma bonita casa de campo, com seu jardim, que é propriedade do sr. visconde de Porto Côvo. Onde finda o logar, principia a quinta real e paço de Caxias; correndo pela frente a estrada de Cascaes e as praias do Tejo com o forte de S. Bruno, que foi construido por ordem de D. Affonso VI, pelos annos 1660, e fazia parte das fortificações de Lisboa. É apenas um *fortim*, edificado sobre rochedos, cercado de areal; mas quando se construiu era cercado de agua, onde na maré cheia, chegavam os barcos maiores até ás muralhas do forte, e na vasante as lanchas, e ficando na baixamar unido á terra apenas por um banco d'areia.

O palacio e quinta de Caxias, são da casa do infantado, e estão desde 1834 encorporados nos bens da corôa.

O palacio, que é de dimenções acanhadas, foi principiado pelo infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, que tambem mandou fazer a plantação e obras d'arte, da quinta. Morreu D. Francisco, em 1742, ficando as obras incompletas, e se concluiram por ordem do infante D. Pedro, filho de D. João V, logo que, por sentença judicial, entrou na posse da casa do infantado, que seu tio, o

infante D. Antonio, lhe disputou encarniçadamente, perante os tribunaes.

O dito infante D. Pedro (depois rei, terceiro do nome) e sua mulher, a rainha D. Maria I, hiam algumas vezes jantar no verão e passar o dia a Caxias. D. João VI tambem fazia o mesmo, com suas filhas.

Desde a morte de D. João VI (1826) esteve o palacio e quinta de Caxias abandonados, até 1832, em que o foi habitar o senhor D. Miguel I, que alli passou alguns mezes.

Depois de 1834, serviu alguns annos de residencia de verão á ex-imperatriz do Brasil.

Por morte do senhor D. Pedro V, foi residir algum tempo para Caxias o senhor D. Luiz I, antes de hir habitar o palacio da Ajuda.

—

Não corresponde o paço á quinta de Caxias; porque esta é grande, e contém grandiosas obras d'arte. É em parte plana e em parte montuosa. Na planicie estão jardins, pomares e ruas de bosque; e nos montes cultivam-se cereaes, o que lhes dá, depois das ceifas, um aspecto árido e desagradavel.

O jardim principal, posto ser feito no gosto do seculo passado, e a sua soberba cascata, são bellos e magestosos.

Este jardim é o maior de Portugal, e é cercado em parte, por dois lados, de altas paredes de verdura, com varios nichos, ornados de estatuas.

No centro tem cinco bellos lagos de marmore, e ao fundo d'elle, ergue-se, em toda a sua largura, a sumptuosa cascata, com suas galerias lateraes, cujo monumento dá celebridade a esta quinta, e com justo fundamento, pois é a maior e mais sumptuosa do reino, e poucas haverá no estrangeiro que a excedam em grandeza e magestade.

LAVIADOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 25 fogos em 1757.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Babe apresentava o cura, que tinha 7$500 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa desde o principio do seculo XIX á de Babe. Para o mais que d'aqui se pretenda saber, vide pag. 305 do 1.º volume.

LAVIORTO — rio, Traz-os-Montes. Corria ao sopé do monte *Bastuço*, junto á villa do Paço, e pela falda do monte *Castro Maximo*, junto a Villa Pouca, e do monte de S. Mamede. Fazem menção d'este rio, diversas doações do tempo da anarchia, que existem no *Livro Fidei*.

Este Castro Maximo, parece-me que é o célebre castello de S. Mamede. Vide *Pontido*.

LAVOS — villa, Douro, comarca e concelho da Figueira, 40 kilometros ao O. de Coimbra, 160 ao N. de Lisboa, 1:000 fogos, 4:000 almas. Até 1855 era concelho, com 2:000 fogos, pertencente á comarca de Soure.

Em 1757 tinha 422 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Dá-se o nome de *Lavos* á povoação do Porto de Lavos e ás visinhas, situadas em seguida umas das outras, na pequena collina, que se levanta além dos areaes ao S. do *Cabedêllo*, e na distancia de 6 kilometros ao S. da Figueira da Foz, e 40 ao O. de Coimbra, e 12 ao N. da villa do Louriçal. O territorio do seu extincto concelho, termina ao O. pelo mar, ao N. por um braço do Mondego, que hoje está tapado, ao Pontão, que o separava do concelho da Figueira—ao E. pelo rio do Louriçal e ao S. com o concelho do Louriçal (tambem hoje extincto).

A povoação de Lavos é insalubre e de verão e sujeita a febres intermitentes.

É terra fertil em cereaes, e tem marinhas de sal na *Murraceira*. Vide *Murraceira*.

Situada na esquerda do Mondego, e defronte da Figueira da Foz.

Foi couto e depois concelho muito antigo. (Este concelho era formado só por duas freguezias, esta e Paião).

D. Affonso II lhe deu foral, em janeiro de 1217. N'elle se lhe dá o nome de *Lavos da Marinha*. D. Manuel lhe deu novo foral, em Evora, a 20 de dezembro de 1519. Este foral lhe dá o nome de *Lávãos*, que é a povoação primittiva, que existiu em sitio mais baixo,

e cujos moradores, destruida esta, pelas areias do mar, se acolheram ao sitio mais alto, onde hoje é *Porto de Lavos*, que d'aquella povoação tomou o nome.

A primeira egreja matriz estava no sitio hoje chamado Tojal. Foi mudada para a povoação de Santa Luzia.

Lavos pertencia antigamente ao districto de Monte-Mór-Velho. Creada a comarca da Figueira, por D. José I, a 12 de março de 1771, ficou Lagos desmembrada de Monte-Mór-Velho e formando parte da nova comarca da Figueira. Depois foi elevada a concelho, e passou para a comarca de Soure, e, sendo supprimido o concelho em 1855, ficou pertencendo á comarca e concelho da Figueira da Foz.

As areias da praia, impellidas pelos ventos, têem avançado muito sobre a terra, desde o Mondego até ao Liz; e Lavos é que mais tem soffrido com esta invasão.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis annuaes.

—

Em abril de 1873, morreu n'esta freguezia um homem de 108 annos de edade. Se não fosse a miseria em que vivia, de certo duraria ainda mais tempo.

Poucos dias depois d'elle, tambem aqui falleceu uma mulher com 114 annos de edade. Já todos julgavam que tinha esquecido á morte.

N'estas praias desembarcaram, em 1808, a maior parte das tropas inglezas, que com Beresford e Wellesley, nos vieram ajudar a expulsar da peninsula as hordas de Buonaparte.

—

Houve n'este concelho um mosteiro de monges de Cister (bernardos) denominado de Santa Maria de Ceiça. (Vide Ceiça, Santa Maria de, a pag. 226, col. 2.ª, do 2.º vol.)

Pela extincção das ordens religiosas em 1834, foi vendido o edificio do mosteiro, cêrca e outras propriedades que lhe pertenciam. A egreja, a sachristia do convento e a matta, ainda estão por vender.

—

Os povos d'esta freguezia empregam-se quasi exclusivamente na fabricação de sal, cultura das vinhas, na pesca, nos viveiros das marinhas, e nas costas de Lavos, Leirosa e Cóva.

Na povoação de Carvalhaes, ha muitos ferreiros, serralheiros e pregueiros, cujos artefactos exportam em grande quantidade para fóra do concelho. Tambem exportam bastantes madeiras.

LAVRA — (portuguez antigo) leira, terra lavradía, lavoura.

LAVRA (S. Salvador de)—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 18 kilometros ao O. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bispo e o abbade benedictino do mosteiro de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 200$000 réis annuaes.

Fica proximo de Mattosinhos.

Situada em planicie, na costa do Atlantico.

Diz-se que foi fundada por gregos da Tracia, habitantes das margens do rio *Axio*, e por os lusitanos, 600 (outros dizem 372) annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Lávara*. Quaesquer que fossem os seus fundadores, e fosse qual fosse a data da sua fundação, é certo que é povoação antiquissima.

Houve aqui um antiquissimo convento *duplex* (de ambos os sexos) da Ordem de S. Bento, fundado no tempo dos suevos. Chamava-se *mosteiro de S. Salvador de Labra*. Em 897, doou *D. Gundezindo* a este mosteiro *fundato ab antiquo in ripa maris* (no qual sua filha *Adosinda* se tinha feito religiosa) muitas egrejas, e entre ellas *Santa Eulalia de Gondemar*, *S. Pedro de Kauso* e *S. Martinho de Vallongo*, *Sever do Vouga*, *Varzea de Carvoeiro*, *Bigas e Esmoriz*.

N'esta doação (que era muito grande) se diz que *D. Gundezindo* era filho de *Ero*, e casára com *Enderquina Pala*, filha do capitão *Mendo* (ou Mem) *Guterres*, da qual teve estes filhos *Sueiro*, *Ermisinda*, *Adosinda* e *Froilo*, e que esta *(Froilo)* nascera tão aleijada, que se não podia sentar; o que, attribuindo seus paes a castigo das suas culpas,

libertaram seus escravos e separaram a quinta parte dos seus muitos bens, com que fundaram e largamente dotaram, tres conventos, nas suas proprias terras, a saber: — o de *S. Miguel archanjo e seus companheiros, em Azevedo* (freguezia das Caldas de S. Jorge, no concelho da Feira) — o de *S. Christovão e seus companheiros, em Sanganhêdo* (hoje Sanguedo ou Terreiro, tambem no concelho da Feira) *onde havia uma antiga egreja de Santa Eolalia; ambas entre Vouga e Douro* — e o de *S. Pedro de Dide, entre Douro e Tamega. Os quaes entregaram ao abbade Dom Desterigo, para que n'elles fosse religiosa sua filha Froilo, debaixo da obediencia da abbadessa D. Gelvira, dando-lhe 100 escravos fôrros. entre homens e mulheres, para que a servissem em quanto fosse viva. E que, ficando vivo Gundezindo, elle e sua filha Adosinda, fundaram o mosteiro de S. Martinho d'Avintes. Esta Adosinda se metteu depois freira em Lavra.* (Documento da Universidade de Coimbra).

Entre esta freguezia e a de Perafita, está o logar de *Arenosa de Pampellido*, e proximo ha um pequeno porto ou *varadouro*, ao qual pelo muito contrabando (de importação e exportação) que n'elle se fazia, e porque *aqui costumavam desembarcar os normandos e gascões, que vinham saquear as terras de Portugal e captivar seus habitantes*, se tinha ha talvez mil annos, posto o nome de *Praia dos Ladrões*. Este nome não é só o povo que lh'o dá, já em escripturas, doações e outros documentos authenticos muito antigos, se lhe dá este nome official; assim como em antigas demarcações.

Foi n'este porto que o ex-imperador do Brasil, o senhor D. Pedro desembarcou, em 8 de julho de 1832, com a sua tropa, composta de 3:500 portuguezes e 4:000 estrangeiros.

LAVRADAS — freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros a ONO. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis. Foi commenda da Ordem de Christo.

Está aqui o paço que foi de D. Rodrigo Taveira, o qual o deu a sua filha, D. Brites Taveira, para casar com Lopo da Costa, entrando n'esta familia a dos Almeidas Laborões.

Para a familia dos Taveiras e suas armas, vide Vianna do Lima.

LAVRADÍO — villa, Alemtejo, comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo, foi do concelho de Alhos Vedros, sendo este concelho supprimido em 24 de outubro de 1855, passou a ser do concelho do Barreiro, 15 kilometros ao SE. de Lisboa, 170 fogos, 800 almas. Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Santa Margarida.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É a segunda estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Situada em planicie, fertil, sobrettudo em optimo vinho, gado, caça e peixe do Tejo. Está entre o Barreiro e Alhos Vedros.

Tinha um convento de frades arrrabidos, no logar da *Verderêna*.

Esta freguezia foi antigamente priorado da Ordem de S. Thiago, que o rei D. Pedro II deu a Luiz de Mendonça Furtado, e por sua morte, sem successão, passou para a corôa.

Tinha uma companhia de ordenanças, com seu capitão.

—

D. Pedro II elevou a povoação do Lavradio á cathegoria de villa, em 1670, em attenção á supplica do dito Luiz de Mendonça Furtado, vice-rei da India, ao qual o rei fez n'esse anno conde do Lavradio.

Era este vice-rei natural do Lavraddío, nascido em uma quinta de seus paes, qque está junto á fonte da villa.

No mesmo anno de 1670, por provvisão do desembargo do paço, para o corregedor de Setubal, Valentim Gregorio de Rézende, veio este ao Lavradio pôr justiças e fazer a primeira vereação.

Morrendo Luiz de Mendonça, na viagem de regresso da India, ficou o Lavradio com pelourinho e honras de villa, sem nunca chegar a ser concelho independente. Nunca teve termo.

Tem marquez. O primeiro marquez do Lavradio (feito por D. João V, em 17 de julho de 1725) foi D. Antonio d'Almeida Soares Portugal, que era conde d'Avintes. O primeiro conde d'Avintes, foi D. Luiz d'Almeida, por D. Affonso VI, em 17 de fevereiro de 1664. Os marquezes do Lavradio, são tambem, ainda hoje, condes d'Avintes.

Os liberaes deram o titulo de *conde de Lavradio*, ao irmão segundo do actual marquez.

Tanto o sr. marquez (que é realista) como o sr. conde (que é liberal) são cavalheiros da maior bondade e honradez, e de uma não vulgar illustração. O sr. conde foi por muitos annos embaixador de Portugal, em Londres, e morreu ha dois ou tres annos. Tambem morreu a sua viuva. Não tiveram filhos d'este casamento.

—

Portugal é um dos mais nobres appellidos d'este reino. Procede da casa de Bragança, sendo o primeiro que o tomou, D. Affonso de Portugal; suas armas são: — em campo de prata, aspa vermelha, carregada de cinco escudinhos das quinas reaes, sem a orla dos castellos, e de quatro cruzes de prata, floreadas, e vasias do campo, que são as dos Pereiras. Timbre, meio cavallo, de prata, bridado de ouro, com redeas de púrpura e tres lançadas em sangue, no pescoço.

Outros d'este appellido, trazem por armas — em campo de púrpura, seis besantes de prata, entre uma doble cruz, com bordadura de ouro. (São as armas dos Mellos).

As armas dos Almeidas, são: — escudo enxequetado de prata e azul, alternativamente, timbre, um meio bufalo da sua côr, enxequetado de prata.

—

Na villa do Lavradío tinham os conegos de S. João Evangelista (loyos) de Lisboa, uma quinta de grande rendimento, com muitas vinhas e grandes marinhas.

Foi-lhes dada por Martim Esteves Curvo, conego de Evora, e depois de Lisboa (primo do célebre arcebispo de Lisboa, D. Martim Jardo) fundador d'este convento.

Nas casas da quinta, que parecem um grande convento e ficam no meio da villa, havia uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Piedade, onde se via a imagem da padroeira, em relevo, em pedra, com seu filho morto nos braços.

Havia tambem n'esta capella a devota imagem de Nossa Senhora do Bom Successo, de róca, de 0m90 de altura.

Antigamente se lhe fazia uma esplendida festa, com muito fogo e barricas de alcatrão ardendo, na vespera. Os proprios frades foram deixando de concorrer com as offertas do costume para esta solemnidade, que por fim veio a acabar ainda no tempo d'elles.

As casas e uma horta annexa foram vendidas, depois de 1834, a Joaquim José. A capella foi profanada e está reduzida a pombal.

—

A familia dos srs. marquezes de Lavradio é das mais illustres do reino. Teve principio em Payo Guterres, esforçado cavalleiro de D. Sancho I, ao qual, por ter tomado aos mouros a praça de Almeida, appellidaram o *Almeidão*. Era filho de Soeiro Paes e neto de Pelayo Amato, fidalgo da côrte do conde D. Henrique (pae de D. Affonso I) e seu amigo e companheiro.

Teem os srs. marquezes de Lavravío a honra de contar entre os seus nobilissimos ascendentes, o grande D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India.

A sr.ª D. Eugenia de Almeida, irman do sr. marquez do Lavradío, foi casada com o sr. D. Francisco de Mello, 2.º conde e 5.º senhor de Ficalho. Foi feita marqueza d'este titulo; e, em 14 de maio de 1836, duqueza, em sua vida. Veio pois a ser 2.ª condessa, 2.ª marqueza e 1.ª duqueza de Ficalho. Por sua morte, acabou o ducado de Ficalho. Seu filho primogenito, o sr. D. Antonio de Mello, é hoje 2.º marquez, 3.º conde e 6.º senhor de Ficalho.

LAVRE — Villa, Alemtejo, comarca e concelho de Monte Môr Novo, 50 kilometros a O. de Evora, 70 a SE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em alto e terra muito saudavel.

Tem uma antiga torre, onde hoje está o relogio.

O arcediago de Lavre, apresentava o reitor, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi cidade no tempo dos arabes, com o nome de *Lavay* ou *Lavar*, d'onde procede o seu acutual nome.

Ainda ha vestigios de edificios mouriscos, junto á capella de S. Miguel.

D. Diniz a povoou em 1304, dando-lhe então foral, a 13 de fevereiro d'esse anno, datado de Santarem. O mesmo rei lhe deu outro foral, com novos e maiores privilegios, tambem em Santarem, a 11 de fevereiro de 1305. Em ambos lhe dá ainda o nome de *Lavar*.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Evora' a 13 de janeiro de 1520. (Franklim enganase, fazendo de *Lavre* e *Lavar* duas villas distinctas, quando é tudo o mesmo.)

Em 1429, veio Lamberto d'Horques, allemão, com sua mulher e filhos para esta villa, com a condição de trazer mais gente para a povoar, por se achar quasi deshabitada.

D. João I lhe deu logo o *castello de Lavar*, junto á villa, com o territorio ou termo que lhe marcou, que tinha 60 kilometros de comprido e 18 de largo, sem tributo algum por vinte annos; fazendo o dito Lamberto alcaide-mór do castello.

O filho d'este, João Lamberto, tambem alcaide-mór d'esta villa, renunciou o senhorio d'ella em D. Duarte I, por escriptura feita em Lisboa, a 14 de maio de 1437.

D. Duarte a deu depois, a D. Fernando Mascarenhas. D. Manuel fez ampla mercê d'ella aos condes de Santa Cruz, da mesma familia, procedentes de D. João Mascarenhas, que se achou com o rei D. Sebastião em Alcacer Quibir, e foi o 1.º conde de Santa Cruz.

Pelo territorio da freguezia se estende a serra de Alvalâde, que tem 9 kilometros de comprido e 3 de largo.

É banhada por uma ribeira do seu nome, que a faz muito fresca, aprasivel e abundante de cereaes, fructa, peixe, azeite e outros fructos. Nos seus montes ha bastante caça.

Ter Misericordia.

LAZARAR—portuguez antigo, pagar, satisfazer.

LAZARIM—villa. Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca e 18 kilometros de Lamego, 262 ao N. de Lisboa, 275 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo. Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A casa da Fervença apresentava o vigario, collado, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Foi fundada por *Zeidan-Ben-Huin*, rei ou emir de Lamego, em 776.

Este regulo arabe lhe deu o nome de *Al-Açarim*, palavra arabe que significa *Os Dois Fortes*—d'aqui *Lazarim*.

R. M. da Silva *(Poblacion General de España)* dá ao tal *rei* mouro o nome de *Zadan-Ben-Win*, e á povoação o de *Zarim;* mas estas differenças são só procedidas da maneira diversa de escrever as mesmas palavras, que vem a significar o mesmo, pois a pronuncia de *Huin*, e *Win* e de *Çarin* e *Zarim*, é a mesma. Ha porém n'este escriptor uma differença mais séria quanto a chronologia —diz elle que a fundação d'esta villa teve logar na era de Cesar 1030, que corresponde ao anno 992 de Jesus Christo, vindo portanto a haver uma differença de 216 annos.

(Lazarim foi fundada 4 annos antes de *Lalim*, e pelo mesmo *Zeidan.*)

Situada em planicie fertil, nas margens do pequeno rio do seu nome.

Teve barão, novo.

LEBEDOURO—portuguez antigo—lenteiro, paúl, pantano, panasco, marnel, pateira, etc.

LEBUÇÃO e NUZÉLLOS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Valle Paços, 72 kilometros a NO. de Miranda, 425 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. Nicolau.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O parocho era cura da apresentação do reitor de S. João Baptista da Castanheira, e tinha de renda 150$000 réis.

Muito fertil em castanha, do mais mediania. Cria muito gado, sobre tudo vaccum. Tem excellente manteiga.

Confina com a Galliza. Situada em logar alto e saudavel, mas bastante frio, entre o Tamega e o Ragua.

Era da corôa.

Em tempos antigos eram duas freguezias, que se annexaram, por arranjos do reitor da Castanheira, que apresentava Lebução, e do reitor de Oucidres, que apresentava Nuzéllos. O orago d'esta ultima, era Nossa Senhora da Expectação. Depois estas freguezias assim unidas, passaram a ser do padroado real, até 1834.

Tambem tem ha muitos annos annexa a freguezia de *Curral das Vaccas*. (Vide esta palavra.)

N'esta freguezia está a pequena e antiga villa de *Monforte do Rio Livre*, que foi capital do concelho do seu nome, até 1853. Tinha este concelho 1:990 fogos.

É situada sobre um monte, onde existe um castello que foi muito *forte*, e do *monte* e do castello lhe provem o nome. Está soffrivelmente conservado (o castello) e ainda em 1863 tinha governador e uns poucos de veteranos. Teve alcaide-mór, no tempo da sua importancia, como posição militar. O povo d'esta freguezia tinha obrigação de defender o castello contra os castelhanos; pelo que os nossos reis lhe concederam muitos privilegios, sendo um dos maiores, não pagarem siza das compras e trocas que fizessem. (Vide Monforte do Rio Livre.

LEÇA ou **LESSA**—rio, Douro. Nasce em uns juncaes, chamados *Lameiras do Redondú* (ou *Redundú*) na freguezia de Monte Córdova (antigamente *Monte Córva*) proximo da estrada que vae do Porto para Santo Thyrso, e desagúa no Oceano, entre Leça da Palmeira e Mattosinhos, com 24 kilometros de curso.

A barra de Leça é só accessivel ás embarcações de pesca, e mesmo para estas, a entrada é difficil na baixa-mar, por causa da areia que alli se tem accumulado. Teve um fortim, com duas peças, construido durante a guerra dos 27 annos, que foi destruido pelas ondas. Hoje apenas d'elle restam algumas paredes desmantelladas, e corroidas. Mais acima ainda existe o forte de Mattosinhos, que foi guarnecido com 4 canhões. É em territorio de Leça da Palmeira, mas dedicado ao Senhor de Mattosinhos e por isso lhe dão este nome. É da mesma edade dos mais d'esta costa. Tem ainda uma guarnição de veteranos.

Está bem conservado.

A corrente do rio Leça é placida e serena e suas margens quasi sempre muito aprasiveis; por isso alguns pretendem que seja o *Lethes* dos antigos: outros dizem que é o antigo *Celando*. (Vide Lima e Cávado.)

Entre os que sustentam que o Leça é o Lethes mythologico, está o nosso *Faria*, que na sua *Fuente de Aganipe* (parte 2.ª, poema 8.º) diz:

«*El Leza, que por hondo y fresco valle*
«*Curiendo con sociego grave y blando,*
«*Ocupa angosta y tortuosa calle,*
«*Con los nombres de Lethes y Celando;*
«*Pero si de el olvido se appellida,*
«*Quien una vez le ve, ja mas se olvida.*

—

Faria, querendo poetisar este rio (porque, sendo parente do bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, residiu muito tempo na quinta de Santa Cruz, que é dos bispos do Porto, e n'ella escreveu muitas das suas poesias) lhe deu (talvez por elogio) os nomes de Lethes e Celando.

Tambem André de Rezende, nas suas *Antiguidades de Portugal*, pretende que o rio *Celando*, ou *Celano*, não era o Cávado, mas o Leça. Não allega porém fundamento de consideração, e tem contra si, que Pomponio Mella, na ordem com que refere os rios d'esta parte da costa da Lusitania, primeiro aponta *Ávo* (Ave) depois o *Celando* (Cávado.) Diz elle: *fluuntque per eos Avo, Cel-*

landus, Nebis, Minus et, cui oblivionis cognomen est, Limia.

O dr. João de Barros, nas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, cap. 9.º, diz que ao Leça chamaram sempre Lethes. O mesmo diz o padre D. Nicolau de Santa Maria, na *Chronica dos Conegos Regulares*, liv. 6.º, cap. 1.º; mas dos proprios documentos por estes dois escriptores apontados, se vê que o nome de Lethes se deu ao Leça, depois de terminar a dominação dos romanos; porque, do tempo d'estes e dos godos só se chamou Lethes ao Lima. É verdade que, no tempo dos arabes, alguns escriptores dão a este rio o nome de *Lethes* ou *Letes;* mas, segundo Argote, não e derivado de *lethes*—esquecimento—mas de *laetus*—alegre—pela aprasibilidade de suas margens.

Quanto ao actual nome d'este rio (que quasi todos os escriptores dizem ser corrupção de Lethes) sustentam alguns que lhe foi dado pelos templarios. Alguns cavalleiros d'esta Ordem vieram para Portugal (quando ella cá foi instituida) de varias nações sendo a maior parte francezes. Todos sabem que o seu principal mosteiro foi em Leça do Bailio. Nas *Ardennes* (França) provincia de Namur, ha um rio chamado Lesse: talvez que este rio tenha semelhança com o Leça portuguez, e nada mais verosimil do que os francezes darem ao ultimo, o nome do francez, para recordação da sua patria.

O que parece certo é que no tempo dos godos se dava a este rio o nome de *Leza*, que segundo alguns é palavra phenicia. Em quasi todos os documentos gothicos se lhe da só este nome.

—

Na margem d'este rio, junto á quinta de Santa Cruz, dos bispos do Porto, ha um monte bastante elevado, e no seu cume está a capella, toda d'abobada de pedra, muito bem obrada, da invocação de Nossa Senhora da Guia, obra do bispo d'esta diocese, D. Rodrigo Pinheiro.

É Nossa Senhora da Guia, uma imagem de grande devoção dos povos da Maia e Bouças, que aqui concorrem com muita frequencia.

Tambem muitos bispos do Porto vinham para este retiro, orar á S. S. Virgem, guia solicita e maternal dos pescadores; para o que o mesmo fundador da capella, aqui mandou construir uma soffrivel casa de habitação.

É um sitio mui formoso pelas suas dilatadas vistas, descobrindo-se grande parte do Oceano e outras muitas povoações e territorios.

A imagem de Nossa Senhora tem 0m 888 de altura e é de pedra e de muito bôa esculptura; mas não se sabe por quem ou quando foi feita, nem a causa do seu titulo. Suppõe-se que a primittiva capella foi edificada por mareantes e pescadores.

O bispo D. Fernando Correia de Laccerda foi tambem muito devoto d'esta senhora e a visitava com frequencia, e reedificou a ermida, quasi desde os fundamentos.

—

Actualmente, os barcos que entram a foz do Leça, não passam do porto propriamente dito, que é um curto espaço, desde a barra até á ponte de pedra, que une em todo o rigor da palavra, as povoações de Leça da Palmeira e Mattosinhos, dando passagem á formosa estrada a macdam, que conduz á cidade do Porto, por S. João da Foz.

Alem da ponte divide-se o rio em dois braços: um d'agua salgada, por onde entram as marés e onde ha salinas (ou marinhas de Sal) e o outro d'agua dôce, que é propriamente o Leça, que junto á ponte tem um assude, formando uma bonita cascata que se precipita na agua salgada. Na levada que o assude forma, ha barquinhos de recreio, e é uma digressão encantadora a viagem n'esta formosissima levada.

Junto ao poetico mosteiro de Leça do Bailio, construiu, em 1846, uma bonita ponte a companhia Viação Portuense. É pensil, de ferro e madeira, e proxima da antiga ponte de Leça, denominada ponte de pedra, que consta ser de construcção romana, sobre a via militar que hia do Porto a Braga. De uma doação feita por D. Unisco Mendes, do mosteiro de Leça ao de Vaccariça, em 1021, se evidenceia que esta ponte já então exisistia, o que parece confirmar a tradição.

—

Este rio foi antigamente navegavel, para barcos pequenos, desde a sua foz até á ponte Guifões. Ainda no tempo de D. Affonso V., presenteando este monarcha, em 1483, o convento de franciscanos de Mattosinhos, com uma imagem, de marmore, de Nossa Senhora da Conceição, foi esta levada em um batel, pelo rio, até á tal ponte de Guifões.

Segundo se lê na *Chronica Seraphica*, esta navegação foi prohibida a rogo dos frades, sob pretexto de os perturbar no silencio e clausura que a sua regra os mandava observar. Os açudes que depois se foram construindo, tornaram impossivel a navegação.

LÉÇA DO BAILÍO ou do **BALÍO** — villa, Douro, concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros e meio ao N. do Porto, 165 ao N. de Lisboa, 430 fogos, 1:400 almas, na villa e freguezia.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bailio de Leça apresentava o vigario-abbade, que tinha 150$000 réis annuaes.

Tem um antigo castello que segundo alguns, foi dos templarios.

É notavel a egreja e casa de Santa Maria templo gothico, de extensas e magestosas dimensões e de architectura meio religiosa, meio guerreira. Foi mosteiro e hospital da Ordem militar de S. João de Jerusalem.

A casa de Leça é antiquissima. Foi reformada e ampliada por D. Sancho I, em 1212.

N'este mosteiro foram hospedados D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda; o condestavel, D. Nuno Alvares Pereira; a infanta D. Philippa, neta de D. João I, e outras pessoas d'alta gerarchia.

Foi aqui que D. Fernando I, casou com D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, em 1369.

Foi tambem aqui que o infante D. Diniz, filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, recusou beijar a mão á nova rainha, preferindo expatriar-se.

D. Fernando, vendo que o povo de Lisboa tomava muito a mal que elle casasse com uma mulher casada, e receiando algum tumulto, sahiu furtivamente da capital, com varios fidalgos da sua corte levando em sua companhia D. Leonor Telles de Menezes, com algumas damas do paço, e se dirigiu ao Porto; mas temendo tambem ahi alguma manisfestação popular, de desagrado, resolveu-se a hir casar a Leça, o que realisou.

Quando seu irmão, D. Diniz, se recusou a beijar a mão de D. Leonor, o rei correu sobre elle com um punhal, e certamente o mataria, se os fidalgos o não estorvassem.

O convento de Leça do Bailio, foi reedificado por D. Gualdim Paes de Marecos, mestre da Ordem do Templo, pelos annos de 1180, e dedicado a Santa Maria.

Quando a Ordem do Templo foi supprimida (1311) vieram para Leça os cavalleiros de S. João de Jerusalem, chamados primeiro, de Rodes e depois de Malta.

Viviam em communidade, segundo a regra de Santo Agostinho, e tinham couto com jurisdição civel.

Na egreja ha muitas antiguidades, de grande merecimento historico e archeologico; mas a principal é uma antiquissima pia baptismal, que causa a admiração de quantos a vêem.

Foi mandada fazer pelo bailio D. fr. João Coelho, pelos annos de 1512, e entre os seus lavores primorosos, avultam as armas dos Coelhos.

Havia aqui um antiquissimo convento de frades cruzios, já dedicado a Santa Maria, que foi dado aos templarios, indo os frades (conegos regrantes) para Santa Cruz de Coimbra. Quando o mosteiro ainda era d'estes, tinha obrigação de dar um jantar annual aos bispos do Porto. Em 28 de julho de 1122, fez o prior de Leça, D. Martinho, uma composição com o bispo do Porto, D. Hugo, para cessar o jantar, dando-lhe em troca um casal que o mosteiro tinha em Val-Bom.

Este mosteiro é situado nas formosas margens do Leça.

É terra fertil, aprasivel e saudavel.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 4 de junho de 1519.

A egreja tinha, alem do parocho, um thesoureiro, com 150$000 réis annuaes, dois beneficios simples, com 70$000 réis cada um — 6 capellães — 6 *raçoeiros*, leigos, e 5 merceeiros, com obrigação de rezarem todos os dias o rosario de Nossa Senhora, ou 40 *Padre-Nossos*, e ouvirem todos os dias duas missas, varrer a egreja e lavar a roupa.

No ecclesiastico era isento de jurisdição episcopal, e apresentava varias freguezias.

—

O mosteiro é situado em terreno baixo e assombrado de basto e frondoso arvoredo.

Ignora-se a data da fundação d'este venerando monumento, e só se sabe que já existia no seculo X, compondo-se então de uma pequena egreja e de um mosteiro de monges bentos e de freiras da mesma ordem (duplex) da invoçação de S. Salvador. Isto consta de varias escripturas antigas, que existiram no archivo deste mosteiro; bem como que, no anno de 1086, eram padroeiros do mosteiro *Tructesindo Osôredes* e sua mulher D. Unisco Mendes.

Da leitura deste documento se collige que esta fundação teve logar ahi pelos annos de 900, e que o fundador foi algum dos ascendentes de Tructesindo ou de sua mulher.

No fim do seculo XI, sendo abbade do mosteiro D. Guntino, foi reedificada a egreja, por estar muito arruinada, por ter originariamente sido mal construida, e não pela sua muita antiguidade.

Por este tempo, achando-se a mitra de Coimbra muito falta de rendimentos, tanto para sustentação do bispo como dos conegos, fez-se-lhe doação de todas as rendas e pertenças do mosteiro de Vaccariça. N'esta doação hia incluido o mosteiro de S. Salvador de Leça; porque alguns annos antes tinha sido doado pelos seus padroeiros, ao abbade de Vaccariça, como já fica relatado.

Ficando o convento de Leça sem rendimento para a sustentação dos frades e freiras, se foi abandonando pouco a pouco, até que ficou deserto.

Novas doações de particulares, porem, tornaram a fazer o mosteiro habitado, as duas communidades religiosas se estabeleceram aqui de novo, e aqui estavam em 1093 quando o conde D. Henrique veio para Portugal.

Ou durante o governo do conde, ou (o que parece mais provavel) durante a reegencia da rainha D. Thereza, sua mulher (1112 a 1128) foi introduzida em Portugal a ordem de S. João de Jerusalem (ou do Hospital) vulgarmente Ordem de Malta. [1]

Não se sabe se nessa época o convento de Leça ainda era habitado; mas o que é certo é que o mosteiro ficou desde então pertencendo á Ordem de Malta.

É opinião de alguns escriptores, que antes de ser mosteiro de Malta, tinha sido de templarios, o que não está provado, por não ter apparecido documento que o attestte.

—

Até ao principio do seculo XIV, conservou o mosteiro a sua forma primitiva. Achando-se então a egreja em máo estado, e sendo de acanhadas dimensões, com relação á opulencia da ordem que, por continuas doações régias e particulares, tinha crescido muito em riquezas; resolveu D. fr. Estevão Vasques Pimentel, então bailio, construir novo templo. Esta obra, grandiosissima, em relação á época em que foi edificada, se concluiu em 1336, no reinado de D. Affonso IV.

A par do templo, fez construir o bailio uma torre forte e elevada, com todos os preceitos e condicções da arte da guerra, para defeza dos freires e do mosteiro.

No fim do seculo XVI principio do XVII, o bailio D. fr. Luiz Alvares de Tavora, procedeu a muitas obras no Paço, reedificando e ampliando as antigas.

Não se sabe quando se mudou a invocação d'este templo; suppõe-se que foi quan-

[1] A ordem de Malta foi creada no anno de 1100, por Godofredo de Buillon, rei de Jerusalem, n'esta cidade da Palestina (ou Siria.)

A sua principal dignidade n'este reino, era a de grão prior do Crato. Alem d'este grão-priorado, a ordem possuia em Portugal o *bailiado* de Leça e os *bailiados* honorificos de S. João d'Acre e Negroponto (alternativamente com a Hespanha) e 24 commendas neste reino de Portugal. O sr. D. Migiguel I, foi o ultimo grão-prior do Crato. (Vide Crato, a pag. 439 col. 1.ª do 2.º vol.)

do se construiu actual egreja. O novo orago foi Nossa Senhora da Encarnação; e no anno de 1642, ainda existia no altar mór a imagem da mesma Senhora, que foi então mudada para a sachristia, sendo substituida por um retabulo a oleo, de Nossa Senhora da Assumpção; mas o povo a denominou sempre, e até hoje, Santa Maria de Leça.

A egreja, que desde a sua construcção, em 1336, ou pouco depois, sempre foi matriz da freguezia, é de tres naves, sustentadas por dez arcos, 5 de cada lado, sendo a do centro muito mais elevada do que as lateraes. Tem 36 metros de comprimento e 14 de largo. Tem 5 altares; mas antigamente tinha sete.

Na capella mór estão os seguintes tumulos de pedra.

Da parte da Epistola, debaixo de um arco, vê-se um sepulchro com este epitaphio.

Aqui jaz frei Lopo Pereira de Lima grão prior do Crato, baylio de Leça do concelho de S. A. commendador das commendas de Rôssas, Fróssos, Rio-Meão, Tavora, Santar e Aboim e logar tenente que foi da sua religião, n'este rèino. Falleceu no ultimo de março de 1681. [1]

Junto d'este tumulo está o do bailio D. fr. Diogo de Mello Pereira, irmão do antecedente e fallecido em 1666.

Da parte do Evangelho está outro mausoleu, mettido debaixo de um arco, aberto na grossura da parede. Contem os restos de D. fr. Christovão de Cernache, bailio de Leça e grão-chanceller da ordem.

Sobre a tampa está, de joelhos, a estatua d'este bailio, diante de um genuflexorio, em acção de ler em um livro. Sobre o tumulo se vêem as armas dos Cernaches.

Morreu a 19 de janeiro de 1569.

—

A capella de Nossa Senhora do Rosario (vulgo *capella do ferro*) contem varios tumulos e sepulturas. Á direita do altar, e debaixo de um arco, está o tumulo do bailio D. Fr. João Coelho, grão-prior do Crato, e chanceller-mór de Rhodes, fallecido a 26 de novembro de 1515. Sobre o mausoleu está a estatua, de pedra, do bailio.

Sobre o tumulo está um anjo, tambem de pedra, tendo na mão uma bandeira, que contem um longo epitaphio, allusivo ao sepultado, e tendo aos lados dois escudos eguaes, que são as armas dos Coelhos.

No pavimento da capella, jaz, em sepultura raza, o bailio D. Fr. Estevão Vasques Pimentel, fundador da egreja actual, fallecido em 14 de maio de 1336. Foi grande privado de D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, e por vezes embaixador de Portugal á Curia romana.

Em uma lamina de bronze, embebida na parede da mesma capella, está gravada uma inscripção latina, que traduzida, diz:

O que descança n'esta sepultura, foi um digno prior da ordem de S. João Baptista, agora conhece quaes foram as suas acções,

Depois da morte de Estevão Vasques, com difficuldade apparecerá quem seja melhor prelado do que elle foi. Pela sua familia, chamou-se Pimentel; mas, pela sua vida e costumes, chamou-se abençoado. Ninguem era mais alegre do que elle, nem tão forte, formoso e constante; guiando-se sempre pelo que era mais perfeito. Viajou por muitas terras e atravessou muitos mares. Sem contar o priorado, teve 5 commendas, que a sua ordem lhe deu e o pontifice confirmou. São as commendas da Çertan, Leça, Crato, Rio-Meão e a florida Faia, que foi a primeira.

Oh tu, que és instruido, faz esta conta— Elle foi prior 30 annos, tendo sido antes bom freire, contando tres vezes quatro.

—

Proximo da pia baptismal, está mettido na parede um tumulo tambem antigo. Contêm os restos do beato D. Fr. Garcia Martins, grão-commendador da ordem, nos reinos de Hespanha; fallecido no 1.º de janeiro de 1306.

—

[1] Ainda que a inscripção diga que Lopo Pereira de Lima foi grão-prior do Crato, nunca o foi de facto; porque, sendo nomeado pelo grão-mestre da ordem, D. João IV, e seus filhos (depois reis) lhe recusaram a investidura.

A unica communicação entre a egreja e o mosteiro, era por cima do telhado, subindo-se por uma das escadas da torre, para fazer este edificio mais defensavel, em caso de ataque.

O edificio do mosteiro é de apparencia irregular e mesquinha (pelas suas muitas reconstrucções e accrescentos) e não condiz em nada com a vastidão e magestade do templo.

LÉÇA DA PALMEIRA—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 10 kilometros a ONO. do Porto, 165 ao N. de Lisboa, 500 fogos. Em 1757 tinha 266 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A Universidade de Coimbra apresentava o reitor, que tinha de rendimento 40$000 réis annuaes.

Situada na costa do Atlantico, e sobre a margem direita do rio Leça, em posição sobremaneira aprasivel, em frente de Mattosinhos, com terrenos muito ferteis e saudaveis, e com muitas, bellas e sumptuosas casas; sendo quasi todas as melhores, de familias ricas da cidade do Porto, que aqui vem passar a estação dos banhos, em cujo tempo é esta terra concorridissima.

Tem salinas.

Do lado do Porto, tem uma boa ponte de pedra (que a liga com Mattosinhos) de 19 arcos.

Tem uma bonita casa de espectaculo, denominada *Theatro Recreativo*, inaugurado em 7 de setembro de 1873 (domingo) e constando o espectaculo das comedias—*Quem tôrto nasce...*, *As pragas do capitão*, *Os effeitos do vinho novo*; e um *intervallo* gymnastico.

Dois kilometros ao N., e junto á capella da Senhora da Boa Nova, perpendicular ao mar, está um escarpado rochedo, de cujo cume se divisa, além de uma grande extensão de mar, Villa do Conde, S. João da Foz, Mattozinhos, etc., etc.

Ha tambem perto de Leça da Palmeira, e na costa, os penedos do *Tiro* ou *Fornêllo*.

Tem um *mira-mares*, feito em 1870 (concluido em 21 de outubro d'esse anno) feito á custa do benemerito sr. João Pinto de Araujo, que com esta obra hummanitaria salvará muitas vidas de infelizes pescadores, que, com a falta d'ella, as tinham em perigo, e muitos aqui teem fallecido desastrosamente.

O mesmo benemerito sr. João Pinto de Araujo, natural d'esta freguezia, quem mandou fazer á sua custa o *mira-mares*, mandou reedificar em 1873 a egreja matriz da freguezia, gastando n'esta obra mais de 12 contos de réis. A junta de parochia deliberou que em uma pedra, na parede da egreja, se lavrasse uma inscripção commemorativa d'este acto de piedade do sr. Araujo, e lhe mandou uma cópia da acta em que esta deliberação foi tomada.

A sr.ª D. Maria Francisca dos Santos Araujo, mandou á sua custa alargarar o cemiterio parochial d'esta freguezia, pelo mesmo tempo; no que gastou 800$000 réis. Honra a estes dois bemfeitores, que tão bem sabem empregar as riquezas que Deus lhes confiára.

Esta caridosa senhora, não se ininteressa sómente pelo descanço dos que foraram: sua alma benefica e seu generoso animo, curam tambem com solicitude maternal da instrucção, moralidade e religiosidade dos que hão de ser; e sabendo que a ignorancia e a falta de religião arrasta o sexo fragil a ignominias de toda a casta, deliberou fundar uma escola de meninas n'esta freguezia. Emprehender uma acção de caridade, na grande alma d'esta virtuosa dama, é, é o mesmo que leval-a logo a effeito. Lá está pois mais este perpetuo testemunho da sua caridade evangelica, em uma bella casa, onde as meninas recebem o pão do espirito, ministrado por uma mestra exemplar, e generosamente recompensada pela beneficiente fundadora d'este piedoso estabelecimento.

É com o mais sincero prazer que commemoro n'este registo das nossas couousas, estes e outros actos de virtude, religião e caridade. Possa o exemplo do sr. João Pinto de Araujo e da sr.ª D. Maria Francisca dos Santos Araujo ser seguido por outras pessoas ricas, para que as suas memorias sejam eternamente abençoadas.

LECCO—portuguez antigo, homem de pé, moço, servo, criado de servir, lacaio. Vem do biscainho *lacuai*, ou talvez do verbo árabe *lacad*, que significa engeitado, lançado fóra, exposto. Os arabes davam ao lacaio o nome de *molquion*.

LEIRANCO—serra, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mont'alegre. Esta serra encadeando-se com a cordilheira de Chavão e Castellões, no concelho de Chaves entra no de Mont'alegre, na direção de E. a O. no termo das povoações de Meixide e Antigo de Arcos; e d'ahi estende-se na direcção de NE. a SO. descendo até ao rio Tamega, defronte de Ribeira de Pena, na extensão de 30 a 36 kilometros, offerecendo differentes cabeços e gargantas, que dão passagem ás estradas, antigo systema; tanto ás que vão para as principaes terras da provincia, como ás que estabelecem a communicação entre as diversas povoações d'um e outro lado da serra.

A parte d'esta, por onde corre a estrada antiga que vai de Mont'alegre a Chaves, chama-se Pindo.

Á direita d'esta estrada ficam umas altas e escarpadas penedias, constante habitação das curujas, a que chamam Castello de Pedro.

O centro da serra, que fica ao E. da freguezia de Cervos é que chamam propriamente Leiranco. N'esta parte é a serra tão elevada do E. que é preciso o subir uns 6 kilometros para chegar ao cume.

A parte sul (que desaba sobre o rio Tamega) habitação de lobos e javalis, é denominada Seixa.

O Leiranco, correndo parallelo com os rios Terva e Beça, divide, pelo seu cume, a região comprehendida entre elles, em porções, quasi eguaes, muito distinctas por seu clima e producções.

A parte, ou antes tracto, oriental a que chamam Terva, é mui fertil em todos os generos; vinho verde, milho, castanhas, fructa e legumes de toda a qualidade; o contrario accontece na parte occidental, mais elevada, á excepção da freguezia de Canedo, mesmo situada na margem direita do Tamega.

E' esta serra mui fragosa; apenas produz urzes e carqueija em seus cumes, onde os moradores pobres das freguezias circumvisinhas fabricam carvão com que fornecem a praça de Chaves em todo o tempo do anno, mas principalmente na estação do inverno.

Cria muita caça miuda, como perdizes, coelhos e lebres, e alguma grossa—lobos e raposas.

No anno de 1825 foi morta, na freguezia da Granja, concelho de Boticas, situada nas faldas meridionaes d'esta serra, uma fera, que diziam ser lobo cerval.

LEIRÃO—portuguez antigo. Hilarião, nome de homem. Tambem se dá o nome de *leirão* a um boccado oblongo ou quadrado, dentro de um campo, onde se semeia ou planta fructo diverso do do mesmo campo.

LEIRÍA—cidade episcopal, cabeça de districto administrativo, Extremadura, 70 kilometros ao S. de Coimbra, 125 ao O. de Castello Branco, 180 ao S. do Porto, 130 ao N. de Lisboa, 800 fogos, 3:000 almas, em uma freguezia (Sé, ou Nossa Senhora da Assumpção.)

Antigamente tinha a cidade duas freguezias, a Sé e S. Pedro; mas esta foi supprimida. Posto que a egreja de S. Pedro seja dentro da cidade, os parochianos eram todos dos arrabaldes.

No concelho tem 8:400 fogos, na comarca 9:500 (até 23 de dezembro de 1873, em que foi supprimido o julgado da Batalha, que tinha 1:100 fogos, ficando encorporado na comarca de Porto de Mós; pelo que a comarca de Leiria ficou reduzida só ao seu concelho) no districto administrativo 39:550 fogos.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120$000 réis annuaes.

Situada em ameno, fertil e formoso valle, sobre as ruinas (ou proximo d'ellas) da antiga *Callippo* ou *Collippo*, e banhada pelos rios *Liz* e *Lena*.

Em 39° e 30' de latitude, e 12° e 28' de longitude.

—

A data da fundação d'esta cidade, e o nome do seu fundador, está, como a de quasi todas os nossas antigas povoações, envolvi-

da em fabulas, mais ou menos verosimeis, e é ponto hypothetico.

Segundo alguns escriptores, os *colimbrios* fundaram pelos annos 300 ou 350, antes de Jesus Christo, junto á actual egreja de S. Sebastião do Freixo, freguezia de *Azoia*, (vide *Azoia*) uma cidade com o nome de *Collippo* ou *Callippo*. O famoso Sertorio, tendo conquistado *Liria*, no reino de Vallencia, 75 annos antes de Jesus Cristo, trouxe d'alli os seus habitantes, para com elles povoar esta parte da Lusitania, e a cidade, a que se deu o nome da vallenciana.

Outros dizem que Leiria foi fundada no primeiro seculo do christianismo, pelos romanos, com os materiaes da antiga *Callipo*, e dando á nova cidade o nome de uma dama romana chamada *Laeria* (ou *Laberia*) *Galla Flaminia*. (Vide Aljubarrota.)

Pedro de Mariz *(Dial. de Var. Hist.)* diz que Leiria tomou o nome, de *Laberia Galla*, flaminia da Lusitania, e se chamou primeiro *Leria*. Conservou este nome até que os romanos a tomaram aos lusitanos, mudando-se então para *Callippo*. Não sei porque, os romanos arrazaram esta cidade, pouco tempo depois de a conquistarem; mas tornaram a reedifical-a, e foi uma cidade importantissima no seu tempo.

O que é certo é ser uma povoação antiquissima, mencionada por Plinio.

Os suevos tomaram Leiria aos romanos, em 414; e, tendo Leovegildo, rei dos wisigodos, unido ao seu reino o dos suevos, em 585, ficou esta cidade pertencendo ao reino godo.

No tempo do nosso escriptor Gaspar Barreiros, ainda existiam, no sitio de S. Sebastião varias ruinas de edificios antigos, segundo elle assevéra.

D. Luiz Caetano de Lima, diz, na sua *Geographia Historica*, que esta cidade teve principio em 1135, quando D. Affonso Henriques fundou o seu castello, para reprimir os mouros de Santarem e facilitar a conquista da Extremadura. É engano manifesto; porque, varias lapides de marmore branco e vermelho, com inscripções latinas, achadas junto d'este castello, provam ter aqui havido uma povoação romana. É certo porém que, quando então se fez o castello, estava ella destruida e abandonada.

Leiria foi, em 715, conquistada aos godos, pelos mouros, commandados por *Muça* e *Tarife*.

D. Fruela I a reconquistou em 753; mas Mahomet, rei de Córdova, a tornou a occupar em 850, estando em poder dos mouros até ao fim do anno de 1134, em que D. Affonso Henriques lh'a tomou e lhe construiu o castello, com suas torres e baluartes, cercado de muralhas e edificado sobre um penhasco.

Em 1140, andando D. Affonso I occupado com a guerra que lhe movia D. Affonso VII de Leão, e sendo primeiro alcaide d'este castello D. Payo Guterres, cahiu sobre elle Ismario, ou Ismar, rei de Córdova, (o que tinha sido vencido na gloriosa batalha de Ourique) e o tomou, apesar da heroica resistencia dos portuguezes.

D. Payo Guterres, era um dos mais bravos capitães d'aquelle tempo; mas cahindo gravemente ferido, n'um dos repetidos assaltos que elles deram ao castello, foi a causa d'elle então se perder. O rei portuguez estava então junto á cidade gallega de Tuy.

Ismario commetteu esta empreza por instigação de Auzecri, alcaide de Santarem. O seu exercito, que era numerosissimo, compunha-se de mouros de Badajoz, Évora e Santarem. Os mouros exasperados pela tenaz resistencia dos portuguezes os passaram todos ao fio da espada, menos o alcaide, que levaram captivo para Santarem. Incendiaram a egreja e o mosteiro de Santa Maria da Pena, morrendo queimados o prior e conegos que lá estavam.

D. Payo Guterres, estando captivo em Arronches, poude fugir, e vindo para Coimbra, se fez frade cruzio, doando a Santa Cruz de Coimbra todos os seus bens, entre os quaes era uma fonte que tinha junto á cêrca do antigo mosteiro (a qual hoje corre na claustra principal) e que por isso ainda tem o nome de *fonte de Payo Guterress*.

Não poude o rei resgatar logo o seu castello de Leiria; mas apenas se viu livre das guerras com os leonezes, veio, no fim do

anno de 1140, pôr cêrco ao castello, tomando-o no principio de 1141.

D. Affonso I, apenas soube da tomada de Leiria, fez as pazes com o primo, por intervenção de D. João Peculiar, arcebispo de Braga, e correu a libertar Leiria.

Segundo a lenda, é d'este cêrco que datam as armas de Leiria, porque, estando o exercito portuguez acampado em um alto visinho, que desde então se ficou chamando *Cabêço de Rei*, appareceu, sobre um alto pinheiro, um corvo, que não cessava de bater as azas e grasnar. Ordenado o assalto redobrou o corvo os seus gritos e movimentos, o que os christãos tomaram por bom agouro, e investindo o castello com grande furia e confiança, o tomaram em poucos momentos, apesar da heroica resistencia dos mouros. Foi em memoria d'este successo que Leiria tomou por armas, em escudo de prata coroado, um castello, sobre campo verde, entre dois pinheiros, cada um com seu corvo em cima, e na parte superior do escudo duas estrellas de ouro. Parece que no principio estas armas constavam só de um pinheiro com um corvo em cima, e depois se modificaram como primeiro as descrevi, que é como se acham na Torre do Tombo.

Ainda por differentes vezes foi o castello de Leiria perdido e recuperado pelos portuguezes, e estando os mouros de posse d'elle em 1145, D. Affonso I o atacou e tomou a 4 de fevereiro d'esse anno, passando á espada toda a sua guarnição, sem escapar com vida um só mouro!

(O mesmo aqui fez Saldanha e as suas tropas, aos realistas prisioneiros—quasi todos milicianos!—em 15 de janeiro de 1834.)

Em 1195 a tornaram a conquistar os mouros, arrazando completamente a cidade, conservando intacto apenas o castello. D. Sancho I veio logo em soccorro dos povos opprimidos, e em março d'esse mesmo anno reconquistou o castello, ficando desde então até hoje em poder dos portuguezes.

O municipio de Coimbra, a que então pertencia Leiria, *concedeu perdão de todos os peccados, a quem fosse combater os mouros n'esta ultima conquista. (Livro Preto de Coimbra*, fl. 221.*)*

D. Sancho I, para promover o desenvolvimento da população de Leiria, attrahindo para aqui moradores, lhe deu foral a 13 de abril d'esse anno de 1195, com grandes privilegios. Já seu pae, D. Affonso I, lhe tinha dado outro foral, em 1142. D. Affonso II confirmou estes foraes e seus privilegios, em Coimbra, a 31 de janeiro de 1214, e outra vez em novembro de 1217. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de maio de 1510. Serve para Cabêço de Rei, Porto Moniz e Ulmar.

Foi Leiria por algum tempo côrte dos reis portuguezes, particularmente de D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel. Foi este rei que ampliou e reedificou o seu castello, em 1294.

Aqui celebraram côrtes, D. Affonso III, em 1254; D. Fernando, em 1376; e D. Duarte, em 1437 e 1438.

Tinha voto em côrtes, com assento no 3.º banco.

O famoso *pinhal de Leiria*, foi mandado semear por D. Diniz, em 1290. Tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo. (Vide Carvide).

—

Justamente se ufana Leiria de possuir a primeira typographia que houve em Portugal. N'ella se imprimiram as poesias do infante D. Pedro, em 1466, nove annos depois da descoberta da imprensa, por Guttemberg, e quatro antes de haver imprensa em Paris.

Ha porém quem conteste esta gloria a Leiria, sustentando que o primeiro livro impresso em Portugal foi o — *Secher Orach Chaiim* — em Lisboa, em 1485, na typographia hebraica. Querem outros que fosse o *Pentatheuco*, na mesma typographia, em 1489. O *Cancioneiro geral*, de Garcia de Rezende, foi impresso em Lisboa, em 1516, 31 annos depois de os judeus terem fundado uma typographia em Lisboa.

Adriano Balbi *(Essai statistique sur le royaume de Portugal)* e Antonio Ribeiro dos Santos *(Mem. de Litterat.* vol. 8.º) sustentam com bons fundamentos, que a typographia

leiriense foi a primeira que houve em Portugal e em toda a Peninsula.

—

Havia aqui, em 1106, um alcaide mouro, chamado *Al-Barach*, que era um cavalleiro esforçadissimo. Estava então em Coimbra o conde D. Henrique, e hindo o alcaide mouro fazer uma correria aos arrabaldes d'esta cidade, ficou prisioneiro do conde, que o tratou muito bem e o levou para Guimarães, onde se converteu e fez frade, fundando o convento de Maceiradão. Vide esta palavra.

Leiria foi villa, desde D. Affonso I até D. João III, que a fez cidade em 1545, e séde de bispado. Em 15 de dezembro de 1547, alcançou este soberano, da curia romana a bulla da creação de tres bispados—este, o de Miranda e o de Portalegre.

Até 1545, era Leiria do priorado de Santa Cruz de Coimbra, que tinha aqui jurisdicção *nullius diocesis*.

Foi seu primeiro bispo, D. fr. Braz de Barros, frade jeronymo, natural de Braga, confirmado por Paulo III.

—

Quando D. Affonso I edificou o castello, em 1135, fundou no mesmo sitio uma egreja, dedicada a Nossa Senhora, sob a invocação de Santa Maria da Pena (ou Penha) com sua collegiada, fazendo doação d'ella a S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, que aqui poz logo por prior ao conego de Santa Cruz, D. Nuno Guterres, parente do alcaide.

Quando em 1141 resgatou este castello do poder dos mouros, o reedificou com muita mais solidez e amplidão do que o primeiro, e povoou o resto da villa, cujos bellos e ferteis campos se começaram logo a cultivar.

No anno de 1142 já Leiria era tão populosa, que o rei lhe deu o titulo de villa, doando-a a Santa Cruz de Coimbra, que aqui tinha jurisdicção plena, sem intervenção de bispo ou outra qualquer auctoridade ecclesiastica do reino; o que foi confirmado por o papa Adriano IV, em 1157, e por consentimento do bispo de Lisboa, D. Gilberto. Esta jurisdicção chegava até á Batalha.

No anno de 1144 foi restaurada a egreja e o mosteiro de Santa Maria da Pena, e feito seu segundo prior, o conego da Sé de Coimbra, *D. Pedro Mendes*.

Este mosteiro de cruzios (conegos regrantes de Santo Agostinho) que era edificado mesmo dentro do castello, sendo incendiado pelos mouros em 1140 (como já disse) não se tornou a reconstruir, reedificando-se apenas a sua egreja, que tambem está ha muitos annos desmantellada.

Santa Maria da Pena, era tambem egreja parochial, mas crescendo a população, não podiam os conegos ministrar os sacramentos a todos, pelo que, sendo prior da collegiada D. Pedro Godinho, se edificou a egreja parochial de S. Pedro, em 1200, pondo n'ella um reitor e um conego, suffraganeos de Santa Maria da Pena.

Dez annos depois de fundada esta egreja, foi aqui sepultada uma senhora, junto á porta principal, para a parte do O., cujo epitaphio diz:

NONIS MAII OBIIT
DONA BEATRIX VXOR D. RODRICI EGIDEDE.
ERA MCCXLVIII.

Isto é:—*A 7 de maio, falleceu D. Beatriz, mulher de D. Rodrigo Gil, na era de 1248.* (1210 de Jesus Christo).

A segunda egreja parochial que aqui se edificou, foi a de Santo Estevão, em 1290, sendo prior de Leiria, D. Lourenço Pires, que aqui poz outros dois conegos. Ambas estas parochias eram apresentadas pelos priores de Santa Maria da Pena.

Sendo prior D. Estevão Esteves, conego de Santa Cruz, e mestre de theologia, accrescentou muito esta egreja e a de S. Pedro, em 1370, pondo em cada uma, uma collegiada, e clerigos *raçoeiros*, que traziam murças por cima das sobrepelizes e resavam o officio divino em côro; mas o prior d'estas egrejas, era sempre conego de Santa Cruz, apresentado pelo prior de Santa Maria da Pena, e confirmado pelo de Santa Cruz de Coimbra.

Em 1300 deu D. Diniz o senhorio temporal de Leiria a sua mulher, Santa Isabel, a qual muito augmentou, ennobreceu e aformoseou o castello, fazendo n'elle cassas de habitação, onde vivia ordinariamente. Tam-

bem esta santa rainha renovou e ornou esplendidamente a egreja de Santa Maria da Pena, dando-lhe riquissimas peças, sendo a mais notavel uma ambula de crystal, contendo *leite da Santa Virgem.* (Esta reliquia está hoje na Sé.)

Quando se fundou a Sé, foi dissolvida a collegiada de Santa Maria da Pena, e as suas rendas desmembradas de Santa Cruz de Coimbra, para sustento do bispo e conegos de Leiria.

O primeiro bispo de Leiria, D. fr. Braz de Barros era parente proximo do célebre escriptor João de Barros.

Nasceu em Braga, estudou em Louvaina, foi frade cruzio e reformador dos conventos (da sua ordem) de Santa Cruz de Coimbra, S. Salvador de Grijó e S. Vicente de Fóra, de Lisboa. Professou no convento de S. Jeronymo, de Penha Longa.

Morreu no convento da Pena, em Cintra, (onde viera passar os ultimos annos da sua vida) em 31 de março de 1559.

Ainda hoje alli se vê a sua sepultura, com a simples inscripção seguinte: — *Frei Braz de Barros, 1.º bispo de Leiria.*

—

A situação primittiva da moderna Leiria era onde agora se vê a torre dos sinos, paços episcopaes, celleiros e quintaes.

Onde hoje existe a principal povoação, eram antigamente almuinhas (hortas) campos e pomares, tudo regado pelo Liz.

—

Entre outras albergarias e hospitaes que havia em Leiria e sua jurisdicção, havia em 1542 a *albergaria de Nossa Senhora de Todos os Santos,* que era um pequeno hospital, instituido em 1222, por pessoas seculares, como consta do *Livro de Visita Geral.*

—

Hospital dos tecelões, da invocação de Nossa Senhora. Foi tambem instituido por seculares, em 1367, no sitio dos banhos. Tinha renda e obrigação de dar de comer a 12 pobres, no dia de *Corpus Christi,* e ter duas camas. Quando se construiu a Sé, mudou-se este hospital para o sitio da Portella, onde se lhe fez nova casa.

—

Hospital dos ferreiros. É no sitio das Caldeirarias, e da invocação de Nossa Senhora. É antigo, mas não se sabe quando foi fundado. Tem renda propria. Está annexo ao da Misericordia. Pertence aos ferreiros, serralheiros, caldeireiros, picheleiros, ferradores, ourives, cuteleiros e carvoeiros.

—

Albergaria de S. Braz e Santo Estevão. Junto da egreja de Santo Estevão, instituida por seculares, mas não se sabe quando. Tinha e tem renda propria, que passou para a Misericordia. Tinha obrigação de tres camas; e duas missas resadas, por cada pessoa que n'ella morresse. Quando se annexou á Misericordia, se separaram tres leitos, com a referida obrigação das missas.

A casa d'este e dos outros pequenos hospitaes ou albergarias, se aforaram, em 1632.

—

Hospital de Porto Côvo. No arrabalde da Ponte, proximo da egreja de S. Thiago, houve outro hospital, com aquelle titulo, que tinha annexa uma confraria de defunctos, da invocação de Nossa Senhora de Porto Côvo. Foi tambem instituido por seculares, em 1506, e o seu compromisso approvado em 1536. Tinha renda propria e uma cama para sacerdotes, e quatro para seculares. Tinha mais tres casinhas, junto ao hospital, que se davam por esmola a mulheres pobres. Tinha obrigação de duas missas cantadas, e com ella se annexou ao da Misericordia, por mais que os moradores do arrabalde o impugnaram.

—

Hospital do Arrabalde, junto á ermida de Santo André.

Era uma especie de albergaria, annexa ao morgado dos Teixeiras, da Barrosa. Tinha obrigação de dar uma cama e candeia, e outras miudezas. Era visitado como os mais e tinha renda particular, para cumprimento das ditas obrigações.

Não se sabe quando, nem por quem foi fundado (talvez pelo instituidor do vinculo) mas era antigo, pois foi visitado em 1581, sendo bispo de Leiria D. Antonio Pinheiro.

—

Gafaria e ermida de Santo André. Ainda

no Arrabalde da Ponte, havia a ermida de Santo André e um hospital annexo, cuja instituição, segundo consta, foi para a cura de *gafos*, doença n'aquelles tempos muito vulgar no reino.

Como esta horrorosa doença fosse pouco a pouco desapparecendo, tornando-se rarissima, e o hospital estivesse vasio, as suas rendas eram gastas em obras pias. Para evitar abusos na distribuição das esmolas, se mandou em 1555, fazer d'ellas rol, para ser apresentado ao prelado da diocese. Depois passaram estas rendas a ser applicadas para sustento e vestuario dos expostos, e com este encargo foi a gafaría unida á Misericordia.

Não se sabe quando nem por quem foi fundado; mas é muito antigo, pois já em 1542 se não pôde saber a data da sua fundação. O hospital se desfez; mas a ermida ainda existe, menos um alpendre, que tinha para a parte do *Rocio*, e n'elle um altar, que foram demolidos.

—

Capella do Espirito Santo. É muito antiga, pois que a sua confraria foi instituida em 1306. Os confrades assistiam aos enfermos em suas casas, e acompanhavam os defuntos á sepultura, hindo adiante *tangendo e bailando*, com vestiduras farpadas, que para isso tinham.

Em 1536, prohibiu-se este singular modo de acompanhar defuntos.

Eram curiosos alguns capitulos do seu compromisso, por exemplo:

«Se algum confrade dirigisse a outro qualquer palavra injuriosa, em cabido, levasse seis açoites *sobre a saia*, e jurasse sobre um crucifixo, que o dissera só por ira e não por ter causa.

«Se um confrade dissesse a outro palavras escandalosas, ou lhe désse com a mão aberta ou fechada, recebesse doze açoites, e pagasse uma libra de céra para a confraria.

«Se algum confrade tivesse contenda com outro que o não fosse, todos os confrades o ajudassem.»

Estas *leis* foram revogadas em 1542. Pelo meio da capella hia um cano d'agua para o mosteiro das freiras de Sant'Anna. Abaixo d'este cano havia uma fonte, de que se se não aproveitava a gente da villa. Em 1507, as religiosas pediram esta fonte para a nmetterem dentro do mosteiro, o que o conncelho concedeu, desistindo ellas então da agigua do tal cano.

—

Bôdo de pão e queijo. Em umas casasas que estão no terreiro chamado do *Pão e QQueijo*, em frente das em que se dava este bôôdo, vivia uma mulher, que, vendendo vinhoio, para o accrescentar, lhe deitava agua de uum poço que havia nas mesmas casas. Mas, ,, quando mal o pensava, acabou-se-lhe estete meio de *augmentar a sua fazenda;* porque a a agua do poço se tornou tão salgada que lhe e estragou o vinho, tendo ella de entulhar o o poço. Reflectindo então no engano que fazia a ao publico, e julgando ser isto um castigo o d'elle, não tornou a *baptisar* o vinho, e popor sua morte deixou á confraria do Espirito o Santo toda a sua fazenda, para que dos rendidimentos se désse no 1.º de maio de cada la anno, pão e queijo aos pobres.

Os individuos encarregados do bodolo (confrades do Espirito Santo) *esqueceram-s-se* de o dar, pelo que o bispo D. Diniz de Melello, em abril de 1632, mandou que d'alli em o diante se distribuisse o pão e o queijo em treres partes, e no dia marcado no testamento, s, se desse uma parte aos prezos, outra a *pobnbres envergonhados*, em suas casas, e o resesto aos pobres, no logar designado pela teststadora.

—

O bôdo geral — Os mesmos confracades do Espirito Santo davam um bôdo geral, ll, a todo o povo. Compravam 7 ou 8 touros, dlodos mais bravos que se podiam encontrar, os os quaes eram corridos na sexta feira antes es do domingo do Pentecostes no adro de S. S. Martinho. Depois matavam os toiros, e e os cosiam no domingo para serem distrilribuidos por quem quizesse acceitar o bôdo.

Como nas corridas dos touros, popor muitas vezes morriam toureiros e semprpre ficavam alguns mais ou menos feridos s e aleijados, o visitador prohibiu em 1536 é este divertimento, e mandou que os bois; o que se comprassem fossem dos mansos.

Os confrades assim o cumpriram; m; mas nos

primeiros dois annos se estragou toda a carne dos bois manços (aqui houve falcatrua dos confrades) o que o povo atribuiu a não ser exactamente cumprido o legado pelo que tornaram, sem auctoridade de ninguem, a comprar e correr touros. O visitador em vista do exposto, por carta de 1542, consentiu na continuação das corridas.

—

Hospital do Espirito Santo — Annexa á capella do Espirito Santo, tinha a confraria um hospital, com *hospitaleiro* (enfermeiro) e obrigação de curar n'elle, todas as enfermermidades, e agasalhar peregrinos; para o que tinha leitos com camas, e portas fechadas. Tinha renda propria. Era muito antigo, pois existe uma escriptura de compra de uma propriedade d'este hospital, feita em 1358, e outra de emprazamento, em 1428. *Urraca Annes*, deixou a este hospital, em 1355, um casal, que está alem do *Peruchal*, freguezia do Reguengo.

Este hospital tinha gado proprio, para o serviço da casa. (Em 1520, segundo consta de contas da casa, custava um bôi 1$500 réis.)

Não se sabe quando nem por ordem de quem deixou dee xistir este hospital que não foi, como os outros, unido á Misericordia.

—

Egreja e casa da Misericordia—A sua confraria foi instituida em 1544, quarenta e seis annos depois da instituição da de Lisboa (1498.)

O sitio em que se fundou a egreja e casas e em redor d'ellas, era a antiga *judiaria*, como se vê em varios documentos; e no tombo da fabrica de S. Martinho, que está no cartorio da Sé, se lê o seguinte:

Casas da judaria, partem com Jordão Annamel e com Moisencema paga 3 onças de insenso.

Ha quem diga que a actual egreja da Misericordia foi orginariamente sinagoga de judeus, o que não é inverosimil.

—

Egreja de S. Simão — Dentro dos paços reaes, cujas ruinas se veem junto aos episcopaes, existiu uma egreja, dedicada a S. Simão, que com os mesmos paços, mandou fazer o rei D. Diniz. Foi a egreja e paços reaes arrazados, sendo bispo D. fr. Antonio de Santa Maria.

—

Os francezes, em 1808, 1810 e 1811, assassinaram 1409 pessoas, d'ambos os sexos e de todas as edades, nas differentes freguezias do bispado de Leiria.

—

Em julho de 1874, a junta geral do districto e a camara municipal, formaram um corpo de policia civil, para garantia das possoas e propriedades do districto pelo que foram elogiados pelo governo, em portaria do mesmo mez e anno.

—

O bispado de Leiria é actualmente composto de 50 freguezias, que são:

Alcaria, Aljubarrota (Prazeres) Aljubarrota (S. Vicente) Alpedriz, Alqueidão, Alvados, Amor, Arrabal, Arrimal, Azoia, Barrosa, Barreira, Batalha, Caranguejeira, Carvide, Coimbrão, Colmeias, Córtes, Espite, Fatima, Freixiandas, Juncal, Leiria, Maceira, Marinha, Marrazes, Mendiga, Milagres, Minde, Mira, Monte Real, Monte Redondo, Olival, Ourem, Pataias, Porto de Mós (S. João) Porto de Mós (S. Pedro) Pousos, Parceiros, Regueira de Pontes, Reguengo, Rio de Couros, Santa Catharina, S. Simão, Seiça, Serro Ventoso, Souto, Vermoil, Vieira, e Villa Nova d'Ourem.

—

D. João III deu a alcaidaria-mór do castello de Leiria, aos marquezes de Villa Real com as casas que Santa Isabel tinha mandado fazer no castello; mas elles prefiriram outras, de fabrica tambem antiga, mas em um lindo sitio, junto ao rio. Esta alcaidaria-mór cessou em 1641, por se tornar traidor o então marquez de Villa Real. (Vide Caminha e Villa Real.)

Castello, casas dos alcaides-móres, quarteis e collegiada de Santa Maria da Pena está hoje tudo abandonado e em ruinas.

—

A antiga correição de Leiria comprehendia 23 villas e seus termos.

Conventos

1.º—Frades franciscanos, *observantes*, (o mais antigo d'esta Ordem em Portugal, e cu-

ja egreja é sagrado) fundada (o actual) por D. João I., em 1388, em satisfação de casar com D. Philippa, sem despensa, sendo professo na Ordem militar de S. Bento d'Aviz.

O convento primittivo foi edificado no Rocio de Santo André, junto ao rio, entre 1223 e 1232. Não queria o prior-mór e convento de Santa Cruz, consentir n'esta fundação, e excommungaram os frades e os que os ajudavam com esmolas. Os frades se queixaram ao papa Gregorio IX que passou um breve para os bispos de Viseu e Lamego e D. prior de Guimarães, para que todos, ou dois d'elles obrigassem os cruzios a levantar a excommunhão e deixassem fazer o mosteiro. Este breve foi passado a 21 de maio de 1223. Por estar muito distante da villa, é que se mudou em 1388.

O edificio d'este convento, foi concedido á camara municipal d'esta cidade, por carta de lei de 2 de julho de 1855, para o demolir e aproveitar os materiaes. Em março de 1858, a camara pediu auctorisação ao governo para alterar o destino d'esta concessão, não demolir, mas aproveitando o edificio para tribunal de justiça, paços do concelho e prisões; o que só teve effeito quanto ás prisões e é a applicação que hoje tem.

A egreja é da Ordem terceira de S. Francisco. Foi-lhe concedida por carta de lei de 14 de fevereiro de 1861. Estava bastante arruinada, porem actualmente se acha, pelos esforços d'aquella respeitavel corporação, em muito bom estado e adornada com muita decencia.

2.º Frades *Agostinhos* — Este edificio era o melhor de todos os conventos de Leiria. Está ha muito tempo servindo de quartel militar, onde está hoje o batalhão de caçadores n.º 6.

A egreja é da irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

Foi fundado pelo bispo D. Frei Gaspar do Casal (que era frade d'esta Ordem, e foi o terceiro bispo de Leiria) com licença d'elrei D. Sebastião. Não pude averiguar a época certa da sua fundação, mas foi entre 1577 e 1584.

Este bispo, a quem Leiria muito deve, fundou tambem o seminario episcopal d'esta cidade, reconstruiu a capella de NNossa Senhora dos Anjos, que estava arrasadida; a matriz de Santo Estavão, que estava a cacahir; a Sé (como logo direi) e fez outras mais obras de utilidade publica.

D. fr. Gaspar do Casal, foi transfeferido para a diocese de Coimbra, e alli morreu em agosto de 1585, deixando em seu testamento que queria que seus ossos fossem trasladados para a egreja do mosteiro de S Santo Agostinho, de Leiria, como effectivammente foram.

A inscripção da sua sepultura, como hoje se póde ler, é do theor seguinte:

S.ª DE D. FR. GASPAR DO CA
ZAL RELIG.º DE N. P. S. AG.º CA.
THEDRATICO Q. FOI DA VD.º
DE COIMBRA PREGADOR E
CONFESSOR DELREY D. JOAM III.
PRESIDENTE DA MEZA DA CONS
CIENCIA .... ASSISTEN
TE NO CONCILIO DE TRENTO
EMBAIXADOR DELREY DE
HESPANHA BP.º DO FVNCHAL
E D'ESTA CIDADE CVJA SEE FVN
DOV E ACABOV EM .....
TR.º E DEPOIS DE COIMBRA
ONDE FALECEU A ....
AGOSTO DE 15. 5 ....
FOI TRASLADADO PARA .....
CAPELLA AOS .....
DE 1600.

—

3.º — Frades capuchos arrabidos, de le Santo Antonio, fundado por D. Pedro Vieiieira da Silva e sua mulher, D. Leonor de Nororonha, em 1450. Este D. Pedro se ordenou, d depois de viuvo, e veio a ser bispo d'esta ci cidade

Em 1864, foi este mosteiro transforormado em hospital militar, comprehendida a a egreja, e assim se conserva.

A egreja já estava desguarnecida e a abandonada desde 1834. N'ella estão os ossos dos fundadores dentro do seu carneiro. ExExistem alli duas lapides de marmore branco,co, que denotam fazer parte de uma arca, dentro da qual provavelmente estava o feretro. Uma das lapides tem esta inscripção:

N'ESTE CAIXÃO ESTÃO OS
OSSOS DO S.or D. P.º VIEIRA
DA SILVA. E DE SVA MVLHER
A S.ra D. LEANOR DE NORO
NHA. Q. FVNDARÃO E

DOTARÃO ESTE COM
V.to O QVAL DESPOIS
DE VIVVO. SE FES
CLERIGO E FOI BP.º DES
TA CID.e DOMDE FA
LECEV. A. 12, DE 7 B.ro DE
1676. E SVA M.er FALECEV EM
LX.ª ..... DE AGOSTO .....

.....

A outra diz

NESTE VÃO ESTÃO
OS OSSOS DO FVN
DADOR.

D. Pedro Viera, antes de se fazer, padre serviu logares importantes, como secretario d'estado dos reis D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II e foi plenipotenciario no ajuste de paz entre Portugal e castella, em 1668.

4.º — Freiras dominicas (de Sant'Anna) fundado por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando I, que foi segundo duque de Bragança, em 1490 deixandolhe todas as suas fazendas.

Se os nossos governos continuarem imdifferentes este edificio cahirá em total ruina. Está quasi despovoado de religiosas professas, tendo apenas religiosas terceiras ou educandas, que vão ajudando a agonisante communidade. No coro de baixo, da egreja, ha uma a par da outra, as duas notaveis inscriipções seguintes:

1.ª

S.A DA DUQUEZA DE
BRAGANÇA. DO
NA. BRITES. MOLHER
DO GRÃO. DUQUE.
DE BRAGANÇA. DÕ
TEODOZIO. QUINTO
DUQUE. DE BRAGA
NÇA. FL.co A 5 DE
JUNHO. DE 1623
ANOS.

2.ª

S.A DA S.A D. ISABEL
DALENCASTRE.
DUQUESA DE CA
MINHA. MVLHER
DO D. D. CAMINHA
D. MIGVEL. DE ME
NEZES. O PR.º FA
L.co NA ERA DE
1625.

Ha tambem n'esta cidade o *recolhimento do Santissimo Coração de Jesus Maria*, vulgo, *convento de Santo Estevão*. Não ha (e nunca houve) aqui voto solemne, mas sómente profissão na terceira ordem de S. Francisco. Tem uma escola de meninas, paga pelo estado. Está ainda bastante povoado e o seu estado póde reputar-se florescente.

—

O castello de Leiria, tão disputado e tão célebre nos seculos XII e XIII, está edificado sobre um outeiro penhascoso, bastante elevado, pelo que se vê a grande distancia, e fica sobranceiro á cidade. Já disse que está em ruinas.

Este monumento venerando e imponente, apresenta uma vista pittoresca, sobretudo visto da alameda. Ainda dentro d'elle existem as ruinas dos paços do rei *lavrador* e de Santa Isabel.

Proximo ao castello está a Sé, templo sumptuoso, de tres naves, e nove altares, o qual é proximo da antiga egreja de Nossa Senhora da Pena (ou *Penha de França)*. É opinião geral que D. fr. Gaspar do Casal o edificou desde os alicerces á sua custa, lançando-se-lhe a primeira pedra em 11 de agosto de 1559, como induz a acreditar a inscripção que está na fachada do templo. É um dos mais vastos e sumptuosos de Portugal. É, como todas as mais cathedraes do reino, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. Fica-lhe contiguo o paço episcopal.

(Antes de se fazer este templo, servia de Sé a egreja de Nossa Senhora da Pena, dentro do castello, que, como já disse, D. Affonso I edificou e D. Diniz reconstruiu em 1292. Era uma egreja pequena, e está hoje desmantellada.)

A fundação da Sé actual, que o auctor dos —*Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza* (tom. 1.º)— attribue ao bispo D. fr. Gaspar do Casal, dizendo — que a edificou desde os alicerces e acabou em poucos annos á sua custa — não obstante ser esta a opinião vulgar, pelo menos é facto controverso. O epitaphio que está sobre a sepultura d'aquelle illustre pre-

lado na egreja de Santo Agostinho de Leiria, onde jaz, o qual epitaphio foi feito 12 annos, pelo menos, depois da sua morte, assim o declara. Foi d'ahi, talvez, que o auctor dos —*Retratos*— tirou a sua noticia; se acaso não teve tambem conhecimento (do que dá indicios) da inscripção, que, dizem, estava na fachada da cathedral, e que, segundo um manuscripto de que tenho cópia, era do theor seguinte:—*Gaspar, Leiriensis Episcopus, vir litteris et magnificentia antiquis Patribus persimilii, Ecclesiam Dei gubernante Paulo IV, Lusitanorum Rege Joanne III, anno a partu Virginis MDLIX tertio idus augusti templi maximi fundamentum primum jecit, propriis sumptibus auxit*—mas a interpretou mal.

E ainda (outro fundamento em que se estribam os d'esta opinião) das iniciaes *B. D. G.* (Bispo D. Gaspar) que se vêem em um dos fechos da abobada; posto que ellas podem simplesmente significar que a Sé se acabou no seu tempo, como realmente foi.

Outros porém, dão esta honra a el-rei D. João III, embora a iniciativa podesse partir do prelado. As suas razões são estas: 1.ª, Custa a crer que um bispo, cujas rendas, segundo dizem, pouco passavam, n'aquelle tempo, de 5:000 cruzados, e que, sendo, como era frade, não devia possuir bens proprios, ainda que tivesse administrado a diocese 22 annos, podesse levar a cabo uma empreza d'aquella ordem. 2.ª, Fr. Antonio Brandão, que escrevia em tempos muito proximos, apenas diz—que em tempo de D. João III se edificou a Sé. 3.ª, A inscripção da fachada tambem o não diz expressamente, como era de esperar. 4.ª, (E a esta não é facil responder) ha um decreto do senhor D. João VI, quando principe regente, datado de 3 de março de 1795, pelo qual faz doação aos prelados de Leiria, do padroado das dignidades e conezias não reservadas, e dos mais beneficios da sua Sé; e n'esse documento allega o soberano, para basear esta resolução, que a cathedral de Leiria é do padroado real—«por ser fundada e dotada pelo senhor rei D. João III.»

Ha uma outra questão relativamente á alcaidaria-mór do castello; é a seguinte:

Fr. Antonio Brandão diz—que este cargo andava na casa dos marquezes de Villa Real, os quaes tinham um pequeno palacio junto ao rio—(o palacio ainda existe, mas não junto ao rio, pela razão porque a Sé deixou tambem de o estar). Porém de uma inscripção, que ainda se lê sobre um jazigo, na egreja do castello, consta que esta dignidade andava, já desde tempos muito anteriores aos em que os marquezes se vêem figurando em Leiria, na familia dos Barbas (da casa do Amparo, proximo á cidade).

Ora, sendo costume passar este cargo de uma pessoa de familia para outra, ao menos talvez depois que se tornou um mero titulo honorifico, constituindo até em certas circumstancias previstas na *Ordenação do Reino*, liv. 1.º, uma verdadeira herança, como é que elle passou dos Barbas para os ditos marquezes?

O palacio ainda existe, como disse, e os marquezes lá residiram. Lá fez seu testamento, e é provavel fallecesse, a duqueza de Caminha, D. Isabel de Alencastre; e n'elle deixou ordenado, que queria ser seppultada na egreja do convento de Sant'Anna, em sepultura rasa, ao lado da duqueza de Bragança, D. Brites (sua sogra talvez) de modo que se não podesse metter dois dedos entre uma sepultura e outra.

Segundo o conde da Ericeira *(Portugal Restaurado)* aqui se achava o marquez D. Luiz de Menezes, quando rebentou a gloriosa revolução de 1640. Na janella principal, que deita para a Praça (o palacio tem frente para a Praça e para o Rocio) ha uma cifra, que parece dizer—*castello.*—Mas já de tempos muito mais remotos os marquezes, ou fosse permanente ou temporariamente, residiam em Leiria. Das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real* (parte 1.ª) consta, que nas suas casas se fez a 2 de junho de 1500, isto é, no reinado de D. Manuel, a procuração para o casamento de D. Joanna de Noronha, filha do marquez, com o condestavel D. Affonso, sobrinho d'el-rei. Ora, se no tempo d'el-rei D. Manuel era alcaide-mór um Barba, segundo reza a inscripção, e este Barba era neto de outro, que tambem o havia sido, parece claro que, ao menos até D. Manuel, não

tiveram os marquezes a alcaidaria do castello leiriense, posto que na villa (que então era) residissem; mas que algum dos soberanos que mediaram entre D. Manuel e os Philippes fez mercê d'ella aos marquezes, em cuja mão se conservou até á extincção da casa de Villa Real em 1641 pelo motivo que é notorio; revertendo n'esta epocha para os Barbas, seus antigos possuidores; os quaes, se bem me recordo, ainda em tempos que não vão muito longe se honravam com ella. E tanto isto me parece certo, quanto no *Couseiro*, acho nomeado um Gonçalo Correia, tenente do castello pelo marquez, no reinado de D. João III.

Eis aqui a lista dos alcaides-móres do castello de Leiria, de que nomeadamente tenho noticia:

Paio Gutterres, sob D. Affonso Henriques.

João Carapesal, sob D. Sancho I.

Martim Fernandes, sob D. Affonso III e D. Diniz.

Pero Annes de Portel, ainda o era em 1282.

Lourenço Annes Redondo, sob D. Diniz.

Garcia Rodrigues Taborda, por D. Leonor Telles, a quem D. Fernando I doára a villa de Leiria.

Lourenço Martins, sob D. João I.

Fernão Rodrigues Alardo, sob D. Affonso V ou D. João II.

Pedro Barba Alardo, sob D. Manuel.

—

Almeida e Araujo, falla da cathedral no *Monte do Castello*. Não haja engano. A Sé actual é na planicie, á raiz do monte que cobre a cidade pelo lado do poente. O que havia no *Monte do Castello* era, no mais elevado, a egreja de Nossa Senhora da Pena ou da Penha, hoje em ruinas, e mais abaixo a de S. Pedro, tambem ha muito profanada, tendo sido celleiro no tempo dos dizimos, e actualmente é theatro; ambas as quaes serviram de cathedral, antes da edificação da nova Sé.

—

No tumulo dos Barbas, na egreja do castello, está esta inscripção:

S.ª d. q. fes. m.ce o. s.or rei. d. m.l a. p.º barb.ª
alardo. alcaide. mor. deste. cast.º
cap.am g.l de. ceita. f.º de. rui. barba. co
rea. do c.º dos. s. reis. d. af.º 5.º e. d. j.º 2.º e.
n.lo de frnão. roiz. al.do q. foi. alcaide.
mor. deste c.le e. do. de. v.ª de. obidos. e. bisne
to. de. rui. miz. barba. e. era. miz. al.rdo des.cle
de. d. al.rdo s.r de. v.ª verde. por. m. delrei d. af.º 1.º
no. anno. de. 1180.

No padrão do alpendre da egreja de S. Francisco (no Arrabalde da Ponte), se vê esta inscripção:

Anno. dni. 1562. die. 14. januarii. couse
cratu. fuit. templu. hoc. a. rssim.º epõ.
d. martyra. [1] d. f. ludovico. de nor
ma: ex ordine. minõr. assumpto. pro * tuc. [2]
praesul. localis. erat. r. p. f. xpiõ. r.º de.
covilhã. sequenti. vero. die. ab. eodem. an.
tistite. symbala. fuere. benedicta. ma
jus. s. antonii. s. barborae. min.ª nomi
na. sunt. sortita. hec. memoria. ex. pa
piro (de lapsis. 46. annis.) translata. fuit.
ad. hunc. lapidem. die. 20. aprilis. an
ni. 1608. a. xpõ. nato.

—

No cunhal de uma sachristia abandonada, da egreja do convento de S. Francisco (supprimido) está a inscripção seguinte:

D. M.
DIADUMENO
CARISIAE
AVITAE LIB
. . . . . .

—

A seguinte inscripção, foi descoberta em 1870 na egreja do castello de Leiria. Não me consta que até hoje se publicasse, senão em Allemanha, para onde a mandou um individuo de Lisboa, a quem se havia dado noticia d'ella.

DIVO ANTONIN
AVG. PIO. P. P.
OPTIMO. AC. SANCTIS
SIMO. OMNIVM. SAEC

---

[1] No artigo Arrabalde da Ponte, a pag. 238 kk, do 1.º volume, disse que lançou a primeira pedra n'esta egreja, o bispo de Martyria. Em vista porém d'esta inscripção, que obtive ha poucos dias, se vê que este prelado *(in partibus)* não lançou a primeira pedra, mas sim, fez a sagração do templo, n'aquelle dia, mez e anno.

[2] Onde está este signal * provavelmente falta a palavra *qui*, pois devia ser — *pro qui tunc pra esul etc.* — assim não faz sentido.

LORUM. PRINCIPI
Q. TALOTIVS. Q. F. QVIR. AL
LIVS. SILONIANVS. COL
LIPPONESIS. EVOC. EIVS
CHOR. VI. PVAETORIAE
NOMINE. ORDINIS
COLLIPPONENSIVM
QVOD. DECVRIONEM
EVM. REMISSO. HONOR
RIO. ET. MVNERIBVS. ET
ONERIBVS. R. P. FECERIN
DEDICATA. EX. D. D.
XIII KOCTOBR. IMP. CAE
L. AVRELIO. VERO. AVG.
III. M. VMIDIO. QVADRATO.
COS.....IIVIR.
Q. ALLIO. MAXIMO
G. SVLPICIO SILONIANO

Está copiada fielmente, de sorte que as palavras—*saeclorum, calliponesis, chor, Fecerin, cae*—de linhas 4, 8, 9, 15 e 17, em que faltam lettras, é assim mesmo que se acham esculpidas no marmore, e do mesmo modo a palavra—*Vmidio*—na linha 19, com um sò *m* em vez de dois, como geralmente se encontra escripta. Esta inscripção devia estar na base de alguma estatua ou columna.

Em 1870, quando se andava construindo a estrada de Leiria para a Figueira da Foz, descobriram uns trabalhadores junto á mesma estrada, n'um sitio denominado *A costa de Martim Gil*, a 1 kilometro, pouco mais ou menos, da cidade, um mosaico romano muito regular e bem feito. Acharam tambem uma urna cineraria de barro, a qual, infelizmente esmigalharam, cuidando que continha dinheiro; e muitos fragmentos de telhas, de tijolos, de vasos de barro, e de marmore polido; e, dizem elles, que tambem bastantes moedas. Depois descobriram outro mosaico nos mesmos sitios; e nos fins de setembro, vindo aqui, attrahido por estas noticias, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, distincto e bem conhecido architecto, mandou fazer algumas escavações, e descobriu, no ponto indicado por um dos ditos trabalhadores, alguns pavimentos de bello mosaico de varios lavores, feitos com uma exactissima regularidade.

Achou-se egualmente n'esta occasião, uma pequena medalha de cobre, em que parece ler-se o nome do imperador Magnencio; e já depois d'isso uma outra, ou antes uma moeda, manifestamente do imperador Prrobo, do mesmo metal.

Tambem se acharam mais tres inscripções (que ainda existem) são as seguintees:

1.ª

D. M. S.
AVITAE
RUF. F.
AN. XVII.
RUFUS RUFI
F. T. RUFIN.
...UFI. F...

2.ª

D. M..
ALBURAAE
TITI. FF.
DUTIA..
ANITI. I F.
MATERR
P. C..

3.ª

D. M. S.
M. FRONTONI
O. FRONTONI
M. FRONTONIU...
AVITUS. PA
TRI PIISSIM.
P. C.
S. T. L.

—

Ha n'esta cidade lyceu, theatro, Misericordia e hospital.

Tem um bonito passeia publico (c'chamado da Fonte-Quente) no Rocio, junto ao rio Liz

Está em situação pittoresca, occupando ambas as margens do rio, pelo q que, com mais propriedade se diria dois, commmunicando entre si por duas bonitas pontes de pedra. A Fonte Quente fica distante do Rocio no fim dos passeios, junto aos banhos que lhe dão o nome, por sahir quente a agua minaral d'elles. Ha tambem em Leiria a bo fonte do Freire.

Ha no seu termo grandes minas de ferro já exploradas pelos romanos (e alguns dizem que mesmo pelos carthaginezes) mina de carvão fossil, pedreiras d'optimo marmo pedra calcarea e excellente argillila para industria ceramica.

—

Em janeiro e fevereiro de 1872, houv aqui (e em todo o reino) uma grande chei produzida pelas chuvas torrenciaes. s. Invadi a cidade baixa, chegando á egreja do Espirito Santo.

—

Já disse que D. Diniz deu o senhorio temporal de Leiria a sua mulher. Por morte d'e

ta santa rainha, tornou a villa a ser encorporada na corôa.

O rei D. Fernando a deu primeiramente a sua mulher, D. Leonor Telles de Menezes, e depois a seu cunhado, o conde D. Gonçalo; mas D. João I, subindo ao throno, revogou a doação e d'ahi por diante não tornou a sahir do real patrimonio.

—

Acha-se esta cidade edificada junto á falda d'E do monte do castello, em uma deliciosa planicie, cortada pelos pequenos mas formosas rios Liz e Lena, do nome dos quaes pretendem alguns escriptores derivar-se o actual da cidade.

A Praça de S. Martinha, tem este nome, porque antigamente havia aqui uma egreja dedicada a este santo bispo.

Leiria está a 24 kilometros a E. do Oceano — isto é — do sitio em que os seus dois rios, já reunidos, entram no mar.

O seminario episcopal foi fundado por D. fr. Gaspar do Casal, logo depois de chegar do concilio de Trento, em 1563. O já referido D. Pedro Vieira da Silva o reconstruiu pelos annos de 1660.

—

A parte da cidade que se estende ao longo de um vasto campo chamado o Rocio, que o separa do rio Liz, é formosa e alegre; não assim o resto, que é uma rede de ruas e bêccos, estreitos, escuros e tortuosos, com pequenos largos, tudo guarnecido de essas altas, algumas de bôa apparencia.

A casa da camara é de singela architectura e nada tem de notavel.

O Liz corre ao S. do convento dos agostinhos (quartel militar) e proximo a elle, entre muralhas bem construidas que o encanam. De uma margem o vae acompanhando uma bonita estrada e da outra uma comprida e formosa alameda, de grandes arvores, com assentos de espaço a espaço, sobre o rio, e communicando-se com a outra margem por duas pontes no centro, outra no fim. Á entrada da alameda, e já no campo, está uma bôa ponte de pedra, álem da qual ha ainda no mesmo Rocio mais duas, sendo a de S. Martinho uma das entradas da cidade.

Ha quatro fontes principaes. A chamada *Olhos de Pedro*, tem a singularidade de serem duas nascentes, rebentando da mesma penha uma d'agua fria, outra d'agua tépida.

—

Os arrabaldes de Leiria são muito formosos, sobre tudo os regados pelos rios Liz e Lena. Ha n'elles varias capellas, sendo a principal a de Nossa Senhora da Encarnação, fundada sobre uma pequena imminencia onde se faz uma romaria muito concorrida.

O termo de Leiria produz abundancia de cereaes, legumes, fructa, vinho, azeite, etc.

Cria-se n'elle muito gado e caça.

Proximo de Leiria se descobriu, em 1855, um edificio romano, que estava soterrado, d'onde se tiraram alguns quadros de mosaico, muito bem conservados.

Faz-se no Rocio d'esta cidade, no dia 29 de março de cada anno, uma grande e mui concorrida feira. No mesmo Rocio se faz a exposição geral dos gados, de differentes especies, que costuma ter logar todos os annos nas capitaes dos districtos, distribuindo-se então premios aos creadores das raças mais apuradas.

N'esta cidade foi creado o primeiro duque de Bragança, D. Affonso, que nasceu no castello de Veiros (Alemtejo) Era filho bastardo de D. João I, e neto do Barbadão. (Vide Guarda.)

Aqui nasceu D. fr. Patricio da Silva, cardeal patriarcha de Lisboa.

No logar do *Carrascal*, d'este concelho falleceu, em dezembro de 1873, um individuo, por appellido, *Subtil*, com 111 annos de edade.

O *Carrascal* fica alem da Fonte-Quente. Sobre a garganta que divide o monte do Carrascal do de S. Miguel, havia uma ponte da invocação d'este santo assim como havia outra ponte chamada de S. Martinho, pela qual se passava da praça d'este nome, para o Rocio. Nenhuma d'estas pontes existe hoje, porque a valla por onde hia o Liz, foi coberta de tijolo em toda á extensão do Rocio.

—

Tem Leiria a honra de ser a patria do suavissimo poeta Francisco Rodrigues Lobo. Nasceu pelos annos de 1580. Era filho d'André Lazaro Lobo e de Joanna de Brito Ga-

vião. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra.

É o mais ameno dos nossos poetas bucolicos. A sua *Primavera*, tem versos admiraveis. O *Pastor Peregrino* e o *Desenganado*, são poesias d'egual merecimento. *A côrte na Aldeia*, é um precioso modelo de bôa prosa portugueza e um primor de linguagem.

Em uma viagem que fez a Lisboa, morreu afogado no Tejo ahi por 1630.

Segundo uma tradição que ha em Leiria, a causa da hida de F. R. Lobo para Lisboa, foi a seguinte:

O poeta era admittido nos saráos que aqui davam os duques de Caminha, e veio a namorar-se de uma filha d'estes fidalgos, hindo galanteal'a para a ponte do rio (que nesse tempo ainda passava por baixo das janellas do palacio) e que, percebendo isto o duque, lhe mandou dizer por um criado, que «ou desapparecesse de Coimbra, ou se preparasse para hir, de cabeça para baixo, ao rio. Lobo, como era de presumir, escolheu a primeira proposta.

Logo na segunda pagina do *Pastor Peregrino*, se vê um soneto que parece abonar a tal tradição: começa assim:

«Altivos pensamentos que tomastes
Logar n'esta alma, etc.

Diz tambem na Flor quinta:

Atrevido pensamento,
Não me ponhas em perigo,
Que, para ser venturoso,
Não basta ser atrevido.
Se sobis por levantar-me,
Vêde quanto a traz vos fico.
. . . . . .
Encolhei um pouco as azas
E estai a conta comigo.
. . . . . .
Fiai-vos do desengano,
Vereis se é melhor partido,
De um cobarde acautelado,
Que de ousado arrependido.
Vêde no triste successo
Do que deu o nome ao rio
Quão pouca contra ventura
Podem valer artificios,

E na Ecloga oitava:

Seguia um contentamento.
Impossivel á razão.
. . . . . .
Ví Cimeia, e logo n'ella
Tantas razõens de querella,
Que ainda em presença do damno,
Co's pés sobre o desengano,
Déra mil vidas por ella.

—

Contemporaneo e parente de Francisco Rodrigues Lobo havia outro poeta do mesmo sobre nome e por alcunha *Soropita*, que tem sido causa de não poucos quiproquos, em razão da identidade dos appellidos.

Todos sabem que o sr. Camillo Castello Branco, é tão famoso e inexgotavel romancista, como infatigavel investigador de antiguidedes, e eximio *esmerilhador* de pontos historicos duvidosos.

Em 1868 publicou um livro intitulado — *Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita* — no prefacio do qual, o sr. Camillo Castello Branco julga, com muito criterio, que Soropita nasceu em Leiria: e é incontestavel que viveu n'esta cidade por muitos annos, sendo, como seu parente, Francisco Rodrigues Lobo, admittido em casa dos duques de Caminha, que n'esse tempo aqui faziam a sua residencia grande parte do anno.

A familia dos Rodrigues Lobos era uma das mais distinctas de Leiria

Soropita estudou e licenceou-se jurisconsulto em Coimbra, onde parece ter sido um estudante travesso e facéto, pois alli publicou um *Regimento Escolastico*, que diz ter sido achado no ventre de uma toninha, no qual, entre alguns bons conselhos aos estudantes, se leem satyras de muita graça.

Graduado em leis, passou a exercer a advocacia em Lisboa, ainda durante a vida de Luiz de Camões, e adquiriu a fama de bom jurisconsulto.

Segundo o sr. Camillo Castello Branco (que vou seguindo) Soropita era um leal patriota, aborrecendo a usurpação de Philippe II, e amado o nosso infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Escreveu algumas obras estimaveis, e colligiu as *rimas* de Camões.

Morreu velho; mas não se sabe com certeza quando.

Os que desejarem saber mais circumstanciadamente tudo quanto ha com respeito á vida e obras de Soropita, pode consultar a referida obra do nosso Camillo Castello Branco.

—

Na Monarchia Lusitana (P. 3.ª, liv. 9 fl. 25) se diz que a Sé de Leiria foi edificada junto ao rio. É verdade quando escrevia fr. Antonio Brandão, mas não actualmente, porque as enchentes, tendo feito mudar o leito do rio mais para o E, está hoje a Sé a uns cem metros.

Diz o mesmo escriptor que a egreja que serviu de cathedral de Leiria, foi a de S. Pedro; mas segundo o *Couseiro ou memorias do bispado de Leiria* (manuscripto de ha mais de 200 annos, e publicado por um ecclesiastico do bispado de Leiria, em Braga. no anno de 1868) foi a egreja de Nossa Senhora da Pena (ou da Penha) hoje em ruinas, edificada no castello; e depois é que foi a de S. Pedro, que era um pouco mais abaixo: e por ultimo a Sé actual, para a qual passou o cabido, em 1574.

—

São tambem naturaes de Leiria, Pedro Affonso de Vasconcellos, erudito juriscousulto do seculo XVI, (F. Freire de Carvalho obr. cit. pag. 82 e sua nota.)

Foi auctor de uma obra de direito intitulada *Harmonia Rubricarum Juris Canonici*, impressa em Coimbra em 1588.

D. Pedro Vieira da Silva, doutor em direito, desembargador do Porto e da Relação de Lisboa, Juiz dos Feitos da Corôa, conselheiro da fazenda, ministro da Junta Nocturna, secretario de Estado de D. João IV e parece que de D. Pedro II, plenipotenciario da paz com Castella, etc.

Tinha casado no Porto; depois enviuvou, ordenou-se, e foi Bispo de Leiria, sua patria, desde 1671 a 1676 ou 77.

D. Fr. Patricio da Silva, Cardeal Patriarchado de Lisboa. Era natural dos Pinheiros, uma das aldeias circumvisinhas de Leiria.

Consta que era tambem de Leiria, Thomé Pires, que foi o nosso primeiro embaixador na China.

—

Entre todos os sanctuarios da Virgem Santissima, que se veneram no bispado de Leiria, tem o primeiro logar o de *Nossa Senhora da Encarnação*, tão célebre por milagres, como illustre por maravilhas e magnificencia: em sitio eminente e delicioso.

Fica a uns 700 metros da cidade, que toda d'aqui se descobre. Está edificado em um monte, a E., que em tempos antigos se chamava *Monte do Anjo*, por haver n'elle uma ermida dedicada ao archanjo S. Gabriel. Perto d'esta ermida, tinha João Caçopo, moço da camara dos marquezes de Villa Real (depois duques de Caminha) um olival, que o bispo D. Fr. Gaspar do Casal, lhe comprou em 23 de agosto de 1574, para edificar a egreja de Santo Agostinho, do qual (olival) ainda existe parte, junto a este convento.

Junto á tal ermida de S. Gabriel, é tradição ter apparecido a imagem de Nossa Senhora da Encarnação.

Deu principio a este sanctuario, no reinado de D. João I, o bispo de Ceuta, D. Fr. Amaro, religioso da ordem seraphica de S. Francisco, e confessor da rainha D. Philippa; quando, depois de vencida a batalha de Aljubarrota, aquelle monarcha e sua mulher fizeram a sua côrte em Leiria; e porque esta rainha era muito devota de Nossa Senhora, no mysterio da Encarnação, e do archanjo S. Gabriel, concorreu para esta edificação.

Quando Leiria foi elevada a séde de bispado, logo o primeiro bispo D. fr. Braz de Barros, reparou este santuario, em 1554.

O caminho para este santuario, por alcantilado, aspero e coberto de matagaes, era intrasitavel, e por esta razão a devoção de Nossa Senhora tinha esfriado entre o povo; mas o referido bispo lhe mandou fazer optimos caminhos, pelo que o sanctuario readquiriu a sua antiga devoção, concorrendo tambem muito para isto, a milagrosa cura que ás orações ferventes a esta Senhora, deveu a sua cura radical Suzana Dias, tolhida dos membros havia 28 annos.

Esta mulher era da aldeia das *Córtes*, a 6 kilometros de Leiria. Era irman do padre Diogo Lopes, ao qual pediu que a levasse a ouvir uma missa d'elle, ao sanctuario, o que com as maiores difficuldades se realisou, ficando ella san, assim que terminou a missa, dando em seguida nove voltas em roda da egreja, sem o minimo apoio e perfeitamente curada.

O provisor e mais auctoridades ecclesiasticas, comprovando plenamente este milagre, instituiram uma grande festa e procissão a Nossa Senhora, em acção de graças, que até ha poucos annos se fazia nos dias 12 de julho de cada anno, que foi o dia do milagre.

Outros muitos continuou a fazer a Senhora, com que a devoção foi sempre crescendo.

Os devotos resolveram edificar-lhe um magestoso templo, cuja primeira pedra lhe lançou D. Manuel de Noronha, marquez de Villa Real, em 25 de setembro de 1588, dando, bem como sua mulher, avultadas esmolas para esta fundação; porém o que maiores esmolas deu, foi João Rodrigues Bravo, d'esta cidade.

Era tamanha a devoção dos povos a Nossa Senhora, e tanto o desejo de que o templo se concluisse com brevidade, que todos os dias se via subir a encosta, procissões de gente de varias povoações e de ambos os sexos e todas as edades, carregadas com pedras segundo as suas forças, para a edificação.

Apesar de ser este anno de 1588 de grande esterilidade n'estes sitios, nem por isso deixaram todos os povos das circumferencias de concorrer com avultadas esmolas para as obras, e as matronas e donzellas lhe davam as suas joias, por não terem dinheiro que podessem offerecer.

O cabido da Sé de Leiria fez doação á Senhora, de todas as esmolas e offertas d'aquelle anno (que eram muitas e valiosas) para as mesmas obras.

Tambem da villa da Batalha, que fica distante 11 kilometros, aqui veio uma grande e solemne procissão, em 14 de julho, do mesmo anno, com um formoso cirio, seguindo-se outra, logo a 18, do povo da freguezia de Vermoil, que fica a 18 kilometros de Leiria, tambem com um bello cirio, trazendo 48 mulheres carregadas com taboleiros de trigo em grão, pão amaçado, bolos, queijadas, etc., que tudo offereceram á Senhora, e com promessa, ambas as freguezias, de renovarem o cirio em todos os annos.

Seguiram-se, os cirios das freguezias de Espite, a 18 kilometros; Souto da Carpalhosa, a 12 kilometros; Povoa de Monte Real, a 12 kilometros; Maceira, a 12 kilometros; Abiúl, do bispado e 35 kilometros ao S. de Coimbra. As freguezias de S. Thiago e S. Bartholomeu, de Pombal, do mesmo bispado (estes levavam 63 mulheres com taboleiros de trigo á cabeça e offereceram um cirio perpetuo) Reguengo, a 18 kilometros de Leiria; Redinha, bispado e 40 kilometros aa S. de Coimbra. As villas (unidas) de Chão do Couce e Ancião, do mesmo bispado, distando uma 48, outra 54 kilometros; S. Simão, do termo de Leiria; Caranguejeira, do mesmo termo; Serra, termo de Ourem; Porto de Mós, a 18 kilometros; Ega, a 54 kilometros, e do bispado de Coimbra; Moita, Alberge e Orada (unidas) termo de Ourem; Freixiandas e S. João, do mesmo termo, e a de Almoster, termó de Santarem; Aljubarrota, e com ella mais duas freguezias; Costa, termo de Ourem; Chan, termo das Pias; Santa Catharina da Serra; Colmeias, Cebal, a 54 kilometros de Leiria, e do bispado de Coimbra; Pombalinho, do mesmo bispado; S. Pedro, freguezia, hoje extincta, de Leiria; Savacheira, termo de Thomar, e a 35 kilometros; e Louriçal; a nobre collegiada de Ourem; Becco, a 54 kilometros; Condeixas Velha e Nova, a 60 kilometros; Couto de Lavões, a 35 kilometros; Alcanêde com suas annexas; a 40 kilometros, e no patriarchado; Figueiró do Camps, a 6 kilometros e no bispado de Coimbra; Cernache, a 66 kilometros; Maiorga, patriarchado, a 35 kilometros; Rabaçal, a 60 kilometros; Pombal (villa); Payão e Beserreia, bispado de Coimbra, 36 kilometros; Ilhadas, termo de Momte-Mór-Velho; Ferreira, a 47 kilometros; Soure; Ançan; Verride, termo de Monte-Mór Velho; Monte Mór Velho, a 60 kilometros,

e todas estas no bispado de Coimbra; arrabalde da Ponte, suburbios de Leiria; Pataias, a 24 kilometros.

Estas povoações vão designadas pela ordem de datas em que vieram visitar o Sanctuario. Todas levavam valiosas offertas, em differentes especies, para as obras.

Em 24 de setembro de 1588 se lançou a primeira pedra d'este templo. Foi a terceira casa que n'este sitio se edificou para este sanctuario. Estava presente á ceremonia, além do immenso povo, o cabido da Sé de Leiria, e o marquez de Villa Real, D. Manuel de Noronha, juiz da confraria, por sua filha, D. Brites de Lára.

Já depois de principiada a obra entraram mais a procissões de Villa Nova d'Anços, a 60 kilometros; Villa Nova da Barca, Brunhos e Samuel, unidas, a 48 kilometros. As quatro villas de Chão do Couce, que eram Maçans de D. Maria, Avellar, Gude e Pousa Flores; Monte Rei (junto á Corbiçada) a 84 kilometros; Truquel (dos coutos de Alcobaça) a 36 kilometros e com ella as freguezias da Benedicta e do Carvalhal Bem-Feito; Santo Varão, Granja e Alfarellos, freguezias unidas (para isto) do Campo de Coimbra e a 54 kilometros; S. Martinho do Bispo, proximo a Coimbra, a 70 kilometros; Villa Sêcca de Coimbra, a 60 kilometros; os logares de Quiáios, Brenhas e Cabanas, que formavam uma só freguezia, de Monte Mór Velho, a 60 kilometros; Penella, no bispado de Coimbra, a 60 kilometros; Alcobaça; Tavarêde, no bispado de Coimbra, a 36 kilometros; Buarcos, a 48 kilometros; Cella (villa dos coutos Alcobaça) a 35 kilometros.

Todas estas procissões e cirios, como os antecedentes, deixavam muitas e differentes offertas á Santissima Virgem da Encarnação, para ajuda das suas obras, e para o culto divino.

—

A imagem da senhora é lindissima, está de joelhos, em acção de grande recolhimento—é trigueirinha, e se estivesse de pé tinha um metro de altura. Tem as mãos crusadas sobre o peito e suas feições denotam uma modestia celestial. Está fechada em um grande e formoso sacrario envidraçado, podendo vér-se perfeitamente.

A egreja é sumptuosa e cercada de alpendres, sob os quaes se fazem procissões em occasião de chuva.

—

Quatro vezes se convocaram côrtes em Leiria.

Para evitar repetições, vide pag. 391, col. 2.ª do vol. 2.º

—

A comarca de Leiria é composta só do julgado de Leiria. (O julgado da Batalha, que pertencia a esta comarca, foi supprimido, como já disse no principio d'este artigo.)

O concelho de Leiria, comprehende 23 freguezias, todas no seu bispado. São:

Amôr, Arrabal, Arrabalde da Ponte, Azoia, Barosa, Barreira, Caranguejeira, Carvide, Coimbrão, Colmeias, Córtes, Leiria, Maceira, Marinha Grande, Milagres, Monte Real, Monte Redondo, Parceiros, Pouzos, Regueira de Pontes, Serra, Souto da Carpalhosa, e Vieira.

O districto administrativo é formado pelos 12 concelhos seguintes:—Porto de Mós, Leiria e Batalha, no bispado de Leiria—Alcobaça nos bispados de Lisboa e Leiria—Pombal, nos bispados de Leiria e Coimbra—Alvaiázere, Ancião, Figueiró dos Vinhos e Pedrogão Grande, do bispado de Coimbra—Obidos, Peniche e Caldas da Rainha, no patriarchado.

—

O bispado de Leiria tinha no seculo XVIII 40 freguezias; hoje tem 50.

—

Á delicada obsequiosidade do ex.mo sr. Victorino da Silva Araujo, digno e illustrado lente do lyceu de Leiria, devo grande parte dos esclarecimentos d'esta cidade, que tão cavalheirosamente me enviou, deferindo attencioso á petição que lhe fiz. Digne-se elle receber os meus mais cordiaes agradecimentos, e o protesto da minha gratidão.

Se todos a quem me dirigi, fizessem como fez o sr. Araujo, ficaria esta obra mais perfeita.

LEITÍGA—portuguez antigo, leitôa. Tambem se escrevia *leitigua.*

LEITÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 9 kilometros para o O., 9 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apesentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

LEITÕES—villa ou aldeia, Minho, que existiu a 6 kilometros de Braga.

Ficava-lhe imminente o monte *Obtino* ou *Oteiro.* Perto corria o ribeiro *Alistebio* (Este.)

Esta villa foi doada á Sé de Braga, por Eldebredo, em 1083.

LEIXAR—portuguez antigo, deixar, abandonar, despresar. É o mesmo que o verbo (tambem portuguez antigo) *granhar.*

LEIXÕES—durante as guerras da independencia, mandou D. Affonso VI e depois seu irmão, D. Pedro II, edificar varios fortins em todo o litoral do reino. Na praia ao N. do castello de S. João da Foz do Douro, estão os fortes de *Leixões, Queijo* e *Mattozinhos,* hoje desartilhados e em ruinas.

O forte de Leixões deve o seu nome ao ilheu, de penedos assim chamados, sobre que está edificado. É uma pequena estação de banhos.

O commercio do Porto tem por varias vezes, e desde muito tempo, lembrado a construcção de um porto artificial em Leixões, o que seria de uma grande vantagem para a cidade, pela facilidade do embarque e desembarque das diversas mercadorias, e d'este modo se evitariam os sinistros innumeraveis que a perigosa barra do Douro tem occasionado. Como porém este grande melhoramento demanda de grandes fundos, os negociantes portuenses teem recuado ante esta consideração.

LEMENHE (antigamente, e mais etymologico, **LAMENHI**)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 15 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente julgado de Vermoim, hoje extincto.

O nome d'esta freguezia é derivado da palavra arabe *Lamenhi,* composta da particula *la* (de) do interrogativo *mán* (quem) e do pronome pessoal feminino *hi,* que muitas vezes se toma pelo verbo auxiliar, *sum, es, fui.* Vem a dizer: «*De quem é?*»

A mitra apresentava o vigario, perpetuo, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Ha aqui uma capella dedicada á milagrosa imagem de Nossa Senhora de Agua Levada, muito venerada d'estes povos, e sobre tudo pelos que andam sobre as aguas do mar. Está a ermida situada em um monte, pelo que não se póde saber a razão de se dar á Senhora o titulo de *Agua Levadda.*

A sua festa foi primeiramente a 25 de março, depois foi mudada para a 1.ª oitava da Paschoa.

É solemnidade muito concorrida.

A imagem tem um metro de altura e é bem esculpida. Tem ao collo o Menino Jesus.

—

No dia 13 de junho de 1874 pairaram sobre estes sitios, fortissimas trovoadas, que deixaram de si tristes vestigios em todas as freguezias atravessadas pelo ribeiro *Rio Côvo,* desde Cambezes, entre Lemenhe e Nine, até á sua foz, no rio Cávado, perto de Barcellos. Uma manga ou *tromba* d'agua que cahiu sobre o ribeiro, o fez immediatamente engrossar e subir suas aguas a uma altura entre dois e tres metros; as quaes correndo furiosas, arrastaram tudo a quanto chegaram. Torceu, quebrou ou arrancou um sem numero de arvores feitas: arrazou paredes sem conta, levando pedras enormes a grandes distancias. Desmantelou muitos moinhos e engenhos, arrazando completamente alguns.

Varreu as sementeiras dos campos, abrindo n'ellas profundas escavações; afogando algum gado e um homem de Gámil, que es-

tava em um moinho, e fugindo para o telhado d'elle, d'ahi mesmo foi arrebatado pela corrente furiosa. Foi arrastado até á freguezia de Rio Côvo. Só esta freguezia perdeu com a cheia mais de 3 contos de réis, e as outras mais de 30. Não ha memoria de outro similhante temporal.

LENA—pequeno rio, Extremadura. Entra no *Liz* perto de Leiria, e morrem ambos no mar.

Na estrada que de Porto de Moz (pela *Calçada de Lamas*) leva á historica capella de S. Jorge, passa este rio, por baixo de uma ponte chamada *do Cavalleiro*. Diz-se que foi construida pelo famoso alcaide de Porto de Moz, D. Fuas Roupinho. É de dois arcos e de mesquinha apparencia.

LENTISCA—freguezia, Alemtejo, bispado, concelho e 12 kilometros de Elvas, 170 ao E. de Lisboa, 26 fogos, em 1757.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

A mitra apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII ou principio do XIX.

LEOCADIA (Santa)—freguezia, Beira Alta, comarca e 8 kilometros de Armamar, concelho e 5 kilometros de Taboaço, 18 de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Santa Maria de Sabroso, da villa de Barcos, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

—

Esta freguezia tem uma só povoação, e fica na margem direita do Tédo, a um kilometro do rio. É aldeia muito antiga, mal edificada e mal situada, pois as ruas são becos e viellas immundas, informes e humildes as casas, exceptuando duas, e a cavalleiro da povoação, e como que a desabar sobre ella, fica uma penedía medonha, coroada por um enorme penhasco, denominado *Cabeço da Pena*, accessivel pelo nascente, mas completamente inaccessivel pelo poente, ou do lado da povoação.

É este cabeço habitação ordinaria dos bufos e outras aves de rapina. Ha annos foi alli morta a tiro de bala uma que media 11 palmos (2^m42) de uma á outra extremidade das asas. Era digna de um museu.

A esquerda da povoação é um estendal enorme de penhascos de granito branco, pendurados sobre a margem do rio até grande distancia, mas a pouca terra que ha entre a penedia está toda agricultada, e produz bastante fructa, muito variada e saborosissíma. Á direita da povoação não ha granito, mas só schisto (lousa) e todo o terreno está coberto de vide, figueiras e oliveiras, sendo a producção dominante o vinho, muito fino, de um aroma e sabor particular, porque o terreno que o produz é quente, sêcco e magro, (quasi todo fraga nua) o que torna os grangeios carissimos.

N'esta freguezia ha bastante olival, e oliveiras de grande corpulencia, mas a ferrugem pesa n'estes valles com grande força, e é raro haver por aqui (como em quasi todo o alto Douro) novidades de azeite abundantes. Em compensação o azeite é saborosissimo, e de primeira qualidade.

Ao nascente d'esta freguezia, sobre o cabeço da Pena (ou Penha) vê-se ainda, posto que em abandono, a antiquissima egreja da Senhora do Saboroso, que se diz ter sido a primittiva matriz da proxima villa de Barcos, e junto á capella, ou antiga egreja, se encontram vestigios de povoado que se sumiu na voragem dos seculos. (Vide Barcos.)

Aquella egreja está em terreno d'esta freguezia de Santa Leocadia, mas pelo abandono em que se acha, pela sua proximidade de Barcos, e não sei porque titulos mais, julga-se pertencer a Barcos.

Nas proximidades d'aquella egreja houve grutas espaçosas com vastas galerias, de que ainda se recordam os habitantes mais edosos d'estes sitios. Foram ellas provavelmente refugio dos christãos nas calamitosas e sanguinolentas invasões dos mouros, e talvez dos godos; mas depois que volveram dias mais serenos para os christãos, aquellas lúgubres habitações, votadas ao abandono se obstruiram, e d'ellas quasi não resta mais do que a memoria.

Em varios pontos d'esta freguezia se tem

encontrado sepulturas abertas na rocha, e outros vestigios de povos que aqui estanciaram em epochas remotas.

Dizem na localidade que em algumas d'aquellas sepulturas se encontraram objectos de ouro similhando anneis e braceletes, e louças exoticas; e junto á ponte de pedra que ha sobre o rio Tédo, nos limites d'esta freguezia, e de Santo Adrião (vide Santo Adrião) se encontrou ha annos uma especie de *carn*, cuja base eram seixos rolados; sobre elles areia grossa e pedras miudas, e á superficie tijolo, tudo ligado com uma especie de argamassa, formando um todo composto e durissimo, medindo alguns decimetros de espessura, sobre bastantes metros de superficie quadrada, e em volta um resguardo ou parapeito de pedra egualmente betumada. Ao lado d'este *carn*, a pequena distancia, mas em sitio um pouco mais alto, se encontrou uma mina ou galeria obliqua, de bastante extenção e profundidade, e que o povo rude obstruiu, sem a medir nem sondar, nem se importar com o que aquillo fosse.

Ao norte de Santa Leocadia, no sitio da *Avergan* ou *Valle de Muro*, ha uma mina de chumbo e outros metaes, que já foi principiada a explorar. É actualmente propriedade do sr. visconde da Bella Vista.

Os habitantes d'esta freguezia são muito laboriosos e bons caçadores de coelhos e perdizes, que abundam por estes sitios. Foram sempre inclinados ás armas, valentes e bons patriotas. Desde 1807 a 1812 esteve esta povoação quasi deserta, porque velhos e moços correram expontaneamente a alistar-se contra os francezes. Apesar de ser um povo pequeno, deu varios officiaes superiores, e ainda em 1834 aqui havia um capitão mór, um sargento-mór, um major e varios sargentos.

Avultam n'esta freguezia duas casas, a dos sr. Pintos, a que pertencia o capitão-mór, e o major, seu ultimo possuidor; hoje representada pela viuva e filhos, e a do sr. Joaquim Antonio Encerrabodes, hoje representada pela sua viuva.

Em principios d'este seculo, hindo Manuel Caetano Ferreira (avô paterno do actual sr. abbade de Miragaya, o dr. Pedro Augusto Ferreira) da sua quinta do *Campo Belello* para a quinta que possuia nas *Cruzes* — uma á direita outra á esquerda d'esta povoação, a cavalgadura em que ia montado parou para beber, elle por descuido deixou cahir uma arma que levava, e disparando-se esta o matou instantaneamente. Jaz na egreja d'esta freguezia: e seu o sr. filho, José Antonio Ferreira, no cemiterio de Santo Adrião, na margem opposta do Tédo.

LEOCADIA DE BAYÃO (Santa) — villa, Douro, cabeça da comarca e do concelho de Bayão, 60 kilometros ao NE. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Já sob a palavra *Bayão* tratei d'esta freguezia a paginas 351 do 1.º volume (aonde remetto o leitor) agora accrescento mais o que desde então pude colher com respeito a esta villa.

Foi até 1855 do concelho de Bayão, mas da comarca de Soalhães, que foi então supprimida, sendo Bayão elevada á cathegoria de comarca.

Chamava-se antigamente a esta freguezia, Santa Leocadia de Paços.

Os marquezes de Arronches (duques de Lafões) apresentavam o abbade, que tinha 450$000 réis.

Esta freguezia é mais antiga do que a monarchia portugueza.

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, vendeu esta egreja ao convento de Salzedas, em 1125, por D (500) *n modios*. Em 1208, D. Sancho I deu a villa de Santa Leocadia, de *juro e herdade*, a D. Ponço e a sua mulher, D. Maria Martins. (*Documentos de Salzedas*, gaveta 7, masso 2, n n.º 24.) Torre do Tombo.

—

Houve aqui um antiquissimo castellello, do qual supponho já não haver vestigios.

—

O concelho de Bayão, é composto de 19 freguezias, todas no bispado do Porto. São: Ancêde, Campêllo, Campo de Gestáço

Covellas, Santa Cruz do Douro, Frende, Góve, Grillo, Santa Leocadia de Bayão, Loivos do Monte e Telões, Loivos da Ribeira, Mesquinhata, Ouvil, Teixeira, Teixeiró, Trezouras, Valladares, Viariz, e Zêzere.

LEOCADIA DE BRITEIROS (Santa)—vide *Briteiros*, pag. 491, col. 1.ª, do 1.º vol.

LEOCADIA DE MOREIRA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 85 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

(O seu antigo orago era Nossa Senhora da Assumpção).

A sua egreja matriz é muito antiga, e, segundo a tradição, foi fundada por um dos filhos de *Maria Mantella*. Vide Chaves.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis annuaes.

LEOCADIA DE TAMÉL (Santa) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

As freiras benedictinas, de Vianna do Lima, apresentavam o vigario, collado, que tinha 60$000 réis annuaes.

Esta freguezia e as de S. Pedro Fins e de S. Verissimo, todas tres denominadas do Tamél, estão situadas no formoso e feracissimo *Vallè do Tamél*, pelo que são muito ferteis em todos os generos agricolas, e exportam muito gado, que aqui se cria; hindo a maior parte do bovino para a Inglaterra.

LEOMIL—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 18 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 350 fogos, 1:200 almas. No concelho (que foi extincto em 1855) 850 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 189 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis annuaes.

(Vide a segunda Caria d'este diccionario).

O conde D. Henrique conquistou esta villa aos mouros, em 1102, com ajuda dos bravos cavalleiros D. Garcia Roiz e seu irmão, D. Payão Roiz, aos quaes a deu logo, em premio dos seus serviços, com honras de couto.

Na serra da *Nave*, proxima a esta villa, nasce o rio *Barosa*, que desagua na margem esquerda do Douro, na *foz do Barosa*, em frente da Régua.

—

N'esta villa falleceu, em maio de 1836, o sr. Ayres Pinto de Sousa Coutinho, moço fidalgo, com exercicio, fidalgo escudeiro e fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da sagrada, militar e insigne Ordem do Hospital, de S. João de Jerusalem, cavalleiro professo nas ordens militares de Nosso Senhor Jesus Christo e Torre Espada, condecorado com a medalha de fidelidade, commendador professo na Ordem de Aviz, da commenda da villa do Cano (Alemtejo) alcaide-mór da mesma villa e do couto de Cambezes, na provincia do Minho, do conselho de Sua Magestade Imperial e Real, o Senhor D. João VI, e seu conselheiro de capa e espada, no conselho ultramarino, governador e capitão general, tres vezes nomeado, para os estados do Maranhão, governador e capitão general das Ilhas dos Açores, official general do exercito de Portugal, inspector geral das estradas do Porto e Coimbra, das estradas do Douro e da ponte de barcas no Porto, presidente da junta das obras publicas d'esta mesma cidade, e governador das justiças da Relação e casa do Porto, e das tres provincias do norte, etc.

Nasceu a 12 de maio de 1778, na casa de Santa Cruz, freguezia da Sé de Lamego e n'ella baptisado a 21 do mesmo mez e anno, filho legitimo, do primeiro matrimonio, do sr. Luiz Pinto de Sousa Coutinho, senhor e primeiro visconde de Balsemão, grande do reino, nascido n'este couto de Leomil, a 6 de novembro de 1735, e fallecido na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, em uma casa proxima ao convento dos Jeronymos de Be-

lem, em 14 de abril de 1804, e de sua mulher a sr.ª D. Catharina Michaela de Sousa Cesar de Lencastre Correia e Sá, de Guimarães.

—

Para as suas armas, vide Lafões, Villa Nova de Portimão, Redondo, Sabugosa, S. Thiago de Beduído, Moimenta da Beira e a casa de Villa Pouca, em Guimarães.

LEOMIL—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 70 kilometros ao SE. de Viseu, 324 ao E. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esta freguezia foi sempre do antigo concelho de Castello Mendo. Sendo este supprimido a 24 de outubro de 1855, passou esta freguezia e as mais d'elle, para o concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou, e todas as mais do extincto concelho de Castello Mendo, para o de Almeida.

A mitra apresentava, por concurso, o vigario, que tinha 40$000 réis.

LEONARDO (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho de Reguengos, 60 kilometros a O. d'Evora, 180 ao SE. de Lisboa, 18 fogos em 1757.

Orago S. Leonardo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 60 de cevada annualmente. Era tambem vigario de Mourão.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á da villa de Mourão, cujo orago é Nossa Senhora das Candeias, pelo que hoje tem dois oragos, que são os nomeados. Vide *Mourão*.

LESÍRIA, LEZÍRIA ou **LEZYRIA** — é a palavra arabe *Jazirát*, significa—ilha, ou terra alagadiça e pantanosa, cercada de agua. (*Algeziras*, proximo a Gibraltar, tem a mesma significação.)

As famosas e extensas *Lesírias do Riba Tejo*, principiam em Villa Franca de Xira, 25 kilometros a NE. de Lisboa. São formadas por varias *ilhas* banhadas pelo Tejo. Uma grande parte d'ellas eram do infantado, e foram vendidas em 1835, como *bens nacionaes*, por uma bagatella.

São terrenos feracissimos, sobrettudo em cereaes. O Tejo as alaga quasi todos os invernos, e se n'elles deposita o precioso *nateiro* que lhe dá a fertilidade, tambem muitas vezes lhe causa grandes ruinas.

Os templarios tinham uma grande lesiria, junto a Santarem, por isso chamavaa *Lesíria dos Freires*. Fizeram escambo com o el-rei D. Diniz, em 1306, dando-lhes elle em troca o padroado das villas de Alvaiázere, Ferreira do Zezere e Villa Rei.

LEVADA ou **RIO COBRAL**—Beira Baixa. É uma derivação do rio Alva. Nasce junto á ermida de Nossa Senhora do Desterro, a par de S. Romão de Cêa (freguezia do concelho de Cêa).

Corre por espaço de 27 kilometros, pelos concelhos de Cêa, Sandomil e Oliveira do Hospital, e morre no rio Cêa (ou Céia) no ponto dos Pisões, já no concelho do Erve dal. Tambem rega e fertilisa as freguezias de Lagares e Travanca.

LEVADÍGAS — (portuguez antigo) tumores malignos que nasciam nos subáacos e outras partes do corpo, e eram dolorosissimos. Uma das grandes pragas dos nossos maiores era—*Dôr de levadígas te dê!*—Em um documento da Collegiada de Coimbra, do anno de 1348, que foi o anno da *peste grande*, se diz:—*Porque en o ano da era de 138 (1348) veo a pestelencia, e a morteeidade d dóór de levadígas per todo o munndo, tan grande, que nom ficou hi viva a dizzima do homees, e molheres, que entom hi avia, e en dicto ano morrerom, o Priol, e o channtre e todolos Raçoeiros da Eigreja de Sam I Pedro d Almeidinha, de Coimbra, huus deposos outros todos em um mez.*

LEVÊR—freguezia, Douro, comarca, concelho e 15 kilometros ao NNO. da Feira, 1 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Esta freguezia e a de Canêdo, são as un

cas que o concelho da Feira tem que cheguem ao rio Douro (margem esquerda).

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis annuaes e o pé d'altar.

É terra fertil, ainda que muito accidentada. Tem muitos pinhaes. Faz grande commercio com a cidade do Porto, pelo rio, conduzindo para alli constantemente os fructos da terra, lenha, madeira, carvão e outros generos. Cria muito e optimo gado bovino, que exporta. Ha por aqui bastante caça e optimo peixe do Douro.

LIA—(portuguez antigo) linha de geração.

LIAGEM—(portuguez antigo) linhagem.

LICÉA—freguezia, Douro, comarca de Cantanhede, concelho de Cadima, antigamente, hoje é da comarca e concelho de Monte Mór Velho, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É terra muito fertil.

As freiras de Santa Clara, extra-muros de Coimbra, apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis annuaes.

LIGÁRES, antigamente **ILGÁRES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mogadouro, concelho de Freixo d'Espada á Cinta, 165 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Os beneficiados da collegiada de Freixo de Espada á Cinta, apresentavam o vigario, que tinha 60$000 réis annuaes.

LIJÓ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga 360 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 173 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Santa Christina, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis annuaes.

Ha n'esta freguezia aguas sulphureas frias, eficacissimas para certas molestias, e superiores em mineralisação ás das Taipas, ainda que inferiores em calorificação.

Doentes que nenhum alivio tem encontrado nas outras caldas, ou só o tem achado depois de multiplicados banhos, aqui o encontram em pouco tempo.

Hoje ha aqui já commodidades para os infermos que precizam d'estas aguas, e a camara de Barcellos trata de lhe fazer melhoramentos.

O sr. João Baptista Schiappa d'Azevedo, engenheiro de minas, as analysou chimicamente em 1866, e remetteu as amostras para a exposisão universal de Pariz.

Em setembro de 1867, foram novamente analysadas pelos senhores Frederico Guilherme Klaas (chimico do ducado de Nassau, hoje Prussia) ao serviço do laboratorio da eschola polytechnica de Lisboa e doutor J. J. da S. Pereira Caldas, lente de mathematica, do lyceu de Braga, por ordem do ministro das obras publicas, e por meio do sulphidometro de Dupasquier; de cuja analyse se evidenciou, serem estas aguas das mais ricas em mineração, d'este reino.

Nascem na proximidade de um pequeno ribeiro (affluente do Cávado) e junto ao logar do Mosqueiro, 6 kilometros ao N. de Barcellos. (D'esta villa póde hir-se de carruagem até aos banhos.)

A distancia de 500 metros para SE. ha outra nascente, ainda mais abundante, no logar de Gallegos.

Estas aguas só se principiaram a applicar em 1852 ou 1853. A sua temperatura é de 20.° centigrados.

Tem duas pequenas casas, uma no Mosqueiro outra em Gallégos, com algumas tinas, de madeira, para os banhos.

A agua é aquecida em caldeiras de cobre, sem precaução alguma, do que resulta a perda do principio sulphuroso. São particulares.

Produzem uns 50:000 litros d'agua em 24 horas.

A sua maior virtude, é para a cura de molestias herpeticas, ephelides e suas con-

generes. Internamente curam as molestias do estomago.

Eis a traducção do relatorio dado sobre estas aguas pela commissão respectiva, na exposição universal de Paris, de 1867, onde foram examinadas.

«Estas aguas sulphureas frias, rebentam de muitos mananciaes, no sitio chamado Mosqueiros e Gallégos, a uns 50 metros da povoação de Lijó. A amostra que faz parte da nossa collecção, foi tomada nos Mosqueiros, nascente principal, que marcava 19° C. de temperatura, sendo a doar que a cercava de 20° C, no momento em que a agua foi recolhida. Um kilogramma d'agua mineral de Lijó, contem 0 gr. 00 801 d'acido sulphydrico, e 0 gr. 47, de principios fixos, que são chloruretos e sulphatos alcalinos; carbonatos de cal e de magnesia, e uma pequena quantidade de oxido de ferro, de alumina e de acido cilico.

—

Se estas aguas fossem em um reino que tivesse auctoridades mais solicitas, seriam famosas em toda a Europa e uma fonte inexgotavel de riqueza publica. Cá não se cuida n'estas cousas.

Mesmo assim bastante teem prosperado as povoações immediatas ás caldas, e já aqui se veem bons edificios para habitação dos banhistas.

As povoações mais proximas são, Egreja, Ribeira, Paredes, e Inquião; alem de outras mais pequenas.

Na freguezia ha 3 capellas, que são: Santa Anna; S. Miguel, archanjo; e S. Sebastião.

LILELLA —freguezia, Traz os Montes, até 1855 da comarca de Chaves, concelho de Valle de Paços, e desde então comarca e concelho de Valle de Paços, 88 kilometros a N, E. de de Bragança, 425 ao N. de Lisbo, 70 fogos em 1757.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro de Rio Tôrto, apresentava o vigario que tinha 70$000 réis annuaes.

Esta freguezia está á muitos annos annexa á de Rio Torto.

LIMA ou **MERUGEM** —réga que reduz terra a um pantano. *Limar* ou *merujar* trazer a agua constantemente guiada da na cente para uma propriedade qualquer. A l ma tem ordinariamente logar no inverno.

Vem do grego «*limia*» lagôa.

Em portuguez antigo, *limo* e *merujem* sã em tudo synonimos, porque, sendo o me mo *limar* e *merujar*, tambem é o mesmo *l mo* e *merujem*, plantas que só se dão em te renos cobertos d'agua, ou muito lentos. limo differe da merujem, em aquelle ter falha mais miuda (assimelhando-se ao mu go) e a merujem é um limo com a mesn textura, mas com a folha um pouco mai e redonda.

LIMA —rio, Minho, nasce no lagoo de Bec bispado d'Orense proximo ao monte do V so, na Galliza, e não longe da naascente d rio Minho. Com um curso de uns 100 kil metros, desagua no Oceanno, em Wianna d Lima.

É incontestavelmente o mais formoso r de Portugal. Suas margens são soobremod ferteis, amenas, variadas e pittoresscas. Be lissimas quintas bordam suas marggens e po voações antigas, historicas e aprasiveis, e v tustos castellos, se miram nas suass placid aguas. Palacetes gothicos, com suuas torr ameiadas, solares nobilissimos dee remot eras, as povoam. Os cumes das mnontanh frondentemente arborisados, que emmoldura seus deliciosos campos, são coroaddos de c pellas com suas cupulas bysantinaas.

Entre as formosissimas quintass que e tão grande numero adornam e pooetisam campos do Lima, sobresahem ass dos sr condes d'Almada e Bretiandos, comm seus b nitos palacios.

O bello palacio gothico (constituido r anno de 1852) e a aprasivel quinta a do nos maviosissim opoeta e elegantissimmo pros dor da actualidade, o sr. Antonio PPereira Cunha (genro dos srs. condes da l Figueir tão conhecido e tão apreciado dos pportugu zes, é uma das vivendas mais formosas bem situadas do reino. Nem admira que u poeta como o sr. Pereira da Cunhha, hab tando nesta deliciosa mansão, tetenha t divinas inspirações.

Seu filho, o sr. Sebastião Pereira da Cu-
ha, é quasi um adolescente, e já n'elle actu-
m poderosamente o estro de seu pae e as
eliciosas impressões do poetico Lima; pois
m publicado poesias que não cedem em
imo, harmonia, duçura e elegancia, ás me-
ores dos nossos mais estimaveis poetas da
tualidade. (vide Santa Martha e Portozéllo.)

É tambem célebre o logar de Bretiandos,
or constar que alli existiu a antiga Brito-
ia. (Vide esta palavra.)

Os saborosissimos salmões e as excellen-
s lampreias do Lima são famosos em Por-
gal, e vão formar a parte mais luxuosa das
esas dos grandes, não só em todo o reino,
as tambem para os estrangeiros; expor-
ndo-se todos os annos profusamente.

Na margem direita está a célebre torre de
lorentim Barreto, denominada de D. Sapo.
ide Cardiellos.

—

A darmos credito á maior parte dos mais
eridicos escriptores antigos e modernos, é
rio Lima o mythologico Lethes, e a ribei-
a (ou campos) das suas margens, os celé-
rados *Campos Elysios.*

Strabão (Lib. 3 pag. 153) tratando dos
ios do Minho, diz : «*Post hos Lethes, quem
lii Limaeam, alii Belionem appellant.*»

Silio Italico (1.º v. 235) diz:

«*Quique super Graviôs lucentes volvit are-
as.*
Infernae populis referens oblivia Lethes.

Plinio (Historia Natural de Lib 4. cap.22)
iz :

« *Æminens, quem alibi quidem intellígunt
t Limaeam vocant, oblivionis antiquis dictus
ultumque fabulosus.*»

Pomponio Mella, diz :

«*Et cui oblivionis cognomen est Limia.*»

Todos os auctores portuguezes, que es-
reveram das nossas cousas, sempre repu-
ram o Lima como sendo o decantado Le-
es, e as ribeiras d'elle como os Campos
lysios. Fr. Bernardo de Brito, Manuel de
aria e todos os nossos historiadores assim
certificam.

O suave poeta, Diogo Bernardes em varias
artes das suas obras tambem o attesta. No
eu Lima (Elegia 7.ª.) diz:

«*Junto do Lima claro e fresco rio,*
«*Que Lethes se chamou antigamente*»

Todos, ou quasi todos os geographos modernos estrangeiros, reconhecem que o Lima é o Lethes dos antigos. Nos diccionarios de Martiniere e de Bandrand (Lex. Geogr. tom 1.º pag. 331) o temos expressamente — «*Lethes* (diz o ultimo) *qui et Limius, fluvius His paniae Terraconensis, nunc Portugaliae, Forum Limicorum seu Pontem Limiae rigat, deind oppidum Vianna de Foz de Lima dictum, et paulo infra in Occeanum Athlanticum se exonerat.*»

—

Não se sabe com certeza a razão porque a este rio se deu o nome de Lethes (esquecimento) Strabão diz que lhe proveio do facto seguinte :

Alliando-se os túrdulos e celtas, para certa expedição que intentavam fazer, querendo passar este rio, se suscitou um motim, do qual resultou a morte do seu chefe : pelo que ficaram os soldados dispersos por esta ribeira, esquecidos completamente da tal expedição e dos motivos d'ella.

Os romanos, que depois dominaram esta provincia, estavam tão persuadidos que as aguas d'este rio produziam o esquecimento que a maior parte dos seus capitães, temendo esquecer-se de Roma, não queriam tentar a passagem d'este rio.

Tito Livio (Epitom lib. 55) diz que — Desejando o consul romano, *Decio Junio Bruto*, passar o rio Lima, para fazer guerra aos callaicos (gallegos) pelos annos 135 antes de Jesus Christo — e vendo que seus soldados recusavam atravessar o rio, com receio de se esquecerem da sua patria, tomou a bandeira das aguias, da mão do alferes, e passou intrepidamente o rio, chamando da outra margem os soldados pelos seus nomes, para lhes provar que se não tinha esquecido. Isto serviu de estimulo ás legiões romanas, que a exemplo do seu general atravessaram então o rio.

Dizem outros que se lhe deu o nome de Lethes, pelo summo descuido e brandura com que corre, e pela amenidade e belleza dos seus campos, que fazem a quem os vê, esquecer-se das outras terras.

Todos os poetas peninsulares têem celebrado em seus versos, as bellezas do Lima. O já citado Diogo Bernardes, no seu Lima, diz:

O rio que verás tão socegado,
Que te parecerá que se arrepende
De levar agua doce ao mar salgado.

Nas suas *Rimas*, diz elle:

Mas nunca deixará de ser formosa
No meu-attribulado pensamento
A Ribeira do Lima saudosa.
Não causará em mim esquecimento,
Ainda que tem virtude d'esquecer,
O seu brando e suave movimento.

Fr. Agostinho da Cruz (irmão de Diogo Bernardes) diz nas suas *Elegías:*

Junto das bravas aguas occeanas,
Choro quanto cantei na mocidade,
Ao som d'aquellas mansas limianas;

D'aquellas que já foram n'outra edade
Com o nome de Lethes celebradas,
Por lhes faltar do curso a liberdade:

Que estando tanto tempo represadas
O tempo lhes deu nome de esquecidas,
Até lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos, claras aguas, tão sentidas,
Quanto vos deu Bernardes de brandura:
Vejam-vos de correr, ficar corridas.

Deixae seccar nos campos a verdura,
Como já nos do Tejo se seccou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Note-se porém que não foi só o Lima que teve antigamente o nome de Lethes. Varios escriptores dão este nome ao rio Leça. (Vide esta palavra).

Na Africa, junto ao *Saarah*, brota de uma grande altura, do monte Pactyas, outro rio Lethes. Esconde-se na terra por longo espaço e sáe junto ás ruinas da famosa Berenice, capital da antiga Lydia. Hoje chama-se rio de Magnesia, ou Manachia; corre pelos campos Magnesios e mette-se no Meandro.

Na Macedonia, junto á cidade de Tricca, corre outro Lethes. Os poetas antigos diziam que sobre elle nascêra Esculapio.

Na ilha de Candia ha o rio Anapodari, ou Naporal, que passa a Gottino, e ao qual os antigos tambem davam o nome de Lethes.

Os escriptores castelhanos querem que o verdadeiro Lethes dos antigos seja o seu Guadalete, na Andaluzia. É incontestavel que, pelo menos no tempo dos arabes, se chamava Lethes, e ainda hoje verdadeiramente tem o mesmo nome; porque *Guad (wad* ou *wed) al Lethes* quer dizer *O rio Lethes.*

—

Aos povos que habitavam as ribeiras do Lima, se dava por isso o nome de *límicos.* (Vide Chaves e Ponte do Lima).

—

Estou persuadido (talvez erradamente) que o primittivo nome d'este rio foi *Belion* (por nascer na lagôa de *Beon*) dado pelos antigos lusitanos.

Isto se collige de Flores *(Hisp. Sagr.)* e dos geographos gregos Xilandro e Plinio; mas estes ultimos dizem que *Belion* corresponde ao latino *Oblivio,* isto é, tambem significa *esquecimento.*

Strabão diz:—*Post hos Lethes, quem alii Limaeam, alii Belionem appellant.*—Já se vê que *Belion* era o nome nacional d'este rio.

O padre Jeronymo Contador d'Argote *(Memorias de Braga,* tom. 1.º, dissert. 2.ª, liv. 1.º, cap. 8.º, pag. 109) diz que os antigos davam o nome de *Belion* ao actual rio *Coura,* que desagúa no rio Minho, em Caminha; mas Strabão dá a este rio o nome de *Benis* e não aquelle.

Tambem julgo que foram os gregos que chrismaram este rio com o nome de *Límia* (no grego antigo *pantano, marnel* ou *lagôa*) ou por nascer de alguma lagôa, ou por alguma que no seu tempo houvesse n'este rio. E entendo que foram os romanos que lhe deram o nome de *Lethes,* por estarem persuadidos (até Decio Junio Bruto) que as suas aguas tinham a particularidade de fazer *esquecer.*

Todavia, mesmo no tempo dos romanos,

nunca este rio perdeu o nome de *Lima;* o que se prova, não só pela célebre inscripção romana da ponte de Chaves, como por outras muitas que por aqui tem apparecido, e por varios escriptos latinos. Entendo que os poetas lhe chamavam *Lethes*, e os historiadores e geographos *Lima*. (Vide *Lima* e *Merujem*, que talvez esclareça mais alguma cousa este ponto etymologico.)

Lucio Floro, famoso escriptor romano (*Epit.*, lib. 2.º, cap. 7.º) diz que Decio Junio Bruto conquistou alguma cousa mais que Lucullo, aos celtas e lusitanos; e a todos os povos da Galliza; e ao *Rio do Esquecimento (Flumen Oblivionis)* temido pelos seus soldados: penetrando vencedor até ao Oceano, e não retirou até que (não sem horror e certo medo de sacrilegio) viu o sol que cahia nos mares, apagando o seu fogo nas aguas.

—

O rio Lima dividia antigamente o arcebispado de Braga do bispado de Tuy. Todo o vasto territorio comprehendido entre os rios Lima e Minho, foi do bispado gallego até 1440, passando então para o bispado de Ceuta (Africa), e em 1512 é que foi encorporado no arcebispado de Braga. (Vide esta cidade).

—

(Este rio tem por vezes mudado alguma cousa de leito. Para evitar repetições, vide Ponte do Lima.)

—

Nas estações chuvosas, benefico como o Nilo, se espraia pelas extensas veigas que o ladeiam, deixando-as cobertas de seus nateiros fertilisadores. É então ainda mais formoso, pela sua amplidão, deixando a descoberto as elevações que se tornam então formosas ilhas e encantadores cabos e peninsulas; singrando por entre elles diversos barcos, que lhe augmentam a formosura.

Além das poeticas vivendas que ennobrecem as suas margens e que já mencionei, accrescem mais a *casa da Lagem*, o *paço de Calheiros* (propriedade da sr. Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, distincto engenheiro, e que já foi ministro das obras publicas, e constructor da bella ponte da *Barca da Trofa* sobre o Ave).—A casa da familia do sr. Araujo de Sá, fallecido em 1873, — a do sr. dr. Vieira Lisboa — a do sr. dr. Mimoso, e outras muitas, tambem formosas, mas menos importantes, que seria longo enumerar.

Finalmente, por muito que dissesse das bellezas do Lima, muito mais ficaria por dizer; nem se póde fazer idéa do que é este formosissimo rio e suas margens encantadoras, sem navegar pelas suas placidas aguas, e percorrer as numerosas povoações e casas de campo que n'ellas se reflectem.

—

Em um sitio alcantilado, sobre a margem direita do Lima, que é um ramo da serra da Labruja, fizeram vida eremitica e penitente, os santos Bento, João e Odon ou Eudon (vulgarmente *Santo Adou*). Eram todos portuguezes (lusitanos). Floresciam pelos annos 800. Os povos lhes levantaram alguns templos e varias ermidas, na provincia do Minho. Parece que foram martyrisados pelos mouros n'aquelle anno, a 11 de junho, porque de tempos immemoriaes se faz a sua festa n'este dia.

LIMÃOS ou **LIMÕES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho da Cerva até 1855, e desde então cancelho de Ribeira da Pena, 60 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario de S. Pedro de Cerva, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 80$000 réis.

O nome d'esta freguezia sempre foi *Limãos*, e assim se acha escripto em todos os livros antigos. Modernamente, julgaram êrro escrever *Limãos* e mudaram para *Limões*, no que commetteram um verdadeiro êrro—porque *limãos*, no antigo portuguez, não significava *limões*, fructo—mas sim *limães*, terra pantanosa, coberta de *limos*. Vide *Lima* ou *Merujem*.

LIMÃOS ou **LIMÕES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 45 kilometros de Miranda (quando era fre-

guezia independente) 45 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 70 fogos em 1757.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Vide Castro Roupal, e Vinhas (S. Vicente de).

O abbade de Vinhas, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Limãos era uma das cinco freguezias que formavam a grande e rica abbadia de Nossa Senhora das Vinhas, como se vê a pag. 211, col. 1.ª, do 2.º volume.

A mesma etymologia.

LIMAS — rio, Alemtejo. Nasce no concelho de Moura e desagúa na esquerda do Guadiana, com 60 kilometros de curso. Réga e móe.

LÍMICOS ou **LÍMIOS** — povos do Minho. Um ramo dos gravios. Para evitar repetições, quem quizer saber quando e como os *gravios*, *graios* ou *grovios*, se vieram estabelecer na Lusitania, e os differentes ramos em que se dividiram, veja a palavra *Gravios*.

Ao vasto territorio que se estende em ambas as margens do Lima, se dava o nome de *Paiz dos Límicos*, ou *Forum Limicorum*, e tinha, como era uso n'aquelle tempo, e muito depois, o titulo de *cidade* (vide Cidade).

Flores (*Esp. Sagr.*, tom. 17, cap. 13) diz: «Os limicos tornaram-se famosos entre os callaicos, pelo que são muito nomeados em documentos antigos, tanto em inscripções como pelos geographos; porque, além da inscripção que se achou na ponte de Chaves, em que elles estão expressamente nomeados, ficou a sua cidade memoravel, como patria de algumas pessoas, como mostrei em outro logar (*Esp. Sagr.* tom. 15) com uma inscripção erecta em Tarragona a *Marco Flavio Sabino*, natural de *Límica*, seu duumviro e sacerdote flamen do convento de Braga, e outra em Salengre, tom. 3.º, cap. 7, col. 857, de *Pompeu Rufo* e *Calpurnio Vegeto*, ambos limicos, enterrados em Antequera. Além d'isto se acharam os limicos mencionados em Plinio, tratando do convento de Braga, e em Ptolomeu, quando trata do *Forum Limicorum*. Em Antonino e no Ravenate, se faz tambem a menção de outra Limia, posto que em diversos logar, pois esta distava de Braga sómente 4 leguas, isto é, 18 ou 19 milhas, e muito perto, ou no mesmo logar, em que hoje se vê a villa de Ponte de Lima; e a *cidade dos limicos*, ou *Forum Limicorum* de Ptolomeu e das duas primeiras inscripções, é logar muito diverso do referido por Antonino, situando a capital, segundo as distancias, no nascimento do rio Lima; quando a *Paraada* do Itinerario se acha collocada não longe da estrada d'elle no mar.

«O mesmo se colhe de Ptolomeu; porque, supposto trate com desordem da situação de Braga e da foz do Lima, não colloca o *Forum Límicorum* junto da costa do mar, mas pela terra dentro, como se patenteia das suas *Tábuas*.»

Entendo que as *duvidas* de Flores só versam sobre se se chamariam *límicos* os povos da parte superior, se da inferior do Lima. O unico motivo das suas *duvidas* era o amor patrio, pretendendo que os *límicos* fossem da actual Galliza.

Todos os escriptores concordam em que os *límicos* habitavam as ribeiras inferiores do Lima; mas dando de barato, que tivessem o mesmo nome, *todos* os habitantes das margens do rio, desde a sua origem até á sua foz, os mais notaveis foram incontestavelmente os que habitavam o litoral e suas proximidades.

Ainda que Flores sustente que os *límicos* eram *callaicos*, nada prova contra a minha opinião; porque todo o mundo sabe que antigamente todos os povos que estanceavam ao N. do Douro, pertenciam ao reino de Galliza. No tom. 12 falla elle de uma freguezia de *Chamusinos* e de uma capella de S. Pedro, situada no bispado de Ourense, cuja topographia quadra com a maior exactidão, á nossa actual freguezia de S. Pedro da Torre e Chamusinhos, junto a Vallença. Quando descrever esta freguezia serei mais explicito.

Estas e outras questões historicas e geographicas, para serem tra-

tadas com mais clareza, demandam muito mais espaço do que offerece a natureza d'esta obra. Se Deus me der vida, talvez tente esse commettimento.

É preciso notarmos que Ptolomeu, apesar de ser um bom cosmographo e astronomo (para o seu tempo) *curou por informações* quanto á geographia peninsular; pelo que as suas *Tábulas* se acham erradas em muitos pontos, fazendo tal *salçada*, que faz com que a gente ande muitas vezes a adivinhar.

—

Uma vez que fallei no tal *M. Flavio Sabino* e nos outros *limicos* citados por Flores, copiarei aqui as inscripções que lhes foram dedicadas fóra da Lusitania.

Grutero (pag. 411) diz que M. Flavio Sabino era filho de Marco, da tribu Quirina, natural de *Limia*, capital dos povos limicos; o qual chegou a ser flamen, sacerdote, ou pontifice, da provincia tarraconense, e se lhe erigiu em Tarragona uma memoria com esta inscripção:

P. H. C.
M. FLAVIO M. F.
QUIR SABINO
LIMICO II VIR
SACERDOTI
CONVENT.
FRACARI
FLAMINI

A inscripção de Antequera (Andaluzia) de que falla Flores, foi dedicada a Lucio Pompeo Rufo, *limico*, fallecido de 30 annos de edade, e a Calpurnio Vegeto, tambem *limico*, fallecido aos 16 annos. Diz:

L. POMPEUS
RUFUS. LIMI
AN XXX. H. S. E. S. T. T. L.
CALPURNIUS VEGETUS
LIMICUS. AN. XVI
H. S. E. S. T. T. L.

Na capella do Salvador do mundo, junto á villa de S. João da Pesqueira, está um cippo, com uma inscripção a Lucio Sulpicio Rufino, *limico*. É uma sepultura que elle fez para si e para os seus escravos fôrros; Cila, Rufino e Rufina, que tambem concorreram para a obra. (Vide Pesqueira.)

Em um cippo de *Cambella*, que foi levado para *Friães*, havia uma inscripção dedicada a Camalo Mibois, *limico*, que falleceu de 46 annos. (Vide Friães.)

Os *limicos* mostráram-se sempre verdadeiros descendentes dos gregos, distinguindo-se pelo seu valor e pela sua intelligencia. Nem ainda degeneraram, pois nas terras *limicas* descriptas n'esta obra, verão os leitores muitos varões famosos nas armas e nas lettras.

LIMÍNIOS—(povos da antiguidade.) Vide Monte Mór Velho.

LIMÕES—vide Limãos.

LINDA A PASTORA } vide Carnaxide.
LINDA A VELHA }

LINDE ou **MOIOM**—portuguez antigo—marco, balisa ou signal estabelecido para demarcar e dividir, sem confusão, as terras e propriedades de diversos donos.

LINDO—portuguez antigo, puro, limpo, perfeito.

LINDOSO—villa, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho e 15 kilometros ao S. da Ponte da Barca, 35 ao ONO. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos, 800 almas.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Feira a 8 de setembro.

O sacro collegio patriarchal, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis annuaes.

O territorio d'esta freguezia é muito fertil em cereaes, legumes, fructas, linho, mel, cêra, vinho verde (optimo) e cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta. Seus montes trazem muita caça, do chão e do ar.

No Gerez, que é proximo, ha muita caça grossa. (Vide Gerez.)

Tem tambem muito peixe do rio. (Vide Lima, rio.)

Muita lenha, carvão, madeira e fructas silvestres. Criam-se aqui bons cães de lobo, chamados *sabujos*.

Situada entre as serras *Amarella* e *Cabril*, ramos de Suajo, na margem esquerda do Lima, na raia de Galliza. Tem um castello, arruinado, feito por D. Diniz, em 1287. Consta que por ser de uma primorosa architectura e muito elegante, lhe déra o rei o nome de *lindoso*, que passou á villa.

Este rei gostou tanto do castello de Lindoso, a primeira vez que aqui veio, que repetiu a visita mais algumas vezes, assim como a Suajo.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 5 de outubro de 1514, com muitos e grandes privilegios.

Perto da villa está a aldeia de *Cidadêlhe*, que é tradição ser antigamente cidade chamada *Bretolvão* (ou *Flavia Lambria.*) É certo que ha aqui vestigios de antigas fortificações. Mais abaixo está a aldeia de *Britêllo*, que dizem ser parte da tal cidade.

Tambem a pouca distancia de Lindoso, fica a antiga cidade de *Obobriga.*

Parece-me muito, duas *cidades* tão proximas. Talvez *Bretolvão* e *Flavia Lambria* fossem, uma e mesma cidade. (Vide Bretolvão.)

—

O primeiro alcaide-mór de Lindoso e Castro Laboreiro, por o rei D. Diniz, foi Payo Rodrigues de Araujo, que na Galliza era senhor de *Lóbios, de Araujo, Gendiva, Ojos* e *Toirno* — alcaide-mór dos castellos de Santa Cruz, Sande e Milmenda, apresentava muitos officios e beneficios, em Portugal e na Galliza — e era senhor dos coutos de Valle de Poldras, Soutêllo e Rio Caldo. (Vide *Manim, Obobriga* e *Rio Caldo.*)

—

Diz-se que a virgem e martyr Santa Eufemia era natural d'esta freguezia, e foi assassinada em Obobriga.

—

A casa real era senhora d'este concelho, que tinha camara, juiz ordinario e mais empregados respectivos; sendo os vereadores e juizes feitos pelo pelouro, dando-lhe o corregedor as cartas.

Foi o rei que deu o padroado d'esta egreja, ao sacro collegio patriarchal.

—

Argote diz que *Flavia Lambria* (ou *Lambris)* não ficava dentro dos limites da Lusitania, mas sim nos da Galliza, mas ao S. do rio Minho. Pomponio Mella (livro 3.º, cap. 1.º) diz: *Flexus ipse Lambriacam urbeñem amplexus recipit fluvios Lacron, et Ullamm.*

Quer dizer: A *dobra da marinha a abraça a cidade de Lambria e recebe os rios L Leris e Ulhoa.*

Ptolomeu, na 2.ª Tábua da Europopa, diz que *Lambris* é a capital dos *ceporos.* O *Agiologio Lusitano* diz que esta cidade era na actual provincia do Minho, entre as villas de Monção e Valladares, seguindo a opinião de Vaseo, que no seu *Chronicon*, capap. 20.º, diz:—*Erat autem Flavia Lambria prorepe Limiam in Porgalia interami.* Isto é:—A cidade de Flavia Lambria estava situada junto ao Rio Lima, em Portugal. Diz Vaseo, que as ruinas d'esta cidade se viam no seu tempo, entre Monção e Valladares, e se acachavam alli vestigios de thermas romanas, e que no mesmo sitio se teem achado cippos e moedas romanas, com o nome d'esta cidade.

O que aqui ha de certo é que o primeiro nome da tal cidade era *Lambria*, e que depois do imperio de Flavio Vespasiano, se chamou *Flavia Lambria;* e que se não sabe com certeza se esta cidade existiu proximo a Lindoso, se entre Monção e Valladares, se, finalmente (como outros querem) era no sitio actualmente chamado *Santa Maria de Fínis Terrae, Fuenfria* ou *Ribadavia*, na Galliza actual.

Suppõ-se que teve bispos, porque nos concilios toletanos se véem assignaturas de bispos *lãbrionenses.*

LINHARES (Pedras de) — no meio do rio Douro, entre a aldeia de Linhares, na freguezia de Sardoura, concelho de Paiva, e aldeia da Uffa, freguezia de Canelllallas, concelho e comarca de Penafiel — aquuella na margem esquerda e esta na direita do rio a 32 kilometros a ENE. da cidade do Porto estão as temiveis *Pedras de Linhanares.* São varios penedos (quasi todos *roladoss)os)* de differentes tamanhos, alguns muito grande uns juntos, outros espalhados pelo leito do rio, que não só difficultam mas até tornam perigosissima a passagem e navegação d

rio n'este ponto. Muitos barcos escapados aos *pontos* do alto Douro, vem aqui despedaçar-se.

A *Companhia Geral dos Vinhos* mandou aqui construir um paredão, para encanar parte do rio, mas não se chegou a concluir esta obra.

Em novembro de 1865, uma *cheia*, entupindo de areia o estreito *carreiro* por onde os barcos subiam e desciam, obrigou a agua a correr mais furiosamente pela margem direita (N.) o que fez escavar mais o leito do rio d'aquella parte, facilitando alguma cousa mais (por emquanto) a navegação por aquelle lado.

Se em Portugal houvesse um governo que curasse do interesse geral dos povos, e tivesse amor á vida d'estes, já ha muitos annos que as *Pedras de Linhares* tinham desapparecido d'alli: o que nem era muito difficil, nem muito dispendioso, visto que estes penedos estão todos soltos, e no tempo da estiagem, grande parte d'elles, quasi em sêcco.

Em tempo de enchentes, ficam estas pedras debaixo d'agua, e os barcos passam por cima d'ellas sem lhes tocarem; mas é perigosissimo quando o rio está muito cheio, mas que ainda não chega a cobrir as pedras; porque então, a ferocidade d'elle, arremeça os barcos contra ellas, e se fazem em pedaços, havendo mortes e perdas de fazendas. (Vide Pontos do Douro.)

LINHARES—aldeia, Douro, freguezia de Sardoura, concelho de Castello de Paiva, comarca e 20 kilometros a ONO. de Arouca, 24 a ENE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, sobre a margem esquerda do Douro.

Fica mesmo em frente das *Pedras de Linhares*, que d'esta aldeia tomaram o nome.

Aqui esteve o general Mac-Donell, em casa de Custodio Monteiro de Magalhães, desde 7 de agosto até 11 de novembro de 1846.

LINHARES—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros a SO. de Celorico da Beira, 18 a OSO. da Guarda, 90 ao NE. de Coimbra, 250 a E. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 206 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era um antiquissimo concelho de 1:800 fogos, que foi supprimido em 1855.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 320$000 réis annuaes.

Situada em posição elevada, nas faldas da Serra da Estrella, entre muitos arroyos, e passando-lhe pelo meio uma grande *levada* que rega o seu territorio, o qual é fertil, sobre tudo em cereaes.

Sobre um rochedo está edificado o seu antigo e desmantelado castello, com duas portas e duas torres tudo a vir abaixo Não se sabe ao certo quem edificou este castello, mas suppõe-se que foi D. Diniz, no fim do seculo XIII, ou principio do XIV.

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques, sem data. O mesmo rei lhe deu outro foral, em setembro de 1169, e seu filho, D. Sancho I, lh'o reformou em 6 de abril de 1198. D. Affonso II confirmou todos estes foraes (que tinham grandes privilegios) em Santarem, no mez de outubro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510.

Rodrigo Mendes da Silva, na *Pobl. Gen. de Eesp.*; Carvalho, na sua *Chorographia*, e outros muitos escriptores, dizem que esta povoação foi fundada pelos turdulos, 500 ou 580 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Lenio*, ou *Leniobriga* (que vem a ser o mesmo). Pretendem que o seu actual nome é corrupto do primittivo.

Dizem tambem aquelles dois escriptores, que foi cidade episcopal no tempo dos gôdos, o que é duvidoso.

Os mouros a destruiram no seculo VIII, e D. Affonso III, de Leão, a reedificou em 900.

Como os nossos antepassados tinham o costume de chamar *povoar*, ao acto de *dar foral*, não podemos saber, se com effeito D. Affonso I de Portugal a achou despovoada, quando lhe deu o primeiro foral, sem data; o que é certo é que em 1169, quando este rei lhe deu o segundo foral, estava povoada.

É uma povoação muito antiga.

Quando o nosso rei D. Fernando casou sua filha bastarda, legitimada, com D. Af-

fonso Henriques de Castella e Noronha, conde de Gijon, filho, tambem bastardo, de D. Henrique II de Castella, deu-lhe em dote esta villa, que, poucos annos depois, tornou para a corôa.

D. João III, fez conde de Linhares, em 13 de maio de 1532, a D. Antonio de Noronha, filho segundo do primeiro marquez de Villa Real, e que, além de outros senhorios e empregos, era tambem alcaide-mór de Linhares.

Em castigo do attentado contra D. José I, foi extincto este titulo em 1759.

Já os membros d'esta familia (Noronhas) tinham, em 1641, pretendido vender Portugal aos castelhanos, assassinando o rei; pelo que, alguns d'elles, foram degolados na praça do Rocio, de Lisboa, em 29 de agosto de 1641. Vide Braga, Caminha e Loronha.

O principe regente, depois D. João VI, renovou o titulo de conde de Linhares, em D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conselheiro de estado e ministro dos estrangeiros e da guerra. Hoje é seu neto o terceiro conde.

N'esta villa nasceu, em 1542, o servo de Deus, *Gregorio Lopes*. Foi em 1558 para as Indias Occidentaes (America), onde foi célebre pela sua incrivel memoria, vasta intelligencia e erudição, e exemplarissimas virtudes. Falleceu na cidade de Santa Fé (Mexico) em 1596, chorado por todos, e é alli geralmente reputado como santo.

As armas de Linhares, são: — um escudo com uma meia lua e cinco estrellas. Segundo a lenda popular, teve este brazão a seguinte origem:

Em 1189, invadiu a Beira um exercito de leonezes e castelhanos, roubando e devastando tudo. Era então o castello de Celorico a principal fortaleza da Beira, e o inimigo se aproximou d'elle para lhe pôr cêrco. Mas os de Linhares resolveram acudir aos seus irmãos de Celorico, e chegaram á praça quasi ao mesmo tempo que os invasores. Animados os de Celorico com tão valioso reforço, e impacientes por tirarem vingança dos grandes damnos e affrontas que a provincia tinha soffrido dos inimigos; não esperaram pelo accommettimento, e sahindo a campo na mesma noite da chegada dos de Linhares, uns e outros atacaram os invasores tão de improviso e com tamanha furia, que os pozeram em completa derrota e vergonhosa fuga, deixando no campo tudo quanto tinham roubado, todas as suas bagagens, e grande numero de mortos e prisioneiros.

Em memoria de tão assignalada façanha, deu D. Sancho I por armas a Celorico e a Linhares, as que agora têem (mas as da primeira d'estas villas foi depois accrescentada com a façanha de Fernão Rodrigues Pacheco, como se vê na palavra *Celorico*).

Diz-se que o crescente indica que a noite d'esta batalha era de *lua nova*.

Eram alcaides-móres de Celorico, D. Gonçalo Mendes, e de Linhares, D. Rodrigo Mendes, ambos filhos do valoroso conde D. Mendo, e bravissimos guerreiros d'aquellas eras.

É Linhares uma pequena villa, sem edificios que a recommendem. Tem uma só parochia.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara.

Tem Misericordia e hospital, e diversas ermidas.

Há na villa quatro chafarizes (um d'elles de boa architectura) abundantes de boa agua.

Seus arrabaldes são ferteis e muito arborisados. Só um souto, que é da camara, tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo.

O clima é muito frio, mas muito saudavel. Seu territorio produz cereaes, vinho, azeite, boas fructas, batatas, linho e muita castanha. Muito gado de differentes especies e muita variedade de caça.

Linhares era antigamente da comarca da Guarda, depois foi erecta em cabeça de comarca, até que esta foi supprimida, ficando reduzida a julgado, até que em 1855 tambem este foi supprimido.

Aqui nasceu *D. Lôpa*, muito rica e nobre senhora, cuja vida foi uma serie de erros e crimes, até que por fim se arrependeu, fez grande penitencia e morreu com cheiro de santidade.

Em 1700 nasceu aqui um padre, que morreu em 1820. Viveu em cinco reinnados — D. Pedro II, D. João V, D. José I, D. Maria I e D. Pedro III, e D. João VI.

Entre as villas de Linhares e Mesquitella, na extremidade de seus termos, está situado o *Sanctuario de Nossa Senhora da Annunciada*, edificado em um têso, no centro de uma campina rasa, a que chamam *Campo da Annunciada*, ficando aqui tambem a aldeia do *Curral* (mas esta é já da freguezia de Mesquitella).

O Sanctuario está em terras de uma quinta dos senhores de Mello, e é tradição que n'este campo houve uma grande batalha entre os christãos e mouros, sendo estes derrotados.

A egreja tem só o altar-mór. N'elle está a imagem da Santissima Virgem (que é de pedra) com o menino Jesus nos braços. Apesar da sua muita antiguidade, é de boa esculptura e o seu rosto sério e formosissimo.

É esta Senhora objecto de grande devoção, não só para os povos immediatos, mas para outros muitos que estanceiam pela serra da Estrella, que todos, em suas attribulações e nas calamidades publicas, recorrem, fervorosos e esperançados, ao patrocinio da adoravel rainha dos anjos, e mãe extremosa dos peccadores.

São testemunhos dos repetidos favores da Santissima Virgem, os milagres que cobrem as paredes d'este devoto templosinho.

Nada porém se sabe quanto á data da sua fundação, nem do seu fundador, senão que é um monumento antiquissimo, talvez do tempo dos gôdos.

LINHARES (valle de) — Minho, freguezia do Campo de Gerez, e S. Paio da Carvalheira, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde, arcebispado e districto administrativo de Braga.

É na serra do Gerez.

A *Casa da Guarda*, é um môrro elevado do Gerez, onde ainda existem vestigios de dois pequenos edificios que lhe deram o nome.

(Uma d'estas *casas da guarda* pertencia ao concelho de Terras de Bouro, outra ao extincto concelho de Santa Martha de Bouro).

Ao sopé d'este môrro está o *Valle de Linhares*, apertado entre aquelle e o rio Homem.

(Para evitar repetições, quanto á *Casa da Guarda*, vide *Campo do Gerez*, a pag. 64, do 2.º vol.)

O *Valle de Linhares*, fica perto do célebre *Bico da Geira*. Diante das *Casas da Guarda*, estende se em meia lua uma trincheira, tocando a extremidade direita n'um temeroso despenhadeiro, chamado *Sarilhão*. N'esta extremidade, que é um pico, se vêem ainda os restos de uma muralha tosca, que parece ter sido baluarte. Chama-se *Côtto dos Monteiros*. Entre este e o Sarilhão, passa um brejo, muito fundo e estreito.

A extremidade esquerda da referida trincheira toca o rio Homem. É de pedra tosca, recoberta de terra, em rampa, pela frente. Era uma temivel posição, que encurralava o inimigo em um temeroso desfiladeiro, de mais de 2 kilometros, cerrado pelo monte chamado *Carro*, ou *Volta do Carro*, onde tambem ha restos de uma outra trincheira, encostada a uma alcantilada montanha, de difficil accesso para gente de pé, e inaccessivel a cavallaria e artilheria.

No meio do Valle de Linhares e sobre a margem esquerda do Homem, se fundou no principio do seculo XIX, e montou-se com todos os aprestes, uma grande fabrica de vidro, por conta de uma sociedade de proprietarios de Braga. Trabalhou dois annos produzindo já muitos artefactos de vidro, de muitas qualidades, e hia prosperando bastante; porque eram propriedade do estabelecimento vastos terrenos incultos, as mattas do Gerez e a materia prima principal, o quartzo (seixo).

No dia 11 de julho de 1808, uma horda de turbulentos obriga varios lavradores d'estes sitios a acompanharem os; arrombam a residencia de S. Payo da Carvalheira, para assassinarem o abbade (que escapou milagrosamente) sob pretexto de que era *jacobino;* quando o seu crime unico era ser amigo dos empregados da fabrica de vidros.

Não podendo haver ás mãos o abbade, correm sobre a fabrica, que arrombam e saqueiam, lançando-lhe por fim o fogo e incendiando-a.

Hoje da fabrica apenas restam paredes

desmantelladas, que mal dão a conhecer a sua passada grandeza.

Os lavradores de *Villarinho das Furnas*, têem construido paredes e calçadas, com as louças quebradas, e pedras lavradas da fabrica. Vide *Portella do Homem.*

LINHARES — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 45 kilometros a ONO de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa da Bôa Vista, apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis annuaes. Foi da casa dos Antas, depois representada pelo Malheiros Pereiras e por fim passou á casa de Cóvas. Os Antas, por causa de demandas sobre partilhas, se assassinaram uns aos outros, destruindo a sua casa.

Durante estas contendas (tornadas em guerra exterminadora) era o arcebispo quem apresentava o abbade.

N'esta freguezia ha dois fortes, de forma circular, um chamado *Modôrra* e é proximo da freguezia de Ferreira; outro, chamado *Castro de Brozendes*, e limita com Fromariz. Ha dúvida com respeito ao territorio em que estão fundados estes dois fortes. Uns dizem que estão na freguezia de Ferreira, outros que estão n'esta. Parece que deve prevalecer aquella opinião, porque a capella do Senhor do Amparo, no logar de Morim, está na extremidade das duas freguezias e entre os dois fortes foi sempre julgado da freguezia de Ferreira; mas na questão que sobre isto se suscitou, no juizo competente, venceram os de Linhares. (Vide Ferreira, a pag. 170, col. 1.ª do 3.º vol.)

LINHARES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazeda d'Anceães, 120 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis annuaes.

É terra fertil.

LISBOA—Cidade, côrte, patriarchado capital do reino e da provincia da Extremadura, districto administrativo, 61:000 fogos, 244:000 almas, em 34 freguezias, que são: (não contando as 5 de Belem, que se podiam considerar de Lisboa, por serem continuação d'esta cidade.)

Santo André e Santa Marinha — Anjos — Santa Catharina — S. Christovão — Conceição Nova — Coração de Jesus — Santa Cruz do Castello — Encarnação — Santa Engracia — Santo Estevão da Alfama — S. João da Praça — S. Jorge — S. José — Santa Isabel — S. Julião — Santa Justa — Lapa — S. Lourenço — Magdalena — S. Mamede — Martyres — Mercês — S. Miguel da Alfama — S. Nicolau — S. Paulo — S. Pedro d'Alcantara — Pena — Sacramento — O Salvador e S. Thomé — Santos — Sé — S. Sebastião da Pedreira — Soccôrro — S. Thiago e S. Martinho — S. Vicente.

Alem d'estas 34 freguezias tem mais as dos arrabaldes de Lisboa (chamadas, do termo) são 29, oito no concelho de Belem (Ajuda — Belem — Bemfica — Carnide — Odivellas — Alcantara — Santa Isabel e S. Sebastião da Pedreira) e 21 no concelho dos Olivaes, (Ameixoeira — Appellação — Arrois — Beato — Bucellas — Camarate — Campo Grande — Charneca — Fanhões — Friellas — Loures — Lonsa — Lumiar — Olivaes — Póvoa — Sacavem — Tojal — Tojalinho — S. João da Talha — Unhos e Via Longa.)

O concelho de Belem tem 6:500 fogos, com 26:000 almas, e os Olivaes 6:300 fogos, com 25:000 almas.

Lisboa tem nas suas 34 freguezias 61:000 fogos, e 244 mil almas, e com as freguezias do termo, 73:800 fogos e 295 mil almas.

O districto administrativo de Lisboa tem 120:000 fogos, e 480:000 almas.

A cidade de Lisboa tinha antes do terramoto de 1755 39:609 fogos, com 158:400 almas e depois, ficou reduzida a 30:694 fogos com 122:700 almas, vindo a diminuir n'este calaclysmo 8:915 fogos, e 35:700 almas.

—

Tinha a cidade de Lisboa, em 1755, 41 freguezias, que passo a descrever.

1.ª *Santa Basilica Patriarchal* — a mitra

apresentava o cura, que tinha 300$000 réis. Tinha um coadjutor, com 150$000 réis. Os parochianos eram, todas as pessoas reaes, todas as que habitavam dentro do paço e todos os ministros da Santa Egreja Patriarchal

Tinha antes do terramoto do primeiro de novembro de 1755-500 fogos; ficou reduzida a 400.

2.ª *Santissimo Sacramento*— a mitra apresentava o reitor, que tinha, antes do terramoto, 600$000 réis e tinha 613 fogos, depois tinha 100$000 réis, e ficou reduzida a 180 fogos.

3.ª *S. Bartholomeu*— o reitor dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) apresentava o vigario, que tinha 130$000 réis.

Tinha em 1755-140 fogos, ficou reduzida a 50.

4.ª *Santa Engracia* — o ordinario apresentava o prior, que tinha 600$000 réis. Tinha antes do terramoto, 1:400 fogos, ficou reduzida a 1:262.

5.ª *Nossa Senhora dos Martyres*—a mitra apresentava o cura, que tinha, antes do terramoto, 500$000 réis, tendo a freguezia 1:600 fogos. Depois teve 100$000 réis. A freguezia ficou reduzida a 6 fogos.

6.ª *Santa Isabel*—a mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 1:200$000 réis.

Tinha em 1755-2:600 fogos. ficou reduzida a 2:415.

7.ª *Santa Maria Maior* = a mitra apresentava o reitor, que tinha 300$000 réis. Tinha 896 fogos em 1755; ficou reduzida a 150 e o reitor a 130$000 réis.

8.ª *Santa Marinha*—o ordinario apresentava o prior, que tinha 600$000 réis.

Em 1757 tinha 300 fogos, ficou reduzida a 165.

9.ª *Santa Justa* — o prior era feito a concurso, e tinha 480$000 réis.

Em 1755, tinha 1:940 fogos, ficou reduzida a 361 e o rendimento do prior a 240$000 réis.

10.ª *O Salvador* — os condes dos Arcos apresentavam o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 120 de cevada, 4 pipas de de vinho, um carneiro, e a quarta parte das offertas.

Em 1755 tinha 266 fogos, depois teve 300.

11.ª *Nossa Senhora das Mercês* — Os condes de Oeiras (depois marquezes do Pombal) apresentavam o cura, que tinha 400$000 réis; em 1755 tinha 900 fogos, ficou reduzida a 807.

12.ª *Santa Cruz do Castello* — o prior era feito por concurso, e tinha 600$000 réis.

Em 1755 tinha 322 fogos, ficou com 315.

13.ª *Santos o Velho* — o orago os Santos martyres Verissimo, Maxima e Julia; a mitra apresentava o prior, que tinha 900$000 réis.

Em 1755 tinha 1787 fogos, depois 1:836.

14.ª *S. Vicente de Fóra* — o prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) do convento cuja egreja era matriz da freguezia, apresentava o cura, que tinha 200$ réis.

Em 1755 tinha 600 fogos, e depois 552.

15.ª *S. Thiago* — o real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

En 1755 tinha 120 fogos, ficou reduzida a 60.

16.ª *Nossa Senhora d'Ajuda*—a mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 400$000 réis.

Em 1755 tinha 600 fogos, depois passou a ter 2:123.

17.ª *Santo André* — os beneficiados da Sé apresentavam o prior, que tinha 500$000 rs.

Em 1755 tinha 140 fogos, depois, 260.

18.ª *S. Jorge*—a mitra apresentava o prior, que tinha 600$000 réis.

Em 1755 tinha 58 fogos, depois, 72.

19.ª *S. Pedro d'Alfama* — a rainha apresentava o prior, que tinha 150$000 réis.

Em 1755 tinha 248 fogos, depois 1500.

20.ª *S. Christovão* — os morgados da *Patameira* (Menezes) apresentavam o prior, que tinha 600$000 réis.

Em 1755 tinha 420 fogos, ficou reduzida a 236.

21.ª *S. José* — a mitra apresentava o vigario, que tinha 500$000 réis.

Em 1755 tinha 5:000 fogos, depois 6:000.

22.ª *S. Maméde* — o real padroado apresentava o prior, que tinha 130$000 réis.

Em 1755 tinha 207 fogos, ficou roduzida a 25.

23.ª *S. Paulo* — a mitra apresentava o vigario, que tinha 350$000 réis.

Em 1755, tinha 1:000 fogos, ficou reduzida a 980.

24.ª *Santo Estevão* — a mitra apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

Em 1755 tinha 1:000 fogos, ficou reduzida a 960.

25.ª *S. Martinho* — a rainha apresentava o prior, que tinha 500$000 réis.

Em 1755 tinha 30 fogos, depois 50.

26.ª *S. Sebastião da Pedreira* — a mitra apresentava o reitor, que tinha 500$000 réis.

Em 1755 tinha 900 fogos, ficou reduzida a 862.

27.ª *Nossa Senhora da Conceição* — a mitra apresentava o reitor, que tinha 400$000 rs

Em 1755 tinha 900 fogos, ficou reduzida a 84.

28.ª *Nossa Senhora da Pena* — a mitra apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar, que andava por 300$000 réis.

Em 1755 tinha 1:400 fogos, ficou reduzida a 1:300.

29.ª *Santa Catharina* — a irmandade dos livreiros apresentava o cura, que tinha 600$000 réis.

Em 1755 tinha 1:800 fogos, ficou reduzida a 1:778.

30.ª *Nossa Senhora do Soccôrro*—o papa e a mitra apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 500$000 réis.

Em 1755 tinha 900 fogos, depois 830.

31.ª *S. Thomé*—a mitra, com reserva da Sé Apostolica, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis.

Em 1755 tinha 300 fogos, depois 250.

32.ª *S. Nicolau*—a rainha apresentava o prior, que tinha 300$000 réis.

Em 1755 tinha 2:308, fogos, ficou reduzida a 575.

33.ª *Santa-Maria Magdalena* — a rainha apresentava o prior, que tinha 500$000 rs.

Em 1755 tinha 800 fogos, ficou reduzida a 4!

34.ª *S. Lourenço* — os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o prior, que tinha 250$000 réis.

Em 1755 tinha 150 fogos, ficou com 143.

35.ª *S. Miguel* — o real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis.

Em 1755 tinha 870 fogos, depois, 666.

36.ª *S. João da Praça* — (S. João Baptista) os marquezes d'Angeja apresentavam o prior, que tinha antes do terramoto 240$000 réis, e depois, 100$000 réis.

Em 1755, tinha 500 fogos, depois, ficou reduzida a 10.

37.ª *S. Julião* — a mitra apresentava o prior, que tinha, 1:000$000 réis antes do terramoto, depois, 250$000 réis.

Em 1755, tinha 1:960 fogos, ficou reduzida a 30!

38.ª *Anjos* —a mitra apresentava o reitor, que tinha 750$000 réis,

Em 1755 tinha 2:140 fogos, depois 2:117.

39.ª *Nossa Senhora da Encarnação* — a mitra apresentava o cura, que tinha, antes do terramoto, 600$000 réis, depois, 200$000 réis.

Em 1755 tinha 2:000 fogos, ficou reduzida a 972.

40.ª *Nossa Senhora do Loreto* — não tinha esta freguezia territorio determinado, pois eram seus parochianos todos os italianos que viviam dispersos por Lisboa. Era administrada por um provedor, um escrivão e um thesoureiro e mais votantes, italianos, que apresentavam um cura, que lhes administrava os sacramentos, e ao qual davam congrua sufficiente, e casas (para elle e thesoureiro) junto á egreja.

41.ª *Chagas de Jesus* — tambem não tinha territorio determinado, pois era só dos navegantes da carreira da India e Brazil. Tinha sacrario, pia baptismal e gosava de todas as regalias parochiaes. A irmandade das Chagas, administrava todos os bens d'esta egreja, na qual apresentava um cura, com renda incerta, como era o numero dos parochianos.

—

Note-se que as freguezias que augmentaram de população depois do terramoto, é porque, dos bairros que mais soffreram, ficando ruas inteiras completamente destruidas e desertas, se mudaram os habitantes para os outros a que o terramoto tinha causado menos destruições.

Para descrever tudo quanto Lisboa encerra de curiosidades, esplendores e maravilhas, seria precizo um livro tão volumoso como todo este Diccionario. Resignar-me hei pois a uma breve narração das cousas mais importantes, tanto sobre actos historicos, como sobre monumentos e outras cousas essenceaes

Tambem peço desculpa aos meus leitores se aqui não escrevo uma, ainda que rapida biographia, de todos os varões illustres nas armas, nas lettras e nas virtudes, que Lisboa em todos os tempos com tanta profusão tem produzido; porque isso seria abhorrecidamente extenço: limitar-me-hei a enumerar os mais famosos.

Quanto aos nossos reis aqui nascidos, remetto os leitores para a historia chronologica do ultimo volume.

—

A cidade de Lisboa, formosa, entre as mais formosas, a donosa rainha dos mares, a bella princeza do Tejo, em cujas crystalinas aguas se mira orgulhosa e embevecida; pela sua ampla barra, pelo seu wastissimo porto, pelo seu magestoso rio nasceu para ser a capital da Europa. [1]

Está esta cidade magnifica edificada sobre sete montes, que são:

S. Vicente de Fóra, Santo André, Castello, Sant'Anna, S. Roque, Chagas e Santa Catharina do Monte Sinai, Estende-se em fórma de amphitheatro sobre a margem direita do soberbo e famosissimo Tejo (cujo porto póde receber milhares das maiores embarcações) e a 18 kilometros a E.NE. da sua foz.

Tem o seu districto 14 comarcas, incluindo as seis varas de Lisboa, que são:

Alcacer do Sal, Aldeia Gallega do Riba-Tejo, Alemquer, Almada, Cintra, Setubal, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, e as seis varas de Lisboa.

Os concelhos de Alcacer do Sal e Grandola, são no arcebispado de Evora; o concelho de S. Thiago de Cacem, é do bispado de Beja; os outros 23 são todos no patriarchado.

—

26 concelhos (incluindo os tres bairros de Lisboa) que são: Alcochete, Aldeia Gallega do Riba-Tejo, Alemquer, Almada, Arruda, Azambuja, Barreiro, Belem, Cadaval, Cascaes, Cezimbra, Cintra, Lourinhan, Mafra, Oeiras, Olivaes, Seixal, Setubal, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, Alcacer do Sal, Grandola, S. Thiago de Cacem, Bairro Oriental de Lisboa, Bairro Central e Bairro Occidental.

—

O *bairro oriental*, é composto das 15 freguezias seguintes: Anjos, S. Jorge, Santo André, Santa Engracia, S. Vicente, S. Christovão, S. Lourenço, Pena, Soccorro, Santa Cruz do Castello, Santo Estevão, S. João da Praça, S. Miguel, Sé, S. Thiago.

O *bairro cetral*, é composto de 11 freguezias, que são: Coração de Jesus, S. José, S. Julião, Santa Justa, Magdalena, S. Nicolau, Conceição Nova, Encarnação, Martyres, Sacramento, S. Sebastião da Pedreira.

O *bairro occidental*, comprehende 8 freguezias, que são: Santa Isabel, S. Mamède, Santa Catharina, Mercês, S. Paulo, Alcantara, Lapa, Santos o Velho.

—

No crime é dividida em tres districtos — comprehendendo o 1.º, a 1.ª e 2.ª varas do civel — o 2.º, a 3.ª e 4.ª varas — e o 3.º, a 5.ª e 6.ª Já se vê pois que no civel está dividida a cidade de Lisboa em 6 varas, que correspondem ás comarcas de provincia (menos as da cidade do Porto, que tambem assim estão divididas, ainda que em menor numero.)

—

É Lisboa o quartel general da 1.ª divisão militar, quartel do batalhão de engenheiros, do regimento de artilheria n.º 3, dos batalhões de caçadores n.º 2 e 5, dos regimentos de infanteria n.ºs 2, 7, 10 e 16 e dos corpos de cavallaria e infanteria da guarda municipal de Lisboa.

Actualmente (1874) está em Santarem artilheria n.º 3; no Porto, infanteria 10; e em

[1] Fr. Vicente Justiniano, geral da Ordem de S. Bento, cardeal e homem de grandes talentos, dizia de Lisboa «*Vidimus orbem in urbe.*» (Vimos o mundo, em uma cidade.)

Lisboa, estão provisoriamente, cavallaria 4, e infanteria 5.

Tem estação telegraphica principal.

Estação princicipal dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

Estação central dos caminhos de ferro do Sul e Sueste.

Séde do commissariado geral da policia civil.

Do supremo tribunal de justiça.

Da relação do districto judicial.

Da procuradoria geral da corôa.

De 12 juizes de paz e 34 juizes eleitos.

Do tribunal do commercio.

Da junta do deposito publico.

De tres conservatorias.

Do supremo tribunal administrativo.

Da relação ecclesiastica.

Do supremo conselho de justiça militar.

Dos differentes ministerios.

E, finalmente, de todos os outros tribunaes e repartições competentes á capital do reino e de um districto.

—

Corpo consular—Ha em Lisboa os consules de—Austria—Belgica,—Brasil—Chi'li—Confederação Argentina—Confederação Suissa—Estados Unidos da America—França—Grecia—Honduras—Hespanha—Inglaterra—Italia—Paizes Baixos—Perú—Confederação da Allemanha do Norte—Russia—Sião—Suecia e Noruega—Turquia—Uruguay—Venezuella.

—

Bancos—de Portugal—Lusitano—Hypothecario—Nacional Ultramarino—Caixa Filial do Banco Alliança, do Porto—dita do Banco Commercial, do Porto—dita do Banco Mercantil Portuense—dita do Banco União do Porto—Banco Popular Hespanhol—London & Brasilian Bank Limited.

—

Companhias de seguros maritimos, contra incendios, e seguros de vidas:

Fidelidade—(maritimos e fogos.)

Bonança—(idem.)

Segurança, do Porto—agencia (idem.)

Garantia, do Porto—idem (idem.)

Indemnisadora, do Porto—idem (fogos e vidas.)

La Española, de Madrid—idem (maritimos e vidas.)

Asseguradora de Barcelona—idem (maritimos.)

El Fenix Español—idem (fogos.)

La Atlantique du Havre—idem (maritimos.)

La Union de Madrid—idem (maritimos, fogos e vidas.)

La Cataluña, de Barcelona—idem (maritimos.)

El Lloyd Andaluz—idem (maritimos.)

London & Lancashire—idem (fogos.)

Queen—idem (fogos.)

Sun Fire—idem (fogos.)

Royal—idem (fogos.)

Liverpool, Londou & Globe—idem (maritimos e fogos.)

Norwik Union—idem (fogos e vidas.)

La Baloise—idem (maritimos.)

—

Companhias e estabelecimentos de credito:

Companhia das Aguas.

Companhias de carruagens e omnibos.

—

Empresa de transportes fluviaes.

Compagnie des services maritimes des messageries maritimes.

Liverpool Brasil and River Plate Steam Navigation Compani Limited.

Ligne Peninsulaire.

Carreira regular e mensal dos vapores entre Liverpool, Pará, Maranhão, e Ceará.

The Spanish á Portuguese Serew Steam Shipping Company.

Empresa Lusitana de Navegação, por vapor, para a Africa, Açôres e Algarve.

Empresa Insulana de Navegação.

Clyde line of Steamers to Brasil & the River Plate.

Linha dos Vapores Hespanhoes.

Royal Pross Line of Steamers.

The Paeific Navigation Company,

The Spanish & Portuguese Screw.

Steam Shippin Company.

Companhia de Navegação Insulana para Londres e Madeira.

Liverpool and Maranhan Steam Ship Company.

Companhia Royal Mail Steam Packet.

Compagnie des Messageries Maritimes, Paquebots Poste Francaise, Ligne du Bresil et de la plata.

Companhia dos caminhos de ferro do Norte e Peste.

Companhia de Tramway a vapor, de Lisboa a Torres Vedras e a Cintra.

Companhia dos carris americanos.

Além de muitas outras, em diversos generos.

—

Paços reaes — Ha em Lisboa 6 paços dos nossos reis. São: Necessidades e Bemposta—em Belem, o paço d'este nome e o da Ajuda, e no termo, Caxias e Queluz.

—

Estabelecimentos de instrucção — Escola polytechnica — dita medico cirurgica — dita de pharmacia—Instituto agricola e escola de veterinaria—Escola naval—dita de construcção naval—dita do exercito—Aula de commercio—Conservatorio Real de Lisboa—Aula do museu nacional—Instituto industrial e commercial de Lisboa—Aula de geometria mechanica, applicada ás artes—Curso superior de lettras—Collegio dos aprendizes do arsenal—Academia de Bellas Artes— Sociedade Promotora de Bellas Artes—Lyceu nacioual de Lisboa, etc.

—

Bibliothecas e archivos—Bibliotheca publica—dita da Ajuda—Archivo da Torre do Tombo—dito militar—dito das camaras legislativas.

—

Sociedades scientificas—Academia Real das Sciencias—Sociedade das sciencias medicas—Associação juridica, ou dos advogados.

—

Museus—Museu real—dito archeologico.

Banhos publicos—Além dos estabelecimentos fluctuantes para banhos, ha em Lisboa as seguintes thermas — Rilhafoles—Sulphureos, do arsenal da marinha—Poço do Borratem—do Hotel Central aoCaes de Sodré—Alcaçarias—tres distinctos estabelecimentos: são sulphureos.

—

Prisões—Limoeiro—Aljube—Castello de S. Jorge — Casa de correcção ás Monicas — Torre de Belem—S. Julião da Barra—Bugio—prisão fluctuante (pontão.)

—

Hospitaes—S. José—Marinha—Estrellinha—S. Lazaro—Desterro—Alienados—e Veterinario—além de varios outros de irmandades.

—

Asylos — Casa Pia — Mendicidade—Maria Pia—Santa Catharina—Filhos dos soldados—Invalidos do trabalho—Santa Casa da Misericordia—Infancia desvalida (varios)—e outros menos importantes.

—

Fortificações—Castello de S. Jorge—Torre de S. Vicente—Torre Velha—S. Julião da Barra—Bugio—Bom Successo—Beirolas—e as de Monsanto, em construcção.

—

Cemiterios—Prazeres, ou Occidental—do Alto de S. João, ou Oriental—Ajuda—S. Luiz—dos Inglezes—Judeus—Allemães—Valle-Escuro (de irracionaes.)

—

Passeios publicos e jardins—Rocio—S. Pedro de Alcantara (dois)—S. Roque—Principe Real—Praça das Flores—Estrella—Junqueira—Aterro (tres)—Sant'Anna—Largo do Mastro—Santa Clara—Escola polytechnica—Praça d'Armas—Praça de Luiz de Camões—Largo do Quintella.

—

Theatros publicos—D. Maria—S. Carlos—Trindade—Gymnasio—Principe Real—Condes—Variedades — Circo Price — Alfama—Pateo do Tijolo—D. Augusto—D. Luiz (queimado.)

—

Circos—Salitre.

Praça de Touros—Sant'Anna.

—

Lisboa está em 38° e 42' de latitude. N—e 43' de longitude. Occ.

Esta cidade tem sido mais ou menos destruida por espantosos e repetidos terramotos, sendo os maiores de que ha memoria os que ficam mencionados nos annos respectivos.

—

É Lisboa incontestavelmente uma cidade

antiquissima, e a sua origem, envolvida em mil fabulas, perde-se na noute dos tempos.

Segundo alguns auctores, foi fundada no anno 184 depois do diluvio, isto é, no anno do mundo 1845, ou 2159 antes de Jesus Christo, por *Elisas*, *Lysias*, ou *Luso*. bisneto de *Noé*, que lhe deu o seu nome=*Lysia*.

Dizem outros que, pelos annos 2632 (1372 ant. de Jesus Christo.) Ulysses, rei d'Ithaca, undivago heroe d'aquellas eras, tendo com os outros gregos, terminado a guerra de Troia, passou as *Columnas d'Hercules* (Estreito de Gibraltar) e veio desembarcar a Lisboa, que ampliou e reedificou, dando-lhe o nome de *Ulyssipo* ou *Ulyssea*.

—

Auctores mui circumspectos porém, asseveram que o célebre e infeliz esposo da *casta Penelope* nunca veio á Lusitania. (Provavelmente confundiram *Elisas* com *Ulysses*, os que pretendem que este fosse o fundador ou reedificador de Lisboa).

Não se póde dizer ao certo quem foram os primeiros habitantes de Lisboa; mas, segundo os melhores escriptores, foram os chaldeus e babylonios, ou iberos, que tinham fugido á tyrannia de *Nemrod*, rei de Babylonia, pelos annos 1900 do mundo.

Pelo mesmo tempo em que se diz que Ulysses aportou á Lusitania, ou pouco antes, tinha feito seu assento em Lisboa, *Baccho*, grego, filho de *Seméle*, com uma numerosa colonia de gregos, por consentimento dos chaldeus e babylonios que já aqui havia, e com os quaes se confundiram, formando uma só nação, á qual deu por chefe ou rei, seu filho Lysias.

(Este Lysias que chegou a Lisboa 787 annos depois do outro Lysias, bisneto de Noé, faz-me suppôr confusão nos escriptores.)

Notarei aos meus leitores menos lidos nas nossas cousas antigas, que desde os chaldeus até aos gallos-celtas, ha muitas divergencias nas datas. Eu adoptei as dos escriptores que me pareceram mais rasoaveis. Não mencionei as diversas chronologias, porque, nem a differença é grande, nem vale muito a pena, visto misturar-se em tudo isto o fabuloso com o verdadeiro, a these com a hypothese.

Como a historia de Lisboa está ligada á da Lusitania, e para evitar repetições, remetto os leitores para a *Historia Chronologica* no fim desta obra, e só direi rapidamente o que se segue.

—

No anno do mundo 3009, foi Lisboa occupada por os gallos-celtas; em 3050, pelos phenicios; em 3412, pelos carthaginezes; e em 3804 pelos romanos.

Parece que os romanos acharam a cidade mais ou menos arruinada e a reedificaram, ou, pelo menos, repararam, dando-lhe o nome de *Felicitas Julia*, e fazendo-a *municipio do antigo direito latino*.

Lisboa teve a honra de ser a primeira cidade da Lusitania que teve o direito de *municipio*, e os lisbonenses eram considerados cidadãos romanos, sem a todos os respeitos terem a minima differença dos proprios habitantes de Roma. Foi o imperador Julio Cesar que lhe concedeu estes privilegios.

Estiveram os romanos senhores de Lisboa, pelo longo espaço de 607 annos, isto é, desde o anno 3804 do mundo, que é 200 annos antes de Jesus Christo, até 407 da era christan. Durante este tempo construiram fortalezas, templos, theatros, thermas e outros edificios; a maior parte dos quaes foram destruidos pelos terramotos e pelos barbaros, e de parte d'elles ainda restam vestigios. Frequentemente têem aqui apparecido e estão apparecendo, nas escavações, cippos com inscripções, e outros muitos objectos do tempo d'estes dominadores do mundo.

Nos annos 370 e 377, antes de Jesus Christo, houve terramotos na Lusitania, e ambos destruiram parte da cidade de Lisboa..

Querem alguns escriptores que a prégação do Evangelho tivesse logar em Lisboa, pelos santos martyres *Mansos* e *Pedro dos Rates*, ahi pelos annos 50 de Jesus Christo, é, pelo menos, ponto muito duvidoso.

No anno de Jesus Christo 407, foi a Lusitania invadida pelas hordas ferozes, justamente denominadas *barbaros do norte*, vindos da Gothia, Suecia, Norwega, etc., isto é, wisigodos, wandalos, suevos, alanos, etc.

Estes barbaros dividiram entre si a Lusi-

tania, e Lisboa e grande parte da Extremadura coube em partilha aos alanos, que destruiram os mais nobres monumentos da architectura romana.

Em 427, o general romano *Sebastião*, ajudado pelos lusitanos, tira Lisboa do poder dos alanos e suevos, á força d'armas; mas, querendo acclamar-se rei, o povo o assassina, e os alanos e suevos recobram o perdido, e Lisboa torna a cahir em seu poder.

Setenta e oito annos dominaram os alanos esta parte da Lusitania, até que, em 585, Leovegildo, rei dos godos, se tornou soberano de toda a Peninsula iberica.

Em 715, os arabes, commandados por *Muça* e *Tarif* (ou *Turik*) se apossaram de Lisboa e de toda a Peninsula, fundando diversos reinos ou emirados, sujeitos aos kalifas.

Os arabes attrahidos por todas as bellezas e commodidades de Lisboa, aqui estabeleceram logo a séde de um governo, e devemos confessar que muito engrandeceram esta cidade, reedificando muitos edificios romanos, que elles e os barbaros tinham desmantellado ou desprezado, e construindo muitos de novo, alguns dos quaes ainda existem. De todas as Hespanhas, era Lisboa uma das suas mais queridas cidades, pelo que muito a aformosearam.

Os mouros, quando tomaram Lisboa, destruiram muitos edificios e mataram muita gente, mas depois foram pouco a pouco tornando menos feroz a sua dominação, e reconstruindo e ampliando o que tinham destruido.

Já disse que os romanos deram a Lisboa o nome de *Felicitas Julia*. Tambem lhe chamavam *Ulissipona* ou *Ulissipo*. Os alanos e os gôdos tambem lhe chamaram *Ulissipona*. Os arabes, adaptando esta palavra á sua lingua, lhe davam primeiro o nome de *Aschbounah* e depois *Lissa-Bounah*. É d'esta palavra que procede o nome actual de Lisboa.

D. Fruela I, rei de Oviedo, toma Lisboa, e outras povoações da Lusitania, aos arabes, em 753; mas pouco tempo depois, o mouro *Abd-el-Raman* reconquista, Lisboa, Evora, Beja, Santarem e todo o territorio comprehendido entre o Tejo e o Cabo de S. Vicente, que já estava em poder dos christãos.

A posição geographica e a amenidade e formosura de Lisboa, a expozeram aos horrores de varios assedios e conquistas.

Em 800, D. Affonso, o *Casto*, filho de D. Fruela I, rei das Asturias e Galliza, toma Lisboa de assalto, e os christãos estiveram de posse d'ella até 811, em cujo anno *Ali-Aton*, rei de Córdova, a reconquistou.

Em 851, D. Ordonho III, de Leão, a toma aos mouros e a saqueia. Torna a perder-se, e, em 1093, D. Affonso VI, de Leão e Castella (avô de D. Affonso Henriques) a recupéra; mas, pouco tempo depois, tornou a cahir em poder dos sarracenos.

Nos annos 1009, 1117 e 1146, de Jesus Christo, houve grandes terramotos, que destruiram mais ou menos Lisboa.

Finalmente, em maio de 1147, D. Affonso I, de Portugal, lhe poz um rigoroso cêrco, e, depois de uma serie de encarniçados combates, em que cercadores e cercados mostraram a maior coragem, os christãos, ajudados por uma esquadra de crusados (a maior parte inglezes) entram victoriosos em Lisboa, no dia 21 de outubro d'esse anno.

Muitos historiadores dizem que os portuguezes entraram em Lisboa no dia 25. Parece haver contradicção nas datas, e não ha. D. Affonso I, tinha promettido aos cruzados (por condição posta por elles) tres dias de saque. O magnanimo rei dos portuguezes, não quiz presencear, nem quiz que as suas tropas presenceassem esses tres dias de horror; por isso só fez a sua *entrada solemne* na cidade depois d'elles passados.

No portico da Sé de Lisboa, está uma lapide antiga, com uma inscripção gothica, que commemora este feito glorioso. Tambem diz que o exercito portuguez entrou a 25. Em frente d'esta lapide está outra com uma inscripção que é a traducção d'esta.

D. Affonso I e seus descendentes, procuraram por todos os meios fortificar e engrandecer Lisboa, porém a côrte continuou a permanecer em Coimbra, durante os reinados de D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II, que todos porém faziam frequentes visitas a Lisboa.

Foi só pelos annos 1260 que D. Affonso

III transferiu a côrte para esta cidade, e o primeiro rei portuguez que aqui nasceu, foi D. Diniz, a 9 de outubro de 1261.

1288 — D. Diniz funda a universidade, em Lisboa, sob a denominação de *Escolas Geraes*. Foi a primeira que houve no reino. O mesmo rei a transferiu para Coimbra em 1308. D. Affonso IV a torna a trazer para Lisboa, em 1338. O mesmo rei a muda para Coimbra, em 1354. Torna a ser mudada para Lisboa, em 1377. É de novo transferida para Coimbra, em 1534.

1290-1344 — Em cada um d'estes annos, fortissimos terramotos aluiram muitas casas de Lisboa.

1356—24 de agosto. Outro terramoto. Durou 15 minutos, fez cahir muitas casas, e foi seguido de muitos outros mais pequenos por espaço de um anno.

1370—23 de fevereiro. Houve em Lisboa uma horrorosa tormenta de vento e chuva, que durou 12 horas (da meia noite ao meio dia). Fez voar a grande distancia, as telhas de muitos telhados, partiu os feixos e trancas fortissimas das portas da Sé, levando-as até ao meio da egreja, arrancou quasi todas as arvores, muitos navios se despedaçaram uns contra os outros, e causou outros mais e grandes prejuizos.

1373 — D. Henrique II, de Castella, entra em Portugal e saqueia e incendeia Lisboa.

D. Fernando I, estava em Santarem, e deixou-se estar, sem acudir á capital.

1382 — D. Fernando I fortifica Lisboa.

1383 — Morre em Lisboa este rei imbecil, a 22 de outubro.

1383—(6 de dezembro). O *mestre de Aviz*, depois D. João I, assassina, nos paços reaes, o gallego João Fernandes Andeiro, que D. Leonor tinha feito conde de Ourem.

No mesmo dia, o povo precipita do alto da torre do norte, da Sé de Lisboa, arrastando-o depois pelas ruas da cidade, ao seu bispo, por ser traidor á patria. O povo acclama o mestre d'Aviz, *regente e defensor do reino*, tambem no mesmo dia.

1384 — D. João I, de Castella, cérca Lisboa, mas D. João I de Portugal, o bate, obrigando-o a retirar para Santarem.

Torna, no mesmo anno, o rei castelhano a cercar Lisboa, por mar e terra. O *regente* não consegue fazer levantar o cérco. A nossa esquadra, apesar de muito inferior em numero, sahe do Porto, e entrando a barra do Tejo, derrota a inimiga. Os castelhanos, reforçando a sua esquadra, continuam o assedio; mas, no fim de cinco mezes, enfraquecidos pelo nosso ferro e pela peste, retiram para a raia.

1385—Descobre-se uma conspiração contra o mestre, e seu chefe, *D. Garcia Valdez*, é queimado vivo no Rocio.

1396 — A Sé de Lisboa é elevada a archiepiscopal. *D. João Annes*, é feito seu primeiro arcebispo.

1422 — D. João I manda que d'este anno em diante se deixe de contar em todo o reino pela *era de Cesar*, e se conte pelo anno do nascimento de Jesus Christo. No mesmo anno manda traduzir em vulgar o *Codigo de Justiniano*.

1434 — Publicação da famosa *lei mental* e outras contra o luxo. O rei D. Duarte manda os fidalgos (que não tinham *exercicio no paço)* para as provincias, para se não empenharem na côrte.

1435 — Grande cheia no Riba Tejo. ((vide Castanheira).

1438 — Grande peste assola o reino. O rei (D. Duarte) visita e soccorre os seus povos, consternados com o flagello; mas elle mesmo é atacado em Thomar, onde morre a 9 de setembro d'esse anno, na edade de 47 annos, com geral sentimento da nação, que por largo tempo o chorou.

(Antes d'esta peste, e quando Lisboa ainda era dos arabes, e governava Portugal a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso I, houve no reino a mais terrivel peste de que ha memoria, juntando-se a este flagello tambem o da fome, matando ambos muitass mil pessoas. Foi isto no anno de 1124, ao qual os portuguezes deram o nome de *anno mau*, e fez época. Vide *Anno Mau*.)

1472—15 de maio. Fundação do hosspital real de S. José.

1481 — Outra grande peste assola Portugal, D. Affonso V foge para Cintra, mas Isabella ahi o foi procurar e o matou a 28 de agosto d'esse anno, da edade de 49 annos.

1484—D. João II manda queimar uma casa de jogo que havia em Lisboa, e publica leis severas contra os jogadores e contra o luxo. No mesmo anno um rei da Nigricia chega a Lisboa e se faz christão.

1494—O mesmo rei manda edificar varias fortalezas nas margens do Tejo, para defeza da cidade.

1503—(1.º de setembro) D. Vasco da Gama chega a Lisboa, de volta da descoberta da India.

1505—Outra terrivel peste assola Lisboa e todo o reino.

1506—(19 de abril) Horrorosa mortandade nos judeus de Lisboa, feita pelo povo da cidade, que attribuia a elles o flagello da peste.

D. Manuel manda queimar vivos, na praça do Rocio, dois frades dominicos que foram os cabeças de motim e instigadores do povo para tamanhas barbaridades. Teve principio pelo facto seguinte:

O sol dava de chapa em um crucifixo, que estava sobre o arco da egreja de S. Domingos; entenderam que era milagroso o brilho que os raios do sol lhe causavam. Como um infeliz cahisse na asneira de dizer que o sol era a causa d'aquillo, foi logo arrastado para o Rocio, e alli o mataram e queimaram. Sahiram dois frades dominicos, cada um com seu crucifixo na mão, e taes vociferações e imposturas disseram, que ainda mais incendiaram a colera e crueldade do povo, que se foi a quanto *christão novo* pôde pilhar, e os mataram e queimaram. Velhos, novos, homens, mulheres e creanças, nada escapou a este furor sanguinario. Accenderam grandes fogueiras no Rocio e na Ribeira Velha, e alli lançavam as suas victimas, umas mortas, outras vivas, tendo-lhes antes feito toda a qualidade de atrocidades. Dividiam ao meio as creanças de peito, á vista das mães, puxando um por cada perna e eram arrastadas para as fogueiras familias inteiras; não se esquecendo de roubar as casas dos desgraçados. Durou esta carnificina tres dias, e morreram 4:000 pessoas!

D. Manuel estava, com toda a côrte, fugido da peste em Abrantes, e vindo d'esta villa para Beja, soube no caminho este horroroso acontecimento, que o encheu de justa colera, e foi, como devia ser, severo em castigar. Além dos dois frades que mandou queimar, muitos dos assassinos foram enforcados, e outros soffreram diversos castigos. Tirou a Lisboa todos os seus privilegios, isenções e regalias.

1531—A 7 de janeiro principia um espantoso terramoto que dura 50 dias! Sentiu-se em todo o reino. Lisboa e seus arredores e as povoações do Riba Tejo, como Santarem, Azambuja, Almeirim, Castanheira e outras, foram as que mais soffreram. Quasi toda a gente fugiu de suas casas, e foi viver no campo. A familia real fez o mesmo.

Garcia de Rézende, testemunha presencial, diz:

Dous mezes assi estiveram
Na mor força do inverno,
Agoas, ventos, sosteveram,
Tormentas, trovões soffreram,
Bradando por Deus eterno.

Em Lisboa ficaram arruinados alguns templos e cahiram 1:500 casas, sepultando nas suas ruinas muita gente. No Tejo submergiram-se muitos navios, e nos arredores de Lisboa desappareceram povoações quasi inteiras!

1546—Outra grande fome, mas no seguinte grande abundancia. Vide Castanheira do Riba Tejo.

1551—28 de janeiro. Outro terramoto medonho destruiu 200 casas em Lisboa.

1551—Conclusão da magestosa egreja dos jeronimos, em Belem.

N'este mesmo anno, a 28 de abril, sente-se em Lisboa um terrivel terramoto, que demoliu muitas casas e matou umas 200 pessoas.

1552—11 de dezembro. Estando um padre a dizer missa na capella real de D. João III, e o rei presente, entrou um inglez, e quando o padre consagrou a hostia, lh'a tirou da mão, entornando o calix. Foi logo preso e poucos dias depois queimado no Rocio. Os inglezes não vieram cá pedir satisfações.

1569—Grande peste em Lisboa, que principiou a 7 de junho.

Nos dias 10, 11 e 12 de julho, na maior força da peste, espalhou-se em Lisboa, que no dia 13 d'esse mez se subverteria a cidade. Foi tal o terror, que Lisboa ficou quasi deshabitada, fugindo tudo e cobrindo 7 ou 8 leguas em redor, porque não havia casas para tanta gente. Morreu grande numero de pessoas não só da peste, mas tambem de fome, sêde e outras calamidades.

1572—13 de setembro. Terrivel temporal, que destroe 40 navios, morrendo bastante gente afogada.

1575—27 de julho. Sentiu-se em Lisboa um violento terramoto. Não causou desgraças.

1577—Morre aqui, a 29 de agosto, o célebre mathematico, *Pedro Nunes*.

1578—A 22 de agosto chega a Lisboa a triste noticia da derrota de Alcacer Quibir, o que enche o povo de terror e consternação.

1580—A 28 de junho chega a Lisboa D. Antonio, prior do Crato, que tinha sido acclamado rei de Portugal, em Santarem, a 24 do mesmo mez.

Vae residir nos paços reaes, dá expediente aos negocios publicos, manda cunhar moeda, e exerce todos os direitos magestaticos.

O duque d'Alba investe Lisboa a 25 d'agosto com 22:000 homens. D. Antonio se lhes oppõe na ponte d'Alcantara, com 4:000 homens, mal armados e peor exercitados; mas é derrotado, e foge.

Os castelhanos, furiosos, entram em Lisboa, e commettem toda a casta de barbaridades. O duque vencedor, manda hir a nobreza de Lisboa á sua presença, prestar obediencia ao usurpador — Quasi todos obedeceram!

1581—A 4 de fevereiro é prohibida pelos castelhanos a moeda de D. Antonio.

A 4 d'abril entra em Lisboa o *Diabo do Meio Dia* (Philippe II de Castellá) que é recebido com grandes festas.

1588—Philippe II, junta em Lisboa a famosa *esquadra invencivel*, composta de 120 náos de guerra, para destruir a Inglaterra; mas uma tormenta destruiu a esquadra, no Canal da Mancha, em 27 de julho d'esse anno.

1596—Morre aqui o mavioso poeta Diogo Bernardes, em 30 d'agosto.

1597—Horrivel terramoto em Lisboa a 28 de julho (outros dizem 22) que subverte 3 ruas, no bairro de Santa Catharina, partindo o monte ao meio.

Teve logar pelas 11 horas da noute. As ruas subvertidas tinham 110 moradas de casas, as mais d'ellas grandes, na *Bôa Vista*, pelo que ao sitio se ficou chamando *casas cahidas*. Ao pé do monte de Santa Catharina do Monte Synai, correu a terra para o lado do mar, levando grande parte do dito monte. Antes alguns minutos da catastrophe se ouviram estalar as casas com grande estrondo o que deu aviso aos seus moradores, que tiveram tempo de fugir das casas no estado em que estavam — alguns nus — pelo que não morreu ninguem.

1598—22 de julho Sente-se em Lisboa outro violento terramoto.

No mesmo, anno a 15 de outubro, principia uma terrivel peste que durou 5 annos! Morreram muitos milhares de pessoas.

1608 a 6 de fevereiro.—Aqui nasce o célebre classico e eminentissimo prégador, padre Antonio Vieira, que morreu na Bahia a 18 de julho de 1697. Ainda existe na Sé a pia em que elle foi baptisado.

1620—Philippe III vem a Lisboa, onde reune côrtes para reconhecer seu filho. Fazem-lhe aqui tão grandes festas, que elle disse que só n'aquelle dia fôra rei!

Em 14 de julho, nos paços da ribeira (de que ainda ha vestigios) e em presença dos *Tres Estados do Reino*, jura manter os fóros e liberdades de Portugal. (Cumpriu tão bem este juramento, como os que fizeram seu pae e seu filho — isto é — expoliando infamemente Portugal e reduzindo-o á ultima miseria, tratando os portuguezes como escravos!)

1630—na noute de 15 de janeiro, entraram na egreja de Santa Engracia, arrombaram a porta do sacrario e levaram um cofre de tartaruga com uma hostia e 10 ou 112 particulas consagradas, e de um vaso dourado, uma hostia e 25 particulas. Foi preso um

cavalheiro, bom christão e de muito bom comportamento, chamado Simão Pires de Solis, e tantas judiarias lhe fizeram com as torturas, que o pobre homem, para que cessassem os tormentos, confessou o sacrilegio, pelo que a relação de Lisboa o sentenciou a ser queimado vivo, por accordão de 31 de janeiro do mesmo anno, que se cumpriu logo a 13 de fevereiro no Campo de Santa Clara, perto da egreja de Santa Engracia. Depois veio a saber-se que o desgraçado Solis morreu innocente.

1640—primeiro de dezembro—gloriosissima revolução de Lisboa, que expulsou os castelhanos, acclamando os portuguezes por seu rei natural, D. João IV, que chega a Lisboa no dia 6 d'esse mez.

1641 — Os *Tres Estados* reconhecem D. João IV como legitimo rei dos portuguezes.

1641 — 29 d'agosto, foram degolados, na praça do Rocio, por traidores ao rei e á patria, o duque de Caminha, o marquez de Villa Real, o conde d'Armamar e D. Agostinho Manuel de Vasconcellos. Pelo mesmo crime estavam presos, o arcebispo de Braga (que morreu na prisão) e o inquesidor geral, que depois de muitos annos de prisão, foi perdoado. Tinham sido presos a 28 de julho.

(Vide Braga, Caminha e Villa Real.)

1643—28 d'abril—é justiçado em Lisboa o innocente e habil ministro Francisco de Lucena, por lhe assacarem seus invejosos inimigos o crime de traição. Foi logo depois *rehabilitado.*

1645—20 de junho—Domingos Leite Pereira, vendido aos castelhanos, pretende assassinar D. João IV, na procissão do *Corpo de Deus*; mas aterrado não despara. Foi preso e enforcado.

D. João, em acção de graças, fundou o convento de *Corpus Christe*, em Lisboa.

1649—Aqui morreu, em 11 d'agosto, o benemerito e célebre doutor João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640.

1654—Nova conspiração contra o rei. O bispo de Coimbra quiz entregal'o ao rei de Castella.

1663—25 de maio—Grande tumulto popular, causado pela falsa noticia de terem os castelhanos tomado a cidade d'Evora.

1667—23 de novembro—revolução palaciana, que obriga D. Affonso VI a entregar o governo do reino a seu irmão, o infante D. Pedro (depois 2.º) que não contente de lhe tirar o throno, lhe tirou tambem a mulher.

1668—13 de fevereiro—tractado de paz com a Hespanha, depois de 27 annos de cruas guerras; pelo que houve grandes festas em Lisboa e por todo o reino.

1699—27 de outubro—violento tremor de terra em Lisboa. Durou 3 dias, com alguns intervallos.

1716—A Sé de Lisboa é dividida em Oriental e Ocidental, sendo esta elevada a patriarchal, e feito seu primeiro patriarcha D. Thomaz d'Almeida.

1720—8 de dezembro. Abertura da «Academia Real de Historia Portugueza.

1723—O flagello da peste invade outra vez Portugal, morrendo d'ella mais de 40:000 pessoas, em Lisboa.

24—de setembro—Horroroso auto de fé, em que foram queimados vivos varios desgraçados, accusados de crime de heresia, no largo do Rocio.

1724—12 de outubro, fortissimo terramoto em Lisboa; mas não causou desgraças.

1729—Começa a edificar-se o magestoso aqueducto das Aguas Livres, para abastecimento das aguas de Lisboa. É a obra mais gigantesca da Europa, n'este genero.

1741 — 1 de setembro, suppressão do arcebispado de Lisboa, ficando só a Sé patriarchal.

1747 — Chega a Lisboa a riquissima capella de S. João Baptista, que está na egreja de S. Roque. Custou um milhão de cruzados. Só o tapete (depois) custou 28 contos!

1748—23 de dezembro—O papa Benedicto 14.º concede a D. João V e seus successores o titulo de *Fidelissimo.* O rei lhe tinha dado um *milhão de crusados* por uma missa, para obter este titulo.

Caro custou á nação o tal superlativo!

1750 — D. José I sobe ao throno e Sebastião José de Carvalho e Mello a primeiro ministro.

1751 — Creação do deposito Publico de Lisboa e da Relação do Rio de Janeiro.

1755 — 1 de novembro—espantoso terramoto, que destruiu metade da cidade de Lisboa, e foi seguido de outros menores, mas tambem violentos, que duraram 8 dias. Sentiu-se em todo o reino. (Vão notadas n'esta obra as terras onde causou maiores estragos.) Esta tremenda convulsão do globo sentiu-se em quasi toda a Europa, na America e em quasi todo o mundo.

N'este cataclismo de 1755, morreram esmagados debaixo dos edificios que cahiram em Lisboa, mais de 40:000 pessoas.

Os prejuizos foram calculados em centenares de milhões.

Numerosos bandos de salteadores, roubavam as casas abandonadas e os habitantes espavoridos. O marquez de Pombal desenvolveu então toda a sua espantosa energia. Mandou erigir na capital 40 e tantas fôrcas, e os ladrões apanhados em flagrante eram logo justiçados, ficando seus corpos dependurados no patibulo, para exemplo.

Só assim pôde obstar a tantos roubos e barbaridades.

Este grande ministro cuidou tambem, com toda a actividade que lhe era propria, de soccorrer por todos os modos os habitantes de Lisboa, e deu logo principio á reedificação da cidade.

Citam-se d'elle estas palavras — Perguntando-lhe o rei o que se havia de fazer em tão triste conjunctura, o ministro respondeu —« *Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.*» E assim fez.

Só templos, ficaram completamente arruinados, e foram em seguida devorados pelas chammas, os de Santa Maria Maior, Magdalena, Conceição, Loyos, Misericordia, Santa Justa, S. Julião, Victoria, S. Domingos, Patriarchal, Boa Hora, Espirito Santo, Martyres, S. Francisco da cidade, Corpo Santo, Sacramento, Trindade, Carmo, Loreto, Santa Engracia, Chagas e S. Paulo. E ficaram em completa ruina as egrejas de S. Vicente, Santa Clara, Santa Monica, Nossa Senhora do Monte, Nossa Senhora da Penha de França, S. Pedro d'Alcantara, Sant'Anna, Calvario e Santo Antonio dos Capuchos.

Soffreram tambem muito as egrejas da Madre de Deus, Bernardos e Santos o Velho.

1758 — 7 de junho. Os *jesuitas* são suspensos de confessar e prégar, em todo o reino.

1758 — 3 de setembro. D. José I, passa, incognito, á calçada do Galvão, em direcção ao palacio da Ajuda, quando sobre a sége em que hia, descarregaram dois tiros de bacamarte, com munição grossa. O rei fica ferido no braço esquerdo. Em 13 de dezembro do mesmo anno foram prêsos como auctores ou cumplices d'este attentado, o duque d'Aveiro; o marquez de Tavora; Luiz Bernardo de Tavora e José Maria de Tavora seus filhos; D. Jeronymo d'Athayde, conde d'Atouguia e os plebeus Braz José Romeiro Antonio Alves, João Miguel e Manuel Alves.

1759—13 de janeiro. São suppliciados no Caes de Belem, depois de cruelissimos tormentos, os cumplices do attentado de 3 de setembro, e com elles a infeliz marqueza de Tavora. José Polycarpo d'Azevedo, que tambem foi da conspiração, poude evadir-se, pelo que foi *queimado em estatua.* Ha quem diga que elle, annos depois, no reinado de D. Maria I, viera morrer ao hospital de Lisboa, confessando o crime. Este facto não está plenamente provado.

(Quem desejar noticias mais circumstanciadas do attentado de 3 de setembro de 1758 e de todas as suas pericipecias e consequencias, veja a palavra *Chão-Salgado.*)

Tambem foram julgados cumplices, os jesuitas João Alexandre, João de Mattos, e outros, com o padre Gabriel Malagrida, que depois foi queimado como hereje.

Os bens dos jesuitas foram confiscados a 19 de janeiro.

Carvalho é *feito conde d'Oeiras*, em 6 de junho.

Em 3 de setembro é supprimida a *Companhiade Jesus*, e seus frades banidos do reino e dominios para sempre, declarados inimigos da patria e desnaturalisados.

1760 — Creação da *Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino*; em 25 de junho.

1761 — 30 d'abril, forte terramoto; mas pouco mal fez. Creação do *Erario Regio.*

1768 — Creação do tribunal da Mesa Censoria. Abolição da distincção odiosa entre *Christãos velhos* e *christãos novos*

1769—2 de março, nasce em Lisboa, Francisco de Paula Cardoso d'Almeida e Vasconcellos Amaral e Gaula, etc, conhecido nas lettras por *Morgado d'Assentiz.*

N'este anno se decreta o tratamento de magestade ao tribunal do *Santo Officio*, ou Inquisição!

1775—27 de maio. É collocada na Praça do Commercio (Terreiro do Paço) *a estatua equestre de D. José I.* É inaugurada a 6 de junho d'esse anno, em cujo dia fazia o rei 61 annos, de edade.

O desenho e superintendencia da obra foi de *Joaquim Machado de Castro.* Foi fundida (de um só jacto) e cinzelada sob a direcção do engenheiro *Bartholomeu da Costa.* Principiou a obra a 15 de outubro de 1774 e findou a 15 de maio de 1775. Em 7 mezes se concluiu este magestoso monumento!

1779—24 de dezembro. Creação da *Academia Real das Sciencias*—ou—reforma da Academia de *Historia Portugueza.*

1781—23 d'agosto. Cria-se em Lisboa, no palacio da Ajuda, a *Academia das Bellas Artes.*

1783—Fundação da *Real Casa Pia* de Lisboa.

1789—Creação da *Cordoaria de Lisboa,* No mesmo anno começa a monstruosa construção do novo *Erario,* no sitio da *Patriarchal Queimada* (hoje *Largo do Principe Real)* gastando-se, *só nos alicerces* (e não passou d'elles) a bagatella de 5 milhões de cruzados.

Depois de 1834, ainda alguns contos de réis se gastaram para desmanchar aquelle labyrinto de grossas paredes de cantaria, e no sitio ha hoje um bonito jardim.

1796—10 e 17 de janeiro. Um violento tremor de terra se sentiu em Lisboa, mas causou poucos prejuizos.

Neste anno foi creado o *Almirantado* e a *Brigada Real de Marinha.*

1797—13 de julho, creação do *papel moeda,* em Portugal.

(Em 1834 havia 25 milhões de cruzados d'esta *moeda,* que forom recolhidos ao erario e queimados! Foi uma medida, não só prejudicialissima, mas inepta. O governo d'então, estava malbaratan e vendendo o que era do estado e o alheio; com uma divida estrangeira enorme, pagando 2 ou 3 mezes em cada anno aos seus servidores; sem dinheiro e sem credito, dentro e fóra do reino, e ainda por cima toma (sem utilidade de ninguem!...) o pesadissimo encargo do pagamento d'estes 25 milhões, para contrahir emprestimos a 30 e 40 por cento!)

1798—Creação e abertura da *Bibliotheca Publica de Lisboa,* sendo inspector, o marquez de Ponte do Lima.

1799—Creação do célebre tribunal do *Proto-Medicato,*—do *papel moeda*—e do *papel sellado.*

1801—Creação da ordem de Santa Isabel, para as damas de primeira grandeza; pela princeza D. Carlota Joaquina.

1802—26 de outubro. Nasce em Queluz, o sr. D. Miguel I, que morreu em Bromback a 14 de novembro de 1865, depois de expulso do throno portuguez pela quadrupla alliança.

1803—Instituição da *Academia Real de Marinha e Commercio,* da cidade do Porto.

1807—6 de junho. Terramoto violento em Lisboa, que todavia poucas desgraças causou.

N'este mesmo anno, a 29 de novembro, sae a barra de Lisboa a familia real portugueza, fugindo para o Brasil, e abandonando os seus subditos.

Logo no dia seguinte entra em Lisboa o general Junot com o exercito francez, que mais parecia uma horda de bandidos, do ue um corpo de soldados regulares. Vinham todos descalços (ou quasi descalços) e esfarrapados.

Junot principia logo a fazer leis, como se estivesse em sua casa.

A 13 de dezembro é arriada a bandeira portugueza em todas as fortalezas do reino e arvorada a do *dindon.* [1]

Estou persuadido que Junot, Soult, Massena, e todos os outros jacobinos que invadiram Portugal em 1807, 1809, 1811 e 1812, só cá vinham para roubar. E tanto que

[1] *Dindon* (perú) Nome que os francezes davam por escarneo á aguia napoleoncia.

de Pariz vieram *de proposito e exclusivamente* por ordem do imperador, uns poucos de *entendedores da materia*, para escolherem tudo quanto achassem *que vallesse o carrêto.*

Entre as grandes e innumeraveis preciosidades que nos roubaram em Lisboa, foram-se ao museu de Ajuda (hoje na *Escola Polytechnica*) e levaram tudo quanto lhes pareceu digno de figurar no museu de Pariz; e lá estão descaradamente esses objectos, como se fossem legalmente adquiridos! Só d'aquelle nosso museu, roubaram 400 animaes, 3:000 productos mineralogicos e 2:000 especies de plantas.

Já D. João (depois VI) na sua fugida para o Brasil, tinha tirado d'este museu muitas preciosidades que levou para o Rio de Janeiro, e lá estão no museu d'esta cidade!

Assim, o *museu da Ajuda*, que era um dos melhores do mundo (se não o melhor) ficou despejado de tudo quanto era bom.

1808—30 de agosto. O general Junot, depois de ser derrotado no Vimeiro, a 21 d'esse mez, propõe uma *convenção* que é acceite pelo general inglez Dalrymple, commandante em chefe dos alliados, e assignada n'esse nefasto dia (30 de agosto) e conhecida pela *convenção de Cintra;* segundo a qual, aos francezes, derrotados por toda a parte e encurralados, sem terem por onde fugir, se lhes concede sahirem de Portugal (no principio de setembro) *deixando-se-lhes levar tudo quanto nos tinham roubado*, que eram grande parte das riquezas de Portugal, no valor de muitos milhões de cruzados!

1808—15 de setembro. A bandeira das *Quinas* é arvorada nas fortalezas de Lisboa. (Que estaria a fazer ainda n'ellas, estes 15 dias, o ignobil *dindon?*)

1817—18 de outubro. O general Gomes Freire e mais 17 individuos, accusados de quererem revolucionar o exercito, são justiçados. Gomes Freire é enforcado, nos fossos da torre de S. *Julião da Barra*, depois de lhe cortarem as mãos. Dos outros (que todos morreram no *Campo de Sant'Anna*) 11 foram garrotados e os outros enforcados e depois queimados e as cinzas lançadas ao mar.

1820—15 de setembro. Revolução em Lisboa, dissolvendo a *Regencia* e organisando uma *Junta de Governo.*

1821—26 de janeiro. Abertura das côrtes. A 3 de julho entra no Tejo a esquadra que traz do Brasil a familia real portugueza (menos o sr. D. Pedro que lá ficou com a sua familia.)

A 15 de setembro, D. João VI e os infantes, vão ao *Rocío* lançar a 1.ª pedra para um *monumento constitucional.*

A 31 de dezembro. Creação do *Banco de Lisboa.*

1823—6 de junho. D. João VI entra *triumphante* em Lisboa, depois da *villafranqueida* (ou *guerra da poeira.*)

Então foi derribado o monumentto do Rocío e despedaçadas as cadeiras dos deputados. (Alguns dos fidalgos que ajudaram estas *destruições*, fizeram-se depois acerrimos liberaes!)

A 24 de julho chega a Lisboa o fidelissimo e valoroso *conde de Amarante* (*Silveira*) com a divisão realista que estiveraa emigrada em Hespanha. É feito *marquez de Chaves.*

1826—10 de março. Morre *(officialmente)* D. João VI.

1828—22 de fevereiro. Desembarca em Lisboa o sr. infante D. Miguel (depois I.)

A 18 de março teve logar o horrroroso assassinato dos lentes de Coimbra, no *Cartaxinho*, 6 kilometros ao S. de Conddeixa. (V. de Cartaxinho.)

Estes lentes e conegos hiam, coommissionados pela Universidade e pelo ccabido de Coimbra, comprimentar o sr. D. Miliguel, pelo seu feliz regresso á patria.

Foram 13 estudantes da Universidade que perpetraram este horrivel attentaddo. Alguns *tiraram os olhos em vida* aos infelizzes lentes e todos praticaram n'elles as maiorres e mais barbaras atrocidades.

Nove d'estes ignobeis canibaes foram logo presos (por um concurso de circumstancias que parecem milagrosas!) e a 20 de junho pagaram com as vidas seus crimes selvagens, sendo enforcados no *Caes da Tojo*, em Lisboa.

Ha fundamentos bons para suppôr que foram mandados praticar estes atrozes crimes pelas lojas maçonicas.

A 23 de junho, teve logar a abertura solemne dos *Tres Estados* do reino, e a 30, dão o sr. D. Miguel I como legitimo rei de Portugal.

A 7 de julho é a sessão real do juramento do rei, perante as côrtes geraes dos *Tres Estados*.

A 5 de agosto morre o grande botanico portuguez, *dr. Felix de Avellar Brotero*. Nascêra na villa do *Tojal*, a 25 de novembro de 1744. (Vide Tojal, villa.)

1830—7 de janeiro. Morte da rainha D. Carlota Joaquina.

A 7 de março, morre o portuguez verdadeiro, marquez de Chaves.

A 9 de junho é enforcado no *Caes do Tôjo*, o estudante de medicina, de Coimbra, Antonio Maria das Neves Carneiro, natural da Covilhan. Era um dos cumplices do monstruoso crime do *Cartaxinho*.

Vi-o morrer. Marchava para a forca muito ufano da sua façanha, e *impenitente*.

1831—8 de fevereiro. Tentativa de revolta contra o sr. D. Miguel I—Abortou.

A 21 de agosto, revolta-se o regimento de infanteria n.º 4, que, apesar de ser animado pelos francezes da esquadra de *Rossin*, que estava no Tejo, é debelado em 3 horas. O regimento foi requintado.

A 2 de outubro, morre o profundissimo escriptor publico, *José Agostinho de Macedo*, um dos maiores vultos (senão o maior) da litteratura portugueza, dos tempos modernos. (Vide Beja.)

1833—24 de julho. O general, *conde de Villa Flôr*, entra em Lisboa, á frente de 3:600 homens; porque o duque de Cadaval e o visconde do Peso da Regua (general Gaspar Teixeira) lhe abandonaram a cidade, tendo forças cinco vezes maiores.

Os invasores, soltam todos os presos que, juntos com elles, praticam toda a casta de barbaridades; implantando por algum tempo em Lisboa um systema do *terror*.

Em 5 de setembro, os realistas, commandados por *Bourmont*, atacam Lisboa, por *Palha Van* e pelo *Arco do Cégo*, empregando apenas a terça parte das suas forças... Foram repellidos.

Em 14 de setembro, tentam novo ataque —apenas com duas brigadas!...—pelo *Alto de S. João*. Foram outra vez repellidos.

Em 10 de outubro, os realistas, commandados por Macdonell, são atacados nos seus acampamentos, e retiram para Loures. Ahi se renova o ataque no dia 11, sem resultado... senão morrer muita gente.

1834—24 de maio. Entram em Lisboa 64 officiaes e 1:300 soldados, prisioneiros na batalha de Aceisseira, que tinha tido logar a 16.

Os liberaes, põem logo á *grilheta* a maior parte dos officiaes, que a sua qualidade de *prisioneiros de guerra* lhes devia tornar sagrados.

27 de maio—O ex-imperador do Brasil é atrozmente insultado no theatro de S. Carlos.

O sr. D. Pedro, fugiu do seu camarote e do theatro; mas, na rua, continuou o motim e os insultos; chegando os *libertados* ao excesso de atirarem com lama á cara do seu *libertador*. O que valeu a este foi ser cercado por uma forte escolta de cavallaria, que o protegeu.

Em 24 de setembro, morre o sr. D. Pedro, no palacio de *Queluz*, no mesmo quarto onde tinha nascido.

No 1.º de dezembro, casa a sr.ª D. Maria da Gloria, com o principe Augusto de Leuctemberg.

1835—25 de janeiro—Chega a Lisboa o tal principe Augusto e celebram-se as bençãos matrimoniaes; mas a sua morte, a 28 de março, deixou sua esposa viuva, ao 2.º mez de casada.

Tinha sido feito *marechal general* pelo governo portuguez.

1834—1.º de janeiro—A sr.ª D. Maria II celébra os seus novos desposorios com o sr. D. Fernando de Saxe Coburgo Go-

tha, que chega a Lisboa a 8 d'esse mez, e a 9 é ractificado o consorcio. O sr. D. Fernando é tambem nomeado *marechal general*.

9 e 10 setembro—Revolução feita pela guarda nacional de Lisboa.—É destruida a *Carta Constitucional*, e substituida pela constituição de 1822. A rainha é obrigada a hir jurar a *resuscitada* constituição aos paços do concelho.

A 4 de novembro, ha em Lisboa a *reacção* para restabelecer a carta.

Agostinho José Freire, ministro da guerra, que entra n'ella, é ignobilmente assassinado pelo povo (á *Pampulha*) e, ainda depois de morto, e quasi nú, é arrastado.

5 de novembro, A revolução, chamada de *Setembro*, triumpha e a rainha é outra vez obrigada a hir *ractificar* o juramento que tinha feito em setembro

A rainha tinha fugido para o palacio de Belem, e era para lá que hia o seu ministro, A. J. Freire, quando foi morto no caminho.

Estava então uma esquadrilha britannica em Lisboa, e os inglezes chegaram a desembarcar tropas em Belem, para auxiliarem a reacção; mas a attitude do povo de Lisboa, os intimidou, e tornaram a embarcar, sem nada fazerem.

A rainha soffreu muitos desgostos e humilhações, e alguns dos seus defensores foram mortos em Belem.

Em 18 de novembro, é creado o *Conservatorio das Artes e Officios*.

1837—julho. Villa Flor e Saldanha, pondo-se á frente de alguns corpos do exercito, querem restabelecer a *Carta*. O barão do Bomfim os bate, a 27 de agosto, no Chão da Feira, junto á Batalha, e os marechaes fogem para o norte.

16 de setembro—Nasce o virtuoso e infeiz principe D. Pedro, depois V.

A 18, o visconde das Antas destroça os *cartistas* em Ruivães (Traz-os-Montes) o que deu em resultado a *convenção de Chaves*, a 19, pela qual os *cartistas* depozeram as armas. Os dois marechaes e outros officiaes, sahiram do reino.

1838—9 de março. Revolução democratica, feita pelo batalhão do Arsenal, cujo resultado foi a ridiculamente celebre *convenção de Marcos Philippe* (botequineiro) negociada por Sá da Bandeira.

13 de março—A *guarda nacional* revolta-se contra a *primeira linha*, havendo fogo em alguns sitios e metralhada no Rocio, feita pela artilheria da guarda nacional, contra as tropas do barão de Bomfim, que então era do governo.

A 4 de abril, a rainha jura a Constituição de 1838.

Nova revolta no dia de *Corpus Christi*. Foi dissolvida a guarda nacional.

O governo da senhora D. Maria III, sentenceia á morte o *prisioneiro de guerra*, José Joaquim dos Reis *(Remechido)* que é fuzilado em Faro (Algarve) a 2 de agosto. (Vide Estombar).

31 de outubro—nasce o senhor D. Luiz I.

1840—11 de agosto. Motim em Lisboa, com o fim de apoiar o movimento revolucionario contra o ministerio, chegando a ir arrombar o arsenal, para tirarem armas; mas, sendo presos alguns cabeças de motim, aborta a revolução.

1842—Costa Cabral, ministro da justiça, havia restaurado a *Carta*, no Porto, a 27 de janeiro (onde tinha hido sob pretexto de visitar seu pae, enganando assim os seus collegas no ministerio). Foi pois proclamada a *Carta* em Lisboa a 7 de fevereiro, pelo regimento de infanteria n.º 12, e pelo resto da tropa, a 10.

1844—abril. Cavallaria 4, caçadores n.º 1 e infanteria n.º 12 e mais alguns soldados, commandados pelo conde do Bomfim, revoltam-se para destruir o ministerio, mas capitulam em Almeida a 28.

O sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, é feito *conde de Thomar!*

1846—abril. O povo portuguez, sobbrecarregado de impostos, se revolta no Minho, acclamando o senhor D. Miguel I. A revolta em poucos dias se estende a todo o reino.

A 11 de maio, se revolta tambem o povo de Lisboa. Houve grandes tumultos e conflictos, entre a tropa e o povo. Morreram assassinados pela tropa bastantes individuos,

não só dos revoltados, mas até cidadãos pacificos que se recolhiam a suas casas.

A revolta progride e triumpha. Os setembristas põem-se á testa d'ella, e a encaminham para os seus fins.

O conde das Antas é mandado pelo novo governo apasiguar as provincias do norte, receiando pela dynastia e pelas instituições liberaes.

Os setembristas fazem grandes e bellas promessas ao povo, faltando depois a quasi todas.

6 para 7 de outubro—Reacção em Lisboa, a que se deu o nome de *emboscada*. Villa Flor e Saldanha se põem á frente da guarnição de Lisboa, que adhere á reacção. É demittido o ministerio chamado *popular*, e formado o ministerio *cabralista*. A senhora D. Maria II, proclama, e manda para o Porto, Villa Flor, como seu *logar-tenente*. No Porto já se sabia telegraphicamente da *emboscada*, e José da Silva Passos e outros, prendem Villa Flor e quasi todos que o acompanhavam, que são mettidos no castello da Foz, e depois transferidos para a *Relação*.

No Porto, forma-se a chamada—*Junta provisoria do supremo governo do reino, em nome da nação e da rainha.*—Antas é seu presidente.

Deixemos estas *peripecias*, de todos sabidas, e passemos ao que diz respeito a Lisboa especialmente.

1847—29 de abril—Revolução democratica em Lisboa, soltando os presos do Limoeiro. Esta revolta é suffocada.

4 de junho—Chegam a Lisboa, Antas e os prisioneiros feitos em 31 de maio, em frente do Porto, por navios inglezes, francezes e hespanhoes. Foram os inglezes que trouxeram os prisioneiros, que n'aquelle dia foram encerrados na torre de S. Julião da Barra, sendo os navios da junta entregues ao governo de Lisboa.

(Esta *entrega* da flôr das tropas da *Junta*, sem um só tiro, tem muito que se lhe diga...

1850—Costa Cabral e os seus collegas no ministerio, prohibem que os portuguezes façam subscripções para o sustento do senhor D. Miguel I. As muitas commissões de senhoras, creadas para este fim, são obrigadas a dissolver-se.

1851—7 de abril—Saldanha, a quem o seu amigo e protegido Costa Cabral, tinha reduzido á nullidade e tirado quasi todos os seus empregos, sahe n'este dia de Lisboa, para fazer a revolta chamada *regeneração!* Dirigiu-se a Mafra, para se lhe unir infanteria 7, mas só levou alguns soldados. Caçadores n.º 1, que estava em Setubal, e caçadores n.º 5, que estava em Leiria, se lhe juntaram. Não podendo reunir mais gente, e sabendo que o senhor D. Fernando Coburgo (feito commandante em chefe do exercito) tinha sahido de Lisboa em sua perseguição, tendo estabelecido o seu quartel general em Coimbra, abandona (Saldanha) os seus soldados na Beira, e foge para a Galliza.

24 de abril—O Porto revolta-se contra o governo cabralista, e o coronel Cardoso, que se quer oppôr, é morto pelos seus. Saldanha, sabendo isto na Galliza, corre a unir-se aos republicanos do Porto, até ahi seus inimigos naturaes!

O barão de Mesquita, levando comsigo os regimentos de *lanceiros da rainha, granadeiros da rainha*, infanteria 1 e uma companhia de infanteria 16, abandona o senhor D. Fernando Coburgo, e deserta para o Porto. O *general em chefe*, retira para Lisboa com o resto das suas tropas.

Saldanha entra no Porto a fazer leis para Lisboa, e obriga o governo da capital a mandar-lhe navios para conduzir a Lisboa, a elle e ás suas tropas.

13 de maio—Saldanha faz a sua entrada triumphal em Lisboa, desembarcando no *Terreiro do Paço*, e passa com as suas tropas *em continencia* em frente do palacio real, obrigando a senhora D. Maria II e seu marido a presencearem este acto de *submissão* ironica. O real par estava humilhadissimo, e n'essa noite soffreram desgostos no theatro de S. Carlos.

Saldanha fez-se dictador, *promulgando* grande numero de leis.

Cabral foge, segunda vez, de Lisboa para o estrangeiro, sob a maldição de quasi todo o povo portuguez, que o detestava por sua am-

bição e tyrannia. Foram precisas duas revoluções sanguinolentas, para que a senhora D. Maria II demittisse este ministro.

1852—5 de julho—Publicação do célebre *acto addicional á carta constitucional.*—A 8, a rainha e a côrte, vão ao *Rocío* lançar a primeira pedra ao segundo monumento, que teve a sorte do primeiro.

1853—7 de maio—Inauguração dos *caminhos de ferro portuguezes.*

15 de novembro—Morre de parto a senhora D. Maria II.

1855—O *cholera* devasta Lisboa e grande parte do reino, continuou em 1856.

1857—A *febre amarella* mata mais de 8:000 pessoas em Lisboa, fazendo innumeraveis victimas em todo o reino.

O senhor D. Pedro V, então rei, visita os hospitaes e enfermarias *ad hoc.* Muitas senhoras da alta nobreza se arvoram em *irmans da caridade,* com a maior abnegação. Muitos cavalheiros se quotisaram para sustentar as *casas de saude.* Quasi nenhum medico e cirurgião acceitava dinheiro pelas suas visitas, e muitos boticarios deram remedios gratuitamente.

Todo o mundo mostrou uma caridade evangelica, uma abnegação exemplarissima.

Foi em 1857 que o caracter angelico do senhor D. Pedro V se patenteou com toda a evidencia, e mostrou ao mundo o formosissimo quadro de um anjo, que, esquecendo-se de que é mortal, e lembrando-se sómente que é rei e pae, apparece em toda a parte; visita os focos do flagello; pede aos doentes, com a mais commovente affabilidade, que tomem os remedios que elle mesmo lhes ministra.

É mais do que um rei solicito e virtuoso; é mais do que um desvelado pae; é uma mãe carinhosa, que os doentes têem á cabeceira do seu leito de dôr.

É assim que eu entendo o papel de um rei.

1858—19 de maio—O rei casa com a senhora D. Estephania, princeza de Sigmarigen, modelo de todas as virtudes.

1859—17 de julho—A rainha morre de uma angina, ou crup, deixando o rei e todos os portuguezes, que adoravam esta santa princeza, immersos em dôr profunda. Jaz em S. Vicente de Fóra.

1860—17 de julho—O senhor D. Pedro V, para commemorar a morte de sua esposa, funda o hospital Estephania, que está ainda em construcção.

30 de julho—Publica-se a primeira lei sobre a abolição dos vinculos.

1861—11 de março—Principia a construcção do observatorio astronomico, na Tapada d'Alcantara, denominado do *Infante D. Luiz.*

4 de abril—Publicação da lei de *desamortisação* dos bens das freiras.

14 de outubro—Apparece doente o senhor infante D. Augusto e logo depois, seu irmão o senhor D. Fernando.—A 20 adoece o rei.—O senhor D. Fernando morre a 6 de novembro, e o rei a 11.

O senhor D. Pedro V, morreu tambem victima da *febre paludosa.* É certo que elle morreu de uma doença physica; mas não concorreu talvez pouco, uma doença moral incuravel. Não só a sua isolação do mundo, separado do anjo que tanto amára, como os desgostos incomportaveis que lhes causaram os *seus,* com a publicação de ignobeis caricaturas, de folhetos anonymos da *associação patriotica,* ameaçando-o com a sorte de Carlos I, de Luiz XVI, e de outros soberanos que as turbas anarchico-democraticas tinham arrastado ao cadafalso, e outras infamias, o tinham de tal sorte desanimado, que a morte foi para elle um beneficio da Providencia. O seu funeral foi a 16. Jaz em S. Vicente de Fóra.

A morte d'este santo mancebo foi geralmente chorada em todo o reino.

Não houve só o luto official, os corações de todos os portuguezes foram sinceramente abalados com esta perda irreparavel—nem os seus inimigos naturaes (os legitimistas) encobriram o seu profundo e sincero pesar pela morte d'este portuguez leal, modesto, honrado e virtuosissimo, que, qual meteóro, nasceu, brilhou e sumiu-se.

Os artigos necrologicos das folhas realistas eram mais sinceros, mais repassados de sentimento do que os dos liberaes.

11 de novembro = Tumultos em Lisboa,

porque o povo julga que o rei e o infante tinham morrido envenenados.

Os senhores infantes D. Luiz (hoje 1.º) e D. João, andavam a viajar no estrangeiro.

A 14 de novembro desembarcam em Belem.

A 9 de dezembro apparece tambem doente de *febre paludosa* o senhor infante D. João *(que não estivera em Villa Viçosa....)*.

A 25 appareceu tambem incommodado o sr. D. Luiz. Retira-se para o paço de Caxias, onde logo se restabeleceu.

25 e 26 de dezembro a denominada *associação Patriotica* (uma especie de *club da Montanha* estabelecida no *Bêcco do Rézende*, (ou Poço do Borratem) promove tumultos em Lisboa, obrigando o governo a empregar força armada, para couter os desordeiros.

27 de dezembro morre o sr. Infante D. João.

1862—19 de maio—publicação da segunda lei sobre vinculos, aniquilando esta instituição monstruosa e anachronica.

6 de outubro, casa o sr. D. Luiz I com a snr.ª D. Maria Pia de Saboya.

1863 — O governo auctorisa a fundação da *companhia do credito prèdial portuguez*.

1864—7 de junho, abre-se á viação publica, o caminho de ferro do norte, de Lisboa ao Porto.

1869 — O sr. D. Fernando Coburgo, casa com M.lle Hensler, que foi por seu cunhado feita, depois, condessa d'Edla.

Esta senhora tinha vindo para Portugal (Porto) em 1859, como prima-dona da companhia que nesse inverno cantou (em outubro, a primeira recita) no theatro de S. João

Estreou-se com *il Saltimbanco*, de Paccini. Era tenor, Neri; baixo, Llorens; baritono Vaucusi; prima-dona comprimaria, Spech; regente Reparaz; empresario, Lanovilla.

1870 — 17 de abril (domingo de Paschoa) Grande cyclone, no Tejo e em Lisboa. Principiou ás 9 horas da noute, soprando o vento com tal força, que abriu portas, levou telhados, arrancou arvores e a gente deitava-se no chão, para não hir pelos ares. Perderam-se 60 fragatas, 30 varinos, 80 barcos pequenos, escangalhou-se um hiate e garraram alguns navios. Ouvia-se bramir o Tejo horrivelmente. N'este seculo, não ha exemplo de egual tempestade.

19 de maio. Na madrugada d'este dia, o duque de Saldanha á frente de caçadores n.º 5 e infanteria 7, proclama a queda do ministerio. Só a guarda municipal, alguma artilheria e um esquadrão de lanceiros, deixam d'aherir ao *movimento*.

O duque se dirige com a força de seu commando, ao palacio da Ajuda, onde estava uma bateria d'artilheria 3; mas os artilheiros se rendem logo; ficando apenas mortas umas 4 ou 5 praças de pret e egual numero de feridos. Varias balas de caçadores 5, esmigalharam as vidraças e furaram os estuques do paço real.

O rei tinha recolhido á meia noute, do theatro, e levanta-se ás duas horas ao estrondo dos tiros. Diz-se que uma bala silvou muito perto da sua cabeça.

O ministerio quer conservar-se a todo o trance, ainda que o sangue portuguez corra a jorros. O ministro da guerra (Lobo d'Avila) dá ordens sobre ordens, e contra ordens, de minuto em minuto.

Os outros ministros não sabem o que hão de fazer em tal conjunctura.

O rei está aterrado; não quer guerra, não quer sangue, está por tudo que quer o marechal. Manda chamar o duque de Loulé para se lavrar o decreto da demissão do ministerio; porem elle se recusa a referendar tal decreto e diz ao rei que o governo tem força sufficiente para debelar os revoltosos, que vão immediatamente ser aniquilados; mas vendo que o sr. D. Luiz se obstinava em dimittir o ministerio, diz-lhe que não quer saber de nada, e vae juntar-se aos seus collegas do ministerio, para envidarem todos os meios de aniquilar a revolta.

O visconde de S. Thiago, commandante da 1.ª divisão militar, que se tinha conservado no seu pôsto, marcha com a força que se havia conservado fiel ao governo, em direcção do palacio da Ajuda; mas, chegando á *Tapada*, encontra uma ordenança com ordem do rei, para retrogradar.

Finalmente o sr. D. Luiz assigna o decreto da demissão do ministerio e o duque de Saldanha fica senhor da *situação* e dictador.

Chamou-se a isto, o *governo dos 100 dias*, por durar exactamente este periodo; pois a 29 d'agosto, o rei demitte o ministerio, e a nova *situação* muda a face das cousas, anullando os decretos da dictadura.

O novo ministerio é assim constituido:— Sá da Bandeira, presidente, ministro da guerra e interinamente da marinha — reino e instrucção publica, o bispo de Viseu — fazenda, estrangeiros e justiça, marquez d'Avila e Bolama — obras publicas, Carlos Bento da Silva.

Apenas se publicou o decreto da demissão do ministerio dos *cem dias* e da nomeação do novo, as inscripções que estavam a 28, subiram a 32.

N'este mesmo anno de 1870, o 19.º concilio romano, convocado por o papa Pio IX, decreta a infalibilidade dos ponticifices romanos. De 601 e ecclesiasticos presentes, 88 votaram *non placet*—e 62—*juxta modum*— 451 — approvaram plena e incondicionalmente.

1872— fevereiro, grande temporal em Lisboa, que destruiu alguns navios e grande numero de barcos e lanchas, causando alguns centenares de contos de réis de prejuizo, e deixando muitos pobres barqueiros a pedir esmola.

Grandes enchentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Leiria, Constancia, Gollegan, Ribeira de Santarem, Ponte de Lima e outras terras; causando tambem grandes prejuizos.

Mais de dois mezes de chuva quasi sem interrupção, alagam todo o reino, sobre tudo, as vastas planicies do Riba-Tejo, o Campo de Coimbra e outros muitos valles, causando enormes prejuizos aos lavradores.

O mar, furioso ha mais de quatro mezes, não deixava os pescadores empregar-se no seu mister, pelo que, á falta de peixe em todo o reino, accresce a miseria dos pescadores, que aos bandos se vêem mendigar por toda a parte.

Julho — tentativa da célebre revolta denominada — *a pavorosa* — O governo, prevenido a tempo, faz abortar os planos dos *conspiradores*. O povo de Lisboa apenas sabe pelos jornaes da existencia de semelhante conjuração.

1873 — 26 de janeiro — morre no palacio das *Janellas-Verdes*, a virtuosa princeza D. Amelia Augusta Eugenia Napoleão, filha d'Eugenio, e Augusta Amelia, principes de Leuctemberg, e viuva do duque de Bragança. Tinha nascido a 31 de julho de 1812.

2 de julho — inauguração do *caminho de ferro pelo systema Larmanjat* (tramway a vapor) de Lisboa a Cintra, e no dia 5 se abriu a linha á circulação publica.

Já que fallamos em Larmanjat, não me parece mal cabido dizer alguma cousa d'este célebre industrial.

J. Larmanjat, nasceu em Huriel (França) em 4 de março de 1826. Applicou-se desde a edade de 14 annos, ao estudo da mechanica, e, depois de praticar nos principaes estabelecimentos industriaes francezes, frequentou o curso de mechanica e physica no conservatorio das artes e officios.

Muitas são as descobertas e aperfeiçoamentos effectuados por Larmanjat. Foi o inventor dos caminhos de ferro do seu nome ou do systema mixto, sendo o primeiro ensaio, feito em um trajecto de estrada, desde *Raincy* até *Montfermeil*. A esta experiencia assistiu o duque de Saldanha, que trouxe para Portugal este melhoramento, obtendo do governo o exclusivo da abertura destes caminhos, em varios pontos.

A estação é ás *Portas do Régo*. — Ha nove estações, de Lisboa a Cintra.— são:

1.ª — Sete Rios.
2.ª — Bemfica.
3.ª — Porcalhota.
4.ª — Ponte de Carenque.
5.ª — Quéluz.
6.ª — Cacem.
7.ª — Rio de Mouro.
8.ª — Ranholas.
9.ª — Cintra.

NB. Não entra n'esta numeração a estação principal.

5 de setembro — é inaugurado em Lisboa, o *caminho de ferro americano*, desde o Caes dos Soldados até ao fim do Atterro. Hoje (agosto de 1874) já chega até á ponte de Algés.

6 de setembro — abre-se á circulação publica o caminho de ferro Larmanjat (tram-

way a vapor) de Lisboa a Torres Vedras.

Tem principio ás *Portas do Rego*, em Lisboa.

Não contando a estação principal, como tenho feito nos caminhos de ferro do Norte e Leste, e do Sul e Sueste, vem a ser a ordem numerica das *estações*, a seguinte. (Todas ao NO. de Lisboa.)

1.ª — Campo Pequeno, a dois kilometros de Lisboa.
2.ª — Campo Grande, a 4.
3.ª — Lumiar, a 6.
4.ª — Nova-Cintra, a 8.
5.ª — Santo Adrião, a 10.
6.ª — Loures, a 14.
7.ª — Pinheiro de Loures, a 18.
8.ª — Louza, a 22.
9.ª — Venda do Pinheiro, a29.
10.ª — Malveira, a 30.
11.ª — Villa Franca do Rosario, a 37.
12.ª — Barras, a 40.
13.ª — Freixofeira, a 44.
14.ª — Turcifal, a 45.
15.ª — Torres Vedras, a 54.

—

Paços Reaes

D. Affonso Henriques teve (como seus paes) a sua primeira côrte em Guimarães. Mudou-a, depois de rei, para Coimbra, onde a conservou em todo o seu longo e glorioso reinado. Depois da tomada de Lisboa, quando vinha a esta cidade, habitava em umas casas contiguas á Sé. (Parece que eram no sitio onde depois se construiram os paços episcopaes, que estavam contiguos á cathedral, e dos quaes ainda existem vestigios no *Pateo da Sé*, e ainda se conserva á porta da sua entrada principal. Este edificio ficou desmantellado pelo terramoto de 1755, e principiando a sua reedificação, poucos annos depois, poucas obras se fizeram (só de paredes) e assim ficaram.

—

Foi D. Affonso III o primeiro rei portuguez que estabeleceu côrte em Lisboa, edificando para sua residencia o

Palacio de S. Bartholomeu

Estava contiguo á muralha do castello de S. Jorge, mas fóra d'ella, para E. Estava tambem proximo da egreja parochial de S. Bartholomeu, com a qual communicava por um passadiço. É por isso que se chamava *paço de S. Bartholomeu.*

D'este paço, onde morreu o fundador e nasceu seu filho, o rei D. Diniz, não existe o minimo vestigio, pois foi (bem como a egreja de S. Bartholomeu) completamente arrasado pelo terramoto de 1755. Na reconstrucção de Lisboa, pelo marquez de Pombal, se transformou em um largo o que era paço, e em uma fileira de casas o que foi egreja.

Este palacio tinha sido doado por D. Diniz a seu neto D. João Affonso, filho de seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, passando desde então a ser propriedade particular. D. Diniz residira aqui até que mandou construir o

Palacio das Alcáçovas

Foi fundado no principio do seculo XIV. Logo que se concluiram as obras, veio para elle residir o rei, quando vinha a Lisboa: seu filho, depois D. Affonso IV, e seu neto, depois D. Pedro I, pois que a côrte então, e ainda nos sete reinados seguintes, não tinha permanencia em uma povoação, e se estabelecia, ora em Coimbra, ora em Leiria, Evora, Santarem, Almeirim, Setubal, Torres Vedras, Lisboa, etc.

Estes paços eram mesmo dentro do castello, junto da cidadella. Foram habitação dos nossos reis, até ao tempo de D. Manuel. Depois foi dado para residencia dos alcaides-móres de Lisboa.

Pouco resta d'este edificio, que foi quasi totalmente destruido pelo terramoto de 1755.

A proximidade d'este paço ao de S. Bartholomeu, tem dado causa a muitos escriptores confundirem um com outro.

Palacio da Moéda Nova (Limoeiro)

Pouco mais acima das casas em que fallei no principio da secção *(paços reaes)* e que serviram de residencia dos nossos primeiros reis, quando vinham a Lisboa (no local hoje

chamado *Pateo da Sé)* era o *palacio da Moéda.* Não pude saber quando nem por quem foram edificados; e qual a sua primeira applicação, e porque razão vieram a ser da corôa.

D. Fernando I habitava, ora nos paços da Alcáçova, ora n'estes, onde falleceu, em 22 de outubro de 1383, com 38 annos de edade.

Foi tambem n'este paço, que o mestre de Aviz, depois D. João I, assassinou com uma punhalada (6 de dezembro de 1383) o gallego, João Fernandes Andeiro, que D. Fernando, por influencia de sua mulher, tinha feito *conde d'Ourem.*

Depois, no reinado de D. João I, habitaram aqui seus filhos, e por isso se vieram a chamar *Paços dos Infantes,* e tambem se lhes dava o nome de *Paços de S. Martinho.*

No reinado de D. Manuel, foram estes paços transformados em *Casa da Supplicação* e cadeia civil.

Arruinados pelo terramoto de 1755, foram reedificados pelo marquez de Pombal, dando-lhe um plano adaptado para a cadeia principal da côrte. Ainda se vê um cunhal e uma hombreira de janella, que foram da primittiva construcção.

Paços da Ribeira

Querendo D. Manuel uma residencia condigna ás prosperidades e grandezas do seu reinado, mandou fazer a grande praça do *Terreiro do Paço,* em terreno roubado ao Tejo, e aqui mandou construir os *paços da Ribeira,* que deram o nome ao vasto terreiro, hoje officialmente denominado *Praça do Commercio;* mas vulgarmente, ainda *Terreiro do Paço.*

Aqui veio habitar e aqui falleceu, em 13 de dezembro de 1521, com 52 annos de edade.

No seu tempo, occupavam estes paços, parte do lado do norte da praça, onde hoje são os palacios da secretaria da justiça e do reino. Posteriormente lhe accrescentaram um lanço, que guarnecia o lado occidental da praça e corria sobre os armazens da *casa da India,* edificados tambem por D. Manuel. Era um edificio sumptuosissimo.

Philippe II de Castella, tendo usurpado a corôa portugueza, construiu um torreão, que deitava sobre o Tejo, pouco mais ou menos, onde hoje se vê o torreão proximo ao caes dos vapores do caminho de ferro do sul e sueste, feito á similhança do antigo.

D. João V augmentou muito estes paços; mas o terramoto de 1755 e o incendio que se lhe seguiu, arrasaram tudo.

D'estes paços, residencia ordinaria dos nossos reis, desde D. Manuel até D. José I, apenas resta um portal, no edificio do arsenal da marinha, para o lado do rio, onde chamam as *Gallés.*

Paços de Santos o Velho

Junto á egreja de *Santos o Velho,* houve uns paços reaes, onde residiram, por vezes, e como em casa de campo, os reis D. João II, D. Manuel e D. Sebastião.

Parece que eram o proprio convento de Santos, e que foram fundados por D. Sancho I, para os cavalleiros de S. Thiago, e depois, dado por D. Affonso III, ás commendadeiras da mesma ordem, quando transferiu os cavalleiros para Alcacer do Sal.

Edificando D. João II, o convento de Santos o Novo, mudou para elle as commendadeiras, e destinou o edificio de Santos o Velho, para paços reaes. Isto porém não passa de fundamentada conjectura.

O que é certo, é que, só depois da morte de D. Sebastião, as commendadeiras pediram e obtiveram licença de vender o mosteiro de Santos o Velho, que foi comprado por D. Luiz de Lencastre, que fez d'elle um palacio para sua residencia. Hoje é dos marquezes de Abrantes, que no seculo XVIIII principiaram a reedifical-o; mas deixando-o por concluir.

Paços de Santo Eloy

No reinado de D. Manuel, sua irmã, a rainha D. Leonor, viuva de D. João II, mandou construir dois palacios, um assim que enviuvou, e para o qual foi logo morar, e outro passados alguns annos. O primeiro era situado proximo do convento de Santto

Eloy, tendo passadiço para a egreja, onde tinha uma tribuna reservada. Parece que existiu no sitio onde hoje está um palacete, sobre o *Arco das Damas* e rua do mesmo nome. A frente é para o *Largo do Contador*.

O segundo palacio mandado edificar por esta senhora, foi o

Paço d'Enxobregas

Estava contiguo ao convento da *Madre de Deus*. N'elles viveu D. Leonor os seus ultimos annos e alli falleceu. Depois residiram aqui, por varias vezes, D. João III e sua mulher, a rainha D. Catharina, e seu neto, D. Sebastião I.

D. João IV, a pedido de sua mulher, D. Luiza de Gusmão, doou este palacio á condessa de Unhão, camareira-mór da rainha. Extinguindo-se o ramo primogenito da casa de Unhão, passou esta para os marquezes de Niza, que, entrando na sua posse, no seculo XVIII, reconstruiram completamente estes paços.

A falta de reparos e o abandono, concorreram para que este sumptuoso palacio se arruinasse e o attêrro do caminho de ferro do norte e leste lhe tirou grande parte da vista para o Tejo, e o collocou em uma rua baixa, que muito o desfeiou. O ultimo marquez de Niza, o vendeu a um particular que o vendeu ao governo para n'elle se fundar o asylo denominado de *Maria Pia*, e lá está este estabelecimento de caridade, contendo uns 600 asylados.

Palacio de Corte Real

Na menoridade de D. Affonso VI, tratando a rainha D. Luiza de Gusmão de pôr casa a seu filho, o infante D. Pedro (depois segnndo do nome) o estabeleceu n'este paço, que tinha sido fundado pelo tristemente célebre D. Christovão de Moura, (que por ser traidor á patria, bandeando-se com os castelhanos, e sendo implacavel perseguidor dos portuguezes leaes, o fez Philippe II, conde de Castello Rodrigo, em 1590, e seu filho, Philippe III o fez marquez do mesmo titulo. Vide vol. 2.º, pag. 186, col. 2.ª)

D. João IV fez sequestrar, para a corôa, todos os bens que tinham sido de Moura, em 1640.

N'este palacio, que tirava o seu nome da familia a que pertencêra, fez a sua habitual residencia o dito infante D. Pedro, durante a sua regencia e ainda depois de rei.

Estava situado junto do Tejo, com um passadiço para os paços da Ribeira, e occupava o local em que agora estão as officinas do arsenal da marinha e parte do Largo do Corpo Santo. Continha 185 salas e quartos.

Ardeu todo, em 17 de julho de 1750 e d'ahi a 5 annos, o terramoto o arrasou completamente.

Paço dos Estáos

O infante D. Pedro, quando regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e depois genro, D. Affonso V (vide *Alfarrobeira*) para evitar o grande incommodo das aposentadorias ao grande numero de fidalgos que acompanhavam a côrte, e os vexames que por muitas vezes se causavam aos particulares que tinham de dar *acolheita* a esses fidalgos e aos embaixadores estrangeiros, resolveu edificar, expressamente para esse fim, uma casa condigna, em Lisboa. Escolheu como ponto mais central, o Rocio, e a obra d'este palacio principiou em 1449, denominando-se *Paço dos Estáos*. (Para a etymologia da palavra estáos, vide pag. 68 do 3.º volume).

Este vasto edificio era destinado para residencia dos embaixadores estrangeiros, e dos fidalgos portuguezes, que, tendo serviço obrigatorio na casa do rei, não tivessem em Lisboa domicilio proprio, nem quarto nos paços reaes.

O alvará (de 13 de outubro de 1449) que manda proceder á construcção d'este palacio, é assim redigido:

Nós El-Rei fazemos saber a bós Vereadores, Procurador e homens bons da nossa mui nobre e mui leal cidade de Lisboa, que nas Cortes d'essa Cidade, foi accordado, como sabees, que nos bairros dos Senhores, á cêrca dos paaços que em essa Cidade tivessem, fos-

sem feitos Estáos, em que os seus podessem pousar por seus dinheiros, e porque o Conde de Ourem, mei primo hi tem seus paaços, como sabees, porem vos mandâmos que logo mandees fazer os ditos estáos, no dito seu bairro, o mais á cêrca dos seus paaços que bem poderdes, em tal guiza que os seus, abastadamente em elles possam pousar, etc.

A praça do Rocio tinha então a situação e grandeza da actual: era porém muito irregular, não só em relação aos edificios que a cercavam, como relativamente á sua área, que em uns pontos era mais estreita e n'outros mais larga.

O lado do norte era occupado com os paços dos Estáos e os do conde de Ourem, D. Affonso de Mello (que foi feito marquez de Vallença em 11 de outubro de 1451) e que falleceu solteiro, em vida de seu pae, D. Affonso, 1.º duque de Bragança, deixando um filho bastardo que foi progenitor dos marquezes de Vallença e dos condes de Vimioso. O 1.º conde de Vimioso (foi D. Francisco de Faro, feito por Philippe III, em 1614.)

O paço dos Estáos era do lado do O. (onde hoje é o *Largo do Camões*) e o do conde de Ourem, da parte da egreja de S. Domingos, a E.—Estavam separados por uma rua, que torcendo por detraz do do conde, hia ter ás *Portas de Santo Antão.*

Estes dois palacios não estavam na mesma linha. O do conde ficava muito recolhido; e o dos Estáos tanto para a frente, que as duas fachadas que tinha (uma para o S. outra para E.) cahiam ambas sobre a praça do Rocio.

Este edificio, sendo de singela architictura, era muito regular. A fachada do sul, compunha-se de um corpo central, flanqueado por dois pavilhões mais altos, e resaltantes, O corpo central constava de um andar nobre e outro terreo, com um grande portal no meio. Toda a fachada tinha 17 janellas, 9 no corpo do centro e 4 em cada pavilhão, sendo 2 em cada andar, porque os pavilhões tinham dois andares. As 9 do centrs eram 5 no andar nobre e duas de cada lado do portal da entrada.

A frenze de E. differia da do S., em ter menos janellas e em o corpo do centro se elevar a toda a altura dos dois pavilhões lateraes.

A parte do O. deitava para um bêcco, e pelo N. confinava com a muralha da cidade feita por D. Fernando I.

A primeira vez que serviu este palacio foi por occasião das nupcias de D. Leonor, filha do rei D. Duarte e irman de D. Affonso V, com Frederico III, imperador da Allemanha. (Vide adiante, onde trato dos paços de S. Christovão.)

Recebeu então os dois embaixadores do noivo imperial, que eram *Nicolau Lankman de Valckenstein*, e *Jacob Motz*, que estiveram aqui hospedados, nos mezes de agosto, setembro e parte de outubro de 1451.

Em todo este reinado e nos dois seguintes (de D. João II e D. Manuel) continuou o paço dos Estáos a servir de hospedagem aos embaixadores estrangeiros e a fidalgos da côrte.

D. João III, deixando os seus paços da Ribeira, veio aqui residir por algumas vezes; uma d'ellas foi por occasião do casamento de sua filha, a infanta D. Maria, com o principe D. Philippe, filho do imperador Carlos V, e seu successor no throno castelhano, sob o nome de Philippe II.

Este casamento, que foi a causa da nossa escravidão de 60 annos, foi celebrado, por procuração, nos paços de Almeirim, em 1543. D'alli foi a familia Real para Cintra, onde esteve alguns dias, vindo de lá para o paço dos Estáos, d'onde a infanta D. Maria partiu para Castella.

Introduzido em Portugal o tribunal *da Inquisição*, ou *Santo Officio*, de sempre triste memoria, lhe deu D. João III, para sua séde, o paço dos Estáos, por ficar perto do mosteiro de S. Domingos, cujos religiosos eram os principaes directores e empregados d'aquelle terrivel tribunal.

A *Inquisição* foi introduzida em Portugal, em 1531. Foi suspensa do seu barbaro exercicio, pelo pontifice Paulo III (por ter sido instituida com bullas falsas) em 1533, e

em 1536, o mesmo papa os reinstituiu, a instancias de D. João III! —O primeiro *auto de fé*, teve logar em 1540.

Todos os historiadores dizem que a Inquisição se instalou logo, no paço dos Estáos, o que não é facil de acreditar; porque não é provavel que D. João III e a sua familia, e casa, e depois d'elles, os embaixadores allemães, residissem no mesmo edificio onde funccionava um tribunal que, além do seu numeroso pessoal, occupava grande quantidade de casas, com as prisões de suas victimas; e custa a acreditar que a familia real—tendo outros paços seus desoccupados, em Lisboa — quizesse habitar em uma residencia onde forçosamente ouviriam por muitas vezes os gritos dos infelizes que se extorciam nos horriveis tormentos que lhes infligiam os barbaros inquisidores e seus truculentos ministros e executores.

O terramoto de 1755 arrasou completamente este edificio, bem como os outros que orlavam a praça do Rocío.

Na reedificação da cidade, deu-se nova fórma a esta praça, e o novo palacio da Inquisição estendeu-se para E., occupando todo o lado do N. da praça.

Este novo palacio, que teve por architecto *Carlos Mardel*, constava de tres corpos —o principal, tomava o fundo da praça, onde hoje é o *theatro normal*—o 2.º, era mais recolhido e correspendi á Rua do Ouro—o 3.º, resaltava d'este, até alinhar com o 1.º, deitando uma frente para a Rua do Principe. No terreno occupado por estes dois corpos (2.º e 3.º) vê-se hoje o Largo de Camões e os predios que o guarnecem para a lado do N.

Na reconstrucção do palacio, fez-se-lhe um jardim, com seu lago e estatuas de marmore. Este jardim estendia-se pela rua do Principe até á rua hoje chamada do Jardim do Regedor. As estatuas do jardim da Inquisição, vêem-se hoje decorando interiormente o reservatorio das Amoreiras.

D. José I (ou mais propriamente o marquez de Pombal) aboliu os barbaros supplicios e torturas da Inquisição, e ordenou varias disposições que pozeram freio ás suas perseguições; abolindo tambem então a odiosa distincção entre *christãos novos* e *christãos velhos*. Os *christãos novos* (judeus convertidos ao christianismo=quasi todos havia umas poucas de gerações) formavam sempre o maior numero nos *autos de fé*.

Desde então o *Santo Officio* quasi apenas existia de direito; pois que, tirados aos inquisidores o *direito* dos castigos corporaes e dos sequestros para a Inquisição, pouca auctoridade lhe restava.

A constituição de 1820, acabou para sempre com este odioso tribunal.

O povo invadiu então esta casa, e destruiu muitos dos instrumentos de tortura em que os ossos e os membros de tantos infelizes haviam sido triturados; mas poucos presos já existiam nos seus medonhos subterraneos.

A revolução de 1820, teve principio na praça do Rocio, e a regencia do reino fez por muitas vezes as suas sessões n'este palacio, que se *chrismou* então tomando o nome de *paços da regencia*.

O decreto que lhe deu esta applicação é de 15 de setembro de 1820. Tambem alli se accommodaram varias repartições publicas, dependentes da regencia.

Em 1826, foi o palacio da camara dos pares.

Em 1833 foi aqui estabelecido o *Thesouro publico nacional* (vulgo, *Erário*) com suas diversas e competentes repartições; a secretaria da fazenda; a commissão do credito publico e a repartição do papel sellado.

Teve estas applicações até ao dia 14 de julho de 1836, em que um pavoroso incendio (com fundadas suspeitas de fogo posto) reduziu tudo a um montão de ruinas, e prejudicou a nação em muitos milhões de cruzados, com e desapparecimento de valiosissimos papeis do thesouro publico.

Assim estiveram estas ruinas pejando a praça, até que, em 1837, a camara de Lisboa pediu isto ao governo, para aqui estabelecer o palacio do senado. O governo lhe vendeu os restos do edificio.

Os dois corpos do O. foram demolidos, para se transformarem no actual largo de Camões. Em 1840 estavam demolidos estes

dois corpos, e grande parte do principal existindo pouco mais do que a fachada do S., que olhava para o Rocio.

Fez-se o risco e orçamento para os novos paços da camara; mas mudando os vereadores de accordo, desistiram de uma construcção dispendiosissima (em vista da sumptuosidade projectada.)

O velho theatro dos Condes (construido nos pardieiros, restos do rico palacio dos condes da Ericeira—vide Ericeira) conservava, com vergonha da capital, as honras de theatro normal, ou primeiro theatro de declamação, de Lisboa; pelo que já de annos se tentava construir um theatro nas devidas condições e que nos não envergonhasse para com os estrangeiros que affluissem a Lisboa.

Desde 1836, que o sr. Joaquim Larcher, sendo administrador geral (governador civil) do districto de Lisboa, tinha tomado a iniciativa da construcção do projectado theatro. Fizeram-se os riscos e procurou-se um logar apropriado; porém a revolta de 9 e 10 de setembro d'esse anno, feita pela guarda nacional, que destruiu a carta e proclamou a constituição de 1822, fez esquecer as tentativas para a fundação do theatro, por algum tempo.

O novo governo, por portaria de 28 de setembro de 1837, commetteu este negocio ao nosso bem conhecido escriptor, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett (depois viscond de Almeida Garrett) entregando-lhe todos os papeis que lhe diziam respeito.

O illustre poeta, comprehendendo que não bastava para honra de Portugal, a fundação de um theatro, ficando a arte dramatica no *statu-quo*, cuidou da simultanea creação material e moral; por isso, offerecendo um projecto para o theatro, propôz a instituição do conservatorio real de Lisboa e da inspecção geral dos theatros. A sua primeira tentativa, falhou, como a do sr. Larcher; mas não assim a segunda, que se realison, restaurando-se assim a arte e litteratura dramatica.

Depois decidiu-se finalmente que se construisse um theatro modesto, no palacio queimado, e o architecto Chiari, fez a planta e orçamento da obra, cuja despeza andava por 24 contos de réis; mas ainda d'esta vez não fizeram nada, em razão das turbulencias politicas da época.

Passado pouco tempo, se nomeou uma commissão, para promover a organisação de uma companhia, para a construcção do theatro; chegando a subscripção dos accionistas a 30:700$000 réis, e decidiu-se edificar o theatro na cêrca do mosteiro de S. Francisco, hoje occupado por grandes predios particulares.

Taes foram porém as contrariedades e obstaculos, que, nem se chegou a organisar a companhia, nem se deu principio ás obras.

Em 1839, o fallecido conde do Farrobo se offereceu a construir o theatro á sua custa, mediante certas condições; mas nem assim se levou a effeito a construcção.

O mais que succedeu, pertence á secção dos theatros de Lisboa, e é mais proprio ir no theatro de D. Maria, para onde remetto o leitor.

Paços da moeda velha, ou da pedreira

Edificio antiquissimo, do qual já antes do terramoto não havia vestigios. Parece que era de construcção arabe, que D. Diniz reconstruiu, ou, o que parece mais provavel, arrasou para n'elle construir os paços da universidade.

Estava edificado no sitio primittivamente chamado *Pedreira*, no logar onde D. Fernando depois mandou construir as *portas da Cruz*, e onde agora é a Calçada da Fundição e o muro pertencente ás officinas do arsenal real do exercito. Este palacio era da corôa, e D. Diniz n'elle estabeleceu a universidade, em 1290, [1] e alli esteve até 1308, em cujo anno se mudou para Coimbra.

Tornou a ser mudada para aqui por D. Affonso IV, em 1338.

Estava então servindo de casa da moeda. Chamava-se por isso, *paço da moeda ve-*

[1] Foi a primeira que houve em Portugal, e tambem a primeira que se creou na Peninsula, por bulla pontificia, e em edificio expressamente construido para isso.

lha—para o distinguir do da *moeda nova*, que era a actual cadeia do Limoeiro. Aqui esteve a universidade até 1354, em que tornou a hir para Coimbra.

D. Fernando tornou a mudar para aqui a universidade, em 1377, e n'estes paços se conservou muitos annos.

Arruinando-se pouco a pouco este edificio, andou a universidade por casas de aluguer uns poucos de annos.

Sabendo isto o célebre infante D. Henrique (então residente em Sagres, occupado nas suas navegações e descobrimentos) fez doação á universidade, em 1431, do seu palacio de Lisboa, para o qual a universidade se mudou immediatamente, e ahi permaneceu 136 annos. Este palacio é o que se segue. (D. Manuel lhe fez alguns concertos e augmentos, em 1503.)

Palacio das Escolas Geraes

Tomou este nome, desde que aqui se estabeleceram as escolas da universidade, a qual, depois da sua mudança para Coimbra, os vendeu a diversos particulares, bem como o terreno e casas que o infante D. Henrique havia comprado a D. Alvaro de Castro, *por 400 dobras de bom ouro* [1] *e 44 pannos de Castella*, e cuja propriedade era pegada aos *paços do infante* (que era o antigo nome d'este palacio.).

Esta compra fez D. Henrique, já depois de ter dado os seus paços á universidade e, para maior largueza e logradouro d'ella, lhe deu isto tambem.

Ainda em 1755 eram estes paços habitados por diversos proprietarios e inquilinos, morando n'elle tambem, no dia do terramoto, Monsenhor Amaral, prelado da Egreja Patriarchal.

O terramoto o desmantelou. Depois foram-lhe aproveitados alguns lanços das paredes, que ficaram de pé, para construcção de habitações insignificantissimas.

[1] N'aquelle tempo, haviam dobras de ouro francez e de outras nações, feitas de ouro com muita liga; por isso, nos contratos era preciso pôr-se a declaração de—*bom ouro*, que era o da moeda portugueza e hespanhola.

Ainda do antigo edificio restam preciosas reliquias, na *Rua das Escolas Geraes* (assim chamada por causa da universidade, que tambem tinha este nome) em um pateo, a que hoje chamam *dos Quintalinhos*, fronteiro á casa dos srs. viscondes de Balsemão.

A entrada para o *Pateo dos Quintalinhos* é um grande portão, aberto em um muro de bastante altura, coroado de ameias.

Palacio dos duques de Bragança

(Ao Thesouro Velho).

Foi este vasto palacio fundado por D. Nuno Alvares Pereira. Seu genro, o conde de Barcellos, e 1.º duque de Bragança, o augmentou e melhorou muito, e os seus successores tanto o engrandeceram, que ficou sendo o mais vasto palacio de Lisboa.

Occupava quasi todo o lado do E. da *Rua do Thesouro Velho*, toda a actual *Rua do Duque de Bragança*, o lado do O. do *largo do Picadeiro* e todo o actual *Hotel de Bragança*.

O envasamento de cantaria até ao 1.º andar, é da fabrica do palacio.

A residencia habitual dos duques de Bragança, era em Villa Viçosa, onde tinham uma côrte principesca. Aqui só vinham visitar a familia real, ou por occasião de grandes festas publicas.

Sendo acclamado rei D João II, oitavo duque de Bragança, 4.º do nome, como rei de, Portugal, vieram para este palacio os archivos, joias, baixellas, e mais riquezas dos paços de Villa Viçosa.

D. João IV, tendo preferido para sua residencia os paços da Ribeira, ficou este servindo de casa do *thesouro* dos duques de Bragança, de cuja circumstancia procede o nome da rua, por ser por ella a entrada principal do palacio.

D. João V reconstruiu de tal maneira este palacio, que o fez perder as suas feições primittivas.

Em 1720 se estabeleceu n'elle a *Academia real de historia portugueza*, creada pelo mesmo soberano; a qual funccionou até 1734, na mesma sala onde por algumas vezes se reuniram os restauradores de Portu-

gal para planearem a revolução de 1640.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 e o incendio que se lhe seguiu, reduziram quasi todo o palacio a ruinas, perdendo-se joias e alfaias de subido valor, e importantissimos documentos do seu archivo.

Depois, não cuidando mais ninguem na sua reconstrucção, foi cahindo em ruinas, e se consentiu que nos seus pateos e em algumas paredes derrocadas se construissem varios casebres, em que vivia numerosa população, e onde se accumullavam a pobreza, a dissolução, o vicio e o crime.

Em 1841, um grande incendio devorou e consumiu quasi tudo o que o terramoto poupára, destruindo essas ignobeis habitações, e foi a causa de se construirem os magnificos predios que alli existem agora.

Ainda, apesar de todas as transformações, existem de pé algumas janellas do palacio ducal, deitando para a Rua do Thesouro Velho, para um pateo do mesmo edificio e para o Largo do Picadeiro.

Estas janellas pertencem ás reconstrucções de D. João V.

Da fabrica primittiva, apenas restam algumas escadas subterraneas, e magnificas cisternas, ha poucos annos desentulhadas e utilisadas.

—

Palacio e quinta das Necessidades

Em 1599, se desenvolveu em Lisboa a terrivel epidemia, chamada a *grande peste*, que obrigou a sahir da cidade muita gente.

Dois conjuges da freguezia dos Anjos, fugiram para a Ericeira. Proximo á villa havia uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Saude*, com cuja imagem aquelles tinham muita devoção. Regressando a Lisboa, a furtaram, trazendo-a para sua casa, onde a conservaram alguns annos. Depois, pedindo esmolas para lhe erigirem uma capella, offereceu Anna Gouveia de Vasconcellos, um terreno que tinha no *Alto d'Alcantara*, para esta edificação.

Creou-se uma irmandade de maritimos, para servir a Senhora, que concorreu com muitas offertas para a obra da sua capella.

Crescendo a devoção a esta Senhora, com os continuos milagres que lhe atribuiam, a denominaram Nossa Senhora das Necessidades, e a sua capellinha estava ricamente adornada.

Passados annos, Pedro de Castilho, do conselho de D. João IV, comprou umas casas que Anna Gouveia tinha junto da capella, e, reconstruindo-as, ficou com o padroado da capella, em 1659.

D. João IV, e a sua familia, e depois seus successores, tinham tambem muita devoção com esta Senhora.

D. Pedro II, e sua primeira mulher (D. Maria Francisca Isabel de Saboya, a *descasada* de D. Affonso VI) estando no palacio d'Alcantara, ou do Calvario, visitavam frequentes vezes esta capella, e lhe mandaram fazer muitos melhoramentos.

—

Em 1742, adoecendo gravemente D. João V, fez conduzir para a sua camara a imagem de Nossa Senhora das Necessidades.

Melhorando o rei, atribuiu a sua cura a Nossa Senhora, e em agradecimento, substituiu a capella por um templo rico e sumptuoso, no mesmo logar onde existia a capella e com a mesma invocação; dando-lhe a prerogativa de capella real.

Junto da egreja mandou construir um palacio, e na quinta contigua, que comprou a Balthazar Pereira do Lago, e que engrandeceu e aformoseou, edificou um convento, para os congregados de S. Philippe Nery. Teve principio esta obra em 1743, sob o risco de Caetano Thomaz de Sousa, e concluiu-se em 1750.

Pouco depois de concluido o palacio, foi residir n'elle o infante D. Manuel, e mais tarde, o infante D. Antonio, ambos irmãos de D. João V.

Era habitação do infante D. Antonio, quando succedeu o terramoto de 1755, que não causou estragos no palacio, nem na capella; damnificando apenas um pouco o convento, que em breve foi reparado.

Nos reinados de D. José I, e de D. Maria I, hospedaram-se n'este paço varios principes estrangeiros. Os ultimos que aqui residiram foram os filhos de Jorge III, d'Ingla

terra (o principe de Galles, depois Jorge IV, e seus irmãos.)

Posteriormente esteve n'este paço a academia real das sciencias.

No convento tiveram logar as côrtes de 1821. As sessões se faziam no grande salão da livraria.

Em 1833, foi o palacio das Necessidades designado para residencia da Senhora D. Maria II, e hoje alli habita o sr. D. Fernando, sua esposa e o sr. infante D. Augusto.

Em 1834, extinguindo-se as ordens religiosas em Portugal, ficou o convento dos Nerys sendo pertença do palacio.

Foi n'este palacio que falleceram a virtuosissima snr.ª D. Estephania, o sr. D. Pedro V, e o sr. infante D. Fernando. O sr. infante D. João morreu no mez seguinte, no palacio de Belem.

O sr. D. Fernando tem feito grandes melhoramentos n'este palacio, que tem magnificas salas, uma bella galeria de quadros escolhidos, e uma magnifica livraria, onde se encontram preciosos manuscriptos.

Na capella ha algumas boas pinturas, de artistas nacionaes, magnificas alfaias e paramentos, e vasos sagrados de muita riqueza; sendo a cousa mais notavel, a celebrada custodia, que foi dos Jeronymos, de Belem, mandada fazer por o rei D. Manuel, do primeiro ouro que veio da India.

Foi feita pelo famoso esculptor Gil Vicente. É no gosto gothico e adornada de preciosos diamantes.

As estatuas de S. Philippe Nery e de S. Francisco de Salles, que estão na fachada do templo, sobre o portico, e a de S. Pedro, ao lado da porta, foram feitos por Alexandre Giusti, esculptor italiano de grande fama, que veio d'Italia para assentar a capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque, e que tambem trabalhou nas obras de Mafra.

A estatua de S. Paulo, que está do outro lado da porta, é obra de José d'Almeida, um dos melhores esculptores portuguezes do seculo XVIII.

Por ocasião do malogrado consorcio do sr. D. Pedro V, foi este templo restaurado com grande magnificencia.

A quinta e jardim d'este palacio, dispostos no gosto moderno, possuem uma grande colleção de plantas exoticas, uma vasta e sumptuosa estufa (a melhor do reino) formosos lagos e muitos vasos e estatuas de marmore, de differentes auctores.

Das janellas do paço se gosa um formosissimo panorama.

Em frente do paço está um terreiro arborisado, tendo no centro um elegante chafariz de marmore branco e côr de rosa, com uma bonita agulha, ou obelisco monolithico

—

Palacio da Ajuda

Vide *Ajuda*, a pag. 42 do 1.º volume.

Palacio de Belem

Vide *Belem*, a pag. 370 do 1.º volume.

Palacio da Bemposta, ou da Rainha

A rainha d'Inglaterra, D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV, viuva de Carlos II, regressou á patria, atravessando França e Hespanha.

Entrou em Lisboa em 20 de Janeiro de 1693, no meio de grandes festas e regosijos. D. Pedro II, seu irmão, a foi esperar ao Lumiar e conduziu-a ao palacio d'Alcantara que para isso estava preparado; porem ella pouco tempo aqui residiu, por não gostar do sitio. Mudou-se para o palacio dos condes, do Redondo, a Santa Martha. Não se deu bem n'este local, e se mudou para o palacio dos condes de Soure, á Penha de França. D'aqui se mudou ainda para o palacio dos condes de Aveiras, em Belem, o que depois foi comprado por seu sobrinho, D. João V, e é hoje o palacio real de Belem.

Cançada de tantas mudanças, sem achar uma residencia nas condições que desejava, resolveu edificar casa propria, para o que se escolheu o *Campo da Bemposta* (tambem chamado *Campo de Santa Barbara*) que era em sitio salubre e com bellas vistas, por ser ainda então pouco habitado, e tinha excellentes e vastos campos, para d'elles se fazer uma bôa quinta.

Compraram-se estes terrenos e deram principio ás edificações, com tanto empenho e tão grande numero de operarios, que em breve se concluiram.

Os terrenos eram de varias pessoas, mas os que tinham aqui maior porção, eram os morgados Placido Castanheira de Moura e sua mulher D. Francisca Pereira Telles, filha do contador-mór, Luiz Pereira de Barros, do qual ella havia herdado aqui casas e campos.

D. Catharina, recebia d'Inglaterra a pensão annual (segundo a clausula da sua escriptura de casamento) de 30 mil libras sterlinas (135 contos de réis.)

N'este palacio recebeu D. Catharina, em 1704, o archiduque d'Austria, Carlos, que sendo pretendente ao throno castelhano, por morte de Carlos II, veio a Lisboa, e aqui residiu alguns mezes, com o nome de Carlos III, rei d'Hespanha. Este principe chegou a ser acclamado em Madrid, logo que esta cidade foi tomada pelo exercito portuguez, commandado pelo marquez das Minas; mas pouco tempo teve o titulo de rei, porque, morrendo seu irmão, o imperador José II, herdou o throno imperial da Allemanha, sob o nome de Carlos 7.º

Duas vezes foi D. Catharina regente do reino. A primeira, em 1704, quando D. Pedro II marchou para a Beira, a pôr-se á frente do exercito portuguez, em campanhia do archiduque d'Austria e das tropas alli adas, para dar principio á *guerra da successão.*

A segunda, em 1705, em razão de uma grave doença de D. Pedro II.

Esta senhora falleceu a 31 de dezembro d'este anno de 1705, legando todos os seus bens a seu irmão D. Pedro II.

D. João V, o deu em 1707 (anno em que foi acclamado rei) á casa do infantado, em favor do infante D. Francisco, seu irmão, que residia ora aqui, ora no palacio da *Corte Real.*

Por sua morte (1742) foi residir para a Bemposta seu filho natural, D. João, por isso denominado, o *Sr. D. João da Bemposta.* D. João V, legitimou este seu sobrinho, ao qual deu todos os bens do pae, menos a casa do infantado, que passou para o infante D. Pedro, filho de D. João V, depois, D. Pedro III, por casar com sua sobrinha, D. Maria I, filha d'el-rei D. José.

D. João da Bemposta foi general das armadas reaes e galeões de alto bordo—mordomo-mór—e conselheiro d'estado e guerra. Foi casado com a duqueza de Abrantes, D. Maria Margarida de Mello e Lorêna, viuva do marquez de Abrantes, D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes. Era filha de D. Rodrigo de Mello, irmão de D. Jayme, terceiro duque do Cadaval. O infante D. João, morreu em 1780, sem successão, em uma casa, na Ajuda, onde habitou nos seus ultimos annos.

Soffreu muito o palacio da Bemposta com o terremoto de 1755 e a capella ficou quasi arrasada. Foi depois tudo reedificado, á custa da casa do infantado.

D. João VI, quando em 1821 regressou do Brasil, foi habitar o paço de Queluz; mas, pouco tempo depois, mudou-se para o da Bemposta, onde morreu *(officialmente)* em 10 de março de 1826.

As senhoras infantas, D. Isabel Maria, D. Anna de Jesus Maria e D. Maria da Assumpção, passados os dias de nojo, se mudaram para o palacio da Ajuda, ficando este abandonado até 1828, anno em que o senhor D. Miguel I principiou a dar aqui audiencias publicas, em todas as quintas feiras; mas habitava em Queluz.

Em 28 de julho de 1833, chegando o senhor D. Pedro a Lisboa, foi habitar o palacio da Bemposta; mas só até setembro d'esse mesmo anno, em que mudou para as Necessidades.

Extincta a casa do infantado, em 1833, foram o palacio e quinta da Bemposta encorporados nos bens da corôa.

Em 1853, foi o palacio da Bemposta cedido para escola do exercito, que ahi se estabeleceu—e a quinta foi cedida ao instituto agricola, para estudos praticos.

—

Este palacio, se não é um modelo de architectura, é construido de optimos marmores, e com muita robustez.

A capella é elegante e sumptuosa.. É de-

dicada a Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem está pintada em um retabulo da capella-mór. A Virgem, é obra do pincel de José Throno, natural de Turim, ajustado em 1785, por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, nosso embaixador alli, para vir a Lisboa retratar a familia real. Os retratos, porém, de D. Maria I e dos principes, que estão no mesmo quadro da rainha Santa Isabel e de S. João Baptista, foram pintados por F. Hichey, pintor inglez, que chegando a Lisboa, de passagem para a India, em 1793, aqui se demorou um anno, deixando eterna memoria pelas suas magnificas obras.

As estatuas de marmore que decoram o vestibulo da capella, são dos esculptores portuguezes José d'Almeida, e Joaquim José de Barros Laborão, célebres no seculo passado, pela perfeição de suas obras. Do ultimo é tambem o baixo-relevo que se vê no tympano.

Na sachristia ha paineis de André Gonçalves, de muito merecimento.

Tambem aqui esteve um bello quadro representando a Santissima Virgem, com o Menino Jesus nos braços e varias santas virgens, attribuido por uns ao grão Vasco, e por outros ao célebre pintor inglez Holbein; mas, em todo o caso, obra de grande valor. Está actualmente na galeria de pintura, do paço das Necessidades.

Tem esta capella magnificas alfaias e ricos vasos sagrados.

Na sua instituição era servida por 12 capellães, cujo numero augmentou depois a 20, sendo elevados á dignidade de conegos, e presididos por um arcebispo *in partibus infidelium*. Hoje estão reduzidos... a um.

Na quinta ha um grande e bello tanque de marmore, mandado fazer por D. João VI; tem quatro bustos, maiores que o natural, representando as quatro estações do anno. É tudo obra do eximio esculptor Faustino José Rodrigues.

A esta quinta se dá hoje o nome de *Escola regional do instituto agricola de Lisboa*, para ensaio dos novos instrumentos e processos de lavoura.

Tambem n'esta quinta se está edificando o magnifico hospital, mandado fundar pelo senhor D. Pedro V, á custa do seu bolsinho, em memoria de sua adorada esposa, a senhora D. Estephania. Não chegando o subsidio real, as camaras votaram uma quantia para a conclusão das obras. Teve principio este caridoso estabelecimento, em julho de 1860.

Palacio d'Alcantara ou do Calvario

Está ao O. da ponte d'Alcantara, no largo do Calvario, caminho de Belem. É de modestissima apparencia, parecendo mais a casa de um burguez, do que habitação regia. Para evitar repetições, vide a palavra *Alcantara*, a pag. 66, col. 2.ª do 1.º volume d'esta obra.

Palacio de S. Christovão

Onde hoje é um bonito predio particular, da viuva do sr. Leomil, existiram os paços reaes de S. Christovão; assim chamados por estarem no largo do mesmo nome, onde está a egreja d'este santo. O primeiro nome d'este paço, era «Paços de a par S. Christovão». N'elles se celebraram as pomposas festas pelo casamento da infanta D. Leonor, filha do rei D. Duarte, com Frederico III, imperador da Allemanha, em agosto de 1451.

No reinado de D. João II, era propriedade e habitação de D. Alvaro, segundo filho do duque de Bragança, D. Fernando I.

Por este D. Alvaro ser *regedor das justiças*, a rua que do Largo de S. Christovão vae ao dos Caldas tomou o nome de *rua do Regedor*.

Passou este palacio para a familia dos condes d'Aveiras, marquezes de Vagos, que o reedificaram pelos annos de 1740. O terramoto de 1755 o desmantelou, e assim esteve até 1864, anno em que foi vendido ao referido Leomil, que o reedificou.

A fachada do palacio ainda é a feita pelos marquezes de Vagos, com muito pouca alteração. As armas dos Silvas (um leão) foram substituidas pela firma do novo proprietario, mas foi tirada posteriormente. Na rua do Regedor ainda existe, no muro do jardim, uma porta que data da primitiva construcção do palacio.

Palacios antigos em Lisboa

Palacio do marquez de Marialva

(Ao Lorêto)

Este palacio ainda que fosse de insignificante architectura, era muito vasto, e estava interiormente adornado com magnificencia. Occupava todo o terreno da nova *Praça de Luiz de Camões*, e o terramoto de 1755 o desmantelou e acabou de o destruir o incendio que se lhe seguiu, ficando apenas algumas paredes.

Passados annos foram se construindo mesquinhas barracas, nas partes mais arruinadas do palacio, e nas menos destruidas se fizeram algumas reparações e alli se accommodavam muitas familias.

A esta reunião informe se dava o nome, bem apropriado, de *Casebres do Lorêto.*

Pela morte do marquez de Marialva, que teve logar em Paris, onde era nosso embaixador, junto ao rei Luiz XVIII, e não tendo descendentes, entraram na posse d'estes edificios e de todos os vinculos da casa de Marialva, os srs. duques de Lafões.

Depois de muitos obstaculos e difficuldades, foram estes casebres expropriados, em 1858, e no seu ambito se vê a *Praça de Luiz de Camões* e o monumento que se lhe erigiu, e de que adiante trato.

O primeiro marquez de Marialva (feito por D. Affonso VI, em 11 de junho de 1661) foi o intrepido e sabio general, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, que tantos serviços prestou a Portugal, na guerra da restauração. Era da familia dos Menezes, á qual pertenciam os duques de Lafões, marquezes do Louriçal, condes da Ericeira e outras muitas e nobilissimas familias d'este reino.

As armas d'estas familias, são — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º quartel, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º, tres flores de liz, de ouro, em campo asul, e no centro, o escudo dos Menezes, que é, em campo de ouro, um annel do mesmo, perfilado de púrpura, com um rubim n'elle — elmo de aço aberto; e por timbre, meia donzella, vestida de brocado de ouro, com um escudo como o das armas, na mão direita. (Para a sua genealogia, vide Cantanhede, a pag. 95, col. 1.ª, do 2.º volume d'esta obra.)

O palacio do marquez de Marialva, é tristemente célebre, por um facto de ferocidade inaudita, da mais negra ingratidão, e que dá um evidentissimo testemunho de quantas infamias commette a plebe, ainda nas mais santas exaltações de um mal entendido patriotismo. É o seguinte:

Ninguem ignora os grandes serviços e as assignaladas victorias obtidas pelo valorosissimo general, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, em defeza da independencia da sua patria, e em premio do que, o rei de Portugal o fez marquez de Marialva.

Em 1663, D. João d'Austria, filho bastardo de D. Philippe IV, e famoso general d'aquelle tempo, cérca a cidade de Evora, com um poderoso exercito. A praça, com pouca guarnição e falta de munições, capitúla em 22 de maio.

Esta noticia chegou a Lisboa na tarde de 24, o que aterrou todo o povo, tanto a familia real, como os nobres e plebeus.

Nos paços reaes da Ribeira e nos ministros do rei, havia egual terror e irresolução. O povo agglomerava-se em grande multidão, em roda do paço e gritava contra os traidores. Então, o ministro e secretario d'estado, Antonio de Sousa de Macêdo, que era de genio irascivel e arrebatado, corre a uma janella do paço e grita ao povo que se afaste para o lado opposto da praça.

Depois manda traçar um risco no meio d'ella, e brada que — os valentes que quizessem hir defender a liberdade da patria, passassem para o lado do paço.

O povo, acudindo todo ao repto, corre para o sitio indicado, atropellando-se e maltratando-se reciprocamente.

No meio d'isto se levanta uma voz, dizendo que o rei (D. Affonso VI) tinha sido assassinado por traidores. Então a berraria e confusão chegaram ao maior auge; e nem cessou este medonho tumulto com o apparecimento do monarcha a uma das janellas do paço, provando assim que estava vivo e são.

A turba multa se divide em bandos temerosos e enraivecidos, espalhando-se pelas ruas da cidade, e apoderando-se de tudo quanto lhe possa servir de armas, e accommette as casas dos que julga traidores. Um dos que assim era acoimado pela relé, foi o marquez de Marialva (que então andava pelo Alemtejo com D. Sancho Manuel, conde de Villa Flor e com o conde de Schomberg, em defeza da sua patria.)

A multidão indomita e enraivecida, corre em tropel para o seu palacio do Loreto, que cercou e atacou. No palacio estava a marqueza com suas filhas e familia, que pôde salvar-se disfarçada com a capa de uma criada, por uma porta que dava sahida para a *Travessa dos Gatos*, levando comsigo as filhas, e foi esconder-se no mosteiro das freiras da Esperança.

Os amotinados arrombaram uma porta e entrando, se espalharam por todos os aposentos, arremessando á rua com todos os moveis e preciosidades, que queimaram.

Os criados do marquez foram barbaramente espancados, e o povo entrou a juntar toda a casta de combustivel para incendiar o palacio, o que com toda a certeza levariam a effeito, se n'este momento não apparece alli o conde de Sarzêdas, e rompendo destemidamente por entre aquellas turbas de malvados, accusa-os da sua infame ingratidão, mencionando-lhes os serviços relevantissimos e o incontestavel patriotismo do marquez de Marialva.

As turbas, respeitando o valor do conde, desistiram do seu projecto, e se foram retirando; salvando-se assim das chammas este palacio.

Em outros sitios de Lisboa se presencearam scenas de horror eguaes a esta, que foram serenadas, não pela tropa, que chegou tarde, mas pelas varias communidades de religiosos, que em procissão sahiram das suas egrejas, prégando aos desordeiros e reprehendendo-os das suas barbaridades.

O povo, vendo o Santissimo Sacramento nas mãos dos religiosos e as imponentes orações e preces d'estes, implorando á Divina Misericordia a paz e concordia, se foi retirando a suas casas.

Chamou-se a esta revolta—*o Santo Motim!*—Teve logar em 25 de maio.

Mesmo assim, não foi de todo máo o tal *Santo Motim*, porque obrigou o governo a tomar inergicas providencias, para obstar a novos tumultos, e sobre tudo, a empregar tôdas as medidas tendentes a evitar o progresso das armas castelhanas em Portugal.

Um exercito foi logo organisado, em Aldeia Gallega do Ribatejo, dando-se o commando d'elle ao marquez de Marialva, o qual, unindo-se ao conde de Villa Flor, foi em busca de D. João de Austria, que depois de deixar Evora bem guarnecida, foi buscar mais reforços a Castella. Veio logo, e os portuguezes lhe foram ao encontro, obrigando-o a bater-se nos campos do Ameixial em 8 de junho. (Para tudo quanto diz respeito a esta gloriosa batalha, vide *Ameixial*, a pag. 195, col. 1.ª, do 1.º vol. d'esta obra.)

A vingança do marquez de Marialva contra os do *Santo Motim*, foi concorrer valorosamente para esta victoria, e para a reconquista de Evora, que se rendeu por capitulação em 24 de junho. Na tomada de Evora cahiram em poder dos portuguezes 13 peças de artilheria, grande quantidade de armamento e munições de guerra, 800 cavallos, bandeiras etc. A guarnição castelhana, que eram 4:000 homens, obteve a liberdade; mas só lhe foi permittido voltar a Hespanha d'ahi a 3 mezes.

Palacio dos condes de Almada

(Largo de S. Domingos, ás antigas Portas de Santo Antão, que já não existem)

É célebre este palacio, pelas gloriosas recordações que nos traz á memoria. Era seu proprietario em 1640, D. Antão de Almada, progenitor dos condes de Almada.

Era n'este palacio, em um pavilhão do jardim, que D. Antão de Almada e os outros conjurados faziam as suas reuniões, e discutiam a maneira de derrubarem o ominoso poder e a usurpação incomportavel dos castelhanos.

Em memoria d'este glorioso feito de nossavós, mandou D. Antão desenhar em asu-

lejos, no referido pavilhão, os retratos dos conjurados (são tres scenas d'esta milagrosa revolução) e mandou erigir na frente do palacio, que deita para as escadinhas da Barroca, e sobre o telhado do paço, duas *memorias*, eternisando o feliz dia 1.º de dezembro de 1640. São duas torrinhas ameiadas, construidas de tijolos. Tudo isto ainda existe, assim como o pavilhão, que está ao fundo do jardim, que é uma casa de regalo, com uma frente.

Palacio dos marquezes de Alegrete

(no Largo da Mouraria)

Foi construido pelos condes de Villar-Maior, no seculo XVII, sobre um lanço da muralha (da cérca de D. Fernando) e sobre a *porta da Mouraria*. Depois, elevado o conde de Villar-Maior ao titulo de marquez de Alegrete, se ficou chamando á porta da Mouraria — *arco do marquez de Alegrete*, nome que ainda conserva, e dando-se tambem o de Rua do Arco do Marquez de Alegrete, á que d'esta porta vae ao Largo do Pôço do Borratem.

(Quando tratar das muralhas e portas da cidade, darei mais alguns esclarecimentos sobre este edificio.)

Palacio do conde d'Obidos

(á Rocha do conde d'Obidos)

Foi construido pelos condes d'este titulo (parentes dos infelizes duques de Aveiro, que morreram no supplicio—vide *Chão Salgado)* no seculo XVII. A casa dos condes d'Obidos passou para a dos condes do Sabugal.

Em 1874 foi este palacio arrematado em praça, e o comprou um individuo por 12 contos de réis. O sr. D. Luiz I obteve do comprador que lhe cedesse o palacio, pelo mesmo preço, e deu a uma sua camarista, irman do sr. conde do Sabugal, pelo que continuou a ficar na mesma familia.

Palacio dos condes d'Olhão ou palacio de Pilatos

(CUNHAL DAS BÓLAS)

Na rua da Rosa das Partilhas, ao Bairro Alto

Segundo a tradição, consta que foi edificado por um judeu muito rico, que quizera figurar pomos d'oiro no cunhal do seu palacio. Este judeu chamava-se, ou tinha a alcunha de *Pilatos*, que ficou ao palacio.

Este edificio passou para outra familia, que o instituiu em vinculo: depois, por casamento com a herdeira d'este morgado, passou para a casa dos marquezes d'Olhão, onde actualmente se conserva.

Palacio dos marquezes de Castello Melhor

(Ao Passeio Publico do Rocio)

O antigo palacio e solar dos genuinos Vasconcellos, depois condes e por fim marquezes de Castello-Melhor, occupava antes do terramoto de 1755, todo o espaço que fica entre a rua dos Condes e a rua do Jardim do Regedor (antiga travessa das Portas de Santo Antão).

Foi destruido pelo terramoto, e nunca mais se reedificou. Hoje todo este local se acha occupado com magestosos predios particulares, foreiros ao actual senhor marquez de Castello-Melhor.

Os condes da Castanheira, tinham um palacio á esquina da calçada da Gloria, que o conde de Castello Melhor (o célebre valido do infeliz D. Affonso VI) comprou em praça, no anno de 1666.

A rainha d'Inglaterra, D. Catharina, viuva de Carlos II, e filha do nosso D. João IV, attendendo aos serviços que o conde lhe fez, deu-lhe mil libras sterlinas de pensão annual, por espaço de tres annos, e um annel de brilhantes que valia 12 mil cruzados (4:800$000 réis) e uma joia que lhe offereceu em nome de seu cunhado Jacob III, de Inglaterra, avaliada em 9 mil cruzados (3 contos e 600 mil réis). Tudo lhe foi dado por uma carta, (em latim) datado de 23 de septembro de 1685, a qual tem o retrato da rainha offerente em miniatura, no alto da primeira lauda do pergaminho, que se conserva com o maior cuidado no archivo da casa. Foi copiada como documento honrosissimo para o conde, na escriptura na instituição do vinculo.

O conde applicou estas 3:000 libras em augmentar e melhorar o velho palacio que comprára.

O jardim deitava para uma horta, chamada da *Mancebia*, que o conde comprou, bem como outras que por alli havia, no sitio então chamado *Valle-Verde*, hoje occupado pelo Passeio Publico, e que lhe custaram mais de 20:000 cruzados (oito contos de réis.)

Depois de ter assim ampliado esta nobre residencia, o conde formou d'isto um vinculo, que instituiu em 1703.

Deu lhe o titulo de morgado de Santa Catharina, para perpetuar a memoria do agradecimento á rainha, que o tinha gratificado com tão avultadas quantias (para aquelle tempo).

O annel e a joia ficaram tambem vinculados n'este morgado.

Na escriptura de instituição d'este vinculo o conde instituidor enumera todos os serviços que fez a Portugal, nos diversos cargos que até então exercêra, e diz que da sua familia procedem os homens que se acharam nas tres occasiões de maior perigo de que resa a nossa historia — a saber — Egas Moniz, em tempo de D. Affonso I—Mem Rodrigues de Vasconcellos, no de D. João I, e elle, no de D. Affonso VI.

Por morte d'este conde, seu successor comprou a ermida de Nossa Senhora da Pureza, que estava da parte opposta da calçada, (a N.) á esquina da rua da Gloria, (onde agora são as cavallariças!) demolida em 1858, quando se concluiu a capella do palacio. Com elle communicava a ermida por um passadiço que atravessava a calçada da Gloria. Na verga de uma janella do passadiço pertencente á ermida se lia— ESTA CAPELLA É DE NOSSA SENHORA DA PUREZA DO AMOR DE DEUS. FEITA EM JULHO DE 1585, E AGORA RENOVADA PELO P.' ANTONIO DE CASTILHO, EM ABRIL DE 1692.

Na sobreverga tinha esta inscripção — ESTA ERMIDA HE DO CONDE DE CASTELLO MELHOR ANNO DE. 1720.

Tudo isto assim se conservou até ao 1.º de novembro de 1755, em que o terramoto desmantelou o palacio dos condes de Castello-Melhor, de que já fallei, e que ficava a E. da calçada da Gloria.

Depois do terramoto, o marquez de Pombal emprehendeu construir um passeio publico no sitio de Valle-Verde, pelo que comprou (por conta do estado) estes chãos á casa de Castello-Melhor, e principiou a fazer os muros do passeio, em 1764.

Em 1765, por indemnisação do monopolio do sabão preto, que tinha a casa do conde em Lisboa, e dos fornos de *pão de pôia*, na Ilha da Madeira, se lhe deu por decreto de 4 de septembro, além do titulo de marquez, muitos bens de raiz e padrões de juros reaes e uma grande parte da cerca do collegio de S. Roque, que fôra dos jesuitas, com cujo terreno o novo marquez engrandeceu a sua propriedade.[1]

Projectou então fazer um grande palacio, encarregando o risco a Francisco Xavier Fabri (architecto italiano) um dos que fizeram a planta do palacio da Ajuda.

Parece que só em 1777 se principiou a obra, que levou muitos annos. Hoje está um soberbo edificio; mas a parte do sul d'elle, que faz symetria com a capella (que está no angulo do norte) ainda está só em paredes. Mesmo assim é um dos melhores palacios particulares de Lisboa.

As madeiras empregadas n'esta obra vieram do Brasil, mandadas por Luiz de Vasconcellos e Sousa, um dos ultimos vice-reis d'aquelle estado.

Emquanto duraram as obras, a familia Castello-Melhor residia no antigo palacio dos condes da Castanheira, que deitava para a calçada da Gloria. Depois da mudança para o novo palacio, o velho foi demolido, e no sitio que occupava, se construiram os grandes predios que hoje alli existem.

Segundo o risco de Fabri, este palacio devia ter mais outro andar, tambem de sacadas, com um zimborio ao centro, e um torreão em cada extremidade; mas alterou-se-lhe o plano, n'esta parte, tirando lhe o 2.º andar, em razão da estreiteza da rua Occidental do Passeio Publico, visto que seria de mau effeito maior altura n'aquella posição do palacio.

Estas obras estiveram paradas uns 40 an-

[1] O 1.º conde de Castello Melhor foi Ruy Mendes de Vasconcellos, feito por Philippe III, em 21 de março de 1611.

nos, até que o pae do actual sr. marquez lhe deu impulso em 1845, deixando por sua morte, as obras quasi concluidas de canteiro, e muito adiantadas nas outras artes.

Foi trasladado para a nova capella d'este palacio o Santissimo Sacramento que estava na antiga ermida de Nossa Senhora da Pureza, bem como as imagens e mais objectos.

A sagração e dedicação d'esta capella foi feita em 27 de junho de 1858, com a maior pompa e magnificencia.

A capella é toda de bella cantaria, com duas columnas monolythicas no altar mór.

É a melhor capella particular que ha actualmente em Lisboa.

As armas dos marquezes de Castello-Melhor (Vasconcellos) são:—Em campo preto, tres faxas veiradas e contraveiradas de prata e púrpura. Timbre, um leão preto, faxado das tres faxas das armas.

Palacio da Annunciada, dos condes da Ericeira

Para evitar repetições, vide a descripção d'este palacio e seus jardins, a pag. 44 do 3.º volume.

—

Casas notaveis em Lisboa

Casa dos vinte e quatro

D. João I determinou que na camara de Lisboa houvesse 24 homens, dois de cada officio, destinados para o bom governo da cidade. Eram nomeados por eleição popular, cada dois pelos artistas do seu officio. Tinham na camara quatro procuradores, para intenderem no bom governo, regimento e segurança da cidade. Já se vê que a sua séde era nos paços do senado da camara.

Já disse que em 19 de abril de 1506, o povo de Lisboa fez uma horrorosa mortandade contra os *christãos-novos* e judeus e praticou toda a casta de barbaridades.

Em castigo de tão grande delicto, o rei D. Manuel, por lei de 22 de maio d'esse mesmo anno, de 1506, tirou á cidade de Lisboa, o privilegio da junta dos 24.

(Os que desejarem saber isto circumstanciadamente, vejam a *Chronica d'El-rei D. Manuel*, por Damão de Goes, parte 1.ª cap. 103.)

Garcia de Rezende, na sua *Miscellanea*, conta (canta) este facto do modo seguinte:

Vi que em Lisboa se alçaram
Povo baixo e villãos
Contra os novos christãos,
Mais de quatro mil mataram,
Dos que houveram ás mãos.
Uns d'elles vivos queimaram,
Meninos despedaçaram,
Fizeram grandes cruezas,
Grandes roubos e vilezas
Em todos quantos acharam.

Estando só a cidade,
Por morrerem muitos n'ella, [1]
Se fez esta crueldade;
Mas el-rei mandou sobr'ella
Com mui grande brevidade.
Muitos foram justiçados,
Quantos acharam culpados,
Homens baixos e *bragantes*,
E dois frades observantes
Vimos, por isso, queimados.

El-rei teve tanto a mal
A cidade tal fazer,
Que o titulo natural
De nobre e sempre leal
Lhe tirou, e fez perder.
Muitos homens castigou,
E officios tirou.
Depois que Lisboa viu,
Tudo lhe restituiu
E o titulo lhe tornou.

Casa de João das Regras

No largo do Poço do Borratem, existem ainda as casas d'este famoso jurisconsulto, ao qual (tanto como ao valor do condesta-

[1] Da peste que então grassava medonha, em Lisboa. D. Manuel e a côrte estavam fugidos em Abrantes, e vindo de lá para Beja, soube no caminho este horroroso acontecimento. Vide n'este artigo no anno 1506.

vel), deve D. João I a corôa e Portugal a sua independencia.

Está o edificio muito alterado na sua architectura primittiva; distigue-se apenas por tres grandes arcos ogivaes, com os quaes corre o primeiro andar.

Pertenciam estas casas aos paes de João das Regras, que alli residiram muitos annos. Tambem moraram em outras que tinham ás Escolas Geraes. Foi n'estas que nasceu aquelle illustre patriota.

João das Regras, com os donativos que recebeu de D. João I comprou as propriedades contiguas ás suas. Sua mulher lhe trouxe em dote o palacio e ermida de S. Matheus, cabeça do morgado do mesmo nome, que ficava em frente.

D'este palacio e capella se fez, em 1754, o convento de S. Camillo.

O dr. João das Regras foi, por sua filha, progenitor dos marquezs de Cascaes, dos condes de Monsanto e de outras nobilissimas familias de Portugal.

Casa onde morreu Garrett

O primoroso escriptor e elegantissimo poeta João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, depois visconde d'Almeida Garrett, nasceu na rua do Calvario, na cidade do Porto, em 4 de fevereiro de 1798. Era filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, e de sua mulher, D. Anna Augusta d'Almeida Leitão.

Morreu em Lisboa, na rua de Santa Isabel, em uma casa com o n.º 78, em 9 de dezembro de 1854.

Os que desejarem saber minuciosamente todas as condições materiaes d'esta celebre casa e varios factos da vida de Garrett, vejam o *Archivo Pittoresco*, vol. 3.º desde pag. 116 em diante, em varios artigos do sr. Francisco Gomes de Amorim.

A biographia de Garrett vem na cidade do Porto, para onde remetto o leitor.

Casa onde morreu Camões

Luiz de Camões nasceu em 1524. Não concordam os escriptores, no logar do seu nascimento; mas a opinião mais seguida é que nasceu em Lisboa. Era filho legitimo de Simão Vaz de Camões e de Anna de Sá de Macedo.

Morreu em Lisboa, a 10 de junho de 1580, anno de sempre triste recordação para os portuguezes, pois foi o primeiro do nosso captiveiro de 60 annos. Foi por isso que o poeta disse nas vascas da morte — «morro com a minha patria».

(Adiante, no logar competente vem a sua biographia.)

Segundo a tradição, Camões morreu no hospital da Misericordia; mas não ha documento algum que corrobore esta tradição, que hoje é reputada falsa.

Faria e Sousa diz que elle fallecera em uma pobre casa na rua de Sant'Anna. (Hoje calçada do mesmo nome.)

O padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, em uma biographia manuscripta, affirma que Camões morreu em uma casa humilde, na rua de Sant'Anna, junto ao arco do mesmo nome, e á casa da Encarnação, pegada com a ermida do Senhor Jesus e Paz.

E' no meio da calçada de Sant'Anna, á esquerda de quem sóbe, fazendo frente para a dita calçada e para o Bêccode S. Luiz. Tinha antigamente os n.os 52 e 54, hoje tem os n.os 139 e 141.

E' ao sr. visconde de Juromenha que se devem estas e outras muitas importantissimas investigações.

Esta casa, quando era habitada por Camões, tinha apenas o pavimento terreo e o 1.º andar. Hoje é propriedade do sr. Manuel José Correia. E' edificio antigo — foi vendido em 1552, e outra vez em 1591.

Em um auto de posse, tomada em 4 de dezembro de 1602, vem a casa assim descripta:—«Umas casas da banda de fóra do Postigo de Santa Anna, na travessa que vae para S. Luiz, e constam de um sobrado e de telha van; e no dito sobrado tem uma só casa ao comprido, dividida em duas,

com tabuado pelo meio, e por detraz tem uma casinha pequena, que serve de despejos, e tem escada para um pateo pequeno que tem por detraz das ditas casas, que está coberto de telha van; e com mais duas lojas por baixo, uma adiante da outra.»

Na escriptura, junta a este auto de posse, se declara que esta propriedade foi vendida em praça por 30$000 réis.

E' senhoria directa a camara municipal de Lisboa, e foi emphiteuta D. Aleixo de Menezes, aio do rei D. Sebastião, ao qual pagava de renda ou pensão, 350 réis, e á camara em 10 réis, *por estar junta a uma barbacan do muro.*

Era junto a esta casa a antiga porta da cidade, chamada de *Sant'Anna.*

Já em 1629 constava esta casa de dois andares e aguas furtadas, no estado em que ainda hoje existe; mas está bem coservada em razão das reparações que tem tido. Até ao primeiro pavimento ainda são as mesmas antigas paredes.

Eis aqui o humilde tugurio onde falleceu *o principe dos poetas portuguezes.*

A sua biographia vae no logar competente.

Casa dos bicos

Segundo a tradição, esta casa foi mandada edificar por um homem rico, que tencionava cravar um diamante no vertice de cada uma das pedras *bicudas*, que lhe erriçam a frontaria. Que estando a casa no 1.º andar, o governo embargára as obras, não querendo que em Lisboa houvesse uma casa particular mais rica e fallada do que o paço real; mas que, apesar d'isso, se lhe ficou chamando *casa dos diamantes*, e que com este nome era conhecido no tempo dos Philippes.

Dizem outros que no seculo XVI, reinando D. Manuel, estivera hospedada n'esta casa uma rainha preta, que trazia muitos diamantes, e que d'aqui lhe preveio o nome e a fama de casa riquissima, que ficou em proverbio até á actualidade.

Ainda outros dizem que a casa foi construida segundo o risco do senhorio, sem impedimento algum por parte do governo, e que, do primeiro andar para cima lhe mandou pôr em cada bico, um diamante falso; mas que toda aquella pedraria brilhava muito com os raios do sol, que lhe dava de lado, porque antigamente, esta casa deitava para a praia da Ribeira, e até nas aguas vivas chegavam os barcos mesmo á porta.

O terramoto de 1755 lhe damnificou os andares superiores, deixando-a reduzida ao primeiro andar e sobreloja, tal como ainda existe. Até aqui a *lenda.*

Deixando a tradição popular, sempre propensa ao maravilhoso, sigamos as investigações dos nossos actuaes antiquarios, entre os quaes se distinguem os srs. visconde de Juromenha e Ignacio de Vilhena Barbosa.

Quasi a meio da antiga *Villa Nova de Gibrallar*, ou *Judiaría Grande* (povoação ou bairro judaico, fóra do lanço do sul e sueste das muralhas que cercavam Lisboa, antes do reinado de D. Fernando) foi edificada a *casa dos bicos.*

Á *casa da esnóga* (synagoga) dos judeus, transformada por D. Manuel, em 1502, em templo christão, a que hoje se dá o nome de *Conceição Velha*, succedeu em celebridade, a *casa dos bicos*, que lhe fica proxima, e ambas dentro dos limites da antiga judiaria.

Expulsos os judeus e mouros de Portugal (1497) [1] e purificada a *judiaría*, vieram estabelecer-se n'este bairro muitos fidalgos

[1] Em outubro de 1497, D. Manuel contratou casamento com a princeza D. Isabell, herdeira do throno de Castella, e viuva do nosso principe D. Affonso, filho de D. João II (o que morreu em 1491, junto a Santtarem, da queda de um cavallo).

Ella acceitára a proposta, sob a condição do rei de Portugal expulsar do seu reino os mouros e judeus que não abjurassem a sua religião, o que D. Manuel cumpriu; mas foi um passo erradissimo, pois sahiram de Portugal muitos homens activos e habilisssimos, e grandes riquezas.

O casamento se effectuou, e D. Manuel passou a Hespanha, e em 28 de abril de 1498, é jurado rei de Castella, em Toledo. DD. Isabel morre de parto em Zaragoça, dando á luz o principe D. Miguel da Paz, herdeiro de Portugal e Hespanha, que morrendo creança, fez perder a D. Manuel as esperanças de unir as duas corôas em uma só cabeça.

que regressavam da India, riquissimos com os roubos e extorsões que lá faziam, fundando aqui sumptuosos palacios; e os negociantes aqui edificaram grandes casas de commercio.

Não foi porém o grande Affonso d'Albuquerque o fundador da *casa dos bicos*, nem é verdade que n'ella residisse. Elle nasceu em 1453, na quinta do Paraiso, entre Alhandra e Villa Franca: era filho segundo de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do 1.º conde d'Athouguia — e morreu na India (Goa) em 1515. Seus ossos vieram para Portugal, em 1566, e, segundo a sua disposição testamentaria, foram depositados na egreja da Graça, de Lisboa, onde jaziam seus antepassados, e lá existem.

(Para a sua biographia, vide *Paraiso*).

Albuquerque morreu solteiro, deixando um filho bastardo, que reconheceu no seu testamento, nomeando-o seu universal herdeiro, e recommendando-o á hora da morte, ao rei D. Manuel.

Este filho chamava-se Braz d'Albuquerque. Não se sabe com certeza quem era a mãe d'elle: uns dizem que era uma africana; outros dizem que era uma escrava branca, chamada Joanna Vicente; outros, finalmente, dizem que era mourisca. (Quanto a mim era a mesma pessoa).

Só á hora da morte d'Albuquerque, é que o filho soube quem era seu pae.

Parece que Braz d'Albuquerque foi creado em casa de uma sua tia, irman de seu pae.

D. Manuel apenas soube da morte de seu fiel e bravissimo servidor, mandou recolher o filho no mosteiro de Santo Eloy, para aprender o que convinha, *porque até então tivera uma creação muito inferior.*

O rei não só tomou conta do filho que o grande capitão lhe recommendára; mas, para perpetuar tão glorioso nome, o fez chrismar, para que se ficasse chamando Affonso d'Albuquerque, como seu pae. Depois o casou com D. Maria de Noronha, filha do primeiro conde de Linhares, seu parente, dotando-o com 20:000 crusados, fazendo-lhe mercê de 300$000 réis de juro e mandando pagar-lhe 80:000 crusados (32:000$000 réis) de soldos que se ficaram devendo a seu pae e as *quintaladas* da pimenta, que lhe pertenciam, o que tudo montou a grandes cabedaes, para aquelle tempo.

Braz (ou Affonso) d'Albuquerque, seguiu a moda dos fidalgos do seu tempo, fazendo o seu palacio na Ribeira, no bairro da antiga *judiaria*, em 1523; e, como tinha muito dinheiro, e para fazer desesperar os emulos de seu pae, que eram todos os fidalgos poltrões e intrigantes d'esse tempo, protestou que havia de fazer uma casa, forrada de diamantes. Fez tambem, pelo mesmo tempo, uma grande quinta em Azeitão, a que deu o nome de *quinta do Paraiso*, e que hoje se denomina da *Bacalhôa*, e a egreja de S. Simão, ahi proximo, que edificou á sua custa, para jazigo dos ossos de seu pae e seus.

Foi vereador da camara de Lisboa, escreveu e publicou os famosos *Commentarios* de seu pae, que tiveram duas edições em sua vida, e foi homem de muita erudição. É tido como um dos primeiros classicos da lingua portugueza, e o seu livro, como um grande subsidio para a historia da India. Morreu com 80 annos de edade.

—

Não consta de documento algum que a casa dos bicos fosse embargada quando andava em obras, e ha certeza de que se concluiu segundo o risco. Junto aos titulos d'esta casa, se acha uma escriptura de doação, feita em Lisboa, em 26 de outubro de 1649, por D. João Affonso d'Albuquerque e sua mulher, D. Violante de Tavora, a seu sobrinho Antonio d'Albuquerque, commendador de Santo André do Ervedal e da Ilha do Porto Santo, pela qual escriptura, os ditos Affonso d'Albuquerque e mulher, dão ao sobrinho, toda a sua fazenda que possuem, pela maneira seguinte: — *Assi, para que com ella* (fazenda) *possa melhor casar com pessoa limpa, que não tenha rassa de judeu nem mouro, e para que com isso possa o appellido d'Albuquerque conservar-se e hir em augmento; por quanto, de todo se vae extinguindo; e o dito Antonio d'Albuquerque, seu sobrinho, é*

só o Albuquerque varão, que ha n'este reino, descendente do grande Affonso de Albuquerque.

Segue-se a relação de varios bens, e depois — *outrosim lhe fazem doação das suas casas da* Porta do Mar, *a que chamam dos Bicos, na Ribeira*..... *que de presente rendem 224$000 réis, d'antemão, e as pagas 240$000 réis.*

Acha-se n'esta escriptura a clausula, de que — *hade ser obrigado o dito seu sobrinho e todos os successores d'este morgado, a trazerem as armas dos Albuquerques, sem nenhuma mistura e se appellidem d'Albuquerque, sem nenhum outro appellido.*

Esta escriptura foi feita 69 annos depois da morte de Braz d'Albuquerque (depois Affonso) e o doador era seu neto.

Já se vê que no acto d'esta escriptura, não moravam na casa dos bicos, os Albuquerques; mas a traziam arrendada por 464$000 réis, o que prova que esta casa então era muito mais vasta e tinha mais andares do que a actual.

—

Em 1745 tomou posse, por successão, da casa dos bicos, Francisco Xavier de Mello Albuquerque de Brito Freire, e no auto se lhe chama casa nobre, com loja por baixo, onde se vendem bebidas.

Já disse que o terramoto de 1755, arruibou os andares superiores d'esta casa e a incendiou, como a quasi todos os edificios proximos, nomeadamente a casa da Misericordia e a egreja da Conceição (hoje chamada a *Velha*, para a distinguir da *nova*, que se fez depois).

Em 1775 se vê que a casa dos bicos foi arrendada a Antonio Affonso d'Abreu, por 400$000 réis, declarando o arrendamento que eram *armazens e sobrelojas*, que é o que hoje existe.

As armas dos Albuquerques, que estavam na casa dos bicos, são — escudo esquartelado, no 1.º quartel, as quinas de Portugal, com seu filete e contrabanda costumada — no 2.º, em campo de púrpura, cinco flores de liz, d'ouro, em aspa — e assim os contrarios. Timbre, um castello, com as portas de ouro e sobre a do meio, uma flor de liz das armas.

Nos *Commentarios*, diz Affonso d'Albuquerque (o filho, o que foi Braz) que os d'este appellido deviam trazer as armas que D. Affonso Sanches mandou pôr no castello de Albuquerque (Extremadura hespanhola), com o seguinte letreiro: — EM NOME DE DEUS SEJA TUDO. AMEN. EU, DOM AFONSO SÃCHES, SENHOR DESTE CASTELLO D'ALBOQUERQUE, COMECEI ESTE LAVOR, FERIA QUARTA AOS QUATRO DIAS DO MEZ DE AGOSTO DA ERA DE 1314, O QUAL SEJA PARA SERVIÇO DE DEUS E DE SANTA MARIA, SUA MADRE, SALVAMENTO DE MINHA ALMA, CRESCIMENTO DE MINHA HONRA E ENDEREÇAMENTO DE MINHA FAZENDA; POR QUE AS COUSAS QUE A DEUS SÃO FEITAS TODAS ADIANTE HÃO DE IR; E AS QUE SEM ELLE SÃO, TODAS HÃO DE FENECER.

«*E porém prasa a Deus que haja bôa gloria, o mestre pedreiro que fez este castello.*»

—

O grande Affonso d'Albuquerque, levantou na Asia portugueza — fortalezas em Ormuz, Malaca, Ceylão e Gôa: e no Egypto, na Ethiopia, na Persia, no Japão, nas Molucas, em Sião, em Narsinga fez respeitar o nome e a bandeira de Portugal.

—

Affonso d'Albuquerque, filho, o fundador da casa dos bicos, da quinta do Paraiso, em Azeitão, foi militar, e, como tal, foi na esquadrilha que levou a infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manuel, a seu marido, o duque de Saboia.

(Esta infanta é célebre pelo extremoso amor que lhe consagrou o nosso maviosissimo poeta Bernardim Ribeiro. Vide *Torrão*).

Regressando Albuquerque a Portugal, em 1522, abandonou o serviço militar, cuidando no seu logar de presidente da camara de Lisboa (foi o primeiro presidente d'estte municipio) e no aformoseamento da sua casa dos bicos e da sua quinta do Paraiso.

Sabemos que foi um digno descendente de seu pae, e um verdadeiro portuguez, que se não quiz bandear com os castelhanos, pois que, em 1580, usurpando Philippe III a corôa portugueza, Albuquerque se demittiu de

presidente da camara, e viveu em voluntaria obscuridade, os poucos annos que sobreviveu á liberdade da sua patria. Tinha então 80 annos.

—

Segundo o tombo geral das propriedades de Lisboa, mandado fazer pelo marquez do Pombal, depois do terramoto, consta que a casa dos bicos, que era então de Francisco Xavier de Mello Albuquerque de Brito Freire (que tomára posse, como já disse, em 1745) tinha de frente, 93 palmos e dois terços (20m,60) e de fundo, até á *Rua do Albuquerque* (hoje do Almargem) 96 palmos (21m,12) *com loja, sobreloja e dois andares.*

Esta medição teve logar em 28 de fevereiro de 1756. — Já se vê pois que a tradição tambem erra na asserção de serem destruidos os andares superiores pelo terramoto de 1755.

Suppõe-se com boas razões, que a frente da casa dos bicos, era para o lado do norte, não só porque deitava para a *Rua do Albuquerque*, mas porque era d'esse lado que estavam as armas do fundador, e ainda alli se vê uma larga porta, no gosto das do lado do sul, que decerto era a entrada principal do edificio.

De mais a mais, esta porta é muito maior do que as do sul, o que mais convence que estas eram das trazeiras, que deitavam para o Tejo, que já disse chegava até a ellas. Esta porta da rua do Almargem é a unica que ha d'este lado; o resto é um muro d'uns 3 metros d'alto.

Não é ponto incontestavelmente resolvido se n'esta casa houve em tempo algum, diamantes a rematar os *bicos*. Parece mais provavel que se lhe desse o nome de *casa dos diamantes* (simultaneamente com o de *casa dos bicos*) em razão da configuração, em fórma de diamante foceado, que teem as pedras da sua parede. É verdade que alguns dizem que, por morte do fundador, entrando os taes diamantes em partilha, cada coherdeiro levou os seus; mas o que tambem é certo, é que em todos os documentos concernentes a esta casa singular, se lhe dá o nome de casa dos bicos, e nunca dos diamantes.

O fundador era rico e orgulhoso: talvez que durante a edificação dissesse que em cada ponta das pedras havia de cravar um diamante, e que isso desse causa a chamar-se casa dos diamantes.

—

Teve Affonso d'Albuquerque, filho, algumas desintiligencias com D. João III, mas parece que eram de pouca monta, pois este monarcha o fez seu vedor da fazenda, cargo em que foi diligente e desinteressado. O rei lhe dera este emprego por conhecer que era um varão dotado de muita prudencia, alcançada com a lição dos livros, e com a diuturna pratica da administração dos negocios do municipio.

Durante a peste de 1569, nunca sahiu de Lisboa. Já então não era vedor da fazenda, por ter fallecido D. João III, mas era ainda (e foi mais 11 annos) presidente da camara e como tal fez assignalados serviços ao povo de Lisboa, em tão triste conjunctura; applicando todos os meios possiveis para evitar os damnos, que causava o flagelo, que devorava muitos milhares de pessoas devendo-se á sua vigilancia o total exterminio de tão medonha calamidade. (Vide Lisboa, no anno de 1569.)

O rei e a côrte tinham fugido para Evora; mas Albuquerque, apesar de ter quasi 70 annos, não fugiu do pôsto d'honra que o seu emprego de chefe do municipio e de verdadeiro portuguez, lhe assignavam.

—

Por hir já bastante longo este artigo, e termos ainda mais que tratar da célebre casa dos bicos, não dou aqui, na sua integra, a copia da *manda* do fundador d'esta casa. Direi apenas em resumo.

Tomou para jasigos dos ossos de seu pae, seus, de sua mulher e de sua filha, a capella-mór da egreja de Nossa Senhora da Graça (convento d'agostinhos, ou gracianos) mas, tendo feito contrato com os frades, dando-lhes algumas fazendas, sob certas condições. Os frades receberam os bens, mas não cumpriram as obrigações. Vendo Albuquerque que, se os frades faltavam em sua vida, peor fariam depois da sua morte (d'elle) como expressamente diz na manda — deter-

mina que — «*sendo caso que antes da minha morte, não tenha mandado as ossadas de meu pae, mulher e filha, á egreja de S. Simão, que mandei fazer. á minha custa em Azeitão; que logo as façam mudar para a dita egreja, conforme a declaração do livro que disso tenho feito, por B.or* (Belchior) *da Matta. E porque trago demanda com os ditos padres, sobre lhes largar a dita capella, declaro, para descargo da minha consciencia, e para tirar duvidas, que a marinha d'Alhos Vedros e os Moios da Gollegan, com a quinta do Meloal, que tenho no Lavradio, tudo juntamente me deixou minha tia, D. Isabel d'Albuquerque, unidoe vinculado em morgado, com obrigação de dar cada anno, uma pipa de vinho aos padres de S. Francisco de Enxobregas. etc.....*

—

Segundo as mais exactas indagações dos nossos antiquarios d'este seculo, os frades gracianos, não só deixaram de cumprir as obrigações contrahidas com o filho de Affonso d'Albuquerque; mas, para maior escandalo, e em desfôrra de elle lhes mover por isto, justa demanda, tiraram os ossos do grande Albuquerdue do seu jazigo na capella-mór da egreja, arremeçando-os a uma cova da communidade; de modo que não se tem podido saber com certeza onde param as cinzas d'este varão um dos maiores heroes que Portugal tem produzido.

Na palavra *Paraízo* (quinta do) vem a biographia de Affonso de Albuqerque (pae) e alli se verá que este grande vulto do seculo XVI, não só foi perseguido pelos invejosos cobardes, em quanto vivo; mas ainda, e por varias vezes depois de morto, pretendendo infamar-lhe a memoria e aniquilar-lhe os ossos carcomidos.

Remetto pois o leitor para a palavra *Paraizo.*

—

Se Affonso d'Albuquerque, filho, não conquistou reinos na Asia, se não fundou cidades e fortalezas na India, se não fez temido e respeitado o nome do seu rei e da sua patria, se não fez tremular ovante a sagrada bandeira das Quinas, nos mares do Indostão, da Persia, do estreito de Bab-el-Mandel, de Malaca, do Japão, de Sião, e em todos os mares do Oriente; se não imitou isto a seu pae — é certo que foi um leal portuguez, um extremado catholico, um cidadão benemerito, um escriptor elegante, um magistrado solicito e honradissimo, e um coração caridoso: qualidades que de certo egualam, senão excedem, o valor e as grandes conquistas. Virtuoso como seu pae, na sna vida impoluta, imitou-o na sorte depois da morte; pois tambem se ignora onde param suas cinzas venerandas.

Foi este inclito varão que, como já disse, fundou a egreja de S. Simão, proximo á sua quinta do *Paraizo*, instituindo-a em cabeça do vinculo da casa dos bicos, no anno de 1578.

Não a destinou sómente para seu jazigo e de seu pae, mulher e filha, quiz tambem que ella fosse a capella de um estabelecimento de caridade.

Diz uma *verba* do seu testamento e de sua mulher — «Ordenamos e instituimos um hos-«pital, *de hoje para sempre*, na egreeja do «bem aventurado S. Simão, que está junto «á nossa quinta d'Azeitão, para n'elle se aga-«zalharem pobres caminhantes de Jesus «Christo, pelo modo, maneira e condicções «abaixo declaradas.

«Primeiramente mandamos, que no dito «hospital haja para sempre cinco camas, em «louvor das cinco chagas de Nosso Senhor «Jesus Christo, e cada uma terá um estrado «de páo, para se não gastar com a humida-«de, e um enxergão de palha e duas cobbertas «de almáfega, e uma manta do Alemtejo, e «um travesseiro da mesma almáfega, e um de «lan, tamanho como a cama: as quaes ca-«mas serão tamanhas, que possam caber «duas pessoas; e serão reformadas todos os «annos, e concertadas de todo o necessario, «melhorando e não piorando.

«Ordenamos e mandamos que no dito hos-«pital se recolham todos os pobres caminhan-«tes, de qualquer qualidade e condição que «sejam, tres dias, do dia que entrarem por «diante, e mais não. Aos que vierem doen-«tes, se poderão agasalhar cinco dias.

«E pedimos muito, pelo amor de Nosso

«Senhor, a todos os administradores do dito «hospital, que pelo tempo forem sendo pre«sentes na dita quinta, prôvam estes doen«tes de algumas cousas necessarias para a «sua enfermidade, por sua vontade e sem «obrigação.

«E ordenamos, que a todo o pobre cami«nhante, que vier agasalhar-se no dito hos«pital, se lhe dê azeite para se alumiar to«da a noite e seis mezes de inverno, lhe da«rão lenha, para se aquentarem e enxuga«rem seus pobres vestidos: pedimos a todo «o pobre que neste hospital entrar, que por «alma nossa e pela de meu pae Affonso de «Albuquerque, reze cinco vezes a oração do «Padre Nosso e cinco Ave Marias, á honra «das cinco chagas que Nosso Senhor re«cebeu na arvore da Vera Cruz, pedindo«lhe mui ferverosamente que livre nossas al«mas do fogo do purgatorio e as leve á sua «santa gloria.

«E, para se cumprirem as ditas obriga«ções e encargos do dito hospital, de hoje «para todo o sempre, deixamos, vinculamos «e unimos a nossa quinta d'Azeitão, com seu «assento de casas, pomar, vinhas, cerrados, «fóros, havidos e por haver, assim e da ma«neira que nós os possuimos, e pela mesma «maneira vinculamos e unimos, *as nossas ca«sas que temos em Lisboa, ás Portas do Mar* «que partem com o doutor Luiz da Veiga e «com a mulher que foi de Ayres Tavares.

—

O nosso poeta classico o dr. Antonio Ferreira, contemporaneo e amigo do fundador da casa dos bicos, fez a este varão uma elegia, da qual copio o seguinte:

Affonso d'Albuquerque, por ti escripto,
Teu clarissimo pae, vive e florece;
De quem, com o nome, herdaste esse alto esprito.

Fizeste teus, os seus claros louvores,
Dando-lhe eterno assento entre a memoria,
Dos grandes capitães e imperadores.

E renovaste n'elle a antiga historia,
Do grande Macedonio, que parece
Mostrar inveja, d'esta nova gloria.

Testemunhas serão as reaes bandeiras
Que vencedor as viu o sol Oriente,
Lá nas praias do mar, mais derradeiras.

Da Persia e Arabia, a tributaria gente,
Viram do seu despojo as praias cheias
E do barbaro sangue a gran corrente.

Turvaram o Nylo, o Ganges e o Hydaspe as veias
Vendo altas fortalezas levantadas
E vencedor pendão entre as ameias.

De Mécca as portas, té então cerradas,
Temeram ver-se, não sómente abertas,
Mas do grande Albuquerque conquistadas.

Quantas ilhas e terras descobertas
Foram por elle ao mundo? Quantas minas,
D'ouro té alli a todos encobertas?

Quem mais gloriosas fez as reaes Quinas?
Quem o portuguez nome, mais famoso
Com mais victorias de memoria dignas?

Ousado capitão e venturoso,
Se a morte não cortára teus intentos,
Que fruito ainda nos deras tão formoso?

A ti se devem os altos fundamentos
Do oriental imperio, que ainda dura
Firme, entre tanto mar e tantos ventos.

Não pôde a inveja, a clara formosura
Escurecer da tua viva fama,
Por mais que contra ti se armasse dura.

Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
De seus bons capitães premios escuros,
E mortos os suspira, honra e adora.

Nunca, nunca, egualmente se guardara
Em vida os altos feitos: só na morte
Seu verdadeiro premio e honra acharam.

Louvou-se: agora espanta o peito forte
Do illustre pae a alta paciencia,
Que em tudo lhe deu tão ditosa sorte.

Espanta a ousadia com a prudencia,
Que juntas n'elle egualmente venciam,
A constancia, a justiça, a continencia.

Desprezando as intrigas que impediam
O nosso bem; tudo venceu, soffrendo.
Que premios a este Fabio se deviam?

Quanto suou, quanto soffreu, vivendo,
Tu lh'o pagaste agora, filho digno
De tal pae, que immortal foste fazendo.

Não está a honra no sepulchro erguido;
Mausoleus aos mortos não dão vida.
Que emfim, tudo com o tempo é consumido.

—

Terminemos com a *casa dos bicos*.

Em 1827 foi posta em praça pela fazenda publica, por estar penhorada pela quantia de 14:800$000 réis, que o proprietario devia de decimas por este e outros predios seus.

Era inquilino o rico e honrado negociante de bacalhau, Caetano Lopes da Silva, pae dos actuaes locatarios, tambem negociantes de bacalhau.

Em 1838, Francisco Antonio Marques Giraldes Barba, tutor do menor Pedro Telles de Mello, successor do antigo senhor d'esta casa, citou o arrematante, para lh'a restituir, com o fundamento de que sendo vinculada, não podia ser vendida, embora com execução fiscal.

Caetano Lopes, homem honrado e inimigo de demandas, e reconhecendo por conselho de letrados, que a casa fôra illegalmente posta em praça, confessou a acção, e fez ao senhorio um arrendamento a longo praso, pelo aluguer annual de 500$000 réis.

Podia demandar a fazenda nacional pelos 14:800$000 réis e siza; mas sabendo o que são demandas com o estado, nem elle, nem seus filhos se atreveram a tentar a acção, preferindo perder tamanha quantia.

—

E' hoje proprietario da casa dos bicos o sr. Pedro Maria Telles de Mello Malheiros Brito Freire e Albuquerque.

Os bens de Affonso de Albuquerque e de sua mulher pasaram para os marquezes de Pombal (por successão da casa de Sarzedas) condes de Peniche (hoje marquezes d'Angeja) condes de Mesquitella e Pedro de Mello. A este coube a *casa dos bicos*.

—

Ha tambem uma tradição, segundo a qual consta que na familia dos Albuquerques se entroncára um magistrado, de appellido *Baealhau*, filho de um commerciante de bacalhau, e que é por isso que a *casa dos bicos*, desde muito antes do terramoto até á actualidade, tem servido de armazem de bacalhau.

Que por este mesmo motivo se mudou o nome á quinta do Paraizo, em Azeitão, chamando-se *da Bacalhôa*. (1)

Não ha documento algum que nos induza a negar ou confirmar esta tradição do *Bacalhau*.

A *casa dos bicos* passou para a casa dos Mellos—onde se conserva—por casamento, ou por herança—visto que os seus actuaes possuidores são ainda Albuquerques, e não podia passar para *arvore estranha*, até ás leis de 30 de julho de 1860, e 19 de maio de 1862, que destruiram esse *roubo illegal*, essa intoleravel anomalia, chamada *vinculos*.

Antes do terramoto de 1755, andou esta casa arrendada a um inglez, negociante de bacalhau, por 700$000 réis.

Já disse que a antiga frente da casa dos bicos era para a rua que tomou o nome do fundador da casa (Albuquerque) e as trazeiras para a praia do Tejo. Depois do terramoto, *virou a frente á rectaguardda*, ficando (como está actualmente) com a frente para a *rua dos Bacalhoeiros* e as trazeiras para a *rua do Almargem*.

Proximo ás trazeiras da *casa dos bicos*,

(1) Apesar de ir contra a opinião de escriptores muito mais competentes do que eu, estou persuadido que ha engano em chamar-se quinta do *Paraizo* á de Azeitão, e que esta, (qualquer que fosse o motivo) se chamava, já desde Affonso d'Albuquerque, filho, ou mesmo que fosse depois, *quinnta da Bacalhôa*.

A confusão, quanto a mim, está em que o pae do segundo Affonso possuiu a *quinnta do Paraizo* (onde nasceu, em 1453) que e seus descendentes herdaram. Mas esta quinta é ao N. do Tejo, entre Alhandra e Villa Franca de Xira—e a da *Bacalhôa* é ao S. do Tejo, e proxima de Azeitão.

ha uma travessa, que vae ter à rua de S. João da Praça, ainda chamada *Bêcco do Albuquerque.*

A leste da *casa dos bicos* fica o Arco da Conceição, e ao O. (entre a rua do Almargem e a das Canastras) ainda existe a porta chamada agora *Arco das Portas do Mar* e em frente d'elle, hindo ter ás Cruzes da Sé, as *Escadinhas das Portas do Mar.*

Casa de Vasco da Gama

Este edificio ficava quasi no alto do monte de S. Roque, em parte encostada á muralha da cidade, para o lado de dentro, e proximo da *porta do Condestavel.* Era vasto e tinha uma extensa e alta frontaria, com muitas e grandes janellas de sacada, no andar nobre, e muitos e amplos aposentos.

Ainda existe parte d'este edificio. No meiado do seculo passado morou n'elle, e ahi morreu (1754) o 1.º patriarcha de Lisboa, D. Thomaz d'Almeida.

O terramoto de 1755 o arruinou bastante, não se reparando, pelo que em 1840 foi demolida grande parte da fachada por ameaçar ruina. O resto ainda habitado existe no alto da calçada do Duque, proximo do largo de S. Roque. Vide *largo de S. Roque,* onde se concluem todos os mais esclarecimentos com respeito a este edificio.

Para a biographia, genealogia e armas d'esta nobilissima familia, vide *Niza* e *Vidigueira.*

—

Varios monumentos antigos de Lisboa

Palacio dos marquezes d'Alegrete

A *porta da Mouraria,* ou como vulgarmente se diz—*arco do Marquez de Alegrete*—é uma das 46, que se abriam nas muralhas da circumvallação, mandadas construir pelo rei D. Fernando.

Chamou-se *porta da Mouraria,* por ficar na extremidade S. do bairro, que desde D. Affonso Henriques foi designado aos mouros, que quizeram ficar em Portugal depois da conquista de Lisboa.

Com o augmento da população da cidade se foi esta desenvolvendo para além das muralhas, sendo preciso para isso derrubar lanços inteiros d'ellas.

Pelos annos de 1670, os condes de Villar-Maior construiram um palacio, para sua residencia, edificando parte d'elle sobre a muralha e parte sobre o *arco da mouraria.*

Sendo Manuel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, elevado ao titulo de marquez de Alegrete, por D. Pedro II, em 1687, se principiou a denominar esta porta—*arco do marquez d'Alegrete,* e assim ficou, dando-se o mesmo nome (rua do Arco do Marquez d'Alegrete) á rua que desde o arco vae ao largo do Poço do Borratem.

Ainda existe a maior parte d'este palacio.

Passo do Boi Formoso

Entre o palacio do marquez d'Alegrete e a capella ou *Passo,* ainda está de pé um lanço da muralha de D. Fernando. É a esta capella que se dá o nome de *Passo do Boi Formoso,* hoje corrompido em *Bem-Formoso,* e este sitio, que é o canto do largo da Mouraria, é celebre nos annaes da historia portugueza. A inscripção que alli se vê nos muros, diz o seguinte:

O MUI: NOBRE: E: ALTO: REJ: DON: FERNANDO: DE: PORTUGAL: E: FYLHO: DO: MUI: NOBRE: REJ: DON: PEDRO: E: NETO DO MUI: NOBRE REJ: DON: AFONSO: OOLHANDO: COMO: A: MUI: NOBRE: SUA: CIDADE: DE: LISBOA: SEJA: HÚA: DAS: MAIS: NOBRES: CIDADES: QUE: HA: EM: TODALAS: PARTES: DO: MUNDO: E: COMO: ESA: CIDADE: A: MAIS: NOBRE: FOSE: FORA: DA CERCA: VELHA: QUE: SEUS: BISAVOOS: GUANHARON: AOS: MOROS: POREM: MANDO: FAZER: ESTA: CERCA: NOVA: E: FOI: COMENÇADA: ERA: DE: MIL E QUATRO CENTOS ONZE ANOS: (1373 J. C.) SE: ACABOU: EN: QUATRO: CENTOS TREZE ANOS: PER: SEU: MANDADO: FOI: DELA: REGEDOR: GOMES MARTINZ: DE: SETUVAL: Q: FOI: SEU: CAPITAN: EN: SEUS: REINOS: E: SEU: VASALO: E: OVIDOR: DA: SUA: CORTE: E: CORREGEDOR: POR: EL: NA: DITA: CIDADE: E: LOURENÇO: DURÃES: ESCRIVAN: DO: CONCELHO: E: JOHAN: FERNANDIZ: E: VASCO: BRAZ: MEESTRES: DO: DITO: MURO.

Foi este *Passo do Boi Formoso*, que deu o nome á rua que do largo da Mouraria vae ao largo do Intendente. Este nome degenerou depois em *rua do Paço do Bem Formoso* e actualmente em *rua do Bem Formoso*.

Palacio do marquez de Pombal

Este palacio, que Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro conde de Oeiras e primeiro marquez de Pombal, herdou de seus paes, é situado na rua Formosa, ao Bairro Alto. Ainda existe em bom estado, devido ás continuas reparações. Tem annexa uma boa quinta com seu jardim; e foi até ha pouco tempo residencia ordinaria dos actuaes srs. marquezes de Pombal. Agora estabeleceu-se alli a *Escola nacional*, e *Collegio infantil*.

O grande ministro de D. José I, nasceu n'este palacio, em 13 de maio de 1699. Foi baptisado na egreja das Mercês, matriz da freguezia (de que seu pae e avós, e depois elle, foram padroeiros) a 6 de junho do mesmo anno. Foi seu padrinho, seu avô paterno, Sebastião de Carvalho e Mello.—Morreu na villa do Pombal, a 8 de maio de 1782.

Para a sua genealogia, biographia e armas, vide *Pombal*.

Torre do Tombo

Como a descripção de Lisboa é extensissima (apesar de tratar de tudo resumidamente) vae a Torre do Tombo descripta em artigo especial, sob a palavra indicadora—*Torre do Tombo*.

Aqui limito-me a dizer, que o primeiro archivo d'este reino, a que se deu este nome, era no castello de S. Jorge. Foi destruido pelo terramoto. Hoje a Torre do Tombo é no *palacio das côrtes*, antigo convento de S. Bento.

Antigo palacio dos arcebispos de Lisboa

Já disse, no logar competente, que D. Affonso Henriques, quando vinha a Lisboa, habitava em umas casas junto á Sé e ao NE. d'ella.

Depois de haver um paço real proprio, foi aquella casa dada aos bispos de Lisboa, para sua residencia.

Não se sabe quando esta casa foi demolida, para em seu logar se edificarem os paços que depois se denominaram do *Arcebispo*. Ha porém fundadas conjecturas que levam a acreditar ter sido algum dos primeiros bispos de Lisboa, que succederam a D. Gilberto, nomeado por D. Affonso I, logo em 1147, e fallecido em 1166.

O terramoto de 1344 (outros dizem que foi o de 1356) destruiu a capella-mór da Sé, e estes paços. D. Affonso IV, que então reinava, mandou reedificar a capella-mór; e o paço episcopal foi tambem logo reconstruido pelo bispo de Lisboa, D. João Affonso de Brito, que o ampliou. Mais alguns terramotos succedidos nos seculos XIV até ao XVI, damnificaram mais ou menos este edificio, que foi logo reparado.

O cardeal D. Luiz de Sousa (que foi feito arcebispo de Lisboa em 1676, e que morreu em 1702) fez n'estes paços grandes obras de reedificação e accrescentamento, algumas das quaes ainda existem.

Este cardeal era filho de Diogo Lopes de Sousa, segundo conde de Miranda. Vivia com muito fausto e grandeza.

O terramoto de 1755, destruiu quasi tudo.

Ficava este palacio por detraz da capella-mór da Sé, e tinha tres fachadas exteriores. A principal era para o N., nas ruas do Arco do Limoeiro e do Barão, separada d'esta ultima rua pelo antigo bêcco (hoje escadinhas) *do Quebra Costas*.

> Digo antigo *bêcco*, porque, em vista da altura em que ficam as soleiras das duas portas de entrada que o paço tinha para este lado, me persuado que isto era antigamente um verdadeiro bêcco, tendo só entrada pela rua de S. João da Praça, e com dois lanços de escadas, um para a primeira porta (a do S.) e outro d'ahi á segunda, que está em nivel superior. Parece-me pois que não havia communicação com

a rua do Barão, e que esta só foi aberta posteriormente: talvez depois do terramoto de 1344, ou outro qualquer.

A fachada do N. pois, que fica em frente do Aljube, é onde tinha a entrada principal o edificio, e lá está ainda a grande porta (obra de D. Luiz de Sousa) que dá entrada para o *Pateo da Sé*, e onde está o corpo da guarda da mesma. Esta porta está hoje muito mais pequena, por se ter tapado parte d'ella em 1870, mas conhece-se perfeitamente a antiga, cuja cantaria se conservou.

Para este lado é que indisputavelmente era a frontaria do palacio; mas agora apenas tem um muro, e sobre elle a pequena residencia do sr. prior da Sé.

A fachada de L. deitava para as actuaes Escadinhas do Quebra Costas. Tinha para este lado duas grandes portas (como já disse) e quatro grandes janellas gothicas, que tudo está tapado, provavelmente do tempo da primeira reconstrucção. Todo o lanço que deita para este lado, que é de uma grande altura, sobretudo da parte do S., é incontestavelmente antiquissimo, e estou convencido de que pertence á primittiva construcção d'este edificio; á excepção de uma grande janélla, em arco, de volta inteira, que (além das quatro já referidas) ainda alli se vê, quasi toda entupida com pedra e cal. Esta janella é evidentemente muito mais moderna, e talvez pertença á epoca das reconstrucções de D. Luiz de Sousa.

Sobre este alto muro (que é todo de cantaria) e no angulo E. e S., se construiu já depois do terramoto de 1755, uma casa, que é a residencia do actual padre thesoureiro da Sé, o sr. José de Sousa Ferreira Guimarães, e outra contigua onde ha poucos dias (agosto de 1874) falleceu um conego da Sé e que ainda está habitada.

A fachada do S. deita quasi toda para as Cruzes da Sé, e só a extremidade que faz angulo com as Escadinhas do Quebra Costas é já na rua de S. João da Praça. Para este lado tambem tudo pertence á primittiva construcção. É de uma medonha altura, e um lanço das antigas muralhas da cidade. Para este lado está um grande arco e uma janella gothica, ambos da primeira construcção; mas por este lado nunca houve entrada para os paços.

O palacio mandado edificar pelo cardeal D. Luiz de Sousa, depois de concluido, foi por elle ornado com grande magnificencia. Viam-se alli alguns paineis de muito primor, obra de grandes pintores portuguezes e estrangeiros; e uma livraria, pela maior parte colligida por D. Luiz, que era uma das mais copiosas e ricas de Lisboa. Dizia-se que esta livraría era superior em quantidade e qualidade ás celebradas dos condes da Ericeira e do Vimieiro.

Tendo sido creado o seminario patriarchal, por bulla do papa Benedicto (ou Bento, que é o mesmo) XIV, em 1741, foi estabelecido este instituto, no palacio dos arcebispos, e aqui esteve 14 annos, até ser destruido pelo terramoto de 1755.

D. Thomaz d'Almeida, que foi o primeiro patriarcha de Lisboa, residiu primeiro no palacio de seus paes, os condes d'Avintes, no Campo de Santa Clara. Depois no palacio dos marquezes de Niza, ao cimo da Calçada do Duque, e proximo ao Largo de S. Roque (de que já fallei).

O palacio dos arcebispos (tanto o antigo como o reconstruido) communicavam interiormente com a Sé, pelos lados do N., S. e L. Hoje ainda existem estas tres communicações.

No vão do grande arco, da primittiva fabrica, no muro do sul (do lado das Cruzes da Sé e da rua de S. João da Praça) se foi aninhar uma familia, depois do terramoto de 1755, e lá existe ainda a casinha, de dois andares, propriedade dos successores do fundador.

Do lado de L. (Quebra Costas) tudo quanto existe n'esta fachada, é construcção do primeiro palacio dos bispos, e talvez mesmo dos paços de D. Affonso Henriques.

O palacio era em fórma de claustro, com um pateo lageado de pedra no centro, que ainda existe em bom estado. O corpo do S. (á excepção do angulo de L.) está reduzido a hortas.

No ambito que occupou o paço dos arcebispos ainda ha mais algumas casas de ha-

bitação e arrecadações. Por baixo d'estas casas, ha algumas capellas subterraneas.

Tambem aqui ha a casa dos dois corvos, que se conservam em memoria de S. Vicente, martyr, padroeiro de Lisboa.

A todo este informe e heterogenio amontoado de ruinas de diversas epocas se dá hoje o nome de *Pateo da Sé.*

No angulo NE. se vêem umas robustas paredes, que provam uma nova reconstrucção (principio d'ella) posterior ao terramoto. Não pude saber quem as mandou construir; mas é certo que ainda estão solidissimas e eram feitas com magnificencia.

Quando tratar da Sé, direi mais alguma cousa com respeito a este palacio.

Palacio dos marquezes do Lavradio

(A Santa Clara)

Os condes d'Avintes tinham o seu antigo palacio no Largo de Santa Clara. Era um edificio de acanhadas proporções, velho e em máu estado.

D. Luiz d'Almeida foi o primeiro conde d'Avintes, feito por D. Affonso VI, em 17 de fevereiro de 1664. Aqui residiu o primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz d'Almeida, filho dos segundos condes d'Avintes, por ainda não terem os patriarchas palacio proprio, pois o da Sé era dos arcebispos. [1]

Foi este patriarcha que depois mandou demolir o palacio onde nascera, e construir á sua custa o que ainda hoje existe, pelos annos de 1730.

(Em 1865 mandou a camara de Lisboa ajardinar o terreiro que fica em frente d'este palacio).

[1] Em 1716, reinando D. João V, foi a Sé de Lisboa dividida em *oriental*, governada por um arcebispo — e *occidental*, sendo o seu prelado elevado a patriarcha, pelo papa Clemente XI, n'esse mesmo anno. Esta divisão (as duas Sés) apenas durou 25 annos, pois que o papa Bento (ou Benedicto) XIV, supprimiu o arcebispado de Lisboa oriental, em 1741, a rogos do mesmo soberano que tinha solicitado a sua creação. Desde então ficaram unidas as duas Sés, sob o governo de um só prelado, como era antes de 1716.

D. Thomaz d'Almeida mandou fazer este palacio em vida de seu irmão D. Antonio d'Almeida Soares Portugal, segundo conde d'Avintes, feito marquez do Lavradio, por D. José I, em 17 de julho de 1725.

Para a genealogia e armas dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio, vide Avintes e Lavradio. Vide *Campo de Santa Clara.*

Cêrca mourisca

Das antigas muralhas que cercavam a Lisboa primittiva, no tempo dos arabes, apenas se vêem, além dos velhos muros do castello de S. Jorge, com as portas do *Moniz* e da *Traição*—os restos de uma torre e muralha, por detraz da egreja de S. Braz, ou, como é mais conhecida, de Santa Luzia—uma torre e um pedaço de muro, no largo de S. Raphael, em Alfama, e os seguintes arcos, que foram portas da cidade, de entre as 12 que havia na cêrca mourisca.

Arco Escuro, na rua dos Confeiteiros (era a *porta do mar*, antiga—Tambem se chama *postigo da rua das Canastras.* (Vide *Casa dos Bicos.*)

Arco de Jesus, em frente do Caes de Santarem. Era a *porta do mar, a S. João.*

Arco do Bêco das Môscas—junto ao chafariz de El-Rei. Era a *porta do Chafariz de El-Rei.*

Das outras sete portas da cêrca mourisca já não ha vestigios.

Eram estas—*Porta principal* do castello (depois chamado de S. Jorge)—*Porta de Alfófa—Porta do Ferro—Postigo do conde de Linhares—Porta de Alfama—Porta do Sol* e *Porta de D. Fradique.*

Esta cêrca principiava no castello, proximo da porta principal, que depois se chamou de S. Jorge—descia á *porta de Alfófa*, que era proximo da actual ermida de S. Chrispim, e d'ahi hia á Sé, defronte da qual ficava a *porta do ferro*, e d'esta á actual rua dos Confeiteiros (á *porta do mar*, antiga)—corria pelo Caes de Santarem, até á actual rua da Adiça—abrindo-se em todo este lanço de muralhas a porta do mar, a S. João.

O *postigo do Conde de Linhares*—a *porta*

do Chafariz de El-Rei (Arco do Bêco das Môscas) e a *porta de Alfama*, que fazia frente á egreja de S. Pedro, destruida pelo terramoto, existindo apenas a porta da egreja, que é hoje a de uma loja, na rua da Adiça, n.º 2.—D'aqui subia a muralha a S. Braz, ou Santa Luzia, junto á capella-mór da qual ficava a *Porta do Sol*, d'onde continuava até terminar no castello, junto do palacio de D. Fradique, e da *porta de D. Fradique*, que ainda ha pouco tempo se via (tapada) no lanço do muro do castello, que deita para o Chão da Feira.

Cêrca de D. Fernando

Já vimos quanto era pequena a área que a cêrca mourisca abrangia.

A população e os edificios, augmentando progressivamente em Lisboa, tinham ultrapassado o cinto de muralhas, e, por isso, havia mais habitações fóra do que dentro dos antigos muros.

Em vista d'isto, e querendo o rei D. Fernando que a cidade ficasse toda guardada por novos muros de circumvalação, mandou, em 1373, proceder a esta edificação.

Tinham estas novas muralhas o seu principio no castello de S. Jorge, junto ás *portas da Traição* (que deitam para o olival) por onde descia á *porta de S. Lourenço*, da qual existem ainda vestigios, junto da grande torre que está na *Costa do Castello*.—D'aqui proseguia pelo *Bêco do Carrasco* até ao sitio do *passo do Boi Formoso* [1] onde ficava a *Porta da Mouraria* (Arco do Marquez de Alegrete.) D'esta, continuava para a *Porta da Rua da Palma* (Rua Nova da Palma.) D'aqui subia pela *Calçada do Jogo da Péla*, no cimo da qual estava a *Porta do Jogo da Péla*, que, em razão de um nicho a Nossa Senhora da Graça, que alli posteriormente se collocou, se denominou *Arco da Graça*, até 1835, anno em que foi demolido. Ainda ha vestigios d'esta porta, nas casas com que entestava.

D'aqui corria o muro até á *Porta de Santa Anna*, na calçada do mesmo nome, abaixo do egreja de Nossa Senhora da Pena: descendo d'aqui para a *Porta de Santo Antão*, que era proximo da actual egreja de S. Luiz, na rua ainda por isso chamada das Portas de Santo Antão (officialmente rua de Santo Antão) entre esta egreja e a actual rua do Jardim do Regedor. D'aqui continuava a muralha até ás *Portas das Estribarias de El-Rei*, no sitio onde hoje é o largo de Camões, que, como já disse, era então occupado por um corpo do palacio dos Estáos. D'aqui subia ao largo de S. Roque, e ahi, correspondendo á calçada do Duque (onde ainda se vêem, de ambos os lados, lanços do muro antigo) ficava a *Porta do Condestavel*, que depois se veio a chamar *Postigo do Carmo*, e por fim *Arco de S. Roque*. Foi demolido em 1836.

Junto d'esta porta estava a célebre *Torre de Alvaro Paes*, que foi completamente destruida pelo terramoto de 1755. D'aqui marchava a muralha pela rua Nova da Trindade, onde existe ainda de pé uma parte d'ella —até ao proximo largo em que se abria a *Porta da Trindade*. D'ahi descia ao largo das Duas Egrejas, ficando ambas (as egrejas) da parte de fóra dos muros. Proximo d'estas egrejas ficavam as *Portas de Santa Catharina*, célebres pelo valor com que foram defendidas pelo mestre de Aviz (depois D. João I) á frente dos portuguezes, contra os castelhanos, que aqui atacaram em 28 de maio de 1384.

(Os castelhanos eram commandados pelo seu rei—D. João I—em pessoa. Cercaram Lisboa por terra e por mar, durando o assedio 5 mezes; mas disimados pela peste e pelo ferro dos portuguezes, tiveram de fugir para Torres Vedras e depois para Castella.)

D'esta porta só existem as duas estatuas de marmore que a coroavam, que eram Nossa Senhora do Loreto e Santa Catharina, e estão actualmente collocadas em nichos, na

[1] Quasi todos os escriptores dizem *Paço do Boi Formoso*. Não ha a minima tradição de que alli existisse um *paço;* mas sim, e ainda lá está, um *passo*, como vulgarmente se denominam as capellas da *Via Sacra*. Entendo pois que se deve escrever *passo* e não *paço*. Noto que isto não passa de uma, quanto a mim, bem fundada opinião.

frontaria da egreja de Nossa Senhora da Encarnação.

Das Portas de Santa Catharina seguia a muralha pela rua do Thesouro Velho, ficando quasi no fim d'ella, em frente do palacio dos duques de Bragança, estando quasi no fim d'esta rua, as *Portas do Duque de Bragança*; descendo d'aqui até as *Portas do Corpo Santo*, que primeiro se chamaram *Postigo do Cata que Faraz*, que existia proximo ao largo do mesmo nome; ficando um pouco mais adiante as *Portas dos Cobertos*, e perto d'estas as *Portas dos Cortes Reaes*, que eram contiguas ao palacio do Corte Real, que fôra dos marquezes de Castello Rodrigo e depois de 1640 encorporado nos bons da corôa, e occupára o sitio onde hoje estão as officinas do Arsenal da Marinha, parte da rua do Arsenal e do largo do Corpo Santo.

D'aqui corria pela beira do rio para o E. tendo a pouca distancia o *Postigo do Carvão*, e proximo d'este, já defronte dos Paços da Ribeira, que ficavam de fóra, as *Portas do Oura*, ou *Arco do Ouro*.

Seguiam-se as *Portas dos Armazens*—do *Arco das Pazes* e as *da Moeda*, sobre as quaes se edificaram posteriormente alguns quartos do paço da Ribeira. As primeiras ficavam no *Largo do Relogio* (largo do Pelourinho) — as segundas, davam sahida para o *Terreiro do Paço* (Praça do Commercio) por baixo do palacio real, no sitio onde hoje principia a rua do Arsenal.—As da Moeda ficavam tambem no Terreiro do Paço, onde onde agora desemboca a rua do Ouro.

Continuava a muralha pela *Rua Nova* (rua Nova de El-Rei, vulgarmente, *dos Capellistas*) e n'ella havia, communicando com o Terreiro do Paço, as portas seguintes: *Portas do Prego*, immediatas ás da Moéda—*Portas dos Barretes* ou *Arco do Açougue*—*Portas da Ribeira* e *Portas da Portagem*.

D'aqui proseguia a muralha até ás *Portas Novas do Mar*, que ainda existem com o nome de *Arco das Portas do Mar*, na rua dos Bacalhoeiros, tambem chamado *Postigo da rua das Canastras*, por estar entre a rua das Canastras e a do Almargem, e tendo na rectaguarda, entre as mesmas duas ruas, as Escadinhas das Portas do Mar, que vão subindo até ao largo da Sé.

Seguia a muralha para leste, sempre á beira do rio até ás *Portas da Judiaria*, que ainda existem com o nome de Arco da Conceição. Estas duas portas são na Rua dos Bacalhoeiros, uma á direita outra á esquerda da casa dos bicos.

Continuava a muralha na mesma direcção até ás *Portas do Terreiro*, hoje Arco do Rozario, defronte do Terreiro do Trigo, d'onde seguia, passando pelo Bêcco de Alfama, onde está um arco, que era o *Postigo de Alfama*, ou *das Alcaçarias e da Lavagem*, collocado entre os banhos que aqui ha, em frente do edificio do Terreiro do Trigo, e o tanque das lavadeiras.

D'este postigo, corria o muro por entre os chafarizes de *Dentro* e da *Praia*, ficando no meio de ambos a *Porta do Chafariz de Dentro*, até ao principio da calçada que vae da Fundição para o Paraizo, onde havia a *Porta da Polvora*, que era junto á cadeia da Gallé, e a ultima das do lado do rio.

Continuava o muro até proximo da ermida de Nossa Senhora da Bôa Nova, onde ainda ha vestigios de muralha e de um arco.

D'aqui subia á rua das Portas da Cruz, á qual deu o nome a porta que ahi houve, e que foi demolida em 1775, para por alli poder passar a estatua equestre de D. José I, feita na Fundição de Cima (ou de Santa Clara.)

D'esta porta, que era de architectura moderna, existe uma columna e parte do frontão do lado esquerdo, e uma inscripção, junto ao palacio do secretario de guerra, no fim d'esta calçada.

D'esta porta hia ter a muralha ao *Postigo do Arcebispo*, que é o a que agora se chama *Arco Pequeno*—hindo d'aqui em direitura ao muro da cêrca de S. Vicente de Fóra, abrindo se n'este lanço a *Porta de S. Vicente*, proximo ao actual Arco de S. Vicente, que se abriu em 1808, e serve de passadiço da cêrca para o mosteiro.

D'esta porta corria a muralha ao longo da cêrca de S. Vicente de Fóra, até ao largo da Graça, onde havia o *Postigo de Santo Agostinho*, depois chamado, *de Nossa Senho-*

ra da Graça. A maior parte d'este lanço de muro ainda existe dentro da quinta de S. Vicente, havendo ainda tambem bastantes vestigios da porta, entre a mesma quinta e o convento da Graça.

A muralha continuava d'aqui até ao principio do adro da egreja da Graça, ficando esta e todo o mosteiro, da parte de fóra.

No principio do Caracol da Graça, descia o muro ás *Portas de Santo André*, que é o grande arco da invocação d'este santo, unido ao palacio dos srs. condes da Figueira; e d'aqui hia terminar no castello.

Nas duas eêrcas (a mourisca e a de D. Fernando) havia 46 portas e 77 torres.

Da segunda, que tinha de circumferencia 7:000 passos, resta, além do que fica mencionado, um precioso padrão, que se póde vêr no pedaço da muralha onde está o Passo do Boi Formoso. Tem aqui uma inscripção que já fica copiada onde trato do Passo do Boi Formoso.

Castello de S. Jorge

Os romanos, sendo imperador Julio Cesar Augusto, construiram esta fortaleza, pelos annos 4000 (4 antes de Jesus Christo.)—Não me consta do estado d'isto durante o dominio gothico, alano e suevo.

Os arabes o reedificaram e ampliaram com varias construcções, durante o longo periodo de 430 annos da sua dominação em Lisboa.

Ainda existem aqui muitos vestigios e construcções mouriscas. Pertencem a esta, a cidadella, com a sua barbacan e varias torres, em uma das quaes ha uma cisterna. É a parte N. do castello. Em frente da cidadella ha um vasto terreiro, cercado pelo N. e E. de grossas muralhas arabes. É no lanço do N. que se abre a *Porta do Moniz*, junto de uma torre que a defendia. Sobre esta porta está mettido em um nicho, o busto, em marmore, de D. Martim Moniz, com a seguinte inscripção.

El-Rei D. Affonso Henriques mandou aqui collocar esta estatua e cabeça de pedra, em memoria da morte gloriosa que Dõ Martim Moniz, projenitor da familia dos Vasconcellos, recebeu n'esta porta, quando atravessando-se n'ela, franqueou aos seus a entrada, com que se ganhou aos mouros esta cidade, no anno de 1147.

João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor, seu decimo quarto neto, por varonia, fez aqui pôr esta inscripção, no anno de 1646.

Dentro da cidadella fica uma das entradas para os caminhos subterraneos, que, segundo o uso d'aquellas eras, e conforme a tradição, atravessavam o monte do castello, em diversas direcções.

Tambem alli era o alcaçar do alcaide mouro, que foi depois residencia do alcaide-mór portuguez e por fim paço real.

D. Affonso Henriques, conquistado o castello, lhe fez varios reparos. D. Diniz, pelos annos 1300, transformou o alcaçar mourisco em paço real. (Vide *Paço das Alcaçovas.*)

Foi porém D. João I o que fez mais importantes obras n'este castello, dando-lhe por padroeiro S. Jorge.

Além do que já fica declarado, existem ainda no castello mais duas torres mouriscas—uma chamada de *Ulysses* (porque a antiga tradição popular, attribuia a este undivago rei, a sua fundação.)

A outra se chamava *Albarran*, onde nos primeiros tempos da monarchia se guardavam os thesouros da corôa, e d'ella tinham as 3 chaves, um prelado da Sé, o prior do convento de S. Domingos, e o guardião do convento de S. Francisco.

(Para a significação da palavra *Albarran*, vide a pag. 48, col. 1.ª do vol. 1.º desta obra)

Foi n'esta torre que o rei D. Fernando instituiu o real archivo chamado *Torre do Tombo.*

O terramoto de 1755 destruiu todo o lado do S. do castello de S. Jorge, que, na reedificação perdeu a maior parte do gosto architetonico primitivo. Desde então se tem conservado no mesmo estado, tendo-se-lhe

apenas feito pequenos concertos e bastantes aformoseamentos.

Cêrca de D. João IV

Tendo a cidade de Lisboa estendido as suas ruas e edificios para fóra da cêrca de D. Fernando, e estando as muralhas e torres que este monarcha mandara construir em parte damnificadas pelo correr dos seculos, D. João IV que, por causa da successão, andou em todo o seu reinado em guerra com os castelhanos, que queriam de novo deitar as garras ao infeliz Portugal, para continuarem a impor-nos o seu durissimo jugo, e os seus roubos e atrocidades, não recuando ante a propinação do veneno e o punhal dos assassinos que assalariava—D. João IV, digo, emprehendeu reedificar os velhos muros que defendiam Lisboa, e construir mais algumas fortificações.

Principiou pois a obra com grande fervor, e não olhando ás enormes despezas que ella exegia; mas apenas pôde chegar a executar-se o plano por metade.

Os vestigios que nos restam d'esta obra, que seria importantissima, se chegasse a concluir-se, são, entre outros:

O forte do Sacramento, em Alcantara, hoje abandonado.

O forte da Cruz da Pedra, proximo da Madre de Deus, que fechava a linha sobre o Tejo, e que hoje está convertido em armazem da companhia do caminho de ferro do Norte e Lêste.

O forte do Livramento, contiguo ao largo das Necessidades, desarmado, mas ainda bem conservado.

O forte de Campolide, sobranceiro á quinta de Palha-Van, e que se não chegou a concluir. *Um grande lanço d'alta muralha ameiada*, que vinha ligar-se com o forte da Cruz da Pedra, que hoje serve de muro da quinta do sr. conde S. Vicente.

—

Antiguidades phenicias, ou lusitanas, romanas e árabes

Apesar da incontestavel e remotissima antiguidade de Lisboa, mui poucos são os munumentos que ainda existem d'éras passadas.

Nada ha em Lisboa que se possa atribuir aos primeiros lusitanos ou aos phenicios, a não serem as duas estatuas de guerreiros, que estão no jardim botanico da Ajuda; mas essas não pertencem a esta cidade, pois foramachadas proximo de Montalegre. (Vide *Ajuda* e *Lesenho*.

Da Olyssipo (depois *Felicitas Julia)* dos romanos, quasi todos os padrões foram destruidos; talvez no seculo V, e seguintes, pelos barbaros do Norte. O que existe, tem sido desenterrado em diversas épocas.

No fim do seculo XVIII, reinando D. Maria I, se achou um theatro, junto á rua de S. Crispim. Em 1860, sob algumas ruas e predios da cidade baixa, se descobriram varios restos de Thermas.

Havia antes dos terramotos que por varias vezes destruiram grande parte da cidade, principalmente a baixa, muitos cippos, lapides e outros objectos, que os nossos antigos conservavam, embebendo-as nas paredes das egrejas, mosteiros ou casas particulares, apenas eram descobertas.

A maior parte d'estes monumentos desappareceram com o cataclismo de 1755.

Quando principiaram as reedificações se acharam algumas lapides das que tinham sido subvertidas, e outras novas, das quaes até então não havia noticia; mas a ingnorancia dos que as achavam e dos que dirigiam as obras, não dando a minima importancia e estas reliquias venerandas da antiguidade, as empregaram em alvenaria para paredes dos novos edificios.

D'uma lapide que existia no palacio dos duques de Bragança, ao Thesouro Velho, e que aqui mesmo tinha sido achada se colligia que no sitio onde se ostentou até 1755 o palacio ducal, fora o pretorio romano.

—

Mencionarei as mais notaveis lapides que existiam em Lisboa antes de 1755—são:

1.ª—Estava na parede da escada dos paços do castello, do lado direito. Foi sepulchral—tinha esta inscripção—

Q. HIRRIUS
M. F. GAL.
MA.
TERNUS H. S. E.

Quer dizer — *aqui jaz Quinto Hirrio Materno, filho de Marco, da tribu galeria.*

—

2.ª — Estava detraz da egreja de S. Thiago, junto ás portas das casas de D. Pedro Fernandes de Castro. Era uma grande pedra de marmore vermelho jaspeado. Foi memoria publica — A inscripção diz —

D. D.
L. CANTIO. L. F.
GAL. MARIN.
EDILI.
VIBIA MAXIMA
AVIAET
MARIA. PROCUL
MATER HONOR.
CONTENTAE.
D. S. P.

Quer dizer — *por decreto dos decuriões, Vabia Maxima Avia, mandou pôr esta estatua a Lucio Cancio Marino, edil, filho de Lucio da tribu galeria, sendo sua mãe, Maria Procula, contente d'esta honra.*

Sem o decreto dos decuriões, não se podiam levantar memorias publicas, a pessoa particular, e quando se obtinha era só aos mais benemeritos da *republica* romana.

3.ª — estava no jardim de D. Maria da Silva, junto á egreja dos Anjos — Inscripção—

D. M.
CORNELIA GAMIC.
ANN XXV.
ET. CORNELIVS
VICTORINVS AN. XV.
ERATRI, ET SORORI.
F. S. S.
M. AVRELIO. M. F. GAL.
MARINO.
HEREDES EX TEXTAMENTO.
6.

Quer dizer — *Memoria consagrada aos deuses do inferno. Cornelia Gamicia, de edade de 25 annos, e Cornelio Victorino, de 15, estão aqui sepultados. Os herdeiros ordenaram em seu testamento se posesse esta sepultura a ambos os irmãos, e a Marco Aurelio Marino, filho de Marco, da tribu galeria.*

—

4.ª — Estava no jardim de D. Francisco. chamado *jardim d'El-Rei*, junto a Santos — inscripção.

L. VALERIVS. GAL.
SEVÈRVS. AN. L.
H. S. E. ST. T. L. FILI
PATRIP. C. ST
Q. CERTORIVS
CALVVS. AT. FINIS

Quer dizer — *Lucio Valerio Severo, da tribu galeria, de 50 annos de edade, aqui jaz Seja lhe a terra leve. Os filhos e Quinto Sertorio Calvo e parentes mandaram pôr esta sepultura a seu pae e parente.*

—

4.ª — estava na porta d'Alfofa — diz:

M. TARQVINIVS
M. F. GAL. MAX.
V. M. V. S. H. S. T.

Quer dizer — *Marco Tarquinio Maximo filho de Marco, de tribu galeria, aqui jaz.*

—

5.ª — estava do lado de fóra da egeja da Magdalena, junto á parede da capella-mór. Esteve primeiramente na parede das casas velhas de Heitor Mendes. Era sepulchral, e foi achada com uma urna cineraria, no tempo do rei D. Manuel, que mandou deitar ao mar as cinzas — diz —

CVRIA, SEX. FE
NDANA. H. S. E.
TREBONIVS
TVSCVS. VIR. ET.
AMOENA. M.
D. S. F. C.

Quer dizer — *Curia Sexta Fendana, está aqui sepultada. Trebonio Tusco, seu marido e Amena, sua mãe lhe mandaram pôr, á sua custa, esta sepultura.*

—

6.ª — estava no palacio dos condes de Portalegre, edificados sobre os muros da cidade, do lado do rio, e foi achado (um cippo) por occasião de se derrubar este palacio, antes de 1755. Era todo lavrado em redor, de

folhagem, e junto a elle uma urna grossa de vidro, e quebrada, e entre algumas cinzas e carvões, muitas moedas, anneis, arrecadas, manilhas, etc, d'ouro e prata.

O pedrriro que achou este thèsouro e um lacaio do conde, que alli estava, desappareceram com tudo (menos com a pedra) e fugiram para o Minho, onde compraram propriedades e gados.

Soube este facto Valentim de Sá, cosmographo-mór do rei, e pôde ler e copiar esta inscripção, e a lapide lá foi para os alicerces do novo paço. Dizia assim:

D. M.
JULIA. MAX. UNICA.
FIL. M. ANN. XXX
H. S. E.
MAXIMA. MATER.
P. C. M. H. H. N. S.

Quer dizer — *Aos deuses dos defuntos, Julia Maxima, minha filha unica, de 30 annos aqui jaz. Sua mãe, Maxima, lhe fez pôr esta sepultura, em que se não hão-de enterrar os mais herdeiros.*

—

7.ª—estava em uma antiquissima torre, ao *Chafariz d'El-Rei*, dizia:

D. M.
RHODANI. MUIUBI.
TERENTIANI::::
ANN. IX.

Quer dizer: — *Aos deuses do inferno. Rodhano Muiubi Terenciano, de nove annos.*

—

8.ª—estava no castello de S. Jorge, dizia:

SEX. NUMISIUS. SEX. F.
PHILOCALUS. H. S. E.
SEX. NUMISIUS. NICEPHORUS.
ANN. XVIII. H. S. E.

Quer dizer — *Sexto Numisio Philocalo, filho de Sexto, aqui jaz. Sexto Numisio Nicephoro, de 18 annos de edade, aqui jaz.*

—

9.ª—estava no campo de Santa Clara, nas ruinas de uns edificios antiquissimos, junto ao rio (1). A pedra estava partida e só se podia ler.

GEMINIA MARCELI
MATER

(Geminia, mãe de Marcello)

—

10.ª—estava proxima á egreja de S. Nicolau, dizia:

D. M.
C. JULIUS C. F:::
:::CAES. CLEMEN.
H. S. E.

Quer dizer — *Caio Julio, filho de Caio, aqui jaz.*

Este Caio Julio era talvez algum empregado do imperador, pois lhe chama clemente.

—

11.ª—No paço das Alcaçovas (castello de S. Jorge) estava uma pedra (de jaspe roxo) a servir de degrau. Via-se que era parte de outra maior — dizia:

S. M. P. MYRTILUS
H. S. E.

Quer dizer—*Memoria consagrada aos deuses dos mortos—Publio Myrtilo, aqui jaz.*

—

12.ª—estava nos antigos paços dos duques de Bragança, ao thesouro velho—dizia:

D. M. S.
POSTHVMIO VICILIONI ANNO R.
XXV. POSTVMIVS FLORIA
NVS FRATI PIENTISSIMO.

Quer dizer—*Memoria consagrada aos deuses do inferno. Posthumio Floriano mandou pôr esta sepultura a Posthumio Vicilião, seu irmão piissimo, que morreu da edade de 25 annos.*

—

13.ª—estava em um dos baluartes do chafariz d'El-Rei, em Alfama — dizia:

(1) Antes do terramoto de 1755 o campo de Santa Clara chegava pelo S. até ao Tejo, mas este rio chegava antigamente quasi até ao palacio dos condes de Rezende, onde agora está o theatro de Alfama, ao fundo do Campo de Santa Clara.

Q. CASSIVS
CALVVS,
H. S. E.

Quer dizer—*Aqui jaz Quinto Cassio Calvo.*

—

14.ª—Por cima da porta travessa da Sé, em uma sepultura que está mettida em um arco, em uma pedra sepulchral—dizia:

D. M.
AFRA. L. AN. XXVI.
H. S. E.
VETIO MARITVS
P.

Quer dizer—*Memoria consagrada aos deuses do inferno. Aqui jaz Afra Lucia, de 26 annos de edade.*

—

15.ª—estava em frente das casas que foram do bailio de S. Braz. Só se póde ler:

Q. POMPEIVS Q.
FILIVS. H. S. E.

(Aqui jaz Quinto Pompeio, filho de Quinto.)

—

16.ª—Ao pé da cruz de S .Thiago—diz:

ASCLEPO
CLICINI
DECIMI.

(Asclepo Clicino Decimo.)

—

17.ª—Junto á *porta do ferro*, no primeiro degrau da escada que sóbe para Nossa Senhora da Consolação (Arco da Conceição) —diz:

AESCULAPIO
AUG.
SACRUM. CUL
TORES EARUM
.....MARI....S.
M... COS S....
.....NACRINUS
DONAVIT.

Faltam-lhe letras e palavras, para a completa traducção; apenas se póde ler que é ara dedicada a Esculapio (deus da medicina) por um tal Macrino; sendo consules d'esta cidade.....

18.ª—no *postigo do Arcebispo* (Arco Pequeno) encaixada no arco que fica sobre a porta. É o resto de uma lapide—só se lia:

VEGETA
FLAMINIO
M. G. FILIUS.

(*Marco Gallo*—ou *Galerio*—*dedicou a seu pae, sacerdote.)*

—

19.ª—junto ao adro da egreja de S. Mamede—dizia:

CONCORDIAE
SACRUM
M. BEBIVS. M. F.
M. M. FIL
IV L. DAT.

(Dedicada á deusa da concordia por Marco Bebio, filho de Marco; com licença do governo de Lisboa.)

—

20.ª—no alpendre da egreja de S. Nicolau—dizia:

IN MEMO.
ARRIE AVITAE
MATRI. QVINTVS
CASSIVS ARRIANVS.

(*Á memoria de Arria Avita, sua mãe, dedicou Quinto Cassio Arriano.)*

—

21.ª—Esta inscripçeo é a mais notavel de todas, pois confirma que houve em Lisboa um templo consagrado á deusa *Thetis.*

Andando a reedificar-se a antiquissima egreja de S. Nicolau (pelos annos de 1745) nas suas ruinas appareceu uma lapide, que os pedreiros atiraram para os alicerces da nova egreja; mas passando casualmente então por alli o licenciado João Baptista Grafião, auditor da armada real, copiou a inscripção, que dizia:

DIS MARIS SAC.
NAVTAE. ET. REMIG.
OCEA.....NVS
IN TEMPL. TETH.....
..... OBTVLE
RVNT. PRO. TVENDIS
.....
E. V. D. D.

Adivinhando as letras que faltam, quer dizer:—*Aos deuses do mar dedicaram esta memoria os marinheiros e barqueiros do Oceano, a qual collocaram no templo de Thetis, por voto que haviam feito; para que lhes livrem as suas embarcações dos temporaes.*

Os deuses do mar, invocados n'esta inscripção, eram, além de Thetis, Neptuno, Palemon, Peneo, Salacia, *et reliqua.*

—

22.ª—esteve na egreja de S. Thiago—diz:

DIVO AVGVSTO.
C. ARRIVS OPTATVS
C. IVLIVS EVTICHVS
AVGVSTALES.

(Cayo Arrio Optato e Cayo Julio Euticho, sacerdotes d'Augusto, dedicaram esta memoria á sua divindade.

—

23.ª—estava fóra da *porta do Sol*, junto a uma janella das casas do prior de S. Thiago. Apenas se podia ler:

MERCVRIO. AVG.
SACRVM. C. IVLIVS
.....
...GVSTALIS. D. D.

(Cayo Julio, sacerdote augusto, dedica esta ara ao deus Mercurio.)

—

24.ª—estava na *porta d'Alfofa*—dizia:

QVADRATVS. LEG. AVG. PR. PR.

(Quadrato, legado d'Augusto, pro-pretor).

—

25.ª—estava na antiquissima egreja de S. Thomé, e quando esta se reconstruiu, a partiram para alvenaria. Era de marmore vermelho, jaspeado. Dizia (o que se podia ler em 1750):

::: CLAVDIO D:: VI:::::
::: CLAVDI. F. SARMAT::::::::
:::::SARMAT:::::
:::DIVI. AVG. ABN:::
.....
.....

Esta inscripção, na qual, além de muitas letras, lhe falta o principio e o final, mostra apenas que era resto de uma memoria, dedicada ao imperador Claudio, filho do divino Claudio Sarmatico; e pelas letras da ultima linha (que querem dizer—*bisneto do divo Augusto*) póde colligir-se que diziam as antecedentes—*neto do divino Tyberio Sarmatico*—que foi o primeiro imperador que tomou similhante titulo, por ter subjugado os sarmatas.

—

26.ª—estava na cêrca do convento de S. Vicente de Fóra—dizia:

D. M.
Q. FABI. F. ESTIVI.
AN. XL. ET
Q. FABI. EVELPISII. FRATR.
AN. XXX. SIIIS. URBE. ITALI.
Q. FABIUS. ZOZIMUS. PRAE.

(Aos deuses dos morots, consagram esta memoria. Quinto Fabio Zozimo, governador, fez pôr esta sepultura a Quinto Fabio, filho de Estivo, que morreu da edade de 40 annos — e a Quinto Fabio, irmão de Evelpicio cidadão da cidade de Italia. (Cidade junto a Sevilha—Andaluzia — e da qual foram naturaes os melhores imperadores romanos.)

—

27.ª—foi achada nos alicerces de uma antiga parede, nas obras de S. Vicente de Fóra. O prior d'então a deu a Fernão Telles de Menezes, que a levou para o seu jardim — dizia:

IMP. CAESARI. VESPASEANO.
AUG. PONT. MAX. TRIB. PO:::
IIII. IMP. X. PP. CON. IIII. DIC::::::
V. CENSORI. DESIGN. ANN. IIII.
IMPERII. EIVS. FELICITAS. IV.

(A cidade de Lisboa, chamada Felicidade Julia, dedicou esta memoria ao imperador Cesar Vespasiano Augusto, pontifice maximo, quatro vezes tribuno do povo, dez vezes capitão general, 4.ª vez consul, pae da patria, cinco vezes dictador, eleito para censor no 4.º anno do seu imperio.)

—

28.ª—estava na esquina do bêco do Bugio (á rua da Saudade) abaixo da antiga egreja de S. Martinho. Era o pedestal de uma estatua, e dizia:

SABINE AUG.
IMP. CAES. TRAIANI.
HADRIANI. AUGUSTI.
DIVI. NERV. AENEPOTI.
DIVI. TRAIANI. DAC.
FIL. D.D. FELICITAS.
IULIA. OLISIPO.
PER.
M. GELLIVM. RVTILI.
ANVM. ET IVLIVUM.
AVITVM. VERVM.

(A cidade de Lisboa, chamada por outro nome, Felicidade Julia, levantou esta estatua a Sabina Augusta, mulher do imperador Cesar Trajano Hadriano Augusto, neto do divino Nerva, e filho do divino Trajano; vencedorde Dacia. Esta dedicação lhe foi feita por Marco Gellio Rutiliano, e por Julio Avito Vero.)

—

29.ª—era o pedestal de uma estatua, e estava na parede de umas casas, que existiam antes de 1755, indo do *Terreiro dos Martines* para as Pedras Negras, defronte da *travessa que ia da Fancaria*. Dizia:

IMP. CAES. IMPER.
M. AVREL. F. ANTONIN.
AUG. DIV. pii. NEP. DIVI.
HAD. PRON. DIVI.
TRAI. PARTHIC. ABNEP.
L. AVRELIO. COMMODO.
AUG. GERMAN. SARM.
FEL. IVL. OLIS. PER. Q.
COELI.
VM. CASSIANVM. ET.
M. FABRI
VM. TVSCVM IIII. VIR.

(A cidade de Lisboa, tambem chamada Felicidade Julia, dedicou esta memoria ao imperadar Cesar Lucio Aurelio Commodo, Augusto, germanico, sarmatico; filho do imperador Marco Aurelio, neto de Antonino Augusto, divino, pio; bisneto de divino Adriano; tresneto do divino Trajano, parthico. Fizeram esta dedicação, Quinto Celio Cassiano e Marco Fabrio Tusco, 4.º varão do governo.)

—

30.ª—estava no baluarte, junto ao chafariz de El-Rei—diz:

IMP. CAES. M. JU-
LIO. PHILIPPO.
PIO. FEL. AUG.
PONT. MAX.
TRIB. POT. II.
P. P. CON. CON. III.
FEL. JUL. OLISI-
PO.

(A cidade de Lisboa, chamada Felicidade Julia, dedicou esta memoria ao imperador Cesar Marco Julio Philippe, pio, venturoso, augusto pontifice maximo; tendo o poder tribunicio pela segunda vez, e sendo consul a terceira, e pae da patria.)

Este imperador, era de uma ignobil tribu arabe. Aspirando ao imperio romano, assassinou o imperador Gordiano, sendo eleito em seu logar, no anno 247 de Jesus Christo.—Depois, *cahindo em si*, e movido pela prégação de S. Poncio, martyr, abraçou o christianismo, com seu filho Philippe.)

Suppõe-se que esta memoria foi levantada a Philippe, no anno 249, já depois d'elle ser christão; porque foi no anno do seu terceiro consulado (que é o 249) e porque já se lhe não dá o titulo blasfemo de *divino*, como se usava com os imperadores idolatras.

Os dois Philippes, pae e filho, são reputados martyres do christianismo, pois que morreram ás mãos do feroz Décio, em ódio da fé. Ao pae, assassinou em Verona, estando a sua victima a dormir; e ao filho, aleivosamente em Roma.

Estes dois cobardissimos assassinatos tiveram logar no anno 252 de Jesus Christo.

—

Muitas mais inscripções romanas teem apparecido em Lisboa, que não copio—não só para evitar o enfado do leitor, como porque são de menor importancia—já por estarem

mutiladas, já porque estando quasi apagadas, é impossivel a traducção, o que nos não daria a menor luz, para o conhecimento da época da dominação romana em Portugal.

—

Limitar-me-hei a mencionar uma que ainda existe, no predio que tem frente para o largo da Magdalena e para a travessa do Almada—diz:

L. CAECILIO. L. F. CELERI.
RECT.° QUAEST. PROVINC. BAET.
TRIB. PLEB. PRAETORI. FEL. JUL.
OLISIPO.

A cidade de Lisboa, tambem chamada Felicidade Julia, dedica esta memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celerio, questor rectissimo da provincia da Bética, tribuno da plebe e pretor.)

Esta lapide foi achada em 1749.

—

Obras feitas por o rei D. Manuel

Ne reinado de D. Manuel chegou Portugal a um a'to grau de prosperidade e a um grande desenvolvimento, sobre tudo em Lisboa. Os grandes valores importados, pelas conquistas no Oriente e na America; o tributo de muitos reis da Asia; os immensos lucros que o commercio portuguez auferia com o exclusivo da navegação por aquellas paragens; e, digamos tambem, as inauditas extorsões praticadas por muitos dos nossos governadores das differentes praças de além do Cabo da Boa Esperança (que, *em vez de hirem conquistar, hiam negociar e... roubar*) acarretaram ao reino, a riqueza e a sumptuosidade oriental.

Deve porém confessar-se que esse luxo fez desenvolver muito as artes e o bom gosto, e que nem tudo se gastava em orgias e inutilidades.

D. Manuel dispendeu grandes sommas em monumentos, quasi todos de utilidade publica; e se alguns eram despensaweis, ao menos servem de recordar aos portuguezes e estrangeiros, o que Lisboa era já ha 300 annos.

Darei aqui em resumo as obras effectuadas em Lisboa pelo rei *venturoso*. São:

1.ª—*O magestoso templo e mosteiro do Rastello*, da Ordem de S. Jeronymo, em Belem.

2.ª—*A torre de S. Vicente de Belem.*

3.ª—*O Terreiro do Paço*, que era tudo praia, e o fez com grande trabalho e despeza, tirando parte d'elle ao Tejo.

4.ª—*O Caes da Pedra*, com passeios de cantaria em redor.

5.ª—*A alfandega nova.*

6.ª—*A casa da India e Mina.*

7.ª—*Os paços da Ribeira.*

8.ª—*O arsenal real do exercito*, que proveu de grande numero de armas, para cavallaria, infanteria e artilheria, e de muitos petrechos de guerra.

9.ª—*As tercênas*, ás portas da Cruz, para casa de polvora e fundição de artilheria.

10.ª—*A egreja e casa da Misericordia.*

11.ª—*A egreja parochial de S. Julião.*

12.ª—*As tercênas navaes*, a Cata-que-faraz.

13.ª—*O dormitorio do convento de S. Domingos.*

14.ª—*A reedificação da Conceição Velha*, para os freires de Christo.

15.ª—*A reedificação da cadeia do Limoeiro.*

16.ª—*O palacio das casas da supplicação e do civel*, junto á egreja de S. Martinho.

17.ª—*A real casa de Santo Antonio da Sé.*

18.ª—*Reedificação e ampliação do mosteiro de S. Francisco da cidade.*

19.ª—*A conducção, por encanamento, da agua do chafariz de Andaluz, ao Rocio.*

20.ª—*Restaurar o chafariz dos Cavallos.*

21.ª—*O chafariz de Catú-que-faraz.*

22.ª—*Mandou purificar todas as mesquitas* arabes que existiam ainda no seu tempo, transformando-as em templos catholicos.

23.ª—*Edificou a egreja e grande convento da Annunciada*, na Mouraria, em logar da mesquita que alli havia.

24.ª—*Concluiu e dotou o hospital de Todos os Santos*, no Rocio, que D. João II tinha principiado.

25.ª—*Mudou as escolas geraes* (universidade) dos antigos paços de D. Diniz, que estavam arruinados, para os do infante D.

Henrique, abaixo de Santa Marinha, reedificando-os completamente.

—

Além d'estas obras e de outras de menor importancia que mandou construir em Lisboa, fez tambem muitas obras por todo o reino, sendo as principaes:

O convento de Nossa Senhora da Serra, de frades dominicos, em Almeirim.

O aqueducto da villa dos Arcos de Valle de Vez.

O magnifico templo da matriz de Azurara.

O mosteiro de S. Jeronymo do Matto, em Alemquer.

O mosteiro de S. Francisco, de Santarem.

O mosteiro de S. Francisco, de Evora.

Os tumulos de D. Affonso Henriques e de seu filho, D. Sancho I, na egreja de Santa Cruz de Coimbra, e outras sumptuosas obras n'este mosteiro.

A capella-mór e o côro da egreja do mosteiro de Alcobaça, foi quasi tudo reedificado por elle.

Ampliou a egreja de Santa Maria do Olival, da ordem de Christo, em Thomar.

Reedificou a ponte de Olivença, sobre o Guadiana.

Enxugou os pantanos de Muge.

Construiu o célebre conventinho da Pena, na serra de Cintra.

A sumptuosa egreja de S. João Baptista, de Thomar.

A Sé d'Elvas.

A capella imperfeita, no mosteiro da Batalha, que destinava para seu jazigo e dos seus descendentes, antes de fundar o mosteiro dos Jeronymos, em Belem. (Aquella capella não se chegou a concluir, por isso se chama imperfeita.)

A sala dos escudos da nobreza do reino, no paço real de Cintra.

O mosteiro de jeronymos, das Berlengas.

O mosteiro de Santo Antonio, do Pinheiro.

O de S. Domingos, de Monte Mór Novo (Á construcção d'este tambem concorreu o povo com valiosas offertas.)

O mosteiro de Santa Clara, de Tavira.

O mosteiro de S. Francisco, em Serpa.

O mosteiro de freiras de S. Bento de Ave Maria, no Porto.

Havia no principio do XVI seculo muitos conventos de freiras benedictinas, nas provincias do Minho e Beira Alta, todos muito pequenos, e quasi todos pobres, o que fazia com que as religiosas não vivessem com a austeridade e recolhimento que a sua regra lhes impunha. O rei, com beneplacito do papa Leão X, supprimiu todos estes pequenos mosteiros, mandando as suas freiras para o vasto e sumptuoso convento benedictino do Porto, que havia construido, annexando a elle todos os edificios, foros, rendas e alfaias dos supprimidos.

A ponte nova de Coimbra, que este anno foi desfeita para se fazer a que (1874) anda em construcção.

A praça e chafariz de Beja.

O corpo da egreja, o côro, a claustra pequena e a chamada de lavor, a casa do capitulo e os ornatos exteriores, etc., do magnifico convento de Thomar, cabeça da Ordem de Christo. — Tambem fez as famosas cadeiras de madeira do Oriente, do côro da egreja, que as hordas de Massena queimaram em 1810.

O hospital da Misericordia de Coimbra, que dotou ricamente.

O hospital da Misericordia, de Beja.

O hospital da Misericordia, de Monte Mór Velho.

Reedificou o castello de Almeida.

Concluiu o aqueducto da cidade de Lagos.

Fez um deposito d'armas e de polvora, em Santarem.

Restaurou o castello de Alfaiates, que D. Diniz tinha reedificado. Este castello e a villa vieram (com outros mais) para Portugal, em dote da rainha Santa Isabel. Em quanto foi dos hespanhoes, se chamava *Castillo de Luna*. (Vide *Alfaiates*).

A egreja do castello d'Alcacer do Sal.

A magnifica egreja da villa de Caminha, no gosto da da Batalha. (Para esta obra tambem concorreu a camara e o povo da villa, com avultadas offertas.)

A fortaleza de Castello Bom.

Os muros de Campo Maior.

Os d'Olivença.

O túmulo de S. Pantaleão, martyr, na Sé do Porto.

O castello e paço d'Almeirim.

Estas obras são as de que ha noticia; mas é de suppor que fizesse muitas mais de que se não acham memorias, sem grande trabalho.

Além d'estas edificações no continente, fez D. Manuel outras muitas no ultramar, erigindo Sés, nas ilhas, e fortalezas na Africa e na Asia, as de Mazagão, Cochim, Cananor, Coulão, Quilôa, Sofala, Moçambique, Anchediva, Mombaça, Socotorá, Ormuz, Gôa, Dio, Pacem, Pedir, Calecut, Chaúl, Zeila, Maláca, Ternate, e outros castellos, egrejas, conventos e hospitaes, n'estas cidades.

Antiga Misericordia de Lisboa

Tendo fallecido o principe D. Affonso, filho dos reis catholicos, D. Fernando e D. Isabel, sem deixar irmão legitimo, ficou sendo herdeira de Castella, a rainha de Portugal, D. Isabel, mulher do rei D. Manuel. Estes marcham para a Hespanha, e são jurados principes herdeiros, em Toledo, a 28 de abril de 1498. [1]

O rei deixa a regencia de Portugal a sua irman, a caritativa rainha D. Leonor, viuva de D. João II.

Foi durante a regencia d'esta senhora, que a instancias do seu confessor, fr. Miguel Contreiras, frade trino, se instituiu a *confraria de Nossa Senhora da Misericordia*, no dia 15 de agosto de 1498.

Celebrou-se esta solemnidade, na capella de Nossa Senhora da Piedade, no claustro da Sé, e ainda alli se conserva com a antiga invocação popular de *Nossa Senhora da Terra Solta*. (Por ser terreo o pavimento d'esta capella.)

Esta piedosissima irmandade, era a expressão verdadeira da caridade christan. Dava ás donzellas bem comportadas, dotes para se casarem—ás viuvas pobres, amparo—aos orphãos abandonados, recolhimento e educação—aos enfermos desvalidos, casa e tratamento—aos peregrinos necessitados, acolheita e ajuda—aos captivos sem recursos, resgate e transporte para a patria—aos presos miseraveis, sustento nas cadeias, defeza nos tribunaes e supplicas aos pés do throno—aos *padecentes*, conforto religioso no oratorio e no transito para o patibulo—finalmente, aos que morriam na indigencia, orações e sepultura.

D. Manuel, no seu regresso ao reino, não só approvou esta santa instituição, mas, com o mais piedoso zelo, tratou de a propagar por todo o reino.

Decidiu fazer para esta instituição um edificio, tão vasto como a sua caridade, e tão magnifico como as suas aspirações.

Começou a obra, ampla e sumptuosa, como eram todas as d'este inclito monarcha; mas, por isso mesmo, não chegou a ver a sua conclusão o seu benemerito fundador; pois só se terminou em 1534, no reinado de seu filho, D. João III.

Foi a sua inauguração a 25 de março do dito anno; transferindo-se no mesmo dia a irmandade, do claustro da Sé, para a sua nova casa.

Depois do templo de Santa Maria de Belem, era o da Misericordia o maior e mais rico de Lisboa.

A porta principal olhava para O.—a capella-mór tinha a retaguarda voltada para E.—e a porta travessa, para o S.—As portas e janellas eram de formosa architectura gothica. Tinha vinte columnas, monolythicas, de marmore, altissimas e primorosamente lavradas—seis, dividindo a egreja em tres amplas naves, e quatorze, meio embebidas nas paredes, sustentavam a abobada, toda de pedra, com formosa laçaria, com artezões e floreados, alternando-se os emblemas da fé christan, com os de D. Manuel.

A capella-mór, era toda de riquissima talha dourada, de bellissima esculptura. Tinha duas capellas e dois altares no cruzeiro, tu-

[1] Tinham casado em outubro de 1497. A rainha de Portugal, morreu de parto, em Zaragoça, dando á luz o principe D. Miguel da Paz, herdeiro de Portugal e Hespanha, que ficou em Zaragoça, voltando D. Manuel ao reino. O principe morreu de pouca edade, e abortou uma das tentativas de *união iberica*, que foi o sonho dourado de alguns dos nossos reis.

do condizendo em magnificencia com a capella-mór.

No seu principio não teve capella ou altar no corpo da egreja; mas depois uma piedosa dama, chamada *D. Simôa*, mandou erigir uma formosa capella, do lado do evangelho, dedicada ao Espirito Santo, e a dotou liberalmente. Era toda de marmore de côres, mas de architectura classica.

Esta capella mudou depois (1594) a sua invocação para o Santissimo Sacramento.

Annexos á egreja estavam, dois recolhimentos para orphãos, um hospital, espaçosas salas para a secretaria, cartorio e mais officinas.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, converteu em um montão de ruinas a maior parte d'este grandioso edificio, e o fogo que se lhe seguiu, reduziu a cinzas o que o terramoto tinha destruido.

Ficou apenas de pé o altar de D. Simôa e a porta travessa que lhe ficava fronteira, com duas formosas janellas, uma de cada lado.

D. José I aproveitou estes restos para uma nova mas pequena egreja, ficando o altar de D. Simôa, a ser altar-mór, e entrada principal do templo, a porta travessa.

Como a egreja de Nossa Senhora da Conceição, da ordem de Christo, tinha sido destruida pelo mesmo terramoto, e se não queria reconstruir, em vista do novo plano da cidade; D. José I deu aos freires de Christo a pequena egreja em que se transformára a da Misericordia, que desde então ficou sendo da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Depois de se construir a nova egreja dedicada á mesma Senhora se ficou conhecendo pela denominação de Conceição Velha, que ainda conserva.

A Misericordia foi mudada para a egreja de S. Roque, onde ainda está.

É incontestavel que a egreja da Misericordia, de que acabei de tratar, era no bairro chamado *Judiaria* (vide *Casa dos bicos*) mas onde ha grandes duvidas nos escriptores é que — a maior parte dos historiadores antigos, e muitos dos modernos sustentam que á primeira egreja era a casa da *synagoga dos judeus*, e que D. Manuel a mandou *purificar e benzer*, fazendo-a templo christão e instituindo alli a irmandade da Misericordia.—Outros asseveram que o rei mandou demolir *completamente* a synagoga, e fundou no mesmo logar um templo christão, desde os fundamentos. D'esta opinião é Damião de Goes *(Chron. d'El-rei D. Manuel*, parte 4.ª cap. 85) pois diz positivamente que aquelle monarcha *fez de novo* a casa da confraria da Misericordia de Lisboa, e a dotou com um conto de renda cada anno, e de mais 500$000 reaes cada anno para outras obras pias.

Não havendo pois certeza em nenhuma d'estas duas opiniões (ainda que eu, em vista da architectura da porta e janellas, me inclino á opinião de Damião de Goes) deixo a sua decisão a quem fôr mais competente.

Já disse que a porta hoje principal d'este templo era a antiga travessa, pelo que não tinha a egreja que procede da antiga, remate para a sua frontaria.

Quem quer que foi o director das obras de reconstrucção commetteu um peccado de leso-gosto, e contra todas as regras da arte, rematando o frontespicio com um frontão, ou tympano, *chato*, desengraçado e de mau gosto, destoando completamente da graciosa architectura manuelina da porta e janellas.

Ainda outro *attentado* se commetteu contra este templo em 1813. No envasamento da parte superior do arco havia um baixo relevo em pedra, representando um grupo de figuras, que eram—Nossa Senhora da Misericordia, com o manto aberto de ambos os lados, e sustentado por dois anjos. A' direita estavam (debaixo do manto) o papa Alexandre VI, que approvou a instituição da Misericordia—frei Miguel Contreiras, instituidor e varios prelados. (Vê-se tambem d'este lado uma mulher, que julgo ser a rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irman do rei.) Á esquerda estava o rei D. Manuel, a rainha D. Maria (sua 2.ª mulher) e seus filhos.

Se este baixo relevo não manifesta correcção de desenho, é de muito merecimento como monumento historico e archeologico.

Tem de comprimento 4,m40, e 3,m10 d'alto. É composto de setepedras.

N'aquelle anno de 1813, pois, sob pretexto de que o templo tinha pouca luz, foi tirado do seu logar o baixo relevo, e o substituiram por uma vidraça. Levaram-o para a sachristia, onde está, sarapintado (para cumulo de desgraça!) com grosseiras tintas de varias côres!

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, na qual foram comprehendidos os freires de Christo, esteve condemnado este venerando templo a ser vendido e demolido. Felizmente intervieram pessoas sensatas e amigas das nossas coisas, que obstaram a tal escandalo e conseguiram salvar o precioso monumento.

Quando descrever as egrejas de Lisboa, mencionarei o que ha com respeito ao templo jesuita de S. Roque, a actual Misericordia lisbonense.

Hospital Real de Todos os Santos

Era situado no largo oriental da praça do Rocio, onde hoje se vê uma fileira de bellos predios particulares e ricas lojas de commercio.

Foi fundado por D. João II, que lançou a primeira pedra em 15 de maio de 1492. D. Manuel o concluiu em 1501.

Formava uma cruz de quatro braços eguaes, tendo nos quatro angulos, 4 grandes claustros e uma horta com muita agua e dois tanques, ficando a um lado d'ella uma enfermaria para religiosos capuchos.

Um dos braços da cruz formada pelo edificio era a magnifica egreja que fazia face para o Rocio, e para a qual se subia por uma escada de 21 degraus, tendo o do fundo de comprido, ao rez do chão, 21,m89, e de largo, até á parede, 21,m12 — hiam diminuindo de grandeza até ao ultimo, em que principiava um taboleiro de 10,m70—tanto de largura como de comprimento.

A porta principal era ornada de primorosa architectura gothica doreada, com os emblemas dos reis fundadores—os *pelicanos*—emblema de D. João II, e a esphera armilar emblema de D. Manuel; aquelles aos lados do baldaquino e este no alto da fachada.

Os outros corpos do edificio continham diversas enfermarias.

A frente do hospital corria pela rua das *Gallinheiras*, que occupava toda, desde a rua do Amparo até á da Bitesga.

Foi incendiado em 27 de outubro de 1601, e outra vez a 10 d'agosto de 1750, que o reduziu a cinzas quasi completamente, escapando unicamente a fachada, taboleiro e escadas da egreja e uma enfermaria.

Assim estava, quando teve logar o terramoto do 1.º de novembro de 1755, que provavelmente acabou de o destruir. Com a nova fórma de construções do marquez de Pombal, foi o chão d'este vasto e grandioso edificio occupado por uma linha de casas particulares.

Largo de S. Roque

Excluindo o Rocio, é o Largo de S. Roque o mais memoravel de Lisboa.

Aqui existiu a famosa *torre d'Alvaro Paes*, junto da *porta do Condestavel*, a ultima da circumvalação de D. Fernando, que por este lado fechava a cidade. No reinado de D. Manuel, foi cemiterio dos que morriam de peste. Os jesuitas fundaram aqui a sua casa professa.—Os sucessores de D. Vasco da Gama edificaram aqui o seu palacio d'habitação. Era aqui a capella da primeira estação dos passos da Graça. Foi aqui a residencia patriarchal. — Houve aqui um theatro publico.

Nada de tudo isto existe além da egreja de S. Roque, convertida em Misericordia desde o reinado de D. José I, e da qual fallarei no logar competente.

A torre d'Alvaro Paes, o velho chancellor mór, que tanto concorreu para a acclamação de D. João I, estava já desmantelada quando D. Sebastião a deu, e parte da muralha que corria á *porta das estiribarias d'elrei*, no Rocio, aos condes da Vidigueira, descendentes de Vasco da Gama, para alli edificarem um palacio de residencia. Os condes, porem, conservaram intacto o cubello

que ficava encostado á porta do condestavel, que depois se chamou *Postigo de S. Roque*, em razão de se ter alli collocado a imagem deste Santo.

Em 1836, a camara de Lisboa abriu uma nova rua, do Largo da Trindade para S. Roque, para o que resolveu demolir todas as barracas que havia no largo, assim como o cubêllo que restava da torre d'Alvaro Paes.

A esse tempo, tinha o fallecido Francisco José Caldas Aulete, contador da relação de Lisboa, aforado ao marquez de Niza (conde da Vidigueira, e herdeiro e descendente de D. Vasco da Gama) o palacio arruinado, que incluia o chão onde estava o cubêllo e todas as barracas que obstruiam o largo de S. Roque (que alli se tinham feito, pouco e pouco, depois do terramoto de 1755, que derribára parte do palacio dos marquezes de Niza.)

A camara mandou intimar este foreiro, para demolir quanto tinha aforado dando-lhe, como indeminisação, toda a pedra de cantaria e alvenaria que se tirasse da demolição da muralha e das barracas, e os sobejos da agua do chafariz do Carmo, para elle encanar para a casa nova, que andava a fazer na Calçada do Duque. D'isto se lavrou escriptura, em 17 de maio de 1837.

Principiou logo a demolição, e foi então que de todo desappareceu aquella historica reliquia, da torre d'Alvaro Paes.

O foreiro, não podendo então conservar nada da velha torre, conservou e reparou a parte da muralha que entrava pelo jardim da sua casa nova, da calçada do Duque, e no lanço mais alto, que ficava fronteiro á rua da Condessa, e sobre a porta da entrada mandou embeber uma lapide de marmore com a inscripção seguinte:

Este lanço de muro, que el-rei D. Fernando acabou em 1413, foi conservado e reparado por Francisco José Caldas Aulete em 1840.

Tendo o sr. A. Florencio dos Santos comprado, em 1854, esta propriedade, da calçada do Duque, deixou de se ver da rua a inscripção, porque o novo possuidor a mudou para o lado do jardim. Esta propriedade foi comprada para a companhia de carroagens lisbonense.

O cemiterio que existiu no largo de S. Roque, data da peste que houve em Lisboa, no anno de 1506; porque a camara, attendendo a que não bastavam os adros, para enterrar os mortos da péste, mandou fazer cemiterios, fóra das portas da cidade. Um d'elles, foi no monte de S. Roque, encostado á muralha, onde se tinha edificado uma ermida d'este Santo, que deu o nome ao monte.

Alem d'estes cemiterios, e por não poderem comportar todos os mortos, determinou a camara que *os escravos que fallecessem de péste, fossem lançados em poços, deitando-lhes por cima dos cadaveres cal virgem.*

Em 1553, tomaram os jesuitas posse da capella de S. Roque, por terem escolhido este local para a fundação da sua casa professa.

Era então este monte coroado em redor de formosas e bastas oliveiras.

Quando em 1586 se instituiu a *procissão dos Passos*, que da Graça vem a S. Roque, n'este largo se edificou a primeira capella ou passo, para as estações da Via-Sacra.

Este *passo* foi arrasado *para desobstruir o largo.*

(Da egreja dos jesuitas, hoje Mesiricordia, fallarei no logar competente.)

Não se sabe com certeza quando os condes da Vidigueira (hoje marquezes de Niza) almirantes da India, aqui edificaram o seu grande palacio. Quando o rei D. Sebastião lhe deu a torre d'Alvaro Paes, e a muralha que descia até ao Rocio, já elles tinham aforado á camara grande parte do *terreiro de S. Roque*, que era da cidade.

O tombo da camara, diz: — « Tem esta cidade um chão, em que está feito um pomar, cercado de parede e muro, junto do mosteiro de S. Roque, entre os claustros e o muro antigo da cidade, para a banda do sul; o qual foi aforado e encabeçado pela cidade *emphatiota* (emphitenta) para sempre ao conde da Vidigueira, almirante, D. Francisco da Gama, com obrigação de pagar fôro, em cada anno, por dia de S. João Baptista, mil réis, e de laudemio, a quarentena do

preço porque se vender: por escriptura feita por Christovão de Magalhães, escrivão da camara, aos 21 dias de julho de 1543 annos.» etc.

Por este tempo, o sitio de S. Roque era um monturo, segundo diz Miguel Leitão de Andrade, na sua *Mescelania*.

Refere este escriptor, que sua mulher Brites d'Andrade, se criou nas visinhanças do collegio de S. Roque, em uma quinta de seu pai, Nicolau Altero, aqual quinta foi dividida em ruas, como outras d'aquelle bairro (alto) que todo foi da sua geração, d'esde fóra da porta de Santa Catharina, até á Esperança; e do mar, até aos moinhos de vento, além de S. Roque. Que tudo eram campos, haveria 100 annos (elle escreveu isto em 1629) que se foram aforando em *chãos*, e fazendo ruas. Que a todo este sitio se chamava *Villa Nova de Andrade*, do nome dos aforadores. Que ainda no seu tempo se dava este nome, ao territorio comprehendido entre a porta de Santa Catharina até á egreja das Chagas. Que viera a herdar quasi tudo, D. Isabel de Andrade, a quem D. João III casou com Vasco de Pina, alcaide-mór d'Alcobaça: e ficando viuva, a tornou o mesmo rei a casar com Martinho da Cunha, que d'ella herdou metade, e seus filhos outra metade d'este bairro.

Que os filhos de D. Isabel de Andrade, a rogos da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, deram gratuitamente os terrenos para se fundarem as egrejas das Chagas e de Santa Catharina, e que morrendo sem filhos, deixaram tudo á Misericordia; a quem comprou a meação o referido Martinho da Cunha, por nove mil crusados (tres contos e 600 mil réis.)

Conclue (M. L. de Andrade) dizendo:

«E assim tudo se passou da nossa geração dos Andrades aos Cunhas; não nos ficando mais que o nome do bairro, e seis ruas que eu tenho, e são — a *da Rosa* — a *de S. Boaventura* — a *da Cruz* (hoje da Cruz de Soure) — a *do Loureiro* e a *Rua Formosa*, com suas travessas [1] e um casal, que Martha de Andrade, minha sogra e tia, antes quiz na sua partilha, que uma corrella, qque hia da porta de Santa Catharina até S. Roque: dizendo que a não queria, por ser unm *monturo*, que então chamavam de S. Roqque.»

O conde da Vidigueira obteve, poor troca com D. Estevão de Faro, uma casa nobre, no terreiro de S. Roque, para o lado da Trindade, esquina da actual Rua-Larga, onde agora está um hospital inglez, e se vê parte da antiga muralha. Com a acquisição d'esta propriedade e de varias casinhas pertencentes ao convento da Trindade, qque havia pela encosta do monte (chamaddo então —*calçada do postigo de S. Roque*) até destorcer com a rua ainda hoje chamada «da Condessa» (da Vidigueira) começou o conde almirante da India, D. Francisco da GGama, a ampliar a sua casa do Largo de S. Roque.

Para accrescentar este largo requuereu o conde á camara que lhe acceitasse a cœedencia do terreiro e pateo das suas casas, junto do adro da egreja de S. Roque, o que tem 60 palmos de comprido (13m,20) e 30 de largo (6m,60)—*no que a camara* (diz ella na sua consulta ao vice-rei—era no tempo dos Philippes) *recebe beneficio, por ficar aquelella praça com mais esta largura, pelo muito o concurso de gente que alli concorre* [1] *e ser nna parte mais principal de Lisboa: pelo que, feeitas as diligencias sobre isto, pareceu em ccamara, que se lhe abatessem 600 réis, dos 11$600* [2] *que elle pagava fôro, em cada umn anno, d'aquellas casas e sitio, etc.... Em ccamara, a 12 de maio de 1621—andré Valentete—antonio Pinto damaral—João de frias S Salazar—pedro Vaz de Villasboas—pedro bborges—antonio fernandes—João esteves—Llourenço davelar—João de S. payo.»*

«Conformo-me com esta consulta, eem Lisboa a sinco de junho. O Visorei.

Ainda o palacio não estava ccomcluido, quando morreu o conde, seu fundaddor, cri-

[1] Andrade conta seis ruas, mas não nomeia senão cinco. É provavelmente êrro de cópia.

[1] Hia muita gente á doutrina dos jesuitas e o largo enchia-se de tarde com os coches da fidalguia, que não faltava aos sesermões dos famosos prégadores da Compamnhia de Jesus.

[2] Pagava 1$000 réis pelo que era a d'elle, e 600 réis pelo que tinha havido de D. Estevão de Faro e outros.

vado de dividas, pelo que, foi esta propriedade penhorada como livre e alodial (que era a esse tempo) a requerimento do credor, Miguel de Macedo.

Arrematou-a em praça publica, no anno de 1634, por 20:000 cruzados (8 contos de réis) Gaspar de Brito Freire, fidalgo da casa real. (Parece que foi este Gaspar de Brito o fundador do palacio da *rua da Torre de S. Roque*, torneando para a travessa da Queimada, que agora pertence ao sr. Bartholomeu dos Martyres.)

Em 1638, o conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama, filho e successor do conde D. Francisco, impetrou e obteve licença regia para vender 220$000 réis de juro, do morgado, para remir o palacio de S. Roque. Concordou-se o conde com Brito Freire, em lhe dar o preço da arrematação e bemfeitorias, e tomou conta do que fôra de seu pae.

Porém, de todos os successores de Vasco da Gama, o que pôz o remate a este palacio e o vinculou, foi o marquez de Niza, D. Vasco Luiz da Gama; para o que vendeu por 16:000 cruzados (6 contos e 400$000 réis) em 1672, umas casas que tinha na *Rua Nova*, junto ao *chafariz dos Cavallos*, ficando desde então vinculado, por ser aquella propriedade do morgado da Vidigueira.

Os marquezes de Niza viveram sempre n'este palacio, até que, succedendo no morgado da casa de Unhão, nos principios do seculo XVIII, herdaram o paço de Xabregas, edificado pela rainha D. Leonor, viuva de D. João II. e doado pela rainha D. Luiza de Gusmão, á condessa de Unhão, sua camareira-mór. (Vide *paços de Enxobregas.*)

Este palacio é hoje o *asylo de Maria Pia.*

—

O bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida, filho dos condes de Avintes, foi feito patriarcha (o 1.º) de Lisboa. Os jesuitas, querendo-o ao pé da sua casa, o trouxeram para o palacio dos marquezes de Niza (por aluguer) que tinha communicação, pela cêrca, para o collegio.

D'esta circumstancia procede o nome de *pâteo do patriarcha*, que tinha o que ficava á entrada do theatro que alli houve. (Era no local hoje occupado pela casa de frente apalaçada, da *Companhia de carruagens, lisbonense.*)

N'este palacio falleceu o referido patriarcha, em 1754, e jaz sepultado na capella-mór da egreja de S. Roque.

Tambem residiu n'este palacio, D. José Manuel (filho dos condes da Atalaia, que depois foram marquezes de Tancos) que foi o 2.º patriarcha de Lisboa, e que aqui habitava no 1.º de novembro de 1755, quando teve logar o medonho terramoto, que muito arruinou este edificio; pelo que se mudou o patriarcha para o palacio que a sua casa tinha na rua da Atalaia.

Desde então ficou o palacio de S. Roque (ou dos condes da Vidigueira, marquezes de Niza) devoluto. Principiaram a edificar-se barracas no largo e no pateo, e os creados invalidos da casa de Niza, foram-se pouco e pouco aninhando por alli.

No principio do seculo XIX, havendo neste palacio um vasto salão foi alugado para n'elle se fundar um theatro dramatico, denominado «do Bairro Alto» (Vide *theatros de Lisboa.*)

Na descripção do *theatro do Bairro Alto*, declaro em que está hoje convertido o palacio de S. Roque.

—

Quando o sr. D. Luiz casou com a senhora D. Maria Pia de Saboya, a colonia italiana resolveu levantar um padrão que recordasse este acontecimento, e, com as dividas licenças, collocaram no centro do Largo de S. Roque uma columna rematada por uma pedra circular. [1] com as inscripções seguintes:

Do lado do Este.

PELO FAUSTO CONSORCIO
DE SUAS MAGESTADES
EI-REI D. LUIZ DE PORTUGAL
E A PRINCEZA MARIA PIA DE SABOYA
EM 6 DE OUTUBRO DE 1862
NOVO PENHOR DE FRATERNIDADE
ENTRE OS DOIS POVOS

—

[1] Este monomentosinho, sobremaneira singelo e desengraçado, tem exactamente a fórma de uma *palmatoria*; pelo que é geralmente conhecido pela denominação de — *munumento palmatoria.*

OS ITALIANOS RESIDENTES EM LISAOA
ERIGIRAM.

Do lado do Oeste:

PEL FAUSTO CONSORCIO
DELLE LORO MAESTÁ
IL RE DON LUIGI DI PORTUGALLO
E LA PRINCIPESSA MARIA PIA DI SAVOIA
Á DI 6 OTTOBRE 1862
NUOVO PEGNO DI FRATELLANZA
FRA I DUE POPOLI

—

GLI ITALIANI RESIDENTI IN LISBONNA
ERESSERO.

(Não é preciso dizer que ambas dizem o mesmo.)

—

Campo de Santa Clara

Palacios dos marquezes do Lavradio, dos condes de Barbacena e o que foi dos Cordes.

O *campo de Santa Clara*, que ainda hoje é muito amplo, era muito mais vasto no tempo dos nossos primeiros reis, pois principiava pelo N. no meio inferior da actual travessa da Veronica, e se estendia em declive até á margem direita do Tejo. Os palacios que estão ao N. do campo, o do sr. conde de Rézende, a egreja (incompleta) de Santa Engracia, e outras muitas propriedades, tudo foi edificado neste campo; ao qual deu o nome, o antigo convento de freiras de Santa Clara, que aqui existe.

Serviu por algum tempo este campo, de logar de supplicio aos criminosos, e no centro d'elle estava levantada a forca, que, por supplicas das freiras, foi removida para longe.

Está este campo situado por detraz da egreja e mosteiro de S. Vicente de Fóra, em logar elevado, e quasi na extremidade oriental da cidade.

Em 1147, não havia aqui, nem nas proximidades, edificio algum: não era mais do que um monte agreste, onde D. Affonso Henriques estabeleceu os seus arraiaes d'este lado, quando então veio pôr cêrco a Lisboa; occupando os crusados, que o vieram ajudar, o sitio onde agora está a egreja de Nossa Senhora dos Martyres, e ruas adjacentes.

Quando principiou o cêrco, mandou o rei fundar n'este campo (então acampamento) uma capella, uma enfermaria e um cemiterio; e, depois da tomada de Lisboa (21 de outubro de 1147) o rei lançou aqui os fundamentos do real mosteiro de S. Vicente, que por estar fóra da cêrca mourisca, se denominou *de fóra*. Foi esta a primeira edificação que se fez n'este monte.

Em 1294, se principiou a edificar o convento de religiosas de Santa Clara.

(Não trato aqui mais destes dois mosteiros, porque vão na secção competente.)

—

Por muitos annos estiveram solitarios os dois conventos. Quando em 1373 D. Fernando mandou proceder á nova circumvallação de muralhas de Lisboa, ficou o mosteiro de *S. Vicente de Fóra*, dentro dos muros, e o de Santa Clara, de fóra, mas junto d'elles.

No meiado do seculo XVI, a infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e da rainha D. Leonor, sua terceira mulher, veio morar em umas casas que mandou fazer junto do convento, de Santa Clara, por estimar muito as suas religiosas.

A exemplo d'esta senhora, algumas familias se foram aqui estabelecendo, construindo casas do lado do Sul, onde está o convento.

Mais tarde, edificaram-se tambem na encosta do Sul, as duas fundações chamadas *de Cima* e *de Santa Clara*; aquella foi onde se fundiu a estatua equestre de D. José I, em 1757 e esta, onde agora se acha o museu de machinas, d'armas e de outros objectos, e o deposito d'artilheria antiga. (Vide *Arsenaes*)

A fundação d'estes dois arsenaes foi a causa (pelo grande numero de empregados e operarios que occupava) de que o sitio se fosse povoando; mas quasi todas as casas se fizeram na ladeira do monte, por baixo dos dois conventos e das fundições.

Em 1679, fundaram aqui os jesuitas o seu collegio de S. Francisco Xavier, que d'ahi a pouco mais de um seculo foi arrasado, para se fundar no seu logar o hospital da marinha. (Vide *Hospitaes*.)

Alguns annos antes de 1679, tambem aqui fundaram os descendentes do grande vice-rei da India, D. Francisco de Almeida, um

pequeno palacio para sua residencia, no lado do N. d'este campo.

Em 1745, querendo D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, que seu sobrinho tivesse uma habitação digna da sua nobreza, mandou demolir o modesto palacio e construir no mesmo logar, outro de mais nobre architetura e mais vastas proporções, e concluidas as obras, fez o patriarcha doação do palacio a seu sobrinho, D. Antonio d'Almeida Soares Portugal, quarto conde d'Avintes e primeiro marquez do Lavradio. (Feito por D. João V, em 17 de julho de 1725

O primeiro conde d'Avintes, foi D. Luiz d'Almeida, por D Affonso VI, em 17 de fevereiro de 1664.)

Pouco depois, e junto d'este palacio, edificou outro a familia *Sinel de Cordes;* mas a causa de se povoar mais depressa o lado do N. d'este campo, foi o terramoto de 1755 porque, em seguida ao cataclismo, se foram estabelecer, em barracas, no Campo de Santa Clara os moradores das visinhas parochias de S. Vicente e Santa Engracia; levados mais do terror do que da necessidade, porque não foram estas duas freguezias das que mais tinham soffrido.

Todo o inverno de 1755 e por todo o anno seguinte, esteve o Campo de Santa Clara trasformado em um vasto acampamento; por que o povo, dando fé a uma *profecia* que circulava por Lisboa, segundo a qual, a cidade seria completamente subvertida no 1.º de novembro de 1756, não se atreviam a hir para suas casas, ainda que estas estivessem em bom estado e sem nada terem soffrido com o terramoto.

O rigor do inverno de 1756 obrigou as familias aqui *acampadas*, a procurar habitações mais commodas.

Algumas regressaram a suas casas, mas, o maior numero preferiu edificar aqui as suas habitações, e foi assim que o N. do campo se encheu de predios, á custa do terreno, que ficou muito mais circumscripto; e ainda estendendo-se mais ao N., formando algumas travessas que alli hoje vemos.

Mas o que deu causa ás fundações do N. a deu tambem á destruição das do Sul. Destruiu o convento de Santa Clara—das casas da infanta D. Maria, não ha vestigios—da cêrca de D. Fernando, que limitava o campo pelo O., apenas existe um lanço d'alta muralha, que cinge a quinta do mosteiro de S. Vicente de Fóra (agora do sr. cardeal patriarcha) desde o portão da entrada, que está no campo, até ao largo do convento de Nossa Senhora da Graça, (actualmente quartel de infanteria n.º 5) e um arco que está por baixo do pateo do mesmo convento, indo para a *Cruz de Santa Helena*, que era uma das portas da referida cêrca, e se chamava primeiramente; *postigo do arcebispo*, e depois de rotas as muralhas da cidade e ainda hoje, *Arco Pequeno.*

O lado do S. deste campo não tem predios que se recomendem por qualquer circumstancia e não fazem bom effeito, pelo declive do terreno em que estão edificados.

Do lado do N. porem, bonitas casas adornam o campo, vendo-se alli 3 palacios: o dos srs. marquezes do Lavradio (de que já tratei) o que foi da familia Sinel de Cordes, e que pertence hoje ao sr. José Correia, filho do sr. visconde da Asseca e genro do dito sr. marquez (que o comprou e restaurou luxuosamante, ha poucos annos, acrescentando-lhe a balaustrada e vasos que o coroam) o que foi dos srs. condes de Barbacena, do qual fez o risco e foi architecto, Manuel da Costa Negreiros. O ultimo conde de Barbacena foi, Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, que falleceu aqui, a 25 de agosto de 1854. Era 7.º visconde e 2.º conde deste titulo. (Vide 1.º vol. pag. 319, col. 2.ª) Não deixou filhos, pelo que se extinguiu o titulo e os seus bens passaram a colateraes.

O Campo de Santa Clara tem merecido a attenção das camaras municipaes de Lisboa, que o tem aformoseado. Em frente do palacio dos srs marquezes do Lavradio lhe fizeram um bonito jardim, e mais abaixo uma alameda. Com a construcção do jardim, disfarçou-se mais o declive, com um muro de cantaria terraplenado.

D'este jardim se gosa uma extensa e magnifica vista do Tejo e das terras que lhe ficam ao Sul.

Villa Verde, Villa Quente, Villa Nova de Gibraltar (ou *Judiaria Grande*) **Villa Nova de Andrade, Cotovia, Mouraria, Buenos Ayres e Campolide.**

Villa Verde—Dava-se este nome ao sitio onde hoje se vê o passeio publico do Rocio, ruas *Oriental* e *Occidental*, rua da Gloria e calçada e travessa do mesmo nome. (Vide palacio *Castello Melhor.*)

Villa Quente—Não pude saber a que sitio se dava este nome.

Villa Nova de Gibraltar—Era o bairro dos judeus, ou *judiaria grande*. Comprehendia o territorio actualmente occupado pela rua Nova da Alfandega, até ao chafariz de El-Rei. (Vide *Casa dos Bicos.*

Villa Nova de Andrade.(Vide *Largo de S. Roque.*)

Cotovia—O sitio conhecido por este nome, era um monte quasi deserto, que principiava no largo da *Patriarchal Queimada* (hoje do *Principe Real*) e chegava até á *Mãe d'Agua.* Hoje só conserva este nome um pequeno largo (a que os inglezes dão o nome de *square*) na rua da *Mãe d'Agua*, á que ainda se chama—*Largo da Cotovia.*

Mouraria—Principiava fóra do arco do marquez de Alegrete (ao N.) e comprehendia as actuaes ruas da Mouraria, Cavalleiros, Capellão, Amendoeira e travessas proximas.

O *almocavar* (cemiterio) dos mouros, parece que era no sitio a que agora se dá o nome de *Escadinhas da Costa do Costello*, ou n'essas immediações. (Vide *Almocavar*, a pag. 151, col. 1.ª, do 1.º vol.)

—

A actual cidade de Lisboa é um aggregado de povoações, que nos principios da monarchia formavam os seus arrabaldes.

O augmento da população, não podendo contrahir-se no acanhado ambito fechado pelas muralhas mouriscas, se foi estendendo por fóra d'ellas, ligando-se por novas ruas, com as povoações suburbanas, fazendo-lhes perder os seus antigos nomes.

Os muros construidos por D. Fernando, posto tivessem uma área muito mais vasta, tambem depois não poderam conter a população, que se foi estendendo fóra d'esta circumvalação.

Foi d'este modo que desappareceram Villa Verde, Villa Quente, Villa Nova de Gibraltar, Villa Nova de Andrade, e outras mais.

—

O terramoto de 1755, fez fugir, espavoridos, os infelizes habitantes de Lisboa, para os montes e campos adjacentes (onde não havia casas que desabassem) e por ahi viveram em barracas de lona ou de madeira, muitas das quaes se vieram a transformar em predios de pedra e cal.

Foi por isto que se povoaram os arrabaldes, e se transformaram em ruas da cidade, os suburbios de Buenos Ayres, Alcantara, Campolide, e outros.

O sitio denominado no meiado do seculo XVIII *Campolide*, estendia-se desde Entremuros (actual) até ao collegio dos jesuitas, da Cotovia (hoje Escola Polytechnica) e a cêrca d'este collegio abrangia todo o terrino desde este edificio ate ao chafariz do Rato. (Este chafariz foi construido por D. João V, no meiado do seculo XVIII, no angulo do muro da mesma cêrca.)

Belem principiou pelo mesmo tempo a povoar-se; mas o que fez crescer com maior rapidez esta povoação, foi o estabelecimento da côrte no alto da Ajuda, desde 1755 até quasi todo o reinado de D. Maria I.

D. José I, prevendo que Belem se hiria pouco a pouco estendendo para leste, até se ligar com Lisboa (como hoje está) creou, por um decreto, o bairro de Belem.

Não foi só para o oriente que Belem se foi povoando; estendeu-se tambem para o norte, e ainda mais para o poente.

Em 1852, um decreto da sr.ª D. Maria II, desannexou de Lisboa o bairro de Belem, elevando-o á cathegoria de concelho, com camara, administrador e mais justiças e empregados respectivos, o que por muitaa gente foi julgado um contrasenso.

Travessa das Bruxas (hoje *Travessa de S. Vicente.*)—**Porta de Heliche** (nas casas de Antonio Luiz Ribeiro)—**Paalacio dos srs. duques de Loulé.**

Principia a antiga *travessa das Bruxas*,

no largo de S. Vicente, e vem ter á Graça. Vindo de S. Vicente, no sitio onde esta travessa faz um cotovêllo, está, do lado direito, um antigo muro, e n'elle uma porta com uma inscripção por cima, que diz:

PORTA D'HELICHÉ

Sobre esta inscripção tem uma corôa de conde, e de cada lado da inscripção uma estrella.

Ao lado d'esta inscripção está outra em uma pedra embebida na parede; diz:

NO ANNO DE 1668, SÊDO AN.TO LVIS RIBEIRO SR. DAS CAZAS DESTA SERCA, E TENDO NELLAS POR HOSPEDE AO EX.o MARQVEZ DE HELICHE, DUQUE DE MONTOURO, CONDE DVQVE DE OLIVARES E MARQVES DEL CARPIO, SENDO PLENIPOTENCIARIO DA MONARCHIA DE CASTELLA, P.A A FVNÇÃO DAS PAZES, Q. SE PVBLICARAM NESTA CORTE A DÉS DE MARÇO DO MESMO ANNO, IHE PEDIV MANDASSE FAZER ESTA PORTA, P.A IREN POR ELLA AO REAL CONVENTO DE S. VICENTE, DONDE FORAM A PR.A VES, QVARTA FEIRA DE CINZA: E VESPORA DE PASCHOA DE RESURREIÇÃO SE PARTIV P.A A CORTE DE MADRID. E COMO NO MVRO DA CERCA ESTÁ OVTRA PORTA, Q. SE FES P.A A SNÃR. RAINHA D. CATHERINA PASSAR COM SEV NETO, O SR. REI D. SEBASTIÃO, P.A O DITO CONVENTO, QVANDO FORAM SERVIDOS MORAR NAS MESMAS CASAS, POR CAVZA DE DOENÇAS Q. HAVIA NA CORTE; ESCOLHENDO O SITIO POR MAIS SADIO, E SERVE A PORTA DESTA MEMORIA. TAMBEM ESTA DE HELICHE, Q. FIQA SENDO DO ANNO EM Q. SE FIZERAM AS PAZES IE CASTELLA COM PORTVGAL.

As casas a que esta inscripção se refere, foram arruinadas pelo terramoto de 1755, e existem ainda no mesmo estado de ruina, no fim da travessa, deitando a frontaria pa o largo da Graça. Está ainda de pé quasi toda a frente principal do edificio. Era uma casa nobre, composta de lojas e 1.º andar, de janellas de sacada, sem ornato, e parecendo obra do seculo XVII.

A antiga travessa das Bruxas, separa, ao desembocar no largo da Graça, esta propriedade, do palacio do sr. duque de Loulé, que ardeu em 1819.

Feira da Lada

(Vulgo—*Feira da Ladra*)

Já disse a paginas 10 d'este volume, que *lada*, no antigo portuguez, significa margem de um rio, ou de uma estrada. Estou convencido que vem a ser o mesmo que *lado*.

A feira da lada é antiquissima, e parece que já existia antes de 1147, e se fazia ás *Portas do Mar*, ou Ribeira Velha, sobre a margem direita do Tejo, de cujo sitio lhe proveio incontsstavelmente o nome, que depois se corrompeu em *ladra*.

Os paços reaes da Ribeira, que já ficam descriptos, tinham ao rez do chão uma vasta galeria para o E. (Terreiro do Paço) e para o N. (rua do Arsenal.)

N'esta *arcada* se fazia uma grande feira, ou mercado, permanente. Julgo que foi para aqui que se mudou no seculo XVI, a antiga feira da lada, das Portas do Mar.

Sendo este palacio destruido pelo terramoto de 1755, o marquez de Pombal mudou a feira para a praça da Alegria, onde esteve até 1836, mudando-se então para o Campo de Sant'Anna, onde ainda se faz.

Não pude saber quando deixou de ser diaria e passou a ser semanal. É certo que já na praça da Alegria tinha logar sómente ás terças feiras, como é ainda actualmente.

Feira das Amoreiras

O local primittivo d'esta feira, foi junto ao cemiterio dos Prazeres, e por isso se lhe dava o nome de Feira dos Prazeres. Teve origem em um voto que por causa da peste fizeram os moradores da freguezia de Santos, a Nossa Senhora dos Prazeres. Fazia-se todos os annos, uma explendida romaria áquella Senhora, com um grande arraial, e feira. Tudo isto tinha logar dentro da cêrca da ermida.

Construido o cemiterio dos Prazeres, (Occidental) se continuou a fazer a feira e arraial fóra dos muros d'elle.

A camara municipal de Lisboa, mudou esta feira para o largo das Amoreiras, em 1851. Em 1865 a mudou para o largo da Patriarchal Queimada; mas decidindo-se fazer alli um jardim, a tornou pouco depois a mudar para as Amoreiras, onde ainda hoje se faz.

Mas não acabou de todo o arraial dos Prazeres. Ainda no dia da festa alli concor-

ria muita gente. E como esta agglomeração de povo (a maior parte das camadas inferiores) não guardasse o devido respeito aos mortos, havendo sempre scenas immoraes, em um lugar hoje só destinado ao eterno descanço dos mortos e ás orações por suas almas; a auctoridade competente prohibiu acertadamente este arraial, em 1873.

Praça dos Remulares

(Caes do Sodré)

Existem dois documentos na torre do Tombo—um no livro 9.º da chancellaria de D. Affonso V, pag. 154 v.—outro no livro 33, pag. 38—sendo o 1.º uma carta regia, dada em Lisboa, no anno de 1463, em que nomeia Alvaro Fernandes, morador em *Villa Nova do Porto*, REMOLADOR da dila cidade, em logar de João Dias, que tinha o dito officio, e havia fallecido.—O 2.º é outra carta do mesmo rei, datada de Evora, em 1473, na qual nomeia Gonçalo Fernandes, da cidade do Porto, REMOLLAR, em logar de Alvaro Fernandes, que tinha morrido.

Vê-se pois que *remolador* e *remollar* é uma e mesma cousa.

No 1.º documento diz-se—*Porquanto nos foy dicto que era boom carpinteiro, etc.*

Já se vê pois que *remolar* ou *remolador*, é carpinteiro.

Mr. Jal, no seu *Glossaire Nautique*, define —*remolar*— obreiro que faz remos.

Diz elle—O manuscripto n.º 938—3, da Bibliotheca de Marinha de Paris, datado de maio de 1406, fl. 60 v., diz o seguinte:—*Mestres remolars los quals dreçaren los rems per obs de la dita galea.*

Diz este escriptor que a palavra *remolar* pertence ao catalão, francez e castelhano antigo; achando-se tambem no italiano, *(remolario* e *remorario)* e no provençal *(remoulá, remulat* e *remollar.)*

Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India*, referindo a historia de um *rume* (ou *rumi)* que se apresentou aos portuguezes de Dio, diz que—*o rume era remolar, de concertar os remos das galés.*

Devemos portanto concluir que a praça dos Remolares, tomou esse nome dos carpinteiros de remos que alli trabalhavam, e que é êrro escrever *Romolares*—visto que, além do que fica dito, accresce que remolar se deriva do substantivo latino—*remus.*

Restituindo á palavra a sua verdadeira orthographia, evito que algum futuro archeologo caia na tentação de querer provar que—assim como Ulysses veio da Asia-Menor impôr a Lisboa o nome de *Ulysséa* (segundo os sonhadores mythologicos) — Romulo veio da Italia impôr o seu nome ao *Caes do Sodré.*

Sodré é um appellido nobre em Portugal. Veio de Inglaterra, no reinado de D. Affonso V, na pessoa de Fradique Sodré. Seu filho, Duarte Sodré, foi veador da casa do rei D. Manuel e Alcaide-mór de Thomar.

Suas armas são—em campo asul, asna de prata, firmada, e carregada de tres estrellas de púrpura, de oito pontas, entre tres albarradas (jarras) de prata, de duas asas—elmo de prata, aberto—e por timbre, a asna do escudo.

Vasco Gonçalves Sodré, povoou a ilha Graciosa (Açôres) pelos annos 1510.

Praça do Rocio

(hoje de D. Pedro)

No artigo—Paço dos Estáos, tratei d'esta praça (a mais sumptuosa, vasta e elegante de Lisboa, depois da do Commercio.))—Só accrescentarei aqui—No centro do Rocio, havia um bello chafariz, chamado *de Apollo*, que depois passou para a *Guia.*

Havia aqui corridas de touros em 1647.

Em julho de 1755 (quatro mezes antes do terramoto) se deu aqui a ultima corrida de touros. Depois do terramoto, se fez a *praça* do Salitre. (Vide *Circos.*)

—

Judeus e Judiaria

Tito, imperador romano, filho de Vespasiano, conquistou, saqueou e destruiu Jerusalem, no anno 70 de Jesus Christo, exxpulsando os judeus do territorio da Syria (Palestina).

Sobre esta raça proscripta, pesava a maldição divina, a sentença dos prophetas e por fim o decreto de Tito, que não era mais do que a consequencia d'aquelles.

Expulsos da sua patria, os judeus se espalharam por toda a Asia, Africa e Europa, estabelecendo-se em maior numero n'esta ultima parte do mundo, sobretudo na peninsula iberica.

Em quanto as legiões romanas dominaram o mundo, pouco tiveram que soffrer os judeus; mas, desde que os barbaros do norte, sahindo das suas brenhas, invadiram as Gallias e as Hespanhas (405) principiou a oppressão, o desprezo e toda a casta de extorsões contra os judeus, que durou até 715. Então, os arabes, conquistando as Hespanhas, e sendo bastante tolerantes para os cultos diversos do seu, uma vez que lhes comprassem o direito de seguir uma qualquer religião, bastante folga deram aos judeus; mas nunca foram admittidos em empregos publicos, e eram sempre tratados com desprezo.

Esta tolerancia, unida á decidida vocação dos judeus para toda a qualidade de negocios, e á sua sordidez e avareza, em breve os tornou immensamente ricos.

No reinado de D. Affonso VII, de Leão, (primo germano do nosso D. Affonso I) vindo a Hespanha Pedro de Cluny, fez altas diligencias para que as leis gothicas contra os judeus, fossem de novo postas em pratica; mas nada, por então, pôde conseguir.

Em Portugal foram os judeus tolerados desde o principio da monarchia, e posto que fossem tratados sempre com desprezo, e vistos com maus olhos, nem por isso deixaram de ter entrada nos paços dos reis e nos dos fidalgos, que lhes eram devedores de grossas quantias. Davam se-lhes empregos nos diversos ramos da fazenda publica; e não poucos se distinguiram como bons escriptores e medicos de grande nomeada.

O papa Gregorio XI mandou reprehender o nosso D. Sancho II, por dar cargos publicos aos judeus.

Tambem D. Diniz foi tolerante com os judeus e lhes confiava rendosos empregos. O clero o accusou d'isto ao papa Nicolau IV, em 1289; mas nem por isso o rei os expulsou do seu serviço; pelo contrario, até alguns foram feitos seus ministros; porém não lhes perdoava uma unica *mealha* dos pesados tributos a que estavam sujeitos por diversas leis de seus antecessores, e lhes accrescentou ainda o imposto de uma ancora e uma amarra para cada navio que mandava armar.

Seu filho, D. Affonso IV, sobrecarregou com pesados tributos as propriedades dos judeus, por carta regia de 10 de novembro de 1340.

—

Nunca os judeus tiveram tanta consideração em Portugal, como durante o reinado de D. Fernando e D. Leonor Telles de Menezes, que lhes deviam enormes quantias; pois só a elles recorriam nos seus apertos, que eram quasi continuos.

Com a morte de D. Fernando e a subida ao throno de D. João I, perderam os judeus toda a sua influencia; porque o rei, e todos, sabiam que elles eram partidarios decididos de D. Leonor.

Por uma lei de D. João I, promulgada em 1404, se determinou que—*todo o judeu que no dia de S. Martinho não descrevesse todos os bens de raiz e fructos que possuisse, os tivesse por perdidos.*

D. Duarte, filho de D. João I, promulgou uma lei, *prohibindo que os mouros ou judeus podessem ser* officiaes do rei, rainha, infantes, titulares ou prelados. O que seu filho D. Affonso V depois confirmou.

Mesmo assim, a sorte dos judeus, em Portugal, era mais toleravel do que em Hespanha, onde até lhes era prohibido possuírem bens de raiz.

O livro 4.º, titulo 1.º das *Ordenações manuelinas*, determinava que *qualquer judeu que possuisse bens de valor superior a 6$000 réis*, pagasse por cada propriedade 120 réis.

—

Estes vexames duraram em toda a sua plenitude, até á expulsão dos judeus e mouros, de Portugal, por D. Manuel, em 1497.

Ficaram os mouros convertidos ao christianismo, que eram em tudo considerados como os outros portuguezes.

Os judeus porém, que tinham abjurado a lei de Moysés, eram denominados *christãos novos*, e continuaram a ser quasi tão aborrecidos e despresados, como antes da sua conversão.

Foi D. José I, que por uma lei de 1773, aboliu a injustissima distincção entre *christãos velhos* e *novos*. [1]

—

Os judeus em Portugal quasi que formavam uma nação separada—uma especie de colonia.

Viviam em bairros separados *(judiarías)* e tinham leis e juizes seus privativos.

A sua auctoridade suprema era o *araby-maior*, e usava por *sello* as armas de Portugal, com a legenda—*Sêllo do araby-maior de Portugal.*

Cada comarca tinha o seu *ouvidor*.

No *Porto* assistia o que governava a provincia d'Entre Douro e Minho.

Em *Moncorvo*, o de Tras-os-Montes.

Na *Covilhan*, o das Beiras.

Em *Santarem*, o da Estremadura.

Em *Evora*, o do Alemtejo.

Em *Faro*, o do Algarve.

—

Os judeus eram obrigados a sair das suas terras e hirem esperar os reis, quando elles alli se dirigissem, com *tourinhas* e *guinellas* (especie de cavalhadas e danças). [2]

Cessavam porém estas demonstrações (forçadas) de regosijo, quando os reis estavam de luto.

—

Além do privilegio de terem magistrados, sacerdotes e mesquitas proprias, tinham os judeus mais outros, sendo o principal o seguinte:

> D. João I determinou que nos sabbados, ou outro qualquer dia festivo, segundo o seu rito, as justiças reaes não pudessem proceder contra elles; nem podessem correr n'esses dias as causas em que elles fossem partes.
>
> O raby-maior apresentou a este monarcha, em Coimbra, em 1392, em nome de todos os judeus de Portugal, duas bullas, com diversas providencias e isenções para elles. Uma era do papa Clemente VI, expedida d'Avinhão em 5 de julho de 1357—a outra era de Bonifacio IX, dada em Roma, a 2 de julho de 1389.
>
> O rei as mandou cumprir por provisão de 17 de julho de 1392.

—

Os bairros onde habitavam os judeus eram sempre proximos, mas fóra das povoações; e cercados de muros com guardas nas entradas. Eram as judiarías.

A estes bairros não podiam hir mulheres christans, senão — acompanhadas por dois homens, sendo casadas—e por um, sendo viuvas ou solteiras. Isto foi determinado por uma provisão de D. Pedro I, dada nos paços da *Serra* (proximo a Athouguia da Baleia) em 19 de setembro de 1366.

—

Depois de Ave-Marias da tarde, até ás da manhan do dia seguinte, era-lhes expressamente prohibido sahirem dos seus bairros.

Desde D. Affonso IV eram obrigados a trazerem certos signaes ou divisas por onde facilmente podessem ser conhecidos, se andassem vestidos como os outros portuguezes. (Trazendo o seu vestido proprio, não eram obrigados a trazerem o *signal.*)

Está obrigação foi cahindo em desuso; mas D. João I, por provisão passada em Evora, a 20 de fevereiro de 1391, determinou que se cumprisse a antiga lei, e que os signaes fossem vermelhos, e de seis pernas e que o seu tamanho e fórma fosse a do sello do raby-maior.

—

[1] Já lá vão 101 annos desde a publicação d'esta lei, e ainda na maior parte das povoações das provincias se não tem podido desarreigar completamente a prevenção contra os descendentes da raça proscripta; e á minima altercação que qualquer individuo tenha com aquelles infelizes, vem logo a terrivel palavra—*judeu!*

Nas nossas guerras civis desde 1820 até 1834, tambem soffreram bastante dos dois partidos. Se os realistas entravam em qualquer povoação os *ex-judeus* soffriam porque eram liberaes: se eram estes que entravam, os pobres soffriam porque eram realistas!

[2] D. João I prohibiu-lhes, em 1402, usar n'estas occasiões de qualquer arma, para evitar desordens.

Já disse que o bairro dos judeus em Lisboa era no sitio da Ribeira Velha, chamado antigamente *Villa Nova de Gibraltar*.

Para o mais que diga respeito a esta materia, vide *Judiaria*, a pag. 421 do 3.º vol. d'esta obra—e *Casa dos Bicos*, n'este artigo.

Fonte da Samaritana

Foi mandada edificar pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, filha do infante D. Pedro, duque de Viseu, e irman do rei D. Manuel. (A mesma que fundou o hospital das Caldas da Rainha, a Misericordia de Lisboa, o convento da Madre de Deus e outros estabelecimentos de caridade.)

Foi edificada esta fonte no anno de 1508, quando tambem se fundou o convento da Madre de Deus.

O seu primeiro assento foi á beira da estrada, junto ao Tejo, e encostada á egreja da Madre de Deus.

Deu-se-lhe o nome de *Fonte da Samaritana*, por ter esculpida a figura da mulher da Samaria, a quem Jesus Christo pediu de beber, na occasião em que ella estava tirando agua do poço de Jacob, na cidade de Sichar.

E' este passo da escriptura que está representado em relevo no quadro da fonte.

Ao lado havia um tanque para lavadeiras. No apainelado d'este tanque se via a *empreza* das armas de D. Leonor, que é uma rede das que os pescadores chamam *de arrastar*, divisa que ella adoptou em memoria de ter expirado seu filho, o principe D. Affonso, na humilde cabana de um pescador, quando cahiu do cavallo, na margem do Tejo, em Santarem, em 1491.

Sendo presidente da camara de Lisboa o conde-barão d'Alvito, deu este licença particular (em 1634) ás freiras da Madre de Deus, para que do encanamento podessem tirar para a sachristia a agua precisa para o lavatorio; mas como o encanamento da agua era pela cêrca do convento, as freiras tiravam a agua que lhes parecia, apesar de terem dentro do claustro uma boa fonte, e um abundante poço na portaria. Por accordam da camara (de 4 de junho de 1694) foi tirada ás freiras toda a agua que pertencia o esta fonte, e entupido o encanamento.

Parece que as freiras, ainda depois d'isto acharam meios de subtrahir alguma agua da fonte, ou que os vereadores receiaram isto, porque pelos annos 1700, sendo presidente da camara, D. Francisco de Sousa Calhariz, foi removida para o sitio actual, proximo ao palacio da mesma rainha, que depois passou, por doação da mulher de D. João IV, para os condes d'Unhão, e por fim para os marquezes de Niza, e onde hoje é o asylo *Maria Pia*.

Quando aqui se fizeram as obras para o caminho de ferro do Norte e Leste, houve tenção de se demolir esta fonte; mas felizmente o sr. João Cancio de Mattos (fallecido em 1858) padrinho do sr. João Baptista de Mattos Moreira, um dos editores d'esta obra — compadecendo-se dos moradores d'este sitio, que não tinham nas immediações outra agua potavel; cedeu á companhia dos caminhos de ferro o valor de uma expropriação, que ella tinha de lhe pagar, sob a condição de ser conservado este monumentosinho, que nos recorda os actos de caridade da sua fundadora, uma das mais virtuosas rainhas de Portugal, e natural d'este reino.

Apesar das suas aguas serem alguma coisa salobras, e de estar esquecido e mutilado; apesar tambem da sua pequenez, pois só tem 3 metros de alto e dois de largo, é incontestavelmente um dos monumentos mais perfeitos do seu estylo, em Portugal; grave, singelo e poetico, recordando o estylo de Francisco I de França. Á primeira vista mais parece um pequeno e elegante sarcophago, do que uma fonte.

Chafariz d'El-Rei

Não ha memoria nem tradição alguma de que em Lisboa houvesse um unico chafariz publico, romano, godo ou arabe.

É provavel que os romanos, tão propensos ao luxo e ás commodidades, edificassem alguns, que os frequentes terramotos destruissem, sem d'elles ficar vestigio.

Os arabes não faziam uso de chafarizes, extrahindo unicamente a sua agua potavel

das fontes naturaes, dos rios e dos poços.

O primeiro chafariz publico que houve em Lisboa foi o d'El-Rei.

Parece que o fim principal que se teve em vista, na segunda construcção d'este chafariz, foi o provimento da *aguada* para os navios portuguezes, que no seculo XVI, sahiam com tanta frequencia e em tão grande numero da barra de Lisboa, ás descobertas e conquistas da Asia, Africa, America e Oceania.

Mas tambem não havia outra agua potavel na cidade, tão limpa e saudavel como esta, da qual se proviam todos os seus moradores.

No seculo XVIII, diz o doutor Francisco da Fonseca Henriques (medico de D. João V) no seu *Aquilegio Medicinal*, que ainda então bebiam da agua d'este chafariz os habitantes das duas Lisboas (Oriental e Occidental) e que foi sempre muito estimada, emquanto não houve o *Chafariz da Praia.*

E' tambem tradição que o grande Affonso d'Albuquerque nascera nas casas que ficam sobranceiras ao chafariz d'El-Rei; o que é inverosimil. Segundo todos os nossos mais circumspectos escriptores, aquelle heroe nasceu na quinta do Paraizo, entre Alhandra e Villa Franca.

Na minha opinião, esta casa era de D. Izabel d'Albuquerque, irman do grande vice-rei da India. Já vimos no artigo — *Casa dos Bicos* — que Braz d'Albuquerque, filho de Affonso d'Albuquerque, foi creado em casa de sua tia D. Isabel, que por sua morte deixou tudo a seu sobrinho.

Como Braz d'Albuquerque se chrismou em Affonso d'Albuquerque, por ordem do rei D. Manuel (como já fica dito no referido artigo) e aqui foi creado, e talvez mesmo nascido, eis a razão, aliás não de todo o ponto mentirosa, de ter aqui nascido Affonso d'Albuquerque.

Prova-se que esta casa foi de Affonso de Albuquerque, filho, e passou a seus herdeiros; porque houve uma prolongada demanda d'estes com a camara municipal, que só terminou em 1860, por composição feita com o sr. conde de Peniche (hoje marquez d'Angeja) senhor d'alguns dos morgados, que foram de Affonso d'Albuquerque.

A noticia mais antiga que se encontra d'este chafariz são duas cartas regias de D. Affonso V, datadas de Alemquer aos 16 de setembro de 1487.—Na primeira se manda fazer um encanamento desde o chafariz até á muralha do mar, para os bateis da Ribeira alli receberem a agua precisa para as aguadas da marinha; cuja obra tinha sido orçada em 12$000 réis.—Na segunda carta se dava parte ao corregedor de Lisboa que estavam dadas as ordens ao patrão da nau, para que fallasse com os mestres de todos os navios, que estivessem no porto, e cada um com o seu batel, darem um dia de serviço, acarretando pedra e cal para esta obra; e quando não quizessem, elle, corregedor, os constrangeria, fazendo dar a cada um o seu giro.

Uma carta regia de D. Manuel I, datada de Almeirim, a 2 de maio de 1494, manda que se não façam mais experiencias para fazer subir a agua do chafariz d'El-Rei, e que se deixe no estado em que estava.

Ainda no anno de 1517, era este chafariz descoberto, e Lopo de Albuquerque se offereceu a cobril-o de madeira e telha, em consequencia dos muitos limos que creava e das immundicies que lhe cahiam: com a condição de lhe ser paga a despesa, se isto désse bom resultado. Foi acceite este offerecimento por carta regia de 21 de dezembro do mesmo anno.

Este Lopo d'Albuquerque tinha umas casas por cima d'este chafariz, encostadas ás muralhas da cidade, exactamente no logar onde hoje corre a linha das bicas, e a camara, por seu procurador, João Fogaça, contratou a compra d'ellas por cinco mil cruzados (2:000$000 réis) dos quaes logo o vendedor recebeu 300 cruzados (120$000 réis).

Não consta, porém, que se fizesse escriptura.

Falleceu o vendedor em 1591, e, talvez por se ter movido questão pela conclusão do pagamento, o licenceado Philippe Fogaça, então procurador da cidade, veio com embargos, mostrando lesão enorme n'aquella

venda; pois que—além das casas vendidas, serem foreiras ao armazem (arsenal) em 1$280 réis, e não ter havido contracto nem consentimento dos officiaes, estando por isso o contracto nullo; que em nada eram precisas á cidade, pois estavam em um bêco, sem entrada de rua direita; em parte onde não podia entrar uma bêsta carregada; muito mal repartidas, umas em cima das outras, sem terem vista senão da ribeira e do mar: e que, segundo a estimação de pessoas entendidas, ao tempo que fôra feito o contracto, nem antes, nem depois, valiam 1:500 crusados (600$000 réis)—e que ainda pelo preço de 1:250 crusados (500$000 réis) eram caras; e a cidade ficava lesada em as comprar, por serem velhas—e que, finalmente, ou a cidade fosse desonerada da dita compra, ou se fizesse uma nova avaliação.

Foram recebidos os embargos, dos quaes se deu vista aos herdeiros do finado, figurando Manuel d'Albuquerque, seu filho, com procuração bastante de sua mãe.

Estes vieram com uma contrariedade, dizendo—«que a cidade allegára já no feito «(processo) os artigos da lesão que agora expunha, sem que lhe fossem recebidos; pelo «que não podia já allegar a lesão. Que desde o tempo em que se havia feito o contracto se havia passado mais de quatro annos.—Que esta cidade de Lisboa era uma «das principaes da christandade e muito nobre e de grande renda, e uma das cousas «mais necessarias que tinha e sem a qual se «não podia manter, era o chafariz d'El-Rei, «DE QUE BEBIA TODA A CIDADE, E QUE NÃO HAVIA OUTRA AGUA DE BEBER, PARA A GENTE DE «LISBOA.

«Que as casas da contenda estavam sobre «o chafariz e sobre a arca da agua; por isso, «o que morava n'ellas, ficava senhor do chafariz e os seus servidores podiam deitar na «agua sujidade, péçonha e o que quizessem; «pelo que fôra grande proveito da cidade «comprar as ditas casas, e não havia cousa «em que se estimassem, por serem de tão «absoluta necessidade: de modo que, ainda «que a cidade désse muito mais dinheiro do «que o ajustado, fazia muito bom partido etc.»

Foi recebida esta contrariedade e a cidade veio com a sua *repricação* (replica) e os reus, com a *trepriücação* (treplica).

Proferiu-se sentença, em 16 de janeiro de 1542, pela qual a cidade foi condemnada a pagar aos reus 2:500 crusados (1:000$000 réis).

Por termo, lavrado com testemunhas, recebeu Manuel d'Albuquerque, 2:200 crusados (880$000 réis)—que, com os 300 já recebidos, completava os 2:500 que prehenchia a importancia total da venda.

Em 30 de junho do mesmo anno (1542) tomou a camara posse das casas.

Por aquelle tempo, era tal a concorrencia dos que alli hiam buscar agua, taes as brigas (e até mortes) que havia no chafariz d'El-Rei, que a camara teve de regular a vez e distribuir as bicas, pela seguinte postura: [1]

«Constando ao senado que ha homens «brancos, negros e mouros, que se vão pôr «ás bicas do chafariz d'El-Rei, a vender agua, «a quem a vae buscar; do que se seguem «brigas, ferimentos e mortes, faz a sua postura, para repartição das ditas bicas, pela «maneira seguinte:

«Na primeira bica, indo da Ribeira para «ella, encherão pretos fôrros e captivos, que «forem homens.

«Logo na segunda seguinte, poderão encher os mouros das galés; sómente a agua «que fôr necessaria para as suas aguadas: «e tendo cheios os seus barris, ficará a dita «bica, para os negros e mulatos, conforme «a declaração atraz.

«Na terceira e quarta, que são as duas do «meio, encherão os homens e môços brancos; e na quinta, seguinte logo, encherão «as mulheres pretas, mulatas e indias, fôrras «e captivas. E na derradeira bica, da banda «d'Alfama, encherão as mulheres e moças «brancas, conforme a declaração das bicas. «Sob pena de quem o contrario fizer do que «está dito—sendo pessoa branca e fôrra, as-

[1] Peço perdão aos meus leitores de ser tão prolixo n'esta descripção; mas julgo tão curioso isto, para se conhecer dos costumes de ha 300 annos, que não posso resistir á tentação de o copiar.

«sim homem como mulher, pagará 2$000 réis «de pena e estará na cadeia tres dias, sem «remissão — de que haverá metade da pena «(do dinheiro) quem o accusar, e a outra «metade para a cidade.

«A mesma pena terão os ditos brancos, «mulatos, indios e pretos fôrros, que enche«rem por dinheiro, ou achando-se que en«cham em qualquer outra bica das que se «lhes nomeiam; posto que corra a dita agua «no chão, não poderão encher nas declara«das; e os negros e captivos e os mais es«cravos e escravas como forem pessoas ca«ptivas, que o contrario fizerem do que está «dito, serão publicamente açoitados, com ba«raço e pregão, derredor do dito chafariz; «sem remissão; conforme a provisão d'el«rei nosso senhor, novamente passada; as «quaes penas se executarão tres dias depois «da publicação d'esta postura que se lhes «dão, para vir primeiro á noticia dos mora«dores d'esta cidade.»

—

Luiz de Carvalho, tinha um pôço nas suas casas, pegadas a este chafariz, e por alvará de 11 de março de 1589, se mandou entupir, visto a grande diminuição que se sentia no chafariz, quando se tirava agua do pôço, e a abundancia, quando se não tirava.

O proprietario oppoz-se; do que se seguiu uma demanda, em resultado da qual, o senado tomou posse do dito pôço, em 5 de dezembro de 1612, depositando 750$000 réis.

Finalmente, por quitação de 26 de agosto de 1624, recebeu D. Brites d'Ayalla, como herdeira de Luiz de Carvalho, aquella quantia, por indemnisação do poço expropriado.

Tambem por outro alvará d'aquella mesma data, se mandou que o senado tomasse posse de outro pôço existente nas casas de Francisco de Sousa, que estavam tambem juntas a este chafariz, e que a sua agua fosse alli levada por cano separado.

A frontaria, concluida em 1860, é obra da vereação d'esse anno.

Os que desejarem ter mais amplas noticias sobre este chafariz, vejam o 4.º volume do *Archivo Pittoresco*, de pag. 177 em diante.

Arco de S. Pedro

O arco depois chamado de S. Pedro, era uma das 12 portas da antiga cêrca da cidade, construida pelos mouros.

Deu-se-lhe este nome porque ficava mesmo em frente da porta principal da egreja matriz de S. Pedro d'Alfama, que foi completamente destruida pelo terramoto de 1755. Foi transferida para Alcantara, onde se lhe marcaram limites, na ultima divisão, de 19 de abril de 1780.

O antigo terreno d'esta freguezia, é agora occupado pelas propriedades do largo de S. Raphael.

O logar onde existiu o arco de S. Pedro, é exactamente a actual loja, que é a ultima da rua da Adiça.

Arco de S. Paulo e rua do Alecrim

A rua do Alecrim foi aberta no reinado de D. João III. Até á elevação d'este soberano ao throno, Lisboa não tinha ainda principiado a estender-se por fóra das muralhas que a limitavam pelo lado occidental.

O primeiro edificio, para habitação, erguido d'esse lado, foi o collegio dos jesuitas de S. Roque.

N'esse tempo, todo o terreno que corria desde a porta de Santa Catharina (hoje largo das Duas Egrejas) até á Esperança, e desde a margem do Tejo até aos moinhos de vento, á Cotovia (depois largo da Patriarchal Queimada e hoje do Principe Real) era uma quinta, que se compunha de hortas, terras lavradias e olivaes, pertencente a uma familia de appellido Andrade (vide *Largo de S. Roque*).

Os Andrades foram aforando pedaços de terreno, para edificação de casas, construindo-se muitas em pouco tempo, porque os pretendentes affluiam em grande numero.

Resolveu então o governo dar uma fórma regular ao novo bairro. Traçaram-se compridas ruas parallelas, de norte a sul, cortadas por outras transversaes, de E. a O., que successivamente se foram guarnecendo de casas.

Do appellido do directo senhorio d'este bairro, tomou elle o nome de *Villa Nova de Andrade*, que durou muitos annos.

No principio do seculo XVII é que se principiou a chamar *Bairro Alto de S. Roque*— (hoje simplesmente *Bairro Alto).*

Além da construcção ou aformoseamento de varios edificios, os mais, e o local das suas ruas, são os mesmos que existiam antes do terramoto de 1755; pois que elle pouco damno causou a este bairro.

Nos seculos XVI e XVII, era o Bairro Alto, ou Villa Nova do Andrade, um dos mais regulares e com ruas mais alinhadas e largas, da cidade.

A rua do Alecrim era uma das comprehendidas em Villa Nova d'Andrade. Foi principiada a habitar-se em casas construidas do lado do O. — sendo montuoso o terreno de L., coroado pelo lanço da muralha da cidade (mandada construir por D. Fernando) que corria desde a torre que defendia a porta de Santa Catharina, até outra torre que defendia a porta do duque de Bragança, e que formava o angulo da muralha, na sua volta para o Ferragial e Corpo Santo. Esta segunda torre ficava por cima do logar presentemente occupado com um predio, que se compõe só de lojas, que servem de officina de canteiro, na rua do Ferregial de Baixo, da parte do norte. Quando se fez a rua do Alecrim, terminava junto d'esta torre, communicando-se ahi pela porta do duque de Bragança, com a rua da Cordoaria Nova, que depois se chamou, rua do Thesouro Velho.

Da parte do sul, fazia o terreno uma grande quebrada, por onde difficilmente se descia para a praia.

Para o O, se foram abrindo e povoando algumas travessas, que davam serventia, primeiramente para o arrabalde e depois para as *tercênas de Cata que Farás*, para a rua das Flores e outras.

O nome de rua do *Alecrim*, proveio de uma capella dedicada a Nossa Senhora do Alecrim, que aqui fundou, em 1641, uma nobre senhora, viuva, chamada D. Anna de Vilhena. Esta capella estava junto da porta de Santa Catharina, e esta porta occupava o fundo de um pequeno largo, que agora se chamma das Duas Egrejas. Este largo era então guarnecido pelo N. e S. por dois lanços da muralha, que hiam formar dois angulos, o do N., proximo da egreja do Lorêto, que ficava de fóra, e do qual hia o muro, ao largo de S. Roque — e o do S., no logar onde hoje se vê o predio contiguo á egreja de Nossa Senhora da Encarnação.

(A lenda de Nossa Senhora do Alecrim, vae no logar competente, onde vão as egrejas e capellas de Lisboa.)

Para que a rua do Alecrim descesse até á margem do Tejo e obtivesse assim uma formosa entrada, foi precizo ao insigne architecto da nova Lisboa, Eugenio dos Santos Carvalho, vencer a grande difficuldade que lhe apresentava o terreno, na quebrada do Sul da rua.

Para isto concebeu, desenhou e executou um arco (viaducto) que passa sobre a rua de S. Paulo, por cuja circumstancia se lhe deu o nome d'arco de S. Paulo.

Este arco, de *ponto abattido* e a ponte toda obliqua, a sua solidez e elegancia, constituem esta obra um primor d'arte n'este genero.

Pouco mais a baixo d'este arco, ha outro que dá passagem á rua inferior *(do Carvalho)* Estes arcos tinham primeiramente as *guardas* feitas de parede: hoje teem bôas e solidas grades de ferro.

Rua Nova

(Rua Nova d'El-Rei, vulgo Capellistas.)

Antes do terramoto de 1755, não havia dentro dos muros de Lisboa, uma rua que se podesse chamar larga, senão esta. Era obra do rei D. Diniz, pelos annos de 1310. Contava 60 palmos (13m 60) de largura, e era a mais bonita, rica e luxuosa d'aquelle tempo. Era o *Chiado* dos nossos avós, em razão das bellas lojas que a guarneciam, e onde se vendiam porcellanas, sedas e outras varias mercadorias da China e do Japão, livros e outros muitos objectos.

Occupava esta rua o mesmo logar onde hoje vemos a rua que lhe herdou o nome.

Antiga cidade baixa

Todo o vasto ambito a que damos o nome

de *Cidade Baixa* (ou simplesmente *a Baixa*) não era antes do terramoto de 1755, mais do que um labyrinto, uma perfeita rede de ruas e bêcos emaranhados, tortuosos, estreitos e immundos, que medeiavam entre o Rocio e o Terreiro do Paço. Sómente á *Rua Nova* se podia então dar com propriedade o nome de *rua*.

Ao genio, á inergia e — diga-se a verdade — ao despotismo do marquez do Pombal, se deve a amplidão, a magnificencia, á bôa ordem e a regularidade que hoje admiramos nestas bellas ruas, que formam o coração de Lisboa.

—

Collegio dos Nobres

(Escola polytechnica.)

O collegio dos nobres, foi fundado em 1603 para casa de noviciado de jesuitas, em Lisboa. Concluiu-se em 1619.

O noviciado de todas as ordens religiosas era de um anno; menos na companhia de Jesus, que eram dois annos.

É certo que os jesuitas faziam todas as diligencias por attrahir á sua ordem todos os mancebos em que descobriam grande talento e intelligencia elevada.

É por isso que em todo o tempo da sua existencia, tantos homens grandes produziu a Companhia, em todo o genero de litteratura.

É porém falsissimo que os jesuitas violentassem pessoa alguma para professar na sua ordem. As profissões eram aqui mais voluntarias, mais expontaneas do que em outra qualquer religião. O tempo do noviciado era o dobro, e, ainda no fim dos dois annos, hia o *noviço* para casa de seus parentes, onde estava alguns mezes, fóra absolutamente da pressão moral dos jesuitas — e era lá que, muito por sua vontade, decidia se a sua inclinação o levava para a ordem, ou para o seculo.

Até admittiam nas suas aulas todo o joven que quizesse estudar as variadas disciplinas que alli se ensinavam, sem a minima sombra de compromisso de adoptarem a regra da Companhia, ou de professarem.

Muitos homens do seculo, que depois foram célebres pela vastidão dos seus conhecimentos scientificos, deveram aos jesuitas tudo quanto foram e quanto valeram — e a prova mais convincente de que os jesuitas franqueavam as suas illustradas escolas a quem se quizesse aproveitar das suas lições, é o grande numero de ingratos que arrancavam da ignorancia, para depois lhes fazerem guerra de exterminio.

Essa ingratidão contra a Companhia de Jesus, ainda dura, apesar de terem já passado 115 annos depois da sua extincção! Ainda hoje é moda assacar aos jesuitas toda a casta de crimes e más paixões (que só tiveram existencia nas imaginações borrascosas dos descrentes) sem se lembrarem dos grandes e innumeraveis serviços que a patria lhes deve.

As portentosas conquistas dos portuguezes na Asia, Africa e America, são mais o fructo das *missões* dos jesuitas, do que das espadas dos nossos generaes. — A caridade, a abnegação, as predicas e os bons exemplos d'estes padres, actuaram mais poderosamente n'aquellas gentes, quasi todas semi-selvagens, do que o estrondo da nossa artilheria.

—

Em cada provincia de Portugal havia uma casa de noviços, completamente separada dos seus mosteiros.

Em 1587, ainda em Lisboa não havia *casa de noviciado*, pelo que, na congregação provincial que se fez n'esse anno, concordou-se em pedir ao *geral* da Companhia (Claudio Aquaviva) a approvação para se fundar aqui uma casa de noviços, ao que elle facilmente annuiu.

Em 1585 adquiriram os jesuitas uma quinta, no sitio chamado de Campolide; na qual determinaram se desse principio ao noviciado, emquanto se não edificava uma casa, nas condições proprias do estabelecimento a que era destinada.

Fernão Telles de Menezes (que fôra governador da India e era regedor das jusiças) e sua mulher, D. Maria de Noronha, tomaram por devoção fundar á Companhia, em

Lisboa, casa especial para noviços. Deram para esta fundação 500$000 réis de renda annual. O capital d'elles, eram 20:000 crusados, seis, na quinta do *Monte Olivéte*, á Cotovia—e o resto, em juros bem parados; tudo por escriptura publica, feita em 26 de dezembro de 1597.

Na quinta do Monte Olivéte, doada, havia uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e o novo collegio teve a mesma invocação.

É por esta circumstancia, que a este collegio se dava tambem a denominação de *Nossa Senhora da Assumpção, do Monte Olivéte*, e depois—*da Cotovia*.

O provincial mandou vir de Coimbra e Evora 15 noviços, para a inauguração do novo collegio, de que foi primeiro reitor o padre Antonio Mascarenhas. Acharam-se presentes, o doador (Fernão Telles de Menezes) o padre João de Madureira, *preposito* da casa de S. Roque; o padre Luiz Alvares, reitor do collegio de Santo Antão, e outros padres respeitaveis da ordem.

Tudo isto porém teve ainda logar em Campolide.

O primeiro noviço entrado, foi Antonio de Azevedo, natural de Lisboa. Já era sacerdote, e tinha 40 annos de edade. Era fidalgo, e se achára, com D. Sebastião, na batalha de Alcacer-Kibir (4 de agosto de 1578) onde ficou captivo. Era varão virtuosissimo. Ajudou com esmolas esta fundação, deu-lhe todos os moveis de sua casa e uma pensão de 120$000 réis annuaes, que lhe pagava o arcipreste de Lisboa, e outra que tinha no bispado de Viseu.

A quinta de Campolide se dividiu em duas partes—uma ficou dos noviços, por compra, e a outra, com seu pomar, ficou á casa de S. Roque, que depois, em 1624, a vendeu tambem aos noviços.

Ficou pois toda esta quinta para os noviços, que aqui passavam os dias marcados na regra para descanço e recreação.

Durou o noviciado em Campolide uns 6 annos, até que se decidiu a fundação definitiva do collegio, na quinta do Monte Olivéte, á Cotovia, por ser logar proximo de S. Roque, com bellas vistas e sádio. (Já disse que este collegio foi o primeiro edificio que houve n'este sitio.)

Era porém o solo de pouca consistencia, porque o monte estava todo minado, para tirar barro para louça, telha, tijolo, etc.

Escolheu-se uma pequena elevação que se arrazou, para que o terreno onde se hia fazer o edificio ficasse horisontal.

Lançou-se-lhe a 1.ª pedra, no dia de S. Jorge—23 de abril de 1603.

Era um cubo perfeito, tendo em cada um dos seus seis lados as seguintes inscripções:

1.ª—DEO TRINO; UNI, ET B, VIRG. JACTUS 23 APRILIS, ANNO D. 1603. HORA NONA.—2.ª—FERDINANDO TELLES DE MENEZES ET D. MARIA DE NORONHA EJUS. (E NO LADO SEGUINTE)—3.ª—UXORE FUNDATORIBUS.—4.ª—PAPA CLEMENTE VIII. REGE PHILIPPO III.—5.ª—PRAEPOSITO GENERALI SOCIETATIS CLAUDIO AQUAVIVA, PROVINCIALE JOANNE CORREA.

Do 6.º lado não tinha inscripção; mas uma pequena concavidade, que se tapava com uma pedra ajustada a ella.

Na ceremonia do lançamento d'esta pedra, tendo sido lidas estas inscripções, e adornando-se a pedra com flores, e tendo o fundador (Fernão Telles de Menezes) um cordão de seda na mão direita e o padre provincial outro, atados na extremidade de uma tábua, a que a pedra estava presa, se começou a lançar de vagar, emquanto o provincial recitava a oração do costume.

Assim, e ao som de charamellas, foi a pedra lançada no fundo do alicerce; lançando-se na concavidade da pedra algumas medalhas de Nossa Senhora, S. Pedro e S. Paulo, dos padres Santo Ignacio de Loyola e S. Francisco Xavier; alguns reaes de prata—e o fundador lançou um *portuguez* de ouro: depois se tapou a pedra, com a que para isso se havia feito.

—

Foram continuando as obras, tendo os padres a fortuna de acharem n'este monte muita pedra (carbonato de cal) que lhes serviu para calcinar. Tambem se achou aqui abundancia de barro para telha e tijolo.

O padre João Delgado, mestre de mathemathica, no collegio da ordem, em Coim-

bra, e depois no de Santo Antão, em Lisboa, foi o 1.º director d'estas obras.

Em 20 de março de 1605, lançou a primeira pedra da egreja, o bispo de Malaca, D. Fr. Christovão, da Ordem de S. Jeronymo; sendo provincial o padre Antonio Mascarenhas. Ainda vivia o fundador.

Até 1607, dirigiu a obra o referido padre João Delgado, e então foi substituido por Balthazar Alves, architecto das obras de el-rei, que fez nova *traça* da egreja e capella-mór, e a fez de muito mais custo do que os padres a tinham imaginado.

Como os padres moravam no collegio de Santo Antão, hiam as obras muito vagarosamente, pelo que ordenou o provincial, padre Martim de Mello, com os padres consultores da ordem, houvesse no Monte Olivete uma residencia permanente de quatro religiosos jesuitas: o que, levado a effeito, a obra progrediu a *olhos vistos*.

Quiz a fundadora que se abreviasse a construcção da capella-mór, para n'ella depositar os ossos de seu marido, que estavam provisoriamente depositados na sachristia da egreja de S. Roque.

Mandou esta senhora fazer um magestoso mausoleu de marmore, assente sobre dois elephantes, em um vão, do lado do Evangelho, da capella-mór.

Custou 3:000 crusados. (1:200$000 réis.) Depois, tambem ella aqui foi depositada. Tinha o seguinte epitaphio:

AQUI JAZEM, FERNÃO TELLES DE MENEZES,
CAMAREYRO-MÓR E CAPITAM DE GINETES,
QUE FOI DO INFANTE DOM LUIZ,
E DE DONA CATHARINA DE BRITO, SUA MULHER.
O QUAL FERNAM TELLES, FOY DO CONSELHO
D' ESTADO D'EL-REI NOSSO SENHOR, E
GOVERNOU O ESTADO DA INDIA E O
REINO DO ALGARVE, E FOI REGEDOR
DA JUSTIÇA, DA CASA DA SUPPLICAÇÃO,
E PRESIDENTE DO CONSELHO DA INDIA
E PARTES ULTRAMARINAS—
E SUA MULHER, DONA MARIA DE NORONHA,
FILHA DE D. FRANCISCO DE FARO, VÉDOR
DA FAZENDA DOS REIS, DOM SEBASTIÃO, E
DOM HENRIQUE—E DE DONA MECIA
DE ALBUQUERQUE, SUA PRIMEIRA MULHER:
OS QUAES FNNDARAM E DOTARAM ESTA
CASA DE PROVAÇÃO, DA COMPANHIA
DE JESUS, E TOMARAM ESTA CAPELLA-MÓR
PARA SEU JASIGO.
FALECEU, FERNAM TELLES DE MENEZES,
AOS VINTE E SEIS DE NOVEMBRO DE 1623.

—

Havia em Lisboa um flamengo, chamado Lourenço Lombardi, natural de Anvers, que havia 30 annos tinha sahido da sua patria a procurar fortuna. Veio a Lisboa e d'aqui navegou á Costa da Mina, onde juntou algum cabedal. Casou com a filha de outro flamengo e de uma portugueza.

Depois de casado, foi duas vezes á India, chegando pelo commercio, em que era intelligentissimo, a adquirir grandes riquezas, vindo a ser um dos principaes capitalistas estrangeiros, de Lisboa.

Tendo 50 annos, começou a frequentar os Sacramentos em S. Roque. Com o intento de casar uma filha que tinha, edificou no outeiro do *Moinho de Vento* (Patriarchal Queimada) umas casas, e uma rua de casas pequenas, em frente, para alli viver.

Ficando viuvo, deu partilhas aos filhos e parentes e com o resto se recolheu a S. Roque, e d'alli á casa do Monte Olivete, afim de correr com as obras do edificio do collegio; e como era activo e intelligente, fez progredir a obra, com 15:000 crusados que deu para ella, e em 3 annos e meio pôz a casa em estado de habitar-se e terminou a egreja, que, além da capella-mór, tinha mais seis capellas (tres de cada lado) todas muito bem ornadas.

O noviciado era de dois pavimentos e tinha uma grande cêrca.

—

O maior impulso e amplidão, que porém, se deu ás obras do collegio da Cotovia, teve por causa o facto seguinte:

O duque-almirante de Castella, D. João Thomaz Henriques de Cabrera, falleceu em Portugal, e declarou em seu testamento que, *no caso de succeder na corôa de Hespoanha, D. Carlos, archiduque de Austria, todos os seus bens* (do duque, nos quaes entravam 80 contos em padrões de juros) *seriam appplicados para fundar e dotar, em Madriad, um collegio de jesuitas, em cuja egreja se diria quotidianamente um certo numero de missas,*

por sua alma e de sua mulher; impondo aos pedras do mesmo collegio a obrigação de hirem ás missões da India e da Chinha.

Se porém o duque de Anjou, triumphasse do seu émulo, e subisse ao throno de Hespanha, o collegio deveria edificar-se em Lisboa, com as mesmas obrigações.

Verificou-se esta ultima nypothese; porque o duque d'Anjou, com a designação de Philippe V, succedeu na corôa de Hespanha,—pelo que os jesuitas portuguezes tomaram posse da herança e com os seus grandes rendimentos augmentaram o noviciado da Cotovia.

—

Abolida a Companhia de Jesus, por decreto de 3 de setembro de 1759 (1), o marquez de Pombal, destinou os edificios e bens d'esta opulenta ordem, para differentes estabelecimentos publicos.

Foi um roubo manifesto e sacrilego. A maior parte d'esses bens (quasi todos) provinham de doações de particulares (como acabamos de ver n'este da Cotovia) sob a condição imprescriptivel do cumprimento de suffragios e outros legados. Com os seus decretos espoliadores roubou o marquez do Pombal, os bens aos vivos e as orações aos mortos.

Como o noviciado da Cotovia tinha uma pingue dotação, uma casa vasta e bem situada, com o onus das missões imposto na herança do almirante de Castella, não lhe tocou o marquez de Pombal, para evitar reclamações; mas estabeleceu alli um collegio para educação dos filhos dos nobres, com certo numero de capellães, obrigados a irem servir nas egrejas do Oriente.

A carta de lei da fundação do *real collegio dos nobres*, é datada de 7 de março de 1761. Foi instituido para a educação de 100 *porcionistas*.

Os estatutos foram divididos em 15 titulos, e n'elles se designam as disciplinas que se deviam ensinar n'este collegio — eram — latim, grego, francez, inglez, italiano, rethorica, poetica, logica, historia, mathematica, desenho, architectura militar e civil, physica, picaria, esgrima e dança.

Nenhum collegial podia ser admittido, sem primeiro se qualificar com o fôro de moço fidalgo, pelo menos.

A *porção* ou *pensão* annual era de 120$000 réis, pagas aos semestres.

Deviam usar de egualdade nos vestidos= em casa a roupa talar, chamada *garnacha*, e quando sahissem, os primogenitos usariam casaca de panno ou qualquer outro estofo que não fosse seda — e os filhos segundos usariam de *abbatina* e capa.

As conversações familiares seriam sempre em portuguez, francez, inglez ou italiano, e nunca em latim.

Tendo o collegio dos nobres apenas onze annos de existencia, já alli reinava a desordem e o escandalo em tudo— na fazenda, nas letras, na disciplina, etc.; a ponto de ser preciso fazer uma grande reforma nos estatutos, em 1772.

Esta reforma durou até 1834, sendo então tambem admittidos (por um decreto do governo) collegiaes plebeus.

O mesmo decreto mandou que as aulas (até então internas) se tornassem publicas, para as frequentar quem quizesse.

Sendo ministro Manuel da Silva Passos, referendou elle um decreto, de 4 de janeiro de 1837, pelo qual foi supprimido o *collegio dos nobres*.

Por outro decreto de 12 do mesmo mez e anno, foi doado o edificio e bens d'este instituto á escóla polytechnica, creada por decreto do dia antecedente.

Desde logo se estabeleceram as novas aulas n'este edificio e ahi se conservaram até ao dia 22 de abril de 1843, em que um pavoroso incendio reduziu a cinzas este solido e vasto edificio, deixando apenas de pé as paredes calcinadas.

(1) Por decreto de 7 de junho de 1758, foram os jesuitas suspensos do exercicio de confessar e prégar, em todo o patriarchado. Em 19 de janeiro de 1759, foram confiscados todos os seus bens—e em 3 de setembro d'esse mesmo anno foram proscriptos e banidos do reino, declarados *inimigos da patria*, e desnaturalisados para sempre.

O conselho das escólas tratou logo de construir um edificio proprio para o seu destino, aproveitando apenas a frontaria, derribando-lhe porém o *taboleiro*, que corria em toda a frente.

O risco d'esta obra foi feito pelo antigo director da escóla, o general J. F. da Silva e Costa, d'accordo com o professor de desenho, D. Luiz Muriel, que dirigiu as obras por algum tempo. Depois tomou conta d'ellas P. Péserat, tambem professor de desenho d'esta escóla.

Tem um grande amphitheatro, um magnifico laboratorio de chimica, a aula de physica, o museu de zoologia e o observatorio, provido de custosos instrumentos modernos; além de todas as mais aulas determinadas na lei.

Para estas obras, contrahiu a escóla polythechnica um emprestimo de 100 contos de réis, auctorisado pela carta de lei do 1.º de julho de 1857—isto além do que já tinha gasto dos rendimentos da sua dotação. Gasta esta somma, levantou em 1863 outro emprestimo de 90 contos para a conclusão d'este estabelecimento, comprehendendo o jardim botanico, que anda em construcção (setembro de 1874) na quinta pertencente ao edificio, e que o cérca por dois lados.

Feito este jardim, tenciona-se fechar o da Ajuda.

Em 1867 se mudou para aqui o muzeu zoologico da Ajuda; mas ainda, na data em que estou escrevendo, estão a concluir-se varias salas para a collocação de differentes objectos que ainda se acham por collocar devidamente.

—

Arsenaes

Arsenal real do exercito

Occupa este estabelecimento tres edificios collocados em differentes sitios, os quaes são commumente denominados — *Fundição de baixo, Fundição de cima* e *Fundição do Campo de Santa Clara.*

Ao primeiro d'estes, fundado junto ao Tejo é que se dá propriamente a denominação de *Arsenal real do exercito.* Está edificado no mesmo logar das antigas *tercenas* chamadas das *Portas da Cruz*, que foram devoradas por um incendio na noite de 11 do julho de 1726.

D. João V determinou reedificar logo as *tercenas*, sob um plano mais vasto e regular; mas, apesar de ser obra do rei cognominado o *magnanimo*, ficou o novo edificio acanhado, para o fim a que era destinado, e sem magnificencia.

Passados bastantes annos, encarregou o rei a Mr. Larre de aformosear o edificio. Este artista delineou um rico portico, ou antes, um *corpo central*, para adorno do portão da entrada, ao O. do edificio; porém a grave doença do rei, de que lhe resultou a morte, depois de graves padecimentos, fez adiar a conclusão da obra.

Quando falleceu este monarcha (31 de julho de 1750) estava a obra apenas em principio—e quando succedeu o terramoto de 1755, ainda estava muito atrazada, e soffreu bastantes estragos, que pouco depois foram reparados.

Só em 1760 se principiaram de novo as obras do corpo central, continuando sem interrupção até ao seu acabamento. Foi director d'estas obras Fernando Chegaray, tenente general (francez) de artilheria, ao serviço de D. José I.—Depois, Amaro de Macedo e os tenentes generaes, Manuel Gomes de Carvalho e Bartholomeu da Costa, melhoraram muito as condições d'este estabelecimento.

Por decreto do 1.º de julho de 1834, se introduziram no arsenal novas reformas e melhoramentos, levados a effeito pelos inspectores, o coronel Leão e os generaes, barão d'Ovar e barão do Monte Pedral.

É este edificio todo construido de magnifica e bem lavrada cantaria. As columnas que adornam a porta são da ordem corinthia. Sobre a janella principal estão as armas de Portugal e o entablamento é coroado de tropheus militares, tudo de marmore.

Em frente da fachada havia um pequeno terreiro, que foi alargado, á custa do Tejo, em 1874—chama-se *largo da Fundição.*

A frente do E. olha para uma praça ou largo, tambem feita sobre o que era praia,

ficando-lhe em frente a estação principal dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

A este largo se dá o nome de — *caes dos Soldados.*

A frente do Sul do arsenal olha para o Tejo.

No pavimento inferior estão os grandes armazens da arrecadação, que constituem o primeiro deposito. No pavimento superior estão do lado do N. do corpo central, a secretaria, contadoria, archivo e outras secções da inspecção geral do arsenal.

Do lado do S. ha cinco salas de armas, na fórma seguinte:

A 1.ª, chamada da *Rainha*, tem no topo o retrato, de corpo inteiro, da Sr.ª D. Maria II, pintado pelo fallecido Joaquim Raphael. É esta sala guarnecida com 12 armaduras antigas e contem 250 bacamartes, 1:000 carabinas, 1:488 pistolas e 300 espadas. Os paineis do tecto foram pintados, em 1762, por Bruno José do Valle.

A 2.ª sala, denominada *d'El-Rei D. José I*, é decorada com o retrato d'elle, e com 4 estatuas allegoricas, esculpidas em madeira, representando o *Valor*, a *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*. Guarnecem-lhe as paredes e portas, bem dispostos cabides, onde se acham collocadas com muita ordem e symetria, 12:600 espingardas, 1:000 carabinas e 1:000 espadas.

A 3.ª sala, *de D. João V*, está adornada com o seu retrato, e com as estatuas de *Minerva* e *Neptuno*. São tambem de madeira e douradas. Encerra 12:600 espingardas, 800 carabinas e 1:000 espadas; guarnecendo tambem as paredes em symetria. As portas d'esta sala são formadas de lanças.

A 4.ª sala, denominada *das Armaduras*, tem por ornamento os bustos de André de Albuquerque e Duarte Pacheco. Tem 32 armaduras de ferro, antigas. Tem o mesmo numero de armas da antecedente.

A 5.ª sala está adornada com 4 estatuas doiradas, e com os bustos de D. Nuno Alres Pereira, D. Duarte de Menezes, D. Affonso d'Albuquerque e D. João de Castro.

Ha n'ella 18:000 espingardas e 1:000 espingardas.

Nas pinturas do tecto d'esta sala se empregaram os melhores pintores de architectura e ornato, que havia n'essa época em Lisboa. No tecto da escada tambem ha bellas pinturas. O painel do centro é obra do referido Bruno José do Valle; e as *quatro partes do mundo*, representadas nos quatro angulos, são obra dos célebres Pedro Alexandrino de Carvalho e Berardo Pereira Pegado.

Do lado de E. tem este arsenal um pateo com diversas officinas, tendo uma porta para o lado do S., e em frente d'esta um caes de cantaria, com guindaste para serviço do estabelecimento.

Em um edificio contiguo, mas separado, e superior ao edificio principal, para o N., estão estabelecidas differentes officinas.

Ha n'este arsenal um collegio de aprendizes, e muitas e bem organisadas officinas de varias artes e officios mechanicos.

—

Fundição de Cima — É um edificio bastante elevado, antigo, e reconstruido em diversas épocas; mas sem belleza architectonica. Está situado em uma elevação, em frente da egreja incompleta de Santa Engracia. É este, talvez, o estabelecimento publico da capital, menos conhecido; não só dos viajantes estrangeiros, mas mesmo dos nacionaes, sem exclusão dos proprios filhos de Lisboa. Todavia, encerra bastantes curiosidades, que se póde contar entre as mais dignas de attenção e exame, que a cidade possue.

As mais dignas de mencionar-se, são — modelo da estatua equestre de D. José I — na fórma em que se fundiu e nos fornos em que se derreteu o metal para a estatua.

O modelo é de madeira e gêsso. Foi feito com toda a perfeição, pelo distincto esculptor Joaquim Machado de Castro. Occupa o centro de uma sala circular, com uma varanda em torno, a meia altura das paredes, para se poder examinar com mais miudeza, a parte superior do collosso, onde se admiram lavores delicadissimos, que se não podem avaliar na estatua da *Praça do Commercio*, pela elevação em que está.

Como o modelo é exactamente do tamanho da estatua, aqui é que se póde justa-

mente apreciar o seu tamanho verdadeiro. O cavallo e o cavalleiro têem 31 palmos de altura ($6^m,82$). O pé do cavalleiro tem 3 palmos de comprimento ($0^m,66$), isto é, o dobro do *pé inglez*. A perna até ao joelho, 7 palmos ($1^m,54$) e 11 ($2^m,42$) a espada. (Vide, para o mais que diz respeito a este monumento, o artigo em que adiante, d'elle trato especialmente).

—

Fundição de Santa Clara — O edificio conhecido vulgarmente por esta denominação, não é hoje uma *fundição*, mas unicamente o assento de diversas repartições annexas ao arsenal do exercito.

Está tambem situado em alto, fronteiro ao edificio da *Fundição de Cima;* detraz e a pouca distancia da egreja incompleta de Santa Engracia. O campo de Santa Clara, de que este edificio tira o nome, fica-lhe junto, porém mais alto.

É um edificio antigo, mas com as reedificações tem perdido a sua primittiva fórma. É singelo e sem belleza. Está aqui o museu de artilheria e outros objectos, o deposito de antigos canhões, as ferrarias e os armazens de petrechos e reparos pertencentes á artilheria.

O museu occupa um vasto salão. Guardam-se n'elle, a par de muitos outros varios objectos, diversos modelos de machinas, entre as quaes figura o do curioso e simplissimo engenho, que suspendeu, elevou e collocou sobre o seu pedestal, a estatua equestre de D. José I. [1] Tambem n'elle se admiram algumas armas antigas e modernas, umas singulares por sua fórma, ou pela belleza e delicadeza dos lavores, marchetados de ouro e prata, outras notaveis por alguma invenção que as distingue. Entre estas, é digna de admirar-se uma espingarda colubrina, de desmedido peso e comprimento, que foi do capitão-mór de Faro, e que hoje um homem robusto difficilmente levanta.

Ha no museu o padrão das medidas que se usavam no tempo do rei D. Manuel, e das do systema métrico decimal.

O deposito de artilheria está no grande pateo do edificio, e é digno de ser visitado, pelos objectos archeologicos e padrões historicos que encerra. Alguns canhões antiquissimos, de exquisito feitio; a célebre colubrina, conhecida pelo nome de *peça de Dío*, tomada pelos portuguezes na conquista d'esta forte praça de guerra.

Artilheria hespanhola, de bronze (com as armas de Castella), despojos das batalhas do *Canal, Linhas d'Elvas, Montes Claros* e outras gloriosas victorias que coroaram de louros as armas portuguezas, nas guerras da restauração; e outros canhões recommendaveis pelas suas recordações historicas ou pelo aprimorado de suas esculpturas.

São dependentes do arsenal do exercito, o laboratorio dos fogos de artificio e as fabricas de refinação de salitre, em Alcantara, e da polvora em Barcarêna.

Arsenal da Marinha

Sobre a margem direita do Tejo, entre o *Terreiro do Paço* e o *Attêrro da Boa Vista*, está fundado este grandioso edificio, tendo a sua frente para o N., e a entrada pelo largo do *Pelourinho*. Do lado do S. (o caes) ha um vasto terreiro, onde se fazem os escaleres, mastros, remos, etc., os estaleiros de construcção naval, varias officinas e o dique.

Está edificado em grande parte do solo outr'ora occupado pelos paços reaes da Ribeira, e pelos paços dos infantes, que o terramoto de 1755 destruiu.

Já aqui tinham sido as *tercenas navaes* (antigo arsenal da marinha) fundadas por el-rei D. Manuel, no principio do seculo XVI, e de que adianto trato.

Principiou a edificação do actual arsenal da marinha, em 1759, pelo risco do architecto Eugenio dos Santos de Carvalho, auctor da planta da reedificação de Lisboa.

Contém vastissimos armazens (hoje quasi vasios) que ainda no começo d'este seculo, em que a nossa marinha se compunha de 12 naus, 12 fragatas, e outros muitos vasos de guerra de menor lotação, se achavam

[1] É tão engenhoso este *apparelho*, que, por meio de uma linha e com a mais pasmosa facilidade, se levanta um pêso de 60 kilogrammas.

bem providos de todos os necessarios petrechos para uma respeitavel marinha de guerra.

Tem dois estaleiros, muito bem construidos, de cantaria; mas que demandam grandes obras, para ficarem a par dos das nações mais adiantadas.

Precisam de ser accrescentados, para n'elles se poderem construir vasos de guerra de 1.ª ordem, com as dimensões que actualmente se lhes dão; sobretudo faltam-lhes as coberturas com que nos principaes estaleiros da Europa (quer do estado quer particulares) se resguardam do sol e da chuva os navios em construcção.

O dique é uma obra magnifica, mas acha-se nas mesmas circumstancias quanto a dimensões. Quando se acabou, podia receber os navios de mais porte que então se construiam.

Deve-se a construcção d'este dique, ao illustrado e benemerito ministro da marinha, Martinho de Mello e Castro, no reinado de D. Maria I. Dirigiu as obras o intelligente general, Bartholomeu da Costa.

Desde 1807 pouco se cuidou da conservação d'este dique, e as comportas, não podendo aguentar o embate das aguas, deixaram entrar o lodo e areia que foi pouco a pouco entulhando o dique, e foram inuteis as varias tentativas feitas para o desobstruir.

Em 1845, sendo ministro da marinha Joaquim José Falcão, de novo se tentou a limpeza do dique, e então com mais feliz successo, sob o plano e direcção do habil engenheiro hollandez, Pieterson, foi desentulhado e fechado com portas de solida construcção, ficando desde então em melhores condições de serviço. Junto do dique se assentou depois uma machina movida por vapor, para mais rapido esgotamento das aguas, e da parte de fóra das portas se collocou uma draga, tambem movida por vapor, para conservar desobstruida a entrada do dique.

Nada d'isto porém deu resultado completamente satisfactorio; mas, em 1873, a collocação de um *batel-porta*, á entrada do dique, o poz em muito melhores condições.

As novas officinas estão construidas sobre um plano regular e apresentam um prospecto agradavel á vista, e o desenvolvimento artistico dos operarios faz honra ao estabelecimento e ao paiz.

A officina de serrar madeira, é um edificio muito vasto, moderno e elegante. O trabalho é feito por uma machina movida por vapor.

Ha tambem aqui uma ponte e cábrea, feitas em 1865. São ambas de ferro, e notaveis pelas suas proporções, structura e solidez.

A cábrea permitte a descarga facil e rapida de qualquer navio, por maior que seja a sua lotação.

Foi director d'estas obras o distincto engenheiro, João Evangelista d'Abreu.

Além d'esta ponte, ha o caes, chamado da *inspecção*, todo de cantaria; porque no meio d'elle está a casa onde é a secretaria da inspecção.

No pavimento nobre do arsenal, estão as secretarias e mais repartições d'este estabelecimento e a Relação de Lisboa, com as suas dependencias. Tem uma bibliotheca e um museu (de que adiante trato) e, entre muitas e extensas salas, que servem para arrecadações e outros misteres, se vê a vasta *sala do risco*, cujo comprimento é de 81 metros, e é guarnecida de janellas, de ambos os lados (E. e O.) e em todo o seu comprimento, e no lado do S. tem portas de vidraças, para um terraço, onde está o *telegrapho central maritimo*.

São n'esta sala as escolas naval e de construcção, tendo na extremidade do N., uma corveta para exercicio dos alumnos, que occupa quasi todo o fundo da sala, na sua altura e largura.

Ha tambem n'esta sala varios modelos de embarcações de guerra, construidas n'este arsenal—uma estatua de madeira, do rei D. João VI, e um grande quadro a oleo, representando uma baleia, copia da que entrou no Tejo, e deu á costa na praia de Cacilhas, em 11 de janeiro de 1783.

Quando tratei dos antigos paços reaes da Ribeira, já disse que ainda aqui existe uma reliquia d'elles. É um grande portal de cantaria, que está do lado do E. do edificio, onde chamam *as Galés*. Era obra do reinado de D. João V.

Tercenas navaes

(Antigo arsenal da marinha).

Em 1184, o famoso capitão, D. Fuas Roupinho, toma o commando da primeira frota ou esquadrilha que teve a monarchia portugueza; e, apesar da sua falta de conhecimentos na materia, o que era supprido pela sua intrepidez, ataca os mouros, nas aguas de Lisboa e os leva de vencida até além do *Cabo de S. Vicente*, onde os derrota e põe em fuga.

Podemos pois dizer que a nossa marinha de guerra, data do reinado de D. Affonso Henriques.

Era D. Fuas Roupinho alcaide-mór de Porto de Mós, e um dos mais valorosos capitães d'aquellas eras, e que mais serviços fez ao seu rei e á sua patria.

Não se póde duvidar que os nossos primeiros reis, desde D. Affonso I, trataram, com mais ou menos resultado, de ter forças navaes, para defeza dos portos e costas do reino, e, ainda que em numero bastante diminuto, os nossos vasos de guerra, algumas vezes nos fizeram bons serviços contra mouros e castelhanos.

Foi porém o rei D. Diniz que lançou os fundamentos ao poder maritimo de Portugal, mandando semear o grande pinhal de Leiria, em 1290 [1] que ainda é a principal matta do nosso paiz; e chamando de Italia, para o seu serviço, o almirante genovez Manuel Pessanha (ou Passanha) cujos descendentes lograram por muitos tempos o titulo de almirantes, tendo-o nos reinados de D. Fernando e D. João I, o célebre Lançarote Pessanha, de quem procedem as familias d'este appellido, em Portugal.

Foi porém no reinado de D. Fernando que mais a sério se cuidou da nossa marinha de guerra, e que Portugal principiou a ser alguma cousa como potencia maritima.

D. Fernando cuidou tambem em animar a marinha mercante, promulgando varias leis protectoras.

[1] Tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo. Principia no fim da freguezia de *Carvide*. Vide esta palavra, Leiria e Marinha Grande.

Foi elle que fundou um arsenal e estaleiros, como o permittiam os recursos da nação e a rudeza d'esses tempos.

Tambem promulgou varias leis sobre mattas, construcções navaes mercantes, privilegios e isenções dos constructores e armadores, e deu outras acertadas providencias em favor da navegação e commercio externo.

Foi pois o arsenal de D. Fernando, ao qual se dava o nome de *tercênas navaes*, o primeiro que houve em Portugal, digno d'este nome.

Foi fundado no sitio a que hoje chamamos *Ribeira Velha*, que então era um vastissimo terreiro, que se estendia por fóra da cêrca de muralhas e banhado pelo Tejo. Já porém aqui havia um estaleiro, onde ha memoria de se construirem embarcações do estado no reinado de D. Sancho II.

D. Fernando foi infeliz com a construcção dos seus navios de guerra, que quasi todos foram destruidos ou apprehendidos pelas numerosas esquadras castelhanas.

Subindo ao throno seu irmão, D. João I, em 1385, aproveitando os vasos de guerra que haviam escapado aos castelhanos, e construindo outros nas tercenas, foi com esta pequena frota, que venceu por varias vezes as de Castella, com honra do rei e gloria de Portugal: e augmentando o numero dos seus vasos de guerra, foi atacar e vencer os mouros, nos seus proprios covis africanos.

As descobertas que tiveram logar no seu reinado e nos seguintes, trouxeram a necessidade de novos estaleiros.

D. Affonso V mandou construir navios de guerra, na praia, onde agora é o arsenal da marinha; porém foi o rei D. Manuel que augmentou este estaleiro, e lhe deu uma fórma regular, ampliando-o com terreno roubado ao Tejo (como o do Terreiro do Paço, tambem feito pelo mesmo soberano, em frente dos seus paços da Ribeira).

Foram então construidas aqui boas officinas e vastos armazens, bem providos de todo o necessario para o armamento e equipamento de numerosas armadas, e assim ficou desde essa epoca, o principal arsenal de todo o reino.

Não era exclusivamente estabelecimento

naval, pois que continha armazens de armas para o exercito, e outros petrechos de guerra.

Nos reinados de D. Manuel, e de seu filho, D. João III, guardavam-se n'este deposito, armamentos completos para 40$000 homens de infanteria e 3:000 de cavallaria; além de muitas peças de artilheria.

O primeiro nome d'este estabelecimento, foi, como já disse—*tercenas navaes*—depois se denominou—*ribeira das naus*—(nome official até ao terramoto de 1755, e que ainda muitas pessoas do povo hoje lhe dão).

Aquelle terramoto destruiu completamente todos estes edificios.

—

As primeiras peças de artilheria que se viram em Portugal, foram trazidas pelos castelhanos, que com ellas nos deram fogo em Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385; mas que alli as deixaram todas. Os portuguezes lhe davam o nome onomatopico de *trons*.

D. João I, vendo que estas machinas de guerra eram muito mais destruidoras do que as antigas *catapultas*, *arietes*, *vae-vens*, etc., mandou fundir algumas em Lisboa.

Desde então, as fundições de artilheria se foram augmentando e aperfeiçoando.

D. Manuel I fundou uma *officina d'armas*, em Barcarêna, para a qual mandou vir mestres da Byscaia.

Ordenou tambem que em certas cidades e villas houvesse *officiaes de fazer armas*, pagos pelos concelhos.

Construiu junto aos seus paços da Ribeira os armazens d'armas de que já tratei.

O mesmo rei edificou as *tercênas da porta da Cruz*, e de *Cata que Farás*, com officinas d'armas e fundição de artilheria.

Tambem fundou uma fabrica de polvora, que depois se mudou para a ribeira d'Alcantara e mais tarde para a de Barcarêna.

Nos reinados de D. João III e de seu neto, D. Sebastião, melhoraram-se muito estes arsenaes; mas pouco tempo durou este melhoramento; porque, nos 60 annos da usurpação dos tres Philippes, tiveram a sorte de todos os estabelecimentos publicos portuguezes, assim como a triste sorte de todo o povo, que os castelhanos por todos os modos procuravam reduzir á mais desgraçada escravidão.

Com a gloriosa restauração de 1640, tiveram os arsenaes portuguezes nova vida, e durante os 27 annos de guerra com Castella, se introduziram n'elles muitas reformas e aperfeiçoamentos, que progrediram sobretudo nos reinados de D. João V, e D. José I. O marquez de Pombal deu tal impulso a este ramo da administração publica, que as nossas armas e a esquadra estavam a par das melhores da Europa.

As officinas dos arsenaes dos exercitos de terra e mar, chegaram a um pasmoso estado de aperfeiçoamento. São provas evidentes a estatua equestre de D. José I, algumas obras em bronze, primorosamente lavradas, que ornam a basilica de Mafra, e muitas armas e canhões ornados de bellissimas esculpturas, que ainda se admiram no pateo da fundição de Santa Clara.

Um dos portuguezes que então mais concorreram para estes brilhantes resultados, foi o tenente-general Bartholomeu da Costa.

As *tercênas da porta da Cruz* occupavam o lugar em que vemos agora a fundição de baixo.

Das *tercênas de Cata-que-farás* apenas resta a memoria em uma travessa agora chamada *Catefarás*, que é a primeira á esquerda, na rua do Alecrim, indo da praça dos Remolares, e finda na rua das Flores, freguezia de S. Paulo. O forte de S. Paulo, que era dependencia d'estas tercenas, serviu depois de deposito de artilheria. Estando quasi em ruinas, e pejando um grande espaço do atterro da Boa Vista, foi demolido em 1872, e está actualmente (setembro de 1874) reduzido a um bonito e não pequeno terreiro, entre a praça do peixe, da Ribeira Nova, e o primeiro dos pequenos e bonitos jardins do atterro.

—

Alguns navios da marinha de guerra portugueza teem em nossos dias sido construidos no arsenal da marinha, sendo o ultimo a canhoneira *Douro*.

Este estabelecimento é superintendido por um official superior da armada.

Além da construcção de grandes e peque-

nos vasos de guerra competem ao arsenal da marinha os seus necessarios aprovisionamentos. Para esse fim ha as precisas officinas e competentes depositos. No 1.º d'estes se guardam as materias primas; no 2.º os artefactos; e no 3.º os viveres.

O material de guerra de uso immediato da armada, tambem está arrecadado em um deposito especial.

Ao Sul do Tejo, tem o arsenal por dependencias os estabelecimentos da *Azinheira* e de *Valle de Zebro*. N'estes ha grandes fornos para coser pão, de que hoje se não faz uso— e n'aquelle os jazigos para se curar a madeira de construcção e se guardarem as antennas e vergonteas.

A E. do arsenal ha uma doka com a superficie de 2:500 metros quadrados, onde as embarcações do serviço do estabelecimento se abrigam, assim como os botes de catraiar, em occasião de mau tempo.

A cabrea a vapor, em que já fallei, póde levantar o peso de 60 toneladas.

Na ponte de ferro, de que tambem já tratei, rebenta, de um de seus tubos, um manancial de optima agua potavel, que se extrahe com uma pequena bomba de ferro. Esta agua é muito estimada em Lisboa, por ser diuretica e adstringente; por isso util aos que soffrem do estomago. É grande o consumo que se faz d'esta agua.

(Das aguas mineraes d'este arsenal trato na secção—*Aguas mineraes de Lisboa).*

No *dique* podem entrar os navios que não excederem ao comprimento de 84 metros.

—

O serviço d'este arsenal, é distribuido por duas direcções—a 1.ª é dirigida por um official superior da armada. Tem a seu cargo, policia, fiscalisação dos depositos, officiaes-marinheiros, troço do mar, gente do talhame de artilheria, navios desarmados, guarnições dos hiates, barcaças, falúas, barcas d'agua, drága, rebocador, escaleres, e as officinas de apparelho, pintores, bandeiras e tanoeiros.

A 2.ª é dirigida por um engenheiro naval, auxiliado por tres ajudantes, tambem engenheiros; tem á sua responsabilidade o corpo de engenheiros machinistas, e as officinas de machinas, serração, ferraria geral; fundição de bronze, latão e ferro; caldeiras de vapor, moldes, caldeireiros de cobre e funileiros poleeiros, torneiros, entalhadores, calafates, e carpinteiros de banco e de machado.

Uma repartição denominada de *contabilidade industrial*, escriptura os livros de matricula dos operarios, formando os róes das férias e prepara a escripturação, para a conta da receita e despeza do arsenal.

O *ponto* realisa-se por meio de chapas, e é fiscalisado pelo chefe da repartição de contabilidade industrial.

Os individuos que vencem pela fériria regulam actualmente (1874) por 1:000 a 11:100. Ha, além d'estes, 60 reformados.

—

Fortificações actuaes de Lisboa

Philippe II, usurpando o reino de Portugal, em 1580, não curou, nem os seus ministros, senão de extorquir aos portuguezes, por todos os meios, por mais despoticos que fossem, e sobre os mais futeis ou disparatados pretextos, os seus bens e dinheiro: e achando isto pouco, os faziam ir morrer nos combates em Flandres.

Tinha porém contra si o tenaz prior do Crato e a rainha Izabel d'Inglaterra, que o ajudava com suas esquadras, gente e dinheiro.

Tendo este infeliz principe (D. Antonio) entrado em Portugal (1589) por Peniche e pela Ericeira, á frente de 12:000 inglezes, e atacando Lisboa (chegou até ao alto do Moinho de Vento, onde hoje é a alameda de S. Pedro d'Alcantara) foi repellido, e teve de embarcar a toda a pressa, em Cascaes.

Philippe II, receiando nova tentativa do prior do Crato, e a guerra com a Gran-Bretanha, intentou concertar as antigas fortalezas de Lisboa, e fazer algumas novas, que defendessem as duas margens do Tejo, ficando assim a coberto de qualquer golpe de mão de uma armada inimiga.

Vendo porém o usurpador que D. Anto-

nio estava muito descançado em Paris, desde a sua ultima tentativa malograda, sem tenção de emprehender outra nova, desistiu das obras de defeza, limitando-se a uns pequenos concertos nas fortalezas de S. Julião da Barra e Bugio. O mais não passou de planos.

Os dois Philippes seguintes (III e IV), seguindo em tudo a odiosa e espoliadora politica de seu pae e avô, trataram sómente de beber o sangue e arrancar a pelle dos portuguezes, e de nos desarmar e enfraquecer por todos os meios, não se lhes importando que os inimigos (1) de Portugal viessem devastar este rèino, regosijando-se mesmo com todos os nossos revezes.

Por estas razões, a usurpação castelhana se tornava cada vez mais odiosa e odiada; e os castelhanos empregavam todos os meios de nos reduzirem á impotencia e nihilismo.

E na verdade, quando raiou a aurora d'esse glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, de sempre grata recordação, estava Portugal reduzido á ultima miseria. Seus cofres estavam completamente exhaustos; os arsenaes vasios; as praças de guerra desartilhadas; o exercito andava derramando o seu sangue pela Italia e pelos Paizes Baixos; não tinhamos um vaso de guerra.

Apesar d'este estado de geral devastação, o amor da patria, a coragem da desesperação e o odio, tão implacavel como justificado aos castelhanos em geral e a Philippe IV em particular, fizeram de cada timido um intrepido, de cada valente um heroe e de cada opprimido um vingador.

Em nenhuma época Portugal se mostrou tão digno do seu nome e da sua fama, como durante essa guerra homerica chamada da *restauração*, em que a Europa admirada viu uma nação pequena e sem recursos, arcar contra o collosso castelhano, que tinha á sua disposição innumeros exercitos, aguerridos e experimentados generaes, fortes e bem guarnecidas esquadras, vastos arsenaes, bem sortidos, e todos os mais elementos, não só indispensaveis, mas até superabundantes, para sustentar uma guerra com outra nação egual em força e poderio.

E arcámos é vencemos!—Mais de 27 annos (desde o 1.º de dezembro de 1640, até 13 de fevereiro de 1668) durou esta guerra, na qual os mais peritos e corajosos generaes hespanhoes perderam a sua fama e prestigio, e os soldados castelhanos morderam a poeira aos milhares, em centos de batalhas, em que a bandeira dos leões foi arrastada pelo pó, ou fugiu enrolada e envilecida, ante as hostes aguerridas dos portuguezes invenciveis; obrigando o rei poderoso a pedir uma paz humilhante, áquelle que reputava seu vassallo, e que não poude vencer nos campos de batalha, nem vêr assassinado a punhal ou a veneno por traidores que por varias vezes assalariára.

—

Quando D. João IV subiu ao throno, um dos seus maiores cuidados foi proteger Lisboa, como cabeça e coração do reino, contra as poderosas esquadras de Castella.

Para isso reedificou e ampliou a fortaleza de S. Julião da Barra e a torre do Bogio. E ao mesmo tempo que se faziam as obras n'aquellas duas fortalezas, se guarneciam as margens do Tejo, desde a barra até Alcantara, com uma serie de fortes, que, crusando o fogo dos seus canhões em diversos sentidos, tornavam difficilima e perigosa a entrada do porto de Lisboa.

Em 1650, se cuidou tambem em guarnecer a cidade pela parte de terra.

Foram encarregados de levantarem as plantas e dirigirem as obras de defeza, os engenheiros Mr. Legart (frencez) João Gilot (hollandez) e João Cosmander, padre jesuita, belga, natural de Bruxellas. A superintendencia geral das obras foi confiada a D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede (que depois—em 11 de junho de 1661—D. Affonso VI, em premio dos seus grandes serviços, fez marquez de Marialva.)

(1) Portugal não estava em guerra com paiz nenhum. Castella é que estava em guerra com a França, Italia, Hollanda, Flandres, Gran-Bretanha, etc. Tudo quanto essas nações nos fizeram soffrer foi em odio aos castelhanos, que as deixavam exercer contra nós impunemente (e infamemente) toda a casta de roubos, usurpações e barbaridades.

O primeiro forte que se fez, foi o do Sacramento, em Alcantara.

Torre de S. Lourenço — vulgarmente do *Bugio*. Vide Bugio, a pag. 503 do 1. volume.

Torre de S. Vicente de Belem—Vide Belem, a pag. 369 do 1.º volume.

Fortaleza do Bom-Successo. — Vide esta palavra, a pag. 410 do 1.º volume.

Fortaleza de S. Julião da Barra — Vide paginas 425 do 3.º volume.

Forte de S. Paulo — Vide o artigo antecedente (Arsenal da marinha.)

Fortaleza de Monsanto — na serra d'este nome, ao NO. de Lisboa. Segundo o novo plano da fortificação de Lisboa, foi este logar destinado para n'elle se construir uma fortaleza que defendesse a cidade por este lado.

Em 1873 se principiaram as obras, que actualmente (1874) estão em trabalhos activos, e já bastante adiantados; empregando-se n'esta construcção quasi 300 operarios.

Nada por emquanto se póde dizer mais a similhante respeito.

Forte do Sacramento, em Alcantara e da Cruz da Pedra — foi principiado em 1650, e terminou a sua construcção dois annos depois. Foi (como já disse) o primeiro que se fez de novo no reinado de D. João IV.

D'este forte corria uma linha de muralhas, até á ermida de Nossa Senhora dos Prazeres—seguia pelo arco do Carvalhão, até Campolide, d'onde continuava rodeando Lisboa, até terminar no forte da Cruz da Pedra; cercando assim toda a cidade, de O. a E.—Ainda em varias partes ha vistigios d'esta linha de muros.

Segundo o plano, devia haver em toda esta extensa linha, 32 fortes, com muralhas de cantaria.

Apesar de toda a actividade com que se trabalhava n'esta obra importante, estava muito atrasada quando D. João IV falleceu, a 6 de novembro de 1657.

D. Affonso VI fez proseguir estes trabalhos com egual fervor. Chegando porém a Lisboa o marechal de Schomberg, convidado a vir a este reino, dar nova organisação ao exercito portuguez, e para tomar parte na lucta contra os nossos encarniçados inimigos, reprovou elle inteiramente aquelle plano de defeza, por não serem sufficientes todas as tropas e artilheria de que então se podia dispôr, para a guarnição de tão extensa linha. Adoptada esta sensata opinião, se mandaram suspender os trabalhos de circumvalação, e assim ficaram.

Dos fortes que deviam guarnecer a linha, do lado de terra, nenhum se chegou a concluir; mas alguns já estavam muito adiantados, e d'elles ainda ha de pé alguns vestigios.

Os unicos baluartes que se concluiram, foram os de Alcantara e da Cruz da Pedra; os quaes, pela sua posição sobre o Tejo, ficaram servindo de defeza maritima da cidade; mas, com o correr do tempo, mudaram de fórma e de destino. O terramoto de 1755 os damnificou muito. Depois, o de Alcantara foi desarmado e o da Cruz da Pedra transformado em armazem do estado, e hoje da companhia dos caminhos de ferro de Norte e Leste.

O forte do Sacramento foi fundo em uma quinta do marquez de Marialva, que tinha sido residencia ordinaria d'este fidalgo, desde 1635, em que casou com D. Catharina Coutinho, herdeira de uma grande casa, até á gloriosa acclamação de D. João IV, em 1640.

O marquez de Marialva (então conde de Cantanhede) tramou uma revolução contra o dominio do usurpador Philippe IV, em 1638, que abortou.

(Para o mais que diz respeito a este facto, vide pagina 68, columna 2.ª do 11.º volume.)

Schomberg, chamou a attenção do governo portuguez para a defeza maritima de Lisboa, e se procedeu a novas fortificações, não só nas margens do Tejo, mas tambem na costa visinha, a fim de ligar a praça de Cascaes com a torre de S. Julião da Barra, por meio de uma trincheira geral e de varios fortes.

Trabalhou-se n'estas fortificações, no resto do reinado de D. Affonso VI, e durante a

regencia e o reinado de seu irmão, D. Pedro II.

Os fortes construidos nas mencionadas épocas, entre Cascaes e S. Julião, são—*Forte dos Innocentes—de S. Roque—de Santo Antonio—da Cruz de Santo Antonio—de S. Theodosio—de S. João—fortaleza de Santo Antonio*—e o *forte de S. Domingos de Rânа.*

Na margem do N. do Tejo, principiando na torre de S. Julião, edificaram-se os seguintes:

Forte de Santo Amaro—de S. João das Maias—de S. Pedro de Arcos—de Nossa Senhora de Porto Salvo—de S. Bruno—de Nossa Senhora do Valle—de S. Francisco da Boa Viagem—de Nossa Senhora da Boa Viagem—da Cruz Quebrada—de S. José de Ribamar—de Nossa Senhora da Conceição--de Pedroiços.

Seguia-se a torre de S. Vicente de Belem, construida por D. Manuel. (Vide Belem.)

Seguiam-se os fortes da *Estrella—de S. João da Junqueira—do Sacramento—de S. João de Deus—de S. Paulo—dos Remolares—de S. João*, no Terreiro do Paço—*da Ribeira—de Santa Apolonia—da Cruz do Pedra* e *de S. Francisco, de Xabregas.*

D'estes fortes ainda existem alguns (poucos) em ruinas, ou com diversos destinos—outros desappareceram pelo terramoto de 1755, e pela reedificação da cidade—a estes pertencem—o dos Remolares, o do Terreiro do Paço, o da Ribeira e outros.

A maior parte porém ainda se conservam desarmados; mas com sua guarnição, ou guarda de veteranos.

Na margem do S., entre a torre do *Bugio* e o *pontal de Cacilhas*, se construiram pelo mesmo tempo, os fortes da *Trafaria*, ao qual se segue a *Torre velha*—o da *Fonte da Pipa*—o de *Arealva* e o de *Cacilhas.*

Ainda existem o da Trafaria e o de Cacilhas, mas desartilhados e desguarnecidos.

Nem D. João V, nem D. José I mandaram construir novas fortificações no porto de Lisboa; mas repararam-se (e algumas se ampliaram) por occasião das desinteligencias que houve com a Hespanha.

O mesmo se fez no reinado de D. Maria I, quando os castelhanos, alliando-se com a França, romperam em guerra contra Portugal, primeiramente em 1801, e depois, em 1807.

Foi então que se construiu a bateria contigua e ao O. da torre de Belem, que ainda existe.

Em 1833, o governo do senhor D. Miguel I, levantou novos fortes no Terreiro do Paço e em outras localidades, que foram desfeitos pelos liberaes, logo no fim do mesmo anno.

Durante o cêrco de Lisboa pelos realistas (desde 29 de agosto até 12 de outubro de 1833) fizeram os liberaes uma nova linha de fortificações em volta da cidade, que principiando no forte do Sacramento, em Alcantara, terminava no forte da Cruz da Pedra, proximo do convento das freiras da Madre de Deus, sendo estes dois fortes então reparados e artilhados.

—

Torre de S. Sebastião de Caparica, ou *Torre Velha.* Vide Almada, a pag. 140, col. 1.ª, do 1.º volume.

Castello de S. Jorge—Vide *Cêrca Mourisca* e *Cêrca de D. Fernando*, n'esta descripção de Lisboa.

—

Pharóes do Tejo

A entrada do porto de Lisboa, é indicada aos navegantes, durante a noite, por quatro pharóes. Um no *Cabo da Roca*, outro no do *Espichel*, outro no castello de *S. Julião* e finalmente outro na torre do *Bugio.*

Este ultimo é de rotação, com eclypses regulares e a luz de côr natural.

O de S. Julião, é de luz fixa, e tambem de côr natural.

—

Praça (ou largo) do Pelourinho

A mais antiga *praça do pelourinho* de Lisboa, de que ha noticia, era no logar agora correspondente á rua Bella da Rainha (rua da Prata) entre a rua Nova de El-Rei (Capellistas) e a de S. Julião (Algibebes).

Era uma praça pequena, quadrangular, e na qual desembocavam as ruas — do *Vêr-do-pêso*, *Nova*, da *Prataría*, e de *D. Gil Eannes*.

Até ao seculo XVI, vinham n'esta praça pôr banca, varios individuos, munidos de pennas, tinta e papel, sentados gravemente ás suas mesas, promptos a ler e escrever cartas e requerimentos a quem lh'o encommendava, por dinheiro, e que o não sabia fazer.

Não se sabe quando esta especie de estabelecimentos terminou; mas sabe-se que ainda existiam em 1551. (*Summario das noticias de Lisboa*, por Christovão Rodrigues de Oliveira.)

Existiu esta praça até ao 1.º de novembro de 1755. Chamavam-lhe então (e desde muitos annos) *Praça do Pelourinho Velho*; porque já então havia a do *Pelourinho Novo* — que era mui vasta; mas irregular, contigua ao Tejo, no logar onde tinham sido as *tercênas navaes* de D. Fernando I, e que depois foi *praça da Ribeira* e principal mercado de Lisboa; e onde se vendiam, em barracas de madeira, os generos que agora se vendem na praça da Figueira.

A área d'aquella praça está hoje occupada pela alfandega das sete casas, mercados do carvão e do azeite e mais edificios que seguem para E.

Não se sabe ao certo quando n'esta praça se collocou o *pelourinho novo*, suppõe-se que foi no reinado de D. Sebastião; porque já em 1619, se dava o nome de *pelourinho velho* á primeira d'estas duas praças.

O terramoto de 1755, destruindo esta parte de Lisboa, e na sua reedificação desappareceram ambas aquellas praças, do velho e novo pelourinho.

O architecto Eugenio dos Santos de Carvalho, que delineou o novo plano da capital, foi pois o que fez a planta da actual praça do Pelourinho, bem como o risco dos edificios que a guarnecem.

N'este sitio já havia um pequeno largo triangular, chamado a *Tanoaría*, guarnecido pelo E. e S. com os paços reaes da Ribeira.

Com os grandes augmentos e custosos aformoseamentos que D. João V fez nos seus paços e capella da Ribeira, desappareceu o *Largo da Tanoaría*.

No principio do reinado de D. José I, se operou n'este sitio outra, e muito importante transformação, primeiramente com as demolições e edificações que se fizeram em 1751, para o estabelecimento do cabido, ou sacro collegio patriarchal; da administração da fazenda, e arrecadação do thesouro *(guarda joias)* d'aquella santa egreja.

Depois, em 1753, com a fundação do magnifico e vasto *theatro regio* (que o terramoto destruiu no fim de um anno da sua inauguração) e, finalmente, em 1754, em que se começou a grande obra da calçada de S. Francisco (que principiava junto á capella-mór da patriarchal, no largo que se estendia em frente d'este templo, que havia pouco tempo tinha sido ampliado, e se denominava — *praça da Patriarchal* — e que tambem foi destruido pelo terramoto.

A actual praça do pelourinho é cercada e ornada de bellos predios. Na face do S., é o arsenal da marinha (vulgo *ribeira das naus)* — nas do O. e N., ha magnificas casas particulares. A de E. é occupada pelos sumptuosissimos paços do senado da camara municipal de Lisboa.

N'este edificio estava o Banco de Portugal, que pertencia á camara d'esta cidade. Foi construido para paço do senado, porém, como este edificio devesse correr pela rua do Arsenal, até hir formar um angulo para a praça do Commercio e para a rua do Ouro, e n'esse angulo fosse obrigada a camara a edificar (conforme o prospecto da mesma praça) o prolongamento dos seus paços, preferiu o senado esta parte do edificio para elles.

Na fachada do O., que deita para a praça do Pelourinho, se tem accommodado diversas repartições e estabelecimentos publicos. Esteve alli a antiga *junta dos juros dos reaes emprestimos* (anterior á fundação do banco de Portugal, creado em 1821 e reformado e ampliado em 1846) e tambem aqui esteve a administração geral do contrato do tabaco e outras associações.

Parece que o senado da camara tambem

ahi exerceu as suas funcções durante todo ou parte do tempo em que D. Maria I e a familia real (depois do incendio do antigo palacio da Ajuda) residiram no Terreiro do Paço, occupando os palacios da camara e da secretaria da justiça; que, para esse fim, se uniram com um passadiço, que foi demolido no principio do seculo XIX.

(O que diz respeito ao Pelourinho, vae na secção — *monumentos, ou memorias de Lisboa.*)

—

Este grandioso edificio foi totalmente devorado por um pavoroso incendio, em 19 de novembro de 1863.

Procedeu se á sua reconstrucção alguns annos depois; mas as obras teem hido muito vagarosamente, a ponto de que, estamos em setembro de 1874, e as obras apenas estão concluidas de pedreiro. Fica todavida um sumptuosissimo edificio e digno do senado da camara da capital de um reino. Foi estabelecida a solução de continuidade, do resto do quarteirão, por uma travessa que separa este edificio do do ministerio do reino.

—

Theatros antigos de Lisboa

Theatro da rua das Arcas

(Ao Rocío)

Os antigos theatros em Portugal, eram como os gregos e romanos — descobertos ou apenas toldados — e só se representava de dia. Dava-se lhes vulgarmente o nome de *Pateo da comedia.* Aos logares designados para o povo se chamava *popularía;* pouco mais ou menos ao que chamamos agora platéa.

Bluteau diz que *popularía* e *pateo da comedia* são synonimos: parece-me que não. Entendo que popularía era o logar da plebe, e que para a aristocracia havia *palanques,* e para a côrte, *tribunas.*

Isto não passa de mera conjectura, pois não me consta que haja a similhante respeito memoria escripta.

—

Houve antes do terramoto de 1755, um theatro na *rua das Arcas,* ao Rocío, que foi então destruido.

Não me consta que haja d'elle outros esclarecimentos senão a memoria da sua existencia.

Pateo da comedia ás Fangas da Farinha

(á Boa Hora)

Este theatro parece que já não existia no 1.º de novembro de 1755. Tambem se sabe apenas que existiu.

Theatro Regio da Ribeira

Construido em 1753 e destruido pelo terramoto de 1755. (Vide col. 2.ª da pag. antecedente.)

Theatro da Mouraria

Este theatro, um dos mais antigos que havia em Lisboa, foi destruido polo terramoto de 1755. — Não pude obter outras informações a seu respeito.

Theatro no palacio arruinado do conde de Soure

(ás Mercês)

Depois do terramoto de 1755, que desmantelou este palacio, se construiu um theatro nas suas ruinas. Parece que pouco durou, porque não ha d'elle senão a lembrança de ter existido.

Theatro do Bairro Alto

(a S. Roque)

Não se sabe exactamente a data do estabelecimento d'este theatro; mas, segundo todas as probabilidades, foi pelos fins do anno de 1815.

A primeira vez que aqui houve representação dramatica, foi nos fins do dito anno, sendo effectuada por curiosos, entrando os actores Antonio José Ferreira, Antonio Borges Garrido e o carpinteiro machinista d'este novo theatro, Vicente Romano, que já tinha representado em theatros particulares.

A primeira dama d'esta companhia foi a celebre comica, Barbara Maria Candida

Leal, que ainda chegou a representar no theatro de D. Maria. Poeta dramatico (traductor) director e ensaiador, foi Francisco de Paula Nolasco.

Esteve o theatro fechado um anno pelo lucto dá morte de D. Maria I, occorrida a 20 de março de 1816. [1]

Abriu-se em 1817, com melhor companhia, entrando para *primeiro galan*, João dos Santos Matta.

No carnaval de 1818 se reuniu esta companhia á do Salitre, formando uma sociedade que durou dois annos.

Durante este tempo trabalhou no theatro do Bairro Alto uma companhia hespanhola, que representava zarzuellas, com bailados, e que, por isso, era muito concorrido.

Em 1820, voltou para aqui a companhia que se juntára á do Salitre, reforçada com alguns actores dos Condes, entre eslles, Sebastião José Ambrosini; sendo director e ensaiador o referido Matta.

No mosmo anno foi para os Condes, unindo-se á companhia que alli trabalhava; sendo o theatro de S. Roque alugado a outra companhia hespanhola, que aqui trabalhou algum tempo.

Em 29 de setembro de 1821, foi aqui levado á scena o *Cattão*, de Garrett. A maior parte dos actores eram estudantes de Coimbra, e o resto curiosos. O auctor foi tambem — que tinha então 22 annos, e foi justamente applaudido, assim como os seus collegas. Na mesma noite se representeu a farça do mesmo auctor, o *Corcunda por amor*. (Parece que era cousa de pouco merecimento, pois que o auctor só a publicou na primeira edição do *Catão*, supprimindo-a nas seguintes.)

Por algum tempo esteve este theatro sem companhia permanente, servindo para divertimento de curiosos.

Em 1823, foi alugado por uma companhia franceza. Parece que esta companhia viera para o theatro do Salitre em 1821.

Na Gazeta Official de Lisboa, de 2 de janeiro de 1823, se publicou o seguinte annuncio:

[1] Então, por morte do monarcha os theatros fechavam-se por um anno.

«Abertura do theatro do Bairro o Alto. — «Companhia franceza—Sabbado, 4 d de janei«ro de 1823, se representará *La Jalalouse*, co«media em 5 actos, e em verso, dede Defoi«ges, que será seguida de uma 2.ª rerepresen«tação do *Mari et l'amant*, comedidia nova «em 1 acto, e em prosa, de Mr. Viaial.

«O theatro do Bairro-Alto está mmuito au«gmentado, e pintado de novo comm muit«elegancia, disposto de maneira quque o pu«blico esteja sentado com a maior c commo didade possivel.

—

Ainda ha outro annuncio d'esta a companhia—diz:

«Theatro francez no Bairro Alto—o—Á imi«tação dos bailes que se costumam d dar n'es«ta estação de carnaval, em França, a, Italia «mais paizes civilisados, haverá ı no dit«theatro,nas noites de sabbado 8, d doming«9, 2.ª 10 e 3.ª 11, de fevereiro, *grgrand ba«masqué et paré* (baile de mascaras e e de apa«rato.) — «A plateia será posta ao n nivel d«scena; a sala será adornada e muiuito illu«minada. Preço de entrada, por umana pesso«960 réis. Cada camarote, com cujuja chav«se receberão quatro bilhetes, de uuma pes«soa cada um, e que servirão para a a entra«da na porta principal, 4$800 réis. s. As pes«soas que estiverem nos camarotes,es, poder «passear por todas as partes do edificficio» et

—

Esta companhia foi infeliz. A suaua ultim recita foi em 9 de março de 182323, e nã tornou a Portugal outra companhia fá francez senão d'ahi a 13 annos a de *Emiliclio Dou* para os Condes, em 1836.

—

Em 1827, esteve no theatro do BaBairro-Alto uma companhia ingleza, que deueu varia recitas na sua lingua e nos intervallallos dar ça hespanhola. Tambem dava titereres (ma rionnettes) sombrinhas e visualidadades, a que davam o nome de *noutes pictorerescas*.

Em 24 de dezembro de 1826, tininha des embarcado em Lisboa uma divisão o ingleza commandada pelo general Clinton, pa para sus tentar a *Carta*. Foi provavelmente pa para pas satempo d'ella que veio esta compmpanhia

pois que a lingua ingleza pouca voga tinha então em Portugal, e com portuguezes pouco lucro podiam tirar os actores.

—

Desde 1827, com a sahida d'esta companhia, só curiosos, de longe a longe, representaram n'este theatro.

Em 1833, entregou o arrendatario do edificio a chave d'elle á marqueza de Niza, e em 1836 foi desmanchado.

Este theatro (na sua ultima reforma) era pequeno: tinha duas ordens de camarotes—ao todo 24—e uma varanda corrida, por cima da 2.ª ordem; porque a sala era muito alta. Havia plateia superior e geral. O palco era pequeno e do lado da calçada. (E.)

—

Quando se desmanchou este theatro, foi a sala alugada ao pintor de carruagens, Domingos Antonio Matheus; e em 1854, tendo a *Companhia de carruagens lisbonense* comprado o dominio util do palacio dos marquezes de Niza, á viuva Caldas, comprehendendo o *pateo do patriarchá* (entrada do extincto theatro) da sala que foi do espectaculo fez a companhia a cocheira para o seu gado. (Vide tambem *largo de S. Roque.*)

Theatro da rua dos Condes

É o mais antigo dos actuaes, em Lisboa. Foi feito pouco depois do terramoto de 1755, nas ruinas do vasto palacio dos condes da Ericeira. Tem sido por varias vezes condemnado; mas, a poder de concertos e reboques, vae appellando e tem sempre espectadores. Foi n'este theatro que aprenderam Emilia das Neves e Sousa, Tasso, Rosa Senior, Theodorico e outros que vieram a ser artistas distinctos. (Vide *Ericeira.*)

Theatro do Salitre (hoje das Variedades Dramaticas)

Na rua do Salitre

Depois do dos Condes é o mais antigo dos existentes. Não pude saber quando se fundou, mas parece que já existia em 1815, quando se fez o do Bairro-Alto, ou se construiu pouco depois. Em 1821 trabalhou aqui uma companhia franceza de declamação e dança. Tem por muitas vezes sido concertado, e em 1874 soffreu grande reforma. O seu genero são comedias, farças e magicas.

—

Theatros modernos de Lisboa

Theatro Normal ou de D. Maria II

No artigo *Paço dos Estáos* disse quanto de mais importante havia a dizer do edificio que occupou o logar onde hoje se vê este theatro; tratarei agora, rapidamente, do que pertence a esta casa de espectaculos.

Almeida Garrett apresentou um projecto que foi convertido em lei, em 6 de novembro de 1840, que mandava construir um theatro nacional. O governo devia dar o terreno e parte dos materiaes, e as mais despezas de construcção seriam feitas por uma companhia, que a mesma lei mandava crear, estabelecendo o modo porque se amortisaria o seu capital; afim de que o edificio ficasse propriedade da nação.

Foi nomeada pelo governo uma commissão encarregada de promover a formação de uma companhia e de cuidar da edificação de um theatro. Decidiu-se logo que esta construcção fosse no Rocio, e depois de examinado por peritos o sitio occupado pelos restos do *palacio dos estáos*, foi comprado á camara por 10 contos de réis, abrindo-se ao mesmo tempo concurso para o risco. Apresentaram-se seis desenhos, que levaram a examinar para a escolha, até abril de 1841.

Então os caixas geraes do contracto do tabaco, que, pela sua escriptura do monopolio d'este, eram obrigados a ser empresarios do theatro de S. Carlos, o que lhes causava desgostos e graves prejuizos; offereceram 40 contos para a fundação do novo theatro, se fossem eximidos d'aquella obrigação, o que foi acceite.

O sr. Larcher, que era então vice-presidente do conservatorio real de Lisboa e inspector geral dos theatros, fez um novo projecto

para a fundação do theatro, que foi approvado, assim como a proposta dos caixas-geraes do contracto do tabaco; sendo dos seis riscos, approvado o de Fortunato Lodi.

Foi dissolvida a commissão, que estava nomeada, e se creou outra para superintender nas obras, composta dos srs. Larcher, inspector das obras publicas e Jacinto José Dias de Carvalho, sendo este o thesoureiro.

Principiaram-se os trabalhos pela demolição da parte que restava do palacio queimado, em 7 de julho de 1842; e em novembro do mesmo anno se lançou a primeira pedra do novo edificio.

Foi inaugurado em 13 de abril de 1846, com o drama historico, intitulado—*Alvaro Gonçalves, o Magriço, ou Os Doze d'Inglaterra,* do sr. José da Silva Mendes Leal Junior — que tinha sido approvado e premiado em concurso.

As estatuas que decoram a fachada principal foram alli collocadas em 1847.

Toda a despeza da construcção correu por conta do estado, á excepção dos 40 contos do contrato do tabaco.

Incluindo o valor dos materiaes aproveitados do velho paço dos Estáos e outros edificios publicos demolidos, o custo do theatro, externa e internamente completo, foram 400 contos de réis.

Theatro de D. Fernando

Na rua dos Fanqueiros

A egreja matriz de Santa Justa e Rufina, na indicada rua, e com frente para o pequeno largo e para a travessa de Santa Justa (que é o prolongamento do mesmo largo, para o O.) foi profanada em 1834, sendo a parochia transferida para o magestoso templo do mosteiro dominicano, ao Rocio.

A antiga egreja foi transformada em theatro, que durou poucos annos, de uma existencia pouco prospera, até que acabou; construindo-se no seu logar um predio particular, occupado actualmente (o 1.º e 2.º andar) pelo *Hotel Pelicano*, que desde o seu estabelecimento aqui, já tem tido varios donos.

Theatro lyrico, ou de S. Carlos

Foi construido pelo modelo do da *Scala*, de Milão. É um dos melhores theatros lyricos de segunda ordem na Europa. Foi construido pelo architecto portuguez José da Costa e Silva, sob a inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral, e á custa de uma companhia opulenta de negociantes, cujo presidente era o primeiro barão de Quintella.

Teve principio esta fundação em outubro de 1792, e concluiu-se em 6 mezes, pois em 29 de abril de 1793, se deu aqui a 1.ª representação, para solemnisar o nascimento da princeza da Beira, a sr.ª D. Maria Thereza de Bourbon e Bragança.

A sala do espectaculo é eliptica.

Tem 120 camarotes, distribuidos por 5 ordens, e uma vasta *tribuna regia*, para dias de grande gala.

E' construido de cantaria á prova de fogo, e os seus corredores são todos de abobada, e as escadarias de pedra, e em tão grande numero, que darão, em caso de sinistro, prompta sahida aos espectadores dos camarotes. Custou 90 contos de réis.

Tem em frente uma praça sufficiente para o serviço dos trens e peões.

Theatro da Trindade

(Na rua da Trindade)

E' dos mais elegantes de Lisboa. Principiou a demolição de varios casebres antigos e insignificantes, que occupavam o local onde está edificado, em junho de 1866. Já no carnaval de 1867 aqui houve bailes de mascaras, e poucos mezes depois estava completamente concluido.

Este theatro foi feito por iniciativa do sr. Francisco Palha de Faria Lacerda, que para isso formou uma companhia, por acções de um conto de réis cada uma.

Fez o risco e foi director e constructor das obras Miguel Evaristo de Lima Pinto.

A primeira direcção da companhia foram os srs.: duque dePalmella, presidente = Narciso de Freitas Guimarães, thesoureiro

=Francisco Palha de Faria Lacerda, director technico=director e ensaiador o sr. José Maria da Cunha Moniz.

A inauguração foi a 30 de novembro de 1867, com o drama original, em cinco actos, do sr. Ernesto Biester «*A Mãe dos Pobres*» =e a comedia em um acto «*O Xerez da Viscondessa*», traducção do francez, pelo sr. Francisco Palha.

Os principaes actores da companhia eram os srs. Joaquim José Tasso, Isidoro Sabino Ferreira, Joaquim d'Almeida, Raymundo de Queiroz Sarmento, Francisco Maria Cardoso Leoni, Delphina Perpetua do Espirito Santo, Emilia Adelaide Pimentel, Rosa Angelica Damasceno e Emilia dos Anjos.

Custou o theatro, incluindo o edificio, salões, officinas e todas as decorações, cento e vinte contos de réis.

Destina-se em geral a comedias, farças, operas-comicas, e magicas.

Theatro do Gymnasio

(Na rua da Trindade, e junto ao antecedente)

E' de construcção moderna. E' destinado á comedia e á farça lyrica. E' pequeno, mas elegante.

Foi n'este theatro que se estreiou o bem conhecido actor Francisco Alves da Silva Taborda.

Theatro do Principe Real

(Na rua Nova da Palma)

Foi edificado este pequeno, mas bonito theatro, para casa de baile, denominado—*Salão Meyerbeer*.

Em 1864 foi transformado em theatro para representações dramaticas, sendo empresarios os srs. Cesar de Lima, e Ruas, proprietario do edificio, que o poz nas condições proprias para o fim a que era destinado, mandando-lhe construir duas ordens de camarotes (hoje tem quatro).

Tomou então o titulo que hoje tem.

É destinado a operas-comicas e farças.

—

Alem d'estes theatros publicos, ha varios pequenos theatros particulares, pertencentes a sociedades; sendo os principaes — o *theatro d'Alfama*, estabelecido em parte do palacio do sr. conde de Rezende, a Santa Engracia (ao fundo do Campo de Santa Clara)—o theatro *Taborda*, á costa do Castello —o theatro do *Aljube*, junto ao pateo da Sé, —theatro *Garrett*, na travessa do Forno, aos Anjos, etc.

Praça do Salitre

(Na rua do Salitre)

Foi edificada para praça de toiros; mas depois, tendo-se construido para o mesmo fim o enorme barracão de táboas embreadas, no campo de Sant'Anna, ficou a antiga praça do Salitre reduzida a circo, que quasi sempre está fechado. Este edificio é junto do theatro das *Variedades*.

Praça de touros

(Ao campo de Sant'Anna)

Pertence a *Casa Pia*. Vide a antecedente.

Circo Price

(Na rua do Salitre, em frente do theatro das Variedades)

E' um vastissimo barracão de taboado, mal construido e improprio (como a praça de Sant'Anna) da capital de uma nação; tornando-se mais sensivel esta anomalia, porque é uma casa bastante frequentada — tendo uma (quasi sempre optima) companhia equestre que aqui trabalha quasi todos os invernos, e attrahe grande numero de expectadores; e tambem porque aqui se representam zarzuellas por companhias hespanholas de declamação, canto e dança, com frequencia, e porque até mesmo as companhias de outros theatros de menos capacidade, aqui vem dar as suas representações.

Tanto este como os outros theatros dão bailes de mascaras na estação propria.

Casino Lisbonense

(No largo da Abegoaria, á Trindade)

E' um salão vasto e aceiado, proprio para bailes de mascaras; mas tambem alli se teem representado zarzuellas e dado concertos vocaes e instrumentaes.

—

Cemiterios publicos

Cemiterio dos Prazeres, ou Occidental

No logar onde hoje existe este cemiterio, foi a antiga *aasa de saude* (lazareto) que se estabeleceu nas terras da Ajuda em 1599, no anno chamado da *peste grande*. Havia aqui uma fonte, sobre a qual appareceu uma imagem da Virgem (pelo que se chamou *fonte santa*, e á imagem Nossa Senhora dos Prazeres).

Fez-se-lhe uma ermida (que hoje está dentro do cemiterio).

Os parochianos de Santos prometteram uma procissão annual a Nossa Senhora se desapparecesse o flagello da peste; e como foram ouvidos, teem até hoje cumprido o seu voto. (Vide Feira das Amoreiras — em Lisboa.)

Principiou a ser cemiterio publico em 1835, e já hoje alli se admiram sumptuosos mausoleus.

Pertence á metade occidental da cidade de Lisboa, como a sua denominação indica.

Cemiterio do Alto de S. João, ou Oriental

Estando a parte E. da cidade de Lisboa muito distante do cemiterio dos Prazeres, que é na extremidade opposta, a camara mandou construir este cemiterio para os que falecessem d'este lado.

Tem muitos e ricos mausoleus, e a sua capella é bellissima.

Cemiterio da Ajuda

É o 3.º cemiterio catholico de Lisboa, onde se enterram as pessoas que morrem no concelho de Belem.

Cemiterio de S. Luiz

(É privativo dos francezes)

Está junto á egreja da mesma invocação.

Cemiterio dos Ciprestes

Nome vulgar que se dá ao cemiterio protestante dos inglezes, junto ao passeio da Estrella.

Annexa a este cemiterio está a egreja do culto protestante.

Cemiterio dos Judeus

É ao Colleginho.

Cemiterio dos allemães

É na rua do Patrocinio, á Boa-Morte.

Cemiterio do Valle-Escuro

É de irracionaes.

Céltas

O que nos resta d'estes povos [1]

Já a pag. 236 do 2.º vol. e sob a palavra *Céltas*, tratei d'estes antigos povos, que das selvas armoricas se espalharam para aquem dos Pyreneus, trazendo-nos a sua lingua, a sua religião e os seus usos e costumes.

Mas então, apenas tratei das localidades que occuparam, dividindo-os em tres *grupos*, para melhor comprehensão do leitor menos instruido na materia.

A pag. 482 do mesmo volume, tinha fallado nos seus sacerdotes (os *druidas*) e da sua religião, usos, costumes, leis e gerarchias.

Aqui darei sómente algumas palavras introduzidas da lingua celta no portuguez, e

[1] Não julgando este pequeno artigo completamente destituido de interesse, e não achando na obra um logar proprio, decidi publical-o no artigo Lisboa. Se ha incoherencia, ou deslocação, peço desculpa aos meus benevolos leitores.

algumas das superstições d'aquelles povos.

Não fallo em *antas*, *dolmens*, *carns* e *mâmoas*, porque já está tudo no logar competente.

Apres—preposição—*depois*.—Sem corrupção.

Appellidar—verbo—*chamar gente para a guerra*, *provocar*, *desafiar*. — Derivado do substantivo celta — *appel* — que significa—*chamamento*, *appellação*, *desafio*, *intimação*.

Briga — logar, povoação, talvez cidade, etc. [2]

Ca — conjuncção — *porque*, *porquanto*.— Contracção do celta—*car*—que significa o mesmo.

Centenario—*o espaço de 100 annos*. Tambem, a cousa que dura, ou a pessoa que vive—um seculo. De *Centenaire*, que significa o mesmo.

Di-juso, ou *di-jusso*—adverbio—*sob*, *debaixo*.—Do celta *dessous*, que quer dizer o mesmo. (Vide *Jussãa*, no Diccionario.)

Ensembra — adverbio — *juntamente* — Do celta *ensemble*, que significa o mesmo.

Hu—adverbio—*onde*, *em que*—Do celta, *où*, qne exprime o mesmo.

Lous—*soldado*, *guerreiro*, *militar*, etc.— Outros porém dizem que *lous*, significa *agigantado*, *robusto*, *forte*, *bravo*, *aguerrido*, etc. —(Vide adiante—*Tan*, n'este mesmo artigo.)

Pen—*rochêdo*.—D'aqui, pena, penha, penhasco, penêdo, etc.

Remembrar—verbo—recordar, lembrar—do célta *remembrer*.—Os inglezes teem *remember*, da mesma origem e com a mesma significação. Tambem é palavra provençal, e vale o mesmo.

Tan—paiz, reino, região, etc.

Esta palavra é commum a muitos povos da antiguidade, com identica significação e termina o nome de muitos paizes—vgr.—*Industan*, *Afganistan*, *Turquestan*, etc.— e, por differença de dialecto—*Lusitania*, *Batestania*, *Mauritania*, etc.

Theut, *Teut*, *Endo*—Deus.

É notavel que haja tanta similhança na palavra com que os antigos significavam o Poder Supremo do Universo.

Os gregos lhe chamavam *Theos* —os egypcios, *Thoth*, ou *Tenn*—os os antigos tudescos, *Diet*—os cretences, *Thiios*—os latinos, *Deus*—os francezes, *Dieu*—os hespanhoes, *Dios*—os italianos, *Dio*—os irlandezes, *Die*—os provençaes, *Diou*—os antigos egypcios, *Teuti*—os callicos, *Dlu*—os baixos bretões, *Dove*—os olalas, *Deo* — os zembirios, *Teizo*.

—

Segundo alguns etymologistas, das duas palavras celticas *lous* e *tan* se deriva a palavra *Lusitania*; que significa *paiz dos guerreiros*, ou *terra dos bravos*.

(É provavel que *lous* se pronunciasse *lus*.)

Na minha opinião, não ha talvez contradição em se derivar a palavra Lusitania de de *lous* ou de *Luso*.

Podia ser chefe d'esta parte da Peninsula um guerreiro ou um homem de grandes forças, ao qual dessem a antonomasia de *lous*, que impozesse o seu nome ao paiz. Lous, facilmente mudava para *Luso*.

—

Os celtas sacrificavam á sua divindade suprema *(Endovelico?)* os primeiros fructos de cada especie que colhiam (escolhendo sempre os mais perfeitos.)

Bem sabemos que este preito rendido a Deus, Creador de todas as cousas, é tão antigo como o mundo, e que a causa do assassinio de Abel, foi o seu cuidado em escolher os mais formosos fructos da terra para offerecer á Divindade, e que o uso das *primicias* era commum a muitos povos da Asia; mas é provavel que os celtas o herdassem dos chaldeus ou dos hebreus, e que depois o introduzissem na Peninsula. É certo que em nossos dias, e até 1834, o povo catholico dava a Deus as primicias dos seus fructos.

Quando os celtas passavam por um sitio onde, repentinamente, ou por outro qualquer motivo, tinha morrido alguem, resa-

[2] D'aqui Lancobriga, Cetobriga, Conimbriga e todas as mais povoações com a mesma terminação.

vam uma oração, e collocavam alli uma pequena pedra.

Nas nossas provincias do norte, e especialmente na Terra da Feira, ainda ha este costume.

Os celtas, saudavam a lua *nova*, a primeira vez que a viam. Ainda hoje muitos dos nossos povos das aldeias se não esquecem de praticar o mesmo, dizendo — «Benza-te Deus.» — Teem por pouco religioso o que deixa de fazer isto.

O uivar do cão, era entre os celtas signal infallivel de morte proxima em pessoa da familia. Vão lá tirar esta superstição, já não digo aos povos simples dos campos; mas mesmo a muita gente illustrada.

A apparição das almas dos mortos era dogma da religião celtica. Ainda em muitas nações da Europa, nem a religião catholica poude arrancar esta superstição; apesar de dizerem os sagrados livros — «*Spiritus qui vadit non redit.*»

—

O que fica dito, é o que sei, ou me lembra. Sabe Deus quanto mais haverá a dizer sobre a materia; mas ainda o não encontrei em livro nenhum.

Tambem muitas palavras celticas (além das referidas, e em muito maior numero) estão adoptadas e, por assim dizer, naturalisadas, em Portugal, as quaes só difficilmente e com immenso trabalho se poderiam reunir todas, ou a maior parte.

Isto, não fallando nos gallicismos de que a nossa lingua inutil e escandalosamente está insada.

—

Vestigios dos romanos e arabes

Vão nas povoações onde existem.

Amostra de algumas palavras arabes, ainda hoje adoptadas na lingua portugueza [1]

Tenho a fazer uma explicação aos meus leitores, sobre o alphabeto árabe. Tem elle quatro letras, que são as mais difficeis de pronunciar, e nós não temos no nosso letras que lhe correspondam. São ellas — ع ح خ ق — as quaes nós supprimos por outras.

A 1.ª não tem regularidade, mas assimilha-se alguma coisa no som ao nosso *q*, nós a substituimos umas vezes por *c*, outras por *k*, e outras por *q*, v. gr.:—

Almacbar (Almocavar, logar das sepulturas, cemiterio.)

Alkermez (confeição d'*alquerme*).

A segunda letra é guttural, e acha-se sempre supprida por um *a*, e só em Duarte Nunes de Leão se vê escripta com dois *aa*, como:

Ábda—Aabda (provincia de *Abdalah*).

Aabdala (nome d'homem).

Alâcir, *Aalacir* (vindima).

A terceira tambem se pronuncia do fundo da garganta, como quem escarra (similhante ao *j* castelhano). Esta supprimos ordinariamente por *f*, como:

Alchasse (alface, hortaliça).

Alchozama (alfazema, planta odorifera).

Alchanjar (alfange, espada curta, curva e larga).

A quarta letra pronuncia-se *hhé*, do fundo da garganta, como quem se queixa de frio, e quasi similhante ao *h aspirado* dos francezes. Esta a supprimos quasi sempre por *f*, e poucas vezes por *s*, v. gr.:

Almahala (almofalla, arraial).

Alhella (alfella, que tambem significa arraial, acampamento, logar habitado por pouco tempo).

Alhelua (alfeloa, doce).

Almohassa (almofaça, instrumento de cavallariça).

E finalmente *Hardão (sardão*, lagarto, reptil).

Além d'estas, outras letras arabes se acham trocadas por corrupção, tendo-as nós correspondentes, são — *b*, *t*, *g*, *z*, *s*.

O *b* em *v*, v. gr. — *Albará* em *Alvará* (carta regia) — *Alboerca* em *Alverca* (villa) — *Albanai* em *alvanel* (pedreiro).

Tambem a trocamos por *m* — v. gr.: — *Albondeca* em *Almondega* (guizado) — *Bar-*

[1] Quem quizer ter amplas noções de todas as palavras portuguezas de origem arabe, veja os *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, por fr. João de Sousa.— Não ponho as palavras arabes que designam povoações, porque vão n'aquellas a que pertencem.

ran em *Marran* (carne fresca de porco).

Mudamos o *t* em *d*, v. gr.:— *Attabut* em *Ataúde*.—O *g* em *l*, v. gr.: *Gezirat* em *Lezria;* e tambem em *z* v. gr.: *Gedoar* em *Zedoaria*. — O *z* em *g*, v. gr. *Alzarub* em *Algeroz*—*Zorafat* em *Gerifalte*.—O *s* em *z*, v. gr.: *Sulhame* em *Zorrame*, etc.

Dito isto. passemos á amostra.

—

Ábra—*ábra*—enseada, ancoradouro.
Açafate—*assafate*—cestinho sem aza.
Assafrão—*azzafaran*—planta.
Achaque—*axxaqui*—enfermidade.
Aduana—*addiúan*—alfandega.
Balío—*Wali*, *Valêo*—senhor, nobre, principe.
Barão—*baron*—justo, puro (hoje um titulo).
Bazar—*bazar*—praça ou feira coberta.
Beleguim—*baleguim*—official de justiça.
Café—*cahué*—fructo.
Camiza—*camisa*—tunica interior.
Damasco—*damesque*—seda, fructo, cidade.
Durazio—*duraqueno*—certos pêcegos.
Endívia—*hondeba*—chicoria (hortaliça).
Escarlate—*scarlat*—côr.
Falúa—*faluca*—certa embarcação.
Fulano—*folano*—pronome que serve para todas as pessoas.
Gato—*catton*—animal domestico.
Guitarra—*quitara*—instrumento musico.
Hisopo—*azzof*—planta.
Jarro e *jarra*—*jarra*—vaso para flores.
Jasmim—*jasemin*—flor.
Laranja—*naranja*—fructo. (Os hespanhoes pronunciam sem corrupção—*naranja*.)
Laudano—*ladano*—medicamento.
Maná—*manna*—mel das plantas.
Margem—*marge*—de rio.
Nadir—*nadir*—ponto opposto ao *zenith*.
Nóra—*naûra*—machina hydraulica vulgar.
Occa—*occa*—peso oriental (40 onças).
Oxalá—*enxa-Allah*—queira Deus!
Papagaio—*papagai*—passaro.
Páteo—*patheton*—terreno descoberto junto da casa.
Quintal—*quentar*—quatro arrobas.
Rebeca—*rababa*—instrumento musico.
Regueifa—*regueifa*—rosca de massa de trigo.
Sabão—*sabun*—preparado bem conhecido.
Sardão—*hardão*—lagarto (reptil.)
Tabique—*tabique*—parede de táboas, cobertas de cal.
Taça—*taça*—vaso de metal, vidro, barro, etc.
Vacca—*bacra*—animal domestico.
Verruma—*barrima*—instrumento para furar.
Xah (escrevemos quasi sempre *chá*)—*xah* rei, principe, soberano (na Persia). Os orientaes chamam ao *chá*—*herva do xah (herva do rei)*, e nós, por abreviatura, simplesmente *chá*.
Xergão (ou *enxergão*)—*xarcon*—colchão de palha.
Zizania—*zizano*—joio (que nasce entre o trigo.)
Zorzal—*zarzur*—estorninho, passaro.

—

Muito desejava que tanto este pequeno *vocabulario*, como todas as palavras arabes, que vão escriptas em toda a obra, o fossem não só com a corrupção actual, (as que a teem) mas tambem com os proprios caracteres e pronuncia arabica (e assim estava no *borrão)* mas havia n'isso uma grande difficuldade (quasi impossibilidade) não só porque era indispensavel mandar fundir *typo* arabe; como porque era preciso um *compositor* que soubesse esta lingua.

Por imperiosos motivos, resignei-me pois a escrever sómente, como hoje escrevemos e pronunciamos essas palavras, e como os arabes as pronunciavam (já se sabe = substituindo por outras — segundo o costume — as letras arabes que não teem correspondentes na nossa lingua).

—

Dotação do alto clero portuguez

Desde 1869 em diante

O cardeal patriarcha fica com o ordenado annual de seis contos de réis. (Tinha até então o dobro.)

Os arcebispos de Braga e Evora, 3 contos de réis cada um. Todos os bispos ficam com dois contos e quatro centos mil réis cada um.

Até 1869 os arcebispos e bispos já tinham os mesmos ordenados, e o patriarcha (como já disse) doze contos de réis; isto além dos rendimentos proprios das mitras, e muitos e differentes emolumentos; mas desde 1869 esses rendimentos e emolumentos são avaliados—se sobrarem dos ordenados estabelecidos por lei, repoem ao thesouro; e se não chegarem, o thesouro inteira-lh'o.

Corpo diplomatico

Relação dos embaixadores portuguezes nas differentes côrtes

REINOS	CORTES	VENCIMENTOS DESDE 1869	VENCIMENTOS ATÉ 1869
Estados Pontificios	Roma	11:600$000	12:000$000
Brasil	Rio de Janeiro	8:500$000	11:600$000
Gran-Bretanha	Londres	6:500$000	11:600$000
França	Paris	5:700$000	9:600$000
Hespanha	Madrid	5:700$000	9:600$000
Italia	Florença	3:400$000	9:600$000
Russia	S. Petersburgo	3:400$000	9:600$000
Estados Unidos da America	Washington	2:700$000	4:300$000
Austria	Vienna	2:600$000	4:600$000
Prussia	Berlim	2:600$000	4:600$000
Hollanda	Haya	2:200$000	3:700$000
Suecia	Stockolmo	2:200$000	3:700$000
	Somma	57:100$000	94:500$000

Isto além dos ordenados aos secretarios, addidos, etc., que são pagos pelo thesouro.

Corpo consular

Consules portuguezes que vencem pelo thesouro

REINOS	CIDADES ONDE RESIDEM	GRADUAÇÕES	ORDENADOS
Brasil	Rio de Janeiro	Consul-chanceller.	18:500$000
»	Bahia	Consul	6:000$000
»	Pernambuco	»	6:000$000
Inglaterra	Londres	»	6:000$000
Marrocos	Tanger	»	4:000$000
Inglaterra	Liverpool	»	3:200$000
Estados Unidos da America	New-York	»	3:200$000
Inglaterra	Cardiff	»	3:200$000
»	Gibraltar	»	2:400$000
França	Havre	»	2:400$000
Montevideu	Montevideu	»	2:400$000
Brasil	Pará	»	2:000$000
»	Maranhão	»	2:000$000
Inglaterra	Cork	»	1:800$000
»	New-Castle	»	1:800$000
França	Nantes	»	1:200$000
Hespanha	Madrid	»	1:200$000
»	Cadix	»	1:000$000
»	Barcelona	»	1:000$000
»	Vigo	»	800$000
		Somma	60:000$000

Relação geral de todos os consules e Vice-Consules de Portugal, nas cinco partes do mundo.

(*Diario do Governo* n.º 232, de 12 de outubro de 1869)

Europa

Austria

Vienna, consul-geral. — Trieste, consul-geral.

Baden.

Baden, consul-geral. — (reside em Francfort.) Baden — Baden, consul. —

Baviera

Aschaffenburgo, consul geral e vice-consul.

Belgica

Antuerpia, consul geral e vice-consul. — Bruges, vice-consul. — Bruxellas, consul e vice-consul. — Gand, vice-consul. — Liége, consul. — Ostende, vice-consul.

Confederação da Allemanha do Norte.

Stettein, consul geral.—Altona, consul.— Berlim, consul. — Anolam, vice consul. — Coblentz, vice consul. — Colberg, vice consul. — Colonia, vice consul. — Dantzick, vice consul. — Demmin, vice consul. — Greifswald, vice consul. — Memel, vice consul.— Pillau, vice consul. — Stralsund, vice consul. — Swinemunde, vice consul. — Hanover e Oldemburgo, consul geral. — (reside em Hamburgo.) Embden, vice consul. — Leer, vice consul. — Hesse e Nassau, consul geral. (reside em Francfort.) Francfort, consul geral. — Hamburgo, consul geral.—Bremen, vice consul. — Cuxhaven, vice consul. — Lubeck, vice consul. — Leipsick, consul geral. — Brake, vice consul. — Mecklemburgo-Scewerin e Mecklemburgo-Strelitz, consul geral (reside em Rostock) e vice consul. —

Dinamarca

Copenhague, consul geral e vice consul. —Aalborg, vice consul.—Aarhuus, vice consul. — Elseneur, vice consul. — Fredericia, vice consul. — Frederikshavn, vice consul.— Hjorring, vice consul. — Loeso, vice consul. Nyborg, vice consul. — Ringkjobing, vice-consul. — Ronne, vice consul. — Skagen, vice consul. Thisted, vice consul.

Estados Pontificios.

Roma, consul geral e vice consul — Civita-Vecchia, consul e vice consul. — Terracina, vice consul.

França

Havre-de-Grace, consul geral e consul. — Abbeville, vice consul. — Bastia (Corsega) consul. — Bayonna, consul. — Bordeos, consul. — Boulogne, vice consul. — Brest, vice-consul. — Calais, vice consul, — Cette, vice consul. — Cherbourg, vice consul. —Dieppe, vice consul. — Dunkerque, vice consul. — Fécamp, vice consul. — Granville, vice consul. — Honfleur, vice consul. — Libourne, vice consul. — Lille, consul e vice consul.— Lorient, vice consul. — Lyão, vice consul. — Marselha, consul. — Nantes, consul. — Nice, consul. — Paris, consul. — Perpignan, vice consul. — Ruão, consul. Santo Maló et. Santo Servan, vice consul. — Santo Valéry-sur Somme, vice consul. — Toulon, vice consul. —

Possesões Francezas

Na Asia.

Saigon (Cochinchina) consul.

Na Africa.

Argel, consul. — Bona, vice consul.—Mostaganem, vice consul. — Oran, vice consul. — Philippeville, vice consul. — Ilha da Reunião, consul.

Gran-Bretanha e Irlanda

Londres, consul geral e vice consul.—Barrow in Turness, vice consul. —Brix ham e Torbay, vice consul. — Cowes. vice consul. — Dartmouth, vice consul. — Deal, vice consul.—Dover, vice consul.—Exeter, vice consul. — Falmouth, vice consul. — Guernsey e Jersey, vice consul.—Hartlepool, vice consul. —Harwich, vice consul.—Hingsbridge, vice consul. — Hull, vice consul. — Margate, vice consul. — New-Castle, consul graduado. North-shields, vice consul. — Penzance, vice consul. — Plymouth, vice consul. — Poole, vice consul. — Portsmouth, vice consul. Ramsgate, vice consul. — Shoreham, vice consul—Santa Mary vice consul.—Southampton, vice consul. — Stockton, vice consul. Sunderland, vice consul. — Weymouth, vice consul. — Witstable, vice consul. — Yarmouth, vice consul — Androssan e Troon, vice consul. — Dundee, vice consul. — Glasgow, vice consul—Leith, vice consul. —Lossiemouth, vice consul.—Bristol, consul geral e vice consul.—Bedford, vice consul.—Cardiff, vice consul.—Gloucester, vice consul.—Llanelly, vice consul.—Milford—Haven, vice consul.—Neath, Port-Cawl e Port-Talbot, vice consul.—Newport, vice consul.—St. Ines, agente consular.— Liverpool, consul e vice consul.—Chester, vice consul.—Leeds, vice consul. — Manchester, vice consul. — Cork (Irlanda) consul, e vice consul — Belfast, vice consul. — Dublin, vice consul.—Limerick, vice consul.—Londonderry, vice consul. —Waterford, vice consul.—

Possessões Inglezas

Na Europa.

Gibraltar consul geral. Malta, consul geral

Na Asia.

Calcutá, consul geral, e vice consul. — Bombaim, vice consul. — Madrasta, consul. —Ceylão,.... —Hong-Kong, consul e vice consul — Singhapura e Malaca, consul geral —Pinão, vice consul.

Na Africa.

Cabo da Boa Esperança, consul geral, e vice consul. — Porto Isabel, vice consul. — Colonia do Natal, consul. — Porto Natal, vice consul — Simon's Bay, vice consul. — Iha Mauricia, consul geral.—Bathurst (Rio Gambia) consul. — Serra Leôa, consul. — Santa Helena, consul.

Na America.

George-Town (Guyana) consul. — Ilha da Triudade, vice consul. — Quebec (Canadá) vice consul. — Montreal, vice consul. — Percé e Gaspé, vice consul. — Halifax (Nova Escossia) consul. — S. João (New Brunswick) consul—S. João (Terra Nova) consul geral e vice consul. — Burin, vice consul—Carbonear, vice consul. — Fortune Bay, vice consul. — Harbour Grace, vice consul. — Placentia, vice consul. — Twillingate, vice consul. —

Na Occeania.

(Australia)

Melbourne, consul geral — Adelaide, vice consul. — Brisbane, vice consul. — Sydney, vice consul. — Victoria, consul, e vice consul.

Grecia

Athenas, consul geral. — Morea, consul.— Zante (Ilhas Jonicas) consul.

Hespanha

Madrid, consul geral. — Bilbau, vice consul.—Ciudad Rodrigo....—Fregeneda, vice consul. —Gijon vice consul. — Santa Eugenia, vice consul.—Santander, vice consul. — S. Martin, de Trevejo, vice consul. — S. Sebastião, vice consul. — Zamora, vice consul. —Vigo, consul e vice consul.—Bayona, vice consul. — Camarinhas, vice consul. — Corcubion, vice consul.—Corunha, vice consul.

— Ferrol, vice consul. — Guardia, vice consul. —Muros, vice consul. — Pontevedra, vice consul. — Rivadeo, vice consul. — Sada, vice consul. — Tuy, vice consul. —Villagarcia, vice consul. — Vivero, vice consul. — Barcelona, consul e vice consul. — Alicante vice consul. — Iviza, vice consul. — Mahon, (Ilha Minorca) vice consul. — Palancos, vice consul. — Palma (Ilha Maiorca) vice consul) — Reus (Salore) vice consul. — Tarragona, vice consul. — Tortosa, vice consul. — Valencia, vice consul. — Villa Nueva e Geltru, vice consul. — Cadiz, consul e vice consul. — Aguilas, vice consul. — Algeciras, vice consul. — Almeria, vice consul. — Ayamonte, vice consul. — Badajoz, vice consul. — Cartagena, vice consul. — Christina (Ilha) vice consul. — Granada, vice consul. — Huelva, vice consul. — Malaga, vice consul. —S. Lucar de Barrameda, vice consul. — Tarifa, vice consul. — Velez — Malaga, vice consul. — Sevilha, consul.

Possessões hespanholas

Na Africa.

Teneriffe (Ilhas Canarias) consul.

Na America.

Havana (Cuba) consul. — Matanzas (Cuba) vice consul. — Santiago (Cuba) vice consul. — S. João (Porto Rico) vice consul. —S. Thomaz, vice consul.

Na Occieania.

Manilha (Ilhas Philippinas) consul.

Italia

Genova, consul geral e vice consul. — Agnero,. . .—Ancona, vice consul.— Cagliari, vice consul. — Castel Sardo, vice consul. — Christiano,. . . — Final Marina, vice consul. —Lavagna vice consul.—Leorne vice consul —Porto-Fino, vice consul.—Porto Mauricio, vice consul,— Ravenna, vice consul,—Sampierdarena. vice consul. — San Remi, vice consul.—Sarazana vice consul.—Sassari, vice consul.—Savona, vice consul.—Sestri Levante, vice consul.—Sestri Ponente, vice consul.—Spezia, vice consul.—Vintemiglia,. . . Florença,. . .—Loreto, consul.—Milão, consul. — Napoles, consul geral e vice consul. — Bagnaro, vice consul. — Bari, vice consul. Barletta, vice consul. — Brindizi, vice consul. — Castellamare, vice consul, —Catanea, vice consul. — Gallipoli, vice consul.—Manfredonia, vice consul. — Messina, vice consul. — Nisida Pozzuoli, vice consul. — Palermo, vice consul. — Sorrento, vice consul.— Salerno, vice consul. — Tarento, vice consul — Torre dell'Annunziata, vice consul—Trapani, vice consul. — Vasto, ... — Turim, consul. — Veneza, consul.—

Paizes Baixos

Amsterdam, consul geral—Harlingen, vice-consul—Rotterdam, consul—Texel (ilha) vice-consul—Vlaardingen, vice-consul.

Possessões neerlandezas

Na America.

Paramaribo (Guyana) consul.

Na Occeania.

Batavia, consul—Sourabaya, consul—Cupang, consul.

Principados Danubianos

Temos n'elles um consul, mas o *Diario* não diz onde.

Russia

S. Petersburgo, consul geral e vice-consul—Cronstadt, vice-consul—Moscow, vice-consul—Pernau, vice-consul—Odessa, consul geral, e vice-consul—Taganrog, vice-consul—Revel, vice-consul—Riga, consul—Finlandia, consul.

Suecia e Noruega

Stockolmo, consul geral e vice-consul—Calmar, vice-consul—Carlskrona, vice-con-

sul—Carlshamn, vice-consul—Gefle, vice-consul—Gothemburgo, vice-consul—Haparanda, vice-consul—Helsingborg, vice-consul—Hernosand, vice-consul—Landskrona, vice-consul—Norrkoping, vice-consul—Pitea, vice-consul—Sundswall, vice-consul—Soderhamn, vice-consul—Uddevalla, vice-consul—Umea, vice-consul—Westervick, vice-consul—Wisbi, vice-consul—Ystad, vice-consul—Aalesund, vice-consul—Bergen, vice-consul — Christianst ad, vice-consul — Christiansund, vice-consul—Drammen, vice-consul—Frederikstad, vice-consul—Mandal, vice-consul—Stavanger, vice-consul.

Suissa

Genebra, consul geral e consul.

Turquia

Constantinopla, consul geral—Gallipoli, vice-consul—Dardanellos, consul — Rodosto, vice-consul—Salonica, vice-consul—Ilha de Candia, consul geral.

Asia

China

Amoy, vice-consul—Cantão, consul e vice-consul—Tung-Chow, consul — Kanchoo, consul—Kian-Kiang, encarregado do consulado—Shanghae e Ningpó, consul—Tien-Sin, consul.

Japão

Kanagawa, consul—Hakodadi, consul—Nagasaki, consul.

Siam

Bangkok, consul geral.

Turquia

Smyrna, consul e vice-consul—Alepo, vice-consul—Beyrouth, vice-consul—Damasco, vice-consul—Lathakie, vice-consul—Scio e Sesmé, vice-consul.

Africa

Egypto

Alexandria, consul geral e vice-consul — Cairo, vice-consul—Damietta, agente consular.

Marrocos

Tanger, consul geral e vice-consul—Casa Branca, vice-consul—Larache, vice-consul—Mazagão, vice-consul—Mogador, vice-consul—Rabat, vice-consul—Saffi, vice-consul—Tetuão, vice-consul.

Trans vaal Boers

Trans vaal Boers, vice-consul.

Tunes

Tunes, consul.

America

Brasil

Provincia do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, consul geral e chanceller —Angra dos Reis, vice-consul— Barra-Mansa, agente consular—Cabo-Frio, vice-consul — Cantagallo, agente consular — Iguassu, agente consular—Itaborahy, agente consular—Itaguahy, vice-consul—Macacos, agente consular—Macahé, vice-consul— Magé, agente consular—Mangaratiba, vice-consul — Nictheroy, agente consular — Nova-Triburgo, agente consular—Parahyba do Sul, agente consular—Paraty, vice-consul—Petropolis, vice consul—Pirahy, agente consular—Rézende, agente consular—Rio-Bonito, agente consular—Santa Maria Magdalena, agente consular—S. Fidelis, agente consolar — S. João da Barra, vice-consul — S. João do Principe, agente consular—S. Salvador de Campos, vice-consul—Theresopolis, agente consular—Vallença, agente consular—Vassouras, agente consular.

Provincia de S. Paulo

Areias, agente consular—Bananal, agente consular—Brotas, agente consular—Cinabá, vice consul—Constituição, agente consular—Iguapé, vice-consul—Parahybuna, agente consular—Santos, vice-consul—S. Paulo, vice-consul—S. Sebastião, vice-consul—Serocaba, agente consular—Tumbaté, agente consular—Ubatuba vice-consul—Uruguayana, agente consular.

Provincia de Santa Catharina

Desterro, vice-consul.

Provincia do Espirito Santo

Benavente, agente consular—Itapemerim, vice-consul—Victoria, vice-consul.

Provincia de Paraná

Paranaguá, vice-consul—Ponta Grossa, agente consular.

Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul

Jagurão, agente consular—Pelotas, vice-consul—Porto Alegre, vice-consul—Rio Grande do Sul, vice-consul.

Provincia de Minas Geraes

Baependy, agente consular—Bagagem, agente consular—Juiz de Fóra, agente consular—Mar de Hespanha, agente consular—Oiro Preto, agente consular—Paracatú, agente consular—Pouso Alegre, agente consular—Rio Preto, agente consular—S. João de El-Rei, agente consular—S. Matheus, vice-consul—Uberaba, agente consular—Vallença, agente consular.

Provincia da Bahia

Bahia, consul e vice-consul—Rio das Contas, vice-consul.

Provincia de Sergippe

Aracaju, vice-consul—Sergippe de El-Rei, vice-consul.

Provincia de Alagoas

Maceió, vice-consul—Maroim, vice-consul.

Provincia do Maranhão

Maranhão, consul e vice-consul—Alcantara, agente consular—Arary, agente consular—Brejo, agente consular—Caxias, agen-consular—Codó, agente consular—Icatú, agente consular—Rio Formoso, agente consular—Rosario, agente consular—S. Bento, agente consular—Tury-assu, agente consuar.

Provincia de Piauhi

Parnahyba, vice-consul.

Provincia do Ceará

Ceará, vice-consul—Granja, vice-consul.

Provincia do Pará

Pará, consul e vice-consul—Bragança, agente consular—Breves, agente consular—Cametá, agente consular—Chaves, agente consular—Gurupi, e Porto de Moz, agente consular—Igarapé Mirim, agente consular—Macapá, agente consular—Obidos, agente consular—Santarem, agente consular—Vigia, agente consular.

Provincia do Amazonas

Manáos, vice-consul.

Provincia de Pernambuco

Pernambuco, consul e vice-consul—Goianna, agente consular—Mamanguape, agente consular.

Provincia do Rio Grande do Norte

Natal, vice-consul—Parahyba do Norte, vice-consul.

Chili

Valparaizo, consul geral.

Estados do Rio da Prata

Republica Oriental do Uruguay.

Montevideu, consul geral, consul, e vice-consul—Cêrro Largo, vice-consul—Colonia do Sacramento, vice consul—Maldonado, vice-consul — Mercedes, vice-consul — Payssandu, vice-consul — Tacuarimbo, vice-consul — Villa do Salto, vice-consul.

Confederação Argentina

Buenos Ayres, consul e vice-consul — Corrientes, vice-consul—Gualeguachú, vice-consul—Rosario de Santa Fé, vice-consul —Santa Fé, vice-consul.

Republica do Paraguay

Assumpção, consul e vice-consul.

Estados-Unidos da America

(America do Norte.)

New-York, consul geral e vice-consul — Baltimôre, vice-consul—Bangor, vice-consul—Boston, vice-consul—Charlestow, vice-consul—Mobile, vice-consul—New Bedford, vice-consul—New London, vice-consul—Nova Orleans, vice consul—Norfolk, vice-consul—Philadelphia, vice consul—Savannach, vice-consul—Springfield, vice-consul—Wilmington, vice-consul—S. Francisco (California) consul e vice-consul.

Haiti

Porto Principe, consul — Gonaives, vice-consul.

Hondúras

Omoa, consul—Truxillo, consul.

Mexico

Mexico, consul geral — Vera Cruz, vice-consul—Carmen, consul.

Perú

Lima, consul geral—Callão, vice-consul—Lorêto, vice-consul.

S. Domingos

S. Domingos, vice-consul.

Venezuella

Puerto-Cabello, consul geral, Bolivar, consul.

—

A relação nominal dos consules, vice-consules, et., vem no *Diario do Governo* indicado no principio d'esta relação.

—

Breve noticia sobre algumas egrejas parochiaes antigas de Lisboa, que já não existem.

S. Martinho — Esta antiga egreja estava proxima aos paços da Moeda Nova (Limoeiro) no largo ainda por isso chamado de S. Martinho, que fica entre as ruas da Saudade e do Arco do Limoeiro e largo do mesmo nome. Foi destruida pelo terramoto de 1755, e com a reedificação de Lisboa se apagaram todos os seus vestigios.

A parochia foi annexada á de S. Thiago, e por isso se denomina officialmente — S. Thiago e S. Martinho.

S. Bartholomeu — Ficava proxima á muralha do castello de S. Jorge, mas fóra d'ella, a E. Era contigua ao paço real de S. Bartholomeu, que com ella communicava por um passadiço. Em frente da egreja havia o largo do mesmo nome. A sua situação era, entre a actual rua de S. Bartholomeu, rua do Chão da Feira e travessa do Funil.

A egreja e paço foram completamente arrasados pelo terramoto de 1755.

Esta egreja tinha sido fundada por D. Affonso Henriques, em 1160, para capella real dos seus paços.

S. Thomé do Penêdo, e depois *S. Thomé do Castello* — Esta egreja estava fundada na actual rua de S. Thomé, no local ainda chamado *Largo de S. Thomé*, entre a travessa e as escadinhas do mesmo nome. Chamava-se do *Penêdo*, por ter sido edificada sobre um rochedo.

Tinha sido fundada por el-rei D. Diniz, em 1320. O terramoto a arruinou, em 1755, e foi arrasada em 1837. A parochia foi dividida entre as de S. Vicente e Santo André.

Santa Marinha, antigamente *Santa Marinha do Outeiro* — Foi mesquita de mouros, e se purificou e sagrou na era 1222 de Cesar (1184 de Jesus Christo). Estava situada no largo que ainda conserva o seu nome, e fica entre a rua da Oliveirinha, travessa de Santa Marinha e calçadinha do Tijolo. Foi supprimida esta freguezia e annexada á de Santo André. Tinha annexa uma capella de Nossa Senhora da Natividade, com grande renda. A egreja tinha cinco beneficiados e thesoureiro.

Nossa Senhora do Lorêto ou *do Alecrim*— foi creada freguezia para os italianos (vide pag. 104, col. 2.ª) em 2 de janeiro de 1551. Em 29 de março de 1651, um incendio a reduziu a cinzas, ficando a servir de matriz a egreja de Nossa Senhora da Encarnação. Estando reedificada a egreja do Lorêto em 1676, tornou a ser a matriz da freguezia. Foi destruida e incendiada pelo terramoto de 1755 e reedificada em 1756.

A egreja do Lorêto teve principio em 1517, em uma capella de Santo Antonio, muito antiga e que havia sido reedificada em 1522. Vide *Nossa Senhora da Encarnação*.

—

Egrejas parochiaes de Lisboa, em 1874

S. Pedro d'Alcantara *(intramuros)*

Esta egreja é muito antiga. Não se sabe quando nem por quem foi fundada, mas ha certeza de que já existia no reinado de D. Diniz. Tem actualmente 3:400 almas.

Santo André

É tambem muito antiga. Suppõe-se que foi edificada por D. Affonso III, ou no seu reinado.

Foi do real padroado. D. Diniz a deu a Ayres Martins, que morrendo sem successão, mandou que se elegessem nove capellães, que dissessem todos os dias missas, por sua alma e pela do rei D. Diniz, á custa das suas fazendas.

Maria Esteves, mulher d'Ayres Martins, instituiu sete merceeiras, deixando a cada uma um alqueire de trigo por semana e 240 réis cada mez—e cada anno, um manto, um par de sapatos, um pote de azeite, e carne pelas festas do Natal e Paschoa.

É de muita devoção a imagem de Nossa Senhora da Vida, que está n'esta egreja.

É n'esta freguezia o convento da Graça e a linda capella de Nossa Senhora do Monte (de S. Gens).

Tem 2.000 almas.

Nossa Senhora dos Anjos

Era uma antiga capella d'esta mesma invocação, na freguezia de Santa Justa e Rufina. Sendo arcebispo de Lisboa o cardeal D. Henrique (depois rei) elevou esta capella a egreja matriz, em 1563, e foi reedificada em 1725 e em 1758.

É n'esta freguezia, o palacio da Bemposta; o palacio dos condes de Pombeiro (marquezes de Bellas) e as capellas do Espirito Santo, em Arroios, e de Nossa Senhora do Resgate das Almas.

Tem 8:000 almas.

Santa Catharina

Está edificada no alto do seu nome, a que antigamente se chamava *Alto de Belvêr*.

Foi fundada pela rainha D. Catharina, mulher de D. João III, em 1560, sendo regente na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião.

O monte sobre que está esta egreja, prolongava-se antigamente até ao Tejo, e n'elle havia tres ruas, com 110 casas, sendo algumas d'ellas magnificos palacios. Em 21 de julho de 1597, ás 11 horas da noite, entrou um homem a gritar a quem por alli morava, que fugissem, porque o monte se subvertia.

Muitos fugiram, e dentro em alguns minutos se submergiu o monte com todas as suas ruas e casas, e tambem uma calçada e um caes de pedra.

N'esta freguezia é o convento dos paulistas, cuja egreja é a actual matriz da freguezia. No sitio dos Cardaes, estava o convento dos *bôrras* ou de Nossa Senhora de Jesus; fundado em uma capellinha que cedeu o eremitão e com as casas e cardal que deram Luiz Rodrigues e seu irmão.

A junta de parochia da freguezia de Santa Catharina requereu ha tempo que o governo mandasse proceder ás obras necessarias n'aquelle sumptuoso templo, monumento grandioso sob todos os pontos de vista artisticos.

As obras não principiaram logo, como o governo desejava, porque não havia fundos disponiveis no orçamento respectivo.

Agora (setembro de 1874) a instancias do digno prior e do sr. visconde de Ribamar, o sr. ministro das obras publicas resolveu que da verba pertencente ao actual anno economico se abonasse uma quantia mensal para a realisação das indicadas obras, que deverão principiar este mez.

Tem 8:700 almas.

S. Christovão

É fundação dos nossos primeiros reis, mas não se sabe de qual nem quando, e só que já existia em 1308. É n'esta freguezia o recolhimento do Amparo, para orphans e porsionistas. É tambem aqui, e perto da egreja, o edificio que foi paço real de S. Christovão, e depois dos marquezes de Vagos. Foi a final comprado por Columbano Teixeira Leomil, que o restaurou. Hoje é da sua viuva, e de seu segundo marido. O palacio dos marquezes de Tancos (onde hoje está um collegio) é logo acima da egreja e do palacio de S. Christovão, ao cimo da calçada do marquez de Tancos, e na *costa do castello.* —Tem 1:400 almas.

Conceição Nova

Está esta egreja no principio da rua que antigamente se chamou *rua Nova dos Ferros.* Foi fundada pelo povo. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 15 de junho de 1698. Disse-se n'ella a primeira missa a 15 de setembro de 1699.

Quando se edificou não era matriz, pertencia á freguezia da Magdalena. — Tem 3:300 almas.

Coração de Jesus

Na antiga egreja de Santa Martha se erigiu a matriz do Santissimo Coração de Jesus, em 1790. Em frente da egreja está o convento de religiosas franciscanas e no largo de Andaluz o de dominicas. Tambem proximo á egreja fica o antigo palacio dos condes de Redondo.—Tem 2:800 almas.

Santa Cruz do Castello

Consta que era mesquita de mouros, e foi purificada e sagrada em 1148. D. Affonso Henriques a reedificou e ampliou depois. É mesmo dentro do castello de S. Jorge e proximo da *praça d'armas*, velha.

Era aqui o jazigo dos condes de S. Thiago de Beduido. Na muralha em frente ha uma porta que é a célebre de Martim Moniz. —Tem 960 almas.

Nossa Senhora da Encarnação

Foi fundada por D. Elvira Maria de Vilhena, condessa de Pontevel, mulher de D. Nuno da Cunha, conde do mesmo titulo, a qual, achando-se viuva e sem filhos, empregou os seus bens na fabrica d'esta egreja, para servir de parochia, aos povoss da de Nossa Senhora do Lorêto (ou do Allecrim, em razão da capella do mesmo norme que alli houve antigamente). Lançou a primeira pedra, a 4 de junho de 1698, o cardeal D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, e benzeu-a em 6 de setembro de 1708, D. Simão da Gama, arcebispo d'Evora. Foi alberta á veneração dos fieis a 8 do mesmo mez, passando o Santissimo para aqui da cappella de Nossa Senhora do Alecrim, em solemne procissão, e durando as festas oito dias seguidos, sempre com o Santissimo exposto.

Ainda vivia a fundadora, que enriqueceu a egreja com uma magestosa custodia de prata e outras muitas peças e ornamentos.

Este templo é um dos mais ricos de Lis-

boa, em obras de talha dourada, de que é feito o magnifico altar-mór e as capellas lateraes.

Na capella-mór se admira um precioso sacrario de prata, maciço, sem egual no reino. Pôde escapar á rapina das hordas francezas, por meio de um estratagema, qual foi, pintar-se com certa camada que o fingia ser cousa de nenhum valor.

A banqueta e o cofre tambem são de prata e de riquissimo lavor.—Tem 7:800 almas.

Santa Engracia

Foi fundada pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, pelos annos 1530, erigindo-se em freguezia, que se desannexou da de Santo Estevão. A infanta tinha o seu palacio perto d'esta egreja e junto ás freiras de Santa Clara. Foi a infanta que pediu ao papa S. Pio V a creação da nova parochia, que obteve.

Em a noite de 15 de janeiro de 1630, se perpetrou n'esta egreja o desacato do roubo das sagradas fórmas; com intenção manifesta de commetter este sacrilegio, pois que o cofre onde estavam as particulas, que era de tartaruga, cintado de prata, appareceu depois e ainda existe no convento do Desaggravo.

Já a pag. 112, col. 1.ª (no fim) e pag. 113 d'este volume, fallei d'este desacato — aqui darei sobre elle mais amplas explicações.

Simão Pires de Solis, era um cavalleiro de sangue nobre e *geração limpa;* de bom comportamento e religioso. Segundo a tradição, namorava uma freira do convento de Santa Clara, e hia fallar-lhe a altas horas da noite, levando as ferraduras do cavallo envolvidas em pannos, para se não ouvirem. Regressava a sua casa na madrugada d'aquelle dia, quando já o desacato era conhecido, e sendo suspeito foi assim agarrado. A circumstancia de não querer revelar o sitio d'onde vinha, nem o que fôra fazer, por não macular a reputação da freira, deram fundamento á suspeita de ser elle o criminoso. [1]

Depois de o fazerem soffrer os mais incomportaveis *tratos*, obrigando-o, á força de tormentos a confessar o crime que não commettêra, lhe cortaram as mãos e o queimaram vivo, no campo de Santa Clara (como já disse no logar citado).

O juiz que proferiu esta sentença, foi o bem conhecido poeta Gabriel Pereira de Castro, auctor da *Ulyssea.*

Diz-se que, sendo justiçado em Castella um reu portuguez, por crimes alli commettidos, declarára ser elle o auctor do sacrilegio, de que Solis só tivera noticia depois de preso.

Foi em desaggravo d'este desacato que se fundou a irmandade ou confraria intitulada *Escravos do Santissimo Sacramento*, composta dos 100 principaes fidalgos da côrte, e determinaram erigir um sumptuosissimo templo no local do antigo. Foi a parochia transferida para a capella do Paraizo, onde se conservou até 1835.

Principiaram quasi logo as obras da gigantesca egreja, levantando uma montanha de cantaria, que parou na cimalha. Se esta obra se concluisse, seria de certo uma das mais notaveis de Lisboa, pela sua originalidade, grandeza e riqueza dos marmores.

É interiormente revestida de bellos e riquissimos marmores de varias côres; e confrange-se-nos o coração ao ver este primor de architectura a servir de *deposito do material de guerra*, ou, para fallar com mais exactidão, de *despejo* de varios objectos inuteis, do arsenal do exercito.

Em 1835, sendo a egreja (capella) do Paraizo, acanhadissima para a freguezia, se mudou esta para a egreja do convento dos padres *barbadinhos*, italianos, na calçada dos Barbadinhos, onde hoje é a séde da freguezia.

Tem 8:500 almas.

Santo Estevão d'Alfama

Esta egreja foi fundada pelo rei D. Diniz,

[1] Diz-se que a freira lhe mandou á pri

são dois melões, um *callado*, outro inteiro, recommendando-lhe que *o callado era o melhor*. Parece-me isto conto da carochinha; nem a freira cahia n'esta, porque era envolver-se no crime do seu cavalleiro.

pelos annos de 1290. (Pretendem outros que foi construida por D. Affonso Henriques, logo depois da tomada de Lisboa.)

Deu-a depois ao bispo de Lisboa, que a dava por concurso. Tinha oito beneficiados, com obrigação de côro, e com 100$000 réis cada um.

E' de cinco naves e tem uma riquissima custodia. Ha aqui uma reliquia do padroeiro da egreja, e a imagem de Santa Cathari na, de muita devoção do povo, que lhe attribue o poder de o livrar das bexigas.

Os dizimos d'esta freguezia eram pagos pelo Alqueidão. Deixou lh'os uma rainha, por lhe tirar a freguezia de Santa Engracia, que se desmembrou d'esta.

E' n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora dos Remedios, onde ha a irmandade do Espirito Santo. Foi fundada em 1581. E' de pescadores, e tinham um hospital para elles e suas mulheres. Tinha 4 capellães e dois meninos do côro.

Tem 3:400 almas.

Santa Izabel (*intra-muros*)

Foi esta egreja edificada no reinado de D. João V, em 1742. Foi restaurada, concluindo se todas as obras em 1874. Ficou um templo digno de uma capital. Fez-se-lhe então uma outra torre.

Tem 12:000 almas.

S. João da Praça

Este templo foi edificado em 1317, por D. Diniz I. Foi reedificado em 1442. Destruido e incendiado pelo terramoto, foi logo reedificado. Tinha 4 beneficiados que rezavam em côro. O altar das almas tem dois capellães. Eram padroeiros os condes de Villa Verde.

Tem 1:800 almas.

S. Jorge

Era um priorado da mitra, com 4 beneficiados. (Quando a Sé esteja por qualquer motivo interdicta, vem os conegos rezar a esta egreja.)

Tem 1:300 almas.

S. José

Teve principio esta parochia em uma confraria de S. José, que se erigiu na egreja matriz de Santa Justa e Rufina, em 1532, composta de carpinteiros e pedreiros, e foi a primeira que assim houve n'este reino. Em 1546, se mudou o santo e a confraria para *Entre as Hortas*, para uma capella onde tinham capellão para lhes dizer missa nos domingos e dias santificados. Como a freguezia de Santa Justa era grande, o cardeal D. Henrique desannexou parte della, para formar uma nova freguezia, que por consentimento dos confrades de S. José, se estabeleceu na sua capella e com a invocação do mesmo santo. A irmandade tem uma casa para mesa e outra para o despacho. Tem 6 capellas com missas diarias, pelos irmãos vivos e defunctos. (Vide *Annunciada.*)

Tem 7:300 almas.

S. Julião

Esta egreja é muito antiga, e provavelmente fundada no principio da monarchia, pois já existia em 1200, no reinado de D. Sancho I.

O terramoto de 1755 a destruiu, mas foi logo reedificada. Soffreu um grande incendio em 4 de outubro de 1816. Em 20 de março de 1824 se principiaram as obras da restauração, e a nova egreja foi aberta á veneração do povo em 1853.

As columnas e o retabulo da capella-mór eram da egreja de S. Francisco da Cidade, que se não chegou a concluir.

No adro d'esta egreja houve a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, fundada por Pedro Esteves e Clara Giraldes, e cuidavam d'ella os confeiteiros.

Tem 2:600 almas.

Santa Justa e Rufina

Foi esta a segunda parochia que em Lisboa fez o bispo D. Gilberto, depois de ganhada a cidade aos mouros.

Tinha oito beneficiados, com 150$000 réis cada um, annualmente. N'esta egreja estiveram as irmandades—de Santa Cecilia, toda composta de musicos—a de S. Valentim, cuja solemnidade era antigamente feita com grande magnificencia pela familia real—e a de S. Marçal, que era dos pastelleiros.

Sendo profanada esta antiga egreja em 1834, foi depois convertida em theatro, e por fim em casa particular. Actualmente (1874) está alli um hotel, e unida a elle a grande fabrica, a vapor, de tabacos, denominada de Santa Justa.

A matriz passou desde então a ser a egreja do convento de S. Domingos, ao Rocio, uma das mais sumptuosas de Lisboa.

O mosteiro foi fundado por D. Sancho II, em 1241, e a egreja, por seu irmão D. Affonso III, em 1260.—(Vide *Mosteiros em Lisboa.)*

Tem 5:500 almas.

Nossa Senhora da Lapa

Foi fundada esta egreja em 1764, e ampliada em 1783.

Tem 6:500 almas

S. Lourenço

Foi esta egreja fundada pelo padre D. Pedro Nogueira, do conselho de D. Affonso III, pelos annos de 1250, e n'ella está sepultado. Principiaram as obras em 1220, e levou 30 annos a concluir-se. Foi reedificada em 1867 e aberto ao culto em 24 de novembro do mesmo anno. Tinha quatro beneficiados. Eram padroeiros os marquezes de Ponte do Lima. Tem varias capellas, sendo a maior a do *Descimento da cruz*, que era dos condes dos Arcos.

Tem 6:500 almas.

Santa Maria Magdalena

Foi fundada por D. Affonso Henriques, que a fez logo parochia, em 1150, por auctoridade do bispo D. Gilberto. Um incendio a destruiu em 1369, e D. Fernando a mandou logo reedificar.

Um medonho furacão a arruinou muito em 1600, e se reconstruiu para ser de novo destruida e incendiada no 1.º de novembro de 1755.

Foi reedificada desde os fundamentos em 1783. Era priorado das rainhas. Ha aqui o altar de S. Sebastião, que era festejado pelos algibebes; o de Santo Eloy, pelos ourives; e o de S. Cosme e S. Damião, pelos medicos.

Ha n'esta freguezia a capella de S. Sebastião, cuja imagem veio de França, e é de muita devoção.

Houve aqui a *albergaria dos Palmeiros*, para os peregrinos que vinham de Jerusalem. Só aqui podiam estar tres dias. Dava-se lhes pão, agua e luz. Foi fundada em 1330, e era administrada pelas principaes pessoas de Lisboa.

Tem 2:000 almas.

S. Maméde

Esta egreja foi edificada no reinado de D. Sancho I, pelos annos de 1200. Era no sitio hoje chamado *largo do Correio-Mór*, em frente do palacio dos srs. marquezes de Penafiel. Em 1490 foi elevada á honra de capella real. Era priorado apresentado pelo rei, e tinha quatro beneficiados. Tinha a capella do Espirito Santo, instituida pelos annos de 1460, por Pedro Annes Lobato e sua mulher, com a obrigação de missa quotidiana. A de Santa Margarida, instituida por D. Margarida Bulhôa, com duas missas quotidianas, e era administrada pelos Cunhas, senhores de Tábua. Estava annexa a esta capella o morgado e quinta de Bulhões, da familia de Santo Antonio de Lisboa, e n'esta capella estava enterrado o irmão mais velho do mesmo santo. Tambem tinha a capella de Santo Antonio, com missa quotidiana, instituida pelo correio-mór.

Ha tambem n'esta freguezia a capella de S. Crispim e S. Crispiniano, que eram festejados pelos sapateiros.

E' n'esta freguezia o sumptuoso palacio dos srs. marquezes de Penafiel, fundado por Luiz Gomes da Matta, o 1.º correio-mór de Portugal, feito por Philippe II, pelos annos

de 1590. Era o mais rendoso emprego d'estes reinos, e hereditario. D. João IV confirmou este emprego em seu neto, em 1640. Aquelle Luiz Gomes da Matta foi o instituidor do morgado d'esta casa.

A egreja de S. Mamede, bem como todas as casas immediatas foram reduzidas a um montão de ruinas, pelo terramoto de 1755; de tal modo que a este sitio se chamou — *os entulhos*, e á rua em que a egreja estivera —*rua dos Entulhos de S. Mamede.* Esta denominação durou ainda á rua officialmente até 1870. Hoje chama-se *rua Nova de S. Mamede.*

Depois do terramoto se passou esta freguezia muito mais para o O. da cidade, edificando-se a nova egreja matriz no actual largo de S. Mamede, na rua da Escola Polytechnica, ao Rato. Estas obras andaram muito vagarosamente, e só se concluiram de todo em 1861.

Tem 4:800 almas.

Martyres

Esta egreja é a mais antiga de Lisboa. Deve-se a sua fundação aos cavalleiros estrangeiros, que aportando á cidade, na viagem da Terra Santa, ajudaram D. Affonso Henriques á conquista de Lisboa.

Traziam a bordo a imagem de Nossa Senhora dos Martyres, que collocaram em uma ermida, que fundaram proximo do sitio da egreja actual, onde estavam acampados, e que foi benzida pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar.

É tradição que na pia d'esta egreja recebeu o baptismo o primeiro christão de Lisboa.

Por quatro vezes tem esta egreja sido reconstruida—a 1.ª, em 1598—a 2.ª, em 1710 —a 3.ª, em 1750;—e a 4.ª, depois do terramoto de 1755, que a tinha destruido e incendiado.

Para a ultima (a actual) reedificação, se escolheu um terreno mais ao N. do antigo templo, e a construcção foi feita com a magnificencia que hoje se observa; primando nos seus quadros o nosso célebre pintor, Pedro Alexandrino. Avultou muito para esta obra (além das grandes offertas de muitos bemfeitores) o legado que lhe deixou Manuel Pacheco Pereira, da cidade do Porto, negociante de grosso trato.

Principiou-se esta sumptuosa fabrica, em 10 de outubro de 1769 e a 18 de março de 1774 foi benzida a sua capella-mór.

Das freguezias de Lisboa é esta a unica que conserva côro diario.

Tem 3:000 almas.

Nossa Senhora das Mercês

Teve principio esta egreja na capella de um recolhimento de mulheres, fundado por Paulo de Carvalho, desembargador do paço (tio do pae do primeiro marquez de Pombal.)—Pricipiou a obra em 26 de outubro pe 1652.

Foi por esta circumstancia que os Carvalhos d'esta familia ficaram sendo padroeiros do recolhimento e depois da egreja, cujo padroado herdou o dito primeiro marquez do Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello.

Tinha a irmandade de Nossa Senhora, com cinco capellães, com obrigação de missa quotidiana.

É n'esta freguezia o convento dos theatinos—o collegio dos *Inglezinhos*—o convento de S. João dos Cardaes—a ermida da Ascenção, de que foi padroeiro Francisco Correia da Silva e foi muitos annos egreja parochial. Foi fundada por Antonio Simões de Pina. Passou a sua filha, D. Catharina de Pina, que lhe pôz cinco capellães e mandou fazer magnifica solemnidade do Sepulchro para Quinta-feira Santa.

Morrendo esta senhora sem filhos, passou o seu morgado a Antonio Correia da Silva.

Esta parochia foi mudada para a egreja de Jesus, em 1835.

Tem 7:800 almas.

S. Miguel

Foi fundada esta egreja, por D. Affonso Henriques, pelos annos de 1150, e reedificada por seu neto, D. Affonso II, em 1220. Tinha 4 beneficiados.

Foi reconstruida em 1674, e assim se conserva, com insignificantes alterações, pois que o terramoto de 1755 muito pouco a damnificou.

Tem 2:200 almas.

S. Nicolau

Foi fundada esta parochia pelo bispo D. Matheus, e tem 11 capellas, e tinha 5 beneficiados apresentados pelo prior. Foi construida no meiado do seculo XIII, pois já existia em 1280. Foi reedificada em 1627. Arruinada pelo terramoto de 1755, principiou a sua reconstrucção, cujas obras só terminaram em 1854.

No fim da travessa da Victoria, sitio em que está fundada esta egreja (e ao qual, por isso, se dá vulgarmente o nome de largo de S. Nicolau) no fim da travessa da Victoria, digo, e junto á rua do Crucifixo, está a ermida e hospital de Nossa Senhora da Victoria, fundados em 1556. Foram arruinados pelo terramoto de 1755. Reedificou-se tudo, mas as obras só se concluiram em 1824. N'este hospital se recolhem actualmente (1874) quatorze mulheres pobres e octogenarias.

Era n'esta freguezia o convento de Corpus Christi, de carmelitas descalços.

Tem 4:000 almas.

S. Paulo

Esta freguezia foi creada em 1412, com parte das freguezias dos Martyres e de Santos o Velho. Foi a sua primeira matriz, uma ermida do Espirito Santo, que havia no bêcco do *Carvão* (que já não existe.) O povo da freguezia construiu á sua custa a nova matriz, e por isso é que até 1834, os officiaes da confraria do Santissimo Sacramento apresentavam o prior; o que obtiveram por sentenças alcançadas contra os arcebispos. É aqui a irmandade de Nossa Senhora da Boa Viagem, que foi da *real junta do commercio*—e a de S. João Baptista, que era dos calafates.

É n'esta freguezia o convento dos irlandezes, e a ermida do *Corpo Santo* (é a imagem de S. Pedro Gonçalves—vulgo *Santelmo*) pertencente aos pescadores.

Principiou o culto divino na actual egreja, em 1512. Foi arruinada pelo terramoto de 1755, mas logo em 1757 estava reconstruida.

Na fachada da egreja estão as imagens, de pedra, de S. Pedro e S. Paulo, feitas pelo insigne esculptor, Antonio Machado.

No meio da praça está um pequeno chafariz, mandado fazer pela camara, que se concluiu em 1849.

Tem 5:300 almas.

Nossa Senhora da Pena

Foi no seu principio um curato, apresentado pelos arcebispos, e davam ao cura 350$000 réis annuaes, e a um therouireiro, da mesma apresentação, 150$000 réis.

Era n'esta freguezia o convento dos capuchos, fundado em 1570; o convento de Santa Anna, de terceiras franciscanas; fundado por uma preta, para mulheres penitentes; e o hospital de S. Lazaro.

A freguezia de Nossa Senhora da Pena, foi instituida em 1570. A sua primeira matriz foi a egreja das freiras de Sant'Anna, no campo do mesmo nome. Em 1705 passou a parochia para a egreja propria. O terramoto de 1755 lhe causou alguns estragos, que foram reparados em 1759.

Tem 6:000 almas.

Santissimo Sacramento

Foi creada pelo arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, em 1665, com parte das freguezias de S. Nicolau e Martyres.

(O *Roteiro de Lisboa*, publicado em 1869, diz que esta freguezia foi creada em 1584, servindo-lhe de matriz provisoria a egreja do mosteiro da Santissima Trindade.)

A matriz estabeleceu-se provisoriamente na egreja das convertidas; mudando-se logo depois para uma capella que alli havia' emquanto se construia a egreja, na qual se lançou a primeira pedra em 26 de novembro de 1667; mas, quando já estava parte d'ella feita foi demolida (por allegar o mar-

quez de Arronches que lhe tirava a vista das suas casas) e se edificou então, um bocado mais abaixo (onde hoje está.)

Esta demolição teve logar em 1671.—A egreja actual concluiu-se em 1685.

Foi muito arruinada com o terramoto de 1755, e se reedificou, concluindo-se as obras em 1807.

Havia n'esta freguezia o convento da Santissima Trindade, e o de carmelitas calçados.

Tem 4:000 almas.

Santos o Velho

Foi uma antiquissima ermida, fundada pelos christãos, depois do martyrio dos tres irmãos, Verissimo, Maximo e Julia, nascidos no bairro das Pedras Negras, d'esta cidade; que foram martyrisados no anno 307, sendo imperadores os crueis Diocleciano e Maximiano, e sendo pretor o não menos cruel Publio Daciano. Esta ermida é pois um dos primeiros templos christãos da Lusitania, e ainda existia quando Lisboa foi resgatada do poder dos mouros.

Junto d'esta ermida, fundou D. Affonso Henriques o actual templo, da invocação dos tres santos.

D. Sancho I o deu aos cavalleiros de S. Thiago, para aqui fazerem um recolhimento, para guardarem as mulheres da sua familia, emquanto elles andavam na guerra, e se chamavam commendadeiras. A primeira d'ellas foi D. Sancha Martins, que achou os corpos dos tres martyres.

Em 1475, sendo commendadeira D. Violante Nogueira, se mudou o convento para *Santos o Novo*.

Em 5 de setembro de 1490, D. João II, transferiu os corpos dos tres santos para o novo convento, com grande pompa, em cofres de prata, e no mesmo dia, tambem os ossos de D. Sancha Martins, que depois foi canonisada.

Foi feita parochia, pelo cardeal D. Henrique (depois rei) em 1566.

Arruinada pelo terramoto de 1755, foi reedificada; fazendo-se-lhes grandes obras no seu interior em 1861.

É n'esta freguezia o convento de S. Bento—o da Estrella—o das capuchas francezas—o das inglezinhas—o da Esperança—o da Purciúncula—o de Nazareth—o das trinas descalças—o dos Remedios, de carmelitas descalços—o de Santo Alberto—o de S. João de Deus—o do Sacramento—e o dos trinos—A egreja das Necessidades e a capella dos Prazeres.

Eram n'esta freguezia os palacios de D. Christovão de Almada; conde-barão de Alvito; D. Antonio de Menezes; viscondes de Fonte-Arcada; duques de Aveiro; condes de Villa Nova de Portimão; viscondes da Asseca; D. Francisco Mascarenhas; condes de Alvôr; conde-meirinho-mór e finalmente o de Antonio de Albuquerque Coelho.

Tambem são n'esta freguezia as casas das *Janellas Verdes*, que foram de Bartholomeu Ferraz de Almeida.

Tem 12:200 almas.

Sé Patriarchal

É este incontestavelmente o mais antigo edificio religioso de Lisboa, e mesmo um dos mais antigos do reino. A sua fundação, envolvida em fabulas ou hypotheses, não se sabe hoje datar com certeza.

Não se póde sustentar que existisse até ao anno 306 de Jesus Christo; porque, sendo, desde o anno 290, imperador, o cruel Diocleciano, implacavel perseguidor dos christãos, e escolhendo para consul da Luzitania o feroz Daciano, este fez correr torrentes de sangue dos martyres christãos e não havia nem podia haver um templo consagrado ao Deus verdadeiro. Os christãos, para se reunirem, orarem e celebrarem os officios divinos, se escondiam em cavernas ou no mais intricado dos bosques.

Foi só no anno 306 de Jesus Christo, que o filho de Santa Helena, Constantino Magno, foi elevado ao throno imperial, e que o christianismo respirou e principiou a florescer desassombrado, construindo publicamente e sem temor de perseguições, as suas egrejas e mosteiros.

Dizem alguns escriptores antigos, que S. Manços, discipulo dos apostolos, foi o primeiro que em Lisboa prégou o Evangelho

entre os annos 50 e 70 de Jesus Christo, e que foi o primeiro bispo d'esta cidade; mas celebrava os officios divinos no subterraneo da casa de uma senhora lusitana, christan e virtuosa.

A S. Manços seguiu-se S. Gens, que foi martyrisado pelos romanos no monte que depois, por isso, tomou o seu nome, e onde hoje está a linda ermida do *Monte*, á Graça.

Estes mesmos dizem que, vindo Constantino Magno á Luzitania, lançara os fundamentos á Sé de Lisboa, pelos annos 310 de Jesus Christo.

Nada sabemos do que occorreu n'esta egreja durante o dominio dos alanos, que eram hereges (arianos) mas tambem não consta que elles destruissem ou profanassem este templo.

Reunido em 585 o imperio gothico, por Leovigildo, não podiam prosperar os templos catholicos, porque este rei era tambem ariano, apesar de serem christãos quasi todos os povos da Peninsula, e foi mesmo perseguidor dos bispos e dos varões mais respeitaveis em letras e virtudes, não poupando seu filho Hermenigildo, que mandou assassinar, por ser christão.

Felizmente para o christianismo, este usurpador feliz apenas foi soberano da peninsula iberica pouco mais de um anno, succedendo-lhe no throno, seu filho Flavio Recaredo; que horrorisado pelas crueldades de seu pae, e commovido pelos santos exemplos de seu irmão Santo Herminigildo, martyr, abjurou o arianismo; sendo instruido em todos os mysterios da nossa santa fé por S. Leandro, bispo de Sevilha.

O novo rei tratou de arreigar a religião catholica nos seus vastos dominios, não só fundando egrejas e mosteiros, mas tambem convocando concilios e prégando elle mesmo o Evangelho, de que foi um apostolo incansavel.

E' de suppor que no tempo d'este monarcha a Sé lisbonense fosse reparada e ampliada.

Em 715 Muça e Tarik, chefes ou emires arabes, se apossaram de Lisboa e de toda a Lusitania, como se haviam apossado de toda a Hespanha; principiando por saquear, destruir e incendiar varias egrejas e mosteiros, assassinando ou captivando seus moradores.

Reconhecendo, porém, passado o primeiro impulso da invasão, que faziam melhor *negocio* em conservar os templos e conventos christãos, lhes concederam o pleno e publico uso do seu culto, mediante certos tributos.

Parece porém que expulsaram da Sé lisbonense os ministros christãos, transformando o templo em mesquita arabe, tornando-a muito mais vasta e embellezando-a muito.

E' certo que ainda hoje alli se vêem nas pedras de seus muros, caracteres arabes, marcando os seus respectivos logares; e que outros muitos vestigios nos provam que o cinzel dos *filhos d'Allah*, aqui trabalhou por muitos annos.

D. Fruela I, rei d'Oviedo, resgatando Lisboa do poder dos mouros, em 753, decerto não teve tempo de purificar a Sé, porque foi logo atacado por *Abd-el-Raman*, tendo de lhe abandonar a cidade.

Por muitas vezes foi Lisboa resgatada e perdida pelos christãos, sem proveito nenhum para a religião, em razão do pouco tempo da occupação dos christãos.

No anno 800, D. Affonso, o *casto*, filho d'aquelle D. Fruela, que era rei das Asturias e Galliza, tomou Lisboa d'assalto, purificando e sagrando a Sé (unico templo christão que consta aqui haver n'esse tempo) e aqui se celebraram os officios divinos por espaço de 11 annos, até que em 811, Ali-Aton, rei ou *kalifa* de Córdova, reconquistou Lisboa.

Tornou pois este templo a ser convertido em mesquita arabe, até á tomada de Lisboa por D. Affonso I, em 21 de outubro de 1147.

Não se póde dizer com certeza qual era a primitiva invocação d'esta egreja; mas suppõe-se que foi desde o seu principio dedicada á Virgem Santissima. E' certo que sob essa invocação foi purificada e sagrada pelo bispo D. Gilberto (de nação inglez, e que vinha na esquadra dos cruzados) logo depois da tomada de Lisboa.

A sua invocação foi então de Santa Maria Maior ou Nossa Senhora da Assumpção, a

cujo mysterio todas as Sés portuguezas são dedicadas.

D. Affonso Henriques tambem então mandou reparar e ampliar o templo e o mandou prover de vasos sagrados e de todas as alfaias e parámentos necessarios ao culto divino.

D. Sancho I aqui mandou fazer varias obras em 1192.

Os terramotos de 1334, 1344, e 1356, tambem damnificaram muito o têmplo da Sé e suas dependencias, o que foi logo reparado; o que mais prejuisos causou foi o de 1344. D. Affonso IV mandou então reedificar a capella-mór, quasi desde os fundamentos.

A frente principal foi reconstruida por D. Fernando I, pelos annos de 1380, e ficou no estado em que ainda hoje se vê.

Quando este edificio mais soffreu foi pelo terramoto de 1755, pois que foram precisos 26 annos de ininterrompidos trabalhos para se repararem os damnos qne o terramoto causou, concluindo-se as obras de reparação em 1781.

Em 1860 se principiaram na egreja varias obras para o seu reparo e aformoseamento, que terminaram em 1864; mas diga-se a verdade — se este magestosissimo templo, com os novos arrebiques, ganhou muito em belleza, perdeu muito mais ainda em magestade; pois incutiam bem mais respeito suas columnas e abobadas cujos marmores mostravam a sua severa e veneranda antiguidade, do que a camada de gêsso sarapintado com que a mascararam.

N'esta egreja está o corpo de S. Vicente, martyr, padroeiro da cidade de Lisboa; tambem aqui jazem, D. Affonso IV, sua mulher, a rainha D. Brites, a infanta D. Beatriz e outras muitas pessoas notaveis

—

Apesar das transformações porque tem passado este edificio, e da irregularidade e heterogeneidade das varias obras que se lhe teem addiccionado, nem por isso tem perdido, na sua maxima parte, os signaes evidentes da sua respeitavel vetustez.

—

A Sé de Lisboa foi no seu principio suffraganea da metropolitana de Merida. Depois, passou a ser metropolita o arcebispo primaz de Braga; mas D. João I a fez Sé metropolitana, e 1290, por breve apostolico do papa Nicolau IV, sendo seu primeiro arcebispo, D. João I (o *Cavalleiro*) natural d'esta cidade; que está sepultado em uma arca de pedra, na mesma Sé, na capella de S. Sebastião.

—

O cabido da Sé foi instituido em 1150. D. João V lhe mudou o titulo de *Cathedral* em *Basilica de Santa Maria-Maior*, creando-a dignidade patriarchal, em 1716, por bulla do papa Clemente XI; sendo seu primeiro arcebispo, D. Thomaz de Almeida, irmão do primeiro marquez do Lavradio, que ainda então era só conde de Avintes.

Foi n'este anno que o rei dividiu Lisboa em *Oriental* e *Occidental*, sendo a Oriental feita arcebispado e a Occidental patriarchado. Esta divisão apenas durou 25 annos, pois logo no 1.º de setembro de 1741, por bulla do papa Benedicto XIV, impetrada pelo mesmo soberano, foi supprimido o arcebispado, ficando sómente a Sé patriarchal.

—

Na torre do N. d'esta egreja teve logar um facto lamentavel, que, se demonstra quanto é cruel a populaça amotinada, nos primeiros momentos do seu furor sanguinario, mostra tambem quanto é perigoso e terrivel ser oppressor do povo.

O rei D. Fernando fallecêra na florescente edade de 38 annos (22 de outubro de 1383) deixando sua mulher, a celebre D. Leonor Telles de Menezes, regente, em nome de sua filha, D. Beatriz, mulher de D. João I de Castella.

D. Leonor, já pelos seus amores (que não encobria) com o gallego João Fernandes Andeiro, que tinha feito conde de Ourem; já por querer unir Portugal a Castella [1] já pe-

[1] Muito bons escriptores dizem que D. João I de Castella, nunca quiz a união iberica; mas sim dividir as duas corôas entre seus dois filhos, continuando a existir as duas nações separadas e independentes.

la irregularidade do seu comportamento a outros respeitos, era quasi geralmente odiada e despresada pelos portuguezes; que olhando para toda a parte, só viam no mestre de Aviz, filho bastardo de D. Pedro I e de D. Thereza Lourenço, o seu unico e natural protector.

O *Mestre*, que D. Leonor havia desterrado para o Alemtejo (e, segundo corria entre o povo, com tenção de o mandar alli assassinar) aproveitando a *aura popular*, retrocede da sua marcha e atravessa o Tejo na manhan de 6 de dezembro de 1383, dirigindo-se ao paço real (Limoeiro) e alli assassina a punhaladas, o conde Andeiro.

O povo, no seu furor, dirige-se ao paço episcopal para assassinar o bispo D. Martinho, acerrimo partidario de Castella e de D. Leonor; e, por consequencia, inimigo do povo e do *Mestre*.

O bispo escondera-se na torre; mas foi descoberto e d'alli precipitado á rua, sendo depois arrastado.

Este bispo era castelhano de nação, e talvez este fosse o seu maior *crime*.

—

Na sachristia da Sé ainda existem fragmentos das columas do templo primittivo.

Em uma das capellas da Sé, está o tumulo de um *Bartholomeu Johannes*, cuja grosseira effigie descansa em velha e grosseira pedra. Não se sabe quem é.

Na entrada de um dos claustros está uma cadeira de pedra, com as armas de Portugal no encosto. Parece obra do tempo do rei D. Manuel, ou pouco anterior. Tem a data de 1626; mas de certo é a da sua mudança para este logar, porque então, estando nós sob o jugo ominoso dos Philippes, as armas portuguezas formavam apenas um escudo no centro das de Castella.

—

No portico da egreja, estão embebidas nas paredes lateraes duas pedras, cada uma com a sua inscripção, commemorando a entrada de Lisboa por D. Affonso Henriques. A da direita (de quem entra) é de caracteres gothicos, e no latim barbaro d'esses tempos. A da esquerda, é a sua traducção, em caracteres romanos. Diz:

TUNC ANNI DOMINI CUM C. M. NOTANTUR
CUNQUE QUATER DENIS III ADQUE TRIBUS
CUM PER CHRISTICOLAS EST URBS ULIXBONA CAPTA

ET PER EOS FIDEI REDDITA CATHOLICAE
A ERA MILENA FUIT HOC DECIESQUE VIGENA
V$_B$ DECEM OCTOBRIS IN CHRISPINII FESTO.

—

ESTES VERSOS LATINOS, QUE ESTÃO NA PEDRA FRONTEIRA, SE TRADUZIRAM NO ANNO DE 1654. CONTEM COMO ESTA CIDADE FOI TOMADA AOS MOUROS, NO ANNO DE 1147, E DIA DE S. CHRISPIM.

Já se vê pelas cinco linhas inferiores d'esta inscripção, que em 1654 se não entenderam com o latim barbaro da primeira) decifrando apenas o principal.

Tambem me não entendo com ella, e ainda menos com o modo de contar a data.— O que apenas posso colligir, é que — *Era no anno do Senhor, que então se contava 1147 (?) quando por um pequeno numero de christãos foi tomada a cidade de Lisboa e restituida á fé catholica. Isto aconteceu no dia da festa de S. Chrispim.*

—

A pia baptismal que existe na Sé, ainda é a em que foi baptisado, em 22 de agosto de 1195, o famoso Santo Antonio de Lisboa, que nascera junto a esta egreja, nas casas hoje convertidas em templo (de que tratarei no logar competente.) Era filho de Martim de Bulhões e Thereza de Azevedo. (A sua biographia vae junto com as das outras celebridades de Lisboa.)

N'esta mesma pia foi baptisado, em 6 de fevereiro de 1608, o grande padre Antonio Vieira, um dos nosssos primeiros classicos e o principe dos oradores sagrados e profanos de Portugal. Era filho de Christovão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo. (A sua biographia tambem vae adiante.)

S. Sebastião da Pedreira

Esta egreja foi edificada á custa do povo e com grandes esmolas de D. João IV, em 1652.—Não soffreu damno algum com o terramoto de 1755.

Está n'esta egreja um osso do martyr S. Sebastião, cuja reliquia veio de Roma.

Adiante da egreja, e na estrada que conduz a Cintra, está o sumptuosissimo palacio da viuva e filhos do doutor e rico proprietario e capitalista o sr. José Maria Eugenio de Almeida. Tambem eram n'esta freguezia as quintas — de Valle de Pereiro, de padres congregados—dos duques do Cadaval—dos duques de Aveiro,—dos marquezes de Tavora—e a dos condes de Sarzedas,—e o convento de Santa Rita, de frades agostinhos, que actualmente serve de quartel da 3.ª companhia da guarda municipal.

Tem 1:700 almas.

Nossa Senhora do Soccorro

Havia aqui uma antiga ermida de Nossa Senhora da Saude. Em 1596, creando-se a freguezia de Nossa Senhora do Soccorro, com a parte que foi desmembrada da de Santa Justa e Rufina, serviu de matriz a capella de Nossa Senhora da Saude. O primeiro nome d'esta freguezia foi — *S. Sebastião da Mouraria.*

Sendo pequena esta ermida, se construiu a nova egreja, cujas obras terminaram em 1646. O terramoto de 1755 a destruiu, sendo reedificada depois, mas as obras duraram até 1823, em que de todo se concluiram. O terramoto de 1859 lhe fez alguns estragos, que já em 1860 ficaram reparados.

Esta egreja foi construida no bairro da da antiga *Mouraria.*

A capella de Nossa Senhora da Saude, que foi primeira matriz da freguezia, ainda existe, proximo ao Passo do Boi Formoso e ao arco do marquez de Alegrete, no largo da Mouraria. Ainda se faz a esta Senhora uma grande festividade, pelos artilheiros, todos os annos, e a sua procissão é uma das mais sumptuosas de Lisboa, fazendo-lhe a guarda de honra toda a guarnição da capital.

Tem 5:300 almas.

S. Thiago e S. Martinho

É muito antiga a egreja de S. Thiago, e julga-se ser fundação de D. Sancho I, mas, por ter uma mitra esculpida na pia baptismal, alguns attribuem a sua fundação a D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa, pelos annos 1160, o que não é inverosimil. É certo que já era matriz em 1220.

Era priorado das rainhas, com 10 beneficiados e um thesoureiro.

Em 1835 se uniu a esta freguezia a de S. Martinho, de que já tratei nas antigas parochias de Lisboa.

Tem 1:600 almas.

S. Vicente de Fóra

Esta egreja foi fundada por D. Affonso Henriques, principiando a sua construcção logo depois da tomada de Lisboa, em 21 de outubro de 1147.

(A descripção do convento vae na secção dos mosteiros de Lisboa).

Foi o templo reedificado em 1582, sendo seu architecto, Philippe Tercio; mas, como o antigo edificio, além de estar velho, era de acanhadas dimensões, Philippe II o mandou arrasar até aos fundamentos, sendo obra d'este tempo tudo quanto hoje se admira n'este magnifico monumento.

Chamou se *S. Vicente de Fóra*, por ficar fóra dos muros da cidade mourisca, os unicos que então cercavam Lisboa.

—

Havia aqui proximo duas freguezias — a de *S. Thomé* (vulgo, S. Thomé do Castello) fundada pelo rei D. Diniz, em 1320; era situada no pequeno largo que fica entre a travessa de S. Thomé e as escadinhas do mesmo nome; e foi demolida em 1837 — e a do *Salvador*, situada no largo do Salvador, entre as ruas da Regueira, Castello Picão, Salvador e Cruz do Mão.

Com estas duas freguezias unidas, se formou a actual freguezia de S. Vicente de Fóra, em 1837.

O edificio do mosteiro está actualmente constituido em residencia do sr. cardeal patriarcha e todas as repartições da camara ecclesiastica patriarchal estão aqui.

Tem uma boa quinta e bonito jardim.

No fim do claustro está o *pantheon* das pessoas reaes da casa de Bragança.

Desde 1860 até 1864, em quanto duraram as obras na Sé, esteve esta egreja servindo de Sé patriarchal.—Tem 4:000 almas.

De algumas egrejas e capellas de Lisboa, que não são matrizes, nem de mosteiros.

Annunciada

No largo d'este nome, proximo e ao NE. do passeio publico do Rocio, fundou uma preta chamada *Anna*, natural de Lisboa, em 1521, um recolhimento para beatas penitentes, sob a invocação de Sant'Anna, onde a mesma preta se recolheu com 14 mulheres, e ahi falleceu.

Em 1529, D. João III mudou para aqui as freiras do antigo mosteiro de Santo Antão (hoje chamado o *Colleginho*). Fernão Alvares d'Andrade, que morava proximo a este mosteiro, lhe deu muitas esmolas e quiz n'esta egreja ser sepultado, com sua mulher. (Vi-de adiante). Era um edificio pequeno e pobre, onde as freiras estavam faltas de commodos, pois ainda pouco se tinha augmentado a fundação da preta fundadora.

Em 1541, D. João III, mudou este mosteiro para junto do campo de Sant'Anna, onde existe.

No sitio onde existiu a antiga egreja de Sant'Anna, se está ha muitos annos construindo uma magnifica egreja de amplas dimensões e formosa cantaria, destinada a ser a egreja parochial da freguezia de S. José.

São as obras feitas á custa dos rendimentos da irmandade da confraria do Santissimo Sacramento, da freguezia de S. José; e como estes rendimentos, apesar de bons, não são sufficientes para o rapido desenvolvimento das obras, vão estas vagarosamente, empregando um numero diminuto de operarios, calculando restrictamente a despeza com a receita para isto applicada.

Um devoto lisbonense, da rua do Sol, ao Rato, fallecido em setembro de 1874 deixou 4:000$000 réis para estas obras.

O que está feito (metade, pouco mais ou menos da obra de canteiro) já nos leva a esperar grande perfeição e magnificencia n'este templo, que, concluido, será de certo um dos mais bellos da capital.

A capella-mór, com o retabulo, que era da antiga egreja dos jesuitas, hoje hospital de S. José, fica sumptuosissima. São magnificas as columnas *salomonicas*, de marmore vermelho, assim como o espaldar de marmore branco, de primorosa esculptura.

A imagem da *Gloria*, que hade ser collocada no alto do retabulo, é obra magnifica, do sr. Pedro dos Reis. A figura do *Padre Eterno*, em alto relevo, é obra de grande merecimento artistico, assim como a de Jesus Christo.

Estão aqui, para serem empregados n'esta egreja, muitos marmores e embutidos, que foram da egreja de Santo Antão e da capella da Estrella (que ha pouco se demoliu). Umas portas de primoroso lavor, que foram d'esta capella, vão ser empregadas na capella-mór da nova egreja.

Ha aqui um frontal de marmore preto, com embutidos de marmore amarello, que foi do altar da sachristia da egreja do mosteiro de S. Bento. É obra de grande valor. Veio da Italia, com outros objectos, que de lá mandou vir o marquez de Castello Rodrigo (o tristemente célebre D. Christovão de Moura) para a egreja benedictina, de que foi bemfeitor. Tem no centro (o frontal) o brazão do marquez, que são as armas dos Côrtes Reaes e Mouras.

Estava n'esta egreja tambem uma campa com 11 palmos de comprimento (2m,42) e largura correspondente. Era da sepultura de Fernão Alvares d'Andrade, que foi thesoureiro-mór do reino, escrivão da fazenda de D. João III e do seu conselho. Tem esculpido o brazão dos Andrades, com grandes ornatos, lavrados com grande perfeição. É de marmore e tem a seguinte inscripção:

CAPELLA E SEPULTURA DE FERNÃO ALVARES DE ANDRADE, DO CONSELHO DE ELREI D. JOÃO O III, DESCENDENTE, EM LINHA DIREITA, DA NOBRE GERAÇÃO DOS CONDES DE ANDRADE, DE GALLIZA FALLECIDO EM MARÇO DE 1552—E DE D. ISABEL DE PAIVA, SUA MULHER, QUE FALLECEU EM MAIO DE 1530—E DE SEUS DESCENDENTES.

Esta campa está agora na egreja do Carmo, no museu archeologico, dos architectos civis.

Este Andrade foi um grande bemfeitor das freiras da Annunciada, como atraz fica dito,

e gastou uma parte da sua fortuna (que era grande) nos ornamentos da egreja, e em varias obras do mosteirinho. A abbadessa, em reconhecimento d'estes serviços, pediu licença a D. João III para doar a Andrade a capella-mór da egreja, a que o rei annuiu, e Andrade e sua mulher aqui vieram a ser sepultados.

Quando D. João III mudou as freiras da Annunciada para o mosteiro de Sant'Anna, ao campo do mesmo nome, em 1541, ou aqui ficaram algumas, que formaram convento, ou vieram de outra parte; porque a egreja subsistiu sempre, visto que n'ella se enterrou Andrade d'ahi a 11 annos, e que este mesmo fidalgo continuou a ser o bemfeitor do convento da Annunciada.

Ha confusão (e contradições) nos escriptores que tratam d'este convento. Eu supponho—mas não assevero—que Andrade, tendo devoção com este mosteiro, ainda depois das freiras hirem para Sant'Anna e desejando que o convento não ficasse deserto, o ampliou e reconstruiu, de modo a poder conter uma communidade, e que, ou com as religiosas que ficaram, ou com outras, constituiu convento.

O que é certo é que, no 1.º de novembro de 1755, existiam aqui freiras. O terramoto d'esse infausto dia, destruiu a egreja e o mosteiro, e as freiras passaram para o convento de Santa Joanna, a Santa Martha. A egreja ficou em ruinas, e com a nova planta de Lisboa, o sitio occupado com o edificio do mosteiro, foi occupado por predios particulares.

Em 1793, se projectou erigir no local da antiga egreja, a matriz da freguezia de S. José. O architecto Antonio Fernandes Rodrigues, fez um apparatoso risco, que se não executou por demandar grandes despezas. Fez-se pois um novo risco, que, não sendo tão custoso, é todavia sobremaneira bello.

—

Tendo fallado tanto de Fernão Alvares de Andrade, não devemos esquecer os seus filhos, entre os quaes ha alguns dignos de honrosa menção.

Teve dez filhos legitimos de sua unica mulher, D. Isabel de Paiva. Entre elles contam-se Francisco de Paiva d'Andrade, o famoso chronista — Diogo de Paiva d'Andrade, célebre theologo, e orador sagrado de grande nomeada — e Thomé de Paiva d'Andrade, conhecido na litteratura portugueza pelo seu nome de religião—frei Thomé de Jesus—o mavioso escriptor da bellissima obra — *Os Trabalhos de Jesus.*

Francisco d'Andrade escreveu a *Chronica de D. João III*, e é tambem auctor do poema, cujo assumpto é — O primeiro cêrco que os turcos pozeram á cidade de Diu. Ambas estas obras são muito estimadas.

Não se sabe quando nasceu, nem quando morreu. Suppõe-se que nasceu pelos annos de 1540 e que falleceu pelos de 1610.

Seu irmão Diogo, sabe-se que nasceu em 1528 e morreu em 1575. Foi sepultado na capella de S. Nicolau Tolentino, na egreja da Graça. Tinha 33 annos de idade quando foi mandado ao concilio de Trento, onde justificou a acertada escolha que d'elle se tinha feito para tão espinhosa missão, que desempenhou com geral aprasimento, pela vastidão dos seus conhecimentos. É um dos nossos melhores classicos.

Fr. Thomé de Jesus, acompanhando o mal aconselhado D. Sebastião, na segunda vez que foi á Africa, ficou captivo em Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578, e foi vendido a um habitante de Mequinez. Foi durante o seu captiveiro que compoz o precioso livro que o immortalisou. Morreu no captiveiro, em 17 de abril de 1582. Tinha nascido em 1529.

Francisco d'Andrade (o chronista) teve um filho chamado Diogo de Paiva d'Andrade (que alguns escriptores teem confundido com o tio do mesmo nome). E' este Diogo o auctor do *Casamento perfeito*. E' um dos nossos bons classicos, e discipulo de seu tio do mesmo nome.

Ainda outro filho de Fernão Alvares de Andrade, cujo nome se ignora, foi um bravissimo capitão da India, e morreu combatendo intrepidamente ao lado do seu rei, na infeliz jornada de Alcacer-Kibir, onde seu tio Fr. Thomé de Jesus ficou captivo.

Não ha outras memorias d'estes varões, por tantos motivos dignos da immortalidade.

Egreja de Santo Antonio da Sé

(vulgò — Real Casa de Santo Antonio)

Nada se sabe com certeza quanto á origem d'esta casa, como particular e de habitação: é porém de suppor que já existisse quando D. Affonso Henriques resgatou Lisboa do poder dos mouros, em 1147.

Sabe-se que era encostada, ou pelo menos muito proxima, á antiquissima porta da cidade, chamada *porta do ferro*, que depois veio a ter (a porta) uma capella de Nossa Senhora da Consolação.

A este sitio se dava o nome de *Pedreira da Sé*.

A biographia do nosso bemaventurado Santo Antonio vae na secção dos varões illustres nascidos em Lisboa. Aqui só fallarei do thaumaturgo por incidente.

N'esta casa residia Martim de Bulhões e sua mulher D. Thereza de Azevedo [1] quando em 6 de fevereiro de 1195 lhes nasceu um filho, que no mesmo dia foi baptisado na Sé de Lisboa, com o nome de *Fernando* que depois na profissão mudou para *Antonio*, e é o nosso popularissimo santo.

O pae de Santo Antonio foi enterrado no adro da egreja matriz de S. Mamede, que existiu onde agora está a meia laranja, em frente das casas dos srs. marquezes de Penafiel.

A mãe foi enterrada em S. Vicente de Fóra; mas depois (1431) foram seus ossos levados para a egreja de Santo Antonio, e estavam em uma capella do lado do Evangelho. Sendo destruido o corpo da egreja com o terramoto, perderam-se os ossos de D. Thereza. No seu tumulo havia uma inscripção, que vem no *Agiologio* de Jorge Cardoso.

Consta que o quarto em que elle viu a luz do dia, ficava por detraz do altar-mór da actual egreja, e tem-se como milagre que, destruindo o terramoto de 1755 toda a egreja, respeitasse a capella-mór e o logar onde nascera o santo. N'este logar se vê a seguinte inscripção:

NASCITUR. HAC. PARVA. UT. TRADUNT.
ANTONIUS. AEDE. QUEM. COELI. NOBIS.
ABSTULIT. ALMA. DOMUS.

(N'esta pequena casa, segundo a tradição, nasceu e habitou Antonio, cuja alma o céu nos roubou.)

—

Tambem se ignora o anno em que a casa de Santo Antonio foi convertida em egreja da sua invocação; apenas se sabe que já existia, concluida e exposta á veneração dos fieis e ao culto divino, em 1431 — e que o papa Eugenio IV, por uma bulla, datada de 9 das kalendas de fevereiro de 1433, isentou esta egreja da jurisdicção ordinaria, a pedido da camara de Lisboa, que foi a que mandou edificar esta egreja em honra de Santo Antonio.

Não se sabe se já em vida do pae de Santo Antonio esta casa era propriedade do municipio, ou se o veio a ser depois. E' certo que n'ella se estabeleceu a casa do senado da camara de Lisboa, e ahi estava no glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, e d'aqui sahiram encorporados os vereadores com a bandeira da cidade, a unirem-se aos restauradores da nossa liberdade.

E' pois certo que ha mais de 500 annos é todo este edificio (egreja e dependencias — que estão soltas de outro qualquer edificio, e cercadas de ruas por todas as partes) propriedade da camara municipal de Lisboa, que é a unica administradora d'esta egreja.

Ou, porém, a casa onde viveram os paes

[1] Ha grandes duvidas sobre o nome da mulher de Martim de Bulhões. O padre Bayão e Braz d'Abreu lhe dão o nome de Thereza Taveira — o auctor do livrinho intitulado *Compendio della vita del glorioso thaumaturgo Santo Antonio de Padua*, lhe dá o nome de Maria Thereza Taveira. O fallecido bispo de Lamego, D. José de Moura Coutinho, nas suas *Obras genealogicas* (ineditas) obra de grande merecimento, diz que se chamava D. Thereza d'Azevedo, e que era neta de D. Soeiro d'Azevedo, que viveu e morreu em umas casas proximas e ao ONO. (nas trazeiras) da egreja de Santa Maria de Sobrado, concelho de Paiva. E é certo que é isto tradicional em Paiva, e ainda d'essas casas ha vestigios (de alicerces) que eu vi e examinei em 1862.

de Santo Antonio era muito vasta, ou a camara adquiriu alguma ou algumas propriedades contiguas, visto que este edificio estava dividido em egreja e suas dependencias e em casa do senado.

Quando D. Affonso V conquistou aos mouros as praças e cidades africanas de Tanger e Arzilla, em 1471, trouxe de lá umas portas de bronze, que eram de uma porta de Tanger e as deu a esta egreja. [1]

No mesmo anno, por contracto entre a camara e a duqueza de Borgonha, se estabeleceu n'esta egreja uma missa quotidiana por alma do infante D. Fernando, filho de D. João I, e irmão do rei D. Duarte, que tendo ficado em refens em Tanger, em 1434, lá morreu. (Seu corpo foi, em 1473, trocado por mouros captivos.)

D. João II e seu successor (primo e cunhado) D. Manuel, não só engrandeceram muito esta egreja, dando-lhe ricas alfaias e magnificos paramentos, mas lhe estabeleceram bons rendimentos, de maneira que chegou a ser o mais sumptuoso e rico templo de Lisboa.

Todos os reis de Portugal até D. Pedro II concorreram, mais ou menos, para o esplendor e riqueza d'esta egreja: mas o que a converteu em um dos mais sumptuosos templos da Europa foi D. João V.—De um relatorio publicado em 1727, pelo provedor da *casa de Santo Antonio*, o desembargador José Soares de Azevedo, consta ter-se gasto até junho de 1726 a quantia de 32 contos de réis.

Em 1728 se gastaram mais 3:718$320 réis em obras; e ainda em 1734 se pagaram mais algumas verbas que tinham ficado em divida.

O tecto e todo o corpo da egreja era forrado de preciosos marmores, com formosos embutidos de varias cores, feitos entre os annos 1722 e 1728.

Todos estes primores d'arte foram destruidos pelo terramoto de 1755, que não deixou pedra sobre pedra, á excepção (como já disse) da capella-mór, e do logar onde nasceu Santo Antonio.

—

O templo actual, construido depois do terramoto, é obra do architecto da cidade, o major Matheus Vicente; o mesmo que fez a basilica do *Coração de Jesus* (convento da Estrella).

A egreja é interiormente bem distribuida, muito clara e toda revestida de marmores. Tem quatro altares, e a capella-mór é bella e regular.

Esta reedificação concluiu-se em 1812, e custou mais de 300:000 cruzados (120 contos de réis).

N'esta egreja foi sepultado o célebre jurisconsulto Thomé Pinheiro da Veiga, que morreu em 1656. A pedra do seu sepulchro foi achada entre as ruinas do templo destruido em 1755, por J. J. da Costa de Macedo, que a deu á Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que era secretario perpetuo.

—

Depois do terramoto de 1755, na propria egreja se fez uma barraca, que importou em 2:190$000 réis, e n'ella se celebraram os officios divinos pela primeira vez no 1.º de novembro de 1756.

Mandou-se fazer um novo orgão, que custou 448$000 réis. A administração da casa de Santo Antonio começou logo depois do terramoto a comprar alfaias de prata para o serviço do culto divino, e vendeu as que tirou do entulho. Só de 6 castiçaes de prata quebrados e de um frontal d'ouro e prata, apurou 1:871$000 réis.

Em 1780 estavam as obras já em meio, tudo á custa de esmolas. Do Ultramar vinha, para isto, muito dinheiro, e as esmolas recebidas á porta, pelos meninos do côro, rendiam uns annos por outros um conto de réis.

Os varios nichos de Santo Antonio que havia em varias partes, rendiam mais de 100$000 réis por anno (producto de esmólas) que tudo era applicado para estas obras.

Foi d'este modo que em poucos annos se

[1] Foi desde então que D. Affonso V se denominou—*Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa.*

Foi tambem por estas conquistas que ao mesmo rei se deu o cognome de—*africano.*

reedificou este templo com a magnificencia que hoje admiramos.

Ermida de Nossa Senhora da Caridade

(a Santos o Velho)

Foi fundada por D. Duarte d'Eça e Faria, filho de D. Antonio d'Eça, e neto de D. João d'Essa, governador das ilhas de Sofala. Era situada junto ao convento de Santa Brigida *(Inglezinhas)*. Foi destruida pelo terramoto de 1755.

Ermida de Nossa Senhora da Saude

(No largo da Mouraria)

Havendo em Lisboa (e em todo o reino) uma grande peste em 1505, os artilheiros da guarnição de Lisboa, erigiram á sua custa, fóra das portas da Mouraria (arco do Marquez de Alegrete) uma capella, dedicada a S. Sebastião, advogado contra a peste.

Em 7 de junho de 1569, principia em Lisboa outra grande peste, das mais atterradoras que a cidade tem experimentado.

Então muita gente recorreu com ardentes lagrimas e fervorosas preces á Santissima Virgem, protectora dos afflictos, e a peste desappareceu. Em testemunho de gratidão mandaram logo fazer uma imagem, da invocação de Nossa Senhora da Saude, para com ella fazerem uma esplendida procissão em acção de graças por ter cessado o dito flagello.

Teve logar a primeira procissão em uma quinta feira, 20 de abril de 1570, percorrendo com ella as principaes ruas da cidade, recolhendo depois a imagem na egreja dos meninos orphãos, onde foi collocada, para que todos os annos se fizesse a devota procissão. N'esta mesma egreja instituiram uma irmandade, com o titulo de Nossa Senhora da Saude, e aqui esteve por espaço de 91 annos.

Em 1661, por desintelligencias com os administradores da egreja dos orphãos, se resolveram a fazer capella propria.

Tendo os artilheiros, irmãos de S. Sebastião, noticia da resolução dos irmãos de Nossa Senhora da Saude, lhes offereceram a sua capella da Mouraria, e n'ella o altar para a Senhora; a que os irmãos d'ella annuiram, uma vez que a capella tomasse a invocação de Nossa Senhora da Saude, no que unanimemente se concordou; unindo-se as duas irmandades, e ficando os devotos sendo todos irmãos da Senhora e de S. Sebastião.

Em vista d'esta combinação, sahiu a Senhora, da egreja dos Orphãos, em solemne procissão, em uma quinta feira, 20 de abril de 1662, recolhendo-se á sua nova residencia e sendo collocada no altar-mór.

D'esta juncção se fez escriptura publica, que existe no cartorio da irmandade, com todas as condições do contracto, e foi approvada por bulla do pontifice Alexandre X.

Depois mandaram os irmãos fazer a Nossa Senhora um rico retabulo, com tribuna de talha dourada, em que a Senhora está collocada, em um throno, debaixo do docel, coberta com uma rica cortina, que só se abre aos sabbados, domingos e dias santificados.

O rosto da Senhora, que é bellissimo, infunde respeito e devoção, e a sua attitude de humildade (está com as mãos postas) ainda mais lhe attrahe a veneração publica.

O corpo da Senhora é de *roca*, e vestido com grande riqueza.

É esta imagem objecto de grande devoção de todas as pessoas religiosas de Lisboa, e a sua capella, por isso, muito frequentada sempre.

A procissão que ainda todos os annos lhe fazem os artilheiros, é das mais brilhantes de Lisboa e lhe fazem a guarda de honra todas as musicas e corpos da guarnição da capital.

Ermida de Nossa Senhora da Guia

Fica proxima á antecedente, e na rua da Mouraria, ao sahir do largo do mesmo nome.

Foi fundada pelos annos 1600, na rua da Palma. Era exactamente no logar onde hoje está a botica do sr. Rodrigues, na casa que faz esquina para a Rua Nova da Palma e Rua de S. Vicente, á Guia.

Quando se abriu a *Rua Nova da Palma* (actual) foi a ermida mudada para o si-

tio onde hoje está. Havia aqui uma antiquissima albergaria, que depois passou a ser um asylo para orphans, e ainda hoje é um recolhimento de meninas.

Capella de Nossa Senhora do Monte

(Antigamente—monte de S. Gens)

Foi esta formosa capella fundada logo depois de Lisboa ser resgatada do poder dos mouros, e mesmo no anno de 1147. Foi primeiro dedicada a S. Gens (primeiro ou segundo bispo de Lisboa) que n'este sitio tinha sido martyrisado, em 11 de outubro do anno 66 de Jesus Christo (imperando Nero) com seus companheiros, S. Placido e Santo Anastacio, e outros cujos nomes se perderam. [1]

Foram os frades gracianos, com esmolas do povo de Lisboa, que fundaram esta capella, e umas casas contiguas, para lhes servirem de hospicio. A sua primeira fundação foi ao fundo do monte que olha para O., no sitio depois chamado *Fornos do Tijolo,* ao pé do *almocabar* (cemiterio) dos mouros, e a este logar ainda até aos fins do seculo passado se dava por isso o nome de *Almocabar* e hoje *Olarias*.

(Vide *Almocabar*, a pag. 151 do 1.º volume).

Já aqui havia, ou uma capellinha, ou uma cadeira de pedra, em que S. Gens costumava prégar e ensinar a doutrina aos christãos, que já então por aqui havia.

S. Gens era natural de Lisboa, assim como a maior parte, ou todos, os seus companheiros de martyrio.

Aqui estiveram os religiosos agostinhos (gracianos) até 1243. Então, uma senhora, chamada D. Suzana, compadecida de ver os frades habitarem em um sitio baixo e doentio, sendo de mais a mais, n'esse tempo, muito distante da cidade, o que era incommodo para o povo que queria hir á doutrina e assistir aos officios divinos áquelle hospicio, fez — D. Suzana — doação aos frades, do monte de S. Gens, que lhe ficava eminente, e de todas as terras circumvisinhas, que eram d'ella. Para este sitio se passaram, edificando logo algumas cellas; mas, como o sitio era muito falto d'agua, e no inverno muito desabrido e exposto aos rigores dos ventos, que aqui são constantes e, ás vezes, furiosissimos, em razão da grande altura do monte, viviam os religiosos com muito incommodo alli, onde só residiram até 1271; mudando para um sitio mais ao SE., que então se chamava *Almofála* ou *Almafála*, e hoje *Graça*. (Vide *Almofala*, a pag. 152 do 1.º vol.—e convento da Graça, quando tratar dos conventos de Lisboa).

A cadeira de pedra, em que S. Gens se sentava a prégar aos christãos, que estava na capella primittiva, foi transportada para o alto do monte, onde se erigiu a segunda capella de S. Gens, e ainda lá está no alpendre da casa da Senhora do Monte.

N'esta capella é venerada uma devotissima imagem de Nossa Senhora, de muita antiguidade, e parece que já estava na capella primittiva.

A Senhora é de roca, tendo 1m40 de alto, e está com as mãos postas. É divinamente formosa, apesar da sua antiguidade.

Esta capella foi reedificada, com magnificencia, e ampliada, com esmolas do povo, sendo o seu mais fervoroso devoto e generoso subscriptor, Placido da Castanheira, contador-mór, que só elle concorreu com a maior parte das despezas da obra.

Varios reparos e concertos se teem feito a este venerando templosinho. Ainda em 1866, foi restaurada toda a capella, sendo o tecto pintado a fingir estuque apainelado e floreado, com tanto primor, que illude á primeira vista, julgando-se verdadeiro estuque.

Tambem então se restaurou um formoso presepe, que tem do lado esquerdo da entrada da porta principal.

Faz-se todos os annos uma festa muito concorrida.

[1] Esta data é a que lhe dá o *Anno Historico;* mas o *Sanctuario Marianno* diz que foram martyrisados no anno 353. Sendo assim, era imperador Diocleciano, ferocissimo perseguidor dos christãos, e seu legado na Lusitania, o sanguinario Daciano. Já se vê que ha aqui uma differença de 287 annos. É impossivel saber-se em qual das duas obras ha este anachronismo.

É o adro d'esta capella um dos mais deliciosos pontos de vista de Lisboa, que d'aqui se descobre quasi toda, assim como uma vasta extensão do Tejo, e muitas serras, planicies e povoações de ambas as suas margens.

Capella de Nossa Senhora da Oliveira

(ou *Santa Maria de Roque Amador*)

Este templo existiu até 1755, no adro da parochial egreja de S. Julião, para a parte do sul, sobre o chafariz que aqui havia, chamado dos *Cavallos* (por causa de dois cavallos de bronze que aqui estavam) e que era na celebrada *rua Nova dos Mercadores* ou de *El-Rei* (da qual já dei noticia; e que occupava antes do terramoto de 1755, com pouca differença, a rua ainda hoje chamada *Nova de El-Rei*—vulgo—*Capellistas*.)

Alguns tambem davam a esta capella a invocação de S. Gonçalo de Amarante, por estar primeiro a imagem d'este santo no altar-mór; mas que depois foi mudada para uma capella do lado da Epistola.

Foi fundada esta ermida pelos annos 1200, por Pedro Esteves e sua mulher, Clara Geraldes, naturaes de Guimarães, junto a uma grande oliveira que havia aqui, e da qual a Senhora tomou o nome.

Não se sabe com certeza a data da fundação, mas, segundo bem fundadas conjecturas, foi pelos annos 1300, reinando D. Diniz.

Os eremitas de Santa Maria de Roque-Amador (vulgo *Reclamador*) erigiram aqui um hospital, e d'esta circumstancia se deu á Senhora a denominação de Santa Maria de Roque Amador.

Parece que este sitio era, na data da fundação da capella, apenas povoado de oliveiras. O Tejo chegava n'esse tempo á egreja de Santa Justa e rufina, e cobrindo muitas vezes o Rocio, chegava á egreja de S. Domingos.

O hospital aqui fundado, se denominava de *Frei João*, que era um frade muito virtuoso, da ordem de Roque Amador, que, ou fundou o hospital, ou foi por muito tempo seu administrador.

—

Do Livro das *Memorias de El-Rei D. Diniz*, consta que, no anno de 1299, dera o rei, a mestre Julião, seu sobre-juiz, licença para ter um carniceiro nas casas de Lisboa, onde chamam a *Oliveira*, junto ao hospital de fr. João. — O mesmo titulo tem o hospital, nas memorias da Torre do Tombo.

—

A ordem de Roque Amador, teve principio em França, no anno de 1166.

O fim principal d'esta santa instituição era erigirem hospitaes para peregrinos. Os outros reis da christandade admittiram em seus reinos religiosos d'esta ordem, para a fundação de hospitaes, em que exercessem a sua caridade.

Em Portugal se fundaram muitos hospitaes d'esta religião; sendo o primeiro, na villa de Sóza (ou Souza) proximo a Vagos. (Vide *Soza*.)

Em 1495, era provedor d'este hospital (do da Rua Nova, de Lisboa) Pedro Nunes, escudeiro—em cuja presença Diogo Delgado, cavalleiro e commendador de Fontarcada, deu umas casas, de sua filha Catharina de Oliveira—na freguezia de S. Nicolau—por troca de um olival que estava junto da quinta de *Santa Maria dos Olivaes*, e diz a escriptura, ser feita dentro do hospital de Santa Maria da *Rocha Amador*, situado na freguezia de S. Gião (Julião.)

Esta ordem floresceu e foi muito respeitada até ao reinado de D. João II, sendo então supprimida, ou deixando de existir, sem se saber como nem porque.

—

Segundo a tradição, a origem da capella de Nossa Senhora da Oliveira foi a seguinte:

Quando viviam Pedro Esteves e sua mulher Clara Geraldes, no reinado de D. Sancho I, habitavam a propria casa em que depois se estabeleceu o hospital. Achando-se sem filhos, e ricos, queriam ter herdeiros aos seus bens, e recorreram á Santissima Virgem, que lhes concedeu uma filha, que estando já em edade de casar, falleceu de uma febre aguda.

Seus paes ficaram inconsolaveis e não ha-

via cousa que lhes alliviasse a dôr e as saudades.

Uma noite ouviram a campainha que n'aquelles tempos acompanhava os justiçados, grande tropel de gente e o pregoeiro que gritava: «Justiça que el-rei manda fazer n'esta mulher (nomeando a filha defunta de Pedro Esteves) por commetter adulterio contra seu marido.»

Levantou-se Esteves, e chegando á janella, viu que a padecente se parecia com sua filha. Era uma visão, que os advertia do que poderia acontecer á filha, se fosse viva.

Foi então que os dois conjuges decidiram dar toda a sua fazenda a Nossa Senhora, edificando em sua casa um hospital, que deram aos religiosos de Roque Amador.

—

Era a imagem d'esta Senhora, de grande formosura. Era de vestir (de roca) e tinha riquissimos vestidos. Tinha 1m,10 de altura, e estava com as mãos postas, porque não tinha menino. Estava em uma rica tribuna, na capella-mór, e a egreja tinha duas capellas embutidas nas paredes. Todos os altares eram de rica talha dourada, e na egreja havia ricas pinturas. O altar do lado do Evangelho era dedicado a Jesus Christo crucificado e o outro a S. Gonçalo de Amarante.

Depois de ser pertença dos religiosos, passou a ser administrada esta casa pelos confeiteiros de Lisboa; mas não consta quando tomaram conta d'esta administração.

Os pescadores tambem lhe faziam umas grandes festas nas oitavas da Paschoa, Natal e Espirito Santo.

A festa dos confeiteiros era no dia da Natividade de Nossa Senhora, a 8 de setembro.

Tudo isto foi completamente destruido no 1.º de novembro de 1755, e não se tornou a reedificar.

Nicho de Santo Antonio da Mouraria

Antes do terramoto de 1755, havia em Lisboa varios nichos de Santo Antonio, e poucas ruas deixavam de os ter. Não ha porém noticia escripta senão d'este, da Mouraria.

Depois do terramoto só havia quatro, sendo este um d'elles.

As esmolas de todos estes nichos hiam para a *Real Casa de Santo Antonio.*

Em 1742 a 1743, foi este nicho (que era o principal e de mais devoção do povo) restaurado, gastando-se na sua talha, decoramento, pintura, azulejos e uma grade de ferro, 131$920 réis. As esmolas d'este nicho rendiam uns annos por outros 50$000 réis.

Nem o nicho nem o santo soffreram nada com o terramoto. É pois esta imagem ainda a antiga.

Em 1761, houve litigio sobre a casa da Mouraria, onde estava o nicho de Santo Antonio. O dono da casa queria a propriedade do nicho, que sempre tinha sido da casa de Santo Antonio da Sé; por isso a administração recebeu, como em deposito, as esmolas do nicho n'esse anno, as quaes montavam a 285$000 réis.

A administração da real casa de Santo Antonio venceu, continuando a receber as esmolas dos fieis, como sempre tinha recebido.

Capella de S. Chrispim e S. Chrispiniano, martyres

Não se sabe quando foi edificada esta capella; mas é muito antiga e suppõe-se fundação do seculo XIII. Antes de S. Vicente, martyr, eram estes santos os padroeiros de Lisboa. É administrada pelos sapateiros.

Está este templosinho situado na rua Nova de S. Mamede, junto ao sitio antigamente chamado *Portas d'Alfófa*, ou *do Castello.*

N'esta egreja está a imagem de *Nossa Senhora do Parto*, objecto de grande devoção das senhoras de Lisboa. É tambem antiquissima e muito formosa. É de vestir (de roca) e está com as mãos postas. Fazia-se-lhe antigamente uma grande festa na terceira oitava do Natal (dia dos Santos Innocentes).

Está collocada no meio do retabulo da capella-mór.

Capella de Nossa Senhora da Purificação

(Vulgò — da Escada)

É muito antiga, pois foi edificada durante o longo reinado de D. Affonso Henriques.

Alguns escriptores suppõem mesmo que foi fundação gothica.

O que é certo é ser muito mais antiga do que a egreja do mosteiro de S. Domingos, ao Rocio. Quando se edificou esta egreja, lhe ficou unida a capella da Senhora da Escada, da parte do Evangelho (ao N.) vindo a formar um conjuncto com a egreja, com a qual communica. Tem uma tribuna, da qual em outros tempos a familia real portugueza ouvia missa e assistia aos mais officios divinos. Isto é—a capella está hoje verdadeiramente constituida em tribuna, porque é tão elevada do nivel da egreja, que, por baixo d'ella (ermida) ha altares ao nivel do pavimento da egreja.

Além da communicação interior, tem serventia externa pelo atrio da egreja, por uma larga escada de 31 degraus, e é d'esta circumstancia que o povo lhe chamou Nossa Senhora da Escada.

Já no tempo do nosso primeiro rei, era esta Senhora famosa em toda a cidade e arredores, pelos muitos milagres que lhe attribuiam.

Os maritimos, sobre tudo, tinham com ella a mais particular devoção. O Tejo chegava então até á capella, e os navios aqui ancoravam, julgando-se seguros dos vendavaés, fundeando á vista da capella.

Ninguem sabe a origem d'esta imagem. Suppõe-se que appareceu n'este mesmo logar, onde estava escondida desde o anno 715. O primeiro titulo d'esta Senhora era *Santa Maria da Corredoira*, que devia ser o nome d'este sitio.

A sua festa era no dia da sua purificação (2 de fevereiro) e hia em procissão o senado e o cabido de Lisboa á sua casa.

Suppõe-se que, quando a familia real habitava nos proximos paços dos Estáos, era este templo capella real.

D. Affonso III, que tinha particular devoção com Nossa Senhora da Escada, e que foi o fundador do convento e egreja de S. Domingos, parece que foi o que mandou fazer a tribuna da capella.

Tambem era muito devoto d'esta Senhora o nosso D. João I, e por isso, a camara de Lisboa (talvez por sua ordem) instituiu-lhe uma festa, em acção de graças pela victoria d'Aljubarrota (14 de agosto de 1385) em dia de S. Jorge; na qual levavam a imagem d'este santo. Sahia a procissão da sua egreja de S. Jorge e terminava na casa da Senhora da Escada.

D. João I, recolhendo d'Alcochete a Lisboa, com a doença de que falleceu, antes de entrar no seu palacio, foi á capella da Escada, despedir-se de Nossa Senhora, tomar-lhe a benção e implorar-lhe a sua protecção, para a viagem á eternidade.

O usurpador Philippe II prohibiu esta festa e procissão, assim como a que se fazia em 14 de agosto de cada anno, na qual uma procissão de triumpho sahia da Sé e recolhia na egreja da Graça.

O rei D. Duarte, filho de D. João I, não se contentando com as obras que seu pae havia feito n'esta capella, mandou-a restaurar com grande magnificencia, dando-lhe uma esmola sufficiente para que uma alampada allumiasse a Senhora, perpetuamente, de dia e de noite.

Aqui veio o santo infante D. Fernando (irmão de D. Duarte, e que morreu no captiveiro em Mequinez) confessar-se e commungar, quando embarcou para a Africa; e d'aqui levantou ferro toda a armada, no dia 25 de julho de 1437, para conquistarem Tanger. [1]

D. Affonso V, dispondo-se a tomar Arzilla e Tanger, se foi primeiro offerecer a si e á sua armada, a esta Senhora, confessando-se e commungando aqui, na manhan de 15

[1] Esta expedição foi infeliz. Os infantes, D. Fernando e D. Henrique, cercados em Ceuta (que seu pae—D. João I—e elles haviam conquistado em 14 de agosto de 1415) por um formidavel exercito de mouros, e reduzidos á ultima miseria, pedem uma suspensão d'armas. D. Henrique vem a Portugal tratar da entrega de Ceuta, deixando seu irmão em refens. As côrtes (e o proprio infante captivo) oppõem-se á entrega da praça africana, e D. Fernando morre no captiveiro, regressando a Portugal apenas o seu cadaver, em 1473, por troca de mouros captivos.

de agosto de 1471, dando á vella na tarde d'esse mesmo dia. [1]

D. Manuel, expulsando do convento de S. Domingos todos os frades (mandando queimar vivos dois d'elles, mais culpados, no Rocio) por serem os influentes na morte de mais de 4:000 judeus, no dia 19 de abril de 1506; só exceptuou o religioso que tinha o encargo de tratar da capella de Nossa Senhora da Escada.

D. João III, estando o convento de S. Domingos muito arruinado com os terramotos de 1531, deu grandes esmolas para á sua reedificação, recommendando instantemente a capella da Senhora da Escada.

Muitos escriptores antigos dedicam extensas paginas á historia d'esta capella e aos louvores e milagres d'esta famosa imagem.

Capella de Nossa Senhora dos Remedios

(Em Alfama)

No principio da antiga rua chamada *das Portas da Cruz*, e hoje *rua dos Remedios*, freguezia de Santo Estevão, está a capella de Nossa Senhora dos Remedios, fundada em 1581, e dedicada ao Espirito Santo. Era a capella do hospital da mesma invocação.

Foi esta casa edificada pelos pescadores *do alto*, do bairro d'Alfama, instituindo uma irmandade, com tumba propria, para conduzir os confrades defuntos.

Esta irmandade tinha sido originariamente instituida na egreja matriz de S. Miguel d'Alfama, antes de haver misericordia em Lisboa, e em quanto os irmãos não construiram casa propria.

Por questões entre os irmãos e alguns clerigos da egreja, por causa de mesquinhos interesses, resolveram aquelles fundar uma capella que servisse de séde da irmandade. Escolheram o sitio onde termina a rua da Regueira (já então assim chamada) e principia a dos Remedios (então Portas da Cruz) e aqui edificaram uma formosa ermida, de boa e robusta fabrica, dedicando-a ao Espirito Santo, e obtendo da curia romana varias bullas de privilegios.

Permaneceu por muitos annos esta irmandade. Tinham uma tumba coberta de um rico panno de velludo preto, com barras e cruz de brocado de ouro, franjado do mesmo, e uma rica cruz, com manga, egual ao panno da tumba, com a divisa do Espirito Santo, que é uma pomba branca com as azas abertas, bordada no mesmo brocado, cercada de um resplendor de ouro.

Enterravam os irmãos e suas mulheres, filhos e filhas, emquanto viviam debaixo do patrio poder, sem o minimo interesse. Com a mesma caridade enterravam os criados e escravos dos irmãos.

Aos que eram pobres curavam caridosamente no seu hospital, e lhes davam—quando falleciam—sepultura e mortalha, mandando-lhes dizer certo numero de missas.

Erecta a Misericordia de Lisboa, perto d'esta capella (na actual egreja da Conceição Velha) a administração da Santa Casa pretendeu prohibir que a irmandade do Espirito Santo tivesse uma instituição da sua especie, e houve por isso uma renhida demanda, sustentando os irmãos do Espirito Santo a sua posse, auctorisada e protegida por provisões regias e bullas pontificias, e o seu direito, fundado, além d'isso, pela sua prioridade.

Terminou a demanda por uma escriptura de concerto feita em 12 d'agosto de 1602, na qual se estipulou que os pescadores enterrariam seus irmãos e familias; mas não pessoas estranhas.

Era então provedor da Misericordia o grande Mathias d'Albuquerque.

—

Quanto á invocação actual, de Nossa Senhora dos Remedios, que tem esta capella, diz o *Sanctuario Marianno* (Livro I, tit. 46) o seguinte:

«O que pude descobrir é que, n'aquella «egreja ha um poço, que fica em o canto «d'ella, ao entrar da porta principal, da

[1] Foi a terceira expedição contra a Africa. O rei foi feliz, tomando Arzilla e Tanger, praças de guerra do litoral, defendidas por fortes guarnições, e por grande numero de bocas de fogo. D'estas victorias proveio ao monarcha portuguez o cognome de *Africano*.

«parte esquerda. N'este dizem todos, por «tradição, que indo um trabalhador, ou ser«vente de pedreiro tirar agua para alguma «obra que na egreja se fazia, e que tirando «o caldeirão, tirára n'elle a santa imagem.

«Alvoroçado com o successo, chamou pe«los officiaes e estes pelo mestre, e que to«dos entenderam ser coisa milagrosa; e mui«to mais, por ser o poço baixinho (que se «tira d'elle agua com limitada corda) e ti«rando-se d'elle continuamente agua, nunca «fôra vista.

«Tambem se admiraram mais que estan«do esta santa imagem n'aquelle pôço, se «visse a pintura enxuta e sem lesão, o que «não podia ser senão por milagre, em uma «imagem de madeira e estofada» (vestida).

A fama d'este milagre correu em breve por toda a cidade, e muitos afflictos recorreram á Senhora, que, ouvindo as suas preces, deu *remedio* a seus males, pelo que lhe principiaram a dar o titulo de Nossa Senhora dos Remedios, que ficou.

A imagem que appareceu no poço, é pequenina (tem uns 30 centimetros de altura) é de vestir, mas o seu rosto de uma belleza adoravel. Está collocada sobre o sacrario em um throno, sob um docel, tudo adaptado á sua pequenez.

Diz a lenda que a senhora desapparecia ás vezes, e criam os devotos que ella ia acudir aos seus pescadores do alto, quando estavam em perigo, pelos vendavaes ou pelos chavecos africanos.

Para não deixar de haver sempre na capella uma imagem de Nossa Senhora dos Remedios (continua a lenda) mandaram os irmãos fazer outra, de maiores proporções, que está collocada no altar-mór. É tambem muito linda.

Os altares da capella (tres) são de rica talha dourada.

Capella e hospital de Nossa Senhora da Victoria

(No fim da travessa da Victoria e junto á rua do Crucifixo)

Na *Caldeiraria*, junto ao *Poço do Chão* (diz-se em cima a que sitio se dava este nome) na freguezia de S. Nicolau, está uma bonita capella dedicada a Nossa Senhora da Victoria, cuja origem, segundo a tradição, é a seguinte:

Havia n'este sitio um hospital de mulheres incuraveis, dedicado a Santa Anna, e dependente do hospital real de Todos os Santos, por cujo provedor e irmãos corria a sua administração.

Entre as enfermas recolhidas n'este hospital (de Sant'Anna) havia uma velha, cega, muito devota de Nossa Senhora, e com esmolas que juntou lhe mandou fazer uma imagem (de róca) que collocou no altar do mesmo hospital, dando-lhe o titulo de Nossa Senhora da Victoria. O povo principiou a ter grande devoção com esta Senhora e a fazer-lhe uma sumptuosa festa, e instituindo-lhe uma confraria para perpetuar esta devoção. Esta confraria se constituiu em irmandade com seu competente compromisso, por escriptura publica, em 1530.

Desejavam os irmãos que a Senhora tivesse casa propria, e sabendo isto uma beata, da Terceira Ordem de S. Francisco, chamada Margarida Lourenço, moradora proximo e abaixo de S. Vicente de Fóra, entre as portas da Cruz, (actual rua dos Remedios) e o postigo do Arcebispo (Arco Pequeno) lhe offereceu as casas em que morava, que eram grandes, e uma boa cêrca, que lhe ficava unida, para que acabassem uma ermida que havia começado, e trazerem para ella a Senhora da Victoria. Fez logo de tudo doação á Senhora, por escriptura de 10 de julho de 1536, nas notas do tabellião Gaspar Gonçalves, tendo esta doação effeito por sua morte, e sob a condição de lhe mandarem os irmãos fazer um anniversario perpetuamente.

As casas e quinta doadas eram foreiras á Ordem de Malta, sendo então grão-prior o cardeal infante D. Henrique (depois rei) que negou licença para esta fundação.

Dizem outros que D. Henrique não negou esta licença, mas outra que Margarida Lourenço lhe pediu antes, para fazer nas mesmas suas casas e quinta uma

egreja de Nossa Senhora da Consolação, e um mosteiro de freiras annexo.

Quando Margarida Lourenço estava em artigos de morte, ratificou por testamento a doação que havia feito á Senhora, e deixando-lhe ainda mais outras peças e propriedades, e de tudo tomaram posse os irmãos da Senhora.

Sendo muita a distancia da *Caldeiraria*, ás casas doadas, e sendo os irmãos officiaes d'officio, e que tinham suas tendas n'aquelle districto, e juntamente a difficuldade da licença para a conclusão da capella começada por a doadora, resolveram entre si, em 1545, fazer uma supplica ao papa, para que lhes désse licença para venderem as casas e cêrca, e fazerem, com o preço da venda, outra egreja, junto ao hospital de Sant'Anna, onde a Senhora continuava a estar. O pontifice (Paulo III) lhes concedeu a licença impetrada.

No anno de 1550, venderam as casas, e com o preço d'ellas e esmolas dos irmãos se comprou o sitio escolhido, que eram duas moradas de casas junto ao hospital. Obtendo licença da administração do hospital de Todos os Santos, para aggregarem a si o hospital de Sant'Anna, obrigando-se a sustentar as mulheres incuraveis d'este, á custa das rendas da Senhora da Victoria; e por morte d'estas a conservarem sempre quatro mulheres pobres incuraveis. As rendas com que até então se sustentava este hospital, se encorporaram no hospital real de Todos os Santos, e os irmãos cumpriram sempre o promettido, á custa das rendas da Senhora, e supprindo com as suas esmolas ao que faltava.

Deu-se principio á nova egreja de Nossa Senhora da Victoria, em 1556.

Para ficarem isentos da parochia de S. Nicolau, fizeram um contracto com o prior e beneficiados, por escriptura publica, nas notas do tabellião, Sebastião Rodrigues, notario apostolico, em 17 de junho de 1556, pelo qual se obrigaram a dar-lhes todos os annos 3$000 réis; demittindo os priores, e beneficiados, por si e futuros tudo o que podessem haver da Senhora da Victoria; pelo que os irmãos ficaram livres para fazer todas as suas festas, sem dependencia da parochia.

Concluiu-se a egreja com muita magnificencia, e se lhe poz sobre a porta principal a inscripção seguinte:

SACRO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA EDIFICADO EM 6 DIAS DO MEZ DE AGOSTO, ANNO DE 1556.
EM TEMPO DO MUYTO PODEROSO REI D. JOÃO III. D'ESTE NOME.

Os irmãos adornaram a sua egreja com retabulos e pinturas, e outras muitas custosas alfaias, calices, custodia e outras peças de prata.

Instituiram-se capellas pelos irmãos, e por outras pessoas nobres, particulares, pelo que se diziam aqui muitas missas, pelos seus capellães e por outros muitos clerigos seculares e regulares que aqui acharam tudo sempre prompto para a celebração do santo sacrificio da missa.

Tinha varios capellães, presididos por um capellão-mór, mas não rezavam em côro; porém diziam missas cantadas, com acompanhamento de orgão em todas as festas da Senhora (qualquer que fosse a sua invocação) e em todos os sabbados do anno.

Em 20 de dezembro de 1595, se fez um novo compromisso, que revogava ou modificava alguns dos artigos do primeiro. N'elle se determina que a festa principal da Senhora seja a 8 de setembro, dia da sua Natividade.—Que a festa da sua Purificação se fizesse a 2 de fevereiro (Candeias) em memoria de se ter instituido esta irmandade em egual dia do anno de 1530:—Tambem se estabeleceu que se fizessem com grande esplendor as festas da Semana Santa, desde domingo de Ramos até ao de Paschoa.

Bem assim ficou estabelecido que se celebrasse a festa do Natal de Jesus Christo, para a qual se construiu um bonito presepe.

Desde a construcção d'esta egreja se perdeu o antigo titulo do hospital (Sant'Anna e se denominou de Nossa Senhora da Victoria.

O governo d'esta casa estava nas mãos de 13 irmãos, a saber:—provedor, escrivão, thesoureiro, procurador e nove vogaes, todos eleitos por sortes.

Teem os irmãos muitos privilegios, graças e indulgencias; porque, desde o anno de 1561 se aggregaram ao hospital de *Sancti Spiritus in Saxia*, de Roma, e gosam por isto de todas as prerogativas, graças e privilegios do hospital romano; por bulla pontificia, expedida pelo papa Innocencio XII, que se guarda no archivo. Pagava-se todos os annos ao hospital de Roma dois escudos de oiro, em signal de sujeição e reconhecimento.

Em 1707 esteve aqui, por consentimento dos irmãos, estabelecida a parochia de S. Nicolau, emquanto duraram as obras da egreja matriz.

Foi grande devota d'esta senhora uma nobre donzella, chamada D. Joanna Vaz, dama da infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e depois da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e deu a esta egreja uma reliquia do martyr S. Jorge (o cotovelo de um braço) que se guardou com grande estimação, junto com outras reliquias, em uma custodia de prata, na capella chamada—dos Cunhas.

Esta donzella foi célebre no seu tempo, não só pelas suas exemplares virtudes, mas tambem pela elegancia de estylo com que escrevia em portuguez e latim, e pela sua vasta sciencia dos classicos latinos, que traduzia com a maior facilidade e fidelidade.

—

D. João d'Austria (filho bastardo de Philippe IV) o mais famoso general castelhano d'aquelle tempo, entrou em Portugal pelo sul, invadindo o Alemtejo, em 1663, com um poderosissimo exercito, o maior que n'essa guerra se tinha organisado. Tomou a cidade d'Evora em 22 de maio, e d'alli fazia grandes hostilidades em todas as terras da provincia até Setubal, com a sua cavallaria, que era numerosissima.

N'estas afflicções todo o povo de Lisboa recorria a Deus e á Santissima Virgem, pedindo-lhes a victoria contra os castelhanos.

Fizeram-se muitas procissões publicas, em que levavam as imagens tidas por mais milagrosas.

Não eram menos patriotas os artistas, irmãos de Nossa Senhora da Victoria; pelo que a tiraram do seu altar, e collocando-a em um riquissimo andor a levaram em devota e sumptuosa procissão pela cidade. Ao recolher a procissão á sua egreja, chegou a faustosissima noticia de que o bravo D. Sancho Manuel (já então conde de Villa-Flor) tendo por chefe do estado maior o conde de Shomberg, sahira de Estremoz em demanda do inimigo, que se ia retirando para a raia com os grandes roubos que tinha feito em Portugal, se encontraram os dois exercitos nas planicies do Ameixial, em 8 de junho, obtendo os portuguezes uma das mais gloriosas victorias de que ha noticia nos fastos militares; escapando difficilmente e a unhas de cavallo, o general em chefe castelhano, mas ficando mortos ou prisioneiros a maior parte dos fidalgos que o acompanhavam. (Vide *Ameixial*, a pag 195 do 1.º volume.)

D. Affonso VI attribuiu o felicissimo feito d'esta campanha á protecção de Nossa Senhora da Victoria, pelo que se constituiu seu feudatario, offerecendo-lhe logo 4 arrobas de cera, e obrigando-se a continuar todos os annos com egual offerta, que passou aos seus successores.

Ha tambem n'esta capella a imagem de *Nossa Senhora da Lembrança*, em altar proprio, fundado por um devoto, que aqui instituiu uma capellania. São os caldeireiros que lhe fazem a festa e tratam do altar, que está com muita decencia e tem ricos ornamentos.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou muito esta egreja. Principiaram as obras de reedificação, mas foram tão vagarosas que só terminarám em 1824.

No hospital estão actualmente (1874) recolhidas 14 mulheres pobres e velhas.

—

Ermida de Nossa Senhora da Assumpção

(Na antiga rua da Prata)

No reinado de D. Manuel collocaram os *prateiros* (ourives de prata) de Lisboa, no seu arruamento, chamado—*rua dos Prateiros*, ou *da Prata* [1], um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, á qual faziam uma solemne festa em 15 d'agosto de cada anno, sendo então a rua ornada com varios altares de grande riqueza.

Quando se alargou a rua, projectáram todos os moradores d'ella de commum accordo, edificar á Senhora, em vez do nicho (que com o alargamento da rua tinha sido desfeito) uma boa capella magestosa e ornada a todo o custo.

Alguns annos decorreram, antes de pôrem em execução a projectada obra, até que em 1697 se deu principio á ermida, que ficava no meio da rua, na parede do lado do O.

Desde que se desmanchou o antigo nicho, até á conclusão da nova capella, esteve a imagem em casa de um prateiro da rua, com a maior devoção e reverencia.

Terminada a obra da capella, foi transferida para ella a imagem da Senhora, no proprio dia da sua Assumpção, com grande pompa e magnificencia, havendo á noite uma vistosa *encamisada* (cavalhada) de figuras com os attributos da Senhora.

[1] Esta rua era tão estreita que não podia passar por ella uma besta de carga, e tinham os seus moradores (por privilegio real) duas columnas, uma em cada extremidade da rua, e no centro d'ella, para impedirem o transito de bêstas carregadas, pelo grande transtorno que causavam aos peões, que ficavam sem ter por onde passar.

No reinado de D. Affonso VI mandou a camara de Lisboa alargar a rua, ficando desde então até ao dia do terramoto de 1755 de fórma que podiam passar por ella tres carroças emparelhadas.

Esta rua foi quasi toda subvertida com o terramoto e não é facil designar hoje o logar que occupava; mas parece-me que estava situada pouco mais ou menos, em parte da actual travessa da Assumpção.

Redobrou a devoção do povo de Lisboa para com esta santa imagem, e a concorrencia dos fieis a implorarem da Senhora remedio para as suas afflicções e enfermidades era immensa.

A imagem da Senhora da Assumpção apenas tinha dois palmos (44 centimetros) de altura, mas era muito linda de rosto, sendo o corpo de vestir.

Capella, altar e imagem tudo foi devorado pelo terramoto, ficando-nos apenas por memoria de ter existido o nome de *travessa da Assumpção* que depois se deu áquelle sitio.

Egreja do Corpo Santo

(No largo do mesmo nome)

O largo do Corpo Santo, tambem antigamente chamado *largo do Corte Real*, porque pelos annos 1585, o traidor Christovão de Moura Corte Real, primeiro conde de Castello Rodrigo, por Philippe II, e primeiro marquez do mesmo titulo por Philippe III, aqui mandou edificar um vasto e sumptuoso palacio [1] está edificada a bonita egreja do Corpo Santo, que deu o nome á praça ou largo que lhe fica em frente.

Principiou esta egreja por uma capella dedicada a Nossa Senhora da Graça, muito antiga, e que se não sabe por quem nem quando foi fundada. [2] Subia-se para esta ermida por uma escada, de pedra, de 15 degraus, terminada superiormente por um pateo parapeitado, que servia de excellente pulpito.

O célebre padre Ignacio Martins, jesuita (vulgo—*mestre Ignacio*) auctor das *cartilhas* do seu nome) aqui prégava frequentes vezes aos moradores d'estes sitios, que eram, n'esse tempo, muitos estrangeiros (assim ca-

[1] Vide *Castello Rodrigo* no 2.º vol.—e *Palacio de Corte Real*, a pag. 125, 1.ª col. d'este.

[2] Sabe-se que foi antigamente egreja parochial, até 1412, em que a sede da freguezia se mudou para a egreja de S. Paulo, como se via de uma inscripção que estava na porta principal da egreja do Corpo Santo, que assim o declarava.

tholicos como herejes) muitos soldados, marinheiros e pescadores, isto por os annos de 1580 a 1590.

A Companhia de Jesus costumava aqui mandar, em todos os domingos de tarde, ensinar a doutrina christan a esta gente.

Os maritimos mandaram aqui collocar uma imagem de S. Frei Pedro Gonçalves, a que elles dão o nome de *Corpo Santo*, e os castelhanos *S. Thelmo*, e que é o primeiro advogado dos navegantes e de todos os que andam sobre as aguas do mar.

Como uma grande parte dos habitantes d'estes sitios eram marinheiros e pescadores, foi pouco e pouco perdendo a capella o seu antigo titulo de Nossa Senhora da Graça e denominando-se do Corpo Santo, porque agora é geralmente conhecida.

A S. Pedro Gonçalves e á Senhora da Graça se faziam antigamente pomposas festas, principalmente ao primeiro.

A Senhora da Graça tem 5m10 de alto, é muito formosa e de vestir. Tem o Menino Jesus nos braços.

Até 1755 foram administradores d'esta capella os pescadores do alto, do bairro da Pampulha, que formaram uma irmandade de Nossa Senhora da Graça, e faziam á sua custa os reparos da capella e as solemnidades religiosas dos dois padroeiros.

Esta capella tinha sido reedificada em 1594. Tinha grandes privilegios, e todos os moradores do sitio, desde a praia até ao largo, pagavam á Senhora certa pensão ou tributo; e tudo quanto no largo se expunha á venda, lhe pagava tambem uma pequena contribuição.

Arruinada com o terramoto, esteve esta egreja alguns annos desmantelada. Não pude saber se foi o povo, se foram os padres irlandezes (catholicos) que a reedificaram depois d'aquelle horroroso cataclismo, o que é certo é pertencer actualmente a estes padres. (Vide *Convento dos Irlandezes*.)

Egreja de Santa Luzia

(No largo do mesmo nome, entre a rua do Limoeiro e largo das Portas do Sol, na freguezia de S. Thiagô)

A primeira invocação d'esta egreja foi de S. Braz. É tão antiga a sua fundação que a sua data ainda não poude ser descoberta pelos nossos mais solicitos archeologos.

As mais antigas noticias certas, referem-se ao tempo em que esta egreja foi bailiado da Ordem de S. Affonso de Malta, no reinado de D. João III (entre os annos 1248 e 1279) passando depois a ser commenda da mesma ordem.

Nas suas frequentes reedificações perdeu quasi todos os vestigios da sua vetustez, sem adquirir belleza alguma architectonica: é porém notavel pelas antigas sepulturas reaes que encerra=São as de:

Fernando Affonso, cavalleiro do Templo, filho bastardo de D. Affonso III.

Esteve primeiramente enterrado no adro, sendo depois trasladado para dentro da egreja. Talvez que só pela circumstancia d'este individuo ser cavalleiro do Templo, dizem muitos que esta egreja foi dos Templarios.

Gil Affonso, cavalleiro da Ordem do Hospital (S. João de Jerusalem ou Malta) bailio da egreja de S. Braz, tambem filho bastardo do mesmo rei.

Frei Lourenço Gil, freire da referida ordem, commendador de S. Braz, e filho do bailio Gil Affonso, o 2.º nomeado. Morreu em 31 de dezembro de 1346.

Além d'estas sepulturas, ainda aqui se veem outras, com brazões d'armas, grosseiramente esculpidas nas campas.

—

Não se sabe quando esta egreja deixou o seu antiquissimo orago (S. Braz) para tomar por padroeira a martyr Santa Luzia.

—

Ha ainda em Lisboa varias capellas publicas, que não menciono, por não terem cousa notavel, por não haver d'ellas esclarecimentos historicos e, finalmente, por não fazer esta secção mais extensa. Pelo mesmo motivo não fallo das particulares, nem de outras que já não existem.

Conventos de Lisboa

(De freiras)

1.º—*Commendadeiras de Santos*—da Or-

dem de S. Thiago. A origem d'este convento foi a seguinte:

No 1.º de outubro do anno 307 de Jesus Christo, o Tejo lançou á praia (por isso chamada de *Santos*) os corpos dos santos martyres Verissimo, Maximo e Julia, irmãos, e naturaes de Lisboa de paes nobres e ricos; mandados martyrisar por Publio Daciano, legado do cruel imperador Diocleciano.

Alguns escriptores dizem que estes santos foram martyrisados mesmo n'este sitio, e sepultados alli pelos christãos.

Os christãos, descobrindo os tres corpos na margem do rio, os enterraram no proprio sitio onde foram achados, ou um pouco mais acima, erigindo-lhe alli mesmo uma capellinha, que existiu até 1147; porque foi a unica que os mouros consentiram aos christãos por estes sitios, mediante um forte tributo annual.

—

Resgatada Lisboa do poder dos infieis, D. Affonso Henriques mandou logo edificar aos tres martyres uma egreja denominada de *Santos*, e a deu aos cavalleiros de S. Thiago da Espada.

Seu filho, D. Sancho I, lhes construiu um espaçoso mosteiro para sua residencia.

Dando D. Affonso III a estes cavalleiros as villas de Alcacer do Sal e Mértola, elles para lá se mudaram, ficando o convento de Santos para n'elle se recolherem as mulheres e familias (do sexo feminino) dos cavalleiros, quando estes andavam em campanha.

Depois, D. João II, em 1470, mandou fazer o convento actual das Commendadeiras, denominado de *Santos o Novo*, no *pateo das Commendadeiras*, na calçada da Cruz da Pedra, freguezia de Santa Engracia; mudando para aqui as *mulheres da obrigação* dos cavalleiros de S. Thiago, em 1475.

E' por isto que ao primeiro edificio se ficou chamando Santos o Velho, e ao segundo Santos o Novo.

O mesmo D. João II para aqui fez mudar as reliquias dos tres santos martyres, em 5 de setembro de 1490. Tinha este rei reparado a antiga egreja de Santos (o Velho) que em 1566 foi elevada a matriz da parochia do seu nome.

Algumas d'estas recolhidas professavam os mesmos votos dos cavalleiros. A primeira superiora d'estas senhoras, foi D. Sancha Martins, á qual deram o titulo de *commendadeira*, que depois se veiu a generalisar ás outras.

Esta senhora foi mais tarde canonisada.

O convento de Santos o Novo é vasto, com bons dormitorios, grande claustro e com 365 janellas. A primeira commendadeira d'este convento, foi D. Helena.

No grande portão da entrada está o brazão d'armas da Ordem de S. Thiago.

Este edificio está muito descurado e em breve cahirá em ruinas, se o não concertarem.

2.º—*Da Madre de Deus* (em Xabregas)—de freiras franciscanas. Foi fundado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irman do rei D. Manuel, no anno de 1508, terminando as obras logo em 1509. A egreja é obra de D. João III.

Na claustra jaz a rainha fundadora, em sepultura rasa, á entrada do capitulo; e junto a ella, sua irman D. Isabel, duqueza de Bragança, mulher do duque D. Fernando.

D. Leonor, comprou, para a fundação d'este convento, umas casas aos herdeiros de Alvaro da Cunha.

Foi o papa Julio II que expediu o breve para a fundação d'este mosteiro.

A communidade foi fundada com sete religiosas da mesma ordem, que vieram de Setubal.

Eram padroeiros do mosteiro, os reis de Portugal.

D'este convento foram oito religiosas fundar o de franciscanas de Faro, em 1541 — em 1545, foram tambem d'aqui freiras fundar o convento da Piedade a Valladolid — e em 1581, foram outras freiras d'este mosteiro fundar a communidade do de Sacavem.

3.º—*De Santa Clara*—freiras franciscanas. Foi fundado por quatro damas da primeira nobreza de Portugal, eram—D. Ignez Fernando, mulher de D. Vivaldo de Pandulfo, ella asturiana e elle genovez—D. Maria Martins—D. Maria Domingas, viuva de

Durão Martins de Parada, mordomo-mór de D. Diniz e rico-homem — e D. Clara Annes Soares.

Foi principiado pelos annos de 1288, no sitio onde hoje é a egreja do convento da Trindade, no largo do mesmo nome, o primeiro á direita na rua larga de S. Roque, hindo do Loreto. Por um sonho de Ignez Fernandes, se mudou para o sitio onde hoje está. (Vide Campo de Santa Clara).

Foi fundado em uma quinta de Gonçalo Peres Dentudo, que D. Ignez lhe comprou. Concluiu-se em 1292.

Chegou a ter 230 freiras.

Este convento tinha grandes isenções e privilegios, dados pelos reis e pelos papas, e era um rico mosteiro. Tinham o senhorio de *Penella*, e de *Sorrilhos*, muitos foros e juros.

Além das freiras, teve 30 pupillas e noviças, 10 seculares, 30 creadas de numero (da communidade) e 440 de particulares. No pateo havia 44 *servilhêtas* (serventes). Tinham dois confessores, um capellão e um feitor, todos frades e quatro *donatos* para os servir, e um para a sachristia.

A egreja, que é vasta, tinha ricos paramentos.

4.º—*Do Salvador*—de freiras dominicas. Foi fundado por D. João I, em 1391. Concluiu-o a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, em 1460. Foi reedificado em 1762. É no largo do Salvador. Houve aqui uma antiga irmandade do Santissimo, que hoje se acha reunida á de S. Vicente de Fóra.

5.º—*Da Rosa*—de freiras dominicas. Foi fundado por Luiz de Brito (morgado de S. Lourenço de Lisboa, e de Santo Estevão de Beja) e sua segunda mulher, D. Joanna de Athaide. Principiou a fundação em 1519.

Chegou a ter 145 freiras, fóra grande numero de noviças, pupillas, seculares e creadas.

6.º—*De Sant'Anna*—de freiras franciscanas. Já disse na *Annunciada* quando, como e onde teve principio este convento.

D. João III mudou para aqui as religiosas em 1541.

É na rua chamada mesmo *do Convento de Sant'Anna*, junto ao campo do mesmo nome.

Na egreja d'este mosteiro estiveram muitos annos esquecidos os ossos do immortal Luiz de Camões.

7.º—*De Santa Martha*—de franciscanas. —O rei D. Sebastião fundou aqui um recolhimento, pelos annos de 1576, para asylo das filhas dos seus creados, que ficaram orphans, por causa da peste que lhes matára seus paes.

Em 1583 passou a ser de freiras franciscanas.

8.º—*De Andaluz*—de freiras dominicas. Foi fundado em 1699. É logo acima do antecedente.

9.º—*Francezinhas*—capuchas franciscanas. Foi fundado pela rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboia, mulher de D. Affonso VI e de seu irmão, D. Pedro II, em 1667. É na calçada da Estrella.

A rainha trouxe de Paris, em 1666 estas freiras (eram quatro) que estiveram, emquanto não tinham casa propria, hospedadas no convento das flamengas, em Alcantara, e no anno seguinte, no da Esperança. D'aqui, acompanhadas pelos principaes senhores da côrte, foram para S. Bento, onde o cabido as esperava.

Na procissão ia cada freira com um crucifixo na mão, e uma corôa de espinhos na cabeça.

10.º—*De Santa Brisida*— freiras inglezinhas (tambem antigamente chamado do *Mocombo*). Foi fundado por D. Izabel de Azevedo. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 4 de maio de 1594. A egreja ardeu em 17 de agosto de 1651, e a 2 de outubro do mesmo anno se lançou a primeira pedra da nova egreja, que se concluiu em 1656.

A origem d'este convento é ingleza. Foi o rei da Gran-Bretanha, Henrique V, que o fundou. Henrique VIII destruiu e supprimiu todos os conventos, pelo que os frades e freiras fugiram para os reinos catholicos.

A rainha Maria o tornou a levantar; mas a rainha Izabel o tornou a destruir, apropriando-se das suas grandes rendas, que sustentavam 60 freiras, 25 frades, e todo o pessoal preciso para o culto divino, e para o serviço do mosteiro.

Fugiram então estas freiras em communidade para Flandres, e depois para França. Em 37 annos mudaram-se 70 vezes.

Vieram para Lisboa no principio de 1594 para umas casas que lhe deu a dita Izabel d'Azevedo, e as obras necessarias para o mosteiro principiaram logo.

Quando o convento se reedificou, depois do incendio, concorreu com avultadas esmólas Ruy Correia Lucas e sua mulher D. Milicia, que por isso ficaram padroeiros do mosteiro.

Philippe II deu ao convento 2$000 réis diarios e 12 moios de trigo annuaes, pago tudo pelas lezirias de Santarem, o que junto ás rendas dos predios que possuiam, andava por 5:000 cruzados (2:000$000 réis) de rendimento annual.

Eram 15 as freiras inglezas que vieram para Lisboa. Traziam tres padres e um noviço da sua ordem.

Perto d'este convento estava a capella de Nossa Senhora da Caridade.

11.º—*Da Esperança*, ou *da Conceição*—freiras franciscanas, na rua da Esperança, freguezia de Santos-o-Velho. Foi fundado em 1530, por D. Izebel de Mendanha, que por sua morte lhe deixou a maior parte das suas fazendas.

Do convento da Conceição, do Funchal, vieram nove freiras para esta fundação, e duas do convento de Santa Clara de Santarem.

Chegou a ter 60 religiosas, quasi todas fidalgas. Tinha boas rendas.

12.º—*De Nossa Senhora de Nazareth*—de freiras bernardas (recolétas). Foi fundado em 1653, com varias esmólas de devotos, a instancias de frei Vivaldo de Vasconcellos, monge do convento de Tarouca, e com licença de D. João IV, do cabido e da ordem.

Já aqui havia um recolhimento de mulheres penitentes, em umas casas que lhes deu sua proprietaria, Maria da Cruz.

As fundadoras da communidade vieram de S. Bento, d'Evora.

13.º—*Do Mocambo*—freiras trinas descalças. Foi fundado por Cornelio Wandali e sua mulher Martha de Bós (flamengos) em 1661, sendo papa Alexandre X, no reinado de D. Affonso VI, e durante a regencia de sua mãe, a rainha D. Luiza de Gusmão.

14.º—*De Santo Alberto*—de freiras carmelitas descalças (na rua das Janellas Verdes). Foi fundado pelo cardeal Alberto (proximo do convento dos *mariannos*) em 1584.

As freiras fundadoras vieram do convento de Sevilha e eram todas discipulas de Santa Thereza. Tinham 1:600$000 réis de renda annual.

15.º—*Do Sacramento*—freiras dominicas (logo adiante de S. João de Deus). Foi fundado por D. Luiz de Portugal, conde do Vimioso e por sua mulher, a condessa D. Joanna de Castro e Mendonça, irman do conde de Basto, D. Diogo de Castro.

Lançou-se-lhe a primeira pedra, em 7 de janeiro de 1612.

Tinha 2:000$000 réis de rendimento annual.

16.º—*Da Porciuncula*—de capuchinhas francezas, da provincia da Bretanha (França). A duqueza de Aveiro, D. Maria, com permissão de D. João IV, deu o terreno para a construcção d'este mosteiro, em 11 de agosto de 1647.

Teve sempre poucas religiosas. Não tinha padroeiro, nem rendimento certo. A cêrca era junto á casa dos condes de Villa Nova de Portimão.

17.º—*Monicas*—convento de freiras franciscanas, fundado com esmolas do povo, em 1586.—É hoje casa de correcção.

Frades

1.º—*Graça*—religiosos eremitas de Santo Agostinho, no sitio chamado *Almafala* ou *Almofala*. Foi primeiramente fundado junto ao *almocavar* (cemiterio) mourisco, proximo ás Olarias e depois no monte de S. Gens. (Vide capella de Nossa Senhora do Monte).

Em 1271, foi este mosteiro mudado para o sitio onde hoje está, á custa do povo de Lisboa e de D. Affonso III. Até 1305 se chamou convento de Santo Agostinho, e desde então, da Graça.

A egreja antiga cahiu e a nova foi fundada por frei Luiz de Montoya (reformador da

ordem) lançando-lhe a primeira pedra o bispo D. frei Ambrosio Brandão, em 9 de março de 1556, concluindo-se 1565. Custou esta egreja setenta e tantos mil cruzados. (Mais de 28:000$000 réis).

A egreja é sumptuosissima e dos melhores templos de Lisboa e de todo o reino. Tem cinco naves. Tem 133 palmos de largura (29m,26) — e 275 (60m,50) de comprimento. Tem tres portas principaes.

A capella em que está o Santissimo Sacramento tem 25 palmos de comprido (5m,50) e 16 de largo (3m,52).

Está n'esta egreja um devoto crucifixo, que, segundo a lenda popular, foi dado ao padre Montoya, pelos anjos.

Tem no côro tres orgãos, um dos quaes é dos melhores de Portugal.

A sachristia é grandiosa, bem como o Sanctuario, que contém muitas reliquias.

O claustro é de tres andares e do ultimo se descobre a barra e grande extensão do Tejo.

Os rendimentos d'este mosteiro excediam a 40:000 crusados (16:000$000 réis) além de muitos foros de trigo e cevada, da cêrca, das quintas da Portella, de Santa Catharina de Riba Mar, da de Aldeia Gallega do Riba Tejo, de Caparica e de Alhos Vedros.

Os frades d'este convento foram geralmente respeitados pelas suas virtudes e illustração.

Tanto a egreja como o edificio do mosteiro, soffreram muito com o terramoto de 1755, sendo a egreja reconstruida no fim do seculo XVIII, com a grandeza e magnificencia que hoje alli se admira, sendo um dos templos mais claros e alegres de Lisboa.

É n'esta egreja a capella em que está a popularissima imagem do

Senhor dos Passos, da Graça

Descreverei resumidamente a lenda maravilhosa d'esta devotissima imagem, famosa pelos grandes e numerosissimos milagres que lhe attribuem, e pela geral e indelevel devoção que lhe consagra todo o reino e em especial os habitantes de Lisboa.

É a seguinte:

Pelos annos de 1585, vivia em Lisboa um pintor de pouco merito na sua arte, chamado Luiz Alvares de Andrade (talvez filho ou neto de Fernão Alvares de Andrade. Vide Annunciada, n'este artigo de Lisboa.)

Principiou Luiz Alvares a fazer-se conhecido pela sua devoção em collocar retabulos das almas do purgatorio, já pintados em madeira, já em azulejos, pelas ruas da cidade, para sollicitar as orações dos fieis em beneficio dos que soffriam as penas do purgatorio.

Sabendo que na Hespanha se faziam procissões na quaresma, representando os passos da paixão de Jesus Christo, pediu ás auctoridades ecclesiasticas que entre os portuguezes fosse tambem instituida aquella piedosa e commovente devoção.

Havia no claustro do mosteiro de S. Roque, uma capella da invocação da Santissima Cruz, e n'ella se juntavam alguns mancebos devotos, na maior parte artistas, que frequentavam muito os sacramentos da confissão e communhão.

Entre elles se distinguia pelo seu fervor, o nosso Luiz Alvares de Andrade, que persuadiu os mais a formarem uma confraria da Santissima Cruz; mas os frades (aos quaes se deu parte d'esta resolução) responderam que na egreja não havia altar disponivel, nem casa para as reuniões dos confrades; pelo que era melhor erigirem a confraria em outra egreja.

Foram os mancebos ter com os religiosos gracianos, que de boa vontade lhes deram a capella do cruseiro, do lado da Epistola, e alli se estabeleceu a confraria, que ainda existe e progride, com o mesmo fervor dos seus fundadores.

Foi talvez a circumstancia da negativa dos padres jesuitas de S. Roque, e a facil acquisciencia dos gracianos, n'esta materia, que deu origem á lenda que diz que:

Á casa professa de S. Roque chegou um peregrino (outros dizem um frade) a pedir agasalho, que não recebeu dos padres, por ser a horas em que a regra da ordem não permittia a entrada a pessoas alheias á communidade. Expulso assim, pelos jesuitas, o peregrino se foi em busca de outro conven-

to mais hospitaleiro; e chegando ao da Graça, alli foi recebido e agasalhado com deferencia e caridade.

Esteve aqui o peregrino cinco dias recolhido, e, no fim d'elles, desappareceu, sem que os frades podessem saber como, achando em seu logar uma imagem de Jesus Christo, representando o passo doloroso, da sua hida para o Calvario.

Segundo a mesma lenda, d'aqui nasceu a devoção do Senhor dos Passos da Graça; recebendo os religiosos um grande premio da sua caridade para com o peregrino, não só na grande fama e concorrencia que o Senhor dos Passos attrahiu á sua egreja, como do grande valor das contínuas e avultadas esmolas que offereciam á egreja.

Até aqui a lenda: a historia porém é a seguinte:

Viera por esse tempo a Lisboa, offerecer os productos da sua arte, um esculptor italiano, cujo nome se ignora.

Luiz Alvares de Andrade lhe comprou uma cabeça de Jesus Christo, por tres crusados, e a foi offerecer aos padres de S. Roque, para com ella formarem a confraria dos Passos, o que elles regeitaram. Alvares foi fazer a mesma proposta aos gracianos, que promptamente a acceitaram. Organisaram (de roca) e vestiram a imagem, colloçando-a no altar que lhe destinaram e onde hoje a vemos, erigindo-lhe irmandade, na qual se inscreveu a familia real e a mais alta nobreza d'este reino.

Vendo os jesuitas a grande devoção creada por a imagem do Senhor dos Passos da Graça, e, sobre tudo, as grandes esmolas e offertas que a egreja recebia, moveram demanda aos gracianos, fundando-se em um pretendido direito de prioridade á imagem por lhes ter sido offerecida em primeiro logar. [1]

Debatida a questão nos tribunaes, foi resolvido que ficassem os gracianos na posse da imagem, sob a condição de — na vigilia da segunda sexta-feira de quaresma, viesse a S. Roque, ficando a pertencer-lhe se pernoitasse n'este templo além de sexta-feira.

Desde 1578 se tem feito esta devotissima procissão até aos nossos dias, quaesquer que sejam as circumstancias em que se ache a cidade de Lisboa, e sempre com o cuidado de não deixarem a imagem em S. Roque, além do termo da *prescripção*.

—

Alguns escriptores dizem que a irmandade dos Passos da Graça, não foi a primeira d'esta invocação, em Lisboa. Que, muito antes, ja havia na egreja dos Martyres uma irmandade com este titulo, que possuia uma imagem, tambem de roca, de Jesus Christo com a cruz ás costas.

Que havendo, em 1679, obras na egreja dos Martyres, um rapaz achou na sachristia da egreja, guardadas em um sacco, a cabeça, mãos e pés do Senhor dos Passos, furtou o sacco e o seu contheudo, que vendeu a Luiz Simões de Azevedo, escrivão dos armazens, o qual, em 1723, deu a imagem aos frades agostinhos descalços, da Bôa-Hora, onde se expôz á veneração dos fieis.

A irmandade do Senhor dos Passos, dos Martyres, tentou um pleito, por isto, aos frades da Bôa-Hora, cujo resultado nos é desconhecido.

—

Ha tambem uma tradição, segundo a qual, a antiga imagem do Senhor dos Passos da Graça (a comprada por Luiz Alvares de Andrade) é a da egreja das Monicas; porque a irmandade para alli a mandou, antes do terramoto de 1755, dando certa quantia ás freiras, para lhe terem sempre uma alampada accesa.

Diz-se tambem que, sendo a imagem primittiva de tôsca esculptura, a irmandade

[1] Se a historia do Senhor dos Passos fosse exactamente como se conta, era impossivel que os jesuitas (que eram, no geral, muito illustrados) se atrevessem a allegar direitos a um objecto a que não podiam ter nenhum, e a sujeitarem-se a uma infallivel sentença condemnatoria. Parece-me mais acreditavel que Luiz Alvares, depois de ter offerecido a imagem aos jesuitas, *reconsiderasse*, e ou por suggestões dos gracianos, ou por vontade propria, a fosse offerecer a estes. E tanto que os gracianos acharam algum direito aos padres de S. Roque, pois fizeram com elles uma concordata.

do Senhor dos Passos da Graça decidira mandar fazer uma nova e mais aperfeiçoada imagem, e por isso dera ás Monicas a antiga; que, effectivamente, é de esculptura grosseira, quer fosse ou deixasse de ser a primeira da Graça.

Não ha porém nada escripto, nem mesmo tradição que prove satisfatoriamente esta dadiva e substituição.

No infausto dia 1.º de novembro de 1755, ficou a imagem do Senhor dos Passos sepultada nas ruinas da egreja; mas foi achada inteira e sem lesão, sendo logo exposta ao culto do povo, por diligencias do bispo do Porto, D. Frei Antonio de Sousa, dos religiosos do mosteiro e dos irmãos.

—

Para a capella do Senhor dos Passos se sobem dois lanços de degraus, ficando-lhe por baixo, e ao nivel do pavimento da egreja, a *casa dos milagres*, onde estão varios retabulos contendo, pintados, os muitos que o Senhor tem feito aos devotos que a elle reccorrem nas suas attribulações.

A santa imagem está collocada em um vasto *camarim*, luxuosamente ornamentado, tendo duas entradas.

Contigua ao camarim do Senhor, ha uma sala, com duas janellas, tendo no vão uma imagem de Nossa Senhora das Dores, de primorosa esculptura: sendo as paredes ornadas com seis quadros, de magnifica pintura, representando scenas da vida de Jesus Christo.

Ao fundo d'esta sala, ha outra com arcazes, onde se guardam os paramentos da irmandade, e seguindo d'ella (da sala) se vae para as outras officinas dos irmãos.

—

Todos os nossos reis da dynastia de Bragança teem tido grande devoção com o Senhor dos Passos da Graça, de que foram irmãos.

D. João V, deu ao Senhor um magnifico resplendor de oiro.

D. José I (filho do antecedente) deu grandes esmolas para a reconstrucção da egreja e mosteiro que o terramoto de 1755 arruinára; e todas as vezes que hia visitar o Senhor (que era com frequencia) lhe fazia valiosas offertas.

D. Maria I, filha de D. João V, tinha, como seu pae, grande devoção com o Senhor dos Passos da Graça, que tambem visitava a miudo, dando-lhe, sempre que aqui vinha, avultadas esmolas.

O santo padre Innocencio XII, concedeu, pelos annos de 1695, muitas graças, indulgencias e privilegios a esta irmandade.

—

Muitas maravilhas de pintura, esculptura e architectura se admiram n'esta formosa egreja, já dadivas dos nossos reis e familia real, já de devotos particulares, já dos religiosos do mosteiro e já finalmente dos irmãos do Senhor dos Passos, cuja descripção se tornaria forçosamente longa; pelo que me abstenho de a fazer; limitando-me a mencionar os *passos* percorridos pela procissão.

É geralmente conhecida a procissão dos Passos da Graça, que todos os annos, e em sexta-feira de Passos, percorre varias ruas da capital. São sete os *passos*, onde a procissão faz as suas estações.

1.º—Dentro da egreja de S. Roque, em um altar armado para esse fim, do lado do Evangelho, representando *Jesus Christo sentenciado á morte, tomando a cruz, no pretorio, para caminhar ao Calvario.*

2.º—É portatil.—Arma-se agora em uma das portas da egreja da Encarnação. (Antes de 1834, era permanente, no sitio onde hoje é o pequeno jardim do largo de S. Roque.) Representa *Jesus Christo cahido sob o peso da Cruz.*

3.º—Permanente. Está, desde tempo immemorevl, n'um predio edificio da casa dos srs. duques do Cadaval, ao Rocio.

(O chefe d'esta nobilissima casa, não permittiu, quando se procedeu ao alinhamento da sua vasta e bella propriedade, que se tirasse o *Passo*, fazendo-se a obra de modo a conservar-se, e é um dos melhores que a irmandade possue.) Representa o *encontro de Jesus Christo com sua Santissima Mãe.*

4.º—É permanente e muito antigo (provavelmente edificado no principio da irmandade.) Está encostado á muralha de D. Fernando, ao sahir das portas da Mouraria (arco do marquez de Alegrete) e é o célebre

Passo do Boi Formoso, de que já tratei. Representa *Simão Cyreneu ajudando a levar a cruz a Jesus Christo.*

5.º—É permanente. Está na calçada de Santo André, passando o largo do Terreirinho. A sua architectura é em tudo similhante ao antecedente. Representa *Veronica limpando o rosto ensanguentado de Jesus Christo.*

6.º—É permanente. Está ao cimo da calçada de Santo André, junto ao arco do mesmo nome. Representa *Jesus Christo dizendo ás mulheres de Jerusalem que não chorassem por elle, mas sim por seus filhos.*

7.º—E ultimo—é dentro da egreja da Graça. Serviu por muitos annos o altar do lado do Evangelho; mas a irmandade construiu um formoso Calvario, que se arma na capella-mór e é a admiração de todas as pessoas que concorrem alli no tempo proprio —Representa *Jesus Christo crucificado, tendo a Santissima Virgem de um lado, e S. João Evangelista do outro, assistindo ao trespasse do Salvador.*

—

A mesa da irmandade, é composta dos membros seguintes:

Um provedor
Um escrivão
Um thesoureiro
Um fiscal
Um procurador
14 conselheiros
12 definidores.

—

Apesar de ter sido destruida pelo terramoto de 1755 uma grande parte do cartorio da irmandade, ainda se salvaram alguns documentos preciosos. Entre elles ha um bello livro manuscripto, em excellente bastardo, no qual, em cada uma das paginas, tem as assignaturas de todas as pessoas reaes, pela seguinte ordem:

D. José I
D. Marianna Victoria, sua mulher
D. Marianna d'Austria, mulher d'el-rei D. João V
D. Maria, princeza do Brasil
D. Marianna, infanta de Portugal
D. Maria Dorothea, idem
D. Pedro, infante de Portugal (depois III)
D. João, principe regente (depois VI)
D. Carlota Joaquina, sua mulher
D. Miguel seu filho (depois I)
D. Isabel Maria, filha de D. João VI, ainda viva.
D. Maria da Assumpção, tambem filha de D. João VI, fallecida em Santarem, a 6 de janeiro de 1834, de febre typhoide.

Denomina se este livro o dos *protectores*.

Tem a irmandade outro livro, encadernado em veludo encarnado, com as armas reaes bordadas a oiro, tendo uma das paginas, cercada de uma bonita tarja desenhada á penna, e no centro escripta uma provisão, datada do paço de Queluz, em 21 de setembro de 1829, pela qual o sr. D. Miguel I declara, como chefe supremo da nação, que acceita o cargo de provedor da irmandade; fazendo-se desde então representar pelo marquez de Bellas (avô do actual) mordomo-mór.

Desde 1834, passou a exercer o cargo de provedor, o marquez de Torres Novas,—seguiu-se o conde de Camaride — duque da Terceira — conde de Barbacêna — marquez de Vianna — duque de Saldanha — segunda vez o marquez de Vianna, que é o actual.

—

Em 1874 é a mesa da irmandade composta dos seguintes srs.:

Provedor—marquez de Vianna.
Escrivão—conde da Torre.
Thesoureiro—Joaquim José de Freitas.
Fiscal—D. José Maria Almeida Araujo Correia de Lacerda, deão de Sé patriarchal.
Procurador—Carlos Esteves de Carvalho.

—

Ha ainda 14 conselheiros, quasi todos cavalheiros muito distinctos pela sua nobreza e illustração.

—

Ha tambem os logares de *aio* e *aia* da santa imagem.

O actual *aio* é o sr. cardeal patriarcha.

Aia é a sr.ª condessa da Torre, que d'esta fórma perpetúa a tradição constante da casa dos marquezes de Fronteira, onde, como vinculo de familia, ficou este cargo.

O aio tem obrigação de lavar e vestir a santa imagem, para sahir na procissão.

—

Possuia a irmandade muitos objectos de prata, de grande valor artistico e material, que, na sua maior parte. lhe foram roubados por Junot; e grandes rendas, muitas das quaes deixaram de existir desde 1834; mesmo assim, ainda tem o rendimento annual do capital de 50 contos de réis *nominaes*, em inscripções de assentamento, mas cujo juro não cobre a despeza.

São as joias dos irmãos, e muitas e boas esmolas que supprem a falta.

No edificio que foi mosteiro dos gracianos, é actualmente o quartel do regimento de infanteria n.º 5.

2.º—*De Xabregas* (Nossa Senhora de Jesus)—de frades franciscanos. Foram padroeiros d'este convento os condes de Athouguia.

Foi fundado com esmolas do povo, em 1455. Era a casa capitular da provincia do Algarve, que se dividiu a instancias de D. João III, em 1533, por breve do papa Clemente VII.

Este mosteiro foi vendido em hasta publica, depois de 1834, e está n'elle estabelecida a grande fabrica de tabacos, denominada *de Xabregas*.

3.º—*De S. Domingos*—de frades dominicos (ordem dos prégadores) junto ao largo do Rocio. Foi fundado por D. Sancho II, em 1241; mas a egreja foi edificada por D. Affonso III, pelos annos de 1253, dando então aos frades os chãos que cercavam o convento, que eram terras baldias e desaproveitadas, que só serviam para telheiros, fornos de tijolo e suas eiras ou *seccadoiros*.

Tinha regularmente 100 frades. D. João II tirou aos frades grande porção de terreno d'elles, ao SO. e O. da egreja (que elles não aproveitavam) para fundar o hospital de *Todos os Santos*, de que já tratei.

Ao lado direito da portaria do mosteiro, foi enterrado fr. Luiz de Granada, um dos bons mestres da lingua portugueza. Tinha nascido em Granada (Hespanha) d'onde lhe proveio o appellido. Foi confessor da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, geral da ordem da Santissima Trindade, e foi nomeado por D. Sebastião I, bispo de Viseu; mas elle não acceitou. Tambem a avó d'este soberano o quiz fazer arcebispo de Braga; mas recusando-se tenazmente o virtuoso e modesto fr. Luiz, a rainha lhe ordenou que indicasse o que havia de ser arcebispo, e elle propoz o célebre D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Fr. Luiz de Granada escreveu e publicou muitas obras theologicas, todas em castelhano, excepto a seguinte, que lhe grangeou a auctoridade de classico na litteratura portugueza; é o—*Compendio de doutrina christan, recopilado de diversos auctores, que d'esta materia escreveram.*

Foi impresso em Lisboa, em casa de Joannes Blauio d'Agrippina Colonia, em 1559.

Na sua sepultura se escreveu um epitaphio, que não transcrevo, não só por ser muito extenso, como por conter os factos da sua vida que ficam relatados. (Vide *Convento da Trindade.)*

A egreja de S. Domingos é a mais vasta, nobre e sumptuosa das que pertenceram a mosteiros em Lisboa. (Vide *Capella de Nossa Senhora da Escada* e *Egreja de Santa Justa.)*

Depois de 1834, foi a egreja de Santa Justa e Santa Rufina profanada, mudando-se para a egreja de S. Domingos a séde da antiga parochia.

O edificio do mosteiro foi vendido em hasta publica, e está hoje transformado em magnificos predios particulares.

4.º—*Santo Antão, o Velho (Colleginho)*—frades eremitas calçados de Santo Agostinho (gracianos)—no largo ainda chamado do *Colleginho*, na Mouraria.

Foi o primeiro convento que os jesuitas tiveram em Lisboa, e o fundaram no principio do seculo XVI. Parece que o conde de Soure, ou lhes deu o edificio para o collegio, ou concorreu muito para a sua construcção, pois que foi feito padroeiro do mosteiro.

Resolvendo os jesuitas fundar um collegio mais vasto e sumptuoso, proprio para ser a cabeça da sua ordem em Portugal, venderam este aos gracianos, que aqui se estabeleceram, pelos annos de 1600.

O terramoto de 1755 arrazou o edificio do mosteiro, escapando só a egreja, com pequenos estragos, que foram logo reparados; mas o mosteiro nunca mais se reconstruiu, e no logar onde estava fundado, se vêem hoje casas particulares. A egreja ainda existe.

5.º— *Santo Antão, o Novo* — (actual hospitál da Misericordia) jesuitas — na calçada ainda hoje, por isso, chamada do Collegio. D. Philippa de Sá, condessa de Linhares, deu o chão e algumas casas para esta fundação. (Quando esta senhora falleceu, foi aqui sepultada em soberbo mausoleu.)

Apesar da boa vontade do rei D. Sebastião e de seu tio, o cardeal D. Henrique (depois rei) para esta fundação, houve tantos obstaculos e opposições que os padres estiveram alguns annos sem dar principio á sua obra.

A infeliz jornada de Alcacerquibir (4 de agosto de 1578) elevou ao throno o valetudinario cardeal D. Henrique, decidido protector dos jesuitas, e elles, aproveitando esta occasião favoravel, deram principio á sua obra.

Lançaram-lhe a primeira pedra sem apparato e quasi ás escondidas, com receio do povo, no dia 11 de maio de 1579.

Apenas isto constou, acudiu ao sitio muita gente do bairro, e ás pedradas, obrigaram os operarios a fugir.

Desde esse dia se travou uma lucta obstinada, que, aggravando-se cada vez mais, transformou por muitas vezes em campo de batalha o logar das obras.

Por fim já não era o povo das immediações, era tambem toda a cidade de Lisboa contra os jesuitas.

Para se evitarem tão grandes e repetidas desordens, o senado de Lisboa foi, encorporado, pedir ao rei (D. Henrique) que mandasse parar com as obras, expondo-lhe as queixas do povo.

Os trabalhos pararam; mas fallecendo pouco depois o cardeal rei, invadido o reino pelos exercitos castelhanos, e perdida a independencia, os portuguezes estavam completamente desanimados. Tiveram então os jesuitas uma optima occasião para darem principio á sua obra, o que levaram a effeito com o maior ardor. Mas, apesar de lhes não faltar energia nem dinheiro, a obra era tão vasta e magnifica, que só pôde estar concluida em 1652, dizendo-se a primeira missa na sua egreja, que foi dedicada a Santo Ignacio de Loyola. em 31 de julho d'este ultimo anno.

Os padres, já havia uns poucos de annos, se tinham para aqui mudado do Colleginho.

Aqui se hospedou Cosme III, grão duque de Toscana, por occasião da sua visita a Lisboa, em 1670.

O terramoto de 1755 derrubou a cúpula do templo, que fez abater a abobada do cruzeiro e da capella-mór e uma das torres da frontaria.

O edificio do collegio ficou bastante arruinado; mas foi reconstruido, e, logo depois da expulsão dos jesuitas, em 1759, foi destinado para receber os enfermos do hospital de Todos os Santos, que o terramoto acabara do destruir.

Em 10 de agosto de 1750 um horroroso incendio destruiu o hospital de Todos os Santos, ao Rocio. Os enfermos foram levados para o convento do *Desterro* (bernardos) onde estiveram até serem removidos para o hospital de S. José. (Vide *Desterro*.)

Em attenção ao nome do monarcha se ficou denominando o ex-collegio de jesuitas, hospital real de S. José, nome que ainda conserva.

A egreja continuou em ruinas; mas como o terramoto lhe poupára as paredes e capellas, ainda ha poucos annos era um dos mais bellos monumentos de Lisboa, pela variedade, belleza e finura dos marmores, que de alto a baixo revestiam as paredes interiores, pelo primor das esculpturas e mosaicos, pela intelligente distribuição dos ornatos, e finalmente pela harmonia de todas as suas partes.

Era a mais vasta e rica egreja de Lisboa;

mas nem todas estas circumstancias puderam subtrahir este admiravel monumento ao furor dos vandalos do seculo XIX;—derrubaram-lhe a formosissima torre, que resistiu ao terramoto, e toda a parte superior da fachada da egreja. Despojaram-o interiormente de magnificas columnas e de seus bellos mosaicos e admiraveis esculpturas, sobretudo na capella-mór.

Apesar de tantas desgraças que tem pesado sobre este templo, o que lhe resta ainda nos dá um testemunho da sua passada riqueza e magnificencia.

A sachristia, que escapou ao terramoto, é sumptuosa. É interiormente coberta, tanto nas abobadas, como no pavimento e paredes, de lindos marmores de varias côres, lavrados em excellentes relevos e polidos como espelhos. É a capella do hospital, e conserva toda a magnificencia primittiva. Tambem aqui se admiram uns arcazes, feitos de páu santo, de um lavor primoroso e com ferragens e adornos de grande merecimento.

Quando este edificio pertencia aos jesuitas, tinha tres grandes quintas, e além d'isso, os seus rendimentos passavam de 18:000 crusados (7:200$000 réis.)

(Quando fallar dos hospitaes de Lisboa, direi o que ha de essencial com respeito ao de S. José.)

6.º—*Capuchos* — frades franciscanos — á entrada do Campo de Sant'Anna — foi fundado por Diogo Botelho, que lhe deu o edificio do convento e a maior parte da cêrca. Outros devotos lhe deram terrenos e varias rendas. O rei D. Sebastião lhes mandou fazer a cêrca. Principiaram as obras em 1570, lançando-se-lhes a primeira pedra a 15 de fevereiro do dito anno.—Outros reis lhe fizeram obras e deram rendas.

Tinha ordinariamente 60 religiosos.

Supprimidas as ordens religiosas, em 1833, foi depois este mosteiro destinado para asylo de mendicidade de ambos os sexos, cujos asylados são caridosamente sustentados por este estabelecimento.

É na freguezia da Pena.

Junto ao edificio, do lado direito, estão as capellinhas com os *passos* deJesus Christo, adornados de bellas imagens, dignas de serem vistas.

7.º—*Loyos*—conegos seculares de S. João Evangelista. — Foi fundado pelo bispo de Lisboa, D. Frei Domingos Jardo, pelos annos de 1290, para hospital que se denominou de S. Paulo: depois passou a ser o convento dos loyos. D. Frei Domingos Jardo falleceu em 16 de dezembro de 1293, e aqui foi enterrado.

Hoje está este edificio convertido em quartel de uma companhia da guarda municipal.

8.º—*S. Vicente de Fóra*—conegos regulares de Santo Agostinho (crusios.)—Foi fundado por D. Affonso Henriques, que lhe lançou a primeira pedra, em 21 de novembro de 1147.

Tanto a egreja como o mosteiro eram de acanhadas dimenções e sem cousa que os recommendasse.

A egreja sumptuosissima que agora admiramos e o vasto mosteiro que lhe está junto, são obra de Philippe II de Castella, que mandou arrazar o antigo, até aos fundamentos, sem d'elle ficar o mais leve vestigio. Lançou-se-lhe a primeira pedra, no dia 25 de agosto de 1582.

Foi seu architecto *Philippe Tercio.*

Chamou-se-lhe S. Vicente de Fóra, por ficar *fóra* dos muros da cêrca mourisca, a unica que houve em Lisboa até ao reinado de D. Fernando.

Desde o reinado de D. João IV, é n'este mosteiro (no fim do claustro) o jasigo da familia real portugueza.

O terramoto de 1755 lhe causou algum damno, que foi logo reparado.

Com a extincção das ordens religiosas, em 1834, ficou este mosteiro deserto e abandonado.

Depois, foi constituido em residencia dos srs. cardeaes patriarchas de Lisboa; estando tambem aqui as diversas repartições ecclesiasticas do patriarchado.

Desde 1837, serve a egreja d'este mosteiro de matriz da freguezia de S. Vicente de

Fóra, então creada pela suppressão das freguezias de *S. Thomé* (que tinha sido fundada em 1320, e foi demolida) e a do *Salvador*, que tinha sido fundada em 1391.

Emquanto duraram as ultimas obras da Sé serviu esta egreja de patriarchal.

9.º—*Destêrro*—monges de S. Bernardo—(proximo ao largo do Intendente, com o qual vem intestar o muro da cérca)

Foi fundado por elles mesmos. Teve principio em 1591, lançando-se-lhe a primeira pedra em 8 de abril d'esse anno. Foi a egreja dedicada a *Nossa Senhora do Desterro.*

Tanto a egreja como o mosteiro eram vastos e sumptuosos, correspondendo á riqueza da ordem.

Aquella era notavel pela sua formosa cantaria e pela riqueza e variedade dos marmores que a adornavam interiormente.

Sendo reduzido a cinzas, por um pavoroso incendio, quasi totalmente o hospital de Todos os Santos, ao Rocio, no dia 10 de agosto de 1750; foram levados os enfermos para o convento do Desterro, d'onde depois foram para o convento de Santo Antão o Novo, transformado em hospital real de S. José (Misericordia) depois da extincção dos jesuitas.

Emquanto este mosteiro servia de hospital, estavam os frades d'elle no palacio dos arcebispos de Lisboa, contiguos á Sé. (Onde hoje é o *pateo da Sé*, de que já fallei.)

O terramoto de 1755, arruinou bastante o mosteiro e derrubou toda a abobada da egreja, deixando apenas de pé as paredes e quasi toda a frontaria; pelo que, ainda se póde avaliar a grandeza e architectura d'este magestoso templo, construido segundo o estylo denominado *da renascença.*

O mosteiro foi reparado, e os monges cistercienses o vieram de novo habitar.

Não sei porque razão os frades sahiram d'aqui, alguns annos antes da extincção das ordens religiosas.

—

D. Maria I havia fundado no castello de S. Jorge um collegio para orphãos de ambos os sexos, denominado—*Real Casa Pia.* Como fosse crescendo o numero dos alumnos e o edificio não estivesse nas condições de dar abrigo a maior numero de orphãos, D. João VI removeu a *Casa Pia* para o convento do Desterro, onde esteve até 1834, sendo então transferido este etabelecimento de caridade para o mosteiro dos jeronymos, de Belem, onde ora está.

Emquanto a *Casa Pia* esteve no Desterro, tinha oito collegios de meninos e dois de meninas.

Sahindo d'aqui os orphãos, foi o edificio destinado para quartel militar, estando aqui diversos corpos da guarnição de Lisboa; mas, o que permaneceu mais tempo, foi o regimento de infanteria n.º 7.

Em 1857, se estabeleceu aqui o hospital para os atacados da *febre amarella.*

Terminada esta epidemia, estabeleceu aqui o hospital de S. José um outro hospital, dependencia sua, destinado ao tratamento de molestias secretas, e é o que aqui está actualmente.

10.º—*S. Roque*—collegio de jesuitas—Em 1503 uma horrorosa peste assolou todo o reino, fazendo os seus maiores estragos no povo de Lisboa.

O rei D. Manuel, mandou pedir á *Senhoría de Veneza*, onde está o corpo de S. Roque, algumas reliquias d'este santo, advogado contra a peste. O senado da Senhoria mandou ao rei as reliquias, que elle, a côrte e o povo receberam com grande devoção e solemnidade.

Tratou-se logo de edificar uma ermida, dedicada a S. Roque, para n'ella se collocarem as suas reliquias.

Escolheu se para esta edificação, o actual largo de S. Roque, que era então um monte fóra (mas perto) dos muros da cidade, coberto de frondosas oliveiras, e cujo sitio se chamava *Villa Nova de Andrade.* Havia aqui um logar, mais proximo á porta da cidade (que depois se chamou de S. Roque, e foi demolida em 1835) em que se enterravam os que morriam da peste. Foi aqui o sitio em que se edificou a ermida.

Foi lançada a primeira pedra a 244 de março de 1506, e foi sagrada a 25 de fevereiro de 1515.

—

Em 1553 ainda os padres da Companhia não tinham *casa professa* em Lisboa, tendo-a já em Coimbra e no Porto.

O padre commissario, Jeronymo Natal, veio então a Lisboa, pedir a D. João III permissão de fundar aqui o collegio da sua ordem, o que o rei lhe concedeu, mandando-lhe escolher sitio: o que elle fez, preferindo o logar onde estava a capella de S. Roque, em razão de serem de pouco valor os terrenos adjacentes, o que lhe facilitava as compras para fundar o edificio e cêrca; e por ser sitio alegre, vistoso e sádio.

Trataram os padres da compra da ermida, mas tal resistencia acharam nos irmãos da confraria de S. Roque, que só com a intervenção do rei conseguiram realisar o contracto, e isto sob condições pesadas, sendo uma d'ellas, fazer na egreja uma capella, dedicada a S. Roque, administrada exclusivamente pela irmandade, e sem a minima dependencia dos padres.

Tomaram os jesuitas posse da ermida, que pouco a pouco foram alargando, e fazendo em volta algumas casas para sua habitação.

Passados annos, quiz D. João III fazer aqui um grande templo, para seu jazigo e da rainha D. Catharina, sua mulher, dando-o aos jesuitas; mas não teve effeito este projecto, e só o rei comprou por aqui varios terrenos para a cêrca, e fez aos padres grandes donativos, com que elles deram começo á obra da nova egreja (a actual) em 1566.

O seu primeiro plano era fazer o templo de tres naves, mas logo no anno seguinte se decidiu ser de uma só nave, por ser mais claro e se ouvirem melhor os prégadores.

Desfizeram-se os alicerces, e a capella antiga—que lhes tinha servido de cruzeiro—e o alpendre a que se chamava *egreja velha*, trabalhando-se com tanta energia, que em 1575 estavam já as paredes da egreja concluidas até á cornija.

Tem o corpo da egreja 186 palmos de comprimento (40^{m},92) e 82 de largo (18^{m},4). A capella-mór apenas tem 5^{m} de fundo e 7^{m},50 de largo.

O architecto d'estas obras foi Philippe Terço, o mesmo que fez as de S. Vicente de Fóra e algumas nos paços da Ribeira; mas em S. Roque parece que só fez as obras de madeira.

Pelo terramoto, desabou a varanda e passadiço que havia sobre a cimalha do frontespicio, bem como o tympano onde estava o nicho com a imagem, de pedra, de S. Roque; e assim esteve alguns annos, até que se lhe construiu novo tympano, com uma cruz de ferro no angulo superior; mas obra lisa, chata e sobremodo desengraçada.

Em 1862, se fizeram algumas obras n'esta egreja, restaurando-se então as bellas pinturas do tecto.

Aos que só no modernismo acham sensatez e espirito inventivo, notaremos que o telhado da egreja de S. Roque foi originariamente coberto de grossas laminas de chumbo; mas como não désse bom resultado esta innovação, foram arrancadas as laminas e substituidas por telhas, segundo o systema ordinario.

D'ahi a quasi tres seculos aconteceu exactamente o mesmo com o telhado do theatro normal; mas n'este edificio as laminas eram de zinco, e custaram uns poucos de contos de réis, que a nação perdeu com esta especulação.

Tem a egreja quatro capellas de cada lado. A primeira da direita, entrando pela porta principal, é dedicada a *Nossa Senhora da Doutrina*, e tem dois optimos quadros do nosso Bento Coelho da Silveira, são—a *Ressurreição* e a *Ascensão de Jesus Christo*.

A segunda é de S. Francisco Xavier. A imagem d'este santo é um primor de esculptura. Ha aqui dois quadros de bella composição, cujo auctor se ignora. Um é o *papa Paulo III, no acto de enviar para Portugal os primeiros religiosos da Companhia de Jesus, em 1540*—o outro representa—*o rei D. João III, rodeado da sua côrte, dando audiencia de despedida, ao padre S. Francisco Xavier, quando este partiu para a India, em 1541, para propagar o Evangelho no Oriente.*

Estes dois quadros são preciosos para o estudo dos trajos do

seculo XVI. Os pintores, desenhadores e guarda-roupas dos theatros deviam hir alli examinal-os, para nos pouparem bastantes anachronismos, que com tanta frequencia presenceamos.

A terceira capella é de S. Roque. N'ella está o famoso quadro d'este santo, pintado em madeira, por Gaspar Dias, depois da sua volta de Italia, onde foi estudar, nos fins do seculo XVI.

A quarta, que é hoje do Santissimo, tem dois bellos quadros de Bento Coelho—um é o *Transito da Virgem*, outro a sua *Coroação*.

A primeira capella do lado esquerdo, é dedicada á Familia Sagrada (Jesus, Maria e José). Tem quatro paineis—*o Menino entre os doutores*, por Joosé de Avellar Rebello, pintor illustre do seculo XVII—o *Repouso no Egypto*, que se suppõe do mesmo auctor. —Estes dois estão no fundo da capella, e são pequenos. Aos lados da capella ha dois quadros grandes—o primeiro é o *Nascimento de Jesus Christo*—e o segundo a *Adoração dos Reis magos*. Parece que são de André Reinoso, pintor portuguez, do seculo XVII, ainda que o segundo é inferior em merecimento ao primeiro.

A segunda é de Santo Antonio de Lisboa. Estão n'ella dois quadros do famosissimo Vieira Lusitano. O do lado do Evangelho é *Santo Antonio prégando aos peixes*, e o da parte da Epistola é—*Santo Antonio pedindo á Santissima Virgem auxilio contra as tentações do demonio*.

A terceira é de Nossa Senhora da Piedade. Está aqui um pequeno quadro, que se attribue a Bento Coelho, onde se admira uma bella pintura de *Nossa Senhora das Dôres*. Tem dois quadros grandes, sendo um o *Descimento da Cruz* e outro, *Jesus Christo cahindo sob o peso da Cruz, quando subia para o Calvario*. São copias, de pintor desconhecido.

A quarta é a famosissima CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, formoso e rico sanctuario, célebre em todo o reino e ainda no estrangeiro, pela sua admiravel magnificencia.

Foi mandada fazer em Roma, por D. João V, de Portugal em 1740, pelo desenho do célebre architecto *Vanvitelli*.

Os bellos quadros de mosaico (a melhor obra d'este genero n'este reino, e que não tem superior—e poucas rivaes no mundo) são de *Manuci*. As esculpturas são de *Giusti*.

Esta capella foi dada pelo rei, aos padres de S. Roque, com todos os seus paramentos, em tudo condignos da primorosa capella. Só esta, sem os paramentos, custou ao monarcha portuguez um milhão de cruzados. D. João V deu ao papa Benedicto XIV outro milhão de cruzados, *de esmola*, por dizer, em Roma, a primeira missa n'esta capella, e a sagrar. [1]

A capella chegou a Lisboa em 1747.

Se com respeito a esta justamente célebre e formosissima obra houve excesso de prodigalidade, é tambem certo que o altar de S. João Baptista, de S. Roque, póde ser mostrado com justificado orgulho aos estrangeiros que visitam Lisboa; pois que nos seus paizes não têem nada que lhe seja superior n'este genero.

Para se fazer idéa da grandeza com que tudo foi feito, devemos saber que só o tapete que cobre o pavimento da capella em dias de festa, custou 11:200 cruzados (28:000$000 réis).

No arco cruzeiro ha quatro capellas. As duas da parte da Epistola, estão occultas com o orgão que alli collocaram, o que desfeia bastante o aspecto geral do templo.

Por cima das capellas corre um friso de pedra, e sobre elle, no meio do arco de cada capella, fica uma tribuna, com bastante vão para seis pessoas. Estas tribunas têem no fundo largas janellas de vidraças, que dão luz á egreja. Entre estas tribunas ha 16 paineis, representando diversos passos da vida de Santo Ignacio de Loyola. São sete de cada lado e dois entre as tres janellas do côro.

[1] Em 23 de dezembro de 1748, recebeu o mesmo pontifice *outro milhão de cruzados*, por conferir ao rei e seus successores, o titulo de *fidelissimo* (que aliás o rei muito bem podia tomar de graça e empregar aquelle dinheiro em obras de utilidade publica, de que pouco curou, a não ser o aqueducto das Aguas Livres.)

Quando em 1843 se descobriram as reliquias, por detraz dos altares de *Todos os Santos*, das *Onze mil virgens*, da *Senhora da Piedade*, do *Santissimo Sacramento* e de *Nossa Senhora da Doutrina;* foram apeados os quadros das capellas que ficam referidas, para se limparem e concertarem. Em 1862 tambem se apearam para o mesmo fim, os paineis que ficam sobre as capellas, dourando-se-lhes as molduras, que tinham perdido todo o seu antigo douramento.

Na sachristia, sobre os caixões dos paramentos, ha uma serie de pequenos quadros, representando scenas da vida de S. Francisco Xavier. Os do lado direito, são pintados por André Reinoso, de quem já fallei. É notavel a sua composição, desenho e colorido.

Os da esquerda, apesar de não serem do mesmo auctor, são de muito merecimento, e todos de grande valor historico.

Debaixo do côro ha dois retratos, attribuidos a Antonio Moro (pintor de Utrecht, que veio a Portugal no seculo XVI). Um é D. João III, e outro, sua mulher a rainha D. Catharina.

—

Em 3 de setembro de 1759 foi definitivamente supprimida a ordem da Companhia de Jesus, e seus membros proscriptos e banidos de Portugal e *declarados inimigos da patria e desnaturalisados para sempre*, pelo marquez de Pombal. O collegio de S. Roque foi dado á irmandade da Misericordia, por alvará de 8 de fevereiro de 1768, para alli se estabelecer a roda e hospicio dos expostos. Modernamente, e desde que a administração da Santa Casa da Misericordia, de Lisboa, foi entregue a uma commissão, nomeada pelo governo, tem-se feito grandes obras n'este edificio, para satisfazer ao fim a que elle é destinado.

Já vemos, pois, que por muitas circumstancias, são a egreja de S. Roque e edificio annexo, dignos de serem vistos e admirados por nacionaes e estrangeiros.

Fernão Tello da Silva (que foi governador da India) e sua mulher, D. Maria de Noronha, fundaram um hospicio para jesuitas, em uma sua quinta a Campolide, em 1597, lançando-se a primeira pedra na egreja, a 23 de abril de 1603. Quando se fundou o collegio da mesma ordem, em Villa Nova de Andrade (onde foi depois o collegio dos nobres e é hoje a Escóla Polythecnica) os jesuitas venderam isto ao novo collegio para quinta de recreio dos collegiaes, e vieram para a casa professa de S. Roque.

11.º—*Penha de França*—frades agostinhos—situado no largo da Penha de França, freguezia de S. Jorge. Foi fundado por Antonio Simões, esculptor lisbonense, no anno de 1587, em uma quinta que para este fim fôra doada por Affonso Torres de Magalhães e sua mulher, D. Constança de Aguilar, em 1595.

O templo é digno de ser visitado, pelo esmerado aceio em que se acha. Da janella do côro se avistam mais de 70 kilometros de extensão para E., N. e S.—Estou convencido que em todo o reino não ha mais delicioso ponto de vista, nem d'onde se gose um quadro mais arrebatador. Pelo menos eu, que tenho percorrido quasi todo o nosso Portugal, em parte nenhuma vi coisa que egualasse esta formosissima posição, nem me consta que a haja.

D'aqui se gosa a vista surprehendente de uma grande parte de Lisboa, que se ostenta graciosamente estendida por montes e valles, ao sopé da montanha da Penha; o magestoso e formosissimo Tejo, que amorosamente rodeia, com ondas de prata, a sua cidade querida; as alterosas naus, os navios de todos os lotes e de todas as nações do mundo, as velozes *fragatas* e falúas ribatejanas, como os formosos escaleres e rapidas faluas, que em todas as direcções cortam donosas as placidas aguas do celebrado rio; as bellas povoações, valles e montes da *outra banda;* e finalmente um vasto horisonte, que se estende ao N. e NO, onde a vista do observador extasiado contempla com delicia um formosissimo panorama de planicies, povoações e montanhas, sendo, entre estas, as de Cintra, Arrabida e Monte Junto—e uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

—

Foi padroeiro da capella-mór d'esta egreja, o prior d'Alemquer, Manuel da Silva Magalhães, que vendeu o padroado a António de Covide, o qual fez muitas obras na egreja, onde está sepultado com sua mulher, D. Marianna Antonia de Castro. Ambos deixaram 14 missas quotidianas de esmola de 60$000 réis cada *capella*, e a quinta do *Corvo*, em Villa-Viçosa, que era de grande rendimento.

—

A causa de Antonio Simões dar principio a este edificio religioso foi a seguinte:

Militava elle no exercito com que D. Sebastião invadiu pela segunda vez as adustas plagas africanas.

Vendo perdida a batalha de Alcacerquibir (4 de agosto de 1578) e os seus camaradas succumbirem ao ferro e ao fogo de numerosissimos e ferozes mauritanos, julgou perdida a sua vida ou a sua liberdade.

Era Simões muito devoto da Virgem Santissima, e em tão grande afflicção, prometteu fazer-lhe por suas proprias mãos, com a maior perfeição que lhe fosse possivel (se escapasse com vida e sem ficar captivo) nove imagens de Nossa Senhora, de differentes invocações.

Foi um dos poucos que escapou para vir a Portugal trazer a triste nova d'aquella desgraçada derrota que nos trouxe 60 longos annos do mais incomportavel captiveiro.

Apenas chegado a Lisboa, o nosso Simões, tratou immediatamente de cumprir a sua promessa, e não descançou emquanto não viu concluidas as nove imagens.

Á maneira que as ia acabando lhes dava uma invocação.

Concluida a oitava imagem, estava perplexo sobre a invocação que lhe havia de dar. Então o padre Ignacio Martins, da companhia de Jesus, lhe pediu que a denominasse Nossa Senhora da Penha de França, em memoria de outra imagem da mesma invocação que n'esse tempo era objecto de grande devoção, pela fama dos seus milagres, em um sanctuario de Castella, proximo á cidade de Salamanca, ao que Simões annuiu de bom grado.

Fez collocar a imagem da Senhora juntamente com a de S. João Baptista (tambem obra sua) na ermida de Nossa Senhora da Victoria á Caldeiraria (de que já tratei). [1]

Tanta devoção porém tomou Simões por esta Senhora, que resolveu edificar-lhe casa propria.

Percorreu todos os sitios de Lisboa, e nenhum lhe pareceu tão proprio como a corôa de um monte então chamado *Cabeça d'Alperche*, de que era proprietario Affonso Torres de Magalhães, ao qual propoz a compra do terreno, que este lhe cedeu logo da melhor vontade e gratuitamente; lançando a primeira pedra na ermida, logo em 25 de março de 1597, em honra da Annunciação da Santissima Virgem. N'esta pedra foram gravados os sacratissimos nomes de JESUS, MARIA, AVANTE.

Passado um anno, estava a ermida acabada, e no dia 10 de maio de 1598, foi a imagem da Senhora conduzida em solemne e magnifica procissão para a sua nova casa.

Os fieis principiaram logo a concorrer á capella em grande numero, mas o que augmentou sobre modo a devoção á Senhora e a concorrencia dos devotos foi a seguinte circumstancia.

Em outubro d'esse mesmo anno de 1598, rebentou em Lisboa uma temerosa peste, que invadiu quasi todo o reino, fazendo muitos milhares de vitimas O povo consternado, invocava, na sua afflicção, o patrocinio de todos os santos e santas da corte celestial.

A tropa castelhana, que estava de guarnição no castello de S. Jorge, lembrando-se do milagroso santuario da Penha de França, de Castella, decidiu hir em procissão de penitencia á capella da mesma invocação, da *Cabeça do Alperche*; o que realisou com o maior apparato e solemnidade e isto fez augmentar no povo a devoção por esta Senhora.

Era tal a multidão de gente que aqui affluia todas as manhans, para orar e ou-

[1] Esqueceu-me de dizer no artigo de *Nossa Senhora da Victoria*, que esta ermida e a rua onde está situada pertenciam n'esse tempo ao bairro de *Valle Verde*. (Vide *Palacio dos srs. marquezes de Castello Melhor*.)

vir missas votivas, que Simões deu ordem a que assistissem aqui constantemente 30 clerigos, para dizerem as missas; mas sendo ainda insufficiente este numero, teve de ser augmentado.

O contagio porem cresceu a tal ponto, que no principio de 1599 morriam diariamente em Lisboa mais de 600 pessoas.

A camara, em nome do povo da capital, fez voto a Nossa Senhora da Penha, de lhe erigir nova capella mór e retabulo; de lhe dar um rico paramento, e de lhe fazer todos os annos uma solemne procissão, hindo todos n'ella descalços, no primeiro anno, se a S. S. Virgem intercedesse com o seu Divino Filho, para que cessasse o terrivel flagello.

D'este voto fez o senado um assento, a 28 de janeiro de 1599, que se depositou no seu archivo; sendo alem disso gravado em uma lapida, que foi collocada no arco da capella mór da egreja de Nossa Senhora da Penha.

A S.S. Virgem, compadecida de tantas supplicas, lagrimas e desgraças, fez com que a peste declinasse, e logo no mez seguinte terminou totalmente a desastrosa epidemia.

A 5 d'agosto desse anno, fez a camara a sua 1.ª procissão, por ser dia consagrado a Nossa Senhora sob a invocação das Neves.

Sahiu esta da real casa de Santo Antonio (pela meia noute, por causa do calor e do grande espaço que tinha a percorrer.)

Compunha-se a procissão da communidade dos religiosos eremitas de Santo Agostinho, do convento de Nossa Senhora da Graça, de muitos sacerdotes seculares, do senado da camara, presidido por D. Gil Eannes da Costa e de numerosissimo concurso de povo de todas sa classes, todos descalços e com tochas accesas, conduzindo em um rico andor, a imagem de Santo Antonio.

Tal foi a origem da procissão, que por sahir de noute, o povo a denominou *dos ferrolhos*, e se continuou a fazer todos os annos, no mesmo dia (5 d'agosto) cessando desde a entrada dos liberaes em Lisboa, em 1833.

Poucos mezes depois d'esta procissão, pretenderam os frades dominicanos fundar aqui um convento da sua ordem, mas não poderam conseguir a realisação do seu intento.

Em 1601, Antonio Simões fez doação da ermida e das casas contiguas (nas quaes morava com sua mulher) aos eremitas de Santo Agostinho.

Os dominicos opposeram-se a esta doação e houve litigio, que se decidiu (como era de justiça) a favor dos agostinhos, os quaes obtidas as devidas licenças, principiaram logo a fundação do seu mosteiro, no anno de 1603.

Em 1604, principiou tambem o senado da camara a obra da capella-mór, para cumprimento do seu voto; ampliando-se então o corpo da egreja.

Foi encarregado d'estas obras, o architecto Theodozio de Frias (que se suppõe ser filho de outro architecto, chamado Nicolau de Frias.)

Grande parte das despezas foram feitas á custa de esmolas; mas o que mais concorreu para a conclusão das obras, foi o já referido Antonio de Cavide, que depois foi mestre do infante D. Pedro (depois rei 2.º do nome) e secretario das mercês, de D. Affonso VI.

Concluiu se a egreja em 1625.

A trasladação da imagem de Nossa Senhora para o seu novo templo, foi uma das maiores funcções religiosas que Lisboa tem presenceado.

Durante a grande volta que a procissão deu, pelo meio da cidade se lhe foram aggregando tantas irmandades e confrarias, musicas e danças (como era costume do tempo) que se recolheu, levando 200 guiões, 18 turmas de charamellas e outros instrumentos; alem de outras muitas danças populares, com variadissimos vestuarios e exquisitas invenções.

Mencionarei, pela sua singularidade, dois privilegios (entre outros) que o papa Clemente VIII concedeu a esta egreja. Era um d'elles—*Que se não podesse edificar de novo outra alguma ermida, em qualquer sitio que fosse, nem com quaesquer privilegios ainda que fossem os de S. João de Jerusalem, em distancia de tres milhas da dita casa de Nos-*

sa Senhora.—Era o outro—*Que se não podesse edificar nos reinos e senhorios de Portugal, outra egreja com o titulo de Nossa Senhora da Penha de França.*

A egreja, que ainda em 1754 tinha sido restaurada, foi no anno seguinte reduzida a um montão de ruinas, pelo terramoto. Primeiro cahiu o côro, e logo em seguida abateram as abobadas da capella-mór e do corpo da egreja, esmagando sob uma massa enorme de pedra e madeira, mais de 300 pessoas, que assistiam á festa de *Todos os Santos.*

Em 1758, já o templo estava reedificado, pelo concurso simultaneo da munificencia de D. José I; do poderoso auxilio do segundo marquez de Marialva, D. Pedro de Menezes (filho do famoso D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e marquez de Marialva)—dos donativos dos mareantes, e de muitos devotos da Senhora.

Tudo isto se acha commemorado em uma inscripção latina, gravada em uma lapide, que está collocada na balaustrada, junto á entrada da egreja.

O templo é de fórma oitavada e de mediana grandeza, revestido de excellentes marmores, e suas capellas são adornadas de obra de talha dourada.

A imagem de Nossa Senhora é ainda a que foi feita por Antonio Simões, que se tirou quasi incólume de sob o entulho da capella-mór. Está sobre uma peanha de mosaico, dentro de um formoso camarim, ricamente adornado.

Os paineis das capellas da egreja, são obra do célebre Pedro Alexandrino, e julga-se que foram os primeiros feitos por este grande artista, para adorno de egrejas. Foram os quadros de Alexandrino substituir os antigos (de Bento Coelho da Silveira) sendo estes mudados para a sachristia, onde ainda hoje existem. (Este Bento Coelho, que era um pintor de fama, morreu, de avançada edade, no principio do seculo XVIII).

Possuia esta egreja riquissimas alfaias, e preciosos paramentos, mas quasi tudo desappareceu pelo terramoto, e o que d'isso resta, está muito velho e inutil.

Junto á sachristia, está a *casa dos milagres*, assim chamada pelos numerosos paineis que alli se vêem, recordando os milagres feitos pela Senhora.

É n'esta casa que existe o famoso LAGARTO DA PENHA DE FRANÇA. É um grande jacaré, cuja lenda é a seguinte:

Um peregrino que subira ao monte da *Cabeça do Alperche*, para orar a Nossa Senhora, chegando quasi ao alto, querendo descançar, se sentou e adormeceu, por hir fatigado. Um enorme lagarto veio sobre elle, para o tragar; mas a Santissima Virgem lhe appareceu, e o acordou, dando-lhe força e coragem, para matar o reptil. (Na parede exterior da capella-mór, está representado este facto, em um quadro de azulejos).

Sem pretender por modo nenhum destruir a fé do nosso bom povo, pois que sem esta virtude, uma das principaes do catholicismo, o christão deixaria de o ser, e é com a fé acompanhada da sua irman, a esperança, que soffremos com resignação as desventuras d'este valle de lagrimas—e mesmo sem pretender anniquillar a antiga lenda; estou convencido que o reptil é simplesmente um caimão ou jacaré, do Brasil, que algum viajante trouxe a este reino, e collocou alli, em memoria de um milagre—por ventura identico ao que se diz occorrido n'este sitio. É certo que em Portugal não ha memoria de terem existido lagartos de tamanho tão monstruoso.

Na casa dos milagres está tambem um grande mausoleu de marmore, descançando sobre leões. Contém os restos de Antonio de Cavide e de sua mulher, D. Marianna Antonia de Castro, distinctos bemfeitores d'esta egreja.

O culto e conservação da egreja, estão desde 1834 a cargo das irmandades, que se acham n'ella estabelecidas, que são—a de Nossa Senhora da Penha de França—de Nossa Senhora do Livramento—de S. João Baptista—e de Nossa Senhora dos Afflictos.

A primeira, denominada vulgarmente dos navegantes e dos fidalgos, é a mais importante. Teve origem em 1613, a bordo da capitania de uma armada de sete naus, que navegava para a India, e da qual era capitão-mór D. Jeronymo Coutinho. Desenvol-

vendo-se a peste a bordo da nau, prometteu este fidalgo a Nossa Senhora da Penha de França, se fizesse cessar o flagello, erigir-lhe uma confraria da sua invocação, para a servir, e logo alli fez inscrever na irmandade a toda a tripulação, declarando-se juiz da confraria.

Sendo em 1834 expulsos os religiosos do seu mosteiro, tomou posse d'elle a secretaria do ministerio da guerra, para aqui estabelecer uma hospedaria militar, onde se désse aposento aos officiaes dos corpos das provincias, quando viessem a Lisboa em commissão de serviço.

—

Antigamente concorriam a esta egreja muitos cirios e romagens, dos arredores de Lisboa, que vinham aqui celebrar, em diversas épocas do anno, pomposas funcções no templo, e vistosos e festivos arraiaes em redor d'elle.

Ainda alguns cirios aqui vêem actualmente, sobresahindo o denominado das *Palmelôas;* mas já sem aquelle caracter e signaes de verdadeira devoção dos antigos, nem são tão concorridos.

Do lado do O., mostra o monte a sua maior altura, com um declive muito ingreme, por onde antigamente subia o escabroso e tortuoso caminho, denominado *Caracol da Penha de França*, que hoje está substituido por uma soffrivel estrada á *macadam*, em *lacêtes*, orlada de arvores e illuminada a gaz.

—

Depois de estar composto o que antecedentemente fica escripto concernente ao célebre *lagarto da Penha*, obtive mais os seguintes esclarecimentos:

Ha um folheto (escripto ainda durante a vida de Antonio Simões) intitulado *Aguia na Penha*, e impresso em 1707, que, sendo uma collecção de memorias antigas de Lisboa e tratando da Penha, nada diz do lagarto.

Ignora-se quando teve origem ou principio a lenda do reptil, e apenas se sabe que elle esteve na casa chamada *do lagarto*, até 1739.

Era uma pelle verdadeira, de caimão ou jacaré, conservando toda a epiderme, e empalhada; mas como estava já pôdre e roto, pelo tempo e pela humidade, foi então substituido por um de madeira, em tudo egual ao antigo e pintado da mesma côr.

Accudiu muita gente ao acto de se substituir o velho lagarto pelo novo, e o povo saltou-se áquelle e o fez em mil boccados, levando cada um o maior numero d'elles que podia; na crença de que isto moído e bebido misturado com um liquido qualquer, era remedio infalivel para toda a qualidade de doenças.

O comprimento do reptil, é de 14 palmos (3^m,08) desde a ponta do focinho até á extremidade do rabo. A côr é de um verde-escuro sujo, com manchas mais claras no ventre. A parte superior (do verdadeiro) era revestida de laminas ou escamas corneas, formando uma couraça impenetravel aos golpes e mesmo ás ballas. A sua circumferencia, no meio do corpo, anda por uns 6 pal-mos (1^m,32.)

—

Ha ainda outra versão, segundo a qual, o lagarto primittivo não continha só a pelle, cheia de palha, mas todas as suas partes, menos as entranhas, sèccas, ou mumificadas.

Na relação de um milagre acontecido a bordo da nau *S. Pedro e S. João*, escripto por um tal Ricardo Fineça, se diz — entre outras cousas — fallando do lagarto da Penha, e depois de dar a sua medida e outras explicações — «Para rebater o grande con-«curso de gente que o vinha ver ou admi-«rar, e o não cortarem de todo e levarem «comsigo, para assim se não perder a sua «apparencia, e conservar-se a tradiçao do «milagre do *Lagarto da Penha*, se pendura-«ram na sua antiga casa, muitos pedaços «d'elle, ou muitas postas, que ainda hoje «(1742) se conservam, e parecem postas de «toucinho, ou pespernas, ou presuntos que «estão pendurados.

«Da outra parte, e onde estava antigamen-«te, na sua mesma casa do lagarto, se collo-«eou outro de madeira entalhada e pintada, «que representa o seu tamango e figura, pa-«ra memoria eterna do prodigioso caso do «*Lagarto da Penha*, insignia que tanto quer,

«e com que se conhece n'esta côrte e n'este «reino, a prodigiosa e milagrosissima ima«gem de Nossa Senhora da Penha de Fran«ça.»

—

É provavel que o lagarto de madeira feito em 1739, desapparecesse no dia 1.º de novembro de 1755, e que o actual fosse feito depois; mas não ha d'isto apontamento.

Se com effeito existiram na casa do lagarto, pedaços d'elle dependurados, semelhando *presuntos*, tambem desappareceram com o terramoto.

O que é certo é existir ainda na *casa dos milagres*, um lagarto, caimão ou jacaré, de madeira, e que ninguem vae á egreja de Nossa Senhora da Penha de França, sem fazer uma visita ao lagarto, e extasiar-se á vista da sua corpulencia prodigiosa.

12.º—*Corpus Christi* (Torneiros)[1]—frades carmelitas descalços. Teve por origem o facto seguinte da nossa historia.

Domingos Leite Pereira (natural de Guimarães e filho de um honrado cutelleiro, chamado Antonio Leite e de sua mulher, Maria Pereira) era homem de muita intelligencia e actividade, e dotado de bastantes conhecimentos. Veio para Lisboa e, depois de exercer varios empregos, chegou a ser escrivão da correição do civel da côrte, feito por D. João IV, em 1641, em premio dos seus grandes serviços a favor da restauração.

Casou em Lisboa com uma formosa mulher, chamada Maria Isabel, filha de um rico mercador da rua dos Tanoeiros, por nome João Bernardes, e por alcunha o *Traga-Malhas*.

Domingos Leite Pereira, tendo até 1645 sido um leal portuguez, se tornou traidor ao seu rei e á sua patria, por ciumes (mal ou bem fundados) que teve de D. João IV, suspeitando que este monarcha tratava amores com sua mulher.

Foi a Madrid offerecer os seus serviços a Philippe IV, que, conhecendo o odio implacavel de Domingos Leite contra o rei de Portugal, o encarregou de vir a este reino assassinal-o, dando-lhe por companheiro um tal Roque da Cunha (natural da villa de Moura) homem de pessimos precedentes, e que já havia estado algumas vezes preso por assassinios e roubos que tinha praticado.

Philippe IV e os seus ministros, tantas promessas lhe fizeram, que Leite veio a Portugal com o seu inseparavel companheiro Roque da Cunha, e firmemente decidido a cumprir a missão, quaesquer que fossem as circumstancias e o resultado.

Philippe IV lhe deu 400 escudos para a jornada, fêl'o cavalleiro de Christo, e o armou com um arcabuz, carregado com quartos e pelouros envenenados, para o que lhe deu dois vasos com peçonha.

Chegaram os dois transfugas a Lisboa, em 6 de maio de 1647.

Celebrava se a procissão do Corpo de Deus, n'esse anno a 20 de junho, e havia de passar pela rua dos Torneiros. Roque da Cunha (porque Domingos Leite não podia apparecer senão de noite e com grandes precauções e disfarces) alugou tres moradas de casas, no principio da rua, pondo-as em communicação umas com outras, por meio de rombos—para depois do attentado se poder passar para outra rua — e praticando um buraco na parede exterior de uma d'ellas, para d'elle disparar; mas, quando o rei e toda a côrte passou em frente da casa onde estava Leite, falta-lhe a coragem e não se atreve a disparar a arma.

Foge pois, disfarçado, das referidas casas, deixando alli o arcabuz, os vasos do veneno e a alavanca com que tinha praticado os rombos, e se dirige ao postigo da Graça, onde Roque da Cunha o esperava, com dois cavallos, e se foram para Castella.

Philippe IV e seus ministros disfarçaram quanto poderam o desgosto com que viram a pusilanimidade de Domingos Leite, e com novas e grandes promessas de avantajadas mercês, e dando-lhe mais 2:000 cruzados, o

[1] O povo principiou a dar a alcunha de *torneiros* a estes religiosos, porque, nas horas vagas, se occupavam em obras de torno, no que chegaram a ser muito peritos. Outros dizem que a alcunha lhe proveio de morarem na rua dos Torneiros, o que me parece mais verosimil, visto que a rua já tinha este nome, muito antes da fundação do mosteiro.

tornaram a mandar a Lisboa, para effectuar o crime.

Veio adiante Roque da Cunha arranjar casa para se recolherem, e feito isto, foi esperar Leite á Póvoa de D. Martinho, para virem ambos de noite para Lisboa.

Em 31 de julho do mesmo anno, chegou Domingos Leite á Póvoa; mas Roque da Cunha, sob promessa que o rei lhe havia feito do perdão de seus passados crimes, tinha revelado tudo ao conde de Odemira e ao monteiro-mór, Pedro Fernandes, ministros de D. João IV, pelo que foi preso, ao chegar á Póvoa.

N'esse mesmo dia se procedeu ao interrogatorio do reu, que fez plena confissão do seu crime, em vista do que se foram examinar as casas da rua dos Torneiros, que se acharam furadas, encontrando-se os vasos de peçonha escondidos no sitio indicado pelo reu—um cheio e outro quasi vasio, por lhe faltar o que Leite tinha tirado para hervar as balas.

Foi por tanto condemnado a percorrer, com baraço e pregão, as ruas publicas do costume, sendo levado de rastos á forca, onde, sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no pelourinho, seria enforcado, de *morte cruel*, e seu cadaver queimado, para que d'elle não ficasse memoria: sendo além d'isto condemnado no perdimento de seus bens, para o fisco e camara real, *e que seus descendentes hajam as penas que por direito lhes são impostas, e com o pagamento das custas pelo reu (1)*

Esta sentença tem a data de 12 de agosto de 1647. Foram julgadores—*Marcham, Monteiro, Beja, Marz.º, Stacio*, e *Porto*.

Ao alvorecer da manhan do dia 16[1] de agosto do mesmo anno, sahiu o reu do oratorio (onde estivera tranquillo, orando ou conversando affectuosa e christanmente com o sacerdote).

Ao apontar do sol, entraram os algozes no recinto, a tosquial-o, vestir-lhe a alva e enroscar-lhe ao pescoço e á cintura a corda por onde havia de ser arrastado.

Á porta do Limoeiro o mandaram estender sobre um esteirão, onde o amarraram pelo pescoço e pela cinta, e assim foi arrastado até ao pelourinho (no Rocio). Ahi o mandaram levantar e o conduziram, pela corda, a um estrado de tabuado, no centro do qual estava um cêpo de madeira—ainda manchado com o sangue do duque de Caminha, do marquez de Villa Real (seu pae), do conde d'Armamar e de D. Agostinho Manuel de Vasconcellos, degolados em 29 de agosto de 1641—e do infeliz Francisco de Lucena, habil ministro de D. João IV, que por intrigas de seus inimigos, fôra degolado em 28 de abril de 1643. Foi depois julgado innocente e a sua memoria *rehabilitada*, entregando-se os bens que lhe haviam sido sequestrados, aos seus parentes, que, sequer ao menos, não perderam tudo, nem herdaram a mancha indelevel de herdeiros de um traidor.

N'este cêpo foram cortadas as mãos ao padecente, que depois foi enforcado na *picota da Ribeira*, que distava uns 200 passos do cêpo. Seu corpo foi pelos carrascos dividido em quatro partes, que foram pregadas com cavilhas de ferro a altos postes, que se collocaram nos quatro pontos da cidade, onde estiveram expostos tres dias, sendo depois queimadas e as cinzas deitadas ao Tejo, em cumprimento da sentença.

Assim terminou a vida um mancebo esperançoso, que tinha diante de si um brilhante futuro e que o ciume ou o ouro de Castella arrastára ao supplicio.

—

A rainha, D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, em acção de graças ao Santissimo Sacramento, por ter livrado seu marido d'esta cilada, e em memoria do facto, fundou em 1648, no proprio sitio escolhido para o attentado, um convento da invocação do Corpo de Deus (para frades carmelitas descalços) que se concluiu em 1661.

[1] O nosso distincto e fecundissimo escriptor, o sr. Camillo Castello Branco, no seu romance historico—*O Regicida*—(pag. 212) diz que foi no dia 21. Como não sei se foi êrro typographico, ou se teve documento authentico em que se fundasse (o que é mais provavel) para designar esta data, dou ambas, como narrador fiel dos factos notaveis da nossa historia.

Aqui viveram os religiosos até ao 1.º de novembro de 1755, dia em que o terramoto arrazou o mosteiro, que se não reedificou. Em 1837 foram as suas ruinas vendidas a particulares, que edificaram aqui varias casas de habitação.

A frente da egreja, como ainda hoje se vê, é para a rua Nova da Princeza (vulgo Fanqueiros).

13.º—*Boa Hora*—(frades agostinhos descalços) na rua Nova do Almada. Foi fundo em 1633, com esmolas do povo, fazendo-lhe a capella-mór o visconde de Barbacêna, pelo que até 1834 eram padroeiros d'este mosteiro os (depois) condes de Barbacêna.

Pela expulsão dos religiosos dos seus mosteiros, foram aqui estabelecidos os tribunaes civeis, crimes e orphanologicos, de Lisboa, e os cartorios dos escrivães respectivos.

14.º — *Martyres* — (frades franciscanos) vulgo *S. Francisco da Cidade*. Foi fundado por D. Affonso II. em 1217. Foi ampliado em 1246, e reedificado em 1528. Nos claustros d'este mosteiro foram sepultados muitos fidalgos, pois era aqui o jazigo da maior parte da nobreza do reino. Um violento incendio o destruiu em 11 de junho de 1708, ficando apenas intacta a capella-mór, o cruzeiro e algumas capellas do lado da Epistola.

Foi tudo reconstruido, ficando um dos melhores edificios religiosos de Lisboa, e tão vasto que o povo lhe trocou o antigo nome de *S. Francisco da Cidade*, no de *Cidade de S. Francisco*. A capella da *Piedade* era de André Hesse, que descendia de Jacobo Hesse, senador hamburguez, que não querendo ser lutherano, preferiu perder o alto emprego que exercia na republica. Pedro Hesse (bisneto de Jacobo Hesse) se veio estabelecer em Lisboa, em 1639, e casou com D. Gracia de Belem, do qual foi primogenito o referido André Hesse, senhor do morgado, que seus paes instituiram, e que foi casado com D. Luiza Maria da Cunha, de quem teve descendencia.

Está n'este mosteiro a bibliotheca publica, fundada pela rainha D. Maria I, em 1796.

Tambem aqui está o deposito das livrarias dos extinctos conventos.

No mesmo edificio, no pavimento inferior, está a *academia das bellas artes*, fundada em 1836.

Está situado na rua de S. Francisco da Cidade, no largo hoje chamado da *Bibliotheca Publica*.

15.º—*Trinos*—junto a Alcantara (mas dentro dos muros de D. Fernando, na freguezia de Santos-o-Velho)—de religiosos da Santissima Trindade. Eis a sua origem.

Rodrigo Homem d'Azevedo era um leal portuguez e portanto partidario decidido de D. Antonio, prior do Crato. Por esta razão foi mandado prender pelo usurpador Philippe II, e estando para ser justiçado (como o foram muitos portuguezes, para quem então a sua fidelidade ao rei legitimo e á patria, era crime de morte) se pôde livrar milagrosamente das garras dos castelhanos.

Em acção de graças fundou aqui pelos annos de 1582, uma egreja dedicada a *Nossa Senhora do Livramento*. Sua mulher, D. Margarida d'Alcaçova, depois de viuva, deu esta egreja e terrenos adjacentes aos trinos, para aqui se fundar um convento da sua ordem; o que teve logar pelos annos de 1642. A egreja foi restaurada em 1698.

Foi destruido pelo terramoto de 1755, e não tornou a redificar-se.

16.º—*Trindade*—(frades da mesma ordem do antecedente)—no largo do seu nome. Foi fundado em 1218, reinando D. Affonso II. Em 2 de janeiro de 1283 se principiou na egreja d'este mosteiro a edificar uma grandiosa capella, mandada fazer pela rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz, e dedicada a Nossa Senhora da Conceição, a primeira que d'este mysterio houve em Portugal. N'esse mesmo anno deu a rainha santa avultadas esmolas a este mosteiro, impondo-lhe a obrigação de remir os captivos.

Em 1560, os religiosos reedificaram e ampliaram a egreja e mosteiro.

Em 20 de setembro de 1708, um temeroso incendio devorou a maior parte do mosteiro, escapando a egreja, a livraria, o refeitorio e mais casas que eram de abobada. Foi logo reedificado.

Estava aqui uma urna com os ossos de Ruy de Mello, casado com D. Brites Pereira, sobrinha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Foi aqui conventual o célebre Fr. Miguel de Contreiras (vallenciano) procurador e confessor da rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irman do rei D. Manuel. (Vide *Conceição Velha.*)

No claustro estava a capella de Nossa Senhora das Neves, de que foi administrador Gaspar Cardoso do Amaral e Gaula [1] de quem procedem os senhores do morgado e honra de Cardoso, em S. Martinho de Mouros (6 kilometros ao ONO. de Lamego, sobre a margem esquerda do Douro) e os Cardosos do Amaral, de Viseu (que procedem de D. Ignez do Amaral, prima da rainha Santa Izabel.)

O terramoto de 1755 causou bastantes estragos a este edificio.

Este convento chegava até á esquina da travessa de *João de Deus.*

Em 1835 foi demolida a egreja, que se transformou em uma propriedade particular, feita no gosto moderno. No local que o convento occupava, se abriu a rua *Nova da Trindade*, na qual estão, unidos um ao outro, os theatros do *Gymnasio* e da *Trindade.*

17.º—*Estrellinha* — ou collegio de Nossa Senhora da Estrella, de frades benedictinos. Foi fundado em uma quinta que se chamava *Casa da Saude*, em 1571. Foi seu fundador o cardeal D. Henrique (depois rei) e a infanta D. Maria, sua irmã (filhos do rei D. Manuel, e irmãos de D. João III) e D. Luiz d'Alencastre, commendador-mór d'Aviz (bisneto de D. João II).

Depois da extincção das ordens religiosos foi este mosteiro transformado em hospital militar; estando tambem aqui as repartições da saude.

Fica proximo á magestosa basilica do Coração de Jesus (Estrella), e ao vasto e formoso *passeio publico da Estrella.*

18.º—*Irlandezes* — frades dominicos. No largo do Corpo Santo.

Reinando na Inglaterra o heretico e perjuro Henrique VIII, e depois sua filha, a rainha Isabel, como seu pae, perseguidora furibunda dos catholicos, foram demolidos os mosteiros de ambos os sexos, seus bens sequestrados, e os religiosos, uns banidos, outros presos, e não poucos barbaramente assassinados.

Foi por isto que muitos frades e freiras do *reino unido* (principalmente irlandezes) se espalharam pelos reinos catholicos da Europa.

Em 1629 chegaram a Lisboa tres padres irlandezes (frei Domingos do Rosario, frei Matheus da Cruz e frei Pedro Martyr) que foram caridosamente recolhidos no convento de S. Domingos, a cuja ordem os irlandezes pertenciam.

Projectaram fundar casa propria, para o que lhes deu licença o governo de Lisboa (pelos Philippes) e o legado apostolico (bispo hieranense).

Luiz de Castro do Rio, senhor de Barbacena, lhes deu o chão para o edificio, e o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha [1] lhes deu, em 1636, licença para terem o Santissimo.

Desde então exercitaram no seu conventinho todos os actos proprios de uma communidade religiosa. A duqueza de Mantua, regente de Portugal por Philippe IV, tambem lhe era muito inclinada.

Depois da milagrosa restauração de Portugal, em 1640, tambem D. João IV foi sincero protector d'estes padres; mas quem mais os favoreceu foi a esposa d'este sobe-

[1] O appellido *Gaula* procede do vinculo (morgado) d'este nome, na Ilha da Madeira.

[1] D. Rodrigo da Cunha era da illustre casa dos senhores da Tábua. Foi inquisidor do *Santo Officio*, bispo de Portalegre e do Porto, arcebispo de Braga, e depois de Lisboa. Foi a Madrid, á reunião da *junta dos grandes.* Morreu no 1.º de janeiro de 1643.

rono, D. Luiza de Gusmão, que lhes deu grandes esmolas e rendas perpetuas.

Foi então augmentado o edificio, para o que tiveram de vencer-se bastantes difficuldades. Oppunham-se o cura e clerigos da egreja matriz de S. Paulo, a camara e a irmandade dos pescadores. (A camara não queria que a obra se fizesse fóra das muralhas.)

Finalmente, aplanados todos os obstaculos, se lançou a primeira pedra ao novo edificio em 4 de maio de 1659, com toda a solemnidade, assistindo a nobreza, os inquisidores e grande concurso de povo de todas as classes.

Em uma das paredes do templo se collocou depois uma lapide com esta inscripção:

A SACRA E REAL MAGESTADE
DA RAINHA DE PORTUGAL,
D. LUIZA DE GUSMÃO,
FUNDOU ESTE MOSTEIRO,
PARA RELIGIOSOS IRLANDEZES, DE S. DOMINGOS,
DEDICADO A N. S. DO ROSARIO
E AO PATRIARCHA S. DOMINGOS.
4 DE MAIO DE 1659.

No espaço de 4 annos sahiram d'este mosteiro quarenta religiosos para a Irlanda, prégar a religião catholica, grande numero dos quaes alli foram morrer no martyrio.

Hoje d'este mosteiro apenas existe a egreja, que ainda pertence aos padres irlandezes. (Vide *Egreja do Corpo Santo*, a pag. 236 d'este volume.)

19.º—*Paulistas*—(frades congregados de S. Paulo, da Serra d'Ossa)—na calçada do Combro.—Foi principiada a fundação d'este mosteiro em 1647 e concluida em 1649. —Foi seu fundador o padre mestre frei Diogo da Ponte, geral da ordem. D. João IV deu grandes esmolas e algumas rendas para a fundação e para sustento dos religiosos.

O mosteiro era vasto; e o seu rendimento regulava por 6:000 cruzados (2:400$000 réis) que tudo era applicado para as obras; porque o geral dava para os frades 25 moios de trigo por anno, e o mais de que careciam.

Perto do mosteiro possuiam uma quinta, que lhes dava o vinho necessario, e outra em Extremoz, que lhes fornecia o azeite.

Em parte do edificio do mosteiro está aquartelada uma companhia da guarda municipal.

A egreja dos paulistas foi em 1835 feita matriz da freguezia de Santa Catharina.

A egreja parochial primittiva d'esta freguezia foi fundada em 1557, e como soffreu bastante com o terramoto de 1755, foi reedificada em 1757. Era situada no *largo de Santa Catharina*, a que hoje se dá o nome de *rua do Monte de Santa Catharina*. Esta egreja foi profanada e vendida. No local que occupava, se vê hoje um bello palacio construido á moderna.

20.º—*Jesus*—(aos Cardaes de Jesus)—frades franciscanos — vulgarmente chamados *bôrras*.

Havia n'este sitio uma antiga ermida, e junto d'ella umas casas e cardal, que eram de Luiz Rodrigues e seu irmão.

Para a fundação do mosteiro deu o ermitão a capella, e os dois irmãos as suas casas e cardal. Obtida licença do cardeal Alberto, se lançou a primeira pedra no edificio, em 1595; mas a primeira pedra da egreja foi lançada em 30 de junho de 1615, ficando concluida toda a obra, tanto do mosteiro como da egreja, em 24 de fevereiro de 1623.

Soffreu muito com o terramoto de 1755, e foi reconstruida no anno seguinte.

A egreja é um templo magestoso, e o desenho da frontaria é do architecto Joaquim de Oliveira.

No corredor que dá serventia ao cruzeiro da egreja, do lado da Epistola, está um mausoleu de marmore, sustentado por dois leões, onde descançam os ossos do nosso classico, o ministro de estado Antonio de Sousa de Macedo, tendo as paredes e abobadas cobertas de azulejos, e n'elles escriptas, em versos latinos e portuguezes, algumas das suas maximas.

Do lado esquerdo, subindo para a egreja, está a capella dos terceiros, digna de ser vista, porque é mais uma egreja do que uma capella, tendo altar mór e altares late-

raes. Tem tambem um hospital para os irmãos da ordem.

Era o convento da invocação de *Nossa Senhora de Jesus.*

Os religiosos fizeram padroeiro do seu convento a D. João Manuel, para elle e herdeiros, que foram os condes da Atalaia (marquezes de Tancos).

D. João Manuel era filho dos condes da Atalaia, arcebispo de Lisboa, e vice-rei de Portugal por Philippe IV (tomou posse d'este emprego em 12 de maio de 1633.)

Era descendente do rei D. Duarte. Tinha sido bispo de Coimbra. Falleceu em 4 de julho do mesmo anno de 1633.

Este prelado mandou aqui fazer uma riquissima capella, deixando ao mosteiro 40$000 réis para a fabrica e 160$000 réis para quatro *annaes de missas.*

Havia n'esta egreja sete irmandades e oito confrarias.

Do convento dos *bôrras* sahiam os capellães-móres para as armadas reaes, e os missionarios para Angola.

A freguezia das Mercês, que tinha sido creada em 1652, tinha por matriz uma capella de Nossa Senhora das Mercês, situada na rua Formosa. Extinctas as ordens religiosas, passou a bella egreja do mosteiro de Jesus a ser a matriz da freguezia das Mercês, desde 1835, onde actualmente se conserva.

21.º—*Caetanos* (ou *theatinos*)—na rua dos Caetanos—clerigos regulares da Divina Providencia.—Foi fundado pelo padre Antonio Ardizone, d'esta ordem, em 1650.

Este padre veio da India em 1648, e D. João IV, d'ahi a dois annos, lhe confirmou a casa de Gôa, e lhe deu faculdade para levantar esta, que os fieis compraram aos carmelitas descalços de Santo Alberto, em 1653, e continuou em hospicio dos Caetanos, até 1681, em cujo anno D. Pedro II concedeu licença para se fazer convento.

A egreja foi edificada em 1698. Ha n'ella muitas reliquias de santos e quatro irmandades.

Os padres d'este convento eram encarregados de assistirem, no oratorio, aos que hiam ser justiçados.

O terramoto de 1755 arruinou alguma cousa este edificio, que foi reparado em 1757.

A egreja, que depois da expulsão dos seus religiosos, em 1834, tinha ficado ao abandono, e estava bastante arruinada, foi reedificada, principiando as obras em 1856, terminando d'ahi a 11 annos, sendo exposta ao culto publico, com grande solemnidade, em 20 de outubro de 1867.

No edificio do mosteiro está hoje o *Conservatorio Real de Lisboa* e esteve a *inspecção geral dos theatros*, creados por decreto de 15 de novembro de 1836. Tambem aqui estão as aulas de musica, declamação e canto.

(No logar competente tratarei d'este instituto.)

22.º—*Inglezinhos*—(collegio de S. Pedro e S. Paulo) clerigos seculares.—Foi fundado por D. Pedro Coutinho, em 1632, para ter 10 sacerdotes, com a obrigação de tres missas quotidianas, para o que lhes deixou 500$000 réis annuaes. Ensinavam latim, inglez, philosophia, theologia e *controversia*, a 10 estudantes, que, depois de promptos, hiam para Inglaterra confortar os catholicos e luctar com os herejes.

Está situado no largo dos Inglezinhos. Ainda existe.

23.º—Remedios (*marianos*)—frades carmelitas descalços—de Nossa Senhora dos Remedios.—Foi fundado pelos religiosos d'esta ordem, em 1582.

Philippe II trouxe a Portugal os primeiros padres carmelitas descalços. Entre elles vinha o padre frei Ambrozio *Marianno* de S. Bento, que foi o que deu principio á fundação, e é por esta circumstancia que se denominaram *marianos*, aos carmelitas descalços.

A primeira fundação d'este mosteiro foi em umas casas que aos frades doou certo devoto (onde depois se fundou o convento de S. João de Deus.) Por morte do doador, sua mulher, D. Milicia, que não tinha assignado a escriptura de doação, tirou, por de-

manda, esta propriedade aos marianos, em 1604. Mudaram-se os frades para umas casas que compraram junto ao castello de S. Jorge, defronte da egreja de S. Chrispim, mas, ou por não estarem com as precisas commodidades, ou por outro qualquer motivo, mudaram para a freguezia de Santos o Velho (para junto da egreja matriz) em 1606, para duas casas que compraram a Vasco Fernandes Cesar e Francisco Soares.

Foi lançada a primeira pedra no novo mosteiro, em 27 de setembro d'esse anno, concluindo-se a obra em 1611.

A commendadeira, D. Anna de Alencastre, lhes concedeu o direito e senhorio, tanto do seu convento, como do das freiras de Santo Alberto, por umas casas que elles lhe deram em troca, e que estavam na freguezia de S. Thiago.

Este contrato foi feito em 1606.

24.º—*S. João de Deus*—frades de—(fica logo adiante do mosteiro de freiras carmelitas descalças de Santo Alberto.)—Foi fundado por D. Antonio de Mascarenhas, em 1630.

O seu fundador foi sepultado na capella-mór d'esta egreja.

Eram padroeiros os condes de Athouguia.

Tinha um hospital para clerigos pobres. Hoje é quartel infanteria n.º 7.

É á Cova da Moura.

25º—*Carmo*—frades carmelitas calçados—No largo do Carmo—Foi fundado pelo santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, em 1389 concluindo-se em 1422, em cumprimento do voto que fez pela victoria de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385. [1]

A egreja foi sagrada em 1523.—Na egreja, em um magnifico tumulo de jaspe (junto ao altar-mór, no lado do Evangelho) foi sepultado o fundador, e ao pé d'elle, sua mulher, D. Eyria (Iria) Gonçalves.

Tinha este convento mais de 20:000 crusados de renda (8:000$000) fóra as quintas de Corrôios, de Mofacem e da Portella. Chegou a ter 130 religiosos.

—

D'este formoso, vasto e magestoso edificio, não restam senão ruinas. Era um dos mais bellos exemplares de architectura gothica de Portugal, e sem contestação o primeiro de Lisboa. Quasi tudo foi destruido pelo terramoto de 1755, e o tempo e os homens não fazem mais do que juntar a estes restos venerandos, profanação a profanação.

Foi no reinado de D. Sancho II, que a Ordem dos carmelitas calçados (uma das mendicantes) entrou em Portugal. O seu primeiro convento foi fundado na villa de Moura, por uns cavalleiros de Malta, que tinham aportado a este reino, em companhia de alguns religiosos d'esta ordem.

—

Foi d'esta villa que os religiosos vieram, em 1397, antes do convento estar concluido, formar e estabelecer a communidade no mosteiro de Lisboa.

Hoje ao contemplarmos as nobres ruinas da egreja do Carmo, ficamos justamente pasmados pela grandeza do pensamento, pela elevação da arte e pelo fervor da crença dos portuguezes de ha 500 annos!

—

Do prêço dos salarios do fim do seculo XIV e principio do XV, se póde vêr como um particular (ainda que riquissimo, como era o condestavel) podia levar ao cabo tão vasta quanto sumptuosa fabrica.

[1] O exercito portuguez era commandado por dois mancebos. D. João I, que tinha 26 annos e D. Nuno Alvares Pereira, que tinha 24. Ambos conheciam o perigo. Viam que suas tropas não chegavam ao numero de 12:000 homens, e que as castelhanas (commandadas pelo rei em pessoa e pelos seus mais distinctos generaes) excediam a 60:000, tendo de mais a mais os seus *trons*, que os portuguezes nunca tinham visto nem ouvido.

Os dois chefes portuguezes, em tal aperto, recorreram ao patrocinio da Santissima Virgem. O rei a Nossa Senhora da Victoria, e o condestavel a Nossa Senhora do Vencimento. Ambos cumpriram o seu voto, que produziu duas maravilhas — o mosteiro da Batalha e o do Carmo, de Lisboa.

Os operarios, officiaes, ganhavam por dia 13 réis (o trigo custava a 5 réis o alqueire.) [1]

—

A este templo deu o seu fundador a invocação de NOSSA SENHORA DO VEMCIMENTO, e n'este mosteiro, e depois de uma vida de combates, victorias e boas obras, se recolheu o grande condestavel, tomou o habito carmelitano e aqui falleceu, com 70 annos de edade, em um cubiculo junto da portaria. (Tinha nascido em Cernache do Bom Jardim, em 25 de junho de 1360, e morreu no 1.º de novembro de 1430.) — Vide paginas 248 do 2.º volume.

O seu tumulo (de que já fallei) foi mandado de França pela sua quarta neta, a duqueza de Borgonha. Na frente d'elle, armado de *armas brancas*, havia o vulto de D. Nuno. Tambem sobre a campa estava deitado, mas vestido com o habito dos carmelitas.

O condestavel dotou esta casa com muitas rendas no termo de Lisboa e em outras partes; por isso lhe diziam aqui duas missas quotidianas, uma cantada, e outra resada.

—

Em duas lapides embutidas nas paredes exteriores da egreja, uma de cada lado da porta principal, estavam duas inscripções, em caracteres gothicos, provavelmente do tempo da fundação. Com o atterro que se fez no largo do Carmo, ficou subterrada quasi toda a da direita do espectador e parte da da esquerda; pelo que, mais modernamente (mas antes de 1755) se embutiram na mesma parede, outras duas lapides, que provavelmente são a traducção das antigas, e que ainda hoje facilmente se podem lêr. A da direita (do S.) diz:

TODO FIEL CHRISTÃO Q. BEI-
JAR ESTA CRVS, GANHA QVA-
RENTA DIAS DE PERDAM.
CLEMÊTE 7.º E PIO 5.º CONCEDERÃO
AOS FIEIS XPÃOS QVE VISITAREM
AS IGREJAS DE N. SRA. DO CARMO, AS
INDULGENCIAS DAS ESTAÇÕES DE
ROMA, DE DENTRO E FÓRA DOS MUROS
TENDO A BVLA DA S. CRVSADA.

A inscripção da esquerda do espectador (a do N.) diz:

NA ERA DE 1523, A 30 DIAS DO MES DE
AGOSTO, FOI SAGRADO ESTE MOSTEIRO, POR
DÕ AMBROSIO, BPO. DE RVSIONA Q. CONCE-
DEO A TODOLOS VISITÃTES ESTA CASA 40 [1]
DIAS DE REMISA DOS PECCADOS, E PELA

ORDE SÃ CÕCEDIDOS 400 ANOS E 85
CORESMAS DE PERDÃ, E CADA DIA DO OV-
TAVR.º 85 ANOS E 85 CORESMAS DE PER-
DÃ, A QUAL CÕSAGRAÇÃ SE FES PELA ALMA
BRÃCA ROIZ TALHEIRA, Q. DEIXOV SVA [2]
FAZENDA AO MOSTEIRO DE NOSSA SRA.

Na egreja havia oito capellas, de administradores, todas de missa quotidiana, e mais seis confrarias — a de Nossa Senhora do Carmo—a de Nossa Senhora da Piedade —a da Vera Cruz—a de Santa Luzia—a de Sant'Anna—e a de S. Roque. Rendiam todas 500 crusados. (200$000 réis.)

O terramoto de 1755 arruinou o convento, e lançou por terra a egreja, da qual apenas ficaram de pé as paredes exteriores. Os religiosos, levando comsigo a imagem de

[1] A differença, espantosa na apparencia, entre os preços dos salarios e dos generos, dos nossos dias e dos d'aquelle tempo, não é tão desproporcionada como á primeira vista póde parecer a muitos.

Se reflectirmos que Portugal não tinha então cultivadas nem talvez a quarta parte das terras hoje productivas—se nos lembrarmos que as communicações, tanto por terra como por mar, eram muito mais morosas e difficeis do que são agora e que portanto os generos que nos vinham dos paizes agricolas deviam custar mais caros — e, sobretudo, se considerarmos que o ouro, a prata, e até o cobre, teem subido espantosamente de valor — vimos a tirar a conclusão de que, verdadeiramente, o que tem soffrido a differença é o valor da moeda e não o dos generos. Devemos lembrar-nos que no seculo XIV ainda havia *reaes d'ouro e de prata*. Se fossemos a fazer uma conta exacta, talvez então fossem as cousas mais caras do que actualmente.

[1] N'esta linha falta o preposição *de*, depois de visitantes.

[2] N'esta linha falta a preposição *de* antes de Branca.

Nossa Senhora do Carmo, fugiram para o Campo Grande, onde fizeram barracas, em que viveram até vespera de Natal.

N'esse dia, passaram para uma ermida que tinham mandado fazer, às Amoreiras, junto ao arco das Aguas Livres.

O frontispicio da egreja que ainda existe pertence á construcção primittiva; porém as columnas e arcos interiores, que dividem as naves, mostram que, depois do terramoto, tentaram os frades reedificar este bello e magestoso monumento, conservando-lhe a ordem architectonica e elegangia primittiva.

> Parece-me impossivel que em uma cidade como Lisboa, onde em todos os tempos tem havido homens illustrados, conscienciosos indagadores das nossas cousas, não haja memoria escripta pela qual conste quando e por quem foram levadas a effeito as magnificas obras que vemos aqui feitas depois do terramoto. Nada—que me conste—se sabe a similhante respeito, e, se não fosse vermos aquellas altas e elegantes arcarias, denunciando, apesar da sua architectura gothica, a posterioridade da sua construcção, nem saberiamos que houve a firme tenção de reedificar este templo, e que, para isso, se gastaram ainda não poucos contos de réis.

Era o templo de tres naves e muito claro, tendo oito capellas, quatro de cada lado. A capella-mór era allumiada por grandes janellas na ordem inferior, e tendo onze na superior.

Além d'isto, de cada um dos lados, havia duas.

Por cima dos altares lateraes, nas naves, mettida nas paredes, até ao cruseiro, havia uma galeria, com entrada pelo interior do convento e pelo côro, deitando para a egreja uma tribuna, sobre cada um dos altares, o que era de bello effeito, servindo ao mesmo tempo para a boa distribuição do ar e da luz na egreja.

O comprimento do templo, desde a porta principal da entrada até ao altar-mór, é de 327 palmos ($71^m,94$) e a largura das 3 naves, 100 (22 metros.) — A sua altura é de 112 palmos ($24^m,64$.)—O vão dos arcos que separam as naves, tem 27 palmos ($5^m,94$.)— A altura dos arcos é de 78 palmos ($17^m,16$.) A capella-mór, tem 30 palmos de largura ($6^m,60$) a sua altura são 70 ($15^m,40$.)—O cruseiro tem 40 ($8^m,80$) de largura, 150 (33^m) de de comprimento.

Valia bem a pena, por uma subscripção nacional, restaurar-se este templo, não só por amor da arte, como por attenção ao culto catholico; por memoria de gratidão pelos muitos e grandes serviços feitos á patria pelo condestavel; por ser um padrão que nos recorda um dos factos mais gloriosos da nossa historia; e, finalmente, em testemunho de respeito pelo culto da Virgem Santissima, protectora dos portuguezes, para quem foi, em todos os tempos, e continuará a ser sempre, objecto da mais sincera devoção.

Esta obra, se se levasse a effeito, não demandaria grandes sommas, visto que a obra de cantaria, está na sua maior parte, em bom estado, e pouco havía a reformar e agmentar.

Estou persuadido que todos os portuguezes de bom grado concorreriam para uma obra, por tantos titulos verdadeiramente nacional.

—

N'este templo e convento foram sepultadas muitas pessoas illustres em nobreza e em lettras. Além do condestavel [1] e de sua mãe, tambem aqui repousavam as cinzas da duqueza de Bragança, D. Joanna de Castro, mulher do 2.º duque, D. Fernando I, e alguns outros membros d'esta nobilissima familia — Manuel da Silva, conde de Villa-Maior e 1.º marquez de Alegrete—o celebre

[1] O tumulo do condestavel, de que já fallei, foi destruido pelo terramoto, mas não assim os ossos do heroe, que os frades depois substituiram por outro egual, de madeira, e está em S. Vicente de Fóra. Sua mãe estava em um nicho, embutido na parede, junto ao tumulo de seu filho.

jurisconsulto, Manuel Alves Pegas (natural de Extremoz) — o padre Antonio de Carvalho Costa (auctor da *Chorographia Portugueza*) — o célebre Alfageme de Santarem —Duarte Brandão—Antonio Ferreira—D. Miguel de Almeida—Jorge Ferrão de Evora—Jorge Pimentel—João de Guimarães. e outros muitos varões de não menos importancia.

—

Trinta e tres annos de trabalhos nunca interrompidos se gastaram n'este monumento. Durante a sua construcção, por duas vezes abateu a capella-mór, sendo preciso da terceira vez, abrirem-se os *caboucos* para assentar os alicerces abaixo do nivel do valle onde hoje é a praça do Rocio! Só assim se pôde conseguir a solidez dos seus altos e robustos muros, que teem resistido a varios terramotos, ao fogo que se seguiu ao de 1755, á acção destruidora de quasi cinco seculos, e que desafiam impavidos as injurias do tempo.

Os religiosos reconstruiram o convento pouco depois do terramoto, e foram habitar n'elle até 1833, anno em que foram expulsos do seu mosteiro.

Quanto á egreja, já disse que se principiou a sua reedificação; mas não se sabe em que anno, se foram os religiosos, se foi D. José I, ou se foram esmolas dos fieis. O que se sabe, e se vê é que aquellas esbeltas e robustas arcarias estão testemunhando o desamor dos governos portuguezes de ha um seculo até hoje, pelos monumentos respeitaveis, que tanta attenção lhes deviam merecer, por nos recordarem tantos factos gloriosos da nossa historia.

Pela extincção das ordens religiosas deram-se varias applicações ao edificio do mosteiro, até que, por fim, se destinou a quartel principal da guarda municipal lisbonense, e é do que actualmente está servindo.

—

As obras novas da egreja distinguem-se perfeitamente das antigas, não só pela alvura dos marmores, como porque as primittivas estão ennegrecidas pelo tempo e estaladas pelo incendio.

Entre as muitas alfaias e preciosidades que este convento possuia, notava-se a terrivel espada do valorosissimo condestavel, e o sceptro de D. João I, de Castella, tomado por D. Nuno Alvares Pereira, na gloriosa batalha de Aljubarrota.

A espada foi encontrada nos entulhos; mas os frades, achando-a muito comprida, a mandaram cortar, para a pôrem na mão de Santo Elias, que sahia armado com ella na procissão de *Corpus Christi*. A espada, que tinha oito palmos (1^m,76) ficou reduzida a 1^m,7. Tem por ornato uns rendilhados, recortados no centro, formando cinco vãos, tres oblongos, *tremidos*, e dois em fórma de coração, singularidade que se não encontra em outra qualquer espada contemporanea. Depois de 1834, esta espada está no archivo da casa real.

—

O sr. J. Possidonio Narciso da Silva, esclarecido archeologo e sollicito investigador de monumentos nacionaes, e presidente da associação dos engenheiros civis portuguezes, conseguiu que o governo lhe concedesse a egreja do Carmo, para alli fundar um *museu archeologico*, e tem empregado todo o seu zelo, boa vontade e aptidão para levar a cabo o seu patriotico e louvavel intento. Já aqui se admiram objectos de grande valor historico, geologico e archeologico, e é de esperar da sua dedicação e da dos seus consocios, que dentro em poucos annos este museu attinja um desenvolvimento e prosperidade dignos dos cavalheiros benemeritos que o fundaram. [1]

[1] Apesar de todas as diligencias que tenho empregado, não me foi possivel obter um catalogo de todos os objectos existentes n'este museu, o que me priva de mencionar aqui, succintamente, ao menos, os mais notaveis. No museu municipal do Porto (que foi do sr. Allen) vendem-se aos visitantes que os pretendem, catalogos de todos os objectos alli expostos, contendo a sua descripção e historia abreviada. O museu archeologico do Carmo devia fazer o mesmo, e estou persuadido que a receita devia dar sufficientemente para a despeza.

26.º—*Arrabidos* (na rua de S. Pedro d'Alcantara)—Foi fundado por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e primeiro marquez de Marialva, em acção de graças pela victoria de *Montes Claros* (17 de junho de 1665). O fundador comprou umas casas que eram do conde d'Avintes, e outras que eram de Marcos Rodrigues Tinoco, immediatas, para levar a effeito o cumprimento do seu voto. A primeira pedra foi lançada em 19 de abril de 1685.

Depois da expulsão dos religiosos, foi o edificio do mosteiro destinado para recolhimento de orphans, e é do que actualmente está servindo.

27.º—*S. Bento da Saude* (no largo de S. Bento, freguezia de Santa Isabel)—Foi fundado pelo geral da ordem benedictina, D. frei Balthasar de Braga, e pelo desenho de Balthasar Alvares. Principiou a sua construcção em 1598 e ficou concluida a obra em 1615. É um edificio vasto e tinha grandes rendas.

Expulsos os religiosos do seu mosteiro, foi este destinado, logo em 1834, para o paço chamado das côrtes.

Pela retaguarda d'este edificio, do lado da calçada da Estrella (S.) foi construido, em 1866, um sumptuoso edificio para as sessões da camara dos pares. Tambem n'este edificio está actualmente o cartorio geral de todo o reino, chamado Torre do Tombo, de que fallarei no logar competente.

28.º—*Nerys* (Rilhafolles)—frades da Congregação do Oratorio, de S. Philippe Nery. Foi fundado pelos religiosos e com esmolas dos fieis, em 1630.

O hospital dos alienados occupa actualmente este edificio. D'elle fallarei quando tratar dos hospitaes de Lisboa.

É situado mesmo no pateo de Rilhafolles (na rua da Cruz da Carreira) freguezia da Pena.

29.º—*Congregados de S. Raphael*—no principio da rua da Adiça, entre as ruas de S. Pedro e S. João da Praça. No largo ainda hoje chamado de S. Raphael, estava uma capella e um hospicio d'esta ordem. Foi fundado pelos padres congregados, pelos annos de 1600. O hospicio cahiu pelo terramoto, escapando apenas a capella, com poucos damnos, que foram reparados. Depois de 1834 foi vendida a capella e o chão do hospicio (que era muito pequeno). O comprador arrasou a capella, e no seu logar construiu o predio que agora alli se vê.

30.º—*Santa Rita*—eremitas de Santo Agostinho. Não pude saber quando nem por quem foi fundado. Apenas se sabe que os religiosos tomaram posse d'este mosteiro, em 1748.

Está hoje aqui estabelecido o quartel da 3.ª companhia da guarda municipal. É na rua de S. Sebastião da Pedreira.

—

Os outros conventos, de ambos os sexos, que ficam fóra das barreiras, vão nas localidades onde se acham.

—

Relação dos bispos, arcebispos e patriarchas de Lisboa.

Bispos

Já disse em mais de uma parte d'esta obra, que ha duvidas entre os escriptores, sobre o anno em que pela primeira vez foi prégado o Evangelho na Lusitania. Uns dizem que foi no anno 34 de Jesus Christo; outros que no de 36; outros, em 42; e, finalmente, outros em 52.

Tambem não ha memorias escriptas que nos provem satisfatoriamente a existencia de todos os bispos de Lisboa, desde *S. Manços* até *Nestorianno*, isto é, desde o anno 34 ou 36 de Jesus Christo até ao de 587. Designam-se estes bispos pelo adjectivo de *tradicionaes;* porque a sua existencia apenas consta por tradição.

São 17 os bispos d'esta classe, de que ha memoria; porém, ou ignoramos a existencia de alguns, ou a diocese lisbonense esteve por varias vezes sem prelado, o que nos demonstram os longos periodos que decorrem entre uns e outros de alguns dos bispos.

Attendendo a que nos primeiros seculos do christianismo, quasi que só se nomeavam bispos, varões de edade madura, vemos que não podiam ser bispos tantos annos alguns dos tradicionaes. Por exemplo: S. Manços foi bispo desde 34 até 92—58 annos. Philippe, desde 92 até 166—74 annos. S. Pedro, 1.º, desde 166 até 213 —47 annos. Antonio, desde 373 até 430—57 annos, etc.

Notemos porém que alguns escriptores dizem que entre S. Manços e Philippe, houve um outro bispo, cujo nome se ignora. Eis os bispos tradicionaes:

1.º — S. Manços, foi eleito em 34 (?)
2.º — Anonymo.
3.º — Philippe Philoteu, em 92.
4.º — S. Pedro I, em 166.
5.º — Pedro II, em 213.
6.º — Jorge, em 260.
7.º — S. Gens, em 284.
8.º — Pedro III, em 297.
9.º — Januario, em 300.
10.º — Potamio, em 356.
11.º — Antonio, em 373.
12.º — Neobridio, em 430.
13.º — Julio, em 461.
14.º — Azulano (ignora-se quando foi eleito. Morreu em 500) (?)
15.º — João, em 500.
16.º — Eolo, em 536.
17.º — Nestoriano, em 578.

BISPOS QUE CONSTAM POR DOCUMENTOS AUTHENTICOS

1.º — Paulo I — Assigna-se-lhe o anno de 589, porque n'elle appareceu firmado, em decimo oitavo logar, no concilio III de Toledo, convocado a instancias do rei Ricaredo; porém acredita-se que já occupava a cadeira episcopal olissiponense antes d'esta epoca.

2.º — Goma, ou como outros pretendem *Gomarelo* — Apparece a sua memoria na confirmação do decreto do rei Gondemaro em favor da egreja de Toledo, em virtude do synodo que se celebrou no anno 610, que assignou no duodecimo logar. No concilio de Tarragona, em 614, tambem vem assignado o seu nome por procuração. Havendo quem duvide que este bispo succedesse ao precedente, declara-se comtudo que não consta de outro que o antecedesse.

3.º — Viarico, ou *Ubarico* na opinião de outros, e *Dialico* na de alguns, formam um unico bispo, apesar de certos auctores fazerem d'estes tres nomes dois bispos; o que se deve á diversa maneira porque elle apparece assignado nos documentos, achando-se subscripto com o primeiro nome no IV concilio toledano, no anno 633; no 5.º em 636, com o nome *Ubaricus;* e no 6.º com a assignatura de *Dialico.* As melhores opiniões dizem que foi uma e a mesma pessoa, e que se vinte annos de interpollação apparecem entre este e o precedente bispo, não ha memoria veridica de nenhum prelado entre ambos.

4.º — Neufridio ou *Neufredo* — No 7.º concilio de Toledo, em 646, apparece este nome assignado por seu procurador, o abbade Crispino.

5.º — Cesario ou *Cesar.* — Assistiu ao 10.º concilio de Toledo, no dia 1 de dezembro de 656, e assignou em undecimo logar.

6.º — Theodorico. — Assignou expressamente como bispo da *Santa Egreja Olissiponense* no concilio de Merida, no anno 666.

7.º — Ara. — Não certificam os auctores se foi o immediato a *Theodorico;* comtudo não ha memoria de outro. Assistiu ao 13.º concilio de Toledo, que assignou em ultimo logar. Anno 683.

8.º — Landerico. — Assignou no quinquagessimo sexto logar a acta do 15.º concilio de Toledo, em 688; e no quinquagessimo quarto a do concilio 16.º Alguns auctores dizem que a este succedeu *Harderico* que foi o que assistiu ao 16.º concilio, mas as melhores opiniões são que um e outro nome constituem o mesmo bispo.

Aqui se interrompe a serie dos prelados de Lisboa desde o anno 714 até ao de 1147,

porque, assenhoreados os mouros da peninsula, interromperam-se esses concilios mixtos que se celebravam no tempo dos reis godos, e que nas suas actas nos conservaram a memoria dos bispos que acima acabamos de assentar. Não duvidamos e até acreditamos que, apesar do dominio mauritano, tanto a Egreja olissiponense como as outras em que a peninsula estava dividida, continuassem a ser regidas por pastores especiaes, não só porque o zelo, a dedicação e a constancia dos prelados da antiga egreja não arrefecia, antes se exaltava em vista do perigo, chegando-nos a deixar documentos irrefragaveis de como sabiam sustentar a sua auctoridade não trepidando ante os imperantes; mas tambem por ser sabido que na epoca da restauração d'este reino e das Hespanhas os habitavam infindas familias que tinham conservado viva a fé christan, em cujo fervor necessariamente deviam ser avivadas pelo sacerdocio; e auctores ha que affirmam que na egreja dos Santos Verissimo, Maxima e Julia, onde hoje está estabelecida a freguezia de Santos o Velho; no monte de S. Gens, que hoje é o sitio designado por Nossa Senhora do Monte, e na egreja de S. Felix, em Chellas, nunca foi interrompido o culto ao verdadeiro Deus. O testemunho frisante d'essas esplendidas victorias ganhas pelo conde D. Henrique e seu filho D. Affonso, n'estas terras de Portugal, expulsando os mouros que as senhoreavam; o enthusiasmo com que viam as massas desposarem a sua causa; o proprio fervor dos primeiros monarchas portuguezes na restauração dos templos e mosteiros, e edificação de novos, comprovam que a religião catholica estava arraigada na população, que olhava aquelles fundadores da monarchia como os restauradores da religião dos seus antepassados, desculpando-lhes por isso a descendencia estrangeira para os acclamar seus reis. Comtudo, os documentos onde podessemos ler a historia da egreja olissiponense n'estes quatro seculos e meio não chegaram ao conhecimento dos nossos mais antigos escriptores, o que não é para admirar attentas as razões acima adduzidas; e assim forçados a não podermos supprir essa lacuna, proseguiremos o nosso trabalho, tomando agora por ponto de partida a conquista de Lisboa pelo inclito monarcha D. Affonso Henriques.

9.º—D. Gilberto, inglez.—Viera na armada estrangeira, que ajudou D. Affonso Henriques a conquistar Lisboa no anno de 1147. Foi sagrado pelo arcebispo de Braga, D. João de Portugal, e assim ficou a egreja de Lisboa suffraganea de Braga, tendo-o sido até então de Mérida. Fundou as parochias de Nossa Senhora dos Martyres, S. Vicente, e Santa Justa; e no anno de 1150 estabeleceu o cabido na sua Sé, ordenando que alli se rezasse pelo Breviario da Egreja de Salisbury, o que se observou até ao anno de 1536. Falleceu aos 27 de abril de 1166, tendo governado 19 annos. Foi sepultado na Sé.

10.º—D. Alvaro.—Foi mestre-escóla da Sé, e nomeado por D. Gilberto, ainda em sua vida, seu coadjutor e successor, o que impugnaram os conegos quando principiou a exercer a dignidade em 1166, mas que o papa Alexandre III decidiu a seu favor em 1168. Constituiu as parochias de S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartholomeu e S. Martinho. Foi em seu tempo que teve logar a trasladação do corpo de S. Vicente, martyr, do Algarve para Lisboa. Falleceu em 11 de setembro de 1185, tendo governado 19 annos. Foi enterrado na sua Sé.

11.º—D. Soeiro I.—Havia sido eleito ainda em vida do seu antecessor, e principiou a governar desde o anno de 1185 até ao dia 28 de setembro de 1209, em que se finou. Desde o anno de 1199 ficou este bispado suffraganeo do de Compostella, por composição que fez Sua Santidade Innocencio III, com os arcebispos de Braga e Santiago. Estabeleceu na sua cathedral as quartemarias, para serem em maior numero os ministros da egreja, e pela estima que lhe dedicava el-rei D. Sancho I, obteve para a sua cathedral muitos privilegios.

12.º—D. Soeiro Viegas II.—Principiou a

governar no anno de 1211; e foi enviado a Roma por el-rei D. Affonso II, para informar ao pontifice sobre a causa de litigio que este monarcha trazia com suas irmãs, conseguindo se por via d'este bispo compor-se a negociação. N'esta viagem tratou com S. Boaventura, e não foi menos afortunado na amisade, que contrahiu com S. Domingos e S. Francisco, da qual resultou a admissão de suas religiões em Lisboa. A este prelado se deveu a conquista de Alcacer do Sal, praça mauritana mui forte, no anno de 1219. Por causa da perseguição que lhe moveram os validos de D. Sancho II, teve de peregrinar por terras estranhas, até que o papa Gregorio IX o restituiu á patria com grandes honras. Falleceu a 9 de janeiro de 1232, e foi sepultado na cathedral.

13.º—D. Payo.—Tinha sido conego em Viseu, e D. prior de Guimarães. São as unicas noticias que ha d'este prelado, que falleceu no anno seguinte á sua eleição; em 19 de abril de 1233.

14.º—D. João I.—Pouco tempo governou tambem a diocese, porque depois da sua exaltação, em 1240, se ausentou para Roma, em consequencia dos disturbios do reino, e ahi falleceu no anno de 1241.

15.º—D. Ayres Vaz ou Vasques.—Não consta a época da sua nomeação, e o primeiro acto em que figura é o da fundação da collegiada de Santa Maria de Marvilla, de Santarem, em novembro de 1244. Assistiu ao concilio que em 1245 se celebrou em Leão, de França, e ao qual foi presente o papa Innocencio IV. No anno de 1248 fez as Constituições para a sua diocese, e assentou novas demarcações ás respectivas parochias. Sagrou a egreja de Alcobaça em setembro de 1252, e em 1254 assistiu ás côrtes de Leiria. Acompanhou sempre el-rei D. Affonso III nas guerras e conquistas do Algarve. Falleceu a 6 de outubro de 1258 em S. Vicente de Fóra, onde se diz tivera o habito de religioso. Nascera nas terras do Lima, sendo filho de paes nobilissimos.

16.º—D. Matheus.—Depois de eleito, em 1259, passou a Roma a tratar varias negociações, por parte de D. Affonso III, com os pontifices Alexandre IV e Urbano IV, e d'ahi veio sagrado. Celebrou tres synodos em Lisboa, e no ultimo publicou novas Constituições para a sua diocese. Erigiu a parochia de S. João Baptista, e S. Matheus, no Lumiar. No anno de 1264 fez celebrar em Lisboa, com grande pompa, a festa do Corpo de Deus, pouco antes instituida por Urbano IV. No anno de 1272 passou novamente a Roma a tratar negocios de el-rei e da sua diocese, regressando no anno de 1280, em que continuou no regimen da sua egreja, até que se finou aos 19 de setembro de 1282, sendo sepultado na sua cathedral.

17.º=D. Estevão Annes de Vasconcellos.—Desempenhou a dignidade episcopal desde o anno de 1284 até ao anno de 1290, em que falleceu, ausente da diocese, como quasi sempre o esteve durante o seu governo. Assistiu a um concilio que se celebrou em Braga no anno de 1286. A sua eleição foi approvada pelo papa Nicolau IV. Era descedente do esforçado capitão Martim Moniz, cujo nome ficou famoso na tomada do castello de Lisboa.

18.º—D. Domingos Jardo.—Este varão insigne em letras, nasceu n'um logar da freguezia de Bellas, e do qual tomou o appellido. Cursou a Universidade de Paris. Pela sua erudição foi nomeado capellão d'el-rei D. Affonso III, e tambem do seu conselho, recebendo depois de el-rei D. Diniz o emprego de chanceller-mór, e a elevação ao bispado de Evora no anno de 1283, d'onde foi transferido para o de Lisboa em outubro de 1289. Fundou o hospital de S. Paulo, que depois foi o convento de Santo Eloy, de conegos seculares de S. João Evangelista (Loyos), onde foi enterrado, tendo fallecido a 16 de de dezembro de 1293. N'esta sua fundação estudaram os principaes talentos, que n'aquella época floresceram em Portugal.

19.º—D. João Martins de Soalhães.—

Elevado á cadeira episcopal no anno de 1294, principiou o seu governo pela fundação do mosteiro de Santa Clara, n'esta diocese; e no anno seguinte isentou o de Odivellas da jurisdicção dos bispos. Instituiu o morgado de Soalhães. No anno de 1307 fez synodo e ordenou novas Constituições. Assistiu aos concilios provinciaes que os arcebispos de Compostella celebraram nos annos de 1306 e 1310. Foi depois promovido a arcebispo de Braga, onde se finou este illustre descendente da familia dos Porto-Carreiros, no 1.º de maio de 1325.

20.º—D. Fr. Estevão II.—Foi religioso de S. Francisco, e achando-se em Avinhão a tratar negocios d'el rei D. Diniz com o papa Clemente V, ahi foi nomeado bispo do Porto, e administrador dos bens dos templarios, em Portugal; administração com que passou ao bispado de Lisboa, para onde foi transferido por bulla de 8 de outubro de 1312. Aqui teve desavenças com o cabido, e por isso voltou a Avinhão, onde Sua Santidade o proveu no bispado de Cuenca, em Castella. Fallecendo n'aquella cidade no anno de 1336, foi seu corpo transportado para o convento de Santa Cruz, em Coimbra para o qual havia alcançado muitas mercês do Summo Pontifice.

21.º—D. Gonçalo Pereira.—Creado no paço de el rei D. Diniz, este ascendente do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, depois de estudar em Salamanca foi deão da Sé do Porto. Empregado em varias negociações com a curia romana, então em Avinhão, ahi foi eleito bispo de Evora, o que se não confirmou, sendo depois nomeado bispo em Lisboa pelo papa João XXII, em 21 d'agosto do anno de 1222. Em 1324 celebrou synodo. Passou para arcebispo de Braga em 1326, finando-se n'esta cidade no anno de 1358, depois de ter sido arbitro de pazes entre principes poderosos e ter desenvolvido o seu genio bellicoso em varias acções com os castelhanos, tornando-se notavel na famosa batalha do Salado, onde acompanhou el-rei D. Affonso IV. Falleceu em 1385, e jaz na Sé primacial de Braga.

22.º—D. João Affonso de Brito.—Foi eleito bispo d'esta diocese em 4 de março de 1326, achando-se então em Avinhão, e sendo deão da Sé de Evora, foi quem ministrou na sua Sé as bençãos matrimoniaes ao principe D. Pedro, filho d'el rei D. Affonso IV e a D. Constança, sua primeira esposa. Entregou-se esmeradamente á reorma do seu clero. Falleceu a 25 de Julho de 1341, cheio de annos e de virtudes.

23.º—D. Vasco Martins.—Era sobrinho do bispo do Porto, D. Giraldo, e a este succedeu n'aquella dignidade, sendo transferido, passados 14 annos, para a diocese de Lisboa, em 26 de agosto de 1342. Visitou frequentemente as egrejas d'este bispado. Foi o auctor do livro intitulado *Roda* que servia para n'elle se lançar todo o rendimento da Sé. Falleceu no anno de 1344, e foi sepultado na sua cathedral.

24.º—D. Estevão Annes—O pontificie Clemente IV, achando-se em Avinhão, onde tambem estava este ecclesiastico, foi quem o promoveu no anno de 1344 ao bispado de Lisboa. Nunca veio ao reino, governando sempre a Egreja por vigarios geraes, e falleceu no anno de 1348, ou 49.

25.º—D. Theobaldo—Era francez de nação. Foi tambem eleito pelo pontifice Clemente VI, em Avinhão, e nunca veio ao reino, governando, como o seu antecessor, por vigarios geraes. Finou-se em 28 de maio de 1356.

26.º—D. Reginaldo—Tambem era francez, e familiar do papa Clemente VI, que o elegeu prelado lisbonense, a 20 de junho de 1356, governando sempre a diocese por vigarios geraes, até que foi transferido para o bispado de Autun, em França.

27.º—D. Lourenço Rodrigues—Foi promovido a bispo de Lisboa em agosto de 1358. Estabeleceu em Lisboa alguns anniversarios. Cuidou muito na reforma do clero ao qual deu constituições, que rigorosamente fazia observar, assim como todos os annos visitava a diocese. Morreu em 19 de junho de 1364.

28.º — D. Pedro Gomes Barroso — Alguns lhe chamaram *D. Pedro Gomes d'Albernoa*, e ha divergencia sobre a sua naturalidade, não havendo porém duvida de que era hespanhol. Foi eleito bispo no anno de 1365. Conservou-se quasi sempre em Avinhão; e do bispado de Lisboa foi transferido para o de Coimbra, e ultimamente para o de Sevilha, onde falleceu em 1374.

29.º — D. Fernando — Regeu a egreja de Lisboa desde a anno de 1370, e supposto a governou de Avinhão a maior parte do tempo, parece comtudo que veiu a Lisboa, ou então, fallecendo em França, determinou que o seu corpo fosse enterrado em a nossa cathedral, pois que no anno de 1743 se encontrou na capella mór uma lapida que assim o testificava.

30.º — D. Vasco II — Em Avinhão, onde se achava, foi eleito bispo de Lisboa pelo papa Gregorio XI, no anno 1371, mas só dois mezes regeu esta egreja, por ser elevado depois á dignidade de arcebispo de Braga, onde falleceu em 18 de novembro de 1372.

31.º — D. Agapito Colona — Era romano e regia o bispado de Brescia, em Veneza, quando foi transferido para a nossa diocese em 1371. Governou esta egreja nove annos, mas renunciando o bispado foi feito cardeal com o titulo de Santa Prisca, retendo todavia o governo d'esta diocese até a morte, succedida em 3 de outubro de 1380.

32.º — D. João de Aix — Francez de nação, foi eleito em 1381, governando a diocese lisbonense sómente dois annos, porque foi transferido para arcebispo de Aix, sua patria.

33.º — D. Martinho — Era castelhano. Tendo sido bispo de Silves, no Algarve, foi eleito arcebispo de Braga, pelo respectivo cabido, o que não foi approvado pelo papa Gregorio XI; porém depois o papa Clemente VII, em 1381, o transferiu para a Sé de Lisboa. Delimitou novamente as parochias da sua diocese. Foi este bispo aquelle que quando teve logar a acclamação de el-rei D. João I foi precipitado da torre da Sé de Lisboa, no dia 6 de dezembro de 1383. Já era fallecido quando o papa Clemente VII o elevou á eminencia de cardeal.

34.º — D. João Annes — Eleito bispo em 1383, sendo conego da Sé de Lisboa. Reformou o clero, e tratou do augmento das egrejas da sua diocese, visitando-as consecutivamente. Havia onze annos que desempenhava esta dignidade, quando a diocese de Lisboa subiu á hierarchia de arcebispado.

Arcebispos de Lisboa

Quando a casa de Aviz subiu ao throno portuguez, muitas foram as isenções e privilegios com que o primeiro monarcha d'esta linha, el rei D. João I, gratificou os moradores de Lisboa, pelo apoio e auxilio que lhe prestaram; e para que ainda mais se estendessem essas mercês, tratou de obter do papa Bonifacio IX que a diocese de Lisboa tivesse fôro metropolitano, isenta, e sem dependencia de outro superior, mais que da Sé apostolica, pois já dissemos que desde 1199 era suffraganea de Compostella, desde que a demittira de si o arcebispo de Braga D. Martinho Pires. Sua Santidade mandou portanto passar para aquelle fim a bulla de 10 de dezembro de 1394, assignando-se por suffraganeos ao arcebispo de Lisboa os bispos de Lamego, Guarda, Silves e Evora, ficando comtudo dois annos depois esta ultima diocese isenta de tal obediencia.

Desde então até hoje contou a diocese de Lisboa 20 arcebispos, cuja taboa chronologica é pela maneira seguinte:

1.º — D. João Annes — Dissemos acima que este prelado occupava havia 11 annos a cadeira episcopal, quando a egreja de Lisboa foi elevada á dignidade arcebispal. Por suas virtudes foi exaltado tambem o nosso bispo, e assim regeu a diocese mais 18 annos e 10 mezes, tendo n'este periodo algumas contestações com o bispo de Evora sobre a sua isenção, e com o do Porto sobre a fundação da egreja do Salvador. Falleceu a 3 de maio de 1402, e foi sepultado na sua Sé.

2.º—D. João Esteves de Azambuja.—Foi promovido ao arcebispado no anno de 1402. Passou á Italia para assistir ao concilio de Pisa, no anno de 1409, afim de se serenar o scisma que então dividia a Egreja. Foi a Jerusalem visitar os logares santos. O papa João XXIII, em attenção aos seus meritos, conferiu-lhe o capello de cardeal, com o titulo de S. Pedro ad vincula, e de Santa Eudoxia, ficando-lhe o arcebispado em titulo de commenda. Dirigiu-se de Roma a Constança, para assistir a novo concilio, e na retirada para Portugal, enfermou gravemente em Bruges, cidade de Flandres, onde falleceu a 23 de janeiro de 1415. Edificou e dotou o mosteiro do Salvador de Lisboa, e para este se trasladaram os seus despojos mortaes. Nas guerras de D. João I com Castella militou valentemente, e foi depois d'ellas que seguiu o estado ecclesiastico, sendo conego de Coimbra e de Evora, prior da egreja de Monção, e da Alcáçova em Santarem. Foi confessor de el-rei D. João I, e por este monarcha encarregado de lhe sollicitar em Roma dispensa para casar, pois era professo na Ordem de Aviz. Foi depois bispo do Porto e de Coimbra, d'onde passou para o arcebispado de Lisboa.

3.º—D. Diogo Alvares. — Foi D. prior de Guimarães, e depois bispo de Evora, vindo por fim a ser eleito arcebispo de Lisboa no anno 1414, ainda em vida do precedente; mas descuidando-se na expedição das bullas o cabido não lhe quiz dar posse, no que tiveram grande parte D. João I, o infante D. Pedro, e os grandes do reino; não lhe valendo a intercessão do papa Martinho V para com el-rei, afim de o deão e o cabido desistirem das duvidas com que lhe impediam a administração da egreja. Por este motivo o arcebispo retirou-se para Evora, onde se finou em 5 de maio de 1424.

4.º—D. Pedro de Noronha.—Nasceu nas Asturias, sendo seu pae o conde de Gijon, neto por bastardia de Henrique II de Castella, e de D. Fernando de Portugal. Teve no anno de 1419 a administração do bispado de Evora, e foi promovido a arcebispo de Lisboa em 1424. Porque se descuidava dos deveres da sua pastoral obrigação, foi reprehendido pelo papa Martinho V, provendo-se a estas cousas com o concilio provincial que se celebrou em Braga a 22 de dezembro de 1426. No anno de 1428 foi por embaixador a Aragão, para tratar do casamento do infante D. Duarte com a infanta D. Leonor. Por morte de el-rei D. Duarte oppondo-se os Tres Estados á determinação de ser a rainha governadora e regente do reino, o arcebispo tomou partitido por esta, e como por tal fosse perseguido retirou-se para Castella, tendo aqui sequestradas as suas rendas. Por fim, a pedido de Urbano VI, o regente D. Pedro lhe deu permissão de voltar ao reino. No anno de 1445 erigiu em collegiada a egreja de Santa Maria de Ourem. Falleceu em 12 de agosto de 1452, e foi sepultado na Sé.

5.º—D. Luiz Coutinho.—Parece que o governo d'este arcebispo foi desde setembro de 1452 até abril de 1453. Precedentemente, no anno de 1440, teve o bispado de Viseu, e, sendo embaixador em Roma, achou-se na eleição do anti-papa Felix IV, e por elle foi creado anti-cardeal em abril de 1443. Foi transferido para o bispado de Coimbra em 1444, e acompanhou á Allemanha a imperatriz D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, que se desposou com o imperador Fredericio III. Não consta onde morreu, nem quando. Era filho de Gonçalo Vaz Coutinho, segundo marechal do reino, alcaide-mór de Trancoso e de Lamego.

6.º — D. Jaime. — Era filho do infante D. Pedro, e neto de el-rei D. João I. Prisioneiro aos 14 annos na batalha da Alfarrobeira, onde morreu seu pae, pôde evadir-se da prisão para Flandres, acolhendo-se á protecção de sua tia a infanta D. Isabel, mulher de Philippe III, que o mandou a Roma; sendo ahi nomeado pelo papa Nicolau V, administrador perpetuo da egreja lisbonense, em 30 de abril de 1453, não alcançando ainda, por só contar 20 annos, a nomeação de arcebispo. Assim governou por vigarios-geraes. Recebeu o capello com titulo de Santa Maria *in*

Portici, sendo promovido depois ao de Santo Eustachio. Obteve do papa a bulla da cruzada para o reino. Expirou em Florença, quando se dirigia de Roma para Mantua a assistir ao concilio, que n'esta cidade se hia reunir, dando a alma a Deus em 21 de abril de 1450.

7.º—D. Affonso Nogueira.—Depois de entrar na congregação da nova reforma de S. João Evangelista, passou a Veneza. Tendo regressado a Portugal, o papa Nicolau V o nomeou bispo de Coimbra, d'onde o transferiu Pio II para o arcebispado de Lisboa, em 17 de setembro de 1459. Em 1463 celebrou pontifical e lançou a primeira pedra na egreja de Nossa Senhora da Luz, junto ao logar de Carnide. No anno de 1464 falleceu, em Alemquer, da epidemia que então assolava o reino, e o seu corpo foi transportado para a parochia de S. Lourenço, em Lisboa.

8.º—D. Jorge da Costa.—Foi muito protegido pela infanta D. Catharina, filha d'el-rei D. Duarte, e a isso deveu ser nomeado bispo de Evora, e depois transferido para arcebispo de Lisboa em 24 de novembro de 1464. Erigiu a capella de Nossa Senhora da Assumpção e S. Luiz, no convento de Santo Eloy. Em 1469 foi por embaixador a Castella, e em 1471 acompanhou D. Affonso V á conquista de Tanger e Arzilla. Quando o dito rei passou a França, ficou o nosso arcebispo por primeiro ministro e conselheiro do principe. Delimitou novamente as parochias da cidade, visitando-as pessoalmente, e varias villas do arcebispado; unindo ao convento de S. Bento de Xabregas as egrejas de S. Leonardo de Athouguia, e S. Miguel de Cintra. A instancias d'el-rei D. Affonso V concedeu-lhe o papa Xisto IV o capello de cardeal, em 18 de dezembro de 1476, com o titulo dos Santos Pedro e Marcellino, e recebeu as honras d'esta nova dignidade, na egreja de Santo Eloy, assistindo el-rei e a côrte. Passou a Roma e ahi viveu nos pontificados de Innocencio VIII, Alexandre VI, Pio III e Julio II, passando n'aquella côrte 28 annos. Em tres diversas eleições para o papado teve muitos votos. Falleceu em 19 de agosto de 1508, e foi enterrado na egreja de Nossa Senhora do Populo, em Roma. Tinha renunciado o arcebispado em seu irmão, a 28 de junho de 1500, com permissão d'el-rei D. Manuel.

9.º—D. Martinho da Costa.—Estava em Roma quando o cardeal D. Jorge renunciou n'elle o arcebispado, e vindo para o reino, no anno de 1502, ministrou o baptismo ao principe D. João, que depois foi rei, terceiro do nome. A este prelado se deve ter mandado vir para o reino grandes partidas de trigo (quando o paiz padeceu uma terrivel fome) o qual fazia distribuir pela gente pobre e familias necessitadas. Em 18 de julho de 1509 benzeu a egreja da Madre de Deus. Na edade de 87 annos acompanhou a Saboya a infanta D. Beatriz, que foi desposar-se com o duque Carlos; mas quando regressava para Lisboa, por doente, desembarcou em Gibraltar, onde falleceu em 28 de novembro de 1521. O seu corpo foi trasladado para a Sé de Lisboa.

10.º—D. Affonso.—Filho terceiro de el-rei D. Manuel e de sua segunda mulher; nasceu em Evora a 23 de abril de 1509. Ainda não tinha 8 annos, quando Leão X, em 1516, o admittiu no numero e collegio dos cardeaes, com o titulo de bispo targitano, diacono cardeal de Santa Luzia. Foi declarado arcebispo de Lisboa na edade de 14 annos. Quando chegou aos 18 annos recebeu com toda a pompa, em Almeirim, o capello de cardeal, aos 27 de junho de 1526, e no anno de 1535 veio a Lisboa tratar da sua sagração, por lhe ter chegado o pallio em 22 de novembro do mesmo anno. Elle mesmo baptisava por suas proprias mãos as creanças, levava o viatico aos enfermos e doutrinava aos domingos e dias santos. Celebrou synodo no anno de 1536. Ordenou que houvessem livros para assentar o nome dos baptisados e seus padrinhos, o que até então se não praticava. Foi em seu tempo que se mudou o uso de se rezar n'este arcebispado pelo breviario da egreja de Salisbury, approvando-se a introducção do breviario roma-

no por bulla de 9 de dezembro de 1538. Foi administrador dos bispados de Viseu, Evora e Guarda; D. abbade de Alcobaça; commendatario do convento de Santa Cruz de Coimbra e de S. João de Tarouca; teve a purpura cardinalicia com os titulos de Santa Luzia *in septem foliis*, de S. Braz, de S. João e de S. Paulo. Morreu na edade de 31 annos, aos 21 de abril de 1540. Foi sepultado no convento de Belem.

11.º — D. Fernando de Vasconcellos e Menezes. — Filho segundo de D. Affonso de Vasconcellos, 1.º conde de Penella—prior do convento de S. Vicente de Fóra, foi nomeado bispo de Lamego, e confirmado em novembro de 1513. Exerceu os cargos de capellão-mór de el-rei D. Manuel e D. João III. Foi eleito arcebispo de Lisboa em 16 de setembro de 1540, tomando posse a 8 de novembro. Em 1543 foi conduzir a Castella a princeza D. Maria, que se desposou com o principe D. Philippe, filho do imperador Carlos V. No anno de 1547 fez o livro do censual do arcebispado. Ordenou uma procissão de desaggravo, em dezembro de 1552, pelo desacato commettido por um inglez na capella real, e acompanhou-a descalço com exemplar humildade. Foi feito á sua custa o antigo altar de S. Vicente, na Sé; e fundou em 1554, em Santo Antonio do Tojal, a egreja, construindo o respectivo palacio e jardim. Falleceu com 83 annos, aos 7 de janeiro de 1564, e foi sepultado na capella-mór da sua Sé.

12.º — D. Henrique, *cardeal rei* — Era arcebispo, em Evora, quando succedeu a morte de el-rei D. João III, e para coadjuvar a rainha D. Catharina na regencia da menoridade de el-rei D. Sebastião, renunciou aquella dignidade no bispo do Algarve e veiu para a metropolitana de Lisboa, por bulla de Pio IV. Foi sempre zeloso pastor, e fundou o Seminario de Santa Catharina, em 30 de novembro de 1566. Nesse mesmo anno celebrou concilio provincial. Mandou executar nesta diocesse todos os decretos do Concilio Tridentino que tratam da reforma dos costumes. Obteve um jubileo annual para os que se confessassem e commungassem nas quatro festas principaes do anno, o que já havia conseguido para Braga, e depois para Evora. Demittiu-se da prelazia de Lisboa em 1569, e voltou para Evora, onde foi novamente confirmado n'aquella metropole. Com a perda de el-rei D. Sebastião em Africa, foi o cardeal acclamado rei. Falleceu em Almeirim a 30 de janeiro de 1580, e foi sepultado no convento de Belem.

13.º — D. Jorge d'Almeida — Pela renuncia do cardeal-rei tomou posse d'esta egreja em 1570. Convocou um concilio diocesano em 1574, e ahi estabeleceu constituições. Foi inquisidor geral do reino. Foi um dos prelados que mais se oppoz á partida de el-rei D. Sebastião para Africa, e apezar disso ficou na ausencia do monarcha governando o reino em companhia de outros quatro fidalgos. Falleceu em Torres Novas, a 20 de março de 1585. Jaz na sua Sé.

14 — D. Miguel de Castro. — Nasceu em Evora em 1536. Sendo prior de S. Christovão, foi apresentado bispo de Viseu, e tomou posse em 1579. Em 1586 foi promovido a arcebispo de Lisboa, tomando posse a 2 de julho desse mesmo anno. Sendo dado por adjunto ao cardeal Alberto pelo rei Phillipe de Castella, ficou governando o reino, na ausencia do dito cardeal, conjuntamente com quatro fidalgos. Edificou na Sé uma capella com seis capellães perpetuos. Foi a Hespanha para embaraçar o perdão geral que se pretendia dar aos judeus. Em 1615 foi nomeado vice-rei destes reinos. No seu tempo se ordenou que os conegos da Sé trouxessem capello nas murças, e estas fossem forradas de carmezim. e as dos meios conegos e quartanarios forradas de negro, sem pello. Falleceu no 1.º de lulho 1625. Foi sepultado na sua Sé.

15.º — D. Affonso Furtado de Mendonça. — Descendia da casa dos duques do infantado. A 3 de maio de 1627 tomou posse deste arcebispado. Foi encarregado por Philippe III do governo politico deste reino. Falleceu em 2 de junho de 1630; e se diz que

em resultado do grande sentimento que teve do desacato que em a noite de 16 de janeiro daquelle anno se praticou na egreja de Santa Engracia.

16.º — D. João Manuel. — Era descendente de el-rei D. Duarte. Assistia em Madrid quando foi elevado a arcebispo de Lisboa, e mandou tomar posse da egreja em 13 de maio de 1633. Tinha sido precedentemente bispo de Coimbra. Foi nomeado vice-rei de Portugal, entrando neste governo em 12 de maio de 1633. Falleceu a 4 de julho d'este mesmo anno.

17.º — D. Rodrigo da Cunha — Era da illustrissima familia dos srs. de Tábua. Foi inquisidor no tribunal do Santo Officio, de Lisboa, oito annos. Na edade de 38 foi nomeado bispo de Portalegre. Passou d'ahi para a cadeira episcopal do Porto, onde esteve 9 annos, e promovido á primacial de Braga, foi transferido para a Metropolitana de Lisboa, tomando posse em o 1.º de maio de 1636. Tomando conta da egreja convocou synodo diocesano e n'elle ordenou constituições, as quaes ainda hoje regem no patriarchado. Foi a Madrid no anno de 1638 a uma junta de grandes que ahi se reuniu, morreu no primeiro de janeiro de 1643.

18.º — D. Antonio de Mendonça — Era filho dos condes de Val de Reis. Foi ministro da mesa da consciencia, onde chegou a ser presidente. Foi deputado da junta dos tres estados, commissario da cruzada, nomeado bispo de Lamego, e arcebispo de Braga. Foi transferido para o arcebispado de Lisboa, tomando posse d'esta egreja em 27 de outubro de 1669. Proveu com muita sabedoria ao governo da sua diocese, e falleceu em 14 de fevereiro de 1675. [1]

[1] Antes deste foi nomeado arcebispo de Lisboa D. Manuel da Cunha, que era commissario da bulla da cruzada, bispo d'Elvas, e capellão mór de el-rei D. João IV; mas não chegou a tomar posse, por fallecer a 30 de novembro de 1658, e por isso não é comprehendido neste catalogo.

19.º D. Luiz de Souza — Nasceu na cidade do Porto, sendo seus paes os condes de Miranda. Foi creado e educado no paço em Madrid. Voltando para Portugal, foi muito estimado do Principe D. Theodosio. No anno de 1651 foi graduado em Roma doutor cánonista, e regressando a Portugal, exerceu a dignidade de deão na Sé do Porto, e teve o governo da relação civil da mesma cidade. El-rei D. D. Pedro II nomeou-o seu capellão mór em 1669, e o papa Clemente X elevou-o ao bispado de Bona; donde passou para arcebispo de Lisboa, tomando posse em 22 de janeiro de 1676. Cuidou na reforma dos costumes ecclesiasticos, e alcançou de Innocencio XI, em 1682, o jubileo do Lausperenne para todas as egrejas de Lisboa. Foi em seu tempo que se descobriram as reliquias do Martyr S. Vicente, occultas n'uma das capellas da Sé, no anno de 1692, e então foram collocadas n'um precioso cofre de prata, e exposto n'uma magnifica capella que mandou fabricar. Pelo papa Innocencio XII foi condecorado com a purpura de cardeal, em 1697. Reedificou o templo e convento de Santa Catharina de Ribamar: fez um novo dormitorio na Cartucha de Laveiras; estabeleceu renda para sustentação perpetua de um monge no Bussaco; e finalmente formou uma magnifica livraria, a mais escolhida de que até então houve memoria. Falleceu em 4 de janeiro de 1702.

20.º — D. João de Sousa. — Era da familia dos senhores de Gouveia, de Riba Tamega, chefe dos Sousas, condes do Redondo. Nasceu em Lisboa em 1647. Doutorou-se em canones. Teve o arcediagado de Santa Christina, na primacial de Braga. Foi deputado do tribunal do Santo Officio de Lisboa, e somilher de cortina de el-rei D. Pedro II. Não acceitou nem o priorado mór de Palmella, nem o bispado de Miranda, mas em 1684 foi confirmado bispo do Porto, d'onde foi promovido a arcebispo de Braga, e transferido para a metropolitana de Lisboa em 1703. Era esmoler a mais não poder ser; e contam-se prodigios em abono d'esta e outras virtudes, pelo que mereceu de Innocencio XII uma carta em fórma de breve,

com grandes elogios. Teve a nomina de cardeal, mas antes de lhe chegar a purpura cardinalicia falleceu, a 29 de setembro de 1710

Cardeaes patriarchas

A reconhecida piedade do nosso monarcha el-rei D. João V, levou-o a impetrar, para maior esplendor do culto de Deus, a bulla aurea *In supremo Apostolatus solio*, expedida por sua santidade Clemente XI, em 7 de novembro de 1716, erigindo na collegial capella real uma cathedral metropolitana e patriarchal, dividindo para isso Lisboa e seu arcebispado em duas metropoles, ficando a parte do nascente sujeita ao prelado de Lisboa oriental, e a parte do poente ao patriarcha de Lisboa occidental, unindo a esta a dignidade de capellão-mór, com o privilegio de andar vestido de habito purpúreo; mas depois pela bulla do papa Benedicto XIV, passada a 13 de dezembro de 1740, se tornaram a unir estas duas cidades e metropoles em uma só, extinguindo-se a Sé de Lisboa, e estabelecendo-se uma só egreja patriarchal, á qual se deu por suffraganeos os bispados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, Funchal, Angra, Maranhão e Grão-Pará, por nos pertencer ainda o Brasil.

Eis a serie dos prelados n'esta nova dignidade de patriarchas:

1.º—D. Thomaz de Almeida.—Era da casa dos condes de Avintes e Arcos. Nasceu em Lisboa aos 11 de setembro de 1670. Doutorou-se em canones na Universidade de Coimbra, tendo sido porcionista no collegio de S. Paulo. Foi deputado da inquisição de Lisboa, e desembargador do Porto, onde passou para a casa da supplicação de Lisboa, servindo tambem n'esta côrte os cargos de procurador da fazenda, e estado da rainha, deputado da mesa da consciencia, juiz do fisco real, chanceller mór do reino, secretario das mercês, expediente e estado, provedor das obras do paço, tendo previamente sido prior da egreja de S. Lourenço. Por bulla de 6 de dezembro de 1706, foi elevado a bispo de Lamego, e d'ahi transferido para o Porto.

El-rei D. João V o propoz para a nova dignidade de patriarcha de Lisboa, e foi confirmado pelo papa Clemente XI, em 7 de dezembro de 1716.

No 1.º de março do anno seguinte deu exercicio á sua prelatura, visitando parte do seu patriarchado, e ministrando o Sacramento da Confirmação a muitas mil pessoas; administrando o baptismo aos senhores infantes, e a muitos grandes do reino; benzendo templos, sinos, e imagens; conferindo gráos das ordens ecclesiasticas; sagrando bispos e arcebispos; e celebrando muitos pôntificaes. Possuindo como patriarcha as honras da purpura cardinalicia, foi pelo papa Clemente XII associado ao sagrado collegio. Fez edificar em Santo Antonio do Tojal o palacio e jardim da mitra; reedificou e augmentou o palacio e quinta archiepiscopal de Marvilla; fundou o mosteiro e egreja das religiosas trinas de Campolide, a dos clerigos da Missão em Rilhafolles, e erigiu a nova parochia de Santa Isabel, que emquanto se edificou a egreja no sitio em que hoje existe, esteve na ermida de Santo Ambrosio, districto da mesma nova freguezia.

Quando n'esta ermida se celebrou a solemnidade da erecção da parochia, que foi feita com a pompa de pontifical, assistindo as pessoas reaes, succedeu entrar para se baptisar uma creança pobre, e foi esta a primeira que estreiou a pia baptismal da nova parochia, sendo conduzida á fonte da graca por el rei que foi seu padrinho, e ministrado o Sacramento pelo proprio cardeal patriarcha.

Avançando a obra do novo templo chegou a ponto de faltar o dinheiro para ella progredir, mas o nosso prelado, que lhe sobrava animo para os grandes commettimentos, pediu á irmandade que nomeasse uma commissão para tratar de vender a sua riquissima baixella de prata, que entregou para com o seu producto se proseguir na construcção, não querendo receber contas da importancia da mesma baixella quando aquella commissão, feita a ordenada venda, lh'as quiz dar; e por isso, do 1.º livro da irmandade consta em minuciosa relação o nu-

mero de peças, seu toque, peso, e producto em especie sonante. [1] Em memoria d'esta protecção tão decidida á nova parochia, consta nos que no anno de 1859 se propoz e approvou em meza da irmandade do Santissimo, que na casa do seu despacho se levantasse o retrato d'este meritissimo prelado, e entendendo-se já alguem para isso com o patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, este deu licenca para se ir copiar o quadro, do excellente retrato que existe na sala das sessões da relação da curia patriarchal.

Falleceu a 27 de fevereiro de 1754, e foi sepultado no cruzeiro da egreja de S. Roque.

2.º—D. José Manuel da Camara,—Nasceu em Lisboa aos 25 de dezembro de 1686, sendo seu pae D. Luiz Manuel de Tavora, 4.º conde da Atalaya. Foi porcionista no collegio de S. Pedro; e d'ahi veio para deão da collegiada de S. Thomé na capella real. Era deputado da junta dos Tres Estados quando se erigiu a santa egreja patriarchal, sendo então nomeado principal decano, e no anno de 1747 creado cardeal por Benedicto XIV.

Em 9 de março de 1754 foi eleito patriarcha de Lisboa, mandando tomar posse a 2 de junho do mesmo anno.

Foi em seu tempo que succedeu o grande terramoto que arrazou a maior parte d'esta cidade, e foram promptas as providencias com que então acudiu a erigirem-se altares em muitas partes do campo, e facilitando aos sacerdotes o ministerio de confessores para conforto espiritual d'esta população.

Falleceu no palacio da Atalaya em 9 de março de 1758.

3.º — D. Francisco de Saldanha. — Era descendente dos senhores de Assequins e condes da Ponte.

Nasceu em Lisboa a 20 de maio de 1723. Foi porcionista no collegio de Coimbra. El-rei D. João V o nomeou prelado da egreja patriarchal, de que tomou posse em 15 de de janeiro de 1743, passando a principal em 23 de agosto de 1755, e no anno seguinte foi elevado a cardeal pelo papa Benedicto XIV.

Em abril de 1758 o mesmo pontifice o nomeou visitador e reformador geral apostolico da Companhia de Jesus em Portugal. El-rei D. José I o propoz para patriarcha de Lisboa, para cuja dignidade foi eleito a 25 de julho de 1758, e tomando posse a 12 de julho de 1759, sendo sagrado com grande solemnidade na sua capella da Junqueira, em 5 de agosto.

Um manuscripto de *Amador Patricio*, que deve existir na livraria dos srs. duques de Palmella, no palacio do Lumiar, diz que este patriarcha foi conselheiro d'estado d'el-rei D. José, que distinguia sempre o seu voto de entre os demais a quem de ordinario ouvia; e que o marquez de Pombal, então ministro d'estado, querendo que se désse morte publica e affrontosa a alguns padres jesuitas que se figuraram cabeças da conspiração dos fidalgos em a noite de 3 de setembro de 1758, assim como aos infantes D. Antonio; D. Gaspar, arcebispo de Braga; e D. José, inquisidor geral—filhos declarados de el-rei D. João V—ao bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação; e ao confessor d'este, o padre dr. fr. José Caetano, da ordem carmelitana; e assim tambem que se extinguisse o convento das religiosas dominicas, em Alcantara; foi encontrado pelo voto do cardeal patriarcha D. Francisco de Saldanha, que pela sua prudencia, piedade, juizo e resolução, fez com que el-rei D. José obstasse a este procedimento do ministro, e salvasse assim aquellas vidas e convento; do que se originou que o mesmo marquez de Pombal o despresasse, negando-lhe a correspondencia politica, não lhe satisfazendo os ordenados, suspendendo-lhe as ordinarias, e levando-o ao extremo de empenhar as rendas da mitra e as joias, peças e trastes que não podia vender. Não ficou n'este ponto a sanha, porque tambem se lhe expediu aviso do mesmo marquez, pela secreta-

[1] Pela certidão do contraste Manuel Pereira da Silva Leal, passada em 25 de outubro de 1753, sabemos que a referida baixella pesou 1:532 marcos e uma oitava, e foi avaliada em 9:843$412 réis.

ria d'estado, para não ir ao paço, como costumava, sem ser chamado; pelo que notando el-rei esta falta, e conhecida a causa, lhe fez declarar que não dera tal ordem, e o mandou continuar a frequentar o paço como d'antes. No mesmo manuscripto mais se explica a causa da morte d'este prelado, que se sentiu indisposto depois de um jantar em casa do ministro, enfermando progressivamente, até que terminou seus dias na manhan do 1.º de novembro de 1776, com 53 annos, 5 mezes e 12 dias de edade.

Dobraram immediatamente todos os sinos das parochias e conventos da cidade, como de costume, e por estes sons lugubres teve el-rei D. José noticia (que lhe queriam occultar) de ser fallecido aquelle prelado; o que lhe causou manifesta pena; logo prognosticou ser elle quem se lhe havia de seguir, e ficou pensativo. Como o cardeal patriarcha estava summamente pobre, deram os parentes parte ao marquez de Pombal, a fim de lhe ordenar o enterro; sobre o que elle resolveu, que como cada um se sepultava segundo a sua possibilidade, «o patriarcha, se nada tinha, podia ser enterrado como clerigo, visto que a pompa funebre nem se devia fazer á custa alheia, nem dava vida ao morto, e era sobre superflua, dispensavel.» O conde da Ponte, um dos parentes mais chegados do patriarcha, participou a resolução do marquez ao infante D. Pedro, o qual mandando lhe dar um bom donativo para auxilio d'esta despeza, lhe ordenou que tudo contasse a el-rei. Promptamente o executou o conde, e logo que o marquez de Pombal chegou á real presença, lhe perguntou el-rei como havia ser sepultado o patriarcha? e elle respondeu que como pobre. Então el-rei, transportado de colera, lhe disse: — «que o seu erario ainda tinha dinheiro, e que aquelle funeral seria o mais pomposo.» Com effeito, destinada a egreja do real mosteiro de Belem, por sua grandeza, para este apparato, foi executado pela real fazenda, e na verdade o mais estrondoso que se podia meditar, e ainda se não tinha praticado com seus predecessores. Jaz sepultado junto ao degrau que sobe para o cruzeiro da egreja do real convento de Belem, e serve-lhe de campa um estrado de madeira.

4.º — D. Fernando de Sousa e Silva. — Era descendente da illustre casa dos condes de S. Thiago. Tinha nascido a 27 de novembro de 1712. Não podendo nós colligir da sua vida noticia alguma que nos habilite a dar maior desenvolvimento á synopse dos seus actos, só diremos que foi eleito patriarcha em dezembro de 1776, e sagrado a 30 de maio de 1779, recebendo tambem as honras cardinalicias, e desempenhando as funcções de capellão-mór da casa real. Falleceu a 7 de abril de 1786, sendo sepultado no mosteiro dos jeronymos em Belem.

5.º — D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça. — Era da casa dos condes de Val de Reis. Nasceu em Lisboa aos 2 de outubro de 1726. Foi licenciado em canones, conego, monsenhor e principal primario da santa egreja patriarchal de Lisboa. Exerceu tambem os cargos de capellão-mór, conselheiro d'estado, e reformador-reitor da universidade de Coimbra por carta regia de 25 de outubro de 1779. Aos 5 de agosto de 1786 foi eleito patriarcha de Lisboa, e creado cardeal da santa egreja romana, pelo papa Pio VI, em 7 de abril de 1788, tomando posse do patriarchado em 21 de novembro do mesmo anno. Era tambem socio honorario da nossa Academia Real das Sciencias. Falleceu na cidade de Lisboa aos 12 de fevereiro de 1808, e foi sepultado na egreja do convento de Nossa Senhora da Graça.[1]

---

[1] Não comprehendemos n'este nosso catalogo os seguintes prelados, porque tiveram unicamente a nomina para o patriarchado, em que não chegaram a ser confirmados.

D. Antonio de S. José de Castro. — Era filho illegitimo do conde de Rezende D. Antonio José de Castro. Foi monge de S. Bruno, bispo do Porto, patriarcha eleito de Lisboa, governador do reino, e socio da Academia Real das Sciencias. Morreu no palacio de Marvilla em 12 de abril de 1814, e foi sepultado no convento dos monges cartuxos de S. Bruno, no logar de Laveiras. A elle se deve o seminario da cidade do Porto, e a casa do Aljube em Lisboa, sobre a porta princi-

6.º — D. Carlos da Cunha e Menezes. — Da casa dos condes de Castro-Marim. Era principal presbytero da santa egreja patriarchal, quando em 27 de setembro de 1819 subiu á dignidade de cardeal da santa egreja romana e patriarcha de Lisboa. Por não querer prestar juramento ás bases da constituição de 1820, foi expatriado para Bayona, e regressou em 18 de agosto de 1823, em consequencia da quéda da referida constituição pelos acontecimentos de Villa Franca. Foi socio da Academia Real das Sciencias, capellão-mór, governador do reino, conselheiro d'estado, e gran-cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Falleceu no anno de 1824, e sepultou-se na egreja de Nossa Senhora da Conceição, das carmelitas descalças, no sitio dos Cardaes.

7.º—D. Fr. Patricio da Silva.—Nasceu nos suburbios de Leiria a 15 de outubro de 1756, sendo seus paes Jacintho da Fonseca e Silva e Thereza Ignacia de Sousa. Foi educado e recebeu a primeira instrucção no convento dos eremitas calçados de Santo Agostinho na mesma cidade de Leiria, onde finalmente entrou como religioso, recebendo o sacerdocio em 21 de dezembro de 1780. Em 20 de julho de 1785 fez exame privado na faculdade de theologia, na Universidade de Coimbra. Doutorando-se depois n'essa faculdade, leu as cadeiras mais difficeis n'esta sciencia. No collegio da mesma ordem dos eremitas calçados de Santo Agostinho, em Lisboa, teve o cargo de reitor, e foi prégador regio e da casa do infantado, censor do patriarchado, deputado da Junta do Melhoramento, socio da Academia Real das Sciencias, professor de theologia no seminario de Santarem, e inspector dos estudos da diocese ulissiponense. Em 13 de maio de 1818 foi eleito bispo de Castello Branco, e chegou a fazer-se para essa dignidade o competente processo canonico em 27 de abril de 1819, o qual não teve comtudo effeito por ser apresentado na egreja de Evora em 3 de maio d'esse mesmo anno, e Sua Santidade o confirmou a 21 de fevereiro de 1820, em virtude do que, foi sagrado na egreja de Nossa Senhora da Graça, em Lisboa, a 30 de abril d'este mesmo anno; e em 27 de setembro de 1824 Sua Santidade Leão XII lhe deu o barrete cardinalicio na ordem de presbytero. Elevado á metropole eborense teve no seculo as dignidades de ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos, conselheiro d'estado e regedor das justiças. Por fallecimento do cardeal D. Carlos da Cunha foi então eleito patriarcha de Lisboa, e confirmado por bulla de 13 de março de 1826. Por morte de el-rei D. João VI foi membro do governo do reino, e depois vice-presidente da camara dos dignos pares. Falleceu em 3 de janeiro de 1840, e jaz em S. Vicente de Fóra.

8.º—D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva. — Foi varão de muito saber, e afamado por suas lettras, pois deixou grande copia de escriptos, alguns impressos em sua vida, e outros depois do seu fallecimento, existindo comtudo ainda muitos ineditos. [1]

---

pal da qual ainda hoje se vêem as suas armas.

D. Antonio Xavier de Miranda Henriques.—Era filho do conde de Sandomil. Sendo principal primario da santa egreja patriarchal, foi eleito patriarcha de Lisboa, mas não chegou a ser confirmado, porque falleceu a 15 de março de 1815, e jaz sepultado na egreja parochial de Nossa Senhora da Encarnação.

Gomes Freire d'Andrade e Castro.—Era irmão do primeiro conde de Camarido, e foi principal primario da santa egreja patriarchal. Eleito patriarcha de Lisboa, e antes bispo do Porto, o que tudo recusou, serviu violentado o cargo de presidente do governo do reino em 1820, finando-se a 8 de abril de 1831.

[1] Estas obras comprehendem: — Assumptos de historia geral, e principalmente de Portugal e Hespanha, desde os mais remotos tempos até ao seculo XVI, tanto secular como ecclesiastica. — Philologia e linguistica, particularmente respectiva aos dialectos da peninsula, com os glossarios das palavras e phrases estrangeiras introduzidas na nossa linguagem. — Litteratura, critica litteraria, e analyse comparativa do estylo de alguns escriptores classicos portuguezes.—Consul-

Nasceu a 26 de janeiro de 1766, na villa de Ponte de Lima, sendo seus paes Manuel José Saraiva e D. Leonor Maria Correia de Sá. O seu nome era Francisco Justiniano Saraiva, que deixou ao professar em 27 de janeiro de 1782, no mosteiro de Santa Maria de Tibães, da regra benedictina, tendo 16 annos de edade. Seguindo na Universidade de Coimbra a faculdade de theologia, doutorou se n'ella em 1791, e adjudicado ao magisterio academico, ahi brilhou no concurso do anno de 1805, e em 1807 passou a professor de philosophia no Collegio das Artes. Na sua ordem foi mestre, secretario do geralato, e prelado no seu mesmo collegio de Coimbra.

Em 1821 foi nomeado, por carta regia de 27 agosto reformador reitor da Universidade. Precedentemente fôra, pela revolução de 24 de agosto de 1820, nomeado membro da Junta provisoria installada naquelle dia no Porto, como antecedentemente o havia sido da junta da provincia do Minho em 1808 no movimento popular contra os francezes; depois, achando se deputado ás côrtes de 1821, foi nomeado membro da regencia que ellas determinaram. Em 1828, por causa das dissensões politicas, foi recluso no convento da Batalha, e exilado para o convento da Serra d'Ossa. Tendo servido de coadjutor do bispado de Coimbra, foi sagrado bispo da mesma diocesse, com o titulo de conde de Arganil, e depois, patriarcha de Lisboa, recebendo o barrete cardinalicio da santa egreja romana. Por tres vezes foi presidente da camara dos deputados, passando depois a par do reino por aquella qualidade de bispo, tendo desempenhado tambem os cargos de sócio da Academia Real das Sciencias em 1794 depois de coroada com a medalha de ouro a sua primeira memoria; guarda-mór da Torre do Tombo, ministro de estado, e conselheiro de estado effectivo, sendo condecorado com a gran-Cruz da Ordem de Christo. Fallaceu no dia 7 de maio de 1845 ás 4 horas da manhã na casa patriarchal do Poço do Bispo, junto a Marvilla, e d'ahi foi conduzido para o jazigo de S. Vicente de Fóra, onde jaz.

9.º — D. Guilherme Henriques de Carvalho — Nasceu em o primeiro de fevereiro de 1793, na cidade de Coimbra, sendo seus paes os srs. José Ribeiro dos Santos, e Anna Joaquina da Soledade. No Collegio das artes d'aquella cidade natal estudou os preparatorios, matriculando-se no primeiro anno do curso juridico quando ainda não tinha completos 16 de idade. Forçado pelos acontecimentos politicos de 1808 e 1809, serviu a patria com as armas, alistando-se no batalhão academico, e n'essa qualidade fez a guerra da independencia, proseguindo nos seus estudos depois que esta terminou, sendo sempre premiado como discipulo distincto. Feita a sua formatura, doutorou-se na faculdade de canones, no anno de 1815, e abraçando então a vida ecclesiastica foi ordenado presbytero, habilitado oppositor ás cadeiras da sua faculdade, e provido n'uma béca do Real Collegio de S. Paulo, onde ainda depois de nomeado lente teve a principal parte na sua administração até aco anno de 1834, em que foi supprimido juntamente com os outros collegios academicos, mosteiros, e conventos de ordens religiosas. Em 1821 foi nomeado pelas cortes para a commissão do codigo criminal; e em 1823 para a commissão da reforma da fazenda da universidade, de cuja junta era deputado, como exercêra por algum tempo o logar de seu procurador fiscal. Tambem superintendeu as obras do encanamento do rio Mondego. Em 1825 foi nomeado lente substituto da faculdade de canones com exercicio na cadeira de direito natural publico e das gentes, sendo promovido por antiguidade, em 1830, a lente cathedratico, com exercicio na cadeira de direito patrio. O decreto de 26

tas e pareceres sobre negocios da administração interna do paiz, e documentos relativos a alguns successos da historia contemporanea. — Archeologia e antiguidades, inscripções, e letreiros pela maior parte latinos, no solo lusitano. — E finalmente, miscellanea literaria, historica, bibliographica, e correspondencia.

D'esta breve classificação se comprehende qual a importancia dos escriptos d'este nosso doutissimo prelado, cujas obras completas principiaram a ver a luz publica por empresa do seu digno sobrinho, o sr. conselheiro Antonio Corrêa Caldeira.

de fevereiro de 1840 nomeou-o bispo de Leiria, que primeiro recuzou, sendo confirmado e sagrado a 2 de julho de 1843. Em março de 1845, achando-se impedido o cardeal patriarcha D. Fanscisco de S. Luiz Saraiva, foi quem ministrou o baptismo solemne á sr.ª infanta D. Antonia. Em 9 de maio de 1845 recebeu a nomeação de patriarcha de Lisboa, sendo confirmada esta eleição pelo papa Gregorio XVI em 24 de novembro do mesmo anno, e proclamado cardeal da santa egreja romana no consistorio secreto de 19 de janeiro de 1846, recebendo o barrete cardinalicio no templo de Santa Maria de Belem, no dia 15 de fevereiro seguinte, que lhe foi imposto pela a sr.ª D. Maria II, em presença do sr. D. Fernando, real familia, e corte. Commetteu-se-lhe administração do prelazia de Thomar e grão priorado do Crato, assim como ados bispados de Castello Branco, e Portalegre, que ha muitos annos se acham vagos. Com o exercicio de capellão mór da casa real, que anda annexo á dignidade de patriarcha, reuniu a presidencia da camara dos pares, tendo sido antes por varias vezes deputado ás cortes; e ser membro do concelho de estado, presidente do conselho geral de benificencia, e de muitas outras commissões, conselhos e juntas extraordinarias; sendo afóra isto, muitas vezes consultado pelo governo, sobre varios e importantes negocios estranhos aos seus cargos e dignidades, ao que se prestou sempre de mui boa vontade e gratuitamente, percebendo unicamente a sua limitada congrua, desfalcada com os pontos, capitalisações, decimas etc.

O anno de 1854 ficou marcado como um dos mais gloriosos na egreja catholica romana, pois n'elle teve logar a difinitiva declaração dogmatica da Immaculada Conceição da Virgem Maria. O nosso eminentissimo prelado concorreu em Roma a este solemnissimo acto, tendo sahido de Lisboa para esse fim aos 29 de outubro desse mesmo anno. Foi recebido e tratado alli com quantas distinções se podem honrar na curia os mais distinctos cardeaes; e foi tambem o primeiro dos nossos patriarchas que recebeu em Roma o chapéo cardinalicio, pondo sua santidade para essa ceremonia á sua disposição o palacio Quirinal. Durante a sua residencia naquella côrte assistiu ao Santo Padre na sagração da egreja de S. Paulo, sendo um dos sagrantes. No dia 21 de dezembro tomou posse da egreja do seu titulo cardinalicio, que era de Santa Maria *supra Minervam* e do convento annexo a ella, que é o principal da ordem dos prégadores; e funccionou como membro de quatro das sagradas congregações da Curia Romana, a saber — a dos cardeaes interpetres do sagrado concilio Tridentino, a dos Ritos, a do Index, e a dos bispos e regulares, admirando a todos pela sua muita jurisprudencia, e prompta comprehensão dos negocios. Finalmente no dia 18 de abril 1855 partiu de Roma para regressar á patria, chegando a Lisboa no dia 12 de maio; onde continuou, apesar das suas muitas occupações na corte, na visita das egrejas do patriarchado, da Prelazia de Thomar, do grão priorado do Crato, do bispado de Castello Branco, e do seu tão estimado seminario de Santarem, do qual foi o restaurador, em 16 de abril de 1853. Finalmente no anno de 1857, tendo recolhido a esta cidade da sua visita ás freguezias ao sul do Tejo, foi accommettido da epidemia da febre amarella, que então grassava e finou-se no dia 15 de novembro, na residencia patriarchal de S. Vicente de Fóra, sendo os seus despojos mortaes, em consequencia de medidas sanitarias, conduzidos para o cemiterio do Alto de S. João, donde foram trasladados, em 25 de outubro de 1859 para o jazigo dos srs. Patriarchas, que elle proprio tinha estabelecido no edificio de S. Vicente de Fóra, junto á capella mór, do lado do Evangelho. Foi este prelado que alcançou em Roma a faculdade para os conegos da Sé patriarchal usarem de batinas e murças de côr purpurea dentro da sua egreja, e mantiletes fóra das funções da cathedral; e para as 6 dignidades a permissão de pôrem mitra e celebrarem pontifical como os monsenhores. Falleceu em 26 de setembro de 1869. Jaz no codvento de S. Vicente de Fóra.

10.º — D. Manuel Bento Rodrigues — Nas-

ceu em Villa Nova de Gaia, na diocesse do Porto, a 25 de dezembro de 1800. Professou no convento do Beato Antonio de Lisboa, dos conegos seculares de S. João Evangelista. Frequentou depois a Universidade de Coimbra, onde se doutorou na sagrada Theologia no anno de 1826, tendo obtido informações de muito bom, por todos os vogaes. Leccionou historia no antigo collegio das artes, d'onde passou para lente de theologia na universidade, sendo tambem membro do conselho director do ensino primario e secundario. Foi vigario capitular dos bispados d'Elvas e Castello-Branco, conego da Sé patriarchal de Lisboa, provisor e vigario geral do patriarchado, com o titulo de arcebispo de Mytilene, que lhe conferiu sua santidade Gregorio XVI no consistorio de 24 de dezembro de 1845, recebendo a ordem episcopal na egreja de S. Vicente de Fòra, em 22 de fevereiro de 1846. Tendo vagado o bispado de Coimbra, foi proposto para elle, em 27 de outubro de 1851, e confirmado por sua santidade Pio IX, no consistorio secreto de 15 de março de 1852. Por obito do sr D. Guilherme I. foi nomeado para a egreja patriarchal de Lisboa, por decreto de 16 de novembro de 1857, e confirmado no Consistorio de 18 de março de 1858, tomando posse por procuração no dia 23 de abril do mesmo anno, e fazendo sua entrada solemne na cathedral em maio seguinte, sendo proclamado cardeal da santa egreja romana no consistorio de 25 de junho immediato. Foi par do reino, e grã-cruz das ordens de S. Thiago da Espada, e da côroa verde de Saxonia, e vice-presidente do concelho superior d'instrução publica, e do geral de beneficencia, etc.

11.º — O Em.mo Sr. D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso. — Nasceu na villa de Murça, capital do concelho do mesmo nome, em 20 de dezembro de 1811. Eram seus paes os srs. Hypolito de Moraes Cardoso e D. Euphemia Joaquina Cardoso. Formou-se em theologia, na universidade de Coimbra, onde foi premiado todos os annos.

Foi elevado a bispo do Algarve, em 13 de maio de 1863, nomeado no 1.º de outubro, sendo sagrado em 14 de fevereiro de 1864 —feito patriarcha de Lisboa em 23 de janeiro de 1871 e nomeado em 16 de maio do mesmo anno. Como tinha já sido sagrado como bispo do Algarve, não o foi como patriarcha. Foram sagrantes, o fallecido patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, o actual bispo de Viseu, D. Antonio Alves Martins e o bispo do Porto (fallecido) D. João da França e Moura.

Foi nomeado cardeal, no consistorio de 22 de dezembro de 1873, realisando-se a ceremonia da imposição do barrete cardinalicio, a 15 de janeiro de 1874. É o actual.

—

Bispados suffraganeos da Sé Patriarchal

Angola—Angra—Cabo Verde—Castello-Branco—Funchal—Guarda—Lamego—Leiria—Mitylene—Portalegre—e S. Thomé e Principe.

Annexaram-se ao patriarchado os dois *isentos*—Prelasia de Thomar e Grão Priorado do Crato.

Relação e cúria patriarchal

(Faz as suas sessões ás terças-feiras, no mosteiro de S. Vicente de Fóra.)

É composta do modo seguinte:

Presidente — o vigario geral do patriarchado.

Desembargadores—vinte e um. (Aléém dos honorarios.)

Um guarda-mór e contador.

Quatro escrivães.

Um distribuidor e contador, dos feitos que transitam pela relação.

Camara patriarchal

Tem um secretario e escrivão—trees ajudantes do escrivão— um contador—unm ajudante do contador—um amanuense.

Chancellaria da Mitra

Um escrivão e thesoureiro, e um ajudante.

Juiso apostolico

(Para a execução das bullas e breves pontificios.)

Um juiz—um promotor—dois escrivães e um distribuidor e contador.

Empregados particulares do serviço de sua eminencia

(Todos residentes no paço patriarchal.)

Um secretario—dois capellães—um mordomo e um famulo.

Examinadores synodaes

São ordinariamente em numero de oito.

Cabido

Dois principaes—um deão—um chantre—um arcipreste—um arcediago—um thesoureiro-mór—um mestre-escola—regularmente 20 conegos—e outros tantos beneficiados—quinze capellães-cantores—um thesoureiro—um mestre de ceremonias.

—

No reinado de D. João V, achando-se a egreja metropolitana de Lisboa *séde vacante*, por morte do arcebispo D. João de Sousa, se dividiu o arcebispado de Lisboa em duas dioceses, pela *bulla aurea*, do papa Clemente XI, de 7 de novembro de 1716, ficando uma com o titulo de *arcebispado oriental de Lisboa*, e a outra com o de *metropole patriarchal*; mas, 24 annos depois, se aboliu o arcebispado oriental, pela *bulla aurea*, de 13 de dezembro de 1740, sendo pontifice Benedicto XIV—ficando portanto a existir só a Sé patriarchal.

—

O primeiro assento da Sé patriarchal, foi na real capella de S. Thomé, junto aos paços reaes da Ribeira; mas, devorada esta capella pelo incendio que se seguiu ao terramoto de 1755, passou a patriarchal para a ermida de S. Joaquim, em Alcantara, e d'ahi para o novo templo que se construiu no sitio da *Cotovia*.

Foi este tambem devorado por um incendio [1] passou para S. Vicente de Fóra, onde esteve desde 5 de janeiro de 1772, até março de 1792; trasladando-se então para a nova capella junto do real palacio da Ajuda, onde esteve até 1834. Então, pelo decreto ditatorial de 4 de fevereiro d'esse anno, foi declarada extincta, restituindo-se por esse mesmo decreto á basilica de Santa Maria Maior a cathegoria de Sé metropolitana da provincia da Extremadura, que antigamente tivera. Mas, bem entendido—*os bens tanto de uma como de outra Sé, foram encorporados nos chamados proprios nacionaes.*

O governo, conhecendo a nullidade de similhante decreto, e os actos em virtude d'elle praticados, procurou entender-se com a Santa Sé Apostolica, e o papa Gregorio XVI, expediu a bulla *Quamvis æquo*, em 9 de novembro de 1843, pela qual extinguiu as duas egrejas, tanto a patriarchal, como a basilica de Santa Maria Maior, *com todos os direitos e prerogativas, officios e beneficios*, e no logar d'ellas, creou, erigiu e constituiu a nova Sé patriarchal e o seu cabido, com todas as preeminencias e prerogativas que por direito competem ás egrejas de tal cathegoria.

Esta bulla obteve o *regio beneplacito*, em 10 de maio de 1844, e foi executada por sentença de 30 de julho d'esse anno; em virtude da qual se estabeleceu definitivamente o actual quadro, assignando-se a cada um dos principaes e a cada uma das seis dignidades, a congrua annual de 800$000 réis—a cada um dos 18 conegos, 700$000 réis — a cada um dos 18 beneficiados, 400$000 réis—a cada um dos 15 capellães-cantores, 240$000 réis—e, para despezas da fabrica, e sachristia, 3:000$000 réis annuaes.

—

Além dos empregados da Sé patriarchal, que ficam mencionados, ha ainda mais 62, que são—3 ajudantes do thesoureiro—12 meninos do côro—2 maceiros—41 musicos

[1] É por isso que se ficou chamando *Patriarchal Queimada*, nome que passou ao largo, e que ainda hoje vulgarmente se lhe dá, apesar de ser officialmente conhecido por largo (e passeio) do *Principe Real*.

(incluindo o mestre de capella e dois organistas)—armador—relojoeiro—organeiro—sineiro— e 3 serventes.

Desde 1834 até hoje se conservou aqui (em Santa Maria Maior) a Sé patriarchal—a antiga Sé de Lisboa—e só d'aqui se mudou interinamente para a egreja de S. Vicente de Fóra, emquanto se fizeram as obras da Sé.

—

Nunciatura apostolica em Lisboa

Tem um nuncio apostolico—um auditor—um abreviador e thesoureiro—um secretario—um escrivão das bullas e chanceller (notario apostolico) e um registador.

Secção pontificia de recursos

(Para as causas ecclesiasticas, da provincia ecclesiastica lisbonense, em substituição do antigo *tribunal da legacía*—estabelecida na conformidade da convenção, celebrada em 1868, entre a Santa Sé e Portugal.)

Faz as suas sessões ás terças feiras, no edificio de S. Vicente de Fóra, e d'ella são juizes os desembargadores da Relação e curia patriarchal.

Tem um presidente—sete juizes—tres juizes supplentes—um defensor dos matrimonios e profissões religiosas—um promotor fiscal—um guarda-mór e contador—dois escrivães—quatro notarios apostolicos.

Pontifices romanos desde S. Pedro até Pio IX, ou desde os annos 34 a 1870 de J. C.

N.º	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS	N.º	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS
1	S. Pedro	34	32	S. Eusebio	309
2	S. Lino	67	33	S. Melchiades	311
3	S. Cleto	73	34	S. Silvestre	314
4	S. Clemente	91	35	S. Marcos	326
5	S. Anacleto	101	36	S. Julio	337
6	S. Evaristo	110	37	S. Liberio	352
7	S. Alexandre	119	38	S. Felix II	355
8	S. Xisto I	130	39	S. *Damaso* (lusitano)	367
9	S. Telésphoro	140	40	S. Siricio	385
10	S. Higyno	152	41	S. Anastacio	398
11	S. Pio I	156	42	S. Innocencio	402
12	S. Aniceto	165	43	S. Zozimo	417
13	S. Sotero	173	44	S. Bonifacio	418
14	S. Eleutherio	177	45	S. Celestino	425
15	S. Victor	192	46	S. Xisto III	432
16	S. Zepherino	201	47	S. Leão Magno	440
17	S. Calixto	219	48	S. Hilario	461
18	S. Urbano	224	49	S. Simplicio	467
19	S. Ponciano	231	50	S. Felix III	483
20	S. Anthero	235	51	S. Gelasio	492
21	S. Fabião	236	52	S. Anastacio II	496
22	S. Cornelio	251	53	S. Symacho	498
23	S. Lucio	253	54	S. Hormisdas	514
24	S. Estevão I	255	55	S. João I	523
25	S. Xisto II	257	56	S. Felix IV	536
26	S. Dionizio	258	57	Bonifacio II	527
27	S. Felix	270	58	S. João II	532
28	S. Eustachiano	275	59	S. Agapeto	535
29	S. Caio	283	60	S. Silverio	526
30	S. Marcellino	296	61	Vigilio	537
31	S. Marcello	304	62	Pelagio I	555

N.°	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS	N.°	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS
63	João III	561	121	Lando	914
64	Benedicto	575	122	João X	915
65	Pelagio II	579	123	Leão VI	928
66	S. Gregorio Magno	590	124	Estevão VIII	929
67	Sabiniano	604	125	João XI	931
68	Bonifacio III	607	126	Leão VII	936
69	S. Bonifacio IV	608	127	Estevão IX	939
70	S. Deus-dedit	616	128	Agapeto II	946
71	Bonifacio V	620	129	João XII	955
72	Honorio I	626	130	Leão VIII	963
73	Severino	640	131	Bento V	964
74	João IV	640	132	João XIII	965
75	Theodoro I	642	133	Bento VI	972
76	S. Martinho	649	134	Dono II	974
77	S. Eugenio I	654	135	Bento VII	975
78	S. Vitaliano	659	136	João XIV	984
79	A-Deo-Datus	672	137	Bonifacio VII	985
80	Dono	677	138	João XV	986
81	S. Agathão	679	139	Gregorio V	997
82	S. Leão II	682	140	Silvestre II	999
83	S. Bento II	685	141	João XVII	1003
84	João V	686	142	João XVIII (chamado XIX)	1004
85	Conon	687	143	Sergio IV	1009
86	S. Sergio	688	144	Bento VIII	1012
87	João VI	702	145	João XX	1033
88	João VII	705	146	Gregorio VII	1045
89	Sissinio	707	147	Clemente II	1046
90	Constantino	708	148	Damaso II	1048
91	S. Gregorio II	715	149	S. Leão IX	1049
92	S. Gregorio III	731	150	Victor II	1055
93	S. Zacharias	741	151	S. Estevão X	1057
94	Estevão IV	768	152	Nicolau II	1059
95	Adriano I	772	153	Alexandre II	1061
96	Leão III	795	154	S. Gregorio VII	1073
97	Estevão V	816	155	Victor III	1087
98	S Paschal	817	156	Urbano II	1088
99	Eugenio II	824	157	Paschal II	1099
100	Valentim	827	158	Gelasio II	1118
101	Gregorio IV	828	159	Calixto II	1123
102	Sergio II	844	160	Honorio II	1128
103	S. Leão IV	847	161	Innocencio II	1130
104	Bento III	855	162	Celestino II	1143
105	S. Nicolau	858	163	Leccio II	1144
106	Adriano II	867	164	Eugenio III	1145
107	João VIII	872	165	Anastacio IV	1153
108	Marino	882	166	Adriano IV	1154
109	Adriano III	884	167	Alexandre III	1157
110	Estevão VI	885	168	Lucio III	1181
111	Formoso	891	169	Urbano III	1185
112	Bonifacio VI	896	170	Gregorio VIII	1187
113	Romano	897	171	Clemente III	1187
114	Theodoro II	898	172	Celestino III	1191
115	João IX	898	173	Innocencio III	1198
116	Bento IV	900	174	Honorio III	1216
117	Leão V	904	175	B. Gregorio IX	1227
118	Christophoro	904	176	Celestino IV	1241
119	Sergio III	905	177	Innocencio IV	1243
120	Anastacio III	912	178	Alexandre IV	1254

N.º	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS	N.º	PONTIFICES	ANNO EM QUE FORAM ELEITOS
791	Urbano IV	1261	217	Adriano VI	1522
180	Clemente IV	1265	218	Clemente VII	1523
181	B. Gregorio X	1271	219	Paulo III	1534
182	Innocencio V	1276	220	Julio III	1550
183	Adriano V	1276	221	Marcello II	1555
184	João XXI (portuguez)	1276	222	Paulo IV	1555
185	Nicolau III	1277	223	Pio IV	1560
186	Martinho III (chamado IV)	1281	224	S. Pio V	1563
187	Honorio IV	1285	225	Gregorio XIII	1572
188	Nicolau IV	1288	226	Xisto V	1585
189	Celestino V	1294	227	Urbano VII	1590
190	Bonifacio VIII	1294	228	Gregorio XIV	1590
191	Bento X (chamado XI)	1303	229	Innocencio IX	1591
192	Clemente V	1305	230	Clemente VIII	1591
193	João XXII	1316	231	Leão XI	1605
194	Bento XI (chamado XII)	1334	232	Paulo V	1605
195	Clemente VI	1334	233	Gregorio XV	1621
196	Innocencio VI	1352	234	Urbano VIII	1623
197	Urbano V	1362	235	Innocencio X	1644
198	Gregorio XI	1370	236	Alexandre X	1655
199	Urbano VI	1378	237	Clemente IX	1667
200	Bonifacio IX	1389	238	Clemente X	1669
201	Innocencio VII	1404	239	Innocencio XI	1676
202	Gregorio XII	1406	240	Alexandre VIII	1689
203	Alexandre V	1409	241	Innocencio XII	1691
204	João XXIII	1410	242	Clemente XI	1700
205	Martinho V	1417	243	Innocencio XIII	1721
206	Eugenio IV	1431	244	Bento XIII	1724
207	Nicolau III	1447	245	Clemente XII	1732
208	Calixto III	1455	246	Bento XIV	1740
209	Pio II	1458	247	Clemente XIII	1758
210	Paulo II	1461	248	Clemente XIV	1769
211	Xisto IV	1471	249	Pio VI	1775
212	Innocencio VIII	1484	250	Pio VII	1800
213	Alexandre VI	1492	251	Leão XII	1823
214	Pio III	1503	252	Pio VIII	1829
215	Julio II	1503	253	Gregorio XVI	1834
216	Leão X	1513	254	Pio IX	1846

Concilios geraes ou ecumenicos, que tem havido desde o principio do catholicismo até 1874

NUMERO DE ORDEM	TITULO DOS CONCILIOS, SEGUNDO AS CIDADES EM QUE FORAM CONVOCADOS	SENDO PAPA	ASSISTIRAM OS IMPERADORES	ANNO DA SUA CONVOCAÇÃO	MOTIVOS DA SUA CONVOCAÇÃO E NUMERO DE PADRES QUE ASSISTIRAM
1.°	Niceno 1.°	S. Silvestre	Constantino	325	Para sustentar a divindade de Jesus Christo, contra os arianos e destruir o scisma de *Melecio*. 318 padres.
2.°	Constantinopolitano 1.°	S. Damaso	Theodosio Senior	381	Contra *Macedonio*, que negava a *divindade do Espirito Santo*. 150 padres.
3.°	Ephesino	S. Celestino I	Theodosio Junior	431	Contra *Nestorio*, que sustentava que a Virgem não era mãe de Deus, e que em Jesus Christo havia duas pessoas distinctas. 200 padres.
4.°	Calcedonense	S. Leão Magno	Marciano	451	Contra *Dioscoro* e *Eutiches*. Decidiu-se então *que Jesus Christo tinha duas naturezas*. 636 padres.
5.°	Constantinopolitano 2.°	Vigilio	Justiniano	553	Contra *Nestorio*, *Eutiches* e *Origenes*. 165 padres.
6.°	Constantinopolitano 3.°	S.to Agathão (ou Agatho)	Constantino Pogoneta	680 a 681	Contra os *monotelitas*. 160 padres.
7.°	Niceno 2.°	Adriano I	Ireno e Constantino	787	Contra os impugnadores do culto das imagens. 77 padres.
8.°	Constantinopolitano 4.°	Adriano II	Basilio e Macedonio	869 a 870	Contra a seita dos *phocianos*. 102 padres.
9.°	Lateranense 1.° (Roma)	Calixto II	—	1123	Por causa das grandes discordias que havia entre os imperadores e os papas. 300 padres.
10.°	Lateranense 2.°	Innocencio II	—	1139	Contra o anti-papa *Pedro*, de Leão 1000 padres.

NUMERO DE ORDEM	TITULO DOS CONCILIOS, SEGUNDO AS CIDADES EM QUE FORAM CONVOCADOS	SENDO PAPA	ASSISTIRAM OS IMPERADORES	ANNO DA SUA CONVOCAÇÃO	MOTIVOS DA SUA CONVOCAÇÃO E NUMERO DE PADRES QUE ASSISTIRAM
11.º	Lateranense 3.º	Alexandre III	—	1179	Contra os *valdezes* e *albingenses* e para regular a eleição dos papas. 302 padres.
12.º	Lateranense 4.º	Innocencio III	—	1215	Contra os herejes, reforma de costumes e propagação das cruzadas. 800 padres.
13.º	Lugdunense 1.º	Innocencio IV	Balduino II e S. Luiz rei de França	1245	Contra a religião grega (dissidente) e contra *Frederico II*, que a sustentava. 140 padres.
14.º	Lugdunense 2.º	Gregorio X	—	1274	Para a união da egreja grega com a latina. 1:500 padres!
15.º	Viennense	Clemente V	Os reis de França, Inglaterra e Hespanha	1311	Para a extincção da famosissima Ordem dos *templarios*, e contra varias heresias. 300 padres.
16.º	Florentino	Eugenio IV	João Paleologo	1439	Ainda para a união da egreja grega com a latina. 150 padres.
17.º	Lateranense 5.º	Leão X	Maximiliano I	1512	Contra varios scismas introduzidos na egreja latina. 95 padres.
18.º	Tridentino	Paulo III Julio III Marcello II Paulo IV e Pio IV	Carlos V e Fernando	1545 a 1556	Contra os erros de *Lutherco*, *Calvino*, *Melancthon* e outros. 276 padres.
19.º	Vaticanense (Roma)	Pio IX	—	1869 a 1870	Sobre a instrucção do clerco e dos fieis, a integridade da eggreja e reforma de costumes. Decidiu-se a *infallibilidade* do pappa. 800 padres.

Curiosidades historicas, com respeito a algumas egrejas parochiaes de Lisboa

(Das quaes tive noticia depois do que já fica escripto)

Santo André e Santa Marinha

A egreja de Santo André é notavel por ter n'ella sido baptisado S. João de Brito.

D. Diniz deu o padroado d'esta egreja, no 1.º de agosto de 1286, a Ayres Martins e sua mulher.

A egreja de Santa Marinha foi sagrada em 12 de dezembro de 1222.

Santa Marinha foi supprimida e annexada a Santo André, em 20 de janeiro de 1834.

Estão hoje reunidas estas duas antigas freguezias, tendo a sua séde na egreja de Nossa Senhora da Graça, que foi do mosteiro de eremitas calçados de Santo Agostinho.

Nossa Senhora dos Anjos

O seu parocho teve o titulo de *cura*.

O patriarcha D. Thomaz de Almeida foi o primeiro que lhe deu collação, com o titulo de reitor, pelos annos de 1750. Hoje é priorado.

Teve até 1834 collegiada, com 11 capellães.

Santa Catharina do Monte Sinay

Era a primittiva matriz situada no alto do monte do seu nome. Lançou-se-lhe a primeira pedra, em 27 de maio de 1557, e concluiu-se em 1560.—A rainha D. Catharina mandou construir esta egreja a instancias de frei Miguel de Vallença, monge de S. Jeronymo.

Com beneplacito do cabido metropolitano por escriptura de 9 de outubro de 1559, foi erecta em parochia, desannexando-se da freguezia dos Martyres a parte que formou a nova freguezia, principiando a funccionar como tal, no 1.º de janeiro de 1560.

Foi do padroado das rainhas até 1567, em que foi dada aos livreiros, que n'ella tinham uma capella, fundada primittivamente na ermida de Santa Catharina de Riba-Mar.

Em 1834 estava esta egreja muito arruinada, pelo que foi a séde da freguezia mudada para a egreja do Santissimo Sacramento, dos religiosos paulistas, da congregação da serra d'Ossa, na calçada do Combro.

Ainda aqui ha a irmandade dos livreiros.

A antiga egreja foi demolida em 1862.

S. Christovão

Em uma escriptura de 1308, apparece assignado, Vasco Pires, reitor da Egreja de S. Christovão. D. João I deu o padroado d'esta egreja ao bispo de Coimbra, D. Martim Affonso Pires, que o uniu ao morgado que tinha instituido, denominado da *Patameira*.

Tinha até 1834 cinco beneficiados, com mais de 100$000 annuaes, cada um—e tres capellães.

No reinado de D. Manuel foi esta egreja destruida por um incendio; e pouco tempo antes do terramoto de 1755, foi segunda vez incendiada; mas este incendio pouco damno lhe causou. Tambem pouco soffreu com o terramoto.

Aqui jazem em antigos mausoleus de marmore, D. Martim Affonso Pires, arcebispo de Braga (o de quem já fallei, que tinha sido bispo de Coimbra)—seu neto, D. Fernando Gonçalves de Miranda, bispo de Viseu, e outros membros da familia Miranda, que foram padroeiros d'esta egreja.

Depois do terramoto de 1755, veio para esta freguezia a maior parte da de S. Mamede.

O prior de S. Christovão apresentava a egreja de S. Lourenço d'Arranhol, que era curato annual.

Nossa Senhora da Conceição

Esta egreja foi construida primittivamente, em 1568, em uma ermida antiga e pequena; pelo que passou para a collegiada

da Senhora da Conceição (dos freires de Christo). O seu territorio foi desmembrado das freguezias da Magdalena e de S. Julião. A egreja era no mesmo sitio onde hoje está a actual, e foi concluida em 1730. Até 1754 o parocho era cura amovivel, e então o cardeal, D. Thomaz de Almeida, o collou, com titulo de reitor. Hoje é prior.

Havia n'esta egreja 12 capellães, com obrigação de côro.

O terramoto de 1755, e o incendio que se lhe seguiu, destruiram este templo, que foi reconstruido, no mesmo sitio, e é o actual.

Coração de Jesus
(Santa Martha)

Esta freguezia teve primeiramente a invocação de Santa Joanna, por ter tido a primeira pia baptismal no convento de Santa Joanna, que está proximo. Quando a este se recolheram as religiosas da Annunciada e da Rosa, por occasião do terramoto de 1755, requereram que na egreja se erigisse uma parochia. A noticia mais antiga que ha d'esta egreja, como matriz, é o assento de um casamento em 6 de fevereiro de 1770.

Não se sabe porque sahiu d'aqui a parochia, servindo de matriz provisoria a ermida da Caridade, a Santa Martha, onde se conservou dez annos, até que se concluiu a egreja actual á custa de esmólas, sendo os que mais concorreram para esta construcção os marquezes de Borba (condes do Redondo.)

Desde que a parochia veio para a nova egreja, tomou a invocação do Coração de Jesus.

Encarnação

O seu territorio foi desmembrado do da freguezia dos Martyres. Os seus primeiros parochos tinham apenas a cathegoria de curas; hoje são priores.

Teve até 1834 doze capellães com obrigação de côro.

Santa Engracia

Já disse que foi a infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, que fundou esta egreja pelos annos 1530. Foi a 2 de dezembro de 1569, que se elevou a parochia.

(O povo tambem concorreu com esmolas para esta edificação.)

Santa Izabel

Esta freguezia está, parte dentro das barreiras de Lisboa (intramuros) no bairro occidental, e parte no bairro de Belem (extramuros).

Foi formada pelo cardeal patriarcha, D. Thomaz d'Almeida, em 14 de maio de 1741; mas a primeira pedra da egreja foi lançada em 4 de julho de 1742. É a que ainda existe.

Foi feita á custa de parte das freguezias de Santos, S. Sebastião da Pedreira, Santa Catharina e S. José.

O templo estava por concluir no 1.º de novembro de 1755. O terramoto não lhe causou damnos, e foi concluido depois de 1755.

S. Jorge *(Arroios)*

Não se póde saber quando esta egreja foi fundada. Sabe-se apenas que já existia em 1168. D. Diniz a annexou á caddeira do mestre-escóla da Sé.

Foi destruida pelo terramoto de 1755, e pelo fogo que se lhe seguiu; serviu depois de matriz a capella de Santa Barbara, e depois a do palacio dos condes de Mesquitella. Em 8 de novembro de 1829 passou a parochia para o novo templo, onde se acha. (No largo do Cruzeiro d'Arroios.)

Esta freguezia está intra e extra-muros, aquella parte no bairro oriental, e esta no concelho dos Olivaes.

S. Julião

Foi baptisado n'esta egreja o papa João XIX, ou XX ou XXI (segundo as diversas classificações dos escriptores).

Governou a egreja de Deus, desde 1276 até 1277.

Em 1241 deu D. Diniz I o padroado d'esta egreja ao cabido da Sé de Lisboa.

No reinado de D. Manuel estava o templo em mau estado, e este rei o mandou reedificar, quando fez construir os paços reaes da Ribeira, e deu ao prior o titulo de capellão regio.

Esta egreja era a antiga capella de Santa Barbara, dos artilheiros, que por isso tinham uma parte n'ella.

Tambem foi n'esta egreja que se instituiu a capella de S. Bartholomeu dos Allemães, que ainda existe.

O incendio de 1816 (de que já fallei) teve logar por occasião das exequias da rainha D. Maria I.

Desde este incendio até se concluir a reedificação da egreja, serviu de matriz a ermida da Oliveirinha.

Santa Justa e Rufina

Para esta egreja (para a primittiva) veio o corpo de S. Vicente Martyr, em 1173, transferido para aqui do *Promontorio Sacro*, dos romanos (Cabo de S. Vicente, no Algarve). Depois foi para a Sé, onde hoje existem restos.

O incendio que se seguiu ao terramoto de 1755 dovorou o cofre em que estava o santo, encontrando-se depois algumas das suas reliquias, que hoje se conservam, cuidadosamente guardadas em um cofre de prata na sua capella.

O rei D. Diniz deu o padroado d'esta egreja aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de S. Vicente de Fóra, em 1305.

Resistíu este templo ao terramoto de 1755, mas foi reduzido a cinzas pelo incendio que se lhe seguiu.

Em consequencia da nova planta da cidade, feita depois do terramoto, foram arrazadas as ruinas da egreja, sendo esta mudada para a rua dos Fanqueiros, em frente da travessa de Santa Justa.

Vê-se pois que era um templo moderno, quando foi profanado e vendido em 1834, para depois se transformar em theatro.

Nossa Senhora da Lapa

No local onde está a egreja actual, existia a ermida de um recolhimento, que o padre Angelo de Sequeira tinha fundado (1764) para as meninas que ficaram orphans e desamparadas, pelo terramoto de 1755, em um terreno que era da casa do infantado.

Foi esta ermida elevada a matriz, vindo para ella o Santissimo Sacramento em 1769. D. Pedro III se declarou padroeiro d'esta egreja e recolhimento, e mandou ampliar ambos.

S. Lourenço

O bispo de Lisboa, D. Matheus, mandou fazer n'esta egreja um altar dedicado a Nossa Senhora da Victoria, em 1271. Tinha differentes capellas com obrigação de côro. Com o terramoto foi destruida, ficando apenas de pé a capella mór.

Na occasião do terramoto de 1755, foi o Santissimo Sacramento transferido para a egreja de S. Patricio, proximo a S. Crispim (onde actualmente está um recolhimento de educandas, dirigido pelo sr. padre Beirão) e ahi esteve até hir para a sua actual egreja, no Bairro Alto, edificada no largo de S. Mamede, perto do Collegio dos Nobres, hoje escola polytechnica.

Mercês

A primeira pedra foi lançada em 26 de outubro de 1652. Tinha sido creada esta freguezia pelo cabido de Lisboa—*séde vacante* — n'esse mesmo anno, que permittiu ao dr. Paulo de Carvalho que na sua ermida, que na rua Formosa havia fundado para meninas, se cumprissem todas as funcções parochiaes. Esta ermida e recolhimento eram administrados pelos senhores do vinculo que o mesmo Paulo de Carvalho tinha fundado. (Maquezes do Pombal.)

S. Nicolau

Disse a paginas 217, 1.ª columna, d'este volume, que esta egreja foi fundada pelo bispo D. Matheus. Accrescentarei agora — segundo alguns escriptores, este templo já existia antes de D. Matheus, que o não fundou, mas reedificou, em 1280.

D. José I annexou esta egreja à universi-

dade, que então estava em Lisboa. Sendo necessario fazerem-se aqui obras no seculo XVII, foi o sacrario para a ermida de Nossa Senhora da Victoria, onde esteve até 8 de agosto de 1627, em que regressou á egreja.

Pena

O documento mais antigo que se encontra d'esta egreja, é um auto de visita, feita a ella pelo arcebispo D. Jorge d'Almeida, em 1570.

Foi feita freguezia pelo cardeal infante D. Henrique, depois rei.

O seu primeiro assento foi na egreja de religiosas de Sant'Anna, e d'ahi tomou a sua primittiva denominação (Sant'Anna). Tomou por padroeira Nossa Senhora da Pena; porque, andando uma irmandade do Santissimo erigindo uma egreja, dedicada a Nossa Senhora da Pena, concluida esta, para ella se transferiu a parochia, em 25 de março de 1705.

Sacramento

O conde de Valladares deu o terreno para a construcção d'esta egreja, que foi sagrada em 5 de abril de 1807, por D. Luiz de Castro Pereira, bispo de Ptolomaida.

S. Sebastião da Pedreira

A parte d'esta freguezia que fica extramuros, pertence ao concelho de Belem, e o resto (intra-muros) ao bairro central de Lisboa.

O cabido da Sé de Lisboa, em séde vacante, creou esta parochia.

Foi a egreja edificada junto a uma ermida de S. Sebastião, pertencente aos marceneiros.

Soccorro

O arcebispo D. Miguel de Castro, creou esta parochia. Depois de estar servindo de matriz a ermida de Nossa Senhora da Saude, em quanto duraram as obras da egreja, transferindo-se para esta, a parochia, em 29 de setembro de 1646.

Este templo foi feito á custa dos freguezes; mas o que mais concorreu, com grandes esmolas, foi Agostinho Franco de Mesquita e sua mulher, D. Anna da Cunha, que, por isso, ficaram sendo seus padroeiros.

Houve aqui tres mercieiras, com sua botica e medico; tendo o parocho casas no mesmo edificio (com os capellães) para tomar conta da residencia das mercieiras.

S. Thiago e S. Martinho

Eram freguezias separadas e independentes até 1836. A data da provisão que as annexou, é de 10 de fevereiro de 1837.

A egreja de S. Thiago (onde agora está a séde parochial) quasi nada soffreu com o terramoto de 1755.

A de S. Martinho, que estava em frente do Limoeiro, ficou muito arruinada, e foi arrasada, depois da união d'estas duas freguezias.

S. Vicente de Fóra

(As duas freguezias unidas do Salvador e S. Thomé)

A freguezia do Salvador, foi erecta na ermida do *Santo Salvador da Matta*, que tinha sido construida logo depois da occupação de Lisboa, por D. Affonso Henriques.

O arcebispo D. João Esteves da Azambuja, constituiu esta egreja em priorado, com beneficiados, annexando-lhe a egreja de Bemfica; mas ficando do padroado da corôa, até 1301, em cujo anno passou para a mitra.

Era antiquissima a egreja de S. Thomé. D. Diniz e sua mulher, a rainha Samta Isabel, deram o padroado d'ella ao mosteiro de Alcobaça (bernardos) e depois passou a pertencer á universidade de Coimbra.

Pouco prejuizo lhe causou o terramoto de 1755; mas estava bastante arruinada pelo tempo. Foi demolida depois de 1834.

—

Titulos de nobreza em Portugal

Quando os arabes se apoderaram da peninsula hispanica, em 713, todos os chris-

tãos ficaram reduzidos á condição de escravos.

D. Pelayo, ultima vergontea dos reis godos, escapado á derrota de *Guadalete* (ou *Cryssus*), fugiu com as reliquias do exercito de D. Rodrigo, para as cavernas quasi inaccessiveis de *Covadonga*, nas Asturias, e ahi formou o núcleo d'essas hostes aguerridas que por mais de 6 seculos reconquistaram, palmo a palmo, todo o territorio das Hespanhas.

Reduzidos porém á maior pobreza, sem tecto nem abrigo, pois todas as suas propriedades se achavam em poder dos mouros, os christãos por muitos annos não tiveram distincção alguma, senão a sua intrepidez e força physica.

O amor da liberdade bem depressa juntou em redor de D. Pelaio grande numero de christãos, que de toda a peninsula corriam a alistar-se sob a sua bandeira victoriosa; e os despojos das muitas batalhas vencidas contra os arabes, lhes deram muitos recursos, podendo deixar a guerra de guerrilhas, dar grandes batalhas campaes e fundar o reino das Asturias.

Ao passo que iam resgatando o territorio peninsular, alagado em sangue dos seus e dos inimigos, os que mais se distinguiam pelo seu valor, foram adquirindo e accumulando vastas propriedades, á custa do inimigo commum.

Não tardaram a apparecer novas distincções, não designando já, (como até alli) qualidades pessoaes, mas circumstancias que se davam nos individuos que revelavam certa superioridade.

Foi assim que aos que pelejavam com espada e escudo, se começou a chamar *escudeiros*.

Aos que combatiam montados, *cavalleiros*.

E aos que mais se enriqueciam com os despojos dos inimigos, se deu o nome de *ricos-homens*.

Quando o pequeno reino das *Asturias* se transformou, á força de victorias, no reino mais vasto de *Oviedo*, e depois na poderosa monarchia de *Leão*, se introduziram as primeiras distincções de nobreza.

Essa nova nomenclatura hierarchica, composta dos titulos de *ricos-homens*, *infanções* e *vassallos*, da corte de Leão, passou para a de D. Affonso Henriques. Eis a differença de cathegorias.

Ricos-homens

Este titulo, que no seu principio apenas designava o que possuia grandes propriedades, foi conferido pelos reis como titulo de nobreza.

Mas não era sem encargos que se dava esse titulo. Os reis sustentavam os *seus* soldados, e os *ricos-homens* eram obrigados a sustentar certo numero d'elles, segundo as suas riquezas.

A este titulo honorifico foram juntando os reis varios privilegios, isenções e distinctivos; dava-se-lhes o commando dos exercitos, das praças de primeira ordem e de provincias e sobre a sua auctoridade só havia a do soberano.

O principal distinctivo dos *ricos-homens* eram o *pendão* e a *caldeira*. Ambas estas coisas elles traziam na guerra, aquelle na frente, como bandeira, na qual pintavam a caldeira e uma divisa que adoptavam para se distinguir dos outros *ricos-homens*; e esta na rectaguarda, para fazer a comida para os soldados que tinham obrigação de sustentar. E' por esta circumstancia que depois se denominaram *ricos-homens de pendão e caldeira*.

Não eram porém obrigados ao serviço militar, senão quando o rei entrava em campanha.

Os *ricos-homens* eram do conselho dos nossos reis, e nas doações regias assignavam logo depois dos reis e dos infantes.

O mais antigo *rico-homem* de Portugal, de que fallam as nossas historias é *D. Egas Moniz*, o fidelissimo aio de D. Affonso I.

Ás mulheres dos *ricos-homens* se dava o titulo de *ricas-donas*.

A ultima vez que em Portugal se concedeu o titulo de *rico-homem*, foi no 1.º de julho de 1451, em que D. Affonso V o concedeu a Nuno Martim da Silveira, seu escrivão da puridade e caudel-mór do reino.

Os *ricos-homens velavam as armas* como depois os outros titulares.

Infanções

Querem graves auctores que este titulo fosse dado aos filhos dos infantes, quer legitimos, quer bastardos; mas contra esta opinião, seguida aliás por muitos escriptores, ha argumentos de muito pezo.

Se os *infanções* fossem os filhos dos infantes, certamente teriam logar entre estes e os *ricos-homens*; mas, pelo contrario, a sua collocação hieraldica era immediatamente inferior á dos *ricos-homens*.

D. Affonso IV, tratando das aposentadorias que então era costume darem-se nos mosteiros aos fidalgos, manda que se dêem aos *ricos-homens* 30 réis, aos *infanções* 15, e aos *cavalleiros* 10.

Não se vê nas nossas chronicas que aos filhos dos infantes se dê outro tratamento, além do de *senhor*, posto sempre antes do nome.

A unica vez que em Portugal se deu o titulo de infante (mas não de *infanção*) foi em 1811, em que o principe regente (depois D. João VI) o deu a seu neto o infante D. Sebastião, que ainda vive.

D. Affonso III fez *rico-homem* a Ruy Gomes de Briteiros, que era *infanção* (e não era filho, nem mesmo descendente de infante).

Parece que o titulo de *infanção* teve principio na côrte dos reis d'Oviedo, dando-se aos filhos segundos dos fidalgos, primeiro indistinctamente, depois por mercê do rei.

Diz-se que o povo, vendo que se dava o titulo de infante aos filhos segundos dos reis, começou a dar o de *infanções* aos filhos segundos dos *ricos-homens*. Tambem não acho isto muito certo, porque por muitos annos, *todos* os filhos dos reis tinham a denominação de infantes, sem distincção de primogenitura.

Qualquer que seja a origem d'este titulo (que era puramente honorifico, sem *vela d'armas* e só dado por carta ou alvará regio) os mais antigos *infanções* que houve em Portugal foram os da *Terra de Santa Maria* (hoje *Terra da Feira*). Aqui todos os *cavalleiros* tinham privilegio de *infanções*, todos os *escudeiros* tinham o de *cavalleiros*, e todos os *peões* o de *escudeiros*.

Pelo decurso do tempo se veio a dar o titulo de infanção aos *cavalleiros* do resto de Portugal, que por qualquer façanha se distinguiam na milicia, e por fim se deu este titulo na *Terra da Feira*, e em outras de Portugal, a todos os filhos de *familias limpas*.

(*Familias limpas* eram as que não tinham mistura de sangue *judeu* ou *christão-novo*, e que viviam com certa decencia. Os descendentes dos mouros eram considerados de *sangue tão limpo* como qualquer portuguez *castiço*.—Pobres judeus!)

D. João I em premio da lealdade e bravura dos lisbonenses, na defeza de Lisboa contra os castelhanos, lhes deu os privilegios e preeminencias de *infanções*.

Ao diante obtiveram a mesma graça os moradores de Braga, Evora, Porto e outras terras.

Nos alvarás em que se concedia este titulo, uma das suas formulas era — «*que os cidadãos de tal cidade seriam egualados aos infanções da Terra de Santa Maria.*»

Em breve espaço quasi todo o mundo era *infanção*, e Portugal estava tão abarrotado d'elles como hoje está de barões, viscondes, conselheiros, cammendadores, etc. Vide a palavra — Infanção, no *Dicciionario*.

Vassallos

Este titulo teve notaveis modificacções em Portugal, do que resultou variar tambem a sua significação e valia.

Na *Lei das Partidas* (de D. Affonso, o Sabio, rei de Castella, que o nosso rei D. Diniz mandou traduzir e observar) *vassallo é aquelle que recebe honra ou boa obrea do senhor, como o grau de cavalleiro, terras ou dinheiro por serviço assignalado que lhe haja de fazer.*

Haviam tres differentes cathegorias de *vassallos*—1.ª os senhores de terras e os alcaides-mores, ou governadores de castellos e fortalezas, que dependiam do rei e lhe

prestavam *preito e homenagem*—2.ª os fidalgos *acontiados*—3.ª os populares abastados que serviam na guerra.

A 1.ª, era composta de ricos-homens e constituia a principal nobreza da nação.

Á 2.ª, dava-se o nome de fidalgos *acontiados* aos que não eram danatarios da corôa, e aos quaes os reis pagavam certa *quantia* annualmente, e pelo que eram obrigados, não só a servirem na guerra, mas a levarem á sua custa certo numero de cavalleiros ou peões. Tinham privilegio de juro e herdade, isto é — os filhos succediam aos paes, e mesmo logo que nasciam principiavam a vencer certa *quantia*.

Chegou a ser tal o numero d'estes *acontiados*, que absorviam a maior parte dos rendimentos publicos, pelo que D. Fernando I determinou que esta prerogativa se limitasse aos primogenitos. D. João I ainda a cerceou mais, ordenando que os filhos primogenitos dos *acontiados* só principiassem a receber desde que podessem fazer serviço, e ainda assim havia de ser menor a *quantia* do que a que se dava a seus paes.

A 3.ª cathegoria de *vassallos* sahia do povo, era muito inferior ás duas procedentes e regulada pela riqueza do individuo. Entravam n'esta classe os subditos dos donatarios da corôa e de outros *senhores* a cujo serviço militavam com armas e cavallo e sem que isso os desobrigasse de servir o rei em tempo de guerra.

Entre elles tambem havia alguns *acontiados*, que recebiam certa *quantia*, não do rei, mas dos *senhores* a quem serviam.

Havia pois vassallos da corôa e dos senhores, mas D. João I acabou com isto, determinando que só a corôa tivesse *vassallos* e que o seu thesouro pagasse as *quantias* que os *senhores* costumavam pagar aos seus *vassallos*.

Por fim de contas dava-se o nome de *vassallos* a todos os que serviam na guerra, quer cavalleiros quer peões, e quaesquer que fossem as armas com que pelejassem, até que se veio a dar a todos os subditos do rei, qualquer que fosse a sua cathegoria.

As primeiras duas classes foram pouco a pouco cahindo em desuso, e a 3.ª prevaleceu até 1820, em que o nome de *vassallo* se *chrismou* no de *subdito*.

Fidalgos

Fidalgo é um vocabulo de origem castelhano—*higo d'algo* e por abreviatura *hi-dalgo*. Como os hespanhoes *arpiram* o *h* e nós não, do h *aspirado* fizemos f. — e dizemos *fidalgo*. Significa—filho de homem que tem *alguma cousa* (*algo* quer dizer *alguma cousa*) em bens ou em nobreza.

Foi no reinado de D. Affonso III que em Portugal se introduziu a palavra *fidalgo*, para distinguir — os cavalleiros e escudeiros de *linhagem*, dos que o eram por graça especial do soberano.

Um dos primeiros documentos em que em Portugal apparece empregada a palavra *fidalgo*, é no foral dado por D. Affonso III a Villa Real, no qual diz que o alcaide-mór do castello, quando o houvesse, seria sempre *filium d'algo*, natural de Portugal e que *vingasse 500 soldos*.

Vingar 500 soldos, segundo alguns auctores, é o mesmo que dizer, que recebia essa quantia annualmente do rei: segundo outros era, no caso de ser assassinado, o direito que a sua nobreza dava aos herdeiros de haverem do assassino 500 soldos.

D. Affonso V determinou que todos os fidalgos do reino entrassem ao serviço da casa real, sendo inscriptos como *moradores* no paço e recebendo annualmente certas pagas, segundo a gerarchia ou serviços de cada um, ás quaes se deu o nome de *moradias*.

Foi portanto preciso classificarem-se os *fidalgos* em differentes cathegorias, sendo divididos em duas ordens e cada uma d'estas em 3 graus.

A 1.ª era composta dos seguintes graus —1.º, *fidalgo cavalleiro*; 2.º, *fidalgo escudeiro*; 3.º, *môço fidalgo*.

A 2.ª ordem, tinha os seguintes 3 graus —1.º, *cavalleiro-fidalgo*; 2.º, *môço da camara*; 3.º, *escudeiro-fidalgo*.

Todos elles recebiam *moradia*, segundo os seus graus e cathegorias, e o *escudeiro-fidalgo* de 2.ª ordem, podia hir gradualmen-

te percorrendo todos os graus até chegar a *fidalgo-cavalleiro*, da primeira.

Os que serviam o rei no paço, denominavam-se *fidalgos com exercicio;* mas depois deu-se esta denominação a todos os *fidalgos*, servissem ou não o rei. Ainda hoje assim se pratica.

Para obter o primeiro fôro de nobreza, basta simplesmente provar-se que se é filho legitimo de pae *fidalgo*.

D'aqui procede chamar-se *filhamento* ao acto pelo qual se concede este titulo.

Ter *fôro de fidalgo*, é ser feito *fidalgo* sendo filho de pae que o não era.

Não só os reis, mas tambem os principes e infantes, podiam dar *fôro de fidalgo;* porém os fidalgos feitos pelos principes e infantes deviam ser confirmados pelo rei.

Os duques de Bragança tambem tinham a prerogativa de fazer *fidalgos*, cuja nomeação era tambem confirmada pelo soberano.

De todos estes titulos de nobreza apenas hoje se conservam dois—*môços-fidalgos* e *fidalgos-cavalleiros*.

Condes

Seguindo a ordem chronologica, dá-se aos condes o primeiro logar entre os actuaes titulos de nobreza, não só pela sua antiguidade, pois trazem a sua origem do tempo dos imperadores romanos, mas tambem por ser o primeiro que se usou em Portugal.

O imperador Valeriano tendo nomeado de entre os senadores um conselho para o auxiliar no governo, obrigava os seus membros a seguil-o para toda a parte, pelo que se começaram a chamar *comites* (companheiros).

Em breve este titulo foi ambicionado e pedido por muitas pessoas de distincção, e o soberano permittiu que elles juntassem o titulo de *comes* ao seu cargo. Assim, chamava-se, *comes-rei-privatae*, ao individuo que hoje se chama *mordomo-mór; comes-sacravestis*, ao que agora chamamos *camareiro-mór; comes-estabulae*, ao que actualmente se intitula *estribeiro mór; comes-largitionum*, ao que entre nós se diz *veador*.

Depois se deu o titulo de *conde* aos governadores das provincias.

Os povos germanicos, conquistando Roma, tomaram dos vencidos o titulo de *comes* ou *conde*, que deram aos principaes cortezãos das suas côrtes.

Da Italia veio esta *moda* ás Gallias e ás Hespanhas; mas tinham duas cathegorias de *condes;* a primeira e mais nobre, era a que desempenhava diversos cargos na côrte, junto ao rei; a estes antepunha-se-lhes ao nome o titulo de *conde*, vg. *conde D. Sisnando, conde D. Egas*, etc. A segunda cathegoria era dos governadores de provincia, que, ao uso dos romanos, tambem se intitulavam *condes*, mas com a differença porém de que os governadores romanos se intitulavam condes da provincia de que eram governadores, e os condes gôdos, das capitaes d'essas provincias, vg., os primeiros *conde das Gallias* — e os segundos, *conde de Coimbra*, etc.

Com a invasão dos arabes na peninsula iberica anniquillaram-se e findaram este e todos os outros titulos de nobreza; mas com a creação dos novos estados christãos, tornaram a ressuscitar.

No tempo dos reis de Oviedo e Leão, a parte de Portugal que elles tinham resgatado do poder dos mouros, era governada em seu nome pelos condes de Coimbra, Idanha, Porto, Braga e Viseu.

No reinado de D. Affonso III *(o Magno)* que subiu ao throno de Oviedo e Leão em 866, era *conde de Vieira, Ahufo Alufes* (ou *Hufo Hufes)* ascendente dos Sousas, que os reis de Portugal fizeram condes de Miranda, depois marquezes de Arronches e mais tarde duques de Lafões.

No seculo IX havia outra classe de *condes*, cuja cathegoria era muito mais elevada, pois tinham as prerogativas da soberania: tal era o *conde soberano de Barcellona*, condado fundado por Bera em 801—e o *conde soberano de Navarra*, condado erigido em 836 por D. Sancho I e transformado em reino, por D. Garcia Ximenes, em 857.

D. Affonso VI de Leão e Castella erigiu Portugal em condado, no anno de 1093, dando-o a sua filha D. Thereza e a seu marido o conde D. Henrique.

D. Affonso Henriques, acclamado rei de

Portugal pelos portuguezes, organisou a sua côrte, mas não fez *condes*. Conservou porém os que havia, feitos pelos reis de Leão e Oviedo. O seu mordomo-mór, *conde* D. Mendo de Sousa, o *conde* D. Sancho Nunes de Barbosa, o *conde* D. Fernão Martins (o *Bravo*) genro d'aquelle monarcha; o *conde* D. Pedro, no reinado de D. Sancho I; e o intrepido *conde* D. Gonçalo Garcia de Sousa, contemporaneo e alferes-mór de D. Affonso III, eram *condes* por terem herdado os titulos de seus paes e avós, e estes dos reis de Leão, Castella e Oviedo.

O rei D. Diniz foi o primeiro que conferiu o titulo de *conde*—fazendo a D. João Affonso Telles de Menezes (seu mordomo-mór) *conde* de Barcellos, por carta passada em Santarem, a 8 de maio de 1336 (1298 de Jesus Christo). Vide *Barcellos*.

D. Affonso IV não creou titulo algum novo. D. Pedro I creou o condado d'Ourem—D. Fernando os de Arrayolos, Neiva, Faria, Cêa e Cintra.

Nos reinados seguintes foram-se multiplicando os condes.

Duques

Tambem este titulo é de origem romana. *Dux* é palavra latina, que significa *capitão*; deriva-se do verbo *ducere* (conduzir).

Os romanos davam no principio o titulo de *dux* a todos os cabos de guerra. No tempo dos imperadores dava-se aos governadores de provincias e era titulo mais elevado e desejado que o de *conde*, que por muito generalisado hia perdendo a valia.

Os visigodos herdaram dos romanos tambem o titulo de *dux* (como haviam herdado o de *comes*) e o deram aos governadores das fronteiras dos paizes que foram occupando nas Hespanhas, chamando-lhes *duces* ou *duks*. Confiavam-lhe não só o commando das tropas, mas tambem o governo civil e judicial e a arrecadação dos impostos.

Em 713 teve este titulo a sorte dos outros—morreu—na peninsula iberica; mas subsistiu no centro da Europa, onde os lombardos (que tambem o haviam herdado dos latinos quando invadiram a Italia) o introduziram. Em breve houve duques na Allemanha, França e Inglaterra. Em Portugal não houve *duques* até ao reinado de D. João I, que em 1415, fez em Tavira (na volta da tomada de Ceuta) *duque* de Coimbra a seu terceiro filho, o infante D. Pedro e *duque* de Viseu, seu quarto filho, o famoso infante D. Henrique (que tambem então fez senhor da Covilhan). Vide *Sagres*.

Marquezes

O titulo de marquez é, como o de conde e duque, de procedencia romana. Os allemães o davam aos seus governadores de provincia, chamando-lhes *markgraff*, palavra composta de dois vocabulos germanicos—*mark* (marca, limite ou fronteira) e *graff* (conde).

É pois o titulo de *margrave* que deu origem ao de *marquez*.

Na Italia chamaram *marchiones* aos capitães a quem era confiado o governo das *marcas*, ou terras da fronteira. (Note-se que de *marca* é que nós herdamos a palavra *comarca*.)

Na França se deu aos individuos que exerciam o mesmo cargo o titulo de *marches*, que no reinado de Luiz I (o Bom) e pelos annos de 814 se modificou em *marquis*.

O primeiro *marquez* que houve em Portugal foi D. Affonso, conde d'Ourem, filho primogenito de D. Affonso I, duque de Bragança. D. Affonso V o fez *marquez de Valença*, em 14 de outubro de 1451.

O mesmo rei fez ainda *marquez* de Villa Viçosa a D. Fernando, conde de Arrayolos, em 25 de maio de 1455; e *marquez de Monte mór*, a D. João (filho d'aquelle marquez de Villa Viçosa—e que já então era duque de Bragança) em 1472.

Os Philippes é que prodigalisaram o titulo de marquez em Portugal, durante a sua usurpação. Compraram muitos fidalgos com titulos, muitos com dinheiro e vastas propriedades e muitos com tudo isto!

Viscondes

Este titulo é tambem herança romana

Dava-se ao *immediato* do *conde*, e que governava na sua ausencia ou impossibilidade. É pequena corrupção de *vice-conde*.

Destruido o imperio romano, e passados muitos annos se foi dando o titulo de *visconde* aos filhos primogenitos dos condes, emquanto estes viviam, e por fim se deu mesmo a muitos que não eram filhos nem parentes de *condes*.

Em Portugal foi introduzido este titulo por D. Affonso V, que na Hespanha (Estremadura) e na cidade de *Toro* fez *visconde* de Villa-Nova-da Cerveira a D. Leonel de Lima, em 4 de março de 1476, tres dias depois da celebre batalha de Toro, dada por aquelle soberano e seu filho (depois D. João II) contra D. Fernando de Aragão, a quem o rei portuguez disputava os reinos de Castella e Leão.

D. Leonel de Lima (ou, segundo outros, D. João Leonel de Lima) era de uma familia nobilissima e um cavalleiro audaciosissimo. Era alcaide-mór e senhor de Ponte do Lima, senhor da villa dos Arcos de Valde Vez e outras terras. Hoje, os viscondes de Villa Nova da Cerveira são tambem marquezes de Ponte do Lima.

O 2.º *viscondado* que se creou em Portugal foi em 25 de setembro de 1649, quando D. João IV fez *visconde* de Castello-Branco a D. Antonio de Castello-Branco, que D. Affonso VI fez conde de Pombeiro, em 6 de abril de 1668. São hoje marquezes de Bellas.

D. Affonso VI creou dois *viscondados*, o de *Barbacena* (mais tarde elevado a condado, e hoje extincto) e o da *Asseca*, (que existe) creado em 1666, sendo 1.º visconde Martim Correia de Sá.

D. Pedro II creou o viscondado de Fonte-Arcada, que existe. D. João VI fez alguns viscondes.

Desde 1834 até hoje o numero dos *viscondes* é prodigioso.

Barões

A palavra *barão* é derivada da latina—*baro*, usada na baixa latinidade para significar *homem*. Ao principio não se lhe ligava outra idéa; depois se dava ao homem de respeito e auctoridade.

Foi subindo de valia e com a palavra *barão* se designava o homem poderoso em bens e senhorios, ainda que fosse duque, marquez ou conde. Com o tempo foi se dando o titulo de *barão* de tal... ao individuo que possuia uma grande quinta ou propriedade, que se elevava então em *baronia*; mas tanto se abusou de tantas *nobilificações*, pela Europa, que o titulo de *barão* perdeu grande parte do apreço e estimação em que era tido.

Tambem foi D. Affonso V que em Portugal introduziu este titulo, fazendo *barão* de Alvito, em 27 de abril de 1475, a João Fernandes da Silveira.

D. Luiz Lobo da Silveira, 7.º barão d'Alvito, foi feito conde d'Oriola por D. João IV, a 9 de agosto de 1653; mas o novo titulo não poz em esquecimento o antigo. O povo nunca lhe chamou *conde d'Oriola*, mas sim —*conde-barão d'Alvito*, ou simplesmente *conde-barão*.

Em 4 de julho de 1766, D. José I fez marquez d'Alvito a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.º conde d'Oriola e 10.º barão d'Alvito.

Foi este o unico titulo de *barão* que lhouve em Portugal por espaço de 200 annos, até que D. Affonso VI creou o de barão da Ilha Grande, que se extinguiu no seculo passado.

—

A corôa (ou *coronel*) de marquez, que se põe sobre o seu escudo de armas, é aberta e composta de florões alternados com perolas.

A de duque é toda de florões e com *barrete* de veludo carmezim.

A de conde é aberta, como a de marquez (isto é—sem barrete). Consta de um só diadema, guarnecido de bicos, e cada um d'estes rematado por uma perola.

A dos viscondes é como a dos condes.

A dos barões querem alguns que sejaa um diadema *razo*, envolvendo-o um cordão de perolas.

Titulo de Dom

Dominus é um vocabulo latino, que significa *senhor*.

Deu-se no principio do christianismo sómente a Deus. Depois se deu aos papas, mas com uma pequena variante. De Deus dizia-se *dominus*, e do papa *domnus*. (Só tinham menos um *i* do que o ente supremo.)

Por muitos annos só aos summos pontifices se dava este tratamento; mas depois se foi estendendo aos bispos, mais tarde aos abbades, e por fim até aos monges de certas ordens.

Dos padres e frades passou o *dom* para os seculares. O 1.º d'estes que usou o prenome de *Dom*, foi D. Pelayo, no principio do VIII seculo, quando no valle de *Covadonga* foi pelas suas tropas acclamado rei das Asturias.

Os seus descendentes, reis das Asturias, de Oviedo, de Leão e de Castella seguiram o seu exemplo, communicando o *Dom* a suas mulheres e filhos. Em breve tambem foram applicando a si o *Dom*, os prelados, os ricos-homens e suas mulheres e os mais cavalleiros que por sua linhagem se julgaram com direito a este tratamento.

O *dom* introduziu-se em Portugal juntamente com outras praticas castelhanas.

Os nossos primeiros reis é que conferiam o tratamento de *dom*, mas sómente o davam em premio de grandes serviços, não permittindo que d'elle usassem nem mesmo os seus filhos bastardos. (D. Sancho I nomeia no seu testamento quasi todos os seus filhos bastardos, sem *dom*. D. Diniz, que tambem deixou boa porção d'elles, os não trata por *dom* em seu testamento, nem a sua filha bastarda *Maria Affonso*, nem a suas nóras *Tareja Martins* e *Froila Annes*.)

O primeiro filho bastardo de reis, que em Portugal teve *officialmente* o tratamento de *dom*, foi D. João, filho bastardo de D. Pedro I, mestre d'Aviz, e depois rei D. João I.

Foi D. Affonso V que entrou a prodigalisar o *dom*, dando isso occasião a que muitos se apropriassem d'elle, mesmo sem regia permissão. No reinado de seu filho, D. João II, já se queixava d'este abuso, nas suas *Miscellaneas*, o bom *Garcia de Rezende*; dizia elle:

«Os reys por acrecentar
As pessoas em valia,
Por lhes serviços pagar,
Vimos a uns o dom dar,
E a outros fidalguia.
Já se os reis não ha mister,
Pois toma o dom quem o quer,
E as armas nobres tãobem
Toma quem armas não tem,
E dá o dom à molher.

—

É verdade que D. João II poz algum côbro a isto, e foi mais avaro do que seus antecessores em dar titulos de nobreza.

No fim do seculo XV e principio do XVI comtudo ainda o *dom* era muito estimado. *Vasco da Gama* deu-se por muito bem premiado com o titulo de *dom*, e uma tença annual de 400$000 réis, pela descoberta da India por mar.

Mas Philippe III, por uma lei de 3 de janeiro de 1611, mandou que pudessem usar de *dom* os filhos bastardos dos titulares que tivessem *dom*.

O *dom* foi pouco a pouco perdendo a sua valia, e D. José I concedeu *dom* ás mulheres dos negociantes matriculados na praça de Lisboa.

Os frades cruzios, os monges de S. Bruno (cartuxos), os Caetanos (theatinos) tambem usavam de *dom*.

Ordens de cavallaria em Portugal

Estas instituições, creadas pelo enthusiasmo religioso, e, muitas vezes, pela virtude, no meio da ignorancia e da anarchia da edade media, foram, n'aquelles desgraçados tempos, a salvaguarda dos opprimidos e o terror dos oppressores. Sustentadas pelo espirito de união que d'ellas formava o principal elemento e por as homericas façanhas de seus membros, as ordens de cavallaria prestaram serviços importantissimos aos estados em que foram instituidas, sobre tudo, em Portugal e na Hespanha, onde cooperaram efficaz e poderosamente para a expulsão dos mouros.

Eis as ordens militares de cavallaria, pela antiguidade das suas instituições.

Ordem de Malta

Creada no anno 1100, por *Godofredo de Buillon*, em Jerusalem.

Foi introduzida em Portugal, no reinado de D. Affonso I (mas durante a regencia de sua mãe, entre os annos de 1112 e 1128) Sua principal dignidade n'este reino é a de *grão prior do Crato*.

Além do *priorado do Crato*, esta ordem possuia em Portugal o *bailiado de Leça*, os bailiados honorificos de S. João de Acre e Negroponto (alternativamente com a Hespanha) e 24 commendas.

O sr. D. Miguel I foi o ultimo grão prior d'esta ordem que houve em Portugal. (Vide Crato.)

Ordem de S. Bento de Aviz

Esta ordem é a mesma que a de Calatrava em Hespanha, e a primeira que se creou n'aquelle reino. Foi na sua origem estabelecida para proteger os peregrinos que hiam aos logares santos, e não era mais do que uma associação particular de voluntarios, sem *regra* fixa.

Introduziu-se em Portugal no anno de 1147; prestando sujeição á ordem hespanhola e sendo capital de toda a ordem a cidade de Calatrava.

D. Affonso I a dotou magnificamente em 1162.

Foram separadas até 1213, em que D. Affonso II submetteu a ordem ao grão-mestre de Calatrava, em reconhecimento de ter este cedido a Portugal todas as praças que ahi possuia.

Em 1385, D. João I separou definitivamente a Ordem de Aviz da de Calatrava, o que foi confirmado por o papa Eugenio IV.

Esta Ordem tinha em Portugal 18 villas e 49 commendas. (Vide Aviz.)

Ordem de S. Thiago

É a que D. Fernando II de Castella creou em 1175. Foi introduzida em Portugal, em 1177, por D. Affonso I.

D. Diniz a tornou independente e separada da hespanhola, em 1288, o que o papa Nicolau IV confirmou.

Possuia em Portugal 45 villas e aldeas, 150 commendas, 75 *padroados* de egrejas e muitos beneficios.

A sua ultima capital era Palmella. (Vide esta villa.)

Ordem de Christo

Foi instituida por D. Diniz, em 1319, que a dotou ricamente com a maior parte dos bens da *Ordem dos Templarios*, que tinha sido abolida em toda a christandade.

A *curia* romana queria, com futeis pretextos, apoderar-se das enormes rendas dos templarios em Portugal (como fez em outros reinos) mas o politico e patriota D. Diniz, lh'as subtrahiu, creando a Ordem de Christo e dando-lh'as.

Tinha esta Ordem, em Portugal, 21 villas e 454 commendas. Sua capital era Thomar. (Vide esta cidade.)

Ordem da Torre e Espada

D. Affonso V a instituiu em 1459. — Foi decahindo pouco a pouco, até que esqueceu totalmente. D. João VI (então principe regente) a *ressuscitou* em 1808, para recompensar os militares distinctos que não fosem catholicos, e que não podiam, pela differença de religião, ser admittidos nas outras ordens de cavallaria.

Ordem de Santa Isabel

Foi instituida em 1804, por D. Carlota Joaquina, unicamente para as damas de primeira grandeza.

Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa

Foi tambem instituida por D. João VI, a 6 de fevereiro de 1818 (dia da sua ascenção ao throno de Portugal.)

Sua capital era Villa-Viçosa, e o deão da capella real d'esta villa era commendador nato da Ordem, e os conegos, prior e bene-

ficiados d'esta collegiada e os da *Mesa da corporação dos escravos*, seus cavalleiros natos.

—

D. João III, em 1551, uniu á corôa os grãos-mestrados de S. Bento de Aviz, de S. Thiago, de Christo e de Malta, e com esta *medida*, augmentou consideravelmente as suas rendas.

Ordens de cavallaria que houve em Portugal e que hoje não existem

S. Miguel d'Ala, instituida por D. Affonso I em 1167.

Ordem da Frecha—instituida por D. Sebastião, em 1576. *Morreu* com o seu reinado.

Ordem de S. Julião do Pereiro—Foi instituida pelo conde D. Henrique, ahi pelos annos de 1098. Foi decahindo até que de todo se extinguiu. Mas passou para a Hespanha, onde ainda existe sob o nome de *Ordem de Alcantara*.

Ordem da Madre Silva—Foi instituida por D. João I.

Ordem dos Namorados (ou *Ala dos Namorados*), tambem creada por D. João I.—Ambas cahiram depois de poucos annos de existencia.

Ordem dos Templarios—Foi instituida na Palestina, e introduzida em Portugal em 1126. Foi dissolvida em toda a christandade, em 1311. (Vide *Templarios*.)

—

Em 1822 dizia Balbi, fallando do *aviltamento extremo* em que cahiram em Portugal as ordens de cavallaria:—«Cette grande décadence, qui date du siécle passé, est telle, qu'en Portugal on ne considére plus aujourd'hui ces décorations, que *comme un simple ornement*, tandis que dans les anciens temps de la monarchie *les plus grands services rendus à l'Etat et les exploits les plus héroïques n'étaient souvent récompensés qu'avec un habit de simple chevalier de Christ*.

«Cette monnaie imaginaire, dont la valeur est, comme celle de toute richesse factice, en raison inverse de la quantité émise en circulation, cette monnaie imaginaire, prodiguée comme elle l'a été en Portugal, à fini par perdre tout crédit, sourtout depuis qu'on a introduit l'abus de donner les décorations aux emploits, áu lieu de les réserver uniquement pour recompenser les persones qui avaient bien mérité de la patrie et du roi.

«Sans remonter à des temps éloignés, nous avons vu de nos jours les prodiges de valeur qu'ont faits des militaires français pour mériter la croix de la légion d'honneur. Nous voyons qu'en Angleterre et en Autriche, où ces sortes de décorations et où les lettres de noblesse ne sont accordées, qu'avec une sage économie, ces gouvernements ont pu récompenser dignement de grandes actions et des services éminents rendus à l'Etat, avec un ruban ou avec un diplôme, etc.»

—

Varões illustres nas armas, nas lettras ou nas virtudes, que nasceram ou falleceram em Lisboa.

1.º—No 1.º de janeiro de 1652, falleceu, preso no castello de S. Jorge, *D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, conde de Castello-Novo* e 1.º vice-rei da Nova Lusitania. (Vide Montalvão.)

2.º—Em 5 de janeiro de 1401, falleceu o *beato frei Vicente de Lisboa*. Nascera na freguezia de S. Nicolau, d'esta cidade, e foi sepultado no mosteiro de Bemfica.

Foi religioso dominico, e provincial da sua ordem em toda a Hespanha, e na mesma, o primeiro inquisidor geral, confessor e prégador de D. João I.—É auctor de muitos livros, e homem de vasta intelligencia e muitas virtudes.

Já depois de ser confessor e prégador régio, soube que, ao nascer, de um parto perigoso, fôra apenas baptisado por uma velha; pelo que teve de se baptisar de novo e tomar segunda vez todas as ordens.

3.º—No dia 6 de janeiro de 1400, falleceu em uma gruta, que mandou abrir junto

ao convento de S. Francisco, de Lisboa, o *beato frei João da Barroza* (appellido que lhe proveio da gruta.)

Fez-se entaipar (emparedar) na gruta, deixando só uma fresta para a respiração, e na mesma, sem mais sahir d'ella, esteve 16 annos, até que falleceu. Alli era procurado como um oraculo; e consultado pelo mestre de Aviz, lhe prophetisou a victoria e a corôa.

4.º—*o beato frei Jeronymo da Cruz*, natural d'esta cidade, da freguezia da Sé. Religioso dominico. Passou ao Oriente, a prégar o Evangelho, sendo martyrisado ás lançadas, no reino de Sião, no dia 25 de janeireiro de 1566.

5.º—*O padre Antonio Vieira*, nasceu na freguezia da Sé, a 6 de fevereiro de 1608.

Era filho de Christovão Vieira Rovasco e de D. Maria de Azevedo. Foi em creança para o Brasil e ahi frequentou as aulas dos jesuitas, dando provas inequivocas do seu prematuro talento. Entrou para a Companhia de Jesus, muito novo, pois já era d'esta ordem em 1623.

Foi no Brasil que a sua reputação, como orador, principiou. O sermão que na Bahia prégou contra os hollandezes, onde se revela a mais sublime eloquencia e o mais esclarecido patriotismo, lhe deram grande celebridade.

Era governador do Brasil, D. Jorge Mascarenhas (o primeiro mencionado n'este catalogo) que adheriu logo á revolução de 1640, e escolheu Vieira para vir a Lisboa dar parte a D. João IV, d'este fausto successo.

Prégando na capella real, excitou tal enthusiasmo na côrte, que d'ahi data a grande influencia que teve para com o rei; que não tardou a confiar-lhe as mais difficeis missões diplomaticas, de que elle se sahiu sempre com maravilhosa intelligencia e a maior felicidade.

Foi sentenciado pela Inquisição, em 1669; mas, obtendo permissão de hir a Roma, o papa Clemente X o tratou carinhosamente e o isentou por um breve, de jurisdicção do Santo Officio, para sempre.

Morreu na Bahia, a 18 de julho de 1697.

Diz o sr. M. Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 103)—«Nunca a nossa lingua soou mais bella, opulenta, energica e magestosa, do que na bocca d'este eminente orador. Para elle, o pulpito, foi muitas vezes tribuna. As suas orações não excitavam unicamente sentimento religioso; mas, quantas vezes enthusiasmavam, quantas vezes tambem verberavam a corrupção da côrte e os escandalos do governo. Era um poeta e um pensador. O homem que nos seus sermões sabia casar com um lyrismo inexcedivel de phrase a alteza do pensamento philantropico — o homem que fazendo vibrar essa lyra de mil cordas que tinha na voz, ora arrancava lagrimas ao auditorio, ora lhe fazia correr nas veias o frémito do patriotismo, da ira sagrada, do nobre enthusiasmo, aquelles que tinha presos da sua palavra colorida, em que se traduziam sublimes idéas, a côrte e o povo, os reis e os pontifices, os nobres e os plebeus, os ignorantes e os sabios.

Os recursos da lingua portugueza, ninguem como elle os conheceu: a poesia da phrase ninguem a possuiu em mais alto grau.» — E mais adiante—«Os seus *Sermões*, e as suas *Cartas*, além de outras obras notaveis que publicou, dão-lhe um dos primeiros logares entre os classicos portuguezes: e se haverá quem o vença em limpidez de linguagem, ninguem o excede na energia da locução e na propriedade dos termos. Soube afinar admiravelmente o idioma portuguez, instrumento maravilhoso, em que elle fez vibrar melodias immortaes.»

6.º—*D. Maria Martins Taveira*, irman de Santo Antonio, e por elle persuadida a ser religiosa, e o foi, de grande perfeição, no convento de *S. Miguel das Donas*, que então havia junto ao mosteiro de S. Vicente de Fóra, e que professavam a regra da congregação de Santa Cruz.

Falleceu no dia 18 de fevereiro de 1240.

7.º—*D. Guiomar*, senhora lisbonense, filha de ricos e nobres paes. Ficando com grande fazenda, se resolveu hir visitar os san-

tuarios de Roma, e alli, notando o que soffriam os portuguezes, por falta de asylo, principalmente os pobres e enfermos, dispendeu as suas riquezas na fundação e dote de um hospital, que ainda existe, com o nome de *hospital de Santo Antonio dos Portuguezes.*

Falleceu em Roma, no dia 9 de março de 1400, e jaz no hospital que fundára.

8.º—*Frei Balthazar Paes*, religioso da Ordem da Santissima Trindade, doutissimo e subtilissimo interprete da Sagrada Escriptura, e um dos mais celebres prégadores do seu tempo. Escreveu e publicou muitos tomos de sermões, que lhe deram grande fama. Morreu em 13 de março de 1638.

9.º—*O veneravel Bartholomeu da Costa*, thesoureiro da egreja cathedral de Lisboa, varão insigne em virtudes, e famosissimo em caridade para com os pobres, no que gastou muitas riquezas. Falleceu em 27 de março de 1608, sendo pelo povo proclamado santo, e seus vestidos despedaçados para serem guardados como reliquias.

10.º—*D. Frei Balthazar Limpo*, religioso carmelita. Foi um dos maiores lettrados do seu tempo. Foi mestre de theologia, nas escolas publicas de Lisboa, confessor de D. João III e de sua mulher, D. Catharina. Foi feito bispo do Porto, e como tal assistiu ao concilio de Trento, onde se fez notavel pela vastidão dos seus conhecimentos.

Regressando a Portugal, foi feito arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas, e foi um dos mais insignes prelados da egreja bracharense.

Foi elle que trasladou para a Sé archiepiscopal, o corpo de S. Pedro de Rates.

Morreu no dia 31 de março de 1558.

11.º—*Luiz Alvares de Andrade*, era filho de paes humildes, mas virtuosos. Morreu a 3 de abril de 1631. (Vide *Senhor dos Passos da Graça.*)

12.º—*D. Apollinario d'Almeida*, da companhia de Jesus. Diz-se que nascera com uma mitra estampada na fonte direita. Foi doutor e lente na universidade d'Evora, onde foi sagrado bispo de *Nicea*. Foi martyrisado na Ethiopia, com os padres Jacintho Francisco e Francisco Rodrigues, tambem jesuitas portuguezes, no dia 9 de junho de 1638.

13.º—*Brites de Santa Ursula*, criada da communidade, no mosteiro do Salvador, de Lisboa oriental. Morreu em 18 de maio de 1719, com 130 annos completos de edade!

14.º—*Frei Simão Coelho*, religioso carmelita. Foi varão pio e douto. Compoz em 4 volumes a chronica da sua ordem e uma apologia elegante em defeza d'ella, e outras varias obras, sendo algumas de muito merecimento.

Falleceu no seu convento do Carmo de Lisboa, no dia 13 de maio de 1606.

15.º—*João XXI*, 184.º na ordem dos pontifices romanos, que governou a Egreja de Deus, desde 1276 até 1277. Nasceu na freguezia de S. Julião. Antes de ser papa se chamava *Pedro Julião*. Era versadissimo em todas as sciencias, principalmente em philosophia, medicina e mathematica. Escreveu *problemas*, como os de Aristoteles, e *sumulas* de philosophia, que se leram em muitas escolas. Compoz, em medicina o livro intitulado *Thesaurus pauperum* e o *Canones medicinae*, e outras obras eruditas, muito estimadas.

Em Portugal foi arcediago de Vermuim, prior-mór da insigne collegiada de Guimarães, commendatario do mosteiro de Pedroso, e arcebispo primaz de Braga.

El-rei D. Affonso III o mandou ao concilio lugdunense, no qual o papa Gregorio X o fez bispo tusculano e creou cardeal no mesmo dia.

Por morte de Adriano V, foi o nosso Pedro Julião elevado ao pontificado, em 20 de setembro de 1276, na cidade de Viterbo, então côrte dos papas, com universal applauso.

Alguns principes christãos andavam em guerra e elle os persuadiu á paz, animando-os a virarem as suas armas contra os

turcos e mouros da Terra Santa; ao que elles todos annuiram.

Morreu aos 8 mezes e 5 dias do seu pontificado, esmagado pela parede de um quarto do seu palacio que desabou, em 16 de maio de 1277. Jaz na cathedral de Viterbo.

16.º—*Frei Luiz de Sottomaior*, frade dominico, versadissimo em linguas e sciencias, pelo que o levou para Inglaterra o principe D. Philippe (quando foi casar com a rainha Maria).

Teve alli largas disputas com os hereges, vencendo alguns e convencendo e convertendo muitos.

Foi ao concilio de Trento, como theologo, por ordem de D. João III, e n'elle se tornou notavel pela vastidão dos seus conhecimentos. Voltando a Portugal, foi por muitos annos lente de prima, na Universidade de Coimbra.

Compoz varios livros, sobre os *Psalmos de David, Epistolas de S. Paulo, Evangelhos de S. Lucas e S. João* e *Livro de Job;* mas a sua melhor obra é o *Commento* sobre o *Cantico dos Canticos.*

O papa Clemente VIII, por breve de 28 de março de 1597, depois de lhe agradecer com repetidos louvores, o disvelo incançavel com que se occupava em tão util emprego, o exhortou a proseguir, para bem dos fieis e credito da egreja.

Morreu no seu collegio (de S. Domingos) em Coimbra, em 1610. Tinha nascido em 1526.

17.º—*D. frei Diogo Soares de Santa Maria*, religioso franciscano, em cuja ordem professou em 1567 — grande theologo. Desanimado por algumas censuras injustas que fizeram ás suas obras, foi para Paris, onde Henrique III o fez lente de controversia da universidade parisiense; sendo depois lente da mesma disciplina na de Louvaina.

Pelas suas triumphantes controversias contra os hereges, os francezes o denominaram *açoite dos hereges* e o famoso Roberto Claudio (na sua *Gallia Christan*) o denominou *le grand portugais.*

Escreveu e publicou em França, em 1585, os *Commentarios sobre o Genesis* e sobre os primeiros tres capitulos do Apocalipse, e em 1605 publicou um *Sermonario.* Escreveu o *Thesaurus Quadragesimalis*, em francez e latim, que foi impresso em 1610.

Foi prégador e conselheiro de Henrique IV, de quem foi muito acceite, e o fez bispo Saguiense, na Normandia; fallecendo no terceiro anno do seu exemplar episcopado, em 20 de maio de 1614. Foi sepultado no coro do convento de S. Francisco, de Paris, em nobre mausoleu, que lhe erigiu o seu successor, mandando lhe gravar uma inscripção laudatoria.

18.º—*Soror Maria da Visitação*, era freira, no convento da Annunciada. Desejando tornar-se célebre pela sua santidade, fingiu (ou fez) feridas na cabeça e pintou chagas nas palmas das mãos e nos pés, com tanta arte, que illudiu a todos nos varios exames que lhe foram feitos.

Adoptou um systema de vida penitente e mortificado, e apparentava todas as maneiras de verdadeira santa.

Conseguiu o fim a que se propozera, pois a fama da sua santidade, e das chagas do Salvador impressas no seu corpo, em breve se espalhou, não só em Portugal e Hespanha, mas até por toda a Europa.

Era isto no tempo da usurpação de Philippe II, e quando se reunia em Lisboa a *invencivel armada*, o cardeal Alberto, então governador do reino, levou o estandarte real de Castella ao mosteiro da Annunciada, para que a Madre Maria da Visitação o benzesse, para que as armas castelhanas fossem bem succedidas. [1]

[1] A benção e as orações da freira não lhes valeram. A esquadra sahiu de Lisboa no dia 30 de maio de 1588. Constava de 175 vellas, sendo 130 de grande força e estupenda grandeza. Levava 30:000 homens de guerra e mar, sendo d'estes mais de 200 das principaes familias de Hespanha (e alguns de Portugal). Era commandante em chefe, D. Affonso Peres de Gusmão, duque de Medina Sidonia.

Esta esquadra, que era destinada a hir conquistar a Inglaterra, foi destruida por um violento temporal, no canal da Mancha, escapando poucos navios e pouca gente. Assim acabou a *invencivel armada* e os planos de conquista, de Philippe II.

Todas as pessoas grandes de Portugal, os geraes e prelados das ordens religiosas, se encommendavam á *freira santa da Annunciada.*

Durou isto muitos annos, até que os ministros do *Santo Officio* a submetteram a um exame que durou 30 dias, e pelo qual se evidenciou ser tudo fingido com uma maravilhosa arte, e a examinada confesseu a sua impostura, quando já não era precisa a confissão, em vista da prova.

Foi a freira desterrada para o mosteiro da sua ordem, de Abrantes, onde soffreu as penitencias impostas pelo prelado e onde falleceu passados alguns annos.

19.º—*Padre Francisco de Mendonça*, da casa dos senhores de Barbacêna. Nasceu em 1572, foi da Companhia de Jesus. Foi um dos melhores latinos e dos mais profundos theologos do seu tempo. Era tambem um famoso prégador, e um religioso exemplarissimo.

Escreveu tres volumes *in folio*, sobre os *Livros dos Reis*. O seu *Viridiario* é a delicia dos curiosos. Ha d'elle dois volumes de sermões, os mais elegantes que até então haviam apparecido.

Regressando de Roma para Portugal, falleceu em Leão (França) em 3 de junho de 1626.

20.º—*Frei Anselmo Xuquer*, da ordem de Christo, de Thomar, em cujo mosteiro professou. Nasceu em 1572. Foi elegante poeta e humanista insigne. Passou á Allemanha, onde viveu na intimidade do legado apostolico, que depois foi o papa Alexandre VII, que foi affeiçoadissimo ao nosso portuguez, e o quiz levar para Roma, quando subiu ao pontificado.

Compoz 12 livros, em verso heroico latino, cuja obra intitulou *De Partu Virginis*—um de *Enigmas*, com suas explicações, e outras obras que ainda em 1834 estavam no cartorio do convento de Thomar, onde falleceu em 10 de junho de 1662.

21.º—*Santo Olympio*, não se sabe quando nasceu nem o anno em que morreu, só se sabe que foi martyrisado na Thracia, em 12 de junho, e que era contemporaneo de S. Gregorio Nazianzeno. Era varão sapientissimo e de grandes virtudes. Foi arcebispo de Toledo, e muito venerado de Santo Agostinho, que disse d'elle: «Foi varão glorioso para com Deus e para com os homens, egual em sabedoria aos Hilarios e Cyprianos.»

Santo Isidoro o poz no *Canon* da missa, que ainda hoje existe no missal de Toledo a que chamam musárabe.

22.º—*D. frei Pedro Brandão*, de uma nobre familia. Foi religioso carmelita, doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra, mestre da sua ordem, prégador famoso, prior, e depois provincial da sua ordem, e por fim, bispo de Cabo Verde.

Por abominar o infame trafico da escravatura, soffreu muitos desgostos dos negreiros da sua diocese, pelo que, depois de cinco annos de episcopado, resignou, vindo para o seu convento do Carmo, em Lisboa, onde falleceu, no dia 14 de junho de 1608.

23.º—*S. Marino, martyr*, era de uma nobilissima familia d'esta cidade. Foi martyrisado no dia 10 de julho (não se sabe em que anno) imperando Juliano, apostata, na cidade de Cesaréa (Africa).

Não nos diz o *Anno Historico*, se S. Marino era frade, padre, ou simples particular.

24.º—*Padre frei João da Silveira* (carmelita), nasceu em 1591, e falleceu no seu convento do Carmo, de Lisboa, no dia 17 de julho de 1687.

Foi um distincto ornamento da sua ordem, e um dos mais sabios litteratos do seu tempo. Era filho de Fernão Lopes Lisboa e de sua mulher Catharina Fernandes.

Foi muitos annos mestre de theologia, e escreveu e publicou 10 tomos sobre differentes questões theologicas, e commentarios ao Apocalypse, aos Evangelhos, aos Actos dos apostolos e sobre outras materias.

Todas estas obras foram julgadas de tanto merecimento, que tiveram varias edições, não só em Portugal, mas em quasi todos os

reinos christãos, em cujas linguas foram traduzidas.

Deixou ineditos, um livro sobre o mysterio da Encarnação, outro de direito civil, outro de philosophia e um tratado sobre direito ecclesiastico.

Aos seus vastissimos talentos, juntava uma grande modestia e a mais acrisolada caridade.

Rejeitou por varias vezes o emprego de prelado que lhe rogaram exercesse; apenas por obediencia, acceitou por tres vezes o logar de presidente de capitulos provinciaes. No concilio geral celebrado em Roma em 1660, foi feito definidor perpetuo da sua ordem.

Tendo 400$000 réis de rendimento annual, que lhe deixou sua irman D. Beatriz da Silveira (mulher do barão Jorge da Paz da Silveira, commendador de S. Quintino de Monte Agraço, senhor das villas da Silveira, Cuevas de Catanazor—Hespanha—etc.) Tendo aquelle rendimento, digo, e recebendo grandes productos das suas obras, tudo empregou em obras no seu convento, e em esmolas aos desvalidos; sem que a sua cella se distinguisse em nada das dos outros religiosos.

Na sua sepultura se gravou um epitaphio latino, em seu louvor, que por extenso não transcrevo. (Vide *Anno Historico*, tomo 2.º, pag. 368.)

25.º—*Luiz de Camões*, o principe dos poetas portuguezes. Nasceu pelo fins do anno de 1524, ou principio de 1525. Era filho de Simão Vaz de Camões [1] e de Anna de Sá de Macedo.

Applicou-se ao estudo das humanidades, na Universidade de Coimbra, em que sahiu insigne. Era muito versado nas linguas grega e latina, e pratico na historia, philosophia e mathematica; mas o seu renome foi alcançado pela poesia, e foi tão feliz nas suas primeiras publicações poeticas, que, sendo ainda muito novo, principiou a ser conhecido e estimado na côrte, onde passava o tempo só em amores, ocios e versos; até que se rendeu á formosura de D. Catharina de Athaide, que acolheu favoravelmente os seus rendimentos.

Esta D. Catharina era da familia, então poderosa, dos condes de Athouguia (da Baleia) e seus parentes fizeram desterrar de Lisboa o poeta, ahi pelos annos de 1548 a 1550 (Suppõe-se que para a villa de Punhête, hoje Constancia. Vide pag. 380 do 2.º volume.)

Depois sentou praça e foi militar para a Africa, perdendo o olho direito em um combate naval, em frente de Ceuta.

Em 1553 passou á India, e militou no Malabar, no Mar Roxo e em Ormuz.

Voltando a Gôa, era alli governardor Francisco Barreto, homem despotico e pouco limpo de mãos. Escreveu contra elle uma violenta satyra, que intitulou *Desparates da India*, e por isso foi desterrado para as Molucas, onde esteve tres annos.

Feito vice-rei da India D. Constantino de Bragança, seu protector, voltou a Gôa, e foi pelo vice-rei nomeado provedor de defuntos e ausentes, para a cidade do Santo Nome de Deus de Macau. Aqui, na celebre gruta do seu nome, consta que escreveu a maior parte dos immortaes *Luziadas*.

Voltou a Gôa, em 1561; mas, naufragando no caminho, diz-se que salvou, entre os dentes, o seu poema, do furor das ondas, na foz do rio *Mecon*.

A este facto se refere, no canto X, estancia 128, quando diz:

Este receberá placido e brando
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado.

N'este naufragio perdeu Camões bastantes cabedaes que tinha juntado em Macau.

Chegado a Gôa lhe foi formado um processo por concussão, pelo que foi preso e a

[1] Luiz de Camões descende do fidalgo gallego Vasco Pires de Camões, perjuro e obstinado alcaide-mór d'Alemquer, por D. Leonor Telles de Menezes (vide pag. 99 do 1.º volume) e talvez seja por isso que alguns escriptores o fazem natural d'Alemquer, quando só se sabe com certeza que é oriundo d'esta villa.

muito custo se justificou, e foi solto; regressando ao reino, não sem soffrer bastantes incommodos durante a viagem.

Quando chegou a Lisboa, achou esta cidade horrorosamente assolada pela peste, em 1570.

Em 1572 foi publicado o seu livro, monumento glorioso, que será lido com orgulho e prazer, emquanto palpitar um coração portuguez. Dedicou-o ao rei D. Sebastião, que o recompensou com uma pensão annual de 15$000 réis, [1] insufficiente para o poeta, que era prodigo (como são quasi todos os poetas), e que, demais a mais, talvez fosse mal paga, attendendo ás grandes despezas que então fazia o thesouro com os aprestos para a louca e infeliz invasão da Africa.

Viveu pois na miseria os seus ultimos annos, e por muitas vezes o seu dedicado escravo Antonio, de nação jau, implorou a caridade dos ricos, para não ver o seu senhor finar-se á fome.

Morreu em Lisboa, a 10 de junho de 1580. [2]

Além dos *Lusiadas*, compoz Camões formosos versos elegiacos, bucolicos, satyricos, etc. Tambem escreveu tres dramas—*Amphitrião*, *El-rei Seleuco* e *Philodemo*, onde se encontram muitas vezes rasgos comicos de muita graça e que revelam muito talento.

—

É tradição que Camões morreu em um hospital; mas Faria e Sousa e o padre Francisco de Santo Agostinho, e, modernamente e sr. visconde de Juromenha, provam que elle falleceu em uma pobre casa, na hoje chamada calçada de Sant'Anna. (Vide pag. 139 d'este volume.)

Foi sepultado na egreja do mosteiro das freiras de Sant'Anna (ao campo do mesmo nome) logo á entrada, da parte esquerda, sem o minimo signal que distinguisse a sua sepultura, até ao anno de 1595, em que D. Gonçalo Coutinho (da casa Marialva) nobre cavalleiro de Lisboa, lhe mandou levantar um mausoleu, no qual fez gravar a inscripção seguinte:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES,
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEU TEMPO.
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE
E ASSIM MORREU.
ANNO DE MDLXIX.

—

Os *Lusiadas* teem tido 143 edições—82 portuguezas, sendo a mais notavel, pelo seu luxo e riqueza, a do celebre *Morgado de Matheus*, progenitor dos actuaes srs condes de Villa Real—cinco hespanholas—dezeseis francezas—oito italianas—dez inglezas—nove allemãs—duas hollandezas—uma polaca uma bohemia—duas dinamarquezas—duas suecas—duas russas—uma latina—uma grega—e uma hebraica.

—

Camões era fidalgo cavalleiro da casa real. Já disse que descendia de Vasco Pires de Camões, fidalgo gallego, que foi alcaide mór d'Alemquer. O representante da familia Camões, na Galliza, é hoje o visconde de Rubiones.

Os descendentes portuguezes de Vasco Pires de Camões são os marquezes de Angeja, condes de Peniche—os viscondes de Villa Nova do Souto d'El-Rei, e os descendentes dos condes de Villa Flor.

Ainda que a opinião mais seguida seja que Luiz de Camões é natural de Lisboa, e que os mais conscienciosos antiquarios dos nossos dias sejam concordes em assim o *suppor*; não está concludente e incontestavelmente provado que o grande poeta aqui nascesse; e Coimbra e Alemquer pretendem para si a honra de ser patria do nosso esclarecido poeta. É porém muito verosimil que Camões nascesse em Lisboa, pois ha

[1] Esta pensão, que hoje nos parece ridicula não o é tanto como á primeira vista julgamos, attendendo á differença da moeda e do custo dos generos. (Vide o que a similhante respeito digo no *convento do Carmo*, em Lisboa.)

[2] Consta que, nas vascas da morte, dissera:—«Ao menos, resta-me a consolação de morrer com a patria, que tanto amei.» (O *Anno Historico* diz que elle morreu em 17 de julho de 1569, e com esta data—do anno—está no epitaphio. Não sei quem é que se engana; mas, a opinião mais corrente, é que foi em 1580.)

provas irrefragaveis de que seus paes viviam n'esta cidade, em umas casas á Mouraria, no anno de 1553.

—

O dono actual do predio onde falleceu Camões, o sr. Manuel José Correia, mandou collocar na frente d'elle, uma lapide commemorativa d'este facto, no mesmo dia da inauguração da estatua do grande poeta, na praça do seu nome, em 9 de outubro de 1867.

—

Havia muitos annos que os portuguezes pretendiam pagar uma divida sagrada, erigindo um monumento que levasse ás gerações por vir o nome e a fama do poeta, que tanto exaltou a sua patria, fazendo-a conhecida por todo o mundo, pela leitura do seu immortal poema.

Em 1860, por iniciativa do nosso illustre esculptor, o sr. Victor Bastos, se formou uma commissão de cavalheiros distinctos, para promoveram subscripções para se levar a effeito esta obra.

Depois de recebidos alguns donativos, se lançou a pedra fundamental, no dia 28 de junho de 1862, collocando-se por baixo d'ella um cofre, contendo o auto da ceremonia, as moedas nacionaes e uma lamina de cobre prateado, com uma inscripção latina, adequada. Esteve mais de cinco annos o monumento só com o pedestal, em razão de muitas *miserias*, cuja relação é impropria d'esta obra; até que finalmente se concluiu, sendo a inauguração em 9 de outubro de 1867.

O pedestal tem 7m,48 de altura, sobre quatro degraus, com um socco onde assenta uma grade. Nos angulos se levantam oito plinthos, nos quaes estão collocadas as estatuas dos illustres varões seguintes (cada uma de 2m,40 de altura)—o chronista *Fernão Lopes*—o cosmographo, *Pedro Nunes*—os historiadores, *Gomes Eannes d'Azurara*, *João de Barros* e *Fernão Lopes Castanhêda*—dos cantores das nossas glorias navaes, *Vasco Mousinho de Quevedo*, *Jeronymo Corte Real* e *Francisco de Sá de Menezes*.

Na face principal estão as armas reaes portuguezas como as usou D. João I, e seus successores até D. Sebastião.

Todo o monumento tem de altura 11m,48. O pedestal e estatuas, custaram 38:000$000 réis. São obra do referido sr. Victor Bastos. A estatua de Camões, que é de bronze, tem 4 metros de altura, e foi feita de peças antigas, que estavam no arsenal real do exercito, avaliadas em 1:700$000 réis (de pêso). Foi feita na acreditada fundição dos srs. Collares. Foi primeiramente fundida, por Mr. Luiz Baptista Berry, de Paris, que a estragou, e pelo que sahiu de Lisboa. A actual é, como devia ser, obra exclusivamente portugueza, sendo o seu principal fundidor, o sr. Alexandre das Neves (um curioso!) e o sr. Delphim Antonio.

26.º—*Madre Isabel do Presepio*, freira do mosteiro dominico do Salvador, de Lisboa, onde morreu, em 23 de julho de 1505. Em 30 annos nunca foi vista senão no côro, refeitorio e em actos de communidade. Foi julgada por santa, por toda a gente da cidade, e muitos annos depois da sua morte, abrindo-se a sepultura, se achou o corpo inteiro, os habitos sãos, e um cheiro suavissimo, o que causou geral admiração.

27.º—*D. João d'Azevedo*, tão nobre por sangue, como famoso em lettras e virtudes. Foi deão da cathedral de Lisboa, foi bispo do Porto, e grande bemfeitor da mitra, Sé e cabido, e muito mais da pobreza d'aquella cidade.

Depois de governar exemplarmente o seu bispado, o renunciou e se recolheu no convento de Xabregas (conegos seculares da congregação de S. João Evangelista, loyos) onde, por auctoridade apostolica e por sua grande humildade, pediu o habito pardo dos noviços da ordem; que vestiu, cumprindo, como tal, pontualmente, todas as obrigações competentes ao seu novo emprego.

Entregava ao seu prelado toda a congrua que recebia como bispo resignatario, e assim se conservou 25 annos, sem nem uma só vez sahir do seu mosteiro, e fallando muito poucas com pessoas seculares.

Falleceu muito velho, e como verdadeiro christão, em 27 de julho de 1517. Foi sepultado no cruzeiro da egreja de Xabregas.

28.º — *O doutor, padre, Jorge Serrão*, da Companhia de Jesus. Tomou em Roma o grau de doutor, em Evora foi o primeiro lente de theologia, e o primeiro cancellario d'aquella universidade. Em Lisboa foi deputado da mesa do conselho geral do *Santo Officio*, reitor dos collegios de Coimbra e Evora; preposito de S. Roque e provincial da Companhia. Reunia a um grande saber, todas as virtudes que são o apanagio do verdadeiro christão. Morreu santamente, na casa professa de S. Roque, de Lisboa, no dia 8 de agosto de 1590.

29.º — *Frei Manuel Guilherme*, da ordem de S. Domingos, onde leu muitos annos theologia moral—qualificador do Santo Officio—examinador do padroado real e das tres ordens militares, e um dos mais famosos prégadores da côrte. Foi grande bemfeitor da sua religião, que lhe deveu a grande e excellente bibliotheca do convento de S. Domingos, de Lisboa, e outras mais obras — e a republica litteraria os quatro tomos do *Agiologio Dominicano*, e outras mais obras de grande merecimento no seu tempo.

Nunca quiz ser prelado, e depois de uma vida illustrada por obras litterarias e de caridade, falleceu em 16 de agosto de 1730. Tinha nascido em 1658.

30.º—*D. Jeronymo Osorio*, da nobre e antiga familia do seu appellido. Nos primeiros annos e nos rudimentos da lingua latina, causava admiração aos mestres, pela sua maravilhosa comprehensão e precoce intelligencia, vindo por fim a ser tão primoroso latino como Cicero e Lactancio.

A suavidade, a clareza e a elegancia das suas phrases, o esmero dos seus periodos e a propriedade da sua locução, não tem egual nos auctores modernos, nem superior nos antigos.

Era versadissimo nas linguas grega e hebraica, assim como na rhetorica, na philosophia e nas mathematicas e theologias. Estudou linguas e sciencias nas universidades de Salamanca, Bolonha e Paris.

D. João III o nomeou lente de prima e escriptura, da Universidade de Coimbra; o cardeal D. Henrique (depois rei) o attrahiu para a universidade d'Evora, provendo-o no arcediagado da Sé da mesma cidade.

As suas obras foram impressas em quatro volumes, que contêem doutissimos commentarios sobre varios livros da Escriptura e diversos tratados moraes, historicos e politicos e de controversia, tudo obras justamente famosas pela sua incontestavel elegancia.

Foi visitado por varios homens dos mais sabios da Europa, que exclusivamente para isso vinham a Portugal.

Foi bispo do Algarve, e um dos mais virtuosos, sollicitos e caritativos prelados d'aquella provincia.

Tão entranhada paixão tomou pela fatal derrota do rei D. Sebastião, na Africa, que é voz geral morrêra de melancolia por isso, em 20 de agosto de 1580.

Teve um sobrinho, do seu mesmo nome, que lhe escreveu a biographia e compilou as obras, a que juntou tambem as suas, cheias de excellente doutrina e vasta erudição.

31.º — *O padre-mestre João*, era filho unico de paes ricos, mas despresou as commodidades da vida, dedicando-se desde a infancia aos exercicios da religião. Applicou-se ao estudo de varias sciencias, mas na medicina foi tão insigne e famoso, que leu de prima, com geral applauso, na universidade, que então estava em Lisboa, e foi nomeado phisico-mór do reino.

Resolvido a deixar para sempre as vaidades do mundo, attrahindo a si outros companheiros, deu principio á congregação de S. João Evangelista.

Foi depois feito bispo de Lamego, e depois de Viseu, em cujas dignidades foi exemplarissimo.

Acompanhou a Flandres a infanta D. Isabel, filha de D. João I, que foi mulher de Philippe *o Bom*, duque de Borgonha; e depois a Castella a rainha Isabel, filha do infante D. João e mulher de D. João II d'aquelle reino.

Foi o reformador da ordem de Christo, por especial commissão pontificia.

Cheio de merecimentos e boas obras, havendo mandado lavrar, em sua vida, na ca-

thedral de Viseu, a sua sepultura (que visitava muitas vezes) falleceu em 30 de agosto de 1463, tendo nascido em 1380.

Diz a lenda que á hora da sua morte se ouviram vozes de anjos, que o convidavam a subir ao ceo, e que todos os sinos de Viseu dobraram expontaneamente, sem impulso estranho, no acto do seu fallecimento.

32.º—*João Vaz da Motta*, insigne nas lettras humanas; passou a Roma, onde levou, por opposição a cadeira de humanidades, no collegio romano da sapiencia; succedendo ao famoso Moreto.

Orou nas principaes occorrencias d'aquelles tempos, diante dos summos pontifices, com admiravel elegancia e merecidos applausos. Foi singular a oração que fez em louvor de S. João Evangelista, diante do papa Gregorio XIII. Era doutor em ambos os direitos.

Morreu no dia 31 de agosto pelos annos de 1590.

33.º — *D. frei Marcos de Lisboa*, tomou o habito da religião dos menores e a illustrou com a chronica que d'ella escreveu, em tres volumes, e que foi recebida com geral acceitação. Teve varias edições portuguezas, e foi traduzida em castelhano, francez e italiano.

Compoz e traduziu outros livros espirituaes, de muito merecimento.

Philippe II o fez bispo do Porto, cuja egreja governou 10 annos, com grande reputação de virtude e sabedoria, exercendo sobre tudo, em larga escala a virtude da caridade.

Enriqueceu a sua Sé com excellentes ornamentos, fez a quinta do *Prado* (onde foi o seminario e é hoje o cemiterio publico oriental, ainda chamado do *Prado do Repouso*) erigiu a casa do cabido, dividiu a freguezia da Sé em quatro, para mais prompta administração dos sacramentos; e celebrou synodo diocesano.

Falleceu em 4 de setembro de 1591, com 80 annos de edade, pois tinha nascido em 1511. Jaz na capella de Nossa Senhora da Saude, da Sé do Porto, que mandára fundar para sua sepultura e de seus successores.

34.º — *Achilles Estaço*, nasceu em 15 de junho de 1524. Era filho de Paulo Nunes Estaço, cavalleiro illustre e guerreiro, que levou comsigo á India este filho, para na tenra edade se exercitar nos preceitos e acções heroicas da arte militar.

Achilles, porém, era mais inclinado ás lettras do que ás armas, e com licença paterna, voltou a Portugal, hindo para a universidade d'Evora aprender humanidades com o grande André de Rézende. Passou depois á universidade de Lovaina, onde foi discipulo do famoso Pedro Nanio, eloquentissimo orador d'aquelle tempo; egualando, se não excedendo, seu mestre, na oratoria, na poesia e nas linguas grega e hebraica, em que foi versadissimo.

Tambem se applicou com grande fervor ao estudo das sagradas lettras em que foi não menos sciente.

Deixou a universidade de Lovaina (por causa das guerras que então alli havia) e passou á de Paris e depois a Roma, onde no collegio da Sapiencia foi condecorado com uma cadeira, e mereceu grandes louvores e attenções do papa e cardeaes do sacro collegio.

Pio IV o nomeou secretario do concilio de Trento. S. Pio V, a quem foi muito acceite, o fez secretario das cartas latinas para os principes; Gregorio XIII o admittiu ao numero dos seus familiares, e aos mesmos pontifices prestou obediencia em nome de Portugal, por mandado do rei D. Sebastião, duas vezes, e uma em nome do grão mestre de Malta, frei João de la Valete; fazendo n'esses actos, tres elegantissimas orações, que causaram a admiração de Roma, a patria dos grandes oradores.

Viveu sempre celibatario, mas exemplarmente; sem acceitar os logares honorificos de chronista latino de Portugal e guarda-mór do archivo real (Torre do Tombo) para os quaes o convidou o rei D. Sebastião; nem de secretario do cardeal D. Henrique, depois de acclamado rei; nem muitos beneficios ecclesiasticos de grande renda e auctoridade, que se lhe offereceram.

Falleceu em Roma, no dia 28 de setembro de 1581. Jaz sepultado na egreja da congre-

gação do Oratorio, da mesma cidade, sem inscripção alguma, como havia ordenado.

Publicou mais de 25 livros sobre varios assumptos, sagrados e profanos, em prosa e verso, que compoz na lingua latina, assim como traduções do grego (em latim) que fez de muitas obras de S. João Chrysostomo, S. Gregorio Niceno, Santo Athanasio, Gregorio Antiocheno, Sophronio, Cyrilo, Anastacio Sinaita, Marciano, Amphilochio e Calimacho.

Deixou ainda muitas obras ineditas, que se guardam na excellente livraria que deixou aos padres da congregação do Oratorio, de Roma, os quaes a conservaram com grande estimação, em uma boa casa, em cuja porta se vê o retrato de Achilles Estaço sobre esta inscripção

Bibliotheca statiana

35.º — *O padre frei Duarte de Travassos*, religioso dominico; passou á India, e depois á Oceania, e na ilha de Timor, com as suas prégações e exemplos, converteu muitos povos. Prégando, no dia 2 de outubro de 1670, contra a falsidade dos idolos, no mesmo acto lhe foi cortada a cabeça, por ordem do regulo d'aquelle districto.

36.º—*Jorge Cardoso*, auctor dos *Agiologios*, portuguez benemerito, e que, mais do que outro algum escriptor antigo ou moderno, illustrou a historia ecclesiastica; compoz e imprimiu tres tomos, que contêem exactas e copiosas noticias dos santos e dos varões portuguezes, insignes em virtudes, que morreram nos primeiros seis mezes do anno. Deixou em limpo o 4.º volume, que contém os mezes de julho e agosto, e ficou prompto para a impressão; mas julga-se que este original foi roubado, porque não ha noticia d'elle.

Tinha antes publicado uma collecção de livrinhos, que eram como o preludio da grande obra que depois emprehendeu.

Outras muitas obras, todas de grande folego e de utilidade para os leitores, tinha imaginado, e para ellas tinha reunido preciosos apontamentos; mas a morte o não deixou leval-as ao cabo.

Tambem só colheu desgostos e esquecimentos dos seus longos e apreciaveis trabalhos litterarios, do que Cardoso se queixa em mais de um logar das suas obras.

Falleceu a 3 de outubro de 1669.

Todas as religiões que costumavam sahir ao enterros o foram acompanhar á sepultura, em communidade, e os religiosos das outras, em grande numero, sem serem chamados, mais que da justa gratidão que deviam ao muito que com seus escriptos os illustrou.

37.º—*Frei Bernardino de Sena*, [1] foi perfeito religioso franciscano, grande mestre, insigne prelado e exemplarissimo em virtudes.

Foi mestre de philosophia e theologia, adquirindo grande fama pelo seu admiravel modo de ensinar.

Exerceu gradualmente todos os logares da sua ordem. Foi guardião de Ferreirim, de Santarem e de Lisboa — provincial da provincia de Portugal — secretario geral — commissario geral cismontano — e ministro geral de toda a ordem seraphica, eleito em Roma, no capitulo geral de 1625, terceiro portuguez que exerceu estadignidade.

Todos estes logares occupou com a maior sensatez, prudencia, e imparcialidade, pelo que era respeitado nas côrtes de Portugal, Castella, França e Roma.

Foi elevado a bispo de Viseu, cuja cadeira pouco tempo occupou, porque falleceu em 5 de outubro de 1632. Tinha nascido em 1571.

38.º—*A Madre D. Feliciana de Milão*, filha de paes incognitos — foi freira professa —bernarda—no convento de Odivellas, onde foi abbadessa. Sabia latim, philosophia, historia e poetica.

Era dotada de grande juizo, agudeza e discrição. Escreveu um largo e erudito discurso sobre a *pedra philosophal*, o qual com muitas obras poeticas, e cartas eloquen-

[1] Alguns escriptores dizem que nasceu em Torres Novas, mas é mais provavel ser lisbonense.

tissimas correram manuscriptas, sendo muito estimadas.

Falleceu em 8 de outubro de 1705, (tendo nascido em 8 de outubro de 1632) no dia em que completou 73 annos de edade.

Na sua sepultura, e por sua ordem, se pôz o seguinte epitaphio:

AQUI JÁZ A PECCADORA

39.º—*D. Francisco Manuel de Mello*, nasceu em 23 de novembro de 1611. Era seu pae um nobre cavalleiro e sua mãe descendente da casa de Bragança.

Estudou em Coimbra, mas, levado do seu genio que o inclinava á milicia, seguiu a carreira das armas, embarcando para o Brasil, na esquadra de D. Manuel de Menezes, em 1627. Regressando a Portugal, foi um dos que mais contribuiu para aplacar a sublevação prematura d'Evora, em 1637.

Em 1639, militou, como mestre de campo, na esquadra castelhana de D. Antonio Oquendo, que crusava na Mancha. Fez depois a guerra da Catalunha, e ahi é preso, pelas suas idéas patricticas, quando rebentou em Portugal a revolução do 1.º de dezembro de 1640. Sendo pouco depois solto, passa á Hollanda e d'ahi a Portugal, para offerecer os seus serviços a D. João IV.

Na guerra da restauração, portou-se como bom, leal e bravo portuguez, prestando relevantes serviços á sua patria, tanto nos combates como nos logares de administração publica que exerceu; mas a sua rectidão, e a sua severidade para com os abusos, lhe acarretaram desgostos, intrigas e perseguições; chegando a processal-o e a conserval-o muitos annos preso, devendo a sua liberdade (segundo consta) a Luiz XIII, de França, que muito o estimava.

Sahindo da prisão, entregou-se exclusivamente ás lettras, de que foi um dos mais eximios cultores do seu tempo, e occupando um dos primeiros logares na historia litteraria do paiz.

Escriptor fecundissimo, chistoso e delicado, profundo observador, e escrevendo com a maior simplicidade e elegancia. A sua *Carta de Guia de Casados*, é um verdadeiro folhetim do seculo XVII; e não lhe ficam em nada inferiores os seus *Apologos dialogaes*, obra de bom gosto litterario, primorosa de estylo, e escripta com a maior graça e erudicção.

As *Alterações d'Evora*, as *Epanaphoras*, e a *Historia de los movimientos y separacion de Cataluña*, tudo está escripto em estylo grave e imparcial.

A ulima obra citada, mereceu tanta consideração aos hespanhoes, que figura no *Tesoro de historiadores españoles*, das edições de Baudry e de Ribadeneyra, como uma das obras mais selectas que, n'aquelle genero, possue a lingua castelhana.

Tambem foi distincto poeta, e o seu entremez do *Fidalgo aprendiz*, é realmente chistoso e original.

Finalmente, foi um escriptor fecundissimo e inimitavel prosador.

Falleceu na sua quinta de Alcantara, no dia 13 de outubro de 1666, na edade ainda florescente de 55 annos. Foi enterrado no convento de S. José de Riba Mar.

40.º—*Frei Francisco da Natividade* (o *latino*)—religioso carmelitano—profundo philosopho e theologo, e um dos melhores prégadores do seu tempo, em que houve muitos famosos.

Conseguiu em Roma muitos applausos, com umas conclusões magnas que defendeu alli, em um capitulo geral, de theologia natural, medica, expositiva, marianna, carmelitana, juridica, dogmatica, moral, mystica, regular e escolastica.

Era versadissimo nas divinas e humanas lettras.

Deixou impressos alguns sermões e um livro *in folio*, intitulado—*Linitivos da dor*, na morte da serenissima rainha, D. Maria Sophia de Neuburgo; e outro, tambem *in folio*, denominado *Thesaurus Evangelicus*.

Foi prior do convento do Carmo, de Lisboa, e duas vezes provincial, commissario, visitador geral e informador apostolico, da sua ordem, n'este reino, e deputado da junta das missões.

Falleceu no dia 6 de outubro de 1714, tendo nascido em 1648.

41.º—*D. Frei Thomé de Faria*, religioso carmelitano, doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra, prior do convento do Carmo, de Lisboa, provincial da sua ordem, bispo de Targa, coadjuctor do arcebispado de Lisboa. Foi versadissimo nas linguas grega e hebraica, e sobre tudo na latina, e n'esta traduziu os *Lusiadas*, de Camões, em verso heroico, que imprimiu em Lisboa, em 1622—e em 1624. um bello sermão sobre a canonisação de S. Francisco Xavier. Deixou promptos para entrarem no prelo, tres livros—dois sobre o *mestre das sentenças* e um sobre a *creação do mundo*. Tambem deixou escriptas algumas *décadas*, da historia do seu tempo.

Falleceu em Lisboa, em 23 de outubro de 1628.

42.º—*D. Frei Philippe da Rocha*, religioso trino, mestre jubilado em theologia, qualificador do Santo Officio, varão doutissimo. Deixou escriptos muitos livros, dos quaes poucos se imprimiram.

Em 6 de janeiro de 1669, foi nomeado bispo coadjuctor de Evora, com o titulo de *Madauro*.

Morreu em 24 de outubro do mesmo anno de 1669.

43.º—*Bartholomeu Philippe*, estudou os sagrados canones, na Universidade de Salamanca, onde foi mestre, e na de Coimbra tomou o grau de doutor, sendo lente das cadeiras de *decreto* e *vespera*, da mesma faculdade. Foi famoso jurista, e profundo philosopho moral, deixando varias obras sobre estas duas faculdades; mas só pôde imprimir um livro *de Fictionibus*, outro de *in Cap. scindite corda vestra de Pœnitentia*: obra que foi muito louvada pelo insigne *D. Diogo Covarrubias*—outro *del consejo e de los consejeyros de los principes*, que se imprimiu em Coimbra, e depois em Veneza, traduzido em italiano, por Júlio Cesar Piovano di Carpento.

Na dedicatoria que d'este livro fez ao cardeal Alberto, refere as obras que tinha composto, e que mencionarei, para provar a fecundidade e o amor ao trabalho, d'este escriptor; são—20 livros de *regras* (doutrinas e opiniões communs no direito canonico e civil) com muitas annotações—5 livros de *Conjecturas* (in utroque jure)—2 livros de *Problemas* e *Questões juridicas*—2 livros de *Conselhos*—4 livros de *Repetições* (in utroque jure)—6 livros de varios tratados de direito civil e canonico—1 livro de *Concordancia dos quatro Evangelistas*—1 livro da *Elegancia e propriedade de vocabulos*—4 *Tratados sobre o regimento de uma bem instituida republica*—20 livros sobre *Disciplina Militar*—4 livros do *Amor divino, humano e casto*—4 livros do *Officio dos embaixadores*—2 livros de *Problemas naturaes e moraes*—2 livros de *Cousas naturaes e moraes*—2 livros de *Comparações e Parabolas*—2 livros de *Conselhos astutos e prudentes*—2 livros de *Respostas discretas e engenhosas*—1 *Tratado da creação dos filhos* (dedicado ao conde de Portalegre)—1 livro da *Successão do reino de Portugal*—uma *Carta ao sr. D. Antonio* (prior do Crato) desenganando-o da sua pretensão á corôa de Portugal—uma carta a Jeronymo Cardoso. *Oitenta e nove* livros e duas cartas escreveu este auctor inexgotavel.

Poucas d'estas obras se imprimiram.

Morreu a 25 de outubro de 1590.

44.º—*D. Diogo da Annunciação Justiniano*. Nasceu na freguezia de S. Lourenço, d'esta cidade. Na edade de 16 annos foi admittido a conego secular, da congregação de S. João Evangelista (loyo) onde estudou theologia e philosophia, e se graduou doutor, pela Universidade de Coimbra, onde era ouvido com attenção e respeito. Indo a Roma, a negocios da sua ordem, alli deu a conhecer a vastidão dos seus talentos, nos mais graves pulpitos e tribunaes d'aquella cidade.

Na mesma curia, por apresentação de D. Pedro II, de Portugal, foi sagrado, pelo cardeal Leandro Collorêdo, nas dignidades de bispo da Serra e arcebispo de Cangranor, na Asia (India) mas em razão dos seus padecimentos, não pôde hir tomar conta do seu arcebispado, que resignou. Consignaram-se-lhe 300$000 réis de congrua, no bispado de Miranda. O bispo da Guarda, Ruy de Moura

Telles, lhe deu outra de 200$000 réis. O primeiro marquez de Abrantes, D. Lopo d'Almeida, grande venerador dos sabios, o apresentou na abbadia de S. Thiago d'Antas, que passados tres annos renunciou, com reserva de 700$000 réis, de pensão annual.

O arcebispo d'Evora, D. Simão da Gama, o nomeou seu coadjutor, provisor e presidente da relação ecclesiastica, que exercitou com admiravel sollicitude e imparcialidade.

Foi orador famoso, por parte do estado ecclesiastico, nas côrtes de 1 e 4 de dezembro de 1697. Compoz e imprimiu o *Tropheu Evangelico*, que são 4 tomos de sermões, moraes, historicos e panegyricos — além de outros sermões avulsos, tambem impressos.

Deixou escriptos tres tomos, *in folio*, da obra *Turris Davidica* (contra os judeus). — Um tomo, *in folio*, denominado *Volatus Aquilae sive expositio litteralis, moralis et allegorica in epistolas S. Joannis, apostoli.*

Deixou a sua livraria á casa dos conegos seculares da congregação de S. João Evangelista d'Evora, onde fôra noviço e teve a sua primeira educação religiosa e scientifica.

Morreu em Evora, em 28 de outubro de 1713. Tinha nascido em 1654.

45.º—*Frei Antonio da Natividade*, da nobre familia Ximenes, religioso eremita de Santo Agostinho, lente de philosophia e theologia, nos collegios da sua ordem, de Lisboa, Evora e Coimbra. Escreveu excellentes *Stromas economicos*, do governo de uma casa, e outras obras religiosas que se imprimiram em Lisboa e em Braga, sendo algumas traduzidas em castelhano e impressas em Madrid.

Era um varão de grande intelligencia e esclarecidas virtudes. Foi muito devoto de Nossa Senhora da Penha de França, sendo muitos annos seu capellão. Era muito caritativo, e erigiu algumas confrarias para suffragarem as almas do purgatorio.

Falleceu em 2 de novembro de 1665, sendo sepultado no pavimento da capella das almas, da sua familia, na egreja da Penha.

46.º—*O padre José Dias de Moura*, beneficiado da egreja parochial de S. Bartholomeu, de Lisboa, logar que exerceu até poucos dias antes da sua morte. Nasceu em 1611 e falleceu em 6 de novembro de 1723, com 112 annos de edade.

Conheceu sete reis de Portugal — os usurpadores, Philippes II, III e IV — D. João IV — D. Affonso VI — D. Pedro II — e D. João V.

47.º—*D. Manuel Caetano de Sousa*, filho de D. Francisco de Sousa (capitão da guarda real alleman, presidente do tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens e conselheiro d'estado). Foi clerigo regular da Divina Providencia, pro-commissario geral da bulla da Santa Crusada, em Portugal e seus dominios, do conselho de sua magestade, censor da academia real de historia portugueza e primeiro promotor d'ella. Compoz e imprimiu dois eruditissimos tomos, da *Vinda de S. Thiago a Hespanha*, e outros diversos livros de muito merecimento, e contendo muitas e curiosas noticias. As suas obras foram catalogadas pelo famoso conde da Ericeira, e se imprimiu (o catalogo) em um livro *in folio*, tão numerosas eram.

Falleceu em Lisboa, no seu mosteiro, em 18 de novembro de 1734, tendo nascido em 1658.

48.º—*D. frei Christovão Moniz*, religioso carmelita, depois de ser prior do seu convento de Lisboa e provincial da sua ordem, foi bispo de Reona, coadjutor do cardeal-infante, D. Affonso, bispo d'Evora.

Falleceu com fama de santidade, em 20 de novembro de 1531.

49.º—*O padre Luiz Alvares*, da Companhia de Jesus, um dos mais insignes varões da sua ordem, sobre tudo no zelo e conversão das almas. Por elle, disse o Summo Pontifice ao seu geral: «Ouço dizer que tendes em Portugal outro S. Paulo.»

Discorreu muitos annos pelo reino, a pé, vivendo de esmolas, todo empregado na santa empreza da conversão dos peccadores, colhendo copioso e admiravel fructo.

Era um leal portuguez e fervoroso defensor dos direitos da duqueza de Bragança, D. Catharina, filha do infante Duarte; con-

tinuando ainda a sustentar a sua opinião, depois do dominio de Phillppe II.

Prégando na capella real, em dia do apostolo S. Philippe, na presença d'aquelle usurpador, pondo n'elle os olhos, tomou por thema aquellas palavras do Evangelho — *Philippe, qui videt me, videt patrem meum*» (Philippe, quem me vê a mim, vê a meu pae). Sobre este thema foi discorrendo, posto que em sentido figurado; mas tão claramente que todos os seus ouvintes entendiam com a maior facilidade, que elle verberava a usurpação.

Em outra occasião, prégando em presença do cardeal Alberto (governador de Portugal por Philippe II) sobre o Evangelho do paralytico, tomou por thema as palavras:— «*Surge! Tolle grabatum tuum, et ambula*», e voltando-se para o cardeal, lhe disse—palavras formaes—«Serenissimo principe, querem dizer estas palavras—levantae-vos, tomae o fato e cabana, andae, ide-vos para a vossa terra.» Tanta era a auctoridade e reputação d'este homem famoso, que se animava a fallar assim em pontos tão perigosos.

Falleceu na villa de Aviz (onde a morte o colheu, durante as suas santas missões) em 24 de novembro de 1590.

Deixou quatro tomos de sermões.

50.º—*Diogo do Couto*—nasceu em 1542. Estudou primeiramente junto com D. Antonio, prior do Crato, filho do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel; sendo seu mestre o famoso D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que depois foi arcebispo de Braga. Passou a estudos superiores, e sahiu insigne em mathematica e geographia; mas mudando de profissão, quando falleceu o infante D. Luiz, (de quem era familiar), passou a militar no Oriente, tendo apenas 14 annos de edade, e alli esteve oito annos, e observou e inquiriu os sitios e os successos das guerras do estado da India.

Regressou a Portugal, tendo 22 annos de edade, onde tornou a ser despachado para o Oriente. Em Gôa, entregou-se com ardor ao estudo, começando a escrever algumas paginas avulsas, da historia da India portugueza. A fama do seu talento chegou a Portugal, quando Philippe II dominava este reino, e pensava em fazer continuar as *Décadas* de João de Barros; pelo que o usurpador o nomeou chronista da India.

Couto não tem a elevação de estylo que se admira em Barros, mas é lhe superior em exactidão e imparcialidade. Narra com a auctoridade de uma testemunha ocular, com o desafogo de um soldado, e com a severidade de um historiador, as crueldades, prepotencias, ambição, rapacidade e injustiça dos ministros e auctoridades, no governo da India.

Não foi só nas suas nove *Décadas da India*, que elle verberou toda a classe de despotas—no seu *Soldado pratico* expoz com clareza, desengano e verdade incontestavel as causas da nossa decadencia no Oriente.

Escreveu tambem a vida de D. Paulo de Lima, capitão-mór da India, e outras obras de menos importancia.

Tambem escreveu um *Compendio de historia da India*, contra a *Relação da Ethiopia* de Luiz de Herrera.

Foi o primeiro e ultimo guarda-mór da Torre do Tombo, na India.

Falleceu em Goa, com 74 annos de edade, em 10 de dezembro de 1616.

No seu retrato se lhe poz este distico.

EXPRIMIT EFFIGIES QUOD SOLUM IN CAESARE VISUM EST;
HISTORIAM CALAMO TRACTAT, ET ARMA MANU.

51.º—*D. Verissimo d'Alencastre*, descendente de D. João I. Nasceu em 1605—mestre em artes, doutor em canones, inquisidor, conego e thesoureiro-mór do arcebispado d'Evora, arcebispo primaz de Braga, inquisidor geral, conselheiro d'estado, cardeal da Santa Egreja Romana.

Dotou Deus este esclarecido varão de uma indole tão branda, de um genio tão suave, que rendia todos os corações d'aquelles que o tratavam. Fallava com tanto agrado aos mais poderosos como aos mais humildes. Uns e outros achavam no seu palacio entrada franca, e no seu animo vontade prompta. Foi sempre affavel, sempre humano, sempre benigno.

Affirmou na hora da morte que nunca tivera odio ou má vontade a pessoa alguma.

Teve a summa habilidade de viver em paz e estimado de todos os partidos durante as cruas guerras do seu tempo. Soccorria os necessitados com avultadas esmolas, e nunca quiz receber as pensões que lhe eram devidas da reserva do arcebispado de Braga, que havia renunciado, e as mandava repartir pelos pobres d'aquella diocese. Tratou-se sempre com pouca ostentacão, ainda depois de cardeal, applicando em beneficio dos pobres o que havia de gastar em faustos e pompas humanas. Finalmente foi um dos mais exemplares e respeitados principes da egreja lusitana.

Falleceu em 13 de dezembro de 1692, e foi sepultado no convento de S. Pedro d'Alcantara, junto á porta da egreja, da parte de fóra, em sepultura raza, que tinha mandado fazer em vida. Na campa se lhe gravou uma elegante inscripção que declara muitas das suas virtudes.

52.º—*Lourenço Pires de Carvalho*, filho de Lourenço Pires de Carvalho, provedor das obras do Paço, e de D. Magdalena de Vilhena.

Foi porcionista do collegio real de S. Paulo, doutor em canones, chantre da Sé do Porto, dezembargador dos aggravos e juiz da corôa, da relação da mesma cidade. Depois foi feito desembargador dos aggravos, em Lisboa; deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, e da junta dos tres estados; arcediago de Santarem, commissario geral da bulla da cruzada e provedor das obras do paço. Recusou ser bispo de Lamego, para que foi nomeado por D. Pedro II, em 1692. Era douto, pio e virtuoso.

Junto ao sitio da Penha de França edificou uma sumptuosa ermida, com a invocação de *Nossa Senhora do Monte Agudo*, com Santissimo Sacramento, para se poder administrar com brevidade aos enfermos d'aquelle sitio.

Escreveu e imprimiu dois tomos, que intitulou *Enuclationes Ordinum militarium*, —um tomo, em defesa das Cruzadas—dois de *Questiones selectae duodecim de bulla sanctae Cruciatae*—tudo isto *in folio*: mais um epitome, com addições, sobre a mesma materia.

Morreu em 16 de dezembro de 1700. Foi sepultado na ermida de Nossa Senhora do Monte Agudo, em sepultura raza, com esta inscripção:

SEPULTURA DE LOURENÇO PIRES DE CARVALHO, INDIGNO CAPELLÃO DE NOSSA SENHORA.

53.º—*Manuel Severim de Faria*, nasceu na freguezia de Santa Justa. Era irmão de Gaspar Severim de Faria, secretario das mercês dos reis D. João IV e D. Affonso VI. Graduou se em philosophia e theologia, na universidade de Evora. Foi chantre da Sé da mesma cidade, e varão adornado de muitas virtudes e lettras.

É um dos nossos mais distinctos archeologos, descobrindo muitas antiguidades lusitanas e romanas.

Juntou uma grande livraria, estimavel pela raridade dos seus livros e pela preciosidade dos seus manuscriptos—e uma collecção numismatica de moedas de differentes epocas. Tinha um museu, com grande numero de amphoras, medalhas e outras muitas antigas curiosidades.

Deixou escriptos e correm impressos varios livros, sendo os mais notaveis—*Promptuario Espiritual*—*Discursos varios, politicos*—*Historia ecclesiastica d'Evora*—*Noticias de Portugal*—comprehendendo povoações, milicia, nobreza, appellidos, armas, brazões, moedas, universidades, propagação do Evangelho em Guiné, naus da India, peregrinações, viagens, cardeaes portuguezes, varões illustres, etc.

Falleceu em 17 de dezembro de 1655. Foi sepultado na Cartuxa d'Evora.

54.º—*Estevão Rodrigues de Castro*, nasceu em 1559. Foi bom latino, excellente poeta, grande philosopho, famoso medico e insigne lente de prima de medicina, na Universidade de Piza e phisico-mór do grão-duque de Florença; para cujo grão-ducado emigrára, por não poder soffrer o jugo dos castelhanos.

Escreveu e publicou 21 livros, de muito merecimento e que lhe deram grande fama de sabio profundissimo.

Morreu em Piza, a 19 de dezembro de 1637.

55.º—*Miguel de Moura.* Era de uma familia nobre. Foi creado em casa do conde da Castanheira, que lhe tinha grande amisade e o mandou ensinar as lettras humanas, e introduziu no paço de D. João III, onde começou a servir com acceitação. Morrendo este monarcha, conseguiu introduzir-se como valido da rainha regente, D. Catharina, e depois com el-rei D. Sebastião, que o fez seu secretario de estado e escrivão da puridade.

Da primeira vez que D. Sebastião foi para a Africa, ficou Miguel de Moura com o cardeal D. Henrique; e quando o rei tornou para a Africa, deixou Moura com voto no conselho d'estado, e com a chave do cofre do seu signal.

Foi grande valido do cardeal rei, e depois de Philippe II, que o nomeou um dos governadores do reino, pela ausencia do cardeal Alberto.

Era de caracter tão doble, e tinha tão grande astucia, que havendo em Portugal tres partidos (antes de cahirmos nas garras dos castelhanos) se dizia geralmente:—*Uns são da rainha, outros do rei, outros do cardeal, e Miguel de Moura é de todos.*

Foi vinte annos um furibundo sectario da usurpação philippina, pelo que era geralmente odiado pelos portuguezes leaes.

Casou com Brites da Costa, mulher nobre pelo sangue e ainda mais por suas virtudes. Não tendo filhos applicaram todos os seus bens para a fundação e rendas do mosteiro das capuchinhas descalças de Sacavem.

Morreu em 30 de dezembro de 1600, e foi enterrado no mosteiro que fundára. Brites da Costa, logo depois da morte de seu marido, se recolheu ao mesmo mosteiro, e nunca mais se deixou ver, nem fallou a pessoa alguma de fóra do convento.

—

Julgo a proposito contar aqui o facto que deu motivo á fundação d'este mosteiro.

O rei D. Sebastião partiu para Castella, em 11 de dezembro de 1576. Dois dias depois (a 13) uma medonha explosão destruiu uma tercena que havia junto á egreja de Santos o Velho. Havia alli 250 quintaes de polvora (15:000 kilogrammas) e grande quantidade de trigo.

Ouviu-se o estampido a muitas leguas em redor, e tremeu o terreno a grande distancia, como se fosse um terramoto, fazendo hir pelos ares muitas moradas de casas, nas quaes pereceram muitas pessoas. Foram arrojadas a grandes distancias, pedras enormes e traves pesadissimas. O rio e o terreno circumferente ficaram cobertos de trigo.

Se D. Sebastião não tivesse partido, a sua vida corrêra grande risco, porque residia no palacio de Santos.

Miguel de Moura e sua mulher moravam em umas casas proximas ás tercenas, que voaram com a explosão. Moura estava ausente, e sua mulher, na occasião do sinistro, estava vestindo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Todos julgaram que Brites da Costa voaria com as casas, ou que, devorada pelas chammas, nem vestigios d'ella se encontrariam; mas, com geral admiração, se achou debaixo dos entulhos, viva e sem a minima lesão, além de umas insignificantes contusões no rosto; e junto a ella a santa imagem, tambem intacta; e attribuindo-se este facto a milagre da Santissima Virgem, se ficou aquella imagem denominando *Nossa Senhora do Milagre.*

Foi em reconhecimento de tão grande milagre, que Moura e Brites fundaram o mosteiro de Sacavem; cuja obra principiaram logo no anno seguinte.

É este mosteiro da primeira regra de Santa Clara, do qual nomearam padroeira e tutelar a mesma Senhora da Conceição, cuja festa foi pelos fundadores ordenado que se fizesse no dia 13 de dezembro, anniversario do milagre.

56.º—*João Pinto Ribeiro.* Já a paginas 190, no artigo pertencente a Amarante, e a paginas 238 X, na palavra Arnoia, fallei d'este famoso patriota—e para esses artigos re-

metto o leitor, que exigir todos os esclarecimentos. Aqui darei a biographia resumida de Ribeiro.

Como Homero, como Viriato, como Camões e varios outros varões illustres, ignora-se a patria de João Pinto Ribeiro; mas, segundo a maior parte dos escriptores, ha bons fundamentos para o julgar lisbonense; apesar de Celorico de Basto (a aldeia de Santoadou, na freguezia d'Arnoia, d'este concelho) Amarante, Guimarães, Lamego, Castello de Paiva (aldeia de Nojões, freguezia de Real, d'este concelho) disputarem esta gloria a Lisboa.

Nasceu pelos fins do seculo XVI, e é certo ser oriundo de Celorico de Basto. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, e foi secretario do duque de Bragança, D. João, depois IV do nome, entre os reis de Portugal.

Ao dedicado patriotismo d'este portuguez energico e obstinado, e á sua admiravel abnegação, deve a nação portugueza a sua liberdade e autonomia. Foi elle que inspirou em muitos fidalgos o ardente desejo de anniquilarem a usurpação de Philippe IV — atou os fios d'essa conjuração milagrosa, e lhe deu um chefe—o duque de Bragança— cuja timidez e hesitações pôde vencer, secundado pela duqueza, D. Luiza de Gusmão, e sendo-lhe necessario por varias vezes percorrer (sob perigo da liberdade e da vida) o caminho de Lisboa a Villa Viçosa e vice-versa.

Nem descançou depois de occupar o throno o monarcha que os portuguezes escolheram; antes com a penna, defendeu com incontestavel eloquencia e os mais solidos fundamentos, os direitos da restauração. Pouco porém sobreviveu desde que Portugal sacudiu as incomportaveis algemas da escravidão, pois falleceu em 11 de agosto de 1649, e foi sepultado no convento de S. Francisco da Cidade, junto á porta do refeitorio, em sepultura propria.

D. João IV o fez, em premio dos seus serviços, juiz de fóra de Pinhel, e depois de Ponte de Lima, e por fim desembargador, contador-mór da fazenda e guarda-mór da Torre do Tombo, e lhe deu fôro de fidalgo.

O sr. Francisco Augusto de Mesquita Moura Queiroz Pinto Ribeiro, que reside em Lisboa (ou, pelo menos, aqui residia em 1870) diz que seu pae justificou ser quinto neto do grande heroe, João Pinto Ribeiro, alcançando sentença de nobreza, em 22 de dezembro de 1833. Este senhor é d'Arnoia, e póde muito bem ser sexto neto do dr. Ribeiro [1] sem se concluir d'ahi que elle nascesse n'esta freguezia; porque podiam vir para aqui os seus descendentes.

Diz o sr. Francisco Augusto, que o solar de João Pinto Ribeiro, se conservou nos seus descendentes até 1838, e que então, cahindo elles em extrema pobreza, acabaram de o vender.

Em 1834, havia duas velhas, creadas da casa real, no palacio da Ajuda, que se diziam descendentes de João Pinto Ribeiro, e como taes eram por todos consideradas. Estas velhas, assim como todas as suas infelizes companheiras, foram expulsas do paço, em 1834, e arrojadas á miseria.

A ultima d'estas descendentes de João Pinto Ribeiro, falleceu em 1852, á fome e ao desamparo, e foi amortalhada e enterrada pela caridade publica.

—

João Pinto Ribeiro, não era só um leal e bravo patriota; era tambem famoso jurisconsulto. Escreveu dois tomos, um sobre as *Ordenações* (que dizem ter depois sido impresso em nome de outro auctor) e outro sobre as *rimas* de Camões, que se perdeu. Diz-se que era uma excellente obra e cheia de vastissima erudição. Isto além do que escreveu em defeza dos direitos de D. João IV á corôa de Portugal.

57.º — *Gil Vicente* (o Plauto portuguez). Como João Pinto Ribeiro, tambem se não sabe com certeza o logar do seu nascimento, ainda que alguns sustentam que nasceu em Lisboa, em 1475.

[1] Ha porém escriptores que sustentam que João Pinto Ribeiro, apesar de ser casado não teve filhos legitimos: e se isto assim é, o sr. Francisco Augusto descende d'elle por bastardia.

Para evitar mais repetições, vide a col. 2.ª da pagina 330 do 1.º volume.

58.º — *Santo Antonio de Lisboa* (ou Santo Antonio de Padua, como dizem os italianos). Já a paginas 225 d'este volume, tratei da casa onde nasceu o nosso popular santo, e quem eram seus paes. Tratarei agora de relatar os factos mais notaveis da sua vida.

—

Segundo o maior numero de escriptores, nasceu Santo Antonio no dia 14 de agosto de 1195; mas, frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico* (pag. 520, n.º 2) diz que foi a 15.[1] Foi baptisado na Sé, no dia 22 do mesmo mez de agosto. Ainda existe no mesmo logar (á esquerda da entrada da porta principal) a pia em que foi baptisado, com o nome de Fernando, que mudou quando de crusio passou a franciscano. Em memoria d'este facto, se gravaram na pia baptismal estes dois versos:

HIC SACRIS LUSTRATUS AQUIS, ANTONIUS ORBEM.
LUCE BEAT, PADUAM CORPORE, MENTE POLUM.

—

Era então papa Celestino III; imperador do Oriente, Izacio Angelo; do Occidente, Henrique V; e rei de Portugal, D. Sancho I.

Tomou o habito de conego regrante de Santo Agostinho (crusio) em 1206, e entrou na religião em 1211, vivendo primeiro no convento d'esta ordem, em S. Vicente de Fóra, e depois em Santa Cruz de Coimbra.

Achando muito livre a regra dos crusios, a deixou, passando para a ordem mendicante de S. Francisco d'Assis, em 1220.

Tendo no seu tempo soffrido o ultimo supplicio na Africa, os *cinco martyres de Marrocos*, que elle conhecia de Portugal, desejou hir prégar aos infieis, e ser martyr do catholicismo.

Embarcado para a Africa, foi na viagem accommettido por uma grave doença, que o obrigou a desistir da empreza. O navio foi arrojado por uma tempestade para as costas da Sicilia.

N'essa occasião tinha logar o capitulo geral da ordem franciscana, convocado por S. Francisco, seu fundador, e o nosso santo, aproveitando o ensejo, visto estar na Italia, foi assistir a elle.

S. Francisco lhe ordenou que prégasse, e lêsse theologia aos religiosos, o que Santo Antonio fez, com grande applauso, em França e Italia, até que morreu em Pádua, em 1231; e é por esta circumstancia que estrangeiros lhe chamam Santo Antonio de Pádua.

Era tanta a fama da sua virtude e do seu merito, que logo no anno de 1232 foi canonisado pelo papa Gregorio IX.

59.º—*João Affonso das Regras* (vulgarmente *João das Regras*.) Vide a sua biographia a pag. 379, col. 2.ª, do 1.º vol.

60.º—*Affonso Domingues*, o primeiro architecto do mosteiro da Batalha, segundo um documento de 1402.

A vida d'este homem anda envolvida em fabulas, que fizeram d'elle um heroe legendario.

Não se sabe com certeza onde nasceu, mas ha boas razões para o suppôr lisbonense.

A sua obra (o convento da Batalha) feita em cumprimento do voto de D. João I, pela victoria gloriosa de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385, é o mais imponente e venerando monumento historico de Portugal.

É da ordem gothica. Como as cathedraes de Colonia, de Strasburgo e de Hork, a egreja da Batalha avulta entre os primores da arte, e revela a energia de um povo de bravos, que alcançaram a sua independencia conquistando na Europa um logar distincto entre as nações mais civilisadas.

Não se sabe quando nasceu, nem quando morreu o mestre Affonso Domingues: apenas podemos marcar a sua carreira no mundo, entre os annos 1304 e 1410.

[1] Cumpre-me aqui rectificar um êrro que, por inadvertencia escapou, a pag. 522 d'este volume — é confundir o dia do nascimento do padre Antonio Vieira com o de Santo Antonio, dizendo que este nasceu a 6 de fevereiro.

61.º—*Fernão Lopes*, o chronista — muito pouco se sabe d'este eminente escriptor, que afoitamente se póde chamar o pae da prosa e da historia portugueza.

Foi secretario do infante D. Fernando (filho de D. João I) e do rei D. Duarte, antes de subir ao throno.

Foi trinta e tantos annos guarda-mór da Torre do Tombo, e foi encarregado pelo rei D. Duarte de escrever as chronicas dos reis seus antecessores, o que elle fielmente cumpriu, levando a historia portugueza até ao principio do seculo XV.

D'esta vasta collecção apenas existem as chronicas de D. Pedro I, D. Fernando, e D. João I.—Suppõe-se que as outras chronicas, desde D. Affonso I até D. Affonso IV, foram subtrahidas por outros escriptores, que se aproveitaram d'ellas para as suas chronicas.

Descrevia com a mais elegante simplicidade e clareza, e sempre com a mais rigorosa verdade, tanto as grandes batalhas como os motins e arruaças da plebe.

Não se sabe quando nasceu nem quando morreu; apenas se sabe que em 1418 era guarda-mór da Torre do Tombo, e que em 1454 se demittiu voluntariamente, e que ainda vivia em 1459.

Gomes Eannes de Azurára, successor de Fernão Lopes. — Tambem se sabe pouco da sua vida. Existia no meiado do seculo XV. Era seu pae, João Eannes de Azurára. Em 1454, era commendador de Alcainça (da Ordem de Christo.)

Pouco se applicou ás lettras, até á edade viril; mas depois, tão distincto se tornou, que D. Affonso V (que era um sabio) o escolheu para guarda-mór da Torre do Tombo, para bibliothecario da livraria do seu palacio e continuador de Fernão Lopes, na chronica de D. João I, cuja ultima parte escreveu.

Tambem escreveu a chronica de D. Pedro de Menezes, primeiro governador de Ceuta —a de D. Duarte de Menezes, filho bastardo d'aquelle D. Pedro, e primeiro conde de Vianna (do Minho) e a do descobrimento e conquista da Guiné, a mais importante das suas obras.

Tambem se não sabe quando nasceu nem quando falleceu.

O seu estylo, posto ser desegual e ás vezes affectado, é agradavel e insinuante, e escrupuloso no apuramento da verdade; escrevendo o que não viu ,só á vista de informações fidedignas: por isso as suas obras são dignas de todo o credito.

63.º—*Pedro Alvares Cabral*—suppõe-se que nasceu em Lisboa. Era de nobre ascendencia, filho de Fernão Cabral, alcaide-mór de Belmonte, e neto de Fernão Alvares Cabral, guarda-mór do infante D. Henrique.

Achado o caminho para a India, pelo *Cabo da Boa Esperança* (até então denominado *Cabo das Tormentas*) determinou o rei D. Manuel mandar uma poderosa e magnifica esquadra á India.

Teve Pedro Alvares Cabral o commando d'esta brilhante esquadra, que a 9 de março de 1500 sahiu de Lisboa em direcção ao seu destino.

Uma forte tempestade apanha os navios em Cabo Verde, levando-os corridos para o occidente, onde só esperavam encontrar a vastidão do mar; mas foram dar com uma extensa costa, a que aportaram, em 24 de abril do mesmo anno de 1500.

Era o *Brasil*, que patenteiava aos nautas admirados a magnificencia da sua poderosissima vegetação.

Pedro Alvares lhe dá o nome de *Terra de Santa Cruz;* e manda logo um dos navios da sua esquadra, a Portugal, a dar ao rei tão fausta noticia, seguindo elle para a India com o resto da esquadra; e alli deu brilhantes provas da sua rara energia, tornando temido e respeitado o nome portuguez n'aquellas regiões.

Regressou ao reino em 23 de junho de 1501. D. Manuel o nomeou commandante da esquadra que em seguida a esta se destinava á India; mas Pedro Alvares, por questões de pundonor, não acceitou, e o rei não insistiu.

D. Manuel, em *recompensa* de Pedro Alvares lhe ter subjugado tantos rajás asiaticos e de lhe ter dado um novo mundo, o esqueceu, como cousa inutil, e jámais lhe

deferiu aos seus requerimentos, e morreu na obscuridade; mas a posteridade o vingou, e seu nome glorioso será sempre pronunciado com respeito e orgulho pelos portuguezes.

Não foi só a este vassallo leal e valoroso que D. Manuel despresou: outros muitos varões de grande merecimento e eminentes serviços tiveram egual sorte, de modo que este monarcha merecia mais o cognome de *ingrato* do que o de *venturoso*. (Vide pag. 374, col. 2.ª, do 1.º vol.)

64.º—*D. Francisco de Almeida*, 7.º filho de D. Lopo de Almeida, 1.º conde de Abrantes.

Desde os seus mais verdes annos deu provas incontestaveis do que viria a ser quando a edade o tornasse homem. Foi estimado por tres monarchas consecutivos, merecendo de todos elles decididas provas de consideração.

D. Affonso V, quando foi a França, procurar o auxilio do astuto Luiz XI, para as guerras contra Fernando o Catholico, de Castella, enviou o joven D. Francisco d'Almeida a Pariz, a annunciar a sua chegada.

D. João II, quando D. Francisco voltou das guerras de Granada, onde servira como voluntario, o tratou com extremada distincção, fazendo-lhe a honra de o sentar á sua mesa.

D. Manuel, finalmente, quando tratou de enviar á India o primeiro vice-rei, nomeou para esse cargo importantissimo, a D. Francisco de Almeida.

Foi a India o theatro das suas glorias, dando alli provas do seu animo, da elevação do seu espirito, e da integridade do seu caracter. Tremeram d'elle os inimigos dos portuguezes. Panane arrazada; a frota de Calecut destroçada, na primeira e mais completa batalha naval que os portuguezes sustentaram nos mares da India. As fortalezas de Cochim e de Cananor, construidas, apesar dos rajás indianos, justificaram a sua habil politica.

Tambem na Africa subjugára Quilôa e Mombaça.

A todas as suas apreciaveis qualidades juntava D. Francisco a mais recta imparcialidade, nobilissimo desinteresse, e uma implacavel severidade contra os intrigantes e os ladrões.

Um dos seus mais intrepidos e honrados officiaes, foi seu filho, D. Lourenço de Almeida, a quem seu pae adorava, e que já tinha prestado nos mares e terras da India relevantissimos serviços á sua patria; mas falleceu em uma batalha naval, quando com pequenas forças teve de combater contra uma poderosa armada do sultão do Egypto, depois de obrar os prodigios de valor mais assombrosos.

Este successo fatal desvairou completamente o vice-rei, e a sua prudencia se transformou no mais ardente desejo de vingança. A esta circumstancia se deve attribuir a crueldade de que deu provas, e o injusto procedimento que teve com o grande Affonso de Albuquerque, que em nada lhe era inferior, negando-se a entregar-lhe o governo e praticando outros actos pouco dignos. (Vide Casa dos Bicos, a pag. 140 d'este volume, e *Paraizo*.)

Devorava-o uma irritabilidade nervosa, que muito concorreu para a sua morte.

Depois de ter vingado o filho, em uma gloriosa batalha naval, regressou á Europa; mas, no Cabo da Boa Esperança, deixando se guiar pelo frenesi que o consumia, aventurou-se em um recontro, com miseraveis cafres, cujas asagaias, no dia 1.º de março de 1510, o traspassaram: e morreu em uma insignificante escaramuça o heroe que com vida e gloria tinha escapado de terriveis batalhas!

Foi seu successor o famosissimo Affonso de Albuquerque.

65.º—*D. João de Castro*, (4.º vice-rei da India) descendente de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I; era filho de D. Alvaro de Castro e de D. Leonor de Noronha. Nasceu em 17 de fevereiro de 1500. Recebeu uma boa educação litteraria, sendo seu mestre de mathematica o famoso Pedro Nunes. Foi collega do infante D. Luiz, irmão de D. João III, e pae do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Escreveu o *Roteiro do Mar Roxo*, obra

que revela profundos conhecimentos nas materias de que trata.

Lia e estudava os classicos gregos e latinos com tanto afan e enthusiasmo, que chegou á pratica de os imitar na India, com os seus triumphos anachronicos.

O imperador Carlos V, emprehende a conquista de Tunes. D. João III, de Portugal, reforça a armada do imperador, com uma brilhante esquadrilha, commandada por seu filho, o infante D. Luiz, collega e intimo amigo de D. João de Castro, que n'esta empreza se distinguiu por heroicas acções de valoroso soldado.

Tunes foi conquistada, e a esquadra portugueza e sua guarnição, cobriram-se de gloria. (1535.)

(O imperador Carlos V, tambem havia nascido em 1500.)

D. João de Castro tambem prestou á sua patria relevantes serviços, como bravo militar, nas praças e batalhas luso-africanas; e depois, no Oriente, como simples official.

Em 1545, foi nomeado governador da India, e como tal fez levantar o cêrco de Diu, uma das suas maiores façanhas.

Falleceu em Gôa, em 6 de junho de 1548, quando lhe fôra prorogado por mais tres annos o governo da India, com o titulo de vice-rei.

Foi na India um portuguez justo, recto, imparcial, desinteressado; e sevéro com os expoliadores, que deshonravam n'aquellas longinquas regiões o nome portuguez, ao qual elle soube restituir o seu antigo prestigio.

Quando quiz reedificar a fortaleza de Diu. não tendo dinheiro e não querendo vexar o povo com tributos, contrahiu um emprestimo (de 30:000 *pardáos)* com a camara de Gôa, dando-lhe as suas proprias barbas em penhor.

Elle e seus filhos foram um modelo de valor e constancia. Seu filho, D. Fernando de Castro, morreu (de 19 annos) gloriosamente, combatendo pela patria.

O outro seu filho, D. Alvaro de Castro, foi um dos melhores chefes portuguezes no Oriente.

Garcia de Sá, foi o successor de D. João de Castro, no governo da India.

66.º—*Antonio Ferreira*, nasceu em 1528. Era filho de Martim Ferreira (escrivão da fazenda de D. Jorge, duque de Coimbra) e de D. Mecia Froes Varella. Frequentou a Universidade de Coimbra, onde em breve adquiriu justificados creditos de sabio e de poeta. Favorecido da côrte, foi, sendo ainda muito joven, nomeado desembargador da relação, e obteve o fôro de fidalgo da casa real.

Os litteratos lisbonenses o respeitavam como seu mestre.

Morreu de peste, em Lisboa, em 1569.

Foi Ferreira o mais fervoroso adepto da litteratura denominada da *renascença*, fazendo resuscitar o gosto pelos classicos gregos e latinos.

Ferreira introduziu em Portugal e Hespanha o gosto pela tragedia, modelada pelos tragicos gregos. A sua *Castro*, foi a primeira producção d'este genero que teve a Peninsula, e é ainda hoje tida como um titulo de gloria para Ferreira.

Propugnador incansavel da lingua portugueza, contribuiu muito para a polir. Escreveu tambem duas comedias—*Bristo* e *O Cioso*.

67.º—*D. Constantino de Bragança*, nasceu em 1528—era filho de D. Jayme, duque de Bragança. Foi a França, como embaixador. Era camareiro-mór, e contava apenas 30 annos quando foi nomeado vice-rei da India, em 1558.

Achou os portuguezes do Oriente, desorganisados e desmoralisados. O seu grande nome, o seu parentesco com o rei e o seu caracter nobre, elevado e justo, pôde conseguir em grande parte, entrarem as coisas em ordem. Castigou o rebelde rei de Cananor; tomou as cidades de Damão e Bofetá; mandou Antonio Barreto contra os abexins, que derrota; a Luiz de Mello para o Malábar, onde venceu uma poderosa armada e destruiu a cidade de Mongalor.

O governo de D. Constantino, na India, durou até 1561, e durante elle, grandes victorias illustraram as armas portuguezas. Além do que já disse, derrotou os turcos em Ormuz, e desbaratou completamente, na ilha

de Ceylão, o rajah de Jafanapatão, ao qual o vice-rei tomou a ilha de Manar, onde erigiu uma fortaleza.

As virtudes severas de D. Constantino lhe acarretaram odios e malquerenças dos intrigantes e concussionarios. Foi accusado de menos limpo de mãos, e o rei o mandou defender d'estas infundadas accusações, o que elle fez facilmente; porém a côrte foi para elle tão ingrata, que, no seu regresso ao reino, nem sequer lhe restituiu o seu emprego de camareiro-mór.

Casou com uma filha dos marquezes de Ferreira, e abandonou a côrte e a politica. Recusou acceitar, em 1581 o vice-reinado da India, que D. Sebastião de novo lhe offerecia, e morreu a 14 de julho de 1575.

68.º—*D. Luiz de Athaide*, primeiro conde de Athouguia. Foi nomeado vice-rei da India, por D. Sebastião, em 1568.

O nosso imperio no Oriente estava em grande decadencia e desconsideração pelos muitos e escandalosos abusos dos portuguezes.

Os reis do Oriente, conhecendo a desorganisação do nosso *estado da India*, alliam-se e conspiram contra nós, para sacudir o jugo, na verdade insupportavel, que lhes haviamos imposto.

O conde de Athouguia, porém, defende as nossas conquistas com o maior valor, e com uma pericia militar consumada.

Os alliados atacaram simultaneamente os nossos quatro pontos militares principaes —Gôa, Chaúl, Chalé e Malaca; mas em todos elles foram batidos e obrigados a retirar com grandes perdas; ganhando então os generaes portuguezes uma fama immortal, porque se póde dizer que foi uma verdadeira reconquista, e o prestigio que haviamos perdido n'aquellas terras, foi subitamente recuperado.

—

D. Luiz de Athaide, sendo mancebo, seguiu o infante D. Luiz na conquista de Tunes. Foi na Africa que aprendeu a arte da guerra com os generaes do famoso Carlos V.

Com a chegada de D. Luiz á India, tornaram a resplandecer os velhos brios portuguezes. Os piratas que infestavam os mares, desappareceram, varridos pelas nossas esquadras, que já não se conservavam inactivas e pôdres nos portos. Uma severa disciplina transformou em guerreiros morigerados os aventureiros que guarneciam as praças.

Conquistára D. Luiz, em novembro de 1569, as cidades e praças de guerra de Onôr e Bracelôr, e foi então que os principes malabares formaram pela primeira vez uma alliança temerosa, esquecendo as suas antigas e prejudiciaes rivalidades, por isso nunca tão formidaveis exercitos haviam ameaçado o nosso poder no Oriente.

Os tres mais poderosos rajahs (o de *Nizan*, o *Hidalkan*, e o *Samorí*) eram os principaes chefes d'esta *avalanche* de mouros e turcos.

Foi n'esta conjunctura que D. Luiz mostrou todos os recursos do seu talento. Dirigindo a defeza de Gôa, não deixou a direcção geral da resistencia. Da cidade onde estava cercado partiam para as outras praças atacadas, soccorros a todos os momentos, e o seu olhar d'aguia abrangia n'um relance todas as operações militares dos seus generaes.

Durou sete mezes a lucta, e no fim d'esse tempo os indios, em toda a parte derrotados, viram a sua colligação desfeita, e pediram a paz a D. Luiz, que, ao regressar á patria, coroado de loiros, podia ufanar-se que salvára a India, deixando no espirito dos povos indostanicos uma impressão de terror, que tarde se apagaria.

Chegou a Lisboa em 1572, onde foi recebido com honras quasi regias.

Quando D. Sebastião tentou a sua segunda infelicissima expedição á Africa, contra o parecer de todos os portuguezes leaes, toda a côrte desejava que o rei nomeasse para commandante geral da expedição o conde da Athouguia; mas o soberano, querendo para si toda a gloria da empreza, mas não querendo ir abertamente contra a opinião publica, descartou-se de D. Luiz, tornando a nomeal-o vice-rei da India, onde á sua chegada se applacaram alguns surdos

rumores, e o Oriente tornou a curvar-se ante o seu vencedor.

Foi n'este vice-reinado que chegou á India a infausta noticia da derrota de Alcacer-Kibir, e depois a da perda da nossa liberdade e independencia.

O bravo patriota D. Luiz de Athaide, emprehendeu o tão nobre como agigantado plano de regressar a Portugal á frente dos seus guerreiros veteranos, desembarcar em Lisboa, reunir os portuguezes leaes, e aniquillar as tropas do usurpador castelhano; porém a sua morte destruiu este plano gigantesco, e os portuguezes tiveram de supportar 60 longos annos de oppressão e ignominia.

Depois do grande Affonso d'Albuquerque é o conde d'Athouguia o mais famoso vice-rei da India.

69.º—*Francisco d'Hollanda*, filho de Antonio de Hollanda. Nasceu pelos annos de 1518. Foi pintor insigne e um primorosissimo desenhador. Mandado a Italia para copiar alguns dos quadros famosos d'esse paiz conviveu familiarmente com Miguel Angelo, marqueza Victoria Colonna e outros personagens célebres; ácerca dos quaes dá muito curiosas noticias em um manuscripto de que o conde de Rachzinski tira largos extractos; e que Charles Clément aproveitou para completar com particularidades ignoradas, a sua *Biographia de Miguel Angelo.*

Francisco de Hollanda deixou outros escriptos relativos á arte de pintura, que, se não revelam um grande prosador, são escriptos em uma linguagem fluente e estylo agradavel.

Viveu na intimidade de D. João III, e de seu filho, o infante D. Luiz; e o imperador Carlos V o teve em grande apreço.

Do seu talento de illuminador, dá brilhante prova o livro, ou antes album, das antiguidades de Italia, que existe no Escurial, e que os escriptores hespanhoes consideram um primor d'arte.

Morreu em 19 de junho de 1584.

70.º—*Phebo Moniz*, filho de um fidalgo do mesmo nome. Foi sumilher da cortina, d'elrei D. Sebastião. Por morte d'este monarcha, subiu ao throno o perplexo e valetudinario cardeal-infante, D. Henrique. Quiz este convocar côrtes, para se decidir sobre a successão do reino; mas fez quanto podia para que os deputados fossem da sua facção, e meros instrumentos de Philippe II. Não sahindo em Lisboa um deputado dos seus, annullou a eleição, fazendo proceder a outra, em que sahiu eleito o fidelissimo patriota Phebo Moniz.

O cardeal não se oppoz a esta nomeação, porque não esperava em o novo eleito tão decidido amor da patria.

Tanto porém nas côrtes de Lisboa, como nas de Almeirim, que se lhe seguiram, no meio da geral corrupção de uns e do desalento de outros, a voz austera e inflexivel de Phebo, era a verdadeira voz da patria.

Sustentou que só ás côrtes e ao paiz assistia o direito de eleger o rei; e protestando que a nação só acceitaria um rei portuguez. Desmascarou todas as intrigas e subterfugios dos que nos queriam vender aos castelhanos. A sua attitude desconcertou o rei e envergonhou os traidores, dando coragem aos timidos e assustando o malvado D. Christovão de Moura.

Mas, não podendo Phebo, quasi só, vencer a corrente da corrupção, ainda assim envidou o ultimo recurso, apresentando a D. Henrique uns embargos, como procurador de Lisboa e em nome do povo portuguez. Não foram attendidos; porque pôde mais a traição e a venalidade do que a justiça. (Vide Almeirim, a pag. 149, col. 2.ª, do 1.º volume.)

O usurpador apoderou se da sua presa, e quando chegou a hora da vingança, Phebo Moniz não foi esquecido. Foi preso, e no carcere onde morreu, expiou o *crime* do seu acrisolado patriotismo.

Curvemo-nos respeitosos ante a memoria gloriosa d'este venerando portuguez, cujas palavras severas e plangentes, foram quasi as unicas que se ouviram n'essa época calamitosa e de sempre triste recordação, em favor da nossa autonomia e independencia.

71.º — *Frei Thomé de Jesus.* Vide paginas 224 d'este volume.

72.º — *Jeronymo Corte Real,* senhor do morgado de Palma. Nasceu pelos annos de 1540, e falleceu em 1593. Militou na India, onde foi capitão-mór de uma armada, e suppõe-se que tambem fez parte da infeliz expedição d'Africa, cujo desfecho foi a terrivel jornada d'Alcacer Kibir.

Foi um mimoso poeta. Sente-se nos seus poemas que elle presenceou as tempestades do Oceano e o horrido fragor das batalhas. Resentiam-se porém as suas obras de uma prodigalidade de erudição, muitas vezes mal cabida, e de uma invencivel inclinação ao mythologico e hyperbolico.

Onde mais se conhece este conjuncto de predicados e defeitos, é nos seus dois poemas—*O segundo cêrco de Diu* e o *Naufragio de Sepulveda*—e em uma epopéa, escripta em castelhano, cujo assumpto é a victoria de Lepanto.

Apesar d'estes defeitos e da prolixidade e incorrecção para que muitas vezes propende, é todavia um dos nossos poetas mais justamente célebres.

73.º — *D. Luiz de Menezes, 3.º conde da Ericeira.* Nasceu em 22 de julho de 1632, e foi, em creança familiar do principe D. Theodosio, a quem sempre se mostrou sinceramente affeiçoado. Foi capitão de cavallos—distinguiu-se na campanha de Badajoz, em 1658, e na brilhante victoria das *Linhas d'Elvas,* em 1659. Fez as seguintes, já á frente de um regimento, e em 1663, foi nomeado general de artilheria, no exercito do conde de Villa Flôr, distinguindo-se como militar valorosissimo, na gloriosa batalha do Ameixial. Com a sua artilheria, foi a causa principal da victoria de Montes Claros.

D. Pedro II o nomeou seu veador da fazenda.

Suicidou-se, no dia 26 de maio de 1690, atirando-se de uma janella do seu palacio da Annunciada (onde hoje é o theatro dos Condes, e outras propriedades) á rua. Ignoram-se os motivos d'este attentado.

(Para o mais d'este estadista, militar e escriptor, vide a pag. 44 d'este volume.)

74.º — *D. Fernando de Menezes,* irmão do antecedente. Escreveu, além da *Vida de D. João I,* e de outras obras, uma estimada *Historia de Tanger,* tendo sido o penultimo governador d'esta praça africana, tão illustrada pelos heroicos feitos dos portuguezes.

75.º — *D. frei Bartholomeu dos Martyres.* Foi mais distincto pelas suas virtudes do que pelos seus talentos, devendo a maior parte da sua celebridade ao seu mimoso historiador, frei Luiz de Sousa.

Nasceu em março de 1514. Era filho de Domingos Fernandes e de Maria Correia. Professou na ordem dos prégadores (dominicanos) onde se distinguiu pela austeridade e pureza dos seus costumes. Foi eleito definidor, em 1551, e pouco depois, prior do convento de Bemfica. A rainha D. Catharina (regente do reino durante a menoridade de seu neto, D. Sebastião) o nomeou arcebispo de Braga.

Viveu sempre não só com simplicidade, mas até com austeridade, e foi eminente e evangelicamente caridoso e beneficente.

Foi ao concilio de Trento, onde pugnou pela disciplina e reforma do clero, sendo alli tido em grande consideração.

Todas as suas bellas qualidades são obscurecidas pela sua amizade a Philippe II, e inclinação aos castelhanos.

Renunciou o seu arcebispado, em 1582, e se recolheu ao mosteiro de Santa Cruz, de Vianna do Minho, onde falleceu, em 16 de junho de 1590.

Tinha um pequeno numero de capellães e creados, e quasi todas as suas grandes rendas eram dispendidas em obras de caridade.

Visitou por muitas vezes as parochias da sua diocese, onde exercia em grande escala a sua beneficencia.

Gostava de prégar, celebrar, e administrar os sacramentos aos camponezes.

—

No concilio de Trento, tratando-se do módo como se devia reformar a corporação ecclesiastica, se hia passando em claro o col-

legio dos cardeaes, como se a relaxação não podesse subir tão alto; mas elle com semblante severo, disse: *Os reverendissimos e illustrissimos cardeaes*[1] *hão mister uma reverendissima e illustrissima reforma.*

Passou a Roma, onde recebeu grandes honras, do pontifice Pio IV, que o consultava frequentemente, e por muitas vezes o sentou á sua mesa.

—

Quando veio do concilio, convocou no seu arcebispado synodo provincial, para pôr em execução o determinado em Trento, promulgar outras leis ecclesiasticas, e exterminar antigos abusos.

Erigiu o seminario archidiocesano de Braga, um collegio para os jesuitas da mesma cidade e um convento de dominicanos, em Vianna (que foi o em que falleceu).

76.º—*Padre Manuel Bernardes.* Nasceu em 20 de agosto de 1644, era filho de paes muito ricos. Da edade de 9 annos principiou a estudar philosophia, no collegio (jesuita) de Santo Antão, e no fim d'estes estudos, defendeu conclusões publicas com geral applauso e admiração.

Formou-se em diversas faculdades, na Universidade de Coimbra, obtendo o grau de *mestre em artes.* Foi examinador de bachareis. Sendo já sacerdote, entrou na sagrada congregação do oratorio, recentemente formada pelo célebre padre Bartholomeu do Quental. Era tal a fama do seu saber e virtudes, que o bispo de Viseu o escolhéra para seu confessor; mas elle preferiu a paz da sua cella, aos esplendores do paço episcopal.

Foi um eloquente orador sagrado, e varão caridosissimo, hindo visitar e confortar os doentes aos hospitaes, e os presos aos carceres, e confessando e sacramentando os moribundos, a qualquer hora do dia ou da noite.

Era muito humilde e modesto. Diz-se que queimou muitas e elegantes composições poeticas, no que era docemente inspirado das musas; e o mesmo consta que fizera a uma honrosa carta que da Bahia lhe escreveu o grande padre Antonio Vieira.

Não acceitou um breve apostolico, que o constituia visitador geral de todas as congregações ecclesiasticas d'este reino. Sempre fugia de confessar as principaes senhoras da côrte.

Compoz os seguintes livros, que se imprimiram in-4.º — *Exercicios e meditações da vida purgativa,* dois tomos — *Luz e Calor,* um tomo — *Nova Floresta, ou silvas de varios apotegmas,* cinco tomos—*Sermões e praticas,* dois tomos — *Ultimos fins do homem,* um tomo — *Estimulo pratico para seguir o bem e fugir do mal,* um tomo — *Paraiso de Contemplativos,* traducção do italiano, com annotações suas, um tomo—além de varios livros in 8.º, todos mysticos.

Passou em crueis angustias os ultimos annos da sua vida, pelo enfraquecimento das suas faculdades intellectuaes, fallecendo a 17 de agosto de 1710.

A doçura do seu estylo captiva e encanta; classico primoroso, dizia d'elle o padre Antonio Vieira, que não julgava em perigo o idioma portuguez, em quanto vivesse o padre Manuel Bernardes, para lhe zelar a pureza.

77.º—*D. frei Antonio Manuel de Vilhena,* nasceu em 28 de maio de 1663. Era terceiro filho dos condes de Villa Flor, D. Sancho Manuel de Vilhena, o vencedor do Ameixial.

Alistou-se na Ordem de Malta, ainda muito joven, partindo para a ilha do mesmo nome (no Mediterraneo) a apresentar-se ao grão-mestre. Esteve na expedição de Tripoli, em 1680, e em 1684 foi, como capitão de um navio, na esquadra da sua Ordem, conquistar differentes praças da Morea. Foi sempre um distincto e bravo guerreiro; pelo que, em pouco tempo subiu os logares na milicia e os differentes graus da Ordem de S. João de Jerusalem. Em 1703 foi feito chanceller; pouco depois, bailio de S. João de Acre, procurador do thesoureiro, e, finalmente, em 1722 foi elevado a grão-mestre, sendo um dos mais notaveis da ordem, pelo

[1] Ainda então não se dava outro tratamento aos membros do sacro collegio dos cardeaes romanos.

seu valor nas batalhas e pela sua integridade na administração publica.

Defendeu a ilha de Malta contra um furioso ataque dos turcos; mandou bombardear Tripeli, em 1728; as suas esquadras dominaram o Mediterraneo e arrojaram para longe d'elle os piratas e os mussulmanos que o infestavam.

Benedicto XIII, em reconhecimento dos seus feitos militares, lhe mandou o estoque de prata e o gôrro de velludo, com que os papas premeiam os serviços prestados á christandade; honra que nenhum grão-mestre seu antecessor havia recebido, e que mesmo a poucos reis tem sido concedida.

Em Malta fundou o célebre *Forte Manuel*, e o novo bairro denominado *Burgo Vilhena*. Foi estimado por todos os soberanos da Europa, principalmente por Luiz XIV, de França, que lhe mostrou sempre o maior affecto. Foi sempre um verdadeiro portuguez, respeitando o rei de Portugal e amando os seus patricios.

Morreu em 12 de dezembro de 1736.

Foi um varão a todos os respeitos venerando, que honrou a sua patria, a sua ordem e a christandade pelo bello exemplo das suas virtudes e do seu valor inimitavel.

78.º—*Alexandre de Gusmão*. Era oriundo de Lisboa e aqui falleceu em 1754; mas nasceu na villa de Santos (Brasil) em 1695. Era filho de Francisco Lourenço de Gusmão, cirurgião-mór do presidio de Santos. Teve 11 irmãos, que todos se illustraram em differentes ramos dos conhecimentos humanos.

Estudou com os jesuitas, e na edade de 15 annos passou a Lisboa, onde, protegido por seu irmão, Bartholomeu Lourenço, pôde entrar na diplomacia, acompanhando o conde da Ribeira Grande, em 1714, na embaixada a Paris.

Voltou a Portugal, em 1720, com grande copia de conhecimentos adquiridos em França, e D. João V o empregou na secretaria de estado.

Em 1723, foi, como negociador, a Roma, implorar dos papas Innocencio XIII e Bento XIII, varios d'aquelles favores a que a frivolidade de D. João V dava um valor inestimavel, quando realmente nada ou muito pouco valiam, e que tanto dinheiro nos custaram. Conseguiu tudo quanto pretendia o seu soberano, que se não envergonhára de empregar um varão de tanto prestimo, em similhantes puerilidades.

Voltou ao reino em 1730, e foi encarregado da direcção dos negocios estrangeiros. Alexandre de Gusmão e D. Luiz da Cunha, depois da morte de Diogo de Mendonça, eram os unicos homens de merecimento e de vistas verdadeiramente politicas, que existiam na côrte frivola de D. João V, e os unicos que alguma cousa fizeram em prol da prosperidade e da dignidade de Portugal.

Gusmão foi em 1742 nomeado ministro do conselho ultramarino, e como tal se lhe devem muitas providencias acertadas, com respeito ás colonias, e outras de reconhecido interesse nacional.

Foram muito amargurados os ultimos annos da vida de Alexandre de Gusmão.

Fallecendo D. João V, em 31 de julho de 1750, D. José, desconhecendo os raros merecimentos do ministro de seu pae, tratou-o com bastante desconsideração.

Teve o incomportavel desgosto de perder dois filhos em um incendio que lhe devorou a casa e todos os seus haveres.

Gusmão foi, pois, um diplomata consummado, um ministro eminente e um poeta de muito merecimento.

79.º—*Diogo Barbosa Machado*, filho segundo do capitão João Barbosa Machado e de D. Catharina Barbosa (que tiveram mais dois filhos—José Barbosa e Ignacio de Barbosa Machado—ambos distinctos nas lettras.)

Nasceu em 9 de agosto de 1772. Toda a sua vida consagrou á creação de um verdadeiro monumento, onde se conserva a memoria dos escriptores que enriqueceram a litteratura portugueza com as suas obras immortaes. A sua *Bibliotheca Lusitana*, é um trabalho inestimavel e de subido valor, e sómente comparado, no seu genero, ao não menos importante *Diccionario bibliographico*, com que o nosso estudiosissimo contemporaneo e escriptor eminente, o sr. In-

nocencio Francisco da Silva, honra as lettras portuguezas.

Quando se fundou a academia real de historia, foi o erudito bibliophilo, um dos primeiros cincoenta socios, e como tal escreveu as *Memorias do reinado de D. Sebastião*, tres volumes *in-folio*, e tambem obra de merecimento indisputavel.

Barbosa Machado foi abbade da freguezia de Santo Adrião de Sever, no concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca do Peso da Regua, e não como alguns teem escripto, da freguezia de Sever do Vouga, cabeça de um concelho da comarca d'Agueda. Esta freguezia é na provincia do Douro, districto administrativo de Aveiro, e no bispado de Viseu, e aquella é na provincia de Traz os Montes, no districto administrativo de Villa Real, no bispado do Porto—ficando uma freguezia distante da outra mais de 100 kilometros.

80.º—*D. Luiz da Cunha*, filho de D. Antonio Alvares da Cunha, senhor da Tábua, e guarda-mór da Torre do Tombo, e sobrinho de D. Sancho Manuel, conde de Villa-Flor. Nasceu em 23 de janeiro de 1662, e falleceu em Paris, em 8 de outubro de 1749.

Foi um celebre diplomata no reinado de D. João V.

Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, e foi despachado desembargador da relação do Porto, em 1666. Passou depois para a relação de Lisboa, e em 1696 foi nomeado embaixador á corte de Londres, onde se fez notar como um profundo diplomata. Plenipotenciario no congresso de Utrecht em 1712, embaixador outra vez em Londres, depois em Madrid, depois em Pariz, onde falleceu, com 87 annos de edade.

Deixou algumas obras manuscriptas, entre as quaes avultam as preciosas *Memorias*, que ainda não foram impressas, e nas quaes se encontram revelações importantes sobre a historia politica do seu tempo.

Na livraria da casa do Côvo (proximo a Oliveira d'Azemeis) existem dois ou tres volumes *in-folio*, encadernados, que, ou são o original, ou uma copia d'estas *Memorias*. Estão escriptas em optima letra. A sr.ª condessa da Ribeira e seus irmãos faziam um grande serviço ás lettras patrias, se consentissem na impressão d'estas *Memorias*.

D. Luiz da Cunha era homem de grandes planos e vastas idéas; mas viveu em um tempo em que os grandes commettimentos eram taxados de estrangeirismos, e mal acceitas as innovações.

81.º—*Antonio José da Silva*—era oriundo de Lisboa, mas nascido de uma familia hebraica, no Rio de Janeiro, em 1705.

Vindo para Lisboa, aqui ganhou grande reputação com as suas operas e comedias populares, cheias de chiste (ainda que algumas vezes grosseiro).

Se nas suas obras se notam frequentes vezes faltas de regularidade, deve confessar-se que, a par de muita pilheria e de muito movimento de scena, se encontram muitas vezes idéas engenhosas, fecundas em effeitos comicos, e por vezes verdadeiros dotes de observação.

Victima de uma intriga infame, foi duas vezes preso nos carceres da Inquisição, e da segunda vez, apesar de todas as diligencias e tentativas dos seus protectores, entre os quaes se contava D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira; foi queimado publicamente, no *auto de fé* de 18 de outubro de 1739, na edade de 34 annos, pelo crime (que elle sempre negou) de seguir a religião hebraica.

As suas mais célebres producções dramaticas são:—*Vida de D. Quixote—Vida de Esopo—Labyrintho de Creta—Encantos de Medéa—Guerras do alecrim e mangerona.*

82.º—*Manuel da Maia*, nasceu pelos annos de 1700. Falleceu em 17 de setembro de 1768.

Era brigadeiro, mestre de mathematica do principe do Brasil, D. José, guarda-mór da Torre do Tombo, distincto architecto, e socio da academia de historia portugueza.

Em um momento de lucidez, emprehen-

deu D. João V construir o aqueducto das aguas livres; essa obra gigantesca, uma das mais notaveis do seu genero, em todo o mundo; e que a uma incontestavel solidez reune a magnificencia e a elegancia.

Foi escolhido para architecto d'esta obra o brigadeiro Manuel da Maia, em 1729.

Durou 20 annos a construcção d'este grandioso monumento, que deu fama immortal ao seu deliniador e constructor. (Vide a descripção dos *Arcos das Aguas Livres*, no logar competente.)

Em 1756, foi Manuel da Maia encarregado por D. José I de apresentar um plano para a reedificação de Lisboa, destruida pelo terramoto de 1755; mas o seu padrão de gloria é o aqueducto das Aguas Livres.

83.º—*Francisco de Mattos Vieira (Vieira Luzitano).* Nasceu em Lisboa, a 4 de outubro de 1699.

Os seus amores com a mulher com quem por fim veio a casar, constituem um verdadeiro romance, que o proprio Vieira cantou em um longo poema, que intitulou—*Pintor insigne e leal amante.*

Devemos porém confessar que n'este poema não deu provas de grande poeta, nem da modestia que é quasi sempre o dote dos grandes artistas.

Falleceu em 1793.

Protegido pelo marquez de Fontes, nosso embaixador em Roma, a quem havia acompanhado até áquella cidade, alli estudou a pintura sete annos. Estudou tambem em Sevilha, e regressando a Portugal, encheu de quadros seus as egrejas de Lisboa, muitos dos quaes infelizmente se perderam com o terramoto de 1755. Tornou ainda a Roma, onde causou a admiração dos entendedores.

Regressou a Portugal, onde falleceu, cheio de annos e coberto de gloria.

Alem de grande pintor, era optimo gravador e architecto insigne; do que as suas obras dão um testemunho incontestavel.

84.º—*Sebastião José de Carvalho e Mello,* 1.º conde e 1.º marquez do Pombal, etc. Nasceu em 13 de maio de 1699.

Era filho do capitão de cavallaria, Manuel de Carvalho e Athaide (cavalleiro de poucos haveres, mas independente, e se não era da principal nobreza do reino, era todavia fidalgo da casa real) e de D. Thereza de Mendonça, tambem de uma familia illustre.

Nasceu na rua Formosa, freguezia das Mercês.

Teve dois irmãos — Paulo de Carvalho e Mendonça, que era o primogenito, e Francisco Xavier de Mendonça, que era o mais novo dos tres.

A mãe de Sebastião José de Carvalho, era filha de João d'Almeida e Mello, e aquelle tomou de seu avô materno o appellido de Mello.

Carvalho frequentou a Universidade de Coimbra, mas, dotado de um genio versatil, e de um insaciavel desejo de dominar e não ser dominado, abandonou em meio os seus estudos universitarios, para sentar praça de cadete, julgando que a sua propensão era para as armas. Vendo porém que no serviço militar a obediencia era ainda mais rigorosamente exigida do que em Coimbra, obteve a sua demissão, quando era apenas cabo de esquadra. [1]

Aproveitou então esta quadra de ocio em estudar com afinco, a historia, a politica e a legislação.

Um seu tio o apresentou ao cardeal da Motta, então valido de D. João V, que, por influencia do cardeal o nomeou em 1733, socio da academia real de historia, fundada em 1720. Pouco depois o encarregou de escrever a historia de alguns dos monarchas portuguezes; mas Carvalho nada fez a semelhante objecto.

N'esse mesmo anno de 1733, casou com D. Thereza de Noronha, viuva, sobrinha do conde dos Arcos. Em 1739 foi mandado pelo

[1] Parece-me que o sr. John Smith, se engana n'este ponto, nas suas *Memorias do marquez do Pombal*, que vou seguindo. Ou Carvalho sentou praça de *aspirante* ou *soldado grave*, ou (a ser cadete *reconhecido*) nunca foi cabo; porque os cadetes do exercito portuguez, até 1834, não seguiam nenhum dos postos inferiores; de cadetes passavam logo a alferes (ou a segundos tenentes, se eram de artilheria).

rei, como ministro plenipotenciario, a Londres, onde mostrou grande energia e não vulgar intelligencia; conseguindo tudo o que pretendia, e alcançando varios privilegios para os portuguezes que residissem em Londres, e o direito de o governo de Portugal poder prender e punir, segundo as nossas leis, todos os inglezes que commettessem qualquer crime, em Portugal e seus dominios.

Em 1745, regressou a Lisboa, e, como se achava sem occupação, estudou a fundo as cousas politicas de Portugal, bem como os abusos que reinavam nas administrações publicas.

Suscitára-se uma discordia entre a curia romana e a côrte de Vienna, por causa da extincção do arcebispado de Aquiléa; o que ameaçava ter graves consequencias, como succede necessariamente em todas as desintelligencias com a curia, uma vez que tendam á separação da egreja, ou a destruir a integridade da fé catholica, grande principio sobre que deve fundar-se a unidade da egreja.

O papa Benedicto XIV, e a imperatriz Maria Thereza, da Austria, pediram a medeação de Portugal, mandando immediatamente D. João V, a Sebastião José de Carvalho, para Vienna, como ministro plenipotenciario, para se resolver a questão. Chegou elle áquella côrte, em 1745, e depois de varias sessões e mutuas concessões, tudo se resolveu á vontade das duas partes.

Quando estava em Vienna, recebeu a noticia da morte de sua mulher, e pouco tempo depois, casou com uma dama da côrte austriaca, a joven condessa Leonor Ernestina Daun, filha de Henrique Ricardo, conde de Daun.

Regressou a Lisboa, acompanhado por sua segunda mulher, em 1750, pouco antes da morte de D. João V.

A rainha viuva (D. Marianna d'Austria) obteve para Carvalho, o logar de secretario nos negocios estrangeiros, do rei D. José, que pouco depois o nomeou seu primeiro ministro.

Foi n'esta elevada posição que Carvalho mostrou toda a vastidão da sua intelligencia, toda a sua rarissima energia, e toda a sua inimitavel penetração. Mas, a par de todas estas qualidades, que muito poucas vezes se encontram reunidas em um só homem, e que podiam fazer do marquez de Pombal, um dos mais famosos ministros do mundo; manifestou quasi sempre, um despotismo excessivo, ambição insaciavel de commando, odio implacavel, e flagrantes injustiças contra os que não eram do seu partido, e um caracter feroz e sanguinario.

Notemos tambem que Carvalho nasceu filho segundo de um fidalgo pobre, e que se assignava, quando morreu — *Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, e da Redinha; marquez do Pombal; do conselho d'el-rei; alcaide mór de Lamego; senhor donatario das villas de Oeiras, Pombal e Carvalho, e do logar de Cercosa e dos reguengos e direitos reaes de Oeiras e de A par d'Oeiras; direitos do pescado do Porto, de Peniche e de Athouguia da Baleia; das rendas do pescado e direitos da dizima, portagem, jugadas, oitavos de pão e quinaus de vinho da villa e porto de Cascaes; e das tornas da siza do pescado e saveis de Lisboa; padroeiro* in solidum *da parochia de Nossa Senhora das Mercês, da cidade de Lisboa e das de Santa Maria da villa do Carvalho e sua annexa, Santa Maria de Cercosa, no bispado de Coimbra, e do convento de Nossa Senhora da Boa Viagem; commendador das ordens de Christo e Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, etc.*

Se a cidade de Lisboa resurge das suas cinzas á voz potente de Carvalho — se Portugal, á força da sua intelligencia, machiavelismo e perseverança, chegou a ser uma nação de primeira ordem — se fez diminuir os horrores da inquisição — se o exercito e a marinha de Portugal sahiram do cahos — se deu poderoso impulso á povoação das nossas colonias, e á formação das companhias commerciaes da India e Grão Pará, á de agricultura das vinhas do Alto Douro, e das pescarias do Algarve *(Compromisso)* — se reformou a Universidade — se creou escolas e academias — se aboliu a escravatura no reino — se animou e protegeu a industria nacional — se reformou a justiça — se aboliu

a odiosa e anachronica distincção entre *christãos velhos* e *christãos novos* — se foi finalmente o primeiro homem de estado que tem havido em Portugal, e que com suas sabias e energicas medidas soube elevar Portugal ao apogeu da grandeza e importancia politica — é certo que nenhum ministro ainda manchou a sua vida com tantas arbitrariedades, prepotencias, despotismos, crimes e atrocidades.

A extincção da Companhia de Jesus, a quem Portugal devia tantos e tão assignalados serviços de toda a qualidade, e o roubo sacrilego das suas propriedades, legitimamente adquiridas; enganando, para conseguir esta expoliação o papa Clemente XIV (o *philosopho* Ganganelli). — Os atrocissimos supplicios do duque de Aveiro e seus infelizes companheiros, no caes de Belem. — Os supplicios de forca e açoites, os sequestros e degredos, ordenados pela alçada que elle mandou ao Porto (por causa do *pronunciamento* contra a Companhia das vinhas do Alto Douro)—o supplicio do padre Malagrida, queimado vivo — e o horrorosissimo do desgraçado João Baptista Pelle — e, em fim, tantas outras incomportaveis barbaridades, ordenadas por este coração ferino; se o collocam a par dos estadistas mais eminentes, lhe dão tambem um logar infelizmente distincto, entre os monstros mais sanguinarios que têem enchido de horror a humanidade.

Foi feito conde de Oeiras, em 1759 e marquez de Pombal em 1770.

Fallecendo D. José I, em 24 de fevereiro de 1777, terminou o *reinado* do marquez de Pombal. D. Maria I, o demittiu, logo que subiu ao throno, de todos os seus empregos; dizendo no decreto da demissão, que lhe não dava outros castigos, em respeito á memoria de seu pae. Foi desterrado para a villa do Pombal, onde morreu em 5 de maio de 1782, com 83 annos, menos 8 dias.

85.º—*Pedro Antonio Correia Garção*, nasceu em 29 de abril de 1724. Era filho de Philippe Correia da Silva e de D. Luiza Maria da Visitação d'Orgier Garção.

Cursou a Universidade de Coimbra, mas — sem se saber hoje porque—não concluiu a sua formatura.

Casou com uma senhora que tinha alguns bens de fortuna e a propriedade de um officio de escrivão da casa da India.

Foi um dos socios fundadores da *Arcadia Lusitana*, onde tomou o nome de *Corydon Erymantheo*.

Entregue ao estudo e á cultura das lettras, e vivendo em uma commoda mediocridade, gosava de uma existencia feliz.

Foi porém preso, em 9 de abril de 1771, e mettido no segredo por ordem do marquez de Pombal, sem jámais se saber porque. Sua mulher conseguiu obter-lhe a liberdade; porém motivos (tão mysteriosos como a causa da sua prisão) demoraram a execução da ordem de soltura, que só se realisou em 10 de novembro de 1772, quando Garção estava já a expirar.

Foi Garção um optimo poeta e o verdadeiro restaurador do bom gosto, que estava deturpado pelas extravagancias do gongorismo. A sua musa, casta e severa, sempre guiada pelos grandes modelos latinos, se não produziu obras de grande folego, seguiu, sem desmaiar, os vôos do estro horaciano, e as suas bellas odes revelam um grande poeta e austero pensador.

86.º — *Domingos dos Reis Quita*, filho de paes pobres, nasceu a 6 de fevereiro de 1728. Seu pae lhe mandou ensinar o officio de cabelleireiro, e Quita principiou muito joven a fazer versos que eram as delicias dos freguezes da sua loja.

Foi-se desenvolvendo o seu estro, chegando a ser um dos tres principaes vultos da primeira Arcadia, e grangeou merecida reputação como poeta bucolico. As suas eglogas e os seus idyllios, posto que friamente pautados pelos modelos gregos e latinos, offerecem não só os primores de fórma, correcta sobriedade de estylo e scenas animadas da natureza.

Compoz e publicou o seu drama pastoril, que denominou *Lycoris*, e outras muitas poesias de grande merecimento, e quatro tragedias — *Astarto*, *Megara*, *Hermione* e *Castro* — que se não são um modelo no ge-

nero, primam pela elegancia e correcção da phrase.

Quita foi, apesar do seu merecimento, um homem infeliz. O conde de S. Lourenço quiz ser seu Mecenas; porém o raio das desventuras politicas, fulminando o protector, destruiu as esperanças do protegido.

D. Gaspar, arcebispo de Braga, esteve para lhe dar guarida, mas os intrigantes o desviaram do seu proposito.

O marquez de Pombal nunca attendeu ás suas humildes supplicas.

Quita possuia um genio amavel, sem inveja e inimigo da satyra; pelo que era sobremodo estimado dos seus collegas da Arcadia, e de todas as pessoas que o tratavam.

O favor que jámais encontrou nos palacios dos poderosos, o veio achar em D. Thereza de Aboim, senhora de medianos haveres, a cuja generosidade deveu o não fallecer na miseria.

Morreu em 26 de agosto de 1770.

87.º—*Antonio Diniz da Cruz e Silva.* Era filho do sargento-mór, João da Cruz Lisboa e de D. Eugenia Thereza. Nasceu a 4 de julho de 1731.

Fez os seus primeiros estudos na congregação do Oratorio, passando depois para a Universidade de Coimbra, onde se formou, em 1753.

Merecendo a protecção do marquez do Pombal, foi feito juiz de fóra de Castello de Vide, passando depois a auditor de um regimento da guarnição d'Elvas; e estava n'esta cidade pela occasião da discordia pueril entre o bispo D. Lourenço e o deão Lára, a qual deu assumpto ao seu risonho poema, o *Hyssope.*

O bispo d'Elvas, cahido no ridiculo com aquelle chistoso poema, queixou-se ao marquez de Pombal; mas apenas conseguiu que este ministro mandasse o poeta para o Rio de Janeiro; porém com o cargo de desembargador da relação da capital do Brasil, em 1776, e alli esteve até 1787, anno em que regressou a Portugal.

Tornou outra vez ao Rio de Janeiro, em 1789, mandado por D. Maria I, para ser um dos julgadores dos reus da conspiração de Villa Rica, e alli falleceu em 5 de outubro de 1799.

Foi Diniz um mimoso poeta, escrevendo em differentes generos; mas o que o torna mais notavel são as suas *Odes pindaricas e anacreonticas*, e o seu verdadeiro titulo de gloria é o *Hyssope*, que não tem rival na nossa lingua, é superior em merecimento ao *The raped lock*, de Pope—e em nada inferior ao *Lutrin*, de Boileau.

Diniz, Manuel Nicolau Esteves Negrão, Quita e Garção, foram os fundadores da Arcadia.

88.º—*Luiz Antonio Verney*, era filho de Diniz Verney (de origem franceza) e de D. Maria da Conceição Arnaut. Nasceu em 23 de julho de 1713.

Deu desde creança provas de grande capacidade, que seus mestres (os jesuitas) lhe reconheceram, pelo que o quizeram attrahir á sua ordem, ao que elle se esquivou.

Em 1736 foi viajár pela Europa, fixando-se em Roma, onde principiou a escrever o seu *Verdadeiro methodo de estudar*, que publicou em 1746, e que, posto fizesse grande celeuma entre os zoilos, foi geralmente bem acceite, e traduzido em alguns reinos estrangeiros.

Tambem compoz uma *Grammatica philosophica*, do latim, que foi adoptada na Italia; assim como a sua *Logica*, adoptada em Portugal; e a sua *Phisica e Metaphisica*, e outras obras, publicadas sob a protecção de D. José I. Foi a Roma, para com o nosso embaixador, conseguir do papa a expulsão dos jesuitas, e lá ficou, fallecendo n'aquella cidade, em 20 de março de 1792.

Foi arcediago da Sé d'Evora e prégou a favor da reforma dos estudos, e como isto era um golpe terrivel vibrado aos jesuitas, de então data a protecção que sempre encontrou no marquez de Pombal.

89.º—*José Anastacio da Cunha*, era filho do pintor Lourenço da Cunha e de Jacintha Ignez. Nasceu em 1744. Sentou praça de voluntario, em 1762, no regimento de artilheria do Porto, por occasião da guerra com Castella.

Era um bom poeta e optimo mathematico; mas a pratica em uma arma scientifica, junta aos vastos conhecimentos que já tinha, o fizeram subir com rapidez ao posto de 1.º tenente.

Publicou uma *memoria* sobre a balistica, que lhe ganhou a attenção do conde de Lippe, o qual logo prophetisou um brilhante futuro ao joven official. O marquez de Pombal tambem o apreciou devidamente, dando-lhe, depois da reforma que fez na Universidade, uma cadeira de mathematica.

No reinado de D. Maria I, foi preso para o Santo Officio, e demittido da sua cadeira.

Foi solto, por influencia do intendente geral da policia, Ignacio de Pina Manique, que procurou aproveitar o seu talento, nomeando-o director do collegio de S. Lucas.

Para os seus discipulos, orphãos e desvalidos, escreveu José Anastacio da Cunha, o célebre compendio de mathematicas puras, que foi traduzido em francez, por um de seus discipulos, e foi muito apreciado na Europa.

Falleceu prematuramente, no 1.º de janeiro de 1787, deixando ineditos alguns tratados sobre mathematica, e uma collecção de poesias. Algumas d'estas obras foram depois impressas.

90.º — *José Basilio da Gama.* Nasceu na villa de S. José, provincia de Minas Geraes (Brasil) em 1740. Morreu obscuramente, em Lisboa, no 1.º de julho de 1795, tendo sido nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 10 de fevereiro d'esse mesmo anno.

Estudou no collegio dos jesuitas, do Rio de Janeiro, e quando a Companhia foi abolida, em 1759, continuou os seus estudos, no seminario episcopal, passando em 1763 a concluil-os em Lisboa.

Passou a Roma, onde esteve empregado como mestre em um seminario. Voltando a Portugal, em busca dos meios de subsistencia, que lhe faltavam, se viu obrigado a regressar ao Brasil. Alli, por causa de algumas poesias que compoz em favor dos jesuitas, seus antigos protectores, foi remettido para o reino, sob prisão, e em Lisboa estava para ser degredado para Angola, quando teve a feliz idéa de dirigir uma supplica em verso, á filha do marquez de Pombal. O talento que esta poesia revelava, attrahiu a attenção do marquez, que desejou vel-o; e, conhecendo a sua vasta intelligencia, o empregou no seu gabinete, proporcionando-lhe uma vida tranquilla e feliz.

Morreu D. José I, e terminou o *reinado* de Sebastião José de Carvalho; mas nem por isso José Basilio deixou de ser sempre grato a este protector, sendo-lhe tão fiel no infortunio, como o havia sido na prosperidade, e lhe dedicou magnificos versos, já que outros serviços lhe não podia prestar.

D. Maria I e os seus ministros, que odiavam as creaturas de Pombal, nunca aproveitaram os talentos de Gama, que morreu ralado de desgostos.

A sua melhor obra, é o notavel poema—*Uruguay*—que celébra a guerra movida em 1756, por Gomes Freire d'Andrade, conde de Bobadella, aos indigenas, aldeiados no sul da America, pelos jesuitas.

91.º—*D. João Carlos de Bragança*, 2.º duque de Lafões, filho do infante D. Miguel, filho bastardo de D. Pedro II.

Nasceu em 6 de março de 1719.

Recebeu uma educação esmerada, que lhe aperfeiçoou a viva intelligencia.

Durante o reinado de D. José I, viu-se obrigado a sahir do reino, aproveitando o tempo do exilio em viagens de instrucção e occupações litterarias. Distinguiu-se tambem como valoroso militar, na *guerra dos sete annos*, combatendo como voluntario.

Subindo ao throno portuguez D. Maria I, regressou o duque ao reino, sendo recebido com a maior distincção pela soberana.

De accordo com o seu particular amigo, José Correia da Serra, notavel botanico d'aquelle tempo, projectou fundar uma academia das sciencias, o que levou a effeito, submettendo os estatutos á approvação da rainha, em 1779.

Chamado ao ministerio, na epoca da revolução franceza, aconselhou sempre uma prudente neutralidade. Este conselho vindo depois a ser desattendido, deu em resultado a muito escusada campanha do Russilhão.

Nomeado marechal-general, teve a dor de presencear a invasão franco-hespanhola, em 1801, sem poder dispor de forças para lhe resistir.

Retirou-se depois á vida privada, e falleceu em 10 de novembro de 1806.

A sua academia ainda subsiste, abrilhantada pelos nossos primeiros talentos, e D. João de Bragança é digno de eterna memoria pelos relevantes serviços que prestou ás lettras patrias.

92.º—*Frei José de Santa Rita Durão.* Nasceu na freguezia do *Inficionado*, a 24 kilometros da cidade de Marianna (Brasil) em 1736. Falleceu em Lisboa, em 1783.

Douturou-se em theologia, na universidade de Coimbra, e em 1758 professou na ordem dos eremitas de Santo Agostinho (gracianos).

Em 1762, sahiu de Portugal para viajar. Rebentando a guerra entre Portugal e Hespanha, quando Durão estava na Andaluzia, foi tomado por espião, e preso no castello de Segovia, d'onde só sahiu quando se assignou a paz, em 1763, seguindo então a sua viagem para a Italia.

Em Roma viveu largos annos, na intima familiaridade dos mais eminentes litteratos italianos. Regressou a Portugal em 1771, e foi reger uma cadeira de theologia, em Coimbra. D'alli veio morrer a Lisboa, na florente edade de 46 annos.

O *Caramurú*, seu principal titulo de gloria, é um dos mais bellos poemas épicos da litteratura portugueza. O seu assumpto é a historia semi-legendaria de Diogo Alvares, (o *Caramurú)* que, graças á detonação de uma espingarda, alcançou immenso prestigio sobre os selvagens da Bahia.

Foi Durão tambem um notavel orador, e a sua oração *de sapientia*, quando se abriu a universidade, depois da reforma do marquez de Pombal, é considerada como uma das mais bellas que alli se teem pronunciado.

94.º—*Franciseo Dias Gomes*, era filho de um merceeiro, chamado Fructuoso Dias.

Nasceu em março de 1745. Estudou preparatorios, para frequentar a universidade, mas um tio, avêsso a pretenções litterarias, convenceu o pae, a que não devia deixar sahir o filho da tenda onde nascêra; mas promettendo estabelecel-o. Cumpriu a promessa, pondo ao sobrinho uma mercearia.

O emprego, porém, de pesar manteiga, assucar e bacalhau, não lhe embotaram o estro, e Dias Gomes fazia boas poesias, acompanhadas de excellentes notas.

Relacionou-se com o mathematico Stokler, que o animou a supportar a sua triste posição e os revezes da fortuna que o vieram a saltear; porque a sua mercearia não prosperava e o infeliz litterato via-se na necessidade de dar lições de instrucção primaria, até que morreu no dia 30 de setembro de 1795, deixando a familia na miseria.

As suas obras foram impressas á custa da academia real das sciencias, para que o producto da venda revertesse em proveito da sua viuva e orphãos.

Pôde então o mundo litterario apreciar o alto engenho d'este varão modesto, que passára desconhecido durante a sua vida attribulada.

94.º—*Nicolau Tolentino de Almeida*, era filho de Francisco Soares de Almeida e de D. Anna Soares. Nasceu em 10 de setembro de 1741. Frequentou a universidade, e, voltando a Lisboa, foi provido a mestre de rethorica, cuja cadeira foi o seu eterno pesadêllo, e deu assumpto ás suas interminaveis lamurias em verso.

Á força de supplicas impertinentissimas conseguiu ser despachado official de secretaria d'estado, dos negocios do reino, por decreto de 21 de junho de 1781; mas nem ainda este logar de pingues ordenados e grosso rendimento fez cessar as suas queixas contra a sua pobreza e miseria.

Resentem-se d'esta insaciabilidade quasi todas as suas poesias, que, apesar de serem pela maior parte excellentes, aborrecem pelo seu caracter pedinchão.

Fiados nos seus versos, muitos lhe passaram diploma de victima da ingratidão da patria, quando é certo que o poeta podia passar os trinta ultimos annos da sua vida

com todos os commodos; e se viveu sempre na miseria, só o devia á sua prodigalidade e desgoverno, porque recebia optimos proventos.

Morreu em 24 de junho de 1811.

Entre um diluvio de memorias em verso (que nem sempre lhe dão gloria) sobresahem as *Satyras*, que o immortalisaram, não só pelo chiste do estylo, pelo apropriado dos epithetos, pelo selecto da phrase e o primor do metro, como principalmente pela rara habilidade com que soube, em dois traços, pintar-nos o quadro animado e jocoso da sociedade do seu tempo.

Não pretende offender os vicios nem castigar os ridiculos—ri-se com elles e pinta-os com vivas côres.

95.º—*D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas*. Era filho de um serralheiro. Nasceu no 1.º de março de 1724.

Era contemporaneo de D. Fr. Caetano Brandão, e foram quasi ao mesmo tempo, este arcebispo de Braga, e aquelle de Evora. Poucas vezes se tem reunido em Portugal dois prelados tão venerandos e illustrados. Ambos exemplares em virtudes e em sciencia; ambos empenhados em fazer do christianismo um instrumento de civilisação, empregaram todos os recursos da sua alta jerarchia ecclesiastica, no desenvolvimento moral e intellectual dos povos confiados á sua direcção religiosa.

Cenaculo ajudou sollicitamente o marquez de Pombal na reforma da universidade de Coimbra, e ao seu zelo e generosidade devem uma grande parte das bibliothecas publicas portuguezas, a sua fundação ou o seu desonvolvimento.

Professára D. Frei Manuel do Cenaculo, na ordem terceira, na edade de 16 annos, e foi doutorar-se em Coimbra. Em 1769 foi foi nomeado confessor do principe do Brasil, D. José, e em 1770, bispo de Beja.

Subindo ao throno D. Maria I, foi Cenaculo envolvido na queda do seu amigo, marquez do Pombal, e aquella soberana o demittiu de todos os seus empregos na côrte, e o mandou recolher ao seu bispado; mas geralmente reconhecidas as suas altas virtudes e profunda sabedoria, foi em 1802 feito arcebispo d'Evora.

Atravessou, já de provecta edade, os calamitosos tempos das invasões francezas, e felleceu em 1814, com 90 annos de edade.

Escreveu numerosas obras, cheias de erudição, e revelando os seus varios e profundos conhecimentos, e a nossa litteratura lhe deve valiosissimos subsidios; mas, o que mais honra a sua memoria, é o vigoroso impulso que deu á instrucção popular; fundando escolas e bibliothecas publicas.

(Do seu museu archeologico, já fallei nos artigos *Beja* e *Evora*, para os quaes remetto o leitor.)

96.º—*Francisco Manuel do Nascimento*, (Filinto Elysio.)—Nasceu no dia 21 (ou 23) de dezembro de 1734. — Dedicou-se á vida ecclesiastica; mas, algumas palavras imprudentes que proferira, foram relatadas á inquisição, e lhe causaria uma atroz perseguição, se lhe não escapasse, fugindo para França (Paris) no dia 4 de julho de 1778.

Passou no exilio o resto da sua vida; mas anciando constantemente voltar á patria; luctando muitas vezes com a miseria, e traduzindo (para viver) varias obras, desde os *Martyres*, de Chateaubreand e o *Oberon*, de Wieland, até aos mais pifios romances da insipida escola dos fins do seculo XVIII.

Tambem traduziu as *Fabulas* de Lafontaine.

Francisco Manuel encontrou no exilio um protector — Antonio d'Araujo — que o chamou para seu secretario, na Hollanda, onde estava como embaixador portuguez. Alli residiu o poeta desde 1792 até 1797, sem se poder habituar ao clima da Batavia, nem á indole do seu povo.

Araujo tambem lhe abriu as portas da patria; mas, Franscisco Manuel, fazendo as mais altas diligencias para que lhe fossem restituidos os bens que lhe tinham sido confiscados, não o podendo conseguir, preferiu morrer no exilio, a curvar-se a uma sentença injusta.

Morreu ralado de desgostos e de saudades da patria, em Paris, a 25 de fevereiro de 1819, com 85 annos de edade.

O seu enterro foi feito á custa do marquez de Marialva, nosso embaixador em Paris. Vendeu-se por 12$000 réis o expolio do poeta!

Seus ossos vieram de Paris para Lisboa, em 1842, e, desde 1857, repousam em um tumulo mandado erigir pela camara municipal de Lisboa, no cemiterio Oriental (Alto de S. João.)

97.º—*D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre*, marqueza de Alorna—era filha do 2.º marquez de Alorna e 4.º conde de Assumar, e de D. Leonor de Lorena. — Nasceu em 31 de outubro de 1750.

Tornando-se a sua familia suspeita ao marquez de Pombal, depois da conjuração dos fidalgos, foi o marquez de Alorna preso, no forte da Junqueira, e a marqueza e sua filha recolhidas no convento de Chellas; onde correu a primeira mocidade da illustre poetisa e estimavel pintora; pois já contava 26 annos quando a morte de D. José I abriu a seu pae as portas do carcere e as do convento a ella e a sua mãe.

Entrou pois D. Leonor na sociedade, que não conhecia, adornada de todas as graças da formosura, e da celebridade que seus versos lhe tinham dado já: os quaes tinha composto no convento, sob o nome de *Alcippe*.

Em 1779, casou com o allemão, conde de Oeynhausen, que estava ao serviço de Portugal, e que, por influencia de D. Leonor, foi nomeado embaixador de Portugal em Vienna d'Austria, para onde partiram; porém a condessa em breve regressou a Lisboa, por falta de saude.

Em 1793, morreu-lhe o marido. Em 1807, emigrou para a Inglaterra, e alli residiu quasi sempre, até 1814, tratando com muita intimidade a famosa M.me Stael.

Tinha em 1813 succedido no marquezado de Alorna e condado de Assumar, a seu irmão, que morrêra em Dresde, sem deixar filhos. Regressou a Lisboa em 1814, e aqui residiu o resto da sua vida, fallecendo em 11 de outubro de 1839.

Além de muitas poesias soltas, suavissimas, compoz um poema intitulado *Recreações botanicas*, e traduziu admiravelmente Pope, Wieland, Cronegk, Goldsmith, os Psalmos e alguma cousa das *Estações*, de Thompson.

Os poetas do seu tempo, inspirados pela sua formosura e pelo seu talento, a cantaram com enthusiasmo, e o gentil vulto de Alcippe, envolto nas nuvens de insenso dos thuribulos dos seus adoradores, apparece-nos como uma das mais graciosas encarnações d'aquella geração, frivola, mas encantadora, que precedeu a geração revolucionaria.

98.º—*Domingos Antonio de Sequeira*, filho de paes pobres.—Nasceu em Belem, no dia 10 de março de 1768.

Foi um dos primeiros que frequentaram a escola de desenho, aberta em 1781, e teve por mestre de pintura um artista mediocre, chamado Francisco de Setubal.

Protegido pelos marquezes de Marialva, foi estudar a Roma, percorreu a Italia e voltou a Portugal em 1796.

Vendo a sua arte perdida na sua patria, e o gosto publico estragado, foi accommettido de tal accesso de desanimação, que se recolheu ao convento do Bussaco. Felizmente, valeu-lhe D. Rodrigo de Sousa Coutinho, obtendo-lhe a nomeação de primeiro pintor da côrte, com o ordenado de dois contos de réis annuaes.

Em 1814, foi encarregado dos desenhos da sumptuosa baixella, que o governo portuguez offerecia a lord Wellington. Em 1820, tomou certo enthusiasmo pela revolução, e em 1823 partiu para Paris, e ahi compoz um dos seus melhores quadros—*a morte de Camões*. — Em 1826 foi a Roma, onde concluiu as obras mais completas da sua carreira artistica, e alli falleceu, em 7 de março 1837.

99.º—*Marcos Antonio da Fonseca Portugal*, nasceu em 24 de março de 1762.[1] Mos-

[1] Não é ponto plenamente provado que Marcos Portugal nascesse em Lisboa, pois em nenhuma freguezia d'esta cidade se encontra o seu assento do baptismo. Em todo o caso, se não nasceu em Lisboa, nasceu em alguma das freguezias do termo.

trando, desde os seus verdes annos, grande vocação para a musica, foi por seus paes mettido no seminario patriarchal, onde se aprendiam os elementos d'essa arte.

O seu talento revelou-se de um modo notavel, e se desenvolveu com ás lições de João de Sousa Carvalho, tambem compositor distincto.

Os seus primeiros ensaios, todos de musica religiosa, foram muito applaudidos.

Graças a altas protecções, foi para a Italia em 1787, e alli se aperfeiçoou o futuro maestro.

Voltou a Portugal em 1790, e de novo voltou á Italia em 1791, e alli se demorou até 1799. Em Lisboa já tinha adquirido grande reputação, que a Italia lhe sanccionou e ampliou, coroando-lhe em Parma, Veneza, Milão e Roma as suas differentes operas sérias ou burlescas, entre as quaes se distinguem, no genero comico, *Il principi de Spazzacamino*, e no genero dramatico *Demofoonte* e *Fernando in Messico*.

No theatro de S. Carlos, de Lisboa, então fundado de novo, fez representar com exito muitas das suas operas, e foi compositor do theatro, juntamente com o mestre da capella real e director do seminario de musica.

Em 1810 foi para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1827.

Foi alli que em 1814 compoz o magestoso *Hymno da Nação*, que, não sei porque, já se não toca nas grandes festas nacionaes.

Operas de Marcos de Portugal, cantadas no real theatro de S. Carlos de Lisboa.

1.ª—*La dona di genio volubile*: drama jocoso, representado a 23 de janeiro de 1799.

2.ª—*Rivaldo d'Asti*: drama jocoso, representado em 25 de abril de 1799, anniversario da princeza do Brasil D. Carlota Joaquina.

3.ª—*Il barone di Spazzacamino*, drama de egual genero, em um acto, cantado a 27 de maio de 1799.

4.ª—*Adrasto*: drama sério, cantado no anno de 1800.

5.ª—*L'isola piacevole*: opera cantada a 26 de janeiro de 1801.

6.ª—*La morte de Semiramide*: drama sério, representado no inverno de 1801.

7.ª—*La Sofonisba*: do mesmo genero do antecedente, cantado no carnaval de 1803.

8.ª—*Il trionfo di Clelia*: do mesmo genero. Subiu á scena em 1803.

9.ª—*La donna Cambiata*: drama jocoso em um acto, representado na primavera de 1804.

10.ª—*Argenide*: drama sério, representado a 13 de maio de 1804, anniversario do principe regente, D. João, filho de D. Maria I.

11.ª—*Zaira*: egual genero. O libretto accusa a data 1804, mas a musica parece que estava composta desde 1801.

12.ª—*Oro non compra amore*: burletta arranjada por Caravita. Subiu á scena no inverno de 1804.

13.ª—*Merope*: drama sério, cantado em 13 de maio de 1819, anniversario de el-rei D. João VI.

14.ª—*Fernando in Messico*: drama sério, cantado no anno de 1805.

15.ª—*Ginevra di Scozia*: poema de Caravita, representado no inverno de 1805.

16.ª—*Il duca di Foix*: poema de Caravita, extrahido da tragedia de Voltaire. Foi cantada em 1805.

17.ª—*Morte di Mitridate*: drama tragico. Subiu á scena no carnaval de 1806.

18.ª—*Atraxerxe*: drama sério, representado no outono de 1806.

19.ª—*Demofoonte*: o mesmo genero, representado pela primeira vez em Lisboa na recita que o general Junot mandou realisar extraordinariamente em 15 de agosto de 1808.

20.ª—*Il trionfo di Gusmano*: drama sério, cantado a 10 de junho de 1816.

Operas do mesmo auctor, representadas em diversos theatros de Italia, e que não consta terem sido cantadas em Lisboa.

21.ª—*Il Cina*: opera séria, representada em Florença, em 1793.

22.ª—*Zulema*: Florença, 1796.

23.ª—*Idante, ossia i sacrifizio d'Ecate*: Milão, 1799.

24.ª—*Alceste*: Veneza, 1799.

25.ª—*Orazi i Curziazi*: Ferrara, 1799.

26.ª—*I due gobbi*: burletta. Em Florença, 1793.

27.ª—*La vedova reggiratrice*: idem, 1794.

28.ª—*L'engano poco dura*: Napoles, 1796.

29.ª—*L'ecquivoco in ecquivoco*: Verona, 1798.

30.ª—*La nozze di Figaro*: Veneza, 1799.

31.ª—*La maschera fortunata*: Veneza, 1797.

32.ª—*La madre amorosa*: idem, 1798.

33.ª—*Il filosofo*: idem, 1798.

34.ª—*L'avventurieri*: Florença, 1795.

Fétis attribue-lhe mais as seguintes, que não apparecem no catalogo.

35.ª—*L'eroe cinese*: Turim, 1788.

36.ª—*La bacchetta portentosa*: Genova, 1788.

37.ª—*L'astutto*: Florença, 1789.

38.ª—*Il molinaro*, Veneza, 1790.

39.ª—*Nom irritar la donna*: Placencia, 1799.

40.ª—*Il muto per astuzia*.

41.ª—*Omar, re di Tamagene*.

42.ª—*Adriano in Siria*: Milão, 1815.

Diversas composições, com a letra em portuguez; executadas em outros theatros de Lisboa.

43.ª *Pequeno drama*, para celebrar o aniversario da rainha D. Maria I, representado no theatro do Salitre, em 17 de dezembro de 1787. Poesia de José Caetano de Figueiredo.

44.ª—*Idylio*: aos annos da sr.ª infanta D. Carlota Joaquina, representado no theatro do Salitre em 25 de abril de 1788. Poesia de José Procopio Monteiro, actor do mesmo theatro.

45.ª—*Gratidão*: pequeno drama representado no mesmo theatro, para celebrar o anniversario da mesma senhora, em 25 de abril de 1789. Poesia de João Antonio Neves Estrella.

46.ª—*A inveja abatida*: pequeno drama representado no mesmo theatro, em 13 de maio de 1789, anniversario do principe do Brasil D. João. Poesia de José Procopio Monteiro.

47.ª—*A noiva fingida*: drama ou burleta em verso, representada no Salitre em 1790, traduzida do italiano.

48.ª—*Os viajantes ditosos*: drama ou burletta traduzida do italiano.

49.ª—*O mundo da lua*: burletta; tradução do italiano, com os recitativos em prosa. Foi representada no Salitre.

50.ª—*A casa de campo*: traduzida do italiano e representada no theatro da Rua dos Condes, em 1802.

51.ª *Quem busca lã, fica tosquiado*: foi á scena na Rua dos Condes em 1802. É tambem traducção do italiano.

52.ª—*O sapateiro*: representou-se no mesmo theatro e no mesmo anno.

53.ª—*A mascara*: idem.

É tambem sua a musica de algumas farças e entremezes, representados em Lisboa pelos annos de 1785 a 1792, taes como: *O amor artifice, A castanheira, A casa de café, Os bons amigos*, etc., e varias cantatas com córos e acompanhamento de instrumental, executadas em S. Carlos, etc.

Musicas theatraes compostas e executadas no Rio de Janeiro, de que se encontra memoria:

54.ª—*A saloia namorada*: farça em musica para ser cantada em 1812, na quinta da Boa Vista, pelos escravos de sua alteza real.

55.ª—*O juramento dos Numes*: drama allegorico cantado na abertura do theatro de S. Pedro d'Alcantara, em 12 de outubro de 1813. Poesia de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

56.ª—*Augurio di felicitá; il trionfo del amore*: serenata em duas partes, cantada no Paço do Rio de Janeiro, em 1817, para solemnisar os desposorios do principe real D. Pedro com a archiduqueza D. Maria Leopoldina. Foi desempenhada pelos cantores da real camara, e a poesia é do proprio

Marcos Portugal, que aproveitou, quanto pôde, versos de Metastasio.

100.º—*Simão da Fonseca Portugal*—irmão do antecedente. Não se sabe quando nasceu, nem quando falleceu. Sabe-se que tambem foi compositor de musica, e affirmam alguns escriptores, que Simão Portugal, sobre ser bom compositor para peças soltas, taes como arias e duetos, na qualidade de pianista, excedia seu irmão em gosto e desenvolvimento. Tabem foi para o Brasil, e lá falleceu.

100.º—*Fr. Francisco de S. Carlos*—nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de agosto de 1763, e morreu em Lisboa, em 6 de maio de 1829.

Entrou da edade de 13 annos na ordem seraphica, professando no convento da provincia da Conceição.

Distinguindo-se muito nos seus estudos, foi mandado em 1782 para o convento de S. Boaventura, na villa de Macacú, austero asylo, onde os seus dotes naturaes se desenvolveram com a leitura e a meditação.

Voltando ao Rio de Janeiro, adquiriu logo fama de grande prégador, sendo em 1801 nomeado professor de eloquencia sagrada, e em 1809 escolhido para prégar em presença da familia real portugueza, que chegava á capital do Brasil, vinda da Bahia, onde tinha residido desde 1807.

O principe regente (depois D. João VI) o nomeou prégador da capella real, e vindo com a côrte para Portugal, em 25 de abril de 1821, chegou a Lisboa em 3 de julho do mesmo anno, e aqui, cercado da estima e veneração de todos, correu tranquilla a sua existencia, longe do bulicio do mundo, até aos 66 annos da sua edade.

O mais primoroso fructo d'esta vida contemplativa, foi o poema da *Assumpção*, notavel pela poesia das imagens e pela belleza das descripções; rivalisando com a *Messiada* de Klopstock.

Tambem compoz, e se imprimiram diversos sermões, que revelam um orador distinctissimo.

102.º—*Silvestre Pinheiro Ferreira*—nasceu em 31 de dezembro de 1769. Cursou as aulas da Congregação do Oratorio, onde se distinguiu. Ainda adolescente, fiava-se tanto nos seus precoces conhecimentos, que ousou reptar o célebre *padre Theodoro d'Almeida* (da mesma congregação e auctor das famosas *Recreações Philosophicas*, do *Feliz Independente* e de outras muitas obras em diversos generos) venerado como um grande sabio, pelos litteratos contemporaneos. Parece que a este facto se deve a sua sahida da congregação.

Passou a professar philosophia no collegio das artes, em Coimbra, cuja cadeira obteve em concurso.

De idéas livres, e propenso a innovações, não se querendo sujeitar aos estreitos moldes de uma philosophia ainda fiscalisada pelo Santo-Officio, soffreu algumas perseguições, pelo que foi para Inglaterra, d'alli para a Hollanda e depois para Paris, onde o embaixador portuguez, Antonio de Araujo o escolheu para secretario da sua legação. Voltando a Lisboa, foi Pinheiro nomeado official da secretaria dos estrangeiros.

Foi depois encarregado da legação de Berlim, e por fim da dos Estados Unidos da America.

Alli estava quando em Portugal rebentou a revolução de 1820, e D. João VI o chamou ao ministerio.

Propendendo sempre para o partido liberal, com a queda d'este em 1823, sahiu de Portugal para Paris, onde escreveu em francez as suas obras politicas, que lhe deram fama em toda a Europa.

Em 1842 foi eleito deputado e veio tomar assento nas camaras portuguezas.

Falleceu este varão respeitavel, cercado da veneração de todos os portuguezes, em 1 de julho de 1846.

Silvestre Pinheiro Ferreira era tio da sr.ª D. Maria Ignacia Machado, mãe do nosso famoso folhetinista e distincto escriptor Julio Cesar Machado. (Vide col. 2.ª, pag. 494 do 2.º vol.)

103.º—*Manuel Maria da Silva Bruschy.* Nasceu no Rio de Janeiro, em 1814. [1]

Regressou a Portugal com a familia real, em 1821, e aqui principiou os seus estudos. Matriculou-se na universidade de Coimbra, em 1830, interrompendo o curso, em consequencia da guerra civil. Sempre cordialmente dedicado á legitimidade, sentou praça em 1832, no batalhão de voluntarios realistas academicos, sendo logo feito alferes, e onde foi sempre estimado dos seus superiores e eguaes, não só pela sua intelligencia, como pelo seu exemplar comportamento e bellas qualidades.

Terminando a guerra em 1834, e temendo a sorte de muitos dos seus camaradas, emigrou para o Rio de Janeiro, onde se dedicou a alguns estudos medicos; mas, voltando a Portugal, passou a Paris, onde cursou sciencias naturaes, na escóla polytechnica d'aquella cidade; adquirindo vastos conhecimentos em botanica, chimica e physica.

—

Em Hespanha ardia a guerra civil—D. Carlos V disputava a corôa a sua sobrinha D. Isabel, fundado na *lei salica*, que exclue as filhas dos reis de herdarem a corôa; e a causa da legitimidade fazia progressos espantosos, porque as suas hostes tinham por chefes os bravissimos Zumalacarreguy, Benito Eraso, Cabrera, Elio, Eguia e outros homens notaveis.

Muitos filhos de familias legitimistas, de Portugal, França e outros paizes, levados pelo enthusiasmo que lhe inspirava esta lucta homerica, tinham corrido a alistar-se nas fileiras carlistas.

Bruschy, não podendo resistir ao desejo de alistar-se n'esta, que reputava uma santa cruzada do seculo XIX, se dirige ao exercito de D. Carlos V, e a 6 de maio de 1837 sentou praça no 4.º batalhão de Castella, onde recebeu o posto d'alferes, que tivera em Portugal.

Pouco depois de ter sentado praça, teve logar a expedição á Catalunha, e Bruschy foi ferido na passagem de Cinca, recolhendo ás Vascongadas, onde sarou do seu ferimento.

Na batalha de Huesca é feito prisioneiro pelos christinos e levado para Zaragoça, é mettido nas prisões de S. Francisco, onde por duas vezes esteve em perigo de ser fuzilado. No fim de oito mezes de prizão, estava gravemente enfermo com um typho, e foi n'essa occasião trocado.

Chegando ao exercito realista, ainda muito doente, foi para o hospital de Cantavieja. O conde de Morella (general Cabrera) visitando este hospital, interrogou Bruschy, e tanto se captivou d'elle, que, apenas mal convalescido, o collocou como tenente no real corpo d'engenheiros.

Em 1838, no cerco de Morella, Bruschy entra na praça, montado em uma mula (porque ainda não estava completamente curado) debaixo de um chuveiro de balas christinas, com imminente risco de vida.

No ultimo assalto á brecha, estava Bruschy no logar por onde os caçadores de Borso di Carminati escalaram as muralhas ao escurecer.

Depois d'este ultimo assalto, o exercito christino retira. Cabrera corre sobre Valencia, para a surprehender, o que não consegue; porém na volta encontra a divisão Pardinhas, travando-se renhido combate. Pardinhas é morto, e aprisionada a sua divisão. Bruschy distinguiu-se n'esta batalha, como em todas as que assistiu.

Foi encarregado de dirigir os trabalhos das fortificações da linha da esquerda, de Mora do Ebro por Vallencia ás Castellas, tendo por companheiro o tenente Goeben, actualmente marechal de campo do exercito allemão, e um dos heroes da guerra contra a Austria, em 1866, e da franco-prussiana, de 1870 a 1871, e o vencedor dos francezes em Wissemburgo.

Estava Bruschy nas fortificações de Vallencia, quando assistiu á acção que deu o general Arevalo contra os christinos do exercito de O'Donnell, sendo então feito capitão por distincção.

Cabrera encarregava sempre Bruschy das fortificações mais importantes.

[1] Seu pae, que era empregado na casa real, tinha ido para o Brasil com a côrte, em 1807.

Em junho de 1840, sahiram de Cañete e Beteta uns 3:000 carlistas, que cercados em Molina d'Aragão por numerosas forças christinas, tiveram de render-se. Aqui estava Bruschy, capitão de engenheiros e tenente coronel graduado de infanteria; que, ficando prisioneiro, terminou a sua correira militar.

Levado ás prisões de Madrid, soffreu, com seus companheiros, crueldades e privações inauditas.

Á traição do general Maroto, seguiu-se a *convenção de Vergára*, que deu aos christinos as provincias do norte.

Espartero, avança com todas as suas forças sobre Castella, Aragão e Vallencia. O conde de Morella o recebe nas suas posições, fazendo estacar o general christino; mas o conde cahe gravemente doente com um typho. Espartero nem assim ataca; mas recorre á traição, comprando alguns chefes carlistas do Aragão e da Catalunha, conseguindo n'esta ultima provincia fazer assassinar o conde de Hespanha, general em chefe do exercito realista d'este principado.

O resto dos exercitos de D. Carlos V, desanimados por tantas traições e desgraças, tem de bater em retirada. Cabréra, em uma liteira e quasi ás portas da morte, foi retirando até á Catalunha e de lá para a França, onde ainda entrou com 30:000 homens, persegnidos, sem resultado, por 100:000 christinos.

Assim terminou a guerra denominada dos sete annos.

Bruschy sahiu da prisão, recebendo guia para Portugal, tendo de atravessar a pé uma grande parte de Hespanha, roto, faminto e no mais lamentavel estado.

Veio ter a casa dos srs. Palhas, seus antigos amigos, ás portas de Santa Apolonia, os quaes com grande difficuldade poderam reconhecer o seu amigo, não só pelo seu misero estado, como porque fallava uma linguagem em que de envolta com algumas palavras portuguezas, vinham muitas castelhanas, catalães, biscainhas, etc.

D'ahi em diante, foi a illustre familia Palha, a sua familia; porque já lhe não restava outra.

Os srs. José e Francisco Palha, foram para a Universidade de Coimbra, acompanhados por Bruschy, que os dirigia e instruia; pelo que foi sempre estimado e respeitado pelo desembargador o sr. José Pereira Palhas, pae e avô dos srs. Palhas.

Tratou Bruschy de concluir a sua formatura em direito, para o que lhe faltavam tres annos: tendo o cuidado de velar pelos estudos do sr. Francisco Palha (que era muito creança) e de seu irmão; e, para não ser tão pesado aos seus dedicados protectores, leccionava os seus condiscipulos.

Em breve se tornou um estudante applicado e distinctissimo; e foi em Coimbra que deu principio ao seu famoso livro—*Annotações a Waldeck*—cuja primeira edição foi impressa em 3 volumes, em 1845, na typographia da Universidade.

Foi Bruschy o primeiro romanista da sua época; porém regressando a Lisboa, depois da sua formatura, não seguiu logo a vida de advogado; mas emprehendeu a fundação de um jornal legitimista, que advogasse com seriedade, decencia e intelligencia as idéas que o seu fundador abraçára desde a infancia. Associou á sua empreza os mais eminentes litteratos do partido realista, e e *Nação* viu a luz do dia, sendo seus redactores, além de Bruschy e Antonio Joaquim Gomes Ribeiro de Abreu, tambem hoje fallecido, os srs. D. Sancho Manuel de Vilhena, Antonio Pereira da Cunha, João de Lemos Seixas Castello Branco e outros colaboradores, todos distinctos escriptores, que elevaram a *Nação* á cathegoria de um dos primeiros jornaes do paiz.

—

Foi Bruschy um dos mais distinctos ornamentos do fôro portuguez. Além das *Annotações da Waldeck*, encetou a publicação do *Manual do Direito Civil*, que o seu máu estado de saude lhe não deixou concluir; além de outras obras ineditas, entre as quaes ha a *Historia da guerra franco-prussiana*, que deve ser um livro importantissimo; porque lhe serviu de auxiliar o seu antigo camarada e amigo, o marechal allemão Goeben, com os apontamentos e mappas que lhe remetteu.

Tambem é Bruschy o auctor das seguin-

tes publicações:—*Elogio historico de J. de Vasconcellos Pereira Coutinho Mendonça Falcão*—*Almanach portuguez para 1852*—*Influencia do christianismo sobre a legislação.*

Para o theatro escreveu a scena historica —*Tomada de Ceuta*—o episodio da guerra de Hespanha—*Pepi del Oli*—e o drama historico, em 5 actos—*D. João I*, que se imprimiu, mais ainda se não representou. N'este drama collaborou José Maria da Silva Leal.

—

Bruschy havia casado em segundas nupcias com a sr.ª D. Maria da Luz de Souza Castello Branco da Silva Bruschy, ainda viva, e de ambos os casamentos houve numerosa descendencia.

—

Depois de constantes padecimentos physicos e moraes, Bruschy deu a alma a Deus (na Rua Nova do Carmo) na madrugada de 12 de setembro de 1873, victima de uma congestão pulmonar, que em poucas horas o roubou aos extremosos carinhos da sua familia e á sincera amisade e verdadeira consideração de quantos o conheciam.

Legitimista do coração, era tão delicado, conveniente e tolerante, que contava sinceros amigos em todos os partidos. Nem um só periodico portuguez, qualquer que fosse a sua *côr*, deixou de commemorar com o mais cordial sentimento de saudade, a morte d'este varão, a todos os respeitos estimavel.

Abster me-hei de publicar os *necrologios* dos jornaes legitimistas, por serem suspeitos, limitando-me a transcrever o que sobre a morte de Bruschy escreveram dois jornaes — o *Jornal da Noite*—e—o *Diario Popular.*

O *Jornal da Noite*, n.º 833, do dia 13 de setembro de 1873, diz:

«Hontem á meia noite e meia hora succumbiu a uma congestão pulmonar, complicada de antigos padecimentos, o sr. dr. Manuel Maria da Silva Bruschy, jurisconsulto de grande merito, egualmente versado no direito romano e no patrio, escriptor apreciado em assumptos juridicos, e por seu saber, pratica e caracter honesto, honra e ornamento do fôro portuguez.

Perdeu muito a sua familia com tão funesto acontecimento, mas a patria perdeu muito mais.

.....

.....

.....

Sempre distincto nas variadas applicações do seu grande engenho, o sr. Bruschy inscreveu-se advogado em Lisboa, e foi logo dos primeiros e sempre dos mais laboriosos, apesar dos padecimentos que ha annos o affligiam.

O partidario leal, o soldado valente, o estudante premiado, o escriptor consciencioso, e o advogado illustre, cuja morte lastimamos, era tambem rico de virtudes domesticas; bom filho, bom marido, bom pae, bom amigo, bom camarada e excellente cidadão. O melhor epitaphio para elle seriam as duas palavras: SEMPRE BOM. Em assmptos politicos á tolerancia do seu animo generoso só era egual a firmeza das suas convicções, e por isso lhe queriam todos entranhadamente, liberaes e realistas.

Viveu e morreu homem de bem e pobre. Deus tenha a sua alma em descanço.»

O *Diario Popular* n.º 2456, do mesmo dia, diz:

«Falleceu hontem á meia hora depois da meia noite, o illustre jurisconsulto Manuel Maria da Silva Bruschy. Apreciavam-n'o amigos e até os adversarios politicos—que de outra especie não os teve—pelo seu caracter sem mancha nem labeo. Seguindo na mocidade, por tradições de familia e convencimento proprio, a causa do sr. D. Miguel de Bragança, conservou-se até o fim da vida leal partidario da má fortuna d'aquelle principe.

Lucrou o fôro com a abstenção politica do honrado realista, porque começando então a dedicar-se á advocacia, adquiriu o nome glorioso que lega como unica herança á sua familia. Morreu muito pobre o illustre advogado, porque o seu desprendimen-

to de ambições e a bizarria do caracter egualavam-lhe os subidos dotes do entendimento.

Descance em paz a sua boa alma.»

O sr. José da Silva Mendes Leal Junior disse de Bruschy:

«Tem no semblante a effigie do caracter. «Olhae. Parece que Deus lhe rasgou aquel«la fronte espaçosa para os grandes pensa«mentos do infortunio, que lhe contornou «aquella bocca firme para as energicas pa«lavras do conflicto, que lhe accendeu «aquelle vivo lume dos olhos contemplati«vos para lhe esclarecer a alma, que lhe ta«lhou aquella nobre cabeça tanto para a er«guer no perigo como para a inclinar no «estudo, parece emfim que lhe imbebeu a «serenidade no rosto, para a boa e má ven«tura, e lhe assentou nos labios a affabili«dade e a modestia para a benevola convi«vencia.»

—

Dou aqui por terminadas as biographias dos varões illustres que nasceram ou que falleceram em Lisboa. Muitos homens notaveis naturaes d'esta cidade, ou que aqui terminaram seus dias, deixei de mencionar, por serem menos famosos, e para que este artigo não fosse interminavel, o que certamente enfadaria os leitores; e tambem por esta ultima razão, não mencionei os reis e pessoas reaes que aqui nasceram.

—

Tinha bastantes apontamentos, para dar em rapidos traços as biographias de muitos dos nossos actuaes litteratos lisbonenses; mas reflecti que seria impossivel deixarem de esquecer alguns (mesmo muitos, visto que elles são em tão innumeravel quantidade) e por isto, e por outros muitos inconvenientes, faceis de prever, desisti da empreza.

—

Advirto aos leitores que n'estas 103 biographias, as que não levam a indicação da naturalidada do biographado, é porque elle nasceu em Lisboa.

Relação das principaes pessoas d'este reino que se venderam ao usurpador Philippe II de Castella, em 1580.

O acrisolado amor da patria que em todos os tempos, desde os antigos lusitanos até nossos dias, tem distinguido a *classe popular* d'estes reinos é um facto incontestavel, e incontestado, que honra e glorifica o bravo *povo* de Portugal.

Infelizmente não se póde dizer o mesmo da classe *aristocratica* e de algumas ordens religiosas. A maior parte dos fidalgos portuguezes e muitos jesuitas, secundados pelo papa, venderam a sua patria aos castelhanos.

Faria e Sousa na sua *Europa Portugueza* — diz — (em summa) — «Philippe II foi o *comprador* (de Portugal) os fidalgos e os jesuitas foram os *vendedores* e o infame Christovão de Moura o *pregoeiro*.»

O papa (Gregorio XIII) intimo amigo do *Diabo do Meio Dia* (Philippe II) que, diga-se a verdade, era strenuo defensor da região catholica; mas que pelo seu fanatismo se tornára o mais docil executor das vontades da curia romana, o mais tenaz perseguidor da *reforma* e o mais implacavel inimigo dos turcos; queria (o papa) que este homem reunisse ao seu já immenso poder, mais o dominio de Portugal. Pelos mesmos motivos tambem os jesuitas lhe eram de alma e coração dedicados.

Mas que razões tinham os fidalgos portuguezes (com raras, mas honrosissimas excepções) para venderem a sua patria? A torpe ambição e a cubiça insaciavel! — Nada mais.

É por isso que o repugnante Christovão de Moura, escrevia a Philippe II, em 30 de janeiro de 1580, o seguinte: — «Tudo ha de ter remedio, e quando outra cousa fôra, os governadores fal-a-hão boa se lhe obedecerem, porque de cinco temos os quatro, como vossa magestade sabe, e por taes estão apontados: e o arcebispo (de Lisboa) disse-me hontem que lhe désse mais couraças,

etc... na camara de Lisboa temos de quatro regedores tres, contando o novo que el-rei nomeou, e assim depois que elle entrou está aquilo melhor...»

Na mesma data, em uma carta ao duque de Medina Sidonia, fallava-lhe dos receios que tinha do duque de Barcellos, *por la gaña que* el pueblo *muestra de querer rey natural.*

Christovão de Moura, apesar da elasticidade da sua consciencia aterra-se da cobiça e avidez dos fidalgos portuguezes e das suas excessivas exigencias, pois, a 30 de março de 1580, escreve Philippe II — «Os cavalheiros (!) pretendem sacar mais do que aquillo que se lhes promette quando se vier a tratar d'isso, e parece-me que teem intentos, segundo as cousas que praticam, de conseguir que vossa magestade não venha a possuir n'esta terra *um unico maravedi de renda, porque tudo querem para si.*»

—

Eis a relação das pessoa que primeiramente se pozeram ao serviço do usurpador castelhano, ordenada pelo seu secretario *Gabriel de Zayas.* D'ella se verá quantos nomes, até ahi illustres, ficaram indelevelmente manchados com o stygma da traição e da venalidade, e a que estado de infamia e degradação haviam descido os descendentes dos heroes de Ceuta, Arzilla, Sallado, Aljubarrota, etc., etc.

Note-se de passagem que já muitos *nobres* tinham tomado o partido de D. João I de Castella, contra a sua patria e contra o *Mestre de Aviz*; e que muitos d'elles (incluindo os irmãos do excelso D. Nuno Alvares Pereira) combatiam em Aljubarrota contra Portugal. Os de 1580, são os seguintes:

O marquez de Villa Real e D. Jorge de Noronha, seu primo.

Escreveram a sua magestade muitas cartas desde o principio d'estes negocios, offerecendo-se ao serviço de sua magestade como da sua casa, e sempre teem avisado e encaminhado o serviço de sua magestade emquanto teem podido.

O thesoureiro de Christo, em 7 de janeiro de 1580.

Responde a outra de sua magestade, e offerece servir em tudo quanto pudér, porque entende que o direito é de sua magestade, etc., etc.

D. Pedro de Menezes, por carta de 26 de janeiro de 1579.

Diz que tem tão entendida a justiça de sua magestade, e que está tão apparelhado para o seu serviço como o sabe D. Christovão; e que assim não tem que offerecer de novo: supplica-lhe que tenha em memoria a antiguidade e serviços da sua casa.

D. Antonio de Castro, senhor de Cascaes, por carta de 10 de fevereiro de 1580.

Que parte para Cascaes, entendendo que alli podia servir melhor, e cumprir com o officio de bom vassallo de sua magestade.—Offerece ter á devoção de sua magestade as fortalezas e villas que tiver em seu poder.

D. Fernando de Castro, por duas cartas, uma de 5 de março de 1579, e outra sem data.

Diz que está mui certo do direito de sua magestade, pois o é que sua magestade não pretenderia aquillo senão estando mui seguro da sua justiça, e que assim elle, os seus parentes e amigos, hão de servir a sua magestade emquanto poderem, para que tenha bom successo para tão justa pretenção, e que o mesmo fará seu pae, que está no cidade d'Evora.

D. Diogo de Castro, por duas cartas, de 5 de março e de 20 de abril de 1579.

Diz que se offerece a fazer tudo quanto podér em serviço de sua magestade, e de ir advertindo de quanto convier para o bem dos negocios. (Espião!)

Ruy Lourenço de Tavora, em 6 de fevereiro de 1580.

Diz que se offerece servir no que podér.

Bernardo de Tavora, por carta de 20 de março de 1579.

Diz o mesmo.

Martim Correia da Silva, por carta de 20 de abril de 1579 e outra sem data.

Offerece-se a encaminhar mui devéras a D. Christovão de Moura.

Luiz da Silva, por certa de 23 de abril de 1579.

Diz que está preparado para servir a sua magestade com muitos officios e diligencias etc., etc.

Luiz de Miranda Henriques, por carta de 6 de fevereiro de 1580.

Diz que offerece muito boa vontade para o serviço de sua magestade, encarecendo muito o que estima que sua magestade lhe agradeça os seus pequenos serviços.

Francisco de Rézende, por carta de 4 de março de 1580.

Offerece-se servir mui devéras e com muita vontade e avisar D. Christovão de tudo que lhe pareça convir. (Espião!)

Frei Antonio de Sousa, por carta de 5 de março de 1579.

Diz o mesmo.

Doutor Antonio da Gama, em varias cartas.

Dá differentes conselhos a favor de el-rei e diz que arriscará quanto tem para servir sua magestade.

Doutor Diniz Philippe, em 7 ou 8 cartas, sendo a ultima de 15 de fevereiro de 1580.

Diz, pouco mais ou menos, o mesmo.

D. Jorge de Athaide, capellão-mór, e bispo de Viseu, por carta de 20 de novembro de 1579.

Diz o mesmo.

Frei Leão Henriques, confessor de el-rei, por carta de 12 da abril de 1579.

Escreve que disse ao rei o que lhe mandava na carta que lhe dirigiu Philippe II, mas não faz offerecimento nenhum.

João Mendes de Vasconcellos, por carta de 3 de agosto de 1579.

Diz que está seguro dá justiça de sua magestade e offerece para seu serviço vida, fazenda, filhos e parentes, com muita vontade.

Pedro de Alcaçova Carneiro, por duas cartas de 17 de março e 9 de junho de 1579.

Diz quão mal pago está dos muitos serviços que fez áquella corôa e a consolação que recebeu com a carta de sua magestade, que lhe deu D. Christovão: offerece-se para criado de sua magestade, e que fará em seu serviço quanto podér, o que deve e a que está obrigado.

Martim Ferreira, por carta da 24 de outubro de 1579.

Offerece-se servir sua magestade com muita lealdade em tudo quanto podér. Diz que é capitão de 18 bandeiras de infanteria.

O procurador geral do reino, por carta de 17 de março de 1579.

Promette trabalhar quanto possa

em serviço de sua magestade, e procurar que lhe seja guardada justiça.

Duqueza de Aveiro, por carta do 1.º de agosto de 1579.

Responde á carta de sua magestade, que lhe deu o duque de Ossuna (irmão d'ella) e diz que estará sempre prompta para obedecer a sua magestade conforme a isso é obrigada e á lealdade que aquella casa deve a sua magestade, e que o mesmo procurará que faça o dono d'ella.

Condessa da Vidigueira, por carta de 5 de agosto de 1579.

Offerece o seu estado, fazenda e filhos para o serviço de sua magestade.

D. Joanna de Athaide, por carta de 15 de agosto de 1579.

Diz o mesmo. Supplica-lhe que veja um papel que deu a D. Christovão e que lhe conceda o que n'elle pede.

D. Catharina de Athaide, por carta de 18 de janeiro de 1580.

Offerece a casa de Villa Verde e seus filhos, com muita lealdade, o que tudo está á obediencia de sua magestade.

D. Catharina de Tavora, por carta do 23 de abril de 1579.

Diz que ella e seu filho estão á devoção de sua magestade, etc.

—

Cartas ainda mais significativas foram dirigidas por Philippe II aos proprios interessados.—A todos dava este pretendente os titulos de *Magnifico e mui amado senhor*, e lhes agradecia as promessas e serviços por estes traidores feitos a elle.

As mais bajuladoras d'estas cartas são as que o rei castelhano escreveu a *Pedro de Alcaçova Carneiro*, a *D. Fernando de Castro*, ao *arcebispo d'Evora* e a *D. Duarte de Castello Branco.*

Philippe II mandou escrever immensas d'estas cartas, por seu secretario *Gabriel-Zayas*, a quasi todos os nobres, bispos e pessoas principaes de Portugal, cujas copias existem na bibliotheca real de Madrid. Copia do archivo de Simancas.

—

A aristocracia portugueza de 1580 só curou dos seus interesses na perfidia com que atraiçoou e vendeu a terra que lhe deu o ser.

Os Philippes prodigalisaram as mercês aos grandes de Portugal, e nenhum dos nossos reis as deu maiores nem mais largas: senão vejamos.

Relação dos titulos concedidos por Philippe II aos nobres de Portugal.

D. Manuel de Menezes, marquez de Villa-Real.—*Duque de Villa-Real.*

Aos primogenitos da casa de Aveiro.—*Duques de Torres Novas.*

D. Antonio de Castro.—*Conde de Monsanto.*

D. Francisco Mascarenhas.—*Conde de Villa da Horta (ou Santa Cruz.)*

Ruy Gonçalves da Camara.—*Conde de Villa Franca.*

D. Francisco Manuel.—*Conde de Atalaya.*

D. Fernando de Noronha.—*Conde de Linhares.*

D. Fernando de Castro.—*Conde de Basto.*

D. Pedro de Alcaçova Carneiro.—*Conde de Idanha.*

D. Duarte de Menezes.—*Conde de Tarouca.*

D. Christovão de Moura.—*Conde de Castello-Rodrigo.*

—

Em vista d'isto, tinha razão Philippe II quando dizia que tinha feito uma cara mercancia em comprar Portugal.

Philippe III e Philippe IV não foram tão prodigos em titulos, e por isso alguns dos descendentes dos traidores de 1580 se revoltaram em 1640, unindo-se aos portuguezes leaes.

Não tenho á mão documento ou relação das mercês e titulos feitos pelos ultimos dois Philippes, apenas me lembram os seguintes:

D. Francisco de Faro—foi por Philippe III feito—*conde de Vimieiro.*
D. Manrique da Silva, conde de Portalegre —feito for Philippe IV—*marquez de Gouveia.*
D. Francisco de Mello—foi por Philippe IV feito—*conde de Assumar.*
D. Luiz de Lima Brito e Nogueira—foi por Philippe III feito—*conde dos Arcos.*
D. Diogo de Menezes—foi por Philippe IV feito—*conde da Ericeira.*
D. Francisco de Souza—foi por Philippe III —feito—*marquez de Minas.*
João da Silva Tello de Menezes—foi por Philippe IV feito—*conde d'Aveiras.*
Ruy Méndes de Vasconcellos—foi por Philippe III feito—*conde de Castello Melhor.*
Luiz Carneiro de Sousa—foi por Philippe IV feito—*conde da Ilha do Principe.*
Pedro da Silva (o *Duro*)—foi por Philippe IV feito—*conde de S. Lourenço.*
(Estes dois obtiveram os titulos em 1640).
Francisco Nuno Alvares Botelho—foi por Philippe IV feito—*conde de S. Miguel.*
(*S. Miguel* é uma quinta ao pé de Aldeia Gallega).
D. Vasco Mascarenhas—foi por Philipe IV feito—*conde d'Obidos.*
D. Rodrigo Lobo da Silveira—foi por Philippe IV feito—*conde de Sarzedas.*
Nuno de Mendonça—foi por Philippe IV feito —*conde de Valle de Reis.*
Fernão Telles de Menezes—foi por Philippe IV feito—*conde de Unhão.*

—

Relação das principaes pessoas de Portugal, que em Lisboa fizeram a gloriosissima revolução do 1.º de dezembro de 1640.[1]

A esta milagrosa revolução se tem chamado sempre—*a conjuração dos quarenta fidalgos.*—Talvez que na sua origem, fosse combinada por *quarenta* e fossem todos *fidalgos;* mas o que é certissimo é que foi levada a effeito por muito maior numero, onde entraram todas as classes da sociedade—ou, como então se dizia—*clero, nobreza e povo.*

O homem incançavel, o portuguez benemerito, o eximio patriota, o varão energico, tenaz e destemido que mais se distinguiu, o que foi o verdadeiro chefe, director e principal agente d'este feito sem egual na historia das nações, foi o dr. *João Pinto Ribeiro.* (Vide Lisboa, no logar competente.)

Depois de Ribeiro os principaes motores da restauração, foram—*D. Antão d'Almada, D. Miguel d'Almeida, Francisco de Mello* e seu irmão *Jorge de Mello* e *Pedro de Mendonça.*

Chamei *milagrosa* a esta revolução, não só porque tendo-se tramado outras antecedentemente para o mesmo fim, todas tinham falhado e a maior parte dos seus auctores tinham pago com a vida ou com a liberdade a sua dedicação—o que devia aterrar todos os portuguezes; mas, e principalmente, porque, entrando n'esta, tanta gente e de tão differentes *temperamentos,* não houve um só traidor, um unico *desacautelado.*

Vertot, na sua *Histoire des révolutions de Portugal,* diz:

«*On n'en a point vu qui ait été confiée à un si grand nombre de persones de tout âge, de tout sexe, de toutes conditions, et d'un tempérement si plein de feu, et par conséquent si peu propres au secret, qui ait eu enfin un succès aussi entier, et qui ait si peu coûté de sang.*»

—

Eis pois a relação dos fidalgos:

Dr. João Pinto Ribeiro—juiz de fóra de Pinhel, Ponte de Lima e outros logares. Foi depois feito fidalgo da casa real, desembargador do paço, contador-mór da fazenda, guarda-mór da Torre do Tom-

[1] Para dissipar a pessima impressão que de certo causou a leitura do artigo antecedente, apresso-me a dar logo em seguida, esta relação.

bo, e embaixador de Portugal, em Roma, etc.

D. Miguel d'Almeida—foi conde d'Abrantes, conselheiro d'estado e védor da fazenda. Era filho de D. Diogo d'Almeida, governador de Diu.

D. Antão d'Almada—foi governador da cidade e primeiro embaixador á côrte de Inglaterra. Era filho de D. Lourenço Soares d'Almada.

Jorge de Mello—foi general das galés e conselheiro de guerra. Era filho de Manuel de Mello, monteiro-mór do reino.

Pedro de Mendonça—alcaide-mór de Mourão, foi guarda-mór d'el-rei, na ausencia do conde de Villa Nova, proprietario d'este emprego, que se achava retido em Hespanha. Era filho de Francisco de Mendonça, capitão de Marzagão.

D. Antonio Mascarenhas—foi commendador da Ordem de Christo. Era filho de Nuno Mascarenhas, conde da Azinhaga, alcaide-mór de Castello de Vide, Niza e Castello Novo, senhor de Palma.

D. Antonio Tello—foi capitão-mór das naus da India. Era filho de D. Francisco Tello de Menezes, governador da ilha de S. Thomé.

D. Gastão Coutinho—foi governador da provincia do Minho e conselheiro de guerra. Era filho de D. Henrique Coutinho, commendador de Caldellas.

D. Luiz d'Almada—serviu na guerra da restauração. Era filho de D. Antão d'Almada.

D. Alvaro d'Abranches—foi general do Minho e conselheiro de guerra. Era filho de Francisco Coutinho da Camara.

D. Affonso de Menezes—foi mestre-sala de D. João IV. Era filho de D. Fradique de Menezes, senhor da villa da Ponte da Barca.

D. Antonio Luiz de Menezes—foi 3.º conde de Cantanhede, 1.º marquez de Marialva, conselheiro d'estado e da guerra, védor da fazenda, governador das armas no Alemtejo, capitão-general do exercito da Extremadura e um dos plenipotenciarios da paz. Era filho de D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Cantanhede.

Dr. João Sanches de Baena—lente de canones em Coimbra, depois desembargador da Relação do Porto e por fim desembargador do paço. Foi dos primeiros que conferenciaram com João Pinto Ribeiro, e fez grandes serviços á causa da restauração.

D. Rodrigo de Menezes—foi desembargador do paço, regedor das justiças, presidente do desembargo do paço, estribeiro-mór do principe D. Theodosio e seu camarista. Era tambem filho do 2.º conde de Cantanhede.

D. João da Costa—foi 1.º conde de Soure, governador das armas do Alemtejo, general de cavallaria e embaixador a Luiz XIV de França. Era filho de Gil Eannes da Costa, alcaide-mór de Castro Marim.

D. Antonio da Costa—serviu na guerra da acclamação. Era filho de D. Alvaro da Costa.

D. Antonio d'Alcáçova—passou a servir na India e foi capitão do Norte. Era filho de D. Pedro d'Alcáçova, alcaide-mór de Campo Maior.

D. João de Sá e Menezes—foi 3.º conde de Penaguião, camareiro-mór de D. João IV e D. Affonso VI, do conselho d'estado e da guerra e embaixador extraordinario na Inglaterra. Era filho de Francisco de Sá e Menezes, 2.º conde de Penaguião.

João Rodrigues de Sá—foi commendador e alcaide-mór de Sines. Era filho de Francisco de Sá e Menezes, commendador e alcaide-mór de Sines.

Antonio de Saldanha—foi alcaide-mór de Villa Real, capitão-mór das naus da India, general da armada que foi restaurar a ilha Terceira, governador da torre de S. Vicente de Belem, conselheiro de guerra e commendador de Serrazes. Era filho de João de Saldanha (o *abbade*) commendador de S. Martinho de Santarem.

Ayres de Saldanha—foi commendador e alcaide-mór de Soure; morreu na batalha de Montijo. Era filho de Antonio de Saldanha (o *captivo*) commendador da Sabacheira.

João de Saldanha de Sousa—foi mestre de

campo, na batalha de Montijo. Era filho de Fernão de Saldanha, morgado de Barcarêna.

João de Saldanha da Gama—foi capitão de cavallaria no Alemtejo e morreu na batalha de Montijo. Era filho de outro João de Saldanha da Gama.

Antonio de Saldanha—sendo conego, renunciou a vida ecclesiastica pela das armas, e combateu valorosamente na batalha do Montijo. Era irmão do antecedente.

Bartholomeu de Saldanha—Morreu na batalha de Montijo. Era tambem irmão do antecedente.

Sancho Dias de Saldanha—foi morto em combate contra os castelhanos em 1652. Era filho de Diogo de Saldanha.

D. Jeronymo de Athaide, 6.º conde da Athouguia—foi conselheiro d'estado, governador de Traz-os-Montes e Alemtejo, e presidente da junta do commercio. Era filho de D. Luiz d'Athaide, 5.º conde da Athouguia.

D. Francisco Coutinho—morreu em Elvas, combatendo contra os castelhanos. Era irmão do antecedente.

D. Vasco Coutinho—serviu na guerra da restauração. Era filho de D. Francisco Coutinho (o Cavaco).

Martim Affonso de Mello—foi conde de S. Lourenço, governador das armas do Alemtejo, e camarista do principe D. Theodosio. Era filho de Antonio de Mello, alcaide-mór d'Elvas.

Luiz de Mello—porteiro-mór. Era filho de Christovão de Mello.

Manuel de Mello—foi regedor das justiças e grão prior do Crato. Era filho do antecedente.

Francisco de Mello e Torres—foi primeiro conde da Ponte, marquez de Sande e general de artilheria. Era filho de Garcia de Mello e Torres.

Antonio de Mello e Castro—foi capitão de Sofala e um dos mais insignes governadores da India. Era filho de Jeronymo de Mello e Castro, conde das Galveias.

D. João Pereira—prior de S. Nicolau. Era filho de Francisco Pereira, da casa dos commendadores do Pinheiro.

Fernão Telles da Silva—foi primeiro conde de Villar-Maior, governador das armas da provincia da Beira e mordomo-mór da rainha D. Luiza de Gusmão. Era filho de Luiz da Silva.

Antonio Telles da Silva—foi capitão das naus da India, governador do Brasil e conde de Villa Pouca. Era irmão do antecedente.

D. Fernando Telles de Faro—foi general da provincia da Beira. Era filho de Braz Telles de Menezes, conde de Lamarosa.

D. Antonio da Cunha—foi senhor de Tábua, guarda-mór da Torre do Tombo, e deputado á junta dos tres estados. Era filho de D. Lourenço da Cunha.

Tristão da Cunha e Athaide—foi senhor de Povolide. Era filho de Simão da Cunha e Athaide.

Luiz da Cunha Athaide e Mello—Era filho do antecedente Tristão da Cunha e Athaide.

Nuno da Cunha—foi conde de Pontevel e presidente do senado.

Estevão da Cunha—foi prior de S. Jorge, em Lisboa, e bispo eleito de Miranda.

Luiz da Cunha—Serviu na guerra da restauração e morreu na batalha de Montijo. Era filho de Tristão da Cunha e neto de D. Antão de Almada.

Luiz Alvares da Cunha e Azevedo—era filho de Duarte da Cunha e Azevedo, morgado dos Olivaes.

Duarte da Cunha e Azevedo—era filho do antecedente.

Tristão de Mendonça—foi o primeiro embaixador á Hollanda. Era filho de Pedro de Mendonça, capitão de Chaul e general das armas em Portugal.

Henrique de Mendonça—foi commendador d'Avanca. Era filho do antecedente Tristão de Mendonça.

Luiz de Mendonça—foi conde do Lavradío, general dos galeões e vice-rei da India. Era filho de Pedro de Mendonça.

D. Manuel Childe Rolim—era filho de D. Francisco Rolim de Moura, 14.º senhor da Azambuja.

D. Francisco de Sousa—foi conde do Prado, 1.º marquez de Minas, embaixador a Roma e presidente do conselho do Ultramar.

Thomé de Sousa—foi védor da casa real e governador de Angola. Era filho de Fernão de Sousa, senhor de Gouveia.

D. Paulo da Gama—era filho de D. Vasco da Gama (descendente do grande D. Vasco da Gama, descobridor da India.)

D. Thomaz de Noronha—foi conde dos Arcos, presidente do conselho do Ultramar e camarista do principe D. Theodozio. Era filho de D. Marcos de Noronha.

D. Francisco de Noronha—era irmão do antecedente D. Thomaz de Noronha.

D. Carlos de Noronha—foi presidente da mesa da consciencia e ordens. Era filho de D. Antonio de Menezes (o *Constancio*) alcaide-mór de Viseu.

Miguel Maldonado—escrivão da chancellaria-mór do reino. Era filho de Gaspar Maldonado, que teve o mesmo officio.

Vicente Soares Maldonado—Francisco Maldonado—Sebastião Maldonado e seus filhos—Gonçalo de Tavares e Tavora, filho de Francisco Tavares, senhor de Mira—*Gil Vaz Lobo*—alcaide-mór de Cintra, filho de Gomes Freire de Andrade—*Ruy de Figueiredo*, senhor de Otta—*Luiz de Figueiredo*, irmão do antecedente—*Gaspar de Brito Freire*—seu filho, *Luiz de Brito Freire—Manuel Velho*, filho de Duarte Velho—*Francisco Brandão*, filho de Carlos Brandão—*Francisco Freire Brandão—Francisco de Sampaio*, que foi fronteiro-mór. Era filho de Manuel de Sampaio.

(Sessenta e nove fidalgos afora os filhos de alguns.)

Populares

O Padre Nicolau da Maia. (Este com um alfange na mão direita e um crucifixo na esquerda, com aquelle cortando castelhanos e com este animando os portuguezes) — o capitão *Marcos Antonio de Azevedo*—o capitão *Vasco Coutinho de Azevedo* — *Francisco de Vasconcellos* — *Luiz de Loureiro* — o capitão *Jordão de Barros e Sousa—Antonio do Rego Beliago* e seu filho *João do Rego Beliago—Antonio Figueira da Maia*—o padre *Bernardo da Costa* — o alferes *Marcos Leitão de Lima*—o licenceado *Gabriel da Costa*, quartanario da Sé—*Manuel da Costa*, seu irmão—*Paulo de Sá*—o capitão *Diogo Penteado—Manuel de Novaes Carvalho—Manuel d'Azedo—João da Silva do Valle—Miguel da Silva—Gregorio da Costa*—o alferes *Francisco de Tavora—Gonçalo de Sampaio—Manuel de Sampaio* — *Gaspar de Tovar* — *Pedro de Abreu—Simão da Cunha—Luiz Alves Banha—Bento da Motta Gusmão—Affonso Mendes—Luiz Godinho*, escrivão do pescado—o capitão *Antonio Franco de Lima—Alberto Raposo—Paulo de Moura—João Ribeiro*—o licenceado *Gaspar Clemente.*

(Trinta e cinco populares.)

—

Note-se que não ha nenhum escriptor contemporaneo da feliz restauração de Portugal, que extreme os *conjurados* ou *conspiradores*, dos que tomaram parte na revolução que rebentou no *Terreiro do Paço*, na manhan do 1.º de dezembro de 1640.

No principio d'este artigo disse quaes foram os fidalgos que tomaram parte activa na conjuração, e que a planearam e executaram; mas, quando rebentou a revolução, todo o povo de Lisboa a secundou corajosa e solicitamente; trabalhando cada um como se a causa fosse só d'elle. É por isso que é impossivel nomearem-se todos os que tão poderosamente concorreram para a obra da restauração da patria.

Ficam porém nomeados os que mais se distinguiram e cujos nomes constam de varias memorias e apontamentos.

Se acreditarmos a tradição (e não temos motivo nenhum para duvidar d'ella) *quarenta* foram os *fundadores* (deixem-me servir d'esta expressão) do plano e alvitres para a revolução, mas o seu numero foi diariamente crescendo, de modo que os *principaes agentes* foram muitos e muitos mais, e o seu numero é hoje impossivel fixar-se.

—

Parece-me a proposito declarar aqui o

nome dos portuguezes que nas differentes terras do reino (de que pude obter noticias) fizeram a acclamação de D. João IV, em 1640.—(Note-se que a revolução foi quasi simultanea em todo o reino. O exemplo de Lisboa foi seguido com a rapidez da electricidade.)

Algarve—Henrique Correia da Silva.
Coimbra—O bispo-conde, Mendes de Tavora e o reitor da universidade.
Elvas—Frei Braz Soares de Castello Branco.
Evora—D. Francisco de Mello.
Leiria—D. Luiz de Noronha e seu filho.
Olivença—Diogo Botelho de Mattos.
Portalegre—O povo e todas as auctoridades civis e ecclesiasticas.
Porto—Idem.
Santarem—Fernão Telles de Menezes.

—

Em todas as mais terras do reino não houveram chefes propriamente ditos; *levantou-se* todo o mundo, fidalgos e plebeus; ricos e pobres; velhos e novos; homens, mulheres e creanças.

—

Historia resumida da marinha portugueza, desde o principio da monarchia, até 1874. [1]

Os antigos lusitanos, nunca tiveram esquadras, nem mesmo qualquer vaso de guerra, ou mercante, que merecesse o nome de navio. Apenas haviam barcos de pesca, para as costas, alguns para transportarem generos de uma povoação do litoral a outra proxima (e só quando estava muito bom tempo) e os empregados na navegação fluvial, ou para atravessarem de uma a outra margem dos rios.

O mesmo aconteceu durante a dominação dos godos na Peninsula.

Emquanto os arabes foram senhores da Lusitania, tinham alguns navios que para pouco mais serviam do que para transportar tropas da Africa para aqui, e d'aqui para a Africa o ouro e prata que extrahiam em grande abundancia das nossas minas; alguns generos de um para o outro paiz, e empregados na pirateria.

—

O conde D. Henrique, tomando posse do reino de Portugal em 1093, mandou construir algumas *galés* [2] com que defendia os portos e costas dos seus dominios contra os corsarios argelinos e das outras potencias barbarescas.

Foram pois apenas algumas d'estas *galés* que legou a seu filho, D. Affonso Henriques, que pouco augmentou o seu numero nos principios do seu reinado.

As *galés* dos primeiros tempos da monarchia não tinham mais de 20 metros de comprimento. Eram embarcações de pouca elevação, sem coberta, com um ou dois mastros, com velas latinas. Foram porém augmentando-lhe a capacidade e já no principio do seculo XVI as havia de 50 e 60 metros. A estas chamavam *galeões*.

Este nosso primeiro rei, tendo de alargar os limites do seu reino á ponta da espada, para o que andava constantemente ás mãos com os mouros; e tendo de sustentar por algumas vezes as guerras que lhe moviam os reis de Castella e Leão, não cuidou, nem podia cuidar na creação de esquadras, nem tinha portos de mar fortificados a que ellas se abrigassem em caso de perigo. Além d'isso, as necessidades dos portuguezes d'então eram muito circumscriptas e o bello e feracissimo solo portuguez produzia quasi todo o necessario para aquella geração d'homens de ferro.

Mesmo assim, 41 annos depois de ser acclamado rei dos portuguezes (1180) organisou uma pequena frota, que entregou ao

[1] Este capitulo é (com algumas alterações) extrahido da bella obra de *Adriano Balbi — Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarve.*

[2] Dizem alguns (fundados na similhança do nome) que a palavra *galé* vem de Gallias, mas a melhor opinião a attribue aos gregos, e é o seu nome derivado de uma palavra grega que significa *logar, ou banco, de muitos assentos.* Os gregos transmittiram o uso das *galés* aos romanos e foram estes que as introduziram na Lusitania.

immortal heroe *D. Fuas Roupinho*, o qual sahindo ao encontro de uma grande esquadra marroquina que infestava as nossas costas (em julho d'esse anno) a encontrou junto ao *Cabo do Espichel*, e depois de bravissima peleja, morreu o chefe mouro e quasi todos os seus, cahindo toda a esquadra inimiga em nosso poder. Foi a nossa primeira acção, e o nosso primeiro triumpho naval.

D. Fuas foi recebido pelo rei e pelo povo de Lisboa, que o foi esperar á praia, no meio do maior enthusiasmo.

D. Sancho I augmentou muito o numero das *galés*, mas parece que só no reinado de D. Sancho II é que se principiaram a construir as maiores, com castellos na pôpa e na prôa, onde os soldados combatiam. Com estas galés foi que D. Sancho II bloqueou e tomou aos moiros a cidade de Ayamonte (Andaluzia) sobre a embocadura do Guadiana, em 1240.

Balbi divide judiciosamente em oito as épocas da marinha portugueza; sigamos pois esta divisão.

Primeira época

(De 1092 a 1420)

Reina a maior obscuridade sobre o commercio que se fazia durante este longo intervallo.

As galés que então se construiam eram quasi exclusivamente de guerra. D. Affonso III, intentando a conquista do Algarve, que effectuou, mandou construir novas e mais fortes galés, alguns *navios redondos* e uma *nau*, que foi a primeira que tivemos.

As leis e regulamentos concernentes ao commercio, á industria e á agricultura, promulgadas n'este periodo, nos levam a suppôr, com bons fundamentos, que o commercio era quasi nullo; muito mais que, não havendo quasi numerario, todos os contractos se faziam por trocas.

Note-se que foi D. Affonso Henriques, ou seu filho, D. Sancho I, que fundaram o estaleiro de Lisboa (a que chamaram *Taracenas* e depois *Tercenas*) que D. Diniz melhorou e ampliou. Era em uma vasta praia do Tejo — onde hoje é o *Terreiro do Trigo*.

Todavia, muitos factos demonstram incontestavelmente o estado de prosperidade em que se achavam as pescarias em Portugal; taes como o tratado feito pelos habitantes de Lisboa e Porto, em 1353, com Eduardo III, rei d'Inglaterra, pelo qual este rei lhes permitte irem pescar, durante cincoenta annos, sobre as costas, e em frente dos portos de Inglaterra; e a alliança commercial feita para favorecer a pesca entre as villas de Setubal, Alcacer-do-Sal, Sines e Cezimbra.

Pertencem a esta época as leis promulgadas sobre a navegação, nas côrtes d'Athouguia (da Baleia,), por D. Fernando; leis bem melhores,e mais bem entendidas do que as que en-tão se fizeram sobre a agricultura.

D. Fernando fez grandes serviços á marinha portugueza (tanto de guerra como mercante). Foi elle que fundou a *Companhia de Segurança Naval*, primeira que houve em Portugal, e provavelmente em toda a Europa. A esquadra que elle mandou saquear e destruir Cadiz, compunha-se de 32 galés (de cem remos, cada uma) e de trinta navios redondos. Foi a maior esquadra d'aquelles tempos.

As *Bolsas Maritimas* (seguros) de Lisboa e Porto, que pagavam aos prejudicados o valor dos navios perdidos, e cujos estabelecimentos, tão uteis ao commercio, em breve se propagaram por toda a Europa, é outro facto d'esse tempo, que prova que o nosso commercio tomava bastante desenvolvimento.

Outro facto, tambem incontestavel, é que as nações estrangeiras, nos reinados de D. Diniz, D. Pedro I e D. Fernando vinham á Portugal fornecer-se de trigo, que levavam já em navios seus, já em portuguezes.

D. Diniz deu grande desenvolvimento ás construcções navaes, mandando semear o magnifico *pinhal de Leiria*, fundou estaleiros e mandou fazer grande numero de embarcações e publicou varias leis e regulamentos para a marinha, para o que concorreu *Manuel Pessanha*, fidalgo genovez, a

quem fez almirante do reino, em 1 de fevereiro de 1322.

Segunda época

(De 1420 a 1500)

Este periodo comprehende as descobertas feitas successivamente pelos portuguezes, e seus primeiros estabelecimentos na *Barberia*, sobre as costas occidentaes da Africa e nas ilhas Canarias, Açôres, Madeira, Cabo-Verde e S. Thomé e Principe.

O commercio exterior, na verdade, de dia para dia, alargou a sua orbita; mas, em todo este intervallo, a industria, a agricultura e o commercio interior, bem longe de augmentarem, experimentaram consideravel declinação causada pelas leis impoliticas, que parecia terem por fim unico, oppôr á industria nacional a concorrencia prejudicial da industria estrangeira; e pelas guerras impoliticas e ruinosas contra os castelhanos e contra o mouros da Africa.

N'esta época se comprehende o glorioso reinado do nosso D. João I. Este rei deu grande impulso á nossa marinha; para nos convencermos d'isso basta saber que a armada com que foi á conquista de Ceuta era composta de 59 galés, 33 naus e 120 navios menores, ao todo 212 vasos, força respeitabilissima para aquelles tempos. Foi então que se introduziu o uso da artilheria nos navios de guerra, e é no reinado d'este benemerito soberano que começam os fastos gloriosos da marinha portugueza.

Terceira época

(De 1500 a 1595)

É o periodo brilhante do commercio e do poder dos portuguezes, que espantaram o mundo por suas arrojadas emprezas e façanhas, e pela extensão de suas conquistas.

A idéa do poder portuguez fez uma tal impressão sobre os povos do Oriente, que, em uma geographia antiga, composta na Persia, se acha o reino de Portugal nomeado como capital da Europa. *(Pae takht Frang.)*

Os portguezes fizeram durante este periodo de quasi um seculo, o commercio exclusivo da Africa e da Asia.

As manufacturas inglezas e francezas ainda não existiam; apenas alguns pannos de lan principiavam a fabricar-se na Inglaterra, que tinha aprendido esta industria com os italianos e flamengos.

Só as sêdas de Italia podiam rivalisar com as da Asia. A India era o unico paiz que n'esse tempo possuia fabricas de fiação e tecidos de algodão. Os generos coloniaes não existiam senão na Turquia, d'onde os portuguezes os tinham introduzido no Brasil e nas ilhas da Madeira e S. Thomé e Principe.

Eram os portuguezes que faziam a pesca da Terra-Nova, exclusivamente até ao nefasto anno de 1580.

Depois de ter tirado aos venezianos e aos turcos o commercio da Asia, Portugal o conservou exclusivamente até ao fim da segunda dynastia; isto é, até ao fatal anno de 1580, em que principiou a ominosa escravidão de Portugal.

Ainda que os reis se tinham reservado o monopolio das especiarias, para a venda das quaes elles tinham um almoxarife em Anvers; todo o resto do commercio da Asia era livre a todos os portuguezes.

Para se formar uma idéa aproximada dos immensos thesouros ganhos pela nação portugueza durante este periodo, basta considerar o que ganhavam os hollandezes no seculo seguinte, ainda que elles não tivessem o commercio senão em um só ponto, e terem por concorrentes portuguezes e hespanhoes.

Quarta época

(De 1595 a 1640)

Este periodo, que foi o mais fatal ao poder e ao commercio de Portugal, comprehende os 45 ultimos annos da dominação hespanhola, durante os quaes principiou a lucta com os hollandezes, na India, na Africa e no Brasil; lucta que acabou desgraçadamente, para Portugal, que perdeu os seus estabelecimentos mais importantes da Afri-

ca e do Oriente, mas que a nação sustentou com dignidade e constancia.

A marinha de guerra foi destruida com a de Hespanha, nas lutas insensatas que os hespanhoes sustentaram na Europa; e a marinha mercante, em poucos annos diminuiu mais de 200 grandes embarcações.

Muitos dos nossos navios de guerra e a flor dos nossos marinheiros, acabaram nas guerras de Flandres.

Os nossos navios mercantes eram apresados pelos de guerra das differentes nações que a traziam com a Hespanha. Esta, não só lhe não importava isso; mas até, todo o seu fim era reduzir-nos por todos os modos á indigencia e á nullidade, para assim nos ter mais seguros.

Por estas razões, o nosso commercio da Asia acabou por então.

De mais a mais, enormes contribuições, impostas ao infeliz Portugal pela cubiça insaciavel e pelo espirito de rapina, tão natural nos castelhanos, durante esse nefasto, horrivel e nunca esquecido periodo de 60 annos, arruinaram completamente a nação e lhe roubaram thesouros immensos, acumulados durante a época precedente.

Quinta época

(De 1640 a 1668)

Já disse que o commercio de Portugal com a Asia, estava completamente paralisado, pelo predominio que n'aquella parte do mundo tinham adquirido os hollandezes, e pelo premeditado e estudado abandono em que nos deixava Madrid, então foco de toda a casta de immoralidades. E os hespanhoes, para sustentarem toda a qualidade de vicios, e satisfazerem a sua voracidade inexgotavel, e o ódio que nos tinham pelas continuas derrotas que tinham soffrido dos portuguezes, no tempo da nossa independencia, não hesitaram em roubar a Portugal a sua ultima *mealha*.

Deixaram-nos tambem perder uma importante parte do Brasil, a saber: as capitanias de Pernambuco, Maranhão e outros pontos importantes.

A agricultura, a industria e o commercio interior de Portugal tiveram a mesma sorte durante esse ominoso periodo dos Philippes.

Ainda depois da restauração, a lei das côrtes de 1641 para a introducção de viveres estrangeiros, e as altercações com *Cromwel* (cujas consequencias se fizeram sentir por muitos annos) pozeram a nação em deploravel estado. Entretanto a prudencia de D. João IV, que não permittiu que os judeus fossem perseguidos, reteve no reino muitos thesouros, que estavam a ponto de escapar-lhe, e forneceu a este rei grandes recursos pecuniarios, que o collocaram em estado de sustentar essa gloriosa, longa e sanguinolenta guerra contra a Hespanha, obrigando-a, depois de quasi 28 annos de derrotas, a reconhecer a nossa independencia e autonomia.

Os portuguezes recuperam a sua antiga energia: os hollandezes, depois das mais brilhantes acções, obradas pelas nossas tropas e guerrilhas no Brasil, são finalmente d'alli completamente expulsos. Mas ai! O nosso commercio tinha soffrido um golpe tão profundo, que só muitos annos e um governo sollicito e intelligente poderiam cicatritar; mas infelizmente os governos que se seguiram ao da restauração, bem pouco fizeram em favor das nossas colonias e do nosso commercio.

Sexta época

(De 1668 a 1750)

Este periodo offerece o singular espectaculo de uma nação que, despresando a cultura de um solo natal tão bello como fertil, vae *desbravar* os sertões do Brasil, empregando os thesouros tirados de suas entranhas, para fazer prosperar uma nova patria; e a conducta, ainda mais singular do primeiro Colbert portuguez (o conde da Ericeira) que, em logar de levantar a agricultura, a população, as finanças e o commercio interior, do estado deploravel em que haviam cahido, estabeleceu por toda a parte fabricas e manufacturas.

Seus cuidados foram coroados, é verdade, de um grande successo, pois que estes estabelecimentos prosperaram a ponto de fazerem prohibir a entrada de pannos de lan estrangeiros; prohibição que durou até ao tratado de Methuen, em 1703.

Prohibindo-se em Portugal a importação de sedas da França, esta nação, em desforra, prohibiu nos seus portos a introducção do assucar do Brasil.

Tambem foi durante o principio d'este periodo que as colonias francezas, inglezas e hollandezas começaram a entrar em concorrencia, com o Brasil com os generos coloniaes, de que elle fazia até então a venda exclusiva.

Para mais, os judeus, perseguidos de novo em Portugal, no reinado de D. Pedro II, emigraram para a Hollanda, Inglaterra e França, augmentando extraordinariamente, com seus capitaes, os fundos ainda mediocres das companhias commerciaes d'aquellas tres nações; que por esse facto tomaram uma nova vida e acabaram de arruinar o commercio portuguez na India.

Durante o longo reinado de D. João V, o commercio, a agricultura, a população e as finanças, foram sempre de mal em peior; e os estabelecimentos do conde da Ericeira, em vez de progredirem, apenas com grande difficuldade se podiam sustentar.

O lucro, posto que já muito desfalcado, pelas razões ditas, do commercio da Asia, a venda quasi exclusiva dos generos coloniaes, pelo espaço de muitos annos, e, sobre tudo, a descoberta das ricas minas de ouro e diamantes *(diamantoides)* do Brasil, que teve logar durante esta época; cobriram o enorme excedente das importações sobre as exportações.

Estas fontes de riqueza nacional, se fossem administradas por um governo patriotico e illustrado, fariam Portugal uma nação florescentissima; mas D. João V dessipou uma enorme porção de milhões de cruzados em obras de nenhuma utilidade publica (exceptuando o aqueducto das aguas livres o pouco mais) e em presentes de valor excessivo.

Setima época

(De 1750 a 1807)

A primeira metade d'este periodo, que comprehende o sempre memoravel reinado de D. José I, e o ministerio do segundo Colbert portuguez, o marquez de Pombal, offerece o quadro imponente dos prodigios que póde operar um governo energico e illustrado.

Sem finanças, sem credito, sem commercio, sem industria, sem exercito, sem marinha, sem consideração no estrangeiro; lutando contra elementos que paralysavam as medidas mais sabiamente combinadas para reconstruir a machina desorganisada do estado, o primeiro ministro conseguiu crear finanças, e credito ao governo; estender consideravelmente a orbita do commercio e da navegação; tornar florescentes as pescarias do Algarve; estabelecer um grande numero de fabricas e manufacturas; animar e dar impulso á litteratura e ás sciencias, pela restauração da Universidade de Coimbra e pela creação de muitos estabelecimentos de instrucção publica; reorganisar o exercito de terra; construir novas fortalezas e restaurar as antigas; crear uma esquadra respeitavel; recuperar a consideração que Portugal tinha gosado outr'ora no estrangeiro; e, finalmente, fazer ressuscitar das ruinas de Lisboa, uma cidade soberba, maior e mais populosa que a antiga.

É verdade que Pombal não curou assaz da agricultura, deixando subsistir tantos regulamentos absurdos e pesados que peavam o seu desenvolvimento; mas não se póde negar que elle lhe deu bastante impulso, sobre tudo fazendo estudar muito a cultura da vinha (principalmente no Alto Douro) o quez e faz entrar tão grossas sommas no reino; e a cultura das amoreiras, que podia ter libertado Portugal do enorme tributo que paga aos estrangeiros, pela sêda que elles lhe fornecem, se o seu systema tivesse sido seguido.

Foi na segunda metade d'este periodo que Portugal colheu o fructo dos trabalhos d'este grande homem, fructo augmentado pela

creação de algumas novas manufacturas; pelas tentativas feitas para augmentar a população e estender a agricultura; pela exploração de suas minas; e pelos cuidados do governo em dar consideração aos productos do Brasil; cuidados favorecidos pela inapreciavel vantagem de gosar quasi sempre uma profunda paz, emquanto todo o resto da Europa era presa das convulsões produzidas pelas duas guerras — a da independencia da America Ingleza e a da revolução de França.

Exceptuando os florescentes e felizes reinados de D. Manuel e D. João III, a historia portugueza não apresenta uma época de commercio, industria e, por consequencia, riqueza, tão brilhante, como durante este periodo.

As exportações excediam annualmente em muitos milhões de cruzados as importações. A navegação, a população e a agricultura faziam evidentes e diarios progressos; e as manufacturas de Portugal, sem terem ainda chegado ao estado de perfeição de que eram susceptiveis, estavam todavia muito acima do estado de mediocridade que os estrangeiros que vinham a este reino se esforçavam por descrever.

Tantas prosperidades desappareceram com a primeira invasão dos francezes em Portugal, e pela fugida da familia real para o Brasil.

Oitava época

(De 1807 a 1821)

Este periodo offerece o deploravel espectaculo de uma nação tão brava como infeliz; que vê destruir no curto espaço de alguns annos, todos os elementos da sua força e da sua prosperidade.

As perdas causadas ao commercio, á industria e á agricultura de Portugal, pela primeira invasão franceza, pela fugida da familia real e pelas duas seguintes invasões de 1809 e 1810, e pelas insensatas medidas tomadas pela regencia, são incalculaveis.

Durante a primeira invasão, todos os portos foram fechados ao commercio. Os francezes destruiram os principaes estabelecimentos da industria portugueza e dispersaram os artistas n'elles empregados, saqueando os fundos destinados á sua manutenção e interrompendo toda a communicação com as nossas possessões do ultramar, onde as fabricas achavam prompta e vantajosa venda aos seus productos.

Tudo foge diante d'esse exercito de vandalos e se refugia nas montanhas ou na capital e metade do reino ficou deserta.

Quando as hordas napoleonicas foram expulsas para além das fronteiras, a fome e a peste ainda disimaram uma grande parte do povo portuguez. Os que sobreviveram a todos estes flagellos, se acharam, no regresso a seus lares, sem meios de subsistencia e na impossibilidade de continuarem nos trabalhos da agricultura.

Para cumulo de males, a liberdade ilimitada concedida pelo governo aos navios estrangeiros em todos os portos do Brasil, em 1808; o funesto tratado feito com a Gran Bretanha em 1810, e a guerra, tão impolitica como desastrosa, contra os insurgentes da America Meridional, acabaram de arruinar o commercio e a industria de Portugal, cuja marinha mercante e militar tinha sido quasi inteiramente destruida, por falta de medidas que deveriam ter protegido estes dois ramos essenciaes da prosperidade publica.

Os numerosos recrutamentos, feitos pela necessidade de ter completo um exercito de 60:000 homens de linha e 50:000 de milicias; a quasi exterminação do gado e dos cereaes e legumes destinados ás sementeiras e as despezas indispensaveis de uma guerra activa, augmentaram por toda a parte os meios de destruição e acabaram de privar o Estado de todos os seus recursos.

A diminuição espantosa das rendas publicas; a depreciação do papel-moeda; a ruina do commercio, da industria, da população e da agricultura; as dividas consideraveis contrahidas durante a guerra; a falta de credito publico; os navios do commercio roubados por amigos e inimigos [1] e

[1] Todos sabem que os inglezes, se nos ajudaram contra os sanguinarios soldados

expostos aos insultos dos piratas, á vista mesmo das nossas proprias fortalezas, completaram o quadro deploravel da triste situação de Portugal durante este periodo.

O balanço geral do commercio com o estrangeiro, apresenta a conta das sommas enormes perdidas annualmente por Portugal desde 1807.

Os annos mais desgraçados foram—1810, em que perdemos 11 milhões e 524:000 crusados—1811, em que perdemos 79.475:000 crusados — 1812, em que a perda chegou ainda a 59.858:000 crusados—1814, que foi de 52.623:000 crusados — 1813, que foi de 12.730:000 crusados — e 1815, em que foi de 12.725:000 crusados.—Soffrendo Portugal, só n'estes 6 annos, a perda immensa de 228 milhões e 935:000 crusados (segundo a estatistica de Balbi.)

Ainda que estas perdas fossem em decadencia depois d'essa época, comtudo continuavam sempre a ser grandes, e Portugal tarde poderá ressarcir-se de tamanhos prejuizos, que causariam a infalivel bancarrota de outra qualquer nação que não tivesse os grandes recursos de Portugal.

Á divisão feita por Balbi, temos a accrescentar a

Nona época

(Desde 1821 até 1874)

Parte da esquadra portugueza que levou a casa real para o Brasil, lá ficou, porque os brasileiros chamaram suas a todas as embarcações de guerra que la estavam em 1822, quando se declararam independentes.

Durante a constituição de 1820, a restauração de 1823 e a regencia de 1826, não se fez em Portugal nenhum navio de guerra.

Em 11 de julho de 1831, sendo rei de Portugal o sr. D. Miguel I, uma esquadra franceza, commandada pelo almirante *Roussin*, entra em Lisboa e nos rouba desaforadamente sete vasos de guerra, e a corveta *Urania* que achou nos Açôres. (Para evitar repetições, não relato aqui o futil pretexto buscado pelos francezes para praticarem este acto de descarada pirataria. (Vide *Historia de Portugal*, no logar competente.)

Até 1834, tambem nenhum navio de guerra se fez em Portugal, e a esquadra com que o sr. D. Pedro invadiu o reino em 1832 era composta de poucos navios de guerra proprios e esses de pouco valor como marinha militar.

Desde 1834 até hoje, os vasos de guerra que se teem feito, ou comprado, são apenas para substituirem o logar dos que se vão inutilisando; pelo que, francamente se póde dizer que a nossa esquadra está pouco mais ou menos no mesmo estado em que estava no reinado do sr. D. Miguel.

—

Dando já conta dos navios de guerra que Portugal tinha em 1830 e 1870, não me parece fóra de proposito dar aqui a relação dos vasos militares que tivemos em differentes épocas, de que pude colher esclarecimentos.

Desde o estabelecimento da monarchia portugueza, a primeira esquadra que acho mencionada e que tal nome mereça, é a em que D. João I levou o exercito com que foi tomar Ceuta, na Africa, em 1415.—Era ella composta de 33 navios de linha (galeões)—59 galéras (galés) e 110 navios de transporte.

No reinado de D. João III, 20 náos de guerra e 4 grandes galeras estavam constantemente de cruseiro nas aguas de Portugal, para defender o nosso commercio, afugentar os piratas, e comboyar as embarcações que regressavam das colonias, com riquissimas cargas. Além d'isto, haviam *esquadrilhas* estacionadas nas costas da India e da China.

Esta florescente marinha foi completamente arruinada durante a ominosa dominação dos tres Philippes.

Quando D. João IV subiu ao throno, apenas se achou *um unico* navio, que milagrosamente havia escapado á rapacidade cas-

de Buonaparte, tambem nos roubaram quasi tanto como elles, e tambem nos incendiaram varios estabelecimentos fabris. Os proprios generaes inglezes se queixavam a Beresford e Wellington do systema de rapina seguido desaforadamente pelas suas tropas. (Vide as ordens do dia d'esse tempo.)

telhana, e aos desastres que, por culpa dos hespanhoes, tinhamos experimentado contra os inglezes, francezes e hollandezes.

D. Pedro II alguma cousa olhou pela marinha militar; mas D. João V a descurou inteiramente. De mais a mais uma terrivel borrasca submergiu no Tejo 180 navios portuguezes.

A marinha militar ficou reduzida a uns 12 ou 13 navios desmantellados.

No reinado de D. José I, o guande marquez do Pombal empregou grande actividade na reorganisação da nossa esquadra. Chamou a Portugal escolhidos marinheiros suecos, hollandezes, dinamarquezes, inglezes e francezes, para ensinarem a construir navios, e para exercitarem os nossos marinheiros na navegação.

(Os que nos seculos precedentes tinham sido mestres de todo o mundo n'estas duas artes, teem agora de as aprender dos estrangeiros!)

Em poucos annos a marinha portugueza se resentiu do talento d'este habil ministro, e em 1766, jé era a esquadra composta de 12 naos de linha, de 58 a 80 peças cada uma — 14 fragatas, de 22 a 48 boccas de fogo. E de consideravel numero de embarcações ligeiras.

—

No principio do reinado de D. Maria I, pouco se attendeu á esquadra; mas sendo feito ministro *Martinho de Mello e Castro*, ella readquiriu o seu antigo esplendor, e em 1793 era composta de 34 navios, com 1556 boccas de fogo; e uma parte consideravel d'esta esquadra fez parte, n'esse mesmo anno, das esquadras combinadas armadas contra a França, sobre o Oceano e Mediterraneo. Era almirante o marquez de Niza, e os nossos navios de guerra e as suas guarnições obravam então acções brilhantissimas que os cobriram de gloria, e causaram a admiração da Europa.

A nossa esquadra constava então dos seguintes navios:

Doze náos de linha

Principe Real, de 110 boccas de fogo — Conde D. Henrique, de 80—Rainha de Portugal, de 74—Maria I, de 74—Meduza, de 74—Vasco da Gama de 74.

S. Sebastião, Gigante, Infante D. Pedro, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro e Princeza da Beira, cada uma de 64 peças. Todas, 870 canhões.

Doze fragatas

Carlota Joaquina, de 46 peças—Fenix, de 46—Minerva, de 44—Cysne, de 40.

Thetis, Ulysses, Tritão, S. João Principe, S. Raphael, Princeza do Brasil, Golfinho e Venus; de 36 peças cada uma. Todas, 464 peças.

Dez corvetas, brigues e cutters

Andorinha, Serpente, Voador, Falcão, Gaivota, Diligente e Lebre, de 24 peças cada um.—Balão, Galgo e Tejo, de 18 peças cada um. Todas 222.

Total, 34 vasos de guerra, com 1556 boccas de fogo.

—

Além d'isto, tinhamos sete grandes *charrúas* e seis hiates de transporte.

De tudo isto, já não tinhamos em 1807 senão os seguintes vasos de guerra. (Ao todo 25.)

—

Navios que sahiram de Lisboa, em 29 de novembro de 1807, com a familia real, para o Brasil.

Oito náos

Principe Real, de 84 peças — Rainha de Portugal, Conde D. Henrique, Meduza e Principe do Brasil, de 74 peças cada uma —Affonso de Albuquerque, D. João de Castro e Martim de Freitas, de 64, cada uma.

Quatro fragatas

Minerva, de 64 peças—Golfinho, de 36—Urania, de 32—Pérola, de 32.

Tres brigues

Voador, da 22 peças—Lebre, de 22 e Vingança, de 20.

Uma escuna

Curiosa, de 12 peças.

Navios que ficaram então em Lisboa

Quatro náos

S. Sebastião, de 64 peças. (Incapaz de serviço.)

Maria I, de 74. (Incapaz de serviço e empregada como bateria fluctuante.)

Princeza da Beira, de 64. (Condemnada, e servindo de bateria fluctuante.

Vasco da Gama, de 74. (A concertar e quasi prompta no estaleiro.)

Cinco fragatas

Fenix, de 48 peças — Amazona, Pérola e Tritão, de 44 cada uma e Venus de 30.

As primeiras tres precisavam de grandes concertos e as duas ultimas estavam incapazes de serviço.

No fim de setembro de 1821, tinhamos os navios seguintes

Cinco náos

D. João VI, de 74 peças — S. Sebastião, Infante D. Pedro e Affonso de Albuquerque, cada uma de 64.—Todas, 266 peças.

Onze fragatas

União e Princeza Real, de 46 peças cada uma—Amazona, uma no estaleiro da Bahia outra no do Pará, de 44, cada uma—Perola, Venus, D. Pedro e Thetis, de 36 cada uma—Carolina e Maria da Gloria, de 30 peças cada uma.—Todas, 428 peças.

Sete corvetas

Calypso, Gentil Americana, Princeza Real, Lealdade, Congresso, Voador e Gaivota, todas de 24 peças.—Total 166 canhões.

Seis brigues

Tejo, Providencia, Real João, Audaz, Infante D. Miguel e Reino Unido, de 22 peças cada um.—Todos, 132 peças.

Total geral, 28 navios, com 992 boccas de fogo.

—

NB.—A maior parte d'estes navios precisava de grandes concertos, outros estavam já muito velhos, e dois (como já disse) estavam ainda nos estalleiros por concluir, e lá ficaram no Brasil.

D'aqui se vê o estado de triste decadencia a que tinha chegado em tão pouco tempo a nossa marinha de guerra.

—

Factos notaveis, occorridos na cidade de Lisboa, em differentes épocas. [1]

Reliquias de S. Vicente, martyr, padroeiro de Lisboa

Uma das mais veneradas reliquias de santos que havia em Hespanha, era o corpo de S. Vicente, martyrisado em Vallencia, em 22 de janeiro de 366, pelo sanguinario Daciano, consul da Peninsula pelo cruel imperador Diocleciano. Estas reliquias conservaram-se n'aquella cidade, em uma egreja que os christãos lhe tinham edificado. Invadidas as Hespanhas, em 713, pelos arabes, era chefe dos que conquistaram o reino de Vallencia, o barbaro Abd-el-Raman. Os christãos, temendo a ferocidade e desacatos dos mouros, fugiram, embarcando-se e levando o corpo do santo.

[1] Peço humildemente desculpa aos meus leitores por não guardar a ordem chronologica n'estes factos, que fui escrevendo á medida que d'elles tive conhecimento. Hoje, para os collocar no seu devido logar, me daria um trabalho insano, que, de mais a mais, era de importancia mediocre, visto que o essencial é a narração dos factos, qualquer que fosse a época em que elles occorreram, uma vez que ella vá assignada.

Vieram ter ao *Promontorio Sacro* (Algarve) e alli, em uma ermidinha collocaram o corpo de S. Vicente, e é desde então que a este cabo se ficou chamando de S. Vicente.

Mais tarde se fundou aqui uma pequena egreja e um mosteiro de frades, que tinham a seu cargo a guarda das santas reliquias.

Conquistada Lisboa aos mouros em 1147, principiou a ser S. Vicente objecto de grande devoção do povo portuguez.

Os religiosos do mosteiro do Cabo, expuzeram ao rei os incommodos e perigos a que estavam sujeitos em sitio tão inhospito, solitario, e cercado de abysmos vertiginosos. D. Affonso, attendendo ás supplicas dos frades, mandou, em 1173, que viessem para Lisboa, ficando um no Cabo para cuidar do templo, trazendo os outros o corpo de S. Vicente.

Vieram os frades n'esse anno, e as santas reliquias foram depositadas na primittiva egreja de Santa Justa e Rufina (que o terramoto de 1755 destruiu completamente, fazendo-se outra na rua dos Fanqueiros, que hoje está convertida em casa particular).

Chegando o santo a Lisboa, no dia 15 de setembro de 1173 se tomou por padroeiro da cidade.

Depois foi transferido para a Sé, e lá se conservam, em uma urna de prata, os restos que escaparam do incendio que se seguiu ao terramoto de 1755 (Vide *Cabo de S. Vicente*, a pag. 16 do 2.º vol. — e *Sé patriarchal*, n'este artigo.)

Os que desejarem saber com minuciosidade tudo quanto diz respeito a S. Vicente e á sua trasladação para Lisboa, consultem a memoria escripta por mestre Estevão, chantre d'esta Sé, no tempo de D. Affonso Henriques.

Templo do Sol, em Lisboa

Auctores antigos e dignos de fé sustentam que os romanos fundaram proximo ao Tejo, um templo dedicado ao Sol (ou a Apollo, que é o mesmo). Ignoramos em qual das margens do rio existiu (se existiu) este templo; porém não poucos escriptores acreditam que era no sitio onde hoje está a Sé patriarchal, e que sobre as suas ruinas edificaram os arabes a sua *mesquita maior*, que mais tarde foi purificada e convertida em egreja christan.

Miguel Leitão de Andrade, na sua *Miscellanea*, que se publicou em 1629, diz que o templo d'Apollo tinha um grande zimborio cercado por uma monstruosa serpente, symbolisando a serpente *Python*, que aquelle deus mythologico matou ás séttadas, e por isso foi chamado *Pythio*. [1]

É certo que o nosso bem conhecido antiquario e botanico distincto, o abbade José Francisco Correia da Serra achou na Sé algumas inscripções romanas que levavam a acreditar terem pertencido a um templo do Sol, e que o conego Antonio José da Cruz, que dirigiu as obras da reedificação da Sé de Lisboa, depois do terramoto de 1755, commetteu o vandalismo de mandar metter nos alicerces aquellas lapides.

É tambem certo, que por baixo da actual Sé havia (como em todos os templos gentilicos) um vasto—e até insondavel—subterraneo, que foi descoberto pelo terramoto de 1755, quando desabou a torre do Sul, e que estava em perfeito estado de conservação, posto se lhe não achasse o fim. Foi entulhado em 1776. Placido Rodrigues Velho, então reitor da Sé; fez d'isto assento no livro das suas memorias.

Nas columnas lateraes da porta principal d'este templo, que ainda existem, e nos capiteis, se não vê vestigio algum que denote pertencerem a mesquita mourisca, ou terem sido feitas para templo christão; antes levam a crer que foram de templo idolatra,

Da parte direita da entrada, está uma mulher com duas creanças, que se imagina

[1] Segundo a mythologia, Python era um reptil monstruosissimo, formado do lodo que ficou sobre a terra depois do diluvio, a pelle d'esta serpente serviu depois para cubrir a *cortina*, (tripode ou tripeça) sobre que a sacerdotisa de Apollo, no templo de Delphos, dava os seus oraculos, e por cuja circumstancia se lhe dava o nome de *pythonissa*.

ser Leda com seus dois filhos, Castor e Pollux—um genio com quatro asas, entre dois delphins (os de Amphitrite, mulher de Neptuno).—Da parte esquerda—uma mulher coroada, entre dois ornatos, que parecem ser formados de espigas, e se julga ser Ceres,—Hercules, sobre o leão, armado da clava, um touro, que uma mulher cavalga, e é a figura d'Europa, que Jupiter roubou, transformado em touro.

É verdade que tudo isto podia vir do templo d'Apollo, que houve no Cabo da Roca, em baixo, junto aos rochedos, dos quaes ainda existiam vestigios e inscripções no tempo do nosso antiquario André de Rezende; mas é mais provavel que pertencessem a um outro templo, que existisse no mesmo logar.

Uma vez que estou fallando da actual Sé, darei mais alguns esclarecimentos sobre este templo, que escaparam no logar competente.

Na torre do lado esquerdo estão dois brazões d'armas, esculpidos em pedra, tendo um d'elles uma arvore; e o outro uma roda de navalhas. Foi d'esta torre que o povo amotinado arrojou á rua, em 6 de dezembro de 1383, D. Martinho Annes, castelhano (de Çamora) bispo de Lisboa, havia dois annos, e que era cardeal, feito por Clemente VII. Estavam alli com D. Martinho e soffreram egual sorte, Gonçalo Vasques, D. prior de Guimarães, e um tabellião algarvio. (Dizem uns que os tres se tinham escondido alli para se livrarem do furor da populaça, por quem eram detestados—o que parece mais verosimil—outros, que elles estavam na torre para obstarem a que os sinos tocassem a rebate).

Com os terramotos de 1344, 1356, 1373 e 1755, que todos mais ou menos desmantelaram este antigo templo, e com as suas reparações, e reconstrucções que depois d'elles se lhes fizeram, tem-se alterado muito em varias partes a ordem da sua primittiva architectura, meia arabe, e meia gothica.

Antes do terramoto de 1755, as duas torres da frontaaia eram coroadas por altos corucheus, que então cahiram. Vê-se isto por uma estampa que vem no livro—*La galerie agréable du monde*, impresso em Leyden, em 1729—e pela estampa que vem a pag. 240 do 4.º volume do *Archivo Pittoresco*, que representa Lisboa no seculo XVI.

O antigo sino da Sé tinha de altura até ás *presilhas*, sete palmos e uma e meia pollegadas (1^{m},58)—de diametro, pela parte interior, 8 palmos e uma e meia pollegadas (1^{m},80) e pela exterior 24 e meio palmos (5^{m},39). Era cercado por tres circulos de letras gothicas, e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversos escudos d'armas e alguns sellos.

O letreiro superior dizia:

SXR: MTANIPANA: DICUNTUR: COMODA: SANA: LAUDO: DEUM: VERUM: VOCO: POPULUM: CONGREGO: CLERUM: DEFUNCTOS: PLORO: SATHAM: FUGO: FESTA: DE: CORO:

O do centro, dizia:

ANGELE: QUI: MEUS: ES: CUSTOS: PIETATE: SUPERNA: ME: TIBI: COMISSUM: SALVA: DEFENDE: GUBERNA: MENTEM: SANCTAM: SPONTANEAM: HONOREM: DEO: ET: PATRIA: LIBERATIONEM:

O inferior dizia:

EN NA ERA DE: MIL: III: CCC: E: XV: ANNOS: FOI: FEITO: ESTE: SINO: DO RELOGIO: MUY: NOB: CIDADE: DE LISBOA: POR: MANDADO: DO: MUY: NOBRE: REY: DOM: FERNANDO: DE: PORTUGAL: ET: DO: MUITO: HONRADO: CABIDO DA DITA: CIDADE: DE: LISBOA: X DOS HOMES BOOS: DAETA CIDADE: MARTRE: JOHAM: FRANCES: ME: FEZ:

Este sino foi destruido pelo terramoto de 1755.

Note-se que a era da terceira inscripção está errada, pois é a de 1315, quando devia ser a de 1415, que é o anno de Jesus Christo 1377. (D. Fernando principiou a reinar em 18 de janeiro de 1367, e falleceu em 22 de outubro de 1383.)

Em 1748, mandou D. João V, collocar na torre do lado direito, pelo architecto Antonio Canevari, um grande relogio, chamado

da cidade, que tambem o terramoto seguinte anniquilou.

A egreja era interiormente de fórma ogival, sustentada por duas ordens de columnas, formando (como hoje) tres naves. Tinha de comprido, desde a porta principal até ao altar-mór, 264 palmos (58m,8) e de largo 96 palmos (21m,12). O cruzeiro era coroado por uma cúpula, que, desde o pavimento até á extremidade superior, media 120 palmos d'altura (26m,40).

Procissão de Corpus Christi

A festa do *Corpus Christi* foi instituida pelo papa Urbano IV, em 1264, na primeira quinta feira depois da festa da Santissima Trindade.

Foi logo admittida em Portugal, e se faz em todas as cidades, villas e principaes povoações do reino (e em muitas d'ellas em varias egrejas) mas em parte nenhuma se fazia com o luxo, magnificencia e esplendor, da de Lisboa.

A 1.ª vez que S. Jorge sahiu com o seu *estado* n'esta procissão, foi no anno de 1387 por ordem expressa de D. João I.

Até ao principio do seculo XVIII, fazia-se com muito mais pompa e sumptuosidade; mas, devemos confessar que não com a seriedade, respeito e recolhimento, devidos a solemnidades d'esta natureza, pela multidão de figuras de monstros (de lona e papelão) e varias *invenções* e grande numero de figuras que provocavam o riso e a irreverencia. Varias *danças*, qual d'ellas mais deshonestas; momices, trejeitos e *lôas* ridiculas e outros disparates.

Em 1717, D. João V decretou uma nova fórma a esta procissão, prohibindo muitas das suas indecencias, tornando-a menos profana e mais devota.

Os que desejarem ver a descripção veridica e bellissima d'esta procissão, e como ella se fazia antigamente, leiam o primoroso romance historico do sr. Alexandre Herculano — *O monge de Cister*—tom. 2.º, pag. 17.

O homem das botas

No tempo da guerra peninsular, os *santarenos*, temendo que os impios soldados de Buonaparte lhes roubassem ou desacatassem o seu *palladium*—*o santo milagre*—o levaram para a Sé de Lisboa, debaixo do mais rigoroso segredo, sendo d'alli removido logo para a capella do patriarcha, no palacio da mitra, em Marvilla.

Fugindo Massena e os seus do territorio portuguez, expulsos pelas bayonetas e metralha dos alliados, em 1811; trataram os de Santarem de rehaver o seu Santo Milagre; porém os lisbonenses não consentiam. O patriarcha queria entregar a reliquia aos seus legitimos donos; mas não o fazia com receio de algum tumulto, que trouxesse funestas consequencias. [1]

Estavam as coisas n'estas circumstancias, quando na manhan do dia 30 de novembro de 1811, apparece em todas as esquinas das ruas de Lisboa o seguinte annuncio:

NOTICIA AO PUBLICO

Um official do exercito britannico, tendo apostado 500 libras sterlinas, que ha de passar a travessa do rio Tejo, na segunda-feira, que vem, á uma hora depois do meio dia, em um par de botas de cortiça, principiando o seu passeio pela torre de Belem, e d'ahi á Torre Velha.

Estas botas são de uma construcção admiravel e curiosa: foram inventadas pelo mesmo official que faz o passeio.

Lisboa

Na officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões.

1811

Com licença do desembargo do paço.

[1] Ha quem diga (e é mais provavel) que os de Lisboa se não oppunham á sahida do Santo Milagre; mas que os santarenos fingiram um medo que não tinham, para se eximirem da grande despeza que tinham a fazer com a conducção da reliquia, com a devida pompa e magestade.

O dia designado na tal *noticia*, era a segunda feira, 2 de dezembro de 1811.

Toda a cidade de Lisbôa correu a Belem, para vêr o *homem das botas;* mas, emquanto muitas mil pessoas cobriam as praias do Tejo, de que não tiravam os olhos, mettiam os de Santarem o Santo Milagre em uma falúa, e fugiam com elle, a toda a força de remo, pelo rio acima, chegando n'esse mesmo dia a Santarem.

Ainda hoje se espera pelo *homem das botas!*

(Para a historia do *Santo Milagre*, vide Santarem.)

D. Pedro Affonso e Cid-Achim [1]

Quando D. Affonso Henriques cercava Lisboa, em 1147, o alcaide d'esta cidade, *Al-Atar*, temendo a entrada dos christãos, quiz pôr em segurança os seus thesouros, e o mais querido d'elles, uma formosissima filha unica. Escolheu 20 dos seus mais nobres e esforçados cavalleiros para guarda do comboio, e em uma noite de escuro, os fez sahir de Lisboa mandando-os seguir para Alemquer (que ainda era uma forte praça mourisca) para d'alli passarem a Sevilha.

D. Pedro Affonso, irmão bastardo do rei portuguez, era um dos mais esforçados cavalleiros christãos, e andando a rondar nas immediações de Lisboa, ouviu o relincho de um cavallo arabe (do deserto) e dirigindo-se com a sua escolta para aquelle sitio, e depois de um sanguinolento combate, se apossaram os christãos da moura e dos thesouros.

D. Pedro deu a seu irmão todas as riquezas que tomára; mas não a donzella.

[1] Era mais etymologico escrever-se *sid*, palavra arabe que significa *Senhor*. Tenho visto em alguns auctores escripto *Cide*, o que é ainda maior érro. *Cide* (em arabe *saide*) é o feminino de *sid*—isto é—*senhora*.

Sid, deriva-se do verbo *sáda*, dominar, senhoriar, governar.

Vide *Chronica de El-rei D. Manuel*, por Damião de Goes, parte 4.ª, cap. 104, pag. 124—e *Vestigios da lingua arabica*, de frei João de Sousa, pag. 91, in pr.

Cid-Achim, era um nobre e valoroso mouro, da cidade de Silves, que enamorado da formosura da filha de Al-Atar, se tinha offerecido a este, com alguns dos seus soldados, para o ajudar na defeza de Lisboa.

O alcaide havia ganhado muita affeição a Cid-Achim, pelas suas boas qualidades, e lhe havia promettido a mão de sua filha.

Quando Cid-Achim soube do captiveiro da sua noiva, sahiu desvairado de Lisboa, e, sem lhe importar com as tristes consequências que podiam sobrevir, mas sómente fiado no cavalheirismo de D. Affonso Henriques, se dirige ao acampamento christão, e á barraca real. Prostrá-se aos pés do monarcha e com lagrimas na voz, lhe diz: — «Senhor—a nobreza do vosso caracter é tão sabida de mouros e christãos, como o valor da vossa espada, sempre victoriosa. Não receiei pois em me entregar em vosso poder, e aqui me tendes por vosso prisioneiro ou como vosso escravo. Mandarei a Silves buscar tudo quanto tenho, e vol'o dou, senhor, mas dae a liberdade á donzella que esta noite cahiu em poder dos vossos guerreiros. Se o vosso coração magnanimo, por minha desventura, só por esta vez se fechar aos impulsos da sua generosidade, contae com mais este captivo; porque prefiro a escravidão, onde estiver a minha desposada, á liberdade longe d'ella.»

A formosura, o garbo e a confiança do joven mouro, enterneceram o monarcha, que lhe respondeu commovido: — «Meu irmão, D. Pedro Affonso, é que fez a prêsa, e só elle póde deferir ao vosso pedido. Eu o mando chamar, e confiae na bondade do seu coração e na nobreza da sua alma.»

Chegou D. Pedro, e o rei lhe expoz a pretenção do arabe. Então o cavalleiro, virando-se para Cid-Achim, lhe diz:—«Não vos acceito como escravo, desejo antes possuir-vos como amigo. Préso, como estaes, com as cadeias do amor, seria muita crueldade fazer-vos supportar da as escravidão. Levae a vossa donzella, e hide para Silves gosar o premio de um amor tão extremoso. Só vos ponho por condição que não torneis a tomar armas contra nós. De mais se tem visto a vossa espada nos combates. Recebei a

vossa desposada, tão pura como se estivesse no regaço de sua mãe, porque os guerreiros portuguezes, são christãos e cavalleiros, e nunca se esquecem do respeito que é devido ás damas, e esta foi considerada como um deposito sagrado. Levae-a, estou certo de que nunca a vossa ingratidão me fará arrepender d'este acto que a vossa confiança me fez praticar.»

O rei e quantos o cercavam, applaudiram commovidos a generosidade de D. Pedro, e seu irmão, não lhe querendo ficar inferior em galhardia, entregou á moura todas as suas riquezas.

Cid-Achim, apenas poude respondr entre lagrimas de alegria :—«Rei de Portugal, sr. D. Pedro Affonso — Recusastes acceitar-me como captivo, mas algemastes-me com mais fortes cadeias, as de um eterno reconhecimento. Não me surprehendeu a vossa generosidade: já a esperava. O magnanimo Ebni-Errik [1] é tão famoso pela sua bravura como pela sua galhardia. Juro por Alah, que jámais tomarei armas contra os christãos portuguezes: e se algum dia fôr prejuro, que a minha memoria seja por todos eternamente maldicta. Sr. D. Pedro Affonso, eu vos saúdo, como um dos mais nobres, leaes e intrepidos cavalleiros da christandade.»

O rei o despediu com palavras mui lisongeiras, e Cid-Achim se foi para o Algarve, cumprindo religiosamente a sua promessa, pois foi em toda a sua vida amigo leal dos portuguezes.

D. Payo Guterres

(Os Cunhas)

Durante o cêrco de Lisboa, muitas partidas de mouros dos arredores tentaram por muitas vezes entrar na cidade, para soccorrerem seus correligionarios; mas foram sempre derrotadas pelos portuguezes.

[1] Filho de Henrique. Por este nome era conhecido D. Affonso Henriques, entre os mouros.—*Ebni, ben* ou *ueld*, em portuguez, quer dizer filho. (*Vestigios da lingua arabica*, for frei João de Sousa, pag. 4.)

Para impedir a entrada dos mouros pela barra do Tejo, o valoroso capitão, D. Payo Guterres, mandou fazer uma estacada de cunhas de ferro, na largura da foz, ás quaes prendeu uma cadeia. Querem alguns escriptores que d'este facto provêm o nobilissimo appellido de *Cunha*.

Dizem outros, que, posto este appellido tivesse principio em D. Payo Guterres, não foi por aquellas *cunhas;* mas sim pelas que o mesmo *D. Payo* cravou nas muralhas de Lisboa, trepando por ellas, no dia da tomada d'esta cidade. Acho mais verosimil esta versão.

Chefes dos crusados, que ajudaram á tomada de Lisboa

Tinha D. Affonso Henriques conquistado á força de armas, os fortes castellos de Mafra e Cintra, e nutria os mais ardentes desejos de se apoderar de Lisboa, para a fazer capital do seu novo reino.

De uma das janellas do castello de Cintra avistou o rei uma grande esquadra, que se dirigia em demanda do *Cabo da Roca*, então chamado *Cabo de Cascaes*, ou da *Roca* (Rocha) *de Cintra*.

Fundearam em Cascaes, e era uma armada de crusados, convocada pelo rei de França, composta de muitos principes do seu reino, do condado de Flandres, Austria, Inglaterra, Allemanha, e de varias provincias do norte, que influidos com os sermões de S. Bernardo, se dirigiam á Terra Santa.

Não se sabe o nome de todos os chefes que vinham n'esta armada, e apenas sabemos que os principaes eram—o general da frota, *Guilherme de Longa Espada*, cavalleiro francez, filho de Godofredo, conde de Anjou e de Mathilde, que fôra imperatriz da Allemanha, mulher do imperador Henrique V e filha unica de Henrique I, rei de Inglaterra, a qual (Mathilde) casára em segundas nupcias com o conde de Anjou.

Childe Rolim—D. Ligel de Flandres—Liberche e *Guilherme*, de Lecorni—*Dodechino*, abbade do mosteiro de S. Dysibodo—*o conde de Arestoth* (que se suppõe ser o general da frota, emquanto que Guilherme de Lon-

ga Espada era general da gente de desembarque.

Constava a esquadra de 200 náus, com 14:000 homens de guerra.

O abbade Dodechino, homem de grande saber e muito erudito, escreveu e publicou, um livro em latim, sobre ós successos d'esta crusada. Dou a traducção de um periodo que diz respeito á esquadra que aportou a Cascaes.

«Direi alguma cousa da viagem á Terra «Santa. Este anno de 1147, na oitava da «Paschoa, que se contavam 26 de abril, se «moveu o exercito, de Colonia, e a 18 de «maio chegamos a *Derchimit*, (?) porto da «Inglaterra, onde estava o conde de Ares«chot, [1] com 200 náus inglezas e flamengas. «Na sexta feira, antes das ladainhas, embar«camos, navegando por espaço de oito dias, «e na vespera da Ascenção tivemos uma «tempestade que separou parte da frota. «Ainda oito dias depois, chegamos com 50 «navios a um porto de Hespanha, chama«do *Cazzim* (?) do qual viemos outra vez «ao porto de *Vivéro*, da mesma costa. «Largamos d'aqui, e na sexta feira antes do «Pentecostes, aportamos a *Thamara*, de Gal«liza. Na oitava de Pentecostes, tornamos a «navegar, e na segunda feira fundeamos na «barra do rio Douro, de Portugal; navegando «d'alli para o sul, dois dias depois entramos «na foz do Tejo, dando fundo em Lisboa, na «vespera dos apostolos S. Pedro e S. Paulo.» [2]

D. Affonso Henriques mandou quatro dos seus cavalleiros reconhecer a esquadra, e conferenciar com os seus chefes; e induzil-os a ajudar á conquista de Lisboa; promettendo-lhes metade da cidade e partilha nos despojos.

Depois de varias entrevistas, acceitaram os crusados a proposta; em vista do que o rei marchou logo a cercar Lisboa, por terra, com os seus 13:000 homens, e os estrangeiros, que tinham os seus navios em Cascaes, entraram a barra do Tejo, guarnecendo as suas duas margens.

Os portuguezes assentaram seus arraiaes na parte oriental da cidade, occupando os actuaes sitios do Caes dos Soldados, largo de Santa Clara, e dos mosteiros de Santa Anna, e Encarnação, até ao collegio de Santo Antão (hospital de S. José.)—D'aqui principiava o acampamento dos crusados, que fizeram *praça d'armas* no local onde depois foi o convento de S. Francisco da Cidade e a egreja dos Martyres.

N'este tempo já os arrabaldes de Lisboa eram povoados por muitas aldeias e casas de campo, ou quintas, mouriscas, que os christãos tomaram á força d'armas; e os arabes que escaparam de ser mortos ou captivos fugiram para dentro dos muros de Lisboa, com tudo quanto poderam levar, segundo o tempo que para isso lhes deram os portuguezes e os crusados.

Ultimo assalto, e tomada de Lisboa, em 1147

Cinco mezes haviam decorrido, desde que os exercitos portuguez e crusado tinham posto cêrco a Lisboa. Durante este tempo varios assaltos parciaes, e sortidas e escaramuças se effectuaram. nas quaes, mouros e christãos combateram com ardor. O rei dos portuguezes, vendo as suas tropas disimadas pelos innumeros combates, e principiando a faltar-lhes os recursos, convocou um conselho, a que assistiram os principaes chefes dos dois exercitos, e alli se decidiu um assalto geral á cidade.

Ha duvida nos escriptores sobre o dia em que este assalto teve logar. Diz-se vulgarmente (e assim está gravado na lapide do vestibulo da Sé, que fica transcripto) que a tomada de Lisboa foi em uma sexta feira, dia dos martyres S. Crispim e S. Crispiniano (25 de outubro.) Auctores porém mais veridicos sustentam que teve logar em uma segunda feira, dia da festa de Santa Ursula

[1] Nas *Antiguidades de Lisboa*, por o capitão Luiz Marinho de Azevedo, vem (no mesmo capitulo) escripto este nome, em umas partes *Arestoth* e em outras *Areschot*.

[2] Não se deve entender isto ao pé da lettra. A esquadra fundeou entre Cascaes e a Ericeira; mas como isto é nas proximidades de Lisboa, o abbade diz que fundeou n'esta cidade, quando devia dizer, na sua costa.

e as suas onze mil virgens, a 21 do mesmo mez.

A *Historia dos Godos*, diz que a cidade se ganhou no dia das Onze Mil Virgens, e os tres dias que se metteram de permeio (22, 23 e 24) *se gastaram em limpar as ruas e em lançar ao mar os corpos mortos dos mouros.*

Outros escriptores dizem que, como D. Affonso Henriques tinha promettido aos estrangeiros tres dias de saque, elles os aproveitaram não só em roubar; mas tambem em commetterem toda a sorte de horrores e atrocidades, que o rei portuguez não quiz presencear; prohibindo as suas tropas de invadirem a cidade, fazendo-as retirar logo que foi tomada, e só fez a sua entrada triumphal no dia 25.

O abbade Dodechino (capellão-mór — segundo se suppõe—da armada estrangeira) testemunha presencial do facto, marca positivamente no dia 21 a conquista de Lisboa—*Victoria tamen obtenta festo Virginum 11:000.*

O ataque principiou pelas 6 horas da manhan, e durou até ao meio dia; porque os mouros, que estavam extenuados pela fome, sede e fadigas, não esperaram o rigor do ultimo combate, entregando a cidade á clemencia do vencedor. Isto se collige da *Historia de S. Vicente*, que diz :—*Pagani vero tantam christianorum constantiam tantam que cernentes instantiam, desperant amplius posse resistire. urbem que tradunt, bellicos ultra non valentes ferre sudores. Erant enimiam pene consumpti foris gladio, intus inedia panis, et aquae.*

Os portuguezes atacaram pelo E., isto é, pelo actual bairro de Alfama, sendo a porta que existia no sitio onde hoje está o convento de S. Vicente de Fóra, a primeira entrada.

Os estrangeiros atacaram pelo N. e O. Estes tinham construido um castello de madeira, que encostaram ao muro (no local onde hoje é a egreja dos Martyres) e do qual matavam e feriam muitos mouros; e que, depois, encostaram o castello á muralha mourisca, incendiando-o, o que queimou e destruiu as portas por onde entraram.

Em toda a linha tinham os sitiantes *construido certas machinas de madeira, da altura dos muros, d'onde pelejavam; picando ao mesmo tempo os muros com engenhos chamados* arietes, *muito usados n'aquelles tempos.* (Vide *Historia de S. Vicente.*)

Os mouros mais valentes, ou mais desesperados, não se quizeram render, e ainda pelas ruas se defenderam corajosamente até á morte.

Se dermos credito á *Chronica antiga*, corriam rios de sangue pelas ruas e praças da cidade.

É inverosimil o numero dos mouros que os antigos escriptores asseveram ter morrido n'este dia. Elevam alguns essa cifra a 200:000 — Roberto do Monte, acha ainda poucos e diz que foram 500:000! *(Et cum de ipsis*—falla dos estrangeiros—*tantum essent tredecim millia. hostium ducenta millia, et quingenti superantes ingressi)* etc.

O mesmo se lê no *Fortalitium Fidei.*

Duarte Nunes de Leão e frei Antonio Brandão, dizem que a guarnição mourisca foi por muitas vezes reforçada, e que aquelle numero (de 500:000) se deve entender ter sido o de mortos desde o principio até ao fim do cêrco.

Ainda assim, ninguem hoje acredita que os christãos matassem tanta gente, o que dava em resultado 100:000 mortos por mez.

O primeiro acto que praticou D. Affonso I foi mandar *expiar*, purificar e benzer a *egreja maior*, que estava servindo de mesquita aos mouros, e dirigindo-se a ella, acompanhado dos prelados, fidalgos e capitães do exercito, foram alli dar graças ao Deus dos exercitos, por tão assignalada victoria, que os tornava senhores da mais formosa, rica e importante cidade da antiga Lusitania.

—

Pêro Viegas, nobre fidalgo e valente batalhador portuguez, alcaide-mór de Palmella, e que se achou no cêrco e tomada de Lisboa, foi o seu primeiro alcaide-mór, feito pelo rei. D. Dordia, filha de Pêro Viegas, casou com D. Ligel de Flandres, um dos mais nobres fidalgos da frota estrangeira.

Os estrangeiros não quizeram acceitar metade da cidade de Lisboa, que o rei lhe

dava em cumprimento da sua promessa, contentando-se com os riquissimos despojos dos moiros.

D. Affonso I lhes deu (aos principaes) para elles povoarem e possuirem hereditariamente, Almada, Villa-Franca, Villa-Verde, Azambuja, Arruda, Lourinhan e outras povoações.

Terramotos que tem havido em Lisboa, desde que ha noticias escriptas

É provavel que muitos terramotos tenham em tempos antigos e com muita frequencia, destruido mais ou menos esta cidade; mas apenas se sabe que no anno 370 antes de Jesus Christo houve aqui um violento terramoto; e outro não menos violento em 377. Desde então, e por espaço de 1386 annos, não me consta que haja memorias escriptas, de outros terramotos, ainda que é probabilissimo que os houvesse, e tremendos.

Nos annos 1009, 1117, 1146, 1290 e 1344, houve terramotos, que quasi todos deixaram triste memoria, principalmente o ultimo, que, entre outros muitos estragos que causou, demoliu parte da Sé e dos paços contiguos.

O de 24 de agosto de 1356 durou 15 minutos. Tambem destruiu parte da Sé, derrubou muitas casas e matou alguma gente. Foi seguido de outros mais pequenos, por espaço de um anno!

Desde o 1.º até 7 de janeiro de 1531, houve varios, todos terriveis, causando immensos prejuisos. Foram seguidos de outros menores por espaço de oito dias. Cessaram por onze dias, e no dia 26, outro mais destruidor do que nenhum dos antecedentes, arrazou 1:500 casas, morrendo grande numero de pessoas esmagadas sob as ruinas.

Em 28 de janeiro de 1551, outro terramoto destruiu 200 casas.

Em 1575 houve outro, bastante violento, que felizmente causou poucas desgraças.

Em 27 de julho de 1597, outro terramoto destruiu tres ruas no monte de Santa Catharina, dividindo o monte em duas partes.

Em 22 de julho de 1598 houve outro, tão violento, que deitou por terra as pessoas que andavam pelas ruas, ou estavam em casa, de pé.

Em 27 de outubro de 1699, houve outro que durou tres dias, com alguns intervallos. Causou muitos prejuisos.

Em 12 de outubro de 1724, houve outro muito forte, mas não causou desgraças.

O sempre tristemente memoravel do 1.º de novembro de 1755, causou mais prejuisos e horrores do que todos os antecedentes. Destruiu metade da cidade e foi seguido de outros menores por espaço de oito dias. (Para evitar repetições, vide col. 1.ª da pag. 114 d'este volume.)

Em 30 d'abril de 1761—10 e 17 de janeiro de 1796—e 6 de junho de 1807, houve fortes terramotos; mas todos elles pouco mal produziram.

Em 11 de novembro de 1858 houve um violento abalo de terra, que produziu grande sensação em Lisboa, e n'outras terras, sendo Setubal a que mais soffreu.

O ultimo tremor (dos violentos) teve logar no dia 7 de outubro de 1867. Rachou o palacio da *estação principal* dos caminhos de ferro portuguezes (de Norte e Leste) e fez outras mais avarias; não havendo felizmente perdas de vidas.

Foi seguido de outros mais pequenos, nos dois dias immediatos.

Supplicio de João Baptista Pelle

Em uma quarta feira, 11 de outubro de 1775, na praia da Junqueira, morreu sob os mais barbaros tormentos o infeliz João Baptista Pelle, natural do logar d'Araze, na republica de Genova, de profissão pintor e marinheiro. Morava em Lisboa, ao Corpo Santo, no segundo andar de umas casas que fazem frente para a Ribeira Nova, e que eram de Antonio Sodré Pereira Tibau.

Foi absurdamente accusado de tentar contra a vida do marquez de Pombal, por meio de uma especie de machina infernal, que devia adaptar ao trem do marquez, no dia da inauguração da estatua equestre.

O denunciante foi um medico brasileiro chamado Luiz José de Figueiredo, que veio para o reino degredado por crimes commettidos no Brasil, e que, por meio d'esta denuncia quiz attrahir as graças do marquez do Pombal.

O desgraçado genovez foi processado e sentenceado em segredo, e sem se lhe admittir qualidade alguma de defeza, em 9 de outubro do dito anno.

Na noite que precedeu o dia 11, dois regimentos de infanteria e dois de cavallaria, os corregedores do crime da *corte e casa*, todos os ministros criminaes dos bairros, e os carrascos, tudo marchou para a praia da Junqueira, sem saberem para que. Soube-se isto na cidade, e muito povo correu para alli tambem. Todos sabiam que era para uma execução capital; mas admiravam-se de não haver cadafalso.

Pelas 8 horas da manhan, sahiu do pateo dos bichos, um carro, sobre o qual vinha o pobre italiano, algemado a um cepo, acompanhado de dois algoses e tres frades franciscanos.

O carro era seguido por quatro cavallos, dos que conduziam carne para os açougues, levados á redea pelos mesmos que com elles costumávam trabalhar, tudo entre alas de cavallaria e infanteria.

Chegados ao centro destinado para o supplicio, os algozes desceram, ajudando a descer o reu, tiraram o cepo do carro, e n'elle cortaram as mãos ao infeliz, e depois o amarraram pelas extremidades dos 4 membros ás caudas dos 4 cavallos, montados pelos taes creados, que os esporearam e chicotaram; mas, como elles eram muito fracos, cahiam (até um cahiu sobre o reu!) desconjuntado-lhe o corpo no meio de atrocissimos tormentos, sem o matarem. Este horroroso e ignobil martyrio durou 15 minutos, sem que o desgraçado morresse, apesar da grande quantidade de sangue que lhe sahia dos pulsos; até que um dos algoses, por ordem de um dos juizes (que via que os cavallos o não esquartejavam) lhe metteu um lenço na bocca, e o esganou com as proprias mãos!

Retirados os bois e cavallos, veio lenha, que reduziu corpo, carro e cepo a cinzas, que foram deitadas ao mar.

Assim acabou um innocente, á força dos mais horriveis tormentos, sem ninguem se atrever a dizer uma palavra, apesar de todo o mundo conhecer, que era materialmente impossivel ser o reu culpado em similhante crime.

Deve notar-se que em 20 de novembro de 1671, Antonio Ferreira, pelo crime de desacato, com arrombamento de sacrario, na egreja de Odivellas; e em 26 de janeiro de 1773, Alexandre Franco Vicente, por ladrão e incendiario da Sé patriarchal, só foram garrotados, e depois tiveram as mãos cortadas. De maneira que, só a *tentativa* do assassinato do marquez de Pombal (mesmo que fosse verdadeira, que o não foi, nem para ella se acharam os mais insignificantes preparativos) foi castigada muito mais cruelmente, do que *factos consummados* contra a divina magestade.

Carvalho bem sabia que o homem estava innocente; mas deu este horrivel espectaculo para atterrar os que porventura para o futuro quizessem tentar contra os seus dias.

Lapide hebraica

Em uma escavação que se fez no logar occupado pela antiga Misericordia de Lisboa (actual Conceição Velha) depois destruida pelo terramoto de 1755 — quando se andava a reconstruir a cidade, foi achada uma lapide de marmore rosado, sacharoide, com uma inscripção hebraica, contendo louvores a Deus e maximas moraes. Foi feita na era 5000 da creação do mundo (996 de Jesus Christo) o que constava da sua data.

O grande D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, a comprou, mandando-a para o seu museu de Beja, e depois para o de Evora, onde existe. [1]

[1] Esta lapide e a sua inscripção, é mais uma prova (alem de muitas) de como a actual egreja da *Conceição Velha*, foi originariamente casa de *esnoga* (synagoga) de judeus.

Terramotos de 7 e 26 de janeiro de 1531

O 1.º foi geral em todo o reino, fugindo muita gente de suas casas, preferindo viver em choupanas, ou ao ceu aberto. Onde porém ez mais destroços foi em Lisboa e seus contornos, subvertendo, d'estes povoações inteiras, e n'aquella causou grandes estragos e morreu muita gente.

—

No dia 26 do mesmo mez houve em Lisboa outro terramoto que se fez sentir a mais de 60 leguas de distancia. Na cidade subverteu mil e quinhentas casas, morrendo grande numero de pessoas debaixo de suas ruinas. Cahiram muitos templos e submergiram-se grande numero de navios: muitas povoações do termo foram destruidas. A côrte e a maior parte dos habitantes de Lisboa abandonaram a cidade.

Tempestade

No dia 23 de fevereiro de 1370, no reinado de D. Fernando, houve em Lisboa uma tormenta horrivel de chuva e vento, que durou desde a meia noite até ao meio dia.

Fez voaz muitos telhados e outros objectos de grande pêso; quebrou o fecho da tranca fortissima das portas principaes da Sé, e as levou até ao meio da egreja.

No termo arrancou a maior parte das arvores.

Grande quantidade de navios se despedaçaram uns de encontro aos outros.

Chegada do archiduque Carlos d'Austria a Lisboa

No dia 9 de março (um domingo) de 1704, fez a sua entrada solemne, e foi recebido em Lisboa, com a maior ostentação, o archiduque Carlos, que depois foi imperador da Allemanha. Vinha para passar a Castella, sob o titulo de Carlos III, para tomar posse da corôa que disputava a Filippe V.

(Tinha fundeado na Junqueira no dia 7.)

A sua casa, em que entravam muitos principes e grandes senhores, constava de mais de duas mil pessoas, e as suas tropas (inglezas e hollandezas) excediam o numero de doze mil homens, D. Pedro II e a familia real o foram comprimentar á esquadra, de que era almirante o general Rhó, a bordo da nau *Real Catharina*, comboyada por 20 vasos de guerra e trezentos e tantos de transporte.

O general de terra, das tropas inglezas era o marechal de Chomberg, e das hollandezas o mestre de campo, general Fagel.

O forte des paços da Ribeira estava adornado de dois ricos pavilhões, um encostado a elle, e outro sobre o rio.

Construira-se uma esplendida ponte para o desembarque, decorada com inumeras bandeiras, pavilhões e galhardetes, excellentes pinturas e primorosas estatuas allegricas, com inscripções apropriadas.

Pelas cinco horas da tarde d'este dia, sahiu do palacio o rei de Portugal com toda a nobreza, vestidas de gala, e na mesma ponte se embarcou, chegando á capitania, onde o *rei de Castella* (titulo que então se lhe dava) o esperava no tôpo da escada, levando-o á camara, e depois do breve espaço que duraram os comprimentos, voltaram, a embarcar-se no bergantim real, e desembarcaram na referida ponte.

D'alli passaram á capella real onde teve logar um magnifico *Te Deum*.

D'aqui conduziu D. Pedro II o archiduque Carlos para o quarto que se lhe havia preparado no paço da côrte Real (dividido dos paços da Ribeira por um passadiço) e a mais comitiva se repartiu por outros, armados de riquissimas camas e preciosas tapeçarias.

Ceiaram essa noite em publico, como era uso n'aquelles tempos, em occasiões solemnes, dando o rei portuguez sempre o primeiro logar ao futuro monarcha castelhano, tomando D. Pedro o segundo, e em seguida o principe D. João (depois V) logo os infantes D. Francisco e D. Antonio. Assistiram os grandes da Allemanha e Portugal, aquelles descobertos e estes cobertos, segundo o uso das suas respectivas nações.

Passaram-se alguns dias em visitas de cumprimemto, de um para outro palacio.

D. Pedro II deu ao archiduque doze excellentes cavallos, com arreios de prata, e mantas de veludo carmezim, bordadas a oiro; o principe e infantes, cada um, um prato de oiro de egual valor—no primeiro hia um espadim de diamantes de grande preço—no segundo, um riquissimo bastão—no terceiro, um par de pistolas, marchetadas de oiro e cravejados de brilhadtes—e no quarto, um broche tambem de diamantes, e varios adereces de ambar.

Notemos que todas as potencias da Europa tinham reconhecido Philippe V como legitimo rei de Hespanha, e o desampararam para entrarem na grande alliança com o imperio da Austria, reconhecendo então o archiduque como rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III.

O exercito portuguez, unido ao de Carlos d'Austria, invadiu Castella.

Em 1705 os alliados ganharam a praça de Gibraltar. O exercito portuguez toma por assalto a praça de Vallença de Alcantara, e marcha sobre a de Albuquerque, que se entregou por capitulação.

Salvaterra rendeu-se á discrição, e Sarça foi abandonada.

Os portuguezes sitiam Badajoz, mas são repellidos.

Ao mesmo tempo, Carlos toma Barcelona, e toda a Catalunha, e Valencia se declaram a seu favor.

Philippe V põe sitio a Barcelona, mandando o marechal de Berwick, com um exercito oppor-se ao portuguez do marquez das Minas, que, com quarenta mil homens avançava sobre Madrid. Berwich foi derrotado em Broças, que foi occupada pelos portnguezes, os quaes, além de outras perdas n'esta acção, tiveram morto o valoroso general conde de S. Vicente.

A praça de Alcantara, guarnecida por cinco mil castelhanos, rende-se aos portuguezes, e Moraleja e Coria tiveram egual sorte.

O marquez das Minas marcha para Palencia, a esperar noticias das operações da Catalunha; mas, para não ter o exercito ocioso, ataca Ciudad-Rodrigo.

Alli se soube que Philippe V fôra obrigado a levantar o sitio de Barcelona, e o exercito portuguez avança sobre Madrid, sem achar resistencia na sua marcha, e entra na capital castelhana (que os bourbonistas haviam abandonado) em 2 de julho de 1706; mas, entendendo os nossos generaes, que, sem grande perigo, era impossivel a sua permanencia n'aquella cidade, a abandonaram, marchando sobre Valencia, para se unirem ao archiduque.

Foi então que a 6 de dezembro d'esse anno, morreu D. Pedro II, succedendo-lhe seu filho D. João V.

A guerra continúa entre Portugal e Castella: o inimigo nos toma Serpa.

Berwick ataca o marquez das Minas em Almanza (Castella-Nova) aos 25 de abril de 1707, e o desbarata, perdendo-se do nosso exercito doze regimentos.

Os portuguezes retiram pela Extremadura sobre Badajoz, onde Berwick novamente os bate; porém os nossos não desanimam, e, reunindo novas forças, se juntam aos alliados, e ganham sobre o general Bay a grande victoria de Saragoça, e entram pela segunda vez em Madrid (1710.)

A causa de Philippe V julga-se perdida, mas recebendo novos reforços da França, o duque

de Vendome ganha a grande victoria de Villa-Viçosa, que muda a face á causa da dynastia dos Bourbons.

Os castelhanos atacam Campo Maior por varias vezes, mas foram corajosamente repellidos pelo povo e pela guarnição da praça, sendo obrigados a retirar depois de 30 dias de cêrco.

A guerra continua até 1713, pendendo a victoria já a favor dos castelhanos, já dos alliados; porém, morrendo o imperador de Austria, o archiduque sóbe ao throno imperial, e abondona a sua causa em Hespanha, d'onde sahe a 11 de abril d'esse anno.

Com varia fortuna continua a guerra entre portuguezes e castelhanos, até 13 de fevereiro de 1715, em que a paz de Utrecht lhe poz fim, obrigando-se a Hespanha a entregar a Portugal o castello de Nonda, a ilha de Verdejo e a colonia do Sacramento. Portugal entregaria a Hespanha as praças de Albuquerque e Puebla, que estavam em nosso poder, e nos seriam pagos seiscentos mil cruzados (240 contos) pelo assento dos negros.

Assim terminou esta guerra inutil e impolitica, que no espaço de onze annos, tantas vidas e milhões custou a Portugal.

Phenomeno meteorologico

No dia 24 de março de 1582, pelas oito horas da noite, appareceu no ceu um immenso clarão avermelhado: principiou perpendicularmente sobre o valle de Xabregas e foi correndo para o O. e NO. Durou muitas horas, horrorisando o povo.

Na noite seguinte, ás mesmas horas, se repetiu egual phenomeno, mas com menos intensidade.

Tres cavalleiros polacos

A fama da felicidade, virtudes e gloriosas victorias do nosso rei D. Manuel enchia toda a Europa. Foi por isso que tres senhores polacos vieram de proposito a Portugal, para serem pelo rei armados cavalleiros. D. Manuel accedeu gostoso ao desejo d'estes nobres estrangeiros e a ceremonia teve logar na egreja de S. Julião, no dia 8 de abril de 1516, assistindo toda a nobreza que se achava na côrte; calçou-lhes as esporas de ouro, D. Nuno Manuel, guarda-mór d'el-rei e almotacé-mór. O rei, além d'esta honra concedeu aos novos cavalleiros grandiosas mercês, com que elles voltaram á sua patria, confessando que era ainda muito maior a grandeza do nosso rei, do que a fama publicava.

Casamento da infanta D. Catharina, com Carlos II, de Inglaterra

Chegando a Lisboa a noticia de se ter ajustado este casamento, foi recebida com demonstrações de alegria, havendo magestosas festas de egreja, fogos de artificio, illuminações, jogos de cannas, cavalhadas, etc.

Houve varias corridas de touros, nas quaes se distinguiram, pela riqueza do trajo, bravura e destreza, os condes de Sarzedas e da Torre, e D. João de Castro. Pouco depois chegou a armada britanica, que havia de conduzir a sua nova rainha. Eram 14 naus de guerra, e seu general, Duarte Montegui, conde de Sandwich, com o titulo de embaixador extraordinario, vindo na esquadra muitos cavalleiros e damas, das casas mais illustres da Inglaterra, para o serviço da rainha.

No dia 23 de abril de 1662 sahiu D. Catharina, logo de manhan, da ante-camara da rainha regente (D. Leonor de Gusmão, sua mãe) á sua direita, e dois passos adiante D. Affonso VI, o infante D. Pedro e os officiaes da casa, titulos e nobreza.

Desceram á *sala dos tudescos* (nos paços da Ribeira) e chegando ao topo da escada que hia dar á capella, se deteve a rainha mãe no logar destinado para as ultimas des-

pedidas e ahi abraçou estreitamente a filha e lhe lançou a benção. Desceu a rainha de Inglaterra a escada entre o rei e o infante, e entraram em uma sumptuosissima carroça, ficando a rainha á direita e o rei á esquerda, no assento de traz, e o infante na cadeira da frente. Tomaram a direcção da Sé cathedral, acompanhados de toda a nobreza de Portugal, e dos fidalgos inglezes.

As ruas estavam adornadas com grande pompa e magestade e com muitos arcos de triumpho: o som das trombetas, charamellas e outros instrumentos; o repique dos sinos; o estrondo marcial das salvas de artilheria, e os repetidos vivas do povo, formavam uma representação por extremo festiva e aprasivel.

Os reis ouviram missa de dentro da cortina, voltaram d'alli para o rio, onde os esperava o bergantim real, e outros muitos bergantins, ricamente adornados, em que se embarcaram o rei, a rainha, o infante, os ministros da côrte, e innumeraveis fidalgos portuguezes e estrangeiros, dirigindo-se para a nau capitania, de Inglaterra, onde os portuguezes se despediram de D. Catharina, com signaes de profunda saudade, e a esquadra navegou para a Gran-Bretanha, continuando as musicas, salvas e repiques de sinos até a rainha sahir a foz do Tejo.

Conjuração contra D. João I

No dia 8 de janeiro de 1385 se descobriu uma grande conjuração, urdida por grandes personagens, contra o *Mestre*. Eram chefes, o conde D. Gonçalo Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor; D. Martinho Telles de Menezes, filho do mesmo conde; D. Pedro, conde de Trastamâra; D. Pedro de Castro; João Affonso de Baéça; Ayres Gonçalves, e D. Garcia Gonçalves Valdez.

Descoberta a conspiração, foram presos alguns dos fidalgos implicados, e outros fugiram. Parece que o mais culpado era D. Garcia Gonçalves Valdez, pois só este soffreu o ultimo supplicio, sendo queimado vivo no Rocio.

D. João I, acclamado rei de Portugal, pelas côrtes de Coimbra e pelo povo portuguez, perdoou a todas as pessoas comprehendidas n'este crime, mandando soltar os presos e regressar a suas casas os fugitivos, proferindo n'essa occasião aquellas bellas palavras, que a historia conservará eternamente: — NÃO DEVE O REI DE PORTUGAL VINGAR AS OFFENSAS DO MESTRE DE AVIZ.

Sôlho gigantesco

No dia 5 de fevereiro de 1320, apresentaram os pescadores do Tejo ao rei D. Diniz, um sôlho de espantosa grandeza, que tinham pescado junto a Mugem. Tinha 17 palmos de comprido e 7 de grosso: por todo o espinhaço, desde a cabeça até á extremidade da cauda, tinha trinta escamas, como grandes conchas. Pesava 17 arrobas e meia. O rei o mandou retratar no tamanho natural e guardar o quadro, por memoria, na Torre do Tombo, onde existiu até ao terramoto de 1755, que o destruiu.

No tempo de D. João III, appareceu tambem, e perto do logar onde tinha sido pescado o antecedente, outro peixe da mesma especie, ainda mais volumoso, pois pesava 19 arrobas.

Grande incendio

No dia 18 de fevereiro de 1575, pela uma hora da tarde, principiou um incendio na *rua do Principe*, ardendo todo o lado d'ella que fazia frente para o Terreiro do Paço. Foi importantissima a perda de edificios e fazendas, não morrendo, porém, pessoa alguma.

Já se sabe que esta *rua do Principe*, desappareceu com o terramoto de 1755, e a que hoje tem este nome é em diversa localidade.

Outro incendio

No dia 29 de março de 1651, pelas oito horas da manhan, se ateou o fogo na egreja do Loreto, uma das mais formosas, ricas e perfeitas de Lisboa. Nada escapou ao voraz elemento e dentro em pouco arderam tecto,

paredes, altares, retabulos, imagens, portas, grades de ferro etc.; estalando e sahindo do seu logar as campas dos defunctos. Com grande difficuldade e perigo se pôde salvar o cofre do Santissimo Sacramento. Ardeu tambem a sachristia, e d'ella riquissimos ornamentos e cofres com dinheiro. Do mesmo modo arderam os depositos das decimas d'aquella freguezia onde estavam muitos despojos dos pobres. Avaliou-se a perda em mais de 600:000 cruzados (240:000$000 réis).

Um monstro

No dia 10 de abril de 1628 pelas, tres horas da manhan, nasceu em Lisboa, em umas casas situadas junto á *porta do Ouro* (pouco mais ou menos onde hoje principia a actual rua do Ouro, do lado do Terreiro do Paço) de paes sãos e robustos, um menino com a cabeça em fórma de concha, á feição de capacete; a bocca muito grande; o corpo todo coberto de conchas duras, da grossura de uma *pataca*, no peito uma grande cruz vermelha, muito bem feita; nas pernas umas tiras longitudinaes da mesma côr, desde os joelhos até aos pés; as palmas das mãos e os dedos tambem eram vermelhos; nos braços tinha uns riscos da mesma côr, em fórma de escamas; a carne do corpo era côr de tijolo mal cosido; os olhos muito encarnados por fóra e muito claros por dentro. Durou quatro dias, mas chorava como se fosse de maior idade; foi baptisado e enterrou-se na capella de S. Sebastião (Nossa Senhora da Saude) á Mouraria.

O padre João Eusebio Nuremberg, que trata d'este monstro no seu livro de *Philosophia Curiosa*, affirma que no mesmo anno nascêra tambem em Lisboa um menino com uma espada impressa na mão direita, e no pé direito um S. Tinha um só olho na testa. (Pertencia á especie que os naturalistas chamam *poliphemus*.)

A invencivel armada

No dia 30 de maio de 1588, sahiu da barra de Lisboa, a poderosissima armada que Philippe II mandava contra a Inglaterra, a maior que até então tinha sulcado as aguas dos Oceanos. Constava de 135 galeões de grande força, sendo alguns de estupenda grandeza, e 40 navios de varios tamanhos. Embarcaram 30:000 homens de mar e guerra, em cujo numero entravam mais de 200 aventureiros das principaes familias de Portugal e Hespanha. Era general d'este exercito, D. Affonso Peres de Gusmão, duque de Medina Sidonia.

Um horroroso temporal destruiu esta armada, e as esperanças de Philippe II, no canal da Mancha. (Vide *Annunciada*, n'este volume).

Casa de tavolagem incendiada

No dia 1 de junho de 1490, sabendo D. João II que na *praça da Palha* vivia um cavalheiro, que dava casa de jogo «a qual era escandalosa pelas juras e blasphemias que n'ella diziam os jogadores» mandou com pregão de justiça pôr-lhe o fogo, não ficando d'ella outro signal mais do que umas poucas de cinzas.

Diz o padre Frei Francisco de Santa Maria, a pag. 154 do vol. 2.º do seu *Anno Historico*, «abrazem-se as casas de jogo, já que o jogo tem abrazado muitas casas.»

Outro incendio

Na noite do dia 9 de junho de 1707, um foguete cahido pelo tecto da egreja de S. Francisco da Cidade (que estava descoberta para se concertar) a incendiou, reduzindo-a a cinzas. Em poucos dias, porém, os religiosos e os irmãos da terceira Ordem de S. Francisco juntaram trinta mil cruzados (12:000$000 réis) com os quaes e outras muitas esmolas se principiou a reedificação do templo, que ficou mais vasto e sumptuoso do que o antecedente.

Esquadrilha portugueza a favor do papa Clemente XI

Os turcos sitiavam Corfú, e o papa pediu auxilio a D. João V, de Portugal.

No dia 25 de julho de 1716, sahiu do por-

to de Lisboa uma esquadrilha portugueza, composta de 9 vasos; 6 de guerra, de 50 a 80 peças cada um, 1 de fogo, outro para servir de hospital, e uma *tartana* armada em guerra, para as expedições que se offerecessem. Hiam a bordo 2:751 praças. Era commandante general d'esta esquadrilha, o almirante da armada real, conde do Rio, e por almirante hia o conde de S. Vicente; era fiscal, o coronel, Pedro de Sousa Castello Branco. Embarcaram-se n'estes navios muitos titulares, cavalleiros e officiaes reformados.

Com a chegada d'esta esquadra e das outras auxiliares, que se encorporaram na esquadra veneziana, levantaram os turcos o sitio da praça de Corfú, no qual tinham perdido mais de 25:000 homens, fugindo a 24 de agosto com a sua esquadra, sem que os navios christãos a podessem alcançar, por maiores diligencias que fizeram.

Noticia do descobrimento da India

O dia 10 de julho de 1499 foi de grande regosijo para a cidade de Lisboa, pela entrada da nau de Nicolau Coelho, um dos tres capitães que, com Vasco da Gama, foram á descoberta da navegação da India, pelo Oceano. A esquadra tinha partido de Lisboa a 8 de julho de 1497.

Nicolau Coelho foi recebido pelo rei com as maiores mostras de distincção, e lhe narrou os factos acontecidos n'aquella gloriosa viagem. Disse a D. Manuel que Vasco da Gama ficára na ilha Terceira, em razão de seu irmão, Paulo da Gama, que vindo mortalmente enfermo, alli falleceu, ficando lá sepultado.

No dia 29 do mesmo mez e anno, entrou em Lisboa o grande Vasco da Gama, com 55 homens dos 170 que levára. A vasta enseada do Tejo se encheu de embarcações com muita gente que foi ver e applaudir os que por muitas vezes tinha chorado como fallecidos.

Mandou logo el-rei visitar o Gama e determinou que se conservasse em frente de Belem, em quanto se lhe preparava um publico triumpho. Mandou tambem cantar na capella real um solemne *Te Deum* em acção de graças por trazer a salvamento o explorador venturoso.

No dia determinado foi buscar o Gama a maior parte da nobreza da côrte, montada em soberbos cavallos e a guarnição da capital. O povo, com musicas, danças, e acclamações, foi esperar o Gama e lhe fez prestito até ao paço real; os fortes da cidade todo o dia deram salvas de artilheria, e as tropas, de mosqueteria.

El-rei recebeu o inclito navegante, sentado no seu magestoso throno. Gama lhe entregou as cartas do Samorim e do rei de Melinde e as preciosas primicias que trazia do feliz descobrimento da India.

D. Manuel lhe louvou o valor e agradeceu o serviço, o maior que um vassallo jámais havia feito ao seu rei em tão breve espaço e com tão pouco custo; e o premiou com honras e dignidades.

Mandou o rei que em todo o reino se dessem a Deus publicas graças por tão fausto acontecimento, e houvessem festas e todas as demonstrações de geral regosijo.

Para memoria perpétua de tão maravilhosa empreza, mandou erigir na praia do Rastêllo (onde Gama havia embarcado para a expedição) o real templo e mosteiro de Belem, uma das maravilhas architectonicas de Portugal.

O duque de Cambridge

No dia 18 de julho de 1381, entrou pela barra de Lisboa uma poderosa armada ingleza, em que vinha Aymon, duque de Cambridge, (casado com a infanta D. Isabel, filha de D. Pedro, o *Cruel*, rei de Castella, morto pouco antes ás mãos de seu irmão, D. Henrique). Com o mesmo duque, vinha a infanta sua mulher, seu filho Henrique, e muitas senhoras e senhores das primeiras familias de Inglaterra.

Pretendia o duque a successão do throno de Castella, pelo direito que a elle tinha sua mulher.

Tambem projectava casar seu filho (então de seis annos) com a infanta D. Beatriz, filha do nosso D. Fernando e de D. Leonor

Telles de Menezes; e ligados os dois principes, declararem guerra a D. Henrique II, de Castella.

D. Fernando recebeu os seus hospedes com grandes demonstrações de amisade e muita magnificencia, hindo esperal-os ao caes, d'onde vieram todos a pé, até á egreja cathedral, trazendo o rei pelo braço a infanta D. Isabel. Alli chegados, depois de fazerem oração, marcharam a cavallo para a egreja de S. Domingos, onde houve um solemne *Te Deum*.

A guerra se renova com Castella, e é então que pela primeira vez, entra em campanha, o grande D. Nuno Alvares Pereira, que, apesar de adolescente, já mostra o que havia de ser o futuro condestavel.

A guerra não apresentava vantagens decisivas para nenhum dos lados. D. Fernando estava em Elvas e D. João I, de Castella, filho de D. Henrique (que tinha já fallecido) em Badajoz, preparando-se para darem uma grande batalha (já em 1382), mas vieram a concerto, assignando se a paz, sob a condição da infanta D. Beatriz de Portugal, casar com o rei castelhano.

O duque de Cambridge se foi para Inglaterra com os seus, justamente desgostoso do procedimento de D. Fernando.

D. Beatriz casa com D. João em 14 de maio de 1383, e assim terminou esta guerra e a ambição (aliás justificada) do principe britanico.

Fundação do seminario patriarchal de Lisboa

A requerimento de D. João V, concedeu Benedicto XIV, no dia 21 de julho de 1741, por bulla que principia, *Divini Praeceptoris*, etc., a fundação do seminario patriarchal, no palacio e suas pertenças, dos antigos arcebispos de Lisboa, que existia no sitio hoje chamado *Pateo da Sé*, em frente do Aljube, e cujo seminario foi destruido pelo terramoto de 1755.

O rei assignou para a dotação d'este estabelecimento muitas e boas rendas, e as das egrejas de Santa Maria de Bade (hoje Badim, no concelho e comarca de Monsão, districto de Vianna, arcebispado de Braga); S. Payo da Bemposta, no bispado de Coimbra; S. Miguel de Rebordosa, e S. Pedro de Abragão, ambas no bispado do Porto, e todas quatro do real padroado.

Este collegio era destinado para educação e sustento de um grande numero de seminaristas, e para aqui aprenderem latim, ritos, ceremonias ecclesiasticas, cantochão e outras artes e sciencias, para depois servirem a egreja lisbonense, ficando debaixo da protecção e obediencia do cardeal patriarcha, que era o seu primeiro administrador e lhe redigiu os estatutos.

Este seminario, porém, existiu muito poucos annos n'este logar, porque, o terramoto de 1755 o destruiu, deixando d'elle apenas os poucos vestigios que ainda existem.

Procissões de triumpho

No dia 26 de julho de 1505 (em uma quinta feira) se fez em Lisboa uma solemnissima procissão, como se costuma fazer no dia de Corpo de Deus. Sahiu da Sé e se recolheu á egreja de S. Domingos. El-rei D. Manuel levava á sua direita e debaixo do pallio o famoso Duarte Pacheco Pereira. Foi orador D. Diogo Ortiz, bispo de Viseu, um dos melhores prégadores do seu tempo. O sermão foi um continuo e eloquentissimo elogio ás estupendas victorias de Duarte Pacheco.

D. Manuel, poucos annos depois, esquecido dos grandes serviços prestados a Portugal por este intrepido e experimentado capitão, lhe pagou com o esquecimento (como praticou com outros muitos servidores bravos e leaes) e com a mais negra ingratidão. Duarte Pacheco cahiu em tanta desgraça e miseria que veio a morrer no hospital da Misericordia de Lisboa, abandonado de todos.

—

No dia 25 de julho de 1572, se fez em Lisboa uma outra procissão, que, sahido da Sé, se recolheu tambem á egreja de S. Domingos.

El-rei D. Sebastião levava n'ella e á sua direita, debaixo do pallio, o grande D Luiz de Athaide, vice-rei, que acabava de ser do estado da India. Esta honrosissima distinc-

ção lhe foi concedida pelo rei, em recompensa das insignes proezas e victorias maravilhosas que o bravo guerreiro obtivera no Oriente. Prégou o célebre padre-mestre, Ignacio Martins, da companhio de Jesus, com a elegancia que lhe era propria. Foi este um dia de regosijo em Lisboa.

Entrada solemne em Lisboa da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Nemours.

(E consequencias d'este casamento)

O dia 29 de agosto de 1666 foi de grande regosijo para a côrte e povo de Lisboa. Tinha desembarcado a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e se achava na quinta de Alcantara. N'este dia sahiu do paço da mesma quinta, pelo meio dia, acompanhada de seu marido, D. Affonso VI, e de seu cunhado o infante D. Pedro (depois II).

Davam principio ao acompanhamento os dois pracuradores do senado, seguidos dos ministros em que este tinha jurisdição, todos ricamente vestidos, levando os seus lacaios com vistosas librés, e os cavallos com ricos arreios e jaezes: seguiam-se seis porteiros d'el-rei com as maças aos hombros e logo os reis d'armas, arautos e passavantes, com cotas d'armas e cadeias de ouro: depois, os corregedores do crime da côrte, com as garnachas forradas de tella branca e seguidos dos mais ministros da justiça, todos luzidamente vestidos: continuavam as carroças e liteiras douradas e guarnecidas de riquissimos adornos, a que correspondiam as librés dos respectivos lacaios. Os titulares e toda a outra nobreza, vestindo gala e montados em briosos cavallos, ricamente ajaezados, ou em trens esplendidos, acompanhavam o prestito.

Não havia precedencia nos coches, até ao do estribeiro-mór, a que seguiam os *coches de respeito*, do infante, da rainha e do rei. A carroça em que hiam os desposados era a ultima: hia o rei sentado á direita da rainha e o infante no assento de diante, e no stribo da direita, a marqueza camareira-a mór. O coche real não levava tejadilho, mas era abrigado do sol por uma especie de umbella de damasco carmezim guarnecido de ouro, que n'um varão dourado levava o moço da camara. Por esta circumstancia era a rainha vista de todas as janellas por onde passou o acompanhamento, e todos admiraram a sua rara formosura.

Atraz da real carroça hiam os capitães, tenentes e soldados da guarda, e era ladeada de moços da estribeira: seguiam-se as carroças das damas, meninas, e donas de honor.

As ruas estavam ricamente adornadas, e de espaço a espaço se encontravam vistosas danças.

A distancias proporcionadas se viam 16 arcos cobertos de ouro, prata e pedras preciosas e com figuras, emblemas e inscripções. A pouca distancia do primeiro arco, fez o senado da camara a costumada ceremonia de entregar as chaves da cidade a el-rei que as deu á rainha. Logo adiante estava o marquez de Marialva, governador das armas de Lisboa e provincia da Extremadura, o conde da Torre, mestre de campo general, e todos os mais officiaes de ordens, de grande uniforme: toda a cavallaria e infanteria estava em alas pelas ruas do transito.

Os reis entraram na Sé, que estava ricamente adornada, e alli ouviram um *Te Deum*, dirigindo-se depois aos paços reaes da Ribeira, terminando por este dia as festas publicas, mas continuando em muitos dos seguintes.

Houve cannas, em que foram padrinhos o conde de Miranda e o visconde de Villa Nova da Cerveira, ambos conselheiros d'estado. Foram oito os quadrilheiros — eram os marquezes de Gouveia e Marialva, e os condes de Castello Melhor, Aveiras, Torre, Sabugal, Villa Flor e S. João.

Cada um dos oito nomeou cinco fidalgos, seus parentes e do seu appellido, com o que constavam as quadrilhas de quarenta e oito.

Fizeram varias escaramuças e logo correram as cannas com toda a gentileza e primor que em similhante exercicio ensinava a arte da cavalleria.

Houve tres dias toiros reaes, em que sahiram—no primeiro, o conde da Torre, com doze lacaios, vestidos de veludo azul, com alamares de oiro batido — no segundo, D. João de Castro, com 160, vestidos de differentes sedas, com passamanes de oiro e prata e com trajes de diversas nações—no terceiro o conde de S. João, e seu irmão D. Francisco de Tavora, com 300, vestidos de diversas tellas, e chamalótes de prata, com guarnições de ouro. Fizeram todos bizarras sortes que foram geralmente applaudidas.

Em muitas noites houve lindos fogos de artificio em differentes partes e illuminação geral.

—

Todas estas alegrias em breve se converteram em tristezas, porque, a 2 de novembro de 1697 a rainha, vexada pelo rei, e maltratada pelos ministros, se retira ao convento da Esperança e principia a tratar da nullidade do seu casamento,

Os partidarios da rainha e do infante D. Pedro se revoltam a 23 de novembro, obrigando o rei a abdicar em seu irmão, que no mesmo dia tomou conta do governo do reino, que exerceu por 16 annos.

Em 27 de janeiro de 1668 as côrtes juram principe herdeiro ao infante D. Pedro, que, logo a 13 de fevereiro faz um tratado de paz com a Hespanha, com o maior contentamento da nação em geral, que estava extenuada com uma guerra de 27 annos. Este tratado foi approvado e reconhecido pelas côrtes.

Depois de um processo summamente escandaloso, a rainha obteve sentença de nullidade do matrimonio, e a 2 de abril do mesmo anno de 1668, casa com seu cunhado.

D. Affonso VI é mandado, debaixo de prisão para o Castello de S. João Baptista da cidade de Angra, na ilha Terceira; e o regente mostra-se digno do alto logar que occupa, reformando abusos, e lançando os fundamentos de um governo sabio e florescente.

Descobre-se em Obidos uma conspiração contra o regente, sendo enforcados dois dos principaes conjurados. (Esta conspiração era ainda promovida por Philippe IV de Castella.)

O infeliz D. Affonso VI, depois de 6 annos de prisão na ilha Terceira, é removido em 1675, para o palacio real de Cintra, onde esteve preso até á sua morte, acontecida a 12 de setembro de 1679, na florescente edade de quarenta annos, tendo o desgosto de ver por 16 annos a sua corôa e esposa em poder de seu irmão.

Eis as tristes consequencias das alegres e sumptuosas festividades do casamento d'esta rainha com o desventurado D. Affonso VI.

Desembarque da rainha D. Maria Sophia Isabel de Nenbourg, filha de Wilhelmo, conde palatino do Rheno.

No dia 12 de agosto de 1687, pouco depois do meio dia, fundeou em frente de de Lisboa a esquadra que conduzia esta princeza, que havia partido de Heidelberg no grincipio do mez.

Houve esta demora, porque D. Maria Sophia fez a viagem pelo Rheno, em cuja dilatada carreira foi recebida e cumprimentada com as maiores demonstrações de applauso e veneração pelos governadores e magistrados das cidades e fortalezas, situadas em grande numero nas duas margens d'aquelle famosissimo rio; prestando-lhe as mesmas homenagens os principes e governos dominantes das terras circumvisinhas, quaes foram, os arcebispos-eleitores de Moguncia, de Treveris, de Colonia, e o bispo de Vormes, principe do imperio; o rei Carlos II de Hespanha, o principe Guilherme de Orange (depois rei de Inglaterra) e os estados geraes das Provincias Unidas, assim como a Hollanda por seus deputados.

Em Brilla se embarcou a nova rainha na armada ingleza destinada a transportal-a a Portugal, pela generosa obsequiosidade de Jacob II, rei da Gran-Bretanha.

Era general d'esta florida esquadrilha, o duque de Crafton, filho do rei Carlos II, com quem vinha o principe Fitz James, filho do rei Jacob, e grande numero de lords.

Arribou a armada a Plymouth (Inglaterra), d'alli, com a felicissima viagem de oito dias, chegou a Lisboa.

Em breve o Tejo se cobriu de uma innumeravel multidão de embarcações de todos os lotes e feitios, carregadas de povo, com bandas de musica, que por todos os modos patenteavam o prazer com que recebiam a sua nova soberana.

Os navios de guerra, fundeados no Tejo, estavam adornados de bandeiras e flamulas, e os castellos e fortalezas atroavam os ares com as suas salvas.

Os sinos de todas as egrejas repicavam constantemente, e de toda a parte se ouviam estalar no ar grande copia de foguetes.

Pelas tres horas da tarde se embarcou el-rei (D. Pedro II) em um bergantim real, mui sumptuoso, acompanhado dos officiaes da sua casa, presidentes dos tribunaes, e mais pessoas que costumam fazer sequito ao monarcha, em semilhantes funcções.

O bergantim real era precedido por 24 bergantins, custosamente pintados e adornados de toldos de ricas telas de differentes côres, com grande numero de remadores, brilhantemente vestidos; n'estes bergantins hiam os principaes fidalgos da côrte.

Chegou o rei á capitania, e ao sahir do bergantim era esperado pelo general Crafton e por D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira.

Entrou na camara onde estava a rainha, e se avistaram os dois consortes, com grande satisfação de ambos, que voltaram logo com o mesmo apparato, entre salvas repetidas das armadas portugueza e britanica.

Desembarcaram em um suptuoso pavilhão, que se tinha levantado na ponte da casa da India, e desde alli até á capella real, tudo se via adornado e guarnecido de excellentes pinturas e riquissimas armações.

Na capella real dos paços da Ribeira reberam as benções nupciaes, dadas por D. Luiz de Sousa, capellão-mór do rei, e arcebispo de Lisboa; d'aqui se recolheram com a mesma pompa ao palacio.

Termina a era de Cesar, e principia a contar-se pelo anno do nascimento de Jesus Christo

No dia 22 de agosto de 1422, que correspondia á era de Cesar 1460, se publicou em Lisboa um decreto de D. João I, ordenando que em Portugal e todos os seus dominios, d'alli em diante se não contasse pela era de Cesar, mas sim pelo anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

Este modo de contar já se tinha introduzido em Hespanha, sendo seu iniciador o famoso portuguez D. João Tenorio.

Outro terramoto

Em uma quarta-feira, 24 de agosto de 1356, tremeu a terra em grande parte de Portugal, por espaço de 15 minutos.

Cahiram muitos edificios, e rachou de alto a baixo a capella-mór da Sé de Lisboa.

Depois d'este tremor de terra, seguiram-se outros muitos, por espaço de um anno, mas que pouco mal produziam, por serem muito mais pequenos.

Pedro Nunes

No dia 29 de agosto de 1615, morre n'esta cidade o famoso mathematico Pedro Nunes, natural de Alcacer do Sal. Foi o maior mathematico do seu tempo, e escreveu varios livros em latim e portuguez sobre a sciencia a que se dedicára.

Canonisação de Santo Antonio

No dia 30 de maio de 1232, o summo pontifice Gregorio IX, canonisou o glorioso portuguez, Santo Antonio, que no seculo fôra Fernando de Bulhões. Foi o primeiro santo canonisado em menos tempo depois do seu fallecimento, pois que ainda não havia um anno que tinha morrido na cidade de Pádua.

Diz a lenda, que no mesmo dia da sua canonisação — feita na cidade de Espoleto, em Italia — se repicaram em Lisboa espontaneamente os sinos de todas as egrejas.

Submersão do monte de Santa Catharina do Monte Sinay

A elevação onde hoje se vê a egreja parochial de Santa Catharina corria antigamen-

te na mesma altura até á margem do Tejo, e n'esse monte havia grande numero de casas que formavam tres ruas das mais formosas de Lisboa.

Pelas 11 horas da noite de 21 de julho de 1597, se ouviram os gritos de um homem que ninguem conheceu, e que percorria as ruas dizendo: «fujam todos que se subverte o monte!» A estas vozes sahiram com effeito os moradores e fugiram para o lado do norte, e pouco depois o monte se submergiu, com as suas tres ruas e 110 moradas de casas que as orlavam, sendo muitas d'ellas de nobre architectura. Uma calçada e um caes de pedra, que estavam junto á praia, tambem desappareceram para sempre.

Este cataclysmo causou geral terror em toda a cidade.

Cometa célebre

No dia 11 de maio de 1582 (sexta feira) foi visto em Lisboa um grande cometa, cujo núcleo estava na altura do monte de Santa Anna, e era formado por uma brilhantissima estrella. A extremidade estava sobre a villa de Almada. Tinha a fórma de um immenso ramo de palma. Foi distinctamente visto até ao dia 27 d'esse mez.

Fundação do hospital de Todos os Santos

O sumptuosissimo hospital de Todos os Santos foi fundado por el-rei D. João II (o *Principe Perfeito*) no lado oriental da praça do Rocio.

Havia em Lisboa muitos hospitaes, em differentes sitios, e para diversas enfermidades; mas pela maior parte, se desencaminhavam as rendas, por andarem por muitas mãos, e não era facil metter a caminho tão grande numero de administradores, costumados a tratarem mais de si, do que dos doentes pobres.

O rei alcançou do summo pontifice um breve para reduzir a um só todos os hospitaes de Lisboa.

Lançou-se a primeira pedra n'este vasto e magnifico edificio, no dia 15 de maio de 1492. O rei com a sua propria mão lançou muitas moedas de ouro e prata nos alicerces.

Constava este hospital de um amplissimo templo, com a frente para a praça do Rocio, cujo pavimento ficava na altura de um primeiro andar (sobre abobadas de pedra) e para o qual se subia por uma escada de tres faces com 21 degraus de marmore.

Instituiu o soberano um bom numero de capellães e *moços do côro* para a celebração dos officios divinos, que aqui eram feitos com grande sumptuosidade.

O corpo do hospital constava de varias enfermarias para todo o genero de molestias, onde os pobres eram assistidos com a maior caridade e sem se olhar a trabalhos nem despezas.

Tinha de rendimento em dinheiro e generos mais de 100:000 cruzados annuaes (40:000$000 réis).

Em 27 de outubro de 1601 um pavoroso incendio devorou parte d'este edificio; e outro em 10 de agosto de 1750 destruiu outra grande parte, escapando apenas as escadas, o taboleiro e a porta principal da egreja, que era a O. e uma das enfermarias.

A frente do hospital corria pela rua já então chamada das *Gallinheiras*, vindo do predio que faz esquina para a rua do Amparo, transversalmente, até ao logar da praça da Figueira, que faz esquina para a rua da Bitesga. D'este lado havia trez compridas galerias, assentes sobre abobadas de pedra, e n'essas galerias, que todas hiam desembocar no altar mór da capella, estavam as principaes enfermarias do estabelecimento.

Para evitar repetições vide o mais que a semilhante respeito fica dito a pag. 164 d'este volume.

O santo motim

Vide a pag. 134 d'este volume.

Grande eclypse total do sol

Em uma sexta feira, 30 de maio de 1232, presenciou o povo de Lisboa, e de todo o reino, um grande eclypse total do sol. Escu-

receu o dia por tal modo, que a lua e as estrellas brilhavam no firmamento como se fosse noite.

D. Antonio prior do Crato e a esquadra ingleza

Pela morte do cardeal D. Henrique (31 de janeiro de 1580) os dois principaes pretendentes á corôa de Portugal, eram: D. Catharina, duqueza de Bragança, e D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz, duque de Beja, e neto do rei D. Manuel; e de uma judiá chamada Violante Gomes, a *Pelicana*.

Como não é meu proposito tratar aqui senão da ultima tentativa do infeliz D. Antonio I, os que desejarem saber o mais que diz respeito a este desgraçado principe, vejam a pág. 442 e seguintes do 2.º vol. d'esta obra.

D. Antonio fizera um tratado vergonhoso com a ambiciosa Isabel, rainha de Inglaterra, pelo qual Portugal ficava sendo uma colonia britanica.

Por esse tratado, a rainha deu ao prior do Crato uma esquadra com 12:000 homens de guerra, que desembarcaram na Ericeira e em Peniche, no dia 24 de maio de 1589.

Esperava o principe, que apenas chegasse a Portugal, o povo se levantaria em massa a seu favor; porém já no reino se sabia sob que condicções a Inglaterra protegia D. Antonio, e por isso quasi ninguem se lhe uniu.

Mesmo assim, marcha sobre Lisboa que ataca pelo lado do O., em 30 de maio, vindo á frente 200 homens de cavallaria. Houveram algumas escaramuças e os inglezes chegaram até a uns moinhos de vento, que existiam, no sitio onde hoje é a alameda de S. Pedro d'Alcantara. [1]

Cinco dias se conservaram os inglezes nas suas posições, occupando os arrabaldes de Lisboa, desde o sitio indicado, até á ponte d'Alcantara, passando o tempo em tiroteios sem importancia e esperando ou a revolução na cidade, ou que o povo de Lisboa se lhes unisse, como D. Antonio lhes tinha affirmado.

Vendo porém que o povo da capital estava impassivel, no dia 3 de junho se retiraram sobre Cascaes, onde se demoraram nove dias, praticando ahi muitos roubos. Reembarcaram para a Inglaterra, e D. Antonio nunca mais tentou a sorte das armas para obter a corôa de Portugal.

—

Tinha-se este principe sujeitado para com Isabel a humilhantes condições, sendo as principaes — 1.ª Que dois mezes depois de estar sentado no throno portuguez, pagaria á Inglaterra cincó milhões de cruzados, por uma só vez.—2.ª Que cada anno e para sempre, pagaria Portugal á Gran-Bretanha 300 mil cruzados (120:000$000 réis).—3.ª Que os presidios de Portugal estariam sempre em poder dos inglezes. 4.ª Que haveria sempre em Portugal uma guarnição de 12:000 soldados britanicos.

Nas tropas d'esta expedição, e depois do seu reembarque se principiou a desenvolver (em consequencia dos poucos e maus alimentos, quasi todos de *torna viagem*) uma mortifera epidemia que levaram a Inglaterra e causou muitas victimas.

Grande peste

No dia 7 de junho de 1569 principiou a sentir-se em Lisboa um terrivel contagio que logo se propagou por todo o reino. Durou quatro a cinco mezes, mas em Lisboa foram as victimas em muito maior numero, pois houve dia em que morreram 700 pessoas. Só n'esta cidade, em todo o tempo que durou o terrivel flagello, morreram d'elle 50:000 pessoas.

Cresceu a herva pelas ruas a grande altura: os mortos não cabiam nas egrejas, sendo preciso abrirem-se vallas pelos campos, enterrando-se em cada uma aos 50 e 60. Estavam os defuntos amortalhados ás portas das casas, dois e trez dias, sem haver quem os levasse á sepultura. De um instan-

[1] Alguns escriptores sustentam que os inglezes chegaram a occupar o sitio de Valle Verde, onde hoje se vê o passeio publico do Rocio.

te para outro cahiam mortos os que estavam de pé e vivos; e amanheciam defuntos os que se tinham deitado sãos.

As terras visinhas, em que a peste não era tão intensa e geral, não queriam communicar com Lisboa, o que causou um novo flagello — a fome — de que morreram muitas pessoas. Só no fim do mez de outubro é que cessou esta horrorosa epidemia.

Outro terramoto

No dia 7 de junho de 1575, pelo meio da tarde, sentiu-se em Lisboa um furioso terramoto que abalou todas as casas, e causou um terror geral. Felizmente não morreu ninguem e houve poucos prejuizos materiaes.

Outra armada

No dia 15 de junho de 1500, sahiu de Lisboa uma armada de 30 poderosas naus de guerra em que hiam 3:500 soldados escolhidos, além das tripulações e gente de serviço. Era seu general, D. João de Menezes, conde de Tarouca, filho do famoso D. Duarte de Menezes.

Hia está esquadra a favor da Senhoria de Veneza contra os turcos; mas, estes sabendo do grande auxilio que o rei D. Manuel, de Portugal, dera aos venezianos, fugiram para o mar Jonico, sem esperarem combate.

A nossa esqdadra regressou ao reino, sem outra novidade digna de menção.

Outro terramoto

Em uma terça-feira, 27 de julho de 1598, pelas 5 horas e meia da tarde, sentiu-se em Lisboa, um medonho abalo de terra, que fez fugir de suas casas os moradores. Repetiram-se mais dois terramotos com pequenos intervallos, e todos tão fortes como o primeiro. Felizmente foi mais o terror do que os prejuizos.

Tres grandes incendios em um só dia

No dia 10 de agosto de 1734, um grande incendio destruiu e reduziu a cinzas as moradas de 59 familias, na rua Nova do Almada, em frente da casa da Congregação do Oratorio (hoje tribunal da Boa-Hora) que esteve tambem em grande risco.

—

No mesmo dia e anno, outro pavoroso incendio consumiu a maior parte do grande edificio do mosteiro da Encarnação, das religiosas commendadeiras do Ordem d'Aviz. As freiras fugiram para o mosteiro de Santos, de religiosas commendadeiras da ordem de S. Thiago, e ahi se conservaram até á reedificação do seu mosteiro.

Ainda no mesmo dia, outro incendio devorou varias casas e arruinou outras, junto á egreja do Paraizo.

Supplicio

No dia 23 de agosto de 1728 (em uma segunda-feira) foi levado desde a cadeia até á praça do Rocio, arrastado á cauda de um cavallo, um mancebo de 18 para 19 annos, pelo sacrilego delicto, que commettêra, roubando a pixide em que estava o Santissimo Sacramento, na egreja matriz da villa de Monforte, no Alemtejo.

No Rocio, em um alto poste, lhe cortaram as mãos, sendo depois garrotado e por fim queimado.

Macrobia

No dia 21 de agosto de 1736, morreu em Lisboa, no palacio do marquez d'Abrantes, Maria da Silva, natural de Tanger (Africa) com mais de 112 annos de edade. Conservou até á sua ultima hora perfeito conhecimento e muita conformidade christan.

Era solteira e muito virtuosa. Serviu mais de um seculo a casa do mesmo marquez, desde o tempo dos seus terceiros avós.

Primeiro tributo do Oriente e a custodia de Belem

No dia 1.º de setembro de 1503, desembarcou Vasco da Gama em Lisboa, de volta da sua segunda viagem á India.

Trazia 13 naus carregadas de riquezas.

Dirigiu-se aos paços da Ribeira, acompanhado de muitos senhores e de infinito numero de povo, que o tinha hido esperar. Levava diante de si um pagem com uma bandeja de prata, na qual hiam dois mil *meticaes de oiro*, primeiro tributo de um dos reis do Oriente.

O rei os recebeu com grande alegria, e logo, com a maior devoção, ordenou que com estas moedas se fizesse uma custodia, guarnecida de pedras preciosas.

A obra, riquissima pela materia, o é ainda mais pelo facto glorioso que nos recorda, e pelo primor e delicadeza com que está obrada. Depois de prompta, o rei a deu á famosa egreja do mosteiro de S. Jeronymo, de Belem.

Esta custodia, depois de varios accidentes, existe hoje na casa das joias da corôa.

D. João I, de Castella, levanta o segundo sitio de Lisboa [1]

No fim de maio de 1384, D. João I, de Castella, cérca Lisboa, por terra, com um exercito de cinco mil lanças, mil ginetes, seis mil bésteiros e numerosa infanteria; e por mar, com uma esquadra de quarenta naus, treze galés e grande numero de navios menores. Estas forças foram engrossando pelo decurso do assédio.

O rei castelhano estava tão fiado no seu poder e na nossa fraqueza, que vinha decidido a fazer larga residencia em Portugal, pois trazia sua mulher (D. Beatriz, filha do nosso rei D. Fernando) D. Carlos, infante de Navarra, e grande numero de senhoras da primeira grandeza de Castella.

Alojou-se com a sua corte, ao O. da cidade, onde hoje existe a egreja matriz e o convento de Santos, o Velho; cercando o seu exercito completamente a cidade.

Os defensores de Lisboa compunham-se pela maior parte da classe do povo, na qual se sobrava valor, faltava a disciplina e a pratica da guerra.

Os nobres do partido de D. João I de Portugal, que se achavam dentro do cêrco, estavam desunidos, por causa das suas ambições do governo.

Lisboa, cercada inopinadamente, não estava prevenida com os necessarios mantimentos, pelo que principiou logo a soffrer a falta d'elles; porém, o mestre d'Aviz com a sua presença, e com as acertadas providencias que o caso requeria, animava os cercados, que se defendiam com o maior denodo e bravura.

Repetidos ataques parciaes tiveram logar durante este assédio, sendo os principaes os que houve no sitio, por isso ainda hoje chamado *Campolide*. Em todos, as armas portuguezas triumpharam das castelhanas, que sempre se retiravam com grandes perdas.

O rei castelhano, vendo que os portuguezes eram invenciveis pelas armas, decidiu vencel-os pela fome, e continuou o cêrco, evitando os combates.

Já os cercados se sustentavam de generos immundos e nocivos, e muitos morreram á fome.

Foi n'esta critica circumstancia que os portuenses mostraram mais uma vez o seu incontestavel patriotismo, fornecendo a nossa esquadra (que estava fundeada no Douro) com grande quantidade de munições de guerra e de bocca, offerecidas voluntaria e gratuitamente, não só pelos commerciantes, mas tambem por grande numero de particulares.

A esquadra portugueza sahe do Porto, e apesar de muito inferior em numero, entra a foz do Tejo, por entre as naus do inimigo, que dorrota e põe em fuga.

Eram, porém, grandes os recursos dos castelhanos, e em breve a sua esquadra foi reforçada.

Os mantimentos vindos do Porto em breve se esgotaram pela grande agglomeração de povo, que, fugindo ás crueldades dos hespanhoes, se tinha abrigado dentro dos muros da cidade.

O dedo da Providencia velava pelos por-

[1] Já no principio do anno de 1384, D. João I, de Castella, tinha cercado Lisboa, mas o mestre d'Aviz o havia batido, obrigando-o a retirar para Santarem.

tuguezes. Uma furiosa peste dizimou as fileiras inimigas, matando-lhe por dia 150 a 200 pessoas. Grande numero de fidalgos hespanhoes aqui morreram do flagello, e a propria rainha D. Beatriz foi atacada por elle.

D. João I, de Castella, vendo o seu exercito espantosamente diminuido pelos dois flagellos da peste e guerra, retira vergonhosamente, no dia 3 de setembro do mesmo anno (de 1384), sobre Torres Vedras, e de lá para a raia, continuando a guerra com tadas as precauções, até que, na gloriosa batalha de Aljubarrota (14 d'agosto de 1385) sendo completamente desbaratado, e escapando milagrosamente de ficar morto ou prisioneiro, perdeu as esperanças de ser rei dos portuguezes.

Entrada triumphal do corpo de Santa Auta, virgem martyr, no mosteiro da Madre de Deus de Xabregas

Estava Lisboa de lucto pela morte da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel. Este monarcha mandou que cessasse o lucto e se vestissem todos de gala, no dia 12 de setembro de 1517, para acompanhar e festejar a procissão em que o corpo de Santa Auta devia ser collocado no seu altar, para isso mandado fazer pela rainha D. Leonor (viuva de D. João II, e irmã do monarcha) na egreja do mosteiro da Madre de Deus, de Xabregas, fundação da mesma rainha. Esta procissão teve logar com grande sumptuosidade e no meio de festas esplendidas e geral regosijo.

Estas reliquias tinham entrado pela barra de Lisboa no dia 4 do mesmo mez e anno.

Santa Auta era uma das Onze Mil Virgens, de cujas reliquias o imperador Maximiliano tinha feito presente á rainha D. Leonor, sua prima co-irman.

Vieram da cidade de Colonia Agrippina.

Foi o arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, quem por suas proprias mãos collocou no altar estas preciosas reliquias.

El-rei e toda a familia real, incluindo a caridosa rainha viuva, assistiram á procissão e a todas as ceremonias.

Furioso vendaval. Destruição completa de uma grande esquadra portugueza

No dia 13 de setembro de 1572, fundeava em frente de Lisboa uma das maiores e mais poderosas armadas que até então se tinham visto em Portugal, reunida por el-rei D. Sebastião.

Constava de 40 navios da alto bordo, e para elles estavam alistados 10:000 combatentes, em que entrava a mais luzida nobreza de Portugal: foi nomeado general D. Duarte, filho do infante do mesmo nome.

Nunca se soube com certeza para que era destinada esta esquadra—uns diziam que era para ser entregue ao papa Pio V, para entrar na liga contra os turcos—diziam outros que hia soccorrer Henrique III de França, contra os *hugonotes*.

Qualquer que fosse o destino d'esta formosa esquadra, é certo que ella não sahiu do Tejo, porque um furioso cyclone a destruio. Umas naus foram a pique, outras se despedaçaram umas contra outras, e ficaram desapparelhadas e inuteis.

Beatificação da rainha D. Thereza e da infanta D. Sancha

No dia 13 de setembro de 1704 celebrou o pontifice Clemente XI, com grande solemnidade, a beatificação da rainha D. Thereza e de sua irman, a infanta D. Sancha, filhas de D. Sancho I de Portugal e da rainha D. Dulce, e irmãs da rainha Santa Mafalda.

O mesmo pontifice, por bulla do dia 14 de setembro de 1709, concedeu que se rezasse d'aquellas santas princezas, no bispado de Coimbra; e por outra bulla expedida em 11 de fevereiro de 1713, mandou se rezasse das mesmas santas, com rito *semi-du-*

ples em todo o reino de Portugal; e com o *duples*, em toda a ordem de S. Bernardo. (Vide *Arouca* e *Lorvão*.)

Outra tempestade

Em a noite de 14 de outubro de 1384, tentou o mestre d'Aviz (que então governava Portugal com o titulo de defensor do reino) tomar por surpreza o castello e villa de Cintra.

Partiu para este fim de Lisboa, com um pequeno esquadrão, fiado nas promessas de alguns patriotas de Cintra que haviam promettido facilitar-lhe a entrada.

No caminho, porém, principiou uma medonha tempestade; cerrou-se a noite por uma escuridão medonha, interrompida apenas pelo rapido fuzilar dos relampagos. Os trovões eram horrendos; a chuva torrencial inundava os campos e subia muitas braças sobre as mais altas pontes; o vento soprava com furor, lançando por terra quanto encontrava na sua passagem devastadora.

No convento de S. Domingos, de Lisboa, cahiram os mures da cêrca, e se alagaram as cellas e officinas; sendo tambem alagados outros edificios da cidade.

D. João e os seus viram-se obrigados a desistir da empreza e regressarem a Lisboa.

Porta do Moniz

No dia 21 de outubro (dedicado ás Onze Mil Virgens) do anno de 1147, foi, como já fica dito n'este artigo, o ultimo ataque e a tomada de Lisboa aos mouros; porque os portuguezes e alliados, se achavam exhaustos e cançados por cinco mezes de cêrco, e tinham jurado vencer ou morrer.

Combatiam os catholicos com furia desusada para conquistarem a cidade; porém, os mouros, com egual ousadia tratavam de vender caras as vidas, em defeza de suas familias, das suas casas e da sua bella cidade de Lisboa.

Não cessavam os instrumentos então em uso, na diligencia de baterem e derrubarem os muros, e arrombarem as portas.

Em uma d'estas, que ficava na muralha do N. do castello, se travou durissimo combate; porque abrindo-a os portuguezes, acudiram os moiros para a fecharem.

Então o valoroso Martim Moniz (filho de Egas Monis, e progenitor dos actuaes marquezes de Castello Melhor e de todos os Vasconcellos) se deitou no chão, segurando uma das portas com os pés e a outra com os hombros.

Os mouros o mataram ás lançadas, mas o seu cadaver ainda serviu de impedimento a que as portas se fechassem.

Desde então, e ainda hoje se chama **porta do Moniz** áquella em que teve logar este acto de abnegação d'aquelle portuguez benemerito. (O mais que pertence a esta porta já fica descripto no *Castello de S. Jorge*.

Grande enchente

No dia 31 de outubro de 1575, tendo chovido torrencialmente em quasi todo o mez, sem interrupção alguma, de dia e de noite, chegou a haver tão grande cheia, que alagou toda a parte baixa da cidade e a praça do Rocio, causando gravissimos prejuisos.

A Sé cathedral de Lisboa elevada a metropolitana

No dia 10 de novembro de 1393, a instancias de D. João I, erigiu o summo pontifice, Bonifacio IX, a cathedral de Lisboa em Sé metropolitana, dando-lhe por suffraganeos, os bispos de Evora, Guarda, Lamego e Silves. Foi seu primeiro arcebispo, o bispo de Lisboa, D. João Annes, que tambem n'ella havia sido conego, na cadeira que depois se chamou, de Mafra, instituida pelo arcebispo de Braga, D. João Martins de Soalhães, com a clausula de ser apresentada pelos senhores de Mafra, em pessoas do seu sangue. D. João Annes pertencia tambem a esta nobilissima familia.

Primeira pedra no antigo mosteiro de S. Vicente de Fóra e na egreja de Nossa Senhora dos Martyres

No dia 21 de Novembro de 1147, trinta

dias depois da tomada de Lisboa, D. Affonso Henriques, acompanhado dos prelados e senhores da sua côrte, e de grande concurso de povo, lançou a primeira pedra fundamental, conforme o rito e costume da egreja romana, no alicerce da capella-mór da egreja do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em satisfação do voto que fizera no mesmo sitio, em que teve o seu arraial, e onde havia mandado benzer, pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar, um terreno para cemiterio dos cavalleiros que gloriosamente perderam as vidas no cêrco e conquista de Lisboa. Este cemiterio ficou formando o corpo da mesma egreja e parte do mosteiro. Esta pedra foi achada no sitio onde havia sido collocada, quando se reconstruiu a egreja e mosteiro, no tempo de Philippe II de Castella. Era quadrada e tinha uma inscripção latina, que, traduzida, diz em portuguez: — *Esta egreja fundou el-rei D. Affonso I de Portugal, á honra da Bem-aventurada sempre Virgem Maria, e de S. Vicente, martyr: em 21 de novembro de 1147.*

—

Em seguida a esta ceremonia foi o rei com o mesmo estado e acompanhamento á parte occidental de Lisboa, onde os estrangeiros tiveram seu arraial, e tambem o seu cemiterio. Em redor d'este, no alicerce já preparado, lançou o mesmo rei a pedra fundamental para a fundação de outra egreja, que os estrangeiros quizeram que fosse da invocação de Nossa Senhora dos Martyres, por entenderem que os christãos alli sepultados eram martyres, por morrerem guerreando os mouros, e em defeza da religião christan.

Uma esquadra portugueza

(Restauração da Bahia)

No dia 22 de novembro fle 1624, sahiu a barra de Lisboa uma brilhante esquadra, composta de 26 galeões e navios de alto bordo, e outros de munições e viveres, com 4:000 homens escolhidos, além das tripulações e gente do mar.

Hia por general, D. Manuel de Menezes, e por almirante D. Francisco de Almeida, progenitor dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio e outras familias nobilissimas de Portugal.

Deu n'esta occasião a nobreza do reino um louvavel exemplo de valor e patriotismo; pois não houve casa nem appellido illustre que não desse um ou mais aventureiros para esta empreza. São dignos de memoria entre todos, D. Affonso de Noronha, o qual cheio de annos e de empregos, sendo do conselho d'estado e havendo sido general de Ceuta, de Tanger, e da armada, governador do Algarve, e vice-rei da India, sentou praça de soldado ordinario. O mesmo fizeram os condes de Vimioso, de Odemira, de S. João de Areias, de Tarouca, da Ilha, e outros muitos titulares e senhores. Os que não poderam ir em pessoa, contribuiram voluntariamente com grandes donativos, e o mesmo fizeram os prelados do reino, proprietarios de navios, e negociantes.

Encorporou-se esta armada, em Cabo-Verde, com a de Castella, da qual era general, D. Fradique de Toledo Osorio, marquez de Valdoeza, e almirante D. João Fajardo.

Compunha-se a armada hespanhola de 38 vasos de guerra, muito bem artilhados.

Deram fundo na cidade da Bahia, que era então a capital da nova Lusitania, em 20 de março de 1625, e depois de duros e repetidos combates e da tenaz resistencia dos hollandezes que a occupavam, se rendeu no dia 1.º de maio do mesmo anno.

Segundo incendio no convento de S. Francisco da cidade

Na madrugada de 30 de novembro de 1741, pegou fogo no real convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa, com tanta violencia, que em pouco tempo consumiu todo o dormitorio com todas as formosas casas da livraria e do despacho da Ordem Terceira. Durou até ao dia seguinte, causando horriveis estragos em todo o mosteiro e em quasi todas as suas muitas preciosidades. Todas as tropas, toda a nobreza e todas as ordens religiosas acudiram ao incendio, fazendo todas as diligencias para o

extinguir; mas era tão grande a voracidade das chammas, que só com grandes perigos, difficuldades e trabalhos se poude salvar a egreja e o côro.

O dia 1.º de dezembro de 1640

Sessenta longos annos de dura, humilhante, e incomportavel escravidão tinham pesado sobre o nobre povo portuguez, e o tinham reduzido aos ultimos extremos da miseria e de todas as calamidades.

Portugal, exhausto de gente, de dinheiro, de armas e de vasos de guerra; condemnado a perder os fóros e privilegios de nação independente, que tantas vezes lhe haviam jurado, quantas prejurado, os tres usurpadores, infestadas ou perdidas em grande parte quasi todas as nossas conquistas; perdido quasi totalmente o nosso commercio; vexados os povos sob toda a qualidade de traças e pretextos; sobrecarregados de toda a casta de tributos, impostos e alcavalas; levados por força á côrte de Madrid, os prelados e titulares de mais importancia, sem lhes valer o decoro da dignidade, nem o peso dos annos; levados ás guerras de França, Hollanda e Catalunha, todos os que podiam servir para defender o reino, para n'aquelles servirem e morrerem sem honra e sem premio; consternados, abatidos e desanimados os portuguezes, e tornados, pelo costume, insensiveis aos golpes da tyrannia e aos despresos e jactancias dos castelhanos.

Apesar de tamanha concorrencia de tão tristes circumstancias, alguns fidalgos portuguezes emprehenderam a restauração da patria, acclamando por seu rei ao duque de Bragança D. João, que se achava no seu paço de Villa-Viçosa, e que tinha ordens instantes para se apresentar em Madrid a Philippe IV.

D. João era timido e irresoluto, porém D. Luiza de Gusmão, sua mulher, e o immortal doutor João Pinto Ribeiro, seu secretario, não cessando de empregar as mais fortes rasões para o convencer a associar-se á nobre empreza da restauração; expondo-lhe —ser mais digno do seu caracter, arriscar a vida para conquistar uma corôa que o direito e o voto geral da nação lhe conferiam, do que hir terminar os seus dias, sem utilidades e sem gloria, em um reino estrangeiro, e talvez em alguma das prisões de Madrid. O duque em vista de razões tão convincentes, annuiu á proposta dos portuguezes leaes.

Certos os fidalgos da annuencia de D. João, trataram todos, e por todos os modos de angariar povo para levarem a effeito o seu intento.

É decerto esta uma das revoluções mais milagrosas que se tem effectuado em todo o mundo; pois sendo quasi geralmente sahida dos portuguezes, não houve um só d'elles, nem ainda da mais infima plebe, que ousasse delatal-a, apesar da certeza de grandes premios.

Os castelhanos só souberam da sua existencia no momento da explosão.

O dia 1.º de dezembro foi o escolhido para a revolução. Assentaram os fidalgos que todos se achassem na manhã d'esse dia, no Terreiro do Paço, com as armas escondidas, e que no momento em que dessem 8 horas no relogio da capella real, cada um executasse aquillo de que tinha sido encarregado.

Soou o momento solemne, e aquelle nobilissimo esquadrão de heroes tomou os logares que lhe foram destinados. Uns subiram á sala dos tudescos, onde estava a guarda alleman (e é por isso que a sala tinha este nome) outros deram sobre a guarda castelhana, e uma e outra, surprehendidas e pasmadas, entregaram as armas. Outros fidalgos, arrombando as portas, invadiram o forte da Ribeira, que existia sobre o Tejo, encostado aos paços reaes.

D'alli entraram no palacio, e sahiu-lhe ao encontro o barbaro e traidor Miguel de Vasconcellos, o atravessaram com uma bala, lançando-o de uma janella ao Terreiro do Paço, onde o seu cadaver se conservou todo aquelle dia e parte do seguinte, sendo objecto dos mais crueis despresos e opprobrios da infima plebe. Outros subiram aos quartos onde assistia a princeza Margarida, sob o titulo de regente d'este reino. A princeza tentou moderar a sanha dos con-

jurados, promettendo-lhe o perdão e o esquecimento de Philippe IV; porém elles lhe responderam com freneticas acclamações a D. João IV. Quiz D. Margarida chegar-se a uma janella, mas D. Carlos de Noronha lhe disse que não quizesse dar occasião a que se lhe perdesse o respeito devido a uma dama, ao que ella respondeu: — «A mim! E como?» — «Como, senhora? (lhe tornou D. Carlos) obrigando a vossa alteza a que, se não quizer entrar por aquella porta, sáia por esta janella!» — A princeza, vendo que era impossivel oppôr diques á revolução, se recolheu aos seus aposentos.

Outros conjurados se dirigiram á casa do senado da camara, de que era presidente D. Pedro de Menezes, conde de Cantanhede, ao qual não haviam revelado o segredo da conspiração, nem mesmo seus proprios filhos, D. Antonio e D. Rodrigo de Menezes; mas agora, incitado por elles, facilmente annuiu á revolta, assim como todos os ministros d'aquelle tribunal.

A mesma annuencia acharam os conjurados nos ministros do tribunal da relação.

Por todas estas partes descorriam os fidalgos, seguidos já da innumeravel povo, que, em altas vozes, acclamava D. João IV.

Todos os fidalgos rivalisaram em heroismo n'esta conjunctura. D. Miguel de Almeida, um dos primeiros conjurados, varão de summa auctoridade, tanto pela sua nobreza como pelas suas veneraveis cans, deu principio aos vivas do novo rei. D. Alvaro de Abranches, percorreu as principaes ruas da cidade, com a bandeira da mesma, fazendo a acclamação do novo rei, que era freneticamente correspondida por todo o povo de Lisboa, sem differença de sexo ou edade. A condessa de Athouguia, D. Philippa de Vilhena, ajudou a armar seus dois filhos, D. Jeronymo de Athaide e D. Francisco Coutinho, ambos apenas adolescentes. O mesmo fez D. Marianna de Alencastre, a seus dois filhos, Fernão Telles e Antonio Telles. Nas mulheres do povo se achou o mesmo zêlo e amor da patria, sahindo muitas para a rua, armadas de espadas e outras armas, decididas a morrer em defeza da revolução. Uma chamada Caetana, ouvindo um irmão dizer, zombando ou devéras,—*viva Philippe*—ella lhe descarregou um furioso golpe.

Tanto que o primeiro rumor chegou á Sé, logo o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, varão grande em lettras e ainda maior em virtudes, se dirige á capella-mór, começando com os seus conegos a resar as ladainhas, sahindo em procissão com a cruz archiepiscopal na frente. Quando chegava á egreja de Santo Antonio, se viu despregada a mão direita da imagem de Jesus Chisto, o que o povo teve por bom agouro.

É notavel que durante todo o dia d'esta maravilhosa revolução, não se commetteu o menor insulto, e estiveram as lojas e tendas abertas, como em qualquer dia ordinario.

A princeza regente foi constrangida a assignar uma ordem para que a guarnição do castello de S. Jorge o entregasse, e as suas armas, aos conjurados, o que os castelhanos logo cumpriram.

Repercutindo por todo o reino o brado magico da independencia e liberdade, em poucos dias todas as cidades e villas de Portugal secundaram a revolução de Lisboa, destituiram as auctoridades castelhanas e elegeram portuguezes de provada lealdade.

Debalde os castelhanos, pelo longo decurso de 27 annos nos fizeram guerra encarniçada para rehaverem a sua preza; porque não conseguiram senão soffrer derrotas sobre derrotas, tendo no fim de sujeitar-se a uma paz em tudo gloriosa para a nação portugueza.

Desacato

No dia 11 de dezembro de 1552, celebravam-se em Lisboa magestosas festas, pelo casamento do principe D. João, filho de D. João III, com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos V. Estava a familia real assistindo aos officios divinos na sua capella dos paços da Ribeira, e quando o sacerdote levantava a hostia, na missa solemne, um calvinista inglez lh'a arrebatou das mãos, derramando ao mesmo tempo o calix, que ainda estava por consagrar.

Foi logo alli preso, e em poucos dias jul-

gado e sentenciado. Foi arrastado até ao Terreiro do Paço, e alli, depois de lhe serem cortadas as mãos, foi queimado vivo.

Este successo causou grande horror em todo o reino. Em Lisboa se fez logo uma devota procissão de desaggravo, em que elrei foi da Sé até á egreja de S. Domingos, a pé, descalço, e vestido de lucto; sendo do mesmo modo seguido por todos os senhores e cavalleiros que estavam na côrte, onde então se achava quasi toda a nobreza do reino, para assistir ás festas do casamento.

Todas as ordens religiosas e todo o povo da capital seguia a procissão tambem descalços e vestidos de lucto.

D. João III foi de todos o que mais sentiu este ultraje; esteve muitos dias encerrado no seu gabinete, sem ver a luz do dia, nem admittir pessoa alguma á sua presença. Nunca mais se viu alegre, nem despiu o lucto, e não tornou a comer senão em louça de barro, até ao dia 11 de junho de 1557, em que falleceu.

Fizeram-se tambem devotas procissões e penitencias publicas, por todas as cidades e villas d'este reino, em desaggravo do mencionado desacato.

Praga de gafanhotos

No dia 8 de novembro de 1639 (em uma terça-feira) appareceu sobre a cidade de Lisboa uma nuvem medonha de gafanhotos que cobria o ar.

Corriam de O. para E.—eram muito grandes e de côr avermelhada, com seis pés e quatro azas.

Viram-se entre elles, desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde, duas grandes aves de peitos pardos e azas negras, que sahiam e voltavam como exploradoras ou conductoras d'este numerosissimo exercito de insectos, que gastou 11 dias a atravessar este reino.

Outra peste

No dia 10 de setembro de 1579, principiou em Lisboa uma horrorosa peste, que logo se propagou por todo o reino.

Consta que só em Lisboa morreram quarenta mil pessoas, e em Evora vinte e cinco mil, d'este terrivel flagello.

Outro incendio

No dia 22 de setembro de 1708, se ateou o fogo no mosteiro da Santissima Trindade, um dos mais sumptuosos de Lisboa, e o devorou todo, menos 18 cellas.

Os religiosos levaram o Santissimo Sacramento para a egreja de S. Roque, e a imagem de Jesus Christo, que se pudera salvar, para a egreja do Carmo.

Durou o incendio tres dias, com geral sentimento do povo da cidade.

Os religiosos trinos, em pouco tempo, e á sua custa, reconstruiram o edificio com maior sumptuosidade e grandeza do que o antigo.

Outra peste

No dia 29 de setembro de 1348, se principiou a sentir em Portugal uma horrivel peste, que o povo cognominou de *mortandade grande* ou *peste grande*.

Dizem as memorias d'aquelle tempo que este flagello teve origem na Scytia, onde, á força de espantosos terramotos, abriu a terra um horrendo boqueirão, lançando um vapor tão deleterio, que corrompeu o ar, e levado pelos ventos se communicou a uma grande parte da terra.

Em Portugal durou apenas tres mezes, mas fazendo n'este tempo grande numero de victimas.

Contado o tempo da sua duração desde o dia que appareceu na Scytia, até ao seu termo, nos innumeros paizes que percorreu, teve tres annos de duração, matando muitos milhões de pessoas.

Outra peste

No dia 15 de outubro de 1598, rompeu em Lisboa outra terrivel peste, que durou 5 annos, fazendo mais de oitenta mil victimas.

Outra grande tempestade

No dia 15 de outubro de 1732 soffreu a

cidade de Lisboa e seus contornos um grande cyclone, memoravel pela sua violencia e pelos grandes estragos que causou.

Teve principio ás 6 horas da manhã, e pelas 8 já era tão violento que os navios fundeados no Tejo, rebentando as amarras, uns vararam em terra, e outros, levados pelos ventos chegaram destroçados até Sacavem. De todos os que se achavam no rio, só dois ficaram firmes sobre as suas ancoras.

Perdeu-se grande numero de barcos e morreu muita gente afogada.

As casas oscillavam como sacudidas por um terramoto, cahindo algumas paredes e voando os telhados.

Arrancou muitas arvores; murchou e destruiu muitas plantas, e era tal o seu furor que impellia as aguas do Tejo a grande altura, fazendo-as depois cahir em terra, transformadas em chuva de agua salgada.

Outra tempestade

Em 18 de outubro de 1612, houve em Lisboa outro grande cyclone, que durou 20 horas.

Cahiram muitos edificios; muitas arvores foram arrancadas pela raiz; perderam-se no Tejo 120 embarcações portuguezas e estrangeiras, com as suas cargas; e morreram muitas pessoas esmagadas sob as ruinas e affogadas.

É notavel que, durante o cyclone, uma caravella que sahiu de Lisboa para Setubal, com trigo para o convento de Jesus, chegou ao seu destino com grande rapidez e sem o menor prejuizo; e entrou outra vinda das ilhas com a mesma felicidade.

Outro incendio e outra praga de gafanhotos

No dia 27 de outubro de 1601 (em um domingo) da meia noite para a uma hora, se ateou o fogo no sumptuoso hospital de Todos os Santos, situado entre o Rocio e a rua das Gallinheiras, e o abrazou quasi inteiramente.

Era tão intensa a luz, que a grande distancia se viam tão claramente os objectos, como se fosse de dia.

No mesmo dia, das 3 para as 4 horas da tarde se viu sobre Lisboa uma medonha nuvem de grandes gafanhotos, vermelhos.

Voavam em direcção ao S. Desde a sua apparição até ao seu total desapparecimento no horisonte gastaram tres dias.

Outra tempestade

No dia 19 de novembro de 1724, houve em Lisboa uma terrivel tempestade de vento e chuva tão forte, que fez este dia memoravel para muitos seculos.

Cahiram muros, arruinaram-se edificios, despedaçaram-se as vidraças de muitas egrejas e palacios, quebraram-se muitas cruzes de marmore e de ferro, grimpas e remates de varias torres, de zimborios e campanarios; muitas arvores foram arrancadas em Lisboa e seus arredores.

Nada, porém, foi comparavel com as perdas e estragos nos navios fundeados no porto; porque, rebentadas as amarras, foram arrojadas dos seus ancoradouros, e se debatiam uns contra os outros.

Muitos foram a pique; outros impellidos pelas ondas, foram arremessados á terra, e alli despedaçados pela força das aguas.

Era tal o impeto com que estas batiam nos caes, que não só os desmantelaram, mas no de Santarem arrojou o vento as pedras da sua muralha até dentro do palacio do conde de Coculim.

Na Boa Vista quebraram as ondas com tanta força na praia, que chegaram, desfeitas em chuva, até ao mosteiro das religiosas bernardas; levando o vento nuvens de agua salgada até ao adro do mosteiro de S. Bento (hoje o palacio das côrtes);

O caes da Pedra e a ponte da Alfandega foram destruidas.

Desde a praia da Fundição (arsenal real do exercito) até á torre de S. Vicente de Belem, não se viam mais do que tristes despojos d'este horrivel temporal.

Perderam-se 16 navios portuguezes, já apparelhados e carregados com fazendas para a Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco

Angola, Costa da Mina e Porto, que todos deram á costa.

Tres naus de guerra tambem ficaram muito arruinadas. Barcos, muletas, fragatas, e lanchas, que se despedaçaram nas praias, foram innumeras, como as pessoas que morreram affogadas.

Os inglezes perderam 7 navios, e 35 receberam maiores ou menores avarias. Foram a pique 3 navios francezes e 3 hollandezes.

Este cyclone sentiu-se com a mesma violencia em muitas partes de Portugal. Em Setubal deram á costa todas as embarcações e caravellas que estavam fundeadas do lado das Fontainhas.

Na Ilha de S. Miguel se perderam no mesmo dia 7 navios.

Instituição da Academia Real de Historia Portugueza

No dia 8 de dezembro de 1720, teve logar a primeira sessão da Academia Real de Historia Portugueza, no palacio dos duques de Bragança (ao Thezouro Velho). D. João V se declarou (por especial decreto) protector d'este instituto, nomeando para directores o padre Manuel Caetano de Sousa, clerigo regular da Divina Providencia—o conde da Ericeira—e os marquezes de Fronteira, Alegrete, e Abrantes—e para secretario perpétuo o conde de Villar Maior, que depois foi marquez d'Alegrete.

N'esta primeira conferencia se ordenaram os estatutos e foram nomeados os academicos que faltavam para completar o numero de 50 effectivos de que a academia se compõe.

Além d'estes, ha academicos supra-numerarios, encarregados de remetterem á Academia memorias ou noticias sobre antiguidades.

Terramoto em todo o mundo

Teve logar no dia 9 de dezembro de 1321 —aterrou todos os povos.

Em poucos minutos foi tres vezes sentido e cada vez com mais vehemencia.

Acclamação official de D. João IV

Em um sabbado, 15 de dezembro de 1640 foi jurado e acclamado como rei de Portugal, D. João IV.

Junto á varanda inferior do real palacio da Ribeira se levantou, no andar da mesma varanda, uma magestosa tribuna, e n'ella um estrado de quatro degaus, sobre outro de dois, tudo coberto de riquissimas alcatifas, e a tribuna armada de pannos de téla e veludo carmezim.

No mais alto dos degraus se poz uma cadeira, coberta de panno de brocado, debaixo de um rico docel bordado a ouro e prata.

Baixou o rei dos quartos superiores, vestido de risso pardo bordado a oiro, com abotoadura de brilhantes; opa de brocado roçagante, e ao pescoço um collar de grande valor, do qual pendia o habito da Ordem de Christo, circulado de diamantes; mangas de téla branca, lavrada de ramos de oiro e da mesma era o forro da opa, cuja cauda trazia João Rodrigues de Sá, seu camareiro-mór. Trazia um rico espadim de côrte, com copos de oiro.

Vinha adiante D. Francisco de Mello, marquez de Ferreira, com o estoque desembainhado, fazendo o officio do Condestavel do reino.

Serviu de alferes-mór, Fernão Telles de Menezes, que trazia a bandeira real, enrolada.

Seguiam-se D. Manrique da Silva, marquez de Gouveia e mordomo-mór, com a insignia do seu officio; e todos os prelados, titulares, fidalgos e ministros que se achavam na côrte, todos de pé e descobertos.

Assim que o rei chegou ao estrado superior, lhe descobriu a cadeira o seu reposteiro-mór, Bernardim de Tavora, e sentando-se, recebeu logo o sceptro de oiro, da mão do camareiro-mór, e feita uma discreta pratica, adequada ao acto, prestou o rei o costumado juramento, e o fizeram ao rei os que estavam presentes.

Terminado este acto desenrolou o alferes-mór a bandeira sagrada das Quinas, e disse em altas vozes:—«*Real! Real! Real!*—

Pelo muito alto e muito poderoso rei D. João IV, nosso senhor.»

Repetiu tres vezes as mesmas palavras em tres diversos logares, sendo sempre recebidas pelo povo com freneticos vivas e acclamações: vendo-se nos olhos da maior parte do povo, lagrimas de verdadeira alegria, por chegarem ao principio da liberdade, tão suspirada pelo longo decurso de 60 annos de escravidão.

Concluida esta formalidade, desceu o rei ao Terreiro do Paço, e dando-lhe o estribo da parte esquerda, Luiz de Miranda, seu estribeiro-mór, se poz a cavallo, levando-lhe a redea D. Pedro Fernandes de Castro, fazendo o officio de alcaide-mór de Lisboa e debaixo de um rico pallio, precedendo descobertos, e a pé, todos os titulares e fidalgos.

Chegando á entrada da pequena praça do *Pelourinho Velho*, que era na extremidade E. da Rua Nova, no sitio hoje, pouco mais ou menos occupado pelos edificios construidos entre a rua dos Fanqueiros e a da Prata, proximo á rua dos Capellistas—se fez ao rei uma elegante pratica, terminada a qual, lhe entregou D. Pedro de Menezes, conde de Cantanhede, e presidente da camara lisbonense, as chaves da cidade. O rei as recebeu, tornando-as logo a restituir ao conde, e se dirigiu com o seu sequito á egreja cathedral a dar graças a Deus pela sua elevação ao throno. Á porta do templo o esperava D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa; e, entoada a antiphona — *Benedictus qui venit in nomine domini*,—o recebeu com as ceremonias costumadas em similhantes funcções. Depois de praticado o acto religioso, que alli levara o rei e seu prestito, regressou com o mesmo estado ao palacio da Ribeira.

Outro grande incendio

No dia 31 de dezembro de 1369, pelas 4 horas da manhan se manifestou um pavoroso incendio, que levou toda a parte da *Rua Nova* (hoje pouco mais ou menos rua dos Capellistas, ou Rua Nova de El rei) do lado do mar, e a rua da Ferraria, até ao caes do Vér-o-Peso. Foram grandes os estragos em casas e fazendas, morrendo bastantes pessoas. Foi esta a primeira e uma das maiores calamidades que soffreu Portugal durante o reinado de D. Fernando.

—

A rua da Ferraria de que aqui se trata principiava á esquina da rua dos Arameiros, hindo do Campo das Cebollas, e terminava na rua da Magdalena.

Depois se chamou rua da Confeitaria e por fim dos Confeiteiros. Pelo edital do 1.° de setembro de 1859, foi mandada reunir á rua dos Bacalhoeiros, formando actualmente uma só rua sob esta ultima denominação.

Morte de D. Frei Luiz de Granada

No dia 31 de dezembro de 1588 falleceu em Lisboa com 83 annos de edade e 47 de residencia em Portugal o virtuoso D. Frei Luiz de Granada, da sagrada ordem dos prégadores e natural da cidade do seu appellido, onde nascêra em 1505. Foi mestre de philosophia, theologia, moral, e outras disciplinas ecclesiasticas; visitador e provincial da provincia de S. Domingos de Portugal. Foi confessor de D. João I, de sua mulher a rainha D. Catharina, e do cardeal infante D. Henrique, depois rei. Regeitou o bispado de Viseu, o arcebispado de Braga, e a púrpura cardinalicia, que lhe offerecêra o papa Xisto V; preferindo o serviço de Deus e do proximo, no púlpito, no confissionario, nas missões, na fundação de estabelecimentos de caridade, e em escrever e publicar livros utilisssimos, com que illustrou a egreja. Eram tão estimadas as suas obras que apenas se publicou o seu livro da *Oração e Meditação*, foi logo traduzido em nove linguas. Tambem teve grande acceitação, entre muitos sermões que publicou, o *dos Escandalos*, sobre as chagas artificiaes de uma freira do convento da *Annunciada*, cuja historia já fica descripta n'esta palavra. Tambem publicou na lingua latina nove tomos de sermões.

O papa Gregorio XIII, lhe escreveu uma

carta em fórma de breve, expedido em Roma a 21 de julho de 1582, em que agradecia e louvava as suas obras. Muitos bispos e arcebispos concederam indulgencias a quem lêsse ou ouvisse lêr qualquer fragmento dos seus livros.

Foi um varão de ardente caridade, voluntaria pobreza, profunda humildade e sublime despreso das coisas do mundo.

Nas alterações que houve n'este reino com a usurpação do Philippe II, perguntando lhe alguem, qual era o seu partido, respondeu:—*Não sou castelhano nem portuguez: sou frade de S. Domingos.* (Vide Conceição Velha e antiga Misericordia de Lisboa.

Buonaparte e Carlos IV de Hespanha retalham Portugal

Pelo tratado de Fontainebleau de 27 de outubro de 1807, assignado pelo general francez Miguel Duroc, por parte de Buonaparte, e por D. Eugenio Izquierdo de Ribera y Lezaun, por parte de Carlos IV, dividiam Portugal a seu bel-prazer, da seguinte maneira: A provincia de Entre Douro e Minho, com a cidade do Porto, foi dada em toda propriedade e soberania ao rei de Etruria, com o titulo de rei da *Lusitania Septentrional.*

As provincias da Beira, Traz-os-Montes e Extremadura, *ficavam em deposito,* até á paz geral, para dispor d'ellas segundo as circumstancias, e *conforme ao que conviesse ás duas partes contratantes.*

A provincia do Alemtejo e o reino do Algarve, ficavam pertencendo em toda a propriedade e soberania a D. Manuel Godoy, denominado principe da paz, com o titulo de principe dos Algarves.

—

A Lusitania Septentrional, assim como o reino do Algarve, ficavam sendo hereditarios; e na falta de descendentes ou herdeiros legitimos, seriam dados por investidura, pelo rei de Hespanha, sem que jámais podessem ser reunidos debaixo de uma mesma cabeça, ou encorporados à corôa de Castella.

Estas *duas nações* reconheceriam como protector o rei de Hespanha, e em nenhum caso poderiam fazer a paz ou a guerra, sem sua intervenção.

—

No caso que as provincias da Beira, Traz-os-Montes, e Extremadura (que ficavam em sequestro) fossem entregues á casa de Bragança, em troca de Gibraltar, Trindade e outras colonias conquistadas pelos inglezes e seus alliados, este novo reino ficaria com as mesmas sujeições ao rei da Hespanha e sob o seu protectorado.

—

O rei da Hespanha ficava senhor da America Central e Meridional (portugueza e hespanhola) com o titulo de imperador das Duas Americas.

—

A divisão de todas as mais possessões portuguezas do Ultramar seria feita á vontade de Napoleão e do rei de Hespanha.

—

Este celebre tratado foi rectificado em Fontainebleau por Buonaparte a 29 de outubro do mesmo anno.

—

Não foi, porém, retalhado Portugal, porque tendo Buonaparte prendido traiçoeiramente Carlos IV e seu filho, depois Fernando VII, em 6 de junho de 1808, os hespanhoes se revolucionaram contra os francezes.

O roubo dos quarenta milhões de cruzados

Não satisfeito Napoleão por ter assim dividido despoticamente Portugal, em 23 de dezembro do mesmo anno de 1807, por um seu decreto datado em Milão, impoz a Portugal uma contribuição de guerra de cem milhões de francos, *para servir de resgate* (diz o decreto) *de todas as propriedades, debaixo de qualquer denominação, que sejam pertencentes a particulares.* Além d'isso, todos os bens pertencentes á rainha de Portugal, ao principe regente, e aos principes que disfructavam apanagios—e todos os bens dos fidalgos que acompanharam o rei para

o Brasil, e que não regressassem ao reino até 15 de fevereiro de 1808, seria tudo confiscado.

Felizmente as derrotas successivas de Junot em Portugal, terminadas pela convenção de Cintra, livraram este reino de mais aquelle monstruoso roubo.

A Companhia do Olho Vivo

José Nicós Lisboa Côrte Real, homem de grande sagacidade, fundou em Lisboa uma companhia de ladrões, que emprehendeu arrojados e grandes roubos. Elle e os seus adeptos viviam com grande fausto e estavam relacionados com as principaes familias da côrte.

A sua industria principal era a falsificação de letras, de obrigações de dividas e outros documentos. Tinham seus delegados nas nossas principaes possessões ultramarinas e até nas praças estrangeiras. Sacavam letras, falsificadas com tanta perfeição que eram promptamente pagas em toda a parte; e quando o não fossem, recorriam, com o maior descaramento, aos tribunaes, compellindo a pagar judicialmente aos suppostos devedores.

Em 1753 tinha esta companhia praticado roubos que montavam a centos de contos de réis. Accordou a justiça e depois d'uma devassa, feita com o maior segredo, ficaram indiciados, e foram logo presos José Nicós e 22 seus camaradas.

D. José I, tomou tanto a peito este negocio, e tanto recommendou aos desembargadores, que, em 15 dias, foi pronunciada a sentença, contida em 54 laudas. Segundo a mesma, José Nicós e nove dos seus foram sentenciados á morte e os demais, depois de serem açoitados pelas ruas publicas, foram condemnados a degredo perpetuo ou temporario. Entraram no numero dos réus tres mulheres, uma foi absolvida e duas condenadas a açoites e a 5 annos de degredo para Castro-Marim. Dos homens accusados só dois foram absolvidos. Esta sentença foi publicada em 28 de maio de 1753.

O *mordomo dos presos* pediu ao rei que, attendendo ao grande numero dos réus e ao grande volume do processo, lhe concedesse tempo para o exame d'este e factura dos embargos. [1]

O regedor das justiças tambem representou ao rei, que, em um só dia, se não podiam sentenciar os 1.os e 2.os embargos de um processo tão vasto e complicado; mas D. José I, por decreto de 27 de maio, apesar de não deferir a petição do mordomo dos presos, attendeu ao que lhe representára o regedor das justiças, ordenando que os primeiros embargos fossem julgados a 29 e os segundos a 30.

Nos primeiros embargos fei commutada a tres dos reus a pena de morte, em degredo perpetuo para Benguella, com baraço e pregão, sendo um d'elles obrigado a assistir á execução dos socios, sendo açoitado depois do supplicio d'elles.

Nos segundos embargos, foi commutada a pena de morte ao chefe da quadrilha, em degredo perpetuo. José Nicós era primo de Manuel de Passos, thesoureiro do senado, criado particular e grande valido do infante D. Antonio, tio do rei, e foi o infante que, segundo a voz publica, andou na noite anterior á sentença, por casa dos desembargadores, sollicitando a commutação da pena capital imposta ao chefe. Mesmo assim estavam os votos empatados se o desembargador Estevão Fragoso Ribeiro não desempatasse a favor da commutação dizendo no seu voto: — «não posso deixar de livrar o reu Nicós da pena de morte, porque me vejo obrigado a obedecer a quem, pedindo, manda»—dando mesmo a entender ter sido o dito infante.

Esta decisão do segundo embargo causou geral indignação e escandalo em Lisboa. Ficavam, pois, apenas seis réus condemnados á morte.

No 1.º de junho do mesmo anno, pelas 10 horas da manhan, sahiu o fúnebre prestito da cadeia: na frente ia Nicós e João d'Almeida, condemnados a assistirem ás execu-

[1] Antigamente a Misericordia dava aos presos um mordomo encarregado da sua defeza, e era obrigado a intrepor recurso de 1.os e 2.os embargos que deviam ser resolvidos no mesmo dia.

ções e a serem açoitados depois d'ellas, sendo depois degredados perpetuamente para Benguella.

Um esquadrão de cavallaria continha a plebe que vociferava contra a sentença, que mandando enforcar 6 cumplices, poupava o seu chefe.

Terminou a execução ás 6 horas da tarde, e então José Nicós e João d'Almeida foram despidos e principiaram a receber açoites, desde a forca até ao Limoeiro.

Nicós, soffreu este humilhante castigo com o maior descaramento, e chegando á cadeia foi para a sala livre, como antes dos açoites, porém os presos o repelliram, e se oppuzeram á sua estada alli, pelo que foi mandado para a enxovia.

O desembargador Fragoso foi reprehendido, por um decreto, pelo facto de ter declarado no seu voto que obedecia ao empenho de pessoas poderosas, ficando temporariamente suspenso do seu exercicio. Apesar d'esta suspensão só durar até ao dia 5, foi tamanho o desgosto do desembargador, que morreu de pezar, no dia 9.

No dia immediato ao da execução, sahiu um decreto real, considerando José Nicós *indigno da sociedade das gentes, que podia preverter ou inquietar com os seus pessimos e escandalosos costumes, em qualquer terra que habitasse, e que, por isso fosse preso por toda a vida na Torre do Bugio, em carcere subterraneo e incommunicavel.*

No dia 20 de junho foi Nicós algemado e além d'isso atado a dois quadrilheiros, e acompanhado por 10 alcaides e um escrivão, para a torre do Bugio e ahi mettido em uma casa fórte subterranea de 6 palmos de largo, 11 de comprido e 25 de alto, recebendo a luz por uma fresta.

Foi-lhe assignado para seu sustento, mensalmente 7 arrateis de carne, meio alqueire de feijão, canada e meia de azeite, e por dia um arratel de biscoito e uma canada de agua.

Assim terminou a célebre causa da *Companhia do Olho Vivo.*

A casa do senado da camara de Lisboa

Foi mandada construir pela camara. Tiveram principio as obras em 1770, e se concluiram em 1774, importando na quantia de 121:099$271 réis.

No 1.º andar do lado da rua do Arsenal, era a séde da *casa dos vinte e quatro*, occupando as divisões onde depois esteve a companhia de seguros *Fidelidade.*

Na frente para a rua do Oiro habitou a rainha D. Maria I e seu filho o principe regente D. João, occupando tambem o edificio fronteiro até á rua Augusta, que communicava com o antecedente por um passadiço. Veio para aqui a familia real em 1795.

As paredes da sala das sessões da camara eram revestidas de magnificos pannes de raz, representando a vida do imperador Constantino, e que eram os melhores que havia em Lisboa. Tinham custado 16 mil cruzados (6:400$000 réis).

N'esta mesma sala estavam os retratos das pessoas reaes, e no topo um retabulo de Nossa Senhora da Conceição, obra do célebre Pedro Alexandrino Coelho, auctor de outros muitos quadros de grande merecimento, incluindo os dois grandes paineis, que estão aos dois lados da entrada da Sé cathedral.

As salas que depois occupou o *Banco de Portugal*, tambem eram forradas de pannos de raz, de bastante merecimento, mas inferiores aos da casa das sessões.

Este edificio era de boa e robusta cantaria, e todas as suas madeiras eram do Brasil, e de muita duração. Tinha todo o edificio 86^{m},46 de comprimento, 43^{m},12 de largura e 16^{m},75 de altura.

Em uma quarta-feira, pelas 9 horas da noite, do dia 19 de novembro de 1863, se declarou um incendio n'este vasto edificio, devorando-o todo e causando enormes prejuizos. Foi um dos maiores incendios de Lisboa, nos nossos dias.

Lisboa em 1580

Tinha 328 ruas, 140 travessas, 89 bêccos, e 62 viellas.

Tinha 21 freguezias, e grande numero de egrejas de conventos, e outras, e muitas capellas publicas e particulares.

Tinha seis paços reaes (os da Ribeira, o de Santos, o dos Estáos, o de Xabregas, o de Santo Eloy, e o da Alcaçova.)

Tinha 10:000 casas (alguma d'ellas com quatro e cinco andares) onde habitavam *desoito mil familias*, vindo a ser a sua população permanente cem mil almas, incluindo *dez mil escravos*, isto além da população fluctuante, que era sempre numerosissima, vinda não só das provincias, mas da maior parte dos reinos da Europa e de alguns da Asia, Africa e America.

Macrobia

Em setembro de 1774 falleceu no hospital de S. José, uma preta chamada Joaquina Rita, com 111 annos de edade.

Instiiuição da bolsa do commercio em Portugal

«As noticias e documentos que offerecemos aqui ao publico sobre a instituição da bolsa do commercio em Portugal, já se acham publicados por escriptores nossos, mas dispersas por differentes obras; pelo que nos pareceu que não seria inutil ajuntal-as n'esta nota, e isto vamos fazer.

«A primeira noticia que achamos do estabelecimento de uma bolsa do commercio no nosso reino, data do tempo do grande rei D. Diniz.

«Tinham os mercadores de Portugal e Algarve feito entre si *postura*, que todas as barcas que fossem de cem tonelladas acíma, e carregassem nos portos d'este reino para Flandres, Inglaterra, Normandia, Bretanha, e Arrochella, pagassem *vinte soldos destiliis* sobre o frete, e as que fossem de menos de cem tonneladas pagassem *dês soldos destiliis*, e outrosim que os barcos que fossem fretados dos mercadores da terra para além mar, ou para Sevilha, ou para qualquer dos logares sobreditos, pagassem do mesmo modo e na mesma proporção, e que do producto d'estas contribuições tivessem os mercadores em Flandres *cem marcos de prata ou a valia d'elles*, e o resto em Portugal, no logar que bem parecesse, de maneira que d'esta *Bolsa commum* podessem acudir a seus pleitos e negocios, e a tudo o que podesse ser em beneficio geral do commercio.

«Feita esta *postura*, pediram os mercadores a el-rei, que houvesse por bem confirmal-a e outhorgal-a, como dito é, *emquanto que aos maiores e aos melhores* de entre elles assim aprouvesse, e que aquelle que contra ella fosse, pagasse *dés livras destiliis pera esta comuna.*

«El-rei D. Diniz, entendendo que a *postura* que elles entre si faziam era a serviço de Deus e seu, e gram aproveitamento da terra, confirmou e outhorgou as condições d'ella pela carta do theor seguinte:

«Dom Diniz pella graça de Deos, Rey de «Portugal e do Algarve. A quantos esta car«ta virem faço saber que como os merca«dores de meus regnos entendessem a fa«zer uma postura antre sy, que era muito «a serviço de Deus, e ao meu aproveitamen»to da inha terra, a qual postura he a tal «que todalas barcas, que fossem de cem to«nees acima, e carregassem nos portos de «meus regnos para em Frandes, ou pera «Engraterra, ou pera Lormandia, ou pera «Bretanha, ou pera Arrochela, que pagas«sem vinte soldos destiliis no frete, e as ou«tras barcas, que forem de cem toneis afun«do, que pagassem dez soldos destiliis; e ou«tro si que se alguma barca for fretada dos «mercadores de inha terra pera aalem mar, «ou pera Sevilha, ou pera os outros loga«res, e que van pera en Frandres, ou pera «cada huuns d'estes logares de susoditos, pa«guem cada huuma dessas barcas assi co«mo de susodito, e dest'aver devem a teer «em Frandres esses mercadores cem mar«cos de prata, ou a valia d'elles, e o outro «em inha terra, em aquelles logares hu el«les tiverem por bem: E esto fazem esses «mercadores per razom que quando alguuns «negocios ouverem, ou entenderem a aver, «assy em Frandes, como em cada huma das «outras terras, que sejam seus preitos, e «seus negocios, e façam despezas dese aver, «e outrossy pera aquellas cousas, que elles «virem que seera aprofeitamento e honra da «terra. E esses mercadores pedirom-me p r

«merce, que eu lhes confirmasse e outorgas-«se esta postura assy como de susodito, de-«mentre que a esses mercadores proguesse, «aos mayores, e aos milhores; e que aquel, «que contra esto fosse, que peitasse dez li-«vras destiliis pera esta comuna. E eu en-«tendendo, que esta postura, que elles an-«tre sy faziam, que era a serviço de Deos, e «ao meu, e gram profeitamento da inha ter-«ra, e querendo-lhes fazer graça e mercêe, «mando, e outorguo, e confirmo-lhes esta «postura, assy como em esta carta he con-«theudo. Em testimonio desta cousa dei-«lhes ende esta carta. Dante em Lisboa dez «dias de Mayo: ElRei o mandou per Mar-«tim Perez, chantre d'Evora, seu clerigno. «Joham André a fez, era de mil trezentos «trinta e hum annos (anno de Christo 1293. »*Real Archiv. Livr. de Extras.*» *Dissert.* «*Chronol e Crit.* tom. 3. *append. de documen-»tos* num. LXII).

«Esta utilissima instituição, que muito acredita a concordia, o bom senso e o amor do bem publico dos mercadores portuguezes, e que devia ser de grande vantagem e proveito para o commercio, foi depois restaurada e ampliada, em tempo de el-rei D. Fernando.

«Este principe, de quem Manuel de Faria e Sousa tem o atrevimento e desaccordo de dizer «que não pôz a mão em cousa alguma com acerto» foi contudo, segundo a phrase de outro escriptor mais judicioso e mais veridico, *benemeritissimo da policia, agricultura e commercio*, e podera tambem accrescentar que da *navegação e marinha*, que não só em seu tempo se conservou no bom estado em que a deixaram os seus antecessores, mas tambem teve notaveis augmentos, devidos ao zélo com que este principe a favoreceu.

«Foi elle com effeito o primeiro, que nos conste, que concedeu muitos e mui valiosos privilegios às pessoas que fabricassem ou comprassem *naves, ou baixeis tilhados de cincoenta tonees acima*, nomeando dois mercadores que fossem veedores e executores dos ditos privilegios e zelassem a sua observancia quasi como magistrados, provedores do commercio e desembargadores dos embaraços que a elles se pozessem, encarregando-os, ao mesmo tempo, de entenderem com egual auctoridade sobre *huma hordinhaçom e companha*, sua alteza havia feito por bem dos ditos navios e commercio. A qual ordenação e companhia parece dever-se entender da bolsa commum, já por el-rei D. Diniz auctorisada e confirmada, e agora novamente instaurada e ampliada.

«Assim o entendeu o douto chronista Duarte Nunes de Leão, quando disse que el-rei D. Fernando, para no reino haver copia de navios, e se accrescentar o trato e commercio, deu muitos privilegios e isenções e ajudas aos que fizessem naus e navegassem. E que para mais sem perigo o fazerem, inventou uma *Ordenança e Companhía das náos* para que quando alguma se perdesse não ficasse tambem perdido o dono d'ella. Para o que ordenou uma *bolsa* onde contribuiam todos que tinham naus, ou navios, e com elles navegavam, dando todos uma pequena porção de ganho do que alcançavam de que se refaziam as perdas por mui boa maneira. *A qual*, (conclue o escriptor) *foi huma lei mui humana e util, porque ninguem temia ficar perdido, ainda que a sua nau se perdesse, porque se lhe restituia a perda por aquella invenção sem oppressão de ninguem.*

«A carta de el-rei D. Fernando copiada do *Livro grande* do cartorio da camara da cidade do Porto, é do theor seguinte:

«Dom Fernando pella graça de Deos Rey «de Portugal, e do Algarve. A vós correge-«dor e juizes da nossa cidade de Lixboa, e «a todollos outros juizes, e justiças dos nos-«sos reynos, a que esta carta for mostrada, «saude: Sabede, que nós avendo por servi-«ço de Deos e nosso, e prol e honra grande «da nossa terra e dos nossos naturaes, con-«siderando como, e por que guisa os mer-«cadores della, e todo o outro nosso povoo «poderiam aver melhor vivenda, e trabalha-«rem suas vivendas, e suas mercadorias, e «porque o nosso tallente foi sempre e he de «lhes fazermos muitas merces per elles ave-«rem tallante de nos servir bem e lealmen-

«te como sempre fezerom, ouvemos por bem «de lhes outorgar algumas graças e merces «a todos aquelles, que quizerem fazer, ou «comprar naves, ou baxêes tilhados de cin«coento tonêes asima; as quaes graças e «merces, os escusamos que nom tenham ca«vallos, nem servam por mar nem por ter«ra com os concelhos, onde forem morado«res, nem sem elles, salvo se for com o nos«so corpo, nem pagarem em fintas, e talhas «nem em sizas, que sejam lançadas por nós, «nem por os concelhos, nem outra nenhu«ma cousa, salvo tam solamente nas aduas «dos muros, onde forem moradores, segundo «mais compridamente em elles he contheu«do: e ora alguns moradores, e vezinhos, »moradores em essa cidade, que os ditos «navios teem, se nos agravarom dizendo, «que quando acontece que vaão, ou man«dam comprar suas mercadorias, e outro sy «vinho, e aver de pezo por algumas partes «dos nossos reynos, que lhes vaão em al«guns logares contra os ditos privilegios, e «lhos nom querem aguardar, e os constran«gem e penhorom que paguem as sizas del«les, que som postas em esses logares, e em «nas outras cousas, de que per nós som pri«vilegiados, como dito é, e que porêm nos «pediam por mercee, que lhes ouvessemos »sobrello algum remedio, e lhos mandasse«mos cumprir e guardar em todo pela gui«sa que em elles he contheudo. E nós veen«do o que nos pediam, e querendo-lhes fa«zer graça e mercee, teemos por bem, e «mandamos-vos que lhes cumprades e aguar«dedes, e façades cumprir e aguardar em «todo pella guisa que em elles he contheu«do, e lhe nom vaades contra elles em ne«nhuma guisa, nem consentades a outra ne«nhuma pessoa que lhe contra elles vaa, se «noom seede certos que Nos volo estranha«remos nos corpos, e nos averes, como «aquelles que vaão contra mandado do seu «Rey e Senhor. E por quanto nós avendo «por nosso serviço, fazermos Lopo Martins e «Gonçalo Peres Canelas, mercadores, mora«dores na dita cidade, e veedores, e exe«cutores d'esse privilegio, e de uma *Hordi«nhaçom e Companha*, que avemos feito em «razom dos ditos navios, aos quaes damos «poder pera livrarem e seerem executores «de quaesquer cousas que pertencerem, e ou«tro sy aa dita companha, e que seja por elles «desembargado qualquer cousa, que perten«cer á dita companha e privilegio: mandamos «a qualquer tabaliam dos nossos reynos, que «se algumas pessoas ou Officiaes nossos, ou «d'esses conselhos lhe nom quizerem aguar«dar os ditos privilegios, e lhe contra elles «forem em parte ou em todo, que o citem, «que ataa oito dias primeyros seguintes pa«reçam perante os sobreditos Lopo Martins «e Gonçalo Peres mostrar rezom, porque «lhos embargam, aos quaes mandamos que «façom correger a esses, que assy forem pos«tos os embargos, pellos bens desses embar«gadores, todas perdas e danos, que por es«sa razom receberem, e as custas que so«brello fizerem. Dante em Lixboa, oito dias «de Dezembro. ElRei o mandou: Johanes «Steves a fez. Era de 1418 annos.» (anno de 1380.) *(Dissert. Chronolog. e Crit.*, tom. I., *append. de document.* num. LXXXIII.)

«As perturbações que em Portugal se experimentaram depois da morte de el-rei D. Fernando, foram causa de que esta excellente instituição ou ficasse logo esquecida, ou não tivesse inteiro cumprimento, pois a vemos renovada por el-rei D. João I, por outra sua provisão, dada em Santarem a 11 de julho de 1397, a requerimento do concelho e homens bons da cidade do Porto.

«Representaram elles a el-rei: Que nos tempos *dos reis seus antecessores* ouvera na dita cidade *ordinhada bolsa de certos dinheiros que se lançavam e contavam nas avalias dos averes que se hi carregavam em navios pera outras partes, e dos panos que se carregavam de retorno*, para d'ahi se pagarem as despezas que se faziam, quando enviavam per a costeira do mar saber parte d'esses navios, se lhe alguum embargo acontecia assycomo ora em Galfiza, e outro sy em Inglaterra por costumes e imposições novas que lhes demandavam e por outras causas similhantes, segundo sse sempre costumou de fazer: que este direito se não tirara, nem arrecádara desde a elevação de el-Rei ao throno por causa da guerra e de outras

necessidades e embaraços que se seguiram: que ora por serviço d'el-Rei e por prol e honra da cidade *accordaram de se renovar e pôr em obra;* e que perguntado alguns de fora da cidade que ahi vinham carregar, recusavam concorrer e pagar para aquelle estabelecimento: pediam que sua alteza lhes pozesse a isso remedio.

«El-Rei D. João deferiu a este pedido e ordenou que chamados os povos do concelho, ou a maior parte d'elles, e concordando a maior parte em que continuasse o direito da bolsa *como sempre em tempo de outros Reis se usou e costumou de fazer* fossem constrangidos a pagar esses mesmos que agora a isso se recusavam, sem a isso se oppôr embargo algum, etc. Eis aqui a carta de el-Rei copiada de cartorio da camara do Porto nas *Dissert. Chronolog. e Cril.* tom. 1.º no *append. de docum.* num. LXXXV.

«D. Joham pella graça de Deus Rey de «Portugal e do Algarve, A vós Gonçalle Anes «de Carvalho, Juiz pos nós na cidade do «Porto, e a outros quaesquer, que esto ou«verem de veer, a que esta carta for mos«trada, saude. Sabede que o concelho e ho«mens bons dessa cidade nos enviarom di«dizer, que nos tempos dos Reis nossos an«teçessores ouve na dita cidade hordinhada «bolsa de certos dinheiros, que sse lança«vam, e contavam nas avalias dos averes «que se hi carregavam em navios pera ou«tras partes, e dos panos que sse hi carre«gavam de retorno, pera se pagar delo as «despezas, que sse faziam quando envyam «per a costeira do mar saber parte desses «navios, e averes, se lhe algum embargo «acontecia: assy como ora em Galliza, e «outro ssy em Ingraterra por costumes, e «empossiçoens novas, que lhes demanda«vam, e por outros caussos semelhantes, se«gundo sse sempre costumou de fazer: o «qual dito direito sse nom tirou, nem «rrecadou, depois que nós ouvemos estes «reignos per rezom de guerra, e outras ne«cicydades, e embargos que se seguirom, «e que ora, entendendo por nosso serviço, e «por prol e honra da dita cidade acorda«rom de se renovar, e pôr em obra, e que «porquanto alghuuns de fora da dita cidade, «que hy carregam, recusam pagar em ello» «que nos pediam por merçêe que lhes ou«vessemos a ello remedio. E nos veendo o «que nos pediam, teemos por bem, e man«danmos-vos que ffaçades logo chamar todos «os desse concelho, ou a maior parte delles «por pergom, e sse todos, ou a mayor parte «d'elles disserem que he bem tirar-se o di«te direito da bolsa, *como sse sempre em «tempo dos outros Reys husou e costumou de «fazer*, que ssem outro embargo constran«gades, e mandedes constranger que pa«guem em ello esses, que em ello assy re«cusarem de pagar, e fazede-lhes os cons«trangimentos que entenderdes que pera «ello conprem, e sobresto não ponhades ou«tro nenhum embargo, em nenhuma manei«ra, que seja. Unde al nom façades. Dante «em Santarem XI dias de Julho. El Rei o «mandou per Ruy Lourenço Daiam de Coim«bra, Leçençiado em Degredos, e per Joham «Affonso, Scollar em Leis, sseu vassallo, an«bos do seu Desenbargo. Vasco Anes a ffez. «Era de mil CCCCXXXV annos» (anno de Chr. 1397).

Monumentos

Basilica do Coração de Jesus

(Convento da Estrella)

E' um dos mais sumptuosos monumentos de Lisboa. Dá-se a este edificio sagrado o nome vulgar de convento da Estrella, por ter sido edificado no largo do pequeno convento de Nossa Senhora da Estrella, que foi de frades bentos e que hoje está convertido em hospital militar. A este, para o differençar do outro, se dá o nome de *Estrellinha.*

D. Maria I, não tendo filho de seu marido e tio, D. Pedro III, fez vôto de edificar esta egreja logo que tivesse um successor á corôa. Obteve o que desejava e cumpriu o voto.

Principiou a fundação em 24 de outubro de 1779, e concluiram se as obras em 15 de novembro de 1790, tomando n'esse mesmo dia posse do seu novo convento as religiosas de Santa Thereza de Jesus.

Desenhou o edificio e dirigiu as obras o major Matheus Vicente, que, desanimado pelos defeitos que lhe notaram, e elle reconheceu no seu plano, morreu de desgosto em 1786.

Foi seu successor na direcção da obra, o o major Reynaldo Manuel. Ambos eram discipulos da escola de Mafra.

O edificio tem em frente um amplo terreiro, e depois d'elle o vasto e formoso passeio publico da *Estrella*. A egreja ergue-se sobre um espaçoso adro de cantaria, para o qual se sôbe por uma escadaria rodeada de columnelos. A fachada tem quatro columnas sobre as quaes se vêem quatro estatuas collossaes, representando a Fé, a adoração, a Liberdade, e a Gratidão; e aos lados, em nichos, as de Santa Thereza, Santo Elias, e Santa Maria Magdalena de Pazzi.

Dão entrada para o vestibulo da egreja 3 portas, rasgadas entre as 4 columnas; e 2 abertas no envasamento das torres, dão serventia para o mosteiro.

A melhor peça d'este edificio é o celebre zimborio, que pela sua altura, se vê a grandes distancias, sendo o primeiro objecto que se offerece á vista do navegante que entra a barra do Tejo. As torres são no gosto das de Mafra e teem 11 sinos, pezando o das horas 275 arrobas (4:125 kilogrammas.)

No vestibulo da egreja estão as estatuas de Nossa Senhora e S. José.

As paredes e o pavimento do templo são revestidos de marmores de côres. Na capella-mór ha dois seraphins, guardando o throno, de primorosa esculptura. Do lado da epistola está o mausoléo da fundadora, cujos restos foram para aqui transferidos do Rio de Janeiro, onde fallecera em 20 de março de 1816, com 82 annos de edade, pois tinha nascido em 17 de dezembro de 1734.

Os seis altares do corpo da egreja são adornados de excellentes quadros, sendo o do Coração de Maria, pintado por D. Maria Benedicta, princeza do Brasil.

Toda a esculptura do interior da egreja, assim como o baixo relevo da frontaria são do bem conhecido Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre da Praça do Commercio. As estatuas exteriores são dos seus discipulos e outros artistas da escola de Mafra, assignados nos pedestaes das suas respectivas estatuas.

Importou toda esta obra na enorme quantia de 6:400 contos de réis (16 milhões de cruzados.)

Aqueducto das Aguas Livres e Mãe d'Agua

E' a melhor obra que mandou fazer D. João V, e uma das raras que este soberano emprehendeu de reconhecida utilidade publica. Principiou em 1729 (quando estava a concluir-se o convento de Mafra) e concluiu-se em 1749.

O risco e desenho são do brigadeiro Manuel da Maia.

O seu primeiro manancial é a ribeira das *Aguas Livres* (d'onde toma o nome) que corre junto a Bellas. Recebe mais a agua de varias nascentes, até ao *Monte das Tres Cruzes*, onde atravessa a ribeira de Alcantara pelo famoso aqueducto das Amoreiras e entra na cidade.

E' n'este sitio a sua maior altura. A galeria interior do aqueducto tem 7 palmos de largo e 14 de alto, fóra o encanamento, que é palmo e meio de cada lado. No espaço que fica entre os dois encanamentos é de 3 palmos.

O encanamento total do aqueducto é de 18 kilometros em linha recta, mas com os ramos transversaes anda por 30.

A attura do arco grande, que está no centro e sobre a ribeira de Alcantara, é de 315 palmos e a largura do vão de 159. A grossura da parede sobre o pavimento é de 50 palmos.

E' de tanta solidez este portentoso e admiravel monumento, que o terramoto de 1755, que destruiu robustissimos edificios, nem o minimo prejuiso lhe causou.

Tem ao todo 127 arcos, sendo os maiores os 35 que se erguem sobre o valle e ribeira de Alcantara, tendo a obra n'este sitio 780 metros de comprimento.

Por cima d'esta monstruosa arcaria ha dois passeios, um ao E. e outro ao O., e parallelos ao encanamento. Tem cada um

14 palmos de largo. Antigamente eram estes passeios francos ao publico, tanto para peões como para cavalleiros; depois se collocaram nas entradas grandes pedras quadradas, para impedir o transito de gente a cavallo, e por fim foi tambem prohibida a passagem de peões.

No sitio das Amoreiras é o aqueducto sustentado por um magestoso arco de architectura Dorica, que se eleva na rua das *Aguas Livres*.

—

Perto d'este arco está o magestoso reservatorio, chamado vulgarmente *Mãe d'Agua;* que é uma elevada torre quadrilatera, tendo do lado do N. uma grande e formosa cascata e no centro um vastissimo tanque ou deposito, cercado de elegantes arcos, cobertos de solida abobada, e adornados de elegantes estatuas.

Fornece este reservatorio agua para 30 chafarizes, sendo 18 dentro e 12 fóra dos muros da cidade.

A capella dos santos Verissimo, Maxima e Julia

No convento de S. Pedro de Alcantara, fundado em 1672, e hoje transformado em recolhimento das orphans da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, no alpendre do adro da egreja está sepultado o cardeal D. Verissimo de Alencastre, arcebispo de Braga e inquisidor geral, que aqui morreu em 12 de dezembro de 1692, e que tinha concorrido com grandes esmolas para a fundação d'este mosteiro.

Em uma ilharga da sua sepultura, mandou seu irmão D. frei José d'Alencastre, bispo inquisidor geral, fazer uma rica e primorosa capella dedicada aos santos martyres lisbonenses, baptisados n'esta freguezia Verissimo, Maxima e Julia. Creou para esta capella 4 capellães, com o ordenado de 80$000 réis cada um, que todos os dias diziam aqui missa por sua alma. Eram administradores da capella os condes de Villa Nova Nova de Portimão.

Esta linda capella é construida da mais fina pedraria em mosaico claro, e ornada com primorosos desenhos, obra dos melhores esculptoros e pintores do seculo XVII.

É notavel que este monumento tão digno de ser visto e admirodo, é desconhecido até por muita gente de Lisboa.

Estatua equestre de D. José I, na Praça do Commercio

(*Memoria do Terreiro do Paço*)

O primeiro desenho d'este monumento foi feito pelo architecto Eugenio dos Santos, mas encarregando-se a Joaquim Machado de Castro a execução da obra, lhe fez notaveis alterações, tanto nos grupos lateraes, como na estatua principal; e o baixo relevo é exclusivamente de Joaquim Machado; que em fins de 1770 principiou um modelo em cera, de 44 centimetros de altura, que em 21 de março de 1771 foi apresentado ao rei, em concorrencia com outro modelo feito por um esculptor maltez, sendo preferido aquelle. [1]

Logo no dia 22 deu Sebastião José de Carvalho ordem a Joaquim Machado para se entregar exclusivamente a esta obra, e concluil-a com a possivel brevidade.

Machado fez outro modelo em barro, de 4 palmos, que foi approvado em junho de 1771.

Em 16 d'outubro do mesmo anno, principiou um terceiro modelo, em gesso, de 31 palmos d'altura, que concluiu em 10 de março de 1772. Foi este entregue ao brigadeiro Bartholomeu da Costa, para se tirar a fôrma, e d'ella se extrahiram as ceras, que tinham de ser transformadas em bronze.

Em 11 de outubro de 1773 principiou Machado os retoques nas peças separadas, que se concluiram em 18 de dezembro.

O brigadeiro Bartholomeu da Costa principiou o processo da fundição da estatua de bronze, no arsenal real do exercito, no dia 16 de outubro de 1774.

Foi a fundição feita de um jacto, e sahiu

[1] Este modelo foi depois doirado; e o marquez de Pombal o mandou para a sua quinta de Oeiras, onde ainda existe.

prompta logo da primeira vez, com pequenas imperfeições que se compozeram.

Entraram no forno 656 e meio quintaes (26263 arrobas) de bronze, sendo empregados na estatua 500 quintaes, porque o resto ficou nos canaes por onde correu o bronze e nos gitos. Além d'isto tem a estatua na sua armação interior 100 quintaes de ferro.

Concluida com a maior felicidade a fundição, passou Joaquim Machado, com 83 operarios, a cinzellarem e retocarem a obra, no que gastaram 63 dias.

No dia 15 de maio de 1775 foram o rei e a rainha ao arsenal vêr a estatua; mas como se via de muito perto, se tornaram muito salientes as suas dimensões, pelo que a rainha disse: «que o rosto do monarcha estava horrendo,» ao que Joaquim Machado respondeu que, collocada a estatua na altura delineada, desappareceriam o que ella julgava monstruosidade, e que não era mais do que harmonia nas proporções da estatua.

Esteve a mesma estatua patente ao publico desde o dia 16 até 20 do referido mez, em que foi suspensa do forno.

No dia 21 foi collocada sobre o carro em que havia de ser conduzida ao logar que lhe era destinado, e no dia 22 principiou a sua marcha para o Terreiro do Paço, no que gastou 3 dias e meio. Foi puxada por mais de mil homens; os membros da casa de Vinte e Quatro, o juiz do povo, o conselho fiscal das obras publicas e a corporação das mesmas, pegaram aos cordões do carro.

No dia 27 foi a estátua collocada no seu pedestal; mas ficou alguma coisa inclinada sobre o lado esquerdo, porque — tendo-se feito um cordão de tropa para que pessoa alguma passasse além d'elle, afim de não perturbar os trabalhos, um tenente mandou sahir Joaquim Machado, que estava em um andaime, apesar d'este lhe dizer quem era.

O transporte da estatua, desde a Fundição até ao Terreiro do Paço, foi dirigido pelo mestre Reinaldo dos Santos.

Tem a estatua 31 palmos de altura, e as figuras do grupo 14. A altura total do monumento é de 79 palmos e $^3/_8$.

Fallecido D. José, sua filha e herdeira mandou tirar da frente do pedestal, que olha para o sul, o medalhão de que resaltava o busto do marquez de Pombal, o que se realisou na noite de 26 para 27 de abril de 1777.

O medalhão, que era de bronze, foi recolhido no arsenal real do exercito, e substituido pelas armas da camara da cidade.

Em 12 de outubro de 1833 repoz-se no seu antigo logar o busto do grande ministro por um decreto da regencia, referendado dois dias antes.

Monumento do Rocio

No dia 15 de setembro de 1821, D. João VI e os infantes D. Miguel e D. Sebastião foram á praça do Rocio lançar a pedra fundamental de um monumento que as côrtes decidiram erigir, commemorativo da proclamação da constituição de 1820.

Cahida a constituição no 1.º de junho de 1823, D. João VI mandou apear e arrazar o que do monumento, ainda em construcção, já estava prompto.

Em 8 de julho de 1852, a rainha D. Maria II e a côrte lançaram a pedra fundamental do monumento levantado á memoria do pae da mesma augusta soberana. A praça, por esse facto, tomou o nome de D. Pedro. Este monumento desagradou pela deselegancia da contrucção, e o povo alcunhava-o de *galheteiro*. O governo mandou-o apear, sendo as pedras conduzidas para o Pateo do Regedor, onde jazeram por muitos annos. Finalmente em 1870 concluiu-se o actual monumento, modelado pelo risco de mr. Dabieux e esculpturado por mr. Robert, sendo a construcção executada pelo artista Germano José de Salles. Consiste em um amplo pedestal em que se firma uma alta columna de marmore fino, rematando pela estatua pedestre do duque de Bragança fundida em bronze. Na base do monumento assentam quatro figuras allegoricas representando a Justiça, a Prudencia, a Fortaleza e a Temperança. Em cada face do pedestal avultam quatro bellos escudos das dezeseis principaes cidades de Portugal, e uma inscripção em lettras de bronze.—Dizem as quatro inscripções:

Do lado de Este:

NASCEU EM 21 DE OUTUBRO DE 1798

Do lado do Sul:

A D. PEDRO IV, OS PORTUGUEZES, 1870

Do lado de Oeste:

FALLECEU EM 24 DE SETEMBRO DE 1834

Do lado do Norte:

OUTORGOU A CARTA CONSTITUCIONAL EM 29 DE ABRIL DE 1826

A parte inferior da columna adorna-se com quatro figuras da Fama em baixo relevo, ligadas por festões pendentes das mãos.

Muralha de S. Pedro de Alcantara

O terreno onde hoje está a muralha, construida quando se fez o aqueducto das Aguas Livres, foi por muitos annos um vasadouro dos entulhos provenientes dos desaterros para as novas edificações que se hiam fazendo, em razão da calçada da Gloria e da rua das Taipas serem de pouca passagem.

Foi a muralha construida depois do anno de 1723, em que começaram as obras do aqueducto.

Em 1752 queixaram-se officialmente os moradores de Lisboa da delonga com que se faziam as obras de canalisação, porque o aqueducto chegava então ao sitio do Rato, e não havia fontes para os outros bairros.

Todavia só em 1754 é que começou a correr agua no chafariz de S. Pedro de Alcantara. Houve o projecto de levar a agua do deposito de S. Pedro de Alcantara para os bairros orientaes da cidade por meio de um aqueducto, plano gigantesco frustrado como muitos outros.

Aguas mineraes intra-muros de Lisboa

Ha dentro da circulação de Lisboa muitas nascentes de aguas mineraes, mas as principaes são as que foram chimicamente analysadas na exposição universal de Paris em 1867 por meio do sulphidometro de Dupasquièr. A saber:

Nascente sulphurosa do Arsenal de Marinha [1]

Esta agua borbulha a alguns metros da margem direita do Tejo, perto das officinas do arsenal de marinha. A prova de que a communicação com o rio é directa, é que o nivel do poço varia consoante as marés. A agua d'esta origem é clara, mas ligeiramente colorida de amarello; tem um fraco cheiro a ovos chocos, como as aguas sulphurosas, e o sabor fortemente salgado. A temperatura é de 22°5c, sendo a do ar exterior de 27°5c. A composição d'esta agua varia segundo as marés, assim como segundo as differentes profundidades em que se procure. Resulta de muitas analyses feitas para a determinar: por kilogramma d'agua, entre 0 gr. 021026 de acido sulphydrico e 0 gr. 042612; a dos principios fixos varia entre 26 gr. 2963 e 28 gr. 2139.

Estes principios são chloruretos de sodium, de potassium, de magnesium, bromureto de potassium, sulphatos de cal, de magnesia, de ferro e de alumina e silice.

Alcaçarias

Estas origens estão situadas na parte oriental da cidade de Lisboa, a uns 60 metros da margem direita do Tejo. Rebentam por diversos pontos na vertente do outeiro em que assenta o castello de S. Jorge. Muitas d'estas origens foram canalisadas para os dois estabelecimentos conhecidos sob o nome geral de Alcaçarias, mas distinguem-se umas das outras pelos nomes das suas propriedades:

1.ª Aguas das Alcaçarias do Duque

Estas, como as de D. Clara e chafariz de El-Rei, teem a particularidade de desenvolverem uma grande quatidade de azote, em algumas tão consideravel, que se podem encher em alguns minutos gazometros de 12 a 15 litros.

A agua das Alcaçarias do Duque é limpida, sem odor nem sabor. A sua temperatura é de 34°c, sendo a do ar exterior de 27° e contem, por kilogramma d'agua, 0 gr. 7128 de residuo fixo, composto de chloruretos de sodium, de sulphatos de cal, de soda e potassa; carbonatos de cal, magnesia e silice.

2.ª Alcaçarias de D. Clara

A analogia das propriedades d'estas aguas

[1] Tudo o que se diz d'estas aguas é traduzido textualmente dos relatorios officiaes.

com as s do Duque é tamanha, que se crê que brotam da mesma origem. A temperatura das aguas de D. Clara, observada no mesmo dia que a das Alcaçarias, foi de 33°c.

A agua das Alcaçarias de D. Clara contem, por kilogramma, 0,7275 de principios salinos, que teem a mesma composição das origens precedentes.

Chafariz de El-Rei

A uns 100 metros das Alcaçarias do Duque, ha uma grande fonte chamada *Chafariz de El-Rei*, que distribue suas aguas por nove bicas dispostas em linha recta.

Oito d'estas bicas são alimentadas por muitas origens que rebentam no interior do edificio, reunindo-se as aguas na passagem; a nona e ultima bica é alimentada por duas origens de que se fez reservatorios, e que misturam suas aguas antes de chegarem á bica. Estas duas bicas fornecem a melhor agua que ha em Lisboa.

A das primeiras 8 bicas possue quasi a mesma composição que a das Alcaçarias, Contem, por kilogramma, 0 gr. 6442 de residuo fixo, formado de chlorureto de sodium, de sulphatos de potassa e cal, de carbonatos de cal e de magnesia, bem como uma pequena quantidade de ferro.

Fonte do Doutor

Esta origem está situada ao lado da das Alcaçarias, e é mineralisada pelos mesmos saes.

Chafariz de Andaluz

Esta origem tomou o nome do largo do Andaluz, onde apparece, ao norte do convento de Santa Joanna. A agua é limpida, sem odor, e ligeiramente salgada; contem chloruretos de sodium e de potassium; sulphatos e carbonatos com bases de cal, magnesia e silice.

Agua do poço do Borratem

Este poço está hoje a coberto de uma abobada n'um predio construido em terreno que foi do hospital de S. José e continua a estar franco ao publico. Os antigos attribuiam virtudes especiaes á agua d'este poço e Curvo Semedo na *Polyanthea Medicinal* refere que era admiravel para curar comichões, impingens, bostelas, gretaduras e achaques de figado, appellando para o testimunho da rainha D. Luiza Maria de Gusmão, do inquisidor Alvares da Rocha, de Pedro de Castilho, juiz do Terreiro, os quaes personagens, sem embargo da sua alta posição, soffriam de costras e quenturas do figado, e outras miserias terrenas. Seja como fôr, o que é certo é que esta agua ainda hoje é procurada com panacea para molestias cutaneas, e uso de banhos. A crença, fundada ou infundada, na virtude curativa d'estas aguas, deu logar a uma industria que por muito tempo foi explorada pela irmandade de Santo André e Almas, da freguezia de Santa Justa, que recebia 80 réis mensaes de cada aguadeiro. Sahiram o Desembargo do Paço e o Governo a pleitear com a irmandade ácerca da posse do poço. Venceu o senado, e fez clavicularío do poço um capataz que continuou a receber dos aguadeiros a mensalidade de 80 réis. Todavia o Senado resolveu em 1840 que as despezas com as cordas e baldes fossem feitas pelo seu cofre, e, visto que entram cordas n'este caso, póde dizer-se que ficou cortado o nó gordio.

Hospitaes de Lisboa

Hospital nacional e real de S. José

É estabelecido no prolongamento da rua do Arco da Graça, e destinado aos doentes pobres, posto que tambem tenha quartos particulares para enfermos que queiram pagar.

As suas enfermarias são aulas de clinica para os alumnos da Escola Medico-Cirurgica. Pena é que as condições hygienicas d'este hospital não sejam todas as que a sciencia medica moderna tem por indispensaveis.

Hospital de Rilhafolles

Estabelecido no edificio que foi convento da congregação do oratorio de S. Philippe Nery. É destinado a alienados de ambos os sexos. Tem uma bella casa de banhos.

Hospital da marinha

Ao pé do Campo de Santa Clara. Recebe doentes pertencentes ao exercito de mar.

Hospital da Estrellinha

Ao pé do largo da Estrella. Recebe militares.

Hospital de S. Lazaro

Para além do largo do Soccorro. É destinado ao tratamento de molestias cutaneas.

Hospital Veterinario

Annexo ao Instituto Agricola e recebe animaes doentes, obrigando-se os donos a pagarem a despeza feita com o tratamento.

Hospital do Desterro

No edificio chamado do Desterro ha um hospital para curar molestias siphliticas.

Estes são os hospitaes mais nomeados. Outros ha a cargo de differentes ordens e associações piedosas.

Passeios publicos e jardins

Pelo que respeita a passeios e jardins publicos, vae Lisboa a par e passo das mais *coquettes* capitaes estrangeiras. Felizmente as municipalidades chegaram a comprehender o que ha de elegancia, aceio, e bom gosto em aformosear com flores e arbustos o mais pequeno espaço de terreno, improprio para edificação.

O principal passeio de Lisboa, situado entre o largo de Camões e a praça da Alegria, é amplo, bem talhado, e muito concorrido pela melhor sociedade. A rua principal termina por um lago com cascata, a que fica superior um terraço. Nas ruas lateraes ha duas bellas estatuas representando uma o Tejo e outra o Douro, de cujas marmoreas urnas dimanam jorros d'agua. Nas noites de verão illumina-se o passeio, e queimam-se fogos de artificio, deixando a entrada de ser gratuita, o que é para lamentar, porque equivale a privar a população de um dos mais agradaveis sitios que lhe são destinados.

O Aterro é um bello passeio á beira do Tejo, um pouco incommodo para o verão por estar, e provavelmente estará sempre, muito carecido de sombras, mas grandemente agradavel para um meio-dia de inverno. Ha em toda a extensão que o *Aterro* mede dois bonitos jardinsinhos, com bancos de madeira, especie de oasis que convidam a um breve descanço.

O passeio de S. Pedro de Alcantara, levantado sobre a muralha de que em outro logar fallamos, é deslumbrante pelo panorama que descobre. O jardim, que fica subposto, tem muitos e viçosos canteiros, copada vegetação, uma cascata, e está adornado com bustos de romanos celebres.

O passeio da Estrella, fronteiro á egreja d'esta invocação, é verdadeiramente um *bijou*. Nada lhe falta de quanto póde haver de gracioso e pittoresco n'um jardim: cascatas, pavilhões, lagos, flores escolhidas, arvores frondosas, e, para que seja completa a imitação dos mais elegantes passeios do extrangeiros, não lhe falta uma jaula, onde ha um leão.

O jardim da praça do Principe Real tem uma excellente posição, voltada ao occidente, e um amplissimo lago com um jogo de agua, que produz bello effeito.

O jardim de S. Roque, mais propriamente um jardimsinho destinado a aformosear um largo, tem no centro o singello monumento que os italianos residentes em Lisboa mandaram levantar em commemoração do casamento do sr. D. Luiz I com a sr.ª D. Maria Pia.

Na praça das Flores ha outro jardimsinho, com um pequeno lago. Este é o *rendez-vous* das crianças que moram n'aquellas proximades.

Á margem do Tejo, entre Alcantara e Belem, fica o passeio da Junqueira, arborisado e cercado de elegantes edificoções.

Incendios á Boa Vista

Os muitos edificios construidos de madeira, que de tempos immemoriaes orlavam pelo norte a margem do Tejo chamada *Boa-Vista*, onde hoje se admira o vasto e formoso passeio denominado *Aterro da Boa-Vista*, com bellos e sumptuosos edificios de cantaria e bonitos jardins publicos, davam logar a frequentes incendios.

Dois d'entre elles foram os mais pavorosos. O primeiro teve logar ahi pelos annos de 1826—ardeu toda a cordoaria e varias estancias de madeira, durando o fogo 15

dias, e causando grandes prejuizos ao estado e aos particulares.

O segundo aconteceu na noite de 9 para 10 de novembro de 1858.

Rebentou em umas carvoarias estancia de madeiras e officina de ferreiro, que havia por detraz da grande estancia de madeira do sr. Thomaz Gomes & C.ª—A noite estava medonha, o vento sul era furioso e a chuva cahia em torrentes. Era meia noite quando o clarão denunciou o incendio já em grande desenvolvimento. Os soccorros foram promptos, e admiraveis os actos de coragem dos bombeiros e outras pessoas que accudiram; mas a agua falta e o incendio ameaça devorar a maior parte do bairro.

Era aqui a bella typographia dos srs. Castros, onde se imprimia o illustrado semanario *Archivo Pittoresco*, no qual collaboraram os melhores escriptores do paiz. O fogo invadiu de flanco este estabelecimento, por todos os andares simultaneamente, e com tal rapidez e intensidade, que tornou impossivel salvar-se um unico objecto do que alli existia.

Pelas 3 horas da manhan, todos os edificios a que o fogo tinha attingido, não formavam mais do que um vasto braseiro, cujas labaredas se elevavam em imponentes espiraes, de envolta com estilhaços de madeira em brasa, que o vento arremessava a grandes distancias.

Pelas quatro horas da tarde já não restava de todos estes edificios mais do que um montão de cinzas fumegantes.

A grande estancia do sr. Gomes & C.ª, e a typographia tinham segurado parte do seu material. Os srs. Castros em pouco tempo reconstruiram o seu edificio, para o que concorreu, não só a promptidão dos seguros como os valiosos serviços do Instituto Industrial, que generosamente se offereceu a restaurar os prelos e machinas, não exigindo mais do que os sallarios dos operarios.

O arco da rua Augusta

(Transcripto do *Diario Illustrado*)

«Quando o terramoto de 1755 destruiu Lisboa, e os incendios que se lhe seguiram a reduziram a cinzas, esperava-se que a cidade ficasse um acervo de ruinas, e que abandonado o sitio pela população, esta fosse construir uma nova cidade, em local menos sujeito a taes catastrophes.

O sinistro tinha trazido um tal desfallecimento moral; a população assustada e horrorisada não tinha em si elementos de iniciativa; comtudo no meio da tempestade, das ruinas e destruições erguia-se impassivel, frio, energico e grandioso, o espirito profundamente pratico do marquez de Pombal.

Estava destruida uma cidade? O que importava era erguer-se no logar da velha cidade uma outra nova, e assim foi; ao toque da sua vara prodigiosa desappareceram as ruinas, exterminou-se a desordem; peiou-se o monopolio, volveu a esperança, e a cidade, qual Fenix renascida, surgiu das proprias cinzas.

É que não ha nada para galvanisar os povos, como o sopro do genio! E se no dia 1.º de novembro de 1755 o terramoto tinha destruido Lisboa, já no dia 11 de dezembro do mesmo anno o marquez de Pombal mandava proceder ao nivelamento da cidade. Seguiram-se as providencias, discutiram-se planos, e a cidade principiou a erguer-se d'entre as ruinas, obedecendo a um plano, tanto quanto possivel regular e satisfazendo ás exigencias já então conhecidas, da hygiene e salubridade.

O plano approvado foi o do architecto Eugenio dos Santos de Carvalho. N'este plano estava comprehendido o da Praça do Commercio e o do arco, que em harmonia com o estylo geral da praça determinava o centro da fachada do norte.

A construcção d'esta parte da praça foi morosa, e tanto que em 1843 ainda o arco não estava fechado; mas já se tinha concebido a idéa de se não concluir em conformidade com o risco primittivo.

Não é esta a occasião de discutirmos o acerto d'essa medida; nada remediariamos, e portanto, aproveitando o pequeno espaço de que dispomos, diremos quaes as importancias dos projectos que se apresentaram para a conclusão d'aquelle monumento.

Era impossivel deixar a praça incompleta, e era urgente a necessidade de a terminar; portanto em 1843 o governo determinou que os architectos em serviço na intendencia das obras publicas apresentassem os respectivos projectos.

O architecto Manuel José de Oliveira Cruz apresentou um projecto na importancia de 149:931$160 réis; Sergio da Costa Soares Araujo de 140:000$000 réis; Caetano José de Paula de 152:754$920 réis; Paulo José Ferreira da Costa um de 120:343$440 réis, e outro com uma economia de 17 contos; aproveitando para isso a torre da egreja de Nossa Senhora da Graça, que então se dizia annunciar ruina, e o sr. Felliciano de Sousa Correia, um que tinha por fim formar um terraço em cima do arco, e elevar no centro um monumento ao sr. D. Pedro duque de Bragança.

Nenhum d'estes projectos foi posto em execução; foi tambem rejeitado um dos architectos Rambois e Cinati, e approvado mais tarde e mandado realisar o do architecto Verissimo José da Costa.

Não discutiremos esse projecto, que revela uma completa ausencia de gosto, elle ahi está para que todos possam admirar como a arte e as suas cousas foram tratadas entre nós.

A obre continuava com vagar, e como por demais, apesar das sommas que annualmente consumia; até que o actual sr. intendente das obras publicas julgou dever concluir de uma vez para sempre a Praça do Commercio.

As obras do arco da rua Augusta parecia que pertenciam á historia de parceria com as de Santa Engracia, e tanto que o *Panorama*, no artigo que acompanhava a estampa do arco dizia assim: — «O arco da rua Augusta ha de ser, estamos d'isso convencido, um monumento de seculos. Cada geração ha de trazer uma pedra, accrescentar um festão, bordar um lavor, juntar uma estatua, rendilhar uns cinzelados, prolongar entabullamentos, tecer uma nova grinalda. Emquanto existir Portugal ha de estar em via de construcção o arco da rua Augusta.»

Felizmente para nós, o artigo do *Panorama* veio mais uma vez provar «que ninguem é propheta na sua terra.«

A parte architectonica do arco até ao seu fecho, é d'uma correcção e elegancia de linhas admiravel; d'alli para cima lancemos um veu sobre aquella tremenda vegetação das épocas primittivas, e contemplemos o magnifico grupo devido ao cinzel do esculptor Calmels.

Alli ha tudo a admirar. E se a concepção artistica se deixou subordinar um pouco pelos preceitos de escola; a execução é admiravel, e honra o artista, e absolve o monumento dos defeitos que se lhe podem notar.

Cada uma das figuras manifesta claramente a idéa do esculptor, e tudo concorre n'ellas para a harmonia geral do grupo, que podemos sem vangloria affiançar que é um dos melhores da Europa, e o mais monumental.

Admiramos a flexibilidade dos membros n'aquelle marmore palpitante, e a distribuição harmonica das massas, tão essencial na esculptura. As carnes estão tratadas com mão de mestre, as contracções nervosas estão traduzidas com evidencia que nada deixa a desejar, e como dissemos as figuras, em hora subordinadas á fidelidade maravilhasa da imitação, estão divididas em grandes massas, o que lhes dá o aspecto verdadeiramente monumental; satisfazendo assim o estatuario a uma condição imperativa sem a qual, a arte, nunca attingiria uma belleza suprema. Vê-se perfeitamente que a mão que modelou aquelle grupo conhecia todos os segredos da arte.

Das estatuas de Victor Bastos, ha a especialisar a de Vasco da Gama, que faz lembrar o esculptor do monumento a Camões, e a cabeça do Tejo que é uma peça de estudo, e de trabalho consciencioso.

O estatuario Calmels ajustou pela quantia de 11:200$000 réis a execução do grupo, e o sr. Victor Bastos por 9:000$000 réis as figuras que ornam o entabulamento do arco.

Não descrevemos agora as estatuas, as suas bellezas e enfeites porque aguardamos um outro artigo em que o espaço tal nos permitta. Por essa occasião descreveremos

uma modificação importante, projectada pelo sr. D. Raphael da Silva e Castro, que tem por fim substituir as armas reaes e os inscriveis arabescos que as circumdam, por um baixo relevo representando um dos importantes factos da nossa historia. É o unico melhoramento possivel, e que o governo deve quanto antes mandar executar.

—

A penitenciaria

Ha muitos annos que na França se acham fundadas as prisões denominadas *penitenciarias*; cujo systema de construcção é o isolamento entre os presos, e cujo fim é a regeneração d'elles pelo trabalho.

Nas principaes nações cultas da Europa se tem introduzido as penitenciarias, estabelecimento que tem dado os mais satisfactorios resultados; reconhecendo-se praticamente a sua indispensabilidade, sobretudo nos paizes em que a pena de morte está legalmente abolida.

Em Portugal, ha muito que os homens competentes reclamavam este melhoramento com urgencia; o que decidiu o governo a tomar a peito este emprehendimento de tão reconhecida utilidade.

Examinados previamente os pontos indicados, foi preferida uma elevação ao N. da cidade (a uns 3 kilometros do Terreiro do Paço) denominada *Terras do Seabra* ou *Entre-muros*, local perfeitamente escolhido, não só por ser hygienico, como pelas suas formosas e extensas vistas, e pela proximidade de Lisboa. [1]

Principiaram as obras com grande actividade no começo d'este anno de 1874, ficando no fim d'elle em um pasmoso estado de adiantamento.

A penitenciaria consta de seis alas ou asas, duas maiores e quatro mais pequenas. As duas maiores correm perpendicularmente á entrada. Confluem todas n'uma torre central hexagonal. Cada ala, além do subterraneo, tem tres andares. Ao meio corre uma galeria de extremo a extremo. Nas paredes da galeria, e correspondente a cada andar, ha um passadiço, assentado em consolas, destinado ás rondas e á communicação com as cellulas. Nos subterraneos ha os armazens depositos, officinas de trabalho e cellulas de castigo. Cada ala terá o seu deposito de agua e todas as dependencias necessarias.

Na torre central ha de construir-se a capella, onde os presos pódem ouvir missa, inteiramente isolados.

No alto da torre, um vigia póde ver todas as galerias.

Estão em construcção todas as alas, excepto uma das maiores, porque ainda não se realisou a expropriação do terreno necessario.

A outra ala maior vae muito adiantada e estão completas as abobadas do subterraneo e as cellulas do primeiro andar.

Parece que nos fins de janeiro de 1875 esta ala deve estar acabada e prompta para servir.

O numero de presos que pódem ser alojados em toda a penitenciaria orça por mais de seiscentos.

O modelo de camas é muito engenhoso. A cama dobra-se em tres partes, que se sobrepoem, de modo que, ou serve de leito, ou de mesa de trabalho.

As portas teem um oculo de vigia, tambem disposto muito engenhosamente de modo que o preso é vigiado sem o saber.

Todos os corpos do edificio são circumdados por um fosso e um caminho de ronda.

No fosso geral existe um cano collector, que recebe os canos parciaes e vae desaguar no caneiro de Alcantara. As fossas são inodoras e separadoras. As cellulas são perfeitamente ventiladas.

A entrada geral dá para a estrada da circumvalação, bem como os edificios para secretaria, morada no director, carcereiros, guardas, cavallariças e todas as dependencias.

A frontaria principal é de tijolo. A média dos trabalhadores tem sido de 400. O orçamento é de 360 contos, e calcula-se que a

[1] Fica proximo da entrada S. do justamente celebrado aqueducto das Aguas Livres, ás Ammoreiras.

obra deve estar completa em desoito mezes.

O director das obras é o distincto engenheiro o sr. Ferraz.

Casa de detenção e correcção

Pela seguinte carta de lei, de 15 de junho de 1871, foi creada, por instancias dos srs. conselheiros Henrique Oneil, então director geral dos negocios de justiça e Manuel Pedro de Faria Azevedo, procurador regio junto á relação de Lisboa, a casa de detenção e correcção actualmente existente no antigo convento de Santa Monica, na freguezia de S. Vicente:

«Dom Luiz, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º—É creada para a comarca de Lisboa uma cadeia civil denominada *casa de detenção e correcção*, a qual é destinada a recolher os individuos do sexo masculino:

1.º—Menores de dezoito annos, que se acharem em processo e não affiançados;

2.º—Menores de dezoito annos que estiverem condemnados a prisão correccional;

3.º—Menores de quatorze annos que estiverem condemnados a qualquer pena;

4.º—Menores que forem presos á ordem da auctoridade administrativa;

5.º—Menores que deverem ser detidos nos termos dos artiges 143.º e 224.º, n.º 12, do Codigo Civil,

§ unico. Os menores, que completarem dezoito annos antes de cumprida a pena, continuarão até seu inteiro cumprimento na casa de detenção e correcção.

Art. 2.º—A casa de detenção e correcção fica dependente do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, o qual nomeará os respectivos empregados.

§ unico. A administração d'esta cadeia será immediatamente sujeita ao procurador regio junto da relação de Lisboa, sendo-lhe applicavel o que se acha determinado com relação ás outras cadeias civis da comarca, nos pontos em qne esta lei não providenciar especialmente.

Art. 3.º—O pessoal empregado na casa de detenção e correcção compõe-se:

1.º—De um director;

2.º—De um subdirector;

3.º—De um capellão;

4.º—De cinco guardas;

§ 1.º—Os empregados, de que trata este artigo, receberão os vencimentos declarados na tabella que faz parte da presente lei.

§ 2.º—O serviço de saude da casa de detenção e correcção será feito pelos facultativos da cadeia central.

Art. 4.º—São obrigados a trabalho:

1.º—Os individuos indicados nos n.os 2.º, 3.º, e § unico do artigo 1.º;

2.º—Os individuos indicados nos n.os 1.º, 4.º, e 5.º do mesmo artigo, que não tenham meios de subsistencia e forem alimentados pela casa de detenção e correcção.

Art. 5.º—O trabalho na casa de detenção e correcção será regulado conforme a idade, forças e capacidade dos individuos.

Art. 6.º—A todos os recolhidos n'esta cadeia será ministrada diariamente pelo capellão a instrucção litteraria, moral, e religiosa, do modo porque se determinar no regulamento.

Art. 7.º—Uma terça parte do producto do trabalho dos presos será applicada ás despezas da casa; outra á retribuição dos presos, que, pelo seu bom procedimento e zelo pelo trabalho, merecerem esse premio; e a ultima terça parte constituirá o fundo de reserva dos presos, o qual lhes será entregue ao sahirem da cadeia.

Art. 8.º—Serão empregados, como meios para estimular o bom procedimento dos presos e o seu zelo pelo trabalho:

1.º—Louvor em reunião publica dos presos;

2.º—Retribuição pecuniaria not termos do artigo anterior;

3.º—Liberdade provisoria sob vigilancia da policia;

Art. 9.º—Serão empregados como meios para corrigir o mau procedimento dos presos ou coagir ao trabalho:

1.º—Advertencia particular;

2.º—Reprehensão publica;

3.º—Prisão com isolamento, que não poderá exceder cinco dias.

Art. 10.º—O procurador regio junto da relação de Lisboa fará, quando julgar conveniente, promover perante o juiz respectivo a liberdade provisoria dos individuos indicados nos n.os 2.º, e 3.º, e § unico do artigo 1.º, nos termos do artigo seguinte.

Art. 11.º—Ao condemnado que tiver cumprido d'essas terças partes da pena, poderá ser concedida liberdade provisoria, quando no livro do registo tenha nota de irreprehensivel comportamento.

Art. 12.º—Quando o condemnado, a quem se tiver concedido a liberdade provisoria abusar d'ella, procedendo de um modo reprehensivel, será reintegrado na casa de detenção e correcção, e não se lhe levará em conta, para o cumprimento da pena, o tempo que tiver gosado da liberdade provisoria.

§ unico.— A reintegração será determinada pelo juiz competente, a requerimento do ministerio publico, em vista da informação dala auctoridade administrativa.

Art. 13.º—Os presos serão distribuidos por classes ou cathegorias inteiramente distinctas e separadas, tomando-se por base para essa divisão a edade, e a gravidade das causas porque se acham na casa de detenção e correção.

Art. 14—A casa de detenção e correcção é considerada como qualquer asylo de mendicidade e estabelecimento pio e de beneficencia ou educação gratuita, afim de ter parte no beneficio das doações, legados ou heranças que forem deixadas aos estabelecimentos d'essa ordem.

Art. 15.º—E' auctorisada a despeza de 6:000$000 de réis para accommodar aos fins da casa de detenção e correcção o edificio do extincto convento das religiosas de Santo Agostinho, descalças, denominado das Monicicas.

Art. 16.º—Para satisfazer ás despezas ordinarias da casa de detenção e correcção é auctorisada a verba annual de 2:000$000 réis, que será incerida no orçamento do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, e com elle annualmente votada.

Art. 17.º—Fica o governo auctorisado a fazer os regulamentos necessarios para a cabal execução da presente lei.

Art. 18.º—Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e a façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contem.

O ministro secretario de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça a façam cumprir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda em 15 de junho de 1871 — El-rei, com rubrica e guarda — José Marcellino de Sá Vargas — Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei pela qual vossa magestade, tendo sanccionado o decreto das côrtes geraes do 2 do corrente, que auctorisa o governo a crear para a comarca de Lisboa uma cadeia civil denominada casa de detenção e correcção, destinada a recolher os menores do sexo masculino que estiverem nas circumstancias no mesmo decreto indicadas; manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contem, pela fórma supra declarada.

Para vossa magestade vêr — João Maria Lopes a fez.

Tabella a que se refere a carta de lei d'esta data

Artigo unico terão de vencimento annuaes:

1 director	200$000
1 sub-director	150$000
1 capellão	200$000
5 guardas, a 300 réis diarios	547$000

Paço, em 15 de junho de 1871.—José Marcellino de Sá Vargas.

Relação dos titulares actualmente existentes em Portugal [1]

Duques de

Cadaval—D. Nuno Alvares Pereira de Mello.

Lafões—Vago.

1 Devo este artigo ao insano trabalho e nobre generosidade do ex.mo sr. dr. João Ma-

Loulé—Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto.

Palmella—D. Maria Luiza de Souza e Holstein.

Palmella—Antonio de Sampaio e Pina de Brederode.

Saldanha—João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daum.

Marquezes de

Abrantes—Vago.

(Foi seu ultimo representante D. José Maria da Piedade Alencastre, que, por ser legitimista, não quiz receber dos liberaes a renovação do seu titulo.)

Alvito—D. José Lobo da Silveira Quaresma.

(E' o antigo titulo de *conde-barão*, de Alvito.)

Angeja—D. Caetano de Almeida Noronha Camões de Albuquerque Moniz e Sousa.

(Conde de Peniche.)

Avila e Bolama—Antonio José de Avila.

Bellas—D. Antonio de Castello Branco Correia e Cunha Vasconcellos e Sousa. (E' conde de Pombeiro.)

Bemposta—Theodoro Estevão de Lorne Saint Leger.

Cascaes—Está ha muitos annos unido ao marquezado de Niza.

Castello Melhor—João de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Faro e Veiga.

Cezimbra—D. Thomaz de Sousa Holstein. (Palmella.)

Ficalho—Antonio de Mello.

Fronteira—D. José Trasimundo Mascarenhas Barreto Palha.

Lavradio—Vago. (Era D. Antonio de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre (falleceu.)

(E' conde de Avintes.)

Minas—D. Pedro da Silveira e Lorena.

Monfalim—D. Philippe de Sousa Holstein. (Palmella.)

Niza—Vaga. (Era D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama e Castro Noronha Athaide Silveira e Sousa, que falleceu.)

(E' conde da Vidigueira.)

Penafiel—D. Maria da Assumpção da Matta de Sousa Coutinho.

Penafiel—Antonio José da Serra Gomes.

(Brasileiro.)

Penalva—Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes.

Pombal—Manuel de Carvalho Daum Mello Daum e Albuquerque.

(E' conde de Oeiras.)

Ponte de Lima—D. José Maria Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva.

(E' visconde de Villa Nova da Cerveira.)

Resende—D. Antonio Telles da Silva (da casa de Penalva.)

Sá da Bandeira—Bernardo de Sá Nogueira.

Sabugosa—D. Antonio Maria José de Mello Silva Cesar de Menezes.

Saldanha—João Carlos de Saldanha Oliveira e Daum.

Sousa e Holstein—D. Francisco de Sousa e Holsteins.

(Palmella.)

Terena—D. Eugenia Maria Filomena Brandão de Mello Coguminho Correia de Sá Pereira de Lacerda e Figueirôa.

Vagos—D. José Tello da Silva Menezes Corte Real.

Vallada—D. José de Menezes da Silveira e Castro.

Vianna—D. João Manuel de Menezes.

Condes de

Alcoçovas—D. Caetano de Salles Henriques Pereira Faria Saldanha Vasconcellos Lencastre.

Alcaçovas—D. Luiz Henriques Faria Pereira Saldanha Lencastre.

ria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão de Armamar, que, com o seu primo, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, digno e illustrado abbade de S. Pedro de Miragaia (Porto) tanto se teem esmerado em fornecer-me preciosos esclarecimentos sobre varias localidades.

Acceitem estes dois cavalheiros os meus sinceros protestos do mais eterno reconhecimento.

Almosioster—João Carlos de Saldanha Oliveira e D. Daum.
Alter-r—João Carlos da Horta Telles Machado de le França.
Alva-a—D. Vicente de Sousa Coutinho Monteiro Paim.
Alvieliella—Alberto José Fobbet.
Anadiidia—José de Sá Pereira de Menezes.
Arcos-os—D. Manuel de Noronha e Brito.
Arcos-os—D. Nuno.
Avilezlez—Jorge Salema de Avilez.
Azamimbuja—Augusto Pedro de Mendonça Rolimim de Moura Barreto.
(Loulé.)
Azenhnha—Ignacio Correia Leite de Almada.
Azinhinhaga—Francisco de Saldanha Oliveira e D. Daum.
Belmimonte—D. Vasco Manuel de Figueiredo CaLabral da Camara.
Bertirtiandos—Gonçalo Ferreira da Silva Sousa ta de Menezes.
Bomfmfim—José Lucio Travasso Valdez.
Cabrbral—Eduardo Augusto da Silva Cabral.
Cacilcilhas—Eduardo Thornton.
Campmpanhan—Balthazar de Almeida Pimenteltel.
Campmpanhan—D. Maria Ermelinda Macedo PaPassos de Almeida Pimentel.
Capaparica—D. Francisco Xavier de Menezezes.
Carnrnota—João Athelstane.
Carvrvalhal—D. Antonio da Camara de Carvalvalhal Esmeraldo de Athouguia Sá Machchado.
Casasal—D. Maria Luiza de Barros Abreu Sousa sa e Alvim.
Casasal—Diogo Maria da Silva Campos.
Casasal Ribeiro—José Maria do Casal Ribeiro.
Castestello Branco—Joaquim Trigueiros Marteltel. (Falleceu ha pouco.)
Castestello Novo—Antonio Manuel Correia da SilSilva Sampaio Junior, visconde de Castellolo Novo.
Castistro—José Joaquim Gomes de Castro.
Cavavalleiros—D. Rodrigo José de Menezes.
Cêa-a—D. Antonio Manuel de Menezes.
Cintmtra—D. Francisca Eugenia de Saldanha OlOliveira e Daum.
Condndeixa—D. Maria Rita Ferreira de Magalhlhães.
Cunha—D. José Maria Vasques Alvarez da Cunha.
Estrella—Joaquim Manuel Monteiro.
Estrella—Joaquim Manuel Monteiro (filho.)
Faro—Frederice Luiz Cabreira.
Farrobo—Joaquim Pedro Quintella.
Farrobo—(D. Eugenia.)
Ficalho—Francisco de Mello.
Fonte Bella—D. Marianna Isabel de Menezes e Alpoim.
Fonte Nova—Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.
Fornos de Algodres—João Maria de Abreu Castello Branco.
Fornos de Algodres—D. Eduarda de Abreu Castello Branco Amaral e Silva.
Foz—Tristão Guedes Correia de Queiroz.
Foz—D. Marianna Georgina Pereira Palha de Faria Lacerda.
Galveias—D. Antonio Francisco Lobo de Almeida Mello e Castro.
Galveias—Francisco Xavier (filho.)
Geraz de Lima—Rodrigo Brandão da Fonseca Magalhães.
Graciosa—Fernando Affonso Geraldes Sampaio e Bourbon.
Graciosa—Fernando de Mello Geraldes Sampaio de Bourbon.
Guarda—Luiz de Oliveira Almeida Calheiros e Menezes.
Hesecques—Francisco Candido de Bulhões Pato Christiano Thomsem.
Junqueira—José da Paz de Castro Seabra.
Lagcaça—D. Luiza Benedicta Monteiro.
Lapa—Manuel de Almeida Vasconcellos Soveral de Carvalho da Maia Soares de Albergaria.
Lencastre—Veja-se visconde de Lencastre.
Linhares—D. Rodrigo de Sousa Coutinho Teixeira de Andrade Barbosa.
Lousan—D. João José de Lencastre Basto Baharem.
Lumiares—D. José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa.
Mafra—Francisco de Mello Breyner.
Magalhães—Antonio Vieira de Magalhães.
(Alpendurada.)
S. Mamede—Rodrigo Pereira Felicio (fallecido.)

Mello—D. Thereza Francisca de Mello Silva Breyner Sousa Tavares e Moura.
Mesquitella—D. João Affonso da Costa Sousa Macedo e Albuquerque.
Moita—D. Marcellino Aragoa Azlar.
Murça—D. Marianna das Dores de Mello.
Murça—D. José Maria de Mello Abreu Soares de Vasconcellos Brito Barbosa Palha.
Noronha—D. Luiz de Noronha.
Nova Gôa—D. Luiz Caetano de Castro Almeida Pimentel de Sequeira Abreu.
Odemira—Manuel de Mello.
Oeiras—Sebastião José de Carvalho e Mello Daum Albuquerque Silva e Lorena.
(Pombal.)
Paraty—D. João Ignacio Francisco de Paula de Noronha.
Passos Manuel—D. Beatriz de Passos Manuel.
Penamacor—Antonio Maria de Saldanha Albuquerque Castro Riba Fria Pereira. (Falleceu.)
Penha Firme—Jorge Rose Sartorins.
Pinheiro—D. Miguel Ximenes Gomes Rodrigues Sandoval de Castro e Vargas. (Falleceu.)
Ponte—João Saldanha da Gama Mello Torres Guedes de Brito. (Falleceu.)
Portalegre—Francisco da Fonseca Coutinho o Castro (Vide Visconde de Portalegre.
Prado—D. Nuno Maria da Silveira Lorena.
Prado da Silva—D. Maria Thereza Emilia de Almeida Quadros Sousa Lencastre Fonseca Saldanha e Albuquerque.
Praia da Victoria—Theotonio de Ornellas Bruges Avila.
Praia da Victoria—Antonio de Ornellas Bruges Avila.
Quinta das Canas—D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva Carvajal.
Redinha—Antonio de Carvalho Daum e Lorena.
(Pombal.)
Resende—D. Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel de Sousa. E' viscondessa de Beire.
(E' viscondessa de Beire.)
Resende—D. Luiz Manuel Benedicto da Natividade Castro Pamplona.
Ribeira Grande—D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara.
Rilvas—D. Maria Clara de Calça e Pina.
Rilvas—João Gomes de Oliveira e Silva Bandeira de Mello.
Rio Maior—João de Saldanha de Oliveira Jozarte Figueira e Sousa.
Rio Maior—Vago.
Rio Pardo—D. Luiz de Sousa.
Sabugal—D. Luiz de Assis Mascarenhas.
(Tem unido o condado de Obidos.)
Samodães—Francisco de Azevedo Teixeira de Aguilar.
Santa Eulalia—Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu.
S. Jorge—João da Silva Carvalho.
S. Miguel—Sebastião Guedes Brandão de Mello.
(Torre da Marca.)
Sarmento—D. Maria da Conceição do Valle.
Sarzedas—Bernardo Heitor da Silveira Lorena.
Silva Sanches—D. Carolina Augusta da Silva Sanches.
Silvan—D. João da Camara de Mello Manuel
Sobral—D. Luiz de Mello Breyner.
Sobral—Hermano Braancamp Sobral de Mello Breyner.
Sousa Coutinho—D. Maria das Dores de Sousa Coutinho.
Taipa—D. Manuel Jeronimo da Camara.
Tavarêde—Francisco de Almeida Quadros Sousa de Lencastre.
Tavarêde—João Carlos Emilio Vicente Francisco de Almeida Quadros Sousa Lencastre Fonseca Saldanha e Albuquerque.
Thiago (S.) de Beduído—Antonio de Carvalho Daum e Lorena.
(E' conde de S. Thiago de Beduido.)
Thomar—Antonio Bernardo da Costa Cabral.
Thomar—Antonio Bernardo da Costa Cabral (filho.)
Torre—Pedro João de Moraes Sarmento.
Torre—D. Maria Mascarenhas Barreto.
(Loulé.)
Valladares=D. José Antonio de Noronha Abrantes Castello Branco.

Vallelle de Reis—Pedro Agostinho de Mendonça a Rolim de Moura Barreto.
Vidigligueira—D. Thomaz Xavier Telles Castroro da Gama Athaide Noronha Silveira e SoSousa.
(Niza.
Villala Franca do Campo—D. Pedro da Costa a Macedo.
Villala Pouca—Rodrigo de Sousa Teixeira da SiSilva Alcoforado.
Villala da Praia da Victoria—Jacome de Brugeges. (Vide barão de Bruges.)
Villala Real—D. José de Sousa Botelho Mourãcão e Vasconcellos.
Viminioso—D. Francisco de Paula Portugal e CaCastro.
Vinhhaes—Simão da Costa Pessoa.

Viscondes de

Abrarançalha—João José Henriques Trigueiroros Athaide.
Abrigrigada—José Maria Camillo de Mendonça.
Agucudeira—Joaquim Alvaro Telles de Figueireredo Pacheco.
Airerei—João Moor Airei.
Alcacacer do Sal—Antonio Caetano de Figueireredo.
Alenemquer—D. Thomaz de Napoles.
Alenemtem—Antonio Barreto de Almeida Soareres de Alencastre.
Algégés—Augusto Carlos Cardoso Bacellar de SoSousa Azevedo.
Aljesjesur—Francisco de Lemos de Faria Perereira Coutinho.
Aljesjesur—D. Maria Rita de Noronha.
Almmeida—Paulo Martins de Almeida.
Almmeidinha—João Carlos do Amaral Osorio e e Sousa.
Almmendra—Antonio de Castilho Falcão de MMendonça.
Alpependorada—D. Maria das Neves Correia LeLeal.
Alpependorada—João Baptista Pereira da Rochcha.
Alvéves de Sá—João Maria Alves de Sá.
Ampparo—Rodrigo Borba Alardo de Lencastrtro e Barros.
Andadaluz—Antonio Julio de Santa Martha Vadrdre de Mesquita e Mello.
Araujo—José Domingues de Araujo.
Arcoselo—Joaquim Teixeira de Castro.
Areias de Cambra—Antonio Soares Leite Ferraz de Albergaria.
Arneiro—José Augusto Ferreira da Veiga.
Arneiros—Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio Vieira e Silva.
Arriaga—Joaquim Pinto de Magalhães.
Asseca—Antonio Maria Correia da Silva Benevides Velasco da Cunha.
Athouguia—Ruy de Athouguia Ferreira Pinto.
Ajaruzinha—Augusto Antonio Dias de Freitas.
Azevedo—Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca.
Azinheira—Luiz Candido Teixeira de Moura.
Baçar—Fernando Antonio de Almeida Tavares e Oliveira.
Baçar—José Maria de Abreu Freire e Almeida.
Balsemão—Luiz Alexandre Alfredo Pinto de Sousa Coutinho.
Banho—Thomaz Ignacio Girão Moraes Sarmento.
Barreiro—Francisco da Silva Mello Soares de Freitas.
Barros Lima—Francisco Ribeiro de Faria Junior.
Bastos—Francisco de Paula Bastos.
Baux—Carlos Victor Augusto Baux.
Beire—D. Maria Helena de Sousa Holstein.
(Condessa de Rezende.)
Belfort—Antonio Raymundo Teixeira Vieira Belfort.
Bella Vista—Rodrigo da Costa Carvalho.
Benalcanfor—Ricardo Augusto Pereira Guimarãees.
Benazazil—Polycarpo José Machado.
Bessone—Thomaz Maria Bessone.
Bettencourt—João de Bettencourt Vasconcellos Correia Avila.
Bischoffsheim—Henrique Luiz Bischoffshein.
Bivar—Francisco de Almeida Coelho de Bivar.
Boa Vista—Mariano Joaquim de Sousa Feio.
Boa Vista—Francisco de Sousa Feio.
Borges de Castro—José Ferreira Borges de Castro.

Borralha—Francisco Caldeira Pinto de Albuquerque.

Borralha—Gonçalo Caldeira Cid Leitão Pinto de Albuquerque.

Botelho—Nuno Gonçalves Botelho d'Arruda Coutinho e Gusmão.

Bouções—José Jacintho Palma.

Bovieiro—Rodrigo Monteiro Guedes de Vasconcellos Mourão.

(Abragão.)

Bruges—Jacome de Bruges.

Bucellas—Candido José Mourão Garcez Palha.

Calhariz de Bemfica—Luiz Augusto Martins.

Calçada—Diogo de Ornellas de França Carvalhal Frazão e Figueiroa.

Camarate—Hermenegildo Augusto de Faria Blanc.

Capellinha—Manuel Joaquim Tavares Paes de Sousa e Andrade.

Em 1855 era este: supponho ser o antigo barão d'este nome.

Caría—José Homem de Figueiredo Machado.

Caría—Vasco Homem de Figueiredo Leitão.

Acho estes dois nomes, e supponho haver dois individuos do mesmo titulo,

Carnide—José Street de Arriaga e Cunha.

Carnide—Gilherme Street de Arriaga e Cunha.

Carregoso—Antonio Gomes Brandão.

(Cucujães.)

Carreira—Luiz Bravo de Abreu e Lima.

Cartaxo—D. Christina Helena Pitta e Sampaio.

Cartaxo—Luiz Teixeira de Sampaio.

Carvalhido—Luiz Augusto Forreira de Almeida.

Carvalho—Vergilio Augusto Correia de Carvalho.

Castello Alvo—José Carlos Alkain.

Castello de Borges—José Borges Pinto de Carvalho Affonseca.

Castello Novo—Antonio Manuel Correia da Silva de Sampaio Junior. (Vide conde do mesmo titulo.)

Castellões—Antonio Cardoso Pereira Ferraz.

Castilho—Antonio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

Castilho—Julio de Castilho Barreto e Noronha.

Castro Silva—Antonio José de Castro Silva Junior.

Caulipe—Severiano Ribeiro da Cunha.

Cedofeita—Henrique Coelho de Sousa.

Cercal—Antonio Alexandrino de Mello.

Cancelleiros—Sebastião José de Carvalho

Condeixa—João de Magalhães Collaço Vellasques Sarmento Moniz,

Coriscada—Francisco Joaquim da Silva Campos Mello.

Correia Godinho—José Correia Godinho da Costa.

Corte—Manuel Eleuterio de Castro Ribeiro.

Costa—Rodrigo Guedes de Carvalho e Menezes.

Cruz Alta—Joaquim Francisco Dutra Junior.

Desterro—José Joaquim Ferreira Junior.

Dominguiso—D. Theodora Alexandrina de Almeida Paes Castello Branco.

Duprat—Alfredo Duprat.

Ervedal—D. João Lobo Padilha de Castro Pimentel.

Ervedosa—Antonio Correia de Castro Sepulveda.

Esperança—José Maria Barahona Fragoso Cordovil da Gama Lobo.

Esperança—José Bernardo de Barahona Cordovil.

Espinhal—D. Maria da Piedade Mello Sampaio Salazar.

Estrella—Joaquim Manuel Monteiro. (E' conde do mesmo titulo.)

Estremoz—Antonio Ramires Esquinel.

Faro—Frederico Leão Cabreira.

Ferreira Alves—José Ferreira Alves.

Ferreri—Antonio Augusto Brandão de Sousa Ferreri.

Figarierê—Frederico Francisco de Figaniere Mourão.

Figueiredo—Joaquim José de Figueiredo.

Fontainhas—José Cordeiro Feio.

Fonte Arcada—Antonio Jaques de Magalhães.

Fonte Boa—D. Maria Henriqueta da Cunha Rebello.

Fonte Boa—D. Maria Victoria Burlamâqui Pedegacho da Cunha Rebello Marcos.

Fonte'e do Matto—Bartholomeu Alves da Cunhaia Silveira Bettencourt.

Fornoios de Algodres—D. Josefa Adelaide de Lemmos Teixeira de Aguilar.

Foz c de Arouce—Francisco Augusto Furtado) de Mesquita Paiva Pinto.

Fargojozella—José Pereira Loureiro.

Franocos—José Henriques de Castro Solla.

Freixxo—Antonio Affonso Vellado.

Gameieiro—D. Camilla Julia de Gameiro e Hoiorta.

Gameieiro—José Ricardo da Silva e Horta.

Gandadarinha—Sebastião Pinto Leite.

Goa—José Ferreira Pestana.

Gouvaeia—José Freire de Serpa Pimentel (falalleceu.)

Graçça—Jorge Croft.

Gueddes—Francisco Guedes de Carvalho Menezzes.

Gueddes Teixeira—José Augusto Teixeira Guuedes.

Guiãães—D. Maria Antonia Taveira de Sousa ı Lira e Menezes.

Idanhha a Nova—Antonio Joaquim de Sousa Baarbosa.

Junqqueira—E' o actual conde.

Juroomenha—João Antonio de Lemos Pereiraa de Lacerda.

Lagieiosa—José Leite Pereira de Mello.

Lágeiea—Francisco de Assis Mascarenhas Grrade.

Lagojoaça—Julio Cesar de Castro Pereira.

Lançaçada=Ignacio Julio de Sampaio Pina Frreire.

Laraangeiras — Antonio Manuel Medeiros Cdosta Canto e Albuquerque.

Laraangeiras—Manuel de Medeiros da Costa Araujo e Albuquerque.

Las ; Casas—Felix Las Casas dos Santos.

Lecéiéia—José Pedro Celestino Soaeres (falleceeu ha pouco tempo.)

Leirria=José de Vasconcellos Bandeira de Lcemos.

Lenacastre—D. Antonio Manuel de Lencastrre Saldanha.

Linàdoso—João Peixoto da Silva Almeida Machhado.

Linàdoso—Gonçalo Manuel Peixoto da Silvara.

Lounres—Angelo Francisco Carneiro.

Macedo Pinto—Antonio Ferreira de Macedo Pinto.

Macieira—Henrique Eugenio de Macieira.

Margaride—Luiz Cardoso Martins da Costa Macedo.

Mariares—Lhristovão de Vasconcellos Azevedo Silva Vieira Freire de Andrade de Castro Castello Branco.

Mason de S, Domingos—James Mason.

Menezes—Luiz de Miranda Pereira de Menes.

Mesquita—Miguel Correia de Mesquita Pimentel.

Messines—Joaquim Mendes Neutel.

Midões—Cesar Ribeiro de Abranches Castello Branco.

Milhundres—Antonio Pereira de Sá Sotto Maior.

Miragaia—Bernardo Pinto Gonçalves Silva.

Monção—Gonçalo José Vaz de Carvalho.

Monforte—Luiz Coutinho de Albergaria Freire.

Monserrate—Francisco Cook.

Montariol—Francisco Manuel da Costa.

Monte Santo—Manuel dos Santos Pereira Jardim.

Moraes Sarmento—Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento.

Morão—José Antonio Morão.

Moreira de Rei—Antonio Augusto Ferreira de Mello.

Mossamedes—José de Almeida e Vasconcellos.

Moura—João Antonio Lobo de Moura.

Negrellos—Manuel Maria da Costa Alpoim.

Nogueiras—Jacintho de Santa Anna e Vasconcellos Moniz Bettencourt.

Noronha—Manoel Homem da Costa Noronha, ou Pedro Homem da Costa Noronha.

Acho-os ambos designados com este titulo, e não sei se o são simultaneamente, ou se um por morte do outro.

Nova Cintra—José Joaquim Leite Guimarães. (Creio que morreu.)

Oleiros—Fransisco de Albuquerque Pinto Castro e Napoles.

Olivaes—Antonio Theophilo de Araujo.

Orta—Foi elevado a conde de Alte.

Ottolini—Manuel Sarmento Ottolini.

Ouguella—Carlos Ramiro Coutinho.
Ourem—Elesbão José Bettencourt Lapa.
Outeiro—Jeronimo Trigueiros de Aragão
Ovar—Antonio Manuel Pereira da Costa
Paço Couceiro—João couceiro da Costa.
Paço do Lumiar—Antonio Leopoldo da Costa Bueno e Nietto Cevalhos de Villa Lobos Hidalgo Moscoso.
Paço do Lumiar—José Maria da Costa Bueno e Nieto Cevalhos de Villa Lobos Hidalgo Moscoso.
Paiva—Francisco José de Paiva Péreira da Silva. (Suicidou-se.)
Paiva—Adolfo de Paiva Pereira.
Paiva Manso—Levy Maria Jordão da Paiva Manso.
Paradinha do Outeiro—Antonio José de Miranda.
S. Pedro do Sul—Francisco de Mello de Sousa Cunha e Abreu.

Vae adiante no logar que lhe compete alphabeticamente.

Pena—D. José Rodrigues Cascaes Peres.
Pereira Machado—Guilherme Augusto Machado Pereira.
Pernes—Carlos Augusto Bom de Sousa.
Pimentel—Joaquim Gomes Pimentel.
Pindella—João Machado Pinheiro Correia de Mello.
Podente—Jeronimo Dias de Azevedo.
Ponte da Barca—Jeronimo Pereira de Vasconcellos.
Portalegre—Francisco da Fonseca Coutinho de Castro Refoios.
Porto Carreiro—João da Cunha Cardoso Osorio Ferraz de Castro do Porto Carreiro.
Porto Covo da Bandeira—Felix Bernardino da Costa Lobo da Bandeira.
Porto Formoso—Jacintho Fernando Gil.
Porto Salvo—Henrique José da Costa.
Praia—Duarte Borges da Camara Medeiros.
Praia Grande de Macau—Izidoro Francisco Guimarães.
Proença Velha—Antonio de Gouveia Osorio e Vasconcellos.
Proença Vieira—Joaquim José de Proença Vieira.
Quinta d'Alegria—D. Flora Amalia Sampaio e Mello.
Quinta de S. Thomé—Fortunato da Costa Cabral de Vasconcellos Coutinho.
Reguengo—Jorge Frederico de Avilez.
Reriz—Antonio Maria de Almeida Almeida Azevedo Cunha e Vasconcellos.
Ribamar—João da Costa Carvalho.
Riba Tamega—José de Vasconcellos Guedes de Carvalho.
Ribeira—D. Henriqueta da Costa Carvalho Talone.
Ribeira—Frederico Carlos Agnello Talone.
Ribeira d'Alijó—Antonio Julio de Castro Pinto Magalhães.
Ribeira Brava—Francisco Correia Heredia.
Ribeiro da Silva—Libanio Ribeiro da Silva.
Rio Sêcco—José Carlos d'Azevedo.
Roborêdo—Conrado Henrique Christiano de Roboredo.
Roriz—Antonio Marinho Falcão de Castro.
Ruães—Bento Luiz Ferreira Carmo.
Sacavem—José Joaquim Pinto da Silva Junior.
Sagres—Carlos Benevenuto Casimiro.
Sampaio dos Arcos—Gaspar d'Azevedo Araújo e Gama.
Sauches Baena—Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha.
Sant'Anna—Manuel Alves Guerra.
Santa Cruz—José Maria de Carvalho.
Santa Eulalia—Foi elevado a conde.
Santa Izabel—Julio Augusto Ferreira. (Morreu ha pouco, na Suissa, de um desastre).
Santa Luzia—José Joaquim Machado Ferraz.
Santa Quiteria—José Antonio Soares Leal.
Santo André—Antonio Justino Ferreira.
Santo Antonio—Pedro Antonio Rebocho.
Santo Varão—D. Emilia Candida Augusta de Noronha.
S. Bartholomeu—José Joaquim Lobo.
S. Januario—Januario Correia d'Almeida.
S. Jeronymo—Basilio Alberto de Sousa Pinto.
S. João—Diogo Baranguer de França Netto.
S. João da Pesqueira—Luiz de Sousa Vahia Rebello.
S. Lazaro—Miguel José Raio.
S. Mamede—Foi elevado a conde e morreu.

S. Pedro do Sul—Francisco de Mello de Sousa Cunha e Abreu.
S. Salvador de Mattosinhos—João José dos Reis.
S. Sebastião—José Maria Henriques d'Azevedo Reis.
S. Sebastião—Luiz Henriques Charters d'Azevedo.
S. Thiago—Foi elevado a conde de Castello Branco, e morreu.
S. Torquato—Luiz Augusto Perestrello.
Sardoal—José de Figueiredo Frazão.
Sarzdo— Antonio Ribeiro de Carvalho Abreu Pessoa d'Amorim Pacheco.
Seabra—Antonio Luiz de Seabra.
Seissal—Pedro Mauricio Correia Henriques.
Serrado—Francisco de Mello Lemos e Alvellos.
Sieuve de Menezes—José Maria Sieuve de Menezes.
Silva Carvalko—José da Silva Carvalho.
Soares Franco—Francisco Soares Franco.
Sotto Maior—Antonio da Cunha Sotto Maior.
Souto—Antonio José Alves Souto.
Soveral—Luiz Augusto Pinto de Soveral.
Stern—David Stern.
Taveiro—José de Mello Paes do Amaral de Sousa Pereira de Vasconcellos de Menezes.
Taveiro—D. Maria Rosa de Figueiredo da Cunha Abreu e Mello Pereira de Lacerda e Lemos.
Tavira—Antonio de Padua da Costa Almeida.
Telles de Menezes—Diogo Telles de Menezes.
Tinalhas—José Coutinho Barriga da Silveira Castro e Camara.
Torrão—Jeronymo Mexia Baião.
Torre—João Feio de Magalhães Coutinho.
Torre Bella—D. Filomena Gabrielta—D. Vicencia de Freitas.
Torre de Donas—Joaquim de Azevedo Araujo e Gama.
Torre de Moncorvo—Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento.
Torre da Murta—João Carlos Infante Correia da Silva Carvalho.
Tracoso—Bartholomeu da Costa Macedo Geraldes Barba de Menezes.
Trindade—José Antonio de Sousa Basto.
Trindade—José Antonio de Sousa Basto Junior (filho).
Valle da Gama—Ignacio da Cruz Guerreiro.
Valle da Piedade—Antonio José de Castro Silva.
Valmor—Fausto de Queiroz Guedes.
Valmor—D. Amelia, hoje viscondessa de Sacavem.
Vargem da Ordem—Gaspar Pessoa de Amorim Tavares.
Varzea—Era João da Siveira Pinto da Fonseca, mas falleceu e não consta que o titulo fosse renovado.
Villa de Bella—Mendo Saraivo da Costa Pereira de Refoios.
Villa Maior—Julio Maximo de Oliveira Pimentel.
Villa Mendo—Antonio de Gouveia Osorio.
Villa Nova do Minho—José Bernardo de Sá.
Villa Nova da Rainha—Antonio de Barros. (Filho do visconde de Santarem).
Villa Verde—Fernando Pereira dos Santos (É filho do barão de Fornellos).
Villar Allen—Alfredo Allen.
Villarinho de S. Romão—Alvaro Ferreira Carneiro Vasconcellos Girão.
Welten—Eduardo Wiener de Welten.

Barões de

Abraçada—João José Henriques Trigueiros d'Athaide. (Vide Visconde de Abrançalha.)
Agua Izé—Manuel da Vera Cruz e Almeida.
Albufeira—José Maria de Faria e Sousa Vasconcellos e Sá.
Alcantarilha—Sebastião José de Mendonça
Alcochete—Bernardo Daupiás.
Alemquer—Manuel Joaquim de Almeida.
Alfarrobeira—Thomaz Quintino Antunes.
Almargem—Marianno Barros de Sousa Garcez Palha.
Almeida—Antonio Thomaz Vieira Pinto de Almeida e Silva.
Almeirim—Manuel Nunes Braamcamp Freire.
Alvaiázere—João Vieira Pinto d'Almeida e Silva.

Amêdo—Luiz Antonio de Sampaio Moniz e Castro.
Ancêde—Henrique Soares de Ancede.
Ancêde—D. Maria Maxima de Lima Soares.
Areia Larga—Antonio Garcia da Rosa.
Arruda—Bortholomeu de Gamboa e Liz.
Athaide—João Tenreiro Monteiro.
Azarujinha—Augusto Dias de Freitas.
Bamberg—Felix Bamberg.
Barreto—É o barão Bliss Henrique Bliss de Brandon Park, que mudou de titulo.
Barroil—Estevão Barroil.
Bertellinho—João Antonio Rodrigues de Miranda.
Brissós—Antonio Lopes de Gusmão Lobo.
Cabinda—Manuel José Puna. (Um regulo africano).
Calapor—Purxotoma Sintay Quencro.
Calvario—Manuel Pereira da Silva.
Cambarjua—Ludovico Xavier Mourão.
Capellinha—É o visconde do mesmo titulo.
Caría—José Homem de Figueiredo Machado.
Castello de Paiva—Autonio da Costa Paiva.
Castro Daire—Luiz Malheiro Peixoto de Lemos Mello e Vasconcellos.
Cercal—Antonio Alexandrino de Mello.
Claros—Gustavo d'Almeida Sousa e Sá.
Conceição—Fortunato Joaquim Figueira.
Corvo—Manuel Alves Souto. (Morreu).
Costa Veiga—Antonio Xavier da Costa Veiga.
Costeado—Antonio de Napoles Vaz Vieira de Mello Alvim.
Dempó—C. G. Raiú Sinay Dempó.
Erlanger—Rafael Erlanger.—Emilio Erlanger.
Ermida = Antonio Ferreira Machado de Brito.
Fonte Bella—Amancio Gago da Camara.
Fonte Bella—Jacintho Gago da Silveira Andrade.
Fonte do Matto=Antonio da Cunha Silveira Bettencourt.
Fornellos=Fernando Maria Pereira dos Santos.
Gloria—Antonio José Leite Guimarães.
Gobe de Massarellos—Ludovico Pedro Gobe de Massarellos.
Gramosa—Joaquim José da Costa Rebello.
Granjão—Antonio Botelho Teixeira.
Grimancellos—D. Virginia de Passos d'Almeida Pimentel.
Guadalupe—João Ignacio de Simas e Cunha.
Hortega—João Hortega.
Hospital—Joaquim de Queiroz Machado.
Joanne—Antonio Luiz Machado Guimarães.
Josan—Emilio Josan
Kessler—Athanazio Kessler.
Knowles—João Knowles.
Koenig—Maximiliano Julio Koenigs Warter.
Lages—Zeferino Teixeira Cabral de Mesquita.
Lages—Alexandre Manuel Vieira de Carvalho.
Lagoa=Bernardo Casimiro de Freitas.
Lagoa—D. Carolina de Freitas Amaral.
Lagoa=Antonio Maria d'Amaral.
Lagos—Henrique José da Silva.
Laranjeiras—Duarte de Medeiros e Albuquerque.
Leiria—D. Maria Benedicta de Vasconcellos e Lemos.
Leiria—Antonio Augusto Pereira de Vasconcellos e Lemos.
Leiria—Antonio Augusto Pereira de Vascellos Sousa e Menezes.
Livramento—José Antonio de Araujo.
Lordello—José da Fonseca Gouveia.
Louredo—Manuel Lourenço Baeta Neves.
Luzo—Manuel Ferreira d'Azevedo Junior.
Magdalena—Miguel Quente Machado da Cunha—Mizael Vieira Machado da Cunha.
Marinho—Antonio Pereira Marinho.
Massarellos—Joaquim Augusto Kopk Schwerin de Sousa.
Mattosinhos—Antonio Pereira da Silva Maia.
Mauricio Mathias—Maurio José Mathias.
Mendonça—Joaquim Manuel de Mendonça.
Mesquita—Miguel Correia de Mesquita Pimentel. (Foi elevado a visconde).
Mogadouro—D. Anna Izabel Maria de Moura Pegado.
Mogadouro—Antonio Saraiva de Albuquerque Vilhena,
Mogofores—Manuel Ferreira de Seabra da Motta e Silva.
Moimenta da Beira—Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro.

Momte Brasil—José Quintino Dias.
Nelllas=José Bernardo dos Anjos e Brito.
Newogilde—D. Carlota Ricca Borges Moraes e Castro.
Nosssa Senhora das Mercês—Candido Pacheco de Mello Forjaz de Lacerda.
Nosssa Senhora d'Oliveira=Manuel Ignacio da Silveira.
Nosssa Senhora da Saude—José Maria da Camara Coutinho Carreira de Castro.
Oliiveira do Conde—Miguel Borges de Castro Tavares d'Azevedo.
Paçço Couceiro—João Couceiro da Costa.
Paçcô Vieira—José Joaquim Vieira.
Paiiva Manso=Abel Maria Jordão de Paiva Manso. (Falleceu ha pouco).
Pallme—D. Gertrudes Ermelinda.
Parranhos—Sebastião Maria de Gouveia.
Perrafita—João Antonio de Moraes.
Perreira Marinho—Joaquim Pereira Marinho.
Perreira da Motta—Salustio Pereira da Motta.
Perro Palha—Hugo Owen.
Pomarão—É hoje o visconde de Mason de S. Domingos. (Vide este titulo).
Pomarinho—Estevão da Costa Pimenta.
Pombeiro de Riba Vizella—Paulo de Mello Sampaio de Freitas Amaral.
Pomte da Quarteira—Joaquim Bernardo de Mendonça.
Porrto Salvo—Henrique José da Costa.
Povoa de Varzim—Manuel Fernandes da Silva Campos.
Priime—José Porfirio de Campos Rebello.
Proença Velha—José de Menezes Pitta de Castro.
Provesende—José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa.
Raimalho—Antonio da Fonseca Carvão Paim da Camara.
Reggaleira—Paulo Abreu de Moraes Palmeiro.
Reggaleira—D. Ermelindo Monteiro de Almeida.
Rettorta—Domingos Miguel da Cunha Velho Sotto-Maior d'Azevedo e Mello.
Ribba Tâmega—José de Vasconcellos Guedes de Carvalho. (Foi elevado a visconde—vide este titulo.)
Ribbeira da Pena—Francisco Xavier d'Andrade Valladarés Aguiar.
Rio de Moinhos—Manuel Augusto d'Almeida Vallejo.
Rio Zezere—Joaquim Bento Pereira.
Roches—Simão de Roches da Cunha Brun.
Roêda—João Alexandre Fradgate.
Roussado—Manuel Roussado.
Saavedra—Adolpho Pinto de Saavedra.
Sabroso—João Infante de Lacerda Sousa Tavares Pizarro.
Salgueiro—José de Faria Pinho e Vasconcellos Soares de Albergaria.
Salvaterra de Magos—Luiz Ferreira Roquete.
Samuel Vahl—Francisco de Vahl.
Santa Anna—Foi elevado a visconde. (Vide este titulo.
Santa Barbara—Bernardo Baptista da Fonseca e Sousa.
Santa Barbara—Antonio Manuel. (Filho do antecedente).
Santa Cruz—Bartholomeu Torquato de Sousa e Silva.
Santa Engracia—Antonio Esteves de Carvalho.
Santo Ambrosio—Francisco Antonio Namorado.
Santos—Gerardo Ferreira dos Santos.
S. Francisco—Francisco José Pacheco.
S. Francisco—Francisco José Pacheco Junior.
S. João d'Areias—Manuel de Serpa Pimentel.
S. Jorge—Eduardo Baranquet de Kantzow—ou Carlos Adolpho de Kantzow. (Acho ambos os nomes, não sei se serão da mesma familia.)
S. José—Fernando Gustavo Maurity.
S. Leonardo—Leonardo Teixeira Marques.
S. Martinho de Dume—Duarte Guilherme Ferreri de Gusmão.
S. Pedro—Daniel de Ornellas e Vasconcellos.
S. Roque—José Antonio Cardoso de Oliveira Torres.
Sena—Bernardino de Sena Fernandes.
Senhora da Victoria da Batalha—Sebastião Francisco Severo Leão Drago Valente de Brito Pinheiro Guarda da Ponte Correia Grim Cabreira.
Serra da Estrella—João Croft.

Silva—José Antonio Ferreira da Silva.
Silva Gameiro—Aires Coelho da Silva Gameiro.
Sousa—Leonardo de Sousa Leite Azevedo.
Soutello—Antonio Feio de Magalhães Coutinho.
Stern—Hermano Stern.
Succáes—D. Antonia Pavão.
Torre de Pero Palha—Antonio de Calça e Pina Barreiros Godinho.
Torre de Villa Nova—Antonio de Magalhães Lencastre e Menezes.
Trovisqueira=José Francisco da Cruz Trovisqueira.
Vallado—Raymundo Pinto da Silva Tameirão.
Vallado—Augusto Correia Pinto da Silva Tameirão (Filho).
Valle d'Estevam—Albino d'Oliveira Guimarães.
Varzèa do Douro—José Garcez Pinto de Madureira.
Vasconcellos—José Smith de Vasconcellos.
Vasconcellos—Rodolpho Smith de Vasconcellos.
Viamonte da Boa Vista—José Dias d'Oliveira da Cunha Viamonte.
Villa Bella—Domingos de Sousa Leão.
Villa Cova—João Antonio de Almeida.
Villa Nova de Fôscóa—Francisco Antonio de Campos. (Morreu ha pouco).
Villálva de Guimarães—Guilermino Julio Teixeira de Moura. (Morreu).
Villar—Christiano Nicolau Hokpke.
Wildik=Pedro Affonso de Figueiredo.

Estação principal do Caminho de ferro do Norte e Leste

Havia muitos annos que as principaes nações da Europa e os Estados Unidos da America possuiam muitos kilometros de caminho de ferro, e ainda em Portugal se não tinha introduzido este grande melhoramento, tão urgentemente reclamado para o desenvolvimento e progresso das condições materiaes e moraes do paiz.

Estava reservado este emprehendimento gigantesco, ao sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, então ministro das obras publicas.

Estudada competentemente a directriz do caminho de ferro, de Lisboa ao *Entroncamento*, e os dois ramaes que d'aqui partem —um (o de L.) para Elvas, ligando com o caminho de ferro de Badajoz, e pondo-nos em communicação com a Hespanha — e outro (o do N.) seguindo para a cidade do Porto, pondo Lisboa em communicação com as provincias do Norte — se deu principio ás obras desde Lisboa até Santarem, na distancia de 75 kilometros.

Não é meu proposito tratar aqui dos caminhos de ferro portuguezes, que teem artigo especial, sob a denominação de *Vias ferreas* — e só tratarei da sua estação principal de Lisboa.

—

Havia no sitio chamado *Caes dos Soldados*, um grande edificio, que servia de quartel de artilheria, tendo na sua frente um espaçoso terreiro, fechado com grades de ferro, que o separavam da rua, tambem chamada do Caes dos Soldados.

Fizeram o risco e dirigiram as obras do novo edificio para a estação, os engenheiros Angel Arribas Ugart, director—João Evande Abreu, engenheiro chefe—Lecrenier, engenheiro divisionario—e o constructor Oppermann.

Lançou-se a primeira pedra dos alicerces, em outubro de 1862.

Concluiram-se as obras, e foi o edificio aberto ao publico, no 1.º de maio de 1865.

Custou 250 contos de réis.

Tem este magestoso edificio quatro frentes—medindo 135 metros de comprimento, 50m,40 de largura, e 13m de altura.

As duas fachadas que formam o seu comprimento, são eguaes na architectura, tendo uma, a frente para S. (para o Tejo) e a outra para o N.

As outras duas fachadas olham, uma para O. (por onde sahem os passageiros que chegam no caminho de ferro) e outra para E., por onde entram os wagons!

Os terrenos onde se veem as officinas, separadas do edificio principal, e diversos materiaes da companhia, bem como o que fica

ao S., foram, em grande parte conquistadas ao Tejo.

No pavimento terreo da estação, está o *salão real;* cocheirrs para 22 carruagens; as salas do chefe da secção; de distribuição de bagagens; da sahida dos passageiros; da alfandega municipal; da recepção das bagágens; de *espera*, dos passageiros das tres classes; da fiscalisação do governo; do serviço de saude; do telegrapho; do chefe da estação; dos cafés e casas de pasto, etc.

No andar nobre estão as salas do conselho de administração; da direcção e secretaria; das differentes repartições de todos os serviços do caminho de ferro—taes como —repartição do movimento; vias e obras; tráfego; tracção; armazens; contabilidade geral, e aposentos para todos os chefes de serviço.

A grande nave onde os passageiros entram e sahem dos comboios, occupa o centro do edificio. Tem de comprimento 117 mettros, de largura 24m,60 e de altura 13 mettros.

O tecto do edificio é todo de ferro, com vidraças no centro, e de construcção solida e ellegante; sendo bem combinada a distribuição da luz, o que torna toda a nave muito clara de dia. De noite é illuminada por 30 candieiros de gaz.

O resto do edificio é tambem illuminado por 143 candieiros, distribuidos do modo seguinte: — nas frontarias exteriores, 15 — nas salas de espera e mais divisões do pavimento terreo, 98 (além dos 30 acima referidos.)

As salas são decoradas e guarnecidas de moveis, mais ou menos luxuosos, segundo o fim a que são destinadas; mas tudo com o maximo aceio.

A sua divisão e distribuição interior, está feita com muita largueza e intelligencia; proporcionando aos passageiros e ao commercio, todas as commodidades requeridas.

—

O caminho de ferro corre pela margem direita do Tejo, até Xabregas, d'onde se dirige para o interior, atravessando a estrada marginal, sobre uma ponte de ferro.

Antes de chegar a Xabregas, perto da estação, ha grandes armazens, edificados sobre o Tejo, e junto d'elles, uma extensa e magnifica ponte de ferro, construida pelo mesmo systema da grandiosa ponte do caminho de ferre de Leste, que atravessa o Tejo, proximo de Constancia.

É pois digno de ser visto este vasto edificio e todas as suas dependencias.

Reservatorio das Aguas Livres

Já a paginas 399 d'este volume tratei do magestoso aqueducto das *Aguas Livres;* mas, como alli só descrevi rapidamente do magnifico reservatorio (*Mãe d'Agua*) das Amoreiras; darei aqui mais circumstanciadas noticias d'este notavel edificio.

—

Fica á entrada da praça das Amoreiras, do lado do S. — A sua fórma exterior, é de uma torre quadrangular de cantaria, com amplas janellas em volta.

Por cima tem um *eirado* de lagedo, para o qual se sobe do interior, por uma escada de caracol, e d'esse eirado se disfructa um magnifico e surprehendente panorama, por ser um dos pontos mais elevados de Lisboa.

Dentro, ha uma vastissima sala de abobadas e paredes de robustissima cantaria, com um tanque de 28 metros de comprimento, 24 de largura e 7m,38 de profundidade.

As paredes d'este tanque teem 5m,14 de grossura, com uma varanda que fórma um folgado passeio, por tres lados; porque no quarto fica a cascata, por onde a agua se precipita com fragor espantoso, sahindo da bocca de um golphinho, que se vê aos pés da estotua de Meptuno.

O tanque, ou reservatorio, leva 12:463 pipas d'agua. Em caso de necessidade, e distribuindo-se com economia, póde prover Lisboa, d'agua, para um mez.

D'este deposito apenas sahe agua para os chafarizes do *Rató*, da *rua do Arco*, da *Praça das Flores*, da *Esperança* o do *Caes de Tójo* (á Boa Vista!)

Para os chafarizes da *Cotovia*, *Rua Formosa*, *S. Pedro de Alcantara*, *Carmo* e *Thesouro Velho*, desce por um dos pégões do arco das Amoreiras, e vae por baixo da rua

até á *mãe d'agua* do Rato; e depois, por aqueductos até aos ditos chafarizes,

Se o reservatorio principal fornecesse agua para todos estes chafarizes, ficaria despejado em seis dias.

—

O reservatorio esteve por acabar, desde 1738 até 1834.

Em 1822, pediu a direcção das Aguas Livres, ás côrtes, que mandassem concluir esta obra, em que já se havia gastado quasi um milhão de crusados; mas não houve resolução.

Em 1824, fez-se o orçamento para a conclusão das obras, calculado apenas em oito contos 153$000 réis, e se mandou executar, por *aviso* de 26 de junho do mesmo anno; mas tambem ficou só no aviso.

Finalmente, por portaria de 13 de agosto de 1833, sendo ministro das obras publicas o fallecido visconde de Villarinho de S. Romão, se mandou concluir esta obra, sendo d'esta vez cumprida a portaria, e terminando-se a obra, que importou em 13:732$095 réis.

É este um dos edificios notaveis de Lisboa, e justamente admirado por todos os nacionaes e estrangeiros que visitam a capital.

Passeio da Estrella

Entre as obras modernamente emprehendidas e levadas a cabo para aformoseamento da capital, avulta, como uma das mais notaveis, merecendo por isso mui especial menção, o lindo e vasto passeio chamado da *Estrella*, por ficar em frente da famosa basilica do *Coração de Jesus*, vulgarmente chamada *convento da Estrella*.

O pensamento inicial de construir n'este formoso sitio (até então occupado por terras de semeadura. de pouca valia, e por alguns casebres de miseravel apparencia) deve-se ao sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral (conde de Thomar) quando em 1842 foi elevado ao cargo de presidente do conselho de ministros e ministro do reino.

Pertenciam estas terras á massa fallida de Antonia José Rodrigues.

Tratou-se da expropriação, que se realisou perante o juiz de direito da quinta vara, sendo os terrenos entregues á camara em 18 de junho de 1842, pela quantia ajustada de quatro contos de réis; que foi deduzida da de cinco contos de réis que o fallecido barão de Barcellinhos offerecéra para a construcção d'este passeio.

As guerras civis de 1844 e 1846, não deram logar a que se cuidasse d'este passeio.

Só em 30 de septembro de 1850 é que principiaram as obras de engrandamento e plantação; sendo dirigidas, aquellas pelo architecto das obras publicas, e estas pelos habilissimos jardineiros Bonard e João Francisco, timbrando todos para desempenharem com a maior intelligencia a commissão que lhes fôra encaregada.

Aproveitaram judiciosamente os accidentes naturaes do terreno, conseguindo levantar um traçado que satisfaz plenamente a todas as condições, e que não apresenta a monotonia dos antigos jardins e parques, ou alamedas de recreio.

As obras de architectura mereceram alguns reparos de um juiz competentissimo na materia, o sr. Joaquim da Costa Cascaes; mas, em geral, o desenho elegante e ligeiro d'este passeio agradou a todos.

Tem alguns lagos, imitando a natureza; e uma soberba cascata.

Veem-se elegantes kiosques, estufas; pequenas, mas bonitas fontes, um bello corêto para a musica, feito de marmore branco; um bonito pavilhão, onde em 1870 ou 1871 o sr. Paiva Raposo, por consentimento da camara, collocou um formoso e corpulento leão, que alli sustenta, assim como ao competente guarda.

Foi tambem á sua custa que o sr. Raposo mandou fazer as grades que fecham a jaula e uma outra casa em que o leão se mostra ao publico.

—

Tem este passeio bellos pontos de vista. Além da magestosa basilica da Estrella, vê-se d'aqui o bello hospital militar da Estrellinha, alguns bonitos predios em redor do passeio e uma parte do Tejo, e da

margem esquerda d'este rio em frente da barra.

—

A despeza feita com este passeio até 1874 anda por 80 contos de réis.

—

Pelourinhos de Lisboa

Pelourinho Velho

A mais antiga praça do pelourinho de que ha noticia, em Lisboa, ficava no local a que hoje corresponde, pouco mais ou menos, a *Rua Bella da Rainha* (rua da Prata) entre as ruas *Nova* d'*El-Rei* (Capellistas) e a de *S. Julião* (Algibebes).

Segundo uma planta da cidade de Lisboa que tenho á vista, levantada por João Nunes Tinoco, architecto de sua magestade (D. João IV) no anno de 1650; tinha esta praça apenas 44 metros de comprido, de N. a S.—e 33 de largo, de E. a O.

N'esta praça desembocavam as ruas de *Vêr o Peso, Nova.* da *Prataria* e de *D. Gil Eannes.*

Era aqui que estanciavam os individuos que tinham por officio escreverem requerimentos, petições, cartas e o mais que o povo lhes encommendava.

Esta praça deixou de existir, mudando de configuração o terreno que a formava pelo terramoto de 1755.

Allém do citado João Nunes Tinoco, em 1650, tambem Damião de Góes, em 1542 faz menção d'esta praça, na descripção de Lisboa, que então publicou em latim.

Não se sabe quando deixou de existir o pelourinho d'esta praça; o que é certo é que em 1650 já havia *pelourinho novo*, e por isso se ficou chamando a este sitio *Praça do Pelourinho Velho.*

Pelourinho da Ribeira

Em 1650, segundo se vê da citada planta de João Nunes Tinoco, já na Ribeira (Velha) existia o *pelourinho novo.*

Era então a Ribeira Velha um vasto terreno, tendo 1:100 metros de comprido, de E. a O., na margem direita do Tejo. A sua largura era irregular=no principio (do lado O.) tinha 154 metros=em frente do pelourinho, tinha 117 metros, e no sitio mais estreito, (em frente do *bêcco do Mequinez*) apenas tinha 44 metros.

Terminava a pelo O., a Misericordia (Conceição Velha) o *Terreiro do Pão*, as *Sete Casas* e a *Alfandega.*

Pelo E. terminava na Fundição.

Pelourinho actual

Destruida pelo terramoto de 1755 a praça da Ribeira Velha e quasi todos os edificios que a guarneciam pelo O., N. e E., foi Lisboa sujeita a um novo plano de construcção regular, deixando de existir esse labyrintho inextrincavel de bitesgas, bêccos e alfurjas, que constituiam a cidade baixa.

Foi o engenheiro Eugenio dos Santos Carvalho, que fez a nova planta da actual praça do Pelourinho, bem como dos edificios que a cercam, no sitio antigamente chamado *Largo da Tanoaria*, que era triangular e muito mais pequeno do que o actual, e guarnecido do S. e E. com os paços reaes da Ribeira, que aqui faziam um angulo, no qual se abria um arco que dava passagem para o *pateo da capella*, que a seu turno se communicava com o *Terreiro do Paço* por outro arco.

—

D. João V resolveu reformar os seus paços da Ribeira e a capella real. Os paços foram muito aformoseados, tanto interna como externamente. A capella foi reconstruida, ampliada e decorada por tal modo, que ficou um grande e rico templo, digno de accommodar n'elle essa explendida instituição que assimilhou Lisboa a Roma nas suas festas religiosas.

Foi com estas obras que desappareceu o *largo da Tanoaria*, metamorphoseando-se os edificios que o cercavam e o antigo pateo da capella.

D. José I ainda aqui mandou fazer importantes alterações.

Primeiramente com as demolições e edificações que se fizeram em 1751, para o estabelecimento do cabido ou sacro collegio

Patriarchal; da administração da fazenda e arrecadação do thesouro, ou guarda joias d'aquella santa egreja.

Em 1753 se fundou aqui o vasto e magnifico theatro regio, que o terramoto destruiu ao fim de um anno da sua inauguração; e, finalmente em 1754, em que se começou a grande obra da nova calçada de S. Francisco; que principiava junto á capella-mór da patriarchal, no largo que se estendia em frente d'este templo e que havia pouco fôra ampliado e denominado *praça da Patriarchal.* (Este magestoso templo foi tambem destruido antes de estar concluido, pelo terramoto de 1755.)

A actual praça do Pelourinho está situada proximo e ao O. do *Terreiro do Paco* (praça do Commercio) tendo ao S. o Arsenal Real da Marinha (Ribeira das Náos) a E. o magestoso paço do senado da camara, em construcção=e do N. e S. é cercada por bollos predios particulares.

Desembocam n'esta praça—pelo E., a rua Nova d'El-Rei (Capellistas) pelo N. a de S. Julião e de E. a O. a rua do Arsenal.

—

O elegante monolitho que se ergue no centro d'esta praça, e que constitue o actual pelourinho da cidade de Lisboa, é um bello e curiosissime monumento, admirado por quantos estrangeiros o teem examinado.

Sobre a sua base se ergue o corpo principal, que é uma elegante columna de uma só pedra; mas aberta em espiral, com tanta industria e perfeição, que parecem tres pedras distinctas e separadas.

Tinha em cima (como quasi todos os pelourinhos) os ganchos de ferro, distinctivo da *picota* (forca) que foram arrancados depois de 1834; sendo então construida uma grade de ferro, para guarda do monumento.

Não consta todavia que aqui tivessem logar execuções, senão em 1790, a de um cadete, que assassinou um seu irmão, proximo a Almada, e foi aqui degolado.

Descuberta da Australia pelo portuguez Heredia

Ricardo Henrique Major, distincto membro da sociedade geographica de Londres, tendo, pelas suas investigações, encontrado que o portuguez Manuel Godinho de Heredia, fôra descobridor da Australia, chamou a attenção do mundo scientifico sobre este assumpto. O resultado d'esse appello tem sido o terem apparecido novas provas e documentos que demonstram que a prioridade da descoberta da Australia pertence aos portuguezes.

No museu de Bruxellas foi encontrado um importante documento manuscripto, que se diz original e devido ao mesmo Heredia; intitula-se—Declaração de Malaca e India meridional com o Cathay, com tres tratados, ordenada por Emmanuel Godinho Herebia, dirigida a S. C. R. M. D, Filippe, rei de Hespanha N. S.—E' datada de 1613.

Portanto mais ce um nome illustre apparece brilhantemente ao lado de Gil Eannes, Nuno da Cunha, Gonçalo de Cintra, Tristão, Alvaro Fernandes, Fernão Gomes, Pero de Escobar, Diogo Cam, Baltholomeu Dias, Vasco da Gama, Gonçalves Zarco, Cabral, Magalhães, e outros muitos, que formam essa serie de varões fortes e virtuosos que ennobreceram os annaes portuguezes, enchendo de assombro o mundo com seus arrojados commettimentos e importantissimas descobertas.

Illuminação de Lisboa

Martinho Antonio de Castro, engenheiro, foi o inventor dos candeeiros para a illuminação da cidade de Lisboa, em 1788; postos em pratica, pelo intendente geral da policia da côrte e reino, o benemerito Diogo Ignacio de Pina Manique, depois de 1790.

Era esta illuminação a melhor e mais elegante que havia na Europa, até á invenção do gaz.

Em Paris eram os lampeões pendidos de uma coroa de janella á janella fronteira.

Em londres, em 1798, a illuminação publicas consistia em lanternas pregadas em postes.

O conde da Figueira tinha um quadro, desenhado por Martinho Antonio de Castro, em que mostrava o seu invento, collocando

um homem a abaixar o lampeão. Tem escripto o anno de 1788.

Vê-se d'este quadro que os lampeões não tinham differença nenhuma dos existentes até á illuminação a gaz, e que a camara de Lisboa vendeu a diversas municipalidades.

O gaz foi descoberto em 1739.

A illuminação a gaz foi adoptada em Lisbua, pela primeira vez, em 1830, no palacio da quinta das Laranjeiras, que foi dos condes de Farrobo. Vinte annos depois se adoptou para a illuminação publica.

Algumas curiosidades estatisticas de Lisboa

Ha n'esta cidade grande numero de fabricas de todo o genero de artefactos.

Ha 112 machinas movidas por vapor, com a força total de 1:400 cavallos; sendo 47 para espingardaria; 19 para moagem de cereaes; 11 para distillação de aguardente; 5 para lanificios; 6 para fabricas de papel; 3 para aquecer agua; 3 de torcer algodão; 2 de tornear metaes; 2 de lavoura e debulha; 3 para preparar tabacos; 2 de descascar arroz; e 9 para differentes industrias.

A bibliotheca publica tem 106:000 volumes, 10:000 manuscriptos.

A bibliotheca da academia real das sciencias tem 80:000 volumes.

A bibliotheca real da Ajuda tem 30:000 volumes.

A bibliotheca da escola naval tem 12:000 volumes.

—

Tem Lisboa 35 fontes ou chafarizes principaes; 353 ruas; 215 travessas; 65 calçadas; 119 bêccos; 12 largos ou praças principaes e 48 menores; 20 passeios ou jardins publicos (além de muitos de particulares).

Repertorio alphabetico das materias que comprehende o artigo pertencente a Lisboa[a]

	PAG.
Academia Real de Historia Portugueza	390
Acclamação official de D. João IV	390
Achilles Estaço	310
Affonso Domingues	319
Aguas mineraes em Lisboa	402
Alecrim (Rua do)	178
Alexandre de Gusmão	327
Annunciada	223
Anselmo Xuquer (Fr.)	305
Antiguidades phenicias, lusitanas, romanas e arabes	154
Antonio (Santo) de Lisboa	319
Antonio (Fr.) da Natividade	314
Antonio Ferreira	322
Antonio (D. Fr.) Manuel de Vilhena	326
Antonio José da Silva	328
Antonio Diniz da Cruz e Silva	332
Antonio (Padre) Vieira	302
Antonio (D.) prior do Crato e a esquadra ingleza	380
Antonio (Santo) da Mouraria	230
Antonio (Santo) da Sé	225
Apollinario (D.) d'Almeida	303
Aqueducto das Aguas Livres	399
Arcebispos de Lisboa	271
Archiduque Carlos d'Austria	369
Arco de S. Pedro	178
Arco de S. Paulo	178
Arco da Rua Augusta	405
Arsenal Real do Exercito	184
Arsenal Real da Marinha	186
Australia (sua descoberta)	424
Auta (Santa)	383
—	
Bairros de Lisboa	105
Balthazar (D. Fr.) Limpo	303
Balthazar (Fr.) Paes	303
Bancos	106
Barões (titulo)	298
Bartholomeu Philippe	313
Bartholomeu (D. Fr.) dos Martyres	325
Bartholomeu (Padre) da Costa	303
Basilica do Santissimo Coração de Je-	

(a) Julgo fazer um serviço aos meus leitores, terminando o extenso artigo de Lisboa com este repertorio, que facilita o encontro do que se procura, o que sem elle seria difficil em vista da sua vastidão.

PAG.
sus..... 398
Beatificação da rainha D. Thereza e da infanta D. Sancha..... 383
Bernardo (Fr.) de Senna..... 311
Bispados suffraganeos da Sé patriarchal 282
Bispos de Lisboa..... 266
Bolsa do commercio..... 395
Botija (Dr.) (Francisco Dias Gomes)... 334
Brites de Santa Ursula..... 303
Bruschy (Dr.)..... 340
Buonaparte e Carlos IV retalham Portugal..... 392

—

Cabido lisbonense..... 283
Camara patriarchal..... 282
Campo de Santa Clara..... 168
Canonisação de Santo Antonio..... 378
Capella dos Santos Verissimo Maxima e Julia..... 400
Cardeaes patriarchas de Lisboa..... 276
Casa de jogo queimada..... 373
Casa da camara de Lisboa..... 394
Casa de detenção e correcção (Monicas) 408
Casa dos vinte e quatro..... 138
Casa do Dr. João das Regras..... 138
Casa onde morreu Garrett..... 139
Casa onde morreu Camões..... 139
Casa dos Bicos..... 140
Casa onde morreu D. Vasco da Gama. 147
Casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra..... 371
Casino Lisbonense..... 200
Castello de S. Jorge..... 153 e 193
Cavalleiros polacos..... 371
Celtas..... 200
Cemiterio mourisco..... 170
Cemiterio dos Prazeres..... 200
Cemiterio do Alto de S. João..... 200
Cemiterio da Ajuda..... 200
Cemiterio de S. Luiz..... 200
Cemiterio dos cyprestes..... 200
Cemiterio dos judeus..... 200
Cemiterio dos allemães..... 200
Cemiterio de Valle Escuro..... 200
Cêrca mourisca..... 150
Cêrca de D. Fernando..... 151
Cêrca de D. João IV..... 154
Chafariz de El-Rei..... 175

PAG.
Chancellaria da Mitra..... 282
Chefes dos crusados que ajudaram á conquista de Lisboa..... 364
Chrispim (S.) e S. Chrispiniano..... 230
Christovão (D. fr.) Moniz..... 314
Chronologia..... 108
Cidade baixa—antiga..... 179
Circo de Price..... 199
Colleginho..... 245
Collegio dos nobres (Escola Polytechnica)..... 180
Comêtas..... 379
Commendadeiras de Santos..... 237
Companhia do Olho Vivo..... 393
Companhias commerciaes..... 106
Concilios geraes..... 287
Condes..... 296
Conjuração contra D. João I..... 372
Conquista de Lisboa..... 365
Constantino (D.) de Bragança..... 322
Consules estrangeiros em Lisboa..... 106
Consules e vice-consules de Portugal nas cinco partes do mundo..... 205
Corpo consular..... 204
Corpo diplomatico..... 204
Corpo Santo..... 236
Cotovia..... 170
Cunhas..... 364
Curia patriarchal..... 282
Curiosidades historicas de algumas egrejas parochiaes de Lisboa..... 289
Curiosidades estatisticas..... 425

—

Desacatos..... 387
Diogo (D.) da Annunciação Justiniano. 313
Diogo Barbosa Machado..... 327
Diogo do Couto..... 315
Diogo (D. fr.) Soares de Santa Maria.. 304
Districto administrativo de Lisboa.... 105
Dom (titulo de)..... 298
Domingos Antonio de Sequeira..... 336
Domingos dos Reis Quita..... 331
Dotação do alto clero..... 203
Duarte (fr.) de Travassos..... 311
Duque de Cambridge..... 374
Duques (titulo)..... 279

—

Enchentes..... 384
Era de Cesar..... 378

PAG.

Esquadra portugueza a favor dos venezianos..... 381
Esquadrilha portugueza a favor do papa Clemente XI..... 373
Estação principal dos caminhos de ferro do norte e leste..... 420
Estevão Rodrigues de Castro..... 316

—

Feira das Amoreiras..... 171
Feira da Lada (corrupto vocabulo—da Ladra)..... 171
Felicia (D.) de Millão..... 311
Fernando (D.) de Menezes..... 325
Fernão Lopes..... 320
Fidalgo..... 295
Fidalgos portuguezes que se venderam a Philippe II..... 343
Filinto Elisio (Francisco Manuel do Nascimento)..... 335
Fonte da Samaritana..... 175
Fortaleza do Bom Successo..... 192
Fortaleza de S. Julião da Barra..... 192
Fortaleza de Monsanto..... 192
Forte de S. Paulo..... 192
Fortes do Sacramento e da Cruz Quebrada..... 192
Fortes varios..... 193
Fortificações actuaes de Lisboa..... 190
Freguezias actuaes de Lisboa..... 102
Freguezias até 1755..... 103
Frades da Graça..... 240
Frades de Xabregas..... 245
Frades de S. Domingos..... 245
Frades de Saulo Antão, o Velho (Colleginho)..... 245
Frades de Santo Antão, o Novo (hospital de S. José)..... 246
Frades capuchos..... 247
Frades loyos..... 247
Frades de S. Vicente de Fóra..... 247
Frades do Destêrro..... 248
Frades de S. Roque..... 248
Frades da Penha de França..... 251
Frades torneiros..... 256
Frades da Boa Hora..... 258
Frades de S. Francisco da Cidade..... 258
Frades trinos..... 258
Frades trinos de Alcantara..... 258
Frades da Estrellinha..... 259

PAG.

Frades Irlandezes..... 259
Frades paulistas..... 260
Frades de Jesus..... 260
Frades caetanos..... 261
Frades inglezinhos..... 261
Frades Mariannos..... 261
Frades de S. João de Deus..... 262
Frades do Carmo..... 262
Frades arrabidos..... 266
Frades bentos..... 266
Frades nerys (Rilhafoles)..... 266
Frades congregados..... 266
Frades de Santa Rita..... 266
Francisco (padre) de Mendonça..... 305
Francisco da Natividade (fr.)..... 312
Francisco (D.) Manuel de Mello..... 312
Francisco (D.) de Almeida..... 321
Francisco de Hollanda..... 324
Francisco de Mattos Vieira..... 329
Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elisio)..... 335
Francisco (fr.) de S. Carlos..... 339
Freiras de Xabregas..... 238
Freiras de Santa Clara..... 238
Freiras do Salvador..... 239
Freiras da Rosa..... 239
Freiras de Sant'Anna..... 239
Freiras de Santa Martha..... 239
Freiras de Andaluz..... 239
Freiras francezinhas..... 239
Freiras de Santa Brisida..... 239
Freiras da Esperança..... 240
Freiras da Nazareth..... 240
Freiras do Mocambo..... 240
Freiras de Santo Alberto..... 240
Freiras do Sacramento..... 240
Freiras da Porciúncula..... 240
Freiras monicas..... 240
Fundação do seminario Patriarchal... 375
Fundição de Cima..... 185
Fundição de Santa Clara..... 186

—

Garção (Pedro Antonio Correia Garção)..... 331
Gil Vicente..... 318
Gomes Eannes de Azurára..... 320
Grande eclypse total do sol..... 379
Guiumar (D.)..... 302

—

PAG.

Homem das botas..... 362
Hospital real de Todos os Santos..... 164 e 379
Hospitaes de Lisboa..... 403

—

Illuminação de Lisboa..... 424
Incendios..... 372, 372, 372, 373, 381, 385, 388, 389, 391, 405
Infanções (titulo)..... 294
Inscripções romanas achadas em Lisboa..... 155
Invencivel armada..... 373
Isabel do Presepio..... 308

—

Jeronymo Corte Real..... 325
Jeronymo (fr.) da Cruz..... 302
Jeronymo (D.) Osorio..... 309
João (D.) de Azevedo..... 308
João (fr.) da Barroca..... 301
João (D.) de Castro..... 321
João (D.) Carlos de Bragança..... 333
João Baptista Pelle (supplicio de)..... 367
João (D.) I de Castella levanta o 2.º sitio de Lisboa..... 382
João XXI, papa, portuguez..... 303
João (dr.) Pinto Ribeiro..... 317
João (dr.) das Regras..... 319
João (fr.) da Silveira..... 305
João Vaz da Motta..... 310
João (padre mestre)..... 309
Jorge (D.) Mascarenhas, conde de Castello-Novo e marquez de Montalvão. 301
Jorge Cardoso..... 311
Jorge Serrão..... 309
José (padre) Dias de Moura..... 314
José Anastacio da Cunha..... 332
José Basilio da Gama..... 333
José (fr.) de Santa Rita Durão..... 334
Judeus e judiaria..... 172

PAG.

Juizo apostolico..... 283

—

Largo de S. Roque..... 164
Lapide hebraica..... 368
Leonor (D.) d'Almeida Portugal de Lorena e Lencastre..... 336
Lisboa em 1580..... 394
Lourenço Pires de Carvalho..... 316
Luiz (padre) Alvares..... 314
Luiz Alvares d'Andrade..... 303
Luiz Antonio Xerney..... 332
Luiz (D.) d'Athaide..... 323
Luiz de Camões..... 306
Luiz (D.) da Cunha..... 328
Luiz (D.) de Menezes..... 325
Luiz (D. fr.) de Granada..... 391
Luiz (fr.) de Sotto-Maior..... 304
Luzia (Santa)..... 237

—

Macrobios..... 381 e 395
Mãe d'agua..... 399 e 421
Manuel (padre) Bernardes..... 326
Manuel (D.) Caetano de Sousa..... 314
Manuel (D. fr.) do Cenaculo..... 335
Manuel da Maia..... 328
Manuel (fr.) Guilherme..... 309
Manuel Severim de Faria..... 316
Marcos (D. fr.) de Lisboa..... 310
Marcos Antonio da Fonseca Portugal.. 336
Maria (D.) Francisca Izabel de Saboia. 376
Maria (D.) Martins Taveira..... 302
Maria (D.) Sophia Izabel de Neuburgo. 377
Maria (soror) da Visitação..... 304
Marinha portugueza, desde o seculo XII até 1874..... 351
Marinho (S.) martyr..... 305
Marquez de Pombal..... 329
Marqueza d'Alorna..... 336
Marquezes (titulo..... 297
Martyres (egreja dos), primeira pedra. 384
Memoria do Terreiro do Paço..... 400
Miguel de Moura..... 317
Misericordia (Conceição Velha)..... 162
Monstro..... 373
Monumento de Camões..... 308

PAG.

Monumentos..... 401
Motim (o santo motim)..... 379
Mouraria..... 170
Muralha de S. Pedro de Alcantara.... 402

—

Nicolau Tolentino de Almeida..... 334
Nossa Senhora da Assumpção..... 236
Nossa Senhora da Caridade..... 227
Nossa Senhora da Guia..... 227
Nossa Senhora do Monte..... 228
Nossa Senhora da Oliveira..... 229
Nossa Senhora da Purificação (ou da *Escada*)..... 230
Nossa Senhora dos Remedios..... 232
Nossa Senhora da Saúde..... 227
Nossa Senhora da Victoria..... 233
Noticia do descobrimento da India.... 374
Nova (rua)..... 179
Nunciatura apostolica..... 284

—

Obras manuelinas..... 160
Olympio (Santo)..... 305
Ordem de Aviz..... 300
Ordem de Christo..... 300
Ordem da Conceição..... 300
Ordem da Frécha..... 301
Ordem da Madre Silva..... 301
Ordem de Santa Isabel..... 300
Ordem de Malta..... 300
Ordem de S. Thiago..... 300
Ordem de S. Julião do Pereiro..... 301
Ordem de S. Miguel d'Ala..... 301
Ordem do Templo..... 301
Ordem da Torre e Espada..... 300

—

Paço dos arcebispos..... 148
Paços de D. Affonso Henriques..... 123
Paços das Alcáçovas..... 123
Paços da Ajuda..... 131
Paços de Belem..... 131
Paços da Bemposta..... 131
Paços do Calvario..... 133
Paços do Corte Real..... 125
Paços dos duques de Bragança..... 129
Paços das escolas geraes..... 129
Paços dos Estáos..... 125
Paços do Limoeiro..... 123
Paços da Ribeira..... 124

PAG.

Paços de Santos o Velho..... 124
Paços das Necessidades..... 130
Paços de S. Bartholomeu..... 123
Paços de S. Christovão..... 133
Paços de Santo Eloy..... 124
Paços de Xabregas..... 125
Palacio dos condes d'Almada..... 135
Palacio dos condes d'Obidos..... 136
Palacio dos condes de Olhão (Cunhal das Bollas)..... 136
Palacio dos condes da Ericeira..... 138
Palacio dos duques de Loulé..... 170
Palacio dos marquezes de Alegrete.... 136
Palacio dos marquezes de Castello Melhor..... 136
Palacio dos marquezes do Lavradio... 150 e 168
Palacio dos marquezes de Marialva.... 134
Palacio dos marquezes do Pombal..... 148
Palavras arabes..... 202
Passeio da Estrella..... 422
Passeios publicos e jardins..... 404
Passo do Boi Formoso..... 147
Pateo da Comedia..... 195
Payo (D.) Guterres..... 364
Pedro (D.) Affonso e Cid Achim..... 363
Pedro Alvares Cabral..... 320
Pedro Antonio Correia Garção..... 331
Pedro (D. Fr.) Brandão..... 305
Pedro Nunes..... 378
Pelourinhos de Lisboa..... 423
Penitenciária..... 407
Pestes..... 380, 388, 388, 388
Pharoes do Tejo..... 193
Phebo Moniz..... 324
Philippe (D. Fr.) da Rocha..... 313
Phenomenos metereologicos..... 371
Pontifices romanos..... 284
Porta de Heliche..... 170
Porta do Moniz..... 384
Portuguezes que fizeram a revolução do 1.º de dezembro de 1640..... 347
Praça do Pelourinho..... 193
Praça do Rocio..... 172
Praça dos Remolares..... 172

PAG.

Praça do Salitre..... 199
Praça dos Touros..... 199
Pragas de gafanhotos..... 388, 389
Primeiro de dezembro de 1640..... 386
Primeiro tributo do Oriente (Custodia de Belem)..... 381
Procissão de Corpus Christi..... 362
Procissões de triumpho..... 375

—

Quita (Domingos dos Reis)..... 331

—

Reservatorio das Aguas Livres..... 421
Restauração da Bahia..... 385
Ricos-homens (titulo)..... 293
Roubo dos 40 milhões de cruzados.... 392
Rua Nova..... 179

—

Sé de Lisboa elevada a metropolitana.. 384
Sé patriarchal..... 282
Sebastião José de Carvalho e Mello (marquez de Pombal)..... 329
Secção pontificia de recursos..... 284
Silvestre Pinheiro Ferreira..... 339
Simão (Fr.) Coelho..... 303
Simão da Fonseca Portugal..... 339
Sino antigo da Sé..... 361
Solho gigantesco..... 372
Submersão do monte de Santa Catharina..... 378
Supplicio..... 381
Supplicio de João Baptista Pelle..... 367

—

Tempestades em Lisboa..... 369, 384, 388, 389, 389
Templo do Sol..... 360
Tercenas navaes..... 188

PAG.

Terramotos em Lisboa..... 367, 378, 381, 381, 390
Terramotos de 7 e 26 de janeiro (titulo) 369
Theatro do Bairro Alto..... 195
Theatro de D. Fernando..... 198
Theatro normal..... 197
Theatro do Gymnasio..... 199
Theatro do Principe Real..... 199
Theatro de S. Carlos..... 198
Theatro das Mercês..... 195
Theatro Real da Ribeira..... 195
Theatro da Rua dos Condes..... 197
Theatro do Salitre (Variedades Dramaticas)..... 197
Theatro da Trindade..... 198
Theatro da Mouraria..... 195
Thomé (D. fr.) de Faria..... 313
Thomé (fr.) de Jesus..... 325
Titulares portuguezes..... 409
Titulos dados pelos Philippes..... 343
Torre do Bugio..... 192
Torre do Tombo..... 148
Torre Velha..... 193
Torre de S. Vicente, de Belem..... 192
Travessa das Bruxas..... 170
Tribunaes..... 106

—

Vassallos..... 294
Vendaval furioso..... 383
Verissimo (D.) d'Alencastre..... 315
Vicente (S.) de Fóra (1.ª pedra)..... 384
Vicente (S.) martyr (reliquias)..... 359
Vicente (fr.) de Lisboa..... 301
Vieira Lusitano..... 329
Villa Nova de Andrade..... 170
Villa Nova de Gibraltar..... 170
Villa Quente..... 170
Villa Verde..... 170
Viscondes (titulo)..... 297

LITEM — freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 165 kilometros ao N. de Lisboa e 48 de Coimbra.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Orago S. Simão, apostolo.

Tem 400 fogos.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque foi desmembrada da seguinte.

É terra fertil.

LITEM—freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 163 kilometros ao N. de Lisboa, e 48 de Coimbra.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Orago S. Thiago, apostolo.

Tem 320 fogos.

Em 1757, com a antecedente, tinha 432 fogos.

O parocho é vigario collado, que o rei apresentava, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Tinha 40$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

É terra fertil.

LIXA—grande aldeia, Douro, onde se faz uma feira mensal, approvada pela junta geral do districto do Porto, em março de 1871. É muito concorrida.

No dia 3 de abril de 1834 houve aqui um renhido combate entre as tropas realistas, commandadas pelo general José Cardoso, e as liberaes, de que era chefe o barão do Pico do Celleiro (general Torres.)

Os realistas retiraram para Amarante.

Para o mais que diz respeito a esta povoação, vide *Borba de Godim e Lixa*, a pag. 419 do 1.º volume.

LIZ—pequeno rio da Extremadura. Nasce na aldeia dos Córtes e junto com o *Lêna* desagúa no mar, ao pé de Parêdes, 20 kilometros ao O. de Leiria. Vide esta palavra.

LOBÃO—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 285 kilometros ao N. de Lisboa, 24 ao S. do Porto, 7 ao NE. da Feira

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Orago S. Thiago, apostolo.

Em 1757 tinha 325 fogos.

O parocho era cura, que apresentava o reitor de S. Pedro de Canedo, e tinha de rendimento 180$000 réis.

Tem uma bella egreja matriz, com uma elegante e alta torre.

Ha n'esta freguezia a capella de Santo Ovidio, muito concorrida em tres romarias que alli se fazem annualmente.

É terra bonita e muito fertil.

LOBÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 240 kilometros ao N. de Lisboa e 18 de Viseu. Foi villa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Julião.

Tem 450 fogos. Em 1757 tinha 236 fogos.

O parocho é vigario, que o real padroado apresentava. Tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

O famoso jurisconsulto portuguez Manuel d'Almeida e Sousa, nasceu na villa de Vouzella, em 19 de março de 1745. — Formado em direito na universidade de Coimbra, se veio estabelecer n'esta freguezia, onde passou toda a sua vida de advogado, e por isso é geralmente conhecido pelo nome de Manuel d'Almeida e Souza de Lobão.

Morreu em 31 de dezembro de 1817, com 72 annos de edade.

Foi, pois, em Lobão que elle escreveu muitas e apreciadas obras sobre os varios ramos do direito civil portuguez, ainda hoje consultadas pelos melhores jurisconsultos.

Os doutores Manuel Antonio Coelho da Rocha (Vide *Covellas*) José Homem Correia Telles (Vide *Bésteiros*, *S. Thiago* e *Estarreja*) e Sousa Lobão são incontestavelmente os tres mais distinctos escriptores juridicos da primeira metade d'este seculo.

Coelho da Rocha disse de Sousa Lobão:— «Os seus muitos e variados escriptos que comprehendem todas as partes da jurisprudencia, além das noticias solidas do direito romano e canonico, abúndam em conhecimentos profundos da historia e das leis patrias, e sobre tudo da pratica do fôro. Respiram extraordinaria leitura, e ás vezes o máo gosto dos antigos praxistas.»

Depois de notar algumas incorrecções de fôrma, diz:—«Não obstante esses defeitos, as suas obras, para o uso do fôro, supprem uma livraria.»

LOBEIRA=freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 358 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O parocho é cura, que apresentava o cabido da collegiada de Guimarães. Tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LOBÊLHE ou **BREIA** ou **VEREIA**—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho e junto de Villa Nova da Cerveira, 60 kilometros ao NO. de Braga e 400 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O parocho é cura, que o real padroado apresentava. Rendia 100$000 réis.

—

Esta freguezia é vulgarmente conhecida pelo seu antigo nome de *Verêia*.

Veréia é portuguez antigo; significa caminho, estrada, etc. Hoje dizemos *verêda*.

Está esta freguezia situada na formosissima margem esquerda do Minho, que a réga em parte, pelo que é muito fertil.

É uma das mais antigas freguezias de Portugal, pois ja existia, como parochia, no anno de 675. (Vide a 2.ª columna de pag. 400 do 1.º vol. e a 1.ª de pag. 401.)

Mesmo sobre a margem do Minho tinham os jesuitas uma bella e grande quinta, que depois da extincção da companhia de Jesus, passou a ser da universidade de Coimbra. Foi vendida em hasta publica e a comprou por 16 contos de réis, o sr. João Antonio Pereira, de Sôppo, que aqui fez uma deliciosa vivenda, construindo-lhe umas ricas e bellas casas de habitação.

—

Em eras remotas (antes do reinado de Wamba) houve aqui uma egreja matriz, famosa pela sua riqueza vastidão e elegancia.

Estou persuadido que era edificada a poucos metros do rio, e proximo (a N. E.) da quinta do sr. Rocha Pereira, pois ainda áquelle sitio (que hoje são campos, juncaes e salgueiraes) se dá o nome de *Campos da Egreja Velha*.

Não ha o minimo vestigio d'esta egreja que provavelmente o Minho arrazou, em alguma das suas enchentes.

A egreja actual é no centro da freguezia.

—

Ao O., e junto á quinta do sr. Rocha, havia sobre a margem do rio o antiquissimo *forte da Verêia*, que o governo poz em almoeda, e foi comprado pelo sr. Rocha Pereira, que uniu o forte e esplanada á sua quinta.

LOBÊLHE DO MATTO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Paulo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O vigario de Fornos de Maceira-Dão apresentava o cura, que tinha 6$000 de congrua e o pé d'altar.

LOBRIGOS.— freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Régua, concelho de Santa Martha de Penaguião. 90 kilometros ao NE. do Porto e 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Orago S. João Baptista.

Em 1757 tinha 157 fogos.

O duque de Lafões apresentava o abbade que tinha de rendimento annual 10:000 crusados (quatro contos de réis) segundo o *Portugal Sacro e Profano*; mas o seu rendimento era muito maior, pois havia annos em que, só em vinho, fazia a abbade, de 16 a 20 contos de réis!—Era incontestavelmente a mais rica abbadia de Portugal, e mais rendosa de que alguns bispados.

Esta freguezia está situada na margem direita do Douro, em terreno muito accidentado.

É fertilissima em optimo vinho; do mais mediania. (Vide a freguezia seguinte.)

LOBBRIGOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Régua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 90 kilometros ao NE. do Porto e 370 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Orago S. Miguel, archanjo.

Em 1757 tinha 100 fogos.

O abbade da freguezia antecedente apresentava o cura, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia é mais antiga que a monarchia portugueza, e a antecedente d'ella foi desmembrada, e por fim veio esta a tornar-se sua dependente.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *S. Miguel de Penaguião.*

A egreja matriz foi fundada em 1191 (1153 de Jesus Christo.)

Um documento que existe na Torre do Tombo diz, com respeito a esta egreja o seguinte:—«Entonces D. Gomes, que era mui *sonhudo* (arrebatado) *fijo* (fez) *irivar* (derribar, arrazar) em terra, aquella igreja que era fundaçon de *saa* (sua) avoenga.»

Passado algum tempo, D. Gomes, arrependido do que havia feito, mandou construir a egreja, á sua custa.

Na acta da fundação d'esta egreja, na referida era de 1191, se diz, fallando das sepulturas:—«Mas non na principal capella, ao pé da altar: que hi queria que *jouvessem* (jazessem) os abbades da egreja e non outra ossada, salvo de bispo ou abbade, mas non d'el, ne dos padrons que após el *venecem* (viessem) para *jouver* (para serem enterrados.)

Em 24 de abril de 1139, doou D. Affonso Henriques a uns anachoretas, a *ermida de Santa Comba, no arcebispado de Braga, em frente de Lobrigos.*

D'aqui se collige que quando se edificou a egreja matriz, em 1153, já Lobrigos existia como parochia.

LODARES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousado, 35 kilometros a NE. do Porto e 410 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo e o mosteiro de Cette (eremitas de Santo Agostinho) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 500$000 réis.

Na casa da *Lama*, d'esta freguezia, nasceu o brigadeiro do exercito realista, convencionado em Evora-Monte, Bernardino Coelho Soares de Moura.

Morreu em uma casa sua, na aldeia de Santa Isabel, d'esta freguezia.—Nasceu a 22 de janeiro de 1787, e falleceu em 10 de fevereiro de 1864.

Unindo-se á junta do Porto, em 1846, foi feito *barão de Freiamunde*, titulo que nunca foi confirmado.

A pag. 228 do 3.º volume, disse que Soares de Moura nascêra e morrêra em Freiamunde, seguindo as erradas informações que havia recebido. Agradeço ao illustrado correspondente, o reverendissimo sr. João Vieira Nunes Castro da Cruz, de Milheiroz, da Maia, os esclarecimentos que me deu a este respeito, e que me habilitaram a desfazer o engano.

Agradeço cordealmente a todos os cavalheiros que me advertem dos meus enganos involuntarios, e os rectifico na primeira occasião, pois o meu unico desejo é acertar.

LODÕES—freguezia, Traz-os Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor 150 kitometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Villa Flor apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Lodões é corrupção de *lodãos*, plural de lódão, arvore bem conhecida.

LOGO ou **LOGUO**—sitio, logar.

Vem da palavra latina—*locus.*

LOGO—morada, residencia obrigada que tinha o colono, ou emphiteuta, de residir pessoalmente na terra do praso, e de a não poder em tempo nenhum alienar; e se morresse sem filhos, se devolvia immediatamente ao senhorio directo.

Chamava-se a esta qualidade de praso—*casal de fôgo e lôgo.*

—

Lôgo, no portuguez antigo, era tambem reputação, honra, estima. *Homem ou mulher de bom lôgo*—pessoa de bôa reputação, honrada, estimada, etc.

Lôgo—ainda antigamente significava tenção, respeito, vontade. — *E vos requeremos que tomedes este feito per aquel logar, per que vos El-Rey manda sem maa* (má) *vogaria e sem maa pontaria, e que o comprades assi. como El-Réi manda.* (Documento da villa de Mós, sobre divisões entre este concelho e o da Torre de Moncorvo, de 1315.)

Não me parece inutil dizer aqui, aos que o não souberem, que *pontaria*, no antigo portuguez, significava—ódio, trapaça, enrêdo que leva a mira a derribar e perder o seu contrario. Ainda hoje se diz — *trazer de ponta*—por vêl o com maus olhos; vexal-o, perseguil-o, etc. (Vide *Pontaria.*)

Vogaria, era officio de advogado. E como alguns, com a sua ineptidão ou má fé, deitam a perder os clientes, se dizia por estes, que *usavam de maa vogaria.* (Vide *Vogaria*)

LOGOMEL—Vide *Lagomel.*

LOGRECA ou **LOGREIA**—Lucrecia. Nome proprio de mulher. Tambem se dizia *Logrica.*

LOIVO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho e proximo (ao O.) de Villa Nova da Cerveira, 60 kilometros a NO. de Braga. 395 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 121.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As freiras de Sant'Anna, da Vianna, apresentam o vigario (collado) que tinha de rendimento 100$000 réis.

Esta freguezia esteve annexa á de Villa Nova da Cerveira.

Houve aqui antigamente um convento de freiras bentas. (Vide Campos e Villa Chan.)

É n'esta freguezia a bella residencia do sr. Lima, o mais rico proprietario d'estes sitios.

O rio Minho réga uma grande parte d'esta freguezia, o que a torna fertilissima.

É tambem atravessada pela bella estrada real de 1.ª classe, de Lisboa para o Norte, que aqui vae proxima da margem esquerda do Minho, e é um formoso passeio.

LOIVOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho de Chaves, 90 kilom. ao NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Geraldo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Moreiras apresentava o cura, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

LOIVOS DO MONTE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, (foi da extincta comarca de Soalhães.) 60 kilometros ao NE. de Porto e 330 ao N. de Lisboa, 1110 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago S. Payo e S. João.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade de Gestaçô apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Tem dois oragos, porque S. João Baptista o era da pequena freguezia de Telões, que ha muitos annos está annexa a esta.

LOIVOS DA RIBEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (tambem foi da extincta comarca de Soalhães.) 60 kilometros a NE. do Porto e 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

O morgado do Senhor das Chagas (da familia dos Tavoras e Noronhas Lemos e Cernaches) apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 200$000 réis annuaes.

É terra fertil.

LOOMAR—freguezia, Minho, comarca, concelhoo e proximo a Braga, 360 kilometros ao N. dde Lisboa, 150 fogos.

Eem 1757 tinha 24 fogos.

Orrago S. Pedro, apostolo.

Arrcebispado e districto administrativo de Bragga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha de reendimento 60$000 réis e o pé d'altar.

Loomar é corrupção de *Al-Omar*, nome proprio arabe—o mesmo que Al-Amar ou Al-HHamar.

Haa vestigios de fortificações antiquissimas,, na serra que fica entre esta freguezia e a dde Guisande.

(VVide Braga.)

LCOMBA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 18 kilometros a ONO. da GGuarda, e 300 ao E. de Lisboa, 55 fogos.

EEm 1757 tinha 46 fogos.

Orrago o Espirito Santo.

Bbispado e districto administrativo da Guarda.

O vigario da villa do Louro, apresentava o ccura, que tinha 7$000 réis de congrua e o péé d'altar.

LCOMBA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, d'onde dista 60 kilomeetros ao NE. e 320 ao N. de Lisboa, 100 fogoos.

EEm 1757 tinha 56 fogos.

Orrago S. Pedro, apostolo.

Bbispado e districto administrativo do Porrto.

A mitra apresentava, *in solidum*, o abbade, que tinha 220$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

LCOMBA—freguezia, Douro, comarca do Porrto, d'onde dista 24 kilometros ao E., 300 ao N. de Lisboa, concelho e 20 kilometros ao SSE. de Gondomar. 290 fogos.

EEm 1757 tinha 110 fogos.

Bbispado e districto administrativo do Porrto.

O abbade de Melres apresentava o cura, quee tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altaar.

NNo sitio do *Barral*, n'esta freguezia, e sobre a margem esquerda do Douro, ha uma minaa de carvão fossil, que foi concedida a Bento Rodrigues de Oliveira, do Porto, em março de 1871.

Era aqui o solar dos Quezadas Villas Bôas. O ultimo morgado foi José Maria Quezada Villas Bôas.

Os Quezadas procedem da familia dos Queixadas Villas-Bôas, que tinham por armas—em campo de prata, 4 queixadas de oiro, com dentes de prata. Esta familia, porém, era de Hespanha, e não consta que similhantes armas fossem usadas em Portugal.

Ha outros Quezadas que procedem de Pedro Dias Carrilho, de Tolêdo, que depois se chamou Pedro Dias de Quezada, 1.º adiantado de Casorla; o qual, sendo alcaide da villa de Quezada, na Andaluzia, por uma grande victoria que alcançou dos mouros, foi chamado «o Quezada».—Suas armas são:—Em campo de púpura 4 coticas de arminho, em pala, cada uma carregada de 6 mosquetas negras; orla de prata, carregada de 8 caldeiras de negro, com a bocca para baixo.

Passou esta familia a Portugal, e aqui se corrompeu este appellido em Quezada, Quezado, e Casado, que usam (os d'estes tres appellidos) das mesmas armas; mas só com coticas.

Ainda outros Quezadas trazem por armas—em campo de púrpura, 4 bandas de arminho, cada uma com 4 mosquetas de negro.

Outros Quesadas (como diz Molina) trazem—em campo de púrpura, 4 palas de arminho, cada uma com 6 mosquetas de negro, 5 em aspa e uma por baixo.

—

Os que usam do appellido Villas-Bôas (e não de Quesada) trazem por armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel castello de prata de 3 torres, com porta lavrada de preto, em campo de púrpura, sahindo da torre do meio um ramo de palma verde—no 2.º e 3.º quartel, um dragão de prata, voante, armado de púrpura, com a cauda retorcida—isto sobre campo azul. Timbre o dragão das armas com um ramo de palma na bocca.

—

Esta freguezia é uma prova material dos disparates da nossa divisão territorial. Fica sobre a margem esquerda do Douro, e pertence ao concelho de Gondomar, que fica na margem direita, contiguo á cidade do Porto; distando 24 kilometros da cabeça do concelho, e tendo de atravessar o rio, o que nem sempre é facil e livre de perigo.

Devia pertencer ao concelho de Castello de Paiva, de cuja cabeça apenas dista uns 15 kilometros, e sendo na mesma margem, é a viação facillima.

—

N'esta freguezia é o grande logar de *Sante* ou *Pé de Moura*, ponto de bastante commercio com a cidade do Porto, para onde exporta constantemente madeira, lenha, carvão, urze, carqueja e outros generos.

Ha n'este logar a capella de Santa Eufemia, virgem e martyr (uma das 9 irmans).

É tambem n'esta freguezia o grande, bonito e fertil logar de *Lavercos*, composto de lavradores, alguns ricos. É no alto da freguezia.

Em frente da Lomba, na margem opposta, fica a bonita povoação de Melres, que foi villa, e ainda tem casa da camara e cadeia.

É tambem pertencente á freguezia da Lomba a aldeia de Arêja, que em tempo do conde D. Henrique ainda era cidade. (Vide o 1.º vol. pag. 238.)

LOMBÃO—rica e magnifica propriedade (quinta) e das melhores do concelho de Constancia. Pertence ao sr. Jacinto Falcão. (Vide Constancia.)

LOMBA—freguezia, Beira Alta, no concelho e arciprestado de Bésteiros, segundo se vê do 5.º vol. do *Sanctuario Marianno*. a pag, 286, tendo por orago S. Julião.

Era no bispado de Viseu, d'onde distava 24 kilometros, 3 kilometros a E. de Tondella.

Era parochia em 1716; mas já em 1757 não existia, pois não vem mencionada no *Portugal Sacro e Profano*.

Ao N. está o Sanctuario de *Nossa Senhora do Castro*, assim chamado por estar no mais alto de um monte, no qual, nos tempos antigos havia uma atalaia, ou pequeno castello, que servia de guarida aos mouros, e de deposito dos roubos que elles faziam em terras de christãos. Ainda a este monte se chama do Castro ou da Atalaia.

O sanctuario de Nossa Senhora do Castro é antiquissimo e a egreja é bastante vasta. Tem o altar-mór e duas capellas collateraes.

A imagem da Senhora está no altar-mór. É de perfeita esculptura em pedra, de 0,^{m}66 de alto.

Segundo a tradição, existiu n'este monte uma grande povoação mourisca, o que é confirmado pelos vestigios de alicerces de casas, grandes telhões e outros objectos que ainda por alli existem. Para o lado do N., se vê uma grande cava, muito funda, que mostra ser obra artificial.

Do alto do monte se gosa um vasto panorama.

É provavel que quando os mouros occuparam a Lusitania (715) os christãos d'estas terras escondessem em alguma gruta ou caverna a santa imagem, para a subtrahirem a qualquer desacato, e que fosse achada depois da expulsão dos mouros, e se lhe construisse então o templo.

Esta Senhora é objecto de grande veneração dos povos de Bésteiros.

Em 1630 se formou uma nova irmandade, que faz annualmente a festa á Senhora no dia da sua Natividade (8 de setembro).

Antigamente havia por occasião da festa corridas de touros, carreiras, danças, etc.

No ultimo sabbado de maio, hia o parocho de Tondella visitar a Senhora, com todos os seus freguezes, com a cruz levantada e cantando a ladainha de Nossa Senhora. A esta visita era obrigada a hir, pelo menos, uma pessoa de casa, da villa de Tondella. O parocho dizia então uma missa cantada no altar-mór. Esta especie de procissão era o resultado de um voto, em acção de graças por certo milagre que a Senhora obrou a favor dos povos da villa.

O parocho apresentava aqui um ermitão e o confirmava o bispo.

Este ermitão tinha a seu cargo a limpeza e conservação dos altares e do templo.

LOMMBA DOS PALHEIROS—Vide *Villar Sêcco o da Lomba.*

LOMMBO—freguezia, Tras os-Montes, comarcaca e concelho de Macedo de Cavalleiros (foi dada comarca e concelho de Chacim) 165 kilommetros a NE. de Braga e 430 ao N. de Lisboaoa, 90 fogos.

Emm 1757 tinha 64 fogos.

Orarago o Espirito Santo.

Arcercebispado de Braga, districto administrativovo de Bragança.

O a abbade de Chacim apresentava o vigario, qque tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'a'altar.

LOIONDA ou **LANDA**—terra maninha, inculta,a, desaproveitada. Do germanico *land*, terra.a.

LOONDO—O colono ou emphiteuta que tomavava a *landa* (ou *londa)* por qualquer contractoto, pagava ao senhorio directo uma renda oou fôro, que se denominava *londo* ou *londolos.*

LOONGA—freguezia, Beira Alta, comarca de AArmamar, concelho de Taboaço (era até 1755 5 da comarca de Taboaço, concelho de S. Colosmado) 24 kilometros de Lamego e 320 ao NN. de Lisboa, 120 fogos.

EEm 1757 tinha 127 fogos.

OOrago S. Pelagio.

Bisispado de Lamego, districto administrativo o de Viseu.

Fooi villa.

O cabido da Sé de Lamego apresentava o abbaade, que tinha 450$000 réis de rendimentnto.

É É terra fertil.

O nome d'esta freguezia é provavelmente corrrrupção de *Londa.*

LOONGO-MEL—Vide *Margem.*

LOONGOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 360 kilometros ao N. d de Lisboa, e 8 ao NE. de Braga, 200 fogos.

EEm 1757 tinha 220 fogos.

OOrago Santa Christina.

AArcebispado e districto administrativo de Braaga.

O arcediago de Olivença apresentava o vigaarie, que tinha 100$000 réis de rendimemnto.

Tambem supponho que Longos é corrupção de *Londa.*

LONGOS-VALLES ou **LONGOVÁRES**—freguezia, Minho, comarca e concelho e proximo de Monção, 60 kilometros ao NO. de Braga; 420 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 489 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é situada na margem esquerda do rio Minho.

Houve aqui um convento de frades cruzios, fundado por D. Affonso I em 1140, dando-lhe muitas rendas e privilegios, que seus successores augmentaram.

D. Sancho I coutou o mosteiro em 1197 (estando na cidade do Porto). Na carta de encoutamento diz que *lhe fez esta mercê pelo assignalado serviço que o prior D. Pedro Pires lhe fez em fundar á sua custa a torre e fortaleza da villa de Melgaço.*

Com o tempo veio este mosteiro a poder de commendatarios, sendo o ultimo D. Duarte, filho bastardo de D. João III, que morreu de 22 annos, em 11 de novembro de 1543.

O cardeal D. Henrique (depois rei) fez com que este mosteiro, dependencias e rendas se désse aos jesuitas, por bulla de Julio III, de 1551.

É hoje propriedade particular.

LONGROIVA—Vide Langroiva.

LÓRDÊLLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães. 20 kilometros ao NE. de Braga, e 370 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O arcediago de Santa Christina apresentava o vigario, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

Lordêllo é diminutivo de *Lord* (*Lordesinho).*

Foi reitor d'este Lórdêllo, o lente e reitor da universidade de Coimbra, José Machado de Abreu.

Passam n'esta freguezia dois ribeiros—um vem de Guardizella e o outro de Sobrado: regam, e desagúam no Visella.

Ha aqui uma capella publica, da invocação de *S. João de Calvos*, no logar de Calvos.

A capella de Nossa Senhora da Sêcca, que estando em territorio d'esta freguezia, pertence á de S. Miguel das Aves.

Passa por esta freguezia a estrada a macadam, que vae do Porto a Guimarães e Caldas de Visella.

O rio Visella banha esta freguezia pele S.—rega, e serve de motor a um engenho de moer linho e a varios moinhos.

LÓRDELLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 36 kilometros a NE. de Braga, e 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

LÓRDELLO—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, dista 23 kilometros a NE. do Porto, e 335 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil.

O bispo apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis de rendimento annual.

A mesma etymologia.

Houve aqui um convento, fundado no seculo XIII, não se sabe por quem.

Foi de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) até que o bispo do Porto, D. João de Azevedo, o uniu e annexou *in perpetuum*, á mesa pontifical da cathedral do Porto, por bulla de Xisto IV, em 1475. Ainda o logar conserva o nome de Mosteiro.

LÓRDELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 54 kilometros ao N.E. de Braga, e 445, ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O morgado da Barbeita apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis. Tinha alternativa nos dizimos com a egreja de S. Martinho, que antigamente era uma só freguezia, e por isso cobravam os dizimos egualmente.

LÓRDELLO — freguezia, Tras os Montes, comarca, concelho, e 3 kilometros a O. de Villa Real, 75 kilometros a NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

D. Manuel lhe deu foral, por inquirições, em Evora, a 12 de novembro de 1519.

A mitra apresentava o vigario (collado) que tinha 60$000 réis de rendimento.

—

É povoação muito antiga, pois já era a *honra* dos *Lórdêllos* em tempo do rei D. Diniz.

Os taes Lórdêllos tinham aqui uma grande quinta, chamada mesmo *Quinta de Lórdêllo*, d'onde elles tiraram o appellido.

Os Lórdêllos tinham por armas, em campo verde, uma banda de prata, carregada com tres rosas encarnadas, entre seis borrêgos de prata, 3 de cada lado — elmo em roquete, e por timbre um dos borregos, com uma rosa encarnada na bocca.

Consta por tradição e dos documentos archivados na camara de Villa Real, que esta povoação teve a cathegoria de villa; mas não consta em que data lhe foi feita esta mercê, porque nos citados documentos se apenas se refere que o foral que lhe foi dado era o mesmo da villa de Alijó. É provavel que fosse elevada a villa por D. Manuel quando lhe deu o foral.

—

É natural d'esta freguezia o doutor Fernando Pires Mourão, lente da universidade de Coimbra.

Foi desde a edade de 6 annos educado na cidade do Porto, em casa de seu tio paterno, Antonio Mourão, conego da Sé cathedral do Porto.

Matriculou-se em canones em Coimbra, em 1700, e depois de formado n'esta faculdade, se formou em leis, tomando capello em canones, por provisão de D. João V, de 21 de outubro de 1712.

Foi collegial do real collegio de S. Paulo, de Coimbra, de que tomou posse em 24 do mesmo mez e anno. Assistiu n'este collegio por espaço de 20 annos, sendo reitor nos annos de 1720, 1726 e 1727, e vice reitor em outros annos.

Foi deputado da relação do fisco real da inquisição de Coimbra, por provisão do cardeal da Cunha, inquisidor-geral, de 7 de março de 1723.

Chegando a lente de prima, foi jubilado e reconhecido desembargador titular da relação do Porto, com exercicio no tempo das férias academicas. Foi desembargador da casa da supplicação—deputado do tribunal do *Santo Officio* das inquisições de Coimbra e Lisboa. Foi conego doutoral na Sé de Vizeu, e de Coimbra.

Teve carta de conselho de sua magestade, em 11 de março de 1745, tomando posse na chancellaria-mór do reino.

Em 11 de agosto do mesmo anno, foi feito desembargador do paço; titular com exercicio em férias, por decreto de 30 de janeiro de 1746, tomando posse em 12 de agosto.

—

Fundou, na casa em que nascera, uma capella dedicada a S. Fernando (santo do seu nome, e a santa Francisca, viuva, romana (por ser o nome de sua irmã, que tambem concorreu para esta fundação).

—

Foi um varão exemplar e de profundos conhecimentos; pelo que ainda hoje esta freguezia, com justa razão se honra de ser patria do dr. Mourão.

—

A mesma etymologia.

LÓRDELLO DO OURO—freguezia, Douro, comarca, concelho e junto do Porto (bairro occidental), 310 kilometros ao N. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

—

Em 1144 D. Affonso Henriques doôu ao abbade João Cirita, *o êrmo de Santa Ovaya, no termo de Bouças, junto a Lordêllo, que era um mosteiro de eremitas, para os servos de Deus que viviam em Tarouca, seguindo a ordem de Cister.*

Sendo abbade de Salzedas D. João Nunes (1155), entregou D. Thereza Affonso este mosteiro ao dito abbade João Cirita e a todos os seus frades, que alli quizessem viver, seguindo a regra de Cister (S. Bernardo.)

—

É esta uma rica e formosa freguezia, em terreno bastante accidentado, sobre a margem direita do rio Douro, e podendo hoje considerar-se como o prolongamento da cidade do Porto.

Ha n'esta parochia formosas e ricas propriedades e optimas quintas; e de toda a parte alta da freguezia se gosam esplendidas vistas para o S., O. e N.O.; descobrindo-se não só um vasto territorio da margem esquerda (de Gaia e da Terra da Feira) mas tambem a foz do Douro e uma vasta extensão de mar; Leça, Mattosinhos, e grande numero de povoações, valles e montanhas, das provincias do Douro e Minho.

Para tudo quanto diz respeito à industria, vide Porto, no logar competente.

LORDOSA—Vide *Lardosa.*

LORDOSA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Viseu, d'onde dista 9 kilometros, e 300 ao N de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 301 fogos.

Orago S. Pedro apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Tambem antigamente se chamava *Lardo-*

sa, e é sob este nome que D. Sancho II lhe deu foral, em fevereiro de 1223.

Na *Aldeia do Pintor*, d'esta freguezia, é fama ter nascido o célebre pintor denominado—*o Grão-Vasco*—e d'esta circumstancia tomou a aldeia o nome que tem.

LORIGA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Ceia, 82 kilometros a E. de Coimbra, e 260 a NE. de Lisboa, 430 fogos. Em 1757 tinha 184 fogos.

Orago Santa Maria Maior.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1514.

LORIGA (ou **LURIGA**, ou **LUBRIGA**, ou **LURICA**)—saia de malha, vestidura militar, que fabricando-se primeiramente de loros, ou correias de couro crú (d'onde lhe vem o nome), de tal modo entretecidos, que ficavam impenetraveis. Depois, entre os portuguezes, se usavam lorigas, cobertas de laminas (escamas) ou anneis de ferro ou aço. que faziam uma boa parte das armas defensivas de um guerreiro, completamente armado.

LORIGÃO (**LORIGOM**)—saia de malha mais ampla, mais de prova e reforçada do que a loriga.

No codicilo de D. Sancho I (quando partiu para a conquista do Algarve) a que assistiu D. João Pires, bispo de Viseu, em 1189, e outros prelados; se acha a verba seguinte: *Equos et azimelas, et loricas, et tota arma, quæ habeo, et frœna, et Mauros, et Mauras jubeo dividere inter Fratres de Elbora* (os de Aviz) *et de Alcazar* (os de Palmella) *exceptis loriga, et lorigone, et genoleiras* (joelheiras—as peças da armadura que cobriam os joelhos) *et elmo. et spada corporis mei, quae dimittó Filio meo, qui Regnum habuerit.* (Documento do archivo episcopal de Viseu.)

LORONHA—appellido nobre em Portugal, d'onde passou á Inglaterra, na pessoa de Martim Affonso de Loronha, e lá deixou descendencia. Regressou a Portugal em 1140. Foi o rei da Gran Bretanha que lhe deu por armas—escudo dividido em pala, a 1.ª de prata e a 2.ª de verde. No canto esquerdo d'esta, uma pomba de prata, e no meio das duas palas uma rosa encarnada, e por baixo d'ella, uma flor de liz, d'ouro.—Timbre, uma pomba voante.

Supponho que esta familia, ou se extinguiu, ou modificou o appellido para *Noronha*.

A gente menos instruida, ainda hoje chama Loronhas aos Noronhas; não se deve porém confundir um com outro appellido, pois nada tem de commum. Noronha é appellido nobre em Portugal, mas veio de Hespanha, tirado da villa de Noronha, nas Asturias. O primeiro que em Portugal usou d'este appellido, foi D. Affonso Henriques de Noronha e Gijen, por ser feito conde de Noronha (a tal villa asturiana.)

D. Affonso era filho bastardo de Henrrique II de Castella. Casou com a infanta D. Isabel, filha, tambem bastarda, de D. Fernando de Portugal.

Residiu em Obidos, e foi seu filho, o célebre arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha.

Tambem são seus descendentes, D. Sebastião de Mattos Noronha, arcebispo de Braga, que morreu na prisão, em Setubal, por querer com os seus vender Portugal a Castella, assassinando D. João IV, em 5 de agosto de 1641. (Vide Braga—a pag. 445 do 1.º volume.)

—

Para prova mais cabal de que *Loronha* era familia completamente differente de *Noronha*, note-se que as armas d'estes, são—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º quartel as armas portuguezas, com o filete de bastardia, em contrabando, e no 2.º e 3.º, em campo de púrpura, um castello de ouro. Mantelete de prata, carregado de dois leões batalhantes, de púrpura; orla de 16 escaques, oito de ouro lisos e 8 de vieiras de azul e prata. Elmo d'aço, aberto. — Timbre, meio leão das armas.

Este é ainda o brazão dos actuaes marquezes que Angeja (condes de Peniche) — condes dos Arcos (de Valle de Vez)—e outros Noronhas.

O 2.2.º ramo d'esta familia (Noronha) procede do 3.º filho do dito D. Affonso Henriques e de D. Isabel. Foi D. Affonso de Noronha, a, que D. Affonso V fez conde de Villa Real. Aquelle casou com D. Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Vianna, sendo, por sua mulher, herdeiro tambem d'esta casa, com a condição de seus descendentes usarem do appellido e armas dos Menezes.

O 3.º ramo d'esta familia, procede do 4.º filho de D. Affonso Henriques, que se chamava a D. Sancho de Noronha, e foi conde de Odemmira.

D. Miguel de Noronha, conde de Linhares, os condes de Villa Verde, os barões de Alvito e outras familias nobres d'estes reinos, procedem d'este ramo.

LORVÃO—freguezia, Douro, comarca de Coimbra, concelho de Penacova, 12 kilometros a E. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 380 fogos.

Oragago Nossa Senhora da Esperança. (Antigamente, Nossa Senhora da Expectação.)

Bisispado e districto administrativo de Coimbra.

As religiosas de S. Bernardo, do real mosteiro de Lorvão, apresentavam o cura (annualmente) e este tinha 80$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, posto ser um terreno accidentado, é muito fertil. A aldeia é situada em um valle, dividido por um pequeno ribeiro, em cujas margens está tambem assente o famoso mosteiro.

Fazem-se n'esta freguezia annualmente tres a quatro mil crusados de palitos, para o reino e exportação.

Criianças, adultos e velhos, trabalham n'esta industria, e faz pasmar a ligeireza e perfeição com que a executam.

═

É duvidosa a data da fundação do real mosteiro de Lorvão, um dos mais antigos da Peninsula, e talvez da Europa; e notavel não só pelas preciosidades que encerra, mas, e ainda mais, pelas suas recordações historicas.

E' certo que foi um dos primeiros mosteiros da ordem de S. Bento (chamada — a *regra santa*) que depois se propagaram por todo o reino, povoando desertos e arroteando, por suas proprias mãos (segundo a sua regra) brejos e matagaes.

Alguns escriptores sustentam que este mosteiro já existia no principio do seculo V, quando Ataces, rei dos alanos, conquistou Coimbra aos mouros.

Mabillon, não assignando época á fundação d'este mosteiro, afirma que elle já existia no seculo VI.

Leitão Ferreira, diz que foi fundado por Lucencio (que foi o seu primeiro abbade, e que depois veio a ser bispo de Coimbra) nos annos de 561 e 562.

Frei Bernardo de Brito, affirma ter visto em um livro manuscripto, existente no proprio archivo, o seguinte: — «*Domus nostra Lurbani constructa fuit vivête patre nostro Benedicto, et dedicata sanctis martyribus Mameti, et Pelagio*, etc.»

Tem porém sido contestada a opinião de que o mosteiro fosse fundado em vida do patriarcha da ordem de S. Bento.

Os arabes, no primeiro impulso do seu odio contra os christãos, quando invadiram a Lusitania, saquearam e destruiram muitas egrejas e mosteiros; mas depois, em 734, Ali-Boacem, rei mouro de Coimbra, promulgou uma lei, pela qual consentiu o exercicio do culto catholico; mas que todas as egrejas lhe pagassem certos tributos. Fez porém, na mesma lei, uma excepção em favor d'este mosteiro, pelas seguintes palavras:—«*O mosteiro das montanhas, chamado Lorvão, não pague pêso algum; porque os frades, de boa vontade, mostram o logar em que pastam seus veados e fazem bom gasalhado aos mouros e nunca achei n'elles mentira nem má vontade. Possuam em paz e quietação todas as suas herdades, sem discordia, sem vexação nem força, da parte dos mouros; e vão e venham a Coimbra, com toda a liberdade, de dia ou de noute, quando quizerem. Comprem e vendam, sem pagar direitos, comtanto que não sáiam do nosso territorio, sem nossa licença.*

Este convento foi adquirindo tantas ren-

das e propriedades, que chegou a ser riquissimo.

D. Fernando I de Castella, pondo cêrco a Coimbra, em janeiro de 1064, e vendo que em abril já tinha perdido muita gente e hiam escaceando os mantimentos, quiz levantar o cêrco; mas os frades de Lorvão, offereceram-se a sustentar á sua custa o exercito christão, até que este entrou triumphante na cidade, em 25 de julho d'esse anno. (Vide a pag. 321 do 2.º volume.)

D. Fernando, em premio do grande auxilio que lhe haviam prestado os monges de Lorvão, lhes offereceu a cidade; mas elles não acceitaram, contentando-se unicamente com uma egreja (S. Pedro) e com uma casa, para hospicio. O rei lhe fez valiosos presentes, conservou grande affeição por estes monges, e lhes concedeu e ao seu mosteiro, grandes privilegios e ricas doações; com o que o mosteiro, que já era rico, se tornou riquissimo.

Muitos outros reis christãos e varios senhores particulares, concorreram para o augmento d'estas riquezas, com valiosas doações e privilegios.

A prodigiosa riqueza e opulencia dos frades, os mudou, de humildes cultivadores em grandes e ociosos senhores, vivendo com a maior magnificencia, o que por força trouxe comsigo a relaxação da regra.

Estavam as cousas n'este estado, quando se annullou o casamento de D. Thereza) filha do nosso D. Sancho I, com D. Affonso IX, de Leão (primo de D. Thereza. Deliberou esta senhora passar o resto de seus dias em um mosteiro.

Era D. Thereza dotada das mais austeras virtudes, e sabendo da vida desregrada que passavam os monges de Lorvão, o expoz a seu pae, supplicando-lhe que expulsasse os monges d'este mosteiro e lh'o desse a ella, para fundar um convento de freiras.

O rei defferiu á supplica da filha, e mandou os frades para o convento de Pedroso, no actual concelho de Gaia, e a 10 kilometros ao S. do Porto.

Em 24 de dezembro de 1200, foi o rei com o bispo de Coimbra e com o abbade de Alcobaça, á Lorvão, fazer entrega do mosteiro a D. Thereza.

N'essa occasião lançou o abbade de Alcobaça o habito da sua ordem (cisteriense) á rainha D. Thereza e a muitas senhoras illustres que a quizeram voluntariamente acompanhar no seu religioso intento.

D. Thereza passou aqui o resto dos seus dias, sendo um modelo de todas as virtudes christans, e aqui morreu, sendo sepultada junto ao tumulo de sua virtuosa irman, a infanta D. Sancha, fundadora do mosteiro de Cellas, em Coimbra.

(Estas duas senhoras eram tambem irmans da santa rainha D. Mafalda. Vide Arouca.)

D. Thereza e D. Sancha foram beatificadas por Clemente XI (reinando D. Pedro II) *vivæ vocis oraculo*, em 13 de setembro de 1704, e canonisadas por bulla de 23 de dezembro de 1705.

Aqui foi religiosa exemplarissima, a infanta D. Branca filha de D. Affonso II (a heroina do famoso poema de Almeida Garrett.) Vide pag. 267 do 3.º volume.

Tambem aqui foi religiosa a sr.ª D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão (tia do sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, que tanto tem collaborado para esta obra.)

Por os achar curiosos, dou aqui os *autos* da sua profissão e do seu fallecimento.

«Aos 27 de fevereiro do anno de 1806 eu D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, filha legitima de João Gomes de Carvalho e de D. Thereza Marcellina Pinto Mergulhão, naturaes e moradores de Villa Sêca, bispado de Lamego, faço profissão n'este mosteiro de Santa Maria de Lorvão, d'onde quero ser expulsa da religião em qualquer tempo que se achar tenho raça de moura, dou a dita profissão por nulla e de nenhum effeito, e sem embargo d'ella, me poderão lançar fóra livremente, que com esta condição a faço, estando presente a ex.ma sr.ª D. Maria Casimira de Athaide Menezes, Dona Abbadessa, e a sr.ª D. Anna Rita Xavier de Bourbon, mestra de noviças, e todo o mais convento. — D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão.»

Assento do obito

«Aos 3 de outubro de 1858 foi Deus servido chamar para si a Madre D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, filha de João Gomess e de sua mulher D. Thereza Marcellinaa Pinto Mergulhão, naturaes de Villa Sêcca,, bispado de Lamego. Foi esta religiosa muito exemplar e esmoler, e apesar de occupppar officinas da religião, sem cessar seguiaa as horas do côro tendo n'elle sempre os offficios, emfim tendo o seu praso chegado, Deeus a quiz premiar das suas virtudes e piatmente cremos que hiria cantar no ceo os seuus louvores.»

—

Emi 1713, a abbadessa D. Bernarda Telles de Meenezes, vendo que os tumulos de Santa Theereza e Santa Sancha não correspondiam á gerarquia d'estas senhoras, mandou que para ellas se fizessem dois cofres de prata, quie foram primorosamente executados pelo habil e famaso artista portuense, Joaquim Carneiro da Silva.

Forram os ossos trasladados para as novas urnass, com a maior pompa e magnificencia, no diia 19 de outubro de 1715, assistindo a esta imagestosa solemnidade o bispo conde de Coimbra, o D. abbade geral de Alcobaça, o cabido, o senado da camara de Coimbra, os substitutos do corregedor e do juiz de fóira, oito cavalleiros da Ordem de Christo, grrande numero de abbades e religiosos, de varrias ordens, e muitas outras pessoas de distinicção, tanto ecclesiasticas como seculares, e innumera multidão de povo.

—

Não é preciso dizer que tanto a egreja como o mosteiro teem soffrido em varias épocaas grandes modificações, reedificações e ampliações; podendo dizer se que pouco ou nada existe da primittiva fundação.

O que existe é obra do fim do seculo XVIII.

A egreja é vasta, elegante e sumptuosa. Além do altar-mór, tem um optimo throno dourado, com columnas de pedra, admiraveis pelo seu tamanho.

Tem mais sete altares lateraes, estando em dois d'estes os cofres que conteem as reliquias das Santas Thereza e Sancha.

Ha n'esta egreja primorosas pinturas do nosso Paschoal Parente.

O coro, dividido da egreja por uma linda grade de ferro, com engastes de bronze, é magnificamente adornado com cem cadeiras, de bella madeira do Brasil, primorosamente entalhada.

—

Poucas e de edade provecta são as religiosas que ainda existem n'este venerando mosteiro. Quando fallecer a ultima, o que será d'este historico e sumptuoso monumento? — Confrange-se-nos o coração ao imaginar a triste sorte que lhe está destinada. Ou cahirá em ruinas, ou será vendido em almoeda, por um preço ridiculo, a algum argentario, que destruirá tantos primores d'arte, tantas recordações gloriosas, ligadas a varios objectos; e o asylo das virgens do Senhor, onde se ouviam dia e noite os hymnos ao Altissimo, será transformado em tristes ruinas, ou em casa de orgia, ainda mais triste! (Vide Monte-Mór-Velho.)

—

No livro 1.º das *Doações* d'este mosteiro, se vê uma escriptura, feita em 24 de agosto de 919, pela qual, D. Gundezindo e seus irmãos, filhos de D. Alvito e de D. Munia, grandes senhores n'este reino, doaram ao mosteiro, a villa de Gondolim e outras terras.

No cartorio d'este mosteiro existem preciosissimos documentos para a nossa historia.

—

As religiosas de Lorvão, as mais ricas de Portugal, ficaram reduzidas ás mais tristes circumstancias desde 1834.

O sr. Alexandre Herculano, condoido da miseria atroz que soffriam estas infelizes religiosas, sollicitou, em 1855, com as phrases mais enternecedoras, e patenteando ao publico este quadro de miseria e desamparo *uma esmola* (!) para estas freiras, outr'ora ricas, e que nada haviam concorrido para a sua desgraça.

Pouco commoveram porém as palavras auctorisadas, sublimes e bellissimas do eminente escriptor; as religiosas continuaram a viver na penuria e no esquecimento.

O logar de Lorvão, é situado, como já disse em um valle, cercado de serras, de modo que só se avista quando nos aproximamos d'elle.

Nada tem de notavel.

—

Nos tumulos de Santa Thereza e Santa Sancha, havia dois epitaphios latinos, que por extensos e pouco importantes para a historia, não copio.

Já disse que a egreja e o mosteiro actuaes são obra do seculo XVII. Prova-se isto por duas inscripções que estão em uma de suas portas. A da direita diz:

REGIA PROGENIES. PIA VIRGO
SANCIA CELLAS
EXTRVIT. INDE OBIENS.
CAELICA REGNA PETIT.
ANNO 12

—

A da esquerda, diz:

POST HAL ANNUM ALFONSI REGIS
TARASIA FUNDAT.
LORVANI MONACHAS. ET MONIALIS
OBIT.
ANNO 12.

—

O abbade João (d'este mosteiro) tio de D. Ramiro I, de Leão, e no reinado d'este monarcha (848) fez grandes serviços á patria, como guerreiro illustre que era. Defendeu heroicamente a praça de Monte Mór-Velho (vide esta palavra) do rei mouro de *Córdova*, Abd-el-Raman; submetteu os condes rebeldes, Alderêdo e Pinelo; e derrotou os mouros, junto a Viseu.

Por esse mesmo tempo, o rei mouro Zulema, e o renegado Garcia Janhes, em vingança da resistencia de Monte-Mór-Velho, appareceram com um formidavel excercito, a cercar esta praça apertadamente.

Estavam os monges em oração e a guarnição em risco de morrer á fóme; mas decidida á vender caras as suas vidas; para o que, depois de matarem todas as pessoas inuteis para a guerra, sahiram da villa, rompendo por entre os mouros, que, ficando aterrados de tamanha audacia, se desordenaram, sendo completamente derrotados pelos christãos.

Segundo a lenda — quando os lussitanos entraram na praça, acharam vivas toodas as pessoas que tinham morto.

O abbade João passou o resto doss seus dias no logar (hoje villa) da Batalha,, e alli esteve seu corpo até que, em 1142, fuundando D. João I o famosissimo mosteiro dde Nossa Senhora da Victoria, para elle foram transferidos os seus ossos.

O bispo Lucencio, a quem se attribue a fundação do mosteiro de Lorvão, faalleceu em Coimbra, a 10 de abril de 580.

—

Srnta Thereza falleceu no dia 17 de e julho de 1250. (Vide *Pedroso.*) [1]

[1] **No momento em quee estou escrevendo (dezembro de 1874) está principiaando a sahir no «Diario do Govverno» o decreto da nova ddivisão judicial, que supprrime algumas comarcas e juhlgados, creando outros de novo, segundo a lei de 166 de abril d'este mesmo annoo.**

Este decreto vem alteerar na maxima parte, toda aa antiga divisão das camarrras e julgados. que existia até agora, e segundo a qual vae formulado este diccionaario.

Para que elle não coontenha duas qualidades dee divisão, e mesmo porque eesta divisão póde ficar em pappel, como ficou a de 1868, coontinúo a divisão actual atéé ao fim da obra, dando em ssupplemento a nova divisão,, no caso que ella venha a terr effeito.

Ha ainda outro motivo o que me obriga a seguir a divisão actual—é não trazer o «DDiario do Governo» as novas s comarcas senão aos bocaddos; pelo que, ainda que quizzesse adoptar de hoje em diian-

LOUDEL ou **LAUDEL** — especie de saia de malha, coberta de folhas ou laminas de fino aço, ou ferro, que cobria o tronco dos guerreiros.

LOULÉ—villa, Algarve, cabeça de comarca e de concelho, 12 kilometros de Faro, 9 da costa e 240 ao S. de Lisboa, 3:000 fogos.

Em 1757 tinha 560 fogos.

Orago S. Clemente.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Tem estação telegraphica.

O concelho de Loulé comprehende as freguezias de Almancil, Alte, Ameixial, Boliqueime, Querença, Salir e Loulé.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 180 de cevada, 180 almudes de vinho crú — e mais, de umas capellas de missas, 116 alqueires de trigo e 24$000 réis em dinheiro, annualmente.

D. Affonso III lhe deu foral, em Lisboa, em agosto de 1166.

O mesmo rei deu foral aos mouros forros d'esta villa, em Lisboa, a 12 de julho de 1269.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504, (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 23 v., col. 1.ª)

Loulé é uma das mais antigas, povoações do Algarve. Não se sabe com certeza, quando nem por quem foi fundada. Pretendem alguns que foi construida com os materiaes da antiquissima cidade de *Carteia*, o que não é verosimil; pois *Carteia* era na costa, e, segundo alguns, no local onde hoje é a aldeia da Quarteira. (Vide col. 1.ª de paginas 132 do 2.º vol.)

Carteia era uma povoação fundada, segundo uns, pelos antigos lusitanos (cuneos) e segundo outros, pelos phenicios.

Outros escriptores dizem que Loulé foi fundada pelos carthaginezes, 404 annos antes de Jesus Christo.

O que é certo é existir esta povoação em 715, quando os mouros invadiram o Algarve; mas ignora-se se tinha o nome actual, se outro qualquer.

O famoso mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, a resgatou do poder dos mouros, em 1249.

D. Affonso III a mandou povoar e lhe deu o foral de Silves, Tavira e Fáro, no anno de 1266, como já disse.

O castello de Loulé esteve algum tempo em podor dos castelhanos, mas o seu rei o mandou entregar a D. Affonso III, em fevereiro de 1267.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 9.º

Por carta de 9 de agosto de 1357, foram seus moradores isentos de pagar dizima e outros direitos.

Antes de 1834 era administrada, no civel, por um juiz de fóra.

É uma formosa e importante villa, com ruas largas e bons edificios. É rodeada de hortas olivaes e pomares, amendoeiras, alfarrobeiras, etc., e o seu territorio é muito fertil, e muito abundante de boas aguas.

Era uma das mais fortes praças do Algarve; porém o terramoto do 1.º de novembro de 1755 lançou por terra o seu castello, cahindo tambem então o vasto e sumptuoso convento dos agostinhos, que consta ter sido de templarios, que o fundaram na era de 1312 (1274 annos antes de Jesus Christo) e outras muitas casas (mais de 200!) Morreram duas pessoas.

As fortificações de Loulé eram muito antigas, pretendendo alguns que fossem obra dos romanos. D. Henrique de Menezes, 1.º conde de Loulé, filho do conde de Vianna, as mandou reedificar am 1462.

Tinha tres conventos. — O 1.º era de frades franciscanos, e em 1580 o cardeal rei o deu aos crusios.

O 2.º (agostinhos descalços) é o que o terramoto arrazou.

O 3.º era de frades piedosos (Santo Antonio) fundado em 1546 por Nuno Rodrigues Barreto e sua mulher, D. Leonor de Milão.

Aqui viveram as religiosas (o mosteiro era em uma planicie junto á villa) até 1692, em

te a nova circumscripção, seria impossivel, a não ter de suspender a publicação da obra, até que o «Diario» trouxesse tudo.

cujo anno se passaram para outro que haviam fundado de novo (por o primeiro estar ameaçando ruina) um pouco acima do sitio do primeiro.

Tinha tambem um convento de freiras franciscanas de Nossa Senhora da Conceição, que principiou por um recolhimento de mulheres pobres, mas por serem poucas e pobres, foram (antes de 1834) mandadas para o convento das bernardas, de Tavira.

A egreja matriz é muito antiga. O seu padroado entrou no escambo feito por D. Diniz. com D. João Osoris, mestre da Ordem de S. Thiago, em 4 de dezembro de 1298; e desde então ficou pertencendo a esta ordem.

Pelos dizimos da commenda se pagava ao parocho (que tinha, ao todo, mais de um conto de réis de renda annual) a tres beneficiados e a um sachristão.

Em 1692, um diluvio d'agua (talvez alguma tromba) destruiu varias ruas, morrendo 17 pessoas afogadas ou esmagadas sob as ruinas.

No largo do convento das freiras, havia um chafariz, no qual, a par das armas de Portugal, com a orla de 15 escudos, estavam as da villa — que são — um loureiro verde, sobre um castello; porém, na Torre do Tombo, as armas de Loulé são — um escudo em branco.

Por baixo das armas havia a seguinte inscripção (em lettra *onceal* e alguma romana restaurada.)

ERA DE MIL QUATRO CENTOS E QUARENTA ANNOS [1] FOI FEITA ESTA OBRA.

Foi demolido em 1838, para se fazer outro, uns 10 metros ao O. do antigo. Esta obra principiou em 4 de setembro de 1837.

A optima e abundante agua que aqui corre, vem de um aqueducto muito largo, cuja origem se ignora.

Tem fabricas de louça ordinaria e cortumes.

A 3 kilometros ao N. da villa ha um manancial de aguas mineraes ferreas.

[1] 1366 de Jesus Christo, ultimo do reinado de D. Pedro I.

Ha n'esta freguezia varias quintas, sendo algumas bonitas e muito rendosas.

Este concelho é abundante de cereaes, legumes e fructa, principalmente figos, amendoas, alfarrobas, azeite, vinho, mel, cêra, etc.

Ha tambem nos seus montes bastante caça grossa e miuda.

Cria muito gado de toda a qualidade.

Todos os generos agricolas são aqui mais baratos do que no resto do Algarve. Quando por carta de lei, de 4 de setembro de 1559, se mandou que no Algarve se vendesse carne de vacca, a seis réis o arratel, a de carneiro e porco a sete, bode e cabra a quatro e ovelha a tres, era exceptuada a villa de Loulé, onde se vendiam estes generos por menos um real em arratel.

Em razão das muitas forragens que ha nos arredores de Loulé, esteve aqui no seculo XVIII (de quartel no castello) um regimento de dragões.

—

Tem Misericordia, pobre; pelo que se lhe annexou, por carta de 25 de fevereiro de 1570, um hospital para pobres, instituido por D. Affonso V, fundado em uma albergaria, que aqui havia desde a restauração da villa. Os primeiros doentes que occuparam este hospital, foram os soldados feridos na tomada de Tanger, em 1471.

Em carta de 8 de outubro de 1682, foi nomeado administrador do hospital (denominado de Nossa Senhora dos Pobres ou do Ó) o padre João d'Aguiar Ribeiro, que augmentou as rendas em 20$500 réis e 639 alqueires de trigo, com a obrigação de 80 missas rezadas e 32 cantadas.

D. Pedro II doou a este hospital uma pensão de 100$000 réis, em 15 de dezembro de 1692, a qual pagou o almoxarifado do Algarve até 1813.

Em 13 de Julho de 1694 nomeou o padre Aguiar para succederem n'esta administração, os frades agostinhos do hospicio de Nossa Senhora das Dôres, o que foi confirmado por alvará de 16 de julho de 1696.

Em 24 de outubro de 1820, o bispo do Algarve, D. José Maria da Cunha Azevedo Coutinho, como presidente da *junta do Me-*

lhoramento, mandou vender o hospicio. Deixaram os frades então a administração da Misericordia; sendo o hospital d'esta, transferido para o hospicio, com as suas respectivas officinas, fazendo dos dois um só estabelecimento.

As rendas do hospital são—190$460 réis e 188 alqueires e 3 quartas de trigo, e as da Misericordia 174$220 réis. 31 alqueires de trigo, 4 de azeite, e uma gallinha.

Ha aqui feira franca nos tres ultimos dias de agosto, concedida por D. Affonso VI, por alvará de 11 de agosto de 1666.

Da freguezia de Loulé se tiraram, em 1836, para a de Boliqueime, todos os fogos da Quarteira, adquirindo os da Góldra-de-Baixo, que eram de Santa Barbara; além d'isso separou-se uma grande porção de terreno, para formar a freguezia de S. Lourenço dos Mattos, ou Alcantil, supprimindo a de S. João da Venda.

Esta divisão não teve effeito.

A egreja da freguezia de S. Lourenço já existia antes de 1836. É notavel pela belleza da pintura dos seus azulejos, com os passos da vida do Santo, e pela delicadeza do altar, cujas almofadas são de alabastro preto e de varias côres, aqui mesmo arrancado.

No decreto de 6 de novembro de 1836 já vem esta nova freguezia na divisão administrativa do reino.

Perto da egreja corre o ribeiro *Alcantil*, que nasce em uma caudalosa fonte, chamada *Olho da Alfarrobeira*, e tem uma ponte de pedra proxima da egreja, cortando a estrada de Fáro (chamando se já ahi *ribeira do Ludo*), e outra ponte de cantaria, feita pelo benemerito bispo D. Francisco Gomes de Avellar.

Ha no concelho minas de cobre, que foram lavradas pelo governo, nos seculos XVII e XVIII.

—

D. AAonso V fez conde e senhor de Loulé a D. Henrique de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes, conde de Vianna. Depois passou este senhorio para D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, que o deu em dote a sua filha, D. Guiomar Coutinho, quando casou com o infante D. Fernando, filho mais novo de el rei D. Manuel. Não ficando geração d'este matrimonio, vagou o senhorio para a corôa.

Depois foi dada a alcaidaria-mór aos condes de Valle de Reis.

Em 1799 foi feito marquez de Loulé pelo principe regente, depois D. João VI, Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 8.º conde de Valle de Reis; pae do actual sr. duque de Loulé, Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto.

(O 1.º conde de Valle de Reis foi Nuno de Mendonça, por Philippe IV, em 16 de agosto de 1628.)

As armas dos duques de Loulé, são:—escudo *franchado* de verde e ouro—sobre o de verde uma banda encarnada, perfilada d'ouro com a legenda—AVE MARIA.

A villa era antigamente cercada de muralhas, com seis portas e um forte castello: de umas e outro ha ainda as ruinas. A população, crescendo, rompeu a cêrca das muralhas, cujos restos se vêem hoje no interior da villa.

—

Segundo alguns escriptores nacionaes, a 18 kilometros de Loulé, junto ao logar de Alte (que está situado nas faldas de um monte) existem duas minas, uma de prata e outra de cobre.

—

Proximo á villa, ao E., está a ermida de *Nossa Senhora da Porta do Ceu*, situada em uma planicie chamada de *Cima*,—entre hortas, e junto de uma fonte de excellente agua. Foi fundada em 1600, por devoção e á custa de Antonio Fernandes Estrada e sua mulher Branca da Fonseca, que quizeram que a Senhora fosse sua herdeira.

N'esta ermida instituiram os fundadores uma capella, com missa quotidiana, que depois foi reduzida a semanal.

O 1.º titulo d'esta capella foi *Nossa Senhora da Penha de França*; mas os frades agostinhos oppozeram-se a este titulo por em Lisboa haver uma egreja e convento da sua ordem com esta invocação, que ti-

nha um breve apostolico, prohibindo que se denominasse da Penha de França, outra qualquer egreja ou capella do reino. (Vide *Penha de França*, no artigo Lisboa, a pag. 251 d'este volume.)

Ficou-se chamando então—*Nossa Senhora da Porta do Céu.* Tambem alguns lhe chamavam *Nossa Senhora dos Milagres*, pelos muitos que fazia.

Em um monte proximo á villa e ao convento dos frades piedosos está a ermida de *Nossa Senhora da Piedade*, muito antiga, e com a capella mór de abobada. É de muita devoção dos povos d'estas terras. E' do padroado da egreja matriz. Faz-se lhe a sua esplendida festa, na segunda-feira depois das oitavas da Paschoa (dia de Nossa Senhora dos Prazeres).

E' juiz nato o presidente da camara e secretario o escrivão da mesma.

Segundo a lenda, vivia em Loulé um mouro, muito aferrado á religião de Mafoma. Era escravo de um cavalleiro d'esta villa, ao qual tinha desapparecido um cavallo, havia muitos dias.

O senhor criminava o escravo, ameaçando-o com crueis castigos se o não encontrasse. O mouro, depois de fazer as maiores diligencias inutilmente, lembrou-se de recorrer ao patrocinio da Senhora, e dirigindo-se á capella logo encontrou o cavallo no caminho. Reputando isto como milagre, se converteu ao christianismo, querendo ser baptisado com o nome de Antonio da Piedade.

—

É n'esta freguezia a bella quinta do *Rosal*, ou *Azenha*, hoje propriedade do sr. D. Luiz de Carvalho e Lorêna.

Houve proximo d'esta quinta uma fabrica de sedas, e ainda existem as casas arruinadas, e algumas amoreiras d'esse tempo. Esta fabrica era dos ascendentes do sr. Sebastião da Gama Lobo Pessanha.

O tribunal judicial de Loulé é um dos melhores do Algarve.

Tem illuminação publica, cujo melhoramento é devido ao sr. José Caetano Benevides, quando foi presidente da camara.

—

Nos sitios de *Cabeça-Gôrda*, *Valle de Balanças* e *Picavessa*, todos d'esta freguezia, existem tres algares profundissimos e cujo fundo e extensão se ignora; consta ser obra dos mouros.

As ruas de Loulé são bonitas e bem calçadas.

Ha aqui uma excellente banda de musica, duas sociedades recreativas e um theatro.

—

Nos arredores de Loulé ha sete ermidas, que são—Nossa Senhora da Piedade—Nossa Senhora das Portas do Ceu—Nossa Senhora da Boa-Hora—Nossa Senhora do Bom Successo—Nossa Senhora da Conceição, da Quarteira—e duas de Santa Luzia. Em todas se fazem bonitas festas.

Tambem se faz uma lindissima festa a S. Luiz, bispo, á custa dos almocreves.

Ha tambem aqui uma feira no 2.º domingo da quaresma, e mercado todos os domingos e dias santificados. São muito concorridos, principalmente de obras de palma, pita e esparto. Tambem se vende n'ella cereaes, fructas e gados de toda a qualidade.

Ha tambem montados de sobreiras e azinheiras, onde se criam bastantes porcos.

Ha no termo d'este concelho bastante sumagre.

Os sêrros da Piedade e Santa Luzia, Alfeição e Valle Telheiro, são aprazíveis, e d'elles se gosam bellas e extensas vistas.

O hospital da Misericordia está muito augmentado e muito bem administrado, devido ás diligencias dos srs. provedor José Francisco de Azevedo e Silva, e mesario João Baptista de Sousa Faisca.

—

Nos arredores d'esta villa ha um sitio chamado *Cabêço do Mestre*, por n'elle ter acampado D. Paio Peres Correia, mestre de S. Thiago, com os seus cavalleiros, quando veio conquistar esta villa aos mouros.

No mesmo dia em que aqui acampára, tinha tido uma batalha com os arabes de Loulé, no sitio dos *Furadouros*, onde os mouros o foram esperar. Ficam os Furadouros

sobre a estrada de Faro, a uns 3 kilometros da villa.

Diz o sr. José Francisco de Freitas, natural de Loulé, e a quem devo bastantes e curiosos apontamentos sobre esta villa, que onde hoje é uma alamêda, mandada plantar pelo fallecido engenheiro Carlos Bonnet (que aqui fez umas casas onde morreu) houve ainda em nossos dias uma plantação de cannas de assucar, que se davam aqui perfeitamente.

A actual possuidora da alamêda tem curado pouco da sua conservação.

O marquez de Loulé, D. Agostinho Domingos José de Mendonça, pae do actual sr. duque de Loulé, foi condemnado á morte, por sentença de 21 de novembro de 1811, pelo crime de traidor á patria, vindo no exercito de Massena, quando este invadiu o reino em 1810.

Em 1818 obteve no Rio de Janeiro perdão de D. João VI.

Este marquez de Loulé foi assassinado, no palacio real de Salvaterra, em a noite de 28 para 29 de fevereiro de 1824.

Ainda hoje é um mysterio este assassinato de que tanto se tem fallado e nada decidido.

A opinião mais seguida por pessoas imparciaes, é que algum patriota exaltado o assassinou por jacobino. Isto não passa porém de mera conjectura.

Seu filho, o sr. duque de Loulé, casou com a senhora infanta, D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI, de quem tem descendencia.

O actual duque de Loulé é o sr. Nuno José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis, 24 senhor da Azambuja, 12.º senhor da Póóvoa de Meadas, e 14.º senhor do morgado da Quarteira.

Foi feito 1.º duque de Loulé, em 3 de outubro de 1862.

Nasceu a 6 de novembro de 1804.

Casou no 1.º de dezembro de 1827 com a serenissima infanta, a sr.ª D. Anna de Jesus Maria, filha d'el-rei D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon.

É par do reino—tem sido varias vezes ministro e presidente do conselho de ministros; tem exercido differentes logares importantes do serviço publico, com a maior honra, desinteresse e dignidade, qualidades que os seus proprios adversarios politicos jámais lhe negaram.

Tem varias condecorações nacionaes e estrangeiras.

Actualmente, além de par do reino, é estribeiro-mór, conselheiro d'estado e ministro d'estado honorario, etc.

Esta familia descende dos antigos soberanos de Biscaia, que já reinavam no seculo IX, com o titulo de *condes e senhores de Biscaia.*

Sendo 12.ª condessa soberana e senhora de Biscaia, D. Joanna Manuel, e casando com D. Henrique II, de Castella, (pae de D. Pedro, o Cruel) em 1335, acabou a autonomia da Biscaia, que se encorporou a Castella.

D. Diogo Lopes de Mendonça, d'esta illustre linhagem, e sua mulher, D. Leonor, filha de Fernão Pires de Lára, meio irmão de D. Affonso VII de Castella, tiveram por filho (o 3.º) a Fernão Iñiguez de Mendoza, que veio para Portugal, no sequito da rainha D. Brites, segunda mulher do nosso D. Affonso III (depois que este rei annullou o seu casamento com a condessa Mathilde de Bolonha, em 1253).

Fernão Iñigues de Mendoa, casou em Portugal, com D. Guiomar Affonso de Rezende, e foram estes os progenitores dos verdadeiros Mendonças portuguezes.

Antonio de Mendonça, 4.º neto de Fernando Iñigues, casou com D. Isabel de Castro, filha de Fernão de Almada, 2.º conde de Abrantes e de D. Constança de Noronha, neta de D. Affonso, conde de Guijon, filho legitimado de D. Henrique II de Castella e de D. Isabel, filha tambem legitimada de D. Fernando I de Portugal.

João de Mendonça, 3.º neto do dito Antonio de Mendonça, foi vice-rei da India e ge-

neral da armada portugueza. Morreu em 4 de agosto de 1578, ao lado de D. Sebastião, na infeliz jornada de Alcacer-Quibir, na Africa. Era casado com D. Joanna de Aragão, filha de Nuno Rodrigues Barreto, alcaide-mór de Faro, da qual teve Nuno de Mendonça, que foi o 1.º conde de Valle de Reis, feito (como já disse) por Philippe IV, em 16 de agosto de 1628.

Este mesmo usurpador o fez governador de Tanger, conselheiro de estado e governador de Portugal, conjunctamente com D. Antonio de Athaide, 1.º conde de Castro d'Aire.

Foi seu filho, outro Nuno de Mendonça, 2.º conde de Valle de Reis, que casou com D. Luiza de Castro, filha e herdeira de D. Ruy de Moura Telles, senhor da Póvoa de Meadas, conselheiro de estado, veador da fazenda, presidente do desembargo do Paço, estribeiro mór da rainha D. Luiza de Gusmão (mulher de D. João IV) e gentil homem da camara do infante D. Pedro, depois 2.º do nome.

Era este Ruy de Moura Telles, casado com Luiza de Castro, filha de D. Francisco Rolim de Moura, 14.º senhor da Azambuja, e d'elles procede o actual sr. duque de Loulé, que é o representante d'esta nobilissima familia, da qual é tronco em Portugal D. Childe Rolim, (filho do conde de Chester, descendente dos reis de Inglaterra) fidalgo inglez dos que vieram ajudar D. Affonso Henriques á tomada de Lisboa, na esquadra dos cruzados, em 1147, e ao qual o mesmo rei deu o senhorio da Azambuja, de cuja villa foram donatarios os seus descendentes por linha recta, até ao actual sr. duque de Loulé. (Vide Azambuja, a paginas 285, col. 2.ª, e pag. 286 col. 2.ª do 1.º volume)

LOURE (S. João de)—Já a pag. 414 do 3.º volume descrevi esta freguezia, sob o nome de *S. João de Loure*. Obtendo depois d'isso mais esclarecimentos, que teve a boudade de enviar me o sr. dr. F. Vieira, da villa de Eixo, e não querendo privar d'elles os meus leitores, os dou sob esta palavra.

Compõe se dos logares de Loure ao norte, e Azenhas, Salgueiral, Fial, e Pinheiro ao nascente. É situada na margem direita do rio Vouga.

Esta povoação collocada em logar elevado, sobre o rio Vouga e seus campos marginaes, teria uma vista lindissima se as suas casas fossem todas branqueadas, e todas as suas ruas bem dispostas; ainda assim o sitio onde está a egreja, proximo da barca, é muito pittoresco.

Tem pontos de vista surprehendentes, por exemplo, o local acima da capella de S. Silvestre, d'onde se avistam muitos logares, e os extensos campos de Eixo, Tabueira, Angeja, Quintães, Cacia, e outros. A sua principal industria é agricola.

Abunda em cereaes e fructas, especialmente maçans e cerejas, que alli fructificam bem; e em peixe do rio Vouga (confundido com o Agueda) onde se pescam barbos, lampreas, saveis, tainhas, enguias.

Abunda em madeira e lenha, especialmente de pinheiro.

Tem professor de instrucção primaria.

A antiguidade d'esta terra se deprehende da profundidade de algumas de suas ruas, principalmente as da Trapa e da Pedreira: que, sendo sobre pedreiras de grez vermelho, a sua profundidade em alguns pontos excede a altura de 5 metros.

O edificio da egreja é soffrivel. Tem 6 altares. O altar-mór é todo dourado. O arco cruseiro e os dois altares lateraes são ricos em talha, e tudo dourado.

Na parede da egreja, ao lado e ao pé do pulpito, se vê uma pedra quadrada e pequena com o seguinte letreiro:

ECLESIA ISTA DEDICATA EST SANCTO JOANI BAPTISTA A DOMNO MARTINO EPISCOPO CONIMBRISENCI JUSSU SANCHI II REGIS LUSITANIAE. DIE XX MARTII ANOO 1224 A. MCCXXIIII A

Vê-se pois d'este letreiro que a sagração d'esta egreja foi no anno de 1224 e no reinado de D. Sancho II.

Mas na frente da egreja se vê a data de 1688.

D'aqui se póde conjecturar que esta egreja foi reedificada n'este anno de 1688: e a cantaria do frontespicio, que é elegante, não revela mais antiguidade.

Mas será a pedra do letreiro de 1224 de egreja edificada n'este logar, ou seria trazida da egreja anterior, que a tradição diz que era ao pé do logar de Loure, onde ainda se vêem restos de edificação, e teem-se encontrado ossos? Não o sabemos. Ainda hoje chamam ao sitio e propriedades visinhas — terras de Santa Christina — d'onde alguns pensam que esta santa seria padroeira da mesma egreja velha.

Até 1834 os parochos eram apresentados pelo convento de Jesus, de Aveiro.

Tem a freguezia 4 capellas a saber: a de S. Silvestre no logar de S. João — a de S. Bartholomeu, em Louro — a de Sant'Anna, no Salgueiral — e a de S. Miguel, em Pinheiro.

Tem se desenvolvido por estas aldeias o louvavel gosto pela musica. Muitas teem uma philarmonica, e algumas até duas. S. João de Loure, tambem tem a sua. Honra seja a estes povos. E' melhor passarem os dias santificados e as horas do ócio em se instruirem, do que disperdiçal as nas tabernas.

A sua barca de passagem, no rio Vouga, pertenceu metade ao convento de Jesus, de Aveiro, e hoje pertence á camara de Albergaria a Velha, e a outra metade, aos condes de Anadia, que ainda hoje a possuem.

Para o mais que se desejar saber com respeito a esta freguezia, vide *João (S.) de Loure*, a pag. 414 do 3.º volume.

LOURÊDA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 36 kilometros a ONO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcipreste de Braga apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Havia aqui uma casa nobre, que ha annos se conserva na familia dos Caldas, administradores da capella da Conceição, dos Arcos, instituida pelo abbade de Sabadim.

LOURÊDO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 24 kilometros ao S. do Porto. 12 a E. da Feira, 12 ao S. do rio Douro e 24 ao ONO. de Arouca, 230 fogos.

Em 1757 tinha 162 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra fertil.

O reitor de S. Pedro de Canedo apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento.

Esta freguezia já antigamente estava mal dividida, pois o logar de Parada do Monte, que lhe pertence, é completamente separado de Lourêdo, por toda a largura da freguezia de Santa Maria do Valle, e muito proximo da egreja matriz de S. Miguel do Matto, com quem parte pelo S.

Com a divisão judicial e administrativa de 24 de outubro ed 1855, ficou existindo no seu antigo estado o tal logar de Parada do Monte, e foi arrojada a freguezia para a comarca e concelho de Arouca, a 24 kilometros de distancia, tendo de subir e descer altas serranias; e tendo de atravessar, em toda a sua largura a freguezia do Valle, que é da comarca e concelho da Feira.

Assim tem continuado esta despropositadissima divisão ha 19 annos, apesar de todas as reclamações do povo, que, de mais a mais, não tem negocio de qualidade nenhuma com Arouca. Note-se que a villa e cabeça do concelho da Feira fica apenas a 12 kilometros de Lourêdo, e o caminho é incomparavelmente melhor.

Ainda n'esta freguezia se dá outro disparate, que parece sustentado unicamente para prejuiso e incommodo do povo. Pertence ao districto administrativo de Aveiro, que lhe fica a 60 kilometros a SO., não havendo estradas na maior parte do trajecto, e tendo de atravessar o Antuan e o Vouga, além d'outros muitos ribeiros, e não tendo tambem os de Lourêdo negocios nenhuns a tratar em Aveiro, (além d'aquelles a que são obrigados por ser alli a cabeça do districto) quando a cidade do Porto lhe fica apenas a 24 kilometros, e é n'ella que tem todas as suas transacções e commercio—que se faz, na maior parte, pelo rio Douro.

A egreja matriz, que é pequena e pobre, fica em um bonito sitio, ao O. da grande aldeia de S. Vicente.

N'esta mesma aldeia ha a capella de Nossa Senhora e S. Sebastião, que é da familia Alves da Silva Menezes, a mais rica da freguezia, e de que adiante trato mais circumstanciadamente.

Segundo a tradição, a primittiva egreja era no logar de Lourêdo, que fica uns 800 metros ao E. da actual matriz. Se assim foi não ha da antiga egreja o minimo vestigio. (Diz-se que era no sitio chamado *as Pedras*.)

A aldeia de Villa-Sêcca, que é a maior da freguezia, está em um sitio elevado, salubre e bonito. Está aqui a capella de Nossa Senhora da Saude, (vulgò Nossa Senhora de Villa-Sêcca) que é toda de boa cantaria, vasta e bonita. Foi feita pelos condes da Feira em 1750.

O padroado d'esta capella passou depois para a casa do infantado, que tinha aqui grandes rendas.

E' no logar de Villa Sêcca e Calvario da freguezia, todo formado de boas cruzes de cantaria.

O logar de Tozeiros, d'esta freguezia, é em sitio bonito e composto de lavradores quasi todos abastados.

O logar de Parada do Monte, foi cabeça de uma antiquissima parochia d'este nome, tendo por orago *S. Cyprião* (Cypriano). Era composta d'esta aldeia, que é grande, e do logar de *Mosteirô do Ribeiro*.

A actual capella de S. Cypriano é a capella-mór da antiga matriz. Ainda se vêem alicerces do corpo da antiga egreja.

Esta freguezia deixou de existir ha mais de 300 annos, pelo motivo seguinte:

Em 1568 e 1569 houve uma grande peste, que matou quasi todos os habitantes da Parada do Monte e de Mosteirô do Ribeiro. Os poucos que escaparam fugiram espaveridos, abandonando as suas casas. A aldeia de Mosteirô não se tornou mais a povoar, e hoje é uma matta; mas ainda se veem muitos vestigios de alicerces de casas, paredes e mattos que foram campos.

É tradição que houve aqui um pobre e pequeno mosteiro de freiras benedictinas, e que d'ahi lhe provém o nome que ainda conserva.

E' certo que não podia escolher sitio mais apropriado quem quizesse passar a sua vida no êrmo; porque este logar é um monte que fórma uma perfeita peninsula, cercada pelo pequeno rio Inha (que desagúa no Douro) e com o isthmo para o E. É em sitio completamente deserto.

—

Em junho de 1840 deu-se n'esta freguezia, em um pinhal proximo ao Calvario, um phenomeno meteorologico que aterrou toda a gente. Uma verdadeira chuva de faiscas electricas, cahiram em menos de 10 minutos, em uma área de 500 metros quadrados, rachando ou despedaçando grande numero de pinheiros.

—

Esta freguezia é muito fertil em todos os generos do paiz, muito abundante de boas aguas, e tem muitos lavradores ricos.

—

Lourêdo é portuguez antigo; significa — logar plantado de loureiros, loureiral.

—

Lourêdo é tambem appellido nobre em Portugal, tomado de uma das povoações d'este nome, mas hoje fóra do uso, sem que a geração se extinguisse, como se vae ver.

O infante D. Pedro, no seu *Livro de Linhagens*, (a fl. 57 v.) chama a esta freguezia=*Lourêdo da Beira*=para que se não confunda com as seguintes.

Segundo o mesmo infante, Soares de Albergaria e outros, o appellido *Lourêdo* foi tomado d'esta aldeia. Tem brazão d'armas, construido do modo seguinte—em campo verde, um castello d'ouro, lavrado de negro, com portas e frestas d'azul, entre dois leões de prata, trepantes, lampassados de púrpura. Elmo aberto, e por timbre um dos leões das armas.

Esta familia deixou, ha muitos annos, o appellido de Lourêdo, porque se ligou, por casamento, com a mais nobre dos Menezes.

O seu solar era no logar de S. Vicente, onde tem uma optima casa de habitação, com bonita capella, e grandes rendimentos em propriedades e fóros.

É actual chefe d'esta familia, por linha recta, o sr. Domingos Alves da Silva Menezes, que reside na casa da Laranjeira, freguezia de S. João da Madeira, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis.

LOUREDO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 60 kilometros ao O. de Evora, e 120 ao S. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago Santa Clara, virgem martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

(Foi do arcebispado d'Evora.)

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de pão meiado.

É terra fertil em cereaes.

A mesma etymologia.

LOUREDO=freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, e 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 esta freguezia era *meeira* com S. Martinho do Campo. No anno em que era meeira, tinha 35 fogos, e quando o não era tinha 53.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago o Salvador.

O prior do mosteiro do Souto apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Entre o monte de S. Miguel e os outeiros de Castilhão e Brandião, entre Lanhoso e Pedralva, a pouca distancia do logar onde se diz ter existido a antiquissima cidade de *Citania*, ha muitos vestigios de fortificações, que, segundo a tradição, foram feitas pelos bracharenses, quando a sitiaram e tomaram.

(Vide *Citania*, a pag. 308 do 2.º volume.)

A mesma etymologia.

LOUREDO—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 30 kilometros ao N. de Braga, 386 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbada de S. Gens de Salamonde apresentava o vigario (collado) que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

N'esta freguezia nasceu, em 1755, de paes lavradores, Manuel Ribeiro, marechal de campo dos reaes exercitos, fidalgo cavalleiro da casa real, com exercicio no paço, cavalleiro professo na ordem militar de S. Bento de Aviz e commendador da mesma Ordem.

Sentou praça de soldado, em artilheria, no anno de 1777.

Fez a campanha do Roussillon, como capitão da mesma arma, e alli ficou ferido e prisioneiro.

Voltou á patria em 1794, quasi no fim da campanha (que terminou com a paz de Basilea) e continuou a servir no exercito portuguez, até que elle convencionou em Evora Monte, seguindo todos os postos até marechal.

Foi inspector do arsenal real do exercito.

Depois de 1834, cheio d'annos e de serviços á patria, se retirou para a freguezia de Chorence, onde tinha casado a sua filha unica, e na companhia d'ella, esteve até que falleceu. Jaz na egreja de Chorence.

A mesma etymologia.

LOUREDO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O arcebispo apresentava o abbade por concurso synodal. Tinha 400$000 réis de rendimento.

Tinha foral, dado por D. Affonso III em setembro do 1213. (Livro 2.º de *Doações* de D. Affonso III, fol. 26 v. in principio. *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 144, col. 1.ª Denominava-se então esta freguezia —*Lourêdo d e Terras de Gouveia.*

A mesma etymologia.

LOUREDO—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o abbade benedictino do mosteiro de Paço de Sousa apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 370$000 réis de rendimento.

Foi villa e *beetria*, e depois *honra*, que D. Affonso IV concedeu a D. Leonor Furtado, pelos annos de 1340. Já se vê que é freguezia muito antiga.

A mesma etymologia.

LOUREDO — freguezia, Tras-os-Montes, comarca do Peso da Regua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 70 kilometros a E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Por esta freguezia corre o rio *Aguilhão*, que nasce na serra de Marvão, de tres fontes, chamadas *Côrvo*, *Lívio* e *Fórnos*. Morre no rio *Côrvo*, no sitio do *Pêro Negro*. É de curso arrebatado, em leito quasi sempre profundo e pedregoso.

Cria algum peixe miudo, (sobretudo bordalos) mas muito saboroso.

A mesma etymologia.

LOUREIRA— freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (Foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa-Chan) 9 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Santa Eulalia, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade por concurso synodal, e tinha 220$000 réis de rendimento.

LOUREIRO (Quinta do)—Vide *Salgueiros*.

LOUREIRO—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. de Oliveira de Azemeis, 35 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 700 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor de Avanca apresentava o cura (hoje é abbade), que tinha 200$000 réis de rendimento.

O 1.º parocho collado d'esta freguezia foi o actual, o rev.mo padre Francisco Joaquim da Costa, natural da visinha freguezia de Avanca. Foi collado em 11 de maio de 1844.

—

Em uma casa de um andar, proximo da egreja matriz, propriedade do actual parocho, por compra feita em 1860, a Philippe José Pereira Brandão, da villa de Estarreja, nasceu, em 11 de setembro de 1740, o famoso D. frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga, depois de ser bispo do Pará.

Era filho legitimo de Thomé Pacheco da Cunha, sargento mór de ordenanças e de D. Maria Josefa da Cruz, que, além do arcebispo, tiveram mais doze filhos, e uma filha, da qual nasceu D. Maria Brandão, a sobrinha predilecta do santo arcebispo, que casou na villa de Estarreja, com seu primo, o dr. José Soares Pereira do Couto, que foi capitão-mór de Estarreja, depois de ter sido juiz de fóra de Villa do Conde.

—

D. frei Caetano, tomou em Coimbra o habito de S. Francisco, da terceira Ordem da penitencia, na edade de 19 annos, no dia 28 de novembro de 1759.

Em seguida frequentou a Universidade de Coimbra onde tomou o grau de bacharel em theologia.

Estando em Vianna do Alemtejo a tomar ares (onde a sua Ordem tinha um convento) foi chamado para professor de philosophia no collegio de Jesus, em Lisboa, e ali esteve desde 1774 até 1777, em que foi mandado para o novo collegio da Ordem Terceira, em Lisboa.

Em 1782 foi nomeado bispo do Pará.

Em 2 de fevereiro de 1783, era sagrado em Lisboa, e em agosto seguinte partia para a cidade de Belem, do Gran Pará, onde chegou a vinte de outubro do mesmo anno. Tres annos depois de aportar ao Pará, con-

seguio ampliar o edificio do antigo seminario, e melhorou-lhe o fundo do rendimento para ter um numero maior de alumnos; e já n'este tempo tinha visitado uma grande parte da diocese, empenhado em emendar os erros e misérias do seu rebanho.

Para soccorrer os enfermos pobres, hia D. frei Caetano todos os sabbados á noite, com alguns irmãos da caridade que elle instituiu, pelas ruas a pedir esmola para os desvalidos, levando nas mãos a alcofa.

Em 1787, menos de quatro annos depois da sua chegada ao Pará, poude obter, por esmolas, um capital com que edificou um hospital para os pobres, que se abriu com festa solemne; e para isto tambem escreveu para Portugal ao ministro Martinho de Mello e á rainha, e a todos os que podiam auxilial-o. Não poude guardar no animo uma tal festa; e em carta para amigos dizia assim:—«Estão os meus pobresinhos já na sua casa; e então que casa! Um palacio magnifico!»

Em 25 de setembro de 1788 chegou na charrua *Aguia*, a sua nomeação para arcebispo de Braga, e em agosto seguinte sahia para Lisboa, onde vinha expôr ao governo a conveniencia, senão a necessidade, de o deixarem voltar para o Pará, afim de que se não perdesse o que lá deixára em principio; que vinha a ser um collegio de meninas orphans e desamparadas, que para esta obra tambem pediu esmolas, pelas portas; visto o pouco caso que fez o ministro Martinho de Mello da protecção que para isto lhe pedia o bispo.

Em 19 de outubro de 1789, entrou a barra de Lisboa; e sahiu em 16 de agosto seguinte com destino á freguezia de Loureiro, terra da sua naturalidade, onde esperava a sua dita sobrinha, D. Maria Brandão, que rasgou um elegante portal com o fim de introduzir a carruagem que por ventura o conduzisse; cujo pórtal ainda existe.

Durante a demora que teve em Loureiro, todos os dias confessou, prégou e crismou por espaço de 15 dias, que foi o tempo que aqui esteve; e no dia 16 de setembro ás 3 horas da madrugada montado na sua liteira, cheio de contentamento, mas deixando os seus parentes e patricios, consternados pela sua ausencia. Seguiu caminho do Porto e jantou nos Carvalhos, em uma casa de pasto, onde viéram esperal-o o padre Prepósito da Congregação do Oratorio de Braga, e um companheiro; vieram a tempo de o verem a jantar e repararam ser uma mesa pobre e sem apparato; notaram a humildade com que cohibiu um sacerdote, que lhe quiz deitar agua ás mãos, dizendo lhe que estimasse mais as suas ordens, e que lhe chamassem um familiar para tal mysterio; findo isto metteu-se na sua liteira, e se foi apear proximo ao Douro, onde se embarcou no escaler do regimento, da guarnição da cidade, e todos os navios festejaram com salvas de artilheria a sua chegada. Desembarcou no caes, onde o esperava a nobreza e conegos, tendo primeiramente visitado a capella do Senhor d'Além.

O regimento de infanteria o comprimentou com uma salva geral, o que elle agradeceu, e mandou offerecer 20 moedas para um refresco dos militares: atravessou a cidade em uma berlinda até á egreja da Lapa, e, despedindo-se da commitiva, metteu-se na sua liteira, e foi dormir a Lessa: ás 3 horas da manhan do dia 17 metteu-se na liteira, e chegou a Braga ás 4 horas da tarde, onde todos o esperavam.

No meio de duas alas de ordenanças; na primeira capella da cathedral, tomou as vestes pontificias, que lhe ministraram dois capitulares: e assim entrava em Braga o novo arcebispo esperado por um immenso ajuntamento de pessoas de toda a diocese que com magnificos festejos o recebiam. Ja em Lisboa recebêra o novo arcebispo grande cópia de cartas anonymas, umas accusatorias, outras indicadoras do genero de vida largo e principesco, que em Braga devia ter: e o arcebispo fez o contrario: D. frei Caetano seguiu tambem aquelles conselhos, que poucos dias depois de estar na diocese, mandou os damascos do paço para as egrejas desprovidas, e vendeu os coches e cavallos, baixellas de prata e de ouro, e tudo foi applicando aos pobres.

Tratou logo de augmentar os estudos ecclesiasticos com as cadeiras de instituições

de direito, historia ecclesiastica, dogma e moral, além das do seminario de orphans e outro de meninos. Encontrou a mitra empenhada em oitenta contos de réis.

Em maio de 1792, já o arcebispo tinha em bom andamento a casa das meninas orphans e expostas. Foram crescendo os seminarios, e luzindo em numero de alumnos e em distinctos proveitos.

É chegado o anno de 1805. D. Frei Caetano havia feito no espaço de quinze annos treze visitas á sua extensa diocese, e em cada uma deixara assignalada a sua beneficente passagem.

Como arcebispo, tinha tido os mesmos costumes de vida, simples e de parca mesa, sempre com um pobre á mão direita, costume que no Pará estabeleceu.

A sua organisação, que nunca fôra robusta, estava n'este anno de 1805 muito quebrantada: qualquer passeio o fatigava a ponto de mal poder respirar; o somno era inquieto, e as forças diminuiam em cada dia.

Apesar de conhecer que a morte se aproximava, hia preparando tudo para a decima quarta visita; não se eximia a nenhum dos antigos trabalhos. Assim ainda no dia 12 de dezembro assistira por algum tempo aos exames de ordens, e no dia 14 estava tão doente, que recebeu o Sagrado Viatico. No dia seguinte mostrou, de madrugada, algumas melhoras, mas pouco tempo depois tornou-se-lhe a respiração anciosa, e entrou em agonia. Foi ungido, e de mãos erguidas, e com a voz de resignada suavidade, com que fôra consolação e remedio a tantas dores, hia dizendo:—«Fiat, fiat! Senhor! Mais... ainda mais...» e ás duas horas da tarde de 15 de dezembro de 1805, entregou ao Creador a alma generosa.

Então n'aquelle paço que elle mudára em humilde habitação, entrou de novo a magnificencia do passado. Vestiram-se de seda as paredes nuas; encheram-se de povo e nobres as grandes salas; e uma tristeza immensa fez ainda mais augusta a pompa funebre d'aquellas exequias.

Santo arcebispo! Tão pobre e humilde em vida, teve um funeral de rei; e ao seu tumulo, na cathedral de Braga, acercam-se ainda hoje, os doentes e os afflictos! Sagrada canonisação, e eloquente epitaphio...!

Ha actualmente n'esta freguezia 14 feiras no anno,—12 mensaes, no dia 6, chamadas feiras de Almieira—uma a 14 de setembro, chamada dos *Perdões*, e uma na primeira oitava da Paschoa, chamada *Arraial*.

Devo a biographia de D. frei Caetano Brandão, á obsequiosidade do illustrado abbade d'esta freguezia, o já citado sr. Francisco Joaquim da Costa, ao qual cordialmente agradeço tão distincto favor.

LOUREIRO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Pêso da Régua, 95 kilometros ao E. NE. do Porto, 18 ao S. de Villa Real e 340 ao N. de Lisboa; 350 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Os condes de Murça apresentavam o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento annual.

LOURENÇO (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Elvas, 35 kilometros d'Evora, 85 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

É terra fertil em cereaes.

O ordinario apresentava o capellão, curado, que tinha 240 alqueires de trigo (4 moios) 120 de cevada e 30$000 réis em dinheiro.

LOURENÇO (S.)—(Vide *Mamporcão*, Ribapenhão e Miragaya).

LOURENÇO D'ALFAMA (S)—(Vide Lisboa.

LOURENÇO D'ASMES (S.)—(Vide *Asmes*, a pag. 244 do 1.º vol.)

LOURENÇO DO BAIRRO (S.)—(Vide *Bairro*, a pag. 308 do 1.º vol.)

LOURENÇO DO DOURO (S.)—freguezia, Douro, concelho e comarca do Marco de Canavezes (antiga comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver), 45 kilometros a E. NE. do Porto e 300 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O prior do mosteiro de Villa-Bôa (de conegos regrantes de Santo Agostinho) e o abbade benedictino do mosteiro de S. João de Alpendurada, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 150$000 réis.

LOURENÇO DOS MATTOS (S.) ou **ALCANTIL**—Em 1836, se fizeram no Algarve, varias alterações na divisão parochial, supprimindo-se umas freguezias e creando-se outras de novo; mas poucas d'estas alterações se levaram a effeito.

Foi então que da freguezia de Loulé se separou uma porção de territorio, para formar a freguezia de S. Lourenço dos Mattos, ou Alcantil, supprimindo a de S. João da Venda.

Esta decisão, ficou sem effeito.

A egreja de S. Lourenço dos Mattos, já existia antes de 1836.

É notavel pela belleza da pintura dos azulejos, com os passos da vida do santo e pela delicadeza do altar, cujas almofadas são de varias côres.

Perto da egreja, corre o ribeiro de Alcantil, que nasce na caudalosa fonte chamada *Olho da Alfarrobeira*, e tem uma ponte de pedra proxima da egreja.

Como este territorio tornasse a pertencer á freguezia de Loulé, vide esta palavra.

LOURENÇO DE RIBA PENHÃO (S.)—(Vide Riba Penhão).

LOURES — freguezia, Extremadura, comarca de Lisboa, concelho dos Olivaes, 12 kilometros ao N. de Lisboa, 1:250 fogos.

Em 1757 tinha 1:210 fogos,

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É aqui a 6.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

A quinta do *Matta das Flores*, n'esta freguezia, era o solar dos Mattas, e é propriedade do srs. marquezes de Penafiel.

O 1.º Matta, que o infante D. Pedro aponta no seu *Livro de Linhagens*, é Gomes Gonçalves da Matta.

Suas armas são: em campo verde, cinco flores de liz, d'ouro, em aspa; élmo d'aço aberto, e por timbre uma das flores de liz das armas.

A familia d'este appellido, a que chamam *Mattas do Correio-mór* (hoje representada pela sr.ª marqueza de Penafiel), deve a sua origem á familia dos *Coroneis*; porque Luis Gomes da Matta Coronel, foi feito fidalgo, por Philippe III, por alvará de 18 de fevereiro de 1606; dando-lhe solar na tal quinta da Matta das Flores, e por armas: em campo d'ouro, tres mattas verdes em roquete; élmo d'aço aberto e por timbre, uma das mattas.

O mesmo Philippe III, o fez correio-mór do reino, e é por isso que á sua descendencia se dá o titulo de Mattas do Correio-mór.

—

O logar de Loures, está edificado em terreno plano, e é cortado pela estrada real de Lisboa a Torres-Vedras.

É freguezia muito antiga, pois, ainda que se não saiba quando, ou por quem foi fundada, é certo que já existia em 1250, sendo bispo da diocese D. Ayres Vasques.

A egreja tem soffrido diversas reconstrucções, e a actual é moderna.

No Rocio, junto á capella de Sant'Anna, se faz annualmente uma feira, que principia no dia 25 de julho.

Na torre d'esta capella, está uma lapide embebida na parede, tendo gravada uma provisão de D. José I, do anno de 1775, que amplia os privilegios concedidos a esta feira.

Nos arredores de Loures, ha muitas quintas com boas casas de residencia, sobresahindo a todas, a referida quinta da Matta das Flores.

—

Esta freguezia, foi commenda de Christo.

—

No logar da *Medlhada*, d'esta freguezia, na encosta de um outeiro, fundou em 1575, Luiz de Castro do Rio (da Casa de Barbacena), um convento para religiosos arrabidos.

No alto do monte está a capella de Nossa Senhora da Saude, de Monte-Mór, cuja ima-

gem trouxeram varios habitantes de Lisboa, que para aqui fugiram da grande peste que atterrou a capital, em 1599.

Os arredores de Loures, produzem optimas laranjas e limões, e é fertil em cereaes, legumes e fructas.

LOURIÇAL—rio (Vide *Carnide*).

LOURIÇAL—freguezia, Extremadura, concelho e comarca do Pombal, proximo ao rio do seu nome, ou Carnide, 35 kilometros ao S. de Coimbra e 165 ao N. de Lisboa, 1:400 fogos.

Em 1757 tinha 900 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra e districto administrativo de Leiria.

A Universidade de Coimbra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Foi villa. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 23 de agosto de 1514 (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 93 v., col. 1.ª).

—

Teve um convento de freiras franciscanas (terceiras), cuja egreja é dedicada ao S. S. Sacramento. Foi fundado em 1630, para recolhimento de beatas, por *Maria do Lado*.

As virtudes d'esta serva de Deus e a fama de milagres que ella fazia, chegou aos ouvidos do rei D. João V, sendo ainda principe, que vendo-se accommettido de violenta enfermidade, fez voto de transformar o recolhimento do Louriçal, em convento, se Deus lhe désse vida e saude.

Attendidos pelo ceu os rogos do piedoso principe, levou elle a cabo o seu voto, obtido breve de Sua Santidade, auctorisação do geral da ordem de S. Francisco e do bispo de Coimbra.

Auctorisado El-Rei para designar as fundadoras, mandou vir de Evora as madres Archangela dos Serafins, Maria Thereza do Sacramento, Maria de Jesus e Clara Maria de Sant'Anna, que foram recebidas em Lisboa por El-Rei com pompa verdadeiramente real e christan.

As piedosas fundadoras hospedaram-se no mosteiro da Esperança em Lisboa, d'alli seguiram para o Louriçal, onde, com o ceremonial da Santa Egreja romana, o bispo de Coimbra, D. Antonio de Vasconcellos, solemnemente fundou o novo mosteiro, em maio de 1709. A regra da ordem foi a primitiva de Santa Clara, da gloriosa familia franciscana, sendo o fim principal da fundação, a adoração perpetua do Santissimo Sacramento, a qual existe ainda, mas com que o governo portuguez não sympathisa, esperando o momento em que essa admiravel devoção termine.

Foi primeira abbadessa, a madre Archangela dos Serafins, por nomeação do bispo-conde, e as recolhidas receberam o habito de Santa Clara com profunda reverencia.

O mosteiro do Louriçal, creado sob a protecção poderosa d'El-Rei D. João V, está hoje na maior precisão, vivendo as poucas senhoras que a habitam da caridade das pessoas piedosas.

Entre ellas citaremos a sr.ª D. Maria da Conceição, da casa das Lagrimas, mãe do par do reino o ex.mo sr. Miguel Osorio Cabral.

Áquella illustre dama, muito deve o moribundo real mosteiro do Louriçal, onde dia e noite as religiosas adoram o Santissimo Sacramento, devoção estabelecida em 1630, pela veneravel Maria do Lado, em desaggravo pelas offensas que Deus sacramentado soffre diariamente.

No dia 4 de agosto de cada anno, se celebra n'este mosteiro a trasladação da sua virtuosa fundadora.

—

Foi 6.º senhor do Louriçal, D. Fernando de Menezes, 2.º conde da Ericeira. Foi um bravo guerreiro. Militou no estado de Milão, e depois da acclamação de D. João IV, veiu para Portugal, e fez grandes serviços á patria, na provincia do Alemtejo, contra os castelhanos.

Teve, com a patente de governador das armas, a intendencia das fortificações e defezas da marinha d'Aveiro, Buarcos, Peniche, Setubal e Lisboa.

Passou por governador para a Africa, e foi capitão general de Tanger, onde, com grande valor e astucia, em mais de cinco annos, fez crua guerra aos mouros, obrigando 25:000

d'elles a levantar o cêrco d'aquella praça, deixando no campo, grande quantidade de mortos.

Foi tão famoso com a espada, como elegante com a penna, compondo na lingua latina, a *Historia do tempo de D. João IV*, que se imprimiu. N'esta obra egualou a Tito Lívio.

Escreveu excellentes obras, em prosa e verso, e em differentes linguas, e presidiu em muitas academias.

Foi gentil-homem da camara do infante D. Pedro (depois II), do conselho de guerra, da junta dos tres estados, regedor das justiças, conselheiro d'estado.

Alem da sua vasta intelligencia, era um varão de grandes virtudes e exemplarissimo.

Morreu em 1699, com 85 annos. Tinha nascido em 27 de novembro de 1614.

Junto ao pinhal do *Usso*, no termo e freguezia do Louriçal, 12 kilometros a O., e 1:500 metros distante do mar, está o Sanctuario de *Nossa Senhora do Desterro*, ou Nossa Senhora fugindo para o Egypto, de que foi administrador João de Goes e Vasconcellos, da mesma villa.

Foi este Sanctuario fundado no anno de 1630.

A imagem da padroeira, é objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios. É de 66 metros d'alto: dá uma das mãos ao Menino Jesus, e S. José a outra. Representa o que os catholicos denominam *Familia Sagrada*.

Será bom prevenir os leitores, que o ignorarem, que *usso* é o mesmo que *urso*, quadrupede bem conhecido.

—

A 4 kilometros a NO. da villa, em sitio solitario, junto a uma matta, e proximo a um ribeiro, no sitio chamado *Aljazêde*, está o Sanctuario de Nossa Senhora dos Prazeres.

Aljazêde é o nome de uma quinta que foi dos condes da Ericeira. É corrupção da palavra arabe *Al-iazida*, que nós pronunciamos *Aljezido*, ou *Aljazêda*. É o nome feminino do adjectivo *jazido*—o augmentador—deriva-se do verbo *zado*—augmentar—*Jezida* é nome arabe de mulher. Tem a mesma significação (augmentadora).

A maior parte dos nomes proprios arabes, têem uma significação. *Jezida*, significa pois—*prolifica*, mulher que tem muitos filhos.

Os condes da Ericeira eram os padroeiros e protectores d'este Sanctuario.

A imagem de Nossa Senhora, está collocada sobre um throno de seraphins, no meio do altar.

É objecto de muita devoção, pelos milagres que se lhe attribuiam

Antigamente se lhe fazia uma grande festa e feira, em louvor da Rainha dos Anjos, no domingo de Paschoella; ha muitos annos que a feira se mudou para a villa.

—

A poucos metros d'este Sanctuario, se vê uma torre, ou casa forte, onde se recolhia D. Affonso Henriques, quando aqui vinha á caça, que era então abundante por estes sitios.

Este rei sahia de Coimbra até á barra do Mondego, depois hia a Nossa Senhora da Ceiça, e de lá chegava a este sitio. Os mouros ainda então occupavam o castello de Leiria, e por isso o rei mandou construir esta torre, para n'ella buscar abrigo em qualquer surpreza.

Em frente d'esta torre, havia outra, destinada para o infante D. Sancho, depois 1.º do nome.

Estava sobre um monte, e dentro da mesma matta em que estava a torre de seu pae.

Ainda ha vestigios d'esta torre, e ainda ao monte onde existem se chama *Cabeço de Sancho*.

—

LOURIÇAL DO CAMPO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Castello Branco, concelho de S. Vicente da Beira, 65 kilometros da Guarda, 225 a E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de S. Vicente da Beira apresentava o cura, que tinha 20$200 réis e o pé d'altar.

—

Fr. Agostinho da Annunciação e os missionarios do Varatojo em Coimbra.

No mez de janeiro de 1830, chegaram a Coimbra os dois frades do Varatojo, fr. José da Assumpção, que depois foi nomeado bispo de Lamego, e veiu a fallecer em Lisboa no dia 18 de novembro de 1841; e fr. Joaquim do Espirito Santo, que ainda é vivo.

Estes missionarios, protegidos pelo bispo D. Joaquim de Nazareth, prégavam na Sé cathedral d'esta cidade.

Era tão grande o numero de pessoas de todas as edades e classes a ir ouvil-os, que apesar da grande vastidão d'aquelle templo, não havia ali espaço para tanta gente.

Viram-se algumas vezes os missionarios obrigados a prégar no largo da Feira; e por ultimo, depois da páschoa, foram prégar em uns olivaes proximo á quinta que os bispos de Coimbra têem em S. Martinho do Bispo. Ali corria para os ouvir, uma inumeravel multidão de povo, tanto d'esta cidade, como de muitas povoações do campo.

Um dos assiduos ouvintes dos missionarios, era o estudante do 3.º anno de Canones, José Bento Ribeiro Gaspar, natural do Louriçal do Campo, filho de Bento José Gaspar.

Attrahido pelas doutrinas dos varatojanos, deliberou-se este estudante a largar a Universidade e tomar o habito; o que effectuou, tomando na religião o nome de fr. Agostinho da Annunciação; mostrando sempre em todos os actos, na austeridade dos seus costumes e fervor religioso, que era verdadeira e sincera a sua vocação.

Depois de extinctas as ordens religiosas, continuou inalteravelmente na pratica de todas as virtudes; e tendo merecido ser director espiritual da sr.ª infanta D. Isabel Maria, largou este honroso cargo, preferindo ir entregar-se á missão mais modesta, porém mais util, de educar a mocidade.

Fundou e dirigiu o collegio de meninos orphãos do martyr S. Fiel, no Louriçal do Campo, sua patria; fundou em Torres Vedras o collegio de S. José; e finalmente fundou no Varatojo um collegio para meninos e outro para meninas.

Morreu a 14 de março de 1874, no Varatojo, com geral sentimento, o egregio *fr. Agostinho da Annunciação.*

Este *fr. Agostinho da Annunciação*, era o já mencionado estudante de Canones, que em 1830 morava na rua da Mathematica, em Coimbra, *José Bento Ribeiro Gaspar.*

LOURICEIRA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 1095 kilometros ao NE. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O povo apresentava o cura, que tinha réis 50$000.

Nos limites d'esta freguezia nasce o rio Alviella, das vertentes da serra do Patello, debaixo de um grande rochedo, que lhe dá sahida por diversas bôccas. Lança-se no Tejo, junto á aldeia do Reguengo d'Alviella, no sitio chamado *Rebentão.*

Suas aguas são de optima qualidade, pelo que a *Companhia das Aguas*, de Lisboa, as anda encanando, para virem fornecer o reservatorio da mesma companhia, na dita cidade.

N'este rio ha bastante peixe, e de boa qualidade.

Na proxima freguezia de Santa Cruz, junto á ponte, ha uma nascente d'agua mineral, que, segundo a fama, cura todas as feridas que com ella se lavam.

LOURINHAN — villa, Extremadura, comarca de Torres-Vedras, cabeça do concelho do seu nome, 60 kilometros ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

O ordinario, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 29$600 réis em dinheiro, 3 cantaros de azeite, 35 almudes de vinho, 120 alqueires de trigo e 120 de cevada.

—

O primeiro foral que teve esta villa, foi-lhe dado por D. Jordão, no reinado de D. Affonso Henriques, e foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, em março de 1218. (Vide o *Livro dos foraes antigos*, de leitura nova, fl. 16 col. 1.ª — livro 1.º dos bens dos proprios dos reis e rainhas. fl. 45, v., e na gaveta 15, maço 9.º, n.º 22; e n'este ultimo logar se acha com a segunda confirmação, feita por D. Affonso III, em Lisboa, a 16 de outubro de 1251.)

É notavel o antigo foral da Lourinhan, pela barbaridade dos seus castigos.

Determina que:—«*o roussador* (violador) *seja preso e justiçado. Se fugir, pague CCC* (300) *soldos ao pretor e avenha-se com os paes ou parentes da mulher roussada.*»

Mais atroz ainda era o castigo do assassino. Diz o foral:—«*O matador, se se poder prender, seja* SEPULTADO VIVO, *(!) e o morto lançado em cima d'elle (!!!)*

—

D. Manuel deu foral novo a esta villa, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 64, col. 1.ª)

—

Consta que o nome da villa lhe provem da visinhança da quinta de *Lourim*.

Teve a Lourinhan varios senhorios, entrando afinal no dos condes de Monsanto.

Foi reitoria com 8 beneficiados.

A egreja matriz é antiga, e foi fundada sobre as ruinas do seu vetusto castello.

Tem Misericordia e hospital.

Tem um convento, que foi de recoletos xabreganos.

Ha aqui uma boa feira, a 7 de agosto de cada anno.

A esta freguezia andavam annexos os dois curatos de S. Lourenço e S. Miguel, que ambos eram apresentados pelos freguezes.

Antes de 1834, tinha juiz ordinario e duas companhias de ordenanças.

O seu territorio é muito abundante de caça, cereaes, legumes e fructas (principalmente as famosas maçans.)

A villa está fundada em terreno baixo, cercado de serras, menos pelo NO., onde tem uma abertura para o lado do Oceano, que lhe fica apenas a 2 kilometros de distancia.

O seu clima á saudavel, e muito fresco de verão.

Tem minas de azeviche e boa pedra calcarea (carbonato de cal) excellente para cantaria, nas freguezias de Reguengo Grande, Mollêdo e S. Lourenço dos Gallegos. Estas pedreiras teem uns 6 kilometros de extensão.

É povoação antiquissima, talvez do tempo dos romanos, e com certeza do dos arares.

D. Affonso I a deu a D. Jordão, fidalgo francez que o ajudou á tomada de Lisboa, e este a povoou de christãos e lhe deu foral em 1160.

Na casa dos paços do concelho está um escudo d'armas, muito carcomido do tempo, no qual ainda se divisa uma flôr de liz e um crescente, o que dá bastante probabilidade á tradição, e indica que a povoação foi tomada aos mouros por algum senhor francez, ou que usava as armas de França.

Julgo pois que a Lourinhan tem o direito de usar d'este brazão d'armas; não só por estar de tempos immemoriaes nos seus paços do concelho, como — e principalmente —porque, se lhe não pertencesse, os nossos antigos reis (sobretudo D. João II) que tão rigorosos se mostraram em questões de heraldica, não teriam consentido que este escudo d'armas se ostentasse alli.

Devo porém confessar que na Torre do Tombo não existe (que me conste) brazão d'armas d'esta villa.

Nunca me governei, para a confecção d'esta obra, por informações anonymas. Recebi uma carta d'esta villa, firmada por M. S., na qual é a Lourinhan collo-

cada a par das principaes povoações de Portugal, e tudo são ormosuras e abundancias. Tenho pena de não me poder governar por aquella carta, e ain da maior pena tenho se o que ella diz não é verdadeiro.

Se o sr. M. S. queria vêr o contheudo da sua carta publicado no Diccionario, pozesse o seu nome por extenso.

Como porém o que elle diz com respeito ás armas da villa se conforma com a tradição e com o escudo que já mencionei, sempre direi aos meus leitores que, segundo este correspondente, as armas da Lourinhan, são em campo verde, um castello da sua côr, á direita—e á esquerda uma flôr de liz de ouro e por baixo d'ella um crescente de prata, com as pontas para cima.

—

Ainda existem algumas ruinas do vetusto castello da Lourinhan [1] e em parte do seu ambito está edificada a sua antiga, vasta e magnifica egreja matriz. Não se sabe quando nem por quem foi fundada; mas suppõe-se ser do tempo do nosso primeiro rei. O que se sabe é que foi sagrada por D. Lourenço, arcebispo de Braga, conselheiro e amigo inseparavel de D. João I, na primeira metade do seculo XVI.

Esta egreja tinha capacidade para mais de 2:000 pessoas.

E' obra de D. João I e do principio do seculo XV.

O tempo, e, ainda mais, o desmazello dos homens, foram deixando pouco e pouco cahir em abandono este venerando templo.

Como se a acção corrosiva do tempo e o reprehensivel descuido dos homens ainda fosse pouco, lhe veio completar a ruina, uma *illustrada* junta de parochia, que, em 1834, lhe mandou tirar toda a telha e madeiras, deixando-lhe apenas as bellas columnas de marmore da capella-mór e os portios. Era de architectura gothica, com primorosas esculpturas, que alguns preferem em perfeição ás da egreja dos Jeronymos de Belem.

Tem-se por varias vezes implorado a protecção do governo portuguez para este templo, mas sempre debalde.

D. João I deu o senhorio d'esta villa ao famoso jurisconsulto e seu dedicado amigo, o dr. João das Regras.

A Lourinhan é actualmente uma povoação importante, e será uma das principaes do districto de Lisboa, desde que os seus habitantes se decidirem a tirar partido dos immensos recursos do solo abençoado do seu concelho.

É este territorio muito abundante de todos os generos agricolas, sobretudo, de cereaes.

Tem aguas mineraes, minas de ferro e de enxofre, e principalmente uma extensa zona de carvão fossil de optima qualidade, com um jazigo que promette ser abundantissimo, no sitio da *Pedra Furtada*.

—

Foi esta villa solar dos *Ribeiros*, que, segundo Villas Boas, procedem de Martim Paes Ribeiro e de sua irmã, a célebre e formosissima D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*) amante de D. Sancho I. Eram filhos de D. Payo Moniz, rico-homem d'aquelle monarcha, e naturaes d'esta villa.

Para tudo o que se pretender saber com respeito a D. Maria Paes Ribeiro, e sua familia e armas, vide a pag 414 e seguintes do 3.º volume.

Tambem era solar dos *Veigas*. A origem d'esta familia (cujo appellido é portuguez) procede de Leonardo Esteves de Napoles, que, vindo para Portugal no reinado de D. Affonso IV, se distinguiu na batalha do Salado (30 de outubro de 1344) ao lado de D. Affonso IV.

Foi seu filho D. João Esteves, que tomou o appellido de *Veiga*, porque herdou o logar da Veiga de Santa Maria, a 6 kilometros de Braga. Foi rico homem, senhor de Salvaterra de Magos e do conselho de D. João I.

[1] Cuja construcção, com fundamento, se attribuiu a D. Jordão, primeiro senhor d'esta villa.

Tinha por armas — em campo de púrpura, aguia d'ouro, armada de prata, e por timbre a mesma aguia.

O ramo d'esta familia que pertence á Lourinhan, procede de D. Vasco Lourenço da Veiga, filho de D. Lourenço, arcebispo de Braga, natural da Lourinhan.

Este ramo tem por armas — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º de púrpura, aguia d'ouro, armada de prata, e no 2.º e 3.º, de prata, tres flores de liz, azues, em roquete. Timbre, a aguia do escudo.

O manuscripto da livraria dos srs. marquezes de Palmella, dá aos Veigas as armas seguintes: — em campo de púrpura, cruz de prata, cantonada de uma flôr de liz, de ouro. Elmo aberto, e por timbre, uma aguia de púrpura.

Ainda outros Veigas trazem por armas — escudo esquartellado, no 1.º, de púrpura, aguia d'ouro, armada de prata; no 2.º e 3.º, de prata, a cruz de S. Jorge, de púrpura, cantonada de uma flôr de liz azul, e no 4.º, de prata, tres flôres de liz, azues, em roquete.

Os Veigas de Napoles, tambem ramo da mesma familia, trazem por armas — em campo de prata, nove flôres de liz de púrpura, em tres palas — timbre, uma das flôres das armas.

—

Na aldeia da *Ribeira dos Palheiros*, freguezia de S. Lourenço dos Francos (Miragaia) d'este concelho, está o sanctuario de Nossa Senhora da Piedade, situado junto á estrada real, muito concorrido de grande numero de romeiros, que têem grande devoção com esta Senhora.

Tem a capella só o altar-mór, e n'elle está a imagem da Virgem com Jesus Christo morto, no regaço. Tanto a capella como a Senhora são antigas.

Costumam os moradores da Lourinhan, quando ha falta d'agua, para os seus campos, tirar a imagem da Santissima Virgem da sua ermida e leval-a em procissão á egreja matriz da villa, onde, depois de uma devota novena e ladainha, lhe fazem uma grande festa.

A irmandade da Misericordia tambem lhe fazia uma festa todos os annos, na dominga 5.ª post Paschoa, hindo-a buscar á sua capella e collocando a nove dias no altar mór da egreja matriz, fazendo lhe todos os dias uma solemne novena, com missa cantada, e de tarde ladainha. No fim dos nove dias (no dia da Ascenção do Senhor) a justiça e a irmandade da Misericordia, tornavam a levar a Senhora para a sua capella.

Todas estas solemnidades eram muito concorridas.

Segundo a tradição e memorias escriptas, a causa d'esta procissão foi uma grande sêcca, que ameaçava ser seguida de uma medonha fome. Recorreram os povos d'aqui á protecção de Nossa Senhora da Piedade, e hindo buscal-a á sua capella e trazendo-a para a egreja, apenas principiaram as novenas, principiou uma chuva benefica a regar os campos, e apenas cessava a novena, deixava de chover.

Foi então que a irmandade da Misericordia lhe prometteu repetir esta procissão e novena em todos os annos.

—

Antigamente, Nossa Senhora da Piedade, era apenas uma pintura a oleo, em um grande quadro; depois os devotos lhe mandaram fazer a imagem actual.

Fez se-lhe primeiramente a sua festa, no dia de Nossa Senhora das Neves (5 de agosto) emquanto este dia foi santificado: depois como foi abolido (no fim do seculo XVIII) foi transferida a festa para o dia de S. Thiago, a 25 de julho.

Era esta solemnidade immensamente concorrida pelos povos circumvisinhos, que davam abundantes esmólas e offertas, que se applicaram aos reparos e ornatos da ermida.

—

Como já disse, fallando da familia dos Veigas, tem esta villa a honra de ser patria do famoso arcebispo de Braga, D. Lourenço.

Foi amigo e valoroso irmão de armas de D. João I, já combatendo denodadamente em Aljubarrota, já concorrendo poderosamente para elle ser acclamado rei de Portugal nas côrtes de Coimbra.

O rei dizia que o arcebispo e o condestavel eram *os seus dois olhos.*

Morreu D. Lourenço, cheio de annos, virtudes e gloria, na cidade de Braga a 28 de abril de 1397.

Jaz na Sé da mesma cidade, em capella particular, que foi aberta em 1710, sendo seu corpo achado incorrupto.

—

Na freguezia do Mollêdo, d'este concelho, existem as ruinas do palacio em que viveu a infeliz rainha, D. Ignez de Castro, e onde foi muitas vezes visitada pelo infante D. Pedro, depois 1.º do nome, que depois deu grandes privilegios a esta freguezia (sendo um d'elles não dar recrutas—findou em 1820) e lhe fez a ponte chamada *de D. Pedro.*

Este palacio é antiquissimo. Tem as armas de D. Affonso I e uma inscripção que ninguem entende.

Proximo d'estas ruinas se acharam dois braceletes de oiro, um dos quaes foi vendido por 144$000 réis.

Estas ruinas pertencem hoje aos srs Pestanas.

—

O concelho da Lourinhan é composto das freguezias de *Lourinhan, Miragaia* (S. Lourenço dos Francos), *Moita dos Ferreiros, S. Bartholomeu, Reguengo-Grande, Mollêdo e Vimieiro.*

LOURO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Orago Santa Lucrecia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*)

Até 1834 era do antigo termo de Barcellos, d'onde dista pelo N. 15 kilometros.

O seu abbade era de apresentação alternativa da casa de Bragança e do D. Prior dos cruzios do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, hoje do concelho de Villa Nova de Famalicão.

Depois da extincção d'aquelle mosteiro, e de suas rendas e regalias serem reunidas ao convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, passou a alternativa da apresentação do dito abbade, para o D. Prior d'este convento, e a casa de Bragança.

Esta freguezia pertence hoje ao concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão, d'onde dista pelo S. 5 kilometros.

Rendia antes de 1834, aproximadamente 1:200$000; hoje está luctada em 280$000 réis.

A egreja matriz d'esta freguezia é espaçosa, e está situada, junto do seu passal, em um logar elevado, alegre e sádio. E tanto esta como o seu passal estão circumdados pelo nascente com a nova linha ferrea em construcção, e pelo poente com a estrada a macadam feita de Famalicão a Barcellos.

Esta freguezia está tão bem collocada, que tem em volta de si nove freguezias, ás quaes d'ella se passa na distancia só de um kilometro, ou pouco mais.

Ha n'esta freguezia a capella de Santo Antonio, que a freguezia outr'ora cedeu á confraria do mesmo santo, com obrigação do fabrico, e de n'ella ter os paramentos necessarios para quando o parocho ou outros ecclesiasticos queiram n'ella exercer suas ordens.

Ha tambem a capella particular da casa e quinta da Torre, no logar de Barrada, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; pertença dos Affonsecas Escobares, de Lisboa, e hoje da ex.ma sr.a D. Maria da Conceição, descendente d'essa illustre familia e casada com seu primo o sr. Antonio da Costa Araujo, ambos nascidos e moradores n'esta freguezia.

Esta familia tem brazão d'armas.

Ha mais n'esta freguezia a ermida do Santo do Monte (S. Frei Pedro Gonçalves Telmo, ou Corpo Santo, ou Santelmo dos navegantes) e do Senhor dos Passos, filial da egreja matriz; e n'ella annualmente se faz, com grande concurso de povo, na dominga da Paschoella, grande festividade e romaria.

Tambem n'esta capella se venera a milagrosa imagem de Santo Ovidio, a que os romeiros levam telhas ordinariamente po

corruptella furtadas em logar de offertadas.

E' freguezia fertil; e o caracter de seus habitantes tratavel.

Passa n'ella o rio Aliste ou Aléste, Éste ou D'éste, que, nascendo no carvalho de Éste, vae entrar no rio Ave, no sitio chamado Touguinhó.

Este rio passa nas pontes ditas no *Portugal Antigo e Moderno* (lettra E, rio d'Éste.)

Na freguezia de Santa Maria de Nine, circumvisinha d'esta do Louro, não só tem a antiga ponte de pedra (chamada Ponte de Coura) com suas asenhas, mas de novo se anda construindo outra ponte de pedra para transito de wagons da nova via ferrea para Braga, Barcellos, etc.

N'esta do Louro tem outra antiga e segura ponte de pedra, reformada e alargada em 1856, aonde passa a anteriormente dita estrada á macadam, e junto d'ella tem asenhas de moer pão, e engenhos de serrar, fazer azeite e grammar linho, pertenças da quinta do sr. Bernardino da Costa Fernandes Machado..

Chegado este rio á freguezia de Gondifellos, tem outra ponte nova de pedra acabada em 1873, que dá passagem na estrada macadamisada de Famalicão á Povoa de Varzim.

Em quasi todos os tempos tem havido varios pleitos entre alguns parochianos caprichosos e seus parochos.

Em 1770, alguns parochianos, conhecedores dos injustos pleitos, que tinham com o seu abbade Francisco de Salles Velloso (da casa do Passadiço da rua de S. João de Braga) querendo fazer pazes com elle, trouxeram a esta freguezia missionarios, que o dito abbade, benigno e de bom grado acolheu e aproveitou, annuindo ás pazes e sustação dos pleitos; mas porque esses parochianos se recusassem ás justas e religiosas propostas dos missionarios, estes, apesar de terem já dado principio á missão, sem a acabarem, poseram em pratica o conselho do Evangelho, retirando-se da freguezia, e ao passar por cima da ponte do Louro, descalçaram as sandalhas, e saccudiram seu pó sobre o rio, dizendo.—«Adeus Louro, que nem o teu pó queremos levar.»

Finalmente, n'esta freguezia nasceu em 13 de janeiro de 1682, e foi baptisado em 14 do dito mez e anno na egreja matriz, D. João da Silva Ferreira, formado em canones na Universidade de Coimbra, conego na Sé de Braga, vigario geral do arcebispado primaz, governador do bispado do Porto, deão da capella real de Villa Viçosa, bispo titular de Tanger, e conselheiro de estado, que, fallecendo nos paços de Villa Viçosa em 19 de janeiro de 1775, foi sepultado na egreja do extincto convento de Santo Agostinho.

Como escriptor publico deu á luz em Coimbra, em 1722, as *Allegações juridicas em favor dos direitos indubitaveis do cabido de Braga, para compellir os moradores das terras de Guimarães e Montelongo, a pagar-lhe os votos de S. Thiago, pertencentes á mesa capitular*. Escreveu outros opusculos, que não foram publicados, mas que existem em manuscriptos.

Este illustrado bispo, deixou por seu herdeiro, o sobrinho, José Custodio de Magalhães Feio de Azevedo, pae dos srs. barão e 1.º visconde da Torre, João Feio de Magalhães Coutinho, e do commendador da Conceição e barão de Soutello, Antonio Feio de Magalhães Coutinho, da cidade de Braga, que ainda conservam no logar de Linhares, d'esta freguezia do Louro, a casa e terras onde nasceu o dito seu tio, com as suas armas episcopaes no cimo da porta principal das casas.

—

Ao illustrado abbade actual d'esta freguezia do Louro, e ex.mo e rev.mo sr. Domingos Joaquim Pereira, devo os curiosos apontamentos que ficam publicados n'este artigo.

A este cavalheiro e a todos os que me têem obsequiado com a sua coadjuvação para esta obra, o meu mais cordial agradecimento.

LOUROSA—freguezia, Douro, comarca, concelho, e 6 kilometros a NE. da Feira, 20 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O parocho é abbade. Era de collação ordinaria, e tinha de renda annual 400$000 réis.

Lourosa é uma bonita, rica e fertil freguezia, cortada pela estrada real de 1.ª classe (á mac-adam) de Lisboa ao Porto; tendo grande commercio com esta ultima cidade.

É situada em terreno alto, levemente accidentado e com bonitas vistas, dos pontos elevados, d'onde se vê o mar, que lhe fica 18 kilometros ao O.

A sua egreja matriz, é antiga e pequena; mas aceiada, bonita e muito bem situada.

Tem uma capella de S. Miguel (archanjo), no sitio das Vendas-Novas, e no vasto terreno que lhe fica contiguo se faz um concorrido mercado em todos os dias 10 de cada mez, e uma festa e grande feira de anno, a 29 de setembro.

LOUROSA—villa, Douro, comarca da Tábua (antiga comarca de Midões), concelho de Oliveira do Hospital, 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra fertil.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis, e o pé d'altar.

O 1.º foral d'esta villa foi-lhe dado pelo bispo de Coimbra, em Coja, a 6 de fevereiro de 1347 (Maço 6 dos *foraes antigos*, n.º 9). D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514 (Livro dos *foraes novos da Beira*, fl. 41, col. 1.ª—(Veja-se tambem a minuta para o seu foral novo, no Corpo chronologico, part. 1.ª, maç. 1.º e doc. 2).

—

LOUROSA—grande quinta, Douro, comarca e concelho de Vousella.

D. Sancho I deu esta quinta, em 1205, a D. Lourenço Viegas, abbade de Lorvão.

É na terra de Lafões.

LOUROSA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vizeu, d'onde dista 3 kilometros ao S., 300 ao N. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto de Vizeu.

A mitra apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia dois logares de Lourosa, que são: Lourosa de Cima e Lourosa de Baixo.

No logar de Lourosa de Baixo, está o Sanctuario de Nossa Senhora da Nazareth, edificado no anno de 1504, como consta de uma inscripção que está sobre a porta principal da capella.

Consta que foi seu fundador, Antonio Luiz, *o Pombo*, pela grande devoção que tinha a Nossa Senhora, cuja imagem é de pedra, com 1 metro d'altura, com o Menino Jesus nos braços.

A capella tem só o altar-mór. Está edificada em um sitio muito alegre e delicioso, na extremidade do logar.

Por traz da capella, passa um ribeiro, do nome da freguezia, que rega e fertilisa seus campos. Em frente da ermida ha extensos olivaes e bons pomares de fructa.

É imagem de muita devoção para os povos d'estes sitios, que lhe fazem a sua festa em dia incerto.

Antigamente, no 2.º dia das ladainhas de maio, hiam os moradores da freguezia, em procissão, visitar a casa da Senhora, e outra vez, na 2.ª oitava do Espirito Santo.

Consta que era porvoto feito pelo povo, pela extincção de certa calamidade, que se faziam estas procissões.

Os descendentes de Antonio Luiz, *o Pombo*, é que administravam esta capella, para o que possuiam os bens que o fundador lhes deixou, para o culto, reparos e concertos; mas elles preferiram usufruir os rendimentos na sua totalidade e deixarem a capella ao abandono.

—

Na aldeia de Lourosa de Cima (onde está a egreja matriz), está outra capella, dedicada a Nossa Senhora dos Escravos. Foi fundada em 1660, por devoção dos moradores d'esta aldeia. Tem apenas o altar-mór.

Está edificada no meio do logar, e em

frente da sua porta se vê uma formosa praça (ou terreiro) na qual estão dois grandes carvalhos, que fazem uma sombra agradavel no verão.

É imagem de grande devoção d'estes povos, que se présam de ser escravos da Santissima Virgem.

Até ha poucos annos, no 3.º dia das ladainhas de maio, hiam os povos da freguezia em procissão á capella de Nossa Senhora dos Escravos.

A sua festa é no dia da sua Assumpção (15 de agosto).

Antigamente fazia-se esta solemnidade com grande magnificencia.

Um dos moradores da freguezia que mais concorreu para a fundação da capella, foi Simão Machado; e por isso, a administração e reparos da capella correu sempre por conta de seus descendentes, que á sua custa faziam a solemnidade annual, sem consentirem que mais ninguem concorresse para ella.

Hoje é feita á custa do povo.

LOUSA—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Anciães, comarca e 23 kilometros de Moncorvo, concelho e proximo de Carrazêda d'Anciães, 104 kilometros ao NE. de Braga e 360 ao N. de Lisboa.

No cume de um monte, proximo á aldeia de Lousa, está o mosteiro da Santissima Trindade.

Como a pag. 207 do 1.º vol. (col. 1.ª) apenas mencionei este convento, dou d'elle aqui mais extensa noticia.

Segundo a tradição, tendo-se retirado a este monte, fr. Antão Gonçalves, natural do Seixo d'Anciães, para aqui se consagrar á vida eremitica, lhe appareceu um anjo, que da parte de Deus lhe mandou aqui edificar um mosteiro dedicado á Santissima Trindade.

Ficou o anachorêta contristado com esta ordem; porque não tinha recursos para custear as despezas da obra. Desejando porém dar cumprimento á ordem Divina, se foi pedir esmola pelos povos d'aquellas immediações, aos quaes narrava a apparição; mas elles o não acreditavam, e o maior numero o despediam sem nada e com enfado.

N'esta occasião, estava um enfermo d'aquelles sitios em perigo de vida, e desenganado pela medicina. Então o santo varão se ajoelha junto ao doente e implora da graça divina a sua cura, que o enfermo alcançou immediatamente.

Á vista d'este milagre, o povo acreditou o da apparição, e se apressou a concorrer para a fundação do mosteiro, que em poucos annos se construiu, sendo seu primeiro prior fr. Antão Gonçalves.

LOUSA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 150 kilometros a NE. de Braga e 385 ao N. de Lisboa. 250 fogos.

Em 1757 tinha 246 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario. collado, que tinha 100$000 réis, de rendimento.

É terra fertil.

LOUSA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 70 kilometros da Guarda e 240 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 169 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Altos Ceus.

Bispado e districto de Castello Branco (foi do bispado da Guarda.)

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

LOUSA—freguezia, Extremadura, comarca de Lisboa, concelho dos Olivaes, 18 kilometros ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 149 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Fertil em cereaes. Muitos vimes.

O povo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 40 de cevada, 14 arrobas de carne, pelo Natal; o folar, pela Paschoa (que andava por 12$800 réis) e em dinheiro 3$000 réis.

Antigamente denominava-se esta freguezia «S. Pedro da Lousa Pequena.»

A egreja matriz foi fundada em 1546, segundo consta de uma inscripção que se vê sobre a porta principal.

Compõe-se esta freguezia dos logares seguintes:—Lousa, Lousa Pequena, Torre-Pequena, Ponte do Sousa, Fontellas, Carcavêllos, Forno, Freixieiras, Barril, Monte-Gordo, Sallemas, Montachique, Cabeça de Montachique.

Ha n'esta freguezia a ermida do Espirito Santo.

Tem algumas nascentes de aguas ferreas, e uma notavel pedreira, d'onde se extrahe uma excellente pedra a que aqui dão o nome de *salléma*.

O rio de Lousa, nasce na Venda do Pinheiro, passa a O. da povoação e vae encontrar-se com o rio de Sacavem.

Tem uma ponte de 2.ª ordem, sobre a qual passa a estrada real.

E' a oitava estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

LOUSADA ou LOUSADO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem Martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa, a mitra e o convento benedictino de Santo Thyrso apresesentavam alternativamente o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Cria gado e caça.

LOUSADA—villa, Douro, cabeça de comarca e de concelho, 35 kilometros a E. de Braga, 315 ao N. de Lisboa, 180 fogos, em duas freguezias (Santa Margarida e S. Miguel, archanjo) no concelho 2:700 fogos, na comarca, (que é composta d'este julgado e do de Paços de Ferreira, com 3:100 fogos), 5:800 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Em 1757, tinham as duas freguezias 143 fogos.

Os condes de Villa Nova (de Portimão) apresentavam o abbade da freguezia de Santa Margarida, que tinha 350$000 réis.

Tinha esta freguezia, em 1757, 59 fogos.

O abbade do Salvador da Avelêda apresentava o vigario, collado, que tinha 90$000 réis.

Tinha esta freguezia em 1757, 84 fogos.

—

O concelho de Lousada é composto das 27 freguezias seguintes: — Alemtem, Alvarenga, Avelêda, Barrosas (Santo Estevão) Barrosas (Santa Eulalia) Cahide de Rei, Cernadêllo, Cóvas, Casaes, Cristéllos, Boim, Figueiras, Lodares, Lustosa, Macieira, Meinêdo, Nespereira, Nevogilde, Nogueira, Ordem, Pias, Silvares, Souzella, Fôrno, Villar do Fôrno, Lousada (Santa Margarida) Lousada (S. Miguel.)

—

Em 15 de novembro de 1873, foi registrada perante a camara municipal d'esta villa, uma mina de estanho, chumbo e outros metaes, que descobriu Agostinho Moreira. É a mina situada no valle de Fonte-Cóva.

—

Ha em Lousada um optimo collegio de educação, fundado em 1863, por uma sociedade, composta dos srs. Manuel Pinto Peixoto de Sousa Villas Boas, dr. Antonio Manuel Pinto Coelho Soares de Moura, dr. Francisco Soares de Moura, e Rodrigo Pereira de Menezes.

Foi dirigido, desde o principio, pelo reverendo padre Antonio José Rodrigues Soares, bacharel formado em theologia.

Esteve primittivamente em uma casa pertencente ao primeiro dos socios (Villas-Bôas) situada na ribeira de Lousada, e a 3 kilometros da villa d'este nome.

Pertencia então á freguezia de Cristéllos.

Mais tarde, dissolveu-se a sociedade fundadora e passou o estabelecimento (já propriedade do director) para a quinta de *Vinça*, na freguezia de S. Paio de Casaes, em uma casa feita de proposito para o collegio, por ordem do sr. Antonio de Sousa Freire, da mesma freguezia. Fica este edificio a 4 kilometros a NE. da Villa de Lousada.

Este estabelecimento de instrucção tem merecido grandes creditos, pela competencia do seu illustrado director e dos outros mestres; pela boa ordem e disciplina que alli é mantida; pelos bons discipulos que

tem dado e pela salubridade do local em que é edificado.

Emquanto esteve na casa da quinta da Ribeira, tinha o titulo de *Collegio de Nossa Senhora do Bom Successo* (por haver em casa uma capella d'esta invocação)—hoje tem o titulo de *Collegio de Nossa Senhora da Ajuda;* por ficar proximo uma capella com esta invocação.

A quinta de Vinça fica na margem esquerda do ribeiro *Mesío*, que desagúa no Sousa.

Dependente d'este collegio ha outro em Aveiro, que lhe serve de complementar, tanto para exames, como para estudos preparatorios.

—

D. Manuel deu foral, com o titulo de villa, a esta povoação, em Lisboa, a 17 de janeiro de 1514.

Este foral serve tambem para Romariz. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 56 v. col. 2.ª)

LOUSADO—Vide *Lousada* ou *Lousado*.

LOUSADO — monte, Minho, comarca e concelho de Vianna, junto á ponte de *Anhel*, que fica sobre o rio Neiva.

Tem este monte bastante altura, e no seu cume ha muitos vestigios de uma grande e antiquissima povoação, a que os povos d'aquelles sitios dão o nome de—*Cidade Grande*.

Estão quasi rasos, e em alguns sitios desappareceram estes vestigios, porque os povos lhe tiraram a pedra para casas e muros.

Ainda se conhecem os restos de duas muralhas que fortificavam esta povoação — o 1.º tem 870 metros de circumferencia e o 2.º, tem-a muito menor, porque é dentro do primeiro.

Faz mensão d'esta cidade um documento que existe no archivo da Sé de Braga, que contem a divisão que se fez de Entre Douro e Minho, em 12 condados, no tempo do rei D. Fernando Magno.

Diz assim: — *Ad radices montis Pandi, et Lupatis ad frigidam fontem juxta Civitatem magnam, quae ibi destructa jacet à Mauris.*

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta cidade foi fundada pelos antigos lusitanos para lhes servir de abrigo durante as encarniçadas guerras que por tantos annos sustentaram com os romanos. Viterbo porém suppõe que seja fundação romana.

Foi esta cidade destruida pelos mouros *(destructa jacet a Mauris)* segundo consta do citado documento.

Tambem por estes sitios havia varios *dolmens* e *mâmoas*, que ainda existiam em 1684, e que foram vistas e examinadas pelo dr. Francisco Mendes Galvão, ouvidor de Barcellos, e que depois foi procurador da corôa e fazenda e desembargador do paço.

O povo destruiu isto tudo em busca de *thesouros encantados*.

Já se vê que antes dos romanos e dos antigos lusitanos, já por estes sitios estanciaram povos muito mais antigos—isto é—*preceltas*.

LOUZAN—villa, Douro, cabeça de comarca e de concelho, 20 kilometros ao SE. de Coimbra, 6 de Miranda do Corvo, 9 de Poiares, 12 de Góes e de Semide, 24 de Álvares, e 30 de Pedrogam-Grande e de Figueiró dos Vinhos, 195 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 702 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

D. Manuel a fez villa e lhe deu foral em Lisboa, a 25 de outubro de 1813. (Livro de foraes novos da Beira, fl. 52 v., col. 1.ª)

Diz o foral que á terra que hoje se chama Louzan, fôra dada ao concelho de Arouce, que depois se chamou Foz d'Arouce. (Era a povoação que existia junto ao castello, e de que ainda ha muitos vestigios.)

—

O concelho da Louzan é composto de cinco freguezias, que são—Casal de Ermio, Foz d'Arouce, Louzan, Serpins e Villarinho, todas com 2:500 fogos.

A comarca comprehende quatro julgados que são—Louzan—Miranda do Corvo, com 2:600 fogos—Penella, com 2:200 fogos—Poiares (Santo André) com 1:700 fogos.

Vem, pois, a ter a comarca 9:000 fogos.

—

A villa é situada na falda da serra da Louzan, junto á ribeira de Arouce, em um formosissimo valle.

(Para o seu castello, vide *Arouce*, a pag. 238 HH do 1.º vol.)

A ribeira de Arouce é aqui atravessada por uma ponte de cantaria de um só arco, e vae juntar-se com o *Ceira*.

As ruas da villa são soffriveis; mas mal calçadas. Tem alguns bons edificios, sendo dos melhores o palacio dos srs. Salazares, ao pé da excellente fabrica de papel do sr. Gonçalves.

Os arredores da villa são abundantissimos em cereaes, vinho, azeite, legumes e fructa; e os *campos da Louzan* são famosos pela sua belleza e fertilidade. Teem 10 kilometros de comprimento e 5 de largura, e são regados pelas ribeiras *Arouce* (pelo SO.) e *Cachaça* (pelo N).

—

Querem alguns que a palavra *Louzan* seja corrupção de *Arunce* (o primeiro nome da villa) e discorrem assim:—«quando os mouros tomaram o castello, lhe conservaram o seu antigo nome, mas como não podiam pronunciar Arouce, diziam—*Alonçan* que facilmente se converteu em *Louzan*.

O primittivo assento da villa foi no sitio onde hoje se vê o castello, e ainda alli ha bastantes vestigios de edificios.

O castello fica á entrada de uma das duas peninsulas que o rio *Arouce* fórma a um kilometro da villa, no centro das muitas sinuosidades das montanhas que lhe ficam a Oeste.

A antiga povoação estendia-se até ao rio em rapido declive, o que se prova pelos restos de edificios e alicerces, que por alli ha.

Na outra peninsula que fica parallela com esta, mas em sentido inverso, está o *Penhasco das Ermidas*, ou das tres capellinhas, de S. João, Nossa Senhora da Agonia e Nossa Senhora da Piedade, que vão trepando e coroando um penhasco solitario e collossal.

Já disse quando tratei do castello, na palavra *Arouce*, que elle foi edificado pelo conde D. Sisnando, pelos annos 1080. Miguel Leitão de Andrade, porém, é de opinião que elle foi fundado por *Arunce*, rei de Conimbriga (Condeixa Velha) que, fugindo aos inimigos com sua filha *Peralta*, se abrigou n'estes Penhascos inaccessiveis, para defeza dos quaes edificou então o castello, que d'elle tomou o nome, que ainda com pouca corrupção se conserva.

A lenda d'este *rei*, de sua filha *Peralta*, do *augur* e *triumviro* Estella (que occupa um distincto logar no drama das desgraças da tal princeza) da erecção da ára de *Trivim*, (corrupção de triumviro) etc. são cousas pouco verosimeis; mas o que é certo, é que fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusit.*, cap. 8.º) diz que o conde Sisnando *ganhou* e não *edificou* o castello. Sendo assim, remonta a sua antiguidade a éras mais remotas.

Escriptores mais *positivos* (mas, quanto a mim, com menos criterio) dizem que por o castello e a povoação contigua serem construidos de *lousas*, se lhe deu o nome de *Louzan*.

O ponto culminante da serra, chamado *Altar de Trivim*, tem um marco geodesico, alli collocado em 1863 para a triangulação do reino. Já em 1800, por ordem do principe regente (depois D. João VI) se tinha alli collocado uma columna, para o mesmo fim.

Apesar da fertilidade do territorio da Louzan, são pobres caseiros a maior parte dos seus habitantes, porque a propriedade está dividida por poucos possuidores, e era quasi toda vinculada.

Desde a justissima extincção dos morgados (30 de junho de 1860) tem melhorado bastante a agricultura, e, antes do fim d'este seculo, de certo mudarão muito as condições de prosperidade dos povos, pela acquisição de terrenos proprios e livres de pesados fóros e rendas.

O clima geral d'este concelho é benigno e saudavel, á excepção do sitio da Foz de Arouce e margem do Ceira, sujeitos a febres intermittentes na estiagem, por causa dos pantanos.

Além do rio Arouce (que aqui é mais co-

nhecido pelo nome de *ribeira de S. João)* que nasce na serra, junto aos *poços de neve* e do *Ceira*, ha varios ribeiros, que cortam regam e fertilisam os terrenos d'este concelho. Tambem trazem àlgum peixe e as suas trutas são de boa qualidade.

Ha varias fontes de optima agua potavel, e uma nascente de aguas ferreas em Villarinho (de muito bom effeito nas molestias verminosas e debilidades do estomago) e a de *Valle de Sancho*, junto ao Casal do Ermio.

—

A egreja matriz é um bom e aceiado templo.

Havia aqui um hospicio de frades antoninos, que foi vendido e é actualmente propriedade particular do sr. padre José de Magalhães. É um dos mais bem situados predios da villa.

A casa da camara é um soffrivel edificio e na praça ha um bom pelourinho.

São muito elegantes e de boa architectura os palacios da sr.ª viscondessa do Espinhal e do sr. Montenegro; e o hospital, a escóla, e a bibliotheca popular, que este senhor fundou.

—

Depois da batalha do Bussaco (27 de novembro de 1810) Massena viu-se obrigado, por marchas successivas, a evitar as forças que Wellington commandava. Alguns mezes depois, porém, tendo os francezes estabelecido o seu quartel general em casa do desembargador Salazar, n'esta villa, a rectaguarda do seu exercito foi derrotada completamente em Foz do Arouce, pela vanguarda do exercito luso-anglo, ficando no lôdo do rio um grande numero de soldados de Buonaparte.

Massena, assim que soube este desastre, fugiu da Louzan, sem mesmo querer devorar o jantar, que estava prompto.

Wellington entra triumphante na Louzan, e sentando-se á mesa que o inimigo abandonára, se serviu do jantar preparado para os francezes.

—

Em outubro de 1874, foi agraciado com as honras de capellão-fidalgo da casa real, o sr. dr. José Daniel de Carvalho Montenegro, esclarecido sacerdote e cidadão benemerito, que tem prestado serviços relevantes á Lousan, cooperando com seu caridoso irmão (o sr. commendador Montenegro, de quem já fallei) para a fundação da escola, da bibliotheca e do hospital.

É tambem a estes dois dedicados patriotas, que a villa da Lousan deve, em grande parte, a construcção da nova egreja matriz.

—

A fabrica de papel da Lousan foi por muitos annos a melhor e ainda é das melhores de Portugal. É seu proprietario o esclarecido industrial, o sr. João Gonçalves de Lemos.

Foi esta fabrica fundada por um estrangeiro, em 1748, dando-lhe D. João V, por emprestimo, 2:800$000 réis, para a sua construcção. Como o fundador não pagou a divida até ao seguinte reinado, o marquez do Pombal lhe tirou a fabrica, tomando o Estado conta da sua administração.

Passando a poder particular, este estabelecimento tem prosperado muito, o que se conhece pelo augmento do seu pessoal. Em 1821, apenas contava 25 operarios; em 1838—80; e actualmente (1874) emprega, termo medio, 200, de ambos os sexos.

As qualidades de papel que aqui mais se fabricam, são o almaço branco e o papel sellado, que ambos teem um consumo extraordinario.

Em 12 de julho de 1873, arrematou o sr. Lemos o fornecimento do papel sellado, obrigando-se a dai-o a 1$330 réis a resma.

Esta fabrica fica proximo á villa.

—

Junto ao Casal do Ermio, sobre a margem esquerda do Ceira (cuja agua lhe serve de motor) se fundou em 1853 uma outra fabrica de papel. Não pude obter d'ella outros esclarecimentos.

—

No dia 24 de junho (dia de S. João Baptista—da grande feira da Lousan e do anniversario natalicio do sr. Montenegro) de 1865, teve logar a collocação da primeira pedra, no hospital da Lousan.

Foi escolhido para a fundação d'este estabelecimento de caridade, o sitio chamado *Olival da Serra*, junto ao logar chamado *Fonte dos Mouros*, e proximo do theatro. A commissão que havia dirigido os trabalhos preparatórios para a solemnidade, tinha mandado ornar o campo com grinaldas de murta, entre mastros embandeirados e coroados com os escudos das armas portuguezas. No centro estava um formoso pavilhão, de damasco, adornado de festões de murta, tendo no remate da cúpula, encrusadas, as bandeiras portugueza e brasileira; porque de cidadãos portuguezes residentes no Brasil veio uma grande parte da subscripção para se construir este hospital.

Antes da collocação da pedra fundamental, o reverendo prior da egreja matriz lançou a benção ao cofre que encerrava as moedas do reinado do sr. D. Luiz, a copia da acta da ceremonia, e diversos numeros de periodicos que annunciavam esta solemnidade.

O sr. commendador João Elisiario de Carvalho Montenegro, o principal promotor d'este estabelecimento, tomou das mãos do presidente da camara municipal e da commissão, a trolha e a colher, que lhe foram offerecidas, e, junto com as auctoridades e a commissão, praticou a ceremonia do lançamento da pedra e da argamaça.

As duas philarmonicas da villa, abrilhantaram este acto, tocando alternativamente; o concurso e o regosijo do povo era immenso.

Finda a ceremonia, celebrou-se um solemne *Te Deum*, na egreja matriz.

O risco do hospital é do sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pipa.

O edificio do hospital è de singela e modesta apparencia, mas nas condições exigidas pelas leis da hygiene. Sobre o timpano tem a estatua da Caridade.

Tem 6 janellas na frente, 6 na rectaguarda e 3 de cada lado.

Interiormente tem—enfermaría para homens, que póde conter 22 camas—enfermaria para mulheres, podendo conter 9 camas—gabinete para a direcção—quarto para enfermeiro—dito para enfermeira—gabinete para operações—sala para convalescentes—casa de arrecadação—dois quartos para criados—cosinha (contigua, mas separada do edificio) no centro.

O terreno em volta do hospital e que lhe pertence, é arborisado e ajardinado.

O esclarecido escriptor, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, escreveu um formosissimo romance, intitulado o PEREGRINO (cuja acção se passa, parte na Lousan e parte no Brasil) o producto do qual, que foi grande, reverteu em beneficio do hospital.

—

Já fallei no *Penhasco das Ermidas*, e nas suas tres capellas; mas julgo dever dar aqui mais alguns esclarecimentos sobre este sitio, verdadeiramente pittoresco.

Separa o Arouce do pincaro onde está edificado o castello, o célebre *Penhasco das Ermidas*. Aquelle fica na margem direita e este na esquerda.

Quem desce do vetusto alcaçar, atravessa uma ponte de pedra, construida por um devoto de Nossa Senhora da Piedade, em 1744 (segundo se vê do principio de uma inscripção, que está gravada em uma lapide engastada no arco—diz:

É OBRA DE DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA
E A S. JOÃO—ERA 1744...

Apagou o tempo o resto da inscripção, que talvez declarasse o nome de quem mandou construir esta obra.

Sobre a inscripção está gravada uma cruz, e por baixo o symbolo do nome de Jesus—(I. H. S.)

—

Passada esta ponte, sobem-se os degraus de uma longa escadaria, e se encontra a capela de S. João Baptista, de humilde e singella architectura, indicando ser obra do seculo XV.

É certo que já existía em 1537, pois d'esse anno ha uma licença de D. João III, para que se fizessé aqui o bôdo costumado.

—

Sobem-se uns poucos de lanços de escada, e se chega á capellinha do Senhor da Agonia: em um dos parapeitos do pequeno

alpendre, que lhe fica junto, está uma cruz de pedra, que tem esta inscripção:

ESTAS OBRAS MANDOU FAZER
O CAPITÃO FRANCISCO BARBOSA
NATURAL D'ESTA VILLA.
ERA DE 1624.

—

No fim de outros dois lanços de escadas, encontra-se finalmente a capella de *Nossa Senhora da Piedade*, edificada no vertice d'este medonho rochedo, quasi piramidal.

E' obra dos fins do seculo XVII.

E' esta Senhora objecto da mais sincera devoção para todos os povos d'estas circumferencias.

No dia de S. João Baptista, em que se faz a grande feira da villa, é tambem o destinado para as festas de Nossa Senhora da Piedade e S. João.

—

Parece que *Aruccis* era uma palavra celtica, já alatinisada pelos romanos; e tres povoações distinctas da Lusitania se encontram com este nome—uma ao S. do Tejo á qual os mouros corromperam em *Aroche*, e é a actual Arronches. Parece que esta é a mais antiga das tres, pois os romanos lhe chamaram *Aruccis-Vetus*—outra, tambem no Alemtejo, se denominava *Aruccis-Nova*, que é a actual villa de Moura.

—

Em um manuscripto muito antigo, que possúo, sem data nem assignatura, vem uma etymologia da palavra *Aruccis*, que aqui dou, não como certa, mas como verosimil; e que de alguma maneira vae coherente com o que diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia*.

Segundo o tal manuscripto—no local onde está o castello, havia uma ára celtica, que os mouros destruiram, para no seu logar edificarem um templo, que cercaram com uma fortificação. A este monte se veio a chamar *cabeço da ára*, que por fim se corrompeu em *Aruccis*.

Segundo alguns escriptores, o conde D. Sisnando, reedificando o castello, em 1080, ou, mais provavelmente, reconstruindo-o, conservou o templo idolatra, que foi purificado e se dedicou a S. Pelagio, ou S. Payo (que é o mesmo.)

No tempo de D. Affonso Henriques, ainda o castello da Lousan tinha apenas 60 annos de existencia e estava bem conservado e tratado.

Para elle vinha passar o verão a rainha D. Mafalda, sua mulher, com as damas da sua côrte. Foi n'este castello que o nosso trovador Egas Moniz Coelho, sobrinho do grande Egas Moniz, se enamorou de D. Violante (dama da rainha) que despresando o amor do cavalleiro portuguez, casou com um hespanhol e foi com elle para Castella. (Vide *Arouce*.)

—

No tempo dos nossos primeiros reis, foi a Lousan dada em Senhorio, á familia *Cáceres*. Passados tempos, veio este senhorio á casa dos duques de Aveiro, que o possuiram até 1759, em que foi extincto este ducado, sendo os seus bens encorporados na corôa.

—

No seculo XVIII foi creado o titulo de conde da Lousan, de que é actualmente o 4.º successor, e possuidor, o sr. D. João José de Lencastre Basto Baharem, 12.º senhor do morgado da Marinha, par do reino, official-mór da casa real, commendador das ordens militares de Christo e Conceição, e da hespanhola de Isabel a Catholica.

As armas dos Lencastres, são as reaes de Portugal com a quebra da bastardia. Timbre, um pelicano ferindo o peito.

Para tudo o mais d'esta familia, vide *Aveiro*.

—

Foi creado visconde da Foz de Arouce, o sr. dr. João José de Lencastre Basto Baharem, casado com uma filha dos srs. condes da Graciosa.

—

Ainda que a lenda contada por Miguel Leitão de Andrade tenha seu tanto ou quanto de maravilhoso e inverosimil, julgo não dever privar d'ella os meus leitores. Eil-a:

Pelos annos 3925 do mundo (79 antes de Jesus Chsisto) e no tempo do grande Sertorio, estando muito descançado e desappercebido, na sua cidade de Conimbriga (Condeixa-a-Velha) *que era então porto de mar*,

o opulento rei Arunce, a princeza Peralta, sua filha e a côrte; surgiu alli, em uma poderosa armada, guarnecida de grande numero de guerreiros, um poderoso conde estrangeiro (não se sabe d'onde.)

Vinha com proposito de saquear o rei e a cidade, pela fama das grandes riquezas que aqui havia. Desembarcou com a sua gente, e atacando a cidade descuidada, espalhou n'ella o terror e a desolação, roubando tudo o que era de valor.

Diz M. L. de Andrade, que desde então é que Conimbriga se ficou chamando *Condeixa*, nome derivado do tal *conde* pirata! —Segundo o mesmo escriptor, esta Colimbriga primittiva era ao O. da segunda, que depois se fundou no logar da actual Condeixa-Velha.

Tal foi o estrago que o conde e os seus fizeram n'aquella *insigne e populosa* cidade *(metropole do reino do mesmo nome)* não perdoando a gente nem a edificios (alguns dos quaes eram sumptuosissimos) que não ficou pedra sobre pedra, não se tornando a reconstruir.

Foi tal o terror dos habitantes que poderam escapar a esta devastação, que nunca mais quizeram habitar aquella cidade, nem mesmo n'ella tornar a entrar.

O rei Arouce fugiu com sua filha pela terra dentro (que então era quasi despovoada) e se veio esconder em um castello que edificou, *quasi nas entranhas e coração de umas serras, entre vastissimos e serrados arvoredos;* e lançando fama de que se hia para a Africa a pedir soccorros, afim de recuperar o perdido reino, metteu no castello a princeza, com varias pessoas de sua casa e a parte do que podéra salvar dos seus thesouros, pois julgava que a tinha aqui segura dos ataques dos seus inimigos; tanto pelo castello ser forte e mettido no mais escondido da serra, como por estar *quasi feito ilha*, cercado de uma ribeira muito fresca, a qual tambem, como o castello, tomaram o nome d'este rei.

Para maior segurança dos seuss receios e temores, deixara sim alli sua filha e thesouros, e com elles o coração, mas fez *encantar* o dito castello, com todas as riquezas que n'elle deixou; e que algum dia será encontrado por quem tiver a ventura de poder *desencantar* a princeza e tudo o mais.

É por isto que o povo rude d'estes sitios, em busca de thesouros que estão encantados no castello, o teem em grande parte destruido, com as suas repetidas escavações.

M. L. d'Andrade narra em seguida, pelo decurso de 20 paginas, as tristezas, amores e suspiros da princeza encantada, e o mais que foi succedendo ás pessoas que com ella estavam reclusas no castello.

Falla das grandes esperanças que Sertorio alimentou de vir um dia a haver as grandes riquezas do rei Arunce, casando com a princeza.

Revela a traça que Sertorio emprehendera, para poder ser correspondido; enviando d'Evora, para esse fim, o triumviro Estella, o qual, chegando á serra (da Louzan) que dominava o castello, ahi estabelecera o altar para as festas e sacrificios aos seus deuses, e d'este modo conseguira chamar a attenção de Peralta, communicando-lhe depois os seus intentos e esperanças.

Parece que esta ára ou altar, era no sitio ainda chamado *Altar de Trivim* (corrupção de *Altar do Triumviro*) ponto culminante da serra, a um kilometro acima do nivel do mar.

—

Muito mais havia ainda que dizer sobre antiguidades e lendas d'este famoso castello; mas como são coisas bastante inverosimeis, e como este artigo já vae muito extenso, julgo não dever mais enfadar os leitores.

LOUZAN — (tambem chamada *Côentral)* serra, Douro, comarca e concelho da Louzan. É um dos ramos da Serra da Estrella (o *Herminium Major* dos antigos).

Tem 690 metros de altura sobre o nivel do mar, medindo só o dorso da serra, excluindo os pontos culminantes, ou picos.

Abaixando-se (a serra) desde o ponto do

Malhão, até á *Senhora das Preces* e serra da *Aguieira*, onde torna a subir, d'ahi se abaixa um pouco, mas continúa sempre magestosa até avistar Coimbra, onde formando a a elevação de um kilometro, no Trivim, toma a direcção de NNE, a SSO., com o nome de Serra da Louzan ou Coentral.

A 18 kilometros de distancia, parece terminar em dois picos muito altos, sobranceiros ao *Espinhal;* mas, elevando-se outra vez na serra de *Ancião*, segue até ao mar.

Compõe-se esta formosa serrania, de montes sobre montes, cortados de infinitas gargantas e *valleiros*.

Differentes rios aqui teem a sua origem, e é abundantissima de optimas aguas, que regam e fertilizam extensas veigas e grande numero de campinas.

É povoada de muitas aldeias e casaes, tanto no centro, como nas suas faldas e vertentes.

—

(Vide *Bussaco*, *Alcoba* e *Estrella*.)

LUADAS—aldeia, Douro, na freguezia de Coja, comarca e concelho de Arganil.

Junto a esta aldeia, sitio extremamente montanhoso, existem galerias subterraneas de grande extensão, nas quaes o povo acredita haverem grandes *thesouros encantados*.

Os que se teem atrevido a entrar n'estas escavações, desanimam depois de percorrerem varios metros, que não se sabe até onde ellas vão; mas sabe-se que teem varias ramificações.

Houve aqui provavelmente grande lavra de minas de oiro, prata ou cobre, talvez dos romanos, e depois dos arabes.

LUANCOS—povos, da antiga Lusitania, cuja capital era a cidade de *Merva*. Não se sabe onde esta cidade e seu territorio era situado.

O nome parece nacional. Trata d'estes povos Ptolomeu, na 2.ª Tabua da Europa, cap. VI, quando falla da chancellaria de Braga.

LUBENOS ou **LEUNOS**—eram povos tambem da antiga Lusitania. Segundo Plinio (Liv. IV, cap. 20.º) estanciavam na margem esquerda do rio Minho, proximo da actual villa de Monção. Parece ser nome nacional.

Suppõe-se que a sua capital era a cidade de Benis, que, segundo uns, deu o seu nome ao rio Minho, e, segundo outros (e é mais provavel) ao rio *Coura*.

Benis estava edificada no monte *Medullio* (hoje serra de *Arga*) e no paiz bracharense.

Foi destruida pelos barbaros do norte, no principio do seculo V.

Vide *Benis*, a pag. 387 do 1.º vol.

LUBRÍGA ou **LOBRÍGA**—saia de malha (do latim *lorica*). O mesmo que *loriga*. (Vide esta palavra e *Lóbrigos*.

LUCEFECI—rio, Alemtejo. (Vide *Alandroal*.)

LUCELO—portuguez antigo, pequeno sepulchro, raze e humilde. Vem do latim—*loculus* ou *lucelus*.

Em 1298 D. fr. João Martins, bispo da Guarda, manda por testamento, que o seu corpo—*jasca no lucelo só terra*. (Documento do archivo do bispado da Guarda.)

LUCRECIA (Santa)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um dos conegos da Sé de Braga apresentava o vigario, perpetuo, que tinha 50$000 réis.

Tambem se dá a esta freguezia o nome de *Santa Lucrecia de Algeriz* (Para a etymologia, vide pag. 126, col. 2.ª, do 1.º vol.)

LUCRECIA (Santa)—Vide *Louro*.

LUDO—ribeiro, Algarve, que nasce na Serra do Algarve.

Passa proximo (a E.) da egreja de S. Lourenço d'Almancil (vide *Loulé*), onde tem uma ponte de pedra, cortando ahi a estrada de Faro.

Tem outra ponte, de bella architectura, mandada construir pelo benemerito bispo, D. Francisco Gomes d'Avellar.

Desagúa no Oceano, por entre excellentes veigas, bem cultivadas e ferteis.

LUFREI—freguezia, Douro, comarca e

concelho d'Amarante, 54 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor de Gondár apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Houve aqui um antiquissimo mosteiro de freiras bentas, que foi supprimido no seculo XVI, e as religiosas foram para o convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto.

Era pequeno e pobre.

LUGAR-CHÃO—(hoje *Logar*-chão)—portuguez antigo—logar pequeno, concelho, julgado, couto, ou povo de poucos visinhos.—*Aos lugares chaaons, a que Nós nom escrepvemos.* (Carta de D. João II, sobre a *taxa dos viveres e officios*, de 1487.)

Lugar-chão, se dizia d'aquelle que não era acastellado.

LUIZ (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Odemira, 65 kilometros a O. de Evora, 143 ao S. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Luiz.

Foi do arcebispado de Evora.—Hoje é no bispado e districto de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 12$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

LUMIAR — freguezia, Extremadura, comarca de Lisboa, concelho dos Olivaes, 6 kilometros ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A abbadeça (bernarda) do real mosteiro de Odivellas, apresentava o prior, que tinha 480$000 réis de rendimento.

É uma formosa povoação, 2 kilometros ao NO. do *Campo-Grande*, e muito visitada pela gente de Lisboa, sobre tudo no verão.

É situada em planicie.

Ha de Lisboa para aqui carreira diaria de *omnibus*, e é a 4.ª estação do caminho de ferro Larmanjat.

Ha n'esta freguezia, grandes e luxuosas quintas, sendo as melhores, as dos srs. duques de Palmella, dos srs. marquezes de Olhão e a que foi dos antigos marquezes de Angeja e é hoje do sr. marquez de Angeja, conde Peniche.

Na egreja matriz, está a cabeça de Santa Brisida, virgem, natural de Lisboa, que foi martyrisada pelos barbaros, no 1.º de fevereiro de 518.

Na aldeia de *Telheiras*, d'esta freguezia, está o mosteiro da *Porta do Ceu*, que foi de frades franciscanos (observantes).

Foi fundado pelo principe negro, D. João, senhor de Candia, na ilha de Ceylão, o qual aqui está sepultado, em rico mausoleu.

Tem uma bôa egreja e quatro capellas.

Ha no termo da freguezia, minas de ouro, de optima qualidade.

O clima d'esta freguezia é muito saudavel e ameno, e o seu territorio abundante de boas aguas.

No Lumiar ha tres feiras annuaes, em fevereiro, junho e agosto, todas bastante concorridas.

A egreja matriz foi fundada em 1276, pelo bispo de Lisboa, D. Matheus, cujo padroado pertencia ás freiras de Odivellas, por doação de D. Thereza Martins, que o usufruiu por morte de seu marido D. Affonso Sanches, filho bastardo do rei D. Diniz.

Teve D. Affonso Sanches este padroado, em razão de ser a egreja edificada em terras pertencentes a uma quinta e casa de campo, que seu pae lhe doou, e que fôra fundada por seu avô, D. Affonso III.

Chamava-se a esta residencia, *Paço d'Affonso Sanches*, e, depois que a este infante foram confiscados todos os bens, por ordem de D. Affonso IV, seu irmão, se principiou a chamar *Paço do Lumiar*.

A propriedade deixou de pertencer á corôa, vindo a ser de diversas familias; mas sempre com o titulo de Paço do Lumiar, que se estendeu á povoação que junto d'ella se veiu a edificar.

N'este logar (que tem 90 fogos) ha uma capella dedicada a S. Sebastião.

Fica o Paço do Lumiar, propriamente dito, a O. do Lumiar, em um bonito terreiro,

todo cercado de casas, avultando entre ellas o paço dos srs. viscondes de Paço do Lumiar; excellente e bem decorada habitação, com bellos jardins e uma grande quinta, tudo reconstruido ha 30 e tantos annos, pelo fallecido negociante, Domingos José de Almeida Lima, sogro do actual proprietario.

O paço e quinta de D. Affonso Sanches (que deu o nome á povoação), com outras quintas que se lhe annexaram, constitue actualmente a magnifica e deliciosa quinta dos srs. duques de Palmella.

Sendo esta propriedade, da casa dos marquezes de Angeja, o marquez D. Pedro de Noronha, levantou no seculo XVIII, o palacio que agora existe, no proprio local do antigo.

Este fidalgo, aformoseou a quinta e a engrandeceu com muitas plantações de arvores exoticas, com obras de arte e com um curioso jardim botanico.

Extinguindo-se o ramo primogenito dos marquezes de Angeja, por fallecimento do ultimo marquez (que era tenente general), pelos annos de 1830, venderam os seus herdeiros esta propriedade ao marquez do Fayal 2.º duque de Palmella. Desde então começaram as obras em larga escala, principalmente na quinta, que foi ainda augmentada com varias fazendas, que se compraram a varios individuos, e com um palacio e quinta, que lhe ficavam contiguos, e que haviam pertencido aos marquezes de Olhão, e por estes vendidos ao conde da Póvoa, avô materno da actual sr.ª duqueza de Palmella.

Um vastissimo terreno em sucalcos, assombrado por arvoredo secular, e artisticamente aproveitado, para mais lindo effeito da paizagem, tanques de marmore e lagos a fingir naturaes, espraiando-se a agua sobre a relva sempre viçosa; mil repuchos, sahindo mysteriosamente d'entre macissos de verdura e flores; uma copiosa collecção de plantas raras, já em estufas, já ao ar livre; muitos vasos e estatuas de marmore, ornando jardins, ou coroando formosos terrados; viveiros de aves formosas, oriundas de differentes regiões; ruas de bosque, plantadas no gosto moderno; jardins em terrados, como suspensos, com lindos pontos de vista; por toda a parte uma pomposa vegetação; finalmente bellezas de toda a qualidade se aglomeram aqui, concorendo para formar d'esta encantadora propriedade, uma das mais pittorescas, formosas, magnificas e elegante de todo o reino.

No cimo da collina se ergue um alto e espaçosissimo terrado, cercado de grades de ferro, para o qual se sobe por duas escadas de pedra. No meio do terrado se levanta uma bonita casa, coroada por uma torre com relogio. É este pavilhão, destinado para hospedes, e se denomina *Casa do Monteiro-mór*.

N'esta quinta existe a 1.ª *araucaria excelça*, que veiu para Portugal, e que custou uma avultada quantia (vide *Carriche* e *Nova Cintra*).

—

Aqui ha um asylo da infancia desvalida, ao qual o fallecido visconde de Loures deixou um legado de 16:700$000 réis, nominaes, em *inscripções*.

—

Do Campo Grande até ao Lumiar, corre a estrada entre quintas e casas de campo, alternando-se estas com jardins, pomares e alamedas.

Logo no principio, tem do lado esquerdo o palacio e quinta, que foi dos marquezes de Vallença, e que é hoje do sr. Couceiro; e do lado direito, a casa e quinta do sr. Fidié; ambas construidas no principio do seculo XIX, pelo negociante da praça de Lisboa, Manuel de Souza Freire. Foram reconstruidas e muito melhoradas pelo actual proprietario.

Sobre a mesma estrada (do lado direito) está e palacio e *quinta do Leal*, assim chamada por ter sido fundada, no principio do seculo XIX, pelo dr. Soares Leal (pae do sr. visconde de Santa Quiteria.)

Ainda do lado esquerdo da estrada, e proximo da alameda do Lumiar, ha uma bella quinta, notavel pelos seus jardins, e pelas plantas exoticas que possue. Foi da sr.ª viuva Pedra e é hoje do sr. commendador Mendonça (irmão do sr. visconde da Abrigada.)

Não menciono outras muitas quintas, por

serem menos notaveis e não fazer este artigo ainda mais extenso.

LUMIARES—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago a Santa Cruz.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi até 1855, da comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmado.

—

Philippe IV fez conde da Ilha do Principe (Africa) em 4 de fevereiro de 1640, a Luiz Carneiro de Sousa.

D. José I, em 29 de setembro de 1753, fez conde de Lumiares a Carlos Carneiro de Sousa—ou—para fallar com mais propriedade—mudou a este Carlos Carneiro, o titulo de conde da Ilha do Principe, no de conde de Lumiares.

O actual conde, é o sr. D. José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa, que vive no seu palacio, na rua Occidental do Passeio Publico, em Lisboa.

Suas armas são (as dos Carneiros, porque dos outros appellidos já tratei nos logares competentes) — em campo de púrpura, uma banda asul, com tres flores de liz, de ouro, entre dois carneiros passantes, de prata, armados de ouro. Timbre, um dos carneiros das armas.

—

Lumiares, tem a cathegoria de villa, desde 9 de março de 1515, dia em que o rei D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa.

(*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 95 v.; col. 2.ª

—

Foi esta villa, cabeça de concelho, com camara e justiça propria.

LUMIEIRA—portuguez antigo—pequena fresta por onde entra a luz—séteira.

Nas provincias do norte, dá-se o nome de *Lumieira*, a um archote feito de palha.

LURIA—portuguez antigo—suppõe-se ser o calabre de que usam os pedreiros, para levantarem as pedras de construcção dos edificios.

No foral que D. Affonso Henriques deu á *cidade* de Céa, em 1136, se diz :—*Se o muro cahir, e se houver de levantar, o senhor da terra opromptará o* Mozom, e luria, e marra, e malios, *e duas alavancas ; e nós nostros corpos*, et illo muro sedeat factum.»

Julga-se pois que *mozom* é o guindaste, e luria o calabre.

LUSCAR ou **TREBELHAR**—portuguez antigo—brincar, jogar, divertir-se. Vem de *ludere*—«Se alguns andão *luscando* ou *trebelhando*, e se fere algum em trebelho : penhoram aquel, que fica saão : dizendo, que he *coimeiro*, [1] ainda que seja em trebelho.» (Documento da camara de Lamego, de 1436.)

LUSCO—portuguez antigo—*cégo*.

D'aqui—*lusco fusco*, aos crepusculos da manhan e da tarde.

Lusitania e Portugal—No meio das incertezas e contradicções a que nos vemos reduzidos ao pretendermos conhecer quem foram os primeiros habitantes de Portugal *(aborigenes.)*—compulsando os diversos escriptores, vemos nos obrigados a seguir a opinião do maior numero, ou d'aquelles que, menos visionarios e mais livres de superstições, teem tratado da materia.

Segundo *Faria e Sousa* («*Epit. de las Hist. Portug.*») foi *Tubal*, filho de *Japhet* e neto de *Noé*, com a sua familia, o primeiro povoador de Portugal, no anno do mundo 1840—184 depois do *diluvio*, e 2164 antes do nascimento de Jesus Christo.—(Vide Setubal.) [2]

Outros escriptores dizem que os *aborigenes* vieram da *Colchida*, outros dizem que da *India* e outros, finalmente, que da Italia; todavia, as noticias mais positivas que temos dos mais antigos habitantes da Lusitania, nos convencem que foram *gaulezes*. ou *gallos-celtas* (Francezes.)

[1] Multado—que paga prenda.

[2] Consta que a Tubal succederam, *Ibero*, *Jubalda*, *Brigo*, *Tago* e *Beto*, e que no tempo d'este ultimo é que *Gerião* invadiu a Peninsula.

Talvez que já cá achassem habitantes mas é certo que os mais antigos monumentos hoje existentes, são *celtas*.

No litoral, se foram estabelecendo, uns após outros, *phenicios*, *carthaginezes*, *grêgos*, *romanos* e *normandos*.

A mesma obscuridade reina a respeito da primittiva religião da Lusitania: comtudo, parece que, se *Tubal* veio aqui ter, seguiria com a sua tribu a religião verdadeira (a de Noé.)

Pelos annos de 1794 antes de Christo, o Africano *Gerião* (célebre na mythologia, pela sua lucta com *Alcides*) invadiu a Peninsula Iberica e ahi estabeleceu a idolatria.

É tradição que a *Gerião* succederam os *Geriões* (tres irmãos)—*Hercules Libio*, *Hispalo*, *Hispano*, *Hespero*, *Athalante*, *Italo*, *Sic-Oro*, *Sic-Ano*, *Sic-Celeu*, *Luso e Sic-Ulo*.

Em *Sic-Ulo*, acabaram os reis (ou chefes) naturaes, e os *lusitanos* formaram do seu paiz uma republica, que durou 80 annos. O resto da Peninsula elegeu por seu rei, um chefe africano chamado *Testa*. Foi no tempo d'este que os grêgos invadiram a Peninsula, pela primeira vez, commandados por *Baccho*, filho de *Semele*, no anno do mundo 2632—976 depois do diluvio e 1372 antes de Christo. [1]

Quando d'ahi a 372 annos, isto é, mil antes de Christo, os *phenicios* aportaram á Peninsula, já ella estava povoada; e por povos corajosos (e até ferozes) que lhes deram muito que fazer.

Os povos da Peninsula viviam então divididos em differentes *tribus* ou nações, cujo numero (de nações) variava com frequencia, por causa das continuas guerras que entre si tinham, em resultado das quaes umas vezes se subdividia uma nação, outras, de duas ou mais, se formava uma nova.

As maiores guerras porém que estes povos sustentaram, foi contra os *carthaginezes*, desde o anno do mundo 3412, no principio do seu estabelecimento no litoral; e depois (e muito mais encarniçadas) contra os romanos, desde o anno do mundo 3792.

Roma foi fundada pelo seu primeiro rei (Rómulo) pelos annos do mundo 3250—ou 754 antes de Jesus Christo.

Estes dominadores do mundo, a poder de batalhas sanguinolentas (e por muitas vezes tremendas derrotas) de intrigas e traições, conseguiram, no anno 200 antes de Christo expulsar os *carthaginezes* e subjugar os peninsulares.

Querem muitos escriptores que a *Lusitania* tire o seu nome dos *lusos*, e estes, do seu rei (ou chefe) *Luso*, ou *Lisa*, que habitavam o paiz comprehendido entre o *Tejo* e o *Douro*; mas, parece-me mais provavel que venha das duas palavras celtas—*Lous* (soldado ou guerreiro) e *Tan* (paiz.)—(Vide vestigios celtas na Lusitania.)

Portugal, segundo a opinião mais seguida, tirou o seu nome de *Cale* (hoje *Gaia*) povoação situada na margem esquerda do Douro, a 4 kilometros da sua foz, e do *porto* d'este rio. Dizendo-se *Porto-Cale*. [1]

Querem porém outros que tire a sua denominação dos *grêgos* (ou *graios*) que estabeleceram uma colonia em *Gaia*, a que chamaram *Porto-Gario*.

—

Religião dos Lusitanos

Já se disse que reina grande obscuridade quanto á primitiva religião d'esta parte da Europa. Suppõe-se que *Tubal* seguiu a religião de Noé, e que Gerião aqui introduziu a idolatria; mas nada se sabe de positivo, quanto á sua *theogonia*. Sabemos apenas que *Endovelico* (que alguns querem seja o mesmo que *Cupido*) era a divindade principal dos *Celtas*, e *Teut* ou *Theut* a immediata. Que nos seus *dolmens* lhe sacrificavam differentes animaes, e até victimas humanas; que elevavam *antas* (algumas monstruosas) em sua honra, e que construiam *carns*, onde faziam suas orações. (Vide *vestigios dos Celtas* em Portugal.)

[1] *Baccho* não guerreou os peninsulares, antes os attrahiu ao seu partido por meios brandos e supersticiosos. Deu-lhes para rei, seu filho *Lysias* (que os *lusitanos* acceitaram) e a este succederam *Lycinio Caco*, *Gregoris* (ou *Gergoris*) *Abides*. — E' no tempo d'este ultimo que alguns pretendem que Ulysses viesse á *Lusitania*.

[1] Vide *Terena*.

Os *Celtiberos* erigiram um immenso e sumptuoso templo a *Endovelico*, em Terena (Vide esta palavra.)

Os *Gregos*, os *Carthaginezes* e os *Romanos* tambem nos impingiram a sua religião, erigindo varios templos aos seus deuses (e *deusas.*) Os Carthaginezes erigiram em *Villa-Viçosa* um magestoso templo a *Proserpina* (deusa do inferno.) *Diana* tinha um bellissimo templo em Evora (de que ainda existem as magnificas ruinas) outro em *Vianna do Alemtejo* e outro em *Vianna do Minho.* Em *Evora* querem alguns que houvesse outro templo dedicado a *Venus.* (Outros dizem que é o mesmo que ainda existe, e finalmente outros dizem que este templo era dedicado a *Proserpina*, e não a *Venus* ou *Diana.*)

No *Cabo de S. Vicente*, adorava-se o *Sol*—Em *Setubal*, a *baleia.*—Em *Cintra*, a *Lua* (ou *Cynthia*, d'onde se pretende que deriva a palavra *Cintra.*)—Em *Alcobaça*, *Cupido.*—Perto de *Marialva* (em *Aravor*, hoje *Deveza*) *Jupiter.*—Em *Visella*, *Ceres*, etc.

—

Primeiros habitantes da Lusitania

Se a Lusitania foi habitada por povos aqui estabelecidos antes dos celtas, aquelles, nenhuns vestigios nos deixaram da sua passagem, e nem o nome se lhe sabe, e os modernos historiadores, que suppõem que effectivamente houve uma raça n'estas regiões, antes dos celtas, na impossibilidade de os nomear, chamam-lhe *pre-celtas.*

Os mais antigos monumentos da Lusitania, são celtas, segundo os antigos, e preceltas, segundo os modernos.

O que é incontestavel é que nós herdamos dos celtas muitas palavras que ainda existem, posto que na sua maior parte adulteradas.

(Vide *Vestigios, celtas em Portugal*, no logar competente.

Auctores antigos muito acreditados, pretendem que foram hebreus os primeiros habitadores do nosso paiz, vindo aqui estabelecer-se no reinado de *Nabucodonozor* 1.º

Dizem outros que, depois da guerra de Troia, aqui aportaram gregos, em Lisboa e na foz do Minho; e é por esse tempo que tambem dizem que Ulysses entrou pelo Tejo e edificou ou reedificou Lisboa, dando-lhe o seu nome *(Olyssea.)* Na minha humilde opinião, esta vinda de Ulysses á Lusitania, não passa de uma patranha inventada por antigos sonhadores d'ellas; acreditada por alguns, pela semelhança do antigo nome de Lisboa, com o do manhoso marido de Penelope.

Ainda outros finalmente sustentam que os primeiros habitantes d'este territorio foram *babylonios* ou *Iberos.*

É certo que no litoral da provincia do Minho, viveram em eras remotissimas, os *grovios*, ou *gravios*, e os *amphilocios*, que se diz procederem dos grêgos.

É um êrro quasi geralmente seguido, darem-se como nossos progenitores, os barbaros mas audaciosissimos lusitanos. As successivas invasões na Peninsula Iberica, dos cantabros, celtas, Iberos, gallos, turdulos, phenicios, carthaginezes, romanos (que traziam gente de muitissimas nações) visigodos, suevos, alanos, selingos, gascões, normandos, judeus, arabes, etc., fizeram tal mistura, que nos devemos considerar uma nação inteiramente moderna, na impossibilidade d'achar progenitores.

O que se póde em todo o caso dizer, sem receio de um desmentido, é que não se sabe quaes são os nossos indigenas, ou aborigenes.

—

Quando Portugal deixou o nome antiquissimo de Lusitania, para adoptar o actual.

Ahi pelos annos de 930 a 950 de J. C. se principiou a chamar á velha Lusitania «Portugal» mas davam-se-lhe ambos os nomes: ora um, ora outro.

Principia porem o nome de Portugal a apparecer com mais frequencia no fim do seculo X, onde muitos Lusitanos se declaram já *portuguezes.*

Reinando D. Fernando, cognominado o magno, nos reinos de Leão e Castella, pelos

annos 1040, vivia na provincia do Minho (onde tinha grandes dominios entre o *Ave* e o *Cávado*) o conde *D. Froila*, ou *Froilaz*, no seu solar acastellado de *Vermuim* (e por isso lhe chamavam *D. Froila de Vermuim.*) Este conde, já se não dizia Lusitano, mas sim Portuguez.

O mesmo D. Fernando magno, denominou *officialmente* Portugal, a este reino, quando em 1067 o deu a seu filho D. Garcia, e este desde então se intitulou «rei de Portugal» (1) Assim acabou, nos actos officiaes, o nome de Lusitania, que por quasi tres mil annos se fez celebre na antiguidade e na edade media.

Pode pois dizer-se que a vulgarisação do nome de *Portugal*, data do anno 1000 de J. C.

Já que fallamos no conde *D. Froila de Vermuim*, diremos que seu filho, o conde *D. Rodrigo Forjaz*, foi um guerreiro valorosissimo. Na batalha *d'Agua de Maias* (junto a Coimbra) dada por D. Garcia, rei de Portugal, contra D. Sancho, rei de Leão, em 1070, salvou, pela sua bravura, a vida e a côroa ao seu rei: e estando já mortalmente ferido, aprisionou pessoalmente o rei de Leão, morrendo poucas horas depois.

D'este D. Rodrigo, descende a familia dos *Pereiras;* não só a dos condes da Feira; mas quasi todas as casas reaes da Europa, pelo immortal D. Nuno Alvares Pereira, que era seu neto.

—

Praças de guerra, e o seu estado em 1874 (2)

Alemtejo

Elvas—Quasi pode dizer-se que é a unica praça de guerra que actualmente temos. Suas fortificações consistem em sete *bastiões*, em bom estado. Tem casernas casamatadas. Nas alturas que dominam a praça, se construiram fortes; sendo o melhor o *Forte da Graça*, ou de *Lippe*. É um quadrado de quatro *bastiões*, com outras imponentes obras de defesa. É uma das mais bellas cidadellas da Europa, e com 2:000 homens de guarnição e bôa artilheria e munições, póde sustentar um longo cêrco. Tambem é importantissimo o forte de Santa Luzia. (Vide Elvas.)

Estremoz—Suas vastas fortificações, outr'ora importantissimas, estão desmantelladas. Ainda existe em bom estado a *torre de menagem*, que não é mais do que um monumento das nossas glorias passadas. Sobre as duas collinas que dominam esta bonita e grande villa, existem tambem arruinados, o forte de S. José, ao S.; e Santa Barbara ao E.

Campo-Maior—Foi uma fortaleza importante, com 4 *bastiões inteiros* e 5 *meios-bastiões*. A explosão do paiol, em 1732, arruinou o seu antigo castello, que era fortissimo, e a maior parte da villa. Tinha o *forte de S. João*, que foi demollido, e tem o de *Schomberg*, edificado sobre uma eminencia e ligado á villa por uma estrada coberta.

Castello de Vide—Foi importante, mas hoje está em ruinas.

Moura—Os hespanhoes fizeram saltar as suas fortificações, em 1707, e o seu reparo não chegou a concluir-se.

Serpa—As suas fortificações estão em ruinas.

Mertola—Idem.

Ouguella—Idem.

Villa Viçosa—Idem. Ainda é digno de attenção o seu castello, antiga residencia dos duques de Bragança.

Portalegre—Fortificada ao uso antigo, com muralhas guarnecidas de torres. Uma parte do seu arrabalde é fortificado com obras modernas exteriores e dois pequenos fortes. Portalegre foi sempre indefensavel por causa dos montes que a dominam.

Mourão—Suas fortificações nunca foram importantes, e hoje estão em ruinas.

Évora—Póde considerar-se como uma cidade aberta; porque os fortes de *Santo Antonio*, com 4 bastiões e 4 revelins, e o pequeno forte de Santa Barbara, estão desmantelados.

(1) D. Garcia tinha a sua corte em Coimbra.

(2) Note-se que em 27 de setembro de 1805 foram classificadas as praças de guerra, e havia então em Portugal, entre praças fortes e castellos, 136 fortalezas, todas em estado de defesa.

Os quarteis d'Evora são dos melhores do reino.

Arronches—Suas fortificações eram assaz extensas, mas irregulares e pouco sustentaveis.

Juromenha—Pela sua posição se devia considerar uma das praças de guerra importantes do reino, mas as suas fortificações, que eram optimas, estão arruinadas.

Marvão—Em optima posição, e suas fortificações são susceptiveis de reparo, que as tornem respeitaveis.

Algarve

Lagos—Suas fortificações são irregulares, consistindo em 9 bastiões do lado de terra, e 5 do lado da bahia. O terramoto de 1755 as arruinou muito. O porto é defendido pelo novo forte da *Bandeira* e a entrada da bahia pelo forte do *Penhão* e diversas baterias.

Sagres—Era muito bem fortificada, e pela sua posição, em uma peninsula elevada, se podia tornar uma praça fortissima.

Castro-Marim—Era defendido por um castello bastante forte, com 5 torres. Tem mais um forte no *Cabeço* (ou de S. Sebastião) que a defende pelo O.

Alcoutim—Sobre o Guadiana. Defendida por fortificações acanhadas, em sitio insustentavel pelas alturas que de toda a parte a dominam.

Silves—O seu castello e mais fortificações foram importantissimas nos primeiros seculos da monarchia; mas o total abandono em que depois se deixaram, lhe causou tanto damno, que hoje só uma reedificação completa a poria em estado de defeza.

Albufeira—Suas fortificações, ainda que de pouco ambito, estavam em muito bom estado antes do terramoto de 1755, que as arruinou.

Estremadura

Lisboa—Esta cidade immensa era defendida sufficientemente do lado do mar por muitos fortes, sendo o principal o de *S. Julião*, á entrada da barra. Foi principado no tempo de Philippe II. Tem 3 baterias, umas sobre outras, do lado do mar, e pelo lado da terra tem uma *cortina* flanqueada por 2 bastiões, com fosso e uma estrada coberta. É porém dominada pelo monte *Algoirão*.

O *castello de S. Jorge* é antiquissimo, (vide *Lisboa)* apesar da sua optima posição, não é coisa nenhuma, militarmente fallando.

A torre de *S. Vicente de Belem* é obra de D. Manuel, com os seus 31 metros de altura, é de solidissima construcção e em uma posição muito bem escolhida. Com boa artilheria raiada póde ser uma soffrivel fortaleza: assim, é uma coisa muito bonita—e mais nada.

O forte *da Areia* foi construido por *Mr. Valéré*; não vale nada.

O do *Bugio* está á entrada do rio; precisa de artilheria do systema moderno. A sua posição no meio do amplissimo Tejo é soberba. Está sobre um rochedo. Foram D. Manuel e D. João III que o mandaram fazer. É de fórma circular e coroado por uma bateria de *merlão*.

A *Torre Velha* está em frente da de S. Vicente e do forte da Areia, na outra margem do Tejo (esquerda). É insustentavel ainda que estivesse em bom estado, por causa da eminencia que lhe fica ao sul, e a domina.

Ha mais alguns *fortes*, que, pela sua actual inutilidade não merecem menção.

Está em construcção a fortaleza de *Monsanto*. (Vide *Lisboa—fortificações*.)

Cascaes—É povoação aberta; mas está collocada entre os fortes de *S. Jorge* e *Santa Martha* (este ao E. e aquelle ao O.) que estão em soffrivel estado.

Peniche—A parte oriental da peninsula d'este nome, assim como os dois sitios chamados—*Peniche de Baixo* e *Peniche de Cima* formam um recinto cercado de muralhas.

Ao sul do segundo está a cidadella, que se une por um arco a outras fortificações, construidas sobre um rochedo isolado, situado ao E., e formando uma especie de ilhote.

A extremidade d'esta peninsula, pela sua fórma natural e por sua eminente posição, poder-se-hia tornar uma praça inconquistavel.

Santarem—Pela sua posição, podia e devia ser uma praça formidavel. Suas muralhas e torres estão em completo abandono e desmanteladas.

Beira Baixa

Almeida—Era uma das melhores praças do reino, se não tivesse pelo SO. um terreno elevado que a domina.

A explosão do paiol, pelos francezes (ou pelos traidores) em 27 de agosto de 1810, arruinou muito as fortificações, que depois foram mal reparadas, e mesmo a villa, que ficou em miseravel estado.

Castello-Branco—Circumvallada de uma dupla muralha, e com um bom castello, que domina todos os arredores. Podia ser uma boa praça de armas e a chave da provincia. Está tudo arruinado.

Alfaiates—A sua posição era bôa, se não fosse dominada por uma elevação ao NE. Está tudo descurado e em ruinas.

Guarda—Tem apenas um castello e uma muralha. A sua posição merecia que se cuidasse seriamente das suas fortificações.

Monsanto—Pela sua grande elevação acima de todos os pontos circumferentes, podia d'aqui fazer-se uma importante praça; todavia seu castello e muralhas estão escangalhados.

Celoríco—O seu castello, collocado no cume de uma montanha, assim como as muralhas, estão em total abandono.

Castello-Rodrigo—Está exactamente nas mesmas circumstancias da precedente.

Pena-García, Penamacor, Monforte, Segura, Salvaterra e *Sabugal*—estão em total ruina e abandono, como praças de guerra que foram, e cujo nome nem já merecem.

Abrantes—Depois d'Almeida, é a praça mais bem conservada da provincia; mas mesmo assim não se póde chamar já uma praça de guerra.

Beira-Alta

Não ha povoações fortificadas.

Traz-os-Montes

Chaves—É actualmente a unica praça d'armas da provincia; ainda que poucos dias pode resistir (no estado actual) a um ataque, com a artilheria moderna. A praça é cercada de uma dupla muralha, com obras exteriores: serve-lhe de cidadella o forte de *Nossa Senhora do Rosario* (ou de *S. Francisco.*) Tem mais o *Forte do Outel*, composto de 4 velhos bastiões, que é quasi inutil, por ser dominado por duas collinas, e o *Forte da Magdalena*, que pouca defesa póde tambem offerecer hoje. Todas estas fortificações foram restauradas em 1762; mas já estão a desmantelar-se.

Freixo de Espada á Cinta, Miranda, Outeiro, Bragança, Monforte do Rio Livre, e *Montalegre*—Foram boas praças de guerra, mas estão hoje abertas e com as suas fortificações destruidas.

Minho

Vallença—Esta praça, a unica que tal nome merece na provincia, está sobre a esquerda do rio Minho, em posição elevada, que domina todos os arredores e a cidade gallega de Tuy, que lhe fica fronteira. Suas obras de defesa porem, precisam de grandes reformas, para poderem resistir com vantagem á artilheria moderna.

Monção, Villa Nova de Cerveira (e o forte de Lovelhe, ou Brêa) *Castro-Laboreiro, Caminha, Lindoso* e *Melgaço*—estão abertas e já ha muito tempo que não merecem o titulo de praças de guerra.

Forte da Insua—No centro da barra do rio Minho, formando por isso um ponto divisorio entre a barra portugueza e gallega. Está edificado sobre rochedos pouco elevados, e em bom estado de conservação; mas poucos dias pode resistir a um ataque formal.

Vianna—É hoje uma povoação completamente aberta, e apenas na foz do Lima (margem direita) tem o forte de *S. Thiago*, que defende a barra—isto é—*defende-a*, emquanto ella não fôr atacada por bons navios couraçados, armados com peças raiadas. Nesse caso lá vae o forte.

—

Pelas costas do Minho, e sobre os rochedos do littoral ha varios *fortins*, que não fo-

ram feitos senão para obstar ao contrabando, e que hoje são os quarteis permanentes de morcêgos, ratos, sapos, centopeias, corujas, etc.—Menos porem o *Forte da Lagarteira*, em Gontinhães, que ainda tem uma forte guarnição... de 4 veteranos.

Douro

Forte de S. João da Foz do Douro—Composto de 4 pequenos bastiões, cujos fossos são cavados na rocha. Está desartilhado, mas bem conservado; porem, como os outros, incapaz de resistir aos terriveis systemas modernos de artilheria.

Como no Minho, as suas costas teem alguns fortins, com a mesma applicação dos d'aquella provincia. O mais proximo do rio Douro, é o *Forte do Queijo*, que julgo ainda ter uns 2 ou 3 veteranos.

Aveiro—Está uma cidade aberta e já ha muitos annos não merece o nome de praça d'armas, pela ruina das suas fortificações.

=

As outras povoações que teem torres e castellos, e as do littoral que teem algum forte que defenda as suas barras; mas que nunca foram *praças d'armas*, vão nos logares competentes, nas povoações onde ellas existem.

Tambem quem quizer mais amplas noticias das praças aqui mencionadas, veja no diccionario.

—

Á excepção d'Elvas, Peniche, Valença e (por muito favor) Chaves, pode dizer-se que já não temos nenhuma *praça d'armas*. Mesmo as que ainda merecem tal nome (as 4 referidas) só com grandes alterações se poderiam tornar hoje em estado de resistencia séria.

Tudo o mais está em completo abandono ha muitos annos.

—

Ainda no principio do seculo 18.° tinha Portugal 84 fortalezas e praças de guerra—sendo 21 na Extremadura—18 no Alemtejo—14 no Minho—13 no Algarve—11 em Traz-os-Montes—e 7 na Beira.

«*Sic transeat gloria mundi!*»

Armas de Portugal

Ignora-se quaes eram as armas (brasões) dos lusitanos, e até mesmo se elles as tinham até ao tempo de Sertorio. Dizem porém alguns que os lusitanos usavam de uma bandeira branca, com uma serpe, ou dragão verde; o que não está plenamente provado.

Sertorio adoptou por insignia das bandeiras lusitanas a *aguia romana*. Supponho porém que os seus estandartes eram de côr differente dos romanos, aliás, nas batalhas de uns contra os outros, não se poderiam distinguir os estandartes, o que produziria certamente grandes confusões.

Parece que no tempo dos suevos, as armas da Lusitania eram—as que alguns dão aos antigos lusitanos, a tal serpe, ou dragão verde, em campo branco. O que é certo, é ser ainda a tal serpe (serpente alada) o timbre das armas de Portugal.

O brasão dos reis godos, era: escudo branco, dividido em quatro, por uma cruz encarnada.

Diz-se que as antigas armas do Porto eram: uma cidade branca, em campo azul, sobre um mar d'ondas verdes e douradas; e que estas armas se adoptaram para todo o reino de Portugal, desde o seculo X, até ao conde D. Henrique.

Este, usou primeiramente de um escudo branco, sem divisa alguma; e depois das suas victorias sobre os mouros, fez lavrar n'elle uma cruz azul.

D. Affonso Henriques, usava das armas dos reis godos (uma cruz encarnada sobre escudo branco, e por timbre, a tal serpe verde.) Dizem outros, que a cruz era azul (como a do pae), mas é mais provavel que fosse encarnada.

Depois da victoria d'Ourique, tomou por armas: cinco escudos azues, em cruz, e em cada um d'elles cinco bezantes de prata, sobre um escudo, e por timbre a serpente.

Bons escriptores, porém, sustentam que D. Affonso I e seu filho, D. Sancho I, adoptaram por armas: oito *maças* azues, em cruz (como as dos *Déças* ou *Eças*) em campo d'ouro, e que só D. Affonso II é que principiou a usar das *Quinas*.

D. Affonso III, concluindo a conquista do Algarve, em 1250, addiccionou ás armas de Portugal: sete castellos d'ouro em campo de sangue.

Estes castellos representam os principaes tomados aos arabes, no Algarve, que são: *Estombar*, *Paderne*, *Aljezur*, *Albufeira*, *Cacella*, *Sagres* e *Castro-Marim*.

Á maneira que hia conquistando praças aos mouros, hia augmentando o numero dos castellos em suas armas, chegando estas a ter dezenove.

D. João I, tomou por armas as cinco quinas, orladas de doze castellos e a sahirem do escudo as quatro pontas da cruz d'Aviz.

Todos sabem que D. João I era mestre da Ordem d'Aviz, sendo dispensado dos votos, para casar com D. Philippa, filha do duque d'Alencastre. Sendo feito cavalleiro da *Jarreteira*, em Inglaterra, adoptou por timbre das suas armas, uma serpe (em memoria da que matou S. Jorge). Por descuido dos *reis-d'armas*, D. Duarte e D. Affonso V, continuaram a usar da cruz d'Aviz, incompetentemente, até D. João II.

D. João II, mandou finalmente adoptar as armas como hoje são (em 1485), só com a differença de terem a corôa aberta.

Até D. João III, continuou a ser a *serpe* o timbre das armas de Portugal; mas já se não vê no tempo de D. Sebastião.

—

Desde D. Affonso I, até D. Sebastião, os reis de Portugal, como os de mais, nos actos publicos, tinham a corôa na cabeça.

Desde o *assento* das côrtes, lavrado a 25 de março de 1641, em que D. João IV tomou Nossa Senhora da Conceição por padroeira do reino, nem elle, nem seus successores, por um acto de reverencia e *piedosa abdicação*, tornaram a pôr a corôa na cabeça. Nos actos publicos, têem sempre a corôa ao lado direito, sobre uma almofada, e só tomam o septro.

—

Quando o Brazil foi elevado á cathegoria de *reino* e unido ao de Portugal e Algarves, formando todos tres, um só corpo politico, sob o titulo de «Reino unido de Portugal, Brasil e Algarve», foi determinado pela carta de Lei de 13 de maio de 1816, que o Brasil tivesse por armas, uma esphera armilar de ouro, em campo azul, e que o escudo real portuguez sobre a dita esphera, com a corôa real sobreposta, ficasse sendo as armas do *Reino-Unido*, e das mais partes da monarchia portugueza.

Declarando-se o Brasil independente (1822) determinou o decreto de 20 de março de 1826, que as armas de Portugal tornassem a ser como antes da lei de 16 de dezembro de 1515 (que lhe accrescentava já a esphera) isto é, o que hoje são.

—

Os que desejarem saber isto mais circumstanciada e minuciosamente, vejam os respectivos desenhos, na *Historia Genealogica da Casa Real*.

—

Quarteis actuaes, dos differentes corpos do exercito de Portugal (1874).

Artilheria

1 Lisboa.
2 Elvas.
3 Santarem.

Cavallaria

1 Elvas.
2 Lisboa.
3 Villa Viçosa.
4 Lisboa.
5 Evora.
6 Chaves.
7 Bragança.
8 Castello Branco.

Caçadores

1 Setubal.
2 Lisboa.
3 Bragança.
4 Tavira.
5 Lisboa.
6 Leiria.
7 Valença do Minho.
8 Elvas.

9 Porto.
(Os n.os 10, 11 e 12 estão nas Ilhas).

Infanteria

1 Lisboa.
2 Idem.
3 Vianna do Minho.
4 Elvas.
5 Lisboa
6 Penafiel (actualmente parte em Guimarães).
7 Lisboa.
8 Braga.
9 Lamego.
10 Porto.
11 Abrantes.
12 Guarda.
13 Chaves.
14 Vizeu.
15 Faro.
16 Lisboa.
17 Beja.
18 Porto.

—

O corpo de *Sapadores* e o de *Marinheiros Militares*, têem os seus quarteis em Lisboa.

—

Origem dos appellidos portuguezes

Desde Adão, que os homens principiaram a ter nomes, para se differençarem uns dos outros.

Por muitos seculos que elles se contentaram só com o nome, e para se differençarem os que os tinham eguaes, se dizia: *F.*, *filho de F.*, ao que se chamava *patronimico*.

Os antigos gregos e os romanos, admittindo este uso, lhe deram ainda mais latitude. Muitos latinos tinham quatro nomes: chamava-se ao 1.°, *prenome*; 2.°, *nome*; 3.°, *cognome*; e ao 4.°, *agnome*. Nós hoje chamamos ao 1.°, *nome proprio*; 2.°, *sobrenome*; 3.°, *appellido*; e ao 4.°, *alcunha*.

A mania de ter um nome muito comprido, é muito commum na Asia; mas ainda mais na peninsula hispanica. Além das pessoas reaes, que têem vinte, trinta e mais nomes proprios, ha particulares com seis, oito e mais nomes. Vulgarmente só se dá hoje o nome de *alcunha*, áquelles aquem ella foi posta por irrisão, alludindo a qualquer defeito physico dos *alcunhados*, ou a algum facto desagradavel por elles praticado. Já se vê que esta alcunha lhes é posta contra sua vontade; mas, muitas vezes acontece que os proprios *alcunhados* adoptam as *alcunhas*, que passam a seus herdeiros.

Os lusitanos herdaram dos latinos o uso de muitos nomes, como se póde vêr de differentes inscripções e epitaphios.

Os godos e as outras nações do norte que no IV e V seculo invadiram as Hespanhas, usavam de um só nome; pelo que na Lusitania se foi deixando de usar a pluralidade de nomes, chegando até a extinguir-se.

Com a invasão dos arabes, no seculo VIII, vieram outra vez a usar-se os *nomes patronimicos*, e pouco a pouco, os *appellidos*, *cognomes* e *alcunhas*. Fez-se porém a seguinte variante: O *sobrenome* dos filhos *era* uma *derivação* do dos paes, por ex.: *Gonçalves*, queria dizer, filho de Gonçalo—*Esteves*, filho de Estevam—*Rodrigues*, filho de Rodrigo—*Dias*, filho de Diogo (que então se dizia *Diego*)—*Peres* e *Pires*, filho de Pêro (ou Pedro)—*Soares*, filho de Soeiro—*Juliannes*, filho de Julião—*Lopes*, filho de Lopo ou *Lôbo*[1]. *Nunes*, filho de Nuno—*Marques*, filho de Marco—*Paes*, filho de Payo—*Vasques*, filho de Vasco, etc.

Os arabes tambem usavam sempre do nome patronimico, ou do nome do pae depois do proprio, v. gr.—*Al-Mansor aben-Afan* (Al-Mansor, filho d'Afan)—*Ali ben-Jacoub* (Ali, filho de Jacob). A palavra arabe *ben*, *aben* ou *ibu*, significa *filho*. É por isso que os mouros chamam ao nosso D. Affonso I—*Ibu Errik*, (filho de Henrique).

Em muitas nações da Asia, o uso dos nomes é ás avessas dos

[1] Os *Lôbos* e *Lopos* procedem de Caio Sevio Lobo, pretor romano (que fez o antigo castello da Corunha). Era natural de *Cale*, na Lusitania (vide Maia)

arabes, isto é: se um filho se torna celebre por qualquer circumstancia, é o pae que adopta (ás vezes por ordem superior) o nome do filho, chamando-se, vgr. *Elipae-de-Aroun.*

Os irlandezes, formam os seus nomes patronimicos (ou de familia) com o O—vgr. —*O-Conell*—filho ou da familia de Conell.

Os escocezes os fazem com o *Mac*—vgr. —*Mac-Donald*—filho ou da familia de Donald.

Os inglezes teem o seu *Son*—vgr.—*Robertson*, filho do Roberto.

—

Em Portugal e na Hespanha, vieram os *appellidos* depois dos *patronimicos*. Tomaram-se depois das terras d'onde qualquer era natural, onde vivia, ou onde tinha dominios ou jurisdicções. D'isto procedem os *Guimarães, Bragas, Azevedos, Bastos, Torres, Mouras*, etc. etc.

Os fidalgos tambem costumavam tomar por appellido, o nome da terra onde tinham os seus *solares*, nos quaes quasi sempre construiam uma torre ameada.

É preciso notar que só aos nobres era permittido edificar torres e guarnecel-as com ameias.

De todas as provincias de Portugal, é o Minho que conserva maior numero d'estas torres, ou *solares*.

(*Solar*, deriva-se da palavra latina *solum* (terra, assento.)

Tambem a muitos deram por *appellido* (ou elles o tomaram) o nome de alguma praça em cuja conquista ou tomada se distinguiram, vgr.—*Mesquita, Baharem, Mina, Camara, Baroche*, etc.

Ou do objecto ou arma com que se distinguiram, vgr.—*Machado, Bandeira, Cunha, Lança, Figueira* (Figueirôa e Figueiredo, que vem a ser o mesmo) *Corrasco*, etc. etc.

As *alcunhas antigas*, que são da época dos *appellidos*, derivam-se de alguma qualidade moral ou physica do individuo, vgr.—*Bravo, Valente, Forte, Manso, Branco, Preto, Trigueiro, Calvo, Gago, Delgado, Feio, Velho*, etc.—ou com a similhança (physica ou moral) com algum animal, vgr.—*Camêllo, Cão, Coelho, Lebre, Cordeiro, Corvo, Lampreia, Leitão, Pato, Pegas, Perdigão, Pinto, Gato*, etc.

D. João II, apesar de ser o carrasco de sau primo o duque de Viseu, e de mandar cortar a cabeça a seu primo e cunhado, o duque de Bragança (apesar d'estas *habilidades*, foi denominado—o principe *perfeito*!...) e, finalmente, apesar de ser o rei de Portugal que maior golpe deu nos monstruosos, tyrannicos, disparatados e barbaros *privilegios* dos *nobres*; mesmo assim, teve o maior cuidado porque se conservassem em cada *linhagem*, os appellidos que perpetuavam a nobreza da sua origem: obrigando os filhos a usarem dos appellidos de seus paes (como fez a *Simão*, filho de *João Gonçalves Zarco*, que assignando-se *Simão de Noronha*—appellido de sua mãe—o obrigou, sob pena de perda da herança paterna — a usar do appellido de *Camara*, que tinha dado a seu pae, o infante D. Henrique, por elle ter descoberto a Ilha da Madeira, e n'ella a célebre caverna á beira-mar, cheia de fócas—lobos marinhos—a que deram o nome de *Camara de Lobos*, que ainda tem.

D. Manuel promulgou severas leis, impondo graves penas aos que usassem de armas (brazões) ou appellidos que lhes não pertencessem. Estas leis foram cahindo em desuso e cada um toma os appellidos que quer.

Conventos das diversas ordens religiosas que havia em Portugal em 1834.

Cruzios

(Conegos regrantes de Santo Agostinho)

O seu primeiro convento foi fundado na Sé de Braga por S. Profuturo, arcebispo d'esta cidade e discipulo de Santo Agostinho, pelos annos 490 ou 500.

Com a invasão dos arabes acabou este convento.

A cabeça d'esta Ordem era o convento de Santa Cruz de Coimbra. Havia em Portugal 12 conventos e 7 *presidencias* (que haviam

sido conventos) que entram na conta, porque tambem foram para os chamados *bens nacionaes.*

Loyos

(Conegos seculares de S. João Evangelista)

Era cabeça o convento de Santo Eloy, em Lisboa. Tinha esta Ordem 16 conventos, de frades.

Congregados

(Congregação dos clerigos seculares das missões.

Tinham tres casas. Cabeça em Lisboa.

Nerys

(Congregação dos clerigos seculares do Oratorio de S. Philippe Nery)

Cabeça Lisboa. Tinham 7 conventos de frades no reino e ultramar.

Caetanos ou theali nos

(Congregação dos clerigos regulares da Divina Providencia)

Cabeça o convento dos Caetanos em Lisboa. Tinham 3 conventos de frades em Portugal e um no ultramar.

Camillos

(Congregação dos clerigos regulares de S. Camillo de Lellis)

Cabeça Lisboa. Tinham 6 conventos.

Benedictinos

(Monges de S Bento)

Cabeça Lisboa (onde hoje é o palacio das côrtes.) Tinha 11 conventos de frades e 12 de freiras.

Bernardos

(Monges de Cister)

Era cabeça o magestoso convento de Alcobaça. Tinha 13 conventos de frades e 11 de freiras.

Jeronimos

(Monges de S. Jeronimo)

Era cabeça o convento do *Rastello*, em Belem. Tinha 7 conventos de frades e 2 de freiras.

Brunos, ou Cartuchos

(Monges de S. Bruno)

Cabeça o convento da Cartucha. Tinham 2 conventos de frades e um de freiras.

Os conventos eram em Evora e em Laveiras.

Dominicos

(Ordem dos prégadores)

Cabeça o convento de S. Domingos, em Lisboa. Tinha 20 conventos de frades e 18 de freiras.

Dominicos irlandezes

Tinham 18 conventos de frades e 4 de freiras.

Trinos

(Ordem da Santissima Trindade e Redempção dos captivos)

Cabeça o convento da Trindade, em Lisboa. Tinha 9 conventos e 1 hospicio, de frades — e 2 de freiras.

Carmelitas calçados

(Ordem de Nossa Senhora do Carmo)

Cabeça o convento do Carmo, de Lisboa. Tinha 12 conventos e 1 collegio, de frades — e 4 de freiras.

Carmelitas descalços

A mesma Ordem e a mesma cabeça. Ti-

nha 18 conventos de frades e 9 de freiras.

Ordem de S. João de Deus

Cabeça o convento do mesmo nome, em Lisboa. Tinha 15 conventos, incluindo os hospicios e hospitaes.

Paulistas calçados

(Ordem de S. Paulo, eremita)

Cabeça o convento de S. Paulo de Lisboa. Tinha 14 conventos.

Paulistas descalços

A mesma Ordem e a mesma cabeça. Tinha 3 conventos e 3 hospicios. Cabeça o convento de *Monte-Mór.*

Grillos

(Agostinhos descalços)

Cabeça o convento dos *grillos*, no Beato Antonio (Lisboa). Tinha 16 conventos de frades e um de freiras.

Gracianos

(Eremitas de Santo Agostinho)

Cabeça da Ordem o convento de Nossa Senhora da Graça, em Lisboa. Foi primeiramente fundado no *Monte de S. Gens*, e mudado para a Graça, em 1291. Tinha 21 conventos de frades e 4 de freiras.

Carmelitas descalços allemães

Tinham dois conventos.

Missionarios apostolicos de Brancanes

Tinham dois conventos e um hospicio.

Missionarios apostolicos de Mezão-Frio

Tinham um convento.

Missionarios apostolicos do real seminario de Santo Antonio do Varatojo

Tinham um convento e um hospicio.

Trinas descalças de Miranda do Douro

Tinham dois conventos.

Monges de Santo Antão, abbade

Um convento e dois hospicios.

Franciscanos

Da 1.ª Ordem, da provincia de Portugal, 23 conventos de frades e 24 de freiras.

Da 2.ª Ordem, da provincia do Algarve, 31 conventos de frades e 16 de freiras.

Capuchos da provincia da Arrabida, 15 conventos e 4 hospicios.

Da provincia de 3.ª Ordem, 15 conventos de frades, e dois e um recolhimento de religiosas.

Da provincia da Conceição, 21 conventos.

Da provincia da Piedade, 20 conventos e um hospicio.

Da provincia da Soledade, 19 conventos e 3 hospicios.

Capuchinhos francezes, um convento.

Capuchinhos italianos, um convento.

De S. Francisco de Paula *(mínimos)* um convento e 6 hospicios.

(Só da Ordem de S. Francisco e suas subdivisões não havia, como se vê, nada menos de 204 conventos.)

Sommavam os conventos.....	443
Conventos de freiras de diversas ordens (além dos declarados) e que eram sujeitos ao ordinario.....	83
Somma.....	526

418 de frades, e 108 de freiras, isto sem comprehender os do ultramar.

Além d'isto havia em Coimbra 24 *collegios* de frades de differentes or-

dens, que todos foram vendidos, ou distrahidos do seu primittivo destino (Vide *Coimbra.*)..... 24

Total..... 550

Havia ainda em Portugal 24 collegios de jesuitas, que foram supprimidos em 1759 pelo marquez de Pombal.

—

Em 1834, muita gente de sentimentos vis fez mão baixa sobre um certo numero de conventos, que foram saqueados, escapando bem pouco *(o refugo)* que entrou no thesouro.

(Vide a pag. 335 do 2.º vol. onde faço algumas reflexões sobre este objecto.)

Não póde pois fazer-se um *calculo aproximado* do horror dos milhões a que montou só o roubo das alfaias, ouro, prata, joias e livros dos conventos. (Quanto aos edificios, campos, cêrcas, olivaes, soutos, coutadas, etc., esses foram quasi todos vendidos por uma bagatella, ficando a fazenda nacional sem conventos, e quasi sem dinheiro).

Fallemos nos *bens mobiliarios*, como hoje se diz.

A relação dos objectos preciosos pertencentes aos conventos *supprimidos*, e publicada em 1842 pelo thesouro publico, mostra que foram supprimidas 480 casas religiosas, mosteiros, conventos, hospicios, confrarias, capellas, irmandades, etc. incluindo n'este numero a egreja patriarchal e a sé de Lisboa, porque mesmo d'esta egreja foram tirados muitos objectos de ouro e prata. Em vista da tal relação, o valor total dos objectos amoedados, ou vendidos na *casa da moeda* e nos diversos districtos do continente do reino, até 2 de março de 1842, era de 1:549 marcos, que ainda então existiam *em ser* na *casa da moeda*, e réis 118:106$038.

Todo o mundo sabe que nem a decima parte das riquezas dos conventos chegaram á casa da moeda, e então não exagéro, antes diminúo, e muito, dizendo que só as preciosidades tiradas aos conventos, valiam —o minimo—1.200:000$000 réis.

Já vêem que não inclúo aqui as riquissimas livrarias, das quaes apenas para as bibliothecas publicas foi o *refugo*, porque a maior parte, quasi todos livros de grande valor—que os havia, e muitos—foram roubados, ou vendidos por vil preço.

Um frade, meu amigo, e homem muito curioso e instruido, teve a paciencia de avaliar todos os conventos de frades do continente, que foram vendidos, mas segundo *dados* antigos (pelo que hoje essa avaliiação subiria muitissimo), e, segundo elle, os edificios, cercas, fóros e differentes propriedades montavam á somma de 17.720:000$000 réis (44 milhões e 300:000 cruzados!)

Junte-se a esta quantia a das preciosidades, 1:200:000$000 réis—e ahi temos 188:920 contos, ou 47 milhões e 300:000 cruzados.

Supponhamos que os livros roubados valeriam 500 contos de réis—somma tudo isto em 49 milhões de cruzados!

Quem for de boa fé e se quizer dar ao trabalho de avaliar alguns conventos e suas dependencias, desenganar-se-ha de que o roubo attingiu uma cifra muito mais elevada.

—

Extinguiram as congregações religiosas —que derramaram as luzes e propagaram a sacrosanta religião de Jesus Christo pelas cinco partes do mundo—que sustentavam tantas escólas gratuitas; que alimentavam tantas familias indigentes; que eram pousada commoda e caritativa de viandantes pobres; que pagavam uma cifra avultadissima de decimas; que só, finalmente, espalhavam o saber e as obras de caridade.

Supprimiram os conventos e conservam casas publicas de tavolagem, onde o chefe de familia vae perder o pão da sua desgraçada familia, e *ganhar*, ás vezes, a prostituição de sua esposa e filhas, que a miseria (consequencia inevitavel do jogo) arrasta á perdição.

Fecharam os mosteiros, onde se prégava a moral e a religião, e deixaram abertos e a multiplicar-se por toda a parte esses antros ignobeis, esses lupanares, onde a juventude (e muitas vezes a velhice) vae sepultar a honra, a saude, a vergonha e os

haveres. Finalmente, chamaram ás infelizes que povoam estes hediondos covis *toleradas*,—e aos frades, *egressos*, isto é, expulsos.

—

Pantanos e terrenos encharcados no continente portuguez

Districtos administrativos
Hectares quadrados

Aveiro, 819—Braga, 57—Beja, 72—Bragança, 700—Coimbra, 1:790—Evora, 1:993—Faro, 6349—Guarda, 915—Leiria, 2:791—Lisboa, 25:847—Porto, 6—Portalegre, 41—Santarem, 3:681—Villa Real, 125—Vianna do Castello, 325—Viseu, 2.

No districto administrativo de Castello Branco não consta haver pantanos nem terrenos encharcados.

Os districtos em que ha *arrozaes* são:

Aveiro—997 hectares; sendo 646 em pantanos, e 351 em terrenos não pantanosos.

Beja—107—quasi todos em terrenos enchutos.

Coimbra—953—sendo 92 em pantanos, e o resto em terrenos não pantanosos.

Evora—77—Quasi tudo em terrenos pantanosos.

Faro—104—quasi tudo em terrenos não pantanosos.

Leiria—1:129—sendo só 130 em pantanos.

Lisboa—3:813—sendo 3:415 em terrenos pantanosos.

Portalegre—84—sendo 40 em terrenos pantanosos.

Santarem—523—sendo 242 em pantanos.

—

Terrenos incultos em Portugal

Os areaes incultos e *medões* da nossa costa maritima, contavam 72:000 hectares. (Em 1869.)

A superficie de cumiadas e charnecas principaes do reino, são:

	Hectarès
Algarve	309:000
Alemtejo e a parte da Extremadura, ao S. do Tejo	1.647:000
Beira e parte da Extremadura, ao N. do Tejo	1.348:000
Traz-os-Montes	714:000
Minho	224:000
Somma	4.242:000
Com os areaes da costa	72:000
Total	4.314:000

A superficie do continente portuguez é de 9:962:531 hectares quadrados. Vê-se pois que quasi metade do terreno da nação está inculta e improductiva.

Reputando-se em cinco milhões de hectares os terrenos incultos, e repartindo esta superficie por 3.829:618 habitantes do continente, (segundo os mappas estatisticos de 1864) corresponde a cada individuo—1 hectare, 30 ares e 56 centiares de terreno inculto.

Tira-se d'esta conta outro resultado. É o numero de habitantes que tem cada districto, por kilometro quadrado. Vem a ser:

Districtos administrativos	Habitantes
Porto	164
Braga	114
Vianna do Castello	85
Aveiro	76
Viseu	75
Coimbra	74
Lisboa	59
Villa Real	49
Leiria	46
Guarda	36
Faro	33
Santarem	30
Bragança	26
Castello Branco	23
Portalegre	15
Evora	13
Beja	12

A população, *de facto*, de Portugal e ilhas adjacentes era em 1864 a seguinte:—

4.188:140 habitantes, — sendo homens

2:005:540—mulheres 2:182:870;—sendo homens solteiros 1:274:599—mulheres solteiras 1:345:920—homens casados 642:980—mulheres casadas 646:867—viuvos 87:961 viuvas 190:083—população urbana 678:098 rural e extra-urbana 3.709:712.

—

Edade media—homens, 27 annos, 4 mezes e 20 dias—mulheres, 28 annos, 2 mezes e 5 dias.

—

O que é uma cidade, villa, termo, aldeia, districto administrativo, comarca, concelho, honra, couto, behetria, vintena e reguengo em Portugal

CIDADE

Povoação que gosa esta cathegoria por concessão do rei. Tem certos privilegios, uma municipalidade, e foi, ou é, séde de um arcebispo ou bispo.

É costume dar-se o titulo de cidade a qualquer villa, que além das circumstancias referidas que reune tem tambem a de ser muito populosa; porém em Portugal ha algumas cidades muito inferiores, a todos os respeitos, a muitas villas. D'entre aquellas citaremos Miranda, Pinhel, Thomar e Silves.

Antigamente dava-se o nome de cidade a qualquer territorio que se governava por auctoridades proprias, e pelos seus usos e costumes. (Vide *Cidade*, onde isto vem mais circumstanciado.)

VILLA

Tambem só o rei dá a cathegoria de villa. Em regra tem este titulo as povoações que foram cidades em tempos remotos, que são populações antigas, ou a que o seu desenvolvimento deu uma dimensão maior que uma aldeia, mas inferior ás cidades.

Ha, porém, em Portugal villas que hoje não passam de pobres aldeias (não as declaramos, não só por não offendermos o melindre de seus habitantes; mas, e principalmente, pelo seu grande numero).

Comtudo ha villas que bem merecem o titulo de cidade, por serem a todos os respeitos superiores a muitas como taes classificadas.

Citaremos, entre outras: Estremoz, Villa-Real de Traz-os-Montes, Barcellos, e Ponte do Lima.

ALDEIA

Dá-se este nome (ou o de logar) a uma maior ou menor reunião de casas, mas inferior á das villas. Todavia ha muitas aldeias, maiores, mais ricas e mais bonitas do que bastantes povoações classificadas como villas.

Entre aquellas notaremos: S. João da Madeira, Arrifana da Feira (ou Santa Maria da Arrifana), a Lagarteira (na freguezia de Gontinhães), Corvo, Arcossô, Vidago e Espinho.

TERMO

Cada cidade ou villa, tem um *termo*, que consiste em um numero maior, ou menor, de sitios que a cercam, e nas casas e quintas dispersas no campo das immediações. Faz porém differença de *arrabaldes*, ou *suburbios*, que isto está mais proximo, e fórma um accessorio das grandes povoações.

CONCELHO

É uma reunião maior ou menor de freguezias, governadas por um administrador de concelho e representadas por uma municipalidade.

Se o concelho é tambem *julgado*, tem um tribunal do civel, crime e orphanologico, com um *juiz ordinario*, um sub-delegado do procurador regio, escrivães, officiaes de diligencias, carcereiro, etc.

Até 1820, os concelhos tinham muitos privilegios, e inclusivamente o de nomearem os seus juizes, que eram confirmados pelo rei. Hoje esses juizes, assim como a camara, são de eleição popular, e não precisam de confirmação regia. (vide Julgado.)

DISTRICTO ADMINISTRATIVO

É a reunião de certo numero de conce-

lhos, e cujo magistrado superior se chama *governador civil.*

Todos sabem o que é um districto administrativo, por isso não estou com mais explicações.

COMARCA

É a reunião de certo numero de julgados (sómente para o civel, crime e orphanologico) cujo magistrado superior é um juiz de Direito.

É assistido por um delegado do procurador regio (que é tambem curador geral dos orphãos) e tem contador (que é tambem distribuidor) escrivães, officiaes de diligencias, carcereiro, etc.

HONRA

Era um *senhorio* dado pelo rei, em recompensa de serviços brilhantes, ou actos de coragem. A *honra* se compunha de um numero indeterminado de aldeias e casaes, ou de uma mesma freguezia, ou de diversas.

Tambem ás vezes era uma freguezia inteira elevada á cathegoria d'*honra.*

Os conventos de ambos os sexos tinham tambem muitas d'estas *honras;* mas era mais commum terem coutos.

As *honras* gosavam muitos privilegios, que o marquez de Pombal cerceou e a constituição de 1820 extinguiu (e fez bem).— Ellas são muito antigas em Portugal, pois já existiam no tempo dos godos: el-rei D. Diniz lhe deu uma organisação mais uniforme em 1315. (vide no Diccionario—*Amadigo*—que tambem era uma *honra.*)

COUTO

Originariamente era um asylo onde podiam viver publica e impunemente toda a casta de criminosos. Em regra, a creação dos coutos, era da maneira seguinte:

Fundava-se um convento n'um sitio deserto; e os frades ou freiras, para attrahirem alli população que lhes *emprasasse* as terras, pediam ao rei que lhe *coutasse* os seus terrenos.

O mesmo acontecia com qualquer fidalgo que fazia uma quinta.

Tambem muitas vezes o rei, para povoar uma villa abandonada pelos mouros, a *coutava* e o seu territorio.

O *couto* era uma especie de concelho, governando-se por auctoridades proprias, que julgavam as causas civeis e crimes de pouca importancia.

D. Pedro II, pela carta de lei de 10 de janeiro de 1692, aboliu os *asylos* (couto de homisiados, ou homisios), e os criminosos, desde então, podiam ser presos tanto nos coutos, como em qualquer parte. Deixou porém continuarem a existir as célebres *cartas de seguro;* com as quaes os criminosos podiam passear impunemente pelo reino, com exclusão da terra onde tivessem commettido o crime. Deixou tambem continuar a existir o *privilegio* de se não poderem prender criminosos em algumas das grandes feiras de Portugal, excluindo sómente d'este privilegio, os criminosos que delinquiam nas mesmas feiras.

Todos estes absurdos e repugnantes *privilegios* foram justamente abolidos em 1820; mas a constituição deixou subsistir os *coutos* (mas só como pequenos concelhos) que só foram extinctos em 1834.

Ordinariamente as *honras* eram dadas aos fidalgos, e os *coutos* aos conventos e aos bispos.

BEHETRÍA

As terras que, em premio de qualquer serviço relevante feito á patria, eram pelo rei feitas *behetrías*, tinham o privilegio de, por morte do seu *senhor donatario*, escolher para novo *senhor*, o fidalgo que bem lhes parecesse.

D. Manuel, supprimiu as behetrías, por uma lei que vem nas suas *Ordenações*[1]. (vide esta palavra no Diccionario.)

REGUENGOS

Eram os territorios antigamente conquistados aos mouros, dos quaes os reis reservavam para si a *senhoriagam;* mas que, com

[1] Só havia em Portugal dez povoações, que tivessem o privilegio de behetría, grande n'aquelle tempo.

o andar dos tempos, deram á Casa de Bragança, á do Infantado, á das Rainhas e até a particulares; ou gratuitamente, ou sob a obrigação do pagamento de certa renda á corôa.

VINTENA

Era uma sub-divisão da comarca. Ella tinha o seu juiz (chamado da *vintena*) dependente do *juiz de fóra*, ou do juiz ordinario respectivo. Esta sub divisão era só com respeito ao civel e crime, e tinha muito pequena *alçada*.

As vintenas tambem acabaram em 1834.

—

Situação, limites, extensão, divisão e população de Portugal

Montanhas, planos, rios, lagos, cabos, portos, ilhas, praças, minas, agricultura, industria e commercio, marinha, exercito, etc.

Portugal—Está situado na parte mais occidental da Europa[1]. Confina ao N. com a Galliza, a E. com Leão, Extremadura hespanhola e Andaluzia e ao S. e O. com o Atlantico[2].

Tem de comprido, de N. a S., desde Melgaço até ao Cabo de Santa Maria, 560 kilometros; e de largo, desde Caminha até Miranda do Douro, 240.

A sua superficie, é de 113:400 kilometros quadrados.

Tem aproximadamente 860:000 fogos e 3,500:000 almas.

Montanhas—Portugal é na sua maxima parte, montuoso; sendo quasi todas as suas serras, ramos dos Pyreneus

As mais notaveis, são: *Gerêz*, no Minho; *Marão*, em Traz-os-Montes; *Bussaco*, no Douro; *Caramullo*, na Beira Alta; *Estrella*, na Beira Baixa; *Cintra* e *Arrabida*, na Extremadura; *Ossa*, no Alemtejo; *Caldeirão* e *Monchique*, no Algarve.

Planos—Tem Portugal extensas e deliciosas planicies; taes são as que formam a maior parte da provincia do Alemtejo; os célebres Campos da Gollegan; as Lezirias do Riba-Tejo; os Campos de Coimbra, Aveiro, Angeja, Chaves, Castello Branco, Cêia, Pinhel, Elvas, Villariça, Bésteiros, Lorzan, Castro Marim, Tavira, Almeida, Sabugal Setubal; os arredores de Villa Real de Traz-os-Montes; as encantadoras margens do Lima; a formosissima veiga que se estende pelo litoral, desde Vianna até ao pinhal do Camarido (da Nação), proximo a Caminha; e a deliciosa margem esquerda do Minho, desde o rio Coira, até ao convento de Ganfei, proximo a Vallença, além de innumeros e aprasiveis valles que se vêem, quer nas margens dos rios, quer nas encostas, ou faldas das montanhas; dos quaes se trata no logar competente.

Rios—Principiando do Norte: o *Minho*, que separa a Hespanha de Portugal; o *Lima*, o *Douro*, que separam em parte a Hespanha de Portugal e depois Traz-os-Montes das duas Beiras, o *Vouga*, o *Mondego*, o *Tejo*, que separa, em parte, a Extremadura portugueza do Alemtejo, o *Sado* e o *Guadiana*, que separa, em parte, o Algarve da Andaluzia[1].

Estes são os principaes, e todos desembocam no Atlantico; mas ha ainda uma infinidade de rios de menos importancia, que vão no logar respectivo.

Lagoas—No termo d'*Alcacer do Sal*, ha uma de 3 kilometros de circumferencia; a de *Obidos*, tem 6 kilometros de comprido e 4 de largo; ha 1 em *Mira*; 2 no alto da *Estrella*; a da *Baságueda*, proximo a Penamacor; 5 ao S. de Abrantes, entre os rios Sôr e Tejo; 1 perto da *Lamarosa*; 1 entre Azeitão e a Costa do mar; 3 ao N. de Beja; 1 perto de *Fermentellos*; 1 proximo de *Fróssos*; ao

[1] Entre 36°, 55′ e 42°, 7′ latit. N.; e 1°, 5′ de long. Occ. e 2° de long. Or. de Coimbra; 8°, 40′ e 11°, 45′ Or. da Ilha de ferro.

[2] Tendo por *antipodas*, os habitantes da *Nova Zelanaia*, na Occeania.

[1] Além d'estes, temos mais em Portugal, os seguintes rios navegaveis: *Ave*, *Cávado*, e os differentes *braços* da *ria* d'Aveiro; e mais de 200 rios menores.

todo 18, além de outras muitas, mais pequenas.

Cabos—Os principaes são: *Mondego, Carvoeiro, Roca, Espichel, Santa Maria* e *S. Vicente.*

Portos de mar—Temos ao todo 25; mas os principaes são: *Lisboa, Porto, Setubal, Faro, Figueira, Aveiro, Vianna, Caminha, Villa Nova de Portimão, Albufeira, Olhão, Lagos, Villa Real de Santo Antonio, Castro Marim, Ericeira, S. Martinho* e *Villa do Conde.*

Ilhas—No nosso litoral não ha *ilhas* propriamente ditas, apenas existem bastantes *ilheus;* mas quasi todos insignificantes, e na maior parte deshabitados.

No Algarve ha diversos grupos de *ilhotes.* Em frente de Peniche ha o grupo das *Berlengas* (que são sete), na maior, chamada mesmo *Berlenga grande,* ha um pharol e um forte.

Ilheus fortificados—Além da *Berlenga grande,* temos o *Bogio,* no Tejo, e a *Insua,* na Fóz do Minho, além de outros pequenos *fortins.*

Praças d'armas—Actualmente só *Elvas* merece o nome de *praça d'armas,* comtudo ainda se consideram n'esta cathegoria: Vallença, Peniche, Campo Maior, Juromenha, Almeida, Monsanto, Monsão, Marvão, Abrantes, Castro Marim, Villa Nova da Cerveira, Silves, Beja e Santarem.

De todas estas, a que está em melhor estado é Peniche; Vallença, Monsanto. Marvão e Castro Marim, já precisam de bastantes reparos; as mais estão muito desmanteladas.

Aguas mineraes—Ha innumeraveis em todo o reino, mas as principaes são as do *Gerêz, Monção, Vizella, Taipas, Gallegos* e *Lijó* no Minho; *Villarelho* e *Arégos,* em Tráz-os-Montes; *Luso, S. Jorge* e *Entre Ambos-os-Rios,* no Douro; *S. Pedro do Sul, S. Germil* e *Mollêdo,* na Beira Alta; *Longroiva* e *Maneigas,* na Beira Baixa; *Caldas da Rainha,* na Extremadura e *S. João do Deserto,* perto d'Aljustrel, no Alemtejo.

Estas ultimas, curam a horrivel molestia da *elephancia,* ou *morfeia.*

Além d'estas, ha muitas mais aguas mineraes, despresadas, ou que ainda não foram *analysadas* e das quaes se dá noticia nas respectivas terras.

Perto de Rio Maior, ha uma fonte d'agua salgada, e d'ella se extrahe sal[1].

Minas—Os romanos, e os arabes depois d'elles, extrahiram da Lusitania uma enorme porção de ouro e prata, de que então haviam muitas e abundantissimas minas (ainda em muitas partes se vêem vestigios de grandes obras de mineração, do seu tempo). Hoje poucas e insignificantes minas ha descobertas, de metaes preciosos; abunda porém Portugal em minas de diversos metaes, metaloides, crystal de rocha, bellissimos marmores, amisuto, carvão de pedra, etc.

As minas mais conhecidas, são: de *Agathas,* em Tagano—*Aguas-marinas, Turquezas* e *Amethistas,* em Portalegre, na Estrella e Gêrez—*Alabastro,* na Estrella—*Alumen* e *Sal-cathartico,* na Louzan e em Coimbra—*Amianto,* em Bellas e Murça de Panoyas—*Antimonio,* em Vallongo, Murça, Lamas de Orelhão e Villar-Chão—*Ardosias,* no Marão, Vallongo, Caminha, Rates, Ançan, Abrantes, Extremoz e Paiva—*Plombagina,* em Arouca e Paiva—*Argilla, Arsenico, Enxofre* e *Feldspatho,* em muita parte—*Azeviche,* em Monte Junto e na Batalha—*Mercurio,* no Porto, Aveiro, Galafeira, Coina, Castello Branco, Buarcos, etc.—*Basalto,* nas margens do Douro, Lisboa, Cabo de S. Vicente e Bussaco—*Bismuto* e *nikel,* em Lamego—*Carvão de pedra* (*antracithes, jurassico, fossil,* ou *lignites,* etc.), Vallongo, Castello de Paiva, Leiria, Buarcos (este é o melhor), Bussaco, Porto

[1] Ha em Portugal 81 grupos de nascentes thermaes, a saber: Beira, 26; Extremadura, [illegible] Minho, 13; Alemtejo, 11; Tráz-os-[illegible] pl; Agarve, 3. Sendo: alcalinas gazosas, [illegible]; gazosas, 5; salinas (de diversas bazes), [illegible]; thermaes simples, 5; metallicas ferro copriferas, 2; chlororadas, 3; indeterminadas, 4.

de Móz, Bairrada, Marão, Cascaes, Espite, Ourem, Serra da Abelheira (Algarve), Alhandra e na margem direita do Douro, em S. Thiago, Covêllo e Valle d'Acha, etc., etc.—*Chumbo*, em Vallença do Douro, Ventosello, Estrella, Moncorvo, Murça, Rebordoza, Lamego, Longroiva, Braçal, Cója, Borba, Marvão, Castro Verde, Extremoz, Ourique, Marão, S. Miguel d'Acha, etc.—*Cobalto*, em Lebução—*Cobre*, em Villa-Chan da Montanha, Elvas, Alter, Querença, Portalegre, Grandola, Odemira, Paiva, Ossélla Macieira de Larnes, Nogueira de Cravo, Milheiróz de Poyares, Pindello, Cucujães, Palhal, Terra da Feira; sendo a melhor, até hoje conhecida, a do *Pomarão* (vulgarmente S. Domingos), junto a Mértola—*Crystal de rocha*, na Estrella, Gerêz, Paiva, etc.—*Dendrites* (arvores petrificadas), em Soure e Pédoridó—*Estanho*, em Bragança, Rebordosa, Roriz, Amarante, Lafões, Briosinho da Bemposta, S. João de Lousa, Lanhezes, Belmonte, etc.—*Kaolim* (barro branco de que se faz a porcellana), em Santa Maria do Valle (no logar do Carvalhal, na *Terra da Feira*) Vallongo, Ilhavo, Feira, etc.—*Ferro*, em muitissimas partes, sendo as melhores minas, perto de Leiria, já exploradas pelos romanos—*Gêsso* (sulphato de cal), em Cezimbra e S. Pedro de Muel—*Giz*, em Carcavellos=*Jacinthos*, em Bellas e nas margens do Cávado—*Jaspe*, em Extremoz—*Marmore*, em muitissimos sitios, sendo superior o de Extremoz, Cintra, Porto de Móz e Peró Pinheiro—*Granito*, ha grande abundancia no reino, sendo superlativo o da Gandora de Santo Isidro (ou Isidoro) 2 kilometros ao S. de Caminha[1], na freguezia do Mollelo, e o do monte do *Fáro*, freguezia de *Anha*, comarca, concelho e proximo de Vianna, na esquerda do rio Lima[2] e muito bom o do Porto, Cabeçaes, Escariz, Arouca, (este é mais escuro) etc., etc.—*Iman* (ou *Magnete*) em Cintra — *Molibdeno*, em Murça e Bragança — *Ouro*, nas areias do Douro, Mondego, Zêzere, e outros rios, na Estrella, Gerez, Adiça (junto a Almada) Marvão, Góes, Sarzedas, Rosmaninhal e Foz de Alva—*Pederneira* (*silex*) em Rio Maior, Alcantara etc. — *Pedra de amolar*, em Bellas (fina, para mós de trigo) Montezinho, Baltar, Bem-Viver, Nogueira (no concelho de Oliveira de Azemeis) e Romariz, na Terra da Feira — *Seixo* (*quartzo quartezites* etc.) em toda a parte de Portugal, sendo o mais bello que tenho visto, o da Serra da Carraceira, na comarca de Arouca, que é tão limpido que parece crystal de rocha.—*Pedra calcarea (carbonato de cal)* em muitissimos sitios sendo a melhor em Podence, Coimbra, Ançan (branca e azulada) Bairrada, Figueira da Foz, Marão (preta) e por toda a provincia do Algarve, etc.—*Cal hydraulica*, em Vianna do Alemtejo e Marão.—*Pedra lithographica*, em Ourem, Cascaes e outros sitios.—*Prata*, em Monforte, Bragança, Vallongo, Marvão, Trancoso, Campean e Cossourado (perto de Barcellos).—*Rubins* no Algarve—*Saphiras*, perto de Barcellos[1]—*Talco*, em Arrayolos, Carnaxide, perto do Porto e outras muitas partes—*Turfa* (terra combustivel) na Comporta, perto de Setubal, Paiva, Ancora, etc.—*Trachite* (de linda côr verde) em Cesimbra.

N. B.—As minas de pedras preciosas em Portugal, estão como as de ouro e prata: ha mais de um seculo que não apparece nada! (Ao menos que eu saiba.)

Agricuttura—Portugal é essencialmente agricola, e o seu torrão abençoado é proprio para produzir toda a qualidade de ce-

[1] Julgo que não ha em todo o mundo tão fino e formoso *granito*. Sendo muito mais facil de obrar, do que o marmore, faz-se d'elle a mais delicada obra, e não se faz com o tempo côr de tijolo, como o m[illegible]. O melhor é o dos rochedos á beir[illegible] mar, [illegible] perto da capella do Santo; mas ne[illegible] toda[illegible] dreiras d'aqui são assim, p[illegible]sto q[illegible]as sejam de muito superior qua[illegible]dade.

[2] Tambem em nada inferi[illegible]ão da Gandara de Santo Isidóro.

[1] Vendeu-se uma *saphira*, de Barcellos, em Paris no anno de 1636, por 28 contos de réis! (Oliveira Freire, *Descripção Chorographica de Portugal*, pag. 31.) Acho muito! O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz que appareceu em Villa do Conde esta *saphira*.

reaes, deliciosos fructos e hortaliças, optimo azeite, e muito e bom vinho, sendo o do Alto Douro e o *Moscatel* de Setubal os melhores do mundo. Produz grande e bellissima variedade de flores; muitissimas plantas medicinaes, superiores madeiras para construcção naval e para edificios, etc.

No algarve prosperam facilmente muitas plantas dos Tropicos.

Se os nossos governos cuidassem seriamente d'este manancial de prosperidade publica; se publicassem a ha tantos annos apregoada *lei agraria* (que só para as kalendas gregas, sahirá do tinteiro dos nossos hodiernos estadistas) e ella fosse como devia ser; não veriamos ainda tantos centenares de legoas quadradas, de terrenos incultos e inuteis, e Portugal seria uma das mais prosperas nações do mundo [1].

Industria—A nosso industria tem-se, é verdade, desenvolvido muito n'estes ultimos tempos, e grandes estabelecimentos fabris se têem fundado, que já dão mui satisfatorios resultados, e sustentam muitos milhares de individuos; mas está ainda muito longe do grão de prosperidade a que podia attingir, se leis protectoras (e não vexatorias, como algumas das actuaes), a ajudassem a chegar ao seu perfeito estado de desenvolvimento.

(As fabricas mais notaveis vão nas terras onde estão situadas).

Commercio—Quasi que se limita á exportação de generos agricolas (sobre tudo vinho, fructas e cortiça)[2], e á importação de chá, café, assucar, bacalhau e generos coloniaes que o reino não produz, e de muitos generos que deviamos exportar (em vez de importar), como: pannos de lan, sêda, algodão e linho; manteiga, ferro, aço, pêz, cereaes, oleados, papeis pintados e muita quinquilheria que nada vale, e nos leva annualmente uns poucos de milhões de cruzados!

Exportamos tambem bastante peixe salgado (mas já exportámos muitissimo mais) e muitos moios de sal. De Lisboa exportam-se muitas fructas, legumes e peixe em conserva.

Marinha—A mercante está em um estado bastante florescente e animador, e, em relação ao numero dos nossos portos de mar, póde dizer-se que nada inveja á dos estrangeiros [1].

Quanto á de guerra... É melhor não fallarmos n'isso.

Exercito—É de 24:000 homens (nos mappas) distribuidos por:

8 Regimentos de cavallaria.
3 De artilheria.
9 Batalhões de caçadores.
18 Regimentos de infanteria.
1 Batalhão de sapadores.
1 Corpo de marinheiros militares.
2 Corpos de guarda municipal, um em Lisboa, outro no Porto, compostos de infanteria e cavallaria.

Já se vê que só inclúo os militares *combatentes*.

N. B. Não entram aqui os engenheiros, os empregados dos arsenaes do exercito e marinha, ou das differentes repartições dos ministerios da guerra e marinha, nem os innumeraveis estados maiores, superiores, relativamente, aos de França, Russia e Prussia, e talvez mesmo aos da China.

—

Limites das oito provincias portuguezas

Algarve

A provincia mais meridional do reino (a

[1] A Peninsula Hispanica, está ainda atrazadissima em agricultura; senão é ver a França e a Belgica, cujos terrenos são peores do que os nossos, como se tem desenvolvido n'este seculo. E a Inglaterra? Esta nação, que é grande em tudo (diga-se a verdade), tendo um terreno e um clima tão ingratos, tem obrado maravilhas, e os seus campos e as suas veigas, prados e bosques são um verdadeiro modelo para o lavrador.

[2] O custo da cortiça de sobreiro, quadruplicou desde 70 para hoje. Aqui supplico aos nossos lavradores que desponham soutos de sobreiros. Aproveitam terrenos inuteis e estabelecem um optimo rendimento aos seus filhos.

[1] Portugal tem uns 700 navios mercantes, não incluindo hiates, rascas, falúas e mais navios miudos.

que tambem se dá o nome de *reino*), parte ao N. com o Alemtejo, pela Serra de Monchique e rio Vascão; S. e O., com o Oceano. E. com o Guadianna, que o separa da Andaluzia.

Tem 160 kilometros de comprido e 42 de largo. 140:000 almas.

Alemtejo

Confina ao N. com a Beira Baixa e Extremadura. Ao E. com parte da Extremadura hespanhola e Andaluzia. Ao S. com o Algarve. Ao O. com o Tejo.

Tem 240 kilometros de comprido e 114 de largo. 306:000 almas.

Extremadura

Confina ao N. com a Beira Alta. Ao S. com o Alemtejo. A E. com a Beira Baixa e Alemtejo. Ao O. com o Oceano.

Tem 216 kilometros de comprido e 96 de largo. 701:000 almas.

Beira Baixa

Parte do N. com Traz-os-Montes, S. com o Alemtejo, E. com Hespanha e O. com a Beira Alta e provincia do Douro.

Tem 168 kilometros de comprido e 72 a 120 de largo. 338:000 almas.

Beira Alta

Confina pelo N. com Traz-os-Montes, S. e O. com a provincia do Douro. E. com Beira Baixa.

Tem 96 kilometros de comprido e 72 a 96 de largo. 292:000 almas.

Douro

Confina ao N. com a provincia do Minho, E. com Traz-os-Montes e as duas Beiras, S. com Beira Baixa e Extremadura, O. com o Oceano.

Tem 156 kilometros de comprimento e 84 na maior largura. 860:000 almas.

Traz-os-Montes

A provincia mais septentrional do reino; confina ao N. com a Galliza, E. com o reino de Leão, O. com a provincia do Minho, S. com as duas Beiras, 192 kilometros de comprido e 132 de largo (chama-se *Traz-os-Montes*, em relação ao Minho, por estar além das serras do *Gerêz* e *Marão*). 313:000 almas.

Minho

Confina ao E. com a Galliza (separada pelo rio Minho) e Traz-os-Montes, ao O. com o Oceano, ao N. com o rio Minho e ao S. com a provincia do Douro.

Tem 84 kilometros de comprido e 72 de largo. 471:000 almas.

N. B. Desde o principio da monarchia, até ao meiado do seculo XIII, era Portugal dividido em cinco provincias: Minho, Traz-os-Montes, Beira, Extremadura e Alemtejo. Em 1250 se lhes juntou mais o reino do Algarve, e assim esteve até 1834, em que se lhe deu a actual divisão.

LUSO — freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho da Mealhada, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

O collegio dos eremitas de Santo Agostinho, da cidade de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está situada na vertente O. da Serra do Bussaco, em sitio aprasivel, fertil e muito saudavel.

Ainda ha 40 annos era uma freguezia de pouca importancia; porém, desde que foi *moda* virem os ricos da terra passar os mezes da estiagem para esta, com razão, chamada a *Cintra da Beira*, tem-se aqui augmentado prodigiosamente a população, sobre tudo, desde 1850 em diante; e já aqui se vêem muitas casas bonitas e elegantes, sobresahindo o bello palacio dos srs. condes da Graciosa.

mesmo chamado de S. Gonçalo — outra de S. Roque, ha pouco reformada, onde costumam hir as procissões da freguezia.

Ha outra capella particular, na casa do Cabo, no logar d'este nome, cujo orago é Sant'Anna, mãe da Santissima Virgem.

Houve ainda outra capella publica, dedicada a S. Mamede, no logar d'este nome, que deixou de existir ha muitos annos, e d'ella não ha vestigios.

Ha aqui uma bonita casa para as sessões da junta de parochia, para a qual muito contribuiu o rico negociante do Porto, Monteiro Leão, já fallecido.

Perto da egreja matriz, ha uma carvalheira, que na altura de 1 metro tem 25 palmos de circumferencia, engrossando ainda d'ahi para cima, até ao nascimento dos ramos.

Nasce n'esta freguezia, na serra de *Calvêllo*, um ribeiro, aqui chamado de *Béstares*. Réga e móe. Desagúa no Visella.

Na mesma serra de Calvêllo nasce o ribeiro do *Mezio*, *Amezio* ou *Mezinho*, que vae desaguar no *Sousa*. (Vide *Bitarães*, a pag. 402 do 1.º vol.)

—

Foi abbade d'esta freguezia, e aqui falleceu, a 5 de junho de 1845, fr. Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão, eremita calçado de Santo Agostinho. Era freire conventual e commendador da Ordem de S. Bento de Aviz, licenciado em theologia, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e prelado domestico de Sua Santidade.

Tinha sido governador do bispado de Bragança.

Nasceu em Tavira a 19 de maio de 1767. Jaz na sepultura parochial d'esta egreja.

«Tudo isto (que diz respeito a fr. Joaquim de Santo Agostinho) foi extrahido de uma lapide de marmore, que está embutida na parede da capella-mór, do lado do Evangelho, e que alli foi collocada pelos seus amigos, em veneração ás letras e virtudes em que este digno varão tanto se distinguiu.

—

Houve aqui um mosteiro antiquissimo de frades bentos (dobrado).

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, o mandou reedificar em 1125. É sagrado.

Foi depois reduzido a abbadia secular, e dado a D. Fradique de Menezes, senhor da Ponte da Barca, por ser casado com sua prima, filha de seu tio Fernão Nunes Barreto, morgado de Freiriz. Tinha vindo á casa de Freiriz por casamento, trazido por uma senhora da familia Ferraz, da cidade do Porto.

No alto do monte ha vestigios de fortificações antigas,

LUTO (1)—Tem variado em Portugal as côres e as fazendas destinadas para o luto. O mais antigo de que ha noticia era de burél branco.

Pela ordenação ou lei de 17 de outubro de 1499 se prohibe geralmente o luto, ou *dó*, de burél; mandando-se que nunca mais se podesse usar por qualquer pessoa que fosse: prohibindo tambem ás mulheres, de todas as condições, o trazerem *vaso na cabeça*, (2) debaixo de severas penas, aos transgressoes e aos ministros que não os castigassem.

O mesmo ordena a pragmatica de 24 de maio de 1749, cap. 17.º

No *Codigo Manuelino*, da edição de 1565, já se não falla em *vaso*, e só diz:

«*Ninhua pessoa de qualquer qualidade, e condição que seja, nom traga nem tome por ninhua outra pessoa ninhum vestido de burel, nem* almáffega, (3) *nem* capelo *de ninhum outro dóó preto*, etc.

(1) No portuguez antigo tambem se dizia *loito* e *dó*. *Loito* tambem significava—tristeza, afflicção, pena e compaixão.

(2) *Vaso na cabeça* era uma especie de capuz ou capéllo, que usavam as pessoas que andavam de luto. Suppõe-se que o tal *vaso* tambem era de burel. O *vaso* fazia os que o usavam tão medonhos, que vulgarmente se lhe dava (ao *vaso*) o nome de *carantonha*.

(3) *Almáffega*—burel branco e grosseiro, de que se faziam os vestidos de luto. Terminado o tempo de luto, os testamenteiros costumavam dar aos que tinham usado de *almáfega* um vestido de *valencina*, que era um panno alegre e festivo.— «*Mando n'aquelles que por mim posserem* almáffega, *que lhe-lo*

No reinado de D. João III se principiou a usar a côr preta para o luto, que se foi generalisando, e é o usado actualmente.

LUTUOSA ou **LOITOSA**—portuguez antigo—hoje diz-se *luctuosa*. Tambem se escrevia *luctosa* e *loytosa*.

É certa peça (movel ou semovente) ou pensão que se paga por fallecimento da cabeça do praso.

Antigamente os vassallos do rei não podiam testar das suas armas e cavallos, devendo ficar ao soberano por *luctuosa*; e elle fazia d'ellas mercê ao que entrava a servir em logar do fallecido.

Tambem foi lei antiga e costume pagarem as viuvas *luctuosa* para poderem tornar a casar. (Vide *Ossas.)*

Nas escripturas de emprazamento se estipulava a *luctuosa*, que ordinariamente era tanto como a renda de um anno, ou a melhor peça, movel ou semovente, do casal.

Parece que nos primeiros emprazamentos não era só a cabeça do praso, mas até qualquer pessoa de sua familia, fallecida, que pagava *luctuosa*.

Actualmente este tributo (immoral e escandaloso) é repartido por todos os emphiteutas do praso, em proporção do valor das propriedades; mas, só se paga por morte do cabeça; salvo em alguns, poucos, prasos em que ainda se paga por morte de qualquer dos emphiteutas.

No foral que D. Manuel deu á terra de Paiva, em 1513, fallando das *luctosas*, e declarando os casaes e pessoas que os deviam pagar á corôa, diz:

«*A luctosa seja a milhor joya ou peça movell, que ficar aos Reguengueiros encabeçados*, etc.»

Tambem em algumas terras se dava a *luctuosa* o nome de *sinal*.—*Por colheita d'El-Rei dar cinquo soldos: e luytosa de cada pessoa o milhor sinal.* (Documento de Alpendurada, de 1364.)

Depois tambem se veio a usar o pagarem os herdeiros dos parochos collados, isentos, beneficiados e dignidades que teem algumas egrejas annexas, e por prestimonio, *luctuosa* ao bispo respectivo: sendo só exceptuados os que por contracto ou privilegio se achavam isentos d'esse pagamento.

Esta *luctuosa* consistia sempre em algum traste mais precioso que se achava entre o espolio do fallecido, ou fosse movel ou semovente.

Este uso se introduziu em logar da *quarta canonica episcopal*, que foi substituida pela *luctuosa*.

Em alguns bispados, não se achando aos defunctos coisa de valor, se pagava de *luctuosa* um marco de prata.

Em 1316, o bispo de Viseu, D. Martinho, concedeu ao seu cabido as *luctuosas* de todas as egrejas, assim como levava a sua parte dos dizimos e dos outros direitos que a Sé devia ter nas ditas egrejas. (Documento de Viseu.)

Em 1186, D. João Pires, bispo de Viseu, e o seu cabido, cederam ao mosteiro dos conegos do Templo, d'Aguas-Santas (conegos do Santo Sepulchro) a terça dos dizimos que lhes pertenciam na egreja do Ledaario, de que a rainha D. Thereza (mãe de D. Affonso Henriques) lhes havia feito doação; reservando unicamente para si um *aureo*, que d'esta egreja se lhes devia pagar annualmente pela Paschoa, e tambem a terça dos mortuorios.

Cederam egualmente do jantar ou collecta, e da *luctuosa*.

LUXAMENTO—portuguez antigo—comtaminação, acto de sujar-se, de perverter-se.

LUXAR—portuguez antigo—sujar, etc.

LUZ—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho de Mourão, 60 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 60 de cevada, de rendimento.

LUZ—freguezia, Algarve, comarca e con-

tolham com sete alas (alnas) *de valenciana* (ou *valencina*) *ou de viado.*»—(Testamento de Gonçalo Peixoto, senhor da quinta de Macieira de Sarnes (Terra da Feira) de 1369. —Documento d'Alpendurada).

Não foi só a poesia, frescura e amenidade do sitio, que causou o incremento progressivo da população; foram tambem as suas preconisadas aguas mineraes, tão efficazes para molestias cutaneas, que para aqui teem attrahido a população fluctuante e, por consequencia, a prosperidade e desenvolvimento das habitações.

Deve-se ao acaso (como outras muitas descobertas) o achado d'estas aguas.

Um individuo que padecia de uma molestia herpetica, lavando-se certo dia (em 1775) n'esta agua, sentiu algum alivio, pelo que se continuou a lavar, e mesmo a beber d'ella, e em pouco tempo se achou completamente são.

Morava aqui perto o doutor, medico, José Antonio de Moraes, clinico distincto, que examinando e verificando a qualidade pathologica d'estas aguas, fez aqui construir umas barracas de ramagens, em que principiou a curar varios doentes. Pouco depois fez construir um barracão de madeira.

Em 1838, havia cinco d'estes barracões, que a camara da Mealhada fez substituir por uma casa de alvenaria, de uns 6 metros de comprido e o mesmo de largo; mas excessivamente immunda, e com banheiras sujas, cuja agua passava de umas para as outras, e que nunca se lavavam.

Esta immundicie fazia d'aqui fugir os doentes de mais consideração, apesar de conhecerem a boa qualidade das aguas.

Ainda outra circumstancia repugnante afugentava d'aqui os doentes—cada banheira dava banho simultaneo a 6 e 8 pessoas, em geral, desconhecidas umas das outras; vendo-se entre ellas individuos cobertos de chagas putridas e ascorosas.

Este estado de cousas continuou por muitos annos, até que José Joaquim Lopes de Vasconcellos, governador civil de Coimbra, em 1845, se lembrou de remediar isto. Fez reunir em Luso uma commissão, que encarregou de cuidar do melhoramento dos banhos; porém, aquelle magistrado, sahindo do governo civil, a commissão nada fez.

Em 1849, sendo governador civil do districto, Thomaz de Aquino Martins da Cruz, não só nomeou uma commissão para este urgentissimo melhoramento, mas desenvolveu um zêlo a toda a prova, para o conseguir; porém sendo exonerado do cargo, ainda d'esta vez ficou tudo em planos e bons desejos.

—

Ultimamente o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões (natural da Mealhada) lente de medicina na Universidade, tomou a peito a sorte d'estes banhos.

Este cavalheiro, coadjuvado por alguns amigos, conseguiu organisar uma *sociedade para os melhoramentos dos banhos de Luso*, cujo fundo é de 600 acções de 10$000 réis cada uma, ao juro de 5 % — devendo o estabelecimento reverter para a camara da Mealhada, remidas que sejam as acções.

Os trabalhos preparatorios só se concluiram em 17 de janeiro de 1854; e foi então que se preparou tudo, para dar principio ás obras, o que teve logar em 27 de julho do mesmo anno.

Construiu-se um bello e solido edificio, com 9 quartos, cada um com duas banheiras, forradas de azulejo branco, com torneiras de porcellana, da fabrica da Vista-Alegre.

Tem uma boa caldeira de vapor, construida no estabelecimento de fundição dos srs. Collares, de Lisboa, para os banhos de temperatura artificial, a qual aquece um banho em 3 ou 4 minutos.

Fizeram-se regulamentos—estabeleceu-se uma sala para descanço, leitura e jogo de vasa. Os pobres teem banhos gratuitos—Os que o não são, teem banhos naturaes, a 30 e 60 réis—e os artificiaes a 40 e 80 réis.

As pessoas que querem ter entrada na sala de descanço, dão 1$000 réis por toda a quadra dos banhos, de junho a novembro. Para as senhoras e menores de 12 annos, a entrada é gratis.

Estas aguas nascem na falda da Serra do Bussaco, que olha para O., entre as duas aldeias contiguas, de *Luso de Além* e *Luso da Egreja*, em fórma de pôço, sem mais artificio, e sobre um fundo de areia.

Segundo a analyse feita na exposição internacional de Paris, em 1867, e o relatorio respectivo, estas aguas são crystalinas, sem

gosto nem cheiro dignos de nota. São agradaveis ao paladar, abundantes e muito mineralisadas.

Um kilogramma d'esta agua contem apenas 0gr. 05917 de principios fixos, que são —silica, chloruretos alcalinos, carbonato de cal e de magnezia, e uma pequena quantidade de ferro.

A temperatura é de 25° centigrados.

—

No fim do 1.° volume, foi preciso cortar alguns esclarecimentos que se podiam, sem grande inconveniencia, metter em outras terras, para que o volume levasse folhas certas.

Um dos artigos cortados foi o seguinte, com respeito ao monumento do Bussaco, que dou na palavra Luso, por ser na mesma serra. Peço desculpa aos leitores de uma falta que nos vimos obrigados a commetter por necessidade de paginação.

Descripção do monumento consagrado á memoria da gloriosa victoria do Bussaco

Um pedestal de quatro faces, sobre dois degraus, sustenta uma pyramide quadrangular, monolitho de pedra de seis metros de comprido, assente sobre uma base, e rematado superiormente por uma estrella de crystal.

Pyramide e pedestal são de lioz, das nossas pedreiras de Pero Pinheiro. A estrella, formada de doze faces pentagonas, tem mais de 1 metro de diametro, e fundiu-se na fabrica de vidros da Marinha Grande. Pesa cada raio 10 kilogrammas e meio. O monumento mede 15 metros e meio de alto, e é inferiormente cercado por 8 peças de artilheria, em quadrado, collocadas verticalmente, prezas por cadeias de ferro, e fica no centro de uma vasta platafórma, cortada na serra, d'onde partem duas novas estradas, uma que vae dar á capella, e outra á porta da matta, denominada de Sulla.

Foi mandado erigir pelo ministerio da guerra, depois de muitos trabalhos e supplicas do benemerito portuguez Joaquim da Costa Gascaes, a quem se deve a realisação do monumento.

Nasceu a idéa em 1862, sendo ministro o sr. marquez de Sá, que a adoptou e começára; seguiu-se annos depois o sr. Fontes, dando novo impulso aos trabalhos, que pretendia levar a cabo, quando deixou a pasta da guerra; vieram os srs. fallecido general Magalhães, o qual destinou certa quantia mensal para a continuação do monumento; o sr. Lobo d'Avila, que poz termo á dispendiosa e prejudicial armazenagem das cantarias, fazendo-as conduzir para a serra do Bussaco; o sr. general Rego, a cuja ordem se começára e adiantára a construcção n'aquelle local; e finalmente, por segunda vez, o actual sr. ministro da guerra (Fontes) que não só fez concluir as obras já em adiantamento, mas ordenou se procedesse á reconstrucção e melhoramento da capella, á edificação das casas da guarda, e do fiel; e á da platafórma, que cerca o obelisco e abertura das duas estradas, que lhe dão accesso.

Prolongou-se a obra além do que devia, mas foi necessario reunir diversas vontades mais ou menos determinadas, e em distantes épocas, para a levar ao fim. E attenda-se ainda, que só nomeámos os benemeritos, deixando em silencio os que regeitaram a idéa ou que lhe não deram apoio.

O dia 27 de setembro de 1873, foi de festa nacional, em que na serra do Bussaco se prestou um unanime culto de portuguezes, ás glorias da patria; dia de plena luz, egual para todos; dia de tregua, em todos os arraiaes—dia excepcionalmente memoravel para quantos se presam de verdadeiros portuguezes.

LUSTOSA ou **LOSTOSA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 25 kilometros a NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 261 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A casa dos condes da Barca apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia duas capellas publicas — uma dedicada a S. Gonçalo, no loggar

para os quaes, por meio de bombas, é levada a agua, que tambem é encanada para o fogão, e entra nas caldeiras.

A O. da cosinha, está a casa da copa, a despensa e a bibliotheca, e por este lado termina o edificio no refeitorio que, sendo uma grande casa, dividida por pilastras, que sustentam abobadas, é muito arejada e tem bastante luz.

A L. da cosinha seguem-se symetricamente dispostas as casas em que se acham alojadas a repartição do quartel mestre, a caserna dos famulos, o gabinete de physica, o museu e finalmente a casa d'armas.

Correspondendo á entrada principal, e além do claustro, ha uma outra porta, transposta a qual, se sobe para o pavimento nobre por duas escadas de pedra, que, symetricamente dispostas, dão accesso para os dois lados do edificio. Ainda ha, aos lados da cosinha, mais duas escadas interiores, que dão communicação para o pavimento nobre.

Na frente do edificio estão as salas destinadas a aulas dos primeiros annos lectivos, e no centro da face do S., as dos ultimos annos.

Symetricamente dispostas aos lados d'estas acham-se estabelecidas as quatro companhias do batalhão collegial.

O espaço destinado a cada companhia, consta de uma camarata excellente, já pela sua vastidão e capacidade, já porque tem bastante luz e muito ar, fornecido por ventiladores, etc.

No topo de cada camarata ha como um pavimento superior, onde pernoita o policia que vigia os alumnos. Além d'esta vigia ha outras que rondam as camaratas: de uma casa com lavatorios duplos de ferro e bacias de zinco; de uma sala guarnecida de carteiras, destinadas ao estudo e á residencia dos alumnos, durante o dia, os quaes só entram nas camaratas depois do toque de recolher; de uma arrecadação; de um quarto para o official commandante da companhia, e finalmente de uma casa com bastante ar e luz, onde se acham estabelecidos os compartimentos das sentinas, as quaes têem todas chaminés para onde se estabelece a tiragem do ar.

No centro do edificio e com entrada pelo corredor do claustro, ha uma capella pequena mas elegante, onde se celebra o sacrificio da missa.

Ao nascente e poente do edificio ha espaços de terreno arborisados, nos quaes ha dois abundantes poços, cujas aguas são elevadas por bombas, e aproveitadas para gastos do collegio.

A casa dos banhos, que fica por baixo da cosinha, é aquecida por um tubo de ferro, por onde se faz a tiragem do fogão. N'esta casa ha oito tinas de marmore com encanamento para agua fria e quente, e além d'isso ha uma grande banheira de marmore para banhos de chuva.

Quanto ao regimen interno do estabelecimento, o corpo collegial está, por idades, dividido em quatro companhias, de modo que os alumnos mais antigos nunca tenham occasião de se encontrar com os dos primeiros annos lectivos:

A 1.ª companhia, tem 46 praças.
A 2.ª, 42.
A 3.ª, 46.
A 4.ª, 42.

Total 176 alumnos; d'estes, 21 são exclusivamente mantidos pelo estabelecimento.

As disciplinas professadas nos differentes annos lectivos do curso são:—1.º anno: grammatica portugueza, franceza, arithmetica pratica e calligraphia—2.º anno: lingua franceza, grammatica latina, principios de geographia e noções de chorographia e historia de Portugal e desenho linear—3.º anno: latinidade, grammatica ingleza, noções de geographia, chronologia e historia antiga e moderna e desenho de ornato—4.º anno: lingua ingleza, litteratura, mathematica (arithmetica e geometria plana) e desenho de figura e paizagem—5.º anno: mathematica (algebra e geometria no espaço), principios de chimica e physica, e desenhos de architectura e perspectiva — 6.º anno: mathematica (recordação das materias expostas nos annos anteriores) trigonometria e cosmographia, historia natural, philosophia e desenho topographico.

Póde dizer-se que este estabelecimento tem vida prospera, sendo certo que todos os annos ha sobras que entram no cofre da repartição respectiva, na importancia de dois e tres contos de réis. É com o producto d'estas sobras que se têem feito no edificio os melhoramentos indispensaveis para a sua adapção ás exigencias do estabelecimento, cuja direcção superior está confiada ao sr. general Sá Carneiro, que, no desempenho d'esta commissão tem dado sobejas provas do seu tacto administrativo e eloquente testemunho das apreciaveis qualidades do seu coração, pela maneira affectuosa e verdadeiramente paternal com que elle trata os alumnos, habilitando-os a ver n'elle mais o amigo que os aconselha e dirige, do que o superior que os intimida, e cuja auctoridade elles receiem, e finalmente pelo desvelo com que procura cercal-os de todas as commodidades e confortos compativeis com os recursos de que dispõe o estabelecimento.

LUZÉLLOS — freguezia, Tras-os-Montes, hoje encorporada á de Marzagão (S. João Baptista) na comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêda de Anciães.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Luzéllos era uma freguezia muito antiga, e que existiu até ao principio d'este seculo

Quando era independente tinha por orago Santo Amaro. O reitor de Marzagão apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

LUZÉLLOS—Vide *Colmeal*, a pag. 362 do 2.º vol.

LUZÍA—portuguez antigo—luzida, lustrosa, espelhada, brilhante, etc.

LUZÍA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 90 kilometros a O. de Evora, 120 ao S. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santa Luzia, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

É terra fertil, sobretudo em cereaes.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 160 alqueires de trigo e 90 de cevada, annualmente.

LUZIM—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Fica nas margens do Tamega.

A abbadessa (bernarda) de Arouca, os condes de Redondo e o administrador do morgado de Gonçalo Thomaz Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha 650$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a quinta de *Sá*, que se julga ter sido o solar dos Sás.

—

É povoação muito antiga, e, pelo menos do tempo dos arabes.

Em 903, Adulfo (ou Adaulfo) sacerdote, doou a egreja de S. João de Luzim (então *Lozim*) em Riba-Tâmega, *ao nobre D. Ansur e sua mulher Ejeuva, restauradores insigines, do mosteiro de S. Pedro, de Arouca. Este padre Adulfo, tinha assassinado um homem.*

Os parentes do morto, o prenderam, e foi multado em tão grande sôma (por commutação da pena capital) que não chegava quanto tinha. N'este aperto, o padre prometteu a D. Ansul—que era o juiz—a sua herdade de Lozim, aonde elle havia edificado uma egreja a S. João—se elle (D. Ansul) o livrasse de perder a vida. [1]

D. Ansur, assim o fez, e o padre cumpriu a palavra, dando-lhe a sua egreja e herdade; não só com o que pertencia ao ecclesiastico, mas tambem ao leigal (secular.)

(Documento do cartorio do convento de Arouca.)

LUZINDE—freguezia, Beira Alta, commarca de Mangualde, concelho de Penalvava do Castello, 18 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

[1] Esta egreja havia edificado o padre Adulfo *in casale, quos fuit de Patre meo P. Prudenzo, quos edificavi de verede.* (*Verede*, e, na baixa latinidade, significava pomar.)

celho, e 5 kilometros a O. de Lagos, 24 de Faro, 250 ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 75 de cevada e 1 arroba de figos de cada fogo.

(Já se vê que ha n'esta freguezia grande abundancia de figos.)

Está esta parochia espalhada por casaes e fazendas (a que chamam *montes*).

Comprehende as aldeias de *Espiche* e *Almadêna* (vide *Almadêna*), que ficam na estrada que vae para o Cabo de S. Vicente.

Espiche dista 7 kilometros de Lagos, e Almadéna 8.

A egreja está quasi êrma, e é proxima da fortaleza de Nossa Senhora da Luz, que defendia uma grande extensão de praia.

Tem marinhas de sal.

Ha n'esta freguezia bastante vinho de boa qualidade.

LUZ—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 6 kilometros de Tavira, 70 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de pão terçado, de rendimento.

É esta freguezia atravessada pela estrada de Tavira para Faro.

A egreja matriz é muito antiga e de singular architectura, com abobada e *aranhas* de pedra lavrada, assim como o arco da capella-mór, que até ao meio tinha uma grade de ferro, que foi tirada depois do terramoto de 1755. É de tres naves e as paredes exteriores adornadas de ameias, em forma de pequenas torres.

Apesar de ser quasi toda a freguezia espalhada por casaes, é muito fertil de tudo.

Ha aqui tres lagares de azeite.

A campina, que ainda em 1780 eram mattas, é actualmente bem cultivada.

Aqui teve logar, em 1531, o renhido desafio entre as familias dos *Mellos* e *Peçanhas*. Aqui moravam n'esse tempo mais de 50 fidalgos. Hoje não habita por aqui nenhum.

Ha n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora do Livramento*, que é do morgado dos Mascarenhas, de exquisito gôsto e architectura.

Em 1833, um francez, do exercito liberal, roubou á imagem de Nossa Senhora um braço, e assim esteve muitos annos, só com o outro!

Aqui jaz (na ermida) o padre Henrique Nunes, instituidor do morgado.

—

No sitio do *Pinheiro*, ha uma bôa pedreira de cantaria, e outra na *Quinta do Secretario*.

Ha na freguezia cinco lagares d'azeite, dous n'esta quinta, e os outros tres, nos sítios da *Maragota*, *Bréjo* e *Páteo*.

Corre pela freguezia, o ribeiro perenne, de *Amaro Gonçalves*, que réga e móe. Nasce ao N., cousa de 80 metros, no fundo de um barranco. No sitio do *Poço do Valle*, se lhe vem metter as aguas da chuva, que vem de Santo Estevão.

Foi annexada á de Santo Estevão, em 1838, e já muitos annos, antes d'isso, não tinha parocho, e lhe eram administrados os sacramentos pelo parocho de Santo Estevão. Hoje está outra vez independente.

Na *Quinta da Trindade*, proximo da egreja matriz, tem apparecido differentes antiguidades, que induzem a suppor que fosse por estes sitios a antiga *Balsa*. Tambem aqui foram achadas, uma ára, com uma inscripção grêga; sepulturas com inscripções latinas; alicerces de edificios e outros objectos. (Vide *Tavíra*)

Faz-se uma grande festa a Nossa Senhora da Luz, a 8 de setembro, havendo então uma feira, que dura tres dias.

LUZ—aldeia, Extremadura, na freguezia de S. Lourenço de Carnide, comarca e 6 kilometros a NO. de Lisboa, concelho de Belem, no patriarchado e districto de Lisboa. (vide 2.º vol., pag. 114.)

—

Ha aqui o edificio que foi convento de

Nossa Senhora da Luz. Foi fundado no seculo XVI, no logar em que já existia uma ermida com a mesma invocação. Segundo a lenda, tendo-se livrado milagrosamente do captiveiro, na Africa, um individuo chamado *Pêro Martins*, pelos annos de 1463, regressando á patria, e vivendo em Carnide, d'onde era natural, appareceu-lhe uma imagem de Nossa Senhora, cercada de luz, sobre uma fonte que havia perto do logar de Carnide.

Pêro Martins, reconhecendo n'aquella imagem a mesma Senhora que no carcere o confortára e lhe valera, construiu logo uma ermida junto da fonte, e alli recolheu a imagem, a que deu a invocação de Nossa Senhora da Luz.

Em 1543, deu D. João III esta ermida aos freires de Christo, para alli edificarem um convento. Concorreu para esta obra, a infanta D. Maria, irman d'aquelle soberano, edificando á sua custa, em 1575, toda a capella-mór da egreja, onde jaz, em um mausoleu de marmore.

A invocação da ermida passou ao convento e á povoação, que em volta d'elle se foi edificando.

O terramoto de 1755, arrazou o templo e o mosteiro, menos a capella-mór, que ainda ha poucos annos ostentava a sua magnificencia, em bellas columnas e ricos marmores, dos quaes depois a despojaram.

Junto da egreja, ao S., está a fonte de que se fallou.

Em todo este lado ainda mostra o edificio muitos vestigios da sua antiguidade e grandeza.

O que existe do convento, é obra da reedificação, projecto vasto e magestoso, que não chegou ao andar nobre. Na parte que está feita, funccionou por algum tempo a escóla veterinaria, e depois tem, por vezes, servido de quartel de cavallaria e deposito da mesma arma.

—

Real Collegio Militar da Luz

Perto do convento antecedente está este collegio, que foi fundado pela mesma infanta que mandou fazer a capella-mór do mosteiro, e cujo escudo d'armas avulta na frontaria da capella, que é um templo vasto e bem decorado.

Foi construido para servir de hospital para os pobres, com rendas proprias para a sua sustentação.

No seculo XVIII, ainda se conservava este hospital, que era administrado por dois freires de Christo.

O terramoto de 1755, causou-lhe grandes estragos, que depois foram reparados.

Estabeleceu-se n'elle, em 1814, o real collegio militar, que em 1835 passou para o mosteiro de Rilhafolles, em Lisboa. D'aqui passou o collegio para o edificio de Mafra, d'onde por fim tornou a ser transferido para a Luz.

—

Daremos uma idéa do edificio e maneira intelligente com que foi adaptado ás exigencias de um estabelecimento d'aquella ordem pelo seu illustre director o sr. general Paulino de Sá Carneiro.

Tem voltado ao N., o frontespicio, que é a face principal de um quadrado, no centro do qual, cercado por um claustro, ha um espaço occupado por uma excellente cisterna.

A sua parte mais consideravel tem porém a fórma rectangular com a face principal voltada ao S.

O edificio consta de pavimento ao rez do chão e andar nobre.

Do lado do S., é destinado ao recreio dos alumnos; ha ahi um extenso espaço cercado de muros, ao nivel do qual estão, em pavimento inferior, as casas para banhos, arrecadações e cavallariça.

No pavimento ao rez do chão, na frente do edificio, estão estabelecidas a secretaria, gabinetes e salas destinadas a receber as familias, que vão visitar os alumnos ou o collegio.

Em roda do claustro ha algumas casas destinadas a arrecadações e a officinas de lithographia.

No meio da face voltada ao S., está uma cosinha magnifica, espaçosa e clara, guarnecida de aparadores de madeira e com excellente fogão de ferro.

Ha alli dois bellos depositos de cantitaria,

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de Pindo apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

LUZIO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 50 kilometros a NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Verissimo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Foi primeiramente do real padroado, e, em 1308, D. Diniz trocou por outra com o bispo de Tuy, D. João Fernandes de Sotto-Maior.

Duas partes d'esta freguezia, eram couto, marcado, annexo ao de S. Fins, no que tocava ao civel; e no crime, pertencia a Monção. A freguezia pagava á camara d'esta villa, 29$000 réis de *fumagens*, sem lhe serem sujeitos em mais cousa alguma.

Eram os povos d'esta freguezia isentos de hirem a qualquer guerra, e havendo-a entre Portugal e Galliza, corria por conta dos luzienses, velarem o *Váo da Estaca*, pela parte de baixo de Lapella.

Cada morador d'esta freguezia, pagava de *reconhecimento*, ao mosteiro de S. Fins, annualmente, 4 óvos, 1 cabrito, 3 dias de serviço, e 10 rèis em dinheiro. Os *meios fogos*, metade. (Os meios fogos são aquelles cujo chefe é viuvo ou solteiro.)

Quando o rei viesse a esta povoação, dava a freguezia uma vacca: e se trouxesse filho, mais meia vacca.

Passou depois esta freguezia a ser padroado das freiras franciscanas de Monção, as quaes, passando para o mosteiro da Conceição, de Braga, foi o padroado para os arcebispos de Braga.

—

Fallei em tributo de *fumagem*, e como nem todos saberão o que esta palavra significa, direi.

Fumagem ou *fumadêgo* — era um censo, tributo ou pensão que o direito senhorio recebia de todas as casas dos seus vassallos, ou colonos, em que se accendia fogo.

Em alguns documentos antigos se dá á fumagem o nome de *fogo* ou *fogaça*. Tambem se chamou *direito de cabeça*, ou *cabeção*. No foral de Monção de 1512, se diz: — *Tambem pertence ao concelho o direito da fumagem. Este pagarão todos os moradores do termo d'esta villa, e d'elle são isentos os que n'ella moram, e os do couto velho.*

Nem todos os fogos pagavam este direito, julgo que só as pagaram as casas construidas de novo—depois da lei que o impoz.

FIM DO 4.º VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer naturêza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

68—Praça de D. Pedro—68

1875

A propriedade d'este DICCIONARIO pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

DP
514
P65
1873
v.5

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D Pedro — 67
1875

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

M

M—letra numeral—valeu sempre mil; mas antigamente, com um til por cima valia *dez mil.*

MAAL—portuguez antigo—mal.

MAAHO—portuguez antigo—mão.

MAAO-PARAMENTO—portuguez antigo.—malfeitoria, destruição, damno, etc.

MAÇADA—Vide *Villar de Maçada.*

MAÇADURAS—portuguez antigo—mulcta ou pena que pagavam os que davam pancadas em alguem.

No foral de Bragança de 1514 declara o rei D. Manuel que mais se não devem levar as penas de *maçaduras e sangue*—que antes chamavam *indicias*, e no principio da monarchia, *vózes, coimas* ou *livores.*

Ainda hoje se diz—*maçada*, uma carga de pau, *piza* e *toza.*

Esta pena pagavam antigamente os que matavam, feriam, espancavam, faziam contuzões, *maçavam* ou tambem injuriavam com palavras affrontosas, torpes, indignas, que faziam empallidecer o offendido.

MAÇAINHAS DE BELMONTE—freguezia, Beira Baixa, comarca da Covilhan, concelho de Belmonte, 18 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Santa Maria de Belmonte apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MAÇAINHAS DA GUARDA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 3 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Fumagueira.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O primeiro nome d'esta freguezia foi *Granja de Maçainhas.*

O prior de S. Thiago da Guarda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, pois em 1210, aforou o mosteiro de Salzêdas a seis moradores a sua granja de Maçainhas no termo da Guarda.

MAÇAL DA RIBEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 325 ao E. de Lisboa, 35 fogos. Em 1757 tinha 34 fogos.

Foi antigamente do bispado de Viseu, hoje é do de Pinhel, districto administrativo da Guarda

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

Esteve annexa a esta freguezia a de Nossa Senhora da Graça, de Villares, que hoje está independente.

MAÇAL DO CHÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador d'Oliveira do Hospital apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MAÇAM—portuguez antigo—nome proprio de homem—hoje dizemos *Marçal.*

MAÇANS DE CAMINHO—freguezia, Estremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere, 48 kllometros ao S. de Coimbra, 3 de Villa Nova de Pussos, 6 a O. de Maçans de Caminho, 155 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Foi villa.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Era commenda de Christo, e tinha até 1834 uma companhia de ordenanças.

No sitio de Valle de Sobral, d'esta freguezia, ha minas de ferro, das quaes é proprietario legal, desde agosto de 1873, o sr. Carlos Hynne.

MAÇANS DE DONA MARIA—villa, Estremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S. de Coimbra, 6 a E. de Maçans de Caminho, 165 ao N. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 415 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

O prior do convento de Grijó, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis. Primeiro foi apresentação alternativa do pontifice e do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Era a freguezia commenda do conde de Villa Flor, que pagava ao vigario, ao cura e á fabrica.

A villa pertenceu até 1641 á casa dos marquezes de Villa Real, e depois passou para a casa do infantado.

Era concelho muito antigo, com camara e justiças proprias e todos os officios publicos eram dados pelos infantes.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de novembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Estremadura,* fl. 159, col. 2.ª)

Está situada a villa no cume da serra de Santa Helena, passando-lhe pelo E. o rio *Algé.*

É terra muito fertil e povoação muito antiga.

No sitio da Cova das Barrancas, d'esta freguezia, ha minas de ferro, das quaes é proprietario legal, desde janeiro de 1873, o sr. Carlos Hynne.

MAÇANS—rio, Traz-os-Montes. Nasce em Hespanha. Serve, por algumas leguas, de raia entre Portugal e Castella.

Entra na esquerda do Sabôr, quasi defronte das *Talhas.*

MAÇÃO—villa, Extremadura, comarca e 24 kilometros a E. de Abrantes, cabeça do concelho do seu nome, 140 kilometros ao O. da Guarda, 6 do Tejo e 150 ao SE. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O concelho de Mação é composto de 4 freguezias, que são—Belvêr, Carvoeiro, Envendos e Mação.

Para a sua etymologia, vide *Maçam.*

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Até 1834, tinha capitão-mór, com duas companhias de ordenanças.

Tem fabricas de baêtas, de boa qualidade.

Os marquezes de Fontes eram alcaidesmôres d'esta villa.

Está situada proximo do rio Nabão.

No logar do Outeiro, d'este concelho, se descobriu, em janeiro de 1873, uma mina de ouro. Ha tambem aqui minas de ferro, manisfestadas.

É terra muito fertil em cereaes, azeite, bons vinhos e fructas. Nos seus montes ha muita caça.

—

Desde tempos immemoriaes se fabrica

n'esta freguezia uma especialidade de fazenda de lan, a que aqui chamam *lanzinha*.

São estes estofos tintos alguns com anil; mas, a maior parte, ficam com a côr natural da lan, prêta.

Até 1860, fazia-se aqui todo o serviço de cardar, fiar e tecer, á mão.

Desde então tem levado d'aqui as lans para as fabricas de Portalegre, Castanheira, Castello Branco e até alguns as levavam para Castello Novo e Covilhan, a 20 e mais leguas de distancia, soffrendo com isso, não só os incommodos e despezas de jornada, fretes, esperas nas fabricas, como demora no aviamento das lans (ás vezes 6, 7 e 8 mezes.)

Em 1868 veio aqui um engenheiro de machinas para, por meio de uma companhia, fundar em Mação uma fabrica de cardar e fiar lan; mas todos recearam mau resultado da empreza, e retrahindo-se os capitaes, não se levou a effeito a construcção de tão necessario estabelecimento.

Tendo para aqui sido despachado juiz ordinario o sr. dr. Joaquim Lourenço Vidal, no fim de 1871, observou o movimento industrial, e auxiliado por outros esclarecimentos, concluiu que era urgentissimo e da maior utilidade para esta povoação, um estabelecimento de cardar e fiar, e que não deixaria tambem de ser vantajoso para quem o emprehendesse.

A sua boa vontade venceu todas as difficuldades e pôz em movimento a sua nova fabrica, em outubro de 1873.

Esta fabrica carda e fia a lan para as taes fazendas chamadas *lanzinhas*, por conta dos fabricantes, e tambem por conta propria.

O agente propulsor da fabrica, empregado, tanto de verão como de inverno, é exclusivamente o vapor.

Emprega já umas 20 pessoas; mas, se tambem se empregar em tecer (como desejam os proprietarios) deve empregar de 60 a 70.

Está o edificio fundado nos suburbios da villa, junto á fonte publica da povoação, chamada a *Fonte do Forno*, e distando da extremidade da villa apenas uns 150 metros, se tanto.

Com a construcção d'esta fabrica se tem desenvolvido muito o fabrico das lans; porque até agora só pessoas abastadas podiam tecer as lans, por terem dinheiro para as mandarem fiar em grandes porções a terras distantes, ao passo que hoje qualquer industrial menos favorecido da fortuna, póde estabelecer um tear, visto que na fabrica lhe cardam e fiam qualquer peso de lan por diminuto que seja.

Antes da fundação d'esta fabrica, sahiam d'aqui annualmente umas duas mil arrobas de lan, para fiar; hoje já o movimento é muito maior.

O sr. Vidal fez pois um grande serviço á villa de Mação, honra lhe seja.

A firma social d'esta empreza é Joaquim Lourenço Vidal & C.ª

—

Agradeço ao sr. dr. Vidal os esclarecimentos que me deu, e que me habilitaram a poder fallar d'esta industria.

—

Ainda está em construcção uma outra fabrica para o mesmo fim, do sr. Francisco de Pina Carvalho Freire, que tambem foi principiada em 1873.

—

Mação é a patria do insigne latinista e theologo, Antonio Pereira de Figueiredo, que nasceu em 1725 e falleceu em 1797.

Foi homem muito erudito e de profundo saber. A maior parte das suas obras, são escriptas em latim.

As dissenções entre a curia romana e o governo portuguez, lhe deram occasião de advogar a causa da patria, na célebre *Tentativa Theologica*, publicada em 1769.

D. José I, em recompensa, o nomeou interprete-mór, cujo cargo exerceu emquanto vivo. Além d'isso, era da real mesa censoria e membro da Academia Real das Sciencias, na classe de litteratura.

As suas obras formam um longo catalogo, e entre ellas avulta a traducção da *Biblia*, em portuguez, com notas—*Lusitania Sacra* — *Elementos de Historia Ecclesiastica* — *Exercicios da lingua latina e portugueza* — *Novo methodo de grammatica latina*, que tem tido mais de 20 edições — *Doctrina Veteris*

Ecclesiae de suprema regum potestate, que foi traduzida em francez e outras linguas.

Tambem se lhe attribue a celebre *Deducção Chronologica*, ou relatorio contra os jesuitas; mas esta obra é do dr. José de Seabra e Silva e do marquez do Pombal.

MACARIO (S.) — alta e ingreme montanha, Douro, na terra de Lafões, comarca de Vousella.

É um ramo da Gralheira. Cria muita caça grossa e miuda, e n'ella nascem varios ribeiros e regatos.

MAÇARELLOS ou **MASSARELLOS** e tambem **BOA VIAGEM**—freguezia, Douro, comarca e bairro occidental da cidade do Porto, a cujo bispado e districto tambem pertence, e d'onde dista (contando do centro da cidade) 2 kilometros a O. e 310 ao N. de Lisboa. 500 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa Viagem.

O prior da collegiada de Cedofeita, da mesma cidade, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Com o grande desenvolvimento que a população do Porto tem tido para o E., N. e O., a freguezia de Massaréllos póde e deve hoje considerar-se como a continuação da cidade do Porto.

—

Esta freguezia e a de Cedofeita (da cidade do Porto) foram dadas por D. Affonso I, em 20 de junho de 1186, ao D. prior e conegos da collegiada de Cedofeita, que ficaram sendo senhores donatarios das duas freguezias, das quaes recebiam grandes fóros, rendas, dominios, luctuosas, etc. (Os dominios eram quasi todos de 5, 1 — ou 20 por cento do valor da propriedade!)

Os donatarios pagavam o *quinto* á corôa, que nas duas freguezias andava por 33$000 réis.

Estas doações foram confirmadas depois por outros reis portuguezes.

A doação comprehendia *todas as herdades das ditas freguezias, contiguas e visinhas dos coutos da Sé do Porto.*

—

A freguezia de Massarellos está formosamente situada, parte no monte do seu nome, e parte na margem direita do Douro, onde tem uma boa estrada á mac-adam, e um *caminho americano*, construido em 1873, para S. João da Foz, e Leça.

—

É n'esta freguezia a antiga alfandega, por isso chamada de Maçaréllos, que ainda serve de deposito de todas as mercadorias que não cabem na alfandega principal. O edificio é propriedade particular que a alfandega traz de renda.

Toda a margem do Douro pertencente a esta freguezia é orlada de casas, sendo algumas d'ellas de boa apparencia.

Ha aqui um terreiro sobre a margem do rio, occupado com uma alameda, formada por arvores seculares, e proximo d'ella a bonita residencia do sr. barão de Maçaréllos, tendo na frente a optima fabrica de fundição de ferro do mesmo nome, que é de uma companhia.

Onde hoje se vê a alamêda, existiam no seculo XIII as salinas de Maçaréllos, celebres pelas grandes demandas a que deram causa — primeiramente entre a corôa e os conegos de Cedofeita — e depois entre estes e os bispos do Porto.

Achando-se o rei D. Diniz em Braga, confirmou, por alvará de 7 de julho de 1280, ao *abbade da collegiada de Cedofeita, do Porto, o privilegio do seu couto, sobre não se embargar pelos officiaes del-rei, tirar-se sal das marinhas de Massarellos.* (Documento do archivo da collegiada.)

Os bispos do Porto, allegando serem senhores da cidade, contestaram este alvará e deram causa a encarniçados litigios.

—

Estando D. Affonso V em Evora, fez conde de Massarellos a João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto, por carta de 29 de dezembro de 1469.

—

Sobre o monte de Maçarellos, no sitio onde existiu a celebre *torre da marca* (que servia para dar os signaes aos navios que demandavam a barra) está hoje o sumptuoso *palacio do crystal* com o seu theatro de Gil Vicente, o seu circo e os seus vastos e formosos jardins; estando no recinto d'el-

les a capella onde foi sepultado e esteve algum tempo o cadaver de Carlos Alberto, rei do Piemonte. (Vide *Porto.)*

—

É tambem n'esta freguezia a acreditada fundição de ferro, do *Ouro*, sobre a margem do rio, e hoje propriedade do illustrado industrial o sr. Luiz Ferreira de Sousa Cruz.

—

No territorio d'esta freguezia ha formosas casas de campo e boas quintas.

—

Aqui nasceu, em 30 de março de 1745, o dr. Antonio Ribeiro dos Santos. Era filho de Manuel Ribeiro de Sousa Guimarães, coronel de Mineiros, e de D. Josepha Maria de Jesus.

Chamado por seu avô ao Brasil, ahi fez os seus primeiros estudos, sob a direcção dos jesuitas no seminario da Lapa, da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1764 regressou á patria, e se matriculou na Universidade de Coimbra.

Formou-se em direito canonico e foi graduado em 1771—lente substituto, e depois cathedratico da mesma faculdade—regendo as cadeiras de direito natural e primeira synthetica das decretaes, até ser jubilado em 1795.

Foi o 1.º bibliothecario da Universidade depois da reforma do marquez do Pombal, em 1777—commissario geral dos estudos, na repartição da côrte e provincia da Estremadura—censor regio—deputado da junta da revisão e censura do novo codigo, em 1788—desembargador aggravista da casa da supplicação de Lisboa—deputado do Santo Officio—da mesa da consciencia e ordens—da junta da bulla da santa cruzada—deputado da junta e estado da serenissima casa e estado de Bragança, e chronista da mesma casa—deputado da junta creada em 1802, para a organisação do codigo penal militar—conego doutoral, apresentado em concurso, e confirmado successivamente, nas Sés de Viseu, Faro e metropolitana de Evora—1.º bibliothecario-mór da bibliotheca publica de Lisboa, a cuja fundação e organisação presidiu, em 1796, servindo n'este emprego até que foi aposentado em 1816—cavalleiro professo da Ordem de Christo, e freire na de S. Thiago da Espada—do conselho de S. A. R. o principe regente (depois D. João VI)—socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa, desde a sua fundação, em 1779—socio estrangeiro da academia celtica de Paris, em 1804, etc.

Morreu em Lisboa, a 16 de janeiro de 1818, cheio de honras e cargos: mas privado da vista (que perdêra alguns annos antes) na sua casa da rua do Sacramento, n.º 23, freguezia de Nossa Senhora da Lapa, em cuja egreja parochial foi sepultado, no respectivo carneiro.

MACAROME—freguezia, Minho, hoje annexa á de Santa Eulalia de Cabanellas, na comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros ao N. de Braga, e 365 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Cabanellas apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, no principio do seculo XIX.

MACÊDA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 4 kilometros ao S. da Feira, 24 ao S. do Porto, 6 ao N. d'Ovar, 285 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O commendador das Ordens de Malta, de Villa-Mean, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Situada em planicie, sobre a estrada a mac-adam, que da Feira vem á estação do caminho de ferro em Ovar.

MACEDINHO—Vide a palavra seguinte.

MACEDO DO MATTO—freguezia, Tras os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Dão a esta freguezia vulgarmente o nome de *Macedinho do Matto.*

MACEDO DO PESO—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

MACEDO DOS CAVALLEÍROS — villa, Tras-os-Montes, cabeça da comarca e concelho do seu nome, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Tem estação telegraphica.

O concelho de Macedo dos Cavalleiros é composto das 35 freguezias seguintes: — Ala, Amendoeira, Arêas, Bagueixe, Bornes, Burga, Carrapatas, Castellãos, Chacim, Cortiços, Corujas, Edroso, Espadanêdo, Ferreira, Grijó, Lagoa, Lama-Longa, Lamas de Podence, Lombo, Macêdo dos Cavalleiros, Moraes, Murçós, Olmos, Perêdo, Podence e Romeu, Salcellas, Sezulfe, Talhas, Talhinhas, Valle-Bem-Feito, Valle da Porca, Valle de Prados, Villar do Monte, Villarinho d'Agrochão e Vinhas.

Todas estas freguezias são do bispado de Bragança, menos Lombo e Perêdo, que são no arcebispado de Braga.

A comarca Macedo dos Cavalleiros é composta só do seu julgado, que tem 4:000 fogos.

Esta comarca e concelho são os antigos de Chacim, que mudaram para Macêdo sua séde em 1855.

—

Macêdo é um appellido nobre em Portugal, vindo de Hespanha. Trouxe-o D. Alvaro Gil de Macedo, que se julga deu o seu appellido por nome a esta villa, de que foi senhor donatario e onde teve solar.

Esta familia está hoje muito ramificada no reino.

Tem brazão d'armas completo—é—em campo azul, cinco estrellas de oiro, de 6 pontas, em aspa—elmo d'aço aberto—timbre, um braço vestido de azul, com uma maça de oiro, cravejada de pontas de ferro, e em acção de querer descarregar a pancada.

Outros do mesmo appellido usam— em campo azul, leão de ouro, cercado de 8 vieiras, da sua côr.

—

Tambem foi em Macêdo dos Cavalleiros o solar e morgado dos Teixeiras de Macedo (Para o que respeita a origem d'estes Teixeiras e suas armas, vide *Teixeira*, do bispado de Bragança.)

—

Como no reinado de D. Manuel ainda esta povoação não tinha o fôro de villa, ou, pelo menos, não era cabeça de concelho, não se lhe deu foral, mas sim a Chacim, sem data (por esquecimento do escrivão).

Está o foral no *Livro dos Foraes Novos de Tras-os-Montes*, fl. 18, col. 2.ª

É pois este foral o de Macêdo.

MAÇAROCA—*(milho de maçaroca)*—portuguez antigo—milho grosso ou milhão. Julga-se geralmente que o milho grosso não foi conhecido em Portugal senão depois do descobrimento de Guiné, por Diogo da Azambuja, em 1482. Os portuguezes o trouxeram para o reino, e diz se que foi aqui cultivado pela 1.ª vez nos campos de Coimbra, d'onde se propagou por todo o reino. (Vide *Milhom.)*

MACEIRA — pequeno rio, Extremadura, atravessa, e rega o Valle do Vimieiro, de Alcobaça. Morre no Alcôa.

MACEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 35 kilometros de Viseu, 295 ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião, martyr.

O reitor de Santa Maria de Algodres apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

MACEIRA—freguezia, Estremadura, concelho, comarca, e 9 kilometros de Leiria, 600 fogos.

Em 1757 tinha 429 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Os herdeiros de José Galvão de Lacerda, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 160$000 réis.

Antigamente dava-se á padroeira o titulo de *Nossa Senhora da Maceira.*

Foi esta freguezia creada em 1517 pelo infante D. Affonso, filho do rei D. Manuel, administrador ou commendatario do convento de Santa Cruz, a requerimento dos moradores de Maceira e dos logares visinhos, desmembrando-os da freguezia de Santo Estevão, impondo-lhes sómente a obrigação de hirem todos os annos á sua antiga matriz no dia do padroeiro. Esta obrigação cessou com a extincção da freguezia de Santo Estevão.

Os freguezes são obrigados á fabrica da egreja *in totum*, aos ornamentos e á paga do cura.

No sitio da actual egreja existia uma antiga capella dedicada a Nossa Senhora da Maceira, que ficou sendo, por muitos annos, a padroeira da nova freguezia.

Esta capella foi reedificada e ampliada pelo licenciado, Sebastião da Fonseca, do desembargo d'el-rei, que possuia varias terras junto da capella.

Por esta reedificação pretendeu Fonseca o direito da apresentação da egreja, ao que se oppuzeram os beneficiados de Santo Estevão e Nossa Senhora da Pena.

O dito infante D. Affonso os harmonisou, assentando-se que o licenciado e seus herdeiros, que possuissem a fazenda junto da egreja, apresentassem o cura, e que elle e os mais freguezes dariam ao parocho, annualmente, 100 alqueires de trigo, e uma pipa de vinho, de 25 almudes—e em anno de esterilidade, 500 réis por elles; tudo andava por 160$000 réis.

O infante determinou que nem o dito licenciado, nem seus herdeiros se intitulassem padroeiros d'esta egreja, em tempo algum; porque o primeiro fundamento d'ella foi do prior-mór de Santa Cruz.

Fonseca tinha mandado esculpir as suas armas na capella mór, mas foram mandadas picar, em visitação, no anno de 1542. Esta determinação não teve effeito, e as armas ficaram.

Este licenciado não só fez muitas obras á sua custa, na egreja, mas tambem lhe fez algumas doações; e os seus descendentes continuaram a apresentação, contra vontade dos freguezes, que queriam ter esse direito.

—

Tem a egreja o altar-mór e dois lateraes, e é toda forrada de bôrdo.

Tem as armas do rei D. Manuel.

Na abobada da capella-mór, estão as armas de Sebastão da Fonseca.

—

Defronte da porta da egreja, do lado do Evangelho, está uma capella de abobada, de pedraria lavrada, com sacrario, e no meio uma grande cruz de pedra, tendo em baixo Nossa Senhora da Piedade (antigamente do *Pranto*) com Jesus Christo morto nos braços, e de cada lado os dois ladrões. Tambem se vêem aqui as Tres Marias, os quatro Evangelistas e duas figuras de pontifices, com as insignias da Paixão do Salvador. Em cima está o Padre Eterno.

Todas as figuras são de pedra e em vulto.

N'esta capella estão as armas dos Fonsecas.

Foi instituida esta capella por Francisco da Fonseca, fidalgo da casa real, e por sua mulher, Joonna Monteira, moradores no logar dos Brunhos, termo de Monte-Mór-o-Velho.

Fizeram ambos testamento de *mão commum*, em 1563, no qual ordenaram que o sobrevivente fizesse a capella dentro de um anno, com missa quotidiana e quatro cantadas nos dias dos Fieis de Deus, Ascenção,

Espirito Santo e Nossa Senhora da Conceição.

A primeira invocação d'esta capella foi a de Nossa Senhora do Pranto, mas hoje se denomina da Cruz.

No mesmo testamento se determinava que no sacrario d'este altar estivesse o Santissimo Sacramento, deixando para o azeite da alampada (que estaria sempre accesa) a renda de um cerrado.

Tambem deixaram obrigada ao pagamento da esmola das missas, fabricas e ornamentos a sua quinta de Candêllo na freguezia de Cepões, no termo e a 12 kilometros de Viseu. Esta quinta é disima a Deus.

Deixaram ainda outros legados pios.

Falleceu primeiro Francisco da Fonseca, e sua viuva casou em segundas nupcias, com Vasco Botelho, filho de Belchior Botetho, da villa de Soure.

Ambos os instituidores d'esta capella foram n'ella sepultados, segundo o mandado no testamento.

—

Por cima da egreja parochial, no alto de um monte, está a ermida de Santo Amaro, construida em 1576, e dotada por pessoa particular, sendo bispo d'esta diocese, D. Gaspar do Casal.

No logar do *Porto do Carro*, está a ermida de Nossa Senhora da Conceição, feita em 1548, por pessoa particular, que a dotou com rendas para a sua conservação.

Era então bispo, D. Braz de Barros.

No logar de *Melvôa* ha a capella de Santa Maria Magdalena.

No logar dos *Cavallinhos*, está a capella de S. Mamede.

Na aldeia de *Barbas*, está a capella de S. Thiago, apostolo.

Na aldeia da *Moita*, está a capella de S. Silvestre, papa.

Entre as *Sob-Costas*, a de S. José.

Todas estas capellas foram mandadas fazer em visitação, para administração dos Sacramentos, pelo que os moradores dos logares onde elles estão, são obrigados á sua fabrica.

Por baixo das casas do parocho, na concavidade que faz a altura d'ellas ao sitio do adro, está um oratorio dedicado a Nossa Senhora da Guia, que fez um devoto, e n'elle a imagem de Nossa Senhora — que antigamente estava em uma lapa que havia no mesmo sitio.

Em 1654 se deu licença para n'este oratorio se poder dizer missa, a instancias de João Francisco de Maceira, que foi o fundador do oratorio e o dotou.

Este oratorio, quando estava na lapa, se denominava, de *Nossa Senhora do Barro* ou da *Barroquinha*.

É imagem de muita devoção, principalmente dos povos da Pedreira.

Junto do oratorio está uma fonte em que se lavam os romeiros, para remedio de varias enfermidades.

MACEIRA—quinta na freguezia de Santo Adrião, comarca e concelho de Barcellos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta quinta é o solar dos *Maceiras*, *Macieis* e *Maçoulas*.

O primeiro que se acha com o appellido de Maceira, é D. Lourenço Gomes de Maceira, ou da Maceira — valoroso militar, no tempo de D. Affonso III.

As armas d'estes appellidos são — escudo dividido em pala, na 1.ª, de prata, duas flores de liz, azues, em pala—e na 2.ª, tambem de prata, meia aguia de púrpura, armada de negro—elmo d'aço aberto—timbre, uma flor de liz, de ouro, entre dois ramos de maceira verde, com maçans de prata.

MACEIRADÃO—villa, Beira Alta, na freguezia de *Fornos de Maceiradão*, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros a NE. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

(Vide pag. 219 do 3.º vol.)

A povoação de Maceiradão (ou *Maceira-Dão*, antigamente *Maceira do Dão*) é mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia no tempo dos arabes, e talvez mesmo no dos godos. O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, a fizeram couto, em 1109.

Houve aqui um famoso convento, que primeiro foi de monges benedictinos e depois

de bernardos, tambem antiquissimo; e tanto que ha duvidas sobre a sua fundação.

Diz Viterbo, que D. Affonso I e sua mulher, a rainha D. Mafalda, deram em 1154, ao mestre Soeiro Theodoniz, professor de medicina, cinco casaes em Travanca, junto a Viseu «em recompensa da cura que havia feito, por ordem real, a Rodrigo Exemeniz.» —Que este Soeiro se veio a fazer monge, e fundou um pequeno mosteiro, na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e que o rei lhe coutou em 1161, e se ficou chamando—*Couto de Santa Maria de Moimenta de Zurára.*

Que os monges, ou por acharem pequeno o mosteiro, ou por outra qualquer razão, hoje ignorada, fundaram um novo mosteiro em Maceiradão, para onde se mudaram, em 1173, coutando-lhe o rei, n'esse mesmo anno, o mosteiro, e dando-lhes o couto de Maceiradão.

Esta doação está assignada pelo rei, por seu filho D. Sancho (depois 1.º) e por sua filha, a *rainha* D. Thereza.

Era então abbade do mosteiro, o seu fundador, o mestre D. Soeiro Theodoniz.

No cartorio do mosteiro, havia porém um documento muito antigo (escripto em latim barbaro), que dizia (traducção)—*Havia em Leiria, em 1106, um alcaide mouro, chamado Al-Barach, esforçadissimo cavalleiro, que n'esse anno foi feito prisioneiro pelo conde D. Henrique, perto de Coimbra (onde então estava o conde), em uma correría que ahi fôra fazer o mouro.*

O conde o tratou muito bem, e o levou para Guimarães, onde se converteu ao christianismo e se fez frade, e foi o fundador do mosteiro de Maceiradão.

Ainda outros, fazem este mosteiro mais antigo.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanctuario Marianno* (pag. 15 do 5.º vol.), diz que os frades fundaram o Sanctuario de Nossa Senhora do Monte, no anno 900, ou antes. (Vide adiante.)

Quando o abbade *João Cirita*, introduziu a reforma de S. Bernardo, ou de Cister, na ordem de S. Bento, foi ella adoptada pelos monges de Maceiradão.

Este mosteiro chegou a ser muito rico, com varias doações dos reis e particulares, e directo senhor de varias terras.

(Vide a pag. 193 do 3.º vol., o que digo do foral que o abbade Peyson, deu á freguezia de Figueiredo de Céa.)

—

Junto a este mosteiro, está o Sanctuario de *Nossa Senhora do Monte*, fundado na maior eminencia de um cabeço, que se avista de grandes distancias. D'aqui lhe provem as duas invocações da Santissima Virgem que se venera n'este Sanctuario, pois uns lhe chamam *Nossa Senhora do Monte*, e outros, *Nossa Senhora da Cabeça.*

Dizem outros, que a ultima invocação, não é por estar a capella na *cabeça* de um monte; mas porque a Senhora é advogada contra as dores da cabeça.

Não se sabe ao certo a data da fundação d'esta capella, e do que ha certeza, é da sua antiguidade.

O *Sanctuario Marianno*, no logar já citado, suppõe ser obra dos monges Bentos d'este mosteiro, pelos annos 900, ou antes; mas é mais provavel que os frades só reedificassem a capella depois do anno 1173.

É certo que os religiosos de Maceiradão tinham por costume antiquissimo, hirem em todos os sabbados do anno, cantar uma missa á capella de Nossa Senhora do Monte, a que elles chamavam *Santa Maria do Monte.*

Diz o mesmo auctor que é possivel que o primittivo mosteiro fosse no sitio onde hoje está a capella, e se veiu a mudar mais para baixo (para o sitio actual) por terem os monges mais por onde poderem alargar a sua cêrca.

A festa da Senhora, se fazia (e não sei se ainda se faz) no dia de Santa Cruz, a 3 de maio, e era muito concorrida de romeiros de todas as freguezias circumvisinhas.

Além d'isso, muitos devotos hiam visitar a Senhora pelo decurso do anno.

A capella actual não é a primittiva, é reedificação moderna e de graciosa architectura.

Fica ao E. de Villa Garcia.

MACHÊDE—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, bispado e districto administra-

tivo de Evora, d'onde dista 18 kilometros e 125 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel Archanjo.

A mitra apresentava o cura, que tinha 448 alqueires de trigo e 129 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Diz-se que *Machêde* é palavra arabe, e significa *terra do Senhor*. (Vide a freguezia seguinte.)

MACHÊDE—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros de Evora e 125 a SE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 158 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 260 alqueires de trigo e 120 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Esta freguezia e a antecedente já existiam no tempo dos godos, pois foi erigida (esta) em parochia, no anno de 672.

Ambas formavam uma só freguezia, e pelos annos de 1200 se desmembrou a de S. Miguel, formando parochia independente.

É n'esta freguezia a capella de S. Bento, de grande devoção do povo, que acredita que este Santo tem preseverado a terra de pestes, e que é a causa de não morderem as muitas viboras que por aqui ha.

Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

MACHIAL—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres-Vedras, 45 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago Santa Suzana.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O parocho é prior collado. Era da apresentação, *in solidum*, dos administradores dos tres morgados, dos herdeiros de Ignacio Freire de Andrade, Nicolau Rodrigues Ribeiro e Nicolau Pereira de Castro, da villa da Arruda.

Tinha 400$000 réis de rendimento annual.

O nome d'esta freguezia é corrupção de *Ameixial*.

MACHIO—freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho da Pampilhosa, 215 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

MACIEIRA—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe, 35 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O vigario de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento. (Vide Caria.)

MACIEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Miguel de Chorente, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Dá-se a esta freguezia o nome de *Macieira de Rates*.

MACIEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O vigario de Santa Christina de Nogueira, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MACIEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 121 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do convento dos Loyos, do Por-

to, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

É terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Ave.

MACIEIRA DA LIXA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 35 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 153 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes do mosteiro de Caramôs, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

MACIEIRA DE ALCOBA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 60 kilometros ao N. de Coimbra, 260 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O prior das Talhadas apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MACIEIRA DE CAMBRA—villa, Douro, comarca, e 8 kilometros ao ENE. de Oliveira de Azemeis, 40 a ENE. de Aveiro, 40 ao S. do Porto, 75 ao N. de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

É cabeça do concelho do seu nome, vulgarmente chamado concelho de Cambra.

Comprehende as 8 freguezias seguintes: —Arões, Castellões, Cepéllos, Codal, Junqueira, Macieira, Rôge, e Villa Chan e sua annexa, Villa-Cova-do-Porrinho.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha um conto de réis.

Esta villa, que é pequena e nada tem de notavel senão a sua antiguidade e a sua bella situação, está quasi no centro do formosissimo e feracissimo *Valle de Cambra*, um dos mais poeticos da provincia.

O rio Caima, que placido e crystalino atravessa serpenteando por entre este valle, é n'elle cortado por varias pontes de pedra, quasi todas construidas n'este seculo. (Para evitar repetições, vide *Caima*, a pag. 34 do 2.º vol.)

—

Posto ser povoação muito antiga, não me consta que tivesse foral velho; pelo menos, Franklim não o menciona; comtudo, na *reforma* do foral novo, se allude ao maço 5 dos foraes antigos, n.º 8 — o que induz a crer que esta villa teve foral dado por algum dos nossos primeiros reis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, em 10 de fevereiro de 1514.

(*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 205 v. col. 2.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes: —Aljeriz, Arêias, Armental, Arões, Cabril, Cabrum, Campo de Ançan, Canião, Chão do Carvalho, Codal, Coelhosa, Castellões, Ervedosa, Lourozélla, Merlães, Paraduça, e Refógios.

Ha ainda outro exemplar, expedido na reforma de D. Manuel I, na mesma data, no maço 5 de *Foraes Antigos*, n.º 8.

—

Era d'esta freguezia, D. Constança Affonso, irman de D. Gomes Gil de Soverosa, a qual, por seus amores com D. Rodrigo Sanches, filho bastardo de D. Sancho I e da celebre D. Maria Paes Ribeira (vide *Lourinhan*), foi a causa de que seu amante fosse morto em duello contra o dito D. Martinho, em 2 de julho de 1245. (Vide *Grijó*, a pag. 324 do 3.º vol.)

—

Ha no concelho de Cambra algumas casas nobres, que vão sob o nome das terras onde são situadas.

—

Sobre a etymologia da palavra *Cambra*, ha diversas opiniões, mais ou menos plausiveis.

A que merece mais conceito, é—que esta palavra é corrupção de *Coimbra*, que foi o primeiro nome da povoação, e de um ribeiro que nasce n'este concelho, e aqui mesmo se junta ao Caima, ou d'este mesmo rio.

É certo que em alguns papeis dos seculos XI, XII e XIII, se vê esta freguezia designada com o nome de *Santa Maria de Coimbra;* todavia, eu (salvo meliore judicio) in-

clino-me a que seja corrupção de *camara*.

Todos sabem que *camara*, na lingua portugueza, tem varias significações; mas, no caso sujeito, vem a ser *cambra* corrupção da *camara* que passo a explicar.

Em todos os bispados que se erigiram em Portugal, antes do seculo XVI, havia certos territorios que se denominavam *Camara do Bispo*, o que significava que estas terras e suas egrejas eram da mitra, e os seus dominios e direitos a ella pertenciam.

Nos documentos dos mosteiros e cathedraes se acha com frequencia—*camara do abbade*, *camara do prior*, *camara do bispo*, etc., n'esta accepção.

No bispado de Lamego eram camara dos bispos—Trovões, Parada do Bispo, Velloso, Villa da Ponte, etc.

Em um documento do mosteiro d'Alpendurada, de 1447, se dá o nome de *casaes da camara*, ás terras foreiras ao mosteiro e onde elle tinha o direito de apresentação.

A freguezia de Macieira de Cambra, foi antigamente do bispado de Merida, e passou para o de Coimbra, assim que este foi creado (vide Grijó e Feira) e foi dada aos bispos de Coimbra; pelo que se denominava *camara do bispo de Coimbra*. É facil de suppor que, por abreviatura, se diria *camara de Coimbra*, e d'aqui talvez, o nome de *Coimbra* que alguns lhe attribuem.

Os bispos de Coimbra deram esta freguezia em troca aos condes da Feira, em cuja casa se conservou, até passar para a do Infantado, a que ainda pertence.

—

Não me parece fóra de proposito dizer aqui as diversas accepções que no portuguez antigo tinha a palavra *camara*; eram, além da já referida: Grilhão de ferro com que se prendiam pelos pés, os captivos, ou criminosos (tambem se lhe dava o nome *adobe*—depois se chamava *braga*.)

Depois da invenção da artilheria, se dava o nome de *camara* á carreta sobre que a peça se colloca.

Camara cerrada era a promessa de uma certa quantidade de arras á desposada, e tambem—*tudo o que é preciso para ornar e paramentar dignamente o quarto ou casa de uma senhora nobre, distincta e honrada, sem faltar cousa alguma á precisão, decencia e costume*. (*Elucid.*, de Viterbo—*Memoria sobre a Camara cerrada*, do dr. Levy Maria Jordão, inserta no tom. 2.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova serie, classe 2.ª)

Camara da cama do estado, o quarto onde estava a cama do rei, que tambem se chamava *camara do estado*. (*Livro Vermelho*, de D. Affonso V, n.º 14.)

Camara é tambem um appellido nobre em Portugal.

João Gonçalves Zarco, descobriu a Ilha da Madeira, em 1419. Desembarcou em um sitio da costa, onde viu uma grande caverna, habitada por lobos marinhos, á qual elle por isso deu o nome de *Camara de Lobos*, que ainda conserva.

Regressando a Portugal, D. João I mandou que João Gonçalves Zarco e seus descendentes tomassem o appellido de *Camara*, em memoria d'esta feliz descoberta.

São muitas as familias nobres d'este reino que usam do appellido *Camara*, e é o seu ramo primogenito, actualmente, o sr D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, conde da Ribeira-Grande (na Ilha da Madeira.)

O 1.º conde da Ribeira-Grande, foi D. Manuel da Camara, por D. Affonso VI, em 15 de setembro de 1662. Já seus antepassados eram condes de Villa Franca, e D. Affonso VI, a seu pedido, lhe mudou (a D. Manuel) o titulo para o actual.

As armas dos *Camaras*, são—em campo preto, uma torre de prata, com ameias, e corucheu, que remata em uma cruz de ouro e dois lobos da sua côr, de pé, rompendo contra a torre, que está em campo verde.

Tem por timbre, um dos lobos das armas.

—

Todos sabem que, desde tempos remotos, o nosso povo sempre pronunciou *cambra* e não *camara*. Já se vê que o idiotismo passou, com a frequencia do uso, a formar o nome da povoação, e hoje seria *êrro* escrever *Macieira de Camara*.

MACIEIRA DE SARNES (tambem chamada, **MACIEIRA DAS TERÇAS**)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno plano, ou collinas pouco accidentadas e ferteis.

O abbade de Cesár apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Os Castros, da casa do Côvo, se denominavam *senhores das honras de Cesár e Gaiate*, e como a freguezia de Macieira de Sarnes era um curato da freguezia de Cesár (d'onde fôra desmembrada no seculo XVII) eram os Castros senhores donatarios de parte da freguezia de Macieira, e ainda d'aqui recebem alguns fóros e *miúças*.

Teve principio esta freguezia em uma capella de Santa Eulalia, que havia no logar das Terças. Quando se erigiu em freguezia mudou se a egreja para o sitio actual; mas ainda hoje não passa de uma capella acanhada, baixa e pobre.

Houve aqui (segundo a tradição) um pequeno mosteiro de freiras benedictinas, que foi supprimido no seculo XVI, passando as religiosas para o convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto.

É d'aqui natural e aqui foi parocho, e vigario da vara do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira, e distincto orador sagrado, o sr. Luiz Moreira da Silva Maia, actual abbade da freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto.

—

Ha n'esta freguezia minas de cobre, que pertencem á companhia das minas do *Pintor*. Ha tambem minas de ferro, que se não exploram.

Perto da egreja e de uma rocha de granito quartzozo, rebenta uma fonte d'agua ferruginosa, que ainda não foi analysada.

Esta freguezia está dentro dos limites do territorio antigamente chamado Terras de Santa Maria, e hoje Terras da Feira.

MACINHATA DA SEIXA (ou da **CEIÇA**) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 5 kilometros, 70 ao N. de Coimbra, 43 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O collegio da Companhia de Jesus, de Coimbra, e, depois de 1759, o real padroado, apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis.

Para a etymologia, vide a Macinhata seguinte, que fica 24 kilometros ao S. d'esta.

MACINHATA DO VOUGA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 70 kilometros ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Os duques de Lafões apresentavam o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

A povoação é situada em uma planicie, suavemente inclinada sobre os ferteis campos da margem direita do rio Vouga. É porém cercada de montes, cobertos de pinheiros e outras arvores silvestres. No monte que lhe fica a O., coberto de arvoredos e campos, fica a povoação da *Mêsa*, e a bella casa dos senhores viscondes de Almeidinha.

D'aqui se avista o convento de Serem do Vouga.

Direi o que ha, quanto á etymologia da palavra *Macinhata*.

Póde derivar se do portuguez antigo *meskino*, o servo que trabalhava nas propriedades do respectivo senhor.

É de *meskino* que vem o substantivo (tambem portuguez antigo) *mesquinade*, que significa desventura, infelicidade, desgraça, etc.

Ora, como os povos d'esta freguezia pagavam grandes rendas, fóros, alcavalas, etc. á poderosa casa dos senhores que depois foram duques de Lafões, podiam muito bem considerar-se meskinos os povos d'aqui, e d'isso viria á freguezia o nome de *Mesqui-*

nade, que facilmente se corromperia em *Macinhata*.

Os d'aqui, porém, não querem acceitar esta etymologia, e dizem que Macinhata vem das duas palavras arabes—*maciho* (plano, liso, macio, sem aspereza, etc.), derivada do verbo *maçaha* (que significa polir, alisar, limpar, etc.), e de *nata*, que, segundo elles, significa *logar baixo*.

É certo que *maciho* póde significar planicie; porém *nat i*, não é palavra arabe, nem significa *logar baixo*. Ha a palavra arabe *nataf*, mas este nome dão os arabes a uma terra betuminosa e combustivel, que é uma especie de turfa, de que elles se servem como nós do carvão mineral. (1)

Por consequencia, se esta fosse a verdadeira etymologia, significava *planicie* ou *campo da turfeira*, e não planicie baixa.

Nem a circumstancia de existir esta povoação no tempo dos arabes nos obriga a acceitar similhante etymologia como a unica verdadeira; porque todo o mundo sabe que os mouros conservaram a maior parte dos nomes das povoações da Lusitania, contentando se em corromper muitos d'elles por lhes *não chegar a lingua* para os pronunciar.

Tudo isto cahe por terra em vista do que se lê no *Livro Preto* de Santa Cruz, de Coimbra. D'esta leitura se vê que o antigo nome de Macinhata era *Eminhate* (talvez diminutivo de *Emínio*, que era o nome da villa de Agueda—como se hoje dissessemos—*Aguedinha* ou *Pequena Agueda*).

Veja se, sobre este ponto, o que digo na palavra *Eminhate*, a pag. 26, do 3.º vol.

No principio do seculo XI, porém, já esta freguezia tinha o nome actual.

Segundo a historia, hindo D. Ramiro I, de Leão, ao mosteiro de Lorvão, visitar seu tio, D. João, que alli era abbade, fez muitas e grandes mercês ao mosteiro; e as fez assignar pelos chefes mouros de Gaia, Lamego, Viseu e Macinhata do Vouga, que então venceu. (Vide *Lorvão* e *Monte-Mór-Velho.)*

—

Já vemos que esta povoação não só existia no tempo dos arabes, mas até que era importante, pois era governada por um regulo mouro. Não ha porém monumento algum que nos prove a sua antiguidade. Apenas, quando ha uns 20 annos se demoliu a egreja velha, para a reedificar, se achou um sepulchro de pedra inteiriça; mas sem a minima inscripção por onde a sua antiguidade se podesse averiguar. Ainda aqui existe este tumulo, collocado em frente da nova egreja.

—

A egreja nova, que é no mesmo sitio da antiga, fica na extremidade da povoação, com a frente para o rio *Vouga*, ficando-lhe o cemiterio parochial do lado direito.

No adro da egreja está a residencia do parocho e os passaes da egreja, que são muito bons.

A reconstrucção da egreja e a fundação do cemiterio devem-se á sollicitude, zelo e esforços do dr. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe (d'esta freguezia) e á coadjuvação do sr. padre José Rodrigues de Mello, prior da freguezia, e dos membros da junta de parochia, os srs. padres José da Fonseca e Joaquim Nogueira da Silva.

—

É pois Macinhata uma freguezia bonita, pittoresca, sádia e fertil, devendo grande parte da sua fertilidade ás aguas do *Vouga*, que tambem lhe dá bom peixe.

—

Gloria-se esta terra de ser patria de varões dignos de menção, e entre elles os seguintes:

Dr. Manuel da Fonseca Coelho, que foi juiz de fóra de Freixo de Espada á Cinta, e depois corregedor de Ourem.

Dr. Manuel Pereira da Graça—nasceu em 1770. Era filho de José Pereira da Graça, carpinteiro; de Macinhata.

Tinha aquelle um tio, Francisco Pereira da Graça, rico negociante em Coimbra, que o tomou sob a sua protecção, e o fez estudar medicina n'aquella cidade, distinguin-

(1) Em Portugal tambem ha logares formados por esta terra, que se emprega como combustivel. No monte de *Laborades*, que divide as freguezias d'Ancora e Afife (Minho), ha abundancia d'este combustivel. (Vide pag. 211, do 1.º vol.)

do-se tanto o academico, que foi premiado em todos os annos.

Tomou o grau de bacharel em philosophia e doutorou-se em medicina.

Quando defendeu theses para tomar capello, o fez com a admiração e louvor de toda a academia, menos dos dois lentes *Navarros*, que, por odio ao estudante, lhe lançaram duas favas pretas, no exame privado.

O tio do academico levou esta injustiça aos pés do principe regente (depois D. João VI) que mandou ordem á universidade para admittirem o illustre academico ao doutorado, dando-lhe capêllo gratuitamente, em 1798 — e o condecorou com o habito de Christo.

Exerceu a clinica alguns annos em Coimbra, vindo depois para Macinhata exercer a sua arte, adquirindo justa fama de grande medico.

Principiou em 1803 a escrever sobre medicina, e em 1806 publicou o seu *Tratado de diabetes. (Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio F. da Silva, tom. VI, pag. 80.)

Por desgostos com a sua familia, sahiu do continente e se foi estabelecer na ilha da Madeira, onde casou com uma senhora da mesma ilha, de quem teve um filho, por nome Adriano Pereira da Graça, que, entre os annos de 1823 a 1828, enviou com um dote de 12 contos de réis para Coimbra, para casa de seu tio e protector, recommendando-lhe a sua educação.

Morreu na Madeira, pelos annos de 1830.

Seu filho ainda vive em Coimbra.

—

No convento de Serem (do Vouga) existia uma chronica manuscripta, que contava o caso seguinte.

Em 1634 era prior de Macinhata o padre Francisco (a chronica diz *que lhe occulta os sobrenomes, por caridade.*)

Em 8 de setembro d'esse anno, chegaram á villa de Serem (que é d'esta freguezia) fr. João de Villa Real e outro companheiro, para continuarem as obras do seu mosteiro.

O prior de Macinhata os recebeu com a maior aspereza, fazendo-os acarretar ás costas, e depois bater a maço as estacas para a tapagem do rio.

Este prior tinha dois creados (irmãos) de alcunha os *Cangalhos*, tão malvados, que acutilavam, esfaqueavam homens e mulheres, e a uma d'estas lhe lançaram sal sobre as feridas que lhe haviam feito.

Fr. João de Villa Real, *que tinha relações com muitos fidalgos de Madrid*, deu parte d'estas atrocidades para Castella, e Philippe IV mandou logo uma alçada syndicar do caso.

O prior, apenas isto soube, fugiu com os *Cangalhos*, dizendo:

«Tal alçada sobre ti?
«Francisco, vae-te d'aqui.»

Nunca mais se soube do prior nem dos criados.

—

Com licença da tal chronica, *manuscripta*, dão-me tentações de não acreditar nas *atrocidades* do prior e dos seus dois criados, e de desconfiar que houve aqui *castelhanismo* da parte dos frades, e patriotismo da parte do prior. Mesmo porque a tal chronica, relatando os grandes e inacreditaveis crimes do padre Francisco e dos seus dois acolytos, não conta nada sobre a consequencia da alçada, nem que por ella se provassem semelhantes crimes.

Tambem a suppressão dos *sobrenomes* do prior, me faz ainda mais acreditar que a cousa não passa de uma intriga urdida para certos fins, ou, o que é mais provavel, não passar tudo de uma grande patranha que alguem se entreteve a escrever na tal chronica, para divertimento em horas de ociosidade.

—

É n'esta freguezia a antiquissima villa de Serem. Para não fazer este artigo mais extenso, e mesmo por ser mais curial, vae a descripção d'esta villa e do seu convento no logar competente. Vide pois *Serem*.

MAÇORES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 160 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Para a etymologia vide *Mançores*.

MADAÍL — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao SO. de Oliveira de Azemeis, 45 ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Mamede.

Foi do bispado de Coimbra, depois do do Porto, ao qual hoje pertence, districto administrativo de Aveiro.

O reitor de Avanca, apresentava o cura, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O povo chama a esta freguezia *Terra dos encinhos*, pelos muitos que aqui se fazem, e se exportam para grandes distancias.

MADEIRA (S. João da)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao NO. de Oliveira de Azemeis, 32 ao S. do Porto, 36 kilometros a N. NO. de Aveiro e 280 ao N. de Lisboa, 450 fogos e 1:800 almas.

Orago, S. João Baptista.

Bispado do Porto e districto administrativo de Aveiro..

A mitra e o abbade do mosteiro de S. Bento, da cidade do Porto, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600$000 réis.

Situada (a freguezia) em terreno levemente accidentado; mas a povoação chamada propriamente *S. João da Madeira*, está edificada sobre uma planicie elevada (especie de plató) d'onde se gosa para todos os lados a vista pittoresca de serras, outeiros, valles e bosques, alvejando por entre elles as cupulas conicas de algumas egrejas e varias casas de differentes povoações, vendo-se ao O. uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

—

Esta povoação é uma bella rua arborisada, formada pela estrada real de Lisboa, orlada de bellos edificios particulares, quasi todos novos.

—

É povoação muito antiga, pois já existia (com o nome de *Madeira*, ou freguezia da *Madeira*) em 1251, visto que é mencionada nas *Inquirições* tiradas no mez de agosto d'esse anno (Maço 8.º dos *Foraes antigos*, n.º 1) para provarem a existencia do foral velho sem data, que à *Terra da Feira* deu D. Sancho I, no fim do seculo XII.

No *Foral novo*, dado por D. Manuel á villa e *Terra da Feira*, feito em Lisboa a 10 de fevereiro de 1514, tambem se comprehende esta freguezia. (Vide Feira.)

—

Nenhuma povoação da extensa Terra de Santa Maria (ou *Terra da Feira*) tem prosperado tanto como esta e os *Carvalhos*, na freguezia de Pedroso.

Ao genio emprehendedor, ao amor do trabalho, á energia e coragem de seus habitantes, deve *S. João da Madeira* o prodigioso desenvolvimento da sua população e dos seus melhoramentos materiaes e moraes.

A agricultura, o commercio e a industria prosperam aqui a olhos vistos, e *S. João da Madeira*, que, ainda ha 30 annos, era uma pequena aldeia, está hoje uma bonita e grande povoação, maior e mais rica do que muitas villas de Portugal.

—

Tem uma philarmonica (e já teve duas) e correio diario.

Antes de pouco tempo vae ser ligada com o caminho de ferro do Norte, por um ramal de estrada (de uns 2 kilometros de distancia) que a põe em communicação com a estrada de Ovar a Oliveira de Azemeis.

(Ramal que já podia e devia estar feito—visto a sua insignificante despeza—se as influencias de *campanario* e a rivalidade de Oliveira de Azemeis não tivesse ha dous annos actuado pelos interesses de *alguns* contra os do *commum*.)

Este ramal não só é utilissimo para *S. João da Madeira*, como tambem o é para muitas e populosas freguezias situadas ao N., NE., L. e SE. da estrada real.

Feito este pequeno ramal, *S. João da Madeira* tornar-se-ha uma estação commercial de muita importancia, e em poucos annos

attingirá as proporções de uma grande e florescente villa.

—

Entre os mais bonitos edificios d'esta povoação, se distinguem o do sr. *Antonio Moreira da Silva Dourado* (proprietario de uma das melhores fabricas de chapeus de lã de Portugal, cujos productos têem sido premiados em varias *exposições*, e que emprega grande numero de operarios de ambos os sexos); a bonita casa e quinta do sr. *Francisco da Costa Lima*, a do sr. *Silva* e outras.

—

Uma industria insignificante na apparencia, tem aqui dado optimos resultados; é o fabrico, compra e venda de manteiga de vacca.

As pessoas dedicadas a este ramo de industria, têem prosperado muito, e formado uma bonita povoação contigua a *S. João da Madeira*, d'onde exportam diariamente para a cidade do Porto grandes porções d'este genero, já bastantemente aperfeiçoado.

Além d'isso, a freguezia exporta em grande escala, para o Porto, Extremadura, Alemtejo e Hespanha, os seus chapeus de lã, de optima qualidade, e tambem exporta constantemente para o Porto, gado bovino, para embarque, generos agricolas, madeiras, lenhas, etc.

—

Entre os varões illustres aqui nascidos, avulta o sapientissimo dr. *Christovão Alão de Moraes*, que veiu ao mundo a 13 de maio de 1632.

Foi baptisado na matriz d'esta freguezia; mas, tendo sido culpado de heresia o padre que o baptisou, se tornou a baptisar na egreja de S. Nicolau, da cidade do Porto.

Foi doutor formado em direito civil e canonico, juiz de fóra de Torres-Vedras, ouvidor e provedor de Mira, juiz dos orphãos do Porto, corregedor de Pinhel, Riba Côa e Coimbra, desembargador e corregedor do civel da relação do Porto.

Compoz e escreveu varios livros de muito merecimento, entre elles os *commentarios ás obras* de *Sá de Miranda*, e á *Ulyssêa*, de *Gabriel Pereira de Castro*.

Era filho primogenito do capitão de mar e guerra, *Balthazar Alão de Moraes*, (que morreu de 25 annos de idade, n'aquelle adiantado posto, ganho pela sua bravura e grandes serviços.)

O dr. *Alão*, casou com *D. Joanna Thereza de Carvalho*, filha de *Antonio de Carvalho*, creado da rainha D. Luiza de Gusmão, e que foi ama de leite de D. Affonso VI e de D. Pedro II.

Morreu a 19 de maio de 1693.

Está sepultado na Sé do Porto, na capella da *Vera Cruz* e *Santa Helena*, construida em 29 de outubro de 1381, por *fr. Domingos Geraldes Alão*, conego da mesma Sé, prior de *Ferronella* e commendador de *Rio-Meão*.

(A esta capella ainda hoje se chama dos *Alões*.)

Este inclito varão, reuniu ao seu muito saber, uma grande virtude e muita rectidão e solicitude no cumprimento dos deveres, que lhe impunham o desempenho dos seus muitos e varios empregos.

Foi seu primeiro mestre (de latim, francez e musica) seu tio, o muito douto e veneravel *D. fr. Antonio da Purificação*, conego de Santo Agostinho (crusio) do convento de Grijó; chronista e visitador geral da sua ordem, e lente jubilado em theologia, da universidade de Coimbra.

—

Nem só o dr. Alão, tão notavel pelos seus vastos talentos e raras virtudes, tem por patria esta freguezia. Póde até dizer-se que, nenhuma das do districto tem produzido tantos varões merecedores de que seus nomes occupem distincto logar n'esta obra, como S. João da Madeira.

—

A casa dos srs. *Cardozos Cortes Reaes*, deu em nossos dias o dr. *Bento Cardozo Corte Real*, que foi presidente da relação do Porto e ministro exemplarissimo pela sua rectidão e intelligencia.

Seu irmão mais velho, o morgado *José Nunes Cardozo Corte Real*, tambem era formado em direito.

Tinha dois tios frades, *D. fr. Luiz*, que foi abbade do convento da *Gralheira*, e *fr. José*, dominico em Aveiro.

Esta casa é actualmente do sr. *Manuel*

Cardozo Corte Real (filho d'aquelle José Nunes), que casou e reside no Porto.

—

A casa de *Fundões*, tambem tem dado cavalheiros muito considerados.

Esta casa está hoje no poder dos srs. drs. *Manuel Camossa Nunes de Saldanha* e *João Baptista Camossa Nunes de Saldanha*, de suas irmans.

Eram seus tios *Diogo Camossa*, que foi consul da Inglaterra, em Aveiro e *João Camossa*, um dos maiores proprietarios e capitalistas d'estes sitios, cuja fortuna herdaram os referidos sobrinhos.

Era avô d'estes, o *capitão mór de Fundões*, que morreu em Arouca assassinado pelo povo, sob o pretexto de ser *jacobino*.

—

A casa da *Varzea* teve um doutor formado em medicina pela universidade de Coimbra (*João de Mello*), e são vivos seus dois filhos formados em direitos, *Antonio da Silveira Toscano* e *João Toscano*.

—

A casa do *Roupal* deu o doutor em direito *José Joaquim Correia de Magalhães*.

Finalmente, o doutor em direito e advogado dos auditorios do Porto, *Manuel Mauricio de Araujo*, foi um jurisconsulto muito distincto, principalmente em orphanologia.

É seu sobrinho o sr. *Manoel Maciel Leite de Araujo*, cirurgião-medico pela eschola do Porto, e tambem muito distincto na sua profissão.

—

Já dissemos que ha n'esta freguezia fabrico de chapeus de lan em grande escala, e cuja qualidade e producção annual é muito superior actualmente a todas as fabricas de Braga.

O primeiro negociante de cavallos de Portugal, é d'esta freguezia.

São tambem d'ella os maiores negociantes de manteiga nacional.

—

Importa S. João da Madeira, grandes porções de lan, do Alemtejo, da Beira Baixa e da Hespanha.

Tambem importa grandes porções de figo do Algarve, que se vende nos mercados do Porto e outros.

S. João da Madeira é hoje a primeira terra commercial do districto de Aveiro, com exclusão d'esta cidade.

—

Para se fazer idéa da espantosa actividade commercial d'esta freguezia, basta dizer que o movimento de exportação e importação nos annos de 1868, 1869 e 1870 andou por 200 contos de réis, termo medio, annualmente!

—

Tudo leva a acreditar (principalmente a inexgotavel e tenaz actividade dos Madeirenses) que a povoação de S. João da Madeira (que nem ainda tem fôro de villa!) será, ainda nos nossos dias, uma das primeiras do districto de Aveiro: sobre tudo se o governo, attendendo ao grande desenvolvimento commercial, agricola e industrial d'esta freguezia, mandar abrir as estradas de que preciza, para chegar ao apogeu da sua prosperidade.

Para evitar repetições, ver o que está escripto a pag. 238, R R, do 1.º vol., sobre o massacre feito pelos francezes, em 1809, em umas 300 pessoas, que trucidaram no campo de *Bussiqueira*, d'esta freguezia.

—

Madeira é um appellido antigo e nobre em Portugal, tomado do nome d'esta freguezia.

Segundo Bluteau, o primeiro que usou d'este appellido, foi *João Martins Madeira*, alcaide-mór de Fáro, e que tinha o seu solar n'esta freguezia.

Suas armas são: em campo de púrpura, cinco cabeças de aguia, de ouro, cortadas em sangue, em aspa; elmo de aço, aberto, e por timbre, meia aguia de ouro, bicada de púrpura.

Outros d'este appellido usam das mesmas armas, mas o timbre é uma aguia de púrpura, bicada e membrada de ouro.

Esta familia, ou se extinguiu aqui, ou mudou de appellido, porque actualmente não ha na freguezia pessoa de representação que se appellide Madeira, nem ha vestigios de semelhantes armas em nenhum edificio, ou documento d'esta freguezia.

MADEIRAN—freguezia, Beira Baixa, co-

marca da Certan, concelho de Oleiros, 100 kilometros da villa do Crato, 200 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Carmo.

Districto administrativo de Castello Branco.

É do grão priorado do Crato, pelo que está desde 1834 annexa ao patriarchado.

O commendador de Malta, que residia n'esta ilha, em nome da ordem em Portugal, apresentava o cura, collado, que tinha réis 30$000, e o pé d'altar

Depois da tomada da ilha de Malta, pelos inglezes, o padroado d'esta egreja, passou a se raté 1834, dos grãos-priores. (Vide *Crato*.)

MADIOSO—portuguez antigo—mavioso, enternecido, etc.

MAGACÍA—portuguez antigo—magia, feiticeria—de *mago*, magico.

MAFAMUDE—(tambem alguns lhe chamam *Mafamede*)—freguezia, Douro, comarca do Porto (3.ª vara), concelho e junto de Gaya, 2 kilometros ao S. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e os conegos regrantes (crusios) da Serra do Pilar, n'esta mesma freguezia, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha 600$000 réis.

—

Esta freguezia, está pittorescamente situada sobre a margem esquerda do Douro, em frente da cidade do Porto, que toda se vê d'esta freguezia, a qual é um arrabalde de Villa Nova de Gaya.

—

N'esta freguezia no sitio antigamente chamado de *S. Nicolau*, da *Meijoeira*, ou *Coimbrãos*, estão as magestosas ruinas do mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, da invocação de Nossa Senhora do Pilar (e por isso tomou o sitio o nome de *Serra do Pilar*.)

Foi este mosteiro fundado por o prior do mosteiro de Grijó (da mesma ordem), D. fr. Bento de Abrantes.

Lançou-lhe a primeira pedra, o bispo do Porto, D. fr. Balthazar Limpo (que tinha sido frade crusio de Grijó), em 28 de março de 1538.

Para não fazer muito extenso este artigo, faço a descripção completa d'este mosteiro e do seu actual estado, na palavra *Pilar*, para onde remetto o leitor. Veja-se tambem sobre o mesmo assumpto, o que digo a pag. 252 e 324 do 3.º vol.

—

É tambem n'esta freguezia, o tunnel do caminho de ferro do N., já descripto a pag. 253 do 3.º vol.

—

Houve em tempos remotos, no districto d'esta freguezia, e ainda existia no tempo do conde D. Henrique, uma villa chamada *Portugal*, que talvez fosse a que deu o seu nome a todo o reino.

Dizem alguns, que era no sitio a que hoje se chama *Paço de Rei*. Não ha o minimo vestigio de semelhante povoação. Vide *Portugal*, villa.

—

Ha n'esta freguezia, muitas e bôas quintas, uma fabrica de fundição de panellas de ferro, fabricas de louça (de barro preto e de faiança), uma fabrica de vidros e varias de tecidos de linho e algodão.

—

Deve ver-se a palavra *Gaya*.

—

Não posso dizer com certeza qual é a verdadeira etymologia do nome d'esta freguezia; o que posso com certeza asseverar é ser palavra arabe.

Tenho dito muitas vezes n'esta obra, que os arabes *aspiravam* sempre o *h*.

Nós mudámos o *h* d'elles, em *f*.

Se a palavra vem do arabe *Mahamede*, que nós pronunciamos *Mafamede*, é o nome proprio de homem, o mesmo que *Mafôma* ou *Mahomet*, o propheta dos mouros e turcos —impostor bem conhecido.

Se vem de *Mahamude*, significa a planta medicinal a que nós damos o nome de *escamonéa*.

Se, finalmente, vem de *Mahmude*, é nome proprio de mulher, e significa *a louvada*,

pois se deriva do verbo *hamada*, que significa *louvar*.

Já vêem que qualquer d'estas tres etymologias são plausibilissimas, pela sua grande semelhança (quasi identidade) de pronuucia.

—

Faz-se n'esta freguezia uma grande feira de gado a 8 de setembro de cada anno; e, no mesmo dia, uma concorridissima romaria a Nossa Senhora do Pilar (na egreja do mosteiro), aonde vem grande multidão de portuenses.

Para se fazer idéa da gente que concorre da outra margem do rio, basta dizer que tem annos, em que a ponte rende n'esse dia réis 70$000, afóra a gente que vem embarcada.

MAFRA—villa, Extremadura, cabeça de concelho, na comarca de Cintra, d'onde dista 15 kilometros ao N., 35 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1757 tinha 589 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

—

A mitra apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

—

Mafra vem da palavra arabe—*Mahafra*—a cova—deriva se do verbo *hafara*, cavar, abrir covas, etc.

É povoação muito antiga, e presume-se que já existia no tempo dos romanos; mas ignora-se o nome que então tinha. O que é certo é ter já o nome actual no seculo IX.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros, em maio de 1147.

O primeiro foral d'esta villa foi-lhe dado por D. Nicolau, bispo de Silves, em Lisboa, no mez de março de 1189. (Gav. 13 maço 1, n.º 21. fl, 3 v.)

D. Diniz lhe deu foral, reformando o antigo, em 1304. (Gav. 9, maço 10, n.º 27, fl. 2 v., *in principio.*)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 215, col. 2ª.)

—

Tem misericordia, e hospital.

É terra fertil.

Tem estação telegraphica.

Feira no 3.º domingo de julho, 3 dias — e a 30 de novembro.

No seu termo estão os fortes de *Milreu* e *Santa Suzana*, desartilhados e abandonados.

—

O papa João XXI (Pedro Hispano) natural de Lisboa, baptisado na egreja de S. Julião e por isso chamado (antes de ser pontifice) Pedro Gião (Pedro Julião) foi feito prior de Mafra, por D. Affonso III, que muito o estimava, pelos annos 1250. (Vide Lisboa, no logar competente, do 4.º vol.)

—

Proximo á villa, está a capella de Nossa Senhora da Paz, onde se faz a entrega da bandeira do cirio de Nossa Senhora da Nazareth, e se põe em ordem a procissão, para dar a sua entrada triumphal na villa.

—

O concelho de Mafra é composto das 14 freguezias seguintes: — Alcainça, Azueira, Chilleiros, Enxara do Bispo, Egreja-Nova, Ericeira, Fanga da Fé, Gallés, Gradil, Mafra, Milharado, Reguengo da Carvoeira, Santo Izidoro, e Sobral da Abelheira. Todas no patriarchado.

—

Mafra é patria de muitos varões illustres, distinguindo-se entre elles — *D. Estevão de Jesus Maria*, da ordem dos menores observantes, da provincia da Arrabida. Nasceu a 26 de dezembro de 1787. Foi eleito bispo de Meliapor em 24 de junho de 1825. Foi transferido para Angra (Açores) em 3 de agosto de 1827, e confirmado no consistorio de 28 de junho de 1828. — E' o prelado actual d'esta diocese.

—

Foi esta villa o solar de um ramo da nobilissima familia dos Vasconcellos, o qual era senhor donatario de Mafra. As armas d'esta familia, são—escudo esquartellado; no 1.º e 4.º, as armas de Portugal, no 2.º as dos Vasconcellos, e no 3.º as dos marquezes de Vallença. (Vide *Castello Melhor*, e Lisboa, no palacio dos marquezes d'este titulo.)

Capella de Nossa Senhora do Livramento

Esta capella é na freguezia da Azueira, d'este concelho; mas, como não foi alli, e desejo dar aos leitores a narração legendaria d'esta ermida e da sua imagem, decidi descrevêl-a aqui, por ser no concelho e proximo de Mafra.

No anno de 1639 havia em Lisboa um mancebo muito devoto de Nossa Senhora, o qual embarcou para a India, para alli exercêr um emprego muito importante na cidade de Gôa.

Tinha elle muita amisade a um padre, que tinha sido seu condiscipulo, chamado Matheus Ribeiro, letrado e prégador, que depois foi parocho no logar da Azueira Quiz deixar ao seu amigo uma prenda, em memoria da affeição que lhe dedicava; a prenda foi uma imagem de Nossa Senhora, á qual dava o titulo de Senhora do Livramento, para que o livrasse de todo os perigos.

Pela muita devoção que este mancebo tinha a Nossa Senhora, entendeu que não podia levar a sua imagem com a devida decencia em sua nau, e, para ser tratada com toda a veneração, deixou-a ao seu amigo, e assim lhe entregou a melhor joia que possuia, pedindo-lhe que rogasse á Mãe de Deus o livrasse dos muitos trabalhos e perigos a que estão sujeitos os navegantes.

Recebeu o padre Matheus Ribeiro a imagem. Tinha ella o menino Jesus nos braços, e na mão esquerda uns grilhões de prata, por insignia do seu titulo; alguns vinte e oito annos a conservou no seu oratorio, tanto, quando residia em Lisboa, como quando habitava no logar da Azueira.

Durante este tempo recebeu grandes beneficios, livrando-se de muitos trabalhos e privações todas as vezes que recorria á protecção da Santissima Virgem Maria; no fim dos vinte e oito annos, entrando em casa d'este clerigo uma pessoa devota, e tendo visto algumas vezes no oratorio esta linda imagem, disse-lhe que se admirava de a não levar á egreja para lhe dedicar culto e e excitar no povo devoção.

Conhecendo o sacerdote que a proposta era justa, desculpou-se, promettendo fazer uma festa nas oitavas do Natal.

Levando a imagem para a freguezia, collocou-a no altar-mór, e fez-lhe uma festa. O povo ficou tão affeiçoado e devoto para com a veneranda imagem, que pediu que a deixasse na egreja, porque estava prompto para a festejar.

Vendo o clerigo a devoção do povo, conheceu ser isto vontade de Deus; propondo-lhe se queriam edificar uma ermida á Senhora. Não obstante o povo estar muito pobre, por causa da guerra que então havia entre Portugal e a Hespanha (e para a qual contribuiam com tributos pesados, os paes vexados, tristes e magoados, tirando-lhe os filhos para o exercito que ia para as fronteiras, o pão carissimo), assim mesmo offereceram-se para o ajudar no que podessem.

Escolheu-se o sitio mais proprio para a edificação, n'um campo pouco distante do logar.

Collocou-se alli uma cruz em signal da posse que se tomava do sitio.

No domingo seguinte fizeram-se as offertas, que chegaram a 27:000 réis. Com a esmóla de sete tostões, que logo receberam, abriram os alicerces, e deram principio á edificação da egreja, em 20 de setembro de 1655, a qual se concluiu em breve tempo, tratando-se logo de determinar o dia em que a Senhora alli havia de ser collocada, que foi no segundo domingo de novembro de 1656, concorrendo os parochos, confrarias e muito povo dos logares circumvisinhos, havendo por essa occasião verdadeira alegria em todos os corações piedosos.

Collocada a devota imagem na sua nova egreja, faltava a licença do ordinario para se poder celebrar missa; obtida essa, celebrou-se a primeira no dia de Reis do anno de 1657, havendo por essa occasião grande concurso de povo, que deu logar a reconhecer-se a necessidade de se edificar duas grandes casas para se abrigarem os devotos romeiros que ahi se dirigiam continuamente a fazerem suas novenas e a cumprirem promessas.

Descobriu-se por essa occasião proximo da egreja uma fonte de agua crystalina, que até hoje nunca cessou de fertilizar aquelle sitio, ao passo que, bem proximo outras seccam na estação calmosa.

Augmentando a devoção e as esmolas, deram principio á capella-mór, que é de abobada, e a outra nova e maior sachristia.

Dezenove confrarias se instituiram) contando se n'este numero uma da cidade de Lisboa) todas com o fim de irem a este logar annualmente festejar a Virgem, e assim vê-se aquelle sitio, que algum dia foi matagal, convertido em lindo arraial pelo muito povo que alli vae.

A maior romaria é em dia de Todos os Santos.

Antigamente não havia caminho para aquelle sitio, hoje ha o Larmanjat e boas estradas; e grandes povoações, como o Gradil, o Turcifal, a Freiria, a Encarnação e Villa Franca do Rosario.

Escreveu a historia da fundação da egreja da Senhora, o referido padre Matheus Ribeiro, n'um livro intitulado: *Compendio historico da egreja de Nossa Senhora do Livramento.*

(Extrahido do semanario «*O Catholico*»).

Basilica de Mafra

Vou tratar agora do, por tantos respeitos, celebre palacio, mosteiro e quartel militar de Mafra: d'esse triste e eterno testemunho da prodigalidade de D. João V; d'essa fanfarronada de pedra e cal, que nem mesmo póde fazer-nos recordar a prosperidade e riqueza d'aquelle monarcha; pois todos sabem que elle andava sempre crivado de dividas, e chegou a deixar quasi morrer de fome os operarios das obras de Mafra, e de outras partes, pois lhes deveu annos de jornaes.

Tenho sido accusado por alguns leitores, por descrever com muita rapidez os mosteiros de Alcobaça e da Batalha. Parece justa esta accusação; mas não o é. Se eu descrevesse miuda e circumstanciadamente estes e tantos outros monumentos portuguezes, esta obra chagaria a mais de 40 volumes, e nem a vida inteira de um homem seria sufficiente para a concluir.

Quanto mais — nas localidades onde descrevo esses monumentos, com a brevidade que o diccionario comporta, tenho sempre o cuidado de indicar aos leitores que desejarem amplas e minuciosas noticias sobre esses monumentos, os livros onde acham tudo descripto com vagar e circumstanciadamente.

Para este edificio de Mafra, podem consultar as obras seguintes: —*Anno Historico*, vol. 3.º, pag. 212, n.º 8 — *Descripção minuciosa do monumento de Mafra*, por o sr. Joaquim da Conceição Gomes — *Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, pelo sr. Camillo Castello Branco, pag. 55—*Archivo Pittoresco*, vol. 3.º, pag. 17—e vol. 4.º, pag. 113.

Ha muitas mais obras que tratam de Mafra; mas nas indicadas acharão o sufficiente para ficarem conhecendo tudo quanto sobre a materia poderem desejar.

—

D. João V. casára com D. Marianna de Austria, filha do imperador Leopoldo I, em 26 de outubro de 1708. Como passassem dois annos depois d'este casamento sem haver successão, o rei prometteu a Santo Antonio de Lisboa edificar a basilica de Mafra, se a rainha lhe desse herdeiros á corôa.

O milagroso santo attendeu ás supplicas do consternado monarcha, que teve logo em 4 de dezembro de 1711 a princeza D. Maria, que casou com o principe das Asturias —em 19 de outubro de 1712, a D. Pedro, principe do Brasil, que morreu a 29 de outubro de 1714—em 6 de junho de 1713, o principe do Brasil, D. José, depois rei, 1.º do nome, que casou em 1728, com a princeza D. Marianna Victoria, filha de Philippe V, de Hespanha—em 2 de maio de 1716, o infante D. Carlos—em 5 de julho de 1717, o infante D. Pedro, depois III, e, finalmente, em 24 de setembro de 1723, o infante D. Alexandre, que morreu a 2 de agosto de 1728.

Já se vê quanto o nosso popular Santo Antonio satisfez prodigamente os ardentes desejos de D. João V, que, não querendo fi-

car inferior em generosidade, excedeu e muito a promessa que lhe havia feito.

—

Lançou-se a primeira pedra n'esta monstruosa fabrica, no dia 17 de novembro de 1717, com tanto fausto e magnificencia, que só n'esta solemnidade se gastaram 200:000 crusados (80 contos de réis!)

—

O risco primittivo não foi executado. D. João V promettêra fazer um mosteiro para 13 religiosos arrabidos (franciscanos)—depois, quiz que fosse para 40, e, por fim decidiu que seria para 80; e finalmente, para 300; e foi em conformidade com esta ultima decisão que se fez o ultimo risco, que se executou.

Tinha-se principiado o convento com mais acanhadas dimensões, quando o architecto allemão, João Frederico Ludovice, apresentou ao rei um plano vastissimo, que não só comprehendia o amplo convento, mas tambem um sumptuoso palacio. D. João V approvou logo o risco, e para o levar a effeito, foi preciso alargar os limites de toda a obra começada, desfazendo-se tudo, para rebaixar o monte e desfazer um rochedo que estava ao sul.

Só n'esta obra se gastaram 32 contos de réis por mez, trabalhando n'ella 5:000 operarios e 500 cavalgaduras; gastando-se diariamente 30 arrobas de polvora, para desfazer o rochedo.

Treze annos durou a construcção do mosteiro, trabalhando diariamente 20:000 a 25:000 homens, e 1:280 bois, para acarretarem pedra. Este numero augmentava porém, quando se queria dar maior impulso á obra.

Diz o auctor do *Gabinete Historico*, que, pelos róes de junho a outubro de 1730, consta que estavam matriculados, nas differentes repartições das obras de Mafra, 45:000 pessoas, entrando n'este numero 7:000 soldados de todas as armas, que, além do seu soldo, venciam 150 réis por dia.

Recrutavam-se para a obra os officiaes e trabalhadores, como para uma guerra—apenavam-se carros, cavalgaduras e materiaes—finalmente fizeram-se todos os vexames a que o povo está sujeito, sob um rei como D. João V. Os fidalgos e auctoridades, querendo agradar ao rei, praticavam todas as violencias imaginaveis, sem receio de castigo, nem mesmo de censura.

Os operarios adoeciam em Mafra, aos centos; sendo preciso fazer-se alli um hospital de 8 enfermarias, com camas para 335 doentes, e duas com 240 leitos para os convalescentes.

Não se sabe quantos operarios falleceram durante a obra; apenas se sabe que desde 1729 até 1733 entraram no hospital 17:097 doentes, com os quaes se gastaram n'estes 5 annos, 92 contos de réis.

Note-se que quasi todas estas ultimas despesas são posteriores á sagração do templo quando o convento e palacio estavam já habitaveis; continuando apenas outras obras modernas, que se tinham dado por arrematação, pagando o rei (ou promettendo pagar) uma consignação semanal de 20 contos de réis.

A ordem architectonica d'este monumento, é a denominada *italico-classica*.

Tem todo o edificio 5:200 portas e janellas; duas torres, cem 48 sinos cada uma, que tocam por dois carrilhões, e são afinados por musica. As torres teem cada uma 315 palmos d'altura (70 metros).

D. João V encommendou para uma fabrica de Antuerpia o machinismo de um carrilhão, e sendo-lhe respondido que elle lhe custaria 400 contos de réis, respondeu *castelhanamente: «Visto ser tão barato, quero dois carrilhões, em vez de um.»* (1)

(1) Ou o numero dos sinos foi augmentado, ou o constructor, vendo a prodigalidade do rei, lhe augmentou o preço; porque consta que os dois carrilhões custaram 3 milhões de cruzados. Ambos teem a marca de *Liege*. (Nos 3 milhões entra o transporte e collocação dos carrilhões.)

No tempo dos frades havia 24 *donatos* exclusivamente destinados para os toques dos carrilhões, dirigidos por um relojoeiro leigo.

Tem 886 salas e quartos, e muitos pateos, terraços e jardins.

Cada uma das torres da egreja tem 15:000 arrobas de metal (225:000 kilogrammas.)

O sino das horas pesa 800 arrobas (12:000 kilogrammas) e o seu martello 20 arrobas (300 kilogrammas).

Os dois sinos dos quartos estão logo por baixo do das horas.

Os martellos de todos os sinos são puxados por tres grossos arames de ferro, presos ás teclas, de um admiravel jogo de relogios.

Por baixo dos sinos que batem os quartos, ha mais 6 sinos de desmedida grandeza. Isto em cada uma das torres.

O sino maior de cada um dos carrilhões pesa 700 arrobas (10:500 kilogrammas).

Antes de tocarem as horas, tocam *minuetes* e outras harmonias, por musica.

Todos os sinos e sinetas d'este edificio excedem o numero de 300.

Todas estas obras levaram a construir 13 annos, dia por dia; mas nem só ellas absorveram milhares e milhares de contos; os riquissimos paramentos da egreja, segundo disse D. João V, a uns estrangeiros, a quem os mostrou, *custaram mais do que todo o edificio.*

Á entrada da egreja se admiram 58 estatuas collossaes, de marmore, representando os fundadores das ordens religiosas, tendo umas $3^{m},56$ de altura, outras $2^{m},24$.

Foram quasi todas esculpidas por artistas nacionaes, discipulos de Alexandre Justi, italiano, 1.º director da *casa do risco*, fundada em Mafra, para servir de laboratorio de esculptura e architectura, para as obras da basilica, paço e mosteiro.

O justamente célebre *zimborio*, é de pasmosa magestade. O remate da sua abobada é feito por uma pedra, que já veiu feita da pedreira, e, ainda assim, foram precisas 86 juntas de bois para a trazerem.

Para a obrarem, trabalhavam á larga, 41 canteiros.

—

Os marmores, luxuosamente esculpidos, as suas madeiras do Brasil, os mosaicos, as pinturas, as magnificas alfaias e utencilios, tudo se vê com profusão n'este gigantesco edificio.

O retabulo da capella-mór, é da escola romana e magnifico.

A casa da livraria é sumptuosissima, cercada de magestosas galerias, e póde conter 25:000 volumes.

(Tem 88 metros de comprido e 10 de largo, e o seu pavimento é formado por um bellissimo mosaico, de marmore, de varias côres.)

Tinha este edificio, em varias partes, soberbos quadros a oleo, dos mais afamados pintores nacionaes e estrangeiros; mas quando D. João VI (então ainda principe regente) fugiu, com a familia real para o Brasil, com muito boa tenção de nunca mais cá voltar, levou de Mafra todos os seus melhores quadros.

D'elles apenas hoje se vê o sitio e os titulos, que, por serem escriptos nas paredes, não poderam ser... *levados*, e lá ficaram no Rio de Janeiro.

Os auctores da maior parte d'estes quadros, eram: Taborda, Foschini, Calixto, Sequeira e Cyrillo.

Representavam alguns dos mais gloriosos factos da nossa historia, ligados aos nomes illustres de Vasco da Gama, de D. João de Castro, de Affonso d'Albuquerque e de outros benemeritos da patria.

—

A fachada principal do edificio, que olha para O., é dividida em tres corpos; o do centro é a egreja, o do S. se denomina *residencia da rainha* e o do N. se chama *residencia do rei;* ambas de quatro pavimentos, que rematam em espaçosos terraços, sobre os quaes assentam dois magnificos torreões de cantaria, optimamente lavrada, que sobem 25 metros acima do plano dos terraços.

Além d'estes torreões, que ficam nos an-

Este jogo, todo de bronze, aço e ferro, é de uma prodiga magnificencia, pelos seus primorosos ornatos, e assenta em pau santo.

Toda esta machina se móve com tres enormes pesos de chumbo, equivalente a 9:424 kilogrammas, os quaes puxam 3 grossos calábres de canhamo, descendo por duas calhas, até ao pavimento de cada torre.

gulos extremos da frontaria, sobre a platabanda se eleva o magestoso zimborio e as duas torres da egreja, tudo de elegante construcção e de bella cantaria, com 44 metros de altura, acima do nivel dos terraços, terminando em uma cruz de ferro, que pesa, cada uma, 3:326 kilogrammas.

O zimborio, imitando a célebre cupula da egreja de S. Pedro, em Roma, é como este, dobrado, que vem a ser, duas cupulas concentricas, com escadaria entre ambas, por onde se sóbe á varanda que circunda o zimborio exteriormente (como o do Coração de Jesus, ou Estrella, de Lisboa), e do qual se gosa uma extensissima e formosa vista, de terra e mar.

—

Dá accesso para o mosteiro e palacio, uma rampa, embrexada de seixos brancos e pretos, que termina em um terreiro, onde começa o lanço da escadaria que dá ingresso ao atrio, ou vestibulo de abobada de marmores, e o pavimento lageado em xadrez.

Seis columnas de 9 metros de altura, entre a base e o capitel, que sustentam a tribuna da casa da *Benedictione*, formam o portico, adornado com as 58 estatuas de que já fallei.

A tribuna tem 3 janellas; aos lados da do meio estão as estatuas de S. Domingos e de S. Francisco, e por baixo, sobre o frontão do portico, as de Santa Clara e de Santa Isabel, rainha de Hungria.

Na cimalha, sobre uma grande placa oval, de marmore, estão esculpidas, em baixo relevo, as imagens da Santissima Virgem e de Santo Antonio, de Lisboa, padroeiros do convento.

—

Em um domingo, 22 de outubro de 1730, dia em que D. João V fazia 41 annos de edade (nascéra a 22 de outubro de 1689) sagrou o patriarcha de Lisboa, o novo templo de Mafra, dedicando-o á Santissima Virgem e a Santo Antonio.

Fez-se esta solemnidade e ceremonia com a pompa e magnificencia proprias da prodigalidade de D. João V, que, com toda a familia real, assistiu a este acto.

Concorreu toda a alta nobreza da capital, varios prelados, os conegos e dignidades da Sé patriarchal, e immenso concurso de povo.

Principiou a funcção pelas 7 horas da manhan, e só terminou pelas 5 da tarde.

Deixou o patriarcha clausurado, no altar da capella-mór, em uma caixa de prata dourada, as reliquias dos doze apostolos e de S. Paulo, S. Lucas, S. Marcos e S. Bernabé.

Seis grandes orgãos tocaram durante a ceremonia, e no fim d'ella foram dadas salvas, por 4 regimentos de milicias; e os repiques, dados por 116 sinos!

Pelas 7 horas e meia da noite, foi jantar a communidade, que se compunha de 320 frades, que foram servidos á mesa, pelo rei, o principe real e o infante D. Antonio.

Depois do 3.º prato, como o rei e seus dois filhos não bastassem para o serviço de tanto frade, ordenou D. João V, que o ajudassem os seus camaristas.

Depois do jantar, foram as pessoas reaes e os religiosos para o côro, ouvir o sermão, e assistir aos canticos sagrados que se lhe seguiram, o que tudo levou até ás 3 horas da manhan.

Esta solemnidade importou á nação na bagatella de 50 contos de réis!

—

Tenho visto avaliar a importancia das obras de Mafra, por uns em 19 milhões de crusados, por outros em 25 e por outros em 48.

Não ha porém differença senão no modo de fazer o calculo.

Segundo os dados mais rasoaveis, o edificio custou 19 milhões de crusados, os carrilhões 3, as pinturas 2, as reliquias 1, festas, esmolas, jantares, etc. 1, paramentos, utensilios, alfaias, mobilia, etc. 22, e aqui temos os 48 milhões, ou DESENOVE MIL E DUZENTOS CONTOS DE RÉIS!

Quantas leguas deestradas se podiam construir; quantos canaes se podiam abrir; quantas obras de publica utilidade se podiam fazer; com tanto dinheiro, gastado para edificar este monstruoso edificio, hoje deshabitado?

Aquellas vastissimas salas, estão desertas, aquellas compridas galerias estão tristes e silenciosas. Aquelle magestoso templo onde

eccoavam os canticos sagrados dos religiosos da terceira Ordem de S. Francisco e depois dos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) está hoje tudo esquecido e abandonado!

—

Depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, têm o governo dado diversas applicações ao mosteiro de Mafra, qual d'ellas a mais disparatada e prejudicial.

Tem servido de quartel militar; de escola de recrutas; de estação de soldados incorregiveis; de colegio militar, de asylo dos filhos dos soldados, etc., etc.

Que destino lhe darão ámanhan? Deus o sabe.

—

Teem cahido alguns raios n'este edificio; mas os que lhe causaram maiores prejuisos, foram os que cahiram em 1731 e 1786.

—

Muito se tem dito e escripto d'esta obra e do seu fundador; e todos são concordes em que tal obra, e em similhante sitio, foi uma inutilidade e um disparate monumental.

Nada teve de bom esta infeliz fanfarronada de D. João V, senão dar impulso ás artes plasticas em Portugal; creando umas, fazendo reviver outras e aperfeiçoando o resto.

Quando se dizia:—«aquelle foi artista nas obras de Mafra»—tinha as inquirições tiradas, para ser julgado bom artista no seu officio.

—

O nosso esclarecido litterato, o sr. Alexandre Herculano, diz:

«Collocae, pela imaginação, Mafra ao pé «da Batalha, e podereis entender quanto é «clara e precisa a linguagem d'estas chro«nicas, lidas por poucos, em que as géra«ções escrevem mysteriosamente á historia «do seu viver. A Batalha é grave como o «vulto homerico de D. João I; poetica e al«tiva, como os cavalleiros da ála de Mem «Rodrigues; religiosa, tranquilla e santa, «como D. Phillippa, rodeada dos seus cinco «filhos.

«As mãos que edificaram Santa Maria da «Victoria, meneando as armas em Aljubar«rota, deviam ser vencedoras. A Batalha re«presenta uma geração energica, moral e «crente — Mafra, uma geração afeminada, «que se finge forte e grande.

«*A Batalha, é um poema de pedra—Mafra «uma semsaboria de marmore.*

«Ambas éccos perennes, que repercutem «nos seculos que vão passando, a expres«são complexa e toda a vida clara e exacta «de duas épocas historicas do mesmo povo; «sua juventude viçosa e robusta, e sua ve«lhice cachetica.»

—

O sr. Camillo Castello Branco, no seu *Mosaico e silva de curiosidades historicas*, depois de narrar as causas a que se deve o edificio de Mafra, diz:

«Sahiram, logo que a rainha deu signaes «de fecunda, tres frades para Mafra, a fun«dar o hospicio, e D. João V foi pessoal«mente escolher o logar do convento.

«As expropriações e damnos, causados «aos agricultores convisinhos, em diversas «épocas, sommaram 14:738$150 réis.

«O primeiro voto do rei, tinha sido econo«mico: a promessa feita á Deus, era de con«vento para 13 frades. Depois, subiu a 40; «depois a 80; e ultimamente a 300. N'esta «conformidade delineou o architecto allemão «Ludovice, a sua traça.

«Cavaram-se os alicerces a braços de 400 «até 600 homens por dia, e a 20 palmos de «profundidade.»

Depois de discorrer sobre a edificação d'esta *pia parvoice* (como elle lhe chama) ou d'esta *bagatella maravilhosa* (como lhe chama tambem o sr. Alexandre Herculano) transcreve o sr. Camillo Castello Branco a carta que um abbade benedictino escreveu a outro, do mosteiro de Tibães, cujo original se guardava no cartorio d'este mosteiro.

Não só por os achar justos e curiosos; mas tambem para provar aos encarniçados detractores dos frades, que estes não eram tão hypocritas, supersticiosos e ignorantes como aquelles pretendem fazer acreditar—

copio aqui alguns periodos da referida carta. Eil-os:

«Em primeiro logar, foi errado o meio de «constranger os homens n'esta appetitosa «obra, *por ser voluntaria e não util e neces-«saria ao reino;* porque o principe, ainda «que soberano, *não tem dominio na liberdade «dos seus vassallos*, a os constranger invo-«luntarios, nas cousas que privativamente «pertencem ao gosto do mesmo principe, e «quando obra absoluta, fica transgressora «do direito natural, *como qualquer outro «particular*. Testemunhas da coacção e da «violencia, não sómente somos nós, que com «os nossos olhos vimos a tantos homens ar-«rastados pelas estradas e ruas, com cor-«das e cadeias, conduzidos por beleguins, co-«mo dilinquentes justificados; como tambem «são as mesmas pedras, aquem feriam os «gemidos famintos em que desafogavam «aquelles corações afflictos, ou já porque se «consideravam reduzidos a estado de escra-«vidão imerecida, ou porque na tyrannia «dos conductores experimentavam inhuma-«nidades.

«Foi errado tambem o meio de se fabricar «o magnifico edificio á custa das fazendas «alheias, porque *o principe não é senhor das «fazendas dos seus vassallos, para as con-«verter e distribuir ao seu alvedrio*, e é abso-«lutamente contra a lei divina, tomar o alheio «contra a vontade de seu dono. E note bem, «meu amigo, se é que póde caber na com-«prehensão, o que póde ser abysmo, as per-«das e damnos em que se tem arruinado este «reino, com as obras de Mafra, passe a des-«correr particularmente por ellas e achará «que nem uma só pessoa d'este reino pode-«rá dizer com verdade, que se acha eximida «d'ellas; e, como pelos effeitos chegamos ao «conhecimento das causas, recorra V. R.ma «ás lagrimas que se tem chorado e se vão «chorando, para d'ellas inferir as perdas e «damnos, que são as lagrimas com que se «explicam os vassallos opprimidos.

«Choram os homens as perdas dos seus «bens, convertidos contra vontade sua em «vaidades; choram a perda da saude, em «continuo giro de trabalho, expostos ao ri-«gor do frio, sem cama, em um deserto; no «intenso das calmas, sem sombra nem abri-«go; choram a miseria da fóme, sem paga-«mento; choram a perda das vidas e das al-«mas, na falta dos sacramentos, em artigo «de morte, com evidente perigo de salvação. «Grande miseria!»

Mais adiante diz ainda a carta do frade:

«Se são estes os meios, meu amigo, diga-«me V. R.ma, fallando como homem e como «catholico, como póde ser o seu fim, do agra-«do de Deus? *Por mais* que me digam que «esta obra se encaminha ao serviço de Deus «e seu louvor, por força de fé, estou obriga-«do a crer que não pode ser do agrado de «Deus. *As obras de que Deus se agrada, são «as de misericordia e justiça, exercitadas co-«mo virtude. Obras feitas contra a justiça e «misericordia, são obras do diabo, que não «de Deus. Furtar para dar esmolas, é pro-«posição condemnada: Fazer templos dedica-«dos a Deus, com prejuizo de terceiro, á custa «do sangue dos pobres, não se ajusta com a «lei que professamos.* E, se não póde ser do «agrado de Deus, que quer o meu amigo que «vamos vêr a Mafra? Que podemos vêr que «não seja incentivo para mágua? Que faz «que sejam marmores delicadamente lavra-«dos, se a consideração e piedade de catho-«lico me convida a descorrer, que todo este «reino tem sido cordeiro, de cujas veias cor-«reu o sangue para amolecer as durezas do «marmore? Que importa a inexplicavel per-«feição d'aquelle edificio, se a razão me obri-«ga a pensar que os seus materiaes foram «amassados com lagrimas e suor do rosto «dos pobres? Que monta a magnificencia do «templo, se não ha pedra em cuja frente não «estejam gravadas com letras de sangue, as «efigies da maior violencia e tyrannia? Meu «amigo, que somos nós—catholicos, ou bar-«baros? Se catholicos, não devemos com a «nossa curiosidade aprovar effeitos da so-«berba e deshumanidade.

«De que serve a composição dos sinos, «para a solfa dos minuetes, se a letra que en-«toam são os gemidos e lamentos com que «desafoga o coração de um reino afflicto? No

«templo de Deus, a melhor solfa para entoar «seus louvores, é aquella que se compõe do «tempo perfeito, que é o da graça, e a que «tem por propriedade, as boas consciencias; «por vozes, as orações; por figuras, as vir«tudes, por pausas, a observancia dos pre«ceitos; por pontos, os da perfeição nos cos«tumes; e por mestre da capella, o amor de «Deus.

«Nas mesquitas dos hereges é que sómente «pódem fazer boa consonancia os minuetes, «bons insentivos para vicios. Trocâmos os «templos em mesquitas, pois vemos que para «Mafra, que havia de ser templo de Deus, se «composeram os minuetes das mesquitas de «Inglaterra.

«Seja Deus sempre louvado, pois permitte «que os capuchinhos da Arrabida passassem «do estado de humildes, ao da grandeza; da «estreiteza dos cubiculos, á amplitude de um «palacio; da pobreza das esmolas pedidas, «á ração palaciana, com tanta fartura admi«nistrada; da modestia de frades, a bailari«nos de minuetes, que vale o mesmo que, «de virtuosos franciscanos a uns relaxados «Lutheros.

«E outras tantas mil vezes seja Deus lou«vado, pois permittiu que resurgisse a so«berba Babel, e que esta torre se continúe, «sem nos confundir as linguas, para fallar«mos na nova confusão!

«Finalmente. meu amigo, para vêr Mafra, «não é necessario ir a Mafra; porque ella, por «nossos peccados, está em toda a parte do «reino, pois não haverá n'elle pessoa que «não tenha tomado entre dentes a Mafra e a «não traga atravessada na garganta e cora«ção...

«No nome de Mafra, temos descoberto o «enygma. Vamos tirando a mascara. Repa«re bem que se compõe Mafra de cinco le»tras, que todas denotam a nossa perdição.

«Denota o *m*, que seremos *mortos*—o *a*, *assados*—o *f*, *fundidos*—o *r*, *roubados*—e o «ultimo *a*, *arrastados*.

«E se assolados, roubados, fundidos, ar«rastados e mortos são os termos a que nos «achamos reduzidos, por pratica e expe«riencia de justiça, estamos obrigados a di«zer mal de Mafra e desterral-a; pois, desde «o diluvio universal, esteve reservada, no «calcanhar do mundo para ser o diluvio uni«versal d'este reino.

. . . . . .

«Não posso, meu amigo, alcançár o odio »que tem o rei aos seus vassallos, nem em »que degenerassem, para serem desherdados «d'aquelle agasalho, que mereceram aos reis «seus predecessores; porque na constancia «do soffrimento e lealdade dos affectos, não «os ha mais dedicados.

«O certo é que este abatimento é dispo«sição para nos fazer apostatar da lei; para «o que é já principio, esta affectada quebra «com a séde apostolica; e serão os fins, a «mesquita de Mafra, onde, por peccados «nossos, veremos as ceremonias da lei es«cripta.

«Deus nos dê da sua graça, e tenha da «sua mão para que não desesperemos da sal«vação, e a V. R.ma dê luz para se retirar «de ver Mafra; á qual eu não chamarei tem«plo de Deus, mas sim espelunca de la«drões. E, por não approvar o que não pó«de ser do agrado de Deus, não quero hir «a Mafra, etc.»

—

Eis como se exprimia, no tempo da inquisição e no reinado de um rei absoluto, um dos membros d'essas ordens religiosas, (e de mais a mais superior de um convento) hoje tão odiadas pelos que se dizem amantes da liberdade.

Eis a opinião franca e desaffrontadamente expendida por um frade, cuja classe é hoje por alguns tida como servil, supersticiosa, inutil e ignorante.

—

Terminando a transcripção d'esta notavel carta, diz o sr. Camillo Castello Branco:

«E não continha mais a *insolente* carta do «D. abbade benedictino. Reluz n'ella o quer «que seja de verdade e justiça.

«Escriptores coévos, em termos modera«dos e timidos, delataram o despotismo com «que as auctoridades provinciaes compel«liam os agricultores e officiaes a hirem «trabalhar em Mafra. Um escriptor, nosso «contemporaneo, presume que D. João V

«ignorava as violencias praticadas, e acceitava como espontaneidade amorosa de seus «vassallos a prodigiosa concorrencia de braços. (1)

«Como quer que fosse, a pressa que tinha o rei de reproduzir-se e o valimento «de frei Antonio, com as forças fecundativas, que descem do céu, geraram grandes «angustias, enormes disperdicios e um acervo de pedaços de marmore, que tanto montam alli, como nas pedreiras d'onde os quebraram.

«Dos zimborios esplendidos do templo, «para cima está o céu, onde, primeiro que «as orações dos frades, chegaram as lamentações dos opprimidos pelos verdugos do «braço real. Aquillo não convida almas devotas nem poeticas. O que resumbra da «opulencia carrancuda e dura, de tanta pedra, vestida de laçarias e folhagens, é «muitissima hypocrisia, e muitissimo oiro, «que já vinha orvalhado das lagrimas d'outros opprimidos d'além-mar.»

—

Os marquezes de Ponte de Lima, tinham o senhorio da villa de Mafra, pelo casamento de D. Diogo de Lima com D. Joanna de Vasconcellos, filha e herdeira de D. João de Vasconcellos, senhor do morgado e casa de Mafra.

Ainda alli têem o seu palacio.

Está esta villa situada em um espaçoso terreno, que fica 224 metros sobre o nivel do mar, avistando-se, e a sua monumental basilica, de grandes distancias.

—

É notavel pela sua extensão, a célebre *tapada de Mafra*, junto do mosteiro.

É toda murada, tendo 15 kilometros de circumferencia.

Está atravessada por uma boa estrada a mac-adam, e em parte d'ella está ha annos estabelecida um granja modello.

É propriedade do sr. D. Fernando.

—

MAGACÍA—portuguez antigo—magia, feiticeria.

(1) *Panorama*, 4.º vol. da 1.ª serie, pag. 66.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca (3.ª vara do civel) da cidade do Porto, concelho, e 4 kilometros ao SO. de Gaya, 4 ao S. do Porto, 309 ao N. de Lisboa, 310 fogos. Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil e cria muito gado.

O prior dos crusios da Serra do Pilar, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

É uma rica e bonita freguezia, situada proximo da Costa. (Vide *Gaya*.)

MAGDALÉNA — freguezia, Extremadura, no bairro oriental de Lisboa. Já fica descrina palavra *Lisboa*.

MAGDALÉNA (Santa Maria)—Vide S. Thyrso.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante.

Está ha muito annos annexa á freguezia de *Cepéllos*. Vide esta palavra.

Foi do antigo e extincto concelho de Gestaçô.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Quando era freguezia independente, tinha por orago, Santa Maria Magdaléna.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé de altar.

Dista do Porto, 30 kilometros a NE., e 300 ao N. de Lisboa.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 322 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago, Santa Maria Magdaléna.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, a cuja freguezia está annexa. Vide *Monte-Mór-Velho*.

MAGDALÉNA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos.

Está annexa á freguezia de *Arcas*. Vide esta palavra.

MAGESTADE—titulo hoje dado a todos os reis.

Em Portugal, os nossos primeiros reis contentavam-se com o tratamento de *mercê*.

Depois veiu o de *alteza*, que durou até ao reinado de D. Sebastião.

Em 1570, querendo o papa, S. Pio V, e Philippe II de Hespanha, que o rei de Portugal entrasse em uma confederação contra os mouros, tiveram os dois monarchas uma entrevista, para se levar a effeito esse pensamento.

O rei castelhano, que já usava do tratamento de *magestade* (foi o 1.º que usou em Hespanha), e receando que D. Sebastião o tratasse por alteza diante da sua côrte, se apressou em lhe dar o titulo de magestade, obrigando-o assim a dar-lhe o mesmo tratamento; e foi o que tiveram os nossos reis, até ao dia 23 de dezembro de 1748, em que o pontifice Benedicto XIV, concedeu a D. João V o titulo *magestade fidelissima*, de que os nossos reis têem usado até hoje.

É provavel que este tratamento permaneça, visto não haver na lingua portugueza outro adjectivo que o exceda para exprimir a alta cathegoria de um monarcha.

MAGESTADE ou **MAIESTADE** — portuguez antigo—dava-se este nome ás imagens dos santos, distinguindo particularmente com este nome, a imagem de Jesus Christo crucificado, que ornada com oiro, prata ou pedras preciosas, traziam ao pescoço, ou sobre o peito.

Ainda hoje se dá o nome de magestade ás cruzes que os principes da egreja catholica trazem sobre o peito, nos dias solemnes.

Em 1272, fez a sr.ª *Aldára Pires* testamento, no qual deixa aos frades menores de Lamego—*Meas sortellas* (anneis), *quæ sunt quatuor, et unam* Magestatem, *et unum Camafeum, et unam crucem de plata, quæ tenet unam petram in medio*—(Documento do mosteiro de Tarouca.)

No testamento de Marinhanes (Marinha Annes) feito em 1273, que se conservava no cartorio do mesmo mosteiro, lê-se—*Mando todas mhas* (minhas) *Cruzes, e todas mhas Maiestades, e todas mhas Religas* (reliquias) *a Fr. Lourenzo.*

MAGRÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo e os monges benedictinos do mosteiro de Alpendurada, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 300$000, de rendimento.

MAGUEIJA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Lamego, d'onde dista 6 kilometros, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O cabido da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

É povoação muito antiga; pois já em 1163, Pedro Viegas, auctorisado por D. Affonso I, vendeu a D. Thereza Affonso, por 48 maravidins, tudo quanto tinha no territorio de Lamego e *Ermamar* (Armamar) a saber: em Queimada, Figueira, Portéllo (freguezia de Cambres), Quintião, Bouzoas, Penellas, Muimenta, *Magueija*, Candêdo (debaixo do monte Galafura), Valle do Conde e Lamaçaes, aguas vertentes para o Douro.

(Vide Cambres, a pag. 53 2.º vol.)

MAIA—territorio e denominação legal de um concelho, na comarca, e contigua á cidade do Porto, 315 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem este concelho 10:000 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O concelho da Maia, comprehende 16 freguezias, que são: Aguas Santas, Avioso (Santa Maria), Avioso (S. Pedro) Barca, Barreiros, Folgosa, Gemunde, Gondim, Guifães, Milheirós, Moreira, Nogueira, Silva-Escura, Vermoim, Villa Nova da Telha e S. Pedro Fins.

—

A capital d'este concelho, é a pequena povoação de Castéllo, Castrêllo, ou Castêdo, na freguezia de Santa Maria de Avioso; e por estar ali a casa da camara, se lhe dá a denominação de villa, quando não passa de uma pequena aldeia composta de 15 fogos.

(Vide *Avioso* (Santa Maria), a pag. 281 do 1.º vol., e *Castêllo*, a pag. 200 do 2.º)

—

É povoação antiquíssima; pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Pallantia*. Occupada pelos suevos, no seculo V, lhe mudaram o nome para *Amaia*, ou *Maia* (nome proprio de mulher) [1].

—

Aqui nasceu o famoso *Cayo Carpo Pallanciano*, nobre senhor da Maia, que ficando prisioneiro dos romanos, foi liberto de Augusto Cesar, e por isso se denominou *liberto*, e não porque fosse de baixa condição.

Foi coadjutor de Claudio Athenodoro, prefeito das rendas publicas.

Casou com *Claudia Loba Calense*, nascida em Cale (Gaia), filha ou neta do pretor romano, *Cayo Sevio Lobo*, progenitor dos Lobos, Lopes, etc.

Foi este cavalleiro lusitano, o primeiro que tomou por armas, ou divisa, cinco vieiras (conchas) em memoria do milagre que lhe fez o apostolo S. Thiago (Maior), no anno 44 de Jesus Christo, no proprio dia do seu casamento, e em vista de cujo milagre, elle, sua mulher e familiares, se fizeram christãos no mesmo dia.

(Vide *Bouças* e *Leça da Palmeira*.)

Ainda existem vestigios de muros e torreões dos seus paços.

No *Theatro dos letreiros antigos*. pag. 98, se vê o epitaphio de Cayo Carpo e de sua mulher, d'este modo:

C. CARPUS AUG. LIB. PALLANTIANUS
ADJUTOR CLAUDII ATHENEDORI
PRAEF. ANNONAE. FECIT SIBI,
ET CLAUDIEA LUPAE CALENCI.
CONJUGI PIISSIMAE.
TITO CLAUDIO QUIR. ANTONIO,
ET LIB. CLAUDIO ROMANO VERNAE,
ET LIBERTIS LIBERTABUSQ.
POSTERISQ. EORUM.

Quer dizer:

Cayo Carpo, da Maia, liberto de Augusto Cesar, cuadjutor de Claudio Athemedoro, prefeito da renda dos mantimentos, fez este monumento, para si e para Claudia Loba Calense, sua mulher piissima, e para Tito Claudio Quirino, para Antonio, filhos, e para Liberio Claudio, Romano, servo, que lhes nasceu em casa: para os que haviam sido seus servos, e estavam livres, assim homens como mulheres; e para seus descendentes.

Não pude saber onde existia este monumento.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Evora, a 15 de dezembro de 1519. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 25, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Aguas Santas, Alvarêlhos, Anta, Arvores de S. Salvador, Arioso, Azenes, Azevedo, Barca, Cabêdo, Cedões, Ciday, Cornado, Cobellas, Covilhão de Vairão, Crelêdo, Fajozes, Giam, Jamundes, Labruja, Lagôa, Lantimil, Leça, Loura, Maceira, Macieira, Martinho Annes, Mindello, Modivas, Muro, Nogueira, Outeiro, Palmeira, Paradella, Perafita, Retorta, Sanfins da Folgosa, Santa Christina, Santo Estevão, S. Romão, Savariz, Tougas, Vallongo da Estrada, Vallongo Jusão, Villa Chan, Villarinho, Vouga, e Vougado.

Veja-se a carta do rei D. Manuel, em data de 11 de agosto de 1518, mandando inquirir o que rendia a terra e concelho da Maia, de que era senhor Pedro da Cunha Coutinho: em virtude da qual carta, se acha junta a descripção dos logares e freguezias, e dos rendeiros; declarando-se o que cada um pagava.

Está no maço dos *Autos sobre os direitos reaes e da Ordem de Christo*, n.º 2.

[1] Isto, segundo alguns escriptores. Eu porém julgo que foram os romanos que lhe deram tambem este 2.º nome, que era o de uma das suas divindades. Todos sabem que *Maia* era filha de Atlante e de Pleione. Teve de Jupiter, Mercurio. Seu filho, para a salvar da perseguição de Juno, a collocou na ordem dos astros. É uma das *Pleiades*.

Maia é um appellido nobre n'este reino. Procede de D. Gonçalo Trastamires Alboazar da Maia, filho primogenito de um infante do reino de Leão (vide Ancora) que com outros companheiros veio a Portugal, no anno 1000, e tomaram aos mouros as terras da Maia, de cujo senhorio tomou o appellido. Estas terras correm pela costa maritima da provincia do Minho e parte da da Beira Alta (hoje tudo provincia do Douro) e n'ellas fez o seu solar, onde hoje é o concelho da Maia.

É d'este D. Gonçalo Trastâmires que procede o inclito Gonçalo Mendes da Maia, o *lidador*, fronteiro-mór e adiantado de D. Affonso I.

Tem esta familia brazão d'armas completo, que é—em campo de púrpura, aguia de ouro, armada, bicada e golada do mesmo—elmo de aço aberto e por timbre meia aguia das armas.

Diz-se que estas armas foram dadas a D. Soeiro Mendes da Maia (avô do *Lidador*) por ter vencido um desafio em Roma, no anno de 1038.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, uma aguia negra, golada de ouro—elmo d'aço aberto—e por timbre, meia aguia das armas.

Estas armas são tambem as dos *Barrosos*, *Barradas*, *Calças*, *Calvos*, *Rochas*, *Saraivas*, *Sequeiras*, *Pimenteis*, *Vieiras*, etc.

—

Tem a Maia o justificado orgulho e a honra mais inestimavel, de ser patria de um dos mais bravos companheiros e irmãos d'armas de D. Affonso Henriques. É o grande Gonçalo Mendes [1] da Maia, cognominado o *Lidador*.

Nasceu em 1079. Na sua mocidade, foi o *lidador* um fidalgo turbulento e arrebatado; mas companheiro e amigo inseparavel de D. Affonso Henriques, foi um dos maiores guerreiros e dos mais sympathicos cavalleiros d'aquelles tempos de heroes e cavalleiros.

[1] Mendes é patrominico de Mendo. São Mendes os descendentes do illustre conde D. Mendo, pae do *Lidador*.

Combateu sempre ao lado do seu rei, algumas vezes em defesa da sua patria e quasi sempre para alargar os limites d'ella, com territorios conquistados aos mouros, de quem era o terror.

A sua vida foi empregada em continuo batalhar, sem que o pêso dos annos lhe diminuisse as forças do corpo e a intrepidez—e até mesmo a temeridade—da juventude.

Era fronteiro de Beja, e na edade de 90 annos fazia frequentissimas vezes *entradas* em terra de mouros, como se estivesse em todo o vigor da vida. Por maior que fosse o numero dos inimigos, elle os investia sem temor, e com certeza de victoria que sempre obteve nas suas assombrosas empresas, combatendo muitas vezes contra os mouros, dez e mais vezes superiores em numero.

Foi em uma d'essas homericas batalhas que teve logar a sua ultima victoria. Os mouros foram completamente derrotados, porém o lidador, mortalmente ferido, exhalou o ultimo suspiro quando perseguia os mouros na sua fuga precipitada.

Teve logar este facto em 1169.

—

São tambem naturaes da Maia—os valorosos guerreiros — Soeiro Mendes, o *bom*, e D. Payo Mendes, arcebispo de Braga, irmãos do *Lidador*, e filhos do conde D. Mendo, rico-homem do conde D. Henrique.

—

Manuel Mendes da Maia, d'esta familia, tambem foi um guerreiro illustre, e pelos grandes serviços que fez na Africa, lhe deu o rei D. Manuel, por carta regia de 1520, o brazão d'armas seguinte:—escudo dividido em facha, na 1.ª de azul, uma muralha de prata com suas ameias e duas torres, uma em cada angulo, tudo lavrado de negro, com uma porta do mesmo, no meio da muralha—a 2.ª dividida em pala, sendo a primeira de púrpura, e n'ella uma cabeça de mouro, com turbante de prata e azul, cortada em sangue—e na 2.ª, tambem de púrpura, tres lanças de prata, com hasteas de ouro, em roquete. Elmo de aço aberto, e por timbre, a cabeça do mouro das armas.

—

Ha ainda outros Mendes, oriundos da Gal-

liza; porque D. Estevão Mendes de Araujo, cavalleiro gallego, se veiu estabelecer em Portugal, e é o tronco d'esta familia.

As familias d'estas duas procedencias estão hoje muito ramificadas, e adoptaram differentes brasões d'armas. Vão nas terras onde residem, ou onde tiveram os seus solares.

—

MAIAS (festa das)—foram muito usadas em Portugal, e ainda em nossos dias eram objecto de grande regosijo no Algarve.

São com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as *festas das maias* em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povoações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga de dez a doze annos, das mais bonitas do sitio. Enfeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e se collocava em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a *maia*.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro, coberto de murta e flores, em roda do qual se dançava todo o dia, ao som de qualquer instrumento (ás vezes, até mesmo de uma philarmonica, mais ou menos horripilante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha logar no dia 1.º de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha logar a festa. Todas as ruas queriam ter a sua *maia*, e andavam *á compíta*, qual d'ellas seria mais bonita e mais luxuosamente vestida, e em qual das festas haveria maior e melhor concurrencia e sumptuosidade; o que ás vezes dava causa a conflictos e desordens.

Ha alguns annos que o governo prohibiu a *festa das maias*.

MAIORCA—villa, Douro, comarca e concelho da Figueira, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago, S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil, e tem optimo vinho.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, e o pé de altar.

É povoação muito antiga, e era couto desde os principios da monarchia.

Depois foi concelho, que se supprimiu em 1855.

Tinha 3:200 fogos.

—

A villa de Maiorca está situada na encosta do monte fronteiro á villa de Monte-Mór-Velho, para a parte do O.

Diz-se que se lhe deu o nome de Maiorca, em contraposição a Monte-Mór; porque, ao passo que os d'esta villa questionavam sustentando que o seu *monte* era o *maior*, redarguiam os de Maiorca, fallando do seu monte «maior é o de cá.»

(Parece me uma etymologia bastante *forçada*: creia n'ella quem quizer.)

Alhadas (que tambem foi villa) chamava-se antigamente *Alliadas*.

Diz-se que por causa da alliança que existia entre esta povoação, Maiorca e Quiaios, para se defenderem das invasões dos arabes.

É tradição que, tendo todas estas tres povoações combinadas dado um jantar a uma rainha portugueza, que aqui veio em visita, foram por este caso isentas de pagar *jugada*.

A villa de Maiorca é bonita, vista de fóra; mas não assim vista interiormente, pois além das suas más entradas, as casas são, em geral, insignificantes; as ruas estreitas, tortas e pouco asseiadas.

O seu extincto concelho, confinava pelo NE., com o de Monte-Mór-Velho — pelo N., com o de Cadima (tambem extincto) — pelo S., com o da Figueira; e pelo E., com o rio Mondego, que o separa do extincto concelho de Verride.

Segundo Franklim, esta villa não tem foral novo nem velho.

O sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, na sua *Memoria Historica-Chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, publicada em 1853, diz que D. Manuel lhe deu foral em 23 de

agosto de 1514. É engano. Esse foral é o de *Maiorga* e não de *Maiorca*.

Era couto da Universidade de Coimbra, com juiz ordinario, vereadores e almotacés, todos confirmados pela mesma universidade; mas dependendo, no crime, do juiz de fóra da Figueira, e pertencente á correição de Coimbra.

É tambem antiga a cathegoria de villa dada a Maiorca.

D. Nicolau de Santa Maria refere que foi doada (como villa) juntamente com a do Ervedal, pela rainha D. Dulce (filha de Raymundo Berengario—5.º do nome—conde de Barcellona e de sua mulher, D. Petronilha, rainha de Aragão — e mulher do nosso D. Sancho I) ao convento de Santa Cruz de Coimbra, em attenção ao seu prior, D. João de Frois, seu confessor. Este prior (diz D. Nicolau) lhe deu foral em 1194. *Chron. da Ord. dos coneg. regr. de Santo Agostinho*, livro 9.º, cap. X.)

O padre Antonio Carvalho da Costa, conta-a porém como uma das freguezias do concelho de Monte-Mór-Velho: o que não quer dizer que fosse, antes d'isso, couto ou concelho independente, como depois o tornou a ser.

No antigo concelho de Maiorca ha algumas propriedades, como são, a extensissima *quinta da Fôja*, que foi dos crusios de Coimbra, vendida depois de 1834, menos a soberba matta nacional, de excellentes pinheiros para toda a qualidade de construcções — a *quinta da Quada*, com um optimo sobreiral —e a pequena *matta do Favainho*.

É tambem nos limites d'este concelho a *serra da Mina*, continuação do *Cabo-Mondego*, que, começando alli, vem quebrar-se em S. Fins, depois de passar pela Brenha e Alhadas, onde se divide em pequenas ramificações—e a *ponte do Barco*, de pedra e cal, a mais extensa do districto, construida em 1519 por Nuno Parada e Pedro do Rogro, segundo consta da *carta de Padrão*, passada em 1522, e que existia no convento de Santa Cruz. Esta ponte foi construida por elles, pelo preço de 300$000 réis, e o *pão da ponte*—isto é — o direito de receberem 3 alqueires de pão meiado por cada lavrador, e 1½ por cada caseiro; e 10 réis de outra imposição.

No elevado monte que cahe sobre a extremidade d'este ponto, para o lado de Monte-Mór-Velho, existe hoje a capella de Santa Eulalia, que se diz fundada sobre as ruinas de um antigo castello, talvez do tempo dos romanos; pois aqui foi encontrada uma estatua de Juno.

Foi este castello destruido pelos mouros, em 1116, não lhe deixando pedra sobre pedra; hindo depois fazer o mesmo ao castello de Soure.

D. Affonso I, doou este castello ao mosteiro de Santa Cruz, em 1166, com todas as suas rendas, que até ahi recebiam os seus alcaides-móres, e consistiam no oitavo de todos os fructos, que lhe pagavam as villas de Maiorca e Alhadas, e seus termos.

Consta que este castello foi uma formidavel fortaleza da idade media. Hoje apenas se divisam tenues vestigios d'elle.

Os seus materiaes foram empregados na construcção da ponte do Barco.

Os *Campos de Maiorca* são muito ferteis, por serem alagados no inverno pelo Mondego, que n'elles deposita os seus nateiros fecundantes; pelo que produzem todas as especies de cereaes, sobre tudo milho, trigo e legumes; porém a sua mais vasta cultura é a do arroz, que pela grande extracção que acha nos mercados de Coimbra e Monte-Mór, fórma a sua principal riqueza.

Parece que foi aqui onde primeiro se cultivou arroz em Portugal.

O dr. Luiz de Sousa dos Reis, diz nos seus manuscriptos—*Depois de alguns annos, se introduziu nos ditos campos* (de Maiorca) *e n'este territorio, da comarca d'esta cidade de Coimbra, as sementeiras de arroz; e como os jacobeus* (os crusios) *se entregassem muito á cultura do arroz, desejavam ser sós e não gostavam que os mais o semeassem*, etc.—Estê Luiz de Sousa, escrevia no meiado do seculo XVIII. (Vide *Varzea d'Ançan, ou da Loureira.*)

Nos campos de Maiorca ha duas lagôas; uma no logar do Camarção, denominada *Lagôa dos Braços*, d'onde sae uma corrente de agua, que engrossada com outras das Alha-

das e Ferreira, fórma o rio *Esteiro*, que desagúa no Mondego, junto a S. Fins; sendo navegavel até á quinta da Fôja, e transportando-se por elle as madeiras do pinhal da nação; a outra se chama *Lagôa da Villa*, no sitio do Bom Successo.

Tem 1:500 metros de extensão e quasi metade de largura.

Conserva-se estagnada, menos em occasião de grandes cheias, que então rompe para o mar.

Abunda em caça de arribação, em peixe miudo e particularmente em saborosas e grandes eirozes.

—

O digno director das obras do Mondego e barra da Figueira, o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro, sahiu para Lisboa afim de tratar de alguns negocios de serviço publico, em março de 1874.

O fim principal da sua ida á capital, é a apresentação do importante projecto definitivo para melhoramento dos rios de Maiorca e de Fôja e campos adjacentes.

Este projecto foi requerido pelo sr. Pinto Basto, proprietario da grande quinta de Fôja, no concelho da Figueira da Foz e proximidades de Montemór-o-Velho, e elaborado por ordem do governo.

É um trabalho muito completo e que foi estudado minuciosamente, porque as obras a executar são variadissimas e abrangem grandes extenções de terrenos, n'alguns dos quaes houve bastantes difficuldades para o acabamento dos estudos necessarios.

O projecto abrange obras não só para beneficiar a mencionada quinta, como para melhoramento dos rios de Maiorca, de Fôja e campos adjacentes, utilisando de todas ellas grande numero de proprietarios.

D'estas obras, umas ficaram a cargo do estado e outras serão feitas a expensas dos interessados.

A importancia do orçamento geral das obras é de 70:000$000 réis, pertencendo ao estado 36:112$230 réis, e aos particulares 33:887$770 réis; mas, como os trabalhos propostos são muito variados, podem ser divididos em differentes epocas, gastando-se nos primeiros a effectuar a quantia de réis 58:184$287, cabendo então aos proprietarios 29:229$900 réis e ao estado 28:954$387 réis.

Em novembro do mesmo anno de 1874, o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro, foi auctorisado pelo governo a proceder á abertura do estreito de Fôja, no espaço comprehendido entre as Portas de Arruella e a ponte de Maiorca.

Estas obras estão orçadas em 11:031$300 réis, para as quaes o sr. José Ferreira Pinto Basto, offereceu a quantia de 2:500$000 réis, concorrendo assim para um melhoramento de utilidade publica e de grande beneficio para a sua propriedade, uma das maiores e das mais productivas do paiz.

Oxalá que o procedimento do illustrado benemerito, e rico proprietario da Quinta de Fôja, sirva de lição e exemplo a outros proprietarios, que, devendo por utilidade propria, auxiliar o estado e os municipios, são os primeiros a crear-lhes embaraços, pedindo quantias absurdas por alguns metros de terreno.

MAIORGA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Patriarchado de Lisboa e districto administrativo de Leiria.

O D. abbade geral de Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha de rendimento annual, 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, 35 almudes de vinho e 6$000 réis em dinheiro.

Era uma das treze villas dos coutos de Alcobaça:

É povoação muito antiga. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514.

(*Livro dos Foraes novos da Extremadura*, fl. 96, col. 2.ª e fl. 130, col. 2.ª)

—

Esta villa está situada em um plató, a 3 kilometros a O. de Cós.

O seu territorio é fertil em vinho, azeite e castanhas.

Tem uma veiga, situada entre os dois rios da *Abbadia* e da *Valla*, que vem de Aljubar-

rota e do Paúl, e é ainda atravessada por dois ribeiros. É terra fertilissima.

Dentro do adro da egreja matriz está a egreja do Espirito Santo, que é Misericordia.

Ha aqui muitos moinhos, grandes lagares de vinho e de azeite: estes são dos melhores do reino. Era tudo do mosteiro de Alcobaça, bem como a grande *Quinta da Torre*.

A 1:500 metros a NO. d'esta villa, na raiz de um monte, que é continuação da *quinta da Vestiaria*, e corre de N. a S., fronteiro á *quinta da Piedade* (ambas tambem do mosteiro de Alcobaça) nascem quatro *olhos* de agua, thermal, com pouca distancia entre si, e na quantidade de uma telha. O seu grau de calor, é de 83 gr. de F., ou 22 $^1/_2$ de R.—Não tem cheiro estranho, e o seu sabor é amargo e algum tanto salgado, de côr diafana. O seu exame, feito pelos reagentes, mostra que não contém particulas de enxofre, mas muito sulphato de magnesia, muriatos de soda, calcareo e magnezium, nenhum acido livre, nem substancia metalica. São pois salinas neutras, e uteis tanto externa como internamente. Applicadas do segundo modo promovem a transpiração, são diureticas e purgativas. Restabelecem o vigor do estomago e dos intestinos, e corroboram os nervos. Destroem a espessura da limpha, resolvem as obstrucções das glandulas, os enfartes das entranhas e articulações; são uteis nas affecções hypocondriacas e estericas, e em todas as enfermidades chronicas, procedentes de torpor e inercia das entranhas, e nas paralysias. São tambem uteis nos rheumatismos, gotas e febres intermitentes, e em varias outras molestias.

Applicadas externamente (em banhos) são de summa utilidade nas paralysias, tumores frios, retracções e fraquezas de membros; lentura ou preguiça de circulação cutanea; molestias rebeldes da pelle e do tecido cellular; nas chagas inveteradas e outros padecimentos.

MAIORINO—portuguez antigo—primeiro juiz supremo do rei, segundo os documentos de Hespanha e Portugal até ao seculo XIV.

Alguns confundem o *maiorino* (a que depois correspondeu o *meirinho mór*) com o mordomo-mór da casa real; mas é êrro, pois os seus officios eram inteiramente differentes.

Havia *maiorinos-móres* e *menores*, já desde o tempo dos godos.

A *maioría* que elles tinham para fazer justiça, em determinados territorios, é que lhes deu o nome de *maiorinos*.

Os primeiros tinham quasi e mesmo poder que os *adiantados*.

Eram postos pelo rei, com poder absoluto, sem appellação senão para o monarcha.

Os segundos eram postos pelos primeiros. A sua jurisdicção se não estendia além de certas e determinadas causas, como se vê da *Lei das partidas*, part. 2.ª. tit. 9 L. 23.

Os primeiros (os *móres*) vem mencionados no concilio de Coyança, de 1050, no Canon 7.º, por estas palavras—*Admonemus, ut omnes comites, seu* Maiorini Regales, *populum sibi subditum per justitiam regant.*

O concilio de Penafiel, de 1302, Can. 13, diz dos *menores* — *Alcales, vel* Maiorini, *vel alii Rectores Civitatum, vel aliorum locorum*, etc.

Nas cartas regias dos seculos XI, XII e XIII, se confirmam algumas vezes os maiorinos-móres, declarando as provincias em que exercitavam a sua jurisdicção.

Em Portugal havia, desde o principio da monarchia, tantos *maiorinos*, ou meirinhos-móres, quantas eram as provincias em que o reino se dividia.

O seu officio se exprimia pela palavra *tenens*, que vem de *tenementum*, cuja palavra, na infima latinidade, significava *territorium seu districtus alicujus loci.*

Na doação que D. Affonso Henriques e seus filhos fizeram a D. Sancha Paes, das tres villas de *Golães*, *Gondim* e *Villar*, em terra de Guimarães, em 1167, entre e depois dos mais aulicos, que confirmam, se lê:—*Sueris Menendi, Extrematuram tenens*—C f.—(Doc. de Lorvão.)

No reinado de D. Affonso III havia sete d'estes *tenentes* ou meirinhos-móres, como se vê no foral de Aguiar da Beira, dado por

aquelle rei, em 1258; no qual, depois de haverem confirmado D. Gonçalo Garcia, alferes da curia, e D. Gil Martins, mordomo da curia, se seguem estes meirinhos-móres.

Além d'estes meirinhos-móres das provincias, comarcas ou departamentos, havia um meirinho-mór de todo o reino.

O primeiro que se encontra com o titulo de meirinho-mór, em documento official, é D. Pedro Lourenço, meirinho mór de Portugal, em Aljustrel, na doação que D. Sancho II fez á Ordem de S. Thiago, em 31 de março de 1235.

A estes se seguiram outros, que no seculo XV conseguiram o titulo de meirinhos-móres da côrte e reino.

O titulo de meirinho mór, andou muitos annos na casa dos condes de Obidos (hoje unida á dos condes de Sabugal) que por isso eram chamados *condes-meirinhos-móres*

Os meirinhos móres das comarcas e provincias, duraram até ao reinado de D. Affonso V, que os aboliu inteiramente, creando em seu logar os corregedores, que existiam até 1834; mas sem a jurisdicção amplissima de que usavam os meirinhos-móres, até mesmo sobre os nobres e fidalgos.

Elles proviam os juizes ordinarios das villas e concelhos do seu districto; tomavam conhecimento do que se decidia nos tribunaes, e eram, com pouca differença, uns adiantados ou regedores das justiças.

Tambem havia maiorinos dos governadores, potestades ou principes das provincias ou comarcas, postos pelo soberano; tinham seus meiorinos-menóres, que immediatamente lhes eram sujeitos.

Até ao anno de 1102, se acham em Portugal muitos documentos originaes, dos maiorinos, que nomeiavam a D. Affonso VI, rei de Leão, como *principe e senhor absoluto da terra de Portugal*; porém, desde aquelle anno, fallam do conde D. Henrique como *soberano independente dos portuguezes;* dizendo só, que D. Affonso era rei de Toledo.

Lê-se em um documento do mosteiro da Alpendurada, de 1109, que Egas Garcia — *erat maiorinus maior d'Egas Gozendis, qui erat dominator, et princeps terriae illiues, et tenebat ipsa terra de Sancto Salvatore, et de Tendales, cùm alia multa in suo aprestamo, de manu de illo Comite Domno Enrrico.*

MAIROS—freguezia, Tráz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto de Villa Real.

É proximo da raia.

O abbade de Monforte do Rio Livre, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

MALADA — portuguez antigo — escrava, serva, manceba, menina, creada, ou môça de servir; que por condição, ou salario, tem obrigação de se empregar no serviço de seus senhores ou amos.

Em um documento da universidade, de 1279, se lê—*E nem devemos chamar-mo-nos per homem, nem a moller per* malada *d'omem nenhuum, nem de dona; ergo do Abade, e do Prior, e do Convento... E a parte que d'estes convenentes defallir, deve peitar C. maravidis velhos.*

MALADÍA — portuguez antigo — serviço obrigatorio do colono, ou emphiteuta, como o de um escravo, ou servo de gleba.

O senhor, porém, ficava obrigado a defender, amparar e manter certos privilegios e isenções a esses servos, ou *malados.*

As propriedades cujos servos eram obrigados a este detestavel serviço, se chamavam *maladías.* Parece que esta palavra vem do anglo-saxonio. N'elle se acha *male, mal* ou *maal,* que significa pensão, direito, fôro ou tributo, e *man,* que significa *homem.* D'aqui se formou *maalman,* que quer dizer—homem sujeito a tributo, ou escravidão.

Tambem d'aqui se disse na baixa latinidade, *mallum* e *mallus,* ao tribunal, ou assembléa geral, dos condes e ministros reaes, que duas vezes no anno se reuniam para decidir negocios graves dos feudatarios, vassallos, ou colonos.

E, porque estas assembléas tinham logar nos montes, ou collinas, se denominavam *mallobergium.* Das decisões e arestos d'estas assembléas se formaram os principios da lei *sálica.* (Vide *Cóóna de manteiga.*)

Em 1297, Gil Esteves, vendeu um casal em Tendaes, ao mosteiro de Salzedas, por um *mú*[1], em preço de 80 libras, e *de revora*[2] *céem soldos, e do prêço ni migalla ficou por dar.* Uma das condições é que, *nenhum possa demandar no tal casal, serviço, nem geira, nem testamento, nem* maladia, *nem outra demanda nenhua.* (Documento de Salzedas.)

Na instituição do morgado de Médéllo, e capella de Santa Catharina, da Sé de Lamego, por o bispo de Evora, em 1317, deixa o instituidor, a Vasco Martins, reitor da egreja de S. Thiago, de Beja, as suas quintas, que alli nomeia, *cum suis casalibus, honoribus, seu honris. servitiis, maladiies, pascuis, montibus,* etc. (Documento da Sé de Lamego.)

Tambem se dava o nome de *maladia,* ao proprio fôro, censo, ou pensão, dados pelo servo, colono, ou emphiteuta. (Vide *Mangualde.*)

MALADO—portuguez antigo—o que vivia em terras de senhorio e sujeito a *maladias.* Tambem no seculo XII se dava o nome de *malados, mancebos,* ou *creados de servir,* aos filhos que ainda estavam debaixo do patrio poder. Depois se deu este nome sómente aos servos adscritos á propriedade. (Vide *Thomar* e *Villar-de-Porcos.*

MALAMENTE—portuguez antigo—mal e indevidamente, com detrimento grave, e sem rasão. *Por esta razom leixam* (deixam) *a terra e se despobra* (despovôa) malamente. (Cortes de Lisboa, de 1389.—Documento da camara do Porto.)

MALATOSTA—**MALLA-TOSTA** e **MALTOSTA**—portuguez antigo—direito, imposição, ou tributo que pagavam os que embarcavam vinho na cidade do Porto. Eram 48 réis por cada tonel; metade para o bispo e cabido e metade para o rei.

Vem de *tolta, toulta,* ou *tulta,* que na infima latinidade era a palavra designativa de qualquer tributo, ou exacção que por força e contra toda a rasão e direito, se levava ao povo em geral, ou a alguem em particular.

[1] Macho; animal quadrupede bem conhecido. Então, e muito depois, aos machos pequenos se dava o nome de *mulatos.*

[2] *Revora,* eram os contratos feitos entre pessoas maiores e *sui juris.*

Disseram *tolta-mala,* ou *mala-tolta* e depois *mala-tosta.* Tambem se dizia, *maos-costumes, exacções injustas, perniciosas, falsas, individas e pessimas.*

MALCATA—freguezia, Beira Baixa (no *Riba Côa*) comarca e concelho do Sabugal, 35 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Barnabé, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O vigario de Sortêlha apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

MALDICÇÃO—era tão temida desde o seculo VII, e nos primeiros da nossa monarchia até ao fim do seculo XIV, que em quasi todas as escripturas, testamentos, doações e emprazamentos se impunha ao que quebrasse o estipulado. (Vide *Figueiredo de Cêa,* vol. III, pag. 193, col. 2.ª in principio— e *Penacova* e *Vairão.*

MALENTRADA—portuguez antigo—pena ou mulcta que o preso pagava por entrar na cadeia; differente da *carceragem* que se pagava (e ainda paga) á sahida.—«*Pague de carceragem trinta reaes brancos* (libra e meia da moeda antiga) *e dous reaes de* malentrada, *pera aquelle que o desferrar* (que lhe tirar os ferros) *quando houver de o soltar.* (*Cod. Alph.* Liv. I, tit. 32.)

MALEZA—portuguez antigo—fraude, malicia, trapaça e conloio.

MALFÁIRO e **MALFÁRIO**—portuguez antigo—adulterio. (Vide *Lamego,* a pag. 40, col. 1.ª do 4.º vol.)

MALFETRÍA—portuguez antigo—delicto, acção má, malfeitoria.

MALHADA—grande mina de chumbo argentifero, na freguezia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga. É dependente da famosa mina do Braçal, e, como esta, propriedade do sr. Lourenço Feuheerd, allemão. (Vide *Albergaria Velha,* a pag. 51, in fine, da col. 1.ª do 1.º vol.)

O *poço mestre* d'esta mina (da Malhada) já tinha em fevereiro de 1374, 60,^{m}5 de profundidade (270 palmos!)

MALHADA-SORDA—freguezia, Beira Bai-

xa, comarca e concelho do Sabugal (Riba-Côa) 95 kilometros ao SE. de Lamego, 325 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 267 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Muito fertil em cereaes.

(Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*)

MALHADAS—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, d'onde dista 40 kilometros, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Miranda, hoje de Bragança, apresentava—por giro—o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

MALHA-PÃO, MOLHA-PÃO ou **MAXA-PÃO**—grande quinta dos srs. condes da Anadia, proximo da Malhada, e a 18 kilometros ao N. de Coimbra.

É na aldeia do mesmo nome.

Na quinta morreu em 1795 Joanna Francisca da Piedade, com 125 annos de edade.

MALHOM ou **MALHÃO**—portuguez antigo—marco, baliza, termo, limite. Vem de *mallum* ou *mallus*, que era o tribunal dos juizes, que se estabelecia nos confins das terras dos litigantes, levantando-se para isto um pequeno monte de terra ou *arca* (como então se dizia) que demarcava os respectivos limites; se n'aquelle sitio não havia algum monte ou collina.

MALHOS—portuguez antigo—matracas. Era um taboão pendente que se via em alguns mosteiros. Batia-se-lhe com um maço de páo para chamar os frades a capitulo. Tambem servia nas egrejas para chamar os fieis á oração desde quinta e sexta-feira maior, até ao apparecimento da alleluia, no sabbado; em cujo tempo é prohibido tocar sinos.

Estas *matracas*, porém, eram manuaes e compostas de 3 táboas quadradas, presas por eixos de corda ou dobradiças, tendo a do meio um prolongamento ou cabo por onde se segurava. Ainda se usam as matracas em algumas egrejas, e no tempo referido.

Tambem se usavam em tempo de interdictos.

No 1.º de agosto de 1353 se fez um praso no mosteiro de Rio Tinto, sendo as religiosas convocadas a capitulo—*por malhos tangidos; porque nom tangem sinhos, por razom do antredicto.*—(Documento do mosteiro de S. Bento d'Ave-Maria, da cidade do Porto.)

MALHOU—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 257 fogos.

Orago o Divino Espirito Santo.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Foi do concelho de Pernes, comarca de Torres Novas.

É terra fertil em cereaes e azeite.

O povo apresentava o cura. Cada fogo *inteiro* pagava um alqueire de trigo, e uma canada de azeite—cada *meio fogo*, meio alqueire de trigo e meia canada de azeite. Além d'isto o pé de altar.

O nome d'esta freguezia é derivado de *Malhom*, significa pois, *freguezia dos marcos*, ou *terra do termo.*

MALIOLO—portuguez antigo—vinha nova—bacéllo. Os hespanhoes dizem, *majuello.*

MALLEVA ou **MALEVA**—portuguez antigo—fiança, na baixa latinidade se dizia *mallevantia.*

Em uma procuração feita em 1293, entre outros poderes, concede o constituinte o de *mallevar* e *sacar mallevas.* (Documento do mosteiro de freiras bentas, do Porto.)

MALPARTIDA—freguezia, Beira Baixa, comarca e 24 kilometros de Pinhel, concelho de Almeida, 335 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Foi do bispado da Guarda.

O ordinario apresentava o abbade, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MAL-PECCADO—portuguez antigo—intergeição de quem duvida, ou nega, desejando—*E peró que andarom en preito con a Ygreia per desvairados Juizes, mal peccado!...*

pela ssa força, nunca a voontade do passado (defuncto) *ouve cabo, nem á.* (Documento do bispado da Guarda, de 1298.)

Tambem em alguns documentos se vê esta expressão empregada como dizendo: *por nossos peccados, por nossa desgraça. E porque,* mal pecado, *os homeens mais sooem de recear a pena temporal, que a sanha de Deus, e vergonça* (vergonha) *e maa nomeada.* (Cod. Alf., Liv. 5.º, tit. 31, § 4.º)

O nosso povo diz commummente, n'esta ultima accepção—*por mal de peccados.*

MALPICA—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Castello Branco, 100 kilometros da Guarda, 220 ao E. de Lisboa, 370 fogos.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Orago, S. Domingos.

A Mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

MALSENTIDO—portuguez antigo—enfermo, doente, molestado, etc.

MALTA—freguezia, Trás-os-Montes, está annexa á freguezia de Olmos, na antiga comarca de Chacim, hoje Macêdo de Cavalleiros. Vide Olmos.

MALTA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde. Já está descripta sob o nome de Santa Christina de Malta, a pag. 296 do 2.º vol.

MALVAZMENTE — portuguez antigo — protervamente.

MALVEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia de Alcabideche, concelho de Cascaes, comarca de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 10.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

Ha aqui todas as quintas feiras, uma grande feira de gado de todas as qualidades, sobre tudo, bovino.

Os preços do gado, n'esta feira, são os reguladores para Lisboa e outras terras.

Em junho, ha uma feira de anno.

MALVESADA e **MALVESADO**—portuguez antigo — mal acostumada—o — aquella, ou aquelle que vivia deshonestamente. No foral de Cernanchêlhe, de 1124, se diz—que a mulher do cavalleiro gose dos mesmos privilegios de seu marido, até se tornar a casar—*si illa non fuerit malvesada*—isto é—se viver honestamente.

MAMARROSA ou **MAMA-ROSA**—freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho de Oliveira do Bairro (foi do antigo concelho de Mira), 18 kilometros a SE. de Aveiro, 35 ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 450 fogos. Em 1757 tinha 245 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Foi do bispado de Coimbra, hoje é do bispado e districto administrativo de Aveiro.

O reitor da Sêza, apresentava o cura, que tinha 120$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, no paiz vinhateiro da *Bairrada*, e uma freguezia rica.

É povoação muito antiga. D. Sancho II, doou a herdade da Mamarrosa, a fr. Hugo, prior do mosteiro e hospital de Santa Maria de *Rocha de Amador* (Roque Amador), da villa da Sôza, em 1242.

Seu irmão D. Affonso III, confirmou esta doação em 1260. (Vide *Sôza.*)

É provavel que o nome d'esta freguezia, provenha de *Mâmoa*, como quem diz—Povoação das *mâmoas.* (Vide *Mâmoa.*)

MAMEDE (S.)—Vide *Coronado, Negrellos* e *Recesinhos.*

MAMEDE (S.) **D'INFESTA**—Vide *Infesta.*

MAMEDE (S.) **DE RIBA-TÚA**—villa extincta, Trás-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 100 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil, e tem bom vinho. Produz esta freguezia as melhores laranjas de Portugal, que rendem annualmente de 1:200$ a 1:600$ de réis.

MAMEDE DO SADÃO (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho da Grândola, 60 kilometros ao O. de Evora, 105 ao SE. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A Meza da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MAMOA e **MAMOA**—portuguez antigo—Ha em Portugal varias aldeias com o nome de *Mâmoa*, *Mamôa*, *Meimôa* e *Meimão*. Todas procedem de um monumento celtico (ou preceltico) cujo nome primittivo se ignora.

Foram os romanos que o denominaram *mamma*, pela semelhança que têem com um peito de mulher.

Quando fallecia algum chefe, ou pessoa notavel dos celtas, ou pre-celtas, lhe depositavam as cinzas em uma caixa construida de lagens, que cobriam com uma pyramide (pequeno cabeço pyramidal) de terra.

É d'aqui que vem a palavra *mamelão*, para designar um pequeno cabeço.

Tambem alguns escriptores dão a estes monumentos os nomes de *modôrras*, *mamunhas* e *mamuinhas*.

Tendo já n'esta obra fallado sobre estes monumentos, para evitar repetições, veja-se —*Anta*, *Carn*, *Couto de Cucujães*, *Crasto*, *Cannas de Senhorim*, *Dolmen* e *Fieis de Deus*.

Ha ainda em Portugal muitas mâmoas, mas quasi todas arrombadas pelo povo, na intenção de acharem alli *thesouros encantados*.

Onde as tenho visto em maior quantidade é no monte do *Curúto*, freguezia de Fermedo; no *Monte Grande* (proximo a Serradêllo) na freguezia da Raiva; na Serra de Ancia, freguezia de Real, e no monte do Castêllo, freguezias de Escariz e de Mançôres.

Em um documento da universidade, de 1298, se lê—*Que fossem na mamóa da par da carreira de sobre Anzega, que chamam Mamóa negra.*

Em um documento do mosteiro de Alpendurada, de 1315, se dizia—*E parte pela mamóa, que está a par da estrada.*

Em um documento do mosteiro de Santo Thyrso, se dá a estes monumentos o nome de *mamúa*.

Desde o seculo IX até ao XII, se escreveram em Portugal e Hespanha, muitos documentos, em que ás *mamóas*, *mâmoas*, ou *mamúas* se dá o nome alatinisado de *mamulas*.

Tambem se lhes dava n'aquelles tempos, o nome de *arcas*; mas este pertencia sómente ao logar em que se depositavam as cinzas dos mortos, pela sua semelhança com uma arca; e como esta era a parte principal do edificio, dava-se este nome a todo elle.

É a estas *arcas*, que muitas povoações peninsulares devem o seu nome.

Mr. Bullet, no seu *Diccionario da lingua celtica*, diz que a palavra *arca* vem do celtico *ar*, ou *hare* Salvo o devido respeito a este erudito escriptor, não me conformo com a sua opinião. É verdade que *ar*, ou *hare* significa terra, altura, collina, elevação, fastigio, summidade, pincaro, ponta, cume, montanha, rocha, etc.—mas, tendo nós uma palavra portugueza antiquissima que declara com exactidão o objecto (porque o túmulo celta propriamente dito, é uma verdadeira arca de pedra; e o monticulo de terra que o cobre, não é mais do que um accessorio, uma guarda) não devemos hir a uma lingua extranha buscar uma palavra que aliás não exprime exactamente a cousa.

Fiquemos pois em que *arca*, era o túmulo, e *mâmoa*, todo o edificio.

Algumas d'estas mâmoas, serviram depois de marcos, ou padrões, para designar as extremidades de certos territorios, ou propriedades; mas tambem se aproveitavam montes naturaes com a mesma configuração, e ao quaes se dava tambem o nome de arcas.

Pelas actas do concilio de Lugo, de 569, consta que o rei Theodomiro, fez demarcar os limites dos bispados e egrejas, pelas *villas*, *montes*, ou *castellos* antigos, *vel* archaram *confinia*.

Em um documento de 760, pouco mais ou menos, se diz—*Pro ut dividit cum alias villas per petras fixas, et mamólas antiquas.*

Em 897, D. Affonso III, confirma á egreja de Lugo, os seus antigos limites, dizendo—*Quos priores nostri interposuerunt, et ageres terræ, sive* archas, *prope quos fines*, etc.

Vê se pois que vulgarmente se tomava o lado pela parte.

As povoações de Portugal que ainda conservam o nome de *Arca*, ou de *Arcas*—vão no logar competente.

Na freguezia de Milheirós de Poyares, co-

marca e concelho da Feira, ha uma aldeia chamada *Mâmoa*. O mesmo nome tem a aldeia onde está a egreja matriz de S. Romão de Coronado. (Vide o 2.º *Coronado;* e outra aldeia, na freguezia de Baltar, concelho de Paredes, comarca de Penafiel.

MAMOUROS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castro de Aire, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Os condes de Alva apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Mamouros — é a palavra arabe *maâmura*—significa a edificada, ou povoada. Vem do verbo *âmara*, edificar, povoar, construir.

—

Dizem algum que o nome d'esta freguezia, se deriva do nome proprio romano *Mamurra*. Horacio, nas suas *Satyras*, falla de um cavalleiro romano, d'este nome, intendente das obras militares e valido de Julio Cesar, ao qual acompanhou ás Gallias.

Adquiriu (roubou) alli grandes riquezas e fez edificar no monte *Célio*, em Roma, um magnifico templo. As suas rapinas, luxo e immoralidades o desacreditaram.

Foi o primeiro que fez revestir de marmore os muros e as columnas.

MAMPORCÃO ou **MAMPORÇÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros de Evora, 150 a SE. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

MAN—rio, Trás-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre.

Nasce nas vertentes meridionaes da *Serra da Mourella* (que é parte da cordilheira que liga as serras de *Larouco* e *Gerêz*.)

Depois de ter corrido pela freguezias de Cavellães e Sezêllo, morre com 9 kilometros de curso, na direita do Cávado, em frente da freguezia de Fiães do Rio, no mesmo concelho. Cria muitas e boas trutas.

MANCEBA — portuguez antigo — mulher nóva, môça, na edáde florente. *Huma mui nobre dona*, mancêba, *e de grande bondade*. (*Chron. de El-Rei D. João I*, por Lopes, part. 1.ª, cap. 35.)

Mancêba de servir, era a criada.—*Item mandamos, se veer mancebo, ou manceba, que disser que lhi nós devemos de saa soldada alguma coisa: que seja homem ou mulher de bôa verdade: mandamos, que lho paguem.* (Testamento de Lourenço Pires, de 1314.—Doc. da Sé de Lamego.)

Manceba mundanaira—ou *do mundo*—mulher prostituida e publica—meretriz, rameira.—*E esto foi feito duas, ou trez vezes, atá lançar fóra as mancêbas mundanairas.* (*Chron. de El Rei D. João I*, por Lopes, part. 1.ª, cap. CXLVIII)

Ha de trazer (o escrivão das malfeitorias) *todolos Regataaens, e as mancebas do mundo, cortezaas, em huum livro.* (*Cod. Alf.*, L. 1.º, tit. 15.º, § 4.º)

Segundo o mesmo *Codigo*, L. 1.º, tit. 52, § 18; e tit. 53, § 4.º—*O condestabel tinha de cada huma mulher solteira, da mancebía, em cada somana, 12 reaes brancos. E o marichal havia, de cada huma mulher da mancebía, cada sabbado 12 reaes brancos.*

Este immoralissimo tributo, foi extincto depois.

Manceba solteira, era o mesmo que *mundanaira.—Das mancebas solteiras, que andam, e devem andar na corte, ha de levar* (o meirinho das cadeis, que era o juiz d'ellas!) *em cada hun sabado 2 reaes brancos, porque elle ha de mandar varrer as audiencias do corregedor, que ellas haviam de varrer: e esto foi assi usado d'antigamente.* (*Cod. Alf.*, L. 1.º, tit. 12, § 1.º)

MANCEBÍA—portuguez antigo—reunião de mancebos, ou môços solteiros.

Tambem significava (como ainda hoje) o viver e cohabitar um homem com uma mulher, sem ser casado com ella.

Nos prazos de Almacave (Lamego) se intitula *mancebía* o logar, bêcco, ou bairro em que viviam as mulheres publicas. (Era ao sahir para o campo do *Tabolado*.)

MANCEBO — portuguez antigo — dava-se este nome, ao que está em edade jovenil.— *Mancebo de soldada*, era o creado que servia por salario.—*Mancebo de pousada*, eram os creados, ou pastores dos porcos, inferiores ao *alfeireiro*, que era o pastor das vaccas.

Mancebo—é corrupção da palavra arabe —*mansubon*, o amante, ou namorado, jovem, etc., vem do verbo *maçaba*—que significa, lembrar o passado, recordar, louvar com versos amatorios.

MANCÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 43 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 430 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia a casa da *Costa*, da qual é actual proprietario o sr. Rodrigo Guedes de Carvalho, visconde da Costa.

(Fica assim, n'esta parte rectificado o engano da pag. 410, do 2.º vol.)

Foi villa e couto.

Houve aqui um mosteiro benedictino, instituido, em 1110, por *Mem Gonçalves de Fonseca* e sua mulher, *D. Maria Paes Tavares*.

D. Sancho I, concedeu a este mosteiro, em 1200, a isenção do pagamento da *colheita* ao rei.

Em 7 de julho de 1219, D. Affonso II, e sua mulher, a rainha D. Urraca, e seus filhos, os infantes, D. Sancho (depois II), D. Affonso (depois III), D. Fernando e *D. Alianor* (Leonor) estando em Guimarães, confirmaram ao mosteiro de Mancellos, a isenção do pagamento da colheita, que lhe havia concedido D. Sancho I.

D. Sancho II, deu foral (sem data) á villa de Mancellos. Franklim não traz este foral.

Em 1540, D. João III, deu este mosteiro (que então era de crusios) ao mosteiro de S. Gonçalo de Amarante (dominico), o que foi confirmado, por bulla de Paulo III, de 1542.

MANÇORES ou **MANSORES** — freguezia, Douro, no extincto concelho de Fermedo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros a O., 35 ao S. do Porto, 12 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago, Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra muito fertil.

O reitor de Escariz, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé de Altar.

Para a etymologia, vide *Almançor*, a pag. 144 do 1.º vol. Vide tambem *Caritel*, a pag. 110 e *Cartêllo*, a pag. 168 do 2.º vol.

Tem minas de cobre e de ferro, que se não exploram.

É povoação antiquissima, como do seu proprio nome e das suas tradições se collige.

Em 1848, na escavação de um campo, appareceram os *ferros* de duas achas-d'armas. Eram de cobre, mas estavam muito oxidados e corroidos.

No mesmo sitio, e na mesma occasião, se achou um capacete quasi inteiro e parte de outro, tambem de cobre, evidentemente romanos.

Os logares que hoje constituem esta freguezia, pertenciam á freguezia de Escariz, cuja egreja matriz lhe fica 4 kilometros a ONO., tendo de se atravessar a serra do Castêllo; pelo que os povos de Mançores requereram a sua desmembração da antiga parochia, o que lhe foi concedido, no seculo XVII; ficando o parocho de Escariz, só com direito da apresentação do cura.

A primeira matriz de Mançôres, foi a actual capella da aldeia da *Villa;* mas pouco tempo depois se construiu a egreja actual, que é pequena e pobre.

Ainda n'esta freguezia se pratica o antigo costume de se fazerem os baptisados fóra da egreja; entrando n'ella só para o acto de lançarem a agua benta ao baptisando.

Quando morre algum lavrador d'esta freguezia, vão atraz do cortejo funebre, varias mulheres, com canastras de *brôas* á cabeça, que no adro são partidas, e distribuidas a quem as quer.

A riqueza do defuncto, ou a generosidade

dos herdeiros, avalia-se pelo numero de canastras de pão que acompanham o enterro.

Ha n'esta freguezia a aldeia da Terça, onde é a grande casa dos srs. drs. Manuel e João Baptista Nunes Camossa, filhos e herdeiros do sr. dr. José Antonio Nunes de Saldanha.

É uma das casas mais ricas do districto de Aveiro.

Saldanha, é um appellido nobre em Portugal. Veiu de Hespanha, tomado da villa de Saldanha, no reino de Leão.

Procede de D. Sancho Dias de Saldanha, senhor da dita villa, que em 870 fez alli o seu solar.

Passou este appellido a Portugal, na pessoa de Diogo Lopes de Saldanha, no reinado de D. Affonso V, com o emprego de secretario da rainha D. Joanna (2.ª mulher do dito rei), e seu mordomo-mór. Foi depois embaixador em Roma.

Trouxe de Castella, por sua mulher, D. Maria Rodrigues Bovadilla, filha de Toribio Rodrigues Bovadilla, senhor de Guadalajara.

As armas dos Saldanhas, são: em campo de púrpura, uma torre de prata, coberta com uma cúpula azul, e com portas e frestas da mesma côr, lavradas de negro, com uma cruz de ouro no remate. Timbre, a mesma torre.

Os Saldanhas d'Albuquerque, trazem por armas: escudo de púrpura, com tres coticas de ouro, em faxa, e por timbre, um leão de púrpura, lampassado de ouro.

—

No logar da Estrada, d'esta freguezia, é a casa da familia Portugal, que foi a maior em propriedades, de toda a comarca, e uma das principaes do districto de Aveiro. Hoje está muito dividida.

É seu actual representante o sr. Joaquim dos Reis Castro Portugal.

Portugal, é um appellido nobre d'este reino. Procede da casa de Braganga; sendo o primeiro que assim se appellidou, D. Affonso de Portugal.

As armas dos Portugaes, são—em campo de prata, aspa de púrpura, carregada de 5 escudêtes das Quinas reaes (sem a orla dos castellos(e de 4 cruzes de prata, floreadas e vasias do campo, que são as dos Pereiras. Timbre, meio cavallo, de prata, bridado de ouro, com redeas de púrpura, e com tres lançadas, em sangue, no pescôço.

Estes *Castros Portugaes*, de Mançôres (que são os mesmos de Valladares) e os Portugaes e Torres, procedem do infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Este D. Diniz, passando a Castella, (vide Leça do Bailio) casou com D. Joanna, filha bastarda de D. Henrique II, de Castella, da qual teve, entre outros filhos, a D. Fernando de Portugal, que casou n'aquelle reino, com D. Maria de Torres, filha de Fernando Rodrigues de Torres.

Foi seu filho D. Luiz de Portugal e Torres, que se diz pregenitor d'esta familia. Os d'esta procedencia teem por armas—escudo dividido em aspa — no 1.º e 4.º, as Quinas de Portugal: no 2.º e 3.º, de púrpura, 5 torres de ouro, em aspa — orla de púrpura, carregada de 7 castellos de ouro. Timbre, uma das torres das armas.

—

O rio Arda, divide esta freguezia, pelo E. e NE., da de Santa Marinha do Tropêço.

(Vide *Arda*, rio.)

MANÇOS (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 192 fogos.

Orago S. Mancio—vulgarmente, S. Manços.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 336 alqueires de trigo e 180 de cevada.

É terra fertil em cereaes, e cria muito gado.

MANDADEIRO—portuguez antigo—mensageiro, enviado, parlamentario, embaixador, criado, procurador, etc.

MANDAMENTO—portuguez antigo — territorio com auctoridade especial, jurisdicção, districto, julgado, concelho, honra, couto, etc., com seu magistrado particular e com foral proprio.

Em abril de 1139, fez D. Affonso Henriques mercê a Affonso Paes e sua mulher,

Maria Affonso, do seu reguengo, que tinha na villa de *Córnias* (hoje, a aldeia de *Córnes*, na freguezia da Espiúnca, concelho de Arouca. Vide pag. 384 do 2.º vol., palavra *Córnes*—a 2.ª)—Diz a doação—*sicut jacet sub* Mandamento *de Santo Felice* (extincto concelho de Sanfins, hoje concelho de Sinfães) *Territorio Colimbricensi* [1] *discurrentibus aquis in Pavia* (rio Paiva) *sub monte Quebranzana.*

MANDIL—é a palavra arabe *mandil*—lenço ou guardanapo; mas os portuguezes deram o nome de *mandil* a uma especie de capa de burel com que se cobrem os pastores em Traz-os-Montes — e tambem á um pedaço de saragoça ou burel, com que se limpa o pó das cavalgaduras.

MANGUALDE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 85 kilometros a E. de Coimbra, 285 ao NE. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

Dá se a esta freguezia o nome de MANGUALDE DA SERRA, para a distinguir de *Mangualde de Azurára.* É na Serra da Estrella.

A pouca distancia da povoação de Mangualde, está um altissimo monte. Segundo a tradição, appareceu aqui a uns segadores, junto ao cabeço chamado *Alfatama* [2] e entre 3 carvalhos, uma imagem de Nossa Senhora.

[1] Este territorio nunca foi do bispado de Coimbra senão interinamente. Uns 80 annos, não houve bispos em Lamego e em Viseu e os bispos de Coimbra administravam, além da sua, aquellas duas dioceses vagas. É por isso que varios documentos d'aquelle tempo dizem que era territorio de Coimbra.

[2] *Alfatama* é corrupção da palavra arabe Al-Fatema (de que nós fizemos Fatima, tirando lhe o artigo al.)—É nome proprio de mulher. Assim se chamava a famosa moura, senhora de Ourem, que, depois de baptisada, se chamou Ouriana, e casou com o templario Gonçalo Hermigues. A *Chronica de Cister* (tom. 1.º, livro 6.º, cap. 1.º, pag. 713) tambem menciona outra moura do mesmo nome, captiva pelos portuguezes na madrugada do dia de S. João, de 1157, na tomada de Alcacer do Sal.

Foram os segadores logo dar parte a Mangualde, hindo o povo ao monte buscar a santa imagem, que collocaram na egreja matriz; mas, como ella fugia logo para o monte onde fôra achada, lhe construiram aqui uma capella que ainda existe.

É imagem de grande devoção d'estes povos, que, apesar da altura e aspereza do monte, alli concorrem com muita frequencia, cumprir as promessas que fazem a *Nossa Senhora do Monte*, que é o titulo que lhe deram, em razão do sitio onde foi achada e onde tem a sua capella.

MANGUALDE ou **MANGUALDE DE AZURÁRA DA BEIRA**—villa, Beira Alta, cabeça de concelho e de comarca, 12 kilometros a E. de Viseu, 440 ao N. de Lisboa, 800 fogos (2:800 almas.)

Em 1757 tinha 509 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

(Vide *Azurára da Beira*, a paginas 300 do 1.º volume.)

—

Tem estação telegraphica.

—

Mangualde não tem foral proprio; porque, em 26 de março de 1514, ainda não era mais do que uma freguezia do concelho de *Azurára da Beira.* Foi a esta povoação que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral em 1102. Foi confirmado, em Santarem, por D. Affonso II, em 1218; e a que D. Manuel deu o novo foral, no referido dia 26 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 109 v., col. 2.ª—*Livro 1.º de doações*, de D. Affonso II, fl. 36, col. 1.ª—e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 12 v., col. 1.ª)

É pois o foral dado por D. Manuel á villa de Azurára que regia o concelho de Mangualde.

Nem Mangualde nem Azurára teem brazão d'armas, tendo-o outras povoações de menos importancia.

O concelho de Mangualde comprehende as 18 freguezias seguintes:—Abrunhosa Velha, Alcafache, Cassurães, Chans de Tavares, Cunha Alta, Cunha Baixa, Espinho, Fórnos de Maceira Dão, Freixiosa, Fresta, Lobêlhe, Mangualde, Mesquitella, Moimenta, Povoa de Cervães, Quintella, Travanca de Tavares, e Varzea de Tavares.

A comarca de Mangualde era composta de tres julgados — o de Mangualde, com 4:300 fogos—o de Néllas, com 2:500—e o de Penalva do Castello, com 2:600.

Por decreto de 23 de dezembro de 1873, foi supprimido o julgado de Néllas e unido ao de Mangualde, pelo que ficou a comarca só com dois julgados—o seu, que tem agora 6:800 fogo, se o de Penalva—ambos com 9:400 fogos.

—

É Azurára uma povoação muito antiga, e a sua fundação é anterior á dominação romana.

Em 11 de julho de 1145, achando-se D. Affonso I em Coimbra, foi informado que os moradores do concelho de Azurára da Beira (hoje Mangualde) faziam *cavalleiros* aos de fóra da terra, do modo seguinte : — Davam-lhes primeiro uma pequena herdade, pelo que ficavam com o privilegio de *visinhos*, e depois os faziam cavalleiros. Davam-lhe uma propriedade de valor insignificante : ás vezes, uma pequena casa, ou um bocado de terra, e até mesmo uma só arvore ; pois o bastante para ser considerado *visinho*, era possuir aqui *bens de raiz*, qualquer que fosse o seu tamanho ou valia. Tambem a isto se chamava *maladía*.

O rei ordenou então expressamente que *nenhum cavalleiro, ou outro qualquer, alli avisinhe, ou possa ter maladía ou commenda, sob pena de a perder para o reguengo : ordenando ao seu rico-homem, Pero Fernandes, que então tinha da corôa aquella terra, que assim o fizesse cumprir e guardar*. (Consta isto do *Livro dos foraes vêlhos*, no fim do foral de Azurára.)

—

A villa de Mangualde está dividida em dois bairros—a villa velha ao O., e a nova, ao E.—É edificada em uma planicie, bem situada, salubre, agradavel e com boas vistas. Tem bons *terreiros*, ou *largos*, em que se faz o melhor mercado da provincia. Tem bons edificios, bons chafarizes e um bello templo da Misericordia, onde se admiram preciosos quadros, da escola romana. Tem uma formosa casa da camara municipal, sendo um edificio tão vasto, que accommoda, além da sala das sessões da camara, o tribunal da justiça, a administração do concelho, aulas, para ambos os sexos, etc.

O mais notavel d'esta villa porém, é o sumptuoso palacio, denominado *dos Paes*, hoje propriedade dos srs. condes da Anadia.

É sem duvida um dos melhores edificios do reino, [1] reunindo uma grande quinta, muito aformoseada, e com pomares de deliciosas fructas, bellos jardins, lagos, fontes e quatro estufas, onde vegetam fructas, plantas e flores dos tropicos. Pegado á quinta, está uma extensa matta, arruáda, onde se encontram diversos objectos de recreio, muita caça e admiraveis arvores seculares.

A distancia de 1:500 metros ao NE. da villa, sobre o cume de um alto e escarpado monte, crivado de rochedos, e fazendo face á povoação, está edificado o elegante e magnifico templo, dedicado a *Nossa Senhora do Castello*.

Foi erigido pelo zelo e devoção da illustre familia dos srs. Paes, a cuja casa pertence a sua perpétua administração; pois foi d'ella que sahiu todo o supprimento de despezas e serviços para esta obra, visto que a respectiva confraria não tinha meios para tão dispendiosa construcção.

Deu-se principio a esta egreja em janeiro de 1819. Os trabalhos estiveram suspensos em 1820 e 1821; mas em 1822 recomeçaram com decidido empenho, e á custa da casa dos Paes, exclusivamente; concluindo-

[1] O palacio dos Paes, de Mangualde ; o da Brejoeira, proximo de Monção, do sr. Moscoso ; e o de Matheus, proximo a Villa Real de Traz-os-Montes, dos srs. condes de Villa Real, são os tres melhores edificios particulares de provincia que existem em Portugal.

se todas as obras em 1837. Importaram em 24 contos de réis.

É todo de cantaria, de architectura simples, mas elegante, e um dos melhores das Beiras.

A abobada de todo o templo é guarnecida de bellos estuques.

Além do altar-mór, onde está a imagem da padroeira, tem mais dois aos lados do arco, o de Sant'Anna e o de S. José. N'elles se vêem dois optimos paineis a oleo, obra do sr. Antonio José Pereira, insigne pintor de Viseu.

Tem uma só torre, com 38 metros d'altura, desde o pavimento. Sobe-se ao alto d'ella por uma bella escada em espiral, e de lá se avista um deleitoso panorama, formado de serras, montes, planicies, e povoações, que é encantador.

Em redor do templo ha um espaçoso adro, guarnecido de um parapeito, com assentos de pedra.

D'alli desce-se por uma bonita escada de dois lanços (que fica em frente da egreja) para um espaçoso terreiro arborisado, ficando a um lado da escada, uma porção de terreno, com rochedos, e por entre elles, plantadas, videiras e oliveiras—e do outro lado, uma hospedaria, para os romeiros.

A alguns passos ao E., d'este terreiro, está uma cisterna, de agua nativa, ao fundo da qual se desce por uma escada, em espiral, de 36 degraus. A sua agua é perenne e de optima qualidade.

D'este terreiro se desce o monte, por uma espaçosa escadaria, com 163 degraus, interrompida de espaço a espaço por pequenos terreiros, tendo quatro d'elles outras tantas capellinhas, dedicadas todas á Santissimá Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Encarnação, Nossa Senhora da Visitação e Nossa Senhora da Assumpção; todas com bellissimas imagens romanas.

Toda a escadaria é orlada de arvores, e ao fundo d'ella se vêem ferteis campos sempre verdes.

—

A festa da Senhora tem logar em 8 de setembro (Natividade de Nossa Senhora) sendo tão grande o concurso dos romeiros, alguns de longinquas povoações, que cobrem todo aquelle vasto ambito.

—

E' tradição antiquissima, que o templo primittivo (que estava edificado no terreiro arborisado, e que foi demolido, logo que se fez o novo) foi mesquita dos mouros, no tempo da sua dominação em Portugal, e que, depois da sua expulsão, apparecendo alli uma imagem de Nossa Senhora, foi collocada na mesquita, depois de purificada e convertida em templo catholico.

Provem ao sitio e a esta imagem o titulo que teem, por ter aqui existido um castello, romano ou arabe, do qual ainda existem as ruinas, que bem mostram a sua muita antiguidade.

Os que mais concorreram com avultadissimas esmolas e legados, para a construcção e conservação d'este sanctuario, foram — o commendador de Malta, Miguel Paes e seu irmão, José Paes, conego da Sé de Coimbra, ambos fallecidos em 1837.

A condessa de Anadia, D. Maria Joanna, offereceu, na occasião da trasladação da imagem de Nossa Senhora, do templo antigo para o novo, um rico e inteiro paramento branco, bordado a seda e ouro, para o serviço da egreja, e dois riquissimos mantos para a padroeira.

—

Tambem resa a tradição, que foi alcaide d'este castello, um mouro chamado *Zurar*, d'onde viera o nome á villa de *Azurára;* e que, para a expulsão d'elle, d'este castello, muito concorreram os habitantes de Linhares, por conselho de outro mouro, convertido ao christianismo, que depois foi alcaide de Linhares.

E' verdade que em papeis antiquissimos se vê a povoação de Azurára com o nome de *Zurára;* mas a palavra *Zurar* não me parece arabe. Inclino-me mais a que a etymologia d'esta palavra seja a que dou á Azurára de Villa do Conde, a pag. 300, col. 1.ª, do 1.º volume.

E' ainda verdade, que a camara e povo de Viseu hiam todos os annos, na 2.ª oitava da Paschoa, em romaria, ao Sanctuario de

Nossa Senhora do Castello, em cumprimento de um voto antiquissimo, e em chegando ao monte onde está edificada a capella, se viravam para o lado de Linhares e agitavam a bandeira da camara; mas não se sabe com certeza, a origem d'esta ceremonia.

A camara e o povo de Viseu foram desobrigados (ou se desobrigaram elles) d'este voto, no principio do seculo actual.

Quando o usurpador Philippe II se apossou de Portugal, em 1580, o conde de Belmonte, não se querendo bandear com outros muitos fidalgos portuguezes que se venderam aos castelhanos, recusou apresentar-se no *beija-mão* que deu o rei d'elles; pelo que este lhe tirou todos os bens e fóros que tinham sido da corôa, ficando portanto para esta, desde então, o senhorio de Mangualde, de que era donatario o mesmo conde.

Não se póde saber se o nome d'esta villa vem de *mangual*, ou *mangualde*, instrumento agricola bem conhecido, se de *manqual*, nome que os antigos davam ao jogo da *bolla*, ou do *fito*.

—

Paes é um appellido nobre em Portugal, patronimico de *Payo*. É muito antigo n'este reino, pois já D. Pedro Paes, foi um dos cinco fidalgos que acclamaram o rei D. Affonso Henriques, na batalha de Campo de Ourique, a 25 de julho de 1139. Morreu na batalha de Badajoz, sendo alferes-mór do mesmo rei.

A D. Payo Rodrigues Paes, seu filho, deu D. Affonso Henriques as armas seguintes—em campo de prata 5 pinheiros verdes, em aspa, com raizes. Elmo d'aço aberto—timbre, meio dragão de prata, lampassado de pùrpura.

A João Paes, deu D. Affonso V, brazão d'armas, em 20 de abril de 1476—são—em campo azul, 9 laranjas, veiradas e contraveiradas de púrpura e ouro, em 3 palas—elmo de aço aberto, e timbre, um pavão da sua côr.

A Gonçalo Paes, natural de Coimbra, mordomo mór e thesoureiro do cardeal-rei, deu a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, regente na menoridade de seu neto, D. Sebastião I, brazão d'armas, em 22 de agosto de 1561—construido do modo seguinte:—as mesmas de João Paes, só com a diffurença de terem por timbre, meio dragão de prata, com uma laranja de púrpura no peito.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo de prata, 9 laranjas, veiradas e contraveiradas de azul e púrpura, em 3 palas—elmo d'aço aberto, e por timbre, meio leão de prata, lampassado de púrpura, com uma das laranjas das armas no peito.

MANHA—portuguez antigo—costume—*individuo de boas manhas, pessoa de malas manhas.*

MANHENTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 360 ao N de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de conegos seculares de S. João Evangelista, de Villar de Frades (*os bons homens de Villar*) apresentava o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto.

A egreja matriz, era a de um antigo mosteiro benedictino que aqui houve, fundado por S. Martinho de Dume, no anno 600, e reedificado por D. Pedro Affonso de Durães, pelos annos 1250.—Passou a abbadia secular, em 1480, sendo arcebispo de Braga, D. Luiz da Cunha. Esta abbadia era dos taes religiosos de Villar de Frades (loyos.)

O couto de Manhente, compunha-se d'esta freguezia e com parte das freguezias de S. Verissimo, Santa Maria de Gallegos e S. Vicente de Areias.

O reitor do mosteiro de Villar, nomeava o juiz do couto, para o civel e orphãos, e o capitão para uma companhia de ordenanças, que aqui houve até 1834. No crime era sujeito ás justiças da villa do Prado.

Este couto foi feito por D. Affonso Henriques, estando no castello de Faria, em 1129. Foi, como os outros, supprimido em 1834.

MÁNHO, ou **MAGNO**—portuguez antigo, ainda usado no seculo XVI—*maninho de to-*

dos. Pronunciava-se sempre *mánho*. — Na baixa latinidade e no antigo portuguez, tambem significava *grande*; mas então, apesar de se escrever *magno*, pronunciava-se do mesmo modo—*mánho*.

No antigo portuguez, *gn*, pronunciava-se sempre *nh*—como os francezes.

MANHOUCE—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros ao N. de Vizeu, 60 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O abbade da Trápa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Houve aqui uma albergaria, fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, para passageiros pobres.

Não ha d'ella o minimo vestigio.

A antiga estrada do Porto a Vizeu (hoje quasi abandonada), atravessa esta freguezia.

É terra fria, árida e pobre. Pouco mais produz do que centeio e batatas.

O povo resente-se da aridez e pobreza da terra, e é, como ella, rude e pobre.

A maior parte das suas habitações, são cabanas, cobertas de palha, ou lousas.

MANHUFE—é uma aldeia da freguezia de Mancellos, Douro, comarca. concelho e 5 kilometros de Amarante.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Ha 30 annos, Manhufe só mereceria menção pela peleja ahi sustentada, no tempo da invazão franceza, mas hoje, como a maioria dos povoados do Douro e Minho, tem grande augmento, bôas propriedades rusticas, uma capella da invocação de S. Sebastião, e uma estalagem nova, muito concorrida pelos almocreves das raias de Portugal e Hespanha.

A nova estrada municipal que segue, entroncando na Tapada de D. Luiz, até Amarante, passa no arruado da aldeia, dando-lhe nova importancia.

A povoação estende-se nas faldas dos montes *Crasto* e *Lameira Velha*, e domina quasi toda a freguezia pela sua posição elevada, que lhe dá vantagens hygienicas.

É tão notoria a bôa indole do povo d'esta aldeia, que muitos de fóra disputam a primazia de pertencer a este povo.

O terreno é productivo, especialmente de milho, centeio, azeite e vinho; encontrando-se ahi, sem degenerar pelo terreno, os afamados pecegos de Amarante e muitas outras fructas.

D'este logar não levaram bôas recordações os soldados hespanhoes de D. Manuel de la Concha, que n'um troço seguiam de Amarante para o Porto, e que por um desacato a uma das casas mais respeitadas da povoação, levaram uma *sóva* tão sevéra, que mal tiveram tempo de correr sem interrupção até Amarante, onde se queixaram ás auctoridades portuguezas. É que o povo de Manhufe, além de não tolerar o desacato praticado, não via com bons olhos a intervenção dos hespanhoes.

—

Manhufe é corrupção da palavra arabe *Mandufe*—é mesmo a palavra arabe—*mandufe*—significava, a *sacudida*. Deriva-se do verbo *nadafa*, sacudir a lan com um pau, carpear.

MANHUCÉLLOS ou **MANHUNCELLOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca e concelho de Soalhães), 54 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago, S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 de rendimento. Vide Marco de Canavezes.

MANIGOTO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 65 kilometros a SE. de Vizeu, 335 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Foi do bispado de Vizeu.

O ordinario apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, e o pé de altar.

MANIM—Vide *Obobriga.*

MANINHADÉGO, MANINHADO ou **MANERÍA**—portuguez antigo—tributo, ou para melhor dizer, extorção immoralissima.

Consistia em herdarem certos mosteiros de frades, a terça parte de toda a herança dos casados que morriam sem filhos.

Veiu este abuso, do reiuo de Leão (Hespanha) e propagou-se nas terras de Miranda do Douro e Bragança.

Para evitar repetições, vide o que sobre maninhadego escrevi, na col. 1.ª de pag. 202 do 2.º vol., na palavra *Castro de Avellans.*

MANINHO—portuguez antigo—terreno esteril e infecundo.

Tambem se denominavam *maninhos*, os bens que ficavam do viuvo, ou viuva que morriam sem filhos, e abintestados, não tendo parentes até ao 10.º grau.

O almoxarife do rei, tomava estes bens para a corôa. D. Pedro I, nas cortes de Elvas, de 1361, determinou que, no caso de algum dos conjuges morrer *ab intestato*, e sem filhos, ou parentes, o sobrevivente herdasse, e não a corôa. (*Cod. Alf.*, L. 4.º, tit. 95.)

Hoje dá-se o nome de *maninho*, ao terreno aberto, improductivo, ou que só produz matto e plantas silvestres, e que é propriedade do municipio, ou do commum logradouro do povo. Os moradores visinhos d'estes terrenos, podem n'elles plantar arvores, sem dependencia de auctorisação das camaras; mas só têem dominio n'essas arvores, e não na terra que as cria.

A legislação sobre baldios e maninhos, é imperfeitissima em Portugal.

Em 1770, promulgou D. José I (ou o marquez do Pombal), uma lei sobre os maninhos, em favor do desenvolvimento da agricultura.

Em 1844, se promulgou outra no mesmo sentido, mas uma e outra foram quasi letra morta.

Temos grande numero de leguas quadradas de terrenos maninhos e improductivos em Portugal, que só revelam a incuria dos nossos governos, e o seu desprezo pelo desenvolvimento da nossa agricultura.

Em vez de ajudarem os cultivadores com leis protectôras, prescrevem taes, tantas e tão arriscadas formalidades e despezas, para o aforamento e cultivo dos maninhos, que, ou elles ficam estereis, ou são cultivados subreticiamente, e a fazenda publica perde o seu rendimento.

Accresce que os povos não consentem que um só se aproprie legalmente de um vasto terreno maninho, procurando por todos os meios obstar-lhe á posse; o que tem dado logar a grandes desordens, principalmente desde 1870 para cá, e que muito bem se poderiam evitar, se houvesse uma lei clara, explicita e sevéra, que protegesse os emprehendedores.

Ha 40 annos que se falla em *lei agraria;* mas, como tantas outras leis de urgente necessidade, não apparece.

MANIQUE DO INTENDENTE—villa, comarca de Alemquer, concelho da Azambuja (foi do concelho de Alcoentre), 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Até ao fim do seculo passado, se dava a esta freguezia o titulo de *Arrifana*, ou *S. Pedro da Arrifana.* (Para a etymologia, vide *Arrifana.*)

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 900$000 réis de rendimento annual.

É freguezia rica e muito fertil.

Deu-se-lhe o nome de *Manique do Intendente*, porque o Intendente geral da policia, da corte e reino, era visconde de Manique.

O ultimo visconde de Manique, foi o sr. Diogo de Pina Manique. Seu filho primogenito, o sr. Pedro de Pina Manique, não tem querido receber o titulo de seu pae.

Pina, é um appellido nobre em Portugal, procede do reino de Aragão (Hespanha). Foi um ascendente d'esta familia, que alli fundou a villa de Pina, de que foram senhores, e onde têem o seu solar.

Passou este appellido a Portugal, na pessoa de D. Fernando Fernandes de Pina, embaixador do rei de Aragão, D. Pedro III (que subiu ao throno em 1276). Veiu para Portugal com a rainha Santa Izabel, filha d'aquelle monarcha, em 1282, e cá ficou.

Foi seu filho, João Peres de Pina, a quem o rei D. Fernando I, de Portugal, deu a alcaidaria de Castello de Vide. É este o progenitor dos Pinas portuguezes.

Os Pinas têem por armas: em campo de púrpura, um torreão de prata, com tecto de ouro, lavrado de negro, com portas e frestas, sobre um monte verde; elmo de prata, aberto, e por timbre o torreão das armas.

Outros membros da mesma familia, vieram tambem do reino de Aragão, trazendo por chefe D. João Alves de Pina, que veiu a ser grande valido do nosso D. João I. As armas d'este ramo dos Pinas, são: em campo de púrpura, banda de ouro, carregada de um leão, azul, armado de negro, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e pinhas de ouro; elmo de prata aberto, e por timbre, uma cabeça de leão, de ouro, sahindo-lhe da bocca um ramo de pinheiro como o do escudo.

Em um manuscripto da livraria antiga dos srs. marquezes (hoje duques) de Palmella, se acham outras armas d'este appellido, formadas do modo seguinte; em campo de púrpura, banda azul (contra as regras de armaria, que não permittem côr sobre côr, nem metal sobre metal), filetada de ouro, carregada de um leão do mesmo, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e sem pinhas.

Ainda outros Pinas, trazem por armas: em campo de prata, um pinheiro verde, sobre um contra chefe verde, entre dois leões de púrpura, trepantes.

Para as armas e familia dos *Paes*, vide *Mangualde de Azurára*.

—

Não vejo d'onde proceda a palavra *Manique*, a não ser de *maniquête*.

Antigamente se dava o nome de *regaço*, a umas tiras de seda que se cosiam pela frente e rectaguarda das alvas dos clerigos.

Como estas tiras eram quadradas, tambem se lhe dava o nome de *quadratos*.

As mangas d'estas alvas eram ornadas com uns bocaes, a que chamavam *maniquêtes*, e a que hoje chamariamos *canhões*.

Ainda no tempo de D. João V, se usava este ornato sacerdotal, pois o mesmo rei mandou usar de *regaços* e *maniquêtes*, nas alvas das basilicas de Mafra e da patriarchal.

MANSESOR — portuguez antigo — testamenteiro.

MANSIDADE—portuguez antigo—mansidão.

MANSILLA — portuguez antigo — (ainda hoje usado em algumas terras do reino)— azurrague. *Nem vos esgaraviseis com a mansilla dos vossos marteyros: bem mostram serem mesquinhos; pois quando fagam cilada, som de gram companha teudos.* Carta de Santo Antonio de Lisboa, escripta de Tolosa, a Gil Annes, capellão da infanta D. Sancha.

Assigna-se o nosso popular Santo, *fr. Antonio de la Vera Cruz.*

Para alguns dos leitores que não comprehendam aquelle periodo da carta, dou a sua *traducção*, que vem a ser: «Não vos desconsoleis com o flagello e açoite dos vossos trabalhos e afflicções. Elles bem mostram ser timidos e cobardes; sendo certo que, quando accommettem a creatura, nunca vem desacompanhados, mas sempre muitos.»

D'aqui se collige ser pouco segura a interpretação que Faria dá á palavra *esgravizar*.

MANTEE e **MANTEM**—portuguez antigo —lençóes, e tambem toalhas.

MANTEIGAS—villa, Beira Baixa, comarca de Gouveia, cabeça do concelho do seu nome, 42 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 650 fogos, em duas freguezias (Santa Maria e S. Pedro — tendo a 1.ª 300 fogos e a 2.ª 350.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Em 1757 tinha a freguezia de Santa Maria 160 fogos e a de S. Pedro 210.

O real padroado apresentava os vigarios das duas freguezias, e tinha cada um 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Manteigas é composto das duas freguezias da villa e da de Sameiro.

O seu nome provem-lhe da optima manteiga e queijos superiores que se fabricam aqui desde remota antiguidade.

Tem fabricas de tecidos de lan.

Está a villa edificad em uma cova, na

esquerda do rio Zêzere, sobre o qual ha tres pontes de pedra, que dão communicação á villa.

Chamam-se *ponte longa, ponte dos frades* e *ponte dos amieiros.*

A 1:500 metros de distancia, estão as aguas mineraes, sulphureas, famosas em todo o reino, ás quaes concorre muita gente de terras distantes, o que tem feito prosperar esta villa.

São duas as nascentes d'estas aguas. A primeira se chama *Caldas Pequenas* (por terem menor grau de calor) e a segunda *Fonte da Lapa.* Ambas são mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, e só teem differença no calor.

Tem havido bastante desmazello com estas aguas thermaes, que seriam ainda muito mais concorridas e por consequencia muito mais se engrandeceria a villa, se tivesse havido mais cuidado no asseio d'ellas e na commodidade dos banhistas.

Não sei porque razão estas aguas não foram á exposição universal de Paris, de 1867. Pelo menos, não as vejo mencionadas no relatorio.

—

Manteigas é povoação antiquissima. Está cercada pelas alcantiladas montanhas da Estrella, não tendo senão uma sahida.

O melhor edificio da villa é o dos srs. Portugaes. As ruas são estreitas, mas bem calçadas. É cortada por alguns ribeiros, que se despenham com fragor horrivel em dias de tempestade, arrastando na sua corrente impetuosa enormes penedos graniticos, alguns de mais de 60 toneladas, que por vezes teem arrazado parte da villa.

Tem Misericordia e hospital.

É notavel o povo d'este concelho pela pureza de seus costumes e pelos seus bons instinctos.

Homens e mulheres usam gabão de capuz.

A instrucção primaria está aqui, ha muitos annos, bastante desenvolvida.

Na *soleira* da porta da egreja de Santa Maria ha restos de uma inscripção latina, hoje illegivel por lhe faltarem a maior parte das letras. Segundo a tradição, é uma lapide mandada fazer pelo imperador romano Julio Cesar, para commemorar a sua estada aqui, quando passou á frente das suas tropas, pelos annos 3954 (50 antes de Jesus Christo).

—

D. Sancho I lhe deu foral, em 1188, mas Franklim não traz este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl, 86 v. col. 1.ª)

—

Foi commendador de Manteigas Sancho de Mello e Silva, descendente do célebre Diogo da Azambuja, grande valido de D. João II, do qual era muito estimado, pelo seu valor e virtudes.

Pouco distante da povoação existiu o templo romano dedicado a *Lucifero*, do qual não ha o minimo vestigio. Diz-se que d'este templo (da sua divindade) procede um dos antigos nomes da serra da Estrella.

—

É Manteigas patria de Fr. Antonio da Expectação. Nasceu em 1651, e falleceu em 17 de novembro de 1724.

Foi religioso carmelita descalço, e era doutissimo nas Sagradas Escripturas, que leu muitos annos.

Compoz excellentes obras espirituaes, das quaes se imprimiram sete tomos—tres da *Estrella d'Alva, Santa Thereza;* dois de *Josephina panegyrica;* e outros dois de *Exercicios da Semana Santa*, todos muito doutos, uteis e devotos.

—

Esta povoação já existia no tempo dos romanos, do que, como vimos, ha vestigios, ainda que tenues.

Não sabemos, porém, o nome que então tinha, nem o que os arabes lhe deram depois.

O que se sabe é que durante a dominação agarena era povoação de muita importancia, tendo seu *alcaide* ou *emir*, a que os nossos escriptores antigos davam o titulo de *rei.*

—

A 12 kilometros da villa está o pincaro ou curuto de *Alfatema*, a maior elevação da

Serra da Estrella, do qual se conta a lenda seguinte:

Quando os mouros foram d'aqui expulsos, não poderam levar as suas grandes riquezas; pelo que as esconderam em sitio inaccessivel, ou pelo menos por elles assim julgado. Pozeram-lhe guardas *encantadas*, que eram formosas mouras.

Por esses tempos, o *rei* mouro de Manteigas, tinha uma filha chamada *Fatima*, excessivamente bella e a quem enternecidamente amava.

Os christãos das visinhanças faziam todas as diligencias para lhe conquistarem os estados, captivarem a filha e apoderarem-se das riquezas. O rei fez-se forte na sua villa; mas atacado por grande numero de christãos, teve de fugir pelas mais occultas verêdas da serra, levando a sua filha e o resto dos seus thesouros, que ainda não tinha escondido.

Quando chegou a noite, tinha Fatima desfallecido de cansaço; mas na sua frente se abre um formoso caminho, calçado de pedras finas, e no fim uma luz que o illuminava todo.

Foi para os mouros um signal de salvação, e o rei, a filha e o seu sequito, reanimados pela esperança de salvação que se lhes antolhava, seguem o caminho, que os leva a um magnifico palacio, onde tudo era de tal esplendor, que o proprio rei ficou deslumbrado.

O que se passou n'este palacio de fadas, ninguem jamais o soube; mas, no dia seguinte, desceram da serra uns pastores que ninguem conhecia, e que se demoraram algum tempo no paiz, fazendo ao *Curuto de Alfatema* (nome que elles deram ao cabêço) repetidas visitas; e por fim desappareceram sem que mais d'elles houvesse noticia.

Eram os mouros, desfarçados em pastores, e por elles se soube, que uma fada, madrinha de Fatima, a guardára no seu palacio encantado, até á volta dos mouros a Portugal.

Ninguem por aquelles sitios duvidava d'estes factos, que sempre se conservaram na memoria do povo; e o que deu mais visos ainda de verdade a este conto das *Mil e uma noites*, foi (continúa a lenda) que d'ahi a muitos annos, passando pelo Curuto de Alfatema, em uma madrugada de S. João Baptista, uma pobre mulher, se sentou alli para descançar, e comer um bocado de pão que trazia. Viu então a seu lado um grande estendal de figos sêccos. Encheu d'elles uma cesta que levava, e partiu. Chega a casa; mas qual foi o seu pasmo, quando, descobrindo a cesta, em vez de figos, acha brilhantes e grandes moedas de ouro!

Julga-se rica; mas a pobre que momentos antes, se julgava feliz por ter pão para matar a fome, não se contenta com uma cesta de moedas de ouro, e quer ser riquissima. Torna ao Curuto; mas ah!—O sol dourava os pincaros da serra, e o encanto tinha-se *quebrado*, e os *figos* desapparecido. Ouviu então uma voz que lhe dizia:

Era teu tudo o que viste;
Agora tornaste em vão!
Não passes mais n'este sitio
Na manhan do S. João.
Não te perdeu a pobreza,
Póde matar-te a ambição.

A mulher viu-se obrigada a contentar-se com o que já tinha, e com elle comprou propriedades, e passou feliz o resto dos seus dias; mas só passados muitos annos é que declarou a origem da sua riqueza.

Esta bonita lenda, ainda hoje é contada pelas velhas da Beira Baixa, ás suas netas, nas longas noites de inverno, emquanto ellas fiam o seu linho ou a sua lan, sentadas em redor da patriarchal fogueira.

MANZEDO—vide *Mazêdo*.

MAR—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 35 ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade, benedictino, do mosteiro de Palme, apresentava o vigario, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Houve aqui um antigo mosteiro de monges benedictinos, que em 1550 se uniu ao mosteiro de Palme, da mesma Ordem, do qual ficou sendo vigariaria.

Faz-se aqui uma grande romaria, a 24 de agosto (dia do padroeiro da freguezia) havendo então uma grande feira, que dura 3 dias.

—

N'esta freguezia nasceu, em 25 de julho de 1806, o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, actual ministro do reino. Eram seus paes Antonio de Sampaio e Maria de Amorim, lavradores, d'esta freguezia.

Estudou primeiras lettras com um clerigo, da freguezia de Bellinho, e grammatica latina com outro clerigo, da freguezia das Marinhas.

Fez exame de latim, no mosteiro de religiosos carmelitas, de Vianna do Minho, e tomou ordens menores, em 1821.

No mesmo convento do Carmo estudou theologia e outras disciplinas ecclesiasticas, nos annos de 1823, 1824 e 1825.

Obteve licença do arcebispo de Braga, para prégar, e chegou a fazer cinco sermões. Foi mestre de primeiras lettras e latim na sua freguezia.

No 1.º de novembro de 1828, foi preso por liberal (por uma escolta do regimeuto de infanteria n.º 22) e conduzido ao *aljube* (prisão ecclesiastica) da cidade do Porto.

Fez a sua justificação, como realista, e foi solto em 21 de abril de 1831.

Sahindo da prisão, foi para Barcellos, estudar direito com o dr. Tinoco.

O sr. Sampaio tencionava desde a sua juventude dedicar-se á vida ecclesiastica (quiz mesmo ser frade carmelita) mas, desembarcando o sr. D. Pedro nas praias de *Arenosa de Pampellido*, em 8 de julho de 1832, o sr. Sampaio, abandonando para sempre a vida ecclesiastica, foi apresentar-se no Porto, ao exercito liberal, e fez as campanhas de 1832 a 1834.

Terminada a guerra civil, foi despachado guarda da alfandega do Porto, e collaborou por alguns annos no periodico republicano *Vedeta da Liberdade*.

Depois da revolta triumphante, de 9 de setembro de 1836, foi nomeado por Manuel da Silva Passos (que, como seu irmão José, foram sempre amigos e protectores do sr. Sampaio) secretario geral do governo civil de Bragança; onde casou com uma senhora, viuva do infeliz capitão João de Amorim. (Esta senhora morreu em Lisboa, em 1844.)

Sendo secretario geral de Bragança, foi promovido a administrador geral (titulo que então se dava aos governadores civis) do districto de Castello Branco, sendo ministro o sr. Julio Gomes da Silva Sanches.

Foi demittido pelo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Veio para Lisboa, entrando para a redacção do jornal, a *Revolução de Setembro*, que Jose Estevão Coelho de Magalhães havia fundado. Era então um dos mais bem redigidos periodicos de Portugal, salvas as suas opiniões avançadissimas.

Foi eleito deputado, por varios circulos, em 1851, e tomou assento na camara; mas não acabou o quadrienio, por que estas camaras foram dissolvidas logo em 1852.

Na dictadura Saldanha (1870) foi o sr. Sampaio feito ministro e secretario de estado dos negocios do reino, tendo por collegas, os srs. duque de Saldanha, presidente do concelho de ministros e ministro da guerra e estrangeiros — José Dias Ferreira, fazenda—conde de Peniche (feito n'esse anno marquez de Angeja) obras publicas — e D. Antonio da Costa (sobrinho de Saldanha) instrucção publica.

E' o ministerio chamado dos *cem dias*, por ter durado desde 19 de maio até 29 de agosto de 1870, sendo demittido n'este dia e substituido pelo ministerio *Sá da Bandeira*.

Em 1871, tendo cahido o antecedente ministerio, é formado o actual, presidido pelo sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e no mesmo ministerio entra, como ministro do reino, o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, em cujo alto emprego ainda se conserva hoje (janeiro de 1875).

—

Dá-se a esta freguezia a denominação de S. Bartholomeu do Mar, por ficar proximo da costa.

Mar é palavra arabe, corrupção da voz syriaca *móro*, que significa Santo, Divino, Senhor, Deus.

Corresponde ao latino *Divus*. Os christãos syriacos e maronitas dão o titulo de *móro* aos seus bispos.

Os judeus davam o titulo de *mar* aos doutores da lei *mosaica*, que viviam fóra da *Terra Santa* (Palestina ou Syria).

Emquanto Mar *Abraham andava n'essas peregrinações*, Mar *Juseph vivia pacifico no Bispado.* (Jornada do arcebispo de Gôa, D. Fr. Aleixo de Menezes á serra de Malabar, Liv. I, cap. 3.º, pag. 8.)

MARANHÃO — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 54 kilometros de Evora, 135 ao SE. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada.

MARÃO—notavel cordilheira ao O. da provincia de Tras-os-Montes, e a E. da provincia do Minho, que, com diversas denominações, se estende, desde o rio Douro até á Galliza.

Do pincaro de Monchique (a 2:300 metros de altura sobre o nivel do mar) se avistam muitas leguas de terreno.

Chegando ao Douro, lança alguns braços como o da *Teixeira* e *Entrilho.*

É cortada pelo rio Douro, e depois continua ao S., na Beira Alta, estendendo-se por ella, com diversos nomes, até se unir á serra da Estrella.

Na serra de *Entrilho* ha um grande penedo, que, segundo alguns, se move e sôa, ao mais leve impulso ou toque que se lhe dê. Talvez seja uma *anta* druidica (celta) a que os francezes chamam *penedo oscillante.*

Ha na serra do Marão e suas ramificações muitas minas de ferro, que antigamente foram objecto de grande lavra; minas de carvão, que se não exploram por falta de vias de communicação, e pela sua grande distancia dos principaes centros de industria; grande abundancia de carbonato de cal (pedra calcarea)—minas de cobre, de estanho e de chumbo.

Andam em exploração as da *Portella da Gaiva* e do *Ramalhoso*, que são propriedade da *Companhia portugueza de mineração.*

Estanceiam n'estas serras varias povoações, que vão mencionadas no logar competente.

Marão é nome proprio de homem, romano. Ignora-se, porém, se algum individuo assim chamado deu o seu nome a esta cordilheira.

(Vide *Amarante*, *Campean*, *Gabiara* e *Gerez.*)

MARATÉCA — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) unida actualmente á freguezia de S. Pedro, da villa de Palmella, na comarca e concelho de Setubal, 45 kilometros ao SE. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Quando era freguezia independente, tinha por orago S. Pedro, apostolo.

A mesa da consciencia apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, 30 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

É povoação antíquissima e a *Malcéca* dos romanos.

Por aqui passava uma das vias militares romanas, que de Lisboa se dirigiam a Merida, então capital da Lusitania. (Vide *Itinerario de Antonino.)*

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

Está fundada proximo do rio do seu nome, que, com 35 kilometros de curso, entra na direita do Sado.

MARA VIDIÁDAS—portugue antigo (tambem se dizia—*maravidiádigas* e *morabitinadas*)—davam qualquer d'estes nomes a um *maravidi*, *maravidil*, *maravidim* ou *morabitino*, que era tudo a mesma moeda— quando era formado por tantos dinheiros quantos bastassem para fazer o valor de um maravidim, que valia 10 dinheiros.

Um dinheiro valia 40 réis da antiga moeda portugueza.

(Vide Cambres, Rio de Moinhos de Satão, Satam e Valdigem.)

Tambem se dava o nome de *maravidiada* e *maravidinada* a uma medida de cereaes, usada em Portugal, e ainda mais usada em Castella e em Leão.

Quinze maravidinadas, faziam duzentas *fanégas* (fangas) ou oitocentos alqueires.

MARAVIDÍ, MARAVIDIM, MARABITINO e **MORABITINO**—portuguez antigo—antiga moeda portugueza, com qualquer d'aquelles nomes. Segundo o padre Mariana (*L.º de Ponder. et mensuar*, cap. 23) já era conhecida no tempo dos godos.

É hoje difficilimo — senão impossivel — dar a exacta etymologia d'esta palavra. Dizem que o célebre archeologo *Bocharto*, versadissimo nas linguas orientaes, morreu de uma apoplexia, quando mais embebido estava na indagação d'este nome.

Sabe-se com certeza que os *marabetins*, eram povos da Arabia, da seita de Aly, genro de Mafoma, oppostos á seita de Omar.

Passaram para a Africa, em companhia de Abu-Jauar, fundador da sua seita. Da Africa passaram ás Hespanhas, com Gib-al-Tarik, em 713, e depois da sanguinolenta e fatal batalha de Guadalete, que durou 8 dias, e na qual D. Rodrigo, ultimo rei godo, foi derrotado com todo o seu exercito, e os mouros occuparam a Peninsula. Esta batalha teve logar já no anno 714.

Os *marabetins*, que, como já disse, eram mahometanos, professavam as sciencias e as virtudes moraes, como os philosophos da gentilidade. Ainda hoje existe esta seita em Argel, Tunes e Tripoli. Dá-se-lhes actualmente o nome de *marabútos*.

Parece pois que não tem razão o padre Mariana, e que o maravidim é moeda arabe, introduzida nas Hespanhas desde a invasão mourisca.

Alguns escriptores pretendem que a palavra vem de *mauro* (móro) *butin*—palavras francezas, que significam—*despojo de mouro*. (*Maurorum, seu Marranorum spolia.*)

Viterbo diz que os *marabetins*, só vieram á Peninsula em 1085, chamados pelo rei mouro de Sevilha, para o ajudarem na guerra contra D. Affonso VI, pae da nossa rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique.

O padre Risco (*Hep. Sagr.*, tom. 35) diz que antes de 1020 não se acha em Hespanha documento algum que falle em maravidis; mas engana-se. Na doação original, feita á egreja e mosteiro de Santo André de Sózêllo, no anno 870, e que existia no cartorio do mosteiro de Alpendurada, se lê:—*Et qui istum placitum excesserit, pariet parte de quis isto placito observaverit X bobes de X* morabidinos, *et judicato*.

O sr. J. P. Ribeiro diz que o documento de que Viterbo copia o periodo antecedente, não diz *morabidino*, mas sim *módio* (que era uma medida e uma moeda d'aquelle tempo.) Como não possúo copia da tal doação, exponho as diversas opiniões, sem aventurar a minha.

Como o *módio*, o maravidim não teve o mesmo valor em todas as épocas e em todas as terras.

Cuvarruvias, diz que eram *umas moedinhas de cobre, tão miúdas que só valiam duas brancas, ou seis coroados, ou 10 dinheirinhos* (que fazem hoje 4 réis portuguezes.)

Já se vê que o maravedim não podia ser uma *moeda de cobre muito miuda:* muito mais, sabendo nós que no principio da monarchia portugueza—e talvez antes—havia *maravidís de ouro*, que hoje valeriam mais de 600 réis.

D. Affonso Henriques mandou cunhar d'estes *maravidís*, por isso chamados *alfonsis*.

> Entre os documentos do mosteiro de Salzêdas, se achava o testamento de D. Mecia Rodrigues (de 1258) do qual constava que, entre outras muitas cousas que deixou áquelle mosteiro, lhe dá tambem certo numero de *maravedís alfonsis*.

D. Sancho I, pouco tempo depois de subir ao throno, fez lavrar *maravidís de ouro*, com o peso de 500 réis. Estes maravedins (chamados *nóvos*) tinham de um lado a imagem do rei, a cavallo e com a espada na mão e o nome do rei na orla; e do outro, o escudo real das cinco quinas, com 4 estrellas nos vãos e em redor, as palavras *In Nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti.*

No tempo d'este soberano havia maravedis *mouriscos*, *alfonsis* e *nóvos*.

Os primeiros eram do tamanho dos nossos actuaes tostões, mas muito mais delgados. Tinham de um lado o nome de Deus, com algum dos seus attributos, e do outro o nome do rei do paiz onde eram cunhados.

Os *maravidins novos*, que, como já disse, eram de ouro, tinham 76 grãos de peso, e 60 faziam um marco.

No reinado de D. Manuel, todos os *maravedins velhos* foram reduzidos a 27 réis da moeda de então.

Longe me levaria ainda esta materia, e, para não cançar o leitor, remetto os curiosos que desejarem pleno conhecimento d'ella, para o *Elucidario* de Viterbo, pag. 77 e seguintes.

MARCAS — portuguez antigo — nome de mulher, correspondente ao masculino *Marcos*. Ha seculos que este nome se não usa.

MARCEIRAS — portuguez antigo — certa pensão ou tributo que se pagava ao rei, no 1.º de março. Eram 4$140 réis.

Eram obrigados a este fôro, os moradores de Chaves, os da Montanha de Monte-Negros, e os que lavravam nos reguengos e terras foreiras, que pagavam maravedins.

Segundo o foral que o rei D. Manuel deu á villa de Chaves, em 1514, estas *marceiras* eram pelos 100 maravedins que se pagavam de *colheita* (aposentadoria) na dita villa.

MARCHA ou **MARCA** — portuguez antigo —o mesmo que marco—moeda.

MARCO—portuguez antigo — capacidade, graça, peso, talento, etc.

Os officios se devem dar a cada hum, segundo o marco *que tem.* (Doc. do seculo XV.)

MARCO DE CANAVEZES — denominação legal e actual do antigo concelho de Canavezes, desde que mudou a sua séde d'esta villa para a povoação do Marco, que pertence á freguezia de *Fornos* e *S. Nicolau*.

É tambem cabeça de comarca.

É na provincia do Douro, bispado e districto administrativo do Porto, d'onde dista 48 kilometros ao NE., 325 ao N. de Lisboa; na villa 60 fogos, e em toda a freguezia 260.

O orago da parochia é Santa Marinha e S. Nicolau.

Faz-se aqui todos os mezes uma grande feira de gado bovino.

Antes da creação d'este comarca, em 1852, pertencia ao concelho e comarca de Soalhães.

Comprehende este concelho as 34 freguezias seguintes: Aliviada, Alpendurada, Ariz, Avessadas, Banho (ou Santa Eulalia), Carvalhosa, Constance, Favões, Folhada, Fornos, Freixo, Magréllos, Manhuncéllos, Mattos, Maurélles, Paços de Gaiôlo, Paredes de Viadores, Penha Longa, Rio de Gallinhas, Rozem, Sande, Santo Isidoro de Riba Tamega, S. Lourenço do Douro, S. Nicolau, Soalhães, Sobre-Tamega (Canavezes), Taboado, Thuias, Toutosa, Torrão, Varzea do Douro, Varzea da Ovelha, Villa Bôa do Bispo e Villa Bôa de Quires.

Todas com 6:400 fogos. A comarca é formada só do julgado do Marco.

As freguezias do Banho, Carvalhosa, Toutosa e Santo Isidoro de Riba-Tâmega, são no arcebispado de Braga; todas as mais são no bispado do Porto.

(Vide *Fornos e S. Nicolau*, e *Canavezes*.)

O concelho de Marco de Canavezes é muito fertil em toda a qualidade de fructos do paiz, e segundo dados officiaes, produz annualmente oito a dez mil pipas de vinho verde, de muito boa qualidade.

O Marco, fica a 2 kilometros ao S. da villa de Canavezes.

O nome d'esta povoação provem de um pequeno marco de pedra que está no interior do logar, junto á casa dos paços do concelho, e que servia para demarcar os limites das tres freguezias de Fornos, S. Nicolau de Canavezes e Thuias.

Na casa da camara, estão reunidas todas as repartições publicas do concelho, camara municipal e tribunal judicial. Tem uma escóla para o ensino primario do sexo masculino, construida com o donativo do conde de Ferreira; tem tambem uma escóla para o sexo feminino, creada em 1865.

Tem feira nos dias 3 e 15 de cada mez, muito concorrida e a mais importante talvez do districto em gado bovino.

O Marco está assente no alto de uma pequena eminencia, da qual se descobre um formoso e variado panorama de valles, encostas e collinas agricultadas e arborisadas, montes vestidos de mattos e arvoredos, e no horisonte as serras do Marão, Abobreira, Gralheira, Crasto e outras menos importantes.

A população do concelho vive dispersa pelos campos, pelos valles, encostas, montes e nas vertentes das serras, em casaes de lavoura, ou habitações particulares, ou agrupada em pequenas povoações, no meio das quaes destacam, por entre espessos arvoredos e densas massas de verdura, as suas egrejas e campanarios, todos caiados de branco, o que dá ao todo do quadro um effeito encantador.

No Marco crusam as estradas de Casaes Nóvos á Regua, actualmente em construcção, e a de Amarante á Fóz do Tamega, igualmente em construcção. Passa-lhe ao lado a via ferrea do Porto á Regoa com estação a 1 kilometro de distancia.

A ponte da via ferrea sobre o rio Tamega será, depois de concluida, uma das mais notaveis do reino.

É formada de quatro pilares de cantaria, sobre os quaes assenta o vigamento todo de ferro, da grossura de 8 metros no sentido da altura. Tem de comprimento de uma a outra margem do rio 284m,40, e de altura maxima 56 metros.

A 1 para 2 kilometros do Marco, estão os conhecidos penedos de Aliviada, ou Alviada, debaixo dos quaes o rio da Ovelha se mette e esconde inteiramente á vista, para tornar a apparecer a uns 200 metros mais abaixo.

Crê o vulgo supersticioso que debaixo d'estes sombrios penedos se acoitam os demonios, e referem a esse respeito contos e lendas que deram origem a um solão, que anda transcripto nos romanceiros e cancioneiros nacionaes.

Este concelho data de 1852, e compõe-se dos antigos e extinctos concelhos de Soalhães, Riba-Tamega, Bemviver e parte dos extinctos concelhos de Gouvêa, Santa Cruz de Riba-Tamega e Porto Carreiro, e dos coutos de Thuias, Taboado e parte do de Travanca.

O sólo é fertil, productivo e abundante de excellentes aguas. As principaes producções são milho, centeio, feijão e linho, muito e muito bom vinho verde, excellente azeite, castanha e nozes. Produz variadas e excellentes fructas, principalmente melões e pecegos, que são dos melhores do reino.

Abunda em gados, principalmente suino, que é excellente; o bovino, ou se emprega nos trabalhos da lavoura, ou se cria para a exportação.

Ha tambem creação de sirgo, cuja seda é de primeira qualidade e tem sido premiada nas exposições.

Nos rios e regatos, que todos regam, ou moem, ha abundante pesca, principalmente nos rios Ovelha e Tamega, no ultimo dos quaes se pescam junto á sua Fóz, em Entre Ambos os Rios, excellentes saveis e lampreias.

O concelho do Marco de Canavezes confina com os concelhos de Penafiel, Amarante e Baião, e pelo S. com o rio Douro.

—

Noticia de algumas das freguezias do concelho do Marco de Canavezes.

S. Nicolau—está n'esta freguezia a albergaria, fundada e dotada pela rainha D. Mafalda, de que não dou particular noticia por d'ella se ter fallado já, no Diccionario, na palavra—*Canavezes.*

A egreja d'esta freguezia é tambem fundação da rainha D. Mafalda. Está igualmente n'esta freguezia a quinta dos Pessoas, que foram administradores da albergaria.

—

Santa Maria da Sobre Tamega (da villa de Canavezes)—a egreja d'esta freguezia e a ponte sobre o rio Tamega, são fundação da rainha D. Mafalda; a ponte, porém, foi concluida e acabada no reinado de el-rei D. Diniz, com o legado que em seu testamento deixou para esta obra D. Vicente, 27.º bispo do Porto, como traz D. Rodrigo da Cunha. (*Catalogo dos bispos do Porto*, part. 2.ª, cap. 13, pag. 74.)

A industria dos habitantes da rua de Ca-

navezes, d'esta freguezia, é o fabrico do pão de trigo, que se consome em grande parte do concelho, e que é exportado tambem para Penafiel.

Estão n'esta freguezia as caldas de Canavezes, muito efficazes nas molestias cutaneas, rheumatismos agudos e outras enfermidades.

Proximo ás caldas, n'um monte chamado Monte das Campas, apparecem sepulturas abertas em rocha viva, e que dizem terem sido dos mouros.

Na rua da villa de Canavezes, fez assento D. Pedro I, nas guerras que moveu a seu pae, D. Affonso IV, depois da morte de D. Ignez de Castro. Foi aqui que se trataram e ajustaram as pazes entre os dois principes belligerantes, estando D. Affonso IV em Guimarães.

—

S. André de Villaboa de Quires—estava n'esta freguezia o antigo e nobre solar da familia do appellido Porto Carreiro, da qual descendem muitas familias illustres de Hespanha e Portugal, no numero das quaes achamos a actual ex-imperatriz dos francezes, viuva de Napoleão III.

O representante directo d'este solar e familia, é actualmente João Pizarro da Cunha Porto Carreiro, senhor da casa da Bandeirinha, no Porto.

N'esta freguezia, estão tambem as obras do palacio dos Albuquerques, que ficou por concluir. Era uma obra grandiosa, da qual só chegou a construir-se parte do pano da fachada do edificio O sr. Teixeira de Vasconcellos falla d'este palacio, na sua obra *Les Contemporains*.

—

Santa Eulalia de Constance—aqui esteve a quinta e paço de Soutello, que foi da rai- D. Mafalda, fundadora da albergaria e ponte de Canavezes.

Está tambem n'esta freguezia a casa de Quintan, da illustre familia dos Magalhães, cujo solar é a torre e vinculo de Villa Cova da Lixa.

A sua genealogia é a seguinte:

Ruy de Magalhães, filho de João de Magalhães, 1.º senhor da villa da Barca e terras de Naverga, e de sua mulher D. Isabel de Sousa e Vasconcellos, filha de Ruy Vaz de Vasconcellos Ribeiro, senhor de Figueiró e Pedrogão, e de sua mulher D. Violante de Sousa, filha de D. Lopes Dias de Sousa, mestre da ordem de Christo, teve por filho a

João de Magalhães e Menezes, que casou com D. Maria de Basto, filha de Gonçalo de Basto, e teve por filho a

Antonio de Magalhães, que casou com D. Genebra Teixeira, e teve por filho a

Fernando de Magalhães Teixeira, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo, que casou com D Antonia de Almeida, filha e herdeira de Pedro Tinoco Monteiro de Almeida e de sua mulher Violante Ferraz, senhora da quinta do Covo, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, que casou com D. Hyeronima Peixoto de Alvim, filha de Gonçalo Vaz Peixoto, e teve por filho a

Gaspar de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, que casou com D. Catharina da Affonseca Barbosa, e teve por filho a

Thomé de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, que casou com D. Margarida da Costa e Sousa, filha de Agostinho da Costa e de sua mulher D. Maria Coelho de Sousa, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Joanna de Mello, filha de Francisco de Lemos Ribeiro, e como não teve filhos succedeu-lhe na casa seu irmão, João de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, que casou com D. Angelica Theresa de Abreu Barbosa Brito de Vasconcellos, filha de Pedro de Abreu de Vasconcellos e de sua mulher D. Simoa Barbosa de Faria, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Maria Thomazia Pinto de Mesquita de Magalhães, filha de José Antonio Pinto de Magalhães e de sua mulher D. Maria de São Gonçalo Pinto de Mesquita, e teve por filho a

Jayme de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Anna Rita de Quei-

roz e Lencastre, filha de D. Antonio de Lencastre e Camanho, e de sua mulher D. Margarida de Lencastre; teve por filha unica e herdeira a

D. Maria José de Magalhães e Menezes Lencastre, que casou com seu tio paterno, Joaquim de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes Lencastre, barão da Torre de Villa-Cova da Lixa, actual successor.

—

S. Romão de Carvalhosa—aqui estava a antiga quinta e paço da Carvalhosa, dos senhores d'este appellido.

—

S. Martinho de Aliviada—ha n'esta freguezia a casa de S. Martinho da antiga e illustre familia do appellido de Cunhas.

—

Santo André de Varzea da Ovelha—o templo d'esta freguezia é antigo.

Ha n'esta freguezia a casa do Cabo, da familia Pereira, cujo representante actual, é o barão de Leiria, que foi casado, com a baroneza de Leiria, filha e herdeira do tenente-general, visconde de Leiria.

—

S. João da Talhada—ha n'esta freguezia jazigos de enxofre que ainda não foram explorados.

Aqui estava a antiga quinta, casa e torre do Vinhal, solar muito nobre da familia do appellido de Vinhal, da qual descendem familias muito illustres de Portugal e Hespanha.

D'aqui descendiam em Portugal os Aguiares, e em Hespanha, os Aguilares e os Cordovas, no numero dos quaes achamos Gonçalo Fernandes de Cordova y Aguilar, conhecido em Hespanha pelo nome de Gran Capitan.

Foi senhor d'esta torre e quinta, Gonçalo Gil da Veiga, casado com Guiomar Mendes de Vasconcellos, da qual procedem os morgados de Fontellas.

Gonçalo Gil da Veiga era senhor do concelho de Gouvêa, e vendeu o senhorio d'elle aos Sousas Chichorros, que depois o possuiram.

A ultima successora e representante do solar do Vinhal, foi Branca Annes do Vinhal, que por não ter successão, o deixou a seu primo D. João Martins de Soalhães, senhor dos solares de Villa Pouca e Torre de Cadimes, em Soalhães, senhor do padroado das egrejas de Soalhães e Santa Cruz de Riba Douro e bispo de Lisboa.

Em 1304, vinculou D. João Martins de Soalhães a quinta e torre do Vinhal, e reuniu este vinculo aos seus vinculos de Soalhães, dos quaes nomeou administrador a seu filho natural, Vasco Annes de Soalhães, legitimado por el rei D. Diniz, aos 18 de janeiro de 1308.

O ultimo administrador d'este vinculo, foi D. Affonso de Vasconcellos, 1.º conde de Penella, descendente de Vasco Annes.

Em 1504, obteve D. Affonso de Vasconcellos, provisão de el-rei D. Manuel, para vender as terras d'estes vinculos, e comprar outras no termo de Lisboa.

Por virtude d'esta provisão, vendeu o dito D. Affonso de Vasconcellos os vinculos do Vinhal e Soalhães a seus primos Francisco Annes de Campos e sua mulher Iria Nogueira, descendentes do instituidor dos morgados de Soalhães.

Dos vinculos de Soalhães, estão de posse os Vasconcellos de Quintan, descendentes dos compradores.

—

S. Salvador de Taboado—foi mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho. Dizem alguns antiquarios, que o fôra de templarios.

O templo é antigo, mas parece ter sido um pouco alterado na sua primittiva architectura. Tem um formoso portico de estylo gothico e por cima do portico um oculo rendilhado no mesmo estylo.

Apresentavam esta egreja os Montenegros, senhores da torre de Novões da mesma freguezia.

A torre de Novões, parece ser muito antiga, e acha-se em perfeito estado de conservação. O senhor mais antigo d'esta torre, de que havemos noticia, é Diogo de Barros, que foi commendatario do mosteiro de Taboado. Passou este solar para os Montenegros, por

casamento de D. Maria de Sousa de Barros, 7.ª neta d'este Diogo de Barros, com Sebastião Correia Pereira, neto de Miguel Correia Montenegro.

O appellido Montenegro é de origem hespanhola, e introduziu-se em Portugal com o casamento de Ignez Pires de Montenegro, natural de Galliza, que veiu para Portugal e casou com Vicente Correia, pae de Miguel Correia Montenegro, de quem acabâmos de fallar.

Possue actualmente a torre de Novões, Antonio Ignacio Correia de Sousa Montenegro, descendente do referido Miguel Correia Montenegro.

É tambem senhor da torre da Pena, e da casa de Santiago, onde reside.

—

S. Martinho de Soalhães—freguezia do concelho do Marco de Canavezes, 5 kilometros ao S. do Marco.

Foi concelho com a mesma denominação, e lhe deu foral el-rei D. Manuel, aos 15 dias do mez de julho de 1514.

Vem o nome de *Soalhães*, de um fidalgo d'este appellido, que povoou este concelho, e viveu no paço de Villa Pouca, da mesma freguezia.

Do paço, só existe a memoria na tradição popular, na referencia que d'elle fazem alguns antiquarios, e no nome que ainda conserva o sitio onde elle esteve.

Houve tambem n'esta freguezia, no sitio chamado de Oliveira, a torre de Cadimes.

D'ella fallaremos adiante.

A egreja, é templo antigo, espaçoso, de magestosa apparencia, e com uma elegante torre para sinos e relogio. Poucos vestigios conserva a egreja da sua antiga architectura. A torre primittiva, era separada do corpo da egreja, e servia tambem de aljube ou prisões da prelasia.

Foi mosteiro duplex para frades e freiras da ordem de S. Bento, fundado em 24 de março de 865, por Sancho Ortis, que o dotou e lhe deixou, entre outros bens, a sua quinta de Ortis.

Deixou de ser mosteiro duplex não se sabe ao certo quando, mas presume-se que deixou de o ser, por virtude da bulla do papa Paschoal II, commettida ao arcebispo de Santiago, D. Diogo Gelmires, no anno de 1103, na qual o mesmo papa impedia, que d'alli por diante se fizessem mais fundações semelhantes. Parece, porém, que já não era mosteiro duplex, no anno de 1029, por quanto indo n'esse anno a Castella os frades do mosteiro de Soalhães, queixarem-se a Fernando Magno das violencias que lhes fazia Garcia Moniz, na escriptura do contracto que lá celebraram, e que vem transcripta no *Catalogo dos bispos do Porto*, part. 1.ª, cap. 15, nenhuma referencia se faz ás freiras do dito mosteiro, donde parece inferir-se que já então lá as não havia.

Extinguiu-se e acabou de todo este mosteiro não se sabe ao certo como e quando; vê-se, porém, que já era egreja secular no anno de 1238, pois que n'esse anno fez D. Sancho II doação do padroado da egreja de Soalhães a D. Pedro Salvador, bispo do Porto, depois de a ter tirado a Gonçalo Viegas de Porto Carreiro, de cuja familia era. Passou depois para o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, que por ser descendente de Sancho Ortis e dos Porto Carreiros, e não como bispo de Lisboa, lh'a restituiram, dando elle D. João Martins, em troca, ao bispo do Porto, o padroado das egrejas de S. Nicolau da Feira e Santa Maria de Alvarellos. Na escriptura que então fizeram, declara o dito D. João Martins, *que cedia ao bispo do Porto o padroado das ditas egrejas, por querer paz com o dito bispo D. Giraldo.* Foi feita esta troca no anno de 1302.

Em 1307, é sujeita á egreja de Soalhães, a egreja de Santa Cruz de Riba Douro, por troca entre o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães e o arcebispo de Braga, D. Martinho.

Deu o bispo de Lisboa em troca da egreja de Santa Cruz, a de Santiago de Urenha.

É d'esta época que resultou aos abbades de Soalhães, a regalia de serem prelados ordinarios da egreja de Santa Cruz de Riba Douro, cuja jurisdicção exercitaram sempre, sendo o juizo ecclesiastico da egreja de Santa Cruz, na egreja de Soalhães, onde havia na torre antiga, prisões pertencentes á prelasia, e as visitas ordinarias da egreja de Santa

Cruz, as fazia o abbade de Soalhães, como seu prelado, e não entravam n'ella as do bispo diocesano, que nenhuma jurisdicção aqui tinha n'ella, e ao sinodo diocesano vinha o abbade prelado de Soalhães, mas não o abbade de Santa Cruz, que só ao abbade de Soalhães era subordinado.

O abbade prelado de Soalhães, usava de cruz peitoral; do juizo ecclesiastico da sua prelasia só havia appellação para a Sé apostolica; tinha toda a jurisdicção na egreja de Santa Cruz, e examinava, approvava e dava licença aos confessores d'ella.

Os ultimos padroeiros da egreja de Soalhães, e senhores da mesmo concelho, foram os marquezes de Ponte de Lima, que ainda hoje cobram n'esta freguezia algumas rendas de fôros, do patrimonio que herdaram como descendentes de Vasco Annes de Soalhães, filho natural de D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa.

O bispo D. João Martins de Soalhães houve varios filhos, dos quaes um por nome Vasco Annes de Soalhães, legitimado por el-rei D. Diniz, a 18 de janeiro de 1308, lhe succedeu em todos os vinculos e mais bens patrimoniaes, e no padroado da egreja de Soalhães e de Santa Cruz de Riba Douro.

Viveu este Vasco Annes de Soalhães, no paço de Villa Pouca, e foi senhor da torre de Cadimes, obra do bispo D. João Martins de Soalhães, e por elle erigida em cabeça do seu morgado.

Vasco Annes de Soalhães, jaz sepultado na capella-mór da egreja de Soalhães, do lado da epistola, em tumulo mettido na parede, com seu brazão esculpido e letreiro.

Com as obras que em tempo fizeram na capella-mór, ficou este tumulo escondido por debaixo da cal com que revestiram a parede.

A casa mais antiga d'esta freguezia, e como edificio particular o mais notavel, pela sua grandeza e architectura, não só d'esta freguezia, mas de todo o concelho do Marco de Canavezes, é a casa da Quintan.

É um vasto edificio apalaçado, farmando um quadrilatero perfeito, regular e symetrico, com claustro interior, do meio do qual se eleva um bem trabalhado chafariz de cantaria, com seus lavores e ornatos.

Para o andar nobre do edificio dá accesso do lado da frente um amplo e magestoso pateo com dois lanços de escadaria de pedra ornada de lavores, balaustradas e estatuas.

Tem este edificio em si uma torre, e ao lado, mas em communicação com o edificio por um arco de pedra, uma ampla e aceada capella.

É este edificio a residencia e solar da familia dos Vasconcellos, da mesma freguezia. A sua genealogia, é a seguinte:

D. Maria da Cunha, filha de Fernão de Sá Alcoforado, camareiro-mór de el-rei D. Duarte e de el-rei D. Affonso V, alcaide-mór da cidade do Porto, ascendentes dos marquezes de Fontes e condes de Penaguião, e de sua mulher D. Filippa da Cunha, filha de Gil Vasques da Cunha, ascendente dos condes de S. Vicente. Houve de D. Affonso V, por filho natural a

Alvaro Soares da Cunha, fidalgo da casa real, guarda-mór da cidade do Porto, o qual houve de sua segunda mulher, a

Salvador Soares da Cunha, que casou com Senhorinha Barbosa, filha de Lopo de Barbosa e de sua mulher Ignez Cerveira de Barbedo, da honra e casa de Barbosa, e teve por filho a

Duarte Soares de Carvalho, que casou com Magdalena Reimão da Motta, filha de João da Motta de Mesquita e de sua mulher Leonor de Faria, da casa dos Mosqueiros, e teve por filho a

Balthazar Soares da Motta, que casou com Theresa Vieira, filha de Pedro Annes Lordello, fidalgo da casa real, senhor do solar de Lidraes, e de sua mulher, Isabel Pires Vieira, da casa e solar de Ribeiro, descendente de Ruy Vieira, senhor do concelho de Vieira, e teve por filho a

Ayres da Motta Vieira, que casou com Antonia Carneiro, filha de Gaspar Barbosa, e sua mulher, e teve por filho a

Duarte Carneiro Vieira da Motta, que casou com Isabel Nogueira de Castro, senhora e herdeira da casa de Quintan, filha de Manuel Gonçalves de Oliveira e de sua mulher Felipa Dias de Castro, neta de Diogo Affon-

so de Castro e de sua mulher Theresa Nogueira, descendente de Gonçalo Pires de Fafiam de Riba Douro e de sua mulher Guiomar Gonçalves Nogueira, senhores do morgado de S. Lourenço de Lisboa, e teve por filho a

Ayres da Motta Vieira, que não casou, mas teve de D. Catharina Alves, por filho natural, legitimado por carta regia de 4 de agosto de 1674, a

Domingos Vieira da Motta, que casou com D. Antonia de Araujo Barreto Pereira de Vasconcellos, filha de Bento de Pinho Tavares e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Pereira, da casa da Samossa, descendentes dos morgados de Fontellas e dos condes da Feira, e teve por filho a

Bento Soares da Motta Pereira Vieira Carneiro, que casou com D. Catharina Josepha Carneiro de Magalhães, filha de Antonio Machado Carneiro, e de sua mulher D. Marianna Carneiro de Magalhães, e teve por filho a

José Soares da Motta Pereira Vieira Carneiro de Magalhães, que casou com D. Antonia Theresa Joanna de Noronha e Menezes, filha de João Monteiro Valente da Silva, e de sua mulher D. Antonia Maria de Noronha e Menezes, e teve por filho a

Antonio de Vasconcellos Pereira Vieira Carneiro, que casou com D. Angelica Amalia de Magalhães e Menezes, filha de Antonio de Magalhães e Menezes, senhor da torre de Villacova da Lixa, e de sua mulher D. Maria Thomazia Pinto da Mesquita, e teve por filho a

José de Vasconcellos Carneiro e Menezes Vieira da Motta, que casou com D. Anna Augusta de Almeida Peres de Carvalho e Castro, filha de Antonio Peres de Carvalho e Castro, e de sua mulher D. Maria Maxima Pereira Pimentel, e teve por filho a

José de Vasconcellos Carneiro de Magalhães e Menezes, actual successor.

N. B.—De D. Maria da Cunha descendem tambem os morgados de S. Vicente do Pinheiro e outras familias illustres.

—

S. Salvador de Thuias.—Ácerca do convento de freiras que aqui existiu, veja-se a *Chorographia portugueza* do padre Carvalho da Costa, tom. 1.º capitulo 26, da provincia de Entre Douro e Minho, na palavra *Couto de Tuyaz.*—Ha n'esta freguezia uma nascente de agua mineral ferrea de que se faz uso. Ha tambem crystal de rocha.

—

Nossa Senhora do Freixo.—Foi povoação de mouros, e ainda aqui existem as ruinas da mesquita edificada por elles.

Tem uma feira na segunda sexta feira de todas as quaresmas, que dura tres a quatro dias.

—

S. Clemente de Paços de Gaiôlo.—Dizem que lhe vem o nome dos paços que aqui teve um principe mouro chamado Gaiôlo, que era pae ou irmão de Gaia, que deu o nome a Villa Nova de Gaia, defronte da cidade do Porto.

—

Santa Maria de Penha Longa.—Houve aqui a casa e torre onde viveu o primeiro senhor do concelho de Bemviver, chamado D. Pedro de Castro.

—

S. Lourenço do Douro.—Está aqui a casa do Ribeiro, solar muito antigo da familia do appellido de Vieiras, descendentes de Ruy Vieira, senhor da torre e concelho de Vieira.

—

Santa Maria de Villa Boa do Bispo.—Ha n'esta freguezia, á margem da estrada, no sitio chamado o Marmoiral, um arco de pedra muito antigo, que dizem ter sido levantado em memoria da passagem da rainha D. Mafalda na sua visita ao convento de Arouca. Vide *Marmoiral.*

—

S. Martinho de Ariz.—Está aqui a casa e quinta da Seara, solar antigo da familia do appellido Azevedos Pereiras de Vasconcellos. Está tambem n'esta freguezia o nobre e muito antigo solar de Lidraes, da familia do appellido de Lordellos.

—

S. João de Alpendurada.—Vide Alpendurada.

—

Santa Clara do Torrão.—Vide Entre-os-Rios.

Devo a maior parte d'este artigo á benevolencia do ex.mo sr. José de Vasconcellos Carneiro de Magalhães e Menezes, do Marco, que, defferindo ás minhas supplicas, teve a summa bondade de colher tão curiosas informações e remetter-m'as. Honra ao nobre fidalgo que assim concorreu para que o Diccionario ficasse mais completo n'este artigo.

MARCO MILLIAR—Nas vias militares romanas estavam de dois em dois kilometros. (Vide *Estádio, Milha, Geira* e *Vias Romanas.*)

MARCOS (S.)—monte conico, Douro, na freguezia de *Fajões*, comarca, concelho e 8 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao S. do Porto, 15 a E. do Oceano e 240 ao N. de Lisboa.

Do seu vertice, onde está a capella de S. Marcos, evangelista, se descobrem muitas leguas de extensão, vendo-se a cidade do Porto, grande numero de freguezias, serras, campos, montes, bosques, etc.; e uma vasta extensão do mar.

Faz-se aqui, no dia 25 de abril, uma feira, denominada da *Linhaça*, e a romaria ao padroeiro da capella.

Tem este môrro mais de 450 metros sobre o nivel do mar. (Vide *Fajões.)*

MARCOS DA ABOBADA (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros d'Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 70 fogos. Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 206 alqueires de trigo e 51 de cevada.

MARCOS D'ATABUEIRA (S.)— freguezia, Alemtejo, comarca de Almodovar, concelho de Castro Verde, 90 kilometros a O. d'Evora, 165 ao S. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 130 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MARCOS DA SERRA (S.)—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 54 kilometros de Faro, 185 ao S. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada no alto da serra, mas rodeada de cabeços, em sitio áspero e agreste.

A egreja matriz é muito antiga.

Tem poucas aguas e de má qualidade. Em varias partes da freguezia ha boas aguas ferreas.

Toda a freguezia está sobre um ramo da serra do *Caldeirão.* Produz algum trigo e centeio. Tem montados, onde se criam bastantes porcos, cêra e mel, gado de toda a qualidade e caça.

Passa pela freguezia a estrada que vae de Silves, Lagôa e Albufeira, para Lisboa.

Junto á aldeia de S. Marcos, passa a ribeira do mesmo nome, que vem da serra. Toma depois o nome de *Odelouca*, juntando-se-lhe o ribeiro da *Azilheira*, no sitio d'este nome, e o de Bésteiros, junto á aldeia de Perna-Sêcca, no monte da Costa. Morre no rio de Silves. (Vide *Odelouca* e *Silves.)*

A serra do Caldeirão é uma cordilheira, que junta com a de Monchique (que fica ao O.) separa o Algarve do Alemtejo.

Este grupo differe de todos os outros do reino, pela sua constituição physica. Abunda por toda a parte em rochedos de *lava*, amontoados, assimilhando-se a *caldeirões*, do que lhe provem o nome.

Os dois mais altos cumes da primeira, são —o *Pico da Foia*, que é uma maça consideravel de granito; e o da *Picota*, a 9 kilometros da Foia; tambem coberto de grandes penhascos.

As suas ramificações a E., tomam o nome das terras por onde passam.

Nestas serras nascem os rios *Quarteira, Valle-Formoso, Vascão, Oeiras, Odmira, Sádo, S. Romão*, e *Seixes.*

MARCOS DO CAMPO (S.) — freguezia,

Alemtejo, comarca de Redondo, concelho de Reguengos, 45 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

MARCO VELHO — parece ser o maravedim antigo de prata.

Em documentos de 1310 e 1352, vê-se que valia 27 soldos.

MÁRE—portuguez antigo — *mãe* — (*Mha mare*—minha mãe.)

MARÉCO—freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro de Penalva, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

MARÉCOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 263 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

MARÉCOS—antigo nome da actual villa de Amares, na comarca de Villa Verde, nas Terras de Entre Homem e Cávado (Alto Minho.)

E' d'este nome que procede o appellido do célebre mestre do Templo, D. Gualdim Paes de Marécos.

E' Marécos um nobre appellido em Portugal. Para a sua genealogia e armas, e para o mais que diz respeito a Marécos, vide a pag. 191 do 1.º vol., na palavra *Amáres*.

MARGARIDA DO ARRABAL (Santa)— Já a pag. 238 kk, do 1.º vol., tratei d'esta freguezia; mas, como depois d'isso obtive mais e curiosas informações, e não quero privar d'ellas os leitores, as dou n'este logar.

—

Em 1592, D. Pedro, bispo de Leiria, creou esta parochia; ficando a servir lhe de egreja matriz, a capella, que já existia no logar do Arrabal, dedicada a Santa Margarida, que ficou sendo padroeira da nova freguezia.

O bispo ficou com a apresentação da egreja, e os freguezes com a obrigação de pagarem annualmente ao parocho, 80 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho môsto e as offertas da egreja.

O mesmo povo ficou obrigado á fabrica da egreja e sachristia e á casa da residencia do cura.

Ficou a nova freguezia constituida com 170 fogos.

A capella-mór é de abobada, e a egreja tem só tres altares; o mór e dois lateraes.

Ha n'esta freguezia as ermidas seguintes:

—

1.ª A de S. Bento—em frente do Freixial. Este logar do Freixial, era da freguezia de S. Pedro, e, em 1592, passou a fazer parte da nova freguezia do Arrabal.

Fica a capella entre vinhas, e não tem rendimento algum, fabricava se com as rendas de um hospital que havia no mesmo logar, com duas camas e obrigação de agasalhar os viandantes pobres.

Em 1555, sendo bispo de Leiria D. Braz de Barros, indo este prelado aqui em visita, mandou outra vez aqui collocar as duas camas, que já não havia; mas, com o tempo, deixaram de existir as camas, ficando a casa redusida á simples albergaria.

A capella, tinha uma confraria de defunctos, e os officiaes d'ella o eram tambem do hospital. Tem tres altares.

—

2.ª A de S. Barthotomeu—no Casal dos Cardozos.

—

3.ª A de S. João Baptista—no logar do Souto-Sico, feita em 1610.

Por baixo das casas que estão acima da egreja, junto ao caminho que vae para Cal-

dellas, ha uma fonte, que no inverno, ou sécca, ou tem muito pouca agua, e no verão é abundante.

MARGARIDA DA COUTADA (Santa)—vide *Coutada*, a pag. 415 do 2.º vol.

MARGARIDA DA SERRA (Santa)—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Alcacer do Sal, concelho da Grandola, 70 kilometros a O. de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Margarida.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia, apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

MARGARIDA DO SADÃO (Santa) freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Beja, concelho de Ferreira, 60 kilometros ao O. de Evora, 100 ao S. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 50 de cevada.

MARGARIDE e PADROSO—vide a primeira *Felgueiras*, a pag. 162 do 3.º vol.

A povoação de Margaride, foi elevada a cathegoria de villa, com o titulo de *villa de Felgueiras*, por decreto de 14 de janeiro de 1846, e carta de lei de 11 de março do mesmo anno. (*Diario do Governo*, n.º 73.)

É viscende de Margaride, o sr. doutor em philosophia, Luiz Cardozo Martins da Costa Macedo, actual governador civil de Braga.

(Vide *Pombeiro*.)

MARGEM—(vide *Lagomel*, a pag. 20 do 4.º vol.)

Margem é a palavra arabe *marge*. Significa, como em portuguez, margem de um rio ou ribeiro; mas tambem quer dizer—*logar abundante de hervas, fresco, ameno* etc.

MARGEM DE ARADA—aldeia, Extremadura, freguezia de Olhalvo, comarca e concelho de Alemquer.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa,

Ha aqui uma quinta de que é proprietario o sr. D. Thomaz de Napoles.

Em 1873 appareceu aqui, n'esta quinta, um sepulchro antiquissimo. Continha tres ossadas humanas, e era formado de pedras toscas, sem que se podesse descobrir n'elle a minima inscripção.

MARGONÇA (ponte da) — Douro, sobre o rio Ul, na freguezia de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis. (Vide *Couto de Cucujães*.

MARIA (Santa)—cabo, no Algarve, em 36° 55′ N., e 38′ de longitude oriental—é formado por uma ilhota de areia, em frente da cidade de Fáro. Tem 1:500 metros de largura. Tem pharol.

(Vide *Cabo de Santa Maria.)*

MARIA (Santa) **DA COLLINA**—Vide *Collina* e *Cunha*, de Coura.

MARIA (Santa) **DA SERRA**—Vide *Enxára*.

MARIA (Santa) **D'ÉMES**—Vide *Émeres*.

MARIA (Santa) **DE SOBRE-TAMEGA** (ou de **RIBA-TAMEGA**)—Vide *Canavezes*.

MARIA (Santa) **DOS ANJOS**—Vide *Anjos*.

Todas as mais freguezias que têem por padroeiras Santa Maria, vide nas terras do seu *sobrenome*.

MARIA MAGDALÉNA (Santa)—Todas as povoações que tiverem esta denominação, vide *Magdaléna*.

MARIALVA—villa, Beira Baixa, comarca, de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Parece que esta freguezia tem crescido muito em população, desde 1757 para cá; mas não tem. A differença para mais, é porque em 1757 havia duas freguezias do mesmo nome (S. Thiago e S. Pedro), que hoje estão unidas, tendo a de S. Pedro 70 moradores.

Tinha pois a actual freguezia em 1757, 119 fogos.

(Vide a freguezia seguinte.)

—

É povoação antiquissima, como adiante direi.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em 1179. Foi confirmado em Coimbra, por seu neto, D. Affonso II, em novembro de 1217. (maç. 7.º de *Foraes antigos*, n.º 1; maç. 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 5 v., col. 1.ª e no *Livro de foraes antigos. de leitura nova*, fl. 35 v., col. 1.ª—Veja se tambem os *Artigos da portagem e outros direitos*, no Liv. 46 dos *Tombos*, no armario 17, fl. 123.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro, de 1512. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 30 v., col 2.ª)

Era um dos antigos concelhos de Portugal, supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855 (durante a regencia do sr. D. Fernando Coburgo.)

Este concelho tinha 1:100 fogos.

Está a villa fundada em um alto, penhascoso e alcantilado, e enobrecida com o seu vetusto castello, que foi um dos mais fortes do reino. Tem quatro torres (uma d'ellas com relogio) e 4 portas.

Attribue-se a sua fundação aos turdulos, no anno do mundo 3504, isto é, 500 antes de Jesus Christo, tendo hoje por tanto 2:375 annos de existencia. (R. M. da Silva, *Pobl. Gen. de Hesp.*)

Outros dizem que foi fundada pelos gregos, no anno 2900 do mundo.—Vide adiante.

Foi cidade no tempo dos romanos, que a denominavam *Aravor*. Foram os imperadores Adriano e Trajano que a reconstruiram, levantando aqui alguns edificios.

Mas a cidade romana era muito mais vasta do que a actual villa, que apenas occupa uma pequena parte da antiga; havendo ainda d'esta, muitos e notaveis vestigios.

Destruida pelas guerras da idade media, e occupada pelos mouros, no principio do seculo VIII, estes a reconstruiram em parte. Não se sabe quando perdeu o seu antigo nome; só se sabe que D. Fernando Magno a conquistou aos mouros, em 1063, e que então se chamava *Malva*.

Outros escriptores, dizem que ainda conservava o seu antigo nome de Aravor, em 1063, e que foi D. Fernando Magno que lhe deu o de *Malva*, que se corrompeu em Marialva.

Ainda outros, dizem que o nome de *Malva* só durou até ao principio do seculo XIII, e que dando D. Affonso II, de Portugal, esta villa a uma dona chamada Maria Alva, esta lhe deu o seu nome.

Acho isto mais verosimil.

Com as guerras continuas, entre os mouros e christãos, tornou a cahir em ruinas, e foi abandonada. N'este estado a achou D. Affonso Henriques, que a reedificou, povoou e lhe deu foral, em 1179.

Como era de uso n'aquelles tempos, com as povoações despovoadas, o rei concedeu muitos e mui grandes privilegios, isenções e regalias, aos individuos que se quizessem estabelecer aqui, o que attrahiu bastantes moradores.

Estes privilegios foram conservados e confirmados pelos foraes subsequentes.

—

Foi o nosso primeiro rei, que no foral a elevou á cathegoria de villa, fazendo-a concelho, com justiças e camara proprias.

Quando o concelho de Marialva foi supprimido (1855), passou a villa e freguezia para o concelho de Foscôa, e assim se conservou, até que por decreto de 18 de dezembro de 1872, passou para o concelho da Méda, ao qual actualmente pertence.

—

Querem alguns que o seu castello fosse construido pelos antigos lusitanos, ou pelos romanos, e que D. Sancho I, o reedificou, pelos annos de 1200.

Destruido pelos mouros, o rei D. Diniz principiou a sua reconstrucção, desde os fundamentos, em 1299. Não consta se este monarcha o concluiu completamente e se depois foi reedificado, ou ampliado; o que é certo, é que as obras d'elle só foram concluidas, na fórma actual, pela rainha D. Catharina (viuva de D. João III), durante a sua regencia, na menoridade de seu neto, D. Sebastião, no anno de 1559.

Isto consta de uma inscripção que se vê á entrada do castello.

Parece que, onde hoje está a villa, só existiam no tempo dos romanos as fortificações e quarteis militares, e que a cidade estava edificada na planicie, como adiante direi.

No tempo dos gôdos, era esta povoação de muita importancia, e conservava ainda o seu antigo titulo de cidade; e proximo (a E.) d'ella, havia um vasto mosteiro de monges benedictinos, que os agarenos arrazaram, não deixando pedra sobre pedra.

No logar que elle occupava, se tem desenterrado columnas e outros ornatos ecclesiasticos, e tem apparecido restos de claustros e outras officinas.

Tambem a 1 kilometro da villa existe o edificio e cêrca, que foi mosteiro de religiosos franciscanos, fundado em 1447.

As armas de Marialva, são as de Portugal, sem corôa.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, porém, não menciona estas armas.

—

Já disse a pag. 134, do 4.º vol., quem foi o 1.º marquez de Marialva, e sua familia, e quaes as suas armas; por isso, para aquelle logar remetto o leitor.

—

Tratemos agora especialmente, pois que o merece, da antiquissima cidade romana de *Aravor*.

Nas faldas, e ao E. do alcantilado monte onde está edificada a actual villa de Marialva, no principio do seu fertil e dilatado campo, no sitio onde agora se vê a aldeia da *Deveza*, estava edificada a cidade de *Aravor*.

Aqui se achou, pelos annos de 1690, um primoroso pedestal de columna, de jaspe branco, com 0m,50 de alto e 0m,25 de largo.

Foi dado ao alcaide-mór da villa, que o mandou collocar no muro do quintal da sua residencia.

Tem a seguinte inscripção:

IMP. CAE. DIVI. TRAIAN.
PARTICI. F. TRAIANO
HADRIANO. AUG.
PONT. MAX. TRIB.
POTES. I. COS. II.
CIVITAS ARAVOR.

No anno 119 de Jesus Christo, foi Elio Adriano Augusto, segunda vez consul, tendo Rustico por companheiro, ou collega. É provavel que a inscripção seja d'este anno; a qual lhe chama Trajano, porque Ulpio Trajano o tinha adoptado, antes do anno 117, em que morreu.

—

No mesmo logar da Deveza, em uma casa de Manuel de Moraes, que era (a casa) estalagem, no fim do seculo XVIII, se achou uma lapide com uma inscripção, que diz, que *a preclarissima cidade de Aravor, dedicou uma memoria á Jupiter, optimo, maximo.*

A inscripção é toda só com as iniciaes, á excepção da palavra *Jove* (Jupiter)—é assim:

I O V I
O. M.
K. AR.

(O k, está em logar de c, como muitas vezes se vê nas antigas inscripções.)

Na mesma aldeia da Deveza, ha dois edificios, de architectura romana, antiquissimos. Um d'elles, que foi quasi demolido pelo povo, era de cantaria, de construcção robustissima; e é tradição que foi um grande palacio. Chamam-lhe a *torre* Consta que serviu de templo christão, no tempo dos gôdos.

O outro edificio está em frente do antecedente, e só dividido d'elle pelo caminho. Já serviu de capella christan.

É tambem de robustissima construcção e optima cantaria, com uma porta, excessivamente alta e larga, e ainda está muito bem conservado. Foi junto d'este monumento que se achou a segunda lapide que mencionei.

A 1 kilometro ao S. da aldeia da Deveza, ha uma grande e alta *naumachia* (reservatorio de aguas) a que ainda chamam o *lago*. É obra manifestamente romana.

Em 1790, foi aberta, e se viu que fechava com uma grande pedra quadrada, na qual estava chumbada uma grossa argola de bronze. D'aqui conduziam os romanos a agua para a cidade e para o campo, por um aqueducto, composto, já de canos de cantaria (manilhas) muito largos, já cavado a picão na penha.

Ainda d'este aqueducto existem muitos vestigios.

Alguns escriptores pretendem que esta obra seja arabe.

Actualmente, o fundo, ou leito d'este antigo reservatorio, é propriedade particular e está cultivado.

Não foi só aos romanos que Aravor deveu os seus sumptuosos edificios e a sua grandeza e importancia; pois, se dermos credito a alguns escriptores, foram os gregos que a fundaram pelos annos 2900 do mundo, 1104 antes da éra christan, vindo então a ter nada menos de 2978 annos de edade.

Foram elles que edificaram aqui um magestoso templo dedicado a Jupiter, que depois os carthaginezes ampliaram.

Parece-me hyperbolica tamanha antiguidade attribuida a Aravor; não só porque nem dos gregos, nem dos phenicios, nem dos carthaginezes existe o minimo vestigio; mas, e principalmente, porque estes povos só occuparam o litoral e as suas proximidades.

Contentemo-nos, pois, com a antiguidade que lhe dá Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de España*, que já não é pequena, nem muito facil de provar.

Se, porém, é fundação dos túrdulos, como pretende este escriptor, devemos notar que seria uma povoação insignificante, composta de edificios pequenos, pobres e grosseiros, como eram todas as suas povoações.

Foi aos romanos que Aravor deve incontestavelmente a sua importancia e magnificencia.

Acredito mais, que foram estes os constructores do templo de Jupiter, e não que fossem os gregos, ou os carthaginezes; e é certo que o templo existia no tempo dos romanos, como prova a segunda inscripção que copio.

Talvez mesmo que algum dos dois edificios, cujas ruinas ainda aqui se vêem, fosse o famoso templo de Jupiter.

MARIALVA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 355 ao NE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis, e o pé de altar.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII unida á antecedente.

—

A esta freguezia está ha muitos annos annexa a antiga freguezia da *Galeira*.

MARIALVA—rio, Douro, comarca e concelho d'Arouca, e concelho de Paiva. Vide *Arda*.

MARIDANÇA — portuguez antigo — *fazer maridança*—portar-se como casado, cumprir exactamente as obrigações *todas* annexas ao matrimonio. (Hoje diz-se *pagar o debito, cohabitar*)—*Requereo o dito Autor á dita Reea, per vezes, que lhe fezesse, e faça* maridança *do corpo, e do aver, com sua molher.* (Documento de S. Thiago, de Coimbra, de 1450.)

MARIDAR-SE — portuguez antigo — fazer vida de casado. (Vide *Maridança*.)

MARIDO CONUÇUDO—portuguez antigo —marido publico e notorio, reconhecido por todos como tal; mas não recebido canonicamente.

Antigamente havia tres especies de contratos matrimoniaes:

1.ª O casamento canonico, como hoje; um verdadeiro sacramento. Ao acto do recebimento se chamava *casar*.

2.ª Era um mero *contrato* matrimonial, que se fazia publico e notorio, aos parentes e visinhos.

Era este *contrato* feito na presença dos paes e parentes dos *noivos*.

Os filhos havidos d'esta união, succediam na herança de seus paes.

Já vemos que os modernos nada inventam, e que o *concubinato legal*, hoje chamado *casamento civil*, data do tempo dos gôdos, e ainda existia nos seculos XIII e XIV. (Vide *Salzêdas* e *Sernancêlhe*.)

3.ª Consistia apenas no contracto de um *matrimonio segundo o direito natural*, e que só dependia da vontade dos *contrahentes*, sem darem a minima publicidade, ao que haviam entre si estipulado. Estes viviam ma-

ritalmente, mas as leis não os favoreciam, nem aos seus filhos, nem havia communidade legal de bens.

D'aqui se infere que a palavra *matrimonio* exprimia antigamente a cohabitação de duas pessoas de differente sexo, e que só se dava o nome de *casamento*, ao que era feito com as formalidades determinadas pela Egreja catholica, e era o unico que *imprimia caracter*.

A esta 3.ª especie pertenciam os *matrimonios de mão esquerda*, ou *morganaticos*, pouco usados na nossa Peninsula, mas muito vulgares no resto da Europa.

Estes porém eram quasi sempre contrahidos entre soberanos e vassallas, ou entre grandes senhores e mulheres do povo, ou de cathegoria muito inferior.

Tambem se lhes dava o nome de *matrimonios á morganheira*, ou á *morganica*.

O papa Benedicto XIV, em 1750, prescreveu saudaveis condições e regras, com que podessem ser elevados a sacramento estes matrimonios, e occorreu aos muitos inconvenientes a que estavam expostos. (Vide *Matrimonio*.)

MARINHA (S. Felix da)—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, bispado e districto administrativo do Porto. Já está descripta sob a palavra *Felix da Marinha*. (S.)

MARINHA (Santa)—villa, Beira Baixa, e freguezia da comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 75 kilometros de Coimbra, 270 ao E. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos, na villa e freguezia.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Coimbra, e districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

Grande abundancia de gado de todas as qualidades, e de caça, grossa e miuda. Produz tambem muito mel e cêra, de optima qualidade.

É povoação muito antiga. D. Affonso Henriques lhe deu foral, em junho de 1150, (Maço 8 de *Foraes antigos*, n.º 2.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 92, col. 2.ª)

Veja-se mais a *Inquirição* para o foral novo, no maço unico de inquirições, no armario 17, n.º 20.

Foi couto com juiz e um vereador.

Está extincto ha muito annos.

MARINHA—antigamente dava-se o nome de *marinha* a todo o territorio proximo das costas maritimas. Hoje dá-se este nome sómente aos terrenos baixos e planos, preparados artificialmente para produzirem sal, pela evaporação do hydrogenio.

Diz se, *marinhas de sal*, ou *salinas*.

MARINHA-GRANDE—freguezia, Extremadura, concelho e comarca, e 12 kilometros a ONO. de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Antigamente dava se-lhe simplesmente o nome de *Marinha*, ou *Santa Maria da Marinha*. Hoje chama-se *Marinha Grande*, para a distinguir da aldeia da *Marinha Pequena*, que fica proxima.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120$000 réis.

Esta freguezia é situada a distancia de 1 kilometro a E. do famoso *pinhal de Leiria*, mandado semear pelo rei D. Diniz (vide *Leiria*) que tem 24 kilometros de comprimento, correndo ao longo da costa do mar.

Ha aqui uma fabrica do estado, para a extracção do alcatrão e outras substancias dos pinheiros.

> Modernamente tem-se feito n'este pinhal vastas sementeiras de *pinus larix*, e de outras variedades de pinheiros e eucaliptus, vindos do norte da Europa.

Ha tambem n'esta freguezia uma fabrica de louça ordinaria.

O melhor edificio da Marinha Grande, é a real fabrica de vidros—a maior e melhor de Portugal.

A darmos o credito devido a alguns manuscriptos existentes no cartorio da casa do *Côvo*, proximo a Oliveira de Azemeis, foi em 1498 que na villa de *Coina* (margem esquerda do Tejo) se principiou a fabricar vidro, com a lenha que por aquelles sitios se podia arranjar, e n'esta industria se occupava a maior parte dos habitantes da povoação; mas como faltasse o combustivel, se mudou (não se sabe quando) para a Marinha Grande, pela abundancia de lenha do pinhal da nação.

Adiante tratarei da antiga fabrica de vidros de Coina.

Consta tambem de documentos officiaes, que antes da fundação da actual fabrica, já aqui havia fabricantes de vidraça e differentes objectos de vidro; mas d'estes documentos não consta o anno em que esta industria aqui principiára.

Em 1769, sob a protecção do marquez de Pombal, o inglez Guilherme Stephens (o que deu o seu nome ao largo que existe na rua das Flores, proximo da rua de S. Paulo, em Lisboa—*Largo do Stephens*)—fundou aqui uma vasta fabrica de vidros, emprestando-lhe o estado, para esta obra, 32 contos de réis, sem juro, nem limite de tempo, podendo fazer os pagamentos parciaes, em cal para as obras publicas, dos fornos que Stephens tinha em Alcantara (proximo a Lisboa, e que era cosida com carvão mineral, importado de Inglaterra sem direitos.)

D. José I lhe concedeu ainda a permissão de gastar toda a lenha que lhe fosse necessaria para a fabrica, do pinhal do estado, gratuitamente.

Todos estes privilegios deviam durar por espaço de 15 annos, segundo o alvará de 7 de julho de 1769; mas foram accrescentados em 1776, com diversas providencias e regulamentos, sobre o fornecimento, declarando-se na respectiva provisão, que a *fabrica ficava sob a immediata protecção do rei, como util ao bem publico, e ao dos pinhaes* (na supposição de que sendo bem e conscienciosamente dirigido o corte das lenhas, não prejudicava, antes melhorava os pinheiros, que se *limpavam* da lenha secca que é o que só era licito aproveitar.

Por alvará de dezembro de 1780, foram considerados os edificios da fabrica e terrenos annexos, e os que se lhe viessem a annexar, como *praso fateosim perpétuo*, para que tudo se podesse conservar indiviso, e para que a fabrica não cessasse de produzir vidro em tempo algum, por causa de partilhas; com prejuiso dos operarios, e empregados, e do publico.

Em 1784, sendo já rainha D. Maria I, terminou o praso dos 15 annos; mas o governo prorogou o por mais 10 annos, continuando a conceder lhe a isenção de direitos de importação, sobre todas as materias e objectos necessarios para a composição do vidro, e a de direitos de exportação do reino, e de importação nos dominios portuguezes do ultramar.

Em 1794, o principe regente, depois D. João VI, prorogou por mais outros 10 annos, todos os antigos privilegios e isenções da fabrica. Approvou e elogiou a estrada que Guilherme Stephens tinha mandado fazer, á sua custa, para tornar mais facil o serviço externo, e attrahir aqui directa e commodamente os almocreves e agentes que promoviam (por commissão) a venda dos productos da fabrica. Foi tambem n'este anno, de 1794, que se abriu a *estrada real* de Lisboa a Leiria, Coimbra e Porto, o que muito concorreu para a prosperidade da fabrica.

Em 1796, ordenou o governo que se fizessem, por conta do estado, os córtes de madeira necessarios para se concluirem as obras da estrada real, e da que fizéra Stephens.

Em 1799, se prorogou o praso da concessão por mais outros 10 annos; e desde então até 1802, ainda foram concedidos outros privilegios á fabrica, sendo um d'elles a isenção do serviço militar (do exercito e da armada) a todos os empregados e operarios do estabelecimento.

Todos sabem (mas nem todos confessam) que as invasões francezas, desde 1807 até 1811, foram uma verdadeira calamidade para Portugal e Hespanha.

Os francezes não pouparam cousa alguma, na sua passagem devastadora. Templos,

palacios, livrarias, reliquias, edificios publicos e particulares, museus, officinas e laboratorios, etc., etc., tudo foi mais ou menos destruido.

Não escapou a fabrica da Marinha Grande ao vandalismo do feroz Junot, que, não só lhe tirou todos os seus privilegios, mas até lhe sequestrou os edificios, utensilios e terrenos dependentes, sendo, ainda por cima, preso Stephens, que foi conservado na prisão, quatro mezes e onze dias, e só foi solto sob a promessa de se apresentar á auctoridade *jacobina*, de 15 em 15 dias.

Vendo-se Portugal livre das hordas napoleonicas, e das sua atrocidades, recuperou a fabrica os seus antigos privilegios e isenções, e logo em 1811 lhe foi prorogado o praso da concessão por mais 20 annos.

Fallecendo Guilherme Stephens, seu irmão, João Diogo Stephens, tomou posse da fabrica e da sua administração. (João Diogo já era socio de seu irmão, n'este estabelecimento.)

João Diogo Stephens, morreu em 1826, deixando a fabrica e todas as suas dependencias á nação portugueza — *como um monumento do meu alto apreço, pelos favores e protecção que n'este paiz me tem sido concedidos..... supplicando a o governo que haja de eleger e nomear uma auctoridade, para esta os reger e administrar* (a fabrica e dependencias) *rogando tambem mais, que não deixe de haver contemplação para o actual administrador, José de Sousa e Oliveira, e conceder-se-lhe aquella dignidade e remuneração, que tão devida é ao seu merecimento.*

Esta clausula do testamento de João Diogo Stephens, é honrosissima—para a nação portugueza, pela sua provada hospitalidade para com os estrangeiros—pela gratidão do testador—e pela honradez e bons serviços do administrador José de Sousa e Oliveira.

(Vide *Rio-Maior.*)

O governo tomou posse do estabelecimento, e seu arrendamento posto em praça, continuou a trabalhar sob a administração de emprezas particulares.

—

É bellissima a situação da fabrica e povo. Por toda a parte se vêem, arvores, flores e casas alvissimas, constituindo uma tambem formosa povoação.

Convido os *touristes* que forem a Leiria, a fazerem uma digressão á Marinha Grande. São 10 kilometros de uma bonita estrada, orlada de altos freixos, e onde os dois poeticos rios *Liz* e *Lena* se juntam, para maior encanto do sitio.

Além de um moinho e de um armazem, que estão separados, o edificio da fabrica, cêrca e dependencias, formam uma só propriedade, cercada por um muro, medindo 553^{m},75 a E., 453^{m} ao S., 652^{m},50 ao O., e 301^{m},55 ao N., com a fórma de um trapezio, e com uma área de 18 hectares.

O melhor d'este edificio, é o palacio mandado edificar por Stephens, e onde elle residia, quando aqui se demorava.

Era tambem n'elle a residencia e secretaria do administrador. Tem um bonito jardim e um lago soffrivel.

Unido ao edificio está a casa do theatro, com diversas salas para concertos e bailes. No theatro, ha frequentes representações dramaticas, pelos artistas e empregados da fabrica, e tambem nas suas salas tem havido bailes sumptuosos.

As officinas da vidraça, e mais accessorios são de bom aspecto, e em harmonia com a architectura do palacio.

Os fornos para a fabricação da vidraça e o de temperar os cadinhos, tambem são de bôa construcção.

No pateo, que é a entrada geral do estabelecimento, com uma grande portaria a E., estão os alojamentos menores, e as casas de habitação do contra-mestre e as de outros empregados.

Ao N. da officina de crystal, ha um terreiro, onde se faz o deposito das lenhas, tendo a E. uma fileira de casas abarracadas, que são as officinas dos carpinteiros, serralheiros, oleiros, etc.

A officina de estender a vidraça tem cinco fornos, independentes e isolados entre si. Ha uma casa para seccar os cadinhos e outra para a sécca e calcinação das materias primas,

com caldeiras de cobre e de ferro, para a refinação do salitre e da potassa; e uma casa com forno de coser o tijolo refractario.

A officina do crystal, é uma grande construcção, composta de dois corpos unidos longitudinalmente, com arcadas de communicação, praticadas na parede commum.

Ha n'esta officina dois fornos para a fabricação do crystal, e duas pequenas *arcas* para coser os cadinhos, e tres isoladas, para temperar o vidro em obra.

Ha casas para as pesagens e dosagens, armazens para separar a obra limpa, do refugo, e para acondiccionamento dos artefactos que d'aqui sahem, para a venda, ou para os depositos de Lisboa, Porto, Evora e outras partes.

Ha a casa do deposito geral, para a venda por junto e a retalho, e o edificio chamado *das flores*, onde se lapida o crystal. É um vasto pavilhão envidraçado, com 14 engenhos de lapidar, movidos por um eixo horisontal, com 15 communicações de movimento, cujo motor é da força de 6 cavallos-vapor.

A machina, que é de alta pressão, foi assente em uma casa contigua a este edificio, e a caldeira estabeleceu-se em um telheiro annexo.

Ha a casa da composição da vidraça, onde se pesam e misturam as principaes materias primas da vidraça; telheiros em que se faz a lavagem das areias e a apartação e preparo do *casco* (vidro quebrado) para se lavar e tornar a fundir; casa da forja; casa dos pisões, onde está um *bocardo* de mineiro composto de 6 pilões de madeira, com sóccos de ferro fundido, pesando cada um 75 kilogrammas, aos quaes serve de motor a agua do aqueducto; armazens de vidraça, onde ella se corta e encaixota; cavallariças, curraes, palheiros, etc.

Finalmente este estabelecimento está montado com luxo, e tem tudo quanto é necessario para a fabricação dos artefactos a que é destinado.

Fóra do terreno murado, ainda ha um grande armazem pertencente à fabrica que a administração geral das mattas destinou para as experiencias de resinagem; e um aqueducto, de quasi 3 kilometros, que abastece copiosamente a quinta, as officinas, e move a roda de um moinho de moêr o quartzo (seixo) calcinado.

Têem sido empresarios da real fabrica de vidro e crystal da Marinha Grande, desde que é propriedade do Estado, os srs.:

Barão de Quintella (depois conde do Farrobo), Antonio Estevés Costa e outros, desde 1827 até 1847.

Manuel Joaquim Affonso, desde 1848 até 1859.

Casimiro José de Almeida, desde 1860 até 1862.

Francisco Thomaz dos Santos, em 1863.

Jorge Croft (depois visconde da Graça, e já fallecido) e o commendador Antonio Augusto Dias de Freitas, em 1864.

No intervallo de umas e outras administrações, ou os trabalhos estavam suspensos, ou eram administrados por conta do estado.

Em 1866, os ditos srs. Croft e Dias de Freitas, com os srs. Nuno Paulino de Brito Freire, José Luiz de Oliveira, Miguel Antonio Leitão de Lima Falcão e Antonio Correia da Silva Marques, formaram uma parceria, por tempo de 30 annos, com o capital social de 90 contos de réis, dividido em 900 acções, de 100$000 réis cada uma.

Esta parceria, ou sociedade em commandita, ainda existe, sob a denominação de— EMPREZA DA REAL FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE.

—

Os grandes privilegios, doações e isenções que os governos concederam desde 1827 até 1859 aos emprezarios da fabrica, nem por isso concorriam para que esta industria tivesse medrado, acompanhando os progressos da sciencia; pois que as companhias exploradoras só curavam de tirar o maior lucro possivel da sua empreza.

O governo, em 1859, mandou proceder a um rigorosissimo inquerito, por homens da sciencia, e de integridade reconhecida.

Deu o inquerito porém um triste resultado; porque, se até então houve excesso de cubiça da parte dos exploradores, desde en-

tão houve grande falta de generosidade, da parte do governo.

O estado favorecia até alli as emprezas, com avultados subsidios e grandes privilegios e isenções, e obrigava-se a ficar com certa quantidade de productos. Desde então, não só cessou tudo isto, como, ainda por cima, impoz á empreza o pagamento da renda da fabrica, superior a um conto de réis, annual; concedendo-lhe apenas gratuitamente (ou antes como compensação da renda) 12 mil carradas de lenha por anno, sob a vigilancia e inspecção da administração das mattas; obrigando a empreza a dar contas, todos os annos, ao ministerio da fazenda, do estado da fabrica e do numero de seus empregados.

Antes da entrega da fabrica ás emprezas, procede-se a um rigoroso inventario e avaliação dos predios fabris e ruraes, utensilios, material movel das abegoarias, etc., para no fim das emprezas se poderem regular as indemnisações ao estado, no caso de descaminho ou deteriorações.

D'estes inventarios se vê que em 1827, o fundo fabril e industrial foi calculado em 104:421$440 réis.

Em 1848, em 55:000$120 réis!

Em 1863, em 58:078$440 réis.

—

Deve dizer-se, em preito á verdade, que a actual empreza tem feito grandes melhoramentos n'esta fabrica e seus processos.

Os fornos foram aperfeiçoados, segundo as indicações da sciencia moderna; de modo que fundem o vidro em muito menos tempo e com muito menos combustivel do que anteriormente.

Fazem por semana, 3 a 4 afinações em crystal, e 6 em vidraça.

Construiram um forno de grandes dimensões (*carquèse*) para seccar a lenha. Entram n'elle 12 *wagons* carregados de lenha, que séeca rapidamente, por meio de numerosas *bôcas de calor*. Depois, os *wagons* marcham por carris, com pequeno impulso, para as respectivas officinas e voltam depois para conduzir nova lenha, por meio de uma plataforma girante.

A estufa onde se seccam as pedras para a construcção dos fornos, e os potes (cadinhos) é digna da especial inspecção do visitante.

A *arca* corrente de tempero, é a primeira que se construiu em Portugal, segundo o systema francez.

Em 12 pequenos *wagons*, assentes em carris de ferro, vem os productos, desde o forno, até á galeria que conduz ao armazem de escolha e apartação, atravessando assim as seis graduações de calor que constituem a arca de tempero. Os artefactos entram na bôca da arca, ainda incandescentes, e sáem na 6.ª graduação, já temperados e esfriados.

Antigamente fazia-se a mistura com grande perigo de vida para o operario, por causa do veneno que aspiravam constantemente.

Hoje ha aqui um novo systema da lavagem da areia, galga a vapor, moinho hydraulico, com pisão, e mistura de composições, sem o minimo perigo para os manipuladores.

—

Esta fabrica está hoje em excellentes condições industriaes, e nunca empregou tanta gente e deu tão grande producção de artefactos de vidro e crystal. Dá pão e trabalho a umas 700 pessoas de ambos os sexos, incluindo n'este numero os empregados e operarios.

—

Não posso fallar n'esta fabrica, sem que me venha á memoria João Manuel Affonso de Barros, que foi seu mestre.

Nunca vi um homem que a tão espantosa habilidade reunisse tanta modestia e docilidade.

Para elle não havia difficuldades, nem mesmo impossiveis. Fazia com a maxima perfeição tudo quanto imaginasse fazer, por maior que fosse a complicação do objecto. Causava verdadeira admiração ver este homem singularissimo largar a goiva, ou o formão com que trabalhava no torno mechanico, ou outro qualquer instrumento pesado, e pegar na penna e escrever desembaraçadamente uma carta com bellissima letra; como eu mesmo vi.

Juntem-se a estas já tão notaveis qualidades, uma intelligencia provada, variada in-

strucção, trato afabilissimo, honradez a toda a prova e uma figura sympathica, e eis o homem por quem a Marinha Grande sempre chorará.

A perda de um filho extremecido (o mais novo) de tal sorte lhe minou a existencia, que pouco tempo lhe sobreviveu.

Falleceu ha mais de 20 annos, e ainda em todo o vigor da idade.

Aos seus filhos, que elle tanto amava, sirva de lenitivo a uma eterna saudade, esta pequena commemoração, e a probabilidade de que está na bemaventurança gozando o premio de tantas virtudes, que foram a sua partilha na terra.

—

Reservei para o fim d'este artigo, dar uma noticia mais circumstanciada do principio d'esta fabrica. Não são fundadas em tradições, ou escriptos de credito duvidoso. Constam de documentos authenticos e de escripturas publicas que existem (como já disse) no cartorio da casa dos srs. Castros, do Côvo [1], que eu vi por varias vezes.

A primeira fabrica de vidros que houve em Portugal, foi a do Côvo (na freguezia de S. Pedro, de Villa-Chan, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 2 kilometros ao NE.). Não achei dados que certifiquem o anno da sua fundação; apenas consta que já existia em 1484; pois que então, D. João II, ordenou por uma provisão que em Portugal se não podesse estabelecer outra fabrica de vidros, sem consentimento e auctorisação de *Diogo Fernandes* (como as letras da provisão estão bastante apagadas, não se póde verificar se é Diogo, Domingos, ou Dionisio; mas parece mais ser o primeiro nome) dono d'esta fabrica.

Não se sabe se a provisão de D. João II foi derrogada, ou se o proprietario deu licença para se fabricar vidro na villa de Coina (no Ribatejo, comarca de Aldeia Gallega) o que é certo é principiar alli esta industria em 1498, mas em muito pequena escala.

Em 1580, porém, já a fabrica de Coina produzia artefactos de vidro que rivalisavam com os do Côvo, e em tão grande quantidade, que lhe faziam prejudicial concorrencia. Então o proprietario da fabrica do Côvo, prevalecendo-se dos seus antigos privilegios, queixou-se ao rei (D. Affonso V) que, por provisão d'esse mesmo anno, ordenou que a fabrica de Coina, só podesse vender louça de vidro desde a margem esquerda do Mondego até ao Guadiana; e a do Côvo, desde o rio Minho, até á direita do Mondego. Para o estrangeiro e ultramar, podiam exportar ambas, sem restricção.

Com o decurso do tempo, esgotou-se a lenha nos arredores de Coina, tendo o proprietario da fabrica de mandar vir o combustivel de longe, o que lhe causava grandes despezas.

Então o dono da fabrica decidiu mudal-a para a Marinha Grande, por estar proximo ao pinhal denominado de Leiria, onde tinha combustivel com tanta abundancia, que havia a certeza de nunca faltar.

Quando Guilherme Stephens, veiu fundar a grande fabrica da Marinha Grande, já achou a antiga fabrica (que parece datar—aqui—do fim do seculo XVII).

Não se sabe porque contrato elle tomou conta d'ella, o que é certo é que foi a que o instigou a substituil-a por outra em grande escala, utilisando todos os antigos operarios.

—

Em Coina, ainda existem vestigios da sua antiga fabrica de vidros, na propriedade dos herdeiros da sr.ª J. Pouchet, onde depois se estabeleceu uma fabrica de *zuartes*, que se exportavam em grande quantidade para a Africa.

Esta fabrica foi depois transferida para Sacavem.

—

A egreja matriz da Marinha Grande, é um vasto e bonito templo.

As casas da povoação são pela maior parte terreas, ou de um só andar, mas muito bem caiadas, commodas e bonitas. Muitas têem canteiros de flores aos lados das portas, o que lhe augmenta a belleza [1].

[1] A cuja familia pertence a sr.ª D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, condessa da Ribeira.

[1] Ainda não vi gira-sóes maiores do que na Marinha Grande, apezar do seu solo ser de areia.

As ruas é que são de areia quasi todas, o que é bastante incommodo.

Esta povoação tem melhorado consideravelmente n'estes ultimos tempos, não só pelo desenvolvimento que tem tido a industria do vidro; mas tambem pelo estabelecimento aqui da administração das mattas, estação telegraphica, lojas, etc.—accrescendo estar ligada a Leiria por uma boa estrada, que torna facilima a sua communicação com a capital do districto.

O territorio d'esta freguezia, posto ser de areia, é bastante productivo, e os generos agriculas são em geral baratos.

A gente da Marinha Grande (quasi toda empregada nas differentes fabricas e no pinhal) é de trato ameno, franca e hospitaleiro.

Vivendo ha umas poucas de gerações com as commodidades que dá a boa remuneração do assiduo trabalho, as suas casas são interiormente bem mobiladas, elegantes e *confortaveis*, e seus moradores extremamente aceiados.

Faz gôsto visitar esta bella povoação, onde, em vez de encontrarmos aldeões rudes, boçaes e ignorantes, vamos achar homens illustrados, uteis, bons e afaveis.

—

A freguezia da Marinha Grande foi creada no anno de 1600.

Em 1590, fizeram os moradores da *Marinha* e *Gracia*, um requerimento ao bispo de Leiria, D. Pedro de Castilho, pedindo licença para se poder dizer missa na ermida de Nossa Senhora do Rosario, que tinham construido no logar da Marinha, o que o prelado concedeu, mediante a licença do cura da freguezia de S. Thiago, de Arrabalde da Ponte, a que estas aldeias pertenciam.

No anno seguinte, o mesmo bispo constituiu a Marinha em freguezia independente, ficando a fabrica da egreja, capella, sachristia e casa do cura á obrigação dos freguezes, que taxaram ao seu parocho 70 alqueires de trigo e 10 de segunda; além d'isso, cada fogo dava 1 quartão de vinho (depois davam 30 réis por elle). Mas sob a condição de que vindo a ser os fogos mais de 80, lhe accrescentariam o salario.

O bispo ficou com o direito de apresentação, e dava ao cura 3$000 réis em dinheiro.

A primittiva capella de Nossa Senhora do Rosario, ficou sendo a egreja parochial da nova freguezia, até ao anno de 1804, em que a demoliram, para se construir a actual.

Cumpre notar que o *Portugal Sacro* e *Profano*, dá ao parocho d'esta freguezia (como vimos no principio d'este artigo) 120$000 réis de rendimento, e o *Couseiro*, diz que o povo dá ao parocho 150$000 réis, de congrua, e ao coadjutor 40$000 réis.

No altar-mór da egreja, está a imagem da padroeira, em um nicho de pedra, dourado.

Tem mais quatro altares lateraes.

Ha n'esta freguezia as capellas seguintes:

S. Pedro de Muél—só existem d'esta ermida as ruinas da capella-mór, sobre uma rocha; e parte do altar, que era de pedra e cal. Foi destruida pelo mar.

S. Pedro—no mesmo sitio da antecedente, porém mais para a terra, está outra capella, que se construiu depois da demolição da primeira, e da sua mesma invocação. N'ella estão as imagens de Nossa Senhora da Piedade e de S. Pedro, apostolo, que estavam na outra.

Senhor Jesus dos Afflictos—fundada em 1861, proximo e ao S. da povoação da Marinha Grande, junto ao cemiterio, que foi benzido em 1857.

Foi a capella benzida, em 9 de abril de 1865, pelo missionario *Luiz Prosperi*, italiano; e no mesmo dia se celebrou n'ella missa, pela primeira vez.

Em 1866, se instituiu n'esta capella uma irmandade intitulada do *Senhor Jesus dos Afflictos*, composta logo de 228 irmãos, que voluntariamente se encarregaram da fabrica e da capella.

Em 2 de fevereiro do mesmo anno de 1866, se collocou aqui a veneranda imagem do mesmo Senhor Jesus, e n'esse dia se lhe fez a primeira festa.

Capella do Engenho—existiu até á invasão franceza, sendo então queimada pelas hordas de Bonaparte.

Não se sabe qual era o seu orago.

Era fabricada pela administração do pinhal de Leiria, e tinha um capellão, pago á custa da mesma administração. Depois de incendiada a ermida, passou a capellania para a egreja parochial por alguns annos; mas acabou.

Santa Barbara—feita no logar de Gracia, feita pelos seus moradores: D. Diniz de Mello, bispo de Leiria, lhe deu licença para n'ella se dizer missa, em 1635.

No territorio d'esta freguezia, cáe parte do *pinhal d'el-rei*, que começa na *lagôa Sapinha*, que está á borda do *aceiro*, e chega até á *Vieira* e freguezia de *Carvide*. (Vide *Sapinha* e *Vieira*.)

Por este sitio da Marinha Grande, se lançou fogo ao pinhal, em 1645, o que causou grande prejuizo ao estado. Tiraram-se tres *devassas* (o provedor uma, o juiz de fóra outra e o guarda-mór dos pinhaes, outra) com insignificante resultado.

Sendo bispo de Leiria D. Martim Affonso Mexia, e guarda-mór dos pinhaes, Jorge da Silva da Costa, se tornou a lançar fogo no mesmo pinhal, que causou tambem enormes prejuizos nas arvores. Veiu um desembargador devassar; porém, como se disse, o bispo e guarda mór foram os incendiarios, e nada resultou.

—

Dependentes da *administração das mattas do reino*, ha aqui quatro estabelecimentos, um dos quaes é muito importante:

1.° Fabrica resinosa.
2.° Fabrica de resinagem.
3.° Estaleiro para injecção de madeiras.
4.° Serraria mechanica.

A fabrica resinosa, só produzia pêz e alcatrão. Depois tratou-se de destilar o alcatrão, para produzir agua-ráz e agua-russa; mas esta ultima encontrava pouca sahida nos mercados.

Esta fabrica comprehende a officina dos cylindros, com um apparelho de 8 cylindros, 10 fornos de pêz (como os francezes) para aproveitar os residuos do tratamento fabril da terebintina e 10 fornos *raguzanos*.

Em 1858, lembrou-se o sr. Bernardino José Gomes, zeloso e intelligente empregado da administração geral das mattas (depois do sr. Sebastião Bettamio de Almeida) de tentar algumas experiencias, com o maior segredo, para extrahir a resina, tão bem lhe sahiram, que sendo logo apresentados os productos d'estas experiencias no ministerio das obras publicas, e a alguns commerciantes, foram todos concordes na approvação dos mesmos productos e nos elogios ao sr. Bernardino José Gomes. Continuou as experiencias em 1859, já então auctorisado pelo governo, e se principiou a erigir, sob a sua direcção, um dos edificios que deviam servir para a fabrica de resinagem.

Esta fabrica tem já dois edificios de boa apparencia, com mais de 20 tanques para a gemma, com a capacidade de 8.400 litros cada um, e um poço artesiano.

A administração das mattas propôz ao governo (attendendo ao interesse que resultaria para o estado e para a povoação) o desenvolvimento da nova industria; para o que pedia que fosse uma commissão, de pessoas competentes, visitar os mais importantes estabelecimentos resinosos do sul da França.

Consultando o governo o consul portuguez em Nantes (José Manuel do Nascimento) que visitára esses estabelecimentos, nomeou uma commissão, composta dos srs. Manuel Raymundo Valladas, engenheiro, e Bernardino José Gomes, que, em 1861, foram a França, para o fim exposto, dando na volta o competente relatorio.

Desde então datam os progressos da fabrica de resinagem, cujos productos são optimos, e muito procurados por nacionaes e estrangeiros.

Estes productos, sendo examinados por mr. Dives, distincto chimico, em Mont de Marsan, ficou tão surprehendido ao ver a riqueza da gemma, e a perfeição com que d'ella se extrahiam os seus productos, que não só confessou serem superiores aos da França, mas até declarou, que nunca vira gemma tão rica em oleo, e que no mercado

competiria vantajosamente com todos os productos europeus d'aquelle genero; porque os de Veneza e Chio não eram mais bellos.

Mr. Chartes de Troyat (de Bayona) arrendatario das mattas do estado, denominadas *Dunas do Sul*, fallando dos productos d'este genero, da Marinha Grande, diz: (traducção.)

«É penoso confessal-o, mas não podemos «competir com os productos de Portugal; «porque são o melhor que se póde encon«trar n'este genero.»

(Vide *Carvide* e *Pinhal de Leiria.*)

A 2 kilometros da Marinha Grande, no sitio de Pedreanes, em 6 de março de 1866, foi inaugurado um alto forno, construido segundo o systema moderno, para fundição de ferro, pertencente á *Companhia de ferro e carvão, de Portugal, limitada.*

Na Marinha Grande ha uma estrada (a primeira construida n'este reino, pelo systema americano, ha mais de 10 annos) que leva os productos das fabricas e as madeiras do pinhal, para o porto de S. Martinho, para d'alli seguirem para Lisboa, Porto e outras direcções.

O logar da Marinha pertencia á freguezia do Arrabalde da Ponte, junto a Leiria.

Em 1590, fizeram os moradores da Marinha e Gracia, um requerimento ao bispo de Leiria, D. Pedro, dizendo que tinham uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, no logar da Marinha, e pediam licença para n'ella se dizer missa, ao que o prelado accedeu.

Em 1600, a requerimento dos mesmos povos, creou o prelado (ainda D. Pedro) a freguezia da Marinha, desmembrando-a da freguezia do Arrabalde da Ponte.

Ficou ao bispo o direito da apresentação da egreja, e ao povo a obrigação da fabrica da egreja, sachristia e casas do cura. A este taxaram 70 alqueires de trigo, 10 de segunda —e 1 quartão de vinho cada fogo. (Depois, em vez do quartão de vinho, davam 30 réis.) O bispo dava annualmente ao cura, 3$000 réis, e deu para as obras da egreja (das rendas da mesma) 20$000 réis.

Duzentos fogos constituiram a parochia, no seu principio.

Ficou a capella de Nossa Senhora do Rosario, servindo de egreja parochial; porém, com o desenvolvimento da população, foi demolida, pelos annos de 1804, e no mesmo logar da capella, e aproveitando os seus materiaes, se construiu a egreja actual, que, apezar da sua amplidão, ainda é insufficiente para o povo.

(Para não fazer o artigo da Marinha Grande interminavel, vide *Pedreanes.*)

MARINHA (Santa) **DA COSTA**—Vide *Costa.*

MARINHA—(Vide *Felix da Marinha—São.*) Antigamente denominava se esta freguezia, *São Fins da Marinha.* Ha um documento de 1623, que lhe dá ainda este nome. É uma prova mais de que *Fins* e *Felix*, no antigo portuguez, é uma e mesma cousa.

MARINHA (Santa) **DO TROPÉÇO**—freguezia, Douro, comarca e concelho, 10 kilometros ao O. de Arouca, 40 ao S. do Porto, 25 ao S. do rio Douro, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada na serra dos *Pousadouros*, e em varias das suas ramificações, sendo as principaes, os montes de *S. João*, *Vergadellas*, *Ferreiros*, *Póvoa*, *Carraceira* e outros. É pois o seu territorio muito accidentado, mas fertil em todos os generos agricolas, produzindo muito e optimo vinho, algum azeite, do melhor do reino. Cria muito gado de toda a qualidade, exportando grande porção de juntas de bois gordos para a Inglaterra.

É terra muito abundante de boas aguas, de fontes e minas, e de varios regatos, que todos desaguam no Arda.

Nos seus montes ha muita caça, e grande creação de colmeias.

A egreja matriz é muito antiga; mas pequena e pobre. Está edificada em uma bacia no alto da serra, em sitio bonito e saudavel.

Tem a capella de S. João, do monte, em um érmo, abaixo da aldeia de Vergadellas.

É povoação muito antiga, pois já era parochia em 900, o que consta de documentos existentes no cartorio do mosteiro cisteriense da villa de Arouca.

É n'esta freguezia a aldeia de *Almançôr*, de que tratei no logar competente, celebre pela sua antiguidade.

Foi habitada pelos mouros, do que ha muitos vestigios de lavra de minas metalicas, tanto no sitio dos *Sete Buracos*, de que já fallei, na palavra *Carraceira*, como pelas margens do rio Arda (vide esta palavra) onde ainda existem varias galerias, e tem apparecido algumas mós, com que os arabes (e talvez mesmo povos anteriores á sua dominação na Lusitania) *moiam* o quarizo, para lhe extrahir as particulas de ouro que continha.

No monte de Fulgosinho, logo abaixo da serra da *Carraceira*, ha uma comprida pedreira de bella calcedonia.

No logar de *Vergadellas*, ha uma grande *anta* celtica, e outras menores no alto dos Pousadouros; o que prova que este territorio já era habitado pelos celtas, ou pelos povos que os precederam, e a que os modernos, não lhe sabendo outro nome, denominam preceltas.

O rio Arda divide aqui esta freguezia da de Santa Christina de Mançôres; o bispado do Porto do de Lamego, e a Terra da Feira da de Arouca.

No logar do *Carvalhal*, d'esta freguezia, está lançada sobre o Arda uma ponte de Alvenaria, de um só arco, mas alta e de boa construcção. Tambem já fallei n'ella, quando tratei do rio Arda. No meio d'esta ponte, podem estar os bispos do Porto e de Lamego, de mãos dadas, e cada um no seu bispado.

MARINHAS—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 318 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da Sé de Braga apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está situada perto da costa do mar, e é muito fertil. Cria muito gado.

MARINHAS DE SAL, ou **SALINAS** em Portugal — A agua salgada sendo recolhida em reservatorios e taboleiros convenientemente construidos, passando de uns para outros, e evaporando-se ao ar livre, deposita por crystalisação o sal das cosinhas, ou chlorureto de sodio.

Dá-se o nome de *marinhas* ou *salinas* a estes reservatorios que as aguas salgadas percorrem, para se evaporarem e deporem o sal.

As principaes marinhas do nosso paiz são as de Lisboa, que existem em ambas as margens do Tejo, até ás alturas de Villa Franca ao N., e ao S. até Alcochete; as de Setubal, que orlam ambas as margens do Sado, desde a foz até Alcacer do Sal; as da Figueira, que comprehendem principalmente as de Lavos e Morraceira; as de Aveiro, que occupam uma superficie de mais de 85 kilometros nas ilhotas e lesirias que formam os esteiros do Vouga em Aveiro, Ilhavo e Esgueira; e as do Algarve, sendo as mais conhecidas as de Almargem, Tavira, Faro e Villa Nova de Portimão.

Os trabalhos da salinação principiam geralmente em junho, fazendo-se principalmente a colheita em julho e agosto. A agua recebida directamente do mar produz mais sal que a dos rios e lagos salgados; por isso as marinhas mais proximas da foz dos rios são mais rendosas, porque é maior a salsugem das aguas. É nas marés vivas de cada mez, que a producção salina é mais abundante, porque vem do Oceano maior porção de agua salgada. Está calculado, que na foz do Mondego 12:523 metros cubicos de agua podem produzir 600 moios de sal; e que para produzir esta mesma quantidade, as marinhas de Aveiro precisam de 14:401 metros cubicos de agua, porque esta é de menor salsugem.

Esta industria é uma grande riqueza para Portugal, porque não só abastece com abundancia os mercados nacionaes, mas

constitue um ramo de grande exportação para paizes extrangeiros, onde o sal das marinhas portuguezas tem muita acceitação.

Ha tambem salinas perto de Rio-Maior e da Batalha. Actualmente pouco ou nada se exploram. É provavel que a agua salgada que se encontra n'estes dois sitios, proceda de depositos subterraneos de sal mineral, que ainda se não descobriram; e não de agua do mar, que fica longe, e mesmo que aqui podesse chegar (que não chega) teria forçosamente perdido as partes salinas pela filtração.

Não podemos admirar-nos de que haja n'este reino depositos de sal mineral, visto que ha varios em Hespanha, sobre tudo nas celebres montanhas de Cardona, cujos productos fornecem uma grande parte da Hespanha.

MARINHOS—antiga freguezia do Minho, ha muitos annos annexa á de Valladares (Santa Eulalia) na comarca e concelho de Monção, arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi solar dos *Marinhos* portuguezes—que lhe deram o seu nome.

Marinho é um appellido nobre em Portugal. Veio de Galliza, e alli tomado por alcunha. O primeiro que em Portugal appareceu com este appellido, e que veio da Galliza estabelecer-se n'este reino, é D. Affonso Paes Marinho. Suas armas são—em campo de prata, 4 faxas azues, ondeadas. Elmo de aço aberto, e por timbre, uma sereia, com cabêllo de ouro.

Os Marinhos oriundos da extincta freguezia de Marinhos, trazem por armas—em campo verde, 5 flores de liz de prata, em aspa, elmo de aço aberto, e por timbre, uma sereia da sua côr, com cabêllo de ouro.

Outros do mesmo appellido usam — em campo verde, 5 flores de liz de prata, em aspa, e por baixo d'ellas 3 faxas de ondas de azul e prata. Elmo de aço aberto, e timbre a sereia das armas antecedentes.

Ainda outros Marinhos trazem por armas — em campo de prata, 3 ondas de azul, em faxa—timbre e elmo o mesmo.

Finalmente, outros usam—em campo azul, 5 meias flores de liz, de ouro, em aspa. O elmo e timbre como o das antecedentes.

MARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Emilião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esteve por muitos annos annexa á freguezia de Creixomil.

Em Mariz ha uma fonte de agua mineral, que se applica com bom resultado para varias molestias do estomago. E' tão adestringente, que cura quasi sempre o fastio. (Vide *Fragoso.*)

O reitor do convento de Villar de Frades (de conegos de S. João Evangelista — denominados — *os bons homens de Villar*) apresentavam o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia fica contigua ás de *Fragoso* e *Creixomil.*

E' povoação antiquissima, e d'ella procede o nobre appellido de *Mariz.*

Lopo de Mariz, que é o tronco das familias d'este appellido, tinha o seu solar no *Paço de Mariz.*

Antonio de Mariz, filho de Affonso Lopes de Mariz, e neto d'aquelle Lopo, residia em Villa do Conde. Requereu brazão d'armas, que Philippe IV lhe mandou dar, em 14 de setembro de 1634. Foi construido da maneira seguinte:—em campo azul, 5 vieiras de ouro, em cruz, realçadas de negro, apparecendo por entre as suas pétalas, quatro folhas verdes em cruz — elmo de aço aberto, e por timbre, meio leão azul, lampassado de púrpura, com uma das vieiras na cabeça.

A casa do Paço de Mariz, passou depois a ser morgado, dos Ferreiras.

MARKÊTA—tributo infame que se pagava no tempo do feudalismo, em algumas nações da Europa, principalmente nas Gallias e na Germania, sendo quasi geral nas margens do Rheno, pelos margraves, burgraves, e landgraves das cidades e castellos das suas margens. Consta que na Escocia tambem existia o direito da *markêta*, que o catholi-

co rei Malcolm aboliu em 1090, substituindo-o por o imposto de 400 réis em dinheiro.

Diz se que este tributo tambem era usado nas ilhas Canarias (as *Fortunadas* dos antigos) mas que foi prohibido desde que os hespanhoes tomaram estas ilhas.

O tributo de *markêta*, consistia no direito que tinha o senhor da terra, de dormir com a noiva do colono, servo ou emphiteuta, na primeira noite de casamento d'elles.

Não ha um só documento que prove com evidencia ter existido em Portugal este *direito* immoralissimo; e nem a *Historia dos Gôdos* falla d'elle senão como tradição de cousa já passada. É pois de suppôr que nunca existiu na Lusitania, a não ser sob a dominação agarena, e isso mesmo não consta de documento digno de fé.

Ha porém varias lendas sobre este abominavel direito. (Vide Cardiellos, a pag. 106, col. 2.ª do 2.º vol.)

MARMELLAL vulgarmente **MARMELAR**—freguezia, Alemtejo, comarca de Cuba, concelho de Vidigueira, 45 kilometros de Evora, 130 ao SE. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Santa Brisida.

Bispado e districto administrativo de Beja.

(O seu primeiro orago foi Santa Maria.)

Os condes de Valle de Reis apresentavam o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Provem-lhe o nome de haver aqui muitos marmelleiros, pelo que se deve dizer *marmellal* e não *marmelar*.

MARMELLAL—nome primittivo da actual villa de Portel. (Vide Portel.)

MARMELAL—vide *marmellal*.

MARMELLEIRA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho e 12 kilometros de Mortágua, 25 de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os duques de Cadaval apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Muito gado de toda a qualidade e caça.

Proximo e ao N. do logar da Marmelleira está o Sanctuario de Nossa Senhora do Carmo, cuja origem consta ser a seguinte:

O padre Sebastião do Monte Calvario, era prior da Marmelleira, pelos annos de 1600. Era um varão de muita sciencia, de comportamento exemplarissimo e eminentemente caritativo, pois tudo quanto adquiria era por elle repartido com os necessitados.

Tentou edificar um mosteirinho, dedicado a Nossa Senhora do Carmo, onde vivesse uma pequena communidade de religiosos carmelitas calçados, e para o qual obteve licença dos respectivos prelados.

Edificou uma egreja sufficiente, claustro, dormitorio e mais officinas necessarias; pretendendo renunciar o seu priorado em beneficio do mosteiro.

Era porém padroeiro da egreja de S. Miguel, o conde de Odemíra, que, depois de estar o edificio do mosteiro já concluido, não consentiu em perder os rendimentos do padroado, em favor dos religiosos. Como estes não podessem viver sem rendimentos, e o mosteiro não tinha outros, porque o prior tinha dispendido todos os seus haveres n'esta construcção, ficou o mosteiro deshabitado.

O bom prior erigiu então aqui uma irmandade da mesma invocação de Nossa Senhura do Carmo, com seus estatutos, que em pouco tempo conteve grande numero de irmãos; não só da freguezia, mas tambem da villa de Mortágua e de outras freguezias:

Faz-se a festa da Senhora, no proprio dia, que é a 16 de julho de cada anno.

Em 5 de novembro se faz um anniversario por todos os irmãos fallecidos.

—

Ha tambem n'esta freguezia o Sanctuario de Nossa Senhora da Ribeira, a pouca distancia da aldeia da Marmelleira, e nas margens de uma caudalosa ribeira, a que a capella deve o titulo.

A imagem de Nossa Senhora é de pedra, de uns 30 centimetros de altura, com o Menino Jesus no braço esquerdo, offerecendo-lhe com a mão direita um raminho de fructos.

Ignora-se quando esta capella foi fundada; mas sabe-se que já existia em 1645, e que foi reedificada e ampliada em 1747.

Nossa Senhora da Ribeira é objecto de muita devoção para os povos d'estes dias.

MARMELLEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 60 kilometros do Crato, 165 ao SE. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

É uma das freguezias do grão-priorado do Crato, actualmente annexa ao patriarchado—districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

MARMELLEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado e caça.

MARMELLEIRO — aldeia, Extremadura, proximo á cidade de Thomar, a cujo concelho e comarca pertence. É prelasia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. Districto de Santarem.

Nada tem de notavel esta aldeia, senão o ser patria de *Simão Gomes (o sapateiro santo.)* Aprendeu na sua jnventude o officio que lhe deu o cognome. Era um varão adornado de todas as virtudes christans. Exerceu por 14 annos o emprego de guarda da universidade de Evora. Por varias vezes o rei lhe quiz melhorar a condição, porém Simão preferiu sempre a que tinha, apesar da humildade d'ella, e em razão da humildade d'elle.

Morava, em Evora, na *Rua Nova*, em uma casa que, por ficar debaixo do *aqueducto da prata*, chamam *da Cóva*. D'esta o *desenterrava* muitas vezes o rei D. Sebastião, chamando-o ao paço, e ao concelho de estado, para ouvir o seu voto nas materias de maior peso; porque era tanta a luz que Deus lhe tinha communicado, que, não só nas materias theologicas, mas tambem nas politicas, eram os seus discursos superiores a todas as sciencias humanas, e as suas razões, o assombro dos maiores lettrados do seu tempo.

Diz o padre mestre, Manuel da Veiga (*Vida do beato Simão Gomes*) que o seu biographado tinha o dom da prophecia, e que annunciou a perda de el-rei D. Sebastião, na Africa, a dominação dos Philippes e a acclamação de D. João IV; com tanta individualidade, que não omittiu a menor circumstancia.

Os infantes D. Henrique e D. Luiz (filhos de D. Manuel e irmãos de D. João III) fizeram levar para Lisboa ao *sapateiro santo*, para se aproveitarem dos seus acertados conselhos. Morreu em Lisboa, a 18 de outubro de 1576, e foi sepultado na egreja de S. Roque, hoje Misericordia.

MARMELLETE—freguezia, Algarve, comarca de Silves, concelho e 12 kilometros ao O. de Monchique, 65 ao N. de Faro, 3 ao O. da Foya, 195 ao S. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 390 alqueires de trigo, e 90 de cevada.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, principalmente em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

A situação d'esta freguezia, posto seja muito accidentada, pois é na serra, é todavia muito amena, saudavel e abundante de boas aguas, causa da sua fertilidade. Ha n'esta freguezia muitas vinhas, que produzem abundancia de optimo vinho. Ha tambem aqui grande producção de castanhas.

Tem a freguezia varios casaes, espalha-

dos. A egreja matriz está dentro da aldeia de Marmellête.

A freguezia confina a O., com Aljezur—ao N., com a provincia do Alemtejo—a E., com Monchique—e ao S., com a Mexilhoeira.

MARMELLOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

São tres pequenas freguezias unidas—esta, *Barcel* e *Valle Verde*. Vide *Barcel*, a pag. 325, col. 2.ª (no fim) do 1.º vol.

MARMOIRAL—(corrupção de *Memorial*) logar, Douro, na freguezia de Villa-Bôa do Bispo, comarca e concelho do Marco de Canavezes.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Está este antigo e célebre monumento, erguido em uma bouça, ao N. da estrada que vae do logar da *Ermida* para o da *Cadeada*.

É um arco ogival de 3m,60 de altura, assente sobre quatro degraus, e coroado com uma cimalha, com seus lavores, a qual se acha alguma cousa arruinada.

Já fallei n'este monumento, no artigo pertencente ao *Marco de Canavezes*, quando tratei da freguezia de Santa Maria de Villa Bôa do Bispo, e das opiniões que havia quanto á origem e applicação do *marmoiral*; mas agora accrescentarei que, de um documento, de 1152, consta que é o tumulo de um cavalleiro, chamado *D. Sousino Alvares*, alcaide-mór do castello da Bugéfa.

Para evitar mais repetições, vide *Bugéfa*, a pag. 503, do 1.º vol.

MARNEL—campo alagadiço, lagôa, paúl, pantano, pateira, etc.; tambem se chama *marnoceiro*, ao barqueiro, ou pescador dos marneis.

Dão-se estes nomes aos terrenos cobertos de agua, mas com tão pouca altura, que por elles só podem navegar pequenos barcos, ou bateiras.

Nas cortes de Lisboa, de 1434, manda o rei (D. Duarte) que não paguem dizima, nem redizima de peixe, *os que andam em as barcas de pasageens, e* marnoceiros, *e outras muitas pessoas, que suyam* (costumam) *de servir por galiotes.*

O marnel mais notavel em Portugal, é o seguinte, que por isso descrevo em artigo especial.

MARNEL—lagôa célebre, Douro, na freguezia de Macinhata do Vouga, proxima á antiquissima villa de Serem, na comarca e concelho de Agueda.

Bispado e districto admininistractivo de Aveiro.

(Vide *Macinhata do Vouga.*)

Existe esta lagôa na estrada de Lisboa para o Porto e provincias do norte, e é atravessada pela *ponte do Marnel*

—

Houve aqui em tempos antigos a villa chamada de *Lamas*, ou do *Marnel*, cujas ruinas ainda hoje se vêem, ao S. das ruinas do antiquissimo mosteiro de *Santa Maria de Lamas*, ou *Santa Maria do Marnel*, pois tambem se lhe davam ambos os nomes.

Na villa existiram os paços dos nobres e famosos *senhores do Marnel* (vide Feira) que tantos e tão assignalados serviços prestaram a Portugal durante os reinados dos nossos primeiros monarchas; os de Fernão Gonçalves do Marnel e depois de sua filha, D. Thereza Fernandes do Marnel, e de sua sobrinha, D. Flamula; os de D. Enderquina Pala, e os de outros nobres cavalleiros.

Os Souzas do Marnel, eram dos mais nobres fidalgos d'este reino. Descendiam dos reis de Leão e d'esta familia tratam—a *Hist. Gen. da Casa Real*—o *Theat. Gen da Casa de Souza*—*Mon. Lus.* part. 3.ª, L. 11, cap. 10.º, pag. 317 e 320—*Benedict. Lus.*, tom. 2.º, tract. 1.º, part. 1.ª, cap. 18—*Flores de Hesp.*, e outros muitos livros.

No tempo do conde D. Henrique, e de seu filho, D. Affonso Henriques, era a villa do Marnel a mais notavel d'estes sitios.

Deduz-se isto, de uma doação feitá á egreja de Santo Izidoro de Eixo, em 1095, pelo *famulo de Deos*, Zoleima Gonçalves—*pro tolerantia Fratrum, et Monachorum, qui ibi-*

dem habitantes fuerint, et Vita Sancta perseveraverint. (Doc. de Lorvão.)

N'esta doação se declara que a egreja de Eixo ficava—*subtus Civitatis* Marnelæ, *discurrente rivulo Vouga, territorio Colimbriæ.*

(Eixo fica effectivamente *abaixo* do Marnel, 12 kilometros ao O.)

—

O conde D. Gonçalo Mendes, filho da célebre condessa Mumadona, em 981, doou ao mosteiro de Lorvão, varias povoações e egrejas, e entre ellas—*a sua villa de Lamas, junto ao Vouga.*

(Livro dos testamentos de Lorvão, n.º 28.)

Por esta doação, consta que a villa de Lamas[1] partia com as villas de *Palaciolo, Padasanes, Belli* e *Christovães.*

A *villa de Palaciolo,* parece ser o actual logar do *Paço,* conjuncto ao de *Brunhido* (antigamente *Brunhêdo.*)

Palaciolo, na baixa latinidade, significava—pequeno palacio—paçosinho.

N'este logar do Paço, ainda hoje ha uma quinta, com casa nobre, pertencente ao sr. dr. Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, da Aguieira.

Consta da historia, que o infante D. Pedro, conde de Barcellos (o auctor do *Nobiliario*) filho bastardo do rei D. Diniz, tinha uma quinta em Brunhidono, de tinha os seus paços, em que residiu algum tempo, contrahindo d'aqui mesmo um emprestimo de libras 100:000, portuguezas, que lhe emprestou uma senhora de Tolêdo (que por esse tempo tambem residia n'este logar) chamada D. Thereza Annez.

Ha toda a provabilidade para crer, que a quinta que foi do infante D. Pedro, é a mesma que hoje pertence ao sr. dr. Telles de Figueiredo.

Este infante teve grande estado e casa, de bens da corôa (que lhe déra seu pae). Por sua morte, doou D. Pedro os seus bens de Eixo, Requeixo e Lamas, ao mosteiro de S. Thyrso.

—

A villa de *Padasanes,* é a actual *Pedações.*

A villa de *Belli,* está hoje reduzida á pequena aldeia de *Bêlhe,* que tinha sido comprehendida na doação que o conde D. Henrique e sua mulher fizeram do mosteiro de Lorvão, á Sé de Coimbra.

Vem esta doação na *Noticia historica do mosteiro da Vaccariça,* publicada pela academia real das sciencias, a pag. 35.

Entre as terras doadas se vê—*Villam de Palos* (hoje aldeia de Péus) e *Belli.* Note-se que antigamente na lingua portugueza, *ll* valia *lh,* como na Hespanha; portanto, já antigamente Bêlhe se pronunciava como hoje.

A villa de *Costovães,* era tambem da corôa, e pertencia á casa da *Trófa.*

Teve a villa do Marnel, ou Lamas, por donatarios, grandes personagens, e o monte do Marnel era realengo (reguengo—ou da corôa) como se vê nas *Inquirições* de D. Affonso II, L. 2, pag. 120—col 1.ª, § 1.º, na Torre do Tombo.

Em 1384, D. João I doou a villa do Marnel, e outras, a Gonçalo Vasques Guedes. (*Mon. Lus.,* part. 5.ª, pag. 174, tom 8.º, cap. 23.)

Em 1759, pertencia aos duques de Aveiro, (*Pegas,* tom. 2.º, pag. 672 e 739) sendo então confiscada para a corôa, como tudo quanto pertencia a esta desgraçada familia.

A velha ponte do Marnel é antiquissima. Era a villa do Marnel acastellada, segundo se vê da doação que Pero Paes e sua mulher, Gelvira Nunes, fizeram aos *monges* e *clerigos* do mosteiro de Lorvão, em 1121, da sua villa do *Pinheiro* (hoje aldeia da freguezia de S. João de Loure.)—Diz a doação—*et in confinitate* Castelli Marnelis, *inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiçom-frio.* (Doc. de Lorvão, transcripto por Viterbo na palavra—*Cidade, 3.ª,* a pag. 191.)

Era pois o monte do *Marnel,* com o seu

[1] Note-se que *lamas,* é tambem synonimo de *marnel.*

castello, um ponto militar, no principio da nossa monarchia; e aqui, segundo a tradição e varias memorias, têem havido, desde remotas eras, cêrcos e batalhas.

Em 791, Bermudo I, cedeu o reino de Oviedo, a D. Affonso, o *Casto*[1].

Em 794, expirou a paz (o armisticio) que seu antecessor tinha feito temporariamente com os mouros, e estes romperam logo as hostilidades contra os christãos, invadindo as Asturias com forças consideraveis. O rei os seguiu até Lugo, onde os desbaratou, entrando os christãos triumphantes na Lusitania, pelo N. d'este reino; em quanto Carlos Magno, rei de França, invadia pela Catalunha, os reinos mouriscos da Peninsula.

Em 811, Bernardo del Cárpio, sobrinho de D. Affonso *o Casto*, um dos mais bravos cavalleiros d'aquelle tempo, e o heroe legendario, de quem ainda hoje as Hespanhas se ufanam, e que no tempo de tantos guerreiros illustres soube merecer o nome de *Grão Capitão*, espantava a Europa com a fama das suas acções homericas.

Em quanto Bernardo del Cárpio destruia na batalha de Benavente, o exercito de Omar, rei de Mérida, a quem, por suas proprias mãos degolou no combate—Ali-Aton, rei de Córdova, entrava pela Lusitania, tomando muitas praças de guerra, que entregava a Al-Cama, rei de Badajoz. Este, poderoso com as novas conquistas, pôz cêrco a Samora; porém Bernardo del Cárpio, o ataca inopinadamente, matando-o na acção, e anniquilando todo o seu exercito.

Em 812, Ali-Aton, querendo vingar a morte de Al-Cama, corre com dois exercitos, um sobre Castella, outro sobre a Lusitania, entrando pelo Alemtejo, para conquistar e destruir a Galliza. Aquelle, foi vencido pelo rei, junto a Orense, e este por Bernardo del Cárpio, na batalha de Valle de Mouro, na comarca e concelho de Trancoso.

Fugidos os mouros, da região que estanceia entre o Minho e o Douro, tratou o rei D. Affonso de povoar este territorio; para o que trouxe das Asturias e Galliza muita gente. Passou o Douro, em busca dos mouros, que encontrou no Marnel, onde se deu uma terrivel batalha, na qual os mouros foram derrotados. (*Catalogo dos bispos do Porto*, por D. Rodrigo da Cunha, part. 1.ª, pag. 199 e 283.)

D. Affonso, segue os mouros na sua retirada, até Lisboa, que toma e saqueia.

Em 824, morreu D. Affonso *o Casto*, succedendo-lhe (como já disse) D. Ramiro I, que não quiz pagar aos mouros o infamante *tributo das cem donzellas*. (a que o infame usurpador Mauregato se tinha obrigado em 783, para que os mouros de Córdova o ajudassem a usurpar o throno.)[1]

Os mouros invadiram a Lusitania, pelo Sul, para obrigar o rei christão a pagar-lhe o ominoso tributo. D. Ramiro atravessa o Douro, dá uma pequena batalha no Marnel, e vence em Coimbra o rei mouro Al-Hamar, e assim termina a guerra e o tributo.

—

Outras muitas batalhas aqui tiveram logar, das quaes apenas resta a tradição.

Em nossos dias (28 e 29 de junho de 1828), os generaes liberaes, Saldanha, Villa-Flôr, Stubbs e outros, esperam a divisão realista do general Póvoas, nas formidaveis posições do Marnel e Vouga, e depois de renhida batalha, os liberaes retiram para Grijó, e d'ahi para o Porto. Em resultado d'esta derrota, aquelles generaes e os membros da junta revolucionaria do Porto, embarcam a bordo de um navio britannico (o mesmo que os tinha trazido) e fogem para a Inglaterra.

Desde então, mais nenhuma batalha se tem ferido n'estes sitios.

—

Alguns varões illustres nasceram na villa do Marnel, e seu termo.

Os principaes, de que ha noticia, são:

Ayres Manuel, eremita. Nasceu na villa do

[1] Foi cognominado *o Casto*, por não querer co-habitar com sua mulher; pelo que, não tendo herdeiros, passou a corôa em 824, a D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I, que elle nomeára seu successor.

[1] Mauregato, era filho bastardo de D. Affonso, o catholico, e de uma escrava. Usurpou a corôa, que pertencia a seu sobrinho, D. Affonso, filho de D. Fruela I. Mauregato era irmão (pelo pae) do célebre infante e grande capitão *Wimarano*.

Marnel (então intitulada cidade), pelos annos de 1070, sendo rei de Portugal e Galliza, o infeliz D. Garcia, filho de D. Fernando III (o Magno) rei de Castella (Vide Alfaiates, villa) e foi contemporaneo do nosso conde D. Henrique.

Casou com *Argira*, de quem teve o beato Martinho, do qual abaixo tratarei.

Morrendo sua mulher, que muito amava, se retirou a um sitio aspero e inhabitavel, proximo do Marnel, chamado *monte Aurunche*, e ahi terminou seus dias no retiro e com as maiores austeridades. Consta que o seu passamento foi a 28 de maio de 1130 (no mesmo anno em que morreu a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.)

—

O beato Martinho, prior de Soure, filho de Ayres Manuel e de Argira. Foi educado no convento de Santa Cruz de Coimbra, onde professou.

Feito prior da villa de Soure, tomou conta da sua egreja, quando ainda havia pouco tempo que os mouros a tinham saqueado e destruido; pelo que o santo varão soffreu muitos trabalhos para occorrer ás necessidades dos seus parochianos, a quem soccorria com esmolas que pedia em outras partes, e com os quaes despendia os seus minguados rendimentos.

Em uma *entrada* que aqui fizeram os mouros, ficou captivo, e foi levado para Santarem e depois para Evora. D'alli o passaram para Sevilha, e d'esta cidade para a de Córdova.

Em todas estas partes, animou e confortou os captivos christãos, e n'estes trabalhos falleceu, no dia 13 de janeiro. Não se sabe o anno do seu fallecimento; mas suppõe-se ser entre 1140 a 1145.

Foi contemporaneo de S. Geraldo, arcebispo de Braga; do abbade João Cirita; e de S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra.

Tenho minhas duvidas sobre a naturalidade d'estes dois varões. Fr. Antonio Brandão (*Mon. Lus.*, part. 3.ª, cap. 18, pag. 209) diz, que era natural do *monte Aurunche, acima do logar de Osséloa, termo do Marnel.*

Devemos notar, que por estes sitios não ha povoação alguma que se chame Osseloa, ou outro nome parecido com este. De mais a mais, se seu pae se *retirou ao monte Aurunche*, só depois de enviuvar, como é que teve alli aquelle filho?

Parece-me que se poderia dizer, sem grandes receios de errar, que Martinho nasceu em *Ossella*, freguezia do Douro (cujo orago é S. Pedro) no concelho e comarca de Oliveira de Azemeis, de cuja villa dista 3 kilometros a E.

Esta freguezia é tambem povoação muito antiga, como se verá no logar competente, e é celebre por uma grande batalha que alli se deu, em 996, contra Al-Mançor, rei mouro de Cordova. (Diz-se que dos muitos cadaveres que então ficaram insepultos, cuja carne as aves de rapina, animaes ferozes e o tempo devoraram, existiram por muitos annos, milhares de *ossadas* por estes sitios, e que d'esta circumstancia é que á povoação se ficou chamando Ossella; mas, se os ossos, despojos de uma grande batalha, deram o nome á terra, foi essa batalha muito mais antiga, e dada entre lusitanos e romanos, pois Ossella ja tinha este nome no anno 14 da era christan. *Epit, de las hist. port.*, pag. 209.—Vide Ossella.)

Esta Ossella, fica uns 16 kilometros ao N. do Marnel, e nunca podia ser do seu termo, pois o foi desde remotos tempos, até então e ainda mais de 500 annos depois, do da *cidade de Santa Maria*, hoje villa da *Feira*.

Proximo a Ossella estão as serras de *Penhão*, de *Vermuim*, da *Coelhosa* e de *Cambra*, todas *agrestes* e penhascosas. Talvez que a alguma d'ellas se desse por aquelles tempos o nome de *Aurunche*.

—

Tratarei agora do célebre *mosteiro de Santa Maria de Lamas, ou do Marnel.*

Estava situado em um dos valles das margens do Vouga, chamado *Valle de Marnel*,

onde havia uma ponte, ha poucos annos abandonada, para utilidade da nova estrada real a mac-adam, que de Lisboa vae para o norte, e sobre a qual se construiu, em 1859, a nova *ponte do Marnel.*

Pouco acima da ponte velha, na encosta esquerda do monte que fica ao lado d'este valle, em uma elevação, se vêem ainda hoje os restos venerandos d'este famoso mosteiro.

A sua egreja constava de espaçosa capella-mór, com uma janella para o sul, e uma porta lateral para a sachristia. Das paredes do corpo da egreja só existem as duas lateraes, porque a da frente, com a porta principal, e o arco cruseiro, foi demolida ha poucos annos. Era de architectura gothica.

Estas ruinas desertas e abandonadas, tristes e caladas testemunhas da fé e esperança dos antigos portuguezes, revelam ainda, pela sua amplidão e sumptuosidade (para aquelles tempos) que foram obra de um braço poderoso.

Segundo consta, foi fundado por uma senhora chamada *Enderquina Pala*, ou por algum seu ascendente; pois que esta dama, em 961, doou ao mosteiro de Lorvão. *a sua egreja de Santa Maria de Lamas do Marnel.* (*Livro dos testamentos*, de Lorvão n.º 60.)

O conde D. Gonçalo, filho da condessa Mumadona, tambem (em 981) doou ao mosteiro de Lorvão, a sua villa de Lamas, junto ao Vouga, e outras. (Ibid., n.º 28.)

Em uma lapide que estava embutida na parede d'esta egreja, por detraz da porta travessa, se via uma inscripção gothica, que dizia que a mesma egreja havia sido sagrada pelo bispo de Coimbra, no anno de 1170 da *Encarnação* (de Jesus Christo.)

Não é provavel que esta egreja estivesse por sagrar 209 annos, desde a doação de Enderquina (961 a 1170.)—É mais de suppôr, que estando arruinada, os monges de Lorvão a mandassem reedificar por aquelle tempo.

Para evitar aos leitores a fastidiosa leitura do latim de frades, d'aquelle tempo, darei sómente a sua traducção. Os que desejarem vêr o original, consultem as *Memorias para a historia da legislação e costumes de Portugal*, por Antonio Caetano do Amaral, mem. 4.ª, not. 130 e 216. — *Theatro gen. da da casa de Sousa*, pag. 137—*Elucidario*, de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, verb. *Igreja—o Sanct. Mar.*, e outros escriptores.

Eis a inscripção traduzida:

O bispo de Coimbra, D. Miguel, sagrou esta egreja, no anno de 1170, (de Jesus Christo) *em dia dos santos martyres, Gordiano e Epimacho, em honra da Santa Virgem Maria, a instancias* [1] *de Veremundo, presbitero, reinando D. Affonso, filho do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza. Nos altares d'esta egreja existem muitas reliquias dos sepulchros da Virgem Maria e de Nosso Senhor Jesus Christo, e dos santos Felicissimo, Agapito, Sebastião e Marinha: e quem isto escreveu viva eternamente.* [2]

O *Santuario Marianno* traz o original (mas escripto em caracteres romanos) e a traducção que deu acima; mas cumpre notar que no letreiro não diz a quem pertencem as reliquias: só diz que existem. *Reliquiae habentur.*

A lapide que contem esta inscripção, ainda existe na nova villa de Lamas.

Quando fr. Agostinho de Santa Maria escreveu o Sanctuario Marianno (1712) já nenhuma das reliquias existia, e só existia a tradição de terem alli estado.

Esta egreja estava edificada sobre uma rocha, e tanto ella como a de Santo *Isidro*, (Isidóro) de Eixo, eram egrejas *monasteriaes* (de conventos) e as mais antigas d'estes sitios.

[1] No original diz-se «per manus Veremundi»—O *Sanctuario Marianno*, traduz—«a instancias de Veremundo»—quando talvez fosse melhor traduzir ao pé da lettra — por mãos de Veremundo»—porque o bispo D. Miguel lhe daria commissão para benzer esta egreja.

[2] Aqui, por *viva eternamente*, (vivat in aeternum) não significa *ser eterno, não morrer;* mas sim *salvar-se, viver na gloria eterna.*

Durante a dominação agarena, muitos christãos davam os seus bens ás egrejas, e n'ellas viviam em commum; por isso, muitas d'estas egrejas e conventos chegavam a ser muito ricas, possuindo muitos bens de raiz, escravos, gados, etc., o que passava aos herdeiros. (Vide *Padroeiros.*)

Ainda hoje se vê o antigo passal, em roda da egreja, comprehendendo uma planicie no *Valle do Marnel*, e terrenos mais altos occupados por um bom pinhal. Tudo isto (que foi a antiga cêrca do mosteiro) constitue o passal do actual prior da nova egreja de Lamas (emquanto o governo o não mandar pôr em praça, e reduzir a dinheiro, como vae fazendo a outros muitos.)

Ao N. da velha egreja, ha uma planicie, na qual, segundo a tradição, se fazia uma *praça* (mercado.) No centro ainda se vê um cruseiro de granito prophiroide.

Em frente d'esta egreja está a casa da residencia do parocho, da qual só restam as paredes vetustas.

Vê-se que apenas constava de um andar com duas casas, e que tinha escadas exteriores, de pedra, para o lado do templo. Ainda se vêem de um e outro lado ruinas de varias casas pequenas, que talvez fossem as cellas dos monges, e casas de abegoaria.

A casa da residencia, está distante da egreja apenas uns 3m,50, tirando-lhe a vista. Tem tres janellas, todas para o lado da egreja, e dos outros tres lados só tem uma séteira em um d'elles.

É de robusta construcção, como uma fortaleza. A casa baixa communica com uma pequena torre (ou chaminé?) que sobe até a altura do telhado. A porta da entrada é gothica, e parece ter sido de peças aproveitadas de um outro arco mais antigo e maior. Suppõem alguns que seria esta casa, a residencia de Enderquina Pala, ou dos antigos senhores da egreja.

O sitio d'esta villa e egreja foi abandonado pelo povo (provavelmente por doentio) que se mudou para além da ponte, a pouca distancia da antiga povoação, e em um alto, hygienico, bonito e fertil, para onde foi mudada a antiga matriz. A população foi crescendo e constitue hoje a nova villa de Lamas.

A antiga egreja do mosteiro, era no seu tempo visitada por muitos romeiros, pela fama dos milagres de Nossa Senhora do Marnel, e pelas muitas reliquias que aqui existiam.

O templo em ruinas, que o matto, as silvas e as heras invadiram, era tão famoso antigamente, que em Roma se denominava —*a muito antiga basilica de Santa Maria do Marnel.*

—

Algumas paredes derrocadas, plantas parasitas, alicerces, pinheiros surdindo entre os entulhos, um êrmo, a desolação — eis o que resta da famosa *cidade do Marnel* e do célebre mosteiro de Santa Maria.

O christão, sentado em uma pedra d'estas ruinas tristes, e solitarias, parece ouvir uma voz plangente dizer-lhe ao coração — *Hic Troja fuit!*

MAROUÇOS—vide *Merouços.*

MARQUEZ—(vide 4.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

MARQUEZ—é nome de homem, portuguez, assim como *Marqueza* é nome de mulher. É pouco usado. Tambem é sobrenome.

MARQUEZOTA—portuguez antigo—especie de manteu, usado no seculo XVI.

MARRA—portuguez antigo—margem ou vallado junto do caminho—*Fez pôr as partes ambas na* marra *do caminho.* (Tombo de Castro de Avellans, 1551.)

MARRAN—portuguez antigo (ainda usado, com pouco differença na significação.)—Em um praso de Almacave, de 1579, se declara que a *marran* é um porco de 40 arrateis. Muitos prasos antigos e modernos estabelecem rendas de marrans ou de certo peso d'ellas.

Geralmente fallando, a *marran* era uma leitôa grande, que ainda não tivesse parido, mas que já não era de espêto ou *freama* (presunto.)—*Hua bôa marrãa recebonda* (de boa qualidade, gôrda, de receber) *ou cento e vinte réis por ella.*

Hua marran de 30 arratees.

Meo alqueire de manteiga e duas freamas ou Xff por elas, e huum porco vivo, ou huum

meo maravidi por el. (Documentos de 1329.)

Huma leitôa, ou cincoenta réis por ella. (Documentos de 1541.)

Hoje dá-se indistinctamente o nome de marran, á carne fresca de gado suino, seja de macho o de femea.

MARRANCOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (antiga comarca do Pico de Regalados) 15 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Terra fertil. Muito gado de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

O abbade de S. Thiago, de Arcozêllo, apresentava o cura, collado, que tinha 50$000 réis.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa a Arcozêllo.

MARRANO—portuguez antigo—nome injurioso que se dava aos judeus.

MARRAZES — freguezia, Extremadura, concelho e comarca, e 12 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia, ainda não existia quando se publicava o *Portugal Sacro* e *Profano*: só existia a do *Arrabalde da Ponte*, que foi supprimida em 1811, em cujo anno foi a séde da parochia para o logar dos *Pinheiros*, a 4 kilometros de distancia. Em 1829, passou dos Pinheiros, para *Marrazes*, (a 2 kilometros do Arrabalde da Ponte) e ahi se conserva actualmente.

O antigo logar do Arrabalde da Ponte, séde da parochia supprimida, tem hoje apenas uma duzia de fogos, áquem da ponte (do lado da cidade) que agora pertencem á freguezia da Sé, e outros tantos álem da ponte, que são hoje da freguezia de Marrazes.

—

Dentro de um quintal (no Arrabalde) encostado a um muro, ainda se vêem as ruinas da torre da antiga egreja de S. Thiago do Arrabalde da Ponte.

As cheias tinham arruinado muito esta egreja, e, em 1811, os francezes fizeram d'ella cavallariça.

N'esse mesmo anno, foi o bispo de Leiria, D. Manuel de Aguiar, em pessoa, ao logar dos Pinheiros, pedir a capella de S. João Baptista, d'este logar, aos povos d'elle, para ahi estabelecer a séde parochial, ao que elles accederam de boamente.

A tenção do prelado, era que a matriz da freguezia aqui ficasse para sempre, pelo que declarou o modo de se poder accrescentar a capella; e projectou comprar, para residencia do parocho, o casal que lhe fica ao S., pelo qual ainda offereceu 200$000 réis.

Os baptismos faziam-se em uma bacia grande; mas, em 1822, se trouxe do Arrabalde, a pia baptismal da antiga egreja; porém o parocho (nomeado no mesmo anno de 1811) nunca se quiz servir d'ella, e continuou a baptizar na bacia.

Este parocho (chamado Joaquim José de Azevedo) era natural do logar de *Martim-Gil*, onde sempre residiu, mesmo depois de ser parocho da nova freguezia dos Pinheiros.

Em 1828, principiaram os povos que hoje não pertencem á capella dos Pinheiros, induzidos pelo proprio cura, e pelo fidalgo do Amparo, Gonçalo Barba Alardo de Lencastro e Barros, a edificar, com os materiaes da antiga egreja do Arrabalde, a actual, na aldeia de Marrazes, que concluiram em 1829, com o intento de mudarem para ella a matriz, o que conseguiram n'esse mesmo anno, e para cujas despezas, o bispo, D. João Ignacio da Fonseca Manso, tambem concorreu.

Os povos da parte dos Pinheiros, reclamaram contra a pretendida mudança, perante o mesmo prelado; mas nada conseguiram.

Vendo que nada, por esse lado podiam obter, por o bispo estar empenhado na mudança, requereram então para se conservarem, formando parochia independente, com a sua antiga capella, que até então havia servido de matriz, por egreja parochial.

O bispo recusou-se ainda a esta pretenção.

Requereram então ao rei. O ministro dos negocios ecclesiasticos, mandou o requerimento a informar ao prelado da diocese, que

respondeu—que a capella estava na extremidade da freguezia—fronteira e a menos de um quarto de legua, da freguezia dos Milagres—que a capella de Marrazes, era no centro da freguezia d'este nome, e mais proxima da demolida freguezia do Arrabalde, e das aldeias dos *Marinheiros*, Marrazes e Gandaras—que as povoações dos Pinheiros e Janardo e outros casaes, sempre ficavam mais perto da matriz, do que ficavam quando ella estava no Arrabalde—que os povos de Marrazes e visinhanças tinham feito grandes despezas e sacrificios, com a construcção da nova egreja, á qual sua magestade tinha auxiliado, dando-lhe madeiras do pinhal de Leiria, etc.

Os povos dos Pinheiros, Janardo, Barrocas e Boa-Vista, obstinando-se em querer formar freguezia independente, recusaram entregar aos de Marrazes a pia baptismal.

Em 25 de julho de 1829, foi uma escolta, composta de 30 praças, de infanteria 22, milicias e voluntarios realistas de Leiria, aos Pinheiros; porém homens, mulheres e creanças d'aqui, se opposeram á viva força, havendo grande balburdia, que depois passou a combate, do qual resultou ficarem alguns soldados feridos ás pedradas, outros com as armas quebradas—e do povo ficaram dois mortos e varios feridos; mas a tropa teve de retirar para Leiria, sem levar a pia; porém levando varios presos, que estiveram encarcerados, nas cadeias de Lisboa, mais ou menos tempo, segundo o gráu de culpas, até que o sr. D. Miguel I, lhes perdoou e os mandou soltar.

No dia 11 de agosto, uma outra força, mas em numero respeitavel, de cavallaria e caçadores, se dirigiu aos Pinheiros, cuja aldeia achou abandonada, porque o povo, informado da sua vinda, tinha fugido para a freguezia dos Milagres e outros sitios.

A tropa, depois de saquear algumas casas, levou a pia e um sino. O sacrario, foi mais tarde.[1]

[1] Os leitores que quizerem ter amplas noções, sobre todas estas desordens e seus resultados, vejam o livro intitulado—*O Couseiro, ou memorias do bispado de Leiria*, de pag. 45, até 63.

A antiga freguezia do Arrabalde, comprehendia esta povoação—Monte-Real, Amôr, Marinha (hoje Marinha Grande), Riba-de-Aves, Lagôa, Ruivaqueira[1] e Casal.

—

No alpendre da primittiva matriz do Arrabalde, está um monumento de pedra lavrada, assente sobre uns cães da mesma materia. Serve de pedestal a uma figura com habitos talares, armada de espada e rodella (escudo.)—Não tem letreiro, nem por tradição consta o que significa. É muito antiga.

No adro, junto do alpendre, está outra, e ainda outra por detraz da capella-mór, ambas tambem de pedra, e sem inscripções nem armas, e tambem ninguem sabe quem representam. São egualmente antiquissimas.

—

D'esta freguezia se desmembraram, os logares de Amôr, Monte-Real e outros. Antes d'esta desmembração era esta freguezia uma das maiores do bispado, pois tinha 650 fogos.

Tinha a confraria de S. Thiago, servida por pessoas nobres.

Fazia-se aqui, de tempos remotos, uma grande procissão no dia do padroeiro (25 de julho), que sahia de Sant'Anna para a egreja.

Em um altar, que era dedicado a Santa Martha (e tinha sido primeiro de Santa Margarida) instituiu Sebastião Lopes, do Freixo, conego da Sé de Leiria, uma missa quotidiana, para o que deixou seus bens vinculados, e de que foram administradores, um seu sobrinho e os Correias, herdeiros d'este.

Tinha outra confraria, intitulada de Nossa Senhora do Porto Côvo.

—

Havia na freguezia do Arrabalde, as ermidas seguintes:

1.ª *Nossa Senhora do Amparo*—no sitio de Valle-Bócco, feita em 1564 (sendo bispo de Leiria, D. fr. Gaspar do Casal) por ordem e á custa de Gonçalo Correia e sua mulher,

[1] *Ruivaqueira*, significa logar onde se criam *ruivacos*, que são uns pequenos peixes (do tamanho de camarões) que se criam nos esteiros e pantanos. Ha grande abundancia d'estes peixes nas immediações d'Aveiro.

Ignez de Vera, em uma quinta sua, e estabelecendo renda sufficiente para a fabrica da capella. (L. 1.º do Registo da chancellaria, a fl. 55 v.—Cartorio do Cabido da Sé de Leiria.)

2.ª *S. Miguel Archanjo* ou *Nossa Senhora das Necessidades*—entre o logar das Chans, e o rio. Os habitantes das aldeias visinhas, eram obrigados á sua fabrica.

Tinha duas confrarias, a de Nossa Senhora das Necessidades e a do padroeiro da capella.

Esta capella, ficava pela parte de baixo, e á direita do caminho que vae da Regueira de Pontes, para Leiria.

Depois, era conhecida vulgarmente por *capella de Nossa Senhora das Necessidades.*

Quando se arruinou a capella, foram as duas referidas imagens transferidas para a capella das Chans.

Tanto uma, como outra imagem, foram objecto de grande veneração dos fieis d'estes sitios, que lhes faziam frequentes romarias.

Segundo a tradição, nas casas que estavam contiguas (que foram residencia dos fundadores) vivia um eremitão.

Segundo documentos existentes no cartorio da mitra, esta capella chegou a ter grandes rendimentos, todos provenientes de esmolas e offertas dos romeiros, e tanto que, além das despezas com o culto divino, conservação e reparos da capella, poude dar, em 1766, para ajuda da obra da capella de Santa Anna, das Chans, 93$250 réis.

Em 1769, deu, para ajuda da construcção da egreja matriz da Regueira de Pontes, réis 80$000. Para o mesmo fim, em 1770, réis 20$000, em 1771, 100$000 réis, e ainda depois mais 70$000 réis.

Não se sabe se todas estas quantias foram emprestadas, ou dadas; o que se sabe é que, se foram por emprestimo, nunca foram restituidas.

Ainda em 1767 se comprou um sino para a capella de S. Miguel, por 16$000 réis.

3.ª *S. Pedro, apostolo*—na quinta de *S. Pedro do Leite*, a cuja fabrica eram obrigados os possuidores da quinta.

A esta ermida hia o cabido da Sé de Leiria, em procissão, no 1.º dia das ladainhas de maio; depois, por ser distante da cidade, se mudou para a ermida de Santo André, do Arrabalde.

Segundo a tradição, depois que se mudou esta procissão, nunca mais os olivaes da Gandara tornaram a dar azeite em abundancia, como até alli.

4.ª *Nossa Senhora da Piedade*—junto ao logar da Gandara, feita e dotada de rendas, por Diogo Dias, do mesmo logar da Gandara.

5.ª *Capella na ribeira de Agadim*—cujo padroeiro se ignora. Era na quinta dos herdeiros de Luiz da Silva Costa, e foi este que a mandou fazer á sua custa, e dotou, em 1644, obtendo, n'esse mesmo anno, licença para n'ella se dizer missa. (L. 3.º do Reg., do bispado de Leiria, a fl. 109.)

A quinta do fundador, encontra-se ao descer do logar dos Pinheiros, para os Milagres, pouco depois de passar o rio.

Da ermida, apenas restam parte das paredes.

6.ª *Nossa Senhora da Encarnação*—entre umas altas e grandes brenhas, no monte onde hoje está a capella, já havia de tempos remotos, uma ermidinha, dedicada a S. Gabriel Archanjo.

Elevada a cidade de Leiria a séde de bispado (1545), seu 1.º bispo, D. fr. Braz de Barros, foi em visita a esta capella;[1] e, achando-a pequena, mandou fazer outra á sua custa, que se concluiu em 1554. Comprou o mesmo prelado, a terra e mattos necessarios para se fazerem caminhos para ella, pois até então não os havia, hindo-se por entre serrados bosques e matagaes.

O tecto da capella nova, era de abobada

[1] Consta do Livro das visitas, que então se acharam n'esta capella ossos de pernas (tibias) humanas de um tamanho gigantesco. Revelavam muita antiguidade.

de tijolo, e só o arco era de cantaria. Tinha um só altar.

O bispo referido, tinha tenção de fundar aqui um convento de capuchos, e mandar n'elle fazer a sua sepultura; mas não chegou a realisar o seu intento; porque resignou o bispado, e se recolheu a um mosteiro da sua ordem.

N'esta capella se diziam, muito de madrugada, nove missas, nos nove dias, que acabavam no da Annunciação de Nossa Senhora, em honra dos nove mezes que a Santissima Virgem trouxe Jesus Christo em suas entranhas (Alguns annos, por inconvenientes que sobrevinham, se diziam estas missas na capella do Espirito Santo.)

Eram cantadas, e á custa dos devotos.

Com o tempo, veiu a esfriar esta devoção, passando mais de 20 annos sem ella ter logar. Cessou a concurrencia á ermida, que ficou ao abandono. A abobada e as portas cahiram, e o corpo da ermida ameaçava imminente ruina.

Umas mulheres devotas, com esmolas que poderam obter, mandaram reparar a abobada, ladrilhar o pavimento e concertar as portas; pelo que a devoção a Nossa Senhora continuou, supposto que a ermida sempre conservava a invocação de S. Gabriel.

Em 11 de julho de 1588, estando n'esta ermida a marqueza de Villa Real, D. Philippa, com muitas outras pessoas, a Senhora fez um notavel milagre a Suzana Dias, do logar das Córtes, que havia 28 annos estava tolhida das pernas, ficando com saude perfeita.

Approvou-se logo o milagre, e no dia seguinte, o cabido da cathedral, foi em procissão á ermida, dar graças á Santissima Virgem, dizendo-se-lhe uma missa cantada, á qual concorreu muito povo.

Fez logo o cabido doação, para as obras da capella, de todas as offertas que n'aquelle anno viessem á mesma, que foram muitas e valiosas.

Tratou-se de fazer nova ermida, e se juntaram em pouco tempo os precisos materiaes, grande parte d'elles levados ás costas por devotos, não se poupando a este trabalho, nem mesmo as donzellas nobres.

Em 24 de setembro do mesmo anno de 1588, sendo bispo de Leiria D. Pedro de Castilho, foi o seu cabido, em procissão, á ermida, hindo no acompanhamento D. Manuel de Menezes, duque de Caminha, e sua filha, D. Brites de Lára. Houve missa cantada, pela deão da Sé, com musica, e as charamellas do duque. Benzeu-se em seguida, com todas as formalidades do ritual, a pedra fundamental da nova capella, que tinha esculpida, uma cruz, o nome da Santissima Virgem da Annunciação, e a data d'esta ceremonia. Foi levada ao seu logar em uma padiola, toldada com pannos de séda, sendo conduzida pelo duque e pelo deão, de um lado, e pelo outro, a levaram o diacono e subdiacono, e alumiada por 8 tochas, tudo ao som das charamellas. Assentou-se da parte do Evangelho (N.) no principio do alicerce, junto á porta principal; continuando a nova reedificação da capella com grande fervor, pelo que se concluiu em pouco tempo.

Em quanto duravam as obras, cahiu sobre um dos pedreiros uma grande pedra, sem o offender; o que se tomou por milagre da Senhora, e em commemoração d'elle, se lavrou na mesma pedra uma inscripção que o recordava.

Foi o referido bispo que mandou fazer o risco da nova capella, para a construcção da qual deu avultadas esmolas, suas e pedidas.

Em 1603, cahiu um raio sobre a porta principal, e outro em 1606; mas pouco damno causaram.

Espalhou-se tanto a fama dos milagres da padroeira d'esta capella, que, de todas as freguezias do bispado, de muitas villas e freguezias do de Coimbra e do arcebispado (hoje patriarchado) de Lisboa, aqui vieram 72 procissões, trazendo todas offerendas, mais ou menos valiosas, a Nossa Senhora.

O cabido hia todos os annos, no dia 11 de julho, em procissão á capella, onde havia missa cantada e sermão. N'esta procissão hia uma reliquia do vestido da Santissima Virgem, que está na Sé, em um relicario, de prata dourada, em fórma de custo-

dia. [1] Hia debaixo do palio, conduzida pelo clerigo que tinha de celebrar a missa.

—

Entre as muitas offertas feitas a esta ermida, por differentes freguezias, sobresahem as seguintes:

A villa de Monte Mór Velho, no bispado de Coimbra, deu uma alampada grande, de prata, ornada com quatro escudos, com as armas da mesma villa. Tinha de peso 30 marcos de prata. Obrigou-se, além d'isto, a mesma villa a dar cada anno, seis alqueires de azeite, para a mesma alampada.

A villa de Chão do Couce, outra alampada de prata, com 14 marcos de peso.

O povo do Pombalinho, deu um grande cirio, que se conservou por muitos annos.

As freguezias de Colmeias, Santa Catharina da Serra, Vermoil, e esta do Arrabalde, cada uma deu tambem o seu cirio.

Muitos particulares fizeram doações de bens de raiz e rendas, á capella.

Muitas pessoas devotas, deram varios vestidos, mais ou menos ricos, a Nossa Senhora, e diversos paramentos para o templo.

Tem cinco altares de talha dourada, com retabulos e pinturas de muito merecimento.

Formou-se logo uma confraria de Nossa Senhora da Encarnação, sendo sua primeira juiza, logo no mesmo anno, a referida D. Brites de Lara, e por muito tempo andou este juizado na casa de Villa Real, e desde 1641, em que foram justiçados por traidores, o duque de Caminha, o marquez de Villa Real (vide Caminha) e outros membros da sua familia, passou o juizado para os bispos.

Tinha missa em todos os sabados, e nos domingos e dias sanctificados.

7.ª *Nossa Senhora dos Anjos*—a antiga ermida estava no mesmo logar da actual. Era pequena e tinha um alpendre, no qual se prégavam os sermões, e a cuja fabrica era obrigado o prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, não havendo devotos que ajudassem ás despezas das obras e fabrica da ermida.

Hiam a ella as procissões do Corpus Christi e as ladainhas. No sabbado que vinha dentro do oitavario da Assumpção da Senhora, depois de vesperas, a que assistia o cabido, hia a mesma Senhora em procissão, em uma tumba, feita só para este dia, representando a Senhora morta. Era acompanhada da irmandade da Misericordia e das mais irmandades e confrarias, e a levavam á Sé. Na volta para a sua capella, já a Senhora vinha resuscitada, e em uma rica charóla, havendo á sua chegada, missa cantada e sermão. Tanto á hida, como á vinda, era levada por quatro clerigos de ordens sacras, vestidos de alvas, amitos, singulos e estolas.

Esta procissão durou até 1626, deixando de se fazer pelo mau estado da capella.

Em 1628, por estar em estado de imminente ruina, se demoliu, e, ainda que logo se reedificou, nunca mais se tornou a fazer a procissão, até 1651, em que alguns devotos a resuscitaram.

8.ª *Santo Antonio*—a antiga capella estava tambem no sitio da actual. Foi construida com esmolas, mas não se sabe quando. Foi reedificada tambem com esmolas, em 1542, pelo infante D. Henrique, depois cardeal-rei, sendo prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e por isso tem as suas armas na capella-mór.

É tradição que foi feita no mesmo logar em que Santo Antonio de Lisboa esteve a descançar, á sombra de uma oliveira, quando de Lisboa se dirigiu a Santa Cruz de Coimbra.

9.ª *S. Bartholomeu*—foi fundada (não se sabe quando) por um fidalgo, cujas armas se vêem na fachada da capella; mas não se lhe sabe o nome. Teve uma confraria de Santo Amaro, e outra de Nossa Senhora do Soccorro, e duas missas quotidianas, instituidas por Antonio Fernandes Nato.

Teve tambem merceeiras.

10.ª *S. Sebastião de Porto Côvo.*

11.ª *S. Miguel Archanjo*—no mesmo sitio. Teve uma rica e grande confraria, de rapazes solteiros; e por muitos annos teve um

[1] Esta reliquia foi dada á Sé, pelo bispo, D. Pedro de Castilho.

ermitão. Fazia-se aqui uma grande festa a Nossa Senhora da Luz.

Ignora-se a data da fundação d'estas tres ultimas capellas, mas todas foram feitas com licença, ou por ordem, do prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e por tanto, anteriores ao anno de 1545, em que esta parte do territorio de Santa Cruz passou a formar o novo bispado de Leiria.

No fim d'este artigo vae a descripção do estado actual da capella de S. João Baptista, dos Pinheiros, segunda matriz da antiga freguezia do Arrabalde da Ponte.

Pelos annos de 1810, se principiou a edificar ainda outra capella no logar de Janardo. Não sei porque, foi demolida, chegando até a arrancar-se-lhe os alicerces. Em 1865, construiu-se outra no mesmo sitio.

—

Das confrarias, hospitaes e albergarias que houve na freguezia do Arrabalde, já tratei em Leiria.

—

Já se vê que o que fica dito, pertence á antiga freguezia do Arrabalde da Ponte. Tratemos agora do que ficou por dizer, quanto á moderna de Marrazes.

Á egreja actual foram accrescentados, em 1838, dois altares lateraes, que pertenceram ao mosteiro de Santo Antonio, de Leiria.

A torre tambem foi feita (em 1845) com a pedra que formava a antiga torre da egreja do Arrabalde.

Em 1852, foi reedificada a parede do lado esquerdo da egreja, que ameaçava ruiua.

Em 1865, se concluiu o retabulo do altar-mór, principiado no anno antecedente. No mesmo anno foi estucada a capella-mór, e no seguinte, o corpo da egreja.

—

A capella de S. João Baptista, dos Pinheiros, que serviu de matriz, logo depois da suppressão da do Arrabalde, e antes de se mudar a séde da freguezia para Marrazes (como fica dito no principio d'este artigo) já existia em 1712, pois d'ella falla o padre Carvalho, na sua *Chorographia;* mas não se sabe quando foi edificada.

Diz a tradição que Manuel de Sousa Rasteiro, dos Pinheiros, deu o chão para a capella e adro, sob a condição d'elle e seus descendentes, terem sepultura gratuita, dentro d'ella.

Foi roubada em 1836, arrombando os ladrões o fôrro da casa da pia, roubando uma alampada de prata, o calix e os castiçaes. Tornou a ser roubada, com chave falsa, em 1838, levando o calix e o mais que poderam.

Em 1846, se lhe accrescentou o altar do lado da Epistola, e em 1849, o do lado do Evangelho. Foram feitos pelo entalhador Manuel Pereira, natural da Gandara, e pintados e dourados, por Antonio da Saude, de Leiria. Tem sacrario, onde se colloca o Santissimo Sacramento em dias de festas solemnes.

Fazem-se n'esta capella as festas do padroeiro, de Nossa Senhora da Conceição e da *Senhora Milagrosa.* Tambem em alguns annos se festeja Nossa Senhora das Dores, e o martyr S. Sebastião.

O corpo da capella foi completamente restaurado em 1860, não ficando do antigo mais do que as paredes, altares e portas; abrindo-se uma nova janella para o oeste. Custou esta obra 463$000 réis, quasi tudo dado pelo povo, e o resto de esmolas dos devotos, e principalmente da irmandade do Santissimo Coração de Maria. Todas as conducções foram feitas gratuitamente pelo povo. O governo deu mais de metade da madeira, que veio do pinhal do estado.

A pintura da abobada, foi feita por João dos Santos Leitão, que fôra sargento de caçadores n.º 5. É um emblema allusivo a S. João Baptista, cercado de uma primorosa tarja de estuque, tendo no centro a legenda:

QUO MAJOR NEMO SURREXIT SANCTE JOANNES,
TOTO PRO NOBIS CORDE PRECARE DEUM.

—

N'esta aldeia, dos Pinheiros, ao E. do caminho que o atravessa, no sitio chamado *Camarnal,* ainda existem as casas onde nasceu, em 15 de outubro de 1756, e onde foi creado, o cardeal patriarcha de Lisboa, D. frei Patricio da Silva, filho de Jacintho da Fonseca e de Maria Ignacia. Morreu em 3 de janeiro de 1840. (Para a biographia d'este prelado, vide 4.º vol., pag. 279, col. 1.ª)

N'estes sitios tem havido muitas pessoas eminentes por sua virtude e piedade. Dentro da capella estão enterrados tres cadaveres incorruptos, que na vida deram bastos exemplos de verdadeira piedade, são: o de um clerigo, do logar dos Pinheiros — o da mãe do referido cardeal patriarcha — e o da mãe de uns sujeitos appellidados os *soldados de Valle Verde*. Esta senhora foi a possuidora e ultima dona da quinta em que se fez a capella.

MARTHA (Santa) e **MELHUNDOS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Martha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Ha aqui uma feira a 28 de cada mez, creada em janeiro de 1872.

O D. Abbade, benedictino, do mosteiro de Bustello (proximo a Penafiel) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

MARTHA (Santa) **DE BOURO**—(Vide *Bouro*, Santa Martha de) a pag. 427 do 1.º volume.

MARTHA (Santa) **DA MONTANHA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 70 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 222 moradores (uns 55 fogos).

Orago Santa Martha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MARTHA (Santa) **DE PENAGUIÃO**—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, ou, denominação legal de um dos concelhos, da comarca do Peso da Regua, no arcebispado de Braga e bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real. Tem este concelho 2:550 fogos, divididos pelas 10 freguezias seguintes:—Alvações do Córgo, Cevêr (ou Sevêr), Cumieira (ou Cumeeira), Fontes, Fornéllos, Lobrigos (S. João), Lobrigos (S. Miguel), Lourêdo, Medrões ou Mondrões, e Sanhoâne. 80 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa.

As freguezias de Alvações do Córgo, Cumieira e Lourêdo, são do arcebispado de Braga; as sete restantes estão no bispado do Porto.

É povoação muito antiga. D. Affonso III, estando na cidade da Guarda, deu foral á villa do Espinheiro e a Travassos (que é o d'este concelho) a 19 de setembro de 1256. (L. 1.º de *Doações do senhor rei D. Affonso III*, fl. 17, col. 1.ª, *in fine*.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Evora, a 15 de dezembro de 1519 (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 64 v., col. 1.ª— Processo para o foral novo, gaveta 20, maço 12, n.º 18).

O foral novo de Penaguião, comprehende as terras seguintes: Alderête, Coucieiro, Cortiçadas, Fornéllos, Lobrigos (S. João), Loureiro, Mafamedes, Marão, Medim, Mondrões (ou Medrões), S. Miguel (Lobrigos), Sedréllos (ou Cedréllos), Sevêr (ou Cevêr), Sobrado, Souto de Rei, Taboadello e Veiga.

O melhor edificio da villa, é o palacio dos srs. Viscondes de Santa Martha.

Produz este concelho, muito, e bom vinho, algum pão, castanhas, e cria muito gado.

Os primogenitos dos marquezes de Abrantes, eram condes de Penaguião.

Na doação que D. Affonso Henriques fez, em 1139, ao mosteiro da Ermida, sobre o rio Córgo—em terra de Panoyas, e defronte de Lobrigos—do couto da Ermida, se lê—*et inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium francisco* (francez) *usque in pelago Godim*, etc.

D'aqui se vê, que no termo de Santa Martha de Penaguião, houve um antigo mosteiro (de certo, da ordem de S. Bento) e um palacio, tambem antigo (ou, talvez uma *villa* (casa de campo, mas a que na referida doação se dá o nome de palacio) provavelmente obra de algum francez aventureiro, dos muitos que vieram a Portugal com o conde D. Henrique, em 1093.

Supponho que este antigo *palacio francisco*, veiu depois á ser solar dos condes de Penaguião.

Esta villa é composta de fracções das freguezias de Lobrigos, Sevêr e outras.

Foram senhores de Penaguião, os marquezes de Fontes, que apresentavam as justiças e governavam nas *Fontes, Moura-Morta* e *Godim.*

Tinha este concelho, até 1834, dez companhias de ordenanças, commandadas por um capitão-mór, sujeito ao general de Traz-os-Montes.

Era senhor da *honra* de Fontes, D. Rodrigo Pedro Annes de Sá Almeida e Menezes, descendente de João Affonso de Sá, senhor da quinta de Sá, em Guimarães, pae de Rodrigo Annes de Sá, que sendo embaixador de Portugal, em Roma, em 1320, casou com Cecilia Colona, filha, neta e bisneta dos Colonas, senadores romanos. Vinha esta senhora a ser 13.ª neta de *Caio Mario*, sete vezes consul de Roma.

Rodrigo Annes de Sá e Cecilia Colona, foram paes do famoso João Rodrigues de Sá, cognominado—*o das Galés*—pelo combate que teve contra a esquadra castelhana que por ordem do seu rei, D. João I, bloqueava Lisboa, em 1384.

A esquadra portugueza, sahira do Porto, em soccorro de Lisboa, e, apezar de muito inferior em numero de vasos e de gente de guerra á castelhana, entrou a fóz do Tejo, por entre as náus inimigas, que derrotou e pôz em fuga.

Foi n'este combate que João Rodrigues de Sá, tanto se distinguiu pela sua sciencia e intrepidez, que adquiriu o cognome glorioso de—*o das Galés.* (Vide o 4.º vol., a pag. 382.)

D. Constança Rodrigues de Sá, irman do *das Galés*, foi casada com João Gonçalves Zarco (creado do infante D. Henrique, filho de D. João I) descobridor da ilha da Madeira, em 1419.

O *das Galés*, casou com D. Izabel Rodrigues Pacheco, filha de Diogo Lopes Pacheco. Era filho do *das Galés* e de D. Izabel, Fernão de Sá, que morreu em 20 de março de 1449, na batalha da Alfarrobeira (a 24 kilometros de Lisboa), em defeza do infante D. Pedro, tio e sogro de D. Affonso V.

João Rodrigues de Sá, filho de Fernão de Sá, casou tres vezes.

De sua 1.ª mulher, D. Catharina de Menezes, filha de Luiz de Azevedo, teve Henrique de Sá e Menezes, senhor de Cantanhede, por sua mulher, D. Beatriz de Menezes.

De sua 2.ª mulher, D. Leonor da Silva, teve João Rodrigues de Sá—*o Velho*—que casou com D. Camilla de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco, 1.º conde de Villa Nova de Portimão.

D'este casamento nasceu D. Francisco de Sá, conde de Mattosinhos, que morreu sem geração; passando a sua casa a seu sobrinho, João Rodrigues de Sá, casado com D. Luiza Henriques, dos quaes nasceu D. João Rodrigues de Sá, 1.º CONDE DE PENAGUIÃO, por Philippe III.

Foi 2.º conde, seu filho, D. Francisco Menezes e Sá.

Foi 3.º conde, o filho d'este, D. João Rodrigues de Sá e Menezes (no reinado de D. João IV)—succedeu-lhe seu filho

4.º conde, D. Francisco de Sá e Menezes; ao qual D. Affonso VI fez 1.º MARQUEZ DE FONTES (freguezia d'este concelho.)

Foi 5.º conde de Penaguião e 2.º marquez de Fontes, D. Rodrigo Pedro Annes de Sá Almeida e Menezes, que casou com D. Izabel de Lorena, filha unica de D. Nuno Alvares Pereira, 1.º DUQUE DO CADAVAL, e de sua mulher, D. Maria Henriqueta de Lorena, filha do principe Arcourt, em França.

Para evitar outro *autem genuit*, vide *Cadaval.*

A actual freguezia de S. Miguel de Lobrigos, denominava-se antigamente—*S. Miguel de Penaguião.* (Vide *Lobrigos*—S. Miguel.)

MARTIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 10 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Maria. (Nossa Senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento.

MARTIM—freguezia, Trás-os-Montes, no bispado de Miranda, hoje Bragança.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Foi supprimida por pequena, no principio do seculo XIX.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

MARTIM-GIL—Vide *Marrazes*.

MARTIM-LONGO—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Alcoutim, 45 kilometros de Fáro, 250 ao S. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 534 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento, fóra o dizimo.

—

Martim-Longo, é uma grande e rica aldeia, com boas casas, e menos mal arruada, situada a egual distancia de duas ribeiras; Vascão ao N., e Foupana ao S.

Está assente em uma collina, já fóra da serra do Algarve, dominada de todos os lados por grandes alturas.

O rio Guadiana, fica-lhe 25 kilometros a O.

A egreja matriz, é um bom templo de trez naves, e a mais antiga d'estes arredores.

O prior recebia o dizimo das *miúças*, que andava por 300$000 réis.

Era o unico do Algarve que recebia *primicias*.

A uns 350 metros do povo, ha uma lagôa, formada pelas aguas da chuva, que n'ella se conservam todo o anno, o que prejudica a saude dos povos visinhos.

É vasto o territorio d'esta parochia, pois tem 18 kilometros de comprido, por 12 de largo.

É composta a freguezia, de 26 aldeias pequenas.

Apezar de ser pouco abundante d'agua, é terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade. Tem poucos arvoredos.

Fabricam-se aqui tecidos grosseiros, de lan (*surianos, estamenhas* e *frizas*). Tambem se fazem aqui muitas meias de lan. Exportam de todos estes generos, em bastante quantidade.

Ha aqui uma grande feira, no dia de Corpus Christi.

Ha na freguezia varias olarias de louça ordinaria, que tambem se exporta.

Ha aqui muitos almocreves.

Nos seus montes, ha grande abundancia de caça, de toda a qualidade; pelo que ha na freguezia, muitos e mui destros caçadores de profissão, que exportam coelhos e (sobre tudo) perdizes, para varias terras, e até para Lisboa.

Tambem n'este territorio ha a celebrada *gran de carrasco* (kermes), tão querida e tão explorada pelos romanos.

Na *Cóva dos Mouros*, d'esta freguezia, ha uma grande mina de cobre, explorada, pelos srs. visconde de Carregoso e Antonio José Pereira de Magalhães. Já foi explorada pelos romanos, ou pelos arabes, do que ha muitos vestigios. Dá 22 por cento de pyrites e cobre *panaché*.

Fica proxima á aldeia de Vaqueiros.

Foi comprada ao seu primeiro proprietario, por 50 contos de réis.

—

Esta freguezia fica no termo da villa de Alcoutim.

No logar da *Berengeira* (Berengária, nome de mulher) pariu uma mulher, em 31 de agosto de 1728, cinco creanças em uma tarde. Quatro d'ellas receberam o baptismo. A mãe não sentiu mais encómmodo do que sentiria se o parto fosse de uma só creança. Chamava-se Brites Lopes, e era casada com Manuel Gonçalves.

MARTINCHEL ou **MARTINXEL**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros a O. da Guarda, 130 ao SE. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Castello Branco, districto de Santarem.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

MARTINÉGUAS ou **MARTINÉGAS**—portuguez antigo—fôro, tributo ou pensão que

se pagava em dia de S. Martinho, e d'essa circumstancia tomou o nome.

MARTINHO (S.) e **S. THIAGO**—freguezia, vide Lisboa.

MARTINHO (S.)—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 70 kilometros ao NE. de Coimbra, 280 ao E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Denomina-se vulgarmente (e é como se vê em todos os documentos antigos) *S. Martinho d'apar de Cêa*, para distinguir esta freguezia das outras do mesmo nome.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

MARTINHO (S.)—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca e concelho de Alcacer do Sal, 50 kilometros a O. de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 70 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

É terra muito fertil.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da conciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MARTINHO DE ANGUEIRA (S.)—freguezia, Tráz-os-Montes, vide *Angueira* (a 2.ª), a pag. 216 do 1.º vol.

MARTINHO D'ANTA (S.)—Vide *Anta*, a pag. 219, col. 2.ª, do 1.º vol.

MARTINHO D'ANTA (S.)—Vide *Anta*, a pag. 220, col. 1.ª, do 1.º vol.

MARTINHO D'ARVORE (S.)—Vide *Arvore*, a pag. 243 do 1.º vol.

MARTINHO DO CAMPO (S.)—Já a pag. 63, col 1.ª, do 2.º vol., sob a palavra—*Campo* (S. Martinho do), descrevi esta freguezia; mas repito-a aqui, não só por ter dito no 2.º volume, que era do bispado do Porto, quando é do arcebispado de Braga (êrro a que me induziu o *Portugal Sacro* e *Profano*) como porque desde então obtive mais alguns apontamentos.

Ha n'esta freguezia duas capellas publicas:

Nossa Senhora do Espinho—no monte do Espinho, junto ao rio Vizella, onde se faz uma festa e romaria, no ultimo domingo de julho.

Santissima Trindade (vulgarmente denominada do *Espirito Santo*)—junto ao logar do mesmo nome, que serve de *cruzeiro*, onde vão as procissões da freguezia; e, na terça feira das ladainhas de maio, quatro *clamores*, d'esta freguezia, da de S. Mamede de Negréllos, do Salvador do Campo e de Róriz. Foi fundada em 1560, por Luiz Fernandes, prior de Róriz, segundo consta do Tombo da freguezia, feito em 1539, no tempo do mesmo prior, que então se denominava abbade e reitor.

Está muito arruinada, mas ainda se póde lêr uma inscripção que está na verga da porta, que diz:

LUIZ FRZ. PRIOR DE RORIZ POSUIT. 1560.

Ha mais quatro capellas particulares, nas casas do *Outeiro*, *Arnozélla*, *Souto*, e *Ruivães*.

A melhor casa da freguezia, é a de Arnozélla, pertencente ao sr. João Evangelista Machado da Cunha Faria e Almeida, com o seu brazão de armas.

O rio Visella faz mover varias azenhas, e dois engenhos de preparar linho.

Tambem por esta freguezia passam dois pequenos ribeiros—um que vem de S. Mamede, e aqui se junta ao Visella, chama-se *Fundêlho*, outro que vem do *Bustêllo* (em S. Fins de Ferreira) e morre no Vizella, no logar do Monte.

Ambos regam e moem, e trazem algum peixe miudo.

Havia n'esta freguezia umas rézas, que o povo denominava *mal-rezadas*, cuja origem é a seguinte:

Dois individuos d'esta freguezia, legaram á confraria do *Sub-sino*, uma leira de terra e uma casa, com a obrigação dos irmãos resarem por alma de cada um dos doadores, 25 Padre Nossos e 25 Ave-Marias, em 12 domingos do anno.

Em virtude d'isto, determinavam os estatutos da confraria que, para maior commo-

didade do povo, se rezasse tudo em um ou dois domingos, designados pelo juiz, devendo cada chefe de familia apresentar-se na egreja, sob pena de 50 réis de multa.

No dia aprasado, reunia-se o povo no adro da egreja, e o juiz, ou quem o representava, principiava a interminavel reza, que constava de 12 *cabidos*, por alma de cada um dos taes doadores. Cada *cabido* constava de 25 Padres Nossos e 25 Ave-Marias, o que montava a 600 Padres nossos e 600 Ave-Marias —quando se rezasse tudo em um só dia.

Decorridos poucos annos, não podia uma tão comprida reza deixar de aborrecer á maior parte do povo, que, em vez de rezar com attenção, dormitava, ria, conversava, etc. Foi por isto que primeiramente deram a esta reza o nome de *monda* e depois *malrezadas*.

Os que tinham obrigação de assistir a isto, se foram pouco a pouco eximindo, até que o resto deixou de alli comparecer totalmente ha poucos annos.

MARTINHO DE CEDOFEITA (S.)—freguezia, Douro, na cidade do Porto, bairro Occidental, comarca, bispado e districto administrativo da mesma cidade; sendo um dos seus arrabaldes, fórma hoje (com o augmento das ruas do Porto, que se foram estendendo em todos os sentidos, do lado da terra) uma parte integrante da cidade.

Em 1757, ainda esta parochia era considerada suburbana, e tinha então 500 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

O parocho é D. Prior, e era da apresentação, *in solidum*, do papa. Tinha um rendimento calculado em 2 contos de réis; mas excedia muito esta quantia.

—

Na descripção da cidade do Porto, tratarei d'esta freguezia; aqui só direi o seguinte.—Hoje tem 2:400 fogos, e é administrada, no espiritual, pelo D. Prior (a quem vulgarmente denominam abbade) e dois curas parochos.

—

A egreja matriz e collegiada (a que alguns chamam *Sé*) de Cedofeita, foi fundada por Theodomiro, rei dos suevos, em 559, e n'ella foi baptisado o mesmo rei (depois de abjurar o arianismo) com seu filho, Ariamiro.

Foi Theodomiro que dedicou esta egreja a S. Martinho, bispo de Tours, estabelecendo-lhe, com rendas para a sua sustentação, uma collegiada de conegos, que por muitos annos viveram em communidade e conventualmente, observando a regra de Santo Agostinho; mas, pelo decurso do tempo, alcançaram bullas apostolicas, para viverem separados e em casas proprias. (O mesmo se deu com todos os conegos das differentes cathedraes do reino.)

A architectura d'esta egreja, só se recommenda pela sua antiguidade incontestavel. É de grosseira architectura gothica, baixa e com tôscas esculpturas. Foi sagrada por Lucrecio, bispo de Braga, no pontificado de João III, que governou a egreja de Deus, desde 561 até 575. Isto constava de uma inscripção que existiu sobre a porta principal da egreja, e que um pedreiro estupido desfez; mas, para que se não perca da memoria dos homens, esta antigualha, aqui a dou—dizia:

THEODOMIR. REX GLORIOS. V. EREX. ET
CONSTRUX. HOC MONAST. CAN. B. AUG.
AD GLOR. D. ET V. M. G. D. ET B.
MARTINI ET FECIT ITA SOLEMNIT. SA-
CRARI AB LUCRET. EP. BRAC. ET ALIIS
SUB J. III. P. M. PRIDIE IDUS NOV. AN.
D. DLIX. POST. ID. REX IN HAC ECCLES.
AB EOD. EP. PALAM BABT. ET FIL. ARIA-
MIR. CUM MAGNAT. SUIS, ET OMNES
CONVERSI AD FID. OB V. REG. ET MIRABI.
IN FIL. EX SAC. RELIQ. B. M. A GALLIIS
EO REG. POSTUL. TRANSLATIS, ET HIC
ASSERVATIS K. JAN. AN. D. DLX.
HANC INSCRIPT. AN. N. D. LVI. EX PER-
VET. LAPID. TRANSCRIPTAM, AC IN
ARCHIV. HUJUS ECCLESIAE INVENT. OPT.
PAR. MART. FILII POSUERE
ANN. M. D. CCLXVII.

—

Compunha-se esta collegiada, de um D. prior, com cinco mil crusados de renda (2:000$000 réis) um chantre, um mestre-escola, um thesoureiro-mór, oito conegos prebendados, tres de meia prebenda, oito capellães, sachristão, coristas, serventes, e um cura, para administrar os sacramentos.

Durante o dominio agareno, sempre aqui

se celebraram os officios divinos, mediante certo tributo; como acontecia em outras partes.

Os documentos mais antigos existentes no cartorio d'esta egreja, são de 1316.—Os outros, se os havia, desappareceram.

Gosava esta egreja grandes privilegios e isenções, e notaveis prerogativas.

Apesar de ter hoje (1875) MIL TREZENTOS E DEZESSEIS ANNOS, é dos poucos monumentos religiosos do seu tempo que nunca foi reedificado, soffrendo apenas leves concertos e pinturas.

Grande numero de varões illustres pertenceram a esta collegiada, extremando-se os seguintes:

S. Paschasio, discipulo do seu primeiro prior, S. Martinho de Dume, foi aqui conego.

D. Beltrão de Monfaves, foi D. prior commendatario e depois cardeal.

D. Jorge da Costa, D. prior commendatario e depois cardeal.

D. Gonçalo Pereira, deão do Porto, arcebispo de Braga e depois de Lisboa.

D. Manuel de Sousa, bispo de Silves e arcebispo de Braga.

D. Henrique, infante (irmão de D. João III) arcebispo de Braga e de Evora, cardeal, e depois rei de Portugal.

D. João Caetano Ursini, cardeal, D. prior commendatario.

D. Nicolau Monteiro, mestre dos reis D. Affonso VI e seu irmão, D. Pedro II, e bispo do Porto.

D. fr. José Maria de Affonseca Evora, D. prior commendatario, e bispo do Porto.

—

Os conegos d'esta collegiada eram antigamente senhores absolutos dos direitos de todo o pescado que se colhia desde Aveiro até á Galliza, e de outras muitas rendas, que lhes deu o rei Theodomiro.

Ainda hoje o cabido de Cedofeita recebe na cidade do Porto, e outras partes, grandes rendas, as absurdas *luctuosas* e os immoralissimos *dominios*, que são quasi todos de *cinco, um*—e até de 4, um—isto é, 20 e 25 por cento do valor da propriedade vendida, apesar da lei que determina que os dominios de bens de praso provenientes da corôa, sejam todos de 40—um—isto é—$2^1/_2$ por cento; o que tem dado causa a muitas e renhidas demandas.

Já a pag. 502 do 4.º vol. disse o que é *luctuosa:* accrescentarei aqui—este tributo absurdo e cruel, paga-se por fallecimento do emphiteuta.

A viuva, cercada dos filhos, desgraçados pela sua orphandade, e muitas vezes sem terem com que matar a fome, tem ainda por cima de pagar ao seu *senhor*, ou a *renda dobrada*, n'esse anno em que a morte do chefe de familia a deixou ao desamparo, ou dar ao rico (que até com a desgraça dos seus colonos especúla!) *a melhor peça movel ou semovente, do casal.*

Muitas vezes acontece ser esta *peça* uma junta de bois, a unica, a que ajudava a ganhar o pão da familia, e um *roubo legal* lha arrebata, para cúmulo de desgraça.

Não é menor absurdo, despotismo e crueldade o pagamento do *dominio*. Paga-se quando se vendem ou trocam bens de praso. Exemplifiquemos.

Pedro emprasou a Paullo uma terra esteril, que de nada lhe servia, mas o futuro emphiteuta projectava arrotear, e construir alli a sua choupana. A terra não valia mais de 5$000 réis, mas o *senhor* impingiu a por 110$000 réis [2] impondo lhe uma renda correspondente a 5 por cento da segunda avaliação—isto é—500 réis annuaes.

Aqui temos o caseiro pagando 10 por cento de juro ao anno, e portanto, o senhor mais que lo-

[2] Reduzo isto a dinheiro, por ser de mais facil comprehenção a hypothese.

cupletado do valor da propriedade.

O emphiteuta reduz o bréjo, matagal ou penedia, a terreno cultivado, e construe a sua casa. Compra (ás vezes com dinheiro a juros, e não poucas á custa dos maiores sacrificios) uma junta de bois, por 60$000 réis, para os trabalhos agricolas. Morre —a *melhor peça do casal* é a junta de bois, e lá vão para o *senhor*, que, tendo recebido juros dobrados do valor da *sua* terra, recebe agora 12 vezes o seu valor, e a renda continúa! — Isto, tantas vezes quantas tiver logar o fallecimento do chefe de familia.

Vimos que a terra emprasada apenas valia 5$000 réis. O emphiteuta, á força de trabalho, despezas e fadigas, transformando o terreno em terra de lavoura, o faz valer 200$000 réis (ás vezes gasta esta quantia, e mais, na arroteia.)—Construe uma casa, que vale 200$000 réis, para sua habitação; mas tem esgotado todos os seus recursos, deve o dinheiro da compra dos bois e todo ou parte do despendido em obras, e vê-se obrigado a vender tudo. Ha de o comprador pagar o dominio de 5, um, que são 80$000 réis—e torna o *senhor* a receber 16 vezes o valor da terra que emprasára.

Mais: o comprador manda edificar um palacio n'esta terra, e gastou na sua construcção 4 contos de réis. Pois se o quizer vender, tem de pagar ao *senhor* (elle ou o comprador, conforme o ajuste) 800$000 réis de dominio —isto é, 120 vezes o valor primittivo da propriedade!—e isto tantas vezes quantas forem as vendas ou trocas.

Eu bem sei que a lei *parece* mandar regular o pagamento do *dominio* segundo o valor do *sólo*, mas o senhor illude-a com as *condições* da escriptura de emprasamento, e recebe o dominio todo.

Mas ainda ha outra hypothese —o objecto emprasado é um casarão, que o emphiteuta reconstruiu, gastando muitos centos de mil réis, e ahi temos o pagamento de todo o valor da propriedade assim prodigiosamente melhorada, sem que o infeliz colono ou emphiteuta possa empregar o menor subterfugio para se eximir a este pagamento escandaloso.

Muitas escripturas de emprasamento são obscuras, mal redigidas, ou escriptas com as clausulas a que o vulgo dá o nome significativo de *clausulas de alçapão*, e, bem entendido, sempre contra o pobre; que se limita a acceitar todas as condições que o rico lhe quer impôr.

Todas estas circumstancias teem dado causa a obstinadas e dispendiosissimas demandas, nas quaes muitas vezes, cada parte, gasta mais do que o valor da propriedade que é objecto da disputa.

Os modernos legisladores, acabaram com a barbara, absurda e anachronica instituição dos morgados, e promulgaram leis justas, equitativas e beneficas em favor dos filhos segundos, com respeito á successão nos bens de praso; mas ainda se não lembraram de providenciar sobre pagamento de *dominios* e *luctuosas*, e as extorções e a escandalosa usura continúa.

Um grande numero de moradas de casas (em algumas partes, ruas inteiras) são, na cidade do Porto, *foreiras* ao cabido

de Cedofeita. Pouquissimas se vendem, por causa do monstruoso dominio, e o cabido tem gastado e feito gastar *rios de dinheiro*, em pleitos, que eram escusados, se houvesse uma lei geral e conscienciosa que providenciasse sobre a materia.

Apesar de ainda hoje o cabido e o D. prior de Cedofeita receberem grandes rendas, são pouco mais do que a *milesima* parte do que podiam ser. Os prasos antigos diziam—*O casal de..... pagará de renda..... alqueires de trigo, ou por cada alqueire 20 réis, á escolha do senhorio.*

O cabido preferiu o vintem ao alqueire de trigo, e assim recebeu por espaço de muitos annos. Quando o genero principiou a subir, o cabido pretendeu receber em trigo e não em dinheiro; mas os foreiros oppozeram-se, apegando-se á posse de mais de 40 annos, e os juizes, por esta vez, deram a sentença em favor dos opprimidos contra os oppressores.

Isto consta de documentos antigos e da tradição: ha porém escriptores que negam o facto; mas parece ser verdadeiro.

Por as achar curiosas e de reconhecido interesse historico, dou em seguida a cópia da carta de Abd-el-Assis, senhor do Porto, auctorisando os christãos a exercerem o culto catholico, na egreja de Cedofeita, e as doações de Theodomiro, D. Affonso Henriques, e D. Affonso II.

Carta de salvo conducto a favor do mosteiro de Cedofeita no tempo da dominação dos mouros.

É esta carta de jusgo [1] e consentimento, de Abdelassis Abem Mahomet senhor da cidade do Porto, e da gente de Nazareth, pela qual ordeno que os presbyteros e christãos do mosteiro de Cedofeita, que moram junto á dita cidade do Porto, e seu mosteiro, possúam os seus bens em paz e quietação, sem oppressão, vexame, ou força dos sarracenos; com a condição que não digam as missas senão com as portas fechadas, e não toquem as suas campanhas, e paguem pelo consentimento cincoenta pesantes [1] de boa prata, annualmente, e possam sahir e vir á cidade com liberdade, e quando quizerem, e não vão fóra dos termos do meu mando sem meu consentimento e vontade; assim o mando, e faço esta carta de salvo conducto e a dou ao dito mosteiro para que a possúa para seu jusgo. Feita esta carta na era dos christãos de DCCLV. Lunar a qual, Eu Abdelassis a firmei; e recebi pela confirmação 50 pesantes, e confirmei.

[1] Paz, socego.

Doação que fez ao mosteiro de Cedofeita Theodomiro, rei suevo.

In nomine Dei Alpha, et omega. Eu Theodomiro, rei, prostrado ante o altar das sagradas reliquias do bemaventurado Martinho, bispo de Tours, as quaes mandei vir de França; illuminado da verdadeira fé, e as fiz collocar no templo, agora chamado de Cedofeita, que fiz consagrar á sua memoria, em honra de Deus Trino em Pessoa, inseparaveis e indivisas e da Mãe de Deus, Templo inefavel de Jesus Deus humano, em que fielmente creio de todo o meu coração, conhecendo os beneficios que recebi da mão de Deus pelos rogos do bemaventurado Martinho, pela saude de minha alma, e da milagrosa saude de meu filho e povo, dou e faço perpetua renuncia ao altar do mesmo glorioso santo da herdade que fica contigua ao mosteiro com todo o juro real, que n'ella tenho; e faço couto demarcado pelos termos de parochia até o rio Douro, com suas pescarias do dito Douro, e Galliza, em que se estende o meu poder, e lhe dato os meus casaes e mais herdades, que são de meu jur e em terras de Fanic, Farin e Verneo, com todas as suas pertenças e territo-

[1] Pesante, era uma moeda de prata do tamanho de um tostão.

rios; e tudo fica ao dito altar para conservação do culto divino de Deus e da Virgem, e das mesmas sagradas reliquias; e para sustentação dos sacerdotes, que servem e ao diante servirem ao dito altar, em louvor perenne do mesmo Deus.

—

E a ti, Martinho, com o teu convento, acceitae este testemunho de firme doação, e órem na casa de Deus, por mim peccador.

Foi feita a carta, nonas de abril, anno da salvação 560.

Eu Theodomiro, famulo de Deus, com as proprias mãos a robóro e confirmo.—Theodomiro.

Doação do senhor rei D. Affonso Henriques.

Ego Alfonsus Portugaliae Rex, Simul cum Regina Uxore nostra Domna Mafalda donamus et concedimus Eclsiae, seu Monasterio Citofactae, et Abbati, et Canonices ejusdem, et eorum successoribus omnes haereditatis proximas ipsimet Ecclesiae quae confinant cum haereditatibus, et cum canto Ecclesiae Portugalensis, idest, per locum, que vocatur de Monchique, per germinaldum (*Germalde*) et monte Cativis, et por Paramios, deinde sicut currit in Durium per limites ejusdem Parrociae Citofacta us que in Durium, et facimus ipsas met haereditates, et territorium cautum perpetuum perpetua stabilitate firmissimum per suos terminos rellatos, et dictum Cautum confirmamus cum suis pescariis, et pertinentiis, ut eum, et eas jure perpetuo possideat ipsa Ecclesia Citofacta in honorum Beatae Mariae Virginis et Beati Martini Episcopi Turensis, cujos Sacro-Santae Reliquiae in praefacto Monasterio servantur, et in remedium animaram nostrorum, et pro remissione peccatorum nostrorum. Nemo autem alienorum, et propinquorum nostrorum hanc Cartulam donationis infringiere valeat.

Si quio vero de propinquie meis, vel de alienis hanc Cartulam donationis, seu Cantum errumpere, auferre, seu infringere putaverit, iram Dei incurrat, et a Sacratissimo Corpore, et Sanguini Domini nostri Jesus Christi alienus fiat, et, ut permaneat aevo perenne, et in seculae saeculorum.

Ego Alfonso et uxor nostra Regina literis mandavimus, et in memoriam praesentium, et futurorum manibus nostris roboramus, et confirmamus coram infra sub scriptis testibus.

Facta Charta apud Colimbriam, era milesima, centesima, octaginta sexta, die viginte mensis julii, Ego Aldefonsus, Rex Portugaliae—Ego Mafalda Regina confirmo—I. Colimbriae Episcopus — P. Portugalensis Épiscopus — T. Prior Ferdinandos Donatarios Regis Curiae — Petrus Pelagius Ceriae Signifer — Velascus Sancius — Gondisalvus Rodericus — Alfonsus Menedius — Gondisalvus de Souza—Ferdinandus, testis—Petrus Alfonsus, testis—Guilhelmus, testis—Albertus, Curiae Regis Cancellarius.

Doação do senhor rei D. Affonso II

D. Affonso por graça de Deus rei de Portugal, a vós meirinhos, juizes e justiças do nosso reino e coutos, quaesquer que d'este houverem conhecimento e a quem esta carta fôr mostrada, saude.

Sabei que o abbade e conegos do mosteiro de Cedofeita, do pé da cidade do Porto, nos disseram que D. Affonso, rei nosso senhor e avô, a quem Deus accrescente em sua gloria, repairara o dito mosteiro e anovadamente o dotára e lhe limitou e deu couto, marcado e divisado com divisões circumdadamente no termo e couto de arredor do dito mosteiro até o rio Douro, e mandou e outhorgou que o dito couto assim dotado ficasse tirado de seu senhorio e dos outros reis que após d'elle viessem e que fosse para sempre no dito mosteiro a louvor da Madre Virgem de Deus e S. Martinho, bispo de Turon, cujo é o dito mosteiro, e isto em remedio de sua alma e da rainha sua mulher, defendendo sob horrendas penas que nenhum rei nem outra pessoa lh'o possa tolher, como tudo é contheudo na dita doação e carta que tudo lhe fôra aguardado até á morte de el-rei nosso pae, a que Deus perdoe, e isto nos constou por inquirições que se julgaram por sentença para que os nos-

sos juizes e meirinhos não entrassem no dito couto e suas pescaduras, e que se não deixem entrar no dito rio e foz da barra da mesma cidade do Porto até Galliza, a fazer pesca alguma, sem outhorga do dito abbade e mosteiro, para assim haver os direitos da dizima de todo o pescado que se acolher no dito rio Douro e dito termo até Galliza, assim como sempre o hoveram e se ha julgado e dizem tambem o abbade e conegos que algumas pessoas poderosas lhe entram no seu couto contra sua vontade, no que tem damno a sua egreja e mosteiro, e lhe fazem muitas sem razões, como nos devassos, e que lhe usurpam seu senhorio e jurisdicção, e que lhe não guardam seus privilegios e carta de el-rei nosso avô e pediram-nos por mercê que houvessemos sobre elle ao dito mosteiro remedio.

E nós vendo o que a esta razão nos pediram, temos por bem e mandamos a vós que cumpraes e façaes guardar a dita carta do dito nosso senhor avô e sentença que sobre elle tem a dita egreja e mosteiro e tudo façaes cumprir como nos ditos papeis é contheudo, e não soffraes nem consintaes a nenhumas pessoas de nenhuma condição que lhe entrem e devassem o dito couto e seus montados, nem lhe talhem madeira que houverem dentro do dito seu couto, nem lhe devassem os seus maninhos, nem lhe vão pescar e fazer pescaduras ao rio e seu districto até Galliza, sem sua vontade, nem lhe farão algum dezaguizado de nenhuma outra guiza, sob pena dos nossos incoutos e de seis mil soldos que mandamos que pague para nós qualquer que contra isso fôr.

E mandamos a vós que assim o façaes cumprir, por ser nossa mercê de haver ao dito mosteiro aguardado e defensado em tudo, pela guiza que na dita doação e privilegio e sentença é contheudo. Vós al não façaes.

Em testemunho d'este, mandamos dar ao dito mosteiro esta nossa carta de sentença.

Fernam Soares a fez por nosso mandado, em Santarem, a tres dias andados de abril, era de mil duzentos e cincoenta e seis.

Para não fatigar o leitor, não dou na sua integra as doações feitas pelos reis de Portugal, que succederam a D. Affonso II; limitando-me a dizer:

D. Affonso III, doou a Valasco Fagundes, abbade de Cedofeita (abbas de Citofacta) o dizimo do peixe colhido nas vargas (redes) do rio Douro, em frente de *Verdugo*, *Ribeira de Abbade* (aldeias sobre a margem do Douro) e um savel por cada tres (!) pescados no couto de Campanhan, em terra de Gondomar. Esta doação é datada das kalendas de abril, da era de 1307 (1269 de Jesus Christo.)

D. Diniz, estando em Braga, outhorgou um alvará (em 7 de julho de 1290) concedendo a confirmação ao abbade da collegiada de Cedofeita, do Porto, do privilegio do seu couto (as freguezias de Cedofeita e Maçarellos) e que os officiaes do rei não embaraçassem a tiragem do sal das marinhas de Maçarellos, que eram da collegiada.

Este alvará foi origem de graves demandas entre os reis e os conegos de Cedofeita, e depois entre estes e os bispos do Porto.

D. Affonso IV, por uma sua provisão de 3 de julho, da era de 1363 (1325, *o 1.º anno do seu reinado—estando em Lisboa*) diz que Francisco, procurador do cardeal abbade de Cedofeita, lhe diz que «no couto de Cedofeita ha uma aldeia chamada Maçarellos, e «que os homens que n'ella habitam, viveram «sempre de pescaria, e que dos saveis e das «lampreias que pescam, no tempo das andainas, davam a oitava parte, e que d'esse e «do al, dão a decima á egreja de Cedofeita, e «não mais. E diz que esses homens do dito «logar, usaram sempre comnosco e com os «de Villa Nova do Porto (*Villa Nova de «Gaia*) como com seus visinhos, de que óra «estes homens de Cedofeita, não ousam em «hir pescar no mar nem no Douro, nem hir «á Galliza, portar (*levar*) mercandias (*mercadorias*) assim como antes soiam porque «dizem que os achaquados (*prejudicados*) se «temem de lhe fazerem mal e dezaguizado— «e isto (*diz o rei*) não o tenho eu por bem «se assim é, pelo que vos mando (*aos juizes «e ao alcaide de Gaia*) que os ditos homens, «que moram no dito couto de Cedofeita

«no logar de Maçarellos que os deixeis nas «ditas cousas, usar convosco como até aqui «usaram, e não os achaqueis nem façaes «mal nem força, etc. etc.»

O mesmo rei D. Affonso IV, a 14 do referido mez de julho, tambem outhorgou uma provisão, na qual se lê—«E pediu-me ou«trosim (*o dito procurador Francisco*) por «mercê, que eu o mandasse que lhe guar«dassem, as cartas das mercês que tem de «nós e dos reis d'onde nós vimos, como em «ellas é contheudo; e eu, vendo o que me «pedia, e por querer-lhe fazer graça e mer«cê, outorgo-lhe e confirmo todas as graças, «mercês, bemfeitorias e liberdades que nas «ditas cartas são contheudas, etc. etc.

D. Pedro I, estando no Porto, outhorgou em 12 de maio da era de 1403 (1365) uma provisão, na qual diz—«sabei que a mim foi «querelado, pelos conegos e cabido do mos«teiro de S. Martinho de Cedofeita, do pé da «cidade do Porto, que não podia haver todo «o derradeiro e cumprido effeito, por os jui«zes e officiaes das minhas justiças, para o «seu mosteiro e egreja haver a disima da «pescadura que se colhe do mar em fóra, «até Galliza, como sohia haver, e sempre o «houveram, em força da carta do senhor rei «D. Affonso, etc., etc.... E que outrosim «lhe devassavam a pescaria do rio e seu «couto, e os seus maninhos e montados, fa«zendo-lhe outras semrazões e dezaguiza«dos, etc., etc.»

Termina por confirmar ao mosteiro de Cedofeita todas as suas antigas doações e privilegios.

D. João I, estando no Porto, confirmou, por alvará de 7 de outubro da era de 1423 (1385 de Jesus Christo) á collegiada de Cedofeita, os ditos privilegios e doações.

D. Duarte, fez o mesmo, em 5 de dezembro do anno de 1433.

D. Affonso V, em 17 de março do anno de 1439.

Ainda confirmou este alvará, por outro, dado em Camarate, a 20 de agosto, do mesmo anno de 1439.

D. João II, em Setúbal, a 7 de setembro de 1484.

A antiga freguezia de Cedofeita era muito mais vasta do que actualmente, pois comprehendia no seu ambito o seguinte—principiando no fim da actual rua da Rainha (antiga estrada do *Sério*) onde havia um marco, corria a medição pelo Monte Pedral até ao Carvalhido (actual rua da Natária) tudo da parte do N., confrontando com Paranhos.

Do Carvalhido cortava a medição para a rua da Carcereira, até Cóva do Monte, fim da quinta dos Wanzelléres, tudo do lado do O. (do mar) partindo com Ramalde, hindo do mesmo lado, fazendo uma curva, até perto da propriedade do Salabert, até uma casa terrea que está á esquerda da estrada de Lordéllo. D'alli seguia até terminar no rio Douro. D'alli cortava na direcção de E., pela margem do rio, até á calçada de Monchique, que era toda d'esta freguezia.—Seguia pela travessa da Bandeirinha, comprehendendo o célebre palacio dos Cunhas (Bandeirinha) e a sua quinta.—Subia á rua dos Carrancas, que era só d'esta freguezia o lado esquerdo (o direito era da freguezia de S. Pedro de Miragaia.)—Dirigia-se a medição até ao adro dos enforcados, partindo ahi com a freguezia de Santo Ildefonso, e seguindo pela rua do Paço, lado esquerdo, hia até á cêrca dos frades do Carmo, e d'ahi, pela travessa do Carregal, a topar no cunhal do hospital do Carmo, onde estava o marco divisorio, que o separava do de Santo Ildefonso, hindo conforme a configuração da praça dos Ferradores (hoje de Carlos Alberto) até ao cunhal da casa dos viscondes de Balsemão (hoje propriedade dos viscondes da Trindade) lado esquerdo, e em volta do muro (onde agora ha um jardim) até á rua das Oliveiras, e d'esta pela rua da Sovélla (hoje dos *Martyres da Liberdade*) até ao campo de Santo Ovidio (hoje da *Regeneração*) pelo lado esquerdo da rua da Lapa (antigamente Germalde) e d'ahi pela rua da Rainha, lado esquerdo (O.) até onde principiou esta medição.

Esta medição, que era a primittiva, foi alterada no meiado do seculo XVI, quando se creou a freguezia da Boa-Viagem (Maça-

rellos) que todavia ficou sendo filial de Cedofeita.

—

É Cedofeita uma das freguezias que mais tem prosperado e que mais se tem desenvolvido e ampliado, na cidade do Porto.

A estrada — rua da Boa-Vista, uma das mais bonitas do reino, e com certeza a mais comprida, pois virá a ter 5 kilometros de comprimento, é n'esta freguezia.

É n'esta rua o bello hospital militar, construido segundo todas as regras hygienicas indicadas pela sciencia moderna, e que está quasi concluido, contendo já todos os doentes da guarnição.

A uns 400 metros ao S. da rua da Boa Vista, é o cemiterio d'Agramonte, o melhor e mais formoso e moderno da cidade do Porto. É uma vasta planicie horisontal, com bonitas vistas, tendo ao centro uma formosissima capella, de architectura gothica, e já aqui se vêem luxuosos mausoleus. Foi primeiramente cemiterio dos irracionaes.

Muitos edificios antigos e modernos, de grande magnificencia, estão situados n'esta freguezia, sendo um dos principaes, o palacio dos Figueirôas, que, por herança, pertence actualmente á sr.ª condessa de Rézende, viscondessa de Beire. Tem dois pequenos jardins aos lados da entrada principal, um vasto e bonito jardim ao O., seguido de um grande parque, tambem ajardinado, e depois uma quinta, que é a maior que se vê dentro da cidade. Ao fundo da quinta (rua de Cedofeita) dá entrada para ella, um sumptuoso pavilhão de cantaria, tendo na fachada as armas dos Figueirôas. Está porém em abandono, e precisando urgentemente de reparos. A frente da quinta olha para o vasto Campo de Santo Ovidio, onde está o quartel de infanteria n.º 18, que é o melhor e maior do Porto.

A rua de Cedofeita, é tambem uma das mais extensas da cidade.

Segundo Agostinho Rebello da Costa (*Descrip. Topogr. e Hist. da cidade do Porto*, pag. 44) tinha esta freguezia, em 1787, 805 fogos, 2:389 homens, e 1:672 mulheres.

—

Tudo o mais que se desejar saber d'esta freguezia, e que se não ache aqui, vem na descripção da cidade do Porto, onde se deve procurar.

MARTINHO (S.) — Vide *Arvore, Campo, Bougado, Recesinhos, Chans, Gandara, Moure* e *Moutas*.

MARTINHO DA CORTIÇA (S.)—Vide *Cortiça*, a pag. 402 do 2.º vol.

MARTINHO DE COURA (S.)—Vide *Coura*.

MARTINHO DE MOUROS (S.)—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 10 kilometros ao NO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 345 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Houve aqui a *honra dos Cardosos*, da qual foi morgado, Luiz Vaz Cardoso de Menezes, tronco dos Cardosos do Amaral, e dos Amaraes Cardosos, dos Olivaes, no termo de Lisboa; de Viseu e outras terras. Ainda aqui é o solar dos Cardosos.

Em 1295, deu o mosteiro de Salzêdas, *carta de fôro* ao logar de *Villa Chan*, na aldeia de *Quantim*, d'esta freguezia.—Segundo esta carta (foral) não pagavam os moradores de Villa Chan, ao rei, *vós* nem *cooha* (coima) salvo de *rouso* (violação de mulher) *homem morto* (homicidio) e *merda in bucca*. (Vide *Merda em bôcca*).

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se acharam tres casaes, que a Ordem do Hospital tinha, n'esta freguezia, no logar de Portugéés (hoje *Portuges*) pertencentes á commenda de Barrô — *quae fuerunt de Meono* (senhor) *domno Egea*. [1]

[1] Nos seculos XII e XIII, se dava o honroso tratamento de *meona* e *meana* a senhoras de idade avançada, ou a viuvas (ainda que fossem novas) da primeira nobreza. *Meona* ou *meana*, vinha a ser o mesmo que *madama* ou *madona*. Com o tempo, *meana* se veio a corromper em *mana*, com a mesma significação; e por fim, *mana* veio a significar *irman* (quando a esta se queria applicar uma expressão de mimo).

Hoje, muita gente diz — *minha mana* —

Egas Moniz e sua mulher, D. Dordia, compraram a *João Sonilo* e sua mulher, Elvira, em 1105, uma herdade, em Paredes, de S. Martinho de Mouros, por 10 *módios*. Já os mesmos (Egas Moniz e mulher) tinham comprado no mesmo sitio, outra herdade, a *Joab* e sua mulher Julia, em 1099. (D. Dórdia, morreu antes de 1116). [1]

A villa de S. Martinho de Mouros, foi cabeça de concelho desde os primeiros tempos da nossa monarchia; que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

A rainha D. Thereza, regente do reino, na menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques, deu foral a esta villa, no 1.º de março de 1121. (Maço 8 dos foraes antigos, n.º 6. Acha-se impresso, com os *Costumes*, no tomo 4.º de ineditos de Hist. Port., pag. 679).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 83 v., col. 2.ª)

—

Aqui nasceu, em 1784, D. José do Coração de Maria, conego da Sé cathedral de Lisboa, que falleceu n'esta cidade, e em abril de 1874. Era um varão de muito saber e de exemplar virtude.

—

Está a freguezia situada em terreno accidentado, nas vertentes septentrionaes do monte do seu nome, sobre a margem esquerda do Douro, a 7 kilometros ao O. da villa do Pêso da Regua, e quasi em frente da villa de Mezão-Frio.

É freguezia populosa, contendo um extenso territorio. Confina ao N. com o rio Douro; ao S., com as freguezias de Penude e Almacave (esta já dentro da cidade de Lamego); pelo E., com a freguezia de Barrô; e pelo O. com as de S. João de Fontoura e S. Pedro de Páus.

O seu clima é ameno e saudavel até meia encosta do monte, mas aspero e desabrido d'ahi para cima, até á raia da Penêda, comprehendendo parte da serra das *Meadas*, que de inverno está coberta de neve, em quanto que na parte inferior da freguezia (margem do rio) se goza de uma temperatura agradavel.

É freguezia antiquissima, pois, como diz o proprio nome, foi *de Mouros*; mas crê-se que data de tempos mais remotos, e que já fôra povoada pelos godos e romanos.

A egreja matriz é um templo respeitavel, de construcção gothica, e muito antigo, mas muito bem conservado, por ser todo de granito. No arco cruzeiro se vê a data de—707—mas é tradição firme que remonta á occupação dos mouros, e que fôra obra d'elles, como outros muitos templos da peninsula.

Tem esta egreja um orgão que passa por ser o melhor de toda a diocese.

Á Universidade de Coimbra pertencia o direito do padroado, e os parochos d'esta egreja apresentavam os de Gosende e S. João de Frontoura, e nomeavam os oito beneficiados do seu côro; mas tudo isso passou á historia. Resta, porém, ainda um bom passal, doação da condessa de Marialva, D. Brites.

No sitio denominado o *Castello*, suppõe-se que tiveram os mouros (e talvez os godos ou romanos) uma fortaleza, e alli se admira ainda uma gruta espaçosa, que tem sido visitada por diversos, mas que ainda não foi convenientemente estudada; e em outros muitos pontos d'esta freguezia se encontram vestigios de remotissima occupação.

Esta freguezia foi muitos annos séde de um concelho independente, com seu tribunal, cadeia, pelourinho, etc., e teve um amplo foral com grandes isenções e privilegios, concedido pela rainha D. Thereza e o infante D. Affonso, seu filho. Mas desde o anno de 1855 foi encorporada no concelho e

quando falla de sua irman a um terceiro; mas é tolice.

Tudo isto, *mutatis mutandis*, tem applicação ao sexo masculino.

[1] *Módio*, era uma medida agraria (môio) e tambem se suppõe ser certa moeda antiga, que existia ainda nos seculos XI e XII. O módio, quer fosse medida, quer moeda, não era igual em todo o reino. Como medida, em umas partes era um almude, em outras um alqueire, e em outras, muito mais. Eu supponho que *módio*, moeda, era o valor em dinheiro, equivalente ao *módio*, medida, da terra a que o contracto se referia.

Vide a palavra *Almude*, a pag. 157, 1.ª col., do 1.º vol., onde trato d'isto mais circumstanciadamente.

comarca de Rézende, d'onde dista 5 kilometros.

Ha n'esta freguezia casas antigas e familias muito notaveis. A casa do *Paço de Cardoso*, tão antiga como a monarchia portugueza, senão mais, é hoje propriedade do sr. Ascensio de Sousa, residente em Lisboa, e descendente dos antigos e muito nobres condes de S. Martinho.

A casa de *Porto de Rei*, que foi de D. Chrystovão de Noronha Mello e Faro de Barreto, feita por um seu antepassado, vice-rei da India, é um dos palacetes mais notaveis que se encontram nas margens do Douro, e teve uma custosa baixella; mas em toda esta freguezia a casa que hoje mais avulta é o palacio da Soenga, do ex.mo sr. D. Joaquim d'Azevedo Mello e Faro, sobrinho paterno do muito illustrado sr. D. Frederico, lente jubilado de direito, na Universidade de Coimbra.

Casou o sr. D. Joaquim com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva; tem successão, e é um cavalheiro que dá lustre á sua nobilissima familia, alliando á nobreza herdada a nobreza propria, pois é um cidadão probo e muito illustrado, e um distincto amador de floricultura e horticultura. E succedendo, como unico filho varão que era, na casa de seus paes antes da abolição dos vinculos, possue uma boa fortuna.

Um dos monumentos que mais distingue esta freguezia é o Sanctuario do Senhor do Calvario, na aldeia da Feira Nova, cuja romaria é no ultimo domingo de agosto e a mais notavel d'esta provincia, depois das de Nossa Senhora dos Remedios e da Lapa.

Alli afflue n'aquelle dia extraordinaria multidão de fieis das freguezias circumvisinhas e das provincias lemitrophes, até grande distancia, podendo calcular se em réis 500$000 por anno as offertas, somma que se emprega nas obras do sanctuario e nas despezas com a festividade, sempre muito solemne e apparatosa.

Por occasião d'esta romagem, tem havido aqui muitas desordens, apezar de vir todos os annos de Lamego um destacamento de 70 a 80 praças, só para policiar o arraial.

Os povos circumvisinhos, costumam ir n'aquelle dia á funcção, agrupados, e como que arregimentados, levando por musica um enorme bombo, duas ou tres violas, ferrinhos, um clarinete e duas rebecas, tocando a classica chula da provincia, e á frente, dançando em columna, dois a dois, ás vezes por espaço de leguas e caminhos diabolicos, os moços e moças mais janotas da terra, caprichando em que o seu descante dê na vista, e distinguindo se sempre entre todos o descante de Barqueiros (freguezia fronteira, e terra natal do infeliz dr. José Julio), pela força e garbo com que se apresentam, e pela generosidade em distribuirem grossa pancadaria e *algo más*, quando alguem pretenda contestar-lhes a primasia—não trepidando mesmo em frente do destacamento inteiro.

É realmente Barqueiros, uma terra de valentões, como poucas nas margens do Douro; e embora entre elles haja attritos e desintelligencias, n'aquelle dia cessa tudo para formaram no imponente descante, e darem as leis no grande arraial do Calvario.

Esta aldeia, denominada *Feira Nova*, é importante.

Ha aqui feira nos dias 1 e 13 de cada mez; praça duas vezes por semana, e muito commercio, pois tem sete lojas bem sortidas de fazendas diversas, rivalisando algumas com os bons estabelecimentos das grandes cidades;—nomeadamente a loja do sr. Narciso Ferreira Bastos, cujo movimento occupa permanentemente cinco pessoas no serviço do balcão.

Falleceu aqui ha annos, de provecta idade, Maria Joaquina, que do seu casamento com Luiz de Magalhães deixou prodigiosa descendencia.

Quasi todos os habitantes actuaes d'esta aldeia, são filhos, netos, bisnetos e terceiros netos da tal sr.ª Maria Joaquina, a muito conhecia *Tendeira da Feira Nova*, respeitavel matrona que, sentada no seu pateo, dizia com orgulho e muita satisfeita que, se de alli erguêra a voz, podia reunir um batalhão de pessoas, todas de sangue seu.

Tem tambem esta aldeia, correio diario.

Esta freguezia, é a que dá o titulo aos srs. condes de S. Martinho, do appellido Sequeira Freire.

Em 7 de fevereiro de 1875, falleceu em Lisboa, a sr.ª D. Maria da Graça Lobo da Silveira (da noblissima casa dos condes-barões —hoje marquezes de Alvito) condessa de S. Martinho.

Era uma senhora virtuosa. Tinha nascido em 1800.

Sequeira é um appellido nobre em Portugal, cuja familia descende de Gonçalo Annes Redondo, casado em segundas nupcias com D. Urraca Fernandes, dotada com a quinta e honra de Sequeira, na freguezia de Santa Maria de Sequeira (termo de Barcellos, antigamente, mas hoje concelho e comarca de Braga.)

Tomaram seus descendentes, por appellido, o nome da quinta, onde fizeram o seu solar.

Trazem por armas—em campo azul, cinco vieiras de ouro, em aspas, realçadas de negro. Elmo de aço aberto, e por timbre, 4 plumas asues, guarnecidas de ouro, com uma das vieiras das armas no meio.

D. Fernão Rodrigues Sequeira, foi mestre de Aviz, no reinado de D. João I, e tem a sua sepultura na egreja do convento de Aviz, na qual sepultura se vê o escudo de suas armas, e aos quatro cantos, as armas de Calatrava, de ouro e negro, e sobre ellas um penacho. Timbre, uma *arvore da fortuna*, com a legenda:

AVES, AVIS.
SEQUEIRA SEQUEIRA.

—

Para a familia e armas dos Lobos da Silveira, vide Alvito.

MARTINHO DO BISPO (S.) — freguezia, Douro, concelho, comarca, e 3 kilometros ao O. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 703 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O bispo-conde (de Coimbra) apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É uma freguezia grande, rica e fertil, em todos os generos agricolas, produzindo muito bom vinho.

É abundante de peixe do Mondego (que lhe fica proximo) e do mar, o qual lhe vem pela Figueira da Foz.

MARTINHO DO PÊSO (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

MARTINHO DO PORTO (S.)—villa, Extremadura, comarca, concelho, e 15 kilometros de Alcobaça, 95 ao NO. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

O D. Abbade geral de Alcobaça apresentava o prior (por ser esta uma das villas dos seus coutos); tinha (o parocho) de rendimento, 1 alqueire de trigo de cada fogo.

É porto de mar. A sua barra está entre duas serras formadas de grandes penhascos.

Ainda no seculo XVIII, aqui entravam náus, e aqui mesmo se construiam. Hoje apenas aqui podem entrar hiates, rascas e embarcações miudas; e ainda aqui ha um estaleiro para vasos d'esta ultima qualidade.

N'este porto embarcam os productos das fabricas da Marinha Grande, e do pinhal de Leiria, que para aqui vêem por um caminho americano. (Vide *Marinha Grande.*)

Dista esta villa 3 kilometros ao N. de Alfeizirão, em um alto, junto a uma serra, que, pela parte do mar, continúa até S. Gião (S. Julião.)

O mar, entrando por entre os penhascos da barra, fórma do lado da terra um braço de mar, ou enseada, com 3 kilometros de circumferencia. Dão a esta enseada, vulgarmente, o nome de concha.

A sua profundidade é muito pequena, tendo actualmente na barra, apenas uns 5 metros, quando muito.

A largura da barra é de uns 290 metros, e o seu comprimento não excede a 1:110 metros.

A 1:500 metros ao O. da *concha*, já o mar tem mais de 40 metros de profundidade.

Em eras remotas, era este porto importantissimo, pois aqui affluiam muitas embarcações, estendendo-se então as margens da enseada até á villa de Alfeizirão; como consta de documentos do cartorio do real mosteiro de Alcobaça. No principio do seculo XVI, vindo aqui um syndico d'aquelle mosteiro, encontrou 80 navios fundeados.

Fica o porto entre Nazareth e a lagôa de Obidos, e a 10 kilometros das Caldas da Rainha.

Nos mappas hydrographicos ainda se dá a este porto o seu antigo nome, que era *Sallir*.

Era de urgentissima necessidade a desobstrucção d'este porto, para que elle e a villa tornassem á sua antiga importancia.

—

O 1.º foral d'esta villa lhe foi dado em 1295, pelo D. Abbade de Alcobaça. (*Livro Preto*, da cathedral de Coimbra, fl. 89.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1518. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 134, col. 1.ª—Vejam-se apontamentos para o seu foral, no maço 1.º de foraes antigos, n.º 12.º)

—

Consta que nos fins do seculo XVII, se construiram n'este porto, as náus *Nossa Senhora de Nazareth* e a *Oliveirinha*, ambas de 60 peças, e que no principio do seculo XVIII tambem aqui se fizeram 2 fragatas, de 30 e tantas peças cada uma, sendo constructores Antonio da Silva e Manuel Vicente.

Tambem consta que foram aqui fabricados a maior parte dos vasos de guerra com que o infeliz rei D. Sebastião foi invadir a Africa em 1578, e que deu em resultado a desastrosa batalha de Alcacer-Quibir.

—

A villa de S. Martinho do Porto, é pequena, mas bonita. Estende-se em amphitheatro, á beira das aguas placidas da *concha*.

O vetusto castello que defendia a barra, está edificado em um morro alcantilado e, por isso, de incommodo accesso.

Está em ruinas, como quasi todas as nossas fortificações.

Em outro monte não menos penhascoso do que o do castello, está a capella de Santo Antonio.

Tanto d'este sitio, como da velha fortaleza, se gosa um imponente e vasto panorama.

Sobre outro pincaro elevado, está a ermida de S. Domingos, que serve de guia aos navegantes do alto mar, que demandam o porto. O povo tem por devoção accender uma luz n'esta capellinha, para que se aviste do mar, e os marinheiros se guiem por ella.

MARTYRES—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho e 6 kilometros do Crato, 190 ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Martyres.

É no grão-priorado do Crato, e por isso annexa ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de pão e 1 pipa de vinho.

É terra fertil em cereaes.

MARUJA—Vide *Meruje*.

MARVÃO—ribeira, Alemtejo—Vide *Sevêr*, rio.

MARVÃO—villa—praça d'armas—Alemtejo, comarca, e 12 kilometros ao NE. de Poralegre, cabeça do concelho do seu nome, 10 de Aramênha, 6 kilometros ao SE. de Castello de Vide, 180 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago Santa Maria. (ou Nossa Senhora da Estrella.)

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Até ha poucos annos, teve duas freguezias.

Nossa Senhora da Estrella, com 114 fogos.

O grão-prior do Crato, apresentava o prior que tinha 500$000 réis de rendimento.

S. Thiago, com 139 fogos.

O parocho era tambem prior, e da mesma apresentação; tinha 600$000 réis de rendimento.

O concelho de Marvão, é apenas composto de tres freguezias (todas no bispado de Portalegre)—Aramênha, Areias e Marvão; todas com 960 fogos.

Está situada sobre a escarpada serra do seu nome (o *Herminius minor* dos romanos) com 3 kilometros de subida (200 metros sobre o nivel do mar) da qual se goza um vasto panorama, vendo-se a serra da Estrella, (o *Herminius maior* dos romanos), a serra de Béja, muitas povoações, montes e valles.

Esta praça é na raia, a 6 kilometros ao O. da Extremadura hespanhola. (A povoação do reino visinho que lhe fica mais proxima, é Vallença de Alcantara, a 12 kilometros a O.)

É povoação antiquissima, fundada pelos *herminios* (povos da serra da Estrella) 44 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Aramenha*. (Vide esta palavra.) Outros dizem que o seu primeiro nome foi *Medobriga*.

Parece que os mouros aqui fizeram grande mortandade nos christãos, quando invadiram a Lusitania, em 715, e que os que escaparam, se foram refugiar na serra.

Em 770, *Maruan* ou *Marvan*, mouro (africano) senhor de Coimbra, a mandou povoar dando-lhe o seu nome.

Maruan, é palavra arabe, significa—suave, agradavel, ameno, etc.

D. Affonso I a tomou aos mouros, em 1166. D. Diniz, lhe mandou construir o seu castello, e cercou de muralhas (banhadas pelo rio *Aramenha*), em 1299.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.º

Fóra dos muros ha um mosteiro, que foi de frades franciscanos.

Foi *couto do reino* (ou de *homisiados*) instituido para refugio de malfeitores, que aqui não podiam ser molestados. (Vide *Couto*. a pag. 415, col. 1.ª. do 2.º volume.)

Estes coutos foram abolidos por uma lei de 1790; mas inventaram-se as *cartas de seguro;* vindo a ficar a emenda peior que o soneto.

Segundo alguns escriptores, era aqui o assento da célebre cidade romana, por elles chamada *Medobrica* (corrupção de *Medobriga*.)

É certo que por estes sitios tem apparecido muitos restos de construcções romanas, e outros vestigios do seu tempo.

Em uma quinta do seu termo, que foi dos marquezes de Tancos (condes da Atalaia) se tem encontrado muitas amphoras, de barro, medalhas, inscripções e outras antiguidades de grande valor archeologico; assim como restos de grandes edificios soterrados.

Dentro da villa ha duas cisternas, uma das quaes póde conter agua para fornecer por 6 mezes a guarnição da fortaleza e os habitantes da villa. Está no castello, junto á entrada. D'ellas se fornecem de agua os moradores da villa.

A mais pequena é de agua nativa.

Tambem se vae buscar agua a uma fonte que fica na encosta do monte, proximo ao caminho que vae para a villa.

—

D. Sancho II lhe deu o seu primeiro foral, em 1226. (Maço 11 dos foraes antigos, n.º 9.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 67, col. 1.ª)

Os condes da Atalaia (marquezes de Tancos) eram alcaides-mores, hereditarios da praça de Marvão.

—

O brazão d'armas d'esta villa, é—em campo azul, um castello de ouro, e sobre elle o escudo das Quinas portuguezas, entre duas chaves.

—

É a serra de Marvão um ramo da serra de Portalegre, e no plató de um dos seus mais altos cabeços é que está situada a villa e a fortaleza.

Para o N., S. e O., é todo o monte formado de rocha viva, e como que cortado a prumo, até um profundissimo valle, com taes quebradas e tão escarpada penedia, que o accesso é impossivel por alli.

Sobe-se para a villa pela parte de léste, onde o monte não tem rochedos e se eleva com um declive menos precipitado; mas, mesmo assim, ha apenas para a subida duas calçadas, ingremes, tortuosas e de penoso transito.

Como a fronteira é d'este lado, são aqui as principaes fortificações da praça.

Dos outros tres lados é ella terrivelmente inexpugnavel por natureza.

A primeira muralha está construida ao fundo do monte, servindo-lhe de fosso o rio *Aramenho*: dentro da villa e a O. d'ella está o castello com seus baluartes.

Durante a guerra dos 27 annos (de 1640 a 1668) foram concertadas as fortificações e se lhe fizeram algumas obras, segundo o systema moderno.

—

Ha na villa 4 ermidas.

De varios sitios da villa se descobre um dilatadissimo horisonte, como já fica dito.

O rio Aramenho, rega e fertiliza os campos circumvisinhos, onde ha algumas hortas e pomares.

No termo ha abundancia de cereaes, legumes, fructas e azeite. Cria-se por aqui bastante gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

—

Pelas immediações de Marvão se teem descobrido varias ruinas de edificios antiquissimos, em uma vasta extensão de terreno; o que prova ter aqui havido uma cidade ou povoação importante. Segundo varios escriptores, foi a cidade de Medobriga, porém o padre Luiz Cardoso, da congregação de S. Philippe Nery, e um dos nossos mais estudiosos archeologos, diz que era aqui o assento da velha cidade de *Arménia*. Funda-se elle em o nome de *Aramenha* dado á villa proxima, e do de *Aramenho*, dado ao rio que passa na villa.

Salvo o devido respeito a este illustre escriptor, não me conformo com a sua opinião. E duvidosa a existencia da tal cidade de Armenio e ainda mais duvidosa a sua situação.

Quanto á significação da palavra *Aramênha*, não é preciso hir buscal-a á Asia; pois no antigo lusitano temos *hermênho* (que os romanos alatinisaram fazendo *herminio*) e que é um adjectivo, significando aspero, rude, intratavel, etc.

Para evitar repetições, veja-se o que digo com respeito a *Modobriga* e *Aramenha*, a pag. 226, 227 e 229 do 1.º volume.

Rectificação historica

Entregando ao chefe do estado o autographo do auto de inauguração da estatua de seu augusto irmão, em Castello de Vide, disse o senhor Antonio Marcellino Carrilho Bello: (29 de setembro de 1873.)

«Senhor! Este velho, que sincera e cordealmente se confessa muito honrado, por se achar na presença de vossa magestade, foi quem lembrou aos seus compatriotas do exilio em Hispanha, em 1833, a necessidade de tomar a praça de Marvão, feito que se realisou na madrugada do dia 12 de dezembro d'aquelle anno. Foi elle o terceiro que a escalou, e quem poucos dias depois se encarregou de voltar a Hespanha, para obter os meios necessarios á conservação da mesma praça até ao fim da lucta, que então se travava entre irmãos!»

(*Diario do Governo*—sabbado 25 de abril de 1874.)

Quem lêr esta breve narrativa, em que o sr. Antonio Marcellino se pavonea de *haver escalado Marvão*, deve naturalmente concluir, que, na madrugada do dia 12 de dezembro de 1833, se pelejou sangrenta batalha junto das muralhas de tão formidavel fortaleza, na qual se entrou *por escalada*.

Mais se convencerá ainda o leitor de que seriam necessarias em tamanha facção numerosas forças aguerridas e grande material de sitio, para se tomar *por escalada* tão notavel praça, se tiver alguma noticia das naturaes e importantes condições de defeza, que possue, e a tornaram celebre nas guerras que temos tido com os nossos visinhos.

A verdade porém é que na tomada de Marvão, a que se referiu o sr. Antonio Marcellino Carrilho Bello, nem houve batalha, nem sequer choque ou barulho bellico; porque o sr. Manuel Matheus Brandão, sargento da praça, a entregou aos liberaes portuguezes, vindos expressamente de Hespanha, facilitando lhes o accesso pela Cova dos Coelhos; e por este serviço foi remunerado com a patente de alferes, vivendo hoje, em Castello

de Vide, com o posto de major reformado.

Proclame-se embora como *glorioso successo* a tomada de Marvão em 1833; ensoberbeça-se de *haver escalado* esta praça o sr. Antonio Marcellino Carrilho Bello.

Se um dia se escrever, como deve ser escripta, a historia dos acontecimentos d'essa épocha, n'ella apparecerá registado o nome do sr. Manuel Matheus Brandão com a qualificação que merece.

—

Marvão é appellido nobre em Portugal, tomado d'esta villa. Tem por armas—escudo dividido em pala — a 1.ª, de prata, e a 2.ª de azul, e sobre tudo, 3 rodellas de púrpura, em faxa. Orla de prata, carregada de 8 leões de púrpura. Elmo de aço, aberto; e por timbre, um dos leões das armas.

—

Já a pag. 226 e seguintes do 1.º volume, tratei circumstanciadamente da cidade de *Medobriga*, e para lá remetto o leitor. Aqui só direi (para evitar suspeitas de contradição) que a antiquissima cidade de *Medobriga*, de que fallo em Aramenha e em Marvão, é uma e mesma cousa; visto que a planicie em que ella existiu, e onde ainda se encontram notaveis vestigios, é entre as duas villas actuaes.

É de suppôr que, destruida esta cidade pelas guerras contínuas da edade média, e estando, pela sua posição topographica, sujeita a frequentes invasões, o povo a abandonasse, hindo estabelecer o seu domicilio nos asperos alcantis do Herminio menor, e n'outros sitios de difficil accesso e facil resistencia.

Tambem é probabilissimo que, achando-se os agarenos senhores pacificos da Lusitania, e vendo na povoação do Herminio-menor uma posição militar quasi inexpugnavel, a aproveitassem para construir alli uma cidadella, que os defendesse dos ataques dos christãos, e que, sendo Marão o seu fundador, e o povoador da aldeia (ou villa) abandonada, lhe désse o seu nome.

(Vide *Marvão*, serra.)

MARVÃO—serra, Alemtejo, no concelho da villa do mesmo nome, comarca, bispado e districto administrativo de Portalegre. As suas cumeadas estão a 600 metros acima do nivel do mar.

Como já disse em *Aramenha* e em *Marvão*, villa, é o Herminio-menor dos antigos.

A paginas 229, col. 1.ª, do 1.º volume, disse qual era a etymologia da palavra *Herminio* ou *Hermenho*.

Actualmente, dá-se a esta cordilheira—o nome vulgar de *Serra de Portalegre*, e se divide em varios ramos menores, que tomam os nomes das povoações que n'elles estanceiam.

É pois esta serra em grande parte habitada, e n'ella estão—a cidade episcopal (e capital de districto) de Portalegre; e as villas de Arronches, Marvão, Alegrete, Aramenha, e outras muitas freguezias e aldeias.

É nas faldas d'esta serra que existiu a cidade de Medobriga.

—

A formação geologica d'esta serra, é, a muitos respeitos, similhante á da Estrella, da qual é um ramo, e pertence ao systema denominado carpetano-vetonico. Ha aqui minas de ouro, de prata, de chumbo argentifero, e de formoso crystal de rocha.

É incontestavel que estas minas foram exploradas (lavradas) desde tempos immemoriaes. Talvez que os phenicios e seus *co-indigenas*, os carthaginezes, dessem principio á sua lavra; mas é certo que os romanos, e depois d'elles os arabes, aqui fizeram grandes trabalhos de lavra, do que ha muitos vestigios.

—

No districto da freguezia de Aramenha, está um monte (ramo d'esta serra) chamado *serra da Portagem*, nas abas do qual (a O.) ha uma extensa caverna de grande profundidade, e com 33 metros de altura.

D'ella segue subterraneamente, em direcção ao N., outra caverna ou galeria, compridissima, onde os curiosos se não teem atrevido a penetrar, senão a pequena distancia, por falta de luz e pela decomposição do ar, que se torna irrespiravel.

As paredes e abobadas da caverna do N., são de rocha viva, e parecem feitas a picão. Segundo a tradição, conservada por estas terras, foi uma grande mina de chumbo.

A historia confirma a tradição; porque os romanos chamavam *plumbarios* (*chumbeiros*, mineiros de minas de chumbo) aos povos de Medobriga. Os latinos chamam indistinctamente *plumbum* ao estanho e ao chumbo. Vê-se pois que a industria mineira data, n'estes sitios, de tempos remotissimos.

N'estas cavernas tem apparecido columnas, capiteis, amphoras, cippos, medalhas de prata e de bronze, e outros objectos de muito valor archeologico.

E' na raiz d'este monte que existem as ruinas de Medobriga, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, ainda conserva o primittivo nome de *Herminio*; e o local onde foi a cidade, d'*Aramenha*, corrupção de Herminia — *Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est*, Herminia *vulgo dicitur, sive, ut lusitane loguar* Haraminia.—André de Rézende, *Antiquitatibus Lusitanae*, lib. 1.º, tom. 1.º, pag. 68.

Na serra de Marvão ha varias grutas, algumas das quaes possuiam formosissimas stalactites e stalagmites.

Em 1869 um vandalo quebrou e roubou todas aquellas a que poude deitar o camartello, e andou por esse reino com ellas em exposição, para as vender a quem as quizesse; gabando-se ainda por cima d'este vandalismo estupido, como se fosse uma grande façanha. Vi-as no palacio de crystal, do Porto, e muitas eram admiraveis. Tambem trazia algumas dendrites.

(Vide *Aramenha*, *Marvão*, villa—e *Portagem*, serra.

MARVILLA — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e 2 kilometros a SE. dos Olivaes, comarca, 5 kilometros a E. NE. de Lisboa, 35 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Sahindo do *Beato Antonio*, por uma soffrivel estrada, paralella ao Tejo (margem direita), nos fica ao N. o palacio patriarchal de Marvilla, vulgarmente denominado *palacio* e *quinta da Mitra*.

É edificio muito antigo, e tanto que se não sabe quem foi o prelado lisbonense que fundou o primittivo palacio, ou se elle lhe foi dado já construido.

Varios arcebispos d'esta diocese, e principalmente o cardeal arcebispo, D. Luiz de Sousa, lhe fizeram augmentos e reparações durante o seculo XVII.

D. Thomaz de Almeida, filho dos condes de Avintes (pouco depois elevados a marquezes do Lavradio), 1.º cardeal patriarcha de Lisboa, desde 1716 até 1754[1] foi muito estimado por D. João V, que lhe dava uma dotação condigna com as honras de infante de Portugal, que concedêra aos patriarchas; pelo que vivia com grande ostentação, e fez obras importantes em todas as propriedades da mitra.

Foi este prelado que reconstruiu, desde os alicerces, o actual palacio de Marvilla, dando ao novo edificio, mais grandeza e mais nobre apparencia; porque o antigo era apenas uma modesta casa de campo.

A sua architectura é regular, e de bôas proporções, mas no estylo desengraçado do seculo XVIII, de que o marquez do Pombal tanto gostava.

A fachada principal, olha para o S., e cáe sobre a estrada. A face do O. deita para o pateo da entrada. A d'E., estende-se por um jardim, que se eleva até á altura do andar nobre. A do N. está voltada para o jardim e para a quinta.

O portão da entrada para o pateo, com a sua corôa de balaustradas e pyramides, é esbelto e de boa architectura. Junto d'elle, para o lado do O., está um edificio, com acommodações para creados.

As salas do palacio são grandes, mas pobres de ornamentação, se exceptuarmos os quadros a oleo que as guarneciam.

N'aquelle tempo, e já muito antes, a riqueza dos ornatos, tanto d'este paço, como dos dos nossos reis, e grandes do reino, consistia simplesmente em damascos, velludos, brocados e tapeçarias com que se vestiam as paredes, ador-

[1] Vide a pag. 276 do 4.º vol.

navam as portas e janellas, e cobriam os bufêtes, as cadeiras e o pavimento.

Os quadros a oleo de que fallei, eram os retratos de varios prelados lisbonenses, pintados por artistas nacionaes, antigos, e que foram mandados retocar por D. João V, sendo o seu restaurador, o famoso Francisco Vieira, vulgo, *Vieira Lusitano.*

Parte d'estes retratos, já estavam no palacio antigo, que se demoliu, e o resto, no paço dos arcebispos de Lisboa, de que ainda ha vestigios, no logar agora chamado *pateo da Sé*, junto e a ENE. da Sé cathedral. (Vide a pag. 148 do 4.º vol.)

Eram 13 os retratos:

1.º Não tem nome, pelo que não se sabe a que prelado pertence.

2.º Era de D. Antonio de Mendonça, 18.º bispo de Lisboa. (filho do 1.º conde de Valle de Reis.)

3.º Do cardeal D. Luiz de Souza, 19.º arcebispo de Lisboa.

4.º D. Rodrigo da Cunha, 17.º arcebispo.

5.º Do cardeal D. Jorge da Costa (o *cardeal de Alpedrinha*), 8.º arcebispo.

6.º De D. João Manuel, 16.º arcebispo. (o que foi vice-rei de Portugal, por Philippe III —Era da familia dos condes da Atalaia.)

7.º Era de D. Affonso Furtado de Mendonça, 15.º arcebispo. (Este descendia dos duques do Infantado, em Hespanha.)

8.º Era D. Miguel de Castro, 14.º arcebispo.

9.º Era de D. Jorge de Almeida, 13.º arcebispo.

10.º Era do cardeal-infante D. Henrique, depois rei, e que foi o 12.º arcebispo.

11.º Era de D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 11.º arcebispo, e filho dos condes de Penella.

12.º Era do cardeal-infante, D. Affonso, filho do rei D. Manuel, e 10.º arcebispo.

13.º Era de D. Martinho Vaz da Costa, irmão do *cardeal de Alpedrinha*, e 9.º arcebispo.

Guardavam-se nas cocheiras d'este paço os magnificos coches de que se servem os cardeaes-patriarchas, nas grandes solemnidades.

Foram feitos em 1718, para o patriarcha D. Thomaz de Almeida.

O jardim estava pobre de flores, e a quinta, falta de arvoredo.

Esta magnifica propriedade, está situada em terreno elevado, sobre a margem direita do Tejo, de maneira que a estrada desce para ambos os lados. Das janellas e do jardim se goza a soberba vista do magestoso rio, que tem aqui 15 kilometros de largura.

Em frente do palacio, sobre o muro que orla a estrada, levantam-se duas pyramides, ou agulhas, de pedra, tendo esculpidas as armas de D. Thomaz de Almeida (as dos condes de Avintes.)

Foi tambem este patriarcha que mandou construir á sua custa, todo aquelle lanço de estrada, e o muro de supporte que a sustenta do lado do rio. (S.)

Esta propriedade foi julgada *bens nacionaes*, e vendida em asta publica, ao sr. marquez de Salamanca (hespanhol), que reedificou o palacio e a quinta, com grande sumptuosidade, e é hoje uma bella e magnifica vivenda.

Em 1874, tornou a ser vendida pelo sr. marquez de Salamanca, a um cavalheiro americano, casado com uma dama hespanhola, que reune a uma caridade evangelica, e ás mais exemplares virtudes, um notavel talento para a poesia.

Pela extremidade N. da quinta, mas ainda por dentro d'ella, passa o caminho de ferro do Norte e Leste.

É ahi que está a aldeia de Marvilla, a *Escóla normal de Lisboa*, occupando um palacio pertencente á casa dos marquezes de Abrantes, e o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas de Santa Brisida, fundado por Fernando Cabral, que lhe lançou a primeira pedra nos alicerces, no dia 18 de março de 1660.

N'este convento se faziam os famosos *pastellinhos de Marvilla*, tão estimados em Lisboa e seus arredores; advertindo porém que a maior parte dos que se vendiam, eram fabricados em outras partes, e de Marvilla apenas tinham o nome.

Uma carta de lei, de abril de 1874, sancionou o decreto que concedeu a egreja e

mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de Marvilla, para n'elle se estabelecer o asylo de D. Luiz.

A administração d'este asylo, tratou immediatamente das obras necessarias para que o edificio preencha os fins a que se destina.

As obras têem continuado com zelo e intelligencia, estabelecendo-se um systema de ventilação em que se observaram todas as regras da sciencia moderna, para salubridade do edificio e commodidade dos asylados. Construiram-se dois pavilhões e outros aperfeiçoamentos, e o edificio está dentro em pouco tempo em estado de receber aquelles para quem é destinado. (fevereiro de 1875.)

MARZAGÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêda de Anciães, 115 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Tem annexa a freguezia de Luzéllos.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis.

MASA (de ferro) — portuguez antigo — o mesmo que barra, ou *linguado*, de ferro.

MASARÉFES—freguezia, Minho, concelho de Vianna do Minho, comarca, e 30 kilometros a ONO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Nicolau.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna do Minho.

A casa dos Pereiras, de Masaréfes, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

MASCARENHAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 60 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É d'esta freguezia, que os *Mascarenhas* tomaram este appellido, um dos mais nobres de Portugal.

Para a sua genealogia e armas, e para o triste fim dos Mascarenhas, duques de Aveiro, vide *Chão-Salgado*, a pag. 271 do 2.º vol. e a pag. 240 do 3.º vol., col. 2.ª, onde trata do 1.º marquez da Fronteira.

MASCOTÉLLOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé de altar.

MASCUSINHOS—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de S. Thomé do Castello, concelho comarca e districto administrativo de Villa Real.

Arcebispado de Braga.

As pestes de 1503 e 1505 causaram aqui tal destrôço, que apenas escaparam duas mulheres. Vide *Castello* (S. Thomé do.)

MASOR—portuguez antigo—testamenteiro.

MASOUCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Magadouro, concelho de Freixo de Espada á Cinta, 180 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Bragança.

Os beneficiados de Freixo de Espada á Cinta, apresentavam o vigario, que tinha réis 30$000, e o pé de altar.

—

Ha n'esta freguezia uma fonte chamada do *Xido* (ou *Enxido*), que principia a deitar agua no mez de março, e cessa em setembro.

Diz o padre Carvalho, que, quando o anno tem de ser fertil, lança a fonte muito pouca agua; e quando tem de ser esteril, a deita em grande abundancia.

Acredite quem quizer.

MASSARELLOS ou **BOA VIAGEM**—freguezia, Douro, comarca e bairro occidental do Porto, etc.

Já a pag. 8 d'este 5.º vol., tratei d'esta freguezia, sob a palavra *Maçarellos;* mas, depois de estar publicado o respectivo fasciculo, recebi mais esclarecimentos, de que não quero privar o leitor, e por isso os dou n'este lugar.

—

Foi até 1835 um simples curato, e comprehendia um pequeno numero de casas na *Praia, Corpo Santo* e proximidades, mas com a extinção dos padroados e apresentações, em 1834, ficou sendo parochia independente, e no arredondamento parochial d'esta cidade; feito em 1841, se lhe addiccionou grande numero de casas, pertencentes á freguezia de Cedofeita, e hoje conta esta freguezia de Massarellos 1:200 fogos (e não 500, como disse a pag. 8.)

Tem hoje tambem o titulo de abbadia, e foi o rev.do José Gomes, o primeiro presbytero que n'ella se collou com este titulo; e o 2.º, o sr. João Climaco Vieira da Motta, parocho actual, nascido na freguezia de S. Salvador de Thuyas, no concelho do Marco de Canavezes.

A matriz de Massarellos, era um templo que existiu na calçada da *Boa Viagem*, ao fundo da rua do Gólgotha, onde se vêem ainda as paredes derrocadas; mas como além de extremamente singelo, se achasse em ruinas, foi o Santissimo transferido, em 12 de março de 1868, para a capella do Corpo Santo, por ordem do sr. D. João da França Castro e Moura, então bispo da diocese, e do sr. conde de Samodães, então governador civil do Porto.

A transferencia foi provisoria, em quanto se não reedificava a velha matriz, ou se não construia outra; mas, como succede muitas vezes em casos analogos—o provisorio promette tornar-se definitivo e permanente.

É pois a dita capella do Corpo Santo, junto á praia, a matriz actual d'esta freguezia, que lucrou, porque a antiga, como disse, era singelissima, estava mal situada e a desabar, em quanto que a actual é um templo regular, bastante espaçoso, bem construido, muito decente e mais central.

Tem duas torres (uma d'ellas com relogio), 4 altares lateraes, álem do altar-mór, uma boa sachristia, elegantes decorações interiores, a obra é de talha dourada, bom côro, um orgão, alfaias soffriveis, um calix e uma custodia de prata antiquissimos.

Esta egreja, foi fundada por devotos, em grande parte maritimos, e se denominou do *Corpo Santo*, por ser este o nome do local onde a construiram. Era, e é, propriedade de uma irmandade das almas, que tem por patrono S. Pedro Gonçalves (S. Telmo.)

A egreja está muito proxima do Douro, passando encostada a ella a estrada marginal, mas tem a frente voltada ao N., sobre a antiga rua de Christêllo, que era o caminho do Porto para a Fóz do Douro, na data em que a egreja foi construida, ou antes reconstruida, data anterior á abertura da estrada marginal, uma das obras de D. Francisco de Almada (v. Porto), esse eximio e benemerito cidadão que tantos serviços prestou á cidade do Porto, como corregedor, intendente da policia, etc.

A dita rua de Christêllo, era muito estreita, e por isso acanhada a entrada para a egreja, mas no ultimo anno (1874) a camara municipal, a instancias dos parochianos de Massarellos, que para esse fim se cotisaram, expropriou os quintaes e casas que havia entre a egreja e a nova rua da Restauração, e deu á egreja amplo e facil accesso.

O templo, que é hoje matriz, não revela pelas suas formas e elegancia, muita antiguidade, mas sabe-se que é reconstrucção de um outro que havia no mesmo local, e que era antiquissimo.

Diz alguem, ser anterior á fundação da primitiva Misericordia do Porto, e coevo da egreja de Cedofeita.

As festividades principaes que se fazem actualmente n'esta egreja, são; Corpo de Deus, Santo Antonio da Estrella e S. Pedro Gonçalves.

Ha n'esta freguezia muitas fabricas, com grande numero de operarios e empregados, o que muito contribue para o sensivel augmento que se nota na população.

A principal d'estas fabricas, no seu genero a primeira do Porto, é a da fundição de ferro na Praia de Massarellos, propriedade da companhia Alliança, e ha ainda aqui mais 4 do mesmo genero: uma na Arrabida, de Manuel José Fernandes Guimarães, outra de Dyonisio Chaves, na Restauração, e duas no Bicalho, uma de Antonio de Oliveira, e outra de Eugenio Ferreira Pinto Basto.

Foi esta ultima, uma das primeiras fabricas de fundição de ferro, que houve no Porto, e gosou muito tempo bons creditos, mas ha annos não trabalha.

Ha tambem n'esta freguezia, junto á rua do Gólgotha, uma boa fabrica de solla, propriedade de Antonio Thomaz Leite de Moraes—outra de cerveja, na rua da Piedade —outra de louça, junto ao caes da Paixão, pertencente a Antonio Rodrigues de Sá Lima & Filhos—outra de moagem de pão, a vapor, hoje de D. Felix Fernandes, Sobrinhos, na rua da Restauração—outra de aguardente de vinho e cereaes, tambem na rua da Restauração, propriedade de Manuel José Barreto.

Os edificios e casas mais notaveis d'esta freguezia, são: Palacio de crystal com as suas tres naves, bonito chalet, magnifico circo para cavallinhos, formosos jardins, lindo bosque com jogo de bolla allemão e outros jogos de gymnastica, carreira de tiro; um bom estabelecimento de horticultura e floricultura; vistas surprehendentes sobre o mar e o Douro, e sobre a cidade e arrabaldes, etc.

Este magnifico estabelecimento, manifestação arrojada do genio emprehendedor da nossa capital do Norte, a custo se tem conservado, depois que o governo lhe retirou o subsidio, mas dias melhores espera brevemente, com o rapido progresso da cidade, progresso que vae accentuar-se de um modo particular, com as linhas ferreas do Minho e Douro, a primeira já construida e prestes a inaugurar-se, e a segunda já muito desenvolvida;—e com caminhos americanos que a companhia Carris de Ferro do Porto anda construindo em toda a cidade, entrando os rails já dentro dos jardins do Palacio, ficando este ahi ligado pela commoda viação americana em toda a cidade; estação dos caminhos de ferro do Minho e Douro, Companhia Fóz do Douro, Mattosinhos, etc.

Em frente do Palacio de Crystal, ainda no limite d'esta parochia, se vê o palacete dos srs. marquezes de Monfalin (ou dos Terenas), com a sua velha torre ameiada, antiga vivenda, segundo a tradicção, do grande e orgulhoso negociante e capitalista Pedrossem, ou Pero d'Ossem, mais conhecido por *Pedro Sem*, do qual é ainda viva a lenda que deu origem ao drama *Pedro Cem*.

Desmoronando-se rapidamente a grande fortuna d'aquelle capitalista, compraram os ascendentes do conde de Terena esta propriedade, e para ella transferiram a sua residencia.

Do alto d'aquella torre, ou, como quer alguem, d'outra que o legendario capitalista tinha nas proximidades, é que elle via entrar os seus numerosos navios.

É notavel e historica a casa de Eugenio Ferreira Pinto Basto, em Entre-Quintas, a partir com os parques do Palacio de Crystal, por ter vivido algum tempo e fallecido n'aquella casa o rei Carlos Alberto, avô da sr.ª D. Maria Pia de Sabova.

Ao Sul do palacio, e proximo a elle, está a capella que a princeza Augusta de *Montlear* mandou erigir á memoria de seu augusto irmão.

É notavel tambem n'esta freguezia, a casa do sr. João Pacheco Pereira, em Villar, fidalgo distincto e senhor de grande fortuna. Tem esta casa uma capella, com alfaias riquissimas, e a cerca contigua é extensa e povoada de arvoredo admiravel.

É tambem digna de menção n'esta freguezia, a casa e quinta do Bom Successo, que foi do desembargador Sá Lopes, e é hoje de seus filhos, e a montante d'esta casa e quinta está, ainda n'esta freguezia, o cemiterio publico de Agramonte, de que já fallei.

Tambem devo mencionar a quinta da *Pena*, do sr. desembargador Novaes, no alto d'esta freguezia, predio vasto e rico; e o asylo da infancia, em Villar, montado hoje no palacete que foi do conde de Britiandos, junto á casa do sr. João Pacheco Pereira. É um respeitavel monumento de caridade, fundado pelo virtuosissimo sr. Ricardo Vanze-

ler, arcediago actual de Oliveira do Douro, uma das dignidades do cabido d'esta Sé do Porto, e um dos caracteres mais nobres e respeitaveis de que n'esta cidade ha memoria.

É natural d'esta freguezia o ex.mo Prelado actual d'esta diocese, D. Americo Ferreira dos Santos, filho do barão de Santos, acreditado negociante que foi, n'esta praça e na de Lisboa, onde passou o ultimo quartel da vida.

Córta esta freguezia, pela estrada marginal, a linha ferrea americana do Porto á Fóz e Mattosinhos, montada em 1873, formando na Praia ou Alameda de Massarellos um entroncamento, d'onde a empreza estendeu um ramal, em 1874, pela rua da Restauração para o Campo dos Martyres da Patria.

Esta linha americana, a primeira d'este systema que se montou no nosso paiz para serviço publico, foi feita pelo capitalista Eugenio Ferreira Pinto Basto e pelo deputado J. D. de Mello e Faro, que já em 1874 a passaram, com forte lucro, a uma companhia intitulada—Empreza dos carros americanos do Porto á Fóz e Mattosinhos.

O actual abbade de Massarellos, é filho do sr. Joaquim Antonio Soares, que foi sargento-mór, e da sr.ª D. Maria Vieira dos Reis, irman do virtuoso padre Joaquim Vieira da Motta, que foi secretario no Paço Episcopal do Porto, e que pela sua extraordinaria modestia e abnegação, nunca quiz ser parocho, apesar de lhe serem offerecidas, por vezes, boas abbadias.

E é o parocho actual d'esta freguezia, primo do dr. Carlos Vieira da Motta, dezembargador na Relação dos Açores, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e caracter nobilissimo, filho do conselheiro e tambem fidalgo da casa real, Bernardo José Vieira da Motta, que foi juiz no Supremo Tribunal, etc.

—

Quando tratei do cemiterio de Agramonte, esqueceu-me de mencionar o rev.do Alexandre Pinto Pinheiro, digno capellão e administrador d'elle, a cujo zêlo, sollicitude e intelligencia se devem muitos dos melhoramentos do cemiterio, e constante aceio em que se acha.

O sr. padre Alexandre, habita aqui mesmo, bem como o sacristão, em residencia construida expressamente para elles e successores, unida á capella, e de bella e alegre apparencia.

MASSÍA—portuguez antigo—tearia, ou casa rustica, para a gente da lavoura.

MASSÚA ou **MASSÚCA**—de linho—pequeno mólho de linho, a que em algumas partes dão hoje o nome de *maçadura* e em outras, de *maçadoura*.

Nos documentos de S. Pedro das Aguias, de 1358, se lhe dá já o nome de *maçadura*.

Depois de arrancado o linho, e de se lhe extrahirem as capsulas que contêem a semente (a *baganha*) se áta aos mólhos (*aguadouros*) e se deita em ribeiros, ou em prêsas a fermentar, depois, tiram-se os mólhos da agua, e se põem, desfeitos, a seccar ao sol. Quando está sêcco, se faz em pequenos mólhos, atados por uma das extremidades com féveras do proprio linho, e está preparado para *maçar*, que é a sua primeira operação. É a estes pequenos mólhos, que os antigos chamavam *massuas*, ou *massucas*, e depois *maçadura*, ou *maçadoura*. Já se vê que é o linho ainda em bruto e por limpar das partes não textis. Cada maçadoura vem depois a dar 10 a 12 estrigas.

MASSÚCA de ferro—portuguez antigo—pequena barra de ferro, ainda não purificado, mas bruto e informe. *Dez massucas de ferro.* (Inventario de Moncorvo, de 1407.) *Ferro maçuquo*, ou *maçouquo*, ou *masuco*, é ferro grosseiro, em *massa* ou em *barra*. Assim se acha denominado em muitos foraes do rei D. Manuel, no seculo XVI.

MATA-CÃES — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 40 kilometros ao NO. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O parocho tinha o titulo de cura, e era um dos beneficiados de S. Miguel, da villa de Torres Vedras. Rendia o beneficio réis 100$000, e o pé de altar.

Era reguengo do mosteiro. (Sentença sobre o quarto dos legumes, dada a 16 de fevereiro de 1551. *Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 113, col. 2.ª)

Mata-Cães é uma bonita povöação, situada entre Runa e a villa de Torres-Vedras, e proximo da estrada real.

Ao O., entre esta povoação e a da Ordasqueira, está o bonito monte do *Calvário*, e no seu cume se vê a pequena mas formosa capella do *Senhor Jesus do Calvário*, imagem de grande devoção, dos povos d'estes sitios, que lhe faz em uma grande festa e romaria, no mez de abril.

Tem esta capella um lindo ponto de vista. De um lado se vêem as antigas muralhas ameiadas e os muros desmantelados, do velho castello de Torres Vedras, recordação historica de tantas acções gloriosas— do outro, o asylo de Runa, onde existem os veteranos da patria. (Vide Runa.) — Mais além, extensas cordilheiras, cobertas de verdura, olivaes e vinhas, e para toda a parte, grande numero de povoações.

—

A egreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Oliveira, foi em tempos antigos o sanctuario da maior devoção que havia por estes sitios, e frequentadissimo pelos fieis.

Segundo o *Sanctuario Marianno* (vol. 7.º, pag. 201) a origem d'esta egreja foi a seguinte :

Em eras remotas havia n'este sitio (em que depois se fundou a aldeia de Mata Cães) uma ermida dedicada ao Espirito Santo, e junto a ella, um pequeno rocio, ou terreiro, no qual se via, para o lado do N., uma unica mas grande oliveira, no sitio mais eminente. Estavam aqui algumas casinhas ou choupanas, nas quaes viviam seus pobres moradores. Chamava-se então a esta aldeola, o logar do *Espirito Santo*.

Na oliveira referida appareceu uma imagem da Santissima Virgem, a certo individuo, que, publicou a outros a milagrosa apparição. Foram dar parte ao parocho da egreja de S. Miguel, de Torres Vedras, e aos seus beneficiados (a cuja freguezia o logar do Espirito Santo então pertencia.)

Veio o parocho e os beneficiados, acompanhado de grande multidão de povo, ao sitio, e alguns d'elles viram a santa imagem; e querendo aproximar-se para a tirarem d'alli para a egreja, ella desappareceu.

Retiraram muito tristes; mas, passados alguns dias, tornou a ser vista a Senhora, na mesma arvore.

Dez vezes alli foi o parocho e muito povo, para a trazerem para a egreja; mas outras tantas desapparecia a imagem, quando, com aquella tenção, se aproximavam da arvore.

Entenderam elles que a Senhora queria alli ser venerada, e logo decidiram fazer-lhe um sanctuario; para o que em breve se juntaram bastantes offertas; mas quando a capella estava construida, tinha a Senhora desapparecido; pelo que mandaram fazer uma outra imagem, de pedra, que collocaram no altar da ermida.

Tinha o povo d'aqui, a firme crença de que as folhas da oliveira, ou qualquer lasca do seu tronco ou ramos, de infusão ou fervida em agua e bebida esta, era remedio infalivel para muitas doenças, o que trazia aqui grande numero de romeiros, constantemente e todos lhe deixavam as suas offertas, mais ou menos valiosas.

Com o grande concurso dos romeiros, se foram construindo no sitio varias casas de habitação permanente, vindo o logar a tornar-se uma grande aldeia, com o titulo de *Nossa Senhora da Oliveira*.

A arvore da apparição, em pouco tempo ficou despojada das suas folhas, e da maior parte do seu tronco, que os romeiros lhe tiraram para a cura dos seus padecimentos, de modo que o tronco, que era muito grosso, estava reduzido á grossura de um braço; mas nem por isso a arvore dava menos fructo, e tanto que chegou para se fazer o

azeite necessario para a lampada da Senhora.

Consta que n'esta oliveira foi collocado o primeiro sino da capella, o qual ainda alli se conservou depois d'ella estar convertida em egreja parochial.

Segundo a lenda, um eremitão da capella, cortou a oliveira para a queimar; mas pagou caro o arrojo; porque, durante um mez, foram tantos os trabalhos que elle e os seus parentes soffreram, que aquelle morreu em breve e estes ficaram pobrissimos.

Desde que desappareceu a arvore, foi afrouxando a devoção dos fieis, até que quasi cessou de todo.

Suppõe frei Agostinho de Santa Maria (obra citada, pag. 204) que o apparecimento da Senhora teve logar pelos annos 1500, ou pouco depois, porquanto, em 1544, instituiu na referida ermida, uma *capella de missas* pelas almas, um devoto d'este logar, o qual ordenou que se lhe dissessem duas missas em cada semana; para o que applicou rendimento perpetuo sufficiente. Este mesmo devoto collocou na capella uma imagem de S. Braz, no mesmo anno de 1544.

A pouca distancia e ao N. d'este logar, está um bosque, no qual deram principio os padres arrabidos a um edificio, destinado para mosteiro da sua ordem; mas, como de verão experimentassem faltas d'agua, desampararam o sitio, e foram fundar o mosteiro do *Barro*, do qual tomaram posse em 1570, e aqui assistiram algum tempo, pelo que á aldeia se ficou chamando *Mosteiro*, cujo nome ainda conserva.

Segundo frei Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Marianno*, tom. 7.°, pag. 204) a aldeia do Barro já era freguezia em 1570; porque, com os milagres de *Nossa Senhora da Oliveira*, foi tanta a concurrencia do povo e o desenvolvimento da população, que a egreja se erigiu em matriz, mas ficando sempre sujeita á de S. Miguel de Torres Vedras, em cuja dependencia se conservou até 1834, mandando para Matacães por parocho um dos seus beneficiados.

N'este tempo chamavam ao logar, *Nossa Senhora do Mosteiro*, e como junto ao convento passa uma ribeira chamada de *Mata-Cães*, e a devoção para com a Senhora fosse esfriando, pouco a pouco o nome de freguezia de Nossa Senhora do Mosteiro se foi substituindo pelo da ribeira, até que o seu antigo nome é hoje, vulgar e officialmente, freguezia de Mata-Cães.

Consta que o nome dado á ribeira, provem do facto seguinte:

Quando os mouros viviam por estes sitios, foram um certo dia atacados inopinadamente pelos christãos, aos quaes seu chefe animava dizendo: *Mata esses cães*. Os mouros foram desbaratados, sendo tanto o sangue d'elles derramado aqui, que as aguas da ribeira hiam côr de sangue.

O sitio da maior mortandade foi junto a uma azenha, que desde então se ficou chamando *Azenha do Sangue*.

A egreja tem soffrido varias reconstrucções e ampliaçes, em razão do augmento da populaçõeo. Em 1618, alcançaram os parochianos licença para terem sacrario, e n'esse mesmo anno foi o templo forrado de azulejos, como consta de uma data que está sobre o arco cruseiro.

Sobre a porta principal da egreja ha uma inscripção gothica, e na porta travessa do lado do S., outra. Teem as lettras tão apagadas, com o tempo, que são ilegiveis.

MATAÇÃO — portuguez antigo — pensão perpétua de cousa certa e sabida. (*Ordem do Reino*, livro 2.°, tit. 33, §. 10.°)

MATAMINGO—portuguez antigo—continhas miudas de vidro, missanga.

MATA-MOUROS—foi appellido nobre em Portugal, que, ou se perdeu, por se extinguir a geração, ou por mudar para outro.

Tinha por armas—escudo esquartellado, no 1.°, de púrpura, um braço armado, de ouro, pegando em uma espada de prata, com guarnições de ouro, com a ponta para cima —no 2.°, de púrpura, 3 cabeças de mouro, ensanguentadas, toucadas de prata, e azul, em roquête—no 3.°, de púrpura, uma cabeça, tambem de mouro, com o mesmo turbante—no 4.°, de prata, 3 bandeiras vermelhas, com hasteas de ouro, em roquête—élmo de aço, aberto, e por timbre, uma das cabeças de mouro das armas.

Outros do mesmo appellido, usavam por armas, escudo esquartellado—no 1.º, de ouro, 3 cabeças de mouro, cortadas em sangue, com barretes de púrpura, em roquête—no 2.º, de púrpura, um braço, da sua côr, armado com uma espada nua e um guião branco—no 3.º, de azul, 3 lanças, com hasteas de púrpura, com os ferros da sua côr, postos em contrabanda—no 4.º, de prata, outra cabeça de mouro, como as do 1.º quartel—êlmo e timbre, como o dos antecedentes.

Actualmente a palavra *mata-mouros*, apenas significa *um figurão* com grandes bigodes e cara de leão; ameaçando ceus e terra; mas, em caso de perigo, transforma-se em cordeiro.—Fanfarrão.

MATANTE—portuguez antigo—brigão, facinoroso, duelista de profissão, etc.—d'aqui *matantería* á reunião de assassinos.

MATANÇA—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 35 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Santa María Magdalena.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Tem muito gado e caça.

E' povoação antiga.

D. Affonso III lhe deu foral, em Evora, a 31 de janeiro de 1270 (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 98 col. 1.ª. in fine.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 61, col. 1.ª)

Segundo Mendonça e Pina (*Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*) junto á villa de Matança, havia um *dolmen* (a que elle chama *anta*) de 6m,6 de comprido. Segundo o mesmo archeologo, perto da Carrapichana (a pouca distancia d'esta villa da Matança, e não longe de Celorico) havia outro *dolmen*.

MATANÇA (monte da)—Traz-os-Montes. (Vide *Urrôs*.)

MATÉLLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 30 kilometros de Miranda, concelho de Vimioso, 435 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (Candeias.)

Bispado e districto administrativo de Bragança.

E' terra fertil. Tem muito gado, caça, cêra e mel.

O reitor de Algoso, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 80$000 réis.

MATER DUZ ou **MATER DULCE**—portuguez antigo—nome proprio de mulher, que se acha desde o seculo X até ao XIII—assim como o seu masculino—*Patrebonus*, cujo patronimico era *Patreboniz*. Tambem se dizia *Madre-Duz*, á mulher.

MATHEUS—freguezia, Traz os-Montes, concelho, comarca e proximo a Villa Real, 75 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis.

—

E' n'esta freguezia o sumptuoso palacio dos srs. condes de Villa Real, uma das mais vastas e nobres residencias aristocraticas, não só das provincias, mas até mesmo de Lisboa.

N'este sitio instituiu o dr. Antonio Alvares Coelho, em 1620, um grande morgado e capella, no qual succedeu sua filha, D. Maria Coelho, casada com o dr. Mathias Alvares Mourão, lente de Coimbra, deputado do fisco, da mesma cidade, e depois, desembargador da casa da supplicação; que falleceu sem filhos, deixando por herdeira, sua mulher, como brigação de fazer um vinculo de todos os bens da herança, e nomear n'elles, por successor, Mathias Alvares Mourão, sobrinho de ambos, devendo andar estes bens vinculados em morgado com o de Matheus; impondo-lhe a prohibição de se poderem alhear, nem mesmo por provisão real.

A filha do instituidor primittivo, dispoz que, *em quanto o mundo durasse*, cada um

dos administradores mandasse dizer seis missas por semana, na capella de Nossa Senhora dos Prazeres, que está unida á casa de Matheus.

Entre os bens que D. Maria Coelho vinculou á casa de Matheus, entraram 117 arrateis de prata lavrada e 3 arrateis de ouro. Pôz por condição, que, cada um dos administradores d'este morgado, dentro dos primeiros quatro annos da sua administração, vincularia 200$000 réis de boa fazenda, na rasão de 50$000 réis por anno; e que as fazendas fossem o mais proximo possivel á casa de Matheus; e que, não havendo bens para comprar, poriam o mesmo dinheiro a juro de 5 por cento, até se effectuar a compra.

Antonio José Botelho de Mourão, um dos successores d'este morgado, casou com D. Joanna de Sousa, filha dos marquezes das Minas, e d'este matrimonio nasceu D. Luiz Antonio de Sousa, pae de D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, o célebre *morgado Matheus*, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Matheus, Cumeeira, Sabrosa e outros vinculos em Traz os-Montes, conselheiro da fazenda, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal, nas côrtes da Suecia, Dinamarca e França, e que morreu em Pariz, em 1825.

Foi este patriota benemerito, o primeiro portuguez que levantou a Luiz de Camões um monumento preduravel—foi a magnifica edicção dos *Lusiadas*, feita em Pariz, na officina de Didot, no formato de *quarto atlantico*, com primorosas gravuras em aço, no anno de 1817, e a que vulgarmente se chama—*edição do morgado de Matheus*.

Foi o avô d'este morgado, o já referido Antonio José Botelho Mourão, que deu principio ao soberbo palacio de Matheus, e reformou e embelezou a grande quinta e jardins contiguos.

—

D. Fernando de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos (*o perna de prata*), fallecido em 1856, era neto do famoso *morgado de Matheus*, da edição dos Lusiadas.

Este D. Fernando tambem fez bastantes melhoramentos no palacio e dependencias.

É actual conde de Villa Real, o sr. D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, filho d'aquelle D. Fernando.

Note-se que os actuaes condes de Villa Real, nada têem com os antigos marquezes de Villa Real (Noronhas).

Este marquezado findou com o seu ultimo marquez, que foi degolado por traidor, em 1641. (Vide *Caminha* e *Lisboa*.)

Para a noblissima familia dos Sousas, e suas armas, vide *Lafões*—para a, não menos nobre dos Vasconcellos, vide *Castello Melhor* e *Lisboa*.

Mourão, é tambem um appellido nobre em Portugal. O 1.º que se acha com elle, é D. Gonçalo Mourão. Suas armas são—em campo verde, duas faxas de ouro, e no meio d'ellas, um castello de prata. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o castello das armas.

MATHEUS (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo, 30 kilometros de Evora, 90 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 253 alqueires de trigo e 94 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

MATHEUS DA BAROSA (S.) — freguezia, Extremadura, concelho, comarca e 2 kilometros ao O. de Leiria, 132 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Já a pag. 335 do 1.º volume, tratei d'esta freguezia; mas, como depois obtive mais informações a seu respeito, as dou n'este logar.

Os moradores da aldeia da Barosa, construiram aqui, em 1609, uma capella, dedi-

cada ao evangelista S. Matheus, que em 1714 foi elevada a egreja matriz da freguezia de Barosa, creada n'esse anno, ficando por padroeiro o mesmo santo evangelista.

Rectifico aqui um êrro que foi na palavra *Barosa*. Diz J. A. de Almeida, no seu *Diccion. Abrev. de Chorogr., que, em 2 de outubro de 1810 houve aqui um combate entre os alliados e as tropas francezas*. Copiei isto na boa fé; mas depois, vim a saber que não houve n'este sitio similhante combate.

MATHEUS DA RIBEIRA (S.)—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 18 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes, legumes e fructas. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda, céra e mel.

Passa n'esta freguezia o rio Homem, que réga, móe e traz peixe. É por isto que a esta freguezia se dava antigamente o nome official de *Ribeira de Homem*.

MATHIAS(S.)—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e 54 kilometros ao O. de Evora, 105 ao S. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Mathias.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 140 alqueires de trigo e 85 de cevada.

E' terra fertil.

MATHIAS (S.)—freguezia, comarca, concelho e 6 kilometros de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Mathias.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 225 alqueires de trigo e 75 de cevada.

E' terra fertil.

Ha n'esta freguezia uma rica propriedade, chamada *quinta do Pae Cão*. E' da sr.ª D. Anna da Piedade Coelho Villas-Boas, que casou em setembro de 1873, com o sr. Augusto Carlos de Lemos, capitão de cavallaria n.º 5.

MATHIAS DE MONTES CLAROS (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza.

Hoje dá se a esta freguezia o nome de *Caicheiro* ou *Caixeiro*. (Vide a pag. 25, col. 1.ª, do 2.º vol.

Cumpre rectificar um êrro typographico que então escapou na revisão. E' *Cacheiro* em vez de *Caicheiro*.

Ha porém quem diga, que effectivamente ao logar se deu o nome de Cacheiro, em razão de alli existir um rico lavrador que tinha a alcunha de *Cacheiro*.

MATRIMONIO — Já na palavra *Marido*, tratei das tres diversas especies de casamento, conhecidas em Portugal, e em outras nações catholicas: darei aqui mais algumas explicações sobre a materia.

Todos sabem que o matrimonio foi elevado a sacramento (o 7.º) pela egreja catholica, e que é um dos que *imprimem caracter*. Tratemos agora de algumas *curiosidades* historicas sobre o casamento, das quaes nem todos os leitores terão conhecimento.

Os *matrimonios clandestinos*, foram usados francamente entre os portuguezes, até ao fim do seculo XV.

El-rei D. Affonso IV, na sua carta de 1352 sobre reformas ecclesiasticas, que mandou a todos os prelados do reino (*Synop. chron.*, tom. 1.º fl. 10) mostra-nos claramente que existia então este abuso, que deseja exterminar por uma vez.

Diz que—«*muitos clerigos se achavam casados, uns com mulheres virgens e outros com mulheres corruptas, e depois diziam que não eram casados.*»—D'aqui se seguia que, por falta de prova, não ficavam os filhos, legitimos, e outros damnos alli mencionados. Ordena que—«*todos os recebimentos sejam feitos pelo respectivo parocho, perante um tabelião da mesma freguezia, destinado para escrever em um livro, todos os casamentos que alli se celebrarem, para se saber depois os que são ou deixam de ser casados, e a condição dos contrahentes.*»

Isto prova que antes d'aquella época, os casamentos, ou grande parte d'elles, se não faziam na presença do parocho, e que o *mutuo consenso* era toda a substancia e fórma do matrimonio, na *razão de contrato.*

Ao que parece, esta real ordem não sortiu todo o seu effeito, porque o abuso tinha lançado profundas raizes.

Tomaram se ainda mais rigorosas providencias.

Em 1499, D. Manuel I, decidiu fazer cessar os inconvenientes que os casamentos clandestinos traziam á egreja, ao estado e ás familias. Por uma lei, promulgada a 14 de julho d'este anno (*Ord. do Reino* de 1514, liv. 5.º, tit. 27) determina que, sem excepção de pessoa, todos se recebam publicamente, em face da egreja, e na fórma que os sagrados canones decretam. «*E casando-se escondidamente, por esse mesmo feito, assim o noivo como a noiva, percam todos os seus bens, metade para a camara real e metade para captivos. E todos os que a similhantes casamentos forem presentes ou testemunhas, percam tambem todos os seus bens, com a mesma applicação, e sejam degradados por dois annos para Ceuta. Mas d'estas penas serão isentos os que taes casamentos fizerem por prazer e consentimento dos paes e mães dos noivos, se os tiverem; porque n'esse caso, haverão sómente as penas do direito canonico.*

O papa Paulo III, convocou o concilio tridentino, que durou desde 1545 até 1563.— N'este concilio se julgou impedimento derimente, o casamento clandestino; mas, como ainda esta decisão não tivesse inteiro cumprimento, o rei D. João IV, em 13 de novembro de 1651, decretou que podiam ser desherdados os filhos dos que contrahissem matrimonios clandestinos.

O mesmo concilio só considera como sacramento o matrimonio canonicamente contrahido, e os outros um mero contrato.

Ha documentos antigos que provam a existencia de uma especie de *arrhas*, usadas n'aquelles tempos.

No cartorio do mosteiro de Salzêdas, existiam duas doações, pelas quaes consta—de uma—que Martim Paes, cavalleiro de S. Miguel de Lobrigos, doou a sua mulher, Maria Lourenço, certos bens, em Santa Comba e em outras partes *per compra do vosso corpo*, com a condição de os possuir tão sómente em sua vida; mas os perderia se casasse. (Documentos de Salzêdas, gaveta 7.ª, maço 1.º, n.º 13.)

Esta *compra do corpo*, parece ser ao que no reino chamavam *herança do marido*, ou *confirmação do dote*. Era feita pelo marido a sua mulher, passada a primeira noite de casados, e por isso tambem se dava a estas doações o nome de *praetium virginitatis*. (Segundo o sr. Joaquim Pedro Ribeiro, nas suas annotações a Viterbo, é mais natural que *compra do corpo* fosse o a que hoje se dá o nome de *arrhas;* mas ha documentos que distinguem uma cousa da outra. Talvez seja a chamada *propter nupcias*.)

Entre os longobardos, não podia este donativo exceder a quarta parte dos bens do marido, e por isso se chamava tambem *quartisio*, e vulgarmente — *morganegiba* (dadiva feita pela manhan.)

Veja se a *Memoria sobre camara cerrada*, pelo sr. dr. Levy Maria Jordão, impressa em Lisboa, em 1857, em opusculo solto, e tambem encorporada na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova serie, classe 2.ª (Nota a Viterbo pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.)

Não havia lei nenhuma que imposesse ao marido a obrigação d'esta dadiva, que só dependia da sua vontade, e do grau de affecto que consagrava a sua mulher.

Da outra doação que existia no cartorio do mosteiro de Salzêdas, consta que — em 1190, Soeiro Viegas, fez uma carta de arrhas, a sua mulher, D. Sancha Vermudes, na qual lhe deixa muitas e grandes propriedes, *que só possuirá se não casar*. Esta doação é cruel e absurda, porque determina que—se a mulher ficar viuva e casar, os filhos que tiver do segundo marido, nada herdarão do que era d'elles ambos; mas tudo será dos filhos do primeiro matrimonio. *Mas, viuvando Soeiro Viegas, se casar segunda*

vez, nada herdarão os filhos que houver de sua primeira mulher!

Achava se este documento, tão contrario ás leis da equidade e da natureza, na gaveta 4.ª, maço 1.º n.º 6.

É provavel que alguns leitores achem aborrecidas estas explicações; mas o meu intento, emprehendendo esta obra, é dar o maior numero de noticias que me fôr possivel colligir, de tudo quanto sobre antigos usos, costumes e legislação tratam os escriptores portuguezes.

Estou certo de que nem a todos serão estas *divagações* indifferentes.

MATTA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado e districto de Castello-Branco, 80 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Margarida.

O povo apresentava o cura, que tinha réis 20$000, e o pé d'altar.

MATTA—ribeira, Douro, nasce na *Margaráça*, desagúa no Alva, junto á villa de Coja. Rega e fertilisa a ribeira (veiga) de Coja, e cria muito boas tructas.

Era no antigo concelho, supprimido, de Coja, e actualmente é no de Arganil.

MATTA ALTA — (vulgarmente *Mattalta*) serra, Douro, na freguezia de S. Miguel do Matto, comarca e concelho de Arouca. É um ramo da serra de Cabeço de Sobreiro, e fica a 5 kilometros ao S. do rio Douro. Apenas produz carqueija e urze; quando podia ser aproveitada, não só por ter, em grande parte, bons terrenos, como por ser abundante de aguas, que facilmente se extrahiriam por galerias subterraneas; pois quasi no seu cume se encontram nascentes. É quasi toda baldia. Traz muita caça do chão e do ar.

MATTA DE LOBOS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, 90 kilometros de Lamego, 365 ao NE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo da diocese apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus vastos montes, ha lobos, rapozas; ás vezes, javardos (porcos-montezes, javalis) e muita caça miuda. Ha tambem aqui bastantes colmeias.

MATTA DA MARGARÁÇA — importante matta, no extincto concelho de Coja, hoje concelho de Arganil, na provincia do Douro.

É muito antiga. Foi primeiramente dos bispos-condes; mas, em 1834, foi considerada bens nacionaes, e está no dominio da *fazenda nacional.*

É pela maior parte povoada de carvalhos, que dão optima madeira para construcções navaes.

Os bispos-condes tentaram reivindical-a, mas inutilmente.

MATTA-MÁ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario confirmado, que tinha réis 30$000, de congrua e pé d'altar.

Está n'esta freguezia, a casa e quinta da *Corujeira*, que foi de D. Manuel de Noronha, descendente dos marquezes de Villa Real.

Para armas e genealogia dos Noronhas, vide *Caminha* e *Villa Real.*

MATTA-MOURISCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal (foi até 1855 do concelho do Louriçal, supprimido a 24 de outubro d'esse anno) 40 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado de Coimbra e districto administrativo de Leiria.

A universidade de Coimbra apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

É situada junto á costa do Atlantico.

—

Em uma solitaria mas agradavel planicie, á vista do mar, se vê uma dilatada *marinha* (praia) que corre desde a foz do Mondego, até á de *Octavim*, no sitio antigamente chamado *Logar* ou *Casal dos francezes* ou *Casal da Serra*. Fica este logar na divisão que faz o bispado de Coimbra com o de Leiria.

E' uma pequena aldeia, hoje chamada *Nossa Senhora da Guia*, a 1:500 metros da egreja matriz e a 6 kilometros da villa do Louriçal. Cercam este logar, os de *Outeiro*, *Martinho*, *Seixo* e *Casal da Serra*.

Em 1620, os moradores d'estas quatro aldeias, resolveram construir uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Guia, para d'ella lhes serem administrados os sacramentos.

Era um templosinho pobre, como pobres eram os que o mandaram construir, que só eram ricos de devoção, á Santissima Estrella dos navegantes (*Ave Maris Stella*).

Foi a ermida, no seu principio, construida de *adóbes* (especie de tijolos de terra, sêccos ao sól) com 4,^{m}50 de comprido e 3,^{m}30 de largo, com 2,^{m}22 de alto. Era coberta de *telha van*, e só passado algum tempo, uns devotos a forraram de madeira. (1)

A imagem foi feita por um tal Francisco Henriques, morador na villa da Redinha, que se dizia esculptor, e era natural de Leiria. Sahiu pois a imagem cheia de imperfeições e de pessima esculptura em todas as suas partes (mas depois foi aperfeiçoada por um bom esculptor que lhe tirou os defeitos que poude).

(1) Mas com o tempo e o descuido, foram cahindo as portas e abandonando se a ermida, que chegou a estar reduzida a curral onde as cabras dos arredores hiam sestear no rigor das calmas.

A imagem da Senhora estava apenas encostada á parede, sem altar nem outro algum abrigo.

Assim estiveram as coisas por espaço de uns 60 annos.

Foi levada da Redinha para a sua capella, no mesmo anno de 1620, por Antonio Fernandes Malho, do *Casal dos Francezes*. Ainda a capella estava por acabar, pelo que a imagem foi depositada em casa de Martinho Fernandes do mesmo logar, e ahi esteve até hir para a sua casa.

Segundo a lenda, emquanto a Senhora esteve em casa de Martinho Fernandes, teve elle e sua familia muita ventura em todas as suas coisas, e por muitas vezes se viram alli luzes sobrenaturaes e se sentiram odores suavissimos.

Concluida a capella, foi para ella levada a Senhora; mas, como os povos d'aqui eram pobrissimos, não se chegou a fazer-lhe altar, nem a padroeira era conhecida senão da gente da freguezia, que apenas nas ladainhas de maio aqui vinha com o parocho de S. Mamede, em procissão.

Nas ladainhas de maio de 1675, estando a dizer-se missa, viram os que a ella assistiam, que da imagem manava um suor copioso, o que lhes causou grande admiração.

Correu a fama d'este milagre, em que os que o não viram não acreditavam. No dia 18 de dezembro do mesmo anno (dia da Expectação de Nossa Senhora, ou Nossa Senhora do Ó) em que se fazia a festa da Santissima Virgem n'esta ermida, a ella concorreu muita gente; e estando á missa, todos viram o mesmo milagre, mas sendo então o suor ainda em maior cópia.

Em breve a fama do milagre percorreu por todas as freguezias circumvisinhas, e grande foi a concorrencia de povo que veio á capella, uns por devoção e outros por curiosidade. No sabbado posterior á festa, estando a capella cheia de gente, se repetiu o milagre, ficando todos d'elle desenganados e apregoando-o por toda a parte.

Em todos os sabbados que se seguiram, foi continuado o milagre, o que augmentou progressivamente a devoção dos povos para com esta Senhora.

O que mais se distinguiu foi um fidalgo, morador na villa do Louriçal, chamado Antonio de Almeida Castello Branco, que de

todos os milagres de Nossa Senhora da Guia escreveu um livro.

Morava então no Louriçal, D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira, que por seus proprios olhos se quiz desenganar, e foi á capella presencear o milagre.

Deliberou então com Castello-Branco e outras pessoas nobres, erigirem uma confraria de Nossa Senhora da Guia, para cuidarem da reedificação, augmento e aceio da capella. O conde ficou juiz e Castello Branco, escrivão. Foram feitos mordomos o padre Manuel de Andrade Mesquita, João de Góes Silveiro, Francisco Cardoso Pereira e Antonio Martins; e para thesoureiro das offertas e esmoias offerecidas á Senhora, foi nomeado João Gomes da Serra.

Fez-se um livro em que estes todos assignaram com o licenciado Antonio Gomes, cura da freguezia da Matta Mourisca, compromettendo se a empregarem todo o seu zelo para o augmento do Sanctuario e do culto da Senhora.

O parocho fez no mesmo acto, e por termo no livro, desistencia de todas as offertas que lhe pertenciam da dita capella, para serem empregadas em obras da mesma. Todos então (sendo o conde o primeiro) offereceram esmolas para a Senhora.

Foi o livro, acompanhado de uma petição, enviado a D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, então bispo-conde, que por uma provisão auctorisou e confirmou a confraria.

Noventa e nove vezes suou a Senhora no espaço de quatro annos, o que foi visto por mais de cem mil pessoas, e d'isto mandou fazer um summario o referido bispo.

Estes suores duravam de 4 a 6 horas, com a circumstancia de que, emquanto suava, estava muito encarnada, e depois se tornava branca.

Emquanto a Senhora suava, tambem do tecto da capella manava muito *suor*, a ponto de molhar os circumstantes.

Cessou a maravilha em 1680, succedendo-lhe annos de fome e calamidades.

O primeiro cuidado da nova confraria foi construir á Senhora um templo mais vasto e digno, no qual se dispendeu uma consideravel quantia de dinheiro.

Tem o corpo da egreja 18 metros de comprido e 9 de largo, com cunhaes de pedraria lavrada, rematados por bonitas pyramides. Tem porta principal e duas travessas, tres boas tribunas com grades de ferro.

A capella-mór está dividida do corpo da egreja por um arco de pedraria, e tem tres altares, o altar-mór, onde está a padroeira, e dois lateraes.

Tem este templo uma formosa galilé, e é cercado todo em roda de varandas, com columnas de pedra, muito bem lavradas, concluidas em 1710.

Sobre a porta principal da egreja, se vê esta inscripção:

ESTA OBRA SE FEZ COM AS ESMOLAS DOS FIEIS E AJUDA DOS POBRES

A festa da Senhora continuou a ser, como antigamente, a 18 de dezembro; mas veio depois a mudar-se para o dia da Ascenção de Jesus Christo.

E' esta romaria concorridissima não só pela amenidade da estação, como pelo agradavel do sitio, que, como já disse, é uma dilatada campina, onde a vista se espraia com deleite.

MATTINHA (Quinta da)—logar, Extremadura, freguezia e concelho dos Olivaes, comarca e 6 kilometros a NE. de Lisboa.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

A primeira estação do caminho de ferro do norte e leste, ao sahir de Lisboa, é o *Poço do Bispo*. Passado este logar, encontra-se o bonito sitio de *Braço de Prata*, composto de varias quintas (vide o 1.º vol. pag. 432) e de alguns armazens de retem, construidos sobre a margem direita do Tejo.

E' um sitio extremamente pittoresco, e com formosas e extensas vistas, quer sobre o rio (que aqui parece mar), quer sobre a *Outra-banda*; vendo-se tambem um vasto territorio da margem direita.

A quinta da *Mattinha* foi antigamente dos marquezes de Bellas, (condes de Pombeiro). O palacio e mais officinas da quinta, que chegaram a um estado de deploravel ruina,

deitam para a estrada, que do Poço do Bispo conduz aos Olivaes.

A quinta é composta de terrenos cultivados e de uma *matta* (que lhe dá o nome) composta de pinheiros, sobreiros e outras arvores silvestres; sendo esta matta em um terreno bastante elevado e com grande escarpa sobre o Tejo.

No logar mais alto da matta, ha uma casa que em tempos mais prosperos servia de agasalho e descanço dos caçadores, quando os antigos senhores d'esta propriedade hiam a ella passar alguns mezes do anno.

Conta-se que no principio do seculo XVIII, vindo pela matta um cavalleiro atraz de uma lebre, correndo a toda a brida, viu esta esconder-se entre umas urzes; mas quando reparou que estava á borda do precipicio, já não poude soffrear o cavallo, que se precipitou d'aquella medonha altura, despedaçando-se e mais o cavalleiro, nos rochedos que bordam a praia.

Na quebrada, entre o monte da matta e outro outeiro, estão uns edificios pertencentes á mesma quinta, que serviram de armazens de retem, de vinhos da Extremadura, para exportação, antes do *oidium-tukeri*.

Esta propriedade fica perto de *Cabo Ruivo* e de Beirollas.

MATTO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

E' terra fertil.

MATTO ou S. MIGUEL DO MATTO—freguezia, Douro, no antigo concelho de Fermêdo, que foi supprimido em 1855, hoje da comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 30 kilometros ao O, 30 ao SE. do Porto, 8 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 60 kilometros a NE.

O real padroado e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis. Tem uns grandes e bons passaes.

Está esta freguezia situada em terreno muito accidentado, mas os seus pequenos valles são muito ferteis, por serem abundantes d'agua. Passam pela freguezia os ribeiros de S. Miguel e de Covellas, que se juntam ao Inha, e todos morrem no Douro, na foz do Inha, um kilometro abaixo de Pé de Moura. Regam, móem e trazem peixe miudo.

Cria-se n'esta freguezia, muito gado bovino, que se exporta para a Inglaterra.

O seu territorio é muito arborisado, principalmente por pinheiros.

A egreja matriz, é muito antiga e pequena, e no seu adro está o mausoleu do dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente de Coimbra e um dos tres melhores juris-consultos e escriptores de direito civil portuguez, do seculo XIX (Os outros dois, foram José Homem Correia Telles (Vide *Estarrêja*) e Manuel Maria dá Silva Bruschy. (Vide a pag. 340 do 4.º vol.)

Manuel Antonio Coelho da Rocha, nasceu e falleceu na aldeia de *Covellas*, d'esta freguezia.—Vide *Covellas*.

Ha na freguezia, a capella publica de Santo Antonio do Forno, muito antiga, pequena, pobre e quasi a cahir—e o oratorio particular, da casa dos Rochas, de Covellas, sobrinhos do lente referido.

Esta freguezia, faz bastante commercio para o Porto, pelo Douro, sobre tudo em madeiras, carvão, carqueija, cortiça e lenha, que tudo embarca na praia de Pé-de-Moura, ou Sante.

MATTO ou S. MIGUEL DO MATTO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella (antiga terra de Lafões), 18 kilometros de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto admininistractivo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, em toda a qualidade de fructos. Cria muito gado, e as suas vitellas são saborosissimas. Nos seus montes ha muita caça.

MATTO e **S. TORQUATO**—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 54 kilometros de Evora, 70 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Sant'Anna e S. Torquato.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia, segundo a moderna divisão, pertence á provincia da Extremadura; mas está ao S. do Tejo.

É terra fertil.

Eram duas freguezias (Sant'Anna e S. Torquato) que se uniram no seculo XVIII.

A mitra apresentava o capellão, curado, que tinha 120$000 réis.

MATTO—Vide *Calhandriz*.

MATTO DE MIRANDA—aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 94 kilometros ao N. de Lisboa.

E' aqui a 15.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

MATTO ou (S.) **BENTO DO MATTO**—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo, e 18 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 191 fogos.

Orago S. Bento.

A mitra apresentava o capellão, curado, que tinha 370 alqueires de trigo, 103 de cevada e 30$000 réis em dinheiro.

E' terra muito fertil em cereaes. Tem gado de toda a qualidade e caça.

MATTOS—Vide *Lourenço dos Mattos*, (S.) a pag. 457 do 4.º vol.

MATTOS ou **S. BRAZ DOS MATTOS**—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho do Alandroal, 24 kilometros de Elvas, 165 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Elvas e districto administrativo de Evora.

Terra fertil em cereaes.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha, 240 alqueires de trigo e 106 de cevada.

MATTOS—freguezia, Douro, na comarca e concelho do Marco de Canavezes.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Está annexa á freguezia da *Alpendurada*.

A pag. 160 do 1.º vol., sob a palavra Alpendurada, tratei d'esta freguezia, sem declarar que tinha annexa a de Mattos.

Alem d'isso, desde então tenho obtido mais esclarecimentos, que dou n'este logar.

A freguezia de Alpendurada, tem por orago, S. João Baptista, e o D. Abbade do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, triennal, que era um monge benedictino do mesmo mosteiro, e tinha 40$000 réis de rendimento.

Esta freguezia em 1757 tinha 130 fogos.

A freguezia dos Mattos, tem por orago S. Miguel, Archanjo, e o papa, o bispo do Porto e o D. Abbade do mosteiro de Alpendurada, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, em 1757 tinha 51 fogos.

Hoje, como estas duas freguezias estão annexas, têem dois oragos, S. João Baptista e S. Miguel Archanjo.

Pertenceram, até 1852, ao concelho de Bem-Viver, comarca de Soalhães, e como o concelho e a comarca foram então extinctos, passaram a formar parte do novo concelho e comarca do Marco de Canavezes.

MATTOSINHOS—freguezia, Douro, comarca, bispado, districto administrativo, e 6 kilometros a NO. do Porto, concelho de Bouças, 315 kilometros ao N. de Lisboa, 1:200 gos. Em 1757 tinha 413 fogos.

Orago o Salvador.

A universidade de Coimbra, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Já a pag. 425 do 1.º vol., tratei d'esta freguezia, sob a palavra *Bouças de Mattosinhos*; porém alli remetti o leitor para a palavra *Mattosinhos*, não só por ser mais conhecida sob esta denominação; mas tambem para ter tempo de obter o maior numero de esclarecimentos que me fosse possivel, para formar este artigo.

Ratifico pois tudo, quanto disse no 1.º vol., e accrescento o que se segue.

—

Dá-se a este concelho a denominação legal de concelho de Bouças, em rasão da villa d'este nome, que existe na freguezia de Mattosinhos.

Pretendem alguns, que antigamente só existia a freguezia de Bouças e que Mattosinhos não era mais do que uma aldeia d'esta parochia; e tanto que ao Senhor de Mattosinhos se dava o nome de *Bom Jesus de Bouças.*

É certo, porém, que o *Portugal Sacro* e *Profano*, publicado em 1757, traz a freguezia de *Mattosinhos* e não traz a de *Bouças.*

O concelho de Bouças é composto das 13 freguezias seguintes:

Aldoar, Custoias, Guifões, Infesta, Labrúge, Lavra, Léça-do-Bailio, Leça-da-Palmeira, Mattosinhos, Nevogilde, Perafita, Ramalde, e Santa Cruz do Bispo. Todas estas freguezias, no bispado do Porto.

Tem este concelho 3:700 fogos. Tem estação telegraphica.

Em 1873, se principiou aqui a construir um bonito theatro.

Sanctuario do Senhor de Mattosinhos

E' este magestoso sanctuario, um dos mais justamente famosos de Portugal, e o seu divino padroeiro, objecto da maior devoção dos povos de desenas de leguas em circumferencia.

—

A uns 8 kilometros ao ONE. do Porto, junto ao mar, se eleva em uma ampla e amena planicie, o antigo e magestoso sanctuario do Senhor de Mattosinhos, onde ha muitos seculos se guarda e venera, com a devoção de que é digna, a milagrosa imagem do Senhor que dá a invocação áquelle magnifico templo.

A grandeza e religiosa magestade de tão devoto sanctuario é bem conhecida dos milhares de fieis que todo o anno concorrem a levar suas offertas ao mesmo Senhor, e a supplicar d'elle remedio e auxilio nas suas enfermidades e tribulações, e dos que, em tão prodigiosa quantidade, affluem, especialmente nos tres dias da sua romaria, a fazer suas orações diante da sacrosanta e milagrosa imagem. Porém isso não nos dispensa de fazermos aqui uma resumida descripção d'esto logar, consagrado pela devoção geral ao culto do Rei dos Reis, debaixo da miraculosa invocação do Senhor de Mattosinhos.

No topo de um amplo terreiro, assombrado por corpulentos e copados álamos e para o qual se sobe por uma espaçosa escadaria, eleva-se magestosa a egreja no meio de duas soberbas torres, formando um todo da mais agradavel vista e do mais venerando aspecto.

E' formada a egreja de tres naves, cujos arcos são sustentados por seis columnas de ordem corinthia, e tem ao todo sete altares, incluindo o da capella-mór, sendo dois de cada lado, no corpo da egreja; dois ao lado do arco cruseiro, e o altar-mór, em cujo throno se ergue cheia de devota magestade a veneranda e sempre milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos.

No primeiro altar do lado da epistola, ou á mão direita de quem entra a porta principal, venera-se o bemaventurado apostolo S. Pedro; no segundo do mesmo lado vê-se, em devota representação, a arvore de Jacob; no do lado do Evangelho, ou á mão esquerda de quem entra, a imagem de S. José, esposo de Nossa Senhora; no segundo venera-se a Senhora da Graça.

Ao lado esquerdo do arco cruseiro, fica o altar do Santissimo e do lado direito o altar do Senhor dos Passos.

Todas as imagens são proprias a infundir devoção e respeito, que effectivamente lhe tributa o crescido numero de fieis que continuamente frequentam aquelle templo.

No altar-mór, n'um elevado throno, expõe-se á veneração dos devotos, como dissemos, a santa imagem do Senhor de Mattosinhos, á qual anda ligada a historia de tão numerosos milagres.

No mesmo terreiro ou alameda em que está situada a egreja, se elevam de um e de outro lado differentes capellas, que a devoção tem feito construir, e nas quaes se representam os principaes Passos da Paixão

de Jesus Christo, nosso Salvador. São estas capellas em numero de seis, em cada uma das quaes se representam os seguintes Passos do Senhor:

Na 1.ª capella do lado esquerdo ao sahir da egreja—o Horto.

Na 2.ª—a Prisão de Jesus.

Na 3.ª—o Senhor açoutado.

Passando para o lado opposto, na 1.ª capella á mão esquerda de quem sobe a escada do terreiro—o Pretorio.

Na 2.ª—o Senhor Ecce Homo.

Na 3.ª, junto á egreja—o Senhor com a Cruz ás costas.

As capellas são separadas umas das outras por canteiros ajardinados, guarnecidos de grades de ferro, o que lhes dá mais fresco, deleitoso e agradavel aspecto.

A egreja data de 1550, em que pela ruina do antigo mosteiro de Bouças, em que ha mais de 14 seculos se venera a imagem do Senhor de Mattosinhos, foi n'aquelle logar edificado um novo sanctuario a expensas da Universidade de Coimbra, a quem pertencia o padroado de Mattosinhos, por concessão de el-rei de Portugal D. João III.

Parte d'esta egreja é a que ainda actualmente existe e que comprehende a capella-mór e metade do corpo do templo. O restante foi reformado ou accrescentado depois em principios do seculo XVIII.

Na frente da egreja, erguem-se aos lados duas torres, n'uma das quaes, a do lado esquerdo, chamada torre antiga, ha tres sinos. Na do lado direito, ou torre moderna, foi recentemente mandado collocar, pela mesa da irmandade, um carrilhão de bem concertados sinos, que com seus accordes e harmoniosos sons alegram e deleitam a quantos os ouvem.

O templo é interiormente de vistosa fabrica, inspirando respeito e religioso acatamento aos que n'elle entram a dirigir as suas preces ao Todo Poderoso, sob a invocação do portentoso Senhor de Mattosinhos.

Na capella-mór, do lado do Evangelho, vê-se o tumulo do bispo do Porto D. Geraldo Domingues, que morreu em Estremoz no anno de 1321, e cujos ossos foram conduzidos para aquella egreja. Diz assim o epitaphio que n'esta sepultura se lê:

«Aqui jaz D. Giraldo Domingues XXIX, bispo do Porto. Foi morto em Estremoz no anno de 1321.»

A existencia do corpo do venerando bispo do Porto explica-se pelo seguinte:

Foi a este religioso prelado que el-rei D. Diniz, no anno de 1305, deu o padroado de Mattosinhos, e foi elle que n'esta egreja deixou instituidas cinco capellanias com certas obrigações, instituição que mais tarde foi alterada.

A pouca distancia da egreja do Senhor de Mattosinhos, para o lado do mar, está situado o Padrão, assim denominado porque elle foi levantado em memoria da milagrosa apparição do Senhor, que se verificou n'aquelle logar. Compõe-se este padrão ou memoria de uma especie de pavilhão ou coberto de cantaria, sustentado por quatro pilares, levantando-se no meio d'elle uma cruz. Pela parte de dentro e encostadas a estes pilares, estão as imagens dos quatro evangelistas. No pedestal da cruz que olha para o mar, lê-se em caracteres arabicos a data de 162 e pelo lado opposto a de 50. Descendo dois degraus para a parte do mar, ha uma fonte, de bem lavrada cantaria, com quatro faces, em cada uma das quaes se lê uma inscripção latina, tirada dos logares santos.

—

A milagrosa e veneranda imagem do Senhor de Mattosinhos é das mais antigas que se veneram em toda a christandade. Podemos mesmo dizer, fundados em boas conjecturas e auctorisados por bons testemunhos, que foi uma das primeiras, senão a primeira imagem de Christo Crucificado, que se fez no mundo.

A invasão dos povos barbaros nos paizes do occidente e a perseguição que os christãos primittivos soffreram, fizeram desapparecer documentos preciosissimos, muito antigos e que nos dariam luz sobre muitos pontos da historia das imagens sagradas, sobre a sua origem e seus artifices, ficando por isso embrulhado na sombria noite das edades remotas o conhecimento exacto da

época em que foram feitas essas divinas cópias.

As trevas do passado, não rasgadas pela luz da historia, não deixam saber, portanto, ao certo o anno em que foi feita a sacrosanta imagem do Senhor de Mattosinhos.

Porém a tradição perpétua e invariavel de muitos seculos, estabelecida e arreigada na memoria dos homens, continuada e perpetuada de geração em geração como herança feliz e confirmada pela successão de estupendos prodigios—a tradição, que nem as invasões dos selvagens, nem os vorazes incendios, nem as perseguições atrozes movidas contra os christãos, nem o destruidor volver dos seculos, podem consumir — essa diz-nos que a milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos fôra feita por Nicodemos, varão illustre convertido á fé pelos milagres que observou no Calvario e que, com José de Arimathêa, despregou do Sagrado lenho o corpo de Christo, conduzindo-o ao Santo Sepulchro. E quem, como Nicodemos, podia copiar melhor os traços sacrosantos do Crucificado? Elle foi testemunha occular dos tormentos de Jesus; ajudou-o a despregar da Cruz, a deposital-o no tumulo e recolheu os instrumentos da Sagrada Paixão, conservando em seu poder, por muito tempo, o Sudario, em que ficou esculpida a Santa imagem de Christo.

Esta tradição é perpetuada por notaveis e antiquissimos escriptores portuguezes e estrangeiros e mencionada uniformemente pelos seguintes:

Manuel de Faria e Sousa; fr. Luiz dos Anjos; padre Carvalho, na sua *Chorographia;* dr. Antonio Coelho de Freitas; padre Antonio de Vasconcellos; Jorge Cardoso; Rodrigo da Cunha e Antonio Cerqueira Pinto, na sua *Historia do Senhor de Mattosinhos*, publicada em 1738.

O segundo concilio niceno, celebrado depois do anno de 325 da era christã, isto é, ha perto de dezeseis seculos, occupou-se das imagens, feitas por Nicodemos, averiguando se que uma d'ellas viera para a Lusitania, para o logar de Mattosinhos.

Antigos e abalisados escriptores, e entre outros Pedro de Mariz, asseveram que Nicodemos fizera quatro imagens do Crucificado, uma das quaes se venera em Berito, na Syria; a segunda em Lucca, na Italia; a terceira na cidade de Burgos, Castella; e a quarta em Mattosinhos.

Quiz Nicodemos, segundos estes auctores, que as quatro imagens fossem espalhadas pelas quatro partes do mundo, então conhecidas; mas outros opinam que o piedoso esculptor fizera cinco imagens de Christo, como symbolisando as cinco chagas, opinião que nos parece mais verosimil, pois que aliás, fazendo Nicodemos as imagens por inspiração divina, deviam estas, pela vontade do Supremo Creador, encontrar-se nas quatro partes do mundo, o que não acontece.

A quinta imagem que se attribue a Nicodemos venera-se na cathedral de Orense, na Galliza, segundo a opinião de alguns escriptores que se occuparam d'este assumpto.

—

Suppõe-se com boas razões que a milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos fôra a primeira feita por Nicodemos e a mais perfeitr effigie de Christo Redemptor, quando estava agonisante na cruz.

A posição dos olhos, um, o direito, meio aberto sobre a humanidade, o outro aberto para o céo como supplicando, dizem que significa que Jesus Christo, quando agonisante, implorava a seu Divino Pae, perdão para o mundo que viera resgatar com seu divino sangue, lançando ao mesmo tempo um olhar de piedade para os filhos de Adão, por cujos peccados acabava de soffrer os mais tormentosos flagicios. Prova eloquentissima da misericordia do Filho de Maria, que sendo açoitado pelos homens, ainda assim não se esquecia d'elles no momento em que estava para deixar a terra, pois que para elles implorava perdão.

Nicodemos fez a imagem do Senhor de Mattosinhos ôcca no tronco, para n'aquelle vão esconder os instrumentos da Paixão.

Reparando bem na imagem vê-se effectivamente que as costas são anteparadas de uma téla fina, que parece confundir-se com a materia de que é feita a sacrosanta effigie, téla tão bem preparada que tem resisti-

do á corrupção dos tempos, pois que em nada se encontra deteriorada. A mesma téla fórma a toalha, com que foi envolvido, para natural reparo, o corpo de Jesus Christo. Esta toalha que desce da cinta, cobrindo a perna direita até ao joelho e a esquerda até á canella, está tão ligada ao corpo que parece egualmente confundir-se a ponto de muita gente imaginar que é de madeira, o que é engano, pois que nós mesmo já tivemos eccasião de a examinarmos attentamente, verificando que era téla.

—

Um dos milagres bem manifestos do Senhor de Mattosinhos é a conservação da sua Santa imagem. Tem ella dezoito seculos e nada indica que deslisou por sobre ella o volver de tantos tempos!

N'este larguissimo periodo, n'esta immensidade de annos, não ha granito, por mais duro que seja, não ha marmore, ferro, aço ou bronze, que sustente a sua primittiva consistencia.

No decorrer de tão largos seculos, desmoronam-se os palacios mais solidamente construidos, desapparecem promontorios, somem-se cidades inteiras, cahem reinos, ficam em ruinas os mais populosos e florescentes imperios, sepulta-se um mundo inteiro no sorvedoiro immenso do passado, e aquelle fragil lenho resiste incolume atravez de tanto seculos, como se por elle não passasse mais que a curtissima edade de um homem! Não será isto um estupendo milagre? Não será tambem clara prova de que aquella Santa imagem foi feita por Nicodemos e é o retrato fiel do Redemptor do mundo? É por isso que Christo quer que ella dure atravez dos seculos até á sua consummação.

—

Nicodemos sobreviveu bastantes annos á Paixão do Senhor, e os judeus, por elle ter dado tantas provas de piedade, trataram de o perseguir.

Aquelle illustre varão fôra mestre em Israel, cargo que não era exercido senão por altos personagens, e dizem alguns auctores, que elle fôra principe na Judéa.

Os Judeus depozeram-o do seu magisterio, confiscaram-lhe os bens e chegaram a açoital-o, como diz Calmet.

Em vista de tanta perseguição, fugiu de Jerusalem para um logar solitario, onde seu tio Gamaliel tinha uma herdade. Foi alli que fez a imagem do Senhor de Mattosinhos e as outras mais que se lhe attribuem.

«N'esta soledade, diz M. dos Reis Bernardes, passava Nicodemos em vida contemplativa; e como na sua alma tinha impressa a effigie de seu divino mestre, não lhe soffrendo o amor que aquella impressão ficasse só na idéa, fez pratica a mesma idéa, formando aquelle sagrado transumpto. E aqui temos apparecida no mundo em uma cruz, a imagem do filho de Deus.»

Ás violentas vexações dos christãos n'aquella época correspondia a irreverente perseguição das imagens sagradas.

Foi assim que muitas foram escondidas em subterraneos e outras lançadas ao mar, para as livrarem da fogueira, aonde o odio pharisaico arremessava as que encontrava.

Nicodemos, tendo então feita a que depois se chamou do Senhor de Mattosinhos, e querendo livral-a d'aquella perseguição, guiado por inspiração divina, desceu ao porto de Job, que fica nas costas da Judéa, banhadas pelo Mediterraneo, e alli a confiou da inconstancia das ondas.

Novo milagre se operou então, digno da admiração das gentes e que dá a entender o quanto é abençoado por Deus este cantinho do mundo.

Lançada a sagrada e veneranda imagem ao mar Mediterraneo, sulcou este em toda a sua longitude, desde o nascente ao poente, afastando-se dos cabos, dos promontorios, dos bancos, das ilhas e dos portos; passou o estreito de Gibraltar, entrando no Oceano, e aqui, em vez de seguir a mesma derrota, virou para o norte, sendo levada sobre as aguas até á altura da nossa costa, aportando por fim á venturosa praia de Mattosinhos.

Dir-se-hia, á vista de tão prodigiosa maravilha, que, como no principio do mundo, *o espirito de Deus era levado sobre as aguas.*

—

A imagem appareceu sem um braço, e n'esta falta quiz o Senhor operar novo milagre como mais abaixo se verá.

Porque é que, tendo aquella Divina Cópia atravessado uma tão grande distancia, a nenhum porto ou outra parte do mundo arribou senão a este cantinho de Portugal? Deus, em sua alta bondade, permittiu que estes povos fossem dos primeiros illuminados pela redemptora luz da Graça, e vendo-os tão propensos a receberem tão vivificadora luz, quiz premial-os com uma das suas sagradas imagens, de quem esses povos tinham de receber tão grandes beneficios.

No Oriente tinha o filho de Deus prégado a nova religião e insuflado no animo dos gentios d'aquellas regiões o espirito regenerador das suas doutrinas: era preciso que no extremo do Occidente raiasse tambem a nova luz.

Foi Mattosinhos o logar escolhido para se espalhar pela primeira vez a luz da redempção e quiz Deus que isso se operasse de uma maneira prodigiosa.

Resam antigas historias, que sendo conduzido o cadaver de S. Thiago (o qual foi martyrisado em Jerusalem por ordem de Herodes Agrippa) a bordo de uma náo, que navegava para um dos portos de Galliza, esta se aproximára, contra a vontade dos tripulantes, da costa de Mattosinhos, parando alli como em calmaria.

Celebravam-se por essa occasião n'esta praia os regios desposorios do régulo Cayo Carpo com festas, torneios, lanças e outros applausos ao antiquissimo uso; e, sendo um d'esses jogos entrarem os cavalleiros em concertados meneios pelas candidas espumas do Oceano, o que se chamava *andar bafordando*, aconteceu que o cavallo que o noivo montava, tomasse o freio nos dentes e entrasse intrepido pelo mar dentro, rasgando as aguas sem o menor perigo para si nem para o cavalleiro, chegando ao pé da náo em que vinha o cadaver do santo.

Conhecendo os discipulos de S. Thiago o milagre e penetrando o sentido de tão alto mysterio, ministraram logo o baptismo a Cayo Carpo, o qual, estupefacto por este prodigio, pois via que não se afogava nem mesmo se molhava, recebeu-o de bom grado, convertendo-se d'este modo ao christianismo.

Operada tão singularmente esta conversão e terminada a ceremonia do baptismo, Cayo Carpo sahiu sem o menor perigo do salso elemento, o que, visto pelo gentio que celebrava as festas, foi objecto de indescriptivel admiração, convertendo-se todos á fé catholica.

Cayo Carpo vinha todo coberto de conchas, dando isto logar a que aquelle sitio, em memoria d'este notavel acontecimento, se chamasse *Matisadinhos*, alludindo ao matisado das conchas.

Pelo andar dos tempos o nome de Matisadinhos converteu-se em *Mattosinhos*. Para memorar a alegria que sentiram aquelles povos por tão raro milagre, poz-se ao rio que passa ao pé o nome de *Lætitia*, palavra latina que quer dizer alegria. De Lætitia se derivou, segundo alguns auctores, o nome de Leça, porque hoje é conhecido o rio.

Foram pois os povos de Mattosinhos os primeiros que no Occidente receberam a luz da fé e foi por isso que a milagrosa imagem, feita e lançada aos mares por Nicodemos, escolheu aquellas paragens, operando se tudo isto por influencia celeste.

Não é averiguado o anno em que a veneravel effigie do Crucificado appareceu em tão feliz praia.

Dizem uns que foi no anno 50 da era christan; outros affirmam que fôra no anno 90; outros, porém. e estes parece que fundados em melhores razões, dão esta miraculosa invenção no anno de 124 da mesma era.

No logar do *Espinheiro*, onde foi encontrada a Santa Imagem, foi erigido um monumento, como n'outro logar dizemos, para perpetuar o apparecimento de tão preciosa reliquia.

Denominava-se *Padrão* essa memoria e na base da cruz, que dentro d'ella está erecta, encontram-se os algarismos arabes 162, o que é certamente a data em que alli se encontrou o Senhor de Mattosinhos. Esta mesma data se encontra no topo do arco

da capella-mór da egreja, onde hoje se venera o Senhor; está porém coberta pela talha dourada que reveste o magestoso templo.

Estes algarismos, escriptos n'aquella época, não podiam deixar de referir-se á era de Cesar, pela qual se computavam então os annos.

Ora o anno 162 da era de Cesar corresponde ao anno 124 da era christan. Tem portanto de existencia em Mattosinhos a milagrosa imagem do Crucificado 1748 annos.

Está tambem averiguado que aquelle faustoso apparecimento teve logar em uma terça feira, no dia 3 de maio, razão porque n'este dia vão todos os annos ao Padrão em procissão, solemnidade que remonta áquelles tempos.

Como egualmente acima referimos, do outro lado da base d'aquella cruz, encontra-se o numero 50.

Dizem auctorisados escriptores que este numero indica que o braço que faltava á imagem appareceu depois d'esta 50 annos, o que é corroborado pela tradição constante de muitos seculos.

Durante 50 annos foi o Senhor venerado sem o braço, com que appareceu de menos, pois que muitos braços se fizeram, mas nenhum d'elles se ajustava ou prendia ao tronco, tornando-se logo manifesto um novo milagre d'aquella sacrosanta imagem.

Andava, porém, um dia na praia uma pobre mulhersinha de Mattosinhos, apanhando nos desperdicios do mar, com que alimentasse o lume, e aconteceu encontrar um objecto que lhe paceceu bom para queimar. Chegando a casa deitou-o ao fogo, mas aquillo que lhe parecia um bocado de lenha, saltou fóra da fogueira tantas vezes quantas ella alli o deitou.

Tinha esta mulhersinha uma filha muda e olhando esta para o que a mãe fazia, com grande assombro de todos fallou e disse:

—Ó minha mãe não teime em deitar isso ao fogo, olhe que é o braço de Nosso Senhor de Bouças. (porque então se venerava ainda a imagem e venerou até ao meiado do seculo XVI no templo que em Bouças se lhe erigiu pouco depois do seu apparecimento.)

Attonita a pobre mulher pelos milagres que presenciava, correu a dar parte d'elles á povoação, a qual foi verificar se aquelle era ou não o braço que faltava ao Senhor, e com assombro viu que tão ajustado lhe ficava que depois não se conhecia já qual d'elles lhe tinha faltado!

A romaria que a devoção catholica celebra na 2.ª oitava do Espirito Santo, foi instituida para solemnisar aquelle grande milagre.

—

N'outra mulher permittiu o Senhor que se manifestasse mais uma vez o seu poder, obrando novo prodigio por invocação do Senhor de Mattosinhos.

Andava ella ao pé do Padrão, e com tanta fé pediu ao Senhor que lhe desse uma agua para curar uma mancha que tinha na cara, que logo, pelo lado debaixo d'aquelle monumento, rebentou uma fonte de salutiferas aguas. A mulher lavou-se, e com grande confusão dos incredulos, se curou immediatamente!

A fonte lá está ainda, resguardada de granito, com piedosas inscripções de que acima fallamos.

—

Até o meiado do seculo 16 foi a sagrada imagem do Senhor de Mattosinhos venerada no templo de Bouças, onde esteve escondida entre a parede da capella-mór e outra com que esta se forrou, para se formar este esconderijo, durante os annos mais nefastos para a Egreja.

Esteve alli occulta no anno 412, em que entraram n'esta provincia os alanos, suevos, selingos e vandalos; no de 633, em que Sezinando foi acclamado rei de toda a Hespanha; no de 713, em que os arabes estiveram senhores d'esta provincia; finalmente alli esteve occulta pelos annos de 982 e 985, até que os gascões entraram pela barra do Porto, derrotando completamente a Almançor, capitão mouro dos reis de Cordova. Alli foi preseverado este thesouro, sahindo incolume de tantas e tão barbaras perseguições.

A egreja de Bouças ameaçava porém ruina e necessario se tornava a edificação do novo templo, para veneração d'aquella imagem de Christo.

Houve disputa onde seria edificado o novo templo, querendo uns que fosse n'este logar, outros escolhendo outro. Lembrança feliz foi então a de uma creatura para terminar razões de preferencia, propondo que a imagem fosse levada sobre uma burrinha, e onde esta parasse, ahi se levantasse o novo templo. Com effeito a burrinha parou no logar onde agora está a egreja; e tão manifesto foi este novo prodigio, que por mais que tocassem o pachorrento animal, não se movia d'aquelle logar.

Grande é o numero de milagres operados pelo Senhor de Mattosinhos: para os relatarmos com todas as circumstancias precisas, não nos chegariam annos e encheriamos muitos volumes. Fazemos só por isso menção dos mais notaveis, e d'aquelles que, pelo andar do tempo, possam estar esquecidos.

Os habitantes da cidade da Virgem foram, em todos os tempos, testemunhas dos grandes e beneficos prodigios do Senhor de Mattosinhos, correndo todos os annos, em numerosa concorrencia, á sua egreja a festejar tão milagrosa imagem.

Algumas vezes, tambem aquelle thaumaturgo santo veio visitar os piedosos filhos d'esta cidade e, com sua divina influencia, afastou os flagellos que açoitavam não só o Porto, mas todo o reino.

Asseveram antigos chronistas, que cinco vezes trouxeram os portuenses em solemne procissão ao Porto aquella milagrosa imagem, e que de todas as vezes foram obrados prodigios celestes em favor d'elles e de toda a lusitana gente.

Verificou-se a primeira no anno de 1426, no reinado de D. João I, e no pontificado de Clemente VII, sendo bispo do Porto D. Pedro da Costa.

Eram por esse anno tão continuadas as tempestades e tão rigorosas as chuvas, que fructo algum escapava ao rigor de tão largo e desabrido inverno, declarando-se o flagello da fome por toda a parte.

Conduzido á cidade do Porto o Senhor de Mattosinhos, em solemnissima procissão, serenaram-se os céos, alegraram-se os horisontes, succedendo ás horrorosas borrascas os mais lindos dias de vivificante sol! Foram mais de quarenta mil as pessoas que acompanharam a milagrosa imagem na sua primeira visita a esta cidade.

Teve logar a segunda procissão no dia 7 de junho do anno de 1585, reinando em Portugal Philippe II, de execranda memoria, e na Egreja, Xisto V. Foram ainda as copiosas chuvas d'esse anno, as quaes ameaçavam alagar a terra, que fizeram reccorrer os portuenses á maravilhosa influencia do Senhor de Mattosinhos, o qual, como da primeira vez, fez succeder á tempestade a bonança e a abundancia á penuria.

A terceira procissão foi feita pelo mesmo motivo e o mesmo milagre operou d'esta vez o Senhor. Teve logar este novo prodigio no anno de 1596.

Quarta vez recorreram os portuenses, açoitados ainda pela inclemencia do tempo, á milagrosa imagem, e egualmente foram ouvidos os seus rogos e supplicas ferventes. Esta quarta procissão foi no dia 20 de junho de 1644.

Da quinta vez que o Senhor de Mattosinhos foi conduzido á cidade do Porto não tiveram os portuenses que agradecer á sua bemdita misericordia menor favor que das vezes precedentes.

No reinado de D. Pedro II, 1696, mortifera epidemia ceifava as vidas dos filhos da cidade da Virgem. Os hospitaes eram pequenos para conter tão grande numero de enfermos e as vallas dos cemiterios eram atulhadas de cadaveres. A medicina desesperou de cortar os progressos d'aquelle horrivel contagio, e os portuenses, afflictos e consternados, recorreram ao que por successivas maravilhas reconheciam por seguro e efficaz remedio.

Foi pois conduzida a imagem do Senhor de Mattosinos a esta cidade, com tal concorrencia de devotos, que não cabendo nas estradas, cobriam os montes e as collinas, apresentando este acto um espectaculo magestoso. Foi tão grande o milagre e tão di-

gno de veneração dos homens, que dias depois d'aquella procissão, todos os enfermos davam graças a Deus pela saude que sentiam já vigorar-lhes o corpo!

Depois d'estes innumeros factos que attestam o milagroso soccorro do Senhor de Mattosinhos, se tem repetido em todos os tempos. Mas visto que os não podemos relatar todos, falle por nós essa assombrosa quantidade de retabulos que, suspensos das paredes do templo, se offerecem á devota contemplação dos fieis.

(*Historia e milagres do Senhor de Mattosinhos.*)

—

Philippe II de Castella, fez conde de Mattosinhos, a D. Francisco de Sá Menezes, que morreu sem descendencia, morrendo com elle o titulo d'este condado. (Vide *Martha* (Santa) *de Penaguião.*)

D. Francisco de Sá Menezes, era um nobre cavalleiro, intrepido, generoso e de bom conselho. Foi camareiro-mór do principe D. João (filho de D. João III e pae de D. Sebastião.) Foi muito estimado tanto do principe como dos dois reis e depois, do cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, e que por morte d'este occupou o throno portuguez.

O cardeal rei nomeou a D. Francisco de Sá e Menezes, um dos cinco governadores do reino, o que lhe deslustrou o brilho do nome, pois, com seus collegas, entregou o reino ao usurpador Philippe II.

Conta-se de D. Francisco de Sá a seguinte anecdota:

Sendo *pagem da campanha*, de D. João III, e estando nos paços reaes da Ribeira, lhe pediu o rei um cópo de agua. Recebeu-a D. Francisco da mão de uma mulher que servia no paço, e, por descuido, aconteceu que a agua se tirou de uma *quarta* (bilha) onde primeiro estivera vinagre rosado. O rei bebeu, mas estranhando o sabor acre que tinha, disse «Francisco de Sá, que me deste n'esta agua, que me mataste?»—D. Francisco, sem dizer uma palavra, bebeu toda a agua que o rei deixára; e então declarou quem lh'a déra, e, conhecido o engano sem consequencia, foi esta acção muito celebrada e applaudida.

D. Francisco morreu a 17 de março de 1585.

—

Aqui falleceu, em 31 de julho de 1530 (tendo nascido em 1470) *Simão Gonçalves da Camara*, 3.º capitão e governador da ilha da Madeira, neto do descobridor da mesma ilha (João Gonçalves Zarco) progenitor dos condes da Calhêta.

Era tão liberal, que foi cognominado—*o magnifico.*

Poucos vassallos despenderam tanto em serviço de Deus, da patria e do rei.

D. João II e D. Manuel, lhe deveram, em grande parte, a conservação das praças portuguezas da Africa!

Em vida de seu pae, o mandou D. João II soccorrer Arzilla (Africa), para onde partiu immediatamente, com 300 homens, que por seis mezes sustentou á sua custa em Africa, fazendo repetidas e valorosas entradas em terras de mouros.

Durante o mesmo reinado, passou da ilha da Madeira para a Graciosa (Açores) e alli assistiu todo o inverno; sendo d'alli chamado pelo rei, que lhe escreveu uma carta muito honrosa, convidando-o a vir a Lisboa, assistir ás festas que se fizeram ao principe D. Affonso, seu filho, e ás quaes concorriam todos os grandes de Portugal, e muitos de Castella.

Fez-se Simão Gonçalves admirar pela pompa e lusimento com que se apresentou na côrte, trazendo por séquito, grande numero de parentes, pagens, lacaios e cavallos, com riquissimas galas, librés e jaezes.

Foi depois soccorrer Safim (Africa), chamado por Diogo da Azambuja, levando comsigo 900 homens, tendo já mandado antecipadamente 300, com muitas armas e munições, em 13 navios seus, e alli se demorou tres mezes.

Soccorreu tambem por duas vezes, com 350 homens, o castello real de Santa Cruz (Africa), no tempo dos capitães, Diogo Lopes de Sequeira e do referido Diogo da Azambuja.

Mandou á conquista d'Azamor, seu filho, João Gonçalves da Camara, com 21 navios, 600 homens de pé e 200 de cavallo; com ordem de ficar na praça, como ficou, em quan-

to a não julgasse segura das invasões repetidas com que os mouros a pretenderam recuperar. (Note-se que os navios, uns eram seus, outros alugados por elle, e que a gente era armada e paga á sua custa.)

Resentindo-se porém Simão Gonçalves, por não ser attendido em certa pretenção, como esperava, pelos seus assignalados serviços, tratou de se desnaturalisar, e, com effeito, se embarcou, com toda a sua familia, para Cadix; mas um grande temporal o fez arribar a Lagos. (Algarve.)

Alli soube que a praça de Arzilla (de que então era capitão D. João Coutinho), estava a ponto de perder-se, pelo cêrco que lhe tinha posto o rei de Fêz.

Não consentiu o animo generoso d'este patriota sincero, que tão boa praça cahisse outra vez em poder dos infieis; pelo que, mudando de tenção, alistou dentro em tres dias 700 homens de guerra, e com elles marchou immediatamente em soccorro de Arzilla, e, depois de fazer levantar o cêrco, ficando quasi arrasadas as fortificações, nenhum capitão queria ficar governando a praça.

Então Simão Gonçalves da Camara, alli ficou voluntariamente com os seus soldados, até que fez reparar e reconstruir todas as fortificações.

De Arzilla, partiu para Cadix, para onde o rei D. Manuel lhe escreveu uma carta, muito amavel, e cheia de elogios á sua bravura e patriotismo, fazendo-lhe largas promessas e convidando-o para voltar ao reino.

Movido da benevolencia do monarcha (que foi um dos mais felizes e dos mais ingratos que se sentaram no throno), das saudades da patria, e do seu ardente desejo de lhe prestar serviços, regressou a Portugal, onde o rei o recebeu com as maiores demonstrações de alegria e estimação.

Outras muitas vezes soccorreu as praças já nomeadas, e as de Tanger, Ceuta, Mazagão e Alcacer (todas na Africa), com grande numero de soldados e grande copia de munições, offerecidas por si, por seu filho e por seus parentes e creados.

Quando succedia ausentar-se da ilha da Madeira, deixava ordem em sua casa, para que, se houvesse noticia de que algumas d'aquellas praças de guerra africanas, eram atacada pelos mouros e turcos, se lhe mandasse logo soccorro de gente, navios e munições, como se elle estivesse presente; o que aconteceu repetidas vezes.

Sustentou sempre á sua custa a gente que o acompanhava, e lhe dava maiores soldos do que os que recebiam os militares do exercito real, dando mesa a todos os officiaes e pessoas nobres que a queriam acceitar.

Sustentava tambem em sua casa muitas pessoas nobres e grande numero de creados, e alli tinha uma capella de musicos, com pouca differença da real.

Mandou ao papa, Leão X, um presente tão rico e curioso, que o pontifice fez d'elle singular estimação.

Levou este presente, um conego do Funchal, com grande numero de creados, vestidos custosamente com a libré dos Camaras, e fez no sacro palacio, perante o pontifice e cardeaes, uma oração latina, laudatoria (a Simão Gonçalves), que foi ouvida com grande attenção, e muito applaudida, pela sua eloquencia e elegancia.

O papa lhe escreveu, de sua propria mão, dando-lhe grandes louvores, com paternaes expressões do grande apreço que fizera da sua *embaixada* e magnifico presente, que pareceram mais de rei, que de vassallo.

A estes grandes despendios accrescentava continuas e avultadas esmolas, com que sempre soccorreu a todo o genero de necessitados, sem que jámais deixasse de remediar miseria, ou afflicção alguma de que tivesse noticia; e com tanta generosidade e profusão, que veiu a morrer pobre, tendo sido a sua casa a mais rica de Portugal, depois da de Bragança, e da de D. Jorge, mestre de S. Thiago.

Nos ultimos annos da sua vida, renunciou o governo da ilha da Madeira, em seu filho e successor, João Gonçalves da Camara, e voltando ao reino, se retirou á villa de Mattosinhos, onde falleceu, como disse no principio d'este artigo.

Simão Gonçalves da Camara, é o progenitor dos actuaes condes da Ribeira Grande. (na ilha da Madeira.)

D. Manuel Gonçalves da Camara, bisneto

de Simão Gonçalves, foi o 1.º conde da Ribeira Grande, feito por D. Affonso VI, em 15 de setembro de 1662. (Seu pae e seu avô, já eram condes de Villa Franca, e o rei lhe mudou então o titulo, para a Ribeira Grande.)

O appellido Camara, provem-lhe de que—quando João Gonçalves Zarco, descobriu a ilha da Madeira (1419), aportou a um sitio onde em algumas cavernas se viram muitas phocas (lobos marinhos) pelo que se ficou chamando ao logar—*Camara de Lobos.*

D. Manuel, em memoria d'esta descoberta, determinou que os descendentes de João Gonçalves Zarco, usassem do appellido *Camara.*

As armas dos Camaras, cujo ramo principal são os condes da Ribeira Grande, são—em campo negro, uma torre de prata, com ameias e corucheu, que remata em uma cruz de ouro, e dois lobos, da sua propria côr, em pé, rompendo contra a torre, que está posta em campo verde. Timbre, um dos lobos das armas.

É actual conde da Ribeira Grande, o sr. D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, casado com a sr.ª D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, da Casa dos Castros, do Côvo. (Vide *Côvo.*)

—

Em Mattosinhos, nasceu, pelos annos de 1590, o padre Belchior (ou Melchior) da Graça. Era de nobre geração. Estudou e foi graduado em ambos os direitos (civil e canonico), na universidade de Salamanca.

Regressando a Portugal, foi feito capitão de uma náu da armada; mas, desenganado das vanglorias do seculo, entrou na congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, e em serviço da sua ordem, foi tres vezes a Roma, onde se fez peritissimo nas linguas hebraica, caldaica, syriaca, arabica e grega; que aprendeu com os insignes mestres, Abrahão Eschelense (maronita) e Canhachio Rossio. (grego.)

Foi eloquentissimo nas linguas latina e castelhana, e n'estas, como na portugueza, fazia formosos versos.

Ao nome do pontifice Urbano VIII, fez e publicou um livro, com cem anagramas, que tinha o titulo—CENTUM ANAGRAMATA IN LAUDEM S. D. N. URBANO VIII, PONTIFICIS OPTIMI MAXIMI. *Veletris apud Alphonsum de Insula. Anno 1644.*

Publicou um opusculo, sobre a jurisdicção metropolitana, para com os suffraganeos. (*Decisões*, do dr. Manuel da Fonseca Themudo, part. 2.ª, decis. 245.)

Escreveu outro opusculo, por parte da jurisdição do coleitor apostolico, Alexandre Castracani, sobre o interdicto que este pôz em Lisboa, em 1639.

Este conservou-se na livraria que foi do cardeal Sousa.

Escreveu e publicou as—*Praxis Pensionum exigendarum*, etc.

A *Vida do veneravel padre Antonio da Conceição*, conego secular da congregação de S. João Evangelista, que ficaram manuscriptos. (esta obra e a antecedente.)

Em Italia, França e Hespanha, foi muito estimado pelos sabios, e nas obras de alguns é celebrado com louvor.

Morreu no convento de Santo Eloy, de Lisboa, em 26 de setembro de 1650.

—

Foi senhor de Mattosinhos, João Rodrigues de Sá de Menezes, alcaide-mór da cidade do Porto, cavalleiro tão famoso, como os mais do mesmo appellido.

Soube com perfeição a lingua latina, e foi eximio em philosophia e bellas-lettras. Foi mimoso poeta, e as suas *Quintilhas*, sobre as armas e familias illustres d'este reino, foram muito celebradas e se imprimiram.

Era generoso, prudente e politico.

Foi embaixador dos reis D. Manuel e D. João III, ás côrtes de Saboya e Castella.

Morreu no dia 2 de novembro de 1579, com 115 annos de idade, pois tinha nascido em 1464.

Convento das Penhas

Pelos annos de 1392, deram principio, os padres fr. Gonçalo Marinho e fr. Diogo Ayres, ao convento de *S. Clemente das Penhas*, assim chamado, pelo eminente e penhascoso sitio em que foi fundado, na costa do Oceano, junto ao logar de Mattosinhos, no mes-

mo logar em que já havia uma antiga ermida, dedicada a S. Clemente, que ficou servindo de egreja do mosteiro. E, porque o sitio era nocivo á saude, e havia n'elle outras incommodidades, se transferiu para onde hoje existe, nas margens do rio Leça, pouco distante de Mattosinhos; dando o chão para o novo mosteiro, Simão Coutinho e sua mulher, D. Maria da Cunha. Mudou-se então o titulo e a invocação do mosteiro, ficando a denominar-se—*Nossa Senhora da Conceição, de Mattosinhos.*

É de muita devoção esta imagem da Virgem. É de pedra, de quasi 2 metros de altura, com o Menino Jesus no braço direito. Foi feita em Coimbra, por um insigne esculptor, chamado Diogo Peres, por ordem d'el-rei D. Affonso V, custando 7$000 réis a esculptura, e o pintor, de a encarnar e dourar, levou menos de 3$000 réis.

Foi a imagem mettida em um caixão, e levada pelo Mondego, até á *Barranca*, passando ahi para uma caravella que viajava para o Porto, onde entrou com feliz viagem.

No Douro, foi passado o caixão que continha a imagem, para bordo do *esquife* (escaler, ou chalupa) da náu *Nossa Senhora das Neves*, equipado e empavesado tudo com muita variedade de bandeiras e flamulas, com *roqueiras* (pequenas peças) e musica, servindo de remadores, varios mestres e pilotos de navios ancorados n'este porto, vestidos de gala.

Fez-se a viagem para Mattosinhos, com grande alegria e magnificencia, indo muitos barcos embandeirados, com musicas, e dando tiros com as roqueiras, e assim foram até á fóz do Leça.

Desembarcada a Senhora, foi logo collocada no seu throno.

Teve isto logar em vespera da Ascenção do Senhor, que era uma quarta feira, 7 de maio de 1483.

Entre muitos *milagres* que existiam n'esta egreja, se viam duas grandes pelles de *lagarto*. empalhadas (provavelmente jacarés, caimões, ou crocodilos), testemunhas de dois milagres acontecidos a dois marinheiros que no Ultramar escaparam dos dentes d'estes amphibios, por invocarem a protecção d'esta Senhora, com ajuda da qual, mataram aquelles monstros.

Tambem aqui havia dois esporões de espadarte, que sem penetrarem o costado, se pregaram em duas náus de guerra portuguezas que navegavam para a India.

Pedaços de amarras, grilhões e cadeias de captivos, salvos pela intervenção de Nossa Senhora.

Muitas pessoas devotas d'esta Santa imagem, concorreram com grandes esmolas, para que se lhe edificasse nova egreja, o que se levou a effeito.

D. Margarida de Vilhena, mandou fazer á sua custa a capella-mór, e D. Affonso V, que era muito devoto d'esta Senhora, e que muitas vezes a visitou, lhe mandou fazer o corpo da egreja.

—

Fica a freguezia de Mattosinhos separada da de Leça da Palmeira, pelo rio Leça, com a qual communica por uma excellente ponte de cantaria.

Está ligada ao Porto, por duas bôas estradas a mac-adam—uma em linha recta, em construcção, que é a estrada-rua da *Boa-Vista*, da qual já fallei, no artigo, Martinho de Cedofeita (S.)—e outra pela margem direita do Douro, até á Fóz, e depois pela beira-mar, até Mattosinhos, concluida em 1868.

Esta estrada é plana e bellissima. Está orlada de arvores, que lhe augmentam a formosura, podendo dizer-se que da Fóz a Mattosinhos, é, não só uma estrada, mas tambem um passeio deleitoso.

Desemboca em Mattosinhos, na sua formosa alameda, vasto quadrilatero, arborisado e guarnecido de bancos de pedra.

No centro da alameda, e sobre um elegante pedestal, se ergue magestosa, a estatua do benemerito cidadão, Manuel da Silva Passos, nascido na freguezia de Guifões, d'este concelho.

Foi erigida por os seus conterraneos, em 24 de agosto de 1864.

Parallelo á nova estrada, está o poetico monumento do *Senhor do Padrão.*

É um zimborio, formada de quatro arcos abertos, rematados por uma bonita e elevada abobada, guarnecida de oito pyramides,

e terminada no seu vertice, por uma cruz. Entre as columnas, e pela parte de dentro, estão as estatuas dos quatro Evangelistas.

No centro está uma alta cruz, com a imagem de Jesus Crucificado, pintada em azulejo.

Junto ao *padrão*, está uma casinha de cantaria, quadrada, com os martyrios do Salvador, esculpidos na pedra.

Em cada fachada, tem uma inscripção latina commemorando o milagre feito a uma mulher, em 1726, a qual padecendo de elephancia, foi a 3 de maio d'aquelle anno, áquelle sitio, e alli, com as proprias mãos e sem outro algum instrumento, abriu na areia uma pôça, e d'ella e de mais quatro partes (em fórma de cruz), brotaram cinco fontes de agua perenne (que ainda existem), e lavando-se com ella tres dias, ficou perfeitamente san.

Esta casinha, fez-se para conservar a agua fechada, e d'alli se tiram constantemente, garrafas e garrafas de agua, que vão para differentes partes, onde operam curas maravilhosas, em varias molestias.

MAURELLES—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 45 kilometros ao NE. do Pórto, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade de Abragão, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

(Vide Marco de Canavezes.)

MAURO—portuguez antigo—segundo uns, é abreviatura de *maurobotino* (maravidin) e segundo outros, era mouro captivo (escravo) que se dava como preço de qualquer compra. (Vide *Tarouca*.)

MAXIAL—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras. Já está descripta a pag. 14 d'este vol.

MAZAGANÍA—portuguez antigo—do arabe *machzanía*—soldados pagos, e não auxiliares, que não tem soldo.

O africanos, assim chamam aos soldados, que estão em actual serviço, e derivam este nome de *Machezan*—erário, ou thesouro d'onde se collige, que são homens, que pertencem ao erário, e d'elle se sustentam, ou cobram soldo. A *poz elle vinha o Alcaide com sua Mazaganía* (isto é companhia), *como elles lhe chamão na sua linguagem*. Damião Goes. *Chronica d'elrei D. Manuel*, part. 4.ª, cap. 44.

MAZANARIA—portuguez antigo—pomar de macieira. Os hespanhoes dizem *Manzanar*, e d'aqui vem o nome ao rio *Manzanares* que corre em Madrid, e que significa—*rio dos pomares*.

MAZAR—portuguez antigo—julga-se ser o nome, que até ao seculo XIV se dava á madre-pérola, então mui rara e por isso de alto preço.

No testamento de D. Pelagio, bispo de Lamego, feito em 1246, se lê—*It: Mandat Priori de Carcari* (Cárquere) *mantum de canulino, et cappam de grisan, et ciphum de Mazar*. (Doc. da Sé de Lamego.)

MAZCABO—portuguez antigo—falha, detrimento; tambem pena, injuria. *Peite da outra parte, que essa Ordinhaçom guardar, mil libras de dinheiros, en nome de mazcabo: e toda via a ssa Ordinhaçom ser estavil*. (Doc. da Guarda, de 1298.)

MAZÊDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 304 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 125$000 réis.

O vinho d'esta freguezia, é muito verde, e diz-se que o nome d'ella, vem d'esta circumstancia, e é contracção de—*máu e azedo*.

Os dizimos foram dos jesuitas de Braga, que lh'os deu D. fr. Bartholomeu dos Martyres, quando arcebispo d'esta diocese.

Por extincção da Companhia de Jesus, foram os dizimos para a universidade de Coimbra, que os recebeu, até 1834.

Ha n'esta freguezia, as antigas casas de

Serradé e do sr. Manuel Pereira de Moscoso.

MAZELLAR-SE—portuguez antigo—affligir-se, doér-se, contristar-se, etc.

MAZMORRA—portuguez antigo—do arabe africano *matsmóra*, e pronunciavam como nós *masmôrra*, que é como hoje se escreve—casa, cóva, ou prisão subterranea, á maneira de uma grande cisterna, sem ar, nem claridade, mais do que lhe entra pela porta, ou bôcca, a qual se fecha com um alçapão.

Em Marrocos, as Mazmorras são debaixo do palacio do rei. Deriva-se do verbo *támara*—guardar, fechar, esconder debaixo do chão; cobrir com terra. *Girardo João Vossio*, sem rasão, deriva este nome do verbo hebraico—*zamara*, cantar, *psalmear*. É pois tão extravagante esta derivação, que, sendo as masmorras prisões horriveis, possa o seu nome derivar-se de um verbo que significa—alegria, como é cantar e psalmear. Vide *Jornada de Africa*, Liv. 2.º, cap. 6.º e pag. 71.

MAYORCA—Vide *Maiorca*.

MÊA—portuguez antigo—medida de 6 quartilhos.

Ainda se usa em algumas terras do districto de Coimbra; mas na provincia do Minho, *mêa* ou *mêya*, eram 2 quartilhos (*meia canada*.)

MEADAS—freguezia, Alemtejo, comarca e 24 kilometros de Portalegre, concelho de Castello de Vide, 180 kilometros ao SE. de Lisboa, 245 fogos. Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

É terra muito fertil, e nos seus montes se eria muito gado, de toda a qualidade, e ha muita caça.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Esta freguezia, está unida ha mais de 100 annos á da Póvoa, e por isso o seu nome official é *Póvoa* e *Meadas*.

Meadas fica a 5 kilometros a E. da Povoa.

Durante a usurpação dos Philippes, foi residencia dos condes de Valle de Reis (depois marquezes, e por fim duques, de Loulé.) Ainda se vêem as ruinas do seu palacio.

É terra muito abundante d'aguas, causa da sua fertilidade.

(Vide *Póvoa* e *Meadas*.)

MEADÉLLA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto e proximo de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi até ao reinado de D. Diniz, do padroado real; mas este monarcha a trocou por outras, com D. João Fernandes Sotto-Maior, bispo de Tuy, a cuja diocese esta freguezia então pertencia.

Passou a ser do bispado de Ceuta, na Africa (vide Braga), e por fim dos arcebispos, por troca, com o bispo de Ceuta.

É n'esta freguezia, a quinta e torre de *Paredes*, solar dos Bezêrras.

O 1.º senhor d'esta casa (então coutada) foi D. Pedro Hermiges de Paredes. Foi herdeiro d'esta casa, seu filho, Martim Cabeça, pae de Maria Martins, que casou com Lourenço Paes Guedes. Ou por extincção d'esta familia, ou por outras rasões que hoje se ignoram, passou esta propriedade para a corôa, e D. João I a deu a um colateral, de appellido Martins, em premio dos seus serviços, na guerra contra Castella, e sempre com privilegio de couto.

Passou depois para os frades bernardos de *Oia*, na Galliza, com outros bens, e a torre de Pérre.

Fernão Gonçalves Bezêrra, fidalgo gallego, commettendo certos crimes na Galliza, fugiu com a sua familia para Portugal, e tomou conta da casa e rendas de Paredes, que houve dos frades, dando-lhe em tróca as suas propriedades de Galliza, e fazendo aqui o seu solar.

Este fidalgo, era parente dos condes de *Alta-Mira*, e dos Moscosos, principes de sangue e grandes de Hespanha.

As armas dos Bezêrras, são—em campo verde, duas bezêrras de ouro. Timbre, uma das bezêrras das armas, sem pontas.

MEALHA—portuguez antigo—A *mealha*, não era uma moeda cunhada sobre si: era

metade de um dinheiro (*denario*) que se partia com qualquer instrumento.

De ser *mêia*, se chamou *mealha*. (De mealha vem o nome de *mealheiro*, que se dá a um vaso, ou caixa, bem conhecido, onde se vae juntando dinheiro miudo.)—Tambem á medalha se dava o nome de *pogeya*, ou *pagueja*. (*Chron. do rei D. Fernando*, pag. 238 —*Collec. de Livros Ined. da Hist. Port.*, pela Academia Real das Sciencias, tom. 4.º)

Com o tempo, ás mealhas se deu o nome de *medalhas*, e actualmente dá-se o nome de *medalhas*, a todo o dinheiro antigo, qualquer que seja a sua fórma, peso, ou metal.

O rei D. Manuel, extinguiu as mealhas, e se contava por livras, posto que tambem já se não cunhassem (como depois se veiu a contar por *cruzados*, mesmo quando já não havia moeda cunhada, com esse valor.)[1]

Tambem havia *mealhas de ouro*, que sem duvida eram *medalhas*, ou *moedas*. No foral de Santa Cruz de Villariça, se diz—*Et qui percuserit Presbiter, pectet quingentos soldos, et una* manalia *de ouro*. (Doc. da camara de Moncorvo, do anno de 1225.)

Já disse que *medalha*, era o mesmo que *mealha*. No foral velhoda Covilhan, dado em 1186, se diz—*De corio de vaca, vel de zevra, duos Denarios: de corio de cervo, vel de gamo, III medalias.*

Devo notar que *zevra*, não é o quadrupede a que hoje chamamos *zêbra*, que nunca existiu em Portugal, senão nos museus zoologicos. Antigamente dava-se o nome de *zevro*, ao touro, ou novilho, e *zevra*, á novilha, ou vitella.

No foral velho de Lisboa (de 1179), lê-se—*Dent de foro de vaca I denarium, et de* zevro, *unum denarium. De coriis boum, vel* zevrarum, *vel cervorum dent medium morabitinum.*

O desejo de acertar e o acatamento á verdade, obrigam-me muitas vezes a mencionar n'esta obra, opiniões diametralmente oppostas ás minhas, deixando ao leitor a liberdade de seguir as que lhe parecerem mais verosimeis. Por esta rasão, declaro que o sr. J. P. Ribeiro, em uma nota a fr. J. de Santa Rosa de Viterbo (pag. 279), diz—*zevro, zebro, ou pedra-zebral, nada tem com gado vaccum. É um animal bem conhecido, e que entre nós, em outros tempos, era vulgar, dando-se com tudo ás suas pelles mais valor que ás dos outros animaes. A Africa é que hoje abunda na sua creação.*

Com o devido respeito a tão illustrado escriptor, não me posso conformar com a sua opinião.

Nos dois trechos de foraes antigos, que deixo transcriptos, vê-se claramente que não tinham mais valor, mas o mesmo, as pelles de *zevra*, ou *vacca*; nem podiam ter differença, visto serem uma e mesma cousa. Em todos os escriptores antigos se toma zebro por boi, touro, ou novilho, e nunca por animal chamado *zebra*, em que nunca fallam os livros, senão como synonimo de gado vaccum. Na Peninsula iberica havia ursos, e ha lobos, javalis (javardos, ou porcos montezes) corças e veados; mas não consta que em tempo algum houvesse zebras, propriamente ditas.

Em 922, se fez a demarcação do grande couto do mosteiro de *Crestuma*, que se estendia pelas duas margens do Douro, terminando na *terra de Sousa do Monte Zevrario, isto é, Monte das Vac-*

[1] N'esta e em outras muitas materias, podia dar uma vasta explicação; mas isso faria uma obra volumosissima, e aborrecida para muitos leitores. N'estes casos, indico os livros onde os curiosos podem achar todos os esclarecimentos que exigirem. Para isto, veja-se *Elucidario* de Viterbo, a pag. 62. (da edição de 1865, verbo *Livra*.)

cas. (Livro Preto de Coimbra, fl. 39.)

Este e outros foraes, em que se falla de *corio de vaca, vel de zevra*, etc., tantos *denarios*, é, quanto a mim, que deu origem a dizer-se que em Portugal houve antigamente *dinheiro de sóla.*

Se fossemos a entender os papeis antigos ao pé da letra, então podiamos tambem sustentar que antigamente havia dinheiro feito de pão, de carne, de vinho e de todos os mais generos, e até de propriedades de raiz; mas a verdade é que—*uma dinheirada de terra*, ou *de vinha*, era a porção de terreno, que valia um dinheiro de renda annual. *Dinheirada de pã, vinho, cêra*, etc., era a quantidade d'esses generos que se comprava por um dinheiro.

Em um prazo do convento da Alpendurada, feito em 1289, se lê—*Detis annuatim Refectorio Fratrum XII denariatas panis, et sex pisces canes.*

Em 1360, se mandou, por uma provisão de D. Pedro I, que na cidade do Porto houvesse as seguintes medidas de liquidos—*um dinheiro, dois dinheiros, almude* e *meio almude.*

Em um documento de Alpendurada, de 1347, se lê—*A cada huum Frade, quatro dinheiros de pam*—isto é, a cada frade uma porção de pão que valesse 4 dinheiros.

Tinhamos que fazer se fossemos aqui a mencionar todos os documentos antigos e modernos, em que se declara a porção do genero, ou da propriedade de raiz, pelo seu valor em dinheiro.

Os leitores que sobre este ponto desejarem amplos esclarecimentos, podem consultar as obras seguintes—Viterbo, verbo *Dinheirada* e *Dinheiro—Memorias sobre pesos e medidas portuguezas*, por Sebastião Francisco Mendo Trigoso (que vem nas *Memorias economicas*, da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, tom. 5.º, pag. 386.)

Nota ácerca do Systema monetario dos romanos, do sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez d'Avila e Bolama.)—Esta *nota*, vem na versão dos *Fastos d'Ovidio*, do sr. Antonio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (hoje visconde de Castilho), publicada em 1862. Vem (a nota) no tom. 1.º, pag. 350 a 384.—Veja-se tambem o *Diccionario numismatico*, por um flaviense (fr. Francisco dos Prazeres Maranhão.)

MEALHADA—villa, Douro, capital do concelho de seu nome, na freguezia e 3 kilometros a E. da Vaccariça (pelo que tambem alguns dizem, *concelho da Vaccariça*), comarca da Anadia, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 560 fogos, na freguezia.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

Note-se, que as distancias marcadas n'esta obra, para as terras por onde passa o caminho de ferro, não são as d'esse caminho, mas as das estradas ordinarias. Pelo caminho de ferro, fica a Mealhada, distante de Lisboa, 237 kilometros, 162 de Santarem, 130 do Entroncamento, 67 do Pombal, 19 de Coimbra, ao N.—37 de Aveiro, 97 de Villa Nova de Gaia ao S. e 300 da raia hespanhola (ao O. d'ella), 11 álem de Elvas.

Tem estação telegraphica, e é a 29.ª estação do caminho de ferro do Norte. É na *Bairrada.*

O collegio da Graça (agostinhos) de Coimbra, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho da Mealhada é composto das 6 freguezias seguintes — Barcouço, Casal-Comba, Luso, Pampilhosa, Vaccariça (Mealhada) e Ventosa do Bairro; todas no bispado de Coimbra.

Tem este concelho 1:700 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 149 v., 2.ª col.)

Na mesma cidade de Lisboa, e com a mesma data, deu o rei foral á villa da Vaccariça. Vem no mesmo livro, a fl. 149.

Este foral serve tambem para Varzeas. (Era couto dos bispos-condes.)

É povoação muito antiga, e parece que já existia no tempo dos romanos. Por aqui pas-

sava a via militar d'elles, que de Lisboa se dirigia a Calle.

Ainda em 1856, quando n'este sitio se andava a construir o caminho de ferro do Norte, se achou enterrado um marco milliar, dedicado a Caligula, com o n.º 12. (Adiante trato mais circumstanciadamente d'esta antigualha.)

Os mouros, reedificando a via militar romana e alterando-lhe, em partes, a antiga directriz, aqui levaram-a pelo seu antigo leito.

No reinado de D. Maria I, tambem por aqui passava a estrada real de Lisboa ao Porto.

A nova estrada a mac-adam principiada a construir em 1845, tambem passa pela Mealhada.

As terras principaes que ficam proximas d'esta povoação, são—a villa da Anadia, a 9 kilometros a NNE.—Cantanhêde, 12 a O.

O concelho confina com o de Penacova, ao E. e SE.—com o de Mortágua (já districto administrativo de Vizeu), ao NE.—com os da Anadia, e S. Lourenço do Bairo (districto administrativo de Aveiro), ao N., e com o segundo tambem a NO.—com o de Cantanhêde ao O.—com o de Ançan ao SO. e com o de Coimbra ao S.

Os antigos coutos de Aguim, Casal Comba, e Vaccariça, que hoje são n'este concelho, receberam foral de D. Manuel; o primeiro no 1.º de julho, e o segundo a 12 de setembro de 1514.

Todas estas povoações e outras muitas d'este concelho, são mais antigas do que a monarchia portugueza; pois que d'ellas dispõe o conde D. Raymundo, genro de D. Affonso VI de Leão, no testamento em que doou a D. Cresconio, bispo de Coimbra, e aos clerigos da egreja de Santa Maria, o antiquissimo mosteiro *bobulense* da Vaccariça; que segundo uns havia sido fundado por Paulo Orosio, no seculo V, e segundo outros, pelo patriarcha S. Bento, no seculo VI.

É mais admissivel esta segunda opinião, porque, sendo o mosteiro de monges benedictinos (duplex) não podia ser erecto antes do introductor d'esta ordem, na Europa.

Existiu este convento, habitado pelos seus monges, em todo o tempo da dominação mourisca, e só no seculo XI (pelos annos de 1090 de Jesus Christo) e desde que ficou sendo apanagio dos bispos de Coimbra, deixou de existir como communidade religiosa.

—

Cultivam-se n'este concelho todos os productos agricolas do nosso paiz; mas a sua cultura por excellencia, é a dos vinhos, conhecidos em todo o reino, pela denominação de *vinhos da Bairrada*, ou da *Anadia*.

Dá-se o nome de *paiz vinhateiro da Bairrada*, ás freguezias de Casal-Comba, Tamengos, Vaccariça, e Ventosa do Bairro, n'este concelho—á freguezia dos Arcos e logar de Mogofôres, no da Anadia—á pequena freguezia de Óis do Bairro, e á villa de S. Lourenço do Bairro; e a mais algumas povoações ao E. e S. da freguezia de S. Lourenço—ao logar de Murtêde, e á freguezia de Cepins (ou Sepins) no concelho de Cantanhêde.

Os vinhos da Bairrada são exportados—uma grande parte, pelo caminho de ferro para a cidade do Porto, onde, misturados com os do Alto Douro, vão correr mundo, sob o titulo de *vinhos do Porto*. O resto, sahe pela barra da Figueira da Foz, para o estrangeiro, principalmente para a America.

O sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, cavalheiro activo, emprehendedor, intelligente, e verdadeiro amante da sua patria (é natural da Mealhada) ha muitos annos tem empregado todos os meios suasorios, para levar a effeito a formação de uma grande e poderosa companhia, que tome a seu cargo o desenvolvimento e aperfeiçoamento das vinhas, e dos seus productos, fazendo estes adquirir os seus antigos creditos, que as adulterações lhe tinham feito perder; e, finalmente, promoverem a prompta venda dos vinhos da Bairrada, nos paizes estrangeiros.

O sr. Carreira de Mello, acaba de vêr coroadas de bom exito as suas nobres e pa-

trioticas aspirações, e já n'este anno (1875) se formou a companhia; a qual, pela honradez, intelligencia e meios de que são dotados os cavalheiros que formam a sua administração, promette grandes beneficios ao paiz vinhateiro da Bairrada, e um auspicioso futuro á nova empreza.

—

A villa da Mealhada, pela sua importantissima situação, cortada pela via ferrea e pela estrada real ordinaria, em vasta e fertil planicie, e centro da região vinicula da Bairrada, a mais importante a este respeito, depois do Alto Douro, tem em nossos dias prosperado prodigiosamente, e o seu futuro será dos mais felizes, e em termo breve.

Os banhos de Luso e as continuas digressões dos *touristes* á serra do Bussaco (que são n'este concelho e lhe ficam proximas) assim como ser n'esta villa o ponto da partida do caminho de ferro (tanto para quem vem do norte, como do sul) para a cidade de Viseu e grande parte das duas Beiras, para o que tem uma excellente estrada moderna, a mac-adam, e duas diligencias diarias ascendentes e duas descendentes, além de grande numero de outros vehiculos para conducção de gente e mercadorias, teem concorrido para que esta povoação chegue a um gráu de prosperidade a que nenhuma outra chegou em tão pouco tempo.

Desde que aqui se estabeleceu a estação do caminho de ferro (1861) se teem edificado muitos predios, sendo grande parte d'elles de nobre e elegante construcção; reedificado outros que estavam em total abandono, e fundado vastas, commodas e elegantes hospedarias, optimas lojas de commercio e outros grandes melhoramentos.

As camaras municipaes tambem se teem desvellado no engrandecimento da villa, traçando novas e espaçosas ruas; alinhando e reparando outras; fazendo grandes plantações de arvores; e empregando outros meios efficazes, para tornar a povoação cada vez mais civilisada e florescente.

Se continuar (como é de esperar) no augmento progressivo que tem tido ha 12 annos a esta parte, dentro em poucos se tornará uma das villas mais importantes do reino.

—

Já disse que em 1856, se achou aqui um marco milliar da via romana. Appareceu a 630 metros de distancia da villa. É um cippo, em fórma de fuste de columna, de 2m,04 de alto, e 1m,40 de circumferencia.

Tem uma inscripção que diz:

..... SAR. DIVI.....
..... ROM. AVG.....
..... MAX. TRIB.....
..... COS. DESI.....
P. P.
XII.

Só se póde adivinhar esta inscripção, visto que estão incompletas a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 6.ª linhas.

Na 1.ª, falta o nome do imperador, vendo-se apenas a terminação da palavra *Cæsar* (*sar.*) e, talvez, o nome do pae, adiante de *divi.*

Na 2.ª, faltam letras no principio e no fim.

Na 3.ª, é provavel que antes de *max*, estivesse, *pont*, e depois de *trib*, devia estar *pot*, e algum algarismo que indicasse o numero de vezes que foi investido do poder tribunicio.

A 4.ª, está completa, e quer dizer: *consuli designato.*

A 5.ª, tambem está completa, e significa: *pater patriæ.*

Na 6.ª, falta o nome da povoação, d'onde até aqui se contavam as 12 milhas (12:000 passos.)—É provavel que fosse *Conimbrica* (Condeixa Velha), que regula por essa distancia.

A via militar romana de Lisboa a Calle, e d'ahi a Braga, não passava por *Colimbrica*, ou *Colimbria* (a actual Coimbra) vinha da actual Condeixa Velha, quasi em linha recta, atravessando o campo de Coimbra, ter á Mealhada, seguindo d'ahi para Talabrica (Aveiro), Lancobrica (Feira) e Calle (Gaia.)

É pois este cippo, incontestavelmente a base, ou pedestal, onde assentava um marco

milliario. Das letras que existem, apenas se póde colligir que *foi dedicado a f... Cesar, divino, augusto, pío, pontifice maximo..... investido do poder tribunicio, designado consul e pae da patria. D'aqui a... 12 milhas.*

Diz-se todavia, em papeis antigos, que este marco foi dedicado ao imperador Caligula.

—

O rio *Cértoma* (*Cértema* ou *Sértoma*) réga esta freguezia. Já a pag. 253, do 2.º vol., tratei d'este rio: aqui dou mais algumas noticias a seu respeito.

Duas nascentes mui proximas entre si, no declive do Bussaco, para o O., no sitio chamado *Lameiras*, ou *Arruido*, perto da aldeia de Lourêdo, dão principio a este rio, que, correndo na direcção de É. a O., o espaço comprehendido entre a serra, e a estrada real, atravessa esta, na ponte de *Viadores*, caminhando então parallelamente com ella, já engrossado com as aguas das ribeiras de Murtêde, e Póvoa do Bispo (no Concelho de Catanhêde), de Horta, de Malla, de Luso, de Monte-Novo, e dos regatos do Freixial (junto a Tamengos) dos Mirógos (junto a Villa-Franca) e outros menores; que todos regam e fertilisam este concelho, e os da Anadia, S. Lourenço do Bairro (extincto), Oliveira do Bairro e parte do de Eixo (extincto.) Desagúa no rio Águeda, perto de Requeixo. N'elle e nos seus braços, ou affluentes, se colhe algum peixe miudo.

O rio Cértoma, póde ainda vir a ser um grande manancial de riqueza para a Bairrada, pois que correndo em leito plano, não é muito dificil, nem dispendioso tornal-o navegavel, em toda a sua extensão, facilitando accesso á barra de Aveiro.

Na sessão de 16 de julho de 1853, alguns deputados fizeram um requerimento ás camaras, que foi approvado, cujo theor era o seguinte:

Considerando a canalisação da ria de Aveiro, e dos rios que n'ella desagúam, e o enxugamento dos vastos terrenos, que hoje se acham alagados pela mesma ria, como obras das mais uteis para o paiz—requeiro

1.º Que para o estudo de taes obras, o governo seja convidado a mandar levantar, quanto antes, uma planta minuciosa, assim de toda a ria de Aveiro, como do rio Vouga, até S. Pedro do Sul, e dos rios Cértoma e Águeda, até onde forem susceptiveis de serem navegados, com a designação dos actuaes esteiros e vallas de navegação, e das alturas da agua, em toda a ria;

2.º Que a factura d'esta planta, se o governo assim o julgar conveniente, seja incumbida a quem, em concurso publico, se preste a fazel-a, em melhores termos de sciencia, brevidade e economia.

(*Diario do Governo* n.º 166, de 18 de julho de 1853.)

Infelizmente, esta bella ideia não passou do papel.

—

É nos limites d'este concelho, que está a serra do Bussaco, justamente célebre pela sua elevação, que domina muitas leguas em circumferencia; pelo seu antiquissimo mosteiro, fundado no anno de 1541; para monges e monjas da ordem de S. Bento, e que depois passou a ser de frades carmelitas descalços, que o reedificaram e ampliaram, lançando-lhe a primeira pedra das novas construcções, fr. Thomaz de S. Cyrillo, em 7 de agosto de 1628.

Denomina-se este *convento de Santa Cruz do Bussaco*, ou do *Deserto*. (Vide o 1.º vol., pag. 509.)

Sendo tambem notavel o Bussaco, pela gloriosa batalha do seu nome, dada pelo exercito luso-anglo, contra as hordas francezas, a 25, 26 e 27 de setembro de 1810. (Vide o 1.º vol., pag. 510.)

A serra do Bussaco, principia nas margens do Mondego, cêrca de Pena-Cóva, estende-se na direcção de S. a N., em distancia de 18 kilometros, e tem de elevação, nos seus pincaros, 550 metros sobre o nivel do mar.

Quasi na sua extremidade septentrional, e na aprasivel encosta a E., é que está o mosteiro, de que já fallei nos lugares acima citados.

A matta do mosteiro, é cercada de um muro, com 4 kilometros de circumferencia, cortada em duas partes quasi eguaes, pelas avenidas do mosteiro, e povoada de grande

quantidade de arvores seculares e gigantescas, de diversas qualidades.

Os que desejarem amplas noções sobre o Bussaco, consultem a *Benedictina Lusitana*, de fr. Leão de S. Thomáz; *Chorographia Portugueza*, de Carvalho; *Chronica dos carmelitas descalços*, pelo padre fr. João do Sacramento; e as *Memorias do Bussaco*, pelo dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

—

Dois homens notaveis dos nossos dias, têem por patria, a villa da Mealhada—é um d'elles o sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, de quem já fallei, proprietario e director do collegio de Nossa Senhora da Conceição (na rua da Esperança) e uma das melhores casas de educação de Lisboa—è o outro, o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, lente de medicina na universidade de Coimbra, de quem tambem já fallei, na col. 2.ª de pag. 499 do 4.º vol.

—

MEALHADA — aldeia, Extremadura, na freguezia de Santa Maria de Loures, concelho dos Olivaes, comarca, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 12 kilometros ao N.—95 fogos (a aldeia.)

Pouco adiante da *Nova Cintra*, em sitio plano, ha um largo, onde a estrada se divide em dois ramaes.

O que segue direito, conduz á Póvoa de Santo Adrião, Mealhada, Loures, e outras terras dos arrabaldes de Lisboa, e depois a Torres Vedras.

Chama-se áquelle largo o *Senhor Roubado* (vide a pag. 128, col. 1.ª do 2.º vol.)—adiante da *Calçada de Carriche* (tambem já descripta, sob a palavra *Carriche*, no logar citado) e no alto está a aldeia da Ameixoeira, célebre pelas suas cavernas, e pelas inscripções romanas aqui encontradas. (Vide 1.º vol., pag. 196.)[1]

[1] Na Ameixoeira edificou, em 1860, o sr. Manuel Iglezias, rico proprietario e capitalista de Lisboa, uma formosa casa de campo, com seu não menos formoso jardim.

Seguindo a calçada de Carriche, pela estrada de Loures, passa-se pela Póvoa de Santo Adrião, e chega-se á Mealhada.

Proximo d'este logar, na encosta de um outeiro, existe o mosteiro do Espirito Santo, que foi dos religiosos arrabidos. Foi fundado por Luiz de Castro do Rio (progenitor dos condes de Barbacêna), em 1575.

O edificio do convento e uma pequena cêrca contigua, são hoje propriedade do sr. conde de Thomar.

A pouca distancia da Mealhada e da estrada de Loures, para a direita, está o logar de *Friéllas*, situado nas faldas de uns montes e tendo na frente extensissimas campinas.

Junto de Friéllas, corre o rio que vae passar por Santo Antão do Tojal, e vae morrer na margem direita do Tejo, em Sacavem, com o nome d'esta povoação. (Até ahi, toma o nome das povoações que banha.)—Vide 3.º vol., pag. 238, col. 1.ª, onde vem a descripção da freguezia de Friéllas.

MEANS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, 18 kilometros de Coimbra, 265 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 188 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

O bispo de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

No dia 22 de maio de 1874, ao meio dia *em ponto*, cresceu uma nuvem, ao Sul do campo, onde andava muita gente, applicada aos trabalhos da lavoura, e de subito se ouviu o estampido de um trovão, e ao mesmo tempo cahiram fulminados por um raio, um rapaz e tres raparigas, ficando logo morto aquelle, e uma d'estas, e as outras sem sentidos.

É povoação muito antiga e foi villa e reguengo da corôa.

Não me consta que tivesse foral novo, ou velho; pelo menos Franklim não o traz.

MÉCA—Vide *Espiçandeira* e *Méca*, pag. 60, do 3.º vol.

MECHADE—nome de uma das portas da cidade de Evora. É a palavra arabe machadd, que signfica—*porta do impeto, da ir-*

rupção, do accommettimento, etc.—Vem do verbo *xadda*—accommetter, atacar, etc.—Foi por esta porta que os mouros entraram quando tomaram a cidade.

MÉCO—portuguez antigo—libertino, devasso, adúltero.

MÉDA—villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa Nova de Fozcôa, 54 kilometros de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 250 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O concelho da Méda é composto das 16 freguezias seguintes, todas no bispado de Lamego — Aveloso, Casteição, Fonte Longa, Longrôiva, Méda, Outeiro dos Gatos, Poço do Couto, Prova, Ranhados, Valle de Ladrões, Pae-Penella, Carvalhal, Rabaçal, Coriscada, Marialva, e Barreira: todas com 1:650 fogos.

É povoação muito antiga, e foi commenda.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, no 1.º de junho de 1519. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 155 v., col. 2.ª. — *Minuta* para este foral, na gaveta 20, maço, 12, n.º 6.)

Está situada em um alto, com uma torre onde hoje está um relogio.

É fertil em todos os generos do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

MÉDA DE MOUROS—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua, 45 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario de Cója apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MÉDAS—freguezia, Douro, comarca e 22 kilometros ao E. do Porto (1.ª vara) concelho e 10 kilometros ao E. de Gondomar, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Lever (na comarca da feira, e em frente das Médas, mas na margem esquerda do Douro) apresentava o cura, que tinha 7$800 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Douro. Não é muito fertil, por ter poucos terrenos cultivados; mas os seus pequenos valles produzem bastantes cereaes, linho, vinho, e outros fructos do paiz. Tem pinhaes e bastantes arvoredos silvestres, cria gado de toda a qualidade e caça. Tambem ha aqui muitas colmeias. É abundante de optimo peixe do Douro (sobre tudo os excellentes saveis, lampreias e tructas) e pelo rio lhe vem peixe do mar.

MEDELIM—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 55 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 266 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Os marquezes de Cascaes apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, e foi cidade importante no tempo dos romanos, sendo uma das cinco colonias da Lusitania, com os direitos e privilegios do antigo Lacio.

Aqui foram martyrisados, no dia 5 de março de 134, imperando Trajano, Santo Eusebio e 9 companheiros.

Era d'esta villa, S. Raymundo, pastor de gado, que morreu a 5 de abril do anno 900.

Tambem aqui nasceu S. Theodoro (*o admiravel*) que morreu em 20 de abril do anno 300.

Ignora-se o nome primittivo d'esta povoação e o que tinha no tempo dos romanos: o actual é arabe, e diminutivo de *medina*—vem a significar *cidadinha*.

Com as guerras interminaveis entre os romanos e lusitanos, e depois, entre estes e os arabes, foi esta povoação saqueada, incendiada e destruida por varias vezes, até

que, no tempo de D. Affonso Henriques, estava abandonada e sem ter pedra sobre pedra. D. Sancho I a mandou povoar em 1200. Não me consta que hajam aqui ruinas, cippos, ou outras quaesquer antiguidades.

Franklim não menciona foral algum, antigo ou moderno, dado a esta villa.

Foi concelho, com justiças proprias, camara e mais auctoridades municipaes; mas está ha muitos annos supprimido.

MÉDES—portuguez antigo=o mesmo—no plural—médeses.

MÉDELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 30 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A misericordia de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar,

MEDIM—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Régua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 84 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N, de Lisboa.

Em 1757 tinha 65 fogos, hoje tem 210 (com Sanhoâne.)

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O orago de Medim, era o actual das duas freguezias—Santo André, apostolo.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis.

Esta freguezia e a de Sanhoâne, formam hoje uma só freguezia. (Vide Sanhoâne.)

MEDÍNA—palavra arabe—significa *cidade*. Diziam vulgarmente *Al-medina* (a cidade.)—Os arabes chamavam a *Medina*—*Celi Medinat-al Meida* (cidade da mésa.) Diz-se que por acharem alli quando a conquistaram, uma mesa (ou tripode) feita de uma só esmeralda.)*L'Afrique de Marmol*, tom. 1.º, livro 2.º. pag 162) — Vide *Almedina* e *Almeida*, a pag. 145 do 1.º volume.

MÉDO—aldeia, Minho, na freguezia de Riba de Ancora, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto administractivo, e 12 kilometros ao N. de Vianna, arcebispado e 45 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem, a aldeia, 12 fogos.

Acho notavel esta aldeia, pelo seu nome. —*Médo*, como todos sabem, é o nome do habitante da *Média*. A antiga Média, era uma região da Asia, limitada a E. pela Parthia e a Hircania; ao S., pela Susiana; ao O., pela Grande-Arménia; e ao N. pelo mar Caspio. Comprehendia o paiz hoje chamado Shirvan, o Gilan, e uma parte do Irac-Agem (ou Irac-Persiano) e o Esterabat.

Os persas venceram os médos, e depois, os parthos, se fizeram senhores dos persas e médos. Por isto, no tempo do imperador Augusto, dava-se o nome de parthos, a estes, aos persas e aos médos.

O que me faz mais admirar, é que, pouco abaixo do logar do Médo, ha uma varzea (proximo da margem direita do rio Ancora) chamada—*Veiga de Sapôr*. Todos sabem que Sapor foi rei da Persia. Não nos levarão estas circumstancias e coincidencias a suppôr que os persas e médos, antes de cahirem em poder dos parthos, viessem lá dos gêlos do mar Caspio invadir o litoral da Lusitania n'este sitio, e aqui se estabelecessem, ao menos por algum tempo? É isso um mysterio que, provavelmente, nunca se desvenderá aos nossoso lhos.

Note-se que a Veiga de Sapôr, fica apenas a uns 6 ou 700 metros da costa, e que o logar do Médo, está uns 400 metros a ENE. da referida veiga.

É certo que estes sitios, a que os romanos chamavam *Vicus-spachorum;* e a que no tempo do nosso conde D. Henrique, e muito depois, se dava o nome de *Marinha da Pobra de Villar de Ancora*, é povoado desde a mais remota antiguidade, o que attestam, um *dolmen* e muitos *carns* que ainda existem por estes sitios; monumentos incontestavelmente celticos, ou (como hoje se diz) pre-celticos.

Vide *Ancora* (rio) *Ancora* (freguezia) *Goutinhães* e *Lagarteira*.

MEDOBRIGA — vide *Aramenha*, *Marvão* (villa) *Marvão* (serra) e *S. Thiago do Cacem* —Quando se andava construindo a nova estrada que se dirige á Hespanha, foram acha-

das, nas ruinas da velha Medobriga, 14 medalhas de prata, romanas.

1.ª—diz de um lado—LABEO. ROMA. Tem a cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado—e adiante X.

Do outro—FABI. Tem um Jupiter na quadriga, em um carro, galopando para a direita, com o raio e a lança; por baixo dos cavallos, um esporão de navio.

2.ª—diz de um lado—ROMA. Tem a cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado.

Do outro—M. TVLI. Victoria em um carro, na quadriga, galopando á direita, com a palma. Por cima uma corôa. Por baixo dos cavallos, um X.

3.ª—de um lado tem a cabeça de Pallas, á esquerda, com capacête.

Do outro lado—L. SATVRN.—e Saturno, com um facho na quadriga, a galope, á direita. Por baixo da quadriga, um ☿.

4.ª—diz de um lado PITIO. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado, adiante—X.

Do outro—L. SEMP. ROMA.—Os dioscures a cavallo, marchando á direita.

5.ª—diz de um lado—ROMA. Cabeça laureada, de Saturno, á esquerda; atraz, uma foice, adiante S.

Do outro—L. MEMMI GAL. Venus na *biga*, a passo, a direita, coroada por Cupido.

6.ª—(dentada) diz de um lado—ROMA. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado. Adiante X.

Do outro—L. FLAMINI. CILO. Victoria na biga, galopando á direita, com uma corôa.

7.ª—tem de um lado a cabeça de Pallas, á esquerda, com plumas na cimeira do capacête.

Do outro—Q. THERM. M. F. Dois soldados, armados de espadas e escudos, combatendo. No centro um soldado cahido.

8.ª—diz de um lado—LIBO. Cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado: adiante X.

Do outro—Q. MARC. ROMA. Os dioscures, a cavallo, galopando á direita.

9.ª—diz de um lado—ROMA. Cabeça laureada, de Saturno, á esquerda: atraz, uma foice—adiante M.

Do outro—MEMMI·GAL. Venus na biga, a passo, á direita, coroada por Cupido.

10.ª—(dentada) diz de um lado—CAE. . . . . DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada, de Augusto, á direita.

Do outro lado—C. L. CAESARES. AVG— . . . . COS. DESIG. PRINC. IVVENT. Caio e Lucio, em pé, com as lanças e escudos no campo o *simplo* e o *lituus*.

11.ª—de um lado a cabeça, laureada, de Jupiter á direita. Atraz S. C.

Do outro—Q. ANTO. BALB. PR. Victoria, á direita, em carro, galopando na quadriga, com uma corôa e a palma; por baixo dos cavallos, M.

12.ª—de um lado—ROMA. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête coroado de plumas, e duas estrellas.

Do outro—Q. LVTATI. Q. Galéra, uma cabeça de mulher, com capacête, á prôa, e o *acrostílio* na pôpa. O todo, dentro de uma corôa de carvalho.

13.ª—de um lado, cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado; atraz um vaso, e adiante X.

Do outro—SEX. PO. ROMA. Rémo e Romulo, aleitados pela lôba; atraz o pastor Faustulo, em pé, no centro a figueira *rumînal*, com um passaro.

14.ª—de um lado—CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada, de Augusto, á direita.

Do outro—PONTIF. MAXIM. Lívia, sentada, á direita, com o sceptro e o ramo de louro.

MEDOROSO—portuguez antigo (mais etymologico do que o moderno)—medroso.

MEDRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Regua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 84 kilometros á NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Os senhores de Murça, (depois condes)

apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

N. B.—Não se confunda com *Mondrões*, que é outra freguezia da mesma comarca, mas do concelho de Villa Real e arcebispado de Braga.

MEDÚLIO—monte, Traz-os-Montes e Minho. A cordilheira dos Pyreneus lança differentes braços, sendo um dos principaes o monte a que os romanos chamavam *Monte Víndio*, cujos ramos correm pela Galliza, Asturias, e a antiga Cantábria.

Orosio diz (traducção)—*Os Pyreneus desde o rumo oriental, onde começam, vão atravessando a Hespanha Citerior até aos cantábros e asturianos.* (Oros. Liv. 1.º cap. 2.º, fl. IX vs.)

Pomponio Mella (Liv. 2.º cap. 6.º) tratando dos Pyreneus, diz (traducção)—*Os montes Pyreneus primeiro buscam o occeano britanico, depois voltam para a terra; entram por Hespanha, deixam a menor parte d'ella á direita, e continuam, até que, diffundidos por toda a Hespanha, chegam ás praias fronteiras ao Occidente.*

Strabão (Liv. 3.º pag. 167) diz:—(traducção)—*Na região da Galliza batem os montes septemtrionaes.*

Um dos outros ramos principaes era o *Medúlio* dos romanos. Varias inscripções d'estes dominadores do mundo fallam ainda de outros dois ramos dos Pyreneus, que são *Candamio* e *Ládico*.

—

O monte *Víndio*. segundo Ptolomeu, corria desde os Pyreneus sobre Pamplona (hoje praça d'armas e capital da Navarra—Hespanha) passava pela cidade de Victoria (Cantábria) até chegar a uns e outros asturianos, onde se dividia em duas cordilheiras de montanhas—uma que hia entestar no mar da Galliza e *promontorio celtico*; outra, que, voltando ao S., cortava pelos *bráccaros*.

A todo este systema de montanhas davam os romanos o nome de *montes víndios*.

O *Víndio* projectava para o S. um grande braço de serranias altissimas, que desviadas algum tanto do nascimento do rio *Buruvia*, para o E., descem e tornam a encostar-se a O., entre Ponferrada e Astorga, e continuam até baterem no rio Douro em Alcanizes, Miranda do Douro, e Freixo de Espada á Cinta, formando grandes serras em Portugal, como a de *Rebordãos* e outras.

É n'este braço que está a montanha de *Larouco* (vide a pag. 54, col. 2.ª do 4.º vol.) á qual os romanos davam o nome de *Monte Ládico*.

D'este monte não fazem menção nem os historiadores nem os geographos antigos, senão Morales (*Ant. de Esp.*, pag. 15 v.) que traz uma inscripção romana achada n'este monte, que diz:

IOVI LADICO

(*Dedicada a Jupiter* — Jove — *presidente d'este monte Ládico.*)

Continúa o tronco d'aquellas montanhas, das quaes, como já disse, se desmembra o ramo de Larouco, e segue direito ao O., ramificando-se em varias direcções—uns que descem ao S., e vem terminar em Portugal, abaixo de Chaves, e occupam diversas terras; outros, semeados por toda a Galliza, a occupam como uma rede, até ao litoral.

N'esta cadeia de montanhas está o monte *Medúlio*, que, com boas razões se suppõe ser a actual serra de *Arga* (vide esta palavra, no fim da col. 2.ª de pag. 238 L do 1.º vol.)

Orosio, um dos mais veridicos historiadores antigos, diz (*Oros. Hist.* Liv. 6.º, cap. 21, pag. 272 (traducção):

Além d'isto, Antístio e Firmio, legados, domaram, depois de grandes batalhas, as terras ulteriores da Galliza, que, cercadas de bosques e montes, confinam com o Oceano; porque cercaram com uma cava de quatro leguas de extensão, o monte Medulio, que está imminente ao rio Minho, onde se defendia grande multidão de gente.

Parece que este monte era o mesmo a que Ptolomeu dá o nome de *Edulio*, (na 2.ª Tábua da Europa, cap. 6.º)

Era pois o monte Medulio no paiz dos braccaros (ou bracharos) na *Galliza Ulterior*, e, segundo as suas confrontações—ao N. com o rio Minho, ao S. com o Lima e ao

O. com o mar, não póde deixar de ser a actual *serra d'Arga*, onde tantos e tão notaveis vestigios ainda existem de edificios, fossos e fortificações; e até da celebre *cava*, de que falla Orosio.

MEEFESTAR ou **MEEMFESTAR**—portuguez antigo—confessar-se sacramentalmente. *E outro si a maior parte dos leigos desprezavão os sacramentos dos ditos clerigos, porque eram barregueiros* (amancebados) *pubricos e perdiam devaçom nas igrejas, e muitos d'elles, se nom queriam meenfestar aos clerigos.* (Cod. Alf. Liv. 5.º, tit. 19, § 1.º)

MEEFESTO=portuguez antigo—manifesto. *De renda em esse logo* (logar) *de Paaçôo, e formal do dito casal, V maravidís e meo, pera o meefesto.* (Doc. de Paço de Sousa, de 1425.)

Este meefesto (ou *paga das confissões*) era parte da renda que se pagava ao direito senhorio ecclesiastico.

MEEIRO — portuguez antigo — medianeiro.

MEESTEIRAL e **MESTEIRAL**—portuguez antigo—official mechanico, artista que exerce qualquer mester.—*Se alguns meesteiraes querem vir morar aa dita cidade e ssom compridouros em ella pelos mesteres, que am, e querem pagar o soldo* (moeda) *como visinhos: e sses meus portageiros* (beleguins que recebiam o direito das portagens) *lho nom querem filhar, e levam delles portagens e custumageens.* (Doc. da camara do Porto, de 1351.)

Em 1401, accordou a mesma camara do Porto, que—*os mesteiraes da mesma cidade não façam obra alguma desde o sabbado ao sol posto, até á segunda feira, sol sahido.* (Vide *Mesteiroso*).

MEHEU e depois **MEI**—portuguez antigo (do seculo XIII)—meu.

MEI—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros a O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 170$000 réis de rendimento.

O antigo nome d'esta freguezia era *Moimenta*.

Esta freguezia era dos bispos de Tuy. O rei D. Diniz a houve por troca com o bispo D. João Fernandes de Sotto Mayor, em 1308. Passou depois a ser padroado dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

MEIADEIRO ou **MEEIRO**—portuguez antigo—meieiro—o que tem metade em alguma coisa: o que vae feito por metade em qualquer negocio; o que dá ou recebe metade da renda de uma propriedade.

Ainda hoje se dá o nome de *meieiro* ao logar ou aldeia que pertence a duas freguezias alternativamente, ou ao visinho que tem dois parochos.

As povoações que estão n'estas circumstancias, satisfazem os preceitos quadragesimaes e pagam os benesses, um anno a um parocho, e no seguinte a outro. Os sacramentos seguem a mesma prática; mas os enterros no geral costumam ser em uma só freguezia.

Já se vê que esta ordem de cousas traz comsigo muitos inconvenientes, e, ás vezes, desgostos. Parece impossivel que ainda quasi no fim do seculo XIX, se conserve este absurdo, que ha muitos annos se deveria ter extinguido, ou nunca deveria existir. Para prova de tamanho disparate, darei um exemplo:

No concelho da Feira ha uma aldeia, situada na margem direita do rio *Inha*, chamada *Oliveira*. Tem 18 fogos. Tres são *inteiros* da freguezia de Romariz, e 15 são, um anno d'esta freguezia, outro da do Valle! A aldeia de *Arilhe* é um anno de uma, outro de outra das freguezias nomeadas.

As aldeias de *Saguffo* e de *Serralva* são um anno da freguezia de Canêdo, e outro da dita freguezia do Valle. A aldeia de Pecegueiro tem tres fogos *inteiros* de Canêdo, e os mais *meieiros* do Valle e de Canêdo.

A aldeia de Paradella, é parte *inteira* do Valle, e parte *meieira* d'esta freguezia e da do Matto.

A aldeia da Chan é tambem *meieira* d'estas duas freguezias.

Notemos, ainda por cima, que a freguezia do Valle é da comarca e concelho da Feira, e a freguezia do Matto é da comarca e concelho de Arouca. O concelho da Feira é do bispado do Porto, na sua totalidade; e o de Arouca é quasi todo do bispado de Lamego. D'aqui se póde imaginar a confusão e os prejuizos que esta barafunda causa aos povos, aos parochos e até ás auctoridades.

Ha tambem muitas capellas, que são alternativamente de duas freguezias.

Sem sahir do concelho de Arouca, podia aqui dar muitos mais exemplos d'esta casta de estolidas divisões parochiaes, contra as quaes debalde teem os parochos e os povos reclamado por muitas vezes.

MEIAGOO—portuguez antigo—o meio ou centro de qualquer coisa. *A qual procuraçom tinha hum sello com uma omaxem* (imagem) *de Santa Maria no meiagoo.* (Doc. do seculo XIV.)

MEIAIDO—portuguez antigo—raia, fronteira, termo, limite, marco, divisão, etc.

MEIAS-VAGAS—portuguez antigo—nome que se dava aos fructos que se venciam na metade do tempo que as egrejas estavam sem pastor.

MEIATADE—portuguez antigo—metade. (Documento das freiras de S. Bento da Ave Maria do Porto, de 1359.)

Nas aldeias do S. do reino ainda se diz —*meitade*, e nas do N,—*métade*, com a mesma significação.

MEIDADO—portuguez antigo — dividido ao meio, de meias, meiado.

MEIDUNIO — castello ou fortaleza antiquissima que existiu na serra do Gerez, na provincia do Minho. Não se sabe a situação exacta d'este monumento, nem se d'elle existe vestigios. Na serra do Gerez, como tenho dito em mais de uma parte n'esta obra, ha numerosos vestigios de construcções antiquissimas; mas não se sabe se algum d'estes é do famoso castello de *Meidunio.*

Na freguezia de S. Thiago de Gadões (que já não existe) appareceu uma lapide com esta inscripção:

MEDAMUS ACRISI F.
HIC SITUS EST
CASTELLO MEDUNIO
MONUMENTUM FECE-
RUNT.
AMCONDEI
AMICO CARO.

(Aqui, no castello Medúnio, jaz Medamo, filho de Acrisio. Os acondeus ao seu querido amigo dedicaram este monumento.)

MEIEIRO—Vide *Meiadeiro.*

MEIHOS—portuguez antigo — metade.— *E a terceira pessoa dar todalas cousas susu escritas os meihos por Natal e os meihos por Pascoa.* (Doc. da Alpendurada, de 1379.)

MEIJINHOS ou **MEIGINHOS**—freguezia, Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 6 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Piedade).

Districto administrativo de Viseu.

Os marquezes de Penalva apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MEILHE—Vide *Mêlhe.*

MEIMÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacôr, 35 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia, (segundo fr. J. de Sousa, *Vestigios da Lingua arabica)* é derivado da palavra arabe *Mamun*, nome proprio de homem. Significa —*conservado*, seguro, guardado.

Parece-me mais provavel ser corrupção da palavra celtica—*mâmoa.* Vide esta palavra.

MEIMOA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 40 kilometros da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis.

Segundo fr. João de Sousa *(Vestigios da Lingua Arabica)* o nome d'esta freguezia, deriva-se de *Mamona*, nome proprio de mulher, que vem do mesmo verbo *á mana*, que quer dizer—estar segura, firme, constante, conservada, etc.

Parece-me, como disse em *Meimão*, que tem mais probabilidade vir de *Mâmoa*, que tambem se pronunciava *Mamôa*.

O padre Carvalho na sua *Chorographia*, e fr. João de Sousa que o segue, dizem que estas duas freguezias são na provincia do Minho, bispado do Porto. E' manifesto êrro. Foram sempre da Beira Baixa, e desde tempos remotissimos (pelo menos ha mais de mil annos, no territorio do bispado de Idanha (a Velha) que é o da Guarda.

MEIMOA—ribeira, Beira Baixa, no concelho de Penamacôr e Fundão. Morre na margem esquerda do Zêzere, junto a Alcaría.

MEINEDO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 45 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 314 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora das Neves).

O seu primeiro orago foi Santo Thyrso, como adiante se verá.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi honra e couto, e é terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Cria muito gado de toda a qualidade.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Os bispos do Porto eram senhores d'esta honra, que foi instituida por um conde, por appellido Fonseca, que aqui tinha a sua casa e solar.

Foi este conde que no anno 600 trouxe as reliquias de Santo Thyrso, natural de Toledo, morto pela fé de Jesus Christo, na cidade Apollonia, na Thracia. Celebra-se a festa d'este santo martyr a 28 de janeiro.

Pretendem alguns que esta povoação fosse cidade episcopal, com o nome de *Magneto*, que Santo Thyrso fosse aqui bispo, e que os de Arrifana do Sousa o assassinaram ás pedradas.

Em 1131, deu D. Affonso Henriques a D. Hugo, bispo do Porto, a egreja de *Santo Thyrso, de Meinêdo*. Esta egreja tinha sido a de um antiquissimo mosteiro, que depois foi de monges benedictinos, pelo que ainda então se chamava *Mosteiro* ao logar em que ella estava. Suppõe-se que era fundação do tal conde Fonseca. Foi pois em 1131, que o principe, com auctorisação do papa Innocencio II, fez do mosteiro, abbadia secular. Consta que o edificio da residencia parochial é o do antigo mosteiro.

MEIO — portuguez antigo, ainda usado muitas vezes na mesma accepção — metade. *Lhe deixo 40 soldos e o meio de hum capom.* (Doc. de Alpendurada, de 1379.) Vide *Meiho.*

MEIOR—portuguez antigo—menor.

MEIOS—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 9 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O vigario da Freguezia dos Trinta, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MEIRINHADO—portuguez antigo—O territorio comprehendido na jurisdicção dos meirinhos do rei. Os hespanhoes dizem *Merindade.—Vasco Peres de Vallonguinho, Ouvidor, en logo de Joham Gil do Avelaal, Corregedor, e Veedor das Justiças, por El-Rei, no Meirinhado da Beira.* (Doc. das freiras benedictinas do Porto, de 1337.) Vide *Maiorino* e *Merindade.*

MEIRINHO—portuguez antigo—juiz real, executor das sentenças. Consta ser instutuição de Bermudo II (o *Gotoso*) pelos annos de 980. (Vide *Maiorino.*)

MEIRINHO-MÓR — portuguez antigo —

quer dizer — individuo que tem a superintendencia (maioria) para fazer justiça.

Havia meirinhos-móres em algumas cidades, villas ou comarcas, para fazerem justiça, segundo o rei lhes determinava; e havia meirinho-mór de todo o reino. A este pertenciam as causas mais importantes, como prender fidaldos e homens de grande estado, *levantar* forças, [1] e fazer outras coisas a que não chegava a auctoridade das justiças inferiores.

(*Cod. Alf.*, livro 1.º, tit. 60.) Vide *Maiorino.*

O officio de meirinho-mór, era já conhecido em Portugal antes do conde D. Henrique, pois em 1074, reinando em Leão e Castella, D. Fernando III (o magno) se menciona Diogo Tructesindes, meirinho-mór na Extremadura portugueza, e seu filho, Mendo Dias, na Beira.

O uso antigo d'este reino, era haver quatro meirinhos-móres, divididos pelas quatro principaes comarcas — *Além-Douro* (Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes) *Beira* (as duas, ou Aquém Douro) *Extremadura*—e *Entre Tejo e Guadiana.* Depois se fez mais um no *Algarve.*

Na comarca de *Além-Douro*, se comprehendiam as provincias de Entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, que depois se vieram a separar, com differentes meirinhos-móres. Tambem, algumas vezes, andou a Beira, ora no meirinhado-mór de Além-Douro, ora no da Extremadura.

Além d'estes meirinhos-móres das comarcas, havia o *meirinho-môr do reino*, que era o seu chefe.

O primeiro meirinho-mór que vejo mencionado, é D. Pero Lourenço, que se assigna *Meirinus mayor Portug.* em uma doação que á ordem de S. Thiago fez D. Sancho II, da villa de Aljustrel, em Lisboa, a 31 de março de 1235.

D. Vasco Martins Pimentel, era meirinho-mór de todo o reino, no reinado de D. Affonso III, etc.

Os que desejarem saber os nomes de todos os meirinhos-móres que houve em Portugal desde D. Sancho II até D. Affonso V, vejam a *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tom. 1.º, pag. 469 e seguinte.

Durou o uso dos meirinhos-móres das provincias, desde o principio da monarchia, até ao reinado de D. Affonso V, que aboliu os meirinhos-móres das comarcas, conservando um só meirinho-mór, que denominou *meirinho-mór da côrte e reino.* O primeiro que, depois da suppressão dos outros, teve este emprego, suppõe-se ser D. Gonçalo Coutinho; pois que o mesmo rei o demittiu em 1445, nomeando Martim de Tavora, a 21 de abril d'esse anno. Na carta de nomeação diz o rei que o faz *seu meirinho-mór da côrte e de todos os seus senhorios, assim como era D. Gonçalo Coutinho, que, par êrros de officio, perdêra este logar.*

Tinham os meirinhos-móres jurisdicção sobre os nobres e fidalgos, das suas comarcas, o que consta de uma carta régia, que estava no cartorio do mosteiro de Pedroso, feita por D. Diniz, no anno de 1279, primeiro do seu reinado.

Proviam os juizes ordinarios das villas e concelhos; tomavam conhecimento das causas civeis; passavam cartas de legitimações; finalmente, era tão grande a sua auctoridade, que correspondia á dos *adiantados*, excedendo á dos governadores das casas do civel e regedores das relações.

Tratando as *Ordenações do Reino*, do officio de meirinho-mór, no livro 1.º tit. 17— se diz—*Ao seu officio pertence prender pessoas de estado, e grandes fidalgos e senhores de terras, e taes, que as outras justiças os não possam bem prender, e assim levantar as forças que pelas taes pessoas sejam feitas, quando por nós lhe fôr mandado.*—Diz mais, que —*Ao meirinho-môr pertence pôr, da sua mão, um meirinho, que ande continuamente na casa.*

Da *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rezende, se vê, que os meirinhos-móres eram obrigados a assistir ás execuções de morte, das pessoas grandes; porque, recusando-se D. Francisco Coutinho, conde de

[1] *Levantar forças*, era destruir e castigar as violencias que os fidalgos faziam aos seus vassallos, ou ao povo.

Marialva (que então era meirinho-mór do reino) a assistir á execução do duque de Bragança, em 1483, allegando ser parente d'este, o rei lhe acceitou a desculpa, e mandou servir de meirinho-mór, n'esse acto, a Francisco da Silveira, que tinha o officio de coudel-mór.

D. Francisco Coutinho, foi feito meirinho mór por D. Affonso V, em 1472, dando-lhe então as terras de Font'arcada e Cernancêlhe. por carta régia, datada de Santarem, a 20 de maio d'esse anno — *em consideração dos serviços de seu pae e de seu tio, que morreram sendo comnosco nas partes de Africa.*

Tambem foi meirinho-mór no reinado de D. João II, Ruy de Sousa, senhor de Bringél e de Sagres, e ascendente dos condes do Prado e marquezes de Minas.

—

D. Pedro II, fez meirinho-mór a D. Fernão Martins Marcarenhas, 2.º conde de Obidos, e tambem conde da Palma e do Sabugal, por sua mulher, a condessa D. Brites Mascarenhas, filha de D. João Mascarenhas, 2.º conde da Palma e 3.º conde do Sabugal.

Fernão Mascarenhas continuou a ser meirinho-mór no reinado de D. João V, sendo tambem aio dos irmãos deste monarcha. Falleceu em janeiro de 1719.

Seguiu-se no emprego, seu filho 2.º, D. Manuel Mascarenhas e Castello Branco, por fallecimento do primogenito, que era D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, que morreu em vida de seu pae.

Desde então tem-se sempre conservado o officio de meirinho-mór, nos condes de Obidos e Sabugal, pelo que se denominam *condes meirinhos-móres*, cujo emprego não é actualmente mais do que um titulo honorifico.

É actual conde de Sabugal e Obidos, o sr. D. Luiz de Assis Mascarenhas. (Vide *Sabugal.*)

> Não é hoje facil, pelas assignaturas nos diversos documentos d'aquelles tempos, saber-se quaes eram os meirinhos-móres do reino ou de comarca; porque quasi todos assignavam simplesmente *meirinho-mór.*

MEIRINHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 170 kilometros ao NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castello Branco (villa e freguezia d'este mesmo concelho) apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MEISOM—portuguez antigo—derivado do celta — *maison* — casa, habitação, morada. Diz-se que foram os templarios que introduziram este gallicismo em Portugal.

Meison do Tempre, se vê escripto em varios documentos dos seculos XII e XIII, por *casa* ou *mosteiro do templo*—isto é—convento de templarios.

MEITEGA ou **ALMEITIGA**—portuguez antigo—almôço que se dava ao mordomo, ou *prestámeiro*, que pedia, media e arrecadava os fóros reaes.

Faziam tantas e tão grandes extorsões ao povo, estes beleguins, que os reis se viram na necessidade de pôr freio á sua cubiça insaciavel.

D. Diniz, na carta de fôro que passou a Antonio Esteves, da *Fogueira de Calvilhe*, junto a Lamego, em 1281, expressamente diz:—*Et pro almeitigo duos solidos.* Em outros documentos do seculo XIV, se declara que se daria *boróa* ao mordomo, para não vexar os lavradores, obrigando-os a apresentarem-lhe manjares delicados.

MEIXEDO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, bispado e districto de Bragança; 60 kilometros de Miranda, 390 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Estou convencido que o nome d'esta freguezia e das seguintes, que o têem egual, é corrupção de *Ameixêdo* (ameixial, ou ameixoal), por que em 922, os condes Lucidio Vimarães e Rodrigo Lucidio, e outros fidalgos, entre as egrejas que deram ao mosteiro de

Castromíre, se nomeava a de *S. João de Ameixêdo*. (Vide Crestuma, pag. 447 do 2.º vol.)

MEIXEDO — freguezia, Minho, concelho comarca e districto de Vianna; 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tem ha muitos annos annexa a freguezia de Erbacêm (Ervacêm, Herbacêm, Hervacêm, ou Orbacêm.)

O abbade póde residir em qualquer das duas freguezias.

Aqui foi abbade, commendatario dos mosteiros de S. Salvador e S. Claudio, D. Affonso da Rocha, que teve filhos. Foi seu descendente, Francisco da Rocha Lobo, senhor do morgado da Portella.

MEIXEDO ou **MEIXENDO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho, e 5 kilometros a E. de Montalegre, 72 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi honra e villa. É nas *terras de Barroso*.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

A egreja matriz, é pequena, mas das melhores d'estes sitios.

É situada em uma collina, ao Sul da serra de Larouco, entre uma das origens do rio Cávado, e da de um ribeiro, affluente do Tâmega.

Compõe-se esta freguezia, apenas de duas povoações, *Meixêdo* (onde está a egreja) e *Codeçoso da Chan*.

O territorio d'aqui, é arenoso, frio e desabrigado, e só produz centeio, batatas, nabos e alguma hortaliça.

Ha na freguezia, proximo e ao O. de Meixêdo, a capella de S. Sebastião.

Junto á aldeia de Codeçoso da Chan, nasce o rio Misarella. (Vide esta palavra.)

O nome d'esta freguezia e das duas antecedentes, é muito provavel que seja corrupção, ou contracção de *Amèixêdo*, como disse na primeira; porém alguns pretendem que venha do arabe *Machadd*—que significa —entrada violenta, impeto, irrupção, etc.— do verbo *xadda*—entrar á força, impellir, irromper, etc.

MEIXIDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 80 kilometros a NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Bobadélla apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Foi da commenda de Bobadélla, que recebia metade dos dizimos, e a outra metade o morgado de Villar de Perdizes.

É situada em uma planicie, que olha para o NE., na origem do rio Béça, e na margem direita do rio da *Açoreira*, confluente do Tâmega.

É a ultima freguezia a E., do concelho de Montalegre. Compõe-se de uma unica aldeia, que lhe dá o nome.

O sólo d'esta freguezia, ainda que desabrigado, produz centeio, milho, batatas, hortaliça e alguma fructa.

Era *reguengo* e *casal cerrado* (ou *encabeçado*), e pagava ao commendatario 25$960 réis de fôro annual.

D. Abril Peres, senhor de Bobadélla, lhe deu foral, em agosto de 1244. (*Livro dos foraes-antigos de leitura nova*, fl. 142 v., col. 1.ª, in principio.)

> Como aqui se falla em *casal cerrado*, ou *encabeçado*, cumpre-me explicar (aos que o ignorarem) o que isto é.
>
> O reguengo (propriedade que era, ou tinha sido da corôa), era em geral, *praso fateusim*, que se dividia por todos os herdeiros,

se o mais velho não *optava*, dando em dinheiro os quinhões equivalentes aos seus co-herdeiros.

Logo que o praso se dividia, o que acontecia frequentemente, ficava sendo *casal cerrado*, ou *casal encabeçado* (que é o mesmo.)

O casal encabeçado tinha um *cabeça* (*cabeceira*, ou *cabecel*) que era obrigado *in solidum* a responder pela pensão e fóros, cobrando-os dos mais *pessoeiros* (sujeitos á pensão) e entregando-os, elle só, ao direito senhorio.

No foral que o rei D. Manuel deu á terra de Paiva (hoje concelho do Castello de Paiva) em 1513, fallando das *luctuosas* e declarando os casaes e pessoas que unicamente as deviam pagar, diz que a luctuosa *seja a milhor joya, ou peça movell, que ficar aos* Reguenguejros Encabeçados, *que por si morarem, e morrerem por Cabecejras dos ditos casaes. Porem não se levaráõ ás mulheres, posto que por si vivam* encabeçadas, e Reguengueiras *nos ditos casaes, nem de nenhuus outros herdeiros, e avoengueiros dos ditos Reguengos.*

Cumpre tambem aqui rectificar um erro em que têem cahido varios escriptores de diccionarios geographicos e chorographicos de Portugal—é o seguinte—Tomarem umas vezes Villar de Perdizes e Bobadélla, por uma só freguezia; outras, tomarem estas duas freguezias, como formando parte de uma só povoação.

Não é assim. Bobadélla, é no concelho das Boticas, comarca de Montalegre, e tem por orago, S. Miguel Archanjo; e Villar de Perdizes, posto ser da mesma comarca, tem por orago, Santo André, apostolo, e é mesmo no concelho de Montalegre, e não no das Boticas.

—

Péres, appellido dos antigos senhores de Bobadélla, Villar de Perdizes e Meixide, é uma familia nobre n'este reino—patronimico de *Pêro*.[1]

Não se sabe se os primeiros Péres tinham brasão d'armas. Aos que d'esta casa foram para Castella, se passou brasão d'armas, que se acha registado no cartorio da nobresa, como refere fr. Manuel de Santo Antonio; mas não nos diz quando, por quem e a quem foi passado—Suas armas são—em campo de púrpura, cruz de coticas de ouro, firmada e cantonada de uma flôr de liz do mesmo; contra-chefe de ondas de prata e azul—orla de ouro, carregada de oito áspas de púrpura, e por timbre uma das áspas do escudo, com uma flôr de liz, de púrpura, no centro.

A familia dos Péres, está hoje muito ramificada n'este reino, e as suas armas estão muito alteradas, pelas ligações com outras familias.

Isto se póde dizer de grande numero de brasões d'armas.

Julgo a proposito narrar aqui um facto da nossa gloriosa historia das guerras d'Africa, que teve tanto de sublime como de burlesco.

Os piratas africanos infestavam as nossas costas, tendo os povos do littoral em constante alarma, e soffrendó por muitas vezes, roubos, incendios, devastações, violencias e captiveiro.

D. João I, decidiu hir atacar os mouros, nos seus proprios covis, álem do Atlantico. Junta um formoso exercito, e com os dois mais velhos de seus filhos, passa á Africa, em 1415, e a 14 (ou a 21) de agosto d'esse anno, tomaa praça de Ceuta.

O rei, que até então se intitulava, como os seus antepassados, desde D. Affonso III, *rei de Portugal e dos Algarves*, reune mais o titulo de *senhor de Ceuta*.

[1] Entre os cavalleiros estrangeiros que em 1093, vieram para Portugal com o conde D. Henrique, vinha um francez, que tinha por nome, ou appellido—*Pierre*—os seus descendentes tomaram por patronimico—*Pierres*, que com o tempo degenerou em *Péres*. Como *Pierre* corresponde a *Pedro* (antigamente *Pêro*), tambem Péres significa filho, ou da familia de Pedro.

Em 1434, os infantes, D. Henrique (o de Sagres) e D. Fernando, filhos de D. João I, vão com uma esquadra á conquista de Tanger; mas são infelizes na sua empreza, e D. Fernando teve de ficar em refens, pela entrega de Ceuta; mas não se entregando esta praça aos mouros, o infante morre no captiveiro.

D. Affonso V, alargou na Africa as conquistas de seu avô. Reunira uma esquadra com gente de guerra, para hir á conquista dos logares santos da Palestina; mas, como se frustrou esta empreza, dirige as suas tropas para a Africa, e toma a praça mourisca de Alcacer-Ceguer, em 1459.

Foi por essa occasião que o rei instituiu a ordem de Torre-Espada.

Em 1471, torna o rei á Africa, e toma Arzilla e Tanger.

Desde então, tomam os soberanos portuguezes, o titulo de— rei de Portugal e Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa.

D. Affonso V, ganha o cognome de *Africano*.

—

Os mouros desesperados por verem tantas praças africanas em poder dos portuguezes, que assim os privaram dos seus valhacoutos, e depositos de suas rapinas, põem cêrco a Arzilla; mas o temor das nossas armas tinha-os a distancia respeitosa da praça.

Era governador, e capitão de Arzilla, o prudente e valoroso D. João Coutinho, da casa dos condes de Borba e do Redondo.

Diogo Peres, da familia dos senhores de Bobadélla e Villar de Perdizes, era um soldado velho, geralmente estimado pelas suas bôas manhas, e pelo seu valor, nunca desmentido; mas padecia de pthisica.

A uns 3 kilometros da praça, corre um rio d'agua doce. Vinte cavalleiros, amigos de Peres, lembram-se de hir ao rio, buscar kágados para caldos do doente, e dito e feito.

O clima adusto d'aquellas paragens os convida ao banho; mas, quando mais embebidos andavam na pesca e na balneação, gritando e cantando, foram accommettidos de improviso pelo rei de Fez, que com 400 cavalleiros aguardava, emboscado, ensejo para alguma surpresa.

Os portuguezes não tiveram mais tempo do que montar a cavallo, tomarem uns as espadas, e outros (por não terem tempo para mais), as lanças a que os cavallos estavam presos, e, assim mesmo nús se arremeçaram ás lançadas e cutiladas aos mouros, e passando por entre elles, se dirigiram á praça, deixando grande numero de mouros feridos e alguns mortos, sem que dos portuguezes um só fosse ferido.

D. João Coutinho, ouvindo para o lado do rio tão grande alarido, sahira da praça com alguns cavalleiros, decidido a vingar a morte dos seus soldados; pois julgava que nem um só d'elles escaparia; mas vê os vir muito contentes, e tão orgulhosos como se vestissem custosas gálas.

Assim entraram na praça, o que não pouco fez rir o seu governador e a guarnição.

O proprio rei de Fez, que era extremado cavalleiro, lhe louvou muito o valor, apontando-os como exemplo aos seus soldados.

Os poetas de então, muito se divertiram e por muito tempo, com esta *escaramuça dos nús*, que tanto se prestava aos *trocadilhos* e *gongorices* dos vates quinhentistas.

MEIXOMIL—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira (foi da comarca de S. Thyrso), 24 kilometros ao NE. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 122.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Pena Maior, apresentava o vigario, que tinha 12$400 réis de congrua, e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia, tres capellas, uma no logar da Trindade, e duas no de Sobrão.

Passa pela freguezia, o rio Ferreira, que réga, móe e traz peixe miudo, muito saboroso. Morre no Douro.

Entre as alfaias da egreja matriz, ha dois véus de calix, que tem estampadas umas theses, que defendeu o dr. Antonio de Azevedo Moura, da familia dos Azevedos, de Sobrão.

Estes véus e um antigo jogo de corporaes, que aqui se conservam, que têem bordados os instrumentos da paixão de Jesus Christo, foram offerecidos por esta familia.

É notavel a referida aldeia de Sobrão (a que tambem se dá o nome de *Ponte de Sobrão*.) Passa-lhe pelo meio, um ribeiro chamado (aqui) *Rio de Sobrão*, que réga, móe e cria peixe miudo, muito gostoso, principalmente as suas trutas e escálos. Nasce na freguezia de Lamoso e morre no Ferreira.

N'esta aldeia nasceu (na casa da margem esquerda do ribeiro) a 4 de novembro de 1767, D. fr. Carlos de S. José e Azevedo, bispo da Guarda.

Entrou no convento de S. Francisco, de Guimarães, a 8 de junho de 1784, e alli professou a 7 de junho de 1785.

Na qualidade de prégador da capella real, acompanhou a familia real portugueza, para o Brasil, em 1807.

Foi eleito bispo de *Cuyabá* e Matto-Grosso (Brasil), a 19 de abril de 1821; porém não acceitou esta mercê, por ficar a diocese muito longe da sua patria. D. João VI, lhe prometteu então o primeiro bispado que vagasse em Portugal; e como fosse o da Guarda, foi nomeado seu bispo, em 25 de julho de 1823, e sagrado a 15 de fevereiro de 1824, na capella do real paço da Bemposta, em Lisboa, assistindo a esta solemnidade, o rei e toda a familia real, que muito estimavam tão sabio e virtuoso sacerdote.

A 5 de agosto de 1825, fez a sua entrada solemne na cathedral da Guarda.

Falleceu em Lisboa a 5 de abril de 1828, e foi sepultado no convento de S. Francisco da Cidade. (Lisboa.)

Foi par do reino, e era respeitado de quantos o conheciam.

Morreu muito pobre, este insigne varão, que tão rico foi de raras virtudes, e de tão acrisolada lealdade ao seu rei e á sua patria.

Era tio da mãe do sr. padre Manuel do Nascimento Coelho de Sousa Leão, illustrado ecclesiastico, da casa de Monte-Sô, na freguezia de Róriz, no concelho e comarca de S. Thyrso.

Era filho do dr. Manuel de Azevedo Moura, advogado, e natural d'esta mesma aldeia, e de D. Anna Joaquina da Silveira, da rua da Fabrica do Tabaco, freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto.

—

Na mesma aldeia de Sobrão, nasceu a 2 de julho de 1756, o virtuoso padre José Maria de Azevedo Moura (irmão mais velho do bispo D. fr. Carlos, de quem acabo de tratar.)

Recebeu a ordem de presbytero, a 15 de agosto de 1780. A 8 de setembro de 1824, foi nomeado conego da Sé da Guarda, e a 3 de maio de 1827, foi nomeado chantre da mesma cathedral. Era cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, e muito versado em noticias liturgicas.

Falleceu na cidade da Guarda, a 30 de maio de 1840, e jaz no cemiterio da mesma cidade.

Desde 1834, nunca mais se lhe pagou um real das suas rendas (que andavam por um conto de réis), por *crime politico*, apezar de ser um varão exemplarissimo e que jamais offendeu pessoa alguma; pelo que chegou a soffrer (com a maior resignação) bastantes privações, e teria morrido de fome, se não fosse a caridade de alguns amigos e uma mensalidade de 4$800 réis, que lhe dava a Santa Casa da Misericordia, da Guarda, quando este Santo varão, já octogenario e enfermo, não podia fazer uso das suas ordens.

Ainda ha poucos annos, sua sobrinha, a sr.ª D. Rita Augusta de Azevedo (que elle instituira herdeira) trazia uma demanda sobre as rendas de seu tio, com o cabido da Sé, da Guarda, a qual (apesar das grandes influencias d'este) ella venceu, porque, felizmente, ainda na magistratura portugueza ha muito quem saiba e queira fazer justiça.

—

No dia 16 de dezembro de 1806, nasceu tambem na mesma aldeia de Sobrão, Manuel de Azevedo Moura, sobrinho dos referidos bispo e chantre. Era formado em direito, pela Universidade de Coimbra, muito instruido, intelligente e dotado de não vulgar eloquencia. D. João VI o fez cavalleiro da Ordem de Christo. Foi mais tarde, um dos indigi-

tados para mestre dos filhos do Senhor D. Miguel de Bragança, e foi por estes sitios o chefe do partido legitimista.

Em 1846, foi feito por Mac-Donell, juiz de fóra de Guimarães.

Falleceu na villa da Régua, a 27 de setembro de 1862. Era irmão da mãe do sr. padre Sousa Leão, de quem ja fallei.

=

Parte da aldeia de Sobrão, fica do lado direito, e parte, do lado esquerdo, do ribeiro, passando-se de um para outro lado, por uma antiga ponte, de um só arco.

No lado direito ha uma capella dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmentente chamada capella de Santo Ovidio, em razão de n'ella haver uma imagem d'este santo, com que os povos d'aqui teem grande devoção, e lhe fazem uma grande festa e concorridissima romaria, a 9 de agosto.

Nas costas d'esta capella, ha outra do Calvario, que tem um bom crucifixo de pedra. Mais adiante, tem outra capellinha, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, mandada fazer pelo dito doutor, Manuel de Azevedo Moura (pae dos bispo e chantre, que mencionei) em 1726.

MELCÕES—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 6 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 19 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Districto administrativo de Viseu.

O reitor do convento de Santa Cruz, de Lamego, apresentava o cura, que tinha de rendimento 140$000 réis.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Cepões* (Nossa Senhora do Rosario) e por isso se denomina vulgarmente *Cepões e Melcões*, e tem agora dois oragos—Nossa Senhora do Rosario e S. Silvestre. (Vide a pag. 240, col. 2.ª, do 2.º volume.)

Houve aqui um parocho (a que Viterbo dá o titulo de abbade) que no seculo 15 se tornou célebre pelos seus amores com uma freira benedictina, do convento de Recião, e dos quaes houve descendencia. Como tenho de narrar este e outros factos curiosiosissimos, com respeito ao mosteiro de Recião, que primeiramente foi de monjas benedictinas e depois de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) remetto o leitor para a palavra *Recião*.

MÉLES ou **MÉLLES**—freguezia, Traz-os-Montes, no extincto concelho da Torre de Dona Chama, supprimido em 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ala, apresentava o cura, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MELGAÇO—villa, Minho, praça de guerra, capital da comarca e concelho do seu nome, 72 kilometros à NO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 670 fogos, em duas freguezias (Santa Maria da Porta da Villa, 220, e S. Payo, 450.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Em 1757, tinha a freguezia de Nossa Senhora da Porta da Villa, 158 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz a freguezia de S. Payo.

A mitra e a casa de Bragança apresentavam alternativamente o abbade de Nossa Senhora da Porta, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. [1]

O concelho de Melgaço é composto de 18 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são—Alvarêdo, Castro Laboreiro, Chaviães, Christoval, Cousso, Cubalhão, Fiães, Gavo, Lamas de Mouro, Melgaço, (Santa Maria) Melgaço (S. Payo) Paderne, Parada, Passos (ou Paços) Penso, Prado, Remoães, e Rouças.

Tem todo o concelho 4:000 fogos.

A comarca tem os mesmos fogos, porque é composta só do seu julgado.

O primeiro foral d'esta villa, foi-lhe dado por D. Affonso Henriques, em 21 de julho

[1] J. Avelino de Almeida, no seu *Diccionario Geographico*, diz que era a casa de Bragança e o morteiro de Fiães, que apresentavam alternativamente o abbade.

de 1181, confirmado, em S. Thiago, em agosto de 1219, por D. Affonso II (o *Gôrdo.*) (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.º 3, fl. 22 v., col. 2.ª—*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 67, col. 2.ª—*Livro 1.º de doações*, de D. Affonso III, fl. 50, col. 1.ª, — e no *Livro 3.º dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 20 v., —Foi confirmado segunda vez, em Guimarães, a 9 de fevereiro de 1261, por D. Affonso III—*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 50, col. 1.ª—e no *Livro 3.º dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 20 v.)

O mesmo D. Affonso III lhe deu outro foral, em Braga, a 29 de abril de 1258. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 27 v., col. 1.ª—e no *Livro 3.º, dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 11.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 3 de novembro de 1513, (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 47 v., col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes: —*Chançoans*, [1] *Christovel, Louridal, Paços, Prado, Rouças, Sampaio*, e *Varzea*.

Está esta villa situada em um alto, sobre a esquerda do rio Minho, em frente da Galliza, a 18 kilometros a NE. de Monção (a cuja comarca pertenceu até 1853.)

É terra triste, e não muito fertil, em razão da excessiva frialdade do seu clima.

Além do Minho, que réga a freguezia pelo N. (e que a separa da Galliza), tambem a ribeira de Varzeas a réga pelo E., e morre aqui, no Minho.

São justamente famosos os presuntos de Melgaço, e do seu concelho, e se exportam em grande quantidade, para todo o reino e para o Brasil. É effectivamente a carne de porco mais saborosa de Portugal, e o fiambre feito d'estes presuntos, é optimo.

Tem misericordia e hospital, com bons rendimentos.

—

É certo que Melgaço é povoação antiquissim, fundada pelos antigos lusitanos, ou pelos romanos; mas ignora-se quando foi fundada e o seu primeiro nome.

[1] Supponho ser êrro de Franklim, ou má *traducção* do gothico do foral. É provavel que seja *Chaviães*.

O que se sabe com certeza é que os arabes tinham aqui uma grande fortaleza, chamada *castello do Minho*, que já no tempo do conde D. Henrique, estava arruinada.

É de suppôr que á existencia d'este castello se deva a povoação que o circumda.

D. Affonso Henriques, achando a villa deserta, por a terem os mouros abandonado, a mandou povoar, em 1170, reedificando lhe o seu vasto castello. [1]

Em 21 de julho de 1181, quando este rei deu o 1.º foral á villa, doou áos seus moradores, a aldeia de *Chaviães*. (Outros dizem que esta doação foi no dia seguinte — 22.) D. Diniz enobreceu Melgaço com a sua cinta de muralhas, em 1289.

Estas muralhas tinham apenas dois metros de altura, e a sua configuração é quasi quadrada.

No foral que lhe deu D. Affonso II, em confirmação do que havia concedido seu avô, se diz que a povoação possa ter 350 visinhos, e que escolhessem alcaide-mór, que, sendo benemerito, elle o confirmaria.

Ha no seu termo boas quintas com casas nobres, algumas muito antigas; sendo as principaes as dos srs. Castros e Sousas, que teem dado bravos militares. Os srs. Araujos e Rosas, tem duas sepulturas na egreja matriz; porém uma foi comprada pelos Castros.

Esta villa era da casa de Bragança, e todos os officios eram dados pelos duques.

Foram alcaides-móres de Melgaço, os Castros, depois de Villa Nova da Cerveira, hoje do Côvo, junto a Oliveira de Azemeis. Era esta uma das mais prolificas familias nobres do Minho, pois que em Melgaço, Monção, Vallença e outras partes, ha muitas familias descendentes d'estes Castros de Melgaço, que são tambem Magalhães e Menézez. As varias familias de appellido *Caldas*, que ha por estas terras e em Braga, tam-

[1] A torre e fortaleza foram mandadas edificar por D. Pedro Pires, prior do mosteiro de crusios, de Longovares, e á sua custa; como diz D. Sancho I, na carta de couto, que deu ao mosteiro, em 1197. (Vide á pag. 437, col. 2.ª do 4.º volume, na palavra *Longos-Valles.*)

bem são da mesma familia, descendentes do morgado de Covas (Gaspar de Castro Caldas) senhor de Lapella. D'esta mesma familia são tambem os marquezes de Cascaes (marquezes de Niza, de que é hoje chefe o sr. conde da Vidigueira) os condes das Galveias; a actual condessa da Ribeira; o novo barão de Proença a Velha; os Castros Pittas, de Caminha (de cuja familia é o dito barão) os antigos condes de Vianna, e outras familias nobres de Portugal.

Nas repetidas guerras de Portugal contra Castella, deu Melgaço e o seu concelho, soldados intrepidos, que no campo da honra souberam defender com bravura a sua patria.

E nem só os homens, tambem as mulheres d'aqui se teem por vezes mostrado com brios masculinos, e adquirido com justiça o titulo de heroinas.

Nas guerras de D. João I de Portugal, contra D. João I de Castella, e contra seu filho, D. Henrique III (1384 a 1393) se fez celebre *Ignez Negra*, natural de Melgaço. Para contar o feito glorioso d'esta heroina portugueza, cumpre dizer o seguinte:

Os castelhanos nos tinham tomado a maior parte das povoações fortificadas do Alto-Minho; mas o valor portuguez, tinha obrigado a capitular o forte castello de Neiva. Vianna, governada por Vasco Lourenço de Lira, castelhano, tinha sacudido o jugo hespanhol, pela bravura de um escudeiro, appellidado *o Frisus*, que pondo-se á testa do povo, atacou o castello, fazendo prisioneira toda a guarnição inimiga; mas ficando mortalmente ferido o valoroso escudeiro. Ponte de Lima foi resgatada, pelo valor de alguns dos seus naturaes, em premio do que, o rei lhe mandou collocar os bustos sobre as vergas das portas.

Monção, Villa Nova da Cerveira e Caminha, se entregaram sem custo.

Finalmente, em toda a provincia do Minho, só Melgaço estava pela voz de Castella. Era seu governador ou alcaide-mór, Alvaro Paes Sotto-Maior, castelhano, e tendo de guarnição 300 infantes e 300 cavallos, profiava na resistencia.

D. João I, em pessoa, pôz cêrco a Melgaço. Havia dez dias, que o assedio durava, sem outra consequencia mais, do que escaramuças, que nada decidiam. Então o rei portuguez, mandou fabricar um castello de madeira, que ficasse a cavalleiro das muralhas; cuja construcção levou uns 20 dias.

Os cercados, receando o assalto, deram signal de armisticio, e foi á praça, João Fernandes Pachêco; porém Alvaro Paes, propunha taes condições, que nada se conseguiu.

O rei mandou activar os preparativos do assalto, jurando que elle proprio o commandaria.

Tinha o rei casado havia pouco tempo (1387) com D. Philippa de Alencastre, e a rainha estava em Monção, com as suas damas, e acompanhada pelo famoso dr. João das Regras, e por João Affonso de Santarem, vindo da cidade do Porto alli, para visitar seu marido, e tencionando ir residir ao convento de Fiães (Vide 3.º volume, pag. 181) emquanto durasse o cêrco da praça.

Dentro da praça havia uma mulher muito valente, parcial dos castelhanos, que renegára a sua patria; pois era d'aqui mesmo natural.

Sabendo ella que no arraial dos portuguezes estava uma sua conterranea, ousada e valorosa como ella, a mandou desafiar a um combate singular. *Ignez Negra* (a desafiada) acceitou o repto, e se dirigiu logo para o ponto designado, que era a meia distancia do arraial e da villa. Já lá estava a *arrenegada*, (como então se dizia) e o combate começou encarniçado, terrivel e desesperado, como duas viragos, ferindo-se com as mãos unhas e dentes, depois de partidas as armas de que vieram munidas. (1)

Antiqua arma, manus, ungues, dentesque feruntur.

A aggressora ficou debaixo, e teve de re-

(1) Duarte Nunes de Leão (*Chron. de D. João I*) não diz que qualidade de armas eram as que ellas levaram.

tirar para a villa, corrida, ferida, e quasi sem cabello «*levando nos focinhos muitas nodoas das punhadas da de fóra*» que ficou victoriosa.

Os portuguezes fizeram grande algazarra aos castelhanos.

No dia seguinte era a praça dos portuguezes, e *Ignez Negra*, cercada de bésteiros, estava no alto da platafórma, onde o pendão das Quinas ondeava ovante, no mastro em que na vespera se ostentava orgulhosa a bandeira dos leões e torres de Castella, e dizia no seu transporte de alegria—«*Mas vencemos-te! Tornaste ao nosso poder. És do rei de Portugal!*

—

Não menos patriotismo ostentou a praça de Melgaço, quando o sanguinario Buonaparte para aqui mandou o malvado Junot, roubar Portugal, em 1807; pois foi a primeira praça d'armas portugueza que sacudiu o jugo ominoso das hordas francezas, acclamando o rei D. João VI e a liberdade, a 11 de junho de 1808. Bragança lhe seguiu o exemplo, fazendo a acclamação a 11, pondo-se á frente dos restauradores, o general Sepulveda.

Instantaneamente a revolução se propaga pelas duas provincias do norte, e o Porto faz a sua acclamação a 19 do mesmo mez de junho. O Algarve secunda o movimento restaurador, e o Alemtejo (apesar de muito subjugado pelo cruel Kellerman) dá o grito de liberdade, a 20.

—

O dia 5 de novembro de 1874 foi de grande regosijo para os habitantes de Melgaço e immediações. Foi então inaugurada a estação telegraphica d'esta villa á de Monção, ao som de musica e grande numero de foguetes, e de todas as mais demonstrações de regosijo publico.

—

Anda em construcção (março de 1875) um bom cemiterio municipal, melhoramento urgentemente reclamado.

Tambem se anda construindo a estrada a mac-adam, d'esta villa para a de Monção, para cuja obra o governo dá um subsidio.

Em 24 de novembro de 1874, estando em Monção o sr. dr. Cardoso Avelino, ministro das obras publicas, veio a esta villa uma commissão de Melgaço, pedir lhe o andamento da estrada, e o augmento do subsidio, ao que o ministro prometteu, que faria as diligencies para que tão justa pretenção fosse satisfeita.

—

A um kilometro da praça está o sanctuario de *Nossa Senhora da Orada*, edificado sobre o cume de um monte imminente ao rio Minho, que lhe fica ao N., em egual distancia do arrabalde e da praça; d'onde vem uma estrada publica, que, passando pelo atrio do sanctuario, se dirige á Galliza.

Desde a casa da Senhora até á villa se vê a estrada povoada, de uma e outra parte, de casas, hortas, prados, fontes e pomares, o que faz d'esta estrada um bonito passeio.

O templo é de excellente estructura, fabricado de bôa cantaria. Foi até 1834 da jurisdicção dos monges do convento de Santa Maria de Fiães, por doação de D. Sancho I, que o havia herdado de seu pae.

É tão antigo este templo que se ignora a data da sua fundação: é certo porém que já existia no tempo dos godos.

D. Affonso Henriques, achando o em ruinas, o mandou reedificar, pelos annos de 1170. Isto consta de uma escriptura de doação, feita por D. Sancho I, em Santarem, aos 3 dos idos de septembro da era de 1245 (11 de septembro do anno de 1207) assignada pelo rei, todos os seus filhos, e prelados do reino. Esta curiosissima escriptura se conservou até 1834, no *Livro das Datas*, do mosteiro de Fiães, a fl. 14 e 15; mas desappareceu então, com tudo o mais.

É Nossa Senhora da Orada imagem de muita devoção dos povos d'estas redondezas, e desde o dia da Ascenção do Senhor, até á festa do Espirito Santo, aqui vinham em romaria a maior parte das freguezias

dos concelhos de Melgaço, Valladares e Monção, offerecerem á Senhora o residuo do cirio paschal, levando os seus respectivos parochos e ao menos uma pessoa de cada casa: isto em cumprimento de um antigo voto, feito por occasião de uma grande peste, de cujo flagello foram estas terras preservadas, tendo soffrido muito as outras.

Eram então bastas as procissões e clamóres; mas hoje a indifferença do seculo tem feito arrefecer muito estas e outras devoções.

Tambem nas grandes faltas de chuvas, ou quando ellas eram prejudiciaes, por continuadas, hiam á Senhora da Orada muitas ladainhas e procissões de penitencia, implorar o seu patrocinio, para que cessasse a calamidade.

É tradição antiga, que, pela protecção d'esta Senhora, se livraram muitos captivos, que estavam em terras de mouros, e que recorrendo á Santissima Virgem, appareceram ás portas d'este templo, com os grilhões e cadeias com que estavam presos.

Perto d'este templo, havia uma propriedade, chamada por isso *Quinta da Orada*, que a condessa D. Frouilla deu ao mosteiro de Santa Maria de Fiães, assim como a *Quinta de Cavalleiros*, na freguezia de Rouças, d'este concelho, em 16 de dezembro da era de 1204 (27 de dezembro do anno 1166 de Jesus Christo.) [1]

Segundo alguns, estas propriedades tinham sido dos templarios, e assim o assevera o padre Carvalho, na sua *Chorographia*. Frei Agostinho de Santa Maria nega isto, fundando-se em que a Ordem do Templo foi supprimida em 1310 (atiás, 1311.) Não colhe esta negativa. podiam as duas quintas passar para a condessa D. Frouilla, por troca ou compra, feita com os templarios. (Vid *Fiães*, a pag. 182— e *Rouças*, de Melgaço.)

[1] Frei Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Mariano*., tom. 4.º, pag. 252) diz que o padre Carvalho, na sua *Chorographia* se se engana, em dizer que a doação foi feita em 1166, quando só foi feita em 1204. Aquelle é que se engana. A *era* 1204, é o *anno* 1166, como se vê no texto.

Orada é portuguez antigo—significa oração, e tambem casa de oração. *Oráculo*, significa o mesmo. Os antigos davam indistinctamente o nome de *orada*, *oraculo* e *egreja*, a qualquer oratorio, capella ou ermida, como ás egrejas que eram matrizes, ou de mosteiros.

Muitos documentos do seculo IX e seguintes, até ao XIII provam esta asserção.

—

Já tratei das familias dos Castros, procedentes dos alcaides móres de Melgaço: agora tratarei de outra familia, que tinha o seu solar n'esta villa. São os *Nóboas* (ou *Nóvoas*.)

Era este appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado do concelho de Nóboa, na Galliza. Possou a Portugal, na pessoa de *João de Noboa*, da casa dos condes de Macêda, no reinado do nosso D. João II.

Em 1751 era aqui o solar de Caetano Soares de Noboa. As armas d'este appellido são—em campo de ouro, leão de púrpura; e mantelête—no 1.º campo, do mesmo, aguia de ouro—no 2.º, de prata, leão de púrpura. Elmo de aço, aberto — timbre, a aguia das armas.

Supponho que *João da Nova*—que descobriu a ilha da Ascenção, em 1501, e que ganhou a primeira batalha naval, na India, derrotando a esquadra de Calecut: que deixou feitorias em Cochim e Cananor; e que, no regresso para Portugal, descubriu a ilha de Santa Helena—era d'esta familia; mas que, aportuguezando o nome, se appellidou *João da Nóva*. Isto não passa de simples conjectura.

—

Julgo dever aqui commemorar, por ser da nobre familia dos Castros de Melgaço, o nosso famoso ministro da marinha, *Martinho de Mello e Castro*, nome ainda hoje tão popular em Portugal.

Nasceu em 11 de novembro de 1716.

Em 1739, foi feito conego da Sé patriarchal. Depois, entrou na carreira diplomati-

ca, e era ministro de Portugal em Londres, quando rebentou a guerra entre este reino, Hespanha e França. N'esta e em outras conjuncturas, fez relevantes serviços a Portugal, enviando com a maior sollicitude e actividade, para o reino, grande numero de armas e munições de guerra. Foi elle que assignou a paz em Pariz, sustentando com a sua proverbial energia, a honra e os interesses da sua patria.

Em 1777, foi nomeado por D. José I (no ultimo anno do seu reinado) ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e Ultramar.

Apesar de ser ecclesiastico, deu vigoroso impulso á nossa marinha; coadjuvou as grandes reformas do marquez do Pombal (apesar de não ser affeiçoado a este ministro) e, depois da quéda do marquez, continuou no poder, fazendo prosperar todos os negocios da sua competencia; emquanto os respeitantes ás outras pastas, hiam em completa decadencia.

A este habil e energico ministro deveu Portugal uma poderosa esquadra, e ainda treze annos depois da sua morte, quando D. João VI, ainda principe regente, fugiu para o Brasil, com a familia real, em 29 de novembro de 1807, se compunha a nossa marinha de guerra, de 12 náus de linha, 12 fragatas, e muitos outros navios menores.

Foi ministro da marinha, até ao dia do seu fallecimento, que foi a 24 de março de 1795.

MÊLHE ou **MÊILHE**—Vide Edrosa, pag. 6, col. 1.ª, do 3.º vol., áqual esta freguezia está annexa.

MELHUR — portuguez antigo — melhor. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1338.)

MELLÍDES—freguezia, Extremadura. (ao S. do Tejo.) Até 16 de dezembro de 1874, foi do concelho de S. Thiago de Cacem, comarca de Alcacer do Sal: desde então, sendo o concelho elevado a comarca, ficou sendo do concelho e comarca de S. Thiago de Cacem.

(Já em 24 de outubro de 1855 tinha passado a formar parte do concelho da Grândola; mas, em dezembro de 1870, tornou a pertencer ao seu antigo concelho.)—Dista 80 kilometros ao O. de Evora e 90 ao S. de Lisboa, 425 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

A 9 kilometros a E. d'esta povoação, nasce, nos *Montes Asues*, o pequeno rio *Domin*, que desagúa na esquerda do Sado, acima do Xarrâma, e em frente do *Porto d'El-Rei*, com 30 kilometros de curso, regando as immediações d'esta freguezia. (Vide *Domim*, pag. 477 do 2.º vol.)

Diz-se que o nome d'esta freguezia é corrupção de *Mil Lides*, e que este nome lhe proveiu de umas grandes batalhas que aqui houve em tempos antigos.

A 2 kilometros ao NE. d'esta povoação, existem ainda os restos de um dolmen.

São tres grandes pedras tôscas, de grés, que estiveram cravadas no chão, quasi verticalmente, fechando um pequeno espaço.

Os buscadores de thesouros encantados, cavando no centro d'este monumento celta, fizeram tombar as pedras perpendiculares.

A pedra superior (a mésa) se existiu, não ha d'ella noticia ha muitos annos.

MÉLLES—Vide *Méles*.

MÉLLO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago S. Isidoro.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os senhores de Mello, apresentavam o prior, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Está esta villa situada nas faldas da Serra da Estrella, 6 kilometros ao S. da villa de Linhares.

Era uma grande quinta (talvez *villa*—casa de campo—de algum patricio romano, ou senhor gôdo.)

Ha confusão nos escriptores, sobre o fundador e povoador da actual villa. Seguirei primeiro o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa

(*Cidades* e *Villas*, tom. 2.º, pag. 59), por ser um dos nossos mais sollicitos investigadores contemporaneos. Diz elle:

«Sabendo D. Soeiro Raymundo, que Ricardo *Coração de Leão*, rei de Inglaterra, «se apresentava com grande exercito, para «hir á conquista da Terra-Santa, resolveu «acompanhal-o n'esta heroica e religiosa em«preza.[1]

«Sahiu pois de Portugal, para se unir aos «crusados, no anno de 1191. Depois de ha«ver dado provas do seu valor e coragem, «na expugnação de Chipre, viu-se finalmen«te, com o exercito dos crusados, diante dos «muros da tão suspirada Jerusalem.

«A ordem para o assalto, não se fez espe«rar muito tempo, e ao nosso D. Soeiro, cou«be na disposição das forças para o comba«te, um lanço do muro, que, tomando o no«me de um valle, ou voragem que lhe ficava «visinho, se chama *Méllo*.

«D. Soeiro praticou ahi singulares actos «de valentia e gentilezas de armas, com que «deixou maravilhados os seus camaradas, «que, desde então, começaram a appellidal-o «*o Méllo*.

«O fim d'aquella empreza é sabido que «foi desgraçado, pois que a peste, a fome e «as dissidencias disimaram os crusados, «obrigando-os a demandar os seus paizes.

«Voltando D. Soeiro a Portugal, e que«rendo commemorar os seus gloriosos fei«tos, fundou nas faldas da Serra da Estrel«la, uma quinta, com o nome de Méllo, e «n'ella deu principio a uma povoaçãosinha, «correndo o anno de 1204, em que reinava «D. Sancho I.

«No seguinte reinado, de D. Affonso II, «foi este D. Soeiro nomeado alferes-mór; e «um seu neto, D. Mem Soares de Mello, foi «feito senhor de Mello e tambem alferes-mór «de D. Affonso III.

«Hoje é seu descendente e representante, «o sr. conde de Mello, 19.º senhor de Mello.»

—

Vejamos agora a *Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho* (crusios), da qual passo a dar, em resumo, o que diz do convento de freiras de Santo Agostinho, junto á villa de Mello.

Foi este mosteiro fundado em 1539, por D. Mem Soares d'Alvim, senhor de Mello, que lhe deu o titulo e invocação de *Nossa Senhora do Couto*; porém, este D. Mem Soares, só fez a egreja.

Teve este convento origem, pelo facto seguinte:

No mesmo anno de 1539, obrigou D. João III as conegas de Santo Agostinho a que guardassem clausura (porque até então, ellas sahiam quando queriam, a visitar seus parentes, ou a outras quaesquer visitas, compras, etc., sem licença previa de superiores.)

Porém, muitas d'estas religiosas, não se quizeram sujeitar a clausura perpétua, e sahiram dos conventos.

No convento de Chellas, proximo a Lisboa, estava uma senhora, chamada D. Maria Borges Teixeira, prima co-irman de D. Isabel Teixeira, viuva de Estevão Soares de Mello, senhor d'esta villa; a qual, por não querer guardar clausura perpétua, sahiu de Chellas com algumas suas amigas.

Sua prima lhe mandou offerecer a ermida de Nossa Senhora do Couto, de que era padroeira, para vir alli fundar um convento; e como D. Maria Borges era rica e poderosa, facilmente alcançou do nuncio apostolico, licença para fundar este convento, em 22 de junho do mesmo anno de 1539.

A antiga ermida ficou sendo a capella-mór da nova egreja. Foi-lhe lançada a primeira pedra, pelo bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, filho do 1.º conde de Abrantes, logo em 8 de setembro, tambem d'aquelle anno.

Em 1540, já a obra estava em circumstancias de receber as freiras, que para alli foram logo.

D. Isabel Teixeira e seu filho, Francisco de Mello, fizeram doação ao mosteiro, não só da ermida, mas de todas as terras immediatas, sob a condição de que—SE SE VIESSE A DESPOVOAR O MOSTEIRO, TORNARIA TUDO Á CASA DOS MELLOS.

Estas freiras parece que gostavam da liberdade; e, como as *terceiras franciscanas*

[1] Era n'esse tempo soldão do Egyto, o barbaro, mas valorosissimo *Saladino*.

a tinham muito mais ampla, n'esse tempo, do que as agostinhas, tanto lidaram, que, por consentimento e auctorisação do papa Julio III, deixaram a regra e habito de Santo Agostinho, tomando a de S. Francisco, em 1554.

O fundador da primittiva ermida de Nossa Senhora do Couto, D. Mem Soares, foi o primeiro que tomou o appellido de Mello. Era casado com D. Theresa Affonso Gata, filha de D. Affonso Pires Gato, rico-homem.

Esta D. Theresa herdou de seu tio, D. Gonçalo de Sá, o senhorio de Mello, DE CUJA VILLA FÔRA ELLE O PRIMEIRO POVOADOR; porque elle morreu sem descendencia.

D. Gonçalo de Sá, tinha a sua casa e solar, na freguezia de Santa Maria de Sá, julgado de Cêa.

Martim Affonso de Mello, rico-homem de Portugal, senhor de Cêa, Gouveia, Linhares e Celorico da Beira, neto d'aquella D. Theresa, foi o que fez Mello villa e lhe deu armas (isto, segundo a minha opinião, quer dizer, que Martim Affonso de Mello é que solicitou, e conseguiu, de D. Affonso V, que d'esse armas e fôro de villa á povoação.)

De D. Theresa Affonso Gata, procederam os condes de Olivença, Tentugal, S. Lourenço, Assumar, os marquezes de Ferreira, hoje duques de Cadaval, e outras nobilissimas familias d'este reino.

A villa de Mello, chamava-se antigamente de Melro; não se sabe quando se mudou o seu nome para Mello; mas suppõe-se que foi no meiado do seculo XVI.

Em um sinete antigo da mesma villa, que se conservava no archivo da camara d'ella, se viam as armas da villa, que eram as reaes, no meio, e de cada lado uma arvore, com um melro em cima de cada uma; com a seguinte inscripção:

SÊLLO DO CONCELHO DE MELRO

—

Vemos pois que a Chronica dos crusios não se póde combinar, em alguns pontos, com o que diz o sr. Vilhena, e a mais seguida tradição.

O tal *sêllo* e ainda as armas actuaes da villa, parece desmentirem a origem do nome da povoação e a historia do forte *Mello*, de Jerusalem. Reflexionemos.

D. Theresa Affonso Gata, herdou de seu tio, *D. Gonçalo de Sá*, o senhorio de Mello.

Já se vê que os senhores de Mello nada tinham (então) com a familia dos *Soeiros* e dos *Soares* (Soares é patronimico de Soeiro).

É verdade que o marido de D. Thereza, e fundadora da ermida da Senhora do Couto, se chamava D. Mem Soares; mas não foi pela sua linha que a casa veio aos Mellos; porém pela dos Sás, de Cêa.

D. Mem Soares *foi o primeiro que tomou o appellido de Mello*, o que para a questão de saber quem foi o fundador da villa de Mello, é indifferente: apenas prova que esta povoação já n'esse tempo se chamava Mello.

A chronica dos cruzios diz expressamente que o *primeiro povoador* da villa de Melro foi D. Gonçalo de Sá—logo, não foi D. Soeiro Raymundo.

Collige-se tambem d'aquella chronica que a povoação era já antiga no tempo de D. Gonçalo, ao qual não dá o titulo de *fundador*; mas sim de *povoador*, o que é muito differente.

—

A tradição da proveniencia do nome á povoação, do tal forte de Mello, na Syria (Palestina) ou é mentirosa, ou mente o *sêllo das armas do concelho de Melro*, e as actuaes armas da villa, que ainda são as mesmas do *sello*, com os dois *melros*.

O que se não sabe com certeza, é quando a povoaçãe deixou de ser Melro, para ser Mello. A citada chronica só diz que se *suppõe* ser no meiado do seculo XVI; no que tambem se engana, pois em 1515 já se chamava Mello, como logo veremos, quando se tratar do seu foral.

Devo porém confessar que effectivamente em Jerusalem havia um sitio (baluarte, forte, ou lanço de muralha) chamado *Mello*, pois já d'elle falla o Paralipomenon, livro 2.º cap. 32, mas se D. Soeiro Raymundo d'aqui tirasse o nome para a *sua* villa, não conservava ella ainda por 200 ou trezentos annos o seu primittivo nome de Melro.

Ahi ficam ambas as etymologias, e cada um adopte a que julgar mais verosimil.

—

Pouco tem progredido em nossos dias a industria, o commercio e a população d'esta villa. Fabricam-se aqui bons pannos de lan e baetas.

Tem Misericordia, hospital, e cinco ermidas.

Diz o sr. Vilhena Barbosa, e diz muito bem:

«A sua posição (da villa de Mello) muito «arredada dos portos de mar, dos grandes «centros commerciaes e até mesmo das «principaes estradas do reino; e a falta de «communicações faceis, são as causas que «teem obstado ao desenvolvimento d'esta «villa, porquanto o seu territorio é muito «productivo e adaptado para culturas mui»to lucrativas.

«Assentada entre duas fresquissimas ri«beiras, possue esta vilta lindos arrabaldes, «pois que lindos são todos os valles da ser»ra da Estrella, pela pomposa vegetação «que n'elles entretem, e em todas as esta«ções do anno, os infinitos arroios, torren«tes e rios, que se desprendem do alto dos «sêrros, ou que rebentam da raiz da mon«tanha.»

O territorio d'esta freguezia é pois muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho; mas a sua principal riqueza provem-lhe das suas magnificas e vastas pastagens, onde se cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade, que se exporta em grande escala.

Os seus montes são abundantes de caça grossa e miuda.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 19 de julho de 1515 (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 145, col. 1.ª—Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 8.) Já então se denominava *villa de Mello*.

O brazão d'armas d'esta villa já fica descripto; mas não tem a legenda, que era só precisa no sêllo.

—

Foi esta villa por mais de 200 annos cabeça de concelho, com camara, juizes e mais empregados municipaes; casa da camara, pelourinho e mais distinctivos da sua autonomia.

Este concelho foi supprimido depois de 1834.

—

Nos manuscriptos da bibliotheca dos srs. marquezes de Palmella, se vê sobre a familia dos Mellos, o mesmo que o sr. Vilhena Barbosa diz com respeito a D. Soeiro Raymundo e a o forte de Mello. (1)

Para evitar repetições, vide em *Guimarães* a geneologia e armas dos Mellos.

—

É actual condessa de Mello, a sr.ª D. Thereza Francisca de Mello Silva Breyner Sousa Tavares e Moura.

MELRES—villa, Douro, concelho e 20 kilometros a E. de Gondomar, comarca, bispado, districto administrativo e 30 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 235 fogos.

Orago Santa Maria.

Os marquezes de Marialva apresentavam o abbade, que tinha 900$000 réis de rendimento annual.

A egreja é muito antiga e foi feita por um dos filhos (padres) da célebre *Maria Mantella*. (Vide, *Chaves*, *Meixide* e *Porto*.)

É povoação antiquissima, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada. É certo que já existia, pelo menos no tempo dos arabes, do que ha vestigios, como adiante direi.

Ha duas opiniões sobre a etymologia do seu nome, ambas admissiveis. Segundo a primeira, é corrupção de *melros*, por aqui haver muitas d'estas aves.—Outros pretendem ser corrupção da palavra arabe *Morcul-tema*, que se lê—*mercultem*.

Na Africa, perto de Azamôr, ha uma povoação tambem assim chamada.

Esta palavra é composta de dois imperativos e de uma particula ou adverbio de logar, a saber—de *mor* (vai-te) do verbo mar-

(1) O padre Carvalho na sua *Chorographia*, segue a opinião que depois adoptou o sr. Vilhena.

ra—hir—de *cul* (cóme) do verbo *acala*—comer—e do adverbio *téma* (ahi n'esse logar)—sendo assim, significava — *vae comer ahi.*

E, com effeito, estando esta villa situada sobre a margem direita do Douro, é desde muitos seculos logar de descanço, pousada e comida, para os que navegam pelo rio, e dos que vem pela estrada do N. para aqui, na barca, para a outra margem.

—

Desde Avintes para cima, é Melres a mais bonita, fertil e aprazivel povoação das margens do Douro. Desde a aldeia de S. Thiago até á de Moreira, d'esta freguezia, por espaço de 1 kilometro, pouco mais ou menos, se estende a formosa *ribeira de Melres*, fertilissima em milho, centeio, linho, legumes, hortaliças, com bastantes *arvores de vinho* (carvalhos ou outras arvores que sustentam videiras.)

Ha tambem aqui grandes e bellas nogueiras, que produzem muito fructo, que se exporta.

O resto da freguezia é em terreno accidentado, em grande parte coberto de pinheiros, carvalhos, sobreiros e outras arvores silvestres, e d'aqui se extrahe bastante cortiça e madeiras, que vão para o Porto, com cuja cidade faz esta freguezia grande e constante negocio, pelo rio, conduzindo áquella cidade, lenha, carvão, carqueija, madeira, nózes, e outros generos, em barcos proprios da freguezia.

Fica Melres e S. Thiago, em frente da freguezia de Santo Antonio da Lomba; e em frente do logar de Moreira, na margem opposta, é o logar de *Arêja*, célebre por ter sido uma antiga cidade. (Vide a pag. 238 I do 1.º volume.)

—

A causa da fertilidade do solo baixo d'esta freguezia, é o nateiro que o Douro aqui deposita, nas enchentes; mas se quasi sempre é fertilisador, tambem algumas vezes causa grandes prejuizos, pois tem havido cheias que chegaram a entrar dentro da egreja matriz, que está a mais de 8 ou 10 metros acima do nivel ordinario do rio. Então o Douro arrasta em sua corrente furiosa, paredes, arvores, casas e campos.

—

Ha aqui uma boa feira, na aldeia de Branzêllo. Até agosto de 1874, fazia-se no dia 3 de cada mez—desde então, faz-se no 1.º domingo de cada mez.

—

Foi concelho muito antigo, com camara e justiças proprias, que foi supprimido depois de 1834. A sua casa da camara serve hoje de casa de escola regia de instrucção primaria.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1524 (*Livro de foraes novos da Beira.* fl. 130 v. col. 1.ª)

—

Tem uma nova e grande capella, da invocação de Nossa Senhora do Calvario, com bôa torre e dois sinos. Foi construida á custa de habitantes d'esta freguezia, que adquiriram no Brasil meios de passarem o resto dos seus dias na terra que os viu nascer. Tambem a elles se devem os melhoramentos que se vêem nas casas e quintas d'esta freguezia.

É em Melres onde, na 5.ª dominga da quaresma, se faz a melhor procissão de Passos de todo o concelho.

Pela aldeia de S. Thiago, passa a zona carbonifera (anthracites) que vem do Barral (margem esquerda do Douro) e seguindo a direcção NO., vae passar ao Covêllo, Valle de Acha e S. Pedro da Cova.

—

Ha em varios sitios d'esta freguezia, muitas galerias, que bem mostram ser antigas minas metalicas. Supponho serem anteriores á dominação romana; porque teem apparecido por estes sitios uma especie de mós grosseiras, com que os lusitanos trituravam o seixo (quartzo) para lhe extrahirim, pela lavagem, as particulas de ouro ou prata.

Segundo a tradição, tambem foram exploradas pelos mouros.

Ainda por aqui ha algumas minas de cobre e de ferro, mas estão despresadas, por parecerem pobres á superficie, e não se que-

rerem aventurar os mineiros a fazerem reconhecimentos e pesquizas profundas.

—

Houve aqui um vinculo dos *Peres*, de Meixide, administradores do morgado de Villar de Perdizes (na comarca de Chaves.) Ha muitos annos que deixou de existir, e o seu solar, que é um vasto e bom edificio nobre, ainda existe ao fundo da villa, em bom estado; mas mudou de possuidor.

Ha tambem aqui uma grande e bella casa, que foi paço dos Telles.

Foi comprada por fr. José da Graça, que a restaurou e aformoseou. É hoje dos seus herdeiros. Foi solar dos Porto Carreiros. Vide *Porto*, no palacio da Bandeirinha.

—

Tambem foi solar dos Telles de Menezes, que procedem de D. Tello, grande senhor nas Asturias, e rico-homem, no reinado de D. Favilla, pelos annos de 730 a 750.

Estes Telles foram os progenitores dos condes de Cantanhêde e marquezes de Marialva. (Vide esta ultima palavra.)

—

Ha em Melres a antiga casa, denominada da *Eira de Mello*, dos srs. Coelhos da Rocha. Foi d'esta casa o pae do justamente célebre doutor, o padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente de Coimbra, e um dos melhores juris-consultos e escriptores publicos dos nossos dias. Vide *Covellas*, pag. 428, col. 2.ª do 2.º vol.

O sr. Joaquim Coelho da Rocha, com estabelecimento photographico, na rua da Alegria n.º 111, em frente do Passeio Publico do Rocio (em Lisboa), é da casa da Eira de Mello, e sobrinho do dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, de Covellas.

MELRÍÇO—Pequeno ribeiro do Alemtejo, que passa a 3 1/2 kilometros a NO. de Castello de Vide, e 800 metros da casa pertencente á fazenda denominada *Mensoares* (Mem-Soares.)

Junto a este ribeiro, e no meio de um campo, está o *dolmen de Melriço*.

A mesa era sustentada por sete pedras, ou esteios, dos quaes só tres se conservam inteiros; os mais estão por alli espalhados e partidos. A mesa ainda está intacta sobre os tres esteios que restam.

MEMBRO—portuguez antigo—moeda usada nos reinos de Leão, Oviedo e Castella, e que de lá passou para Portugal não se sabe quando; mas com certeza antes de 1067, pois que sendo D. Garcia (filho de D. Fernando, o Grande) feito rei de Portugal n'esse anno, já cá achou os *membros*. (Vide Alfaiates, pag. 112 do 1.º vol.)

Os nossos archeologos e numismographos, não são concordes quanto ao valor d'esta pequena moeda: dizem uns que era o mesmo que *soldo*, ou *maravidim;* e outros, que era uma fracção d'esta moeda; mas a opinião mais acceitavel, é que *membro* é o mesmo que *mealha*: ainda que Viterbo diz que —como antigamente as escripturas tinham muitos breves, era possivel que dissessem memb, por maravidim, e d'aqui se podia originar o engano, e a invenção de uma moeda, que talvez jamais existisse.

Entre muitos e diversos legados que a rainha Santa Mafalda deixou no seu testamento, feito em 1256 (Tom. 1.º da *Hist. Gen. da Casa-Real*), é o de uma cruz de ouro com Santo Lenho, que tinha sido da rainha Santa Helena (mãe do imperador Constantino o *magno*, o 1.º dos imperadores, que se fez christão, convertido por sua mãe.)—*It ducentos membros veteres*, aos dominicos do Porto; e ao convento de S. Francisco, da mesma cidade, *Cem membros*.

Em Dufresne, na palavra *Kalendæ* traz o documento que se segue—*Et donat de censum 9 denarios Pogesos, et ad kalendas duos membros*.

> Note-se que a era de augusto, era dividida em mezes, e estes em *kalendas*, *idos*, e *nôas*.
>
> Nas kalendas, que era o principio dos mezes, reuniam os bispos o seu povo, para o instruirem nos dogmas da religião. Com o tempo se deu o nome de *kalenda*, ou *synodo* a estas mesmas reuniões. *Pera vir ao Signodo*, ou *Kalendairo*. (Doc. da universidade, de 1425.)
>
> Tambem se dava o nome de *Callandairo* á procissão, ou *clamôr*.

Por kalendas se dividiram os mezes em differentes terras de Portugal, até 1422, em que D. João I, prohibiu que se contasse pela *era de* Cesar (38 annos menos 11 dias, mais antiga do que a era vulgar), e em todos os documentos se contasse d'alli em diante pelo anno do nascimento de Jesus Christo.

Tambem se dava o nome de *Kalendas*, aos direitos de portagem e outros, que nas feiras, ou mercados, se pagavam ao rei, ou áquelles aquem a corôa os tinha dado.

De serem as feiras no 1.º dia de cada mez, se deu este nome (derivado do verbo grego *kaleo*) ao tal direito, ou contribuição. (*Hesp. Sagr.*, tom. 40, fl. 227.)

MEMPASTOR ou **MAMPASTOR** — portuguez antigo—juiz ou qualquer outro official de justiça, que civilmente tomava conhecimento das causas, e as decidia.

Em 1324 D. Affonso IV prohibiu ao mosteiro de Castro de Avellans o intrometter-se a pôr juiz, ou *mempastor* nas aldeias e logares em que a jurisdicção civil pertencia ao rei.

Em outro documento de 1340 se diz *mampastor* (Doc. de Bragança). Vide *Montesinhos* e *Quintanilha*.

Segundo Duarte Nunes de Leão (na sua *Orthographia*) *mempastor* e *mamposteiro* é o mesmo que, homem posto por alguem para qualquer negocio.

Depois só se dava o nome de *mamposteiro* ao que recebia as esmolas para a remissão dos captivos e para alguns sanctos ou sanctuarios.

Por fim só se dava o nome de mamposteiro ao que recebia o dinheiro das esmólas das bullas da *Santa Cruzada*.

MENDÍGA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Mós, 18 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A collegiada de Porto de Mós apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar. Isto, segundo o *Portugal Sacro e Profano*.

O *Couseiro* diz que o vigario e beneficiados de Porto de Mós davam ao cura 40 alqueires de trigo, e os freguezes casados, cada um, um e meio alqueire de trigo, e os viuvos e solteiros metade.

Havia aqui antigamente dois *bôdos*, um na primeira oitava do Espirito Santo, e outro em dia de S. Miguel, archanjo (29 de septembro).

N'esta freguezia não ha capellas.

A origem d'esta freguezia é a seguinte.

Na aldeia do Arrimal havia a capella de Santo Antonio, e na da Mendiga, a de S. Julião. A estas duas capellas eram obrigados os vigarios de S. Pedro e S. João, a virem dizer missa e administrar os sacramentos aos freguezes d'elles (que então eram 40) em domingos alternados.

Em 1525, sendo arcebispo de Lisboa o infante D. Affonso (filho do rei D. Manuel) cardeal do titulo de S. Braz—mandaram os seus visitadores, que os seus vigarios e beneficiados lhes déssem capellão, que lhes dissesse missa e administrasse os sacramentos. O mesmo arcebispo confirmou esta ordem em 1526, e mandou que o capellão assistisse sempre em um dos ditos logares, e lhe taxou congrua; mas o vigario e beneficiados de Porto de Mós se opposeram a estas decisões, tendo logar um pleito que se sentenciou contra elles. (Esta sentença está no cartorio de S. Pedro.)

Com o tempo foi crescendo a população d'aquellas duas aldeias, e se dividiram em duas parochias, como ainda hoje estão, mas até 1834 foram dependentes da collegiada de Porto de Mós, que apresentava os curas, como fica dito.

MENDÍGA—serra, Extremadura, onde estão as freguezias do Arrimal, Mendiga e outras. Para evitar repetições, vide *Ayre*, serra, a pag. 302 do 1.º vol.

MENESTERIAL ou **MENESTEIRAL**—por-

tuguez antigo—obreiro, operario, jornaleiro, creado, servente, etc.

MÈNGOA—portuguez antigo—mingua, falta, necessidade.

MENGOADO—portuguez antigo—minguado, falto, desprovido, etc.

Pola qual razão a dita Villa (de Moncorvo) *ficou Mengoada de gente e companhas, e esteve, e está, em gram perigo de sè perder e despobrar*, etc. (Carta do rei D. Fernando á camara de Moncorvo, em 1370.)

MENÍ—portuguez antigo—baêta de que as mulheres do campo faziam as suas mantilhas.—*He ella dita noiva vestida de vestidos novos de dia de voda, s. hua mantilha de* meni, *e hua que... á dê courtanai, he hua ffàdrilha* (saiote) *de bristol*. Doc. de Alpendurada, de 1480.)

Dava se antigamente o nome de bristol a um pano forte e grosseiro, fabricado na cidade ingleza de Bristol, sobre o rio Avon. D'esta ilha vinha para Portugal muito do tal panno.

Nas côrtes d'Evora de 1481 requereram os póvos, que—*se prohibam com gravissimas penas, os vestidos de seda e ornamentos de ouro e prata a todas as pessoas, com certas limitações a respeito da primeira nobreza; porêm que dourado e prateado ninguem o use — Que haja differença, pelos trajes das pessoas—Que os nobres usem de lan fina—os officiaes mechanicos, de lans grossas, burel, bristol, etc.—Que as rameiras, e que só fazem por um homem, não usem de mantilhas—que andem em corpo, e sem chapins, com véos açafroados, para se distinguirem das mulheres honestas.*

MENORÊTAS—portuguez antigo—dava-se este nome ás freiras de Santa Clara, por o seu patriarcha (S. Francisco) se denominar sempre—*o menor*. (Doc. do seculo XIII.)

MENSORIO—portuguez antigo—tudo o que era roupa e apparelho, ou ornato de uma mêsa, como toalha, guardanapos, talheres, copos, etc.—É do seculo X. Então dava-se á *mêsa* o nome de *mênza*, como ainda hoje dizem nas provincias do Sul, as pessoas menos instruidas.

MENSURA e **MENSURAR**—portuguez antigo—medida e medir. Ainda hoje se diz mensurar, por medir, e é muito usado *incomensuravel*, com respeito ao que por vasto se não póde medir, ou avaliar.

MENTÁRIO, IMENTÁRIO, e mais antigo —**MENTAIRO** e **IMENTAIRO**—portuguez antigo—inventario, divisão, partilhas, etc.

Os rusticos das provincias do Norte, ainda dizem *imentairo*.

MENTES—portuguez antigo—cuidado, pensamento, lembrança, memoria.—*O Juiz ouve medo, e desamparou o feito dês ali, e nom meteo hi mais mentes*. (Doc. da Alpendurada, de 1108.) *Tem mentes*—era o mesmo que dizer—*toma sentido*.

MENTES e **MENTRES**—portuguez antigo —ainda usado pelo nosso povo. O mesmo que *emquanto*. (Doc. de Almoster, de 1287.) É corrupção do castelhano—*mientras*.

MENTIDEIRO—portuguez antigo—mentiroso. Nas provincias do Norte, ainda se diz *mentireiro*.

MENTRESTÍDO—freguezia, Minho, comarca e 12 kilometros a O. de Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 45 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 105.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra fertil.

O abbade de Santa Maria da Cunha apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

Foi antigamente abbadia do real padroado. D. Diniz, em 1308, a trocou com o bispo de Tuy, D. João Fernandes Sotto-Maior. Depois passou para o abbade de Cunha, que recebia metade dos dizimos, e a outra metade era *beneficio simples* do ordinario.

MÉO—portuguez antigo—meio.

MÉO BRANCO—portuguez antigo—meio real branco, ou 3 ceitis.

MEOGO—portuguez antigo—o meio ou centro de qualquer cousa.

MEONA e **MEONO**—portuguez antigo—Vide *Meana*.

MERCAR—no antigo portuguez não significava sómente comprar, mas tambem, contratar, trocar, vender, etc.; hoje diz se mercadejar.

MERCÊ—Nos primeiros seculos da monarchia portugueza, dava-se aos reis, o modesto titulo de *mercê* (vossa mercê.)—Á *mercê* seguiu-se a *senhoria*. D'este tratamento usavam os reis das Hespanhas, até aos reis catholicos de Castella, Fernando e Isabel, e D. Manuel de Portugal. Desde então se introdusiu a *alteza*, á qual se seguiu pouco depois o de *magestade*, trazido da Allemanha, pelo imperador Carlos V (pae de Philippe II)—Mas os reis de Portugal e Castella, na correspondencia privada, sempre se trataram reciprocamente por *alteza;* até que na entrevista de Guadalupe, Philippe II de Castella, logo no primeiro encontro, se apressou a tratar por magestade ao nosso rei D. Sebastião.

Com os Philippes, radicou-se em Portugal este real tratamento, que hoje é o de todos os reis da Europa e outros, e se conservará provavelmente; porque nas linguas conhecidas não ha outro mais nobre, que o possa substituir, sem usurpação dos atributos da divindade. (Vide *Magestade* (a 1.ª), pag. 34 d'este vol.)

MERCEANA ou **MERCIANA**—Vide *Aldeia Gallega da Merceana*, pag. 82 (no fim da 2.ª col.) do 1.º vol.

MERCÊS—freguezia, vide *Lisboa*.

MERCÊS—Vide *Carvalhal Bem Feito*, pag. 134 do 2.º vol., col. 2.ª, no fim.

MERCÊS—aldeia, Extremadura, proxima ás abas da serra de Cintra, freguezia de Rio de Mouro, comarca e concelho de Cintra, patriarchado, districto e 30 kilometros a NO. de Lisboa.

Ha aqui uma formosa capella, dedicada a Nossa Senhora das Mercês (que deu o nome á povoação.)

No dia 25 de outubro, se faz uma grande romaria a esta Senhora, que é concorrida dos povos d'estas redondezas, principalmente da Venda-Sêcca, Alcabideche, Cascaes, Cintra, Bellas, Rio de Mouro, etc.

É esta solemnidade religiosa feita com grande magnificencia, com musica vocal e instrumental; procissão, com muitos andores, e grande acompanhamento de irmãos; grande quantidade de fogo preso e do ar, e todas as mais demonstrações de regosijo publico.

Por essa occasião se faz tambem aqui uma grande feira; uma das melhores em gado bovino e suino, dos arredores de Lisboa. Denomina-se *feira das Mercês*.

MERD... EM BOCCA—ou *lixo em bôcca*—metter escremento humano na bôcca de qualquer, ou esfregal a com elle, era uma das mais atrozes injurias que se podia fazer, e, por isso, punida com o maior rigor. Cinco eram os crimes principaes dos antigos portuguezes, que os foraes e leis castigavam mais severamente—*homicidio; furto; rapto;* ou *violação de mulher (rouso), arrombamento de portas, com mão armada; e esterco humano, mettido na bôcca de alguem, ou mesmo a simples ameaça, por palavra, de que lhe fariam esta injuria.*

Innumeraveis são os foraes que impõem graves penas a este crime, a que por indigno e immundo, alguns chamavam nefando.

Os termos de que em regra se servem os foraes para designar este crime, é—*stercus in ore; merd... in bucca;* e *lixo en bôca.*

No foral de Thomar, de 1174, traduzido no seculo XIV, se lê—*Se alguem* (cometter?) *rousso, ou omesyo, ou romper casa con armas, ou con feridas, ou quebrantar portas, ou entrar casa no couto da villa—peyte quinhentos soldos. Se alguem* (cometter?) *rousso ou omisyo, fora da villa fezer, LX soldos, peyte.*

Mando, que cada huum filhe ssa molher, que aia recabedada, ou filha sua, que ainda non foi casada, hu quer que a achar, sen coomha. E o filho, que seu padre ten en ssa casa por seu mancebo, filhe-o, hu quer que o achar (tirado que non brite sobrele portas, ou fyra alguem) sen coomha. Por merd... en boca metuda, en qualquer lugar, que o faça—peyte LX ff.—Se alguem ferir con armas muudas, de seu grado, e per ira, no couto da villa—

peyte LX ff.—e se for fora da villa, peyte XXX ff. (Doc. de Thomar.)

No foral que o mosteiro de Lorvão deu á sua villa d'Abiúl, em 1175, lê-se—*Non site inter vos calumnia, nisi rausum, et homicidium, et stercus in ore, et casa disrupta cum armis, aut cum feridas, aut fregerit portas, et intraverit domum per vin (in cauto villa D solidos pectet) et furtum. Omnes istas calumnias sint pectadas per forum terpæ Palumbaris.*

Porem no foral que a Abiul tinham dado Diogo Peaiz e sua mulher, D. Eximena, em 1167, se diz que por todas as coimas pequenas se paguem sinco soldos; mas pelas grandes, que são—QUI FURTO, RAUSO, *homicidio, merd... in bucca, et casa derupta in cauto intus in villa, sicut est Foro de terra, LX sol. pectent.* (Doc. de Lorvão.)

Finalmente, para não cançar o leitor, direi que na maior parte dos foraes se falla no crime de *lixo em bôcca*, sempre como um dos mais graves.

O rei D. Diniz, impoz a pena de morte para este crime, e esta lei se compilou ainda nas *Ordenações Alfonsinas.* (Livro 5.º, tit. 32, § 1.º)

MERELIM—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto e 3 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 230 fogos. Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O reitor de S. Payo de Merelim, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento. É terra muito fertil.

Houve aqui, em tempos remotos, um mosteiro de monges benedictinos, que se annexou ao de Tibães, que fica a 4 kilometros de distancia.

MERELIM DA PONTE—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 151 fogos.

Orago S. Payo. É terra muito fertil.

O parocho era reitor, por concurso synodal, e tinha 150$000 réis de rendimento.

Em fevereiro de 1874, falleceu em S. Domingos de Nitterohy, (Brasil) o commendador, José Narciso de Sousa Correia, natural d'esta freguezia. Deixou á egreja d'ella oito contos de réis de moeda brasileira.

MERENDA—portuguez antigo—certo fôro que alguns caseiros pagavam aos senhorios, quando aquelles entravam para os prasos—isto além do *chavadégo* (luvas, molhadura, agradecimento.) *Esto vos ffazemos por hua maraam, e hua ffogaça, e hua quabaça de vinho de merenda, e dar chavadégo, e revora aos ffrades.* (Doc. de Paço de Sousa, de 1418.

MERENDAL—portuguez antigo—certo pano grosseiro. (Doc. da Alpendurada, de 1277.) Tambem era a merenda que o caseiro pagava ao senhorio, ou ao seu mordomo, quando hiam ao praso.—Na maior parte dos prasos, *merendal* era metade de um *bragal*, ou 3 varas e meia. *E huum merendal, que som tres varas e mea de bragal.* (Doc. da Alpendurada, de 1432.

MÉRIDA—cidade capital da Lusitania por muitos seculos, e quando a Extremadura hespanhola formava parte do nosso reino.

Como tenho fallado tantas vezes n'esta cidade e tenho ainda de fallar, parece-me bem fazer aqui d'ella mensão especial.

Foi Mérida uma cidade importantissima no tempo dos romanos, no dos gôdos e alanos, e no dos arabes; e posto tenha perdido grande parte da sua antiga importancia, ainda é célebre pela sua antiguidade e pelas suas tradições.

O bispado de Mérida, era um dos maiores da Peninsula, pois abrangia parte da Extremadura hespanhola, da nossa actual Beira Baixa, os dois bispados de Coimbra e Aveiro, e grande parte do actual bispado do Porto, pois que a diocese de Mérida chegava até á margem esquerda do rio Douro, que a dividia do arcebispado de Braga.

A fundação d'esta cidade remonta aos tempos obscuros da antiguidade; mas as suas magnificencias, esplendores e importancia, deve-a aos romanos, que a fizeram capital da então vasta região da Lusitania.

Em 418, os alanos romperam uma nova guerra contra os vandalos e selingos, emquanto os romanos, colligados com os godos, faziam por sustentar o dominio do imperio nas Hespanhas. Junto a Merida houve uma sanguinolenta batalha, na qual Ataces (vide Coimbra) perdeu a vida, e os restos

das suas tropas fugiram para o Alto-Minho e Galliza.

Hermenerico (ou Hunerico) o primeiro rei dos suevos, o mais illustrado chefe das raças do norte que tinham invadido as Hespanhas, e um grande politico e bravo guerreiro, vendo a anarchia que dominava no territorio que havia sido do imperio romano, e conhecendo o patriotismo e a bravura dos lusitanos, os admittiu a todos os empregos e honras da sua côrte, entregando-lhes o commando de tropas, deixando-lhes o publico e livre exercicio da religião catholica (o rei era ariano) de modo que os suevos e lusitanos se confundiram, formando uma só nação.

Gunderico, rei dos vandalos, querendo apossar-se da Lusitania, e da Andaluzia, rompeu a guerra contra Hermenerico; mas foi derrotado, tendo de fugir para as ilhas Baleares. Ainda voltou depois; mas foi derrotado e morto junto á Sevilha.

Os romanos não queriam ainda largar a presa, e o imperador Valentiniano III, que tinha succedido a Honorio, mandou (em 427) um exercito contra a Lusitania, sob o commando de Sebastião, que reconquistou Merida e Lisboa; mas, arrastado pela ambição de reinar, se fez acclamar rei; porém o povo lhe tirou a vida.

Hermenerico, atacado de uma molestia chronica (435) entregou a Lusitania a seu filho Rechila, que em 440, derrota o general romano Andelabo (ou *Andevoto*, como lhe chama Argote) em Xenil — e em seguida, resgata Merida, e conquista toda a Andaluzia.

Morreu este monarcha valoroso, em Merida, na flor da edade, em 450.

Tinha conquistado aos romanos, além da Andaluzia, as duas provincias, de Carthagena e Carpetania; mas alliando-se com os romanos, lhe cedeu estas para poder em paz conservar o resto.

A sua côrte foi sempre em Merida.

Succedeu-lhe seu filho Receario (que era catholico) o qual quebrou as pazes com os romanos, invadindo as suas terras e as dos godos, d'onde levou grandes despojos para a Galliza.

Theodorico, rei dos godos, então alliado dos romanos, entrou com um formidavel exercito na Hespanha, invadiu a Galliza, e nas margens do rio Orbego (a 3 leguas de Astorga) se encontrou com o exercito suevo, que derrotou, fugindo Reciario, ferido, para a cidade do Porto; onde foi preso e conduzido a Braga, conquistada havia pouco por Theodorico, que d'ella tinha feito a sua côrte. Alli, o rei godo o manda degolar, com alguns dos seus, em dezembro de 458 (ou 456, segundo diz o sr. Carreira de Mello.)

Não é meu proposito fazer aqui um resumo da antiga historia da Lusitania, e só mencionar os factos mais notaveis, com referencia a Merida.

Vencidos os suevos pelos godos, occupava o throno d'estes, em 459, Agila, que sendo desbaratado pelos cordovezes, se retirou para Merida. Reforçando aqui as suas tropas, marchou contra Atanagildo (que em Sevilha tinha tomado o titulo de rei de Hespanha, auxiliado pelas tropas romanas do imperador Justiniano.)

Teve logar a primeira batalha junto a Sevilha, sendo n'esta e nas seguintes, sempre vencido Agila, que retirando para Merida, alli foi assassinado pelos seus proprios vassallos em 560.

Foi Merida a capital da Lusitania até ao reinado de D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, que ainda para aqui fugiu depois da fatal derrota de Guadalete. D'alli, recolhendo-se ao mosteiro de Cauliniana, se descobriu ao abbade Romano, e juntos fugiram para as costas da Lusitania; parece que para a Nazareth, ou para a villa da Pederneira. Consta que foi morrer na freguezia de Santa Margarida do Feital, junto a Viseu. (Vide *Feital*, a pag. 161 do 3.º vol.—*Nazareth*, *Pederneira* e *Viseu*.)

Desde então, deixou Merida de ser capital da Lusitania; porém o seu bispado, ainda por alguns seculos chegou até ao Douro. (Vide *Coimbra* e *Grijó*.)

Quando os arabes entraram em Merida, em 714, consta que acharam aqui um cantáro, feito de uma perola, que um rei suevo tiha trazido da Germania, e que tinha pertencido ao templo de Jerusalem, e fôra d'alli roubado por Nabucodonozor, quando des-

truiu a cidade santa. Foi depois levado este cantaro a Damasco, por Solimão, d'onde havia sido roubado pelos suevos.

Foi Merida a patria de muitos varões célebres pelos seus talentos e virtudes. Mencionarei os principaes de que tenho noticia.

S. Renovato, bispo de Merida, monge de S. Bento, no mosteiro de Cauliana, que então era um seminario de varões sabios e santos, e de prelados insignes.

Falleceu em 8 de janeiro de 633. Foi sepultado junto ao altar de Santa Eulalia, virgem.

S. Fiel, bispo de Merida. Falleceu a 7 de fevereiro de 570. Abraçou e seguiu os dictames da mais alta perfeição e soube desempenhar, por modo singularissimo, as obrigações do seu nome.

S. Romano, monge benedictino, no mosteiro de Cauliana, natural de Merida, e abbade do mesmo convento, quando a Lusitania foi invadida pelos arabes, em 714. Já disse que fugiu de Merida com D. Rodrigo, trazendo comsigo a antiquissima e devota imagem de Nossa Senhora da Nazareth, e muitas reliquias de santos. Nas praias da Nazareth viveu o santo monge, em uma cova (ou caverna) em continuas orações e em perenne exercicio de penitencia. Falleceu a 23 de março de 716.

S. Daciano, insigne poeta, philosopho e jurisconsulto. Nasceu n'esta cidade; foi residir em Roma, onde foi muito estimado pelos seus grandes talentos e egregias virtudes. O famoso *Marcial* o tomou em varios sitios dos seus *Epigrammas*, e o colloca entre os varões mais insignes do seu tempo. O papa Evaristo, que governou a egreja de Deus, desde 110, até 119, o converteu ao christianismo, e o novo confessor foi um dos mais fervorosos catholicos d'aquelle seculo; sendo martyrisado pelos romanos, em 4 de junho do anno 120, imperando Adriano.

Santo Innocencio, bispo de Merida. Foi um varão virtuosissimo. Falleceu a 21 de junho de 612.

S. Victor, soldado, *S. Stercacio* e *Santo Antinógenes*, irmãos, fervorosissimos christãos, naturaes d'esta cidade, n'ella padeceram martyrio, no meio dos mais atrozes tormentos, por ordem do feroz Diocleciano, sendo seu legado na Lusitania o saguinario Daciano. Teve logar a sua gloriosa morte, no dia 24 de julho, do anno 300.

Foi esta a ultima perseguição que soffreram os christãos do vasto imperio romano; porque sendo imperador o grande Constantino, filho de Santa Helena, que o havia convertido ao christianismo, poude a religião de Jesus Christo ser professada publicamente em todo o imperio.

Santa Sabina e *Santa Fé*, irmans, naturaes d'esta cidade, foram martyrisadas n'ella, por ordem do cruel Daciano, legado do não menos cruel Diocleciano, no dia 6 de outubro, do anno 300. Soffreram com a maior resignação os mais barbaros tormentos, até expirarem no meio d'elles, invocando sempre o nome do Senhor.

S. Mausona, bispo e natural de Merida; foi um varão famoso em lettras e virtudes, e um prelado exemplarissimo. Foi perseguido pelos arianos, que por varias vezes o quizeram assassinar. Foi por elles expulso da sua egreja; mas por fim a ella restituido. Depois de haver presidido a dois concilios toledanos, falleceu no 1.º de novembro de 606.

Idacio Claro, bispo de Merida, mencionado por Santo Isidoro nos seus *Claros Varões*. Foi um prelado sabio e virtuoso. Escreveu um livro contra a seita dos prescilianos. Falleceu em 5 de novembro de 375.

Santa Lucrecia, virgem, natural d'esta cidade, e aqui martyrisada por Daciano, no dia 23 de novembro do anno 300. Tinha apenas 12 annos quando os romanos a martyrisaram.

S. Servando e *S. Germano*, naturaes d'esta cidade, eram de nobre geração. Seguiram muitos annos a vida militar, até que foram martyrisados com cruelissimos tormentos, e depois degolados, no mesmo dia e anno em que foi martyrisada Santa Lucrecia.

Santo Hermógenes e *S. Donato*, foram martyrisados (por ordem do malvado Daciano)

com mais 23 companheiros, n'esta cidade, no dia 12 de dezembro de 300.

Santa Eulalia, virgem—padroeira de Merida, e d'aqui natural, de uma familia das principaes da cidade. Seus paes, vendo que em tão tenros annos (tinha apenas 12) se queria votar ao martyrio pela fé de Jesus Christo, a levaram para uma propriedade sua, longe da cidade; mas ella alli soube dos grandes tormentos que os romanos faziam soffrer aos christãos, e poude fugir. Dirigiu-se á cidade, e á casa do consul romano, ao qual lançou em rosto a sua cobarde tyrannia, contra homens indefesos e obedientes ao imperio e cujo unico crime era adorar o Deus verdadeiro. Assombrado o tyranno, de tanta formosura, e tão grande discrição em tão verdes annos, a pretendeu seduzir com caricias, para que ella deixasse a religião de Jesus Christo; porém a santa menina lhe respondeu com o maior despreso. Então o monstro lhe mandou infligir os mais incomportaveis tormentos. Foi primeiro despida e açoutada, e moida com páos. Depois lhe untaram o corpo com azeite e a metteram em uma fogueira: enterraram-a em *cal virgem*, onde se lançou muita agua; collocaram-a sobre um leito de ferro, lançando-lhe muitas caldeiras de chumbo derretido: d'alli a tiraram, para de novo a açoutarem. Foi arrastada, e seu corpo coberto de laminas de ferro em brasa. No meio de tão crueis tormentos, não deixava a santa menina de dar louvores a Jesus Christo e á Santissima Virgem, com o rosto alegre, e como insensivel ás cruciantes dores que a faziam soffrer. Então, desesperado o tyranno, a mandou crucificar em uma cruz, fóra da cidade, e cercada de fogo, rendeu a alma ao Creador. Segundo a lenda, na hora do seu passamento, se viu a sua alma voar para o ceu, em figura de candida pomba.

Querendo o malvado consul que a santa estivesse tres dias exposta na cruz, cahiu tão grande camada de neve sobre ella, que lhe ficou servindo de casto véo, até que os christãos lhe deram sepultura.

O excellente poeta hespanhol, Prudencio, escreveu a vida de Santa Eulalia, e o seu martyrio em elegantes versos latinos.

Teve logar o passamento glorioso d'esta famosa martyr, no dia 10 de dezembro do anno 300.

MERIDIANO—é um circulo movel, que passando pelos dois pólos do mundo, e o ponto vertical de cada localidade, corta o equador em angulos rectos, e divide a terra em duas partes eguaes (emispherios)—oriental e occidental.

Esta palavra vem do latim *meridies*; porque, quando o sol chega a este circulo, é meio dia para todos os paizes que estão debaixo d'elle.

Póde haver um grande numero de circulos meridianos, assim como são muitos e differentes, os pontos verticaes; porém os geographos os reduziram a 360, e d'estes se apontam sómente 36, nos *globos*, na distancia de 10 gráus entre elles. Mas estes meridianos não dão circulos inteiros, porém semicirculos, e assim, não passam de 180; porque o 1.º meridiano e 180, fazem um circulo inteiro.

Nos globos (para estudo), ha dois meridianos principaes—o *grande meridiano* e o a que se dá o nome de *1.º meridiano*.

O *grande meridiano*, é o circulo de metal, que rodeia o globo do Norte a Sul, e serve para contar os gráus de latitude, ou elevação do pólo.

O *1.º meridiano*, é o 1.º circulo dos 360, ou dos 36, em que commumente se dividem os meridianos. Estes servem principalmente, para contar os gráus de longitude, hindo do poente para o nascente; além de contar tambem os gráus de latitude.

Ha muita variedade no assento d'este *1.º meridiano*, por onde se começam a contar as longitudes.

Os portuguezes o assentaram ha muitos annos na ilha do *Côrvo* (Açôres) mas depois se veio a collocar na ilha do *Ferro*, a mais occidental das Canarias.

Os francezes e hollandezes, estabeleceram o seu meridiano no pico de *Teneriff*, tambem nas Canarias.[1]

[1] As *Ilhas Canarias* (a que os antigos chamavam *Afortunadas*, ou *Fortunatas*), são no Occeano Atlantico, ao O. da Africa, em frente do reino de *Sur*. São nove as principaes, das

Quando a meridiana de Lisboa marca meio dia, nas outras cidades do reino e ilhas, e nas possessões do ultramar se contarão aproximadamente as horas que lhe que lhe vão designadas:

No continente

	Hor.	Min.	Seg.	
Lisboa	11	—	—	M.
Setubal	—	1	—	T.
Vianna	—	1	2	»
Leiria	—	1	16	»
Santarem	—	1	49	»
Aveiro	—	1	50	»
Porto	—	1	56	»
Lagos	—	1	56	»
Braga	—	2	42	»
Coimbra	—	2	46	»
Thomar	—	2	50	»
Silves	—	2	52	»
Guimarães	—	3	13	»
Penafiel	—	3	15	»
Viseu	—	4	48	»
Faro	—	4	52	»
Evora	—	4	57	»
Beja	—	5	8	»
Lamego	—	5	10	»
Tavira	—	6	2	»
Covilhan	—	6	26	»
Castello Branco	—	6	30	»
Portalegre	—	6	48	»
Guarda	—	7	23	»
Elvas	—	7	53	»

quaes a que está mais perto de terra, dista 40 leguas d'ella. Quatro são as maiores—a *Canária* (que dá o nome ás outras)—*Teneriffe*, que é a mais vasta, e cuj opico é um dos mais altos do mundo—*Ferro*, que é a mais occidental—e *Palma*.

Foram descobertas por João Bettancourt, fidalgo normando, que conquistou duas d'ellas, em 1417.

São fertilissimas e pertencem á Hespanha. Segundo muitos geographos e geologos, as Canarias, os Açôres, a Madeira, Porto Santo e até a propria America, são restos da grande ilha *Atlantida*, tão famosa para os antigos, e cujas partes menos elevadas, foram inundadas pelas irrupções do Mar Negro, que, abrindo passagem por entre a Europa e a Africa, uniu o Mediterraneo; separou a Africa da Peninsula Iberica, e uniu o Occeano. (Vide *Carteia*, pag. 132 do 2.º vol.)

	Hor.	Min.	Seg.	
Pinhel	—	8	12	»
Bragança	—	9	23	»
Miranda	—	11	18	»
Cabo da Roca	11	58	31	M.

Açores

Ponta Delgada	10	52	50	»
Angra	10	51	—	»
Horta	10	44	—	»

Madeira

Funchal	11	30	—	»

Cabo Verde

Ilha de Santo Antão	10	57	32	»
Ribeira Grande	11	4	40	»
Praia	11	5	—	»
Ilha da Boa Vista	11	9	48	»

Guiné

Cabo Roxo	11	29	28	»
Bissau	11	34	16	»
Gêba	11	40	56	»

Costa da Mina

Ajudá	—	—	48	T.

Golpho de Guiné

S. Thomé	1	2	—	»
Principe	1	7	—	»

Angola e Benguella

Loanda	1	28	40	»
Benguella	1	30	—	»
Cassange	2	22	—	»

Moçambique

Chicôva	2	25	—	»
Lourenço Marques	2	47	—	»
Sofala	2	54	—	»
Moçambique	3	20	—	»

India

	Hor.	Min.	Seg.	
Diú	5	16	—	»
Damão	5	24	—	»
Gôa	5	31	40	»

China

Macau	8	11	44	»

Occeania

Dilly	8	55	—	»

MERINDADE—portuguez antigo—era o districto comprehendido na jurisdicção de um meirinho-mór. Esta palavra era mais usada pelos castelhanos; nós diziamos quasi sempre *meirinhado*, que vem a ser o mesmo.

MÉRO E MIXTO IMPERIO—portuguez antigo—Era senhor de méro e mixto imperio o fidalgo que tinha em qualquer territorio poderes eguaes ao soberano. Os hespanhoes lhes chamavam *señores de soga e cuchillo*, e nós, *senhor de baraço e cutello*.

Dizia-se *todo o alto e baixo imperio*.

O *méro* ou *alto imperio* era o poder ou jurisdicção alta e suprema, para obrar tudo o que fosse a beneficio da republica, e sem particular interesse do imperante; particularmente no crime, em que decidia sobre a vida ou membros dos vassallos; desterro ou confiscação de todos os bens, e, por isso se chamava *senhor de cutelto*. É verdade que não podia exhorbitar das leis estabelecidas na sua jurisdicção ou comarca.

O *imperio mixto* ou *baixo*, a que tambem se dava o nome de *jurisdicção media* era um poder que se não estendia á pena de sangue, e que ordinariamente só intervinha nas causas civis, sob a sujeição ao senhor do méro e mixto imperio. Este recebia certos ordenados por administrar justiça ás partes.

Muitos d'estes senhores, que quasi todos abusavam do seu poder illimitado, houve na Hespanha; e bastantes exemplos temos da sua existencia em Portugal.

D. Ansur Godsteiz (1) era senhor de baraço e cutello, em 943, da cidade de *Aregia*. (Vide *Arêja*, a pag. 238 i do 1.º vol.) Em 989 era a villa d'Arouca sujeita a esta cidade d'*Aregia* hoje uma aldeia insignificantissima da freguezia da Lomba, sobre a margem esquerda do Douro, em frente da freguezia de Melres.

Prova-se o poder de D. Ansur Godsteiz, pelo que fica referido a pag. 506, col. 2.ª do 4.º volume, na freguezia de Luzim, com respeito ao padre Adulfo.

No *Livro das Doações*, do mosteiro de Paço de Sousa, a fl. 32, se via como meirinho do conde do Porto, um tal *Affonso Spasandiz*, o qual fez prender um moço, que tinha furtado umas ovelhas, e por isso lhe queria arrancar os olhos, e que seu pae as pagasse. Por intercessão dos monges do mosteiro foi solto e livre, depois de pagar a *mão-posta* (a prisão) e carceragem.

Já se vê que, não só os senhores de baraço e cutello tinham poderes illimitados sobre a vida e os bens dos seus vassallos, mas até mesmo os seus meirinhos ou delegados.

D. Monio (ou Meninho) Viegas, era senhor de baraço e cutello na *cidade* de Bemviver, em 1068. Uma mulher de Gestaçô, chamada Bona, tinha um filho, por nome Diogo, que tinha commettido um estupro em casa dos donatarios; praticado muitos roubos e feito grandes *malfeitorias*, pelo que estava preso na cadeia da *cidade* de Bemviver, e para ser punido com a pena capital, por sentença de D. Monio. A mãe do culpado, deu ao senhor a sua herdade de Gestaçô, e elle revogou a sentença.

Bastos exemplos nos fornece a historia, d'estes senhores; e não eram só os seculares, tambem alguns prelados e abbades eram senhores de méro e mixto imperio. A espada que se vê esculpida nos tumulos de alguns bispos e abbades, indica que elles eram simultaneamente, prelados, alcaides-móres,

(1) Este D. Ansur, e sua mulher D. Eujeuva fundaram o mosteiro de Arouca, em 951, declarando que esta villa fazia parte do territorio do Porto. (Vide *Arouca* e *Villa Mean do Burgo*.)

fronteiros, capitães-móres, e senhores de baraço e cutello.

O tempo mostrou aos nossos reis, que o direito de vida e morte dos seus vassallos, só a elles devia pertencer.

Foram, pois, os soberanos coarctando estas jurisdicções, reduzindo-as a mais estreitos limites.

Em 6 de fevereiro de 1386, estando D. João I no *arraial de sobre Chaves*, fez doação a João Rodrigues Pereira, seu vassallo, de Baltar e Paços, e logo a 8 do mesmo mez e anno, lhe deu o julgado de Penafiel, tudo de *juro e herdade*, com toda a jurisdicção civel e crime, méro e mixto imperio—reservando, porém, a correição e alçada.

D. João II, dando um grande e profundo golpe nos absurdos e amplissimos poderes dos grandes, acabou em grande parte com o *poder de baraço e cutello*, e os seus successores foram pouco e pouco acabando com este despotismo aristocratico.

O marquez de Pombal lhe deu o ultimo golpe, e desde então os senhores de méro é mixto imperio, ou de baraço e cutello, ficaram pertencendo á historia!

MÉRTOLA — villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Almodovar. 65 kilometros a E. do Oceano, 54 ao S. de Beja, 120 ao O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757 tinha 619 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação (vulgarmente Nossa Senhora de Entre Vinhas.)

Bispado e districto administrativo de Beja.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens apresentava o prior, que tinha 210 alqueires de trigo, 120 de cevada e 24$000 réis em dinheiro.

Tem cinco ermidas, e teve um mosteiro, da ordem militar de S. Thiago.

O concelho de Mértola é composto das 9 freguezias seguintes — Alcaria-Ruiva, Caldeireiros, Cambas, Carros, Côrte do Pinto, Espirito Santo, Mértola, S. Miguel do Pinheiro e Via-Gloria. Todas no bispado de Beja, e com 3:250 fogos.

Tem estação telegraphica.

Tem duas feiras annuaes, uma a 13 de Junho (denominada *feira de Santo Antonio*), e outra a 21 de setembro, a que chamam *feira de S. Matheus*.

Está a villa situada no alto e na encosta meridional do monte do seu nome, sobre a margem direita do Guadiana, que d'aqui é navegavel até ao mar; estando a villa em communicação fluvial com o Pomarão, Alcoutim, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio, além de outras muitas povoações pequenas, e com a bonita cidade de Ayamonte na Andaluzia (hespanhola) que fica na margem esquerda, em frente de Castro-Marim e Villa Real, proximo da foz do rio.

Pelo S. da villa, passa o pequeno, mas fundo rio *Oeiras*.

Tem Misericordia e hospital. Tinha voto em côrtes com assento no banco 18.º

O seu territorio é bastante fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade, que exporta. Seus montes são abundantes de caça grossa e miuda.

É abundante de optimo peixe de agua doce, que lhe fornece o Guadiana, e do alto mar, que lhe vem pelo rio. (Os *sôlhos* do Guadiana são optimos, e pescam-se em abundancia.)

Mértola é uma das mais antigas povoações da Lusitania, e segundo a maior parte dos nossos historiadores e archeologos, foi fundada pelos phenicios da cidade de Tyro (1) e seu territorio, que tinham fugido da sua patria, quando esta foi invadida por

(1) Tyro foi uma cidade e um porto célebre na Phenicia, famosa pela illustração dos seus habitantes (os nautas mais audazes da antiguidade) pela vastidão do seu commercio, e pela finura da sua púrpura. Cahiu em poder dos macedonios, no anno do mundo 3686 (318 antes de Jesus Christo) e depois, no dos romanos. Adoptado o christianismo nos dois imperios (Oriental e Occidental) foi Tyro a séde de um vasto arcebispado catholico. No principio do seculo VIII cahiu em poder dos turcos. Hoje é uma villa da Turquia Asiatica, na Suria, e tem o nome de *Sour*. Fica entre Sidonia e Ptolemaida. Está actualmente reduzida a um castello, com umas 20 casas em redor.

Alexandre Magno, rei de Macedonia (1) 318 annos antes do nascimento de Jesus Christo.

Os phenicios deram a esta cidade o nome de *Myrtilis*, que dizem significar *Nova-Tyro*. (Que depois se corrompeu em *Mértola*.)

Não é inverosimil que os phenicios edificassem esta cidade. Eram elles um povo eminentemente emprehendedor, commercial e muito adiantado na sciencia nautica.

Em uma época em que as viagens por mar só se faziam *terra a terra*, pela carencia de instrumentos mathematicos e mappas hydrographicos, elles percorriam todas as ilhas do archipelago jonico, todas as costas do Mediterraneo e rios que n'elle desaguam. Foram os primeiros depois dos gregos, que transpuzeram as temerosas *columnas d'Hercules* (*Calpe* e *Abila*), hoje estreito de Gibraltar; fundaram na Africa a cidade de Carthago, e na costa de Hespanha a cidade de Carthagena, e algumas povoações do nosso litoral lhe devem a sua origem.

E não só as nossas costas foram exploradas por este povo industrioso, senão tambem alguns dos nossos rios, principalmente o Guadiana, o Sado e o Tejo; e, onde lhes convinha, fundavam pequenas colonias, onde armazenavam, para o seu commercio, os productos das nossas minas de ouro. prata, cobre, e chumbo, os generos agricolas, a gran de carrasco, o sumagre, e o mais que lhe offerecia vantagens nas suas compras e vendas.

É pois muito provavel que esta povoação tivesse principio em alguma colonia ou *feitoria* phenicia, que o commercio e a navegação fizeram prosperar rapidamente; pois quando os romanos invadiram pela primeira vez a Lusitania, já acharam *Myrtilis* uma povoação florescente, e digna de lhe ser concedida a honra e o privilegio de cidade municipal do antigo direito latino.

Desde o tempo do imperador Julio Cesar (44 annos antes de Jesus Christo), tomou esta cidade o titulo de *Myrtilis Julia*, ou imposto por aquelle imperador, ou pela gratidão do povo.

Julio Cesar veiu a primeira vez á Lusitania, por questor (ou prefeito), de Tuberon, no anno 63 antes de Jesus Christo, praticando as maiores crueldades contra os seus habitantes e povoações; mas quando veiu, já como imperador, tinha-se o lobo transformado, para os lusitanos, em cordeiro; derramando por toda a parte honras e liberalidades. Ajustou em Beja a paz com os lusitanos, e deu a esta cidade o titulo de *Paz-Julia*; deu a Evora o direito de municipio do antigo Lacio, e o titulo de *Liberalitas*.

(1) Alexandre Magno (ou o *Grande*) era filho de Philippe, rei de Macedonia e de Olympias.

Nasceu em Pella, 356 annos antes de Jesus Christo.

Succedendo a seu pae, quando apenas contava 20 annos, conquistou logo a Thracia e a Illyria, e destruiu a famosa cidade de Thebas. Declarou depois guerra aos persas, e subjugou em pouco tempo a Lydia, a Jonia, Caria, Pamphilia e Capadocia. Desbaratou o exercito de Dario, perto do Issa.

Depois de conquistar muitas provincias da Persia, e a cidade e territorio de Tyro, marchou contra os judeus; mas, mostrando-lhe o summo pontifice, Jado, as prophecias de Daniel, que lhe prediziam as suas conquistas, obteve d'elle quanto quiz.

Dario poude reunir ainda um poderoso exercito; porém Alexandre o derrotou na famosa batalha d'*Arbella*, que lhe deu a possessão de toda a Persia.

Passou depois ao Egypto, e alli fundou a cidade de Alexandria.

Finalmente, depois de ter subjugado toda a Asia, até ás Indias, pela derrota de Póro, morreu na cidade de Babylonia (na Assiria) na edade de 32 annos, 330 antes de Jesus Christo.

Dizia-se filho de Jupiter, e foi um dos maiores guerreiros da antiguidade, e um sagaz politico; mas tinha dois grandes defeitos—era muito arrebatado nos seus accessos de cólera, e dado aos prazeres da mesa, embriagando-se com frequencia. Em uma das suas orgias, matou ás punhaladas, Clito, o seu mais amado e mais fiel valido. Foi discipulo de Aristoteles, que honrou toda a vida. Honrou os sabios e trazia sempre comsigo a *Iliada* de Homéro. Só consentiu a Praxiteles que o esculpisse, a Apélles que o retratasse, e a Lysippo que lhe fundisse a estatua em bronze.

Julia. Outras povoações em honra a Cesar tomaram *Julia* por sobre-nome.

Os lusitanos, gratos aos beneficios d'este imperador, lhe dedicaram templos, como a um Deus, e lhe levantaram padrões e estatuas, em Mértola, Evora, Santarem, Lisboa e outras cidades.

O muito que os escriptores antigos fallam de Mértola, prova a sua grande importancia n'aquelles tempos; e os muitos vestigios que se têem aqui encontrado, são d'isso um testemunho incontestavel.

—

A invasão dos barbaros do Norte, no principio do seculo V,[1] e a dos arabes, no principio do VIII, foi fatal a toda a Peninsula Iberica, e Mértola soffreu, como as outras povoações da Lusitania, os saques, as devastações e o incendio dos seus edificios, e a morte, ou dispersão de seus habitantes; reduzindo esta florescente cidade a um montão de ruinas, ensanguentadas e fumegantes.

Os arabes, passados os primeiros impulsos do seu odio contra os christãos, trataram de reconstruir a antiga Myrtilis, não com a vastidão e magnificencia da nobre cidade romana; mas ainda ficou sendo uma povoação de bastante importancia, pela sua optima situação topographica.

As guerras que desde os fins do VIII seculo, até ao XIII, tiveram logar entre os mouros e christãos, tambem causaram graves ruinas a esta povoação, que já não merecia o nome de cidade.

D. Sancho II (segundo alguns) a conquistou aos mouros em 1239, e não tornou a perder-se. Outros dizem, que foi o mestre de S. Thiago, D. Payo Peres Correia, em 1242, o que me parece mais provavel, a não ser que os mouros a tivessem reconquistado depois de 1439, e que D. Payo, depois a recuperasse; mas os habitantes de Mértola (foram os arabes que lhe corromperam o seu antigo nome, chamando-lhe *Mirtolah*), se defenderam com bravura, pois que quasi todos foram mortos pelas espadas e lanças dos portuguezes, e seus edificios ficaram em grande parte arruinados.

O rei a mandou póvoar por christãos, dando lhe foral, com o titulo de villa, e doando-a, no mesmo anno de 1239, á ordem militar de S. Thiago, cujos cavalleiros muito concorreram para a sua conquista[1].

Impoz D. Sancho aos cavalleiros de S. Thiago a condição de a fortificarem e defenderem dos mouros, que no Algarve e Andaluzia, paizes limitrophes, conservavam grandes e poderosos estados[2].

—

Pouco cresceu a população da villa, até que D. Affonso III, expulsou para sempre do Algarve, em 1250, os mouros; ficando senhor unico de Portugal, com os limites que hoje tem.

Consta que D. Diniz tambem deu foral a Mértola, confirmando-lhe os seus antigos privilegios, em 1287; mas Franklim tambem não faz mensão d'este foral.

D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 44, col. 2.ª)

As armas de Mértola, são—em campo de prata, um cavalleiro de S. Thiago a cavallo, armado de escudo e espada, em acção de atacar. Na parte superior, juntos, a um canto do escudo, dois martellos.

—

Está a villa em uma posição de facil defeza, que os cavalleiros de S. Thiago, aproveitaram convenientemente, fortificando-a, com castello e muralhas.

Os arredores da villa são bonitos e apra-

[1] Foi Rechila, rei dos suevos (filho de Hermenerico, seu 1.º rei), que tomou aos romanos a cidade de Myrtilis, em 435. Depois conquistou a Andaluzia e a provincia carthaginense. (A cidade de Carthagena e o seu territorio.) Vide *Merida*.

[1] Dizem outros escriptores que o seu 1.º foral, lhe foi dado pelo mestre de S. Thiago, o que póde muito bem ser; visto que Franklim, o não menciona.

[2] A primeira séde da ordem de S. Thiago, foi no mosteiro de Santos-o-Velho, de Lisboa: depois, mudou para Mértola, e d'aqui para Alcacer do Sal, e d'aqui para Palmella, em 1443. (Vide *Lisboa* e *Palmella*.)

siveis, e o Guadiana e o Oeiras os tornam ferteis.

O seu termo, que se estende até ás serras do Caldeirão, Agra e Santo Varão, é tambem dos mais ferteis do Alemtejo; sobre tudo, em cereaes, legumes, fructas, vinho, cêra, mel, gado e caça.

Tanto no terreno occupado pela povoação, como nas suas immediações, teem-se encontrado, em differentes épocas, muitos objectos antiquissimos, sendo alguns de grande apreço artistico, como estatuas, vasos, columnas, cippos, etc.

Tambem ainda ha vestigios de uma ponte que os romanos aqui construiram sobre o Guadiana. Suppõe-se que, ou foi destruida pelos barbaros do norte, ou no seculo XIII, pelos portuguezes, para estarem mais a coberto das invasões repentinas dos mouros do sul do Guadiana. Isto porém não passa de conjecturas.

—

D. frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, e um dos nossos mais curiosos investigadores de antiguidades, diz que—entre as estatuas de marmore que foram achadas quando se andavam a abrir os alicerces da Misericordia, havia uma de mulher, primorosamente lavrada. Diz elle: — «Tinha uma roupa até aos pés, com muitas pregas, muito bem compostas; cingida por baixo dos peitos, que algum tanto se enxergavam, com um cordão torcido, da grossura de um dêdo; e tinha no meio do peito, dois nós cégos, com dois cabos eguaes, que desciam para baixo. Tinha seu roupão muito fraldado, até aos pés, posto nos hombros, e com a mão direita tinha recolhido grande parte d'elle, e o lançava sobre a esquerda, do cotovêllo até á mão, com gentil arte.»

—

A maior parte dos monumentos romanos, foram destruidos pelos godos, e depois pelos arabes, para aproveitarem os seus materiaes para as muralhas da praça.

Rézende diz que appareceram aqui, em umas escavações que elle mandou fazer, 10 estatuas romanas, de primorosa esculptura.

O padre Salgado (*Mem. Eccles. do Alg.*, tom. 1.º, cap. 3.º, pag. 29, not. 27) diz, que viu na *Torre de Valle Redondo*, defronte da capella de Nossa Senhora das Neves, uma lapide, em fórma de *barrica*, que denotava ser a sepultura da mãe de Sertorio, pois tinha a seguinte inscripção:

D. M. S.
AEMILIAE
L. . . . MA
TRI. SERTO-
RIVS NICEL-
LIO POSVIT.

Todos sabem que o sr. Camillo Castello Branco é o nosso primeiro e mais fecundo romancista; mas, o que nem todos sabem, é que é tambem um dos mais incançaveis, e dos mais felizes investigadores das nossas antiguidades e que tem encontrado, á força de trabalhos e de buscas minuciosas, autographos e outros documentos, uns julgados perdidos, outros cuja existencia se ignorava.

Das suas investigações me tenho aproveitado em muitas partes d'esta obra.

Despido de inveja e de egoismo, como verdadeiro homem de talento que é, não só faculta, pedindo-lhe, mas até offerece aos que trabalham, o fructo das suas locubrações.

É pois á nobre generosidade d'este illustrado cavalheiro, que devo as cinco curiosissimas inscripções romanas que se seguem —encontradas em Mertola, e que não achei nos numerosos livros que tenho consultado.

Estão escriptas em meia folha de papel almaço, e tanto o *cursivo*, como o *versal*, mostram ser do fim do seculo XVIII, ou principio do XIX.—São as seguintes:

«Inscripçõens de Mertola, nos marmores «que erradamente se mandaram hir para «Lisboa, em 1794.»

1.ª

D. M. S.
L. FIRMIDIUS
PERECRINUS [1]
VTICENSIS
VIXIT AN. LX.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Aos deuses manes — aqui jaz Livio (?) Firmidio Seregrino (?) Uticense, que viveu 60 annos. A terra lhe seja leve.)

[1] Ha de ser—*seregrinus*.

2.ª

D. M. S.
QUINTUS IVLIVS
LUP. VIX. ANN. III. M.
NSIBVSS LX. FLUME
IILO PIENTIBS VIT.
H. S. E. T. T. L.

(Vide a nota no fim das cinco inscripções.)

3.ª

EX. D.D. M. ES. M. MYR.....
PER. C. IVLIVM. MARINVM.....
C. MARCIUM. OPTATUM. H. VIR.

4.ª

D. M. S.
HERENNIA SE-
CVNDINA. VIXIT
AN. LV. PVBFEIX
OSPMERPOS.

5.ª

D. M. S.
KAM. LEA
IV. VIXS.
ANO. I. M.
HIC SITV.
HEC. S. TT. L.

—

Parece impossivel que estas inscripções estivessem assim nas lapides (evidentemente tumulares) a não ser que fosse analphabeto o pedreiro que as gravou. É mais provavel porém, que fosse erro da copia; porque os romanos tinham o maior cuidado com a orthographia das suas inscripções.

Já o individuo que fez a copia, que possue o sr. Camillo Castello Branco, nota estes mesmos erros. Constam elles—em umas partes, de palavras unidas individamente—em outras, ha letras de mais—em outras, de menos: accrescendo a isto, estarem apagadas as ultimas letras da 1.ª e 2.ª linha da 3.ª inscripção.

A sua traducção, torna-se (ao menos para mim) difficil e duvidosa.

A 2.ª inscripção, *talvez* se possa traduzir assim:

Aos deuses manes. Aqui jaz Quinto Julio Lupo, que viveu...? annos. Flamine (sacerdote) *piedoso... A terra lhe seja leve.*

A 3.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Caio Julio Marino, prefeito de Marcio Optato, duumviro.

A 4.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Herenia Secundina, que viveu 55 annos.

O resto da inscripção, é para mim inintelligivel.

A 5.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Camilla (?) que viveu quatro annos. A terra lhe seja leve.

—

Diz-se que aqui nasceram *S. Fabrício* e *S. Brissos*, bispos e martyres. Eu julgo que *Brissos* é contracção, ou abreviatura de *Fabrício*, e que estes dois santos não vem a ser senão um. O *Anno Historico*, não traz S. Fabricio.

Todavia, e para me não ficarem escrúpulos (porque póde ser que eu esteja enganado) vou dizer o que consta d'estes dois (?) santos.

S. Brissos, natural de *Myrtilis*, bispo de Evora, peregrinou por muitas provincias de Hespanha, prégando o Evangelho.

Foi martyrisado pelos romanos, a 9 de julho, do anno 300, imperando Diocleciano e Maximiano. (*Anno Hist.*, tom. 2.º, pag. 330.)

«Na antiga Myrtilis, padeceu martyrio, o «bispo S. Fabricio; e n'ella nasceu Santo «Varão, irmão de Santa Barbara e de S. Bris«sos, o qual, vivendo vida eremitica, na serra «a que deu o seu nome[1] ahi morreu *pelos «annos 300* da era christan.

«No sitio da sua sepultura, fundou-se de«pois uma ermida, que, de reconstrucção «em reconstrucção, tem chegado até aos nos«sos tempos; e é muito venerada e procu«rada d'aquelles povos.

«Proximo da ermida, mostra-se a gruta «em que o santo eremita viveu.» (*Cidades e Villas*, pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, tom. 2.º, pag. 64.)

[1] Não foi o santo que deu o seu nome á serra (seria isso um orgulho improprio da humildade de um anachoréta), foi o povo que lhe impoz o nome, depois da morte do Santo Varão.

Já se vê que não é facil de crer que pelo mesmo tempo, houvessem dois bispos, naturaes de Mértola, ambos do mesmo nome. (?) Tambem ninguem diz d'onde era bispo S. Fabricio.

Santo Varão, tambem não era, nem podia ser, irmão de S. Brissos, porque este morreu em 300 e aquelle em 700, como se vae vêr.

A distancia de 10 kilometros de Mértola, existiu um grande mosteiro, benedictino, duplex, fundado por S. Salvador, natural de Panoyas (Traz-os-Montes), no anno 630. No meio de uma charneca está ainda a egreja, chamada de *S. Salvador do Mosteiro.*

Ainda em 1847, se viam alli umas paredes desmanteladas, ruinas do mosteiro. É provavel que ainda existam.

Foi destruido pelos mouros, commandados pelo feroz Al-Mançor, rei de Córdova, no seculo X, de Jesus Christo.—O mesmo fez então, ao mosteiro tambem benedictino, de *S. Domingos de Cambos*, a uns 15 kilometros a O. d'este.

Os mouros assassinaram todos os monges e monjas d'estes dois conventos (que ambos eram *dobrados.*) O mesmo fizeram então Al-Mançor e os seus, ás freiras de Santa Comba, junto a Lamego; ás de Sismiro, proximo de Trancoso; e ás de Monzedarem, em Vianna do Alemtejo.

É perto d'esta egreja a gruta (a que o povo dá o nome de *cella*) de Santo Varão. (Vejamos o que diz o (*Anno Hist.*, tom. 1.º, pag. 350.)

«São Varão, ou Varano, fez vida eremitica, em huma serra, que se chama do seu nome, situada quasi duas léguas da villa de Mértola, na provincia do Alemtejo. Alli viveu muitos annos, no exercicio de perennes contemplações, e rigorosas penitencias. Foy seu transito n'este dia (17 de março) anno 700. Jaz o seu corpo em huma ermida do seu nome, que edificaram os fieis, e n'ella o festejão, agradecidos, aos continuos favores, que recebem de Deus, por meio da sua intercessão.»

É advogado contra a esterilidade das mulheres, e protector da paz entre os casados.

José Avelino de Almeida, no seu *Diccionario abreviado de chorographia* (tom. 2.º, pag. 287), tambem se engana, dizendo que Santo Varão era eremita de Santo Agostinho, e que morrêra em 7 de janeiro.

Era eremita, porque vivia em um *êrmo*—anachorêta—mas pertencia á ordem benedictina. O seu passamento, foi, como diz o *Anno Historico*, a 17 de março, e não a 7 de janeiro.

Outro engano maior traz Almeida. Colloca o *pégo de S. Domingos* em Mértola, quando é proximo de Alcoutim, e a distancia de 35 kilometros da fóz do Guadiana (e não a *uma legua*, como elle diz), e 30 kilometros abaixo de Mértola.

—

Querem alguns que este Santo Varão, foi o eremita que annunciou a D. Affonso Henriques a victoria de Ourique; mas é êrro.

Este eremita, chamava-se Vigildo, ou Leovegildo Pires (ou Peres) de Almeida. Vide *Rériz.*

—

É o territorio d'este concelho abundantissimo de minas metalicas.

Só em dezembro de 1872, foram registadas n'este concelho, 22 minas de manganez, 3 de chumbo, e 1 de galena; álem de outras mais que já estavam manifestadas, d'estes e de outros metaes.

Junto á aldeia de Sant'Anna, suburbios da villa, se descobriu, em 1843, uma mina de *alquifoux*, (sulphureto de chumbo.) Contém 81 partes de enxofre, 6 de quartzo e sulphureto de ferro e 13 de terra.

São n'este concelho as famosas minas de cobre, de S. Domingos, as mais ricas de Portugal. Vide *Pomarão.*

Vide tambem *Pégo de S. Domingos.*

Em março de 1875, abateu junto á villa, uma mina metalica, sepultando em suas ruinas, mais de 20 operarios.

Depois de estar composto o artigo concernente a Mértola, consultei a *Evora Gloriosa*

do padre Francisco da Fonseca, e a pag. 205, encontro o seguinte:

A S. Jordão (bispo de Evora), succedeu no episcopado, e depois no martyrio, S. Brissos, natural de Mértola e irmão de Santo Varão e Santa Barbara.

S. Brissos, para evitar o rigor da perseguição, e gosar as delicias da vida solitaria e contemplativa, se retirou aos estevaes do Campo de Ourique, onde, em uma pobre choça, passou muitos annos em vida de penitencia.

S. Jordão o tirou do deserto, para o ordenar sacerdote e fazêl-o seu coadjutor e futuro successor, na cadeira episcopal, á qual subiu, pela morte de S. Jordão, em 305.

Tanto que S. Brissos se viu investido da dignidade episcopal, começou a exercitar o seu officio com tanto zêlo e liberdade, que o presidente Marciano (obediente aos decretos dos imperadores Diocleciano e Maximiano, que então reinavam) deu ordem para que fosse preso e martyrisado, como o tinham sido os seus antecessores.

Avisado S. Brissos, d'esta ordem, e a rogo dos christãos, se retirou para Mértola; mas alli foi preso pelos beleguins do presidente, em 308.

Sabendo Marciano que em Mértola, havia uma florescente colonia de christãos, para os atemorisar com um só, mas exemplar castigo, passou a Mértola, para processar o santo.

Levantou um *forum*, na praça mais publica (como era de uso) fez trazer perante si o santo bispo, perguntou lhe que lei seguia e que doutrina ensinava, e vendo que era christão e presistia constante na profissão da Fé e abominação da idolatria, o mandou, não só açoitar rigorosamente, mas quebrar-lhe todos os dentes e gingivas: supportando o santo estes tormentos com tanta constancia e alegria, que isto serviu de alivio aos catholicos e de confusão aos gentios.

Mandou o presidente recolher o santo ao cárcere, na tenção de lhe dar no seguinte dia exemplar e rigoroso martyrio; mas, sobrevindo um terramoto que o sepultou nas ruinas, ficou o santo livre do martyrio premeditado; porque aterrados os ministros subalternos com a morte do seu presidente, unica victima do terramoto, lhe deram a vida e a liberdade.

Viveu ainda o santo quatro annos, que empregou com sollicitude no cumprimento dos seus deveres episcopaes, até que, chegado á ultima velhice, passou a receber no ceu o premio das suas virtudes, no anno 312 de Jesus Christo.

A tres leguas da cidade de Evora, ha uma egreja parochial, dedicada a S. Brissos, no concelho de Monte-Mór-Novo; e outra da mesma invocação, no concelho e proximo da cidade de Beja. (Vide 1.º vol. pag. 490, col. 2.ª)

Não se sabe se estes templos foram construidos por devoção e em memoria do santo bispo, se por elle ter residido algum tempo n'estes logares.

O auctor da *Evora Gloriosa* traz em seguida seis opiniões em contrario do que fica dito com respeito a S. Brissos e a S. Jordão, e negando até algumas, que elles fossem bispos de Evora, mas o padre Fonceca as destroe pelos fundamentos, como se póde vêr no logar citado. (Não as trago para aqui porque fariam o artigo aborrecidamente longo, ainda que conteem factos bastante curiosos da nossa historia antiga.)

Foi S. Brissos a ultima victima que Evora offereceu ao ceu, como martyr do christianismo; porque, tendo o imperador Constantino principiado, n'este mesmo anno de 308, a favorecer os christãos, começou tambem a religião catholica a exercer-se mais desafogadamente; e tanto que Aurino, successor de S. Brissos no episcopado, não só poude conservar na fé os eborenses, mas prégar e converter muitos povos e terras visinhas.

A Aurino succedeu *Panucio*, em cujo tempo, S. Silvestre (papa lusitano) dividiu em metropoles as egrejas das Hespanhas, que, por causa das frequentes e crudelissimas perseguições dos romanos, estavam desordenadas; escolhendo as seis cidades mais importantes, para sedes de bispado.

MERÚFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 54 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 616 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna,

A mitra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia é arabe—*Maerufe*—significa—cousa conhecida.—Deriva-se do verbo *áerefa*, saber, conhecer, aprender, etc.—Vem pois a ser—*povoação da sapiente* (ou da *sabichona.*)

Foi esta freguezia commenda da Ordem de Christo, possuida em 1824 por o monteiro-mór-do-reino.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que ainda existia em 1481, em que a abbadessa, D. Guiomar Rodrigues, representou a D. João II, a muita pobreza em que viviam, e que se não podia sustentar a communidade. O rei, com auctorisação do papa Xixto IV, reduziu este mosteiro a reitoría secular, dando-a aos arcebispos de Braga, e mandando as freiras para outros conventos da sua ordem.

Foi seu 1.º parocho Estevão Lourenço.

Aqui foi reitor, o licenceado, Manuel de Araujo e Castro (da casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira) varão sabio, e muito intelligente em genealogias e antiguidades; sobre cujas materias escreveu muito, que se não imprimiu. Uma grande parte (senão todos) dos seus escriptos sobre genealogias, existe ainda no cartorio da casa do Côvo, junto a Oliveira de Azemeis.

N'esta freguezia ha uma torre, quinta (que foi coutada) com uma aldeia chamada *Pica de Abreu* (Pinheiro de Abreu) solar dos Abreus, dos quaes e d'esta torre já se acham noticias no tempo do conde D. Henrique.

Era então senhor da Pica, Gonçalo Rodrigues de Abreu, que foi vassallo, e companheiro do conde nas suas batalhas; e de seu filho, Lourenço de Abreu, senhor do mesmo couto, que se achou com D. Affonso Henriques na batalha de Valle de Vez, em 1129.

Foi este Lourenço de Abreu, que, por ordem de D. Affonso Henriques, construiu o castello e torre de Lapella, contra os gallegos. Vide o 4.º volume, a pag. 51 e 52.)

Este couto, foi do marquez de Tenorio, cada morador lhe pagava, um alqueire d cevada. Veio á casa de Tenorio, por aquell marquez ser neto de D. Maria de Abreu d Noronha, condessa de Crescente.

A alcaidaría-mór de Lapella, andou n casa dos Abreus de Merufe, até que a ven deram ao marquez ce Villa Real, que a per deu, com a vida, em 1641, por traidor á patria.

Entre as muitas e grandes quintas qu os Abreus tiveram n'esta ribeira, tinham tambem fóros em Villa-Bôa e Valladares com titulo de *direitos reaes.*

Os Abreus, viveram em Melgaço e n'outras partes.

De Lourenço de Abreu, foi filho e herdeiro, Gonçalo Rodrigues de Abreu, rico-homem de D. Sancho I e de D. Affonso II, e se achou na tomada de Elvas, em 1225.

Foram os Abreus senhores de Valladares e Regalados, até 1640. Então, Pedro Gomes de Abreu, sangue degenerado de seus leaes ascendentes, tomou o partido de Philippe IV contra o nosso rei D. João IV, e receando a sorte do duque de Caminha, marquez de Villa Real, e os outros fidalgos, de qnem se tinha tornado cumplice, fugiu para Castella, em 1640, com sua mulher, um filho e 8 filhas. Era tão acceito aos castelhanos pelos serviçot que lhe tinha prestado, que a côrte de Madrid o veio esperar a grande distancia da cidado.

Dos Abreus de Meruffe procedem os Abreus da Torre de Grade; os da casa de Anquião em Fornellos, de Ponte do Lima; os d'Atães de Moure; os do Sol; os morgados da Tábua; os de Villar, Junto a Viseu; os da quinta de Cousinguem; os dos Arcos; os da Barca; muitas familias nobres em varias terras d'este reino.

Tambem os Abreus foram senhores de Fenapôr, na India.

Os Abreus descendem do famoso cavalleiro *Arcão de Côtos.*

A casa dos Abreus Limas, ramo dos que foram alcaides-móres de Lapella, e senhores de Regalados, é a actual do *Ameal.*

Os Abreus da casa de *Anquião* procede de D. Rodrigo de Mello de Lima, senhor

commendatario de Refojos do Lima, filho segundo de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira. D. Rodrigo deu a casa de Anquião a sua filha, D. Joanna de Mello, que casou com João Gomes de Abreu, filho segundo de Leonel de Abreu, senhor de Regalados. (Vide *Regalados.*)

As armas dos Abreus são—em campo de púrpura, cinco côtos d'aguia, d'ouro, estendidos em aspa. Timbre, um dos Côtos das armas.

Lima é appellido nobee em Portugal. Veio de Hespanha (Galliza) tomado do rio Lima, junto do qual vivia a família que o adoptou por appellido. Passou a Portugal, na pessoa de D. Fernão Annes de Lima; e as armas que D. Pedro II de Aragão deu a João Ruy de Lima, em 1212, pelo seu valor na célebre batalha das *Navas de Tolosa* (1) são as mesmas que frei Manuel dá a esta familia, em brazão incompleto, e são—em campo de oiro, 4 palas de púrpura. — Casando aquelle D. Fernão Annes de Lima, com D. Thereza da Silva, filha de Ruy Gomes da Silva, compoz seu filho, Leonel de Lima, o seu brazão d'armas da fórma seguinte:—escudo em 3 palas—na 1.ª d'ouro, 4 pallas de púrpura—a 2.ª e 3.ª esquartelladas, no 1.º e 4.º, leão de púrpura, lampassado de azul (armas dos Silvas) no 2.º e 3.º, de prata, 3 faxas, xadrezadas de ouro e púrpura, de duas ordens, (armas dos Soutos-Maiores, por sua avó paterna, D. Ignez de Souto Maior) elmo d'aço aberto, e por timbre, o leão das armas.

Outros do mesmo appellido usam—escudo dividido em pala, na 1.ª de ouro, 4 palas de púrpura; a 2.ª dividida em faxa, na 1.ª, as armas primeiras dos Britos; na 2.ª de prata, banda xadrezada de ouro e púrpura, de 5 ordens, em pala, sendo a 1.ª tapada com uma verguêta de prata.

(1) Mahomet IV projecta conquistar a Hespanha, os principes christães unem-se. Um exercito portuguez passa a Castella, por ordem do nosso D. Affonso II, e se distinguiu mais que nenhum outro pelo seu valor na célebre Batalha das Navas de Tolosa, em 1212, na qual os mouros foram desbaratados, e Mahomet fugiu, perdendo as esperanças da sua projectada conquista.

Outros usam—escudo terceado, em pala; na 1.ª as 1.ªs armas dos Limas, as outras duas esquarteladas, no 1.º e 4.º, as armas dos Britos—no 2.º e 3.º as dos Nogueiras.

Outros usam — escudo esquartelado, no 1.º quartel, as armas dos Limas; no 2.º as dos Nogueiras; no 3.º as dos Vasconcellos; no 4.º as dos Britos. Timbre, um leão de púrpura.

Outros usam—escudo partido em 3 palas —a 1.ª d'Aragão, e as duas esquarteladas, dos Silvas e Soutos-Maiores.

Outros finalmente, trazem apenas quatro barras d'ouro, em campo de púrpura.

MERUVE—freguezia, Douro, comarca da Tábua (antigo concelho de Midões) concelho de Oliveira do Hospital, 75 kilometros de Coimbra, 260 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Antigamente tinha esta freguezia o nome de *Maruja*, que ainda lhe dá o *Portugal Sacro e Profano.*

A casa de Mello apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e caça.

MERUJAL—aldeia, Douro, proximo a Monte-Mór-Velho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em frente da villa, na margem opposta do rio Mondego, está a quinta que foi dos *Vahía*, e junto a ella a ermida de Santa Leocadia, virgem (ou mais verdadeiramente a Nossa Senhora da Graça) tão antiga, que é tradição, fôra parochia.

N'esta ermida é venerada uma imagem da Santissima Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça. Segundo a tradição, a sua origem foi a seguinte:

Junto a este sitio appareceu uma imagem de Santa Leocadia, sobre um monte de pedras soltas. Foi levada para a egreja matriz e a collocaram no altar; mas, no dia seguinte desappareceu d'alli, e foi achada sobre o mesmo monte de pedras onde tinha apparecido. Segunda vez a levaram para a egreja, e tornou a fugir para as pedras.

Então, um individuo que estava presente,

mandou revolver o monte das pedras, e debaixo d'elle achou uma imagem de Nossa Senhora da Graça, que levaram para a egreja, juntamente com a de Santa Leocadia; mas, pouco depois, lhe construiram uma ermida, no sitio da apparição, e alli collocaram as duas imagens, que foram por muitos annos objecto da particular devoção dos povos d'estes sitios.

MÉRVA—antiquissima cidade da Lusitania, na jurisdicção da chancellaria de Braga.

Segundo Ptolomeu (2.ª tabua da *Europa*, cap. VI) estava em 7°,30′ de long., e 42°,40′ de lat.

Era a capital dos *luancos*. Ignora-se a sua situação, e nem pelas indicações, umas erradas outras confusas, d'aquelle geographo (o unico que falla em similhante cidade) se póde conjecturar onde estivesse situada.

Note-se porém, que desde o litoral, até ás serranias do concelho de Coura (de O. a E.) e desde o rio Lima até ao rio Minho (de S. a N.) estanceiam a famosa serra de Arga (o Medúlio dos antigos) e todos os seus numerosos braços, que se projectam sobre Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, etc.

Por toda a parte d'estas serras ha innumeraveis vestigios de povoações e fortalezas, construidas talvez por povos de raças diversas, como gregos, phenicios, carthaginezes, romanos, arabes, godos, etc.

Tudo isto a mão do homem, e a fouce inexoravel do tempo destruiu e aniquillou, não nos deixando nem sequer lembrança da sua historia e da sua destruição.

Aquellas paredes corroidas e desmanteladas, cobertas de heras, cardos e silvas; aquelles fossos, reduzidos a brejos ou charcos, se podessem fallar, quantos mysterios nos desvendariam! Quantas glorias, lagrimas e crimes nos revelariam!

Hoje, o pastor indifferente e descuidoso, ou o caçador aventureiro, atravessam essas tristes ruinas, desertas, esquecidas e melancolicas, onde outr'ora um povo barbaro obrou prodigios de valor e patriotismo; e onde por fim o odio e a vingança dos homens, tudo transformou em cinzas e devastação!

MESÃO-FRÍO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Para a etymologia vide a seguinte.

MESÃO FRÍO—villa, Traz-os-Montes, capital do concelho do seu nome, comarca e 13 kilometros a O. do Peso da Régua, 25 ao SE. de Amarante, 80 ao NE. do Porto, 5 ao N. do rio Douro, 335 ao N. de Lisboa, 400 fogos em duas freguezias (Santa Christina 250, e S. Nicolau 150.)

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Christina 142 fogos, e a de S. Nicolau 89.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Vila Marim, apresentava o cura de Santa Christina, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O prior do mosteiro crusio, da Serra do Pilar (Villa Nova de Gaia) apresentava o reitor de S. Nicolau, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho de Mesão-Frío é composto das 7 freguezias seguintes:—Barqueiros, Cidadêlhe, Mesão-Frío (Santa Christina) Mesão-Frío (S. Nicolau) Oliveira, Villa Juzan, e Villa-Marim—todas no bispado do Porto, e com 2:100 fogos.

—

Está a villa e freguezia situada sobre o plató (mesa) de uma montanha bastante elevada (ramo do Marão) imminente ao rio Douro, na sua margem direita.

Tem boas casas, mas as melhores são as dos srs. Lemos e Fragosos.

Era uma das dez behetrías do reino, pelo que tinha grandes privilegios. O seu nome é muito adequado á sua posição e ao seu clima. Vem-lhe de *mêsa* (plató ou chapada) e de *frío*, porque, com effeito, o seu clima é excessivo. (Vide adiante.)

É terra fertil em todos os generos agri-

colas do paiz, e produz muito o optimo vinho.

É terra muito salubre e tem abundancia de optima agua potavel.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em fevereiro de 1152, confirmado, por D. Affonso II, em Trancoso, no mez de outubro de 1217. (Gaveta 15, maço 3, n.º 8 — *Livro 2.º de doações* de D. Affonso III, fl. 30, maço 12 —*Livro dos foraes antigos*, n.º 3, fl. 52, col. 1.ª—e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 71 v., col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 27 de novembro de 1513. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 28, col. 2.ª — Veja-se tambem o processo para este foral, gaveta 20, maço 12, n.º 7.)

O foral trata tambem de Villa-Marim.

Os paços do concelho, que são amplos e excellentes, estão no edificio que foi seminario dos religiosos franciscanos, do Varatojo.

Estão aqui todas as repartições publicas do concelho, com muita capacidade para todas, e ficando-lhe proxima a cadeia, de sólida construcção.

A egreja que foi do seminario, é hoje a matriz da freguezia de Santa Christina, a qual foi concedida pelo governo, podendo tambem n'ella exercer as funcções do culto divino, a irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco.

Esta irmandade foi instituida por Cypriano Ribeiro, e é um dos ricos estabelecimentos pios d'esta villa, cujo edificio está ao lado da egreja dos religiosos.

A egreja de S. Nicolau é notavel pela sua antiguidade, e consta ser fundação da rainha D. Mafalda, mulher do nosso primeiro rei, o que se confirma pelo seguinte:

Para o O., ao fundo de uma pequena ladeira, onde corre o rio Teixeira, no sitio em que defrontam dois caminhos, ainda hoje se chama a *ponte Henriques*; por aqui ter havido uma ponte, de que não restam vestigios. É provavel que fosse destruida e arrastada para o rio Douro, pelas aguas que no inverno aqui correm em grande quantidade, rapidas e impetuosas, desde o mais alto pincaro do Marão.

Na vertente, a E. da egreja, existem differentes pontos, pouco distantes d'esta villa, e em terras do concelho, aos quaes ainda hoje anda ligado o nome d'aquella illustre e piedosa rainha.

Ao fundo do monte em que está edificada esta villa, e no rio Douro, estão os restos (ou os principios?) da celebre ponte do *Piar* (ou *Pilar*) mandada construir pela mesma soberana. (Vide *Barró*, a pag. 341, col. 2.ª, do 1.º volume.)

Mais acima do *Piar*, e proximo á ribeira da *Rêde*, existe uma pequena aldeia, chamada a *Gafaría*, e mais adiante, a barca do *Mollêdo*; (a celebre barca *Por Deus*.) gratuita, e cujo barqueiro se sustentava do producto do terreno proximo, doado para este fim pela mesma rainha. (Vide *Barqueiros*, a pag. 336, col. 2.ª, do 1.º volume.)

Na mesma egreja de S. Nicolau, ha uma custodia, egual, na fórma, a outra que existe na egreja de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães. Vê-se tambem n'esta egreja, junto á porta travessa, o tumulo de um capitão-general da India, chamado Francisco Sotto-Maior, cujo solar era n'esta villa; e que é actualmente possuido pelo sr. Antonio Augusto de Almeida e Castro, cujo 8.º avô, André da Fonseca, fidalgo da casa real, foi o fundador e 1.º provedor da Santa Casa da Misericordia d'esta villa.

Em frente d'este tumulo está a capella dedicada aos Santos Innocentes, fundada por Antonio de Azevedo, bisneto do dito André da Fonseca e de sua mulher, Veronica de Mesquita.

É Mesão-Frio o centro commercial de todo o concelho, e de muitos outros povos circumvisinhos, que aqui affluem diariamente; onde, além do commercio ordinario, ha em cada semana tres mercados de cereaes (aos domingos, terças e quintas feiras.)

Ha tambem duas feiras mensaes, nos dias 15 e ultimo de cada mez, e uma annual de Santo André, que principia no dia 30 de novembro, e dura tres dias. É muito concorrida, e dá grande importancia á villa.

Soffreu muito esta villa com a ultima invasão franceza (1811.)

Parte d'ella foi incendiada, inclusivè o hospital da Misericordia e a egreja, então dos franciscanos; que depois se reedificaram.

—

No dia 15 de fevereiro de 1874, se inaugurou o theatro de Mesão-Frio, por iniciativa do sr. padre Guilherme Dias, coadjuvado pelos seus amigos. Nos trabalhos de reparação se gastaram 800$000 réis. A *Sociedade phylo-dramatica mesãofriense*, levou então á scena, o drama do sr. Camillo Castello Branco, *Espinhos* e *Flores*, e a comedia do sr. barão de Fornéllos (aqui residente) *O Fim do Mundo*.

—

No dia 15 de setembro de 1874, de tarde, na estrada que conduz de Amarante a Mesão-Frio, no sitio da Roborêda, logo acima da povoação denominada Padornêllo, pairou uma trovoada tal que as enchurradas cavaram a estrada á profundidade de 20 metros, ficando impedido o transito de carros, e tendo os passageiros que hiam para a Régua, de apear-se, e seguirem a pé outro caminho, entrando n'outro carro que os esperava do lado opposto.

Esta tempestade foi tão violenta que arremessou para a estrada penedos taes, que só depois de quebrados a fogo é que os poderam d'alli remover.

Suppõe-se que fôra resultado de alguma tromba marinha.

—

Tres kilometros ao E. d'esta villa, sobre a margem esquerda do Douro, e tambem no leito do mesmo rio, em frente da *Corvaceira* e do *Mollêdo*, ha varias nascentes de agua mineral, sulphurea. (Vide *Mollêdo*.)

—

É Mesão-Frio, uma povoação antiquissima, e tem fôro de villa desde 1152 (em que D. Affonso Henriques lhe concedeu esta cathegoria, no seu foral) o que prova ser já então povoação importante. Não se sabe porém, por quem e quando foi fundada, e qual o seu primeiro nome; apenas se sabe que já existia no tempo dos godos. Não ha, todavia, um unico monumento que nos atteste essa antiguidade, que só a tradição lhe attribue.

Dei no principio d'este artigo a etymologia que se dá geralmente ao nome actual d'esta villa; mas, salvo o devido respeito aos etymologistas que me precederam, direi:

Quando o conde D. Henrique tomou conta do condado de Portugal, em 1093, dava-se a esta povoação o nome de *meijom-frio*, e é este ainda o nome que lhe dá o foral de D. Affonso Henriques, em 1152. Virá *Meijom* de *Meisom?*—(Vide esta palavra, a pag. 162, col. 2.ª d'este volume.)

—

Foi esta villa, solar dos *Moutinhos*, cujo appellido procede de ter esta familia o seu principio, no casal da *Torre de Moutinho*, na Beira.

Suas armas são—em campo azul, quatro cabeças de serpe, de ouro, cortadas em sangue, lampassadas de púrpura, acantonadas, e no meio d'ellas, uma flor de liz de ouro. Elmo de aço, aberto; e por timbre, uma das cabeças de serpe, das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo verde, 4 cabeças de leão, de ouro, lampassadas de púrpura, cortadas em sangue, e no meio d'ellas uma flor de liz, de ouro. Elmo de aço aberto; e por timbre, uma das cabeças de leão, das armas.

MESÃO-FRIO—monte, (antigamente chamado *Meiçom-Frio*) Douro, proximo á antiga villa do *Marnel*. (Vide esta palavra, na col. 2.ª, da pag. 88, d'este volume.)

MESCÃO — portuguez antigo — lascivo, deshonesto, seductor, etc.

MESCAR—portuguez antigo — misturar, mesclar.

MESKINO—portuguez antigo — o servo que trabalhava nas herdades do senhor donatario. Era synonimo de infeliz. Hoje diz-se *mesquinho*.

É a palavra arabe *masquino*—pobre, misero, indigente, etc. Deriva-se do verbo *sácana*—ser pobre, indigente, etc.

MESMAMENTE—portuguez antigo — da mesma sorte, da mesma maneira.

MESNADO—portuguez antigo — companhia de tropa.

MESOR—portuguez antigo—salmão.

MESQUINDADE—portuguez antigo—infelicidade, desgraça, infortunio.

MESQUINHATA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi até 1855 do concelho de Bayão, mas da comarca de Soalhães, então supprimida.

O abbade de Soalhães apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia provem de *mesquinhade*—significa—povoação dos servos adestrictos a certa propriedade (*meskinos*) que eram com razão, considerados infelizes pela sua triste posição na sociedade, que pouco se distinguia dos escravos.

É a palavra arabe *masquinat*, que significa, *logar da pobreza*. Deriva-se do verbo *sácana*, que na oitava conjugação, significa —ser pobre, indigente, necessitado, etc.— (Vide *meskino*.)

O senhor da *mesquinhata*, quando a vendia, ou trocava, passava-a ao novo possuidor com os seus *meskinos*, ou *servos de glêba*. Ainda havia outra barbaridade na legislação gothica — a condição de meskino era hereditaria! O filho do meskino, tambem o era, e todos os seus descendentes.

Na Europa septentrional ainda ha d'estes *servos de glêba;* mas o actual imperador da Russia, arcou contra os senhores, e tem quasi anniquillado esta barbara e anachronica instituição.

Notemos porém que os nossos primeiros reis, e particularmente D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso III, e mais do que nenhum, o grande rei D. Diniz, trataram de quebrar os grilhões dos meskinos, e quartar a prepotencia e extorsões dos grandes.

Depois de D. Diniz, D. Pedro I, acabou com quasi todas as *mesquinhatas*, e D. João II as aboliu, de facto e direito, por uma vez. (Vide *Macinhata do Vouga*, a pag. 17 d'este volume.)

MESQUITELLA—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 8 kilometros a SO. de Celorico da Beira, 105 de Coimbra, 300 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855, do concelho de Linhares.

A casa do infantado apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Situada em uma planicie, junto ao rio do seu nome.

D. João IV a fez villa e lhe deu foral, em 1644. (É das poucas terras de Portugal que teve foral *novissimo*.)

Foi cabeça de condado, e seu primeiro conde, D. Rodrigo de Castro, senhor do morgado do Torrão, descendente de *Lain Calvo* do qual era 18.º neto. Este Lain Calvo, foi juiz nas differenças do rei D. Fruella, em 824. Éra D. Rodrigo parente de D. Leonor de Castro, mulher de S. Francisco de Borja, e 8.º neto de D. Fernando de Castro, conde de Castro-Xerez, 10.º neto de Fernando de Castro, casado com D. Violante Sanches, filha de D. Sancho, rei de Castella, e 15.º neto de D. Maria Alvares de Castro e de D. Sancho, filho bastardo de D. Sancho, rei de Navarra.

O actual conde de Mesquitella é o sr. D. João Affonso da Costa Sousa de Macedo e Albuquerque.

Para as armas d'estes appellidos, vide *Lafões*, *Soure* e *Lisboa* (*Casa dos Bicos*).

N'esta villa é muito venerado e frequentado o sanctuario de Nossa Senhora da Ajuda. É uma capella muito antiga, e não se sabe por quem nem quando foi fundada. Segundo a tradição, edificando-se a S. Sebastião, martyr, uma ermida, se mandou pintar no retabulo da sua capella mór, uma imagem da Santissima Virgem, á qual puzeram o titulo de Nossa Senhora da Ajuda, e foi esta circumstancia que deu causa a que o padroeiro original fosse substituido no orago da capella pela Senhora da Ajuda.

O Sanctuario Marianno não diz mais nada a este respeito.

Mesquitella é diminutivo de *mesquita*—mesquitinha.

MESQUITELLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e bispado de Pinhel, concelho de Almeida, 80 kilometros de Viseu, 360 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia era do concelho de Castello Mendo, que foi em 1855 annexo ao do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou a fazer parte do concelho de Almeida. (Vide *Castello-Mendo*.)

A mesma etymologia.

MESQUITELLA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João, de Mangualde, é que apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

A mesma etymologia.

MESSAR—portuguez antigo—puxar pelas barbas a alguem — o que era uma das injurias mais atrozes que se podia fazer a um portuguez.—*Aquel, que a seu confrade der punhad, ou lhe* messar *a barvha, entre em camisa a V tagantes*. (Doc. de Thomar, de 1388).

Tagante era um açoite ou azorrague que cortava e retalhava a carne. D'aqui, *tagantadas*—chicotadas.

MESSE—portuguez antigo—centeio.

Em 1289 se obrigou o reitor de Santo Estevão, a pagar ao mosteiro de Vairão — *Dous moyos de milho* (milho miudo) *e dous moyos de* messe, *e huum moyo de trigo, por huua medida, que é chamada teeyga; a qual medida dixe, que shya soo altar dessa sha Egrega: E dixe que essa medida era huua pedra cavada: E dixe que per essa medida avyam a dar os ditos cinquo moyos ao dito Moesteiro per trevudo*. (Doc. de Vairão.)

Em muitos prasos de S. Simão da Junqueira, se diz—*Huma teiga de trigo, hum sesteiro de messe e hum sesteiro de milho*.

Nos prazos de Grijó, e outros muitos antigos, se diz *messe*, por centeio.

MESSEGÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 180$000 réis de rendimento.

A primeira apresentação era da casa dos marquezes de Villa Real; mas, tendo perdido a vida, por traidor á patria, o ultimo marquez d'este titulo, em 1641, e creando D. João IV a casa do infantado, passaram para ella a maior parte dos bens e rendas d'este marquezado, que lhe tinham sido confiscados.

Os dizimos d'esta freguezia faziam um prestimonio da ordem de Christo.

Esta freguezia foi, por seculos, do concelho de Valladares, supprimido em 1855.

Messegaes é portuguez antigo—significa cearas de centeio.—Aos campos onde esteve a egreja antiga d'esta freguezia (demolida pelos annos de 1816, para se construir a actual) e onde ainda está a residencia parochial, se dá ainda o nome de *Cearas*. *Messegaes* com o tempo se corrompeu em Messegães—como *quintaes* em *quintans*; *Gondinhaes* em *Gondinhães*, etc.

MESSEJANA—villa, Alemtejo, concelho e 6 kilometros a O. de Aljustrel, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 24 kilometros ao N. de Ourique, 24 ao O. de Evora, 130 ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 48 v. col. 1.ª)

Tem um convento de frades franciscanos, fundado pelo nobilissimo heroe D. Louren-

ço da Silva, em 1567, ou 1570. Tem o quarto logar entre os conventos da provincia.

—

É a palavra arabe *Masjana*—prisão, ou cárcere. Deriva-se do verbo *sajana*—encarcerar.

É povoação muito antiga, e, se não existia já no tempo dos romanos, é fundação dos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva.

Foi resgatada do poder dos mouros, por D. Sancho II, em 1235, quando tambem lhe tomou Aljustrel e outras povoações do Alemtejo.

—

Foi solar dos *Torneios*. Era Torneio um appellido nobre em Portugal, cuja familia era da cidade de Béja. No tempo de D. Affonso V, viveram Diogo Lopes de Torneio, e seu irmão Duarte Lopes de Torneio. Foi de sua varonia, Manuel Jacques Lobo de Torneio, da villa de Messejana.

Traziam os Torneios por armas—escudo de púrpura, cinco espadas de prata, com as pontas para baixo, em aspa—timbre, um braço armado de prata, com um punhal, do mesmo metal, na mão, levantado.

Albergaria (a fl. 140), lhe dá escudo azul, e diz que este appellido foi tomado por um cavalleiro d'este reino, que o adquiriu pelos muitos premios que alcançou em certo torneio.

MESEEJANA—quinta, Extremadura, na freguezia de Santa Suzana (Maxial), concelho e comarca de Torres Vedras, patriarchado e districto de Lisboa.

Fica esta quinta, acima do logar de Aldeia-Grande.

Pelos annos 1600, D. Brites Brandôa, mulher de D. Braz Henriques, embaixador de Portugal (por Philippe III), ao papa Clemente VIII, vivia na sua quinta de Messejana; e aqui desejou ter uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Escreveu a seu marido, para que lhe mandasse fazer em Roma uma imagem da Santissima Virgem, ao que elle logo annuiu, e lhe mandou uma perfeitissima imagem de Nossa Senhora, no mysterio augusto da sua Conceição.

Passados annos (diz a lenda) e terminada a commissão de D. Braz Henriques, regressava elle á patria, por mar; porém encontrando-se o seu navio com um chaveco de mouros, estes o levaram captivo, com o resto da tripulação.

D. Braz, invocava dia e noite a protecção de Nossa Senhora da Conceição, para que o livrasse dos ferros, e eis que uma manhan appareceu na sua quinta, ainda com os grilhões do captiveiro.

Em reconhecimento de tão grande milagre, resolveu erigir uma bôa capella a Nossa Senhora, e principiou logo a pôr em pratica o seu projecto, com bastante magnificencia; porém a morte que lhe sobreveiu, o não deixou concluir a obra, que ficou apenas na capella-mór.

D. Brites tomou á sua conta a conclusão da obra, e acabada a ermida, foi n'ella collocada a Santa imagem, que logo principiou a obrar muitos milagres, e tão grandes maravilhas, que chegaram á noticia de Philippe III, o qual mandou dar á Senhora duas arrobas de cêra em cada anno, pagas pelo almoxarifado de Santarem, por um *padrão* que lhe concedia esta renda, até ao anno de 1620; mas depois, o mesmo Philippe III a fez perpétua.

Em janeiro de 1629, vendo-se D. Brites em perigo de vida, fez o seu testamento, em 31 do dito mez, e por elle instituiu um vinculo, ao qual uniu todas as suas fazendas, sendo a primeira e principal, a sua quinta de Messejana.

Eram estes fidalgos, padroeiros do convento de recolectos da Lourinhan (onde estão sepultados, na capella-mór), e quiz D. Brites que o morgado ficasse obrigado ao padroado do convento e aos seus encargos, que eram 33$000 réis annuaes, de *ordinaria*, para os religiosos, e um moio de trigo e 4$000 réis, para duas *merceeiras*, que resassem pelas almas dos padroeiros.

Não teve D. Brites, filhos do seu casamento, pelo que nomeou para primeira successora no vinculo, a D. Maria de Almeida Brandôa, e a seus filhos; e, na falta d'elles, a seu irmão, Francisco Serrão de Almeida.

Por morte d'estes, veiu a Antonio de Bri-

to da Silva, avô de D. Francisca Antonia de Brito Brandôa, que casou com Rodrigo de Sousa Pereira, pae de D. Maria Caetana de Brito.

O testamento de D. Brites e a instituição do vinculo, causaram entre os seus parentes, demandas encarniçadas, e o culto de Nossa Senhora foi interrompido, e a capella esquecida e abandonada; chegando até a servir de arrecadação de generos e instrumentos de lavoura.

Pelos annos de 1700, era o dito Rodrigo de Sousa Pereira Mascarenhas, pacifico possuidor d'este vinculo.

Tinha este fidalgo uma filha, de 9 para 10 annos de idade (a referida D. Maria Caetana de Brito) a qual foi accommettida de uma molestia de olhos, e os medicos, taes remedios applicaram para a cura da doença, que a menina ficou paralitica.

Fizeram-se juntas de medicos, a que foram chamados os melhores da côrte, e os da camara do rei; mas o resultado foi que aos padecimentos da doente se juntou ainda a obstrucção.

Residiam os paes da menina em Lisboa, e esgotados todos os meios empregados prejudicialmente pela medicina, e sabendo por tradição, dos muitos milagres que obrára a Senhora da sua capella de Messejana, a mandaram hir a Lisboa, onde a collocaram sobre uma mesa, e trouxeram para junto d'ella a menina, que, só com o contacto da santa imagem. ficou quasi restabelecida, e em poucos dias ficou completamente san de todas as suas enfermidades.

Teve logar este milagre em setembro de 1702, e Rodrigo de Sousa fez uma petição ao ordinario, para que elle se mandasse authenticar.

Fizeram, o pae, a mãe e a menina, uma romaria á capella da Senhora, que tinham mandado restaurar; e a fama d'este novo milagre (o da cura de D. Maria Caetana) em breve percorreu todos os arredores de Messejana, e o culto e as romarias á capella de Nossa Senhora da Conceição tornaram a restabelecer-se.

A imagem é de jaspe branco, e de primorosa esculptura. Os póvos entendendo que o pó da pedra de que a Senhora é feita, seria remedio efficaz para todos os seus achaques, a raspavam constantemente, a ponto de já estar muito gasta nas costas; pelo que os padroeiros da capella obstaram a este pio desacato.

MESSINES ou S. BARTHOLOMEU DE MESSINES—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros ao NO de Faro, 195 ao S. de Lisboa, 1:320 fogos.

Em 1757 tinha 780 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É Messines uma grande povoação, maior do que muitas que teem o fôro de villa, nas faldas meridionaes da montanha do *Penêdo-Grande*, que está coberta de oliveiras, farrobeiras (ou alfarrobeiras) e figueiras; com algumas fontes e pequenas hortas.

Nas partes mais elevadas estão as chamadas *ruas*, quasi intransitaveis, por causa dos rochedos, de que estão obstruidas. Na baixa tem ruas calçadas, porém muito arruinadas.

A egreja matriz é muito antiga.

Os dizimos das *miúças* eram da fabrica da egreja; e os da *massa grossa* eram do cabido. Aquelles rendiam, termo medio, 400$000 réis,—e estes, 90 moios de trigo, centeio, e cevada. O do azeite rendia 60$000 réis—o do vinho, 60$000 réis—o dos gados 150$000 réis—o dos milhos 250$000 réis.

Calculando o alqueire de trigo, centeio e cevada a 400 réis, vinham a render annualmente os dizimos d'esta freguezia mais de tres contos de réis. D'aqui se pode calcular a producção e fertilidade da terra.

A serra está coberta de zambujeiros, e tem alguns montados onde se criam bastantes porcos. Cria tambem muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

Faz-se n'esta freguezia uma grande feira a 24 de agosto, por isso chamada de S. Bartholomeu, havendo então tambem uma concorrida romaria ao padroeiro.

A feira dura 3 dias, e faz-se no alto onde está a capella de Nossa Senhora da Saude.

Tem esta freguezia 18 kilometros de N. a S., sendo dois de serra, até ao sitio do *Pereiro Alto*, e uma de campo, (mas tambem na serra) desde o sitio da *Gralha* até ao *Funchal*.

Fazem parte d'esta freguezia as aldeias da *Amorosa*, *Córtes*, *Torre*, e *Aldeia Ruiva*, a E., que já foi uma grande povoação.

Ha aqui nascentes de agua, que regam grande parte do terreno: ha muita e boa hortaliça e fructas deliciosas.

Pouco ao N., fica a ermida de Sant'Anna, perto da qual, em 24 de abril de 1834, o general Thomaz Antonio da Guarda Cabreira derrotou uma columna liberal. (Vide *Fáro.)*

A freguezia é regada por algumas ribeiras, sendo as principaes a do *Gavião*, que nasce no sitio dos *Marreiros*, na freguezia e a 6 kilometros d'Alte. Corre só no inverno, por espaço de 30 kilometros. A de *Arade*, que vem do sitio do *Malhão*, freguezia de S. Barnabé, a 18 kilometros de distancia, ao N., e corre 40 kilometros. Juntam-se ambas no sitio de Sant'Anna, a 3 kilometros do povo.

É de curso arrebatado. Móe e réga.

Mette-se no rio de Silves, no sitio de Santo Estevão. As suas margens são muito ferteis, sobre tudo, em vinho e milho.

Ha n'esta freguezia um *monte de Piedade*, fundado por *Felicio Friz*, d'este logar, para ser conservado com decencia o altar de S. Sebastião. Tem o fundo de 60 alqueires de trigo, para emprestar aos lavradores, a 5 por cento, sem que se podesse vender algum, emquanto não chegasse a 10 moios.

Este monte de piedade foi confirmado por provisão regia de 19 de maio de 1783. Tem sempre andado pessimamente administrado.

O célebre *Remechido* (José Joaquim de Sousa Reis) depois de ter ordens menores, e até de prégar em Messines um sermão, que foi muito applaudido, se namorou com uma menina d'esta freguezia, casou com ella, e vivia, ora em Messines, ora em Estombar, sua tera natal. (Vide *Estombar*, a pag. 73, col. 1.ª do 3.º volume.)

MESTRE—portuguez antigo—o mesmo que confessor, ou director espiritual. (Vide *Santo Thyrso.*)

MESTRE DE FORMA—portuguez antigo—impressores, fabricantes de letras (typos) e os mais officiaes e operarios de typographia.

MESTRE-SALA—querem alguns antiquarios que o officio de mestre sala seja tão antigo como a monarchia portugueza, e designam alguns individuos como mestres-salas de D. Affonso Henriques e D. Sancho I.

Dizem que Fernão Pires, era mestre-sala de D. Affonso Henriques, e, como tal, assignou a confirmação de certo previlegio a Santa Cruz de Coimbra, em 1184.

Dizem que Gonçalo de Sousa, foi mestre-sala de D. Sancho I, e, que, como tal, confirmou tambem um privilegio dos caseiros de Santa Cruz, em dezembro de 1204. N'este mesmo reinado, dizem que foi mestre-sala, Vasco Fernandes, que assignou outra confirmação de privilegios ao mesmo mosteiro e aos seus caseiros: e, finalmente, a João Fernandes, confirmando a doação da villa da Azambuja, a D. Rolim.

Se é verdade que n'estes dois reinados houve mestres salas, tambem é verdade que tal emprego desappareceu por alguns 200 annos, até ao reinado de D. João I, no qual torna a apparecer, sendo então nomeado mestre-sala Diogo Alvares Paes. *(Chron. de D. João I*, por Fernão Lopes, parte 3.ª, pag. 156.) Tambem foi mestre-sala de D. João I, Egas Coelho.

No reinado de D. João II, vê-se que foram seus mestres-salas, D. Pedro de Abranches, e Jorge de Mello.

No reinado de D. Manuel apparece o mesmo Jorge de Mello, mestre-sala da rainha D. Leonor, 3.ª mulher d'aquelle monarcha.

Desde D. João I, todos os nossos reis tiveram mestres-salas.

De Philippe II foi mestre-sala D. Martinho Soares de Alarcão.

De Philippe III, foi D. João Soares de Alarcão, filho d'aquelle.

De Philippe IV, outro D. João Soares de Alarcão, que tambem foi mestre sala de D. João IV, e foi um dos que o acclamaram no 1.º de dezembro de 1640, e, como mestre-sala, assistiu ao juramento do rei, em 15 de dezembro d'esse anno.

Algumas rainhas, principes e princezas tambem tiveram mestres-salas.

Todos sabem que o mestre-sala é o trinchante da mesa real, e o *mestre de ceremonias do paço.*

MESUÁDA—portuguez antigo — escolta, comitiva, acompanhamento. *Tomàrão a muitos do nosso senhorio, mantimentos, assi pera Nós, como pera as Lanças da Nossa mesuáda.* (Côrtes de Lisboa, de 1389.)

MESÚRA—portuguez antigo—urbanidade, cortezia, honra, modestia, gravidade, etc.—*Mando ao Cabido huuma cuba chea de vinho; sô tal condiçom, que elles, per sa mesúra sayam sobre mim, quando ssayrem da Missa da Prima atá os trinta dias; e peço aa sa mesura deles huum Coreiro, que cante por mim, cada dia huua Missa, atá os trinta dias.* (Testamento de Fernam Gil, thesoureiro da Guarda, Doc, de 1299.)

MESÚRA — portuguez antigo — medida, termo, conta e razão.—*Os Çapateiros e Alfaiates, e Ferreiros, e outros Mesteiraes, vendem sem mesura, o calçado e as outras cousas, por tal guisa, que em todo continuamente amostram gram malicia em sseos mesteres.* (Doc. de Silves, de 1404.)

MESÚRA—portuguez antigo—generosidade, primor, magnanimidade, etc. — *Se o que está em seu juiso perfeito, diz mal d'El-Rei, por lhe não fazer justiça, póde-lhe perdoar El-Rei, por sua mesura, se quizer, e deve-lhe outro-sy fazer direito do torto, que ouvesse recebido.* (Cod. Alfons. Liv. V, tit. 3.º)

MESURAR—Vide *Mensurar.*

METHCAES ou **METKAES** — portuguez antigo, ainda usado em archeologia e numismugraphia — o mesmo que medalhas, moedas, ou dinheiro de ouro e prata, por serem os *metaes* mais preciosos.

Os romanos lhe chamavam *metalla;* os árabes, *methalia;* os francezes, *medail;* os antigos hespanhoes e os lusitanos, *metkaes.*

Em 1114 venderam os monges de Lorvão uma casa que tinham junto á egreja de S. Pedro em Coimbra, (1) *pro prætio id est X methcales maravidiz.* (Pelo preço de 40 methcaes maravidins.)

No principio do seculo XI os *methcaes* eram as moedas maiores de então.

METICAL—portuguez antigo — do arabe *metcal.* Certo peso que usavam os ourives, e tinha uma dracma e dois terços. Os africanos chamam *metcal* a uma moeda, que tinha 1$000 réis portuguezes. Ducado.

E se concertou por trinta meticaes de ouro, peso da terra (Moçambique) *que vale cada um 420 da nossa moeda.* (Chronica de D. Manuel, por Damião de Goes, parte 1.ª, cap. 37.)

METÚDO—portuguez antigo—mettido

MEXILHOEIRA GRANDE[2]—freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Villa Nova de Portimão, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 124 alqueires de trigo.

Grande e rica aldeia, situada na charneca, em um alto, vendo se o mar, (que lhe fica a 28 kilometros ao O.)—na estrada que vae de Lagos para Portimão, entre as ribeiras de *Farélio* e *Arão;* aquella a E. e esta a O., e que ambas desagúam no rio Alvôr. Na primeira ha uma ponte de alvenaria, de 2 arcos, a 250 metros da aldeia; e

(1) D. Fernando, de Castella, tomando Coimbra aos mouros, a 25 de julho de 1064, quiz dar a cidade aos frades de Lorvão, em premio dos grandes serviços prestados por elles, sustentando o exercito por 4 mezes; porém os monges não quizeram acceitar mais do que a egreja de S. Pedro e esta casa. (Vide col. 1.ª de pag. 321 do 2.º volume, e *Lorvão.*)

[2] Dá-se lhe o nome de *Mexilhoeira Grande* para a distinguir da *Mexilhoeira Pequena, Mexilhoeirinha* ou *Mexilhoeira do Carregadouro,* que é perto da foz do rio.

até ahi sobem lanchas de 400 arrobas de tonelagem, com peixe e sal, e levam para Portimão fructas da terra, e muita palma em rama e fabricada.

A quasi egual distancia ha outra ponte, tambem de dois arcos, sobre o Arão, que corta a estrada para Lagos, e até á qual tambem chegam lanchas da lotação das outras, e para os mesmos fins.

A 400 metros abaixo d'esta ponte, ha um bom *embarcadouro*, mais proximo do porto, no sitio das *Fontainhas*, onde está uma fonte, muito abundante de boa agua, que móe e réga.

Proximo das Fontainhas no sitio chamado *Mesquita*, se vêem ruinas de edificios antiquissimos, feitos de *formigão* mourisco, em repartimentos de pequenas casas, á maneira de cellas. Não se sabe o que aquillo era.

N'esta margem da ribeira se estendem formosas campinas muito ferteis, assim como quasi todo o territorio da freguezia, que abunda em oliveiras, figueiras, e mamoneiras, que produzem bastante azeite (oleo de mamona). Ha por aqui muita caça grossa e miuda.

A egreja matriz é um bom templo, de trez naves.

Tem Misericordia e hospital, com 50$000 réis de renda, para tratar os pobres em sua casa, porque para o hospital não vae ninguem.

Faz-se aqui uma grande e concorridissima feira, chamada de S. Bartholomeu, que dura 3 dias.

Pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755 ficou esta freguezia isenta das desgraças e das calamidades que elle causou á maior parte do Algarve; apenas a egreja soffreu alguma coisa.

Ha aqui dois lagares de azeite.

A 3 kilometros a NNE. fica a eremitagem de *Pégos-Verdes*, onde ha uma bonita quinta, com boas casas de habitação.

MEXILHOEIRA PEQUENA, MEXILHOEIRINHA ou **MEXILHOEIRA DO CARREGADOURO** (ou da **CARREGAÇÃO**)—aldeia, Algarve, freguezia e concelho de Villa Nova de Portimão.

Foi fundada por D. João II, em 1495. Este monarcha, para attrahir para aqui população, deu privilegio de *couto do reino* a doze pescadores, que aqui viessem estabelecer-se e morar, pelo menos dois mezes por anno, (não tendo crime de traição ou aleive) por carta de 23 de janeiro d'aquelle anno, a requerimento da camara de Silves, com o fim de ajudar o commercio, por ser este sitio o mais accommodado para a carregação dos generos do paiz, e do pescado.

É na margem esquerda do rio Portimão, em frente e a 1:500 metros da villa, e aqui vem embarcar todos os productos dos concelhos de Silves, Lagôa e Albufeira, que ficam a E. do rio.

Fica 3 kilometros a NE. da foz, e o seu porto tem fundo para navios de 10:000 arrobas. (150:000 kilogrammas.)

Os armazens estão proximos do logar do embarque. (chamado *Alcantil.*)

Concorrem aqui muitas embarcações nacionaes e estrangeiras, a carregar figos séccos, palma, em rama e em obra, amendoas, azeite, alfarrobas, e outros varios generos do paiz, e, sobre tudo, sal e pescado.

Isto tem feito prosperar muito a povoação, que tem bôas moradas de casas e optimos armazens, em uma só rua, que segue desde o embarque, até á estrada de Estombar.

Ha aqui excellentes marinhas, abaixo e acima da aldeia, que produzem muito e optimo sal.

Pelo antigo foral de Silves, tinha este porto privilegio de *Praça do Commercio.*

Só a siza do figo, chegou aqui a seis contos de réis, isto, além do figo que sahia sem ser vendido por negociantes; isto é, que o lavrador vendia directamente ao exportador, que não pagava siza.

Tem 140 fogos.

Tem um capellão que lhes vae dizer missa, á capella de Santo Antonio, que fica no alto da povoação.

MEXILHOEIRO—sitio da costa, Extremadura, a 1 kilometro de Cascaes, e junto á célebre *Bôcca do Inferno.*

Como a pag. 151 do 2.º vol., tratei rapidamente do caso occorrido aqui com a sr.ª D. Maria Pia e seus filhos, por me reservar

para este logar, para fazer mais completa narração do facto, passo a descrevêl-o segundo veiu publicado nos jornaes que se julgaram mais bem informados.

No dia 2 de outubro de 1873, de tarde, sua magestade a rainha, acompanhada de suas altezas o principe real D. Carlos e infante D. Affonso, das damas, sr.as D. Gabriella de Sousa Coutinho e D. Maria Theresa, e do veador de serviço, sr. visconde de Mossamedes, saiu do seu palacio em Cascaes, em direcção ás Arribas, ponto escolhido para passeiarem n'aquelle dia.

Apearam-se todos na estrada da Guia, e dirigiram-se a pé até aquelle sitio, onde sua magestade ordenou que se fosse chamar o ajudante do pharoleiro, Antonio de Almeida Neves, para auxiliar sua magestade, os principes e régia comitiva, na descida até á rocha, chamada do Mexilhoeiro; porém como a distancia da Guia até alli é superior talvez a 2 kilometros, sua magestade resolveu, antes de chegar o pharoleiro, ir descendo á rocha.

Os dois primeiros lances da escada artificial, desceram-os sem novidade, e d'alli foram pela rocha escabrosa e desigual, tendo o sr. visconde de Mossamedes tido o maior cuidado, auxiliando sua magestade, os principes e as damas, ora tomando-os nos braços, ora amparando-os, até que finalmente chegaram ao Mexilhoeiro, sendo só então, que o ajudante do pharoleiro se apresentou a sua magestade.

Quando a sr.a D. Maria Pia se dispunha a seguir a direcção da *Bôcca do Inferno*, a dama sr.a D. Gabriella perguntou ao ajudante do pharoleiro ácerca da maré, respondendo aquelle, que a maré vasava; porém objectando a sr.a D. Gabriella que doze horas antes tinha tomado banho com a maré cheia, concordou então o ajudante do pharoleiro, que a maré devia encher, e que elle se tinha enganado.

Proseguiu sua magestade, seus augustos filhos e régia comitiva no seu passeio, e reparando pouco depois que não podiam continuar ávante, a sr.a D. Maria Pia ordenou o regresso, que logo se patenteou difficil, porque a maré, crescendo, tinha coberto parte do caminho a ponto de haver já cerca de 2 palmos de agua, em varios sitios que passaram.

Caminharam então com menos difficuldade até á rocha do Mexilhoeiro, que é horisontal, e cavada em differentes pontos, similhando os buracos uma especie de pequenos poços de profundidade aproximada a quatro metros, estando este sitio então fortemente batido pelas ondas, cada vez mais crescentes. O sr. visconde de Mossamedes, vendo o perigo que corria sua magestade, se passasse adiante, advertiu a mesma augusta senhora de que seria melhor tomarem pelo atalho superior á rocha; sua magestade porém julgou entrever n'esse aviso apenas um excesso de zelo, e que não havia perigo algum, e ordenou ao ajudante do pharoleiro, que levava o principe D. Carlos pela mão, que tomasse cuidado tambem no infante D. Affonso; ficando o sr. visconde de Mossamedes desembaraçado para ajudar sua magestade e as damas na descida para a rocha.

Como o caminho alli é muito estreito, tiveram todos que ir a um e um, á proporção que hiam descendo; no mais estreito da passagem, porém, as ondas repentinamente levantaram-se a grande altura, e com tal furia, que envolveram todos quantos alli estavam, devendo notar-se que a rocha do Mexilhoeiro é cortada por uma pedra enorme que a atravessa em toda a sua largura, difficultando não só a passagem, mas até o poderem vêr-se as pessoas que ficavam atraz.

O ajudante do pharoleiro a este tempo tinha já passado a referida pedra com os principes, mas foram todos tres envolvidos pelas ondas, que suas altezas e seu valente guia rolaram para o abysmo.

Só a sr.a D. Maria Pia do ponto em que então estava, é que viu o que se passava além da rocha, e reconhecendo o enorme perigo que corriam seus augustos filhos, correu apressurada para aquelle lado em soccorro do infante, que era a este tempo o unico que estava envolvido nas ondas, porque o bravo ajudante do pharoleiro presta-

va todo o seu auxilio em salvar o principe real.

N'este momento angustioso para uma mãe extremosa, quatro ondas enormes, reproduzindo-se, difficultaram por momentos os esforços de sua magestade para acudir a seus augustos filhos, e se a Divina Providencia não lhes acudisse, fazendo com que as ondas se não reproduzissem, seriam todos victimas sem remedio.

Sua magestade achava-se então ao poente da pedra que corta o Mexilhoeiro, em quasi toda a sua largura, e, auxiliada do ajudante do pharoleiro, poude conseguir salvar suas altezas para o que contribuiu de certo, além da ajuda de Deus, o seu muito amor maternal e o seu provado animo varonil, tão proverbial em quasi todos os membros da illustre casa de Saboya.

O intrepido ajudante do pharoleiro, sempre activo e infantigavel, correu pressuroso em soccorro da dama, a sr.ª D. Gabriella, que fôra arrebatada pelas ondas para uma das maiores cavidades da rocha.

O sr. visconde de Mossamedes estava ainda no nascente da grande pedra, e por isso na impossibilidade de vêr o que se passava do outro lado, sendo a primeira pessoa que o sr. visconde viu, a dama a sr.ª D. Maria Thereza, arrastada tambem pelas vagas e quasi á beira do precipicio, soffrendo ainda um ataque nervoso, e em altos gritos afflictivos a pedir soccorro. O sr. visconde correu immediatamente e em hora tão feliz, que conseguiu lançar-lhe as mãos aos vestidos e salvar a pobre senhora de uma morte certa, visto que esteve a ponto de resvalar da rocha no sitio onde ella é cortada quasi a prumo, e onde a agua é profundissima.

O sr. visconde tomou nos braços a dama a sr.ª D. Maria Thereza, e conduziu-a a um ponto seguro, porém ella n'este momento, recuperando os sentidos, disse ao sr. visconde que sua magestade estava alli morta, o que fez com que immediatamente voasse em procura da sr.ª D. Maria Pia, e reparando que o chapéu de sua magestade boiava n'uma das cavidades, precipitou-se dentro, diligenciando agarrar o corpo, que felizmente não encontrou, porque a indicação da sr.ª D. Maria Thereza não fôra exacta.

No momento porém do sr. visconde sahir a custo da cavidade, viu dois corpos boiar, e correndo a prestar-lhe soccorro, reconheceu serem do ajudante do pharoleiro e da dama a sr.ª D. Gabriella, os quaes salvou com muita difficuldade, porque a dama tinha de tal modo agarrado o pobre ajudante, que lhe paralysava os movimentos.

A sr.ª D. Gabriella estava quasi a desfallecer, soffria terriveis agonias pela muita agua que tinha engulido; um só segundo de demora talvez bastasse para ser cadaver.

N'este estado lastimoso foi a pobre senhora levada pelo sr. visconde e ajudante do pharoleiro para junto de sua magestade, que já então se achava em ponto seguro com seus augustos filhos.

Sahiram afinal d'aquelle verdadeiro inferno pela rocha escabrosa, aos hombros, se póde dizer, do sr. visconde e do ajudante; os criados de sua magestade appareceram quando todos estavam salvos e fóra da rocha, e se appareceram foi porque o principe o sr. D. Carlos conseguiu chegar ao sitio onde avistava a estrada, e d'alli chamar os criados, que de nada sabiam nem tinham visto, por causa da distancia; assim mesmo prestarrm serviços, levando nos braços a sr.ª D. Gabriella.

Sua magestade subiu então para o carro acompanhada de seus augustos filhos, e tomando o governo voltaram ao palacio, bem como as damas e veador.

Ás 8 horas da noite é que sua magestade ordenou ao seu reposteiro, sr. Gomes, que levasse uma carta a el-rei, narrando-lhe o occorrido, e o mesmo portador levou um recado particular do sr. visconde a el rei recommendando á sua real munificencia o ajudante do pharoleiro, que com tanta dedicação se arriscára na salvação de sua magestade e dos principes, sendo tambem por ordem do mesmo veador, que se mandou dar de jantar ao referido ajudante, e tudo que elle desejasse.

Esta é a narração fidelissima de todo o occorrido; vae o seu a seu dono, para se esclarecer completamente a verdade, e saber-se evidentemente quem prestou servi-

ços, e quem arriscou a vida n'um accidente tão imprevisto quanto lamentavel.

MEZINHADOIRO — MEEZINHADOIRO e **MYZYNHADOIRO**—portuguez antigo—certo fôro que se pagava para a enfermaria do mosteiro do Bustêllo, junto a Penafiel. (Documentos d'este mosteiro, de 1347, 1348, 1368, 1375 e 1443.)

MEZÍO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 12 kilometros ao ONO. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Não é muito fertil, mas cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

O abbade de Bretiande apresentava o cura que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É evidente que o nome d'esta freguezia, é corrupção de *homezío;* mas não consta que ella fosse em tempo algum considerada legalmente, ou de direito, *couto de homizío*, ou *do reino.* (Vide pag 415, col. 1.ª, do 2.º vol., na palavra *Couto.*)

Talvez que em algum tempo aqui se homisiasse algum criminoso, e que d'essa circumstancia lhe provenha o nome.

Note-se tambem que varias quintas de fidalgos tinham privilegio de couto de homizío, e bastava que o criminoso tocasse os seus muros, para já não poder ser preso, senão pelos crimes exceptuados no respectivos privilegios.

Em differentes sítios de Portugal, tenho achado logares, com o nome de *Mezío*, *Mezíos* e *Amezíos.* É provavel que em tempos antigos pertencessem a quintas que tivessem o tal privilegio.

Na noite do dia 9 para 10 de abril de 1736, teve logar na egreja matriz d'esta freguezia, um desacato. Foi arrombada a egreja e roubaram do Sacrario o vaso Sagrado, de prata, com as hostias que continha, roubaram tambem dois cálices de prata, que estavam na sachristia e outros objectos de prata. Nunca se poude descobrir o sacrilego.

Em Lamego fizeram-se muitas procissões de penitencia e desagravo.

MHA—portuguez antigo—minha. (É dos seculos XIII e XIV.)

MHEU—portuguez antigo—meu. (Doc. de 1280.)

MHUA—portuguez antigo—mulla. *Mando hi a mhua do mei corpo.* (a em que costumava andar montado)—Testamento de *D. Ermengonça*, feito em 1294; que estava no cartorio do mosteiro da Alpendurada.

Em outros documentos d'aquelle tempo, se diz—*mulam corporis mei.*

Em um documento do mosteiro do Bustêllo, se lê—*Meo soprino meam mulam, in qua ego ambulo.* (Deixo a meu sobrinho, a mulla em que ando.)

MICE—portuguez antigo—misser, senhor; gallicismo antiquissimo, provavelmente trazido para Portugal pelos gascões e normandos, ou, depois, pelos francezes do conde D. Henrique, ou pelos que ajudaram seu filho, nas guerras contra os mouros. Vem do francez *Messire.*

MIDO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 70 kilometros de Viseu, 315 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Vicente de Castello-Mendo apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi do concelho de Castello-Mendo, que em 1855 foi supprimido, passando todas as freguezias que o compunham, para o concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou a fazer parte do concelho de Almeida. Vide *Castello Mendo.*

MIDÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do mosteiro dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos), da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha réis 60$000 e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia é corrupção da palavra arabe—*midán*—Praça, arêna, ou terreiro onde se fazem escaramuças, a cavallo; torneios, justas, jogos de cannas, etc. Vem a ser, com pouca differença, o a que hoje se dá o nome de *hypodromo*.

Vieram com os mouros á espada, em um Midan, *de arêa, que estava junto ao logar.* (*Commentarios*, de Affonso d'Albuquerque, part. 1.ª, cap. 63, pag. 333.)

MIDÕES—aldeia, Douro, na freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho e 9 kilometros a ONO. da villa de Sobrado, cabeça do concelho do Castello de Paiva, comarca e 25 kilometros a NO. de Arouca, bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo e 65 kilometros a NE. de Aveiro, 25 kilometros a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Tem uma capella publica, dedicada a S. Lourenço, e uma particular, da invocação de Nossa Senhora, na casa do sr. Luiz Paulino Pereira Pinto de Almeida, o maior e mais rico proprietario d'este concelho.

Situada em terreno muito accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, em frente da quinta da *Abetureira* (freguezia de Sebollido), da sr.ª viuva Allen.

É terra muito fertil em cereaes, legumes, linho, vinho e fructas, mas sobre tudo em nozes.

Na frente da aldeia, ha um vasto areal. (que é provavelmente o que lhe dá o nome.)

Ha por estes sitios, muitos vestigios de mineração antiquissima, e varias minas metalicas, mas quasi todas pouco promettedoras. Passa por aqui a veia de galena de Gondarem (que é uma aldeia proxima e ao O.), de que é concessionario o sr. visconde do Freixo.

No *Ribeiro de Couce*, junto á quinta da Abetureira, ha uma mina de cobre, mesmo no leito do ribeiro.

No monte do *Ramezal*, 1 kilometro a ENE. de Midões, ha a célebre *Cova da Moura*. É um pôço e duas galerias, do tempo dos romanos, ou dos arabes; que aqui fizeram grandes trabalhos de lavra.

Parece ser cobre, o mineral que d'aqui extrahiram.

Fui vêr estas minas, que não foram esgotadas, mas, de proposito entupidas pelos mouros, do que se vêem indicios claros. Valia a pena serem desentupidas por um homem da arte, e examinadas interiormente.

O minerio está *encaixilhado* em uma especie de basalto, tão duro e pesado como bronze.

Para se fazer ideia da dureza d'esta pedra, basta ver o grande numero de carradas d'ella que sahiram dos desmontes. Estão amontuadas pelos arredores das galerias ha mais de 800 annos, e ainda não ganharam nem o mais leve signal de musgo: parece que foram agora quebradas!

MIDÕES—villa, Douro (antiga Beira Alta), comarca e concelho da Tábua, 30 kilometros de Viseu, 54 a NE. de Coimbra, 60 da Guarda, 240 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves. (antigamente Nossa Senhora do Pranto.)

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

—

A mesma etymologia do *1.º Midões*.

Era um concelho, com 1:500 fogos, e uma comarca com 6.000, que foram supprimidos em 1855, por causa das atrocidades dos tristemente célebres *Brandões*, e ficou pertencendo á comarca e concelho da Tábua, então creada.

Fica o extincto concelho de Midões, situado sobre a margem erquerda do Mondego.

Fica a egual distancia de Gouveia, Mangualde e Viseu (54 kilometros) e 18 de Arganil, Céa, Santa Comba-Dão e Tondella.

Tanto esta villa, como as do *Couto de Midões*, *Oliveirinha*, *Candosa* e *Percellada*, todas hoje da comarca e concelho da Tábua, foram antigamente da provedoria da Guarda.

Confinava o concelho de Midões, ao N. com o do Ervedal (districto administrativo da Guarda), do qual era separado pelo rio Céa, e com o do Carregal (districto administrativo de Viseu), do qual o separava o Mondego—ao E., com o de Oliveira do Hospital—

ao S., com os de Avô e Tábua—ao O., com os da Tábua e do Carregal.

O nome antigo d'esta villa—*Midães*—era mais etymologico.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. N'elle lhe dá o nome de *Midães*. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 42 v., col. 1.ª)

Este foral tambem serve para a *Póvoa*. (Veja-se a minuta para este foral, no *Corpo Chronologico*, part. 1.ª, maç. 1.ª, Doc. 2.º)

Segundo consta de documentos, havia ainda em 1697, n'esta villa, um pequeno mosteiro, ou hospicio, do sexo feminino, do qual apenas hoje restam alguns vestigios; porque deixou de existir, pouco depois d'aquelle anno.

É tradição constante que a villa do Couto de Midões, distante apenas 400 metros d'esta, foi povoação romana, e alli foram achadas duas lapides, que um parocho curioso mandou collocar nas paredes lateraes da capella de S. Sebastião, situada em uma pequena collina, ao cimo da villa. Dizem:

1.ª

GENIO MUNICIPI TEMPLUM, CAIUS CANTIUS MODESTINUS EX PATRIMONIO SUO

2.ª

VICTORIAE TEMPLUM CAIUS CANTIUS MODESTINUS EX PATRIMONIO SUO

Consta tambem por tradição, que no limite da Póvoa, povoação contigua a Midões, no sitio chamado *Valle de França*, houvera uma ponte, construida pelos romanos, sobre o Mondego. D'ella não ha vestigios.

A inscripção que ainda hoje alli existe, gravada em uma pedra quadrangular, e collocada na parede de uma casa, parece auxiliar a tradição vulgar. D'ella apenas se póde ler o principio, porque o mais está apagado pelo tempo. Diz:

IMPERATORE TITO HANC PONTEM.....
.....

O territorio da freguezia, e de todo o extincto concelho, é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sendo em tão grande abundancia o milho, vinho, azeite, feijão, batatas, lans e gado lanigero, que de tudo isto se exporta, em grande quantidade.

Na Candosa ha algumas olarias de louça ordinaria, que se exporta.

O extincto concelho de Midões é banhado pelas seguintes correntes:

O *Mondego*, pelo E. e N., na distancia de 6 kilometros. (É este concelho o primeiro do districto administrativo de Coimbra em que toca este rio.)

O *Rio de Cêa*, que nasce no concelho e junto da villa que lhe dá o nome, e que, depois de atravessar os concelhos de Oliveira do Hospital e do Ervedal, passa por este, ao N., servindo de demarcação a ambos. Desagúa no Mondego, junto da villa do Matto.

O *Rio de Cavallos*, que em parte atravessa este concelho, e em parte o dividia do da Tábua. Depois de receber diversos ribeiros, morre no Mondego, pouco abaixo da *Varzea Negra*. Ha sobre este rio, em um valle profundo, e de difficil transito, uma ponte de pedra, que communica as duas freguezias, de Midões e Candosa.

Fica na estrada de Coimbra para Lisboa, e para o *Porto da Raiva*.

—

É limitada ao E. pelo outeiro de *S. Miguel*, em cujo vertice ha uma capella dedicada a este Archanjo.

É este sitio muito pittoresco e aprasivel, com bello e extenso horisonte, vendo-se vastos prados e valles, e as serras da Estrella e do Caramullo.

Ao N. é limitada pelas *Moitas*, logar muito ameno.

Ao S., pelo *Outeiro Vistoso*, nome bem empregado, pelo panorama seductor que d'aqui se gosa.

Ao O., pela *Senhora das Dores*, sitio onde se faz um mercado mensal.

Fica a villa em uma baixa, cercada de olivaes, com magnificos arredores, regados de abundantes aguas, causa da sua fertilidade.

Tem bons edificios, sendo d'este numero a egreja matriz, construida em 1850, e uma

das melhores da provincia, com duas boas torres.

As casas do sr. visconde de Midões, são as melhores da villa.

Ha mais na freguezia cinco capellas, que são—a de Nossa Senhora das Dores—Nosso Senhor dos Passos—a da casa do Ribeirinho—a dos srs. Albuquerques, do Ervedal—e a do sr. José Soares de Albergaria.

A pouca distancia da villa, corre o formoso Mondego, sombreado de salgueiros, regando muitas varzeas.

Sendo Midões uma das villas importantes da provincia, e com todas as condições de desenvolvimento e prosperidade, perdeu a sua autonomia, pelos crimes monstruosos de alguns de seus filhos degenerados, e estão os seus povos (quasi todos innocentes) expiando as culpas de um punhado de scelerados.

—

Na falda NO. da serra, perto de Midões, havia uma antiquissima cidade, a cujas ruinas a tradição dá o nome de *Nabril*.

Teem aqui apparecido cipos, com inscripções romanas e outras antiguidades. Fica proximo da Povoa onde havia a ponte romana de Valle de França, de que já fallei.

—

Em 1133, coutou D. Affonso Henriques, o mosteiro de *Sperandei*, com a villa do mesmo nome; *Sabugosa*, *Freixêdo* e *Midões*, dando estes quatro coutos ao mosteiro de Lorvão.

—

Triste celebridade adquiriu em nossos dias a villa de Midões, por ser patria do maior malvado do seculo XIX em Portugal. Todos se lembram ainda com horror de João Victor da Silva Brandão. Filho de um ferreiro, e ferreiro elle mesmo, nos principios da sua vida de crimes e infamias de toda a qualidade, principiou a ser assassino e ladrão (da quadrilha de seu pae!) na edade de 12 annos. Quando tinha apenas 20, já era chefe de uma quadrilha, que foi o terror das duas Beiras, pela grandeza e frequencia dos seus roubos; pela crueldade de seus numerosos assassinatos; pelas suas repetidas atrocidades; e pela sua *mysteriosa* impunidade.

Á força de roubos e crimes chegou a ser um proprietario abastado; mas a riqueza, longe de o transformar em um cidadão pacifico, ainda mais lhe accendeu o odio contra os seus similhantes, e a ambição da propriedade alheia.

Sempre salteador, e sempre assassino, seus crimes multiplicados, trasbordaram todas as medidas, e seus poderosos protectores, não poderam mais escudal-o contra o horror que inspirava a todo o reino; e depois de muitas diligencias baldadas, pôde emfim cahir em poder da justiça.

Callarei todas as peripecias que fazem da vida de João Brandão, um drama continuado de scenas sempre horriveis, sempre sanguinolentas: nem se póde estender este vastissimo sudario de horrores, sem envolver nos crimes d'este monstro alguns personagens altamente collocados, a cuja protecção deveu João Brandão a sua impunidade, e as Beiras 25 annos de lagrimas, sustos, sangue, incendios e horrores.

A mão do Omnipotente havia marcado o termo de tantas iniquidades e o cyclo dos crimes de Joao Brandão terminára com o roubo e assassinato do virtuoso e illustrado padre José da Annunciação Portugal, digno administrador da casa dos srs. viscondes de Almeidinha.

Foi precisa toda a influencia do sr. visconde, e a sua alta posição, para arcarem contra o patrocinio de um lado, e do outro o terror que inspirava geralmente o monstro e o receio da sua barbara vingança, se sahisse absolvido (o que todos receiavam) para que Brandão fosse preso, julgado e sentenciado. Finalmente, justiça foi feita, e João Brandão foi expiar para os presidios da Africa todos os crimes, que commettera desde 1842 até 1867. Deus queira que, tão longe da sua patria, possa reflectir no horror da sua vida passada, e tornar-se um cidadão sinceramente arrependido, pacifico e honrado, empregando a sua energia a bem da sociedade que por tantos annos prejudicou com as suas atrocidades.

—

É visconde de Midões o sr. Cesar Ribeiro Abranches Castello-Branco.

MIGUEL (S.)—Vide *Couto, Jermêllo, Machêde, Matto* e *Mattos.*

MIGUEL D'ACHA (S.)—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 40 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O *Portugal Sacro* e *Profano*, lhe chama *Dacha.*

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Posto ser uma povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos mouros, nem acho em livro nenhum apontamentos a seu respeito, nem teve foral antigo, ou moderno.

Escrevi ao muito reverendo parocho a pedir-lhe informações (ha mais de um anno), e ainda não recebi resposta.

Ha aqui uma bôa mina de chumbo, em lavra.

Posto que o nome d'esta povoação seja incontestavelmente arabe, ha duas opiniões sobre a sua etymologia.

Dizem uns, que vem da palavra *axxat*, que significa *ovelha*, e vinha então a ser, *povoação da ovelha.* A opinião mais seguida, porém—e a que tem mais visos de provabilidade—é que vem de *Ayxa*, ou *Aixa*, nome proprio de mulher—significa a *vivente.* Deriva-se do verbo *âxa*, viver.

A mais querida das mulheres de Mafoma, chamava-se *Aixa.* Este nome era muito vulgar entre os arabes.

Ayxa Ansora (que nós diziamos *Ayxa Auzures*), se chamava a mulher de *Echa Martim*, ultimo rei mouro de Lamego. (Vide *Arouca.*)

É provavel que esta rainha, ou outra qualquer *Aixa* que fosse senhora, ou fundadora d'esta povoação, lhe imposesse o seu nome.

É terra fertil, e ha nos seus montes muita caça grossa e miuda. Tambem cria bastante gado, de toda a qualidade.

MIGUEL D'ALFAMA (S.)—Vide *Lisboa.*

MIGUEL D'AUREGA (S.)—antiquissima freguezia, Minho, comarca, concelho e junto á villa de Ponte do Lima.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Ignora-se quando foi supprimida.

Em 15 de outubro de 1125 (4 de outubro da era de Cezar de 1163), a rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, fizeram doação á Sé de Tuy, sendo seu bispo, D. Affonso II, da egreja de S. Miguel de Aurega.

Assignaram, D. Pelagio, arcebispo de Braga, e os condes D. Fernando e D. Gomes, além de outras pessoas da côrte.

Por esta freguezia, passava a via militar romana, de Braga para Astorga, e têem aqui apparecido varios marcos milliares.

Parece que á freguezia de S. Miguel d'Aurega, pertenciam, a rua d'*Alem da Ponte* (de Ponte do Lima), e os logares de *Freiria, Antepaco, Outeiro, Valle de Pereiras* e outros, que são hoje da freguezia de *Santa Marinha de Arcozêllo.* (Vide *Arcozêllo.*)

Ainda existe (de certo, por muitas vezes reedificada) a egreja que foi matriz da freguezia de Anrega, situada no *Monte de Santo Ovidio*, que tambem se chama *Monte de S. Miguel.*

Está reduzida a capella, e no mesmo altar estão as imagens de S. Miguel e de Santo Ovidio, e por isso o monte tem os dois nomes.

O povo tambem dá a este monte o nome de *Agro* ou *Aurego.*

Note-se que Aurega é uma freguezia e Arcozêllo outra, tambem muito antiga; porém a primeira era no seculo XII muito mais importante que a segunda, visto que merecera a distincção de virem os bispos de Tuy [1] ao menos uma vez cada anno, celebrar, uma missa n'esta egreja; porque, com esta obrigação lhes foi ella doada.

Quando se uniram as duas freguezias (Aurega e Arcozêllo) ficou a abbadia da primeira reduzida a beneficio simples e por muitos annos ainda, teve a segunda, dois abbades—um com ura, que era o de Arco-

[1] Como já tenho dito em varias partes, o bispado de Tuy, chegava (até ao reinado do nosso D. Affonso V) á margem direita do rio Lima. (Vide *Braga.*) Tuy fica 30 kilometros a NE. de Aurega.

zêllo, e outro sem cura, que era o simples, de Aurega.

Ainda no reinado de D. Diniz existia esta freguezia; pois que, em 16 de outubro de 1279 (o primeiro anno do seu reinado) tendo os bispos de Tuy perdido o padroado da egreja (talvez pela falta de cumprimento das obrigações impostas na doação) a doou o rei, a D. Fernando Arias, bispo de Tuy — *pro multo servitio, quod mihi et Donae Beatrici Serenissimae matri meae impendit, eidem et Ecclesiae suae cunctisque successoribus*, etc. *Dat. Colimbr. 5 die Octob. Rege mandante. Era MCCCXVII.* (16 de outubro de 1279 de Jesus Christo.) *Flor. Esp. Sagr.*, tom. 22, pag. 152.

Succedendo depois (como disse em Braga) a separação das egrejas de Entre Minho e Lima, da Sé de Tuy, e a creação da collegiada de Vallença, passaram os rendimentos (que eram importantes) da egreja de Aurega—já unida a Arcozêllo, ou que se uniu então — por graça de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, ao convento dos frades franciscanos de Valle de Pereiras, que depois foi de freiras da mesma ordem.

Julga-se que a suppressão da freguezia de Aurega, teve logar quando se fundou este mosteiro de Valle de Pereiras; concorrendo o sitio agreste em que estava a egreja, para que o povo consentisse na suppressão, visto que podia acudir á egreja do convento, para os exercicios espirituaes.

Idacio, límico, bispo de Chaves, contemporaneo de Theodorico, rei dos godos e de Remismundo, rei dos suevoe, veridico escriptor do seculo V, e Santo Izidoro, fallecido em 636, e que escrevem a *Historia dos suevos*, dizem de Aurega o seguinte:

Os *aureguenses* são os povos que habitam a cidade e territorio de Aurega e o monte Arga.

Remismundo, rei dos suevos invadiu e conquistou estes povos, em 460.

Os suevos habitavam os confins da Galliza, (isto é, Entre o Minho e o Lima) e sabendo da morte que o rei godo Theodorico fez dar ao rei suevo Rechiario, elegeram para seu rei, ou chefe, a Madras (ou Maldras.)

Como Theodorico sahisse da Galliza, para conquistar Merida, e, depois do anno 457 de Jesus Christo, passasse ás Gallias, se dividiram os suevos em duas parcialidades, reconhecendo os dos confins da Galliza por seu rei a Madras, e os que habitavam desde o Douro até Braga, a Franta.

Franta, morreu em 458, succedendo-lhe Remismundo, que ficou sendo soberano do Minho actual, tendo Braga por capital do seu reino.

Madras foi assassinado pelos seus vassallos, e lhe succedeu Frumario.

Os aureguenses tinham jurado obediencia ao imperio romano, e se lhe conservavam fieis, obedecendo aos seus generaes e legados; pelo que eram perseguidos pelos suevos d'aquem e d'alem Lima.

Frumario, e os seus suevos passaram em 460 á cidade de *Aguas Flavias* (Chaves) assolando-a e ao seu territorio, e prendendo seu bispo, Idacio (que conta a historia *de visu*) soltando-o d'ahi a tres mezes.

No mesmo anno, e ao mesmo tempo, Remismundo, com os seus, invadiu e assolou as povoações dos auregenses e a costa maritima, que eram do convento juridico, ou chancellaria de Braga.

Remismundus vicina parites Auregencium loca, et Lucensis Conventus maritima populatur.

Isto confere com o que diz frei Philippe de la Gandara, chronista-mór da Galliza, nas suas *Armas e Triunfos de Galliza*, livro 1.º, cap. 24—e com a *Historia de S. Thiago* (livro 2.º. cap. 22, fl. 192 v.) escripta por D. Mauro Castella Ferrer.

É provavel que *Arga* seja abreviatura de Aurega.

Eram os auregenses, povos barbaros, mas destemidos e indomitos. Todas as historias são concordes em attribuir a estes povos uma grande bravura.

Os consules romanos, Firmio e Antistio, tiveram de sustentar terriveis e sanguinolentas batalhas, e perder grande parte das suas legiões, antes de conseguirem domar estes intrepidos lusitanos.

Existiu a cidade de Aurega no alto de um monte, que ainda ao longe representa

um castello, na margem de um rio. Era a primeira freguezia que, passada a ponte do rio Lima, e confinante (até D. Affonso V) com terras do arcebispado de Braga, se encontrava, hindo do sul, pertencente ao bispado de Tuy, segundo as antigas divisões d'estas duas dioceses.

São pois descendentes dos bravos auregenses, os povos que habitam a serra de Arga e todas as suas ramificações, desde a margem direita do Lima até á esquerda do rio Minho, e desde Vianna até Caminha, pelo litoral, isto do S. ao N.—do E. a O., é a região comprehendida desde as serras de Arga e Coura, até ao litoral. (*Atlas Geral*, de mr. Brion, mappa 21.)

Temos memoria do chefe dos auregenses, em 460, e que os commandou contra os suevos. Chamava-se *Aspidio*. Só depois de prisioneiro este chefe, com sua mulher e filhos, é que os suevos conseguiram domar estes povos. *Leovigildus* (diz o Riclarense.) *Aregenses montes igreditur, Aspidium loci seniorem cum uxore et filiis captivos ducit, opesque ejus et loca in suam redigit potestatem.*

Cidade, simples castello, ou apenas uma parochia, foi Aurega reduzida a ruinas, não só pela resistencia dos seus povos, contra os invasores, mas tambem pelas continuas gueras que por algum tempo houve entre godos e suevos.

Longe me levaria o estudo de tudo quanto n'este territorio ha de notavel; mas, limitar-me-hei ao que aqui fica dito, e com o que disse em Ancora, Arga, Arcozéllo, Correlhan, etc., e com o que tenho ainda que dizer em Ponte do Lima e Vianna.

Se fosse a fazer de todas as nossas antiguidades um estudo mais completo, seria elle curiosissimo (e valeria bem a pena) mas o *Portugal Antigo e Moderno* tornar-se-hia interminavel.

MIGUEL DE COIMBRÃO (S)—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros de Leiria, 150 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Já a pag. 357 do 2.º vol., tratei d'esta freguezia; mas, como depois obtive mais esclarecimentos, os dou n'este logar.

Em 1636, o bispo de Coimbra, D. Diniz, desmembrou da freguezia de Monte Redondo, a actual de Coimbrão, dando-lhe por padroeiro, o Archanjo S. Miguel, porque já aqui havia uma ermida d'esta invocação. (Consta do Livro 3.º do *Registo*, a fl. 77.)

Em 1637, o bispo, D. Pedro Barbosa, deu licença para que esta ermida fosse benzida, e para n'ella se poder dizer missa. (Consta do mesmo Livro, a fl. 82.)

A capella-mór, sachristia e casa de residencia do parocho, foram feitas e são conservadas á custa dos freguezes.

A actual egreja foi construida pouco depois da creação d'esta freguezia.

No logar da Ervedeira, está a ermida de S. Thiago, mandada fazer em visita, para a administração dos sacramentos, em 1609. (Consta do Livro do *Registo*, a fl. 16 v.)

Os moradores da Ervedeira são obrigados á sua fabrica.

Na Ervedeira, ha uma lagôa que nunca secca. É grande, e no inverno inunda os sitios circumvisinhos. Cria *Ruivacos* (pequenos peixes, como camarões.)

Fica esta lagôa 3 kilometros a E. do mar.

Ha n'esta freguezia, um pinhal do municipio denominado *Pinhal do Concelho*, administrado pela camara de Leiria. Produz bôa madeira e dá bastante rendimento ao municipio.

MIGUEL DE COLMEIAS (S.)—Esta freguezia já está a pag. 362 do 2.º vol. Agora accrescento mais:

Tem as capellas da Piedade, da Egreja Velha e a da Memoria.

A fabrica da Sé, fabrica a capella-mór e sachristia, de tudo, assim como a residencia parochial. Os freguezes fabricam o corpo da egreja.

A matriz está em um valle, sem visinhança alguma, em sitio triste.

Em 1639, ardeu a capella-mór d'esta egreja, com tudo quanto n'ella havia.

Foi reedificada, por conta da fabrica, em 1641.

Em 1567, tinha esta parochia 180 fogos.

Havia nos limites d'esta freguezia, as ermidas de:

Santa Margarida do Pinheiro, que era muito antiga.

A de S. Silvestre, que estava na Ribeira.

Foram demolidas, por ordem do bispo, D. Manuel de Aguiar. A de S. Silvestre, em 1803 a 1804, e a de Santa Margarida, em 1804—à custa da egreja parochial, importando a sua demolição em 2$800 réis.

A imagem de S. Silvestre, foi para a egreja, onde ainda existe, e a de Santa Margarida, está em casa de um particular.

Este mesmo bispo, D. Manuel de Aguiar, mandou demolir, ou profanar, muitos outros templos da diocese, talvez por os julgar desnecessarios, e difficil a conservação decente de todos elles.

A capella de S. Silvestre, está proxima á *Venda do Gallego*. Faz-se aqui uma feira e bôdo, no 1.º domingo depois do dia do santo, com missa e prégação.

As offertas são do prelado, que, por isso, é obrigado á fabrica da ermida.

Na quinta que foi de Ruy-Barba, havia uma capella de Santa Maria Magdalena. Tanto a capella como a quinta (que era em volta da ponte da Magdalena, acabada de construir em 1856), já não existem.

A capella de Nossa Senhora da Memoria, está em um êrmo.—Foi feita pelo povo, em 1625, sendo *séde vacante*. (Consta do Livro 3.º do *Registo*, a fl. 42 v.)

—

No logar de *Sirões*, nasceu, em 1799, o padre Manuel Rodrigues de Faria, que morreu cura da *Vieira*, em 29 de setembro de 1867.

Escreveu varias obras, sendo uma em verso. Foi o melhor antiquario do bispado de Leiria, no seu tempo.

Sobre esta freguezia, entre outras coisas, deixou escripto o seguinte:

A freguezia das Colméias, foi priorado, taxado em 270 libras.

Em 1320, a egreja parochial estava perto de *Lagares*, d'esta freguezia. Depois, foi por muitos annos egreja parochial, a capella de Nossa Senhora da Piedade, da Egreja Velha, até que se construiu a actual matriz.

Os povos que pertenceram á antiga freguezia das Colmeias, eram—a actual freguezia de *Vermoil*, de *S. Simão*, de *Espíte*, da *Caranguejeira* (até ao rio d'este nome) os logares dos *Valles*, da *Barrocaría*, de *Santarem dos Tejos* e dos *Cardaes*.

A freguezia das Colméias, era mais rica do que a das Freixiandas; porque aquella pagava de decima 270 libras (9$720 réis), e esta pagava 60 libras (2$160 réis.)—(Já se vê que cada libra valia 36 réis.)

O terreno em que estava a primittiva matriz d'esta freguezia, é hoje de Antonio dos Santos, de Lagares, e está agora alli um moinho de vento.

Chama-se actualmente a este sitio *Cabêço do Tojal*, e ainda se veem vestigios da antiga egreja, que por elles se conhece e foi grande.

Ainda aqui se vêem espalhadas muitas carradas de telhas partidas. Quando se construiu o moinho de vento, appareceram muitas cáveiras e ossos humanos, que denotavam grande antiguidade, pelo seu estado de podridão.

O moinho, occupa mesmo o sitio onde esteve a capella-mór. Á porta da egreja (para o O.), havia um alpendre, do qual se acharam alicerces.

Era este logar muito bem escolhido para assento de uma egreja, por ser em um cabêço, elevado docemente sobre o terreno que o circumda.

A uns 1:500 metros ao O. d'esta aldeia de Lagares, ha um têso, ou cabêço, com uma pequena chapada, ou plató no seu cume, que é hoje um pequeno pinhal, entre as duas estradas (*Velha* e *Nova*). Foi aqui o assento da capella de Santa Margarida, no sitio onde agora se vê uma grande cóva, coberta de junqueira, e rodeada de caliça, telhas e algumas pedras de alvenaria.

Ainda a este sitio dá o povo o nome de *cabêço da Santa*, e uma fazenda contigua, tambem se chama *da Santa*.

Entre o cabêço onde existiu a egreja matriz e o logar do Barreiro, estendendo-se quasi até á actual aldeia de Lagares, existiu a antiquissima villa de *Alcovim*.

Perto do assento d'esta villa, ha a aldeia

do *Crasto*, que, segundo a tradição, é onde existiu o castello de *Alcovim*, que entrava na linha de fortificações que corria de Soure a Thomar. Ainda ha poucos annos aqui se via uma calçada, e ainda existe uma ponte chamada da *Villa*

Diz-se que esta villa foi dos templarios, e é certo que a ermida da Egreja Velha, foi d'estes cavalleiros.

A denominação de *Freiría*, que se dá a um logar da freguezia de Espite, diz-se tambem que é por ter sido dos freires de Christo, herdeiros dos bens dos templarios.

É certo que desde a *Freiría*, até á egreja d'esta freguezia, seguindo a sinuosidade do valle, a maior parte das propriedades que se encontram, foram, até 1834, de differentes ordens religiosas; sendo-o tambem varias propriedades da freguezia contigua, de S. Simão, e o logar da *Barrosa*.

Os *passaes* do parocho da freguezia, ainda são no terreno em que foi a tal villa.

O nome da villa, foi mudado, não se sabe quando, para o de *Colmêias*, que ainda tem a freguezia.

Diz um antigo manuscripto — *Colmêias*, antiga villa de Portugal, na provincia da Extremadura.

Hoje é apenas uma freguezia rural. Foi habitação de templarios, e assim o indicam uma capella e uma quinta, situadas a pouca distancia do logar d'onde fôra a villa.

O arco ogival da porta principal da capella, algumas pinturas das paredes e varios marcos que se tem achado em algumas escavações, provam de sobejo que tudo isto foi de templarios.

As pinturas são a fresco, e vêem-se algumas figuras representando cavalleiros do Templo. O povo as mandou cobrir sob uma grossa camada de cal.

Nos marcos se vê a cruz da ordem. D'esta capella, passou a parochia para a egreja actual, não se sabe quando; mas ainda alli existia pelos annos de 1740.

Vindo a esta freguezia o governador civil de Leiria, Antonio Vaz da Fonseca e Mello, em 1853, se procurou a edade d'ella, nos papeis antigos, que estavam na residencia parochial, e se verificou que tinha então 99 annos, vindo a ser a sua edificação em 1754.

Consta que, pelo terramoto de 1755, ainda a parochia era na Egreja Velha.

O que apenas se sabe com certeza, é que a egreja já existia em 1767.

Os da Egreja Velha se opposeram á transferencia da matriz. Para se mudar a pia do baptismo, foi preciso ser de noite, fazendo callar um guarda, ou espía, que aqui estava.

O bispo que então era, de Leiria, para fazer callar os da Egreja Velha, se obrigou a conservar-lhes o sacrario na sua capella, e a fazer lá residir os coadjutores da freguezia, que ao mesmo tempo diriam missa; o que durou até 1811.

Tinham os coadjutores que aqui residiam, a obrigação de curar os povos da parte da freguezia situada ao N. da estrada que desce da *Memoria* ao *Barracão*.

Em 1849 se tiraram os quatro altares lateraes da Egreja Velha, e em 1851 se lhe pozeram os dois que hoje tem no cruzeiro.

A torre da nova egreja, foi construida quando se fez o templo; mas, de calháus, e se veiu a arruinar, e foi acabada de demolir, em 1803.

Foi reedificada em 1806; mas só se fez até á cimalha. Continuou-se a obra em janeiro de 1851 e ficou concluida em março de 1852.

O sino mais pequeno, veiu do mosteiro da Batalha, dado pelo governador do bispado, João de Deus Antunes Pinto, em 1835.

No altar das almas, está uma inscripção, gravada em uma pedra, em 1857, que diz— *Este altar das Almas é privilegiado, por breve do Santissimo Padre Pio VI.*

O cemiterio parochial foi principiado em 1856, benzendo-se em maio de 1857, sendo a primeira pessoa enterrada n'elle Manuel Francisco Custodio, de Valle Longo, em 23 de agosto. Custou á freguezia 212$530 réis. No frontespicio tem esta inscripção:

NOSTROS EXAUDI GEMITUS NOSTROS CRUCIATUS ES QUOQUE PASSURUS GRATI ALIQUANDO ERIMUS.

Fez-se o desatterro da egreja em 1863, e o espaço central d'ella foi lageado em 1864.

Já disse a pag. 362 (no fim da col. 2.ª)

do 2.º volume, que no logar da Bouça, d'esta freguezia, nasceu José Daniel Rodrigues da Costa, que foi capitão de um dos bairros de Lisboa. Nasceu pelos fins do seculo XVIII e falleceu em Lisboa, no principio do seculo XIX.

Escreveu varias obras, sendo as mais notaveis—*O almocreve das petas*— *O barco da carreira dos tolos*—e algumas comedias, todas com muito espirito, e satyrisando os ridiculos do seu tempo.

MIGUEL DO FETAL (ou **FEÍTAL**) (S.)—Vide Feital, a pag. 161, col. 2.ª, do 3.º volume.

MIGUEL DO JUNCAL (S.)—Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Juncal*, a pag. 427 do 3.º volume. Accrescento agora mais o seguinte:

No logar do Juncal havia uma ermida dedicada a S. Miguel, archanjo, que era annexa á de Nossa Senhora dos Murtinhos, e os beneficiados de Porto de Mós iam a ella dizer missa (por turno) nos domingos e dias santificados, pelo que os moradores lhe davam certo ordenado de trigo, e ao padre, que ia dizer missa, lhe davam de jantar; ou meio tostão para elle; mas os sacramentos e enterros eram na egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos (Porto de Mós).

Foi erecta em freguezia, com a invocação de S. Miguel, que tinha a ermida.

Não se sabe com certeza a época da creação d'esta freguezia, mas ha bons fundamentos para crer que já existia em 1554.

Consta de um antigo livro das obrigações das missas e assentos d'esta freguezia, que Jorge Fernandes Soudo e sua mulher Gúiomar Braz, da Boeira, edificaram n'esta egreja uma capella de Nossa Senhora da Conceição, sendo lavrada a escriptura da instituição, nas notas do tabellião Luiz Dias, de Aljubarrota, em 1554.

Este Jorge Fernandes Soudo era um morgado muito rico d'aquelle tempo, e tinha na sua propria aldeia uma ermida (de S. Bento) que ainda existe, com capellão alli residente, pago e sustentado por elle; e se elle instituiu na egreja do Juncal uma capella, que muito bem podia instituir na da Boeira, é porque aquella era já então matriz.

Outro facto que prova ter a egreja sido construida em 1554, é que, quando se demoliu a antiga egreja, em 1777, para se fazer a actual, conheceu-se então que a capella estava de tal sorte encorporada e travada, pelas suas paredes, com a egreja, que não podia deixar de ter sido construida com ella, desde os fundamentos. É este facto que prova que a egreja foi construida em 1554. Tambem consta que o referido morgado concorreu com avultadas esmolas para a construcção d'esta egreja, para a qual se aproveitaram as materias da antiga capella de S. Miguel, que existia no mesmo sitio. Outros dizem que a velha ermida ficou servindo de capella-mór, e que o corpo da egreja e a capella de Nossa Senhora da Conceição foram construidas então, unidas á ermida.

Já disse a pag. 427 do 3.º volume, que era o povo quem apresentava o cura. Segundo o *Portugal Sacro e Profano*, recebia elle annualmento 380 alqueires de trigo, e segundo o *Couseiro*, o povo apresentava o cura, pagava as despezas da fabrica da egreja, capella-mór e casas do cura, e lhe dava de *porção* um alqueire de trigo cada freguez casado, e meio alqueire os viuvos e solteiros. O commendador da egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos, lhe dava 16 almudes e 8 canadas de mosto, e o vigario e beneficiados de S. Pedro, de Porto de Mós, 8 almudes e quatro canadas do mesmo vinho mosto. Tinha mais o cura as offertas da parochial e suas annexas.

A egreja tem um alpendre, como quasi todas as egrejas antigas.

Em 1777, a instancias do zeloso parocho João Coelho de Brito, um dos mais virtuosos do bispado, no seu tempo foi accrescentada a egreja em fundo e altura, adornada com boas cantarias, e ficou uma das mais bonitas e elegantes egrejas do bispado de Leiria. Tem uma esbelta torre, com quatro sinos, e um relogio alli collocado em 1857

O corpo da egreja tem interiormente *cimalha real*, paredes estucadas e pintadas a fresco, rodapé d'azulejos de dois metros de

altura, com quadros do antigo testamento. O tecto é estucado, com muitos relevos, e pintado a fresco, tendo no centro uma grande elipse, com a imagem do padroeiro, pintada a oleo. O altar de Nossa Senhora do Rosario é de marmore branco, dourado. O retabulo da capella-mór é da mesma materia e côr, e tambem dourado, tendo duas columnas de marmore encarnado e branco.

O interior da capella-mór está em tudo egual ao corpo da egreja. Tem duas sachristias, a do lado esquerdo tem cimalha, tecto estucado e varios emblemas do Santissimo Sacramento, em relevo. Tudo quanto ha de trabalho de cinzel n'este templo, é dos afamados cantei-ros João Rodrigues da Silva e Sousa, e de seu irmão José Rodrigues da Silva e Sousa, naturaes do Juncal. Foram elles e seu pae, Joaquim da Silva, e seu avô que fizeram o magestoso templo de Nosso Senhor dos Milagres.

A capella de Nossa Senhora da Conceição, que mandou fazer o morgado referido, era de abobada. O seu instituidor deixou um legado annual de 12 missas rezadas e uma cantada, e 50 réis ao visitador, em cada anno, para saber se se cumpria o legado.

Eram dez missas pelas almas dos instituidores e duas pelas almas de seus paes. A cantada era em dia de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro) e n'esse mesmo dia vestia o administrador do vinculo (em cumprimento da obrigação imposta na instituição d'elle) quatro pobres, com roupa de panno de lan, da fabrica de Alcobaça. Jorge Coelho aboliu este morgado, em 1770, e com elle acabou o legado.

O administrador do vinculo era obrigado á fabrica d'esta capella. Foi tambem demolida em 1777.

Nas trazeiras da egreja está um excellente cemiterio fechado, construido em 1840.

—

No logar da *Boeira* está a ermida de S. Bento, de que já fallei.

No de *Pica-Milho*, a de S. Sebastião.

No de *Choupardo*, a de Nossa Senhora da Piedade.

Todas foram construidas pelos moradores d'estes logares, e dos visinhos.

Foram feitas para administração dos sacramentos.

Acima do valle do *Ribeiro de Antão*, a de S. Miguel, do Peral.

E a capella de Santa Rufina, no sitio do mesmo nome.

Todas estas cinco capellas são antigas.

Ha mais as modernas seguintes:

Nossa Senhora do Desterro (hoje de Santo Amaro) na antiga *quinta do Juncal*, hoje chamada *quinta do Escalhão*.

Nossa Senhora do Amparo na *quinta da Parvoíce*, na *Cumeira*. Foi feita pelos annos de 1750, por Silverio da Silva, fidalgo de Alcobaça, e pessoa de muita virtude, que tambem fez a capella do Bom Jesus, de Cóz.

Nossa Senhora do Carmo, no *Valle d'Agua*. Foi feita por um particular, em 1744.

Santo Antonio, no *Andão*, feita em 1794, com esmolas que arranjou Manuel Francisco, de Andão. Era já um pequeno oratorio antigo, onde, á noite, hiam os moradores do logar fazer as suas orações.

MIGUEL DO MILHARADO (S.)—freguezia, Extremadura, concelho de Mafra, comarca de Cintra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 650 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Em 1757 tinha 342 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Nicolau, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

N'esta quantia eram avaliados os fructos, que recebia, que eram um moio de trigo, 20 alqueires de cevada, um tonel de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

Foi do antigo concelho de Enxára dos Cavalleiros, comarca de Torres Vedras.

Tinha uma antiga albergaria para viajantes pobres, a cada um dos quaes dava 60 réis diarios, mas não podiam aqui estar mais de tres dias.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

MIGUEL DO OUTEIRO (S.)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 12 ki-

lometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 370 fogos. Em 1757 tinha 239 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

Era um antigo concelho, com 1:100 fogos, que foi supprimido depois de 1834.

D. Diniz lhe deu foral, em Coimbra, a 20 de maio de 1288. (*Livro dos foraes velhos*, gav. 11, maço 11, n.º 36, § 36.)

Não tem foral novo.

N'esta freguezia está a aldeia de *Parada de Gonta*, patria do sr. Thomaz Ribeiro, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, e mimoso poeta da actualidade. Foi governador civil de Bragança e depois de Lisboa.

Para a sua biographia, vide *Parada de Gonta*.

—

No logar de *Parada de Gonta*, que fica a 3 kilometros de distancia da egreja matriz, está a antiga capella de Nossa Senhora da Conceição, que tinha capellão privativo.

A imagem da Senhora é de pedra, e foi feita em Coimbra, pelos annos de 1500. Tem 1 metro d'altura.

Está esta capella edificada sobre uma grande lagem, que occupa todo o chão da ermida e lhe serve de pavimento.

É um templosinho pequeno, tendo apenas 24 palmos de comprimento e 15 de largo, e não tem capella-mór, e tem um só altar.

Foi edificada esta ermida para n'ella ouvirem missa os povos de Parada, por lhe ficar distante a egreja parochial, e serem d'aqui para ella, péssimos os caminhos.

Faz-se a festa d'esta ermida, a 8 de dezembro (dia da padroeira), e é bastante concorrida.

A villa do Outeiro é muita antiga; mas não pude saber quando, ou por quem foi fundada, e qual foi o seu primeiro nome, se é que teve outro. O actual lhe provem da sua posição sobre uma eminencia.

MIGUEL DA PEDREIRA (S.)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Thomar, 110 kilometros ao N. de Lisboa.

Era da prelazia de Thomar (hoje patriarchado) e districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia, que tinha 100 fogos, está ha muitos annos supprimida.

No logar da Senhora das Neves, no sitio do *Prado*, que pertencia a esta freguezia, houve fabrica de fundição de balas de artilheria, com motor hydraulico, com as aguas do rio Nabão. Está aqui uma ponte de um só arco (mas grande), proxima á quinta que foi dos freires de Christo, de Thomar.

Em *Valle de Carvalho*, outra aldeia que foi d'esta freguezia, ha uma fonte d'agua mineral, chamada a *fonte de S. Miguel*, junto á egreja, muito efficaz para a cura de molestias cutaneas.

Por esta extincta freguezia, e junto á capella de *Santo Antonio dos Pégões*, passa a agua que vae para o convento de Christo, de Thomar, por um aqueducto de muitos e altos arcos, formados uns sobre os outros, e todos de pedra lavrada, quando passa em baixos. Quando tem de passar em elevações, vae por tunneis.

Tem tres reservatorios abobadados, no convento, onde se recebem estas aguas. (Vide *Thomar*.)

MIGUEL DO PINHEIRO (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Almodovar, concelho de Mértola, 120 kilometros a O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 336 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É uma freguezia rica e fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

MIGUEL DO PINHEIRO DE AZERE (S.)—Vide *Azere*.

MIGUEL DE POIARES (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 8 kilometros a NE. do Peso da Régua, 85 kilometros a NE. de Braga, 102 a ENE. do Por-

to, 12 ao N. de Lamego e 335 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O *Portugal Sacro* e *Profano*, não traz esta freguezia, de certo por esquecimento, pois é muito antiga.

Foi por muitos annos do julgado de Panoyas.

Em 1290, reinando D. Diniz, se procedeu a inquirições para o foral de Poiares, mas nunca se chegou a expedir.

É n'esta freguezia a pequena villa de *Canellas* (ou *Canellas de Poyares*), que foi por seculos cabeça do concelho do seu nome, que tinha 1:060 fogos e foi supprimido em 1853.

Ainda tem o edificio, que foi casa da camara e cadeia, e é pequeno e insignificante.

Para o mais, vide *Canellas*, pag. 88, col. 1.ª, do 2.º vol.

MIGUEL DE POIARES (S.) — freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Poyares (Santo André), 18 kilometros de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra, apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

(Vide *Poiares*, villa.)

MIGUEL DE RANS (S.)—Vide *Canas* e *Rans*, pag. 77 do 2.º vol.

MIGUEL DE RIO TORTO (S.)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 120 kilometros da Guarda, 140 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 201 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario da freguezia de S. João Baptista, de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

MIGUEL DE VILLA BOA DE OUZILHÃO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor da freguezia da Soeira, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Muito gado e caça, do mais pouco.

MILAGRES — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto e bispado de Leiria, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Nosso Senhor dos Milagres.

Evito a descripção d'esta freguezia, copiando aqui o que está escripto nos azulejos da capella-mór da sua egreja matriz. É o seguinte:

> «Até ao anno de 1728, da era vulgar, em que Deus Nosso Senhor quiz mostrar n'este sitio a sua omnipotencia, era este logar um deserto, cujos mattos davam pastagem aos gados do povo d'esta ribeira visinha, sempre denominada as *Quintas* da Ribeira da Godim, que n'este tempo pertencia á freguezia de S. Sebastião de Regueira de Pontes, d'este bispado de Leiria; d'onde então era bispo o ex.mo sr. D. Alvaro de Abranches, e lhe succedeu o ex.mo sr. D. João de Nossa Senhora da Porta, depois arcebispo, d'Evora Cidade, cardeal da Cunha, regedor das justiças e inquisidor geral, que foi o mesmo que fez este templo freguezia, depois de passados alguns annos de sua erecção.
>
> «N'este mesmo anno, que era o de 1728, vivia na falda d'este monte, na frente d'este mesmo templo, um homem chamado Manuel Francisco Maio; que era léso da cintura para baixo, que apenas se podia mover em cima de uma cortiça, ajudado só das

suas mãos, e assim passava a vida, mendigando. Um dia, dia d'este mesmo anno, sahiu este homem para a sua costumada tarefa, de pedir esmola, e veiu arrastando-se, por entre os mattos, até ao lugar em que agora se acha collocada a capella mór, e aqui a cortiça se lhe despedaçou e ficou inhabil para d'aqui poder passar. N'este mesmo tempo soavam por toda a parte os continuos milagres que experimentava quem com fé se valia da protecção do Senhor Jesus d'Aveiro. Este afflicto homem cheio da mais viva fé, dando sentidissimos ais, gritou pelo Senhor Jesus d'Aveiro, que o melhorasse, e lhe prometteu que lhe iria levar um painel, se o Senhor fosse servido que elle podesse caminhar. N'este mesmo tempo (caso maravilhoso!) ficou em um profundo somno, e passados alguns minutos acordou são e sem sombra de molestia; e logo, dando louvores a Deus por tão assignalada mercê, se encaminhou para sua casa, deixando n'este mesmo logar os fragmentos de cortiça, que por descuido se não conservam para memoria.

«Admiravam todos os seus visinhos tão grande prodigio, de verem são e livre de molestia aquelle que ha poucos minutos tinham visto sahir arrastando-se. E logo no dia seguinte foi elle dicto Manuel Francisco Maio, ao lugar dos Balres, d'esta mesma freguezia, onde assistia um pintor, chamado José de Abreu, e lhe levou uma tábua, em que o dicto pintor lhe fez a imagem do Senhor Jesus, a qual elle, com muito contentamento, trouxe para sua casa. E como era muito pobre, no espaço de dois annos nunca se poz a caminho para ir levar o painel ao Senhor Jesus d'Aveiro, como tinha promettido. Confessou a sua falta, e o seu confessor lhe determinou o collocasse no mesmo logar onde tinha recebido o prodigio; o que elle logo fez no mez de maio d 1730. Collocou n'este mesmo lugar o dicto painel, em uma cruz, tosca. Depois de estar assim arvorada a cruz, com o painel, observou-se que os gados que actualmente vinham pastar a estas charnecas visinhas, fugiam, obrigados da mosca, e vinham juntar-se ao pé da cruz. Alli paravam e se deitavam, virados para o Senhor, formando um circulo, em torno da cruz. Causou isto tanta admiração a estes povos visinhos, que todos em ranchos, vinham visitar o Senhor, a quem n'este tempo chamavam o Senhor do Maio; e como o Senhor foi servido logo fazer innumeraveis mercês a quem o invocava com viva fé, todos exclamaram: *Senhor dos Milagres!* e os mesmos que receberam os prodigios, lhe pozeram este soberano titulo. E em pouco tempo foram tão copiosas as esmolas de dinheiro, trigo, milho, cêra, azeite, novilhos e outros generos, que logo se deu principio a este famoso templo, para cuja erecção chamaram o mestre José da Silva, do logar do Juncal, que foi o que construiu esta obra, mais o mestre Joaquim da Silva, seu filho, até ao estado presente.

«Era assombro ver-se n'aquelles tempos a multidão de enfermos que, de muitas partes, vinham a este sitio, a implorar a misericordia do Senhor: deixando os aleijados aqui ficar as molêtas, e outros offerecendo-lhe muitos quadros, em que ternamente confessavam os favores re-

cebidos. E logo que se começaram estas obras, entrou a trabalhar n'ellas, como trabalhador, o dito Manuel Francisco Maio. Estando a obra já na altura da cimalha real, cahiu uma pedra, de carrada, e o levou comsigo ao chão, onde todos o esperavam morto; este se levantou são e foi continuando no mesmo trabalho. Passados alguns annos, andava elle em cima de uma escada armando de cortinados o Apostolado que está por cima da dita cimalha; e cahindo a escada, elle ficou em cima da cimalha; sem o menor perigo.

«Viveu este célebre homem, sempre pobre; morreu decrepito; e jaz aqui mesmo.

«E eu, José Rodrigues da Silva e Sousa, neto do dito mestre José da Silva, fiz este azulejo e o mandei aqui collocar, na era de 1795, e escrevi fielmente esta historia, escripta pelo reverendo padre Luiz Gomes, thesoureiro actual d'esta egreja, sendo bispo de Leiria, o ex.mo sr. D. Manuel de Aguiar, inimitavel devoto e zeloso do culto de Deus, que para sempre vive e reina.»

MILHA—Antes da introducção do systema *metrico-decimal*, era a milha uma medida geographica de longitude.

Uma legua terrestre tinha 3 milhas, e cada milha 1:000 passos geometricos, com pequena differença, 2 kilometros da medida actual. Esta medida foi introduzida nas Hespanhas pelos romanos. A milha romana, tinha 10 *estadios*, vindo a ter cada um d'estes, 100 passos geometricos. Cinco *estadios* formavam um dos actuaes kilometros.

(Vide *Estadio*, a pag. 68, col. 1.ª, do 3.º vol.)

MILHÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago S. Lourenço.

O cabido da Sé de Miranda (Bragança) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Vide *Milhom.*)

MILHAR DO CABÊÇO—sitio do Alemtejo, na coutada de *Alcogúlo* (propriedade do sr. Lecocq) que foi da alcaidaria-mór de Castello de Vide, e fica 7 kilometros a O. d'esta villa, sobre a margem esquerda da ribeira de Niza, e distante um kilometro d'esta ribeira.

Ha n'esta propriedade 5 *dolmens*.

1.º—No sitio do *Milhar do Cabêço*. Nas escavações aqui feitas, appareceram quatro machados de pedra, dos tempos pre-celticos.

2.º—A 36 metros da antecedente. Nas escavações que aqui se fizeram, se encontraram tambem tres machados de pedra, e uma pedra de os afiar.

3.º—Na coutada do *Porto dos Pinheiros*, tambem do sr. Lecocq. Está servindo de curral de porcos, e mettida pela parte opposta á entrada actual da coutada, em um muro que a separa da coutada de Alcogúlo; mas hoje teem ambas as coutadas esta ultima denominação. Para transformarem este dolmen em curral, encheram de parede, os intervalos dos esteios perpendiculares.

4.º—No sitio da *Torre da Coutada de Alcogúlo*.

5.º—A pouca distancia da antecedente: apenas d'elle restam vestigios.

O abbade Audierne (*De l'origine et de l'enfance des arts en Perigord*, pag. 34) diz que *l'oronge* (especie de coguméllo) ainda envolvido na sua capsula (a que os francezes chamam *boule* e os portuguezes-antigos-bolêto) é chamado *cougoulo* (cogulo) da palavra celta *bardo-cucullos*.

Parece provavel que o nome de *Alcogúlo*, dado a uma vasta floresta de carvalhos, tenha a mesma origem (antepondo-lhe o artigo *al*, arabe) ou pela abundancia de coguméllos que por aqui houvesse, ou porque tambem se chamasse cogulo ao fructo do carvalho (landre) por causa da capsula que cobre a sua base.

MILHARES, MILHAZES e **MILHAGENS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de *Faria*. (Vide a pag. 139, col. 1.ª, do 3.º vol.)

Segundo a tradição, tem esta freguezia o nome actual, porque em uma sanguinolenta batalha que aqui deram os portuguezes contra os mouros, morreram muitos *milhares* d'estes. É porém mais provavel que o seu nome venha de *milharaes*, em razão dos seus campos produzirem muito milho.

MILHER—portuguez antigo—milha.

MILHEIRÓS DA MAIA—freguezia, Douro, no concelho da Maia, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento, fóra os dizimos. (Vide adiante.)

Tem esta freguezia tido 18 parochos, incluindo o actual reverendo abbade.

Esta freguezia era uma aldeia da parochia de Aguas Santas, que d'ella foi desmembrada e constituida freguezia, entre os annos 1578 a 1580, no reinado do cardeal D. Henrique.

Os rios Leça e Almorode, regam esta freguezia, aquelle pelo E. e S., e este pelo O. — O Almorode (que é um ribeiro) desagúa no Leça, junto a Milheirós, mas na freguezia de Guifões. Ambos trazem mugens, bógas, escallos, barbos, trutas e enguias. Réga e móe.

Em alguns diccionarios geographicos se dá ao Leça o nome de *rio de Milheirós*.

É terra abundante de trigo, centeio, milho, vinho (verde) linho e algum azeite. Cria muito e bom gado bovino, que em grande parte vae para Inglaterra.

Consta que o primeiro nome d'esta povoação foi *Miliarós*, derivado do latim *milium* (milho)—vindo a ser *terra do milho*.

Fica esta povoação entre as duas estradas reaes, que vão do Porto para Braga e para Guimarães. É limitada ao N. pela freguezia de Nogueira, a E. pelo rio Leça, freguezias de Aguas Santas, e S. Mamede de Infesta, e ao O. pelo ribeiro *Almoróde* e freguezia de S. Faustino de Guifões.

É esta freguezia uma perfeita peninsula, de fórma quasi quadrada; porque, a E., S. e O. está cercada pelos rios Leça e Almoróde e só pelo N. tem um isthmo, que a une á freguezia de Nogueira.

Tem de comprido, de N. a S., desde o logar de Moscalhos até a ponte da Parada (sobre o Leça) 947 metros—e de largo, de E. a O., desde a ponte de Além do Rio (tambem sobre o Leça) até á ponte do Arquinho (sobre o Almorode) 778 metros. Tem 5 kilometros de circumferencia.

O seu territorio é quasi plano, apenas ondulado por pequenas e formosas collinas.

O logar do Pinheiro (ao S.) está sobre um pequeno outeiro, do qual se descobre toda a freguezia e algumas circumvisinhas. Ao NE., está o monte do Penêdo. As outras elevações são, ao N., o monte das Cruzes, e a Pedra Cuca — ao SO., o alto de Covas, e ao SE., o monte da Carriça.

É composta esta freguezia de 16 aldeias que são—Agra, Agra-Nova, Agrella, Alvura, Arco, Arroteaça, Arroteia, Bacéllos, Beçada, Calvilhe, Cima de Aldeia, Egreja, Fundo-de-Villa (ou Fundevilla) Monte das Cruzes, Pinheiro e Ponte.

Todas estas aldeias ficam muito proximas umas das outras, em razão da pequena area da freguezia.

A aldeia de Fundevilla, é muito linda e composta de ricos lavradores.

Calvilhe tambem é uma bonita aldeia, mas os seus habitantes são pobres.

A aldeia de Monte das Cruzes, tem este nome por estar alli o Calvario da parochia.

A do Pinheiro é assim chamada, por causa de um grande pinheiro que aqui houve antigamente.

A de Agra-Nova, é uma povoação fundada pelos annos 1830.

Ha n'esta freguezia optimo granito para edificações, pelo que não só se exporta para as freguezias circumvisinhas, mas até em grande quantidade para o Brazil.

Os melhores edificios particulares d'esta freguezia, são as do sr. Manuel Martins Ferreira, de Cima da Aldeia, e da sr.ª Maria Rosa Alves da Ascenção, da Agra.

Tambem são dignas de menção, as casas dos srs. Antonio da Silva Balthazar e Antonio Ferreira da Silva Torres, em Fundevilla, a de Manuel José da Cruz e a de Maria Gonçalves Ferreira, em Alvura—e a residencia do parocho, junto á egreja matriz.

Esta ultima é das melhores do concelho. É um vasto e sumptuoso edificio, fundado no meiado do seculo XVIII, sendo então abbade Manuel Luiz Caldas Falcão.

No logar onde hoje se vê a residencia parochial, houve uma antiga capella, dedicada a Santa Luzia, onde concorriam muitos romeiros. Já não existe.

Perto d'esta ermida havia uma fonte (no caminho da egreja), que foi entulhada em 1859.

Com respeito a esta fonte, ainda por estas terras se canta a seguinte quadra:

Bôa terra é Milheirós,
Dá de beber a quem passa:
Tem a fonte no caminho,
Santa Luzia na praça.

—

Disse que esta freguezia tem tido 18 abbades, são:

1.º—Bernardo Luiz—desde 1586, até 25 de setembro de 1613, em que falleceu.

2.º—Manuel João—que morreu em 1615.

3.º—Francisco de Torres—que morreu em 1627.

4.º—Gaspar Coelho de Carvalho—que morreu em 1629.

5.º—Antonio do Canto—que morreu em 1659.

6.º—Pantaleão de Sousa—que morreu no mesmo anno de 1659, em que foi feito abbade.

Era pensionario perpetuo da egreja de S. Salvador, de Folgosa, d'este concelho da Maia.

7.º—João Soares de Bulhões—que tomou posse em 1660, e morreu a 4 de outubro de 1666.

Até á vinda do novo abbade, foi encommendado, o padre Pedro Freire.

8.º—Domingos Cerqueira—tomou posse em 1667, e morreu em 25 de outubro de 1685.

Serviu de encommendado, até 1687, o padre Domingos Alves, d'esta freguezia.

9.º—Pedro Henrique Tavares—tomou posse em 1687, e falleceu em 22 de abril de 1717. Foi um dignissimo pastor d'esta freguezia.

No seu tempo se reedificou a egreja, para o que elle muito concorreu, fazendo á sua custa a capella-mór e a sacristia, cujos tectos mandou ornar com ricos retabulos.

Por sua morte, serviu de encommendado, o padre Domingos Jorge, natural d'esta freguezia.

10.º—Francisco Velho de Macêdo—não se sabe quando parochiou. Morreu em 13 de novembro de 1703. (Vide adiante.)

11.º—João da Silva—não se sabe o anno em que morreu este abbade, nem o tempo que foi parocho.

Sabe-se que foi collado em 1704.

Tambem se sabe que Pedro Henriques Tavares, era abbade no anno de 1703, e em 13 de novembro de 1705, continuando sem interrupção até ao anno de 1717, em que falleceu.

Por conseguinte, João da Silva, só poderia parochiar um anno, e Francisco Velho de Macêdo, apenas alguns mezes.

Talvez o abbade Tavares desistisse do beneficio em 1703, sendo n'elle collado Francisco Velho de Macêdo, e que fallecendo este, em 13 de novembro do mesmo anno, viesse João da Silva em 1704, e fallecendo tambem este, entrasse de novo Tavares, em 1705.

O abbade João da Silva, era natural da freguezia de S. João Baptista, da Silva Escura, no bispado de Viseu.

12.º—Domingos de Figueiredo—natural da freguezia de S. Pedro de Infias, no bispado de Viseu.

Tomou posse, em 29 de junho de 1717, e falleceu na sua terra natal, em 4 de novembro de 1747.

Foi encommendado, até 1750, o padre José Pedro Pacheco Pereira.

13.º—O dr. Manuel Luiz de Caldas Falcão—natural da freguezia de S. Salvador de Barbeita, comarca de Valença do Minho.

Morreu em 9 de novembro de 1781.—Foi durante o tempo d'este venerando abbade, que se construiu a residencia parochial.

Este abbade assignalou com brilhantes acções, a sua carreira parochial. Foi modelo dos parochos, e muitas cousas que elle fez, ou promoveu, em beneficio espiritual, revelam o seu zêlo e inteligencia.

Pelo seu fallecimento houve dois encommendados—o padre José da Silva Pinto, natural de Campanhan, que falleceu em 16 de dezembro de 1782, e o padre Manuel José da Silva, natural da freguezia de Villa Nova da Telha, que serviu até 1784; hindo depois para reitor da freguezia de S. Felix da Marinha, então comarca e concelho da Feira, e hoje no concelho de Gaya, comarca do Porto.

14.º—José Joaquim Pereira da Costa—natural de Villa Nova de Gaya. Tomou posse em 18 de novembro de 1784, e falleceu a 27 de agosto de 1804. Foi um parocho exemplarisssimo, e a egreja de Milheirós lhe deve grande parte dos seus adornos. Era um eximio calligrapho, o que prova a belleza da letra dos assentos nos livros de nascimentos, casamentos e obitos da freguezia, feitos por elle.

Por sua morte, foi encommendado, até 1805, o padre José Antonio dos Santos, natural d'esta freguezia.

15.º—Manuel José Dias de Abreu e Nobrega—natural da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Aboim da Nobrega, no arcebispado de Braga, concelho e comarca de Villa Verde. (então de Pico de Regalados.) Tomou posse em 10 de abril de 1805, e morreu em 31 de março de 1826.

Por sua morte, foi encommendado, o padre Manuel Alvares dos Santos, natural d'esta freguezia. (Este ecclesiastico viveu depois, muitos annos, fóra da freguezia e falleceu em 1868.)

16.º—João de Almeida Magalhães de Sousa—natural da freguezia de Santo André, de Villa Bôa de Quires. (antigamente comarca e concelho de Penafiel, e hoje, comarca e concelho do Marco de Canavezes.)—Era cura da freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, na comarca e concelho de Rézende, bispado de Lamego.

Tomou posse, em 15 de setembro de 1827, e falleceu a 7 de janeiro de 1856.

A memoria d'este virtuoso parocho será eterna entre o povo d'esta freguezia.

Era um varão de vida exemplar: muito zeloso no cumprimento dos seus deveres parochiaes; muito instruido, e fallava com muita elegancia. Era respeitado por todos quantos o conheciam.

Por sua morte, foi encommendado, o padre Agostinho Alvares dos Santos e Silva, natural d'esta freguezia, até ao dia 30 de outubro de 1856.

É actualmente abbade, collado, da freguezia de Santo André de Canidêllo, no concelho de Gaya.

17º—Antonio da Ascenção e Oliveira—natural da freguezia de S. Lourenço de Asmes, no concelho da Maia. Tomou posse, em 30 de outubro de 1856, e parochiou, até 18 de outubro de 1867, em que tomou posse da freguezia d'Aguas Santas, contigua a esta.

No pouco tempo que foi abbade de Milheirós, o sr. Ascenção, vinculou o seu nome em Milheirós, ás grandes obras que no seu tempo se fizeram na parochia, e para as quaes elle era o primeiro a concorrer e a tomar a iniciativa: taes são, a torre dos sinos, o cemiterio e outras.

É tambem um distincto orador sagrado.

Ficou servindo, como encommendado, o padre Esmeraldo Moutinho dos Santos, que principiou a parochiar em 19 de outubro de 1867, até 1869.

É oriundo da freguezia d'Aguas Santas, d'este concelho; mas natural do Brasil. É um sacerdote illustrado e virtuoso.

18.º—*Antonio Alberto de Madureira*—collado em 1869, e é o actual abbade de Milheirós.

É de notar que tendo esta freguezia sempre muitos clerigos, nem um só dos seus abbades foi d'aqui natural.

Quando se pagavam dizimos, rendia esta freguezia para o abbade, quasi 700$000 réis por anno; mas este rendimento era onerado com os encargos seguintes: — pagar a terça á basilica patriarchal de Lisboa—um censo á mitra do Porto — e uma pensão ao donatario do reguengo da Maia. Tinha tambem a seu cargo a fabrica da egreja, os paramentos e os concertos na casa da residencia. Ficavam-lhes livres uns 500$000 réis.

—

A egreja parochial está situada quasi no centro da freguezia, na aldeia por isso mesmo chamada da *Egreja*; mas tambem alguns lhe dão o nome de *Meio da Aldeia*.

Abriram-se os alicerces d'esta egreja, em 17 de maio de 1697 e no mez de novembro já estava concluida. Foi benzida a 12 de dezembro do mesmo anno, dizendo-se então aqui a primeira missa.

Serviu de primeira matriz d'esta parochia, a capella de Santa Luzia, que depois foi ampliada, e serviu de egreja parochial até 1697. Foi demolida para no local que occupava se construir a actual residencia do parocho.

Havia n'esta egreja uma rica alampada de prata, e oito varas do paleo, do mesmo metal, que os francezes roubaram em 1807. (Eram os *protectores* dos portuguezes, e saqueavam tudo por onde passavam! Vieram cá difundir as luzes, e robaram-nos as alampadas!)

Esta alampada fôra collocada na capella-mór, em 1758, tendo custado 80$000 réis, que para este fim deixára em testamento, Sebastião Ferreira.

No côro, ao lado do Evangelho, está o orgão, que é o melhor d'estas terras.

O tecto da capella-mór é ornado com bellas pinturas, representando varios *passos* e mysterios de Jesus Christo e da Santissima Virgem. Esta obra foi feita á custa do abbade Pedro Henriques Tavares, em 1711.

O papa, Pio VI, por bulla de 13 de novembro de 1798, concedeu indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados, aos que bem confessados e commungados visitarem esta egreja, nos dias 13 de dezembro, 25 de julho e 21 de setembro: isto *in perpetuum*. Deve-se esta concessão ao zêllo do abbade José Joaquim Pereira da Costa.

Desde 1760 até 1810 teve sempre esta egreja um altar privilegiado, que foi, ora o do Bom Jesus, ora o da Senhora do Rosario, ora o altar-mór. Cada um d'estes privilegios durava sete annos, e findo o ultimo, não se impetrou outra concessão.

N'esta freguezia só hoje existe uma capella, que é a de Nossa Senhora da Piedade, fundada junto á egreja, em 1746, pelo padre João Alves da Cruz e suas irmans, Isabel dos Passos e Josefa Maria do Sacramento, que moravam proximo da mesma capella.

Do lado direito da egreja, se levanta a elegante e soberba torre dos sinos, construida de 1859 a 1860.

Foi feita com esmolas, promovidas por uma commissão, composta dos srs., abbade, Antonio da Ascenção e Oliveira, o padre Antonio José da Cruz Neves e Silva, o padre João Vieira Neves Castro da Cruz, Manuel José da Cruz, Antonio José da Cruz e Agostinho Alves dos Santos e Silva. Foi mestre pedreiro, Joaquim da Silva Penêdo, da freguezia de Aguas Santas.

Lançou-se-lhe a primeira pedra, no dia 14 de abril de 1859, e concluiu-se no dia 3 de março de 1860.

É toda de cantaria, e custou um conto de réis.

Tem tres sinos, sendo um muito grande.

Collocou-se aqui um relogio em 1866, que custou 150$000 réis; tambem á custa de donativos voluntarios, dos freguezes.

No frontespicio da torre está a seguinte inscripção, gravada em uma pedra.

LAUDATE
DOMINUM IN CYMBALIS
BENE SONANTIBUS.
(Ps. 150.)

Nas trazeiras da torre, sobre a porta da entrada, está esta inscripção :

ANNO MDCCCLIX CONDITA FUIT.

Ao S. da egreja, e proximo ao adro, está o cemiterio parochial, o melhor do concelho, pela sua bella disposição e capacidade. Foi construido em 1864. Já n'elle se vêem quatro elegantes e pomposos mausoleus. É construido em terreno que era um campo do passal. A sua administração está a cargo da irmandade do *Subsino*, e tem regulamento, aprovado em conselho de districto, a 22 de maio de 1863.

O adro que circunda a egreja é espaçoso. Foi feito em 1708, e ampliado em 1860.

A architectura tambem foi ampliada, em 1868, construindo-se-lhe então um segundo pavimento, sobre a antiga.

—

Esta freguezia é muito fertil. O milho grosso que aqui se colhe, chega não só para o consumo da freguezia, como para abastecer as circumvisinhas. Anda por 200 moios que se recolhe de milho. Tambem produz trigo, centeio, linho, hortaliças, legumes, vinho, etc.

A colheita do trigo e centeio, regula por 2:000 alqueires. Antes do *oidium*, produzia, termo medio, 100 pipas de vinho, hoje apenas produz a terça parte.

Havia grande numero de castanheiros e abundancia de castanhas; mas a moslestia que deu n'estas arvores, principiada em 1832 e continuada nos annos seguintes, destruiu a maior parte dos castanheiros.

Ha n'esta freguezia abundancia de pinheiros e carvalhos; algumas arvores fructiferas, e poucas oliveiras.

—

O monte do *Penêdo*, está situada ao NE. da freguezia, dividindo-a da de Nogueira e da aldeia de Ardegões. Tem 27 metros sobre o nivel da planicie.

Era antigamente baldio, mas, a requerimento dos povos, uma provisão regia, do 1.º de agosto de 1814 (do principe regente, depois D. João VI) o mandou repartir pelos parochianos d'esta freguezia.

Esta provisão foi julgada por sentença da camara do Porto, em 16 de novembro de 1816.

É n'este monte que se encontra o melhor granito da Maia.

—

Durante o cêrco do Porto (de 1832 a 1834) esteve n'esta freguezia algum tempo acampado parte do exercito legitimista, no logar da Agra : era a divisão do general Antonio Joaquim Guedes de Oliveira. O sr. D. Miguel I, teve o seu quartel general, no logar da Ponte da Pedra, Proximo a esta freguezia.

Tambem esteve aquartellado em Milheirós, o marquez de Bellas, pae do conde de Ponbeiro e avô do actual marquez de Bellas.

Durante o cêrco se desinvolveu na cidade do Porto e nas freguezias circumvisinhas o terrivel flagello da cholera-morbus, importado pelo exercito liberal, e que matou muitas mil pessoas; mas esta freguezia foi poupada ao flagello, não morrendo um só dos seus habitantes.

É tão salubre o clima de Mileirós, que nunca aqui tem penetrado as varias epidemias que devastaram as fregdezias immediatas.

Apenas em 1868, as bexigas que tantas victimas fizeram n'este concelho e no de Bouças, em pessoas de todas as edades, aqui matou algumas creanças.

—

Á nobre obsequiosidade do reverendissimo sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, illustrado sacerdote, natural d'esta freguezia, devo quasi todos os esclarecimentos sobre esta freguezia. Este benemerito cavalheiro, não só me deu na sua *Descripção topographica e historica da freguezia de S. Thiago de Milheirós*, que publicou em 1868, como levou a sua benevolencia ao ponto de me dar apontamentos manuscriptos sobre esta e outras freguezias do concelho da Maia. Ao sr. Castro da Cruz, o meu eterno agradecimento.

—

É acturl administrador do concelho da Maia, o sr. Manuel Rodrigues da Cruz, para

aqui transferido,da administração do concelho de Villa Nova de Gaia.

Este cavalheiro junta e allía ao maior zêllo no cumprimento dos seus deveres, o respeito e acatamento devido á sacrosanta religião catholica e apostolica romana.

É com o maior prazer que transcrevo aqui uma circular que elle dirigiu aos seus regedores, por ser um documento altamente christão e civilisador, que honra sobre maneira tão digno magistrado.

Eis o documento precedido de algumas palavras do jornal do Porto a *Palavra :*

«Ha dias publicamos na *Palavra* um officio que o sr. Manuel Rodrigues da Cruz, novo administradar do concelho da Maia, dirigiu aos regedores do seu coecelho. N'esse officio lhes ordenava o sr. Cruz que tomassem nota das pessoas que não prestassem a devida consideração e respeito aos parochos e mais ministros da religião, afim de serem punidos os refractarios a este dever sacratissimo.

«O digno administrador da Maia, mandava que os regedores empregassem os meios mais energiços para reprimir taes abusos, e que fizeszem sentir aos seus administrados que sem ministros da religião não póde haver religião, e sem religião não ha sociedade possivel, sendo a consequencia a dissolução social.

«Não é menos digno de ser conhecido de todos o officio que anteriormente o mesmo administrador transmittiu aos parochos do concelho da Maia.

É o seguinte :

«Ill.mo e rev.mo sr.—Nomeado, por decreto de 18 de março, administrador d'este concelho, é do meu dever fazer d'isto sciente a v. s.ª, e significar-lhe que, sendo os parochos os membros sociaes a quem ligo a maxima importancia, pela convicção profunda em que estou de que d'elles depende essencialmente, como primeiro élo da cadeia social, o bem estar dos povos, o socego das familias e a tranquilidade publica, não devo eximir me a pedir a sua coadjuvação para o bom e fiel desempenho da missão de que estou encarregado.

«E, porque estou convencido que ella me será prestada com toda a lealdade e franqueza, desde já asseguro a v. s.ª que no administrador do concelho encontrará, além do executor da lei, o magistrado que nunca se recusará a prestar-lhe qualquer serviço que não vá de encontro á mesma lei ; o que importa dizer-lhe que garantirei e farei garantir todas as prerogativas que lhe são concedidas, e a força que todos carecem, nomeadamente aquelles que vivem em concelhos ruraes.

«Deus guarde a v. s.ª—Maia 26 de março 1874. — Ill.mo e rev.mo sr. abbade de... — O administrador, *Manuel Rodrigues da Cruz.*»

MILHEIRÓS DE POARES (ou **POYARES**) freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao E. da Feira, 30 ao S. do Porto, 50 ao NE. de Aveiro, 10 ao N. de Oliveira de Azemeis, 280 oo N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 116 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) do convento da Serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi mrimeiro do padroado do mosteiro de Grijó (da mesma ordem) e quando o convento da Serra do Pilar se tornou independente d'este, passou o padroado d'esta e de outras egrejas para o da Serra.

O foral da Feira, dá a esta freguezia o nome de *Milheirós de Poyares ;* comtudo, parece-me mais etymologico *Poyares. Poares,* como se diz, é improprio, pois não é palavra portugueza, nem arabe, nem celta, nem castelhana.

Poyar, é portuguez antigo—significa—subir; trepar; fazer pouzo ou escalão de alguma cousa, para tomar um posto ou logar mais eminente. *Cortávão braços, e mãos a todos aquelles, que viam travar nas bordas pera* poyar *acima das gallés.* (Gomes Eannes de Azurára — *Chronica do conde D. Pedro,* liv. 1.ª, cap. 8.ª)—Vide *Poymento* e *Poyo.*

Esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz. Tem muitos pinhaes,

e abundancia de arvores silvestres. Cria muito gado bovino, exportando a maior parte para a Inglaterra. Cria tambem bastante gado miudo, especialmente ovelhas e porcos.

Ha na extremidade septentrional d'esta freguezia, uma aldeia chamada *Mâmoa*; provavelmente por ter aqui existido algum monumento celta d'este nome (Vide a pag. 45 d'este volume.)

—

Foi esta freguezia solar dos Perestrêllos, que ainda hoje aqui teem descendentes lavradores.

Era Perestrêllo um appellido nobre em Portugal, que veio da Lombardia (Italia.)

Procede de Philippe Perestrêllo, cavalleiro lombardo, da cidade de Placencia, que veio a Portugal, no reinado de D. João I, em 1431, com D. Leonor, mulher do principe D. Duarte, que subiu ao throno em 1433, por morte de D. João I, seu pae.

Em 1433 lhe mandou D. Duarte passar carta de nobreza e lhe deu brazão d'armas, que mandou registar no respectivo livro, em 1437.

O brazão d'armas que o rei deu a Philippe Perestrêllo, para elle e seus successores, é—escudo dividido em palla—na 1.ª, de ouro, leão de púrpura, armado de negro—na 2.ª, de prata, banda azul, carregada de 3 estrellas de ouro, de 8 pontas, e entre 6 rosas da sua côr (3 de cada lado) com sua folha verde, em palla. Timbre, o leão do escudo, com uma estrella do mesmo, na espadua.

Outros Perestrellos, trazem — em campo de púrpura, banda azul, perfilada de ouro, carregada de 3 estrellas do mesmo, de 8 pontas, e entre 6 rosas, de prata, 3 de cada lado, de quatro pétalas, sahindo de entre ellas uma folha de ouro.

—

Era d'esta familia, Bartholomeu Perestrêllo, célebre navegador portuguez.

MILHEU—portuguez antigo—julga-se ser certo panno que vinha de França. *Huum manto meu de milheu, sarado com cendal verde.* (Doc. de S. Thiago de Coimbra, de 1319. (Vide *Mirleu* e *Mirleus*.)

MILHO—vide *Milhom.*

MILHO NEGRO—portuguez antigo—milho miudo, que tem a côr de um rôxo quasi preto. Tambem se chama *milho zaburro*, e *milho da Senhora da Lapa.* Na Terra da Feira, dão-lhe o nome de *milho-grôllo.*

MILHOM—portuguez antigo—milho miudo.—Em um testamento de S. Simão da Junqueira, feito em 1289, se diz :—*It. a Stevão Joannes, de Perafita, ou aos seos heréés* (herdeiros) *hum quarteiro de milhom.*

Em todos os documentos antigos, onde se falla de *milhom*, deve sempre entender-se milho miudo ; porque não havia outro.

O a que hoje chamamos simplesmente *milho, milho grosso, milho maiz, milhão*, e *milho de maçaroca*, só foi conhecido em Portugal, no seculo XVII, trazendo-o da India, *Paulo de Braga.* Consta que ao principio era prohibido semeal-o, e só alguns cultivavam poucos pés, nas suas hortas e jardins.

É tradição que a primeira cultura em grande, d'este cereal, foi no campo de Coimbra.

Ainda no principio d'este seculo, pouco milho grosso se cultivava na Extremadura, Alemtejo e Algarve ; hoje constitue a principal cultura de todas as provincias de Portugal e ilhas, e é o pão da maior parte dos nossos lavradores e de muitas familias, sobre tudo, de Coimbra para o norte.

MILHORÍA—portuguez antigo—e mais—ainda mais alguma cousa — contrapêso. *E cada tres ferraduras de asnar pesaram meio arratel, e melhoria* (*Regimento* de 1480, no *Livro Vermelho* de D. Affonso V, n.º 51.)

MILITES—portuguez antigo — cavalleiro —do latim, *miles*, ou *milites. Milites de Coviliana sint in Judicio pro Podestades, et Infançones de Portugal.* (Foral da Covilhan, de 1186.)

Em outros muitos documentos antigos se vê a palavra milites, significando cavalleiro, plebeu ou fidalgo. (Vide *Viseu.*)

MILHUNDOS ou **MELHUNDOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade do mosteiro benedictino de Bustêllo, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

MILHUNDRES ou **MULHUNDRES**—solar e titulo de viscondado, do sr. Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior. É no concelho dos Arcos de Valle de Vez.

Sotto-Maior é um appellido nobre em Portugal, cuja familia é de Galliza, onde ha a casa dos duques de Sotto-Maior. Passou a Portugal, na pessoa de D. Pedro Alvares de Sotto-Maior (senhor da casa d'este appellido) no reinado de D. Affonso V.

Foi n'este reino, conde de Caminha. Casou com D. Thereza de Távora, e tiveram filhos, que foram para Castella, depois das pazes que fizemos com aquelle reino, ficando sómente D. Nuno Sotto-Maior.

Depois voltaram para Portugal, D. Christovão e D. Alvaro, que viveram em Abrantes e em Castello Branco, sem successão.

De D. Nuno, pois, procedem os Sottos-Maiores de Portugal.

Trazem por armas—em campo de prata, 3 coticas, em faxa, xadresadas de ouro e púrpura, de 3 peças, em palla, perfiladas de negro. Timbre, um leão de prata, carregado de tres coticas do escudo.

Outros do mesmo appellido, trazem as mesmas armas, porém com a ordem do meio do xadrez das coticas, tapada de preto.

Estas são as dos Sávedras; por virem de um irmão dos Sottos-Maiores.

Ainda outros ramos d'esta familia usam as suas armas mais ou menos alteradas e accrescentadas, em razão de se ligarem com outras familias.

MILLIA—Era uma parochia da provincia do Minho, no arcebispado de Braga. Ainda existia no reinado de D. Affonso II, o que consta do livro dos padroados reaes do arcebispado de Braga. Não se pode saber hoje a situação d'esta freguezia. Alguns pretendem que seja a de *Milhares* ou *Milhazes* (S. Romão) na comarca e concelho de Barcellos, arcebispado e districto administrativo de Braga.

MILLIARES (Marcos milliares) — Vide *Braga, Geira, Estadio, Estradas romanas* e *Milha.*

MILREU, MIRLEU, MIRLAU, MILRREU e **MILIREU**—portuguez antigo—de todos estes modos se escrevia esta palavra, que parece nada mais significar do que *francez*, ou estrangeiro, coisa de França ou estrangeira.

É certo que no principio da monarchia portugueza vieram a este reino muitos estrangeiros, principalmente de França, os quaes, feita a sua veniâga, ou se domiciliavam aqui, ou regressavam ás suas terras; mas, emquanto aqui estavam, precisavam de hospitaes ou albergarias em que se recolhessem e curassem.

Em muitas partes tiveram estas casas de abrigo, e aos sitios onde ellas estiveram ainda se dá o nome de *Milheu, Mileu, Milreu* ou *Mirleu.*

Em Coimbra, onde depois se fundou o collegio de S. Paulo, havia uma d'estas casas; que principiou logo desde a conquista d'esta cidade por D. Fernando Magno, em 1064; pois já no tempo do governo do conde D. Sisnando, se fundou o mosteiro de *S. Jorge d'apar de Coimbra*, na *matta de Mirlaus*, (*Chron. dos Conegos Regrantes*, por D. Fr. Nicolau de Santa Maria. *Monarch. Lusitana*, Liv. 8.º, cap. 4.º, fl. 12, col. 2.ª)

É provavel que este sitio fosse pertença do dito hospital de estrangeiros.

Em 1093, quando o conde D. Henrique veio para Portugal, e *em dias de D. Martinho Muniz, e de sua mulher, Elvira Sisnandiz* (filha do conde D. Sisnando) *fez João Gudezendiz uma doação, ad Aulam Sancti Salvatoris, Obedientiæ Vaccarizæ, quæ est fundata in Colimbria Civitate, juxta illos* Mirleus *qui dicuntur.* (Doc. original do cabido de Coimbra.)

A egreja do Salvador, de Coimbra, era *obediencia*, priorado, ou pequeno mosteiro, da filiação do da Vaccariça, emquanto este não foi doado, pelo conde D. Raymundo e a

rainha D. Urraca á Sé de Coimbra, com todos os seus bens e pertenças, em 1094, sendo bispo d'esta cidade, D. Cresconio.

Continuou este hospital ou albergaria debaixo da protecção real, entre as egrejas do Salvador e a de S. Pedro, como consta de uma sentença, da collegiada de S. Thiago, de 1344.

D. Manuel I aggregou esta e outras albergarias, ao hospital real de Coimbra.

Tambem se vê que *Mirleu* é *coisa de francezes*, pela doação do couto da ermida de Santa Comba, junto ao rio Córgo (ou Córrego) por D. Affonso Henriques, em 1139, na qual se falla na *fonte de Mirleu*, junto ao *palacio Francisco*. (Vide *Francisco*.)

Já disse na *Guarda*, que proximo e ao E. d'esta cidade, ha um sitio chamado *Mirleu* (hoje *Mileu*) onde houve uma albergaria do mesmo nome, e junto d'ella houve tambem *emparedadas*.

Suppõe-se que os portuguezes dos principios da nossa monarchia davam aos francezes o nome de *mirleus*, derivado do allemão *mirle* ou *schmirling*, uma especie de açôr de grandeza de um melro, ou pouco maior, a que nós chamamos *esmerilhão*. (Outros dizem que é o a que hoje se dá o nome de *francêlho*, que vem a ser synonimo de *mirleu*-francez.)

Estas aves de rapina são naturaes da Suecia e da Noruega, e arribam para a peninsula hispanica, no principio do inverno, e se vão com elle.

MILREU—sitio do Algarve, junto á grande aldeia e freguezia de Estoy, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e proximo de Faro. Estoy está situada em um cabeço, em cujos arredores tem apparecido muitos vestigios de antigos edificios, que alguns pretendem ser os restos da antiga *Ossonóba*. (Vide *Estoy*.)

Milreu, como disse, fica proximo a Estoy e aqui se acham vestigios de antiquissimas construcções. Ainda aqui existe um templo que parece ser romano; ainda ha poucos annos se conservavam as suas formosissimas malhas de ordem corinthia, e no interior estava revestido de bellos mosaicos de côres, do tamanho de dados de jogar.

Tinha exteriormente uma escadaria de 4 ou 5 degraus, tambem revestida de mosaico.

Em uma escavação aqui feita, em 1835, se achou uma sepultura de marmore com duas amphoras dentro.

Tem-se encontrado outras muitas sepulturas antiquissimas n'estes campos, que hoje são vinhas.

Havia tambem aqui um grande aqueducto, do qual ainda ha bastantes vestigios, mesmo á flor da terra. Vêem-se ainda solidos alicerces de argamassa e cal betuminosa, ou *cimento romano*, a que os antigos escriptores dão o nome de *phenicio*, *formatium* ou *formatum*. (Parece que é d'isto que nós fizemos *formigão*.)

Todas estas ruinas se vêem desde Faro até Estoy, no *Campo da Trindade*, e em *Milreu*, que fica proximo.

De varios documentos antigos se deprehende que, na baixa do sitio denominado *Santo Antonio do Alto*, ou mais propriamente *Campo da Trindade*, junto a Faro, havia um grande *esteio* ou *estuario* (esteiro) que dava ingresso á maré, quasi até junto de Estoy, e d'ahi lhe veio a denominação de *Estuaria*, pelos *esteios* que cortavam a sua campina em diversas direcções.

Em Ossonoba se cunhou moeda no tempo dos romanos. Diz-se que no *monetario* do bispo de Beja, Cenaculo, havia uma medalha de Ossonoba (egual a outra descripta pelo padre Flores, *Medalhas d'Hespanha*, pag. 111, Madrid 1773 e corresponde á Tábua 65, n.º 4) que tinha de um lado um navio com velas largas, e no reverso um peixe, com a palavra *Ossonoba* por cima.

O Algarve cahiu em poder dos *tadjebitas*, alliados com Abdallah-ben Alafiz, o qual se tinha declarado emir soberano; ficou porém fóra do jugo dos Beni-Allafftuz, o moderno Algarve, que se constituira um principado independente, regido pelo Wasir Ahmed-ben-Said, a quem succedeu seu genro Said-ben-Harun.

Sendo Omyah-ben-Isah-Abu-Iahia, al-kaid de Santarem, e seu irmão Mohammed wasir,

ou conselheiro na côrte de Córdova, teve o kalifa motivos de queixa contra Mohammed, e o mandou matar. Em razão d'esta barbaridade, se irou contra o kalifa o al-kaid de Santarem (irmão do assassinado) e ligando-se com o rei D. Ramiro, de Leão, lhe prestou obediencia com um grande numero de cavalleiros mouros do Algarve, entregando-lhe todos os castellos da sua dependencia.

Ossonoba estava então muito arruinada, assim como *Faron*, e os arabes, julgando melhor sitio para a moderna cidade (que queriam alli fundar) aquelle de Faron, a reedificaram á custa das ruinas da velha cidade de Ossonoba. E tão verdade é isto, que nas muralhas e torres ainda se vêem preciosos cippos, lapides (algumas com as letras voltadas) e columnas, servindo de alvenaria.

D. João V, por alvará datado de Lisboa Occidental, aos 20 de agosto de 1721, ordenou ao ouvidor da comarca de Faro, José Barreto Soares, que d'alli em diante nenhuma pessoa de qualquer qualidade ou condição que fosse, desfizesse ou destruisse, em todo ou em parte, qualquer edificio, cippo ou lapide, que, tendo letreiros, mostrassem ser do tempo dos phenicios, gregos, romanos, barbaros ou arabes, recommendando á camara de Faro que tivesse muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades que houvessem ou viessem a apparecer (Liv. 2.º do registo antigo da camara de Faro, pag. 126).

D. Affonso III e o famoso D. Payo Peres Correia, tomaram o castello de Faro, aos mouros, em 28 de março de 1249.

MINA—portuguez antigo—o mesmo que *módio*. Era uma medida de superficie, de que usavam os antigos portuguezes. Tinha 120 pés de comprido e o mesmo de largo. Levava um alqueire de pão, de semeadura. Vinha a ser uma área de 1:600 metros quadrados.

MINA—serra, Douro, no extincto concelho de Maiorca, hoje comarca e concelho da Figueira da Foz. É a continuação do Cabo Mondêgo, que, começando alli, vem quebrar-se em S. Fins, depois de passar pela Brênha e Alhada, onde se divide em pequenas ramificações.

MINAS—Parece que os antigos lusitanos se não occupavam na exploração de minas, emquanto os phenicios, os carthaginezes, os romanos e os arabes lhes não ensinaram a maneira de as lavrarem.

Se dermos credito a muitos escriptores antigos, o ouro e a prata se encontravam em tanta abundancia á superficie da terra, que os lusitados o empregavam nos mais baixos misteres, como ferramentas de lavoura, armas e outros instrumentos do uso commum.

Os diversos invasores da Lusitania, depois de se apoderarem, por bem ou por mal, do ouro e prata que acharam assim tão mal empregado, trataram de explorar as veias metalicas, no interior da terra.

Em innumeraveis partes de Portugal se vêem ainda hoje clarissimos vestigios de mineração em grande escala, e muitas e vastas galerias nos mostram hoje que a lavra de minas se effectuou por muitos seculos consecutivos, a ponto de esgotarem os nossos mais ricos jazigos mineraes.

N'aquelles tempos só se lavravam as minas de ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, e poucas de ferro.

Expulsos os mouros de Portugal, ainda os portuguezes continuaram a lavrar algumas minas; porém a descoberta da India e do Brasil, foi pouco a pouco acabando esta industria.

As nossas antigas leis, longe de protegerem as emprezas mineiras, lhes oppunham tantas difficuldades e as sobrecarregavam de tão grandes impostos, que isto tambem concorreu para desanimar os mineiros.

No primeiro quartel d'este seculo, apenas poucas minas se lavravam, e todas por conta do estado.

Mas nós perdemos grande parte das nossas possessões da Asia e da Africa, e por fim o Brasil, e então reviveu a industria mineira; e pouco e pouco se foram creando emprezas ou companhias de mineração, algumas das quaes são hoje florescentes. As principaes vão nas terras onde estão situadas.

Em 1867, já se contavam em Portugal, perto de 300 minas, empregando-se n'ellas mais de 5:000 operarios.

Os principaes jazigos em exploração, são de cobre, estanho, chumbo, antimonio, manganez, ferro, carvão de pedra (lignites e anthracites.)

Os marmores, argilas, ardosias (lousas) e outros materiaes para construcções, para a estatuaria e para a industria ceramica, tambem abundam em Portugal.

A collecção de productos mineralogicos portuguezes, que figurou na exposição de Londres, em 1862, e na de Paris, em 1867, foi muito apreciada pelos entendedores, e revelou-lhes as riquezas mineralogicas do nosso solo.

As differentes amostras das nossas aguas thermaes, tambem foram escrupulosamente analysadas e devidamente apreciadas, pelas suas incontestaveis virtudes therapeuticas.

É pena que algumas d'ellas (a maior parte!) estejam tão descuradas, revelando o nosso desmazêllo, em objecto tão importante, e do qual tantos beneficios poderiam vir á nação em geral, e ás povoações onde nascem essas aguas, em especial.

MINDE—serra, Extremadura, principia nos Pyreneus e finda em Cintra, no mar.

Os antigos lhe chamavam *Monte Tagrus*. (outros dizem que este nome pertencia só a *Monte Junto*.)

Em Portugal tem varios nomes, segundo a sua posição topographica—vgr.—serra da Estrella, serra de Aire, Monte-Junto, serra de Cintra, serra de Minde, serra d'Albardos, etc.; mas é tudo uma cadeia de serras e collinas, ramo dos Pyreneus.

Tem minas de diversos metaes, azeviche, crystal de rocha, carbonato de cal e marmore.

Já Plinio, descrevendo esta serra, diz que ella é abundante em minas metalicas.

Dista de Torres Novas 6 kilometros. N'ella nasce o rio Almonda, que passa a esta villa.

A serra de Santo Antonio, que faz parte d'esta de Minde, é muito linda. Produz muitas flores e muitas pedras de varias côres. Tem muitas cavernas, cheias d'agua, e cisternas artificiaes, algumas, obra dos mouros. A serra de Santo Antonio, tem 6 kilometros de comprido, desde a aldeia do *Covão do Fecto*, até *Alvados*, ou *Albardos*.

Na serra de Minde, têem os moradores d'aquelles sitios feito muitas casas, que arrendam aos estudantes, que de todo o reino aqui têem affluido, a estudar o que lhes ensinam dois frades do Váratôjo, que aqui residem.

No cume da serra, está a capella de Santa Martha.

Vide *Aire*, serra, e *Monte Junto*.

MINDE—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Móz, 30 kilometros de Leiria, 115 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 409 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

É terra muito fertil.

O prior de S. João, da villa de Porto de Mós, e os beneficiados de Santa Maria, da mesma villa, apresentavam annual e alternativamente o cura, que tinha 100$000 réis annuaes, ou 60 alqueires de trigo, 1 pipa de vinho môsto e 3$000 réis em dinheiro.

Tinha mais, as offertas e pé d'altar, e algumas amentas voluntarias, de meio alqueire de trigo. Isto tudo era avaliado nos ditos 100$000 réis.

É esta villa que dá o nome á serra antecedente, por lhe ficar proxima.

Esta freguezia teve principio em uma ermida, da invocação de *Nossa Senhora do Cerejal*, onde hiam dizer missa aos moradores d'este logar, os beneficiados de Santa Maria de Porto de Móz, por turno. Os sacramentos e os enterros, porém, eram na matriz de Santa Maria.

Foi depois erigida em curato, com a mesma invocação, que depois se mudou para Nossa Senhora da Assumpção, que é o actual.

O vigario e beneficiados, fabricavam a capella-mór e sachristia, com os ornamentos, e a casa da residencia. O vigario contribuia com uma parte e os beneficiados com duas; porque a egreja de Santa Maria tinha mais rendas n'esta freguezia, do que a de S. João. O corpo da egreja era fabricado pelos fre-

guezes. A mesma divisão se fazia com o ordenado do cura.

Havia aqui o antigo costume de as mulheres acompanharem os maridos á sepultura; e, porque com seus gritos e lamentações perturbavam o acto, mandou o bispo D. Martim Affonso Mexia, em visita, no anno de 1611, cessar esta pratica, ordenando ás viuvas que ficassem em casa, resando por alma do defuncto.

Ha duas sachristias. A imagem da Senhora do Cerejal, tem um Menino Jesus, com um ramo de cerejas na mão.

O sacrario é de pedra e dourado; foi feito em 1547. A egreja é sumptuosa.

Fica esta freguezia a 3 kilometros de Mira. Diz-se que um senhor gôdo, chamado *Mendenho*, lhe deu o nome, que se corrompeu no actual.

Está collocada entre as duas povoações de Monte de Coelho e serra de Santo Antonio.

A povoação é cercada de frondosas arvores.

Ha n'esta freguezia duas capellas, a de S. Sebastião e a de Santo Antonio. Havia aqui um hospicio de religiosos arrabidos, que foi supprimido em 1834.

Fabricam-se n'esta freguezia, bureis e saragoças. É a terra dos cardadores, que vão exercer o seu officio por varias povoações.

Foi villa, e é muito antiga; mas não se sabe quando, nem por quem foi fundada. Nunca teve foral.

A capella de Santo Antonio, fica á entrada da povoação, no sitio chamado *Eiras*. A imagem do padroeiro, foi queimada pelos francezes, em 1807.

Depois, um individuo d'aqui, chamado Romão, que andava pelas outras terras a cardar lan, achou em uma capella mal segura, uma imagem de Santo Antonio. Furtou o santo, e mettendo-o, dentro de um sacco, o levou para a sua terra. Chegando perto de Minde, escondeu a imagem, e foi á povoação pedir que a viessem buscar procissionalmente.

Os *mindricos*, visinhos da egreja, ouvindo tocar os sinos, e sabendo para o que era, declararam que não hiam á procissão; porque na sua egreja tinham um Santo Antonio; porém os das Eiras, foram em maça. Pozeram o santo em um andor, e, ao passarem por Minde, cantavam o seguinte:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus amado,
Accuda-nos sempre
O teu santo amparo.

Respondiaml-he os de Minde:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus amado,
Trouxe-te o Romão,
N'um sacco, furtado.

Diziam os das Eiras:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus querido,
Proteja-nos sempre
O teu patrocinio.

Respondiam os de Minde:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus querido,
Trouxe-te o Romão,
N'um sacco escondido.

(Devemos confessar que os de Minde eram mais fortes em poesia, pois achavam mais facilmente consoantes, do que os das Eiras.)

Ainda actualmente ha aqui dois partidos de Santo Antonio—os do Santo da egreja e os do da capella; e, nem os de Minde servem o Santo da capella, nem os das Eiras servem o da egreja.

—

Á entrada do logar de Minde, da parte do campo, está uma ermida, dedicada a S. Sebastião, que é muito antiga.

No logar de *Mira*, ha outra capella, da invocação de Nossa Senhora do Amparo. (É hoje a egreja matriz da freguezia de Mira, com a mesma invocação.)

No logar do *Covão do Carvalho*, ha a de S. Silvestre, papa.

No logar de *Pia-Carneira*, ha a de Santo

Antonio. (Pia-Carneira, é nome de mulher.)

Na serra de Minde, ha a de Santa Martha, feita em 1613.

—

Na entrada do logar de Minde, junto á estrada que vem de Torres Novas, está um monumento de pedra, levantado sobre degraus, no qual, segundo a tradição, foi sepultado um *D. David.*

Foi aberto no seculo XVII, e se achou dentro d'elle, um osso e alguma terra.

Ha junto a Minde, um campo, ou veiga, com 1:500 metros de comprido, chamado *Lagôa de Minde*, no qual ha muitas vinhas, e algumas cearas. N'elle rebenta, no inverno, um cano d'agua, por uma bôcca de uns 4 metros de altura, que é a sahida de um canal subterraneo, de 1 kilometro de comprido.

Esta bôcca está junto ao logar de *Mira* (freguezia), d'onde vem sahindo (a ferver) a agua, e sáe juntamente, por algares subterraneos, no mesmo campo.

Tem sido explorado este canal, que não tem sahida, senão esta, e só se tem encontrado a agua que corre pelo seu pavimento.

Tem acontecido trasbordarem estas aguas alagando o campo, e conservando-se n'elle alguns mezes. Já aconteceu estarem as vinhas inundadas até 24 de agosto, sendo depois podadas, e mesmo assim produzirem muito vinho.

No verão, a agua desapparece pelos mesmos algares subterraneos.

Então se pescam com a maior facilidade, muitas, grandes e saborosas eirozes.

A este campo tambem dão o nome de *Lagôa de Mira*, por ficar proximo ao lugar d'este nome.

Dizem que, quando aqui se sóme a agua, rebenta nas fontes e ribeiros das freguezias das Córtes e Reguengo.

MINDÊLLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao NO. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. João Evangelista.

O mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) de Moreira, apresentavam o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil e fica na costa maritima septentrional d'esta provincia.

Todos os papeis publicos, dizem que o sr. D. Pedro e o seu exercito, desembarcaram na praia de Mindêllo, em 8 de julho de 1832. Não ha tal. Desembarcaram em um pequeno porto, ou varadouro, chamado *praia dos Ladrões*, proximo ao logar de *Arenosa de Pampellido*, entre as freguezias de *Lavra* e *Perafita*: e tanto que a este sitio dão uns o nome de *Pampellido de Lávra*, outros o de *Pampellido de Perafita.*

Foi exactamente n'este logar que desembarcou o exercito liberal, e não em outro. Aqui se erigiu ha poucos annos um pequeno monumento, commemorando este desembarque, mudando-se-lhe então o nome de *praia dos Ladrões*, para o de *Memoria*, que é como hoje se lhe chama.

Espero que nenhum liberal de bôa fé me levará a mal esta rectificação historico-topographica; porque a minha obrigação é narrar os factos como elles se passaram, e collocal-os no logar que lhe pertence. Nem o nome do sitio depõe contra, ou a favor dos que n'elle desembarcaram. (Vide *Lavra*, pag. 59, col. 2.ª, do 4.º vol.)

MINHO—rio—que divide a nossa provincia do Minho, da de Galliza. Nasce em *Fuente Miña*, na provincia de Lugo (Galliza) proximo a *Mondoñedo*, e junto de *Meira* e do logar de Castro de Rei, a poucas leguas da raia das Asturias, em uma lagôa, que está a 577 metros sobre o nivel do mar, engrossando logo a sua corrente com varios rios maiores do que elle, que perdem o seu nome, para formarem o Minho.

Atravessa a provincia de Lugo, em cuja extremidade já vem abundante de aguas. Crusa a provincia de Orense, e n'ella, a estrada que vem de Vigo a Castilla, regando valles fertilissimos; e depois de dividir a Galliza em duas partes quasi eguaes, serve de divisão entre Portugal e Hespanha—isto desde a confluencia do rio Trancoso (6 kilometros acima de Melgaço), até á sua fóz (50 kilometros)—O seu curso total é de 250

kilometros.—Vide *Benis*, *Caminha* e *Coura*, rio.

Recebe o rio *Barjas*, perto de Melgaço. É navegavel apenas 40 kilometros, desde a sua fóz.—Passa entre Melgaço e a freguezia Gallêga de Redinhos—entre Monção e a freguezia gallêga de Salvaterra—entre Valença e a cidade episcopal (gallêga) de Tuy—entre Villa Nova da Cerveira e a freguezia gallêga de Gaião—entre Caminha e a aldeia (gallêga) da Passagem, da freguezia da pequena villa da Guardia, ficando-lhe do lado da Galliza (N.) o alto pincaro de Santa Tecla, que se vê a muitas leguas de distancia.

Diz-se que desagúa no mar por duas barras; mas não é exacto. Este rio tem uma só barra, mas, como no meio d'ella está o ilheu e o forte da Insua (que é portuguez), o vulgo dá o nome de *barra gallêga*, á parte do rio que fica entre este ilheu e a Galliza—e á parte que fica entre o mesmo ilheu e a praia de Caminha, dão o nome de *barra portugueza*.

A chamada barra gallêga, só tem fundo para pequenas embarcações; á nossa dá ingresso a hiates, lugres, brigues, etc. (Vide *Insua* e *Caminha*.)

Ha pelo meio d'este rio varios ilhotes, a que aqui dão o nome apropriado, de *insuas* (de *insula*, ilha) que apenas produzem herva, mas de má qualidade, para o sustento do gado. Dão a esta herva o nome de *canosa*. É uma especie de *murraça*, e o terreno em que ella expontaneamente se cria, é o a que nas provincias do Sul de Portugal se dá o nome de *murraceira* ou *murraçal*. (Vide *Murraça*.)

Estas insuas, pertencem umas á Galliza outras a Portugal, e outras são communs. Estas são objecto de varias desordens entre portuguezes e gallegos, por todos quererem colher a *canoza*.

E' o rio Minho abundantissimo de optimo peixe; distinguindo-se o famoso salmão, o saborosissimo sôlho, o excellente savel, e a gostosa lampreia.

Não se póde dizer hoje com certeza, qual foi o primeiro nome d'este rio. Querem alguns que fosse *Sil*, e Bochart diz—*Sil proprie limus est rubri coloris, quo inter pigmenta utimur*.

E' certo que o rio *Sil* é um dos afluentes do Minho, porém aquelle nasce acima de Ponferrada 30 kilometros, e a mesma distancia de Villa Franca del Bierzo; e desde o seu nascimento até se metter no Minho, tem mais comprimento do que este rio, desde a sua origem até ao mar.

Diz-se que depois se lhe deu o nome de *Minium*, em razão das minas de *minio* ou *zarcão* que havia junto das suas margens; mas é mais provavel que o nome actual d'este rio provenha dos limos encarnados *(limus rubri coloris)* que se encontram em alguns sitios d'este rio. E' certo que Plinio, Strabão e outros escriptores antiquissimos, já lhe dão o nome de *Miniu*, e o sabio bispo Orosio lhe dá tambem o nome de Minho.

Strabão diz que este rio tinha dois nomes, *Benis* e *Minho*—o primeiro era o nacional e o segundo o que lhe davam os romanos. Parece-me, porém, que o nome de *Benis* era o antigo do rio *Coura*, que em Caminha se junta ao Minho.

E' este rio, um dos cinco principaes de Portugal (os outros são—Guadiana, Tejo, Mondego e Douro.)

A foz do Minho não tem soffrido alteração alguma ha dois mil annos a esta parte. Strabão, no livro 3.º, pag. 153, diz que na sua foz tinha uma ilha e dois caes, que faziam dois portos. *(Ante ostia ejus sita est insula, et duae crepidines portubus praeditae.)*

Diz este geographo que no seu tempo era este rio navegavel, por espaço de 800 estadios (25 leguas, ou 150 kilometros) o que é manifesto engano d'este escriptor, ou erro de copia, porque em mais livro nenhum se encontra que este rio fosse navegavel acima de Monção, que está a 35 kilometros da foz; e mesmo assim, só até Lapella é que podem ir barcos de maior lotação, porque d'ali para cima, até Monção, (8 kilometros) só vão barcos de menos tonelagem.

De Monção para cima, até S. Christoval, (24 kilometros) só ha barcas de passagem e de pesca, e algumas para conduzir varios objectos de umas para outras freguezias proxi-

mas; mas não para o que se póde chamar viagem fluvial.

MINHO — provincia — Segundo a divisão anterior a 1834, a provincia do Minho *(Entre Douro e Minho*, como judiciosamente se denominava) confinava ao N., com a Galliza —a E., com a Galliza e Traz-os-Montes (ainda conserva estes dois limites)—ao S., com o rio Douro—e ao O. com o mar. Tinha 272 leguas quadradas. Depois de 1834, se lhe tirou um grande tracto de territorio, para com elle, e com parte da Beira, formar a nova provincia do Douro.

As principaes montanhas d'esta provincia são—Gavieira, Gervêz, Santa Catharina, Vallongo e outras menores.

Os seus rios principaes são—Minho, Tamega, Lima, Cávado, Ave, e Homem (que se junta ao Cávado).

A capital actual d'esta provincia, é a cidade de Braga. Tem mais as cidades de Vianna e Guimarães. Tem muitas e bonitas villas, que vão nos logares competentes. E' toda no arcebispado de Braga (que tambem comprehende uma grande parte da provincia de Traz-os-Montes).

Está dividida em dois districtos administrativos, Braga e Vianna.

E' o Minho a mais povoada, fertil e formosa provincia de Portugal, e onde o geologo, o historiador e o archeologo encontram vastissimo e inexgotavel campo para os seus estudos.

Não canço o leitor com a narração de tudo quanto aqui ha de notavel, visto que vae descripto nos logares competentes: só direi que o Minho não só é uma região formosissima, mas tambem a mais fertil de Portugal, em todos os generos do nosso clima. Produz tambem muita e optima madeira de varias qualidades, e cria e exporta em grande escala o melhor gado bovino d'este reino. Os seus montes são abundantissimos de caça grossa e miuda, e os seus rios e o mar lhe fornecem muito e saborosissimo peixe.

Tinha esta provincia antes da extincção das ordens religiosas, em 1834, 130 conventos d'ambos os sexos, pela maior parte, benedictinos e cruzios.

—

O sr. padre Manuel José Martins Capella, parocho encommendado de S. Payo da Carvalheira, em Terras de Bouro, e actualmente abbade de Painzella, em Cabeceiras de Basto, fallando d'esta provincia, diz a pag. 125 do semanario *Voz do Douro*, o seguinte:

«Que formosa, que poetica não é a pro-«vincia do Minho! Com justissimos titulos «se lhe chama o jardim de Portugal, e com «muita razão collocaram os antigos n'esta «bella região, os seus *Campos Elysios*.

«Que outro paiz do mundo apresentará «simultaneamente, á vista do viajante encan-«tado, campos mais ferteis, prados mais ver-«des, montanhas, rochedos e penedias mais «pittorescas; villas, cidades e aldeias, mais »bonitas e saudaveis, e rios mais poetica-«mente formosos?!

«Quem não viu o rio Minho, deslisando-«se placido e sereno, por entre campos de «eterna verdura, encaixilhados em serras e «montes, já cobertos de frondosas arvores, «já eiriçados d'alcantiladas penedias, tendo «ao sopé lindas aldeias e villas. Beijando «com suas aguas d'anil, já fortalezas, ou-«tr'ora formidaveis, como as de Monção, Va-«lença, Villa Nova da Cerveira e Caminha; «já pequenos reductos e fortins, como os de «Lapella, S. Pedro da Torre, Lovelhe e La-»nhellas.

«Quem não viu o formosissimo Lima, com «suas pontes torreadas, suas margens sem-«pre cobertas de esmeralda, seus arvoredos «frondosos, seus campos feracissimos, suas «villas deliciosas, seus castellos memoraveis, «seus paços aristocraticos, suas egrejas go-«thicas, com seus esguios campanarios a «surdirem por entre a folhagem; suas al-«deias, já estendendo-se preguiçosas, na pla-«nicie, já ostentando se sobre os alcantis, «como ninhos d'aguias.

«Quem não viu a extensa veiga, sempre «coberta de cearas ou milharaes, que se es-«tende de Vianna a Caminha, terminando ao «O. pelo Oceano Atlantico, e ao E. por ser-«ras e outeiros.

«Quem não viu a augusta Braga, com os «seus monumentos romanos, gothicos e ara«bes; com as suas tradições antiquissimas; «com o seu magestosissimo Sanctuario; com «a sua estatua collossal do monte Sameiro; «com os seus formosos arrabaldes.

«Quem não viu o Geréz, com o seu môrro «do Bugarreiro; Suajo, com o seu monte da «Gaviarra; as serras de Santa Luzia e da «A'gra, com seus bosques agrestes e suas «penhas inacessiveis.

«Quem não viu outras muitas e muitas «maravilhas d'esta formosissima provincia, «não póde fazer uma idéa do que é o Mi«nho, etc.»

Termino este artigo com a mimosissima poesia do sr. Sebastião Pereira da Cunha, filho do nosso elegante prosador e mavioso poeta, o sr. Antonio Pereira da Cunha, e neto do sr. conde da Figueira.

O Minho

Solo d'enlêvos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Quero cantar-te, como a rôla, ausente,
Canta, plangente, os africanos ceus,
Como ella aspira ao seu distante ninho,
Aspiro, ó Minho, aos attractivos teus.

Amo os teus campos com perfumes varios,
Verdes sacrarios de um constante abril;
Amo os teus montes collossaes d'altura,
E a luz, tão pura, do teu ceu d'annil.

Veias de prata, em teu fecundo seio,
Passam-te em meio rios, não caudaes;
E d'entre as flôres, que o teu chão guarnecem,
Cidades crescem, que não teem rivaes.

Braga, a princeza de remota éra,
Virtude austera ainda conserva e a fé;
E eleva ás nuvens em padrões de gloria,
A nobre historia, de que herdeira é.

Assenta o throno de entrançado arbusto,
No monte augusto do seu *Bom Jesus*,
E tem por corôa de opulencia tanta,
A Virgem sancta do Sameiro, e a Cruz.

Amares veste laranjaes floridos,
Faustos vestidos, com doirado veu;
E solta as tranças, de verdura infinda,
Na espadua linda, ás virações do ceu.

E' Guimarães uma fidalga edosa,
Rica e orgulhosa, em seus gentis maineis,
Que diz ao mundo, em derredor disperso;
«Eu fui o berço do maior dos reis».

Caminha é a joven marinheira bella,
Em pé na ourella do espumoso mar.
Monsão envolta nas senis muralhas,
Conta as batalhas que logrou ganhar.

Villa dos Arcos, que a sorrir desatas
D'entre cascatas, que delicias dão.
Barcellos, lyrio, adormecido em sombras
Sobre as alfombras do virente chão.

Pinha de flôres, que a frescura anima,
Ponte do Lima, que ideal tu és;
Finges o cysne, a retractar a face
N'agua, que nasce, e que te corre aos pés.

Vianna... foge ao incessante beijo,
Que o Lima vejo a lhe tentar depôr;
E da montanha na materna encosta,
Lá se recosta com gentil pudôr.

Eu sou suspeito, porque sou teu filho,
E assim teu brilho não direi jámais.
Que o diga quem, ao respirar-te os ares,
Te entrou nos lares e passeou teu cáes.

Solo d'enlêvo, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Vianna, 29 de junho de 1874.

Sebastião Pereira da Cunha.

MINHOCAL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 15 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O D. Abbade (bernardo) de Salzêdas, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é composta apenas de uma só povoação, que é a aldeia do Minhocal, situada em uma vasta planicie fertil, amena e agradavel, a 4 kilometros da margem direita do Mondêgo.

Esta freguezia é muito antiga, mas a povoação do Minhocal esteve primeiramente no sitio hoje denominado *Quinta de S. João*, propriedade pertencente ao sr. Antonio Velloso da Costa Aragão. Ainda na dita quinta, se encontram vestigios da antiga povoação, e diz-se que a transferiram por causa de uma epidemia, ou praga de formigas que alli se tornára insupportavel.

Ao mesmo motivo se attribue a mudança de outros muitos povos do nosso paiz em epochas remotas, em quanto que hoje as taes formigas não assustam, nem fazem fugir mais ninguem. Mudaram consideravelmente as condições climatericas de Portugal.

As producções principaes d'esta freguezia, são: vinho (do melhor do Mondêgo), azeite, trigo, centeio, milho e batatas.

Ha hoje n'esta freguezia, duas familias nobres e ricas—a do sr. Chrystovão de Mello Cardoso Telles Sampaio, natural d'aqui, viuvo da sr.ª D. Maria da Purificação Corte Real, da freguezia de Vinhó, no concelho de Gouveia, e a do sr. Antonio Velloso da Costa Aragão, dos Juncaes, tio dos srs. Moraes Cerveiras, da freguezia da Mesquitella, n'este concelho de Celorico, e dos Alcoforados da quinta da Cernada, na comarca de Vouzella, casado com a sr.ª D. Joanna Emilia de Serpa Corte Real, natural do Villarôco, no concelho de S. João da Pesqueira, filha legitima de Antonio Cardoso de Serpa, da freguezia do Braçal, n'este concelho de Celorico, coronel que foi do regimento de Milicias de Trancoso, e de D. Anna Julia de Serpa Corte Real, do Villarôco, proxima parente do fallecido visconde de Gouveia.

É familia de extremada virtude e piedade, e uma das mais nobres e mais ricas da provincia. Fixáram aqui a sua residencia por terem aqui muitas propriedades, e por ser esta freguezia ponto central que lhes facilita a administração de varios casaes que possuem nas circumvisinhanças.

Esta freguezia, apesar de fertil, é pobre, por que quasi toda pertence a extranhos, como aos srs. Aguilares, de Cedavim; Osorios, de Lamego; Francisco Pina de Linhares; Alexandre de Abreu, de Fornos d'Algodres; conde de Tavarede; de Trancoso; e desembargador José Joaquim Lopes de Fréchas concelho de Trancoso; tendo ainda aqui prasos de importancia o cabido de Viseu.

A egreja matriz é um templo pequeno e humilde, sem coisa alguma notavel.

O clima d'esta freguezia é temperado, mas pouco saudavel, por que o ribeiro, dito do Minhocal, que passa ao fundo d'esta freguezia, é muito plano, e no verão deixa muita agua estagnada, fóco terrivel de infecção.

A industria principal d'esta freguezia, é o fabrico de telha, de excellente qualidade.

Ha aqui seis fornos que abastecem as aldeias circumvisinhas, até leguas de distancia.

—

Passa perto d'aqui a estrada real a macadam, de Celorico a Trancoso, ou da Guarda a Lamego e Regua.

Esta freguezia e as circumvisinhas soffrem muito em tempo de guerra, por serem ponto forçado para os exercitos que da raia se dirijam ao centro do nosso paiz, ou vice-versa, como succedeu com a invasão dos francezes, que tudo por aqui saquearam e assolaram.

MINHOTÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda da Ordem do Templo, até 1311, e da Ordem de Christo, desde 1319, até 1834.

É terra muito fertil.

Minhotães, no antigo portuguez, significava *terra dos minhotos*. (Nas provincias do Norte, dão o nome de *minhoto*, á ave a que

em outras partes chamam milhano, ou milhafre.)

MINHOTO ou **MONTE-MINHOTO**—serra, Beira Baixa, na freguezia de Cernache do Bomjardim, comarca e concelho da certan, no grão-priorado do Crato (patriarchado), districto administrativo de Castello Branco.

Entre as serras que de ambas as margens cercam o rio Zêzere, se eleva o monte Minhôto. É muito alto e coberto em grande parte de penhascos gigantescos, e muito ingreme e despenhado, para o lado do Zêzere.

Sobre um dos rochedos d'este monte, está a capella de Nossa Senhora da Estrella. É muito antiga, e foi edificada n'este sitio, quando aqui appareceu a imagem da Santissima Virgem.

Affirma-se que em uma gruta, ou caverna que está junto da ermida, fôra a santa imagem descoberta por uns pastores, em tempos remotos.

A ermida é grande, com altar-mór e dois lateraes, mas estes estão desornados e sem imagens.

Tem um alpendre, e junto á capella-mór, estão seis pequenas casas, para habitação do eremitão (quando o tinha) e para recolher os romeiros. Está tudo em ruinas.

Perto do templo ha um poço, de bôa agua potavel, e uma fonte perenne.

Tambem aqui havia dois grandes sobreiros, tão antigos como a egreja, e que, segundo a tradição, davam uma especie de contas pretas, que moidas e bebidas, cria o povo que curavam muitas enfermidades. Cessaram de dar fructo, quando o eremitão o principiou a vender aos romeiros.

Junto á casa do eremitão, tinha este uma pequena cêrca cultivada.

Unidas ao templo, estão as ruinas de antigos edificios, e d'esse lado, na egreja, uma porta tapada de pedra e cal. É tradição que era um hospicio fortificado, dos templarios, e tambem se diz que estas ruinas são o resto de um convento de monges benedictinos, que foi destruido pelos arabes, no seculo IX. É certo que a grandeza do templo indica ter sido egreja de algum mosteiro.

Os provisores do grão-priorado do Crato, é que apresentavam os eremitães de Nossa Senhora da Estrella, e lhe davam licença para pedirem esmola por aquelles contornos, para o seu sustento, pois não tinham outros rendimentos.

Teve uma confraria de Santo André, com capellão que vinha aqui dizer missa nos domingos e dias sanctificados.

Fica esta egreja a 8 kilometros da de S. Sebastião, matriz da freguezia, e distante 1:500 metros do povoado.

A imagem da Senhora, é de pedra, e de meio metro de altura.

Foi objecto de muita devoção, dos povos d'esta freguezia e immediatas; mas a descrença, ou a indifferença, tem causado o resfriamento d'esta devoção e o abandono do sanctuario.

MIOMA—freguezia, Beira Alta, concelho de Sattam, comarca, bispado e districto administrativo e 18 kilometros de Viseu, 340 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O vigario da villa da Egreja, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar. É terra muito fertil.

O nome d'esta freguezia, é corrupção da palavra arabe *maúma*—que significa—alagada, inundada.

MIOMÃES ou **MIUMÃES**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rezende (antigo concelho de Arégos), 24 kilometros a O. de Lamego, 353 ao N. de Lisboa, 60 a E. do Porto, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago S. João Baptista.

O abbade, collado, era apresentado pelo ordinario, que tinha 550$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia fertilissima em todos os fructos do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

Está situada a 9 kilometros ao S. da margem esquerda do Douro, em terreno bastante accidentado.

Ha aqui as ruinas de um antiquissimo castello, chamado de *S. João*. No centro do recinto d'esta fortaleza, está um penêdo gigantesco, que é uma anta celtica, das maiores que existem n'este reino.

Ha tambem no castello um buraco, que dizem ser uma galeria subterranea, por onde os mouros hiam ter ao rio Douro.

Ha n'esta freguezia duas bôas feiras, a 2 e 16 de cada mez.

Miomães, no antigo portuguez, significa—terra dos lagos, das lagôas, dos pantanos, etc.—Vide *Miôma*.

MÍRA ou **ODEMÍRA**—rio, Algarve e Alemtejo, nasce na freguezia de S. Barnabé, em um sitio da serra do Algarve, chamado *Cumeada dos Cançados*. Depois de receber alguns pequenos ribeiros, passa pela villa de Odemíra e desagúa no mar, proximo de Villa Nova de Mil Fontes. Réga, móe e traz peixe. Vide *Odemíra*, villa.

MÍRA—(lagôa de)—Vide *Arão*.

MÍRA—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Cantanhêde, 15 kilometros ao S. de Aveiro, 24 ao O. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 1:700 fogos.

Em 1757 tinha 679 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado de Aveiro, districto administrativo de Coimbra.

O prior de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Míra, é composto das freguezias de S. Salvador do Covão do Lobo, e S. Thomé de Míra, e tem 2:300 fogos.

Foi da comarca da Anadia.

São pescadores a maior parte dos habitantes d'esta freguezia—que está situada perto da primittiva barra de Aveiro, a 3 kilometros do Oceano.

A villa compõe-se de uma só rua, com mais de 1 kilometro de comprimento, e algumas pequenas travessas.

As casas são ordinarias—as melhores, são as da camara.

É terra muito fertil.

As cheias do rio Vouga, em novembro de 1852, trouxeram grande quantidade de ratazanas mortas, e ainda maior, de cobras vivas.

Só na costa d'esta villa, appareceram mais de 15:000, algumas de 3 $^1/_2$ metros de comprido.

É povoação muito antiga, é já existia no tempo dos arabes, que lhe deram o nome actual. É mesmo provavel que fosse povoação romana.

Os Tavares, eram alcaides-móres de Míra. Para o appellido Tavares, vide *Assumar*, *Fáro* e *Fronteira*.

Dizem alguns, que D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de agosto de 1514; mas não é verdade. Este foral é o da Míra seguinte. Não me consta que tivesse foral velho; pelo menos Franklim não o menciona.

Na doação que o conde D. Raymundo fez aos novos povoadores de Monte Mór Velho, em fevereiro de 1095, se nomeia particularmente *Zalêma Godinho*, a quem dá e concede a villa de Míra, com todos os seus termos, e um moinho que está junto á fonte de *Carabôi—quæ omnia usque in hodiernum diem in* atondo, *et presmo tenuit*. (Doc. de Santa Cruz de Coimbra.)

Atondo era o direito de rotear, romper e cultivar algum terreno inculto; não o podendo porém dar, doar, trocar, ou vender—isto é—sendo um mero usufructuario. Tinha pois Zalêma, as terras de S. Thomé de Míra, só para as romper e arrotear, e só pela doação do conde, ficou logrando a propriedade e senhorio.

Este Zalêma Godinho, fundou a egreja de S. Thomé de Míra, onde seu filho, Godinho Zalêma, foi o primeiro parocho, e depois, um dos primeiros conegos regrantes, de Santa Cruz de Coimbra, a cujo convento uniu a sua egreja de Míra.

Foi depois, bispo de Lamego, e, renunciando o bispado, se recolheu ao mosteiro de Grijó (da sua ordem) onde morreu e foi sepultado.

Míra é corrupção da palavra arabe *Mir*, ou *Emir*. É nome appellativo de principe, chefe, senhor, e governador. Tambem denota *honra* e *nobreza de sangue real*. Vem a ser —*povoação do Senhor*.

MÍRA—(lagôa de)—Douro—está esta lagôa situada 15 kilometros ao S. da barra de Aveiro, e a egual distancia, ao N., da da Figueira, no litoral.

É preciso notar, que na fre-

guezia d'Arão (Minho) contigua e ao O. de Valença, tambem ha uma lagôa chamada *de Mira*, ou *dos Ameaes*. (Vide Arão, pag. 230, col. 1.ª, do 1.º vol.)

MIRA (lagôa de) — Extremadura. — Vide *Minde* e *Mira* (Senhora do Amparo.

MIRA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Móz, 30 kilometros de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Nossa Senhora do Amparo.)

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha de rendimento 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta aldeia pertencia á freguezia de Minde, da qual foi desmembrada para formar freguezia independente, no fim do seculo XVII, ou principio do XVIII.

O que se sabe com certeza, é que, em 1720, já era freguezia, como adiante se verá.

No logar da actual matriz, já havia uma capella muito antiga, dedicada a Nossa Senhora do Amparo, que foi ampliada, para servir de egreja parochial. No seu frontespicio se vê esta inscripção:

1720. ESTA OBRA FEZ SE,
SENDO CURA, FRANCISCO MENDES DA CRUZ,
JUIZ, ANTONIO DA CRUZ,
E PROCURADOR, JOSÉ LOPES.

—

Para a *lagôa de Mira* ou de Minde, vide *Minde*.

—

MIRAGAIA—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan. Vide *Francos (a dos) ou Miragaia*, na col. 2.ª da pag. 227, do 3.º vol. (Vide tambem *Lourinhan*.

MIRAGAIA — freguezia, Douro, concelho (bairro Occidental) e comarca (3.ª vara) da cidade do Porto, da qual é uma parte integrante; pertencendo portanto ao seu bispado e districto administrativo.

Tem por orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis de rendimento annual.

Tinha esta freguezia, em 1757, apenas 491 fogos.

Para não fazer do Porto um artigo tão extenso como o de Lisboa, resolvi fazer de algumas freguezias d'esta cidade, artigos separados e independentes, como já fiz de *Cedofeita* e *Massarêllos*. Julgo ser isto menos aborrecido para os leitores.

Continúo pois com o que respeita a esta freguezia.

=

Segundo o *Itinerario de Antonino Pio*, (edição correcta de Party e Pinder-Berlim, 1848) existia na margem direita do Douro uma povoação, de pequena importancia, de nome *Calle* — que quer dizer — defronte de Gaya—era a primeira pousada dos que vinham de Bracara Augusta, e se dirigiam pela estrada militar para o sul: chegavam a *Calle*, embarcavam no *portus*, e seguindo ao nascente do castello de Gaya, caminhavam para Lancobrica (Feira) Talabrica (Aveiro) Eminium (Agueda) etc.

Não é duvidoso que *Calle* fosse a moderna Gaya, como affirma por exemplo Agostinho Rebello da Costa. Neste tempo não existia ainda o Porto, que nasceu depois, quando Ataces andava em guerra com os suevos; estes edificaram o castello, nucleo da posterior cidade, no logar mais elevado, dito Penaventosa, e onde hoje é a Sé. É tambem obvio que a *Calle*, logar de descanço, marcado no *Itinerario de Antonino*, fosse na margem direita do rio, visto ser natural que os passageiros repousassem antes do embarque, mesmo porque os meios de transporte não estavam sempre promptos, nem seriam muitos: e dizemos que este logar de descanço era na margem direita, porque a via militar marchava do N. para o S. A *villa-nova*, de que falla o *Canon III* do concilio de Lugo (annos de Christo de 568) era a antiga *Calle*, burgo fóra dos muros da cidade *Festobole* — porto chão. Gaya, dita o castello antigo dos romanos, pertencia á cathedral de Coimbra, como se vê do *Canon V* do citado concilio, que trata da divisão do territorio da sé conimbricense.

Depois da derrota dos godos na grande batalha de Guadalete, (713) a peninsula quas

toda passou ao dominio dos arabes, e por esse tempo foram o castello do Porto e o burgo, arrazados. A *villa nova*, isto é, a antiga *Calle*, soffreu provavelmente o mesmo destino, apesar de que, se é certo o salvo conducto feito em 755 por Abd-el-Azis, a favor do mosteiro de Cedofeita, cujo couto abrangia parte de Miragaya (Monchique, Bandeirinha), e fôra instituido por Theodomiro, rei dos Suevos, em 560 de Christo.

Ha a notar que n'uma das invasões dos arabes, elles se instalaram tambem em Miragaya, visto que o estabelecimento de banhos, que aqui houve, só áquelles povos se póde attribuir. Quando porém se contruiram os banhos, não o podemos determinar, mas é certo que posteriormente ao seu estabelecimento, existe um documento, de 1331, que é um accordo entre o bispo e o concelho, no qual este se obriga a restaurar os banhos, caldeiras e pertences, no sitio da *Munhota*, ou rocío, abaixo da Cividade, ficando os rendimentos pertencendo, metade ao bispo.

Ainda como commemoração aos banhos, de origem arabe, existiam ha pouco tempo —o *Postigo dos Banhos* e a *Rua dos Banhos*, que desappareceram pela moderna abertura da rua Nova da Alfandega. A *Munhota* era contigua á rua do Forno Velho, junto ao rio, e parallela a elle. Ainda ha outras ruas, que conservam nomes commemorativos, taes como—Rua dos Judeus—Monte dos Judeus —escadas dos Judeus, manifestamente anteriores a 1494, anno em que D. Manuel os expulsou do reino.

Egreja parochial

Emquanto á antiguidade da parochia, ha quem a remonte aos primeiros annos do christianismo. Na parte externa da actual egreja, aliás de construcção moderna, existe uma inscripção, tambem moderna, em que se lê o seguinte:

«Prima cathedralis fecit haec. Basilius, ob egris quam pedibus sanus, condidit inde Petro.—Esta foi a primeira cathedral do Porto. S. Basilio, apenas se viu são dos pés, a edificou, e por aquelle motivo a dedicou a S. Pedro.»

Este S. Basilio, diz o Martyrologio, morreu no anno de 57, e no *Catalogo* dos bispos do Porto diz-se ter elle sido o primeiro d'esta diocese. Ora o castello de Pena-Ventosa (Sé) foi edificado, como já fica dito, pelos suevos, no seculo VI,e só posteriormente é que se edificou a cidade, em torno a esse primitivo nucleo de povoação, do que resulta não haver bispo do Porto n'esta épocha. Não temos portanto como certo a edificação da primitiva egreja durante o seculo I, apesar da sua grande antiguidade. Talvez que a inscripção, traduzindo mal a tradição e interpretando mal a historia, queira affirmar que a egreja de S. Pedro é a mais antiga das do Porto, o que se póde admittir sem escrupulo, visto ser natural que os antigos habitantes d'esta pequena povoação, distante de outras importantes, erigissem modesto templo para prestar culto ao seu Deus.

Depois, Miragaya em épochas bem proximas ainda, estava extramuros da cidade, e é bem pouco de presumir que a primitiva sé do Porto fosse em qualquer épocha estabelecida em sitio que estava afastado da povoação importante desde o tempo dos suevos, e que pela sua disposição topographica tendia a desenvolver-se, como effectivamente se desenvolveu, emquanto que a pequena *Villa-Nova*, burgo do Porto, e d'elle por então afastado, carecia de importancia, e até foi aquelle o sitio que nos fins do seculo XV se julgou azado para n'elle estabelecer a povoação judaica, tida como bastarda, e para a qual sempre se escolhia sitio menos conveniente, como que para castigo da sua crença.

Além d'isso, como teremos occasião de vêr, Miragaya era local de mariantes quasi na sua totalidade; povoação pouco estavel, e tambem de certo a menos propria para no seu seio abrigar o prelado de um importante trato de terreno.

Diz-se tambem que, no primeiro seculo do christianismo, existia em Gaya uma capellinha, de invocação de S. Marcos, onde S. Basilio, discipulo de S. Paulo, ministrou os primeiros sacramentos da egreja n'estas paragens, e que notando que a população ten-

dia a descer dos montes de Gaya, e por falta de terreno apropriado no sopé dos alpestres alcantis se passava á praia fronteira, onde o terreno era largo e espraiado, e que junto d'essa praia, que é hoje a moderna Miragaya, edificára templo, modesto sim, mas que se mais coadunava com as necessidades do culto, e augmento da população, onde administrava sacramentos, isto antes de ir para Braga, onde foi prelado, pelos annos de 45 da era christã.

No *Catalogo* dos bispos do Porto, de D. Rodrigo da Cunha, diz-se que S. Basilio fôra o primeiro bispo d'esta diocese; no *Agiologio Lusitano* affirma-se que dos discipulos de S. Thiago, um, natural da Judéa, e de nome Basilio, depois de ter sido baptisado pelo santo, com elle veio ás Hespanhas, onde ficou com S. Pedro de Rates, que reconhecendo n'elle talento para o ministerio da prégação, o fez primeiro bispo do Porto, onde se conservou por sete annos, até que sendo martyrisado S. Pedro de Rates, bispo de Braga, S. Basilio lhe succedeu; e que este S. Basilio fôra o pobre aleijado, que estando a pedir junto á porta *Speciosa* do templo de Jerusalem, foi curado por S. Pedro.

Diz mais o *Agiologio*, que constando em Hespanha que o apostolo das gentes estava preso em Roma, os póvos da península escolheram a S. Basilio para ir em companhia de Santo Athanasio, bispo de Saragoça, e S. Elpidio, bispo de Toledo, visitar e confortar o santo apostolo na sua prisão, e offerecer-lhe a *collecta* que as egrejas das Hespanhas lhe enviavam. No *Flos Sanctorum* tambem se diz que S. Basilio fôra o primeiro bispo do Porto, e fallecêra em 23 de maio do anno de 60, no principio da perseguição ordenada por Nero.

Já dissemos que não nos parece provavel ter sido S. Basilio o primeiro bispo do Porto, pela simples razão de não existir o Porto no seculo I; e as affirmações dos escriptores citados, que se copiaram uns aos outros, reproduzindo-se e ampliando-se, não merecem grande fé historica, porque bem sabido é que, mais crentes do que criticos, aproveitaram quantos subsidios encontraram, sem os purificar pelo crisol da critica. Para exemplo basta citar D. Rodrigo da Cunha, caracter respeitavel, mas dotado de nimia boa fé, e que por mais de uma vez tem sido contrariado nas suas affirmações absolutas.

Agostinho Rebello da Costa, um pouco menos credulo, na sua *Descripção da cidade do Porto*, diz (pag. 63):

«Preside n'esta sé um bispo, que é de toda a diocese, com oitenta mil cruzados de renda, de que paga a terça parte á patriarchal de Lisboa. No catalogo seguinte exponho com a brevidade possivel a ordem chronologica de todos os que houveram n'esta cidade, desde a sua fundação até ao presente tempo. *Já fica advertido no capitulo I que S. Basilio e outros bispos de que alguns catalogos dão noticia, não devem entrar n'este numero* pelas razões que expórei, quando fallar da egreja de Miragaya.

«CONSTANCIO, *primeiro* bispo, governou, pelos annos de quinhentos setenta e nove, até quinhentos oitenta e nove, etc.»

No cap. I, diz o padre Rebello: «O bairro de *Gaya*, em Villa Nova, foi fundado pelo pretor romano *Cayo Lilio* para d'este sitio rebater as forças de Viriato; e a cidade do Porto *foi fundada pelos suevos*, muitos seculos depois.»

E em nota:

«Para abonar esta opinião basta por todos o erudito portuguez e bispo *Idacio*, na sua chronica, em que diz: *Ad castrum quod Portucale appellatur, etc.* e muito mais quando chama a Braga: *extremam civitatem Gallaciæ, etc.*

A pag. 104 e seguintes novamente o padre Rebello corrobóra a sua opinião, com fundamentos não destituidos de peso e bom senso.

Mas, admittindo mesmo que a egreja de Miragaya seja muito antiga, não se deduz d'ahi que fosse a primeira sede portucalense, e a invocação do seu orago, de per si só não é argumento bastante para ter-se por certo e irrecusavel que fosse S. Basilio o seu primeiro edificador, com o motivo de prestar culto e homenagem ainda em vida ao santo que na porta *Speciosa* lhe sarára os pés. O padre Rebello tambem o não acre-

dita, julgando incrivel que em vida dos apostolos, houvesse quem consagrasse templos á sua memoria, e que pela tradição apenas constava que a Maria Santissima, S. Thiago dedicára um templo em Saragoça, outro o evangelista S. João, na Asia, e outro S. Pedro, em Roma (cap. cit. pag. 105.)

Seja como fôr, apesar das encontradas opiniões, vê se que a egreja de Miragaya foi uma das primeiras erigidas n'estas regiões, embora não fosse a primeira Sé.

Não affirmamos que a egreja actual esteja sobre o terreno da primittiva edificação attribuida a S. Basilio, pela disposição do terreno em que assenta. A egreja está em terreno pouco superior ao nivel do rio, e nas grandes cheias é visitada pelas aguas.

Ainda em 1860 a agua cobriu quasi todo o pavimento e se removeu o Santissimo Sacramento para a capella do Espirito Santo, a montante da egreja. Demais sabe-se que as aguas se teem affastado da nossa costa, e augmentado na costa fronteira, estando hoje a descoberto muitos terrenos que em épocas não muito remotas eram ancoradoiro. Este phenomeno hydrographico é sobejamente conhecido em geographia physica. Posto isto, parece que a egreja primittiva foi em logar mais alto do que hoje está.

Para corroborar a importancia que a egreja de Miragaya teve, não esqueça commemorar que n'ella esteve o corpo do glorioso padroeiro do Porto, o martyr S. Pantaleão, que foi transferido para a Sé, a 12 de dezembro de 1499, por ordem do bispo que era então, D. Diogo de Sousa. O corpo de S. Pantaleão estava em Myragaya desde 1453, notando se que então a parochia era extramuros da cidade.

Da egreja primittiva não restam vestigios tendo soffrido successivas modificações; ainda em 1742, no *Catalogo dos bispos do Porto*, ampliado por Antonio de Sequeira Pinto, se diz que o edificio se achava demolido até aos alicerces. Foi esta a terceira reedificação de que ha noticia; mas ainda em 1873 se fizeram importantes reparos na egreja.

O edificio actual não é dos mais pomposos do Porto, mas está limpo e aceiado, tendo-se soalhado o corpo da egreja, onde se não fazem enterramentos desde 1836. O templo é de uma só nave, e azulejado nas paredes. A capella-mór é de boa talha, feita em épocas diversas e até proveniente de outras egrejas. A proposito, ha memoria de que o corpo da egreja fôra em tempo revestido em parte de obra de talha, bem como os pulpitos, mas que um *illustrado* juiz da confraria do Sacramento (já fabriqueiro) desgostoso ao contemplar aquelles dourados esmorecidos pelo tempo, *limpára* as paredes d'aquelle pejamento, e as mandára caiar, para dar mais luz á egreja. O vandalo queria tambem *restaurar* a capella-mór; mas por fortuna escaparam a este genio reformador os magnificos alto-relevos que a decoram. Este *benemerito* juiz, foi tambem o mesmo que, incommodado pelo sombrio de um quadro existente no altar de Santa Rita (quadro a oleo, e que não carece de merecimento), representando a profissão religiosa da santa, o mandou pintar a branco, de colla! E o quadro esteve largos annos assim, até que juiz menos *illustrado* o mandou lavar e restaurar, ficando ainda alguma cousa deteriorado.

Além do altar mór e do altar do Santissimo, ha mais na egreja os de Nossa Senhora do Carmo, de talha dourada, que veio da egreja do extincto convento de Monchique—do Senhor Jesus—de S. João Evangelista—de Santa Rita—do Senhor da Cana-Verde—e Senhora do Pranto. A imagem de maior devoção é a do Senhor Jesus, dito de Miragaya. Nas grandes calamidades era esta imagem levada procissionalmente até á egreja conventual da Ave-Maria (Largo de S. Bento.) Ha pouco mais ou menos 30 anos que teve logar a ultima procissão de penitencia *ad petendam pluviam.*

—

Os parochos de Miragaya tiveram em tempos o direito de acompanhar os cadaveres dos seus freguezes que eram sepultados no mosteiro de Santo Antonio do Valle de Piedade (margem esquerda do Douro) o que se vê de duas sentenças obtidas contra os vigarios de Santa Marinha, uma de 1652, outra de 1732, por quererem contrariar este costume, e opporem-se a que os abbades de

Miragaya entrassem na sua vigariaria, sem lhes pedirem licença.

—

A egreja de Miragaya, denominada reitoria em alguns documentos, foi da apresentação e collação do prelado, que occorria ás despezas da fabrica. A fl. 65 de um livro existente no archivo da egreja, e escripto pelo abbade Jacintho de Sousa, fallando dos usos e costumes do seu tempo (1640) diz que os prelados e cabido tinham obrigação de prover esta egreja de todo o necessario, sem que os abbades nem os freguezes tivessem parte alguma n'essa obrigação, e que só os freguezes tinham a seu cargo a fabrica das diversas confrarias, cujos capellães de todas, podiam sér os abbades, querendo, ou os seus coadjutores, ou quaesquer sacerdotes eleitos pelos abbades. No mesmo livro se diz que os prelados e cabido davam aos abbades 2$000 réis annuaes para despeza de residencia; «emquanto se não proverem de proprias, porque as antigas não estão capazes» e mais — 15$000 réis — em dois pagamentos, um pelo Natal e outro pelo S. João, sendo duas partes pagas pelo bispo e uma pelo cabido; e o coadjutor percebia dos mesmos senhores e pela mesma fórma a annualidade de 8$000 réis: e que os abbades estavam na posse da conhecença, mas que pelas offertas d'ella pagavam ao cabido 1$040 réis.

As conhecenças eram 20 réis que pagava cada freguez pela quaresma, e rendia réis 12$000. Mais tinham os abbades os dizimos da freguezia e as primicias do pão e vinho, que eram de 40 — 1; e pagavam tambem premicias, por antigo costume, os freguezes que tinham fazendas fóra da freguezia, mas que as grangeavam por si ou seus familiares.

Havia tambem por esse tempo grande copia de missas de legados, que eram no geral ás resadas da esmola de 50 a 60 réis, e as cantadas a 200 réis. [1]

Posteriormente, o abbade Manuel da Cruz, por bulla que de Roma obteve em 1736, reduziu-lhe o numero, ficando por então sendo a esmola de 120 réis, e 30 réis de guisamento, total 150 réis.

Depois do anno de 1834, em que foram extinctos os dizimos, ficou a fabrica da egreja a cargo da confraria do Santissimo.

Abbades de Miragaya

Com o incendio que houve na camara ecclesiastica, no seculo XVI, desappareceram importantes documentos historicos, e entre elles o registo parochial d'esta egreja anterior a 1581.

No archivo da confraria de Miragaya só se encontra noticia, anterior a essa data, de tres abbades:

A—1450—Affonso Martins, que assignou o titulo pelo qual a camara trespassou aos mareantes de Miragaya, a administração do hospital do Santo Espirito.

B—1460—Vasque Annes, que assignou um contrato com os mordomos do hospital (Espiro Santo), relativamente a offertas.

C—1546—Bartholomeu dos Banhos, que foi demandado por Gonçalo Annes Boquiqua, provedor do hospital do Espirito Santo, por intentar fazer uma capella no adro do hospital.

Passemos agora aos abbades, de que rezam os registos parochiaes, por sua ordem chronologica:

1.º—Manuel Pinto, abbade por mais de sete annos; renunciou no immediato, e foi conego da Sé do Porto.

2.º—Alvaro Leitão, presbytero; collou-se em 24 de abril de 1596. Para o effeito da collação apresentou ao prelado um requerimento do theor seguinte:

«Ill.mo Sr. Diz Alvaro Leitão, sacerdote de missa, nat. da villa dourem, do bispado de Leiria, que S. Santidade o proveo na *reitoria* S. P.º Miragaia arabalde desta cidade do Porto per renunciação que nelle fez M.el Pinto, Conego na Sé da mesma Cidade, Reitor que foi na dita Igreja de Sam P.º e porque as bullas e mandato de providendo vem dirigidas a V. S. illustrissima—P. se pronun-

[1] Ha nos archivos da egreja instituições de legados com missas da esmola de 20 réis (vinte réis)?!...

cie V. S. por Juiz e lhe mande fazer as dilligencias ordinarias, e satisfeito com as premissas das ditas bullas o proveja da dita Reitoria e o confirme.—R. J. M.»

E logo ajuntou o attestado de ser christão velho, cujo theor é como se segue:

«Anrique de Sousa, do Con.co de S. Md.e e Gd.or de suas Justiças na Relação e casa do Porto, etc. Faço saber qui conheço ao Padre Alvaro Leitão como filho de João d'abreu e de sua molher Isabel Lopes, qui D.e perdoe, m.e na villa de ourem e nenhum delles teve raça di mouro nem christão novo, e tenho ao dito P.e por di boa vida e costumes, e por assy passar na verdade o asima dito o juro pelo abito di S. Tiago que recebi. No Porto a 21 di Abril de 1596.—Anrique de Sousa Gdor.»

3.º—Francisco Correia, bacharel formado em canones. Collou-se em (?)

4.º—Pedro de Barros, natural da freguezia de Barqueiros, bispado do Porto, filho legitimo de André de Barros, e Isabel Dias, collado em 15 de maio de 1610 pela renuncia de Francisco Correia, ao qual se obrigou a satisfazer a pensão annual de 50$000 réis.

Falleceu em junho de 1624.

5.º—Gaspar da Costa, sub-diacono, bacharel em canones, natural de S. Aleixo do Becco (Coimbra), filho de Braz Mendes e Isabel da Costa.

Por fallecimento de Pedro de Barros, foi pelo cabido, *séde vacante*, posta a concurso em 1 de julho de 1628 a abbadia (reitoria lhe chamava o cabido) e collado na egreja, este sub-diacono, em 2 do dito mez e anno «por ter vagado no mez de junho (dizia o cabido) que he hu dos do padroado ecclesiastico, e por que a apresentação pertence ao cabido...» Foi porém querelado pelo novo prelado, que era, parece, fr. João de Valladares, e nos *itens* do libello, diz o promotor: «P. Que o dito mez he hu dos da apresentação ordinaria (assy o em que vagou como o em que foi provido) e como o Ill.mo Sñ Bispo tivesse tomado posse do Bispado, e a elle só competia a apresentação e collação delle, principalmente por as duas partes dos fruitos da d.a Igreja serem unidos *in perpetuum* á mitra e meza Pontifical d'este Bispado; outro sy—P. Que, dado e não concedido, que o dito Sr. Bispo não estivesse de posse deste Bispado, sendo o embargado provido pelos Pes do cabido, devia ser confirmado por letras Ap.cas conforme as regras de d.º da Chancellaria, no que não ha duvida; o que não fez.—P. Que havendo todos estes defeitos, e correndo letigio com o embargado ha muitos mezes, sollicitou e obteve Bullas de S. Santidade para renunciar como renunciou sem declarar o estado em que estava.—P. Que as d.as Bullas por serem alcançadas por supplica falsa, são nullas...—Proceda-se pois contra o embargado, e julgue-se o Beneficio vago.»

O embargado appellou para a relação de Braga, mas o vigario geral não acceitou a appellação. Não sabemos como o processo terminou.

6.º—Pedro Fernandes de Sequeira, fallecido em 3 de junho de 1638.

7.º—Jacintho de Sousa, notario apostolico; apresentado em 2 de setembro de 1638, e collado, em 30 do mesmo mez e anno, pelo bispo D. Gaspar do Rego da Fonseca, então residente em Madrid. Falleceu a 13 de setembro de 1659.

A proposito aqui transcrevemos a *provisão* do bispo, que nos parece curiosa:

«Tomei todo este tempo que hé passado depois da vacatura da igreja de S. Pedro de Miragaya para me informar do dito que me avizarão pertendião ter o mt.º Rvd.º Cabido juntamente comigo na provisão della; agora que me consta que o não tem, a mando prover, e não me pezára que o mt.º Revd.º Cabido o tivesse, porque igualmente dezejo e zélo o seu direito e o da mitra, nem aqui se poderia considerar direito que quando havia de ser por a... parte e isto se não podia reduzir a pratica em igrejas de concurso, nem o acto da Se vacante pode, conforme a direito fazer effeito de provisão a que se haja de ter consideração, maiormente contra o da Mitra! Assi o diga Vm. da minha parte a esses Sn.es, assegurando-os do meu animo

que he e será sempre favoravel ás suas cousas. Supponho que não ha duvida em ser a igreja de livre collação ordinaria, e que a my me parece que não he unida á mesa Pontifical nem capitular pois nenhus fructos percebem dêlla, e supposto tambem que he Igreja perpetua me parece mais seguro prover-se em concurso, na forma do stilo, com termo breve, e dirá Vm. da minha parte ao padre Jacinto de Sousa, que havendo respeito a ser virtuoso e honrado, e servir e ter servido com applicação e satisfação ao Bispado, e sendo approvado e havido por digno ou exame synodal, Vm. o colle e institua por parrocho Abbade della, em nosso nome, sem ser necessario vir perante nós, e esta carta sirva de commissão quanto a isto que digo a Vm.—Madrid 2 de Setembro de 638—G., Bp.º do Porto.»

8.º—João Nogueira de Barros, apresentado pelo Cabido *séde vacante,—por a collação e confirmação d'ella* (da egreja de Miragaya) *pertencer a S. Santidade e Santa Sé Apostolica*, como dizia o edital—em 23 de setembro de 1659. Renunciou em seu sobrinho e successor, reservando para si a pensão de trinta e tantos mil réis.

9.º—João de Barros, sobrinho do antecedente, foi collado em 29 de agosto de 1671. Renunciou no seguinte, com a reserva de réis 30$000 annuaes.

10.º—Luiz de Brito, natural do Porto, freguezia da Sé, filho de Thomé de Brito e de Maria Lopes Carneira, foi confirmado pelo papa Innocencio XI, e collou-se em 21 de junho de 1685. Alem da pensão que se comprometteu a dar ao seu antecessor, acceitou o encargo de pagar a pensão ao tambem renunciante, João Nogueira de Barros. Depois de parochiar a egreja de Miragaya por mais de dez annos, passou para a abbadia de S. Thiago de Priscos, arcebispado de Braga. Resignou no seu successor, reservando a pensão annual de 50$000 réis, e passando-lhe o encargo das pensões que percebiam os resignatarios João de Barros e João Nogueira de Barros.

11.º—Constantino Homem de Carvalho, natural de Lisboa, freguezia de Santa Justa, filho de Pedro de Carvalho e Bárbora Soares. Fôra reitor da freguezia de S. Nicolau de Mesão-frio, que renunciou, reservando-se a pensão de 38$000 réis, e depois abbade de Santa Maria de Frende, que tambem renunciou em Pantaleão Rodrigues Marques, ficando a receber d'elle 50$000 réis. Passando depois para a egreja de Miragaya transferiu a pensão de Santa Maria de Frende, para Luiz de Brito, seu antecessor; mas o abbade Pantaleão (o de Frende) contestou o direito a Luiz de Brito; poz-lhe demanda; mas por fim pagou.

Falleceu o abbade Constantino, em 20 de junho de 1701. Por seu fallecimento, o cabido tentou fazer valer os seus pretendidos direitos de apresentação dos abbades de Miragaya em certos mezes, como se vê do requerimento por essa occasião dirigido ao prelado, e que existe na camara ecclesiastica do bispado, no processo intitulado—Autos de Petição do Rvd.º Cabido sobre a Igreja de S. Pedro de Miragaya.

12.º—Heitor de Almeida de Amaral, bacharel formado em canones, e desembargador ecclesiastico, nasceu em Pombal; foi apresentado abbade, pelo bispo frei José de Santa Maria Homem, em 23 de junho de 1701, e collado em 30 do referido mez e anno. Resignou no seu successor, com a reserva de 120$000 réis annuaes para si, conservando-se sobre a egreja a antiga pensão de 11 ducados de ouro n'ella imposta a favor do abbade resignatario e ainda por então vivo, João de Barros.

13.º—Manuel da Silva, natural da freguezia de Miragaya, onde nasceu em 1678. Collado em 19 de setembro de 1718, em Braga, pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, a quem vieram dirigidas de Roma as bullas, por estar vaga a Sé do Porto. — Falleceu a 27 de julho de 1730.

14.º—Manuel da Cruz, natural do Porto, collado por bulla apostolica, tomou posse da egreja em 13 de fevereiro de 1733. Falleceu a 3 de janeiro de 1758, e foi sepultado na capella-mór da sua egreja na sepultura dos parochos. Foi o escolhido, dos 33 concorrentes que houve á egreja, a qual fôra posta a concurso pelo cabido *sede vacante*.

«Por pertencer a collação da dita egreja á Sé apostolica, a mandei pôr em concurso» diz o edital, de 7 de agosto de 1730, assignado pelo provisor e governador do bispado, o dr. João Guedes Coutinho, do conselho de sua magestade e do geral do Santo Officio.

Nos autos do concurso lê-se o seguinte: «Visto o termo de exame, e consideradas todas as mais circumstancias, julgo o padre Manuel da Cruz por mais idoneo para abbade de parochial egreja de S. Pedro de Miragaya extra-muros d'esta cidade, d'este bispado do Porto, e se lhe passem os documentos necessarios para requerer na curia. Porém não se lhe entregará a certidão sem primeiro recorrer a sua magestade que Deus guarde, pela secretaria de estado na fórma dos seus reaes decretos, e mostrar licença do dito senhor para recorrer a Roma com a certidão do concurso. Porto, 19 de agosto de 1730.—J. G. dr. (João Guedes Coutinho, governador do bispado.)

15.º—Francisco Caetano de Sousa Sarmento, clerigo *in minoribus*, do habito de S. Pedro, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, natural de Alfandega da Fé, filho de Francisco Xavier de Sousa, e de D. Antonia Sarmento; nasceu a 7 de agosto de 1728. Foi apresentado pelo bispo da diocese, D. Antonio de Tavora, em 9 de abril de 1758 e collado em 26 de maio do dito anno. Passou depois para a egreja de Santa Maria de Golpilhares.

16.º—Alexandre Ribeiro do Couto, natural de Varziella, filho de Thomaz Moreira Ribeiro e Maria do Couto. Apresentado pelo bispo, D. fr. Antonio de Sousa, em 28 de abril de 1763 e collado no mez seguinte. Falleceu em 31 de agosto de 1770.

17.º—André Xavier da Costa, bacharel formado em canones, natural de Bragança; apresentado pelo bispo diocesano, D. fr. Aleixo de Miranda Henriques, em 30 de setembro de 1770, e collado em 30 do mez seguinte.

18.º—Joaquim José Pereira Godinho, presbytero secular, bacharel formado em canones, natural de Oliveira de Azemeis, filho de Bernardo Pereira da Silva e de Josefa Caetana de Andrade. Apresentado pelo bispo D. João Raphael de Mendonça em 11 de novembro de 1791, collado em 19 do mesmo mez e anno. Na provisão diz o prelado: «e porque a dita abbadia, conforme a sua creação, e dotação é da nossa collação, confirmação e apresentação *in solidum*, em qualquer tempo que aconteça vagar, por ser um dos beneficios da nossa mesa e camara... sem concurso...» Renunciou o reverendo Pereira Godinho a abbadia em favor do seu successor, com a reserva de 200$000 réis annuaes, por haver subrogado no beneficio o seu patrimonio, reserva que receberia «emquanto fosse coadjutor do beneficio e prebenda (inteira) de que havia tomado posse na cathedral, pensão que cessaria logo que fosse sua a dita prebenda.» O rendimento da egreja estava então lotado em réis 460$000.

19.º—José Pacheco e Sousa, da congregação do Oratorio, do Porto, filho de Manuel Rodrigues Pacheco, de Beire, e de Joanna Luiza Rita, de Bitarães. Collado em 10 de maio de 1802.

20.º—José Coelho Antunes, presbytero secular, natural de S. Pedro de Castro-Daire filho de Manuel Antunes e Anna Maria; apresentado pelo bispo diocesano, D. João de Magalhães Avellar, em 10 de janeiro de 1820, e collado em 18 de fevereiro do mesmo anno, com a obrigação de pagar dos rendimentos certos e incertos da egreja 30$000 réis «para outro ecclesiastico benemerito.» Na provisão de apresentação diz o prelado: «por ser esta egreja do nosso padroado *in solidum*, em qualquer occasião ou tempo que se verifique a sua vacatura.

Desistiu o padre Antunes, da abbadia, fazendo a desistencia perante a camara ecclesiastica.

21.º—Domingos de Mesquita, egresso da Ordem de S. Domingos, filho do dr. Domingos de Mesquita e Mello, e de D. Bernardina de Freitas e Mello; foi apresentado na egreja, vaga por desistencia do antecedente, por decreto de 23 de dezembro de 1844, e collou se em 2 de abril de 1845.

22.º—Pedro Salvador Ferreira, egresso da ordem dos pregadores, bacharel formado em

theologia, natural de Paços de Sousa, filho de Joaquim Ferreira e Theresa Coelho. Era parocho collado, na egreja de S. Christovão do Muro, e collou-se na de Miragaya em 1860, de onde sahiu para a de Refojos, onde se collou em 23 de outubro de 1862.

23.º—Pedro Augusto Ferreira, bacharel formado em theologia, cavalleiro da Ordem de Nossa Sebhora da Conceição; nasceu na Corvaceira, freguezia de Penajoia, a 14 de novembro de 1832; filho de José Antonio Ferreira e de D. Maria da Purificação Ferreira.

Ordenou-se em 25 de janeiro de 1857, em Lamego, (concluiu a formatura em 1856) sendo em seguida nomeado pelo bispo d'aquella diocese, D. José de Moura Coutinho, examinador synodal, e no mesmo anno professor de Instituições Canonicas, disciplina que leccionou desde 1857 a 1860, e n'esse mesmo anno regeu a cadeira de Historia ecclesiastica, novamente creada (1859).

De 1857 a 1860, exerceu por vezes, por commissão do prelado, as funcções de vigario geral, no impedimento do proprio, o dr. Diogo de Macedo Pereira.

Em 1861 foi apresentado na egreja de S. João Baptista de Távora, onde se collou em 27 de julho d'esse anno, tomando posse em 10 de agosto. Vagando a egreja de Miragaya, foi nella apresentado por decreto de 9 de abril de 1864, n'ella se collou em 22 de outubro d'esse mesmo anno. É o abbade actual.

Escolas

No fim do anno de 1874, havia em Miragaya 1 collegio e 9 escolas de instrucção primaria, frequentadas por 241 alumnos, do sexo masculino e 140 do feminino, e 1 collegio de instrucção secundaria, frequentado por 119 alumnos do sexo masculino e 15 do feminino.

Das escolas de instrucção primaria, são duas regias, uma para o sexo masculino, de que é actualmente professor, Antonio Ferreira de Jesus, e outra do sexo feminino, regida pela sr.ª D. Maria de Sá Rebello Vasconcellos e Albergaria, da familia dos Sás, de Arcozello, comarca de Moimenta da Beira. Das aulas gratuitas a mais importante é a estabelecida em S. Nicolau, e tambem pertencente a esta freguezia.

D'esta escola mais largamente tratâmos em seguida.

ESCOLA DAS FREGUEZIAS DE S. NICOLAU E S.PEDRO DE MIRAGAYA

A escola primaria para o sexo masculino das duas freguezias acima mencionadas, foi fundada em 1771, por um donativo, creio que de 3:000$000 réis, feito á confraria do Santissimo, de S. Nicolau, por Ignacio Ribeiro Machado, capitalista, residente em Miragaya, porque, segundo consta, a confraria Miragaya não quiz acceitar a doação.

O encargo era, fundar uma escola para alumnos das duas freguezias.

N'esta epocha estava em vigor uma lei, que não permittia ás confrarias receberem legados para tal fim, e a confraria foi obrigada a restituir o dinheiro em 1774, mas, por uma escriptura simulada, acceitou a doação, ficando a escola a funccionar, como se o dinheiro para a sua manutenção fosse agenciado por esmolas.

Em 1809, pela occasião da entrada dos francezes n'esta cidade, por ordem do general Soult, foi levantado metade do fundo da escola a titulo de contribuição de guerra.

Apesar d'esta vicissitude, a escola continuou aberta, sustentada pelos rendimentos da confraria, até que por occasião do cêrco (1832), o resto do fundo foi levado tambem para despezas da guerra.

Conservou-se a escola por algum tempo fechada, e se reabriu depois da guerra acabar, sendo sustentada ainda pela confraria, mas n'uma casa pessima, escura, sem ar, nem condições para o fim a que se destinava.

Fez então a confraria a compra da casa em que a escola funccionou até 1874, mas como a sala da escola não tivesse condições hygienicas, foi reformada em 1872, por iniciativa do muito benemerito mordomo da escola, o sr. Francisco Pereira Lobo, que se tornou incansavel no augmento e prosperidade da mesma, promovendo os exames no

fim dos annos lectivos) que já se não faziam ha muito tempo) distribuindo premios aos alumnos distinctos, etc., tirando-a emfim do abatimento em que jazia.

O numero dos alumnos que frequentavam a escola era de 60, antes da reforma feita pelo sr. Lobo, e depois da reforma, foi o numero elevado a 78.

Com as demolições feitas para a nova rua da Alfandega, ficou em frente da casa da escola um terreno para as habitações virem a alinhar com a rua dos Inglezes.

A casa escolar, estava comprehendida n'este numero; e como em uma occasião de exames, fosse a escola visitada pelo sr. commendador, João Coelho de Almeida, abastado capitalista, residente na freguezia de S. Nicolau, e este benemerito cidadão achasse a sala insufficiente para tão grande numero de alumnos, offereceu logo á mesa da confraria a quantia de 450$000 réis, para a casa ser ampliada.

A mesa acceitou o generoso donativo, e lançou os alicerces para a nova, em 1873, sendo então juiz da confraria o sr. Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães.

O edificio foi construido á custa de esmolas dos parochianos e outras pessoas, que subscreveram para tão util fim, sobresahindo o sr. commendador João Coelho de Almeida, que, com o obolo dos seus amigos, conseguiu entregar á confraria 1:000$000 réis aproximadamente.

Ficou concluida a casa em 1874 e a inauguração solemne fez-se em 30 de junho do mesmo anno, para cujo acto foram convidadas as auctoridades, commissario dos estudos, etc.

No acto da inauguração foi collocado na sala o retrato do generoso bemfeitor o sr. Coelho, mandado tirar a expensas dos mesarios.

A nova sala escolar é bem arejada, com muita luz, e boas condições hygienicas, comportando 100 alumnos.

A mobilia é magnifica e foi dada pelos srs. João Francisco Gomes & Irmão, negociantes, moradores na freguezia de S. Nicolau, e com ella dispenderam cerca de 300$000 réis.

Os 100 alumnos teem vestuario uniforme, dado pela confraria, e consta de bluza azul, calça preta, e sapatos; e são obrigados a assistir na egreja parochial á missa do domingo terceiro de cada mez, aos enterros dos irmãos da confraria, e a acompanhar todos os annos o sagrado viatico aos enfermos, etc.

A confraria fornece tambem papel, pennas, livros, tinta e mais accessorios precisos na escola.

Esquecia-me mencionar que—não havendo fundo, pelas razões que apontei, um deputado eleito pelo Porto (creio que foi Passos Manuel) instou com o governo para que restituisse o dinheiro que devia á confraria, e esta recebeu 8:000$000 réis nominaes em inscripções, que constituem o seu fundo actual.

É ainda mordomo director o sr. Lobo, e professor, Henrique o sr. Marques de Sousa Viterbo, irmão do bem conhecido poeta, o sr. Sousa Viterbo.

A escóla de meninas

Como a casa da escóla tenha dois andares, e um só fosse occupado, o sr. Lobo conseguiu que a sr.ª D. Rita Emilia do Carmo. viuva do sr. José Joaquim Magalhães Carmo, instituisse uma escóla de meninas no andar devoluto, doando para este fim 4 contos nominaes em inscripções, correndo com a mais despeza a confraria.

Effectivamente foi inaugurada a escóla em 22 de janeiro de 1875 com toda a solemnidade, dando logo entrada a 50 meninas, das mais pobres da freguezia.

As meninas teem tambem vestuario, que lhe foi dado com o producto da venda de um opusculo, intitulado *Questões Internacionaes*, do sr. Augusto Carvalho, distincto escriptor brasileiro, que offereceu mil exemplares á escóla, na occasião da inauguração, depois de um brilhante discurso.

É director da escóla o sr. Antonio Augusto Marques Guimarães, e professora, a sr.ª D. Rosa Augusta Marques de Sousa.

Na sala vê-se o retrato dos doadores.

Quartel da rua do Triumpho

(Torre da Marca)

Este quartel, ao S. da rua do Triumpho e quasi em frente do palacio real, é bastante antigo, pois quando em 1769 a Misericordia comprou a João Ribeiro e Rosa Angelica de S. José, o casal dito do Robalo, para edificar o seu novo hospital, como se vê da escriptura lavrada nas notas do tabellião Manuel da Cunha Valle, já se disse que as ditas terras confrontavam a poente com os quarteis. Antes de se denominar rua do Triumpho a rua onde estão, denominou-se —*rua dos Quarteis.*

São pois anteriores a 1769, mas não podemos marcar a data da sua fundação.

Poucos quarteis militares haverá no paiz em local mais bonito, mais vistoso e mais saudavel. Quando ali o edificaram era aquelle sitio um ermo, emquanto que hoje está a meio da rua do Triumpho, uma das primeiras ruas do Porto, e toma, com a sua cêrca, mais de metade S. d'esta rua desde a da Liberdade até á rua ainda sem nome, que a camara principiou em 1871, para ligar a rua do Triumpho com a da Restauração.

Do lado dos quarteis, a parte restante da rua do Triumpho foi tomada pelo Palacio de Cristal, de que não fallaremos n'este artigo porque já pertence á freguezia de Massarellos, pois n'este ponto a linha divisoria entre esta freguezia e a de Miragaya é a citada nova rua ainda sem nome.

O quartel tem a fachada principal voltada ao nascente e sobre um bonito largo arborisado, e outra face com cazernas voltada ao S., estando principiadas ha muito tempo, e ainda muito atrazadas as outras duas faces, sendo para lamentar o mau sestro que tem, perseguido estas obras, porque depois de acabado, ficaria este quartel em magnificas condições, e muito embellesaria a rua em que se acha.

N'este qualtel está hoje o regimento de infanteria n.º 10, commandado pelo seu digno coronel M. Pinto Junior, e tendo por ajudante o alferes José Joaquim Fernandes da Silva.

Esteve aqui tambem muitos annos o 5 de infanteria até que foi chamado para Lisboa —*por ser um dos regimentos mais bem disciplinados que ao tempo havia no nosso exercito*—graças ao seu dignissimo coronel e commandante, hoje general João José Barreto da França, que até ser promovido a general soube manter com tanta firmeza a disciplina do corpo que commandava—sem violencia e sempre estimado pelo regimento inteiro,

Esteve tambem aqui muitos annos antes do 5, o regimento de infanteria n.º 6, e quando elle aqui estava deu-se o facto seguinte:

Em frente do quartel, no chão que é hoje campo arborisado, viveu muitos annos em umas humildes casas uma mulher, dirigindo uma taberna e uma pequena loja de consumo, e na decrepitude, não tendo filhos nem parentes proximos, e lembrando-se de que devia a sua fortuna em grande parte ao regimento 6, nas suas disposições testamentarias *legou ao dito regimento* a quinta ou cêrca contigua—hoje propriedade de bastante valor.

A sua intenção era crear um *bonus* exclusivamente para o seu querido regimento 6; mas como este d'aqui fosse removido, e mais tarde dissolvido, o ministerio da guerra tomou posse da dita cêrca, e por elle é arrendada, sem a minima vantagem para os regimentos que aqui estacionam!

Museu municipal-ou-museu Allen

Sito na rua da Restauração n.º 275, n'esta freguezia de Miragaya.

—

Este museu foi fundado por João Allen, penultimo filho dos 10 que seu pae, Duarte Guilherme Allen, houve do seu primeiro matrimonio com D. Joanna Mazza, pertencente a uma familia italiana, aparentada com o celebre pontifice Clemente XIV (Ganganelli.) Era seu pae subdito britanico e negociante, e foi consul da sua nação em Vianna do Castello, e depois na cidade do Funchal, onde possuia um magnifico predio que cedeu ao governo portuguez durante a guerra com a França, por ser preciso para repartições

publicas; e o cedeu em troca de duas legoas quadradas de terreno inculto, no Brasil, terreno de que nem elle nem seus herdeiros chegaram a tomar posse.

O filho mais velho de Duarte Guilherme Allen, foi conego na Sé do Funchal, e tres de suas filhas casaram com homens notaveis—uma com José Monteiro de Almeida, rico negociante portuense, edificador da grande e bella casa, em que se acha o correio geral na rua de S. Bento da Victoria (hoje propriedade de José Gaspar da Graça) a qual senhora, pelos seus serviços prestados durante a emigração, foi agraciada com o titulo de baroneza da Regaleira.

Outra casou com o dr. Velloso, medico do paço no Brasil e veador da primeira imperatriz, e cujas filhas casaram com os distinctos estadistas brasileiros, os drs. França e Totta.

A terceira casou com José Ferreira Pinto Basto, o fundador da Vista-Alegre e notavel caudilho setembrista, sendo assim mãe do actual sr. José Ferreira Pinto Basto e de seus numerosos irmãos.

João Allen nasceu em 1785, e aos 12 annos de edade, foi mandado educar por seu pae, para o collegio de «George Toun» nas proximidades de Whashington, capital dos Estados Unidos americanos, collegio catholico, mas com organisação militar, dirigido por clerigos francezes; e voltando ao Porto, quando todos se armavam contra a França, prestou bons serviços, concorrendo com os conhecimentos que adquirira na America para a melhor organisação dos corpos de milicias e de voluntarios, e alistando-se em seguida como voluntario no exercito anglo-luso, fez toda a campanha, *servindo a expensas suas* e distinguindo-se em algumas acções, pelo que lhe foi conferida a medalha da Torre e Espada. Finda a guerra peninsular estabeleceu-se como negsciante, primeiramente em Londres e depois no Porto, hindo para ahi como principal socio da casa Monteiro Dixon & C.ª, por morte de seu cunhado José Monteiro de Almeida, que casa d'ahi por diante ficou tendo por firma—Dixon, Allen, Figueiredo & C.ª (entrando para socio o pae do actual sr. visconde de Figueiredo) firma que mais tarde se transformou em Allen, Morgan & C.ª, hoje em parte representada por Morgan Brothers & C.ª, grandes exportadores de vinho do Porto.

Durante a sua laboriosa carreira commercial, concorreu João Allen para a creação ou aperfeiçoamento de todos ou quasi todos os estabelecimentos uteis, quer philantropicos, quer financeiros, que no Porto successivamente se organisaram, tomando nomeadamente parte na fundação do Banco Commercial—o primeiro banco do Porto—cujas notas foram gravadas por desenhos seus. Teve tambem parte importante nos trabalhos preparatorios para a creação de monumental edificio da Associação Commercial; foi membro da feitoria britannica por acclamação expontanea da mesma, etc.

Ainda estava solteiro, quando deu principio ao museu, colleccionando armas de diversos povos, medalhas e louças curiosas, e depois foi pouco e pouco adquirindo e congregando muitos outros artigos, em grande parte durante as suas repetidas viagens por França, Inglaterra e Italia, onde pouco depois do seu casamento, em 1823, com D. Leonor Carolina Amsink (filha de Rodolpho Amsink, consul de Hamburgo no Porto) se demorou mezes com sua esposa e cunhada D. Ermelinda Monteiro de Almeida (depois baroneza da Regaleira) passando muito tempo em Roma em intimidade com o nosso abalisado pintor Sequeira, e adquirindo por bom preço varios dos melhores quadros que ornam a galeria municipal.

Não cabendo já na sua casa (n.º 281 na rua da Restauração) as numerosas e variadas collecções que havia adquirido, edificou no quintal contiguo (em 1836) uma casa composta de tres grandes salas com luz vertical, e n'ellas collocou essas collecções encyclopedicas que se acham minuciosamente descriptas no *Tratado de Geographia*, publicado por D. José de Urcullu, vol. 1.º art. Porto. No 3.º vol. da citada obra se vê uma gravura representando o exterior do museu e casa de João Allen.

Foi visitado por grande numero de naturaes e estrangeiros, principalmente nos dias (domingos) em que o sr. J. Allen o

franqueava ao publico. Um d'esses visitantes mais notaveis foi o conde Raczinsky, então (1846) ministro da Prussia em Lisboa, o qual na sua obra *Lettres sur les Arts en Portugal*, falla detidamente de varias pinturas do museu.

Tambem foi visitado pelo conde de Vargas—Bedmar—naturalista dinamarquez, o qual tanto gostou da collecção mineralogica, que regressando ao seu paiz, de lá mandou por duas vezes ao sr. Allen, curiosos especimens colhidos nas suas viagens pelo norte da Europa.

Augmentou tambem consideravelmente, o sr. Allen, a collecção de pinturas e outras, com as preciosidades da casa de Abrantes, que se venderam em Lisboa nos annos sobsequentes á guerra civil que terminou em 1834, sendo n'essas diligencias efficazmente coadjuvado pelo nosso insigne pintor Joaquim Raphael, a quem as egrejas e estabelecimentos portuenses devem tantos quadros

Porfiaram em tirar-lhe o retrato, por essa occasião, os artistas lisbonenses, e o dito J. Raphael, fez lithographar na officina da rua Nova dos Martyres, um, com a legenda seguinte:

As artes agradecidas
Contra o tempo que as consome,
Te erigem um monumento
Que vae basear teu nome.

Nada mais incoherente porém do que a fortuna. Assim o provou o sr. Allen, nos ultimos annos da sua vida, sendo atraiçoado por seu socio Morgan, que em Inglaterra abusou da firma da casa, tendo tambem depois em Portugal, dissabores com pessoas que a uma nobre dedicação pelo seu chefe, preferiram salvaguardar os seus proprios interesses, aproveitando-se da ausencia do sr. Allen, em Inglaterra.

Não pôde seu nobre coração resistir a tão grande catastrophe, e falleceu este cidadão benemerito, no dia 19 de maio de 1848, alguns mezes depois do seu regresso ao Porto, havendo resolvido, depois de terminada a liquidação da sua casa, retirar-se do negocio com os salvados do naufragio, e passar o resto dos seus dias na sua bella quinta de Campanhan, hoje pertencente a seu filho, Alfredo (visconde de Villar d'Allen[1]), que muito a tem augmentado e embellezado, e cujo amor pela agricultura e pelos melhoramentos publicos, o levaram a ser um dos mais energicos promotores das exposições agricolas, no nosso paiz, principal fundador do Palacio de Christal, e activo iniciador da exposição internacional, com que em 18 de setembro de 1865, se inaugurou aquelle monumento.

Deixou o sr. João Allen, mais dois filhos e uma filha—Eduardo, Adelaide e João.

O mais velho[2] é digno director de um acreditado collegio de instrucção primaria e secundaria[3], estabelecido actualmente na casa que habitou com seu pae, contigua ao Museu (rua da Restauração, n.º 281)—professor de varias linguas e mathematica, director do proprio Museu, que fôra de seu pae, 2.º bibliothecario da Bibliotheca portuense, desde 1859—e intelligente manuseador de collecções bibliologicas, naturalisticas e numismaticas.

O ultimo, era um esperançoso joven, a quem uma terrivel molestia mental cortou a brilhante carreira que seus triumphos scientificos na Academia Polytechnica do Porto, lhe auguravam, e que hoje se acha no Hospital de Rilhafolles, sem esperanças de restabelecer-se—molestia proveniente talvez do seu extremo afinco ao estudo e des-

[1] Casou com D. Maria José Rebello Valente, filha de José Maria Rebello Valente, que foi um dos mais acreditados negociantes de vinhos d'esta praça, capitalista e grande proprietario, morador na sua casa, da rua da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

[2] Eduardo Augusto Allen, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, bacharel em litteratura pela Universidade de Pariz, premiado com a medalha de prata, da sociedade *Monthyon et Franklin*, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de outras corporações scientificas.

[3] Collegio inglez de Nossa Senhora da Divina Providencia. Tem 12 alumnos internos e 20 externos.

curamento das necessidades do corpo, pois consta que passára dias sem comer, e noites e noites sem dormir, quando estava em Paris completando o curso de engenharia.

—

Passados dois annos, depois do fallecimento do fundador do Museu, e tendo o respectivo conselho de familia ordenado a venda do mesmo, todas as pessoas mais notaveis do Porto, mostraram o mais vivo desejo de que este monumento não sahisse da cidade, nem se desfizesse n'uma venda em almoeda, e os dois corpos administrativos, de quem dependia a sua acquisição, apesar de se acharem em guerra aberta no momento, *depozeram attritos* e *animosidades*, e unanimemente accordaram em compral-o á viuva e filhos do sr. J. Allen.

Realisou-se a transação pela quantia de 19 contos de réis, em que fôra avaliado por peritos competentissimos, taes como os srs. José Victorino Damasio, João Baptista Ribeiro, Manuel José Carneiro, etc., reforçados ainda extra-officialmente pelo sr. Carlos Ribeiro, hoje a primeira notabilidade mineralogica e geologica do nosso paiz.

Foram porém esses dezenove contos, pagos em lettras de um conto de réis cada uma, a vencer de 3 em 3 mezes, o que retardou o pagamento integral por espaço de quatro annos, perdendo os herdeiros do sr. Allen, com descontos, cerca de 2 contos de réis.

Deve notar-se, que na compra feita pelo municipio, não se pôde incluir o que já em leilões se havia vendido, pois pelos juizes do inventario, se havia ordenado a venda em hasta publica, de objectos de valor intrinseco (alguns d'elles pertencentes ao Museu) como v. gr. dois ricos calices de prata dourada, estylo gothico, etc.—venda que se realisou, sob a presidencia do referido juiso orphanologico. (cartorio do escrivão Fonseca.)

—

Feita a acquisição pelo municipio, pediu a camara licença para conservar o Museu no edificio em que estava, durante um anno, em quanto lhe não arranjava accommodação apropriada, ao que os vendedores muito generosa e gratuitamente se prestaram.

Não tendo porém a camara achado local conveniente para aquelle fim, e resolvendo expol-o ao publico, alugou á viuva do fundador, a casa em que o Museu se achava, e alli se conserva ainda hoje—sendo para lamentar que a camara ainda se não determinasse a dar-lhe casa em melhores condições, apesar das reiteradas instancias, do seu digno director, desde que se inaugurou a abertura em 1852, o qual tem submettido e apresentado á camara varios alvitres, minuciosamente desenvolvidos e documentados para ver se a resolve a collocar o Museu em condições de poderem devidamente coordenar-se e exporem-se todos os objectos que na actual casa, por falta de espaço, se acham amontoados.

No primeiro projecto, propunha a construcção de uma ala nova nos Paços do concelho, pelo do lado poente, uniformisando a frente dos Paços actuaes, e da casa contigua já comprada e occupada pela camara—ala que ficaria ao longo de uma nova rua, que ligasse a Praça de D. Pedro, com os Lavadouros.

No segundo projecto, propunha a terminação pela parte Norte do edificio da bibliotheca, em S. Lazaro, onde existe já a parede fronteira ao jardim, faltando só outra do lado da rua da Murta, e uma mais pequena pelo lado do nascente.

Podia alli formar-se um vasto salão, com luz vertical, e magnificas condições para o Museu; mas nós optariamos pelo primeiro projecto, já por que os Paços municipaes não estão á altura da segunda cidade do reino, e com as obras e desenvolvimento que demandam, póde bellamente harmonisar-se a casa para o Museu, já por que este ficaria mais central do que em S. Lazaro, e muito mais accessivel ao publico.

Depois de comprado pela camara, tem o Museu augmentado alguma coisa, já com offertas particulares, infelizmente ainda raras entre nós, já com a compra de pequenas collecções e objectos avulsos, sendo o mais importante d'estes, o curiosissimo sarcophago romano, descoberto no Alemtejo e descripto em uma Memoria, publicada pelo sr.

Eduardo Allen, intelligente director do Museu.

Publicou tambem o mesmo senhor um *Catalogo da Galeria de Pinturas*, 1.º vol. do *Catalogo do Gabinete Conchyliologico*, varias monographias naturalisticas e numismaticas; e tem prompta a classificação de todas as collecções, para serem etiquetadas e convenientemente expostas, logo que o Museu tenha casa que o permitta. E esperamos que em breve a terá, por que a merece, e por que álem da vergonha de andar um monumento publico, em casa de renda, e exposto a que lhe intimem despejo de um momento para o outro, o edificio que actualmente occupa não tem o espaço preciso.

Nem essas obras podem fazer trepidar uma camara, que dispendeu mais de 300 contos de réis, só com a rua da nova Alfandega—que pouco menos deve gastar com a de Mousinho da Silveira, já principiada, ou com a de Barrêdo, em continuação da rua dos Inglezes, até á ponte pensil — que se atreve a levar em linha recta, a da Boa-Vista, cerca de 5 kilometros, desde o Campo de Santo Ovidio, até á beira-mar, e que levantou para peixe e fressuras, uma praça, ou antes um palacio, que se não conclue com 200 contos de réis.

—

João Allen, o fundador do Museu Municipal, era tio (e socio) do infeliz José Allen, que perdeu a vida com duas innocentes filhas, no memorando naufragio do vapor *Porto*, em 29 de março de 1852—precisamente no dia em que por occasião da segunda invasão franceza (em 1809), tantas mil pessoas pereceram nas mesmas aguas do Douro, quando em tropel fugiam pela Ponte de Barcas, para o Sul do paiz.

Depois da catastrophe da ponte, foi aquelle naufragio a scena mais horrorosa, que o Porto tem presenciado; e nem ha memoria de naufragio que tantas victimas fizesse entre os sinistros sem conta, que se têem dado na barra do Porto.

Toda a cidade se vestiu de lucto, porque sendo aquelle vapor um dos da carreira entre o Porto e Lisboa, seguia para a capital com grande numero de pessoas, quasi todas do Porto, e arribando, se perdeu já nas aguas do Douro, a pequena distancia da terra, e com elle se submergiram todos os passageiros, á vista de suas familias e de milhares de pessoas, que á voz do sinistro correram á pressa e se estorciam de dôr e desesperação, sem poderem valer-lhes!...

Temos sobre a mesa, um sentido poemeto que o sr. Luiz M. de C. S. Donas Botto, por essa occasião escreveu, sobre o assumpto[1] e dedicou á viuva de José Allen, a sr.ª D. Emilia Allen, que ainda vive, na rua da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

Fabricas

Ha na praça do Duque de Beja, n.º 46, n'esta freguezia, uma fabrica de tecidos de algodão (cotins); foi montada em 1814 por Manuel Joaquim Machado, fallecido ha annos, e é hoje propriedade de um seu sobrinho, o sr. Luiz Monteiro Machado, primo do sr. Felisberto de Moura Monteiro, um dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental d'esta cidade.

E fique de passagem aqui consignado, que esta familia Monteiros Machados, da praça do duque de Beja, é hoje uma das familias mais ricas de bens e de virtudes, que ha n'esta freguezia.

Tem a fabrica 36 teares, e n'ella se empregam 80 pessoas, comprehendendo adultos e menores.

—

Ha n'esta freguezia outra fabrica de tecidos, mas de seda (largos) na rua da Bandeira, n.º 66, propriedade do sr. Antonio de Oliveira Lessa. Foi fundada por este senhor na antiga rua das Carrancas, hoje rua da Liberdade; passou para a Bandeirinha, em 1850.

Os artigos que fabrica são variados, e bem acabados; confundem-se com os estrangeiros, e como taes o publico os acceita.

Tem sido premiados em varias exposições nacionaes.

[1] Faz parte da collecção de poesias, que com o titulo *Lyra do Douro*, se publicou em 1854, na typographia de Faria Guimarães.

Existe nas Escadas do Monte dos Judeus, n.º 6 a 8, tambem uma fabrica de fundição de ferro, desde 1860, propriedade do sr. João Ayres. Tem uma machina da força de 5 cavallos e occupa 25 operarios.

No mesmo local teve o sr. João Iglesias até 1860, uma fabrica de cerveja, aguardente, licores e genébra, e nos baixos do primeiro pavimento uma outra fabrica de serrar madeiras, movida a vapor.

—

No mesmo local onde esteve a aquella fabrica de serrar madeiras, está hoje (desde 1870) uma fabrica de moagem a vapor, com duas rodas e uma machina da força de 6 cavallos.

E' propriedade do sr. Francisco José Gomes, e móe cereaes para queimar, seixo para vidro, sarro, e principalmente enxofre, pois só d'este artigo, no anno ultimo, moeu cerca de cincoenta mil arrobas, e este anno de 1875, nos disse o seu proprietario que esperava moer muito mais!...

Todo este enxofre é destinado a combater o *philoxera* e o *oidium*.

—

Existiu muitos annos na rua da Esperança, n.º 3, uma fabrica de louça, da familia Rocha Soares. Era um estabelecimento vasto, e Agostinho Rebello da Costa o indica na gravura que fez intercalar no texto da sua curiosa *Descripção do Porto*. Fechou-se porém, e extinguiu-se esta grande fabrica, pouco depois do fallecimento do seu ultimo possuidor, Francisco da Rocha Soares, de quem fallamos em outra parte.

—

Depois da extincção do contracto ou monopolio dos tabacos em Portugal, montou-se na mesma casa onde esteve aquella fabrica de loiça, uma fabrica de tabacos, aproximadamente em 1865, mas fechou-se logo no anno seguinte.

—

Houve tambem na mesma rua da Esperança, n.º 24, uma fabrica de moagem de cereaes, propriedade e perdição de Antonio José Borges, contemporaneo do grande industrial Francisco da Rocha Soares Senior.

Antonio José Borges foi capitão de ordenanças, negociante e proprietario, e dispoz de boas sommas.

Viveu muitos annos nas casas que mandou fazer, e em que dispendeu muito dinheiro, no largo de S. Pedro, n.º 7, junto á egreja de Miragaya; fundou uma grande padaria na rua da Esperança, n.º 24,—adquiriu todo o terreno desde a padaria até á rua Armenia, e sobre este levantou custosos armazens com um segundo pavimento para deposito de cereaes; e como lhe causassem transtorno os moleiros, que, principalmente no verão, não lhe davam a tempo a farinha de que necessitava, concebeu o plano de libertar-se d'elles, e a fatalidade lhe deparou um industrioso francez que se prestou amontar uma fabrica de moagem, com a pequena porção de agua que já tinha a padaria.

Ficou louco de contentamento o ingenuo capitão Borges, e, sem regatear, tomou logo ao seu serviço o francez, que, pelos modos, não era completamente leigo na materia, pois ao fim de mais de um anno de obras, e depois de consumir a paciencia e a fortuna do capitão Borges, conseguiu pôr em movimento um engenho digno de ver-se.

Por um triz não resolveu o problema do motu-continuo!

Com uma pequena quantidade de agua formou um deposito, e d'este a agua, cahindo no apparatoso engenho o obrigava a dar mil voltas, vindo a agua por ultimo cahir no mesmo deposito d'onde sahira! E assim aquella pequena porção de agua alimentava o engenho, e o fazia trabalhar *incessantemente*; mas um palito, por assim dizer, o fazia estacar!

Era um vistoso jogo d'aguas—nada mais. e creio que o pobre capitão Borges não chegou a ver um unico alqueire de pão moido na sua *tão cara fabrica!*

E com este *jogo d'aguas* e casas que mandou fazer no largo de S. Pedro, e outras junto á padaria, na rua da Esperança, n.º 26; com os armazens da rua Armenia e outros que ainda ultimamente fez na rua da Esperança, n.º 21 a 27, consumiu toda a sua fortuna o bom do capitão Borges!

D'elle existem, além d'outros filhos, a sr.ª D. Leonor, casada com o sr. Antonio de Sá Lima,

de Massarellos, rico proprietario e fabricante de louça, e a sr.ª D. Rosa, que casou na ilha Terceira, e possue uma das maiores fortunas d'esta ilha.

—

Houve tambem n'esta freguezia uma fabrica de velas de cebo na travessa da Lage, propriedade dos srs. Azevedos, ricos negociantes da rua dos Fogueteiros; e ha ainda n'esta freguezia duas fabricas de pós de gomma, uma na rua do Calvario, n.º 10, propriedade do sr. Francisco Antonio Villas, e outra na Cordoaria Velha, n.º 38, propriedade do sr. Carlos Nobió.

Pharmacia do Hospital da Misericordia

Esta pharmacia é hoje uma das primeiras de Portugal, sendo seu director o sr. Agostinho da Silva Vieira, professor na Academia Polytechnica do Porto, caracter probo, muito intelligente e estudioso.

Nasceu em 3 de setembro de 1825, na freguezia de Cottas, concelho de Favaios (hoje de Alijó), districto de Villa Real, e, havendo alli estudado instrucção primaria e francez, aos 21 annos, veio para o Porto (em 1846) assentando praça no batalhão academico, estudou particularmente inglez, logica e geographia, e, feitos todos os exames de preparatorios, entrou para a Academia Polythecnica, em outubro de 1847, matriculando-se em mathematica e chimica, em que ficou approvado e distincto.

Em 1848 a 1849 cursou na mesma academia, as aulas de phisica e botanica, nas quaes foi tambem approvado com distincção, concluindo os preparatorios para entrarar na escóla medico-cirurgica, onde se matriculou no mesmo anno, em materia medica e anatomia, como alumno de pharmacia.

De 1849 a 1850 seguiu o segundo anno de pharmacia, e abandonando a carreira medico-cirurgica, estabeleceu uma pharmacia, e seguiu n'esse anno e nos immediatos todas as disciplinas necessarias para obter, como obteve, *carta de capacidade*, em agricultura, na academia, e na escóla medico-cirurgica a de pharmaceutico de primeira classe. Conservou-se estabelecido, até que no 1.º de janeiro de 1855 tomou posse do logar de pharmaceutico do Hospital Real de Santo Antonio, e a instancias suas, e por sua direcção, foi reformada a pharmacia a seu cargo, hoje uma das primeiras de Portugal, dotando a com algumas machinas de sua invenção.

Por convite da mesa foi encarregado da organisação da lavanderia a vapor, do mesmo hospital, a qual foi montada em 1864 a 1865, e tem por elle sido dirigida até hoje.

A despesa annual da lavanderia, é de cerca de 2:800$000 réis, dando um lucro liquido por anno de 450$000 réis aproximadamente, calculando-se o custo das lavagens pelas do antigo systema, além dos beneficios hygienicos, que d'ella resultam, e fornecendo ao mesmo tempo agua quente e fria, elevada pela machina a toda a altura do hospital, para banhos, lavagem da casa, etc.

Em 15 de maio de 1860 tomou posse do logar de primeiro official do Jardim Botanico da Academia Polytechnica, por decreto de 24 de abril do mesmo anno, precedendo concurso, e exercendo muito intelligentemente este logar até 13 de janeiro de 1875, data em que pediu a sua exoneração.

Por convite do conselho escolar, foi 7 annos preparador de physica e chimica no Instituto Industrial do Porto, gratuitamente, e regeu a cadeira de physica no anno lectivo de 1866 a 1867; por portaria de 14 de maio de 1867 foi nomeado lente auxiliar de chimica e physica do mesmo instituto, passando por outra portaria de dezembro de 1871 a reger a cadeira de chimica applicada, sendo despachado para a mesma cadeira, precedendo concurso, por decreto de dezembro de 1874, e tomou posse em 13 de janeiro de 1875.

Além de algumas publicações de menos importancia, publicou em 1860 uma obra intitulada *Thesouro inexgotavel*, da qual se fez já segunda edição; e em 1865 uma *Synonimia chimica pharmaceutica*, que foi muito bem acceite pelas pessoas competentes, e particularmente pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que lhe conferiu o titulo de re-

compensa e o diploma de socio honorario.

Escola Medico-Cirurgica do Porto

Esta escola foi montada no hospital real da Misericordia, hoje d'esta freguezia de Miragaya, onde ainda se conserva, e por isso nos cumpre mencional-a.

Alguns homens affeiçoados ao progresso dos estudos medicos, e particularmente Theodoro Ferreira d'Aguiar, cirurgião-mór do reino, e amigo intimo de el-rei D. João VI, fizeram com que o ministro, José Joaquim d'Almeida Araujo Corrêa de Lacerda propozesse e referendasse o alvará de 25 de junho de 1825, que creou as reaes escolas de cirurgia de Lisboa e Porto, a 1.ª com 7 cadeiras e a 2.ª com 5, e ambas sob a superintendencia d'aquelle cirurgião-mór, que era o seu director geral, presidindo á de Lisboa, e nomeando um delegado para presidir á do Porto.

Estes e outros actos revelam os sentimentos d'aquelle monarcha e dos homens que elle escolhêra para conjurar os males que causára o ministerio do conde de Subserra.

Infelizmente a sua prematura morte a 10 de março de 1826, que, como a do seu cirurgião Aguiar, foi attribuida a crimes que a historia averiguará, inutilisou aquelles planos, e deixou sem protectores valiosos aquelles estabelecimentos já creados.

Por decreto de 8 de outubro do mesmo anno de 1825, foram nomeados os professores para a escola do Porto. Foram elles Bernardo Pereira da Fonseca Campeão, delegado do cirurgião-mór do reino, director e lente do 5.º anno, durante o qual ensinava pathologia interna e clinica medica; — Vicente José de Carvalho, que havia sido demonstrador d'anatomia no hospital de S. José, lente do 1.º anno, durante o qual ensinava anatomia e physiologia; — Francisco Pedro de Viterbo, lente do 2.º anno, em que ensinava materia medica, pharmacia e hygiene;—Antonio José de Sousa, lente do 3.º anno, durante o qual ensinava pathologia externa, terapeutica e clinica cirurgica; — e Joaquim Ignacio Valente, antigo cirurgião do exercito, lente do 4.º anno, competindo-lhe o ensino da medicina operatoria e obstetricia, com a parte forense que lhe respeita.

A abertura das matriculas foi annunciada por um edital do provedor da Misericordia, cargo que então exercia Francisco Barroso Pereira, e a primeira abertura solemne da escola teve logar a 25 de novembro do dito anno, começando as aulas em 2 de dezembro.

Desde a organisação da escola todos os professores se esforçaram por grangear-lhe creditos, mas os tempos que corriam não eram de feição a favorecer a cultura das sciencias e das lettras. As tormentas das ambições, que se desencadeavam para empolgar o poder, não deixavam medrar coisa que servisse a bem da causa publica.

Com a entrada do senhor D. Pedro no Porto em 8 de julho de 1832 continuaram os professores que pormaneceram no seu posto, mas o estado anormal da cidade durante o assedio, e a improba tarefa de cuidarem dos doentes e feridos, mal lhes permittia o cumprimento do seu ministerio escolar.

Melhores dias raiaram porém para este estabelecimento, com a passagem das tormentas politicas, e com o decreto de 29 de de dezembrode 1836, que ampliou e egualou o quadro das escolas de Lisboa e Porto, e com a portaria de 16 de janeiro de 1837, que mandou ao conselho d'esta cumprir o sobredito decreto, o que fez a congregação de 23 de janeiro do mesmo anno do modo seguinte:—1.º anno, anatomia;—2.º, physiologia e hygiene;—3.º, materia medica e pharmacia; pathologia e therapeutica externas;—4.º, apparelhos e operações cirurgicas e cirurgia forense, partos e clinica cirúrgica;—5.º, historia medica, pathologia geral, pathologia e therapeutica internas, e clinica medica, hygiene publica, medicina legal e clinica cirurgica.

Eis-aqui o periodo moderno e brilhante d'esta escola, constituida com as suas nove cadeiras; e por decreto de 26 de máio de 1863 foram creadas ainda mais duas cadeiras — uma de pathologia, e outra de medicina legal.

O seu quadro actual é o seguinte:

Senhores:

Director — o conselheiro e lente jubilado — Manuel Maria da Costa Leite.

Secretario, Manuel de Jesus Antunes Lemos.

1.ª cadeira (anatomia descriptiva) — lente João Pereira Dias Lebre.

2.ª (physiologia) — dr. José Carlos Lopes Junior.

3.ª (materia medica) — João Xavier d'Oliveira Barros.

4.ª (pathologia externa) — Illydio Ayres Pereira do Valle. [1]

5.ª (medicina operatoria) — dr. Pedro Augusto Dias.

6.ª (obstetricia) — dr. Agostinho Antonio do Souto.

7.ª (pathologia interna) — dr. José d'Andrade Gramacho.

8.ª (clinica medica) — dr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

9.ª (clinica cirurgica) — Eduardo Pereira Pimenta.

10.ª (pathologia geral e anatomia pathologica) — Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

11.ª (medicina legal e hygiene publica) — dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.

Substituto de medicina — Manuel Rodrigues da Silva Pinto.

Dito — Antonio d'Azevedo Maia.

Substituto de cirurgia — Manuel de Jesus Antunes Lemos.

Dito — vago.

Demonstrador de cirurgia — Augusto Henrique d'Almeida Brandão.

Professor de pharmacia e toxicologia — Felix da Fonseca Moura.

Preparador e conservador do museu anatomico — Joaquim Pinto d'Azevedo.

Thesoureiro — Agostinho Duarte Balthazar.

Amanuense e 1.º official da bibliotheca — Miguel José Maia.

No alto da parte do edificio onde a escola funcciona (hospital real da Misericordia) foi creado pela escola em 1870, um pequeno observatorio meteorologico, sempre a cargo do lente mais moderno e demonstrador de medicina.

—

É este um dos melhores estabelecimentos d'instrucção superior que ha hoje em Portugal. Possue uma livraria medica, de cerca de 7:000 volumes, grande copia de instrumentos de physica e um bom gabinete anatomico.

—

Entre os lentes mais distinctos, que teem abrilhantado esta escola, mencionaremos os seguintes:

— Francisco d'Assis Souza Vaz, que escreveu sobre varios assumptos, e nomeadamente sobre hygiene.

— Januario Peres Furtado Galvão, que escreveu sobre hygiene e medicina legal.

— Antonio Pereira Braga, que escreveu sobre pathologia.

— João Ferreira da Silva Oliveira, que escreveu sobre philosophia, e a primeira *Gazeta Medica* do Porto.

— José Gregorio Lopes da Camara Sinval, que escreveu sobre obstetricia.

Todos estes já são fallecidos, e dos que ainda vivem consignaremos sem lisonja os nomes dos srs. José Pereira Reis, que tem escriptos importantes sobre materia medica — José Fructuoso Ayres de Gouveia Ozorio, sobre hygiene, redactor principal da segunda *Gazeta Medica do Porto* — e Antonio Bernardino de Almeida, cujo talento operatorio tem feito progredir muito a cirurgia portugueza. É uma das maiores glo-

[1] É actualmente deputado ás côrtes, onde acaba de ser approvado um projecto para a construcção da nova escola medico-cirurgica, da qual este sr. é distinctissimo ornamento.

A construcção da nova casa já principiou no anno ultimo (1874) e as obras continuam, pelo cofre da escola, com as rendas acumuladas da cêrca onde a casa se levanta, e que é propriedade da escola.

Aquella cêrca fez parte da do convento dos frades carmelitas, e fica ao nascente da praça do Duque de Beja, contigua ao Horto Botanico e ao hospital real de Santo Antonio, onde foi primitivamente montada e ainda se conserva a escola.

rias da escola, apesar de não ter publicado trabalho algum seu.

Quarenta maiores contribuintes

Pelo recenseamento feito já este anno de 1875 dos 40 maiores contribuintes do bairro occidental d'esta cidade, couberam a esta freguezia de Miragaya 10, o que é digno de menção, porque este bairro comprehende além da freguezia de Miragaya as da Victoria, S. Nicolau, Foz do Douro, Lordello, Massarellos e Cedofeita, tendo só esta ultima freguezia cerca de 6:000 fogos e a de Miragaya pouco mais de 1:000!...

Segundo uma nota que nos foi subministrada pela administração do bairro occidental do Porto, a população do dito bairro em 31 de dezembro de 1874 era a seguinte:

Foz do Douro, fogos civis 1:140, habitantes 4:300.

Lordello, fogos 798, habitantes 3:953.

Massarellos, fogos 1:085, habitantes 3:725.

Miragaya, fogos 1:089, habitantes 4:653.

S. Nicolau, fogos 1:489, habitantes 6:500.

Victoria, fogos 1:915, habitantes 9:619.

Cedofeita, fogos 5:983, habitantes 14:073.

Total, fogos 13:499—habitantes 47:223.

Note-se que das freguezias d'esta cidade é esta de Miragaya a que relativamente conta maior numero de pobres.

Para que saibam os vindouros quem são os dez maires contribuinte d'esta freguezia, aqui os vamos consignar.

—Antonio da Silva Monteiro, morador na sua luxuosa casa n.º 140, na rua da Restauração.

—Antonio José da Silva, morador tambem na dita rua da Restauração [1] n.os 180 a 190.

Nasceu na freguezia de S. Nicolau em 6 de abril de 1816, e é filho de José Antonio da Silva e D. Thereza Theodolinda da Silva. Casou em 5 de janeiro de 1844 com D. Thereza de Barros Lima, filha de José Pedro de Barros Lima e D. Anna Margarida da Graça Lima.

Tem um filho e uma filha — Antonio e Thereza, ainda solteiros.

[1] Esta rua é a flor da freguezia. Não tem uma unica familia pobre!

É proprietario, e dos mais acreditados e mais antigos negociantes de vinhos d'esta praça.

—Manuel Joaquim de Araujo Costa, morador na sua casa do largo de Viriato n.os 7 a 11.

Nasceu em 22 de fevereiro de 1816, na freguezia de Santo Ildefonso, e casou em 11 de janeiro de 1845 com D. Herminia de Miranda, na freguezia da Sé, n'esta cidade.

Tem cinco filhos — Boaventura, Manuel, Maria, e Maria José, solteiros, e Emilia, casada com João Pinto Pizarro da Cunha Porto-Carrero, senhor e representante da nobilissima casa dita, palacio das Sereias, da Bandeirinha.

É proprietario, capitalista, e director do Banco Commercial.

—Francisco Pinto Henriques, morador na sua casa n.º 27 na rua occidental do Campo dos Martyres da Patria, ou Jardim da Cordoaria.

Nasceu em 1818 na freguezia de S. Martinho da Cortiça, bispado de Coimbra, e é filho de Antonio Pinto e Anna Henriques.

Casou na freguezia da Victoria, em 1850 com D. Francisca Alves de Jesus, filha de Francisco Domingues da Silva Alves e de D. Anna de Jesus Fortuna.

Não tem successão.

É negociante e proprietario.

—Manuel Correia Machado Lima, morador na rua do Calvario n.º 17.

Nasceu em 14 de janeiro de 1837, na freguezia de S. Nicolau, e é filho de Joaquim Jesé Correia Machado e D. Francisca de Cassia de Araujo Lima.

Casou em 21 de julho de 1866, na freguezia de S. Paulo, em Lisboa, com D. Maria José Bettencourt Pereira.

Tem um unico filho—Manuel.

É proprietario e capitalista.

Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, morador na sua casa e quinta das Virtudes (rua dos Fogueteiros n.º 6) nasceu em 16 de agosto de 1839.

Cursou com distincção a Academia Polytechnica, obtendo carta de engenheiro civil, em 3 de agosto de 1861.

Dedicou-se ao ensino das sciencias ma-

themathicas, sendo provido, em concurso, pelas distinctas qualificações que obteve, substituto das cadeiras de mathematica elementar e de principios de chimica e physica e introducção á historia natural, do lyceu nacional do Porto, em 1862, e nomeado secretario do mesmo lyceu, por carta régia de 6 de novembro de 1874.

Casou n'esta freguezia de Miragaya, em 5 de abril de 1869 com D. Helena Eulalia Gonçalves Pinto, de cujo consorcio tem 4 filhos—Helena, Alvaro, Laura e Carlos.

É filho de João de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque e de D. Joaquina Carlota Barreto da França, irman do general João José Barreto da França, actual commandante da segunda divisão militar de Lisboa.

Seu pae pelejou pela causa da liberdade. Tendo assentado praça foi reconhecido cadete e logo emigrou em 1828; de volta á patria com o exercito liberal, assistiu, ainda como cadete, porta-bandeira, ao ataque da Serra do Pilar, sendo-lhe dado por distincção o posto de alferes.

É neto paterno de Joaquim Pinto de Azevedo Meirelles, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, cavalleiro professo da Ordem de Christo e juiz de fóra em Mertola—e de D. Maria Clara de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, descendente de uma das mais nobres casas da Beira-Alta—a casa dos Azevedos, depois denominada *Casal Vasco*, no formosissimo valle de Bésteiros.

É bisneto paterno de José Pinto de Meirelles, cavalleiro professo da Ordem de Christo e de D. Francisca Clara Pinto de Azevedo Meirelles, fundadores da casa das Virtudes (em 1767.)

—Felisberto de Moura Monteiro, morador na Praça do Duque de Beja, n.º 46.

Nasceu na freguezia de S. Thiago de Lustosa, arcebispado de Braga e foram seus paes José Ferreira de Moura e de D. Anna Maria Ferreira Monteiro.

Casou em 1868 com D. Maria Machado de Moura, filha de Antonio Teixeira de Magalhães e de D. Maria Joaquina Machado, e d'este consorcio tem 4 filhos — Felisberto, Antonio, Maria e Julio.

Foi negociante de pannos na rua das Flores, e um dos herdeiros do rico negociante Antonio José Monteiro Guimarães.

É um dos quatro proprietarios da fabrica de fiação do Bomfim, que no seu genero é hoje a primeira de Portugal.

—

—Manuel Maria da Costa Leite, morador na sua casa, no largo das Virtudes, n.º 8, n'esta freguezia de Miragaya.

—

—Dr. José Pereira da Costa Cardoso, morador na sua casa da rua do Rosario, n.º 113, n'esta freguezia de Miragaya.

Estabelecimento de Horticultura e Floricultura de José Marques Loureiro

Sito na quinta das Virtudes, com entrada pela rua dos Fogueteiros, n. 5, n'esta freguezia de Miragaya.

Veio José Marques Loureiro para esta quinta das Virtudes em 1844, encontrando já alli Pedro Marques Ribeiro, cultivando apenas camelias, alecrins do norte, cravos e pouco mais.

Foi J. Marques Loureiro, trabalhando e augmentando collecções que mandou vir de paizes estrangeiros, e já em 1864 publicou um catalogo, o primeiro d'aquelle genero que se publicou em Portugal; e desde essa data, o seu estabelecimento tem progredido consideravelmente, sendo hoje considerado o primeiro da peninsula.

Tem concorrido a diversas exposições, sendo distincto em todas.

Na de 1865, no palacio de crystal, foi premiado com uma medalha de honra e duas de prata de primeira classe; na horticula do Porto, com 6 premios de primeira classe, e um de segunda; na de rosas em 1870 (tambem no Porto), com os primeiros premios; na exposição horticola de de 1870, tambem no Porto, com 4 premios; na exposição horticola de Lisboa, no mesmo anno de 1870, com uma medalha de pra-

ta e 5 de cobre; e na exposição horticola de Lisboa, em 1872, com uma medalha de prata e outra de cobre.

Tem publicado já 11 catalogos.

Em 1870 principiou a publicar o seu *Jornal de Horticultura Pratica*, com estampas coloridas e gravuras, o primeiro de Portugal no seu genero, e que foi premiado com a medalha de prata na exposição horticula de 1870, em Lisboa, e em 1872 com a medalha de prata em Gand (Belgica).

O estabelecimento tem 8 estufas, sendo 3 com caloriferos para conservação e propagação de plantas tropicaes.

Tem outro vasto estabelecimento dependente d'este, na quinta da Pena, em Villar, onde cultiva só arvores fructiferas; na rua Formosa, outro filial ou deposito, com uma pequena estufa; e em Lisboa montou tambem, na rua do Saliire, uma succursal, em 1874.

Calcula-se em 25 contos de réis o valor d'este magnifico estabelecimento, propriedade do sr. José Marques Loureiro.

Palacio real

O palacio real, sito na rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya, foi mandado construir em 1795, por Manuel Mendes de Moraes e Castro, e Isidoro Mendes de Moraes e Castro, capitães de milicias e barões de Nevogilde.

Este palacio é denominado dos *Carrancas*, alcunha de seus fundadores, por viverem com sua familia muitos annos na antiga rua dos Carrancas (hoje da Liberdade), e serem alli a familia mais saliente, pela sua avultada fortuna, e por terem alli montada uma boa fabrica de galões de ouro, por privilegio concedido pelo governo, pois n'aquelle tempo só a fabrica real de Lisboa, preparava aquella manufactura.

O privilegio caducou com a maior parte dos privilegios portuguezes, em 1834.

Os fundadores do palacio, eram filhos de Luiz de Almeida de Moraes, consul napolitano, no Porto, e de sua mulher D. Brites Felizarda de Castro; e netos de D. Marianna de Alvim e Castro e de Luiz de Miranda e Castro, descendentes dos Castros de Castella.

Por morte dos fundadores, passou o palacio para seu irmão Henrique José Mendes de Moraes e Castro, 3.º barão de Nevogilde e commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; e por fallecimento d'este, passou para sua sobrinha, D. Carlota Rita Borges de Moraes e Castro, 4.ª baronesa de Nevogilde, filha de D. Felisberta Henriqueta Borges de Moraes e Castro (irman do legatario) e de Antonio Manuel Borges da Silva, dezembargador na relação do Porto e cavalleiro da Ordem de Christo. Casou com seu primo Luiz de Almeida Moraes e Castro, que foi major do exercito, e cavalleiro das Ordens de Aviz, Conceição e Torre-Espada, fallecido em 1841, em consequencia dos graves ferimentos que recebeu na guerra do cêrco, em 1832 e 1833, fazendo parte do exercito liberal.

A viuva ainda vive, bem como o unico filho que teve d'aquelle matrimonio—David Augusto Borges de Alvim Moraes e Castro, casado com D. Sybillina da Gloria Pinto da Fonseca Rangel e Castro, filha unica de D. Maria José Guilhermina Pinto da Fonseca Rangel, brazileira, e de José Pinto Ribeiro de Carvalho, já fallecido, proprietario e negociante de grosso trato na cidade do Porto.

Do consorcio do sr. David Augusto B. de A. M. e Castro, com a sr.ª D. Sybillina, existe um filho unico, ultimo descendente da familia Castros, e vive com seus paes e avó paterna (baronesa de Nevogilde), na sua casa da travessa da Fabrica, n.º 17 a 21.

—

O palacio tem na face principal, 11 portões e 11 grandes janellas, e decora esta fachada, uma varanda de granito abalaustrado, tendo ao centro um tympano, em cujo centro estiveram as armas dos seus fundadores; e a rectaguarda do palacio, sóbe a quatro andares, e tem commodos para numerosas familias.

O andar nobre, compõe-se de cinco vastos salões, quatro gabinetes, dois guarda-roupas, um quarto de banho e duas salas de jantar.

Todos estes compartimentos, são matisa-

dos de magestosas alegorias e paisagens a fresco, obra de artistas mandados vir expressamente de Italia, e que no palacio reproduziram varias pinturas do Vaticano.

O salão de baile, é estucado primorosamente em relevo, com pinturas alegoricas.

Tem ao rez do chão, um grande pateo, e aos lados grandes cocheiras e cavallariças. Tem mais na rectaguarda, um elegante jardim e uma bôa cêrca, e do andar nobre se gosa um vasto e interessante panorama sobre a cidade e arrabaldes, e principalmente sobre Villa Nova de Gaya e o poetico Candal, e a mesma rua sobre que dá a magestosa frente, é hoje uma das mais espaçosas e de mais movimento que ha no Porto, toda ornada de predios modernos, tendo na extremidade Sul o Palacio de Cristal, com os seus parques e jardins, o primeiro monumento da peninsula no seu genero.

O Palacio Real, foi primorosamente construído e luxuosamente decorado e mobilado, mas soffreu bastante com as invasões francezas, não sendo saqueado, por haver n'elle fixado a sua residencia o general em chefe. N'elle se hospedaram tambem os generaes Wellington, Ilson, Beresford, o principe d'Orange, etc., e em 1832, n'elle residiu o sr. D. Pedro e n'elle teve o seu quartel general, pelas vastas proporções do edificio, e por confiar muito nos donos d'elle, a quem tratou como familia sua, tendo-os sempre á sua mesa; mas como os sitiantes fizessem alvo do palacio e sobre elle chovessem constantemente balas e granadas, que muito o damnificavam, entrando inclusivamente um dia uma bala de calibre 24, pelo quarto em que dormia o imperador, despedaçando-lhe a cabeceira do leito, resolveu sua magestade deixar o palacio.

Aquella bala ainda póde ver-se, por que a guarda o sr. David de Castro, no seu curioso Museu d'armas, muito digno de ser visitado, pois é difficil de obter uma collecção d'armas tão variada e numerosa, e o sr. David, caracter nobre e cavalheiro muito tratavel, o faculta generosamente e sem mysterios.

A sr.ª baronesa de Nevogilde, mãe do sr. David de Castro, vendeu o seu palacio *(por trinta contos de réis!?...)* ao sr. D. Pedro V em 1861, e desde então ficou sendo *Palacio Real.*

Ruas da freguezia de Miragaya

Hoje, as ruas principaes d'esta freguezia são as—da Restauração, Miragaya, Calvario, Rosario, Liberdade, Triumpho; praça do Duque de Beja e Esperança, sendo a mais importante a da Restauração, por ser larga, bem alinhada, e não ter um unico habitante pobre.

Esta rua foi aberta em 1825, e o seu primeiro nome foi *Rua de D. Miguel I,* distico que esteve até 1832 gravado em letras douradas, na casa da esquina, que tem uma face voltada para a rua da Liberdade, e que é da familia Allen.

Antes de se abrir esta rua, o caminho da rua da Liberdade e dos Fogueteiros para Massarellos, era pela rua da Bandeirinha, e rua de Sobre o Douro, que seguia pela extremidade N. do convento de Monchique.

Quando o imperador occupou a cidade com os seus 7:500 soldados, foi apeado aquelle distico, e dado á rua o nome de *Restauração.*

Esta rua devia custar sommas enormes por ser bastante larga, extensa e bem alinhada, e em terreno accidentado e de rocha viva de granito, uma boa parte, como era na baixa da antiga Torre da Marca (hoje palacio de crystal) e no sitio onde hoje estão o palacete, cocheira e jardíns do rico negociante e capitalista Antonio José Monteiro. (Adiante fallaremos tambem d'este palacete, que passa por ser hoje a casa mais luxuosa do Porto.)

E para nivelamento do leito da rua foi mister levantar muros de supporte de muito preço e grande altura, como sobre a rua dos Fogueteiros e ribeiro das Virtudes, onde deixaram debaixo da rua um vão tal em abobada, que anda arrendado como armazem; e sobre o convento de Monchique mede o muro de supporte tal altura que ainda no dia 4 de fevereiro de 1875, do al-

to d'elle se precipitou Antonio Soares da Fonseca, moço de 20 annos, e caixeiro na travessa da rua de S. João, morrendo instantaneamente.

A rua da Liberdade tambem se denominou—rua dos Carrancas;—assim a rua do Triumpho tambem se denominava—rua dos Quarteis,—e antes d'isso—rua da Torre da Marca; a praça do Duque de Beja era—rua do Carregal ou rua do Paço;—e a rua de Miragaya já se denominou—Cobertos,—por terem as casas d'ella a frente sobre arcos, desde o n.º 4 até ao n.º 137, e desde o n.º 171, casa em cuja frente se acha ainda a antiga Fonte da Colher, até ao n.º 190, comprehendendo o vão ou terreiro onde se acha a estação telegraphica da alfandega, cujas casas foram todas expropriadas e demolidas, quando se preparava o terreno para a nova alfandega. E tambem se denominou —rua Direita—e Praia de Miragaya. O vão sem Arcaria, desde a casa n.º 137 até á fonte da Colher, e d'onde sahem a viella hoje dita da Companhia, a rua dos Armazens e as escadas do Monte dos Judeus, tambem se denominou Escampado, Escampadouro, Largo dos Navios, e largo da Fonte da Colher.

E note-se que a numeração das casas d'esta rua de Miragaya que actualmente principia do nascente para o poente, em eras remotas foi ao inverso, pois principiava do convento de Monchique, a seguir para a Porta Nova, o que produziu grande confusão nas apegações de prasos antigos.

E note-se ainda que esta rua de Miragaya, creio que já antes de se fazerem os muros da cidade, (a terceira cinta de muros que terminou na Porta Nobre, vindo da Porta de Carros) tambem se denominou rua dos Banhos, desde a Fonte do Touro (que estava nas trazeiras da casa n.º 23, que foi occupada até 1872 pela Intendencia da Marinha, e que foi uma das muitas que a camara expropriou e demoliu para a abertura da nova rua da Alfandega) até á Porta Nova; pois era parte da rua dos Banhos (antiga Munhota) que as muralhas da cidade cortaram, e que pertencia toda, com o bairro do Forno Velho, quasi até ao Postigo dos Banhos, á freguezia de Miragaya.

Com o tempo, essa parte da rua dos Banhos, que ficou além da Porta Nobre, e extra-muros, se incorporou na rua Direita, hoje rua de Miragaya, e se denominou com ella, em commum—rua de Miragaya,—perdendo o nome originario de—rua dos Banhos—que ficou designando a parte *intra-muros*, até que a nova rua da alfandega a absorveu, e a rua dos Banhos, depois de feitos os muros, se denominou tambem—rua da Porta Nobre, por ficar a dita porta da cidade sobre aquella rua.

Tudo isto se collige de diversos titulos de doações, vendas, prasos e outros que ha no archivo d'esta confraria de Miragaya, a datar de 1434.

A rua Armenia se denominou—rua Almenia, e rua de Traz, e rua da Barreira, desde os muros da cidade até á Fonte do Touro, que ficava em frente da casa n.º 38 a 40 da rua Armenia.

E a rua hoje Ancira se denominou rua Alzira—e a rua de S. Pedro se denominou rua de Rio Frio,—e a da Esperança, calçada da Esperança, antes das obras n'ella feitas, alteando-lhe o leito desde a rua de Miragaya até ao meio da dita rua, tornando-lhe o declive mais suave. E anteriormente se denominou—rua da Cordoaria—porque n'ella viviam e trabalhavam cordoeiros, desde a egreja de Miragaya até ás Virtudes; e depois que se montou a Cordoaria com o apparato que descreve Agostinho Rebello da Costa, no Campo (hoje jardim) da Cordoaria, tomou este largo o nome de—Campo da Cordoaria Nova,—tem a outra rua da Cordoaria o nome de Cordoaria Velha ou rua da Esperança, em razão da capella com a invocação de Nossa Senhora da Esperança, que estava a meio d'aquella rua (hoje no alto da rua da Esperança) junto ao Postigo dos Frades,—prevalecendo o nome de Cordoaria Velha, que ainda tem apenas no lanço desde a capellinha de Nossa Senhora da Esperança até ás Virtudes.

Aproximadamente até ao anno de 1750 havia rua publica e passagem franca em volta da egreja de Miragaya pelo lado N., e um pequeno largo que formava esta rua na rectaguarda da egreja, ou da capella mór,

se denominava—largo do Pelourinho—ainda no anno de 1495, como se vê dos autos de uma sentença obtida n'aquella data, por Fernão Pereira Escudeiro, então provedor do hospital ou albergaria do *Santo Sprito*, contra o rev.º Pedro Farinha (foi juiz o dr. Pedro Annes Machado, vigario geral da diocese, *no espiritual e temporal*, por o prelado D. João de Azevedo) por querer assenhorear-se do rocio pertencente ao dito hospital, e que confinava com o largo do Pelourinho: dizem os ditos autos que se encontram, por cópia, no tombo d'aquelle hospital—tombo que é, e faz parte do archivo da confraria do Santissimo de Miragaya, como administradora e representante do antigo hospital e capella.

Não ha memoria de pelourinho em tal sitio, mas o nome d'aquelle largo leva a crer, que elle alli existiu. E com isto se coaduna o nome de *villa* dado a esta freguezia de Miragaya, na provisão que se encontra no *Censual* do cabido d'esta diocese (in fine)—Provisão do bispo D. Hugo, pela qual concedeu ao cabido a faculdade de nomear as auctoridades na reitoria da ermida e villa de Miragaya, arrabalde da cidade.

Alguem quer que o dito rocio, ou largo do Pelourinho, era junto á frente da egreja de Miragaya.

O dito largo do Pelourinho, em 1443, era limitado ao S. pela rua dos Cordoeiros, hoje rua da Esperança; ao poente pela egreja de Miragaya, e ao N. pelos montes que eram de *Catherina* Affonso, sua irman Margarida Affonso, e outra, e que estas doaram, em 6 de junho de 1443, por escriptura feita nas notas do tabellião Gil Vasques, e em casa das doadoras, ao frade de S. Domingos, Vasque Annes, para n'elle se fazer o hospital (ou Albergaria) do *Santo Sprito*, que então se principiava, como se vê das ditas escripturas, que ainda n'esta data (1875) se encontram no Tombo do dito hospital, no archivo da confraria.

Com o volver dos tempos, este largo e rua *que ia ante S. Pedro* (dizem aquellas escripturas) foi-se limitando até que desappareceu.

Resta d'elle um pequeno terreiro (e n'elle, ao nascente, um tanque com uma bica de agua), para o qual se entra por um portão de ferro, que dá para a rua da Esperança, e é limitado ao poente pela parede (hoje semicircular) da capella-mór da egreja, ao S. pela rua da Esperança, e ao nascente e norte por casas que foram ainda em 1872, do negociante Antonio José de Oliveira Machado, e anteriormente fabrica de tabacos, tendo sido fabrica de louça, de Francisco da Rocha Soares.

O dito terreiro é hoje propriedade das casas indicadas, e dá entrada para os armazens, que ha nos baixos das mesmas.

Diminuiu tambem aquelle antigo largo do Pelourinho em 1750, porque a confraria do Santissimo de S. Pedro de Miragaya, vendo que nas exposições do Senhor, que costumava fazer no altar da capella-mór, se derramava muito a cera, porque o altar não tinha fundo, nem throno, por estar encostada á parede da capella-mór, que era rectangular, como costumavam ser os templos d'essas éras, mandou recuar as paredes sete a oito palmos para o nascente (sessão de 7 de setembro de 1750) ficando (como está) em fórma circular, sobre o dito largo.

E o dito largo e rua que seguia por detraz da egreja perderam a razão de ser depois que — aproximadamente no anno de 1840—se reformou a rua da Esperança, fazendo-a seguir a direito, pelo lado S. da egreja, sobre o largo de S. Pedro. E a rua do lado do N. da egreja, foi tomada com obras que á egreja accresceram d'aquelle lado, ficando reduzida a rua depois do ultimo alinhamento da rua da Esperança, a uma viella inutil, que a confraria mandou vedar com uma porta para resguardo do chão contiguo do lado N. da viella, chão para onde removeu as ossadas, que havia no terreno que era da cerca do hospital, e que emprazou ao capitão Antonio José Borges, para n'elle fazer, como fez, a casa contigua á egreja, e em cuja frente se acha a fonte publica, á entrada da rua de S. Pedro, pois em seguida ao emprazamento d'aquelle chão, a confraria vendeu tambem ao referido capitão Borges uma penna de agua do hospital, com a condição de elle collocar na fren-

te da casa uma fonte e chafariz para serventia do publico, podendo elle, comprador, utilisar-se da mesma penna d'agua para uso da sua casa, mas por um registo, e sem prejuiso do publico.

Adiante fallaremos d'este capitão Borges, que no seu tempo foi uma das pessoas mais notaveis d'esta freguezia de Miragaya. Diremos só aqui de passagem que o dito capitão teve de ceder aquellas casas á confraria, em pagamento de sommas que a mesma confraria lhe havia emprestado; e por isso aquellas casas são hoje da confraria.

A confraria resolveu vedar a tal viella ao N. da egreja, para remover para o terreno adjacente as ossadas que havia no chão emprazado ao capitão Borges, e para no mesmo terreno dar sepultura *aos cadaveres dos affogados que apparecessem* (diz a acta d'aquella sessão, como se lê em um livro dos termos, que faz parte do archivo da confraria).

Por aquella antiga viella ainda o povo tem direito a passar, por occasião das grandes cheias, como passou na de 1860.

—

De passagem direi tambem aqui que junto áquella viella, e na cerca do antigo hospital, montes doados para a fundação d'elle, em 1434, havia no anno de 1664 um magestoso pinheiro (em 1673 se cortaram outros) mesmo junto á capella e hospital, pelos quaes deu o capitão Manuel Coelho Marinho 24:000 réis) que por pender sobre a egreja, e ameaçar cahir sobre ella, o provedor do hospital o mandou pôr a lanços na praça da cidade, e foi arrematado por 6$000 réis, que correspondiam a 18$000 ou 20$000 réis de hoje. Devia ser um pinheiro soberbo!

Isto consta de um livro da receita e despeza do hospital (*archivo da confraria*).

—

Pedra Escorregadia.— Nas apegações de prasos antigos se faz mencão da—Pedra Escorregadia,—que ficava um pouco abaixo da Fonte das Virtudes, junto á rua de S. Pedro, e Rio Frio, ou rio das Virtudes.

—

Rua da Via Sacra.—Assim se denominou a rua que hoje se denomina—Cordoaria Velha. E teve aquelle nome, porque os frades antoninos do hospicio da Cordoaria costumavam, na quaresma, fazer *via sacra*, principiando na capellinha da Esperança, seguindo pela Cordoaria Velha, rua do Calvario, campo da Cordoaria Nova, terminando á porta dos frades do Carmo. E havia dois cruzeiros na Cordoaria Velha, e tres em frente do hospicio, resando uma estação a cada um dos ditos cruzeiros, que ha muito a camara removeu.

Pessoas notaveis

Visconde de Villarinho de S. Romão, morador no seu palacete da travessa do Carregal d'esta freguezia de Miragaya.

Daremos uma breve noticia genealogica d'esta familia.

—

—O conde D. Alvaro Herrera, fidalgo hespanhol, veio a estes reinos com o conde D. Henrique, e casando com Pepa Alves teve

—D. Fernando Alves de Ferreira [1] que casou com D. Violante Paes e teve

—Estevão Ferreira, que casou (ignoramos com quem) e teve

—Martim Ferreira, que casou com D. Marianna Ferreira, sua parenta, e teve

—Gomes Martins Ferreira, que casou com D. Maior Lourenço Tarizeo e teve

—Martim Ferreira [2] que casou com D. Violante da Cunha, e teve

—João Martins Ferreira, que foi moço fidalgo do infante D. Fernando e instituiu em 1492 o morgado dos Ferreiras no Carregal, hoje freguezia de Miragaya, onde vive o seu actual representante, como viveram muitos dos seus maiores.

Casou com Violante Correia, sua parenta, e teve

[1] D. Alvaro Herrera desde que se domiciliou em Portugal, ainda então condado, em vez de Herrera se appellidou Ferreira.

[2] e Gomes Ferreira, que foi porteiro-mór dos reis D. João II e D. Manuel, e casou com D. Maior de Souto, filha dos condes de Coimbra. D'estes descende a casa de Cavalleiros.

—Pantaleão Ferreira, [1] moço-fidalgo, que casou com D. Anna de Mesquita e teve, entre outros,

—João Martins Ferreira, que foi moço-fidalgo da casa de D. João III, capitão-mór da India e juiz de Gôa. Casou com D. Joanna de Vilhena e teve, entre outros,

—Alvaro Ferreira Pereira, fidalgo da casa real. Casou em Lisboa com D. Joanna de Novaes e teve D. Marianna Ferreira Pereira Coutinho, que casou com Diogo Gomes de Lemos, senhor da Trofa, de quem enviuvou sem successão; e casou segunda vez o dito Alvaro Ferreira Pereira, com D. Maria Soeiro, e teve

—Manuel Ferreira Pereira, [2] que casou com D. Maria Leonor de Lemos e Sampaio, sua parenta, e teve

—D. Marianna Ferreira Pereira, filha unica, que casou com seu primo Vicente Carneiro, filho de seu tio, Sebastião Pereira Ferreira, e assim continuou a linha—*Ferreiras*—pois tiveram, entre outros,

—Antonio Ferreira Carneiro, que casou, na sua casa de Villarinho de S. Romão, com D. Cecilia Caetana, filha de João Teixeira Lobo, e tiveram, entre outros,

—Luiz Antonio Ferreira Carneiro, que casou com D. Theodora Ignacia de Azevedo, herdeira da casa e quinta da Espinheira, e tiveram, entre outros,

—Custodio Ferreira Carneiro, que casou com D. Florencia Josepha Soares de Albergaria, da casa de Oliveira do Conde, e tiveram, entre outros,

—Antonio Ferreira Carneiro de Vasconcellos, que casou com sua prima D. Maria Aurelia Ferreira, da casa de Villarinho, e tiveram—Maria da Salvação e Antonio, que morreram de tenra edade—Maria José, que falleceu em Lisboa, solteira—Antonio Luiz Ferreira Girão, que existe e é bacharel formado em mathematica e philosophia pela Universidade de Coimbra, socio da Academia real das sciencies de Lisboa, e lente distinctissimo da 1.ª cadeira (chimica, artes chimicas e lavra de minas) na Academia polytechnica do Porto [1]—D. Maria Constança, que casou em Fontellas no Douro com seu primo Felisberto da Cunha, da casa do Extremaduro, e viuvando passou a segundas nupcias com João Lobo Teixeira de Barros, major do exercito—e

—Alvaro Ferreira Carneiro Girão (o primogenito) 2.º visconde de Villarinho de S. Romão por decreto de 15 de dezembro de 1860, e senhor do vinculo e casa de Villarinho, por fallecimento do seu tio o 1.º visconde de Villarinho [2] par do reino, em 17 de março de 1862.

Casou com D. Julia de Clamowse Browne, filha de Manuel de Clamowse Browne e D. Maria da Felicidade Browne, e tiveram

—Alvaro Ferreira, que morreu de tenra edade—Luiz—Julio e Antonio—ainda solteiros.

[1] e Violante Correia, que casou com José Correia de Mesquita, de Villa Real, e teve Ignez Correia, filha unica, que casou com Gonçallo Lobo de Barbosa, moço-fidalgo, e instituidor do vinculo de Villarinho de S. Romão.

[2] e Sebastião Pereira Ferreira, que casou com D. Marianna de Vasconcellos Carneiro, da casa de Coura, e teve Vicente Carneiro.

[1] É solteiro, e vive com o visconde, seu irmão, no palacete do Carregal, n'esta freguezia de Miragaya.

[2] Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, 1.º visconde com grandeza, 8.º senhor do morgado de Villarinho de S. Romão, fidalgo da casa real, do conselho de sua magestade, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, par do reino e socio da Academia real das sciencias de Lisboa, da Sociedade promotora da Industria nacional, e honorario da Academia das bellas artes de Lisboa, da Sociedade pharmaceutica lusitana, presidente honorario do Instituto de Africa, antigo prefeito de Traz-os-Montes e da Extremadura, antigo inspector das Aguas-Livres e das fabricas annexas de faianças e de sedas, provedor do papel sellado, e administrador da casa da Moeda, nasceu em Villarinho de S. Romão, em 5 de novembro de 1785.

Quem quizer saber como esto inclito varão juntou tantos titulos de nobreza á nobreza que herdara, leia a interessante *Noticia biographica do visconde de Villarinho de S. Romão*, escripta por seu sobrinho o sr. Antonio Luiz Ferreira Girão, socio da Academia real das sciencias, e editada pela casa Moré, no Porto, em 1870.

—*Visconde de Macedo Pinto* (Antonio Ferreira de Macedo Pinto) morador na sua casa da rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya.

É filho de Manuel Ferreira de Macedo Pinto (de Taboaço, districto de Viseu) e de D. Maria de Deus Rodrigues Monteiro (de Guedoeiros, freguezia de Sendim, no mesmo districto.) Nasceu a 20 de junho de 1810 e foi baptisado a 26 do mesmo mez na dita freguezia de Sendim, e casou com D. Anna Clementina Peres Moreira Guimarães, da cidade do Porto, filha de Manuel José Maria Guimarães e D. Anna Luiza Peres Moreira Guimarães, da mesma cidade.

É bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra (1836)—cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa (1836) — cavalleiro da Ordem de Christo (1852)—commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa (1864) — fidalgo cavalleiro da casa real (1865) do conselho de sua magestade (1869) e visconde de Macedo Pinto por decreto de 11 de junho de 1874.

Foi medico do hospital militar e partido de Bragança de 1837 a 1848 — delegado do conselho de saude publica do reino, no districto de Bragança desde 1838 até 1848 — administrador do concelho de Bragança em 1846—por duas vezes procurador da junta geral d'aquelle districto, e por outras duas alli substituto do juiz de direito — guarda-mór de saude no Porto por portaria de 17 de outubro de 1851, logar que occupou até ser despachado demonstrador da secção medica na escola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 26 de abril de 1872 — promovido a lente substituto da mesma escola em 1854—e a lente proprietario da 8.ª cadeira em 1857—jubilando-se em 1872—vogal effectivo do conselho geral de instrucção publica por decreto de 7 julho de 1859 (legar que não acceitou)—deputado ás côrtes na legislatura de 1853 a 1856—vogal da commissão filial de beneficencia do districto do Porto, por decreto de 1 de dezembro de 1868—membro do conselho de admissão (e um dos fundadores) da companhia geral de credito predial portuguez (Lisboa)—director presidente do conselho de-administraçao, e um dos fundadores da nova companhia utilidade publica (Porto)—membro de varias sociedades litterarias e scientificas, nacionaes e estrangeiras, e por varias vezes convidado para ministro da fazenda, cargo que sempre recusou até esta data (abril de 1875.)

—

Foi um dos fundadores e principaes redactores do *Pharol Transmontano*, periodico mensal de instrucção e recreio, que se publicou em Bragançça, em 1854 — publicou um projecto de estatutos e um relatorio da caixa de credito e soccorros mutuos da Associação industrial portugueza, em 1854, e foi um dos principaes redactores do jornal da mesma associação—um relatorio da commissão da Companhia viação portuense, nomeada em assembléa geral de 14 do janeiro de 1856—a oração inaugural recitada na Escola medico-cirurgica do Porto, na sessão solemne da abertura, em 1858 — o projecto de estatutos do banco União portuense — estatutos da nova companhia Utilidade publica, e contrato do emprestimo ao governo de 1:500 contos, do qual contrato foi elle o negociador — relatorio e balanço da mesma companhia em 1864—estudo sobre a parte financeira da proposta de lei para a construcção das vias ferreas ao N. do Douro, publicado em varios numeros do *Commercio do Porto*, em 8.º grande e tiragem separada—estudo reproduzido na *Gazeta de Portugal* e na *Revolução de Setembro*—varios artigos sobre assumptos de medicina, publicados no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, e nos *Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino* — uma memoria sobre a reforma da instrucção secundaria no districto de Bragança, publicada com o relatorio da consulta da junta geral do mesmo districto em 1839, e outros trabalhos.

—

É pessoa de muita illustração e muito merecimento—geralmente respeitado como organisador e director de bancos e companhias, e muito versado em finanças, e por isso varias situações o teem convidado

para gerir a pasta da fazenda, sendo para lamentar que até hoje se não resolvesse a acceitar um tal cargo.

É irmão do sr. dr. José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado de medicina, distincto ornamento da nossa Universidade e auctor de varias obras notaveis; mas d'estas, e dos outros irmãos de fallaremos no artigo *Taboaço*.

José Carlos Lopes Junior, morador na rua da Liberdade.

Nasceu na freguezia de Santo Ildefonso, em 4 de junho de 1838, e é filho de José Carlos Lopes, director da nova companhia Utilidade Publica, — um dos mais acreditados negociantes d'esta praça,—e de D. Margarida Candida Moreira Lopes.

Concluiu a sua formatura em medicina e philosophia, pela nossa universidade de Coimbra, em 1861, e em 1864 doutorou-se em medicina em Paris. Entrou por concurso para a escola medico-cirurgica do Porto, em 1863, como substituto da secção medica, e em 1867 foi provido de propriedade na cadeira de physiologia, que ainda rege.

Casou em 1869 com D. Emilia Duarte de Sousa Oliveira, filha do rico proprietario e negociante da rua dos Clerigos, — Simão Duarte d'Oliveira, e de D. Olivia da Conceição e Sousa Oliveira.

Viuvando em 1871, ficou com um unico filho de nome — José.

É irmão de Carlos Lopes, negociante, ainda solteiro, que nasceu em 15 de janeiro de 1842, e foi educado no celebre collegio do doutor Fischer, em Hamburgo.

É o auctor d'essa obra tão interessante como despretenciosa que em 1874 viu a luz da publicidade com o singelo titulo de *Contos*, e que havia já publicado em folhetins no *Commercio do Porto*, sob o pseudonimo «*Pedro Yvo*».

Até hoje, que nós saibamos, com tanta naturalidade e tão admiravel singeleza, só Gomes Coelho (Julio Diniz) produziu em portuguez escriptos de tanta moralidade e tanto interesse.

Manuel Maria da Costa Leite, morador no largo das Virtudes n.º 8, n'esta freguezia de Miragaya, nasceu na villa de Barcellos aos 12 d'abril de 1813, e foram seus paes Luiz José da Costa Leite e D. Anna Emilia Teixeira Leite.

Fez os seus primeiros estudos n'aquella mesma villa e em Braga, e depois de atravessar esse longo periodo de convulsões politicas, soffrendo bastante por seguir o partido liberal, cursou a escola medico-cirurgica do Porto, na qual se matriculou em setembro de 1834 e fez *acto grande* em 15 de julho de 1839. Inscreveu-se logo no concurso então aberto na mesma escola, para o provimento do logar vago de demonstrador da secção cirurgica, para o qual foi nomeado por decreto de 5 de dezembro do referido anno de 1839.

Occupou este logar até 4 d'outubro de 1851, epoca em que foi promovido por decreto da mesma data, a lente substituto da respectiva secção; e por decreto de 31 d'outubro de 1855 foi nomeado secretario e bibliothecario da escola, cuja commissão desempenhou até 17 de março de 1858, deixando-a por haver sido promovido a lente cathedratico com exercicio na presidencia da escola, por decreto de 6 de maio de 1857. Teve o augmento do terço do ordenado por decreto de 4 de dezembro de 1860, e foi jubilado por diuturnidade de serviço (30 annos) por decreto de 6 de dezembro de 1869, sujeito porém a cabimento, pelo que continuou na regencia da sua cadeira.

Como decano assumiu as funcções de director da escola no impedimento do effectivo, no anno lectivo de 1869, e foi nomeado director effectivo por decreto de 21 d'abril do 1870, continuando com a regencia da 6.ª cadeira, a qual deixou no fim do anno lectivo de 1872 para 1873, por lhe ter sido contado o cabimento por decreto de 4 de janeiro d'esse mesmo anno, ficando desde então somente com a direcção da escola, a qual exerce gratuitamente desde o 1.º de junho de 1873, por haver cedido da respectiva gratificação em favor do thesouro publico.

Desempenhou muitas e variadas commissões de serviço escolar, e principalmente a de relator na que foi nomeada para responder á consulta pedida pelo ministerio do rei-

no, em 6 de julho de 1866, sobre as reformas a fazer na instrucção superior, sendo o seu projecto de resposta approvado com pequenas modificações pelo conselho escolar.

Recitou no anno lectivo de 1857 a oração de sapiencia, que imprimiu; e no anno de 1872 de novo foi eleito para o mesmo fim, cujo mandato satisfez, conservando inedita a oração, bem como varios escriptos sobre assumptos da sua cadeira.

Foi cirurgião-mór do batalhão de empregados publicos do Porto em 1845, e do batalhão fixo de voluntarios em 1846, passando desde então a fazer serviço no hospital militar de S. João Novo até á entrada do duque de Saldanha no Porto em 1847, sendo depois nomeado cirurgião do 2.º batalhão de caçadores de voluntarios do Porto; fez parte das commissões sanitarias que se installaram n'esta cidade quando foi invadida pelo cholera e pela febre amarella, e tem exercido sempre com distincção a clinica medico-cirurgica, cultivando especialmente a obstetricia e a medicina operatoria.

É presidente da assembléa geral do Banco Mercantil Portuense e da companhia de lanificios de S. Antonio do Valle da Piedade, — vice-presidente da Aurificia e director presidente da de seguros — Tranquillidade.

Foi agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 15 de junho de 1853, — com as honras de cirurgião da real camara, em 6 de maio de 1856, — com brazão d'armas em 14 de setembro de 1857, — com o fôro de fidalgo cavalleiro em 20 d'outubro de 1857, — com o grau de commendador da Conceição de Villa Viçosa em 21 de junho de 1862, — com o grau de cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia em 1 de setembro de 1862, — com a medalha das campanhas da liberdade n.º 5, em 8 de janeiro de 1863, — e finalmente, com a carta de conselho em 3 d'agosto de 1870.

Em 6 de julho de 1843 casou em primeiras nupcias com D. Anna Genoveva de Lima Baptista, da qual ficou viuvo, e sem descendencia, em 20 de janeiro de 1851; e em 19 de junho de 1869 passou a segundas nupcias com D. Albertina Borges de Castro, filha do fallecido Gaspar Joaquim Borges de Castro, grande proprietario, negociante e capitalista, morador que foi na sua casa n.º 16 da rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya, — pae da sr.ª viscondessa de S. João da Pesqueira.

Do seu segundo consorcio, tem o sr. Manuel Maria da Costa Leite, dois filhos — Manuel e Gaspar.

—

João Pizarro da Cunha Porto-Carreiro, morador no seu palacio das Sereias, ou da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

Adiante darei a genealogia d'esta familia.

—

Quando em 1809 os francezes, commandados por Soult, se aproximavam do Porto, e a plebe, enfurecida, trucidava quantos eram appellidados jacobinos, foi por este motivo barbaramente assassinado João da Cunha Araujo Porto-Carreiro, da casa das Sereias, tenente coronel de infanteria 6, no dia 21 de março do dito anno, junto ao *Padrão das Almas*, e no dia seguinte, foi o seu cadaver arrastado até á porta da Relação, e d'alli com os cadaveres dos 12, ou 13 infelizes presos da Inconfidencia, pelas ruas da cidade, até Villa Nova de Gaya, sendo por ultimo arremeçados do Caes da Bica ao Douro.

—

Vive n'esta freguezia de Miragaya, no seu palacete da rua do Rosario n.º 54, a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, representante de uma das casas mais ricas e mais nobres da provincia, pois é esta senhora filha de Francisco Ribeiro de Faria e de D. Rosa Lima de Faria, e viuva de João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. (fallecido em 25 de setembro de 1860.) 12.º senhor do Morgado de Casal-Vasco, 11.º do dos Mellos da Louzan, 6.º do da Insua e senhor tambem do de Espinhel, dado por D. Manuel, em 21 de agosto de 1500 a D. fr. Paio Correia, do conselho de sua magestade e senhor da villa de Leives e instituido por seu neto Diogo Pereira, em 16 de novembro de 1561.

Do consorcio do sr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, com a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, existem dois filhos,

ainda solteiros, que vivem com sua mãe— Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 10 de junho de 1853[1] e Francisco de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 19 de novembro de 1856[2] e por que estes senhores são em Miragaya, os ultimos representantes dos Albuquerques, Mellos e Caceres, daremos aqui uma breve noção genealogica d'estas nobilissimas familias.

Albuquerques

—João de Albuquerque e Castro, que foi alcaide-mór do Sabugal, e que depois se retirou para o concelho de Penalva, onde fundou a casa da Insua (depois de viuvar ordenou-se e foi abbade de Sattan), tinha casado em Penalva, com D. Joanna Telles e teve Alvaro Annes de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou em Penalva com Brites Nunes (ou Gonçalves, ou Coutinho), e teve

—João de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou com D. Brites de Almeida, filha de Ruy Lopes de Almeida, alcaide-mór de Numão e de Portimão, primo do 1.º conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida, e teve

—D. Joanna de Sequeira de Albuquerque, que casou com seu primo Pedro Vaz de Sequeira e Albuquerque, senhor da quinta do Outeiro, filho de Diogo de Albuquerque e Castro, irmão de João de Albuquerque e Castro, e teve

—Diogo de Albuquerque, fidalgo da casa real, senhor da quinta do Outeiro e instituidor da capella de Santo Antonio, por testamento feito em 23 de janeiro de 1538.

Casou este com D. Isabel Saraiva da Fonseca, filha de Pedro Saraiva, abbade de Aguiar da Beira e prior de Merelim, filho de Antonio Vaz Batalha e de Isabel Fernandes da Fonseca, filha de Vicente Fernandes Saraiva, fidalgo castelhano, que viveu em Trancoso.

[1] É alumno do 3.º anno de mathematica, na Academia do Porto.

[2] Cursa o Lyceu do Porto.

De Diogo de Albuquerque e Isabel Saraiva da Fonseca, nasceu

—Diogo de Albuquerque, que casou (ignora-se com quem), e teve

—Pedro de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, casou com D. Maria de Andrade, e teve

—D. Isabel Saraiva de Albuquerque, que casou com Pedro Fernandes de Almeida Castello Branco (da varonia da casa da Insua), e teve

—Diogo de Albuquerque e Castro, cavalleiro professo da Ordem de Christo, casou com D. Guiomar da Rocha, filha de João da Rocha e Silva (dos Silvas de Coimbra) e de sua mulher D. Maria de Seixas, e teve

—Rodrigo de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real e cavalleiro da Ordem de Christo. Casou com D. Maria Toscano de Albuquerque, filha de Bento Toscano e de D. Guiomar Albuquerque Cabreira, e teve

—Diogo de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou e não teve successão, e

—Francisco de Albuquerque e Castro, que succedeu na casa de seus paes, por fallecimento de seu irmão mais velho.

Foi fidalgo da casa real, commissario de cavallaria na côrte de D. Pedro II e tenente general da cavallaria da Beira. D. Affonso VI lhe deu carta de privilegio de fidalgo, em 8 de outubro de 1669, e a commenda de S. Martinho das Chans, na Ordem de Christo.

Entrou na guerra da acclamação, como capitão de cavallos e se distinguiu na batalha do Ameixial (*Port. Rest.*, L. 3.º pag. 151 —e L. 4.º do *conde da Ericeira*). Tomou parte em outras batalhas (logar citado) e na de Montes Claros, ficou por morto. (*Hist. Paneg. de D. Diniz de Mello*, por Julio de Mello, L. 4.º, n.º 60.)

Foi esperar a princesa de Saboya, mulher de D. Affonso VI e D. Pedro II, e o duque de Saboya, lhe mandou tirar o retrato. (*Relaç. Gen. da Fam. Rangel*, por Bernardo Rangel, 1699, pag. 337.)

Casou com D. Luiza Theresa Pereira de Albuquerque, sua prima, filha e herdeira de Manuel Pereira de Albuquerque, cavalleiro

da Ordem de Christo e capitão-mór de Penalva, e teve

—João Rodrigo de Albuquerque Pereira e Castro, fidalgo da casa real, commendador de S. Martinho das Chans e capitão-mór de Penalva.

Casou com D. Margarida Francisca Sotto-maior e Vasconcellos, filha de Luiz Ribeiro Sotto-maior, capitão-mór da villa de Ceia e de D. Helena Maria de Vasconcellos, neta de Braz Ribeiro da Fonseca, fidalgo da casa real e desembargador do Paço, e de D. Serafina de Sotto-maior Arriaga—e neta materna de Mathias de Andrade Crinell e de D. Margarida Pereira, filha de Manuel Pereira de Vasconcellos, senhor de Mossamedes, e de sua mulher D. Helena de Barros; e tiveram

—Francisco de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo, em S. Martinho das Chans, e mestre de campo, da comarca de Vizeu.

Casou com D. Isabel Antonia de Mello Sotto-maior e Menezes, filha de Antonio Luiz de Mello Sousa e Caceres e de D. Isabel Pereira de Sotto-maior, e teve Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, D. Margarida Josepha de Mello Albuquerque e Menezes, (que casou com Jeronymo Vieira da Silva Tovar, 10.º senhor das Honras de Mollelos e Batalha, e Manuel de Albuquerque de Mello e Caceres.

—Luiz de Albuquerque de Mello e Caceres, fidalgo da casa real, do conselho de sua magestade, governador e capitão-general de Matto Grosso. Falleceu em Portugal, solteiro, e succedeu-lhe seu irmão

—Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, desembargador na Relação do Porto. Casou com D. Anna Benedicta Forbes de Almeida, filha de João Forbes Esklator, tenente-general, e de D. Anna Joaquina de Almeida Portugal, e teve

—D. Christina de Albuquerque Forbes, D. Constança de Albuquerque Forbes (ainda solteiras) e João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 1804, e casou com a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, em 29 de janeiro de 1852.

Deixou a residencia da Insua, em 1850, passando para Cedofeita, e d'aqui para o seu palacete da rua do Rosario, em 1860.

Mellos da Louzan

—D. Pedro de Trava, ou de Traveriz, teve

—D. Pedro de Trava, dito da *Riba de Vizella*, e este teve

—D. Payo Peres de Guimarães, que casou com D. Elvina Fernandes, e teve

—D. Raymundo Paes, que casou com D. Dordia Affonso, de quem teve um unico filho legitimo—D. Guilherme, que falleceu sem successão e um filho bastardo

—D. Soeiro Raymão (*Conde D. Pedro*, not. 45, pag. 276), que foi perfilhado e succedeu na casa a seu irmão D. Guilherme.

Casou com D. Urraca Viegas, filha de Egas Moniz Barroso, e teve

—Mem Soares de Mello [1], que casou com D. Theresa Affonso Pires Gato e de D. Urraca Fernandes, e teve

—Affonso Mendes de Mello (3.º senhor de Mello, por succeder a outro seu irmão). Casou com D. Ignez Vasques da Cunha, filha de Vasco Lourenço da Cunha, senhor da Tabua, e teve

—Martim Affonso de Mello (4.º senhor de Mello), que casou em segundas nupcias, com D. Marinha Vasques, filha de Estevão Soares d'Albergaria, senhor d'Albergaria, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Lucena, e teve

Martim Affonso de Mello, que falleceu sem successão, e lhe succedeu seu irmão segundo

—Vasco Martim de Mello.

Foi guarda mór d'el-rei D. Fernando, que lhe deu os senhorios da Povoa e Castanheira, e casou com D. Maria Affonso de Brito (em segundas nupcias), filha de João de Brito, senhor dos morgados de S. Lourenço e Santo Estevão, e teve

—Martim Affonso de Mello, alcaide-mór d'Evora, senhor de Barbacêna e guarda-mór de D. João I, casou com D. Brites Pimentel, de quem não teve filhos; mas por bastardia teve

[1] D'esta familia Mellos, é hoje representante o conde de Mello.

—D. Brites de Mello, que casou com Lourenço de Ferreira, filho de João Lourenço de Ferreira, que foi alcaide-mór de Trancoso e embaixador a Aragão, por el-rei D. João I, e teve

—Gonçalo Vaz de Mello, que tomou o appellido materno, e seus descendentes se denominaram—Mellos de Coimbra—por viverem n'esta cidade.

Edificou á sua custa a capella-mór de S. Francisco, em Viseu, onde jaz sepultado.

Casou com D. Maria de Freitas, filha de Fernão de Freitas (outros dizem casára com D. Maria Falcôa, filha de Vasco Falcão), e teve quinze filhos, sendo o mais velho

—Manuel de Mello, fidalgo da casa real, que teve de Isabel Nunes, entre outros filhos bastardos

—Duarte Vaz de Mello, que foi conego da camara do papa Paulo V, na curia de Roma, que lhe deu os beneficios que foram de seu pae, e o de mestre-escola, da Sé de Coimbra, onde fundou a casa que os Mellos têem n'esta cidade; e de Maria de Carvalho teve, entre outros filhos

—Manuel de Mello, que casou em Coimbra, com Isabel Mansa, filha de Gonçalo Leitão e Isabel Mansa, e teve, entre outros filhos

—Luiz de Mello (3.º filho), fidalgo da casa real, casou com D. Joanna de Mello, filha e herdeira de Francisco de Mello e Caceres e de sua mulher D. Maria Metello, e teve

—Duarte de Mello Sousa e Caceres, fidalgo da casa real, e senhor do morgado de Casalvasco.

Casou na villa d'Agueda, com D. Sebastiana Vellez Castello Branco, filha e herdeira de Lopo Vellez de Castello Branco, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Espinhel, em Agueda, e de sua mulher D. Luisa Perestrello, e teve

—Antonio Luiz de Mello, que viveu em Coimbra, e foi fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Casalvasco e da Louzan e capitão-mór da Louzan.

Casou com D. Isabel Maria Pereira de Menezes Sotto-maior, filha de Gonçalo Affonso Pereira Sotto-maior (fidalgo da casa real, senhor do morgado de Boabeita e alcaide-mór de Caminha), e de sua mulher D. Sebastiana de Valladares, dos Pereiras do Lago, e teve

1.º Duarte de Mello de Sousa e Caceres, senhor da Quinta da Varzea e de Casalvasco, que morreu sem successão;

2.º Luiz de Mello, que se ordenou e foi frade de S. João;

3.º D. Sebastiana Ignez de Mello, que por morte de seu irmão succedeu na casa, e casou com Ayres de Sá e Mello, seu parente, secretario d'estado e embaixador de D. José a Castella, mas não teve filhos;

4.º Maria Joanna de Mello, que casou com Bento Ferraz, capitão de infanteria na côrte, e commendador da Ordem de Christo, e viuvando, casou com Luiz Antonio Pereira de Sequeira, dos Pereiras de Villa Viçosa, mas não teve filhos;

5.º Isabel Antonia de Mello Sotto-maior e Menezes, que succedeu na casa de seus paes, e foi 8.ª senhora do morgado de Casalvasco e 7.ª do dos Mellos da Louzan.

Casou com Francisco de Albuquerque e Castro, visavô de João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, da casa da Insua, de quem viuvou, em 1860 a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

E assim se incorporou a casa dos Mellos da Louzan na dos Albuquerques da Insua, com os morgados de Casalvasco, Espinhel, em Agueda, e o dos Mellos da Louzan, de que é actual administradora a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

Cáceres

—Alvaro Gonçalves de Caceres, fidalgo castelhano que veio para Portugal no tempo de D. Fernando I, teve

—Mem de Caceres; e este teve

—Luiz Mendes de Caceres, senhor das villas de Fornos e de Algodres. Casou com D. Leonor Vaz Coutinho, filha dos condes de Marialva (hoje condes de Redondo) e teve

—Alvaro Mendes de Caceres, que casou com D. Thereza Manuel de Vasconcellos, filha de D. João de Vasconcellos, conde de Ruella, e de sua mulher D. Anna Manuel e teve

—Luiz de Caceres, instituidor do morgado de Casalvasco, e casou com D. Isabel de Mello, e teve Francisco de Mello e Caceres e João de Caceres, filho segundo, que foi padre e instituiu a capella e morgado dos Mellos da Louzan em 4 de julho de 1548.

—Francisco de Mello e Caceres casou com D. Catharina Coelho de Almeida, filha de Martim Coelho, filho de Garcia Coelho, irmão de fr. João Coelho, grão prior do Crato e chanceller-mór de Rhode, e teve

—Francisco de Mello e Caceres (que vendeu ao conde de Linhares os senhorios de Fornos e de Algodres, que depois passaram para o infantado.)

Casou com D. Maria de Sousa Tavares, da casa de Pedrogão Grande, e teve

—Francisco de Mello e Caceres, que casou com D. Maria Metello, filha de Antonio Metello, senhor do morgado de Vallongo, e teve só

—D. Joanna de Mello, que casou com Luiz de Mello, da quinta da Varzea, de Coimbra, bisavô de D. Isabel Antonia de Mello, ultima representante da casa dos Mellos da Louzan, e que casou com Francisco de Albuquerque e Castro, tambem bisavô de João de Albuqnerque de Mello Pereira e Caceres, da casa da Insua.

Forbes

—João Forbes de Forbes, que viveu na Escocia, no reinado de Roberto III em 1405, e teve

—Alexandre Forbes, 1.º senhor de Forbes, e este teve João Forbes, que falleceu sem successão e lhe succedeu

—Ducano Forbes, seu irmão, 2.º senhor da casa de Brex, e casou com Isabel Cripiton, filha do barão Conlad, e teve

—Guilherme Forbes, que casou em segundas nupcias, com Catharina, filha de Alexandre Geton, e teve

—Alexandre Forbes, que casou, em segundas nupcias, com uma filha de Patricio Gordon, conde de Aberdeen, e teve

—João Forbes, que casou com Margarida, filha de João Campbell, senhor de Coldes, por mercê da rainha Maria de Escocia, de 18 de dezembro de 1556, e teve

—João Forbes (barão de) e casou com Isabel Leitfrentfiltz, e teve

João Forbes, 1.º barão de Skellater, que que casou com Isabel Grant, da familia Belmdallarg, e teve

—Jorge Forbes de Skcllater, barão de Skellater e pagem da lança. de el-rei. Casou cam Margarida Ignez, baroneza de Beloins, e teve

—Guilherme Forbes, barão de Skellater, que casou com Anna Golfina, e teve

—Jorge Forbes, barão de Skellater, que casou com Joanna Levina, e teve

—Jorge Forbes, barão de Skellater, que casou com Christina Joanna Gordon, e teve

1.º Guilherme Forbes, barão de Skellater e senhor d'esta casa em Escocia.

2.º João Forbes Skellater, que foi tenente general e inspector de infanteria em Portugal, gran cruz da Ordem de Carlos III de Hespanha, gran cruz da Ordem de Aviz e commendador da de Christo em Portugal.

Casou em Portugal com D. Anna Joaquina de Portugal e Almeida, filha de D. Diniz de Almeida e Portugal e de sua mulher D. Joanna Thereza d'Antas e Vilhena, e teve

—D. Anna Benedicta Forbes de Almeida, que casou com Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, senhor da casa da Insua—pae do fallecido João de Albuquerque de Mello Pereira Caceres, de quem viuvou a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

Bellezas

Viveu muitos annos n'esta freguezia, no antigo bairro de Miragaya, um ramo da nobre familia Bellezas, de Mattosinhos, onde falleceu (suicidando-se) em 1870, o ultimo representante da casa — Antonio Belleza de Andrade, deixando 4 filhas e 2 filhos.

Ainda possue esta familia varias casas na rua de Miragaya e escadas do Monte dos Judeus, e uma com brazão d'armas na Ilha do Ferro, n.ºs 1 a 3.

Rocha Soares

Francisco Rocha Soares, filho do negociante, proprietario e industrial do mesmo

nome, e de D. Rosa Raymunda Pereira da Rocha Soares; nasceu n'esta freguezia de Miragaya, em 24 de janeiro de 1806, na rua da Esperança n.os 3 a 13, casa contigua á fabrica de louça, propriedade sua, herdada de seus maiores, e já indicada na gravura que se encontra na *Descripção do Porto* publicada por Agostinho Rebello da Costa.

Educado no seio da abundancia, estudou preparatorios em diversos collegios, cursou a extincta Academia de marinha e commercio, onde fez os exames das linguas franceza e ingleza, e matriculou-se na nossa Universidade de Coimbra, para seguir o curso de mathematica e philosophia, que não concluiu por causa das convulsões politicas de 1826, em que tomou parte, alistando-se no batalhão de D. Pedro IV organisado no Porto, no qual foi sargento da 4.ª companhia até 24 de abril de 1828.

Forçado a emigrar em 1828, aproveitou este ensejo para viajar e instruir-se, percorrendo a França, a Inglaterra e o Brasil. Voltou á patria em agosto de 1829 por se achar seu pae a expirar, mas teve de viver recluso e homisiado até 1832. Apenas entrou no Porto o exercito liberal correu a alistar-se, com tres caixeiros seus, no 2.º batalhão nacional fixo, fardando-os á sua custa e sustentando-os na praça. Fez alistar tambem 18 operarios da sua fabrica de louça no 1.º batalhão movel, a quem egualmente fardou.

Por eleição popular foi feito tenente coronel commandante do 5.º batalhão da guarda nacional, e confirmado por decretos de 13 d'outubro de 1836 e 17 de novembro de 1838, servindo de commandante geral da mesma guarda por occasião da revolta da Barca em 1837.

Foi eleito procurador á junta geral do districto em 1835, e substituto em 1838, e em 26 d'agosto d'esse mesmo anno eleito deputado substituto ás côrtes, por 5:983 votos. Foi nomeado membro da commissão creada no Porto para auxiliar a permanente das pautas das alfandegas,—por decreto de 6 de d'abril de 1837, e por outro decreto de 20 do dito mez e anno foi nomeado presidente da mesma commissão. Foi agraciado com o habito da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 21 de setembro de 1836, — com o da ordem de Christo, por decreto de 17 d'outubro do mesmo anno, e com a commenda da mesma ordem por decreto de 4 d'abril de 1837.

Em abril de 1846 foi preso e recolhido ao castello da Foz, quando rebentou a revolução do Minho, e sendo solto em maio do mesmo anno formou o batalhão d'atiradores nacionaes, ao qual deu por quartel a sua casa e quinta de Paços de Rei.

Tão relevantes serviços prestou á causa popular, que os patriotas do Porto lhe offereceram um habito de Christo, uma commenda e uma espada, como testemunho da sua gratidão.

Depois da reacção da côrte, em 6 d'outubro de 1846, fez reunir de novo o seu batalhão, do qual foi nomeado coronel commandante por portaria da junta, e ao mesmo batalhão deu 50 armamentos, pelo que foi louvado pela mesma junta em portaria de 10 de março de 1847.

Foi um amigo leal e sincero, sempre generoso para com os estabelecimentos pios e para com todos— sem distincção de côr politica, que imploravam a sua protecção.

O muito que dispendeu com a politica durante muitos annos, uma fabrica de vidros que montou em Villa Nova de Gaya, (Paço de Rei) o abandono forçado e quasi absoluto dos seus negocios e dos seus estabelecimentos industriaes, com outras circumstancias imprevistas, o obrigaram a apresentar-se aos seus credores, e desde esse momento luctou com graves difficuldades para poder sustentar a sua dignidade e educar e amparar sua numerosa familia.

Precisando de todos foi cruciado por duras decepções, e dos seus inimigos politicos recebeu as mais significativas provas de consideração.

Seu genio forte e irascivel era o seu maior defeito, mas passados momentos era logo calmo e sempre nobre e generoso.

Casou em primeiras nupcias com D. Emilia Candida de Mesquita Faria e Costa, e em segundas nupcias com D. Emilia Pereira da

Rocha Soares, deixando d'este consorcio 7 filhos.

Devorado por affecções moraes e por uma cruel asthémia, e vendo aproximar-se o passamento, com a maior serenidade fez chamar os seus parentes e amigos e as pessoas de quem andára distanciado, confessando-se em seguida, e recebendo o sagrado viatico e a ultima Unção no dia 19 de março de 1857; —a todos os seus convidados pediu que jantassem, como jantaram, em sua casa, e terminado este, quiz vêl-os ainda no seu quarto; ahi lhes fez servir o café, e com as mais commoventes phrases de todos se despediu, abraçando-os e beijando-os, principiando pela idolatrada esposa e filhos, e derramando todos copiosas lagrimas. Expirou no dia seguinte ás 7 horas e meia da manhan, aos 51 annos de edade.

—

O visconde d'Almeida Garret, nasceu na rua do Calvario n.º 35, onde está hoje o consulado inglez, n'esta freguezia de Miragaya, hoje, e n'aquella data, freguezia de Santo Ildefonso.

Na frente da dita casa, mandou a camara municipal pôr um medalhão de marmore, com a inscripção seguinte:

CASA ONDE NASCEU, AOS 4 DE FEVEREIRO DE 1799, JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRET.
MANDOU GRAVAR Á MEMORIA DO GRANDE POETA, A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE, EM 1864.

—

—Ao fundo da mesma rua do Calvario, na extremidade Sul, do largo das Virtudes, d'esta freguezia de Miragaya, esteve durante o cerco do Porto, em 1832 a 1833, montada uma bateria—exactamente no sítio que é hoje parque ajardinado e vedado com grades de ferro, na frente da casa de Alexandre José d'Oliveira Brandão, que por contracto feito com a camara, se apropriou d'aquelle chão ha cerca de 3 annos.

—Esteve outra bateria, no alto da Quinta das Virtudes, hoje tomada pelo estabelecimento de horticultura e floricultura de José Marques Loureiro.

Enterramentos

Até 1832 e principios de 1833, os enterramentos dos freguezes de Miragaya, eram feitos na egreja matriz, excepto quando em seus testamentos dispunham o contrario, ou eram irmãos de alguma Ordem, por que n'este ultimo caso costumavam sepultar-se no cemiterio d'essa Ordem; assim foram muitos parochianos de Miragaya sepultados nas egrejas dos Clerigos, de S. Crispim, S. Francisco, etc., e mesmo além do Douro, na egreja dos capuchos, ou antoninos de Valle de Piedade—*com acompanhamento do parocho de Miragaya*, motivo porque duas vezes (que nós saibamos) se travou pleito entre o reitor de Santa Marinha, de Villa Nova de Gaya, e o abbade de Miragaya, prevalescendo os direitos d'este, baseados em costume antigo.

Por occasião do cerco, ou no anno de 1833, por ser extraordinario o numero d'obitos, já em rasão das baixas provenientes da guerra, já por causa do colera que se ateou na cidade, foram os enterramentos feitos no adro, desde março do dito anno, até julho de 1834, e desde essa data, na cerca do convento de S. João Novo; até que em 1840 principiaram (em fevereiro), a fazer-se no Prado do Repouso, ou nos cemiterios de certas Ordens, nomeadamente no claustro da Graça.

Em epocas mais remotas tambem se enterravam os afogados no adro dito, do Espirito Santo, no chão que foi emprazado ao capitão Antonio José Borges, e onde este levantou o predio, que tem na frente um chafariz publico, á entrada da rua de S. Pedro, junto á egreja parochial, destinando-se em seguida novo local para aquelles enterramentos, a norte da egreja matriz, entre esta e a capella do Espirito Santo, e para alli se removeram as muitas ossadas que havia no local onde o capitão Borges fez a casa.

E não podémos averiguar, se alli enterravam álem dos afogados, tambem os pobres que falleciam no hospital do Espirito Santo e quaesquer cadaveres mais.

Hoje os cadaveres dos parochianos d'esta freguezia, bem como de todas as outras da cidade, são sepultados em qualquer dos dois

magnificos cemiterios publicos — Repouso, ou Agramonte, e muito poucos nos cemiterios da Lapa e Cedofeita, quando os fallecidos pertencem a alguma das respectivas irmandades.

E se o cadaver é levado á mão, o parocho nunca o acompanha, mas se é levado em carro funerario é costume o parocho acompanhal-o mas indo sempre em *coupè*, dado pelos doridos.

Circumscripção da freguezia

Desde tempo immemorial, foi esta freguezia de Miragaya, pouco populosa (Agostinho Rebello da Costa, lhe dá 661 fogos, com 2:757 almas, e hoje deve ter cerca de 1:150 fogos com cerca de 4:500 almas), e era limitada pelo Douro, calçada de Monchique, Bandeirinha, Fogueteiros, Virtudes, rua da Via Sacra (hoje Cordoaria Velha, mas comprehendendo só o lado direito d'estas ruas, seguindo pela ordem por que as mencionei), Escadas do Caminho Novo, bairro do Forno Velho, rua da Munhota, até ás proximidades do sitio onde, feita a 3.ª ordem de muralhas, ficou o Postigo dos Banhos.

Quando esta 3.ª ordem de muros seguiu da Porta da Ribeira até á Porta Nobre, e d'aqui pelas Taipas e Olival, até á Porta de Carros, as condições da estrategia militar não attenderam á circumscripção das diversas parochias, e assim ficou *intra-muros*, e dentro da Porta Nobre, o dito bairro do Forno Velho e rua da Munhota, com algumas casas que depois se levantaram sobre o muro (eram ultimamente 11), e todas estas casas pertenceram á freguezia de Miragaya, até que em 1841, por decreto de 3 de junho de 1839, se fez arredondamento parochial d'esta cidade, que ainda vigora [1], e por elle perdeu Miragaya, todas as casas que tinha *intra-muros*, e recebeu da freguezia de Santo Ildefonso, a rua do Calvario, rua occidental do Campo dos Martyres da Patria, seguindo pelo lado oriental da Praça do Duque de Beja, até o extremo da Travessa do Carregal, lado oriental, e descendo d'ahi pela Praça do Duque de Beja e rua da Liberdade, até ao alto da rua da Bandeirinha, tudo o que fica á esquerda. E da freguezia de Cedofeita, recebeu o convento de Monchique—rua de Sobre o Douro, até entrar na da Restauração, e toda esta desde alli (ou da rua, ainda sem nome, aberta, da Restauração para a rua do Triumpho), até á rua da Liberdade, (lado esquerdo d'esta, subindo), a rua do Triumpho, até á do Pombal *exclusivè*, comprehendendo Quartel militar e suas dependencias; a rua do Rosario, até á do Principe—Travessa da rua do Rosario—Viella e rua do Paço, e o lado esquerdo da travessa do Carregal (subindo), até á rua de Cedofeita *exclusivè*.

Augmentou pois consideravelmente, com aquelle arredondamento, esta parochia, em população e riqueza, por que a parte alta tem muitas casas bôas e familias com fortunas importantes. Basta notar-se que pertencem a esta parte da freguezia, todos os dez, dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental, que este anno de 1875, couberam a Miragaya; principiando pelo sr. Antonio da Silva Monteiro, que é hoje talvez o homem mais rico do Porto—sendo para lamentar, que as familias d'esta parte da freguezia, aliás sinceramente religiosas e bem morigeradas, raras vezes se vejam na egreja matriz, por lhes ficar esta muito distante, e na parte mais baixa da parochia.

Quando em 1834, foram extinctas as Ordens religiosas, o abbade (Raymundo José de Sá e Alves), pediu para matriz, ao imperador, a egreja do convento dos Gracianos, dito de S. João Novo—templo vasto e muito central —e o imperador annuiu; mas a parte baixa de Miragaya, tão tenazmente se oppoz, que o abbade foi obrigado a desistir do seu empenho!...

Appellidos mais notaveis, de pessoas e familias d'esta freguezia de Miragaya, em outras eras.

Boquica, Favella, Domingues, Annes, Beliago, Baldaia, Manteigado, Sandin, Lédo, Ci-

[1] O arrendondamento da cidade, foi ordenado por decreto de 3 de junho de 1839, mas a commissão nomeada só em 1841 concluiu aquelle trabalho, que foi confirmado por decreto de 11 de dezembro do dito anno de 1841.

cio, Riscado, Bellesa, Pigarro, Pires, Figueiró, Pontes, Sobrinho, Maya, Farinha, Vareiro, Borralho e Saldanha.

Noticias diversas

Relativas á egreja de Miragaya e capella do Espirito Santo

A fl. 38 do Tombo da confraria, se acha o testamento de Manuel Fernandes Neves, de Miragaya, escripto por elle proprio, no qual deixa *seis mil missas* por sua alma, além de outras muitas por diversas tenções.

—

Em 1849–1850, mandou a confraria fazer de novo o altar do Senhor Jesus.

—

Em 1858–59, mandou a confraria fazer 8 lanternas de prata com 9:128 oitavas de peso a 125 réis e 40$000 réis de feitio cada uma —1:461$000 réis, *isto pelo cofre do Lausperenne, ficando ainda n'esse anno de saldo no cofre*—1:146$333.

—

Em 1860–61, pelo mesmo cofre, mandou a confraria fazer 8 varas de prata, por a quantia de 617$040 réis.

—

Em sessão de 18 de maio de 1760, se elevou de 80 a 120 réis a esmola das 20 missas por alma dos irmãos e se determinou que fossem ditas na egreja, no altar-mór ou em outro privilegiado.

—

No anno de 1761 se principiaram as obras da nova sachristia e casa de despacho com o legado de Pedro Gomes Simões, que, além de instituir o Lausperenne, etc., dispoz que o remanescente da sua fortuna fosse dividido em tres partes eguaes, sendo uma para as ditas obras.

—

Em sessão de 17 de março de 1783, se resolveu com urgencia, reparar as paredes da capella do Espirito Santo, que ameaçavam imminente desabamento sobre a nova sachristia, pela sua antiguidade, grande declive do terreno e muita humidade do local.

Em sessão de 27 de dezembro de 1784 se concedeu logar para os ornamentos e alfaias pertencentes á devoção de S. João evangelista, que até á feitura da nova sachristia *se guardavam em caixões e guarda-roupas na nave da egreja que foi tomada pelas obras*, e como se suscitassem questões e desaguisados fortes com a confraria, por causa do local para arrumação das ditas alfaias, a devoção ou irmandade de S. João Evangelista dirigiu um requerimento ao ordinario da diocese, pedindo-lhe, *como legitimo senhor d'esta egreja* (diziam) a graça de assignar-lhes logar determinado para as suas alfaias, visto que o local em que as tinham *havia uma immensidade de annos* fôra tomado com as obras da nova sachristia e sala de sessões, á qual petição o prelado deferiu, tendo ouvido o reverendo doutor provisor, que veio ao local certificar-se. E sendo apresentado aquelle requerimento e deferimento em sessão de 23 de agosto de 1787, a confraria obedeceu e cumpriu.

—

Por uma bulla de 13 de novembro de 1606 o papa Clemente VIII uniu o aggregou esta confraria de S. Pedro de Miragaya á de Santa Maria *Supra Minervam* em Roma, concedendo-lhe, por este facto, todas as graças, indulgencias e privilegios d'aquella.

—

O reposteiro bordado da porta principal foi feito em 1790; deu-se pelo risco 12$800 réis de feitio a Rosa Margarida de Sousa, que o bordou, 72$000 réis; por 20 covados de panno azul 21$600 réis; por panno amarello e forros 33$625 réis; por lan de varias côres, requife e retroz 28$355 réis; além de varias contas menores, sendo o seu custo total, 153$890 réis.

—

Ainda em 1785 os abbades recebiam por anno, da confraria, de varios legados, réis 46$580, e recebiam mais de diversos, de pensões e legados por anno cerca de 150$000 emquanto que hoje (e ha muito) não recebem da confraria um unico real, e dos estranhos apenas 4$800 réis de Simão Duarte de Oliveira, negociante da rua dos Clerigos, por uma pensão ou fôro a que é obrigada a casa onde

vive actualmente o reverendo abbade no largo de S. Pedro n.º 14, e isto porque fallecendo em 1810 o abbade José Pacheco e Sousa, ficou encommendado n'esta egreja o reverendo Antonio Pacheco da Silva e Sousa, irmão do fallecido abbade, e empenhando-se para que esta abbadia lhe fosse dada, e não o conseguindo, *deu sumiço*, segundo consta, a todas as escripturas e testamentos que existiam no archivo parochial, e que eram os titulos d'aquellas pensões e legados; mas ficando na cidade por occasião do cêrco em 1832 a 1833, foi preso e muito maltratado por suspeitas de intelligencias com os sitiantes, passou duras privações na cadeia, e obtendo soltura depois de 1834, poucos annos viveu, fallecendo ralado por privações e enfermidades.

—

Fronteiro ao convento de Monchique, e com entrada pela calçada d'este nome (n.º 8 a 10) era o hospicio ou casa dos capellães do dito convento. Compunha-se de uma casa de um andar e um pequeno quintal, o que tudo foi absorvido pela casa que aproximadamente em 1840 ali edificou Antonio Maximiano da Rocha Leão, casa que ainda o mesmo possue e habita.

Hospital inglez

Ao nascente d'esta casa está o hospital inglez, em uma casa e cêrca que foram de José Maria Rebello Valente.

Tem uma botica singela, algumas camas, um pharmaceutico inglez, um enfermeiro e um criado. O seu movimento é muito limitado, porque a colonia ingleza estabelecida n'esta cidade é rica, e dispensa bem o hospital. Só alli costuma tratar-se algum marinheiro inglez.

N'esta casa já esteve algum tempo o asylo de mendicidade (só para homens.)

—

Os ultimos estatutos da confraria foram feitos em 1824, e approvados em deffinitorio de 7 de março do dito anno.

—

Em sessão de 10 de março de 1801 o thesoureiro do Lausperenne fez sciente á mesa da confraria, de que o escrivão da provedoria, em nome do provedor da comarca exigia—*até ao sabbado proximo!...* tres contos de réis para o erario, *por emprestimo...* e a mesa *respeitosamente se curvou* e mandou entregar a dita somma!

—

Altar do Santissimo—Este altar foi feito em 1867 a 1868 por Zeferino José Pinto, entalhador da casa real, e mestre das obras de talha da casa da Bolsa d'esta praça do Porto, artista de muito merecimento. Tanto no desenho como na execução revelou bem o seu talento e bom gosto.

Não é só um altar propriamente dito—uma *alta-ara* ou mesa do sacrificio—mas tambem o tabernaculo para o santo ciborio, levantado no meio de uma especie de capella no oratorio, de que faz parte o altar, constituindo um todo harmonico, segundo as regras da ordem composita, no estylo da renascença.

Este artista tem sido premiado em todas as exposições do Porto e Braga;—na de Paris, em 1867, foi-lhe conferida uma menção honrosa e uma medalha de prata, e na ultima de Vienna d'Austria, em 1873, coube-lhe o diploma de merito.

—

Praça do Peixe.—Está situada no poente da rua Occidental do Jardim da Cordoaria, nos limites d'esta parochia de Miragaya, e occupa o chão denominado—*os celleiros*—por ter havido alli celleiros publicos, que mais tarde se transformaram em quartel de uma companhia de infanteria do corpo da guarda real de policia d'esta cidade (que foi substituido pela guarda municipal) e foi este quartel completamente devorado pelas chammas, em 19 de março de 1832, quando alli se achava tambem um destacamento de cavallaria, da mesma policia, perecendo 7 pessoas e 15 cavallos.

Foi collocada com solemnidade e assistencia da camara municipal, junta d'obras, etc., a primeira pedra d'esta praça no cunhal do angulo truncado (extremidade S.) da fachada principal, em abril de 1869, e n'ella uma lamina metallica, tendo gravada a inscripção seguinte, composta pelo muito

digno e intelligente cartorario paleographo da camara, o sr. Antonio Justino Pereira:— *Piscarium hoc Forum, publicis expensis, a Portucalensi Municipio constitutum, anno millesimo octogentesimo sexagesimo nono, quarto Idus Aprilis, regnante Ludovico Primo.* E com esta lamina se collocaram tambem alli exemplares das moedas de prata e ouro, d'este reino, correntes n'aquella data; sendo presidente da camara, o sr. Francisco Pinto Bessa, deputado ás cortes, etc.

Celebrou-se a abertura ou inauguração da dita praça com musica, bandeiras, fogo artificial e extraordinario concurso de visitantes, no dia 8 de março de 1874.

Um espirituoso jornalista contemporaneo, fallando d'esta praça do peixe, a denominou *palacio do peixe*, pois em verdade tem a apparencia de um bonito palacete, emquanto que a antiga praça do peixe, e que estava no local que medeia entre a fachada principal da nova e a rua Occidental do Jardim, era a coisa mais immunda e mais humilde que imaginar-se possa, e o maior fóco de infecção que havia na cidade. Mesmo dentro do jardim muitas vezes se não podiam supportar as suas pestiferas exhalações.

Reduzia-se a um simples telheiro, ou coberto, voltado para o nascente, sem divisão alguma, com bancas de pinheiro, encrustadas de immundicie, e uma duzia de carunchosas barracas de madeira voltadas para o poente, entulhadas com fressuras, peixe salgado.... e lixo.

O novo *palacio do peixe* é uma obra monumental, que recommenda o Porto. Tem a frente voltada para o jardim, e entesta pelo poente com a rua dos Fogueteiros, em terreno muito em declive, o que favorece os esgotos, e toma o chão que occupavam muitas casas, que foram expropriadas, da rua e travessa dos Fogueteiros. Pelo N. confina com a travessa dos Fogueteiros, e pelo S. com o hospicio dos expostos.

Tem quatro pavimentos o edificio — um ao nivel da rua Occidental do Jardim, formando um lindo terraço (ainda em construcção) lageado a granito, tendo a meio uma ampla escadaria, que desce para o segundo pavimento ou terreiro, á face das soleiras das portas de entrada do corpo principal, tendo este terreiro ao nascente 14 compartimentos destinados para carne de porco e peixe salgado, e ficando estes compartimentos debaixo do terraço do primeiro pavimento, e divididos pela escadaria em dois grupos de 7.

O corpo principal tem, na frente, ao centro, tres grandes portas, e uma em cada extremidade, com doze grandes janellas que occupam o restante da fachada, e na face N. cinco janellas eguaes, e dezoito, tambem eguaes, na face do poente.

Todo o vão d'este pavimento é coberto com telha sobre armação de ferro e madeira, formando 3 cumes sustentados por 16 columnas de ferro, e decoram a frente d'este corpo as armas da cidade e 4 pyramides de granito, primorosamente trabalhadas.

Na extremidade do S. d'este pavimento ha uma larga escadaria de communicação com o mercado das fressureiras, que fica em plano muito mais baixo, e tem 24 compartimentos voltados ao nascente sobre um terreiro descoberto, e a meio d'este, encostado ao muro de supporte do pavimento inferior, um chafariz com duas bicas.

Tem este mercado das fressuras 58^{m}, de comprimento a nascente,—61^{m},30 a poente, —16^{m},80 ao sul,—e 19^{m},10 ao norte. Total em metros quadrados 1075^{m},205.— E o corpo principal tem de comprimento ao nascente 58^{m}, —ao poente 59,20,—ao sul 126^{m},30 —e ao norte 30^{m},20. Total em metros quadrados, 1871^{m},50.

Calcula-se em perto de 100 contos de réis o custo total da obra, comprehendendo as expropriações.

—

Em 1822 estabeleceu-se na rua do Carregal (hoje praça do Duque de Beja, freguezia de Miragaya) n.º 38, o collegio de Nossa Senhora das Dores, dirigido por João Luiz Skimer. N'elle se ensinava portuguez, francez, inglez, rhetorica, philosophia, geographia e latim. Este collegio esteve primeiramente na rua de Cedofeita.

—

Capella dos Trinos da Cordoaria (hospicio

dos frades antoninos)—A capella ou egreja dos trinos é a casa n.º 1 da rua Occidental do Jardim da Cordoaria.

Precisamente na parte que foi o corpo d'aquella egreja é que se acham hoje as cavallariças da *Companhia Transportes Portuense*, creada em 1874, com o capital de 40 contos, para se empregar no transporte de mercadorias ou quaesquer objectos, em carros tirados por bois ou muares.

A dita capella está profanada ha muito, mas conserva as paredes intactas, com a fórma primittiva d'um templo christão, singelo, e é um escandalo que, mesmo na frente, aliás muito regular, da egreja, e sobre a porta principal, se leia, em letras maiusculas—*Companhia de Carros Transportes Portuense* — e que todo o vão da egreja esteja sempre cheio de bois e muares, e isto no centro da cidade da Virgem!

Se queriam dar á egreja aquelle destino, modificassem-lhe a face exterior, pelo menos.

Tanto esta egreja, como tudo o mais que possuiram alli os trinos é hoje propriedade do rico negociante e grnade proprietario o sr. José Gaspar da Graça, que tudo comprou ao sr. Alexandre José Gomes Monteiro, por 1:150$000 réis, em 8 de novembro de 1862.

Estas casas e capellas tiveram principio em uma humilde capellinha (mais tarde sachristia) com a invocação do Senhor Jesus do Calvario Novo, porque a primeira capella do Senhor Jesus do Calvario (dita depois —*Calvario Velho*) estava no terreno que foi tomado pela egreja e convento das religiosas Carmelitas; e a irmandade ou devoção do Senhor Jesus do Calvario Novo lhe addicionou primeiramente um chão a oeste, para casa do sacristão, em 1694, por emprasamento feito á camara, porque ainda n'aquelle tempo tudo em volta da antiga capellinha era baldio ou logradouro commum; e adquiriram mais tarde, por emprasamento tambem feito á camara, em 21 de maio de 1703, os representantes da capellinha um pequeno chão na frente d'ella para levantarem, como levantaram, uma galilé, *por ser a capellinha tão pequena, que mal podia conter doze pessoas*, como se lê na petição dos requerentes, e no mesmo tempo já muito concorrida pslos fieis.

Mais tarde tomou a seu cargo a irmandade dos Cereguéiros (Sirgueiros) a dita capellia do Senhor Jesus, e no anno de 1786, por accordo com a ordem dos Terceiros da Santissima Trindade, deixaram estes a capellinha da Batalha, onde se haviam installado desde o dia 1.º de novembro de 1755, depois da sua restauração (n'esse mesmo anno) e formando junção com a irmandade dos Sirgueiros, que receberam o habito dos Trinos, e com o habito o mesmo nome, passou a ser dos Trinos a capella do Senhor Jesus do Calvario Novo, e o papa Bento XIV os elevou por essa occasião a Archiconfraria, raiando melhores dias, tanto para a ordem dos Trinos como para a dita capella, pois os Trinos, por emprasamento feito á camara, em 18 de julho de 1795, lhe addicionaram, a norte, sul e nascente varios chãos, que com a pequena parte da antiga capellinha, constituem toda a propriedade que hoje ali possue o sr. José Gaspar da Graça. E os Trinos queriam ir muito mais longe; dispunham de meios e pretendiam ali levantar um vasto templo, mas taes obstaculos lhe oppozeram os seus visinhos frades, e tanto os perseguiram e causticaram com tricas e pleitos, que houveram por mais prudente fugir para longe de tão incommoda visinhança. Em resumo deu-se o seguinte:

Em 1722 sollicitaram e obtiveram os frades Antoninos de Valle de Piedade licença do governo e da camara municipal para construirem uma *simples enfermaria contigua á capella do Senhor Jesus do Calvario Novo*, lado norte, nos montes que eram do municipio; mas em vez *da simples enfermaria* fizeram uma casa ampla e farta, um bom hospicio, que é, com leves modificações, a casa, onde se acha montado o hospicio dos Expostos; e apenas levavam feita parte da casa tentaram fazer um passadiço que a pozesse em communicação com a dita capella do Calvario. Oppozeram-se logo os representantes da capella, e redobraram as suas instancias os bons dos frades, dizendo, jurando e protestando que queriam abrir *apenas communicação interna da enfermaria*

com a capella, para que os frades enfermos, como bons religiosos que eram, podessem assistir aos officios divinos; — mas em contrariedade diziam e disseram sempre os sirgueiros, representantes da capellinha, e depois os trinos, — que *o passadiço era um harpéu com que os frades queriam fisgar a capella*, e d'esta convicção nunca os frades conseguiram demovel-os, por mais que teimaram e se esforçaram por apurar a argumentação annos e annos, levando a questão para os tribunaes, que por vezes se pronunciaram pelos trinos contra os frades, e por vezes pelos frades contra os trinos. Uns e outros se dirigiram ao governo, e depois de terem os trinos alcançado provisão regia para levarem por diante as obras em projecto, conseguiram os antoninos (da sr.ª D. Maria I) outra provisão cassando aquella, e mandando que os Trinos não mais proseguissem com as suas obras. E isto depois de haverem os Trinos apresentado a planta do seu vasto edificio á camara e de sollicitarem d'ella a devida permissão, allegando que era um aformoseamento consideravel para o vasto Campo da Cordoaria e um grande beneficio para a cidade, o que sabido pelos frades, taes voltas deram que a camara titubeou, resolvendo ir como foi em vistoria ao local, e depois de bem apreciada a petição, ainda conseguiram os antoninos que os *illustres* vereadores se dividissem em votos, e não deferissem o requerimento dos trinos, etc. etc. Até que os trinos, para se verem livres dos frades, resolveram deixar tudo o que tinham na Cordoaria e levantar sobre o largo do Laranjal o vasto templo e o grande edificio que hoje ali teem, e que deu ao largo o nome de praça da Trindade. E deixando a sua casa e capella da Cordoaria, não transigiram com os frades nem lhe cederam coisa alguma do que ali possuiam. Profanaram a capella, despiram-na de ornatos, vendendo á confraria do Santissimo de Miragaya dois altares, como dissemos n'outra parte, por 80$000 réis; deram e venderam a diversas corporações outras peças (suppomos que tambem era da egreja dos trinos parte da obra de talha que decora a capella mór da egreja de Miragaya) e por ultimo venderam as paredes da sua egreja e tudo o mais em volta d'ella a Francisco José Gomes Monteiro, em 1816, por 1:600$000 réis, quando já se haviam installado na sua nova casa, pois deram começo ali ás obras em março de 1803, indo o sr. D. Antonio de S. José e Castro, prelado da diocese, benzer com grande pompa e solemnidade a primeira pedra.

E só assim poderam os trinos respirar livremente e livrarem-se da incommoda visinhança dos antoninos.

—

Ha um livro manuscripto, muito curioso, no archivo da celestial ordem da Trindade com este titulo: «*Lembranças ou Historia das epocas que de futuro podem servir para melhor conhecimento dos successos d'esta congregação e celestial ordem da Santissima Trindade da Redempção dos Captivos, erecta n'esta cidade por extincção da veneravel ordem Terceira do patriarcha S. Domingos, intitulada Milicia de Jesus Christo, em 14 de maio de 1755, pelo Santissimo Papa Bento XIV, dada e confirmada pelos Summos Pontifices Clemente XIII, em 1758, e Pio VI em 1781.* Tomo I — Porto. Anno de 1792.»

O auctor não assignou este livro, mas do seu contexto se vê que foi feito, ou pelo menos principiado, por Manuel Barbosa d'Araujo; e d'ali extractei o seguinte: «*A f.* 1, *e seguintes.* A celestial ordem da Santissima Trindade teve a sua origem na ordem militar dos cavalleiros que se alistavam para a conquista da Terra Santa, e a sua erecção em ordem regular foi em 1198, governando Innocencio III, como consta da Chronica.»

Esta archi-confraternidade da Santissima Trindade e Redempção dos Captivos, foi erigida n'esta cidade do Porto, em 1755, pelo Summo Pontifice Bento XIV, immediatamente á extincção da 3.ª Ordem dominicana pelo mesmo Pontifice, em 15 de abril do mesmo anno, que n'esta cidade havia sido fundada em 1671, e erecta em 1676.

Esta archi-confraternidade, foi a primeira que houve n'este reino. Depois de expedida a bulla da sua erecção, demorou-se muito tempo na secretaria d'estado, por embaraços que occorreram, até que sua magestade

a sr.ª D. Maria I, concedeu o seu regio beneplacito, em 1781—e entretanto foi sollicitada do mesmo Pontifice e por elle expedida, outra bulla, creando a Ordem 2.ª, aggregada aos religiosos Trinos de Lisboa—bulla posterior á da creação d'esta archi-confraternidade—mas como aquella bulla se não demorasse nas secretarias d'estado, como a outra, e fosse tambem com mais promptidão o regio beneplacito, foi a Ordem 2.ª de Lisboa, erecta em 1757, o que não tira a primazia á do Porto.

O papa Bento XIV, para acabar os interminaveis pleitos, entre os frades de S. Domingos e os Terceiros Dominicos, a instancias d'el-rei D. José I, extinguiu esta Ordem e creou a da Santissima Trindade, doando-lhe todos os bens, direitos, acções e obrigações da Ordem extincta, exceptuando unicamente o *material* da capella, que tinham em S. Domingos—mas incendiando-se por essa occasião uma pequena parte da egreja dos frades, pediram estes a sua magestade a egreja contigua, que se achava fechada, e o rei, deferindo, os frades se apossaram d'ella com tudo o que alli havia, e não mais a largaram, apesar de serem demandados pela nova Ordem da Santissima Trindade, para lhe restituirem, como lhes cumpria, todas as alfaias, etc., excepto os materiaes, como dizia expressamente a bulla.

Creada a Ordem da Trindade, instalou-se na capella da Batalha, no dia de Todos os Santos, 1.º de novembro de 1755 (dia em que teve logar o célebre e funestissimo terramoto que destruiu Lisboa), e n'esse mesmo dia se fechou a egreja da Terceira Ordem em S. Domingos, tomando, como dispunha a bulla, o prelado da diocese, posse dos bens e acções da extincta Ordem, até que baixasse o regio beneplacito, para cumprimento da bulla, pois apenas se expediu um simples aviso regio n'aquella data, em seguida á recepção da bulla, para se fechar a Ordem dos Terceiros Dominicanos; e como o terramoto desorganisou todos os serviços em Lisboa, só em 1781, baixou aquelle beneplacito regio. Na Batalha celebrou esta Ordem dos Trinos, a sua primeira festividade, no dia de S. Pedro, a 29 de junho do dito anno.

Conservou-se na Batalha, até 1786, e em 26 de novembro do dito anno, se transferiu para o Campo da Cordoaria, por contracto feito com os representantes da capella do Senhor Jesus do Calvario, na nota do tabellião Luiz Pinto Rosa, em o 1.º de dezembro do dito anno.

Da origem d'esta capella do Calvario, diz o mesmo livro o seguinte:

«Em 1703, emprazaram á camara, os mordomos da confraria, ou devoção da capella do Senhor Jesus do Calvario Novo, tambem —denominado—Senhor Jesus de Bouças— um chão para reedificarem a humilde e muito antiga capellinha e lhe addicionarem um alpendre, ou galilé; acabaram o corpo da capella em 1705, mas continuaram as obras até 1737, como se vê do livro da despeza, hoje no archivo d'esta celestial Ordem; mas já em 1734, foram inquietados pelos visinhos capuchos, que pretendendo apropriar-se da dita capella, a pediram a el-rei D. João V, mas não foram attendidos.

Em 1737, fizeram os mordomos da confraria do Senhor Jesus do Calvario Novo, assentos de pedra, em volta da capellinha e outras obras, tudo á custa da confraria, como resava uma inscripção que mandaram abrir em uma pedra:—*Esta obra, assim como pateo e assentos, se mandou fazer á custa das do Calvario Novo. Anno 1737.*

«Em 1739 a 1740, se tirou a cruz de pedra e se collocou na sachristia, e se collocaram na capella as imagens que se tinham mandado fazer em vulto, do—Senhor Crucificado e Morto.

«De mil modos, os Capuchos inquietaram os humildes representantes da capellinha do Calvario. Pincipiaram por minar a capella pela parte de traz, por onde confinava com a cerca d'elles. Os mordomos embargaram a obra, e correu pleito judicial com vistoria, obtendo os mordomos d'esta vez sentença contra os frades, e os ditos mordomos para conjurarem nova tempestade d'este lado, fizeram um paredão ao poente da capella. Foi escrivão n'esta causa, José Pinto Rebello.

«Lembrou-se tambem um tal sr. Galvão, que pelo nome não perca, de hir fazer umas

casas terreas ao Norte da capellinha e do lado da viella, encostadas ao muro do passeio e logradouro da dita capella, e como os mordomos se oppozessem, correu pleito judicial, tambem com vestoria, proferindo-se afinal sentença pela qual se julgou ser aquelle terreno do publico. Foi escrivão n'esta causa, João Rodrigo de Carvalho.

«Em 1784, tornaram a pedir os capuchos a capella a sua megestade a sr.ª D. Maria I, e depois de longos trabalhos, terminou a pendencia por transação feita, já entre esta Ordem e os capuchos nos termos da escriptura lavrada nas notas do tabellião Luiz Pinto Rosa, em 1 de dezembro de 1786.

«Mas logo em 1789, voltaram á carga os bons dos antoninos.

«Resolvera a Ordem n'aquelle anno substituir o humilde campanario da antiga capella, por uma torre para os sinos, e apenas principiaram a obra (por de traz da capella-mór), logo os capuchos a embargaram. Correu pleito judicial muito curioso, em que os frades allegaram coisas do arco da velha, até que em 1791, obtiveram sentença, mandando que se demolisse a torre, e se conservassem os sinos no velho campanario. E ainda não satisfeitos os frades aggravaram para a Relação, mas esta confirmou a sentença. Esta demanda foi pela correição do civel—escrivão, José da Silva Lima. E o embargo foi feito pelo guardião de Santo Antonio, de Valle de Piedade.

«Em 1788, sairam os Trinos pela primeira vez, com a sua apparatosa procissão de Ramos, da sua capella do Calvario.

«Os capuchos, não desistindo do intento de se apoderarem da capella do Calvario, lembraram-se de pedir primeiramente licença para fazerem um passadiçe que désse passagem da sua enfermaria para a capella, allegando motivos tão innocentes e de tanta piedade que as pedras se commoveriam; mas por mais que teimaram e redobraram as supplicas e argumentos, não conseguiram embair os mordomos da capella, que no passadiço só viam um *harpéo dourado, e preparado com grande arte pelos frades.*

«Vendo que com o passadiço nada conseguiram, lembraram-se de outro estratagema. Dirigiram um requerimento ao chanceller, e governador da cidade, José Roberto Vidal da Gama, pedindo lhes concedesse a capella, para n'ella poderem confessar; e como o chanceller deferisse, dirigiram-se logo os frades com bancos e confessionarios para a capella; mas, quando tentavam entrar, *acudiu o capellão, e a pontapés sacudiu tudo pela porta fóra* (livro dito, fl. 67 v.) e assim d'esta vez a confraria ainda pôde salvar a capella. Não desistindo os capuchos do seu *santo proposito*, dirigiram a sua petição ao Desembargo do Paço; mas, mandando Sua Magestade ouvir a confraria—nada conseguiram os religiosos antoninos.

Não se dando por vencidos, ainda durante sete annos fizeram novas e repetidas petições a Sua Magestade, sendo todas indeferidas em vista das respostas e informações dadas primeiramente pela confraria, e depois por esta celestial ordem, na qual se fundiu aquella confraria; até que esta Ordem, resolvendo levantar ali um templo mui amplo e um edificio vasto, sollicitou provisão régia, para adquirir os terrenos adjacentes, de que necessitava para aquelle fim, etc. E o procurador da corôa, João Pereira Ramos, ponderando os muitos requerimentos feitos pelos capuchos durante 7 annos—e as respostas e informações dadas por parte da confraria do Senhor Jesus do Calvario, e depois por esta Ordem, como representante da dita capella respondeu—que era justo se fizesse a egreja e as obras constantes da petição, por quanto a capella era da Ordem, e os antigos irmãos do Senhor Jesus do Calvario eram os mesmos trinos supplicantes — e *que os frades não tinham direito a pedil-a, só pelo direito de pedirem tudo pelo amor de Deus* (fl. 69.)

«Foi commettida a execução da provisão régia ao celebre corregedor da comarca e governador da cidade, etc., etc. D. Francisco de Almeida, mas apenas a Ordem principiou as obras, os capuchos, como loucos, trataram de empecel-a, fazendo questão de tudo! Embargaram o telheiro da cal, exigiram a remoção da pedra que estava na testada do seu predio, etc., e quando se trata

va de fazer os alicerces, sahiram com paus ameaçando os trabalhadores, abriram serio conflicto, e fizeram com que se representasse (não diz o livro por quem) a sua magestade, *allegando que a Ordem fazia uma egreja nova muito sumptuosa e outras obras em que exhauria o cofre da Redempção dos Captivos; e que a dita egreja se tornava desnecessaria por haver n'aquelle sitio muitas egrejas, como a famosa (famosa?...) capella da Senhora da Esperança—a de Pedro Pacheco Pereira* (em Villar ou Bellomonte)—*a da Companhia dos Vinhos* (na viella de Ferraz) *outra defronte, e a capella dos Reis Magos, á Praça Nova, com muitas outras.*

«Veio o requerimento a informar ao chancelier, Veiga Magro, que para sstisfazer ás instancias de seu tio, o *frade e padre Sarmento*, respondeu — *que era verdade o allegado*; pelo que baixou um aviso régio mandando sustar as obras, e repôr tudo no antigo estado!

«Suspenderam-se effectivamente as obras; mas ainda não satisfeitos os frades, dirigiram um requerimento ao governador da relação do Porto, exaggerando os inconvenientes que resultavam dos materiaes, que para as obras tinha esta Ordem na Cordoaria, allegando inclusivamente que já nas vallas dos alicerces *tinham morrido 3 homens*, concluindo por pedirem, em nome seu e do publico, que se mandasse remover os ditos materiaes e arrazar os vallados abertos, ao que o governador deferiu, sendo executado o despacho com escandalosa prepotencia pelo juiz dos orphãos, a ponto de dizer que se a Ordem não tinha onde arrumasse as pedras, as mettesse na egreja!

«Por mais esforços empregados pela Ordem, e nomeadamente pelo prior, Manuel do Nascimento e pelo benemerito irmão Manuel de Sousa Scopira, de Miragaya, para levantarem o interdito imposto pelo governo, nada conseguiram, por causa das informações dadas pelo chanceler, Veiga Magro, até que a *Santissima Trindade* (diz o citado livro) *foi servida inspirar a um irmão e a outros mais irmãos o fazerem nova egreja em outra parte*, no que a mesa concordou, e communicando esta resolução a Pedro de Mello Breyner, governador da relação, respondeu—*que n'aquelle sitio do Calvario não;* ao que se lhe observou que *seria onde elle quizesse*, mas que a Ordem desejava fosse na Praça do Laranjal, no que elle concordou.

«Em março de 1803 se collocou com grande solemnidade a primeira pedra, saindo a Ordem em procissão da sua capella do Calvario, acompanhada pela irmandade das Almas, de Santa Catharina, pelas ruas de Bellomonte, Flores e Bomjardim, levando no andor da Santissima Trindade, a dita pedra que era pintada de azul com uma inscripção em lettras douradas. Apenas chegaram ao dito Largo do Laranjal (hoje Praça da Trindade) o prelado Antonio de S. José e Castro, benzeu o terreno e collocou a dita pedra.»

Casa dos curas de Miragaya

Á direita d'aquella casa dos bancos, estava a casa dos curas, que era a antiga residencia parochial. Tem hoje o n.º 14 sobre o dito largo de S. Pedro. Ha muito porém que os parochos a não habitavam, por se achar em total ruina, e como os abbades fossem obrigados a tomar casa de renda, os prelados da diocese, como padroeiros d'esta egreja de Miragaya, e o cabido, não sabemos por que titulo, lhes davam 2$000 réis por anno, para ajuda da renda.

O cabido dava pelo seu prebendeiro, no mez de julho de cada anno, aos abbades de Miragaya 666 réis tambem para ajuda do aluguel da residencia.

Esta casa foi emprazada, com a pensão de 4$800 réis annuaes, para os abbades de Miragaya, por um ascendente do sr. Simão Duarte de Oliveira, rico negociante da rua dos Clerigos; restaurou-a levantando sobre o chão que occupavam aquellas ruinas, um predio decente, hoje propriedade do dito sr. Simão Duarte de Oliveira, predio que habita o actual abbade, pagando renda, como de qualquer outro, recebendo do dito senhor, os 4$800 réis de pensão, e pagando o abbade d'esta pensão á confraria, 100 réis.!...

Já nada existe dos antiquissimos paramentos que um freguez de Miragaya mandou da China para a capella do Espirito Santo, hoje representada pela confraria do Santissimo: paramentos de que se faz menção em diversos inventarios dos bens e alfaias da dita capella, mas ainda existe uma casula (com sua estola e manipulo) bordados a matiz, tendo na parte posterior a imagem de Nossa Senhora da Conceição, muito bem bordada, e servindo apenas uma vez cada anno, no dia em que a egreja commemora a Conceição de Nossa Senhora.

Foi a dita casula mandada vir de Flandres (com um painel representando o descimento da cruz e ressurreição) por D. Barbara Pires de Figueirôa viuva de Affonso Luiz Ribeiro, moradora na rua Armenia, n'esta freguezia de Miragaya, e por ella dada, com o dito painel, (de que não ha memoria) e outros paramentos e alfaias ao altar de Nossa Senhora da Conceição, que houve n'esta egreja de S. Pedro de Miragaya, altar em que a dita D. Barbara Pires de Figueirôa instituiu uma capella (missas e suffragios) como se vê do testamento com que falleceu, e que existe no archivo da confraria—feito aos 8 dias do mez de fevereiro de 1568, na nota do tabellião Ruy de Couros.

Deve contar pois a dita casula, aliás ainda muito bonita e não muito deteriorada, cerca de 300 annos!

—

Largando os prelados mão da fabrica d'esta egreja em seguida á extincção dos dizimos e padroados, e não tendo a junta de parochia um unico real de fundo (é um corpo meramente consultivo) a confraria do Santissimo Sacramento, muito espontanea e generosamente se encarregou da dita fabrica, e a todas as necessidades d'ella e do culto, provê com zêlo e sollicitude — *e sem sacrificio*; porque além das suas rendas, é ha muito legitima representante e administradora da capella do Espirito Santo (resto do antigo hospital e albergaria *do Santo Espirito, no largo de Miragaya, arrabalde do Porto*, como dissemos algures)—e dos altares de Nossa Senhora do Pranto, S. João Evangelista e Senhor Jesus, os quaes todos ainda conservam alguns rendimentos proprios—e é tambem administradora dos fundos do Lausperenne, ao qual nomeadamente deve a prosperidade das suas finanças; porque sendo instituido com quinze mil cruzados, e com a condição de que, attingindo aquella somma, a cifra de sete contos e duzentos mil reis poderia a mesa dispôr do excedente a bem do culto e da egreja, ha muito que o fundo inicial ultrapassou aquella meta, e por isso, com o excedente, a confraria tem feito obras consideraveis na egreja e comprado muitas alfaias de valor, sendo aquelles fundos hoje os seguintes:

1 inscripção de.....	1:000$000
4 ditas de 100$000.....	400$000
2 ditas de 500$000.....	1:000$000
—	
4 apolices do banco Mercantil Portuense.....	800$000
15 acções do dito banco.....	3:000$000
—	
4 acções do banco Alliança....	240$000
—	
Capital mutuado.....	1:350$000
—	
Valor em alfaias de prata.....	1:334$700

Capella do Espirito Santo

A capella do *Santo Sprito*, é uma das mais importantes de Miragaya e por ventura do Porto, não pela sua forma architectonica, nem bellezas actuaes, mas olhada pela parte historica.

A capella de *Santo Sprito*, a que estava annexa á albergaria, data do seculo XV; a sua primitiva designação foi de *Hospital*, sendo talvez a capella anterior á fundação d'elle.

Como um monumento curioso, transcrevo do tombo da capella, (fl. 20 v. e seg.) a doação feita em 1443, dos terrenos em que se edificou a albergaria, isto em tempo em que o hospital se estava construindo:

«Saybão quantos este publico Instrumento de Trasllado em publica forma virem em

como no anno do Nassimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil quatro centos e quarenta e tres annos, aos dezanove dias do mes de Agosto, na cidade do Portto, na rua da Rebolleyra, estando ahy prezente Alvaro Dias, Escudeyro, cidadão Veriador na dita cidade, Juiz em ella pella Ordenação em abzencia dos juizes ordinarios, que em ella são prezentes, e elle em prezença de mim Gonçallo Annes Barbozinho, Taballiam geral e expecial de Nosso Senhor ElRey na dita cidade e seu Bispado, e das testemunhas que ao diante sãm escriptas, pareserão Luis Affonço, Mestre da Nau Gallega, e Andre Pires, Pilloto, e João dispyzarro, e João de Figueiró, todos moradores em Miragaya, a Rabalde da dita cidade, em nome seu, e dos outros moradores do dito Lugar, como procuradores do espital do Sancto Esprito que está situado no dito Logo de Miragaya: Aprezentarão certas escripturas publicas escriptas em pergaminho, e diserão que pertençiam ao dito Hospital, e se temião de selhe perder por ágoa, ou fogo, ou poroutro cazo Furtuhido, e pediam ao dito juis que lhes mandaçe dar o Trasllado dellas em publica forma; As quaes escripturas logo ahy forão aprezentadas, humas atras outras como ao diante se seguem:

«DOAÇÃO PRIMEYRA»

«Em Nome de Deos Amen. Saybão os que este Instromento de doacão virem que no anno da êra de mil e quatro centos e quarenta e tres annos, áos dezouto dias domes de Abril da dita era, emadita cidade do Porto, dentro das pouzadas e moradas de ca Therinna Affonço, mulher que foy de Pero Carneyro mercador, e morador em a dita cidade: a dita ca Therinna Affonço, que prezente estava; olhando em como ella hera theuda e obrigada afazer ábem, por ás almas dàquelles de honrra fazer, e outro sy por salvação da sua alma eRemonento de seus pecados; ella de seu Moto proprio, sem emduzimento, nem promessa que lhe seja feito, nem algum que sesja dado, nem outorgado; nem prometido; se não tamsomente por salvação do que suzo dito he, ella em bom coração, e bundade pera serviço de Deos, e por cumprir as obras de Miziricordia, e piedade, que Deos ama, emsigna, aquelle, ou aquella que de sy bem uza, e segue o Preseyto da sancta Ley, tudo seguem; que ella fazia Pura Doassãm Valledoura pera todo osempre antre os vivos ao Hospital do Sancto Spirito Sancto que se hora fazia ápár de Sam Pedro de Miragaya, que he á cerqua da dita cidade, da sua direyta parte que ella ha em uma parte digo ha em hum monte que está no dito Logo; o qual ella ha com Margarida Affonço sua Irmãa, e com Thereza Domingues; mulher que foy do Belliago; a sua Prima com João Affonço dagrella, seu Irmão, moradores em a dita cidade; o qual parte de huma parte com herdade de Martim Farinha, e da outra com cazas que forãm de João Delgado, e pordiante comrua publica que Vai perante Sam Pedro, e Intesta contra ócaminho pera á cordoaria do pár do Postigo do Muro; éque lhe prazia, queria; e outorgava que no dito Logar se fizece espital, etoda outra couza que fose serviço de Deos, e saude de sua álma; della e daquelles, onde lhe o dito seu quinham do dito monte ficou a ella de direyto pertensente, digo de direyto pertensa, e demetido disso todo ó direyto e Acção actual e Real que ella havia no dito monte onde agora se fazia ódito Hospital; e demetia, dava, e dotava ao dito Hospital por súa alma; é daquelles donde ella houverá; e ficará Rogãdo; e mandado a todos seus herdeyros qué depus ella Vierem que não fação contra esta doação nem parte della, sob penna de sua Benção, e lho por este quis eoutorgou que ó honrado Doutor Frey Vasques Annés, de sam Domingos da dita cidade, que esta obra deste Hospital comesoú e quer feneser, pera fazer e acabar; por bem fazer Possa por sy ou porque quizer Thomar Posse; propriedade, e senhorio do dito monte pera ódito Hospital, persy óuporoutrem, e fação nelle aquillo que comesou, e quer cumprir e acabar por bemfazer; e porque he couza de caridade que pertençe a pobrés evergoncados, e caminhantes, e pellengrinos, estrangeiros, de outras Provinçias, das quaes, couzas a dita ca Therinna Affonço, mandou amim Taballiam aó

diante escripto, dar hum Instromento emais aodito Frey Vasques Annes, Doutor sobredito que ádita obra, eo hospital quer feneser e ácabar; Testemunhas que prezentes forão João Bras, da Ribeyra, Alvaro Pires, Selleyro, Affonço Pires Branquiador da moeda da dita cidade, Gonçallo Gonçalves, Genrro da dita ca Therinna Affonço, moradores na dita çidade, seu Gil Vasques e Taballiam Geral de El Rey, dantre ó Douro e Minho que este Instromento, e outorga doprezentefis, e este Instromento escrevy em que Fis meu signal que tal he...» etc.

Seguem-se no Tombo a 2.ª Doação, feita por Margarida Affonço, mulher que foi de Vasco Fernandes Ferraz, e a 3.ª, feita na mesma forma das antecedentes, por Florencia Domingues, viuva de Gonçallo Annes Belliago, feita, bem como aquella, a 6 de junho de 1443, todas pelo mesmo tabellião, Gil Vasques, ao dito Dr. Fr. Vasques Annes, de S. Domingos, para acabar a obra do Hospital.

—

A administração do hospital de Santo Sprito, que estava commettida aos juizes e vereadores da cidade, passou depois a estar a cargo dos mareantes, sendo esta resolução tomada, em sessão de 25 de junho de 1454, á qual assistiu o abbade de Miragaya, Affonso Martins.

A administração do hospital, foi n'esse acto solemne entregue aos mareantes, João da Maia, mestre da nau *Ferreira;* por si e por Lopo Nunes, mestre da nau *Armadinha;* Salvador Annes, mestre da nau *Nova;* Martim de Figueiró, mestre da nau *Rosto Formoso;* João Lobrinho e Nuno Annes, por si e por João Farinha, pilotos, e outros mestres e marinheiros, uns e outros *confrades da confraria* de Miragaya.

Na eleição dos provedores, seguiam-se determinadas clausulas, não o podendo ser senão os individuos que tivessem sido mórdomos da confraria do Santissimo, de Miragaya, e os votantes, individuos que tivessem servido já de mórdomos do hospital.

A importancia que o hospital do Espirito Santo alcançou logo apoz a sua fundação, deu causa a varios litigios e questiunculas, entre os provedores d'elle, os abbades de Miragaya, a Misericordia da cidade, e até com o cabido. Por curiosos, transcrevemos alguns dos mais notaveis documentos, que são em geral desconhecidos, mas que existem nos tombos da capella, tombos que por maravilha teem escapado apesar das vicissitudes que este estabelecimento tem soffrido.

Em 147...? suscitou-se questão entre o provedor do hospital e o abbade de Miragaya sobre as offertas que eram levadas ao altar e capella do hospital, e de commum accordo foram (aos 22 de fevereiro do dito anno) ao paço episcopal Vasque Annes, abbade da egreja parochial de S. Pedro de Miragaya, e os provedores e administradores do hospital, que então eram, João da Maia, João Dias Pigarro, André Pires e outros, todos mestres e pilotos, e alli na presença «do *muito virtuoso e muito reverendo* se«nhor bispo, D. João d'Azevedo, e dos discre«tos Pedro Affonso d'Aguiar, juiz, Fernão da «Luz Bayão, vereador, Diogo Martins, pro«curador, e Vasco Luiz, cidadão» accordaram no seguinte: que o abbade houvesse todas as offertas de pão, dinheiro e *candeias de cera* que no dito altar fossem postas, excepto alguns cirios grandes e *candeias de roda* que ficariam para ornamento da capella e altar, e que tambem o dito abbade houvesse todos os frangos, gallinhas, cordeiros e outras cousas *comesinhas* que fossem offerecidas, exceptuando os carneiros, que seriam para os pobres do hospital. E que não haveria o abbade joia alguma de prata ou ouro que ao dito altar fosse offerecida, ou por qualquer pessoa dada; e que se algum devoto quizesse offerecer olhos ou corações dos que estivessem pendurados no altar, por não hir comprar outros, o abbade poderia receber o preço *quando não excedesse a quantia de 15 ou 20 réis, de cinco ceitis o real, e mais não, e todo o excedente seria lançado no cepo da capella* para as obras do altar e hospital; e que o abbade não teria direito a qualquer outra cousa que ao dito hospital alguem offerecesse; e n'isto accordaram sob pena de pagar o que resilisse de

futuro, *200 cruzados de bõ oiro*—obrigando ao cumprimento do estipulado—os provedores do hospital as cousas e joias d'elle, e o abbade as rendas e joias da egreja. E approvado que foi este contrato pelo senhor bispo e officiaes presentes, Pedralves de Landim tabellião o escreveu e assignou, e recebeu das partes, com o caminho,—*trinta réis!*...

NB. *Candêa de cera*,—vem a ser—vela de offerta, nas 3 missas particulares.

A proposito das pretenções da Misericordia da cidade, copiarei do Tombo do Hospital (fol. 208 v.) o alvará seguinte, com o qual se terminaram, por então, as questões:

«Nós El-Rey, fazemos saber a vós, Martim Lopes de Azevedo, Fidalgo de nossa Casa e Contratador das obras, terças e reziduos da Commarqua de Entre Douro e Minho que a nós praz que o Hospital de Santo Spirito da nossa cidade do Porto de que tem a administraçam os Pilotos, Mestres e Mareantes, e outros homens bôos, *estê como está, e se não* bula com elle, nem dê a dita administraçam á Misericordia, porquanto nós havemos por bem de se com elle não fazer mudança alguma; e visto o Alvará que paçamos á dita Confraria sobre os ditos Hospitaes, e assim outras razoens, que nos pera isso foram dadas. Feito em Lisboa a desaseis de Maio, Cosme Rodrigues o fes de mil e quinhentos e vinte e um. Rei. Pera o Contador dos Reziduos de Entre Douro e Minho, que nam faça mudança alguma com o Hospital de Santo Spirito da cidade do Porto, de que a administraçam he de Mestres e Mareantes e outras peçoas, e estê assim como está, sem sem se dar á Misericordia. Pagou quarenta reis.»

Das questões com o vigario geral do bispado existe testemunho ainda, no tombo do hospital (fl. 65). É um alvará de Filippe II, o catholico, mas que não deixava invadir os direitos do padroado real.

—

A fl. 29 do dito Tombo se encontra a *Instituição da capella* (missas e suffragios) *de João Affonso, no hospital do Santo Espirito de Miragaya*—em 1655.

Alli se diz que o dito João Affonso, morador que foi em Miragaya, doou ao hospital ou albergaria do Espirito Santo, entre outras muitas propriedades, uma quinta denominada Rio Covo, na freguezia de Santa Eugenia, termo de Barcellos, e o casal de Rio Covo e o Campo do Porto, sítos na dita freguezia, o que tudo havia comprado a retro, por 200$000 réis a Gaspar Ferrás e Lucrecia de Figueirôa, e declarou elle que se aquella venda se annullasse (fl. 30, v.) «*por razão do dito Retro que todo o dito dinheyro que por elle derão que se ha de tornar*; e «desfazendoçe a dita compra, que se comprará dello vinte mil réis de juro em cada «hum anno, de fazenda Del Rey Nosso Senhor e foro a Real a este Reyno ou de outra qualquer fazenda, etc.

Em 16 de abril de 1458 João Dias Pizarro, provedor do hospital do Espirito Santo, *no logo* de Miragaya, requereu ao juiz ordinario, por certidão, a verba do testamento com que fallecera *Gonçalo Gonçalves, fundador do dito hospital*, que tinha sido fundado «havia cincoenta annos», disse elle no requerimento, e na qual verba doára ao hospital metade de umas casas. O juiz deferiu, e o tabellião, João do Porto, certificou que a dita verba era do theor seguimte:

«Primeiramente mando que d'esta minha casa que a metade d'ellas todas haja a dita Breatis, minha sobrinha.—Mando que a outra ametade que a haja o Hospital do Santo Sprito, a quem d'ella faço pura doação para sempre, e mando aos regedores do dito hospital, que do que a dita casa render que em cada um anno façam dar pitança a todos os pobres que alli estiverem.»

—Em 1459 doou o abbade de S. Pedro de Miragaya, Affonso Martins, ao hospital do *Santo Sprito* uma casa, que tambem lhe fôra doada, *com seu enxido em o dito llogo de Miragaya, á Pedra Escorregadia*, com a condição de n'ella viver um pobre sem pagar renda.

—

Em 1512, em audiencia publica noo paço do concelho do Porto, sendo Juiz orddinario o muito honrado João Paes, e tabellião Judicial Pero Gonçalves *pareceu ahi* João Le-

do, mestre piloto, morador em Miragaya, provedor do hospital do Santo Espirito, e *Briatis Lopes*, viuva de João Annes, moradora tambem em Miragaya, e disse o dito provedor em nome do hospital, que ella tinha uma videira chantoada com *terçaes de pau altos, á ilharga da sua casa junto ao adro de S. Pedro do dito logo*, e que a dita videira tomava parte do adro, e *assombrava o dito logo do Santo Sprito;* e que ella *Briatis* fizera uma dalla na ilharga da sua casa, onde lavava e lançava toda a agua immunda que se fazia na sua casa, e corria para o dito adro, o que era de muito *fedor e sojidade*, e que portanto requeria a elle juiz que mandasse despontoar a videira e desassombrar o adro e vedar a dita agua e a *sojidade da dita dalla.* E o juiz perguntou á dita *Briatis Lopes* o que respondia a isto, e disse ella que emquanto á parreira era verdade tel-a á muito junto á sua casa, mas que emquanto á dalla, só lançava n'ella agua limpa da servidão da sua casa, e não *sojidades.*

E o juiz, *visto por elle todo*, disse e mandou que a dita *Briatis* despontasse a dita videira, e desoccupasse o adro por todo o proximo mez de outubro, sob pena de 500 réis *para a cidade e captivos*, e que quanto á dalla, que a fossem ver os védores da cidade, que era isso attribuição d'elles, e que elles julgassem o caso como lhes parecesse.

E em cumprimento d'esta sentença, foi o vedor Pero Fernandes ver a dita dalla e disse, *que seu parecer e determinação era que a dalla se tirasse por respeito da sojidade* que d'ella vinha e ia ter sobre os finados, e por ser adro de tanta serventia das pessoas que hiam para Santo Espirito «*e feder «e cheirar muito mal, de maneira que por «estes convenientes i muitos era com razão «que a dita dalla se tirasse d'alli, e que «se a dita quizesse trazer augoa, e sujar «em sua casa, que a fizesse lançar fóra assi como o fazem em outras casas. E com «isto foram os autos conclusos ao dito Juiz «que á Reveria das partes proferiu a sentença, que tal é a seguinte—Vista a vedoria de Pero Fernandes vedor das obras, «mando a Briatis Lopes que tire a dalla da «contenda, sob pena de 500 réis para a «cidade e captivos. A qual sentença foi por «mim Tabalião publicada á dita Briatis «Lopes em sua pessoa, em o dito logo de «Miragaya, e por ella me foi dito que satisfaria a sua sentença como n'ella era «contheudo testemunhas que para isto foram presentes Affonso dos Banhos, Abbade da Igreja do dito logo de Miragaya e «Pedro Alvares, Clerigo de missa, morador «em o dito logo. Pagou* 80 *réis.*»

A fl. 39 v. do dito Tombo:

«Mais leixou João de Deus em cada um «anno, de renda ao dito Hospital, mil réis, «os quaes mandou pagar por todas suas «herdades, e lhe ham de dizer em cada um «anno sinco missas, em Santo espirito, por «sua alma, a vinte réis por missa...»

«Hum cham de humas casas que estam «na rua dalmenia que leixou João Fernandes, da venda, ao dito esprital em que vive «Maria Annes de Figueiró, de que paga em «cada um anno ao dito esprital cento e trinta réis e meyo.»

—

Em sessão de 9 de junho de 1802, resolveu a confraria, fazer novas escadas para a capella do Espirito Santo e demolir a torre d'esta, por ser inutil e se achar em ruinas, e substituil-a por um simples campanario do lado onde estava a torre, que era o angulo Sudoeste da capella.

Resolveu tambem que se tratasse de preparar novo adro (entre a capella e a egreja) para onde se removessem as muitas ossadas que havia no local emprazado, e onde se désse sepultura *aos «afogados que apparecessem.*»

Por um novo accordo o capitão Borges, fez á sua custa as novas escadas, que são as actuaes.

—Em sessão de 4 de setembro de 1802, se resolveu que na reedificação da capella, ficasse esta mais curta; porque a antiga era muito estreita, muito baixa e muito comprida, e mesmo para desafrontar o adro e casas do Hospital.

—Em definitorio de 2 de fevereiro de 1821

resolveu a confraria, emprazar as casas e quintal da antiga albergaria, contiguas á capella do Espirito Santo, por 20$000 réis de fôro annual (como emprazou) e foi dividida a agua em tres partes eguaes (alem da que hia para a casa onde estava a fabrica de louça de Francisco da Rocha Soares, por venda feita em 27 de junho de 1677, e escriptura lavrada nas Notas do Tabellião, Antonio de Carvalho)—uma para as casas e quintal que no momento se emprazavam, e duas para o publico e sachristia.

—Em um livro com 153 folhas, pertencente ao Hospital do Espirito Santo e feito em 1657, pelo escrivão, João Alvares Guimarães, para se carregar a despeza e receita, a fl. 5, se encontra um inventario das alfaias pertencente á fabrica do Hospital, e entre elles o seguinte: uns orgãos—uma bulla de indulgencias— um livro de canto que serve no côro e que chamam Inquirion, etc.

Dos orgãos e da bulla, já não existe memoria, mas o celebre *Inquirion* ainda faz parte do archivo.

É um livro impresso, a vermelho e preto, quasi todo de cantochão; a musica é de caracteres moveis, fundidos, e que parece ter sido impresso em Coimbra, no seculo XVI. (Em 1533 já em Lisboa imprimia Germão Galharde o *Tratado de canto llano* de Mateo de Aranda.) O livro está infelizmente mal tratado, e falta-lhe o rosto e o fim. A encadernação, de pergaminho, parece ser a primittiva.

A fl. 47 do dito livro, diz-se:

Ao pregador do sermão, 600 réis.

Ao padre João d'Oliveira, de tanger o orgão todo o anno, 1$500 réis.

Por 2 alqueires e meio de cal a 30 réis, 75 réis.

Vestuario a 3 pobres, legado d'Alvaro Pinto, 3$600 réis.

Isto no anno de 1657.

Do dito livro (fl. 110, v.), consta que foi a dita capella, completamente reedificada no anno de 1673, e que se dispendera com a reedificação n'esse anno e no seguinte, réis 295$660.

E do mesmo livro consta, que já em 1704 a 1705, estava a capella a desabar sobre a egreja, e que foi mister despender em obras 300$000 réis, que adiantou o provedor Domingos Fernandes Jorge.

Consta ainda do dito livro, que o provedor do hospital, arrematou em 1673, na praça da cidade, por 6$000 réis, um enorme pinheiro que havia na cêrca junto á egreja, e que ameaçava cahir sobre ella, e que no mesmo anno vendêra outros pinheiros, que havia no quintal da capella, ao capitão Manoel Coelho Marinho, por 24$000 réis.

—

O provedor do hospital, Manoel Pinto Cardozo, morador na quinta das Virtudes, mandou fazer um tombo das propriedades e mais pertenças do hospital (1740-1742), por provisão régia que solicitou e obteve em 4 de abril de 1740, e foi juiz do tombo o dr. Domingos d'Affonseca, juiz de fóra dos orphãos na cidade do Porto; e escrivão, Marcos d'Affonseca Lemos, que estava por então servindo de escrivão da conservatoria hamburgueza.

—

Ha na capella seis pinturas muito antigas sobre madeira, encaixilhadas em talha de merecimento, vasada e dourada, e tomam precisamente o topo da capella, representando a do centro, que é a maior—a descida do Espirito Santo sobre os apostolos, e a immediatamente superior—a Ascenção de Jesus Christo.

Todos estes seis paineis estão bastante deteriorados com os insultos do tempo, mas em compensação nada soffreram ainda dos *restauradores*...

E apesar de que a capellinha está em sitio recondito, e quasi todo o anno fechada (abre-se apenas para a festividade do Espirito Santo e distribuição, por sorteio, de tres esmolas de 3$000 réis, cada uma, por viuvas e orphãos de Miragaya, em cumprimento de um antigo legado)—são aquelles defumados paineis, conhecidos e admirados por distinctos amadores, e um intelligente e rico titular de Lisboa, alli foi ha annos estudal-os e fez propostas á confraria para lh'os ceder *com a mesma talha em que estão encaixilhados;* mas a confraria, devidamente prevenida, não acceitou a proposta.

Um distincto lente de pintura, que os viu e examinou, diz que valem contos de réis.

Hospital real da Misericordia

(*Additamento*)

Na secretaria e cartorio da Santa Casa, ha grande quantidade de paineis, representando os seus principaes bemfeitores, mas no edificio do Hospital, vê-se apenas um grande quadro a oleo, na casa da *acceitação*, por ser este um dos logares mais accessiveis ao publico. Representa um homem já idoso, ministrando caldo a um doente, que está no leito; e no fundo do dito quadro se lê a inscripção seguinte:

A Meza d'esta Santa Casa, de 1840 a 1841, mandou tirar á sua custa o retrato do Irmão Jose Antonio dos Santos para dar-lhe um testemunho da sua gratidão, e excitar a posteridade a imitar a extremada caridade, com que elle tem curado por mais de 30 annos os doentes do hospital.

Durante mais de 30 annos consecutivos (como diz a inscripção), frequentou aquelle virtuoso homem, o hospital da Misericordia, confundindo a todos a dedicação e caridade com que ajudava os enfermeiros, no tratamento dos doentes, pensando-lhes as feridas, concertando-lhe as camas, ministrando-lhes as dietas e confortando-os com a palavra e o exemplo;—e isto muito espontanea, humilde e generosamente; levando-lhes muitas vezes de sua casa, marmellada e caldos de gallinha, sem jámais se fatigar, nem afrouxar no seu santo zelo, e sendo tão modesto que a muito custo se soube o seu nome e onde morava.

Era este homem admirado e venerado por todo o pessoal da casa, e a meza administradora, em 1840 a 1841, para dar-lhe uma prova do seu reconhecimento, mandou tirar-lhe o retrato sem o consultar, e apenas feito o retrato, o collocaram em uma das enfermarias que elle costumava visitar mais repetidas vezes, imaginando preparar-lhe uma surpresa agradavel; mas tanto se melindrou a modestia d'aquelle santo homem, que apenas defrontou com o seu retrato—*retirou-se muito contristado, e não mais voltou ao hospital!...*

Este facto impressionou profundamente a meza e todo o pessoal da casa, e aquelle retrato é tido em tanta veneração como se fôra a imagem de um santo.

Mais homens notaveis d'esta freguezia

Antonio Joaquim d'Oliveira Nascimento—Nasceu em Miragaya a 7 de outubro de 1802. É filho de Antonio do Nascimento e de D. Maria Rosa, neto paterno do doutor em leis, Manuel do Nascimento, e que foi advogado distincto nos auditorios da Relação.

Tomou ordens menores, pelo que hoje ainda é conhecido por o *padre Antonio*, e foi provido na cadeira de professor regio de Miragaya em 1829, exercendo este cargo até 1871, em que se jubilou. Aturou rapazes, e sempre com boas informações, durante o largo periodo de 42 annos. Além dos principios elementares da lingua, tambem ensinou a tocar flauta, instrumento de sua particular predilecção, e de que hoje ainda conserva uns poucos de discipulos.

Por fallecimento de seu tio, o padre fr. Manuel do Nascimento Justiniano, que foi geral dos Loyos, herdou d'elle differentes livros raros, e entre elles as célebres e celebradas *Constituições* do Porto, do bispo D. Diogo de Sousa, impressas em 1496. (Veja-se *Diccionario Bibliogr.*, vol. I e IX.) D'estas *Constituições*, de que apenas se conhece um exemplar, existe uma copia, na Bibliotheca portuense, feita pelo bispo d'esta diocese, D. João de Magalhães e Avellar.

Pelo exemplar que possue o sr. padre Antonio, offereceu em tempos o sr. visconde d'Azevedo 200$000 réis. Por estes e outros livros offereceu agora o municipio, pelouro da bibliotheca, 600 e tantos mil réis, chegando-se a ajustar a venda, mas como o cofre municipal, que não é muito dado a litteraturas, e menos a archeologias, offerecesse effectuar o pagamento em tres prestações, o proprietario do livro e dos outros, guardou o seu thesouro, e a Bibliotheca deixou de possuir este monumento bibliographico. En-

tre os outros livros, tambem se contava o *Tratado da Esphera*, de Pedro Nunes.

O sr. Nascimento, possuia tambem um pequeno mais valioso medalheiro, que em tempos vendeu ao sr. Bento Pereira Carmo, por 700$000 réis.

O sr. Nascimento é um philosopho, importando-se pouco com as exteriorídades mundanas. Vive retirado na sua casa, revendo-se nos seus livros, e n'outras velharias que o rodeiam. Póde dizer-se que vive do passado e com o passado.

Antonio da Silva Monteiro nasceu em Lordello do Ouro, concelho do Porto, sendo filho de outro, negociante que foi da praça do Porto, e de D. Anna Narcisa Pereira Monteiro, naturaes da mesma freguezia. Partiu em pequeno para o Rio de Janeiro, onde se entregou á vida commercial: n'aquella cidade casou com D. Carolina Julia Ferreira Monteiro, nascida no Rio de Janeiro, filha do negociante portuguez alli residente Manuel Ferreira Gomes e de D. Lauriana Angelica da Silva Ferreira, brasileira, ambos fallecidos. Dotado de genio emprehendedor, e bafejado pela fortuna, alcançou em breves annos grande cabedal.

Tendo porém saudades da patria, regressou ao Porto, depois de percorrer a Europa em viagem de recreio, e adquirindo terrenos, e um predio já em construcção, na rua da Restauração n.os 180 a 190, aqui fixou a sua residencia, restaurando e ampliando a antiga casa, tornando-a mesmo um domicilio principesco, sem que todavia abandonasse a vida commercial. No Rio de Janeiro, rua das Violas, continua ainda o grandioso estabelecimento de Monteiro & C.a: é a primeira casa de importação e exportação da colonia, fornecedora do exercito, do arsenal, das companhias de caminhos de ferro, etc., tendo grandes transacções com os estabelecimentos publicos e com os particulares. Durante a guerra com o Paraguay a casa Monteiro & C.a foi quasi exclusivamente a fornecedora do exercito brasileiro. Além da casa no Rio de Janeiro, tem outra filial na cidade de Santos, Brasil. O outro socio d'esta importante casa é um irmão do sr. Monteiro.

Não nos podemos esquivar a dizer duas palavras da casa do sr. Monteiro, na rua da Restauração, que este senhor, á custa de quantiosas sommas, tem tornado talvez a mais luxuosa habitação da cidade. Prescindindo de descer a minucias, fallaremos só do que nos occorrer.

Sala de jantar. Paredes e tecto de estuque moldado, fingindo carvalho, com adornos proprios, tudo trabalho mimoso dos notaveis estucadores de Affife.

A mobilia é toda rica, e riquissimas as baichellas.

Junto á casa de jantar ha um gabinete *de café*, estylo chinez: tecto e paredes acharuados de cores vermelha e preta; mobilia no mesmo estylo; lustres e cortinas egualmente: esta salinha é um *bijou* de elegancia e bom gosto.

Sala de visitas. Magnifica; o tapete é inteiriço, de estylo Gebolin; cadeiras com estofos de desenhos variados, mesmo estylo; 3 grandes candelabros, para 66 lumes; serpentinas, jarras, duas das quaes, de vidro e bronze, custaram tres mil e tantos francos.

As decorações d'esta sala custaram ao proprietario pouco mais ou menos 15 contos de réis.

Antecedente a esta sala ha outra de espera, com mobilia de nogueira, *alta phantasia*, feita nas officinas da Agencia Commercial, importante estabelecimento do seu genero na rua de Cedofeita.

Bibliotheca. Estylo antigo, grande mesa, cadeiras, estantes de madeira preta com embutidos de massa de marfim, e mandado tudo fazer em Paris. A livraria consta principalmente de livros de edições luxuosas, e alguns classicos.

Capella. Mimosa e elegante, com o altar central, coberto por cupula sustentada por columnellos; tem abundancia de talha moderna, e alfaias condignas.

Gabinetes diversos, distinguindo-se o *toilette* para senhoras, paredes forradas no estylo dito *capitolino.*

Cosinha espaçosa, e com um grande fogão no centro, onde se póde cosinhar bem á vontade para cem pessoas.

Todas as salas, quartos, escadas, etc., á excepção da cosinha, são tapetadas.

Cocheiras — Edificio isolado e formando *pendant* com o resto. As casas para criados, na parte superior, são espaçosas e boas. Ha tambem alli um grande deposito de agua, para lavar, e até innundar, a cavallariça.

As obras não estão completas ainda; o jardim está por'ora apenas esboçado.

—

Tito (Augusto Duarte) de Noronha — nasceu em Bemfica, termo de Lisbôa, a 14 de agosto de 1834, filho de José Antonio Duarte de Noronha e de D. Marianna Camilla de Noronha. Seus paes destinavam-o á vida maritima, porém por fallecimenlo de seu tio, o almirante Antonio Manoel de Noronha (visconde de Santa Cruz) não seguiu essa carreira. Entrou para o serviço das Obras Publicas em 1856, e actualmente é do quadro legal dos conductores, e chefe da 4.ª secção das Obras Publicas do Porto, dirigindo as da nova alfandega d'esta cidade.

Tem collaborado em differentes periodicos, especialmente litterarios, desde 1851. Em 1856 publicou os *Ensaios sobre a historia da imprensa*, que mereceram justos reparos do auctor do *Diccionario bibliographico*. — Aproveitando-se da licção, absteve-se por largo periodo de apresentar a publico quaesquer trabalhos sobre bibliographia, não se esquecendo porém de cultivar este ramo de litteratura. Em 1871 publicou então dois fasciculos de *Curiosidades bibliographicas*:

I — O Cancioneiro geral de Garcia de Rezende.

II — Ordenações do reino, edições do reino.

Este ultimo trabalho provocou discussão na imprensa, o que deu motivo a nova publicação, com o mesmo titulo, mas trabalho mais amplo; é o 2.º fasciculo da *Archeologia artistica*. Em 1874 publicou:

A imprensa portugueza durante o seculo XVI — promettendo ahi dar breve á estampa os *Annaes da imprensa portugueza durante o seculo XVI*. Por estes trabalhos alcançou o diploma de socio correspondente do Instituto, e tambem ser proposto para socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tem publicado mais:

I — Grammatica de Fernão de Oliveira, 2.ª edição conforme a de 1536, publicada pelo visconde d'Azevedo e Tito de Noronha. — Porto. 1871.

II — Autos de Antonio Prestes, 2.ª edição, extrahida da de 1537 — Porto. 1871.

III — Ditos da freyra, conforme a edição quinhentista — Porto. 1872.

IV — Espelho de casados, 2.ª edição conforme a de 1540, publicada por Tito de Noronha e Antonio Cabral — Porto. 1874.

Em todas estas reproducções tem escripto introducções illucidativas.

Encetou a publicação da *Numismatica portugueza*, de que sahiram já 3 fasciculos (104 pag.). N'esta publicação tem sido coadjuvado pelo sr. José do Amaral, que tem feito quasi todas as gravuras que adornam esta publicação. Alem das obras mencionadas ha a accrescentar:

I — Noites de inverno — Porto. 1867.

II — Memorias de um charuto — Porto. 1868.

III — Passeios e digressões — Porto. 1870.

São tres livros de litteratura amena, e um pouco em estylo humoristico.

—

José Pereira da Costa Cardoso, filho de Manuel José Pereira da Costa e de D. Maria Pereira Cardoso, morador na rua do Rosario, n.º 113, n'esta freguezia de Miragaya, nasceu aos 6 de outubro de 1831, na freguezia de Cedofeita d'esta cidade. Cursou na Academia Polytechnica durante os annos de 1847 a 1849 as cadeiras do 1.º e 2.º anno de mathematica e a cadeira de physica, sendo classificado em cada uma d'estas cadeiras com o primeiro premio.

Em seguida matriculou-se nas faculdades de philosophia e mathematica da Universidade de Coimbra, concluindo em julho de 1855 o curso d'estas duas faculdades, na ultima das quaes recebeu o grau de doutor em julho de 1857, havendo sido contemplado durante todos os annos da formatura com o primeiro premio, e sendo por occasião do doutoramento com informações das mais distinctas que a faculdade de mathematica tinha conferido até áquella épocha.

Nos fins do anno de 1855, e sendo ape-

nas bacharel formado, foi convidado pela faculdade de mathematica para exercer as funcções de ajudante do observatorio astronomico, cargo que sempre desempenhou até ser nomeado substituto extraordinario da mesma faculdade em 3 de julho de 1861 e depois substituto ordinario em 12 de julho de 1866, tendo collaborado sempre durante este periodo nas *Ephemerides* que são publicadas pelo mesmo observatorio.

No mesmo anno de 1865 foi nomeado membro do instituto de Coimbra, e no anno seguinte foi eleito secretario do mesmo instituto e da classe das sciencias physico-mathematicas.

Em 5 de fevereiro de 1864 foi-lhe dada a commissão, da regencia de uma cadeira de mathematica, na Academia Polythecnica do Porto, sendo definitivamente transferido para este instituto em 14 de abril de 1869, a requerimento do conselho escolar.

Foi nomeado commissario dos estudos do districto do Porto e reitor do lyceu nacional da mesma cidade em 30 de setembro de 1868,—funcções que exerceu até 30 de março de 1871, épocha em que foi demittido, em virtude de uma energica representação que o conselho do lyceu, *debaixo da sua presidencia, e por iniciativa sua*, dirigiu ás côrtes contra a reforma e organisação do ensino secundario, que então se decretára, e que mais tarde a experiencia demonstrou ser inconveniente.

Casou em primeiras nupcias a 5 de dezembro de 1862 com a sr.ª D. Amelia Augusta Cabral, filha do commendador Antonio José Cabral, e d'este consorcio houve duas filhas, Amelia e Emilia, das quaes a primeira é já fallecida; e em segundas nupcias com sua cunhada D. Emilia Rosa Cabral, a 19 de agosto de 1868.

É um dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental,—senhor de avultada fortuna, e pessoa de muita illustração e muito merecimento.

Judeus

No antigo Porto, houve tambem uma colonia judaica, ou judearia. A sua synagoga era, pouco mais ou menos, em o local em que depois se fundou a egreja e convento de S. Bento da Victoria, segundo se deprehende de uma lapide commemorativa, existente sobre a portaria:

Lux fuerat sedes tenebrarum est regia solis:
Expulsis tenebris sol Benedictus ovat.

Este convento foi fundado em 1598: ainda como recordação do templo judaico, existem hoje ás *Escadas da Esnoga* (synagoga), que principiam na rua de Belmonte, e levam até o alto da Bateria da Victoria, sitio proximo d'aquelle em que se diz existira a synagoga, e que para ella davam serventia pelo monte do lado do Sul. Ha porém a notar, que a synagoga ficava intra-muros da cidade, e proximo da muralha occidental, sendo de presumir que a povoação judaica se agglomerasse em torno do seu templo.

Encostado porém á muralha, d'este lado, e descendo pela encosta, até ao rio Frio e proximidades da capella do Espirito Santo, de Miragaya, existia o cemiterio dos judeus e ahi proximo, mas passando o dito rio, havia, e ainda hoje ha, o sitio denominado *Monte dos judeus*, hoje com casarias, e tambem as *Escadas dos judeus*, que dão accesso da praia para o citado monte.

Estas escadas, em lanços, são marginadas de casas, com suas bitesgas nos patamares, e parece terem constituido uma povoação. Seria aqui, e proximo ao cemiterio, que os judeus se estabeleceriam, por se verem apertados pelas muralhas da cidade, não podendo dilatar para o oriente da sua synagoga a sua povoação?

É muito provavel, por quanto a cidade enfeudada aos bispos, era naturalmente pouco tolerante, em quanto o burgo de Miragaya, era habitado no geral por mareantes, homens de mar, habituados a viverem com gentes de varias crenças e costumes, e d'esta convivencia resultava a tolerancia para com os estrangeiros.

Seja porém como fôr, é certo que em Miragava haveria povoação judaica, visto que o cemiterio estava extra-muros da cidade, e os judeus, como todos os povos do oriente,

prestam grande respeito ás cinzas dos seus maiores, não se enojando de viver junto d'ellas.

Da existencia do cemiterio dos judeus existe na camara municipal, um documento (pelo menos), que o attesta, e que transcrevemos para se d'elle não perder a memoria.

«Certifico em como no Archivo da dita Excellentissima Camara (do Porto), existe o Livro de Cobrança de foros, e no mesmo se acha o assento pedido por certidão no requerimento rètro, do qual o seu theor é o seguinte:—Rua de Sam Pedro de Miragaya. Verba numero dous mil e sessenta e oito. Casa numero vinte e tres, ou porta da quinta, de Dona Anna Joaquina Maia, Viuva de Antonio Maia, paga de foro duzentos e quarenta réis.—Esta propriedade juntamente com os predios contiguos para o sul, constantes das cinco seguintes verbas, se acha tudo edificado na terra de um praso da Municipalidade, feito pela mesma a Gomes Pires, sobrinho de Maen Cerveira, e sua mulher Leonor Eanes, com meio maravidi de foro (hoje o valor dos duzentos e quarenta reis) e terreno que se estendia pelo monte acima, a confrontar com o *Jazigo dos Judeus*, do Norte com a Calçada das Virtudes, e do Sul com differentes predios, em 22 de abril de 1452. Livro quarto de Pergaminhos a folhas quarenta e quatro. Em 1863 de José Domingues Simões. E outro sim certifico que o numero da casa que se acha no assento rètro é anterior á nova numeração dos predios. O referido passa na verdade em fé etc. Porto e Paços do Concelho 20 de outubro de 1871. E eu Antonio Augusto Alves de Sousa Escrivão subscrevi e assigno etc.—»

Esta certidão foi passada por motivo de um requerimento dos herdeiros de José Domingues Simões.

Para corroborar a opinião de que em Miragaya houve bairro judaico, ha ainda a notar que da certidão transcripta se trata de um Gomes Pires, sobrinho de *Maen* Cerveira, que provavelmente era homem notavel, visto que n'uma transacção feita pelo sobrinho se lhe menciona o nome, como de pessoa sobejamente conhecida. Maen é nome rabinico. Abstrahindo de outras provas, não padece duvida que aqui houvesse povoação judaica, porque não é provavel que um judeu aforasse terrenos á camara, extramuros da cidade, e em 1452, se perto d'elles não houvesse povoação dos da sua raça.

A intolerancia religiosa de D. Manuel, ou dos seus conselheiros, produziu porém o famoso edicto de 1496, pelo qual os judeus foram expulsos do reino, ou reduzidos ao christianismo; e a lei de 1507, do mesmo rei, acabou com todos o privilegios ou distincções da raça judaica, a qual se confundiu com o resto da população. Apesar porém de tão desvairados acontecimentos e de tantos annos decorrerem já, ainda permanece como testemunho de existencia da raça proscripta, o *Monte dos Judeus* e as *Escadas* dos mesmos. Vide no fim d'este artigo a *inscripção judaica*.

—

Rua Nova da Alfandega

A nova alfandega, construida na praia de Miragaya, reclamava uma communicação facil e condigna da grandiosidade do edificio; houve differentes alvitres, pensando-se em communical-a pela parte baixa da cidade, posta já em contacto facil pela rua de S. João ou de Ferreira Borges; e tambem se pensou em abrir uma nova rua por detraz de Monchique a entroncar na Restauração (calçada de Monchique, rua de Sobre-o-Douro). Prevaleceu porém o primeiro alvitre, adoptando-se o projecto, em verdade arrojado, e que se levou já a seu termo.

A nova rua, parte da dos inglezes, e fazendo uma curva defronte do antigo convento de S. Francisco, corre depois um alinhamento parallelo á alfandega, entroncando com a rua marginal de Miragaya.

A construcção foi feita a expensas do municipio, que já gastou com ella 318:519$733 réis, a maior parte absorvidos em expropriações. (Abril de 1875).

Com a abertura da nova rua desappareceu o bairro dos Banhos, um dos mais immundos da cidade; a Porta Nobre, o postigo dos Banhos, a maior parte da rua de

Cima do Muro e uma parte da da Reboleira.

A rua está ao abrigo das cheias e absorveu enorme volume de terras, pela maior parte extrahidas do córte feito para o alargamento da rua de Ferreira Borges.

A porção construida pela camara é desde a rua dos Inglezes até um pouco adiante da antiga Porta Nobre. Não está empedrada ainda, havendo, porém, já em deposito grande porção de parallelipipedos (pedra de esteio, de Canellas).

Na parte direita da rua estão-se construindo já novos predios, subordinados na fachada a um typo apresentado pela camara.

—

Convento de Monchique

Este convento de religiosos da Ordem de S. Francisco, e da invocação da Madre de Deus, foi fundado em 1575 por D. Pedro da Cunha e D. Beatriz de Vilhena.

Assenta a sua fabrica em terreno desegual entre a margem do rio Douro e a encosta sobre que está engatada hoje a rua da Restauração.

O accesso para o convento era pela calçada de Monchique, no fim da rua da Bandeirinha.

Em tempo de Agostinho Rebello da Costa, tinha 70 religiosas professas, muitas seculares, e o numero de serventes excedia a 100.

Da edificação primittiva existiam (em dezembro de 1874) uma claustra e a capellinha do lado oriental do edificio.

A egreja, apesar dos seus arcos ogivaes, é de fabrica posterior.

A capellinha está hoje quasi em terra, e a egreja converteram-na em serralheria.

Na claustra e capella encontravam-se os celebres azulejos moldados, opulenta producção da ceramica do seculo XVI.

No fecho da capella (hoje demolida) encontrava-se um escudo de armas esquartelado, tendo no 1.º e 3.º quarteis, as armas do fundador (Coutinhos e Cunhas) e no 2.º e 4.º as de sua esposa. Este mesmo escudo se encontra ainda sobre o arco interior da entrada, bem como sobre a porta da antiga egreja, e que deita para o pateo.

Dá-se a coincidencia de na casa das Sereias, d'aqui bem perto, e que pertence aos Porto-Carreros, se encontrar n'um dos escudos de armas, dois quarteis identicos (Coutinhos e Cunhas).

A porta da egreja que deita para o pateo é de fórma circular, com seus lavores e medalhões, um em cada flanco, representando homem e mulher, talvez os fundadores.

Por cima da archivolta existe ainda um outro medalhão, com as armas pontificaes (as chaves postas em aspa, sobrepujadas pela triplice corôa) e em volta a inscripção—*Sacrosanta lateranensis ecclesiæ.*

Apesar da portaria accusar vetustez, parece ser a sua construcção posterior á da egreja, o que manifestamente se reconhece pela diversidade da architectura, que não prima pela correcção do estylo.

Ainda superiormente á portaria e medadalhões existe um nicho envidraçado na frente, com uma Senhora da Conceição, de pedra. Na peanha tem a data de—1828.—

É imagem de devoção, e ainda ha poucos dias (em março de 1875) uma senhora, desconhecida, trajando de preto, ajoelhou sobre as lagens do pateo e por largo periodo se entregou a devotas orações. Apesar de ha mais de 40 annos ter sido profanada a egreja, e o edificio ter passado por diversas phases, a Senhora da Conceição conservou-se no seu nicho, e os devotos, moradores no convento, e de fóra mesmo, não deixaram de allumial-a. Hoje, que o edificio passou a propriedade particular, ainda amiudadas vezes um lampeão allumia á custa dos devotos a veneranda da imagem.

N'este convento viveu, e foi sepultada n'uma das claustras, a madre Leocadia da Conceição, que morreu em fama de santidade. Nasceu em 1596, em Freixo de Espada á Cinta, entrou para a religião da edade de 14 annos, e falleceu n'este convento no dia 1 de dezembro de 1686, pelas 8 horas da noite. Contava, portanto, esta virtuosa esposa do Senhor, noventa annos e alguns dias de edade.

Nuno Barreto Fuzeiro escreveu a *Vida da Madre Leocadia*, obra offerecida a el-rei D. Pedro II.

Ignoramos se se chegou a imprimir. O padre frei Francisco de Aracoeli, religioso franciscano, publicou a *Norma viva de religiosas. Tratado historico*, etc., *em que se descreve a vida e acções da serva de Deus, Madre Leocadia da Conceição, religiosa no recoleto convento de Monchique*—Lisboa, 1708.

Modernamente publicou-se a *Vida, milagres, prophecias e visões da Madre Leocadia da Conceição, por uma religiosa que foi do mesmo convento.*—Porto, 1870. No principio da obra diz a auctora que a começou a escrever a 29 de julho de 1686, isto é, ainda em vida da biographada.

—

Pela extincção das ordens monasticas foi o convento de Monchique encorporado nos bens da corôa. Esteve aqui estabelecido o arsenal militar; depois, em 1846-47 n'elle esteve estabelecida a fabrica de moeda do governo, dito da junta do Porto, e aqui se cunharam os celebres *patacos* que ainda hoje abundantemente apparecem no commercio. São os carimbados.

Esta especie de moeda, e de outras quaesquer mandadas cunhar pela junta, foi por decreto de 16 de maio de 1847 considerada como illegal, ou *moeda falsa*.

Finda a lucta civil, foram os patacos mandados recolher ao Governo Civil, para serem legalisados pelo carimbo (*G. C. P.*—governo civil do Porto.)

Apresentaram-se para receber carimbo 220:556 patacos, dos quaes se inutilisaram 1137. Sem carimbo ficaram apenas 678 patacos, visto que o numero d'elles feito pela junta foi, segundo as informações, de 221:244 isto é, 8:849$760 réis, que pesavam perto de 7:200 kilogrammas.

No convento de Monchique tambem esteve estabelecido o deposito do trem militar, e o da polvora; e a repartição das obras da alfandega, e armazens de ferramentas e de pozzolana. Em a parte do edificio que estava a cargo do ministerio da guerra (lado do sul, sobre o grande refeitorio) estava um emblema bellico, pintado sobre madeira, com a seguinte legenda:

Unita armorum virtus portios agitet

A parte do edificio que não estava entregue aos ministerios da guerra e obras publicas, era administrada pelo do reino, e pertencia ao da fazenda. Estava arrendada, bem como as cêrcas, a differentes por bem pouco preço (menos, tudo, de 200$000 réis) e não merecia mais, porque só uma parte da casa estava habitada.

A egreja tinha muita obra de talha, parte da qual foi para a nova egreja de S. Mamede de Infesta, para a de S. Pedro de Miragaya, e ainda em 1874 um magnifico altar foi cedido para o novo hospital de D. Pedro V.

A cêrca era em differentes planos, communicados entre si por escadarias. No recinto do edificio havia tres tanques com seus repuchos e bacias; um na claustra pequena, que era a mais antiga, junto á capellinha; outro na grande claustra, e outro no espaçoso pateo da entrada, todo lageado, com 16,8^{m} de largo, por 44,7 de comprido. Nas cêrcas havia ainda differentes cascatas, com suas figuras e azulejos, o que tudo com o correr dos annos foi cahindo em ruinas.

Parte das aguas que serviam estas fontes e cascatas foi encanada para a nova alfandega; o resto foi vendido junto com os lotes n.ºs 1 e 2. O refeitorio, ainda hoje bem conservado, é magnifico. É todo de abbobada, sustentado por columnas de granito, e tem perto de 40 metros de comprido.

Por differentes vezes foi este vasto edificio posto em praça, mas o preço por que primitivamente o louvaram (128:000$000 rs. salvo erro) não desafiou a ganancia dos capitalistas. Em 1874 voltou novamente á praça, dividido em 5 lotes.

O lote n.º 2 foi arrematado por William Wawke; os outros voltaram de novo á praça, com abatimento da quinta parte, e foram arrematados os n.ºs 1 e 5 por Clemente Joaquim da Fonseca Guimarães Menezes e Norberto José da Silva Coelho; e os n.ºs 2 e 3 por Henry Burnay. Posteriormente Nor-

berto Coelho transferiu a sua parte a Clemente Menezes. Não rendeu tudo 30 contos!

O convento confinava, do norte, com a rua de Sobre-o-Douro, do Sul, com a de Míragaya; de nascente, com a calçada de Monchique, e do poente com os armazens do Saavedra.

Paredão das Virtudes

Na parte NE da freguezia de Miragaya, e quasi no seu limite existe o *Paredão das Virtudes*, que supporta o passeio assim chamado. O paredão actual tem, do lado do norte, 17,40 metros, do sul, 8,00 metros, e de comprido 92,50. O passeio que lhe fica superior, e deita para a rua dos Fogueteiros, tem do lado do norte 20,90 e do sul 6,00, isto é, uma superficie de 1.144 metros quadrados. É gradeado, assentando a grade sobre um sóco de cantaria. Do lado que deita para o valle ha tamhem uma grade, mandada fazer pelo municipio, para evitar os suicidios. Effectivamente d'aqui se deitaram alguns loucos e desvairados assassinos de si mesmos. O passeio das Virtudes é adornado com algumas arvores, e d'elle se gosa esplendida vista, do rio até á barra e ainda se alcança uma porção do Oceano, bem como parte da baixa da cidade; e o Candal, que é um dos sitios mais bellos da margem esquerda do Douro.

O sitio onde hoje assenta o passeio e paredão das Virtudes, no sopé do qual está a fonte que lhe deu o nome, bem como a encosta até á ravina do ribeiro Frio, foi primitivamente terreno ermo e baldio, fóra dos muros da cidade, e entre ella e o burgo de Miragaya. Os judeus, que tinham a sua sinagoga no sitio pouco mais ou menos em que hoje está assente a egreja da Victoria, ahi faziam os seus enterramentos, no monte que por então se denominou *jazigo dos judeus*. Quando estes foram expulsos do reino, fins do seculo XV, ou posteriormente, o plató do monte foi alindado, constituindo um passeio, agradavel pela excellencia dos seus horizontes. Em 1788 construiu-se um paredão, a instancias de Rodrigo Antonio d'Abreu Lima, inspector da marinha do Douro, administrador dos postos seccos das tres provincias do norte, e juiz da alfandega, o qual, segundo diz Agostinho Rebello, compelliu o senado da camara a construir esta obra. Succedeu porém que a edificação se foi a baixo, devendo-se a reconstrucção do paredão actual ao grande e benemerito magistrado Francisco de Almada e Mendonça, o homem que se aventurou a fazer do Porto gothico uma cidade moderna, e que, se o não conseguiu completamente, por ser colhido pela morte, abriu campo e ensinou o caminho a futuros emprehendedores.

Para que se não perca a memoria de tão benemerito portuguez, aqui archivâmos alguns traços biographicos, como culto e homenagem á sua memoria.

Francisco d'Almada e Mendonça, que foi commendador da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio na casa real, do conselho de sua magestade, e seu desembargador do paço, primeiro senhor donatario da villa de Ponte da Barca, primeiro alcaide-mór de Marialva, corregedor e provedor da comarca do Porto, presidente do cofre da mesma cidade, intendente da marinha, presidente da junta administrativa da fazenda e arsenal, superintendente da alfandega, do tabaco e saboarias, conservador do juizo do sal, e das commendas, juiz do subsidio litterario, das moedas, dos contrabandos, e dos processos de policia, inspector das obras publicas nas tres provincias do norte, e juiz geral das coutadas do reino,—nasceu no concelho dos Olivaes a 30 de fevereiro de 1757. Foram seus paes João d'Almada e Mello, tenente general dos reaes exercitos, etc., e de D. Anna Joaquina de Lancastre. Francisco d'Almada veiu creança, em companhia de seu pae, para o Porto, e no collegio de S. Lourenço começou os seus primeiros rudimentos. Passou depois a cursar a universidade de Coimbra, onde tomou capello nas faculdades juridicas, em 9 de março de 1783. Em 29 de maio do anno seguinte foi nomeado corregedor e provedor da comarca do Porto, cargo que exerceu até á sua morte. Casou, em 26 de dezembro de 1791, com D. Antonia Magdalena de Quadros e Souza, de quem houve um filho, João de Almada Quadros de Sousa Lencastre, pri-

meiro barão de Tavarede (1804), e depois primeiro conde do mesmo titulo (1848); e uma filha, que casou com o morgado da Roliça. O actual conde (4.º) de Tavarede, é bisneto de Francisco d'Almada.

Reservando-nos para occasião mais adquada (art. *Porto*) para mencionar o muito que a cidade deve ao seu corregedor, limitar-nos-hemos por agora a mencionar que o grande funccionario que por mais de vinte annos administrou as rendas da cidade, e que teve grande preponderancia no animo do monarcha — morreu pobre, sendo o seu funeral feito a expensas de alguns seus amigos e admiradores.

Francisco de Almada falleceu aos 18 de agosto de 1804; o seu cadaver foi depositado na Casa-Pia (hoje governo civil), e de lá transportado para a egreja da Santa Casa da Misericordia, de que fôra provedor desde 1794 até á data do seu fallecimento. Ahi se lhe deu sepultura na capella-mór. O seu cadaver foi depois transportado para o cemiterio do Prado do Repouso, onde hoje se conserva, proximo á entrada sul e defronte da porta da capella, em campa raza, com uma singela cabeceira erguida, na qual se lê a inscripção seguinte:

FRANCISCO D'ALMADA
E MENDONÇA.
NASCEU
EM 30 DE FEVEREIRO
DE 1757,
MORREU
EM 18 DE AGOSTO
DE 1804.
PARA AQUI
TRESLADADO EM
1 DE DEZEM-
BRO DE
1839

O estrangeiro que entrar no cemiterio, e deparar com aquella pedra rectangular, apenas resguardada por modesta grade, mal julgará que alli repousam as cinzas do homem a quem o Porto mais deve na epocha moderna.

—

Edificios mais notaveis de Miragaya

Os edificios mais notaveis que ha hoje n'esta freguezia são a nova alfandega, o Hospital Real da Misericordia, o extincto convento da Madre de Deus de Monchique, o palacio real, que foi dos Carrancas, na rua do Triumpho, a praça (ou palacio) do peixe, o palacio das Sereias, na Bandeirinha, o palacete da sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, na rua do Rosario, o do sr. visconde de Villarinho de S. Romão, na travessa do Carregal, e a casa do rico negociante e capitalista o sr. Antonio da Silva Monteiro na rua da Restauração, hoje a casa mais luxuosa do Porto, como já dissémos.

E ha na parte baixa da freguezia, bairro de Miragaya propriamente dito, antiga *Cale* dos romanos, ao N. do Douro, casas dignas de menção pela antiguidade que revelam, taes são a casa n.º 6, do largo de S. Pedro, com o seu patim de columnas, carrancas e lavores exoticos, e a casa dita da Fonte da Colher (na rua de Miragaya, n.º 161) por estar encostada a ella aquella fonte.

É uma casa velhissima e bastante grande, toda a desfazer-se, e a esboroar-se, com as paredes já fendidas e mal seguras com gatos de ferro.

Nem se sabe quem é o seu dono, porque ha muitos annos foi abandonada por dividas, de que era hypotheca, á irmandade dos clerigos, e esta a arrenda como póde, estando actualmente occupada por uma *colonia* de infelizes, attrahidos pela barateza do aluguel—nada menos de 13 familias.

—

Houve tambem na rua Armenia uma casa antiquissima, que foi demolida aproximadamente em 1815, pelo capitão Antonio José Borges, de quem fallámos, quando alli mandou fazer os grandes armazens (com os n.os 62 a 84) para vinhos e cereaes, no fundo do chão onde tinha a sua padaria.

Denominava-se aquella casa—o Paço—e dizia-se que n'ella viveu um dos bispos armenios, que vieram de Constantinopola com o corpo de S. Pantaleão; e que, por fixarem residencia n'esta rua, ella tomára o nome de *rua dos Armenios* ou *Armenia*.

Quando aquella casa foi demolida, já estava em ruinas, mas ainda revelava tal ou qual grandesa preterita; pois era toda forrada a azulejos exteriormente, e em grande

parte interiormente tambem, e tinha sacadas e peitoris.

—

Foram tambem antiquissimas as casas do Forno Velho, rua da Munhota, proximidades da Fonte da Rata e da Porta Nobre, demolidas ainda em 1871 a 1872;—a casa dos *Curas*, no largo de S. Pedro, n.º 14;—a casa dos *Bancos*, no mesmo largo, n.º 13,—e as do hospital ou albergaria do *Santo Spirito*, evidentemente principiadas antes de 1443.

Revelam tambem ainda muita antiguidade a maior parte das casas da rua de Rio Frio, (hoje rua de S. Pedro), rua da Atafona, rua Ancira, viella da Baleia, rua Armenia, travessas da rua de Miragaya, ilha do Ferro, rua dos Armazens, Cidral de Baixo e Cidral de Cima, rua do Monte dos Judeus, Escadas do Monte dos Judeus, nomeadamente a casa que n'estas escadas tem o n.º 31, pois, na padieira da porta de entrada se encontra a inscripção seguinte:

:ZS: DE: IVLHO: ISS8:

(15 de julho de 1558.)

—

Fontes publicas

Ha n'esta freguezia de Miragaya seis fontes publicas. Mencionaremos em primeiro logar a das Virtudes, pela sua antiguidade, pois já d'esta fonte tomou o nome uma das portas das ultimas muralhas, que abrigaram o Porto, desde a Porta de Carros até á do Olival, e d'alli, pelas Taipas e porta das Virtudes, até á Porta Nobre.

Merece tambem o primeiro logar esta fonte pela sua imponencia architectonica, pois como já escreveu Agostinho Rebello da Costa, na sua curiosa *Descripção do Porto* (pag. 32):

«Compõe-se esta fonte de um alto frontespicio adornado de antigas pyramides, e firmado em bancos de pedra que o rodeiam. A copiosa agua que sahe d'ella por duas carrancas gigantescas, lavradas na mesma pedra, encheem um minuto o maior cantaro.

«Ao seu lado estão dois profundos tanques, em que diariamente lavam roupa de vinte a trinta lavadeiras.

«Em uma lamina de marmore vermelho tem gravados estes versos:

«*Fons scatet illustri virtutum nomine dictus:*
«*Qui sitit, has lymphas absque timore bibat.*
«*Ante cavernoso de pumice degener ibat:*
«*Obstabant pigra limus et umbra mora.*
«*Publica conspicuas expensa duxit in auras,*
«*Utque loco flueret commodiore dedit.*
«*Inde viam stravit, dejecitque ordine sedes,*
«*Gratiatam gratis maior ut esset aquis.*»

ANNO M-D CXIX

(1619)

Em linguagem vulgar dizem estes formosos versos o seguinte:

Aqui flue abundante a fonte dita das Virtudes: quem tiver sede já póde beber sem receio.

Estas aguas nasciam de uns penedos cavernosos, e andavam por aqui perdidas em charcos immundos e sombrios. A camara municipal as expoz, como vedes, fazendo esta magestosa fabrica, e, para lhe dar maior realce, abriu esta estrada e fez estes assentos. No anno de 1619.

Fica este chafariz voltado ao sul, ao fundo da calçada das Virtudes, e junto á extremidade noroeste do paredão de supporte do Passeio das Virtudes. Não tem ainda hoje o Porto fonte publica mais apparatosa, pois mede a fabrica 11,^{m}05 de largo, e 13,^{m}09 de altura, desde o bordo do antigo tanque. O corpo central, sobre que assenta a volta do circulo, tem de largo 5,^{m}41, até ao ponto culminante da fachada.

Causa porém dó ver uma obra de tanto preço votada ao abandono, pois ha muito que o publico não faz uso da agua d'esta fonte, preferindo, por maior commodidade a do proximo chafariz das Taipas; e mesmo porque a do chafariz das Virtudes era mal saborosa. E como o sitio era baixo, ha muito que o vão do tanque se acha entulhado

quasi até ás bicas d'onde ainda corre agua, mas em pequena quantidade, pelas taes *carrancas gigantescas*; lá se conservam porém ainda, em um plano um pouco inferior, os dois tanques das lavadeiras, augmentando progressivamente o numero d'estas com o desenvolvimento da cidade.

Depois dos das Fontainhas, são estes os lavadouros publicos de mais movimento que ha hoje no Porto.

O chafariz das Virtudes termina em uma fracção de circulo, interceptado pelas armas reaes, com 5 chagas e 7 castellos; e entre estas armas e a inscripção, tem 2 castellos em meio relevo, divididos por um nicho onde esteve a imagem da Virgem, representando com os ditos castellos as armas da cidade.

Era aquella imagem, de pedra, e o povo lhe dava a invocação de—*Senhora das Virtudes.*

—

Vê-se tambem ainda junto á nova alfandega, encostada á casa n.º 161, da rua de Miragaya, a Fonte da Colher, mencionada por Agostinho Rebello da Costa, a pag. 35; mas, com as obras da nova alfandega, ficou inutilisada.

A fabrica d'esta fonte era humilde, mas muito antiga, e n'ella se vê ainda a inscripção seguinte em caracteres salientes, gravados na pedra e bem legiveis, apesar das abreviaturas e de estarem alguns mettidos dentro d'outros:

Louvado seja o Santissimo Sacramento e a purissima Conceição da Virgem Nossa Senhora, concebida sem peccado original.

1629

—

A agua d'esta Fonte é sómente da Sidade.

Esta ultima parte da inscripção está destacada da primeira, em um plano inferior, e caracteres muito differentes. Não tem data, mas com certeza é mais recente, e diz-se que foi alli mandada gravar pela camara, quando, em épocas remotas, os donos da casa em cuja frente se acha esta fonte, quizeram apropriar-se d'ella.

Ha hoje tambem, encostado ao muro de supporte da rua da nova alfandega, e voltado para a travessa de S. Pedro e rua de Miragaya, um chafariz com um tanque e duas bicas, mandado fazer pela camara municipal, no anno de 1868, como diz a laconica inscripção, que tem o meio da fachada:

UTILIDADE PUBLICA

1 DE FEVEREIRO DE 1868

—

Ha ainda outro chafariz, com um tanque e duas bicas, na rua do Triumpho, encostado á parede do quartel militar, dentro da circumscripção d'esta freguezia de Miragaya.

—

Ha outro ainda na praça do Duque de Beja (antiga rua do Paço) lado do norte.

Tinha só uma bica e um pequeno tanque; como ficasse muito assoberbado com o alteamento da rua, a camara o mandou vedar com uma porta de ferro, mesmo porque esta agua era salobra.

—

Com as expropriações que se fizeram para a nova alfandega, demolindo-se as casas ditas *segundos cobertos*, da rua de Miragaya, desde a Fonte da Colher até á casa n.º 190, ficou a descoberto uma pequena bica de agua potavel, brotando da rocha, no fundo das escadas por onde se desce da Bandeirinha e palacio das Sereias para a alfandega, e junto á estação telegraphica. É muito concorrida esta humilde fonte.

—

Ha outro chafariz publico sobre o largo de S. Pedro, junto á egreja de Miragaya, na frente da casa que foi mandada fazer pelo capitão Antonio José Borges (como dissemos) na entrada da rua de S. Pedro.

É um chafariz singelo, com uma só bica e um pequeno tanque.

—

Houve tambem n'esta freguezia, como dissémos, uma fonte antiquissima, denominada—Fonte do Touro,—entre a rua Direita, ou rua de Miragaya, e a rua de Traz, ou rua Armenia, em frente da casa que hoje

n'esta rua tem os numeros 36 e 38, ou antes 42 e 44.

Esta fonte foi absorvida pela casa onde esteve ainda em 1872 a Intendencia da Marinha, na rua de Miragaya, n.º 23,—casa que foi em 1874 expropriada e demolida pela camara municipal, para complemento da rua da nova alfandega.

—

Houve tambem n'esta freguezia (até 1841) intra muros, na rua da Porta Nobre, ou dos Banhos, junto á celebre Munhota, a antiquissima—*Fonte da Rata.*

Desappareceu com o Forno Velho, Porta Nobre, rua de Sobre o Muro, etc., quando se fez a rua da nova alfandega.

—

Ha ainda na rua Armenia outra fonte publica, denominada—*Fonte do Borges,*—por estar na frente, e a meio dos grandes armazens que alli mandou fazer o capitão Antonio José Borges (n.ºs 62 a 84).

É uma fonte singelissima e de agua salobra.

Alfandega

A alfandega do Porto, como estabelecimento do estado, foi creada no reinado de D. Affonso III, durante as luctas que este monarcha teve com o bispo D. Pedro Affonso; até então os direitos dos generos entrados e sahidos pela barra, pertenciam aos bispos, que eram senhores do Porto e seu burgo, por doação feita por D. Thereza, ao bispo D. Hugo. D. Affonso III mandou construir o *almazem,* onde poz juiz de sua nomeação, para o despacho, sem audiencia do official do bispo, o que levou D. Pedro Affonso, por estes e outros suppostos esbulhos do seu senhorio, a renovar a excommunhão imposta ao rei, e acolher-se a Castella.

Em 1406 D. João I e o bispo do Porto, D. Gil, assignaram termo de concordata, pela qual, entre outros direitos, o bispo cedeu o da alfandega, mediante certas indemnisações accordadas entre elles.

A alfandega velha (primitiva?) que pertencêra aos bispos, estava situada na rua de seu nome, na margem do rio, no sitio da Reboleira; a rua da Alfandega é hoje uma viella estreita e curta, que deita, pelo sul, para o largo do Terreiro (ou Terreirinho) que defronta com o rio; e do norte com a rua dos Inglezes. O edificio ainda existe, como pertença da alfandega, e tornou-se notavel pela sua *porta falsa.* A tal porta falsa é a que deita para a rua dos Inglezes, e deu causa a differentes boatos, de que nos abstemos de apreciar a veracidade, mas que certamente eram exaggerados. Até se escreveu um poema—*Os ratos da alfandega!* Questão de má lingua...

O edificio é estreito e acanhado; sobre as suas duas portas conserva ainda a corôa aberta. Com o andar dos tempos, reconheceu-se a insufficiencia do edificio, e preciso foi procurar novo recinto.

Ainda em época mui proxima (D. Maria I) o governo, entendendo que o edificio da alfandega era pequeno, *convidou* a companhia dos vinhos a despejar os armazens ditos do Saavedra, e lá se estabeleceu. Foi uma expropriação por utilidade aduaneira, sem previo processo, nem audiencia das partes.

Quem perdeu porém foi a companhia, porquanto ao proprietario foi estipulada renda avantajada (recebia ainda ha pouco 5.000$000 réis annuaes.)

Apesar porém da amplitude dos armazens do Saavedra, e de outros annexos, e ainda do armazem dito das Freiras, que era pertença do convento de Monchique e que pela extincção das ordens monasticas passou a ser pertença do estado, a alfandega estava dissiminada por differentes partes, inclusivé pela alfandega velha, aonde ainda hoje se arrecadam generos. Reconhecia-se a urgencia de construir edificio proprio, mas havia difficuldade em obter logar amplo. Houve até o alvitre de se construir a nova edificação junto ao antigo edificio, sendo porém preciso arrazar as casas desde a parte sul da rua dos Inglezes, occidental da de S. João, até ao rio, não sendo ainda assim o espaço grande.

O receio de custosas expropriações obrigou porém a abandonar este alvitre, e á falta de melhor local, voltou-se a attenção para a praia de Miragaya, que apresentava,

relativamente, longa superficie, e onde as expropriações, pela insignificancia dos predios, promettiam não ser muito quantiosas.

Antes porém de tratarmos da nova alfandega, digamos ainda algumas palavras que occorrem a proposito d'este estabelecimento em tempos que já vão longe.

Quaes fossem os primitivos direitos que o representante da corôa recebia, não o podémos averiguar. No foral dado ao Porto, por D. Manuel (20 de junho de 1517), no paragrapho *Alfandega*, diz-se o seguinte:

«Item: De todas mercadorias, e cousas, que vierem polla Foz da dita Cidade, do Doyro de qualquer parte, que seja, assi do Regno, como de fora delle, se pagará a Dizima a Nós, e à Coroa de nossos Regnos emteiramente, tirando estas cousas seguintes, a saber: Madeira, Pez, Breu, Rezina, Vinho, Pelles Cabruas, ou Pescado seco trazido per Mercadores, ou Pescados comprados de fora, das quaaes cousas pagavam aa Igreja os dez por milheiro como das outras no Titulo da Portagem decraradas.»

Era um imposto de 10 p. c. *ad valorem* para a corôa, e mais um addicional de 1 p. c. para o bispo. O logar de desembarque ou *quadro da alfandega*, segundo o paragrapho *Emtrada per rio*, do mesmo foral, era desde a «Praya da dita Cidade des da Porta do Mar ou Postigo, athee o canto, que chamam Caza do Laranjo».

O quadro é hoje pouco mais ou menos o mesmo, e quasi todo dentro dos limites de Miragaya.

Dos direitos da alfandega pagavam-se, aos quarteis, os *bons ordenados* (segundo diz Antonio d'Oliveira Freire, *Descripção corographica de Portugal*) e propinas ás justiças do Porto, compostas de chanceller, juiz da corôa, dezembargadores dos aggravos, (oito) corregedores do crime e civel, dezembargadores, extravagantes (oito), com muitos escrivães, porteiros, procuradores, contadores, meirinhos, distribuidores, sollicitadores e guardas. É muito de presumir que os direitos reaes fossem absorvidos por esta magna caterva de *dignidades*, com e sem béca.

O novo edificio foi construido, como fica dito, na praia de Miragaya, junto ao rio, e proximo da egreja parochial.

A faxada principal, que olha para o rio, dista da aresta do caes, 10 metros.

O edificio propriamente dito, foi levantado na conjuncção do rio Frio com o Douro, do que resultou alguma difficuldade e custo nos alicerces.

É dividido o edificio em tres corpos, com 220 metros de extensão, havendo já do lado occidental um armazem accessorio, que mede 384 metros quadrados, e destinado a materias inflammaveis. Na parte oriental ha a construir outro armazem identico.

Os tres corpos principaes, armazem da direita, corpo central e armazem da esquerda, têem 53 metros de fundo, os armazens, e 68 o corpo central.

Em cada um dos corpos lateraes, ha um armazem subterraneo, de abobada, sustentado por 72 pilares de cantaria, e que mede 2050 metros quadrados. Os corpos lateraes, além dos subterraneos, têem tres pavimentos, sendo os primeiros e segundos sustentados cada um por 98 columnas de ferro; o terceiro pavimento não tem columnas, sendo a cobertura sustentada por uma armação de ferro, singela e elegante.

A superficie dos armazens superiores é igual á dos outros, acrescendo a dos armazens de entrada, que mede cada um 410 metros quadrados.

A cobertura do armazem da direita é de ferro zincado; mas reconhecendo-se que este systema de cobertura mantinha a temperatura alta, no corpo central e da esquerda, empregou-se a telha vidrada, de grande dimensão (16 telhas apenas por metro quadrado).

As do corpo central foram fabricadas no estabelecimento do sr. João do Rio Junior, proprietario da excellente fabrica, no Valle de Piedade.

As do armazem da esquerda, vieram de Lisboa, e foram feitas na fabrica de louça do sr. Alberto Cypriano Martins.

A armação do corpo central, onde ha um vasto salão, por ora ainda por dividir, e que occupa toda a largura da faxada, é de ma-

deira, construcção engenhosa e que merece a pena vêr-se e estudar-se. A construcção do edificio começou em setembro de 1859, tendo-se gasto até hoje, em que está prestes a concluir-se, mais de 1.100 contos.

O desenho primitivo, foi do engenheiro Coulson, e modificado e ampliado depois, em conformidade com as necessidades e conveniencias, pelos differentes engenheiros que têem dirigido as obras.

O primeiro engenheiro encarregado d'ellas, foi o fallecido sr. Francisco Mourão Pinheiro, sendo então director o tambem fallecido José Diogo Mousinho. Ao sr. Mourão succedeu o sr. Faustino José de Victoria, que foi chefe das obras, até principio do anno de 1873, em que passou a exercer as funcções de director do districto, por ter deixado de o ser o sr. João Joaquim de Mattos, que foi encarregado da construcção do caminho de ferro do Minho.

Além dos individuos mencionados, estiveram mais na alfandega, os engenheiros: os srs. José de Macedo Araujo Junior, Alberto Alvares Ribeiro e Torquato Alvares Ribeiro.

O actual chefe das obras, é o sr. Tito Augusto Duarte de Noronha.

Para o estabelecimento da alfandega fizeram-se largas expropriações, que custaram quantiosas importancias.

O extenso caes (a parte até hoje construida, mede 400 metros aproximadamente), na frente do edificio e sobre o Douro, tem de altura sobre as aguas minimas equinociaes, 10 metros; é todo fundado sobre beton, bem como os armazens subterraneos. O caes deverá ser prolongado ainda para os dois lados, oriental e occidental.

O edificio não está completo ainda; mas tem sido occupado pela alfandega e suas repartições, á proporção que se têem ultimado os differentes corpos, ou andares d'elles.

O andar nobre do corpo central, não está ainda completo, nem occupado, bem como o ultimo andar do armazem da esquerda.

Apesar, porém, da vastidão do edificio, a alfandega continua ainda a occupar o armazem das Freiras, composto de dois pavimentos, medindo cada um 1040 metros quadrados. Este armazem, que fica ao occidente da alfandega (quasi 200 metros da porta central), está com ella ligado por um tramway.

Além d'este armazem, onde se recolhem couros e algodão, ainda serve a casa velha da alfandega, hoje casa da estiva, e a descarga de ferro faz-se na Ribeira.

Na alfandega nova, existe para facilitar o transporte das mercadorias, no primeiro pavimento, interna e externamente, uma rede de caminhos de ferro (tramway), que mede 1500 metros.

Nos pavimentos superiores ha tambem assente uma porção de rails, mas não é trabalho definitivo. A ascenção e descenção das mercadorias faz-se por meio de dois taboleiros, ambos movidos a vapor (um d'elles por um elevador hydraulico, construido na fundição de Massarellos), consta porém que se projecta mover os taboleiros por um elevador do systema Armstrong.

Do rio para o caes, vão as mercadorias elevadas por dois guindastes a vapor da fabrica de Inglaterra, Brow Brothers & C.ª, o alcance da haste é de 9m,20. Ha ainda no caes outros dois guindastes movidos á mão, e que prestam serviço mais moroso, apesar de servirem para cargas mais pesadas.

O movimento da alfandega, é hoje assaz importante; para o demonstrar basta apresentar-se o resumo do do anno findo (1874).

Generos IMPORTAÇÃO	*Valores*	*Direitos*
Algodão em fio e tecidos	2.040:538$620	587:687$655
Lã em rama e tecidos	781:880$515	324:021$610
Linho em rama e tecidos	593:798$300	60:965$105
Seda em rama e tecidos	422:610$180	74:185$025
Assucar	1.260:002$620	681:038$085
Bacalhau	562:220$000	245:969$175
Aduellas	407:218$830	6:882$430
Metaes em bruto	724:829$465	29:151$385
Tabacos	111:910$350	329:271$985
Diversos	3.276:876$635	497:767$156
Total	10.181:885$515	2.836:941$611

EXPORTAÇÃO

Generos	*Valores*	*Direitos*
Carne fresca e preparada	44:922$560	449$230
Cebolas	54:391$450	543$890
Cortiça	83:571$860	835$720
Fructas	135:252$100	1:352$515
Gado vaccum	969:170$000	19:492$500
Lã em rama	193:758$000	1:937$580
Minerio	72:644$000	6$920
Pelles e couros	48:001$500	480$015
Vinho	7.803:731$100	21:113$165
Diversos	454:654$510	6:817$225
Total	9.860:107$080	53:028$760

Total do movimento aduaneiro:

Importação	10.181:885$490
Exportação	9.860:107$080
Total	20.041:992$585

No mesmo periodo, o movimento da alfandega de Lisboa foi de

Importação	11.948:369$000
Exportação	8.225:773$000
Total	20.174:142$000

Isto é, apenas mais 132:149$920 réis do que a alfandega do Porto.

A comparação d'estas cifras é testemunho eloquente da importancia da casa fiscal do Norte.

É tambem verdade que esta importancia de valores exportados provem principalmente do vinho dito do Douro, o qual constitue uma incontestavel riqueza nacional.

No anno a que nos referimos, a exportação foi de 30.201.366 litros, pouco mais ou menos 56.557 pipas.

O numero de bois embarcados para exportação foi, durante o referido anno de 12.995, e como é muito de presumir, tudo gado escolhido e gordo. Os que não têem interesse n'este ramo de commercio, lamentam-n'o sempre que do açougue lhe vem carne ordinaria e cara (o que succede bastantes vezes), em quanto que os importadores do nosso gado se regalam com excellentes *roast-beefs*.

O pessoal da alfandega compõe-se hoje de

1 Director.
3 Chefes de serviço.
1 Thesoureiro.
2 Verificadores.
9 Primeiros officiaes.
4 Primeitos verificadores.
10 Segundo officiaes.
4 Segundos verificadores.
11 Terceiros officiaes.
21 Aspirantes.
2 Fieis do thesoureiro.
1 Continuo.
1 Porteiro.
6 Serventes.
4 Empregados addidos.
12 Empregados addidos, que eram do real d'agua.
92 Total.

Além d'estes ha mais a companhia braçal, que é quasi um batalhão, composta de

1 Fiscal.
5 Empregados de diversas cathegorias.
80 Praças.
25 Praças supplementares.
111 Total.

Além d'este pessoal, ha mais, a fiscalisação externa, e o corpo auxiliar das alfandegas.

Hospicio dos expostos

Acha-se este hospicio montado na rua occidental do jardim da Cordoaria, na circumscripção de Miragaya, e precisamente na casa (n.º 5), que foi hospicio dos frades antoninos, de Valle da Piedade, onde esteve muitos annos a roda.

Consignaremos pois aqui, o que temos a dizer com relação a este importante estabelecimento.

—

Nas *Ordenações do reino*, Liv. 1.º, tit. 88.º § 10, se encontram excellentes disposições, relativas á creação dos innocentes havidos de legitimo matrimonio, e em seguida já alli se providenciou tambem com relação aos infelizes engeitados; e no tit. 73, § 4.º do mesmo Liv. 1.º, se impõe aos quadrilheiros a obrigação de darem parte das mulheres que *andando prenhes, se suspeite mal do parto, não dando conta d'elle*—medida que foi ampliada no § 8.º do Alvará de 18 de outubro de 1806.

Apesar d'estas providencias as exposições augmentavam com a corrupção dos costumes, o que determinou a Intendencia da Policia, a crear em Portugal as rodas, por uma ordem dirigida a todos os provedores do reino, com data de 10 de maio de 1783.

Por ser um documento interessante, e que a maior parte dos leitores, com certesa ainda não viu, aqui o transcrevemos:

ORDEM DIRIGIDA A TODOS OS PROVEDORES PARA NAS SÉDES DAS COMARCAS SE CONSTITUIR UMA CASA DE RODA

«Sendo o augmento da população um dos objectos mais interessantes e proprios de uma bem regulada policia, por consistirem as forças e riquezas de um Estado, na multidão dos habitantes; se acha este tão esquecido n'este reino, que em algumas terras d'elle se vêem inteiramente fechadas, e sem gente uma grande parte das casas, sem haver quem as habite; e sendo a origem, entre outras, de uma tão sensivel diminuição os reiterados infanticidios que estão acontecendo todos os dias, e em todas as terras em que não ha rodas, ou berços para os engeitados, que, sendo expostos de noite ás portas dos particulares, aquem faltam os meios ou a vontade para os mandar crear, são sacrificados como innocentes victimas, tantos cidadãos que poderiam ser uteis ao Estado. Faz-se pois indispensavel o dar-se a este respeito aquellas providencias que forem opportunas para a conservação da vida de tantos vassallos recem-nascidos estabelecendo pelo modo mais facil, rodas em que elles sejam expostos e creados á custa das comarcas e dos povos que lhes deram o ser; e isto até á idade de sete annos, em que elles, já livres dos imminentes perigos, que até este tempo os cercam, e, entrando em idade capaz de algum trabalho, possam por meio d'elle, ganhar o seu diario sustento e vestuario; para cujo effeito vossa mercê, logo que esta receber, praticará o seguinte:

«Irá pessoalmente a todas as terras da sua comarca, e em cada uma das villas, estabelecerá uma casa em que haja um logar onse possam expôr as creanças, sem que se conheça quem as leva; destinando uma pessoa, com o mesmo salario que se costuma dar á das albergarias, para a toda a hora, dia e noite, receber os engeitados que alli se fôr expôr; a qual será obrigada, logo que entrar alguma creança, a dar parte ao magistrado da terra, seja juiz ordinario, ou de fóra, ou aquem seu logar servir, para este a fazer logo baptisar, e mandar crear por uma das amas, que deve já ter destinadas e promptas para este effeito, pelo preço commummente na terra estabelecido, o que tudo será satisfeito pelos rendimentos applicados nas camaras para similhante fim, ou *pelo cabeção das Sisas*, n'aquellas terras d'onde não houver aquelles rendimentos; e para o que vossa mercê, quando tomar as contas dos concelhos, as tomará tambem de todas as despezas que se fizerem com as creações dos engeitados, até á edade de sete annos; findos os quaes, se irão distribuindo pelas herdades, quintas e fazendas das circumsvisinhanças, observando n'esta parte o mesmo regimento que se pratica com os orphãos; procederá a prisão contra os juizes ordinarios, que no tempo que servirem deixarem

de satisfazer as obrigações que por esta fórma lhes são impostas; e intimará aos juizes de fóra que, caso não cumpram o que até aqui vae ordenado, lhes não mandarei passar certidão de residencia, antes farei presente a sua magestade, o pouco zêlo com que se empregaram no real serviço.

«Passará vossa mercê revista geral a todos os engeitados, e em todas as vezes que fôr em correição, para averiguar se são bem tratados, ou se tem morrido por omissão, ou descuido das pessoas encarregadas da sua creação.

«No fim de cada anno, vossa mercê enviará á secretaria d'esta Intendencia, um mappa dos engeitados que se exposeram em cada uma das terras da sua comarca; dos que morreram e dos que existem vivos, declarando se os juizes de fóra e ordinarios cumprem com zêlo o que lhes é encarregado a respeito da sua creação. E para que não aconteça o concorrerem todos os expostos a uma só terra, por ignorarem os povos que esta ordem é generica por todo o reino: vossa mercê mandará pôr editaes nas terras de sua comarca em que declare aquellas em que ha casa de expostos, e o nome das ruas e sitios onde ellas são situadas, para que cada um se dirija á casa, que lhe ficar mais visinha, e se evite o incommodo de serem levados os expostos de um a outro terreno, como até agora se praticava. Vossa mercê mandará aos juizes e officiaes das vintenas que sendo caso que no districto de cada um d'elles appareça alguma creança exposta, a mandem logo conduzir á casa dos expostos da villa, ou cidade do seu districto, por algumas mulheres que tenham leite e a alimentem pelo caminho; os quaes conductores serão pagos em continente, cada um do seu jornal, conforme o preço costumado na terra onde apresentarem a mesma creança, o que o juiz ordinario, ou de fóra, lhe mandará satisfazer sem demora, pelo procurador do concelho.

«Perguntará vossa mercê, devassamente em correição, se os juizes e officiaes das vintenas, satisfazem ao que lhes é ordenado, para proceder contra elles, no caso de serem omissos. E para que se haja de praticar esta diligencia em todo o reino ao mesmo tempo, vossa mercê a executará, pelo que respeita á sua comarca, no tempo de dois mezes, fazendo registar esta ordem em todas as camaras d'ella; de que remetterá certidão á secretaria d'esta Intendencia, de assim o haver executado, declarando o nome das terras onde se estabeleceram as ditas casas de expostos, para que findos os ditos dois mezes, eu possa fazer presente a sua magestade, que se acham estabelecidas todas as providencias necessarias para a conservação da vida de tantos innocentes vassallos, no que se desvela com maior cuidado a paternal clemencia da mesma Senhora. Deus guarde a vossa mercê. Lisboa 10 de maio de 1783. Diogo Ignacio de Pina Manique.»

Sendo tão terminante a lettra d'esta ordem, não se estabeleceram as rodas em todos os concelhos, e ficaram soffrendo o peso enorme dos expostos, só os concelhos onde ellas se montaram.

Mais algumas providencias se acham no alvará de 18 de outubro de 1806 e no de 31 de janeiro de 1775, que regula o modo de educar os que excedem a edade de sete annos.

Tal é em resumo a historia das rodas no nosso paiz. Tratemos agora particularmente da roda do Porto.

—

Por provisão de 14 de setembro de 1519, mandou sua magestade aos administradores dos hospitaes d'esta cidade do Porto, que dos sobejos de suas rendas, que estivessem em deposito, déssem á camara *dez mil réis*, para ajuda da despeza com os engeitados, que a mesma mandava crear, se tanto houvesse mister, senão aquella somma que fosse necessaria, até aos ditos *dez mil réis*;—ordenando mais aos provedores dos hospitaes do Porto, que d'ahi em diante a camara houvesse das rendas dos ditos hospitaes a ametade que das ditas rendas sobejasse, depois de cumpridos os legados e mais despezas, devendo ser applicada aquella metade para creação dos expostos, e não para outra coisa; declarando que, se a despeza d'estes não

montasse a tanto, a camara receberia só e justamente o que despendesse com elles.

Sollicitou e obteve a Misericordia, com o representante dos hospitaes do Porto, um alvará regio, para não dar aquelles dez mil réis, e el-rei D. João III deferiu, estando em Coimbra; mas queixou-se a cidade, e por provisão de 29 de agosto de 1528, mandou sua magestade que se cumprisse a de 14 de setembro de 1519, accrescentando:—*visto que el-rei o sr. D. Manuel, déra á confraria da Misericordia a administração dos bens dos hospitaes, dos quaes, em quanto que a camara tinha a administração, pagava a creação dos engeitados.*

No *Livro das Chapas*, a fl. 214, v. se encontra o alvará de 26 de maio de 1590, que manda que do cofre do crescimento das sisas se dêem cem cruzados, por uma vez sómente, á Misericordia, ou a quem tiver a seu cargo a creação dos engeitados. É este o primeiro documento em que se manda recorrer ao cofre das sisas, para tal fim.

Ainda no archivo da camara, e no mesmo *Livro das Chapas*, a fl. 217, se encontra outro alvará de 12 de junho de 1592, em que se manda dar do mesmo cofre e para o mesmo fim, *cem mil réis* annualmente, accrescentando-se a esta quantia a de *cincoenta mil réis*, por alvará do 1.º de julho de 1604. (*Liv. das Chapas*, fl. 260.)

Como a administração dos expostos fosse deploravel, os rev.dos Manuel Rodrigues Leitão, fundador da congregação do Oratorio, e Balthazar Guedes, fundador do Collegio dos Meninos Orphãos, proposeram á camara do Porto o estabelecimento da roda dos expostos, concorrendo a camara com o dinheiro necessario, e a Misericordia com a administração. Convieram as partes n'este plano, e por alvará de 4 de março de 1686, incumbiu el-rei a Misericordia, da creação dos expostos, em confirmação do termo que a camara fez em 1685, de pagar toda a despeza com preferencia a tudo. E por novo contrato feito em 16 de julho de 1688, se obrigou a camara a dar á Misericordia, para preparação de casa em que se montasse a roda, cerca de quatro mil cruzados, que tinham crescido do dinheiro destinado para as fortalezas, e a satisfazer o restante pelo cofre da cidade. E para a sustentação dos expostos se obrigou a camara a dar no principio de cada trimestre, quinhentos mil réis, a saber—trezentos que já el-rei havia consignado para este fim (cento e cincoenta nas *Alças* e outros cento e cincoenta no cofre da cidade) e duzentos mil réis das sizas; declarando-se que nunca a Misericordia seria obrigada a pagar coisa alguma, dado que não chegasse a dita consignação, mas que a camara satisfaria qualquer verba a maior, logo que o escrivão da Santa Casa lhe apresentasse a conta corrente dos gastos.

E como a escolha de casa apropriada houvesse retardado alguns annos a fundação de tão humanitario estabelecimento, resolveu-se que este se montasse na rua dos Caldeireiros, junto ao hospital da Misericordia[1], já para poderem os expostos ser soccorridos com mais presteza, já para se não incommodar tanto a Misericordia com a respectiva administração.

Augmentando espantosamente as exposições, fez a camara novo contrato com a Misericordia, em 1726, obrigando-se a dar-lhe pelo cofre das sizas, no primeiro trimestre de cada anno, um conto e quatro centos mil réis, e em março, junho e setembro o que contasse de despeza a maior por certidão do escrivão da Santa Casa, em harmonia com os contratos anteriores; e isto por escriptura lavrada na nota da Misericordia, com data de 23 de setembro de 1726, o que foi confirmado por provisão de 8 de novembro do mesmo anno.

E por outra escriptura lavrada nas notas da Santa Casa, com data de 6 de maio de 1738, elevou aquella consignação á camara, a cinco mil cruzados no primeiro trimestre, obrigando-se a satisfazer toda a despeza que a maior se fizesse com aquelles infelizes—e em 5 de junho de 1752, se elevou aquella somma a tres contos de réis, com as mesmas clausulas e condições, o que foi confirmado por provisão de 18 de junho de 1753; e por outra provisão da sr.ª D. Maria I, com data

[1] Ainda hoje áquelle sitio se dá o nome de *Roda Velha*.

de 16 de março de 1781, se mandou dar para aquelle fim á Misericordia, pelo cofre das sizas, a quantia de cinco contos de réis, no principio de cada trimestre.

Em pouco mais de cem annos subiu a este ponto a despeza com os expostos, e mais tarde attingiu proporções assustadoras; pois em 1818, por exemplo, como se vê de uma interessante memoria sobre o assumpto, publicada pela camara do Porto em 1823, aquella cifra se elevou á bagatella de réis 62:774$447 — por serem notoria e escandalosamente remettidos para a roda do Porto expostos dos outros concelhos d'este districto, e mesmo de districtos estranhos; o que levou o provedor da roda do Porto a pedir providencias a sua magestade, baixando em seguida a provisão de 13 de setembro de 1817, expedida em 28 de fevereiro de 1818, aos provedores de Lamego, Aveiro, Penafiel, Braga e Vianna, e que é do theor seguinte:

Provisão

«Dom João, por Graça de Deos, Rei do Reino—Unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc.

«Faço saber a Vós, Provedor da comarca de Guimaraens, que o Provedor da Real Administração dos Expostos da cidade do Porto e seu Termo, me representou que concorriam a ella tantos Expostos das tres provincias do Norte em distancia de doze legoas, por serem lançados de Roda em Roda; o que fazia quasi impraticavel a sua creação com a consignação de cinco contos de réis adiantados em cada trimestre; e porque o numero dos Expostos entrados annualmente tinha chegado a *mil oitocentos e vinte e nove*, alem dos que se achavão em creação dos annos anteriores; fazendo-se por isso necessario novas providencias para haver os dinheiros precisos para aquellas despezas; pedindo elle a Graça de os mandar adiantar dos cofres da dita Cidade, e Cabeções das Sisas. E, visto seu requerimento, resposta da Camara, que mandei ouvir, informação que se houve pelo Desembargador Jeronimo Caetano de Barros de Araujo Beça, e do Provedor da Corôa a quem se deu vista: ao que attendendo Hei por bem Ordenar-vos que logo, sem perda de tempo, cohibaes os Administradores das Rodas do nosso districto do prejudicialissimo abuso de remetterem os Expostos das suas respectivas Rodas para a da cidade do Porto; aos quaes tomareis contas annualmente do estado das suas Administrações, e da creação dos mesmos Expostos, e de tudo annualmente me dareis circumstanciadamente conta pela Meza do meu Desembargo do Paço. Cumpri-o assim.» Por despacho do desembargo do paço de 13 de setembro de 1817.»

Os miseros expostos eram conduzidos para o Porto, de grandes distancias, em montões ou em pilha, dentro de canastras e até em saccos; de que resultava morrerem quasi todos suffocados e esmagados, ou com fome, chegando os que vinham no fundo dos saccos e canastras por vezes já mortos e em putrefacção, como se lê com horror a pag. 16 da citada memoria.

E apesar da santidade da instituição e de tantos sacrificios e providencias—os abusos cresciam e o mal augmentava sempre, até que em 1823, por lei de 3 de fevereiro, foi restituida á camara municipal a administração d'aquelles infelizes, estando hoje (1875) aquelle pelouro a cargo do vereador José Duarte de Oliveira, rico negociante da rua dos Clerigos.

Pela citada memoria se vê a que altura chegou a corrupção dos costumes e o quanto se roubou á sombra de tão santa instituição!

Só no anno de 1810 (como diz a nota addiccional) se reconheceu que os *escrupulosos* administradores da roda mettiam em conta nada menos de 1317 expostos a mais.

Isto não se commenta.

E quantos abusos e crimes não poderiam ainda registar-se em outras chancellas do mesmo estabelecimento.»

Dá o mappa que vem na dita memoria nos 20 annos a que se refere, uma media de 4:998,6 expostos por anno, e nos ultimos 10 annos a média é de—6:174,9, a cargo do municipio—e a somma dos expostos entrados nos 20 annos dá, termo medio — 1505 por anno—e só nos ultimos 10—1760.

E a média dos fallecimentos nos 20 annos é de—1:048,7 por anno e nos ultimos 10—1196—o que corresponde a mais de um 5.º dos entrados nos ditos 20 annos.

E a despeza com os infelizes expostos, foi nos 20 annos, termo medio—40:580$140 réis—e nos ultimos 10 annos dá a media por anno de 51:768$740 réis.

Felizmente porém melhores dias raiaram para os engeitados com a administração directa da camara, e nomeadamente depois que, por determinação da junta geral do districto, foi a roda fechada e transformada em hospicio, em janeiro de 1865.

Desappareceram as revoltantes scenas de selvageria que se registraram em outras épocas, e a cifra da despeza com aquella repartição baixou consideravelmente, pois no anno ultimo de 1873 a 1874 foi apenas de —13:973$260 réis—e no 1.º de janeiro d'este anno corrente (1875) o movimento dos expostos a cargo do respectivo hospicio, ou antes do municipio do Porto, era o seguinte :—creanças internas 21 de leite e 9 de secco—a crear fóra do hospicio—472 (de leite e secco)—e subsidiadas com lactações —276.

E ha no hospicio o pessoal seguinte :—um fiel (José Antonio Bernardes de Faria)—uma directora—uma sub-directora—e quatorze amas.

—

A roda, como dissemos, esteve na rua dos Caldeireiros, junto ao hospital da Misericordia, dito de Roque Amador, e por ultimo, de D. Lopo—depois passou em janeiro de 1826 para a casa da familia Azevedos (hoje habitada pelo sr. Joaquim de Sousa Azevedo da Silva Vieira e Albuquerque, seu dono e representante) na rua dos Fogueteiros n.º 1, já então d'esta freguezia de Miragaya.

Por occasião do cêrco do Porto, durante a lucta em 1832 a 1833, como aquella casa estivesse muito exposta ás bombas e granadas dos sitiantes, foi a roda provisoriamente transferida para a rua de Cedofeita; mas terminado o cêrco, de novo se instalou na rua dos Fogueteiros.

Ficando vago o hospicio que os frades antoninos de Valle de Piedade tinham na Cordoaria (hoje Campo e Jardim dos Martyres da Patria) com a extincção das ordens religiosas em 1834, pediu a camara municipal ao governo aquella casa para n'ella montar, como montou, a bibliotheca publica, e d'ella foi alli bibliothecario o nosso insigne historiador Alexandre Herculano ; mas não tendo a casa as dimensões precisas para tal fim, transferiu-se a bibliotheca para o extincto convento de Santo Antonio da Cidade, onde se conserva, junto ao jardim de S. Lazaro, e em 1838, por portaria de 12 de outubro do mesmo anno, a roda se instalou no hospicio dos antoninos, ainda então pertencente á freguezia de Santo Ildefonso, e desde 1841 a Miragaya.

Está pois a roda dos expostos na casa que foi hospicio dos frades antoninos — e o capellão do hospicio os baptisa na mesma capella em que os frades costumavam fazer as suas resas e benzer e exorcismar os seus devotos.

—

Consignaremos por ultimo aqui um documento que prende com o assumpto, e que se acha no archivo parochial da egreja de Miragaya.

É a nota do theor seguinte :

«Veio para esta freguezia de Miragaya, a Roda dos Expostos, sita na rua dos Fogueteiros, em janeiro de 1826, e principiaram a baptisar-se n'esta egreja em 4 de fevereiro do dito anno ; continuei a baptisal-os até 12 de junho do mesmo anno, fazendo os assentos em livro que para isso me foi dado ; e por um requerimento que fez o Provedor dos mesmos Expostos, o Desembargador Francisco Barroso Pereira, e consentimento que deu o sr. Bispo D. João de Magalhães, convim em dar licença para se baptisarem na capella da administração dos mesmos expostos, sendo esta licença *pro fórma* de seis em seis mezes, com a obrigação de receber da mesma administração dez mil réis de cada vez que a dita licença fôr reformada, que será pelo S. João Baptista e Natal, não prejudicando com isto o direito dos meus successores, como consta da obrigação que a

mesma administração fez, e que aqui fica appensa.

«E para constar para o futuro fiz esta declaração. Porto e S. Pedro de Miragaya, 20 de junho de 1826. — O Abbade José Coelho Antunes.»

E em seguida, ainda se encontra o seguinte:

«Auctorisei o Reverendo José Camello de Almeida, Secretario da administração dos Expostos, para os baptisar na capella da mesma até o dia 24 de dezembro do presente anno de 1826, e ao mesmo entreguei o livro para n'elle continuar a fazer os assentos em meu nome.

«S. Pedro de Miragaya, 24 de junho de 1826.—O Abbade José Coelho Antunes.»

Escolas de Miragaya

Eis as escolas e collegios existentes em 1875 na freguezia de Miragaya:

Uma aula na rua de Miragaya n.º 153, dirigida por D. Rosa de Oliveira, e frequentada por 10 alumnos e 21 alumnas.

Outra no Monte dos Judeus n.º 1, dirigida por Emilia Amelia do Monte, e frequentada por 16 alumnos e 42 alumnas.

Outra na mesma casa, dirigida por Maria José da Rocha Leão, frequentada por 1 alumno e 10 alumnas.

Outra na rua da Esperança n.º 38, dirigida por Anna Maria de Jesus, frequentada por 4 alumnos e 20 alumnas.

Outra nas escadas do Caminho Novo n.º 19, dirigida por Maria Ermelinda do Soccorro Nunes, frequentada por 3 alumnos e 4 alumnas,

Outra régia, na rua do Calvario n.º 43, dirigida por Maria de Sá Rebello Vasconcellos Albergaria, que não é frequentada por nenhuma alumna.

Outra dita na mesma rua n.º 59, dirigida por Antonio Ferreira de Jesus, frequentada por 91 alumnos, e a nocturna por 5 menores e 29 adultos, do sexo masculino.

Outra particular na mesma rua n.º 80, dirigida por Marcellina Rosa de S. José, frequentada por 4 alumnos e 24 alumnas.

Um collegio na rua da Restauração n.º 281, dirigido por Eduardo Augusto Allen, frequentada por 25 alumnos em instrucção primaria e secundaria.

Outro na rua do Rosario n.º 21, dirigido por Marianna Sotto Maior, frequentado por 3 alumnos e 18 alumnas em instrucção primaria e secundaria.

Todas as aulas são de instrucção primaria.

São 9 escolas frequentadas por 175 alumnos e 97 alumnas. Total de ambos os sexos, 272.

Capellas na freguezia de Miragaya

Ha n'esta freguezia varias capellas particulares, sendo a mais notavel a do capitalista Antonio da Silva Monteiro, na sua casa da rua da Restauração, n.ºs 128 a 148.

É considerada, pela sua elegancia e riqueza, a primeira capella particular do Porto, na actualidade.

E ha n'esta freguezia 4 capellas consideradas publicas—uma no palacio das Sereias, da familia Porto Carreros, na rua da Bandeirinha, — outra com a invocação do Senhor dos Afflictos, na cerca do Hospital da Misericordia, e propriedade da Santa Casa—outra com a invocação do Espirito Santo, que fez parte da antiga albergaria do Santo Espirito, de que trata este artigo, e que hoje pertence á confraria do Santissimo de Miragaya; e outra de Nossa Senhora da Esperança, no alto da rua d'este nome, junto á egreja de S. João Novo. Esta capella é muito antiga, posto se não saiba quando, nem por quem foi construida. Estava junto ao Postigo dos Frades ou da Senhora da Esperança, e encostada ás muralhas da cidade, como a capella de Sant'Anna, junto ao historico Arco de Sant'Anna,—a de S. Sebastião, junto á porta de S. Sebastião, etc

É desde tempo immemorial propriedade dos abbades de S. Pedro de Miragaya, e por elles administrada, e tem a meio da padieira da porta da entrada, em caracteres bem visiveis, a era de 1624.

É muito pequena e humilde, e demanda restauração completa, mas ainda n'ella se celebra.

Houve mais n'esta freguezia outra capella considerada publica, á entrada da rua dos Fogueteiros, junto á casa n.º 1, que é hoje propriedade de Joaquim de Azevedo, e que foi para alargamento da rua, expropriada pela camara municipal, e demolida em 1872.

Esta capella havia sido construida em 1767 pelo capitão, José Pinto de Meirelles, cavalleiro professo da Ordem de Christo, então morador na rua de Bello-Monte, freguezia da Victoria, e tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria, José.

Era o dito capitão Meyrelles dono da quinta das Virtudes, e foi elle que mandou fazer as casas que hoje habita e possue o sr. Joaquim de Sousa d'Azevedo da Silva Vieira e Albuquerque.

Houve ainda outra capella considerada publica, na rua da Bandeirinha, com invocação de Santo Antonio, construida em 1781 por Domingos Antonio Dias, na sua casa sita na dita rua, e que hoje tem o n.º 16.

Ainda lá se vê, mas profanada.

—

Capella do Senhor dos Afflictos, na cêrca do Hospital da Misericordia, e Adro dos Enforcados

Desde tempo immemorial costumava a irmandade da Misericordia acompanhar até aos degraus do patibulo os infelizes a quem era applicada a pena de morte na fôrca, e em seguida lhes dava sepultura em local determinado, que foi muitos annos um chão, denominado Campo das Malvas, nas proximidades da antiga porta do Olival, aproximadamente, sitio onde mais tarde se edificou a egreja e torre dos Clerigos; e depois que a Santa Casa, em 1769, comprou os dois meios casaes ditos do Roballo, para sobre elles levantar o seu novo hospital, transferiu o cemiterio ou Adro dos Enforcados para um dos pontos extremos d'aquelle terreno, no alto e a oeste da rua dos Carrancas, hoje rua da Liberdade.

O Adro dos Enforcados era um recinto vedado por um muro, com um portão de ferro sobre a dita rua, tendo a meio uma capellinha apenas com uma singela cruz de madeira no topo; e á frente da capella, entre esta e o portão, havia um cruzeiro de pedra, com a imagem de Jesus crucificado, formando um todo maçisso, com o dito cruzeiro, sendo aquelle crucifixo, com a invocação de Senhor dos Afflictos, objecto de grande devoção.

Os enterramentos dos justiçados e dos presos que falleciam na cadeia, eram feitos em um pequeno espaço detraz da capellinha, e alli ia em procissão todos os annos a irmandade da Misericordia, para remover as ossadas para o seu cemiterio; mas em sessão de definitorio de 6 de abril de 1836, por proposta do muito benemerito irmão, Luciano Simões de Carvalho, se resolveu transferir o Adro dos Enforcados para a cerca do novo Hospital (cerca onde se enterravam os cadaveres dos doentes que falleciam na casa)—e emprazar o chão do dito adro com outros chãos adjacentes, que a Misericordia possuia junto d'aquelle.

Foram effectivamente aquelles chãos emprazados a diversos, e a casa de José Carlos Lopes, sita na rua da Liberdade, n.º 77, occupa o chão que foi o Adro dos Enforcados.

Os motivos principaes por que a Santa Casa transferiu o adro ou cemiterio dos enforcados para a sua cerca, foram—o ser muito pretendido para edificações aquelle local, —o haver na cerca, e a poucos passos de distancia, espaço de sobra para receber os cadaveres d'aquelles infelizes,—não haver já n'aquelle tempo difficuldade em lhes dar sepultura em commum com os outros cadaveres,—e o serem já então rarissimas as execuções capitaes, e tanto que depois da suppressão do velho adro, só se abriu na cerca sepultura para um,—a N. do portão de entrada para a dita cerca, junto a elle, e encostada ao muro, onde ha hoje umas pequenas casas do caseiro;—e nem esse infeliz alli foi sepultado.

Quando o prestito funerario ja havia transposto a entrada para a cerca, e ia ser lançado á sepultura, o pobre justiçado, notou-se *que elle se movêra e dava signaes de vida.*

Era immensa a concorrencia de povo que viera até alli com o funebre cortejo, e todos se acercaram da tumba para se certificarem de facto tão extranho, sendo geral e profunda a commoção, mesmo porque o infeliz justiçado, como nos contaram testemunhas oculares fidedignas, era um sympathico moço, que havia sido militar, e que teria apenas 20 ou 22 annos.

Em vista de tão extraordinaria occorrencia, foi aquelle infeliz recolhido ao hospital da Misericordia, *onde falleceu*, segundo se disse e constou; mas alguem assevera que fôra sepultado outro cadaver com o nome d'aquelle, e que o infeliz justiçado recuperou a liberdade, sobrevivendo, como por milagre, chegando muitas pessoas a pedir e guardar como reliquias, fragmentos do habito em que o tinham visto na tumba, amortalhado.

Ignoramos o nome d'aquelle infeliz, e a data d'este facto, mas vivem ainda no Porto muitas pessoas que o presencearam.

Supprimido o velho Adro dos Enforcados, mandou a mesa administradora da santa casa remover para a cerca do seu novo hospital, a capella e o cruzeiro que estavam no dito adro. E lá se vê ainda na cêrca aquella capellinha, e o cruzeiro que dentro d'ella se conserva, do lado da Epistola, em uma especie de sanctuario, que se denomina *C-apella do Senhor dos Afflictos*—e como em 1856 demandasse reparos fortes, n'esse mesmo anno e principio do seguinte, foi convenientemente restaurada, sendo provedor da Santa Casa o sr. conselheiro Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, então desembargador na relação do Porto, e ministro de estado honorario, hoje desembargador no supremo tribunal de justiça, e mordomo encarregado do pelouro das obras, o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso, digno lente de botanica na Academia Portuense, e actualmente escrivão da Santa Casa, o qual, em virtude do cargo que occupava na mesa administradora, foi quem superintendeu na dita restauração. E, por iniciativa do mesmo sr. conselheiro provedor, foi solemnisada com pomposa festividade, a reabertura da capellinha no dia 13 de junho de 1857, assistindo toda a mesa e offerecendo o sr. dr. Salles a musica, que foi da capella de Silvestre de Aguiar Bizarro ainda hoje, sem contestação, a primeira musica de capella que ha no Porto.

E seja dito de passagem, que tanto o sr. Silvestre, como o cereeiro, armador, celebrantes, etc., não quizeram estipendio algum.

Officiou, acolytado por dois beneficiados, o sr. doutor, vigario geral do bispado e chantre da Sé do Porto, Miguel Joaquim Gomes Cardoso, que havia sido escrivão da Santa Casa em 1855 a 1856; e tão luzida foi aquella festividade, e tanto se avivou em todos a devoção com o Senhor dos Afflictos, que os empregados superiores do hospital da Misericordia resolveram festejar todos os annos o dito Senhor, e logo se offereceu generosamente para celebrante o sr. vigario geral Gomes Cardoso, de saudosa memoria, e cumpriu a promessa emquanto poude, levando sempre comsigo, a convite seu, dois beneficiados da Sé (o reverendo Furtado, seu sobrinho, e o reverendo Carvalho, actual mestre de ceremonias do paço)—mas quando officiava na dita festividade, em 1867, sentiu um insulto de paralysia, e a custo terminou o santo sacrificio, ficando tão abalado que não mais se restabeleceu, nem poude, como desejava, continuar a cumprir a sua promessa, fallecendo em 1870.

Aquella festividade era feita a 14 de junho, no dia immediato ao da abertura do hospital, por iniciativa do provedor, e a expensas dos empregados superiores do hospital; mas como ha annos a mesa supprimisse a solemnidade da abertura, por ser inconveniente para os enfermos, desde essa data deixaram os empregados de fazer aquella festividade; mas os devotos, que são muitos, por subscripção aberta entre elles, e ainda com a iniciativa e coadjuvação dos empregados do hospital, continuaram a fazer, como fazem, a dita festa todos os annos — com sermão, missa cantada, musica, bandei-

ras, fogo solto e preso, e grande arraial, mas em dia incerto, no mez de setembro; e só um devoto o anno ultimo (1874) offertou ao Senhor dos Afflictos 100$000 réis.

Tambem a mesa da Santa Casa resolveu, em seguida á restauração da capellinha, que n'ella se celebrasse, como se celebra, uma missa resada todos os domingos e dias santificados.

—

Registraremos tambem aqui um facto, que prende com esta capella.

Estando em tratamento em um dos quartos particulares do hospital da Santa Casa Luiz Pinto de Sousa Pereira de Menezes, ultimo senhor e representante da nobre casa de Cutêllo, freguezia de Miomães, na comarca de Rezende (falleceu em 1870) fez voto de pesar-se a prata e de dar o valor d'ella ao Senhor dos Afflictos, se recuperasse saude, e, como se restabelecesse, cumpriu.

Não deu aquelle peso em prata, mas muito expontaneamente se constituiu devedor para com a Santa Casa, da quantia de réis 1:996$800—cifra em que comportou o valor d'aquelle peso em prata; e isto por escriptura lavrada em 27 de maio de 1852, nas notas dotabe llião Francisco Pereira Pinto, do julgado de Aregos, a qual, depois das formalidades do estylo, resa assim:

«.... e logo presente elle dito Illustrissimo Senhor Luiz Pinto de Sousa Pereira de Menezes, por elle foi dito, que por occasião em que assistia na referida Santa Casa da Misericordia, de quem é indigno Irmão Nobre, achando-se em perigo de vida recorrêra e pedira ao Senhor dos Afflictos, que se venera na capella do cemiterio da mesma Santa Casa, o livrasse do mesmo perigo e de seus padecimentos, promettendo pesar-se e dar de offerta ao mesmo divino Senhor, em 'prata o peso do seu corpo, e tendo conhecido visivelmente algumas melhoras, effeito d'aquelle seu pedido ao Senhor dos Afflictos, pretendia realisar aquella offerta e n'este sentido dava e doava ao mesmo Senhor dos Afflictos a quantia de um conto novecentos e noventa e seis mil e oitocentos réis, que foi o em quanto pesou elle doante, segundo a conta feita pelos Mezarios da dita Santa Casa, e limitada a elle doante em carta de 8 de Novembro de 1850, pelo Escrivão da Mesa Antonio Fernandes Guimarães, e isto debaixo das condições seguintes...» etc.

Em resumo as ditas condições constantes da escriptura são:—1.ª que o dito dinheiro seria dado a elle doante a juro legal, com as precisas seguranças—2.ª que não poderia ser levantado o capital emquanto se não julgasse a divida mal parada—3.º que a Santa Casa acceitará o pagamento d'aquella divida no todo ou em parte—em um anno ou mais quando elle doante ou seus herdeiros e successores quizerem — o que a Santa Casa acceitou.

—

Ainda por ultimo direi que, quando em 1856 a 1857, o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso dirigia a restauração da capella, mandou tambem restaurar a imagem do Senhor dos Afflictos, que estava e está, como dissemos, dentro da dita capella, na propria cruz que foi do Adro dos Enforcados.

Capella ou casa do deposito

Ha tambem na mesma cêrca do hospital, um pouco ao sul da capella do Senhor dos Afflictos, outra capella mais pequena onde se depositam e encommendam os pobres fallecidos no hospital.

Na capella do Senhor dos Afflictos se depositam os cadaveres dos doentes particulares quando os seus herdeiros ou testamenteiros querem funeral e officios além do commum.

Esta capellinha ou casa de deposito, tem um pequeno compartimento annexo, com uma mesa de marmore para autopsias, e foi removida para o local, que hoje occupa, de outro onde fôra edificada, aproximadamente no anno de 1795, quando se transferiram os primeiros doentes do velho hospital, dito de D. Lopo, na rua dos Caldeireiros, e principiaram a sepultar-se na cêrca

do novo hospital os doentes que n'elle falleceram.

E removeu-se a dita capella ou casa de deposito, porque a cêrca havia alteado consideravelmente com a grande quantidade de entulho, que recebêra, ficando a capella muito affrontada, porque, havendo sido creados os cemiterios publicos, a mesa administradora da Santa Casa rosolveu crear, como creou, na cêrca e chão devoluto do seu cemiterio, um horto botanico, para cultura de plantas medicinaes, e para isso se preparou o terreno, formando taboleiros, um dos quaes tomou o chão onde estava a capellinha.

Capella de Nossa Senhora do Soccorro

Houve tambem n'esta freguezia de Miragaya [1] uma ermida ou capellinha com a invocação de Nossa Senhora do Soccorro, sobre o arco da Porta Nobre, voltada a éste soa rua dos Banhos.

Era uma especie de nicho, mas bastante espaçoso, pois n'elle estava a imagem da Senhora, de tamanho natural, e n'elle se celebrava o santo sacrificio ainda em meiado d'este seculo, e o povo que concorria á missa, tomava o lanço da rua fronteira e contiguo.

Entrava-se para a capellinha por uma viella que dava para a rua de Sobre o Muro, e como o dono do predio confinante (n.º 1 d'esta rua) conseguisse apropriar-se da viella, sobre a qual augmentou a casa, por dentro d'esta nos ultimos annos era obrigado a dar passagem para o nicho.

Quando se demoliu aquelle arco para a abertura da rua Nova da Alfandega, demoliu-se tambem a dita capella, que d'ella fazia parte, e que era tão antiga como elle.

D'esta ermida se faz menção no celebre *Livro Branco* da curaria d'esta Sé do Porto, pois a fl. 60, v. n'elle se encontra o seguinte:

«Rua da Porta Nova. Tombo fl. 144, v.— O Doutor Manuel pereyra da Silva, de villa nova de Gaya, pesue em Factuazim, humas cazas, as penultimas, junto á hermida de Nosa Senhora. Paga de renda nove mil e oitenta. Laudemio de sete um.»

E no tombo da dita curaria a fl. 144, v. (logar citado no celebre *Livro Branco*) se acha a verba do theor seguinte:

«O abbade Pantalliam pereyra, irmão do comendador Bernardo pereyra, em verba do seu testamento as cazas que pesuhia de que hera direito senhorio, que tras per prazo Factuazim, Pero Ferreyra tanoeiro junto a Porta nova, á hermida de nosa Senhora da banda do muro, a penultima caza, de que paga de fôro dez mil reis, e para esta Curaria nove mil e oitenta e oitocentos reis, a nosa Senhora da silva, e seis vintens a San Francisco.»

Quasi todos os annos, os habitantes do sitio e outros devotos, festejavam a dita Senhora do Soccorro, com sermão, missa cantada, fogo solto e grande arraial, armando um palanque em seguida á capellinha, por ser esta mui pequena—consta ainda que a esta ermida pertenceram uns armazens em Villa Nova de Gaya.

Senhor da Saude

Mencionaremos tambem aqui, o cruzeiro do Senhor da Saude, que hoje se acha na capella de S. José das Taipas, freguezia de Nossa Senhora da Victoria, mas que esteve muitos annos n'esta freguezia de Miragaya, encostado á casa n.º 11 a 12 da rua occidental do jardim dos Martyres da Patria, e anteriormente na mesma rua, quando era ainda Campo da Cordoaria Nova.

Foi um dos muitos cruzeiros que houve nas ruas d'esta cidade, tendo este, uma imagem de Jesus Crucificado, com a invocação de «Senhor da Saude» objecto de grande devoção, e tanta, que desde tempos remotos era festejado (a 20 de Agosto), com grande arraial, musica, bandeiras, muito fogo solto e preso; e quando a camara municipal tratava de remover aquelle cruzeiro para o

[1] Só em 1841, como dizemos algures, deixaram de pertencer á freguezia de Miragaya as casas intra-muros, proximas á Porta Nobre.

adro da egreja de Santo Ildefonso, os peixeiros, principaes devotos do Senhor da Saude, o levaram para a proxima capella de S. José das Taipas, onde ainda se festeja todos os annos, com sermão e missa cantada; mas desde que para alli foi removido, cessou o arraial, mesmo porque o Campo dos Martyres da Patria, onde o povo se reunia, por essa occasião, foi transformado em jardim e se fechou.

Hospital da Misericordia

Fica este hospital, nos limites da freguezia de Miragaya, e tem a frente voltada a éste, sobre a rua occidental do Jardim da Cordoaria, confinando ao norte com a Praça do Duque de Beja, e ao sul com a rua da Restauração, devendo confinar a oéste com as ruas da Liberdade e do Rosario, onde tem já, como balisa, um pequeno lanço de cunhal, feito ha muito.

O padroeiro d'este hospital, é o grande thaumaturgo Santo Antonio; e a proposito consignaremos aqui o facto seguinte:

—

Quando em sessão de 15 de julho de 1770 a mesa administradora da Santa Casa, escolhia padroeiro para o seu novo hospital, dividiu-se em parcialidades. Queriam uns que fosse S. Sebastião—outros, S. João de Deus —outros, S. José—e outros, Santo Antonio, optando pelos santos dos seus nomes.

Á vista d'isto, lembrou o provedor, que se procedesse a escrutinio secreto, e, corrido este, foi eleito o thaumaturgo Santo Antonio; mas observou o provedor que alguem poderia censurar a eleição feita, visto que elle se chamava Antonio (era D. Antonio de Lencastre, brigadeiro dos exercitos de sua magestade e coronel do 1.º regimento da guarnição do Porto), e que o escrivão da Santa Casa, era tambem Antonio (Antonio Bernardo Alves de Brito), e que ainda mais dois dos mesarios, eram Antonios; e por isso, pediu aos irmãos presentes que meditassem, concluindo por propôr novo escrutinio; mas, corrido este, foi outra vez eleito por unanimidade o thaumaturgo!...

—

A planta do edificio foi feita em 1769, pelo celébre architecto inglez, João Karr, da cidade de York, pela qual recebeu 500 libras esterlinas.

—

Creando el-rei D. Manuel, por Alvará de 14 de março de 1499, a confraria da Misericordia do Porto, deu-lhe a antiquissima albergaria de Roque Amador, sita na rua dos Caldeireiros, e como fallecesse em Madrid, em 29 de janeiro de 1584 D. Lopo d'Almeida, irmão do vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, legando boa parte da sua fortuna á Misericordia, para ella erigir um hospital, tratou esta de dar maior desenvolvimento ao de Roque Amador; e taes obras n'ella fez e tanto a melhorou, que perdeu o nome originario de *Roque Amador*, e se denominou de *D. Lopo*.

Crescêra porém muito a cidade, e augmentando proporcionalmente os encargos da Santa Casa, resolveu esta fazer novo hospital, mais amplo e em sitio mais desafrontado, e para este fim comprou *extra-muros* os dois meios casaes, ditos do Roballo, a Rosa Angelica de S. José, filha de Manuel Gomes da Silva, e a João Ribeiro e sua filha Anna Theresa Luisa (o primeiro por 3:206$000 réis, e o segundo por 2:084$000 réis), sendo este vasto chão limitado ao nascente pelo Campo da Cordoaria Nova (jardim dos Martyres da Patria, hoje), e ao poente pelos quarteis da Torre da Marca, o que tudo consta de uma escriptura lavrada em 1769 na nota primitiva da Santa Casa, pelo tabellião Manuel da Cunha Valle[1].

[1] Consta com bom fundamento, que a Santa Casa tencionou erigir o seu novo hospital no sitio onde os religiosos menores reformados, da Provincia da Conceição, fundaram em 1783 o convento de *Santo Antonio da Cidade*, em cujo edificio está hoje a Bibliotheca, junto ao jardim de S. Lazaro; para aquelle fim já a Misericordia tinha comprado o terreno e sollicitado auctorisação régia; mas (diz-se ainda) que surgindo grande desintelligencia entre dois membros da mesa, que então administrava a Santa Casa, um dos quaes morava junto ao Campo da Cordoaria, conseguiu este que a mesa reconsiderasse, e se erigisse o hospital onde actualmente se vê.

Resolvida definitivamente a construcção do novo hospital, começaram as obras em 1769, e em 14 de agosto de 1795, se transferiram para elle, os primeiros doentes.

O edificio é vasto, magestoso e elegante —incontestavelmente o primeiro edificio do Porto; mas é para lamentar que o sabio architecto, quando delineou a planta, attendessetão pouco ás prescripções de hygiene, como a mesa da Santa Casa, quando escolheu o local.

O edificio deve, segundo a planta, formar um quadrado completo, e as paredes são tão grossas e pesadas, como as muralhas de uma praça de guerra[1].

Por occasião do cerco do Porto, em 1832 e 1833, recebeu a fachada sul, grande numero de balas de artilheria, que apenas lhe fizeram leves manchas, não conseguindo deslocar uma unica pedra.

O chão escolhido é inconvenientissimo para hospital, por ser, além de tudo, pantanoso e tão humido, que por baixo do edificio, e cortando-o a meio, de norte a sul, passa o ribeiro do Carregal, ou das Virtudes; o o que tornou tambem a edificação carissima, por que foi mister cobrir o ribeiro com abobada, e dar aos alicerces uma espessura enorme (como diremos adiante), e ás paredes altura desmedida, principalmente do lado sul—mais altura talvez desde o fundo do ribeirão, até ao nivel do primeiro pavimento do hospital, do que d'alli ao topo do edificio! E o vão central já recebeu milhões de carros de entulho, e ainda demanda grande quantidade!...

Horrorisa vêr um hospital tão importante e de tanto movimento, em uma casa com similhantes condições!

Isto é obvio, e reconhecido por todos.

Louvores sejam dados ao sr. João Mendes Osorio, que em sessão de 2 de janeiro de 1865, sendo mesario, propôz a construcção de outro edificio, em local e condições convenientes.

A quem quizer elucidar-se n'este ponto, recommendamos o livro que aquelle senhor publicou, por se vêr contrariado pela mesa, no seu tão justo, como louvavel e humanitario proposito. Pondo de parte a dureza do estigma, é um livro bem escripto e digno de ler-se, e cremos que será ainda para o seu autor um padrão de gloria, quando o hospital de Santo Antonio seja substituido, como é para desejar; mesmo porque se aquella magestosa casa é inconvenientissima para hospital, é magnifica para repartições publicas, como tribunaes e cartorios, correio geral, direcções d'obras publicas e linhas ferreas, estações telegraphicas, administrações, conservatorias, e mesmo para paços do concelho, que faziam honra a uma das primeiras cidades do mundo, em quanto que os actuaes não estão á altura do Porto.

E hoje que os caminhos americanos, com a maior economia e rapidez, promettem levarnos do centro da cidade a qualquer ponto extremo, cessou o inconveniente da distancia—causa principalissima de não se haver empenhado a Santa Casa em tão santa obra.

Que contraste, por exemplo, entre o hospital da Misericordia e o militar de D. Pedro V, ou o de Alienados?

Mas basta de considerações: prosigamos.

—

Do ultimo relatorio publicado pela mesa da Santa Casa, relativo ao anno de 1873 a 1874, extrahimos o seguinte:

Este estabelecimento vive unica e exclusivamente da caridade publica. Luctou desde a sua fundação, com grandes difficuldades para satisfazer aos seus compromissos, mas, graças aos bemfeitores dos ultimos annos, o *deficit* desappareceu[1]. E se n'este ultimo anno de 1874, os legados não foram tão salientes, como nos annos anteriores, ainda assim recebeu em dinheiro 15:201$206 réis

[1] O autor da planta, deu ás paredes aquella espessura, suppondo que seriam feitas com tijolo, e quando soube que eram feitas com granito, e que não modificavam convenientemente a espessura marcada na planta, admirou-se, e chegou a escrever á mesa administradora da Santa Casa, estranhando a *simplicidade* do mestre da obra; mas isto não exime da censura o sr. João Karr, pois devia ser mais explicito.

[1] Só o conde Ferreira e o dr. Campeão egaram á Santa Casa, mais de mil contos fortes!

e em inscripções 74:600$000 réis, não contando as esmolas em especie.

Foi em 1873 a 1874, o movimento do cofre o seguinte:

Receita.....	133:102$907
Despeza.....	128:631$275

E note-se que os generos alimenticios subiram consideravelmente de preço, v. gr., a carne 35 réis em kilogramma, e muitas drogas 35 a 40 p. c., augmentando tambem progressivamente o numero de enfermos, como se vê dos relatorios anteriores. Assim, sendo em 1869, os enfermos em numero de 6:008 tratados pela Santa Casa—em 1871, foram 6:496—em 1873, 7:762, e em 1874, 7:850.

Existiam no hospital, em julho de 1873, 490 doentes; entraram em todo anno 7:360, o que prefaz o total de 7:850—sairam curados 6:810—fallecendo 612, e ficando apenas existindo 428 enfermos em julho de 1874.

No 1.º de janeiro do corrente anno de 1875, existiam em tratamento no hospital, 361.

Em 1872 a 1873, foi a mortalidade na rasão de 10 p. c.—e em 1873 a 1874, foi na rasão de 7,7 %; tão proficuas têem sido as obras e modificações feitas na casa.

Continuou em 1874, a construcção do magestoso edificio do hospital, não com a rapidez e desenvolvimento que seriam para desejar, mas consoante ás forças do cofre, e algumas obras importantes se realisaram, como a continuação da galeria de serviço no primeiro pavimento—a continuação do alicerce do muro, correspondente á arcada longitudinal da galeria norte—construcção completa da escada principal do pavilhão de nordeste—conclusão das quatro enfermarias que olham para a Praça do Duque de Beja, e canalisação d'agua potavel para as novas enfermarias.

Montou-se na summidade do edificio, um deposito d'agua quente, que d'alli segue, por encanamento especial, para todas as enfermarias, e foi substituida a illuminação de azeite e petroleo, pela de gaz, em todo o vasto edificio—melhoramento sensivel, e que produz já a economia annual de 142$496 réis, em 122 lumes.

Deu-se finalmente principio, a uma nova casa para operações e tratamento dos operados, na cêrca do hospital, a distancia d'este, em local e condições indicadas pelo Conselho Medico da Santa Casa, e pelo da Escola Medico-Cirurgica.

Fica junto á extremidade noroeste da cêrca, em frente do portão que dá serventia para esta, no alto da rua da Liberdade.

Tem o novo edificio a fórma de um E, cujas alas menores, são para enfermarias de um e outro sexo, separadas por um terreiro ajardinado, com cêrca de 27 metros de extenção, e a ala central, é destinada para sala de operações e quartos para particulares, de ambos os sexos. E terá uma varanda larga e coberta, onde nos dias calmosos, ou quando convenha, possam ser collocados os doentes nas suas mesmas camas.

Principiou-se esta obra em 12 de janeiro de 1874, e já se acham concluidos os alicerces, e feita boa parte das paredes.

N'este pequeno hospital annexo foram rigorosamente observadas todas as prescripções da sciencia medica, tanto quanto permittia o sitio.

Tem o grande hospital uma pharmacia propria (d'ella fallamos em seguida) a qual não só fornece os medicamentos para este hospital, e para os hospitaes annexos, a cargo da Santa Casa, mas serve tambem o publico, como qualquer outra.

Além dos doentes que se tratam na casa, outros muitos vão alli consultar-se. Só em 1874 nada menos de 22:982! E a estes, quando pobres, dá a Santa Casa gratuitamente os remedios prescriptos, [1] que só no anno de 1873 a 74 montaram a 8:523$000 réis.

Tem tambem este hospital uma lanvanderia a vapor, que presta valiosos serviços á casa. Accelera a lavagem da roupa, evitan-

[1] E computados pelo regimento em vigor os remedios fornecidos em 1873 a 74 pela pharmacia da casa para o grande hospital, banco e consultorio, e para os hospitaes menores a cargo da Santa Casa, attingiram a cifra total de 38:741$630 réis.

do a agglomeração que muito a damnificava, e que era um foco temivel de infecção; abastece todo o edificio de agua, elevando-a com a machina até ao grande deposito — e dá por ultimo ainda um saldo consideravel a favor da casa.

Continuam a funccionar com toda a regularidade as enfermarias homoeopathicas, montadas ha annos com o legado do benemerito conde de Ferreira, dando inequivocas provas da profiquidade do systema.

Existiam no principio do anno de 1873 a 74 n'estas enfermarias 45 doentes — entraram durante o anno 650—sahiram curados 625—falleceram 29—ficaram para 1874 a 75 —31.

—

É actualmente digno provedor da Santa Casa o reverendo dr. João José de Vasconcellos—escrivão o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso—e cartorario, zeloso e intelligente (desde 22 de novembro de 1855) Cherubino Henriques Lagôa, auctor de um volume de poesias denominado — *Vozes Timidas*—publicado em 1865 (Porto) cuja edição se esgotou ha muito.

E no grande hospital em 1 de janeiro do corrente anno (1875) o quadro do pessoal (não incluindo a pharmacia) era o seguinte:

Facultativos	9
Empregados na secretaria e fiscalisação	5
Capellães	2
Enfermeiros	2
Vice-enfermeiros	3
Ajudantes	22
Enfermeiras	2
Vice-enfermeiras	2
Ajudantas	25
Môços	22
Porteiros	1
Cozinheiro	1
Sachristão	1
Total	97

Planta do hospital da Misericordia

A fórma do edificio é quadrangular, e as suas faces principaes (e perfeitamente identicas) ficam voltadas uma para o nascente (rua occidental do Jardim da Cordoaria) e outra para o poente (rua da Liberdade.) A do nascente é a unica que se acha acabada, mas só exteriormente, continuando n'ella as obras interiores; a do sul está a quarta parte apenas feita, e d'este lado ha muito pararam as obras; na do norte ha apenas feita um pequena parte dos alicerces; e a do poente ainda não passou da planta, nem passará nos nossos dias.

Cada uma das fachadas, éste e oéste, deve ter 783 palmos (174^{m}) de extensão — as outras duas que devem ser tambem identicas, 179^{m},33 de comprimento cada uma, e toda a circumferencia do edificio por consequencia 3:180 palmos.

No meio deve haver (segundo a planta primittiva) um grande pateo e claustro, medindo tanto pelo nascente como poente 601 palmos, e pelo norte e sul 583.

No centro d'este pateo (hoje occupado pela lavanderia a vapor, hospital annexo, horto botanico, etc.) Foi na planta marcada uma egreja de fórma circular no interior, e quadrada no exterior, medindo cada uma das suas 4 faces 130 palmos, 77 de diametro no interior, e 200 na sua maior altura, desde o pavimento até ao topo da cruz do zimborio; devendo ser esta egreja ornada com 22 columnas de 40 palmos de alto cada uma; 4 estatuas de 18 palmos; 3 portas; 24 janellas grandes e 48 menores, além das que devem ficar à face dos alicerces.

Deveria ter todo o edificio 3 sobrados—159 salas e salões—142 enfermarias—97 privadas—20:609 portas e janellas—28 estatuas de 18 palmos—176 columnas (a maior parte de 40 palmos)-100 pyramides—5:586 balaustres—e 56 escadas principaes, de dois andares cada uma, com mais de 3:000 degraus, isto além dos subterraneos.

A altura do edificio varia de 70 a 95 palmos, com a grande differença de nivel do terreno. As paredes fundamentaes já feitas, tem (segundo diz Rebello da Costa) 50 palmos de espessura em alguns pontos do lado sul, e os aterros d'este mesmo lado, cêrca de 100 palmos de altura, tendo já hoje vastos armazens subterraneos, arrendados na actua-

lidade (o maior) pelo acreditado negociante de vinhos, Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães.

Principiou, como já dissemos, a construcção d'este vasto edificio, em 1769, e hoje (maio de 1875) terá feita apenas a quarta parte, posto que nos ultimos annos, a instancias do commendador o sr. Manuel Francisco Duarte Cidade, as obras se desenvolveram consideravelmente, devendo-se, em grande parte, aos esforços e donativos em dinheiro, d'este rico e benemerito irmão o acabamento da fachada principal (extremidade N.)

Hotel do Louvre

Na esquina da rua do Triumpho e da rua do Rosario, com uma face voltada ao sul, sobre a rua da Liberdade, e outra ao nascente, sobre a praça do Duque de Beja, está n'esta freguezia o hotel do Louvre, por mais do que um titulo digno de menção.

É este hotel um dos primeiros do Porto, e propriedade (o estabelecimento, não o edificio) da sr.ª D. Maria Henriqueta de Mello Lemos e Alvellos, filha do fallecido marechal de campo, Henrique de Mello Lemos e Alvellos, fidalgo da casa real, e irman do sr. visconde do Cerrado, actual governador civil de Viseu. É casada com um distincto cavalheiro de Pinhel, o sr. João de Menna Heredia Freire Falcão, de quem se acha judicialmente separada ha muitos annos.

Foi n'este hotel que se hospedou o sr. D. Pedro II, imperador do Brasil, quando viajava na Europa em 1872.....

—

N'esta mesma casa esteve o *Grande Hotel de Paris*, durante a exposição internacional, que se realisou em 1868 no palacio de crystal d'esta cidade.

Estava montado com grande luxo, e foi o primeiro hotel do Porto n'essa época.

—

O nosso infatigavel archeologo, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, de quem algumas vezes tenho fallado, com louvor, n'esta obra, pelos relevantes serviços que tem prestado a Portugal com as suas investigações, achou, em 1863, no convento de Monchique, d'esta freguezia, uma grande lapide de granito, com uma inscripção hebraica, perfeitamente conservada.

Estava incorporada no revestimento de cantaria, em conveniente altura para ser lida, do lado esquerdo de quem entra no pateo, e proximo da hombreira do portão da horta.

O sr. Silva, desejou logo obtel-a para o seu querido museu archeologico do Carmo.

Passados annos, foi o mosteiro vendido ao seu actual proprietario, o sr. Clemente Joaquim Guimarães Messener, que generosamente deu a pedra ao sr. Silva; e, a 3 de fevereiro de 1875, deu ella entrada no Carmo.

Tem a pedra 1^{m},54 de comprido, por 0^{m},63 de largo, e 0^{m},18 de grossura.

Não está completa a inscripção, faltando-lhe a parte superior e a inferior.

É provavel que esta pedra viesse para aqui, da *esnoga* (synagoga) que se suppõe, com bons fundamentos, ter existido proximo e a E. do mosteiro, onde ainda se chama *Monte dos Judeus*, depois de expulsos os israelitas, do seu bairro, á Victoria, como fica dito no logar competente.

O sr. Joshua E. Levy, deu ao sr. Silva, a traducção seguinte, da inscripção hebraica:

1.º — *Se perguntar, como não foi occultado, edificio de nomeada dentro de muralhas.*
2.º — *Elle fazia saber, dizendo, tenho um protector, conhecido entre altos dignitarios.*
3.º — *Para mim um guarda, elle decerto diria, eu sou a tua verdadeira e melhor muralha.*
4.º — *Grande entre os hebreus, entre os principes de tua nação, o mais poderoso elle é.*
5.º — *Benefico protector do seu povo, servindo a Deus com perfeita fé, edificou um templo ao seu nome, de talhado pedernal.*
6.º — *Ministro d'el-rei, na grandeza o primeiro é conceituado, e nas audiencias reaes seu posto tem.*
7.º — *Elle é grão rabbino, Dom Jehudá, protector e luz da tribu de Jehudá, a elle compete a suprema auctoridade.*

8.º — *Por mandado do grão rabbino, que viva, Dom Jehosef-Ben-Argé* (José de Leão) *commissionado e director da obra.*

Segundo suppõe o sr. Levy (o traductor) foi edificado o templo judaico (synagoga) a que a inscripção se refere, no fim do seculo XV, ou principio do XVI [1] por ordem do rabbino, Dom Jehudá, que *occupava uma posição muito elevada na côrte;* [2] a que a inscripção dá o nome de *Mishné Lamelej*, que na lingua hebraica significa—*vice-rei, director de finanças*, ou *intendente geral do reino*.

Vê-se da inscripção, que o director da obra da synagoga, foi um tal *Dom Jehosef Bem-Argé*, ou *José de Leão*.

—

Grande parte dos minuciosos e importantissimos esclarecimentos d'este artigo, me foram generosamente dados pelos srs. dr. Pedro Augusto Ferreira, dignissimo e illustrado abbade de Miragaya, e Tito Augusto Duarte de Noronha, esclarecido director das obras da nova alfandega do Porto.

[1] Mas não no tempo do dominio dos Philippes, como diz o sr. Levy—primeiro, porque os judeus foram expulsos de Portugal por D. Manuel I, em 1497—e, portanto, no tempo dos Philippes já não havia judeus nem synagogas na Peninsula—segundo, porque a dominação philippina principiou no ultimo quartel do seculo XVI, e terminou no 2.º do XVII—1580-1640—e não nos seculos XIV e XV, como diz o sr. Levy.

Nada tem com a dominação dos tres Philippes, o uso de escrever-se *don* em vez de *dom*. N'aquelles tempos, empregava-se indistinctamente em Portugal o *n* ou o *m* n'esta e outras muitas palavras, como temos visto em varias partes d'esta obra.

[2] Só se fosse *director das finanças*, que é do que os judeus mais gostavam. Em todo o caso, não vejo nas historias de Portugal, dos seculos XV e XVI (e muito menos no tempo dos Philippes) similhante nome, exercendo emprego nenhum publico. Se *D. Jehudá*, foi ministro ou recebedor de finanças, era conhecido por outro nome (muitos judeus usavam de dois—um na synagoga, e nos documentos escriptos na lingua judaica; e outro quando escreviam em portuguez, para negocios publicos.) Talvez que D. Jehudá não passasse de um *onzeneiro*, e que os seus, por lisonja, e como era em caracteres que os portuguezes não entendiam, lhe puzeram aquelle pomposo titulo.

Estes dois cavalheiros levaram a sua nobre amisade ao ponto de ceder-me o fructo de longos trabalhos e árduas locubrações em que andam empenhados, para darem á luz o seu livro, intitulado—*Antiguidades do Porto*—já em via de publicação.

Ninguem mais praticaria este rasgo de nobre cavalheirismo; acceitando o papel de plagiario, do que é seu, pois teem de reproduzir na obra o que antecipadamente publiquei n'esta.

Julgo-me obrigado a fazer esta declaração, para se conhecer a rarissima modestia d'estes dois senhores, e para se saber que não quero elogios que a outros se devem dirigir.

Perdoe-me o sr. abbade se com esta declaração infrinjo as suas ordens; porém a minha consciencia determina-me este procedimento.

MIRANDA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros a ONO. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 250 fogos. Em 1757 tinha 236 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Sonhora da Conceição.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O parocho era vigário, regular, triennal, da apresentação do mosteiro benedictino, d'esta freguezia. Tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Houve aqui um mosteiro de monges da Ordem de S. Bento, fundado por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no anno 659, no reinado do rei suevo, Receswinto. (S. Fructuoso, falleceu a 16 de abril de 665.)

Era este mosteiro um dos maiores d'esta provincia, tanto em numero de frades, como em grandeza.

Alguns frades viviam como verdadeiros eremitas, em capellas espalhadas pelo monte.

O rei D. Affonso II, no seu testamento, lhe chamava *Admiranda*. Foi primittivamente fundado mais abaixo do sitio actual, depois, na reconstrucção, é que se mudou para o segundo local.

Passou a commendatarios, em 1590. Estes, comendo todas as rendas do mosteiro, deixavam os religiosos a morrer de fome, pelo que elles abandonaram o mosteiro e foram para outros conventos da sua ordem.

Os commendatarios, vendo-se livres dos monges, partiram os bens do mosteiro em varios prasos, que deixaram aos seus parentes.

D. Affonso III e seus successores, deram varios coutos e muitos privilegios a este mosteiro, e o D. abbade d'elle, era ouvidor, nos seus coutos; porém, quando o mosteiro passou a abbadia secular, a camara dos Arcos conseguiu fazer-lhe *quebrar* os privilegios.

—

No alto do monte d'esta freguezia, ha uns penedos, a que ainda chamam *Castello;* onde, segundo a tradição, esteve uma fortaleza, em que os christãos se defendiam contra os mouros.

Alguns dão a esta freguezia o nome de *Mirande*, não sei porque. Entendo que é êrro. O *Portugal Sacro e Profano*, e todos os escriptores antigos, a denominam *Miranda*.

MIRANDA DO CORVO (ou **DE PODENTES**)—villa, cabeça do concelho do seu nome, comarca da Louzan, 18 kilometros a SE. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1757 tinha 900 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os duques de Lafões apresentavam o prior; depois, passou a apresentação para o real padroado. O prior tinha 1:800$000 réis de rendimento annual. (vide adiante.)

O concelho de Miranda do Côrvo é composto de 4 freguezias, que são :—Lamas, Miranda do Côrvo, Rio de Vide, e Semide, todas no bispado de Coimbra, e com 2:600 fogos.

Está esta villa situada sobre o rio Duéça, que passa pelo meio da povoação, sendo n'ella atravessado por duas pontes de cantaria.

Aqui se junta ao Duéça, o rio *Alhêda*, que nasce no valle de Nossa Senhora da Piedade, a pouca distancia da villa, recebendo em sua curta carreira, os ribeiros de Espinho, do Arneiro, e os do valle de Avencúa. Para o Duéça, vide 3.º vol., a pag. 490, col. 1.ª

Junto á villa está um campo muito ameno, aprasivel e fertilissimo, povoado de hortas e pomares.

Ha aqui fabricas de estamenhas, pannos de linho, e louça ordinaria.

Tem um grande mercado semanal.

Consta que D. Affonso I lhe deu foral, em 1160; mas Franklim não o menciona. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de novembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 68, v. col. 2.ª) N'este foral se dá á villa o nome de *Miranda de Podentes*.

—

Fica Miranda do Côrvo a 9 kilometros da Louzan, egual distancia de Semide, 12 de Penella e o mesmo do Espinhal.

O seu concelho confina, ao NE., com o de Semide (extincto, e hoje unido ao de Miranda)—ao E., com o da Louzan—ao SE., com o de Figueiró dos Vinhos (districto administrativo de Leiria)—com o de Penella, ao O.—e ao NO., com o de Coimbra.

Está a povoação cercada por todos os lados de elevadas alturas, que são, a serra de Miranda do Côrvo, a de Espinho, a da Senhora da Piedade e a de Villa Nova; pelo que só se vê a villa quando se desce as encostas d'estes montes, para a povoação, que está assente em uma bacia abrigada, amena, agradavel e fertil.

É Miranda uma antiquissima povoação, e no alto do Calvario existiu, em tempos remotos, um castello, de que ainda ha vestigios, e uma cisterna. Não se sabe quem foi o fundador da villa e do castello, nem a época da sua fundação. Entre o Côrvo e Miranda, têem apparecido, por differentes vezes, alicerces de cantaria, o que prova ter alli existido uma povoação de que não ha memoria.

D. Affonso Henriques reedificou e povoou esta villa, pelos annos de 1160, e é muito provavel que lhe desse então foral.

O castello era, com toda a provabilidade, de construcção romana. Sabemos que os

mouros o tomaram, em 1116, assassinando ou captivando toda a sua guarnição.

Os castellos de Miranda, Soure, Santa Eulalia e outros, formavam n'esses tempos uma linha curva, ou semicirculo, de fortificações avançadas, que defendiam Coimbra, pelo E., S. e O. (*Historia de Portugal*, por Alexandre Herculano, tom. 1.º, pag. 255.)

Foi Miranda senhorio da esclarecida familia dos Sousas, a mais nobre de Portugal, depois da real. São membros d'ella, os duques do Cadaval e Lafões, os descendentes dos marquezes de Minas, os condes de Redondo, os condes de S. Thiago (de Beduído) e uma grande parte da antiga e verdadeira aristocracia portugueza, por casamentos com esta familia.

Depois, os senhores de Miranda do Côrvo, passaram a condes do mesmo titulo, até que o 7.º conde de Miranda, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filho do infante D. Miguel (filho legitimado de D. Pedro II) foi elevado a duque de Lafões, por D. João V, em 5 de novembro de 1718, ou, segundo outros, em 2 de abril d'esse anno.

Este D. Pedro, era tambem 3.º marquez de Arronches, senhor de Alafões (ou Lafões) e das villas de Jarmêllo, Fulgosinho, Sosa (ou Sousa) Podentes, Vouga, e Oliveira do Bairro.

Para as armas e genealogia dos Sousas, vide pag. 12, col. 2.ª do 4.º vol.

Julgo uma curiosidade historica de subido valor (por ser uma prova de como faltam á verdade os que dizem que no tempo do absolutismo, o monarcha era superior ás leis) o facto seguinte.

D. João V, logo depois de reconhecer por principes da familia real, a D. Luiza e D. Miguel, filhos bastardos (legitimados) de D. Pedro II, casou D. Luiza com o 2.º duque do Cadaval, D. Luiz (filho do duque D. Nuno.) D. Luiz morreu sem filhos, pouco depois de casado, e a sua viuva casou com D. Jayme, seu cunhado, irmão de D. Luiz, que foi o 3.º duque do Cadaval.

D. Miguel casou com D. Luiza Casimira de Sousa, filha e herdeira de D. Marianna de Sousa, 2.ª marqueza de Arronches, 5.ª condessa de Miranda, senhora da casa dos Sousas, casada com o marquez Carlos José de Ligne, principe do sacro imperio romano.

D. João V, por occasião do casamento de seu irmão, D. Miguel, concedeu á esposa d'este principe, em 1715, as honras de duqueza, e d'ahi a tres annos, creou em seu favor, como já disse, o ducado de Lafões. O casamento de D. Luiza com D. Miguel deu origuem ao seguinte pleito:

D. Luiza pediu ao rei, seu cunhado, que lhe concedesse o titulo de alteza, como tinha seu marido. D. João V, que era orgulhoso, e que, quando effectuou este casamento, só teve em vista o enlace de seu irmão com uma das mais ricas herdeiras que então havia n'este reino, recusou obstinadamente a deferir ao pedido de D. Luiza.

Esgotados todos os meios suasorios empregados já pela duqueza, já por seu marido, já pelas principaes pessoas da côrte, decidiu recorrer aos tribunaes, allegando, com razão, que, segundo as *ordenações do reino*, a mulher nobre, casada com homem nobre, tendo precedido approvação e licença régia, deve gosar todas as honras de seu marido.

D. João V, que instituira um governo propriamente pessoal, fazendo-se rei absoluto [1] exasperou-se com a pretenção da duqueza, e determinou ao procurador da corôa, que empregasse todos os recursos legaes, para que aquella senhora não conseguisse o que desejava.

O pleito foi longo e disputadissimo; e durante elle obteve D. Luiza duas sentenças favoraveis; até que, em 26 de setembro de 1723, se publicou a terceira, que terminou a demanda, investindo a D. Luiza no tratamento de alteza.

Aqui temos pois, durante um governo incontestavelmente absoluto, leis superiores ao poder e influencia real, e tribunaes de justiça exercendo livremente a sua acção,

[1] D. João V, foi o primeiro monarcha portuguez que não quiz convocar as côrtes da nação, para decidir tudo pelo poder absoluto que se arrogára.

sem se importarem com o absolutismo do monarcha.

Eram os condes e senhores de Miranda que aqui punham as justiças. O juiz ordinario da villa era directamente subordinado ao corregedor de Coimbra,—e o capitão mór tinha tambem jurisdicção na villa de Podentes e na freguezia de Campêllo.

Os condes tambem apresentavam o prior d'esta villa. Era este um dos mais rendosos beneficios do reino, andando os dizimos arrendados por 16:000 cruzados (6:400$000 réis) termo medio, annualmente; porém d'esta grande renda pagava varias pensões.

O *Portugal Sacro e Profano* dá-lhe de rendimento liquido apenas 1:800$000 réis; porque costuma sempre diminuir e muito os rendimentos parochiaes.

—

A egreja parochial de Miranda, que está proxima ao antigo castello, é um bom templo, ainda que singelo.

Em 1853 se construiu sobre o Dueça uma boa ponte de alvenaria, á custa dos municipios de Coimbra e Miranda.

Ha n'esta freguezia a bella matta da *Tremôa*, foreira as cabido da Sé de Coimbra.

O forte d'este concelho, e de que os seus habitantes vivem quasi exclusivamente, é a agricultura; porém os póvos do Carapinhal, Bujoz, e parte dos de Espinho, fabricam e exportam para Coimbra, Montemór-Velho, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão e outras localidades, louça de barro vermelho, cuja industria é aqui muito antiga, pois já o padre Carvalho da Costa diz, que o maior numero de povos d'esta villa são oleiros.

—

O *Sanctuario Marianno* (vol. 4.º, pag. 487) diz que esta villa foi fundada ou reedificada por D. Affonso Henriques, que lhe deu o seu primeiro foral, que D. Manuel reformou. *Esta villa*, parece, *deu este mesmo rei* (D. Manuel) *ao primeiro duque d'Aveiro, em cujo estado se acha ao presente* (1712). *Antes a havia dado el-rei D. Diniz, em 8 de outubro de 1315, a D. Isabel, filha de seu irmão, o infante D. Affonso.* (Auctor e logar citados.)

—

A 3 kilometros a E. d'esta villa, está o sanctuario e casa de Nossa Senhora da Piedade (vulgo *capella do valle da Piedade*) situada na garganta de duas serras, e onde nos mezes de agosto e setembro concorrem infinitos romeiros, (alguns de mais de 100 kilometros de distancia) e duas *bandeiras*, de Coimbra, uma que sae da egreja de S. João d'Almedina, e outra (vulgarmente chamada do *Theodoro*) da egreja de Sant'Anna.

Fica este sanctuario proximo ao logar de *Tábuas*, e junto d'elle passam duas ribeiras que fazem o sitio muito fresco e ameno no verão.

Segundo a tradição, a origem d'este templo é a seguinte:

Junto ao sitio onde hoje está fundado o sanctuario (a um tiro de espingarda de distancia) está uma boa quinta, que foi do capitão Alexandre da Costa, e proximo a ella um agradavel prado arborisado, regado por muitas fontes, que nascem na mesma quinta e vae terminar na estrada) que leva á capella) povoada toda de grandes nogueiras e castanheiros.

N'esta mesma quinta (que é antiquissima), viviam, pelos annos 1300, Domingos Pires e sua mulher, Leonor Annes, ricos e muito caritativos proprietarios. Tiveram por filho *João Largo*, o qual teve duas filhas *Eva Moitinha e Maria Moitinha*, que, emquanto solteiras, eram as *aias* que toucavam e vestiam a Senhora da Piedade.

Eva Moitinha casou com André Vieira *Arnaut*, que veio (sendo menino) com a rainha D. Philippa d'Alencastre, mulher de D. João I. D'este casamento nasceu Sebastiana Vieira, que casou com Martim Carneiro, e não tiveram filhos.

Maria Moitinha casou com Pedro Neto Parra, dos quaes nasceu Manuel Netto Parra, que casou com Euphemia Cabral de Arnaut, sobrinha de André Vieira d'Arnaut. Tiveram Luiza Cabral de Arnaut, que casou com o tal capitão Alexandre da Costa, e tiveram varios filhos, que viveram n'esta

quinta: sendo os filhos primogenitos os thesoureiros e depositarios dos bens da Senhora da Piedade.

Domingos Pires era um rico lavrador, senhor de muitas terras d'estes sitios, e tinha muitos gados.

O sitio onde se edificou a capella da Piedade tinha antigamente o nome de *Malhadinha*, e a elle vinha Domingos Pires esperar o regresso dos seus gados.

Diz a lenda que a Senhora appareceu a este virtuoso lavrador, por varias vezes, sobre um penhasco, no referido sitio da Malhadinha.

Tratou logo Pires de edificar, no mesmo sitio, uma casa á Senhora, sob o titulo de Senhora da Piedade, e depois de construida a capella, foi a Coimbra, onde então havia bons esculptores, para encommendar a imagem, representando o trance doloroso em que tinha seu divino filho morto nos braços.

Chegou á cidade, ao convento antigo de Santa Clara, que estava junto á ponte, e alli se foi pousar a uma casa, que devia de ser hospedaria.

Pouco tempo depois de aqui chegar, entraram dois formosissimos mancebos, que perguntando-lhe o motivo da sua ida a Coimbra, e sabido por elles, disseram a Pires que eram esculptores, e que se elle lhes quizesse encommendar a factura da imagem, não ficaria descontente; e que mesmo tinham já feitas algumas imagens, que lhe trariam para examinar, ao que Pires accedeu.

No dia seguinte chegaram os dois esculptores com uma perfeitissima imagem da Santissima Virgem da Piedade, que mais parecia obra de anjos que de homens, e exactamente similhante á que lhe tinha apparecido na *Malhadinha*.

Ficou Pires sobremaneira alegre e satisfeito, sem querer ver mais nenhuma imagem, perguntando logo quanto esta custava. Disseram os mancebos que ficasse com a imagem, e no dia seguinte viriam tratar do ajuste; mas não vieram e Pires os andou buscando dois dias pela cidade, sem d'elles poder obter a menor noticia, nem na hospedaria houve quem os visse entrar ou sahir.

No fim de dois dias de buscas infructiferas, assentou Pires que os dois pretendidos esculptores eram anjos que lhe tinham dado a imagem, e tratou de a levar para a sua capella, para o que fretou um barco, e a levou pelo Mondego acima, até ao logar da Ceira, e ahi a collocou em um carro seu, levando-a para casa, até se concluir o seu altar. Foi um dia de grande festa o da collocação da imagem na capella. E' esta grande e bonita. Tem o altar-mór, onde está a padroeira (em um oratorio envidraçado).

A capella mór é fechada por umas bellas grades de pau sánto, que lhe mandou fazer o prior do Salvador de Miranda, Estevão de Foyos Pereira.

Tem duas capellas lateraes de S. João Baptista, e de Santo Antonio.

Fóra da porta da capella, e formado n'ella, está um formoso alpendre, levántado sobre, columnas de pedra, e n'elle o pulpito.

Era annexa á egreja matriz de Miranda, cujo prior apresentava aqui o capellão, para tratar da capella, dizer as missas e receber ás offertas.

Tinha a Senhora tres alampadas de prata, afóra uma muito antiga, que foi desfeita; quatro grandes castiçaes, duas corôas, thuribulo, navêta, e varias outras peças do mesmo metal; ricos ornamentos, e teve uma preciosa casúla, de brocado de oiro, bordada com as armas dos duques de Aveiro, que lhe deu a duqueza do mesmo titulo.

As religiosas do hoje abandonado convento de Jesus de Aveiro, tinham muito grande devoção a esta Senhora, e lhe costumavam mandar ramos e flores para o seu altar.

A 3 kilometros ao S. de Miranda, perto de uma serra eminente, e em um sitio que fica ao O. da serra, está uma planicie, cercada de arvores silvestres, no meio da qual erigiu uma mulher a capella de *Nossa Senhora dos Milagres*.

Conta a tradição do modo seguinte a origem d'esta capella.

Pelos annos de 1500, havia uma pequena aldeia na descida d'aquella serra, chamada *Fetaes*, habitada por pobres lavradores. Entre estes havia uma viuva, com

uma filha que, por motivos que se ignoram, se suicidou, enforcando-se.

A mãe, afflicta, com tão triste successo, e envergonhada pelo fim desesperado de sua filha, pegou n'ella ás costas, e a foi enterrar na planicie, em cujo centro está hoje a capella, sem a pessoa alguma dar parte do succedido; e sobre a campa da filha hia chorar lagrimas de vergonha e de saudade.

Passado tempo resolveu edificar aqui uma capella á Mãe de Deus, para o que sollicitou e obteve licença do bispo de Coimbra.

Construiu a ermida, que dedicou a *Nossa Senhora dos Milagres*. A imagem da Senhora é de pedra, de um metro de alto, e de boa esculptura, mandada fazer em Coimbra pela fundadora.

E' a Senhora dos Milagres advogada contra as afflicções do coração e dores internas, e lhe offerecem os devotos, como testemunho dos favores recebidos, corações e outras visceras de céra.

—

Miranda é tambem um appellido nobre em Portugal, tomado, ou d'esta villa, ou da cidade do mesmo nome, em Trás-os-Montes.

O primeiro que com elle se acha, é Gonçalo Paes de Miranda. Tem os Mirandas, brasão d'armas completo, que é—em campo d'ouro, aspa de púrpura, firmada, entre quatro flores de liz, de verde. Elmo d'aço aberto, e por timbre, seis plumas d'ouro, e entre ellas, uma das flores de liz das armas.

Outros do mesmo appellido, usam das mesmas armas, mas o timbre é uma aspa d'ouro, carregada das quatro flores de liz das armas, uma em cada ponta.

Outros trazem, em campo d'ouro, duas aspas de púrpura, em banda. (Para a etymologia, vide o artigo seguinte.)

MIRANDA DO DOURO—cidade, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, bispado e districto administrativo de Bragança, d'onde dista 48 kilometros, e 470 ao N. de Lisboa, 350 fogos, em uma só freguezia.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria Maior. (Nossa Senhora da Assumpção.)

Era esta freguezia (antes do bispado se mudar para Bragança), curada por dois cónegos de meia prebenda, da apresentação da mitra, tendo cada um d'elles 125$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Miranda, é composto de 15 freguezias, todas no bispado de Bragança, são: Athenor—Cicouro e Constantim—Duas-Egrèjas—Genizio—Inffânes (ou Iffânes)—Malhadas—Miranda—Palaçoulo—Paradella—Picote—Póvoa—S. Martinho d'Angueira—Sendim—Silva, e Villa Chan da Barciosa. Todas com 2:000 fogos.

A sua comarca é composta dos julgados de Miranda e Vimioso, este, com 2:200 fogos; vindo a comarca a ter 4:200 fogos, todos tambem no bispado de Bragança.

Esta cidade, é uma triste prova das alternativas a que estão sujeitas as povoações, como as familias e os homens. Nobre e antiquissima cidade da Lusitania, chegou a tal decadencia, que, não só perdeu a séde de bispado, mas até a comarca, pois o julgado de Miranda pertenceu, por muitos annos, á comarca do Mogadouro, pequena e arruinada villa de Trás-os-Montes.

Em 1855, tornou a ser cabeça de comarca.

Está em 41° 25′ de latitude e 15° 18′ de longitude, N.

É o seu assento na parte mais meridional da provincia, sobre a direita do rio Douro, que a separa da provincia de Leão (Hespanha), em terreno montuoso e alcantilado, refervendo-lhe ao sopé, encaixado em penedias, o indomito rio que lhe dá o sobrenome.

A darmos credito ao padre Carvalho da Costa, e outros muitos escriptores portuguezes, foi Miranda uma cidade importantissima no tempo dos romanos, que lhe deram o nome de *Contium*, depois, de *Paramica*, e por fim, de *Seponcia*.

Conquistada pelos arabes, em 716, estes deram-lhe o nome de *Mir-Andul*, que facilmente se corrompeu no actual.

Mir ou *Emir*, é um nome appellativo arabe, que significa: principe, senhor, chefe, governador, etc.

Andul, é um substantivo persa, adoptado pelos arabes, e vem a ser, uma especie de *liteira*, conduzida por homens; *andas*, ou *palanquim*, ainda hoje muito usado na Asia e

e na Africa. (De *andul*, fizemos nós andor, que vem a ser o mesmo). Sendo assim, significa—*Povoação do Emir do palanquim.*

Na Hespanha ha varias povoações com o nome de *Miranda.* Na Italia ha uma cidade cujo nome soffreu menos corrupção, pois se chama *Mirandula.*

—

Com as guerras entre os lusitanos e arabes, foi esta cidade muitas vezes tomada e destruida, de modo que no tempo do conde D. Henrique, estava em completo estado de ruina e quasi deserta.

Foi n'este misero estado que a achou seu filho, D. Affonso Henriques. Vendo este principe a importancia militar d'este ponto, não só pela facilidade com que se podia tornar defensavel, como por ser fronteiro aos turbulentos leonezes, com quem teve varias e encarniçadas guerras, tratou de a tornar uma praça de guerra, construindo-lhe um forte castello, e uma pequena cêrca de muralhas, em 1136; e, n'esse mesmo anno, a 19 de novembro, lhe deu foral, com muitos privilegios, sendo um dos principaes, o de ser *couto do reino*, ou de *homisiados;* para attrahir para aqui mais facil e mais rapidamente povoadores.

Este foral e seus privilegios, foram depois confirmados em Coimbra, por seu neto, D. Affonso II, em 1217. (Maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 9, col. 1.ª—e no *Liv. de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 53 v., col. 2.ª)

D. Diniz, lhe concedeu outro foral, augmentando os privilegios antigos, em Santarem, a 18 de dezembro de 1286, dando-lhe então o fôro de villa. (*Liv. 1.º de doações, do sr. rei D. Diniz*, fl. 189, col. 1.ª, e na gav. 15, maço 13, n.º 21.)[1]

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Liv. de foraes novos de Trás-os-Montes*, fl. 1, col. 1.ª)

—

A população de Miranda, foi crescendo em redor do castello, convidada pelos privilegios e isenções que lhe eram concedidos, e o mesmo D. Affonso Henriques, ou seu filho, D. Sancho I, mandaram construir em redor da povoação, uma outra cêrca de muralhas, defendidas por algumas torres e cubêllos.

Subindo ao throno (1279) o rei D. Diniz, incansavel constructor de castellos e muralhas, e estando as fortificações de Miranda bastante deterioradas, já pela má construcção, já pelas guerras com os leonezes, mandou reedificar tudo, no mesmo anno em que lhe deu foral, terminando as obras no anno seguinte.

O castello estava tão desmantelado, que foi preciso reconstruil-o desde os fundamentos. As muralhas tambem foram ampliadas.

O castello tinha uma porta e um postigo, e as muralhas, tres portas.

Eram alcaides-móres do castello de Miranda, os marquezes de Tavora, que, com a vida, e com todos os seus bens, perderam esta alcaidaria-mór, em 1759. (Vide *Chão Salgado.*)

Tambem o foi Gonçalo Paes de Miranda, tronco dos Mirandas. (Vide *Miranda do Corvo.*)

As obras de defeza, feitas por D. Diniz, principiaram em 1294, e se concluiram em 1299.

Agora está tudo em ruinas. Adiante direi a rasão porque.

Cessaram as guerras com os castelhanos e leonezes, e a paz trouxe comsigo o desenvolvimento da industria, commercio e agricultura.

Os hespanhoes, tornando-se nossos amigos, concorreram por muito, para a prosperidade de Miranda, que era o centro das suas transacções, com este reino, e Miranda tornou-se florescente.

No principio do seculo XVI, o arcebispado de Braga, tinha uma área vastissima, pois abrangia a maior parte da provincia do Minho e toda a de Trás-os-Montes, o que, como é facil de julgar, causava graves transtornos, prejuizos e delongas, nos negocios ecclesiasticos.

D. João III subira ao throno, em 1521, e sendo-lhe representados os inconvenientes da grande extensão do arcebispado de Braga, resolveu crear um bispado em Trás-os-

[1] Um dos privilegios d'este foral, era o de Miranda nunca sahir da corôa.

Montes—Impetrou do papa Paulo III, a bulla para a erecção da nova diocese, que lhe foi concedida, em 22 de maio de 1545. (quando se creou tambem o bispado de Leiria.)

Foi 1.º bispo de Miranda, D. Toribio Lopes.

É pois a este monarcha, que Miranda deve essa época de esplendor, que por mais de dois seculos disfructou.

Honrou-a com a cathegoria de cidade, e lhe deu novos privilegios, sendo um dos principaes o de mandar procuradores ás côrtes, com assento no banco 4.º—Tudo isto no mesmo anno de 1545.

Suppõe-se que foi tambem então, que lhe deu por armas, um escudo coroado, tendo no meio um castello com tres torres, e sobre a torre do centro, a lua em quarto crescente, com as pontas para baixo.

—

Eis Miranda a unica cidade de Trás-os-Montes, capital de provincia, séde de bispado, residencia do bispo, conegos e mais auctoridades ecclesiasticas, bem como das militares e civis. Com muitos e grandiosos edificios, publicos e particulares. (quasi todos reduzidos actualmente a tristes ruinas; mudas mas eloquentes testemunhas de ventu-passadas. *Sic transeat gloria mundi!*)

—

A guerra dos 27 annos, deu o primeiro, mas terrivel golpe na prosperidade d'esta infeliz povoação. Situada na raia, foi por varias vezes entrada e saqueada pelos castelhanos.

O seu commercio estava paralisado, a sua industria nulla, e os lavradores, em vez de se empregarem no amanho das suas terras, empregavam-se em defender a sua patria contra os castelhanos.

Em 1644, D. João IV mandou reedificar as suas antigas muralhas: o castello apropriou-se ao uso da artilheria, para o que se demoliram as quatro torres que existiam nos quatro angulos do castello, até ficarem ao nivel das cortinas.

Na guerra da successão de Hespanha, travada entre Castella e França de uma parte; e a Inglaterra, Portugal, Hollanda e a Allemanha, da outra, foi esta cidade tomada, por traição, no dia 8 de julho de 1710.

O sargento-mór, Pimentel, governador da praça, a entregou ao general, marquez de Bay, por 6:000 dobrões, ficando a guarnição prisioneira de guerra. Porém em 1711, foi esta affronta vingada por D. João Manuel, conde da Atalaia, que depois de um curto assedio, e tomadas as obras exteriores, e aberta uma brecha no castello, fez render a praça por capitulação, em 15 de abril, ficando a guarnição castelhana prisioneira de guerra.

Em 1762, rebenta a guerra entre Hespanha e Inglaterra, por causa do *pacto de familia*. Portugal não cede ás intimações de Castella e França, e toma o partido da Gran-Bretanha; pelo que a Hespanha nos declarou guerra, em 15 de junho d'esse anno.

O general castelhano, marquez de Sarria, invadiu com um poderoso exercito a provincia de Trás-os-Montes, devastando-a e saqueando-a, e tornando-se senhor de quasi toda, e marchando sobre o Porto.

Tambem então (em 25 de agosto) o general, conde de Reilli, nos toma Almeida, por capitulação; e na America nos tomaram cavilosamente a colonia do Sacramento e a ilha de S. Gabriel.

Em quanto Miranda esteve sob o dominio castelhano, soffreu o que era de esperar de inimigos implacaveis.

Felizmente, o duque de Lafões, é nomeado general em chefe do exercito portuguez, e chefe do estado maior, o marechal-general, conde de Lippe; e os castelhanos são derrotados em varias batalhas; até que em 10 de fevereiro de 1763, se assigna a paz, entre Portugal, Hespanha, França e Inglaterra.

A prosperidade de Miranda, hia em decadencia; e tudo concorria para a reduzir a uma povoação insignificante.

Em 1770, abre-se a communicação com a

corte de Roma. (que estava impedida, desde 25 de agosto de 1760.)—D. José I, impetra e obtem do papa Clemente XIV (o célebre *Ganganelli*) a erecção dos bispados de Penafiel e Bragança, e a restauração do de Beja.

O bispado de Bragança, é formado á custa do de Miranda, desmembrando-se-lhe grande numero de parochias.

Pela bulla do papa Pio VI, de 27 de setembro de 1780, foram unidas estas duas dioceses; mas então, Miranda perdeu a sua preeminencia ecclesiastica, transferindo-se para a cidade de Bragança a séde episcopal.

Bonaparte, feito imperador dos francezes, está em guerra com grande numero de nações da Europa.

Em 1801, faz uma alliança com os hespanhoes, contra a Inglaterra; e, como o principe regente (depois D. João VI) se recusa a entrar na liga, Godoy (feito *principe da Paz*) invade Portugal, com um grande exercito, e nos toma Olivença.

A provincia de Trás-os-Montes, tambem soffreu com esta guerra, que felizmente foi de curta duração.

Pelo *Tratado de Fontainebleau* (27 de outubro de 1807), e segundo as *partilhas* então feitas de Portugal, ficavam as provincias de Trás-os-Montes e Beira, em *deposito*, até á paz geral, para então se dispôr d'ellas como quizesse Bonaparte. (Vide col. 1.ª, pag. 392 do 4.º vol.)

Tambem então Miranda, e toda a provincia de Trás-os Montes, soffreram repetidas e devastadoras invasões dos castelhanos e dos francezes; mas tambem foi theatro glorioso do heroico esforço dos portuguezes, que, secundando o grito de independencia, levantado em outras terras do reino, tanto contribuiu para nos libertar das garras dos francezes.

—

A unica egreja parochial da cidade, é o templo de Nossa Senhora da Assumpção, de que adiante tratarei.

Os principaes edificios de Miranda, são: a Casa da Misericordia, o Hospital, e o Seminario (construido pouco antes da suppressão do bispado de Miranda.)

Dentro e fóra da cidade, ha varias capellas.

Não ha fontes dentro do recinto das muralhas; mas sim muitos poços, abundantes d'agua, mas de má qualidade; junto porém á cidade ha quatro fontes de bôa agua.

Ainda existe o velho castello, e a cêrca de muralhas, mas tudo desmantellado; o que é pouco prudente, pois que Miranda, pela sua visinhança com um reino com o qual tantas vezes temos tido diuturnas e encarniçadas guerras, devia conservar-se sempre como praça de guerra; muito mais, porque a sua elevada situação é de facil defeza.

Em 1644, se lhe construiu um forte, junto á cidade, que póde ser o seu principal *paladium*.

—

É tão excessivo o clima d'esta terra, que ha aqui um rifão que diz: *Em Miranda ha nove mezes de inverno e tres de inferno.*

Nos tres mezes de inferno (junho, julho e agosto), seccam quasi completamente as fontes e ribeiros, e a vegetação desapparece.

Dois kilometros ao S., corre o Douro, com violencia, apertado entre rochedos; e tendo aqui um pequeno porto.

O rio *Fresno*, tambem passa perto da cidade. Desagúa no Douro, e tem uma ponte de pedra, e junto d'ella uma fonte, que é alimentada por um aqueducto, que vem sobre arcos, desde o sitio de *Villarinho*.

O termo de Miranda, apezar de pedregoso, produz muitos cereaes, legumes, vinho, fructas e hortaliças, e cria muito gado, de toda a qualidade.

A principal industria d'esta povoação, consiste em cortimentos de couros, e em tecidos de saragoças e bureis.

D'este panno grosseiro se fazem em Trás-os-Montes uns célebres capotes, chamados *honras de Mirandas*. É uma especie de gabão, adornado de muitos recortes, tiras e bordados, e notavelmente extravagante. Alguns d'estes capotes, apezar de serem de grossa saragoça, ou burel, custam 30 e 40$000 réis, tantos são os desparatados e grutescos recortados e guarnições.

É Miranda fertil em optimo peixe do rio Douro.

—

A antiga correição de Miranda, comprehendia: 2 cidades (esta e Bragança), 6 villas e 3 concelhos.

Tinha o cabido de Miranda: 7 *dignidades*, 7 conegos e 6 meios conegos.

Em 8 de maio de 1762, foi esta cidade o theatro de uma horrorosa catastrophe.

O castello e muitas casas, voaram pelos ares, com uma explosão de 1:500 arrobas de polvora, ficando sepultadas nas ruinas perto de 400 pessoas.

Do livro dos assentos dos obitos, da freguezia, consta o seguinte, que principia a fl. 197 v.

«Aos oito de maio de 1762, pelas sete horas e meia da tarde, tempo em que todo «este reino de Portugal estava bloqueado em «roda, pelas armas hespanholas, esta provincia invadida, e cercada esta cidade, por «um exercito de 30:000 homens, estando a «atirar a artilheria do castello e revelins, ao «sobredito exercito inimigo, logo que descarregou um canhão, mais contiguo á torre «grande, passados quatro ou cinco minutos, «rebentou o armazem da polvora, arruinando quasi todo o castello, e fazendo duas «brechas exteriores, uma para a porta do N., «por ónde bem cabiam 15 homens, e outra «para a do Meio Dia, em correspondencia, «por onde cabiam 9: arruinando tambem a «maior parte do castello, para o oriente, que «entrava para a cidade, e metade da torre «grande, dando em terra com todo o edificio «e officinas que dentro d'elle havia, em cujas ruinas falleceu muita gente, que a mais «d'ella se não póde averiguar quem era, por «se acharem queimadas do fogo, que se alimentou com mais de 1:500 arrobas de polvora.

«D'esta gente que pereceu, muitos eram «soldados, outros paizanos e ordenanças da «terra, que andavam trabalhando dentro do «mesmo castello, em menesteres que se lhes «mandavam, e outros, pessoas da cidade.

«Não pude alcançar ao certo o numero de «gente, mas, averiguado por prudentes, e «feita a diligencia e inquirição possivel, me «parece falleceriam 350 a 400 pessoas, assim no castello e suburbios, como pelas «ruas da cidade. E, para memoria, mandei «escrever esta declaração, que, com a lista «das pessoas que abaixo vão carregadas, assignei. E não vão os nomes e patrias com «mais individuação, porque o não pude saber.

«E tambem declaro que debaixo da brecha, que faz cara ao meio dia, estão mais «de 100 pessoas, que as vi eu sepultar na «ruina, porque casualmente me achava presente, e quiz Deus livrar-me.

«Dentro do *donjão* (1) ao redor do poço «está tambem muita gente.

«Na ponta do terreiro, caminhando para «a plataforma, junto ao castello, ficaram «tambem muitos sepultados.

«Na cortina contigua á *peça desbocada*, «que é de Josepha Simões, se enterraram «setenta e tantas pessoas, que nenhum se «soube quem era, e que comtrabalho poderam tirar das ruinas.

«Encheu-se quasi todo o cemiterio da Sé, «e dentro da Sé se sepultaram os que couberam, cujos nomes, conforme pude alcançar, como tenho dito, são os seguintes.....

(Segue a relação.)

«Declaro tambem que a maior parte d'elles foram soccorridos com a absolvição, «que por mim e outros sacerdotes lhes foi «dada, e muitos tambem com a extrema unção; e alguns que vieram acabar de morrer dentro da Sé e no hospital, com o Santissimo; e geralmente no mesmo instante «levaram todos a absolvição.»

Á margem está a nota seguinte:

«No dia 9, depois das duas horas, tomou «posse da cidade o exercito hespanhol.» (2)

A relação dos mortos a que acima se al-

(1) Torreão, do francez *donjon*.

(2) Os castelhanos, depois de tomarem a praça, fizeram voar grande parte das muralhas, que a explosão poupára.

lude, abrange tres folhas do livro, e n'ellas se lêem os nomes de muitas pessoas de differentes edades, sexos e profissões, entre outros, o do secretario do bispo.

Tudo está assignado pelo parocho, Bento de Moraes Freire.

Ignora-se se a explosão foi accidental, ou de proposito; porêm é tradição em Miranda, que o governador do castello, comprado pelos hespanhoes, puzera fogo ao paiol da polvora, e que depois da explosão fôra visto fóra das muralhas caminhando para o campo inimigo.

A *torre de menagem* ainda está no exterior sufficientemente conservada, tendo sobre a porta, mas quasi ao cimo da torre, as armas de Portugal. Interiormente porém está bastante arruinada pela explosão.

A porta principal do castello, era pela torre de menagem, e pequena, e ainda existe, bem como vestigios da ponte levadiça. Tambem ainda se vê outra porta mais pequena do lado do O.

O castello está situado em uma pequena eminencia ao NO. da cidade, e d'elle se gosa uma bella vista dos rios Douro e Fresno, da cidade, e de grande tracto de terreno portuguez e castelhano.

—

Na parte meridional da cidade, em sitio sobranceiro ao rio Douro, está o bello templo de tres naves, que foi Sé, e é a matriz da cidade. E' precedido de um extenso adro, que o acompanha tambem pelo lado do O.

A architectura d'este templo, ainda que pesada, é magestosa exteriormente, e em cada angulo do frontespicio tem uma macissa torre de cantaria, como é todo o edificio. Mas, quem o vê por fóra, não póde imaginar que elegancia e riqueza contém no interior. O estrangeiro solta involuntariamente um grito de admiração ao contemplar o labyrinto das arcarias e pilares que lhe sustentam a abobada, e a proporção que existe em todas as suas partes, a abundancia e boa distribuição da luz, e a grande riqueza dos doze altares que o ornam.

Torna-se, sobretudo, digno de menção o altar-mór, que contém 56 imagens e pinturas de santos, parte dos quaes são de grande merito artistico, principalmente os que estão no quadro da Assumpção.

As cadeiras dos conegos, apesar de já bastante damnificadas, são tambem de notavel magnificencia.

A Sé de Miranda é tão sumptuosa como as de Lisboa, Braga, Porto e Coimbra. É pena que esteja tão pobre, que quasi não tem os paramentos e alfaias necessarios para o culto divino; e se o governo não se resolver a arbitrar um subsidio annual para a conservação e reparos d'este primoroso monumento, em breve o veremos reduzido a um montão de ruinas, como tem acontecido a tantos outros edificios nacionaes, que nos recordavam factos gloriosos da nossa historia.

A junta de parochia é pobrissima. A camara municipal, já dá para concertos uma verba annual de 30$000 réis; mas nem isto é sufficiente, nem a camara póde dar mais, em vista dos seus poucos rendimentos.

D. João III foi o fundador d'esta egreja. Lançou se a primeira pedra, em 24 de maio de 1552.

A antiga parochia intitulava-se Santa Maria Maior, e depois de elevada a Sé, conservou a mesma invocação, que é a de todas as Sés portuguezas. (Santa Maria Maior é o mesmo que Nossa Senhora da Assumpção.) Era uma commenda de muito rendimento, da Ordem de Christo, pertencente á corôa e D. João III desistiu d'ella, em favor d'esta egreja, á qual deu tambem o mosteiro de Castro de Avellans, com todas as suas propriedades e rendas.

Este convento tinha sido supprimido, por causa do ominoso tributo do *maninhadego*, em 1545. (Vide pag. 202 do 2.º vol.)

Já disse que o primeiro bispo de Miranda foi D. Toribio Lopes. Era esmoler da rainha, D. Catharina, mulher de D. João III.

—

Quando teve logar a explosão, era bispo de Miranda, D. frei Aleixo (dominico) que, por indisposições com varias pessoas de Miranda (não se sabe porque) resolveu transferir a sua residencia para Bragança, em 1763.

Esta resolução achou grande opposição na maior parte do cabido, e no clero do circulo de Miranda; mas foi forçoso obedecer.

De seu motu proprio, e sem auctorisação canonica, decretou o bispo a transferencia do cabido para Bragança, a qual se realisou em 7 de março de 1764 (quarta feira de cinza.)

Não foi similhante transferencia requerida por ninguem, nem o podia ser; porque n'aquelle tempo estava Portugal incommunicavel com a Santa Sé, unica competente para canonicamente a auctorisar; mas, D. Aleixo, teimoso na sua resolução e apesar d'esta circumstancia, mudou a sua residencia para Bragança, desattendendo ás reflexões e observações de alguns conegos que recusaram obedecer, e continuaram a residir em Miranda.

Em 1776, veio de Roma a auctorisação, concedida por bulla do papa Pio VI; mas suppõe-se que esta foi sollicitada pelo prelado que então regia a diocese, D. Bernardo Pinheiro Seixas, successor de D. Aleixo.

Esteve pois a diocese effectivamente em Miranda, por espaço de 212 annos.

Mudada a sede do bispado, creou-se em Miranda uma collegiada, composta de 11 conegos, com o ordenado annual de 80$000 réis cada um; mas que nunca se chegou a constituir de facto, por falta de rendimentos para estes ordenados.

A requerimento do bispo, D. frei José Maria de Sant'Anna e Noronha, foi supprimida esta collegiada em 1825.

A cathedral, desde 1764, ficou sendo egreja parochial, regida por dois parochos, um com o titulo de *conego-prior*, e outro com o de *conego-coadjutor*.

Durou isto até 1834. Desde então, tem um só parocho, com o titulo de *conego-prior*.

Proximo e nas trazeiras da egreja, estão as ruinas do grande edificio que foi paço episcopal. Á esquerda está o cemiterio, que corre parallelamente á egreja.

—

Na margem esquerda do Douro, mesmo em frente da cidade, se vê, lançado quasi a prumo sobre o rio, um alto rochedo de granito, de um amarello bastante vivo (e por isso lhe chamam *penêdo amarello*.) É esta côr devida a uma especie de musgo que o cobre na maior parte da sua escabrosa superficie.

—

O *cochicho* (ou coxixo) que é uma especie de grande cotovia, e que arremeda o canto de muitas aves, é indigena das terras de Miranda.

—

Diz-se que sobre o telhado da egreja ha um sino, no qual dando tres badaladas se ouvem em toda a cidade, menos dentro da egreja.

—

Em fevereiro de 1875, foi aberta á exploração, a estação telegraphica de Miranda do Douro.

—

Foi bispo de Miranda, D. fr. José d'Alencastre. Nasceu em Lisboa, em 1620. Era irmão do cardeal, D. Verissimo d'Alencastre, e da mais esclarecida nobreza de Portugal, pois eram 4.os netos de D. João II, e filhos de D. Francisco Luiz d'Alencastre, commendador-mór d'Aviz, e de sua mulher, D. Philippa de Mendonça.

Foi D. fr. José d'Alencastre, um dos varões mais sabios, chãos e virtuosos do seu tempo, pelo que era de todos querido e respeitado.

Despresando, desde os seus primeiros annos, as pompas e vaidades do mundo, a que o convidavam a nobreza do seu nascimento, professou no convento dos carmelitas descalços, dos Remedios (Lisboa), onde viveu exemplarmente nove annos e sete mezes, até que, pelas suas enfermidades, e por breve do papa, passou para os carmelitas da observancia, d'onde, depois de viver quasi 32 annos, e ser seu provincial e commissario geral, sahiu para bispo de Miranda. D'aqui foi transferido para Leiria; depois, para inquisidor geral, capellão-mór de D. Pedro II, e do seu conselho d'estado.

N'estas dignidades se portou sempre como religioso. Os seus vestidos eram de lan, e os interiores velhos e remendados. Os aposentos do seu palacio, eram mobilados com

tanta pobreza e simplicidade, como os dos mais humildes mosteiros. Tinha sempre á mesa e á sua mão direita, quando comia, um pobre, a quem fazia os pratos.

Gastava quasi todos os seus grandes rendimentos, em soccorrer os indigentes, preferindo as pessoas nobres que pelos azares da fortuna tinham cahido em pobreza. Tambem dotava para casarem, homens e mulheres pobres.

Dos quatro mil crusados, que lhe pertenciam do bispado de Leiria, nada recebia, e tudo mandava repartir pelos pobres d'esta cidade.

O ordenado da egreja de Nossa Senhora do Cabo, ou lá ficava, ou para lá tornava augmentado.

Em Miranda, estabeleceu um collegio, da invocação de S. José, com renda para o sustento de doze collegiaes pobres, e para o reitor, vice-reitor e mestre de latim.

Cumpria rigorosamente todas as obrigações dos seus elevados cargos, servindo de exemplo de pontualidade aos seus subordinados.

Falleceu em Lisboa, em 13 de setembro de 1705. Jaz no convento dos Remedios.

—

Segundo fr. Agostinho de Santa Maria (*Sant. Marian*, tom. 5.º, pag. 549) a antiga egreja parochial de Miranda, era commenda e casa dos templarios, que parece terem sido os fundadores do templo, dedicando-o a Nossa Senhora dos Remedios.

Supprimida a ordem, em 1311, passou esta commenda (como tudo o mais da ordem), para os cavalleiros de Christo, em 1319, e assim se conservou até que D. João III (como já disse), deu esta commenda á mesa capitular de Miranda.

A imagem de Nossa Senhora dos Remedios, existe, desde o tempo de D. Toribio Lopes, 1.º bispo de Miranda, na egreja que foi cathedral, e alli se faz a sua festa no 1.º domingo de setembro de cada anno.

Esta solemnidade se fazia antigamente á custa dos abbades de Podentes, d'este bispado, porque um d'elles, chamado Gregorio Pêgas de Gouveia, natural de Miranda, e juiz perpétuo da mesma Senhora, lhes deixou varias propriedades, em Podentes, com este encargo.

Era antigamente feita com grande esplendor a festa de Nossa Senhora dos Remedios, havendo procissão, comedias, corridas de touros, carreiras e escaramuças; mas, tudo o que era fóra da egreja, se fazia com esmolas voluntarias, do povo da cidade.

—

Antes que Miranda fosse villa, havia aqui uma ermida, da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, de muita devoção por estas partes.

Vindo o rei D. Diniz a esta terra, pelos annos de 1294, foi visitar esta capella e tomou grande devoção pela sua padroeira, e lhe deu um rico vestido, que ainda existia em 1720.

Suppõe-se que foram os templarios, que construiram esta capella, que serviu por muitos annos de matriz da povoação, e que foi demolida quando se edificou a cathedral.

A imagem de Nossa Senhora dos Remedios tem capella especial na egreja matriz.

MIRANDE—Vide a 1.ª *Miranda*.

MIRANDELLA—villa, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 70 kilometros de Miranda, 30 ao N. da Torre de Moncorvo, 420 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 316 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tem estação telegraphica.

O concelho de Mirandella, é composto das 37 freguezias seguintes, sendo 23 no bispado de Bragança e 14 no arcebispado de Braga:

As do bispado de Bragança, são: Abambres, Alvites, Aguieira, Avantos, Bouça, Cedães, Cedainhos, Caravellas, Cabanellas, Carvalhaes, Freixéda, Fradizella, Guide, Mirandella, Murias, Mascarenhas, S. Pedro Velho, S. Salvador, Villa-Verde, Valle de Gouvinhas, Valle de Salgueiro, Valle de Telhas e Torre de D. Chama.

Todas com 2:500 fogos.

No arcebispado de Braga—Abreiro, Avidagos, Barcel, Côbro, Fréchas, Franco, Lamas-de-Orelhão, Marmellos, Navalho, Passos, Sucções, Valle-da-Sancha, Valle-Verde, e Villa-Bôa.

Todas com 1:300 fogos.

A comarca de Mirandella, é composta do seu julgado, com os referidos 3:800 fogos, e com o de Villa-Flor, que tem 1:700, vindo a ter a comarca 5:500 fogos.

—

Está em 41°,2′ de latitude N., e 11°,36′ de longitude occidental.

Mirandella é diminutivo de *Miranda*, como quem diz—*Mirandinha*.

Na Hespanha tambem ha algumas povoações d'este nome, sendo a principal perto de Bilbau, na Biscaia.

Está Mirandella situada vistosamente na margem esquerda do Túa, sobre uma pequena elevação e no seu declive meridional. Vista da margem opposta, tem muita similhança com a cidade de Coimbra.

Está collocada no centro da provincia, e em frente da villa se vê lançada a formosa e extensa ponte de cantaria, de 19 arcos, [1] que atravessa o Túa, cuja primittiva construcção se attribue aos romanos. É a mais comprida das antigas pontes d'este reino.

O paiz é muito fertil, mas doentio.

É povoação antiquissima, não se sabendo quando nem por quem foi fundada. Pretendem alguns que é fundação do rei, ou emir arabe *Orelhão*, que governava esta região, e habitava na serra de Santa Comba, e dizem que por ser a villa em frente d'esta serra, lhe dera o nome de *Á mira d'ella*; mas, nem estas palavras são arabes, nem a etymologia é esta, mas sim a que fica dita no principio d'este artigo.

O Túa nasce em Avioso, na Galliza, com o nome de Tuano; a 3 kilometros de Mirandella, se une com o *Tuella* e o *Rabaçal*, tendo todos tres juntos o nome de *Túa*.

—

Tem Misericordia, feita em 1518, por D. Manuel, e hospital.

Tinha um convento de *trinos*, extramuros, no sitio do *Escorial*, que principiou a construir-se em 1818, mas não chegou a concluir-se. É hoje, com a sua bella cêrca, propriedade particular, por ter sido vendido em 1835.

As ruas da villa, são estreitas e tortas. Os arrabaldes são lindos, principalmente ao N. e nas margens dos ribeiros *Mercês* e *Lobos*, que são confluentes do Túa.

—

D. Affonso III a ellevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em Guimarães, a 25 de maio de 1250. (*Livro 2.º de doações de D. Affonso III*, fl. 67 v., e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 132 v., col. 2.ª) D. Diniz lhe deu outro foral, em Coimbra, a 7 de março de 1291.

(Gaveta 15, maço 9, n.º 25. — Gaveta 15 maço 9, n.º 30.—*Livro 2.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 8, col. 1.ª

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 11 v., col. 1.ª)

—

Tem as ruinas de um castello, que ainda se chama *dos Távoras*, porque os marquezes d'este titulo foram donatarios da villa até 1759.

É murada ao uso antigo, com tres portas e um castello, mas tudo arruinado.

Foi célebre pelos optimos cavallos que no seu termo se criaram.

Os seus edificios não são notaveis por nenhuma circumstancia, senão o palacio dos Távoras, que posto esteja destelhado ha 115 annos, e a desmantelar-se, dá mostras da sumptuosidade com que foi construido. Tinha na frente, as armas dos Távoras, que foram apagadas pelo carrasco, em 1759, sendo então destelhado.

Este edificio pertence hoje aos srs. condes de Villa Real.

Diz-se de Mirandella.

[1] Estive aqui em 1847, e contei-lhe 20; não sei quem se engana, se eu, se outros escriptores, que uns lhe dão 18 outros 19. —O que é certo é que, a ponte foi construida sobre 22 arcos, mas alguns estão cobertos de areia (os das extremidades) e d'aqui provem a differença no modo de contar.

As *guardas* da ponte são grades de pedra, com os pilaretes de metro a metro, o que é bastante perigoso.

Mirandella, Mirandella!
Mira-a bem, ficarás n'ella.
Quem Mirandella mirou,
Em Mirandella ficou.

—

Tem dois mercados semanaes e um mensal, muito concorridos, e uma boa feira a 25 de julho.

—

A aldeia da *Golfeira*, em frente da villa, sobre a margem direira do Túa, e onde vae dar a ponte, póde considerar-se como arrabalde da villa.

—

Mirandella foi outrora uma das villas mais notaveis, e mais bem fortificadas da provincia de Traz-os-Montes.

O Túa é aqui muito caudaloso, por vir engrossado já com o *Tuella* e *Rabaçal*. ou *Mente*, além de varios ribeiros menores, sendo os principaes d'estes, e que se juntam ao cimo da villa, *Lobos*, e *Mercês* (ou *Mercê*.) Lobos tem 15 kilometros de curso; e Mercês, 25.

O territorio de Mirandella, é fertilissimo em cereaes e fructas. Cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de caça, grossa e miuda. Os seus rios, além de fazerem mover muitas rodas de moinhos, trazem bastante e bom peixe. São afamados os melões e repolhos de Mirandella.

É aqui muito antiga a industria da creação do bixo de seda, e n'estes ultimos annos a producção da seda é já em grande quantidade e de optima qualidade.

—

Era senhor dos morgados de Mirandella e Amendoeira, Antonio Correia de Castro e Sepulveda, 1.º visconde de Ervedosa, com grandeza, marechal de campo reformado, e alcaide-mór de Aviz, commendador das Ordens de Christo e Conceição, e de Leopoldo da Belgica, e cavalleiro de Aviz. Tinha as medalhas de ouro, de bons serviços, e de prata, de comportamento exemplar. Nasceu em 30 de março de 1790—casou em 1804, com D. Maria Josefa Taveira Figueiredo Teixeira de Barros, 10.ª senhora do morgado de S. Jorge de Favaios.

Falleceu em Bragança, no principio de março de 1875.

Tinha o visconde d'Ervedosa a honra de ser filho do bravo general e dedicado patriota, Sepulveda. (Vide pag. 170, col. 1.ª d'este vol.)

Sepulveda é um appellido nobre em Portugal, proveniente de Hespanha, tomado da villa de Sepulveda, na Castella-Velha, cuja familia tinha o seu solar em Segovia, na mesma provincia.

Este appellido, passou a Portugal, na pessoa de Martim de Sepulveda, um dos 24 regedores de Sevilha, que sendo governador do castello de *Noudar* (ou *Nodar*), na provincia do Alemtejo (então comarca de Villa Ruiva), por D. Fernando, de Castella, e seguindo o partido de D. Affonso V, de Portugal, o entregou ao principe D. João (depois II), o qual, em remuneração lhe deu a villa de Buarcos, em frente da Figueira (então na provincia da Beira, e da comarca de Tentugal) e outras rendas.

Casou com D. Joanna Henriques, filha de D. Diogo Henriques, e teve successão.

As armas dos Sepulvedas, são—em campo de púrpura, uma oliveira verde, perfilada d'ouro, com raizes de prata, entre dois leões d'ouro, trepantes, e uma estrella de prata, de sete pontas, em cada canto do chefe. Timbre, meio leão do escudo.

Na sepultura de João de Sepulveda, na egreja de Nossa Senhora do Espinheiro, da ordem de S. Jeronymo, se vê por brazão d'armas d'elle—o escudo esquartelado. Este Sepulveda morreu em 1557.

MIRE DE TIBÃES—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Maria (antigamente Nossa Senhora da *Estélla*.)

O D. abbade benedictino do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, regular, trienal, que tinha 50$000 réis, e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Pertenceu ao couto do mosteiro de Tibães.

É povoação muito antiga, pois já existia como parochia, em 562, em cujo anno man-

dou o rei suevo Theodomiro, construir aqui um palacio e uma quinta de recreio, onde vinha passar parte dos verãos. (Vide *Tibães*.)

Mire, é corrupção da palavra sueva — *Miro*—que, segundo Argote, era cognome laudatorio, como *pio, bom, magno, excelso*, etc.

É provavel que fosse mesmo o rei *Theodomiro*, que désse este nome á povoação, ou que lhe fosse dado por elle ter aqui o seu palacio; porque *Theodomiro*, é o nome proprio suevo *Theodo* unido ao cognome *Miro*.

Era muito vulgar entre os povos da Germania, o nome de *Theodo*. Assim vemos—Theodoro, Theodorico, Theodomiro, Theodosio, Theodoredo, etc.

Já no tempo de Theodomiro, era Nossa Senhora a padroeira d'esta freguezia, que se denominava *Santa Maria de Mire*.

MIRLEU—Vide *Milreu*.

MISARÉLLA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 230$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em cereaes. Tem algum gado e muita caça.

—

É n'esta freguezia o solar dos *Návas*.

Návas é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Bernardo José do Amaral Sousa e Návas de Figueiredo, do logar da Misarélla; ao qual passou brazão d'armas D. Philippe IV, em 22 de abril de 1624—e é—em campo de púrpura, uma losanja d'ouro, firmada e vasia do campo, e no meio d'ella, um castello d'ouro. Orla de púrpura, carregada de oito aspas de ouro.

MISARÉLLA—monte da Beira Alta, de muita elevação, no alto do qual está edificada a villa d'Armamar, ao Norte d'ella, e mui proximo á egreja matriz, principia a apparecer um vertiginoso despenhadeiro, em partes cortado quasi perpendicularmente, descendo até uma extraordinaria profundidade, no sopé da qual passa o rio *Themi-Lobos*, que, para ahi chegar, se despenha de uma grande altura, formando uma bellissima catarata, a que se dá o nome de *Salto da Misarélla*.

Para hir ao fundo do precipicio, é mister fazer um grande rodeio, e quem alli chegar e olhar para cima, vê no cume d'este medonho despenhadeiro, uma parte da villa d'Armamar, coroando-o, e sobresahindo o grande e magnifico edificio, recentemente construido para as repartições publicas do concelho e comarca.

Como os arredores da villa, pelo E., O. e S. são quasi planos, só quem chega ao lado N. d'ella, é que vê a seus pés o abysmo.

Quasi a meia altura do despenhadeiro, está uma frondosa nogueira, e ha aqui rapazes tão temerarios, que lhe vão colher o fructo.

Do lado esquerdo, junto á parte superior, estão dois moinhos, que parecem suspensos no ar. Para entrar no debaixo, foi preciso abrir-lhe porta pelo meio do outro.

Do alto d'este monte, se gosa um vasto e formoso panorama.

MISARELLA—rio, Beira Alta, que nasce no alto da serra do Caramullo, e corre por entre penhascos.

Na freguezia de S. Thiago de Bésteiros (concelho de Tondella), tem uma cascata, ou catadupa, a que tambem dão o nome de *Salto da Misarella*, ou *Bica da Agua-Alta*, que tem 67 metros d'alto, e é uma das maiores e mais formosas de Portugal.

D'aqui continúa a correr por entre penedias, até se encorporar com um manancial, chamado *Fonte Fria*, que nasce em um sitio amenissimo durante o verão.

(Vide o 1.º vol. a pag. 395, col. 2.ª)

MISARELLA—ponte legendaria, na provincia de Trás-os-Montes, concelho de Montalegre, que tem de comprimento (a ponte) 26^{m},62, e de largo 2^{m},64.—Esta pittoresca e célebre ponte, está lançada sobre o rio *Regavão*, ou *Misarella*, a distancia de 1 kilometro da sua confluencia com o *Cávado*, na estrada de Braga, para Montalegre, por Sallamonde.

Está a ponte formada sobre dois grandes penedos; é de cantaria com um só arco,

mas de 13 metros de vão. A sua altura (na estiagem) desde a superficie da agua até ao pavimento, é de 23 metros.

É antiquissima, e attribue-se aos romanos a ponte primittiva. Foi reconstruida no principio d'este seculo.

O estrondoso rugido das aguas, precipitando-se de catadupa em catadupa, e formando por baixo da ponte uma profunda caldeira, cujas paredes são formadas pelos alcantis circumjacentes, que se elevam em escalões, a grande altura, por entre matagaes e alguns annosos castanheiros, poucas oliveiras e raras videiras; e o Gerez, que a mui curta distancia (ao O.) ostenta parte da sua magestade selvagem, dão a este sitio uma celebridade que não teem as outras pontes do reino, embora mais antigas, maiores e de mais primorosa architectura.

N'esta ponte soffreu o exercito francez, em 16 de maio de 1809, quando fugia para Hespanha, nas pontas das bayonetas do exercito luso-anglo, e pelas 10 horas da manhan, uma debil resistencia, pelas ordenanças de Montalegre, e algumas outras, morrendo bastantes francezes da rectaguarda. Seguiram a estrada de Montalegre, pelos logares de *Sidrós*, que incendiaram, *Villa Nova*, *Ponteira*, *Paradella*, *Loivos*, *Fiães*, *Villaça*, *Cambézes*, *Montalegre* (onde entraram ás 10 horas da manhan de 17) e *Pachoso*, d'onde sahiram na madrugada de 18, até entrarem na Galliza, perto de Orence. (Se esta e outras pontes tivessem sido préviamente cortadas, a perda dos francezes seria total.)

Em 7 de março de 1827, houve tambem n'esta ponte um pequeno encontro, entre as tropas realistas, do general Silveira (conde de Amarante e marquez de Chaves) e as liberaes, do general Zagallo. Silveira retira para a Hespanha, porque os inglezes de Clinton, marcham de Lisboa para o norte, contra os realistas. Estes entram em Hespanha a 8, por Abelano e Sant'Anna, e foram para Valhadolid.

O Regavão serve actualmente, n'este ponto, de divisão entre as provincias do Minho e Traz-os-Montes, e os districtos administrativos de Braga e Villa Real; tendo-se annexado ao concelho de Vieira (Minho) a antiga villa de Ruivães, e a visinha parochia de Campos.

—

Os povos circumvisinhos d'esta ponte, dizem que ella foi construida pelo diabo, e contam a tal respeito a lenda seguinte:

Havia um mau homem, em terras d'Além-Douro, a quem as justiças encarniçadamente perseguiam, por varios crimes, e que sempre se escapava, como conhecedor que era dos esconderijos proporcionados pela natureza selvatica da região, nos remotos tempos em que o caso se deu.

Apertado, porém, muito de perto, embrenhou-se um dia no sertão, e transviado, achou-se de repente á borda de uma ribeira torrencial, em sitio alpestre e medonho, pelo alcantilado dos penedos, e pelo fragor das aguas, que alli se despenhavam em furiosa catadupa.

Esquecido como andava da graça de Deus, appellou o malvado para o anjo mau, e tanto foi invocal-o, como estontear-se-lhe a cabeça, perder a luz dos olhos, e manifestar-se-lhe o diabo em visão.—«Faze-me transpôr o abysmo, e dou-te a minha alma» foram as suas más palavras.

O diabo acceitou o pacto, e lançou uma ponte sobre a torrente; o reprobo passou, e seguiu sem olhar para traz como lhe fôra exigido; mas pouco depois sentiu grande estrepito, como de muitas pedras que se derrocavam, e ninguem mais ouviu fallar da improvisada ponte.

Os annos volveram, e emfim chegou a hora do passamento. Mal podia partir-se quem tinha de saldar contas tão intrincadas, e que satisfazer a contracto tão tenebroso.

Emfim desprendeu se a vida d'aquelle corpo, a quem a alma já não pertencia, e se o sacerdote, que ouviu o ultimo arranco do moribundo não poude abrir-lhe o caminho da salvação, recolhendo a confissão de seus medonhos crimes, poude ainda apontar-lhe, como lenitivo, para a inexgotavel magnanimidade do Juiz Supremo.

Mal se accommodava, porém, com o animo do bom padre, não tirar da revelação, motivo para castigar o espirito das trévas.

um dia que as exigencias do seu minis-

terio o levaram ao sitio em que se deu o caso já referido, disfarçou-se o melhor que poude, e pronunciou os terriveis esconjuros.

O diabo não se fez esperar, nem rogar para assentar no mesmo pacto que já lhe era sabido.

Appareceu a ponte renovada; o sacerdote passou, mas tirando rapido um ramo de alecrim, molhou-o na caldeirinha que levava occulta, tres vezes aspergiu, fazendo o signal da cruz e pronunciando as palavras sacramentaes dos exorcismos. O mesmo foi fazel-o que sumir-se o demonio, deixando o ar cheio de um vapor acre e espesso, de pez e de resina, de envolta com cheiro soffocante de enxofre, e ficando de pé a ponte.

—

José Avellino de Almeida, no seu *Diccionario geographico abreviado*, colloca esta ponte na Beira Alta, e junto á villa de Armamar, enganado com a identidade dos nomes (*Misarella.*)

MISARELLA ou **REGAVÃO**—rio, Traz os-Montes, comarca e concelho de Montalegre. Nasce junto á povoação de *Codeçoso da Chan*, na freguezia de *Meixêdo*, e descrevendo um quasi semicirculo, depois de atravessar as freguezias da *Chan*, *Villa da Ponte* e *Pondras*, vae, depois de augmentado com varios ribeiros e regatos, morrer na esquerda do Cávado, abaixo da celebre ponte da *Misarella*, com 42 kilometros de curso. Réga, móe e cria muito e saboroso peixe miudo, como escalos, bógas, enguias e excellentes tructas.

MISERICORDIAS—Portugal foi um dos paizes, onde o sentimento catholico lançou raizes profundas e tão multiplicadas, que ainda hoje, depois de mais de um seculo de pêas e restricções do poder civil, mais ou menos hypocritamente disfarçadas, mostra o que foi e os progressos moraes e religiosos, que faria se o deixassem expandir á vontade.

Entre os institutos humanitarios, filhos—não de uma philantropia, que olha o homem sem relação a Deus, mas da caridade evangelica, que olha a Deus no homem, contam-se as *Casas de misericordia*, cujo numero é muito consideravel, e maior seria, se os ventos corressem mais favoraveis.

Estas casas comprehendem, não só o objectivo das albergarias, hospitaes e orphanotrophicos, mas geralmente todos os exercicios da caridade para com o proximo.

As albergarias, tão antigas em Portugal, eram casas destinadas ao abrigo de peregrinos, transeuntes e velhos decrepitos, que alli tinham, pelo menos, casa, luz e encosto.

Os hospitaes eram e são casas destinadas ao tratamento de enfermos e parturientes, e sepultura de mortos.

Os orphanotrophicos, eram casas pias destinadas á creação e educação de meninos orphãos e desamparados.

Tambem havia, e ha ainda, hospitaes de velhos, de invalidos, etc.

Já estes institutos floresciam em Portugal, especialmenle as albergarias, quando fr. Miguel Contreras, de nação hespanhol, religioso da Ordem da Santissima Trindade, se propoz e realisou em 1498, com a protecção da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a fundação da Misericordia de Lisboa, que foi a primeira que houve n'este reino.

Desde logo se começou a imitar nas provincias este novo instituto da côrte; e como havia muitas albergarias, hospitaes e outras casas de caridade, que se comprehendiam na vasta extensão dos encargos pios das Misericordias, foi facil transformar e ampliar estes elementos, para com elles construir estas *Santas Casas*, como lhes chamam, com bens de raiz e capitaes permanentes, que são os unicos e verdadeiros fiadores da sua duração e augmento.

Com effeito, as Misericordias estendem-se ao tratamento de enfermos, dentro e fóra do seu hospital; a dar sepultura a defunctos pobres, ainda fallecidos fóra das suas enfermarias, suffragar suas almas; crear expostos, meninos orphãos ou desamparados e filhos de parte duplo ou triplo, ou de mães sem leite e pobres; dotar orphãs; soccorrer viuvas bem procedidas; tratar causas de presos pobres, sollicitando o seu livramento e pagando as custas; e em geral todos os officios de caridade e misericordia pelos infelizes e afflictos.

Ora, como para tantos encargos são precisos grandes capitaes, que a maior parte d'estas casas não teem, resulta d'ahi, que cada uma cumpre com a cura de enfermos e sepultura de mortos, juntando a isto apenas o que permittem os recursos de suas rendas.

Tendo á mão a *Descripção corographica de Portugal*, por Antonio de Oliveira Freire (Lisboa, 1755) dei-me ao trabalho de contar as Misericordias do continente do reino; e achei que havia duzentas e trinta e uma. Tirando a de Olivença, que já nos não pertence, e pondo em seu logar a do Alandroal, não contada (talvez por ainda não existir) fica pelo menos o mesmo algarismo.

Os nomes das povoações, que teem estas casas, são os seguintes:

Na antiga provincia de Entre Douro e Minho

Guimarães, Monção, Ponte de Lima, Vianna, Barcellos, Espozende, Melgaço, Villa do Conde, Caminha, Vallença, Valladares, Braga, Porto e Villa Nova de Gaya.

Somma 14.

Traz-os-Montes

Alfandega da Fé, Moncorvo, Mirandella, Villa Flor, Miranda, Mogadouro, Vinhaes, Bragança, Chaves, Montalegre e Villa Real.

Somma 11.

Beira

Coimbra, Ançan, Ancião, Bobadella, Cantanhede, Sernache, Esgueira, Goes, Pereira, Rabaçal, Tentugal, Villa Nova de Anços, Aveiro, Vagos, Louriçal, Montemór o Velho, Penella, Feira, Ovar, Viseu, Mortagoa, Nogueira, Lamego, Arouca, Algodres, Almeida, Castello Mendo, S. João da Pesqueira, Marialva, Penedono, Pinhel, Sernancelhe, Trancoso, Varzeas, Villa Nova de Foz Côa, Guarda, Ceia, Celorico, Codeceiro, Covilhan, Gouveia, Linhares, Seixo, Valhelhas, Alpedrinha, Belmonte, Castello Branco, Castello Novo, Idanha a Velha, Idanha a Nova, Monsanto, Pena-Garcia, Penamacôr, Proença a Velha, Salvaterra do Extremo, Sarzedas, Segura, Touro, S. Vicente, Villa Velha de Rodam e Zebreira.

Somma 61.

Extremadura

Lisboa, Alhandra, Alverca, Arruda, Cascaes, Castanheira, Collares, Ericeira, Lourinhan, Mafra, Povos, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, Aldeia Gallega de Merceana, Alemquer, Chamusca, Cintra, Obidos, Leiria, Alcobaça, Aljubarrota, Alvorninha, Athouguia, Batalha, Santa Catharina, Cella, Cós, Evora de Alcobaça, Maiorga, Peniche, Pombal, Redinha, Soure, Abiul, Abrantes, Alvaro, Atalaya, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande, Punhete (hoje Constancia) Sardoal, Tancos, Thomar, Villa de Rei, Ourém, Porto de Mós, Alcanede, Almeirim, Azambuja, Gollegan, Salvaterra dos Magos, Santarem, Torres Novas, Alcacer do Sal, Alcochete, Aldeia Gallega do Ribatejo, Almada, Barreiro, Cabrella, Samora Correia, Canha, Grandola, Palmella, Setubal e Cezimbra.

Somma 65.

Alemtejo

Evora, Alcaçovas, Estremoz, Lavre, Montemór o Novo, Pavia, Redondo, Vianna, Vimieiro, Beja, Alvito. Beringel, Moura, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villalva, Villa Nova de Alvito, Villa Ruiva, Aljustrel, Almodovar, Alvallade, Gravão, Mertola, Ourique, S. Thiago de Cacem, Sines, Villa Nova de Mil Fontes, Alter do Chão, Arrayollos, Borba, Monçarás, Monforte, Portel, Souzel, Villa Viçosa, Elvas, Barbacena, Campo Maior, Mourão, Ouguella, Terena, Portalegre, Alegrete, Alpalhão, Arronches, Aviz, Castello de Vide, Marvão, Niza, Amieira, Belver, Cardigos, Certã, Crato, S. João do Gafete, Alandroal, Benavente, Benavilla, Cabeço de Vide, Cabeção, Cano, Coruche, Fronteira, Galveias, Juromenha, Móra, Noudar, Séda, e Veiros.

Somma 70.

Algarve

Lagos, Silves, Alvôr, Villa Nova de Porti-

mão, Faro, Tavira, Albufeira, Alcoutim, Castro-Marim e Loulé.

Somma 10.

Total 231.

—

Este artigo foi escripto pelo sr. padre Joaquim José da Rocha Espanca, e publicado no *Almanach do bom catholico*, para 1875.

MISSA—deu-se antigamente este nome, não só ao incruento sacrificio do altar, mas tambem—primeiro, ao officio nocturno e vespertino—segundo, áquella parte do sacrificio, a que podiam assistir os cathecumenos, que era desde o principio, até ao offertorio, exclusivè—terceiro, á *missa dos fieis*, que era do offertorio, inclusivè, até ao fim—quarto, a toda e qualquer oração, ou *collecta*—quinto, ás lições que se costumavam lêr nas *matinas*—sexto, á festividade de algum santo, que se celebrava com grande concurso de povo—septimo, á feira, ou mercado, que por occasião do dito concurso, se fazia na solemnidade de alguns santos—oitavo, a tudo o que pertencia ao officio divino, que tambem chamaram lithurgía.

Davam-se antigamente diversos nomes ás *missas*, segundo as suas circumstancias: eram os seguintes:

Missa dos pobres

Esmola que, nos adros das egrejas, se repartia entre elles, para rezarem pela alma de algum defuncto.

Missa de psalterio

Certo numero de psalmos, preces e orações, que devia rezar o capellão, todos os dias, no tempo do interdicto, satisfazendo assim, pela *missa de sacrificio*, que devia celebrar se o não houvesse.

Missa de sacrificio

O mesmo que *missa de sobre altar*.

Sejam tehudos a fazer dizer cada dia huma Missa de Sacrificio de sobre Altar.

(Testamento do conde de Barcellos, Dom Martim Gil de Sousa. Doc. de S. Thyrso, de 1312.)

Missa de sobre altar

Expressão muito frequente em Portugal, nos seculos XIII e XIV.

Eram as de sacrificio, ditas sobre o altar, para as differençar das orações e preces, que se podiam fazer fóra do altar, e a que tambem então se dava o nome de *missa*, as quaes até as mulheres podiam dizer, e por isso se chamavam *celebrantas*.

Missa callada

O mesmo que *missa baixa*, e na qual, supposto assistisse algum acólito, o celebrante a dizia a *meia vós*. Era o contrario da *missa alta*, ou *pública*, que se celebrava com vagaroso canto, e á qual assistia muito povo, que n'ella offerecia os seus donativos, e cantava e commungava tambem.

E me cantem Missas Offizeadas e caladas.

(Testamento de D. Pedro, conde de Barcellos, de 1350.—Doc. de Tarouca.)

Missa cantada

O mesmo que *missa particular*, ou *rezada*; mas com a differença que, então se usava levantar o sacerdote algum tanto a voz.

Missa chan

Missa rezada.—*Item—no dia de minha sepultura, cantem huma Missa Officiada, e Chãos, quantas se poderem dizer.*

(Doc. de Grijó, do seculo XIV.)

Missa officiada, ou *official*

Era o nome que se dava á missa de *requiem*, a que precedia o officio de defunctos, e a qual se solemnisava com ministros, incenso e canto.

Os *officios*, podiam ser feitos por seculares (leigos) de ambos os sexos.

He estas Missas Officiem-nas os Confrades, e os leigos, e as mulheres digam em tanto senhas Missas de Pater Noster.

(Doc. de Thomar, de 1388.)

Conclue-se com evidencia, que antigamente, *missa cantada*, era rezada—e *missa officiada*, era cantada e solemne.

Missa de Pater Noster

Era certo numero de orações do *Padre Nosso*, que deviam rezar os leigos e as mulheres, que não soubessem officiar as *missas de sobre altar*.

Missas dos espritaaes

Eram as esmolas dadas aos hospitaes, applicadas pela alma de algum defuncto.

Missas publicas

Eram as missas que os bispos podiam celebrar nos mosteiros, com toda a solemnidade, prégando, chrismando, etc.

Tambem se chamavam *missas publicas*, as que eram solemnemente cantadas por muitos, na presença do povo.

Missa dos diaconos, sub diaconos e acólitos

Differiam das missas dos leigos, em constarem, não de Padre Nossos, mas sim de alguns psalmos, preces e orações.

—

Esmola que se dava pelas missas

Segundo alguns documentos do cartorio episcopal de Viseu, no seculo XII, dava-se um *soldo* por cada missa.

No seculo XIII, chegou a dois soldos.

Em 1304, já custava tres soldos.

Em 1520, se pagava um missa, *de tres em renge* (com ministros sagrados, a canto de orgão e com assistencia da communidade, se era em mosteiro), por 20 réis.

No Synodo de Coimbra, de 1566, se mandou que a esmola da missa, fosse de 30 réis.

Em 1590, por uma provisão para a Misericordia de Coimbra, concedeu o rei D. Manuel, que fosse de 40 réis a esmola da missa rezada.

Por ultimo, as *Constituições* de varios bispados, marcaram o preço das missas rezadas, em 120 réis, e das cantadas, em 480 réis.

Devemos porém notar, que no tempo que as missas custavam *um soldo*, custava um alqueire de trigo 3, 4 e 5 réis.

Em S. Christovão, de Coimbra, existiu um documento, de 1401, pelo qual consta que se commutou a pensão annual de 7 alqueires de azeite, por 7 *livras* (cinco das quaes, faziam um real de dez soldos.)

MISSAL MÍSTICO—assim chamavam ao livro que trazia as missas de *per annum*, e tudo o que pertencia á lithurgia do altar.

Havia outros missaes que constavam só de alguns officios divinos, orações e collectas, que tambem (como disse na palavra *missa*) tinham o nome de *missas*.

Havia *Missal papel*, *Missal rromaão* (romano), *Missal místico* e *Missal de orações*, ou *Livro místico*.

No *Inventario* da egreja de Santo André d'Escariz, no concelho de Arouca, feito em 1418, se lê:—*Duas vestimentas perfeitas: Huma capa de sirgo: hum caliz de estanho: Hum livro Missal Mistico*, etc.—(Doc. das freiras benedictinas do Porto.)

MISSAM, MISSÃO e (mais antigo) **MISSOM**—portuguez antigo—homem ou mulher que servia de correio, ou de levar recados. Vem da palavra latina *missus*.

Antigamente eram obrigados os peões de ambos os sexos a fazerem gratuitamente os recados dos senhores donatarios das suas terras. Chamava-se a esta obrigação—*carreira*.

Carreira é o mesmo que hida, jornada, viagem, caminho, que o emphiteuta ou vassallo pagava, como de pensão annual, ao senhorio, hindo já a pé, já com a sua besta ou carro; já a logares certos, já a

incertos, á vontade do senhorio.

Note-se que quando o praso não especificava a qualidade do serviço pessoal, não era obrigado o colono ou emphiteuta a levar besta ou carro.

Era muito usado antigamente este *direito*, *foragem*, ou *direitura*, emquanto não houve correios publicos.

No foral que *D. Sancha Vermuiz* e seus filhos deram á villa de Fonte Arcada (hoje concelho de Cernancélhe, comarca de Moimenta da Beira), em 1193, se lê:—*Bestia non dentur, nisi semel in anno: una via sit usque Santarem: altera ou Pereiro: et cœtera usque Tuy. Homines, qui bobes, aut bestias non habuerint, faiant singulas carreiras semel in anno, et non amplius.*

Em um praso de Salzedas, de 1295 se vê fazendo parte da pensão—*Senhas carreiras con os bôis, e con os corpos, á abbadia, pera carreyar os arcos.*

No foral de Cêa, de 1136, se eximem as mulheres de recado, do serviço gratuito das *carreiras. Nulla mulier missam non faciat nullum servitium de senior terræ, nisi pro suo pretio.*

MISSAR—portuguez antigo—dizer missas pela alma de algum defunto.

MISTEIROSO—portuguez antigo—official mechanico, operario, trabalhador, obreiro, etc.

MISTÉRES—portuguez antigo—de *ministeriaes* se formou *mistéres*, que eram os *servos da gleba, escravos* ou *colonos*, de certas fazendas, os quaes eram differentes dos *servos casatos* (d'onde se derivou *casal* e *caseiro*).

Os romanos, e depois os godos, dispunham das terras e pessoas dos vencidos, segundo a vontade do seu principe; e d'aqui nasceu o *poder Heril*, que os domnos exerciam nas terras e pessoas que lhes eram dadas ou repartidas; chegando mesmo a serem senhores dos *corpos e vidas* (e em algumas partes até das *honras*) d'estes *ministeiraes, misteiraes* ou *escravos do torrão.*

Quando principiou a nossa monarchia já o *poder Heril* se havia convertido em *jurisdicção patrimonial*, que—exceptuando as vidas e honras—nada differia da antiga escravidão; sendo lhes até prohibido, em alguns foraes e prasos (sob graves penas) recorrerem ao rei queixando-se das oppressões.

D. Affonso II, longe de exterminar tão absurdo e cruel despotismo, parece dar-lhe approvação, quando em 1211 determinou que «o homem livre possa viver com quem lhe aprouver, *excepto os que viverem nas herdades ou testamentos.*»

Herdades eram as propriedades dos grandes senhores, e *testamentos*, as das egrejas e mosteiros.

D. Affonso V mitigou as penas d'esta lei, deixando-as ao arbitrio do julgador. *Em tal guisa porém que os forçadores da liberdade non fiquem sem pena.* (As cominadas por D. Affonso II, para o caso.) *Cod. Alf.* Liv. IV, tit. 20, § 3.º

O tempo foi mudando os costumes, e os *senhores de baraço e cutello, pendão e caldeira, de méro e mixto imperio* foram restituindo (a seu pesar) a jurisdicção suprema aos nossos reis, que, mais illustrados, trataram de a reunir á corôa, como attributo só proprio da realeza; até que a *Ordenação Manuelina* liv. II, tit. 45, extinguiu totalmente os escravos ou servos da glêba.

MISTERIOSO—portuguez antigo—preciso, necessario. Vem de *mister*, necessidade ou precisão.

MITRA (Palacio e quinta da)—Já a pag. 118 e seguintes fallei d'esta bella propriedade. Accrescentarei aqui que são seus actuaes proprietarios o sr. Perry, illustrado cavalheiro norte-americano, e sua esposa, a sr.ª D. Carolina Coronado, tão estimada pela bondade de seu coração, como notavel por seus vastos talentos. E' auctora de muitas e mimosas poesias, e de alguns romances, sendo o mais bello d'estes a sua *Jarilla*, que tem sido vertido em varias linguas.

MITRO — portuguez antigo — manípulo (dos padres).

MIÚÇAS—portuguez antigo—miudezas.

MIUMÃES—freguezia, Beira Alta, comarca de Rezende.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Miomães*, como tambem se escreve; mas, quando já estava o artigo impresso, chegaram mais apontamentos, que dou aqui.

A egreja matriz é muito antiga, escura e triste. O mosteiro de Ancêde é que apresentava o abbade; mas era confirmado pelo bispo de Lamego, a quem pagava meio marco de prata, 167 réis de *visitação*, e de *censuria* 58 varas de *bragal*, a preço de 100 réis cada uma, e a *luctuosa*.

Sabe se com certeza que esta egreja era já abbadia em 1623, renunciada n'essa data, no reverendo Antonio Pinto da Fonseca, e que este n'ella se collou, em 12 de setembro d'esse anno.

Tem boa residencia e bons passaes.

Ha n'esta freguezia casas e familias notaveis, e entre ellas a do Cotêllo, do sr. Luiz Pinto de Sousa Menezes, ha houco fallecido. É hoje das sr.as D. Joanna Emilia d'Albergaria, e D. Rita Candida d'Albergaria, tias do sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes, de Lamego, um dos fidalgos mais ricos e mais distinctos da provincia.

Ha na quinta d'estas senhoras, dois cedros antiquissimos e gigantescos.

Pertence a esta freguezia, a casa do *Carugeiro* (ou *Corujeiro*), que foi do célebre Columbano Pinto do Couto, vice-rei da India. É actualmente do sr. Manuel Pinto Dias Chaves, medico-cirurgião, pela escóla-medica do Porto.

São tambem notaveis e importantes, a casa da *Escaleira* e outras.

Pelas suas excellentes aguas thermaes (denominadas d'*Arégos*—vide esta palavra), e pelo seu commercio com o Porto, é a povoação das *Caldas d'Arégos*, uma das melhores d'esta freguezia.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques (outros dizem que foi sua neta, a rainha Santa Mafalda, mas é êrro), estabeleceu aqui uma barca de passagem gratuita, no sitio da *Górça*, que é um temivel *ponto*, no rio Douro, estabelecendo para o barqueiro a renda de certas propriedades e fóros, e concedendo-lhe alguns privilegios; porém depois, os réis deram isto á familia Serpa Pinto, com a obrigação de mandarem dizer, na capella, duas missas semanaes, sustentarem dois pobres e fazerem a festa da padroeira.

A albergaria, que junto ás caldas tinha mandado construir aquella piedosa rainha, se foi desmantelando, pelo abandono, o que muito prejudicou estes povos, pela diminuição da concorrencia.

Mais tarde, descobriram-se as célebres *Caldas do Mollêdo* (uns 15 kilometros ao E. d'estas, e tambem na margem do Douro, mas do lado opposto) que ainda mais fizeram diminuir a concorrencia aqui, porque, para as do Mollêdo, havia uma bôa estrada feita pela *companhia geral d'agricultura dos vinhos do Douro*, que do Porto vae á Régua, e estão apenas em distancia de 4 kilometros (ao O.) da villa do Péso da Régua, e com uma bella estrada a mac-adam; o que tem feito prosperar muito estas caldas, e abandonado as de Arégos, que não tem outra via de communicação, senão o rio.

É notavel que, desde Amarante, até Castro d'Aire—desde Arouca, até Lamego—e desde Villa-Nova de Gaya, até á Barosa, em frente da Régua, ainda não ha um unico metro de estrada ordinaria.

Todo o territorio, em volta das caldas d'Arégos (ou Miumães), são barrancos, brejos e precipicios; e isto em muitas leguas de extensão.

O actual abbade de *Miumães*, o sr. Alexandre Pinto da Costa, o primeiro proprietario da aldeia das Caldas, e o sr. José Pinto da Silva, da Corvaceira, freguezia de Penajoia, a quem os srs. Serpas Pintos trespassaram os seus direitos, têem feito alguns melhoramentos nas caldas d'Arégos, desde 1865 para cá; mas ainda deixam muito a desejar.

Tem já bastantes tinas, algumas casas para os banhistas, lojas de pêso e uma pharmacia.

Se houvesse uma estrada, ao longo da

margem esquerda do Douro (via de communicação ha tanto tempo e tão urgentemente reclamada), outra seria a sorte d'estas caldas, porque as suas aguas são abundantes, e efficasissimas para a cura de varias molestias.

O sitio das caldas, é ameno, e fica a poucos metros do Douro, havendo aqui um soffrivel cáes, muito concorrido.

O clima da freguezia é muito saudavel.

Miumães, foi concelho (vulgarmente denominado d'Arégos), e compunha-se das freguezias de Anreade, S. Romão, Miumães, Frei-Gil, S. Cypriano, Oradas e Panchôrra.

A povoação das Caldas d'Arégos, ainda conserva o titulo de villa, e é já na freguezia de Anreade.[1]

A capella de Santa Maria Magdalena, e os banhos, não são mesmo na villa das Caldas d'Arégos, mas do outro lado do pequeno ribeiro das *Caldas*, que divide as freguezias de Miumães e Anreade.

Desde 1834, até á extincção d'este concelho, a casa da camara e cadeia, foram sempre na povoação de *Villa-Nova*, da freguezia de S. Cypriano.

(Vide—Arégos.)

MIUSÉLLA, ou **MIUZÉLLA** — freguezia, Beira Baixa (no Riba-Côa) concelho e comarca do Sabugal (foi do concelho de Castello Mendo), 70 kilometros ao SE. de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 156 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. (Foi do bispado de Viseu.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

MIXOEIRA—Vide *Ameixoeira*, a pag. 195, col. 2.ª, do 1.º vol.

MIXTO, ou **COUTO-MIXTO**—está este *couto*, no pequeno valle de *Salles*, atravessado pelo rio de *Ruviás*—na nossa provincia de Trás-os-Montes (comarca e concelho de Montalegre), e na da Galliza—e é por isso que se chama *mixto*—isto é—portuguez e gallêgo.—É couto muito antigo, pois já existia antes de 1093.

É formado por tres povoações—*Ruviás*, e S. Thiago, que formam a freguezia de S. Thiago—e *Meãos*, que ficando ao N. do dito rio, pertence á freguezia de S. Lourenço de Tozende, tudo da jurisdicção episcopal de Orense (Galliza).

Confronta pelo lado de Portugal, com os limites das tres povoações—*Padroso*, *Donões* e *Saluzêdo*—e pelo lado da Galliza, com os logares de—S. Payo de Albades, S. Lourenço de Tozende e S. João de Ruviás.

O territorio d'este couto, produz centeio, batatas, trigo, milho grosso, linho e feijão. Cria bastante gado vaccum, e cabras.

Estão de posse d'este couto, os moradores de *Ruviás S. Thiago* (gallêgos) e *Meãos* (portuguezes.)

Não consta de archivo nenhum de egreja, ou municipalidade, portugueza, ou hespanhola, nem por tradição, que porção do couto pertence a Portugal, ou á Galliza, nem memoria de que em algum tempo fosse dividido.

É certo que antes de 1834, aquelles tres povos, pagavam certa quantia annual, de fôro, á casa de Bragança, e 1$250 réis de *Siza* ao concelho de Montalegre. Depois de 1834, não tornaram a pagar.

O *juiz do couto*, era sempre um cidadão portuguez, alli residente, nomeado por eleição popular, e confirmado pelo corregedor de Bragança, que lhe passava carta de juiz, e pela qual pagava 5 mil e tantos réis; e n'estes ultimos annos, vinha prestar juramento perante o juiz de direito de Montalegre.

Antes de 1834, o escrivão das honras de Barroso, o era tambem do juiz do couto-mixto.

Este territorio foi sempre considerado como pertencendo á corôa portugueza; e, na concordata que se fez em 1818, por commissarios portuguezes e hespanhoes, se reconheceu o direito que Portugal tinha ao couto.

Os moradores de Padroso, Donões e Saluzêdo, povoações portuguezas, têem direitos consignados nos seus *tombos* de demarcação, confirmados por antiquissima posse, e até

[1] E não na de *Miumães*, como, por mal informado, disse no 1.º vol., pag. 238 G, col. 2.º—Anreade é uma freguezia contigua a Miumães.

sentenças judiciaes, para que seus gados pastem promiscuamente no territorio mixto, que pertence ás povoações de S. Thiago e Ruviás (castelhanas) sem que os gallégos possam fazer o mesmo.

No archivo da extincta honra de Tourem (concelho e comarca de Montalegre), existe copia de uma carta de privilegios, dada ás honras de Barroso, por D. João I, de Portugal, contendo o texto de outra, de D. Affonso IV, na qual se diz—«Querendo Nós fazer graça e mercê, aos moradores e povoadores dos logares e julgados que são das honras de Barroso, Tourem, Padroso, Meixendo, Padornéllos, Gralhas, Villar de Perdizes e mais mixtos, que são julgados á parte, etc.»

Tambem n'essa carta se falla em um alvará de D. Diniz, feito em Santarem, a 12 de maio de 1360 (1322 de Jesus Christo) que confirmava estes privilegios.

Ultimamente, na divisão da raia, a que procederam os commissarios de Portugal e Hespanha, ficou este *mixto* annexo á corôa de Hespanha—eTourem pertencendo (como d'antes) a Portugal; mas a jurisdicção episcopal, continuou a pertencer a Orense!

MIXTO—portuguez antigo—pequena refeição de pão e vinho, que tomavam os frades bentos e de S. Bernardo, antes de hirem rezar para o côro. (Doc. de Tarouca, do seculo XIV.)

MÓ—(serra, ou monte de *Nossa Senhora da Mó*)—Douro, sobranceira e ao E. e NE. da villa de Arouca, tem uma capella da invocação d'aquella Senhora, que dá o nome ao sitio.

Está a mais de 350 metros acima do nivel da praça da villa. Vide Arouca.

MÓ—(monte de Mó)—serra, Douro, divide a freguezia de Duas-Egrejas (actualmente annexa á de Romariz), das do Valle e S.Vicente de Louredo. É no concelho e comarca da Feira.

É bastante alta.

A grande abundancia de granito quartzozo, proprio para fazer *mós* de moinhos de milho grosso, é que deu o nome a esta serra. D'ella se avistam grande numero de freguezias, e o mar, a 18 kilometros de distancia, ao O.

Tem algumas arvores silvestres e bastantes pinhaes. É em partes cultivada.

Tem apenas 3 kilometros de comprimento, de N. a S., pois principia no logar de Villa-Sêcca, freguezia de S.Vicente de Louredo (concelho d'Arouca), e termina no logar da Portella, freg. de S. Izidoro de Romariz, na comarca da Feira. Cria alguma caça.

MOABITAS—portuguez antigo—os mouros africanos. Aos que eram nascidos na Peninsula hispanica, se dava o nome de *ismaelitas*, e aos da Africa, *moabitas*.

MOALDE, ou **MUALDE**—Vide S. Mamede da *Infesta*.

MOAZ—freguezia, Trás-os Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Bragança, 455 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 22 fogos; actualmente tem 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 7$500 réis de congrua, e pé d'altar.

É a palavra arabe *Mauâz;* significa *logar do aviso*, da *advertencia*, ou do *conselho*.Vem do verbo *uaâza*—avisar, aconselhar, etc.

Esta freguezia, foi supprimida por pequena, em 1810, e annexa á de *Valle de Janeiro*, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

MOÇA CHAMORRA—portuguez antigo—rapariga que trazia o cabello tosqueado. Pelos fins do seculo XIII, as creadas de servir, de Lisboa, quasi todas eram chamôrras.

Mandavão de Sevilha a seus amigos, que lhes levassem das môças chamôrras, que eram bôas servidoras. (*Chronica de D. João I*, por F. Lopes, part. 1.ª, cap. 139.)

Quando houve a revolta *setembrista*, em 1836, grande parte dos revoltosos eram guardas nacionaes e corpos voluntarios, que traziam o cabello como queriam. A tropa do governo, trazia o cabello cortado á escovinha, segundo os regulamentos militares.

D'esta circumstancia, proveiu o dar-se aos *cartistas*, o nome de *chamôrros*. (Vide Chamôrro, pag. 266, col. 2.ª, do 2.º vol.)

MOCAMBO — portuguez antigo — corrupção da palavra arabe *mocâmo*—significa casa, ou logar sagrado.—*Tem por toda a ilha*

muitas egrejas e mesquitas, a que chamam Mocamo. (*Viagem da India*, por Godinho, Liv. 3.º, cap. 10, pag. 135.)

Ha em Lisboa um convento (na freguezia de Santos-o-Velho) de freiras trinas, fundado no sitio onde houve uma mesquita. Ainda se chamam *trinas do Mocambo*, e este mesmo nome tem a rua onde está o convento.

Mocambo é tambem o nome de um rio da Africa, que desagúa no mar, a 24 kilometros ao N. da nossa cidade de Moçambique. É navegavel. Tem 6 kilometros de largo na sua fóz, e fundo para navios de grande tonelagem.

MOÇAR, ou **MOUÇAR**—portuguez antigo—monte de entulhos, pardieiros.

MOCIFAL—portuguez antigo—do arabe *Mósfal*, significa logar baixo, ou inferior.

Houve antigamente uma freguezia assim chamada, na provincia da Extremadura, patriarchado de Lisboa. Já não existe ha muitos annos.

MOÇO—portuguez antigo—menino—hoje é synonimo de mancêbo; mas nas provincias do N., *môço*, significa em quasi toda a parte, creado de servir.

Ainda hoje se diz *môço do monte*.

MOÇOCO—portuguez antigo—menino do côro, e tambem sachristão. Tambem se dizia *môços do côro, mósinhos, mousinhos, fradinhos, monginhos, monacilhos* e *monachinos*.

Em uma doação, de Lamego, de 1253, se menciona uma vinha em *Repôlos*, que partia com a herdade—*quam tenet Laurentius Egeæ, et Tarazias, moçôco de Ecclesia.*

É d'aqui que vem o appellido *Mósinho*, ou *Mousinho*. É nobre e antigo.

O primeiro que achamos com este appellido, é Gonçallo Mousinho, que viveu pelos annos de 1145. Suas armas são—em campo azul, banda de prata, carregada de tres rosêtas de púrpura, entre seis estrellas d'ouro, de oito pontas, tres de cada lado em roquête. Elmo de aço aberto, e por timbre, uma aspa de prata, e no meio d'ella, uma rosêta das armas.

MOÇOS AMOSTRADIÇOS—portuguez antigo—aprendizes de pescadores.

MOÇOS NOVIÇOS E ENSINADIÇOS—portuguez antigo.—O mesmo que *môços amostradiços—que nom tenham ainda pescado em outros logares.* (Documento de S. Pedro de Coimbra, de 1331.)

MODÉLLOS—freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada (foi da comarca de Santo Thyrso) 26 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia, a da *Arreigada*, que está outra vez independente.

MÓDIO—portuguez antigo—medida agraria (*cantaro*, ou *meio almude.*) Vide *Almude* e *Mina*, n'esta obra. Vide tambem *Memoria sobre os pesos e medidas de Portugal*, pelo sr. A. L. de B. Teixeira Ferreira Girão. Lisboa, na Imprensa Nacional, em 1833.

MÓDIO—portuguez antigo.—Segundo alguns escriptores, houve antigamente em Portugal uma moeda chamada *módio*. É certo que em innumeraveis escripturas, foraes e emprasamentos, dos seculos XI e XII, se falla em módio, como preço de compra de propriedades, pagamento de serviços, etc., etc.—porém a opinião mais seguida é que —sendo o *soldo* o preço regular de um alqueire, tanto fazia dizer *módio* como *soldo*. (*Memoria das moedas correntes em Portugal*, pelo sr. M. B. Lopes Fernandes., pag. 27.)

Parece que em outras localidades, *módio* era o mesmo que *morabitino* ou *meyo maravidi velho*, ou *menor*, ao que tambem chamavam *mozmodiz*, e que sendo este mozmodiz o preço de um alqueire, de pão, se tomava o módio ou alqueire, pelo preço que ordinariamente valia.

Já se vê que tudo isto não passa de conjecturas, mais ou menos bem fundadas; mas nada se póde decidir terminante e incontestavelmente.

MODÍVAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

As religiosas benedictinas de Vairão apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MODORRA—portuguez antigo—derivado do celta—o mesmo que *mâmoa.* (Vide esta palavra.)

Os nossos antepassados, davam o nome de *modôrras* a qualquer monte de pedras miudas, quer fossem, quer deixassem de ser, mâmoas celtas (sepulturas.)—*E dês hi direito a hum viso levantado, pequeno onde está a modôrra pequena, de pedras.* (Tombo de Castro de Avellans, de 1501.)

Supponho que chamar-se modôrra ao somno pesado, imagem da morte, vem da modôrra, onde os seltas depositavam os seus mortos, para alli dormirem o somno eterno.

Tambem antigamente se dava o nome de *quarto da modôrra,* ao que a sentinella, vigia ou atalaia, fazia na madrugada; por ser a hora em que o somno mais persegue os que precisam estar acordados.

MOÉDA—portuguez antigo—era o direito de *bater moeda,* ou os emolumentos e pensões que ao senhor da moeda se pagavam.

Tambem se dava o nome de moeda, a certa somma, que, ou todos, ou de tantos em tantos, annos, pagavam ao principe, ou ao donatario, os vassallos, para não *quebrar a moeda.*

(No Aragão e na Catalunha, chamavam a este fôro ou tributo —*menetatico,* ou *monetagio.*)

Antigamente, não havia só moeda real, tambem muitos barões, arcebispos, bispos, egrejas e mosteiros (mesmo os de freiras) tiveram o privilegio de cunhar moeda, com divisa particular, em diversos estados da Europa.

Desde o seculo IX até ao fim do XIII, foram estes privilegios muito frequentes: principiaram a diminuir no seculo XIV, sendo por fim revogados e extinctos; ficando só o monarcha com o direito de cunhar moeda.

Em Portugal havia muito poucos d'estes privilegios.

D. Affonso Henriques, durante as guerras contra os leonezes e contra os mouros, querendo ter da sua parte o arcebispo e o clero de Braga, fez á sua cathedral (em 1128) grandes mercês, e privilegios, e entre estes, o de cunhar moeda. — O rendimento d'esta moeda era para a fabrica da Sé.

D. Affonso II, aboliu este privilegio, como se vê do rescripto (do papa Honorio III) de 23 de dezembro de 1221; pelo qual manda aos bispos de Astorga e Tuy, façam restituir á egreja de Braga, além de outras cousas, *Cancellariam, Capellaniam, et Monetam,* de que o rei a tinha despojado. Nada porém aproveitaram as diligencias do arcebispo e cabido de Braga, até que, em 26 de novembro de 1238, se concordaram, em Guimarães, o arcebispo D. Silvestre e seus conegos, com D. Sancho II, dando este rei á Sé de Braga, as egrejas de Ponte do Lima e da Toujinha (hoje *Touguinha*) em terra de Faria, livres e isentas de todo e qualquer direito real; e as suas villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adaúfe (hoje *Adoufe*) em terra de Panoyas—as quaes mandou coutar —*per lapides; sicut alind Cautam de Regno, quod melius cautatum est*—e o dito arcebispo e cabido renunciaram para sempre, todo e qualquer direito que tinham ou podessem ter—*super moneta capellanía et Cancellaría domini Regis.* (Documento de Braga.)

Nas côrtes de Santarem, de 1427, artigo 23, dos que se accordaram entre D. João I e a clerezia, se reconhece que o privativo direito e poder de cunhar moeda, pertence ao rei, *consintam ou não consintam os prelados.* Podendo mudal-a e por-lhe a valia, segundo entender para utilidade publica.

Tambem só ao rei ficou o direito de *quebrar moeda,* isto é, fundil-a de novo, augmentando-lhe o valor ou diminuindo-lhe o pêso. D'este direito muitas vezes usaram (e abusaram) os nossos reis, e isso deu motivo a alguns tumultos e desordens, quando eram frequentes essas quebras. Para evitar a repetida quebra de moeda, pagava o povo ao monarcha (como fica dito) o tal tributo chamado *moéda,* ou *monetagio.*

D. Sancho I, quebrou a moeda de seu pae, fazendo novos maravidis, de mais valor e menos peso.

Parece que D. Affonso II e D. Sancho II, tambem quebraram moeda, pois que, em 1255, D. Affonso III mandou passar uma carta a D. Martinho Nunes, mestre do Templo, *nos tres reinos*, na qual diz que, tendo precisão de quebrar a sua moeda (*monetam meam frangere*) *assim como seus antecessores o costumavam fazer*, etc., etc.

Então, a maior parte do clero e povo d'estes reinos, lhe supplicavam que lhes fizesse conservar em seu peso a mesma e costumada moeda, *por aquelles sete annos*, e que, cada um lhe pagaria uma certa quantia de dinheiro, pela conservação da mesma moeda. O rei assim o concedeu; e sendo-lhe já paga a maior parte do dinheiro, muitos prelados, clerigos e leigos, lhe exposeram que a dita solução *pro conservatione ipsius monetae*, era em grande prejuizo de Deus, do povo de todo o reino, e d'elle mesmo senhor rei; supplicando-lhe que nunca mais levantasse nem permittisse levantar-se ou levar-se cousa alguma, *dos homens do reino de Portugal*, à excepção d'aquillo que os seus predecessores costumaram sempre receber, por *gractione monetae*.

O rei assim lh'o concedeu, jurando nas mãos do bispo de Evora, D. Martinho, tocando os Santos Evangelhos, promettendo de assim o cumprir, e de nunca mais fazer vender a moeda d'este reino, nem levantar a moeda. Obrigando-se a isto por si e successores, sob as imprecações do costume d'aquelles tempos. Foi este juramento prestado em Santarem, a 18 de março do dito anno de 1255. (Doc. da Torre do Tombo.)

Em abril de 1261, o mesmo rei mandou cunhar moeda nova. Os prelados, barões, religiosos e povo, julgando-se gravados, allegaram que o rei—*nec de jure, nec de consuetudine hoc facere poteram, nec debedam;* e pediram-lhe que convocasse côrtes, para n'ellas se decidir a questão.

Convocaram-se effectivamente as côrtes em Coimbra, e, depois de muitas altercações, resolveram os procuradores, o rei, sua mulher (a rainha D. Beatriz) a infanta D. Branca, os do seu concelho e toda a sua *curia*, que a moeda velha fosse reduzida ao seu antigo valor, e ficasse para sempre: e que a moeda nova que então se estava lavrando, ficasse valendo e durando para sempre, com a moeda velha, com a condição de que, dez dinheiros da nova, em todas as compras e vendas e mais usos, valeriam 16 dinheiros de *veteribus denariis*.

Mas por isto lhe pagou o povo um tributo, na proporção dos seus haveres.

D'este tributo só foram isentos — o arcebispo de Braga, o grão-commendador do hospital e tres familiares de cada um d'elles—todos os bispos, os mestres do Templo e de Aviz, e o prior do hospital, com dois da familia de cada um.

D'alli a 8 annos, no 1.º de abril de 1270, o mesmo D. Affonso III, fez accrescentar a sua moeda, apesar dos seus protestos e juramentos.

D. Diniz, mandou cunhar *fortes* de prata, com o valor de 40 réis cada um; mas sem alterar o valor da antiga moeda.

D. Affonso IV fez novos *dinheiros alfonsins* [1] quebrando a moeda 3 dinheiros em cada soldo, no que lucrou muito.

D. Pedro I, não só cunhou *tornezes* grandes e pequenos, mas tambem *alfonsins*, e estes com muita liga; mas com o valor dos de seu pae.

D. Fernando I, tendo-se empenhado por causa da guerra contra Castella, arruinou muito os seus vassallos com o excessivo augmento que deu ás moedas antigas, e mandando cunhar outras muito baixas e ligadas, como *dinheiros de um só real*, *gentis*, *barbudas*, *graves*, *pilartes*, *fortes*, *meios-fortes*, *tornezes petites*, etc., etc.—Tudo com muito preço e pouco peso.

O povo queixou-se amargamente d'este excesso, e logo o rei, temendo que as queixas se transformassem em tumultos e graves desordens, mandou que a *barbuda* bai-

[1] Doze dinheiros dos antigos, faziam um soldo, e os novos dinheiros de D. Affonso IV, nove d'elles valiam um soldo.

xasse a dois soldos e quatro dinheiros, que vinham a ser quatro réis—o *grave*, a 14 dinheiros, que eram dois réis e dois seitis—o *pilarte* a 7 dinheiros, que era um real e um ceitil—e os dinheiros que de novo lavrára, a uma *mealha*, que era meio ceitil.

D. João I, sendo ainda só defensor do reino, e vendo-se na urgentissima necessidade de resistir a todo o poder de D. João I de Castella, e ainda mesmo aos inimigos de Portugal, não só recebeu o grande serviço de mil dobras que Lisboa lhe apromptou, e 287 marcos de prata, em cruzes e calices, e outras peças, que a Sé e as 20 egrejas, que então havia em Lisboa, lhe emprestaram (não fallando em todo o ouro e prata que por todo o reino lhe foi então offerecido) tambem fez que os poucos metaes valessem por muitos.

Desde logo fez lançar copiosa liga de cobre nos *graves*, *barbudas* e *pilartes*. O mesmo fez nos reaes de prata: principiou pelos de lei, de 9 dinheiros, depois fez outros de 6; logo outros de 5; havendo feito antes grande cópia d'elles, de lei, de um só dinheiro, ficando sempre o real de prata na mesma valía. Notemos, porém, que o *ceitil* de D. João I, valendo a sexta parte de um real, pesa hoje quatro réis!

D. Duarte fez cunhar *escudos de oiro* e *reaes brancos*, tudo com muita liga.

D. Affonso V por tres vezes mandou cunhar *reaes brancos*, sempre com o mesmo valor e menos peso, até que nas côrtes de Evora de 1473, para satisfazer ao clamor da nação, estabeleceu o modo como esses reaes se haviam de pagar, com respeito ao seu peso.

Tambem lavrou os cruzados com valor mais subido, mas de oiro de lei.

Nos sete reinados seguintes, se lavraram diversas moedas de oiro, prata e cobre, subindo sempre o valor dos metaes.

Os *reaes de cobre* do rei D. Manuel correram pouco; porque o que d'antes valia um ceitil, subiu logo ao valor de um real.

O mesmo succedeu aos *meios tostões*, de D. João III, que se davam pelo que antes custava um vintem. Este rei tambem cunhou grande cópia de ceitis, reaes e outras moedas de cobre, de pouco peso, pela falta que d'ellas havia; porque os estrangeiros a levavam para fora do reino como mercadoria, visto que a moeda das outras nações ainda era mais cara.

Quando Philippe II usurpou Portugal (1580) achou valendo 500 réis os *cruzados*, que principiaram com o valor de 400—e elle os subiu a 515, e fez moedas de oiro de 4 cruzados, que valiam 2:060 réis.

D. João IV, para defender o reino contra Philippe IV, fez recolher esta moeda, e cunhar outra do mesmo peso, mas com o valor de 3$000 réis—*meias*, que valiam 1$500 réis—e *quartos*, que valiam 750 réis. Valia então o marco de oiro de 22 quilates 30$000 réis.

D. Affonso VI fez subir estes *quartos* a 1$000 réis, e seu irmão, D. Pedro II, a 1$200 réis, ainda que pelo peso não chegavam a 1$000 réis. Tambem fez subir a 500 réis os cruzados de prata, e pouco depois os levantou a 600 réis. E como, ainda assim, os estrangeiros os levassem para fóra do reino, fez outros cruzados de menor peso, com o mesmo valor; mas que tambem desappareceram por ter subido o valor da prata em todas as nações.

D. João V, para supprir esta falta, fez os *cruzados novos* de oiro, com o peso de 400 réis e valor de 480.

Assim foi, desde os primeiros tempos da nossa monarchia, augmentando o valor dos metaes amoedados, até aos nossos dias; de modo que, sendo a moeda portugueza antigamente a moeda mais *forte* da Europa, está hoje mais *cara*, do que muitas de outras nações.

Pedro de Mariz, diz que—60 maravidis, de D. Sancho I, faziam um marco de oiro, e que, cada marco valia 6$480 réis, e o de prata, 400 réis, ou um pouco menos.

No reinado de D. Pedro I corria o marco de oiro, a 7$380 réis, e o de prata, pouco mais de 500 réis.

Depois foi sempre subindo o valor da moeda, a passo mais ou menos vagaroso.

A desgraçadissima derrota de Alcacer-Kibir (4 de agosto de 1578); as despezas es-

pantosas que se tinham feito para tão infeliz resultado, e as grandes quantias dispendidas com o resgate dos fidalgos, obrigaram D. Antonio, grão prior do Crato (acclamado rei pelo povo portuguez e por alguns poucos fidalgos) a elevar o marco de oiro a 40$000 réis, e o da prata a 4$000 réis, por provisão de 14 de julho de 1580. *(Liv. do registo da casa da moeda*, liv. 1.º, fl. 77.)

Desde 1563 até então estava o marco de oiro a 30$000 réis, e o de prata a 2$600. D. Philippe II, usurpando o throno portuguez, annullou todas as leis, decretos e provisões de D. Antonio, e mandou recolher á casa da moeda, para ser derretido, todo o dinheiro que se tinha cunhado durante o ephemero reinado de D. Antonio; ficando a moeda com o seu antecedente valor.

Em 1642, em razão das grandes despezas a que nos obrigava a guerra da independencia, mandou D. João IV, que o marco de oiro (de 22 quilates) valesse 42$240 réis (a 660 réis a oitava).

A lei de 4 de agosto de 1688, mandou levantar o oiro e a prata, mais 20 por cento, a saber:

Oitava de oiro, de 22 quilates, a 1:500 réis.

A onça a 12$000, e o marco a 96$000 réis.

Para os ourives, seria o ouro de 20 quilates e dois grãos, e valeria a oitava, 1$400, a onça, 11$200, e o marco 89$600 réis.

O marco de prata, de 11 dinheiros, 6$000 —a onça, 750 réis.

A prata dos ourives, seria de lei, de 10 dinheiros e seis grãos, e se pagaria o marco de peças, a 5$600 réis.

No reinado de D. João V era de 6$000 réis o valor das peças de ouro. D. José I as elevou a 6$400 réis, e assim estiveram, até 6 de março de 1822, em que o governo decretou que o seu valor fosse de 7$500 réis. Depois de 1834, subiu a 8$000 réis, e assim se conserva actualmente.

Moeda de sola

Muitos escriptores asseveram, e muitos outros negam que houve em Portugal *dinheiro de sola.* Diz-se que D. João I, sendo ainda só defensor do reino, durante o cêrco de Lisboa (1384) mandou cunhar dinheiro de sola. (*Memoria de el-rei D. João I*, por José Soares da Silva, livro 1.º, cap. 38, § 262.) Porém este escriptor, diz apenas, que *havia memoria* da cunhagem d'este dinheiro, sem dizer onde a achára.

Esta obra foi publicada em 1734.

D. Francisco de Menezes, conde da Ericeira (*Hist. geneal da Casa Real Port.*, tom. IV, pag. 419) que escreveu 4 annos depois de publicada a obra de José Soares da Silva (1738) diz haver *auctor verdadeiro*, que sustenta ter o mestre de Aviz feito cunhar dinheiro de sola; mas é de suppôr que este *auctor verdadeiro* seja o dito Soares da Silva, que foi o primeiro escriptor que fallou em similhante dinheiro, e a este seguiram os outros que asseveram a existencia de *dinheiros de sóla*

Nem nos archivos do senado da camara de Lisboa, nem na Torre do Tombo, apparece documento algum por onde se prove a existencia d'esta moeda.

Em nenhum museu numismographico existe dinheiro de sola, e ainda ninguem disse que o tinha visto.

De tudo o que fica dito, se conclue que, não se podendo negar abertamente a existencia de moeda de sola, em Portugal, no reinado de D. João I, é todavia mais que duvidosa a sua existencia.

João, rei de França, mandou cunhar moeda tão baixa e ligada, que causou grandes queixas, clamores e desordens por todo o reino. Comines, queixando-se d'este abuso de poder, diz, por ironia, que aquelle dinheiro era de sola, com um cravo de prata no centro. D'aqui nasceu dizer-se que aquelle monarcha mandou cunhar *dinheiro de sola;* e talvez tambem d'este facto proceda a

historia d'aquelle dinheiro, attribuida ao rei D. João, de Portugal.

Talvez que em tempos remotos viessem á Lusitania moedas de sola, trazidas pelos carthaginezes; porque estes as tiveram, se é certo o que diz Cesar, nos seus *Commentarios*, livro 1.º, cap. 4.º; mas d'ellas não tratam os nossos escriptores.

—

Em 1471, D. Affonso V prohibiu n'este reino o curso dos *Anriques de Castella.*

D. João III, prohibiu, sob graves penas, as *dobras*, *meias dobras* e *quartos*, dos xarifes de Marrocos e de Sus; permittindo que se levassem á casa da moeda de Lisboa ou do Porto, onde seriam recebidas e pagas pelo seu justo peso, que era insignificante.

Por alvará de 9 de janeiro do 1564, se prohibiram as *patacas de Allemanha*, falsificadas, que corriam a 300 réis, consentindo-se que fossem levadas á casa da moeda.

Por alvará de 13 do mesmo mez e anno, se prohibiram todas as moedas em geral, que fossem feitas fóra do reino.

Actualmente teem curso legal n'este reino, as *libras* e *meias libras*, inglezas, e varias moedas hespanholas, e das republicas da America do Sul.

MOELHA—portuguez antigo—moeda.

MÕES—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros ao N. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 270 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era um concelho, de 1:200 fogos, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

O conde almirante apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra fertil e muito antiga,

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 7 de maio de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira.* fl. 116, col. 2.ª)

MOFACEM—aldeia da Extremadura, ao S. do Tejo, freguezia e junto a Caparica, comarca e concelho de Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É a palavra arabe *Mohacem*, barbeiro. Significa pois—povoação do barbeiro.

Vem do verbo *haçana*, fazer a barba.

MOFREITA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca e concelho de Bragança, até 1855)—24 kilometros de Bragança, 490 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago S. Vicente, Martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

Pouco fertil. Cria algum gado e nos seus montes ha muita caça.

É situada em terreno accidentado, perto da margem esquerda do Túa, e proximo á raia hespanhola.

MOGADOURO—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 170 kilometros ao N. de Braga, 54 ao S. de Bragança, 40 de Miranda, 405 ao N de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de centeio, 50 almudes de vinho, e 36$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

O seu concelho é composto das 34 freguezias seguintes :—19 no arcebispado de Braga, que são—Mogadouro, Figueira, Valle da Madre, Soutêllo, Remondes, Castro Vicente, Brunhoso, Paradella, Valle-Verde, Meirinhos, Estevaes, Castello-Branco, Valle de Porco, Villar do Rei, Bruçó, Villarinho dos Gallegos, Villa dos Sinos, Ventozêllo e Villa de Ala.

E 15 no bispado de Bragança, que são—Thó, Perêdo, Bemposta, Urrôs, Travanca, Brunhosinho, Sanhoâne, Saldanha, Castanheiro, S. Martinho, Macedo, S. Pâyo, Azinhoso, Penas Royas, e Vâriz.

Todas com 3:300 fogos.

A comarca é composta do julgado de Mogadouro, com os ditos 3:300 fogos, e do de Freixo de Espada á Cinta, com 1:500—toda a comarca, 4:800 fogos.

—

D. Affonso III lhe deu foral, em Santarem, a 27 de dezembro de 1273. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 118, col. 2.ª, *in fine.*) O mesmo monarcha lhe deu outro foral, em Santarem, a 18 de novembro de 1273. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 126 v., col. 1.ª—e no maço 9 de *foraes antigos*, n.º 10.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 6 v., col. 2.ª)

—

A villa está situada em uma eminencia.

É povoação muito antiga, provavelmente do tempo dos romanos, e com certeza, do tempo dos arabes, que lhe deram o nome, que com pouca corrupção ainda conserva; pois se chamava *Macaduron*, que significa —fatal, inevitavel, que tinha de ser.

Macaduron, é tambem nome proprio de homem, arabe, com a mesma significação. É de suppôr que algum mouro que a fundou, reedificou ou povoou, lhe desse o seu nome.

Foi povoação muito florescente, quando aqui habitaram os marquezes de Tavora, que n'esta villa tinham um bom palacio, que está em ruinas, assim como outros edificios da villa.

Em *Ventozêllo*, proximo á villa, explora-se uma boa mina de chumbo.

Teve um convento de frades menores, ou capuchos (*bôrras*) da provincia dos padres terceiros de S. Francisco, o maior mosteiro da sua provincia, depois do de Lisboa.

Foi praça de guerra, cercada de muralhas e com um forte castello, tudo hoje em ruinas. Eram seus alcaides móres, os marquezes de Tavora.

Tem Misericordia e hospital.

—

Foi a villa do Mogadouro, commenda da Ordem do Templo, até á sua suppressão, em 1311, e desde 1319, commenda da Ordem de Christo, até 1834,

Foi D. Diniz, sua mulher, Santa Isabel, seu filho, D. Affonso (depois IV) e a infanta D. Constança que deram esta villa aos templarios, em 1297.

Denominava-se—*commenda de S. Maméde do Mogadouro e de Santa Maria de Penas Royas*—«*Cum suis capellis, et cum suis hirmitagiis, et cum omnibus juribus, et pertinentiis suis... Facta cartha Colimbria, viginti quinque die Maii. Regemandante, Era milessima trescentessima triussima quinta.* (Vem a ser a era 1335, ou o anno de Jesus Christo 1297.)

Esta doação, foi confirmada por varios officiaes do paço; por D. Martinho, arcebispo de Braga; por D. João, bispo de Lisboa; por D. Sancho, bispo do Porto; por D. Valasco, bispo de Lamego; por D. Egas, bispo de Viseu; por D. fr. João, bispo de Idanha; por D. Pedro, bispo de Coimbra; por D. Fernando, bispo d'Evora; e por Estevão Pedro de Rates, governador do bispado de Silves, *séde vacante..*

—

Na era de 1292, tinham havido duvidas, por causa dos dizimos d'esta commenda, entre o commendador do Mogadouro, e o de Penas Royas, fr. Martim Paes—e D. Adriano, *porsoneiro* do concelho de Penas Royas.

Para terminarem estas duvidas, se juntaram em camara, perante o bispo de Samóra (Hespanha), em um sabbado, 1.º de agosto, d'aquelle anno. O bispo, sentenciou que se déssem ao dito commendador, pelo concelho de Penas Royas, o *dizimo de leite, de moinhos, e de lan, e de queijos, e de manteiga, e de cêra, e de* mil (mel) *e de tecederas, e de mestriales, e de los mancebos, e de los que traen bestias em carreira, e de los que vivem per menester de suas manos, mager que lavrem com boys, e dem desimo de pon e do viño, e por lo que gañan em suas mercaduras. E cada uun destes devem a dar señas quartas em diesmo. E los mancebos que lavrar por pau mager, que el diesmo sea dado del modo todo entregamente. E los mancebos devem dar diesmo del pan que reciben en soldada. E outro sin, los que estan per maravediz a soldadas, dar el diesmo de los maravediz.*

Todos sabem que a ordem dos templarios foi supprimida em toda a Europa, em 1311, pelos crimes monstruosos (uns verdadeiros e outros imaginarios), que attribuiram aos seus cavalleiros, que em muitas nações, sobre tudo na França, foram uns desterrados, outros morreram nas masmôrras e outros

perderam a vida, no meio dos mais incomportaveis tormentos.

Em Portugal porém, as cousas correram por modo mui diverso.

O nosso bom rei D. Diniz, mandou proceder a minuciosas investigações e rigorosas devaças; mas, apesar da má vontade que alguns tinham aos templarios, não se lhes acharam crimes, e só muito orgulho, grande poder, e excessiva influencia.

O rei portuguez, obedeceu ao breve do papa Clemente V, extinguindo esta poderosa ordem, e sequestrando-lhe todos os seus immensos bens e rendas[1], mas os templarios não soffreram outros castigos, sendo até grande parte d'elles admittidos na Ordem de Christo, que o mesmo rei, com raro desinteresse e machiavelico patriotismo, então creou.

Clemente V, allegava direitos a todos os bens dos templarios, como ordem monastica, e em algumas nações foi o herdeiro d'elles; mas D. Diniz descobriu o meio de se eximir (com dignidade, e sem promover disputas com a curia romana) de vêr passar a outro reino os immensos valores que possuira esta ordem; creando a de Christo, á qual deu tudo quanto era dos templarios.

Entre tanta cousa bôa, que Portugal deve a D. Diniz, este facto é com certesa um dos que mais brilhantes provas dão do bom senso, illustração, sagacidade e patriotismo d'este inclito monarcha.

Por carta regia, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de 1357 (15 de novembro de 1319), se mandou fazer entrega, a D. Gil Martins, 1.º mestre da Ordem de Christo, de todos os bens, rendas e direitos, que foram da ordem do Templo, *tanto espirituaes, como temporaes*, e dividas.

[1] A pag. 105, do 1.º vol., disse quaes e quantos eram os bens e rendas dos templarios. Aqui accrescentarei o que penso a respeito d'esta ordem. Na minha opinião, os *grandes crimes* dos templarios, eram exactamente os dos jesuitas—muito poder (a ponto de formarem um outro estado no estado) e —sobre tudo—as suas grandes riquezas, que os reis do seculo XIV, e os do seculo XVIII, ardentemente ambicionavam. Era preciso procurar pretextos para estas duas grandes rapinas, e achou-se facilmente.

A commenda de S. Maméde do Mogadouro, foi erecta em 11 de junho da era de 1359 (30 de maio de 1321), na cidade de Lisboa, e casas da ordem de Christo.

As egrejas de S. Mamede do Mogadouro, e Santa Maria de Penas Royas, tinham sido dadas aos templarios (que só as possuiram 14 annos), com todas as suas capellas (menos a de Nossa Senhora d'Azinhoso), direitos e pertenças. (Vide *Azinhoso*.)

D. Martinho, arcebispo de Braga, deu o seu consentimento á doação de D. Diniz, e de sua mulher e filhos.

Em 1300, tinham os arcebispos de Braga, junto á egreja de Nossa Senhora, bôas casas de residencia.

Eram no sitio hoje chamado *Curral do Bispo*.

Na Torre do Tombo, se acha uma composição, feita entre o commendador do Mogadouro e Penas Royas, que era do Templo; e o commendador de Algoso, que era do Hospital, feita no anno de 1239. Por ella se extinguiram todas as *malfeitorias, questões e deshonras*, que reciprocamente se tinham praticado; accrescentando os juizes arbitros, que o commendador do Mogadouro désse ao de Algoso, 233 maravidis e 3 soldos; e este désse áquelle, 1:660 maravidis, *et duas luricas, et unum lorigom*.

E tudo isto, pago até ao dia de S. Martinho, do mesmo anno, sob pena de 5:000 maravidis alfonsins, pagos pela ordem do commendador que a isto faltasse.

—

Pelos fins do seculo XV, nasceu n'esta villa, fr. Antonio de Sá. Foi doutor em Canones, pela universidade de Salamanca, e desembargador do rei D. Manuel. Deixou a côrte e foi professar a regra de S. Bento, no mosteiro de Monserrate, na Catalunha.

Sendo D. abbade de S.Vicente, em Salamanca, o chamou D. João III, para commendatario do real mosteiro de Alcobaça, que governou exemplarmente, e tambem os de Tibães, Carvoeiro e Arnoya, da ordem de S. Bento. De todos foi grande bemfeitor, e restaurador da observancia religiosa.

Tornou para o seu mosteiro de Monserra-

te, onde falleceu, em 10 de agosto de 1550, e alli jaz sepultado.

—

É esta villa, patria de Santa Marina (ou Marinha). A luz do desengano, e o despreso das vaidades, a levaram a um sitio alpestre e solitario, proximo á cidade de Salamanca, e alli, separada de todo o trato humano, fez vida santissima.

Por sua morte, se fundou n'aquelle sitio um insigne convento, de frades menores, dedicado á mesma santa, onde jaz o seu cadaver, e a 4 de maio de cada anno, se lhe faz uma solemne festividade.

—

Na egreja do mosteiro d'esta villa, é tida em grande veneração, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Ha d'esta imagem a lenda seguinte.

Havia n'esta villa um clerigo, muito devoto da Santissima Virgem, que mandou fazer a um esculptor uma imagem de Nossa Senhora, para a collocar na egreja.

Era tão pobre o esculptor, que nem tinha dinheiro para comprar a madeira para a imagem, sendo preciso dar-lh'a o clerigo. Este foi vêr a imagem, quando estava apenas desbastada; mas achou-a tão mal principiada que disse ao artista que a não continuasse, por que a não queria.

O esculptor encostou a imagem para um canto de sua casa, onde esteve por algum tempo, esquecida e abandonada. (Isto foi pelos annos de 1680.)

Sabendo isto os frades do mosteiro, foram alguns, por mera curiosidade, a casa do esculptor, vêr a imagem regeitada; mas não lhe achavam as imperfeições que o padre lhe attribuia (provavelmente por a vêr por acabar), e a pediram ao padre, para a mandarem concluir, ao que o elle logo annuiu.

Era padroeiro do convento e residia na villa, o marquez de Tavora, a quem os frades foram pedir que mandasse acabar a imagem, ao que elle de boa vontade accedeu.

Concluiu-se a imagem, e ficou perfeitissima, tanto de esculptura como de pintura; e foi collocada com grande solemnidade no altar lateral, da parte do Evangelho.

Em 1696, todo o povo da villa decidiu fazer uma grande festa á Senhora, no dia 8 de dezembro d'esse anno. Queriam estes devotos que a imagem apparecesse n'este dia com a sagrada custodia nas mãos, o que não era facil, porque a imagem estava com as mãos postas (como todas as imagens da Virgem, representando o augusto mysterio da sua Conceição).

Para conseguirem os seus fins, ataram a custodia com fitas; mas não foi preciso, por que a Senhora abriu as mãos, e segurou com ellas a custodia. Foi desde esse dia que a imagem ficou com as mãos abertas. Este milagre foi legalmente authenticado *auctoritate ordinarii*.

—

É baronesa do Mogadouro a sr.ª D. Anna Izabel Maria de Moura Pegado—e barão do mesmo titulo o sr. Antonio Saraiva de Albuquerque Vilhena.

—

Moura é appellido nobre em Portugal, tomado da villa de Moura no Alemtejo, cuja povoação conquistaram aos mouros, em 1167, Pedro Rodrigues e seu irmão Alvaro Rodrigues; e por isto tomaram por appellido (ou lh'o deu D. Affonso Henriques) o nome d'esta villa, o qual passou aos seus descendentes.

D. Affonso Henriques lhe deu brazão de armas, que são: em campo de púrpura, sete castellos de oiro, em 3 palas, com porta, e lavrados de negro. Elmo de aço aberto, e por timbre um dos castellos das armas.

Ha tambem os Mouras Cortes Reaes, descendentes do tristemente celebre D. Christovão de Moura, feito por Philippe II, conde de Castello Rodrigo, e por Philippe III marquez do mesmo titulo.

Seu filho, D. Manuel de Moura Corte-Real, foi marquez de Castello Rodrigo, conde de Lumiares, e gentil-homem da camara de D. Philippe III.

Os Mouras que procedem d'este D. Manuel trazem por armas—escudo esquartelado—no 1.º quartel as armas dos Mouras antecedentes—no 2.º e 3.º as dos Costas, com uma cruz de S. Jorge em chefe. Elmo e timbre os mesmos.

(Vide *Castello Rodrigo*—e *Lisboa*, a paginas 125.)

Pegado é appellido nobre portuguez, e a familia que primeiro o usou, era da cidade de Elvas, onde instituiu morgado, Fernando, Estevão Martins Pegado, vassallo de el-rei D. Affonso IV. Este appellido foi procedido de alcunha, e estendeu-se por muitas povoações do reino e conquistas.

Trazem por armas—em campo de oiro, quatro coticas de púrpura em banda. Timbre 3 setas de prata com hasteas de oiro, empennadas de púrpura, e atadas em roquete, com fita da mesma côr. No livro dos reis de armas, são as mesmas dos Privados (appellido) com differença no timbre.

Saraiva, é appellido nobre em Portugal—cuja familia era da Biscaia, onde tem o seu solar, na villa de Saraiva, no districto da Montanha.

Passou a Portugal, no tempo de D. João I, nas pessoas de Vicente Fernandes Saraiva e Antão Saraiva, que vieram acompanhar sua irman, dama da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e se estabeleceram na villa de Trancoso, d'onde seus descendentes passaram para a cidade da Guarda. Trazem por armas, escudo dividido em faxa, a 1.ª, de veiros de prata e azul, e a 2.ª, de agua. Orla de púrpura, na qual apparecem as pontas de uma cruz de ouro, floreada. Timbre, meio peixe.

Estas armas, deu D. Pedro de Castella a um biscainho da villa de Saraiva, por tomar duas náus francezas, com uma só em que andava.

MOGABRIL — portuguez antigo — negociante, mercador.

MOGÊGE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil, e cria muito gado.

O conego magistral da Sé de Coimbra, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 80$000 de renda.

MÓGO—portuguez antigo—marco, que divide um territorio, ou propriedade, de outro. Ainda hoje são notaveis os *mogos* d'Anceães. *Mogo*, é o mesmo que *moiom*.

Ha em Portugal varias aldeias, e muitos sitios com o nome de *Mógo* e *Mógos*.

MÓGO DE MALTA—freguezia, Trás-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anceães, comarca de Moncôrvo, 120 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Bragança.

O commendador de Malta, de Poyares, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 40$000, e o pé d'altar.

Era commenda da ordem de Malta, pelo que, até 1834, os povos d'esta freguezia, gosavam dos grandes (e alguns absurdos), privilegios de *caseiros de Malta*. (Para a etymologia, vide *Mógo*.)

MOGOFORES, ou **MONFORES**—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 18 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra e districto administrativo d'Aveiro.

(Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro* e *Profano*, por esquecimento do seu auctor.)

Tambem alguns dão a esta povoação o nome de *Mongofôres* e de *Mogafores*.

É aqui a 30.ª estação do caminho de ferro do Norte, o que tem feito prosperar bastante a villa.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 148 v., col. 2.ª)—N'este foral, se lhe dá o nome de *Mogafores*.

Tem um bonito theatro, inaugurado em agosto de 1874.

Pertence ao paiz vinhateiro da *Bairrada*, e é terra muito fertil.

MOHÍA, ou **MOÍA**—Vide *Muhía*.

MOIMENTA (de Bouro)—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde (antiga comarca de Pico de Regalados) concelho de Terras

de Bouro, 18 kilometros ao NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. João da Balança, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Momenta*, e assim vem no *Portugal Sacro* e *Profano*.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes (ramos do Geréz), ha muita caça.

MOIMENTA—freguezia, Trás-os-Montes, comarca e concelho de Vinhães (foi do extincto concelho de Santalha, comarca de Bragança), 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresntava o abbade, que tinha 200$000 réis.

MOIMENTA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 2 kilometros de a O. Gouveia, 84 a SE. de Coimbra, 285 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Para a differençar das outras, e por estar na serra da Estrella, dá se a esta freguezia o nome de *Moimenta da Serra*.

A casa das rainhas apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

—

O celebre Bento de Moura Portugal, que morreu durante a administração do marquez de Pombal, preso nos carceres da Junqueira, nasceu em 21 de março de 1702, em Moimenta da Serra.

Era filho de Mannel de Moura Castanheira, natural de Sinde, e parente, por uma filha bastarda, de uma nobre casa d'esta povoação, cuja familia descendia de D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo, bem conhecido na historia d'este reino, quando ficámos sujeitos a Castella.

Bento de Moura Portugal frequentou a Universidade, formando se em leis, no dia 11 de maio de 1731.

A sua inclinação porém não o levava para esta disciplina, mas para o calculo e para as sciencias exactas, ao estudo das quaes se entregou depois de formado.

Sendo reconhecido o seu merecimento por el-rei D. João V, foi por este monarcha mandado viajar, e tal era a estimação que d'elle fazia, que por uma provisão mandou que estivessem paradas todas as demandas que Bento de Moura tivesse, emquanto elle andasse occupado nos estudos de que era incumbido.

Depois que voltou da Allemanha para o reino, fizeram-se muitas obras por sua direcção, que foram de utilidade para este paiz, como foi a abertura dos paúes de Villa Nova de Magos, do Juncal e Trejoito; a introducção da barca de Sacavem, etc.

O seu amor da patria era levado a tal grau, que mesmo depois de sepultado no carcere 7.º do forte da Junqueira, fez varios inventos, e o plano de muitas obras de utilidade publica, escrevendo os seus pensamentos com penna feita de um ossinho de gallinha e tinta de ferrugem.

O unico motivo da prisão d'este portuguez illustre, foi o ter fallado da innocencia dos Tavoras e dos padres da Companhia de Jesus; e sendo interrogado por esse facto, confessou que tinha mostrado essa opinião, pelo que lhe respondeu Sebastião José de Carvalho, entrando em furor, que era esse o maior crime que podia commetter.

Foi mettido na peior das casas escuras; e com o mau trato, falta de remedios, e a continuação do aperto, esquentou-se-lhe a cabeça, e chegando a perturbar-se lhe o cerebro, poz se de joelhos, e fazendo o acto de contricção, encommendou-se a Nossa Senhora, e entrou na diligencia de se degolar. O que lhe valeu foi o não ter senão uma faca muito velha, quasi incapaz de cortar pão; pelo que lhe não foi possivel cortar as guelas por mais que trabalhou.

N'esse tempo entrou por acaso um dos

guardas na sua casa, e vendo-o alagado em sangue, lhe tirou a faca.

Foi por isso mandado para a sua companhia o padre João de Mattos, jesuita, que esteve com Bento de Moura até este fallecer.

Na prisão tinha Bento de Moura inventado um modo de abrir as portas dos carceres (não obstante ter cada portal tres portas, uma de ferro e duas de madeira), e com esse soccorro sahiam os presos todas as noites das prisões, e se ajudavam e soccorriam uns aos outros, havendo muitos com graves molestias, e á falta de outros meios necessitavam summamente d'estes allivios.

Pelo modo já mencionado, da penna feita de um ossinho de gallinha e tinta de ferrugem, escreveu Bento de Moura Portugal, nos carceres da Junqueira:—Um dialogo sobre as obras do Tejo—Outro dialogo sobre as obras do Mondego—Modo para que as asenhas ordinarias façam dobrada farinha com a mesma agua e queda que tem—Modo de augmentar a velocidade aos barcos do Ribatejo—Observação pertencente ao leme das embarcações—Nova idéa de remos para os navios—Motivo que teve o auctor para fazer uma experiencia sobre o Danubio—Dialogo curioso sobre varias coisas da America—Noticia particular sobre augmentar a força da artilheria com ametade da polvora—Modo de averiguar se por baixo dos campos que correm ao longo dos rios, ha, ou não ha, oiro, antes de abrir as catas.

MOIMENTA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (até 1855 do concelho, então supprimido, de Sanfins, e comarca de Résende), 40 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 70$000 réis de congrua e o pé de altar.

Está esta freguezia em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Paiva, e aqui termina, pelo O., a provincia da Beira Alta e o districto administrativo de Viseu; pois que o rio n'este sitio, separa esta provincia da do Douro, e o districto administrativo de Viseu do de Aveiro. Em frente, na margem esquerda do Paiva, lhe fica a freguezia de Bairros, no concelho de Castello de Paiva, comarca de Arouca.

É terra muito fertil. Produz muito bom vinho verde. Nos seus montes ha muita caça, e o rio lhe dá bastante e optimo peixe, sobretudo excellentes lampreias e trutas.

Cria muito gado, e tambem tem abundancia de cera e mel.

No logar da Travanca, d'esta freguezia, viveu muitos annos o nobre fidalgo, José Soares de Albergaria, natural da Rêde. Hoje reside alli a sua viuva e um filho. São filhas de José Soares de Albergaria D. Maria Soares de Albergaria (a celebre *Condessa de Monte-Merli*) D. Amancia Soares de Albergaria, solteira; e D. Bertha Soares de Albergaria, casada com Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira Padilha Seixas de Harcourt, fidalgo bem conhecido.

É povoação muito antiga.

Em 1181, Pedro, Egas, Soeiro, Fernando, Mendo, João, Affonso, Martinho, D. Maria e D. Marinha, deram a sua mãe, D. Mayor Soares, viuva de Pelagio Fernandes, padroeira do mosteiro de Santa Eufemea, de Ferreira (de freiras benedictinas)—todas as herdades que tinham no bispado de Lamego, que eram —a *quinta das Maçans*, com todas as suas pertenças—dois casaes n'esta freguezia de *Moimenta*—dois ditos em Quintella—um no *Omezío* (Homisio), e o mais que lhes pertencia em *Almakavi* (Almacáve) e *Lama*. Diz a escriptura de doação que—dão isto a *nostrae Matri, et filias vestras, Dordia, Tarasia, et Mayor Pelagii.*

D. Mayor Soares, apenas viuvou, se recolheu no dito convento de Ferreira, com suas tres filhas, D. Dordia, D. Thereza e D. Mayor.

Martinho Paes, um dos filhos de D. Mayor Soares, foi abbade de Santo André, de Ferreira, e depois bispo da Guarda.

Deu ao mosteiro de Santa Eufemea, em contemplação de uma sua irman, que era prioresa do mosteiro, todos os dizimos, das terras que o dito mosteiro quizesse cultivar em toda a freguezia, que então se estendia desde o Vouga, até ao Paiva!—(Vide *Ferreira d'Aves*, pag. 173, do 3.º vol.)

Em 1163, Pedro Viegas (auctorisado por D. Affonso Henriques), vendeu a D. Thereza Affonso, por 480 maravidis, tudo o que tinha no territorio de Lamego e *Ermamar* (Armamar)—a saber, em *Queimada*, *Figueira*, *Portêllo*, *Quintião*, *Bouzoas*, *Penellas*, *Muimenta* (Moimenta), *Magueija*, *Candêdo* (debaixo do monte Galafúra), *Valle-do-Conde* e *Lamaçaes*, aguas vertentes para o Douro.

Esta freguezia fica apenas a 3 kilometros do rio Douro, e, para se differençar das outras do mesmo nome, se lhe chama *Moimenta do Douro*. (Era mais proprio chamar-se-lhe *Moimenta do Paiva*.)

MOIMENTA—aldeia, Douro, na freguezia de Fornos, do concelho do Castello de Paiva, comarca d'Arouca. Ha aqui uma antiquissima quinta, que foi dos Figueirôas, e é hoje do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte Negro, da quinta da *Bôa-Vista* (junto a villa do Sobrado de Paiva), e pae do distincto major de estado-maior de engenheria, o sr. Augusto Pinto de Miranda Monte-Negro.

São tambem filhos do sr. Bernardo Pinto, os srs. dr. Albino, Pedro e Martinho Pinto de Miranda Monte-Negro.

O pae era sobrinho, materno, do general Pamplona, visconde de Beire.

Esta *Moimenta*, fica quasi em frente da freguezia antecedente, do mesmo nome, e proximo da margem esquerda do rio Paiva.

MOIMENTA DA BEIRA—villa, Beira Alta, cabeça de concelho e de comarca, 25 kilometros a E. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis.

Para evitar repetições, e para mais extensas noticias com respeito a esta povoação, veja se *Cambres*, pag. 53, do 2.º vol.—*Caría* (a 2.ª), pag. 108, col. 2.ª, do mesmo 2.º vol. —e *Maceira-Dão*, no principio de pag. 13, d'este vol.

O concelho de Moimenta da Beira, é composto das 18 freguezias seguintes—todas no bispado de Lamego—são: Aldeia de Nacomba, Alvite, Arcozéllos, Ariz, Baldos, Cabâços, Castello, Cevêr, Leomil, Moimenta da Beira, Nagósa, Paradinha, Paçô, Pera-Velha, Péva, Sarzêdo, Segões e Villar. Todas com 2:700 fogos.

A sua comarca é composta do seu julgado, e do de Cernancélhe, que tem 2:700 fogos, vindo a comarca a ter 5:400 fogos.

—

Teve um convento de freiras benedictinas, fundado pelo dr. *Fernão Mergulhão*, abbade de S. Clemente de Basto, e desembargador da relação ecclesiastica de Braga; natural d'esta villa—o qual alcançou da Sé apostolica licença para esta fundação, que fez em 1594, na casa em que nasceu; trazendo do mosteiro de Semide, tres irmans professas, que eram—D. Isabel Mergulhão, abbadessa perpétua; D. Guiomar Nunes: e D. Margarida de Lucena. Com estas senhoras, veiu Antonia Ferreira.

Deu o fundador, a este mosteiro, 700 medidas de trigo e centeio, um souto, uma vinha, juros de quatro contos de réis, muitos e ricos paramentos e moveis, para a egreja e para o convento, além do edificio e cêrca.

Sendo este mosteiro fundado só para 12 freiras, chegou a ter mais de 40. (Adiante dou mais algumas informações sobre este mosteiro.)

N'esta villa nasceu o distincto doutor em medicina, *Duarte Madeira*, que morreu em Lisboa, em 1652. Foi medico da casa real; escreveu varias obras, sendo a principal, a sua—*Apología*—methodo facil de conhecer e curar as doenças secretas.

—

Em o n.º 693 (de 29 de outubro de 1874), do *Correio da Tarde*, se vê o artigo seguinte:

Communicado

As constantes provas de verdadeira estima, que me tem dado o ex.mo dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar, exigem que eu patenteie o meu reconhecimento, com mais publicidade que uma carta particular.

E como me honro com o seu parentesco,

manifesto nas columnas d'este jornal a origem d'elle.

Dos meus ascendentes, por as casas de Barbosas, de S. João de Fontoura e Castro-Daire, tive a Fernando de Lucena, fidalgo de Cordova, no tempo do imperador de Hespanha, Carlos V.

Este Fernando de Lucena, casou a primeira vez, com D. Leonor de la Penha, de quem enviuvou.

Casou segunda vez com D. Leonor Monteiro, filha de Lopo Martin Monteiro, fidalgo da casa real.

O dito Fernando de Lucena, entre varios filhos teve a D. Beatriz de Lucena, a qual casou com Vasco Mergulhão, cavalleiro do habito de Christo, de quem houve Fernão Mergulhão, fundador do mosteiro de religiosas de S. Bento de Moimenta[1].

Teve mais a D. Maria Mergulhão, que casou na Torre, e outra filha do mesmo nome D. Maria de Lucena, abbadeça perpétua, do convento de Moimenta[2].

A sobredita D. Maria Mergulhão, casou com Lourenço Couraça, de quem teve a D. Maria Mergulhão, que casou na Torre, com Domingos Carneiro, e a D. Petronilha Mergulhão, que casou com Jorge de Gouveia, em Fonte Arcada.

É isto textualmente o que encontrei, em antigos documentos genealogicos, colligidos pelos meus antepassados, e que publico com toda a satisfação, em testemunho de eterno reconhecimento e affeição a meu primo, o dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral.

S. C. 20 de outubro de 1874.

Ayres Adolpho de Mendonça.

—

Está esta villa, situada na encosta de uma serra, cortada pelo meio, por uma pequena ribeira, sobre a qual ha uma ponte de cantaria.

[1] Engana-se o sr. Mendonça. A mulher de Vasco Mergulhão (filha de Fernando de Lucena), chamava-se *Leonor*, e não *Beatriz*.

[2] Tambem aqui se engana o sr. Mendonça. A irman do fundador do mosteiro de Moimenta (Fernão Mergulhão), que foi abbadessa perpétua do mesmo mosteiro, era D. *Isabel*, e não D. *Maria*.

Tem bôas casas, sendo a melhor, a do sr. Sarmento Loureiro.

—

É povoação muito antiga, e admira-me não vêr em Franklim mencionado foral algum, antigo, ou moderno, dado a esta villa.

—

Ha n'esta villa, um escrivão do juizo de direito, que se assigna ordinariamente *Leonardo José de Barros;* mas quando quer escrever todo o seu nome (o que poucas vezes faz), assigna-se—*Leonardo José de Barros Ernesto Arganaz Pedasunhos Barbadães Mello Silva Silveira Trancas Canavarro Lima, etc., etc.*

—

Tendo dito na palava *Armamar*, do 1.º volume, que na villa d'este nome, era o solar dos *Mergulhões*, de que era chefe, o sr. dr. Acacio Mergulhão Neves Cabral Macedo e Gama, cumpre aqui dar algumas rectificações, e alguns esclarecimentos a respeito d'esta familia, e da fundação do convento d'esta villa de Moimenta da Beira.

D. Fernão de Lucena, fidalgo hespanhol, natural de Córdova, casado em primeiras nupcias com D. Leonor de la Peña, estando nas côrtes, emigrou para Portugal, por desavenças que teve com outro fidalgo; e, como trouxesse cartas de recommendação para o infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, aquelle o fez védor da sua fazenda: e, estando já viuvo, contrahiu 2.as nupcias, com D. Leonor Monteiro, da villa de Leomil, e da qual teve, D. Leonor de Lucena.

Casou esta D. Leonor, em Moimenta da Beira, com Vasco Mergulhão, fidalgo, e cavalleiro professo na Ordem de Christo, e tiveram, entre outros filhos, o licenceado Fernão Mergulhão, abbade de S. Clemente de Basto, governador do arcebispado de Braga, e fundador do mosteiro de Moimenta.

Darei aqui mais alguns esclarecimentos sobre a fundação do convento, além das que já ficam escriptas.

Obteve o fundador, uma bulla do papa Clemente VIII, em 27 de setembro de 1594, para a erecção de um convento de freiras benedictinas, sob a invocação de Nossa Senhora da Purificação, nas proprias casas em que nasceu.

Foi a bulla mandada cumprir, pelo bispo de Lamego, D. Antonio Telles de Menezes.

Na bulla, se lhe concediam *in perpetuum*, dois logares gratuitos, para duas parentas suas, orphans e pobres; bem como a permissão de serem sepultados na capella-mór da egreja do mosteiro, elle e todos os seus parentes.

Foi este convento ultimamente supprimido, e encorporadas as suas rendas no convento das Chagas, de Lamego, com o qual, ainda ha poucos annos, litigou o sr. Antonio de Sousa Mergulhão Cardoso de Lucena, para que sua filha, a sr.ª D. Maria Augusta Mergulhão, fosse occupar n'elle, um dos taes logares gratuitos; e para o mosteiro das Chagas veio a entrar, depois de muitas difficuldades.

Ainda existe n'esta villa, a egreja do mosteiro, e na capella-mór um mausoleu, com as cinzas de Fernão Mergulhão; vendo-se no arco cruseiro e na porta principal, o brazão d'armas, dos Mergulhões, entrelaçado com o dos Lucenas, Couraças e Teixeiras.

—

D. Maria Mergulhão, irman do fundador do mosteiro, casou com o dr. Lourenço Couraça Teixeira, capitão mór de Moimenta, e natural da villa da Torre de Moncorvo, e por esta villa, procurador ás côrtes de Lisboa.

Tiveram estes, varios filhos, e entre elles, Fernão Couraça Mergulhão; D. Maria Mergulhão, casada com Domingos Carneiro; e D. Petronilha Mergulhão, que casou com Jorge de Gouveia Cabral.

D'aqui provieram varios grupos d'esta distincta familia.

Um é representado na villa de Tarouca, pelo sr. Bernardo Pereira de Gouveia, filho do general do mesmo nome.

Outro no concelho de Cernancêlhe, representado pelas sr.as Gouveias, da Faia, e outras familias.

Era outro grupo, representado pelos filhos do dr. Paulo Luiz da Silva, um dos quaes, o morgado, o sr. João Bernardo Pinto Mergulhão, casou com a sr.ª D. Julia Cardoso de Lucena; d'onde procedem os Mergulhões, de Nogosa, hoje representados pelo sr. João Bernardo Cabral Coutinho Pinto Mergulhão Bandeira—e os da Granja do Tédo (concelho de Taboaço), de que é chefe, a sr.ª D. Josepha Adelaide Cabral Pinto Mergulhão.

Outra filha do dr. Paulo Luiz da Silva, D. Angela Joanna Mergulhão, casou em Paradinha, com Manuel Pereira de Macêdo, e tiveram um filho, que foi conego regrante de Santo Agostinho (crusio), no convento de Santa Cruz de Coimbra, chamado, D. João de Jesus Maria Mergulhão; religioso exemplarissimo pelas suas virtudes, exercendo em larga escala a da caridade, estabelecendo mesadas a estudantes pobres, além de outras muitas esmolas, que de continuo fazia.

D. Thereza Marcelina Pinto Cabral Mergulhão, tambem filha do dr. Paulo Luiz da Silva, casou em Villa-Secca d'Armamar, com o monteiro-mór, João Gomes de Carvalho, de cujo matrimonio nasceu, entre outros, João Bernardo Pinto Mergulhão, que se formou nas faculdades de leis e canones, fallecendo logo no anno da sua formatura.

Tambem eram filhos do mesmo dr. Paulo, D. Maria Magdalena Mergulhão de Macedo, secular no convento cisterciense, de Lorvão, que foi uma senhora de grande instrucção e celebrada no seu tempo pelas suas raras prendas e virtudes; e D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, freira professa no mesmo mosteiro, onde ambas falleceram com fama de santidade. (D'esta freira já fallei na 2.ª col. da pag. 442 do 4.º vol.)

D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão, irman das antecedentes, casou em S. Romão de Armamar, com Luiz das Neves Pinto Gomes, de quem é filho o sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, que é o actual chefe dos Mergulhões, n'esta freguezia de S. Romão. [1]

[1] E não seu filho, o sr. dr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama (que vive com seu pae) como disse a pag. 238 T., do 1. volume.

Na villa de Moimenta da Beira, tem havido alguns homens importantes, taes como o doutor de capêllo, Miguel Antonio da Silva Mergulhão (filho tambem do dr. Paulo Luiz da Silva) reitor, collado, e residente n'esta villa. Foi notavel pela sua profunda sciencia, virtudes christans, e representação social, e cujo nome se conserva ainda na tradição do povo.

O dr. Antonio de Almeida Gallafura Carvalhaes, deputado em varias legislaturas.

Os capitães móres, Martinho de Mello Pinto Mergulhão, e Antonio Guedes Falcão.

O tenente coronel do exercito realista, Antonio Ferreira da Silva Santos, que falleceu na freguezia de Rio-de-Ádes.

Residem n'esta villa a maioria dos membros da nobre familia dos Sarmentos, de Paradinha (com relações de parentesco com a dos Mergulhões) de que é chefe, o sr. barão de Moimenta da Beira, Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro: rico proprietario, e intelligente e estimavel cavalheiro; irmão do sabio lente de mathematica, da universidade, o dr. Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, ha pouco fallecido em Coimbra; cuja memoria não perecerá, pelos grandes serviços que prestou á sciencia que professava, e pela sua proverbial bondade.

—

O sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, do qual tantas vezes tenho fallado n'esta obra, e seu filho, o sr. dr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, foram estudantes distinctissimos, e premiados na Universidade de Coimbra. [1]

Ambos são jurisconsultos de fama justificada, pela sua proverbial seriedade, intelligencia e honradez, nas innumeras questões forenses de que teem tratado; pela nobreza do seu sangue, e, ainda mais, pela nobreza do seu viver exemplarissimo; e pela publicação de varios e scientificos artigos, em differentes ramos de litteratura, na *Revista de Legislação, Jornal de Jurisprudencia, Gazeta dos Tribunaes*, e outros periodicos; bem como bellissimos artigos de instrucção e recreio, no *Almanach de Lembranças*, na *Voz do Douro* e em outros semanarios de litteratura.

É a estes dois nobres cavalheiros que eu devo muitos e curiosissimos esclarecimentos, sobre grande numero de povoações da parte septentrional da Beira-Alta, e aos quaes, pela sua delicada generosidade e benevolencia, dou sinceros agradecimentos; pois que tanto teem cooperado para a construcção d'esta obra.

Se em todas as comarcas houvessem homens tão dedicados ao bem da sua patria, e ás glorias dos portuguezes, como os srs. Mergulhões, o *Portugal Antigo e Moderno* seria uma obra mais extensa; mas certamente, muito mais perfeita e curiosa.

Honra pois a estes dois illustrados senhores, que a bem da sua provincia teem sacrificado tanto e tão precioso tempo, roubado ás suas constantes lides forenses.

MOIMENTA DE MACEIRA DÃO, MOIMENTA DE FRADES [2] e **MOIMENTA D'AZURÁRA** (por todos estes nomes é conhecida) —freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O D. abbade (bernardo) do mosteiro de Maceira-Dão, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga.

Em 1154, D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, doou ao mestre *Soeiro Tedoniz*, professor de medicina, cinco casaes em Travanca, junto a Viseu—*em recompensa da cura que tinha feito a Rodrigo Exèmeniz, por ordem real.*

Este Soeiro veio depois a fazer-se monge e fundou um pequeno mosteiro, na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e o mesmo rei lh'a coutou em

[1] O sr. dr. João, foi condiscipulo do nosso famoso escriptor e profundo sabio, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, auctor de varios romances e outras obras pe reconhecido merito e grande fama.

[2] Por pertencer aos frades de Maceira-Dão.

1161, ficando a denominar-se esta freguezia —*couto de Santa Maria de Moimenta de Zurára.*

Mudaram-se d'aqui os frades, em 1173, para Maceira-Dão, onde tinham construido um novo mosteiro, que o rei D. Affonso I lhes coutou, no mesmo anno. (Vide a 2.ª col. de pag. 12 d'este vol.)

MOIMENTA DE BALTAR—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

O reitor de Baltar apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia e a de Baltar de Cabril estão ha muitos annos annexas á de Cabril. (Vide a col. 2.ª de pag. 315 do 1.º vol., e col. 2.ª, a pag. 21 do 2.º vol.)

MOIMENTINHA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a SE. de Viseu, 315 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

(Foi antigamente do bispado de Viseu.)

O abbade de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 3$000 réis de congrua, e o pé de altar.

MOIMENTO—portuguez antigo—sepultura. Ainda em 1354 se não enterravam indifferentemente dentro dos templos os defunctos; mas só nos adros; pois n'este anno se deu uma sentença, *á porta da Sé de Coimbra*, sobre os moimentos. (Doc. de Coimbra.)

Dos adros se foram introduzindo por detraz das portas, até que se metteram dentro das egrejas.

Desde 1834 para cá, muitos decretos se teem publicado, prohibindo os enterramentos dentro dos templos; porém o povo, em muitas partes, sobretudo nas provincias do norte, se tem negado a cumprir estas determinações, pelo que tem havido muitos e graves tumultos.

A teima obstinada do povo das aldeias é dizerem que *querem* ser enterrados onde estão os seus paes e avós, sem reflectirem que um defuncto, seja elle quem for, não é mais do que um punhado de terra; e que o que nos leva ao céo, não é o logar onde formos sepultados; mas as boas obras que fizermos n'este mundo.

Tambem não se lembram que os enterros dentro dos templos são prejudicialissimos á saude publica, e que esta absurda e irreverente pratica principiou por um abuso.

Actualmente, *moimento* e *monumento* são synonimos, e não significam sómente o tumulo, mas todo e qualquer monumento commemorativo.

MOINHEIRA ou **MOLINHEIRA** — portuguez antigo—moinho de moer cereaes.

Parte pelo rio apróó á moinheira velha, e dese (desce) *pelo carril* (caminho) *que vae ao forno telheiro, e dese verêa a festo* (atravez da verêda). (Tombo de Castro d'Avellans, de 1501.)

MOINHO DO PINTOR—sitio, Douro, na na freguezia de Nogueira de Cravo, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis. Ha aqui um boa mina de cobre, de uma grande companhia. Anda em lavra.

MOINHOS DO PINTOR — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Abravéses, e perto de *Moure*, no concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Viseu.

A pag. 440 do 4.º vol., no principio da 1.ª col., disse que *era fama* ter nascido na *Aldeia do Pintor*, da freguezia de Lordosa, o celebre pintor portuguez Vasco Fernandes (o *Grão Vasco*).

Segundo outra opinião, o Grão Vasco nasceu n'esta aldeia dos *Moinhos do Pintor*. Ha a favor d'esta opinião a circumstancia de ser Vasco baptisado na Sé de Viseu, da qual é filial a freguezia de Abravézes, o que se não dá na de Lordosa.

Em todo o caso, o que é certo é que o Grão Vasco nasceu no termo de Viseu.

MOIO—Vide *Almude* e *Modio.*

MOIOM—Vide *Linde.*

MOISÉM—portuguez antigo — mandado judicial; citação, com dia e hora certa para comparecer em juízo.

MOITA ou **MOUTA** — freguezia, Douro, comarca e conceiho da Anadía, 18 kilometros ao S. d'Aveiro, 235 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

É no paiz vinhateiro da Bairrada.

É uma freguezia rica e fertil. Optimo vinho de embarque. Cria muito gado de toda a qualidade.

MOITA—freguezia, Beira-Baixa (no Riba Côa) comarca e concelho do Sabugal, 30 kilometros a SO. da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 170$000 réis de rendimento.

É terra fertil em todos os fructos do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade. Muita caça.

MOITA—villa, Extremadura, (ao S. do Tejo) cabeça de concelho, na comarca de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, 6 kilometros ao N. de Alhos Vedros, 18 ao SE. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa Viagem.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho da Moita é composto das duas freguezias seguintes:—Alhos Vedros, e Moita, ambas com 1:100 fogos.

É uma bonita povoação, situada proxima à margem esquerda do Tejo.

Tem feira a 7 de setembro, 3 dias O seu territorio é muito fertil em vinho, gado, caça, peixe do Tejo, e lenha. Produz tambem alguns cereaes, fructas, hortaliças e legumes.

D. Pedro II a fez villa, dando-a ao conde de Alvor, em 1690.

Tinha uma companhia de ordenanças.

Em frente d'esta villa tem o Tejo 15 kilometros de largura.

É aqui a 4.ª estação do caminho de ferro do S. e SE.

—

N'esta villa nasceu a 14 de abril de 1824, o sr. João dos Santos Silva, parlamentar bem conhecido e distincto orador. É filho de Antonio dos Santos Silva e de sua mulher, Rosa Maria da Conceição, moradores na mesma villa.

Seu pae era natural da villa do Sardoal, e sua mãe, da freguezia de S. Salvador, da villa de Coina.

Seu avô paterno, Manuel dos Santos, era natural do Seixo do Chão, e foi casado com Maria Luiza, da Villa de Rei.

Seus avós maternos, João Manuel Baptista e Maria da Purificação, com naturaes d'esta villa da Moita.

MOITA DOS FERREIROS—freguezia, Extremadura, comarca de Torras Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros a NO. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da egreja de S. Pedo, de Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 1 tonél de vinho. É terra fertil.

Vide *Ferreiros*, villa da Extremadura.

MOITAS—freguezia, Beira-Alta, na comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 30 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

MOLACHINO—portuguez antigo—o mesmo que môço do côro, ou *mousinho.* (Vide *Môço do Côro.*)

Tambem se dava o nome de *molachino* ao merceeiro, ou pobre, que, servindo a egreja, d'ella recebia todo ou parte do sustento.

Suppõe-se que esta palavra vem de *meloquinos*, antiga moeda de ouro, correspondente ao nosso maravidi de ouro, que nos seculos XIII e XIV, valia 500 réis. Talvez que os molachinos recebessem aquella moeda pelo salario de um mez.

MOLÃES — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, concelho, comarca, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É a aldeia mais central da freguezia.

Passava aqui a antiga estrada de Lamego para o Porto. pelo que esta povoação era então a principal da parochia.

Ha aqui ainda varias casas com brazão de armas, uma dos srs. Alpoins, da Rêde, outra dos srs. Trindades, e outra do capitão-mór. Ainda existem outras casas grandes, que pertenceram a familias ricas e nobres.

MOLARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 290$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Tem muito bom vinho, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.—Tem peixe do Tamega.

MOLDES — freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros a E. de Arouca, 43 ao O. de Lamego, 50 ao SE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Nem no *Portugal Sacro e Profano*, nem no *Diccionario Geographico* do Flaviense, vem esta freguezia, apesar de ser antiquissima.

No mosteiro de Arouca ha uma escriptura original do seculo XI, que nos obriga a confessar que n'aquelle territorio não começava o anno (pelo menos o ecclesiastico) no 1.º de janeiro. Essa escriptura é por causa de uma grave controversia sobre metade da egreja de Santo Estevão de Moldes, que, em 925, fôra deixada aos monges (dos quaes então era abbade Gondulfo) o que impugnava D. Gontina Eriz e os seus herdeiros, perante D. Sisnando, alvazil, não só de Coimbra, mas tambem da terra de Arouca; dizendo que esta egreja se chamava, primeiro, de Santa Maria, e que, depois de muitos annos vieram os serracenos—*et cecidit ipso territorio in heremationе, et fuit ipsa Ecclesia destructa. At ubi venerunt Christiani ad populatione, restaurata est ipsa Ecclesia, et posuerunt ibi reliquias Sancta Maria, et S. Stephano. Interunque herema est in E. MXIII. Et cum venit tempos ista populatione, que est in E. MXXXVIIII populavit omnis populus quisquis suam, vel alienam haereditatem. De ista Era indenante vocaverunt illa Ecclesia Sancto Stephano.* (Doc. do real mosteiro de Arouca.)

Correu o pleito perante Egas Ermigiz, e ultimamente foi levado a D. Sisnando, que mandou ás partes, que provassem o que affirmavam.

D. Gontina disse, que a egreja, sempre, desde o seu principio, se chamara Santo Estevam, e nunca Santa Maria; e os monges [1] sustentavam que se chamára primeiramente, Santa Maria, e depois, Santo Estevão.

Ultimamente se tratou a causa, perante um grande concilio, presidido pelo commissario do alvazil, *Cidi Fredariz*, a 7 dos idos de dezembro, da era de 1128 (26 de novembro de 1090 de Jesus Christo) e se decidiu a favor do mosteiro, a 4 das nonas de janeiro de 1129, sendo abbade do mosteiro, D. Diogo.

Fez se o respectivo praso, a 11 das nonas de janeiro de 1129, e d'elle se vê que se contava alli, n'aquelle tempo, o *anno da Paixão*, que findava a 25 de março.

[1] Então, e até ao seculo XIII, em que a rainha Santa Mafalda veio para o mosteiro de Arouca, era este, como a maior parte dos de Portugal, de frades e freiras (*duplex*) mas na maior parte das demandas, só figurava a communidade masculina.

desde 1422, por ordem de D. João I, se contou tudo, pelo anno do nascimento de Jesus Christo, principiando invariavelmente o anno no 1.º de janeiro e terminando a 31 de dezembro, como ainda hoje se usa.

D'esta escriptura se vê que a freguezia de Moldes já era parochia em 925, e mesmo anteriormente á invasão dos mouros em Portugal, em 714, sendo então *ipsa Ecclesia destructa*, como alli se lê.

Foi o nome antigo d'esta freguezia—*Santo Estevão do Valle de Moldes*.

É terra bastante fertil em cereaes, vinho, fructa e legumes; cria muito gado, de toda a qualidade, e ha abundancia de optimo mel e céra. O seu vinho, apesar de verde, é excellente. Produz optima madeira de castanho, e no territorio da freguezia, que é, na maior parte, montanhoso, ha muita caça, grossa e miuda.

Tambem n'estes ultimos annos se tem desenvolvido muito n'esta freguezia a industria da creação do *sirgo*, e producção da sêda, com resultados muito animadores.

O que falta a esta freguezia, para ser florescentissima, são boas estradas; pois as que tem, não merecem tal nome; sendo apenas atalhos escabrosos, mais proprios de cabras do que de gente.

—

Foi aqui o solar dos Quaresmas.

Quaresma, é appellido nobre em Portugal. Procede da alcunha que poseram a Ruy Vasques Mogudo, que pela devoção com que passava o tempo da quaresma, lhe chamavam *Ruy Vasques Quaresma*, e seus descendentes conservam ainda esta alcunha por appellido,

(Ainda existe aqui um ramo d'esta familia.)

Os Quaresmas não teem armas proprias; mas o ramo que se aparentou com os *Pessanhas*, usa do escudo d'esta familia. (Vide Villa Real de Traz-os Montes.)

Os que se apparentaram com os Pereiras de Lacerda (ou *la-Cerda*) trazem por armas —escudo terceado, em pala; na 1.ª, de púrpura, a cruz de prata dos Pereiras; a 2.ª, cortada em faxa, na 1.ª, de púrpura, um castello de ouro; na 2.ª, de prata, leão de púrpura; na 3.ª, de azul, 3 flores de liz, de ouro, em pala, e 3 meias ditas, firmadas, de cada lado d'ella.

São Quaresmas os marquezes de Alvito (condes-barões) e outras muitas nobilissimas familias portuguezas.

MOLELLOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Tondella apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia olarias de louça de barro prêto, de muito boa qualidade.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas. O seu vinho é excellente. Cria muito gado, de toda a qualidade e é abundante de caça.

—

É parochia mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia no tempo dos godos.

Em 1101 (1063 de Jesus Christo) o presbytero Ermigio, doou, ao mosteiro de Lorvão, a egreja de Molellos, *com todos os seus passaes, vinhas, soutos, pomares, domos* (casas) *e córtes*.

N'esse tempo era o archanjo S. Miguel o padroeiro d'esta freguezia.—Teve visconde.

MOLLÊDO—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras (foi da comarca das Caldas da Rainha) concelho da Lourinhan, 60 kilometros ao NO. de Lisboa, 12 a E. de Peniche, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra apresentava o cura, que tinha 80 alqueires de trigo, 30 de cevada, 1 tonél de vinho—que pagava o povo.—Além d'isto, o sacro collegio patriarchal, lhe dava 40 alqueires de trigo e 1 quarto de vinho.

N'esta freguezia ainda existem as ruinas do palacio em que residiu alguns tempos a

célebre e infeliz rainha D. Ignez de Castro. (Vide *Lourinhan*, na col. 1.ª da pag. 464 do 4.º vol.)

Tambem n'este palacio residiram por algum tempo, D. Fernando I, e sua mulher, D. Leonor Telles de Menezes.

Este edificio é antiquissimo, e talvez já existisse no tempo dos romanos; e com toda a certeza, no dos arabes, o que facilmente se conhece pela sua architectura.

Suppõem alguns que foi originariamente um templo phenicio, e que são phenicios os caracteres da inscripção de que fallei. Não é de admirar que os phenicios, ou os carthaginezes (que tambem eram phenicios) aqui edificassem um templo, visto ser tão perto do mar.

A 6 kilometros d'esta freguezia (na de Miragaya, ou S. Lourenço dos Francos) está a *Ponte de D. Pedro*, assim chamada por ser mandada fazer por este monarcha, pelos annos de 1360; dando então grandes privilegios aos habitantes da freguezia do Mollêdo, sendo um d'elles, não poderem ser obrigados ao serviço militar, e só hirem á guerra, quando o rei fosse em pessoa.

A constituição de 1820, acabou com este e outros muitos privilegios, isenções, foros e regalias, e fez bem.

Pela achar curiosa, dou aqui a cópia da carta regia de privilegios que o rei D. Fernando concedeu á freguezia do Mollêdo, em 12 de outubro de 1416 (1378 de Jesus Christo), e que depois confirmou.

«Dom Manuel por Graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc.

A quantos esta nossa carta virem, fazemos srber, que por parte do Concelho de Mollêdo, nos foi apresentada uma carta d'el-Rei dom fernando, que tal é—Dom fernando pella graça de deus Rei de portugal e do allguarve.

A quantos esta carta virem fazemos saber, que nós querendo fazer graça e mercêe a todollos moradores que ora moram em Molledo, termo d'Oubidos homde mandamos fazer os nossos paaços e a todollos outros que d'aquy em diante hy quiserem viver, morar e povoar, Temos porbem, e mandamos que elles sejam escusados de paguar jugadas, nem em peita, nem em fymta, nem em talhas que os Concelhos da Villa d'Obidos e d'Atouguia lançam.

Como quer que os ditos moradores sejam visinhos das ditas Villas por alguus bees que em termo das ditas villas tenham.—E outro sy sejam escusados de hyr com hoste e em fossado. E mamdamos que nem seja nenhuu tam ousado de qualquer condiçam que seja, que com os ditos moradores pousse, nem lhes tomem suas roupas, nem palha, nem lenha, nem pam, nem cevada, nem nenhunas outras cousas contra suas vontades sallvo se fôr por nosso espicial mandado.—Outro sy mandamos aos Juizes das dittas Villas que nom constramguam os dictos moradores, nem seus filhos, nem mancebos, nem servidores de jornaes, que vam morar, nem servir a essas villas com nenhunas pessoas contra suas voomtades em nenhuus serviços, e os leixem viver com os ditos moradores de Molledo pera lhes fazerem seus serviços—Outrosi mamdamos que todos aquelles e aquellas que morarem, ou quiserem vir morar ao dito Loguo do Molledo, que possam hy vender e comprar vynhos e pam e carne e pescados como todas outras cousas que emtenderem de fazer suas prois sem outro nenhun embargo.—E mandamos que elles possam comprar, e comprem as dictas viamdas, nas ditas Villas d'Obidos, e d'Atouguia e da Lourinhãa e em os outros luguares d'arredor do dito Loguo. E mandamos e as justiças dos dictos Luguares que lhes nam ponham em elles embarguo para os vemderem no dicto Loguo de Molledo como dicto he. E esto lhe faremos comtamto que morem continuadamente no dicto Loguo e façam hy povoraçam.—E em testemunho disto mandamos dar aos ditos moradores esta nossa carta.

Damte em Moura doze dias d'Outubro, ElRey o mamdou, Afomsso piris a fez, era de mill e quatro centos e desasseis an-

nos.—Pedindonos o dicto Concelho de Molledo que lhe confirmassemos a dicta carta, e nós, visto seu requerimento, e querendo fazer graça e mercê, Temos por bem e lha confirmamos assim pella guiza e maneira, que se em ella contem e assim Mandamos que se cumpra inteiramente.»

—

Vê-se pois, da carta regia de D. Fernando, que no seculo XIV, tinha o Mollêdo a cathegoria de concelho. Ignora-se porém quem lhe deu esta primazia (ainda que ha razões para suppôr que fosse D. Pedro I), e quando foi supprimido.

É incontestavel que ainda era concelho, no seculo XVI, como se vê da mesma carta regia.

MOLLÊDO—freguezia, Minho, concelho e 3 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto administrativo e 15 kilometros ao NO. de Vianna, 54 a O. de Braga, 100 ao NO. do Porto, 410 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado, apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi commenda dos marquezes de Villa Real, que passou para o 1.º (e unico) duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa Real. Sendo o duque de Caminha degolado por traidor á patria, em 1641 (como fica dito em *Caminha* e *Lisboa*), passou esta commenda para a casa do infantado, que então se creára.

Dos dizimos, se faziam dois prestimonios da ordem de Christo, cada um de 90$000 réis.

—

Está esta freguezia, situada a maior parte na formosissima veiga de 18 kilometros de comprido, que principiando no *Campo da Agonia* (Vianna), chega até ao pinhal do *Camarido* (da nação), e até ás muralhas de Caminha, sempre á beira-mar.

Era no tempo dos romanos, o paiz dos *spacos;* e no tempo dos arabes, e nos primeiros tempos da nossa monarchia, se denominava *terras da marinha de Villar d'Ancora.*

O resto da freguezia estanceia na vertente occidental da *serra do Mollêdo*, que é um ramo da célebre *serra d'Arga* (o *Medulio* dos romanos, de que tantas vezes tenho fallado).

Fica esta freguezia entre as de Gontinhães, ao S., e Christêllo, ao N.

Como todas as freguezias d'este territorio abençoado, é fertilissima de todos os generos agricolas do nosso clima; devendo grande parte da sua fertilidade, ao precioso limo (chamam-lhe aqui *molliço*) que o mar arroja ás praias.

Tambem é muito abundante de peixe do mar; e de salmões, lampreias e saveis, dos rios Minho e Lima.

—

Em frente e ao N. E. da capella de *Santo Isidro* (de que adiante tratarei) e em um *degrau* da serra, fica o *monte do Facho*. Diz-se que foi em tempos remotos uma atalaia dos antigos lusitanos, e é certo que aqui ha vestigios de antiquissimas fortificações. Ainda durante a guerra peninsular, por muito tempo aqui se estabeleceu um *facho*.

Ha n'este monte um monstruoso penedo, com varias cavernas, dentro das quaes se podem abrigar 500 a 600 pessoas. Chamam-lhe *Sino dos mouros*. Diz-se que, batendo-se-lhe com uma pedra, sôa como um sino.

Ao S. d'este penedo ha uma chan, a que chamam *Ladario*, no centro da qual, está a peanha de uma cruz. Segundo a tradição, era n'este sitio que antigamente se reuniam os clamores que ainda hoje vão á capella de *Santo Isidro;* o que é muito provavel, pois que *Ladário* (ou *Ladáiro*) no portuguez antigo significa procissão, ou clamor, que tambem é uma especie de procissão. (Vide *Ladario*, na 2.ª col. de pag. 10, do 4.º vol.)

Quando visitei esta freguezia, em 1865, não tive noticia do tal penedo, e por isso não o fui vêr.

Sobre a margem direita (N. E.) da formosa estrada real á mac-adam, de 1.ª classe, que de Lisboa vae para o norte, e que atravessa pelo fundo d'esta freguezia, em todo o seu comprimento, edificou um piedoso lavrador do Mollêdo, em 1864, uma bellissima capella, dedicada á Santa Anna. É feita por

pedreiros d'aqui, e de primorosa architectura.

Pouco distante d'esta capella (uns 500 metros ao S. O.), mesmo sobre os rochedos da praia, está edificada a antiquissima capella de Santo Isidoro (a que o povo d'aqui chama *Santo Isidro*.)—É pobrissima e pequena, toda de abobada e com uma sacristia ao N. —Tem uma irmandade, cuja instituição data de tempos remotos.

Por occasião de certa calamidade publica (não consta de que qualidade) quatorze freguezias dos concelhos de Vianna e Caminha, fizeram voto de alli hir todos os annos com outros tantos clamores. Esta promessa ainda se cumpre, mas agora são só treze os clamores, por estarem unidas as duas freguezias, da Portella e Villarêlho.

A estes clamores são obrigados a hir os parochos das freguezias da promessa, os clerigos n'ellas moradores, as cruzes, e uma pessoa de cada casa, e a guardarem o dia do Santo.

Clemente VIII, pelos annos de 1600, e Urbano VIII, pelos de 1642, concederam á irmandade d'esta capella, muitos privilegios e indulgencias.

Em 7 de julho ha em cada uma das freguezias do voto, missa cantada.

A camara de Caminha, vem esperar a procissão, á rua da Misericordia, junto ao convento das freiras: depois vão todos á matriz, onde o reitor tem obrigação de ter o Santissimo Sacramento expôsto. O arcipreste canta uma oração, e no fim a camara os acompanha até ao caes do *Váo* (no rio Minho), embarcando ahi para Seixas o clamôr d'esta freguezia.

—

Em parte nenhuma de Portugal achei tão bello e tão optimo granito, como o que se encontra com profuzão, na *veiga de Santo Isidro*. Podem com elle fazer-se esculpturas como no mais fino marmore.

Perto da capella está um penedo espherico, a que dão o nome de *penedo rachado*, e consta que foi partido em dois, por um raio. Está tão bem cortado, que parece o foi com uma serra.

A poucos passos d'este, está outro, do mesmo tamanho e configuração, tambem partido pelo meio, com a mesma certeza. Foi cortado, por certo processo, pelos engenheiros do governo, em 1857, quando andava em construcção a estrada real.

A costa, no territorio que se estende desde Vianna até Caminha, é, quasi na sua maior parte, coberta de rochedos, e contra elles se teem despedaçado grande numero de navios, desde tempos immemoriaes.

Ainda em 1864 aqui foi a pique um vapor mercante inglez, carregado de bois gordos, que todos pereceram, vindo bastantes dar á costa n'estas praias.

Por estes rochedos ha grande abundancia de marisco, de varias qualidades.

—

Na tarde do dia 10 de junho de 1874, rebentou sobre todo o territorio entre Vianna e Caminha, uma medonha trovoada, que causou muitos estragos, devastando arvoredos e campos. As freguezias que mais soffreram, foi esta, Ville, Azevedo, e Soutêllo. Alguns lavradores ficaram reduzidos á miseria.

—

Alem das capellas de Santa Anna e Santo Isidoro, ha mais n'esta freguezia, as capellas de—*Nossa Senhora da Piedade* (de que adiante fallo) e *Nossa Senhora das Préces*.

Actualmente (maio de 1875) está em construcção, e quasi concluida, a formosissima e magnifica capella da Santissima Trindade, feita á custa do piedoso e illustrado sr. padre José Casal da Cruz, d'esta parochia.

—

Na praia d'esta freguezia, no sitio denominado *Fontellas*, se teem construido n'estes ultimos annos algumas casas, e actualmente andam outras em construcção, para residencia temporaria das familias que queiram para aqui vir tomar banhos de mar.

Já para este sitio concorre bastante gente do Alto Minho. A camara de Caminha mandou aqui fazer, há pouco tempo, uma boa fonte de agua potavel.

Já aqui ha alguns bonitos predios e lojas de generos alimenticios.

O melhor predio de *Fontellas* é o recentemente feito pelo sr. Pedro da Praça, de Vian-

na. É um bonito palacete de elegante e commoda construcção.

Muito povo de Caminha vem aqui todos os dias tomar banhos, em carros e mesmo a pé.

—

N'esta freguezia encontrei, em 1865, dois *carns*, á beira-mar, e varios na encosta da serra. O povo d'aqui lhes dá o nome de *cerrados dos mouros*.

Isto nos convence (ainda que outras provas não tivessemos, como temos, em varios livros) de que este territorio é habitado ha mais de 2:000 annos, e que os celtas, ou os povos que os precederam (pre-celtas) aqui estanciaram por espaço de muitos annos.

—

A capella de *Nossa Senhora da Piedade*, de que já fallei, chamava-se antigamente *Nossa Senhora do pé da Cruz*.

A sua origem é a seguinte:

Estava a imagem da Santissima Virgem em uma antiquissima e pequena ermida, ameaçando ruina proxima. Em 1695, uns devotos da Senhora, temendo ver desabár o templosinho, decidiram demolil-o, para edificarem um novo e mais amplo.

Foi a imagem depositada na egreja matriz de Caminha, Logo, n'esse mesmo anno, principiou a obra; mas, por falta de dinheiro, ficou em meio. Pouco depois, um proprietario rico e devoto, tomou á sua conta a conclusão da capella, que em pouco tempo se concluiu, com grande perfeição.

Feita a obra, pediram, e obtiveram logo, licença do arcebispo de Braga, para se benzer a nova ermida, e, feita esta ceremonia, veio a Senhora para a sua nova casa. (Tinha, durante as obras, estado na egreja de Caminha.)

A primittiva imagem, é de roca, tendo apenas dois palmos de altura, e antiquissima.

No dia da trasladação, que se fez com grande pompa, offereceu o povo, ao padre Gonçalo da Rocha de Moraes, administrador das obras da capella, 10$000 réis, para mandar azer uma nova imagem da Senhora, de maiores dimensões, e de esculptura. Foi esta feita por Domingos Ferreira, esculptor, de Caminha, e é muito perfeita. Tem, sentada ao pé da cruz, 1m10, e tem uma espada no peito. Foi collocada no altar onde esteve a primeira, que foi para a sachristia.

Foi a nova imagem collocada no seu altar, com grandes festas e publico regosijo, em um domingo, 1.º d'agosto de 1700. Fez-se-lhe uma grande procissão, á qual concorreram muitas cruzes e guiões, das freguezias circumvisinhas, e algumas danças, organisadas e feitas pelos estudantes de Caminha. Despovoou-se esta villa, para concorrer á capella n'aquelle dia.

A capella é grande e de bôa architectura. Foi forrada de optima madeira de castanho, em 1706.

Faz-se-lhe a sua festa, no 3.º domingo d'agosto.

—

Já disse que a estrada real de 1.ª classe, atravessa esta freguezia longitudinalmente; hindo, em sitios, apenas a uns 100 metros da maré cheia. Se se fizer o caminho de ferro do norte, pelo traçado que se estudou e foi approvado no ministerio das obras publicas, vae elle entre esta estrada e o mar, a poucos metros d'este; mas por terreno solido, pois que toda a praia é de rochas de granito.

Será este lanço de caminho de ferro um dos mais bellos de Portugal, atravessando os 18 kilometros que ha de Vianna a Caminha, por uma formosissima planicie cultivada, ficando-lhe a E. a cordilheira de montanhas de diversos nomes, ramo da Arga, povoada na sua encosta de muitas e formosas povoações — e pelo O. a vasta extensão do occeano atlantico.

Atravessa longitudinalmente (contando do S. para o N.) as freguezias da Ariosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Mollêdo, Christêllo, e Portella e Villarelho, junto ás muralhas de Caminha; que todas estas freguezias estão no valle, que os nossos antigos denominavam *Marinha da Póvoa de Villar d'Ancora*.

Tem o caminho de ferro, n'este valle, poucas *obras d'arte*, e poucas e pequenas ondulações de terreno, todo sólido, com grande abundancia de optimo granito por toda

a parte, quasi sem carrêtos, o que tornará esta via de pouca despeza na sua construcção.

—

Foi aqui o solar dos Liras, e ainda n'esta freguezia ha uma fàmilia, de lavradores, d'este appellido, talvez descendentes dos antigos Liras.

É Lira um appellido nobre em Portugal, mas não diz fr. Manuel de Santo Antonio, quem usou d'elle; apenas refere, que os Liras usam das armas dos *Leiras*—e que tambem outro ramo dos Liras, trazem por armas, em campo d'ouro, 6 bandas de prata, perfiladas d'azul.

Ha em Caminha a casa de *Leiras*, de que é chefe o sr. José Maria de Leiras.

Leira, é appellido nobre n'este reino, vindo de Hespanha, oriundo da Galliza, onde se converteu em *Lira*, ou tomado da freguezia de Santo Amão de Lira, segundo Soares d'Albergaria, a fl. 135 v.

Passou este appellido a Portugal, em tempo do rei D. Fernando I, na pessoa de D. Affonso Gomes de Lira, a quem o mesmo rei deu a honra de Frazão, na provincia do Minho, e outros bens.

D'este D. Affonso, ha descendencia nas villas de Monção, Vallença, Caminha e Vianna do Minho, é talvez n'esta freguezia do Mollêdo.

No reinado de D. João V, passou tambem a este reino, D. Pedro Marinho Trancoso de Lira, da casa da Piconha, na Galliza.

Casou em Barcellos, e d'elle procedem os Liras d'Obidos. Estes Liras trazem por armas—em campo d'ouro, cinco bandas azues, elmo d'aço, aberto, timbre; um leão d'ouro, lampassado d'azul, carregado das cinco bandas das armas.

Outros do mesmo appellido, usam das seguintes—em campo verde, castello d'ouro, orla de púrpura, carregada de 13 estrellas de prata, de 6 pontas. O mesmo elmo e timbre dos antecedentes.

—

Julgo a proposito fallar aqui do padroeiro d'esta freguezia, que o é tambem de outras muitas d'este reino, principalmente na provincia do Minho; v. gr.: S. Payo d'Agua Longa; S. Payo de Móséllos; S. Payo de Villa-Mean; S. Payo de Segude; S. Payo da Jólda; S. Payo do Mollêdo; etc.

Ignora-se o logar onde nasceu S. Payo; só se sabe que nasceu na provincia do Minho, e em territorio do concelho de Coura.

Era sobrinho de Hermogio, bispo de Tuy, que fundou o convento benedictino da Labruja; e de Nauste, irmão de Hermogio e bispo de Coimbra.

Viveu S. Payo (ou Pelagio), no reinado do rei suevo, Theodomiro, e morreu na cidade de Cordova, martyrisado pela fé de Jesus Christo.

Não se confunda este S. Payo, com São fr. Payo, que era natural de Coimbra, e foi um dos primeiros religiosos da ordem dos Prégadores (dominicos) em Portugal, cujo habito recebeu das mãos do Santo fr. Soeiro Gomes.

Foi este S. Payo, um religioso exemplarissimo, e grande orador sagrado, que trouxe ao redil da egreja muitas ovelhas desgarradas, tanto com os seus sermões, como pelo bom exemplo. Concorreu para a fundação do convento da sua ordem, em Coimbra, e n'elle foi o primeiro prior.

MOLLÊDO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro-Daire (foi do concelho de Mões), 24 kilometros ao O. de Viseu, 320 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Tem uns bons passaes.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado, de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

No logar de *Lamas de Mollêdo*, d'esta freguezia, em uma rocha natural, está gravada uma inscripção latina, dedicada a *Proserpina Servatrix*, e a outras divindades.

MOLLÊDO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia, comarca, concelho, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

É esta aldeia situada em terreno accidentado, no declive da serra de Villar, e sobre a margem esquerda do Douro, proximo á aldeia da Corvaceira, e á célebre *Ponte do Piar*. Passava aqui a antiga estrada que seguia de Lamego, por Santhiaguinho (São Thiaguinho), para Mezão-Frio (na outra margem do rio) e Porto, antes da antiga companhia dos vinhos do Alto-Douro, fazer a nova estrada pela Régua.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, mandou fazer no Mollêdo, uma albergaria, com sua capella, hospital e botica, e pôz tudo franco, para ricos e pobres, uma barca de passagem, chamada *do Mollêdo*, ou de *Por-Deus* (por ser para todos gratuita), estabelecendo rendas sufficientes para o barqueiro.

Ha muito porém, que a *barca de Por-Deus* é *barca por dinheiro*, e que se não sabe o que é feito das propriedades sujeitas ao salario do barqueiro, que eram varias terras proximas, que elle cultivava, ou arrendava por sua conta.

O hospital, ou albergaria, é hoje propriedade particular, e a capella é publica; só restam ainda na sua frente, as armas reaes de Portugal, como protesto permanente, contra quem acabou com tão santa instituição.

N'esta aldeia, falleceu ha pouco tempo, Francisco Duarte da Fonseca Lobo, cavalheiro de muito merecimento, e muito respeitado, e ainda aqui vivem tres decrepitas senhoras, irmans d'elle, que são tres modelos de virtude, e santas protectoras de todos os afflictos e desvalidos.

N'esta aldeia, nasceu o sr. dr. João Cardoso Ferraz de Miranda, official distincto da secretaria dos negocios do reino; filho do sr. José Cárdoso Ferraz de Miranda, que aqui foi rico proprietario e negociante de vinhos, muito considerado, no Douro, e no Porto, onde falleceu.

Houve n'esta povoação, a familia dos Camêllos, tristemente célebre, pelos excessos de toda a ordem, que praticaram, ferindo, matando e roubando. O ultimo dos irmãos —João Camêllo, não era salteador; mas, no mais, não era melhor do que os outros seus irmãos. Deu muitas pancadas, tiros e facadas, quasi sempre por motivos insignificantissimos, ou aggravos imaginarios.

—

O ribeiro Cabril, que córta a freguezia de Penajoia, de S. a N., desagúa no Douro, junto á aldeia do Mollêdo. Nasce na serra, ou monte, do Poyo.

É muito abundante d'agua, que se emprega em irrigação, fertilisando muito terreno das suas margens, e fazendo mover mais de 50 rodas de moinhos de cereaes, que de verão abastecem de farinhas toda a freguezia e circumvisinhas, e até a cidade de Lamego, em annos de sêcca.

Corre precipitado, por terreno de grande descida.

Pelos annos de 1855, os póvos da freguezia de Barrô, limitrophe, em uma noite, abriram furtivamente na serra, um assúde, desviando quasi metade da agua d'este ribeiro, fazendo com ella mover a roda de um moinho, feito á pressa, dentro do termo da sua freguezia, ficando os de Penajoia sem a agua de que tanto careciam, e de que estavam de posse immemorial.

Nas abas da serra, onde este ribeiro se precipita furioso, deixou, na sua margem direita, bem descoberto, um formidavel morro de granito, a que o povo d'aqui, dá o nome de *Castello dos mouros*. Tem a fórma de uma mâmoa celta. Crê o povo que dentro d'elle está uma *moura encantada*, guardando ricos thesouros em grutas subterraneas.

Caldas do Mollêdo

Chamadas tambem *da Corvaceira; da Rede; de Fontellas, de Mezão Frio;* e *de Penaguião.*

De todos estes nomes, o mais proprio seria o de *Fontellas*, que é o logar onde estão as aguas thermaes; mas dá-se lhe o nome de *Caldas do Mollêdo*, por estarem em frente d'esta povoação, que é a mais antiga d'estes sitios.

Tambem ficam em frente da Corvaceira.

Quasi todos os escriptores teem errado, dizendo que estas caldas são na Beira Alta, quando estão já na provincia de Traz-os-

Montes; porque a freguezia de Fontellas, está na margem direita do Douro e é do concelho e comarca do Pêso da Regua, bispado do Porto, districto administrativo de Villa-Real.

Dá-se mesmo o nome de *Caldas*, ao sitio onde a agua mineral rebenta, e é pertencente á aldeia da *Rêde* (que fica a 1:500 metros.)

É este sitio mesmo junto ao rio, ficando-lhe sôbranceira, e em grande altura (a 3 kilometros a NO.) a villa de Mezão Frio.

Fica a cinco kilometros ao O. da Régua, 90 a E. do Porto, e 340 ao N. de Lisboa.

Passa perto das caldas a diligencia, diaria, do Porto para a Regua e Lamego. D'esta cidade á margem esquerda do Douro (6 kilometros) ha tambem uma bella estrada á mac-adam, feita em 1845, que fica a 5 kilometros das caldas.

Tem 11 nascentes, distribuidas em 3 grupos—5 no leito do rio, que só estão descobertas durante a estiagem—4 as da *Lameira*, em um nivel superior a 50 metros, ao S. da estrada do Porto—2 á direita da mesma estrada, e proximas áquellas.

A nascente do banho *contra-forte* do rio, dá em 24 horas, 15:000 litros—as outras 4, 70:000—as da Lameira, 60:000, total (o minimo) 145:000 litros, em 24 horas.

As temperaturas variasm, entre 39° até 42° centigrados.—(Segundo o dr. Francisco Tavares, medico da rainha D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza*, etc., das differentes aguas mineraes, a pag. 60) a temperatura d'estas aguas, é de 96 e 100 gr. de F., ou 28 1/2 a 30 1/4 de R.—Tavares dá a estas aguas (com mais propriedade) o nome de *Caldas da Rêde*.

No seu tempo (1810) tomavam-se os banhos, em covas feitas na areia, cobertas com ramos de arvores.

As nascentes mais quentes, são as que brotam, mesmo no alveu do rio.

A 1 kilometro ao N. das caldas, e em nivel mais elevado, está a nascente de aguas sulphureas, do rio *Sermanha* (ou *Sermênha*) ainda menos quente que as debaixo.

Estas aguas são conhecidas desde 1710.

O edificio dos banhos da estrada, foi renovado pelo sr. Cambiasso. O sr. Torres, actual proprietario do edificio, lhe tem feito grandes melhoramentos.

Na *Lameira* ha 3 pequenas casas, cada uma com sua tina, alimentada por nascente propria. São destinadas a doentes pobres.

O edificio da estrada, tem dois pavimentos—o inferior, tem 6 banheiras, em quartos separados, e o superior, tem 4 compartimentos, onde ha varios apparelhos, para banhos ordinarios, de chuva, de emborcações, *duches*, injecções rectaes ou vaginaes, jactos boccaes, etc.

As tinas são forradas de asulejos. É o estabelecimento, d'este genero, mais bem montado do reino, ainda que de acanhadas dimensões.

No Mollêdo ha uma boa hospedaria, e uma loja de mercearia, bem sortida.

Póde hir-se em diligencia até perto das Caldas.

—

Estas aguas foram apresentadas e analysadas na exposição universal de Paris, de 1867, e eis o seu relatorio official—(traducção)

Aguas thermaes do Mollêdo

São aguas sulphurosas quentes, conhecidas tambem sob o nome de aguas mineraes da Corvaceira ou de Penaguião. Rebentam junto da margem direita do Douro, a 65 kilometros á E. do Porto (*aliás* 90) e 4 (*aliás* 5) a O. da villa da Régua.

Ha aqui 10 (*aliás* 11) nascentes, distribuidas em 3 grupos; 5 de entre ellas, rebentam mesmo do leito do Douro, e só estão descobertas nas estiagens; 3 outras (*aliás* 4) rebentam á direita, e 2 á esquerda da Régua para Amarante. (*E para o Porto.*)

As duas amostras que fazem parte da nossa collecção, e que examinámos, são—uma tomada de uma das nascentes do leito do rio, que fazem os banhos chamados *contra-fortes*—a segunda, tomada dos mananciaes que estão juntos da estrada.

1.ª—Banhos contra-fortes. São aguas thermaes, limpidas, apresentando o cheiro e gosto proprio das aguas sulphurosas. Sua tempe-

ratura é de 42 graus centigrados, ao ar exterior.

A sua mineralisação é muito simples. Contéem por kilogramma d'agua, 0,gram.00425 de acido sulphydrico; e 0,gram.2517 de principios fixos, que são: silicatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, e uma diminuta quantidade de peroxydo de ferro e de alumina.

2.ª—*Nascente junto á estrada.*—As aguas d'esta nascente, que parece terem a mesma origem que as dos banhos *contra-fortes*, são todavia, menos mineralisadas, e menos sulphurosas; contéem, 0,gram.00061 de acido sulphydrico por kilogramma de agua, e apenas 0,gram.267 de principios fixos; tendo a mesma composição que as aguas dos banhos *contra fortes*. Suas propriedades physicas, são egualmente analogas, excepto as temperaturas, que variam como se segue:

Na nascente 39,°5 centigrados.

No reservatorio 37° centigrados.

Nas banheiras 35° centigrados.

MOLLEÍRA—portuguez antigo—moinho de moer pão, asenha, atafona.

Em um assento que a camara de Moncorvo tomou em 1298 se determina—*que nenhuu visinho d'esta villa possa vender, nem dar, nem cambhar, nem supenhorar erdamento roto, nem por arromper, nem casas, nem vinhas, nem molleiras, a Cavalleiro, nem a Escudeiro, nem a Dõna, nem a Freire, nem a Frade, nem a Crerigo, nem a Omem de Religiom. E o que contra esto for, fique por aleivoso do Concelho, e perqua quanto ouver na Villa, e seja todo do Concelho: e de mais peite C* (100) *libras de Portugal ao Concelho, e jasgua* (esteja) *XXX* (30) *dias na quadea. E esta Postura outorgamos e affirmamos pera sempre; porque entendemos que é a serviço de Deos, e de Nosso Senhor El-Rei, e a nossa prol, e dos que por nós veerem.*

MOLÚRA—portuguez antigo—orvalho copioso, chuva muito miuda e constante, que amollece e refrigera a terra. *Mantinha Deus os campos com* molúras *e chuveiros.* (Doc. de Azinheiro.)

Nas provincias do Norte ainda é usado este termo com a mesma significação. Tambem dizem *molúria.*

MOMBEJA—Vide *Bombeja*, col. 2.ª, pag. 410 do 1.º vol.

MÓNACHUS—Vê-se esta palavra em muitos documentos antigos. Deriva se do grego *mónos*, uni, o que vive só, solitario. Os antigos portuguezes o corromperam em *monge.*

Nos primeiros tempos do christianismo, os monges eram seculares (leigos) e viviam em desertos, entregues á oração e a uma severa abstinencia, pela maior parte, sustentando-se de raizes e fructos silvestres. Depois houve *monges de missa*, que se chamavam tambem *crérigos.*

A palavra *clerigo* vem do grego *cleros*, que significa herança, sorte, quinhão, etc.; e d'ahi vem que, quando pela primeira tonsura se admitte alguem ao estado ecclesiastico, o bispo lhe corta os cabellos, dizendo—*Dominus pars hereditatis meæ.* (Tiradas do Psalmo 15.º)

Leigo vem do grego *laós*, que significa *povo.* O leigo, nas ordens religiosas, anda com habito da ordem a que pertence o convento, em que serve de creado, sachristão, ou para andar ao peditorio; mas, ou não tem ordens algumas, ou recebe apenas as menores.

MONÇÃO—Vide *Monsão.*

MONCARAPACHO — freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca, districto administrativo e 18 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1000 fogos.

Em 1757 tinha 790 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o cura, que tinha uma arroba de figos secces de cada fogo, e 40 alqueires de cevada.

É Moncarapacho uma grande aldeia, com algumas casas boas, situada em uma planicie cercada de fazendas. Fica o seu territorio parte no termo de Olhão, e parte no de Tavira.

A egreja matriz é ordinaria. Tem uma casa de Misericordia, pobre.

Foi da freguezia de S. Thiago, de Tavira. Em 17 de outubro de 1453, o prior de S. Thiago fez um contracto com os de Moncarapacho, para poderem ter capellão que lhes dissesse missa e administrasse os sacramen-

tos; mas com a obrigação de hirem á missa á egreja parochial, no domingo de ramos e quinta feira santa.

Por provisão de 19 de junho de 1471, lhes concedeu o bispo, D. João de Mello, licença para terem pia baptismal, erigindo-a freguezia independente da de S. Thiago. Tinha então 100 fogos.

E' terra fertil. Tem muito arvoredo, e produz todos os fructos do Algarve em grande quantidade, exportando os que lhes sobejam, que são muitos, sobretudo figo secco, de que sahe d'aqui grande quantidade annualmente.

Tem oito lagares de azeite.

Fabrica-se aqui, em differentes olarias, boa loiça de barro vermelho.

E' terra muito abundante de aguas potaveis, de boa qualidade.

No sitio do *Calliço* ha um poço, chamado do *Concelho*, tão abundante d'agua, que dá um rego de regar, sem ser preciso emprezal-a.

Proximo da povoação, corre o ribeiro do Tronco, que morre na Fozêta; e tambem junto á aldeia está a ponte da *Carreira*.

Ha aqui uma feira, a 14 de setembro de cada anno,

No fim do *Monte da Cabeça*, ha uma lagôa, chamada da *Foupâna*, que conserva a agua até ao meio do verão.

No principio do sêrro, do lado do mar, ha uma cóva, entre rochedos, chamada o *Abysmo*, que dizem não se lhe achar fundo.

Outra, no alto do mesmo cêrro, chamada da *Ladroeira*—e em frente d'esta, outra, ambas sem fundo conhecido.

Todas estão cheias de agua no inverno.

A *Fonte da Rocha*, nasce na fenda de um penhasco, e só sécca nas grandes estiagens.

—

Desde 1838, toda a freguezia pertence ao concelho de Olhão. Até então, era metade d'este concelho, e metade do de Tavira.

A esta freguezia pertenceu, até 1784, o territorio que fórma a actual freguezia da *Fozêta*. Em 12 de março d'esse anno, D. André, bispo do Algarve, a desmembrou, para formar nova freguezia. (Vide *Fuzêta*, a pag. 243, do 3.º vol.)

MONÇARÁZ—vide *Monsaraz*

MONCHIQUE (convento)— vide *Miragaya* e *Porto*.

MONCHIQUE—serra calcarea do Algarve, ao N. da villa seguinte, que d'ella tomou o nome.

Os romanos lhe chamavam *Mons Cicus*, e d'aqui lhe provem o nome actual. (Vide Monchique, villa.)

MONCHIQUE (monte)—vide *Marão*.

MONCHIQUE—villa, Algarve, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Silves, districto administrativo e 70 kilometros de Fáro, 215 ao S. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1757 tinha 553 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o cura, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

O concelho de Monchique tem 2:000 fogos, e é composto das freguezias de Alferse, Marmellête e Monchique, todas no bispado do Algarve.

Tem estação telegraphica, creada em abril de 1875.

Este concelho foi desmembrado do de Silves, por alvará de 10 de janeiro de 1773, elevando-se então á cathegoria de villa a aldeia de Monchique, e pondo-se-lhe juiz de fóra; tendo por termo, a freguezia do *Alferse*, pelo E. — *Nossa Senhora do Verde* e *Marmellête* pelo outro lado; continuando pelo caminho de Villa Nova de Portimão, até á *Torrinha*, por cuja parte (sul) confina com este concelho.—Pelo SO. confina com o concelho de Lagos; pelo O. com o de Aljezur; pelo E. com o de Silves; e pelo N., com a provincia do Alemtejo.

Nos seus limites brotam por toda a parte nascentes de aguas ferreas, e potaveis, em tal abundancia, que formam as caudalosas ribeiras da *Perna da Nêgra*, que vae entrar no rio Odesseixe, proximo á aldeia d'este nome—*Santa Maria*, e *Torre da Gueina*, que vão metter-se na bahia de Lagos, no sitio de *Valle da Lama*, com o nome de *Odiáxere*—*Farêllo* ou *Carreçal*, que vem da *Picóta*, e tem uma ponte, abaixo da *Mexiloeira*, 3 kilometros acima de Alvôr, depois da qual, se lhe junta a da *Rogélla* ou *do*

Verde, e unidas se mettem no rio de Alvôr —a do *Banho* e a de *Odelouca*, que vão morrer ao rio de Villa Nova de Portimão.

Todas móem, regam, e trazem peixe.

—

A villa de Monchique, está situada na serra do mesmo nome, entre duas altas montanhas, a 6 kilometros distante de qualquer d'ellas. (São *Foya*, ao O. — e *Picóta*, a E.)

Pelo terramoto de 1755, ficaram fendidas a maior parte das casas da villa, a matriz muito arruinada, e de todo arrasada a egreja do convento. Só morreram 3 pessoas.

Tem-se reparado muitas casas, e feito outras de novo, que fazem hoje a villa muito povoada e bonita.

O territorio d'esta freguezia é muito fertil em todos os generos do Algarve, nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda, e os seus rios e o mar a fornecem de muito peixe.

Na serra, ha javallís (javardos, ou porcos montezes) lobos, rapozas, gatos bravos e muitas lebres e coelhos.

Ha tambem muitas colmeias, que produzem optimo mel e cêra.

O sitio em que está fundada a povoação, é muito aprasivel e pittoresco; os seus arrabaldes são pomar continuado, em que, por mais de 12 kilometros, caminha o viandante, á sombra de frondosos castanheiros, nogueiras, laranjeiras, limoeiros, pereiras, ameixoeiras, macieiras, figueiras, e outras arvores fructiferas. Tudo regado por uma infinidade de arroyos, que serpenteam por entre este formoso e extenso parque, todo semeiado de casaes.

É logar muito saudavel. Ha aqui, e em toda a serra, grande variedade de plantas medicinaes.

Tem casa da Misericordia, com a renda de 140 alqueires de trigo; 96$800 réis de juros e fóros; e 63$000 réis (termo medio) do producto dos arvoredos de *talhadia*, ou *córte*.

Tem o mosteiro de Nossa Senhora do Destêrro, que era de frades da terceira Ordem de S. Francisco (*bórras*) fundado em 1631, por Pedro da Silva (o *Molle*) que depois foi vice-rei da India. Está situado em um formoso plató, entre duas serras.

Tomaram d'elle posse os religiosos, e o vieram habitar, em 20 de março de 1632, sendo provincial, frei Manuel de Santo Antonio.

Tinha a egreja, ricos paramentos e ornatos e peças curiosas, com que a enriqueceu o seu fundador, que foi sepultado na capella-mór, do lado direito.

Está abandonado.

—

Ha por estes sitios muitas devezas de castanheiros, as unicas do Algarve, cuja madeira se exporta para toda a provincia, Baixo-Alemtejo, e sae tambem, em grande quantidade, pela barra de Villa Nova de Portimão. Rendem todas uns quatro contos de réis annuaes.

Já se vê que ha aqui grande abundancia de fructa de muitas e variadas qualidades. Exporta muita castanha, verde e *pilada*, laranjas, e grande quantidade de figo sêcco.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, sobretudo suino, cuja carne é muito saborosa, porque os porcos são sustentados com castanha.

Ainda mesmo na serra, e por entre penhascos, o seu terreno é fertilissimo em milho, legumes, hortaliças e algum vinho.

Ha n'esta freguezia muitos tanoeiros, e muitos almocreves; estes empregam-se constantemente em exportarem teias de linho, saragoças, surianos, estamenhas e cobertores, tudo aqui fabricado. Tambem levam caça, figos seccos e outras fructas, e louça vermelha. Importam os generos de que a villa e concelho precisam.

—

O *Pico da Foya*, serve de balisa aos navegantes, no alto-mar. Tem 7 kilometros de diametro e 26 de circumferencia, formando no tôpo um plano inclinado, para o O., onde se encontra uma fonte abundantissima, de excellente agua potavel.

Ás vezes o tôpo d'este monte, se cobre de neve no inverno; mas derrete-se logo.

Em toda a sua extensão nascem varios mananciaes, que se aproveitam para a rega.

Este monte é cultivado desde 1826, em

cujo anno se deu de aforamento, em *coirellas*, que rendem annualmente á camara municipal, uns 100$000 réis. Produz milho, feijão, hortaliças, algum trigo, legumes, e muitas e grandes batatas.

D. João II, deu este monte ao povo, como baldio (quando aqui esteve a banhos, indo depois morrer a Alvôr.) Era então povoado de sobreiros e azinheiras, que se arrancaram, na maior parte, para se cultivar o terreno que occupavam.

O monte da *Picóta*, tem 6 kilometros de E. a S., em vertente escarpada e improductiva; e ao passo que dos lados do N. e O., do meio para baixo, é todo coberto de castanheiros, vinhas e terras de lavoura.

N'este monte, ha uma fenda longitudinal, de E. a O., em toda a sua extensão, que tem de largura, sempre egual, 9 polegadas (0m,25), cheia de terra e pedras miudas. Suppõe-se ser uma galeria aberta, d'onde os antigos habitadores do Algarve extrahiram metaes.

—

Ha no territorio d'este concelho alguns *inhâmes* (os unicos que me consta haver no reino, ao ar livre). Ninguem sabe como elles aqui vieram parar. Ninguem os cultiva, nem faz uso d'elles.

—

A 6 kilometros a O. da villa, está a aldeia dos Casaes, com uns 70 fogos. É tambem rodeada de pomares, hortas, vinhas, laranjaes e olivaes.

A laranja d'aqui é excellentissima.

—

A 12 kilometros das Caldas de Monchique, no caminho que vae para Lagos, está a egreja de *Nossa Senhora do Vêrde*, junto á ribeira do mesmo nome.

Foi matriz de uma pequena freguezia do seu nome, que em 1835 foi dividida pelas freguezias de Marmellête, Portimão, Alvôr e Mexilhoeira.

Parte d'esta egreja, cahiu pelo terramoto de 1755, e todo o hospicio e egreja, que aqui perto (no sitio dos *Pegos-Vêrdes*), tinham uns monges, que, por fugir das asperezas da serra da Picóta, tinham mudado para aqui a sua residencia.

Ultimamente (1834), estava este hospicio bem reparado, e com uma bonita cêrca, á beira da estrada. Foi vendido ao desbarate, e é hoje propriedade particular.

—

Julga-se que Monchique, era a capital dos povos *arânnis*, *arândis*, ou (como diz Plinio) *aranditanos*. Eram antigos lusitanos (cuneus) sujeitos ao convento juridico *pacense* (de Beja).—Vem mencionados, a pag. 426 do *Itinerario*, de Antonino Pio.

Ptolomeu, diz que habitavam entre as cidades dos celtas.

Escriptores antigos, dizem que o seu territorio era a parte da serra do Algarve, onde se fundou Villa Nova de Monchique, e que, antes da invasão dos arabes, pertenciam ao bispado de *Ossonoba* (Faro).

Proximo á villa de Monchique, se encontrou, pelos annos de 1780, um *sarcophago*[1] com a ossada bem conservada de um homem de estatura gigantesca, com uma alampada sepulchral e outros objectos do uso dos gentios, e com uma inscripção em caracteres desconhecidos. Talvez fossem phenicios; mas, como os vandalos que acharam esta preciosa antigualha, destruiram tudo, não se póde hoje dizer mais nada a semelhante respeito.

Consta que dentro da sepultura estava tambem uma porção de moedas (ignora-se de que metal), que foram vendidas a um inglez.

Caldas de Monchique

Estão a 6 kilometros ao S. da villa do mesmo nome, e são frequentadas por gente do Algarve, Alemtejo e Andaluzia.

As suas virtudes therapeuticas, são conhecidas desde tempos remotos.

1 Chamo-lhe sarcophago, porque assim o achei escripto em um antigo manuscripto d'onde estou extrahindo esta noticia, e porque este nome se toma vulgarmente por synonimo de túmulo, ou sepultura; mas, se continha uma ossada humana, não era *sarcophago*, pois esta palavra, significa rigorosamente—*tumulo vasio*. Sarcophago, é o monumento que se erige á memoria d'alguem cujos restos alli não jazem, por qualquer motivo, como morrer no alto mar, devorado pelas chammas, ou por antropofagos, etc.

As primeiras obras modernas, que aqui se fizeram de alguma importancia, são as casas para os doentes pobres, que mandou construir o bispo do Algarve, D. Francisco Barrêto.

O benemerito bispo, D. Francisco Gomes d'Avellar, lhe fez novos quartos e acommodações.

O governador civil, Albino Abranches Freire de Figueiredo, tambem, em nossos dias, melhorou muito este estabelecimento.

Hoje consta o edificio de um comprido corredor, disposto de N. a S., com varios quartos para particulares, e uma enfermaria para pobres.

São quatro as nascentes, que rebentam da rocha, constituindo tres differentes banhos, todos dentro do edificio, no meio do qual, está a capella de S. João de Deus.

O seu calor, é de 90° a 92° do thermometro de Farinheit, ou 25° e meio a 27° e meio de Reaumur.

São estas aguas mineralisadas por grande cópia de gaz hydrogeneo, lévemente sulphurado, contendo uma diminuta porção de muriato de sóda e calcario, e uma levissima porção de ferro.

São efficazes para molestias rheumaticas, cutaneas e outras; mas, causam terriveis effeitos aos que as tomam, se têem padecido molestias secretas, e não estão completamente curados.

Estas aguas formam um ribeiro, que, a pequena distancia das caldas, faz moer uma azenha. Entra na ribeira de *Boina*.

Algumas laranjeiras e oliveiras, que o bispo, D. Francisco Gomes d'Avellar, mandou plantar n'este sitio, pela encosta do sêrro (e que dão excellente fructo), uns 130 e tantos mil réis, de fóros, outro tanto de legados não cumpridos, e a gratificação que os particulares dão pelos quartos que occupam, no tempo dos banhos, constitueem a renda do estabelecimento, a qual não chega para a despeza.

Tambem por aqui ha nascentes de aguas ferreas.

—

Na *Malhada-Quente*, 3 kilometros a E. de Monchique, ha uma nascente de agua tépida, efficaz para a cura de chagas e molestias cutaneas.

—

No sitio da *Fornalha*, 6 kilometros a E., ha outra nascente, da mesma qualidade, e applicada com bom resultado para as mesmas molestias. Esta é quente.

—

É actualmente director d'este estabelecimento, o distincto medico e benemerito patriota, o sr. dr. Francisco Lazaro Côrtes, que muito tem feito em beneficio d'estas thermas.

Póde para as caldas, hir-se de carruagem, desde Villa Nova Nova de Portimão, para o que tem uma bôa estrada.

De Lisboa, para Monchique, vae-se, ou pelo caminho de ferro, até Beja, e d'ahi a cavallo; mas é mau caminho—ou por mar, até Villa Nova de Portimão, e d'ahi, pela estrada nova, até ás Caldas.

É sitio de ares excellentes. Um coelho custa 30 réis, e uma perdiz 40 réis. As gallinhas, a fructa e a hortaliça, são baratissimas.

O edificio dos banhos, está hoje montado com muito asseio, com medico permanente (durante a quadra dos banhos).—Tem um bilhar, jogos de cartas (de vasa), e uma bôa sala de recreio, com um bom piano, onde se passam bem as noites.

Ha tambem aqui uma bôa hospedaria.

—

O dr. Francisco Tavares, medico de D. Maria I, diz nas suas *Instrucções* e *Cautellas praticas* (sobre aguas mineraes), pag. 172, o seguinte:

«*Monchique*—Quatro leguas em distancia, para NE. da cidade de Lagos, e uma legua para o S. da villa de Monchique, na falda da serra do mesmo nome, summamente montanhosa e escarpada, mas em parte cultivada e abundante de multiplicados arroios de chrystalinas e saudaveis aguas, está o sitio onde brotam as aguas thermaes.

«A exemplar caridade dos ex.mos bispos do Algarve, fez construir n'aquelle logar, um hospital, o qual, pelos cuidados do ex.mo e rev.mo D. Francisco Gomes, actual prelado

d'aquella diocese, (1810) tem sido muito melhorado e accrescentado.»

Depois de descrever o edificio dos banhos, diz que os quartos, que estão separados sobre si, são occupados por pessoas particulares, que por fim, a titulo de esmola, deixam alguma quantia (a que lhes parece) para o hospital, e continua:

«Apenas no sitio ha mais cinco, ou seis albergues, de pobre gente que alli assiste, e cultiva algum terreno: afóra uma casa maior, residencia do *provedor*, que, de ordem do prelado, governa o hospital.»

.....

«*O primeiro banho*, na parte superior do edificio, que terá 12 a 14 palmos em quadro, accommóda bem, 12 pessôas. Abunda tanto de agua, que em 5 minutos se enche, até á altura capaz de cobrir um homem até aos hombros.

«*O segundo banho*, proximo á capella, accommóda 4, até 6 pessoas, e da bica, que lhe está proxima, é que se tira agua para beber.

«*O terceiro banho*, é da outra banda do ribeiro, para o SO. junto á nascente dita, e augmentado pela agua que passa sobre a arcada.

«Tem capacidade para n'elle entrarem 40 pessoas, e gasta para encher-se, cérca de uma hora.»

.....

«Entrando na casa dos banhos, percebe-se logo cheiro enjoativo, lévemente hepatico e suffocante; sensivel e promptamente se augmenta a transpiração.

«Nos tanques e bicas dos banhos, apparece deposito alvacento, como saponaceo, que sêcco e queimado, dá os indicios proprios da sua qualidade.»

.....

«O sabor e o cheiro (d'esta agua mineral, em quanto quente), perde-os de tal maneira em arrefecendo, que se torna potavel, e de uso commum, para bebida e para cosinha.»

.....

«Sobre o corpo dos que estão no banho, apparecem pequenas bôlhas de *fluido aeriforme*, como bexigas, mui frequentes e chegadas entre si, que, opprimidas, vem crepitar na superficie da agua.

«São estas aguas mineralisadas por grande cópia de gaz hydrogenio lévemente sulphurado, contendo pequenas porções de muriato de sóda e calcareo, e alguma levissima solução de ferro; pelo gaz carbonico, que não sómente se dá a conhecer pelos reagentes, mas que até se poderia suspeitar, pela visinhança de aguas ferreas, que mui proximamente das aguas thermaes, brotam, com diversos graus de actividade.

«Estas propriedades lhes dão as grandes virtudes de que gozam.»

—

Foram amostras d'estas aguas, para a exposição universal de Paris, de 1867, e eis aqui o relatorio official, dado a seu respeito: (Traducção.)

Estas nascentes, rebentam na encosta da serra de Monchique, a uns 20 kilometros da cidade de Lagos, e 5 da villa de Monchique, em sitio muito alcantilado e pittoresco.

Existe no logar onde nascem (as aguas thermaes), um estabelecimento de banhos e um hospicio para os pobres.

As aguas rebentam de quatro mananciaes, todos no interior do edificio, e são dirigidas para tres differentes banhos.

O 1.º, que se denomina de *S. João de Deus*, é o mais abundante, e consiste em uma piscina assás espaçosa, para poder conter doze pessoas.

O 2.º, situado perto da capella, póde receber quatro a seis pessoas.

O 3.º, que é o mais vasto dos tres, é um grande tanque, onde quarenta pessoas podem banhar-se simultaneamente.

A agua mineral de Monchique, é limpida

e transparente; não tem gôsto nem cheiro sensiveis.[1]

A sua temperatura é de 31° 5 C. a 34° C.— Suas propriedades physicas, assim como a sua analyse não revelam de modo algum a presença de acido sulfhydrico; talvez porém que este resultado negativo seja devido a que as experiencias foram feitas com as aguas transportadas ao laboratorio da escola polytechnica, e não logo que foram apresentadas, que é o que se devia fazer.

A agua de Monchique, contem por kilogramma, 0 gr. 2848 de principios fixos, que são, principalmente chloruretos e silicatos alcalinos; carbonatos de cal e de magnezia, e uma pequena quantidade de alumina e de peroxydo de ferro.

—

Em 1494, D. João II principiou a soffrer de uma languidez, que muitos attribuiram a effeitos de certo veneno que lhe fôra propinado por fidalgos, parentes dos que elle tinha assassinado e feito assassinar. A molestia progride, e os seus medicos lhe receitam as caldas de Monchique, para onde o rei foi no anno de 1495.

Andando um dia, na serra, á caça dos javalis, se lhe agravaram os padecimentos, hindo morrer, em todo o vigor da edade, em Alvôr, no dia 25 de outubro de 1495. Tinha nascido em 3 de maio de 1455, tendo portanto 40 annos e pouco mais de 4 mezes quando falleceu. Reinou 14 annos, não contando o tempo da sua regencia.

Tenho lido em alguns livros, que D. João II foi para os banhos de Alvôr (e não para os de Monchique) e alli falleceu.

Morreu em Alvôr, é verdade, porque para alli tinha hido quando peorou, por não haver então em Monchique as necessarias commodidades; mas os banhos tomou-os em Monchique. Esta dissidencia é provavelmente pela proximidade em que Alvôr fica de Monchique. (Vide *Alvôr*.)

MONCORVO ou **TORRE DE MONCORVO** —villa, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 6 kilometros da margem esquerda do rio *Sabôr* e valle da *Villariça* (celleiro da provincia) 9 kilometros da margem direita do Douro, 140 ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 490 fogos, em 1757, tinha 460 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.[1]

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis de rendimento annual.

—

O concelho da Torre de Moncôrvo, é composto das 21 freguezias seguintes—todas no arcebispado de Braga—Açoreira, Adeganha, Cabeça-Bôa, Cabeça de Mouro, Cardanha, Carviçaes, Castêdo, Estevaes (ou Estevães), Felgár, Felgueiras, Horta, Junqueira, Larinho, Lousa, Maçôres, Mós, Ferêdo, Souto-da-Velha, Torre de Moncôrvo, Urrôs, e Vide — todas com 3:200 fogos.

A sua comarca é composta de tres julgados — Alfandega da Fé, com 2:000 fogos — Carrazêda d'Anciães, com 2:800—e Moncôrvo, com 3:200; vindo portanto a ter a comarca 8:000 fogos.

Situada em uma baixa, em terreno levemente accidentado, junto á serra de Reborêdo, que lhe fica ao S., e lhe veda o sol durante grande parte do dia.

—

Diz *Lousada*, que o capitão *Mem Côrvo*, ou *Mendo Curvo*, mandou edificar aqui um castello, no meiado do seculo XI, ao qual deu o nome de *Torre de Mem Côrvo*, que no seculo XVII se corrompeu em *Moncôrvo*, e que junto ao castello fundou uma povoação,

[1] Porque perdeu ambas as coisas com as voltas que levou d'aqui para França, e até á occasião da anályse: pois já vimos que basta o resfriamento para perder o gosto e cheiro.

[1] O primeiro orago da villa, foi S. Thiago, apostolo. Ainda existe a egreja d'esta invocação, que foi matriz. É antiquissima.

Tambem á padroeira actual dá o povo varias invocações. Chamam-lhe *Nossa Senhora da Assumpção, Nossa Senhora da Véla, Nossa Senhora da Esperança*, e, finalmente, *Nossa Senhora da Graça*.

a que tambem deu o seu nome. Que em 1062 o mesmo Mem Côrvo deu foral á villa e castello, e que, em 1128, D. Affonso Henriques confirmou este foral.

Consta que, destruido este castello, pelos leonezes (outros dizem pelos arabes) procuraram os habitantes d'elle e suburbios, mudar a sua habitação para junto da ponte do Sabôr, entre este rio e a ribeira de Villariça. Que a esta povoação se deu o nome de *Santa Cruz de Villariça*, e que D. Sancho II a fêz villa, e lhe deu foral, aos 8 dos idos de junho da era de 1263 (29 de maio de 1225 de J. C.)

Franklim não falla em foral algum antigo, dado a Moncôrvo ou a Villariça. Só diz que D. Manoel deu foral á Torre de Moncorvo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro dos foraes novos* de Traz-os-Montes, fl. 13 v., col. 1.ª—Veja-se a inquirição para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 43.)

Por uma carta regia, datada de Beja, em 17 de novembro de 1295, e depois de ouvidos os concelhos da Torre de Moncôrvo e Villa Flôr, deu D. Diniz as *terças* das egrejas d'estas duas villas, para se gastarem na *fortaleza que então andavam fazendo os que da villa de Santa Cruz da Villariça se haviam mudado para a Torre de Moncôrvo, por ser esta praça mais fronteira; e que, tanto que as obras da torre fossem concluidas, se applicassem essas terças na fortaleza de Villa-Fról* (Villa Flôr) *até que esteja feita.*

Para se combinar isto com o que fica dito, devemos suppôr que os habitantes de Villariça (ou parte d'elles) regressaram para Moncôrvo.

Alguns dizem que Mem Côrvo fundou, no seculo XII, uma torre, para sua habitação, que o protegesse dos ataques dos mouros; e que em redor d'esta torre, foram os christãos pobres das proximidades, construindo cabanas. Que, passados tempos, abandonando os habitantes de Santa Cruz da Villariça esta villa, por doentia, vieram augmentar a população de Moncôrvo.

—

Ha em Portugal muitas povoações incomparavelmente mais antigas do que esta, cuja origem nos é muito mais bem conhecida do que a de Moncôrvo.

Quasi que cada escriptor lhe dá diversa origem e differentes datas d'ella.

O que faz esta dissidencia é a existencia da villa de Santa Cruz. Esta povoação, que era antiquissima, estava fundada no valle da Villariça, indefensavel pela sua situação em uma planicie; doentia, por causa das inundações do Sabôr; e não tendo agua potavel, senão a d'este rio, que é de pessima qualidade para beber.

Coexistiria esta villa e a de Moncôrvo? Parece-me que sim, pelo que adiante direi.

No local onde foi a villa de Santa Cruz, alem de vestigios de casas e da egreja matriz (a que chamam *a Derroída*) ha tambem vestigios das muralhas de uma fortaleza. Seria aqui a *torre de Mem Côrvo?*—Parece-me que não. Julgo até que este sujeito não existiu, e que, o que deu causa á fabula (?) da sua existencia, foi a corrupção do nome romano da serra de Reborêdo—*Mons Curvus*—que facilmente se mudava para *Moncurvo* e d'aqui para o actual.

—

Não vou impôr a minha opinião aos leitores, apresento-a como uma conjectura, e é a seguinte:

Já vimos que o valle de Villariça, posto ser formoso e feracissimo, não tem uma das condições essenciaes á vida, e mais procurada para uma povoação—a salubridade.[1]

Demais—N'aquelles tempos de continuas guerras, não estavam os habitantes de Santa Cruz ao abrigo das frequentissimas invasões dos mouros e dos castelhanos, tão ferozes como aquelles, sobretudo os leonezes (que foi com quem tivemos mais guerras).[2]

[1] O *Sanctuario Marianno* e outros auctores, dizem que o povo de Santa Cruz, abandonou a villa pelo numero enorme de formigas que aqui havia, que devoravam tudo.

[2] É triste dizel-o, mas é certo. Os arabes, que professavam uma religião diametralmente diversa da nossa, se no primeiro impeto saquearam, destruiram e incendiaram muitas egrejas e mosteiros, tambem muitos outros deixaram existir, em pleno uso do culto divino, mediante certo tributo.

Os leonezes, castelhanos e gallegos, que

A seis kilometros da villa, havia um sitio ameno, fertil, abundante de bôa agua potavel, e sadio. Tinha uma elevação propria para no seu cume se edificar um castello (ou *torre*, que era então mais vulgar) e foram pouco a pouco abandonando o valle e se foram estabelecendo em redor da fortaleza, que, ou já existia, ou a fizeram então.

Tambem é verosimil que a *torre*, estando na encosta do *Mons Curvus*, tomasse d'elle o nome.

Vendo D. Affonso II, que a nova povoação hia progredindo á custa da antiga, que se hia despovoando, fez mudar, em 1216, para Moncôrvo, o resto dos habitantes de Santa Cruz, dando então áquella povoação a cathegoria de villa que esta tinha, com todas as suas justiças, foraes e privilegios.

D. Diniz lhe augmentou os privilegios em 1288, e D. João I, em 1390, ou (segundo outros) em 1423.

É isto o que mais rasoavelmente se póde colligir e apurar de todas as contradicções.

Talvez mesmo que, quando os de Santa Cruz mudaram para Moncôrvo, já aqui houvesse alguma torre ou atalaia, fundada pelos antigos lusitanos ou pelos romanos; ou seria fundada no reinado de D. Affonso Henriques, em 1140, como alguns pretendem, ou a do tal *Mendo Côrvo*, como querem outros.

—

Alguns escriptores negam a existencia do tal capitão Mem Corvo, sustentando que o nome d'esta povoação é corrupto de *Mons Curvos*, nome que deram os romanos ao monte de Reborêdo, que faz com effeito uma especie de curva.

Outros dizem que foi fundada por D. Fernando III de Castella, em 1040. Outros, finalmente, dizem que foi o nosso D. Affonso II, em 1216.

eram catholicos, nas suas invasões, roubavam-nos e incendiavam-nos os mosteiros, assassinavam os frades, violavam e matavam as freiras, arrasavam as egrejas, e deixavam devastados e horrorisados, todos os povos por onde passavam, deixando um rasto pavoroso de lagrimas, sangue, cadaveres e ruinas fumegantes.

Ainda outros antiquarios, fallando no foral de Mem Corvo, não fallam na confirmação de D. Sancho II.

Dizem que D. Affonso Henriques, em 1140, confirmou o foral de Mem Corvo, com todos os seus privilegios, e augmentando outros. Que o rei D. Diniz lhe deu novo foral confirmando os antigos, em 1288. Que D. João I lhe dera outro foral em 4 de janeiro de 1423 (outros dizem que foi em 1390) com os mesmos privilegios. Já disse que em nada d'isto falla Franklin; mas deve notar-se que este escriptor não menciona muitos foraes que existiram.

Notemos que ainda ha uma terceira etymologia de Moncorvo. Diz-se que provém de *Monte do Corvo* (ou *dos Córvos*) que, segundo esta opinião, era o antigo nome da serra de Reborêdo.

A esta etymologia dão alguma razão de ser os dois côrvos das antigas armas da villa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.º

—

Tem uma magestosa egreja de tres naves. Foi-lhe lançada a primeira pedra em 1544. e a sua construcção, que levou quasi um seculo, foi feita com os rendimentos do municipio. Um terramoto que houve em 19 de março de 1858, lhe causou alguns prejuisos que foram reparados. E' um dos mais sumptuosos templos do reino, e mais parece uma Sé cathedral, do que egreja de uma villa de provincia.

As suas naves são divididas por duas ordens de altas e robustas columnas, sobre as quaes assenta a abobado, ornada de elegantes laçarias.

Tem tres córos, e sobre o principal, uma soberba torre, que finalisa em bonitas varandas de pedraria, tendo nos quatro angulos formosas pyramides.

E' rematada por um zimborio, coroado de uma esphera armillar (emblema do rei D. Manuel) encimada de uma cruz, com um catavento. Tem esta torre nove janellas (si-

neiras) e no andar da varanda está o relogio.

O frontespicio da egreja, que volta para E., é de grande magestade, com alguma imagens de santos, em nichos dourados.

Á entrada está um largo e espaçoso passeio de cantaria, com assentos e pyramides de granito, e no centro um grande e bem acabado cruzeiro de pedra.

As suas paredes robustas são ainda reforçadas externamente por *gigantes* coroados por pyramides, de cuja base sahem horisontalmente grandes carrancas servindo de embornaes, e que pela bocca lançam as aguas da chuva.

Este grandioso edificio recebe a luz por 12 grandes janellas de arco, envidraçadas, sendo 6 de cada lado da egreja.

Tem a egreja tres entradas, a da frente, e uma de cada lado.

A capella-mór, ainda que pequena em relação ao corpo da egreja, é de primorosa architectura, e as cadeiras lateraes perfeitamente esculpidas. Eram o assento dos beneficiados de uma antiga collegiada que aqui houve.

O altar do Santissimo, á direita da capella-mór, tem um retabulo em meio relevo de muito primor e merecimento. Está resguardado por uma forte gradaria de ferro dourado.

Á esquerda da capella-mór, correspondendo com o do Santissimo Sacramento, está o altar de Nossa Senhora das Dores. São ambos de figura eliptica e com abobada de cantaria em fórma de concha.

Tem mais quatro altares lateraes (dois de cada lado) correspondendo em magnificencia com o resto do templo.

No côro ha um bom orgão; mas precisa de grandes concertos.

Antigamente rematava a torre dos sinos em um corucheu forrado de azulejos, de que apenas restam vestigios, porque o resto foi destruido por um raio. Segundo a tradição, este corucheu era encimado por um corvo mechanico, de ferro dourado, que soltava tantas grasnadellas, quantas as horas que dava o relogio, e que se ouviam a grande distancia.

No dia 19 de março de 1858, um forte tremor de terra deslocou e fez cahir uma pedra de cantaria, da abobada, que foi logo substituida.

Este terramoto sentiu-se em varias localidades das provincias do norte, na cidade do Porto, e algumas leguas ao sul d'ella.

As paredes da egreja, e mesmo a abobada teem dado alguma coisa de si, em razão da pouca solidez dos alicerces.

—

Como se as etymologías de *Mem Côrvo*, *Mendo Curvo*, *Mons Curvus*, *Monte do Côrvo*, e *Monte dos Córvos*, fossem poucas, ainda o povo *miudo* da villa (e alguem que não é *miudo*), seguindo uma antiga lenda ou tradição, dá á villa a origem seguinte:

Havia em remotas eras, proximo ao monte de Reborêdo, um lavrador, chamado *Mem* ou *Mendo*, que, em certo dia, achou enterrada em um seu campo, uma grande arca, cheia de moedas d'ouro e prata.

Tornou a cobrir de terra o seu thesouro, e veio para casa muito alegre. Era casado, e não querendo dar parte á mulher do seu feliz achado, sem saber primeiro se ella seria capaz de guardar segredo, para a experimentar, lhe disse: — «Mulher, se me promettes inviolavel segredo, digo-te o que hoje presenciei; mas olha que, cá por certos motivos, deve isto ficar infallivelmente ignorado.» — A mulher, anciosissima já por saber a *historia*, prometteu ao marido o segredo mais rigoroso. Elle então disse-lhe: — «Andando eu a cortar lenha na deveza, fiquei pasmado de vêr um côrvo, *parindo* uma ninhada de corvinhos.»

A mulher, admirada de que um passaro parisse, morta por o dizer a todo o mundo, mas querendo cumprir a promessa de guardar segredo, não se atrevia a sahir de casa, receiando não se poder conter.

Tal impressão porém, lhe fazia lá por dentro aquelle insupportavel deposito, que não comia nem dormia, e estava em perigo de rebentar.

Chegou o momento de não poder mais soffrer tão intoleravel constrangimento, e pegando em um cesto de fruta, a foi vender á villa de Santa Cruz.

Já se sabe—pelo caminho, foi contando a historia do parto do côrvo a quanta gente encontrou, augmentando mesmo o numero dos corvos recemnascidos e inventando mais algumas particularidades do parto; mas, bem entendido, pedindo a todos, o mais rigoroso segredo.

No dia seguinte já toda a villa de Santa Cruz e freguezias circumvisinhas sabiam do parto do côrvo, correcto e augmentado.

O lavrador, vendo que a mulher... era mulher, não lhe deu parte do achado, e mandou fazer uma torre, onde se recolheu com a sua familia e o seu thesouro.

O povo começou a chamar a este edificio —*Torre de Mem do Corvo*,—e ficou-lhe o nome, apenas com pequena alteração.

—

Tem Moncorvo uma boa fabrica de sedas e algumas de cordas. Tambem aqui houve uma grande fabrica de sabão, de superior qualidade.

No tempo de D. João V houve aqui uma grande cordoaria para a marinha de guerra, na qual se gastavam annualmente 50:000 arrobas de canhamo.

Depois, o marquez de Pombal fez aqui augmentar e prosperar muito a cultura do linho canhamo. Mandou construir mais vastos armazens e officinas para arrecadação e preparo do linho, que a maior parte hia em *rama* para a real cordoaria de Lisboa. O resto era aqui feito em cordas, que tambem hiam para Lisboa, Porto e outras povoações.

A cultura do canhamo é muito antiga em Moncorvo, pois já em 1628 estava muito desenvolvida, e mais se augmentou com a grande fabrica que o governo mandou edificar no campo da *Corredoura*. Intitulava-se *Real feitoria dos linhos canhamos*. Era administrada por conta do estado, e empregava grande numero de braços; porque n'esta feitoria eram preparados, além dos linhos da Villariça, os de Mirandella, das terras proximas ao rio Douro, e até de Pinhel.

Durou esta feitoria até 1740 e tantos, sendo então extincta, não sei porque; mas a cultura do linho continuou sempre em grande escala, e d'elle se forneciam as cordoarias de Lisboa e Porto, por alguns annos; porém a extincção da cordoaria sempre por fim fez esmorecer bastante a cultura do linho.

—

Pouco mais ou menos, pelo tempo em que foi extincta a *feitoria* do canhamo, principiaram os industriosos habitantes de Moncorvo a applicar-se á sericultura, chegando até a haver aqui uma boa fabrica de sedas; porém o desenvolvimento d'esta abençoada industria até aos nossos dias, não era grande; mas, a alguns annos a esta parte, os póvos d'aqui se dedicaram com fervor á cultura das amoreiras, e á creação do *sirgo* (bicho da seda) e hoje a exportação da seda, em meadas, e da semente do sirgo, já sóbe a uma cifra avultadissima, e promette progredir.

Este inexgotavel manancial de riqueza publica, reconhecido como tal em todo o concelho, tem feito propagar do modo mais satisfactorio, por todo elle, a plantação de amoreiras e a industria sericola, que ha de elevar esta terra ao grau de prosperidade mais animador, e hade concorrer com o exemplo para a generalisação d'esta industria, e por consequencia para a prosperidade de outras muitas terras da provincia.

—

Foi a comarca de Moncorvo a maior de Portugal. Tinha o seu territorio 96 kilometros de comprido, e quasi o mesmo de largo. Só villas comprehendia 26 no seu districto.

Foi D. João I que lhe alargou o termo até Foscôa.

—

Foi esta villa defendida por um forte e antigo castello, e por algumas fortificações, que a dominavam toda.

O castello era de cantaria e quadrado, e cercado de quatro cortinas com suas altas torres quadradas, e barbacans, tambem de cantaria.

As muralhas tinham tres portas, com seus cubellos e baluartes.

Foi D. Diniz quem reedificou o castello e construiu as muralhas, pelos annos de 1310.

Ainda em 1847 visitei as ruinas d'esta ve-

tusta fortaleza. Tudo (menos o castello) foi arrazado, ha poucos annos, e o terreno occupado pelas antigas fortificações está actualmente plantado de arvores e serve de passeio publico. A villa ganhou em aformoseamento, o que perdeu em monumentos historicos, que recordavam aos vindouros tantos factos gloriosos dos nossos antepassados. Não sei se ganharia na troca.

Eram alcaides-móres d'este castello os Sampaios, senhores de Villa Flor, cujo actual representé é o sr. Manuel Antonio de Sampaio de Albuquerque Mendonça Furtado de Mello e Castro Torres Lusignano, 4.º conde e 2.º marquez de Sampaio.

—

Gosou esta villa grandes privilegios que lhe passaram da villa de Santa Cruz de Villariça, povoação antiquissima, que existia a 6 kilometros de Moncorvo. (Vide *Santa Cruz de Villariça.*)

Esta villa, desde o seculo XIII foi sempre prosperando e desenvolvendo-se, até que em julho de 1762, invadida pelos castelhanos, commandados pelo marquez de Sárria, foi saqueada, commettendo então os hespanhoes toda a casta de extorsões e atrocidades. O mesmo fizeram em outras muitas povoações d'esta provincia, que dominaram quasi toda durante esta guerra, causada pelo celebre *pacto de familia.*

—

Tem Misericordia, e a capella e hospital do Espirito Santo, que foi antigamente albergaria.

Os arrabaldes da villa são agradaveis, e muito productivos, sobretudo o formoso e feracissimo *Valle da Villariça*, onde existiu a villa de Santa Cruz.

O monte de *Reborêdo* é muito pittoresco, pelo seu frondoso arvoredo e pelas muitas capellinhas e casas de campo, vinhas pomares e olivaes que o aformoseam.

Na encosta d'este monte está tambem o bello mosteiro que foi de religiosos antoninos (capuchos franciscanos) em via de desmantelamento. Foi fundado pela camara e povo da villa, em 1569.

Tem Moncorvo a singularidade de estar a egual distancia (75 kilometros) de sete grandes povoações, que são—Guarda, Lamego, Villa-Real, Chaves, Bragança e Miranda — e Ciudad Rodrigo, em Hespanha.

—

Ao N., e a 6 kilometros de distancia da villa, sobre o rio Sabor, se ostenta uma robustissima ponte de cantaria, de sete arcos, muito antiga.

A 5 kilometros, tambem ao N., existem os restos de um pequeno templo romano.

É tradição que depois os godos o converteram em capella christan, com a invocação de S. Mamede (cuja imagem está hoje na aldeia dos *Estevaes*, d'esta freguezia) e que depois os arabes a transformaram em mesquita ismaelita.

O povo ainda dá a este monumento o nome de *Mesquita.*

Em 1845, o sr. Francisco Antonio Carneiro de Magalhães, d'esta villa, achou aqui, e levou para sua casa, um cippo, que denotava ser o pedestal de uma estatua romana. Tinha a seguinte inscripção :

IOVI
OPTIMO
MAX.
CIVITAT. I
BANIENS
.....
.....D.

Nas immediações da *mesquita* teem apparecido outras pedras com inscripções romanas; pedaços de telha muito grossa, e varias peças de cantaria.

Nos differentes penhascos de granito que ha por estes sitios, existem varias escavações, feitas a picão, similhantes ás de Panoyas (vide esta palavra) as quaes, segundo Argote, eram templos dedicados a certas divindades pagans.

Á esquerda da *mesquita*, no cimo de um rochedo gigantesco, é onde ha mais das taes escavações.

Tudo isto claramente manifesta que por aqui habitaram os romanos, ou talvez mesmo povos anteriores a elles.

Tambem por aqui ha vestigios celtas, pois se vêem, em um enorme rochedo que fica á

esquerda da tal mesquita, os restos de um *carn.*

O rei D. Diniz, visitando o Sanctuario de Santa Maria de Azinhoso, em 1287, instituiu aqui uma grande feira, a 8 de setembro de cada anno, dia da festa da Senhora. Foi por 31 annos a maior da provincia; porém, creando o mesmo rei a feira de Moncorvo, em 1319, veio aquella a perder muita da sua importancia.

D. Diniz é que, em 1288, elevou Moncorvo á cathegoria de villa, concedendo-lhe novos privilegios (alem dos que já tinha) e sendo um d'elles, que os devedores que para aqui viessem habitar, não podessem ser executados, por dividas anteriores.

O clima de Moncorvo, posto seja excessivo, é muito saudavel.

Depois de 1834, foi feito barão, e depois, visconde de Moncorvo, Christovão Pedro de Moraes Sarmento, que foi nosso embaixador na Inglaterra.

Por seu fallecimento, foi feito barão de Moncorvo, seu filho, o sr. João Pedro de Moraes Sarmento; hoje 9.º conde da Torre, pelo seu casamento com a filha e herdeira dos marquezes da Fronteira

Os melhores edificios da villa, são a magestosa egreja matriz, e o hospital da Misericordia.

—

Não ha em Portugal (nem mesmo na *serra dos Monges*) uma tão vasta e tão rica mina de ferro, como a da serra de Reborêdo, junto a Moncorvo. Os sitios onde abunda mais o minerio, são — *Fragas dos Apriscos, Alto do Chapeu, Barro Vermelho,* e *Sobrálhal,* n'esta freguezia—e *Cabeço da Múa,* na freguezia de Felgar, d'este concelho.

Em março de 1874, foi concedida esta ultima mina (a de Cabêço da Múa) á *Companhia de exploração de ferro da serra de Reborêdo.*

Disse-me pessoa competente, que o minerio d'esta serra contem mais de 70 por cento de ferro, de optima qualidade, e que em, alguns sitios, se lhe póde afoitamente dar o nome de *ferro nativo.*

Se houvesse aqui o necessario combustivel (vegetal ou mineral) se um caminho de ferro pozesse este sitio em rápida communicação com os grandes centros industriaes, ou, finalmente, se não fosse tão dispendiosa a canalisação do Sabôr, e estivesse concluida a construcção do caminho de ferro de Douro, seriam estas minas uma incalculavel fonte de receita e um grande elemento de prosperidade, para a companhia exploradora, e para os povos d'estes sitios; pois ha aqui ferro sufficiente para fornecer todo o reino d'este metal, e ainda para exportação; porém só uma empreza que possa dispor de alguns milhõesde crusados, tirará um resultado vantajoso.

—

Em dezembro de 1843 e janeiro de 1844, estiveram os povos d'estes sitios, 20 dias sem verem o sol, por causa de um densissimo nevoeiro. Estava tudo coberto de neve, e o frio chegou a 3 graus abaixo de gêlo!—Chegou a gelar o leite!

Principiou o nevoeiro, a 13 de dezembro, e durou até ao 1.º de janeiro, sobrevindo n'este dia uma chuva branda, que o dissipou. A neve causou grandes prejuizos, destruindo com o seu peso, muitas arvores, principalmente oliveiras.

Esta calamidade, abrangeu todo o espaço que vae desde os *Estevaes do Mogadouro* até *Macêdo de Cavalleiros,* chegando, em Traz-os-Montes, muito abaixo de Mirandella; e na Beira-Alta até á villa da Méda. (Vide *Reborêdo do Monte.*)

—

No cimo da serra de Reborêdo, e a 5 kilometros de Moncorvo, está a aldeia de *Felgueiras,* patria do famoso chimico, *Thomé Rodrigues Sobral.*

—

Depois do saque geral e grandes crueldades porque passou esta villa, em 1762, como fica dito, foi-se tornando pouco e pouco ao seu antigo esplendor, pela sua industria agricola e fabril, sendo o principal elemento de prosperidade, a cultura, em grande escala, do linho canhamo, creado nos seus bellos campos da *Villariça,* fertilisados pelas inundações do Sabôr; e pela producção de optima seda. [1]

[1] Já em 1369, querendo D. Fernando de

Até 1510, teve Moncorvo por armas—um castello de prata, com uma só torre, e de cada lado d'esta, um côrvo.

D. Manuel lhe deu por armas, as de Portugal, em campo de púrpura, e por baixo das armas, duas espheras armilares, de prata—São as actuaes.

—

A parte mais antiga da povoação, chamada propriamente *a villa*, está dentro da cêrca das muralhas. A moderna, chamada *Arrabalde*, é extramuros.

—

Ha na villa um bom e elegante chafariz, em fórma de urna, com quatro bicas, alimentado por um abundante manancial de optima agua, na serra de Reborêdo, d'onde vem, por espaço de 2 kilometros, conduzida por canos de granito. Fornecia o convento dos capuchos, e vem para este reservatorio, d'onde sae para outra fonte.

Além d'este bello chafariz, é a villa muito abundante de optima agua, distribuìda por sete fontes publicas, além das particulares.

—

É tão saudavel o clima d'este territorio, que não consta ter aqui havido peste, nem mesmo quando tem invadido muitas povoações limitrophes.

—

Consta que era natural de Moncorvo, a célebre Violante Gomes (a *Pelicana*) amante (alguns dizem mulher) do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, e mãe do infeliz e mal aconselhado D. Antonio I, o *prior do Crato*. (Vide *Crato*.)

—

Tambem aqui nasceu Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, auctor de varias obras, sendo a mais notavel d'ellas, o poema heroico—*El Affonso*—cujo assumpto é a fundação da monarchia portugueza.

Nasceu e morreu no seculo XVIII.

—

Ha aqui um abundante mercado, no dia 8 de cada mez, e uma grande feira a 13, 14 e 15 de agosto.

—

Na freguezia ha varias ermidas.

—

As principaes producções do termo de Moncorvo, são trigo, centeio, milho, linho, hortaliça, legumes, fructas, muito azeite e algum vinho.

—

Junto á villa, está a capella de *Nossa Senhora da Esperança*, vulgarmente *Nossa Senhora de Riba Cavâda*, sem duvida por ser este o antigo nome d'aquelle sitio. É muito antiga a ermida, e a sua padroeira de particular devoção do povo da villa e arredores.

O rei dos floristas

Com razão se ufana a villa de Moncorvo por ser a patria de *Constantino*, o famoso portuguez que em Paris mereceu o titulo de REI DOS FLORISTAS.

Tenho visto de differentes modos escripta a biographia de Constantino. De entre todas, a mais acreditada é a seguinte:

Constantino José Marques de Sampaio e Mello, nasceu n'esta villa, a 18 de agosto de 1802 (ou 1804.)

Era filho bastardo, mas de boa familia, tanto da parte do pae, como da mãe. Esta, para encobrir o seu êrro, o mandou, apenas nascido, crear de leite, para a aldeia de *Larinho*, proxima á villa, sem se publicar por sua mãe.

Passada a lactação, foi mandado para a villa de Alfandega da Fé, onde passou os annos da infancia, em casa de um tendeiro, chamado Antonio José Candido. Na sua adolescencia, regressou a Moncorvo, onde exerceu o mister de criado grave de algumas casas particulares.

Logo desde creança era inclinado a fazer

Portugal disputar o throno de Castella a seu primo, D. Henrique II, se uniu o rei portuguez com o de Leão, e com o rei mouro de Granada, e houve uma guerra, que felizmente terminou pelo *tratado de Evora*, de 31 de março do mesmo anno. Foi então atacada pelos castelhanos, a praça de Moncorvo, e, posto que estes a não podessem tomar, as casas e pessoas que estavam extramuros, tiveram muito que soffrer dos inimigos

flores artificiaes, e ainda n'esta villa se conservam algumas, feitas n'esse tempo por elle.

Umas tias paternas queriam que elle fosse fradde; mas, como não tinha vocação para a vida monastica, e não podendo resistir ás instancias reiteradas de suas tias, fugiu, em 1820, para Viseu, e ahi sentou praça no batalhão de caçadores n.º 5, que então estava temporariamente n'aquella cidade.

Na guerra chamada da *poeira* (1823) foi feito cabo de esquadra, e n'este posto foi com o seu batalhão para os Açôres (Ilha Terceira) onde aprendeu a fazer flores de penas, com o que ganhou algum dinheiro.

Obteve baixa do serviço, conservando-se na ilha como florista, até á entrada das tropas liberaes alli, fugindo então (1828) para Portugal; onde sentou praça no batalhão de voluntarios realistas de Villa Flor — e é por este facto que alguns o fazem natural d'esta villa.

Em 1832 marchou com o seu batalhão para o cêrco do Porto, no posto de 2.º sargento, e depois do combate de 29 de setembro d'esse anno, foi feito porta bandeira, por distincção.

Em agosto de 1833, veio com o seu batalhão para o cêrco de Lisboa, seguindo depois o exercito legitimista até á convenção de Evóora-Monte; depois da qual acompanhou o seu rei para o estrangeiro, chegando a Genova, em 5 de junho de 1834.

Todos os companheiros do sr. D. Miguel foram alli muito bem recebidos, entrando alguns no serviço militar, com os postos que tinham em Portugal.

Constantino preferiu ser florista, e como tal, foi para o estabelecimento de m.me Vieillard, onde, não só se aperfeiçoou na factura das flores, mas tambem aprendeu todos os segredos da confecção das tintas.

Em pouco tempo excedeu em perfeição de trabalho, a todos os seus companheiros de amboos os sexos, que trabalhavam n'aquelle estabelecimento.

Desejando mais amplos horisontes á sua já então famosa nomeada, resolveu hir para França.

M.me Vieillard, lhe deu uma carta de recommendação para mr. Flamet, célebre florista de Paris. Sahiu de Genova, visitou as principaes fabricas de flores, de Turim e Leão, chegando a Paris, a 13 de dezembro de 1834.

Mr. Flamet, para experimentar a habilidade do seu recommendado, o mandou fazer um ramo de flores de penas. Sahiu este de tal perfeição, que a guarda nacional o comprou por 500 francos (90$000) [1], para o offerecer á rainha Amelia, mulher de Luiz Philippe, que ficou encantada.

Desde então, a fama de Constantino foi universal—e com justiça.—Imitava pasmosamente as flores naturaes, tanto na flexibilidade, côr, aroma e frescura, como em todos os mais accidentes da natureza, que tudo era por elle reproduzido com pasmosa habilidade.

Encommendando-lhe a rainha Amelia uma corôa de laranjeira (para o casamento de uma de suas filhas) Constantino lhe levou duas, uma natural, outra feita por elle, pedindo á rainha que escolhesse a que mais lhe agradasse (sem lhe dizer, que uma era artificial e outra natural).

Vendo a rainha perplexa na escolha, lhas deixou ambas, dizendo que no dia seguinte viria buscar a regeitada. Passadas 24 horas, foi ao paço, e então Amelia lhe disse estas palavras, que os jornaes repetiram por todo o mundo—«As suas flores têem apenas uma differença das naturaes: é que estas murcham e as suas não.»—Quando uma mãe extremosa, escolhendo a corôa virginal para sua filha, póde a este ponto ser illudida, não podendo conhecer qual era a corôa natural, ou artificial, é preciso que a perfeição fosse admiravel.

Desde então, foi Constantino geralmente acclamado REI DOS FLORISTAS.

—

Associara-se em Paris, com mr. Isidore,

[1] Um franco, verdadeiramente são 20 *sous* (ou *soldos*), e cada um d'estes, vale 8 réis da nossa moeda, vindo por tanto cada franco a ser 160 réis; mas eu faço-lhe a conta a 180 réis, que é o termo medio do seu valor, em Portugal.—Uma moeda de 5 francos, tem 100 sous.

fundando um famoso estabelecimento da sua querida industria.

Todas as côrtes, e casas principaes da Europa e algumas da America, lhe encommendavam flores, e a sua fabrica em breve foi a primeira d'este genero.

Na exposição de 1844, obteve o 1.º premio, e o seu nome foi um dos primeiros proclamados por Luiz Philippe, no palacio das *Tuilleries*.

Precorreu a Allemanha, a Gran-Bretanha e a Italia, para estudar praticamente a flora d'aquelles paizes.

Visitou os Pyreneus, e, á custa de graves riscos, fez uma abundante colheita de plantas raras; mas desde então, a sua saude foi em decadencia.

Em 1850, resolveu fazer uma visita á sua patria, que sempre extremosamente amou[1]. Chegou a Lisboa, onde teve a merecida recepção. Varios escriptores e artistas, lhe deram um explendido jantar, no hotel de Italia. O visconde d'Almeida Garrett, lhe fez uma saude, acompanhada de tão bellas palavras (como elle as sabia dizer), que commoveram todos os presentes.

No Porto, e em outras terras que visitou, foi summamente festejado.

—

Regressando a Paris, os seus padecimentos aggravaram-se, receitando-lhes os medicos, ares patrios.

Trespassou o seu estabelecimento a *Marchais Fréres*, e tornou para Portugal, em 1854.

Achando-se melhor, voltou, no mesmo anno para França, e annullando (judicialmente) o contrato do trespasse que havia feito —por falta de cumprimento de algumas clausulas da escriptura—tomou de novo conta do seu estabelecimento, em 1855.

Com a desgraçada guerra franco-prussiana e depois com a *communa*, soffreu grandes prejuizos, que lhe fizeram recrudescer os seus antigos padecimentos, e depois de uma vida cheia de gloria e aventuras, falleceu em uma quinta que possuia proximo a Tercy, em 1874, quando tencionava liquidar os restos dos seus haveres, e vir acabar á patria os ultimos dias da sua vida.

[1] Nas exposições universaes de Londres e Paris, apresentou sempre os seus productos como portuguezes, e na secção portugueza. Na minha opinião, este rasgo de sincero patriotismo, é uma das maiores glorias de Constantino.

—

N'este concelho ha minas de chumbo.

É famosa em todo o reino a amendoa, delicadamente coberta, de Moncorvo. Ha casas d'esta villa, que exportam annualmente 3:000 kilogrammas de amendoa. Tambem aqui se fabrica optimo queijo.

MONDA—portuguez antigo—*micha*, pão pequeno, de toda a farinha (de centeio, ou milho), que os frades davam aos pobres, nas portarias dos conventos.

MONDÃO—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

A mitra apresentava annualmente o cura, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia foi creada pelos annos de 1510.

—

Em 1671, Antonio Rebello Velho e sua mulher, D. Maria Cardoso, da cidade de Viseu, instituiram uma rica irmandade de Nossa Senhora da Conceição, padroeira d'esta freguezia.

Fez-se a primeira acta no livro da irmandade, em 8 de novembro do mesmo anno.

Os seus estatutos foram confirmados pelo bispo de Viseu, D. João de Mello, em 20 de dezembro de 1678.

De um assento do mesmo livro se vê que o dito Antonio Rebello Velho, dispôz que, feita uma ermida que tencionava construir a Nossa Senhora da Conceição, seria a irmandade transferida para lá.

Foram reformados e ampliados os estatutos, que o doutor provisor da diocese, João Ayres Correia d'Abreu, confirmou em 1695, sendo bispo, D. Jeronymo Soares.

Em 1674, e no meio da aldeia de Mondão, edificou Antonio Rebello Velho, em cumpri-

mento do voto que elle e sua mulher haviam feito, a capella de Nossa Senhora da Conceição. Faallecendo o fundador, antes da conclusão do templo, foi este acabado por seus herdeiros; que então quizeram que a imagem da Santissima Virgem, fosse para a capella, na fórma disposta nos estatutos; porém a freguezia se oppôz tenazmente a que ella sahisse da egreja, e lá ficou.

A irmandade tinha no seu principio 120 irmãos, sendo 12 d'elles sacerdotes, e 12 viuvas, ou solteiras, de bom procedimento.

Eram admittidos á irmandade, os moradores da freguezia e os de Travassos de Cima, Travassos de Baixo, Rio de Loba, Santiago e de Viseu.

A ermida está em frente das casas que foram de Manuel Ferraz de Almeida.

O fundador da capella, falleceu em 24 de agosto de 1678, e, como não tinha filhos, lhe herdou a casa, seu sobrinho, Miguel Rebello Velho, de Viseu.

Quando este morreu, em 11 de outubro de 16844, ainda o altar estava por dourar.

Succeedeu na herança, seu irmão, Manuel Ferraz de Almeida, que era provedor da comarca de Viseu, e tambem natural d'esta cidade; que tão pio como seu tio e irmão, concluiu de todo as obras da capella; que foi benzzida em um domingo, 9 de setembro de 16855, dizendo-se aqui n'esse dia a primeira missa e fazendo-se uma sumptuosa festa, com licença do cabido, *séde vaccante*. Foi prégador, D. fr. Sebastião de S. Paulo, religioso antonino, e bispo de S. Thomé.

Junto á capella, ha uns grandes e frondosos carvalhos, que no verão tornam o sitio fresco e alegre.

A poucos metros da capella, ha uma copiosa fonte de excellente agua, cujos remanescentes vão regar e fertilisar os campos adjacentes.

Constta, que em 1611, o bispo D. João Manuel, tentára levar esta agua por um aqueducto, para a cidade de Viseu; porém, expondo-lhe a povoação de Mondão, que ficavam sem agua para beber, e para a rega dos seus campos, desistiu do seu intento, e a agua continuou a ser propriedade de seus legitimos possuidores.

MONDÊGO—rio—da Beira Baixa, Beira Alta e Douro. Nasce na serra da Estrella, perto da cidade da Guarda, e morre no oceano, entre a Figueira e Buarcos, com 150 kilometros de curso; sendo navegavel por espaço de 65 kilometros, que vem a ser desde a Foz-Dão, até á barra da Figueira.

Depois do Lima e do Minho, é o mais formoso rio de Portugal, pelas suas lindas margens.

Strabão lhe dá o nome de *Muliades*—e os romanos lhe chamavam *Munda*, ou *Monda*.

Posto que este rio seja inferior em belleza ao Minho, e ainda mais ao Lima, é mais celebrado do que elles, por passar por Coimbra.

—

Divide o bispado da Guarda, do de Viseu e, depois, este do de Coimbra.

É atravessado por varias pontes, sendo as principaes, as de Celorico da Beira, Oliveira do Conde, Tábua, Nellas, Portella, Coimbra (3.ª, ou 4.ª), inaugurada em 8 de maio de 1875, e a do caminho de ferro do Norte.

Dá-se o nome de *Alto-Mondêgo*, á parte do rio, desde a sua nascente, até Coimbra; e *Baixo-Mondêgo*, desde esta cidade, até á Figueira.

No Alto-Mondêgo, entram os rios Dão, Alva e Ceira, além de muitos ribeiros e regatos.

No Baixo-Mondêgo, entram os rios, Anços, Carnide, Botão (que depois se chama *Valla da Geria*) e varios ribeiros e arroios.

A mais deleitosa navegação d'este rio, é desde as alturas do mosteiro de S. Jorge e Quinta de Villa Franca, até á sua fóz; pela mansidão da sua corrente, pela vista de Coimbra, e dos dilatados campos, serras, outeiros, povoações, quintas, casas de campo e arvoredos que estanceiam mais, ou menos proximos de suas formosas margens.

Entre os sitios mais famosos que por aqui se encontram, menciomarei os seguintes:

A formosa *estrada do Almegue*, com as suas successivas aldeias, até á notavel villa de *Pereira*.

—

Ribeira de Cosêlhas, bella e fertilissima

veiga, em que domina uma eterna primavera.

—

Quinta das Canas—Formosa propriedade do sr. D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva Carvajal, conde da Quinta das Canas.

Este cavalheiro, franqueia com toda a amabilidade a sua quinta ás pessoas decentes que a querem vêr, assim como o seu palacio, que está ricamente mobilado.

É pretença d'esta propriedade, a famosa

—

Lapa dos Esteios—Este sitio encantador, é um ninho de poetas. A alma abre-se alli a sentimentos novos, e se sente purificada n'aquelle crysol de flores.

A Lapa dos Esteios, não é uma quinta cortada de ruas, como em geral todos os jardins: é como se fôra uma ilha. Sombra, arvores, flores, tudo alli se encontra, poeticamente disposto.

Depois, a vista do Mondêgo, bordado pelos choupos e salgueiros, tudo nos encanta, tudo nos prende, tudo nos fascina.

Da Lapa dos Esteios, diz o sr. A. X. R. Cordeiro.

.....sitio
Aonde as cordas da lyra
Vão temperar os trovadores;
Onde vôa o pensamento,
Onde os plumosos cantores
Soltam mil notas ao vento;
Onde o Mondêgo suspira
Entre os ramos da folhagem;
Onde á tarde a branda aragem
Embala as c'roas das flores.

E José Freire de Serpa (que falleceu visconde de Gouveia.)

....gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada,
De jasmim, de myrto e rosa,
Á sombra de verdes freixos,
Á sombra tão amorosa.
Banham-lhe a planta mimosa
Serenas ondas do rio,
Imprimindo-lhe mil beijos
Com suave murmurio.
É a gruta solitaria,
O sitio doce e sombrio.

Fica a encantadora *Lapa dos Esteios*, 2 kilometros acima de Coimbra, e alli vão frequentemente devanear os academicos.

Diz o sr. Augusto Mendes Simões de Castro (*Guia historico do viajante, em Coimbra*, pag. 241.)

«Nada se encontra alli de sublime, nem de grandioso; mas uma vegetação copiosa e engraçada, vestindo o pendor de uma collina, formando copadas alamêdas, a cuja sombra todos apreciam passar algumas horas, ouvindo o cantico das aves, misturado suavemente com o sussurro do Mondêgo, que, passando ao sopé do monte, rumoreja deleitosamente nas folhas das arvores, que se inclinam para a corrente.

D'entre o bosquesinho surgem aqui e alli, no cimo de rochas vivas, cortadas a pique sobre o rio, e engrinaldadas de viçosas heras, e mil variadas plantas, alguns mirantes cercados de alegretes, d'onde se disfructa uma perspectiva tão formosa, como variada.

Arrôbam-se-nos os olhos n'aquelle quadro fascinador do Mondêgo, que

Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão quieto e socegado
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado.
(G. P. de Castro.)

Nas suas mattas, alcatifadas de mimosas relvas e boninas, nas margens vecejantes e pomposas, com as suas cearas verde-négras e com os seus copados laranjaes; nos palacetes variados das quintas, alvejando por entre o macisso dos arvoredos; e sobre tudo, no aspecto risonho e formosissimo da cidade, com todas ás suas louçanias e encantos, a mirar-se tão graciosa e gentil

.....n'esse crystal
Do Mondêgo prateado,

I Linda bonina do prado
I D'este bello Portugal.
(A. A.)

Esta a mimosa e aprasivel estancia, onde a naturezaza espalhou com mão larga, tantas galas e e atractivos, é o sitio escolhido pelos cultores es das Musas, para as suas funcções poeticas as.

Castiltilho alli celebrou a *Festa de Maio*, e o *Dia a da Primavera;* com que immortalisou o si sitio—e, posteriormente, lá tem continuado a a hir outros muitos vates, entoar seus cantos m maviosos.»

Alli de e um terno amor, ternos momentos,
N'asa do do tempo languidos fugiram,
N'aquellelle engano d'alma que a fortuna
Não deieixa durar muito.
(João de Lemos.)

—

Oh!—qu-quem entrar n'esta gruta,
Não façaça juras fataes:
Aqui, té té os freixos amam,
Até as p penhas dão ais.
(J. F. de Serpa.)

—

Que sauaudades imperam éstas sombras,
Que manacias, que lubricas alfombras:
Oh poetetas, que sitios para amores
Tem filtiltros estas aguas e estas flores.
(Thomaz Ribeiro.)

—

D Doce mansão poetica,
O Oh, Lapa dos Esteios,
T Tu abres nossos seios
Á Á luz do eterno amor.
A Almas sem crenças, gélidas,
C Correi ao tabernaculo,
G Gosae este espectaculo,
L Louvae ao Creador!

Á Á sombra d'estas arvores
R Reclinae-vos, poetas,
Q Que as Musas predilectas
V Vos hão-de abençoar.
C Cantae em trovas magicas
D Da Lapa as harmonias,
As dôces melodias
Do rio a suspirar.
(Costa Goodolphim.)

15 de junho de 1874.

Terminados os seus estudos academicos, vieram aqui celebrar a sua formatura e despedir-se da Lapa dos Esteios, seis poetas. Para memorarem este facto, cada um aqui deixou seu verso, que o sr. conde mandou gravar em pedra—

SOBRE AS AZAS DA POESIA—(João de Lemos)
AQUI NOS TROUXE A AMISADE—(C. Monteiro)
CANTÁMOS NA LYRA D'OURO—(J. F. de Serpa)
ESP'RANÇAS DA MOCIDADE—(L. da C. Pereira)
E AO BARDO DA PRIMAVERA—(X. Cordeiro)
MANDAMOS UMA SAUDADE—(A. de Lima)

Esta lapide, tem a data de 24 de junho de 1844.

—

O sr. conde da Quinta das Canas, é tão apreciador dos homens de genio, que manda transcrever os versos, que os poetas lhe deixam na Lapa, para que o tempo os não apague.

Muitas vezes, quando os *quintanistas* vão á Lapa, fazer o seu jantar de despedida, e dar o ultimo adeus aos seus companheiros das lides universitarias, vem o sr. conde juntar-se com elles, fazendo-lhes companhia n'estes actos solemnes e commoventes.

Honra ao nobre fidalgo, que tão bem sabe aliar a esclarecida nobreza do sangue, com a lhaneza e afabilidade do cavalheiro.

—

Fonte dos Amores—Fica esta celebrada fonte, em um dos extremos do Campo de Santa Clara, e junto a ella passaram horas de amor e felicidade, o infante D. Pedro e a bella Ignez de Castro.

É esta fonte tão pobre de architectura como rica dos adornos da natureza.

No 3.º vol. do *Archivo Pittoresco*, vem o seguinte soneto, de auctor anonymo:

Debaixo d'altos cedros enlaçados
Que em vão de penetrar o sol profia,
Rebentando de tôsca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados.

Puros crystaes se escoam apressados,
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe—e na sombria
Lympha, tremem os cedros debuxados.

Não se ouve das manadas o balido,
Mal sôa alli a frauta dos pastores,
E pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez, só os clamores
Se imprimem n'alma, sem ferir o ouvido.
Eis a copia da *Fonte dos Amores.*

No fundo do *cano* por onde, á flor do chão, se despenham as aguas do tanque, divisam-se umas pedras, de côr avermelhada, que a tradição poetica, diz serem nódoas do sangue de D. Ignez de Castro.[1]

É alludindo a esta bella ficção, que o sr. João de Lemos, cantando a Fonte dos Amores, diz:

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando da pedra eternas manchas
Do sangue espadanado!

Junto da fonte, está uma tôsca lapide, onde estão gravados os famosos e sentidos versos, com que Luiz de Camões immortalisou esta fonte.

As filhas do Mondêgo, a morte escura,
Longo tempo, chorando, memoraram,
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores d'Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flôres,
Que lagrimas são agua, e nome amores.
Lus. Cant. 3.º, Est. 135.)

É tradição que as aguas d'esta fonte hiam encanadas para o palacio de D. Ignez de Castro, e á corrente d'ellas costumava D. Pedro confiar um barquinho de cortiça, que lhe levava as suas cartas amorosas.

Faria e Sousa, fallando da Fonte dos Amores, diz:

«Esta fuente, que se llamô de los *Amores*, por essa razon ya dicha, estava en el jardin de Palacio, y venia a salir a el, por unos aquedutos. El Principe no podia hablar a Doña Ines todas las vezes que lo deseavan ambos, porque, siendo ella, Dama de la Reyna, su madre, era menester recato. Valia-se para esto, de aquella agua, y de aquellos aqueductos; porque, por ellos, y por ella le embiava los papeles que le escrevia. Rompió, parece, en cierta parte el aqueducto, y metiendo por alli los papeles, llevados ellos de la agua, ivan a salir al jardin, a donde Ines acudia á cogerlos. De manera que el Amor venia nadando; venian las llamas amorosas, passadas por agua. El Principe representado en sus papeles, era el Leandro, que por olas iva en busca de su Ero, con más felicidade que el otro, pues alfin, llegava. Tales son las astucias de los amantes.»

—

Convento de S. Jorge (crusios)—Está situado á beira do Mondêgo, proximo e acima da *Lapa dos Esteios.* É hoje propriedade particular dos herdeiros de José da Silva Carvalho. (Vide Coimbra, no logar competente.)

—

Quinta de Villa Franca—Fica na margem direita do Mondêgo, quasi em frente do mosteiro de S. Jorge, e entre a *Arregaça* e a *Portella.*

Foi até 1759, casa de recreio e de convalescença dos jesuitas.

É um sitio aprasivel, pela sua vegetação luxuriante e pelo seu frondoso arvoredo.

N'esta quinta residiu o famoso jesuita, padre Antonio Vieira, e aqui escreveu algumas de suas obras.

—

Penêdo de Meditação—Fica proximo do mosteiro de Cellas, na direcção de Coselhas. É sitio em extremo pittoresco, e muito celebrado pelos poetas.

[1] Crê-se geralmente que D. Ignez foi assassinada junto á Fonte dos Amores; mas a opinião mais seguida, por mais certa, é que ella foi victima dos tres assassinos, nos paços reaes, que então havia junto do antigo mosteiro de Santa Clara.

Não tem obra alguma d'arte; alli só se revelam os encantos da natureza.

Na sua frente se estende um fertil valle, e as visstas que d'aqui se disfructam, são encantaddoras.

É sitio muito frequentado pelos academicos.

—

Penêdo da Saudade—É dos mais formosos e poetticos sitios dos arredores de Coimbra. D'aquii se gosa um dilatado, formoso e variadisssimo panorama.

A vvista se dilata por um paiz extensissimo, ofifferecendo o mais bello quadro.

Parra a direita, vê-se o Mondêgo, por entre boellas insuas e alegres quintas. Ao pé, laranjjaes e olivêdos, casas, hortas, pomares e camnpos. Em frente, e para a esquerda, vae semprre o terreno rico de variada vegetação, até toppar com montes e serras, coroados de arvorees silvestres.

Dizz-se que o nome (de Penêdo da Saudade), fdoi dado a este sitio, pelo infante D. Pedro, qque, depois da morte da sua Ignez adorada, para alli hia chorar a sua desdita.

Perrto do Penêdo da Saudade, ficam—a *fonte do Cidral*, de optima agua—e a *fonte do Caastanheiro*, onde as raparigas das visinhançças, vão encher as suas bilhas, na manhan do S. João.

—

Connvento de Santa Thereza—Está poucos passoos distante do *Penêdo da Saudade*.

É ddos mais novos conventos de freiras de Coimhbra. É de carmelitas descalças, da regra dde Santo Alberto.

Lannçou-se-lhe a primeira pedra, a 9 de abril de 1740. As freiras vieram para aqui, em 233 de junho de 1744.

O ldocal onde está este mosteiro, chamava-se *Casal do Chantre*, e foi dado para se edificar oo convento, pelo conego Manuel Moreira Rebbello.

—

Ruuinas do antigo mosteiro de Santa Clára—NNa margem esquerda do Mondêgo, a poucoos passos da ponte, estão os restos d'este mosteeiro, memoravel pelas recordações que nos ssugere da nossa virtuosissima rainha, Santa Isabel, que escolheu a egreja d'este mosteiro para sua ultima morada.

É tambem notavel pelos importantes acontecimentos, que tiveram logar aqui, e pelo que é considerado como um dos mais celebres monumentos historicos d'este reino.

Muitas senhoras de alta nobreza aqui professaram, ou residiram; entre ellas, D. Isabel, irman da rainha santa; e outra D. Isabel, sua neta, filha de D. Affonso IV, e da rainha D. Beatriz.

A princeza D. Joanna, filha de Henrique IV, de Leão e Castella, excluida do thalamo de D. Affonso, foi obrigada a entrar n'este mosteiro, onde falleceu, com o titulo de *excellente Senhora*.

Aqui foi primeiramente sepultada a formosa e infeliz D. Ignez de Castro, e d'aqui sahiu, para *depois de morta, ser rainha*. (25 de abril de 1371.) Em seguida, foi o seu cadaver transferido para o celébre tumulo que D. Pedro I lhe mandou construir em Alcobaça.

> A capella onde estavam os tumulos monumentaes de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I, foi vendida pelo governo, e o comprador mandou fazer *um celleiro*, sobre a abobada da capella. Nada d'isto precisa commentarios, nem pontos de admiração. A indignação geral, está na simples narração dos factos.
>
> Na camara dos pares (1869), o sr. marquez de Vallada, interpelou o governo sobre esta vandalica profanação. O ministro das obras publicas, prometteu por côbro a isto; mas, ainda até agora tem continuado o escandalo.

Na egreja d'este mosteiro, se receberam o rei D. Duarte, com a rainha D. Leonor, junto do tumulo de Santa Isabel.

N'esta egreja, veiu orar e encommendar-se a Deus, o sabio e infeliz infante, D. Pedro, tio e sôgro de D. Affonso V, antes da fatal jornada d'Alfarrobeira.

N'esta egreja, finalmente, a pedido do rei

D. Sebastião, prégou o santo arcebispo de Braga, D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Nenhumas d'estas historicas recordações respeitou o Mondêgo, que, com as suas repetidas innundações, foi pouco a pouco minando o edificio, até o destruir.

No reinado de D. Manuel, já o mosteiro estava em tão máu estado, que o rei impetrou licença do papa Julio II, em 1505, para fundar novo mosteiro, em que se recolhessem as freiras d'este, que estavam aqui em risco de morrerem esmagadas sob as ruinas, ou afogadas.

As religiosas porém, preferiram o perigo permanente, a abandonar o asylo em que foram creadas, e onde jaziam as cinzas da sua querida protectora, a rainha Santa Isabel.

Ainda alli estiveram freiras, até ao reinado de D. João IV; mas, como o rio tinha já então destruido grande parte do edificio, e ameaçava arrazar o resto, viram-se ellas na necessidade de pedir ao rei, que as mudasse para outro sitio fóra do alcance do Mondêgo. (Para o mais d'este mosteiro, vide *Coimbra*, no logar competente.)

Do antigo mosteiro, apenas hoje resta parte da egreja, estando metade da sua altura enterrada na areia.

É de grandes dimensões, de tres naves, de estylo gothico e muito elegante.

A sua abobada, de cantaria, ainda está bem conservada, e n'ella se vêem alguns escudos, com as armas de Portugal, e outros com as de Aragão. (As de Santa Isabel.)

Os capiteis das columnas, quasi enterrados, ainda mostram, muito deterioradas, as suas esculpturas, outr'ora primorosas.

Na *Historia Serafica*, por fr. Manuel da Esperança, se encontram noticias curiosissimas d'este mosteiro.

—

Do Mondêgo, se vê tambem a *Ladeira da Forca*, onde antigamente eram justiçados os criminosos; Santa Comba, Santo Antonio dos Olivaes, e muitos outros edificios, que já ficam mencionados no artigo *Coimbra*.

—

Segundo a tradição, proximo da *Póvoa* (povoação contigua a Midões) no sitio chamado *Valle de França*, houve uma ponte, sobre o Mondego, construida pelos romanos.

—

Segundo o sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (*Memoria Historico-Chorographica do districto de Coimbra*, nota a pag. 90) a origem do Mondego, é na Serra da Estrella, no sitio dos *Covões do Bixo*, aos *Lapões*, que ficam na extremidade dos concelhos de Gouveia e Manteigas.

Não tira a sua nascente das *Alagôas*, como dizem alguns; nem dos *geleiros* da serra: nasce da fonte dos *Lapões*, no meio de umas montanhas de pouca altura, a 12 kilometros da montanha principal da Estrella.

É tradição que o nome d'este rio procede de uma povoação chamada *Monda*, que existiu junto á sua origem, e de que hoje não ha o minimo vestigio.

Principia o Mondego a correr entre os limites dos concelhos de Gouveia e Manteigas, desde a sua origem, até Fulgosinho (concelho de Gouveia) entra depois no concelho de Linhares, passando junto a Vide-Monte. Desce ao concelho da Guarda, ficando nas suas margens as povoações de *Trinta*, *Villa-Soeiro*, *Misarella*, *Pero-Soares*, *Faia Porco*, *Villa-Cortez*, *Ramalhosa*, e *Porto da Carne*.

Entra depois nos concelhos de Celorico, e Fornos de Algodres, e torna a penetrar (pelo O.) nos concelhos de Linhares e Gouveia.

Passa depois aos concelhos de Cêa e Ervedal, n'este ultimo (supprimido) entra no districto de Coimbra.

Desde a sua nascente, até Celorico da Beira, as suas aguas servem para a réga das terras que estão nas suas margens; mas d'ahi para baixo, o seu alveu é muito fundo e cheio de penedias, e pouco, por isso, se póde aproveitar para irrigação.

É sobremaneira tortuosa a corrente do Mondego. Corre primeiramente na direcção de E., por espaço de 12 kilometros. Dirige-se depois para o N. até Celorico da Beira: d'ahi até ao Ervedal, corre para o S., e aqui volta para o O., hindo entrar no districto de Coimbra, que atravessa, até á sua foz.

MONDIM e PANQUE—freguezia, Minho,

comarca a e concelho de Barcellos, 18 kilometros a a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago o S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Antigamente, os povos d'esta freguezia, eram *meeieiros* da de Santa Eulalia de Panque, que depois se annexou a esta.

A freguezia de Panque tinha em 1757, 61 fogos.

O seu parocho era tambem abbade, apresentado pela mitra, e tinha egualmente de rendimento annual 300$000 réis.

Officialmente dá-se a esta freguezia o titulo de *S. Mondim;* porém muitos lhe chamam ainda *P. Panque.* Entendo que este nome é mais apropriado, visto que o maior attrahe o menor, e a população de Panque é mais numerosa do que a de Mondim.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

MONDIM DA BEIRA (vulgarmente **MONDIM DAS MEIAS**, em razão das muitas, de lan, e lan e seda, que se fazem aqui)—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 16 kilometros de Armamar (foi da comarca de Moimenta da Beira d'onde dista 17 kilometros) 15 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago o Nossa Senhora do Rosario, e vulgarmente, *Nossa Senhora do Enxertado.*

Bispado de Lamego, districto administrativo e 355 kilometros de Viseu.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

—

Está situada na direita do Tarouca, ou Barosa, e, em terreno baixo, d'onde só se avistam as terras que lhe ficam a O.

É terra fertil.

Constata que esta villa foi fundada em 1030, por o rei mouro de Lamego, *Zadan-Aben-Huin.*

Não nos consta que tivesse foral velho. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1517. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 153, col. 2.ª)

Serve tambem para Souto de El-Rei (antigamente *Souto de Rei.*)

Seis kilometros ao S. da villa está o magestoso convento de S. João de Tarouca, que foi primeiro de monges benedictinos, e, depois, de bernardos, com uma sumptuosa egreja, de tres naves. Foi fundado por D. Affonso Henriques, quando veio de vencer os mouros em Trancoso, que lhe lançou a primeira pedra, a 30 de junho de 1122. É o mais antigo d'esta ordem, na Peninsula hispanica. (Vide *S. João de Tarouca*, a pag. 417 do 3.º vol., e *Tarouca.*)

Sobre o rio, ha aqui uma boa ponte de cantaria, muito antiga.

A 1 kilometro d'esta villa, foi construida, ha poucos annos, sobre o mesmo rio, uma ponte magnifica, na nova estrada de 1.ª classe, que vae de Lamego para Trancoso.

No seu territorio se faz uma boa colheita de seda, de que ha uma fabrica.

—

O concelho de Mondim da Beira, é composto das 8 freguezias seguintes — todas no bispado de Lamego — Almofalla, Cimbres, Granja-Nova, Mondim, Salzêdas, S. João de Tarouca, Ucanha, e Villa-Chan-de-Cangueiros; todas com 1:500 fogos.

—

O fabrico de meias é muito antigo n'esta villa, e está muito aperfeiçoado. Fazem-se de lan, de seda, e de lan e seda, algumas de varias côres, e bonitas. É a principal industria da terra.

—

Ha n'este concelho, proximo a S. João de Tarouca, um monte, chamado *Monte Côrvo*, em cuja encosta se vê um grande penedo, rodeado de muitos outros, e no centro d'elle, a fórma de uma meada, estendida, com uma canna dentro, como para se não emaranhar. Não se sabe se isto é obra da natureza ou da arte. O penedo está denegrido pelo tempo, menos no sitio da tal meada, em que a pedra está limpa, e a *esculptura* bem clara.

—

Em uma eminencia proxima, denominada o *Crasto* ou Castro, entre esta freguezia de Mondim, e a limitrophe de Passô, ainda actualmente existem ruinas de uma fortaleza e muralhas que pertenceram aos mouros, e talvez aos godos e romanos, como indicam o nome Castro, do latim — *Castra*, e differentes moedas romanas que por alli teem apparecido.

O primittivo nome d'esta villa foi *Huim*, dado pelo seu fundador, como affirma Mendes da Silva na *Poblacion General de España*; e com a mudança dos tempos e dos idiomas se denominou — *Mondim* — accrescentando-se-lhe *da Beira* — para se distinguir de outras povoações que ha em Portugal com o mesmo nome.

A villa é saudavel e o terreno adjacente muito fertil, produzindo centeio, milho, cevada, feijão, vinho, azeite, batatas e muitas magnificas peras e maçans, etc.

O rio Barosa corre ao fundo d'esta freguezia, e d'ella fertilisa bons campos.

Esta freguezia é formada por tres povos —Mondim de Cima, Mondim de Baixo e Almodafa.

Mondim de Cima, séde do concelho, é uma pequena povoação, com 88 fogos, 241 habitantes, duas ruas soffriveis, calçadas de novo pela camara municipal em 1873, e uma fonte com duas copiosas bicas, restauradas tambem pela camara em 1853.

Houve aqui antigamente uma familia nobre, hoje representada pelo sr. barão de Pombeiro, residente em Guimarães, e ha ainda outra representada por o sr. Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello, que casou aqui em 1847 com a sr.ª D. Maria da Annunciação Pereira Cardoso, filha de Antonio de Proença Moraes, sargento-mór de ordenanças e official das extinctas milicias.

O sr. Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello é filho de Rodrigo Cardoso Pinto, bacharel formado em medicina e philosophia pela Universidade de Coimbra (em 1800) natural da Ucanha, e de D. Maria Luciana Leite Pereira de Mello, filha de José Leite Pereira de Mello e Vasconcellos, senhor dos morgados de Ossaes e Travassos e capitão-mor de Rézende, e de sua mulher, D. Anna Leonor Pinto Sampaio, de cujo consorcio houveram mais duas filhas que morreram solteiras, e tres filhos:

—Manuel Leite Pereira de Mello, que foi juiz de fóra em Amarante, onde casou, não deixando successão;

José Leite, que foi desembargador da supplicação, e casou com D. Marianna Severina de Moraes Sarmento, de quem ha filhos, sendo o primogenito o visconde da Lageosa;

—Thomaz Leite, que foi corregedor em Thomar, e casou com D. Anna Candida Cordeiro Pinheiro Furtado, filha de Manuel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, de quem ha filhos, entre outros o sr. Thomaz Leite Pereira de Mello, digno chefe fiscal da alfandega de Chaves, casado, e com successão.

Por sua mãe prende ainda o referido sr Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello, com a illustre casa do Enxertado (morgado do Velludo) actualmente representada pelo sr barãod e Castro Daire, com a do Alprestimo de Rézende, representada pela familia Albergarias, de Lamego, e com outras familias nobres.

Junto á povoação de Mondim de Cima está uma capella com a invoção de Nossa Senhora dos Prazeres, construida em 1734, como se vê da data inscripta sobre a porta principal; e além do altar da padroeira tem outro com a imagem de Santa Barbara, que se festeja quasi todos os annos.

N'esta capellinha o sr. barão de Pombeiro é obrigado a mandar, como manda, dizer uma missa rezada todos os domingos e dias santos, em cumprimento de um antigo legado inherente aos bens que aqui herdou de seus maiores.

Esta villa era julgado, que foi extincto por decreto de 23 de dezembro de 1873, e anteriormente Mondim e Ocanha (ou Ucanha) eram dois concelhos distinctos, mas em 1837 se fundiram em um só — o de Mondim.

Estão em Mondim de Cima os paços do concelho e as repartições seguintes:—administração—municipalidade—um cartorio de notas—recebedoria e repartição de fazenda.

Cérca de 200 metros ao norte d'esta povoação, existe uma egreja, denominada — *a*

velha—por haver sido a antiga matriz, e tem a invocação de Nossa Senhora do Enxertado, ainda hoje a padroeira d'esta parochia.

Ignora-se a data da fundação d'este templo, mas é certo datar de tempos remotissimos, talvez anteriores á occupação arabe, mesmo por terem apparecido nas proximidades moedas romanas, como as encontradas no *Castro*.

Esta egreja mostra vestigios de diversas reedificações, e bem necessitava de ser restauradala novamente, pois é um templo antiquissimo, e se acha em ruinas. A sua architectura é humilde, e tem tres altares, sendo um privilegiado.

—

Mondim de Baixo.—Esta aldeia é hoje mais importante que a de Mondim de Cima, donde dista cêrca de 400 metros. Tem alguns edificios bons, 96 fogos com 304 habitantes, e algumas familias nobres, taes são as representadas por os srs. José Augusto Osorio, de Lobrigos, Affonso Ferreira de Lacerda, d'Angorez (em Samodães), Antonio Osorio d'Aragão, de Lamego, Francisco de Vasconcellos e Pinto Cardoso, do Granjal, etc.

Tem esta povoação duas fontes publicas, sendo uma feita em 1873.—Aqui se acha a matriz actual d'esta parochia, em substituição da *velha* em ruinas. Foi fundada esta nova matriz, em 1758, no chão de uma capella que alli havia, e que foi transformada em um dos altares lateraes da egreja. N'elle se vê a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA INSTITUIU JORGE BOTELHO
DE SEQUEIRA
NO ANNO DE 1638

Por baixo d'esta inscripção está o brasão d'armas d'esta familia, e junto d'este altar, denominado *das Almas*, se vê na tampa de uma sepultura este epitaphio:

E ESTA SEPULTURA É DE DONA ANNA
DE ALMEIDA
FALLECEU NO ANNO DE 1632

Foi esta sepultura transferida para aqui da antiga capella, e tambem tem um brasão d'armas.

Ha mais n'esta povoação as capellas de Santo Antonio e S. Jorge, pertencentes a primeira a José Augusto, de Lobrigos, e a segunda a Antonio Osorio, de Lamego.

Passa a pequena distancia d'esta aldeia a nova estrada a *macadam* de Lamego a Trancoso, e ao norte d'esta, estão as ermidas do Senhor dos Afflictos, da Senhora da Piedade e de S. João do Alvarinho. Aquella estrada atravessa o Barosa na confluencia d'este rio com o Tarouca, onde tem uma boa ponte de granito, feita em 1869, quando se abriu esta estrada.

A um kilometro de Mondim, na linha divisoria d'este concelho e do de Tarouca, no sitio da Paradella, existe um arco, denominado *Arco da Paradella*, cuja historia ou lenda é a seguinte:

Falleceu em Lalim, no anno de 1354, D. Pedro, 3.º conde de Barcellos, filho do rei D. Diniz, ordenando em seu testamento que fosse sepultado no convento de S. João de Tarouca (no concelho de Mondim), e, quando o prestito funerario seguia para aquelle convento, parou no sitio onde se vê o dito arco, alli erigido para commemorar aquelle acontecimento; e pela mesma razão se erigiram mais dois que já não existem; e aquelle unico que resta dos tres em breve desapparecerá tambem, se mão piedosa d'elle se não condoer, pois o tempo e a inepcia dos transeuntes e os donos dos predios visinhos o teem maltratado.

Aqui falleceu, ha annos, o bacharel Joaquim Marques Paúl, da cidade da Guarda, que foi juiz de fóra na Azambuja, administrador do bairro do Rocio em Lisboa, e ultimamente administrador d'este concelho de Mondim muitos annos. Existe ainda a viuva —a sr.ª D. Maria Alexandrina d'Almeida Loureiro Cardoso Paúl, pertencente á bem conhecida familia Almeidas Loureiros, do Carregal.

Casou tambem aqui, e aqui vive, tendo sido por vezes juiz ordinario e presidente da camara, o bacharel sr. Luiz Antonio d'Azevedo, de Trevões, no concelho da Pesqueira.

—

Tambem aqui existem os successores do capitão-mór, José Pinto de Mesquita Pimentel e Vasconcellos (uma das mais nobres fa-

milias da provincia) dignamente representada por seus netos, o sr. Antonio Osorio Pinto Sarmento de Vasconcellos, joven de muita instrucção e probidade; e pela sr.ª D. Maria da Assumpção, casada com o sr. Francisco de Vasconcellos Pinto Cardoso.

—

Não menciono n'este artigo as armas d'estas familias, por terem já sido publicadas em outros artigos d'esta obra.

—

Pertence tambem a esta freguezia a pequena aldeia de *Almodafa*, juntó á estrada a *macadam* de Lamego a Trancoso, e distante cêrca de um kilometro de Mondim de Cima.

Tem 33 fogos, 81 habitantes, e uma casa nobre, que é do abbade de Castro d'Ayre, e a meio do povoado uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Virtudes, tendo, alem do altar-mór, dois altares lateraes.

Ha em volta d'esta aldeia grande numero de sabugueiros, produzindo baga em quanidade, o que constitue um dos rendimentos mais consideraveis n'estes sitios.

MONDIM DE BASTO—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, 54 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 446 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os marquezes de Marialva, apresentavam o vigario, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Mondim, é composto das 8 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Braga—Athei, Bilhó, Campanhó, Ermêllo, Lamas d'Olo, Mondim de Basto, Paradança, Pardêlhas, e Villar de Ferreiros—todas com 1:800 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, em 3 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 27, col. 1.ª — Veja-se o processo para este foral, gaveta 20, maço 11, n.º 22.)—Este foral tambem serve para Serva.

Está esta villa situada proximo da margem esquerda do Tâmega, sobre o qual tem uma bella ponte de pedra, chamada *ponte de Mondim*.

Fez-se aqui antigamente grande commercio, com as suas fabricas de couros e cordovões, que exportava para todo o reino.

Fabrica-se aqui muita cal.

Eram senhores donatarios d'esta villa os marquezes de Marialva.

—

Pela achar interessante, e para amenisar esta obra. resumo aqui a historia que o sr. Camillo Castello Branco publicou no quarto vol. das suas bellas e curiosissimas *Noites de Insomnia*, e á qual deu por titulo—*O Cofre do Capitão-Mór*.—É a seguinte:

José Maria Guimarães, natural de Mondim de Basto, fôra para a America em busca de bens da fortuna. Tanto lidou, que, depois da guerra do Paraguay, liquidou a sua casa, podendo realisar uma fortuna de 500 contos de réis, com os quaes regressou á patria, com sua mulher e filhos.

Passando um dia por junto das ruinas de uma grande casa, e olhando para o vasto portão da quinta, viu-o encimado com um brazão de armas.

Perguntou de quem era a propriedade, e soube que pertencera a um fidalgo, e que estava a render para a fazenda publica, por divida antiga, de impostos, juros e custas.

Fôra esta propriedade do capitão-mór, Pedro Pacheco, que era muito da casa do duque de Aveiro, e estava em Lisboa, quando teve logar a tentativa de regicidio (3 de septembro de 1758).

Apenas soube que o duque fôra preso em Azeitão, fugiu para a sua terra, e, chegando a sua casa, que era então um paço feudal, deu ordem á mulher que se preparasse e mais dois filhos menores para sahirem do reino.

Antes de partirem para a emigração, depositou Pacheco, na mão de um rico e honrado lavrador da freguezia, que era alferes de ordenanças, um cofre de pau preto, com abraçadeiras de bronze, que estava cheio de peças de oiro.

O mesmo Pacheco e o lavrador levaram o caixão para casa do ultimo, por altas ho-

ras da noite, e então aquelle lhe disse que o caixão continha 300:000 cruzados (120 contos de réis) em dobrões, peças e outras moedas muito antigas.

O fidalgo foi para a Hespanha, e de lá para a Inglaterra, onde esteve alguns annos.

Achando-se o depositario em perigo de vida, escreveu ao fidalgo, para que viesse ou mandasse buscar o seu thesouro; o que Pacheco fez, vindo aqui uma noite, e levando o cofre para sua casa, e alli o enterrou.

O rei D. José morreu em 22 de fevereiro de 1777, e o seu ministro e valido, o marquez de Pombal, foi deposto.

Logo que Pacheco soube d'este acontecimento, regressou á patria, viuvo, e com dois filhos, já homens; mas impios, turbulentos, dissipados e luxuriosos. Seu pae morreu de repente, em 1782, e foi enterrado na egreja do mosteiro de Refojos de Basto, que elle e seus descendentes haviam beneficiado.

Os filhos, apenas morreu seu pae, revolveram todos os cantos da casa, em busca do thesouro, mas só encontraram um papel escripto pelo capitão-mór, que dizia:—*Póde ser que a pobresa vos não corrija; mas a riqueza de certo vos faria tigres. Eu não morrerei com o remorso de vos deixar nas mãos o peior instrumento dos preversos, que é o oiro não adquirido com o proprio suor.*

Os filhos blasphemaram do pae, e foram a casa do filho do antigo depositario saber do cofre; mas, como este lhe disse que o pae o tinha levado, tornaram a sua casa e amarraram o velho feitor, de pés e mãos, ameaçando-o de o não soltarem, sem que elle lhes d'ésse conta dos 300:000 cruzados. Finalmente, depois de muitas e baldadas instancias, soltaram o velho, que fugiu logo da terra, sem ninguem mais tornar a saber d'elle, deixando vehementes suspeitas de ter fugido com o thesouro.

Ficavam pois reduzidos a uns cinco ou seis mil cruzados, que lhes rendiam sete quintas que o pae lhes deixára.

Christovam Pacheco de Andrade—o morgado—ficou na sua quinta, chamada *Real de Oleiros* (onde haviam nascido e seu pae fallecéra) engolphado em toda a casta de vicios e dissipações.

O filho segundo, Sebastião Pacheco de Andrade, foi para Lisboa requerer um emprego, de D. Maria I; e, como nada conseguisse, entregou-se aos vicios e á vadiagem, morrendo pobre e deshonrado.

O morgado, não achando senhora honesta que o quizesse, casou com uma criada, de quem tinha um filho (Pedro d'Andrade) e morreu de 50 annos, em uma modesta mediania, restos da sua grande fortuna.

Este homem, apesar de desprezar os frades e zombar da religião, mandára educar seu filho christãmente, por um religioso benedictino, com quem tinha parentesco.

Sabendo da morte do pae (o que lhe causou prazer), veio para sua casa, que administrou, ainda sob tutella, mas como homem sério e morigerado; em vista do que, casou com uma senhora nobre, e com 20:000 cruzados de dote (8:000$000 réis) com os quaes desempenhou a sua casa, vivendo como homem de bem, por espaço de alguns annos.

Quando o exercito liberal entrou no Porto, em 1832, era elle ainda muito novo, e capitão de milicias. Foi para o cêrco d'aquella cidade, onde se portou valentemente; mas perdeu na vida dos acampamentos, todas as suas virtudes domesticas, e voltou a Mondim tão máo como fôra seu pae. Sua mulher fugiu-lhe para a casa paterna, com um filho de 5 annos, chamado Alvaro de Andrade.

A casa de Pedro de Andrade, já estava onerada com as dividas que contrahira durante a guerra civil, e elle ainda mais a empenhou, levantando muitos contos de réis, com os quaes se foi estabelecer em Lisboa, em 1836; e até 1843, praticou alli toda a casta de extravagancias, até que n'este ultimo anno, a 25 de julho, roubou uma menina, chamada Maria do Çarmo, sobrinha de uma velha criada da casa real, das que habitavam no palacio da Ajuda; abandonando-a no fim de quatro dias, e deixando-a immersa na dor mais atroz, e no mais sincero arrependimento. [1]

O fidalgo, depois d'este seu ultimo cri-

[1] Os que desejarem saber esta historia

me, voltou a Mondim, na intenção de vender todas as suas propriedades; mas foi assassinado com dois tiros, á porta de sua casa, á meia noite de 2 de agosto do mesmo anno de 1843.

Seu filho, que tinha então 11 annos, vivia com sua mãe em casa dos parentes d'ella, e achando-se pobre, e desprotegido da familia que lhe amargurava o sustento, foi viver com sua mãe, em um casebre d'esta freguezia, com o ordenado de 240 réis diarios, como amanuense de um escrivão.

—

José Maria Guimarães (o *brasileiro*) soube do abbade da freguezia toda esta historia de lagrimas e crimes. Era homem de poucas lettras, mas de um optimo coração, e prometteu ao abbade, de arrancar Alvaro de Andrade á miseria, sem o humilhar.

Annunciou-se a venda da quinta de *Real de Oleiros* e suas pertenças, a requerimento dos crédores. Guimarães cobriu todos os lanços, e ficou com a propriedade por alto preço, pagando logo a sua importancia, e mandando logo reedificar o palacête arruinado.

Não tenho remedio senão copiar textualmente o final da historia do sr. Camillo Castello Branco.

«O proprietario (Guimarães) fazendo-se encontradiço com o amanuense do tabellião, disse-lhe:

—Ó senhor Alvaro, vá o senhor hoje, se não tiver que fazer, á quinta de Real, que temos que conversar a respeito de certos arranjos.

—Sim, senhor—disse Alvaro—quando v. s.ª quizer.

—Ás 4 da tarde; e leve tinteiro e papel, que não ha lá disso.

Á hora aprasada, entrou o bisneto do capitão-mór na extincta honra dos Pachecos e Andrades.

Já lá estava o brasileiro ás testilhas com os alvaneis. Assim que chegou o escrevente do tabellião, subiu com elle por entre um matagal de bravio, até ao alto de um outeirinho, onde se erguia um pombal, já descaliçado, mas, ainda assim, a porção menos esburacada, das pertenças da quinta, graças á fortalleza do tecto abobadado de pedra.

Havia dentro uma banca de granito, onde outr'ora os senhores de Real se desenfastiavam em merendas, depois das fadigas da caça, na tapada defeza. Já lá estavam duas cadeiras.

—Sente-se ahi, sr. Alvaro—disse José Maria Guimarães—e vá escrevendo.

—Prompto!—respondeu o escrevente, rodando a sibilante tarracha do tinteiro de chifre.

—Ponha ahi o nome dos pobres da freguezia, que não teem casa de seu.

Alvaro Pacheco escreveu trinta e quatro nomes; quedou-se um momonto, e perguntou:

—De todos os pobres que não teem casa?

—Sim, de todos os pobres que não teem casa propria.

—Então falta o meu nome. Somos trinta e cinco os pobres que não temos casa.

E escreveu: *Alvaro, escrevente de tabellião.*

—Muito bem—volveu o brasileiro commovido—sabe o que eu quero?

—V. s.ª o dirá.

—É ceder metade d'esta quinta aos pobres, para elles edificarem uma casa, com seu quintalejo; já se vê que sou eu que pago as obras das casas; e, visto que o sr. Alvaro é um dos trinta e cinco pobres, escolha o local onde quer a sua casa feita. A escolha do local é sua; ora agora, o feitio da obra, isso é cá por minha conta.

—Os pobres acceitam, não escolhem—disse Alvaro.

—Mau!—replicou José Maria Guimarães—Mau! ou bem que somos francos um com o outro, ou não temos nada feito. Eu cá sou assim!

—Então quer v. s.ª...

—Deixemo-nos de *senhorias*. Eu sou filho de um almocreve, e neto e bisneto de burriqueiros; e o sr. Alvaro Pacheco é descendente de capitães-móres, a quem meus

circumstanciadamente, vejam o 4.º vol. das *Noites de Insomnia*, a pag. 15—ou a *Revista Universal Lisbonense*, de 1843, a pag. 23.

avós traziam presuntos de Melgaço, nas suas récovas de machos. Deixemo-nos de *senhorias*. Vamos á questão. Onde quer a sua casa?

—Aqui—disse Alvaro.

—Aqui no Pombal?!

—Aqui, porque fica sendo casa, e ao mesmo tempo memoria de ter estado n'este sitio um homem honrado.

—Ou dois—emendou o brasileiro—Dê cá um abraço, e vamos embora, que faz aqui frio.

E, no decurso do caminho, proseguiu:

—O sr. Alvaro, hade fazer-me o favor de se despedir do serviço do tabellião, se lhe não custar. Preciso de quem me represente n'estas obras, em quanto vou tratar de negocios a Lisboa. Eu cá lhe deixo as plantas das casas dos pobres, e o capital para o custeio das despezas.

O brasileiro voltou, passados seis mezes. Todas as cazas estavam já de parede e tecto, quando voltou, excepto a do pobre chamado Alvaro.

—Com que então a casa n.º 35, ainda não tem sequer os alicerces?—perguntou o bemfeitor.

—É porque o pobre n.º 35, não precisa tanto como os outros—respondeu o feitor.

—Então vou eu ser agora o fiscal das suas obras—tornou José Maria.

E, ao outro dia, fez convergir os melhores operarios para a bouça do pombal, e mandou arrazar a vivenda de centenares de andorinhas, que se esvoaçavam ao primeiro troar dos alviões e marrêtas.

Alvaro e José Maria, assistiam ao derrubamento do pombal, um tanto condoidos do esgazear das espavoridas habitadoras das ruinas.

N'isto, um pedreiro, esboroando com a alavanca um pedaço de parede, descobriu uma superficie escura, que se lhe figurou lousa.

—Que diabo de obra é esta de lousa, em parede de cantaria?—disse o alvenel.

O brasileiro abeirou-se da parede, apalpou a supposta lousa, e observou ao pedreiro, que era páu e não lousa, mandando socavar dos lados, e limpar a superficie do que quer que fosse.

—Isto é um caixote!—disse o mestre da obra—querem vossês vêr que o diabo as arma?

—Arma o que?—perguntou José Maria Guimarães.

—V. s.ª nunca ouviu dizer que os fidalgos de Real esconderam um thesouro, que nunca se encontrou?

—Já ouvi dizer isso. Atirem abaixo toda a pedra que está dos lados, e não embarrem no caixote. Cuidado lá com isso! sr. Alvaro, parece-me que vae assistir á ressurreição do melhor defuncto dos seus avós—bradou o brasileiro.

—Como?!—perguntou Alvaro, que vinha entrando no recinto do pombal.

—Venha vêr. Apalpe. Que é isso?

—Parece-me um caixote—disse o bisneto do capitão-mór.

—Não é, parece; é que é. Sabe o que lá está dentro? Sabe a historia dos trezentos e tantos mil crusados de seu bisavô?

—Ouvi dizer que...

—Que nunca appareceram. Apparecem hoje. Estão alli.

Alvaro de Andrade, que tinha encarado o infortunio de trinta annos, com intemerato aspecto, descórou em frente da tábua negra, que devia ter dentro uma cousa chamada, bem ou mal, a *fortuna*.

A este tempo, o caixote era apeado, suspenso entre quatro robustos braços.

—Oh! como pésa! gemeu um dos pedreiros.

—Pedéra não!—disse o brasileiro—trezentos e tantos mil crusados!

—Os rios correm para o mar, sr. Guimarães—observou o mestre d'obras.

—Que quer dizer, mestre?—perguntou o brasileiro.

—Que, se v. s.ª era rico, é agora riquissimo.

—Obrigado pelo conceito que faz de mim, mestre...—volveu José Maria, entre risonho e agastado.

—Ó meu senhor, pois eu...

—Suspeita-me de ladrão...

—Valha me Deus!... o que apparecer em terra de v. s.ª, seu é.

—E esta terra é minha? Pois não sabe que este chão é d'este pobre, que se chama Alvaro?

—Ó sr. Guimarães!... exclamou o filho do ultimo senhor da honra de Real d'Oleiros; e não pôde articular outra expressão.

—Vamos! — acudiu o brasileiro — para onde é que vae o thesouro de seu avô, sr. Alvaro Pacheco d'Andrade, sr. barão, sr. visconde, sr. conde, sr. ...Quer mais? Dê as suas ordens.

José Maria casquinava uma risada de elevada intelligencia, em quanto os obreiros, rodeando o caixote, se embasbacavam, uns nos outros, e todos no rosto d'Alvaro, com a mais sincera e respeitosa estupidez.

Novamente instado, para dizer onde o caixão devia ser levado, Alvaro, respondeu:

—A minha mãe, que sabe o que são pobres.

—

E os primeiros pobres, que, relativamente enriqueceram nas aldeias convisinhas, foram os descendentes dos irmãos d'aquelle feitor, que muitos alcunharam de fugitivo ladrão do thesouro do capitão-mór, e que se fôra morrer longe d'alli, e obscuramente, receoso de ser novamente martyrisado pelos filhos de seu amo.

Alvaro Pacheco d'Andrade, n'este anno de 1874, tem quarenta e nove annos, e é conhecido pelo fidalgo de Real d'Oleiros.

Aquella senhora, de téz morêna, com cinco formosos filhos, que brinca á volta de outra senhora, de setenta annos, é a esposa d'Alvaro, e filha de José Maria Guimarães. A dos cabellos brancos, que lhe alvejam na fronte, como a corôa de açucênas de uma santa, é a viuva d'aquelle galhardo e infausto D. Juan, assassinado em 1843.

O sacerdote ancião, que parece ser da familia, é aquelle abbade que nos leu a *Revista Universal Lisbonense*, e a quem eu devo e agradeço os commentarios ao fogoso e pungente artigo, que me parece ser do meu presado mestre e adorado amigo, visconde de Castilho.»

—

Peço perdão aos meus leitores, de tamanha digressão; mas parece-me que, para muitos d'elles, não será aborrecida a leitura d'esta historia, do nosso primeiro romancista.

MONDRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa Real, 70 kilometros ao ENE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga.

Os monges jeronymos, do convento de Belem (Lisboa), apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Muito bom vinho. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Foi villa em tempos antigos. Estava perto de outra villa, chamada *Bisalianas*.

É situada nas faldas do monte do seu nome, antigamente chamado *Selarélios*, e junto do rio *Massados*.

Aqui teve uma fazenda *Audina*, ou *Godinha*, que a doou á Sé de Braga, em 1080. Consta do livro *Fidei*.

Hoje é uma freguezia, que foi commenda dos monges jeronymos de Belem.

Fica-lhe perto *Bisalhães*, aldeia de poucos visinhos. Passa por alli a estrada que vae para Villa Real.

Perto de Mondrões, em um alto, ha vestigios de antiquissimas muralhas. Hoje está n'elle o Calvario da Via-Sacra.

Este sitio, é que se chama propriamente Mondrões, e foi o que deu o nome á freguezia.

No fim do seculo XVII, mandou a camara de Villa Real, á Academia Real de Historia Portugueza, uma memoria, na qual, entre outras cousas, se lê com respeito a esta freguezia o seguinte:

«No alto d'esta freguezia, para a parte do poente, encostado ao sul, estão uns campos de terra lavradia, junto ao rio *Sôrdo*, pelo meio dos quaes vae a estrada real, para a ponte do mesmo rio chamada *Robães*, e, a um e outro lado da estrada, se acham, em varias partes, no meio dos campos, montes

de terra, mais empinados, e no cimo d'elles, umas *cabanas*, fabricadas de lages, mettidas na terra, e postas a prumo, em giro redondo, chegadas umas ás outras, e, no cimo de todas, uma lage redonda que as comprehende; e nos tempos antigos, toda a dita pedraria estava coberta de torrão, com muita grossura, e é antiga tradição, que era *obra de mouros, que lhes servia de recolhimento, n'aquelles campos.*»

Os vereadores da camara de Villa-Real, n'aquelle tempo, eram pouco versados em archeologia, e attribuiam aos mouros, como ainda hoje faz o vulgo, as obras dos celtas e dos romanos.

Os taes montes de terra com as *cabanas* de pedra, não são mais do que *mâmoas* celticas.

A existencia d'estes monumentos, dos tempos pre-historicos, n'estes sitios, mostram evidentemente que elles são habitados ha mais de dois mil annos.

MONESTEIROL, MOSTEIROL, MOSTEIRÓ e **MOSTEIRO**—portuguez antigo—mosteirinho, pequeno mosteiro. Vem do latim *Monasteriolum.*—«*Facimus Kartam de haereditate nostra propria, quam habemus in Ripa Dorii, inter* Monesteirol, *et Sancto Veriximo.*» (Documento de Tarouca, de 1206.)

MONFORTE—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Castello-Branco, 60 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ajuda.

A esta freguezia, para se differençar das outras do mesmo nome, se chama *Monforte da Beira.*

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil. Tem muita caça.

Em um alto proximo da povoação, ha vestigios de fortificações antigas, e foi o que deu origem ao nome da povoação.

MONFORTE—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca, bispado e 24 kilometros de Elvas, 24 ao N. de Villa Viçosa, 160 ao E. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos a freguezia de Nossa Senhora da Graça: das outras duas que teve, trato adiante. Todas tres, tinham em 1757, 251 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo e 24 kilometros ao S. de Portalegre.

O concelho de Monforte comprehende 8 freguezias, sendo 7 no bispado de Elvas, que são—Algalé, Almúro, Monforte, Prazeres, Santo Aleixo, Vaiamonte, e Veiros—e uma no bispado de Portalegre, que é Assumar. Todas com 1:200 fogos.

—

A casa de Bragança apresentava o reitor, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar; e todas as tres freguezias, 600$000 réis.

Está a villa situada em um alto, do qual tomou o nome; e onde tem um castello, fundado pelo rei D. Diniz, em 1309. Tem 3 torres, além da de menagem, e da do relogio; 4 baluartes, cisterna, fossos, e cêrca de muralhas, com 4 portas.

É povoação muito antiga, provavelmente do tempo dos romanos, mas ignora-se quem a fundou, quando, e o seu primeiro nome.

D. Affonso I, que a conquistou aos mouros, em 1139, lhe concedeu, em 1140, grandes privilegios e liberdades. Foi destruida com as guerras, contra os mouros e castelhanos, e a tornou a povoar D. Affonso III, em 1257, dando lhe foral, em Lisboa, em maio d'esse mesmo anno, com os antigos privilegios e concedendo-lhe outros. (*Livro 1.º de doações*, de D. Affonso III, fl. 20, col. 2.ª, *in fine*)—D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa (conservando-lhe os antigos privilegios) no 1.º de junho de 1512 (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 32, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.º—Esta freguezia é da casa de Bragança.

Tinha um convento de freiras franciscanas, da invocação do Bom Jesus, fundado e dotado por Fernão Ribeiro Montoso, natu-

ral d'esta villa, pelos annos de 1540. Foi supprimido depois de 1834.

Em uma coutada do termo, nasce o rio Aviz.

A 3 kilometros da villa, está a torre da Palma, solar dos Cerqueiras Cerveiras, junto á qual ha uma fonte, chamada da *Fornalha*, que sécca em setembro, e rebenta em maio.

Eram alcaides-móres de Monforte, os condes das Galvêias.

Tem por armas—escudo branco, com tres torres da sua côr, com seus corucheus, e sobre estes, 3 bandeiras brancas, cada uma com sua cruz encarnada.

O accesso a esta villa é difficil, principalmente pelo lado do norte.

O padre Carvalho faz d'esta villa a seguinte descripção:—«É similhante a uma galé—na pôpa está a torre de menagem do castello, com mais tres torres e quatro baluartes, cisterna, cáva, e cêrca, bem fortificada—á prôa, é a torre onde está o relogio, para a parte do sul, ficando toda ella cercada de muros, com quatro portas.»

Teve tres parochias—Santa Maria (Nossa Senhora da Graça) e dois priorados dependentes, S. Pedro, e Santa Maria Magdalena. Hoje estão todas annexas á primeira.

O parocho da freguezia de S. Pedro, era prior, tambem apresentado pela casa de Bragança, e tinha 150$000 réis de rendimento. Tinha esta freguezia, em 1757, 14 fogos.

Tambem era prior, e da mesma apresentação, o parocho da freguezia de Santa Maria Magdalena, e tinha 400$000 réis de rendimento. Tinha a parochia, em 1757, 112 fogos.

Tem casa de Misericordia e hospital.

Tem as egrejas de S. Pedro e Santa Maria Magdalena, e as ermidas de Nossa Senhora, S. Sebastião, S. Domingos, Espirito Santo, S. Gião, e Nossa Senhora da Conceição. Esta ultima, é um bello templo, bem ornado e servido, e onde concorrem muitas romagens d'aquelles arredores.

O termo de Monforte, é cortado por varias ribeiras. As principaes, chamadas *d'Aviz* e *Leça*, teem apraziveis margens, e regam campos fertilissimos, em que se cultivam muitas e bôas fructas.

Ha por aqui ricas herdades, com magnifica landre e bolota, onde se criam muitas varas de porcos. Alem d'este, tambem se cria bastante gado, de toda a qualidade.

Este termo, é fertilissimo em cereaes, legumes e vinho. Os seus montes criam muita caça, de toda a qualidade. Tanto de verão como de inverno ha nos arredores d'esta villa, excellentes melões, e os mais bonitos e melhores junquilhos amarellos da provincia.

No monte *Vaia*, proximo da villa, está um castello, que os portuguezes fundaram para resistir aos mouros, no mesmo tempo em que fundaram o castello e villa d'Aviz.

—

Em 22 de setembro de 1727 houve aqui um desacato. Um rapaz de 18 para 19 annos, chamado Luiz Rodrigues, roubou do altar do Santissimo Sacramento, da egreja de Nossa Senhora da Graça, a sagrada pixide, e comeu todas as hostias que continha, levando o vaso sagrado, e saindo da egreja, sem que ninguem désse por isso, senão no dia seguinte, quando o parocho foi dizer missa. Logo no mesmo dia (23) foi preso em Elvas, quando pretendia vender o vaso (que era de prata) ao ourives Manuel de Queiroz. Foi remettido a Lisboa, e, depois de sentenceado, no dia 23 d'agosto de 1728 (em uma segunda feira) foi levado á praça do Rocio, de Lisboa, arrastado á cauda de um cavallo, e em um alto póste se lhe cortaram as mãos e foi garrotado, e depois queimado, em castigo do seu sacrilego attentado.

—

Monforte é solar dos Mexias. Este appellido, que é muito nobre, veio de Hespanha, tomado da torre de Mexía, junto á cidade de Corunha, na Galliza, e da cidade de Troxillo, na Extremadura hespanhola.

D. Fernão Dias Mechia, cavalleiro castelhano, por ter feito uma morte, fugiu de Hespanha para Portugal, e veio fazer seu assento n'esta villa. É o tronco dos Mexias portuguezes.

Suas armas são—em campo d'ouro, 3 faxas azues—élmo d'aço aberto, e por timbre,

meio leão d'ouro, faxado com as tres faxas das armas.

Outros da mesma familia, usam d'estas armas, mas trazem por timbre, em logar do leão, uma onça (animal) de ouro, tambem com as tres faxas das armas.

Na *Chronica* de D. João III, se menciona um Affonso Mexia, védor da fazenda da India, e capitão de Cochim. Este tinha as mesmas armas, mas, por timbre, uma torre, e n'ella uma onça d'ouro, faxada d'azul.

MONFORTE DO RIO LIVRE — pequena villa de Traz-os-Montes, no concelho e comarca de Valle-Paços.

A pag. 63 do 4.º vol., quando tratei da freguezia de *Lebução*, a que esta está annexa, fallei em Monforte do Rio Livre: aqui direi o mais que pertence só a esta villa, que fica 15 kilometros a E. de Chaves.

Monforte do Rio Livre, era uma antiga freguezia do arcebispado de Braga, que, com outras, foi formar o bispado de Miranda, hoje Bragança.

Tinha por orago, S. Pedro, apostolo; o real padroado apresentava o abbade, que tinha 870$000 réis de rendimento annual. Tinha a freguezia, em 1757, 14 fogos.

Teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 4 de setembro de 1273. (Gaveta 15, maço 11, n.º 49—*Livro 1.º de doações* de D. Affonso III, fl. 125, col. 2.ª) Foi este rei que a fez villa, quando lhe deu o foral.

Veja-se tambem o *Compromisso* de 13 de abril de 1278, e o *Regimento*, dado no Porto, a 16 de dezembro de 1483, sobre o seu foral, na gaveta 15, maço 24, n.º 6.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 7, col. 2.ª)

Suppõe-se que o seu primitivo castello, era obra dos romanos. Destruido com as continuas guerras dos nossos cinco primeiros reinados, D. Diniz, pelos annos de 1312, lhe mandou construir (com os materiaes do antigo) um novo castello, de cantaria, muito forte para aquelles tempos, com uma alta e robusta torre de menagem. Mandou cercar a povoação, de muralhas de alvenaria, com alguns baluartes. A cêrca está desmantelada, e apenas o castello se conserva em melhor estado.

Está esta freguezia, entre os rios Tâmega e Ragua.

Não é muito fertil em cereaes nem em vinho, mas produz muita castanha e cria muito gado, especialmente vaccum. Fabrica-se aqui optima manteiga de vacca.

Ainda tem a sua antiga casa da camara, cadeia e pelourinho, e é uma das mais populosas freguezias da comarca.

A freguezia de Fiães, esteve algum tempo annexa a esta.

D. Jeronymo Contador de Argote diz, no liv. III, cap. V, pag. 497 das suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, que, entre uma montanha, chamada *Cotta de Mayros*, no termo de Monforte do Rio Livre, e o logar de Villa Frade, no termo de Chaves, e muito perto d'este ultimo, existem as ruinas de uma grande povoação, de que ainda apparecem grande parte dos muros levantados, e no recinto que elles cercam, alicerces de casas, por entre matagaes e arvoredos.

Dizem uns que são os restos de uma cidade romana, e outros, que o são de uma cidade árabe.

O archeologo, Thomé de Tavora e Abreu, que examinou estas ruinas, no primeiro quartel do século XVIII, diz que é obra dos romanos; porque a pedraria das muralhas é toda muito bem lavrada, unida e forte, e com boa fórma, e tudo muito mais perfeito do que as obras mouriscas d'esta natureza; de mais a mais, os mouros, possuindo pouco tempo esta provincia, não tiveram tempo de edificar grandes e custosas povoações.

O povo dá a estas ruinas o nome de *Troia*, e é tradição constante que foi uma grande rica e famosa cidade dos antigos.

Por estes sitios ha em muitas partes innumeros vestigios de povoações e fortalezas, que existiram em tempos remotos. (Vide *Nogueira*, do concelho de Chaves.)

MONFORTINHO—freguezia (supprimida) Beira Baixa, concelho e comarca de Idanha a Nova, 80 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa. Em 1757 tinha 5 fogos!

Districto administrativo, bispado e 5 kilometros a E. de Castello Branco.

Quando era freguezia independente, tinha por orago Nossa Senhora da Consolação.

O vigario de Salvaterra do Extremo (a cuja freguezia esta está annexa) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era insignificantissimo.

Esta pequenissima freguezia está situada na raia, e separada da Extremadura hespanhola pela ribeira *Elgas* ou *Ergéa* (que nasce em Monfortinho) até entrar no Tejo.

Em 24 de julho de 1809 houve aqui um combate com os francezes, sem grandes resultados. Os francezes avançaram para Almeida.

Fonte Santa, ou *Caldas de Monfortinho*

Na serra de *Pena-Garcia*, ramo da da Estrella, que entra por Hespanha, tem a sua origem a famosa *Fonte-Santa*; nome que lhe deu o povo, em razão das virtudes medicinaes das suas aguas.

Da sua nascente é conduzida a agua mineral por um cano, que na falda da serra termina em um tanque, que está dentro de uma pequena casa de abobada, que, segundo a tradição, foi mandada fazer pelo infante D. Francisco. Não sei porque, esteve esta casa muitos annos abandonada e em ruinas.

Estão sobre a margem esquerda do Elgas, em sitio deserto, a 7 kilometros de Monfortinho.

Foi no seculo passado muito concorrida a *Fonte-Santa*, de doentes de Monfortinho, Monsanto, Pena-Garcia, e outras povoações, e até de muitos hespanhoes, que viviam aqui em cabanas feitas de ramos de arvores, em que o sitio é abundante.

O pessimo estado dos banhos, a falta de casas para habitação dos frequentadores, e de estradas que alli conduzam, motivaram o abandono d'estas thermas; preferindo os doentes, outras em melhores condições.

Em março de 1875, o representante de uma empresa britannica, esteve em Lisboa, conferenciando com o governo portuguez, para construir um estabelecimento (thermas) em todas as condições exigidas pela arte.

Esta empresa destina 300:000$000 réis para o edificio dos banhos e suas dependencias; mas exige que o governo mande fazer o caminho de ferro da Beira Baixa.

Se isto se levar a effeito, o que muito é para desejar, é mais um manancial de riqueza publica, e mais um recurso para os doentes a quem estas aguas possam aproveitar.

Não foram á exposição de Paris de 1867. Terei de me restringir ao que diz o dr. (medico) Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, a pag. 43 e seg.

Segundo elle:—as aguas da Fonte Santa são claras, salutiferas, excellentes para beber, sem cheiro ou sabor extranhos. Os reagentes nada mostram que dê os mais remotos indicios de haver ferro, em qualquer estado de dissolução. Não contéem acido algum livre, nem enxofre, nem gazes, por qualquer modo combinados; nem no leito de areia grossa e cascalho por onde corre, nem no cano deixa deposito de lodo ferruginoso.

O calor que tem no tanque não excede 68° de F., ou 16° de R.; é portanto tépido.

O dr. Sanches diz que *estas aguas estão frigidissimas ao meio dia, tornando outra vez á sua tepidez, ao sol posto.*

Ou foi mal informado, ou estas aguas perderam esta propriedade *singular*.

Actualmente (e provavelmente sempre) conservam a sua temperatura em todas as horas do dia e da noite.

MONGE—deu-se primeiramente este nome ao varão que se dedicava á solidão, ás lagrimas e á contemplação das coisas celestes e eternas; retirando-se totalmente das da terra, buscando d'ella só um grosseiro alimento, adquirido pelo suor do rosto e trabalho de suas mãos.

Ao principio não tomavam parte nas funcções ecclesiasticas, nem tinham ordens algumas.

Depois se foram multiplicando estes cenobitas, e como muitos d'elles eram de grande illustração e todos de muita virtude, os bispos lhes deram ordens e os empregaram em doutrinar o povo, quando no clero secular não havia o pessoal sufficiente para este mister.

Em uma lei do imperador Arcadio, que vem no *Codigo Theodosiano*, se diz:—*Si quos forte Episcopi deesse sibi clericos arbitrantur, ex monachorum numero rectius ordinabunt.* Muitos outros padres da Egreja são d'esta opinião.

Correndo o tempo, em muitas cathedraes se tomou o exemplo de Santo Eusebio, bispo de Versailles e de Santo Agostinho, bispo de Hyponia, fazendo o prelado e o seu clero profissão monastica ou regular, emquanto ao desapego das coisas do mundo, vivendo em commum, sem bolsa particular, e servindo ao mesmo tempo em todas as obrigações de uma vida activa, para conservação e augmento da egreja catholica.

Não se sabe se antes da invasão dos serracenos na Lusitania e Galliza, em 716, havia, ou não, monges nas cathedraes. Sabe-se apenas, que, conquistada a cidade de Lugo, aos mouros, por D. Affonso, o catholico, em 740, n'esse mesmo anno foi Odoario, seu bispo, elevado a metropolitano de todas as dioceses da Galliza, que então conseguiram ser libertadas.

Desde então formaram os monges parte do clero da cathedral de Lugo, como se vê da *Hespanha Sagrada*, tom. 40.

Na larga doação que fez a rainha D. *Geloira* (Elvira) á Sé de Lugo, em 1071, depois de dizer que a egreja de Orense, até áquelle tempo sujeita a Lugo, fôra restaurada por seu irmão, o rei D. Sancho, que pôz n'ella, por primeiro bispo, a Heredonio —que Braga, assim como Orense, esteve até áquelle tempo sujeita a Lugo (da mesma sorte que Tuy o esteve a Iria ou a S. Thiago) —que a Sé de Dume, junto a Braga, esteve em poder dos bispos de Britonia. [1]—Que as Sés episcopaes de Coimbra, Viseu e Lamego (e outras que não declara), conquistadas por seu pae, mas, *in barbarico positæ*, não poderam ser providas de bispos, por fallecer antes de os nomear; mas que seu filho D. Sancho, restaurou as que pôde, pondo em Braga o bispo D. Pedro—em Lamego, outro D. Pedro—em Oca, Simeão—e em Sasamon, Munio: passa a referida rainha, D. Geloira, a individuar os bens doados, declarando que são—*pro substentatione Monachorum et Deo militantibus sub Pontifice Domino Vestrario.*

Desde que o sol da liberdade santa illuminou a Peninsula, dissipando as trevas que a tinham obscurecido, durante o dominio dos sequazes de Mafoma, viveram os monges das cathedraes com habitação e mesa commum, como verdadeiros frades, emquanto a relaxação do espirito não os instigou a dividir as rendas.

Os claustros, que ainda se vêem junto das egrejas episcopaes, dão pleno testimunho de que os conegos viveram por muitos annos em communidade.

MONGES (serra dos)—monte, Alemtejo, na comarca, concelho e proximo de Montemór-Novo, 24 kilometros de Evora, 95 ao SE. de Lisboa, na freguezia do *Escoiral.* (Vide esta palavra a pag. 56 do 3.º vol.)

N'esta serra ha uma grande e riquissima mina de optimo ferro, propriedade da companhia ingleza *Palmer Haal & C.ª*, de New Castle.

Foi comprada toda esta serra, pela tal companhia, em março de 1871.

Dizem que o ferro d'esta mina é de qualidade superior ao de Bilbau (Biscaia) e pouco inferior ao da ilha de *Elba* (Italia) que é dos melhores ferros que se conhecem.

A companhia está empregando todos os esforços para o seu maximo desenvolvimento. Já embarca para a Inglaterra grandes quantidades, diariamente, não podendo a empreza enviar todo o minerio extrahido, pela falta de material circulante a proposito, na linha de Sueste; é o que se diz por parte dos interessados d'aquella empresa, e ha pouco repetido por uma respeitavel pessoa que não tem parte na direcção d'aquelles trabalhos; mas parece que em breve poderá triplicar a sua exportação, e para isso já está nas obras publicas o desenho e requerimento pedindo auctorisação para a construcção de um caes junto á ponte do caminho de ferro do sul, para mais facilitar o emarque do minerio, tendo para identico fim

[1] O auctor da *Hespanha Sagrada* pretende que a cidade de *Britonia* é a actual Mondonhedo, o que é erro crasso. (*Vide Britonia do Lima.*)

mandado vir um rebocador a vapor. Já tem duas locomotivas e muitos carros para a conducção do minerio até ao kilometro 80, onde se encontra com a linha do Sul.

É sempre agradavel ter de registar o desenvolvimento de qualquer industria importante no nosso paiz; principalmente quando tende a chamar a attenção para as grandes riquezas minerias, que jazem em abandono, pelo receio que os nossos capitaes teem de entrar em empresas d'esta ordem.

O governo tem todo o interesse em animar estas industrias, pelas innumeras vantagens que trazem comsigo, entre as quaes se tornam da maior consideração concorrer para evitar o cancro roedor da emigração de braços, augmentando a navegação no porto de Lisboa, conseguindo se a diminuição do saldo contra o paiz entre valores importados e exportados, saldo que tem de ser liquidado em especie metallica; finalmente, o desenvolvimento de outras muitas industrias mais pequenas, que nascem sempre das grandes industrias fundamentaes, dando assim logar ao augmento de materia collectavel.

MONGY—portuguez antigo — especie de gabão, de que usavam as mulheres portuguezas até ao seculo XVI.—*De hum mongy singelo, 20 réis.* (*Livro Vermelho* de D. Affonso V, n.º 51.)

MONICAS—Já a pag. 408 do 4.º vol., tratei d'esta casa de correcção. Aqui accrescentarei mais o seguinte, por desejar que em todo o reino se conheça a sollicitude com que são tratados os que vão para aquelle estabelecimento.

No *Correio do Sul*, n.º 129, de 10 de maio de 1874, se lê o seguinte:

«No dia 3 de tarde, visitámos a casa de correcção estabelecida no antigo convento das Monicas.

Maravilhou-nos o aceio, a boa disposição que se manifesta em todo aquelle importante estabelecimento, que tem por fim regenerar as creanças á beira do caminho da perdição.

Existem actualmente 71 rapazes, que frequentam a aula de instrucção primaria, que é uma sala vastissima, ventilada, guarnecida de diversos mappas.

Agradecemos a delicadeza com que o reverendo capellão d'aquelle estabelecimento, o sr. Joaquim Antonio dos Santos nos acompanhou na visita que fizemos á casa da correcção.

No estabelecimento ha quatro officinas, de sapateiro, alfaiate, esteireiro e carpinteiro.

A cerca está muito bem cultivada e tem uma estufa, que foi feita pelos reclusos.

A falta de espaço e de tempo inhibe-nos de fallar mais detidamente da casa de correcção, de que é zeloso director o sr. Pato Moniz.

—

Do *Jornal da Noite*, de 11 de maio de 1874, copiei o seguinte folhetim, escripto pela sr.ª D. Maria do Amparo.

Casa de correcção

Um mundo nascendo sobre as ruinas de outro, enfeitando-se aquelle com os andrajos despresados d'este, repassados e limpos como tunica de vestal, encanta o observador que entra na casa de correcção, antigo convento das Monicas.

Monicas é espelho real da vida, onde os seres que ahi se mirraram deixaram um traço visivel da sua passagem, e conjunctamente uma impressão immorredoura do seu espirito, que parece viver e fallar a quem o contempla, como as impressões deixadas na taboa rasa do espirito fallaram aos philosophos da antiguidade.

Entremos.

Canticos, harmonias, nuvens de incenso, aromas de flores, ruge-ruge de sedas, brilho de fardas, negrura de becas, tudo isto indica a festa sublime, venerando a visita de Deus aos encarcerados menores.

N'este dia da communhão setenta e uma creanças ajoelhadas e contrictas, ouvida a missa e oração consagrada, recebem da mão do venerando ancião a hostia sagrada, seguindo o ministro de estado, o ministro ao altar, e apoz este a magistratura, a imprensa, o municipio, a industria, o commercio, tudo

o que de mais considerado existe na sociedade alli representada, e em volta o cortejo numeroso e selecto de damas, com aquella commovedora caridade e devoção, que tem grangeado um nome distincto ás senhoras portuguezas.

Era o dia de Santa Monica, 4 de maio. Esta Santa, dizia o orador sagrado, conseguiu pela educação rehabilitar seu perdido filho Agostinho, que foi depois um dos mais notaveis santos da Egreja.

As mães dos encarcerados aqui não seguiram o caminho de Monica; a educação em Portugal não está á altura da sua verdadeira missão.

Nós diremos que Monica tambem educou seu filho antes da perdição d'este; que muitos dos encarcerados não conheceram talvez mãe; e os que a tiveram boa, podiam ter a sorte fatal de Santo Agostinho.

Ha um fundo de verdade na affirmação do distincto orador.

Mas nós tambem cremos que existem em Portugal mães como D. Philippa de Vilhena, como a esposa de D. João I, como a virtuosa Maria II.

E podiamos citar exemplos de mães, que, similhante ás pombas, tiram o alimento da boca para sustento da educação dos filhos, ou de um salto se atiram do tronco ao abysmo em salvação de estremecidos filhinhos.

Baixando ao assumpto; é nossa crença que a educação da mãe em casa não basta, quando falta a educação da sociedade na rua, na officina, na escola, no theatro, nos meios onde vive, o educando perde n'uma hora, ás vezes, o trabalho de annos de educação.

Para conseguir-se a verdadeira educação é mister o auxilio de uma trindade poderosa: a religião a educar a mãe, a mãe a educar o filho, a sociedade a educar a todos.

Este principio foi certamente o que predominou na oração verdadeiramente christan, liberal e eloquentemente proferida pelo reverendo Garcia Diniz.

Deixemos o templo ricamente ornado, outr'ora abrigo de virgens professas que ganharam o ceu com resas e jejuns, hoje purgatorio de creanças que ganharão o respeito da sociedade pelo trabalho intelligente e digno, e o perdão de Deus pelo respeito ás leis humanas e divinas.

Entremos n'uma sala espaçosa. De um e de outro lado mesas adornadas. Por entre flores vêem-se os pratos de comida fumegante para a refeição do almoço. As paredes ainda armadas com os antigos paineis das monjas em molduras douradas, testemunhas da purificação de outr'ora, da regeneração de agora, e que parecem dizer-nos que no ceu agrada tanto esta educação pelo trabalho, que a propria Santa Therezá não teria pena de vêr o seu convento transformado em hospicio, apesar da tradicional exaltação do seu devoto e santo espirito.

Espera-nos a sala da aula, espaçosa, ventilada, alegre, onde os encarcerados aprendem diariamente a instrucção primaria, e noções da secundaria e profissional. Differentes mappas, livros, e o necessario para o ensino, alli se encontra, tudo bem ordenado.

As casas de officinas de escovas, sapatos, capachos, e mais industrias são espaçosas e commodas.

É nova e grande a sala da exposição dos productos fabricados. Era digna de attenção a exposição de flores, sapatos, capachos, que lá vendiam por preços relativamente baixos.

As salas de exercicio e banhos são de esmerado aceio e disposição. Arejados, grandes, limpos os dormitorios, ornados de camas de ferro, e mobilias especiaes para cada preso.

Nós preferimos para o descanço nocturno a cella separada ao dormitorio em commum; mas este desejo só póde ser realisado n'um edificio inteiramente novo, e construido para esse fim.

No entanto nos dormitorios em commum a Inglaterra, a França, e mais nações, sustentam durante a noite sempre a luz accêsa, resguardada convenientemente, e sentinellas girando constantemente pelos dormitorios com pés de lan, para não perturbarem o somno dos menores. Collocam ainda os

leitos d'estes de modo que a cabeça de um fique em frente dos pés do outro, e evitam assim a conversa, e os gestos durante a noite.

Obrigam os presos a deixarem fóra das portas dos dormitorios o fato que despiram. E conseguem d'este modo evitar as exhalações d'este junto dos leitos, e a fuga dos presos, porque ninguem foge nú.

Nos refeitorios collocam-nos de costas voltadas uns para os outros, e conseguiram d'este modo evitar os colloquios, os canellões, que os rapazes praticavam sempre ás horas da comida, embora no trabalho juntos tivessem occasiões de contacto.

Tem-se dito que a hora da comida é a mais difficil para sustentar a disciplina entre os rapazes.

Nós cremos na utilidade d'estas medidas, que a experiencia tem admittido.

Nas Monicas, a cérca é um jardim, horta, pomar, ceára, combinando-se o bom gosto da arte com o encanto da natureza. Alli se ostenta a estufa com plantas mimosas, tratadas com muito esmero.

Das ruinas das Monicas resta apenas o bastante para recordar a geração que alli passou, e que deixou o santo aroma da sua vida a exalar d'aquellas cinzas.

Tudo resurgiu por encanto. As paredes sombrias estão claras de neve; o soalho puro e limpo póde servir de prato a um escrupuloso, segundo a phrase elegante do sr. Ayres de Gouveia, descrevendo a sua visita ás prisões de Hollanda, que diz ser a terra de mais aceio que visitou; a hera deu logar á cal; a andorinha substituiu a coruja, os paineis empoados, e traçados, apparecem lustrosos e novos; emfim a mão da Providencia, passando por alli, disse ao passado moribundo:—ergue te e caminha—o caminho tem sido e será a passos de gigante.

Era numerosa, escolhida e honrosa a concorrencia na casa de correcção. Foi justa homenagem. A casa tem apenas sete a oito empregados, e insignificante verba no orçamento. A todos e ao sr. Pato Maniz, director, se deve o estado da boa harmonia encontrada.

Mas a fundação e prosperidade da casa de correcção, salvo a iniciativa de differentes ministros da justiça, é unicamente devida aos srs. conselheiros Faria Azevedo, e Henrique ÓNeil.

Estes zelosos funccionarios do estado, foram para a casa de correcção, o que é um pae pobre que tem de montar e regular casa aos filhos que vão constituir familia.

Trabalhando, pedindo, investigando, comprando aqui barato, escolhendo alli melhor, reparando além um quadro, fazendo erguer depois um muro, o tecto, emfim andando sempre, e creando regulamentos interños, que podem competir com os de *Westminster*, *Mettray*, *Jeunel Deteuus*, se tem conseguido fazer da casa de correcção um estabelecimento modelo.

E vae mais longe o sr. Faria Azevedo: visita diariamente a casa, ordena, dispõe, aconselha, perdoa, consola, trabalha, e tem concentrado alli os seus cuidados, pelos quaes o paiz lhe será justamente agradecido.

Nós folgámos de vêr tão lustrosa concorrencia na casa de correcção; e ainda mais da attenção com que mulheres e homens investigavam tudo.

É este um symptoma d'um futuro novo que terá a penalidade em Portugal.

Minhas senhoras e cavalheiros, sigamos o exemplo da Escocia, da Allemanha, e mais nações. O criminoso é um peccador social. Regenera-se para a sociedade pela pena, como para a religião pela penitencia.

As cadeias e as escolas são estabelecimentos de applicações pias. A escola instrue e evita a cadeia; esta ensina e regenera auxiliando aquella.

A escola ha de matar a cadeia, e n'esse dia a humanidade será grande.

Mas até lá sejamos enfermeiros dos encarcerados, que a doença do espirito não é menos perigosa que a do corpo.

Nós, que somos irmans de confrarias, de associações religiosas, irmans de Maria e do Coração de Jesus, sejamos irmãs dos nossos irmãos, e convençamos-nos todos de que a esmola do espirito e do dinheiro offertada para a instrucção e regeneração, é por Deus

mais querida, do que a applicada em grandezas do culto.

Resavam os apostolos cobertos de andrajos; e Deus, todo sabedoria, só póde desejar homens instruidos que o comprehendam e adorem, e não ignorantes que o temam e olvidem.

Formemos associações que derramem a instrucção e a religião nas prisões. Em breve teremos as penitenciarias a funccionar; e se associações particulares não auxiliarem o estado, ensinando e regenerando, o resultado será nullo, até porque será difficil encontrar de prompto pessoal habilitado para entrar em exercicio nas cadeias penitenciarias.

Em Escocia as associações estão adiantadas a ponto que fundam á sua custa cadeias, custeiam-lhe as despezas, administram e governam, tendo o governo inglez apenas a inspecção e o poder de determinar os regulamentos geraes.

A lei de cadeias, do sr. Barjona de Freitas, que em 1867 creou as penitenciarias, organisa tambem as commissões de beneficencia para as cadeias.

Criemos nós as irmans de caridade para as prisões, e as confrarias e irmandades protectoras dos condemnados.

Dêmos as esmolas, dêmos a consolação e a instrucção. Portugal, que passa por paiz caridoso, não desamparará a caridade na cruzada da moderna sociedade.

Dá aos pobres, e terás um thesouro no céo—dizia S. Marcos, repetindo as palavras de Jesus.

MONJA—portuguez antigo—Monica, nome proprio de mulher. (Documento de Maceira-Dão, dos seculos XV e XVI) Tambem se dava o nome de *monja*, á freira benedictina e de outras ordens. Vide *Monje*.

MONSANTO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 60 kilometros da Guarda, 6 a SSO. de Penamacôr, 240 a E. de Lisboa, 6 da raia de Hespanha, 430 fogos.

Em 1757, tinha duas freguezias (como abaixo direi) actualmente tem só a do Salvador.

Bispado, districto administrativo e 35 kilometros a N.E. de Castello-Branco.

O prior da freguezia do Salvador, era apresentado pelos marquezes de Cascaes, e tinha 700$000 réis de rendimento annual. Tinha em 1757, 276 fogos.

O prior da freguezia de S. Miguel (ha poucos annos unida á antecedente) era da mesma apresentação, e tinha 200$000 réis de rendimento annual. Em 1757, tinha esta freguezia 29 fogos.

—

Está esta villa situada sobre o plató de um aspero e elevado monte, em frente do castello de Trebejo (Extremadura hespanhola.)

Tem um castello de robusta construcção, mas alguma coisa arruinado, mandado edificar por D. Gualdim Paes de Marecos, grão-mestre dos templarios (vide Braga) em 1239.

Era um concelho antiquissimo, com 1200 fogos, que foi supprimido em 1853.

Foi praça d'armas. Dentro dos seus fortes muros, tem pomares e hortas, e abundancia de agua nativa, pelo que, facilmente póde sustentar um assédio, por muito tempo, se as suas fortificações se reedificarem.

Na villa ha muitas fontes. (Uma d'ellas, sécca no inverno e é abundante no verão.)

É tradição que os romanos, commandados por o consul Lucio Emilio, lhe pozeram cêrco, pelos annos do mundo 3854 (150 antes de J. C.) no tempo do grande Viriato—o antigo—levando sete annos a conquistar.

Supponho que esta tradição não é de todo o ponto verdadeira. Seria, durante *sete annos* atacada por differentes vezes, porque era impossivel resistir tanto tempo sitiada.

Os lusitanos só depois de mortos quasi todos os homens válidos, e quando pouco mais restava do que velhos, mulheres e creanças, é que se submetteram ao jugo dos romanos, e depois de terem vencido e desbaratado, em batalhas sanguinolentas, os melhores generaes da soberba republica.

Marco Elio, Cneyo Sempro-

nio, Marco Censorino, Scipião Nasica, *Lucio Emilio* Paulo, Cayo Catinio, Cayo Calfurnio, Pison, Lucio Quincio Crispino, Publio Manlio, Lucio Posthumio, Tiberio Gracho, Marco Manilio, Terencio Varro, Lucio Mumio, Quinto Fulvio Nobilior, Marco Atilio, Servio Galba e Locullo, todos guerreiros famosos, commandando legiões bravas e disciplinadas, foram derrotados pelos valorosos lusitanos, sobre tudo, pelos indomaveis habitantes do *Herminio Maior*. (Estrella.)

Só a traição os pôde vencer!

Galba, atrahindo-os a um *convenio*, apanha os lusitanos desarmados, e manda degolar 9:000!

Cara, porém, pagaram a sua traição infame, porque Viriato fez nos romanos continuos e horrorosos destroços.

O proprio governo de Roma, *fingiu* não gostar da perfidia de Galba, e o fez substituir por Marco Velilio.

Continúa a tradição resando que—no fim dos sete annos, faltos os cercados de todos os recursos, decidiram morrer, vendendo caras as suas vidas, e sahindo do castello, atacaram os inimigos, fazendo n'elles terrivel mortandade, até morrerem na peleja.

D. Affonso I, povoou a villa, e lhe deu foral, em Coimbra, no mez de abril de 1174, que seu filho, D. Sancho I, confirmou, em 1190, e seu neto, D. Affonso II, em outubro de 1217. (Maç. 12 *de Foraes Antigos*, n.º 3, fl. 3 v., col. 2.ª—*Livro de Foraes antigos, de leitura nova*, fl. 34 v., col. 2.ª)

D. Manuel, lhe deu foral novo, e fez villa, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de Foraes novos, da Beira*, fl. 7 v., col. 1.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º

Consta que, despovoada, com as guerras do tempo de D. Affonsó Henriques, foi repovoada por D. Sancho I, em 1190 (quando lhe confirmou o foral), dando-lhe o nome de *Monte Sagro* (ou *Sacro*), que depois se corrompeu em *Monte Sancho*, e por fim, no actual.

Parece-me mais verosimil, que o primittivo nome d'esta povoação (ou o que os romanos lhe deram), foi *Mons Sacrus*, que, traduzido em portuguez, vem a ser o actual.

Tambem alguns escriptores dizem que, tendo vivido n'este monte Santo Amador, anacorêta, o povo principiou a chamar a este sitio *Monte do Santo*, ou *Monte Santo*, que facilmente, e por contracção, mudou para *Monsanto*.

Os ossos de Santo Amador, ainda se conservam em um cofre, na antiquissima capella de S. Pedro—de Vir-a Corça—edificada na raiz do monte.

Este santo é de grande devoção para os povos de Idanha-Velha (que fica proxima), de Monsanto e de outras localidades.

Este anacorêta viveu em eras mui remotas (provavelmente no tempo dos godos), e talvez que fosse o fundador da capella de S. Pedro.

Em 1640, o licenceado, Miguel Freire Machado, prior da freguezia de S. Miguel, d'esta villa, publicou, fundando-se na tradição constante, a *Vida de Santo Amador*.

É tradição que o nome de *Vir-a-Corça*, provem de que, ao eremiterio do santo, vinha uma corça, amamentar um menino que elle achára e trouxe para o seu retiro, onde o educou e instruiu.

Este menino, veiu depois a ser sacerdote, confessor do anacorêta, e lhe assistiu ao passamento.

Tem Misericordia e hospital, e sete ermidas.

Ha entre os castelhanos o seguinte adagio:

Monsanto, Monsanto,
Orejas de mullo;
El que te gañar,
Gañar puede al mundo.[1]

[1] Os castelhanos chamavam *orelhas* de

D. Luiz d'Haro, 1.º ministro de Filippe IV, lhe poz cêrco, em 1658, mas os portuguezes o fizeram levantar vergonhosamente.

Em 11 de junho de 1704, o general portuguez, marquez das Minas, derrotou junto a esta praça o exercito hespanhol e francez, commandado por *D. Francisco Ronquillos*. O nosso general ficou ferido em uma das mãos e no rôsto.

Tivemos 50 mortos e feridos; e os inimigos, tiveram mais de 300 mortos; e feridos ou prisioneiros, 150 officiaes, e grande numero de soldados, tomando-se-lhes 6 bandeiras, todas as bagagens, e muitissimas armas, barracas de campanha, material de guerra, etc.

A 2 das kalendas de dezembro, da era de Cesar 1203 (1165 de Jesus Christo), D. Affonso Henriques e seu filho, D. Sancho (depois 1.º do nome), doaram aos templarios, a cidade de Idanha a Velha e a praça de Monsanto.

Tem por armas—uma aguia, com uma esphera armillar ao lado. (As suas antigas armas, era uma aguia—parece que do tempo dos romanos—D. Manuel lhe augmentou o seu emblema—a esphera.)

Teve condes, cujo titulo está extincto. (Para a sua genealogia, vide *Castanheira*.)

—

Foi senhor de Monsanto, D. Manuel de Castro, descendente de D. Joanna de Castro, e de D. João de Noronha e Dantas, filho do infante D. Affonso (filho de D. Henrique II, de Castella), conde de Gijon e Noronha, que foi casado com a infanta de Portugal, D. Isabel, filha do rei D. Fernando.

O primeiro d'esta familia que veiu a Portugal, em 1340, foi D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, filho de D. Pedro Fernandes de Castro, e irmão de D. Ignez de Castro, mulher de D. Pedro I, de Portugal. Veiu, com sua irman, na comitiva de D. Constança, filha do duque de Penafiel, marquez de Vilhena, e 1.ª mulher do infante D. Pedro. (depois 1.º)

D. Pedro I (outros dizem que seu filho, D. Fernando), fez D. Alvaro Pires de Castro condestavel de Portugal (foi o 1.º que teve n'este reino aquelle titulo), conde de Arraiolos, e alcaide-mór de Lisboa, e d'outros castellos.

Casou com D. Maria Ponce de Leão, e tiveram D. Pedro de Castro, senhor do Cadaval, que casou com D. Leonor Telles de Menezes, filha de D. João Affonso Telles de Menezes, 5.º conde de Barcellos.

Tiveram, entre outros filhos, D. Fernando de Castro, que casou com D. Isabel d'Athaide. Foi filho d'estes.—*D. Alvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto*, feito por D. Affonso V (de quem era camareiro-mór), pelos annos de 1470.

Casou com D. Isabel da Cunha, filha de D. Affonso, senhor de Cascaes, e de D. Branca da Cunha, neta paterna de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Foi seu descendente, por linha recta masculina, D. Alvaro Pires de Castro, 6.º conde de Monsanto, feito 1.º marquez de Cascaes, por D. João IV, em 19 de novembro de 1643.

O marquezado de Cascaes, e os condados de Monsanto e Vidigueira, uniram-se ha muitos annos ao marquezado de Niza.

Dèsde a morte do ultimo marquez de Niza, D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama e Castro Noronha Athaide Silveira e Sousa, é representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Thomaz Xavier Telles Castro da Gama Athaide Noronha Silveira e Sousa, conde da Vidigueira.

As armas d'esta familia, são—seis aroellas azues, em campo de prata—timbre, meio leão d'ouro.

—

O termo d'esta villa, é fertil em cereaes, vinho, azeite, legumes, fructas e hortaliças. Cria bastante gado, e nos seus montes ha abundancia de caça.

O caminho que conduz para a villa, vae subindo pelo dorso do monte, com muitas voltas e rodeios, e por entre áspera penedia.

Como por toda a montanha ha innumeraveis nascentes d'agua, os arrabaldes da villa são compostos de hortas e pomares, e bonitos.

—

mullo ao castello, por causa de dois grandes e agudos penêdos que ha junto d'elle.

Monsanto é ainda considerada praça de guerra, de 2.ª ordem, e tem guarnição de veteranos, tendo por governador um tenente-coronel.

Pela sua posição em uma eminencia alcantilada, e de facilima defeza—na extremidade do reino; pela circumstancia de ter dentro do seu castello um abundante poço d'agua nativa, de bôa qualidade; e pela robustez das suas fortificações, que sem grandes despezas se punham em optimo estado de defeza, e de serem guarnecidas por um diminuto numero de soldados; dever-se-hia curar de concertar as suas muralhas e baluartes, modificando-os segundo a hodierna arte militar, de fórma a poder resistir com vantagem a artilheria mais aperfeiçoada.

—

A imagem mais antiga d'esta villa, é Nossa Senhora do Castello, que consta ter sido mandada fazer por D. Gualdim, quando construiu a fortaleza.

A primeira casa da Senhora, era uma pobre e pequena ermida, onde apenas caberiam 12 pessoas. Fóra da capella havia um alpendre com um pulpito, e a casa da *erimitôa*.

Em 1694, os devotos construiram a Nossa Senhora do Castello um templo mais rico e vasto. A irmandade que já havia, da sua invocação, tambem concorreu muito para esta obra.

A santa imagem foi para a sua nova casa, em 1700.

Pretendiam os devotos fazer d'este templo o mais sumptuoso da provincia, o que não conseguiram, porque os castelhanos, entrando na villa em 1704, a saquearam, deixando os seus moradores reduzidos a grande miseria.

Fernão Lopes, natural do Monsanto, indo para a India, em 1600, foi o seu navio a pique com um temporal, sendo elle o unico que se salvou, n'uma tábua, por ter recorrido á protecção de Nossa Senhora do Castello, desembarcando são e salvo na cidade da Bahia. Em reconhecimento d'este milagre, lhe mandou da India, em 1620, um riquissimo ornamento de setim branco, todo bordado e franjado a ouro, com alcaxofras e ramos de muito primor e custo. É um frontal, panos do pulpito e da estante, e casúla; um calix, com seu véu e bolsa; galhetas, e toalhas para o altar, com guarnições de *palheta* d'ouro.

Outro successo se conta por tradição constante n'esta villa: é o seguinte.

Um individuo d'aqui, foi a uma horta, junto ao sitio chamado n'aquelle tempo *Lages do Pendão*, onde diz o povo que os mouros deixaram grandes thesouros encantados, e alli achou grande quantidade de peças de ouro e prata. Querendo aproveitar-se d'estas riquezas, pegou em uma campainha, que estava presa a uma cadeia e, tangendo-a, lhe appareceu uma moura, que correu atraz d'elle; e vendo-se o homem em taes apertos, disse:—«Nossa Senhora do Castello me valha!»—Então a moura parou, dizendo:—«Essa *capelluda* te valha.»—O homem offereceu a campainha a Nossa Senhora, e esteve na sua capella, desapparecendo em 1690, sem se saber quem a roubou.

O povo attribue a esta imagem muitos milagres, e em occasião de calamidades, a levam em procissão, á egreja do Salvador, implorando o seu patrocinio.

—

O templo de Nossa Senhora do Castello era a matriz da parochia, que era muito pequena, e estava toda dentro do castello. Com o andar do tempo, foi crescendo a população, e se foi fazendo extra-muros um grande arrabalde, que actualmente é a verdadeira villa.

Os habitantes do arrabalde, construiram n'elle uma bôa egreja, dedicada ao Salvador do Mundo, que depois foi feita matriz da freguezia.

—

Ha n'esta freguezia a capella de São Domingos, tambem tão antiga, que não ha memoria de quem a fundou.

É santo de muita devoção d'este povo.

—

A capella de S. Lourenço, tambem é antiquissima. Diz-se que é fundação de D. Gualdim Paes.

—

No *Valle da Azenha*, que é uma formosa

veiga, de 6 kilometros de comprido por tres de largo, cortada pelo rio Ponsul, e a 6 kilometros da villa, está a capella de *Nossa Senhora da Azenha* (por estar edificada proximo de uma azenha.)

É esta capella muito frequentada de romeiros de Monsanto, Villa Garcia, e outras povoações, vindo aqui algumas procissões, em varios dias do anno.

Na 3.ª oitava da Paschoa, hiam os moradores de Monsanto, com uma procissão a esta capella, havendo então missa cantada e sermão. O mesmo faziam os de Villa Garcia, no 3.º domingo de maio — e os de Alcanfôres á 3 de maio (Invenção da Santa Cruz.)

Consta que estas procissões foram por voto que os moradores d'estas tres povoações fizeram a Nossa Senhora da Azenha, para os livrar da praga de gafanhotos, que infestava as suas terras.

Antigamente, os de Villa Garcia, depois de regressarem da procissão, matavam vaccas, e mandavam coser grande quantidade de pão, para um grande bôdo, que distribuiam a quem o quizesse acceitar.

MONSANTO — fortaleza — Vide pag. 192 do 4.º vol.

MONSANTO — freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Torres-Novas, 105 kilometros ao N.E. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago o Divino Espirito Santo.

Patriarchado de Lisboa, districto administractivo de Santarem.

O povo apresentava o cura, que tinha 90$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MONSÃO — aldeia, Douro, na freguezia de Santa Eulalia, concelho, comarca e 2 kilometros ao O. d'Arouca, bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo e 70 kilometros a N. E. de Aveiro, 15 kilometros ao S. do Douro, 50 a S. E. do Porto, 15 fogos.

Situada no formoso e fertilissimo *Valle de Arouca*. É atravessada pela ribeira do seu nome (confluente do Arda) que aqui tem um pontão de cantaria.

Quasi todos os seus habitantes são lavradores, ricos ou remediados.

Cria-se aqui optimo gado bovino, fabrica-se manteiga de vacca, e mui finas téas de linho.

MONSÃO-DE-BEMFICA (e tambem simplesmente *Bemfica*)—freguezia, Extremadura, concelho de Almeirim, comarca da Chamusca, 80 kilometros a E. N. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago Santa Martha.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

O prior de S. Julião, de Santarem, apresentava o cura, que tinha de rendimento, 120 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil. Cria bastante gado.

MONSÃO—villa e praça d'armas cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 60 kilometros a NO. de Braga, 16 ao ENE, de Vallença, 32 ao ENE. de Villa Nova da Cerveira, 42 ao ENE. de Caminha, 420 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

O concelho de Monsão é composto de 32 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são — Abbadim, Anhões, Badim, Barbeita, Barrocas e Táiás, Bella, Cambézes, Ceivães, Lapella, Lára, Longos-Valles, Lórdéllo, Lúzio, Mazêdo, Merufe, Messagães, Monsão, Moreira, Parada, Pias, Pinheiros, Podame, Portella, Riba de-Mouro, Sá, Ságo, Segúde, Tangil, Troporiz (ou Torporiz) Troviscoso, Trute, e Valladares—todas com 6:100 fogos.

A sua comarca é formada sómente com o seu julgado.

—

A villa e praça de Monsão está situada sobre um monte, na margem esquerda do rio Minho, e em frente da povoação gallega, de Salvaterra.

É incontestavelmente uma povoação antiquissima, e por isso a sua origem está en-

volvida em fabulas e tradições, mais ou menos verosimeis; mas sendo esta mesma circumstancia uma prova da sua muita antiguidade.

A darmos credito ao que dizem antigos escriptores, a sua fundação, data do anno 1900 do mundo (2104 antes de Jesus Christo.)

Se assim fosse, os primeiros fundadores de Monsão, eram os iberos (babylonios ou assyrios, que é o mesmo) que fugiram para a parte occidental da Europa, da tyrannia do feroz Nembrod, rei de Babylonia, ou Assiria. Não se sabe o nome que lhe deram. [1]

Diz-se tambem que no anno do mundo 2632 (1374 antes de Jesus Christo) *Baccho*, filho de Semele, aportou n'esta parte da Lusitania, á frente de um exercito de gregos, e que, *achando esta povoação já arruinada*, a reedificou, pondo-lhe o nome de *Orosion*, palavra grega, que significa *Monte Santo*.

Os celtas a conquistaram (ou occuparam amigavelmente) pelos annos 3600 do mundo (404 antes de Jesus Christo) e lhe deram o nome de *Obobriga*.

Tudo isto offerece suas duvidas e nebolusidades, que me não julgo habilitado a dissipar.

Principiamos agora em um época mais conhecida, por haverem memorias escriptas d'esse tempo,

Sabemos que na era 78 de Cesar (40 de Jesus Christo) era a actual villa de Monsão uma cidade romana importantissima, a que os romanos haviam dado o nome de *Mamia* ou *Mamea*.

Expulsos os romanos d'esta parte da Peninsula iberica, Hermenerico, rei dos suevos, occupou a villa de Monsão, em 410, e parece que foi este monarcha, que lhe restituiu o seu antigo nome (*Orosion*) traduzido em latim—*Mons-Sanctus*, que facilmente se transformou no actual.

Isto dizem alguns escriptores; mas parece-me mais provavel que o nome de *Mons-Sanctus* lhe fosse imposto pelos romanos, vertendo em latim o antigo nome, ou por algum templo que fundassem aqui.

Soffreu Monsão diversas alternativas, já

[1] Babylonia era uma grande cidade da Asia (capital da Assiria, ou Chaldeia) e consta ter sido edificada por Nembrod ou Bello, pelo tempo da morte de Noé. Foi depois cercada de muros, de 250 estadios de circumferencia, por a famosa *Semiramis*, rainha dos assyrios, que deu á Chaldeia o nome de Babylonia.

Estava edificada sobre os duas margens do *Euphrates*, sobre o qual tinha uma formosa e sumptuosissima ponte.

Foi esta rainha que mandou edificar os magestosos *jardins suspensos*, que foram uma das *sete maravilhas do mundo*. Tambem n'esta cidade havia a legendaria *torre de Babel*, e o famosissimo *templo de Bello*.

A Babylonia propriamente dita, é hoje o *Ierach*, na Turquia-Asiatica.

Ainda se vêem as suas ruinas, em um logar chamado agora *Felongia*, ou, segundo outros, no logar chamado *Ile*, ou *Ella*, sobre o Euphrates.

Dos materiaes da antiga Babylonia (á qual os livros santos chamam tambem *Babel*) se construiu a actual *Bagdad*, sobre o Tigre, a distancia de 42 milhas de Babylonia. (84 kilometros.)

(Bagdad é famosa por ter sido côrte do severo califa Aroun-al-Raschid; e pela sua feira, que foi a maior da Asia, e talvez, de todo o mundo.)

Babylonia foi destruida por Cyro (filho de Cambyses rei dos persas, e de Mandane, filha de Astyages, rei dos médos) rei da Persia e da Media. Nasceu este grande conquistador no anno 599 antes de Jesus Christo, e depois de ter conquistado a Lydia, a Jonia e muitas outras nações, conquistou a Assyria e arrasou os muros de Babylonia, no anno 538 antes de Jesus Christo.

Deu o reino de Babylonia a seu tio e sogro, Cyaxares, rei da Média (ao qual a *Biblia* dá o nome de Dario Médo.)

Cyro foi rei da Arabia, das duas Phrygias, Jónia, Lidia, Caria, Eólida, Paphlagonia e Celicia.

Depois da morte de seu pae, e de seu cunhado Cyaxares, reuniu a monarchia de todo o Oriente. Foi então, que elle permittiu aos israelitas, dispersos, voltarem a Jerusalem, e reedificaram o templo de Salomão; o que se executou depois, no tempo de Zorobabel.

Livrou os israelitas do captiveiro de Babylonia, por vêr realisadas todas as prophecias que a seu respeito fizeram os prophetas judeus.

Morreu, na edade de 70 annos, 9 depois

de desventura, já de felicidade, sob o governo dos seus differentes dominadores, até que em 1093, ficou formando parte da actual monarchia portugueza.

—

O primeiro foral de que tenho noticia, dado a esta villa, lhe foi concedido por D. Affonso III, em Guimarães, a 12 de março de 1261. (Gaveta 15, maço 22, n.º 16.—*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 113 v., col. 1.ª, *in fine.*)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho, de 1512. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 112, col. 2.ª)

Veja-se tambem a sentença de 19 de dezembro de 1533, contra a villa de Vallença do Minho, para que as mercadorias que vem de Galliza, não entrem senão pela alfandega de Monsão. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 10, col. 1.ª)

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco decimo; e o titulo de *mui nobre e leal.*

As suas armas são — em campo branco, uma mulher, cuja parte superior do corpo (da cinta para cima) sáe do alto de uma torre, tendo um pão em cada mão, e em volta esta legenda:

DEUS A DEU — DEUS O HA DADO.

(Adiante darei a significação d'estas armas.)

—

A antiga Monsão, não era exactamente no sitio occupado pela actual. A sua primitiva fundação foi (segundo alguns escriptores) onde hoje é a aldeia das *Córtes*, ou *Monsão-Velho.*

A palavra *Córtes*, faz desconfiar que a villa não é tão antiga como varios escriptores pretendem; e que a sua fundação data do tempo dos romanos, que n'este logar edificaram um acampamento fortificado (castro) para quartel permanente de alguma das suas *cohôrtes.*

A estas circumstancias devem o nome muitas povoações da Peninsula hispanica. (Vide *Córtes*, a pag. 391 do 2.º vol.)

Segundo outros escriptores (e parece-me que estes são mais dignos de credito) *Córtes* era uma cousa; e a *Orosion* dos gregos, a *Obobriga* dos celtas e a *Mamia* e Mons-Sanctus dos romanos outra. Esta cidade foi sempre, e com pouca differença (como adiante se verá) no sitio da actual Monsão, não passando a povoação das *Córtes* de um *castro* ou acampamento romano; uma especie de posto avançado ou atalaia de Mons-Sanctus.

Todavia, D. Jéronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias do arcebispado de Braga* (tomo 1.º, pag. 396, n.º 648) diz:

«*Orosia* era uma cidade de Hespanha, como consta de Estephano, no seu livro, ou «lexicon, *De Urbibus.* Esta cidade, dizem alguns modernos, era onde hoje vêmos a villa de Monsão, ou, para melhor dizer, alli «perto, onde chamam *Monsão-o-Velho:* e que «os gregos a fundaram e lhe deram este nome, que, no seu idioma, significa *Monte «Santo* — e que d'ahi procede, chamar-se «depois *Monsão.*

«Isto me parece cousa fabulosa, porque «não encontramos na antiguidade tal noticia, e a etymologia com que se pretende «provar, é violenta; porque o vulgo — que «é o que costuma corromper os nomes — «carece de erudicção para estas mudanças, «fundadas na noticia do idioma grego. O certo é, que o sitio d'esta cidade se não sabe, «porque d'ella não sei que fizesse menção outro geographo ou historiador antigo, mais «do que Estephano, e este não declarou o sitio em que estava assentada em Hespanha.»

Na minha opinião, isto pouco prova con-

da conquista de Babylonia, 7 depois de ser soberano de todo o Oriente, e 529 antes de Jesus Christo.

Não se sabe com certeza, onde e como morreu: a opinião mais seguida, é que elle foi morto em uma batalha contra os Scythas. Diz-se que a rainha d'estes, chamada *Thomyres*, pegando na cabeça de Cyro, a fez metter em uma bacia cheia de sangue, dizendo:—*Farta-te de sangue, de que em vida foste tão sequioso.*

tra a antiguidade de Monsão; porque, se Argote não affirma, tambem não nega, que o local d'esta villa fosse o da antiga *Orosion*.

Vejamos agora o que diz José Avellino de Almeida, no seu *Diccionario abreviado de chorographia, topographia e archeologia* — A paginas 136, col. 2.ª do *Appenso*, lê-se:

«A primeira Monsão, da edade media, incluia a maior parte do *terreiro*, a casa do «padre José Torres e o local da Misericordia. Junto á casa do mesmo padre Torres, «existe um claro vestigio da antiga direcção «da muralha que seguia por diante da antiga botica, do fallecido José Maria Coelho, «hoje loja do Esteves, pela Rua Nova e por «baixo da casa de Antonio Pereira de Castro, e do convento dos Nerys, onde se vêem «ainda evidentes signaes da muralha velha.

«Pouco distante da loja do Esteves, para «o sul, vi eu arrancar pedra do alicerce da «antiga muralha.

«É tradição n'esta villa, que as antigas *portas do Sol*, eram por onde hoje está uma «casa, que foi do doutor Melchior Ribeiro «Caldas, na *Rua Nova*, por onde hia uma «rua para o *largo da Cadeia*.

«Pelo lado exterior da muralha, vê-se uma «divisão, que prova isto que digo.

«No primeiro accrescimo, estendeu-se a «villa, até ás *portas do Rosal*, e baluarte superior ás *portas do Sol* — e no segundo, estendeu-se até ás *portas de S. Bento;* cuja «cêrca foi dividida pela nova muralha.

«Esta ultima parte, ainda ha poucos annos começou a povoar-se, sendo hoje a primeira parte da villa que está mais povoada.

«Ha uma tradição, não sei se bem ou mal «fundada, de ser em Córtes, ou junto a Córtes, a antiga Orosion, dos gregos, e Mons-«Sanctus, dos romanos; mas eu duvido da «veracidade d'esta asserção. Se houvesse nas «visinhanças da actual Monsão, algum sitio «que o povo ainda hoje chamasse *cividade*, «ahi julgaria ter sido o Mons-Sanctus dos «romanos.» etc.

Se não ha o nome de *cividade*, como este escriptor exigia para poder certificar que alli existiu uma povoação romana, ha o nome de *Córtes*, que é tão latino como o outro. Já fica dito o que penso de *córtes*.

Não se sabe porque, os moradores das *Córtes*, abandonaram esta povoação e se recolheram á villa de *Badim*, que estava em uma montanha, no termo da actual villa de Valladares; mas não é a actual *Badim*, de que fallo a pag. 306 do 1.º vol.

D. Affonso III, extinguiu a villa de *Badim*, e com seus moradores, com os do concelho de *Pena da Rainha*, e outros que se lhes aggregaram, povoou a actual villa de Monsão, em 1260, no então chamado *Couto de Mauzêdo*, dando-lhe foral, como atraz fica dito, com muitos e grandes privilegios.

D. Diniz lhe mandou edificar um forte castello, e cercar de muralhas, pelos annos de 1306.

D. João I augmentou as obras de defeza, mandando pôr na porta do baluarte, o *pelicano*, que era a sua divisa. Ainda conserva a maior parte das suas antigas fortificações, e D. João IV, durante a guerra da independencia, lhe mandou fazer varias obras de defeza.

As muralhas teem quatro portas, a de *Salvaterra*, a do *Rosal*, a do *Sol*, e a das *Caldas*, ou da Fonte. Antigamente tinha mais a de *S. Bento*, que foi tapada de pedra e cal, pela camara, auctorisada pelo ministerio da guerra.

—

Tem casa de Misericordia e hospital, sustentado com as rendas do antigo, de S. Gião, que acabou pelos annos de 1650.

D. João I, deu o senhorio de Monsão, a Lopo Fernandes Pacheco, em 1423; mas, logo depois lh'o comprou, por 1:500 libras, encorporando-o outra vez na corôa.

D. Affonso V, deu este senhorio, a D. Affonso, conde de Ourem (depois, marquez de Vallença) filho primogenito do 1.º duque de Bragança. Opposeram-se porém os habitantes por tal modo, que não foi possivel ao conde tomar posse.

Pouco depois, subiu ao throno, D. João II, e fazendo-lhe D. Affonso queixa d'esta desobediencia, ao passo que a villa de Vallença (dada tambem ao conde, na mesma epoca), não tinha impugnado a doação, respondeu este soberano—*Vallença é fêmea, e Monsão é macho.*—Assim principiava o novo sobe-

rano a manifestar o seu odio ao grande poder da aristocracia, e tambem achou um pretexto para annullar a doação que seu pae fizéra, deixando continuar em poder da corôa, este senhorio.

Até premiou os habitantes da villa, concedendo-lhes o privilegio d'ella não poder mais sahir da corôa, e de seus cavalleiros terem a honra de *infanções*, e os peões a de cavalleiros.

—

D. Fernando I, tinha feito alcaide-mór d'este castello, a Alvaro Gonçalves Abura, um dos progenitores dos condes de Valle de Reis, depois, duques de Loulé.

Até 1834, teve juiz de fóra, capitão-mór e sargento-mór.

Teve 4 companhias de soldados, pagos á custa dos habitantes da villa.

Tem feira, aos 7 e 20 de cada mez.

—

Tem um mosteiro de freiras franciscanas, que foi vendido, depois de 1834, e é propriedade do sr. dr. Torres, 3.º barão de S. Roque, natural de Caminha. Chegou a ter mais de 90 freiras.

Houve aqui antigamente, um convento de freiras benedictinas (outros dizem que de freiras e frades), que foi supprimido no reinado de D. Affonso V.

Era fóra, e proximo das *portas do Rosal*, onde depois foi a casa nobre do *Rosal*, e ainda hoje é a quinta do mesmo nome, pertencente á casa de *Andorinha*, dos Arcos de Valle de Vez.

—

Ha na praça, um hospital militar, que foi muitos annos administrado e servido pelos religiosos de S. João de Deus.

Havia tambem um mosteiro de religiosas da Conceição, fundado em 1748, por um coronel, da *Lavandeira*, que estava na America.

Tinha outro mosteiro de padres, da congregação de S. Philippe Nery, com obrigação de ensinarem estes padres, grammatica latina e philosophia.

É hoje hospital da Misericordia.

Na villa, e em differentes partes do seu concelho, ha muitas casas de reconhecida e antiga nobreza.

—

A agua potavel de Monsão, não é de bôa qualidade; porém o vinho do seu termo, é excellente.

Foi do seu territorio, que Portugal exportou o primeiro vinho para a Inglaterra, no seculo XVI.

—

A praça de Monsão, foi por muitas vezes entrada, saqueada e destruida, durante as guerras da edade media e do principio da nossa monarchia, a ponto de estar inteiramente arruinada e deserta, em 1261, quando então, D. Affonso III a povoou e lhe deu foral.

—

O mais vasto terreiro, ou praça, d'esta villa, é o *Campo do Câno*. Em um dos lados, está um bom chafariz, com o symbolo de *Deul'a Deu Martins*, mandado construir pela municipalidade, em 1837, e sombreado por dois gigantescos carvalhos seculares, que tambem dão sombra á ermida de Nossa Senhora do Outeiro, que está em frente da Misericordia.

A pequena distancia das muralhas de Monsão, em uma planicie, fertil e aprasivel, sobre a margem esquerda do Minho, nascem as aguas mineraes, de que adiante tratarei.

—

Os arrabaldes da villa, são muito lindos e amenos. Para se ajuizar da sua belleza, basta dizer-se que se estendem pela margem meridional do formoso Minho.

N'outro sitio das cercanias de Monsão, chamado *Agrêllo*, ha uma curiosidade natural muito notavel. É uma gruta, formada por um penêdo enorme, com capacidade para estarem dentro d'ella muitas pessoas, cómmodamente.

A 3 kilometros ao S. de Monsão, está o famoso palacio e extensa e bella quinta da *Brejoeira*, do sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, já descripto a pag. 488, do 1.º vol.

A 5 kilometros ao O. da villa, sobre a margem do Minho, está a formosa torre de La-

pella, na freguezia do mesmo nome, da qual dei noticia a pag. 50, do 4.º vol.

Na freguezia de Longos Valles, d'este concelho, tem a casa dos Pereiras da Cunha, de Coura, uma quinta extensa, e que foi muito importante pela sua producção vinicula. Chama-se *de Santo Amaro*, e hoje acha-se deteriorada, por se terem extinguido as melhores castas de uva.

Possue-a o representante da familia, o sr. Antonio Pereira da Cunha.

Os antepassados d'este sr., começaram alli a edificar, pelos fins do seculo XVII, e apezar da fealdade do sitio, um grande palacio; porém, chegando a obra a certa altura, pararam e renunciaram ao seu projecto. Ainda se póde ver o principio do edificio, e a sua cantaria de fino granito, vindo de muito longe.

Esta quinta e a do Sôpegal, dos Malheiros, da casa de Crasto, hoje do sr. Antonio de Noronha Castel-Branco, eram as que gosavam da fama de dar melhor vinho no concelho, aliás conhecido por esse genero de producção, sendo certo que os commerciantes inglezes alli o hiam comprar para exportação, antes de preferirem o do Alto Douro.

O territorio de Monsão, é geralmente muito fertil, produzindo em grande quantidade, milho, centeio, legumes, fructa, vinho, linho, trigo, etc. Cria bastante gado, grosso e miudo, e nos seus montes ha muita caça.

O rio Minho, fornece a povoação de muito e bom peixe do mar e do rio, especialmente optimos e grandes sôlhos, deliciosos salmões, excellentes lampreias e gostosos saveis.

Organisou-se em Monsão, em março de 1875, uma sociedade, para a exportação do peixe do rio Minho, para o Brasil.

A primeira remessa (secco e de calda) foi de 1:000 caixas, quasi tudo savel e lampreia.

—

Diz-se que n'esta villa, então cidade, com o nome de Mamia, prégou o apostolo S. Thiago, o Evangelho de Jesus Christo, pelos annos 50 da redempção.

Os melhores edificios da villa, são—o antiquissimo quartel de cavallaria, o convento dos jesuitas e o de S. Francisco. Este é hoje propriedade do 3.º barão de S. Roque (de Caminha.) Seu pae, muito o aformoseou.

A egreja matriz e a da Misericordia, são tambem muito bons edificios.

Os trabalhos da estrada de Monsão a Melgaço estão quasi paralisados. Pequenissima foi a quantia com que o governo a dotou este anno de 1875.

No dia 24 de novembro de 1874, uma commissão, representando o municipio melgacense, foi a Monsão sollitar do sr. ministro das obras publicas o andamento d'esta estrada. Apresentou-lhe um memorial mostrando a urgencia da sua conclusão.

O illustre ministro (Cardoso Avellino), recebeu-a com aquella attenção e urbanidade que lhe é propria, promettendo-lhe fazer quanto em si coubesse.

Homens e mulheres illustres de Monsão— Factos historicos

Paulo Orosio—Eminente ercriptor, do seculo V.

(Alguns historiadores o classificam como santo; mas não me consta que fosse canonisado.)

Foi Orosio, contemporaneo de Santo Agostinho e seu amigo.

Não ha provas incontestaveis que elle fosse natural da actual Monsão; mas ha toda a provabilidade, se *Orosia*, ou *Orosion*, teve aqui o seu assento.

Todos os antigos homens notaveis, juntavam ao seu nome, o da sua patria, como vemos em todos os livros que a antiguidade e a edade media nos legou; e como *Paulo Orosio* (ou *Paulo Orosiano*, como tambem alguns o denominam), significa—*Paulo, de Orosia*, é muito provavel que fosse d'esta cidade, ou suas immediações. O que é certo, é ser lusitano, e da diocese bracharense.

Antes de escrever as suas obras, sobre historia e geographia, viajou muito, pela Lusitania e Hespanha, demorando-se em Tarragona (pelo que os escriptores hespanhoes pretendem, erradamente, que elle era tarragonez.)

Foi á Africa, consultar Santo Agostinho,

e á Palestina, visitar os logares santos de Jerusalem, no anno 415, de Jesus Christo.

Foi um dos maiores, e mais consciencioso sabios do seu tempo.

Não se sabe quando falleceu, mas suppõe-se ser pelos annos de 440, sendo Rechila, rei dos suevos.

Lopo Soares, e seu sobrinho, *Christovão Soares*, ambos secretarios d'estado.

Philippe de Mesquita, deputado do *Santo Officio*.

D. fr. Manuel, bispo d'Angola.

O padre Bartholomeu Pereira, da Companhia de Jesus, excellente mestre de rhetorica e da Sagrada Escriptura, que leu muitos annos no collegio da Companhia, em Coimbra.

Foi tambem insigne poeta latino, comparado por alguns, ao grande Virgilio, ao qual se assimilhou no seu poema heroico *Paciecidos*, que consta de 12 livros, em que descreveu o martyrio de seu tio, o veneravel padre Francisco Pacheco, da mesma Companhia. Imprimiu-se em Coimbra.

É tambem auctor de uma elegante oração latina, que recitou na sala da universidade, em louvor de Santa Isabel, rainha de Portugal.

Compoz tambem um livro *in folio*, intitulado—*Cœcus oculatus, sive Argos centoculos: Comentaria in Tobiam.* Esta obra foi imprimir a França, e lá se perdeu.

Morreu em Coimbra, a 18 de novembro de 1650.

João Taveira de Lima, cavalleiro da ordem de Christo. Sentou praça em cavallaria, durante a guerra da independencia, servindo sete annos como soldado. Seguiu depois os postos, até coronel, governador da praça de Monsão, com as honras e soldo de brigadeiro.

Morreu n'esta praça, a 13 de julho de 1738, com 108 annos, tres mezes e dois dias, pois tinha nascido em 11 de abril de 1630. Jaz na egreja da Misericordia d'esta villa.

Santa Seraphina e *Santa Celerina*. Foram convertidas ao christianismo pelo apostolo S. Thiago, pelos annos 50 de Jesus Christo. Foram exemplarissimas e virtuosissimas donzellas, merecendo pelas suas boas obras ser canonisadas. Falleceu Santa Seraphina em 29 de julho, pelos annos 75 de Jesus Christo. Não sei em que anno falleceu Santa Celerina.

Fernão Ginez.—Entre muitos mancebos, que, para tentar fortuna, ou para conquistar a gloria no campo da batalha, acompanharam o malfadado rei D. Sebastião na de astrosa e funesta expedição á Africa, conta-se a Fernão Ginez, natural da villa de Monsão, o qual, não obstante a sua pouca edade, se aliston n'uma empresa, que ou o encheria de gloria no campo da batalha, se tivesse a fortuna de recolher á patria carregado de louros e tropheus da victoria, ou lhe daria a palma do martyrio, se fosse achado digno de dar a vida pela doutrina que plantou no coração da humanidade o sublime e divino martyr do Golgotha.

As armas portuguezas, que nunca tinham experimentado a sorte dos vencidos; que tinham expulso do territorio portuguez os barbaros e indomaveis sectarios do Al Koran; que eclypsaram a ephemera gloria d'aquelles que, empunhando n'uma mão a taça dos prazeres e n'outra a terrivel cimitarra, bradavam aos povos vencidos—*crê ou morre*,—que tinham extendido ao largo o nome portuguez; que fizeram dobrar a orgulhosa cerviz aos monarchas do Oriente; que fizeram morder o pó que pizavam, a todos os inimigos d'esta pequena orla do occidente, não podendo supportar o peso glorioso de tantas victorias, tiveram emfim o seu Waterloo em Alcacer Kibir!

Fernão Ginez, em consequencia d'este revez que visitou as armas portuguezas, ficou captivo do Xarife Mulei-Maluco, que o estimava muito, já porque era d'uma presença agradavel, ja porque se tornava muito recommendavel pelas suas excellentes qualidades.

Tendo diante dos olhos a imagem dos tres mancebos captivos em Babylonia, esforçava-se pelos imitar em todas as virtudes.

Caritativo como era, desejava ardentemente que um seu amigo Elche voltasse ao Christianismo, que abandonára, empregando para isso todos os meios suasorios que lhe aconselhava a prudencia e a amisade que lhe dedicára.

Nunca ficaram sem grande recompensa os grandes feitos praticados em pró do christianismo, por consequencia em favor do progresso, da civilisação e da humanidade; e se Fernão Ginez não conseguiu que aquella ovelha desgarrada voltasse ao verdadeiro redil, fóra do qual é impossivel a salvação, obteve em contraposição, por delação de Elche, a corôa gloriosa e immurchecivel do martyrio.

Vendo o Xarife que o joven escravo persistia inabalavel na fé, e que preferia a morte com todos os seus horrores, a uma vergonhosa apostasia, mandou que o carrasco lhe tirasse a vida e que seu cadaver fosse lançado n'um dos poços do seu jardim.

Foi o martyrio de Fernão Ginez em 1585. D'elle fazem menção D. Francisco da Costa, embaixador de Hespanha em Morrocos, e o cardeal Alberto, governador de Portugal no tempo dos Philippes.

Maria Hespanhola.—Nasceu em 1756, e aqui morreu em 1872, com 116 annos de edade! Aos 115 annos ainda fazia meia, e conservava o pleno uso de razão; no ultimo anno de sua vida esteve mentecapta.

D. Vasco Marinho, filho bastardo de Alvaro Vaz de Bacellar, e de uma senhora gallega, de appellido, Marinho. Foi D. Vasco abbade d'esta villa. Serviu em Roma ao papa Leão X (que governou a egreja de Deus desde 1513 até 1522, e foi o 216.º pontifice romano). Foi secretário e confessor do mesmo papa, e protonotario apostolico d'este reino.

No seu regresso de Roma trouxe um filho e duas filhas, que lá teve; trazendo tambem varios beneficios, de que fez commendas para seu filho e genros. Instituiu na egreja matriz a capella de S. Sebastião, onde está enterrado.

—

A abbadia de Monsão era dos bispos de Tuy. D. João Fernandes Sotto Maior, prelado d'esta diocese, cedeu a abbadia ao rei de Portugal, D. Diniz, em 1308, e este a deu aos templarios, os quaes só a possuiram pouco mais de dois annos (até 1311).

Em 1319 passou a ser commenda de Christo, e assim estava quando foi dada ao referido D. Vasco Marinho, que a deu a seu genro Lancerote Falcão (fidalgo da casa do rei D. Manuel) em 17 de julho de 1521. Este Lancerote era gallego, natural de Pontevedra.

A reitoria da villa era do real padroado.

—

Na egreja matriz está a capella que instituiu o arcediago, Alvaro Soares de Castro, a qual é hoje dos srs. Magalhães de Braga. Tinha cinco *coreiros*, com 20$000 réis annuaes, cada um; e missa quotidiana. Ha muitos annos que este legado deixou de ser cumprido.

Na mesma egreja ha outra capella, instituida por Payo Rodrigues de Araujo, que foi dos srs. Almadas (viscondes do Souto d'El Rei), e é hoje, por troca, da casa de *Ródas*.

É n'ella que está a sepultura da famosa *Deu-la-Deu Martins*.

Quando D. Fernando subiu ao throno de Portugal (1367) ardiam em guerra feroz e encarniçada, os reinos de Castella e Leão.

D. Henrique, conde de Transtamara, filho bastardo de D. Affonso XI, pondo se á frente de grande numero de hespanhoes, descontentes ou perseguidos pela crueldade de D. Pedro I, *o Crú*, se revoltou contra seu irmão e rei, em 1364, fazendo se acclamar rei de Castella, com o nome de Henrique II.

Auxiliado pelos reis de Leão e Navarra, que odiavam tambem D. Pedro I, pela sua turbulencia, vicios e ferocidade, e que a todo o custo se queriam ver livres de tão mau visinho, sustentou uma porfiosa lucta, com differentes alternativas, durante cinco annos, que foram para toda a Hespanha um periodo de guerras, supplicios, traições, incendios, roubos, devastações e toda a sorte de calamidades.

Terminou esta sanguinolenta guerra, por um traiçoeiro fratricidio, morrendo D. Pedro apunhalado por seu irmão, em Montiel, no mez de março de 1368.

(Vide a col. 2.ª de pag. 269, do 3.º vol.)

Apezar da crueldade e escandalos de D. Pedro I, foi geral a indignação contra tão monstruoso crime; e não só os parciaes do rei, mas atê muitos dos seus inimigos, se revoltaram contra D. Henrique. Grande numero de fidalgos castelhanos (alguns dos mais poderosos do reino) vieram a Portugal offerecer a corôa de Castella a D. Fernando; pondo á disposição do monarcha portuguez, as suas pessoas, bens, influencia, castellos e vassallos.

D. Fernando era novo, rei e ambicioso: acceitou a offerta. Muito mais, porque facilmente o fizeram acreditar que era o legitimo rei de Castella, por ser neto da rainha D. Beatriz de Castella, mulher do rei D. Affonso IV de Portugal, e portanto, bisneto de D. Sancho IV, de Castella. Tratou pois de angariar a boa vontade dos soberanos que o podiam ajudar, ou que mais podessem obstar á sua pretenção.

Enviou logo embaixadores (quatro) ao papa, ao rei de Inglaterra, ao de Aragão, e até ao rei mouro de Granada. A este offerecia a paz por 50 annos. Ao rei de Aragão, em penhor d'esta alliança, pediu a mão de sua filha, D. Leonor, que lhe foi concedida, chegando a celebrar-se os esponsaes, por procuração, na egreja de S. Martinho, de Lisboa, no mesmo anno de 1368.[1]

Os reis acceitaram estas propostas, e D. Fernando marchou para a Galliza, acompanhado de todos os fidalgos castelhanos, que se tinham posto ao seu serviço, e com um troço de portuguezes.

[1] Nem este casamento, nem o que depois se contratou, com D. Leonor, filha do rei de Castella, tiveram effeito, em razão do desgraçado e adulterino casamento de D. Fernando, com a tristemente célebre D. Leonor (todas tres Leonores!) Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro; casamento que tantas desordens e desgraças causou a Portugal, que esteve então em imminente perigo de perder a sua autonomia.

Os gallegos receberam o rei com as maiores demonstrações de alegria, e como a um libertador.

Em poucos dias, quasi todas as cidades e castellos lhe abriram as suas portas, ou voluntaria ou violentamente.

D. Fernando alli fez cunhar moeda, fez doações, deu empregos e titulos, como rei de Castella.

Mas os exercitos de D. Henrique II, em breve atravessaram as fronteiras, pondo uma temivel barreira á marcha triumphante de D. Fernando.

D. Pedro Henriques Sarmento, adiantado do reino de Galliza, e do partido de D. Henrique, pôz cêrco a Monsão, com um poderoso exercito, ficando a praça em grande risco; porque a sua guarnição era diminutissima. Mesmo assim, nos repetidos assaltos que os gallegos deram á fortaleza, foram sempre heroicamente repellidos, com grandes perdas; mas estas gloriosas victorias, custavam tambem muitas vidas de portuguezes, que o ferro do inimigo nos disimava.

Os combates, quasi diarios, e a falta de mantimentos, tinham extenuado as forças dos sitiados, a quem a esperança de soccorro tinha abandonado.

Era capitão-mór de Monsão, Vasco Gomes d'Abreu (que estava ausente) sendo sua mulher, *Deu-l'a-deu* (Deus a deu) *Martins*, tão nobre por nascimento, como esclarecida pela sua varonil coragem, e decidido amor da patria.

Em todos os combates, se apresentava nos sitios de maior perigo, arremeçando sobre o inimigo penedos e materias inflammadas, e encorajando os combatentes. Quando os gallegos conseguiram abrir brecha, logo ella se apresentou alli, de espada em punho, acutilando o inimigo, como o soldado mais destemido.

Esta valorosa portugueza, não só dava exemplos de heroica bravura, ainda aos mais valentes; mas tratava carinhosamente dos feridos, e deu generosamente tudo quanto tinha nos seus vastos celleiros, para sustento da guarnição.

Mas o cêrco durava, e no dia 4 de outubro apenas restava no celleiro uma peque-

na porção de pão. Então *Deu-lá-deu*, mandou com ella fazer pães, e do alto de uma das cortinas da praça, os arremeçou aos gallegos, (a quem tambem hiam faltando os mantimentos) dizendo-lhes: — «A vós, que nos não podeis tomar pelas armas, e nos quereis fazer render pela fóme, dizemos — sômos mais humanos do que vós, e, como nos achamos bem providos, vendo que não estaes fartos, vos enviamos este soccorro, e vos daremos mais, se o pedirdes.»

Os gallegos, julgando a praça bem provida, tendo perdido muita gente, e principiando a soffrer falta de mantimentos, levantaram o cêrco, e se foram para a Galliza.[1]

Este facto causou geral regosijo no povo da praça, e a heroina foi geralmente applaudida e victoriada como libertadora, e em sua honra, e para memoria do feito, d'elle tomou a villa as suas armas, e a camara mandou pintar na sua bandeira, o retrato de *Deu-lá-deu*.

Por muitos annos depois da sua morte, em testemunho de respeito por esta heroina, se hiam abrir todos os annos as pautas (listas) dos vereadores da camara de Monsão, junto da sua sepultura.

Os descendentes de *Deu-lá-deu* (os Palhares) trazem por armas—um escudo de púrpura, uma mão, empunhando uma espada de prata, com guarnições d'ouro, com a ponta para cima, e seis pães de ouro, em duas palas, e por orla, o cordão de S. Francisco, padroeiro da villa — élmo d'aço, aberto, e por timbre, o braço e a espada das armas. Estas armas são tambem alusivas aos factos que deram a *Deu-lá-deu* uma gloria immortal.

O appellido *Palhares*, é nobre em Portugal, e foi tomado da aldeia do mesmo nome, na provincia do Minho.—O primeiro que se acha na historia com este appellido, é Pedro Annes de Palhares, que viveu nos reinados de D. Affonso II e D. Sancho II.

(Note-se que o escudo dos Palhares, já era o mesmo antes d'esta guerra. Só com a differença que, em vez dos pães, eram 6 bezantes d'ouro, e não tinham a orla formada pelo cordão.)

Esta guerra não offerecia vantagem alguma ás armas portuguezas, e só lhe causava toda a casta de prejuizos, assim como aos castelhanos.

D. Fernando e D. Henrique, fizeram as pazes, cujo tratado foi assignado em Evora, a 31 de março de 1369.

—

Em 1643, estavam os portuguezes de posse da villa fortificada, de Salvaterra (em frente de Monsão, na margem direita do Minho —Galliza.)

Era seu governador, pelo rei de Portugal, o conde de Castello-Melhor, e d'alli ameaçava todo o districto de Tuy, chave da Galliza.

Teve noticia que os castelhanos estavam emboscados nas proximidades da villa, espiando a occasião favoravel de a atacarem. Mandou o capitão Pedro de Bettencourt, em descoberta com um pequeno destacamento, que foi inopinadamente envolvido por grande cópia de inimigos, valendo aos portuguezes, não só a sua coragem, mas tambem a aspereza do sitio, para não serem completamente derrotados.

O conde de Castello-Melhor, mandou em seu soccorro a guarnição de Salvaterra; porém, era ainda assim tão grande a desproporção, que os nossos estavam em grande risco.

No maior furor da batalha, acudiu-lhe a mulher do governador, D. Marianna de Alencastre, condessa de Castello-Melhor, que das muralhas de Monsão, tinha visto a peleja. Com a coragem e o sangue frio de um consummado guerreiro, baixou ao rio, acompanhando duas peças de artilheria que para alli fizera diligentemente conduzir, e as quaes chegaram tanto a tempo, que causaram grande destroço nos gallegos, que fugiram espavoridos.

[1] Alguns escriptores dizem que este facto teve logar no dia de S. Francisco de Borja, duque de Gandia (10 de outubro).—Quanto a mim, estes fundam-se em terem as armas dos *Palhares*, o cordão de S. Francisco em volta do escudo.—Tambem os mesmos sustentam, que a offerta dos pães, e a retirada dos gallegos, foi tudo no dia 10.

Outro apertado cêrco, soffreu esta praça, e onde eguaes feitos de dedicação foram praticados por homens e mulheres de Monsão.

Corria o anno de 1658 (outros dizem 1659) quando entrou pela provincia de Entre Douro e Minho, um poderoso exercito de castelhanos e gallegos, de que era general o marquez de Vianna; mestre de campo general, D. Balthazar de Roxas y Pantoja; general de cavallaria, D. Luiz de Menezes (ao qual D. Philippe IV, pouco antes, fizera marquez de Penalva); general da artilheria, D. Francisco de Castro; tenente-general da cavallaria, D. Francisco de la Cueva; e occupavam os outros postos, chefes de grande fama, pelo seu valor, e entre elles não poucos renegados portuguezes.

A provincia achava-se então muito falta de soldados, e de munições de guerra.

Foi no dia 7 de outubro, que o exercito inimigo pôz o cêrco á praça, da qual era governador, Lourenço de Amorim Pereira, *tenente de mestre de campo general*, dextro e destemido guerreiro; tendo a praça, de guarnição, 600 infantes; mas que, com os soccorros que em breve chegaram, subiu a 2:000.

Os mantimentos e as munições de guerra eram em pequena quantidade, e portanto insufficientes para um longo assedio, o que os castelhanos bem sabiam, pelos espiões traidores, e julgavam que a praça se lhes renderia ao primeiro assalto; mas enganaram-se, porque os portuguezes resistiram com valor indomavel, e o inimigo pagou cara a sua ousadia.

Vendo que pela sorte das armas nada podiam conseguir, decidiram fazer capitular a praça pela fome, fazendo todos os preparativos para um longo sitio.

Dividiram a circumvalação em tres quarteis, bem fortificados, com linhas e 11 fortes, em redor da praça, cerrando o cordão, segundo as regras da arte da guerra.

Construiram minas, com que os muros, em alguns sitios, abriram brechas por onde atacaram, sendo furiosamente repellidos.

Fizeram estas operações, por espaço de quatro mezes, em que os portuguezes obraram acções do maior valor e ousadia, já fazendo furiosas sortidas, já praticando contra-minas, já defendendo e obstruindo as brechas.

As mulheres de Monsão, deram as mais evidentes provas de varonil esforço.

Helena Peres, viuva de João Felgueiras, á frente de 30 mulheres decididas, armadas de chuços, espadas, dardos e partasanas, se apresentavam nos logares onde a peleja era mais encarniçada, e espetavam castelhanos com a maior bravura: animavam com palavras e exemplos, os soldados, retiravam os feridos e mortos, sem que a chuva de balas e metralha do inimigo fosse capaz de lhe extinguir os brios.

Algumas d'ellas, carregavam á cabeça enormes pedregulhos, que precipitavam do alto das muralhas, fazendo nos gallegos terrivel destroço.

Entre estas amazonas portuguezas, se distinguia, pela sua bravura, uma alcunhada a *Turca*. Uma bala de artilheria lhe despedaçou o ventre; mas ella, com as tripas na mão, pediu que a levassem á egreja, e que lhe mandassem dizer missas, com o dinheiro que levava na algibeira; e até ao seu ultimo momento conservou uma estoica serenidade, e um perfeito juizo.

Nem só a guerra disimou os portuguezes; tambem as doenças que se desenvolveram nos seus quarteis, lhes matou e inutilisou bastantes soldados; mas nem assim a sua bravura diminuia.

Em um dos assaltos, entraram os castelhanos em umas casas, em que estavam alojados muitos doentes, que todos se lavantaram, e pegando nas armas que poderam haver ás mãos, morreram, matando castelhanos, dando ás suas vidas um remate glorioso.

Tanto diminuiram os mantimentos da praça, que os sitiados, depois de comerem os cavallos, se sustentavam dos mais ascorosos alimentos.

As munições de guerra faltavam; as muralhas estavam reduzidas a um montão de ruinas, em muitas partes; e a morte tinha já ceifado grande numero de vidas dos bravissimos defensores—tudo faltava, menos a coragem, o patriotismo e a constancia d'es-

tes heroes. Mas, finalmente, a resistencia era impossivel, e os soccorros não chegavam, pelo que, reduzidos á ultima miseria, tiveram de capitular com todas as honras da guerra, entregando ao inimigo, não uma praça de armas, mas uns poucos de montes de entulho e algumas paredes desmanteladas.

Os proprios castelhanos pasmavam de tamanha heroicidade, e da bravura com que os portuguezes poderam defender aquillo; mas, ainda mais pasmaram quando viram sahir d'entre aquellas ruinas, 236 homens, extenuados e cadavericos; restos venerandos dos 2:000 defensores de Monsão.

A Pantoja parecia quasi impossivel que tão pouca gente, e em tal estado, se podesse defender e batalhar com tamanha obstinação, e chamando os officiaes do seu exercito, lhes disse:

«Aprendam d'estes bravos, como se defende uma praça que el-rei lhes confiar. São estes os leões, que com tamanho valor se hão defendido! Se o grão Leão de Hespanha tivesse muitos d'estes leões, seria senhor de todo o mundo.»

Pontoja era tão valoroso militar, como nobre e leal cavalleiro, e por isso agradava-lhe a coragem e dedicação, em qualquer parte que a achasse, e a respeitava.

—

O dia 16 de outubro de 1874, foi de regosijo para a villa e praça de Monsão.

Assistia-se á festa do progresso, em cuja senda caminha, ainda que lentamente, esta povoação. Os seus esforços foram coroados de feliz exito, como era de esperar, attendendo aos titulos que legitimavam as suas pretenções. Foi n'este dia a inauguração do telegrapho electrico da villa, e o Alto-Minho conseguiu mais este melhoramento, de que tanto carecia.

—

É celebre a procissão de *Corpus Christi*, d'esta villa, a qual attrahe grande concurso de gente, sobretudo, da Galliza.

Eis a ordem da procissão:

Na frente vae a *musica* (uma gaita de folles, um tambor e um bombo.)

Segue-se a imagem de S. Christovão, de estatura colossal, levada por seis barqueiros do rio Minho.

Atraz d'elle, o *boi bento*, com as pontas douradas e coberto com um manto agaloado de ouro.

Em seguida vae o *carro das hervas* (que é dado pelos marchantes.) Este carro vae enfeitado, com buxo e flores, e dentro d'elle vão alguns meninos, vestidos de branco, cheios de fitas e cantando psalmos.

Vae depois a Ordem Terceira, o clero e o palio.

Atraz do palio vem S. Jorge, isto é, vem um homem (é um ferrador) que depois de se confessar e commungar, e receber da camara meia libra, vem para a procissão, de capacête, saia de malha, grêvas de aço, lança e espada, e montado em um fogoso cavallo. Acompanha a procissão até á rua do Castello, e d'ahi volta para traz, a toda a brida, derrubando os que encontra em sua vertiginosa carreira, até entrar no Campo da Feira, em busca da *Santa Cóca*, para combater com ella.

A tal *Cóca*, é um monstro, mais ou menos assimilhando um dragão, feito de lona, sobre uma armação de arcos de pipa, e com rodas na sua parte inferior, para andar para traz e para diante. É alado; tem pontas e uma grande cauda.

A boca é de mólas, e, para abrir e fechar, lhe pucham por uma corda, os homens que fazem mover o *bixo*.

A lucta de *S. Jorge* com a *Santa Cóca*, é o que mais attrahe e embasbaca o povo.

Depois de muitos ataques, consegue finalmente o *santo*, traspassar o costado do *monstro*; hindo depois celebrar este feito glorioso, para uma taberna, onde gasta os 2$250 réis que a camara lhe déra.

O fim da festa, é passado na villa gallega de Salvaterra; para onde se dirige a maior parte dos habitantes de Monsão, de companhia com os gallegos, e alli acabam de passar o dia, comendo, bebendo e folgando.

—

Nas immediações d'esta villa ha muitas casas antigas e nobilissimas, que vão nos logares competentes. De Monsão, citarei as que me lembram:

Caldas — tem por armas — em campo de prata, cinco ciprestes de verde, em aspa. Timbre um dos cyprestes das armas.

Carvalhos — tem por armas — em campo azul, uma estrella de ouro, entre uma quaderna de crescentes de prata. Timbre, um cysne de prata, com uma estrella de ouro no peito, armado de ouro.

Castros—os que procedem de D. Alvaro Pires de Castro, Senior—armas—em campo de prata, treze aroellas de azul, em tres palas, contendo a do meio cinco, e cada uma dos lados, quatro. Timbre um leão de ouro.

Os que procedem de D. Alvaro Pires de Castro, Junior—trazem—em campo de prata, seis aroellas azues. Timbre, meio leão de ouro. Outros Castros usam das mesmas armas; mas o timbre é um carangueijo de prata, realçado de azul, com os *dentes* grandes, segurando uma truta.

Os *Castros das 13* (os primeiros) são descendentes d'aquelle D. Alvaro Pires de Castro, que era legitimo. Os *Castros das 6* (os segundos) descendem de D. Ignez de Castro ou de seus irmãos, que eram ilegitimos; e por isso lhe tiraram 7 aroellas, e deram por timbre, só meio leão. Dos primeiros são cabeças os condes de Rézende—dos 2.os os marquezes de Cascaes. (Este marquezado, acha-se ha muito unido ao de Niza, actualmente vago. — Vide *Cascaes*, col. 2.ª da pag. 147 do 2.º vol.)

Cunhas—armas—em campo de ouro, nove cunhas azues, em tres palas. Timbre um gripho alado de ouro, cunhado de azul. (Vide Paredes de Coura.

Sottos Maiores—Vide *Melhundres*.

Magalhães.—armas—escudo enxequetado de prata e púrpura, em 3 bandas, sobre campo de prata. Timbre, um abutre de prata, armado de púrpura.

Menezes.—os de Tarouca trazem o escudo repartido em seis; no 1.º um estoque, em campo de oiro; no 2.º 4 barras de purpura em campo de oiro—no 3.º, dois lobos em campo de oiro—na ordem de baixo, as barras e os lobos, e no meio, o escudo dos Menezes, que é, em campo de oiro, um annel do mesmo, com um rubi. Timbre, uma donzella, vestida de oiro, com um escudo na mão. (Quem desejar saber isto mais circumstanciadamente, veja a pag. 95 do 2.º vol.)

Os marquezes do Louriçal e de Marialva, e os condes da Ericeira eram d'esta familia; mas traziam por armas—escudo esquartelado, no 1.º as armas de Portugal—no 2.º, 3 flores de liz de oiro, em campo azul, e assim os contrarios. No centro o escudo dos Menezes (o annel que fica descripto).

Moscosos.—Vide *Brejoeira*.

Palhares.—Já ficam descriptas n'este artigo.

—

Thermas

Perto das muralhas de Monção, na margem esquerda do Minho, em uma veiga fertilissima e muito aprasivel, nascem, mui proximo do rio, em uma area de 5 metros, trez *olhos* abundantes de agua thermal, formando outros tantos banhos, que, debaixo do mesmo tecto, se acham divididos, por delgadas paredes de cantaria. A differença do calor, em cada um dos banhos, lhes deu os nomes de *Brando* ou *Temperado*—*Contra-forte* e *Forte*.

Ha mais duas nascentes, que rebentam mesmo no alveo do rio, e que só estão fóra d'elle nas estiagens. Uma d'estas apenas trasborda do seu reservatorio—a outra é a mais copiosa de todas as nascentes, correndo abundantemente para fóra do seu tanque.

O calor do *banho brando*, ou *temperado*, é de 92° a 96° F., ou 26 1|2° a 28 1|2° R. Soffre-se sem incommodo, e mesmo com satisfação, por uma ou mais horas, na sua natural temperatura.

O *contraforte*, de 98° a 102° F., ou 29 3|4° a 31 1|4° R., no qual, segundo a sensibilidade e robustez do enfermo, não se soffre 30 minutos, sem afflicção.

O *forte* excede os 110° F., ou 34 3|4 R. Em poucos minutos produz os effeitos que se notam no banho quente. É o mais efficaz

em virtudes therapeuticas, e o mais usado para banhos; mas tomado em tinas, deixando-se esfriar segundo o vigor do que tem de ser submettido ao banho, ou da molestia que se pretende curar.

Nas suas origens sahem constantemente bolhas de gaz, que estalam na superficie da agua que é crystalina, diaphana, com sabor alguma coisa picante, cheiro levissimamente hepatico, que tambem se observa no sedimento ou deposito viscoso e verdoengo, que deixa na sua passagem, e alli se conserva.

A mineralisação é egual em todas as nascentes, que só differem nos graus de calor.

As virtudes medicinaes d'estas aguas são conhecidas desde tempos remotos.

Parece que estas virtudes são devidas ao gaz carbonico e aos saes de differentes bases, terreas ou metalicas, particularmente ferreas. É de presumir que o gaz hydrogenio, levemente sulphurado, juntamente com o carbonico, constituam estas aguas na classe das gazosas, e uma variedade das do Gerez.

O que fica dito sobre estas aguas, foi quasi textualmente extrahido das *Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza das aguas mineraes*, escripto pelo dr. Francisco Tavares, medico da rainha D. Maria I, e publicadas em 1810.

Estas aguas, applicadas em bebida, restabelecem as forças do estomago, e dos intestinos. Tomadas exteriormente (em banhos) produzem evacuações saudaveis, pelos orgãos que a natureza acha para isso mais apropriados.

São recommendadas nas *chlores, fluxo-alvo, affecções do peito, nervosas e histericas, concreções lymphaticas e biliosas, padecimentos dos rins e bexiga, rheumatismo, gota, etc.*

Consta que estas aguas foram, ha muitos descobertas por um frade, cujo nome não chegou aos nossos dias.

A difficuldade do transito e o pessimo estado do edificio, privam muitos doentes do beneficio d'estas aguas. Mesmo assim, concorrem, uns annos por outros, a fazer uso d'ellas, duas mil pessoas, em grande parte gallegos.

O edificio mais elevado sobre o nivel do rio (chamado a *Therma*) foi construido em em 1801, pelo famoso general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º *conde de Amarante*, e pae do não menos famoso general Silveira, 2.º conde de Amarante, e primeiro *marquez de Chaves*.

O fundador deixou ao municipio, um legado com esta applicação.

No mesmo anno de 1801, Ricardo Allen, consul inglez, em Vianna do Minho, edificou tambem uma casa de banho, proxima de outra nascente. (Ainda a este se chama hoje, *Banho do Inglez*.) Este banho foi entulhado, em 1843, pela vasa do rio.

A nascente denominada *banho fresco*, foi descoberta em 1807, perto e a O. da *Therma*.

Ha tambem um tanque, sobre uma grande nascente, que se principiou a utilisar em 1819. Esta alimenta os *banhos temperados*, para os quaes ha barracas de madeira, ambulantes; que se retiram no tempo das enchentes do Minho.

A *Therma* tem um edificio pequeno, pouco aceiado, escuro e mal reparado do ar. Tem oito banheiras, cada duas divididas por um tapamento.

Os banhos temperados, teem tambem oito banheiras, aos pares, como as antecedentes.

O *banho do Inglez*, tem só uma banheira.

A agua produzida em 24 horas, é a seguinte:

Therma	litros ...	44:000
Banho do Inglez...	» ...	17:500
Temperados	» ...	123:500
Tanque arruinado.	» ...	123:500
Nascente fresca ...	» ...	10:500
	Total...	319:000

—

Foram estas aguas apresentadas na exposição universal de Paris, de 1867, e competentemente analysadas: eis o relatorio official dado a seu respeito. (Traducção.)

«São tres nascentes abundantissimas, que rebentam em sitio pittoresco e agradavel, ao

pé da fortaleza de Monsão, e a uma pequena distancia do rio Minho. São conduzidas a tres differentes banhos, que se distinguem por as seguintes denominações—*brando* (fraco) *contra-forte* (médio) e *forte;* em relação das suas ascendentes temperaturas. O fraco marca 31° 75 C.; o médio, 39° C.; e o forte, 43° C.

A amostra da nossa collecção, provém do banho forte. A agua é limpida, agradavel ao beber e completamente inodora.

Contém por kilogramma, 0 gr. 4,615 de principios fixos, que são—sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, silica, e uma diminuta quantidade de ferro e d'alumina.»

MONSARAZ — villa, Alemtejo, concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 6 kilometros ao N. O. de Mourão, 30 ao S. de Villa Viçosa, 45 a E. de Evora, 150 ao S.E. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 (duas freguezias) tinha 170 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Alagôa) e S. Thiago apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Até ao principio do seculo XIX tinha duas freguezias—(O sr. I. de Vilhena Barbosa, diz que teve tres; mas julgo que é engano. Agora tem uma só freguezia.)

Nossa Senhora da Alagôa, tinha em 1757, 103 fogos. O prior era apresentado pela casa de Bragança, e tinha de rendimento annual 330$000 réis.

S. Thiago, apostolo, tinha em 1757, 67 fogos. O prior era da mesma apresentação, e tinha de rendimento annual 300$000 réis.

Está esta villa situada em logar altissimo e penhascoso, cercada de muralhas, com um forte castello, feito por D. Diniz (quando povoou a villa) em 1310. Está tudo bastante arruinado. O que está mais bem conservado é o castello, com suas torres e muralhas; mas os edificios que existem no seu recinto, estão totalmente desmantelados.

A egreja matriz, de Nossa Senhora da Alagôa, foi fundada pelo grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1395; mas tem soffrido diversas reconstrucções. É um espaçoso templo de tres naves, com tres portas na frontaria.

Tem Misericordia (em frente da matriz). Vêem-se aqui dois paineis, pintados em madeira, da escola do *grão Vasco.*

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 33, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 16.°

O brazão d'armas d'esta villa, é simplesmente um escudo de prata, em branco. A sua alcaidaria mór, andava na familia dos Britos Pereiras, de quem adiante trato.

—

A falda E. do monte sobre que a villa está edificada, desce até ao Guadiana.

Durante as continuas guerras com os castelhanos, era a praça de Monsaraz um seguro abrigo dos povos d'estes contornos, em razão da sua posição, quasi inaccessivel, e a esta circumstancia deveu a villa o desenvolvimento da sua população e edificios; mas, tornando-se muito mais raras as guerras com os nossos incommodos e turbulentos visinhos de alem do Caia, e sendo Monsaraz um sitio agreste e de pessimo accesso, muitos dos seus habitantes foram pouco e pouco abandonando a villa.

Doze kilometros a E. de Monsaraz, no meio de vastas e ferteis campinas, existia uma antiga capella, dedicada a Santo Antonio; e pelos annos de 1680 se principiaram a edificar em volta d'ella, algumas pequenas casas; pelos annos de 1710, já formava uma aldeia, denominada *Reguengo* (por serem terras da corôa) e fez-se-lhe por esse tempo uma egreja parochial, dedicada a Nossa Senhora da Caridade.

A fertilidade do terreno, a formosa situação do logar, e a industria dos seus moradores, em varios tecidos de lan ordinarios, e na fabricação de chapéus grossos, deram tal impulso á povoação d'esta aldeia, que em 1838, foi para aqui transferida a séde do concelho, que até então era Monsaraz.

Por carta regia de 29 de fevereiro de 1840, foi a aldeia de Reguengo elevada á cathegoria de villa, sob o nome de *Villa Nova de Reguengos.*

Vê-se pois que o desenvolvimento e prosperidade d'esta nova povoação, foi á custa da decadencia de Monsaraz, o que deu causa a rivalidades, e mesmo odios, entre as duas villas.

Monsaraz, teve até 1834, juiz de fóra, um capitão e uma companhia de ordenanças, e um batalhão de voluntarios realistas, creado em 1828. Têem para si os d'esta villa, que a pêrda da sua autonomia, foi em castigo da sua dedicação ao partido do sr. D. Miguel.

—

Na egreja matriz (entre a porta do centro e a da esquerda, de quem entra), está um grande tumulo de marmore, descançando sobre tres leões.

Sobre a tampa está estendida a estatua de um cavalleiro, tendo um alão deitado a seus pés. Na face do mausoleu, que olha para a capella-mór, estão esculpidas em relevo, 14 figuras de santos—e na face que corresponde aos pés da estatua, se vê a imagem de um cavalleiro, com um falcão em punho, em quanto outro falcão vôa direito a uma arvore, em que estão pousadas duas aves, para as quaes tambem correm dois cães.

Na borda da tampa, tem uma inscripção gothica, já bastante destruida pelo tempo, da qual apenas se póde lêr—AQUI JAZ TOMAZ MARTINS, VASSALLO D'EL-REY, FILHO DE MARTIM SILVESTRE, O QUAL TOMAZ MARTINS.....

.....

No chão, junto a este tumulo, está a sepultura de Martim Silvestre (pae de Thomaz Martins), fallecido em 1371.

Tem uma inscripção que diz:

AQUI JAZ MARTIM SILVESTRE, HOMEM BOON, E FEZ MUITO BEN EM ESTA HOBRA, E PASSOU VJ DIAS D'ABRIL, ERA MCCCLXXXJ. TOMAZ MARTINS, SEU FILHO, MANDOU FAZER ESTA CAPELLA.

Estes dois jasigos, pertenceram a uma capella particular, que se desfez quando se reedificou modernamente a egreja matriz.

—

Das ameias da *torre de menagem*, se avistam, em dilatadissimo horisonte, as cidades d'Evora e Elvas; as villas de Evora-Monte, Extremoz, Mourão, Alconchel, Villa Nova d'el Fresno (Hespanha), Olivença, e outras muitas povoações menores. Vê-se tambem a Serra d'Ossa, e outras montanhas.

—

Extra-muros da villa, ha varias casas de habitação, formando o seu arrabalde.

Tem muitas casas desertas.

Na villa não ha fontes; os moradores, servem-se d'agua da cisterna, ou da da *fonte do Outeiro*, que está nas faldas do monte.

A cisterna, é uma casa de abobada, com porta para a rua, da qual desce uma escada de pedra, até ao fundo do reservatorio.

É tradição que esta casa foi mesquita de mouros.

Ha aqui uma boa feira a 15 de agosto.

A 3 kilometros ao N. da villa, está o mosteiro de Nossa Senhora da Orada, que foi de religiosos agostinhos descalços.

Julga-se ter sido fundado quando o foi a egreja matriz (pelos annos de 1395.)

Em tempo de sêcca, ou por outra qualquer calamidade publica, costumavam os moradores da villa, virem buscar a Senhora da Orada e a levavam em procissão á egreja matriz.

A imagem é de pedra e muito pesada. Quando se fundou aqui o mosteiro, continuou a mesma pratica religiosa, em todas as occasiões em que era necessario o patrocinio da Santissima Virgem; que era então levada por oito religiosos, os quaes lhe custava muito a conduzil-a pelo seu peso desmedido, e em uma d'estas procissões, cahiu e partiram-se-lhe as mãos. Os frades, lhe mandaram logo fazer outras de madeira, e para diminuirem o peso da imagem, a mandaram escavar por dentro, ficando ôca—e, como ficasse nas costas o buraco por onde se escavou, desde então se vestiu, como as imagens de roca.

Este mosteiro, foi fundado junto e unido á antiga capella de Nossa Senhora da Orada, da qual o convento tomou a invocação, pelos religiosos agostinhos descalsos, e com licença do cabido d'Evora, em *séde vacante*, no anno de 1670.

Como a capella se fosse arruinando com o tempo, e fosse de pequeno ambito e de má

structura, resolveram os frades, edificar um templo mais vasto e digno da magestade da rainha dos Anjos; e, em 20 de novembro de 1700 (vespera da festa da Apresentação da Virgem), se lançou a primeira pedra da nova egreja.

Fica esta egreja distante 16m,30 da antiga capella, que tambem por esse tempo foi reparada.

Era então prior do convento, fr. João do Calvario, natural de Extremoz.

—

O Guadiana passa a 3 kilometros da villa, em leito profundo.

Na raiz da montanha sobre que a villa está edificada, ha uma ermida, cuja capella-mór, octogona, e de grossa muralha, consta ter sido templo romano.

O territorio de Monsaraz, é fertil em cereaes, algum azeite, muitos montados, em que se cria grande quantidade de porcos.

Ha tambem bastante mel e céra, cria gado de toda a qualidade, tem muita caça, grossa e miuda, e bom peixe do rio.

No terreno da villa, ha uma casta de trigo, que produz até 14 espigas, em cada pé.

Foi esta villa tomada aos mouros, em 1167, por D. Affonso I, que a deu aos templarios. Supprimida esta ordem em 1311, formou desde 1319, até 1834, uma commenda da ordem de Christo.

A 8 kilometros da villa, é a serra de *Ramo-Alto*, onde nasce o rio *Azevel*. (Vide Reguengos.)

—

Já disse que a alcaidaria mór de Monsaraz, andava na familia dos Britos Pereiras. O primeiro que teve este emprego, foi Fernão Rodrigues de Brito, que procedia de João Rodrigues Pereira, da casa da Taipa, creado e parente de D. Alvaro Gonçalves Pereira, grão-prior do Crato.

A este, seguiu se Francisco Rodrigues Pereira—Fernão Rodrigues Pereira, que foi veador de D. Isabel, filha do infante D. Duarte, a qual casou com o duque de Bragança.

Quando D. João II mandou degolar o duque de Bragança, D. Fernando II, na praça d'Evora, em 1483, Fernão Rodrigues Pereira, temendo egual sorte, fugiu para Castella. Quando regresou a Portugal, trazia cartas dos filhos de D. Fernando II (o degolado), para a duqueza sua mãe; e receando que lhe fossem encontradas, as enguliu.

Foi preso por ordem do rei, e se conservou encarcerado até á acclamação do rei D. Manuel, que o fez camareiro do duque de Bragança, D. Jayme.

A Fernão Rodrigues Pereira se seguiu Christovão de Brito Pereira—Fernão Rodrigues de Brito Pereira—Christovão de Brito Pereira—Fernão Pereira—Christovão de Brito—Fernão Rodrigues—Salvador de Brito, que morreu na batalha do Ameixial, em 8 de junho de 1663.—Seguiram-se Fernão Pereira, Christovão de Brito e João de Brito. A este seguiu-se Salvador de Brito, que foi o ultimo alcaide-mór de Monsaraz, d'esta familia.

—

Durante a guerra civil de 1832 a 1834, os realistas ainda aqui collocaram algumas peças de artilheria, de grosso calibre, para que esta praça servisse de ponto de defeza, na margem direita do Guadiana.

As peças por lá ficaram, e estão hoje desmontadas, abandonadas e cobertas de ferrugem.

Foi Monsaraz um dos mais ricos concelhos do reino, em rendimentos municipaes, provenientes de grandes baldios, que ainda hoje são importantes.

—

Sobre a porta chamada da *Villa*, está esculpida em uma pedra a seguinte inscripção.

AETERNITATI SACR.
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONE MARIAE.
JOAN. IV PORTUGALL. REX
UNA CUM GENERATIBUS COMITIIS
SE ET REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT.
ETC. ETC. ETC.

(Consagrado á eternidade. João IV, rei de Portugal, juntamente com as côrtes geraes, publicamente se votou e ao seu reino, tributarios, por censo annual, á Immaculatis-

sima Conceição da Virgem Maria, etc., etc., etc.)

Não se póde lêr o resto da inscripção, já pela miudeza das lettras, já por estarem, em parte, gastas pelo tempo.

Todos sabem que D. João IV, em 1646, e as côrtes reunidas em Lisboa, tomaram por padroeira do reino de Portugal, a Nossa Senhora da Conceição, com o censo annual de 50 cruzados de ouro, á sua imagem, de Villa Viçosa; o que gostosamente foi acceito por todo o reino. (Vide col. 2.ª da pag. 398 do 2.º vol.)

Muitas inscripções no mesmo sentido d'esta de Monsaraz, se mandaram lavrar em fortalezas e outros logares publicos do reino, para eterna memoria d'esta deliberação.

—

Em julho de 1385, D. João I de Castella investe o castello de Monsaraz, que, desprevenido, foi tomado por surpreza; mas logo no principio de agosto, e antes da gloriosa batalha de Aljubarrota, o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, o resgata do poder dos castelhanos.

MONSARROS, ou **VILLA NOVA DE MONSARROS**—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 24 kilometros a ONO. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 390 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi couto.

É povoação muito antiga, e já existia no tempo dos arabes, que lhe deram o nome, como adiante se verá.

Em 1016, era senhor d'esta villa *Recemundo Maureliz*, que a deu, com a sua egreja, e com as egrejas de *Villar de Correixe*, *Sangalhos*, *Barrô*, *Morangaus* (Morangal?) *Tamengos*, *Horta*, *Ventosa*, *Cepins*, *Recardães* e *Travasolo* (Travaçô) e outras mais, ao mosteiro da Vaccariça.

Depois da conquista de Coimbra aos mouros (1064) passaram parte d'estas egrejas a ser do padroado dos filhos de Gonçalo Viegas e sua mulher, D. Flamula (ou Chama, que é o mesmo.)

Passados annos foi este padroado (de Monsarros) para o cabido da Sé de Coimbra, que o usofruiu até 1834.

Os descendentes de D. Flamula, ainda vieram allegando direitos a este padroado; mas o cabido obteve uma sentença a favor da jurisdicção dos seus coutos, em 14 de janeiro de 1540. (*Livro das sentenças a favor da carôa*, fl. 4 v, col. 2.ª, e o original, na gav. 10, maço 6, n.º 3.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de dezembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 175 v, col. 2.ª)

—

O nome d'esta villa e freguezia, diz-se que é corrupção da palavra arabe *Musarab*, que significa — *meio-arabe*. Deu-se o nome de *musarabes* aos christãos que viviam entre os mouros e lhes eram sujeitos.

Bluteau deriva este nome, de *Muça*, que significa christão—vindo pois *musárabe* a dizer—*christão arabe*.

Alguns escriptores oppõem-se a esta etymologia, dizendo que os mouros chamavam ao christão *naçarani* e não *muça*. O que é certo é ser *Muça* nome proprio arabe, e que este tinha o chefe africano que derrotou D. Rodrigo, ultimo rei godo, na desastrosa batalha de Guadalete.

Na poesia attribuida ao mesmo infeliz e mal aconselhado rei, se diz:

«Ca *Muça* et Zariph, com basta companha.»

(Vide 1.º vol., col. 1.ª da pag. 238 HH.)

Frei João de Sousa (*Vestigios da lingua arabica*) diz que *musarabe* é corrupção de *nusárab* — que significa *meio-arabe*—isto é, quanto á lingua e costumes, e não á religião.

É isto o que parece mais provavel.

Ainda outros pretendem que a palavra

musárabe venha do latim *mixti-arabe*; mas isto é mais que duvidoso.

Finalmente, dizem outros que o nome d'esta villa é corrupção de *Mons-Sacrus* (monte sagrado) e que se lhe chamou assim, em rasão de haver um templo romano, edificado sobre o monte proximo. Não me consta porém que haja o minimo vestigio de similhante templo, nem mesmo tradição de ter existido.

Sanctuario de Nossa Senhora das Neves

N'esta villa houve em tempos remotos, uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora das Neves, objecto de grande devoção para os povos d'esta freguezia e immediatas.

A imagem é de marfim, e tem apenas 0m,30 d'altura. Consta por tradição que veio de Roma. Está hoje na sachristia do seu novo templo, que se lhe mandou fazer, com capella-mór e muito mais vasto; mandando-se fazer para elle, uma nova imagem da Virgem, de 1m60 d'altura, de madeira e muito perfeita. Está no altar-mór.

Faz-se-lhe a festa a 5 d'agosto.

Conta-se a origem da nova egreja do modo seguinte:

Estando a primitiva imagem na velha ermida, um homem chamado Cosme Dias, d'esta mesma villa, vendo-se em grande pobreza, decidiu-se a hir buscar fortuna por terras alheias, sem saber para onde; mas antes de partir, se foi devotamente encommendar a Nossa Senhora das Neves.

Partiu de Monsarros, sem rumo certo, e foi dar á cidade de Sevilha (então capital da Andaluzia) em tão bôa occasião, que logo a teve de embarcar para as *Indias Occidentaes*, que era como então se denominava a America; e alli, em poucos annos, juntou grossos cabedaes.

Vendo-se rico, voltou á Europa; mas, chegando a Sevilha, alli adoeceu gravemente. Vendo-se em perigo de vida, fez o seu testamento, no qual instituiu muitos legados pios, e, fallecendo, foi enterrado na egreja do convento de frades franciscanos d'aquella cidade, na capella do Sancto Christo. Isto aconteceu pelos annos de 1600, e em 1612, foi um seu irmão buscar as suas cinzas, para serem depositadas no Sanctuario de Nossa Senhora das Neves, como foram. Junto com a ossada do irmão, trouxe tambem quatro imagens — de Santo Antonio, S. Francisco, S. Cosme, e S. Damião, que se collocaram no mesmo sanctuario.

Entre os muitos legados pios que instituiu Cosme Dias, bem assim o foram duas capellas de missas quotidianas, dotando-as generosamente, com renda para os capellães e fabricas — e distribuiu em Sevilha, muitas e avultadas esmolas.

Instituiu outra capella, no convento de S. Francisco da Ponte, de Coimbra (que o rio submergiu) tambem com bôa renda.

Mandou se edificasse em Monsarros, um novo templo a Nossa Senhora das Neves. Alem das despezas na construcção do novo templo, deixou mais, de renda, em juro, que depois veio a pagar a casa dos duques de Cadaval, 200$000 réis, (por herança) da casa de Tentugal.

D'estes 200$000 réis, determinou o testador que se comprassem todos os annos, no tempo da colheita, 40$000 réis de milho, e fosse distribuido pelos pobres da freguezia, no mez de maio — e que, em cada anno se casasse uma orphan da sua geração, á qual se dariam 24$000 réis de dote — e que tambem em cada anno se dessem 20$000 réis, a um estudante pobre, da sua geração, para poder estudar — e a um seu parente, para administrar a capella, 16$000 réis annuaes; e todas as vezes que fosse preciso sahir de sua casa, em serviço da capella, teria 400 réis diarios — e para a festa da Senhora, 20$000 réis annuaes.

Deixou ao vigario geral de Coimbra, por hir visitar a capella e distribuir as esmolas, 4$000 réis. E o que sobrasse dos 200$000 réis, seria para a fabrica da capella.

Alem de tudo isto, instituiu no templo de Nossa Senhora das Neves, uma capella de missas quotidianas, para o que deixou muitas e bôas geiras de terras, no Campo de Coimbra, alguns casaes, fóros e predios, na cidade de Coimbra, tudo comprado com o dinheiro do testador.

Os povos das freguezias de Oliveira do Bairro e do Troviscal fizeram antigamente voto de hirem todos os annos, em procissão, visitar a casa da Senhora das Neves, em agradecimento de um grande beneficio que a mesma Senhora lhes havia feito.

Era este voto tão rigorosamente cumprido, que os parochos d'estas duas freguezias não absolviam os que o não satisfizessem.

Tambem no dia da festa da Senhora, hiam á sua capella em procissão, os povos das freguezias da Mouta, Tamengos, Vaccariça, e Luso.

Faz-se então aqui um grande arraial, onde acodem romeiros de muitas leguas em circumferencia.

MONSERRATE — sumptuoso palacio e formosissima quinta do sr. Francisco Cook, subdito britannico, e hoje visconde de Monserrate.

Para me desempenhar da promessa que fiz aos leitores, no fim da columna 2.ª, de pag. 304, do 2.º vol., dou aqui o mais que então ficou por dizer.

Adiante da quinta da *Penha-Verde* (fundada por D. João de Castro, 4.º vice-rei da India, no seculo XVI) hindo de Cintra para Collares, ao lado direito, em uma agradavel collina, separada das outras ondulações, está a famosa *quinta de Monserrate.*

Provém-lhe este nome, de uma ermida de Nossa Senhora de Monserrate, que em 1540 aqui edificou o padre Gaspar Preto, mandando vir de Roma, a imagem (de alabastro) da Senhora.

Pelo correr dos annos, e pelo abandono, cahiu a capella em ruinas.

No seculo XVIII, um negociante estrangeiro, chamado Gerardo Devisme (socio de Mellish, e ambos negociantes de páu do Brazil, até 1790), fez edificar aqui, uma casa de campo, segundo o risco e desenho de Ignacio d'Oliveira Bernardes. (que tinha nascido em Lisboa, no 1.º de fevereiro de 1695; fôra em Roma, discipulo de Benedicto Lutti, e, depois, de Paulo Mathei. Era architecto civil e pintor.)[1]

A casa era imitando um castello antigo.

A primeira torre, era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar e accessorios.

A segunda torre, era uma bella sala de fórma circular, para musica. Ambas estas torres communicavam com o resto do edificio, que era muito bem distribuido e luxuoso, e cercado de uma gradaria de ferro, de um metro d'altura.

As casas dos creados, cocheiras e estribaria, formavam um outro corpo do edificio, ao lado do caminho.

A abegoaria e a casa do caseiro, eram tambem feitas com luxo e bom gosto.

A quinta compunha-se de um formoso bosque de carvalhos seculares, que vinham terminar a um pomar de laranjeiras e tangerineiras que estava junto á casa.

No sitio onde existiu o pomar, ainda se vê uma cascata, feita de grandes calhaus, imitando a natureza, sobre um vasto reservatorio, cujas aguas aqui se juntam durante o inverno e a primavera, descendo em catarata sobre um leito pedregoso.

Uma bella alamêda, conduzia á casa acastellada.

Pela retirada de Gerardo Devisme, veiu para esta casa residir um inglez, chamado Beckford, que deu aqui brilhantes festins.

Depois que este se retirou, ficou esta vivenda deserta e abandonada.

O sr. Cook (hoje visconde de Monserrate) comprou esta propriedade, em 1863, restaurando-a, no gosto oriental, e fazendo na quinta um jardim botanico, para onde tem man-

[1] Bernardes fôra estudar á Italia, por ordem e a custa de D. João V—Foi o mesmo Bernardes que fez o risco para o palacio que Devisme mandou fazer, em S. Domingos de Bemfica, e que é actualmente da sr.ª infanta D. Isabel Maria.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, diz que Bernardes, só fizera para Devisme, o risco da quinta de Bemfica (residencia ordinaria d'este rico negociante), e que não podia fazer o risco da casa de Monserrate, pela simples rasão de que, quando se fez o arrendamento, em 1790, já Bernardes era fallecido havia 9 annos. (18 de janeiro de 1781.)—Só se Devisme, aproveitasse os desenhos que Bernardes houvesse feito para outra localidade.

dado vir arvores, arbustos, plantas (principalmente fectos) e flores, de diversos climas.

—

É tradição, que esta propriedade já existia no tempo da dominação arabe, e era então muito bem cultivada.

Segundo a lenda, era esta quinta de um fidalgo musarabe, sendo então as casas, no alto da quinta, onde agora está o palacio.

Este musarabe, de nobre sangue gôdo, mal soffria o jugo dos mauritanos, pelo que teve graves discordias com o alcaide mouro, do castello de Cintra.

O alcaide, querendo vingar-se do christão, não como auctoridade, mas como brioso cavalleiro, foi desafiar o seu inimigo a sua propria casa, e travaram rijo duello, no alto do monte.

Eram ambos dextros cavalleiros e bravos pelejadores, mas por fim venceu o mouro, deixando a seus pés morto o christão.

Os christãos d'estes sitios, reputar a mofidalgo, como um martyr, e vinham orar sobre a sua sepultura, que regavam de sentidas lagrimas, e imploravam a piedade da Santissima Virgem, para que os livrasse do jugo serraceno.

Poucos annos depois (1147), D. Affonso I asteava o pendão das Quinas, sobre as torres do soberbo castello mourisco, e o crescente do Islam, era arriado d'esses muros em que fluctuara por 630 annos. Cintra via-se finalmente livre do dominio dos filhos de Agar.

Então, sobre a sepultura do ultimo martyr, edificou o povo uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora, a qual (ermida), com o correr dos tempos, veiu a cahir em ruinas.

Até aqui a lenda.

Em 1540 pertencia a collina onde estava a capella, e mais alguns terrenos adjacentes, ao hospital de Todos os Santos, que existia no Rocio, de Lisboa.

No seculo XVII, aforou o hospital esta propriedade a um fidalgo da familia Mello e Castro; e no principio do seculo XVIII era senhor da quinta de Monserrate, Caetano de Mello e Castro, vice-rei da India, casado com D. Marianna de Faro, filha dos 2.os condes da Ilha do Principe.[1]

Morrendo Caetano de Mello, na India, em 1718, declarou, por testamento, que vinculava a sua quinta da *Bella-Vista*, ou *Monserrate*, na serra de Cintra; o que seu filho, Antonio de Mello e Castro, cumpriu, com as devidas formalidades, e foi o 1.º morgado de Monserrate. Morreu victima do terramoto, em Lisboa, do 1.º de novembro de 1795.

Não tendo filhos, passou o morgado a seu irmão, Francisco de Mello e Castro, que, como seu pae e avô, servira na India.

Durante o dominio d'estes Castros, foi a quinta muito melhorada, e se edificaram no alto d'ella umas casas para residencia de verão, de seus donos.

Francisco de Mello e Castro, casou na India, com D. Joaquina de Mello, viuva de José de Saldanha, e filha do general, Martinho da Silveira de Menezes.[2]

Uma sua filha (ou neta) D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello, casou com D. Lopo José de Almeida Pimentel; e ficando viuva, estando em Gôa, arrendou a quinta de Monserrate a Gerardo Devisme.

Foi feito o arrendamento por nove annos, a principiar em 10 de julho de 1790, dia em que se assignou.

[1] Em 29 de outubro de 1753, D. José I, mudou o titulo de conde da Ilha do Principe, no de Lumiares, em favor de Carlos Carneiro de Sousa, ultimo conde do primeiro titulo.

É hoje representante dos antigos condes da Ilha do Principe, o sr. conde de Lumiares, D. José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa. O 1.º conde da Ilha do Principe, foi Luiz Carneiro de Sousa, por Philippe IV, em 4 de fevereiro de 1640.

[2] Não sei com que fundamento, a familia do Covo (que são Castros, Lemos, Magalhães e Menezes, e á qual pertence a actual sr.ª condessa da Ribeira) se julgam com direito a este morgado de Cintra. O que é certo, é, no cartorio do Covo existir a escriptura da instituição d'este vinculo, e muitos papeis que lhe dizem respeito. Tambem é certissimo descender esta familia, do referido Francisco de Mello e Castro; e ter muitas propriedades em Barcarêna e em Lisboa (a Santa Martha) que pertenciam ao morgado de Cintra.

Devisme, na intenção de renovar o arrendamento, demoliu a ermida e as casas velhas, e deu principio ás novas construcções.

Não se sabe se Devisme concluiu as obras; pois que ainda antes de findar o seculo XVIII, se retirou inopinadamente para a sua patria, por desgostos que soffreu em Portugal; e falleceu em Londres, em 1798.

Em 1794, arrendára Devisme (*sobre-arrendára*) esta quinta a outro opulento inglez, o tal já mencionado Bechford, que fez tornar a propriedade ao seu antigo esplendor.

Este Bechford, era filho de Williams Becheford, que foi lord-maire de Londres, e marido de lady Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, na Escocia. Veio para Cintra curtir saudades da sua formosa esposa, que morréra ao dar á luz o seu segundo filho; e por estar na Inglaterra culpado em um processo crime. [1]

Beckford fez varios e importantes melhoramentos nas casas e quinta, tornando-as um verdadeiro paraiso.

Sua filha, Suzana Euphemia Beckford (a que custára a vida a sua mãe) veio a ser duqueza de Hamilton, na Escocia; duqueza de Brandon, na Inglaterra; e duqueza de Chatellerand, em França.

Beckeford enamorou-se de uma filha bastarda do marquez de Marialva: mas este fidalgo, ou por orgulho, ou porque o inglez era protestante, não consentiu em similhante casamento; o que tanto sensibilisou aquelle, que abandonou para sempre este reino.

Na sua primeira viagem a Portugal, escrevêra Beckford uma serie de cartas curiosissimas, sobre a côrte de D. Maria I.—Na 2.ª e ultima viagem, deu assumpto a Luiz Augusto Rebello da Silva, para o seu bello romance — *Lagrimas e thesouros.*

Na Inglaterra, foi habitar a sua propriedade de *Foutill*, uma das mais bellas e sumptuosas dos tres reinos, e onde morreu de avançada edade, e pelos annos de 1835.

[1] D. Maria I, de Portugal, obteve depois do rei de Inglaterra, o perdão de Bechford.

Abandonada a propriedade de Monserrate por Beckford, foi arrendada a differentes pessoas, que não curaram da sua conservação e chegou ao mais triste estado de ruina; e assim foi vendida ao sr. Cook por o sr. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, então seu proprietario.

Desde então, tem sido esta propriedade o objecto da maior sollicitude de seu dono, que tem feito d'ella uma habitação das *Mil e uma noites.*

A fóra os pomares, a primittiva quinta de Monserrate, é só de regalo; porém o sr. visconde lhe annexou, por compra, a propriedade do *Espirito Santo*, para terras de lavoura, e é hoje uma verdadeira *Granja-modelo.*

Ha pouco tempo, tambem o senhor visconde comprou aos srs. condes de Penamacor, a quinta contigua, de *Penha-Verde*, fundada por o célebre D. João de Castro, 4.º vice-rei da India. (Vide col. 2.ª da pag. 303, e col. 2.ª da pag. 304, do 2.º vol.)

Em maio de 1874, a senhora viscondessa (que, posto ser filha de inglezes, é natural de Lisboa) abriu uma escola de meninas, em *Galamares*, em uma das numerosas propriedades que possue em redor da quinta de Monserrate.

MONSUL—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao ENE. de Braga, 9 a O. de Guimarães, 45 ao NO. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

O nome d'esta freguezia parece derivar-se do arabe *Moçaun*, povo da Africa, que occupava a parte mais occidental da região que comprehende as quatro provincias — *Hea, Sus, Jezula* e *Marrócos;* cujo rei era *Muça.* (*L'Afrique*, de Marmol, tom. 1.º, pag. 69.)

Em 1147, os mouros que se chamavam Muçamudes, entraram em Hespanha. (*Mon. Lus.*, tom. 3.º, pag. 51.)

MONTA — portuguez antigo — quinhão, sorte, porção ou *monte* que cabe a cada um dos coherdeiros. *Das montas susoditas devem os herdeiros, a Gil... XVIIII soldos, X dinheiros e mealha.* (Doc. de Alpendurada, de 1359.)—Hoje diz-se *monte.*

Monte era tambem o lanço que se dava na praça, sobre qualquer objecto que andasse em leilão. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1338—e Doc. de Alpendurada, de 1362.)

MONTACHIQUE—vide *Soccôrro.*

MONTADÉGO — portuguez antigo — vide *Montatico.*

MONTADÍGO—portuguez antigo—o mesmo.

MONTADO — portuguez antigo — direito que se pagava de certas especies de gado.

Em 1261 D. Affonso III dirigiu uma carta ao mestre do Templo, e aos outros commendadores da mesma Ordem, em Portugal, na qual lhes dizia que tivera queixas de que elles recebiam nos termos das villas e terras da Ordem, sem moderação alguma e com damno e perda de seus vassallos, o tributo do *montado.* Ordena-lhes que elles e os mais religiosos do reino escolham a seu arbitrio uma villa das que tinham, e só d'essa recebessem o *montado*, e não das mais.

Este direito era:—*Do rebanho de vaccas uma vacca; do rebanho de ovelhas, 4 carneiros, porém nada de porcos, eguas ou outros gados. E que não tirassem portagem das coisas e dos homens que passassem pelos seus logares, senão em aquelles, nos quaes lhes fosse concedido por doações reaes; sob pena de quem o contrario fizesse, pagar 500 soldos, além das custas e despezas, áquelle que se lhe d'isso queixasse.* (Doc. da Torre do Tombo.)

MONT'ALEGRE ou **MONTE ALEGRE** — villa, Traz-os-Montes, cabeça de comarca e de concelho, 70 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao O. de Chaves, 6 ao S. da raia de Galliza, 430 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

O concelho de Mont'alegre é composto de 6 freguezias, sendo a de *Tourem* (S. Pedro) da jurisdicção do bispo d'Orense (vide *Mixto*) mas apresentado pela corôa de Portugal, e todas as mais do arcebispado de Braga, que são as seguintes:—Cabril, Cambezes, Cervos, Chan, Contim, Covellães, Covêllo do Gerez, Donões, Ferral, Fervidellas, Fiães do Rio, Gralhas, Meixedo, Meixide, Mont'Alegre, Morgade, Mourilhe, Negrões, Outeiro, Padornéllos, Padroso, Paradella, Paredes do Rio, Reigoso, Salto, Sarraquinhos, Sezélhe, Solveira, Venda-Nova, Villa da Ponte, Villar de Perdizes (Santo André), Villar de Perdizes (S. Miguel) Pitões, Pondras, e Viade—todas com 3:800 fogos.

A comarca de Mont'Alegre é composta do seu julgado e do das Boticas, com 2:100 fogos, ambos 5:900.

—

Está esta villá em 41° 52′ de latitude e 10° de longitude oriental da illha do Ferro, e 10°, occidental do meridiano de Paris.

—

O foral mais antigo d'esta villa, mencionado por Franklin, foi-lhe dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 9 de junho de 1273. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 110, col. 1.ª)

D. Diniz lhe deu outro foral, em Lisboa, a 3 de janeiro de 1289. (Gav. 15, maço 15, n.º 23).

Este foral tambem se encontra no Liv. 4.º das Doações de D. Affonso IV, a fl. 47, v.

Foi este foral confirmado por D. Affonso IV, em Lisboa, a 26 de junho de 1340. (Está no mesmo livro 4.º, a fl. 47 v. col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 18 de janeiro de 1515. (*Livro dos Foraes Novos de Tras-os-Montes*, fl. 40 v.)

—

É povoação antiquissima, e com toda a provabilidade muito anterior ao dominio dos romanos na peninsula iberica.

Corrobóra esta opinião o facto seguinte:

Em 1785, fazendo se umas escavações no *Outeiro Lesenho* (ou *Lusenho*) perto da villa, se acharam duas estatuas de guerreiros mui toscamente cinzeladas, e evidentemente antiquissimas. Uma tem 2,m50 de altura, e outra 2m,10. São ambas de granito. Ou são obra dos antigos lusitanos, ou, e mais provavel, dos phenicios. Foram para Lisboa, e estão no jardim do palacio real da Ajuda. (Vide a pag. 43, *in fine*, da col. 2.ª do 1.º volume.)

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memorias do Arcebispado de Braga*, tom. 2.º pag. 500, n.º 813) diz que no castello de Mont'alegre se vêem quatro torres quadradas, e de pedra lavrada, com grande primor e arte. D'estas torres, a principal é altissima e dizem as noticias que vieram de Braga, que se presume ser obra dos romanos. Ha tambem no castello uma notavel cisterna, cuja construcção tambem parece romana.

No sitio chamado *Ciáda*, proximo do logar dos *Casaes*, estão umas construcções subterraneas de tempos remotos. É um quadrilongo formado por uma parede de cantaria, com uma só entrada. Dentro d'este recinto ha outra parede concentrica, com uma porta em frente da exterior, e outra na parte opposta; ficando entre as duas paredes, um corredor. O quadrilongo do centro é todo lageado de pedra de cantaria, e sobre elle estão 18 pyramides (em 3 renques de 6) tendo cada uma chumbado um gancho de ferro.

Sobre estas pyramides fecha uma abobabada de pedra, e nos quatro angulos d'esta, vão crescendo para cima, juntamente com as paredes, quatro chaminés, com vestigios de n'ellas se ter feito lume por muito tempo.

Sobre a abobada esta uma sala toda ladrilhada de grandes tijolos, assentados em argamassa; tudo de robusta construcção, e mostrando ter havido outra abobada sobre a primeira. Muita pedra d'esta abobada foi para a egreja de *Gralhas*, que fica perto.

Está este singular monumento a uns 3 metros debaixo do sólo, em um outeiro cultivado. Foi descoberto em 1704, quando um homem, andando a lavrar, e outro a arrancar pedra, acharam esta gruta artificial.

O juiz de fóra de Mont'alegre, o dr. Roberto Carlos Ribeiro, e muita gente com luzes desceram por essa occasião a esta cavidade, que percorreram e examinaram, não podendo porém correr outras obras que ha contiguas a esta.

É isto com toda a provabilidade obra dos romanos, mas não se póde aventar a applicação que lhe davam.

O padre Argote, diz que proximo a esta construcção existiu a cidade de *Caladuno*.

—

Perto d'este sitio (*Ciada*), fica a aldeia e freguezia de Gralhas—ao E.—Entre uma e outra povoação ha vestigios de muralha antiquissima, que cercava o monte chamado *Campêllos*.

D'aqui passa ao sitio chamado *Bobadélla*, hindo terminar em outro sítio, denominado *Payo-Mantella*, tendo 3 kilometros de circumferencia.

Segundo Thomé de Távora e Abreu, houve aqui muitas casas de abobada.

Na povoação das Gralhas, houve um *padrão*, hoje servindo de haste a uma cruz—era um marco milliar. Tinha 7 palmos e meio d'alto, 2 1/2 de largo, e 1 de grosso. Tinha seus lavores nas extremidades, e no meio, que era liso, tinha em uma das faces uma inscripção latina, da qual, no tempo de Argote, apenas se podia lêr

NOHO EILU QNI.

Não se entende. Esta pedra foi achada a alguma distancia das Gralhas, em um campo ainda hoje chamado do *Padrão*.

A 6 kilometros de Penedones, que foi do termo de Mont'alegre, está a cruz, chamada de *Leiranco* Ao S. d'ella, desviado da estrada 1:500 metros, e proximo ao rio *Regavão*, está um alto monte, chamado *Castello de S. Romão*, e na raiz do monte, do lado do E. e S., estão as ruinas de uma grande povoação, nas quaes ainda se vêem vestigios de cinco ruas, e alicerces de casas de pedra, algumas de cantaria.

D'estas ruinas hia uma rua ter a um muro, de alvenaria, de uns 0m,70 de largo, que principiava pelo E. em um alto penhasco e vi-

nha para o S. ter a outro penedo, tambem grande.

No meio d'este muro, estava uma porta larga, por onde se entrava para outra, que abria para um terreiro, de umas 20 braças (44 metros) de circumferencia, por onde passava uma estrada que hia até uns segundos muros, fechando o primeiro ao O. do castello, que era feito de cantaria, bem lavrada, e rodeava o cume do monte, vindo terminar em oito rochedos, que lhe serviam de torres. Alguns d'estes têem cavidades que denotam ter sido posto das vigias, ou sentinellas.

Conhece-se que um d'estes penedos, que está a E., foi afeiçoado a picão, dando-lhe a fórma quadrada, que conserva por uns 9 metros, que tanto é a sua altura; tendo em cada face 2m,20 de largo.

Dentro das ruinas do castello, estão dois penedos bastante altos, que lhe serviam de torreões, e n'elles, aberta a picão, uma escada. A seu lado se vêem montes de pedra lavrada, e fragmentos de tijolos, ameias, talhas, e vasos mais miudos.

Do lado do O. do castello, está uma cisterna quadrada, de uns 11 metros de vão, mas entupida.

Da parte do N. tem a muralha 90 metros d'altura, sobre o nivel da falda do monte, nos sitios onde não está desmantelado. O povo d'estes sitios, mais do que o tempo, tem destruido este antiquissimo monumento, para lhe aproveitar a pedra.

Attribue-se esta obra, aos lusitanos e aos romanos, que a construiram para n'ella se defenderem dos barbaros do Norte, no principio do seculo V.

Julga-se ter sido esta fortaleza destruida pelos mouros, pelos annos de 720.

Em Friães, que foi do termo de Mont'Alegre, foi achada no meiado do seculo XVIII, no sitio de *Cambella*, uma pedra sepulchral, que depois foi partida e empregada em servir de degrau de escada, de uma casa de Friães. Tinha esta pedra 8 palmos de comprido e 2 e meio de largo.

Via-se n'ella esculpido um rosto humano, e por baixo d'elle, uma especie de escudo, com a inscripção:

CALAMUS
MIBOIS LIM.
IUS. SLIVAIR
H. S. JUL

Quer dizer—*Camalo Mibois, límio, de edade de quarenta e seis annos, aqui jaz sepultado.*

Não sei o que quer dizer *slivair*.

No concelho ha dois castellos—o da *Piconha* e o de *Seirrãos*.

Está a villa situada sobre uma collina na margem esquerda do Cávado, dominada do lado do S. por uma cadeia de montanhas, com suas florestas; e pelo N. é tambem dominada, a 3 kilometros de distancia, por uma cordilheira, muito mais elevada; é aberta pelo lado de N.E. e S.O.

O seu clima é bastante elevado, egual, com pouca differença, ao do morro do Bogarreiro, na serra do Gerez, que Link diz ser de 3 a 4:000 pés, acima do nivel do mar, e Balbi 4:800; algumas vezes o thermometro de R. tem descido a 05; é variavel em razão do seu afastamento do mar, da sua latitude, altura, situação, e disposição de montanhas e abertura dos lados de S.O. e N.O., donde reinam mais constantemente os ventos, acarretando comsigo do lado S.O. as chuvas da parte do mar, e do lado de N.E. os gelos e neves da serra de Senábria; concorrendo egualmente na proximidade do rio, as aguas estagnadas nos assudes, e as circumvisinhas e sombrias florestas, como o Avellar, que fica ao S.O. em declive para a mesma villa.

Houve tempo em que esta villa foi praça d'armas, cuja guarnição, que, segundo um alvará de 30 de setembro de 1715, era de duas companhias, residia com o governador no castello.

Esta antiga e arruinada fortaleza, situada ao N. da villa, em uma risonha collina, sobre o rio Cávado, é composta de quatro torres; a maior, que fica do lado do N., tem na sua base 36 a 40 pés em quadro, e de altura 68 a 70; as primeiras salas são de abobada de cantaria, e de primor: as outras tres torres ficam ao S.; a que está do lado E. tem de largura 30 pés, e de altura 58 a 60, quasi todas as pedras são marcadas; a 3.ª torre tem na sua base 15 pés, e de altura

50, pouco mais ou menos, e é massiça até dois terços de sua altura; tem na face exterior, junto á base, as duas inscripções seguintes:—R. ALF. 4.º ANNO de 1331.—Reformou o L.do MAnoel Antunes de Vianna—ANNO de 1580.

A 4.ª torre, ao O. da antecedente, tem na base 15 pés de largura, e 35 de altura; é massiça até tres quartos de altura, e já não tem ameias.

Eram ligadas as quatro torres por uma muralha, quasi circular (tem doze palmos de grossura), que comprehendia interiormente um terreno de 120 pés de comprido e 80 de largo, e uma grande e profunda cisterna, construida toda de cantaria, á qual se descia por uma escada de pedra até á grade, que tinha á superficie da agua; tem esta cisterna 12 pés, em quadro, de largo, e de profundidade, apesar de muito entulhada de pedra, ainda offerece de 30 a 35 pés. Era esta fortaleza circumdada por duas muralhas, com seus respectivos fossos, hoje demolidas.

A egreja matriz, soffrivel, com seu vistoso adro, e pessimo e vergonhoso cemiterio, fica dentro da fortaleza ao N. das torres. Existe n'esta egreja, em grande decadencia, uma irmandade de Nossa Senhora do Rosario, instituida pelo capitão-mór, Manuel Salgado, em 1655, para a gente de guerra do castello. Os estatutos rezam que foi erigida em 1751, a requerimento do parocho e moradores. D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga, chrismou n'esta villa, em 1705.

Tem casa e egreja de Misericordia, porém muito pobre, e por este motivo foi extincta, de cuja administração tomou conta a junta de parochia no dia 26 de agosto de 1870; uma capella da Santissima Trindade, defronte da cadeia, com um legado para dizer missa aos presos, feita em 1653 pelos officiaes da Santa Casa da Misericordia, os quaes obrigaram a fabrica aos reparos.

Ha mais n'esta freguezia as seguintes capellas: dentro da villa, as de S. Roque e S. Sebastião, sendo esta administrada pela camara municipal desde 1726; e fóra da villa, a E., S. Fructuoso e Senhora das Neves, (antigamente S. Verissimo); e a N. Santo Adrião.

É tradição antiga e vulgar (já em 1708 contava mais de 100 annos) que foram estas duas ultimas capellas, egrejas matrizes, annexas a Montalegre, de povoações que se perderam pela peste.

Proximo á capella de Santo Adrião existem vestigiôs de povoação antiquissima, e sepulturas abertas em penedos, com fórma de corpos humanos.

Tem a villa duas praças—uma chamada do *Pelourinho*, no centro da villa, por alli ter estado o pelourinho, que ha poucos annos foi mudado para o *Toural*, onde se fazem mercados ou *feirões*, nas quintas-feiras e domingos de cada semana; outra no Toural, onde se faz a feira de gados e bestas, nos antepenultimos dias de cada mez.

Tem uma soffrivel casa de camara e audiencias; uma cadeia com duas salas, e duas enxovias.

Os edificios particulares são de inferior architectura.

Tem excellentes aguas; tres são as fontes mais frequentadas:—uma na praça do Toural; outra, denominada do *Ouro;* e a terceira, a da *Pipella*, no bairro da Portella, além d'outras particulares e mais remotas.

Ha na casa do *Cerrado* uma abundante nascente de optimas aguas ferreas.

Ignora-se a época em que Mont'alegre foi fundada, e quando foi elevada a cathegoria de villa.

Ha toda a probabilidade para crer que esta povoação já existia no tempo dos romanos, em vista da arruinada fortaleza, que alguns auctores reputam obra dos mesmos romanos, attenta á sua grandeza e magestade; e das lapides milliares e moedas romanas que se tem encontrado n'este concelho.

Appareceram junto ao logar de Penedones 15, com a effigie dos imperadôres Trajano e Vespasiano; monumentos incontestaveis da existencia e demora dos romanos n'este concelho.

Tambem não ha provas evidentes do tempo em que foi elevada á cathegoria de villa; é provavel que fosse logo no principio

da monarchia, pois o pelourinho, prova da sua graduação em villa, tem esculpidas as armas de D. Sancho I; egualmente no foral dado á mesma villa por el-rei D. Diniz, em 1325, se faz menção da carta de foral dada á mesma villa por el rei D. Affonso III; finalmente, Faria e Sousa, no seu *Epitome da Historia Portugueza*, descrevendo a vida de D. João I, diz que entre outras terras principaes do reino, a villa de Montalegre já estava pelo partido do rei de Castella.

Ha n'esta villa, da parte do N., duas pontes lançadas sobre o rio Cávado, por onde correm duas estradas, systema antigo, que levam para os logares limitrophes da Galliza e para aquelle reino.

Produz esta freguezia centeio, muita e boa batata, e nabos, algum milhão, devido á iniciativa do sr. João Lopes de Freitas, que, ha poucos annos, principiou a ensaiar e promover a cultura d'este cereal.

Cria bom gado vaccum e suino, e muita caça. É fertil em lenhas.

Ha n'esta villa uma unica casa nobre, a do Cerrado, cujos representantes, Mirandas, descendem de uma familia, que veio de França e acompanhou o conde D. Henrique na conquista de Portugal, e á qual em recompensa dos serviços prestados, deram Miranda do Douro, d'onde lhes veio o nome; d'aqui veio um, dizem, encarregado de negocios relativos ao castello e praça d'esta villa, e casou na casa do Cerrado; e d'este casamento proveio o tronco de muitos homens illustres.

Uns foram servir a côrte, outros tiveram alcaidaria-mór e capitania-mór, habito de Christo, e commenda de S. João da Pesqueira. Aleixo de Miranda, capitão-mór, em 1656 —Simão de Miranda, em 1691—Sebastião de Miranda, 1701—Aleixo de Miranda 1715 —e Sebastião José de Miranda Athaide e Mello foi o ultimo.

O concelho de Montalegre confina ao N. com o reino da Galliza, ao S. com o concelho de Boticas de Barroso, a E. com o concelho de Chaves, e a O. com a serra do Gerez e provincia do Minho.

Tem de extensão de N. a S., desde a freguezia de Padroso até Taboadella, povoação da freguezia de Salto, 33 kilometros, e de E. a O., desde a freguezia de Meixide até á ponte da Misarella e logar de Sidrós, 42.

Em 1706 tinha este concelho 5:147 fogos, espalhados em 143 logares, que formavam 48 freguezias, sendo 14 abbadias, 7 reitorias, 2 vigariarias, 15 annexas e 10 curatos.

Em 1813 tinha este concelho de largura, na direcção de E. a O., 40 kilometros, desde o meio da serra do Pindo, onde acabava o concelho de Chaves, até á ponte da Misarella, onde partia com o de Ruivães; e de comprimento, na direcção de N. a S. 42 kilometros, principiando na raia da Galliza até ao cume da serra da Toninha, que dividia este concelho, do de Cabeceiras de Basto. Continha 133 logares, 3:498 fogos, e 17:581 habitantes de ambos os sexos.

Em 1821 tinha 50 freguezias, 186 logares, 4:029 fogos, 20:787 habitantes, e 100 vintenas.

Esta população era do concelho e honras annexas.

Em 1834 pertencia este julgado, na divisão ecclesiastica, ao arcebispado de Braga, comarca de Chaves, e estava dividido em 53 freguezias (14 abbadias, 9 reitorias e 30 vigariarias.)

Na divisão civil pertencia a comarca de Bragança, provedoria de Guimarães e superintendencia de Traz os-Montes.

Comprehendia os concelhos de Ruivães e Mont'alegre, o couto de Dornellas e as honras annexas — Villar de Perdizes, Gralhas, Meixedo, Padornellos, Padroso e Tourem, estas com juiz ordinario, comarca e um escrivão; e aquelle (Mont'alegre) com juiz de fóra, camara, e almotaceis, 5 escrivães do geral, e 1 de siza; juiz da alfandega, 1 escrivão, e feitor; juiz dos orphãos com o seu respectivo escrivão. Era o concelho dividido em 100 vintenas com seu juiz, jurado, e 2 accordãos.

Era este julgado composto da capitania-mór de Mont'alegre, que comprehendia 26 companhias, cada uma com seu capitão, 2 alferes, 2 sargentos, 4 cabos; e da capitania-mór de Ruivães, dividida em 2 companhias com seus respectivos officiaes, e alcaidaria-mór do couto de Dornellas, apresentação do

arcebispo de Braga. Fornecia este julgado recrutas para os regimentos 12 de infanteria, 6 e 9 de cavallaria e milicias de Chaves.

As honras supra mencionadas foram sempre consideradas como partes integrantes do concelho de Mont'alegre, não só por confinarem com elle, mas porque se achavam sujeitas ao mesmo, no recrutamento, no crime, orphães, lançamentos de direitos reaes de sisa e decima, nas procissões regias, montaria real, e á mesma jurisdicção ecclesiastica, excepto Tourem, que no ecclesiastico pertencia ao bispado de Orense.

A origem d'estas honras, que foram concedidas pela guarda e defeza da fortaleza e castello da Piconha, é muito remota, e seus privilegios, eram:

«1.º Tem e fazem juizes sobre si, que conhecem em causas civeis, sem que outra alguma auctoridade se intrometta com elles;

2.º Que ahi não entrevem mordomo nosso, nem por voz, nem coima;

3.º Nos casos crimes podem conhecer as nossas justiças de Mont'Alegre;

4.º Não serem constragidos a levas de dinheiro, ou gente, nem aquantiados, ou obrigados por outra alguma jurisdição;

5.º Não lhe tomem nem palha, nem cevada, nem gallinhas, nem bestas, nem roupas, nem carnes;

6.º Não os constrangerão para soldados, fóra das ditas aldeias e coutos;

7.º Farão as eleições por si, não entrando n'ellas ninguem de fóra;

8.º Que não paguem mais tributos annuaes, do que os que são escriptos no foral que deu D. Affonso a Piconha quando a fez;

Estes privilegios de que estavam de posse immemoravel ha muitos annos no tempo de D. Diniz, foram confirmados pelo mesmo, por sua carta de 5 de maio de 1325, em Lisboa.

9.º Não sejam curadores de pessoa alguma contra suas vontades;

10.º Tenham as suas varas 8 palmos de craveira, para serem bem vistas;

11.º Das suas sentenças só poderão conhecer os ouvidores.»

Estes privilegios tornaram a ser confirmados por D. Affonso, por sua carta, passado em Lisboa, em 1430.

Por alvará de 5 de setembro de 1514, foram cada 100 visinhos dos das honras isentos de pagar para a ponte de Mirandella e outras quaesquer, em rasão da guarda do castello da Piconha.

Houve tambem n'este concelho, casaes cerrados, ou Reguengos, e eram:—Meixide, Solveira, Santo André, Sarraquinhos, Pedrario, Quintas, Seirãos, Eiró e Sangunhedo, povoações ainda existentes, e—Soutello de Larouco, que existia entre Gralhas, Santo André e Solveira, ficava á direita, no caminho que vae de Gralhas s Santo André. Payo—Mantella, que existiu entre Gralhas e Solveira, ficava á direita do caminho quê vae d'aquella para esta povoação—Santa Cruz, existia entre Padronellos e Sendim.

Na parochia de Padronellos, existe ainda o livro dos Capitulos da Visita, que manda demolir a capella, por se ter despovoado aquelle logar, (Santa Cruz) Valle de Grou, povoação que se extinguiu, junto mesmo á raia da Gironda, além de Santo André; ainda se divisam vestigios de muralhas, e chamam-lhe cidade de Grou.

O foral falla d'outros mais que se perderam, não se sabe onde fossem.

Os privilegios que tinham, eram:

«1.º Não pagar fintas, fructos, ou talhas.

2.º Não sirvam cargos do concelho, nem de tutores, nem em levas de gente e dinheiro, nem de curadores, nem dêem aposentadorias.

3.º Não dem pão, vinho, palha, roupa, linho, gallinhas, nem outra cousa sua, nem bésteiros de coutos, nem outras algumas apurações.»

Estes privilegios foram concedidos por D. João I, por sua carta, passada em Monte Mór-Novo, em 28 de novembro de 1426, com penas aos transgressores, de seis mil soldos para o rei e emprasamento aos ministros, por qualquer escrivão, para dentro de um mez comparecerem perante o rei.

Foram confirmados por D. João IV, por sua carta de 1 de outubro de 1647.

É notavel este concelho por ser um dos mais montanhosos da provincia de Traz-os-Montes, pois afóra as serras que o limitam — Leiranco a E. — Larouco a N. E. — a cordilheira de Arandella, Vidoeira, serros de Mourilhe e Mourella a N.—Gerez a O.— Alturas a S., e pequenos montes semeados entre ellas—ha uma cordilheira de montes que se estende desde o logar de Pedrario até Codeçoso da Chã, na direcção de E. a O., com extensão de 12 kilometros, formando varios cabeços e quebradas, que tomam diversos nomes, como são—Serra de Cepêda, Cabeço de Muros, Cotto de Burrago, Bagoso, Penas ruivas, Carvajão, Monte-Gordo, Cotto Ferrenho. A parte norte d'esta cordilheira é circumdada pelo rio Açoreira, uma das origens do Tamega; e a meridional dá origem ao rio Beça, e abriga do norte as povoações da freguezia de Sarraquinhos, a do Cortiço, Firvidas e Gralhós.

Outra cordilheira principia em Codeçoso da Chã, e estende-se de N.E. a S.O. com direcção parallela ao rio Cávado, pela margem esquerda, e pelo seu cume divide todo o terreno, comprehendido entre este rio e o Regavão, em duas porções quasi eguaes, formando como dois valles ao longo de cada rio, com as montanhas que lhe ficam fronteiras. Esta cordilheira é formada de differentes escalões de desegual grandeza, e decrescente para ambos os lados, os quaes tomam varios nomes, segundo as diversas situações — Peliteiros, ao pé da povoação de Codeçoso, Penedos de Santa Catharina e Corujeira ao S. da villa de Mont'alegre; Senhora das Tribulações e Formigoso ao N. do logar de Castanheira, Eurigo, o mais elevado ao S. O. do logar de Cambeses, Serra da Lama, Lomba do Rego, junto d'esta povoação. É esta cordilheira de montes coberta de um e outro lado, de muitas florestas, e por todo o seu cume de urzes e carqueija. Tem poucas rochas.

É por isso este concelho d'um clima tão variado, e em pontos frigidissimo e nevoso, que apenas admitte a cultura de algum centeio, batatas e nabos, e mal consente a do trigo, milho e outras plantas que pedem mais calor e melhor clima.

Comtudo ha povoações e terras, que, estando menos sujeitas ao rigor das estações, como são o valle chamado de Villar de Perdizes, a E. do concelho, e todas as povoações, desde o logar de Paradélla até á ponte da Misarrella, e as que estão nas faldas e concavidades da serra do Gerez, produzem centeio, milho, painço, trigo, legumes, castanhas e fructas de caroço; e ainda mais ha logares tão abrigados e amparados, por todos os lados, de serras, que produzem vinho e azeite, principalmente a freguezia de Cabril, que cria tambem limões e laranjas.

Por entre estes montes e montanhas se encontram grandes campos e agradaveis prados, atravessados por abundantes regatos, origem de varios rios, dos quaes os principaes são—Cávado, Regavão, Beça, e varios valles, que em razão da sua temperatura, situação e natureza, offerecem entre si não pequena differença; são os seguintes:

1.º Ribeira Terva, ao E. de Leiranco, concelho de Boticas, principia na freguezia de Ardãos, que d'antes era do concelho de Chaves, e finda na confluencia do rio Terva com o Tamega. Existem n'elle 5 freguezias. Produz vinho verde, milho, trigo, centeio, excellente e mimosa fructa. É quente e nem sempre livre de molestias sesonaticas. Este valle ou ribeira pertence todo ao concelho de Boticas.

2.º O que desce do logar de Pedrario pelas margens do rio Beça, e acaba onde este rio (Beça) entra no Tamega, junto a Viella. É povoado por seis freguezias (4 do concelho das Boticas); para o N. abunda mais em centeio, descendo para o S. dá muito milho.

3.º Principia em Codeçoso da Chan, estende-se pelas planicies das freguezias da Chan, Morgade e Negrões, segue por Viade e outras freguezias, e vae findar nos despenhadeiros de Misarella. É povoado por nove parochias; todas produzem centeio e milho, muito do primeiro nas do E., e mais do segundo para O; não dá vinho, á excepção de algum pouco e ruim junto á ponte da Misarella.

4.º O que corre para o NE. da villa de Mont'alegre desde Meixedo até Villar de Perdizes e Meixide, junto de um braço do Ta-

mega; é occupado por seis freguezias, que produzem centeio, quasi todas com abundancia, e pouco milho; muita e optima fructa (peras e maçans) em Solveira, Santo André e Villar de Perdizes, e algum vinho nas duas ultimas.

5.º O que segue desde Padornellos, por uma e outra margem do Cávado, até Cabril nas faldas orientaes do Gerez; contem treze freguezias. É o menos fecundo em producção vegetal, á excepção de Parada de Outeiro, Paradella, e mesmo Fiaes do Rio, que dão muito milho, e Cabril, Covelho e Santa Marinha de Ferrol, que, além d'isso, colhem algum vinho verde e azeite.

Além d'estes ha um valle intermedio entre os angulos que para o S. faz a serra das Alturas, comprehendendo a parochia do couto de Dornellas, e grande parte da de Covas; a primeira produz muito milho, e a segunda muito milho e algum vinho verde.

O resto das parochias existe em encostas ou planicies de serra, e são — Pitões, junto do Gerez, terra mais fria, produz centeio e batatas; Firvidellas, junto da serra da Lomba, colhe centeio e milho; Cerdedo, nas encostas da serra das Alturas pelo O. e S., terra fria, produz centeio; a povoação de Cerdedo produz tambem milho, e é melhor que as restantes da parochia; Alturas, dissiminada pela serra do mesmo nome, terra muito fria, dá centeio; e Salto, freguezia populosa e muito dispersa, apesar das suas 19 aldeias se acharem situadas entre ramos ou braços, destacados, das tres serras; Cabreira, Alturas e Gondiães (que a separa de Basto, ou Seixa) não é o seu terreno accidentado de mais, e produz centeio e muita batata, e em muitas povoações bastante milho. É abundante em pastagens, creando por isso muito e bom gado vaccum, conhecido em todo o reino, com o nome de gado barrozão.

Producções da cormarca de Mont'alegre ou termo de Barroso.

No reino mineral

Ouro

Nos poços de Freitas, situados na Ribeira Terva, proximo ás freguezias de Ardãos, Bobadella e Sapiãos.

Nas margens do rio de Cabril, segundo se collige de fragmentos de mina d'este metal, encontrados por pessoa competente.

Nos Fornos Telheiros, local ao SE. de Gralhés, povoação da freguezia da Chan, muito proximo á estrada que vae de Mont'alegre para a villa de Chaves, onde existem escavações, que uns dizem foram minas de ouro, outros fornos de telha.

Amethistas

Na Roca da Ponteira, das quaes Miguel Pereira de Barros mandou fazer adreços para suas filhas, no tempo em que serviu de juiz de fóra, n'este concelho.

Em Covello de Gerez, povoação distante da dita Roca 3 kilometros, houve em casa de Sebastião José de Barros, pae do ex.mo par do reino, Barros e Sá, um annel com uma d'estas pedras.

É tradição que a mitra bracharense tem ou teve uma cruz, feita de pedras, extrahidas d'esta serra.

Christaes de rocha

N'esta mesma serra, Roca da Ponteira, bem como em muitos outros sitios, encontram-se muitos christaes de rocha, de differente grandeza e côr.

Mina magnetica

Na distancia de 20 minutos de caminho, ao NE. da povoação de Pitões, que fica 20 kilometros ao O. da villa de Mont'Alegre, depara-se com uma colina de 250 e tantos passos de comprido, em fórma oval, apenas coberta de sargaços e hervas e de natureza, ao que parece, granitica, em cujo centro se encontram aqui e alli algumas pequenas rochas de granito, em torno das quaes, se tem extrahido grandes pedaços de magnete, que tem sido transportados e bem apreciados em diversas terras do reino; e mesmo em outros sitios, como mostram escavações que alli se encontram, e fragmentos menos ricos

e adherentes a outras substancias, como talcos pretos e quartzs.

Em toda a extensão da collina, fazendo-se escavações, se encontram porções do mineral soltas, ou solitarias, maiores, ou menores, offerecendo como tres variedades—umas em que parece predominar o ferro, menos força magnetica, mais pesados e a fractura mais lusente—outros, em que parece quer predominar o carvão, mais negras e mais leves, e pouco magneticas, e o seu tecido mais esponjoso;—as terceiras, parece intermedia das duas, em peso e côr, mais decidida virtude magnetica. Encontra-se, mais raras vezes e a maiores distancias, uma variedade que parece esponjosa em fórma de escorias.

Não ha memoria que esta mina fosse explorada segundo as regras da arte.

Aguas mineraes

Em S. Pedro do Rio, povoação da freguezia de Pontim, situada ao SO. da villa de Mont'Alegre, donde dista 6 kilometros, na margem erquerda do rio Cavado.

Em Carvalhelhos, povoação da freguezia de Beça, na margem direita do rio Beça.

Aguas ferruginosas

Na cêrca da casa do cerrado, em Mont'Alegre.

Em Pinho, freguezia do concelho de Boticas, na direita do Tamega.

Em Seirós, povoação da freguezia de Canedo, concelho de Boticas, na direita do Tamega.

Reino vegetal

Centeio

Este cereal, produz abundantemente em todo o concelho, e é o que melhor se acommoda ao ingrato solo de Barroso, de maneira que se póde dizer, que Barroso é a terra propria para esta producção.

Semeia-se nos mezes de setembro e outubro, e ceifa-se em julho e agosto. Quando as primaveras são frias e geadeiras, então a producção é muito melhor.

Sua cultura é feita com a diligencia e esmero, de que os lavradores são susceptiveis. A pratica seguida em todo o tempo é que os dirige, visto a qualidade da terra e do producto, não admittirem muitos melhoramentos. O uso de sulcar as terras na occasião da sementeira, para depois as limpar, com o arado, das hervas, logo que o centeio principia a desenvolver-se, tem provado muito bem, ainda que esta operação aratoria, nem em todas as terras produz o mesmo effeito.

Seria para desejar, que de todo se extinguisse o costume que ainda ha em algumas povoações, de conservar á acção do ar os estrumes, ou adubos levados cedo para as terras, ou searas.

A palha d'este cereal, é empregada em cobrir as casas, e no sustento dos animaes, principalmente no rigor do inverno.

Trigo.

Dá-se bem este cereal em 2/5 partes das terras do concelho, porém cultiva-se em pequena escala, porque os lavradores receiam vêr tolhidos os seus trabalhos com a geada, quasi sempre constante em tres estações do anno, e em dias menos quentes do verão. Comtudo deve insistir-se na cultura do serodio, que de ordinario paga bem o trabalho.

Milho.

Produz-se em quasi todo o concelho, e a sua cultura tem-se, ha annos, augmentado muito, e mais se teria augmentado se não fosse o receio que os pobres agricultores teem da geada. Nas povoações que o dão poderia duplicar e triplicar, havendo mais aguas de rega, conservando-o mais raro, carregando-o menos de outras plantas, e recolhendo-o mais sazonado.

O doutor Francisco Fortunato d'Oliveira de Carvalho, natural de Provezende, juiz de fóra n'este concelho de Mont'alegre, em 1804 a 1806, promoveu com grande cuidado o augmento d'este cereal, fazendo extrahir levadas de aguas das suas nascentes e rios, concorrendo para isso muitas vezes com a sua presença e dinheiro.

Feijão.

A cultura e producção d'este legume é muito limitada, e é consummido quasi todo em verde.

Batatas.

Introduzidas ainda não ha muito tempo em Barroso, constituem já uma importantissima cultura. O terreno é muito proprio para a sua cultura e producção. Ha das mesmas, varias qualidades, como são: brancas, mais productivas; vermelhas, compridas e redondas, de menor producção, porém de muito melhor gosto e mais farinaceas. Quasi todos os habitantes de Barroso cultivam este tuberculo; ha lavradores que colhem mais de 1:000 alqueires. A producção media, sendo annos regulares, excede em todo o Barroso a 400:000 alqueires. Se houvesse mais cuidado em procurar aguas de rega, e uma estrada soffrivel, que facilitasse para o Minho a exportação do excedente d'este genero, elle cresceria ainda muito mais em cultura; nas povoações mais abrigadas podiam-se variar as especies de sementeiras. Estas raizes fazem uma grande parte do sustento dos habitantes, e as que sobram d'este consummo são applicadas ao sustento e ceva dos porcos; e alguns lavradores já as vão applicando na alimentação do gado bovino.

Linhos.

O gallego é abundante em todo o concelho, o que lhe falta na altura compensa-se de ordinario na qualidade de fibra. Em muitas partes, em annos menos humidos, resente-se da falta de rega. Sua sementeira podia ainda duplicar, promovendo-a e procurando e aproveitando melhor as aguas para a rega do mesmo. Como é costume fabricar-se em casa para limpeza e uso domestico, e sendo, em geral, gente dada ao trabalho, querem-no com mais consistencia, e assim não se vêem linhos finos e delgados como em outras terras; o branqueamento deve melhorar-se.

Nas longas noites dos dilatados e frios invernos, o geral da população feminina occupa-se no fabrico do linho. Seria conveniente introduzir-se o engenho hydraulico de o maçar.

Em cada aldeia ha pela razão dita, dezenas de teares, os quaes seria conveniente melhorar tanto na fórma, como no processo do producto.

O canhamo e mourisco vegetam excellentemente, mas cultivam se muito pouco, e ordinariamente só se empregam em cordas.

Castanheiros

Ha já grande quantidade d'elles nas freguezias situadas a E., S. e O. do concelho, e produzem muita e boa castanha.

Carvalhos

Abunda o concelho em grandes e espessas mattas d'elles, mas pelo seu grande consumo, incendios e irregularidade e excesso nos córtes dos mesmos, já teem diminuido muito, e em breve se sentirá a falta.

Vidos ou Vidoeiros (Betula branca)

São indigenas e abundantes em muitos sitios, onde formam moitas, principalmente nas margens dos rios e ribeiros e em terras humidas. Os lavradores os conservam para usos domesticos, como são: cortados com a folhagem para alimento das rezes no tempo das neves e para reparar interiormente nas paredes a humidade dos zimbros; do pau fazem pratos, tijellas, muitos tamancos, arados, eixos de carro, escadas, espadelas, massas, etc.

Consta que os antigos, antes da invenção do papel, se serviam da sua epiderme para escrever n'ella, e hoje os rapazes barrozãos d'ella fazem barretinas para os seus brinquedos militares.

Alguem diz que os povos do Norte, e principalmente os medicos allemães, se servem d'esta arvore para muitos e varios medicamentos.

Ameiiros

Produzem-se da mesma maneira e em

eguaes sitios que os vidoeiros, e são empregados em tamancos e lenha.

Salgueiros

São tambem em abundancia, porém tem pouca estimação, e apenas são utilisados para sebes divisorias de campos e prados.

Pinheiros

Ha muito poucos, porém esses antigos e bem creados. Devia promover se a sua plantação, do que resultaria grande vantagem, attenta a escassez de madeiras.

Freixos

Ha tambem poucos, porém muito estimados pela sua excellente madeira para carros de lavoira.

Urze e carqueija

É abundantissima em todo o concelho, e tem muitissima e principal applicação para estrumes e carvão.

Juncos

Os habitantes, por corrupção lhe chamam *jungos*; vejetam e produzem excellentemente nos logares pantanosos, que de ordinario não dão outra coisa.

As mulheres mais pobres costumam apanhal o quando teem a semente madura, o que acontece nos mezes de agosto e setembro; quando limpo de todas as hervas estranhas, os maçam e esfregam até lhes cahir a medulla branca de que estão recheados, depois os põem a seccar, tendo cautella de não os deixar orvalhar para ficarem mais brancos. Depois de assim preparados fazem com elles *coroças*, que são uns casacões de que os homens usam para lançar fóra as aguas da chuva; e *coroços* que são as mesmas coberturas, mais curtas, e com capuz, de que usam as mulheres para o mesmo fim.

Esta manufactura, posto não ser de grande interesse, é todavia de grande utilidade, e a materia prima e mão d'obra são muito baratas e faceis.

No reino animal

Gados vaccum, cavallar e muar

Um dos melhores rendimentos para os lavradores de Barroso, é sem duvida a criação dos gados, sobre tudo vaccum, cavallar e muar.

Os muitos e extensos prados naturaes, ou lameiros, que ha, bem como dilatados terrenos maninhos, muitos dos quaes offerecem boas pastagens, ajudam muito aquella numerosa criação, a qual ainda muito mais cresceria se, aproveitando as aguas, accrescentassem os ditos lameiros, e promovessem a cultura dos prados artificiaes, se bem que talvez em varios pontos do paiz não dariam o resultado que parece á primeira vista, em consequencia dos rigidos gelos.

Não póde dizer-se que haja descuido nos lavradores, em conservar e melhorar mais ainda a raça do gado vaccum, que tanto proveito lhes deixa; e nos ultimos annos em muitos criadores de poldros e mulas, se vê o mesmo gosto e esmero.

Na feira de S. Miguel, em Cabeceiras de Basto, se encontra o melhor mercado para as criações cavallares e muares.

Os bezerros, ou novilhos, vendem-se nas feiras de Mont'Alegre e Boticas; e mesmo nas casas dos lavradores, aonde os procuram os compradores.

As carnes de vitella, são de ha tempo gabadas em Barroso. Seria bem que o municipio tomasse melhor conta na administração d'este ramo.

Os leites, podiam fornecer em Barroso um abundante ramo de commercio, nas manteigas e queijos, logo que houvesse quem promovesse em maior escala o seu fabrico; mas tambem se deve attender a que elles fornecem um artigo consideravel de alimento a seus habitantes.

Segundo as melhores estatisticas, ha em toda a comarca de Mont'Alegre mais de 12 mil vaccas.

Gado caprino e ovelhum

Ha muita abundancia, em todo o Barroso, d'este gado, mas em geral, é de qualidade pequena, e com pouca esperança de melhoramento, ao menos na parte mais fria e nevosa.

Ninguem espera que a ovelha tome desenvolvimento e dê boa lan, em paiz rispido e tempestuoso. A mesma cabra, morre a qualquer canto, quando as neves são duradouras.

Não queremos dizer que esta especie de gado não possa augmentar e melhorar alguma cousa, mas não tanto quanto parece. Este gado fornece tambem aos habitantes, em varias occasiões, uma parte do seu alimento.

As lans, offerecem uma parte dos vestidos para os habitantes. Seria bom, que houvese melhoramento no fabrico das mesmas.

Das pelles d'estas rezes e de todas as mais é que se podiam obter grandes vantagens, se alguem, que tivesse cabedaes, estabelecesse fabricas de cortume.

Vendem-se por quasi nada a qualquer traficante, que as procura, e muitas perdem-se.

Gado suino

É tambem abundante na comarca; ha annos porém que tem soffrido molestias contagiosas, e seu preço se tem elevado.

Quasi todos os lavradores procuram prover-se d'este gado, porque de suas carnes fazem o principal alimento de conducto, durante o anno; ellas quasi sempre, bem salgadas e curadas, são de bom gosto e como taes reconhecidas.

Tambem se poderia exportar mais d'este genero de comestivel, se a molestia que desde certos annos ataca o gado, o não tornasse tão caro.

Outras producções do reino animal

Ha muita gallinha, de ordinario de especie pequena.

As mulheres pobres levam a vender a Chaves os ovos que sobram do consummo no concelho. O preço regular aqui, concelho de Mont'alegre, é 6 por 20 réis.

Dão se tambem pombos mansos, e patos de toda a especie; os mesmos perús com algum cuidado; coelhos mansos etc.

Caça

Ha abundancia de caça nas serras e montes de Barroso, de diversas especies; muitas perdizes e de bom gosto, sendo mais numerosas nas serras de Larouco e Mourella; muitos coelhos, que vão comtudo diminuindo pelo abuso de os caçar com furão nos tempos nevosos; bastantes lebres; alguns veados, cabras montezas, javalis, ou porcos bravos, hoje mais raros depois das grandes devastações das espessas mattas e florestas, que vestiam as encostas de muitos montes; ha tambem pombos bravos, *aves frias*, algumas garças, gallinholas, narcejas, patos bravos, e uma infinidade de aves e passaros, proprios dos paizes frios; apparecendo tambem as andorinhas, rolas, cucos, poupas, etc., etc. Ha muitos melros, tordos, pintasilgos, tutinegras, noitibós, curujas, mochos reaes etc. etc.

Pesca

Nos diversos rios e riachos da comarca que correm nos valles de Barroso, encontram-se muitas trutas, barbos, bogas e enguias. As trutas do Cávado, que, desde certo ponto para baixo, algumas são de bom tamanho, e as do Béça são muito mais saborosas.

O uso da cóca e troviscada pelos vadios, e o cortume dos linhos verdes nos rios, prejudica muito o desenvolvimento da creação dos peixes.

Colmeias

Ha bastantes colmeias na comarca, sobretudo nas freguezias mais abrigadas; teriam augmentado muito, se não estivessem expostas a frequentes roubos dos estranhos ou mesmo ratoneiros do paiz, se não houvessem bastantes irregularidades na época

da florescencia dos mattos, e se houvessem fabricas de céra, que facilitassem o seu consummo, que ainda assim não é pequeno, bem como se o mel não fosse tão barato.

Animaes damninhos

Ha muitos lobos, rapozas, teixugos, fuinhas e cobras, chegando algumas d'estas a ter 2 metros de comprimento.

A camara municipal dá de gratificação a quem matar uma loba 4$000 réis, lobo 3$000 réis; cachorro (de lobo) 1$200 réis e cria de leite 480 réis. Fazem se, por ordem dos administradores dos concelhos de Mont'alegre e Boticas, diversas montarias em differentes serras, nas quaes, algumas vezes, teem sido mortos 8 e mais lobos.

Apparecem muitas viboras de differentes tamanhos, mas não excedem a 0,5^{m} de comprimento. O medico José dos Santos Dias, faz a descripção de uma na fórma seguinte:

«No 1.º de junho de 1810, me foi apresentada uma vibora, que se matou no dia antecedente, na margem do rio Veiga, que corre ao SE. do logar do Cortiço, em um moinho junto á ponte do mesmo rio, por um lavrador. O diametro da sua maior grossura era de 10 linhas, seu comprimento de 17 polegadas; a cauda de comprimento de 2 polegadas, de figura conica, e terminada em ponta aguda, a base d'esta, tinha menos metade de diametro que tinha a extremidade do tronco em que estava continua; na parte inferior da cauda se observavam duas series de escamas sub-caudaes cada uma de 32,34, de cor azul celeste, e de crescentes na sua grandeza para o ápice, os escudos abdominaes e transversaes, eram em numero de 144 de cor azul celeste, e nas margens moveis d'estes se notavam algumas malhas pretas. O dorso e lados eram cobertos de escamas ovaes e imbricadas de cor fusco-cinerea, porém as do dorso formavam uma fita dentada por ambas as partes em razão da côr mais escura, e por ambos os lados a cada intervallo dos ditos dentes correspondiam lateralmente umas pequenas malhas quasi da mesma côr da fita; cada uma das escamas, que cobriam todo o corpo tinham pelo seu meio longitudinalmente uma linha saliente da mesma côr; a cabeça era deprimida, e coberta de escamas miudas, e unicamente sobre os olhos correspondia a cada um, uma maior escama, que formava ao olho uma especie de tabernaculo; o rostro era rombo, e alguma coisa erecto á maneira de focinho de porco. A albuginea era de côr argenteo-lactea; pupilla linear de cima para baixo. Ventas no apice do rostro e lateraes; o hiato da boca, de meia polegada; as maxilas, superior e inferior, guarnecidas de numerosos dentes miudissimos, e voltados para a parte das fauces, em uma e outra maxila; na maxila superior, aos lados do angulo anterior, na parte externa dos alveolos se elevavam de cada parte dois grandes dentes ou prêsas, de comprimento de duas linhas e meia, e recurvados para a parte posterior; a anatomia d'estes me mostrou que de uma porção ossea se elevavam dois dentes ambos reunidos. e envolvidos em uma membrana rubra, e lubrica até aos seus apices, que eram descobertos, e agudissimos, cada um d'estes dentes deslocado da dita porção ossea, offerecia na sua base um orificio, no qual mettendo um alfinete fino abria o dente, patenteando um rego, que não pude seguir por falta de instrumento, senão pouco mais do meio do dito dente.»

J. S. D.

(*Jornal de Coimbra*, n.º LIX. Parte I. Pagina 322.)

Barrozo não é tão agreste, esteril e feio, como muitos dizem e pensam; e mais fertil e rico seria, se os poderes publicos e auctoridades locaes tivessem empregado a energia e actividade necessarias em promover os melhoramentos agricolas e construcção de estradas n'este mal fadado concelho.

Os camaristas, ou porque não gostam de incommodar, no seu biennio, os visinhos e amigos, ou porque participam de certa molestia, inherente quasi sempre áquellas cadeiras, deixam muitas vezes de empregar opportunamente meios que deviam produzir bons effeitos; na verdade parece que a maior parte das camaras municipaes tem só como regimento a gerencia de impostos,

sem que d'elles possam ou queiram aproveitar uma pequena parte para um pontão ou uma calçada.

Os poderes publicos só se lembram de Barroso para lhe exigir contribuições, principalmente a de sangue, pois talvez este concelho seja o que, em todo o reino, tenha dado mais recrutas.

Ainda não ha no concelho um palmo de estrada a mac-adam, nem esperanças de haver tão cedo; as do systema antigo estão n'um miseravel estado; em alguns sitios só servem para o transito de cabras.

—

O sr. José dos Santos Moura—filho de Antonio dos Santos Dias e Luzia de Moura, nasceu no logar do Cortiço, freguezia de Santa Christina de Cervos, concelho de Mont'Alegre, no dia 13 de setembro de 1830.

Frequentou o lyceu de Braga, obtendo diploma, com approvação—*Nemine discrepante*—em todos os exames, em 29 de agosto de 1853; e o curso triennal do seminario diocesano de Braga, fazendo exame final, em 20 de agosto de 1852, no qual foi approvado—*Nemine discrepante.*

Recebeu ordens menores, na Santissima Trindade, de 1848; subdiacono, no dia 20 de dezembro de 1851; diacono a 18 de setembro de 1852; e presbytero, na cidade do Porto, a 24 de setembro de 1853.

Celebrou sua primeira missa, no Santuario do Bom Jesus do Monte, de Braga, a 9 de outubro de 1853.

Fez concurso por provas publicas, á egreja de Santa Maria de Caires, no dia 3 de julho de 1855; foi despachado para a mesma, por decreto de 3 de outubro de 1855—collado em 31 de dezembro de 1855, e tomou posse no 1.º de janeiro de 1856.

É a este illustrado cavalheiro que devo, não só grande parte dos esclarecimentos pertencentes a Mont'alegre, como os de outras muitas povoações do Minho e Traz os-montes, pelo que d'aqui lhe envio os meus sinceros agradecimentos.

MONT'ALTO—Monte e sanctuario do Douro, na freguezia, concelho e comarca de Arganil, bispado, districto e 40 kilometros a E. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

A 1:500 metros a E. da villa d'Arganil, se levanta um monte, o qual, pela sua eminencia, se denomina *Monte-Alto* ou *Mont'alto.* Aqui appareceu em tempos antigos, uma imagem da Santissima Virgem.

O povo das immediações, resolveu logo edificar-lhe alli uma ermida; e, porque o monte, pela sua altura desmedida, e pela escabrosidade da subida, não se prestava muito á edificação, não só pelo muito que custaria a conducção dos materiaes, mas tambem, pela falta de pedra—porque a não ha n'aquelle monte—assentaram em edificar a capella em outro monte visinho, que não era tão alto nem tão ingreme, e onde havia pedra. Resolveram tambem levar para lá a Senhora logo, e fazer-lhe uma capellinha provisoria, de tábuas, para ella estar, emquanto se não concluisse a capella; mas assim que aqui collocaram a imagem, ella fugiu para o sitio onde fôra encontrada.

Não tiveram outro remedio senão edificar aqui a ermida: e foram tantas as esmolas dos devotos, que se fez um bom templo, com capella-mór e dois altares lateraes.

Sobre a porta principal da egreja está gravada em uma pedra, a inscripção seguinte:

ESTA IGREJA MANDOU FAZER FRANCISCO PIRES, FILHO DE DOMINGOS PIRES. NATU AL D'ESTA VILLA, POR SEU IRMÃO. JOÃO DE COIMBRA, NO ANNO DE 1521.

Mas esta obra é reedificação da primeira, que, como se viu, não foi feita por um só devoto, mas á custa de muitos.

A imagem tem 1m33 d'alto, e é de roca, como a maior parte das antigas. Tem ricos vestidos, de varias côres.

Tem uma grande irmandade, servida pelas principaes pessoas da freguezia.

Ha na egreja uma bôa alampada e outros objectos de prata, de muito merecimento, e excellentes paramentos e alfaias.

Junto á egreja, ha uma bôa hospedaria particular, e varias casas, para abrigo e pousada dos muitos romeiros que aqui concorrem com frequencia. Tambem tem uma casa de residencia do erimitão, que era quasi sempre clerigo, apresentado pelo vigario da collegiada d'Arganil.

Todas estas casas ficaram carissimas, em razão de ser preciso vir a pedra de longe e com grande trabalho e difficuldade, em vista da grande subida.

O monte, na sua parte superior, é arido e sêcco, tendo apenas algumas arvores silvestres; porém na parte inferior está coberto de frondoso arvoredo, e é sitio fresco e ameno, por ser (o monte) cercado de ribeiros.

No caminho, desde o fundo até ao alto do monte, estão 6 ermidas, dedicadas a varios santos, que servem de descanço aos romeiros que se resolvem a subir áquella eminencia.

A festa da Senhora é feita a 8 de setembro, e muito concorrida. No mesmo dia se faz uma feira franca no terreiro do paço dos bispos-condes, que é uma das melhores que ha por estes sitios.

A villa de Arganil foi cabeça de 24 villas; d'estas e de outras muitas povoações d'estes sitios, vão annualmente varias procissões á capella da Senhora, principalmente em occasiões de calamidades publicas, para invocarem o patrocinio da Santissima Virgem.

Antigamente hia a camara de Arganil, o clero e povo da villa, todos os annos, no 2.º sabbado da quaresma, em procissão, á Senhora de Mont'alto, havendo então aqui festa e missa cantada. Era o cumprimento de um voto feito pelo povo, por a Senhora o livrar de uma grande sêcca que houve por aquellas terras. Não se sabe quando principiou esta procissão. Muitos devotos, de ambos os sexos, em cumprimento de promessas, fazem, descalços, esta romaria.

No seculo XVII, por occasião de uma grande trovoada, cahiu um raio no tecto da egreja, e, sem fazer damno nas telhas e armação, fez pelas paredes grandes brechas; entrou pela capella-mór, e sem causar o menor prejuizo sahiu pelas trazeiras da capella, para a casa do erimitão—que era unida—quebrou uma viola e uma espingarda d'este, e junto á casa, onde estava um cortêlho, de pedra solta, [1] matou um porco que alli tinha o erimitão. Desde então ninguem mais aqui quiz crear porcos.

MONTALVÃO—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros ao N. de Portalegre, 195 ao SE. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Foi commenda do mestrado de Christo.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Feira a 24 de setembro.

A villa está situada em um alto, á direita do rio Sever, e 3 kilometros ao S. do Tejo.

O seu territorio é fertil em caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de novembro de 1512. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 54 v, col. 2.ª)

D. Diniz lhe mandou construir um castello e cercar de muralhas, que tudo ainda existe, mas em estado de ruina, como quasi todas as outras fortificações portuguezas.

Perto de Montalvão, na foz do rio Sevêr, entra o Tejo por ambas as margens a ser do reino de Portugal. [1]

Foi cabeça de concelho por muitos annos, sendo este supprimido, depois de 1834. Tinha camara com 3 vereadores, juiz ordinario e mais auctoridades e empregados municipaes.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

A villa é pequena, e sem edificio algum notavel.

—

É esta villa patria do célebre *padre Manuel Godinho*, que nasceu aqui no anno de 1630. Era filho de Manuel Nunes de Abreu e de Joanna dos Reis.

Entrou para a Companhia de Jesus, em Coimbra, a 3 de junho de 1645.

Escreveu varias obras em differentes ge-

[1] Esta casinha se tinha feito em memoria de uma fonte d'agua potavel que alli tinha rebentado em um anno de sêcca, o que foi atribuido a milagre da Senhora.

[1] O Tejo nasce nas montanhas de Albarrazim, no Aragão, 12 kilometros abaixo de Alcantara. Na foz do Elgas, principia a servir de raia de Portugal e Hespanha, até á foz do Sevêr; sendo d'ahi por diante todo portuguez até á sua barra.

neros, sendo conhecido como um dos bons escriptores do seu tempo.

Foi para as missões da India, sendo vice-rei, Antonio de Mello e Castro, que foi seu verdadeiro amigo, e, attendendo á sua illustração e boa vida, o encarregou de commissões importantes.

Em 1662, veio a Portugal, por ordem do vice-rei, em desempenho de um negocio de alta monta, urgente e de muito segredo, do que o padre Godinho se desempenhou com muita cordura, sendo muito estimado de D. Affonso VI e da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV.

Chegára a Lisboa, em outubro de 1663.

Por intervenção do rei, conseguiu do papa um breve de secularisação, sahindo da Companhia, apesar de todos os grandes obstaculos que para isto se offereciam.

Foi nomeado protonatario apostolico, e mais tarde, commissario do *Santo Officio*.

Foi prior da freguezia de S. Nicolau, da então villa de Santarem, beneficiado do mesmo orago, na Sé de Lisboa, e depois, prior da freguezia de Santa Maria de Loures, termo de Lisboa. Falleceu em 1712.

D'entre todas as suas obras, a que maior nome lhe deu, foi a sua—*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India a Portugal, no anno de 1663, o padre Manuel Godinho, do Companhia de Jesus, enviado á Magestade de El-rei Nosso Senhor, D. Affonso VI, pelo seu viço-rei, Antonio de Mello e Castro, e Estado da India.*

Foi este curioso livro impresso em Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor do rei, em 1665. O seu auctor, dedicou-o a Luiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor.

Esta dedicatoria, é datada do collegio de Santo Antão, de Lisboa, a 2 de outubro de 1665.

A sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, fez na sua typographia, uma 2.ª edição em 1842.

Tambem são do padre Godinho, as obras seguintes:

Vida, virtudes e morte, com opinião de santidade, do veneravel padre, frei Antonio das Chagas, missionario apostolico n'este reino, da Ordem de S. Francisco, fundador do seminario de missionarios apostolicos da mesma ordem, sito no Varatojo.

Foi dedicado a D. Pedro II, e impresso na typographia de Miguel Deslandes, em 1687.

Apesar de ser um plagiato do padre Chagas, teve 2.ª edição em 1728, e 3.ª em 1762—aquella na typographia de Miguel Rodrigues, e esta na de Francisco Borges de Sousa. [1]

Horario Evangelico, etc., etc.—Lisboa, typographia de Miguel Deslandes, 1684.

Noticias singulares de algumas cousas succedidas em Constantinopola, depois da róta do seu exercito, sobre Vienna, etc. etc.—Lisboa, na mesma typographia, 1684.

Sermão do glorioso Santo Antonio, prégado na egreja de Santa Marinha de Lisboa.—Foi publicado em Lisbôa, em 1668; e em Coimbra, em 1692.

Além d'estas, escreveu e publicou mais algumas obras mysticas, de pouco merecimento.

—

Foi marquez de Montalvão, o infeliz D. Jorge Mascarenhas, conde de Castello-Novo, e 1.º vice-rei da *Nova Lusitania*. (Brasil.)

Este fidalgo foi uma victima das mudanças da fortuna, vendo-se por vezes no fastigio da grandeza, e nos maiores transes da adversidade.

Pela nobreza do seu sangue, e pelas suas excellentes partes, chegou a ser o maior do reino, abaixo do rei, e inesperadamente se viu encarcerado com sua mulher, e seus filhos fugidos para Castella.

Passados tempos conseguiu justificar-se e foi solto e restituido aos cargos e grandezas que havia logrado. Pouco tempo porém lhe durou a liberdade e as honras, e tornou a ser preso no castello de Lisboa, onde falleceu no 1.º de janeiro de 1652.

D. João IV lhe concedeu fazer testamento.

[1] Este livro é escripto em estylo gongorico, e quasi todo com retalhos cerzidos das cartas do padre Chagas, alguns reproduzidas textualmente: o que não revela falta de engenho, que o tinha; mas preguiça, ou vontade de se enfeitar com as glorias alheias.

N'elle ordenou o marquez que se não dobrassem os sinos por sua morte, e que só com os clerigos da freguezia fosse levado á sepultura; mas, apesar d'esta clausula, foi acompanhado pela irmandade da Misericordia (da qual tres vezes fôra provedor) e por bastantes fidalgos, nos quaes prevaleceu a todos os outros respeitos a piedade e commiseração.

MONT'ALVÃO—aldeia, Extremadura, na margem esquerda do Tejo. (Vide *Alcochete*, vol. 1.º, pag. 77, col. 2.ª, *in fine*.

MONTÁLVO—freguezia, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Constancia, 180 kilometros a O. da Guarda, 144 ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago antigo Nossa Senhora da Assumpção, e actual Nossa Senhora da Annunciação. Bispado de Castello Branco (foi do bispado da Guarda); districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. Julião, de Punhete (Constancia) apresentava o cura, que tinha de congrua 50$000 réis, e o pé d'altar.

Tem este nome por estar situada na serra de Montalvo.

MONTÁLVO—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 3 kilometros da villa de Moura, 65 kilometros ao O. de Evora, 160 ao SE. de Lisboa. Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Os condes d'Obidos apresentavam o prior que tinha 420 alqueires de trigo e 60 de cevada, de rendimento annual.

Esta freguezia foi supprimida por pequena, e annexa á de Santo Agostinho, da villa de Moura.

A egreja que foi matriz ainda existe, reduzida a capella, situada em um monte d'onde lhe proveio o nome. É um templo antiquissimo, e estando muito arruinado, foi reedificado pelos annos de 1700.

A imagem da padroeira é objecto de grande devoção dos habitantes de Moura e de outras muitas terras. Faz-se-lhe a sua festa a 8 de setembro.

MONTÁLVO ou **MONTE VIL**—freguezia, Extremadura, ao S. do Tejo, comarca e concelho de Alcacer do Sal, 60 kilometros ao O. de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes.

MONTANHA ou **SANTA MARTHA DA MONTANHA**—Esta freguezia já está descripta a pag. 99 d'este vol.; mas, rectifico aqui aquelle artigo, pela fórma seguinte:

Tinha em 1757, 45 moradores.

Os reitores do Salvador e de Santa Marinha, ambos da Ribeira de Pena, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MONTANHAS—As 30 maiores elevações do continente portuguez:

ORDEM NUMERICA	ELEVAÇÃES	PROVINCIAS	MEDIDAS POR	METROS ACIMA DO NIVEL DO MAR
1	Monte da Gaviarra, na serra de Suajo.....	Minho	Balbi	2:467
2	Pincaro do Cantaro Delgado, na serra da Estrella.....	Beira Baixa	»	2:400
3	Ponto culminante da serra de Montezinho....	Traz os-Montes	»	2:335
4	Môrro do Bugarreiro, na serra do Gerez.....	Minho	»	1:600
5	Ponto culminante da serra do Marão.....	Traz-os-Montes	»	1:467
6	Pico da Foya, na serra de Monchique.....	Algarve	Franzini	1:277
7	Ponto culminante da Serra-Nogueira.....	Traz-os-Montes	Balbi	1:168

ORDEM NUMERICA	ELEVAÇÕES	PROVINCIAS	MEDIDAS POR	METROS ACIMA DO NIVEL DO MAR
8	Assento da cidade da Guarda.....	Beira Baixa	Balbi	1:000
9	Dito da villa de Montalegre.....	Traz-os-Montes	»	935
10	Dito da villa de Trancoso.....	Beira Baixa	»	900
11	Plató septemtrional de Traz-os-Montes.....	Traz-os-Montes	»	800
12	Ponto culminante da serra da Louzan, ou do Coentral.....	Douro	»	767
13	Assento do castello da villa de Monsanto.....	Beira Baixa	»	735
14	Ponto culminante da serra de Monte-Junto...	Extremadura	Franzini	728
15	*Cabecinho de Todo o Mundo*, na serra de Ayre, ou Minde.....	Extremadura	Verdier	719
16	Ponto culminante da serra de Santa Luzia...	Minho	Balbi	700
17	Monte Gordo (em frente de Ayamonte).....	Algarve	»	700
18	Serra de Ossa.....	Alemtejo	Verdier	677
19	Assento da villa de Chaves.....	Traz-os-Montes	Balbi	667
20	Serra de Portalegre, ou de Arronches.....	Alemtejo	»	667
21	Monte do Figo, na serra do Algarve.....	Algarve	Franzini	667
22	Ponto culminante da serra de Cintra.....	Extremadura	Balbi	600
23	Alto de Nossa Senhora do Viso, na freguezia de Custoias.....	Beira Baixa	»	595
24	Alto de Nossa Senhora, da serra do Bussaco..	Douro	»	558
25	Monte *Formosinho*, na serra da Arrabida	Extremadura	Franzini	546
26	Assento da villa de Marvão.....	Alemtejo	Balbi	534
27	Ponto culminante da serra de S. Luiz, proximo a Palmella.....	Extremadura	Franzini	398
28	*Alto da Vella*, no centro da *Tapada*, em Mafra.....	Extremadura	Verdier	367
29	Assento da cidade de Beja.....	Alemtejo	»	300
30	Cabeço de Montachique.....	Extremadura	»	250

N. B.—Desprezaram-se as fracções de metro.

MONTAR—portuguez antigo—dar lanço na praça. (Doc. da Torre do Tombo, de 1338)

Montar, era tambem o direito do visinho, de servir-se dos montes communs, para pastos de gados, madeiras, lenhas, caças, etc.—*Os homens do Bispo, e do Cabido, montem, e pesquem con nos Concelhos, e con nos outros homens, como sempre usarom.* (Doc. de Lamego, de 1292.)

MONT'ARGIL ou **MONTE-ARGIL**—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Ponte de Sôr, 135 kilometrosao SE. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o prior que tinha 200$000 réis de rendimento annual. Esta villa está situada a 18 kilometros a O. das Galvêias, em um alto, e banhada pelo E., pelo rio Sôr, que a fertiliza.

D. Diniz a fundou em 1315, dando-lhe então foral, mas Franklln não o menciona.

Tinha até 1834 um beneficio da ordem de S. Bento d'Aviz.

Foi senhor d'esta villa D. João Rolim de Moura, progenitor da actual familia Loulé.

É fertil em cereaes e legumes, e produz algum vinho, azeite e fructas. Tem muita caça, e abundancia de mel e cera.

Diz-se que o seu primeiro nome foi *Monte-Argel*, e vinha a ser—*Monte do Infeliz;* porque no antigo portuguez, *argel* significava mofino, infeliz, desgraçado, etc.—(Tambem significava—malvado.)

Outros pretendem que é corrupção de *Monte-Argilla*—monte do barro.

Na França ha uma cidade chamada *Montargis*. Póde ser que algum francez, dos tantos que vinham a Portugal buscar fortuna, nas guerras contra os mouros, fosse de Montargis, e—ou por ser senhor d'esta povoação, ou por ser d'aquella cidade franceza, impozesse o seu nome a esta villa.

MONTARÍA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo de Vianna do Minho, 40 kilometros a O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 190 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado, de toda a qualidade.

É abundante de peixe, do rio Lima, que lhe fica perto, e do mar; que lhe vae de Vianna.

MONTARÍA—portuguez antigo—chamava-se *Casal da montaría*, aquelle de que os colonos pagavam fôro de caça do monte—e tambem áquelle cujos possuidores (por qualquer titulo), eram obrigados a ir ás caçadas e montarias, quando fossem chamados por ordem do rei.

Toda a gente sabe a que hoje se dá o nome de *montaría*.

MONTÁTICO—*montadêgo* e *montado*—portugez antigo—certa pensão, ou tributo, que se pagava por apascentar os gados, nos montes de algum municipio, ou senhorio.

MONTE—antiga freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Orago S. Lourenço.

Era muito pequena e foi encorporada, ha mais de 200 annos, á da *Alheira*, no mesmo concelho, comarca, arcebispado e districto.

Ainda existe a egreja que foi matriz. (Vide *Alheira*, pag. 132 do 1.º vol.)

MONTE—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde, 24 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Santa Izabel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Bouro, apresentava o cura, que tinha réis 10$000 de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia, era do concelho de Santa Martha, de Bouro, e sendo este supprimido, passou a ser do de Terras de Bouro.

É terra fertil.—Muito gado e caça.

MONTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 killometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os donatarios do couto e honra de Farelães (Correias), apresentavam o abbade, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

No alto do monte *Sóya*, d'esta freguezia, existiu um castello, que alguem diz ter sido de *Soyano*, valido de Tiberio.

Consta que foi aqui o quartel de Decio Junio Bruto, e que a elle o vieram atacar os bracharenses, e o fizeram retirar.

MONTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Bartholomeu de Villa-Cóva, apresentava *in solidum*, o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.—Gado e caça.

MONTE—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos. Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 480$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.—Gado de toda a qualidade, caça, mel e cêra.

Foi antigamente do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamêga.

Em 29 de maio de 1745, entráram na egreja de S. Salvador do Monte, e arrombando a porta do sacrario, tiráram d'elle o ciborio de prata, que levaram, espalhando as sagradas particulas pelo altar, e pelo chão, achando-se umas, no pires das galhetas, outras, em um vazo, e uma debaixo da pedra d'ara.

Leváram tambem as ambulas dos santos oleos, que eram de estanho, derramando os oleos sagrados, sobre as mesmas particulas sacrosantas.

De uma imagem da Mãe de Deus, tiráram a corôa, e a quebraram com grande indecencia, depois de conhecerem que era de latão.

Chegou esta noticia á cidade do Porto, e logo d'ella sahiu o vigario geral com alguns desembargadores do senado, a sindicar do caso.

A 18 de junho, mandou o bispo publicar uma pastoral, para que na Sé d'aquella cidade se fizessem preces com o Sacramento exposto na segunda feira 25, do dito mez, e nos dois dias seguintes, e nos de 22, 23 e 24, em todas as egrejas d'esta cidade, e seus suburbios, como tambem nas do bispado todo, depois de lhe chegar á noticia a mesma pastoral.

MONTE—Vide *S. João do Monte*, pag. 414, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTE (Nossa Senhora do)—na freguezia das Córtes, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Leiria (a pag. 402, do 2.º vol., col. 1.ª)—está a antiga capella de *Nossa Seuhora do Monte.*

São duas as origens dadas a esta capella.

Dizem uns, que Diogo Gil, d'esta freguezia, piloto, ou capitão de navio, chegando na sua embarcação, ás costas de Vieira e S. Pedro de Muél (termo de Leiria), em uma occasião de grande temporal, e vendo-se perdido, invocou o patrocinio da Santissima Virgem, promettendo edificar-lhe uma capella, em um monte d'esta freguezia.

O navio foi a pique, sendo elle o unico da tripulação que se salvou; e cumpriu a sua promessa, edificando esta capella, no anno de 1550, sendo bispo de Leiria, D. Braz de Barros.

Esta capella está ao pé da serra, no sitio chamado—*O Pé da Cabeça do Bom Dia.*

Dizem outros, que o fundador d'esta capella, se chamava Diogo Gil Preto, natural de Lisboa, thesoureiro da casa de Ceuta (outros dizem, que thesoureiro-mór do reino.) Em uma occasião, em que tinha de dar contas da sua gerencia, faltaram-lhe certos papeis, indispensaveis para isso, pelo que as não pôde dar satisfatoriamente e foi demittido. Retirou-se a Leiria, d'onde era sua mulher, e como era muito devoto de Nossa Senhora, lhe fez voto de edificar uma capella da sua invocação, se lhe apparecessem os documentos perdidos. Achou-os com effeito, e prestou as suas contas, illibando a sua conducta; pelo que cumpriu o seu voto, no dito anno de 1550, edificando a capella, e junto á mesma, uma casa e horta, para residencia de um ermitão que cuidasse da Senhora e da capella.

Passou depois o padroado d'esta capella, aos Silvas, de Leiria, herdeiros de Diogo Gil Preto.

MONTE (Nossa Senhora do Monte, ou da Cabeça)—Beira Alta, na freguezia de Fornos de Maceira-Dão, comarca e concelho de Mangualde. (pag. 12, d'este vol., col. 2.ª e pag. 219, col. 1.ª do 3.º)

Junto ao mosteiro que foi de frades bernardos, de Maceira Dão, está o sanctuario de *Nossa Senhora do Monte*, situado na maior eminencia de um cabeço, com extensas vistas.

Chama-se Nossa Senhora do Monte, por a sua posição—e Nossa Senhora da Cabeça, por ser advogada contra as dôres de cabêça.[1]

O seu primeiro nome, foi *Santa Maria do Monte.*

Consta que esta antiga capella, foi fundada pelos frades de Maceira Dão, emquanto benedictinos—isto é—antes de adoptarem a regra de S. Bernardo. Sendo assim, é esta ermida mais antiga do que a nossa monarchia; pois em tempo de D. Affonso Henriques, foi que o abbade João Cirita introduziu em Portugal a reforma cisteriense.

[1] Parece-me mais provavel, que o nome de *Cabeça*, lhe venha tambem por estar a sua capella edificada na *cabêça*, ou *cabêço* de um monte.

Diz o *Sanctuario Marianno*, que esta ermida foi edificada no anno 900, ou antes— e que a reforma de S. Bernardo entrou n'este mosteiro, pelos annos de mil cento e tantos. (Julgo que foi em 1130.)

Até 1834, vinham os religiosos cantar uma missa a esta Senhora, em todos os sabbados do anno. Por este facto, suppõe-se, com bons fundamentos, que foi aqui o primeiro local do mosteiro.

Faz-se-lhe a sua festa a 3 de maio, dia de Santa Cruz; e é uma romaria muito concorrida de todos os povos das visinhanças.

Mesmo fóra d'este dia vão alli muitos romeiros, visitar a santa imagem.

O mosteiro fica ao O. de Villa Garcia, e a capella ao E.

A ermida tem soffrido varias reconstrucções: é muito linda, e tem capella-mór.

MONTE (Nossa Senhora do) — Traz-os-Montes, na freguezia de Duas-Egrejas, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Miranda.

(Vide pag. 487, col. 2.ª, do 2.º vol.)

É um magestoso templo, dos bons da provincia, dedicado á Rainha dos anjos, cuja imagem é objecto de grande devoção por estas terras.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora appareceu sobre uma gésteira (a que aqui dão o nome de *escôva*) a uma pastorinha de poucos annos.

A povoação e a egreja matriz, distava um kilometro do sitio onde foi achada a Santa imagem. A pastorinha deu parte do apparecimento aos povos da aldeia, que todos correram ao monte, e levaram a Senhora em procissão para a egreja; mas na manhan seguinte havia desapparecido, e foi achada no logar onde a primeira vez tinha sido vista.

Resolveram então edificar-lhe um templo n'aquelle monte, ficando o altar-mór sobre a mesma *escôva* (gésteira.)

Como a parochia ficou com dois templos, se chamou de *Duas-Egrejas*; e sendo o santuario mais vasto e magestoso do que a antiga matriz, se veio a mudar para elle a séde da parochia.

Em uma parede, junto ao altar-mór, se vê ainda hoje pintada uma pastorinha, em memoria d'aquella a quem a Senhora appareceu.

Não se sabe quando este templo foi edificado; só se sabe que é muito antigo, e ainda muito mais o é a matriz primittiva.

Em 15 de agosto de 1665, estando a dizer missa n'esta egreja, o abbade Gaspar de Sá, varão de muito saber e caridade, cahiu na egreja um raio que o fulminou, fallecendo immediatamente.

MONTE (Nossa Senhora do)—Extremadura, na freguezia de Friellas, concelho dos Olivaes. (Vide vol. 3.º, pag. 238, col 1.ª)

Ao E. da povoação, está o santuario da Santissima Virgem, no alto de um cabêço, e por isso se lhe dá o nome de *Nossa Senhora do Monte*.

Foi este templo mandado edificar por Lopo de Abreu, no meio da sua quinta da *Ramada*, em 1579.

Como esta capella era muito pequena, o mesmo Lopo de Abreu a ampliou em 1599, como se vê da seguinte inscripção que está sobre a porta principal da ermida:

CONDITUM A LUPO DE ABREU,
ET VIRGINI DEIPARAE DE MONTE DICATUM,
ANNO MDLXXIX AMPLIFICATUM
VERO AB IPSO SUB AC FORMA,
ANNO MDXCIX

—

Os successores de Lopo de Abreu, venderam esta quinta a Miguel de Sousa Ferreira, que ficou sendo padroeiro da capella, e, como a achasse já bastante arruinada, a reedificou, quasi desde os fundamentos, em 1686, conservando-lhe a porta com a inscripção antiga, para memoria do seu fundador, e dos annos da sua construcção e reedificação.

É esta capella, ainda que não muito vasta, de boa e elegante construcção, tendo á direita uma soffrivel sacristia, com uma tribuna, e da esquerda, uma casa tambem com tribuna, para a familia do padroeiro.

O tecto da capella é de abobada, e tem cinco retabulos de bella pintura, allusivos á vida de Nossa Senhora.

Manuel de Sousa Soares, filho de Miguel de Sousa Ferreira, mandou collocar n'esta

capella dois primorosos quadros a oleo, sendo um, do nascimento de Jesus Christo, e outro da adoração dos *reis magos*. Mandou tambem forrar de bellissimos asulejos a capella-mór. (Estes asulejos foram feitos em Lisboa, na fabrica de Antonio de Oliveira, e rivalisam com os melhores que então vinham da Hollanda.)

São tambem da mesma fabrica e mandados fazer pelo mesmo Manuel de Sousa Soares, os asulejos que revestem as paredes do corpo da egreja, e que não cedem em belleza e perfeição de desenho aos da capella-mór.

Debaixo do pulpito se vê a inscripção seguinte:

ESTA ERMIDA SE COMEÇOU A REEDIFICAR
POR MANOEL DE SOUZA FERREIRA,
NO ANNO DE 1686, E A ACABOU
DE FAZER, SEU FILHO, MANOEL
DE SOUZA SOARES, NO ANNO DE 1699,
PEDE UM PADRE NOSSO E UMA
AVE-MARIA PELAS SUAS ALMAS.

A imagem da Senhora é de formosa esculptura, e tem 1m10 de altura, fóra o globo e nuvens com seraphins, que lhe serve de pianha.

Esta imagem foi mandada fazer pelo ultimo reedificador (Manoel de Souza Soares). A primitiva, era de roca, e foi recolhida na sacristia.

Houve n'esta capella um erimitão, chamado João de Santo Antonio, que morreu com fama de santo. Está sepultado na capella-mór da ermida, do lado do Evangelho, em sepultura raza, tendo na tampa (que é de pedra lióz) um epitaphio, com a data do seu fallecimento.

Este templosinho é um dos mais ricos e formosos das aldeias portuguezas.

Do sitio onde está edificado se vê territorio de 12 freguezias, que são—Friellas, Bucellas, Santo Antão do Tojal, Loures, Fanhões, Póvoa, Odivellas, Lumiar, Camarate, Appellação, e Ameixoeira. Da maior parte d'estas freguezias se descobrem d'aqui as egrejas parochiaes.

MONTE—(BOM JESUS DO)—Minho—Famosissimo Sanctuario, edificado no monte de que tomou o nome, no districto da freguezia de Santa Eulalia de Tenões, dois kilometros a E. N. E. de Braga.

Por um admiravel concurso de felizes circumstancias, é o BOM JESUS DO MONTE, incontestavelmente, o primeiro Sanctuario de Portugal; posto que a sua architectura e as suas estatuas, nem sempre primem em correcção, é comtudo, um riquissimo monumento de piedade christan, que dá honra á augusta Braga, já tão honrada e célebre por tantos titulos que a enobrecem.

Os fundadores d'este sumptuosissimo Sanctuario, souberam aproveitar com felicidade a ingreme posição do monte, cujo ingresso facilitaram com uma formosa e suave escadaria, orlada de frondoso arvoredo, varias capellas com os passos da paixão do Redemptor, e de formosas fontes de frescas e excellentes aguas, lagos e jardins de grande belleza.

Estas capellas, que são uniformes, principiam á raiz do monte, e chegam até ao seu cume. Os factos mais notaveis da vida de Jesus-Christo, são representados por figuras em vulto, quasi de tamanho natural, tendo principio ao fundo da avenida, e terminando no altar-mór da magestosa egreja, pela morte do Salvador, na Cruz.

O pensamento que presidiu a esta construcção, foi sem duvida cheio de religião e poesia.

O viajante que subir a esta encantadora estancia, esquece, á vista de tantas formosuras, todo o pensamento mundano, e sente-se arrebatado á contemplação das coisas do Céu, e do immenso sacrificio do Divino Martyr do Golgotha.

Que importa pois que nem todas estas artificiaes formosuras sejam primores d'arte, se a natureza e a piedade o fizeram tão bello e grandioso; tão cheio de encantos e de magestade?

—

Eis a origem d'este notavel Sanctuario:

Sendo arcebispo de Braga, D. Martinho da Costa, irmão do célebre D. Jorge da Costa, *cardeal de Alpedrinha* (vide *Alpedrinha*, a pag. 159 do 1.º—e *Lisboa*, a pag. 273 do 4.º vol.) mandou edificar no alto do *monte Espinho*,

uma capella, dedicada á Santa Cruz, no anno de 1494.

Principiou o povo de Braga e das povoações circumvisinhas a ter muita devoção com esta capella, e todos os annos, no dia 3 de maio (dia da Santa Cruz) concorriam aqui innumeraveis romarias.

Com a morte do fundador, foi resfriando a devoção, e descurando-se a conservação da capella, por ser em um ermo agreste e desabrido, e poucos annos depois estava em ruinas, apezar de ter apenas 28 annos de existencia, o que prova que a sua construcção era pouco solida, e de máus materiaes.

D. João da Guarda, deão da Sé de Braga, vendo este abandono, decidiu reedificar a ermida, em 1522.

Consta isto de uma lapide que mandou embeber na parede da capella, e que hoje está no muro da escadaria do monte, chamada *das Virtudes*.

Tambem pela morte de D. João da Guarda, afrouxou a devoção do povo, e pouco mais de um seculo depois, estava outra vez a ermida arruinada.

Pelos annos de 1627, alguns devotos resolveram reedificar e ampliar a antiga capella de Santa Cruz, com as offertas que fizeram e com as esmolas que para isto solicitaram de outros devotos.

Repararam os estragos que o tempo e o abandono tinham causado á ermida, ornaram-a com alfaias novas, collocaram no altar uma imagem de Jesus Christo, e instituiram uma confraria (1581) encarregada do culto divino e da conservação do templo.

Foi então mudada a antiga invocação de *Santa Cruz* na de *Bom Jesus do Monte*.

Tambem o monte mudou então de nome. Como vimos, chamava-se originariamente *Monte Espinho*, Depois se chamou *Monte de Santa Cruz*, e desde que se mudou a invocação da capella, ficou tambem tendo o mesmo nome—*Monte do Bom Jesus* ou *Bom Jesus do Monte*.

A confraria do Bom Jesus resolveu que esta ermida fosse um Sanctuario muito concorrido de romarias, e por isso concebeu um vasto plano de obras, umas destinadas para accomodação da confraria e agasalho dos romeiros, e outras para aformoseamento do sitio.

Recorreu por differentes modos á piedade dos fieis: mas, posto que se puderam obter bastantes e avultadas esmolas, não chegavam estas para se effectuarem os grandes melhoramentos que a confraria emprehendera.

Limitou-se pois a construir, junto da ermida, um edificio, a que deram o nome de *sala grande*, para alojamento dos irmãos e peregrinos que fossem visitar a capella; e na ladeira do monte varias capellas da *Paixão* e *Ressurreição de Jesus Christo*, e uma escadaria de pedra, proxima do templo, e na parte em que o monte era de mais difficil accesso, que é do O.

Plantaram arvores e fizeram paredes de buxo, de cada lado da escadaria; e se nomeou um ermitão que aqui permanecesse, para velar na conservação e aceio do templo.

Os herdeiros do deão, D. João da Guarda, que foram pouco e pouco descuidando-se da ermida de Santa Cruz até a deixarem cahir em ruinas, assim que a viram reconstruida e bem ornada, e o sitio embellezado com casas, capellas, arvoredos, fontes e flores, as romagens novamente a concorrerem ao sitio, e—principalmente—as esmolas a cahirem na bandeja da capella, lembraram-se de reevindicar a posse e administração da ermida, que voluntariamente haviam abandonado; allegando que devia pertencer-lhes como herdeiros do fundador, e pelo direito de apresentação como abbades que eram da fregnezia de Santa Eulalia de Tenões, annexa á dignidade de deão da Sé de Braga, e no districto da qual ficava o Santuario.

A confraria resistiu a esta absurda pretenção, allegando que quando tomára posse da ermida a achou abandonada e em ruinas, e que a sua reconstrucção, ornamento e alfaias, bem como as mais edificações e aformoseamentos, eram sómente devidos ao zelo e sollicitude da confraria.

O deão não se deu por convencido d'estas justissimas allegações, e poz aos irmãos uma

demanda, que foi muito renhida; mas, vendo a confraria que se empenhava com o custeamento do pleito, e que o seu adversario dispunha simultaneamente de grandes meios pecuniarios e de muita influencia, desistiu da demanda, e entregou ao deão, Francisco Pereira da Silva, a capella com todas as suas pertenças.

O aceio e a devoção do templo foram em triste declinação; porque o deão só curava de receber as esmolas e offertas, e nada lhe importava que a capella, pela terceira vez, cahisse em ruinas.

Os fieis, vendo a ambição do novo padroeiro, foram pouco e pouco abandonando a capella, e, em 1720, estavam quasi extinctas as romarias.

Então o desembargador, juiz dos residuos e capellas, resolveu salvar o Sanctuario da terceira ruina que lhe estava imminente. Convocou a confraria a uma reunião; fez que se elegesse nova mesa, composta de pessoas auctorisadas e bemquistas, e em seguida poz demanda ao deão—e, no fim de dois annos de obstinada demanda, ainda ella promettia durar por muito tempo; porêm o arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles lhe poz termo, por uma provisão, de 7 de junho de 1722, que ordenava lhe fosse devolvida a eleição da mesa da confraria, e na mesma provisão se declarou juiz d'ella, e nomeou para mesarios varios conegos da sua Sé, e outras pessoas respeitaveis, de Braga.

Esta sábia e energica providencia fez por uma vez terminar o pleito, assignando-se no dia 30 do mesmo mez e anno, uma escriptura publica, pela qual o ambicioso deão desistia por si, e em nome dos seus successores, de todos e quaesquer direitos que pudesse ter sobre as diversas propriedades, que pertenciam ao Sanctuario, com a reserva de um fôro de duas gallinhas para o deão, e 300 réis para o vigario de Tenões, annualmente.

Como um reconhecimento dos seus pretendidos direitos, quiz o deão que tambem lhe ficasse reservado o direito de escolher o ermitão entre tres nomes propostos pela mesa.

Esta escriptura de transacção foi julgada por sentença logo no mez de agosto, e foi confirmada pelo papa, em 4 de setembro de 1724.

Nem assim terminaram as ambições injustas, e absurdas pretenções.

Em 1759, o vigario de Santa Eulalia de Tenões, querendo fazer valer os seus *direitos parochiaes*, pretendeu arrogar a si a escolha dos capellães e acolytos, e a superintendencia nas missas.

Correu sobre isto demanda no tribunal da legacia, que proferiu sentença a favor da irmandade, como unica padroeira do Bom Jesus do Monte.

O arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles não se limitou ao papel de pacificador, e resolveu ser o principal protector d'este Sanctuario.

No mesmo anno de 1722 deu principio a novas e mais vastas e magestosas obras, logo que assumiu o juizado da confraria.

Demoliu a ermida do Bom Jesus, e edificou uma vasta egreja, de fórma circular, coroada de balaustrada, com varias figuras de anjos acompanhando os instrumentos da Paixão, no centro de um espaçoso adro. Concluiu-se esta egreja em 1725.

Occupava o terreiro onde hoje está a cascata, e foi demolida quando se edificou o templo actual.

O mesmo prelado reedificou as capellas da Paixão, que estavam no dorso do monte, communicando umas com outras por caminhos bem traçados, amplos, e com suave declive. Comprou varias devezas para arredondar a cerca do sanctuario, que mandou cercar de muro. Erigiu na raiz do monte o portico que dá entrada para a grande avenida que conduz ao templo.

Construiu diversas fontes. Abriu uma boa estrada para o Sanctuario, por onde apenas até então havia estreitos e tortuosos carreiros, por terrenos cheios de fragas e quebradas. (Esta estrada foi depois da morte de D. Rodrigo tão descurada, que chegou ao estado de ruina mais lamentavel.)

Este benemerito arcebispo, falleceu em 1728; mas as obras do sanctuario não pararam, pois que a confraria as continuou com grande zelo e fervor, occorrendo ao seu

custeamento com muitos e valiosos legados, e com avultadas esmolas que os devotos davam constantemente para ellas; sendo uma das maiores, dois contos de réis, que o mesmo prelado deixou á confraria, em testamento.

Manuel Rebello da Costa, foi tambem um dos maiores bemfeitores do sanctuario, contribuindo por varias vezes com grandes quantias para as obras; e porque administrando a confraria desde 1749, até 1771 (em que falleçeu), o fez com grande zelo e economia.

Junto á fonte de S. Marcos, no *terreiro dos evangelistas*, está uma lapide com uma inscripção que commemora o seu nome e os grandes serviços que fez ao sanctuario.

—

Succedeu na mitra primacial de Braga, D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V, que foi tão devoto para com o Bom Jesus do Monte e tão liberal, como D. Rodrigo, tornando-se este principe, um dos maiores bemfeitores do sanctuario, tanto pelos grandes donativos que lhe fez, como pelas muitas graças espirituaes que lhe alcançou do Summo Pontifice.

Sob o seu governo, e por seu impulso, se fizeram muitas construcções e importantes aformoseamentos; porém, a principal, pela grandeza do commettimento, pelo realce que deu ao sanctuario e tambem por ser a obra de melhor gosto que alli se vê, foi o templo actual, que não chegou a vêr acabado, pois falleceu em 1789, quando os trabalhos apenas contavam cinco annos de duração.

Outro serviço deve o sanctuario a este principe, não menos importante, se não de maior alcance—foi, obter do papa Clemente XIV, em 1773, tres bullas de varios privilegios para o templo, e de graças espirituaes, para todos os devotos, que, confessados e commungados, o visitassem e n'elle orassem, em determinados dias do anno.

É verdade que foi negado o *exequator* a estas bullas, com diversos pretextos, entre os quaes figuram o da confraria levar em vista interesses pecuniarios, e serem em prejuizo da *bulla da Santa Cruzada*.

Depois de varias objecções e passados cinco annos, conseguiu a confraria o régio *apraz-me*, ás primeiras bullas e a outras subsequentes de novas indulgencias.

Celebrou-se em Braga, a publicação d'estas bullas, com uma sumptuosa procissão, que ficou em memoria por muitos annos.

Desde então estendeu-se por toda a provincia do Minho, a devoção ao *Bom Jesus do Monte*.

A concorrencia dos romeiros augmentou de dia para dia, e rarissimas occasiões se vae a este sitio, que se não encontrem visitantes.

Nos dias de indulgencias, o concurso é enorme e vem de terras muito distantes; e que enchem as caixas das esmolas, collocadas em differentes pontos do monte, e com as quaes e com os legados, rendas e fóros, joias e juros de capitaes mutuados, se tem feito constantemente varios melhoramentos no templo e dependencias.

Em 20 de março de 1809, as hordas francezas, commandadas pelo feroz Soult (que Bonaparte fizéra duque de Dalmacia) entram em Braga, e entre as muitas devastações e roubos que alli fizeram, tambem destruiram muitas obras do Bom Jesus do Monte, ficando as hospedarias quasi arrazadas; mas, depois da expulsão d'estes canibaes, a confraria reedificou tudo, ainda com mais perfeição do que estava antigamente, e augmentando o numero das hospedarias.

As principaes festas que se fazem aqui, são—nos quatro primeiros domingos de quaresma—domingo de Ramos—Paschoa da Ressurreição—Ascenção—Paschoa do Espirito Santo (que é a principal)—Dia de Corpus Christi—invenção de Santa Cruz (a 3 de maio)—S. Pedro (a 29 de junho)—triumpho de Santa Cruz (a 16 de julho)—S. Thiago (a 25 de julho)—Assumpção de Nossa Senhora (a 15 de agosto)—Natividade da Santissima Virgem (a 8 de setembro)—Exaltação da Santa Cruz (a 14 de setembro) e, finalmente, em dia de todos os Santos, no 1.º de novembro.

Para o serviço do culto divino, tem o sanctuario—tres capellães permanentes—um sachristão e um ermitão.

A administração está a cargo de uma junta de deputados e da mesa.

Esta junta é composta de 17 membros—13 que constituem a mesa, e 4 irmãos, eleitos d'entre os que pertencerem á mesa do anno antecedente.

Os 13 membros da mesa, têem os seguintes titulos e cargos—*juiz da confraria—cartorario—secretario—ministro do culto divino—védor da fazenda—védor das obras—thesoureiro da confraria—thesoureiro dos legados* (do arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles e de José Pereira Ferraz)[1]—*zelador das esmollas—zelador das estampas e das medidas do corpo e do braço, da imagem do Bom Jesus—procurador da confraria—mordomo do templo—e mordomo das capellas.*

A mesa é eleita todos os annos, pela junta da confraria.

—

Ergue-se a montanha do sanctuario, a 2 e meio kilometros a E. de Braga, entre outras serras que rodeiam os viçosos campos que se ostentam em volta da cidade.

Estende-se a montanha, com suave pendor, até á rua da Régua; porém só se dá o nome de *Monte do Bom Jesus*, desde o principio inferior das escadas, onde se vê o magestoso pórtico, para cima.

Conduz ao portico, entre dois tanques de agua corrente, uma escada de 12 degráus, e em frente está um terreiro, de uns cem metros de comprido, onde se vêem duas bonitas pyramides de granito.

O portico tem 7m26 d'alto e 3m50 de largura. No fecho do arco se vê o brazão d'armas do fundador, o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles; e na parte superior, a cruz archiepiscopal, entre quatro pyramides e dois globos, sobre bonitas peanhas.

Duas inscripções, gravadas nos cunhaes, commemoram o anno da reedificação do Sanctuario (1723) e o nome d'aquelle prelado, que foi o reedifiador.

Transpondo o limiar do portico, e perto d'elle, se encontram duas capellas, uma de cada lado, e a par d'ellas duas fontes. A capella da direita, representa a cêa de Jesus-Christo, e quando elle instituiu o sacramento da Eucharistia.—A da esquerda representa o horto de *Gethsemane*, no monte Olivéte, em que está Jesus-Christo orando e os apostolos dormindo. Cada capella tem uma inscripção em latim, allusiva ao assumpto que n'ella está figurado, tirada dos Evangelhos.

As fontes são ornadas com emblemas das divindades mythologicas, ás quaes estão dedicadas, e cujo nome se vê gravado em uma tarja.

Esta mistura do sagrado com o fabuloso era ainda moda quando se fizeram as reedificações.

Se este portico não é um primor de architectura, suppre-lhe a belleza da ornamentação, as formosuras da natureza, e a fresca sombra de gigantescos plátanos e carvalhos, que se debruçam sobre a cantaria.

Do portico, vae subindo a avenida, pela encosta do monte, em linha recta até á 3.ª capella, e depois, em *zigue-zague*, até á 1.ª escadaria, chamada dos *cinco sentidos*.

A avenida é magestosa e bella, pela sua muita largura, pelo copado arvoredo que a assombra dos dois lados, e pela aprazivel vista da matta, que reveste o monte.

Nos logares em que a avenida, descrevendo os zigues-zagues, fórma os angulos, ergue-se uma capella, e ao lado d'esta, no mesmo patim, uma fonte.

Todas as capellas da avenida (oito) são perfeitamente eguaes na architectura, como as duas a par do portico—isto é—quadradas, e de abobada, em vertice.

Na 3.ª capella estão figuradas, a traição de Judas e a prizão de Jesus-Christo.—A fonte que está contigua, é dedicada a Diana, e tem esculpidas na pedra as divisas d'esta divindade.

A 4.ª capella, representa o pretorio de Pilatos, onde Jesus-Christo, prezo á columna, foi açoitado. Em frente está a fonte de Marte, com os seus emblemas guerreiros.

A 5.ª, representa, tambem no pretorio, Jesus-Christo, depois de flagelado, sentado

[1] José Pereira Ferraz, deixou ao Bom Jesus, um legado de quatro contos de réis, com varias disposições e obrigações.

e com a corôa de espinhos, o manto encarnado e uma cana verde na mão.

A esta capella corresponde a fonte de Mercurio.

A 6.ª, representa a varanda de Pilatos, e este apresentando Jesus-Christo ao povo, com as palavras — *ecce homo.*

A fonte correspondente, é dedicada a Saturno.

A 7.ª, é Jesus-Christo caminhando para o Calvario, com a cruz ás costas. Junto d'ella está a fonte de Jupiter.

A 8.ª representa a crucificação de Jesus-Christo.

Todas as figuras que se vêem n'estas capellas, são de estatura natural e feitas de barro cosido; mas de pouco merecimento artistico, tanto na esculptura como na pintura. Os vestidos, na sua maior parte, são improprios, por anachronicos.

Muitas das estatuas dos farizeus estão mutiladas, pelas pedras que os visitantes lhes arremeçam, julgando fazer uma obra meritoria.

Finalisa a avenida, na 8.ª capella.

D'ahi para cima, até á corôa do monte, sobem as grandes escadarias, decoradas de fontes e de estatuas.

A 1.ª escadaria, chamada dos *cinco sentidos*, compõe-se de 20 lanços, cada um de nove degraus — dez lanços, correndo dois a dois, a encontrarem-se no mesmo patamar, e os outros dez, seguindo direcção desencontrada d'estes; terminando cada um em seu patamar.

Á entrada da escadaria, dividindo os dois primeiros lanços, está a fonte das *Cinco Chagas;* assim denominada, por lançar a agua por cinco fendas, similhantes ás chagas de Jesus-Christo. É decorada por muitos ornatos architectonicos, e os *dados*, a tunica, o calix e os instrumentos da Paixão, esculpidos na pedra.

Nas cinco paredes centraes correspondentes aos lanços que estão no mesmo patamar, estão cinco fontes, ornamentadas e com versiculos e alegorias, allusivas a cada um dos cinco sentidos do homem. É d'esta circumstancia, que a escadaria tirou o nome.

Vê-se em cada fonte, meio corpo humano, em relêvo, sahindo a agua pelos olhos, pelos ouvidos, pelo nariz, pela bocca, etc., segundo o sentido que a figura representa.

Sobre as fontes, levantam-se outras tantas estatuas, e aos lados d'estas, vasos ou urnas.

As paredes dos lanços lateraes, são coroadas tambem com estatuas no centro, e vasos nas extremidades. As estatuas representam (principiando de baixo) o *pastor prudente—Moysés—o propheta Jeremias—Idithun, o tocador de cythara—David—a esposa dos Cantares* (uma mulher tocando lyra — symbolisando a egreja de Jesus Christo) *o varão sabio—Noé—Sunamites*, abraçando uma palmeira—*José do Egypto—Jonathas—Esdras — Salomão — o propheta Isaías — e Isaac.*

Vão acompanhando a escadaria por ambos os lados, pequenos jardins, em sucalcos, d'onde se debruçam acacias e outras arvores, que dão sombra ás escadas.

Esta escadaria é obra do arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles.

Todas as estatuas são de granito e colossaes, tendo douradas as cercaduras dos vestidos, as faxas que lhes apertam as cinturas, os diademas e outros ornatos que lhes cingem as frontes, os septros, lanças e outras armas que impunham. [1]

[1] Não é só no Bom Jesus do Monte que houve o máo gosto de *adornar* as estatuas com arrebiques improprios. Em muitas povoações da provincia do Minho, e até na cidade do Porto, a segunda do reino, e onde ha um academia das bellas artes, se vêem cobertas de douraduras, as estatuas que decoram o magnifico templo da Trindade. (Pois aqui não era preciso, como em Braga, encobrir com garridices absurdas as imperfeições da esculptura.) Ainda no Porto se vêem outras imagens de pedra, desfiguradas com dourados e grosseiras pinturas, nos frontespicios de varias egrejas. Não devem porém os lisbonenses rir-se d'estes disparates. Tambem aqui temos em Lisboa, em todas as egrejas, imagens de santos, que viveram na penitencia e pobreza voluntaria, andando apenas vestidos de aspero burel ou grosseira estamenha, ostentando riquissimos dourados posthumos!

Vemos as naves magestosas do venerando templo da Sé cathedral, desfiguradas com uma prosaica camada de gêsso, e suas ve-

Á escadaria dos *Cinco Sentidos* se segue a das *Tres Virtudes*, mettendo-se apenas de permeio, um pequeno terreno quadrangular, com assentos, e, sobre as paredes que o cercam, vasos e pyramides.

Esta segunda escadaria, é egual á primeira, na construcção; porém mais pequena. Conta 12 lanços, 3 fontes e 9 estatuas. A 1.ª fonte se denomina *da Fé*; tem esculpida na pedra, a Cruz sobre o Calvario. As outras tres estatuas que lhe correspondem, são—a da *Fé*, sobre a fonte—e aos lados a da *Docilidade* e a da *Confissão*.

A 2.ª fonte, é a da *Esperança*, symbolisada na Arca de Noé, pousada no cume da montanha. A estatua superior, figura a *Esperança*, e as lateraes, a *Confiança* e a *Gloria*.

A 3.ª fonte, é chamada *da Caridade*. Por alegoria, dois meninos, segurando um coração, e por corôa, a estatua da *Caridade* (uma mulher com duas creanças nos braços.)

As estatuas dos lados, symbolisam a *Paz* e a *Benignidade*.

Tambem acompanham esta escadaria, de ambos os lados, pequenos jardins, em sucalcos, alguns d'elles com seus lagos de repucho perenne, e com seus portões de ferro, para os patamares.

No patim do 3.º lanço, estão duas capellas, de construcção differente das da avenida. A da esquerda é dedicada a S. Pedro, e a da direita, a Santa Maria Magdalena.

Acham-se embebidas nas paredes d'este 3.º lanço da escadaria, um brazão d'armas e tres lapides com inscripções. O brazão é do arcebispo, D. Jorge da Costa, e pertenceu á primeira capella que houve n'este monte, mandada edificar por este prelado. Foi achado este brazão, nas escavações dos alicerces de obras que alli se fizeram em 1839, sendo presidente, o abbade de Maximinos, Joaquim da Motta Cardoso. É o que declara uma das tres inscripções. A 2.ª diz:

ESTA: EGREJA: E CAPELLA MÃ-
DOU FAZER: O PROTO-NOTAIRO
DÕ: JOÃ: DA: GUARDA: DAYÃ
DE: BRAGA: E LAMEGUO:
DO CONSELHO: DE: EL-REI:
CONDE PALATINO: POR SUA DE-
VAÇÃ: A X6 D: DO MEZ: DE:
SETENBRO DO ANO: D 1522.

Logo abaixo d'esta, se segue a 3.ª, que diz:

INDICA A REEDIFICAÇÃO DA 2.ª CAPELLA
EM 1522, QUE FOI ABOLIDA NO TEMPO
DE D. RODRIGO DE MOURA E TELLES
EM 1725.

—

ANNO DE 1839.

Vê-se pois que a escadaria das *Tres-Virtudes*, é de construcção moderna.

As suas estatuas, não sendo de grande perfeição, são de melhor esculptura do que as da 1.ª escadaria; mas tambem, como as outras, teem as suas impropriissimas douraduras.

A capella de S. Pedro, é de abobada. Por cima está um terreiro arborisado, no meio do qual se vê a estatua, equestre, de *Longuinhos*, de proporções maiores do que o natural. É admiravel por ser um monumento monolythico—isto é, de uma só pedra, de granito, cavalleiro e cavallo.

Tem por base um elevado pedestal, que assenta sobre um grande rochedo, quasi todo soterrado, deixando apenas vêr a parte superior. Longuinhos está vestido de guerreiro romano, armado de capacete, lança e broquel (escudo.) A sua esculptura é no gosto da das outras figuras da avenida—isto é—de má execução.

Esta estatua equestre, foi mandada fazer e dada ao santuario, por o bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, em 1819, em cumprimento de um voto.

tustas columnas, que os seculos respeitaram, sarapintadas com óca e roxo terra!

Vemos a egreja musárabe da Conceição-Velha, com um chato e deslavado frontão de architectura *pombalina*—e o manuelino e venerando templo dos Jeronymos com uma capella-mór de ordem *jesuitica!*

Aqui mesmo, na côrte de um reino, frequentemente visitada por estrangeiros, e á face de tantos estabelecimentos scientificos, se admiram muitas d'estas invenções e reconstrucções hybridas, anachronicas e disparatadas.

Conduz a escadaria das *Tres Virtudes*, ao *terreiro da Cascata*, que é circular, espaçoso e guarnecido de assentos.

A cascata, que está em correspondencia com as fontes das escadarias, está dentro de um arco, de boa architectura, coroado pela estatua de Moysés, no acto de ferir o rochedo, com a vara, para fazer brotar agua.

Decoram as paredes lateraes, pilastras e urnas.

A agua da cascata, sahe do peito de um pelicano, cahindo sobre tres taças, das quaes, trasbordando, fórma a cascata, cuja agua cahe em um lago, quasi ao nivel do terreiro.

D'este terreiro se sobem quatro escadas —duas semi-circulares, que vão torneando a mesma cascata, e conduzem ao adro do templo. A 3.ª, que principia no lado esquerdo, e leva á capella do descimento da Cruz —e a 4.ª, que se dirige para a direita, conduz á capella da elevação da Cruz, e é egual na fabrica á antecedente, e onde se vê representado, no acto de se arvorar no Calvario, a cruz em que Jesus Christo está pregado.

O typo da capella do descimento, indica o *passo* que está interiormente figurado. José de Arimatheia e Nicodemos, estão no alto da escada, despregando o Salvador, e junto da cruz, estão, Nossa Senhora da Soledade, Santa Maria Magdalena e S. João Evangelista, as tres Marias, e os quatro servos dos prophetas, pegando nas toalhas, no lençol e nos aromas.

Ambas as capellas são exteriormente de fórma oitavada e teem bastante elegancia.

As portas d'estas capellas estão voltadas para o adro da egreja, servindo-lhes de communicação duas bonitas avenidas, largas, direitas e de 20 metros de comprimento.

Todas as capellas, estatuas e fontes, d'esta parte do santuario teem gravadas em lapides, inscripções historicas, preceitos religiosos, e maximas moraes, extrahidas das Sagradas Escripturas e allusivas aos *passos* representados nas mesmas capellas, aos personagens historicos e ás virtudes symbolisadas nas estatuas e ás alegorias figuradas nas fontes.

O adro do templo é uma formosa praça, de 66 metros de comprimento e 54 de largura. É adornada por duas esbeltas pyramides e oito estatuas, aquellas, collocadas junto da escada, e estas distribuidas symetricamente pelos dois lados da praça.

Elevam-se estas estatuas sobre altos pedestaes e representam—as quatro da direita —*o pontifice Annás*—*Poncio Pilatos*, governador de Judéa—*Herodes*—e o pontifice *Caifás*. As quatro da esquerda representam—*José de Arimatheia e Nicodemos*, discipulos de Jesus Christo—o *centurião* e outra vez *Pilatos*. No pedestal de cada figura, ha uma inscripção allusiva ao personagem que representa, no acto da sentença dada contra Jesus Christo.

Esta praça é um sitio delicioso, tanto pelos seus frondosos arvoredos, como pelo panorama encantador que d'ella se gosa.

A egreja do Bom Jesus, ergue se no fundo d'esta praça, com bastante magestade. O architecto que delineou e executou esta obra, foi Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, natural de Braga, onde teve o emprego de porteiro do arcebispo, D. Gaspar de Bragança, e depois, a pedido d'este principe, foi nomeado official de engenheria e lente de desenho, na academia do Porto, onde falleceu em 1815.

Esta egreja é sumptuosissima; porém, como este artigo já vae longo e a descripção do templo seria muito extensa, remetto os leitores que a seu respeito quizerem mais amplas informações, para o 7.º vol. do *Archivo Pittoresco*, pag. 121 e seguintes.

—

Voltando á capella do *Descimento da Cruz*, que communica com o terreiro da estatua equestre de Longuinhos, e com o adro do templo, começa ahi uma formosa avenida, assombrada por copados carvalhos e guarnecida pelos lados, por um muro baixo, debruado de cantaria, e ornado a espaços com urnas, como se vê na avenida das primeiras oito capellas do sanctuario.

Corre esta avenida para o NE., quasi em linha recta, subindo com doce declive para um terreiro, que fica um pouco mais elevado do que o adro do templo. Tem de com-

prido, desde a capella do *Descimento*, até ao referido terreiro, 160 metros. Comprehende este espaço mais duas capellas, eguaes em architectura á ultima nomeada.

A 1.ª, chama-se *da Uncção*, porque n'elle estão ungindo o corpo de Jesus Christo.— Tambem a denominam *da União*, porque ahi se vêem reunidos, em volta de Jesus Christo, a Virgem Maria, S. João Evangelista, Santa Maria Magdalena, as tres Marias, os seis prophetas e o centurião.

Ao lado d'esta capella, está uma fonte, que foi originariamente dedicada a Jano.

A 2.ª capella, intitula-se *da Ressurreição*, cujo acto aqui está figurado.

Tem dentro, um repucho d'agua, e fóra, junto d'ella, uma fonte, com a figura de Hercules, decepando a hydra de Lerna.

Pouco adiante d'esta capella, termina a avenida em uma escada de oito degráus, que dá ingresso para uma grande praça, chamada *terreiro dos Evangelistas*.

É um vasto quadrado, cercado de um parapeito egual ao da avenida, cortado nos angulos por tres capellas, duas semelhantes na architectura á do *Descimento*, e a outra de melhor fabrica.

Ha n'este terreiro quatro fontes, coroadas de estatuas, de proporções naturaes.

Por fóra do terreiro, mas junto do parapeito levantam-se, em torno d'elle, tão corpulentos carvalhos, que quasi o cobrem inteiramente com uma abobada de verdura.

A entrada d'esta praça é decorada com dois obeliscos. No angulo do lado esquerdo está a capella da *Apparição*, em que Jesus Christo se dá a conhecer a Santa Maria Magdalena, em figura de hortelão.

No angulo do lado direito está a capella de *Emauz*, figurando o acto em que o Salvador appareceu a S. Lucas e Cleofas.

No angulo fronteiro está a capella da *Ascenção*. Jesus Christo sóbe ao ceu, emquanto sobre o monte ficam:—Nossa Senhora, as tres Marias e os apostolos em admiração e adoração.

Sobre as quatro fontes, que são elevadas, avultam as estatuas dos evangelistas, com os seus respectivos emblemas. Este terreiro é um logar muito aprazivel, e ao mesmo tempo uma das obras mais grandiosas do sanctuario.

Ha na matta varios sitios de muita amenidade e belleza, pela frescura das sombras, pelo viço da relva que cobre o terreno e pelas vistas deliciosas do visinho valle e das longinquas serras que d'aqui se descobrem.

Tambem é muito agradavel o *passeio da mãe d'agua*, proximo do *terreiro dos evangelistas*.

Ha varios edificios construidos no monte do Bom Jesus, para acommodação da confraria, para residencia dos capellães, para aposento dos romeiros e para hospedarias publicas.

Além d'estes, ha no monte, em varios sitios, outros edificios para differentes applicações, ou antigos, ou de construcção moderna. Apesar do grande numero d'estas casas, todas são insufficientes para accommodarem a immensa multidão de romeiros que concorrem ao sanctuario em dia de festa. Então toda a montanha se transforma em vastissimo arraial, onde se admiram os costumes pittorescos das nossas provincias do Norte.

Todos os portuguezes deviam hir ao Sanctuario do Bom Jesus do Monte, ao menos uma vez na sua vida, admirarem as maravilhas da arte casadas com as da natureza.

Amplissimas noticias de tudo quanto aqui se encontra vem nas *Memorias do Bom Jesus do Monte*, publicadas pelo sr. Forjaz de Sampaio Pimentel, que são dignas de serem lidas.

—

A pag. 452, do 1.º vol., na col. 2.ª, vem transcripto um soneto que em 1844, se achou gravado em uma pedra, atraz da egreja do Bom Jesus do Monte. Parece-me bem narrar aqui o facto que deu motivo áquella poesia —é o seguinte:

Pelos annos de 1820, encontraram os pastores de Villar da Veiga, na serra do Gerez, e perto das Caldas, um hespanhol coberto d'andrajos e vivendo miseravelmente em uma chóça de ramos d'arvores. Sustentava-se de medronhos e de outros quaesquer

fructos silvestres que podia encontrar por aquelles mattos.

Confessou que fugira de Hespanha com a sua amante, que não pôde receber, por ser freira professa.

A infeliz, não podendo soffrer os rigores do clima d'esta serra, e os horrores da miseria, soccumbiu depois de alguns mezes de residencia n'estes desertos, e o amante pouco tempo lhe sobreviveu.

O dr. Francisco Jeronymo da Silva, então professor de rhetorica em Braga, esclarecido advogado e litterato, sabendo d'este triste drama de amor, compoz aquelle soneto e o mandou aqui (no monte do Bom Jesus) gravar em uma pedra, no proposito de a mandar collocar no sitio onde morreram os hespanhoes; porém a grandeza da pedra, e a grande difficuldade da conducção para o Gerez, o fizeram desistir do seu projecto, e a pedra aqui ficou.

MONTE AGRAÇO—Vide *Sobral de Monte Agraço.*

MONTE-AGUDO—sitio, Extremadura, na freguezia dos Anjos, cidade de Lisboa.

Na estrada que ia da cidade baixa, para egreja de Nossa Senhora da Penha de França, edificou Lourenço Pires de Carvalho, commissario da bulla da Cruzada (em 1692) uma ermida, que dedicou á Santissima Virgem, sob o titulo de *Nossa Senhora do Monte-Agudo.*

Consta que a imagem da Senhora é a propria, ou uma cópia da que appareceu em Flandres, junto á cidade de Sichen, no ducado de Brabante, em um alto monte pyramidal, por isso chamado *Monte-Agudo*, dentro da toca de um carvalho.

Esta imagem trouxeram dos Paizes-Baixos, as religiosas flamengas, em 1582, quando fugiram á cruel perseguição dos lutheranos.

Estas freiras se apresentaram a Philippe II, que estava então em Lisboa, pedindo-lhe hospitalidade.

O rei ordenou a Gonçalo Pires de Carvalho, *provedor dos paços e obras reaes*, que as mandasse recolher no convento da Madre de Deus, até lhe fazer casa propria, como depois se fez, nos limites de Alcantara.

Residiram quasi dois mezes no mosteiro da Madre de Deus, e d'alli foram removidas para as casas de Nossa Senhora da Gloria, onde assistiram quatro annos, passando depois para o seu mosteiro das *flamengas*[1].

Trouxeram do Brabante, duas imagens de Nossa Senhora, feitas do mesmo carvalho em que ella tinha apparecido em tempos antigos.

Uma d'estas imagens foi dada pelas religiosas ao referido Gonçalo Pires de Carvalho, em reconhecimento dos bons serviços que elle lhes havia prestado, ficando ellas com a outra, que collocaram na egreja do seu mosteiro. Ambas tinham o titulo de Nossa Senhora do Monte-Agudo.

Gonçalo Pires de Carvalho, conservou a santa imagem com a maior veneração, no oratorio da sua casa, que era na quinta da estrada da Penha de França, indo da Rua Direita da Graça, e findava no caminho da Charca, freguezia dos Anjos, e de S. Jorge.

Seu neto, o dito Lourenço Pires de Carvalho, resolveu edificar uma pequena capella á imagem flamenga, n'aquella quinta, no referido anno de 1692; e a 21 de novembro d'esse anno (dia da apresentação de Nossa Senhora), foi a santa imagem collocada no seu altar, havendo n'esse dia uma solemne festividade.

O povo principiou então a dar ao sitio, o nome de *Nossa Senhora do Monte-Agudo*, que lhe ficou.

[1] A casa de Nossa Senhora da Gloria (á esquina da calçada da Gloria), foi vendida aos condes da Castanheira, que d'ella fizeram um grandioso palacio, que depois os condes de Castello-Melhor, comprarm em praça publica, em 1666. (Vide 4.º vol., pag. 136, col. 2.ª)

Vendo o fundador que a padroeira da capella, se tornára objecto de muita devoção, para o povo de Lisboa, instituiu uma irmandade, na qual se inscreveram muitas pessoas nobres da capital.

Vendo Lourenço Pires de Carvalho, que a capella era muito pequena, em vista da grande concorrencia dos fieis á ermida, logo no anno seguinte construiu uma egreja mais vasta, que dedicou á mesma Senhora do Monte-Agudo, e ao martyr S. Lourenço.

Disse-se a primeira missa n'esta egreja, no dia 10 de agosto (dia de S. Lourenço) de 1693.

O papa Innocencio XII, concedeu aos que visitassem esta irmandade, muitas graças e indulgencias.

A egreja foi ricamente ornada, e na capella-mór foi collocado um primoroso retábulo, representando a Santissima Virgem sobre o tronco de um carvalho.

A imagem da padroeira, tinha apenas 0m,33 d'alto, com o Menino Jesus sobre o braço direito. Já disse que era feita de madeira do carvalho em que appareceu junto a Sichen.

Esta capella ainda existe. Tem a frente para a rua chamada *Estrada da Penha de França*, que é actualmente de tres freguezias—Santa Engracia, Anjos e S. Jorge.

A quinta de Lourenço Pires de Carvalho, passou depois para a casa dos condes de Soure, e é hoje propriedade do sr. Sarmento.

MONTE-ALEGRE—Vide *Mont'alegre*.

MONTE-ALGÊDA ou **DA ALGÊDA**—Alemtejo, proximo á cidade de Evora.

duzentos metros ao SO. da herdade assim denominada, se vê um *dolmen*, que o sr. Vasconcellos, em uma noticia que offereceu á commissão geologica, descreve assim:

«Na estrada que segue da mina de cobre, da serra da *Cáveira* para a aldeia dos Barros, proximamente 200 metros, existe um monumento de pedras toscas, analogo ao de Melides, mas muito maior e mais bem conservado, consistindo em 8, ou 9 grandes lages cravadas verticalmente no chão, e formando um circulo, que terá de diametro 4, ou 5 metros.

«Algumas das pedras sobresáem ao sólo, ainda mais de 1 metro. Póde considerar-se bem conservado, estando apenas uma unica pedra, desviada da sua posição primittiva.»

—

Proximo á herdade do Monte de Algêda, e a 1:200 metros a SO. da pyramide dos Barros (marco geodesico, ou trigonometrico) existe outro dolmen. Já não tem a pedra horisontal superior (mêsa). Os *esteios*, eram 9 e estavam dispostos circularmente, mas falta-lhe um d'elles.

A abertura que dava ingresso ao recinto do dolmen, dirigida para E., tem 1m,30 de largura e é guarnecida de 2 pedras, postas aos lados, e fóra do plano circular do monumento, formando-lhe uma especie de corredor.

MONTE-BRANCO—Alemtejo, proximo e ao S. da pyramide de Barros, referida no artigo antecedente. Tambem aqui ha um dolmen arruinado. Tem só 7 das pedras perpendiculares, faltando-lhe 3 e a *mêsa*.

MONTE CAVACA—pequena serra, Beira Baixa, na freguezia da Cortiçada, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, bispado e 35 kilometros de Viseu, districto administrativo da Guarda, 310 kilometros ao E. de Lisboa.

No Monte Cavaca, está o Sanctuario de *Santa Maria do Carregal*.

Ao sopé do monte, corre a ribeira de *Babou*, de excellentes aguas. Com ellas se régam e fertilisam varias propriedades, onde podem attingir.

A ermida da Senhora, é antiquissima, e, segundo a tradição, já existia no tempo dos mouros, que nunca se opposeram ao culto da sua padroeira.

É portanto provavel que fosse gothica a primittiva construcção d'este templo.

A Senhora do Carregal é objecto de muita devoção para os povos d'estes sitios.

Tres vezes no anno sahia da egreja matriz da freguezia, uma procissão em visita ao santuario, havendo então aqui missa, sermão e ladainha de Nossa Senhora.

Tambem vinha aqui em procissão, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres (que é quando se faz a festa á Senhora) a camara de Aguiar da Beira, com a gente da freguezia

da villa, e as freguezias de Valle-Verde, Gradis, Souto e Coruche.

A imagem da Santissima Virgem, é de pedra, com 0m,66 de altura, tendo o Menino Jesus nos braços.

Apesar das reconstrucções que tem soffrido, bem se vê que o templo é antiquissimo.

Não tem irmandade ou confraria, e é de parcos rendimentos, que constam na quasi totalidade, das offertas e esmolas dos fieis.

Domingos Gomes, da Cortiçada, lhe deixou um lameiro; mas como tinha o encargo de tres missas por anno, pouco rendia para a egreja.

Não se sabe a razão porque dão a esta Senhora a denominação do *Carregal*, pois não ha por estas terras, sitio assim chamado.

Carregal, no portuguez antigo, significa logar que produz *cárrega*, que é uma planta (especie de colmo) palustre.

Os povos d'estas terras teem muita devoção com esta Senhora.

MONTE-CHAMIÇO — freguezia, extincta, Alemtejo, concelho e 10 kilometros do Crato, comarca de Niza, 180 kilometros ao S.E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Era do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado—Districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de renda e o pé d'altar.

MONTE-CÓRDOVA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 365 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

—

Esta freguezia traz o seu nome do monte que antigamente se chamava *Córva* ou *Curvo*.

Segundo o *Sanctuario Mariano*, o nome d'este monte procede das muitas concavidades que n'olle ha, e vem a ser como quem diz—*Monte Concavo*.

É muito alto.

Vêem-se aqui ruinas de palacios e de varios edificios, que denotam muita antiguidade.

Proximo a este monte existiu a antiga villa de *Sálas*, que foi solar e habitação dos condes D. Guterres Arias (parente proximo do rei D. Affonso Magno) e de sua mulher, D. Aldara, grandes senhores da provincia de Entre-Douro e Minho.

D. Affonso Magno (6.º do nome) tomando posse dos reinos de Castella, Leão, Oviedo, Galliza, Portugal, etc., se intitulou imperador das Hespanhas, em 1071.

Foi este monarcha que deu Portugal a sua filha a rainha D. Thereza e a seu marido, o conde D. Henrique de Borgonha, paes de D. Affonso Henriques.

N'esta villa de Sálas fazia a condessa D. Aldara uma vida exemplarissima, gastando todo o seu tempo em orações e obras de caridade. [1]

A egreja parochial está edificada no alto do monte, no logar chamado *o Mosteiro*.

Consta que effectivamente aqui houve um mosteiro benedictino fundado por aquella santa condessa, pelos annos de 1080, ou por seu filho, o bispo S. Rozendo, pelos annos de 1110.

Se aqui não existiu um mosteiro, houve pelo menos um priorado, sujeito ao célebre mosteiro de Cella-Nova.

Era por aquelles tempos, não só motivo de grande desgosto, mas até reputada como

[1] Guterres Arias, era conde de Arminio. Viveu entre os annos 880 e 940.

Seu filho, S. Rozendo, nasceu na cidade de Salas, que fica na freguezia de S. Miguel do Couto, e ahi se baptisou.

Ainda existe a pia baptismal, onde o santo recebeu este sacramento, e sobre ella está um altar.

A casa do santo foi destruida, e o convento passou a commendatarios.

maldição divina, a esterilidade das mulheres; sendo geralmente despresadas as que não tinham filhos.

A condessa estava n'este caso, e isto lhe causava a maior affiicção.

Para que o Salvador se compadecesse de tamanho pesar, hia a condessa muitas vezes, descalça, ao alto do monte, implarar a misericordia divina á egreja parochial.

Suas preces foram ouvidas, e teve filhos, sendo o primogenito, S. Rosendo, bispo, varão famoso pelas suas virtudes e milagres.

Diz-se que em reconhecimento d'este favor divino, ou em cumprimento de um voto, feito ao Salvador, é que a condessa mandou edificar junto á egreja, um mosteiro ou priorado, que depois S. Rosendo ampliou. (É por esta razão que uns attribuem a fundação á mãe, outros ao filho.)

Junto ao monte Córva ou Córdova, está a ermida de *Nossa Senhora de Vallinhos* ou da *Misericordia*. A imágem da padroeira, é de pedra, e de tamanho natural, pelo que não sahe do seu altar. Consta ser muito antiga, e feita no tempo dos godos; mas não se sabe se foi feita para esta ermida, se pertenceu a alguma egreja da villa de Sálas, que foi destruida (a villa) no seculo IX, pelos mouros, não restando hoje d'esta povoação —que era grande— senão tenues vestigios.

Foi a Senhora da Misericordia do logar de Vallinhos, objecto de muita devoção dos povos d'estes contornos. Era a festa no dia da sua natividade, havendo por essa occasião uma grande feira em Vallinhos.

O sitio onde está a capella é muito agradavel e arado para o retiro e segregação do mundo, e para a oração e contemplação das coisas celestes.

Teve por muitos seculos virtuosos ermitães, que, não só cuidaram do aceio e reparos do edificio e das imagens santas, mas até, com rendas proprias e com esmolas dos fieis, ampliaram a ermida, fizeram sachristia e casas para sua residencia.

D'este Sanctuario, faz mensão o bispo D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, e o servo de Deus, Balthazar Guedes, reitor dos orphãos do Porto.

MONTE-CORVO—Vide *Mondim da Beira*, pag. 397, col. 2.ª, *in fine*, d'este vol.

MONTE-COXO — serra, Traz-os-Montes, nas freguezias de Covas do Douro, Passos, e Gouvinhas, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

A dois kilometros acima da aldeia de *Donêllo*, da freguezia de Covas do Douro, e sobre o *Monte-Côxo*, está a ermida de S. Domingos, em um pincaro, d'onde se goza um vasto horisonte, vendo-se muitas terras da Beira-Alta e Traz-os-Montes, até muitas leguas de distancia.

Pertence esta ermida ás tres freguezias mencionadas no principio d'este artigo; sendo administradas alternativamente pelos tres respectivos parochos. A sua festa se faz no proprio dia do Santo (4 de agosto) tendo então alli logar em outros tempos uma grande romaria. Decahiu muito esta romaria, por desleixo dos parochos, e por causa das grandes desordens que quasi sempre aqui havia n'essas occasiões.

Fallando na aldeia de *Donêllo*, e sendo ella de bastante importancia, julgo dever dar aqui sobre ella alguns esclarecimentos.

É uma povoação bonita, e bastante grande, para uma aldeia, situada em uma elevação, inferior ao *Monte-Côxo*, com bonitas vistas, e a 3 kilometros ao N. da margem direita do Douro. D'este logar se vê Adorígo, Taboaço, Armamar, Aldeia, Barcos, Villa-Sêcca, Marmellal, Coura, S. Romão d'Armamar, Vallença do Douro, Casaes, Sarzedinhos, Rio d'Ádes, e S. Domingos da Queimada, na margem esquerda do Douro.

Tem Donêllo ricos proprietarios e boas casas, sendo uma das principaes, a dos srs. Pereiras de Barros, hoje donos do mosteiro de S. Pedro das Aguias, em Tavora, e de varias quintas, algumas de vinho finissimo, já por estarem na encosta abrigada de Donêllo, onde todo o vinho é do melhor do Alto-Douro, já por serem aquelles predios muito antigos, e terem as vides cançadas, o que faz com que o vinho ganhe na qualidade o muito que perde em quantidade.

Teem tambem aqui os srs. Pereiras de Barros, pomares de laranjeiras, cujo fructo é de

superior qualidade, como a maior parte do do Alto-Douro.

Proximo á aldeia ha abundantes pedreiras de optimo schisto, d'onde se teem extrahido lousas, para tanques e lagares, de 6 e 7 metros de comprimento, sobre 10 a 12 decimetros de largura e 25 centimetros de espessura: sendo as mais notaveis as que se vêem na quinta do *Ferrão*, limites d'esta freguezia, e junto ao Douro, que tambem produz vinho finissimo, e é propriedade do par do reino, o sr. Pessanha.

Ha tambem n'esta freguezia, a quinta do *Espinhal*, do sr. conselheiro Vieira da Motta; e a *Quinta-Nova*, do sr. José Paulo, de Matheus, um dos maiores proprietarios d'estes sitios—alem d'outras quintas e propriedades que existem n'esta freguezia, cuja producção principal é vinho de primeira qualidade.

Junto a Donêllo, ha duas minas de chumbo — uma no Valle de Macieira e outra no sitio d'Agua-Alta, ambas propriedade do sr. Ladislau Zarzechi, engenheiro polaco, que emigrou para Portugal depois da ultima revolução da sua patria, contra a oppressão moscovita.

Este cavalheiro, reside actualmente na quinta dos srs. Macedos, de Taboaço, no Espinho (foz do Távora) d'onde dirige a exploração d'estas minas e de mais cinco na mesma foz do Távora, margem fronteira ao Douro, e Marmelal, junto ao rio Tédo.

Donêllo é uma povoação muito antiga, e, pelo menos, do tempo dos arabes, pois ha aqui um sitio ainda denominado *Chão dos Mourôs*, que foi *almocabar* (cemiterio) d'elles, e ainda alli se vêem sepulturas de diversos tamanhos, e do feitio de um corpo humano, abertas a picão, nos rochedos.

Tambem aqui perto ha um sitio chamado a *Moura*, onde se teem achado tijolos de notavel espessura.

A um kilometro d'este almocabar, ha outro sitio chamado *os Castellos*, onde ainda ha vestigios de uma antiquissima fortaleza, e aqui se teem achado grandes tijolos e moedas antiquissimas, que os que as encontraram teem inutilisado, sem por isso se poder saber se eram arabes ou romanas.

Em 1874, morreu n'esta povoação de Donêllo, uma mulher, que, segundo a crença do povo d'aqui, viveu sete annos *encantada*, sem comer, mantendo relações (não sei que qualidade de *relações*) com um *rei mouro*, tambem encantado!

O povo d'esta freguezia é, em geral, pacifico e industrioso, e pouco dado á *politica;* tanto que nas differentes guerras civis que teem enlutado e ensanguentado este reino desde 1820, mui poucos se teem mettido n'essas contendas fratricidas, e nenhum teve que soffrer com as varias mudanças de governo, por pertencer ao partido vencido.

O clima d'esta terra é muito saudavel.

É terra muito abundante de vinho superior e excellente laranja e outras fructas; mas produzindo poucos cereaes e legumes. Cria algum gado; tem bastante caça miuda, e o Douro a fornece de optimo peixe.

Faz bastante commercio, pelo rio, com a cidade do Porto.

MONTE CRISTELLO—pequena serra, Minho, no concelho e comarca de Felgueiras, 4 kilometros do rio Visella, e 6 de Guimarães.

N'este monte se vêem alicerces de pedra lavrada, restos de grande quantidade d'ella que o povo tem d'alli tirado para fazer tapadas e outras obras.

Tambem aqui foi achada uma estatua de pedra, toscamente cinzelada, que Manuel de Macedo Magalhães, levou para a sua casa e quinta de Paços, na freguezia de Penacóva, do mesmo concelho e comarca.

Tinha sido descoberta por seu avô, Domingos Ramos, pelos annos de 1700.

A estatua não tem pés nem cabeça, tendo até aos hombros 0m,90 de alto.

Em varios sitios d'este monte se acham incripções romanas, gravadas nas rochas, mas já quasi todas illegiveis, por estarem gastas do tempo.

Do lado do S. ainda se póde lêr em um grande penedo, a seguinte:

IUNOMEI RURNARUM
. . . . . .
QUINTILIO ET PRISCO COS

Esta inscripção vem assim copiada na me-

moria remettida á academia real das sciencias, de Lisboa; mas, ou as letras estão mal gravadas, ou foram mal copiadas.

Entendo que devia ser:

JUNONEI REGINAE
URBIS SACRUM —
QUINTILIO ET PRISCO COS

Quer dizer—*Esta obra se dedicou a Juno, rainha da cidade santa* (Roma), *sendo consules, Quintilio e Prisco.*

É pois certo, que esta inscripção foi gravada no anno 159 de Jesus Christo, sendo imperador Antonino Pio, porque n'esse anno é que foram consules Claudio Quintilio e Marco Estacio Prisco.

Em Grutero se acham muitas inscripções nas quaes se dá a Juno, o titulo de *reginae urbis sacrum.*

Ainda por aqui se tem achado outras inscripções que se podem lêr, mas, como são só em letras iniciaes, é hoje impossivel saber a sua significação, a não ser *deitando-se a gente a adivinhar.* Eis duas amostras:

—V. N. N. G.— A. K. V. N. I. A. A. I. A.—

Tambem aqui appareceu uma inscripção grega, que ninguem entendeu.

O monte Cristello, é bastante alto, e d'elle se gosa uma dilatada vista.

É tradição no paiz, que houve aqui uma cidade chamada *Pegas,* no vasto plató que a corôa, e que póde conter muitos mil homens.

Se é verdade ter aqui existido a tal cidade, d'ella não ha outros vestigios mais do que um assude, a que ainda se chama *preza de Pegas,* e os alicerces, pedras e inscripções já referidas, que provam ter aqui existido, senão uma cidade, pelo menos uma grande fortaleza romana, e uma povoação, mais ou menos vasta.

Diz o povo, que isto era uma cidade mourisca, e póde ser que os mouros aqui habitassem depois dos romanos e godos, pois a uns paredões desmantelados, ainda se dá o nome de *castello dos mouros.*

No monte de S. Jorge, a 6 kilometros do de Cristello, e que fica em frente do mosteiro crusio, de Caramos, ha tambem muitos vestigios de uma povoação, ou grande fortaleza romana, e mais haveriam se os frades, e depois o povo, não levassem d'alli muita pedra de cantaria, muito bem lavrada, para ser empregada em varias obras.

MONTE DA ABELHA—Douro, na freguezia de S. João d'Agua Longa, concelho e comarca de S. Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Ha aqui minas de ferro, manganez, plombagina e antimonio.

Foram manifestadas em abril de 1875.

MONTE DA ABÓBADA—Extremadura, 18 kilometros a O. de Lisboa, freguezia, concelho e 3 kilometros de Oeiras, proximo da margem direita do Tejo.

N'este monte está a egreja de Nossa Senhora da Conceição, junto ao logar de Polima.

Segundo a lenda, a origem d'este templo é a seguinte:

Andando certo dia, n'este sitio (que é todo de terra lavradia), uma menina guardando algumas ovelhas, lhe appareceu uma formosissima mulher, sobre uma pedra, que, porque viu a pegureirinha lacrimosa, lhe perguntou por que chorava.

Respondeu a menina, que lhe haviam mandado guardar aquellas ovelhas, e nada lhe tinham dado para comer.

A *mulher*, lhe disse que não chorasse; que fosse ao logar da Freiria e pedisse a uma mulher, pão, que estava amassando. Ella assim o fez, e a mulher da Freiria, a quem se dirigira, deitou no forno um pequenino bocado de massa, que produziu um grande pão.

Vendo a mulher que era muito para a pequena, deitou ao forno outra porção de massa ainda menor, e como visse que o pão lhe saiu ainda mais avantajado, lançou ao forno terceira porção de massa ainda menor, saíndo o pão maior que os dois antecedentes.

Tomando então isto por milagre, deu á pastora o terceiro pão, perguntando-lhe quem alli a havia mandado, ao que ella respondeu que fôra Nossa Senhora da Conceição, que ficára em seu logar guardando as ovelhas.

Divulgou isto a mulher, e muita gente correu logo ao sitio, onde só acharam as ovelhas, tendo Nossa Senhora desapparecido.

N'aquella occasião andava n'aquelle monte um cavalleiro á caça, e tendo-lhe rebentado a espingarda nas mãos, sem receber o menor ferimento, attibuiu este facto a milagre da Santissima Virgem, mandando logo fazer-lhe uma imagem, que foi mostrada á pastorinha, que disse, não se parecer nada com a Senhora que lhe tinha apparecido.

Mandou então o cavalleiro fazer segunda imagem, conforme as indicações da menina, e esta saiu mui similhante á da apparição.

O mesmo cavalleiro mandou logo construir alli uma ermida, onde mandou collocar a santa imagem, sobre a mesma pedra em que ella tinha apparecido, e que ainda é tida em grande veneração.

O povo, que principiou desde logo a ter grande devoção a esta Senhora, lhe construiu um templo mais vasto, ficando a ermida a servir de capella-mór.

Passados tempos, e ahi pelos annos de 1670, vieram para aqui os religiosos agostinhos descalços, construindo um pequeno hospicio, com cinco cellas, onde habitaram por alguns annos; porém, achando a terra muito pobre, e vendo que por estes sitios havia já varios mosteiros, que projectavam pôr demanda a estes religiosos, abandonaram o hospicio, e foram para o seu convento, de Lisboa.

Consta que a imagem primittiva da padroeira, era toda de pedra, e, como era por isso muito pesada para ser conduzida nas procissões, os frades a mandaram serrar, fazendo-lhe a parte inferior de roca. Tem um metro d'altura.

Teve uma irmandade de homens do mar, que todos os annos lhe faziam uma grande festa no seu dia (8 de dezembro). O capitão de uma náu chamada *Conceição*, por nome Manuel Ribeiro Quaresma, foi, durante a sua vida, juiz perpetuo d'esta irmandade, e deu á egreja muitas e ricas alfaias e paramentos, e mandou fazer á sua custa o altar-mór, de bôrdo, com um rico retabulo.

Dentro do cruzeiro está uma bella sepultura raza, com brazão d'armas em relevo, e na orla da pedra tem esta inscripção — DOS MUY ILLUSTRES SENHORES D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA, ET DE SUA MULHER, D. MARIA DA ERAGA. DEBAIXO DESTA PEDRA, JAZ TERRA, QUE DA TERRA SE GEROU ET EM TERRA SE TORNOU.

No meio da campa e por baixo das armas, está a inscripção seguinte:

Esta sepultura mandou fazer frei Gonçalo d'Azevedo, commendador de Algozo, para si e para os seus herdeiros; na qual jaz D.ª Beatriz d'Azevedo, sua avó, mulher que foi de João Fernandes d'Almeida, que Deos tem em gloria. A 10 de abril de 1579.

É provavel que estes Almeidas fossem os padroeiros da capella. Seus descendentes foram os Salemas de Almeida, que tinham o seu solar em Alverca, do Riba-Tejo, e um dos seus ramos, em Santarem.

D'esta inscripção se collige que a capella foi edificada nos principios do seculo XIV.

MONTE DA MAGDALENA — vide *Falpêrra.*

MONTE DA PEDRA — freguezia, Alemtejo, concelho e 12 kilometros do Crato, comarca de Niza, 190 ao S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

É terra fertil em cereaes.

Na distancia de 1:200 metros da povoação, nasce debaixo de um rochedo de quartzo, na quantidade de um *annel* d'agua, pouco mais ou menos, uma fonte, que desde a sua origem, vem encanada, e corre crystalina, com sabor e cheiro hepatico bastante activo, de modo que, antes de chegar á fonte, se sente, como de óvos chócos, deixando no seu trajecto, deposito de lôdo inferiormente preto e por cima branco, o qual, depois de sêcco, arde com chamma azul, espalhando um cheiro suffocante sulphuroso. É mais fria do que as outras aguas proximas que não são mineraes.

Segundo a analyse que foi feita, são estas aguas sulphureas hepaticas, e podem con-

duzir-se, engarrafadas, sem decomposição sensivel, para qualquer parte onde seja preciso fazer uso d'ellas.

MONTE DAS CÓVAS — pequena serra, Douro, na freguezia de S. Julião d'Agua Longa, concelho e comarca de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Ha aqui minas de ferro, manganez, plombagina e antimonio, manifestadas por o sr. Leuschner (allemão), em abril de 1875.

MONTE DAS GALLINHAS—Minho. Segundo a *Benedictina Lusitana*, ficava eminente ao rio Lima, e a uma antiga villa (que já não existe), chamada *Lavradas*. Aquelle livro (2.ª part., cap. 5.º), transcreve uma doação, feita na era de Cesar, 1077 (1039 de Jesus Christo), que trata d'este monte e d'esta villa. Com o correr de mais de 800 annos, se mudaram estes nomes, de modo que hoje se ignora o sitio exacto onde teve assento esta villa; mas é provavel que fosse nos limites da actual freguezia de *Lavradas* (S. Miguel), no concelho de Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

MONTE DE PÊRO-BOLSO—*Monte Pêro Bolso* e tambem *Monte Paraboloso*—freguezia, Beira Baixa, era do antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855 e annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, passou para o concelho d'Almeida, comarca de Pinhel.—Dista 70 kilometros de Viseu, 315 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O prior dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

MONTE DE S. ROMÃO, ou do **CASTELLO DE S. ROMÃO**—outeiro de Traz-os-Montes, no concelho de Mont'alegre.

A 6 kilometros de Penedones, está a *Cruz de Leiranco*. (Vide 4.º vol., pag. 69, col. 1.ª)

Ao S. d'este sitio, desviado 1:500 metros da estrada, e quasi confinando com o rio *Regavão*, está um monte eminente, chamado de *S. Romão*, e na raiz d'este monte, dos lados do SE., estão umas ruinas antigas, que mostram ter sido de uma grande povoação, vendo-se ainda vestigios de cinco, ou seis ruas, e alicerces de casas, feitas de pedras lavradas, sendo algumas de cantaria.

D'estas ruinas ia ter uma rua a um muro, feito de pedra tôsca, de 0^{m},66 de espessura, o qual principiava do E., em um penhasco levantado e vinha para a parte do S. dar em um alto rochedo. No meio d'este muro, estavam uma especie de grandes portas, por onde se entrava para uma outra porta, que dava ingresso a um terreiro de 44 metros de circumferencia. D'este terreiro ia ainda um segundo muro, quasi todo edificado sobre leito de pedra, que ia ter ao castello. Era este de cantaria lavrada, e rodeando o monte, vinha fechar em oito rochedos, que serviam como de torres, ou atalaias, estando alguns d'estes afeiçoados a picão, em fórma de guaritas, e outros com signaes evidentes de ter-se alli accendido fogo por muito tempo, o que prova que os constructores d'esta fortaleza faziam aqui as suas *almenáras*. (Vide *Facho*, vol. 3.º, pag. 131, col. 1.ª, *in fine*.)

Um dos taes rochedos, que está a E., é perfeitamente quadrado e feito a picão, com 10 metros d'altura e de largura em cada face 2 metros. Unido com elle está um lanço de muro, de 2^{m},60 de espessura.

Consta que n'este muro está uma pedra, com uma bezêrra esculpida.

No centro do castello, estão dois grandes penedos, para os quaes se sóbe por uma escada, aberta n'elles a picão, e serviam de torreões á fortaleza. Ao pé d'estes rochedos estão as ruinas de um edificio, e junto d'elle restos de amphoras, tijolos, pedras lavradas, ameias, etc.

Vê-se aqui uma cisterna, ao O. d'estas ruinas, quadrada, e feita de alvenaria, com uns 11 metros de vão, entupida.

A muralha d'este lado, fica acima do nivel do valle, que está á raiz do monte, uns 176 metros.

Os povos têem d'aqui levado grande quantidade de pedra.

Notam-se n'estas ruinas, obras de differentes épocas, que dão indicios de terem sido feitas originariamente pelos antigos lusitanos, reedificadas pelos romanos, e depois pelos gôdos; e ampliadas pelos arabes.

Tudo faz suppor, que nem só o tempo foi causa da sua destruição, mas tambem a mão do homem.

É provavel que durante as guerras entre os christãos e mouros peninsulares, tiveram aqui logar cruentas batalhas, que desmantelaram esta fortaleza; mas nem por isso deixa de ser um monumento curiosissimo, e digno de ser visto e examinado.

O concelho de Mont'alegre é notavel pelo grande numero de monumentos de éras remotas que se encontram no seu territorio.

Todos, do que pude haver noticia, vão nos logares competentes.

MONTE DE TRIGO (ou *do* Trigo)—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, arcebispado, districto administractivo e 24 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 220 fogos. Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. Julião.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, 120 de cevada e réis 50$000 em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes, legumes e fructas. Cria muito gado de toda a qualidede, principalmente suino, e é abundante em caça do chão e do ar.

MONTE DE TRIGO—Vide *Alcanhões*, vol. 1.º, pag. 66, col. 2.ª

MONTE DO FÁRO—cabeço, Minho, na freguezia, concelho e proximo da praça de Valença.

O seu nome lhe provem de ter aqui havido uma *almenára*, no tempo dos antigos lusitanos. Depois se estabeleceu aqui um *facho* (que é a almenára aperfeiçoada, e substituia antigamente o telegrapho.)

Este facho, ainda funccionou durante as guerras da restauração, desde 1640, até 1668.

No alto d'este monte, está a capella de *Nossa Senhora do Fáro*, de cujo sítio se goza um dos mais bellos e vastos panoramas da provincia do Minho, e mesmo poucas elevações de Portugal apresentarão tão dilatado horisonte e tão formosas vistas, que terminam, ao O., pelo Oceano, que fica a 20 kilometros.

É a Senhora do Fáro, objecto de grande devoção dos povos circumferentes, não só d'este reino, como da Galliza, que aqui concorrem em piedosas romarias.

O scepticismo hodierno, longe de fazer resfriar a devoção á Divina Padroeira dos portuguezes, tem concorrido para que o seu culto mais se tenha generalisado. São d'isto uma consoladora prova, os povos do Minho, eminentemente religiosos, cujo acrisolado amor ao catholicismo não pôde, nem jámais poderá ser manchado pelas ideias descrentes do seculo actual.

É d'isto um louvavel exemplo, o culto que prestam á milagrosa Virgem do Fáro, o qual em vez de intibiar n'estes corações verdadeiramente portuguezes e sinceramente christãos, cada vez mais floresce.

Faz-se-lhe a sua principal festividade a 15 de agosto (dia da sua Assumpção.)

Na vespera, está a ermida illuminada interna e externamente, havendo grandes fogueiras, fogo de artificio e a tradicional gaita de folle.

Ainda no anno passado (1874), foi esta romaria muito mais concorrida do que nos annos antecedentes. Houve varias missas rezadas, e uma cantada a grande instrumental.

O sr. padre Barreiros, de Monsão, subindo ao pulpito, commoveu todo o auditorio, com as suas palavras evangelisadoras, e o arrebatou com a sua inimitavel eloquencia. Exaltou os divinos attributos da Santissima Virgem, provou o seu constante patrocinio a favor dos portuguezes, em todos os tempos, e louvou a constante devoção e a sincera gratidão que o nosso bom povo sempre consagrou á Rainha dos anjos.

Este esclarecido orador sagrado, veiu de longe cantar os louvores de Nossa Senhora do Fáro, gratuitamente e por sua propria devoção. Honra pois a este illustrado sacerdote.

Fez-se uma magestosa e concorridissima procissão ao *Alto de Sant'Anna*, e depois em volta da capella.

Novos fogos d'artificio, mais guiões e bandeiras e maior concurso de romeiros abrilhantou esta piedosa solemnidade.

A musica do batalhão de caçadores n.º 7, todo o dia tocou no arraial, exhibindo o seu vasto e escolhido reportorio.

Houve um primoroso basar de prendas, contendo formosos objectos, offerecidos pelas mordomas, distinguindo-se pela magnificencia das offertas, a digna esposa do sr. Domingos Pereira do Valle, que deu para este bazar, perto de 140 prendas, que, pelo seu valor, deram uma avultada verba.

Tambem a filha mais velha do sr. Antonio de Souza Maia, offereceu varias prendas de subida valia, e algum dinheiro. As mais mordomas e alguns mordomos, alem das prendas, offereceram valiosas quantias, com o que se pôde levar a effeito a festividade, que promette hir em augmento; assim como a conservação e ornamentação do templo e suas dependencias.

«O bazar teve bastante concorrencia, e o dia terminou sem que a paz e a ordem se alterasse.

Cresce pois a devoção da Senhora do monte do Faro, porque ainda na noite do dia 15 houve fogo e illuminação, e no dia seguinte, domingo, foram alguns devotos de Valença, mandaram celebrar missas resadas, e duas cantadas; dois sermões pelo sr. padre Pinheiro, e ainda procissão ao redor da capella, aproveitando-se de tudo quanto havia servido na vespera.

Outra vez na noite do dia 16 se illuminou o monte, e no dia 17 subiu ao alto o sr. Manoel Antonio de Barros, a cumprir um voto á Virgem do Faro com toda a sua familia e parentes, e grande numero de convidados, que o acompanharam no cumprimento da sua promessa, havendo missa cantada a musica, e todas as demonstrações de culto e veneração devida á milagrosa Senhora de Faro.

Como que houve uma terceira festa e arraial, em que não faltou concorrencia de pessoas escolhidas e dedicadas á Mãe de Deus, do Faro; nem a musica animadora de taes reuniões, nem almas generosas que offereceram valioso obolo á protectora dos vallencianos e seu concelho.

O dia passou-se em agradavel convivencia, e os aldeãos das visinhanças vieram com a sua musica de rebecas e violas e seus canticos de alegria tomar parte nos folgares religiosos, depois de cumprida a promessa.

Não foi esteril esta escolhida e numerosa reunião para novos melhoramentos e progresso de quanto precisa aquelle local, avivando-se a ideia da edificação de um edificio que possa agasalhar os romeiros nas intemperies e outras necessidades inherentes a tal sitio de elevada posição.

Oxalá vá por diante tão proveitosa lembrança, e assim, ricos como pobres, tomem parte n'esta boa obra.»

O que vae entre cómas é transcripto do *Noticioso*, de Vallença, n.º 291, de 20 d'agosto de 1874.

MONTE DO GATO — sêrro, Alemtejo, no concelho d'Almodovar, districto administrativo de Beja.

Tem minas de cobre.

Estas minas, bem como as do mesmo metal, do *Sérro de Martim Annes*, e do *Sérro das Ferrarías*, no mesmo concelho, foram definitivamente concedidas, em abril de 1875, ao sr. Manoel *Auduze*, seu proprietario legal.

MONTE DO OUTEIRO—sêrro, na freguezia de S. Miguel de Machêde, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 8 kilometros a O. d'Evora.

Ha aqui um dolmen, e restos de mais tres nos limites d'este monte.

MONTE-DOR—Vide *Areoza*, a pag. 238 X, col. 2.ª, do 1.º volume.

MONTE FRAGOSO — Segundo a antiga geographia, estava este monte situado no condado de Neiva, e pouco distante dos montes *Pando* e *Lupato*, na divisão dos condados, feita pelos godos, no seculo VII.—Ignora-se hoje a qual dos sêrros d'estes sitios (onde ha muitos cabeços e montes) davam os antigos este nome.

MONTE-JUNTO — Cordilheira, Extremadura, na freguezia de Cabanas de Torres (S. Gregorio, papa), comarca e concelho d'Alemquer, 70 kilometros ao N. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

A pag. 7 do 2.º volume, prometti tratar n'este artigo do convento da ordem dos prégadores (dominicos) e vôu desempenharme.

Os nossos antigos davam a esta eminencia o nome de *Monte Tagro*, e *Monte Sacro* [1] —(*Mons Sacrus*). Fica a 15 kilometros ao N. da villa d'Alemquer.

O ponto culminante da serra de Monte-Junto, segundo o sr. Franzini, tem 728 metros acima do nivel do mar, vindo a ser o 14.º na ordem das alturas n'este reino.

Tem de circumferencia perto de trinta kilometros, e tres de subida.

No seu cume ha um plató de 12 kilometros de comprido, que se póde chamar uma immensa lagem (a maior parte d'esta serra é composta de penedia) e apenas aqui ha uma varzea. de uns tres kilometros de comprido, composta de terra bastante fertil, que se cultiva. Ha tambem aqui duas alagôas de agua clara e de boa qualidade.

A pouca distancia d'estas alagôas, e sobre uma pequena elevação está a ermida de *Nossa Senhora das Neves*, assim denominada pela muita neve que se conserva n'este sitio grande parte do anno.

A ermida, posto seja pequena, é de boa fabrica, e tem, fóra da porta principal, um alpendre coberto, e dentro está dividida em capella-mór e corpo da egreja. É de abobada, e tão antiga, que se não sabe quando nem por quem foi edificada.

Á entrada da porta do templo ha uma pia, aberta a picão na lage, que é o pavimento natural da ermida, e juntamente é tambem fonte, porque no seu ambito rebenta uma fonte, a que o povo atribue muitas virtudes medicinaes. Tem sacristia e casa que foi residencia de um erimitão, com uma cêrca contigua. Tambem existem as ruinas de um ou mais edificios maiores, que foram casas para abrigo dos romeiros, que antigamente aqui concorriam em grande quantidade, e hospicio dos religiosos dominicos; e a pouca distancia as robustas paredes do novo mosteiro que se principiou e não concluiu, como adiante direi.

A primeira noticia certa que ha d'este templo, é que, pelos annos de 1217, a deu a infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, a D. frei Soeiro Gomes, primeiro fundador que a ordem de S. Domingos teve n'este reino, e primeiro provincial das provincias de Aragão, Castella e Portugal, para que elle e os seus religiosos fossem os capellães de Nossa Senhora das Neves, que então era famosa em todo o reino, pelos muitos milagres que lhe atribuiam, e era este um dos mais frequentados Sanctuarios de Portugal.

Aqui viveu o santo frei Soeiro Gomes alguns annos, e esta foi a primeira casa e o primeiro domicilio que a ordem dos prégadores teve em Portugal; e n'este deserto frigido, inhospito e desabrido, passavam os religiosos uma vida de oração e abstinencia, e d'aqui sahiam a prégar a religião do Crucificado por toda a provincia da Extremadura e pela do Alemtejo.

Falleceu o santo D. frei Soeiro em 1226 (outros dizem que em 1233) e pouco depois, os religiosos, não podendo supportar os rigores d'este clima, abandonaram o mosteirinho, e se foram para o convento de S. Domingos, em Santarem, que D. Soeiro havia fundado. [1]

A referida infanta D. Sancha, vivia em Alemquer, e alli foi ter D. frei Soeiro, sendo recebido por ella com o respeito e amor de que era digno tão santo varão, que lhe pediu licença para fundar o mosteiro da sua ordem em Monte-Junto.

Em 1222, tinha um devoto doado a estes

[1] Julgo que *Tágro*, é corrupção de *Ságro*, (já corrupção de *Sacro*) como diz o padre Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanct. Mar.*, tomo 2.º, pag. 214. — Ha aqui perto uma aldeia chamada *Tagárro*, corrupção de *Tágro*.

[1] Alguns escriptores dizem que D. Soeiro foi d'aqui para bispo de Lisboa, o que é erro. Foi seu contemporaneo, o bispo de Lisboa *D. Soeiro Viegas*, que falleceu em 9 de janeiro de 1232. Este bispo foi intimo amigo de D. frei Soeiro Gomes, e sendo embaixador em Roma, obteve do papa a introducção da ordem de S. Domingos em Portugal. Este bispo, foi o 12.º da 2.ª época. (Vide o 4.º vol., pag. 268, col. 2.ª, in fine.)

religiosos, uma porção de terreno junto aos muros de Santarem, em um sitio chamado então *Monte Grás.* [1]

De Santarem em breve esta ordem se espalhou por todo o reino, e os dominicos, tão humildes e penitentes no seu principio, formaram em breve uma corporação rica e soberba, que, se teve membros de grande saber e de muita virtude, tambem devemos confessar que foram elles os que nos deixaram bem tristes recordações pelas crueldades que exerceram durante a sua administração no troculento tribunal do *Santo Officio*, de horrivel recordação.

Tambem foram os frades dominicos de Lisboa, os promotores da cruelissima carnificina dos judeus e *christãos novos*, no horroroso dia 19 de abril de 1506, pelo que o rei D. Manuel mandou queimar vivos, na praça do Rocio, dois frades d'esta ordem. (Vide 4.º vol., a pag. 111, col. 1.ª)

Depois da fundação do convento de Santarem, ficou este de Monte-Junto servindo de casa disciplinar, sendo mandados para aqui os frades incorregiveis, ou que commettiam alguma culpa grave; mas esteve desde 1226 sempre muito pouco habitado.

No principio do seculo XVIII, fr. Manuel da Assumpção, dominicano, projectou estabelecer em Portugal uma reforma da sua ordem, para a seguir com mais rigor.

Foi-lhe dado, para elle e seus discipulos, este mosteiro, pelo que aos que adoptaram esta nova regra, se lhe deu o titulo de *Reforma da Serra de Monte-Junto.*

Estabeleceram-se aqui os religiosos, e como o edificio, álem de ser acanhado, estava muito velho e arruinado, quizeram construir um, em melhores condições, e principiaram as obras, cujas paredes ainda chegaram a uns 3 metros d'altura; porém, deixando de existir esta reforma, nunca mais continuaram as obras.

Ainda a pouca distancia do antigo mosteiro, se vêem estas robustas paredes, desafiando o correr dos annos e a intemperie do sitio.

Hoje, alli, tudo é desolação, abandono e silencio: apenas a 5 de agosto de cada anno (dia de Nossa Senhora das Neves), aqui concorrem os fieis das visinhanças, a prestar culto á Rainha dos Anjos.

—

Disse no principio d'este artigo, que a serra de Monte-Junto era no concelho de Alemquer, pelo que preciso fazer aqui uma observação.

Monte-Junto, propriamente dito, é o que acabei de descrever; porém, geographicamente fallando, é uma cordilheira do districto administrativo de Leiria, composta de varias serras, que são ramos d'esta, sendo as principaes, Albardos, Minde e outras, projectando-se em diversos sentidos, entrando algumas no districto administrativo de Lisboa.

Na serra de Monte-Junto, ha finissimos marmores, optima pedra calcarea (carbonato de cal), azeviche e outras pedras excellentes para construcções.

—

Ainda com referencia a D. fr. Soeiro Gomes, devo dizer, que, não achando o sitio de *Monte-Grás*, nas condições requeridas, mudou o mosteiro para junto dos muros de Santarem, em cujo logar ainda existem as suas ruinas venerandas.

Fundou outro, em Coimbra, do qual foi S. Payo, o 1.º prior. Outro em Guimarães, onde foi prelado, S. Lourenço Mendes.

Foi assistir ao capitulo geral da sua ordem, a Bolonha. Depois da morte do seu patriarcha, S. Domingos, foi a Paris, assistir a outro capitulo, para se nomear successor a este illustre santo.

Voltando ao reino, foi provincial da sua ordem, doze annos; fallecendo a 27 de abril de 1226 (ou 1233), cheio de virtudes e merecimentos.

Foi muito respeitado por D. Affonso II, e por suas irmans, as infantas D. Sancha, D. Thereza e D. Branca; e arbitro nas contendas entre ellas e o rei, de cujo encargo se sahiu o melhor que pôde.

[1] Este nome lhe foi provavelmente posto por algum cavalleiro francez, dos tantos que por esses tempos vinham procurar aventuras e fortuna a Portugal, combatendo contra os mouros. Todos sabem que a palavra *gras* é franceza e significa *gordo.*

O nome de D. fr. Soeiro Gomes, é um dos mais venerandos que aquelles remotos tempos nos legaram, e que, apesar de quantas extinções de ordens religiosas a voracidade dos poderes da terra decretem, passará á mais remota posteridade, como um modelo de todas as virtudes christans.

—

Do Sanctuario de Nossa Senhora das Neves, de Monte-Junto, tratam—D. Rodrigo da Cunha, na *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, pag. 2, cap. 3.º—Cardoso, no seu *Agiologio*, tom. 2.º, a 27 de abril—fr. Luiz de Sousa, na sua *Chron. de S. Domingos*, pag. 1.ª, Liv. 1.º, cap. 12—Brandão, *Mon. Lus.*, pag. 4, Liv. 14, cap. 23—e as *Chronicas* dominicanas.

MONTE-LAFÃO—serra, Beira Alta, na comarca de Vousella.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Corre de N. a S.—Pelo N. principia junto ao logar de Fataunços; terminando ao S. pela serra do Bussaco.

Ha n'esta serra o *monte do Caramullo*, altissimo penhasco, cujo accesso é dificilimo. No seu cume ha uma pedra quadrada (especie de mêza) que mostra ser feita a picão. D'este ponto se vêem, em dias claros, ao SO. e O., os campos de Coimbra, a cidade de Aveiro, muitas outras povoações e uma vasta extensão do Oceano—e ao E. todas as terras que estanceiam entre o monte Lafão e a serra da Estrella.

Tambem n'esta parte se levanta um monte pyramidal, denominado *serra do Cantaro*, ou *do Carvalho*. (Vide vol. 2.º, pag. 96, col. 2.ª e pag, 136, col. 2.ª) Este monte é tão alto como o do Caramullo.

Em uma quebrada da serra do Caramullo (vide vol. 2.º, pag. 102, col. 1.ª), que vira para O., em frente do delicioso *Valle de Bésteiros*, e a 24 kilometros de Viseu, está edificado o Sanctuario de *Nossa Senhora do Guardão*. Vide *Bésteiros* (Guardão de) pag. 396, col. 1.ª, do 1.º vol.—e *Guardão*, pag. 343, col. 2.ª, do 2.º vol.

É um templo antiquissimo, e consta ter sido edificado durante o dominio agareno, ou, pelo menos, antes da sua total expulsão d'esta provincia.

Segundo a tradição, alguns christãos, fugidos ás crueldades dos agarenos, se recolheram a estas brenhas, e aqui edificaram uma ermida, dedicada á Santissima Virgem, escondida entre as selvas, então quasi impenetraveis d'esta serra.

Com o correr dos annos, foi elevada esta ermida a egreja parochial, sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. Tem um retabulo pintado a oleo, attribuido ao *grão Vasco*, representando a Senhora, de tal perfeição e belleza, que o bispo de Viseu, D. João de Mello, encantado de tanto primor, propôz ao abbade de Guardão, então o licenceado, José da Costa Pessoa, levar aquella pintura para o seu paço, deixando aqui uma cópia exacta, e uma grande quantia de dinheiro, para obras da egreja, ao que o abbade se oppôz, não só pela devoção que tinha a esta Senhora, como por temer que os parochianos se revoltassem.

—

Uma prova mais da antiguidade d'esta egreja, é que antigamente vinham aqui á missa os povos das freguezias da *Arrancada* (Vallongo) então da comarca d'Esgueira —a villa d'*Agueda*—todos então do bispado de Coimbra — e *Mórtágua* e *Santa Comba-Dão*, então na comarca e bispado de Viseu; de todas as freguezias do *Valle de Bésteiros* —e de todo o concelho de Lafões, que tinha então 13 freguezias.

Sobre a porta travessa d'esta egreja, defronte das casas da residencia, se vê uma pedra quadrada, onde se estão os restos de uma inscripção, que consta testemunhar aquella antiguidade; mas estão as letras tão apagadas com o tempo, que se não pódem lêr.

Tambem é uma prova da antiguidade d'esta egreja e do concelho do Guardão, uma escriptura que existia no cartorio de Santa Cruz, de Coimbra, do qual foi tirada uma certidão, a requerimento dos moradores do logar do *Mosteirinho*, então concelho de S. João do Monte.

Era uma doação, feita por D. Affonso Henriques e sua mulher, ao mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, em setembro da era de 1190. (1152, de Jesus Christo.)

Não copio este documento na sua integra, por ser muito extenso; mas dou os trechos que me pareceram mais curiosos.

Eis a sua traducção, do latim barbaro do seculo XII:

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; porque dos reis e principes é, e tambem do varão, honrado com o titulo de nobreza (como se acha nas leis dos godos), cumprir a propria vontade nos seus proprios bens: portanto, eu, Affonso, rei dos portuguezes, filho do conde Henrique e da rainha Thereza, neto do grande imperador Affonso, juntamente com minha mulher, a rainha D. Mafalda, filha de Amadeu, conde de *Mauriana*, considerando o nosso fim, e dia do estreito juizo, no qual se dará a cada um, conforme fizer, determinámos honrar e accrescentar as possessões ao mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra; e por isso, damos a vós prior, D. João e a vossos irmãos, que ahi perpétuamente morarem, a nossa herdade de S. João do Monte, com a sua ermida; a qual herdade, a rogos da rainha, tinhamos dado ao mestre Guarino, pelos muitos serviços que nos fez, para que a possuisse em sua vida sómente, e depois de sua morte, a deixasse, por nossas almas, ao dito mosteiro. A qual herdade fazemos couto, cujos termos são—Primeiramente, pelo Oriente, pela pedra que está entre Parâmo (hoje *Paranhos do Monte*) e S. João—d'essa pedra vae para a Cabeça de Valle de Carros, e d'ahi vae á Cabeça do Junqueiro, e d'ahi á Matta d'Egas—segue para Aguada, e d'ahi a Aurenteiros, seguindo para as Cóvas[1]—d'ahi para a Cabeça da Urgeira, até á Cabeça do Mouro—d'ahi ao Giro, até ao pé do Caramullo, a um padrão que alli está—seguindo até á Portella do Cadraço, a qual, divide entre Bésteiros e Lafões, e d'ahi ao Tojal de Cima, de Becerreira, por uma pedra que ahi está—e d'ahi á Cabeça de Barrajaes, e d'ahi á agua que vem do Açor. E, tornando á primeira pedra, acima dita, n'esses termos, á roda, se encerra a dita herdade.

.....

E se alguem (o que não queremos) natural ou estrangeiro, pretender quebrar, ou violentamente quizer entrar no dito couto, seja obrigado, pelo poder real, a pagar 200 soldos de boa moeda e todo o damno que fizer, o pagará quatro vezes, e, além d'isto, *será apartado do ceu, da Santa Madre Egreja e dos fieis*, etc., etc.

Assignaram esta doação e encoutamento, depois do rei—a rainha—João, arcebispo de Braga—Pedro, bispo do Porto—Fernão Peres, dapifer (mordomo-mór) da côrte—Mem Moniz—Gonçalo de Sousa—João Ranja—Nuno Soares Velho—Mem de Bragança, alferes.

Foram testemunhas:—Redulfo Zoleymas—Fernão Gutierres—Martin Anhaya—Pedro Garibas—Mem Abaldes—Rodrigo Pelayo, alcaide de Cambra—Pedro Mendes, mordomo do rei.

Foi escripta por João, diacono.

—

Pelas medições constantes d'esta escriptura se vê que, n'aquelles tempos, o couto de Guardão incluia o depois concelho de Bésteiros, hoje de Tondella.

Parece que depois ficou sendo só de Santa Cruz de Coimbra o padroado da egreja de Guardão; porque, pelos annos de 1434, o infante D. Henrique (filho de D. João) I por um contrato feito com Pedro Gonçalves Carrutello e sua mulher, Branca de Sousa (progenitores dos morgados do Guardão, Sousas Castello Branco), lhes deu e escambou, para si e seus herdeiros e successores, o seu couto de Guardão, em terra de Bésteiros, com toda a sua jurisdicção.

Tambem é tradição que em Santa Maria do Guardão, teve principio e nome o concelho de Bésteiros ou *Terras de Santa Ma-*

[1] No logar de Aurenteiros, é tradição ter existido uma antiquissima cidade, chamada Cortêlha. É certo que por estes sitios se vêem umas cavernas, para as quaes se entra pela encosta do monte. São muitas, mas a maior parte arruinadas. As que se conservam em melhor estado, são de tamanhos differentes, podendo conter 10, 12 e mais pessoas. Foram vistas e examinadas por Sebastião d'Alvelos e Gouveia, abbade de Guardão, quando no fim do seculo XVII assistiu á divisão dos bispados de Viseu e Coimbra, por esta parte, em que havia algumas duvidas nos respectivos limites.

ria de Bésteiros, cujos antigos privilegios e nobreza de seus naturaes foi concedida aos cidadãos de Lisboa, que pertenceu á monarchia portugueza muito depois d'estas terras. Estes privilegios eram os antigos da *Terra de Santa Maria* (vide *Feira*, a pag. 155 do 3.º vol., col. 1.ª)

—

Ainda pelas diversas freguezias d'este concelho e limitrophes ha muitas familias nobres, descendentes dos primeiros senhores d'estas terras.

Frei Antonio Brandão (*Mon. Lus.*) diz que, quando D. Affonso Henriques regressava das côrtes de Lamego para Coimbra (1143) tomou aos mouros as villas de Freixedo e Nagozellas (povoações proximas a Bésteiros e que ainda conservam os mesmos nomes). E que dera então aos frades de Lorvão (que então eram benedictinos) uma grande quantidade de vaccas e vitellas, que levára da terra de Santa Maria de Bésteiros, provavelmente tomadas aos mouros das duas villas então conquistadas.

—

A egreja matriz do Guardão é vasta e aceiada. Antigamente, no dia da Ascenção do Senhor, vinham a esta egreja tres procissões, das freguezias de S. Thiago, Santa Eulalia e Castellões. Todas se hiam juntar a um sitio, distante da egreja 3 kilometros, onde está uma ermida de S. Bartholomeu, e d'ahí, cada uma de per si, postas em ordem, em um levantado outeiro, que fica a E. da mesma ermida; d'onde se descobre a egreja de Castellões, que fica no valle, e como esta é dedicada ao Salvador, diziam tres vezes:—*Salvator mundi, miserere nobis;* e d'aqui marchavam, segundo a sua antiguidade, em direcção á egreja de Guardão.

N'este dia toda a gente d'aquellas quatro freguezias fazia uma grande festa a Nossa Senhora.

—

É tradição antiga e constante que em um dia da Ascensão do Senhor, tomaram os moradores d'aquellas quatro freguezias uma fortaleza que os mouros tinham no sitio onde está a dita ermida de S. Bartholomeu; e que foi em acção de graças por este feito qua tiveram origem aquellas procissões.

É certo que junto á capella se vêem ainda alicerces de cantaria que denotam ser de uma antiga fortificação, e que servem de fechar o adro da ermida que está no centro do recinto que occupava o vetusto edificio.

—

N'esta serra ha grande abundancia de caça e gados, que se apascentam em seus frescos valles, regados por muitas fontes e ribeiras de optimas aguas, entre as quaes ha uma notavel, denominada *das Laceiras*, por ficar junto da aldeia do mesmo nome. Está esta fonte em uma gruta natural, com capacidade para mais de 20 pessoas.

Diz-se qne n'esta gruta esteve alguns dias escondido D. Antonio, prior do Crato, fugindo á crueldade do usurpador Philippe II de Castella.

No interior d'esta gruta ha uma lagem de marmore, onde se vêem dois buracos de 0m,30 de diametro, tão perfeitamente redondos, como se fossem feitos a compasso. São abertos em espiral, á maneira de parafuso, sendo ambos do mesmo tamanho e feitio, e distando um do outro 0m,33.

Deitam constantemente agua em abundancia, sendo a de um buraco fria e limpida, e a do outro tépida e espessa.

É certo que esta ultima é mineral, mas não me consta que tenha sido competentemente analysada.

MONTE LAVAR—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao NO. deLispoa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Miguel, de Cintra apresentava o cura, que tinha só o pé de altar. Ha aqui uma albergaria para viajantes pobres.

Tem duas feiras annuaes, uma na primeira oitava da Paschoa, outra a 21 de setembro.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e fabrica-se aqui boa manteiga de vacca.

MONTÉLIOS — monte, Minho. — Estava aqui a antiga egreja de S. Salvador de Du-

me, ou S. Fructuoso. Dá-se-lhe hoje o nome de *Monte-Pequeno*, que é a traducção de *Montélios*.

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, se lhe chama *Montêlhos*.

Fallam n'este monte, diversas doações do seculo IX e X, as quaes existem no Livro *Fidei*.

MONTE-LONGO—antigo concelho, Minho, que hoje se denomina *Fáfe*. (Vide 3.º vol. pag. 132, col. 1.ª)

MONTE-MAIOR—Minho, proximo e ao NE. de Braga. Denomina-se hoje *serra da Falpêrra*. (Vide esta palavra—a 2.ª—pag. 135, do 3.º vol.)

Dizem alguns, que Monte-Maior era o a que hoje se chama *de Santa Martha;* o que não é provavel, porque, na descripção que a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, faz do termo de Braga, em uma doação, feita na era de 1148 (1110 de Jesus Christo), principiando por Monte-Maior, termina no monte de Santa Martha, o que prova que eram dois montes differentes, posto que contiguos.

Diversas doações, do tempo da anarchia, que existem no Livro *Fidei*, mencionam este Monte-Maior.

MONTE-MARGARIDA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros da Guarda, 330 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago o Espirito Santo.

O prior de Faia apresentava o cura, que tinha 20$000 reis.

MONTE-MINHOTO—Beira Baixa—Está este monte, junto ao rio Zêzere, entre outros serros, ou cabeços, e nos limites do logar de Cernache do Bom-Jardim, concelho da Certan, comarca e districto administrativo de Castello Branco, no grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, 65 kilometros ao N. do Crato e 190 ao SE. de Lisboa.

É este monte muito alto, e coberto de grandes penhascos, sendo a parte que olha para o Zêzere, um despenhadeiro quasi inaccessivel.

Sobre um dos rochedos d'este monte, está uma grande ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Estrella*.

É muito antiga, e consta que a imagem apparecêra n'este mesmo sitio, dentro de uma gruta, ou lapa.

Junto á ermida, está um poço, que nunca sécca, por maior que seja a estiagem, apezar de estar em um pincaro alcantilado.

Ha tambem aqui, uma fonte perenne, de agua limpida, fresca e saudavel.

Ao pé da egreja ha dois sobreiros seculares gigantescos.

Ha tambem uma casa arruinada e uma pequena cêrca, onde residiam os ermitães, quando aqui os havia.

Parece que tambem aqui houve um pequeno hospicio, pois se vêem uns alicerces contiguos á capella, com a qual communicavam por uma porta, que está tapada de pedra e cal.

Segundo a tradição, foi este edificio construido e habitado pelos cavalleiros do Templo, que, ou n'este sitio, ou em outro proximo, tinham um castello.

Os provisores do grão-priorado do Crato, é que apresentavam os eremitães de Nossa Senhora da Estrella. Não tinham congrua, ou outra alguma renda, sustentavam-se das esmolas que pediam pelos arredores, com auctorisação dos grão-priores.

Havia n'esta egreja uma confraria de Santo André, que tinha um capellão para vir aqui dizer missa aos domingos e dias sanctificados; porque a egreja parochial fica a 9 kilometros de distancia, por caminhos de difficil transito.

Não tinha dia proprio para a sua festa, e, como os póvos das immediações são muito pobres, só havia festividade quando algum individuo de longe a fazia, ou por devoção, ou em cumprimento de algum voto.

MONTE-MÓR—aldeia, Extremadura, freguezia de Loures, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 14 kilometros ao N.O. de Lisboa.

Está esta povoação situada em um alto monte, d'onde lhe provêm o nome.

No seu pincaro está a ermida de Nossa Senhora da Saude.

Segundo a tradição, a origem d'esta capella é a seguinte:

No dia 15 de outubro de 1598, principiou em Lisboa, e se propagou pela maior parte do reino, uma terrivel peste, que durou cinco annos, matando muitas mil pessoas. (Vide 4.º vol., pag. 112, col. 2.ª)

Muita gente de Lisboa fugiu da cidade, procurando as aldeias e particularmente as que—como esta—pela sua elevada situação, offereciam um clima mais saudavel.

Para aqui pois vieram algumas familias de Lisboa, trazendo uma d'ellas, uma imagem da Santissima Virgem (que é a mesma que ainda se venera n'esta ermida), á qual logo construiram uma *edicula* (ermidinha, nicho), promettendo-lhe augmental-a se a peste terminasse.

Em 1603 acabou o contagio, e não se esqueceram do seu voto: mandaram edificar lógo uma bonita capella, que a devoção dos fieis ainda ampliou depois; fazendo-se-lhe, pelos annos de 1700, uma boa tribuna de talha dourada.

As paredes da capella-mór foram desde o seu principio revestidas de bonitos asulejos, e em 1626, os irmãos da confraria da Senhora mandaram forrar de asulejos o corpo da capella, o que consta de uma inscripção dos mesmos asulejos.

Em frente da capella ha um bonito alpendre com seu atrio, d'onde se goza um dilatado e formoso panorama. O tecto d'este alpendre ou galilé, descança sobre quatro columnas, quadradas, de marmore, tendo na architrave do centro esta inscripção:

ESTE ALPENDRE MANDOU FAZER
MIGUEL TOSTADO DA MAIA,
Á SUA CUSTA, EM O ANNO DE 1621.

Tem côro, pulpito e sacristia, tudo com muita decencia.

A capella-mór é fechada por grades de pau santo.

Os povos d'estas terras teem muita devoção com esta imagem de Nossa Senhora da Saude, á qual atribuem muitos milagres.

N'esta mesma freguezia, e na aldeia de Calvos, ha a capella de Nossa Senhora da Rotunda, na quinta que foi de D. Miguel Luiz de Menezes, conde de Valladares. Vide *Rotunda*.

MONTE MÓR-NOVO—villa, Alemtejo, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, districto administrativo, arcebispado e 30 kilometros ao N.O. d'Evora, 65 ao E. de Setubal, 36 ao N. E. d'Alcacer do Sal, e 90 ao S.E. de Lisboa. (Foi da comarca d'Arraiolos.)

930 fogos em duas freguezias (Nossa Senhora do Bispo — e Nossa Senhora da Villa.)

Tem estação telegraphica.

Feira no 1.º de maio e no 1.º domingo de setembro.

A sua divisão ecclesiastica no fim do seculo passado, era a seguinte:

Tinha quatro freguezias.

1.ª *Nossa Senhora da Expectação*, vulgarmente chamada *Santa Maria do Bispo*. A mitra apresentava o reitor, que não tinha outra obrigação mais, do que cantar as missas nas principaes festividades da egreja, fazer as estações aos freguezes, e presidir aos actos publicos.

Tinha 60 alqueires de trigo de renda.

Era esta freguezia curada por oito beneficiados, da apresentação alternativa do papa e da mitra, tendo cada um de renda, 150 alqueires de trigo.

Tinha em 1757, 933 fogos.

2.ª *S. João Baptista.* — O real padroado apresentava o parocho (beneficiado) e tinha 9 alqueires de trigo, 40 almudes de vinho e cantaro e meio d'azeite.

Tinha em 1757, um fogo!

3.ª *Nossa Senhora da Villa.*—A mitra apresentava o reitor, collado, e tinha 40$000 réis de renda.

Tinha em 1757, 68 fogos.

4.ª *S. Thiago.* — A mitra apresentava o prior, collado, e tinha 80$000 réis de renda.

Tinha em 1757, 63 fogos.

Vê-se pois que estas quatro freguezias tinham em 1757 — 1065 fogos.

—

O concelho de Monte-Mór-Novo, é composto de 17 freguezias, todas no arcebispado d'Evora, e são as seguintes — Cabrella.

Escoural, Landeira, Lavre, Reprêza, Saphira, Santa Sophia, Santo Aleixo, S. Christovão, S. Gens, S. Geraldo, S. Matheus, S. Romão, Vendas-Novas, S. Brissos, Monte-Mór-Novo (Nossa Senhora do Bispo), Monte-Mór-Novo (Nossa Senhora da Villa).

Todas com 2:800 fogos.

Até 1855 tinha mais quatro freguezias (tambem do mesmo arcebispado), que eram Brotas (ou Aguias), com 260 fogos — Cabeção, com 230 — Móra, com 300, e Pavia, com 270 — total, 1:060 — que foram então formar o concelho de Móra.

—

É esta villa uma povoação antiquissima, e muitos escriptores [1] pretendem que ella seja a *Castrum Malianum* (castello de Manlio) dos romanos. As primeiras noticias que temos a seu respeito, datam do anno 93 de J.-C., sendo imperador o feroz Domiciano, pois n'esse anno foi aqui martyrisado S. Mancio, vulgarmente, S. Manços.

É certo que nas immediações d'esta villa se teem achado moedas romanas, em differentes épocas. Na freguezia de S. Geraldo se encontrou uma de prata, do imperador Adriano (120 de J.-C.) muito bem conservada. Na villa se achou uma de Valeriano, tambem de prata (260 de J.-C.), outra de Maximiano. (300 de J.-C.) Era de cobre.

Perto da egreja de Nossa Senhora da Conceição, ao N.O. da villa, se acharam tambem algumas, porém a maior parte estavam *frustas* (inuteis, por estarem oxidadas). Em uma via-se o nome do imperador Gordiano; mas não se sabe de qual dos tres que houve d'este nome. (237 a 244 de J. C.)

Teem tambem apparecido amphoras e outros objectos de barro, julgando-se aquellas, *vasos lacrimatorios* dos romanos; porém outros julgam estes objectos menos antigos, e do tempo dos arabes africanos.

Em 1814, foi para o museu Cenaculo, um cippo, achado proximo da villa, com esta inscripção:

LURIAE T. F. BOVTIAE
G. [1] IVLIVS L. F. GAL.
SEVERVS VXORE SIBI
SUIS QVE. F. C.

Na parede exterior do adro da antiga egreja de Nossa Senhora do Bispo, estava uma lapide de jaspe, que dizia:

D. M. S.
MEMORIAE G. F. CALCHISI—
AE. FLAM. PROV. LVSIT. II
FIL. PIISSIM. ET. MAR
L. F. SIDONIAE NEPT.
DVLC. ET APON. LVPIANO.
MAR. MERENT. FABRIC.
QVA MISER. MATER IVN.
LEONICA. KARIS SVIS ET SIBI.

Destruida a egreja matriz, foi esta lapide removida para a casa da camara, e está actualmente embebida na parede de uma casa fronteira.

Outros monumentos de classe differente nos provam que este territorio já era habitado muitos seculos antes da invasão romana na Peninsula Iberica, pelos povos preceltas—são os varios dolmens que havia por estes sitios, a maior parte dos quaes teem sido destruidos pelo povo ignorante, para lhes aproveitarem a pedra para construcções.

—

No tempo dos arabes tinha esta villa um castello antigo (provavelmente de origem romana) que ainda existia no tempo do nosso primeiro rei.

Suppõe-se que este castello e a villa foram tomados aos mouros, por D. Affonso Henriques, pouco depois da gloriosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139); porém se assim foi, é provavel que fosse pouco depois abandonado pelos portuguezes, que só se apossaram para sempre d'esta praça, pelos annos de 1160; mas ainda em 1191, Miramolim, rei de Marrocos, a entrou, saqueou e destruiu, abandonando-a depois. (Vide *Almada* e o fim d'este artigo.)

Estando estas terras sujeitas ás frequentes correrias dos serracenos, é provavel que

[1] Frei B. de Brito (*Mon. Lus.*, p. 2.ª, liv. 5, cap. 6, fl. 38 v.)—D. Thomaz da Encarnação (*Hist. Ecclesiae Lusitan.*, tom. 1.º, sec. 1.ª, cap. 4.º, pag. 111.) Casado Geraldes e outros.

[1] Devia ser C—(*Caius*).

estivesse abandonada pelos christãos, ou, pelo menos muito pouco povoada no principio do reinado de D. Sancho I — o qual vendo aqui uma posição asada para a defeza, poor estar a villa edificada em um alto, sobre tres outeiros, em sitio fresco e sádio, e ser quasi nos confins meridionaes do reino, deeterminou povoar esta villa, o que fez em 12001, dando-lhe foral, em março de 1203, o qual foi confirmado em Santarem, por seu filho, I D. Affonso II, em janeiro de 1218. (Maço 11 dos foraes velhos, n.º 16, e maço 12, n.º 3, fl. 29 e fl. 29 v. — e Livro dos foraes antigoos de leitura nova, fl. 78, col. 2.ª — e *Historria e Memorias da Academia Real das Scienccias*, tomo V, parte 1.ª

D. MManuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 dd'agosto de 1503. (Livro de foraes novos doo Alemtejo, fl. 74 v., col. 1.ª—*Historia e Memaorias da Academia Real das Sciencias*, no loggar citado.)

N'esste foral lhe deu a cathegoria de villa, com o titulo de *notavel*, e a honra de ter assento eem côrtes, no banco 4.º — (Alguns dizem qque foi o rei D. Sebastião, em 1576, mas julgo qque é êrro.)

Servve este foral tambem para Azinhal e Castelldo.

Comn o fim de attrahir para aqui povoadores, tinham estes foraes muitos e grandes privileggios, pois eram os mesmos que se haviam cconcedido a Evora.

Na eescriptura de composição que D. Sancho II celebrou com suas irmans, em 1223, dá comno segurança ou penhor do contracto, varias terras importantes, sendo uma d'ellas *Mons-MMaior-Novus.* [1]

Já noos fins do seculo XIII, era Monte-Mór-Novo uuma povoação importante, pois que nos idoos de novembro, da era de 1323 (1285 de Jesuus Christo), foi escolhida pelo rei D. Diniz, ppara séde de uma assembléa, que aqui fez eonuvocar, para impetrar do papa Honorio IV, o competente beneplacito, para a fundação dde uma universidade n'este reino.

Presisidiu o mesmo soberano, e assistiram —o abbade d'Alcobaça; o D. prior de Santa Cruz, de Coimbra; o D. prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa; o D. prior, secular, de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães; o prior de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem; e grande numero de parochos.

Já se vê que, para dar quartel a tão lusida reunião, era preciso uma grande povoação; e a prova que esta já então o era, é a escolha que d'ella fez D. Diniz.

—

Fallecendo o rei D. Fernando (22 de outubro de 1383), umas terras de Portugal tomaram o partido de *sua* filha, a rainha D. Beatriz, mulher de D. João I, de Castella, e outras o do mestre de Aviz, depois D. João I.

Estava a praça de Monte-Mór-Novo indecisa, mas chegando aqui inopinadamente o grande D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) a fez seguir o partido do *Mestre.*

—

Os piratas africanos, não se contentando em nos tomar os navios no alto-mar, desembarcavam com frequencia nas costas de Portugal, saqueando as povoações do litoral, e fazendo captivos os seus habitantes.

Quiz D. João I infligir-lhes uma sevéra lição, e, em 1415, sae de Lisboa, como para uma caçada, e vem ter a esta villa, para onde mandou cbamar o grande condestavel, que então residia na villa d'Arraiolos, de que era conde [1].

Aqui combinaram um assalto á praça africana de Ceuta, covil favorito dos piratas; isto com o maior segredo.

D. Nuno, não só offereceu ao rei a sua pessoa, bens e vassallos, como pediu para ser o primeiro a fallar no conselho, e o primeiro a desembarcar na costa africana.

[1] Dauva tambem este monarcha, como penhor, EEvora, Santarem, Torres-Novas, Torres Veddras, Cezimbra, Lisboa, Cintra, Abrantes, e ouutras povoações menos importantes.

[1] Apesar do foral de Monte-Mór-Novo dizer, que esta villa nunca sairia da corôa—*Barones de Montemór non seam em prestamo dados*—D. João I, a deu ao condestavel, depois da batalha d'Aljubarrota, assim como o condado d'Ourem, Extremoz e outras villas; mas pouco depois (6 de dezembro de 1387) lh'as tornou a tirar, dando-lhe *em troca*, o condado d'Arraiolos, a villa e castello de Monsaraz, Vidigueira, Villa de Frades, Villa-Ruiva, Villa-Alva, e villa e castello de Chaves.

O conselho se reuniu em Torres Vedras, onde foi decidido, que se levasse a empreza por diante.

Todos sabem que D. João I, com seus dois filhos mais velhos, o condestavel e outros muitos fidalgos portuguezes, com um florido mas pequeno exercito, passaram á Africa, e, a 14 de agosto do mesmo anno, tomaram de assalto a importante praça e cidade de Ceuta.

—

N'esta villa, convocou o principe regente, depois D. João II, as cortes da nação portugueza, a que presidiu, em 1477. Legislou-se sobre 59 capitulos geraes e especiaes.

Foi a 71.ª vez que houve n'este reino convocação das cortes dos tres estados[1].

—

Em 1495, havendo peste em Lisboa, o rei D. Manuel para aqui convocou cortes (as 76.as), a que presidiu.

N'ellas tomou o rei as devidas homenagens, pela sua subida ao throno.

Legislou-se sobre as taxas dos generos que se vendiam no reino e decidiu-se a continuação das conquistas no Ultramar.

Os reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, gostavam muito d'esta villa, e por varias vezes a visitaram, residindo sempre no paço dos alcaides-móres, no castello.

O rei D. Manuel, deu-lhe por armas—uma torre edificada sobre rochedos, no centro do escudo, e por detraz, em toda a largura d'elle, uma ponte, tudo da sua côr. Por baixo da ponte se vê um rio, de ondas azues.

Significa o castello, o rio *Canha*, que passa junto á villa, e a ponte (chamada do *Alcáçar*), que atravessa aqui o rio.

—

O pusilanime D. Henrique (cardeal-rei), morrêra em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580. (Vide *Almeirim*, para não repetir aqui o que disse no 1.º vol.)

Todos sabem que n'esta desgraçada conjunctura, grande parte da nobreza de Portugal, de quem era chefe, corruptor e conselheiro Christovão de Moura, eram por Philippe II, de Castella; alguns fidalgos e o povo, por D. Antonio, prior do Crato; e os vassallos e familiares da duqueza de Bragança, por esta senhora.

Esperava-se pela decisão dos cinco gover-

[1] Durante a estada do rei n'esta villa, em quanto duravam as cortes, esteve hospedado no paço de D. Fernão Martins Mascarenhas, alcaide-mór, do castello.

O arcebispo de Braga, foi residir em casa de um familiar de D. João de Bragança, marquez de Monte-Mór-Novo. (irmão do duque de Bragança, D. Fernando II.)

O marquez, irritado, tratou mal o arcebispo, que se queixou ao rei. Este mandou que o marquez se considerasse preso no castello, em que habitava, e que dentro em cinco dias passasse para o outro lado do Tejo, até segunda ordem.

O marquez vae para Castello Branco, e d'alli se põe em combinação com os reis de Castella (Fernando e Isabel), contra o de Portugal. Escolhêra para emissario, Pero Juzarte, que o atraiçoou, delatando tudo a D. João.

Tambem andavam mettidos n'estas intrigas, por ordem do marquez, Affonso Vaz, e o castelhano Tristão Villa-Ruel.

O pretexto procurado entre os dois Bragan-ças e o rei de Castella, era o seguinte:

O rei de Castella, pediria ao de Portugal que D. Joanna fosse entregue aos Bragan-ças, e que os castelhanos podessem livremente negociar em Guiné.

Previam que o rei de Portugal se recusaria obstinadamente a qualquer das duas propostas, e os reis de Castella, lhe declarariam guerra, recusando os Bragan-ças tomar armas contra os castelhanos.

Tudo isto soube D. João II, pelos emissarios dos Bragan-ças, que os atraiçoaram. O duque de Bragança, foi degolado na praça d'Evora, em 20 de junho de 1483, e seu irmão poude escapar á vingança do rei de Portugal; mas, sabendo alli que tinha sido *executado em efigie*, na praça d'Abrantes, morreu de desgosto.

Assim acabou o unico marquez de Monte-Mór-Novo.

Conta-se que quando D. João II esteve n'esta villa, por occasião da convocação das cortes, mandára metter os cavallos na estribaria de D. João de Sousa, nobre, brioso e valente cavalleiro d'esta villa, que então andava á caça, o qual, sabendo isto, se foi á estribaria, e, soltando os cavallos do rei, os pôs na rua. D. João II o mandou chamar e lhe perguntou muito agastado, a rasão porque praticara tal facto—ao que o fidalgo respondeu—«Porque não queira Deus, que faça V. A. da casa de D. João, estribaria, e da casa de D. Fernando, paço.»—D. João II

nadores, nomeados por D. Henrique; porém o usurpador castelhano, cégo pelo desejo de empolgar a sua cubiçada preza, reune em Badajoz um poderoso exercito, ao qual deu por chefe, o duque d'Alba. Este invade Portugall pelo Alemtejo, entrando em Villa Viçosa,, Extremoz, Evora-Monte e Arraiollos.

No dia 8 de julho d'esse mesmo anno de 1580, chegam os castelhanos a Monte-Mór-Novo, onde estavam D. Diego de Menezes e o conde de Vimioso, que com o povo da villa ainda quizeram defender a praça; mas lembrando-se da falta de petrechos de guerra que n'ella havia, e que, com a resistencia, que não podia ser de longa duração, sómente accarretariam muitas desgraças contra a villa,, a abandonaram, fugindo para Lisboa, com 200 carros de viveres e munições.

A praça ficou pois sob o dominio castelhano; porém o povo odiava-o cordialmente.

Christovão de Moura, tinha fugido em Setuball á sanha do povo, e resolvêra transferir-se com os governadores, para Monte-Mór-Novo ao que estes se recusaram. Então elle, com os seus creados e satelites, veiu caminho d'esta villa. Chegou á capella de S. Thiago, e d'alli mandou alguns dos seus creados arranjarem aqui alojamento; mas o povo os correu. Moura não teve remedio senão, ficar uma noite n'esta capella isolada, e no dia seguinte se foi reunir ao duque d'Alba.

—

Na milagrosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, foi esta uma das primeiras villas do Alemtejo, que tomaram armas contra a usurpação.

O duque de Bragança (depois D. João IV) sahira dos seus paços de Villa Viçoça, para Lisboa, com o marquez de Ferreira, o conde do Vimioso, alguns outros cavalleiros, e parte dos seus vassallos e creados.

Passando por esta villa, foi enthusiasticamente acclamado pelo povo.

Finalmente, em todos os tempos, os habitantes de Monte-Mór-Novo deram exemplos de amor da patria e fidelidade ao seu rei.

—

Já disse que esta povoação está fundada sobre tres montes, e diz-se que o seu nome provem do facto seguinte:

Quando D. Sancho I, mandou aqui edificar um castello, lhe perguntaram, em qual dos montes se havia de construir, ao que o rei respondeu—*no monte-mór*, e este nome lhe ficou. Como na Beira (hoje Douro) já havia a villa de *Monte-Mór*, para se distinguirem, se ficou chamando esta *Monte-Mór-Velho*, e aquella *Monte-Mór-Novo*.

Ao S. está o castello, que foi fortissimo, e um dos melhores do reino.

Em volta do castello, se foram construindo novas habitações, e reconstruindo as antigas (se as havia) e com o tempo, se foi estendendo a povoação, vindo a occupar os tres montes.

O alto da villa foi cercado de uma muralha, de fórma triangular; de 3m,30 de espessura e 1617 metros de circumferencia. Tinha quatro torres, a eguaes distancias, um torreão, 19 cubéllos, e 4 portas (*da Villa, de S. Thiago, d'Evora e do Anjo.*) Tudo isto, está reduzido a ruinas; apenas a torre do E., chamada *da má hora*, se levanta ainda, carcomida pelo tempo, e do mesmo modo a do N., chamada *do relogio*, e a do O., que é a *do Anjo*.

Ainda no centro da cerco, em um alto, se

achou esta resposta tão digna, que perdeu instantaneamente a cólera, e d'alli em diante sempre estimou e respeitou este fidalgo, fazendo-o depois seu embaixador a Castella. (Foi depois, guarda-mór do rei D. Manuel, seu primo e successor.)

Conta-se que, durante a estada de D. João de Sousa, como embaixador, em Castella, em uma corrida de touros, estando Fernando e Isabel, no seu palanque, mandou esta vir D. João á sua presença, tendo ordenado que, quando o portuguez atravessasse a praça, soltassem um touro; o que se cumpriu. Veiu o touro, que, não vendo mais pessoa alguma na praça, investiu com D. João, que, atirando-lhe com o capuz, desembainhou a espada e *com uma só cutilada lhe separou a cabeça do corpo.* (!!!)—Tomou o capuz, limpou a espada na pelle do touro, e foi direito ao palanque real, tão indifferente como se nada tivesse acontecido.

A rainha disse-lhe—«Buena suerte hesi este, embajador!»—Ao que D. João respondeu immediatamente, com ar de maior sinceridade e simplicidade—«Qualquer portuguez faz outro tanto.»

veem as ruinas dos paços dos alcaides-móres, junto e ao S. da muralha.

Do muro que ligava os paços com a torre do Anjo, e do que o prendia com a torre *da má hora*, poucos vestigios restam.

Alguns dos cubêllos cahiram; mas era tão tenaz o cimento que ligava as suas pedras, que estão quasi inteiros, como se fossem monolyticos.

—

Dentro da cerca ainda existem em bom estado quatro cisternas, estando uma dentro das ruinas dos paços dos alcaides; outra a pouca distancia d'esta, e proxima á egreja de S. João: ás outras duas estão entupidas.

Os antigos edificios da villa que ainda existem; são:—o mosteiro de Nossa Senhora da Saudação, ainda habitado, a as egrejas de S. Thiago e S. João. Todas as mais obras antigas, ou estão reduzidas a montões de ruinas, ou não existem.

O primittivo castello ou é fundação ou reedificação de D. Sancho I; mas D. Diniz, pelos annos de 1300 a 1310, o reedificou e construiu á cerca de muralhas.

O que antigamente era arrabalde da villa, é hoje a parte principal d'ella, conservando ainda o nome de *Arrabalde*. Fica na encosta meridional.

Á esquina da rua de *D. Vasco* está uma porta e janella, que teem mais de 400 annos de existencia—e no largo da *Porta do Sol* havia arcos de abobada, de egual antiguidade. Pela architectura da porta da egreja da Misericorbia se vê que foi uma das primeiras que instituiu a virtuosa rainha D. Leonor, prima e mulher de D. João II (filha do infante D. Fernando, duque de Viseu, filho do rei D. Duarte—e irmã do rei D. Manuel).

Foi em umas casas que existiram por detraz d'esta egreja que nasceu S. João de Deus.

—

Junto á ermída de S. Lazaro consta ter existido uma gafaria. (1) Parece que foi depois mudada para Santo André do Outeiro.

Deixou de existir a gafaria, e os seuss rendimentos foram applicados para as desppezas do culto divino, na egreja da Misericoordia; mas, em 1837, foram esses rendimentoos julgados *bens municipaes*, e são recebidoss pela camara.

—

O *hospital do Espirito Santo* foi funndado em 1316 (segundo outros, em 1324) como consta de uma certidão que existe nno archivo da Misericordia. Parece que se annexou depois ao de Santo André do Outeeiro.

A albergaria de Santo André do Outeiro, foi fundada em um cabeço que fica aa pouca distancia da villa, e ao NO. d'ella. . Hoje é uma bonita capella, cercada de arvonres, e fazendo parte das propriedades particuulares do sr. Antonio Justino da Costa. É o mmonte mais elevado dos que cercam a villa, e do seu cume se gosa uma formosa e dililatada vista.

A capella, porém, está interiormentte desornada, e ao monte que se denominaava de Santo André, se chama hoje Courelella de Santo André.

Ainda depois da capella estar abandonada (no meiado d'este seculo) e antes dele pertencer ao seu actual possuidor, era obbjecto de grande veneração e devoção dosis fieis d'esta villa.

A imagem do padroeiro foi por esse e tempo removida para a egreja do hospitital. É advogada das creanças quebradas; e as familias das que se curavam, deixavamm em testemunho de agradecimento ao santo, tijolos, cal e outras offertas junto á sua capella.

Nas escavações a que o actual proprietario aqui mandou proceder, se encontrou o cemiterio do antigo hospital e varias moedas tambem antigas.

O actual *hospital real de Santo AAndré*, d'esta villa, foi fundado em 1354, pela a juncção de duas antigas albergarias (a *do o Espirito Santo* e a *de Santo André*).

(1) As innumeras *gafarías* (hospitaes de lazaros) que havia antigamente em Portugal, provam-nos que as molestias de pelle estavam então muito propagadas porr toda a parte. Hoje, felizmente, esta ascorosasa molestia é muito mais rara.

Em 1531, D. João III mandou fazer a egreja, enfermarias e todo o mais edificio que ainda hoje existe.

Em 1786, foi ampliado o edificio, mas ainda assim, é acanhado e não preenche os fins a que é destinado.

Os seus rendimentos não chegam para as despezas ordinarias, apesar dos grandes córtes que lhe fizeram nos legados pios, reduzindo-os todos (que eram muitos) despotica e illicitamente, a duas missas e um officio de defunctos, pelas almas de todos os bemfeitores d'este estabelecimento.

A Misericordia tem de supprir as faltas para o custeamento das despezas.

Desde a sua instituição, foi este hospital administrado pelos conegos de S. João Evangelista (loyos), até 1567, em que a Misericordia tomou conta da administração, até que ella, a requerimento dos procuradores do povo, passou, em 1677, para os frades de S. João de Deus, até 1834. Um decreto de 21 de agosto de 1835, removeu para a mesa da Misericordia a sua administração.

—

A Santa Casa da Misericordia de Monte-Mór-Novo—Foi fundada pela virtuosa rainha D. Leonor, viuva de D. João II, em 1499, um anno depois que tinha fundado a de Lisboa.

Consta que o principio d'este estabelecimento de caridade, foi da maneira seguinte:

Na *rua do Carvoeiro* (hoje *rua Direita*), havia uma ermida com a invocação de Santo Antonio, com a confraria dos *fieis de Deus*. Junto d'esta ermida estavam as casas de um cavalleiro, chamado Ruy Mendes Gago, que servia de juiz, ou mórdomo da confraria, com outros mais devotos, todos dos principaes da villa, os quaes mudaram o titulo da ermida, para a invocação de Nossa Senhora das Misericordias.

Em 1506, o rei D. Manuel, deu á esta casa 13 *balandraus*, para os 13 irmãos da mesa.

Em 1513, Ruy Mendes Gago, que foi o 1.º irmão d'esta casa, quiz tambem ser o 1.º bemfeitor, e, com sua mulher, Beatriz Fernandes, instituiu uma capella, com missa quotidiana, por suas almas, com a condição de que, por morte de ambos os conjugues, se applicassem os rendimentos da sua fazenda, para a fabrica de uma egreja da Misericordia, que mandaram se fizesse nas suas casas: e, se á hora da morte dos doadores ainda a egreja não estivesse concluida, se depositariam seus corpos na egreja matriz, e seriam removidos para a egreja da Misericordia, o que se fez.

A estes instituidores se seguiram outros, até ao n.º 61.

Parece que as obras tiveram principio em 1513, e fim em 1532.

Foram-se depois comprando algumas casas proximas á egreja, até que, em 1604, sendo provedor D. Fernão Martins Mascarenhas, se fundou a magestosa casa do despacho, escada e pateo, cuja obra teve principio em 23 de maio d'aquelle anno, e fim, em 16 de junho de 1606. Custou 850$405 réis.

Em 1700, sendo provedor, D. Martinho Mascarenhas, então conde de Santa Cruz e depois marquez de Gouveia, e mórdomo-mór de D. Pedro II, se deu principio á obra da renovação da egreja, accrescentando-se com luxo, assim como o côro, sachristia e mais officinas.

Em 1712, se obteve provisão de D. Simão da Gama, arcebispo d'Evora, para a egreja ter Santissimo Sacramento, e ter um côro de 7, ou 9 capellães, para rezarem em communidade.

As obras aqui feitas, desde 1700, até 1713, importaram em 6:712$081 réis.

Em 1781, se erigiu a botica da Santa Casa. Custou 520$500 réis.

As obras e ornamentação da egreja e mais edificios, se foram fazendo a pouco e pouco, até que, em 1802, se fez a obra de estuque, da capella, puxando-se o throno mais á rectaguarda, e ficando o côro em frente. (d'antes era por detraz.) Custou esta obra réis 1:200$000.

Em quasi todos os annos seguintes se foram continuando as obras e melhoramentos, até 1829.

As quatro antigas freguezias da villa

1.ª *Nossa Senhora do Bispo*—É muito antiga, e foi matriz até 1843. Consta chamar-

se *do Bispo*, porque os arcebispos d'Evora, são seus priores natos, desde que ainda só tinham o titulo de bispos.

Não se sabe quando principiou a ser egreja parochial, mas é certo já o ser em 8 (segundo, outros, em 25) de março de 1495, quando nasceu S. João de Deus.

Desde 1843, é egreja parochial, a do mosteiro de S. João de Deus.

A verdadeira invocação do orago d'esta freguezia, é Nossa Senhora das Angustias, ou do Transfixão, ou de ao pé da Cruz.

2.ª *Nossa Senhora da Villa*—Foi fundada por Domingos Pelagio (filho do novo povoador, Pelagio Peres) em 1234.

É sagrada. Foram seus commendadores os condes da Ponte.

Ha aqui a irmandade dos clerigos, que teve principio no 1.º de agosto de 1405.

Chamou-se *da villa*, por ser a tutelar d'ella, e por ser a primeira que se fundou aqui, depois da expulsão dos arabes. Tambem se denominava *Nossa Senhora dos Milagres*, pelos muitos que lhe atribuiam—e *Nossa Senhora dos Açougues*, por estar proxima a elles. É sagrada. Era uma commenda, intitulada de *Santa Maria dos Açougues*, de que foram commendadores os Braamcamps. Esta parochia estava dentro dos muros da povoação antiga. No principio, era a unica matriz da villa. Está hoje em ruinas. Ainda n'ellas se podia ler, em 1830 (com muita difficuldade), gravada em uma pedra, a inscripção seguinte:

AD HONOREM SANCTAE MARIAE
PERPETUAE VIRGINIS GENETRICIS
DNI. NRI. CHRI.
FUNDAVIT ECCLESIAM ISTAM
DOMINICUS PELLAGII EJUS PRAELATUS,
QUI PROCESSIT A PROGENIE PELAGII....
SUB ERA MCCLXXVII.

3.ª *S. João Baptista*—Não se sabe quando foi fundada, mas sabe-se que já existia em 1380. Tinha dois beneficiados, sendo um curado (reitor) e um sachristão.

Eram todas da apresentação do real padroado, e o cardeal D. Henrique, sendo regente do reino (com sua cunhada, a rainha D. Catharina) na menoridade de D. Sebastião, a deu aos jesuitas, por annexação feita á universidade d'Evora, em 1561. Desde 1759 até 1834, passou o direito de apresentação e competentes rendas, ao real collegio dos nobres, á Cotovia, em Lisboa. (Hoje eschola polytechnica.)

Supprimida esta freguezia, no principio d'este seculo, continuou a ser commenda do collegio dos nobres, e para o culto divino, e para a festa do padroeiro, havia um capellão e um sachristão, apresentados pelo referido collegio dos nobres.

É notavel esta freguezia pela singularidade de ter um só parochiano; circumstancia que se não dava em outra alguma do reino (nem talvez de todo o mundo christão.) Mesmo este unico casal, deixou de existir no fim do seculo passado, ou por a familia fallecer, ou por mudar de residencia, ficando um parocho e uma parochia sem freguezes.

4.ª *S. Thiago*—Tambem se ignora quando foi fundada. A noticia mais antiga que ha d'esta egreja, como matriz, é do anno de 1457.

Consta ter sido fundada pelos cavalleiros de S. Thiago. Tinha quatro beneficiados (ou um beneficiado e tres ecónomos) e um sachristão.

Esta parochia com a de Nossa Senhora da Villa, estão unidas na egreja do Calvario, desde janeiro de 1850, tendo antes estado na egreja de S. Vicente, desde 3 de fevereiro de 1845.

Ermidas das parochias da villa

1.ª *Santo André do Outeiro*—já existia em 1316, tendo annexa a albergaria de Santo André. Já tratei d'esta ermida.

2.ª *Nossa Senhora da Visitação*—é a mais ampla e notavel da villa. Corôa um outeiro, ao N. d'ella. Com as muitas esmolas e offerendas do povo, que tem grande devoção

a esta Senhora, se occorre a todas as despezas do culto divino.

3.ª *Nossa Senhora da Luz*—D'ella se fará expressa mensão no recolhimento das beatas.

4.ª *Nossa Senhora da Paz* — na praça da villa. Está em grande decadencia e com falta dos reparos necessarios.

5.ª *S. Pedro* — proximo da ponte de Alcacer. É uma das mais antigas e espaçosas da villa. Tambem está em grande abandono.

6.ª *S. Sebastião* — Está bem conservada, e tem uma reliquia do mesmo santo. É muito antiga e está proxima á egreja do Calvario.

7.ª *O Senhor das Necessidades* — É tambem muito antiga, e está perto da antecedente.

8.ª *S. Lazaro*—É tambem antiga, mas foi reparada ha poucos annos, por causa do leito da nova estrada das Vendas-Novas para Elvas. Está na rua da Guarda.

9.ª *S. Simão* — Situada no alto do monte, a E. da de Nossa Senhora da Visitação. Está em ruinas.

10.ª *Nossa Senhora da Penha de França*— na quinta da Amoreira, propriedade do sr. Justino Coelho Palhinha.

Esta ermida, posto estar muito bem conservada, está profanada, sem paramentos e mais utencilios para o culto religioso, e sem benção para os officios divinos.

D. Thereza Moscoso Osorio Mendonça Espinosa Gusmão Sandoval e Roxas, filha do marquez de Almocan, filho primogenito da casa d'Alta-Mira, condessa de Santa-Cruz, vindo com seu marido a esta quinta, em 1687, mandou então reedificar esta ermida, pelos fundamentos.

A festa de Nossa Senhora da Penha, se fazia a 15 de agosto. Era annexa a Nossa Senhora da Villa.

Conventos da villa e seu termo

1.º—*Frades franciscanos.* Foi fundado na ermida de Nossa Senhora das Graças. Já em 1495 aqui havia religiosos. Está aqui a ordem terceira da penitencia, com boas rendas. Os condes de Santa Cruz, e depois os marquezes do Lavradio, foram os seus padroeiros. Estavam aqui as cabeças de S. Philippe e seu companheiro, martyres. Diz-se que a feira d'abril procede da concorrencia que então aqui fazia o povo, em romaria a estas reliquias.

Esta feira gosava o privilegio de ninguem poder ser preso n'ella, salvo por crimes commettidos na mesma.

A devoção por estas santas reliquias, foi esfriando até desapparecer completamente, pela descrença ou indifferença das gerações modernas, que aqui tem lavrado infelizmente, do que são um evidente testemunho tantas casas de oração que na villa e suburbios se vêem abandonadas.

Chegou a tanto o desprezo pelas crenças arraigadas nos corações dos antigos, que nem mesmo se sabe onde param as reliquias que aqui estiveram. Consta que estão hoje na egreja matriz de S. João de Deus; mas já não os craneos inteiros, e apenas alguns ossos. Consta que estas reliquias foram aqui collocadas, a 23 d'abril de 1577, por D. Fernão Martins Mascarenhas.

A expulsão d'estes religiosos não foi só um sacrilegio (como o foi o de todos os mais) foi um acto de estupido vandalismo; porque os frades ensinavam gratuitamente, latim, logica e rhetorica.

Ainda aqui subsiste a ordem terceira da penitencia, que tem capella propria, desde 1671, sendo ministro, Henrique de Mello da Azambuja.

Junto á egreja está agora o cemiterio. Em frente da porta principal do cemiterio está a capella do Senhor dos Afflictos, edificada em 1748. — O edificio do mosteiro e a sua cêrca são da camara municipal. Foi trocado por um foro annual, de 50$000 réis, que

a camara recebia pelo terreno occupado agora pelo polygono das Vendas-Novas. Foi esta troca auctorisada, por portaria de 10 de janeiro de 1871.—Esteve n'este mosteiro a estação telegraphica e serviu de quartel de cavallaria. Hoje está este edificio em ruinas.

2.º—*Frades dominicos* (de Santo Antonio de Pádua). Foi vendido em hasta publica e é propriedade do sr. Antonio Joaquim Marques dos Santos.

Foi fundado por Brites de Negreiros e seu marido, Manuel Fragoso, em 1559, assistindo á collocação da primeira pedra, o famoso D. frei Luiz de Granada. Ficou servindo de egreja ao mosteiro, uma antiga ermida que já aqui havia, dedicada a Santo Antonio. Não se sabe quando esta ermida foi edificada; mas sabe-se que 85 annos depois do fallecimento de Santo Antonio — isto é — no anno de 1316, já aqui era capellão, mestre Lourenço, que o era tambem de uma confraria que existia na ermida.

Segundo frei Luiz de Souza, na *Chronica de S. Domingos* — os frades franciscanos não queriam que este convento tivesse a invocação de Santo Antonio (que fôra frade da sua ordem) e houve pleito, que se decidiu a favor dos dominicos.

Assim que a capella foi concedida aos religiosos dominicanos, logo o seu provincial procedeu a auto de posse da mesma, e n'ella disse missa, mandando lançar n'esse mesmo dia a pedra fundamental do mosteiro, sob o titulo de vigariaria.

Em 1619, sendo provincial o padre mestre, frei Diogo Ferreira, e tendo já o convento sufficientes rendimentos, e o edificio do mosteiro concluido, foi elevado a priorado.

D. Fernão Martins Mascarenhas, capitão de ginetes do rei D. Sebastião, e alcaide-mór d'esta villa, estando por embaixador de Portugal no concilio de Trento, impetrou do papa Pio IV, um breve com muitas graças, para este convento.

3.º—*Frades agostinhos descalços* (convento de Nossa Senhora da Conceição) fundado pelo conde de Palma. Está edificado em uma elevação, nos olivaes proximos á villa, no sitio onde já havia uma capella, dedicada á Santissima Virgem d'aquella invocação (e antigamente da Amieira) que continuou a ser a padroeira. Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 29 de maio de 1688.

Os religiosos tinham residido primeiro (1671) dentro da villa, em um sitio chamado *Pedras Negras*, em umas pequenas casas. Mudaram para a rua *das Piçarras*, e para a ermida de S. Lazaro. Eram padroeiros d'este mosteiro, os condes d'Obidos.

É hoje propriedade particular do sr. Joaquim Lopes Tavares, rico proprietario d'esta villa, que o tem conservado, e está habitado por locatarios.

4.º—*Frades de S. João de Deus*. A egreja d'este mosteiro, foi fundada na *Rua Verde*, nas proprias casas em que nasceu o santo, por ordem de D. Alexandre, arcebispo d'Evora, com esmolas do mesmo prelado e do povo. Era a cabeça dos da sua ordem no reino.

Sendo arcebispo, D. José de Mello (1627), vieram fundar este convento, dois religiosos castelhanos, que chegaram aqui no dia 24 de junho d'esse anno.

Já em 1607 tinha o irmão *João Peccador*, e seu companheiro, João Lopes Pinheiro, fundado aqui um oratorio, em que lançou a primeira pedra o vigario e licenciado, Luiz Rodrigues Sêcco, mas o mosteiro esteve deshabitado até 1623. No ultimo domingo de maio de 1325, veio para a egreja a imagem do seu padroeiro. Tinha até então estado na egreja do convento de S. Domingos.

Em 24 de junho, o conego D. Francisco de Mello (sobrinho do referido arcebispo, D. José de Mello) lançou a primeira pedra á nova fabrica do mosteiro, que foi benzida pelo bispo, D. frei Diogo de S. Vicente.

Havia n'esta egreja, reliquias de S. João de Deus, de Santa Ursula, de Santa Victoria, e outras.

A egreja do convento serve actualmente de matriz. O convento, está no centro da villa. Foi concedido ao municipio para ahi se estabelecerem as repartições publicas, por decreto de 6 d'abril de 1863. Está em reparações (1875) e, já ali funccionam as repartições da administração do concelho,

fezenda e conservatoria; e a casa da bomba. Em breve se poderá aqui estabelecer o tribunal judicial, os cartorios dos escrivães e o quartel do destacamento militar.

5.º—*Frades paulistas* (eremitas de S. Paulo) de Santa Cruz, de Rio Mourinho, na freguezia de S. Matheus. Está situado em uma campina raza, proximo ao rio *Mourinho*, 7 kilometros ao S. da villa.

Era um dos mais antigos mosteiros d'esta ordem. Foi fundado por Mendo Gomes de Seabra, que o dedicou á Santa Cruz. O rei D. Duarte confirmou esta doação em 10 de julho de 1435; mas, apesar d'isso, os monges de S. Jeronymo moveram demanda contra a fundação d'este mosteiro, e os frades só para aqui vieram em 1483, por uma sentença que obtiveram em seu favor.

A planicie em que está edificado o mosteiro é baixa e doentia. É quasi um ermo, sem outra visinhança mais do que alguns moinhos no rio, e poucos casaes.

Este mosteiro, por ser em sitio doentio e triste, sempre teve muito poucos religiosos (a maior parte mandados para aqui de castigo) e, por fim, nenhum o queria vir habitar, pelo que estava deserto e abandonado muito antes de 1834, e as suas rendas hiam para o collegio dos paulistas de Coimbra.

O convento está em ruinas, e é propriedade, assim como a sua cerca, dos herdeiros de Valentim José da Salvação. A egreja, porém, está em soffrivel estado de conservação, e ainda n'ella se celebram os officios divinos e a festa de Nossa Senhora da Saude, como padroeira do mosteiro.

No monte que está sobranceiro ao rio Mourinho, havia no tempo do nosso archeologo André de Rezende, um marco milliar, dedicado ao imperador Antonino Pio. Tinha uma extensa inscripção, cujo principio era:

IM. CAES. DIVI. SEPTI.... SEVERI. PIV. etc.

6.º—*Eremitas descalços de S. Paulo*, da invocação de Nossa Senhora do Castello, ou das Covas de Monfurado.

Está este mosteiro situado a 6 kilometros ao S. da villa, nos limites da freguezia de S. Thiago do Escoural, e no sitio chamado *Cóvas de Monfurado*.

Dois eremitas, arrependidos das suas loucuras, vieram em 1710 habitar estas brenhas. A estes se aggregaram os irmãos, Balthazar da Encarnação, da villa de Serpa, e Francisco da Cruz.

Aqui viviam na pobresa, abstinencia e oração, vestidos de sacco, e fazendo taes exercicos de penitencia, que eram geralmente venerados pelos povos d'estes sitios.

Foi crescendo o numero d'estes anachoretas, que resolveram edificar uma ermidinha a Nossa Senhora do Castello.

Chegando a Lisboa a noticia das virtudes d'estes santos eremitas, foram muito favorecidos pela côrte.

Foi benzida pelo ordinario a ermida e o mosteirinho, em 11 de fevereiro de 1725, e disse-se aqui a primeira missa em 4 de junho de 1738.

Foi padroeiro d'este mosteiro o infante D. Antonio, filho de D. Pedro II, que lhe deu uma reliquia do Santo Lenho.

O padre Balthazar da Encarnação lhe deu estatutos, e a 18 de janeiro de 1739 prestaram sujeição ao cabido de Evora, professando todos, nas mãos do conego Silverio Lobo.

Traziam tunica interior parda, e habito exterior preto, capello curto, com uma palma verde no hombro esquerdo, e outra no escapulario, em memoria de S. Paulo, primeiro eremita.

Ainda existem a gruta do padre Balthazar e os escarpados rochedos e as covas subterraneas em que viviam os primeiros eremitas.

A situação d'este mosteiro é pitoresca, e ainda bastante frequentado.

É hoje propriedade particular da sr.ª D. Josepha da Salvação, e ainda aqui se faz a festa de Nossa Senhora do Castello.

Tanto o mosteiro como a egreja soffreram bastante com o terramoto de 1755; mas n'esta ainda existe uma formosa balaustrada de mosaico.

Diz-se que o nome de *Monfurado* (contracção de *Monte Furado*) lhe provém de uma grande mina de ferro, explorada pelos antigos e que ainda hoje anda em lavra. As galerias subterraneas de extracção do minerio teem arruinado bastante o edificio do mosteiro e cêrca do mesmo. São aqui as grandes minas da *serra dos Monges*.

7.º—*Freiras dominicas* (de Nossa Senhora da Saudação), na villa.

Foi fundado por D. Mecia de Moura, viuva de D. Nuno de Castro, pelos annos de 1501, com beneplacito do rei D. Manuel, que quiz que este fosse um dos doze mosteiros d'esta ordem que o papa lhe concedeu fundar n'este reino.

O mesmo soberano deu para ajuda d'esta fundação uma pequena quota, do cofre das sizas d'Evora, que se cobrou até 1820.

Esta quota consistia em 1 por cento do que valiam as sizas d'esta cidade. A provisão para isto foi passada em 1514.

A carta regia que auctorisa a fundação d'este mosteiro é de 1507. A sua primeira prelada (prioresa) foi a madre Izabel Vaz, filha do mosteiro de Jesus de Aveiro, que foi tambem uma das cinco fundadoras do convento de Sant'Anna, de Leiria.

D. Fernão Martins Mascarenhas, em que varias vezes tenho fallado n'este artigo, concorreu com muitas professas e seculares para a povoação d'este convento, ao qual deu muitas reliquias, que trouxe de Roma, quando foi ao concilio de Trento, assim como lhe deu formosas pinturas, e obteve do papa varias indulgencias para os que frequentassem esta egreja.

O carneiro que está por baixo do pavimento da egreja é obra do mesmo Mascarenhas, e era de primorosa fabrica.

Em frente da portaria da egreja ha uma casa ainda habitada, que tem um vasto subterraneo, evidentemente mais antigo do que o mosteiro.

A *Historia de S. Domingos*, por fr. Luiz de Sousa, diz que pelos annos de 1500 viviam n'esta villa, com grande recolhimento e vida exemplar umas devotas mulheres, d'aqui naturaes, em em forma de communidade, reconhecendo por superiora uma sua companheira, chamada *Joanna Diz Quadrada*.

Tendo D. Mecia de Moura noticia da santa vida d'estas beatas, e sendo viuva, rica, e sem filhos nem herdeiros forçados, fez da sua casa um recolhimento para as beatas.

Era esta casa nobre e vasta, em alto, dentro da cerca, com largueza de aposentos, pateo e quintaes, propria para um grande mosteiro.

Tudo isto deu ás beatas, sob a condição de o reduzirem a mosteiro dentro em tres annos.

Joanna Diz Quadrada principiou logo a construcção da egreja e os arranjos necessarios para a conversão da casa em mosteiro.

A fundadora, para maior prosperidade da corporação, fez offerta do mosteiro ao rei D. Manuel, pedindo-lhe que fosse seu protector e padroeiro, indicando a ordem e regra que havia de seguir, sem jámais poder passar a outra; e que prohibisse a entrada na clausura a mulher homisiada, ou que devesse alguma coisa á justiça; não podendo nenhum prelado dispensar n'este ponto. O rei acceitou de boa mente a offerta, com todas as suas condições.

Erigido o recolhimento em congregação regular, se recolheu a elle a fundadora, requerendo ao rei licença para doar ao mosteiro toda a sua fazenda, sem embargo das leis em contrario, o que D. Manuel tambem lhe concedeu, por provisão de 16 de maio de 1506.

As herdades (cinco) que D. Mecia doou ao mosteiro, rendiam dezenove moios de trigo, oito e meio de cevada e muitas pitanças: isto alem das casas e cêrca que já lhe tinha doado. Deu-lhe mais 24$000 réis de renda, em dinheiro.

Em 1513, se concluiram todas as obras da egreja, mosteiro e suas dependencias; e a 6 de maio d'esse anno, principiou a execução rigorosa da regra da ordem.

Muitas senhoras da alta nobreza e de extremadas virtudes aqui foram freiras, ou seculares sendo as principaes:

D. Elvira de Mendonça, mulher do dito D. Fernão Martins Mascarenhas.

D. Aldonça de Mendonça, mulher de D. João Mascarenhas, irmão e successor de D. Fernão.

8.º — *Convento das beatas* — de Nossa Senhora da Luz. Teve principio em uma irmandade, instituida em 1578, na ermida de Nossa Senhora da Paz, onde esteve quatro annos; porém não estando satisfeitos os irmãos, pediram á camara da villa, uma ponta do Rocio, no sitio chamado *Porta do Sol;* e que a camara lhe concedeu, e Philippe II confirmou, por provisão de 6 de agosto de 1582.

Em 1742, pretendeu Catharina do Nascimento, natural da cidade d'Evora, fundar por aqui um recolhimento, e para isto se dirigiu á côrte, mas falleceu, sem vêr cumpridos os seus desejos; porém o padre Francisco Negreiros Alfeirão, seu director, ultimou estes negocios, obtendo alvará de licença, em 27 de julho de 1749, e o recolhimento se fez, junto á ermida de Nossa Senhora da Luz.

Ficaram as beatas sujeitas ao provedor da Misericordia, e depois ao ordinario, a cuja obediencia se ligaram, em 11 de julho de 1780, sendo arcebispo, D. João da Cunha, cardeal-regedor.

Ainda existe este convento, que é hoje muito respeitado, pelas virtudes das senhoras que aqui residem.

Celleiro commum

No reinado de D. Sebastião, os procuradores do povo, pediram nas côrtes de 1562 (sendo regente a avó do rei, D. Catharina d'Austria) que, onde houvesse rendas do concelho, se fizessem celleiros de pão, para os tempos de necessidade. As côrtes assim o ordenaram, e estes estabelecimentos previdentes, em breve se estenderam por todo o reino, principalmente no Alemtejo, onde muitos d'elles ainda existem. (Vide *Montes de Piedade.*)

O celleiro commum de Monte-Mór-Novo, foi creado por alvará de 5 de maio de 1695, a requerimento do povo. Foi destinado para fundo d'este celleiro o que produzissem os quartos e cearas semeados na *Adúa* [1] (que era então do concelho) que, para isso seria dividida em courellas, pelos ceareiros e moradores da povoação; e que o celleiro fosse regido como o d'Evora.

Não obstante este alvará, ainda a 6 de março de 1714, não estava creado este celleiro: porque então pediu o povo á camara, que dividisse em courellas a *terra da Adùa*, e a distribuisse pelos ceareiros, os quaes, com os *quartos*, deviam pagar—todos—385 alqueires de trigo; e que da mesma *Adúa* era a camara obrigada a pagar annualmente, certos *fôros e quinhões*, a diversos particulares.

Este requerimento foi deferido a 28 de novembro do mesmo anno (1714).

[1] *Adúa, annudúva, annadúva, anúda, adúba, adnúba, anúbda, anúpda, anúguera, anúdiva*, e *annadúa* (de todos estes modos se acha escripto, desde o IX até ao XV seculo) era certa imposição de dinheiro para reparar, reedificar ou ampliar cavas, torres, muros, castellos e outras quaesquer obras militares para defeza da terra.

Adúa, eram tambem patrulhas ou quadrilhas de gente do povo, obrigada a trabalhar nas obras de fortificação. Quando estas obras eram de pouca monta, se faziam com as *adúas* da terra; mas, quando eram de maior importancia, vinham ajudar as *adúas* de fóra.

No cartorio do mosteiro de Christo, de Thomar, existia a doação dos direitos reaes de Salvaterra do Extremo e Idanha, que D. Sancho II fez aos templarios, em 1244, e n'esta doação se exceptuam expressamente, como quasi inalienaveis da corôa, os seguintes—*quod recipiant monetam meam: et quod dent inde mihi Collectas: et quod eant in exercitum meum, et in meam anuduvam: et alia jura, secundum quod habeo, et illa habere debeo in aliis Castellis, et Villis, quae praedictus Ordo Templi in Regno meo habet.*

D. Affonso III, em 1259 declarou expressamente que os direitos exceptuados nas doações, eram — *annadúa, collecta, moeda, hoste, appellido, fossado, justiça, serviço*, e *ajuda.*

Em 1377, o rei D. Fernando, concedeu ao concelho da Torre de Moncorvo, para acabar com segurança e perfeição e mais *toste* (brevidade) os muros e fortificações da villa, pagassem *adúa* para ella, emquanto as obras durassem, as villas de Villa-Flor, Vil-

Em 5 de janeiro de 1715, se dividiu metade d'aquelle terreno, em 37 courellas grandes e 12 pequenas; mas, attentas as grandes despezas a fazer, não pagaram *adûa* n'esse anno, e logo no seguinte rendeu, liquido dos *fóros e quinhões*, 480 alqueires de trigo, e foi esse o fundo primitivo d'este celleiro commum.

Em 1716, pagaram os ceareiros o *quinto* do producto das colheitas: em 1717, o *sexto*. Depois, pagavam o *oitavo*, e por fim, o que a camara lhes arbitrava.

Ao celleiro commum vinham, os que precisavam, fornecer-se de trigo.

Em 1779, era o juro, seis alqueires por moio; mas, por provisão de 21 de janeiro d'esse anno, foi o juro reduzido a tres alqueires por moio.

Em 3 de outubro de 1805, por provisão do corregedor da comarca, ficou o juro estipulado—4 alqueires por moio;—e em 1824 tornou o juro a ser de 6 alqueires por moio.

Desde 1716 até 1735 era o celleiro administrado por um vereador que era juiz do celleiro, e tinha um escrivão, um thesoureiro e um medidor; com os quaes se dispendiam annualmente 160 alqueires de trigo.

Em 1736 entrou tambem para a sua administração o juiz de fóra, com o ordenado dos 60 alqueires de trigo, além dos 160.

Em 1741 foi o pessoal augmentado com um syndico, que vencia 15 alqueires de trigo. Desde 1836 passou o celleiro a ser administrado pela camara, que só dispende com o ordenado do escrivão 20 alqueires de trigo.

Um decreto de 14 de outubro de 1852, creou para os celleiros communs uma administração especial, entregando-a a juntas compostas do presidente da camara, parocho e juiz de paz do districto onde existe o celleiro; e, além d'isso, dois cidadãos probos e abonados, eleitos e propostos por lista quintupla, em janeiro de cada anno, pelo conselho municipal, e nomeados pelo conselho de districto.

As camaras municipaes reclamaram frequentes vezes contra este systema de administração, que terminou com o artigo 3.º da lei de 25 de junho de 1864, que passou a administração para as camaras municipaes ou juntas de parochia, segundo a legislação em vigor antes do decreto de 14 de outubro de 1852.

—

A casa onde hoje existe o celleiro foi comprada em praça publica, a 28 de dezembro de 1773, por 34$000 réis, gastando-se para a pôr nas condições de servir para o fim a que era destinada 61$706 réis.

Esta casa paga de fôro á camara 350 réis annuaes.

Os rendimentos d'este celleiro teem sido empregados na compra e concertos do seu

la Nova de Foz Côa e as aldeias de Urrôs, e Maçôres: apezar de a primeira já ter obrigação de pagar *adûa* a Castro Vicente — a segunda a Trancoso — e as duas aldeias, a Freixo de Espada á Cinta.

Estas *adúas* chegaram a ser excessivas, e a fazer levantar contra esse excesso as queeixas dos povos, como se vê da carta regia, de D. Affonso III, dada em Coimbra, a 28 de julho de 1265, e reproduzida nas côrtes de Santarem, em 27 de janeiro de 1284. (Doc. da Cathedral de Viseu, a fl. 42.)

Suppõe-se, com bons fundamentos, que a palavra *adûa* vem do arabe *adduar* — que, propriamente significa multidão de gente que vive em barracas, em volta de uma praça ou fortaleza.

Em 1385, concedeu D. João I, aos povos da villa da Torre de Moncorvo, as *adûas* de Alfandega-da-Fé, Castro-Vicente, Mogadouro, Bemposta, Penas-Royos e seus termos, para se — *repairar milhor a cerca da sua villa, e ser milhor afortelezada; e isto, pelo muito serviço, que d'elles tinha recebido, e esperava receber.*

Depois, se dava (principalmente no Alemtejo) o nome de *adûa*, a uma matilha de cães, empregada em caçar coelhos.

—

Os povos de Monte-Mór-Novo, combinaram-se com D. Affonso III, em não pagarem *adûa*, dando-lhe em seu logar uma porção de terreno de cultura, cujos rendimentos substituiriam aquelle *direito* ou tributo. Por esta razão, áquelle terreno se ficou chamando *terra da Adûa*, e, por abreviatura, *Adûa*.

edificio, na construcção da actual cadeia e em outros melhoramentos da villa.

Monte-pio

Além da Misericordia e do hospital, ha tambem n'esta villa o estabelecimento de beneficencia, denominado *Monte-pio.*

É uma instituição moderna, e os seus primeiros estatutos foram approvados por alvará de 16 de abril de 1860.

Estes estatutos promettiam aos socios:

1.º—Serem soccorridos nas suas doenças com facultativo, botica e 100 réis diarios.

2.º—Receberem os mesmos 100 réis diarios quando fossem tratados no hospital da villa, e depois na convalescença que o facultativo lhe marcar.

3.º—Receberem 160 réis diarios, quando fossem tratados no hospital da Misericordia.

4.º—Serem soccorridos com facultativo, suas mulheres e filhos menores de 15 annos, que vivessem com seus paes, ou receberem 80 réis diarios, sendo tratados pela Santa Casa da Misericordia.

5.º—Receberem 80 réis diarios, quando, por molestia ou velhice, e estivessem incapazes de trabalhar—se tivessem cinco annos de socios e nada devessem das suas quotas.

6.º—Ser concedido á viuva que viver com o socio até ao seu fallecimento, e emquanto não passar a segundas nupcias, e a seus filhos menores de 12 annos um subsidio que lhe seria arbitrado pela assembléa geral, se fôsse de justiça.

7.º—A direcção era obrigada, por si ou pelos outros associados, a procurar trabalho ao socio que o não tivesse, se fôsse de bom portamento.

8.º—Ter um subsidio de 100 réis diarios em caso de prisão, pagando-se-lhe, além d'isso a carceragem. Mas este caso soffria muitas excepções.

—

Estes estatutos foram reformados por alvará de 20 de março de 1867; mas peioraram as condições dos socios.

—

Ha n'esta villa duas musicas—a *philarmonica montemorense*, cujos estatutos foram approvados por carta regia de 21 de abril de 1862,—e a sociedade denominada—*circulo philarmonico montemorense*, com os seus estatutos approvados por carta regia de 15 de abril de 1862.

Estas duas bandas teem andado em guerra aberta, o que é improprio de pessoas morigeradas, cujo fim principal devia ser a instrucção e o recreio.

A desharmonia na *harmonia* é coisa summamente desagradavel.

—

Consta que, pelos annos 300 de Jesus Christo, era regulo, ou senhor d'estas terras, o pae de Santa Quiteria, virgem e martyr.

Esta virtuosissima donzella viveu muitos annos em asperrimas peniteneias, em um ermo, onde depois se edificou a villa de Monte Mór Novo, e sendo achada pelos romanos, alli foi martyrisada, no dia 30 de março do dito anno 300, precipitando-a do alto de um rochedo, em um pégo do Canha.

—

Era esta villa muito populosa rica e feliz, quando, em 1580, Philippe II usurpou a corôa de Portugal aos seus legitimos herdeiros.

Então principiou para Monte Mór Novo, como para todo o reino, um periodo de decadencia, oppressão e desventura.

Nem este estado melhorou com a restauração; porque, sendo a provincia do Alemtejo o principal theatro da guerra, que durou 27 annos (desde o 1.º de dezembro de 1640 até 13 de fevereiro de 1668) foi esta villa uma das povoações que mais soffreram os horrores de tão dilatada guerra, que estancou todas as fontes de sua prosperidade, e affugentou do seu seio a maior parte das familias nobres e abastadas.

Volveram annos de paz, e a dedicação dos filhos d'esta terra, o seu amor ao trabalho e a fertilidade do seu territorio, lhe tem restituido o seu antigo explendor.

Os arrabaldes da villa são muito formosos e amenos, povoados de hortas e poma-

res, correndo pelo meio d'elles a ribeira de Canha, e mais alguns regatos.

O seu termo é composto de ricas herdades, abundantissimas de cereaes, fructas, legumes, azeite, e algum vinho.

Nos seus vastos montados se criam annualmente muitas mil cabeças de gado suino, que se exporta em grande escala, assim como outras especies de gado.

—

A alcaidaria-mór d'esta villa andava na casa dos condes de Santa Cruz, que, como já disse, tinham o seu palacio dentro do castello.

—

Já tratei do convento dos eremitas descalços da ordem de S. Paulo, no sitio chamado das *Covas*, ou *Monfurado*, cujo nome lhe provém das grandes minas de ferro aqui lavradas em tempos antigos. Este sitio é hoje geralmente conhecido por *Serra dos Monges* (em razão de aqui terem residido os taes monges paulistas). Para evitar repetições, vide *Monges (Serra dos)*.

—

Em 1553, tendo-se tratado o casamento do principe D. João (filho de D. João III, e pae de D. Sebastião) com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos V, o que teve effeito em novembro d'esse anno; quiz D. João III fazer, á custa do povo, esplendidas festas por um enlace que tantas glorias e venturas promettía a Portugal (e que só desgraças nos acarretou, porque o principe D. João morreu logo a 2 de janeiro de 1554, 18 dias antes do nascimento de D. Sebastião, e morrendo este sem filhos, passou a corôa de Portugal para Philippe II, em 1580). O rei, pois, lançou, para estas solemnidades um presado tributo ao povo.

Havia n'esse tempo em Monte Môr Novo uma mulher muito pobre e muito virtuosa, chamada *Maria Fernandes*, á qual haviam tambem lançado o tributo de um *tostão*, para as taes festas.

Indo os exactores a sua casa buscar o dinheiro, respondeu ella, que muito desejava servir sua magestade, mas que não lhe era possivel arranjar similhante quantia.

Os beleguins, sem attender aos profundos suspiros e abundantes lagrimas da desgraçada, lhe levaram a saia com que hia á missa.

Quando morreu o principe, teve a rainha, D. Catharina d'Austria, tão grande mágua, que esteve ás portas da morte.[1]

Na sua afflicção, dizia ella: — «Oito filhos me levaste, Senhor, agora este, que era a luz dos meus olhos, para que m'o arrebataste tambem? Que peccados tenho commettido contra vós, meu Deus?»

O rei (que sabia a historia do roubo da saia) lhe respondeu: — «Senhora, não vos queixeis de Deus; não foi elle que matou o nosso filho, foi a saia de Maria Fernandes, de Monte-Mór-Novo.»

D. João III, que era eminentemente religioso, atribuia a castigo de Deus, pelas vexações que consentira se praticassem, para o cumprimento dos seus desejos de inutil ostentação, a morte prematura de seu filho. Talvez que tivesse razão. Deus, apezar da sua misericordia infinita, é justissimo, e castiga tarde ou cêdo os orgulhosos. Felizes os que soffrem n'este mundo o castigo das suas culpas, e as não vão pagar nas penas eternas!

A uns 8 kilometros ao S. O. d'esta villa, ha um sitio chamado *Sancha a Cabeça*. É uma escavação, de uns 250 metros de circumferencia e de grande profundidade, para cujo fundo se desce por uma escada em espiral, aberta na rocha de que é formada.

Suppõe-se ser a cratéra de um volcão extincto; e na verdade, as paredes d'esta immensa cova, apresentam vestigios de terem sido queimadas.

Segundo a tradição, existiu n'esta cova, em tempos remotos, um convento de frades.

É certo que, pela escada da caverna se

[1] D. Catharina teve dez filhos e filhas — D. Affonso, D. Isabel, D. Brites, D. Manuel, D. Philippe, D. Diniz e D. Antonio, que todos morreram de pouca edade — D. Maria, que foi mulher de Philippe II de Castella (pela qual veio a nossa desgraça), D. Duarte, que foi arcebispo de Braga e prior-mór de Santa-Cruz — e D. João, que é o de quem se trata no texto, e que não chegou a estar casado senão tres mezes.

vêem varios buracos, em diversos andares, em fórma de cellas, tendo no fundo o que se suppõe ter sido a cosinha.

Tem tambem uma cisterna.

Ainda ha poucos annos aqui se viam imagens de santos, de tamanho quasi natural e de boa esculptura.

A pouca distancia d'esta cova, ha um cerrado, coberto de denso arvoredo, que se diz ter sido a cêrca dos frades.

A esta cova anda ligada uma lenda, segundo a qual, por causa de um adulterio, interveio o diabo pessoalmente. Não se póde referir, por causa da sua estupida immoralidade.

—

Falleceu n'esta villa, em dezembro de 1874, o sr. José Maria Villa-Lobos Laboreiro, moço fidalgo, com exercicio no paço, bacharel formado em direito, e um dos maiores e mais ricos proprietarios do Alemtejo.

Monte-Mór-Novo lhe deve gratidão eterna, porque, em seu testamento, deixou aquelle caridoso cidadão, 25 contos de réis, para a fundação de um asylo, n'esta villa.

Apezar da perversão do nosso seculo, não são raros (louvado Deus!) estes exemplos de caridade, verdadeiramente christan.

—

No dia 28 de fevereiro de 1875, cahiu sobre esta villa uma horrivel trovoada, acompanhada de chuva torrencial. Tudo isto foi precedido de um cyclone, que causou grandes estragos.

Este cyclone, arrancou 103 arvores, nas propriedades de Martim-Mendes, e Minutos, do sr. conselheiro, Antonio Maria Barbosa, sitas nos arredores d'esta villa—levantou o telhado de uma casa—arrebatou uma cabana onde dormia um cão, sem se saber onde foram parar. Na herdade do Carrascal, do sr. visconde de Santo André, arrancou 19 arvores; e nas do Bandarra e do Cabido, do sr. Bernardino de Mira, causou estragos de valor excedente a um conto de réis. Tambem soffreram muito as propriedades dos srs. Affonso de Souza Botelho e Simão da Veiga.

—

Já n'este artigo fallei de uma Santa Quiteria, virgem e martyr, filha de um régulo d'estas terras. Por não poder hir no logar competente, cumpre-me fazer aqui uma observação aos meus leitores.

Pretendem alguns escriptores que esta santa, era uma das nove irmans bracharenses, filhas de Caio Attilio, varão consular, e de sua mulher, Calcia. Não se sabe com certeza o logar do seu martyrio, dizendo uns que foi proximo a Coimbra, outros que foi nas immediações de Monte-Mór-Novo.

Supponho que a identidade de nomes foi a causa de se fazer de duas santas uma só; porque a Santa Quiteria bracharense, não póde ser a alemtejana. Aquella foi martyrisada no anno 130, imperando Adriano; e esta, no anno 300, sendo imperador o cruelissimo Diocleciano, que tinha por seu legado na Peninsula Hispanica o não menos feroz Daciano, que inundou de sangue de martyres todo este vasto paiz, que hoje fórma os reinos de Portugal e Hespanha.

Este argumento é decisivo para provar que houve durante o dominio dos romanos, duas santas do mesmo nome, na Lusitania sendo uma (a de Braga) mais antiga do que a outra 170 annos.

Tambem não é provavel que a santa bracharense, tendo na sua provincia tantos sitios asados para viver na solidão e na penitencia, viesse de uma a outra extremidade da Lusitania, procurar um asylo silvestre e solitario.

Já disse que a Santa Quiteria alemtejana foi precipitada pelos romanos, de um alto rochedo: accrescentarei aqui, que alguns escriptores dizem que os romanos a ataram á mó de um moinho e a atiraram a um pégo do Canha, onde morreu afogada.

A gruta em que a santa viveu, e que depois lhe serviu de sepultura, ainda é objecto de devoção, dos povos d'estes sitios, e a villa escolheu a santa para sua protectora.

—

Em 10 de máio de 1495, nasceu na *Rua Verde*, e nas casas em que depois se fundou o mosteiro da sua invocação, o grande patriarcha dos hospitaleiros, S. João de Deus. Seu pae, de humilde condição, mas de bons costumes, se chamava André Cidade. Ignora-se o nome de sua mãe.

Passou o santo os primeiros annos da sua juventude a guardar gado,[1] e depois foi lavrador. Não lhe agradando estas profissões, e desejando correr terras, para melhorar de fortuna, passou á Extremadura castelhana, onde adoptou a profissão de criado de servir. Ainda não satisfeito do seu officio, e organisando o conde de Oropeza um corpo de tropas por ordem do imperador Caslos V, que andava então em guerra com Francisco I, rei de França, João de Deus se alistou n'este corpo e foi um bravo militar nos diversos combates que então se travaram, merecendo ser official por distincção.

Terminada a guerra, foram as tropas do conde licenceadas.

Costumado João á vida dos acampamentos, passou á Hungria a guerrear contra os turcos. Terminada a campanha, veio para a sua patria, partindo d'aqui para a Andaluzia, estabelecendo-se por algum tempo na cidade de Ayamonte (sobre a esquerda do Guadiana e em frente das villas portuguezas de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio).

D'esta cidade marchou para a praça africana de Ceuta (em frente de Gibraltar), então do dominio de Portugal, na companhia de um fidalgo portuguez, e sua familia, que para alli hia desterrada, e á qual sustentava com o fructo do seu trabalho e com as esmolas que para ella pedia.

De Ceuta passou a Gibraltar, onde se fez mercador de livros devotos, imagens de santos, rosarios, etc.

Note-se que cada auctor narra a vida d'este santo de differente modo, ou com *variantes*. Procurei seguir o mais geralmente acreditado, por mais verosimil.

Cinco (que eu saiba) são as opiniões sobre a conversão d'este santo.

1.ª—Um dia, hindo para Granada, encontrou um menino muito formoso, descalço, e dando-lhe o santo as suas alpercatas, não pôde o menino andar com ellas, e então o santo se lhe offereceu para o levar aos hombros. Assim o fez, e o menino cada vez se tornava mais pesado, a ponto que o santo lhe pediu para descançar junto a uma fonte. Estando a beber, ouviu uma voz que lhe disse: «Granada será tua cruz.» Voltou-se o santo, e viu o menino com uma roman aberta na mão, do interior da qual sahia uma cruz.

Fez confissão geral de todas as suas culpas passadas, e entregou-se á direcção do mestre Avila, varão prudente e de virtude.

D'alli em diante foi um exemplar de todas as virtudes christans, distinguindo-se pelo fervor da sua caridade, que exercia em larga escala, não sabendo de pobreza que não remediasse; dôr a que não désse alivio; afflicção a que não désse confôrto.

2.ª—Diz a lenda, que Nosso Senhor Jesus Christo lhe appareceu por duas vezes, uma na figura de menino, e outra na de pobre, descobrindo-se quando o santo lhe lavava os pés, pelos resplandores que d'elles sahiam.

Urbano VIII o beatificou, a 21 de setembro de 1630, e o declarou glorioso; e Alexandre VIII o canonisou em 1690.

É assim que este servo de Deus está hoje sobre os altares, tendo bem merecido de Deus e dos homens.

(Os hospicios de S. João de Deus não escaparam á destruição geral. A civilisação moderna proscreveu a palavra portugueza e christan — CARIDADE — substituindo-a pela grega e philosophica — PHILANTROPIA — que faz tanta differença d'aquella como o orgulho da humildade.(

3.ª—Licenciado do serviço, foi pastor em Sevilha, de uma senhora rica; a vida solitaria trouxe-lhe o conhecimento de seus erros de outr'ora, e passando a Gibraltar, aqui serviu um fidalgo portuguez, prestando-lhe o serviço de pedir esmola quando cumpria o degredo em Ceuta. Exerceu em Gibraltar o cargo de vendedor ambulante de imagens e estampas: estabeleceu loja em Granada, onde ouviu João de Avila, entregando-se por seus conselhos ao auxilio dos infelizes. A regra foi dada depois da morte de João, em 1556, e convertida em ordem religiosa, em 1570.

[1] Alguns dizem que elle foi para Castella da edade de oito annos.

4.ª—*João Cidade* (S. João de Deus) nas tão diversas occupações em que empregou a sua infancia, adolescencia e juventude, e entre os desregramentos a que o impelia a sua edade e os máus exemplos, nunca perdêra o santo temor de Deus, e jamais perdeu ensejo de exercer a caridade, sua virtude predominante.

Acontecendo ouvir, em Granada, um sermão do padre-mestre Avila, um dos melhores oradores sagrados d'aquelle tempo, tanto o commoveram as palavras evangelicas do esclarecido prégador, que logo alli, á face de uma innumeravel multidão de gente, entrou a confessar em voz alta e plangente, todas as suas passadas culpas, fazendo proposito firme de emenda.

Não contente com isto, repartiu immediatamente com os pobres, tudo quanto possuia, até os seus proprios vestidos, ficando apenas com os indispensaveis para cobrir a sua nudez.

Por estes factos, foi geralmente reputado louco e recluso no hospital d'aquella cidade.

Soffreu o santo com a maior paciencia e resignação os crueis tratamentos que era então costume infligir-se aos doidos; em vista do que, e vendo os medicos que elle gosava de perfeito juizo, lhe deram a liberdade.

É desde então que datam todas as peripecias de sua vida portentosa.

5.ª—Sendo gravemente ferido em uma batalha, fez voto a Deus de consagrar (se escapasse) o resto de seus dias em serviço dos enfermos pobres e em toda a especie de obras de caridade. Salvo do ferimento (no hospital de Granada) começou logo a cumprir o seu voto, com toda a dedicação da sua alma nobre e caridosa.

—

Sempre descoberto e descalço, pobremente vestido e sustentado, tendo por leito a terra nua, o seu unico exercicio era a caridade e a oração.

Pobre e mendigo, era o remedio universal, não só dos outros mendigos, como dos pobres que pela sua passada nobreza, não podiam mendigar.

Mas, no que mais brilhavam os thesouros da sua caridade, era nos extremos de amor e sollicitude com que tratava dos enfermos.

A vida d'este varão santo, era geralmente sabida, e os ricos da terra abriam as suas bolsas, repletas d'ouro, ás palavras evangelicas de João.

Com esmolas, alugou e mobilou uma casa, (em Granada) em fórma de hospital, onde deu asylo aos doentes pobres, que conduzia para a sua enfermaria, muitas vezes ao cólo.

Foi esta casa o fundamento da ordem hospitaleira, de S. João de Deus.

Diz a lenda, que o proprio Jesus-Christo se recolhêra a este hospicio, em figura de pobre e doente; e que, hindo S. João ao matto buscar lenha, ás costas, para o seu querido hospital, quando lhe anoitecia pelo caminho, os anjos o alumiavam com tochas.

Houve n'este hospital um pavoroso incendio que o devorou, mas não aos doentes, que todos o santo salvou, por entre as chammas.

Tambem tinha por um grande acto de virtude, e o praticou muitas vezes, hir ás casas das mulheres perdidas, e ahi, com um crucifixo em uma das mãos, e com a outra mostrando-lhes as chagas que os supplicios voluntarios lhe causavam, fazia com as disciplinas, outras de novo, e entre diluvios de lagrimas as exhortava a mudarem de vida, o que muitas vezes conseguiu.

N'estes exercicios da santa caridade, deu a alma ao creador por meio de uma morte tão exemplar como o fôra a ultima parte da sua vida. Morreu de joelhos, e assim se conservou por muitas horas depois da morte, que teve logar em um sabbado, 8 de março de 1550, com 55 annos de edade. Jaz na egreja do seu hospicio de Granada.

Foi a sua religião confirmada debaixo da regra de Santo Agostinho, pelo papa S. Pio V, no 1.º de janeiro de 1571. Floresceu a ordem de S. João de Deus por toda a christandade. em beneficio geral da pobresa e para gloria do seu santo fundador, até que a descrença do seculo XIX lançou por terra estes asylos da virtude e dos desgraçados.

A sua caridade foi contagiosa, e em breve muitas pessoas de todas as classes da sociedade fizeram eguaes votos. Em 1572, sen-

do grande o numero d'estes varões caridosos, o papa Gregorio XIII lhe impoz a regra de Santo Agostinho (a pedido de Philippe II) e se-denominou—*Ordem dos enfermeiros de Santo Agostinho*, vulgarmente de S. João de Deus.

—

Pouco depois da sua morte se fundou em Madrid o grande hospital de João de Deus, e apoz este varios outros na Hespanha.

O primeiro mosteiro d'esta ordem que houve em Portugal, e por isso cabeça da sua religião, foi o de Monte-Mór-Novo, em 1625. Não houve senão mais dois conventos (propriamente ditos) d'esta ordem no reino; —o 2.º foi em Lisboa,—e o 3.º na villa de Moura; porém os religiosos de S. João de Deus, tinham mais alguns hospicios e administravam varios hospitaes militares do reino.

—

D. Affonso Furtado de Mendonça, 15.º arcebispo de Lisboa.

Já a pag. 274, col. 2.ª do 4.º volume, tratei d'este principe da Egreja; mas como é muito provavel que elle fosse natural d'esta villa, darei aqui uma mais completa historia da sua vida, extrahida do n.º 1:095 (de 4 e 5 de agosto de 1874) do illustradissimo *Jornal da Noite*. e escripta pelo sr. P. J. da Conceição:

«Ha encontradas opiniões a respeito do logar onde nasceu o decimo quinto arcebispo de Lisboa. Uns dizem que nasceu n'esta cidade, outros, porém, e contando entre elles D. Rodrigo da Cunha, querem que nascesse na villa de Monte Mór Novo, em 1501.

Foram seus paes Jorge Furtado de Mendonça, commendador das entradas, padrões e reprezas da ordem de S. Thiago, e de Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Sousa, alcaide mór de Beja, senhor de Beringel e do Prado, e de D. Violante Henriques, filha de Simão Freire de Bobadella.

Começou os seus estudos em Lisboa, concluindo-os em Coimbra, onde tomou capello na faculdade de canones. Foi nomeado reitor da universidade em 10 de maio de 1592, cujo emprego exerceu até 1605. Philippe II nomeou-o conselheiro de estado no conselho de Portugal, desempenhando este cargo com toda a rectidão.

Foi presidente da mesa da consciencia e ordens.

A 13 de fevereiro de 1610 tomou posse do bispado da Guarda.

Teve assento nas côrtes que se celebraram em Lisboa a 14 de julho de 1619.

Por esta occasião surgiram duvidas a respeito da cruz primacial, porque os ministros castelhanos, aos quaes se reuniram alguns portuguezes, se oppunham a usar d'ella o arcebispo de Braga; porém o arcebispo não cedeu, trazendo arvorada publicamente pelas ruas de Lisboa a cruz primaciál.

Com a violencia do trabalho attenuaram-se-lhe as forças, e adquirindo alguns achaques pelas muitas vigilias, falleceu em quinta-feira maior de 1630, depois de lavar os pés aos pobres da sua sé metropolitana.

Diz-se que para a sua morte contribuiu muito o desacato commettido na freguezia de Santa Engracia. (Vide 4.º vol. pag. 112, col. 2.ª 1630.)

Foi cinco annos bispo da Guarda, dois de Coimbra, sete arcebispo de Braga e tres de Lisboa. Está sepultado na capella-mór da Sé d'esta cidade, junto aos degraus do presbyterio, da parte do Evangelho.»

—

Segundo o *Sanctuario Mariano* (tom. 6.º, pag. 113) foi o castello d'esta villa tomado aos mouros em 1139, por D. Affonso Henriques quando regresssava da gloriosa jornada de Ourique; mas, pouco depois tornou a cahir em poder dos infieis, que o occuparam, e a povoação até 1201, em que D. Sancho I a resgatou e povoou de christãos, dando-lhe o titulo de villa, *ad honorem dei, et Sanctœ Mariœ Virginis. et omnium Sanctorum montem maiorem volumus populare.*

—

Cumpre-me aqui fazer uma observação aos meus leitores, para me não julgarem em contradição. É a seguinte:

Disse que *constava* que a etymologia de *Monte Mór* lhe provinha da phrase de D. Sancho I, quando lhe perguntaram onde se

havia de *construir o castello*;—respondendo o rei—*no monte mór*.

Ora quasi todos os chronistas e historiadores dizem que D. Affonso Henriques *tomou aos mouros o castello de Monte Mór Novo*, em 1139. — Então já havia castello, e não foi D. Sancho I que o edificou. Então já esta povoação tinha o nome de Monte Mór, e não foi o tal dito rei que lh'o deu.

Na minha opinião, o nome d'esta povoação já era o mesmo no tempo dos godos (talvez traducção de *Mons Major*, nome que os romanos lhe impuzessem depois de *Castrum Malianum*). Parece que os arabes lhe conservaram o antigo nome, pois em escriptor nenhum vemos que elles lhe dessem outro.

Os nossos antigos escriptores, que tão aborrecidamente minuciosos eram em genealogias de fidalgos e em outras muitas frioleiras e puerilidades, cançavam-se pouco com investigações que lhes deviam merecer mais attenção e cuidado. É por isto que os que modernamente se teem dedicado a escrever das nossas coisas antigas, debalde folheiam innumeros alfarrabios, para esclarecerem muitas obscuridades em historia, em geographia, em etymologia e em archeologia.

Os leitores conscienciosos teem visto, pelo decurso d'esta obra, que me não tenho poupado a um arduo e tenacissimo trabalho e ás mais aborrecidas investigações em busca da verdade. Se nem sempre a encontro, não é por falta de diligencia, pois tenho feito quantas são humanamente possiveis para provar

«*Que a minha patria amei e a minha gente.*»

—

Foi Monte Mór Novo solar de muitas familias nobres, e algumas d'ellas ainda aqui teem a sua residencia ou as suas propriedades. Mencionarei as de que tenho noticia.

Ribeira—appellido nobre d'este reino.—Procede do reino de Galliza, e passou a Portugal na pessoa de Ruy Dias da Ribeira, no reinado de D. Manuel. Foi este fidalgo alcaide-mór da villa da Amieira, n'esta provincia do Alemtejo.

Foi seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da fazenda de D. João III, o qual lhe deu brazão d'armas, na cidade de Evora, no 1.º de abril de 1526, construido do modo seguinte:

Em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado d'ouro; chefe d'ouro, carregado de tres estrellas de purpura, de cinco pontas. Timbre o leopardo do escudo, com uma das estrellas na espádua.

—

Porcel — appellido nobre em Portugal. Veio da antiga provincia da *Vascónia* (Vascongadas — Hespanha). Um membro d'esta familia, cujo nome se ignora, veio estabelecer-se n'esta villa, que tomou por solar. Trazia por armas — em campo d'ouro, uma arvore verde, e junto d'ella um javali, negro, passante; e em chefe a cruz vermelha da ordem de Calatrava.

Estas armas eram as modernas. As primeiras de que usaram os d'este appellido, eram — em campo d'ouro, uma cabeça de javali, de negro.

Porcel, na lingua vasca, significa porco pequeno—leitão.

Costa —Vide *Feira* (villa).

Marques — appellido nobre n'este reino. Veio de Hespanha. É patronimico de Marcos.—Trazem por armas — em campo azul, um castello de prata, entre duas chaves de ouro, com os áros para cima. Elmo d'aço, aberto. Não tem timbre, por serem as armas incompletas.

Mascarenhas —Vide *Aveiro*, *Gouveia*, e *Mascarenhas*.

Martins — appellido nobre d'este reino, patronimico de *Martinho*.

O primeiro que se acha com este appellido, é Soeiro Martins, que assignou como procurador da cidade de Coimbra, na carta de juramento de D. Affonso Henriques, em 1152, sobre a apparição de Jesus Christo, na vespera da batalha de Campo d'Ourique.

D'este appellido foi Estevão Martins, deão da capella de D. João II, e do rei D. Manuel. Sendo enviado por embaixador á Allemanha, o imperador o fez conde palatino, e lhe deu por armas — escudo dividido em palla — na primeira, d'ouro, meia aguia, negra, coroada — na segunda, de azul, uma ponte de pra-

ta, d'um só arco. Contra-chefe estreito, de ondas d'azul e prata.

Os *Martins Mestres*, usam do brasão dos Mestres, que procedem de Estevão Martins Mestre, e trazem por armas — escudo dividido em palla — na primeira, d'ouro, meia aguia, de negro, coroada — na segunda, de purpura, uma jarra de prata, gotada d'azul. Elmo d'aço aberto; timbre, a jarra do escudo.

Mendes — appellido nobre n'este reino; patronimico de *Mendo*. Os primeiros portuguezes que se acham com este appellido, são os dois bravissimos capitães, Soeiro Mendes, *o Bom* — e Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador* — adiantado-Mór de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1136 até 1185, em que morreu em batalha contra os mouros, cheio d'annos e coberto de gloria. Soeiro e Gonçalo, eram irmãos, assim como o era o famoso D. Paio Mendes, arcebispo de Braga. (Vide *Maia*.)

As primeiras armas de que ha noticia, dadas aos Mendes, foram concedidas pelo rei D. Manuel, a Manuel Mendes da Maia, descendente do Lidador, por carta regia de 1520, em premio das grandes façanhas que este bravo militar obrou na Africa.

São estas armas — escudo dividido em faxa; na primeira, d'azul, uma muralha de prata, com ameias e duas torres, uma em cada canto da muralha, tudo lavrado de negro, e uma porta do mesmo, no meio — a segunda, dividida em palla — na primeira, de purpura, uma cabeça de mouro, com turbante de prata e azul, cortada em sangue — na segunda, tambem de purpura, tres lanças de prata, com hasteas d'ouro, em roquête. Elmo de prata — timbre, a cabeça de mouro, do escudo.

Ha em Portugal outra nobre familia do mesmo appellido, que procede de um fidalgo gallego, chamado D. Estevão Mendes de Araujo. Trazem estes Mendes por armas — escudo dividido em palla — na primeira, de purpura, um braço, de prata, tendo na mão uma espada, com guarnições d'ouro, com a ponta para baixo, enfiada por um broquel do mesmo — segunda, d'ouro liza. Elmo de prata — timbre, o braço armado com a espada, como o do escudo, mas em acção de cutilar.

D. Antonio Mendes, primeiro bispo d'Elvas, usava por armas — em campo d'ouro, tres faxas de purpura, orla de prata, carregada de oito cruzes, de purpura.

Outros Mendes, trazem por armas — em campo de purpura, cinco bandeiras azues (duas em banda, duas em contrabanda e uma em palla, no meio d'ellas) com hasteas d'ouro, e ferros da sua côr, cada uma carregada de tres crescentes de prata.

Ainda outros Mendes, trazem por armas — em campo de prata, semeado de azinheiras verdes, chefe d'ouro, carregado de quatro cabeças de mouro, toucadas de prata e azul, cortadas em sangue, e por differenças, uma brica com seu coxim.

Moura — Vide *Moura*, villa.

Pinheiro — Vide *Barcellos*.

Seabra — Vide *Feira*, villa.

Secco — appellido nobre em Portugal — cuja familia é do ducado de Millão, na Italia (onde se diz *Sico*). — Veio para este reino, na pessoa de Jorge Sêcco, que aqui justificou a sua ascendencia, por certidão, passada na dita cidade, em 1584. A seu filho, Pedro Alvares Sêcco, deu Philippe II, por armas — em campo de prata, um leão de purpura, com uma espada azul, com guarnições d'ouro, na mão direita — e uma contrabanda azul, que passa por uma das mãos do leão, carregada de tres rócas, de prata.

Tavares — Vide *Assumar*, *Fáro*, *Fronteira*, *Mira* e *Tavares*.

—

Ha mais appellidos nobres n'esta villa, que não descrevo aqui, por já hirem em outras terras.

—

Monte-Mór-Novo, ainda não tem barão nem visconde; mas tem cousa melhor, e mais util — é aqui a 11.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

—

Em 28 de novembro de 1860, falleceu no hospital da Misericordia, d'esta villa, Isidora de Jesus *(a Rabona)*, com 108 annos e alguns mezes de edade. Foi casada sete vezes, e esteve em risco de ficar viuva do seu 7.º

marido, Manuel Antonio, que estava perigosamente doente quando ella morreu. Eram ambos naturaes d'esta villa. Quando casou a ultima vez, tinha mais de 80 annos. Gosou sempre boa saude, e era de muito bom comportamento. Tivera alguns bens da fortuna, mas veio a morrer pobre. Gabava-se de ter sempre vivido em paz com todos os seus sete maridos.

—

O rio, que aqui passa, tem o nome de Almançor até á villa de Canha, tomando o seu nome, d'ella para baixo. Corre de E. a O., entrando na esquerda do Tejo, abaixo de Benavente.

MONTE-MÓR-VELHO—Villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome (foi da comarca da Figueira da Foz), 24 kilometros a O. de Coimbra, 18 a E. do oceano e da Figueira, 6 ao N. de Verride, 18 ao S.S.E. de Soure, 6 ao E.S.E. de Santo Varão, 12 a E. N. E. de Tentugal, e 190 ao N. de Lisboa, — 600 fogos, em duas freguezias (Santa Maria da Alcaçova, e S. Martinho)—Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em 1757, tinha cinco freguezias:

1.ª — *S. Miguel, archanjo* — os duques de Cadaval apresentavam o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento annual. Tinha 43 fogos.

2.ª — *Santa Maria Magdalena* — os mesmos duques apresentavam o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento. Tinha 98 fogos.

3.ª— *O Salvador*—O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento. Tinha 38 fogos.

4.ª— *S. Martinho* (existente)—As religiosas de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento. Tinha 286 fogos.

5.ª—*Santa Maria da Alcaçova* (existente)—A mitra apresentava o vigario, que tinha de rendimento 260$000 réis. Tinha 280 fogos.

Vê-se pois que as cinco freguezias d'esta villa em 1757, tinham 745 fogos; 145 mais do que actualmente; e 953 (hoje) menos do que em 1715, pois tinha então 1553 fogos!

O concelho de Monte-Mór-Velho é composto das 14 freguezias seguintes, todas no bispado de Coimbra — Arazêde, Carapinheira, Gatões, Licéia (ou Lecéia), Means, Pereira, Revéles, Santo Varão, Seixo, Tentugal, Verride, Villa Nova da Barca, e as duas de Monte Mór-Velho.

Todas com 5:400 fogos.

A comarca é composta só do seu julgado.

—

Esta importante povoação, está edificada nas abas de um monte (do qual lhe provêm o nome) na margem direita do Mondêgo, em formosa situação. De um e outro lado do monte se estendem os vastissimos, bellos e feracissimos campos do Mondêgo.

No alto do monte estão as soberbas ruinas do seu nobre e vetusto castello, e d'alli se gosa um vasto e delicioso panorama.

Mesmo que não acreditemos na fabulosa antiguidade que lhe dão alguns escriptores, portuguezes e castelhanos, que fazem remontar a sua fundação ao anno 2104 do mundo (1900 antes do nascimento de Jesus-Christo) atribuindo-o ao, tambem fabuloso, Brigo, 4.º rei das Hespanhas; é certo ser uma das mais antigas povoações da Peninsula Iberica.

O nome mais antigo que se lhe conhece, é *Mirobriga* [1] (cidade ou povoação de *Miro*).

Já se vê que esta palavra é gallo-celtica, em vista da sua terminação *(briga)* ainda que *Miro* é cognome suevo, talvez tomado do celta. (Vide col. 1.ª, pag. 338 d'este volume.)

Supponho pois poder-se affirmar, que esta povoação data, pelo menos, dos annos 500 ou 400 antes de Jesus-Christo.—Nos primeiros seculos da nossa monarchia se chamava — *Monte-Mór-Sobre o Mondêgo.*

Ainda alguns escriptores dizem que *Mirobriga* era a actual villa de S. Thiago do Cacem; mas parece-me que esta povoação era a antiga *Merobriga*, como procurarei provar no artigo de *São Thiago do Cacem.*

A muita similhança d'estes tres nomes,

[1] E não *Medobriga* (cidade ou povoação dos médos) que essa cidade romana occupava o local em que estão as actuaes villas de Marvão e Aramenha, e o territorio que fica entre ellas. Vide *Aramenha*, a pag. 226 do 1.º vol., e *Marvão*, a pag. 115 d'este.

Medobriga, Mirobriga e Merobriga, é que tem causado os enganos nos escriptores.

—

Soffreu esta povoação, como todas as da Lusitania, as consequencias das diversas conquistas, dos romanos, gôdos, e arabes. Estes a occuparam em 716; porém, d'ahi a 132 annos (848) D. Ramiro I, de Leão, a resgatou do poder dos mouros.

Era abbade do mosteiro de Lorvão, ou foi então alli posto pelo rei leonez, seu tio, o famoso abbade João, a que seu sobrinho deu o governo do castello de Monte-Mór-Velho.

Em breve deu o valoroso abbade evidentes provas de que sabia tão bem cantar matinas e laudes, na egreja, como manejar o seu pesado montante nos combates.

Abd-el-Raman, rei, ou kalifa, de Córdova, investe o castello d'esta villa (no mesmo anno de 848) com um poderoso exercito; porém a heroica defeza e bravissima resistencia do abbade e dos seus portuguezes o fez levantar o cêrco, para ser derrotado por D. Ramiro I, na gloriosa batalha de *Clavijo*.

Pouco depois se revoltaram contra o rei, os condes Alderêdo e Pinelo. O abbade sáe com parte da sua gente, do castello, e os submetteu. Marchou na direcção de Viseu e derrotou os mouros em um rude combate.

Diz-se que este combate foi dado nas immediações da actual freguezia de S. Miguel (hoje Santa Margarida, do Feital, vide vol. 3.º, pag. 161, col. 2.ª) e que foi por essa occasião que o bispo de Salamanca descobriu a sepultura de D. Rodrigo, ultimo rei gôdo.

Mas, emquanto o abbade João se occupava d'estas expedições, *Garcia Janhes*, renegado (entre os mouros *Zulema*) que tinha sido familiar do abbade João, combinava com o kalifa de Cordova, a perda dos christãos da Lusitania.

O kalifa lhe dá um formidavel exercito, com o qual o renegado dá inopinadamente sobre Monte-Mór, pondo-lhe um apertadissimo cêrco. A povoação da villa e o abbade e monges de Lorvão, que se tinham posto ao abrigo da fortaleza, resistem com denodo á agressão; mas a praça estava desprevenida de vitualhas, e a fome principiou a affligir a guarnição.

Então os montemorenses, imitando os heroes de Sagunto, decidiram morrer, matando.

Resolvidos a romper por entre as hostes agarenas, degolaram todas as pessoas das suas familias que os não podiam acompanhar, e sahiram decididos a vingar as suas mortes e as dos seus.

Com tal furor, porém, atacaram os mouros, desprevenidos, e que não esperavam tamanho arrojo dos cercados, que aquelles foram completamente desbaratados. O renegado Garcia e quasi todos os seus, ficaram mortos no campo, retirando poucos, na maior desordem e a unhas de cavallo.

Segundo a lenda, referida por muitos historiadores, quando os christãos entraram na villa, acharam resuscitadas todas as pessoas que no acto da sua heroica desesperação tinham assassinado.

Em memoria d'este milagre, ainda hoje, em agosto, se fazem n'esta villa festas populares.

—

Cento e trinta e seis annos se conservou Monte-Mór guarnecida por christãos; porém, em 985, Al-Mansor, kalifa de Córdova, se precipita, como uma *avalanche*, sobre a Lusitania, com um numerosissimo exercito, e conquista e destroe Monte-Mór-Velho, Coimbra, Vizeu, Lamego, Braga e outras muitas povoações, reduzindo esta parte da Peninsula quasi a um deserto alagado em sangue.

D'alli a 13 annos (998) o mesmo kalifa, que se cognominava *açoite de Deus*, investe de novo a Lusitania, entrando pela Galliza. O valoroso conde, D. Forjaz Vermueiz (progenitor dos condes da Feira, e de muitas das mais nobres familias portuguezas) se oppoz á invasão do mouro; e, fazendo o perigo unir os principes christãos, D. Bermudo, rei de Navarra, e o conde D. Garcia Fernandes, unidos a D. Forjaz, esperaram os mouros no sitio de Alcantanaçor (junto a

Osma) e os desbarataram, ficando perigosamente ferido Al-Mansor.

Monte-Mór continuava sendo uma formidavel fortaleza mourisca, e os arabes, d'aqui faziam assoladoras correrias pelas povoações e campos circumferentes, crescendo as suas crueldades, exasperados pela perda de Coimbra em 1040.

Então, D. Fernando I (o Magno) rei de Leão e Castella, resolveu, a todo o custo, destruir a temerosa praça de Monte-Mór, e atacando-a inopinadamente, a toma de assalto, com grandes perdas dos christãos e quasi total dos mouros.

Para que esta fortaleza não continuasse a ser o paladium dos mahometanos, o rei a fez arrazar até aos fundamentos, bem como á povoação, não ficando pedra sobre pedra.

Pelos annos de 1088, reinando em Castella D Affonso VI (pae da rainha D. Thereza e avô do nosso primeiro rei) foi o castello e villa de Monte-Mór reedificados, e povoados e defendidos por christãos, por diligencias do conde D. Raymundo de Burgonha, genro de D. Affonso VI, e pelo famoso conde D. Sisnando, governador de Coimbra.

O conde D. Henrique e seu filho, D. Affonso I, cuidaram com a maior sollicitude da reedificação de todas as obras de defeza d'esta praça, ampliando-as e construindo outras de novo; porque estando os arabes ainda senhores de quasi toda a Extremadura portugueza, era Monte-Mór-Novo um posto avançado dos portuguezes, e por muitas occasiões foi a salvaguarda de Coimbra, nas differentes entradas que os mouros fizeram por estas terras, desejosos de recuperarem a sua querida cidade.

—

D. Sancho I, deixou em testamento o senhorio d'esta villa e d'outras, a suas filhas as infantas D. Sancha e D. Thereza; porém, D. Affonso II, vendo que seu pae deixára aos irmãos a maior parte das riquezas da corôa, ficando elle sem as necessarias para sustentar a sua côrte com a decencia conveniente, se oppoz a estas prodigalidades, e teve grandes contendas com seus irmãos, a ponto de terem o infante D. Fernando, de fugir para Castella; e D. Pedro para Marrocos.

As infantas defenderam-se nos seus castellos, d'onde pediram auxilio ao papa Innocencio III, e ao rei de Leão.

Só depois de bastantes desordens, é que os irmãos se reconcilaram.

É por esta rasão que a esta villa e seu termo se chamava, no tempo dos nossos primeiros reis—*Terra do Infantado;* porque, mesmo depois da morte de D. Sancha e de D. Thereza, quasi sempre esta villa foi do senhorio de algum infante como adiante se verá.

Tinha esta villa voto em côrtes, com assento no banco 5.º

As suas armas, são—um castello de ouro em campo de púrpura, e sobre elle o escudo das quinas.

Jorge Cardozo, o padre Carvalho da Costa, e outros, lhe dão por armas, simplesmente as de Portugal.

Monte-Mór-Velho, como todas as povoações antigas da Peninsula, tem as ruas quasi todas estreitas, tortas e mal calçadas, e poucas casas que se possam chamar boas.

Para o lado do rio, tem um bello rocio, ou campo, onde está o mosteiro de Nossa Senhora do Campo.

O seu porto é frequentado por muitos barcos, que navegam pelo Mondego.

Ainda se vêem as suas antigas muralhas, com as suas tres portas, tudo em máo estado.

Os arrabaldes da villa, são muito lindos e amenos, tanto pelas hortas, pomares, e vinhas, como pelas muitas fontes que os regam, e pela visinhança do poetico Mondego.

O seu territorio produz grande abundancia de cereaes, fructas e legumes, e algum azeite e vinho. Cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça. O rio e o mar, fornecem a povoação de muito e variado peixe.

O foral mais antigo que d'esta villa existe na Torre do Tombo, lhe foi dado pelas rainhas D. Thereza e D. Urraca, filhas de D. Sancho I, em maio de 1212; o qual foi confirmado, em Coimbra, por D. Affonso III, a

2 de agosto de 1248. (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 2 — Minuta para este foral, Gav. 20, maço 12, n.º 9).

D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, a 20 de agosto de 1516. *(Livro de foraes novos da Extremadura, fl. 230 v.º, col. 2.ª)*

Este foral serve tambem para as terras seguintes: Alcaçova, Alfarellos, Alhadas, Arzêde, Azoya, Barca da Lavandeira, Barca de Verride, Bellida, Cadima, Carcavellos, Eireira, Formozelhe, Figueiró, Fonte de Lobos, Freixo, Granja d'Almeira, Granja do Camareiro, Granjêlhos, Magdalena, Paço de Grijó, Paços de S. Salvador das Candozas, Queitide, Quiayos, Reveleis, S. Martinho de Villa, S. Miguel, Sanverão, Sêrro-Ventoso, Souzellas, e Vinha da Rainha.

—

Festa de Nossa Senhora da Victoria.— Quando o abbade João, tio de D. Ramiro I, de Leão, e os montemorenses, venceram e derrotaram os mouros de Al-Mançor, que sitiavam a villa, como fica dito, instituiu o mesmo abbade, em commemoração d'esta milagrosa façanha, a festa de Nossa Senhora da Victoria, a que vulgarmente se dava o nome de *festa do abbade João.*

D. João V, para auctorisar e perpetuar esta patriotica solemnidade, expediu uma provisão régia, que, por ser curiosa, transcrevo. É a seguinte:

«D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc.

«Faço saber, a vós, juiz de fóra, vereadores e procurador da camara, da villa de Monte-Mór-Velho, que se viu a vossa conta, em que me representastes que os moradores d'esta villa celebravam todos os annos, o portentoso milagre, que obrára com os seus maiores, a Santissima Mãe de Deus, com o titulo da Victoria; pois, sendo degolados, pela direcção do abbade João, tio de el-rei D. Ramiro, todos os velhos, mulheres e meninos, por não cahirem nas mãos dos mouros que tinham cercado o castello d'essa mesma villa, antes dos catholicos que defendiam o castello sahirem a pelejar com os barbaros, alcançando d'estes, um maravilhoso triumpho, acharam depois da batalha, resuscitadas todas as pessoas que tinham degolado; conservando-se na garganta o signal das feridas, que se continuaram muitos tempos, em algumas familias d'essa villa, e, de todo o referido houvera sempre uma tradição immemorial, continuada successivamente de paes a filhos; por cujo motivo, não só se repetia a dez d'agosto a memoria d'estes prodigios; porém, esta Soberana Virgem, era protectora a quem essa mesma villa recorria em todas as suas necessidades, nas quaes tinha mostrado muitas vezes o seu poder, e a piedade do seu soberano patrocinio, e que estas patentes e sagradas circumstancias, persuadiram muitas pessoas d'essa villa, a que todos tomassem por padroeire d'ella, a Senhora da Victoria; e assim o requereram a essa camara, e que esta a festejasse com esse titulo, e fizessem numerar esta festa entre as suas: por cuja razão vos resolvereis a convocar toda a nobreza e povo, que todos uniformemente proclamaram, que fosse a mesma Senhora da Victoria a sua padroeira, de que se fizera o termo que remetteis. E, para que este tivesse toda a validade precisa, esperaveis que Eu fosse servido mandal-o observar. E, visto o mais que referistes, e o que constou, por informação do provedor da comarca de Coimbra, e resposta do procurador da minha corôa, a quem se deu vista, e não teve duvida. — Hei por bem, e vos mando, que observeis o termo de acclamação, que fizestes com a nobreza e povo d'essa villa, para que a Virgem Nossa Senhora, com o titulo da Victoria, seja padroeira d'ella; e que numereis a sua festa entre as mais d'essa camara, para ficar perpétua a memoria d'este prodigio. Cumpri-o assim; e esta provisão fareis registar nos livros da camara, para a todo o tempo constar que assim o Houve por bem. El rei Nosso Senhor, o mandou, pelos doutores Manoel Gomes de Carvalho e Fernando Pires Mourão, ambos do seu conselho, e seus desembargadores do paço. — Manoel Ferreira Sorrão a fez, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1746 annos — José Galvão de Castello-Branco, a fez escrever — Fernando Pires Mourão — Manoel Gomes de Carvalho — Por despacho do desembargo do paço, de 19 de dezembro de 1746.»

Com o andar dos tempos, foi pouco a pouco diminuindo a influencia d'esta solemnidade, até que deixou de fazer-se. Em 1863 porém, se tornou a restabelecer, pela vontade geral do povo, com o mesmo antigo esplendor, e continúa até ao presente.

—

Quando esta villa tornou a cahir no poder dos mouros (996) ficou quasi arrasada, e assim esteve algum tempo, até que o mouro Ben-Afalgi, a reedificou, com o nome de *Malinense*, convertendo o seu castello na mais temivel fortaleza d'aquelle tempo.

—

O seu mercado quinzenal, é notavel pela abundancia e variedade dos productos agricolas que a elle concorrem, e pelas importantes transacções commerciaes que alli se operam.

—

Em frente de Monte-Mór-Velho, e do outro lado do campo, na opposta margem do Mondêgo, fica a antiga villa de Verride, outr'ora rival d'aquella, e célebre pelas suas afamadas aguas sulphureas.

—

No termo d'esta villa, no logar de *Fonte-Cóva*, nasce o rio *Aroeira*, que corre de N. a S., e desagúa no Mondêgo.

—

Do que fica dito de Monte-Mór-Velho, se vê que é notavel pela sua antiguidade, e foi sempre uma povoação importantissima, mesmo que deixe de se dar credito a algumas das suas lendas e tradições. Já vimos que no reinado de D. João V era cabeça de comarca, com o respectivo juiz de fóra. Esta comarca foi supprimida depois de 1834, mas tornou a restaurar-se.

Teve antigamente *provedor*, cuja jurisdicção foi extensissima, comprehendendo logares que hoje pertencem a tres diversos districtos administrativos (Leiria, Coimbra e Aveiro!)

—

Foi sempre o povo d'esta villa e seu termo leal, valente e patriota. Já vimos que nas guerras contra os mouros, defendeu sempre com inexcedivel bravura, as suas muralhas. No reinado de D. Affonso II, sustentou com o maior denodo e dignidade os direitos incontestaveis das infantas, D. Sancha e D. Thereza.

Aqui veio ter, em 25 de julho de 1808, o bravo Antonio Ignacio Cayola, com 40 bravos soldados vindos de Coimbra, aos quaes se juntaram muitos bravos montemorenses, e com estes e outros povos das immediações foram expulsar os francezes, da fortaleza da Figueira. (Vide vol. 3.º, pag. 188, col. 2.ª, e pag. 189, col. 1.ª)

Já antes d'isso, em 1602, tambem foram os moradores de Monte-Mór-Velho, que, com outros portuguezes, foram resgatar a villa da Figueira, do poder dos inglezes. (Vide o mesmo 3.º vol., pag. 190, col. 1.º e 2.ª)

—

O castello tinha capacidade para aquartelar uma guarnição de cinco a seis mil homens; e, apezar de muito arruinado, conserva ainda as muralhas do seu recinto, com as suas ameias, torres e séteiras, bem como tres cisternas ou subterraneos no seu centro, uma para deposito de agua, e as outras para munições de guerra e de bocca.

Dentro do castello ha o templo de S. João, onde se diz que o famoso abbade João, dizia missa, e animava os montemorenses com os seus sermões catholicos e patrioticos. Tambem aqui está o de Santa Maria d'Alcáçova, construido por ordem do não menos famoso conde D. Sisnando, governador de Coimbra, no reinado de D. Affonso VI, (sogro do conde D. Henrique) e durante o governo d'este mesmo conde.

Tambem está dentro do castello o antigo paiacio real, que se suppõe construido pela ralnha D. Urraca, mulher do conde D. Raymundo, e irman de D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.

Suppõe-se que as mais antigas obras de defeza hoje existentes, foram mandadas fazer em 1109 pelo conde D. Henrique e pelo conde D. Sisnando, que então povoaram esta villa. D. Sancho I tambem, em 1210, fez algumas fortificações, ou ampliou as antigas.

—

Não se sabe a origem do nome actual d'esta villa, nem quando principiou a ser designada por elle. Já a pag. 37, col. 2.ª, d'este

volume, tratando de *Maiorca* narrei a tradição que corre sobre esta etymologia. O que é certo é que desde o IX seculo se denominava *Monte-Mór*, e que se lhe accrescentou o *Velho*, desde que D. Sancho I reedificou a villa de Monte-Mór-Novo, no Alemtejo. Tambem antes de ser Monte-Mór-Velho, se denominava—*Monte-Mór-Sobre-o-Mondêgo*, o que faz suppôr que já havia a villa alemtejana do mesmo nome, aliás não era preciso distinguil-a com a indicação de — *Sobre-o-Mondêgo*.

—

A amenidade d'esta villa e de seus formosos arrabaldes, procede da proximidade com o seu vastissimo campo, dos rocios que ha dentro e proximo da villa, da visinhança do formoso Mondégo, deslisando-se placido e sereno, orlado de salgueiraes, por entre vastas campinas cultivadas; e ainda por ser atravessada pela valla, que desde a *Ladroeira* corre até á *ponte da Alagôa*, a qual, bem como a ponte que está junto ao *Casal-Novo*, e os chafarizes da praça, consta ser obra do infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de D. Affonso V, e seu tio e sogro. (O que morreu no combate da Alfarrobeira, em 20 de março de 1449.)

—

Os vastos e desaproveitados largos e baldios d'este concelho, chamados — *Largo de S. Francisco, Porto-Peão, Terreiro da Feira* (ou *Campozel*), *Corredouro, Atraz de Vallas, Rocio dos Anjos, Areal, Cardal*, e outros menores, podiam, e deviam, ser arborisados, o que não só melhoraria as condições climatericas do concelho, mas daria ás camaras um bom rendimento.

—

Era tradição constante na villa, que o nome dado ao sitio das *Caldas*, a pequena distancia da povoação, procedia de haver alli em tempos remotos umas thermas. Os factos vieram confirmar a tradição. Em 1850 se descobriu aqui uma nascente d'aguas sulphureas, bem como arcos de pedra e tanques ou banheiras antiquissimas, o que prova ser construcção romana, ou, pelo menos arabe, e serem applicadas estas aguas como remedio de certas enfermidades, desde muitos seculos. Tambem estas thermas comprovam a antiguidade d'esta villa, e a sua importancia em tempos remotos.

—

Tendo fallado tantas vezes n'este artigo do abbade João, vulto legendario do seculo IX, cumpre-me dizer que elle fundou o convento de Ceice, onde falleceu a 2 de fevereiro de 867, e foi enterrado na egreja d'este mosteiro. Para o mais que diz respeito a este abbade, vide o que adiante digo quando fallo da egreja dos Anjos, e *Coimbra* e *Lorvão*.

Para se saber o que era a famosa *justiça de Monte-Mór*, vide o ultimo artigo do 3.º volume, a pag. 431.

—

Fallei tambem da rainha D. Thereza, senhora d'esta villa, pelo que julgo dever notar, que era filha de D. Sancho I, de Portugal, e irman da rainha santa Mafalda (vide *Arouca*).— Casou esta senhora, com seu primo, D. Affonso, rei de Leão, sem a prévia dispensa do papa, pelo que foi annullado este casamento, com grande pezar do monarcha leonez, que a adorava pelas suas raras virtudes e grande formosura. Dera-lhe elle muitas terras e rendas em Castella, e não só lh'as não tirou, depois da separação, mas ainda lh'as accrescentou.

D. Sancho I, logo que sua filha regressou a Portugal, lhe deu tambem muitas villas e coutos, em 1200, e nomeadamente esta villa e a de Esgueira, as quaes ella, pelos annos de 1202 doou ao mosteiro de Lorvão.

—

Na doação que o conde D. Raymundo e sua mulher, a rainha D. Urraca, fizeram aos novos povoadores de Monte-Mór-Velho, em fevereiro de 1095, se nomeia particularmente *Zalema Godinho*, a quem dão a villa de Mira, com todos os seus termos, e um moinho que está junto da *fonte de Caraboi* — «*quae omnia usque in hodiernum diem in atondo, et prestamo tenuit.* (Vide Mira).

Atondo, era o direito de arrotear, romper e cultivar algum terreno inculto, não o podendo, porém, dar, doar, tro-

car ou vender — isto é — sendo um mero usufructuario.

—

O castello de Santa Eulalia, em que L. A. Rebello da Silva localisou as scenas mais interessantes do seu romance *Odio velho não cança*, estava no alto monte que derruba sobre a *ponte do Barco*, para o lado de Monte-Mór-Velho, e no sitio onde se vê agora a capella de Santa Eulalia, que se julga ter sido fundada com materiaes do vetusto castello, e no logar que este occupava, e do qual poucos vestigios existem. Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta fortaleza era obra dos romanos, porque appareceu aqui uma estatua de marmore, da deusa Juno.

Em 1116, os arabes o arrazaram até aos fundamentos, indo fazer o mesmo ao de Soure e outros. Consta que na edade média foi uma fortaleza temivel. Hoje apenas se distinguem alguns alicerces, porque a pedra de suas muralhas foi empregada não só na construcção da referida capella, como na da ponte do Barco.

Em 1166, D. Affonso I deu este castello (o sitio d'elle) com todas as rendas que lhe pertenciam, e eram dos alcaides-móres do mesmo, ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Estas rendas consistiam no *oitavo* de todos os fructos, que lhe pagavam as villas de Maiorca e Alhadas, e as povoações confinantes.

—

O rei D. Diniz deu o senhorio d'esta villa e o padroado das suas egrejas, a sua irman, a infanta D. Branca, em junho de 1286.

—

O mesmo monarcha, quando se reconciliou com seu filho D. Affonso (depois IV) a rogos da rainha Santa Isabel, entre outros senhorios, lhe deu, no principio de maio de 1322, o d'esta villa.

—

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho de D. João I (o que morreu em Alfarrobeira) foi tambem senhor de Monte-Mór-Velho, e de outras muitas terras.

—

D. João II deu esta villa, e o mais que tinha sido do dito infante D. Pedro, a seu filho bastardo, D. Jorge de Alencastre, tronco da casa ducal d'Aveiro, para onde vieram a passar estas rendas.

O rei fez todas as diligencias para que este D. Jorge lhe succedesse na corôa; porem a virtuosissima rainha D. Leonor, sua mulher, e a maior parte da corte, se opposeram, vindo por morte de D. João II, a succeder-lhe na corôa, seu primo e cunhado (irmão da rainha) D. Manuel, duque de Viseu, natural d'Alcochete.

—

A egreja dos Anjos é o melhor templo da villa. É de *architectura manuelina;* porém está degenerada com as reparações, accrescentes e ornatos de estylo da renascença, e de pessimo gosto.

Em uma lapide, na capella de Nossa Senhora da Piedade, d'esta egreja, está gravada uma célebre sentença da inquisição, conjuncta com o epitaphio de D. Margarida de Mello Perestrello.

D'esta inscripção consta que sendo esta senhora accusada de heresia, á inquisição de Coimbra, fôra presa nos carceres do *santo officio*, no anno de 1666, e alli foi conservada 17 annos, até que falleceu no mesmo carcere, em 1683.

Depois da sua morte, e não tendo podido n'aquelles 17 annos de supplicio, acharem culpabilidade n'esta infeliz, se resolveram os inquisidores a declaral-a innocente! — Passaram então a tal sentença, pela qual — *absolvem a ré e declaram que a seus ossos se póde dar sepultura ecclesiastica, e offerecer a Deus, por sua alma, os sacrificios e suffragios da Egreja; e mandam que esta sentença se leia na sala da inquisição, e depois se publique na parochial egreja da villa de Monte-Mór-o-Velho, d'onde a ré era fregueza, na estação conventual, para que venha á noticia de todos; e lhe seja levantado o sequestro, que em seus bens se lhe havia feito, e* D'ELLES SE PAGUEM AS CUSTAS. (!)

—

Está n'esta egreja o bello tumulo do céle-

bre Diogo da Azambuja, escondido atraz do altar-mór, do lado do Evangelho. É tambem de architectura manuelina, de graciosa fórma e com primorosos lavores.

Sobre a tampa está deitada a estatua d'este nobre cavalleiro, representado em trajos de guerreiro, com armas brancas. Tem esta inscripção gravada na frente do mausoleu:

AQVI IAS DIOGVO DAZAMBVIA, DO CONSELHO DEL REI, CAVALEIRO DA ORDEM DAVIS, COMMENDADOR DA CABEÇA DE VIDA E ALTER PEDROSO, O QOAL, NAS GVERAS DE CASTELLA, POR EL REI DOM AFONSO, TOMOV AOS CASTELHANOS A VILA DALEGRETE, ONDE LHE QVEBRARAN VA PERNA, E FEZ O CASTELLO DE SAM JORGE DA MINA, E SVGIGOV TODA AQVELLA TERRA, E FEZ O CASTELLO REAL EM AFRICA, E TOMOV A CIDADE DE ÇAFIM AOS MOVROS, PER SVA SOO INDVSTRIA E VALENTIA, E ASI FEZ OVTRAS MVITAS COVSAS DINAS DE MEMORIA E LOVVOR, EM TENPO DOS REIS DOM AFOMSO E DOM JOAM, O SEGVNDO E DOM MANVEL, O PRIMEIRO, COMO EM SVAS CRONICAS SE PODE VER; E FEZ ESTE MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DOS ANIOS.
FALECEO DE 86 ANNOS, DIA DE NOSA SENHORA D'AGOSTO, DA ERA DE 1518.

(Vide vol. 1.º, pag. 286, col. 2.ª)

—

Do *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores*—do sr. doutor Augusto Mendes Simões de Castro, copiei o seguinte:

Castello de Monte-Mór-Velho

«É raro encontrar-se em Portugal uma fortaleza de aspecto tão imponente como este castello, com as suas ameias e cubêllos, cingidos de espessa ramagem de heras a contrastar com a côr denegrida e tisnada das pedras carcomidas, e mostrando ainda nas pittorescas ruinas, a que está reduzido, a formosura e robustez da sua construcção.

Para os effeitos estrategicos que requeria a arte militar de outras eras, nenhuma fortaleza podia estar melhor situada. O monte, sobre que campeia, ergue-se abrupto, no meio das extensas planicies do Mondêgo, e as suas vertentes descem quasi aprumadas para todos os lados. D'esta maneira, a villa, encostada ao velho alcaçar, ficava bem guardada e defendida, á sua sombra protectora.

Das ruinas do castello, gosa-se um esplendido e bellissimo panorama.—Ao longe, os vastos e ferteis campos do Mondêgo, bordados de pittorescas collinas, onde alvejam, quasi sem interrupção, mil casaes, palacetes, pequenas e grandes povoações, e, á frente de todas, a risonha Coimbra; aqui o poetico e formoso rio, com as longas orlas de salgueiros, choupos e chorões, acurvados graciosamente sobre as suas aguas crystalinas; e a nossos pés a povoação, edificada á meneira de throno, servindo-lhe o logar em que estamos, como de ultimo degráu. Fórma tudo isto um quadro magestoso e formosissimo, que faz deter alli o espectador, por longo tempo.»

A egreja de Santa Maria de Alcáçova, foi edificada dentro do castello, pelo presbytero *Veremundo*, ou *Vermudo*, com auctoridade do conde D. Sisnando, governador de Coimbra, pelos annos 1090 de J.-C.—Veremundo deu metade d'esta egreja á Sé de Coimbra (sendo bispo D. Cresconio) aos 9 das kalendas de janeiro, da era de Cesar 1133, que corresponde a 30 de dezembro do anno 94 de J.-C.

Esta doação está a fl. 24 v. do *Livro Preto da Sé de Coimbra*. N'ella se descreve a solidão em que n'esse tempo estava o castello, abandonado desde o tempo dos arabes, e servindo só de valhacouto de feras e reptis.

D. Affonso III doou depois esta egreja ao bispo D. Egas e ao cabido de Coimbra. O bispo D. Jorge d'Almeida, mandou fazer obras importantes n'esta egreja.

Conventos

1.º — *Frades franciscanos* (da invocação de S. Luiz). — Foi fundado pelo padre Thomé Couceiro Lobo; mas não pude saber a data da sua fundação. Já estava supprimido antes de 1834.

2.º — *Frades agostinhos* (da invocação de Nossa Senhora dos Anjos). — Foi fundado por Diogo da Azambuja, no seculo XVI. — Supprimido.

3.º — *Freiras franciscanas* (da invocação de Nossa Senhora de Campos.—Foi fundado por D. Isabel de Azevedo, viuva do celebre D. João de Castro, 4.º vice-rei da India, no principio do seculo XVI.—Em 1691 foi este mosteiro transferido para *Sandelgas*. Em 1848, foi supprimido, hindo as freiras que restavam, para o mosteiro de Santa Clara de Coimbra, em 30 de setembro d'esse anno.

O padre frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Sant. Mar.* (tom. 4.º, liv. 2.º, tit. 13), trata d'este mosteiro: diz elle, que no campo junto á villa existia de tempos immemoriaes uma capella dedicada á Santissima Virgem, á qual em razão do sitio em que estava edificada a ermida, se denominou *Nossa Senhora de Campos*.

Tinha grande devoção com esta imagem, D. Isabel d'Azevedo, e ficando viuva, se recolheu em umas casas que tinha, junto da ermida, com algumas mulheres virtuosas, dando assim principio ao mosteiro que pouco depois adoptou a regra de terceiras de S. Francisco; com auctoridade do cardeal Juliano, penitenciario do papa Alexandre VI, em 1503, e ficando o convento sujeito á provincia de Portugal. A este mosteiro doou a fundadora, não só a casa, mas todas as suas rendas.

Com o decurso do tempo, foram crescendo as areias do Mondego, e subindo as aguas, a ponto de inundarem frequentemente o mosteiro, com risco da vida das religiosas.

Queixando-se ellas d'isto, ao bispo de Coimbra, D. João de Mello, as fez remover para o logar de Sandelgas, para onde levaram a imagem da sua padroeira.

4.º—*Frades benedictinos* (da invocação de S. Martinho).—Foi fundado pelo abbade João, no seculo IX.—Ignora-se quando deixou de existir.

Não se póde tratar d'este mosteiro, sem se fallar do famoso *abbade João*. Peço desculpa aos meus leitores de algumas pequenas repetições, indispensaveis para a intelligencia da materia.

D. João, nobre cavalleiro leonez, era filho natural de D. Fruella I, e irmão de D. Bermudo, *o diacono*, e de D. Affonso, *o catholico;* e tio de D. Ramiro I.

Cançado de seguir a côrte dos reis de Leão, e dos exercicios da guerra, se retirou ao mosteiro de Lorvão, vestindo alli o habito de monge, seguindo a regra de S. Bento, que n'elle se professava.

Tantos exemplos deu de cordura e virtude, que, na primeira vacatura, foi eleito abbade, estando presente seu sobrinho, D. Ramiro I de Leão, que então estava em Portugal, fazendo guerra a *Mahomad-Cid*, senhor de Gaia, e a *Muley-Achem*, senhor de Agueda.

O rei, vendo a summa pobreza em que estava o mosteiro, causada pelas continuas correrias e exacções dos mouros, lhe fez uma larga doação, de muitas possessões, e entre ellas, esta villa, com todos os seus direitos e pertenças, sob a condição de ter no castello a guarnição sufficiente para sua defeza; o que os monges tiveram sempre o cuidado de cumprir.

O proprio D. João (o abbade) com alguns dos seus monges, se passou para este castello, que proveu de soldados, armas e mantimentos, e fazendo alcaide-mór da fortaleza a seu sobrinho, D. Bermudo, bravo guerreiro d'aquelles tempos.

Foi então que o abbade tratou de edificar aqui um mosteiro da sua ordem no sitio onde havia uma antiga capella de Santa Maria que foi demolida, para se edificar a egreja do mosteiro, para onde foi a santa imagem, que ficou sendo padroeira do convento.

—

Entre os familiares do abbade, havia um, chamado *Garcia Janhes*, creado desde menino (não se sabia de quem era filho) pelo mesmo abbade, que o tinha enchido de beneficios e distincções. Foi uma vibora que em seu seio acalentou; porque o ingrato, se passou aos mouros, e renegando da fé de Christo, tomou o nome arabe de *Zulema* (ou *Zuleimão*) [1] e fez aos christãos a crua guerra que já referi; mas accrescentarei aqui o seguinte:

Zulema, tinha tão estreitamente cercado

[1] Hoje os arabes dizem *Solimão*.—É corrupção de *Salomão*.

o castello de Monte-Mór, que em balde Theodomiro, abbade de Lorvão, tentou reforçal-o com tropas e provêl-o com mantimentos.

Foi n'esta triste conjunctura que os cercados resolveram imitar os saguntinos.

Queimaram todas as suas riquezas, e tiraram a vida a todos que por seu sexo ou edade não podessem combater.

O abbade João, deu o exemplo, lançando o fogo a tudo quanto tinha, e degolando sua irman, D. Urraca (mãe do alcaide D. Bermudo) e a seus filhos que ainda erám creanças.

Fez-se este espantoso sacrificio, em uma madrugada, depois de se confessarem e commungarem, tanto as victimas como os sacrificadores.

O resto já fica narrado.

—

Era o abbade João, de avançada edade, quando este acto de patriotica desesperação teve logar, mas de grandes forças, correspondentes ao colossal das suas fórmas; e por onde o seu terrivel e pesado montante era brandido, ficava uma zona de sangue e cadaveres mouriscos.

Na maior furia do combate, avistou João, o traidor Garcia, que com palavras e exemplos animava os mouros, foi direito a elle, por entre uma multidão de infieis, e de um só golpe o degolou.

Foi então que os mouros, aterrados, trataram de fugir; porém poucos escaparam á geral carnificina; porque, tendo construido pontes de madeira em varias partes do Mondêgo, para hirem forragear á parte opposta, dos que por ellas fugiam, muitos morreram afogados, por terem as pontes que brado com o seu peso.

Os restos d'este grande exercito que puderam escapar ao ferro dos christãos, ou ás aguas do Mondego, fugiam desordenadamente; mas o abbade e os seus os perseguiram por espaço de quatro leguas, mettendo-se em uns pantanos, onde os christãos ainda mataram muitos. D'aqui puderam metter-se em umas espantosas brenhas, chamadas *Alcoubas*, onde o abbade os não deixou perseguir, não só pela aspereza do sitio, como pelo cançaço da sua gente, que fez acampar e passar a noite em uma planicie.

Consta que esta terrivel batalha e famosa victoria, teve logar no dia 24 de junho do anno 850 de J.-C.

Dizem alguns escriptores, que, chegando os christãos a esta planicie, que está quasi cercada das alcantiladas penedias d'*Alcoubas*, o abbade e os outros chefes gritavam aos soldados — *cessa! cessa!* — e d'aqui ficou ao sitio o nome, que ainda com pouca corrupção conserva — *Ceiça*, a uns 22 kilometros de Monte-Mór-Velho.

Consta que na investida de Monte-Mór, afogados no rio, e depois na retirada até aos rochedos de Alcouba, morreram *setenta mil* infieis. Este numero parece-me exageradissimo.

—

Na manhã do dia seguinte, chegaram ao acampamento alguns cavalleiros, vindos da villa, dando a noticia de estarem vivos todos os velhos, mulheres e creanças, que na vespora tinham sido sacrificados, o que a todos encheu de suprema alegria, e ao abbade causou tal impressão, que resolveu acabar n'este sitio o resto de seus dias; em uma ermida de Nossa Senhora que aqui mandou construir em 850, e se fez seu erimitão (dando a seu sobrinho. D. Bermudo, como prova da amisade que lhe consagrava, as suas armas e o seu cavallo de batalha) e renunciando nas mãos de seu sobrinho D. Ramiro I, o governo de Monte-Mór-Velho, que foi dado a D. Bermudo, primo do rei; e a abbadia do mosteiro da villa aos monges da mesma. A de Larvão, já a tinha renunciado a favor de Theodemiro, monge seu parente. A imagem da Senhora que estava no mosteiro da villa levou-a para a sua nova ermida. Aqui falleceu a 2 de fevereiro de 867, e aqui foi enterrado. Depois em 1165, D. Affonso Henriques fez construir juncto a esta capella, um mosteiro de frades benedictinos, que é o de que trato no logar citado do 2.º volume.

Cumpre-me aqui rectificar um erro, a que me induziu a identidade dos nomes, e as

obscuridades dos nossos antigos escriptores. Disse no principio da col. 2.ª de pag. 226, do 2.º vol., que o abbade João *fundára um mosteiro de monges bernardos* na freguezia de Ceiça, na Extremadura, concelho de villa Nova de Ourem, quando esse mosteiro foi fundado em *Santa Maria de Ceiça*, que é esta de que aqui agora trato. Tambem o convento não foi de *bernardos*, foi de benedictinos. Só pelos annos 1030, é que o abbade João Cirita estabeleceu em Portugal a reforma de S. Bernardo, que adoptaram quasi todos os conventos benedictinos.

O abbade Joao (de Lorvão) foi o verdadeiro fundador d'este mosteiro de Santa Maria de Ceiça; porém os monges viviam em grutas ou cabanas, até que D. Affonso Henriques lhes fez omosteiro, em que principiaram a viver em communidade.

Tudo o mais que digo em *Ceiça* (Santa Maria de) está exactissimo.

O edificio do mosteiro, a cêrca e varias propriedades annexas, foram vendidas depois de 1834. A egreja, a sachristia, e uma boa matta, ainda estão por vender.

—

Os grandes prejuizos que soffreram os montemorenses, com a queima das suas preciosidades, foram-lhes amplamente ressarcidos com os riquissimos despojos dos mouros, que foram repartidos pelos christãos, segundo os seus merecimentos.

Feita esta divisão, e providenciando o alcaide D. Bermudo, de modo a deixar o castello bem provido de gente e mantimentos, se foi com seus irmãos e outras pessoas que tinham sido degoladas, visitar o abbade João ao seu erimiterio de Ceiça e mostrar-lhe o signal do golpe, que era como um fio de retroz encarnado, em volta da garganta.

O padre mestre, frei Luiz dos Anjos, no seu *Jardim de Portugal*, frei Bernardo de Brito, na *Mon. Lus.*, e outros escriptores, referem que no seu tempo, ainda n'esta villa nasciam algumas creanças com o tal signal.

Tendo mencionado em differentes partes d'esta obra, varios milagres, operados pela intercessão da Santissima Virgem e dos santos, e não pretendendo ser notado como um frei Bernardo de Brito do seculo XIX, ou como outro qualquer frade *milagreiro*, dos seculos passados, declaro o seguinte:

Creio firmemente que a Deus nada é impossivel. Roselli de Lorgues e outros esclarecidos escriptores contemporaneos, teem brilhantemente provado, não só a possibilidade dos milagres; mas até a sua existencia no passado e no presente.

Mesmo que eu não quizesse crer em milagres (que creio —senão em todos, em muitos) têl-os-hia narrado, para não deturpar a historia, nem destruir as lendas poeticas dos nossos passados.

Por mais incredulo que eu fosse, com respeito a milagres em que a Egreja nos não obriga a acreditar, por não serem *ponto de fé*, nunca seria meu proposito arrancar dos corações verdadeiramente portuguezes, as crenças felizes de nossos paes, nem fazer-lhes esquecer as formosissimas lendas com que nossas mães suavemente nos embalaram no berço, e carinhosamente nos distrairam na infancia.

Em ser crente, ganha-se *fé* em Deus e na sua misericordia

infinita — *esperança*, na vida eterna—e *caridade* para com os nossos semelhantes que soffrem.

E que se ganha com o scepticismo?—a desesperança, o desconforto, o egoismo..... e o materialismo. Deus nos livre pois destes infelizes sentimentos, causas infaliveis da nossa tristeza e desventura, n'este mundo e no outro.[1]

—

Da fundação do edificio do mosteiro de Ceiça, conta-se a origem da maneira seguinte:

Em 1165, estando em Coimbra D. Affonso Henriques, lhe recomendaram os seus medicos, os banhos do mar. Sahiu da sua côrte, em direcção á Figueira; mas, tão bem lhe fizeram os ares salutiferos dos formosos campos do Mondego, que chegou á costa quasi são.

Occupou-se então em percorrer aquelles arredores, e ouvindo fallar na ermida de Santa Maria de Ceiça, famosa pela sua antiguidade, pois já então tinha 215 annos, e pelos milagres attribuidos á sua padroeira, a foi visitar.

Estava a ermidinha em um bonito valle, mas cercada de densos mattos e alcantiladas penedias, semelhando torres.[1]

No caminho tinha cahido um dos cavallos da comitiva, ficando o cavalleiro debaixo d'elle, e em tal estado, que julgando-o morto, o levaram a enterrar na ermida; mas, apenas o ferido alli chegou, recobrou os sentidos e ficou de perfeita saude.

Todos tiveram isto por milagre. O cavalleiro que cahira, fez logo voto de consagrar o resto dos seus dias ao serviço da Senhora e da sua ermida, o que cumpriu, não tornando a sahir d'este logar.

O rei fez voto de fundar aqui um mosteiro, dedicado a Santa Maria, o que tambem cumpriu.

Emquanto o rei e seu sequito ainda estavam na capella, chegou o erimitão d'ella, homem de edade provecta e presença respeitavel, pobremente vestido, e com porte humilde e reverente.

Perguntou-lhe D. Affonso Henriques se sabia alguma coisa da origem d'este templosinho, ao que o santo anachoreta respondeu — que havia muitos annos que aqui vivia, dedicando-se ao culto da Rainha dos Anjos, e á conservação e aceio da sua ermida; e que sabia, por tradição, a origem d'elle.

O rei, satisfeito d'esta resposta, o mandou sentar junto d'elle, e o erimitão lhe contou a lenda do abbade João, pela fórma que fica referida.

D. Affonso Henriques designou logo um sitio, 255 passos ao N. da ermida, para a fundação do mosteiro, mettendo logo operarios para a sua edificação, e consignando-lhe rendas sufficientes. O mosteiro concluiu-se em 10 annos, e logo (1175) vieram habital-o alguns monges (então ainda benedictinos) do convento de Lorvão, trazendo em sua companhia D. frei Payo Egas (de nobilissima linhagem) que o rei fez primeiro abbade do novo convento.

O edificio era pequeno no seu principio, e o rei, vendo que não podia conter senão um diminuto numero de religiosos, o mandou ampliar; porém fallecendo (6 de dezembro de 1185), deixára encommendado a seu filho e successor D. Sancho I, que concluisse estas obras, o que elle cumpriu, pois era tão religioso como seu pae.

Foi D. Sancho I que fez adoptar a este convento a reforma de S. Bernardo.

Diz a lenda, que, feita a egreja do mosteiro, mandou o monarcha transferir para ella a imagem da ermida; porém na manhan do dia seguinte tornou a apparecer no seu antigo altar, o que se repetiu por umas poucas de vezes, até que os religiosos a deixa-

[1] Mac-Mahon, actual presidente da republica franceza, queixando-se-lhe alguns *espiritos fórtes*, ou, como hoje se denominam, *livres pensadores*, das grandes romarias ás Senhoras de Lourdes e La-Sallete—respondeu-lhes—«Deixal-os; um litro de petroleo causa mais desgraças, do que um tonel de agua benta.»

[1] E d'aqui lhe provêm o nome que ainda então conservava—*Al Couba*—palavra arabe, que significa — a torrinha.

ram alli ficar, collocando no altar-mór da egreja do mosteiro uma nova imagem.

Alguns annos depois (diz a lenda) D. frei Manuel das Chagas, então abbade do mosteiro, vendo a ermida muito velha e a ameaçar ruina, removeu a imagem para a egreja; porém aconteceu o mesmo que da primeira vez, tantas quantas vezes se fez a mudança.

O abbade mandou então demolir a capella, para que a Senhora não tivesse para onde fugir; mas, nem assim logrou o seu intento, porque a imagem fugiu ainda, e foi no dia seguinte encontrada na toca de um grande carrasco que estava junto da capella demolida.

O abbade, mandou então fazer uma nova ermida, mais ampla e aceiada do que a antiga, de fórma octogona, e de bonita architectura. No interior do altar da Senhora, mandou depositar os ossos do santo abbade João. (Diz ainda a lenda, que então se verificou, pelos ossos do abbade João, ser elle de tão agigantada estaura, que tinha *onze palmos* (!) d'alto.

Os leitores que julgarem que eu invento milagres, ou que me fio em *contos de velhas*, convido a consultarem sobre o que deixo referido, as obras seguintes — *Mon. Lus.*, por frei Francisco Brandão, parte 3.ª, liv. 10, cap. 45 — Obras de Francisco de Sá de Miranda, carta 8.ª, e a pag. 129 — *Diana*, de Jorge de Monte-Mór; pag. 243, na *historia de Alcida e Silvano* — Archivo de Lorvão, em uma escriptura authentica, copiada por o licenciado Gaspar Alves Louzada — *Chronica de Cister*, por frei Bernardo de Brito, liv. 6.º, cap. 28 e 29 — *Mon. Lus.*, parte 2.ª, liv. 7, cap. 13 e 14 — *Notas aos cinco bispados*, por fr. Prudencio de Sandoval, pag. 179 — Antonio de Vasconcellos, pag. 540 — Antonio Paes Viegas (*Vida d'el-rei D. Affonso Henriques*) liv. 6.º, pag. 218 — *Europa*, de Manuel de Faria, tomo 3.º, parte 3.ª, cap. 13 — *Jardim de Portugal*, por fr. Luiz dos Anjos, n.º 52 — *Agiologio*, de Jorge Cardozo, tomo 1.º, pag. 320 — *Sant. Mar.*, de fr. Agostinho de Santa Maria, tom. 4.º, liv. 2.º, tit. 14.

—

Em frente da notavel villa de Monte-Mór-Velho, na margem opposta do Mondêgo, está uma quinta, que foi dos *Vahias*, e junto d'ella a ermida de Santa Leocadia, ou, mais propriamente, Nossa Senhora da Graça.

Junto a este sitio appareceu uma imagem de Santa Leocadia, sobre um monte de pedras soltas (provavelmente alguma pequena mâmoa celtica, ou algum monumento christão a que os nossos antigos chamavam *fieis de Deus* — (vide esta palavra). — Levaram a imagem para a ermida, porém ella fugiu de lá para o sitio onde foi achada.

Revolvendo o monte de pedras, se achou n'elle escondida a imagem de Nossa Senhora da Graça, e levando-as ambas para a ermida, nunca mais de lá tornaram a fugir.

Foram estas duas imagens de grande devoção, tanto do povo da villa, como das circumjacentes.

—

Fernão Mendes Pinto — [1] — «N'um povo tão viajante como nós fomos, era impossivel que não apparecesse quem narrasse em bom estylo as suas peregrinações. Muitos narradores de viagens surgiram effectivamente, e acima de todos, Fernão Mendes Pinto, um dos mestres do genero, e um dos mestres da lingua, cujas viagens rivalisam ainda hoje com as modernas obras-primas de estrangeiros peregrinadores.

Nasceu Fernão Mendes Pinto, de familia pobre, na villa de Monte-Mór-Velho, no anno de 1509.

Foi môço da camara, do duque de Coimbra, [2] e afinal quiz na Asia tentar fortuna,

[1] Copiado, o que vae entre cômas, dos *Portuguezes illustres*, do nosso esclarecido escriptor, o sr. Manuel Pinheiro Chagas. (Pag. 67.)

[2] Parece-me que foi pagem do duque de Aveiro (D. Jorge) e não do de Coimbra, du-

embarcando para a India, a 11 de março de 1537.

Não nos permittem os estreitos limites d'este livro, narrar as viagens que elle proprio contou de tão peregrina maneira, e em que descobriu o Japão; o que lhe compensou os repetidos infortunios que o saltearam. Em janeiro de 1554 hia voltar á Europa, quando, tomado de subita devoção, se decidiu a vestir a roupeta de noviço da companhia de Jesus, e n'essa qualidade voltou a viajar; mas, por motivos desconhecidos, não professou, e, voltando ao seculo e á Europa, no dia 22 de setembro de 1558, sonhou com grandes recompensas, de que depressa o desilludiu a habitual indifferença dos governos portuguezes. Viveu obscuramente em Almada os ultimos annos da sua vida, até que morreu, segundo se suppõe, em 1583. O seu livro só foi impresso em 1614.

—«*A Peregrinação* de F. M. Pinto, diz o sr. J. F. de Castilho, é um dos livros de mais popular e aprasivel lição que jámais se escreveram em idioma algum. Percorre todos os estylos, abraça todas as situações; tem lagrimas para todos os olhos, sorrisos para todos os labios, terror para todos os espiritos, pasto para todas as imaginações, consolação para todas as dôres, allivio para todas as tribulações. Protheu habilissimo, sabe sempre vestir a fórma que na conjunctura se requer.»

Muito tempo foram consideradas as suas viagens um agregado de mentiras: [1] as modernas explorações de viajantes estrangeiros, rehabilitaram a memoria do viajante portuguez, demonstrando a sua veracidade.

O seu livro foi tão apreciado, que o traduziram em muitas linguas, podendo-se ver a noticia d'essas traducções no precioso *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio da Silva, t. II. pag. 289, e t. IX, pag. 221.»

—

Durante as suas peregrinações, foi 13 vezes captivo, e 17 vezes vendido.

Quando voltou a Portugal, era regente do reino, a rainha D. Catharina (viuva de D. João III) na menoridade de seu neto, D. Sebastião.

Esta senhora o tratou com a ingratidão com que sempre foram *recompensados* pelos governos portuguezes, os homens benemeritos; pelo que elle, desanimado, foi residir em Almada, onde coordenou as suas *Peregrinações*.

Sempre escravo da verdade, e apezar do odio que tenho aos castelhanos, como nossos dominadores, e principalmente aos tres usurpadores Felippes II, III e IV cumpre-me dizer que Felippe II apreciou muito melhor os serviços d'este esclarecido portuguez, do que o haviam feito D. Catharina, D. Sebastião, e o cardeal-rei; pois o estimou muito, fez-lhe muitas mercês e gostava muito de lhe ouvir contar as suas viagens.

Segundo o padre-mestre, frei Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*, tomo 2.º, pag. 329) Fernão Mendes Pinto, morreu em 8 de Julho de 1583.

—

Jorge de Monte-Mór— [1] —«Este poeta, celebre em toda a Europa, nasceu na villa de Montemór-o-Velho, na provincia da Beira, em Portugal. Passou muito novo para Hespanha, onde foi cantor da regia capella. Trocando depois este pacifico mister pela vida das armas, foi assassinado na Italia no dia 26 de fevereiro de 1561. [2]

O livro, que lhe deu immorredoira fama, é um longo romance pastoril, escripto em castelhano, e conhecido pelo nome de *Diana de Montemayor*. Era um genero novo, em que as vivas pinturas da natureza, em estylo suave, enredos não desinteressantes nos pequenos contos de que se entretece a narrativa, se matizavam com finos conceitos e requintados problemas de mataphysica amorosa, que deliciaram primeiro as damas da côrte de Castella, e depois as da Europa inteira. Foi por muito tempo a *Diana de Montemayor* o livro predilecto dos leitores de

cado que então supponho já não existir. (D. Jorge era filho bastardo de D. João II.)

[1] E tanto que lhe decomposeram o nome d'este modo—*Fernão, Mentes?—Minto.*

[1] É ainda dos *Portuguezes illustres* do sr. Pinheiro Chagas, tudo quanto vae entre comas.

[1] Outros dizem que morreu de doença em Madrid.

romance, imitaram-no em francez, continuaram-no em hespanhol, e por todo o seculo XVII não fez a litteratura amena mais do que seguir o impulso dado por este desdenhoso portuguez, que despresou a lingua patria para escrever na dos nossos visinhos, mas que teve a gloria de inaugurar um genero novo, a quem por isso não cabem poucos louvores, e que portanto deu lustre e fama á terra que o viu nascer.»

Escreveu quasi tudo em castelhano (como era uso no seu tempo) e por isso alguns escriptores hespanhoes o fazem seu conterraneo, dizendo que elle nasceu na villa de *Monte-Mayor* (Leão) [1]

As suas obras foram—e são ainda hoje—estimadas em toda a Peninsula, e tanto, que em sua vida viu esgotadas cinco edições, o que, sobre tudo n'aquelle tempo, se pode ter como testemunho clarissimo do justo apreço em que foi tido.

Não havia caza, nobre ou popular, que não tivesse, e onde não fosse lida e relida a celebrada *Diana de Monte-Mayor*.

Os principaes senhores de Castella procuravam anciosamente conhecer e relacionar-se com o nosso poeta.

Archivavam-se todas as suas frazes, e todas as suas espirituosas respostas.

Assistindo á celebre merenda que a duqueza de Seza deu ás primeiras damas de Madrid, lhe perguntou a marqueza de Comares—*Señor Monte-Mayor, si escrivisteis cosas tan discretas, tratando de pastores rusticos, y de campos agrestes, que harieis si escriviesseis de aqueste jardin, fuentes, y ninfas?*—ao que elle respondeu—*Esso, señora, mas es para la admiracion, que para la pluma.*

Perguntando-se no dia seguinte á marqueza de Guadalcaçar (que foi uma das da merenda) o que d'ella lhe pareceu melhor, respondeu—*la conversacion de Monte-Mayor.*

Estando uma manhã no mosteiro de S. Francisco da cidade, de Leão, mal convalescido de uma doença, pediu a um religioso que lhe lê-se um Evangelho; ao que o frade lhe respondeu—*No diré sinó dós.* Leu-lhe o de S. João Evangelista, e depois disse—*Aora irá el mio, el qual es—Sois el mas florido ingenio de España.*

Em 1603, vindo da cidade de Leão Fellippe III e sua mulher, dormiram uma noute na villa de *Valderas*, e sabendo que alli vivia a dama que sob o pseudonimo de Diana, fôra o assumpto das maviosissimas poesias de Jorge de Monte-Mór, a mandaram chamar, e tratando-a com grande carinho, lhe fizeram muitas mercês, em memoria do poeta popularissimo. Ainda que ella tinha então 60 annos, mostrava evidentes signaes da sua passada formosura.

Os leitores desculpar-me-hão, espero-o, a minuciosidade com que conto estes e outros factos da nossa historia, em attenção ao desejo ardente que tenho de commemorar os nossos homens eminentes e os nossos factos gloriosos.

—

Monte-Mór-Velho, é tambem patria de Francisco de Pina e Mello, auctor dos dois poemas — *Triumpho da Religião* — e — *Conquista de Goa.*

—

D. Affonso V fez marquez de Monte-Mór-Velho, em 1472, a D. João de Portugal, segundo filho do marquez de Villa-Viçosa, que depois (este) foi duque de Bragança.

—

Foi alcaide-mór d'esta villa, D. João de Menezes *(o Picacino)* terceiro filho de D. João Tello de Menezes, senhor de Cantanhede, e de D. Leonor da Silva, filha de Ayres da Silva, senhor de Vagos.

Foi D. João de Menezes, governador da casa de dois principes — D. Affonso, filho de D. João II; e de D. João filho de D. Manuel. Foi aio do primeiro, e camareiro-mór do segundo.

Era cavalleiro de muitas prendas e cele-

[1] Só a sua ultima obra, que a morte interrompeu, era escripta em portuguez. Tinha por assumpto a descoberta da india.

A um que o alcunhou de ingrato á sua patria, por viver em Hespanha e escrever em castelhano, respondeu—*Não é muito que um filho seja ingrato a Portugal, visto que Portugal tem sido ingrato a tantos filhos.*—Proposição que tem tanto de triste, como de verdadeira.

bre na historia de Portugal, por acompanhar na carreira o principe D. Affonso, filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, quando o príncipe cahiu de um cavallo, nos campos de Santarem, a 12 de julho de 1491 (em uma terça feira, dia que os Menezes tinham por *aziago)*—O principe morreu d'esta queda, no dia seguinte. (Vide *Santarem.)*

Foi tambem, D. João de Menezes, alcaide-mór do Cartaxo, commendador (da ordem de Christo) da villa do Mogadouro, e commendador (da ordem de S. Thiago) da villa d'Aljustrel. Casou com D. Izabel, filha de Pedro Avendanho (alcaide-mór de Castro-Nuno) e de D. Ignez de Benavides. Não tendo filhos d'este casamento, applicaram as suas riquezas em obras pias.

Fundaram o convento de S. Francisco, do Cartaxo, reformaram o de Villa do Conde e principiaram o da Esperança, em Lisboa.

Foi D. João de Menezes um dos mais famosos capitães do seu tempo, pelo seu valor, instrucção e galanteria. Militou muitos annos na Africa onde era o terror dos infieis.

D. João II o fez governador d'Arzilla, onde em 1495, com duzentas lanças disbaratou 2:000 infieis, como depois com o mesmo numero de soldados, derrotou e pôz em fuga, 800 mouros, commandados pelos sobrinhos do Barraxe, e obrou alli outras muitas acções memoroveis e gloriosas.

Voltando á Africa, achou-se com D. Jayme, duque de Bragança, na tomada de Azamôr; e foi o primeiro que pregou a lança nas portas do castello. Ficou capitão general d'esta praça que defendeu com pasmosa constancia e extremado valor.

Estando Arzilla cercada por todo o poder do rei de Fez (sendo capitão de Arzilla, seu cunhado, D. Vasco Continho, conde de Borba) D. João com um valor inaudito, foi soccorrer a praça com a sua gente. Vendo isto o rei mouro (Muley Hameth) disse—*tanto melhor; mais christãos tenho na rede;* porem seus dois alcaides, *Barraxe* e *Al-Maradim* lhe responderam, que tivesse o maior cuidado e não contasse tanto com a victoria; porque, estando dentro da praça o *Picacino*, era pelo seu animo e sagacidade, capaz de lhe vir pôr fogo debaixo dos pés. E assim o praticou o audacioso portuguez, fazendo-os levantar o cêrco vergonhosamente.

Venceu, com Nuno Fernandes de Athaide, a famosa *batalha dos alcaides*. Finalmente, foram tantas e tão gloriosas as acções d'este intrepido capitão portuguez, que não cabem no curto limite d'este artigo; são dignas de longa escriptura.

Morreu em Azamôr, de que era capitão-general, em 15 de maio de 1514. Foi d'alli trazido o seu cadaver e o de sua mulher, e sepultados, na capella-mór da egreja do mosteiro de S. Francisco, da Cidade de Lisboa.

Aqui nasceu, em 1658, o célebre jurisconsulto, Manuel da Gama Lobo, lente de direito, na universidade de Coimbra, conego da Sé primacial de Braga, e desembargador do paço. Escreveu *Postillas* a varios textos do codigo. Morreu em Coimbra, em 1742.

—

Outros illustres varões, nas armas, nas virtudes e nas lettras tiveram esta villa por berço; mas a sua enumeração seria longa, pelo que me limitarei aos que ficam mencionados.

—

Teve esta villa quatro hospitaes — 1.º de *Santa Maria Magdalena*, para solteiras honradas — 2.º, o de *S. Pedro*, para casadas virtuosas — 3.º, o de *S. Martha*, para lazaros — 4.º. o de *Nossa Senhora de Campos*, para o restante e para molestias chronicas. Achamse todos hoje reduzidos a este ultimo, em razão dos muitos rendimentos que alguns dos nossos reis lhes tiraram, já para as freiras de Nossa Senhora de Campos, já para os hospitaes de Coimbra.

—

A *quinta de Santa Eufemia*, junto da villa, dos viscondes da Bahia, foi comprada por o doutor José de Seabra da Silva, no 1.º de março de 1782, por tres contos de réis.

—

No dia 22 de maio de 1874, teve logar, na freguezia de Santa Suzana da Carapinheira, d'este concelho, um facto que deixou os povos d'estes sitios em grande consternação: foi o seguinte—Andando muitos lavradores

a fazer os seus amanhos no campo, achava-se no mesmo serviço, Antonio Correia Façudo, de 38 annos, e tres raparigas de 18 a 26 annos, — estas donzellas, e aquelle casado, tendo 4 filhos. Ao meio dia em ponto, cresce uma pequena nuvem ao longo do sul do campo, e eis que rebenta um pequeno trovão, e são fulminados cahindo todos por terra, ficando o dito Antonio Correia, morto, assim como uma rapariga que se achava entre duas, as quaes ficaram sem falla.

—

O Mondêgo, sahindo do seu leito, por muitas vezes tem invadido os campos d'esta villa, cobrindo-os completamente, e chegando até ao largo da feira, que transforma em marnel.

—

Ha em Portugal uma familia, grande pelo numero de seus membros, grande pela nobreza do seu sangue, e ainda maior pelas raras virtudes que são o seu apanagio. São os srs. *Pintos Bastos*, vulgarmente conhecidos pelos *fidalgos da Vista-Alegre*, por terem alli vastas e riquissimas propriedades, uma sumptuosa casa, magestosa capella, e optima fabrica de porcellana (de que tratarei no logar competente).

Póde dizer-se afoitamente, e sem risco de ser desmentido, que NÃO HA EM PORTUGAL TÃO BENEMERITOS PATRIOTAS, COMO OS DA FAMILIA PINTO BASTO. Moderadissimos nas suas opiniões politicas, acolhem de braços abertos os homens de todos os partidos, uma vez que sejam honrados, uteis e trabalhadores.

As sciencias, a industria, a agricultura e o commercio d'este reino, lhes devem relevantissimos serviços; e o bem fadado appellido de Pinto Basto é geralmente bem quisto e respeitado em todas as oito provincias de Portugal.

Era chefe d'esta familia o sr. José Ferreira Pinto Basto, por ser o primogenito de outro de egual nome.

Vivia o sr. J. F. P. Basto, proximo d'esta villa, na sua vasta e riquissima *quinta da Fója*, que fôra do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (vide a pag. 38, col. 1.ª, d'este volume), e aqui falleceu, no dia 16 de junho de 1875. (Nasceu no Porto, a 3 de novembro de 1801.)

Intelligencia robusta e caracter honestissimo, foi sempre bondoso e caritativo para com os desgraçados, lhano e cortez no seu trato familiar, e conselheiro prudente e leal.

Exerceu por differentes vezes importantes cargos publicos, e foi representante do povo em varias legislaturas, servindo sempre com justiça o mandato que lhe outhorgaram os povos.

Possa esta breve commemoração, escripta por um homem inteiramente desconhecido á nobilissima familia Pinto Basto, servir de lenitivo á dôr acerba que n'este momento a angustia, pela perda irreparavel do seu querido chefe.

MONTE MURO ou **MONTE DO MOURO** (o *Murum* dos romanos) — Serra da Beira-Alta, no extincto concelho de Tendaes, hoje concelho de Sinfães, proximo da margem esquerda do Douro, 24 kilometros a O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa.

Na encosta septentrional d'esta serra está a villa de *Ferreiros de Tendaes*.

Monte-Muro, Franqueira, Castro (ou Crasto), S. Macario, Pernaval, Arouca, Freita, Caramullo e outras, são tudo serras da Beira-Alta (ramos da Estrella) projectando-se em varias direcções e conhecidas dos antigos sob o nome geral de *serra d'Alcoba*.

Pertencem ao systema geólogico denominado carpetano-vetonico.

Ainda que a serra de Monte-Muro (bem como as do Pernaval, Freita e Caramullo) seja bastante fria no inverno, estando então quasi sempre os seus pincaros cobertos de neve, não é o seu clima tão inhospito e desabrido como o da Estrella; e tanto que, desde os fins de novembro, até abril, para aqui emigram, com seus gados, os pastores da Estrella.

N'esta serra existe o castello de *Villar da Chan* (vulgarmente, *Torre da Chan*), construido pelo famoso Giraldo Giraldes, o *sem pavor*.

Para evitar repetições, veja-se o 3.º vol. a pag. 178, col. 2.ª

MONTE-MURO — São assim denominadas umas herdades do Alemtejo, na freguezia de S. Mathias, concelho, comarca, arcebispado,

districto administrativo e 6 kilometros a O. d'Evora, na estrada d'esta cidade para Lisboa.

Em tempos antigos estavam estas herdades, na sua maxima parte, por cultivar, e cobertas de estevas e matto. Uma dona que era senhora d'estas herdades, compadecida da falta de lenhas que padeciam os habitantes da cidade d'Evora, lhes deu licença para hirem a Monte-Muro cortar lenha e arrancar cêpa, para os seus fornos e cosinhas.

Não sei por que titulo passou depois ao dominio da camara municipal d'Evora, uma parte d'estas herdades, as propriamente chamadas de Monte-Muro.

Estas propriedades passaram, muito depois, em parte, a pertencer aos condes de Unhão, sob o nome de *Casas-Velhas*, e, depois que por elles foi reconstruido o edificio, se ficaram chamando *Herdades das Casas-Novas*.

N'estas herdades havia uma ermidinha, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, tão antiga, que já em 1600 se não sabia a data da sua construcção. Tinha apenas dois metros de comprido por 1m78 de largo, e a Senhora estava representada em um painel, pintado a oleo. Mesmo assim, era a Senhora de Guadalupe de grande devoção dos povos visinhos; mas, com o tempo, foi esfriando esta devoção, e a ermidinha se foi arruinando, pelo abandono.

Em 1606, sendo arcebispo d'Evora D. Alexandre de Bragança (filho dos duques de Bragança, D. João I e D. Catharina, neta do rei D. Manuel), mandou aquelle prelado fazer a visita á sua diocese, pelo licenceado Braz Camêllo.

Chegando este á herdade de Fernão Telles de Menezes (feito conde de Unhão, por Philippe IV, em 7 de junho de 1630), chamada *Casas-Novas*, onde havia um oratorio, na parede, e dentro d'elle um painel de Nossa Senhora de Guadalupe, e *vendo a indecencia com que elle alli estava, mandou que elle se desfizesse e demolisse.* (Doc. da camara de Evora, de 1606.)

O povo da freguezia de S. Mathias, não consentiu que esta ordem fosse executada, e requereram ao arcebispo que a mandasse suspender, obrigando-se a fazerem á sua custa uma nova e decente capella, com a imagem da padroeira em vulto. O prelado lhes concedeu isto, e, concertado o antigo oratorio, para alli ser provisoriamente collocada a imagem da Senhora, em quanto se não dava principio á construcção da nova capella.

Os principaes promotores d'esta restauração, foram — Manuel de Carvalho, Matheus Dias, João da Costa, e Pedro Fernandes Pichôrro, que foram os primeiros mórdomos da Senhora, na sua nova ermida.

Como o sitio em que estava a velha edicula era sujeito ás inundações da ribeira de S. Mathias, pediram á camara d'Evora que lhes deixasse edificar a capella e algumas casas para habitação de pobres que para aqui quizessem vir morar, para guardarem a capella (por ser até então o sitio êrmo) no local propriamente chamado Monte-Muro, propriedade da camara, cujos vereadores consentiram em todo o pedido.

Deu-se logo principio á capella, e estando concluidas, a capella-mór, á sachristia e parte do corpo da egreja, o arcebispo—já então D. José de Mello—a pedido do povo, deu licença, em 1609, para ser para aqui transferida a imagem da padroeira, poderem ter sino, e celebrarem os officios divinos; mas sob condição de darem, dentro de dois annos, dois mil réis de foro, para a fabrica da egreja. Isto foi estipulado por escriptura publica, feita nas notas do tabellião Manuel Rodrigues, que foi confirmada por Philippe III, por provisão de 22 de abril de 1610.

Em 28 de setembro de 1613, o mesmo arcebispo, D. José de Mello, consentiu, por carta sua, que o foro de 2$000 réis deixasse de ser pago pela confraria da Senhora, e o fosse pelos moradores das casas que se hiam construir junto á capella.

A camara d'Evora tinha ajudado a esta edificação com varias esmolas; mas, querendo que o templo se conservasse sempre com a devida decencia, resolveu ser a capella do padroado da mesma camara, e em nome d'esta, em 18 de dezembro de 1615, tomou o ve-

reador mais velho, Diogo Pereira Cogominho, posse judicial do templo, com assistencia do tabellião d'Evora, Balthazar Galvão de Mendanha.

Logo n'esse anno foi alli a camara encorporada, fazer a festa á Santissima Virgem, que foi esplendida, continuando d'alli em diante a fazer esta solemnidade á sua custa; nó dia 8 de setembro de cada anno (dia da Natividade da Virgem).

No mesmo dia se fazia a eleição dos mordomos do anno seguinte, sendo sempre juiz, um dos vereadores.

A camara designou para renda da capella, custeio das despezas do culto, e para se dizer uma missa em todos os domingos e dias santificados, uns *quartos* de terra junto á capella, que se arrendavam, e produziam uns 50$000 réis annuaes.

É este sanctuario de boa fabrica, com capella-mór e um cruzeiro, fechado por grades de ferro (mandadas fazer pela mãe de D. João de Mello, bispo de Coimbra), altar-mór e dois lateraes. O corpo da egreja tem 13 metros de comprido e 7 de largo, e a capella-mór 6 metros por 5 1/2, e toda de abobada.

Teve esta Senhora varias confrarias, alem da da camara, que todas a festejavam em dias differentes. A primeira que lhe fazia a festa era a irmandade da villa de Arrayolos, na 1.ª oitava do Espirito Santo, e depois a d'Evora, na 2.ª oitava. A confraria da parochia de S. Mathias (em cujo districto está a capella) fazia-lhe a festa na 3.ª dominga de agosto. A confraria de Monte-Mór-Novo, e outras mais, não tinham dia certo para a sua festa.

Finalmente, em quasi todo o anno era a Senhora de Guadalupe muito festejada, e concorrido este sitio por muitas romarias.

Consta que na grande peste de 1599, os moradores d'Evora fizeram voto de ir todos os annos em procissão a Nossa Senhora de Guadalupe (ainda então no antigo oratorio das casas dos Telles de Menezes) se terminasse o contagio, levando-lhe uma peça de prata (que uns dizem era da fórma de uma cidade; outros dizem que era um vaso ou outro qualquer objecto de prata.)

Esta devoção e offerta continuou por alguns annos; mas, com o andar dos tempos, se foi pouco e pouco esquecendo, até que se extinguiu.

—

Proximo ao sanctuario d'esta Senhora, tinham fundado os primeiros eremitas de S. Paulo da congregação da serra d'Ossa, em 1433, um erimiterio ou hospicio (ainda no tempo em que quasi todos os eremitas eram leigos) dedicado a Santa Catharina, virgem e martyr, e um dos altares da egreja d'este eremiterio era tambem dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe.

Este hospicio se extinguiu depois, convertendo-se em quinta ou granja pertencente ao collegio da mesma congregação da cidade d'Evora.

—

A indentidade do nome d'este sitio, com o da serra de Monte-Muro, da Beira-Alta (a antecedente) tem dado logar ao erro de alguns escriptores, que collocam o castello de Giraldo Giraldes, no Alemtejo, quando elle só existiu na Beira-Alta, proximo ao rio Douro, como fica dito.

MONTE-NEGRO—Vide *S. Julião ou Monte-Negro*, a pag. 425, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTE OLIVÉTE—Real mosteiro de Nossa Senhora da Conçeição, de frades agostinhos descalços, do Monte Olivéte, no valle de Xabregas, arrabaldes orientaes de Lisboa, na freguezia do Beato, concelho dos Olivaes.

Foi fundado pela rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV—lançou-lhe a primeira pedra, em 7 de maio, dia da Maternidade de Nossa Senhora (outros dizem que em 13, dia de Nossa Senhora dos Martyres) do anno de 1666, o infeliz D. Affonso VI, filho da fundadora.

Na egreja d'este mosteiro está a imagem de Nossa Senhora de *Copacavana*, que consta ser copia de outra do mesmo titulo, muito venerada no logar de Copacavana, partido de Omasuyo, bispado da Paz, no Perú.

Diz-se que *Copacavana* é palavra amarea (antigo peruano) que significa *logar, ou assento da pedra preciosa*.

Foi collocada na egreja esta santa imagem no 1.º de novembro de 1706.

Fôra a imagem mandada fazer (por pedido de um frade d'este convento) á custa de D. Thereza de Moscoso Sandoval Espinola Gusmão e Roxas, condessa de Santa Cruz (vide Monte-Mor-Novo) que, depois de completamente acabada, a levou na sua carroça para o convento das freiras agostinhas descalças, onde foi benzida, hindo no dia seguinte para o mosteiro de Monte Olivéte.

—

A ordem dos agostinhos descalços, teve principio n'este reino, em 2 d'abril de 1663: deu-lh'o a rainha D. Luiza de Gusmão, fundando no Valle de Xabregas dous conventos, o 1.º de religiosos; e o 2.º de religiosas, que se descalçaram no mesmo dia 2 de abril, que foi dia de Nossa Senhora dos Prazeres, em presença da mesma soberana, que lhes dera uma quinta que alli tinha, transformando em mosteiro metade do seu proprio palacio. Descalçaram-se cinco frades e cinco freiras: aquelles vieram do convento da Graça, de Lisboa, e estas do de Santa Monica, da mesma cidade.

Cada freira vinha em sua carroça, acompanhada de sua madrinha, que era uma das principaes fidalgas da côrte. Pararam na capella que tinha fundado D. Gastão Coutinho e que então era de Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, a qual estava ricamente ornada, e d'aqui principiou uma procissão até Xabregas, com as dez pessoas que se viam descalças, levando as freiras os rostos com veus. Hia toda a comunidade da Graça.

Os habitos da nova regra lhes foram lançados pelo padre mestre, frei José de Sotto-Maior, commissario geral da ordem. Toda a côrte assistiu a esta imponente ceremonia.

As freiras ficaram logo no seu novo mosteiro, em companhia da rainha; e os frades foram para o seu, fundado em uma quinta proxima, e quasi em frente do mosteiro das freiras. Esta propriedade tinha sido de Gonçalo Vasques da Cunha, e se chamava já — *Quinta do Monte Olivéte.*

A imagem da padroeira d'este convento (Nossa Senhora da Conceição) era de barro, feita por frei Agostinho dos Anjos, conego de S. João Evangelista (loyo) insigne esculptor em barro, e natural de Braga.

Na noite de sabbado, 23 de outubro, para a de domingo do anno de 1683, pela uma hora depois da meia noite, estando a egreja armada, por haver Lausperenne, estando os frades a rezarem matinas no côro, e muita gente na egreja; quando os frades chegaram ao psalmo 17.º *(Diligam te Domine fortitudo mea)* quando diziam—*Ascendit fumus in ira ejus, et ignis à facie ejus exarcit: carbones Succensi sunt ab eo* [1] — cahiu uma vela sobre o throno, que rapidamente se incendiou, e como a egreja era pequena e baixa (os religiosos ainda estavam no convento velho) e forrada de pinho de Flandres, em um momento se communicou o fogo para todas as partes, não tendo os frades mais tempo do que salvarem-se, levando apenas os livros por onde resavam. No curto espaço de duas horas, ardeu todo o edificio, sem que se podesse salvar cousa alguma. A imagem da padroeira, como era de barro, não o teve menor perigo.

Logo no domingo pela manhã, foi levado em procissão, o Santissimo da capella, que os frades tinham na cêrca, para a egreja das freiras, onde continuou o lausperenne. Á missa conventual, o padre frei José dos Martyres, subindo ao pulpito, fez um sermão que commoveu todo o auditorio, composto, pela maior parte, das principaes personagens de Lisboa, tanto pela sua nobresa, como pela

[1] Desço a estas minuciosidades por achar n'isto uma notavel coincidencia; muito mais porque na mesma noite do incendio expulsaram os inglezes, da cidade de Tamger (Africa) a todos os catholicos, apesar do que tinham estipulado com a nossa rainha D. Luiza de Gusmão na escriptura de casamento de sua filha, D. Catharina, com o rei da Gran-Bretanha Carlos II.—Na mesma noite queimaram os mouros todas as egrejas christans d'esta parte da Africa. Ainda mais. A darmos credito a escriptores contemporameos n'essa mesma noite cahiu a espada de D. Afso Henriqugs que estava em uma estatua d'elle, no frontespicio do real mosteiro d'Alcobaça — e tambem na mesma noite, appareceu despedaçada a espada, de pedra, da estatua de do rei D. Duarte (pae de D. Afffonso V que tomou Tanger aos mouros) no convento da Batalha. Todas estas coincidencias, deram então muito que fallar, e muito que scismar.

sua sciencia e pelos altos empregos que occupavam na côrte.

Ainda outra coincidencia — o *introito* da missa d'aquelle dia, era — *Omnia quæ fecisti Domine, in vero juditio fecisti* — de cujo texto tirou o sagrado orador todo o partido que lhe proporcionava a sua vasta intelligencia.

O mais que diz respeito a estes dois mosteiros, achal-o-hão os leitores no artigo *Xabregas*.

Monte Olivéte, é tambem o nome de uma rua de Lisboa, perto do antigo *collegio dos nobres*, hoje *escola polytechnica*.

MONTE PARABOLOSO, ou **MONTE PEROBOLSO**—Vide *Monte de Perobolso*.

MONTE-RAZO—Beira-Alta, a 6 kilometros a E. de Lamego e 8 ao S. do Douro, está situado este vasto monte, ficando lhe a N. O., a 2 kilometros de distancia, a celebre serra de S. Domingos de Fontello ou da Queimada, á qual o Monte-Razo excede em altura, mas não é impinado, nem ingreme, antes facil o accesso e suave a subida pela grande extensão da sua base, que abrange uma área de muitos kilometros, comprehensiva de parte das freguezias de Queimadella, Queimada, Tões, S. Romão, S. Thiago, no concelho de Armamar, e Salzedas, no concelho de Mondim da Beira.

Do seu longo vertice gosa-se para todos os lados um panorama extensissimo e encantador, avistando-se a cidade de Lamego, as villas de Mesão-frio, Villa Real, Tarouca, Armamar e outras innumeras aldeias; as serras de Santa Helena, Nave, Gralheira, Penude, Marão, Senhora da Piedade e outras, e maior ou menor porção de todos aquelles concelhos, que no artigo—*Fontello*—se disse divisarem-se da serra de S. Domingos, fronteira a este monte.

A sua mesma elevação torna Monte-Razo muito frio, mas em certas épocas do anno, em que a humida e densa neblina toma assento por dias, e ás vezes por semanas, nas povoações proximas, os moradores d'ella vão ao seu amplo cume, e alli recebem os beneficos raios do appetecido sol.

N'esta montanha não ha rochas graniticas, nem de outra especie de pedra, e difficil seria achal-a para construir um pequeno edificio: é porém na parte menor povoada de pinhaes e matto, em que abunda a caça; e na maxima parte cultivada e fertil em batatas e cereaes, mórmente centeio e trigo, de que se abastecem as freguezias a que ella pertence.

MONTE REAL—Freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 14 kilometros ao S. de Leiria, 140 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. João Baptista.

O povo apresentava o cura (nomeando trez presbyteros, dos quaes o bispo escolhia um) que tinha 90$000 réis (em trigo) e o pé d'altar.

Esta freguezia foi criada pelo bispo da Guarda, D. Pedro, prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, em 1512, desmembrando-a da freguezia de S. Thiago, de Leiria. Os freguezes ficaram obrigados á fabrica da egreja, capella-mór e sachristia, e ao ordenado do parocho, que era um alqueire de trigo por cada fôro inteiro, e os solteiros ou viuvos, metade; e 3$000 réis em dinheiro que lhe dava o prelado, além de todas as offertas parochiaes da egreja.

Tinha o cura obrigação de ir todos os annos á egreja de S. Thiago, de Leiria (então parochial) d'onde antes eram freguezes, nos dias do Espirito Santo e Corpo de Deus.

O bispo D. Martim Affonso Mexia, dispensou os parochos de Monte Real d'esta obrigação (liv. do registo, a fl. 32).

Havia no logar da Povoa de Monte Real, uma antiga ermida, dedicada a S. João Baptista, que serviu de matriz á nova freguezia, que foi principiada com 40 visinhos.

O cura tinha casa de residencia, dada tambem pelos freguezes. Aquelle tinha metade das ausentas, e a outra metade era para o cura de Carvide, com obrigação de ambos as rezarem nas suas egrejaa; porque no anno de 1632, o bispo, D. Diniz de Mello, desmembrou d'esta freguezia o logar de Carvide, para formar uma freguezia. [1]

[1] O povo de Monte Real, oppoz-se a esta desmembração, e houve pleito; mas tendo aggravado para o juizo da corôa, não tive-

O logar principal d'esta freguezia é a villa da Póvoa, que, como adiante se verá, se chamou antigamente *Camarreu*.

Aqui risidiu algum tempo o rei D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, pelos annos de 1292, e então a fez villae lhe deu foral, com muitos privilegios, liberdades e fóros, mudando-lhe o nome para Monte Real, e concedendo-lhe jurisdicção independente da de Leiria.

Está a freguezia situada sobre o monte da *Bóca*, sobranceiro ao *Campo*, de Leiria.

Além do foral, e para que esta freguezia mais facil e rapidamente se povoasse, lhe passou depois uma provisão, cujo theor é o seguinte:—(Traduçcão.)

«Em nome de Deus, amen. Saibam quantos esta carta virem, que eu, D. Diniz, pela graça de Deus rei de Portugal, *emsembra* (juntamente) com a rainha D. Isabel, minha mulher, e com o infante D. Affonso, meu filho, primeiro herdeiro, dou a fôro, para todo o sempre, o meu reguengo, que chamam Camarreu, que é no termo de Leiria, desde o fundo até ao cimo do monte chamado da Bóca; com suas sahidas e com todas as suas entradas, e com todas as suas pertenças e com suas *adêmas*[1] a todos os povoadores da minha *póbra* (póvoa) que se chama *Mon-Real*, e a todos os seus successores, por tal preito e sob tal condição, que elles *pobrem* (povoem) lavrem e *afruitem* todo o dito meu reguengo, e o *rompam* (arroteem) e deem a mim, e a todos os meus successores, em cada um anno, o quarto do pão, e de todo o outro fructo que lhes Deus dér; em salvo salvando, que o preço dos obreiros devessem a pagar do monte, e não déssem d'elles jugada, e das adêmas não devem pagar a mim fôro nenhum, e elles não sejam devidos a dar-me mais. E eu lhes devo dar *vigario*, ou juizes, assy como dou nos outros meus reguengos, para fazerem perante elles direito, e elles não devem ser demandados perante outrem, e eu devo lhes fazer abertas, sargentas e pontes, bôas e caminhaveis, onde quer que sejam mister; em esse meu reguengo, e manter-lh'os para todo o sempre; e, aquelles que morarem continuamente com suas mulheres, e com suas casas, no dito logar, devem ser *escusados d'hoste:* (isentos do serviço militar) e em todas as outras cousas, devem fazer fôro, como os mais do termo de Leiria, que moram ao longo dos da mesma villa de Leiria, tanto como elles tambem no *relego* (aqui significa reguengo: vide as palavras *relegado* e *relego*) como nas outras cousas.

«Em testemunho d'isto, dei aos ditos *pobradores*, esta minha carta, sellada com o meu sello de chumbo, em Lisboa, no primeiro dia de julho, da era de 1348 (20 de junho de 1310 de J. C.)—El-rei o mandou. *Bartholomeu Peres*, a fez.»

Esta provisão, ou carta regia, foi confirmada e mandada guardar inteiramente, por nova provisão de D. João I, em Santarem, no anno de 1425—por el-rei D. Duarte, em Lisboa, a 9 de dezembro de 1433—por D. Affonso V, a 5 de junho de 1439—pelo rei D. Manuel, a 10 de maio de 1504—por D. João III, em 18 de novembro de 1528—e, finalmente, pelo rei D. Sebastião, a 4 de junho de 1578; mas este rei não isentava estes povos de serem das ordenanças. Filippe IV tambem lhe confirmou estes privilegios, em 28 de junho de 1633.

Teve esta villa, hoje extincta, juiz ordinario, camara, com trez vereadores, e tinha por termo Segodim.

ram provimento, e a nova freguezia subsistiu.

[1] *Adêma* ou *adêmea*, não era terra de campo descoberto e raso, que todos os annos se lavra e cultiva, nem monte maninho, inculto ou bravio; mas sim uma terra fructifera e rendosa, entre o monte e o campo, susceptivel de toda e qualquer producção agricola.—*A quarta parte de todolos ffructos, e coisas, que Deus hy der, tambem da* adêmea, *come do campo: e do que arromperdes na charneca, o quinto.* (Doc. da Universidade, de 1345.) Em outro documento, tambem da mesma Universidade, de 1429, se lê: *A quarta parte de todo o pam e linho, que lhes Deus dér nas dictas terras, assy do campo, como* adêmea.

Em outros muitos documentos dos seculos XIII, XIV e XV se vê a palavra *adêma* ou *adêmea* empregada com a mesma significação.

Este termo principiava no *ribeiro do Frade*, e pela parte do campo, chegava da Bóca até ao mar.

—

O campo chamado *realengo* (o mesmo que *relêgo*—depois *reguengo*) foi empenhado por D. Affonso V, por contracto feito com o conde de Villa-Real, D. Pedro de Menezes, com as jugadas e oitavos, por 1:700 *bicas* de prata, que importaram em 8:000 crusados, com mais 247$600 réis—a rasão de 2$028 réis o marco, valor de então, e que correspondia a uma *bica;* reservando para si a alcaidaria-mór de Leiria, as sizas e a *judaría* [1] (Doc. do cartorio de S. Domingos, da Batalha.)

D. frei Francisco de S. Luiz, diz que os direitos de Leiria (jugadas, sizas, etc.) foram vendidos por D. Affonso V, ao conde de Villa-Real, senhor d'Almeida, D. Pedro de Menezes, em duas vidas, e com pacto de remissão, depois d'ellas, por 19:000 coroas, de 120 rêis (a coroa) que montavam então a 1:239 marcos, e onça e meia de prata, da lei da marca de Lisboa, a rasão de 1:840 reaes o marco. Esta venda foi feita em Evora, a 18 de março de 1475. Inclue varias condições, reservando os paços reaes de Leiria, a sua alcaidaria-mór, judaria, sizas, jugadas, etc.

O *campo realengo*, principia no logar da Barrosa, em frente d'elle, e vae correndo até ao mar, e pelo meio do rio, estando de uma e outra parte muitas povoações e freguezias, como é—da parte do mar, Barrosa, Barreiros, Amôr, Coucinheira, Monte-Real, Granja, Cravide, Passagem e Vieira—e da outra parte, Gandara dos Olivaes, Regueira de Pontes, Riba d'Aves, Ruivaqueira, Lagôa, Varzeas, Arroteia, e muitas outras aldeias, de uma e outra parte.

Até á ponte de Monte-Real, chama-se *Campo Velho*, e d'ahi até ao mar, se vae continuando de ambas as margens do rio, com diversos nomes, que são — Lacreiro, Paúl, Molhão, Volta, Campo da Pedra, etc.

Em todo este campo ha muitas lesirias, de differentes proprietarios, que pagavam de direitos, o terço dos fructos, excepto no districto de Monte-Real, onde *sómente* se pagava o quarto, por privilegio que lhe concedeu a rainha Santa Isabel. Ainda n'este districto havia algumas sórtes, que, por graça especial da mesma senhora, pagavam, uns o *quinto*, outros ainda menos.

Havia antigamente varios empregados (pagos pelas rendas do campo) para assistirem ás partilhas do pão, e para as mais diligencias precisas.

Alem d'este tributo, já bastante pesado, todos os que tinham sortes n'este campo, pagavam o dizimo, sem d'isso serem isentos os capitulares ou beneficiados da sé.

O prior-mór de Santa Cruz de Coimbra (a cuja jurisdicção pertenceu o futuro bispado de Leiria) e o clero d'esta cidade, doaram ao rei D. Diniz e a sua mulher, na era de 1347 (1309 de J.-C.) a terça parte dos dizimos (do pão sómente) d'este campo, no logar chamado *Comarinho do Monte da cabeça de D. Sancha* (é o monte da Bóca) desde o fundo (da raiz do monte) até ao mar.

Esta doação foi sob a condição de que, com o producto d'esta terça, se abririam e manteriam abertas, as vallas precisas para beneficio do campo; e que d'esta terça se não gastasse senão no rompimento e conservação das taes vallas. (Doc. do cabido de Leiria)

No mesmo cartorio existe um documento que prova que em 1441 (reinando D. Affonso V) já este campo era cortado por vallas.

—

No logar de Monte-Real, houve um palacio, ou mandado fazer por D. Diniz, ou por

[1] *Judaría* ou *judenga* era a siza que D. João II impoz aos judeus, em 1489 (vide *Segitorio.*) Não se confunda porém com *juderéga*, que era um outro tributo que pagavam os judeus, (tambem chamado dos *trinta dinheiros*) por cabeça, para lembrança de terem vendido Jesus Christo por 30 dinheiros. Em muitos documentos tambem se dava a este vergonhoso e vexatorio tributo—erradamente—o nome de *judaría* e *judenga*. Bem cara pagavam os pobres judeus a tal ou qual tolerancia que gosavam em Portugal!

elle reedificado, onde residiu, com sua mulher e a sua casa. Ainda há ruinas d'este paço.

—

Em 1807 se achou n'esta freguezia (proximo á nascente de agua mineral de que em seguida trato, junto de um penedo, cobrindo com um dos lados varias medalhas romanas, de cobre e latão, mettidas na cavidade de uma outra pedra; d'ellas fallo tambem adiante) um pequeno altar portatil, de 24 centimetros d'altura, que se conserva no gabinete de numismatica da bibliotheca nacional de Lisboa. É de marmore, e estava enterrado a uns 70 centimetros abaixo do solo. Tinha na frente a inscripção seguinte:

F. S.
..... FRONTO —
NIVS..... A —
VITVS .....
..... A. L.....

Já se vê que é intraduzivel, pela falta de muitas letras que a acção do tempo destruiu.

—

A 1300 metros a N.O. do sitio dos *Covões*, d'esta freguezia, junto á raiz de um pequeno monte, contiguo ao campo realengo, nasce em uma rocha, uma telha de agua mineral.

Este monte, pela sua structura e formação geologica, parece continuação do em que está situada a povoação de Monte-Real; sendo, pela maior parte, formado de saibro amarello, areia, argilla, e feldspatho-calcareo, mas, com tanta irregularidade, que parece um amontoado de pedras, de diversos tamanhos e especies, formando uma pedreira mixta.

N'esta zona de rochas, que caminha pela raiz do monte, e nas camadas de terra proximas, observam-se uns afloramentos brancos, de sabor algum tanto amargo e salino.

Nas escavações que mandou aqui fazer o bispo de Leiria, D. Manuel de Aguiar, em 1806, para se fazerem duas pequenas casas de madeira, para n'ellas se tomarem banhos, notou-se nas cavidades das pedras que se arrancavam e por onde a agua passava, certo deposito de côr cinzenta, muito friavel, e com cheiro sulphuroso. Em outras pedras se via, em pequena porção, oxido de ferro, ou ócre.

Em distancia de uns 30 metros da nascente da agua mineral, sente-se um cheiro hepatico, ou de ovos chocos.

Por onde corre a agua, deixa um sedimento cinzento-claro, quasi insipido, que, lançado no lume, arde, sem chamma, mas com fumo forte e suffocante, como o do enxofre. Mergulhando-se a mão na agua da nascente, sente-se calor, mas o thermometro F. mostra apenas 67°, e o de R. 15° 50.

A sua côr é quasi hyalina transparente, sabor hepatico, amargo, contendo gaz-hydrogenio-sulphurado.

São pois estas aguas *sulphureas hepaticas salinas frias*, contendo sulphato de magnesia, carbonato e muriato de sóda e gaz acido carbonico.

Ainda que frias, applicam-se em banhos, que se tomam sem incommodo notavel.

Ha todas as razões para acreditar que estas aguas já eram conhecidas no tempo dos romanos, porquanto, apezar de que na segunda escavação que aqui se fez em 1807, as medalhas e cippos que se acharam espalhados na terra, junto á fonte, não mostrassem inscripção alguma allusiva a esta agua, e ao seu emprego como medicinal, todavia, as legendas romanas das moedas, e a inscripção do altar (ou ára) que fica mencionada, provam exhuberantemente que os romanos conheceram estas aguas, e por aqui residiram, pelo menos temporariamente.

A maior parte das medalhas eram *frustras* (inuteis por se lhes não conhecer o cunho) — o resto d'ellas que ainda conservavam, no todo ou em parte, as gravuras primitivas, eram as seguintes:

1.ª — Um busto d'homem, com a legenda circular — IMP. ALEXANDER PIVS AVG. — no reverso — uma figura de corpo inteiro, tendo aos pés, de um lado, S. e do outro, C. — em volta, a legenda — PROVIDENTIA AUG.

2.ª — Apenas se póde ler — AVRELIVS.

3.ª — Só se lê — PHILIPPVS CESAR.

4.ª — Só se lê — ..... INA (a imperatriz Faustina?)

Ermidas d'esta freguezia

1.ª — A mais antiga — era *a de S. João Baptista*, na Póvoa de Monte-Real. Já disse que serviu por algum tempo de matriz da nova freguezia. — Foi demolida quando se fez a egreja parochial, ficando o padroeiro da capella a ser da freguezia. Estava n'esta ermida, de tempos immemoriaes e por auctoridade regia, estabelecido um bôdo (como o que havia nas Córtes, Reguengo, e Batalha).

Deixou de existir com a ermida.

2.ª — *Da rainha Santa Isabel.* Não tem rendas proprias, o culto e reparos é feito com esmolas. Foi feita na casa que foi paço de D. Diniz e da mesma santa, no logar da Póvoa. Foi mandada construir pelo bispo de Leiria, D. Martim Affonso Mexia, para obstar á obra que n'este edificio queria para si fazer o duque de Caminha, D. Miguel de Menezes. Tem confraria, e se lhe faz a festa no dia proprio.

3.ª — *Nossa Senhora da Esperança* — na *quinta do Ferro*, que foi de Manuel da Motta Madureira. Foi feita por Henrique da Cunha, em 1604, sendo bispo D. Pedro de Castilho. O fundador a dotou com renda sufficiente, por escriptura publica, que existe no archivo da meza episcopal. A sua primeira invocação foi de *Nossa Senhora da Consolação.* Disse-se n'ella a primeira missa, por licença do prelado, em 1605. (L.º do registo da camara ecclesiastica, a fl. 100 v.)

MONTE-REDONDO—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e 16 kilometros a de Leiria 150 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento, proveniente d'um alquere de trigo de cada fogo inteiro e 25 réis por um quartão de vinho, os meios fogos (solteiros e viuvas) metade, o bispo lhe dava 3$000 em dinheiro. Tinha mais as offertas da ermida parochial e das annexas e as ausentes.

Os logares de Monte-Redondo, Coimbrão, Ervedleira, e uns casaes e uns moinhos proximos, pertenceram até 1589, á freguezia de Souto. Os moradores d'aquelles logares e casaes, requereram ao bispo, D. Pedro de Castilho, para formarem parochia independente, o que o prelado lhes concedeu n'aquelle anno.[1]

Dm uma terra de prazo de commenoa de Alcobaça. havia uma ermida dedicada á Nossa Senhora da Piedade.

Esta terra andava emprasada a Antonio Fernandes e a sua mulher Lucrecia Bordeira. Pretenderam os povos a que a egreja matriz se edificam n'este sitio, emphiteutas consentiram de boa vontade acontecendo o mesmo pela paote do commendatario, fazendo doação livre do terreno, desistindo do do direito du apresentação do parocho, a que lhe dava direito a circunstancia de se fazer a egreja no seu chão.

Os freguezes ficaram obrigados á fabrica da egreja, capella-môr, sachristia e casas de residencia do arocho. assim como ao ordenado d.este, que era o que fica dito.

A egreja matriz é pequena. No altar-môr esta a padroeira, em nicho de pedra. dourado e pintado, tendo o Senhor morto nos boaços. Tem dois altares lateraes.

Ha n'esta freguezia a *capella de Santo Aleixo*, muito pequena, e em uma mattinha, no sitio do Paço. Não tem fabrica, pelo que n'ella se não diz missa.

Ha tambom a *edicula de Nossa Senhora das Mercês*, na quinta que foi de Diogo Pimenta. Tambem não tem fabrica, nem é benta, e nunca aqui se disse missa.

MOMTE-REDONDO—freguezia, Extremadura, comarca, conselho, e kilometros ao de Torres Vedras 40 ao N. O. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 37 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Os beneficiados de S. Miguel de Torres

[1] Já em visita, no anno de 1574 tinham estes povos pedido para constituirem freguezia; porem respondeu-se-lhes que requeressem ao prelado diocesano. s que fizeram.

Vedras apresentava o cura, que tinha 60$000 réis, que lhe davam os beneficiados, e 40 alqueires de trigo e um quarto de vinho, dado pelos freguezes.

Foram senhores donativos d'esta freguezia *Feios*, ou *Fêios*, que procedeu de Martim Gil d'Athayde, cognoniminado *o Feio*, e de D. Elvira Annes. D'estes descendeu Pero *Fêo* estribeiro-mór de D. Affonso V e Lopo Alvares Fêo cunhado do cardeal D. Jorge da da Costa, e porgenitor da noblissima casa de *Pancas*.

Os Feios trazem por armas, em campo azul, tres bandas de purpura, perfiladas de ouro. Timbre, um leão, rompente, de prata, bandado e armado de purpura.

Alem da casa de Pancas, aparentada com as mais nobres casas de Portugal, ha em diversas partes d'este reino varios ramos dos *Feios*, distinguindo-se alguns dos seus membros pelos importantes logares que occupam na republica, principalmente na magistratura, onde muitos d'elles teem brilhado, já como escriptores juridicos, já como julgadores.

Note-se que *fêo* é tambem uma antiga palavra portugueza, e o mesmo que *fêno;* mas não o a que actualmente se dá este nome, herva bem conhecida. O fêno ou fêo dos antigos, é a rama (ou *agulha*) sêcca de pinheiro, que nas provincias do norte se chama, em umas partes *carva*, em outras *carúma*, e em outras *moliço*.

MONTE REDONDO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentava o abbade, que tinha 350$000 rs. de rendimento annual.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e tem muita caça.

Consta que antigamente os parochianos da actual freguezia de S. Payo, dos Arcos de Valle de Vez, pertenciam a esta freguezia de Monte Redondo, até que aquella foi creada no meado do seculo XVI; porém isto não passa de tradição.

MONTE-SIÃO — Outeiro, Extremadura, (ao S. do Tejo) na freguezia da Amóra e Corrôios, concelho do Seixal, comarca d'Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 18 kilometros ao S.— (Vol. 1.º, pag. 201, col. 1.ª)

No plató d'este outeiro está edificada a egreja matriz da freguezia, cujo orago é *Nossa Senhora do Monte-Sião*, nome tomado do sitio.

Em volta d'este outeiro ha outros, que, por serem de menor altura, lhe não limitam os horisontes; pelo que d'elle se gosam bellissimas vistas de povoações, outeiros, cearas, pomares, vinhas e hortas, e o bello e magestojo rio Tejo.

Consta por tradição, que uns negociantes da *carreira da India*, trouxeram do reino de Sião, uma imagem da Virgem, e a collocaram em uma ermida que lhe construiram no sitio da egreja actual; porém não merece credito similhante tradição, porque, todos sabem que só no principio do XVI seculo principiámos as nossas navegações para o Oriente, e a capella já existia no fim seculo XIV, do que ha documentos no cartorio da Sé patriarchal.

É provavel que a devoção dos fieis para com esta Senhora, os levasse a ampliar a primitiva capella, dando-lhe as actuaes dimensões, de modo a poder servir de matriz da parochia.

—

Na capella da padroeira, está a sepultura de D. Marcos de Noronha, filho d'outro do mesmo nome, naturaes d'esta freguezia. Tem um epitaphio enumerando os póstos e empregos que teve em Portugal.

Segundo se collge do *Sanctuario Marianno* (vol. 2.º, pag. 448), ainda em 1707 não era esta egreja, parochial. Resumo aqui o que n'aquella obra se diz a este respeito.

Não ha muitos annos (estamos em 1707) mataram n'esta freguezia um cavalleiro dos principaes d'ella, chamado Jeronymo Gomes do Amaral, com o qual tinha tido algumas razões, um outro cavalleiro, por nome, Sebastião da Gama Lobo, da freguezia d'Ar-

rentella, que, por isto ficou indigitado como assassino, o que muito o affligia, por estar innocente. Invocou o patrocinio da Senhora do Monte-Sião, e lhe fez uma novena, para que o assassino fosse descoberto. No fim d'ella, lhe appareceu em casa um individuo, confessando ter morto o Amaral involuntariamente; com cujo acto ficou justificado Lobo como innocente.

Este, em acção de graças, gastou muito dinheiro em obras *da capella.*

Da mesma obra consta porém, que já então aqui havia pia baptismal, pois n'ella foi baptisado um filho de Lobo, posto que nascido na freguezia da Arrentella (d'onde a da Amóra se veio depois a desmembrar, para formar parochia independente.)

MONTE-VIL—Vide *Mont'alvo.*

MONTE-VIRGEM — freguezia, Alemtejo, concelho e comarca do Redondo (foi da comarca de Monsaraz), 30 kilometros d'Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 57 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Monte-Virgem (antigamente, S. Mathias).

Arcebispado e districto administrativo de Evora. A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de pão.

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes e vinho.

MONTE-VISEU ou **ORGENS**—logar, Beira-Alta, na freguezia, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Viseu, d'onde dista 2 kilometros a O., na encosta de um monte, tendo ao sopé um fresco, ameno e deleitoso valle. É um dos mais bonitos sitios dos arrabaldes da cidade, pelos seus bosques umbrosos, regados por varios arroyos.

Havia n'este sitio uma antiquissima ermida, dedicada a S. Domingos, pertencente ao cabido. Frei Pedro d'Alemanços, frade franciscano, pediu ao cabido a cessão d'esta ermida, para fundar um mosteiro da sua ordem (que foi dos mais antigos do reino).

Com a annuencia do cabido, sendo bispo D. João Homem, e por breve do papa João XXIII, deu fr. Pedro principio ao mosteiro, em 1410.

Passou depois o convento a ser vigariaria do de Santo Antonio de Viseu.

Na pequena egreja d'este mosteiro, havia uma capella de Nossa Senhora da Conceição, da qual foram padroeiros os Mesquitas Castellos-Brancos, de Viseu.

Nossa Senhora de Monte-Viseu, ou de Orgens, era objecto de grande devoção dos povos de Viseu e de todo o seu *áro.*

Varias vezes n'esta obra tenho fallado em *áro, tombo do áro,* etc. — Julgo a proposito (para os menos instruidos) dar aqui a significação d'esta palavra.

Áro, no antigo portuguez, e ainda usado em algumas terras do norte, significa — arco, circumferencia, contiguidade, visinhança, termo, suburbios ou arrabaldes de uma cidade, villa, ou qualquer grande povoação, que fica no centro d'elle. Assim, dizem os foraes, emprasamentos, védorias, apégações, etc. dos nossos passados — *áro do Porto, de Lamego, de Bragança, de Viseu,* etc. etc.

(Vide *Viseu.*)

MONTEIRAS—freguezia, Beira-Alta, concelho e comarca de Castro-Daire, 18 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de Castro-Daire apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra bastante fertil. Cria muito e bom gado, e é muito abundante de caça, do chão e do ar.

MONTEIRO-MÓR—O officio de monteiro-mór, respeitava antigamente só a caça de montaria; assim como o de caçador-mór, ou falcoeiro-mór, a caça do ar. Depois uniu-se tudo em um só officio, com o titulo que serve de epigraphe a este artigo. Deu-lhe *regimento,* D. Philippe III, em 20 de março de 1605.

Acham-se monteiros-móres, desde o rei-

nado de D. Fernando I, em que Duarte Nunes de Leão, na sua chronica, menciona, como monteiro-mór d'aquelle monarcha (em 1379) Gonçalo Annes (a que outros chamam, Gonçalo Ayres).

Gil Martins Doutel, foi monteiro-mór de D. João I, por carta regia de 2 de maio de 1385, datada da cidade do Porto. Em 26 de agosto de 1424, o mesmo soberano, estando em Bellas, deu este officio a Lopo Vaz de Castello-Branco. (Este Lopo Vaz, é progenitor dos condes de Pombeiro, marquezes de Bellas.) — N'esta carta declara o rei, que o faz monteiro-mór, *sobre todos os monteiros das comarcas.*

Este Lopo se achou na tomada de Ceuta (Africa) e teve o mesmo officio nos reinados de D. Duarte e de D. Affonso V — Lopo Vaz de Castello-Branco, era casado com uma filha de Antão Passanha, um dos filhos do 4.º almirante, Lançarote Passanha.

No reinado de D. João II, teve este officio, D. Diogo Fernandes de Almeida, em 1482. Em 6 de janeiro de 1486, por carta datada de Santarem, onde então estava o rei, foi feito alcaide-mór de Torres-Novas.

Em 1497, tinha este officio, D. Alvaro de Lima, reinando D. Manuel; seguindo-se-lhe, no mesmo reinado, D. João de Lima, e a este, D. Luiz de Menezes, que o foi ainda de D. João III.— Seguiu-se n'este reinado, Jorge de Mello (a quem o rei fez do seu conselho, em Almeirim, a 22 de maio de 1524).

D'aqui em diante, continuou o officio de monteiro-mór, nos descendentes de Jorge de Mello, até ao reinado de D. João V, em que o foi D. Henrique de Noronha (filho 2.º de D. Pedro Antonio de Noronha, 1.º marquez d'Angeja) pela alliança com D. Maria de Mello, sua sobrinha, filha do ultimo Francisco de Mello. Foi monteiro-mór por alguns annos, e, morrendo sem successão, tornou a viuva a casar, com Fernão Telles da Silva (3.º filho do conde de Tarouca, João Gomes da Silva), que, por sua mulher, teve o officio, por carta de janeiro de 1728.

Ainda até ao reinado de D. Maria I, era o emprego de monteiro-mór, um officio com exercicio, depois passou a ser um titulo méramente honorifico.

MONTELAVAR—Vide *Monte-Lavar.*

MONTE-NÊGRO — Vide *Julião de Montenegro (São)*, a pag. 425, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTES —Vide *João dos Montes (São)*, a pag. 414, col. 1.ª do 3.º vol.

MONTESINHO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, Bispado e districto administrativo de bragança (esta freguezia está perto da raia hespanhola), 60 kilometros ao N. de Miranda, 490 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 14 fogos, e em 1852, 20.

Orago Santa Cruz.

O reitor de Carragosa apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexada a Carragosa. (Vol. 2.º, pag. 117, col. 1.ª)

Era uma parochia muito antiga, pois que já existia em 1324. — O mosteiro de Castro d'Avellans, se intromettia a pôr *mempastores* (juizes) nas aldeias e logares cuja jurisdicção civil pertencia ao rei. N'aquelle anno, D. Affonso IV prohibiu este abuso, praticado em varios logares, e nomeadamente em *Montesinho* e *Quintanilha.* Vide *Carragosa*, no logar citado.

MONTES-CLAROS—aldeia, Alemtejo, freguezia, concelho e 2 kilometros de Borba, comarca e 12 kilometros de Estremoz, 4 de Villa Viçosa, no arcebispado e districto administrativo d'Evora. Situada em uma vasta planicie. Aqui houve uma grande batalha, no dia 17 de junho de 1665, entre os portuguezes, commandados por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e 1.º marquez de Marialva; e os castelhanos, commandados pelo marquez de Carracêna; sendo estes completamente desbaratados. (Para evitar repetições, vide vol. 1.º, pag. 418, col. 2.ª) [1]

Esta batalha gloriosa, foi dada proximo ao convento de Nossa Senhora da Luz, de frades paulistas, chamado vulgarmente *convento de Montes-Claros*, cuja origem é a seguinte:

Em um valle deliciosissimo, não só pela

[1] Em memoria d'esta batalha, erigiram os portuguezes, pouco depois d'ella, e no sitio onde se deu, uma egreja, dedicada a *Nossa Senhora da Victoria.*

abundancia d'aguas que o regam e fertilisam, como pelos outeiros que o cercam, cobertos de hortas e pomares, fundaram uns erimitas, pelos annos de 1416, reinando D. João I, um oratorio, dedicado a Nossa Senhora da Luz, e casas para residencia d'elles.

Viviam estes anachoretas sem regra monastica, empregando-se em doutrinar e instruir os povos, e em orar a Deus, até que, em 1584 foi confirmada a ordem dos monges de S. Paulo, 1.º eremita, por bulla do papa Xisto V; e estes religiosos, em um capitulo celebrado no mosteiro de Valle do Infante, no anno seguinte, se sujeitaram a nova regra, tomando por sua padroeira a da antiga ermida.

Eram estes religiosos muito estimados em toda a provincia geralmente, e em particular, pelos duques de Bragança — que residiam em Villa Viçosa — pela humildade e pobreza voluntaria em que viviam, e pelas muitas virtudes que praticavam.

As senhoras da casa de Bragança, mandaram fazer uma nova imagem (de róca) de Nossa Senhora da Luz, constituindo-se suas *aias*, e lhe deram riquissimos vestidos.

A duqueza, D. Leonor de Gusmão, mulher do duque D. Jayme, vinha muitas vezes visitar esta Senhora, e lhe fez muitas e valiosas offertas.

A duqueza, D. Luiza de Gusmão (filha do duque de Medina-Sidonia e mulher do duque D. João, depois rei, 4.º do nome) tambem teve muita devoção com esta Senhora, e quando se foi para Lisboa, já como rainha, a deixou muito recommendada ás suas damas que ficaram nos paços de Villa-Viçosa.

Diz a lenda que, quando o duque D. Jayme assassinou a sua esposa (a dita D. Leonor de Gusmão, filha de D. João de Gusmão, 3.º duque de Medina-Sidonia) na noite de 2 de novembro de 1512 (vide *Villa-Viçosa*, no logar competente), mandára metter o cadaver em um caixão e collocal-o sobre uma mulla, a qual, sem que pessoa alguma a guiasse, foi ter ao mosteiro de Montes-Claros, onde os religiosos lhe deram sepultura.

O que é certo, é ter aqui sido sepultada a duqueza, até que provada plenamente a sua innocencia, foi seu cadaver trasladado para a egreja do mosteiro das freiras das Chagas, de Villa-Viçosa, onde jaz.

No artigo *Villa-Viçosa*, tratarei do mais que respeita a este mosteiro.

MONTES DE PIEDADE e CELLEIROS COMMUNS — Nas côrtes que se celebraram nos paços da Ribeira, em Lisboa, (as 27.as d'este reino) sendo regente a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião — que assistiu ás mesmas côrtes, tendo apenas 8 annos de edade — (1562-1563) — (Pag. 397, col. 1.ª do 2.º vol.) pediram os procuradores dos póvos, que, onde houvessem rendas do concelho, se instituissem *celleiros communs*, para supprimento de annos estereis; o que foi approvado pelos tres estados.

De alguns dos capitulos das côrtes de Thomar, que Philippe II fez convocar em 1581, deprehende-se que semelhante pedido foi sanccionado.

Principiaram logo na provincia do Alemtejo a estabelecer-se estes celleiros communs, e esta instituição em breve se propagou por todo o reino; mas no Alemtejo havia mais do que em todas as outras provincias juntas, sendo o maior d'aquella, o de Beja, que ainda existe, bem como muitos outros.

Foi uma lembrança feliz, que em annos de fome tem por muitas vezes arrancado das garras da usura, aos lavradores, fornecendo-lhes por um juro modicissimo, sustento e sementes.

Notemos que, apezar de ser hoje moda, dizer mal dos frades e dos fidalgos, e de tudo quanto lhes dizia respeito, os povos, sobretudo as familias pobres (os *proletarios*, como agora se diz) lhes deviam grandes beneficios; pois, alem das esmolas das portarias, e do immenso numero de familias que empregavam, dando-lhe pão e trabalho, em muitos conventos e em muitas casas de fidalgos opulentos, estava em uso (em muitas partes até por condições expressas nas doações, ou nos regulamentos dos mosteiros, e nas instituições dos vinculos dos fidalgos) não se abrirem as suas tulhas ou celleiros,

senão no 1.º de janeiro, ao Sul; e no 1.º de maio, ao Norte. D'este modo, em anno de fome, os pobres achavam n'estas tulhas ou celleiros, os cereaes e legumes por um preço relativamente modico, e livravam se da avareza dos productores, que se quizessem prevalecer das circumstancias. Hoje, que não ha celleiros monasticos, e que tambem quasi os não ha de fidalgos, devia o governo tomar a iniciativa d'este caritativo melhoramento, fazendo estabelecer em todos os concelhos, estes celleiros communs, ou outra qualquer instituição que vantajosamente os substituisse.

—

Os Montes de Piedade, eram tambem umas instituições caritativas, e que grandes beneficios proporcionaram aos necessitados, emprestando-lhes dinheiro por um juro limitadissimo, sobre qualquer objecto, quasi pelo seu valor, livrando os mutuarios da voragem dos onzeneiros.

Ignora-se onde e quando os *montes de piedade* tiveram principio. Suppõe-se que foi na Italia, no seculo XV, e que d'aqui passaram á Baviera e depois á França, e por fim a toda a Europa. As *caixas economicas* francezas, são tambem uma especie de montes de piedade.

Em Lisboa e Porto, estão ha bastantes annos estabelecidas caixas-economicas, onde o mutuario acha, pelo juro de 8 %, recursos para occorrer ás suas necessidades mais urgentes, sem a desgraça de cahir em poder dos usurarios que emprestam a 100 %.— Pena é que a estes providentes estabelecimentos se não tenha dado maior latitude.

MONTOITO ou **MONTOUTO**—villa, Alemtejo, concelho e comarca de Redondo (foi da comarca de Monsaraz) 30 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano.*

É povoação muito antiga, mas não consta que tivesse foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de outubro de 1517. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 108, col. 1.ª—Veja-se na gaveta 6.ª, maço 1.º, o n.º 221 — e o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 10.)

N.B. Este foral acha-se repetido no mesmo livro de foraes novos do Alemtejo, a fl. 110 v., col. 2.ª

É uma povoação pequena e não me consta que tenha nada de notavel.

O seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha muita caça.

Foi couto, com justiça propria, mas vinha um escrivão de Monsaraz fazer as audiencias. A camara era composta de dois vereadores e do juiz ordinario, que era o *vereador mais velho e juiz pela ordenação.*

Foi commenda da Ordem d'Aviz, e a meza da consciencia apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de congrua (parte pago em cereaes) e o pé d'altar.

MONTOUTO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Vinhaes (foi do concelho, extincto, de Santalha, comarca de Bragança), 80 kilometros de Miranda, 490 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 31 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam alternadamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada proximo da raia hespanhola. É fertil e cria muito gado de toda a qualidade. Nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

O augmento da população, de 1757 para hoje, não é porque ella se tenha desenvolvido; mas porque se lhe uniram as pequenas freguezias de *Casares*, *Cerdêdo*, *Carvalhas*, *Landêdo*, e *Villarinho das Touças*. (Vide vol. 2.º, pag. 144, col. 2.ª, na palavra *Casares.*)

MÓO—portuguez antigo—*Mó.*

MÓOLO ou **MÓOLLO**—portuguez antigo—mólho, peixe pequeno.

MOORDOMO — portuguez antigo — mórdomo, feitor.

MOOZINHO — portuguez antigo — tambem

se dizia *mósinho* e *mousinho*. Vide col. 1.ª da pag. 348 d'este vol., na palavra *moçoco*— e col. 2.ª, da pag. 365, do mesmo vol., na palavra *molachino*.

MOQUE ou **ALFITRA**—portuguez antigo—um dos quatro tributos que os mouros conquistados e ainda não convertidos, pagavam aos reis de Portugal. Era a decima dos seus gados. Além d'este, pagavam tambem o *azaqui*—a decima de todos os fructos das suas terras; o tributo de *cabeça*, ou pessoal, que pagavam no 1.º de janeiro de cada anno; e, finalmente, a *quarentena*, que era de 40—1 (2 $^1/_2$ $_0/^0$) de tudo quanto possuiam. Em 1170, D. Affonso Henriques, e seu filho D. Sancho (depois 1.º do nome) deram carta de segurança aos mouros forros de Lisboa, Almada, Palmella e Alcacer do Sal, para que, *nem christão nem judeu lhes podesse fazer mal; e que podessem d'entre elles eleger um alcaide, que decidisse os seus negocios e contendas, impondo-lhes os tributos annuaes— um maravidi por cabeça, depois que podessem ganhar a sua vida*; alfitra e moque, *e a decima de todos os seus trabalhos* (que era o azaqui) *e que amanhariam as vinhas da corôa, e que venderiam os figos e o azeite do rei, pelo preço da villa.* Esta carta confirmou depois a rainha D. Dulce, e suas filhas (as rainhas D. Thereza e D. Sancha—Vide Lorvão e Monte-Mór-Velho) e D. Soeyro, eleito de Lisboa. [1] D. Affonso II tambem confirmou esta carta, em 1220.

MÓRA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Monte-Mór-Novo (foi da comarca de Arrayolos) 40 kilometros ao N. de Evora, 24 ao O. de Aviz, 12 ao S. de Montargil, 6 ao O. de Cabeção, 30 ao OSO. das Galveias, 100 ao SE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

O concelho é composto das 4 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Evora— são—Aguias (ou Brotas) Cabeção, Móra, e Pavia. Todas estas freguezias foram desmembradas do concelho de Monte-Mór-Novo, para formarem este. É povoação antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada. Tambem não consta que tivesse foral velho. D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 23 de novembro de 1519. *(Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 113 v., col. 2.ª)

Era commenda da ordem de Aviz, que, além do prior, apresentava (pela mesa da consciencia) um beneficiado.

Ha na freguezia tres ermidas—S. Sebastião, S. Pedro e S. Julião.

Tem casa de Misericordia e hospital, cujo rendimento foi em 1874, de 1:863$545 réis.

O termo de Móra, ainda que pequeno, tem grandes montados, onde se criam muitas *varas* de porcos, e outros gados; tem muitas colmeias que produzem mel e cêra, de optima qualidade, e são abundantissimos de caça, grossa e miuda.

O seu territorio é muito fertil em todos os generos do paiz, sendo os seus vinhos de superlativa qualidade.

É esta villa banhada, pelo N., pela ribeira do seu nome, que rega e fertilisa seus pomares (de excellentes fructas) hortas e cearas, e a provê de optimo peixe.

MÓRA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca a 24 kilometros de Miranda (foi da comarca do Mogadouro) 450 kilometros ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 23 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança. O reitor de Algoso apresentava o vigario, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi no principio d'este seculo supprimida, por pequena, e annexada á da villa de Algoso.

MORADÉA—portuguez antigo—moradia, residencia, morada, e tambem casaria. *E relinquimos a* moradéa *ao dito moesteiro.* (Doc. de Alpendurada, de 1312 e 1313).

[1] D. Dulce foi mulher de D. Sancho I. Era filha de Raymundo Berengario (5.º do nome) conde de Barcelona, e de D. Petronilha, rainha de Aragão.

Diz-se *moradia* a um pequeno ordenado que dão os reis de Portugal e Hespanha aos moços fidalgos que servem nos paços reaes, e por isso se diz—*moço fidalgo com moradia*, e mais vulgarmente hoje—*com exercicio no paço*.

MORAES—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, (foi até 1855, do concelho de Izeda, comarca de Chacim) 40 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Foi n'esta freguezia o solar dos *Moraes* que d'ella receberam o appellido, ou lh'o imposeram como nome. Tanto a povoação como esta familia, são muito antigos, pois já em 1217, reinando D. Affonso II, aqui vivia Gonçalo Rodrigues de Moraes, cujo brazão d'armas (que passou aos Moraes, seus descendentes) é—escudo dividido em palla; na 1.ª, de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro, com telhado d'oiro, grimpado de uma bandeira de prata, contra-chefe de ondas d'azul e prata—na 2.ª, de prata, uma amoreira verde, com raizes—contra-chefe estreito de terra—elmo d'aço, aberto—timbre, a torre das armas.

Outros do mesmo appellido. usam só—escudo dividido em palla—na 1.ª, d'ouro, uma amoreira verde—na 2.ª, de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro: contra-chefe estreito, d'ondas d'azul e prata. O mesmo elmo e timbre.

Os Moraes e Veras, trazem por armas—escudo dividido em palla—na 1.ª, de prata, uma amoreira verde—na 2.ª, d'ouro, duas bandas negras—o mesmo elmo e timbre antecedentes.

Moraes ou *amoraes*, é portuguez antigo—significa logares plantados de amoreiras—amoreiraes.

MORANGAL—quinta vinculada, Douro, na freguezia d'Espinhel, concelho e comarca d'Agueda, bispado de Aveiro. Foi dos Almeidas. Em 1580, Francisco Pinto d'Almeida e sua mulher, D. Leonor, fundaram junto ás casas nobres d'esta quinta, uma excellente capella, de formosa cantaria, dedicada a Nossa Senhora da Esperança.

Pelos annos de 1710, D. Christovam de Santa Maria, conego regrante de Santa Cruz, de Coimbra, e bisneto dos fundadores da capella (e instituidores do vinculo) a reedificou com grandes magnificencia. É ainda dos *morgados do Morangal*.

Esta quinta já existia no tempo dos godos, e foi occupada por uma familia mourisca, desde 720 até 1064. Então, restaurando D. Fernando Magno, de Leão, a cidade de Coimbra e todo o seu vasto territorio, do poder mauritano, os monges do mosteiro da Vaccariça, na Bairrada (Mealhada) justificaram pertencer-lhes as povoações de *Moçarros* (hoje, Villa Nova de Monssarros, no concelho e comarca da Anadia) com a sua egreja; *Sangalhos; Barrô*, com a sua egreja; *Morangaus* (Marangal) *Tamengos; Hortr; Ventosa; e Cepins*: além de outras povoações menores.

Vê-se pois que a casa do Morangal, e a povoação do mesmo nome, são antiquissimas.

MORDOMO DA CURIA [1] (mórdomo-mór da casa real.) Antigo emprego da côrte.

Não se sabe quando nem onde teve principio, mas já existia no reinado de Dagoberto 1.º, de França (628 a 638 de J. C.).

Da França passou á Hespanha, no tempo dos godos, e d'estes, aos reis de Oviedo, Leão, Galliza e Castella; e depois a Portugal.

O conde D. Henrique teve mórdomo-mór; e é certo que já existia este emprego em Portugal, pois que em 1112, do 1.º anno da viuvez de sua mulher D. Thereza, regente do reino na menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques (que tinha então 3 annos, ou pouco menos) em uma escriptura de doação que esta senhora fez a Froyla Spasso, da egreja de Santa Leocadia, em terra de Bayão, se nomeia Gonçalo Rodrigues, *mórdomo* da casa da rainha. Mas no tempo do

[1] Mórdomo vem das palavras latinas—*maior-domus*—quer dizer—*o maior da casa*.

conde D. Henrique, de D. Affonso VI, de D. Garcia, etc., tinha este emprego differentes nomes, como adiante se dirá.

Em 1113, já exercia este officio, Egas Gozendes, de Bayão, como consta de outra escriptura da mesma rainha, pela qual doou a D. Anião Vestrariz (outros dizem, *Anião Estrada*) a villa de Góes.

Ainda em 1116 era mórdomo da rainha o referido Egas Gozendes.

Este D. Anião Vestrariz, era um senhor asturiano, que povoou a villa de Góes, em 1130, ou pouco antes.
(Vol. 3.º, pag. 283, col. 2.ª.

—

No *regimento dos mórdomos-móres*, se diz *Mórdomo-mór, quer dizer como o maior homem da casa d'el-rei, para ordenar quanto é em seu mantimento, etc.*

D'elle dependiam os officiaes e creados da casa real, e por sua ordem se lhes pagavam as moradias. Provia varios officios, mandando passar alvarás de provimeno. Admittia os *vassallos* do rei a differentes graus ou fóros de nobreza, senão havia defeito para que fosse necessario o supprimento do monarcha.

No tempo dos antigos reis de Castella, era de tanta importancia este emprego, que elles o davam aos seus primogenitos. O infante D. Fernando, 1.º filho de D. Affonso, *o sabio*, foi mórdomo-mór de seu pae. O infante D. Pedro, o foi de D. Fernando IV,— O nossso rei D. Diniz, fez mórdomos-móres a seus filhos naturaes, D. Affonso Sanches e D. João Affonso. Finalmente, os reis de Portugal, sempre escolheram para seus mórdomos-mores, entre os ricos-homens, e senhores de terras, da primeira nobreza.

O nosso rei D. Diniz que deu o *Regimento dos mórdomos-móres*, guiou-se para elle, pela lei das *Partidas* (Parte 2.ª, tit. 9, pag, 17.) que copiou quasi litteralmente.

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, davam se differentes nomes a este emprego, taes como—*dapifer, curiae dapifer, maior-domus, maior-domus palatii, dispensator domus, regiae, princips curiae, comes palatii*, etc.

Antigamente havia mórdomo-mór e mórdomos-menores, da casa real. Aquelle era muitas vezes, apenas um titulo honorario, e este era sempre de exercicio e serventia, e se denominava *sub-dapifer*. ou simplesmente *mórdomo da curia*.

Mórdomos-móres que houve em Portugal, desde o conde D. Henrique até ao rei D. João V.

1.º *Gomiso Nunes*— no anno de 1112.
2.º—*Gonçalo Rodrigues* (da casa da rainha) no mesmo anno.
3.º—*Egas Gozendes de Bayão*—de 1113 a 1116.
4.º—*Gonçalo Rodrigues d'Avreu*—da rainha D. Thereza.
5.º—*Monio Mendes*—da mesma senhora e do conde D. Fernando—1127.
6.º—*Hermigio Moniz*—de D. Affonso Henriques, antes de ser acclamado rei dos portuguezes (1130 a 1136.)
7.º—*Egas Moniz*—desde 1139 a 1145. (Falleceu a 11 d'agosto d'este ultimo anno,)

Na doação do couto, ao mosteiro benedictino de Cucujães (hoje Couto de Cucujães, freguezia do concelho d'Oliveira d'Azemeis) feita por D. Affonso Henriques, em 7 de julho de 1139 (18 dias antes de ser acclamado rei) se vê assignado Egas Moniz, como *curiae dapifer*; e Fernão Pires, como *maior-domus infantis*. Vê-se que o grande Egas Moniz era mórdomo-mór honorario, e Fernão Pires, serventuario.

8.º—*D. Mendo de Bragança*—1146.
9.º—*D. Fernão Pires* (ou D. Fernão Captivo)—1147—Passou a mórdomo-mór; mas tinha a serventia, Mendo Affonso, que era mórdomo-menor (*sub-dapifer.*)

Consta isto da confirmação geral de todos os bens que a Sé de Viseu então possuia, e na doação do couto de Moraz, á mesma egreja de Viseu, no anno de 1152. Veem-se n'estes dois documentos assignados o mórdomo-mór e o menor.

Este Fernão Pires, era senhor de Lafões e *pelo amor e bom affecto* (diz o documento) *que D. Affonso Henriques lhe ginha*, deu foral á villa do Banho, no mesmo anno de 1152.

10.º—*D. Gonçalo*—1159.

11.º—*D. Vasco*—1161.

12.º—*D. Gonçalo de Sousa*—1164. (Vide Palha-Cana de Alemquer—doada n'este anno, por D. Affonso Henrique ao mosteiro de S. João de Tarouca. Chamava-se então *Palhacaan.*)

13.º—*Gonçalo Mendes*—1165—Assigna em janeiro d'esse anno, como tal, uma doação que ao mosteiro de conegos regrantes, de S. Salvador de Tuhias, fez D. Thereza Affonso, viuva de Egas Moniz.

14.º—*O conde Vasco*—de 1169 a 1183.

15.ª—*Pedro Fernandes*—tambem em 1169—Ainda era mórdomo-mór em 1175, e como tal assignou a doação que D. Affonso I, e seus filhos, fizeram do couto de Ceiça a D. Payo Egas, abbade d'aquelle mosteiro (de Ceiça.)

Custa-me a crer que houvesse simultaneamente dois mórdomos móres; mas assim se vê em varios escriptos.

16.º—*O conde D. Mendo*—1191—(supponho que era o conde Mem Gonçalves, que assignou a confirmação do couto de Canas de Senhorim, dado por D. Sancho I a D. João Pires, bispo de Viseu, em 1186.)

17.º—*Gonçalo Mendes de Sousa*—1194—Assignou a doação do *couto da Barra* (Figueira do Foz do Mondego) ao mosteiro de Santa Maria de Ceiça, que D. Sancho I lhe fez em 1195, e outras muitas—até a doação que o mesmo rei fez a elle Gonçalo Mendes, este a assignou e confirmou.

18.º *D. João Fernandes*—1205—Confirma a doação da quinta de Lourosa, em terra de Lafões, feita por D. Sancho I a D. Lourenço Viegas, abbade de Lorvão.

19.º—*D. Gonçalo Mendes*—1210—assigna a doação feita n'este anno, por D. Sancho I, a Fernão Nunes, de Villa Nova-da-Rainha, no Valle de Besteiros.

20.º—*D. Martinho Fernandes*—1211.

21.º—*D. Pedro João*, ou *D. Pedro Annes* ou *Pedro Johanes*, (pois de todos os modos qner dizer filho de João.)

22.º—*D. João Fernandes*—1225—assigna o foral de Santa Cruz de Villariça, junto á ponte do rio Sabor.

23.º—*D. Pedro Annes*—1229.

24.º—*Ruy Gomes de Briteiros*—nos principios do reinado de D. Affonso III.

25.º—*D. Gil Martins*—1253—Ainda o era em 1258, mas então já estava em exercicio *D. João Pires d'Aboim*, mórdomo-menor.

26.º—*D. João de Aboim* (ou *Avoino*)—1265, e continuou.

27.º—*D. Nuno Martins de Chacim*—1279.

28.º—*Durão Marlins de Parada*—1286. (Só apparece como tal, em uma carta de privilegio, dada a Évora, a 6 de fevereiro d'esse anno; mas, como a 22 de julho de 1287, se vê assignado como *loco-teuent. do-mórdomo-mór*—no foral de Villarinho—é provavel que na tal carta de privilegio *se esquecesse*, de assignar como *vice-mordomo-mór*, que é titulo que lhe dá Brandão, na 5.ª parte da *Mon. Lusitana.*

29.º—*D. João Affonso* (castelhano) senhor de Albuquerque—1297. Veio na comitiva da rainha Santa Isabel, e ficou em Portugal, ao serviço do rei D. Diniz, que o fez seu vassallo, mòrdomo mór e depois conde do Barcellos.

30.º—*D. Aflonso Sanches de Albuquerque*—filho bastardo do rei D. Diniz, casado com D. Thereza Martins, filha do conde D. João Affonso, seu antecessor no officio.

31.º—*D. João Affonso*—1310? era tambem filho bastardo do rei D. Diniz.

32.º—*D. Affonso Tello de Menezes*—no reinado de D. Affonso IV.

33.º—*D. João Affonso Tello*—conde de Barcellos—no reinado de D. Pedro I (1361).

34.º—*Lopo Fernandes Pacheco*—senhor de Ferreira de Aves—no mesmo reinado.

35.º—*Gonçalo Ayres*—1367.

36.º—*D. João Affonso Tello*—conde de Barcellos—por algum tempo. Já o tinha sido no antecedente reinado, como vimos.

37.º—*Garcia Rodrigues*—1379.

38.º—*D. Nuno Alvares Pereira*—(o famosissimo condestavel) no reinado de D. João I.

39.º—*Diogo Lopes de Souza*—(ascendente dos condes de Miranda do Corvo, marquezes de Arronches, e depois duques de Lafões)—1434—Continuou a ser no reinado de D. Affonso V, que, estando em Tentugal, o fez alcaide-mór de Elvas, a 18 de setembro de 1443.

40.º—*Alvaro de Souza*—filho do precedente—1451—Foi deposto em 1471.

41.º—*Diogo Lopes de Souza*—1471—era filho do antecedente, e neto de outro do seu nome (o 39.º alcaide-mór).

42.º—*Pero de Souza*—1475.

43.º—*D. Pedro de Noronha*—1484—(era do conselho de D. João II, e commendador-mór de S. Thiago. Morreu em 1492, e succedeu-lhe no officio.

44.º—*D. João de Menezes*—1.º conde de Tarouca e grão prior do Crato—Continuou no reinado de D. Manuel, e foi do seu conselho. Ainda tinha o officio em 1520.

N'este reinado entrou o officio de mordomo-mór, na casa dos Silvas, onde se conservou até ao reinado de D. João V.

45.º—*D. Diogo da Silva*—1.º conde de Portalegre, no reinado de D. Manuel e parte do de D. João III.

46.º—*D. João da Silva*—2.º conde de Portalegre—no reinado de D. João III.

47.º—*D. Alvaro da Silva*—3.º conde de Portalegre—no reinado de D. Sebastião.

48.º—*D. João da Silva*—4.º conde de Portalegre—em parte do reinado de D. Sebastião, no do cardeal-rei e no de Philippe II.

49.º—*D. Diogo da Silva*—5.º conde de Portalegre—no reinado de D. Philippe III.

50.º—*D. Maerique da Silva*—6.º conde de Portalegre e 1.º marquez de Gouveia—no reinado de Filippe IV e de D. João IV.

51.º—*D. João da Silva*—7.º conde de Portalegre e 2.º marquez de Gouveia—nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Morreu D. João da Silva sem filho varão, no reinado de D. Pedro II, e lhe succedeu no officio.

52.º—*D. João Mascarenhas*—5.º conde de Santa Cruz (como filho e herdeiro de D. Juliana de Alencastro, filha e herdeira do 1.º marquez de Gouveia, e irmã de D. João da Silva).

53.º—*D. Martinho Mascarenhas*—6.º conde de Santa Cruz (filho do conde D. João Mascarenhas) e 3.º marquez de Gouveia—no reinado de D. João V, até 1722.

Em quanto foi menor, exerceu este officio, D. Pedro Luiz de Menezes, marquez de Marialva.

54.º—*D. João Mascarenhas*—7.º conde de Santa Cruz e 4.º marquez de Gouveia, que principiou em exercicio ainda em vida de seu pai.

Note-se que, mesmo depois de entrar este emprego na casa dos Silvas, se acham nas chronicas mencionados outros mordomos-móres de outras familias, que se julga exerceram o officio interinamente. São os seguintes:

Ruy de Mello—no reinado de D. João III.
Pero Moniz da Silva—no de D. Henrique.
D. Philippe de Aguiar—no de Philippe II.
D. Fradique Henriques—idem.
Ruy da Silva—no de D. Philippe III.
D. Jorge Mascarenhas—marquez de Monte-Alvão, no de D. Philippe IV.
D. Pedro Luiz de Menezes—marquez de Marialva, na menoridade do 6.º conde de Santa Cruz (como já fica dito).

—

Mordomos-móres de rainhas e infantes

Nuno Martins da Silveira—da rainha D. Catharina, mulher de D. João III—1525.

D. Lopo d'Almeida—mordomo-mór e escrivão da puridade da *excellente senhora* (pretendida esposa de D. Affonso V)—1475.

Lopo Fernandes Pacheco—do infante D. Pedro (filho de D. Affonso IV) depois, rei, 1.º do nome.

Ruy de Mello—da infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V—1469.

Fernão Telles—da mesma infanta, D. Joanna—1476.

André Telles—do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel—1530.

—

MORÊA ou **MOSTÊA**—portuguez antigo—carrada de palha—em outras terras era um feiche de palha. Na Terra da Feira dá-se ainda o nome de *morêia* a uma méda de palha.

MOREIRA—freguezia, Minho, concelho e comarca de Celorico de Basto, 45 kilometros a N. E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Salvador, da Infesta, apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente o nome de *Moreira do Castello*. Foi honra.

É terra muito fertil, produz muito bom vinho e cria muito gado, de toda a qualidade: nos seus montes ha muita caça. Tem peixe do Tamega e de varios ribeiros.—É n'esta freguezia a torre solar dos *Moreiras*, como consta das Inquirições do rei D. Diniz. (Para a genealogia dos Moreiras, vide *Moreira do Rei*.)

MOREIRA—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia d'Alfarella de Jalles, concelho e comarca de Villa Pouca d'Aguiar—(1.º vol., pag. 114, col. 2.ª)

Tanto esta povoação como a villa de Alfarella, são antiquissimas.

No fim e ao N.E. da villa ha uma grande pedra, espherica, de 3ᵐ33 de alto, assente sobre uma lagem natural. Na tal pedra se vêem diversos buracos, abertos a picão. Diz-se que antigamente os juizes faziam as suas audiencias debaixo d'esta pedra, que lhe servia tambem de casa da camara.

Suppõe-se que esta pedra era uma antiga *ára* romana, e, com effeito, ha por estes sitios muitas antiguidades romanas. (Estou convencido de que, antes de ser ára—se o foi—era uma *anta*.)

O povo de Alfarella tem este penedo em tão grande estimação, que, querendo-o quebrar, em 1695, um tal João Lourenço, lh'o impediu o juiz, André Pinto d'Araujo, sob pena de oito mil cruzados (3:200$000 réis).

N'este logar de *Moreira*, no sitio chamado *Gestal*, andando José Ferreira a lavrar (em junho de 1721) em um campo proximo a umas fragas, por onde passa o caminho de carro, que vae d'esta aldeia para a de *Cidadelhe*, achou um cippo romano, de 1ᵐ,10 de comprido e 0ᵐ55 de largo, tosco, e sem feitio, com esta inscripção:

XXVII
V. DIS. MA-
NIBUS ECO.
FLACILII
MORSA SO.
SUI FILIO RE-
BURRO.

Quer dizer—*Aos deuses manes Flacilio, fez esta sepultura a seu filho, Eco Morsaso Reburro.*

Houve quem escondesse esta pedra, mas, vindo aqui Antonio de Souza Pinto, por ordem do marquez de Alegrete, para a fazer apparecer, foi com os vereadores da villa ao logar onde ella tinha sido achada, e obrigaram o que a tinha a apresentar-lh'a.

Examinaram por essa occasião aquelle sitio, acharam grande quantidade de carvões, alguns tamanhos que pareciam traves queimadas: muitos pregos de ferro, grandes e grossos; algumas *misagras* (dobradiças) tambem de ferro; muitas amphoras, de barro vermelho, muito fino, de differentes tamanhos, umas vasias, outras cheias de terra; uns pós brancos, que pareciam ossos calcinados; muitos copos de vidro branco, fino, uns grossos outros delgados; muitas bacias de barro (quasi todas tinham no fundo gravada uma cruz, formada de dois punhaes—provavelmente, a marca do fabricante) e uma pequena caldeira de cobre, com aza do mesmo metal. Alguns d'estes objectos se achavam dentro de uma especie de caixões, formados de seis pedras quadradas.

A má direcção dos trabalhos da escavação, deu em resultado quebrarem-se muitos d'estes objectos.

Esta descoberta, prova que houve aqui uma *necrópole* romana, ou, pelo menos, sepulturas da familia patricia, *Reburro*.

Por baixo da aldeia de *Cidadêlhe*, termo de Alfarella, e pouco distante d'esta aldeia de Moreira, acima do rio *Tinhella*, que lhe passa a uns 200 metros ao N., no alto de um monte sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um bom, amplo e forte castello, de bem lavrada cantaria, tendo ainda em sitios 3m30 d'altura, com vestigios de porta, em arco, para o lado do rio, e outra para o S., pela qual, até á ponte que atravessa o rio, ha tambem vestigios de muralhas e fossos, indicando terem pertencido a uma grande fortaleza, construida d'este lado, o unico por onde a posição podia ser atacada; porque para os outros lados, é o sitio inaccessivel por causa dos rochedos perpendiculares e o rio, que o defendiam naturalmente.

É evidentemente obra romana, pela perfeição do lavrado das pedras.

Consta que no rio, proximo a este castello, ha uma pedra com uma inscripção romana, que só se vê nas estiagens.

A 3 kilometros d'este castello, desde as vinhas que estão no sitio de *Pedroso*, nas abas da serra da *Preza*, limite da aldeia de *Campo*, termo d'Alfarella, está uma larga e comprida valla (em algumas partes, tres parallelas e quasi unidas) que atravessam o *Ribeiro das Azenhas*, e subindo um monte, por onde passa a estrada que vae para Chaves, desce a outra encosta, atravessando outro ribeiro, chamado *Ribeiro-Côvo*, subindo o *Monte da Coelha*, até descer ao rio *Tinhella*. Dá indicios de ser uma galeria aberta, para extracção de metal. N'estas vallas se vêem muitas e profundas covas, á maneira de cisternas, feitas de schisto, sendo uma das do Monte da Coelha, de uns 6 metros de circumferencia, e mais de 44 de profundidade, alem do que está entupido.

Vê-se tambem ao O. uma especie de tunell, que, segundo a tradição, é uma estrada subterranea, que, passando por baixo do Tinhella, e de varios montes e valles, vae ter ao *Lago da Ribeirinha*. O povo d'aqui, chama a isto, as *Garalheiras* ou *Gralheiras*.

Suppõe-se, com bons fundamentos, serem obras romanas; porque Plinio falla de muitas minas metalicas por estes sitios. (Vide *Ribeirinha* — castello da — e *Tres-Minas* — freguezia.)

MOREIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi comarca de Guimarães, concelho de Monte-Longo), 35 kilometros a N.E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 350 fogos. Em 1757, tinha 361 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, cria muito gado e é abundante de caça miuda.

Foi antigamente da corôa, e depois passou para a casa de Bragança.

Foi villa e couto, este era do rei e tinha os privilegios dos *taboas-vermelhas* de Guimarães.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data. Seu neto, D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, em 1217. (Maço 7.º dos *Foraes antigos*, n.º 3—Maço 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 10 v., col. 1.ª — e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 43 v., col. 1.ª)

MOREIRA — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao N. do Porto, 333 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 222 fogos.

Orago, o Salvador.

Para a distinguir das outras do mesmo nome, se chama — *Moreira da Maia*.

Foi couto do mosteiro dos cruzios.

O prior do mosteiro de Moreira (d'esta freguezia) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o celebre mosteiro do Salvador, que foi de conegos regrantes de Santo Agostinho, que no seu principio foi duplex (de frades e freiras).

Foi primeiro fundado com a invocação de S. Jorge, mais acima (para o N.) d'onde hoje está, em um logar chamado *Gontão*.

Foi sua fundadora, *D. Gontina, senhora das Pedras-Ruivas*, ou *PedrasRubras*, na era 900 de Cesar. (862 de J.-C.)

Em 1060, o abbade, D. Mendo, o removeu para o actual sitio, sendo a nova egreja benzida pelo bispo do Porto, D. Hugo.

—

Por ser curioso, copio aqui parte do testamento de *Soeiro Mendes da Maia* (progenitor dos *Araujos*, pelo que ha ainda um logar chamado *Vendas de Araujo*) tio do famoso Gonçalo Mendes da Maia—o *Lidador*. Traducção.

«Não ha duvida que é notorio a todos os «hómens, moradores n'estas nossas partes, «que á honra e reverencia do Salvador do «Mundo, e de muitas reliquias dos santos, «foi fundada uma egreja, pelo abbade D. Men«do, no logar chamado de *Moreira*, abaixo «do monte das Pedras-Rubras, por onde cor«re o rio Leça, junto á praia do mar, no ter«ritorio da cidade do Porto.....

«Portanto, eu, Soeiro Mendes, consideran«do-me peccador negligente e preguiçoso «nas cousas da minha salvação..... «offereço ao logar do Salvador, de Moreira, «já dito (onde mando sepultar meu corpo) to«das as minhas herdades e bens que tenho, «ou possa vir a ter, de meus pais e avós... «Foi feita esta carta de testamento, no 1.º de «maio, da era de 1123 (1085 de Jesus Chris«to).—Eu, Soeiro Mendes, por minha propria «mão a firmei, na presença do abbade D. «Mendo e de seus padres, que serviram de «testemunhas.»

Este abbade D. Mendo, era filho de Egas Tructezindes e sua mulher, Hermezenda Gonçalves, padroeiras da ermida de S. Jorge de Gontão (onde foi o primitivo convento) e a deram a seu filho e ao mosteiro, e uma boa herdade que tinham junto ao convento que seu filho fundára.

Ha outra doação, de Tructezindo Guterres, ao mesmo mosteiro, de todas as suas herdades, feita a 13 das kalendas de maio, da era de 1116 (2 de maio do anno de 1078 de Jesus Christo).

Esta doação diz que havia no altar do Salvador uma reliquia da Santa Cruz de Jesus Christo, em honra da qual fez esta doação. Durante as guerras de D. Affonso Henriques, desappareceu esta reliquia, sem mais se saber d'ella, até que em 1510, o *prior castreiro*, D. Vasco Antunes, foi dar com ella escondida debaixo da pedra d'ara do altar-mór, dentro de um relicario antigo.

O prior-mór, D. Pedro da Costa, bispo do Porto, mandou fazer grandes festas por este achado, e mandou encerrar a reliquia em uma grande cruz, de prata dourada, ornada de pedras preciosas. [1]

Em quanto este mosteiro foi *dobrado*, tinham as freiras dormitorios separados dos frades, mas hiam á egreja assistir aos officios divinos juntas com elles, o que dava maus resultados, pelo que foram mandadas para o mosteiro de *Rio Tinto*, levando grande parte das rendas d'este, que, além de outras, eram muitas, mesmo na freguezia de Rio-Tinto; a *quinta da Retorta*, em *Azurára* (em frente de villa do Conde) e outros muitos casaes.

Sendo abbade, D. João Pires (1298) se juntaram ao convento de Moreira, as egrejas de S. Cosme de Gemunde, S. Mamede de Parafita e S. João do Mindello, todas na Maia; dando o bispo do Porto, D. Sancho Pires (tio do referido abbade) ao mosteiro, o direito de apresentação d'estas egrejas, recebendo em troca, o mesmo direito que o mosteiro tinha, nas egrejas de S. Fins da Feira, e Santa Maria da Retorta.

Pouco depois, mas no mesmo anno de 1298, lhe deu mais o dito bispo, o direito de apresentação da egreja de Santa Marinha, de Villa Nova da Télha.

Pelo decurso do tempo, veiu este mosteiro, de Moreira, a poder de commendatarios (pelos annos 148$) sendo o ultimo, D. Fulgencio, filho de D. Jayme, duque de Bragança, que o deu a Santa Cruz de Coimbra, mediante certa pensão vitalicia.

Os padres de Santa Cruz, tomaram conta d'este mosteiro, em 22 de julho de 1562.

D. Grigorio, prior do mosteiro, de Moreira, remiu a pensão de D. Fulgencio, por 1:750$000 réis, em 1568.

No tempo d'este mesmo abbade, veio ao

[1] Antigamente vinham aqui procissões de 70 freguezias, visitar esta santa reliquia, em occasiões de calamidades publicas, para que ellas cessassem. Hoje ainda vem algumas, porém muito menos.

convento o direito de apresentação da egreja de S. Silvestre, do Couço, freguezia proxima ao mosteiro, e que se veio a encorporar com a freguezia de Moreira.

Estando a egreja e o mosteiro muito velhos, e sendo de acanhadas dimensões, o prior, D. Henrique Brandão, tratou de reedificar tudo, sendo lançada primeira pedra da reconstrucção da nova egreja, por D. frei Marcos de Lisboa, bispo do Porto, a 3 de maio de 1588. Levaram estas obras a fazer-se 34 annos, pois só se concluiram em 1622.

Esta egreja que é elegante, ampla, e toda de abóbada, ficou sendo, e ainda é, a matriz da freguezia.

A magnifica cêrca d'este mosteiro, foi vendida, depois de 1834, ao desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro (da casa do *Ermo*, na freguezia d'Arões, concelho de Fafe, pae ou tio do infeliz bacharel, José Cardoso Vieira de Castro, que morreu degredado em Angola=Vide Fafe.) O desembargador tambem já falleceu.

Em fevereiro de 1874, a viuva do celebre tribuno e distincto orador parlamentar, José Estevam Coelho de Magalhães, comprou esta rica propriedade por 20 contos de réis, fixando aqui a sua residencia ordinaria.

É esta grande quinta a melhor propriedade de todo o concelho da Maia; e, como o caminho de ferro do Porto a Villa do Conde e á Povoa de Varzim, passa junto á quinta, lhe augmenta consideravelmente o valor.

No logar das *Pedras Rubras* (vulgarmente *Pedras Ruivas*) ha uma capella, dedicada a *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, muito antiga, pois consta ter sido fundada no meado do seculo IX, pela já mencionada D. Gontina, senhora d'este logar.

Faz-se-lhe a festa (que é muito brilhante e concorrida) no ultimo domingo de setembro.

—

Esta freguezia (como todas as do concelho da Maia, Bouças e Gondomar) é rica, bem situada e fertilissima em todos os generos agricolas do nosso clima. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino (que exporta em grande escala para a Gran-Bertanha) e o rio Leça a fornece de algum peixe miudo; porém de Mattosinhos lhe vem abundancia de peixe do mar.

Pelo centro da freguezia passa a formosa estrada real de 1.ª classe, que, vindo de Lisboa ao Porto, segue por esta freguezia para Villa do Conde.

Ha n'esta freguezia muitas viboras, mas não consta que offendam pessoa alguma.

Ponte de Moreira

Esta ponte foi construida na estrada real n.º 30 do Porto á Povoa de Varzim, sobre o rio Leça, e dista 11 kilometros ao N. do Porto, n'esta freguezia de Moreira.

Começou a sua construcção em 5 de setembro de 1864 e concluiu-se em 1 de junho de 1866; sendo aberta logo ao transito publico, depois de convenientemente experimentada e tendo se conservado muito bem até hoje, ao mesmo tempo que affiança longa duração.

Compõe-se de dois encontros de cantaria assentes sobre estacas de pinho nacional e com a altura de 6^{m},0 a contar do elegimento, os quaes sustentam um taboleiro metallico com 16^{m},0 de vão.

O taboleiro d'esta ponte compõe-se de 4 vigas longitudinaes, de folha de ferro, com 0^{m},9 de altura cada uma e com a fórma de um T duplo, assentes sobre rolos de fricção, de ferro fundido e ligadas entre si, de dois em dois metros, por vigotas transversaes tambem de ferro e com 0^{m},70 de alto, que dão ao systema muita solidez.

Sobre este travejamento metallico, assentam vigas longitudinaes de carvalho, faceando com a parte superior das vigas principaes de ferro e sobre ellas assenta o soalho da ponte, feito sobre pranchões de pinho, constituindo estrado com 4^{m},4 de largura de faxa, para transito de carros e dois passeios com 0^{m},88 de largura cada um.

As guardas d'esta ponte são de cantaria sobre os encontros e de ferro forjado no taboleiro.

O projecto d'esta obra d'arte foi elaborado pelo distincto engenheiro militar Luiz

Victor Lecocq, então director das obras publicas do Porto, e a construcção foi dirigida com muita pericia e zelo pelo não menos distincto conductor de trabalhos d'obras publicas, Alberto Costa, hoje empregado, com muitos creditos, na construcção do caminho de ferro do Minho, onde já dirigiu, além de outras obras, a construcção das pontes da Travagem e da Barca da Trófa, que estão muito perfeitas.

Junto d'esta ponte ainda se conserva a antiga ponte de pedra, já sem guardas, construida em epocha muito remota.

Na estrada do Porto á Povoa de Varzim, no logar do Padrão de Moreira, ha uma estação ou paragem de carros, cujos viajantes se demoram e vão passear por baixo de grandes carvalhos, até á egreja.

Ha n'esta freguezia uma fundição de sinos, montada em 1873 por Joaquim Narciso da Costa e seu irmão José Narciso da Costa, vindos da cidade de Braga residir n'esta freguezia.

Ha tambem uma boa musica, que fórma uma capella, dirigida pelo habil mestre Domingos José Moreira, natural de Moreira, tambem tem uma boa armação de egreja.

Foi seu primeiro reitor, collado em 1846, o sr. Antonio da Silva e Souza de Seabra, natural da freguezia de S. Mamede de Infesta, que até hoje (1875) conta 29 annos e tantos mezes de serviço.

MOREIRA—Aldeeia, Douro, freguezia de Melres, concelho e 8 kilometros ao E. N. E. de Gondomar, comarca, bispado, districto administrativo e 25 kilometros ao E. do Porto, 12 a E. da Foz do Sousa, 10 a O. da foz do Tamega, e 315 ao N. de Lisboa.

Está esta aldeia situada sobre e margem direita do Douro, na falda da serra de Melres, em terreno pouco accidentado, e em frente da notavel aldeia *d'Arêja*, que fica na margem opposta. (Vol. 1.º pag. 2381—I col. 1.ª.)

Ha n'esta aldeia a capella de Nossa Senhora da Piedade, fundada pela madre Maria de Madureira, freira beneditina, do convento de Vairão, em 1610.

Está edificada em um teso, em frente da quinta chamada tambem de Moreira, da familia Madureira, á qual pertencia a fundadora.

Consta que a causa da fundação d'esta capella, foi a seguinte:

Morreu Diogo de Madureira e sua mulher, D. Maria de Barros, pessoas muito nobres, moradores na sua mencionada quinta, ficando-lhe dois filhos ainda creanças, sem parentes que podessem cuidar da sua educação e fazenda,

Compadecida sua tia paterna, d'este desamparo, alcançou um breve do papa Paulo V, em 1610, para poder sahir do convento e assistir á criação de seus sobrinhos, e ao governo da sua casa, em quanto elles a não podessem governar.

Como a egreja matriz lhe ficava a dois kilometros de distancia, mandou edificar esta ermida com muito aceio, e em quanto foi viva, fazia todos os annos uma grande festa á SS. Virgem, padroeira.

Por sua morte, deixou no testamento a obrigação de se dizer n'esta ermida uma missa, resada, em todas sextas feiras da quaresma, e prover aos reparos e fabrica da capella, tudo imposto na referida quinta. Esta passou depois, por casamento, aos Bellezas, que sempre compriram as clausulas do testamento da instituidora, mas ha mais de 40 annos que ellas deixaram de ser cumpridas.

—

Madureira é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Alvaro Annes de Madureira, no reinado de D Affonso V.

Tem brazão d'armas completo, que é—escudo de purpura, esquartelado, no 1.º e 4.º, leão d'ouro—no 2.º e 3.º flôr de liz, o mesmo metal. Elmo d'aço aberto— Timbre, o leão das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de púrpura, seis besantes de ouro, em duas pallas — no 2.º e 3.º, de prata, um cordeiro pardo, lampassado de púrpura, tendo por baixo da barba uma flôr de liz, de prata—O mesmo êlmo—Timbre, o cordeiro das armas.

Outro ramo dos Madureiras, trazem por

armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º de púrpura, uma flôr de liz, de ouro—no 2.º e 3.º, de púrpura, um lobo de ouro, passante, com a bôcca aberta. O mesmo élmo—Timbre, o lobo das armas.

Ainda outros d'esta familia, usam—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de púrpura, um coelho de ouro—no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, uma flôr de liz, de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o coelho das armas, com uma das flôres de liz das armas na testa.

Ha em ambas as margens do *Baixo Douro* muitas familias do appellido Madureira; mas a principal, são os filhos do sr. Antão Garcez Pinto de Madureira, 1.º barão da Vargea do Douro, general de brigada (e padrinho do auctor d'este diccionario). É actualmente, 2.º barão da Varzea do Douro, seu filho, o sr. José Garcez Pinto de Madureira.

A quinta da *Varzea*, que dá o titulo a este baronato, é sobre a margem direita do Douro (perto da quinta de Sebollido, e em frente da freguezia do Castello de Paiva, a 35 kilometros ao E. do Porto). É na freguezia de S. Martinho da Varzea do Douro, concelho e comarca do Marco de Canaveses, bispado e districto administrativo do Porto. Foi da antiga comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver, que foram supprimidos em 1855.

MOREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 50 kilometros a NO. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A universidade de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

Esta egreja era do real padroado. O rei D. Diniz a trocou por outras, com o bispo de Tuy, D. João Fernandes Sotto-Maior, em 1308. Passou depois a curato dos jesuitas até 1759, e desde então até 1834. da universidade de Coimbra.

É n'esta freguezia a casa e quinta dos Magalhães, que foi do mestre de campo, Leonel de Abreu Magalhães.

É tambem n'esta freguezia a casa e grande quinta do sr. Theodoro de Araujo Lopo.

MOREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 256 fogos.

Orago S. Jullão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

(Para a distinguir das outras, se lhe dá o nome de *Moreira do Lima)*.

A casa de Bretiandos, da cidade de Braga, apresentava o abbade, que tinha 750$000 réis de rendimento annual.

Antigamente, os dizimos d'esta freguezia eram, metade para o abbade, e metade para uma commenda de Christo, e foi commendador, D. Pedro de Souza. Extinguiu-se esta commenda; mas tornou a crear-se a favor dos Fagundes, da casa do Outeiro, e dos Barbosas, da Carcaveira. Acabando o ramo d'estes Barbosas, ficou a commenda, *in solidum*, dos Fagundes. Os Pereiras Pintos, de Bretiandos, herdaram esta commenda, por o casamento de um d'elles com a herdeira da commenda,

Ha aqui a egreja do Espirito Santo, que foi dos templarios. Era a matriz de uma vasta freguezia, que, desmembrando-se, fórma hoje varias parochias.

Na capella de S. *Cibrão* (depois Cyprião, e por fim, Cypriano) houve em tempos antigos, um recolhimento de beatas.

Teve origem n'esta freguezia, a familia dos Crêspos.

A casa do Outeiro, foi o solar dos Fagundes, de quem descendem muitos fidalgos d'este reino. Foi um membro d'esta familia, um dos descobridores da *Terra de Labrador*, ou *Terra-Nova* (hoje dos inglezes), onde se pesca o bacalháo; hindo na expedição de Pedro Alvares Cabral.

O rei D. Manuel, depois de descoberta a *carreira da In-*

dia, por mar, por D. Vasco da Gama, em 1497, manda Pedro Alvares Cabral, com 13 náus, para a India. Um forte temporal, obriga a correr os navios de Cabral, muito para O., o que o fez descobrir o Brasil, em 25 de abril, de 1500. O navio do capitão Gaspar Côrte-Real (em que hia o tal Fagundes) é separado da esquadra, pelo temporal, correndo para o N., e descobre os *bancos* da *Terra-Nova*.

MOREIRA DE CÓNEGOS (ou dos *Cónegos*) —freguezia, Minhs, comarca, e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisbo, 220 fogos.

Em 1757, tinha 132 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O chantre da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Cria muito gado.

Ha n'esta freguezia tres capellas, duas das quaes (de Santa Martha e da Senhora da Ajuda) são publicas e a outra particular.

Tem duas fabricas de papel no rio Vizella, que banha a freguezia pelo S.

Passa por aqui a estrada a *mac-adam*, que vae do Porto a Guimarães e Caldas de Vizella, passando por Santo Thyrso.

Tambem por aqui passa um pequeno ribeiro, que denominam do *Arquinho*, que nasce na freguezia do Salvador do Pinheiro, rega, móe, cria escallos e enguias, e morre na margem direita do Vizella. Tem este ribeiro uma ponte pequena de um só arco (talvez d'aqui chamada do *Arco* ou *Arquinho*, d'onde parece vir o nome que se dá ao ribeiro), e pouco abaixo d'ella, no sitio chamado as *Dornas*, desapparece o ribeiro por baixo d'um acervo de penedos para surdir a mais de 40 metros de distancia. Só nas grandes cheias é que a agua não cabe toda pelo sumidouros, e trasborda por cima dos penedos. Tem aqui caído gente e alguns animaes de que nunca mais apparecem vestigios.

A encosta do monte que fica na margem direita d'este ribeiro, perto da sua desembocadura, apparece, em outubro, em grande parte entapetada de flores d'uma especie de colchico (*colchicum bulboco-divides*, de Broter), produzindo uma linda vista.

—

No dia 25 de março de 1809, foi n'esta freguezia morto por uma guerrilha, junto á ponte de Negrellos, um official superior, francez, e alli foi sepultado em um campo proximo.

MOREIRA DE GERAZ DO LIMA—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 47 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento annual.

É tradição que grassando uma grande peste em Lisboa, um individuo d'alli roubou muito dinheiro e veio parar a esta freguezia; mas, apenas aqui chegou, communicou o contagio a toda a freguezia, escapando poucos dos seus habitantes.

Em tempos antigos eram muito vulgares n'esta freguezia as molestias cutaneas, principalmente a terrivel, *grangrena sêcca*, vindo-se muita gente sem os dedos dos pés e das mãos. Atribuia-se isto ao uso excessivo da carne de porco salgada. Este contagio endemico foi diminuindo com o tempo (tanto d'esta freguezia, como d'outras muitas do reido) hoje felizmente, é rarissimo.

MOREIRA DE REI—Villa, Beira Baixa, concelho e comarca de Trancoso, 54 kilometros ao S. E. de Vizeu, 335 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos,

A grande differença para mais n'esta população, não é porque ella tenha augmentado tanto; mas por se lhe annexar outra freguezia contigua do mesmo nome.

Orago Santa Maria.

Bispado de Pinhel, disteicto da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade,

que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação antiga, e foi concelho, com camara e mais justiça e empregados.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data. Seu neto, D. Affonso II o confirmou em Coimbra. em 1217, (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 3—maço 1- dos mesmos, n.º 3, fl. 10 v., col. 1.ª—*L. de antigos de leitura nova*, fl. 43 v., col. 1.ª.)

A villa está situada em um alto, onde se vê um castello em ruinas. É tão antigo, que a sua primitiva construcção se attribue aos romanos ou aos antigos lusitanos. No testamentos de D. Flamula (ou D. Chama) feito em 960 L.º de *Mumadona*, fl. 7) se vê mencionado este castello e outros da Beira. (Vol. 2.º pag. 108, col. 2.ª.)

—

Moreira, é appellido nobre em Portugal, tomado d'esta villa, onde os Moreiras tinha o seu solar. É familia antiga, pois já no reinado de D. Affonso III, era senhor d'esta freguezia, Gonçalo Rodrigues Moreira. Trazem por armas—em campo de púrpura, 9 escudetes de prata, em 3 pallsa, carregados de uma cruz d'Aviz—elmo d'aço aberto—timbre, meio lobo de púrpura, com um dos escudetes das armas no pieto.

Moreira Perengal, é um ramo d'aquelles Moreiras, e tinha o seu solar em Lagos (Algarve).—O primeiro d'estes appellidos, foi Fernão Moreira, ao qual, Philippe II, em premio d'aquelle ter morto, em combate singular, um valente mouro, no logar de *Perengal* (India) o mandou usar d'este appellido, e lhe deu por armas, (1585.) em campo azul, faxa de prata, endentada, entre uma estrella d'ouro, de 8 pontas, da parte de cima da faxa, e uma cabeça de mouro, cortada em sangue, com turbante de prata, da parte debaixo—élmo d'aço aberto, e timbre meio leão, azul, com a estrella das armas na espádua.

Ha ainda os *Moreiras Peres-Gis* (Peres-Gil) da mesma familia, com as mesmas armas, com a differença da cabeça do mouro ter turbante de prata, e barrete de púrpura. O mesmo elmo e timbre, (A maior parte do povo pronuncia *Perexil* e *Peregil*, em logar de *Peres-Gil*.

MOREIRAS— freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757, tinha 104 fogos.

Orago Santa Maria Maior—arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, qae tinha 50$000 e o pé de altar.

É terra fertil—Muito gado e caça.

A egreja parochial é muito antiga. Consta ter sido mandada construir por os filhos de *Maria Mantella*. (Vide *Chaves*.)

MOREÍRÊDO — portuguez antigo—logar plantado de amoreiras.

Antigamente dizia-se *moreira*.—Hoje, em vez de moreirêdo, diz-se *moreiral*, ou *amoreiral*.

MOREIRINHAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Vizeu, 360 ao N. E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757, tinha 44 fogos.

Orago o Espirito Santo—Foi do bispado de Vizeu, e desde 1774, em que D. José I creou o bispado de Pinhel (por bullla de Clemente XIV) ficou até hoje pertencendo a este bispado. Districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, de Moreira de Rei, apresentava o cura, que só tinha o pé d'altar.

MOREIRÓLLA—vide *Montesinhos* e *Quintanilha*.

MORGÁDE — freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 70 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo—arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Vicente da Chan, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está em *terras do Barroso*. O seu clima é excessivo, mas saudavel. Não

muito fertil em carnes e fructos; mas cria muito e optimo gado bovino e de outras especies; e é abundantissima de caça de toda aqualidade.

Foi antigamente annexa a S. Vicente da Chan, assim como a freguezia de Negrões e a aldeia de Codeçoso, da freguezia de Meixido: e tudo isto formava uma commenda dos templarios, que, desde 1319 passou para as religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde. Rendia, para a commenda, 1:400$000 réis. (Vide—*Chan* (*S. Vicente.*)

MORGANEGÍBA—portuguez antigo—Vide *Matrimonio.*

MORMULHA—portuguez antigo—memoria.

MOROUÇOS ou **MEROUÇOS**—Vide *Cruz dos Moroucos*, a pag. 453 do 2.º vol.

MORREIRA—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

O prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *Villa Cova da Morreira*, e é como se vê nos livros antigos.

MÓRTÁGUA—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Santa Comba-Dão, 35 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 330$000 réis de rendimento.

Eram donatarios d'esta freguezia, os senhores de Tentugal, duques do Cadaval.

O concelho é composto de 10 freguezias, todas no bispado de Coimbra—são—Almaça, Cercosa, Cortegaça, Espinho, Marmelleira, Mórtágua, Palla, Sobral, Trezôi, e Valle de Remigio, todas com 2:000 fogos.

É povoação muito antiga. Gonçalo Annes de Souza (senhor de Tentugal, Mórtágua e outras terras, e progenitor dos duques do Cadaval) lhe deu foral, estando em Mórtágua, a 21 de agosto de 1403. (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 4) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de janeiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 111 v., col. 2.ª).

D. Fernando Magno, resgatou esta povoação, e as circumferentes, do poder dos mouros, em 1058.

Está situada em um fertil e dilatado valle, regado por duas caudalosas ribeiras (cortadas por duas formosas pontes) que se juntam a pouca distancia ao S. da villa, e vão depois morrer ao Dão, que desagúa no Mondego, perto de Pena-Cóva.

Já tinha fôro de villa no reinado de D. Sancho I, como consta de documentos da sua camara.

O rei D. Duarte deu esta villa e a de Pena-Cóva, a D. Sancho de Noronha e sua mulher, D. Mecia de Souza, 1.ºs condes de Odemira. Esta doação foi confirmada por D. Affonso V, em 1451—por D. Manuel I, em 1504—e por D. João III, em 28 de agosto de 1527.—Conservou-se na casa dos condes de Odemira até á restauração de 1640. D. João IV confirmou esta doação a favor do conde D. Francisco de Fáro, e por morte d'este, a sua filha, a duqueza D. Maria de Fáro. Morrendo esta senhora, D. Pedro II deu as duas villas a D. Nuno Alvares Pereira, conde de Tentugal, marquez de Ferreira, e 1.º duque do Cadaval, em 18 de dezembro de 1671, com todas as jurisdicções, direitos, rendas, padroados de egrejas e officios, assim da guerra como da republica, e o oitavo de todos os fructos.

A villa é pequena e não tem edificio algum notavel; mas o seu territorio é muito fertil em cereaes, bastante vinho, azeite e fructas. Cria muito gado. Os seus rios lhe fornecem bastante peixe (lampreias, saveis, trutas, bógas e outros) e tambem lhe vem do mar. Tem muita caça, do chão e do ar.

Fica na antiga estrada real, que de Lisboa passa a Coimbra, para o Porto.

N'esta villa se alojou D. Pedro II com toda a sua côrte, em 1704; e depois, o rei de Castella, Carlos III—sendo aqui providos de to-

do o necessario, sem ser preciso recorrer a outras terras.

Ha na freguezia as ermidas de *Nossa Senhora do Chão do Çalvo*, no logar da Palla—*Nossa Senhora da Piedade*, no Valle de Açores—*Nossa Senhora de Villa-Nova de Monçarros*—*Nossa Senhara do Amparo*, em Ferradosa—e *Nossa Senhora do Carmo*.

A imagem da padroeira da freguezia *(Nossa Senhora da Assumpção)* é muito antiga. O seu altar foi feito em 1571; mas já então existia a imagem havia muitos annos. A sua festa é a 15 de agosto. Até 1834 era o parocho obrigado a fazer a festa á sua custa.

Tem a Senhora uma irmandade, que faz as mais solemnidades d'ella, e é obrigada a dar toda a cêra para as missas conventuaes (*missas do dia*) e para as procissões.

Esta irmandade administra os rendimentos proprios da Padroeira.

Sendo o altar da Senhora muito velho e insignificante, pelos annos de 1700 se tinha juntado, de economias nas rendas e de varias esmolas, o dinheiro sufficiente para se lhe fazer uma nova e decente tribuna; porém os vereadores o gastaram em fazer uma nova casa da camara.

—

No logar da *Ferradosa*, freguezia de S. Miguel da Marmelleira, que foi anneza á matriz d'esta villa, donde dista 9 kilometros a SE., e é do seu concelho, está, sobre um *têso*, a ermida de *Nossa Senhora do Amparo*. É a mais vasta e aceiada de todo o concelho. É tão antiga, que se não sabe quando nem por quem foi fundada. Junto ao templo estão as ruinas de umas casas, que foram residencia dos seus erimitães; mas já em 1710 os não havia.

Junto á egreja está um carvalho, notavel pela sua antiguidade e pelo seu monstruoso tamanho, que cobre todo o templo e se vê a muitas leguas de distancia, e só por elle se conhece o sitio da egreja, que a arvore encobre.

Diz a lenda, que alguns lavradores teem cortado ramos d'este carvalho, para differentes obras, mas que, apenas empregadas, se despedaçam e inutilisam.

A festa da Senhora, é na 3.ª dominga de outubro, sendo muita concorrida, e havendo então um grande bodo, para os que d'elle se quizerem aproveitar.

—

Perto do referido logar da Marmelleira, está tambem o sanctuario de *Nossa Senhora do Carmo*, de que já tratei a pag. 85, col. 2.ª, d'este volume; e o de *Nossa Senhora da Ribeira*, mencionado no mesmo logar.

MORTALHA—portuguez antigo—não era só o vestido dos defuntos; comprehendia-se tambem por esta designação, as exequias, officio de corpo presente, enterro, cadaver e sepultura.

MORTALIA—portuguez antigo—o mesmo que *luctuosa*. Em 1158, um individuo de Grijó, e sua mulher, doaram certos bens ao moteiro d'esta freguezia, para que os frades os defendessem e mantivessem—*Et de Fossadeira. et. de Mortalia, in quantum potueritis, semper liberetis*—isto é—que não pague luctuosa o doador que ficar viuvo.

Nos documentos de Lamego é mui frequente ver-se empregada a palavra *mortalia*, por *luctuosa*.

MORTEYDADE ou **MORTICIDADE**—portuguez antigo—mortandade. Os povos, aterrados com o terrivel contagio que assolou todo o reino, em 1348, levando povoações inteiras, lhe deram o nome de *peste-grande*—e *morteydade*; e marcou época na nossa historia—*E paguem os seis maravidís, que hi montava de la* morteydade *aa caa.*) Documento de Paço de Sousa, de 1351.)

Principiou este flagello em 29 de setembro e durou até ao fim do anno. Tres mezes. (Pag. 388, col. 2.ª do 4.º vol.)

MORTEIRO—portugez antigo—deu-se este nome a todá a especiaria, que se pisa e móe no almofariz (em latim, *mortarium* e em francez—*mortier*). *Senhas calaças de porco, e* morteiro, *e adubos pera as viandas.* (Documento de Pombeiro, de 1367.)

Senhas — portuguez antigo— suas — como *senhos* — seus. *Calaça*, segundo Viterbo, é *cósta* (costella) de porco. O sr. J. P. Ribeiro, suppõe ser a *calúga* (on *ca-*

lúba) do gado suino. A carne do pescoço.

No foral que D. Manuel deu á terra de Paiva, em 1513, manda pagar a certo casal *calaça e meia de carne.*

MORTICIDADE — portuguez antigo — o mesmo que *morteydade.*

MORTINDADE—portuguez antigo—mortandade, matança. carnagem, carnificina. É de Azinheiro.

MORTORIO — portuguez antigo — *Fôgo morto.* Vide esta palavra.

MORTULHA—portuguez antigo—por ser muito extensa a significação d'esta palavra e tudo mais que lhe diz respeito, o que tomaria muito logar n'esta obra, convido os leitores curiosos, a lerem em frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*) a palavra MURTULHAS. Aqui, apenas direi em resumo, o seguinte:

Mortulha—mortalha, mortuario, mortuorio, e *mortúra*—antigo direito que se pagava ao clero. Consistia ordinariamente na 4.ª parte, na 3.ª e, ás vezes, em metáde dos bens do defunto. A este ominosissimo tributo, succederam as *luctuosas*, que, se são menos expoliadoras, não são menos immoraes. Vide *luctuosa.*

Na erecção ou instituição da egreja parochial do convento de *Canellas* (que hoje não existe, e parece mesmo que não chegou a existir) declara D. Estevão, arcebispo de Braga (1225) que o parocho lhe pagará de *censura* (censo) *Unum modium de centeno, et unam ceram, et tertiam partem mortuariorum.*

Era então D. Payo bispo de Lamego, e a elle pertencia este couto de Canellas, que é uma freguezia da provincia do Douro, que foi do extinto concelho d'lAvarenga, e é hoje da comarca e concelho d'Arouca. (Vol, 2.º, pag. 88, col: 2.ª.)

MÓS—aldeia, Beira Alta, na freguezia de *Dálvares*, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 9 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, no districto de Viseu.

Ha n'esta aldeia o santuario de *Nossa Senhora da Guia*, edificado no alto de um monte, cercado de vinhas. Tem junto á egreja um grande cipreste, e tanto ella como a arvore, se veem a grande distancia, em razão da sua elevada posição.

A esta egreja se fazem muitas e grandes romagens, em todo o decurso do anno.

Dezesete freguezias aqui vinham encorporadas, com as suas respectivas cruzes e parochos.

A poucos metros do templo (ao S.) ha uma fonte d'agua mineral, sulphurosa, a que o povo dá o nome de *fonte Santa*, e na qual se banham os romeiros (principalmente as mulheres que criam, para lhes não seccar o leite).

Da antiguidade d'esta egreja, apenas se sabe—que pelos annos de 1589, se fundou n'este sitio um recolhimento de mulheres virtuosas, o qual depois se veiu a desamparar, por fallecerem as fundadoras. A principal d'estas, está sepultada debaixo das grades d'este templo. Ignora-se o seu nome de baptismo, e apenas se sabe que era do appelido *Alvares.* Pertendem alguns, que esta senhora vivia em uma aldeia da freguezia de *Mós*, que d'ella tomou o nome. Depois, com o tempo, e crescendo a população, se erigiu em Alvares uma freguezia independente que tomou este nome.

Suppõe-se que esta senhora Alvares, era da familia dos condes de Tarouca (que usavam d'este appellido), e que d'elles obteve, por compra ou doação, o terreno para fundar a egreja e o recolhimento.

O sitio onde a egreja está edificada é muito formoso, não só pelas dilatadas vistas que d'elle se gosam, como por ser o terreno cultivado.

Até ao principio d'este seculo teve o sanctuario um erimitão permanente, para cuidar do seu aceio e conservação. Depois, foi substituido por um capellão, apresentado pelo abbade de Mós, com obrigação de dizer aqui missa diariamente. (Vide vol. 2.º, pag. 463 e 464.) [1]

[1] Em quasi todos os diccionarios geographicos e chorographicos, se vê este logar e todos os mais do mesmo nome escriptos — MOZ — porém, como é êrro manifesto, visto esta palavra ser o plural de *mó*, denomino a todos — MÓS — por ser etymologico.

MÓS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os senhores da villa da Barca (Magalhães) apresentavam o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Muito gado, e grande abundancia de caça.

MÓS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago, S. Nicolau (antigamente, S. Pedro, apostolo).

O abbade de Rebordãos apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem se chama *Mós de Rebordãos*, por ter sido desmembrada da freguezia de Rebordãos.

MÓS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncôrvo, 150 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 150 fogos. (Antigamente *Mólas.)*

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis.

Foi villa e concelho, dos senhores (depois condes) de Villa-Flôr; aos quaes cada morador pagava dois alqueires e meia quarta de cevada e 6 réis em dinheiro.

Nos disimos tinha um prestimonio, que, junto ao que para elle pagavam as freguezias de Caraviçáes, Urros, Perêdo, Maçores, Souto e Felgar, prefazia o rendimento annual de 360$000 réis. Este prestimonio andava annexo ao vinculo da casa de Villa-Flôr.

Ha n'esta freguezia uma fonte de agua mineral, que se applica para a cura de varias enfermidades, sendo muito efficaz para molestias cutaneas.

Teve um castello, com seus fossos, cubêllos e cisterna, que era defendido por 40 cavalleiros de esporas douradas. É tradição que o donatario os mandou assassinar.

D. Sancho II lhe deu foral, em janeiro de 1241. (Gav. 15, maço 11, n.º 48.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 15, col. 2.ª — Veja-se tambem a Inquirição para este foral, gav. 20, maço 11, n.º 43.) [1]

—

D. Affonso IV, por carta datada da Guarda, a 19 d'agosto da era de 1373 (8 d'agosto de 1335) deu a Pedro Dias, seu procurador, na terra de Bragança, a terça parte da egreja de *Mós*, para conclusão das muralhas d'esta villa. [2]

Suppõe-se que as obras de fortificação de Mós, datam do tempo dos romanos, e com certeza existiam no tempo dos mouros, pois do foral d'esta antiga villa se vê que Pedro

[1] Viterbo diz que D. Affonso I deu foral a esta villa de Mós, em 1162; porém Franklim não o menciona. Entendo ser lapso d'este escriptor (que deixou de mencionar muitos foraes antigos) pois Viterbo até cita do foral de D. Affonso Henriques, o seguinte—*Toto homine de Molas qui mulier leixar de benedictiones, det unum dinarium ad Judicem. Et si mulier leixaverit suo marito de benedictiones pectet C C C* (300) *solidos: medius ad marito, et medius a Palacio.* N'este foral vem demarcados os limites do concelho de Mós, entre o de Moncôrvo, *perlo Porto da Figueira..... et inde au Pelagu du Cucu, et inde en na serra de Cubu, aquas vertentes contra Siladi.*

[2] Procurador do rei, não tinha o officio a que hoje se dá o nome de procurador; mas era synonimo de *pobrador* (povoador) d'el-rei. Era um magistrado que inspeccionava os *refazimentos* (reparos ou reedificações) dos logares fortes, assim como a sua população e a das terras abertas e indefezas.

Eram mais frequentes estes magistrados nas terras da provincia de Traz-os Montes, porque, no principio da monarchia, estavam mais despovoadas do que as outras.

Para este cargo, eram sempre escolhidas pessoas de muita inteireza; porque a sua jurisdicção abrangia muitos ramos da administração publica.

Dias, só procedeu ao *refazimento*, prova de que já existiam. Actualmente poucas ruinas restam do vetusto castello e muralhas.

MÓS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa-Nova de Fóz-Côa, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 111 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 5$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MÓS DE CELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, comarca de Bragança) 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757 50 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Cellas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi desmembrada da de Cellas, no seculo XVII, e hoje está annexa outra vez á mesma freguezia de Cellas. (Vol. 2.º, col. 2.ª, pag. 232).

MÓSÉLLOS—freguezia, Douro, comarca, concelho, e 5 kilometros ao NE. da Feira, 24 ao S. do Porto, 60 ao NNE. de Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O D. prior dos conegos regrantes do mosteiro de Grijó, e depois o da mesma ordem, da Serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia é situada em terreno levemente accidentado, bonita, rica e fertil em todos os generos do nosso clima. Cria muito gado bovino, que exporta para a Gran-Bretanha, em grande quantidade. Exporta para a cidade do Porto muitos cereaes e fructas, e bastante madeira.

A egreja matriz é um templo vasto, muito decente e em bonita situação.

É abundante em peixe do mar, que lhe fica a 12 kilomertos a O.

O logar do Murado, é das maiores e mais bonitas aldeias da freguezia, e tanto que a esta se dá com mais frequencia o nome de *freguezia do Murado*, do que de *Móséllos*.

No Murado se faz uma grande feira, nos dias 25 de cada mez.

No mesmo logar do Murado é o solar de um ramo dos Vasconcellos. Para a sua genealogia e armas, vide Castello-Melhor, Mafra e Penella.

MÓSÉLLOS — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 50 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis e o pé de altar. O abbade tinha só metade da renda da egreja, a outra metade era dos marquezes de Villa-Real, até 1641, e desde então passou a ser um *beneficio simples*, que os reis davam a quem queriam.

MÓSÉLLOS—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Santa Maria Magdalena do Campo, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Vizeu. (Vol. 2.º, pag. 62, col. 2.ª)

Á entrada do logar de Móséllos, junto á antiga estrada que vae para Guimarães e para o Porto, está a capella de Nossa Senhora da Victoria, cuja origem é a seguinte:

Havia em Móséllos dois casados, por nome Henrique de Almeida (natural de Vizeu) e Joanna da Fonseca (natural da cidade do Porto) muito devotos da Santissima Virgem; e, como não tivessem filhos, resolveram entre si nomear Nossa Senhora por sua herdeira, e logo, pelos annos de 1625, principiaram a edificar-lhe um templo, onde fosse venerada. Feita a capella, e collocada n'ella a imagem da padroeira, lhe erigiram uma irmandade, com 33 irmãos, para cuidarem da Senhora e da sua egreja, e de lhe fazerem uma festa annual.

Por fallecimento do fundador, a sua viu-

va doou á Senhora varias propriedades, sitas no mesmo logar, por escriptura publica, feita em 14 de dezembro de 1638, com a obrigação de lhe dizezem, no altar da padroeira, *in perpetuum*, nove missas, nos nove dias antes do Natal; seis missas, nos seis domingos de quaresma — uma no dia de S. Francisco—e finalmente outra, no dia de S. Jeronymo. Deixou ao visitador, dois *capões* (gallos castrados) [1] para que todos os annos fizesse cumprir a obrigação d'aquellas 17 missas.

Os estatutos da irmandade foram confirmados e approvados, em 1653, sendo os irmãos obrigados a assistirem á festa da Senhora, a 25 de março de cada anno. A 20 de dezembro se fazia o anniversario dos irmãos fallecidos, por cada um dos quaes tambem a irmandade era obrigada a mandar dizer cinco missas. Os irmãos davam 100 réis cada anno, e as irmans viuvas 50 réis.

Não se admittiam para o logar dos irmãos fallecidos, senão seus filhos ou descendentes.

MÓSÉLLOS—aldeia, Douro, na freguezia de S. Salvador do Monte, comarca e concelho de Amarante, bispado e districto administrativo do Porto (pag. 457, col. 2.ª d'este vol.—o ultimo *Monte*, d'esta pag.)

Fica esta aldeia perto do rio Tâmega, entre as villas de Amarante e Canavezes, a distancia de 6 kilometros de cada uma.

Proximo a Móséllos está a capella de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada *Nossa Senhora do Váu* ou *Nossa Senhora de Móséllos*. Dá-se-lhe o segundo nome, pela proximidade da aldeia, e o primeiro, por ficar tambem proxima dos *vaus de Villarinho*, e de *Covêlhas*, no rio Tâmega, ficando-lhe estes dois váus, ou logares, um de cada lado da capella. Dão estes váus passagem, no verão, a dois concelhos — hoje ambos extinctos — o de Gouveia (em cujo territorio está a ermida) e o de Santa Cruz de Riba Tâmega.

Consta por tradição que esta egreja foi a primitiva matriz da freguezia, que antigamente se denominava *Móséllos do Monte*.

Esta tradição tem todos os visos de verdadeira, em razão de antiquissimas sepulturas que aqui existiram, o que prova tambem a muita antiguidade do templo. Tambem Nossa Senhora era a padroeira antiga d'esta freguezia, pois nos prasos dos seculos XII e XIII, feitos das terras immediatas (que todas eram foreiras ao mosteiro benedictino de Travanca) se diz — *o campo de Santa Maria, que está nas costas da ermida.*

Não se sabe pois quando foi edificada, e apenas se sabe que foi reedificada em 1679, quando a primittiva ameaçava imminente ruina.

Antigamente vinham aqui, em dias certos, *clamores* de varias freguezias.

A capella está entre o logar de Móséllos, Covêlhas e Gondeiro, em sitio muito ameno, todo povoado de campos e arvores silvestres.

Como a capella não tinha confraria, nem rendas proprias, era a freguezia obrigada á sua fabrica. Os moradores da freguezia, que ficavam da egreja para a parte d'Amarante (*d'Áquem do Signo*) não queriam concorrer para as despezas da fabrica, e influiam nos que habitavam a parte opposta (a que chamam *d'Álem do Signo*) para que não cuidassem mais da capella.

Um cavalheiro, chamado João de Castro e Vasconcellos, da villa de Amarante, que attribuia a milagre d'esta Senhora da Assumpção a cura de uma sua filha, chamada D. Maria de Lima Vasconcellos e Castro, a quem os medicos já tinham abandonado, veio com ella e mais familia, da sua quinta de Gondeiro, em romaria, e todos descalços, dar graças á Senhora.

Sabendo então do projectado abandono do templo, conferenciou com o abbade da freguezia do Salvador (João de Souza Rebello) e ambos representaram ao vigario-geral do bispado do Porto, allegando que a capella

[1] Nos antigos foraes, doações, emprasamentos, etc., vê-se muitas vezes mencionados capões, como objecto de fôro. Se se dizia simplesmente *capão*, vinha a ser um frangam; mas, se se dizia *capão afoucinhado*, era um gallo que já tivesse as pennas *reaes* do rabo. *Afoucinhado* era o mesmo que dizer, em fórma de *foucinha* (foice de ceifar).

era antiquissima e tinha sido matriz da parochia; e que, ficando a egreja da freguezia muito distante, para os povos de *Álem Signo*, na capella se dizia missa ao povo, e d'ella se administravam os sacramentos.

O vigario-geral, justificadas as allegações, obrigou toda a freguezia ás despezas da fabrica, e logo se fez um novo retabulo, por estar muito velho o que havia, e se forrou a capella, que até então era de *telha van*.

MOSENDAREM, ou **MONZEDAREM**—Vide *Vianna do Alemtejo*.

MOSEQNINS, ou **MOSEQUINIS** — portuguez antigo — borzeguins.

MÓSINHO ou **MOUSINHO**—portuguez antigo —Vide *Moçoco*.

MOSQUEIRO (caldas do)—Vide *Lijó*, vol. 4.º, pag. 91, col. 2.ª

MOSSÊCO ou **MOSÊCO**—portuguez antigo—Vide a palavra seguinte.

MOSSEGADO ou **MOSEGADO**—portuguez antigo—pão mossegado—dizia-se d'aquelle em que á mão se tírava uma pequena parte, quando ainda estava na palha, para accudir a alguma necessidade urgente; e á parte assim tirada se chamava *mossêco*. Ainda hoje em algumas terras do Norte se emprega esta palavra com a mesma significação.

Mossegado tambem significava cousa incompleta, rôto, esfarrapado, etc.

De *Mossêco* se fez na Terra da Feira *motrêco;* mas aqui significa um mólho muito pequeno de qualquer palha—uma mão-cheia de qualquer cousa, atada a módo de feixe.

MOSTÊA—portuguez ant.—Vide *Morêa*.

MOSTEIRINHO — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella (foi do concelho de S. João do Monte, hoje extincto), 35 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. João do Monte apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MOSTEIRO—Tomam-se vulgarmente por synonimos *mosteiro* e *convento*, quando são cousas completamente diversas. *Convento*, no rigor da palavra, tanto póde ser de frades, como de seculares. É a reunião, ajuntamento, assembléa ou mêsa, de uma confraria ou irmandade, ou de outra qualquer instituição. D'aqui vem chamar-se á missa mais concorida de uma egreja—*missa conventual*—isto é—missa do ajuntamento.[1]

Vem do latim *conventus*, que significa o mesmo; porém os *conventos juridicos* dos romanos, era um tribunal, abrangendo o civel, municipal, administrativo e militar.

Mosteiro nunca significou mais do que o edificio monachal.

Nos primeiros seculos do christianismo, uma gruta, ou uma choça coberta de ramos, onde habitava qualquer erimita, era um mosteiro.

Ainda depois de se admittir nos cenóbios maior numero de monges, nunca o seu numero attingiu a cifra dos seculos futuros.

A soberba e arrogancia dos grandes palacios, de magestosa architectura, nada tinha de commum com os claustros religiosos, onde só viviam homens dedicados á penitencia, á humildade e á oração, e, por assim dizer, enterrados em vida.

Passados os primeiros fervores, e n'estes mesmos sitios, ou perto d'elles, se fundaram mais amplas vivendas monachaes, algumas das quaes chegaram aos nossos dias.

[1] Em 1184, *Pedro Agulha* e *Martinho Perne*, doaram ao mosteiro de Lorvão, um terrado ou chão, na cidade de Coimbra, *cum Conventu Fratrum S. Juliani*. (Doc. de Lorvão.)

No mesmo livro se acha outra doação de uns moinhos, no mesmo logar, os quaes partiam do levante *cum Confraria S. Juliani*. Vê-se que tanto montava dizer-se confraria como mosteiro.

Reflectindo sobre os nossos mais antigos documentos, vêmos tão desmarcado numero de mosteiros, que devemos acreditar não serem esses mosteiros o que depois foram. Cassiano (*Collat.*, 18, cap. 16.º) diz claramente que á cella particular de qualquer monge se dava o nome de mosteiro. *Monasteria dicebantur Cellae, in quibus unicus degit Monachus*. Era esta a differença entre o mosteiro e o cenóbio; n'este, habitavam muitos—n'aquelle, um só. Com o decurso do tempo, tambem aos cenóbios se deu o nome de mosteiro, como se vê do concilio romano de 826, *canon* 27.º

Ás egrejas cathedraes se dava o nome de mosteiros, ou por serem servidas por monges, ou porque os conegos viviam em communidade, com tanta humildade como qualquer cenobita.

Tambem ás egrejas parochiaes se dava antigamente o nome de mosteiros; ou pela austeridade com que os parochos viviam nas suas residencias; ou porque n'ellas ha via monges que os ajudavam nos seus misteres parochiaes.

Mosteiro de herdeiros, eram quasi todos os que se fundaram no seculo 11.º Junto d'uma pequena egreja ou oratorio (edicula) se construiam casas em que viviam os fundadores, com as suas familias, e succediam-lhes seus herdeiros, sob condição de darem agasalho aos peregrinos, e esmolas aos pobres, e aos monges que serviam esses templos.

Mosteiros se chamavam aos arcos, abobadas ou pequenas capellas, feitas pela parte exterior das egrejas, nas quaes antigamente sepultavam os defuntos.

Mosteiros capitaes—eram os que tinham outros sob a sua obediencia. (Os principaes, em Portugal, eram Pombeiro, Tibães, Vaccariça, etc.)

Mosteiros canonicaes—aquelles em que viviam conegos regrantes, ou seculares, com a mesma austeridade com que viviam os monges.

Mosteiros duplices, duplex, ou dobrados (de ambos os sexos)—Houve muitos em Portugal (eram a maior parte) ainda depois que no 2.º concilio de Nicéa, canone 20.º, foram prohibidos, por não darem bons exemplos, alguns d'elles; apesar de estarem divididos os dois sexos, em quasi todos por altas e grossas paredes, não se avistando senão rarissimas vezes; tendo cada divisão seu chefe, do mesmo sexo, e sendo prohibido ás monjas entrarem na egreja dos frades, devendo ouvir missa e assistir aos officios religiosos, nos seus oratorios, ou no côro, vedadas á vista por bastas rótulas.

Mosteiros isentos—conventos que estavam fóra da jurisdicção do prelado diocesano, obedecendo só e directamente ao papa ou aos seus delegados. Adquiria-se este privilegio por *origem, prescripção immemorial*, ou por *graça especial*, e d'esta circumstancia nasceram os prelados, *nullios diocesis*, que exerciam a jurisdicção episcopal, no clero e povo do districto privilegiado. Em Portugal os *isentos* mais notaveis eram—a *prelazia de Thomar* e o *grão-priorado do Crato*. Muitos abbades benedictinos conferiam ordens, mas, a maior parte, só podiam dar as menores.

Em Portugal e Hespanha, teve distincto logar a bulla de Urbano II, de 1095, a qual concedia ao *rei, próceres* e *magnates*, desmembrar dos antigos bispados, e submetter a mosteiros, todas as egrejas que resgatassem do poder dos mouros, juntamente com a precepção dos dizimos e primicias.

Tambem havia *abbadias seculares isentas*. A principal era a de Soalhães, cujo parocho tinha poder *quasi episcopal*. Das regulares, a principal era a de Salzêdas.

Mosteiros reaes—os que só dependiam do imperante, mas ordinariamente dava-se até 1834 o titulo de *real mosteiro* a todo o que tinha sido fundado pelo monarcha, ou por algum membro da familia real.

MOSTEIRO—Vide *Pinheiro*—d'Aguiar da Beira, e *Sermillo*.

MOSTEIRÓ—(de Nóbrega) logar do Minho, na freguezia de *Aboim da Nóbrega*. (Vol. 1.º, pag. 14, col. 2.ª)

A egreja matriz pertenceu a um antiquissimo mosteiro de freiras que aqui houve, o qual foi primeiro de bentas, depois de agostinhas; passando, pelos annos de 1480, a poder de commendatarios, da ordem de Malta. É por isso que ao logar onde está a egreja, ainda se chama *Mosteiro*.

Ainda hoje ha aqui um rego a que chamam *Calle das freiras*.

A padroeira d'esta egreja (Nossa Senhora da Assumpção) foi em tempos antigos a mais celebre thaumaturga da provincia de Entre Douro e Minho, e da particular devoção dos senhores do castello e villa de Nóbrega.

Consta que o appellido de *Aboim*, que estes fidalgos adoptaram, foi por devoção a esta Senhora, que se chama tambem *Santa Maria de Aboim*.

D'esta nobilissima familia foi D. João de

Aboim, celebre valido de D. Affonso III, e seu rico-homem.

Quando este monarcha era ainda infante, o acompanhou a França, e assistiu ao seu casamento com a infeliz condessa de Bolonha. Regressou com elle a Portugal e foi seu mórdomo-mór (o 26.º que teve este officio, como se vê na col. 2.ª da pag. 540 d'este volume).

Foi tambem muito estimado do rei D. Diniz, filho de D. Affonso III.

D. João d'Aboim, era filho de D. Pedro Rodrigues da Nóbrega, e neto de D. Eurigo Vélho da Nóbrega.

O mesmo D. João de Aboim, fundou o castello e a villa de Portel, em 1262 (por mercê de D. Affonso III) e lhe deu foral, como villa sua. Este foral foi feito em Evora, com assistencia e annuencia de seu filho, D. Pedro Annes de Portel. E deu o nome a *Villa-Boim* (comarca, concelho, bispado, e proximo d'Elvas, no districto administrativo de Portalegre).

Este D. Pedro, foi um grande senhor do seu tempo. Casou com D. Constança Mendes de Souza, senhora da *casa de Souza*, a mais nobre de Portugal. Era filha de D. Mendo Garcia, senhor de Panoyas, e de D. Thereza Annes.

Tiveram a D. João Peres, que casou com D. Aldonça Peres, neta de D. Affonso III, por ser filha de D. Urraca Affonso.

A quinta d'Aboim, solar dos Aboins, era uma das maiores e melhores da provincia. Foi ainda D. João de Aboim que lhe deu este nome, pois antes d'isso se chamava quinta do *Outeiro*. Era esta propriedade junto ao logar da Pica, e lhe fôra dada, em 20 de julho de 1270, por D. Martim Fagundes, commendador de Leça do Bailio, e tenente do grão-mestre, D. Gonçalo Pires, de Pereira.

Era o mesmo D. João, senhor de Villa-Verde, por doação que lhe fizera, em 1260, D. Affonso Pires Farinha, prior do Crato, com auctorisação do grão-commendador de Hespanha, D. frei Faraúdo de Barriôco.

Os descendentes de D. João, foram pouco e pouco desmembrando d'esta grande quinta d'Aboim, varias propriedades, que davam e vendiam, reduzindo-a portanto a muito menos valor, até que com o correr dos annos, estava dividida e sub-dividida por diversos possuidores.

Pelos annos de 1440, Fernão Martins, familiar do arcebispo de Braga, comprou (por bem ou por mal) a maior parte das propriedades que constituiram a antiga quinta de Aboim, e quiz gosar tambem as honras dos seus antigos possuidores, o que conseguiu, por mercê de D. Affonso V, em 1449, em premio dos grandes serviços que tinha feito na guerra.

A quinta de Aboim, passou depois aos Camaras, da cidade do Porto, e d'estes para os senhores de Bayão, por casamento de Fernão Martins de Souza, com D. Maria d'Athaide, filha de Fernão Gonçalves da Camara.

—

Consta que o conde D. Henrique e sua mulher, deram foral e titulo de villa, a Aboim da Nóbrega, pelos annos de 1100; porém Franklim não traz semelhante foral, e no que D. Manuel deu a Nóbrega, em 24 de outubro de 1513, tratando de muitas terras a que diz respeito, não falla em Aboim.

É certo porém, ter por muitos seculos o fôro de villa e ser couto do rei, com juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho, e escrivão do civel e da camara, feitos por eleição, a que presidia o corregedor de Vianna. — Na orphanologia pertencia à Barca.

O commendador de Malta, donatario da freguezia, servia de capitão-mór. Os povos da parochia tinham os grandes (e absurdos) privilegios de caseiros da ordem de Malta.

MOSTEIRÓ — aldeia, Minho, na freguezia do Cerdal, comarca, concelho e 6 kilometros de Vallença. (Vol. 2.º, pag. 242, col. 1.ª) [1]

Proximo do rio Minho, está o logar do *Mosteiró*, celebre pela sua antiguidade e pelas suas tradições.

Consta que no 7.º seculo, fundaram aqui uns eremitas, uma capella, dedicada a Nossa Senhora, e elles viviam em cabanas toscas, em volta da ermida.

[1] Já tratei d'este mosteiro, na freguezia do *Cerdal*, aqui dou d'elle mais algumas noticias, pouco sabidas, pela sua antiguidade.

Com a invasão dos mouros, em 715, os eremitas esconderam a imagem da padroeira e fugiram espavoridos.

Os reis de Leão resgataram estas terras do poder dos arabes, pelos annos 890.

Algum tempo depois, appareceu a antiga imagem da Senhora, e a condessa Muma-Dona, tia de D. Ramiro II, de Leão, pelos annos de 920, reedificou a capella e fundou novo mosteiro, sobre as ruinas do primeiro, dedicando-o ao Salvador do Mundo e a Santa Maria, e dotando-o com muitas rendas, que lhe assignou em Portugal, Galliza e Leão, entregando o mosteiro aos monges de S. Bento.

Poucos annos depois da morte da fundadora, os leonezes e os gallegos, deixaram de pagar as rendas ao mosteiro, que, não podendo sustentar-se só com as que recebia do reino, foi abandonado, e com estas rendas se instituiu a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, em tempo de S. Geraldo, arcebispo de Braga.

O mosteiro, que era pequeno, como o seu proprio nome indica (*mosteiró* é diminutivo de *mosteiro*, como se dissessemos — *mosteirinho*), foi cahindo em ruinas, e só a capella se foi conservando pela devoção do povo, e pelo cuidado de um erimitão que quasi sempre tinha.

Em 1392, reinando em Portugal D. João I, vieram a este reino, para fundar a religião franciscana, alguns frades d'esta ordem, sendo os principaes, frei Gonçalo Martinho e frei Diogo Ayres (ou Arias), asturianos.

Buscaram sitios ermos e distantes de povoado, onde, com beneplacito do rei, fundaram alguns mosteiros.

Um dos sitios por elles escolhido, foi este de Mosteiró. Estava a ermida entre uns grandes montes, cercada de espessos bosques, e era um sitio muito proprio para a vida de penitencia e oração a que se dedicavam então estes religiosos.

Pedida a competente licença ao arcebispo de Braga, deram logo principio á fundação do mosteiro, que dedicaram a Santa Maria, e foi o primeiro da sua ordem em Portugal.

Este terceiro convento era ainda mais pobre que o segundo, o edificio de acanhadas proporções, e tanto este como a ermida (que era a primitiva) eram cobertos de colmo. Apezar d'isso, incendiando-se a matta que o cercava (pelos annos de 1410) carbonisando as maiores arvores, foi o mosteiro reduzido a cinzas, escapando apenas a capella, o que se teve por grande milagre.

Faz-se na egreja matriz, a 8 de setembro, uma esplendida festa, a Nossa Senhora da Natividade, havendo na vespera illuminação, e grande quantidade de fogo preso e do ar; e vesperas solemnes, a grande instrumental.

Tudo o mais que havia a dizer d'este convento, já está em *Cerdal*.

MOSTEIRO — aldeia, Beira-Alta, na freguezia do *Couto do Mosteiro*. (Vol. 2.º, pag. 424, col. 2.ª)

Dá-se a esta freguezia (que foi villa) o nome de *Couto do Mosteiro*, porque, effectivamente, houve aqui um mosteiro, que foi coutado. Foi fundado pelos templarios, em 1124 e era da invocação de Santa Maria. Depois da extincção da ordem do Templo, em 1311, passou a ser priorado secular, dos bispos de Coimbra; a egreja ficou sendo a matriz da freguezia, e esta passou a ser commenda da ordem de Christo.

Ainda na egreja ha uma imagem de Santa Maria, de pedra, que era a padroeira do antigo mosteiro, e que agora se denomina Nossa Senhora do Rosario.

É egual em tudo, á de *Nossa Senhora de Finis Terrae*, da villa de Soure, e foram ambas feitas pelo mesmo esculptor, e pelo mesmo tempo.

—

No logar de Géstosa, d'esta freguezia, a 1:500 metros da egreja matriz, está a capella de Nossa Senhora da Graça, muito antiga. Faz-se a sua festa a 18 de dezembro.

O couto do mosteiro (que deu o nome á parochia) comprehendia tres freguezias—a do *Couto do Mosteiro*, cabeça do couto—a do *Vimieiro*, que foi sua annexa—e a de *S. Joanninho*. (Vol. 3.º, pag. 412, col. 1.ª—a 2.ª d'este nome).

A freguezia do *Couto do Mosteiro* tem 9 aldeias, que são—Couto, Colmiosa, Pecegui-

do, Villa de Barba, Casal de Maria, Pedrayres, Casal de Vidona, Outeiro e Géstosa.

A de *Vimieiro*, tem duas—Vimieiro e Rojão-Grande.

A de *Joanninho*, tem cinco — S. Joanninho, Villa-Pouca, Casal Bom, Real e Abelheira.

MOSTEIRO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de *Cabril* ou *Baltar de Cabril*. (Vol. 2.º, pag. 21, col. 2.ª)

São tres freguezias reunidas—Baltar, Cabril, e Moimenta.

O logar do Mosteiro, tem este nome, por que houve aqui em tempos antigos um mosteiro de freiras benedictinas. A sua egreja é a actual matriz da freguezia. O edificio do mosteiro, foi parte demolido, e parte é hoje a residencia do parocho.

MOSTEIRO—aldeia, Douro, na freguezia de Canêdo, concelho da Feira. (Vol. 2.º, pag, 86, col. 1.ª)

Tem este nome, em razão de ter aqui havido um mosteiro de freiras benedictinas. com uma grande cêrca. O edificio do mosteiro, é hoje propriedade particular do dr. Bernardo José da Silva Tavares, conego da Sé do Porto. (Ainda tem um oratorio, mas já n'elle senão diz missa ha muitos annos).

A cêrca, é parte (a maior) propriedade do mesmo conego, e parte, de seu irmão, Hermenegildo José da Silva Tavares, que foi capitão de milicias, e que construiu, pelos annos de 1847, umas boas casas de habitação na extremidade da cêrca que fica proximo á egreja.

Este mosteiro e suas dependencias foi vendido no tempo dos Philippes, hindo as freiras para o convento de S. Bento, do Porto. E' apenas a distancia de uns 200 metros, ao E. da matriz.

N'esta aldeia do Mosteiro se faz uma feira no dia 7 de cada mez.

Para o mais, vide Canêdo, da Feira.

MOSTEIRÔ—aldeia, Douro, na freguezia antecedente. (Pag. 87, col. 2.ª do 2.º vol.)

Dista da egreja parochial 3 kilometros a ENE., e a igual distancia da margem esquerda do rio Douro.

Houve aqui, em tempos remotos, um pequeno mosteiro (como o seu nome indica) de freiras benedictinas, muito mais antigo do que o antecedente, e que deixou de existir não se sabe quando.

Era esta aldeia, então, da antiquissima freguezia da *Varzea de Carvoeiro*, que foi ha muitos annos supprimida, não restando d'ella outras memorias senão a sua capella-mór, transformada em ermida.

Apesar da existencia d'este mosteiro ser authenticada por varios documentos antigos, não ha d'elle o minimo vestigio, e, o que é mais notavel, nem ao menos tradição de ter existido. Em vista d'esta circumstancia, é provavel que fosse destruido pelos mouros, no principio do seculo VIII.

A freguezia de Varzea de Carvoeiro, era tão antiga, que já existia em 897, sendo n'esse anno resgatada do poder dos mouros, por D. Affonso Magno. Encorporou-se na de Canêdo, ha mais de 400 annos.

MOSTEIRÔ—sitio da mesma freguezia, 8 kilometros ao SE. da egreja parochial. E' um monte, em fórma de peninsula, cercado pelo rio *Inha*, ficando-lhe o *isthmo* a E.-S.E., na encosta occidental do monte da *O'ssa*. Chama-se a este sitio vulgarmente, *Mosteirô do Ribeiro*. Fica a 2 kilometros ao S. do rio Douro.

Este monte, que é hoje um bosque, está por todos os lados cercado de outros montes mais altos, e é em sitio êrmo, sendo a povoação mais proxima a pequena e pobre aldeia de *Rebordêllo*, tambem da freguezia de Canêdo. Esta aldeia e a de Mosteirô do Ribeiro pertenciam á freguezia de S. Cypriano, de *Parada do Monte*, supprimida ha mais de 500 annos.

Segundo a tradição, havia em Mosteirô do Ribeiro, um mosteirinho (donde lhe provém o nome) de freiras benedictinas, e uma pequena aldeia.

Em 29 de setembro de 1348, principiou em Portugal o terrivel contagio, chamado a *morteydade* ou *péste grande*, que, apesar de durar só tres mezes, marcou época na historia portugueza pelo horroroso numero de victimas a que deu causa. (4.º vol., pag. 388, col. 2.ª)

Segundo a tradição, nem uma só pessoa do mosteiro ou da aldeia escapou ao pavoroso

contagio. Foi tal o terror dos povos circumvisinhos, que sete annos ninguem se atreveu a hir a Mosteirô do Ribeiro. Passados elles, principiaram a hir ali algumas pessoas, em busca dos objectos pertencentes aos fallecidos, e consta que debaixo dos entulhos appareceram algumas pipas, cheias de vinho, em muito bom estado.

Do mosteiro e da povoação apenas restam alguns alicerces de casas, e de paredes de campos e sucalcos, indicando que tudo era pequeno e pobre.

Nunca mais foi habitado este monte, que se dividiu em differentes possuidores. Um lavrador do logar de Pecegueiro (freguezia do Valle, concelho da Feira) é hoje o unico possuidor de todo o monte, por compras que fez aos seus differentes proprietarios.

O logar de *Parada do Monte*, onde estava a matriz da freguezia, tambem soffreu muito com aquella péste, ficando quasi deserto; pelo que foi supprimida esta parochia, passando o povo a pertencer á freguezia de S. Vicente de Louvedo, do extincto concelho de Fermedo, (hoje concelho e comarca de Arouca) e a aldeia de Rebordêllo, e a que fôra aldeia do Mosteirô do Ribeiro, á freguezia de Canêdo.

Ainda se divisam os alicerces do corpo da antiga egreja de S. Cypriano, martyr, de Parada do Monte, e a sua capella-mór está transformada em ermida do mesmo santo, ao qual ainda se lhe faz a festa, no 4.º domingo de setembro. (O seu dia proprio é a 26 d'este mez.)

MOSTEIRO—freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso, 24 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa de Calhariz apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento.

Consta que foi commenda dos templarios, que aqui construiram um mosteiro da sua ordem, o qual existiu até 1311.

Em 1319 passou a commenda de Christo, e foi dada aos morgados do Calhariz.

A egreja matriz, é a que foi do mosteiro.

É terra fertil em todos os fructos do paiz, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

MOSTEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho de Oleiros, comarca da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

Era isento do grão-priorado do Crato, e está desde 1834 annexa ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior apresentava o capellão, curado, que tinha 100$000 réis.

E' terra fertil em cereaes.

E' tradição que o nome lhe provém d'um mosteiro de cavalleiros do templo que aqui houve (outros dizem que foi de freiras benedictinas). Não ha d'elle vestigios, só consta que a egreja do antigo mosteiro serve actualmente de matriz da parochia.

Esta freguezia não vem no *Port. Sac. e Prof.*

MOSTEIRO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 15 kilometros de Vizeu, 260 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 180$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes, azeite e fructas, e produz muito vinho de optima qualidade. Cria muito gado e tem abundancia de caça.

Para se distinguir das outras povoações do mesmo nome, se lhe dá o de *Mosteiro de Fráguas*.

Consta que esta freguezia principiou por um mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, que ha muitos annos foi supprimido, e que d'esta circumstancia lhe provém o nome.

MOSTEIRÔ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Gonçalo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As religiosas benedictinas do convento da Ave-Maria, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

Era da comarca do Porto, e do concelho da Maia. A requerimento do povo, passou a ser da comarca e concelho de Villa do Conde, por decreto de 11 de maio de 1870.

E' terra muito fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado e é abundante de peixe do mar, que lhe fica pouco distante.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, fundado no seculo XII. Foi supprimido em 1480, hindo as freiras e as rendas d'elle, para o convento de freiras da sua ordem, da cidade do Porto. A egreja matriz é a que foi do mosteiro.

MOSTEIRÓ — aldeia, Douro, meieira das freguezias de Fermedo e S. Miguel do Matto, no extincto concelho de Fermedo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros a O., 30 ao S. da cidade do Porto, 60 ao ENE. de Aveiro, 8 ao S. do Douro, 262 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

É povoação muito antiga, e se encontram pelos seus arredores mâmoas celticas, e um dolmen, na serra de Borralhoso, que é proxima.

Ao fundo da povoação passa um ribeiro do seu nome, onde se encontram muitos *staurotidos*. Vide *Borralhoso*.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que foi supprimido em 1480, hindo as suas freiras e rendas para o convento de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto. Da sua egreja não ha o minimo vestigio, O mosteiro, que era pequeno, é propriedade e residencia d'um lavrador chamado Manuel Ferreira da Silva, foreiro, assim como a maior parte do logar, ás ditas freiras, do Porto.

Ha n'esta terra muitos canastreiros, talvez os melhores de Portugal. Encommendando-se-lhe, fazem canastras e cêstos, que se enchem d'agua, sem verterem uma só pinga, como se fossem d'argilla, ou de aduellas.

MOSTEIRÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 60 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor de S. Miguel do Souto apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé de altar. É terra fertil em cereaes e outros fructos, cria bastante gado, e tem alguns pinhaes de boa madeira.

Diz-se que tambem houve n'esta freguezia, um mosteiro, pequeno, de freiras benedictinas, que foi supprimido ha mais de 300 annos; mas não pude obter mais informações.

MOSTEIRO D'ARNOSO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. Já a pag. 238 Y, do 1.º vol. tratei d'esta freguezia; porém como ella é conhecida por ambos os nomes (*Arnoso* e *Mosteiro de Arnoso*) accrescentarei mais o seguinte:

Houve aqui um mosteiro, dobrado, da ordem de S. Bento, fundado por S. Fructuoso, em 642. Os mouros o destruiram em 715 ou 716, e foi reconstruido pelo infeliz D. Garcia, rei de Portugal, filho de D. Affonso Magno (vide *Alfaiates*, a pag. 112 do 1.º vol.), pelos annos 1067.

A requerimento de D. João II e do arcebispo de Braga, o papa Alexandre VI supprimiu este convento, em 1495. O celebre arcebispo, D. Jorge da Costa (*o cardeal de Alpedrinha*) o uniu ao convento de Pombeiro. Depois, foi mudado para Belem (do Minho) onde tinha uma grande quinta. Foi supprimido ha mais de 150 annos, tomando tudo de emprazamento, o doutor Miguel Pinheiro Figueira, conego da Sé de Braga. Passou depois a D. Isabel de Souza Lima Figueira, em cuja descendencia se conserva.

Não se confunda esta freguezia de Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição) com a outra do mesmo nome, cujo orago é Santa Eulalia.

MOSTEIRO DE FERREIRA—Vide *Ferreira* (a 1.ª), a pag. 171, col. 2.ª do 3.º vol.

MOSTEIRO D'OLIVEIRA ou **DE SANTA MARIA DE OLIVEIRA** — na comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. Vide *Oliveira*, d'este concelho.

MOSTEIRO DE S. FINS DAS FRESTAS (ou *Friestas*)—Era o nome antigo da actual freguezia de *S. Fins*, que fica descripta a pag. 198, col. 1.ª, do 3.º vol.

MOSTEIRO DO SOUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães. Vide a freguezia do *Souto*, d'este concelho.

MOSTEIROL, MOSTEIRÓ e **MOSTEIRÕ**—portuguez antigo—Vide *Monesteirol*.

MOSTEIROS — freguezia, Alemtejo, concelho d'Arronches, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros de Portalegre, 180 ao S.E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago, Nossa Senhora dos Mosteiros.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes.

MOSTIL — portuguez antigo — suppõe-se ser o mesmo que official ou mestre de qualquer officio — depois disse-se *méster* e *míster*. No foral de Céia, de 1136, depois de ordenar que se não embarguem as bêstas aos oleiros, diz — *pro in nulla facienda*, etc. — continúa — *Nunquam in sena prendat mostil.*— Isto não é porém um ponto sufficientemente averiguado. Não passa de uma bem fundada conjectura.

MOSTRANÇAS — portuguez antigo — apparencias.

MOTRÊCO — portuguez ant. — Vide *Mossêco*.

MOTA ou **MOTTA** — portuguez antigo, ainda usado em muitas partes de Portugal. — Hoje é açúde ou levada de agua, que se faz de pedra, torrões ou fachina; mas antigamente significava os muros, torres, fossos ou cavas, que defendiam ou aformoseavam uma casa de campo, que, por êrma e solitaria, precisava ser fortificada.

Ha em Portugal muitas casas, quintas, aldeias e campos com este nome.

Mótta, é tambem appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Ruy Gomes de Gondar da Motta, no reinado de D. Affonso II.—Tomou este appellido, da sua quinta da *Móta*, onde tinha o seu solar, na freguezia de *Villa-Chan-do-Marão*. Vide *Gondar*, d'Amarante, e *Villa-Chan-do-Marão*.

MÓTE ou **MÓTO** — portuguez ant. — era a *lêtra* (legenda ou inscripção) que qualquer cavalleiro adoptava, para se distinguir dos outros. Era sempre uma phrase, invocação, ou *sentença*, religiosa, guerreira, amorosa, ou aristocratica—como, por exemplo—*Ave Maria*—*Sem temor*—*Á mais bella*—*Os reis descendem de nós, e não nós dos reis.* Tambem a isto se chamava *empreza*.

MOTRÊTE — portuguez antigo — o mesmo que *mossêco*, ou *motrêco*—porém *motrête* empregava-se mais vulgarmente para significar *um bocado de pão*.

MOUÇAR — portuguez antigo —Vide *Moçar*, que significa o mesmo.

MOUCHÃO — portuguez antigo — terreno plano, de pequena extensão, cercado d'agua, no mar ou nos rios — o mesmo que *insua*.

MOUÇÓS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 80 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O territorio d'esta freguezia não é muito fertil em cereaes; porém produz optima fructa, e é abundante de vinho superlativo.

Passa por esta freguezia o rio Córgo.

No logar de *Caravellas*, da freguezia da Borbella, do mesmo concelho, houve em tempos remotos, um mosteiro de freiras benedictinas. Não sei porque, despovoou-se este logar (de *Caravellas*) e as freiras pediram a sua transferencia para o sitio de Nossa Senhora do Cabeço, d'esta freguezia de Mouçós.

Este mosteiro foi arrasado pelos mouros, no seculo X, e nunca mais se reedificou. Ainda junto ao rio Córgo, se vêem vestigios das paredes da capella que foi egreja do mosteiro.

MOUÇÓS—freguezia, Traz-os-Montes, antiga comarca e concelho de Chacim, e actual comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757 40 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Castellões apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia já não existe, por estar unida á dita freguezia de Castellões. (Vol. 2.º, pag. 199, col. 1.ª, *in fine.*)

MOUQUIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

As religiosas franciscanas de Valle de Pereiras, apresentavam o vigario, collado, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

É fertil em todos os generos agricolas do nosso clima e cria muito gado de toda a qualidade.

É povoação muito antiga, e foi couto, com juiz, camara e mais officiaes. D. Affonso III lhe deu foral, em Guimarães, a 16 de maio de 1258. (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 29 v., col. 1.ª *in fine.*)

Em 1426, D. Affonso, conde de Barcellos, comprou ao bispo de S. Thiago de Compostella, esta freguezia, e as da Correlhan, Nogueira, e Gondufe, e as herdades de Bertiande; e é por isso que parte d'estas freguezias passaram depois para a casa de Bragança.

As rendas que estas freguezias pagavam ao bispo gallego e depois aos condes de Barcellos—e por fim á casa de Bragança, eram *o quinto de todos os fructos!* (Vide vol. 2.º a pag. 387, col. 1.ª *in fine*, e o que se segue.)

Esta freguezia foi abbadia dos Pinheiros, de Barcellos. Sendo abbade Diogo Pinheiro (da familia dos padroeiros), deu esta egreja ás freiras de Valle de Pereiras, com a condição de lhe admittirem no mosteiro (para professarem) duas filhas. Desde então é que ficou sendo vigariaria.

Ha n'esta freguezia a torre e quinta da *Juncosa*, que foi dos *Prados*. E a quinta da *Cósta*, dos Pinheiros, de Barcellos.

Para a genealogia e armas dos Pinheiros, vide Barcellos—e para a dos Prados, vide Prado, villa.

MOURA—ribeira, Douro, no concelho d'Oliveira do Hospital (extincto concelho d'Avô). Nasce junto á aldeia da *Ribeira de Moura*, e desagúa na ribeira de *Pomares*, no sitio mesmo chamado *Fóz de Moura*.

MOURA—Villa, Alemtejo, cabeça de concelho e de comarca, 4 kilometros a E. do Guadiana e da raia, 60 a S. O. d'Evora, 24 a N.N.E. de Serpa, 180 ao S.E. de Lisboa.

1300 fogos (5:200 almas)—em duas freguezias—*Santo Agostinho*, 560 fogos e 2:230 almas—*S. João Baptista*, 740 fogos, 2:970 almas.

Bispado, districto administrativo e 40 kilometros a E.N.E. de Beja.

Em 1757, tinha a freguezia de Santo Agostinho, 500 fogos, e a de S. João Baptista, 828.

O tribunal da mêsa da consciencia apresentava o prior de Santo Agostinho, que tinha 160$000 réis. A esta freguezia está annexa a pequena parochia de Montalvo.

O mesmo tribunal apresentava o prior de S. João Baptista, que tinha 250$000 réis.—Eram ambas da Ordem d'Aviz.

O concelho de Moura é composto de 12 freguezias, todas no bispado de Beja—são—Amarelléja, Estrella, Moura (Santo Agostinho), Moura (S. João Baptista), Orada, Pias, Póvoa, Sáffara, Santo Aleixo, Santo Amador, Sobral da Adiça, e Valle de Vargo—todas com 3:700 fogos.

A comarca de Moura é composta de tres julgados (com todas as suas freguezias no bispado de Beja)—são—*Moura*, com 3:700 fogos—Barrancos (que é composto só da sua freguezia), 500—Serpa, 2:700—total, 6:900.

—

Esta villa é ainda considerada praça de guerra; e á sua importantissima posição, já por estar situada em uma eminencia, já por ser na raia, se deviam prestar mais cuidados, não só conservando as suas fortificações, como transformando-as de modo a poderem resistir aos projectis de grande força, como são os modernos.

Os accidentes do sólo em que assenta a povoação, e o extenso valle que a cérca por todos os lados, dão-lhe as condições exigidas pelas regras militares, para uma boa praça de guerra, de facil defeza.

As suas muralhas são banhadas pelas ri-

beiras de *Brênhas* e *Lavandeira*, que morrem no Ardila, e este no Guadiana.

A antiguidade d'esta povoação, perde-se na noite dos tempos. Segundo os nossos antigos escriptores, nasceu das ruinas da antiga cidade *Aruci*, dos romanos; e por isso se lhe deu o nome de *Nova civitas Aruci* ou *Arucitana*, ou *Auracitana*, colonia nova, formada da velha cidade de *Arouche*, que ainda existe na *Serra Morena* (Andaluzia).

Attribue-se a sua fundação aos thébanos, companheiros de Hercules Libico, pelos annos 2400 do mundo, isto é, 1604 antes de Jesus-Christo.

Ainda que não se possam affirmar com certeza, ou ter por fabulosas as origens que a Moura dão os historiadores, é certissimo ter sido uma cidade importantissima no tempo do imperador Trajano (110 de J.-C.); o que attestam as muitas lapides com inscripções latinas que se teem encontrado por estes sitios.

Em uma d'estas lapides se lê:

IVLIAE AGRIPPINAE
CAESARIS AVGVSTI GERMANICE
. . . . . .
MATRI NOVA CIVITAS ARVCCITANA.

—

Ignoram-se os acontecimentos de que esta povoação foi theatro, desde o principio do 2.º seculo da era christã até ao tempo de D. Affonso Henríques. Devia porém soffrer as differentes alternativas a que estiveram sujeitas todas as terras da Peninsula, já durante as guerras dos lusitanos contra os romanos, já d'estes dois povos, unidos, contra os barbaros do norte, no principio do 5.º seculo; já, finalmente, entre os gôdos e lusitanos contra os árabes, desde 715 até ao 2.º quartel do 13.º seculo.

A darmos credito a differentes chronistas e escriptores, a tomada de Moura pelos portuguezes foi da maneira seguinte:

Em 1166 era esta villa uma forte praça de guerra, com um robusto castello, bem guarnecido de tropas, e senhor d'elle, um mouro nobre e riquissimo, senhor de muitas terras do Alemtejo, chamado *Abu-Assan*, pai da formosa *Saluquia*, a quem ternamente amava; e lhe deu em dote o castello de *Aruci*, que elle havia reedificado, guarnecendo-o de tropas e munições de guerra, e todas as mais vitualhas, e em condições de resistir a um longo assedio; nomeando-lhe para alcaide um joven, mouro, chamado *Braffma* (segundo a *Evora-Gloriosa*, *Frabone)* futuro noivo de Saluquia, e senhor do castello de Arronches.

Quando Braffma vinha em marcha para a povoação, seguido de uma numerosa e brilhante cavalgada, para tomar posse do castello e da noiva, chegando a um profundo e sombrio valle a 5 kilometros da villa, foi inopinadamente acommettido por um troço de cavalleiros christãos, não escapando um só dos mouros.

Os chefes e planeadores d'esta surpreza, foram dois cavalleiros portuguezes, irmãos, chamados *Pedro Rodrigues* e *Alvaro Rodrigues*. Mortos todos os mouros, trataram os portuguezes de os despir, vestindo-se com os seus vestidos e armando-se com as suas armas; e assim disfarçados, se dirigiram ao castello de Moura, entoando canticos e dando gritos, ao uso mourisco.

Vendo Saluquia aproximar-se a cavalgata, que entendeu ser a tão ardentemente desejada, com o riso nos labios e a alegria no coração, mandou levantar a ponte levadiça, e abrir de par em par as portas do castello, para receber o joven alcaide.

Poucos momentos lhe durou a illusão e o prazer, pois em breve os brados de alegria se converteram em gritos de carnagem, e logo em acclamações de victoria, obtida pelos portuguezes, ao arriarem da cidadella o pavilhão do crescente, e içarem o das quinas.

Saluquia, preferindo a morte a ser escrava de christãos, se precipitou do alto da torre, morrendo despedaçada.

Em memoria d'este successo se deu á povoação o nome de *Villa da Moura*, e por armas uma torre, e á entrada d'ella uma mulher morta.

D. Affonso Henriques, em premio d'estas duas façanhas, mandou usar aos dois fidalgos Rodrigues, do appellido de *Moura*, para elles e descendentes; dando-lhe por armas, em campo de sangue, sete castellos de ou-

ro, lavrados de negro, em 3 pallas. Elmo de aço, aberto, e por timbre, um dos castellos das armas.

De um d'estes dois irmãos—Mouras—procedem as familias dos actuaes duques de Loulé, condes de Valle de Reis e de Azambuja, a condessa de Linhares, e outras muitas familias nobilissimas d'este reino.

Ha em Portugal outros Mouras, da mesma proveniencia. Estes são os *Mouras-Côrtes-Reaes*. O primeiro que se acha com este appellido, é D. Manuel de Moura Côrte Real, filho do *renegado* [1] Christovão de Moura, conde de Lumiares [2] marquez de Castello Rodrigo, e gentil-homem da cacamara, tudo por D. Philippe III, em premio do odio que votava aos portuguezes, e da extrema crueldade com que sempre os tratou.

Estes Mouras, tinham por armas—escudo esquartellado no 1.º e 4.º, as armas dos Mouras—e no 2.º e 3.º, as dos Costas, com uma cruz de S. Jorge em chefe. Elmo e timbre, como os outros Mouras. (Vide *Castello-Rodrigo*, e *Lisboa*, a pag. 125 do 4.º vol).

—

Alguns escriptores, sem desmentirem a historia de Saluquia, negam que o nome da villa proviesse d'ella; sustentando que já antes da restauração se chamava *Moura;* mas parece que os arabes lhe deram o nome de *Il-Manijah*, ou *Al-Manijah*.

O que é certo, é ter sido tomada aos mouros, pelos dois fidalgos Rodrigues, na era de 1204 (1166 de Jesus Christo).

—

A 5 kilometros da praça, ha um logar ainda chamado *Braffma, de Arouxe* (de Arronches), onde, segundo a tradição, teve logar a surpreza, na qual morreu aquele alcaide mouro.

—

Moura tornou a cahir em poder dos arabes, commandados pelo Miramolim, de Marrocos, em 1191; mas D. Sancho I a resgatou pouco tempo depois.

—

O senhorio de Moura, e de outras povoações do Alemtejo, foi causa do rompimento entre o nosso rei D. Diniz e o rei de Castella, em 1295; porém, esta guerra terminou pelo reconhecimento dos direitos de Portugal áquellas povoações, no tratado de paz, feito em Ciudad Rodrigo, em 1297, com grandes vantagens para Portugal.

O rei de Castella, invadira aleivosamente Portugal, em 1295, mas D. Diniz o tinha arrojado para Castella, onde o seguiu e destroçou. Ao mesmo tempo, os nossos almirantes derrotavam as galés castelhanas. Foram estas derrotas que obrigaram os castelhanos a pedirem a paz.

—

D. Affonso Henriques deu foral a esta villa, em abril de 1171. D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, em novembro de 1217. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 61, col. 2.ª) [1]

D. Diniz, estando em Beja, lhe deu outro foral, em 9 de dezembro de 1295, com muitos mais privilegios do que o antigo, pois tinha todos os de Evora. (*Livro 2.º de Doações* de el rei D. Diniz, fl. 116 v., col. 1.ª, in fine).

O mesmo rei D. Diniz, deu foral aos mou-

[1] Sublinhei a palavra renegado, porque este adjectivo pertence e deixa de pertencer a Christovão de Moura. Pertence-lhe se o considerarmos portuguez, o que é natural, pois veio para cá de tenra edade, e era Portugal a sua patria adoptiva. Considerando-o porém castelhano, como era de nascimento, compete-lhe mais o adjectivo de ingrato, pois o foi á nação onde vivia ha tantos annos e que o considerava seu filho.

[2] Não se confunda esta familia com os actuaes condes de Lumiares, que estes pertencem á familia dos Carneiros. (Vide *Lumiares*).

[1] Outros dizem que o seu 1.º foral lhe foi dado por D. Gonçalo Egas, prior da O. do Hospital, na era 1226 (1188 de Jesus Christo)—Vide adiante, onde fallo d'este D. Gonçalo.

ros forros, d'esta villa, datado de Lisboa, a 17 de fevereiro de 1296. *(Livro 4.º de Inquirições*, de D. Affonso III, fl. 9 v.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 16 v., col. 2.ª

—

Moura, tinha voto em côrtes, com assento do banco 5.º

—

O pouco cuidado dos nossos antigos escriptores, na verificação das datas, confundindo muitas vezes a era de Cesar com o anno de Jesus Christo, tem originado grandes duvidas, e uma d'ellas é a data da povoação d'esta villa. Tambem não tem causado poucas confusões o termo *povoar*, empregado pelos antigos, na significação de *dar foral*.

É por isto que uns escriptores dizem que D. Gonçalo Egas, prior da ordem do Hospital, povoou esta villa em 1188, reinando D. Sancho I—e outros sustentam que elle a povoou em 1226, no reinado de D. Sancho II. (Os 38 annos de duvida, é a differença que vae da era de Cesar ao anno de Jesus Christo).

—

As primittivas fortificações de Moura eram de construcção romana; porém os arabes tinham aqui feito grandes obras de defeza, e reedificado as antigas; mas as continuas guerras de então e o correr dos seculos as tinham arruinado muito; pelo que o rei D. Diniz demoliu o antigo castello, e lhe construiu outro, mais robusto, em 1298, guarnecido de tres soberbas torres.

—

Em 1467, veio estabelecer-se em Moura, um nobre cavalleiro, chamado *Alvaro Limpo* (avô do celebre D. Balthazar Limpo, de quem adiante tratarei) e que tambem tomou o appellido de Moura, e dando principio a um outro ramo d'este appellido, que nem é dos Mouras da familia Loulé, nem da dos Côrtes-Reaes.

—

Sendo governador d'esta praça, D. João Ferreira da Cunha, se rendeu aos castelhanos, que a destruiram (menos o castello) em 1657; mas logo em novembro do mesmo anno foi restaurada pelos portuguezes.

D. João IV mandou logo reconstruir tudo quanto os castelhanos tinham arrasado, e lhe augmentou muito as obras de defeza, que a a elevaram a uma forte praça de guerra.

Na guerra chamada da *successão*, o general hespanhol, duque de Ossuna, depois de nos tomar Serpa, põe cêrco a Moura, com um grande exercito; e depois de 15 dias de uma defeza heroica, a guarnição, falta de mantimentos e munições de guerra, teve de render-se por capitulação.

Pouco tempo depois da occupação da praça pelos castelhanos, estes fizerám voar o castello e grande parte das outras fortificações, que abandonaram.

—

O territorio d'esta villa, e de quasi todo o concelho, é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e o seu vinho é de optima qualidade. As suas fructas são excellentes, e as duas ribeiras, que passam proximas, assim como o Guadiana, a fornecem de bom peixe. Cria muito gado de toda a qualidade, sobretudo grande quantidade de porcos, nos seus montados, cuja carne é muito saborosa, (e que exporta em grande escala). Ha tambem muita caça, grossa e miuda.

Os arrabaldes da villa, compostos de hortas, pomares e campos, e regados pelas duas ribeiras, são bonitos, frescos e emenos.

—

Tem casa da Misericordia e hospital.

No districto da freguezia ha 12 ermidas.

—

Tinha cinco conventos.

1.º—de religiosas dominicas (dedicado a Nossa Senhora da Assumpção) fundado dentro do castello, por D. Angela de Moura. Lançou-se-lhe a 1.ª pedra a 7 de outubro de 1562, na propria casa da fundadora.

No inventario a que se procedeu em 1835, por ordem do governo, nos bens d'este mosteiro, só as pratas do serviço do culto divino, foram avaliadas em 5:007$100 réis.

Em 12 de julho de 1875, falleceu a ultima freira professa que aqui havia. O governo vae pôr o edificio e suas dependencias em praça, e lá vae para a voragem mais um mo-

numento da piedade dos nossos passados, que contava 313 annos de existencia!

2.º—de freiras de Santa Clara (franciscanas).

3.º — de frades franciscanos.

4.º — de frades carmelitas calçados, o mais antigo d'esta ordem, em Portugal, fundado por uns cavalleiros, de Malta, que tinham aportado a este reino, com alguns religiosos carmelitas, pelos annos de 1240, reinando D. Sancho II.

Em 1290, os infantes de la Cérda lhe mandaram fazer varias obras.

Consta que a imagem de Nossa Senhora, padroeira d'este mosteiro, apparecêra em um pôço, no sitio onde se edificou o mosteiro.

Esta imagem foi collocada na casa do capitulo; porém, em 1670, sendo arcebispo de Evora, D. Diogo de Souza, foi mudada para a *capella das reliquias*, que é a primeira do corpo da egreja. Foi primeira padroeira d'esta capella, D. Brites Francisca de Faria Ravasco, viuva de Sebastião da Fonseca Falcão; passando este padroado aos seus successores.

Diz-se altar das reliquias, porque n'elle foram collocadas as que a esta egreja deu o arcebispo D. José de Mello, e são — um bocado do *santo-lenho* e reliquias do papa S. Xisto; de S. Paulo; S. Braz, bispo; S. Maximiano, bispo; S. Tito; S. Pancracio; S. Marciano; S. Lino, papa; S. Lourenço, martyr; S. Processo; S. Crispim; Santo Exuperio; S. Donato; S. Mario; e das Santas, Agueda, Flavia, Basilissa e Balbina.

—

Tambem deram grandes esmolas a este convento, D. João I, D. João III, e D. Sebastião.

Foi grande protector d'esta casa, Pedro Rodrigues de Moura (descendente do conquistador da villa), senhor da Azambuja (hoje condado da casa Loulé) e de outras villas e logares d'este reino.

Era este portuguez um bravo capitão, e inseparavel companheiro do grande D. Nuno Alvares Pereira, no conflicto das mais cruentas batalhas.

Terminada a guerra, pelo tratado preliminar da paz, feito em 1393, entre D. João I, de Portugal, e D. Henrique III de Castella,[1] Pedro Rodrigues de Moura foi viver para a sua casa e senhorio da Azambuja, onde tinha mulher e filhos.

Passados alguns annos, veio com sua familia para Moura, onde viveu até 1412. Sendo então atacado de uma grave enfermidade, quiz hir para o mosteiro de S. Domingos, e alli falleceu no mesmo anno, com 62 de edade, pois tinha nascido em 1350.

—

O condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, tambem fez grandes esmolas ao convento do Carmo d'esta villa, e deu aos seus frades, o mosteiro do Carmo, de Lisboa; e d'este convento de Moura, quiz que fossem os fundadores e primeiros religiosos povoar aquelle.

O mosteiro do Carmo, de Moura, é sumptuoso, e diz-se que d'elle se tirou a planta para o de Lisboa.

A pouca distancia do mosteiro está um manancial d'agua, chamado *Fonte-Santa*. Segundo a lenda, deu-se-lhe este nome, porque, quando a imagem de Nossa Senhora appareceu no tal poço, estava junto d'ella um sino. Passados annos, pretenderam os frades carmelitas leval-o para o seu convento de Lisboa; mas, chegando a este sitio o carro que o conduzia, não quizeram os bois passar d'aqui, por mais diligencias que se empregassem; não tendo os frades remedio senão tornarem a collocal-o na egreja do Carmo.

Por uma carta de lei, de março de 1875, foi concedida á ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo, d'esta villa, a egreja d'este mosteiro, com todos os objectos n'ella existentes.

—

5.º — de hospitaleiros de S. João de Deus, que foi o 3.º d'esta ordem em Portugal (vide Monte-Mór-Novo, a pag. 504, col. 1.ª, d'este volume), sendo o primeiro, o de Monte-Mór-Novo. Tem servido de hospital militar. Foi fundado pelos annos 1635, junto de uma an-

[1] Os castelhanos renovaram a guerra com Portugal, em 1396. Por morte d'Henrique III, D. Catharina de Lencastre, regente de Castella, assigna com Portugal uma suspensão d'armas, por 10 annos; porém, em 29 de novembro de 1411, se assigna um tratado de paz definitivo, sendo por elle reconhecido D. João I, como legitimo rei de Portugal.

tiga ermida, dedicada a Nossa Senhora da Gloria. Como esta imagem era muito antiga, e tinha chegado a esta villa um esculptor estrangeiro, chamado *Jacome Tibáu*, (isto em 1650), este fez uma nova imagem, de grande perfeição, que ainda existe.

Em 1675 edificaram os frades uma nova egreja, ampla, elegante e toda fechada de abobada; porém esta tão mal segura, que poucas semanas depois, e quando apenas acabava de sahir da egreja grande cópia de de gente, e os frades, do mosteiro, cahiu toda a abobada, sem matar pessoa alguma.

Reconstruida a egreja, queriam os frades fazer uma sachristia, mas como não tivessem chão para ella, pediram a uma dona, chamada Anna Coelha, para que lhes cedesse parte de um quintal que tinha *mystico* ao mosteiro. Negou-se a dona, porque no sitio pretendido havia uma grande e formosa arvore, que ella muito estimava.

Poucos dias depois, apparece a arvore completamente sécca, e os frades fizeram acreditar a Anna Coelha, que a arvore seccou por milagre da Senhora da Gloria, e assim obtiveram o chão, que a dona lhes cedeu gratuitamente.

—

Ainda que bastante desmanteladas, conserva ainda grande parte das suas antigas fortificações, e o seu recinto de muralhas, com as suas quatro portas (*do Carmo, Nova do Fôjo, de S. Francisco*, e *de Santa Justa*).

Ainda está de pé a magestosa *torre de menagem*, mandada fazer pelo rei D. Diniz.

Ha ainda tambem as ruinas de construcções romanas e arabes.

—

Tem uma boa feira annual, a 8 de setembro, muito concorrida, e de grande movimento commercial.

Fabricam-se aqui varios tecidos de lan, que se exportam.

Faz-se grande commercio com Hespanha.

No territorio d'este concelho ha varias minas de differentes metaes. Em dezembro de 1872, foram registadas na camara de Moura, 22 minas de manganez, 3 de chumbo, e uma de galena, alem de outras muitas, d'estes e d'outros metaes, que já estavam manifestadas.

De janeiro a maio de 1875, tambem se manifestaram n'esta camara, quatro minas de manganez, uma de cobre e outra de cobre e ferro.

Na sexta feira, 4 de junho de 1875, uma grande trovoada que houve n'este concelho e no de Ferreira, causou grandes prejuizos nas vinhas e nos olivaes.

—

D. Soeiro da Costa, bispo de Lisboa, com os cavalleiros das ordens militares, e ajudado pelos cruzados que n'esse anno tinham aportado ao Tejo (1217), toma aos mouros, Alcacer do Sal, depois de uma obstinada resistencia. Os reis mouros de Cordova, Sevilha, Jaen e Badajoz, que vinham em soccorro da praça, sabendo que ella se tinha perdido, retiram; porém D. Affonso II vae sobre elles e os derrota em frente d'Elvas, junto a Moura e por fim em Serpa.

—

Na antiga Arucitana, foram martyrisados, no dia 27 de janeiro, do anno 95 de Jesus-Christo, governando Domiciano, *S. Julião*, natural d'esta cidade, com 27 companheiros, christãos.

—

D. Pedro Rodrigues de Moura, um dos descendentes dos conquistadores d'esta villa, determinára por seu testamento, que queria ser enterrado no mosteiro de frades dominicos, de Bemfica, termo de Lisboa (vol. 1.º, pag. 377).

As continuas guerras do seu tempo, não permittiram que se cumprisse logo aquella clausula do testamento, e foi sepultado na egreja matriz da villa (1406).

Em 1410, sendo bispo d'Evora, D. Diogo Alvares de Brito,[1] se abriu a sepultura de D. Pedro Rodrigues de Moura, para serem trasladados os seus ossos para Bemfica. Achou-se o corpo incorrupto, e como alguem dissesse que se dava esta circumstancia, por ter o cavalleiro morrido escommungado, o bispo o mandou absolver publicamente, e (diz o *Anno Hist.*, volume 3.º, pag.

[1] Que havia sido primeiro, prior-mór da collegiada de Guimarães, e que foi depois, arcebispo de Lisboa; mas não chegou a governar esta egreja. Era varão de grande instrucção e muitas virtudes. Morreu em 1424. (Vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª)

98, III) concluida a absolvição, logo se desfez o cadaver, em cinza, ficando os ossos sêccos e descarnados, sendo estes recolhidos em um caixão, e levados para o seu destino.

—

Nasceu n'esta villa, a 7 de junho de 1661, *D. José Pereira de Lacerda*, procedente de uma nobre familia. Foi doutor e oppositor canonista, na universidade de Coimbra; promotor, deputado e inquisidor do *Santo Officio*, na inquisição d'Evora; prior da freguezia de S. Lourenço, de Lisboa; prior-mór de Palmella (da Ordem militar de S. Thiago); bispo do Algarve, e executor da *bulla aurea* (que creou o patriarchado em Lisboa Occidental). O papa Clemente XI o creou cardael presbytero, por nomina do rei D. João V, e este o fez seu conselheiro de Estado.

Em maio de 1721, foi a Roma, para entrar no conclave em que foi eleito papa Innocencio XIII, o qual lhe deu o chapeu e annel cardinalicios, com o titulo de Santa Suzana, logar nas congregações do Concilio de Trento, e lhe fez outras mercês e distincções.

A *academia dos árcades* o elegeu seu collega, por acclamação, dando-lhe o nome de *Retino Sidiano*.

Por morte de Innocencio XIII, entrou no conclave em que foi eleito Benedicto XIII.

Com a sua grande sciencia, vastissima erudicção e acções generosas, causou a admiração da curia romana e honrou a nação portugueza.

Voltou para o reino, em 1728, hindo logo tomar conta do seu bispado.

Andando em visita geral, adoeceu gravemente, e, recolhendo-se ao paço episcopal de Faro, alli falleceu, em 29 de setembro de 1738, com 77 annos, 3 mezes e 22 dias, de edade. Foi sepultado no jazigo dos bispos do Algarve.

Era um excellente orador sagrado, e escreveu dois volumes dos seus sermões, que se imprimiram. Compôz tambem dois volumes, sobre materias pertencentes á inquisição, que não chegaram a vêr a luz da publicidade.

—

Era natural de Moura, o veneravel padre, *frei Estevão da Purificação*, religioso carmelita, prégador apostolico, muito penitente e instruido. Ha tres livros, que são a historia das virtudes e milagres d'este varão. Falleceu no convento de Collares, a 17 de novembro de 1617. Tinha nascido em 1570.

—

Dom frei Balthazar Limpo, nasceu n'esta villa, em 1478. Era filho de Luiz Limpo e de sua mulher, Ignez da Rocha. Foi conego regrante de Santo Agostinho, no convento de Grijó, para onde entrou da edade de 17 annos (1495). Foi prégador da capella real e confessor da rainha D. Catharina, mulher de D. João III; 13 annos reformador da sua ordem; 13 annos bispo do Porto (onde fez o côro da Sé, os livros do cantochão, reformou as *Constituições do bispado* e o *censual*).

Em 1545, foi a Roma, assistir ao concilio de Trento, expondo ao papa Paulo III, em poucas, mas eloquentes, palavras, o que n'elle se tinha passado; pelo que este pontifice o cognominou *Rara Phenis*, e o quiz fazer cardeal.

Foi D. Balthazar Limpo que trouxe para Portugal a confirmação para o estabelecimento do tribunal da Inquisição, que, com bullas falsas, já cá estava estabelecido desde 1526.

Foi bispo do Porto e arcebispo de Braga. Era um varão de muita sciencia e de grande caridade, e foi sollicito reformador dos costumes. Falleceu em 1558.

—

D. Affonso Mendes, da companhia de Jesus, nasceu n'esta villa, pelos annos de 1590. Foi doutor em theologia, e patriarcha da Ethiopia. Sendo d'aqui desterrado, com os mais christãos, recolheu-se a Gôa, onde falleceu em 1656.

Escreveu uma *Relação* sobre a Ethiopia, que foi muito estimada, e traduzida em francez.

—

Bento Gomes Coelho, nasceu em Moura, em 1687.

Foi um illustre e corajoso militar, governador das ilhas de Cabo-Verde, e cavalleiro da Ordem de Christo, pelos valiosos servi-

ços que prestou á patria, na carreira das armas.

Escreveu um livro intitulado *Milicia pratica e manejo de infanteria*, que foi muito estimado no seculo XVIII, e hoje é muito curioso, por nos fazer conhecer a nossa antiga tatica de guerra.

—

D. José de Mello, 6.º arcebispo d'Evora, posto nascer n'esta mesma cidade, póde considerar-se filho de Moura, pois para aqui veio apenas nasceu, e aqui foi creado. Era filho bastardo de D. Francisco de Mello, 2.º marquez de Ferreira, e foi, como disse, creado em Moura, sem saber quem era seu pae.

Impozeram-lhe na adolescencia (ou elle o adoptou) o nome de *José Pimenta*, e com elle cursou a universidade de Coimbra, na companhia de seu irmão, D. João de Bragança. [1]

Foi partidario de D. Philippe III, que o fez bispo de Miranda, e por morte do arcebispo, D. Diogo de Souza (1610), foi nomeado arcebispo d'Evora, onde deu entrada solemne, em 6 de novembro de 1611, tendo tomado posse por procuração (11 de setembro de 1611) Diogo de Miranda Henriques, deão da Sé d'Evora.

Era justo e caritativo.

Mandou fazer os sanctuarios da Sé d'Evora e grandes obras no paço dos arcebispos. Na porta principal d'elle, e em muitos azulejos do interior, ainda se vêem as suas armas.

Mandou fazer a egreja do collegio de S. Manços, augmentando os dotes ás donzellas.

Mandou fazer o palacio e quinta de *Valle-Verde*.

Foi grande protector do convento dos *Remedios*, d'Evora, fazendo-lhe grandes beneficios, sendo um dos principaes, a agua que lhe deu, e que ainda hoje para alli corre perennemente.

Mandou reimprimir as *Constituições* do arcebispado, que fez distribuir pelo clero da sua archidiocese.

[1] A *Evora Gloriosa*, diz que elle estudou na universidade de Evora, formando-se á custa de uma capellania, das 26 que erigiu o cardeal-arcebispo, D. Henrique (o cardeal-rei) para estudantes pobres; mas é érro.

Contribuiu muito para a canonisação da rainha Santa Isabel.

Alcançou de Roma o breve para a fundação do *collegio dos militares*, em Coimbra; e do mosteiro das *commendadeiras* da ordem militar de S. Bento d'Aviz, em Lisboa.

Falleceu em 2 de fevereiro de 1633, e jaz sepultado em um magnifico tumulo, do lado do Evangelho, na capella-mór da egreja dos Remedios (porque o marquez de Ferreira o não deixou sepultar na dos loyos) com um epitaphio, que diz, em resumo, o que d'elle acabo de escrever, e por isso o não copio.

—

Junto á villa se levanta a serra da *Adiça*. Vide *Adiça* (a 2.ª), vol. 1.º, pag. 26, col. 1.ª

—

A 3 kilometros de Moura está a egreja de Nossa Senhora da Conceição, que foi matriz da freguezia de Montalvo, hoje annexa á freguezia de Santo Agostinho, da villa (col. 1.ª da pag. 455 d'este vol., o 2.º Montalvo).

Esta egreja é pequena e antiquissima. Foi demolida, pelos annos de 1700, e reedificada de novo, no mesmo sitio, com mais alguma amplitude, porque até então, apenas merecia o nome de ermida.

—

Poucas villas de Portugal tiveram tantos solares de casas nobres, como esta de Moura. Mencionarei os de que pude haver noticia.

Lacerdas — procedem de D. Affonso *de la Cérda*, filho de um dos infantes d'este appellido. Vide *Castro-Daire*.

Mouras — já ficam descriptos.

Limpos — é appellido nobre em Portugal, cuja familia procede d'esta villa de Moura. Em 1467, viviá aqui, *Alvaro Limpo*, cujo appellido parece provir de alcunha. Os Limpos trazem por armas — em campo de ouro, 3 bandas de purpura, sendo a do meio carregada de 3 rosas de prata, vazias do meio, ou de ôlho de purpura — e as dos lados, carregadas de duas rosas, como as outras, em cada uma: élmo de prata, aberto; e por timbre, uma cabeça e pescoço de galgo, lampassado de purpura, com coleira do mesmo, guarnecida d'ouro, e com a bocca aberta.

Pizarros — appellido nobre d'este reino.

Veio de Hespanha, na pessoa de *D. Pedro Gonçalves Pissarro*, que se estabeleceu n'esta villa, e aqui instituiu o seu solar. Seu filho, D. Diogo Pissarro, estabeleceu-se em 1615, na cidade d'Angra, na Ilha Terceira (Açôres) onde deixou descendencia. Trazem por armas — em campo de prata, duas *pissarras* [1] da sua côr, entre as quaes nasce um pinheiro verde, com pinhas de ouro, entre dois ursos, da sua côr, que, empinados sobre as *pissarras*, estão colhendo, com a bocca, pinhas do pinheiro.

Sérras — é tambem appellido nobre em Portugal, cuja familia procede do reino das Asturias (Hespanha); julga-se que tomado do senhorio ou casa chamada *da Serra*. Em Aragão, houve um D. Pedro da Serra, que foi bispo de Catanea, e cardeal do papa Benedicto XIII.

Na Sardenha e em França, ha familias d'este appellido, sem se poder saber com certeza de qual d'estes reinos veio o appellido para Portugal, sendo mais provavel que fosse das Asturias. O que é certo, é ter-se esta familia propagado muito pelo reino, havendo varias familias *Serras*. Trazem por armas — em campo de purpura, um castello de prata, sobre um monte, da sua côr, entre duas cabeças de serpe, verdes, salpicadas d'ouro. Timbre, um braço, vestido de púrpura, com uma espiga de trigo, d'ouro, na mão.

Os Serras, estabeleceram-se em Serpa, no seculo XVI, e d'alli é que veio um d'elles para esta villa.

Serrão — appellido nobre em Portugal. Tem a mesma origem dos Mouras. Procede de Vasco Martins Serrão de Moura, a quem a rainha D. Brites (ou Beatriz), segunda mulher de D. Affonso III, deu a villa de Moura, em 1279, emquanto era regente do reino, na menoridade de seu filho, o rei D. Diniz.

D. Affonso III, quando ainda era infante, casára em França, com Mathilde, condessa de Bolonha. Seu irmão, D. Sancho II (o Capêllo), foi deposto pelos tres estados do reino, em 1245, e o papa, Innocencio IV, validou esta deposição.

O conde de Bolonha é chamado de França, para ser regente de Portugal. O rei foge para Castella, e morre de pezar, em Toledo, a 4 de junho de 1248. Sua mulher, D. Mecia Lopes de Haro (filha de D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia), é levada prêsa para o castello de Ourem, d'onde foge para Castella, e alli morreu, sem successão.

D. Affonso III, depois de conquistar aos mouros todo o Algarve, invade a Andaluzia; porém D. Affonso X, de Castella, oppõe-se a esta conquista, e trava-se guerra entre portuguezes e castelhanos, em 1253, a qual termina pelo casamento do monarcha portuguez, com D. Brites, filha do rei castelhano, divorciando-se com a sua primeira mulher, o que causou graves desordens, que só terminaram com a morte da infeliz Mathilde, que não deixou filhos.

As armas dos *Serrões*, são — em campo de prata, um leão de purpura, armado de negro, sobre um monte, da sua côr. Elmo de aço aberto; e por timbre, meio leão do escudo.

MOURA-MORTA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Pêso-da-Regua, 90 kilometros a E.N.E. do Porto, 17 ao S. de Villa-Real, 340 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago, Santa Comba, virgem e martyr.

[1] Copio esta palavra, como a encontro nos livros de heraldica; mas entendo que é êrro. *Pissarra* não é portuguez; mas sim *piçarra*, e com effeito é a piçarra uma das peças das armas dos Pizarros (os Pissarros hespanhoes) — Piçarra, no portuguez antigo, ainda usado nas provincias do norte, é uma especie de ardosia ou schisto (lousa) muito friavel.

N'este brazão, as taes *pissarras* são duas pedras, ou pequenos monticulos de pedra, entre os quaes nasce a arvore.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa-Real.

Esta freguezia era uma commenda da ordem de Malta, e o commendador de Moura-Morta apresentava o vigario, que tinha oito mil réis de congrua, e o pé d'altar.

A freguezia gosava os monstruosos privilegios dos caseiros de Malta.

É terra fertil. Muito e optimo vinho.

D. Manuel lhe deu foral. em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 24, col. 2.ª—Vide gav. 6, maço 1, n.º 242.)

MOURA-MORTA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro-Daire, 18 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor do Pinheiro apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes, fructos e vinho. Cria muito gado — produz bastante mel e cêra, e é abundante de caça.

MOURÃO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella (foi da comarca de Moncorvo, concelho de Villarinho da Castanheira — extincto), 120 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MOURÃO—Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca do Redondo (foi da comarca de Monsaraz), 50 kilometros ao O. d'Evora, 30 a N.E. de Moura, 6 da raia do Guadiana, 160 ao S E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 450 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (das Candeias)[1] e S. Leonardo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem dois padroeiras, por estar annexa a esta, a freguezia de S. Leonardo. (Vol. 4.º, pag. 90, col. 1.ª)

Este concelho é composto de tres freguezias, todas no arcebispado d'Evora — são — Granja, Nossa Senhora da Luz, e Mourão e sua annexa, todas com 950 fogos.

Ainda é considerada praça d'armas.

—

Foi esta povoação fundada pelos arabes, no seculo IX, os quaes lhe construiram as suas primeiras fortificações, e lhe deram o nome de *Mogron* (que significa, *lapa*, *cova*, ou *caverna* — talvez por causa d'alguma que aqui encontrassem, do tempo dos celtas, ou dos antigos lusitanos).

D. Affonso Henriques lhe pôz cêrco, em 1166; porém os mouros a abandonaram, fugindo para alem do Guadiana.

Parece que esteve abandonada e deserta durante os reinados de D. Affonso Henriques, D. Sancho I e D. Affonso II; porque só temos noticias positivas de Mourão (corrupção de *Mogron*) no reinado de D. Sancho II, em que D. Gonçalo Egas, prior da ordem militar de S. João de Jerusalem (depois Malta) a povoou em 1226, dando-lhe foral, que foi confirmado e muito ampliado (pois é o mesmo que o foral d'Evora) por D. Diniz, por carta feita em Lisboa, a 27 de janeiro de 1296. (*Livro 2.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 119, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando todos os privilegios antigos) em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 63 v., col. 2.ª)

Está a villa situada em um alto, e enobrecida com um forte castello, com tres torres, fundado por D. Diniz, em 1298; porém a *torre*

[1] O *Port. Sacro e Prof.* diz que a padroeira é Nossa Senhora da Conceição, mas é êrro. Tambem se lhe dá o titulo de *Santa Maria do Tojal*.

re de menagem (uma das mais famosas do reino) foi obra de seu filho, D. Affonso IV, como adiante direi.

As muralhas de circumvalação, guarnecidas com seis torres, foram principiadas por D. Diniz, e concluidas por seu filho.

Sobre a porta da torre de menagem está a seguinte inscripção:

E. MCCCLXXXI [1] ANNOS, AO PRIMEIRO DIA DE MARÇO, DOM AFFONSO IV, REY DE PORTUGAL, MANDOU COMEÇAR A FAZER ESTE CASTELLO DE MOURON. O MESTRE QUE O FAZIA, HAVIA NOME — JOAO AFFONSO — O QUAL REY, FOI FILHO DO MUI NOBRE REY D. DINIZ, E DA RAINHA DONA ISABEL, AOS QUAES DEUS PERDOE — E ELLE FOI CASADO COM A RAINHA D. BEATRIZ—AVIA FILHO HERDEIRO O INFANTE D. PEDRO.

Eram alcaides-móres de Mourão, os marquezes de Monte-Bello, e depois o foram os condes da Figueira.

—

Tem esta villa passado por muitas alternativas e vicissitudes, sendo varias vezes conquistada, usurpada, restituida, doada, comprada e vendida.

Durante a guerra da acclamação, os castelhanos nos tomaram esta praça, em 1657, sendo governador d'ella, João Ferreira da Cunha; arrasando a villa e parte da torre de menagem, e pondo guarnição sua na fortaleza; mas logo em novembro do mesmo anno (poucos dias depois da morte de D. João IV — que foi a 6 d'este mez e anno), sendo regente, a rainha D. Luiza de Gusmão, foi resgatada do poder dos castelhanos, e a regente, para evitar outra destruição, e por ser praça da fronteira, lhe mandou reconstruir as antigas fortificações, e edificar outras, segundo o systema moderno, adaptadas a receberem artilheria grossa, e em estado de resistirem a um cérco em fórma.

[1] Esta data (1381) não póde ser senão a *era* de Cesar; porque no *anno* de 1381, já tinha morrido D. Affonso IV e seu filho, D. Pedro I, e era então rei, D. Fernando I. — D. Affonso IV, reinou desde 1325 até 1357, e seu filho desde esta ultima data, até 1367. É pois fóra de duvida, que aquella data é a era de Cesar, correspondente ao anno 1343 de Jesus-Christo, em que D. Affonso IV reinava.

As armas de Mourão, são — em campo azul, cinco escudos, com as Quinas postas em cruz, tendo o escudo inferior, do lado direito, um sol, d'ouro — e do esquerdo um crescente de prata, por ter sido povoação mourisca.

Tem casa de Misericordia e hospital — e cinco ermidas.

Tem uma boa e espaçosa praça, e algumas das suas ruas são largas e direitas, mas guarnecidas, na maior parte, por casas baixas.

A egreja matriz e algumas casas particulares, estão dentro do castello; porém a maior parte da villa estende-se pela encos- E. do monte onde está a fortaleza.

Os arrabaldes de Mourão, compostos de cearas, hortas, pomares, olivaes e algumas vinhas, são bonitos e ferteis.

Ha tambem vastos montados, onde se cria muito gado, de varias especies, sobretudo suino, que é de optima qualidade, e se exporta em grande quantidade.

Tambem n'estes montados se cria muita caça, grossa e miuda, e o Guadiana fornece a povoação de bom peixe.

Fazem-se aqui duas boas feiras; uma que principia a 21 d'abril, e outra, a 13 de setembro. São ambas muito concorridas.

—

O primeiro assento d'esta povoação, foi junto ao Guadiana, no logar a que ainda se chama *Villa-Velha*, e onde se veem ruinas de grandes edificios, e ainda alli existem duas capellas, perto uma da outra.

Consta que esta villa foi abandonada por causa do grande numero de formigas que havia aqui, que, alem de lhe causarem grandes prejuizos nas casas e nas habitações, chegavam a matar creanças recennascidas.

A tres kilometros da povoação, tinha apparecido em um monte, coberto de *tojal*, uma imagem da Virgem, á qual os moradores da antiga Mourão fizeram logo um templo, que, pouco e pouco se foi cercando de casas, em que vinham habitar os fugitivos da velha Mourão, e em breve se erigiu a egreja em parochial, e priorado da ordem militar de S. Bento d'Aviz. É por ter apparecido em

um tojal, que á Senhora se deu ao principio o nome de Santa Maria do Tojal.

Outros escriptores dizem (e parece-me isto mais provavel) que os habitantes da villa antiga, a abandonavam por doentia, em razão das enchentes do Guadiana, que, quando terminavam, deixavam aguas estagnadas nos pégos e charcos, as quaes corrompidas, causavam muitas doenças e mortes nos povos visinhos.

A imagem da padroeira, é de pedra, de 1m,20, com o Menino Jesus nos braços, e este com dois pombinhos na mão. É objecto de muita devoção, do povo da villa, que lhe atribue muitos milagres. Não pôde ir em procissões, por causa do seu pêso.

Segundo a lenda—querendo uns mórdomos da Senhora, vasal'a pelas costas, para ficar mais leve, á primeira martellada, rachou a imagem de meio a meio, o que vendo o canteiro, não quiz continuar a obra, e a imagem tornou a unir, sem que mais se cochecesse por onde tinha rachado.

—

A 2:500 metros O. da villa, está a capella de *Nossa Senhora do Alcance*, muito antiga e ampla. Segundo a tradição constante, foi obra do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1400, em memoria de alcançar n'este sitio um grande triumpho contra os castelhanos: dando á padroeira o titulo de *Santa Maria d'Evora Alcance*, por ter sahido de Évora em perseguição do inimigo e o ter *alcançado* n'este logar.

A batalha via-se pintada na parede do alpendre da capella, ainda no fim do seculo XVII; porem uns mórdomos *muito illustrados*, mandaram cobrir a pintura com uma grosa camada de cal.

Junto a esta capella, e a requerimento do povo de Mourão, fundaram os primittivos frades agostinhos descalços, um mosteiro da sua ordem, em 1670.

A pezar da insalubridade do sitio, ardentissimo no verão, e com o ar corrompido pelos gazes deleterios que exhalam os pégos do Guadiana (que lhe fica proximo) e os pantanos de outros ribeiros visinhos, confluentes do Guadiana, aqui se conservaram os religiosos até ao dia 23 de julho de 1676, sendo n'esse dia obrigados a sahir do mosteiro, por ordem do desenbargo do paço, por não ser um dos comprehendidos no numero de dés que a Santa Sé havia marcado, pelo breve da confirmação d'esta ordem.

O mosteiro cahiu em ruinas, e apenas aqui ficou um erimitão, para cuidar da capella; mas já hoje, e ha muitos annos, que nem erimitão aqui há.

—

Mourão, é um appellido nobre em Portugal. O primeiro que se acha com elle é D. Gonçalves Mourão. Os Mourões trazem por armas em campo verde, duas faxas de ouro, e no meio d'ellas, um castello de prata; élmo d'aço, aberto, e por timbre, o castello das armas.

MOURARIA — o que era — Vide 3.º vol., pag. 421, col. 2.º., palavra *Judiaria*.

MOURATÃO — ou **FONTE DE MOURATÃO** N'este sitio, que fica 6 kilometros de Castello de Vide, há um dolmem celta, com os entrevalos das pedras perpendiculares tapados com parede de alvenaria, e na mesma, aberta uma porta. Isto indica que posteriormente se deu a este monumento uma applicação diversa da primittiva.

Por estes arredores ha mais d'estes antiquissimos monumentos, que vão mencionados segundo as denominações dos sitios onde estão.

MOURAZ — freguezia, Beira-Alta, Comarca, Concelho e 3 kilometros de Tondella, 20 kilometros ao S. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757, tinha 516 fogos.

Orago de S. Pedro, apostolo.

Bispado e Districto admnistrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 reis de rendimento.

Foi villa e couto. D. Mannel lhe dera foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. *(L.º 2.º dos foraes novos da Beira*, fim, 62 v.º col. 1.ª)

É povoacão muito antiga, e couto já no tempo de D. Affonso Henriques, o qual, com sua mulher, a rainha D. Mafalda, doaram á

Sé de Viseu, o *couto de S. Pedro de Mouraz*, em 1152.

Em 1171, o bispo de Viseu, D. Godinho, deu ao *padre Domingos Annes Ruxverda*, o prestimonio do couto de S. Pedro de Mouraz, com a sua egreja; e as villas de *S. Miguel do Castello* e *Cernada*, com seu couto, e todas as suas pertenças, em quanto fosse vivo.

N'esta freguezia ha um monte pyramidal, de bastante altura, e difícil subida, menos pelo O, por onde não é tão ingreme e alcantilado.

No alto d'este monte ha um vasto plató, e do lado do E. d'elle está a capella de *Nossa Senhora da Esperança*, imagem de muita devoção para os povos circumvisinhos.

Do lado onde está o templo, é onde o monte é mais ingreme, e quasi cortado a prumo. A porta principal, fica para o O., estendendo-se na sua frente um amplo terreiro. Tambem para o O. fica a freguezia de Mouraz, a distancia de 300 metros, e a freguezia de Villa Nova da Rainha.

Esta egreja é muito antiga, e consta que já existia no reinado de D. Affonso Henriques.

No terreiro que lhe fica em frente, ha alguns sobreiros, que denotam tanta antiguidade como a capella. Junto á porta travessa estão as casas, feitas para residencia do erimitão que aqui sempre havia; e mais adiante umas grandes casas, para pousada dos romeiros; estas foram feitas em 1700. D'este sitio se gosam umas extensas, variadas e bonitas vistas, de serras, montes, valles e bosques.

MOURE—Vide *Ataúdes*.

MOURE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de Villar de Frades *(os bons homens de Villar)* apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar

É terra fertil. Muito gado e caça.

MOURE—(torre de)—Vide *Cardiéllos*.

MOURE — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (foi do concelho de S. João do Rei), 12 kilometros a NE. de Braga, 170 ao N. de Lisboa, 73 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

No tempo dos suevos, houve aqui um mosteiro de monges benedictinos, que os mouros arrazaram em 716. Vide *Braga* (egreja de S. Victor) e *Santa Leocadia do Tamél*.

A freguezia é bastante accidentada e exposta ao N., mas fertil e bonita.

A egreja matriz é um templo grande, fundado nos principios do seculo XVII, como se deprehende de uma inscripção que está sobre a porta principal, e que adiante veremos.

Está com muita decencia a egreja, o que decerto é devido ao zelo do seu actual parocho, abbade, o reverendissimo sr. Antonio Joaquim Nunes de Abreu, ex-professor de theologia moral do seminario de S. Pedro de Braga, emprego que exerceu, por muitos annos, com muita dignidade.

A capella-mór, que é muito grande, está interiormente, d'alto a baixo, forrada de azulejo, que, não obstante a sua antiguidade, não deixa de produzir um bom effeito. Tem um orgão regular, assim como boas imagens, sobresahindo entre ellas a de Nossa Senhora das Dôres, em tamanho quasi natural.

Abaixo um pouco do vértice da fachada, está a figura do sol, em meio-relevo, e em semi-circulo, pela parte superior, tem a legenda: ELECTA UT SOL.

Mais abaixo, em um nicho, está a imagem de Nossa Senhora, de pedra, onde pouco ou nada primou o gosto da esculptura, e por cima tem a legenda: MATER PURISSIMA.

Sobre a verga da porta principal tem:

MARIAE VIRGINI DICATUM, ANNO ÁPARTU VIRGINIS, 1702.

A torre é muito baixa, e pelo distico que tem sobre a porta, mostra que foi feita á custa dos parochianos. Diz assim: TURRIS EXPENSIS FIDELIUM CHARITATIS ANNO DNI. 1719.

Tinha, pelo tempo da invasão franceza, ricas alfaias de prata, como eram: cruzes, custodias, thuribulos, navêta e outros objectos de valor; mas pouco ou nada escapou á rapacidade dos abutres, que compunham as hordas napoleonicas!

—

Fica n'esta freguezia a quinta chamada das *Sete-fontes*, propriedade hoje do sr. Manuel José de Carvalho e Silva, abastado capitalista da cidade de Braga, irmão do sr. João Manuel de Garvalho, modelo dos ecclesiasticos. São dignos filhos do sr. major Carvalho, convencionado de Evora Monte, verdadeiro typo de probidade e honradez. É das propriedades melhor situadas das margens do Cávado, com magnifica casa de residencia, com seu claustro e galeria envidraçada; goza-se d'ahi um panorama formosissimo.

MOURE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella), 10 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, e chamava-se antigamente *Couto de Moure da Oliva*.

A camara ecclesiastica da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, cria muito gado de toda a qualidade e tem grande abundancia de caça, grossa e miuda.

O conde D. Henrique e sua mulher, deram este couto a S. Geraldo, arcebispo de Braga, pelos annos 1110. Nuno Soares, tinha aqui uma boa herdade, que deu ao mesmo santo arcebispo.

Os moradores d'esta freguezia, eram isentos da jurisdição real, e só eram obrigados a hirem á guerra, quando fosse o arcebispo, mas eram obrigados a cavar-lhe as vinhas, que tinha em Braga. O arcebispo, D. Diogo de Souza, mandou arrancar estas vinhas e fazer um campo; (é a praça chamada ainda hoje *Campo da Vinha*, onde está o convento do *Pópulo)*; compondo-se com os moradores de Moure, em lhe dar cada fogo, em satisfação d'aquella obrigação, quatro almudes de vinho.

Eram então 20 os fogos; mas como a população se foi desenvolvendo, chegou esta pensão a mais de 50 pipas de vinho por anno.

No logar de *Santo André*, d'esta freguezia, ha uma torre muito antiga, a qual, D. Egas Paes de Penagate, deu a S. Geraldo. Esta torre, passou depois, aos Soares, senhores do Prado.

Consta que o nome d'esta freguezia, provém do seu grande castello, cujas ruinas ainda se vêem no monte *Brito*, assim como uma cisterua, quasi entulhada. Grande parte da pedra d'esta fortaleza, foi empregada na construcção da ponte do Prado.

O mosteiro benedictino que aqui houve, foi fundado por S. Martinho de Dume, em 505, e n'elle havia Lausperenne. Vasco Mendes, lhe deu a egreja de S. Victor, em Braga, e a quinta que fôra do bispo de S. Thiago (é o actual já mencionado *Campo da Vinha*, em frente do convento do Populo, em Braga) para ahi fundarem um mosteiro, que os mouros destruiram em 717. Nuno Forjaz da Silva o reedificou em 1031, e o deu aos monges, ficando elle padroeiro. Tambem tinha Lausperenne, na rigorosa accepção da palavra.

Nuno Soares deu este mosteiro (o padroado d'elle) a S. Geraldo, e D. Affonso Henriques confirmou esta doação e coutou-o, no tempo do arcebispo D. Payo Mendes, irmão de D. Soeiro Mendes da Maia e do *Lidador*.

Ainda no sitio onde esteve o mosteiro de Moure, se encontram enterradas, columnas e outras peças de cantaria de grande fabrica.

No logar de Victorino, d'esta freguezia, ha uma boa quinta, dos viscondes de S. Gil

de Pérre, hoje do sr. marquez de Monfalim, do Porto.

MOURE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi até 1855, concelho de Felgueiras, comarca de Lousada), 30 kilomotros a E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

MOURÊLLA—antigo nome da actual freguezia de *Maurelles*. (Pag. 146, col 1.ª, d'este volume.

Maurella e *mourella* — é a mesma cousa—maurella, vem de *maura*, e mourella, vem de *moura*.

MOURIL—cousa de mouros. Ha em Portugal varias aldeias assim chamadas.

MOURILHE — freguezia. Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mont'Alegre, 72 kilometros a NE. de Braga, tem 73 fogos.

Orago S. Thiago.

(Mourilhe é corrupção de *Mouril)*.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era vigararia *ad Nutum*, annexa a reitoria de Mont'Alegre.

A egreja matriz, está com aceio, e é a unica sagrada em Terras de Barroso.

Ha na freguezia duas capellas, uma, particular, em Mourilhe, dedicada a Nossa Senhora dos Remedios; outra na povoação de Sabuzêdo, publica, dedicada a S. Miguel Archanjo.

Está situada esta freguezia, a 5 kilometros a O. da villa de Mont'Alegre, na margem direita do Cávado, que corre ao S. da mesma, nas faldas orientaes da cordilheira de montes, que ligam a serra de Larouco, com a do Gerez e divide Portugal, da Galiza.

Compõe se esta freguezia (que confina pelo N. com a raia de Galiza) de duas povoações, Mourilhe, séde da parochia, e Sabuzêdo. É abundante de aguas.

Produz centeio, algum trigo, batatas, hortaliças, e muitos e bons nabos. Cria muito gado vaccum, e miudo, algum cavalhr, e caça miuda e grossa.

Nasce n'esta freguezia um riacho, denominado de Mourilhe, e acaba, com o curso de 6 kilometros, na direita do Cávado: cria peixe miudo, principalmente trutas.

—

No dia 4 de abril de 1854, um pavoroso incendio, reduziu a cinzas quasi toda a povoação de Mourilhe; arderam 122 casas e a egreja matriz.

Todo o reino de Portugal, mostrou grande genorisidade para com os infelizes habid'esta povoação.

Formaram-se, nas terras principaes do reino, diversas commissões, que promoveram subscrições, as quaes produziram mais, ou menos.

N'esta grande obra de caridade, tem primeiro logar a invicta cidade do Porto, cuja commissão reuniu 3:000 e tantos cruzados. Esta commissão mandou fazer um serviço de prata e de latão, que remetteu, e se conserva na egreja matriz, e em todos os objectos está gravado o seguinte distico—*Offerecido pelos habitantes do Porto.*

A commissão de Lisboa, reuniu quasi outros 3:000 cruzados.

Distinguiram-se as cidades de Guimarães e Braga, e n'esta, o sr. cardeal arcebispo, Pedro Paulo, com umas ricas dalmaticas, e n'aquella, a sr.ª D. Maria da Conceição Branco do Amaral e Napoles, com umas ricas alvas e corporaes, e o sr. Vicente Machado de Mello Pinheiro, pae do sr. visconde de Pindella, com um calix e patena.

Concorreram tambem outras povoações, como as villas de Chaves e Mont'Alegre, e geralmente os habitantes do concelho de Mont'Alegre, os quaes deram alimentos, com que os infelizes viveram, livres da fome, desde abril, até agosto, época das colheitas, em Barroso.

Recebeu-se do cofre da Bulla 400$000 rs. para a egreja.

A povoação e a egreja, foram reedificadas, e tudo ficou melhor do que estava, o que na maior parte é devido á liberalidade das pes-

soas caritativas, e ao zelo e diligencia da commissão de Mont'Alegre, a qual foi nomeada pelo sr. visconde de Lemos, então governador do districto, e era composta da fórma seguinte: os srs.—

Presidente—Antonio Joaquim Gonçalves Pereira, então administrador do concelho.

Vice-presidente—José Adão dos Santos Moura, abbade da freguezia da Chan, e então arcipreste do districto.

Secretario—José Dias da Costa.

Vogaes—João Alvares de Moura, reitor de Mont'Alegre.

Antonio João Fernandes de Miranda, reitor de Mourilhe.

João Antonio Rebello Guimarães.

José Rodrigues Canêdo.

Bento Pires Leal.

Thesoureiro—João Manoel Pereira da Silva.

—

Uma sorte adversa parece perseguir esta malfadada povoação!

Vinte e um annos e tres mezes—dia por dia—se tinham passado, quando um novo e tambem terrivel incendio reduziu a cinzas esta povoação.

No dia 4 de julho de 1875, pelas 8 horas da manhan, principiou a arder uma das casas da aldeia de Mourilhe. Duas horas depois, toda a povoação estava em labaredas, e cento e vinte casas, não formavam mais que um brazeiro medonho e fumegante; e as familias que as habitavam ficaram reduzidas á mais horrivel miseria.

No incendio não morreu pessoa alguma; mas sim muito gado miudo, suino e caprino. Os prejuizos montaram a muitas dezenas de contos de réis.

Só a egreja parochial e quatro casas, escaparam ao voraz incendio, e ficaram intactas.

Logo no dia 20 se instalou, na administração do concelho, uma commissão de soccorros (mandada crear, por alvará do governador civil do districto, datado de nove do mesmo mez), pedidos em todo o concelho, para aquelles infelizes.

A commissão ficou assim composta:

Presidente—O Sr. João Antonio de Moraes Caldas.

Secretario—O Rev.mo Augusto Cesar Rodrigues Canêdo.

Vogaes—Os Srs.—Antonio João Fernandes de Miranda, reitor de Mourilhe.

» —Alvaro dos Santos Lopes, parocho de Montalegre.

» —Padre, Francisco Bento de Moraes Caldas.

» —Padre, José Joaquim Tiburcio de Moraes.

» —Diogo Gomes de Carvalho, cirurgião-medico.

» —Doutor Agostinho José de Azevedo, advogado.

» —Antonio Julio de Moraes Caldas.

» —João Antonio Rodrigues Canêdo.

» —Alberto Carlos de Freitas Rebello.

Esta commissão é, na sua totalidade, composta de cavalheiros da maior probidade e sollicitude, e, por isso, se espera prestarão os mais relevantes serviços a favor dos seus desgraçados patricios.

—

É ainda ao meu sollicito collaborador, o illustrado sr. José dos Santos Moura, natural d'este conselho, e digno abbade de Caires, que devo quasi todos os esclarecimentos d'esta freguezia.

A este nobre cavalheiro os meus mais sinceros agradecimentos.

MOURILHÕES ou **MORILÕES** — antiga villa, Minho, situada proximo da villa dos Arcos de Valle de Vez. Não existe hoje d'ella mais que a memoria.

Diz-se que D. Bermudo II (o *Gotoso*), rei de Leão, lhe dera o nome de Mourilhões, quando, em 985, aqui teve uma grande batalha contra Almançor, rei de Córdova, que foi vencido. Depois, ajudado, D. Bermudo, pelo bravissimo portuguez, D. Forjaz Vermuiz (tronco dos condes da Feira) e pelos outros reis christãos, de Hespanha, alcançou Almançor, junto á cidade de Osma, no valle de Alcantanazôr (ou Calatanazôr) e o der-

rotou completamente, ficando o rei mouro ferido mortalmente.

—

É tradição que, vendo D. Bermudo fugir Almançor, na primeira d'estas batalhas, dissera — «Mouro longe» — e ficou este nome á povoação que já alli havia; corrompendo-se depois a palavra em *Mourilhões*.

Eram senhores d'esta villa, os Magalhães, da Terra da Nóbrega.

Foi senhor de Mourilhões, o celebre navegador portuguez, *Fernando de Magalhães*, que descobriu a passagem para a *contra-costa* da America do Sul (mar Pacifico) pelo estreito do seu nome. (Vide *Arcos de Valle de Vez.*)

Julga-se que esta villa era no sitio onde hoje está a capella de S. Thiago.

É certo que no meiado do seculo XVIII, se descobriram n'este logar uns arcos de tijolo, enterrados a pouca profundidade do sólo, que se julga serem sepulturas carthaginezas ou romanas.

Tambem é tradição que aqui proximo havia uma fôrca de pedra, o que é provavel, porque, perto da capella ha um monte, a que chamam *Outeiro da Fôrca*.

MOURISCA — aldeia, Douro, na freguezia, comarca e concelho d'Agueda, proxima á extincta villa d'Assequins. Fica na estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto. Já por este mesmo sitio passava a antiga *estrada mourisca* (de que varias vezes tenho fallado n'esta obra), e d'essa circumstancia lhe provêm o nome.

Não sei porque, os moradores da Mourisca, não gostam que lhe fallem nos *ossos de Pilatos*.

—

Em dezembro de 1872, uma mulher d'esta aldeia, deu á luz, quatro creanças, duas das quaes, vinham pegadas, tendo duas cabeças, quatro braços e tres pernas. Morreu a mãe e todos os filhos, pouco depois do parto.

MOURISCAS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 14 kilometros a E. de Abrantes, 150 kilometros a E. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario do Sardoal apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

No alto de um monte, cercado de mattos, no districto d'esta freguezia, está a capella de *Nossa Senhora dos Mattos*, de construcção antiquissima. Tem o corpo da egreja, 11 metros de comprido e 7 de largo; e é fechada de abobada; estando as suas paredes interiores revestidas de formosos azulejos. Tem capella-mór, tambem de abobada, e uma boa sachristia.

Junto á capella ha casas para pousada dos romeiros.

Faz-se a festa da padroeira, no primeiro de outubro; e era antigamente muito concorrida.

Teve d'esde tempos romotos, um erimitão para cuidar do aceio e conservação da capella, e para receber as ofiertas dos romeiros; mas ha muitos annos que o não tem.

—

MOURIZ — freguezi, districto conselho, de Paredes, comarca de Penafiel, 24 kilometros a N. S. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago S. Romão.

Bispado e Districto do Porto.

Os religioses agostinhos de convento de Cêtte, e o reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentavam alternativamente o reitor, que, tinha 200$000 rs. de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovimo, que exporta.

Foi solar de Estevão Dias de Mouriz, casado com D. Maria Martins de Avellar, filha e herdeira de Martins de Aragão, são os progenitores dos Avellares.

MOURO — pequeno rio, Minho. — Nasce em lamas de Mouro, e entra na esquerda do rio Minho, logo abaixo de Valladares.

MOURONHO ou **MORONHO** — freguezia, Douro, comarca e concelhe da Tábua (extincta comarca de Midões, e tinha sido antes, da comarca de Arganil, concelho de Cója) 40

kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 260 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto admnistrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 400$000 reis de rendimento,

É povoação antiga, e foi villa e couto. D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa a 12 de setembro de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 44 v. col 1.ª)

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça.

—

É n'esta freguezia (e não na da Candosa, como por mal informado, disse a pag. 84, col. 2.ª do 2.º vol.) o palacio e bella quinta, Sr. Luis Candido de Figueiredo Audinot: a mais formosa vivenda da Beira, depois da dos Paes, de Mnagualde, hoje da Sr.ª condessa da Anadia.

O Sr. Audinot, mandou construir uma estrada, á sua custa, que vae entroncar na real de Coimbra; de modo que se sahe da quinta e entra-se em Lisboa ou no Porto, sempre de trem.

MOUROS — (S. Martinho de) — Já a pag. 110, col. 2.ª e seguintes d'este vol., tratei d'esta freguezia, importante pela sua população, pela sua antiguidade e pelas suas tradições; mas, como depois d'isso se publicou o n.º 4, do *Boletim da real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses*, e e n'elle um curiosissimo artigo, do Sr. Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Fáro; não querendo privar os leitores, das interessantes noticias dadas por este cavalheiro, as resumo n'este logar.

—

Sabe-se que em 1054, D. Fernando I, o *Magno*, rei de leão e Castella (senhor da maior e melhor parte da Hespanha christan) passou o Douro pelo lado de Zamora, e seguindo para o O., entrou pela actual proda Beira-Alta, conquistou differentes castellos de mouros, n'esse anno e no seguinte; e em 1057, Viseu. Lamego, Tarouca, e outros logares fortificados.

N'esta freguezia, povoada por mouros, tinham elles um forte castello, do qual se tinham apossado, no principio d'este seculo (XI) Al-Mançor e o seu grande exercito.

D. Fernando Magno, expulsou os árabes do castello de S. Martinho de Mouros, no referido anno de 1057.

No foral d'esta freguezia, se lê — «Eu a Rainha D. Tareja, filha d'el-rei D. Affonso e o conde D, Anrrique, e o Infrnte D. Affonso, meu filho, fazemos, e confirmamos, carta de *firmydõe* [1] d. vosso foro, a vos homees de S. Martinho de Mouros; o qual ouvestes, em tempo de meu avô, rei D. Fernando, e de padre, rei D. Affonso, e deram esse castello com este foro, ao alvazil, D. Sesnando, como vos tivessem por elle.» etc.

Portanto, prova-se (por o que fica copiado) que D. Fernando I, de Leão e Castella, e seu filho, D. Affonso VI — aquelle avô, e este pae, de D. Thereza—deram foral a esta terra, sem comtudo se saber em que data.

A cópia do foral dado por D. Manuel, existe no archivo da camara de Rézende.

Segundo a tradição (mas não ha documento algum que o prove), a actual egreja matriz, foi mesquita de mouros. É construida de pequenas pedras, algumas marcadas com diversos signaes. [2]

Ainda que alguns pretendem que este tem-

[1] *Firmal*, no antigo portuguez era o *sêllo* que se punha em qualquer documento. *Firmar*, era prestar juramento, e tambem provar. *Firmideu, firmydõe* ou *firmidoem*, significava — firmeza, valor, permanencia, validade, ect. — Muitas vezes se encontra nos nossos documentos antigos—*Facta firmituidinis Carta* — phrase que decretava a firmeza e validade perpétua do documento a que era applicado.

No foral de Thomar, traduzido em vulgar no principio do seculo XIII se diz — *Feita a carta da firmidoem. no mez de juynho. Era mil e duzentos e doze anos. Era da Encarnaçom de Deos, mil e cento e seteenta e quatro, Eu, Meestre Gaudin, que esta Carta fazer mandei. ensembra com todolhos meus Freyres. morantes em tomar: aos vossos filhos, e ós vossos Successores, a fortalego, e confirmo.*

PINHO LEAL

[2] Para se saber qual foi o pedreiro que as lavrou. P. L.

plo foi construido em 708 (ou 707) fundando-se em que esta data está sobre o arco cruzeiro, não se sabe com certeza quando foi edificado.

E' de architectura gothica, e o arco cruzeiro é de volta em ogiva, assim como a porta principal, que é sustentada por delgadas columnas, tendo nos capiteis, grosseiramente esculpidas, cabeças de animaes. [1]

A torre dos sinos, é formada sobre uma grande abobada de cantaria, sob a qual ha um grande arco, onde é o côro.

Ao entrar da porta principal, ha uma inscripção, gravada em pedra, mas tão apagada, que não é possivel lêr-se. Sobre esta inscripção, estão dois riscos, feitos na pedra, que consta ser a medida exacta do padrão da vara e covado dos antigos povos d'aqui.

A capella-mór, parece ser obra mais moderna do que o templo.

O que se póde affirmar, com certeza, é que a construcção d'este templo é mais antiga do que a monarchia portugueza, e egual em architectura, ás egrejas de Santa Maria de Barrô, e de Santa Maria de Almacave, de Lamego.

Ainda n'esta freguezia ha um logar chamado *Castello*, situado no fundo de um monte, a que dão o nome de *Buraca dos Mouros*. No alto do monte, ha uma cava perpendicular, entupida com pedras. Alguns curiosos a mandaram desentulhar, em 1867, até á altura de 25 metros, e como n'esta profundidade se encontrou agua, não continuou a exploração. Toda a cava é aberta em saibro muito duro, e, desde a entrada até á distancia de 10 metros, é de abobada, e desce por escadas, do S. para o N., principiando ahi a descer perpendicularmente.

Ha signaes evidentes de mais cavas, que estão tambem entulhadas; e em uma d'ellas se reconhece a perfeição e segurança com que foi feita, pois é emparedada com pedra e cal, e tão bem feita era a argamassa, que é mais facil quebrar a pedra do que aquella.

Existem n'este logar claros vestigios de grandes fornos de depuração de metaes, encontrando-se ainda, muitas cinzas, carvão, muitos ossos, e grande porção de escorias (a que aqui se dá o nome de *escumalho)*, as quaes, sendo partidas, se lhe encontram pequenos bocados de ossos. E' manifesto que houve lavra de minas metalicas, em grande escala.

N'este mesmo logar, e em todo o monte, se encontram vestigios de casas, apparecendo grande porção de pedra e grossos tijolos. Tambem se teem encontrado por estes sitios, moedas de ouro, prata e cobre, algumas completamente frustras, outras em bom estado de conservação. Uma das de ouro, é gothica — e duas de prata, são romanas — uma do imperador Augusto, outra de Marco Aurelio, as quaes eu possúo. (O sr. Mello e Faro).

Ao E. d'este monte, e proximo a elle, ha um plano, onde ainda se reconhecem muitas sepulturas, abertas nas rochas, e todas de fórma que os pés do defuncto ficavam para o E. e a cabeça para O. (Era um *almocabar* mourisco).

Alguns sitios em volta do monte, ainda conservam nomes árabes, como AL MEDINA (a cidade) — ALTAMIRA — (que póde ser corrupção da palavra árabe *Altamari*—charope feito de tâmaras—ou de *Alto-Emir*, ou *Mir-Alto* principe, ou governador) — e ALMOZERNA — (Que talvez seja corrupção de *Armachzen*, casa para arrecadação de armas, munições, fazendas e mantimentos). Armazem.

MOUTA e **MOUTAS**—Vide *Moita* e *Moitas*.

MOZ—Vide *Mós*.

MÓZÉLLOS—Vide *Móséllos*.

MOZMODIZ—moeda de ouro, mourisca, que ainda teve curso em Portugal nos seculos X, XI e XII.

MOZOM—portuguez antigo — guindaste. Diriva-se do latim antigo, *mozolos rotae* (o mesmo que *truncus)*.—Os italianos ainda dizem, *mozólo*. No antigo francez, dizia-se *moieul*, hoje dizem—*grue, cric, guindage*.

[1] As mesquitas mouriscas eram todas de architectura arabe, e n'ellas era (e ainda é nas actuaes) prohibida a representação de qualquer animal. Já se vê, pois, que este templo é obra de christãos; mas podia depois ser transformado em mesquita, como aconteceu a muitos outros. P. Leal.

MU ou **MUU**—portuguez antigo—macho, animal quadrupede bem conhecido. Os hespanhoes dizem *mulo*. (Vide *Mulato*).

D'aqui vem *amuar* (desconfiar). Já os nossos antigos diziam — *tomar o mu*, com a mesma significação.

MUA — portuguez antigo — *mulla* — quadrupede.

MUÇAMEDES ou **MOÇAMEDES** — antiga villa, Beira-Alta—no territorio de Viseu, nas faldas do monte *Allebora* (?), aguas vertentes do rio Vouga.

Em varios documentos antigos encontrava esta povoação, umas vezes chamada *Muçamedes* (que me parece mais etymologico), outras *Moçamedes*.

Com o natural desejo que teem todos os homens, de verem dissipar-se uma duvida que os afflige — e, ainda mais — desejando ardentemente dar aos meus leitores, o maior numero possivel de noticias sobre as nossas antiguidades, fiz todas as investigações, a vêr se podia descobrir a situação d'esta villa; mas sómente pude saber o seguinte:

É certa a existencia d'esta villa, no seculo XII, pois que D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, a deu ao seu amigo Fernão Pires. Viterbo falla de Moçamedes em differentes partes do seu *Elucidario*, mas alludindo sempre a esta doação, de que copia pequenos trechos.

Finalmente, o mais que pude obter, com relação a Muçamedes (por intervenção do sr. D.or Pedro Augusto Ferreira, illustrado abbade de Miragaia do Porto, que tantos e tão valiosos serviços tem prestado a esta obra) foi uma cópia fiel da tal doação, escripta pelo R.mo sr. Antonio Coelho Diniz, escrivão da camara ecclesiastica de Lamego, mórdomo do paço, e conego honorario do mesmo bispado; o qual teve a benevolencia de a procurar, e extrahir do archivo do cabido da Sé. É a seguinte:

Doação, que fez o infante D. Affonso Henriques, ao seu grande amigo Fernando Pires, da villa de Moçamedes, no territorio de Viseu, nas faldas do *Monte Allebora*, aguas vertentes para o rio Vouga.

«Magnus est enim titulus Donationis et firmitatis, quem nemo potest inrumpere, nec ulla Lex vallet extra projicere, sed sicut in Gotorum legibus continetur, sic vallet Donatio, sicut et emptio. Idcirco ego Inclitus Infans Domnus Alfonsus bonae memoriae, Magni Adefonsi Imperatoris Hispaniae nepos, Comitis Henrici, et Reginae Tharasiae filius, facio Chartam Donationis, & firmitatis tibi Fernando Petrici, de illa Villa de Moçamedes, cum omnibus suis loces et terminis antiquis, per ubi illos invenire potueris. Habet namque jacentiam in Territorio Visei sub monte Allebora discurrentibus aquis Voukam. Do, et concedo tibi istam haereditatem, cum omnibus suis locis, et terminis, sicut superius commemoravimus, ut tu habeas illam firmiter aevo perenni, et post te, quem tibi placuerit. Et hoc facio non gentis imperio, nec suadente articulo, sed probono, et fideli servitio, quod mihi fecisti, et facies (si Dominus tibi vitam concesserit) & pro amore cordis mei, quem erga te habeo. Si autem aliquis tam de extraneis, quam de propinquis ho factum meum inrumpere voluerit (quod fieri non credo) tibi, vel qui vocem tuam pulsaverit hanc haereditaten duplatam, vel tripatam, vel quantum fuerit melioratam componat, et Regiae Potestati quod liber Judicum praecipit. Facta Charta Donationis, et firmitatis mense Mayo in Paredes sub era MCLXXI. (1133 de J.-C.) Ego egregius Infans Dõnus Alfonsus hanc Chartam propria manu r /// oboro.

Qui praesentes fuerunt — Pro testibus
Egas Moniz ↄ f. — Petrus testis
Egas Gondesindici — Menendus testis
Menendo Venekas — Ermoigius testis
Ermigius Curiae
Dapifer

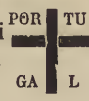

Ego Fernandus captivus Alferes ↄ f. Petrus cancellarius Infantis Notavit.»

O nome d'esta villa julgo ser arabe—*Muça* é nome proprio arabe; e podia a esta povoação terem dado os mouros o nome de *Muça-Medina* (cidade de Muça) que facilmente se podia converter em *Muçamedes*. Mais —

Segundo *L'Afrique de Marmol* (tom. 1.°, pag. 69.)—*Muçaun*, era uma nação da Africa Occidental, comprehendendo as provin-

cias de *Hea*, *Sus*. *Gezula*, e *Marrocos*, e o seu rei era *Muça*. Os povos que habitavam esta região, se denominavam *muçamudes*.

Na *Monarch. Lus*. (tom. 3.º, pag. 51) se diz — «Em 1147 (1109 de J.-C.), os mouros, que se chamavam *Muçamudes*, entraram em Hespânha» etc.

Podiam pois ter vindo á Peninsula antes de 1109 (porque, desde o 5.º seculo que elles costumavam invadir este paiz) e fundarem esta povoação, denominando-a — *terra dos Muçamudes;* ou mesmo os que vieram em 1109 lhe podiam impôr este nome.

Parece-me que esta povoação existiu no antigo territorio de Lafões (actual Vousella) e que, ou foi destruida com as guerras frequentes dos primeiros tempos da nossa monarchia, ou mudou de nome; pelo que se torna difficilimo — se não impossivel — saber com certeza a sua situação; bem assim a do tal *monte Allebora*.

MUÇÃO — Vide *Pinheiro* e *Mução*.

MUDAMENTO — portuguez antigo — mudança, alteração, troca.

MUDBAGE — portuguez antigo — Téla preciosa de que se usava nas vestimentas ecclesiasticas.

MUGE ou **MUGEM** (antigamente *Muja*) — villa, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho de Salvaterra de Magos, comarca de Benavente, 70 kilometros a E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição. (Antigamente, S. João Baptista.)

Patriarchado, districto administrativo e 12 kilometros ao S. de Santarem.

A mitra apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

—

Esta villa está formosamente situada sobre a margem esquerda do Tejo, em vasta e amena planicie. (Diz-se que o seu nome lhe provêm dos muitos mugues que se pescam em frente da povoação: por isso antigamente se chamava *Porto de Mugem*.)

Ao E. corre o rio do seu nome, cercado de arvoredos, e fazendo mover varios moinhos e regando os campos.

Os monges bernardos d'Alcobaça, que foram os primeiros senhores d'esta villa, a mandaram povoar, pelos annos de 1200; mas tantos eram os tributos que impozeram á povoação, que pouca gente a veio habitar; até que, D. Diniz, obtendo-a por troca, a povoou, dando-lhe foral, em Santarem, a 6 de dezembro de 1304. (*Livro 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, fl. 34 v., col. 1.ª) O mesmo rei, lhe deu outro foral, confirmando o antigo e augmentando-lhe os privilegios, em Lisboa, a 6 de setembro de 1307. (No mesmo liv. 3.º de *Doações* d'este monarcha, a fl. 59 v., col. 2.ª)

Eram senhores d'esta villa, os duques do Cadaval, que aqui teem um bom palacio e quinta.

Em um pequeno cerrado, pertencente á sr.ª D. Antonia Rita d'Assis Pacheco, d'esta villa, se creou, em 1862, um pé de trigo, com 77 espigas, todas cheias de grão. (Sendo o termo medio dos grãos de cada espiga, 36 — veio a produzir aquelle pé 2:772 grãos!)

Com effeito, o territorio d'esta villa é fertilissimo em todos os generos agricolas do nosso paiz.

—

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos mouros, que a abandonaram em 1147, quando perderam Santarem.

—

No termo d'esta villa, junto á estrada que vae de Coruche (e de todo o Alemtejo) para Santarem, está a formosa egreja de *Nossa Senhora da Gloria*.

Segundo a lenda, a imagem d'esta Senhora, appareceu a D. Pedro I, em uma occasião em que elle por aqui andava á caça, livrando-o de afogar-se em um grande pégo, que havia n'esta charneca; em reconhecimento do que, o rei lhe mandou fazer este templo, dando á Virgem o nome de Senhora da Gloria, pelas muitas luzes e resplandores de que estava cercada, no acto da apparição.

Sobre a porta principal, está uma inscripção, em lêtra gothica, que já mal se póde ler. Parece que se vê 1360, e se é esta a data, era certamente no reinado de D. Pedro I, que principiou a reinar em 1537, e

falleceu, em Extremoz, a 18 de janeiro de 1367.

Diz-se que a Senhora appareceu no logar onde está a capella-mór, sobre a mesma peanha em que ainda se conserva. Tem 0m,25 de altura, e é de roca.

O templo é vasto e magestoso,, mostrando ser obra real. O sitio é tão deserto, que 12 kilometros em redor, não ha povoação nenhuna; mas junto á egreja ha uma aldeia.

Em frente da egreja, ha um vasto terreiro, arborisado, com algumas casas, para pousada dos romeiros.

—

Já no 1.º vol., pag. 77, *in fine*, fallei em um famoso sôlho, pescado entre Alcochête e Montalvão, pelos pescadores do Tejo, em 1323, e por os mesmos offerecido ao rei D. Diniz. Direi aqui o que se lê em varios livros, com respeito ao tal *sôlho* (que outros dizem ser *mugem*).

Dizem uns que o peixe foi pescado proximo a Alcochête, em 1323, (como fica dito) e que era um *sôlho*.

Dizem outros, que os *pescadores do Tejo pescaram um mugem, junto á villla d'este nome, a 5 de fevereiro de 1320*, e que o mandaram de presente a D. Diniz, que então estava em *Villa Franca do Riba-Tejo*.

Os do sôlho de Alcochete, dizem que elle pezava 17 arrobas—e os do mugem de Mugem, dizem que elle tinha 17 palmos de comprido e 7 de grosso, e que pezava *17 arrobas e meia;* mas ambos os *partidos* concordam em que o rei lhe mandou *tirar o retrato*, do seu tamanho natural [1]

A pequena differença no peso e nas datas, e serem *ambos* offerecidos a D. Diniz, faz-me suspeitar que eram um só e mesmo peixe, e que os de Alcochête, Montalvão e Mugem, todos querem a honra d'esta pescaria.

Talvez que os de Mugem pescassem o sôlho perto de Alcochête (que fica 52 kilometros ao O. de Mugem), ou os de Alcochête o pescassem junto a Mugem, e que d'esta circumstancia se originasse a historia dos *dois sôlhos*.

Deixo esta *importantissima* questão para ser decidida por quem fôr mais competente.

Notarei todavia aos meus leitores, que no tempo do rei D. Diniz, em quasi todo o reino se pesava pela *arrôba castelhana*, que só tinha 12 arrateis portuguezes. Se foi por esta, vinha a ter o peixe, só (e já não me parece pouco!) 6 arrôbas e 12 arrateis.

—

Consta tambem que ainda pelos annos de 1540, os pescadores de Mugem, pescaram outro sôlho, que tinha *14 arrôbas*, e que foi por elles offerecido a D. João III, que tambem o mandou pintar do tamanho natural, e pôr o quadro na Torre do Tombo; levando o mesmo caminho que o antecedente.

Ainda então se pesava em varias partes do reino pela *arrôba castelhana*, pelo que vinha a ter, este 2.º sôlho, se foi pesado por ella, apenas 5 arrôbas e 8 arrateis, do nosso pêso.

—

MUHÍA ou **VILLA-NOVA-DE-MUHÍA** — freguezia, Minho, concelho e 3 kilometros da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 214 fogos.

Orago Santa Maria. (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior do mosteiro de S. Theotonio (conegos regrantes de Santo Agostinho—crusios), da cidade de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia pertenceu ao antiquissimo e extincto julgado da Nóbrega.

—

Houve aqui um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado pelo rico-homem, Godinho Fafez, de Lanhoso, amigo de D. Affonso VI, de Leão, e amigo e companheiro de seu genro, o nosso conde D. Henrique.

[1] Com effeito, esta pintura conservou-se na Torre do Tombo, até ao terremoto de 1755. que arrasou a *torre*, perdendo-se quasi tudo quanto lá estava, inclusivamente a tal pintura.

Teve logar esta fundação, pelos annos 1100, e em 1103 lhe fez este grande fidalgo, doação plena do mosteiro e suas dependencias.

Foi seu primeiro prior, D. Ramiro Fafez. D. Affonso Henriques coutou o mosteiro, em 1141, e o deu aos frades. Outros dizem que D. Affonso Henriques só lhe confirmou e ampliou o couto, que já estava creado por seu pae, no mesmo anno de 1103.

Segundo a doação, este rei deu ao couto os seguintes limites: Traducção.

«Hajam primeiramente por termo o rio Lima, pelo monte de *Campêllo* e pelo monte da *Mêza*, e pela cancella de *Magalhães*, assim como parte pela carreira das *Lagens*, com Magalhães, e como parte *Villa-Nova* com *Samprins* e com *Salgueiros*, e como parte Villa-Nova com *Real*, e vae pela carreira antiga, e como parte Villa-Nova com *Touuêdo*, e vae a *Penas-Agudas*, e vae ao fundo, ao rio Lima, onde primeiro começou.»

«Haja certamente o sobredito mosteiro, por estes termos, quanto eu hi hei, e ao poderio real pertence; por tal, que os conegos, que hi, em santa vida, forem perseverantes, segundo a regra de Santo Agostinho, hajam refeição por onde vivam.»

Esta doação foi confirmada por D. João I, em Lisboa, a 11 de janeiro de 144?. (1404 de Jesus Christo).

Em 1594, se uniu este convento ao de Santa Cruz de Coimbra, sendo d'ahi em diante os priores, trienaes (até então eram perpetuos).

O primeiro prior trienal, foi Dom Agostinho de S. Domingos, que tomou posse em 3 de fevereiro de 1595.

Este mesmo D. Godinho Fafez, fundou outro mosteiro em Fonte-Arcada, pelo mesmo tempo.

No tempo de D. João I, era commendatario, Ruy Gonçalves de Mello—Gil Affonso de Magalhães quiz devassar então o couto com a sua jurisdicção, por ser senhor da Barca e da Terra da Nóbrega; porém o rei passou uma carta, em 11 de janeiro de 1404, prohibindo-lhe a entrada n'este couto, como auctoridade. Os seus successores (depois condes da Barca), que eram poderosos, fundandose no máu comportamento dos *raçoeiros*, fizeram passar tudo para a casa da Barca.

Em 1594, foi tirado este couto aos Magalhães, da Barca, e restituido aos frades, unindo-se n'esse mesmo anno (como fica dito) a Santa Cruz de Coimbra. Depois, se uniu ao mosteiro de S. Theotonio, de Vianna, e, por fim, ao de Refojos do Lima, todos da mesma ordem.

—

Foi commendador de Muhía, Xixto Figueira, progenitor dos Pinheiros, de Pindella (hoje viscondes), que publicou a *Arte de rezar, conforme o rito bracharense.*

D. Godinho Fafez, fundador dos mosteiros de Fonte-Arcada e Muhía, era filho do ricohomem, e conde, D. Fafez Sarrazim, de Lanhoso, que morreu, junto a Coimbra, em 1071, pelejando pelo seu rei (de Portugal), D. Garcia, contra o irmão d'este, D. Sancho, rei de Castella. Chamava-se *de Lanhoso*, porque vivia na freguezia de Gallêgos (tom. 3.º, pag. 254, col. 2.ª, a 2.ª) no concelho de Lanhoso.

São estes Fafez os progenitores dos *Fafes*, *Ribeiros* e *Godinhos*, e de outras muitas familias nobres do Minho.

MUITIERAMÁ—portuguez antigo—(tambem se dizia *muitioramá*)—Muito na má hora. Hoje diz-se — *Em hora má.*

MUJÃES—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna (foi da comarca e concelho de Barcellos)), 20 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça.

Era da casa de Bragança. (Sobre o 5.º d'esta casa, vide *Correlhan.*)

MULA — *mulla*—animal bem conhecido.

Os prelados; os fidalgos; os abbades, seculares e regulares, e outras pessoas privilegiadas, foram os primeiros a quem os nossos antigos reis concederam *a faculdade de andarem montados em bêstas muares, com freios e sellas.* (Para andarem montados em cavallos ou éguas, não precisavam licença.)

Era prohibido ás outras classes, crearam ou montarem bêstas muares; para obrigal-os a crearem cavallos para o exercito. Esta prohibição era tão antiga como a monarchia.

Philippe II, que, quando não promovia a decadencia de Portugal, pouco se lhe dava das nossas desgraças, é que decidiu nas côrtes de Thomar (1581), que cada um tivesse, creasse e montasse a cavalgadura que melhor lhe conviesse.

MULATO — portuguez antigo — cria, filho burro e égua, ou de burra e cavallo. Pelo mesmo motivo referido no artigo antecedente, os lavradores só podiam crear cavallos e éguas. Os lavradores hiam comprar á Hespanha *mulatos* de seis mezes a um anno, para illudirem a lei; mas uma lei de D. João III, de 1538, determinou que *nenhuma pessoa d'entre o Douro e Minho* (que era onde havia mais bêstas muares) *podesse crear mais do que um mulato, para seu serviço,* sob pena *de um anno de degredo, para um dos coutos fóra da sua comarca, e do perdimento dos mulatos que creasse—metade para quem o accusasse, e a outra, para a camara de sua magestade.*

As côrtes de Thomar, de 1581, tambem revogaram esta lei; ficando cada um no direito de criar quantos *mulatos* quizesse.

MULÊTA — portuguez antigo — barco de pesca. D'aqui *muleteiros* aos barqueiros de mullêtas.

MULHARÍGO — portuguez antigo — fraco, delicado, timido, covarde, etc. (hoje diz-se *mullherengo*). Tambem o que se occupa em serwiço proprio de mulheres.

Ó, companha pusilanima, de corações mulharrigos, e afeminados! Dizei-me, porque choradies? (Chron. do conde D. Pedro, cap. 12.)

MÚMIA ou **MOMÍA** — Na lingua persica, sigmifica cadaver sêcco e mirrado. [1]

Os arabes chamavam *mumia*, ao corpo embalsamado. Em todo o Oriente, *mumia* é a parte carnosa do corpo humano, que fica enterrado nos desertos da Arabia, quando a *chuva* d'areia surprehende os viajantes, e que o ar abrasador os mumifica.

Os medicos arabes, applicam internamente o pó das mumias, desfeito em agua mórna, para a cura de contusões, tendo este remedio por efficaz.

Os que desejarem vêr esta materia mais desenvolvida, consultem o *Diccion. Etym.*, de Bailey, na palavra *Mumia.*

MUNA — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de S. Thiago de *Bésteiros.* (Vol. 1.º, pag. 395, col. 1.ª — o 2.º Bésteiros d'esta col.)

Em um monte d'esta aldeia, está a capella de *Nossa Senhora da Penha de França.* Fica este monte nas faldas da serra do Caramullo, e d'elle se gosa uma formosa e dilatada vista, sobretudo, o delicioso, ameno e fertilissimo *Valle de Bésteiros,* que lhe fica a E., e vae correndo para o Sul.

A capella é tão antiga, que, nem por tradição consta a data da sua fundação. Era um templo pequeno, e por isso, e por estar arruinado, se reedificou e ampliou, em 1701. Tem agora, o corpo da egreja, 15m5 de comprido e 6m60 de largo.

Unido á egreja ha um vasto e formoso alpendre, e uma boa sachristia.

Ha aqui uma irmandade, que mandava dizer uma missa á padroeira em todos os sabbados, domingos e dias sanctificados.

A pouca distancia da capella, corre uma caudalosa ribeira, que nasce no alto da serra do Caramullo, sobre a qual se fez uma boa ponte, pelos annos de 1700.

A festa d'esta Senhora, é a 15 de agosto, e sempre muito concorrida.

MUNDÁVEL — portuguez antigo — mundano, sensual, amante dos deleites, etc.

[1] Tomâmos vulgarmente o adjectivo *mirradio,* por pessoa muito magra. Este termo só se deve tomar no sentido figurado. Na accepção rigorosa da palavra, *myrrhado,* é o cadaver que se *mumificou* com *myrrha* e outras gommas e plantas aromaticas, ou por meio de differentes processos chymicos.

Nas pyramides do Egypto existem muitos milhares (talvez milhões!) de mumias, tanto de homens e mulheres, como de peixes, aves e animaes irracionaes terrestes.

MUNGA — portuguez antigo — monja, religiosa, freira. (Doc. de 1280.)

MUNICIPIO — Os romanos, tornados dominadores da Peninsula hispanica, a dividiram em *provincias* e estas em chancellarias. As cidades, ou eram *colonias* ou *municipios*.

Colonias, eram aquellas que tinham sido fundadas por tropas ou familias romanas, ou por ellas habitadas. Gosavam de grandes privilegios, e eram como uma representação da cidade de Roma. Governavam-se pelas leis romanas, e os seus habitantes eram, para todos os effeitos, reputados cidadãos romanos.

Municipios, eram os que se governavam por suas proprias leis, mas nem todos tinham os mesmos privilegios e regalias. Os mais privilegiados, eram os *municipios do do antigo direito latino*,[1] que, em todos os casos, eram considerados como moradores de Roma, podendo exercer todos os cargos, civis, militares, e ecclesiasticos.

—

Os romanos, não podendo vencer o grande Viriato (o antigo) pelas armas, recorreram á traição, e o invencivel lusitano cahiu aos golpes de tres traidores estrangeiros (que tinha ao seu serviço), comprados pelo ouro romano. (Annos do mundo 3861 — 143 antes de J.-C.)

Sertorio, proscripto por Scylla, fazia guerra, na Africa, aos romanos. Os lusitanos lhe mandaram alli pedir que fosse seu chefe, o que elle acceitou, e veio para a Lusitania, estabelecendo o seu quartel-general em Evora, que transformou em praça de guerra.

Este chefe, não era só um bravo guerreiro, mas tambem homem de grande intelligencia e prudente legislador.

Foi elle que intruduziu na Lusitania não só a legislação romana, mas tambem muitos dos seus usos e costumes, algumas das suas festas publicas, e concorreu para que se propagasse a sua religião, construindo alguns templos, dedicados ás divindades mythologicas.

Foi ainda Sertorio que creou os municipios na Lusitania, cuja instituição, com mais ou menos modificações, adoptaram os gôdos e depois os nossos reis.

—

Nem todos estes municipios tinham a mesma organisação, faculdades e attribuições; por isso o sr. Alexandre Herculano os dividiu em tres classes — e os designou — *rudimentares*, *imperfeitos* e *perfeitos* (subdividindo ainda as duas ultimas classes), segundo as suas respectivas jurisdicções e auctoridade.

—

Os municipios, ou concelhos, *rudimentares*, tinham governador militar e administrativo, e era necessario o consentimento dos municipes para a sua eleição; porém o *juiz do districto* e os *mórdomos do fisco*, decidiam as questões judiciaes e financeiras.

Os *imperfeitos* comprehendiam seis fórmulas.

1.ª — Semelhante aos concelhos rudimentares, mas não tinham juiz do districto, nem mórdomo do fisco. Tinham um juiz especial, com jurisdicção sobre o concelho, e era nomeiado pelo rei.

2.ª — Em logar de *juiz*, tinha o concelho *homens bons*, que eram uma especie de juizes-arbitros. Escolhiam-se as pessoas mais notaveis do concelho, para estes empregos.

3.ª — Em logar de mórdomo do fisco, para varios concelhos, havia um especial para cada um. Era electivo.

4.ª — Eram os *burgos*. Os povos que os habitavam, não eram *colonos*, mas *burguezes*. O tributo não recahia sobre as propriedadles rusticas, porém sómente sobre as urbanas. As suas garantias municipaes, eram muittas vezes inferiores ás dos concelhos imperfeitos.

— Os *cavalleiros villãos*, estavam ligados ao municipio, tinham alli entrada e muita consideração. As suas obrigações (dos cavalleiros villãos) limitavam-se a prestarem serviços pessoaes, durante a paz, e a hirem á guerra, montados nos seus cavallos. Não pagavam tributos. O serviço pessoal a que es-

[1] Segundo A. C. do Amaral (*Mem. para a hist. da legislação e costumes de Portugal — Mem.* 2.ª, pag. 319) a *colonia romana* tinha maiores privilegios que os *municipios do antigo direito latino;* porém a differença essencial entre uma e outra circumscripção, cifrava-se no que fica dito no texto.

tavam obrigados, era trabalhar gratuitamente nos castellos e edificios do estado, dirigindo (a cavallo) os trabalhadores; mas se queriam ficar isentos d'esta obrigação, pagavam o *morabitino de maio.*

5.ª e ultima fórmula. — Não havia cavalleiros villãos.

—

Os concelhos perfeitos, comprehendiam quatro fórmulas.

1.ª — Póde servir-lhe de typo, o foral de Santarem — O *alcaide-mór* era o chefe supremo da povoação, e representava o rei, como chefe juridico, administrativo e militar. Era de nomeação régia, porém muitas vezes era apenas um titulo honorifico, e o officio era exercido por um *alcaidõ-menor.* (Vide *Alcaide-mór.*)

Muitas povoações do Alemtejo tinham esta fórmula de governo municipal. Taes eram — Evora-Monte, Villa-Viçosa, Estremoz, Beja e outras.

2.ª — Tinham por typo, o foral de Salamanca, pelo qual se modelaram os da Beira. N'estes apparecem-nos — o *senhor* — chefe militar — e o *juiz* — representante do poder central. O chefe militar era representado pelo *rico-homem,* chefe do districto, que não intervinha no governo interno. Commandava as tropas do municipio; e, por excepção, e na falta do *senhor,* nomeava o juiz, um alcaide-mór, que tinha, provisoriamente, as attribuições do *senhor.*

3.ª — Serviu-lhes de modêlo, o foral d'Avila — e a esta classe pertencem os foraes de varias povoações do Alemtejo e das duas Beiras.

Estes municipios, tinham um alcaide, sempre com menores attribuições do que as dos senhores, e era escolhido d'entre os membros do municipio.

4.ª — Eram os que tinham *regimentos* e organisações especiaes, não seguindo nenhuma das formulas antecedentemente designadas, ou adoptando de cada um dos outros municipios as que lhes pareciam mais proprias para o seu regimen.

—

Em todo o caso, os poderes e attribuições das nossas antigas camaras, eram muito mais amplos do que os das actuaes; porque os nossos reis, principalmente até D. João III, achando sempre nos *concelhos,* alliados naturaes, contra os absurdos poderes e desmedida ambição dos grandes, lhe foram ampliando os antigos direitos e privilegios, e concedendo-lhes novos.

Se *em muitas conjuncturas,* os fidalgos portuguezes fizeram relevantissimos serviços á patria, offerecendo generosamente as suas fazendas, os seus vassallos e as suas vidas — é innegavel que as *lanças dos concelhos* se achavam *sempre* ao lado do rei, pugnando pela independencia de Portugal, e foram sempre os que mais soffreram com os resultados das guerras.

Se *muitos* dos principaes fidalgos portuguezes, deixaram um nome glorioso (com que ainda hoje justamente se ufanam os seus descendentes) pelos relevantes serviços prestados ao rei e á patria, conquistando palmo a palmo, por entre montões de cadaveres e rios de sangue, o solo querido do nosso Portugal. — Se era de nobre stirpe o intrepido lusitano (D. Fuas Roupinho) que em pleno mar conseguiu a primeira victoria que registam os nossos fastos navaes — se nobres e decididos patriotas foram quasi todos os chefes das nossas descobertas e conquistas, na Africa, Asia, America e Occeania — nenhuma das suas acções obraram sem o concurso poderoso, e provada dedicação do povo portuguez.

Se nas occasiões de maior perigo, como em 1383, 1580, 1640, e durante os cinco annos da guerra peninsular, *muitos* fidalgos tomaram o partido da patria, tambem muitos se bandearam com os oppressores d'ella, tornando-se nossos implacaveis e encarniçados inimigos. Mas o *povo* portuguez, a gente dos municipios, o *terceiro estado,* viu-se sempre inabalavelmente dedicado ao serviço da patria, reunindo-se com sincero enthusiasmo e fervor, em volta da gloriosa bandeira das sacrosantas Quinas lusitanas.

—

As actuaes camaras municipaes conservam, com pouca differença, a organisação e attribuições que lhes deu o marquez do Pombal — e, como são geralmente sabidas,

abstenho-me de fazer mais extenso o presente artigo.

Terminarei apenas dizendo que — as povoações do tempo dos romanos, que ainda existem em Portugal, e que tinham a cathegoria de *municipio do antigo direito latino*, são — as villas d'*Alcacer do Sal*, e *Mértola* — e as cidades de — *Aveiro*, *Beja*, *Braga*, *Coimbra*, *Evora*, *Lisboa*, *Porto*, e *Santarem*.

MURADOURO — portuguez antigo — muro, parede, tapagem, etc.

MURÇA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 45 fogos.

Orago, Santa Senhorinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O chantre da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

MURÇA DE PANOYAS — Villa, Traz-os-Montes, cabeça de concelho, na comarca de Alijó (foi antigamente da comarca de Villa-Real), 100 kilometros a N. de Braga, 30 ao N. de Villa-Real, 45 a O. da Torre de Moncôrvo, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho de Murça de Panoyas é composto das 9 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Braga — são — Candêdo, Cárva, Fiolhoso, Murça, Noura, Palheiros, Sobreira, Vallongo, e Villares — todas com 1:400 fogos.

—

Está situada na raiz austral da serra de S. Thiago, proxima da margem esquerda do rio *Tinhella*, em bonita posição, mas a villa é pequena, e não tem edificio algum, publico ou particular, digno de menção especial.

O seu territorio é fertil em cereaes, fructas, azeite e optimo vinho.

Sobre o pequeno rio Tinhella, a um kilometro da villa, na estrada de Villa-Real a Bragança, por Mirandella, se construiu em 1872, uma das mais altas pontes (de pedra) modernas, do reino. É obra magestosa.

—

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou. O que é certo é já existir em 753, no reinado de D. Affonso I, de Oviedo, e era povoação d'alguma importancia. Foi mandada povoar por D. Sanchio II, em 1224, dando-lhe então foral com muitos privilegios.

Pretendem alguns, que o nome d'esta villa provém dos muitos *ursos* que havia por estes sitios, no tempo dos mouros; mas devemos notar que no portuguez antigo se dizia *ússo* e não *úrso*.

Parece-me mais provavel que o nome lhe provenha de algum mouro chamado *Muça*, que a povoasse ou fosse senhor da villa; ou que lhe dessem o nome os *muçaun*, arabes africanos, que algumas vezes invadiram a Lusitania, mesmo antes da occupação geral da Peninsula hispanica pelos mouros, em 713 a 716. Accresce que, em todos os foraes antigos se dá a esta villa o nome de *Muça* e não *Murça*.

D. Affonso I, rei de Oviedo, filho de D. Pedro, duque de Biscaia e Navarra, descendente do santo rei Ricaredo, acompanhado de seu irmão, D. Frucia, resgatou esta povoação, já então chamada Muça, do poder dos mouros, em 753. Tambem no mesmo anno restaurou Chaves, Villa-Real, Viseu, Braga, e outras povoações menores.

—

O foral mais antigo, d'esta villa, de que ha noticia, é o que lhe foi dado por D. Sancho II, em 8 de maio de 1224. (*Livro 2.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 60 v.)

D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando o primeiro, em Santarem, a 10 de janeiro de 1268. (*Livro 1.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 86, col. 1.ª)

D. Diniz lhe deu 3.º foral, em Lisboa, a 18 de abril de 1304. (*Livro 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, fl. 31 v., col. 2.ª, gav. 15, maço 9.)

Tambem na gav. 15.ª, maço 4.º, n.º 8, se trata d'estes antigos foraes.

Consta que tambem D. João I lhe deu fo-

ral, em 1390, mas Franklim não o menciona.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 10 v., col. 1.ª)

Franklim enganou-se evidentemente, fazendo d'esta villa, duas.

A pag. 136, dá os foraes antigos de *Murça*, e o moderno, do rei D. Manuel: e a pag. 275, dá os mesmissimos foraes antigos, nas mesmas datas e logares, dando á villa o seu antigo nome—*Muça*—de modo que, segundo este escriptor, *Murça* é uma villa, e *Muça* outra.

Facilmente se conhece o engano, logo que se confrontem as pag. 136 e 275.

—

Os Mirandas Limas, foram senhores de Murça; e cada morador lhe pagava 2 1/2 alqueires de centeio, meio alqueire de trigo, um almude de vinho, e 54 réis em dinheiro. (Adiante tratarei da cêra que tambem lhe pagavam.)

Luiz Guedes de Miranda e Lima, estribeiro-mór de D. João V, tinha o seu palacio na villa e apresentava todos os officios da justiça.

Os disimos eram para o D. prior e *cabido* de Guimarães.

Diz José Avellino d'Almeida (*Dic. abreviado de chor. topog. e arch.*, etc., vol. 2.º, pag. 325, col. 2.ª), que as oliveiras do termo de Murça, produzem nos troncos uma resina, que se come, e tem a doçura do assucar.

—

O primeiro conde de Murça, foi D. Miguel Antonio de Mello—que foi, ministro da fazenda e estrangeiros, conselheiro de estado, capitão general d'Angola, etc., etc.—por D. João VI, em 1826.

Sua filha, a sr.ª D. Marianna das Dôres de Melllo, foi confirmada no titulo, em março de 1871.

É actual conde de Murça, o sr. D. José Maria de Mello Abreu Soares de Vasconcellos Brito Barbosa Palha.

—

Simão Guedes, governador do Porto, e senhor de Murça, fundou aqui uma albergaria para agasalhar peregrinos pobres; porem, poucos annos depois, o mesmo Simão Guedes e o povo requereram á Sé apostolica, para transformarem a albergarida em mosteiro de freiras benectinas, o que conseguiram. O fundador o dotou com muitas rendas e alguns particulares tambem lhe fizeram bôas doações.

Achando-se o mosteiro em estado de receber as religiosas (1587) vieram do convento de Vairão, as madres D. Joanna de Souza e D. Violanta de Noronha (da casa dos marquezes de Villa Real) para darem principio á communidade, que em breve se reuniu, ficando a primeira, por abbadessa.

A porca de Murça

No meio da praça da villa, e em frente da camara, se vê um môno de pedra, que tanto póde ser um porco, como um urso, hipopotamo ou elefante. É a *porca de Murça*.

Segundo a lenda, era no seculo VIII, esta povoação e o seu termo, assolados por grande quantidade de ursos e javalis.

Os senhores da villa, secundados pelo povo, tantas montarias fizeram, que ou extinguiram tão damninhas féras, ou as escorraçaram para muito longe.

Mas, entre esta multidão de quadrupedes, havia uma porca (outros dizem uma ursa) que se tinha tornado o terror dos povos, pela sua monstruosa corpolencia, pela sua ferocidade, e por ser tão matreira, que nunca podia ter sido morta pelos caçadores.

Em 757, o senhor de Murça, cavalleiro de grandes forças e não menor coragem decediu matar a porca, e taes manhas empregou que o consegiu; libertando a terra de tão incommodo hóspede.

Em memoria d'esta façanha, se construiu o tal monumento, alcunhado a *porca de Murça*, e os habitantes da terra, se comprometteram, por si e seus successores, a darem ao *senhor*, em reconhecimento de tão grande beneficio, para elle e seus herdeiros, *até ao fim do mundo*, cada fogo 3 arrateis de cêra, annualmente, sendo pago este fôro, mesmo junto á *porca*.

—

No concelho de Murça ha minas de *amiantho* (linho mineral) jacinthos, antimonio, chumbo e ferro.

—

Na casa da camara, de Murça, existiu até 1834, um *freio*, que se punha ás mulheres de má lingua e aos calunniadores. O mesmo *traste* havia nas camaras de *Mós* (de T. M.) São Ceriz (São Syriaco) e outras.

Aguas mineraes.

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, publicou, em 1810, as suas *Instrucções, cautellas praticas*, etc. — onde trata das aguas mineraes, então conhecidas. Com respeito ás de Murça, diz seguinte —

Carlão — Junto a Freixiel, entre o rio Túa e a villa de Murça, em distancia de uma legua d'esta villa, na margem O. do ribeiro *Tinhella*, no meio de *Porraes* e *Carlão*, povoação de 130 visinhos, da comarca de Villa-Real, no fundo de uma fragosa eminencia, de baixo para cima, nasce agua transparente e crystalina, no grau de calor, de 92 a 94 F. — ou 21½ a 22½ de R., com sabor e cheiro proprio das aguas mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, deixando na bôcca sensação de leve adstricção decedida, que attesta, assim como os reaguetes, presença de porção ferruginosa, talvez em estado de sulphato de ferro. Deposita no seu transito, sedimento branco, que sêcco, facilmente se inflama, e espalha fumo suffocante sulphureo.

Não ha no sitio, banhos proprios, e estes, ou se tomam em tinas, ou em póços, cubertos com cabanas de ramada.

A visinhança das povoações proximas, lhes dão os diversos nomes de *Caldas de Tavaios, de Porraes, de Carlão*, e *de* Murça, sendo só umas e as mesmas.

Estas thermas não foram modernamente analysadas, nem se remetteram amostras, para a exposição universal de Paris, de 1867.

—

Na villa e arrabaldes ha varias fontes, destinguindo-se a da *Rainha* pela sua excessiva frialdade.

O clima d'este territorio é bastante excessivo no inverno, porem agradavel e salúbre no verão, por ser muito abundante de bôas aguas.

—

O termo de Murça comprehende 24 logares. Em um d'elles, chamado o *Pópulo*, ha a capella de *Nossa Senhora do Pópulo*, que deu o nome á aldeia. Esta capella é muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Tem a Senhora uma confraria, que lhe faz a sua festa, e é a Padroeira objecto de muita devoção d'estes povos, que lhe fazem várias romarias.

—

Junto á ermida, se veem as ruinas do famoso castella da *Touca-Rôta*, com seus muros, cávas, fóssos e contramuros. Parece ser obra romana, mas nenhuma inscripção o attesta.

—

Aqui nasceu, em 20 de dezembro de 1811, o Eminentissimo sr. D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, actual (o XI.) cardeal patriarcha de Lisboa. (Vol. 4.º pag. 282, col. 1.ª)

É filho dos Srs. Hypolito de Moraes Cardoso, e D. Euphemia Joaquina Cardoso, honrados e laboriosos proprietarios d'esta villa.

Formou se em theologia, na universidade de Coimbra, sendo premiado em todos os annos do seu curso.

Para evitar escusadas repetições, ver o que digo no logar citado do 4.º volume.

—

Genealogia e armas dos actuaes condes de Murça

Abreu—Vide *Merufe* e *Pico de Regoladoos*.

Barbosa—Vide *Barbosa*, vol. 1.º, pag. 323, col. 1.ª

Brito—Vide *Brito*, vol. 1.º, pag. 493, col. 1.ª

Mello—Vide *Mello*, a pag. 172 e seguintes d'este volume.

Palha—appellido nobre em Portugal. Procede de Pero Palha, avô de Ruy Vaz Pallha d'Almeida, cujos descendentes usaram das armas dos Almeidas.

Soares—Vide *Bayão*, e *Valladares*, do Minho.

Vasconcellos—Vide *Castello-Melhor*, e *Lisboa*, a pag. 136 e seguintes.

—

Para mais antiguidades de Murça e seu termo, vide *Panoyas*.

MURCELLA—villa antiquissima da Beira-Baixa (hoje Douro) no extincto concelho d'Avô, hoje concelho d'Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (antiga comarca de Midões).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Já era villa em 898, e n'esse anno a doou o sacerdote Ismael, senhor d'ella, com sua egreja de São Martinho—e (tambem *Villarinho*, com suas egrejas de S. Jorge e Santo Estevão, com seus passaes) ao mosteiro de Lourvão.

Hoje está reduzida a uma pequena, mas bonita aldeia, com o nome de *Ponte da Murcellla*, em rasão da ponte que alli ha, sobre o rio *Alva*. (1.º vol., pag. 168 e seguintes.)

Junto a esta ponte ha muitos vestigios de lavras de minas d'ouro, exploradas pelos romanos, e depois pelos arabes. Tambem ainda se vêem alguns alicerces da antiga villa.

—

Em março de 1811, quando as hordas francezas fugiam, acoçadas pelas forças luso-britanicas, passaram por estes sitios. O povo d'aqui, de sobre os alcantis que bordam as duas margens do rio, arremeçavam nuvens de penedos sobre os francezes, matando e ferindo tantos, que se diz que o sangue jacobino chegou a tingir a agua do Alva. Os desgarrados, se cahiam em poder das tropas, ficavam prisioneiros (e só n'estes sitios ficaram mil) porém se cahiam nas mãos do povo, eram mortos irremissivelmente. A mesma sorte haviam pouco antes experimentado nas margens do *Ceira* e do *Arouce*.

Desde a villa da Redinha até á ponte da Murcella, ficaram as estradas juncadas de cadaveres francezes.

Massena, apesar de ter então recebido um refforço de 30:000 homens, perde todas as possições no Pombal, Redinha, Foz d'Arouce,, ponte da Murcella e outras, e foge em debandada, caminho de Hespanha (onde entra a 4 d'abril) perdendo na retirada—quasi sempre feita debaixo de fogo—grande parte das suas tropas.

N'esta desastrosa retirada, pagavam as atrocidades que haviam praticado em quanto occuparam Portugal. Não era a tropa que mais damnos lhes causavam—era o povo, que, por toda a parte por onde passavam os jacobinos, tratava de se vingar de todos os roubos, insultos e atrocidades de que tinha sido victima.

O povo hespanhol tambem imitou o portuguez, na encarniçada perseguição feita a estes novos hunos, que a França vomitou sobre a Peninsula. Honra lhe seja.

MURÇÓS—Vide *Mouçós*.

MURES—port. (Do ant—ratos. latino—*mus*. D'esta palavra se diriva o verbo *murar*, muito usado nas provincias do norte, e que significa espiar, esperar ou espreitar os ratos.

MURIAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi do extincto concelho da Torre de Dona Chama) 60 kilometros a O. N. O. de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano*.

MURIÊLLA—Vide *Almourol*.

MURO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 61 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do convento de conegos de S. João Evangelista (loyos) da cidade do Porto, apresentava o reitor collado, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Em março de 1875, Herman Leuschner (allemão) manifestou na camara de Santo Thyrso umas minas de ferro, manganez, plombagina (graphites) e antimonio, que havia descoberto no logar de *Guidães*, d'esta freguezia.

No mesmo mez, e na mesma camara, manifestou Antonio de Sousa Guerra, tres minas de ferro e outros metaes, em caminhos publicos—sendo uma na freguezia de S. Romão de Coronado, e duas n'esta de Muro.

MURRÁÇA—planta herbacea marinha (*dactylis cynosuroides* de Linneu—*paspalum cynosuroides, spicis liniaribus* de Brotéro) cria-se nos *sapaes* ou pantanos de agua salgada.

Tem muita semelhança com a herva cannosa, que se cria nas insuas do rio Minho, e, como ella serve para alimento do gado; porém é um pasto de má qualidade e pouco nutriente.

Entre a murrâça se criam bons mariscos, principalmente amejoas.

MURRAÇAL—logar coberto de murraça.

MURRACEIRA—terra pantanosa do litoral, que só póde produzir murrâça.

MURRACEIRA—ilhota, Douro, em frente da Figueira da Foz do Mondego, com vastas salinas (ou marinhas de sal) e muitos e grandes armazens (que ao longe parecem uma villa) para se arrecadar o sal.

Vide *Figueira da Foz.*

MURTAL—aldeia, Extremadura, termo da villa de Cascaes. Ha aqui uma capella de *Nossa Senhora da Penha de França da Bôa Vista*, fundada por Manoel Correia, capitão de infanteria, da praça de Cascaes, e *depois tenente* do forte de Santo Antonio, em 1668.

Este Manuel Correia tinha uma quinta no Murtal, onde residia, e por isso mandou fazer a capella, para elle e sua familia terem missa nos domingos e dias sanctificados, as quaes lhe diziam os religiosos recoletos do convento de Santo Antonio, de Cascaes, mediante uma esmola que lhes davam todos os moradores do Murtal.

MURTÊDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhêde, 18 kilometros a O. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 230 fogos. Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento. É terra muito fertil.

Produz muito e bom vinho, e cria gado de toda a qualidade.

MURTOSA—aldeia do Douro, freguezia de Santa Maria da Arrifama, de cuja egreja dista 2 kilometros ao S. O., comarca, concelho, e 10 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa.

Bispado do Porto e districto administrativo d'Aveiro.

Situado em terreno accidentado, e muito fertil.

E' n'este logar a casa nobre e grande quinta dos srs. *Assizes*, que foram officiaes de cavallaria do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

E' tambem n'esta aldeia a nobre casa e vastas propriedades dos filhos do sr. Manoel Ferreira de Sousa Brandão, já fallecido.

Estes filhos, são—o sr. Vicente Carlos de Sousa Brandão, juiz de direito aposentado, e casado com uma filha do sr. desembargador, Francisco Lourenço, de Fermelan.

O sr. Francisco Maria de Souza Brandão, distincto official de engenheiros, inspector das obras publicas, e que tem sido deputado da nação portugueza, em varias legislaturas.

Eram tambem filhos do sr. Manuel Ferreira—os srs.—Domingos José de Pinho e Souza do Amaral, que falleceu abbade de Santo Izidoro de Romariz—Manuel Maria de Souza Brandão, que morreu prior de Santa Marinha de Alcorobim—e José Maria de Souza Brandão, que morreu solteiro—e duas senhoras.

A esta Murtosa, para a differençar da seguinte, se dá o nome de *Murtosa da Arrifana.*

MURTOSA DE VEIROS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Estarreja, 40 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 1:900 fogos.

Em 1757 tinha 1:500 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Bispado do Porto, districto administrativo e 20 kilometros a O. de Aveiro.

O reitor de S. Thiago de Beduido, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Está a freguezia situada em terreno arenoso, mas em partes muito fertil, ao N. do *Laranjo*.

A maior parte do povo d'esta freguezia é composta de pescadores.

Na costa da *Torreira*, que fica proxima, ha nove *companhas*.

Na praça de *Pardêlhas* (aldeia d'esta freguezia) se faz diariamente uma abundante feira, ou praça, de peixe, da qual se abastecem muitas povoações, e exportando-se d'aqui para o Porto, Baixo e Alto-Douro, Arouca, Lamego, Vizeu, Oliveira d'Azemeis e outras muitas povoações.

(Vide *Torreira)*.

MUSÁRABE, ou *Mosárabe*—Vide *Monsárros*.

MUSARÍA—portuguez antigo—tudo o que pertence a bens d'alma e anniversarios. D. Affonso II prohibiu que os mosteiros comprassem bens de raiz, sem licença da corôa—*salvo que as possam comprar per musaria, e outras maneiras sem peccado.*

(Cod. Alf., Liv. 2.º, tit. 2.º, art. 2.º)

Musar é fallar baixo, e *Musaría* vem a ser murmurio.

Applicava-se este termo ás rezas pelos defunctos, que eram feitas em voz baixa, e d'aqui

MUSITAÇOM — portuguez antigo — voz baixa, confusa, e como *por entre dentes*. (Doc. de Tarouca, do seculo XIV.)

MUSSAMEDES—Vide *Muçamedes*.

MUXAGÁTA—Villa, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algôdres, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santa Maria, de Algôdres, apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

—

É povoação muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Foi villa e couto, com camara e justiça, proprias; mas ha muitos annos que foi supprimido o couto.

MUXAGÁTA—Villa, Beira-Baixa, comarca e concelho e 3 kilometros ao S. de Villa Nova de Foz-Côa (foi comarca da Pesqueira, concelho de Villa Nova de Foz-Côa), 65 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 236 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 e o pé de altar.

Egas Gozendes (ou Gondezendiz) e João Viegas, tinham dado foral a Cernancêlhe, a 26 de outubro da era 1124 (1086 de Jesus Christo), no reinado de D. Affonso VI, de Leão e Castella (avô de D. Affonso Henriques).—Vide a pag. 250, col. 1.ª, do 2.º volume.

Este mesmo foral foi dado a Muxagáta, por D. Aflonso IV, por instrumento feito em Celorico, a 30 de abril de 1357. (28 dias antes da morte do rei!) Está na *Gav.* 15, maço 23, n.º 9.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Evora, a 20 de dezembro de 1519, *(Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 155, col. 1.ª)

Esta villa está fundada sobre uma elevação, mas, como está cercada de montes, fica em uma especie de bacia, regada pelo *Côa* e pela ribeira do *Pisco*. É terra fertil, sobre tudo em hortaliças, que vende em grande quantidade para Foz Côa.

Ha aqui muitos olivaes, que produzem muito e bom azeite, mas pertencem unicamente a cinco ou seis familias. Produz muito pão e excellentes fructas, sobretudo pêcegos e melões, tão bons como os famosos do Valle da Villariça.

Tem abundancia de amendoa, e produz muito sumagre, que se exporta.

O vinho d'esta terra é de bôa qualidade, e produz bastante.

E' terra sujeita a febres intermitentes, no verão, por causa das aguas estagnadas nas hortas.

As mulheres d'esta terra teem fama de formosas e aceiadas.

Tem o titulo de villa desde o seu foral velho (1357) confirmado no foral novo. Foi

cabeça de concelho, com camara, juiz ordinario e mais officiaes de justiça, e ainda conserva o seu antigo pelourinho, testemunho da sua cathegoria.

—

No seculo XIII pertencia esta villa ao concelho de Numão. Em 1238, deu a camara de Numão, a D. Abril, uma grande herdade, entre *Cedavi*, *Muxagata* e *Longroiva*. *Ut faciatis ibi moratam et pousatam*—e o fazem seu visinho—*pro adjutorio, et defensione quam vobis facitis, et promittitis facere.*

Em 1242, lhe fez o mesmo concelho de Numão, doação (ao dito D. Abril) do *campo de Touça* (ou *granja de Touça*) o qual, vindo á corôa, o rei D. Diniz o deu ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da villa (hoje cidade) de Aveiro; e que depois andou emprasado (o campo da Touça) por 360 alqueires de trigo, *ou 36$000 réis por elle.*

MUZLEMO—portuguez antigo — rustico, barbaro, incivil, malcreado.

FIM DO QUINTO VOLUME

359

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factcs importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1875

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
514
P65
1873
v. 6

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67 — Praça de D. Pedro — 67
1875

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

N

N

N—letra numeral do antigo portuguez.—Valia 900 e Ñ valia 9:000.

Era nas antigas sentenças, pospondo-lhe um L, uma fórma que queria dizer *non liquid*—isto é—*não está plenamente provado.*

Desde o VIII seculo, se principiou o N a escrever, em logar do nome proprio da pessoa, *ille* ou *illa*—como se se dissesse—«aquelle ou aquella, cujo nome se ignora, ou que, por certas razões, se não declara.»

Ainda hoje, nos processos crimes em que ha mais de um réu, quando se passa mandado de prisão contra um ou mais, mas não contra todos, quando se pratica outro qualquer acto que póde prejudicar os segredos da justiça—ou quando teem de separar-se os processos crimes de alguns dos co-reus, só se nomeia aquelle a quem pertence o acto ou *autos* suprimindo-se o nome dos outros pelo termo *fuão*, e, se são mais de um—diz-se—*fuão e fuão*, etc.

No *Pacto da lei salica* (tit. 53) se usa—*Nestigantio* ou *Nestigantius*, em logar do N, pela mesma razão.

Depois usou-se do termo *Fuão* ou *Fulano.*

Fulano é a palavra arabe—*Folano*—que quer dizer—*um tal—um sugeito—um individuo*—de quem se não sabe o nome, ou que se não quer declarar.

NAB

Os hebreus diziam *floni*, que significa o mesmo.

Alguns dizem que o N assim empregado, é abreviatura de *En* ou *Na*, que na lingua vasconça, significava *Senhor* ou *Senhora.*

Hoje (sobre tudo, nos cartazes dos theatros) e com o mesmo fim, se costuma escrever NN.

NABÁES—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 95 kil. a N. E. de Coimbra, 295 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Cosme, martyr.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

(O *Port. Sacr. e Pref.* diz que é do bispado de Coimbra, mas é êrro.)

A casa de Mello, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Produz muito centeio, algum trigo e milho, muita hortaliça e do mais medeania. Cria bastante gado, sobre tudo cabras e ovelhas. Tem muita caça. Vem-lhe o nome, de ser abundante de nabos.

NABÁES—freguezia, Douro, comarca de Villa do Conde, concelho da Povoa de Varzim, 35 kilometros a O. de Braga,, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

As religiosas de santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

É terra fertil, cria muito gado, e é abundante em peixe do mar, que lhe fica proximo.

O *Dic. Chor. de Port.*, do sr. E. A. de Bettencourt, não traz (por esquecimento) esta freguezia.

NABÁES — aldeia, Douro, na freguezia d'Escariz, no extincto concelho de Fermêdo, hoje comarca e concelho d'Arouca, 30 kilometros ao S. do Porto, 20 ao O. de Arouca, 3 ao S. E. de Fermedo, 15 ao S. do Douro, e 280 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Ha aqui uma antiquissima capella, dedícada a S. Pedro, apostolo, ao qual se faz uma boa romaria, a 29 de junho.

É terra fertil em milho, linho e hortaliças: produz algum vinho (pouco e máu) e cria bastante gado.

É cercada de montes, onde ha muita caça miuda.

Fica proximo da antiga estrada do Porto a Viseu.

NABAÍNHOS—freguezia, Beira-Baixa concelho e comarca de Gouveia, 95 kilometros a N. E. de oCimbra, 985 ao E. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os senhores de Mello, apresentavam o prior que tinha 200$000 reis de rendimento.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa, á de Nabáes.

NÁBAM — portuguez antigo — direito que pagavam os pescadores, nos portos alheios. Era um peixe por cada barco, qualquer que fosse a sua lotação.

O rei D. Manuel, isentou os pescadores do Porto, d'este tributo, quando deu foral novo á cidade. Era muito antigo aqui este tributo (com o nome de *nábulo* provavelmente alatinisação de *naban*) pois consta da doação que em 922, fez D. Ordonho II, ao bispo resignatario, de Coimbra. D. Gomado, e ao mosteiro da Crestuma (onde o bispo estava recolhido) *Dedit ipse Rex, et ipsi Comites, Nabulum, et Portalicum de Dorio, in die Sabbati, de Portu de Aljuvirio, et per totos illos postus, usque in illa foce de Dorio, ubi cadit in mare.*

Na carta em que D. Affonso V fez *conde de Vianna de Caminha*, ao capitão e governador de Alcacer (Africa) D. Duarte de Menezes em 1460 diz — *E lhe fazemos mercê do nosso Direito do Nabão, e Malatosta, que os barcos de fóra pagam, quando vem pescar aos mares e rio do dita villa.* — (Vianna.)

NABANCIA — Ao E. do rio *Nabão*, em frente da moderna cidade de Thomar, havia antigamente uma florescente cidade, chamada *Nabancia* (segundo uns, nome derivado do rio Nabão que então se chamava *Naban* e queria dizer *Cidade de Naban*. Segundo outros foi o rio que se chamou Nabão por passar em Nabancia.)

Atribue-se a fundacão d'esta cidade, aos túrdulos. 480 annos antes de Jesus Christo, que vem a ser o anno 3524 do mundo, ou 1868 depois do diluvio. Ha porem escriptores que sustentan ser esta cidade fundação romana, do anno 110 de Jesus Christo, imperando Trajano. A favor d'esta opinião ha o nome da cidade, que mais parece romano, do que túrdulo ou celta.

Quasquer que sejam os seus fundadores, e seja qual for a data da sua fundação, é indisputavel ser uma povoação antiquissima.

Não se lhe conhece outro nome senão o de Nabancia: se foi fundada pelos túrdulos, e teve outro, perdeu-se, só se sabe do de Nabancia, que os romanos por ventura lhe deram.

Nada se sabe d'esta cidade, até ao anno 631 ou 632 de Jesus Christo, em que estava occupada pelos godos, de que era então rei Sisinando, que occupára o throno gothico, pela deposição de Flavio Swintila, filho de Flavio Ricaredo I.

É d'esse anno que o romance popular data a formosa lenda de Santa *Eyria*, *Eria*, *Iria*, ou *Irêne;* (de todos estes modos se vê escripta nos auctores antigos.)

Era conde, ou governador, de Nabancia sob as ordens de Recesvindo, um senhor gôdo, chamado *Castinaldo*.

Havia então aqui dois conventos, ambos da ordem de S. Bento. fundados em 640, por S. Fructuoso, que depois foi arcebispo de Braga.

Um era de frades, onde então viviam 44 religiosos, com seu abbade, chamado *Célio*, tio de Santa Iria, e estava fundado no logar onde hoje é a egreja matriz, de Nossa Senhora dos Olivaes, que se diz ser a mesma do mostéiro, no tempo de Nabancia.

O outro, era de freiras, e n'elle vivia Santa Iría, (filha de Ermigio e Eugenia, nobres senhores gôdos) com suas tias *Casta* e *Julia*, e aqui esteve até ao tempo do seu martyrio. Diz-se que este convento era no mesmo logar onde hoje está o mosteiro de Santa Clara (franciscanas) junto ao rio Nabão,

Lenda de Santa Iría

Iría éra uma donzella casta e formosissima: geralmente estimada pela sua honestidade e pelo conjuncto de todas as virtudes que lhe davam realce á sua angelica formosura.

De pequenina tinha hido para o convento onde estavam suas tias, para ser por ellas educada.

Um nobre gôdo, chamado *Britaldo*, viu a santa menina e perdidamente se enamorou d'ella. Pediu-a em casamento, porem a donzella, que se tinha votado ao serviço de Deus, resistiu a todas as razões e promessas de Britaldo, o que ainda mais lhe inflamau o amor.

Vendo que todas as diligencias eram baldadas, comprou um monge, chamado Remigio, mestre da santa, e o tornou cumplice do seu amor sacrilego.

A desditosa menina foi victima de uma infame cilada, pois que o tal frade, ministrando-lhe certo narcotico, a entregou, adormecida, ao seu malvado seductor, que fugiu com ella para um sitio, proximo do Nabão; porem, apenas alli chegados, ou porque cessasse o efeito do narcotico, ou por vontade divina, a virgem acordou, desenganando Britaldo de que não podia ser sua esposa, visto que já o era de Jesus Christo.

Vendo o seductor que nada conseguia da sua victima, a degolou, arremecando ao rio o cadaver truncado da sua victima, no dia 20 de outubro do anno 632. (outros dizem, 653.)

A corrente do rio a levou ao Tejo, depondo-a em frente da cidade de *Scalabis*, ou *Scalabicastro*, onde os anjos lhe construiram um formosissimo tumulo de alabastro.

Em breve se espalhou pela Lusitania a fama d'este martyrio e do milagre que lhe succeden, e de toda a parte correu gente a ver o tumulo da santa virgem.

Iría é proclamada santa e martyr, e Scalabis em breve muda o seu nome para o de *Santa Irêne*, que se corrompeu em *Santarem*.

1.ª *variante da lenda*

O tal *frei Remigio*, tambem se namorou de santa Iría, e como não podesse conseguir os seus damnados fins, vingou-se, propinando á santa uma beberagem, que produzia uma inchação, similhante á gravidez. Britaldo, julgando *Iría* deshonrada, enfureceu-se por tal modo, que convidou um malvado por nome *Banão*, para a assassinar. Banão a degolou, precipitando-a depois no rio. etc.

2.ª *variante*.

D. Britaldo, vendo perdidas todas as esperanças de desposar Iria. adoece de pezar, e chega ás *portas da morte*.

Iría. sabendo isto, o foi visitar, dizendo-lhe que se não correspondia ao seu amor, não era porque desconhecesse que era digno d'elle; nem por ter o d'ella empregado em outro homem. Que por muito honrada, e feliz se daria em ser sua esposa, se isso não fosse um sacrilegio, visto ter já feito voto solemne de morrer freira.

Tanta graça, tanta virtude e nobreza imprimia a virgem em suas palavras, que Britaldo ficou resignado, e melhorou.

Tendo depois logar a propinação da tal bebida que fazia semelhar a gravidez, como fica dito na 1.ª variante, Britaldo accêso em

ódio, angariou uns assassinos, que foram ter com Iria, a um logar solitario, onde costumava hir fazer as suas orações, e achando-a ajoelhada, a degolaram, despiram e lançaram o cadaver ao rio, etc.

Na *Historia de Santarem edificada*, pelo padre (loyo) Ignacio da Piedade e Vasconcellos (1.ª parte, L. 2.º, cap. 21, pag. 365) accrescenta mais a esta *segunda variante*, o segninte —

Ainda depois de Britaldo julgar a santa virgem, culpada, lhe mandou por certa mulher, offerecer a sua mão, com o esquecimento do passado, e mandando-lhe varias e ricas joias, ameaçando-a com a morte, se não annuisse. *Iría* tudo desprezou.

Britaldo, industriou um seu domestico, chamado *Banam*, para o assassinato, designande-lhe a hora em que a santa costumava orar, que era depois das matinas, e o sitio, que era uma lapa, ao fundo da cêrca do mosteiro, junto ao rio, em frente do sitio desde então até hoje chamado *Pégo de Santa Iría*. etc.

Continúa a lenda

Para que se não perdesse da memoria o logar do martyrio da santa—quando se reedificou e accrescentou o novo mosteiro, destinado então para a regra de Santa Clara (franciscana) alteando-se o terreno da lapa, fechou-se esta com uma abobada de pedra, cercada de assentos, e sobre o edificio, do lado do rio se collocou uma imagem de Santa Iria.

A abobada está hoje reduzida a uma especie de cisterna, e por isso se lhe dá o nome de *Pégo de Santa Iría*.

Crêem as pessoas devotas, de Thomar e circumsferencias, que a agua do pégo da Santa, cura todas as enfermidades, e quando em 1599, a peste devorou muita gente d'estes sitios, o remedio mais efficaz que julgavam para a cura dos atacados, era a agua d'este pégo.

É crença popular, que todas as vezes que se enchuga este pégo, se acha o sangue de Santa Iria, tão fresco, como na hora em que foi derramado, e que as pedras que estão no fundo, teem todas manchas de sangue.

—

Iria desapparecêra do mosteiro, sem se saber para onde. Correu a noticia de ter fugido com o auctor da sua supposta affronta. Os parentes ficaram tristissimos, sobre tudo, seu tio, o abbade Célio, que, recorrendo ás mais instantes e continuas orações, conseguiu que tudo lhe fosse revelado.

Reuniu então o povo de Nabancia e lhe narrou o martyrio, com todas as suas circumstancias. Para se certificarem da verdade, se dirigiram todos os frades do mosteiro e toda a gente da cidade e sua comarca, ao logar da sepultura de Iria, e apenas chegados, as aguas do Tejo se abriram, deixando ver o angelico monumento, que foi aberto pelo abbade Célio, e todos viram então o corpo formosissimo da santa virgem, apenas envolto na tunica interior. (Porque Banão, lhe roubára os vestidos externos).

Sendo evidenciada a todos, a innocencia da santa, quizeram leval-a para Nabancia, mas foram baldadas todas as diligencias que fizeram para tirar o cadaver do ataúde. Contentaram-se em levar algumas reliquias do cabello e da tunica. Collocada a tampa na sepultura, principiou a agua do Tejo a unir, pelo que todos se retiraram d'este logar e se foram para Nabancia.

Remigio e Banão, temendo a vingança dos homens e o castigo de Deus, se foram a Roma pedir perdão dos seus monstruosos peccados, ao papa Honorio I, que lhes impoz pesadissimas penitencias, que elles, não só cumpriram humildemente, mas ainda fizeram outras, levados pelo seu profundo e sincero arrependimento.

De Britaldo, dizem uns, que fôra curtir acerbas saudades, ainda mais entranhado amor, e cruciantes remorsos, para um deserto de Hespanha, onde mandára construir uma ermida a Santa Iria, da qual se fez erimitão, e alli terminou seus dias amargurados.

Qutros dizem que não se soube mais de Britaldo, e que não constava que elle désse satisfação a Deus nem ao mundo.

—

Em 1295, estando a côrte em Santarem,

ouviu Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, cantar a lenda de Santa Iria.

Desejou ardentemente ver o sepulchro da Santa e, depois de muitos dias de oração e penitencia, se dirigiu com o rei e muitos senhores da côrte, ás praias do Tejo, dizendo que se hia divertir; mas chegando á beira do rio, ajoelhou, em profunda oração, finda a qual as aguas se separaram, como o tinham feito havia 663 annos, e todos viram com a maior admiração, o tumulo de alabastro, de tão formosa architectura, que só anjos o poderiam ter construido.

Fez a santa rainha altas diligencias para o abrir, mas todas foram baldadas. D. Diniz, para o mesmo fim, mandou vir muitos pedreiros, porém as suas ferramentas pareciam de branda cêra e o tumulo de duro aço.

Desistiu o rei do seu proposito, mas, para que se não perdesse da memoria o logar da sepultura, mandou a toda a pressa collocar alli um pedestal de pedra, o qual, apenas concluido, se tornaram a unir as aguas.

Era este pedestal de tôsca alvenaria (por não haver tempo de ser construido com magnificencia, como o rei desejava), muitos annos existiu, pouco superior ao nivel da agua.

Em 1644, a camara de Santarem, a pedido do povo, mandou guarnecer o pedestal, de cantaria lavrada, dando-lhe mais altura, collocando-se no remate a imagem de Santa Iria, feita de marmore, com 1m,32 de altura, defendida das chuvas por uma bandeja, ou cúpula, de metal lavrado, firmada sobre quatro columnas de ferro. N'esta nova pyramide se poz a seguinte inscripção:

HIC TAGUS IRENAE SACRO LEGIT OSSA SEPULCHRO
QUAE UT VIRGO MARTYR FULGET IN ARCEPOLI
HAEC PATRIAM LINQUENS NOSTRAE DAT CORPORE NOMEN,
EFFIGIEM CUJUS ISTA GOLUMA TENET.

—

O *romance* (ou *rimance)* de Santa Iria, tambem tem algumas variantes, segundo as provincias em que é cantado. Para não fazer este artigo mais extenso, darei unicamente o da Beira-Baixa, por ser o que mais destôa da lenda: dando assim, ainda outra *variante* á poetica morte de Santa Iria, tão celebrada dos antigos vates lusitanos e portuguezes.

Romance de Santa Iria

«Estando a coser na minha almofada,
Com agulha de ouro e dedal de prata;
Veiu o cavalleiro, pedindo pousada;
Se lh'a meu pae déra, estava bem dada.

—

Deu lh'a minha mãe, que mui me custava,
Fui fazer a cama no meio da sala.
Era meia noite, a casa roubada;
De tres que nós eramos, só a mim levava.

—

Eram sete legoas, nem falla me dava,
Lá para as oito, é que perguntava:
—Lá na tua terra como te chamavam?
—Lá na minha terra era eu morgada.

—

Cá n'estas montanhas serei desgraçada,
—Por essa palavra serás degollada,
Ao pé de um penedo serás enterrada
Coberta de rama bem enramalhada.

—

No fim de sete annos, por alli passava,
E a todos que via elle perguntava:
—Dizei me, pastores, que guardaes o gado?
Que ermida é aquella que além branquejava?

—

—É de Santa Iria bemaventurada,
Que ao pé d'um penedo morreu degollada.
—Oh! minha Iria, meu amor primeiro,
Perdôa-me a morte, serei teu romeiro.

—

—Eu não te perdôo, ladrão carniceiro,
Que me degolaste que nem um carneiro,
—Veste-te d'azul, que é a côr do ceu
Se elle te perdoar, perdôo-te eu.»

—

Parece que os habitantes de Nabancia resistiram aos mouros, em 716, porque estes a arrasaram, não ficando pedra sobre pedra, e assim esteve, deserta e abandonada por espaço de 443 annos, até que, em fevereiro do 1159, D. Affonso Henriques fez d'ella doação ao famoso mestre do Templo, D. Gualdim Paes, e aos seus cavalleiros, que a vieram povoar.

Era o quartel, ou mosteiro dos templa-

rios, distante 12 kilometros ao N. de Nabancia, em um castello chamado *Céra*, e depois *Céras*. (Vide vol. 2.º, pag. 341, col. 1.ª)

Não agradava aos templarios o castello de *Céra*, não só porque estava muito arruinado—apesar dos concertos que lhe tinham feito—mas tambem porque o sitio não era do seu gosto. Buscaram pois outro, e examinando as ruinas de Nabancia, se contentaram d'este logar, e no monte que ficava na margem opposta do rio, a O., principiaram a edificar o castello, no 1.º de março de 1160; o que consta de uma inscripção, em latim, que está na parede a que encostam as escadas que sobem para o adro da egreja do castello. (A inscripção diz que esta obra teve principio na *era* de 1198, que vem a ser o anno de Jesus Christo, 1160).

A historia de Nabancia está de tal modo ligada com a de Thomar, que não póde separar-se desde 1160 em diante, sem grandes repetições, sob pena de ficar imperfeita e obscura. Na descripção de Thomar serei pois mais explicito, hindo ahi tudo o mais que respeita a Nabancia.

—

NABÃO—rio, Extremadura. Nasce ao E. d'Alvaiázere, de um grande olho d'agua que rebenta na serra de Ancião, ou monte *Tapego*, e do qual se fórma o rio *Formigaes;* porém esta agua só de inverno chega ao Nabão—pelo que, póde dizer-se que nasce na *fonte do Agroal*, no sitio chamado *Pena de Aguia*, ou *Penha d'Aguia*, junto á foz da ribeira de *Pias*. Tem uma boa ponte de pedra, de um só arco, na *Granja dos Frades*, proximo a Thomar—a das *Ferrarias*, ao S. (feita por Ayres do Quental, cuja estatua se vê junto á ermida de S. Lourenço) e a linda *ponte da Cidade*, proximo á antiga Nabancia.

São seus confluentes, os rios *Ceyça*, *Murta*, *Céras* (que vem de Pias), *Barqueiro*, *Louzan* e *Bezélga*. Junta-se ao rio *Zêzere* (margem direita) e vão ambos reunidos desaguar ao Tejo, junto da villa de *Constancia*.

Os escriptores variam um pouco no modo de escrever o nome antigo d'este rio, chamando-lhe *Nabam*, *Nabancio* e *Nabano*. Os romanos lhe chamavam *Nabanus*. Os arabes lhe deram o nome de *Tamarmá*, que significa — agua que tem o gosto de tamaras—agua dôce. (Vide *Atamarma*, a pag. 251, col. 2.ª do 1.º vol.)

Este nome — corrompido em *Thomar* — passou depois para a actual cidade assim chamada, e o rio tomou o seu antigo nome, que conserva.

NÁBO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella, 135 kilometros a N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago, S. Gens, ou S. Genesio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Bartholomeu, de Villa-Flôr, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Nábo, no portuguez antigo — é o mesmo que *Nábam*. (Vide esta palavra.) Mas, como aqui não ha barcos de pesca, é provavel que o nome lhe venha de *Nábulo*, portuguez antigo, que significa o frete ou paga que se dá nas barcas de passagem de qualquer rio.

NABRIL — antiga cidade da Lusitania, na actual provincia do Douro, situada na falda N. O. da serra de Midões, e perto da villa assim chamada Não se sabe se já tinha este nome, no tempo da sua existencia; mas é mais provavel que se perdesse da memoria, e que o povo lhe desse o de *Nabril*.

Tem-se alli achado cippos com inscripções romanas.

Junto ao sitio onde consta ter sido o assento d'esta cidade, está o logar da *Póvoa de Midões*, e proximo a elle, existiu uma ponte romana. Vide *Midões*.

NAÇARÃES ou VEIGA DE NAÇARÃES— Vide *Fontêllo* (o 1.º), a pag. 209, col. 2.ª, *in fine*, do 3.º vol. Naçarães é corrupção da palavra arabe *nasrani*, que os mouros pronunciavam *nacerani*, *nazaséno* — isto é, christão. Deriva-se de *Nacarion* — *Nazareth*.

Nazarenos foram chamados os primeiros christãos do Oriente. *A outra vigia, quando conheceu que eram Christãos, começou a bradar — Nasarani! Nasarani! (Christão! Christão!)* — Chron. de D. Affonso Henriques, da descripção da tomada de Santarem.

Já se vê que *veiga de Naçarães*, quer dizer — *Veiga dos Christãos.*

NAÇÕES (de legumes) — portuguez antigo—significava—*toda a casta de legumes*— v.gr.—feijões, favas, hervilhas, xixaros, lentilhas, grãos-de-bico, etc.

NÁCÔMBA —Vide *Aldeia de Nacômbo.*

NADÁES—aldeia, Douro, na freguezia de Escapães, comarca, concelho e 4 kilometros a E. da Feira, 30 ao S. do Porto, 12 ao N.O. d'Oliveira d'Azemeis, 280 ao N. de Lisboa. (3.º vol., pag. 54, col. 1.ª)

Fica esta aldeia na encosta oriental do monte da *Meia-Légua*, tendo pela parte inferior, vastos campos de milho e outros fructos, e correndo-lhe ao sopé, o rio, aqui chamado de *Nadaes*, que toma os nomes dos logares por onde passa, e desagúa na esquerda do Douro, no logar de Crestuma, com o nome de *Uíma.*

Ao O. do logar, e sobranceira a elle, a uns 200 metros de distancia, está a ermida de Nossa Senhora das Necessidades, edificio antiquissimo, que consta ter sido feito pelos frades crusios de Grijó, no seculo XIV. Tem na frente uma galilé, ou alpendre, que ameaça ruina, pelo que tem as suas columnas escoradas com grossos esteios de pedra.

Faz-se-lhe todos os annos uma festa, bastante concorrida.

Pouco acima d'esta ermida, e ao O. d'ella, está uma edicula, chamada *Alminhas da Meia-Legua*, sobre a estrada real de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, e ao E. d'ella.

Como esta edicula ficasse em um êrmo, foi por muitas vezes roubada, até que por fim se abandonou e está em ruinas.

Antigamente era este sitio perigosissimo, principalmente de noite, por causa dos ladrões que aqui sahiam aos transeuntes, com o maior descaramento, por ser o sitio deserto e cercado de pinhaes.

Desde que se fez a estrada nova, e, principalmente, desde que as justiças da Feira e Oliveira d'Azemeis se desenganaram a castigar os ladrões, cessou aqui o perigo; mas não deixa de ser um sitio medonho, em noites escuras, por se não verem de todos os lados senão pinheiros.

Até 1844, a palavra *Meia-Légua*, incutia terror em quantos a ouviam pronunciar!

NADÍVA — portuguez antigo — nascida, natural—*pedra nadiva*, a que nasceu n'aquelle mesmo logar.—*Como vae ferir em uma pedra nadiva, que está áquem do rio Balsamam.* (*Tombo do Aro*, de Lamego, de 1346, fl. 51.)

NAGOSA — Villa, Beira-Alta, comarca, concelho e 7 kilometros de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O vigario do Castello, apresentava o cura, confirmado, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O antigo nome d'esta freguezia era *Nogosa* (terra das nozes).

Está esta freguezia em terreno montanhoso, e em partes tão alcantilado que é quasi inaccessivel.

A S.O. lhe fica o monte de *Cabeça Gôrda*, alto e escabroso. Ao sopé alguns campos, que produzem pão, vinho, azeite e castanha; e muitas arvores silvestres.

No cume do monte, está um marco geodesico, ou trigonometrico, e uns 500 metros distante d'elle, no sitio do *Boucal*, rebenta por um buraco, que tem $0^m,15$ de diametro, no centro de um rochedo, um *ôlho* de optima agua potavel. No interior da rocha ha um grande reservatorio ou tanque natural — e fóra d'ella, ha uma prêsa artificial, de $10^m,6$ de comprido, $4^m,8$ de largo e $1^m,5$ de profundidade, que se enche completamente em 24 horas.

Pelo som que se ouve do interior, suppõe-se, com fundamento, que o reservatorio é composto de varias grutas ou cavernas, que levam oito dias a encher.

—

Ha ainda n'esta freguezia outros montes de menor grandeza, ficando um d'elles de

S. a N. E., cujas encostas estão cobertas de frondosos e productivos castanheiros.

Ao N. da freguezia corre, de E. a O., um ribeiro, que quasi sempre sécca nas estiagens. É orlado de arvores fructiferas.

Ao O. passa uma ribeira, que nasce nos Arcozéllos, e que, junta com outras, desagúa no Thédo. Corre do S. para o N., e em occasiões de grandes chuvas de trovoada, tem causado grandes prejuizos, com as suas enchentes rapidas e inopinadas. Em 22 de junho de 1868, trasbordando fóra do seu leito, destruiu uns bons *lameiros* (prados) que havia nas suas margens, e que nunca mais se poderam cultivar, por ficarem completamente descarnados.

A S. O. da povoação, ha uma nascente de agua sulphurea, chamada *Fonte-Santa*, que ainda não foi analysada, mas diz-se que é das melhores aguas do reino, na sua especie. Nas vesperas de S. João e de S. Pedro, e nos 3.os domingos de cada mez, ha grande concorrencia de gente a buscar d'esta agua, para a cura de rheumatismo e molestias cutaneas: e, effectivamente, muitas pessoas teem achado alivio nos seus padecimentos, com o uso d'ella; a ponto de já aqui virem doentes, de 40 kilometros de distancia.

—

É esta freguezia fertil em milho, centeio, trigo, vinho, azeite, castanha, hortaliças, fructas de espinho e carôço, e legumes; exportando alguns d'estes generos.

—

N'esta freguezia reside o sr. João Bernardo Cabral Coutinho Pinto Mergulhão Bandeira, de quem fallei, no artigo *Moimenta da Beira*. Rectifico aqui um pequeno engano. Disse então, que D. Thereza Marcellina Pinto Cabral Mergulhão, era filha do doutor Paulo Luiz da Silva, quando ella era filha de D. Angela Joanna Mergulhão e de seu marido, Manuel Pereira de Macêdo, e portanto, irman do frade crusio, D. João de Jesus-Maria Mergulhão. Tambem disse que do mesmo doutor Paulo, foram filhas, D. Maria Magdalena Mergulhão de Macêdo, D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, e D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão; quando estas eram filhas de D. Thereza Marcellina Pinto Cabral Mergulhão e de seu marido, João Gomes de Carvalho; e portanto, irmans do doutor em leis e canones, João Bernardo Pinto Mergulhão.

—

Ao joven e illustrado ecclesiastico, o R.me sr. Bellarmino da Fonceca Madeira Mergulhão Cabral, devo a maior parte dos apontamentos d'esta freguezia, pelo que lhe dou os meus sinceros agradecimentos

NAGOSÉLLA—Vide *Monte-Lafão*.

NAGOSÊLLO — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 45 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. João da Pesqueira apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

NAMORADO—portuguez antigo — affavel, engraçado, benevolo, condescendente, sympathico, etc.—Do rei D. Fernando I, diz Azenheiro—*Era muito desposto, e mui formoso, e manhoso, e muito namorado, e mui agasalhador.*

NAMORADOS (Ála dos) — corpo militar, composto de populares e fidalgos portuguezes, ajuramentados para vencerem ou morrerem, á maneira dos antigos lusitanos.— Levantou-se esta brilhante legião, quando estava para dar-se a batalha de Aljubarrota, onde obraram prodigios, não só de valor, mas de temeridade. Tomaram por distinctivo, uma bandeira verde, symbolo dos seus annos, e dos seus pensamentos, cheios de esperanças. Era dos seus estatutos, defenderem até á morte, o posto que lhes fosse confiado. Era composta de 200 lanças e 100 bésteiros, commandados pelos valorosissimos irmãos, Ruy Mendes de Vasconcellos e Mem Rodrigues de Vasconcellos.

Tambem então se levantou a legião ou companhia da *Madre-Silva*, composta tambem de mancebos, não menos bravos, e decididos do que os *namorados*, e do mesmo numero de soldados, em que entravam alguns

estrangeiros. Estes eram commandados pelo intrepido Antão Vasques d'Almada.

Na vanguarda do exercito portuguez avançou o immortal D. Nuno Alvares Pereira, com as suas tropas, levando ao seu flanco direito a *Ala dos Namorados*, e ao esquerdo, a da *Madre-Silva*, que eram a flor das nossas tropas.

Todos sabem as consequencias da gloriosa batalha d'Aljubarrota, no sempre memorado dia 14 de agosto de 1385, e as duas legiões (dos Namorados e da Madre-Silva) tiveram uma brilhante parte na batalha e na gloria do triumpho, cumprindo os seus votos, pois, ficando quasi todos feridos, nem assim deixavam de combater heroicamente, em defeza de Deus, do rei e da patria.

Estas duas legiões (a que alguns escriptores, erradamente, dão o titulo de ordens militares) terminaram com os seus gentis instituidores.

NANDIM—antigo nome da actual villa de *Landim*. (4.º vol., pag. 42, col. 2.ª, no fim.)

Darei aqui mais alguns esclarecimentos sobre esta povoação e o seu mosteiro.

Santa Maria de Nandim (hoje Landim) fica proximo (ao O.) do rio Áve, e pouco distante de Santo Thyrso.

O seu mosteiro, de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios), foi fundado por D. Rodrigo Forjaz de Trastamara (filho de D. Froyas Vermuiz, conde de Trastamara), que, vindo a Portugal, no tempo do conde D. Henrique, o ajudou nas suas guerras e conquistas, tendo o logar de rico-homem.

Casou com D. Moninha Mendes, filha de Gonçalo Mendes da Maia — o *Lidador*.

Não se sabe ao certo o anno da fundação d'este mosteiro, mas foi pouco depois de 1093, e já em 1096 existia, com a denominação de *mosteiro de Santa Maria dos Anjos, de Nandim*, e era seu prior, D. Pedro Rodrigues.

D. Gonçalo Rodrigues Pereira, deu ao mosteiro uma propriedade, que tinha junto ao couto de Palmeira, e os frades a deram a D. Elvira, em tróca de uma outra propriedade que esta tinha junto ao mosteiro; isto tambem no dito anno de 1096.

—

Era por aquelles tempos o *couto de Palmeira*, muito importante, e tão vasto e rico como um condado (d'aquelle tempo), e com o nome de *condado antigo da Palmeira*, se acha confirmado ao mosteiro de Nandim, por D. Affonso IV, em 1346, e por D. João I, em 1385.

Tinham os religiosos—até 1834—as *duas jurisdicções* n'este couto; por isso recebiam certos tributos, que se pagavam na feira que então se fazia na Palmeira, a 24 de agosto.

Nandim tambem era couto dos frades.

—

Na claustra do mosteiro, se vê uma sepultura raza, com a seguinte inscripção:

VIR BONUS ET RECTUS, JACET HIC
SUB LAPIDE TECTUS.
OBIJT. KALEND. MARTIJ, D. PETRUS
GARCIA, PRIOR. ERA MCCXXXV.

(Aqui jaz, coberto com esta pedra, D. Pedro Garcia, prior e varão justo, que falleceu no 1.º de março de 1236 — 1198 de J.-C.)

Os priores d'este mosteiro, foram perpetuos, até 5 de agosto de 1526: e n'este anno foi o convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra, tendo tomado posse, n'esse dia, o primeiro prior trienal, D. Philippe d'Elvas.

O conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, e quasi todos os escriptores antigos, dão a esta povoação o nome de *Nandim*, mas é mais *conhecida por Landim*. (Vide esta ultima palavra, no logar já citado do 4.º vol.)

NANDÚFE—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de Cannas de Sabugosa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todas as producções agricolas do nosso paiz; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça miuda.

Aqui nasceu, em 9 de novembro de 1818, o sr. Antonio Caetano Rodrigues. É filho dos srs. Manuel Caetano Rodrigues e Anna Hen-

riques Pinto, proprietarios da mesma freguezia.

Foi para a cidade do Porto, em 1838, e alli casou, em 28 de outubro de 1843, com a sr.ª D. Felicia Felicidade Vianna (filha dos srs. Joaquim Martins Vianna e D. Felicia Mathilde Vianna) que falleceu em 22 de fevereiro de 1851.

Principiou a exercer a profissão commercial, na praça do Porto, em 1845, e é actualmente um dos primeiros e mais acreditados negociantes de vinhos d'aquella cidade.

Foi eleito vereador da camara municipal, do Porto, em 1865, e sempre reeleito nos seguintes até hoje (1875).

Foi eleito vice-presidente da mesma camara, nos dois bienios, de 72 e 73—e 74 e 75.

Do seu casamento teve apenas dois filhos — o sr. Antonio Caetano Rodrigues Junior, ainda solteiro — e a sr.ª D. Felismina, casada com o sr. Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia, irmão do sr. dr. D. Antonio Ayres de Gouveia, lente da universidade de Coimbra e bispo eleito do Algarve.

O sr. Antonio Caetano Rodrigues (que móra na rua da Restauração, n.º 263) é um cidadão honesto, prestante e laborioso; e para se saber o bom conceito que merece aos portuenses, e as justas sympathias de que gosa na segunda capital do reino, basta vér-se a preseverança com que ha dez annos tem sido escolhido para a edilidade.

NARACHARÍA — portuguez antigo — laranjal, pomar de laranjeiras. Os hespanhoes ainda dizem *naranja*.

Viterbo diz que quando para Portugal vieram as laranjeiras da China, já cá havia laranjaes ha muitos centos de annos.

O sr. J. P. Ribeiro, em uma nota a esta palavra de Viterbo, diz que *só as laranjas azêdas podíam ser mais antigas em Portugal do que as doces da China.* Salvo o devido respeito aos vastos conhecimentos do sr. J. P. Ribeiro, não me conformo com a sua opinião.

Em um documento que existe na universidade de Coimbra, datado de 1262, se diz — *Unam leiram haereditatis juxta vallum cortinae ipsius Ecclesiae, et juxta* NARACHARIUM, QUAE EST IBI PLANTATA.

Não se acredita facilmente que no seculo XIII se plantassem laranjaes só de *laranjas azêdas;* pois que n'esses tempos para muito pouco serviam, visto que se lhe não davam as diversas applicações que hoje teem, na tinturaria, e nas conservarias.

É mais provavel que da China nos viessem desde o seculo XVI, outras especies de laranjas, porventura mais doces do que as portuguezas, e que por essa qualidade fosse geralmente adoptada a sua plantação.

NARBASSOS — antigos povos da Lusitania. Julga-se habitarem nas immediações da actual villa de Freixo-de-Espada á-Cinta, em Traz-os-Montes. Ptolomeu diz que eram visinhos dos *vacceos (Horum interiora tenent Vaccaei),* e estes habitavam em *Terras de Miranda.*

Ptolomeu trata dos *narbassos,* na 2.ª *Tábua da Europa,* cap. 6.º, na descripção da chancellaria de Braga, e os sitúa em 42º de latitude e 8º de longitude.

NARIZ — freguezia, Douro, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 9 kilometros ao S. de Aveiro (foi do extincto concelho d'Eixo — depois, passou para o de Oliveira do Bairro, e em 18 de dezembro de 1872, passou para o de Aveiro), 245 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

É terra fertil. Bom vinho.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacr. e Prof.*

NASCENÇAS — portuguez antigo — ainda usado nas provincias do N.— escrófulas (alporcas), leicenços, carbunculos, tumores, etc. Tambem se diz — *nascidas.*

NASCER, e **NACER**— portuguez antigo — sahir, apparecer, apresentar-se inopinadamente, surdir, etc.

NATIVIDADE —Vide *Machêde.*

NATURA, NATURANÇA e **NATUREZA** — portuguez antigo — o direito que algum individuo tinha, de ser *natural* (herdeiro) de uma egreja, mosteiro, ou outro qualquer logar pio. Tambem a *ração, alimentos* ou dinheiro, que por este direito pertencia ao *natural.*

Em 1311, mandou o rei D. Diniz, que ricos-homens e ricas-donas, infanções, etc.,

não fossem *desmesuradamente comer as Naturas, e albergar no Mosteiro de Vairão.* (Doc. do mesmo mosteiro.)

De um documento do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto (1337), consta que *Martim Fernandez da Coynha, renunciou a* Natura, *Comedoria, Casamento, Cavalaria, e outro qualquer Direito, que podesse ter no mosteiro de Tarouquella.*

Outros muitos documentos nos provam a existencia do *direito de natura.*

NATURAL — portuguez antigo — filho ou descendente dos padroeiros das egrejas ou mosteiros, que, como taes, se aproveitavam dos bens que seus ascendentes tinham deixado aos mosteiros e egrejas. Por esta circumstancia, tinham alli *Comedoria certa*, ou ração determinada.—*E o dito Lourenço Annes disse, que elle era Natural do dito Moesteiro, e que estava em posse de Comer; e que a ellas* (freiras) *nom queria fazer, nem fizera, força nenhua, mais que porque lhe nom queriom dar de Comer; pero lho ante pedira, que el viera ao dito Moesteiro: e que tomára Vianda pera si, e pera sa gente, assi como El-Rey mandava. E que se lhe dizião, que el nom era* Natural, *que el se faria* Natural, *por El-Rey, ou pelo Meirinho, quando lhi mister fosse: e que de todo estava em posse, e que assi o provaria. Porém as Donas protestavão que lhes fazia força, per que nom era* Natural, *nem* Herdeiro, *nem estava em Posse.* (Doc. do mosteiro de Ferreira d'Aves, do 1.º de dezembro de 1315.)

NATUREZA—portuguez antigo—naturalidade—terra onde alguem nasceu.

NAUMAN—Vide *Numão.*

NAVAES—Vide *Nabaes.*

NAVAGEM—portuguez antigo—tambem se dizia—*navegagem*—(de *nave*, navio)—frete da embarcação, e o que se dá nas barcas de passagem.

De um arrendamento da camara de *Mem-Côrvo*, feito em 1380, consta que o arrendatario devia ter a *Navagem do Porto do Pocinho* (Barca do Pocinho). Da mesma palavra usa o rei D. Diniz, em uma carta para a mesma camara, datada de 1289, fallando n'aquella barca.

Em 1396, D. João I, decidiu *que as Barcas, e Navegajens do Douro, desde o Porto-Velho té defronte do Prêdo* (Perêdo) *pertencerião ao concelho de Mem-Côrvo: não obstante a Petição do Procurador da sua Real Fazenda.* (Doc. da camara de Moncôrvo).

NAVALHO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (era da mesma comarca, mas do concelho de Lamas de Orelhão, que foi supprimido), 120 kilometros a N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador de Malta, de Poyares, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

NAVALHOS—serra, Douro, na freguezia de S. Pedro do Paraizo, concelho do Castello de Paiva. E' bastante alta e do seu cume se disfructa um formoso e vasto panorama, vendo-se serras, bosques, penedias, valles, povoações, e a cidade do Porto, que lhe fica a 30 kilometros ao ONO.

Ao sopé d'esta serra, passa a grande zona carbonifera de Paiva, e a estrada de Arouca para o Douro (que fica 5 kilometros a N. O.) assim como a estrada (crusando a antecedente) que vae de Cabeçaes para Sobrado de Paiva.

Esta serra é despida de arvores, e apenas produz carqueija e uma especie de urze, muito enfezada, a que chamam *queiroz.* Tem muitas pedreiras de quartzo (seixo) e algumas de schisto, muito friavel. Ha aqui muitos afloramentos de ferro.

NAVARRA—freguezia, Minho. Está annexa á freguezia de *Crêspos.*—Vide esta palavra.

NAVAS—portuguez antigo—Campos planos, cercados de bosques.

As *Navas de Tolosa*, são celebres pela batalha que n'ellas deu, e grande victoria que alcançou contra os mouros (de Mahomet IV) D. Affonso VIII de Castella, em 1212. Esta victoria foi attribuida a intercessão da Santissima Virgem, cujo retrato se via nas bandeiras dos christãos, que, em agradecimento, lhe consagraram *abstinencia da car-*

ne, nos sabbados, a qual se tinha deixado de usar em toda a Hespanha.

Fallo n'esta famosa batalha porque n'ella se distinguiu, pelo seu arrojo e disciplina, a divisão portugueza que o nosso D. Affonso II mandou em auxilio dos castelhanos.

NAVE — portuguez antigo — termo ainda hoje usado em poesia—navio.

NAVE—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Sabugal, no Riba-Côa, 120 kilometros a S. E. de Lamêgo, 300 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 158 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamêgo), districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Para se differençar das outras *Naves*, se dá a esta o nome de *Nave do Sabugal*.

A esta freguezia está annexa a de *Ruvina*, que tinha em 1757, 41 fogos.

Era orago d'esta freguezia, o Espirito Santo.

O reitor da freguezia da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Na freguezia da Nave houve um convento de freiras-terceiras-franciscanas, as quaes com as guerras de 1476 a 1479, contra os castelhanos, fugiram para a villa d'Almeida, onde fundaram o convento da sua ordem. D'este mosteiro (de Almeida) sahiram as fundadoras dos mosteiros de S. Vicente da Beira, e da Madre de Deus, em Aveiro.

NAVE DE HAVER—freguezia, Beira Baixa, no Riba-Côa, comarca e concelho de Sabugal (foi do extincto concelho de Villar-Maior), 100 kilometros a S. E. de Lamêgo, 320 ao E. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O reitor de Villar Maior apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia está annexa a do *Poço-Velho*, que tinha em 1757, 35 fogos.

O reitor de Villar-Maior apresentava tambem o cura d'esta freguezia, que tinha de congrua 4$800 réis e o pé d'altar.

Tinha por orago, Nossa Senhora da Conceição.

Tambem como a antecedente, foi do bispado de Lamêgo e pertence agora ao de Pinhel.

NAVE-REDONDA — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello-Rodrigo, 18 kilometros a N. E. de Pinhel, 15 ao N. de Almeida, 348 ao E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi tambem do bispado de Lamêgo), districto administrativo da Guarda.

O reitor de Castello-Rodrigo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Castello-Rodrigo.

Em junho de 1875 cahiu uma praga devastadora de gafanhotos sobre as povoações de *Nave-Redonda*, *Matta de Lobos* e *Almofalla*, chegando a invadir as aldeias, depois de terem devorado, nos campos, as batatas, trigos tremezes e hortaliças. Causaram muitos e grandes prejuizos.

NAVES—freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho d'Almeida, 105 kilometros a S. E. de Lamêgo, 360 ao O. de Lisboa, 65 fogos. Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Thiago-Maior, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O vigario de Castello-Bom apresentava o cura, que tinha 7$070 réis e o pé de altar.

NAVIÓ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra e o mosteiro benedictino de Carvoeiro, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento e o pé de altar.

NAZARETH, NAZARETH DA RIBEIRA ou **RIBEIRA DE FRADES**—freguezia, Douro, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Coimbra, 200 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Orago S. Miguel, anchanjo.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacr. e Profano.*

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe do rio Mondego, e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—Beira-Alta. Vide *Lourosa* (a ultima) a pag. 466, 1.ª col., no fim, e seguintes, do 4.º vol.

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—Alemtejo. Extra-muros da cidade de Elvas, ao O. d'ella, está a ermida de Nossa Senhora de Nazareth, construida no principio do seculo XVI. É redonda, com 6m,6 de diametro, tendo só um altar (recolhido em um arco, no corpo da parede) onde está a Padroeira. A sacristia foi feita em 1690; o que consta de uma inscripção que está sobre a porta principal.

Faz-se-lhe a festa, na segunda feira depois de domingo da Paschoella, e como fica perto da cidade, é muito concorrida.

(Vide *Elvas).*

NAZARETH—(Nossa Senhora de)—povoação, Extremadura, freguezia da Pederneira, comarca e concelho de Alcobaça (foi do concelho da Pederneira, até á sua suppressão, e da mesma comarca).

105 kilometros ao N. de Lisboa e no seu patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Situada perto da Foz do Alcôa, na costa do Oceano Atlantico, em 39º 36' de lat. N., e 40 de long. Occ.

O orago da freguezia é Nossa Senhora das Areias, e o da povoação de Nazareth, é Nossa Senhora d'este titulo.

A lenda de Nossa Senhora de Nazareth, é uma das mais poeticas do reino; e ha seis seculos serve de thema para formosissimos rimances, canções, dramas sacros, e soláos.

Um dos mais bellos rimances d'esta Santissima Virgem, é sem contestação o do nosso chorado e mimosissimo poeta e elegantissimo prosador, visconde de Castilho, fallecido em Lisboa, a 17 de junho de 1875.

Principia elle:

A fama famosa d'aquelle milagre,
Herança que herdamos de padres e avós,
Á gloria do alcaide de Porto de Mós
Por filhos e netos, bem é se consagre.

—

Hoje que as santas crenças dos nossos paes estão tão abaladas, e até escarnecidas, pelos *livres pensadores;* como é doce, como nos alegra a alma, vermos essas crenças sempre vivas e sempre inabalaveis no coração do nosso povo!

Como é consolador, n'este seculo de corrupção e iniquidade, chamado, por ironia, *seculo das luzes*, vermos, não só conservada, mas ainda progredindo entre os verdadeiros portuguezes, a devoção e a piedade! Debalde os antros ignobeis, onde se géra e pretende propagar o scepticismo, vomitam sobre a face da terra toda a casta de sophismas, calumnias e ignominias. As portas do inferno não prevalecerão contra a egreja de Deus, e a religião catholica está tão arreigada entre a maior parte dos portuguezes, como no tempo dos nossos passados.

Se o *camartello civilisador* derroca e aniquilla os templos vetustos que recordam a fé e a piedade de nossos antepassados; sem attenção á sua poetica architectura, e sem respeito aos factos gloriosos que muitos d'elles nos recordam—vemos com prazer, com a mais doce consolação, o povo levantar novos templos, erigir novos altares; e os monumentos religiosos, em que péze aos *illuminados*, progredirem e multiplicar-se.

Em Braga, vemos o gráu de esplendor a que em nossos dias tem chegado o famosissimo Sanctuario do Bom-Jesus; e a erecção da estatua colossal de Nossa Senhora do monte Sameiro.—Em Guimarães, os modernos afermoseamentos do Sanctuario de Nossa Senhora da Penêda, e a reedificação da historica egreja de S. Miguel.—Em Lamego, o desenvolvimento hodierno, do Sanctuario de Nossa Senhora dos Remedios.—No Alto-Minho, a construcção de novas ermidas.—Na

cidade do Porto, a fundação de tres novas e formosissimas capellas (Agramonte, Boa-Vista, e Aguardente).— Finalmente por todo o reino se observa com prazer, que a devoção aos templos e ás santas imagens que os adornam, longe de enfraquecer, reverdece.

Um dos mais consoladores testemunhos da piedade do nosso povo, é a constante e indelevel devoção a Nossa Senhora de Nazareth, e as ampliações e aformoseamentos que n'estes ultimos annos se teem feito n'este templo monumental.

—

Deixando digressões com que alguns dos leitores talvez não sympathisem, narremos sucintamente a lenda poetica de Nossa Senhora de Nazareth, tendo em vista o que disse o nosso sempre chorado padre Malhão, em um sermão d'esta Santissima Virgem.

«N'esta grandiosa Legenda, não ha nada que não esteja em perfeita harmonia com as crenças do genero humano, com os ensinos da religião, e com a historia do culto da Virgem.»

—

O sangue dos martyres corrêra por tres seculos, em todos os paizes do vasto imperio romano, até que Constantino, filho de Constancio Chloro e de Santa Helena, foi proclamado imperador, pelas legiões da Bretanha, depois da morte de seu pae, no anno 307 de J.-C.—mas não gosou em paz os primeiros annos do seu imperio.

Maximiano Hercules, que tinha abdicado, retoma o titulo de imperador. — Maxencio, seu filho, é proclamado em Roma. — Galerio, faz dar a púrpura a Licinio, e seis imperadores reinam simultaneamente.

Constantino, colligado com Licinio, triumpha de Maximiano, de Maxencio, e de Galerio, e fica, com Licinio, senhores de todo o imperio, em 313.

Os christãos, protegidos por Constantino, respiram por algum tempo; mas as divisões não tardam a apparecer entre os dois imperadores, e Licinio, por odio ao seu rival, se torna perseguidor implacavel dos christãos. A guerra se declara entre os dois imperadores, e Constantino aniquilla o exercito do seu contrario, em 323, junto á cidade de Adrianopoles, e manda pouco depois estrangular Licinio.

Constantino, tornado senhor de todo o imperio, abraça o christianismo, abolindo, por um decreto, o culto dos falsos deuses.

Depois de 30 annos de reinado, Contantino Magno morre em Nicomedia (Asia), no anno 1090 da fundação de Roma. (337 de Jesus-Christo.) [1]

Poucos annos de paz teve a egreja christan. Ainda em vida de Constantino, o heresiarcha *Ario*, fundou a seita dos *arianos*, que odiavam tanto os catholicos, como os proprios idolatras. Outras heresias rebentaram entre os christãos, mas o que sobretudo concorreu mais para novas perseguições, foi a apostasia do impio e cruel imperador Juliano.

Á Peninsula hispanica, distante como estava de Roma, chegaram menos as ultimas perseguições, e os christãos tinham aqui mais seguro abrigo; por isso, para cá fugiram muitos christãos do Oriente, no 4.º seculo.

Foi por este tempo, segundo a lenda, que o monge grego, Cyriaco, fugindo para Bethlem de Judá, levou comsigo a imagem da Virgem de Nazareth, e a deu a S. Jeronymo, que a mandou a Santo Agostinho, bispo de Hypponia, que estava na Africa; e este a mandou para o mosteiro hispanico de Cauliniana (a 12 kilometros de Merida), e foi aqui que lhe deram o titulo de *Nazareth*, por ter vindo da terra natal da Senhora.

«Cavar pelas minas de fundas verdades,
É nobre fadiga;
Mas contos, contados de edades a edades,
Tem força de encanto, que a todos obriga.»
(Castilho—N. Sr.ª de Nazareth.)

—

Vamos pois saber como a imagem da Virgem de Nazareth, veio ter ás praias da Lusitania.

—

[1] Jesus-Christo nasceu no anno 753 da fundação de Roma.

«Em campos de Guadalete
Acabado se era o dia,
Co'o dia a grande batalha,
Co'a batalha a monarchia.»

(Idem.)

Egica, sobrinho do santo rei Wamba, e genro de Ervigio, seu antecessor, subiu ao throno dos gôdos, em 687.

Vitulo, conde de Galliza, ambicionando o throno, revoltou-se, mas foi aniquillado. O rei nomeia seu filho Witiza, soberano das terras rebeladas, ficando elle com o resto da Hespanha e com a Gallia Narboneza. Por sua morte (701) ficou Witiza senhor de todo o imperio gothico, e foi o Nero das Hespanhas. Permittiu a polygamia, negou a obediencia espiritual ao papa, arrazou as fortalezas do reino, [1] e foi um poço de vicios e um compendio de iniquidades.

Em 707, D. Rodrigo e seu irmão, Acosta, filhos do principe Theodofredo, expulsaram Witiza do throno, e o primeiro foi gostosamente acclamado rei, pelo povo, mas, bem de pressa egualou o seu antecessor, nos vicios mais escandalosos.

A nação, desmoralisada, desunida e debilitada por dois successivos reinados de ignominias, forjada traição do conde Julião e de seu irmão Oppas, bispo de Hispalis, e destruidas as fortalezas do reino, é este invadido, em 713, por Tarik, (ou Tarif) Aben-Zarca, á frente de um exercito de 12:000 homens — grande parte, de cavallaria.

D. Rodrigo, manda á pressa armar os povos, e deu o commando dos christãos a seu sobrinho, o principe D. Affonso; mas este é morto, logo no principio da batalha, e os godos são completamente desbaratados.

D. Rodrigo vae de Toledo accudir ás suas tropas, mas quando chegou, já os mouros, com os dois traidores e os seus, tinham passado o Estreito, carregados de ricos despojos.

O rei manda reparar as fortalezas e levantar tropas; mas Tarik e Julião não dão tempo a estes preparativos, e tornam a invadir a Hespanha, com um numerosissimo exercito.

D. Rodrigo foi ao seu encontro (nos campos de Guadalete) com um exercito ainda mais numeroso, mas composto de gente bisonha, mal armada e sem disciplina nem pratica da guerra.

Nunca na Peninsula se deu tamanha e tão cruente batalha, nem antes nem depois. Durou oito dias, e o rei e os seus obraram prodigios de valor e heroicidade; porem a disciplina e a superioridade das armas deram a victoria aos mouros, e a monarchia gothica deixou de existir.

D. Rodrigo, vendo a batalha e o reino perdidos, foge para Merida, vestido de pastor, e esconde-se no mosteiro de Cauliniana, dando-se só a conhecer ao seu abbade, Romano.

Chegára aqui só e a pé, porque o seu cavallo de batalha, Orelia, cahira morto de cansaço.

«Onde te vás, D. Rodrigo,
Tao só, com tanta agonia?
. . . . . .
Já váe a pé, do ginete
Que mais correr não podia:
Co'o saial de um pegureiro
Trocou galas que trazia.»

(Castilho — Nossa Senhora de Nazareth.)

—

Não se julgando ainda seguro no mosteiro, foge com o abbade Romano, em direcção ao O,, e só param na costa do Occeano, onde hoje é a villa da Pederneira.

Deserto fica o mosteiro
Mosteiro de Cauliana;
Peregrinos, rei e monge
Hão passado o Guadiana.
. . . . . .
. . . . . .
Encommendaram-se á Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando ás cegas
Pela terra lusitana.»

(IDEM).

Romano trazia uma caixa com reliquias que Santo Agostinho mandára de Africa,

[1] Por conselho do seu grande valído, o traidor conde Julião (vide *Covilhan*) talvez já então, alliado secreto dos mouros.

para o mosteiro, e D. Rodrigo trazia a santa imagem da Senhora de Nazareth.

Durou esta jornada 26 dias, porque caminhavam por brejos, bosques e penedias, para se livrarem de encontros e de povoações, e chegaram aqui a 2 de novembro de 713.

Viram um monte, alto e escabroso, e subiram a elle. Chegando ao seu vertice, acharam uma sepultura com o symbolo da redempção, o que tiveram por bom agouro. [1]

Era o sitio asado para a penitencia e para a contemplação das cousas celestes; e pela sua aridez, não convidava a visitas de estranhos; pelo que resolveram viver n'este deserto.

Junto á cruz, collocaram a imagem da Senhora e o caixão das reliquias.

O leito dos dois anachorêtas era a terra pedregosa do monte, não tendo por cobertura mais do que as estrellas. Sustentavam-se de raizes, hervas e fructos silvestres, que vinham procurar ao sopé do monte, e de quatro pães de cevada, que um pastor lhes trazia todas as semanas; e a sua unica bebida era agua de uma pequena fonte que alli acharam.

Passados alguns dias, desejou D. Rodrigo viver só, em vista do que Romano se foi habitar outro monte que ficava fronteiro e quasi nas mesmas condições; e para lá levou a santa imagem e as reliquias, deixando só o crucifixo que tinham achado junto da sepultura.

Romano, na sua nova habitação, achou uma lapa entre rochedos, e alli, em um altar improvisado, collocou os objectos sagrados, mettendo dentro do caixão, um pergaminho com a historia da imagem, e da sua peregrinação desde a Grecia até alli.

Tinham os dois, certos signaes convencionados, pelos quaes se correspondiam, d'um para o outro monte. Poucos dias depois da separação, vendo D. Rodrigo que seu companheiro não correspondia aos signaes que lhe fazia, se foi ao monte Siano, e achou o abbade morto (23 de março de 716.)

D. Rodrigo o enterrou junto da lapa onde estava a Senhora.

—

A completa solidão d'este deserto, atterrou o infeliz monarcha, que fugiu d'este sitio; e a darmos credito á tradição e a alguns escriptores, foi terminar os seus dias a 10 leguas de Vizeu, em um sitio chamado então Fetal (3.º vol., pag. 161, col. 2.ª), sendo sepultado na egreja de S. Miguel. Consta que na campa se poz esta inscripção:

HIC REQUIESCIT RODERICUS, ULTIMOS REX GOTHORUM

Consta que, passados alguns seculos, foram seus ossos transportados para Castella.

—

Co'as mãos em vão sobre o abysmo,
Trepidar e descahir,
Ennovelar-se erriçado,
Pular a traz, refugir,
Um cavallo! e o bom Dom Fuas,
Que o arremeçára até alli,
Saltar por terra—clamando—
—«Por ti, Senhora—é por ti!»—
(Idem.)

—

Quatrocentos e sessenta e tres annos eram passados, desde que D. Rodrigo havia deixado o monte Siano, e que a imagem da Virgem jazia ignorada e só no seu asylo de rochedos.

Os sequazes de Mafoma já não dominavam ovantes e despoticos em toda a Peninsula; que os descendentes do immortal Pelaio e de seus valorosos capitães, desde as cavernas inaccessiveis de Covadonga, tinham levado triumphante o lábaro sagrado da cruz, até aos confins das Hespanhas, e palmo a palmo, á custa de sanguinolentas batalhas, tinham resgatado do poder dos infieis a maior parte da terra querida da patria.

—

Corria o anno 1179—o nosso primeiro rei, já septuagenario, mas com toda a bravura, com toda a robustez da juventude, traçava com o seu longo e pesado montante, novos

[1] Esta cruz e crucifixo, ainda se conservam na sacristia da egreja de S. Bartholomeu, que depois foi edificada no cume do monte que da egreja tomou o nome, e é onde vieram ter os peregrinos. Chamava-se então *monte Siano.*

limites a Portugal, e havia arremeçado os filhos do Islam para as margens extremas do Guadiana, vendo-se circumscriptos ao seu reino do *Al-Gharb*.

Ainda assim, não era em paz que os portuguezes se achavam senhores da terra resgatada da patria. Por muitas vezes, os kalifas de Córdova, os imperadores de Marrocos, e os reis de Sevilha, Badajoz, Silves e outros, invadiam o territorio christão, que só abandonavam depois de repetidas e obstinadas batalhas.

—

Foi por este tempo que uns pastores christãos, subindo ao alto do monte Siano, descobriram a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, escondida na sua lapinha, e em breve esta noticia se divulgou por todos aquelles contornos.

—

Um dos mais queridos, dos mais extremados e dos mais destemidos cavalleiros de D. Affonso Henriques, era seu irmão natural, D. Fuas Roupinho, alcaide-mór de Porto de Mós. (Vide *Porto de Mós*.)

Teve elle tambem noticia do apparecimento, e, como então estavam os mouros encurralados nos seus dominios, costumava D. Fuas sahir muitas vezes á caça, pelas gandaras e mattos do *Camarção* (vol. 4.º, pag. 19, col. 1.ª) que fica entre Porto de Mós e o Oceano, e que eram muito abundantes de caça.

Instigado pela curiosidade, subiu ao alto do monte Siano, e viu então, entre dois grandes penedos, uma casinha ou cella, toscamente feita de pedra sêcca, e que denotava grande antiguidade. Descendo pela quebrada que se fazia entre os dois penedos, entrou na humilde lapa, onde viu, sobre um pequeno altar, a santa imagem da Virgem, que depois muitas vezes foi visitar.

—

Em 1181, Gamir, rei mouro de Merida (Extremadura hespanhola), vem pôr cêrco a Porto de Mós. Não consentia o animo do alcaide e a sua intrepidez legendaria, vêr-se encurralado pelas hostes agarenas; pelo que, uma noite, sáe do castello, e dá inopinadamente sobre os mouros, com tal valentia, que os pôz na maior confusão, julgando que todo o poder dos christãos vinha sobre elles, e se pozeram em fuga desordenada. Os portuguezes os perseguem e exterminam. Gamir, e alguns chefes principaes, são feitos prisioneiros, e os seus thesouros, e as grandes riquezas que haviam roubado aos christãos na sua passagem, cahem em poder do intrépido alcaide, que tudo vae a Coimbra depôr aos pés do rei; que o abraçou reconhecido, e lhe deu, para elle e seus soldados, grande parte dos despojos.

—

Corria o anno de 1182, e a 14 de setembro (dia em que a egreja celebra a exaltação da Santa Cruz), andava D. Fuas no seu exercicio favorito, da caça. Estava a manhan de nevoeiro cerrado, e o alcaide galopava vertiginosamente em seguimento de um grande veado, que se encaminhava para o mar. Sem vêr o imminente perigo, D. Fuas se achou na ultima ponta de um rochedo, de mais de 200 braças de altura, perpendicular sobre o Oceano.

Em tão terrifico perigo, e apenas a dois palmos da extremidade da rocha, e quasi dependurado sobre o abysmo, o cavalleiro invoca a protecção de Nossa Senhora de Nazareth, e o cavallo pára de repente, ficando tão firme como se fosse uma peça da mesma rocha, e assim salvou a Senhora, de uma morte horrivel, o cavalleiro christão.

As ferraduras dos pés do cavallo, ficaram impressas na rocha, e ainda lá se conserva este signal do milagre.

—

D. Fuas se dirigiu á capellinha do monte, a dar graças á Santissima Virgem, por se ter dignado obrar tamanho prodigio em seu favor, e lhe fez solemne promessa de erigir-lhe um templo.

Ficou n'este monte alguns dias, mandando vir de Leiria e de Porto de Mós, os pedreiros sufficientes para construirem a capella; á qual logo se deu principio.

Quando se demolia a antiga, acharam mettida entre as pedras do altar, uma caixinha, ou cofre, de madeira delgada, forrada de sêda, de um palmo de comprido, e dentro d'ella, reliquias de S. Bartholomeu, de S. Braz e

de outros santos — e um pergaminho em que se dava relação de como e em que tempo vieram alli ter aquellas reliquias e a imagem da Senhora; que é como já fica referido.

Fez-se brevemente uma capella de abobada, segundo a architectura d'aquelle tempo. E, sobre o mesmo logar em que a senhora estivera, e para ser vista de todas as partes, a deixaram aberta, com quatro arcos, que, com o andar dos tempos, se fecharam, para evitar os damnos que as chuvas e tempestades faziam dentro do templo.

A esta ermida se dá hoje o nome de *capella da memoria.*

Sobre os quatro arcos já referidos tem imagens, ou estatuas, de pedra. — No primeiro, a da Virgem — no segundo, a de S. Bartholomeu e S. Braz — no terceiro, a do rei D. Rodrigo, com a imagem da Senhora nos braços — e no quarto, a de um frade, com um cofre nas mãos. É o santo frei Romano.

Debaixo d'estes arcos, estava a lapa, ou gruta onde frei Romano collocou a santa imagem, e porque estava entulhada, desde quando se fez o pavimento da capella, o doutor frei Bernardo de Brito e outros devotos, a mandaram desentulhar, em 1600, fabricando lá em baixo, outra capellinha, figurando a lapa, onde a Senhora estivera perto de cinco seculos. Desce-se para esta capella subterranea, por uma escada, que está á direita de quem entra na egreja.

Suppõe-se que tambem n'esta lapa, enterrou D. Rodrigo a frei Romano, pois que se tem n'este logar achado alguns ossos humanos.

No arco que fica á direita, ao descer a referida escada, está uma inscripção gravada em uma pedra, composta (a inscripção) por frei Bernardo de Brito, segundo consta da sua *Monarchia Lusitana.* Foi mandada abrir, em marmore, pelo doutor Ruy Lourenço, então provedor da comarca de Leiria, e superintendente ou visitador d'esta capella. Diz assim:

SACRA VIRGINIS MARIAE VENERANDA IMAGO, A MONASTERIO CAULINIANO PROPRE EMERITAM, QUO GOTHORUM TEMPORE (Á NAZARETH TRANSLATA) MIRACULIS CLANERAT IN GENERALI HISPANIAE CLADE ANNO DNI. 714, Á ROMANO MONACHO, COMITE, UT FERTUR, RODERICO REGE AD HANC EXTREMAM ORBIS PARTEM ADDUCITUR, IN QUA DUM UNUS MORITUR, ALTER PROFISCICITUR PER 469. ANNOS INTER DUO HAEC PRAERUPTA SAXA SUB PARVO DELITUIT TUGURIO: DEINDE Á FUA ROPINIO, PORTUS MOLARUM DUCCE, ANNO DNI. 1182, (UT IPSE IN DONATIONE TESTATUR) INVENTA, DUM INCAUTE AGITATO EQUO FUGACEM, FITUMQUE FORTE INSEQUITUR CERVUM, AD ULTIMUMQUE IMMANIS HUJUS PRAECIPITY CUNEUM, JAM JAM RUITURUS ACCEDIT, NOMINE VIRGINIS INVOCATO, Á RUINA, ET MORTIS FAUCIBUS EREPTUS, HOC EI PRIUS DEDICAT SACELLUM: TANDEM Á FERDINANDO PORTUGALLIAE REGE, AD MAIUS ALIUD TEMPLUM, QUOD: PSE Á FUNDAMENTIS EREXERAT, TRANSFERTUR, ANNO DNI 1377. VIRGINI, ET PERPETUITATE, D. D. FR. B. D. B. EX VOTO.

—

Em frente d'esta, está outra inscripção, em portuguez, que é a traducção da antecedente, mas augmentada pelos irmãos.—Diz assim:

A sagrada e veneranda imagem da Virgem Maria, sendo trazida da cidade de Nazareth, resplandeceu em tempo dos gôdos, com milagres, no mosteiro de Cauliniana, junto á cidade de Meeida. Foi trazida a esta ultima parte do mundo, pelo monge Romano, sendo-lhe companhia el-rei D. Rodrigo, no anno de Christo 714, em que aconteceu a perda geral de Hespanha. E, como o monge morresse, e el-rei se partisse, ficou aqui escondida, em uma pequena choça, posta entre estes dois escabrozos penedos, por espaço de 463 annos. E sendo depois achada por D. Fuas Roupinho, capitão de Porto de Mós, no anno de 1182, como elle proprio testefica em sua doação, succedeu que arremeçando inconsideradamente o cavallo, no alcance d'um veado, que lhe fugia. e por ventura era fingido, e hindo já para cahir, na ultima ponta d'este despenhadeiro, invocando o nome da Virgem, foi livre da queda e mais da morte, e lhe dedicou esta primeira ermida. Finalmente, foi trasladada, por el-rei D. Fernando, de Portugal a esse outro templo maior,

que elle mandou levantar, desde os primeiros fundamentos. no anno de 1377. E o doutor, frei Bernardo de Brito, dedicou esta obra á Virgem e á eterna lembrança, por voto que tinha feito.

Até aqui é a traducção da inscripção latina—e diz mais:

Como consta da Monarchia Lusitana, *do mesmo frei Bernardo de Brito, 2.ª parte, fl. 391, e se acha conforme as tradições antigas, ser esta sacrosanta imagem da Virgem de Nazareth, obrada pelas mãos de S. José, na propria presença da mãe de Deus, e encarnada por S. Lucas; e que de Nazareth a trouxera Cyriaco, monge, a S. Jeronymo, a Belem, donde o dito santo a enviára a Santo Agostinho, a Africa, sendo bispo de Hipponia, e d'ahi, este santo bispo a enviou ao mosteiro cauliniano, do qual a trouxe Romano, na companhia de el-rei D. Rodrigo, ultimo dos gôdos, até áquelle monte de S. Bartholomeu, até então monte* Sião, *onde acharam aquelle milagroso crucifixo, que está na sacristia, e d'ahi a dias, para este logar, em que ficou debaixo da terra, os ditos 463 annos, em que appareceu ao tal cavalleiro, D. Fuas, no dito anno de 1182. O devoto que o letreiro traduziu, pede uma Ave Maria a esta Senhora de Nazareth. Anno de 1623.*

Collocada a Senhora na sua nova capella, teve logo grande concorrencia dos fieis, sendo dos primeiros, o rei D. Affonso Henriques, a quem D. Fuas tinha contado todo o acontecido. O rei, acompanhado de seu filho D. Sancho (depois I), e dos principaes da sua côrte, vieram visitar a Senhora.

Com auctorisação do rei, fez D. Fuas uma doação á Senhora, de certa extensão de terra, que é o sitio e limites em que a capella está fundada, e que então eram mattos bravos, e hoje areaes de somenos producção.

N'esta doação, que por extensa não copio, diz D. Fuas, ser governador de Porto de Mós e da terra de *Alvardos* até Leiria e Torres-Vedras [1] e termina assim:

«Para que nenhum homem de nossa nem de estranha geração contravenha a isto que fazemos, a qual cousa intentar, pague ao senhor da terra trezentos maravidis, e a carta todavia permaneça em seu vigor—e além d'isso, seja excommungado e em companhia do falso Judas experimente as penas infernaes.

Foi feito o processo d'este testamento, aos 10 de dezembro da era de Cesar, de 1220, que é do nascimento de Christo de 1182.»

—

A imagem esteve na capella que lhe edificou D. Fuas Roupinho, até 1377; sendo então trasladada para a sua actual egreja. Esta foi reedificada e ampliada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, irman do rei D. Manuel e filha do infante D. Fernando. O rei D. Manuel a cercou de alpendres. No anno de 1600 se lhe fez o pórtico com as escadas. No tempo de D. Affonso VI, se lhe fez uma capella-mór, de boa e custosa fabrica, e com um retabulo de elegante esculptura, tudo feito á custa dos rendimentos da sua confraria, e esmolas dos fieis.

—

No dia 3 de junho de 1873, cahiu sobre a Nazareth uma chuva torrencial (que durou desde as 11 horas da manhã, até ás 3 da tarde) acompanhada de uma horrorosa trovoada, que atterrou todos os habitantes de Nazareth, e causou enormes prejuizos.

A agua arrebatou dos montes proximos enorme quantidade de areia, pela estrada ha pouco construida, a qual destruiu quantas casas encontrou na sua impetuosa corrente;—algumas casas ficaram enterradas até aos telhados, pelos quaes só poderam sair os desgraçados que as habitavam. A casa da escola ficou bastante damnificada e innundada.

Uma pobre mulher ficou ferida n'um braço, por uma faisca electrica.

Até ao dia 5 ainda ali não tinha apparecido auctoridade alguma do concelho.

—

Á infeliz povoação da praia da Nazareth não ha desgraça que lhe não tenha sobrevindo n'estes ultimos annos e parece ameaçada de completa destruição.

A parte do caminho de ferro americano, proximo á Martingança, tambem foi destrui-

[1] Os que quizerem ler esta doação na sua integra, vejam *Sanctuario Marianno*, tom. 2.º, pag. 169.

da, a tal ponto, que não poude funccionar por muito tempo.

—

Havia aqui uma praça de touros, velha e mal construida.

Durante as festas do anno de 1874, houve aqui duas touradas; a 1.ª a 8 de setembro e a 2.ª a 10, ambas concorridissimas.

Á meia hora do dia 11, poucas horas depois da tourada, se manifestou um pavoroso incendio na praça. Apesar de todos os esforços e soccorros, das auctoridades civis e administrativas e de um concurso inumeravel de povo, ás duas horas, estava toda a praça reduzida a cinzas.

Disse-se que o fogo foi lançado de proposito; mas parece mais provavel que fosse casual.

Um correspondente do *Diario Illustrado*, descreve assim este incendio:

Leiria, 14 (de setembro de 1874).—Posso hoje dar alguns pormenores ácerca do incendio da praça dos touros do sitio da Nazareth, de que já mandei a noticia.

O fogo manifestou-se com grande intensidade meia hora depois da meia noite de sexta para sabbado ultimo: ao local do sinistro correu, logo que d'elle soube, o sr. governador civil d'este districto, Peito de Carvalho, com aquella assiduidade e dedicação que lhe são proprias, bem como as auctoridades que alli se achavam, a força de caçadores 6 e lanceiros, e os policias civis que alli estavam destacados.

O incendio apresentava um aspecto imponente e atterrador! as chammas azuladas, lambendo rapidamente o taboado, o estalido da madeira candente, o estrondo das vigas e barrotes que desabavam, as faulhas impellidas pelo rijo vento norte que soprava caíam sobre os telhados das casas, chegando algumas a ir parar ao largo da madeira na praia, o immenso clarão que alumiava esta e o mar, produziam, a ponto de parecer de dia, era um espectaculo tão terrivel e assustador, que fazia trepidar os mais corajosos.

Ás acertadas, energicas e promptas providencias mandadas adoptar pelo sr. governador civil, se deve com certeza não ter sido pasto das chammas a maior parte, se não todos os predios do sitio da Nazareth, cuja população, pusilanime e cheia de panico, não trabalhava para atalhar o incendio, ou para obstar a que elle se communicasse aos predios, desabafando apenas em gritos desentoados, os seus receios e os seus sustos.

Por outro lado a maior parte dos romeiros fugiam atterrorisados e em tropel para a praia, levando comsigo o que podiam.

Sem agua, á mingua de todos os recursos, impossivel seria atalhar o fogo se se communicasse aos edificios, os quaes ficariam reduzidos a cinzas, assim como ficou a praça de touros.

O sr. governador civil no dia seguinte mandou dar uma ração de vinho a toda a força armada e aos policias, que prestaram relevantes serviços na occasião do incendio.

Diz-se que o sr. governador civil vae mandar reedificar a praça dos touros, mas com mais segurança, fazendo-se toda de pedra e cal, pois que só o era até á altura dos camarotes:—assim deve ser, porque as touradas são motivo de maior concorrencia áquelle grande arraial.

Parece que os arrematantes da praça requereram, ou vão requerer ao sr. governador civil para se lhes fazer o abatimento da terça parte no preço da arrematação; o que é de equidade, porque tendo arrematado a praça por tres tardes, ficaram prejudicados, não tendo dado a corrida de sabbado, por causa do incendio.

Diz-se que o fogo não foi casual, mas lançado de proposito.

As festas correram placidas e animadas, não havendo a minima desordem, nem um roubo, apesar de ser a concorrencia tão grande, que não ha memoria ha muitos annos de se ver alli tanta gente.

A tourada do dia 10 foi magnifica e a enchente a deitar fóra.

A companhia que representou no theatro era muito rasoavel, e desempenhou a *Morgadinha de Val Flor*, com agrado do publico, tendo tambem boas enchentes, e reinando alli boa ordem, o que ha muitos annos se não vê.

A força de lanceiros e caçadores 6, e os policias civis prestaram excellente serviço.»

—

Em novembro de 1874, subiu á analyse e approvação da junta consultiva de obras publicas os desenhos, projectos e orçamentos do hospital que vae fundar-se no sitio da Nazareth e que acabam de ser remettidos ao governo pelo sr. governador civil de Leiria, e foram elaborados pelo 1.º engenheiro o sr. Jayme Augusto da Silva. O orçamento d'esta util e humanitaria obra é de 3:800$000 réis. O edificio terá 40 metros de extensão por 10,60 metros de largo, além de duas casas nas faces posteriores dos topos. Terá 8 janellas de frente e uma porta ao centro. Formar-se-hão duas grandes enfermarias de 9m,20 de comprido por 8m,40 de largo, e duas mais pequenas de 5m por 4m de largo. Haverá tambem quartos particulares e casas para banco, cozinha, lavanderia, banhos, arrecadações e habitação de empregados. Serão attendidas todas as condições de salubridade e commodidade para enfermos.

—

Desde janeiro até abril de 1875, construiram-se na praia da Nazareth, mais de vinte predios, para residencia dos banhistas, e estão já outros concluidos (agosto) e alguns ainda em construcção.

—

Em agosto de 1875, concluiu-se a construcção da nova praça de touros, em melhores condições do que a antiga.

—

Na *Correspondencia de Coimbra*, n.º 2, do 4.º anno (16 de maio de 1875), se lê o seguinte:

Antigos e modernos impostos do pescado

Os pescadores da praia da Nazareth pagavam até 1833 os seguintes impostos:

Aos frades bernardos, do convento de Santa Maria de Alcobaça, 1 peixe de cada 20 que colhiam, ou 1$000 réis por cada 20$000 rs. do seu producto; ao estado, 1 peixe por cada 22, ou 1$000 réis por cada 22$000 réis; á collegiada da villa da Pederneira, 1 peixe por cada 15 que colhessem, ou 1$000 réis por cada 15$000 réis do seu producto; e á Misericordia, em virtude de um contracto feito entre elles e os vogaes d'esta corporação, a terça parte do peixe (ou do seu producto) que colhiam aos domingos e dias santos, e nos dias de semana 200 réis por cada 4$000 réis do producto do peixe, e d'ahi para cima sempre a mesma quantia de 200 réis; não chegando, porém, o producto a 4$000 réis, não pagavam. A Misericordia dava parte d'esses lucros, isto é, sómente metade do terço das pescarias colhidas aos domingos e dias santos, á confraria do Santissimo.

Actualmente pagam os pescadores para o thesouro publico o modico imposto de 6 % sobre o producto de suas pescarias, liquido de 10 %, que a lei manda deduzir para caldeiradas e comedorias; e sobre os 6 % são lançados mais 5 % addicionaes, e 5 % para viação. Estes impostos são lançados sobre o producto do peixe vendido diariamente até ao fim do mez, e pagos pontualmente no mez immediato áquelle a que dizem respeito.

—

Em o n.º 124 do semanario lisbonense — *O Catholico* — vem o seguinte

COMMUNICADO

A natureza, que é prodiga ordinariamente para com todas as povoações, parece ser mesquinha para com a pobre povoação da Praia da Nazareth; esta conserva-se sempre no estado de abatimento, apathica e triste; e e se em agosto, setembro e outubro, se apresenta risonha e alegre, revestindo-se de todas as commodidades, para as offerecerem aos banhistas, que em numerosa quantidade affluem áquella Praia, passados alguns dias, ella volta ao seu antigo estado. A praia é victima periodicamente de vendavaes, tempestades e cyclones.

Foi este ultimo, que nos dias 22 e 23 de maio (1875) se observou espantoso e terrivel, não só no mar, mas tambem na terra; o mar encapellado parecia querer submergir em seu seio a povoação inteira; na terra não era menos o susto e pavor que se patenteava, mormente na classe dos pescadores, que constituem a maioria d'aquella população. Etc.

NÉBIS—antigo nome do rio *Neiva*. (Vide *Neiva*.)

NECESSIDADES (Nossa Senhora das) — Tres kilometros ao E. da villa de Abrantes (Vol. 1.º, pag. 15, col. 2.ª) está o Sanctuario de Nossa Senhora das Necessidades, fundado em 1620, por João Pereira de Bettencourt, que tambem então instituiu junto ao Sanctuario, um vinculo, em uma quinta de recreio, vasta e rendosa que aqui possuia.

É esta ermida de muito linda architectura, quadrada, com quatro arcos sobre que assenta uma abobada em meia laranja. Tem um bonito alpendre, e casas para aposento dos romeiros. Estas casas ficam sobre a egreja e sachristia, com umas escadas de pedra que dão serventia para a egreja; e para fóra, sobre as casas, uma torre com janellas para todas as partes, e das quaes se gosa um formoso panorama.

A uns 150 metros da capella, ha um bonito cruzeiro, onde principiam as novenas dos romeiros.

Teve por 200 annos um eremitão, que cuidava do aceio da capella e das imagens, mas já ha muitos annos que deixou de o ter.

—

A um kilometro, tambem a E. d'Abrantes, e no caminho que vae para o Sanctuario antecedente, está o logar de *Alferrára de Cima*,[1] e n'elle se vê a capella de *Nossa Senhora do Bom-successo*, sanctuario de grande devoção e concorrencia da villa.

Está esta capella no pateo de uma quinta, e unida ás casas d'ella, e é de bonita architectura, e de abobada.

Da fundação d'esta ermida, só se sabe que um cavalheiro d'Abrantes, chamado Miguel d'Almeida, instituiu um vinculo, fazendo esta quinta cabeça do mesmo, pelos annos de 1610.

Por morte do instituidor, lhe succedeu seu filho, João d'Almeida, e a este, o desembargador Gaspar d'Almeida, que a possuia em 1720. Hoje é dos seus successores.

NECROPOLIS (palavra grega, composta, que significa *cidade dos mortos*)—A pag. 91, do 6.º *Boletim, da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, vem um artigo do digno presidente da mesma Real Associação, o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, que, por curiosissimo passo a transcrever—é o seguinte:

«Não se ignora o costume dos antigos romanos, com respeito ás sepulturas dos seus finados—já sendo os cadaveres enterrados no seu estado natural, como no tempo da republica—já reduzidos a cinzas, como no tempo do imperio: assim como a veneração que elles como os povos da mais remota antiguidade consagravam aos mortos; costumando os romanos sepultal-os fóra das portas das suas cidades, em magnificos túmulos, com que ornavam as sahidas das estradas, e entre ellas a *Via Appia*, em Roma, na extensão de quinze milhas, annunciando esses sepulchros, a grandeza da cidade mais poderosa do mundo—indicando as inscripções d'esses monumentos a serie de heroes que a haviam illustrado, e grangeado a admiração dos outros povos, seus contemporaneos; pois que, quer d'um modo, quer d'outro, sempre estavam juntos aos despojos mortaes que ellas encerravam, differentes objectos que haviam pertencido ao fallecido, e que elle tinha estimado mais, durante a sua existencia.

Tambem os romanos escolhiam, nos paizes onde dominaram, para os seus cemiterios, logares que ficassem situados nas vertentes das collinas, do lado do poente; tendo-se confirmado esta disposição, pelas descobertas feitas nas necrópolis da Allemanha, França, Hespanha, e agora, no nosso sólo.

Em Portugal ainda não se tinha achado necrópolis pertencente a uma grande povoação, muito embora se tivessem feito em diversas localidades descobertas parciaes de sepulturas romanas, e nas quaes se encontravam egualmente objectos que caracterisam a sua origem e praticas do seu rito; porém, no mez de maio, do anno findo (1874) em *Alcacer do Sal* (antiga Salacia) na propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil, querendo-se nivelar um terreno, occupado por um olival, afim de se estabelecer um calçadouro para uma eira, removendo se a terra necessaria, para tornar a superficie hori-

[1] *Alferrara* é corrupção da palavra arabe *Alfarase*, que significa *cavalleiro*, derivado de *faras*—cavallo.

sontal, se descobriu, na profundidade de 25 centimetros, freios de ferro e folhas de espadas, outras com punhos de bronze, cinzelados, fibulas de bronze, vasos lacrimatorios, lampadas mortuarias de barro, moedas, etc., etc. Mas, o que causou bastante surpreza, e muito mais augmentou a admiração, foi encontrar-se entre esses objectos, um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido, de toda a perfeição, além de quatro urnas, de diversas grandezas, no estylo etrusco, contendo cinzas.

Serviam-se os romanos de varias materias para a fabricação das suas urnas—de crystal, de marmore, de barro e mesmo de metal, conforme a cathegoria e a fortuna do fallecido; mas não se havia ainda descoberto, em parte alguma, nas suas necrópolis, urna de semelhante qualidade, d'aquellas que foram achadas em Alcacer do Sal, e da época de Claudio, conforme indica a moeda que encontraram junto d'ellas.

O achado de uma mascara e a execução d'esse trabalho, eram casos raros e tambem dignos de occupar a séria attenção dos archeologos de todos os paizes.

E' verdade terem os romanos a particularidade de mandar tirar mascaras em cêra, dos finados, para estarem patentes no perystilo de suas habitações, na occasião dos enterramentos, para serem depois conservadas pelos parentes dos finados; e, não obstante esse costume, todavia, são rarissimas as que se tem descoberto na Italia. D'esse facto se comprehende qual será a importancia de semelhante achado, feito no nosso paiz: portanto, tivemos sem demora o cuidado de participar aos sabios estrangeiros, os mais notaveis da sciencia, pedindo-lhes a sua opinião a este respeito, para se explicar este singular descobrimento.

Infelizmente, os trabalhadores, quebraram duas d'estas urnas; porém a maior, a mais bem conservada, da qual a estampa n.º 10 do presente numero, dá perfeita ideia das pinturas que a ornam, na grandeza do original, mostrando-se na composição do assumpto, o destino da urna, conforme o que se praticava nas ceremonias funebres, na Etruria. Esta urna tem 0m,25 d'alto, e o contorno com 0m,51. Na face principal, está representada uma mulher, segurando um braseiro, havendo dois mancebos, um de cada lado, munidos de grandes espetos, na acção de assarem carne—alludindo á derradeira refeição. Por detraz d'elles, um ancião, com a mão esquerda sobre o coração, indicando, com o braço direito estendido, uma arvore que fica em face d'elle, a que um homem, no vigor da vida, arranca uma folha—evidente representação da immensa dôr que causa a perda de um membro da familia, que está symbolisado na folha arrancada da arvore. A representação da scena, do lado opposto d'esta urna, posto que a côr enegrecida do fundo desapparecesse, por causa da humidade do terreno, todavia, ainda se descobre um pouco o contorno de tres figuras de que se compunha a pintura—constando de dois guerreiros nus—um d'elles, tem sobre a cabeça um capuz, com duas palas, cahidas sobre os hombros—o outro, com a cabeça descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo, na extremidade da espinha dorsal.—Entre elles ha uma mulher, sustendo na mão esquerda um escudo oval, e parece proteger com elle o guerreiro que tem o capuz, em quanto com o braço direito levantado, quer evitar que o outro combatente ataque com a lança o seu adversario.

Nota-se a differença entre os dois athletas, para indicar, serem de raças diversas—sendo as scenas d'esta natureza representadas nas urnas etruscas, de encineração, para significar que a nossa existencia é sempre uma lucta constante, e sómente a morte lhe põe termo; como mostra a interrupção do combate, pela attitude da figura que faz cessar a contenda, porque se finou um ser.

Os romanos serviam-se de artistas gregos, para lhes fabricarem urnas; porém, as suas pinturas, representavam scenas menos sanguinolentas, emquanto que as pertencentes aos etruscos, eram sempre compostas de combates, alem de que a época em que o fundo das pinturas não era a propria côr da argilla, mas sim preto, corresponde ao maior desenvolvimento da arte grega: todavia, será mais difficil explicar, como no tempo do imperador Claudio se teriam servido

d'esta qualidade de urnas, nas ceremonias funerias, e isso na antiga Lusitania.

Os archeologos mais felizes e mais competentes, resolverão esta singularidade, elucidando com o seu saber, tão extraordinario descobrimento.»

NÊGRA e **NÊGRAS** — eram appellidos nobres em Portugal. Estas familias tinham por armas — em campo de prata, tres flôres de liz, azues, em roquête — chefe de púrpura, carregado de quatro girões de prata. Elmo d'aço aberto, e por timbre uma das flôres de liz das armas. Estes appellidos estão hoje extinctos.

NEGRÊDA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Cellas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Cellas.

NEGREIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil. Muito gado.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

Vive n'esta freguezia (agosto de 1875) *João Nevoeiro*, que nasceu em 1752!—Sua mulher tem mais de 80 annos. Estão ambos no goso de todas as suas faculdades intellectuaes, e percorrem a freguezia, esmolando o sustento diario.

Negreiros é appellido nobre d'este reino. Traz por armas escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, coticado em palla d'ouro e azul, de seis peças — no 2.º e 3.º, escaquellado de ouro e azul, de seis peças em faxa e seis em palla. Elmo d'aço aberto, e por timbre, meio leão, azul, carregado de trez pallas d'ouro.

NEGRÉLLOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros a S. O. de Braga, 315 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas e cria muito gado, sobretudo bovino, que exporta. (Vide a freg.ª seguinte.)

Á parte E. d'esta freguezia se dá vulgarmente o nome de *Negrellos;* e á O. o de *Barreiro.*

A egreja matriz, está no alto de uma collina, avistando-se d'aqui quasi toda a freguezia.

Em frente d'ella, a pequena distancia, está a capella de S. Roque, que serve de *cruzeiro*, onde vão as procissões da freguezia. Vêem-se d'este sitio as freguezias de Roriz, S. Martinho do Campo, S. Salvador do Campo, Moreira, Lórdéllo, e outras—e os montes da Falpêrra e Sameiro, junto á cidade de Braga, além de outros menores.

Ha n'esta freguezia mais duas capellas particulares — uma na casa da *Lage*, e outra na chamada mesmo *da Capella.*

Havia outra capella, junto á quinta de Bougado, mas está abandonada, tendo só as paredes e o tecto.

Na quinta de Bougado, ha um bonito palacete, mandado edificar por Manuel de Meirelles, que o não chegou a concluir. Hoje está bastante arruinado.

Em um quarto d'este edificio, estão as mumias que se diz serem de S. Theodoro e de S. Vicente. Estão em máu estado de conservação, por falta de cuidado. Consta que foram mandadas de Roma ao tal Manuel de Meirelles, por um alto personagem romano, para uma capella que elle tencionava alli edificar, e que apenas ficou em projecto.

—

Na parte da freguezia denominada *Negréllos*, ha tres principaes nascentes d'agua — duas das quaes vem do monte das *Regadas* — e todas juntas formam um ribeiro, que réga e móe.

Pela parte da freguezia denominada *Barreiro*, passa um ribeiro, que nasce na freguezia de *Codêços*. Réga e móe.

Juntam-se ambos na freguezia de S. Martinho do Campo, e vão desaguar na margem direita do *Visélla*, com o nome de ribeiro de Fundêlho.

—

Perto da casa da residencia do parocho, ha um bello chafariz, mandado fazer, em 1820, pelo abbade Domingos José Cibrão. Lança agua, por tres bicas, em um bom tanque; tendo em frente outra bica que lança agua em um tanque pequeno. Cada um dos tanques, tem dos lados dois assentos de pedra.

É muito bem construido e *pintado*, e tem em um nicho envidraçado, uma linda imagem de S. Domingos.

—

A E. da freguezia (na parte de Negréllos, propriamente dita) ha um logar chamado *Santo-Sidro* (corrupção de *Santo Isidro* ou Isidoro), e diz-se que era aqui o assento da primitiva egreja matriz, cujo orago era Santo Isidoro. Ainda aqui se vê, proximo a um olival, uma pedra levantada, cuja face superior tem uma pequena cavidade quadrangular, que se diz ter sido o pé da pia baptismal.

Junto a uma casa que aqui ha, está servindo de capa a um cano de esgôto, uma pequena pia, que dizem ter sido a pia da agua benta. N'esta mesma casa, ha uma imagem antiga, de Santo Isidoro, toscamente esculpida em gêsso. Tem uma grande cavidade nas costas, porque o povo lhe tira o gêsso para beber misturado com vinho, crendo ser um efficaz remedio para a cura das *maleitas*.

—

Consta que Negréllos foi villa, e que d'ella tomára o nome, a *ponte de Negréllos*, sobre o Visélla, por ser o caminho para esta freguezia.

NEGRÉLLOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, immediata á antecedente, e ás mesmas distancias de Braga e de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi villa e couto. Foi do antigo julgado de Refojos de Riba d'Ave: depois formou concelho proprio, com as freguezias de S. Martinho, S. Salvador do Campo, S. Miguel do Couto, Monte Córdova, S. Mamede de Negréllos, Rebordãos, Refojos de Riba d'Ave, Roriz, e Villarinho. Foi supprimido em 24 de outubro de 1855, passando todas estas dez freguezias para o concelho de Santo Thyrso.

Tambem então foram supprimidos os julgados de Bouças, Gondomar, Maia, Vallongo, e Villa Nova de Gaia, que foram formar parte das comarcas do Porto.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

É visconde de Negréllos, o sr. Manuel Maria da Costa Alpoim, filho do sr. Francisco Manuel da Costa, visconde de Montariol.

Alpoim é um appellido nobre d'este reino, e o brazão d'armas d'esta familia é — em campo de prata, cinco flôres de liz, d'ouro, em aspa. Cérca o escudo a legenda — NOTRE DAME DE PUY — Timbre — uma aden da sua côr, com os pés de púrpura e bico d'ouro.

O desembargador do paço, Diogo Lopes de Carvalho, instituiu o morgado d'esta freguezia e couto, e do couto de Abbadim. Seu sobrinho, o doutor Gaspar de Carvalho, chanceller-mór do reino, testamenteiro de D. João III, edificou, com soberbas madeiras de ébano, que aquelle rei lhe deu, os seus famosos paços, com grande torre ornada de ameias, na cidade de Guimarães.

D'esta familia foi um dos illustres progenitores, Affonso Lourenço de Carvalho, cavalleiro, que fez com que D. João I conquistasse Guimarães, quando estava em poder dos castelhanos, em 1385.

Não menos illustre foi o doutor Diogo Affonso de Carvalho, corregedor das provincias d'Entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, e

desembargador do paço, no reinado de D. Affonso V.

—

Ha aqui uma magnifica fabrica de fiação d'algodão, na margem esquerda do rio Viséllа, cuja agua lhe serve de motor.

Passa pela freguezia o ribeiro do *Fôjo*, que réga, móe e faz mover um lagar de azeite. Nasce em um monte d'esta freguezia, junto á de Monte-Córdova, e desagúa na esquerda do Viséllа.

Passa por aqui a estrada á mac-adam, que do Porto vae a Guimarães, assim como a municipal, em construcção (agosto de 1875), que vae ao concelho de Paços de Ferreira.

No monte do *Crasto*, ao S. da freguezia, ha vestigios de fortificações antiquissimas.

Ha n'esta freguezia duas capellas particulares—uma na casa de *Sequeiros*—outra na do *Outeiro*—e uma publica, junto á *ponte velha*.

Em um cabêço, chamado *Alto de Santa Margarida*, consta que houve outra capella, cuja padroeira deu o nome ao monte.

—

No corpo da egreja matriz, do lado da Epistola, está a capella do Santissimo Sacramento. É toda de abobada de pedra, bem lavrada, tendo exteriormente um portico, ou alpendre, sustentado por sete columnas, com seus capiteis lavrados.

Na frente tem um escudo d'armas, com tres torres, sendo a do meio mais elevada, e tendo de cada lado uma serpe enrolada em uma arvore.

Tem esta capella duas alampadas—uma sustentada pela confraria do Santissimo Sacramento—outra pela *casa do Paço* (dos srs. condes de Cavalleiros, que tem bastantes propriedades n'esta freguezia).

NEGRÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Esta freguezia foi supprimida, no tempo dos jesuitas, e annexada á de Róriz; menos alguns fogos, que ficaram pertencendo á freguezia de S. Mamede de Negréllos. Ainda dois fogos d'esta ultima freguezia, e que foram da de Santa Maria de Negréllos, pagam a *offerta* ao parocho de Róriz e não ao de S. Mamede, que é o seu verdadeiro parocho.

Na egreja que foi matriz, ha uma linda imagem (de róca) da Santissima Virgem, e á qual se faz uma boa festa e romaria, a 15 d'agosto.

Ainda conserva a pia baptismal, e n'ella a seguinte inscripção:

1565.
A. ALZ.
CVRA.

NEGRILHOS—freguezia, Alemtejo. Vide *S. João dos Negrilhos*, a pag. 414, col. 1.ª, do 3.º vol.

Negrilhos é appelido nobre em Portugal, vindo de Hespanha. Não se sabe quem o trouxe a este reino. Os Negrilhos teem por armas—em campo azul, banda de púrpura, filetada de ouro, carregada de seis cruzêtas do mesmo, entre quatro flôres de liz, de ouro, duas de cada lado.

NEGRINHA—A *negrinha* é uma insignia do mordomo-mór da casa real portugueza, com a qual assiste a todos os actos publicos da côrte.

No reinado de D. Affonso V, pelos annos de 1442, vieram os primeiros negros trazidos de Guiné a Portugal, por Antão Gonçalves, criado do infante D. Henrique; e pelos annos de 1448 tambem viejam a Portugal, da costa do sul de Cabo Verde, os primeiros dentes de elephante.

Desde então, Affonso V ordenou a Alvaro de Souza, senhor de Miranda, e seu mordomo-mór, que usasse de uma bengalla de marfim, tendo por castão uma cabeça negra, em todos os actos publicos da côrte, como para indicar o seu novo dominio n'aquellas partes do mundo.

NEGRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mont'Alegre, 70 kilometros a N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Vicente da Chan, apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, assim como Morgade, e o logar de Codeçoso (freguezia de Meixido) era antigamente annexa á de S. Vicente da Chan, e formava tudo uma commenda, que foi primeiro dos templarios, e depois, das freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde. Rendia esta commenda réis 1:400$000.

(Vide *Chan*—S. Vicente da).

Negrão, é appellido nobre em Portugal. Vide *Ancêde*, vol. 1.º, pag. 205, col. 1.ª

NEGROS ou **A DOS NEGROS**—(antigamente—*Dados-Negros*, que é como está no *Port. Sacr. e Prof.*) freguezia, Extremadura, concelho de Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 80 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757, tinha 122 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de trigo, 30 de cevada e duas pipas de vinho.

Nêgro é appellido nobre n'este reino. Consta que procede de *Cecillio Nêgro*, intrepido capitão lusitano, que viveu entre os annos do mundo 3944 e 3984, isto é, entre 60 e 20 antes de Jesus Christo.

Os *Nêgros* trazem por armas—as mesmas dos *Negreiros*, com a differença no timbre, que o dos Negros é um braço de nêgro, pegando em uma *palla* ou *bastão* de ouro.

—

Havia tambem em Portugal o appellido nobre da *Negrôna* e *Negrôno*, procedente de Génova, sem se saber quem o trouxe a este reino. Traziam por armas—em campo de prata, tres pallas de negro—e outros do mesmo appellido usavam das mesmas armas, mas o campo, em vez de ser de prata, era de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre meio leão de ouro, carregado das tres pallas de negro, das armas.

NEIVA—rio, Minho, (o *Nebis* dos romanos). Nasce no termo da villa da Barca, e, tendo atravessado parte da provincia do Minho, desagúa no Oceano, na freguezia de *Castello de Neiva* (vol. 2.º, pag. 182, col. 1.ª *in fine*), 12 kilometros ao N. de Fão e Espózende, e proximo do mosteiro benedictino de S. Romão de Neiva.

Rézende (*Antiquitatibus Lusitaniae*, Livro 2.º, §. *de flumin)* fundado no que escreveram Pomponio Mella e Ptolomeu, diz que este rio deu o nome á cidade de *Nébis*, e a uma ponte, que o Itinerario de Antonino Pio sitúa sobre a via militar romana, que de Braga hia para Astorga, pelo litoral. Não ha o minimo vestigio d'esta ponte, e parece que Rézende se enganou com a indicação *Ad pontem Neviae*, que é na Galliza, a uns 2 kilometros ao N. de Lugo.

Junto á ponte de *Anhel*, que atravessa o Neiva, se levanta o alto monte de *Lousado*. No seu cume, houve uma povoação, que se diz ter sido uma cidade romana (a tal *Nebis?)* Ainda d'ella ha vestigios, e muitos mais haveria, se o povo não tivesse tirado d'aqui a pedra, para varias construcções.

Fortificavam esta cidade, dois muros, cujos alicerces ainda se divisam. O 1.º tinha 1 kilometro de circumferencia, e o 2.º, que era o interior, tinha de circumferencia uns 300 metros.

No archivo da Sé de Braga, existe um documento, contando a divisão que se fez da provincia de Entre Douro e Minho, em doze condados, no reinado de D. Fernando Magno (de 1036 a 1067) e falla d'esta cidade, mas não a nomeia — diz — *Ad radices montis Pandi, et Lupatis ad frigidam fontem juxta Civitatem magnam, quae ibi destructa jacet á Mauris.*

—

Na freguezia de *Aguiar*, comarca e concelho de Barcellos (vol. 1.º, pag. 37, col. 1.ª) fallei na celebre *torre* ou *castello de Aguiar do Neiva*.

Darei aqui mais alguns esclarecimentos com respeito a esta fortaleza, que estava edificada entre o rio Neiva e o Lima, 8 kilometros ao S. de Vianna.

Consta que este castello foi fundado pelos gregos, que lhe deram o nome de *Nevis*,

no anno do mundo 2632—1372 antes de Jesus Christo (!)

O rei D. Fernando, fez conde de Neiva (S. Romão de) a seu cunhado, D. Gonçalo Tello de Menezes. D. João I lhe tirou o condado, encorporando as suas rendas ao condado de Barcellos, que depois passou a ser da casa de Bragança.

Em um penhasco sobranceiro ao mar, perto da foz do Neiva, estão as ruinas do tal castello grego, que foi uma fortaleza inexpugnavel na antiguidade.

—

A foz d'este rio é tão estreita e tão erriçada de rochedos, de ambos os lados, que n'ella só entram barcos pequenos. Entram porém muitas lampreias, *rêlhos*, trutas, bógas, escalos, etc. Tambem aqui se pescam bastantes lagostas, *navalheiras* e outros mariscos.

Ha n'este rio muitas azenhas.

Em uma doação, feita por *Affonso Nantes Miris* á Sé de Braga, na era 1111 (1073 de Jesus Christo) e que existe no livro *Fidei*— entre outras propriedades, deixa umas herdades *na margem do rio Neivola, com o seu Lavigal*—«Cum suo Lavigale.» [1]

Isto leva nos a suppor que tambem antigamente se deu ao rio Neiva o nome de *Neivola*.

NEIVA — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto admnistrativo, e proximo a Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Romão. Arcebispado de Braga.

O abbade do mosteiro benedictino do mosteiro de S. Romão, d'esta freguezia, apresentava o vigario triennal, que era um monge do mesmo mosteiro, que tinha 30$000 reis e o pé d'altar.

[1] Não sei o que é *Lavigal*. Talvez seja erro de cópia, em logar de *navegagem* (vide *Navagem*). E' provavel que no seculo XI existisse n'este sitio do Neiva, alguma barca de passagem, cujo rendimento pertencesse á herdade doada.

O nome do doador não me parece portuguez nem castelhano. Inclino-me a que seja normando ou gascão.

Para o condado de Neiva (dos Tellos de Menezes) vide *Neiva*, rio.

Esta freguezia está situada em uma espacosa planicie, nas margens do rio que lhe dá o nome.

Diz-se que esta povoação foi fundada pelos gregos, quando edificaram o castello do Neiva. (Artigo antecedente.)

É terra fertil em todos os generos do paiz, e abundante de peixe do mar e do rio; e nos seus montes ha muita caça, do chão e do ar.

—

É natural d'esta freguezia, o beato frei João da Ascenção, vulgarmente — *padre-mestre frei João de Neiva*. (Vide Braga, a pag. 473 e seguintes, do vol. 1.º

—

Foi conde de Neiva, de Ourem, de Barcellos, de Arrayolos e de Penafiel — marquez de Villa Viçosa — duque de Bragança (o 3.º) e de Guimarães, e *senhor de trinta villas*, D. Fernando, o II do nome no ducado de Bragança. Era o maior senhor das Hespanhas, depois dos reis.

Ás suas immensas riquezas, e ao seu nobilissimo nascimento, juntava todas as qualidades de um cavalheiro perfeito, de um esmerado cortezão e de um guerreiro intrepido.

Serviu com grande valor ao nosso D. Affonso V, e foi d'elle tão extremosamente amado, que era o arbitro do reino; o que desagradava ao soberbo e irascivel principe D. João (depois II) pelo que, morto seu pae, intentou D. João revogar os privilegios dos donatarios, atirando, com esse intento em primeiro logar ao duque, como ao principal e chefe da aristocracia portugueza. Principiou pelo tratar com extremo desagrado, em muitas occasiões, tanto em particular, como em publico.

D'estes factos nasceram as queixas (e talvez *impaciencias*) do duque; palavras imprudentes contra o rei; reuniões e conciliabelos com seus irmãos, para procurarem o remedio ás vexações que o rei fazia, não só ao duque, como a seus irmãos e a varios fidalgos; cartas ao rei de Castella, queixando-se amargamente do rei portuguez; suges-

tões aos procuradores das cortes, que então se celebraram (1481—1482) para que se opposessem obstinadamente ás projectadas e utilissimas reformas do monarcha, que todas tendiam a diminuir o poder ilimitado dos grandes, os seus absurdos e intoleraveis privilegios, a sua desmedida ambição de dominar, e o abuso que faziam das regalias e *direitos* que a circumstancia do nascimento, e as leis barbaras do paiz, até então lhes cencediam.

D. João II, manda prender (1483) o duque, disposto a principiar o terrivel castigo que tencionava dar á aristocracia portugueza, pelo seu chefe natural.

O promotor fiscal deu principio ao processo. O duque protestou contra este acto, que julgava incompetentissimo, pretendendo ser julgado por principes e senhores da sua cathegoria, segundo os usos do tempo, em quasi todas as nações cultas da Europa; e não por ministros totalmente dependentes da vontade do rei; mas não foi ouvido, e este indeferimento deu-lhe o desengano de que a sua sorte estava decidida, e a sua morte de antemão decretada.

Mandou chamar o virtuoso padre Paulo, loyo, seu confessor, que teve sempre junto a si, para o preparar para a sua ultima viagem.

O rei, ardendo em desejos de vingança, tinha marcado para o processo o prazo fatal de 25 dias. No fim d'elles, mandou armar a *sala grande* dos paços d'Evora, com panos de raz, onde se viam representados varios factos da vida do imperador Trajano.

D. Antonio Pinheiro (que depois foi bispo do Funchal), procurador do duque, requereu ao rei que não assistisse ao acto da publicação da sentença; porem o rei indeferiu.

Eram 21 juizes, no numero dos quaes entravam alguns fidalgos, escolhidos pelo rei, que a todos fez uma *pratica*, em que declarava ser sua vontade que se fizesse justiça, e *que votasse cada um com inteira liberdade;* o que todo o mundo *traduziu* por ordem terminante de condemnação. Esta *sessão* teve logar no dia 21 de junho, do dito anno de 1483: o duque foi condennado á morte, e executado na praça d'Evora, logo no dia seguinte; não se lhe concedendo nem ao menos os tres dias d'*oratorio*, que marcava a lei, com receio de alguma tentativa dos fidalgos, parciaes do reu, que era a maioria da nobreza.

É certo que o duque tramava contra o seu rei, e mesmo contra a sua patria. pretendendo attrahir contra ella um monarcha estrangeiro e ambicioso, e não receando ser a causa de que os castelhanos satisfizessem o seu desejo de todos os tempos, o seu sonho de todos os dias a—absorpção de Portutugal. Mas o duque tinha feito uma figura importantissima no reino, e era muito sympathico, pelo que a sua morte causou uma tristeza geral no povo, e nos fidalgos uma grande sanha contra o rei, que acoimavam de Néro portugnez.

D. João II tudo supplantou, destruiu e castigou, chegando a um excesso de feroz cobardia, assassinando com uma punhalada, seu primo, duque de Viseu, no dia 23 de agosto de 1484, no paço do Setubal, aonde o tinha mandado chamar á traição. Nódoa indenevel, que todos as bôas obras do *principe perfeito* jámais poderão purificar.

Depois, manda formar processo ao duque assassinado (!) e aos seus cumplices, que foram declarados *réos d'alta traição*, e executados.

—

Neiva, é appellido nobre em Portugal.—Trazem os Neivas por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de púrpura, cinco chaves azues, perfiladas d'ouro, em aspa—no 2.º, esquartellado, tendo no 1.º e 4.º as armas d'Aragão—no 2.º e 3.º, as de Navarra.—No 3.º quartel, as armas, modernas, dos Farias, que são—um campo de púrpura, um castello de prata, com portas e fréstas de negro, entre cinco flôres de liz, de prata, 3 em chefe e uma de cada lado. Elmo de prata, aberto, e por timbre, duas das chaves azues do escudo, em aspa, atadas com uma fita de púrpura.

—

Ha n'esta freguezia o mosteiro benedictino, de S. Romão de Neiva, fundado em 540 (reinando o rei suevo Theodomiro), por S. Romão.

O correr de 560 annos tinha damnificado muito este convento, que, em 1100 estava bastante arruinado. Então, o poderoso conde, D. Payo Soares (o que o conde D. Pedro, no seu *Livro de linhagens*, chama *Payo Paes-Caminhão*), o reedificou e lhe fez grandes doações. Era este conde, senhor de Neiva e de outras muitas terras do Minho.

D. Affonso Henriques (1133) lhe deu o reguengo, e grandes esmolas.

Este mosteiro, está á vista e a pouca distancia de *Palme* e de *Carvoeiro*.

Era desde os seus principios, asylo commodo e gratuito de todos os viandantes, fazia avultadas esmolas aos indigentes das visinhanças, e educava na religião catholica as creanças dos arredores.

Pelos annos de 1470, no pontificado de Paulo II, passou a commendatarios; porém, em 1561, sendo pontifice Pio IV, voltou aos monges benedictinos, com a obrigação de darem a *terça* a D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro (o célebre 4.º vice-rei da India, que fallecêra em Gôa, em 1548).

Sendo arcebispo de Braga o cardeal D. Henrique (depois rei), cessou para o mosteiro, o pagamento da *terça*, que pouco tempo se chegou a pagar.

O D. abbade de S. Romão apresentava as egrejas de S. Paio d'Antas, Villa-Fria, e Souto de Rebordões.

—

Neiva já era julgado, no tempo do rei D. Diniz, pois das *Inquirições* a que mandou proceder, em 1290, consta, que na freguezia de S. Miguel de Cepães, *do julgado de Neiva*, havia a herdade de Rio de Moinhos, que foi do abbade de Pachacos, parochia que já existia antes do conde D. Henrique vir para Portugal (1093), e d'onde se presume que os Pachacos tomaram o appellido.

—

Em agosto de 1875, varios sacerdotes da provincia do Minho, se teem reunido no edificio do mosteiro de S. Romão, empregando o tempo em exercicios espirituaes; em prédicas ao povo que alli tem hido (e entre elle, pessoas catholicas, de familias aristocraticas), e em outros actos, proprios de ministros da religião christan.

Infelizmente, chegámos a um tempo em que é preciso escondêrmo-nos para orar e amar a Deus, e para exercer a religião catholica apostolica romana (que de mais a mais, é a *religião do estado*),[1] e nem escondidos deixam de ser acoimados pelos impios, de *ultramontanos*, *reaccionarios* e *conspiradores!* — De modo que, o que seguir a religião de nossos paes e avós, *conspira*, e é denunciado, urbi et orbi, como inimigo da patria!

«Alteri tempi, alteri pensiere!»

NEIXENÇA — portuguez antigo — producções e renóvos, assim das terras, como dos animaes. Em 1153, contratou um individuo com sua mãe, viuva, de partirem tudo que chegasse a ganhar e adquirir — *sic de pane, quomodo vino; sic de* neixencia, *que ibi nascer*, etc. — (Doc. das freiras benedictinas, do Porto.)

NÉLLAS — villa, Beira-Alta, cabeça do concelho do seu nome, da comarca de Mangualde, 18 kilometros de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O vigario de Santa Marinha, de Senhorim, apresentava o cura, que tinha 6$800 réis de congrua e o pé de altar.

É o antigo concelho de Senhorim, que foi para aqui transferido.

O concelho de Néllas é composto de 6 freguezias, todas no bispado de Vizeu — são — Cannas de Senhorim, Carvalhal-Redondo, Néllas, Santar, Senhorim, e Villar-Sêcco — todas com 2:530 fogos.

O foral que compete a este concelho, é o de Senhorim, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 30 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 114, col. 1.ª)

No mesmo dia, mez e anno, mas antes

[1] «A Religião Catholica, Apostolica Romana, continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permittidas aos Estrangeiros, com seu culto domestico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de Templo.»
(Carta Constitucional, artigo 6.º)

d'este, deu o rei, tambem em Lisboa, foral à villa de Cannas de Senhorim. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 110 v., col. 1.ª)

—

Ha n'esta freguezia a aldeia do *Toladal*, situada em um monte, a 1:200 metros do rio Mondego, e 3 kilometros de Cannas de Senhorim,

No centro d'esta aldeia, está a capella de *Nossa Senhora da Tosse*, fundada pelo povo d'este logar, no meio de um grande terreiro, onde se vê uma frondosa amoreira.

É tradição que a primittiva ermida da Senhora da Tosse, era junto à margem direita do Mondego, e que foi mudada para aqui, por causa das enchentes do rio, que a damnificavam.

Faz-se a festa d'esta Senhora, na 2.ª oitava da Paschoa, e é muito concorrida.

N'este dia costumavam vir aqui em procissão, os povos das freguezias de Cannas de Senhorim, Villar Sêcco, Senhorim e Néllas, com seus respectivos parochos.

Como a antiga imagem da Padroeira estava em mau estado, o visitador a mandou substituir por outra nova, e a primittiva foi recolhida na sacristia, em um cofre de madeira, em 1708.

É barão de Nellas, o sr. José Bernardo dos Anjos e Brito.

NÊLLO—portuguez antigo—n'isso—a tal respeito—n'essa cousa, etc.

NEMBRAR—portuguez antigo—lembrar, recordar, etc.

NEMBRO—portuguez antigo—membro.

NEICIIDADE — portuguez antigo — ignorancia, insciencia, impericia, etc.

NEMETANOS—antigos povos da Lusitania, na chancellaria de Braga, dos quaes era capital, a cidade de Volobriga. Ignora-se a situação d'esta cidade e seu districto, e apenas se sabe que era ao N. O. de Braga. É provavel que Volobriga fosse alguma d'essas povoações, cujos vestigios apparecem nas serras d'Arga e Coura.

NEMÚ—portuguez antigo—no mesmo instante, immediatamente.

NESPERAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 70 kilometros do Crato, 165 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexa ao patriarchado, districto administrativo de Castello Branco.

Os grãos-priores do Crato, apresentavam o reitor, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho mosto e 2$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

NESPEREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado de toda a qualidade.

É n'esta freguezia a nobre casa do *Paço*, solar dos Amaraes, que era vinculada. Foi instituidor d'este morgado, Pedro Cardozo do Amaral, contador-mór do reino, ao qual D. João III deu carta de brazão de armas, em 1538, por provar ser descendente dos Cardozos, familia que sempre teve em Portugal grandes privilegios e foi de esclarecida nobreza.

Pedro Cardozo do Amaral e Menezes, d'esta casa, foi o primeiro que na India levantou o grito de independencia, em 1640.

É hoje representante d'esta familia, e senhor da casa do Paço de Nespereira, o sr. João Lobo Machado Cardozo do Amaral e Menezes, neto do sr. João Machado Pinheiro, 1.º visconde de Pindella, por ser filho da filha d'este, a sr.ª D. Maria Amelia Cardozo Pinheiro de Menezes.

Brasões d'armas dos diversos appellidos d'esta familia

Amaral—Em campo de ouro, seis crescentes de azul, em duas palas. Elmo d'aço, aberto—e por timbre, um leão de ouro, com

uma acha de armas nas mãos, e cauda azul.

Cardozo — Em campo de púrpura, dois cardos, de verde, floridos, com a flôr e a raiz, de prata, entre dois leões de ouro, batalhantes, armados de púrpura. Timbre, uma cabeça de leão, de ouro, sahindo-lhe da bocca um cardo verde, como os do escudo.

Lobo—Vide vol. 3.º, pag. 84, col. 1.ª

Machado—principiou este nobre appellido, na pessoa de D. Mendo Moniz, rico-homem, e Senhor de Gondares, ao qual D. Affonso Henriques mandou usar (a elle e seus descendentes) do appellido Machado, por que, com um machado, arrombou uma das portas de Santarem, em 8 de maio de 1147, para dar entrada ao exercito portuguez, commandado pelo rei, que n'este dia tomou aos mouros o castello de Santarem, um dos mais fortes que os mouros tinham em Portugal. (Vide *Santarem)*.

O principal solar dos Machados, é a torre da Penagate, na provincia do Minho, fundada em 1200, por Fernão Machado.

Os Machados trazem por armas—em campo de púrpura, tres machados de prata, com cabos de ouro, em roquête, e nove torres de ouro, na orla. Elmo de aço, aberto—timbre—dois dos machados das armas, em áspa, atados com uma fita de purpura.

Outros do mesmo appellido, usam — em campo de púrpura, cinco machados de prata, com cabos de ouro, em aspa. Elmo de aço aberto, e o timbre antecedente.

—

A Alvaro Machado Pinto, e a seu primo, João Machado Moniz, e a seu filho, Francisco Fernandes Machado, todos portuguezes, deu Fernando II, imperador da Allemanha, em 1637, as armas seguintes — escudo esquartellado—no 1.º quartel, de verde, tres machados de prata, com cabos de ouro, em roquête—no 2.º, de negro, uma espada de prata, com um bastão, de ouro, em aspa, entre estas quatro letras—F. J. L. F.—que querem dizer—*Ferdinandus Imperator Libenter facit*—(o imperador Fernando as deu de boa vontade).—No 3.º quartel, de azul, um coração de púrpura, perfilado de ouro, entre um letreiro do mesmo, que diz—*Spes mea in Deo est* (a minha esperança está em Deus).—No 4.º quartel, de ouro, um gallo, de côr cinzenta, com algumas pennas de negro. Elmo e timbre como os antecedentes.

Menezes—Vide *Cantanhêde, Ericeira, Louriçal, Marialva, Penalva, Tarouca* e *Valladares*.

Pinheiros—Vide *Barcellos*.

NESPEREIRA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros a E. N. E. de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Gouveia, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

O seu clima é excessivo, mas saudavel. Produz cereaes, legumes, fructas e hortaliças. Tem muito gado miudo, e faz-se aqui muito bom queijo de ovelha, que se exporta.

—

Em junho de 1874, aconteceu n'esta freguezia uma serie de desgraças, a que julgo dever dar cabimento n'esta obra.

Tinham ficado só em casa, dois filhos de uma pobre gente, um de cinco e outro de tres annos. O mais velho, vendo castrar um porco, fez a mesma operação ao seu irmão (d'elle rapaz), do que lhe resultou a morte immediata. Chega a mãe (que andava gravida) e, n'um momento de allucinação, crava um sacho, que trazia, na cabeça do pequeno assassino, que ficou logo morto.

Foi presa. Quando a infeliz mãe, no meio da escolta que a levava para a prisão de Cea, seguia o seu calvario de amarguras, saiu-lhe ao encontro o marido, que do trabalho recolhia com uma foice aos hombros. Espantado e attonito por ver a mulher em tal companhia, perguntou a razão, e sabendo-a, fóra de si, com o juizo perdido, rompeu em taes excessos que, atropellando uns e ferindo outros, chegou perto da mulher, sobre quem descarregou tamanha foiçada, que a deixou morta logo alli.

Em seguida, soltando gritos furiosos, cor-

rendo como louco pelas ruas, foi acommettido de tal accesso de doidice, que ninguem, sem perigo de vida, se podia aproximar d'elle. O proprio excesso da sua dôr fez com que serenasse algum tanto; porém, recordando-se logo do que se havia passado, caminhou desesperado para o rio Alva, e n'elle se precipitou, e morreu afogado.

—

NESPEREIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago S. João Evangelista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo do Porto, os monges benedictinos do Bustéllo (Penafiel) e os conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) da Serra do Pilar (Gaia) apresentavam alternativamente o abbade—a saber—em janeiro, o papa—em fevereiro, o bispo—e em março, os frades bentos e os crusios (!) Esta abbadia rendia 400$000 réis annuaes.

NESPEREIRA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães, 40 kilometros ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Até ao fim do seculo XVIII, havia duas freguezias distinctas, do mesmo nome, e contiguas, que hoje formam uma só. Eram—

Santa Marinha, apresentada pelo real padroado.

O abbade tinha 650$000 réis de rendimento annual.

Tinha em 1757, 152 fogos.

Santo Ericio (ou *Eurico*) apresentada alternativamente pelo papa e pelo bispo de Lamego.

O reitor tinha 180$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 160 fogos.

Ha n'esta freguezia dois grandes mercados mensaes, a 4 e a 18 de cada mez.

—

A povoação de Nespereira (onde está a egreja matriz, e onde se fazem os mercados) é muito antiga, e foi villa, capital de concelho, que foi supprimido, passando a formar parte do concelho de *São-Fins*, comarca de Rézende. Este concelho foi supprimido, em 24 de outubro de 1855, passando as freguezias que o compunham, para o concelho e nova comarca de Sinfães.

O rei D. Manuel deu foral á villa de Nespereira, em Lisboa, a 15 de abril de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 120, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Almargem, Alvellos, Avinjos, Carregozélla, Casal, Ermida, Fermontéllos, Folgarosa, Guilhefonte, Lageosa, Monção, Nondam, Paço, Póvoa, Póvoa do Consul, Póvoa de El-Rei, Sanguinhêdo, Soure da Magdalena, Souto, Travações, Varzea, Villa-Chan. Villa-Nova-do-Campo, e Villar-do-Monte. (Na gavêta 20, maço 12, n.º 11, está o processo que se fez para este foral).

Teve até 1834 duas companhias de ordenanças. Foi seu ultimo capitão-mor, o sr. Luiz do Amaral Semblano, que morreu assassinado, durante a guerra civil, de 1846 a 1847.

NESPEREIRA ALTA — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Villa-Maior, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao N. de Viseu.

Passa aqui a nova estrada a mac-dam, que vae para Lamego.

—

Era n'esta aldeia a casa e residencia dos sr. Valentim d'Almeida Novaes, e Joaquim d'Almeida Novaes, ambos officiaes do exercito realista, convencionado em Evora-Monte; e ambos geralmente estimados pelas suas virtudes, tanto dos legitimistas, como dos liberaes.

O sr. Valentim d'Almeida Novaes, falleceu n'esta sua casa, de um ataque apopletico, no dia 16 de abril de 1874.

Sentara praça, de cadete, em 1810 — Foi feito alferes, em 11 de fevereiro de 1811 — tenente, em 28 de novembro de 1817 — capitão, no 1.º de dezembro de 1820 — major, a 22 de outubro de 1832 — tenente coronel,

a 3 de outubro de 1833 — e. finalmente, coronel no 1.º de janeiro de 1834. Na occasião da convenção, commandava o bravo regimento de infanteria de Cascaes (n.º 19.)

Não deixou filhos.

—

Eis o artigo necrologico, que no *Correio da Tarde*, n.º 543, publicou um cavalheiro, intimo amigo do illustre finado.

«Mais um dos valentes soldados de Evora-Monte baixou á sepultura.

Curvemos os joelhos, e elevemos ao céo uma prece pelo seu eterno descanço.

Já não é d'este mundo o ill.mo ex.mo sr. Valentim d'Almeida Novaes, de Nespreira.

Um violento ataque apopletico, que apenas lhe concedeu 24 horas de vida, o roubou aos seus amigos, que tanto o respeitavam e amavam.

Munido com os sacramentos da religião santa, encarou a morte com a resignação e coragem, que nunca desamparam aquelles, que n'ella pensam a miudo, e que para ella se preparam com uma longa pratica de virtudes no decurso da vida.

Nascido em 1791, em tempo que existiam ainda restos d'esse genio cavalheiroso portuguez, que tantas glorias nos valeu, que tanto inflammava o coração da nossa juventude, lançou-se na carreira das armas, assentando praça em cadete em 1810. Por se tornar distincto, foi despachado alferes no mesmo anno [1] e já tenente acompanhou a expedição para o Brazil em 1817, d'onde voltou capitão.

Emigrou para a Hespanha em 1826, onde se conservou até 1828, e depois na patente de coronel do regimento de infanteria n.º 11, fez toda a campanha do cerco do Porto até á Convenção de Evora Monte, onde se viu obrigado a depór a espada, que nunca havia descançado na bainha, quando a patria chamava seus filhos ás armas, e de que fizera sempre uso com a valentia e coragem d'um verdadeiro soldado portuguez, sendo condecorado com as ordens de Torre Espada, Conceição e Aviz.

[1] Engana-se o sr. Araujo, foi em 1811 como se viu atraz.

Mas se é de admirar a sua valentia e bravura como soldado, muito mais o são as virtudes, que deixou ver na vida privada.

Fez o que fazem as almas grandes: quando viu perdida a causa que tanto amava e amou sempre, a causa, porque jogara as armas, e tantas vezes expozera a vida, retirou-se das scenas do mundo; e no exercicio da mais santa caridade, da caridade que esconde a mão com que mata a fome ao pobre, e enxuga as lagrimas ao desgraçado; passou no retiro da sua aldeia o espaço de tempo decorrido de 1834 a 16 d'abril de 1874, em que se finou.

Affavel sempre para com todos, tambem mereceu sempre a estima dos homens honestos de todos os partidos: o que mais uma vez se deixou ver bem claro no acto solemne do acompanhamento dos seus restos mortaes á sepultura, onde se viam todos os representantes das pricipaes familias de Lafões e immenso povo: e se isto nos impressionou e nos deixou ver a consideração que todos lhe ligavam, os gemidos e lagrimas dos muitos desgraçados, a quem matava diariamente a fome, e que não queriam acreditar que a morte cruel lhes roubasse um protector tão caritativo, mais nos impressionaram ainda, porque eram o apparato mais eloquente da sua pompa funebre.

No ceu, creio, que estará gozando o premio de tantas virtudes, e sirva esta lembrança de consolação a seus ex.mos sobrinhos, a quem acompanho do coração no seu tão justo soffrimento, porque tambem perdi um amigo verdadeiro, em cuja campa venho depôr esta lagrima de saudade, pedindo ao mesmo tempo a todos os leitores um P. N. e uma A. M. pelo seu eterno descanço.

S. Pedro do Sul 20 d'abril de 1874 — *Antonio Corrêa d'Araujo.*»

A morte de um irmão querido, de tal modo contristou o sr. Joaquim d'Almeida Novaes, que apenas lhe sobreviveu 14 mezes e 10 dias, pois falleceu a 27 de junho de 1875.

Deixou filhos, cavalheiros de tanta honradez e probidade, como sempre o foram seu pae e tio, cujos bons exemplos seguem religiosamente.

O testemunho do illustrado jornal *Atalaia*,

que se publica em Viseu, é de todo o ponto insuspeito (visto ser liberal), e por isso do seu n.º 70, extrahi o seguinte:

«Falleceu na sua casa de Nespereira, freguezia de Villa-Maior, concelho de S. Pedro do Sul, o ex.mo sr. Joaquim d'Almeida Novaes, no dia 27 de junho.

Era um cavalheiro. A probidade e a honra, foram sempre caracteristicos que o ennobreceram.

Brioso soldado nas fileiras da legitimidade, nunca esqueceu os seus deveres, nem deixou perder um só dos seus principios.

A sua morte, enluta-nos e a todo o partido legitimista.»

NEVES — portuguez ant. — nome de mulher.

NEVES ou **NOSSA SENHORA DAS NEVES** — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Beja, 90 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Foi do arcebispado de Evora.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de pão terçado, e o pé d'altar.

NEVES (Nossa Senhora das) — Sanctuario, Beira-Alta, na freguezia de Lobêlhe do Matto, comarca e concelho de Mangualde, bispado e districto administrativo de Viseu. (Vol. 4.º, pag. 432, col. 2.ª)

Esta freguezia, é no arciprestado do *Aro*, e foi annexa á abbadia de S. Miguel de Fornos.

No logar da *Cerveira*, está o Sanctuario de *Nossa Senhora das Neves*, tambem chamado de *Nossa Senhora da Cerveira*.

É templo muito antigo e serviu por muitos annos de egreja matriz da freguezia, em quanto se não edificou a actual.

Fica o Sanctuario em um alto, defronte e ao E. da povoação de Lobêlhe, situada em um valle, tendo ao S. terreno montuoso, mas em partes cultivado. Para o N. e O., é o terreno povoado de vinhas e olivaes.

É um templo vasto (para ermida) com tres altares, e a sua fundação é de data muito antiga.

Em 1620 se lhe instituiu uma irmandade, com 150 irmãos. Os estatutos foram approvados, a 28 de janeiro de 1625, pelo governador do bispado, o doutor Balthazar Fagundes; e segunda vez, *sede vacante*, em 29 de julho de 1656. O bispo D. João de Mello, confirmou depois estas approvações. Tem esta irmandade indulgencia perpétua, por breve do papa Urbano VIII, de 1641. Os irmãos eram d'esta freguezia e das de Fornos, Alcafache, Moimenta de Frades, e Espinho.

Era a imagem da Padroeira d'esta egreja, objecto de muita devoção, dos povos d'estes arredores, que lhe deixaram varios legados, em campos, olivaes e dinheiro.

Faz-se-lhe a sua festa a 5 d'agosto. É uma grande romaria, onde vem gente de muito longe. Ha sempre a representação de um combate, entre *o imperador Carlos-Magno* e os seus *doze pares*, contra o *Almirante Balão*. Por fim, os francezes (já se sabe) derrotam os *mouros*, e termina tudo em comedias, danças e folias... e muitas vezes tambem em murros, facadas e pancadaria.

NEVES (Nossa Senhora das) — Sanctuario, na freguezia de Argoncilhe, no concelho da Feira. (Vol. 1.º, pag. 238 Q, col. 2.ª)

A capella de Nossa Senhora das Neves é antiquissima, e não consta a data da sua fundação; só se sabe que os crusios do mosteiro de Grijó, achando o templo muito arruinado, o mandaram demolir, construindo, no mesmo logar, outro, de abobada, em 1581. Parece que esta abobada era mal construida, porque, poucos annos depois, se desfez, construindo-se-lhe o tecto de madeira, que é o existente.

Ha duas imagens da padroeira, ambas de pedra — a antiga, de grosseira esculptura, tem 0m,66 d'alto — e a moderna, feita em 1581, com 1m,10 de alto, e é de boa esculptura. Ambas teem o Menino Jesus nos braços.

É tradição que se fez a nova imagem, por ter desapparecido a primeira, sem por espaço de muitos annos se saber o que era feito d'ella, até que, sendo encontrada em uma freguezia do termo de Aveiro, e provado o roubo, a tornaram a trazer para a sua capella.

A sua festa faz-se-lhe no dia proprio, que é a 5 d'agosto. Vem então aqui em procissão, as freguezias de Lobão, Mósêllos, Caldellas (S. Jorge), Sanguêdo (Terreiro) do mesmo concelho da Feira; e Sandim, e Olival, do concelho de Villa Nova de Gaia, comarca do Porto. Os seis parochos d'estas freguezias, sahem d'ellas em procissão, com palio, musica, assim como o de S. Martinho d'Argoncilhe, que é o da capella, e cuja procissão é sempre a mais brilhante.

Tem havido annos em que se juntam aqui dez e mais musicas. No anno de 1874, juntaram-se, por despique, trinta e duas!

O concurso de romeiros, é sempre immenso. Nas festas d'este anno (5 d'agosto de 1875) calculou-se em mais de *vinte mil*, o numero de almas que se acharam n'este vasto arraial.

É a festa religiosa maior e de mais fama que se faz em toda a Terra da Feira.

Quasi todos os annos ha aqui grandes desordens, mas, n'este ultimo anno, graças á solicitude e acertadas providencias do sr. José Correia Leite Barbosa, digno e illustrado administrador do concelho da Feira, tudo se passou na melhor boa ordem.

—

Tambem n'esta freguezia está a ermida de *Nossa Senhora do Campo*, ou *da Apparecida*, como se denomina vulgarmente; mas a sua invocação verdadeira é Nossa Senhora da Assumpção. É grande, e tem capella-mór, corpo da egreja e sachristia. Foi a primitiva egreja parochial da freguezia, até ao anno de 1686, em que se construiu a actual matriz.

Teve esta Senhora, duas grandes irmandades — uma de clerigos e outra de seculares. A primeira comprehendia grande numero de padres, das muitas freguezias que estanceiam entre os rios Douro e Vouga — a outra tinha irmãos nas freguezias que estão entre o Douro e o mar, e d'ella foram muitas vezes juizes, os condes da Feira.

Com as differenças e demandas que houve entre os bispos do Porto, e o isento de Grijó (o mosteiro dos crusios e seu couto), do que resultaram varios interdictos e excommunhões, acabaram estas duas irmandades, e com ellas a grande devoção e as esplendidas festas á Senhora.

NEVOGILDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi do concelho de Villa-Chan, comarca do Pico de Regalados), 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e colmeias, e grande abundancia de caça grossa e miuda.

Nevogilde é corrupção de *Novegildo*, nome proprio d'homem.

NEVOGILDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao S.E. de Braga, 30 ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago, S. Verissimo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

O bispo e o mosteiro de Pombeiro (benedictino) apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima em todos os generos do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta.

NEVOGILDE—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 6 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde exporta muito gado bovino (que vae para a Inglaterra) e muitos generos agricolas.

É baroneza de Nevogilde, a sr.ª D. Carlota Ricca Borges de Moraes e Castro.

Esta senhora era a proprietaria do célebre palacio, da *rua do Triumpho*, na cidade

do Porto, chamado—*palacio dos Carrancas.* (Vide *Miragaia*, freguezia, do Porto.

—

Fica esta freguezia situada entre S. João da Foz e Mattosinhos, em sitio formosissimo, na costa do Oceano, e com arredores sobre-modo pittorescos, e ares muito saudaveis.

A torre da egreja matriz, e as casas da povoação, alvejam ao longe, por entre formosos maciços de verdura, e bastos e vastos pinhaes abrigam a terra, dos ventos do quadrante de E. e N. E.

Cordelheiras cultivadas, ao N. e S. da povoação, vestem o sólo de uma perpetua verdura. Ao O. se estende a vasta superficie do Oceano Atlantico, vendo-se sulcado por navios e barcos de todos os tamanhos, tonelagens e denominações; e ouve-se o mar, já trovejando fremente e ameaçador, debatendo-se contra os rochedos da costa, já manso, deslisando-se com leve murmurio, nos brancos areaes da praia.

—

No 5.º volume, a pag. 89, do primorosissimo semanario *Archivo Pittoresco*, vem uma tocante narração, um bello romancesinho, intitulado *Os velhos de Nevogilde*, escripto pelo sr. Leonel de Sampaio. Não o copio, por ser extenso para um diccionario; e não o dou em resumo, porque tirar-lhe-hia todas as galas com que o seu esclarecido auctor o soube enfeitar. Remetto os leitores curiosos para o livro e logar citado.

NÉXE—Vide *Barbara de Néxe* (Santa). Vol. 1.º, pag. 321, col. 2.ª

NICOLAU (São)—Vide *Fornos e S. Nicolau*, vol. 3.º, pag. 218, col. 1.ª, no fim—e vol. 5.º, pag. 62, col. 2.ª—*S. Nicolau.*

NICOLAU (São)—freguezia da capital do reino. Vide *Lisboa.*

NICOLAU (São) freguezia, Douro, na cidade do Porto, bairro occidental, 310 kilometos ao N. de Lisboa, 1:400 fogos, 6:000 almas.

Em 1757 tinha 994 fogos.

Orago o mesmo santo.

Bispado e districto administratiro do Porto.

A mitra apresentava o abbade, e em *sede vacante*, era feito por concurso synodal. Tinha 500$000 réis de rendimento annual.

A rua da Nova Alfandega absorveu cerca de 200 casas, e de 225 fogos que constituiam um povoado compacto desde a igreja matriz até á antiga Porta Nova, e desde a igreja e rua de S. Francisco até á rua de Sobre o Muro. Perdeu pois grande numero de habitantes esta freguezia com a nova rua, que n'esta data principia a vestir-se de predios aliás muito elegantes e sólidos, em boas condições de luz e ar, e que contrastam sensivelmente com a maior parte dos predios que foram demolidos, e que eram immundos, de fórmas irregulares, em razão da sua antiguidade e do acanhamento proprio das ruas e edificações dentro de uma terra murada, como era o Porto.

A nova rua tem apenas ainda um predio acabado e já habitado, que é o que confina com as Escadas do Caminho Novo, do lado E., ponto extremo d'esta freguezia de S. Nicolau. Foi esta casa mandada fazer pelo barbeiro e exportador de fructa o sr. Manuel dos Santos Preguiça, que n'ella vive com a sua familia. Á esquerda d'esta casa, e a seguir com ella, ha duas, uma já com telhado e divisões interiores, e outra que ainda nem está concluida de paredes; e mais ao nascente, á entrada da rua da Ferraria (lado E.) se vê tambem já com telhado, e quasi concluida, uma casa destinada para a intendencia da marinha, e contigua a esta anda outra em construcção, mas ainda não passa dos alicerces.

Tambem ha n'esta rua já outra casa prestes a ser habitada, mas na circumscripção da freguezia lemitrophe de Miragaya, confinando com as Escadas do Caminho Novo (lado O.) Foi mandada fazer por Francisco José de Carvalho.

Eis o estado actual d'esta carissima [1] e interessante rua (1875).

Perdeu tambem bastante em população

[1] Como dissemos no artigo *Miragaya*, já feita pela camara municipal, que só com as expropriações gastou cerca de 300:000$000 réis, afóra o que dispendeu com as muralhas de supporte, movimentos de terra, etc. etc.

esta freguezia com as expropriações (quasi todo o lado O.) feitas na antiquissima rua das Congostas para a abertura da rua Nova de S. Domingos; mas em compensação já n'esta rua se vêem nove magnificos predios a seguir do largo de S. Domingos para a rua dos Inglezes, quatro do lado E., já acabados, e dois em construcção, e 5 de O. (incluindo a caixa filial do Banco dn Portugal). E a rua Ferreira Borges tambem já principia a vestir-se de soberbos predios. Já n'ella se vêem cinco do lado E., descendo de Belmonte, contando a casa em que está a caixa filial do Banco de Portugal, unica parte que se salvou do incendio que devorou o convento de S. Domingos.

Do lado O., descendo, tem quatro predios antigos entre Belmonte e a Ferraria, e da Ferraria até á rua dos Inglezes, outros quatro, além da casa do Banco Commercial, e a do magestoso palacio da Bolsa, de que havemos de fallar detidamente.

São consideraveis as casas construidas e em construcção nas tres novas ruas d'esta freguezia, mas tarde, e só muito tarde, encontrará nas novas ruas a compensação do que perdeu em fogos com as expropriações para ellas, e pouco menos perderá logo que se abram as novas ruas que a camara projecta, e a que promette dar principio brevemente—uma em continuação da dos Inglezes até á ponte pensil, e outra das proximidades d'esta ponte a entroncar com a nova, já principiada—Mousinho da Silveira, no alto da de S. João—ruas de primeira necessidade para o serviço publico, e para fazerem desapparecer a immundicie do nojento Barredo, o maior fóco de infecção que ha hoje no Porto.

Este beneficio foi sempre abbadia da apresentação da mitra *in solidum*, em qualquer tempo que vagasse, e foi esta freguezia creada com a de Nossa Senhora da Victoria e a extincta de S. João de Belmonte, pelo bispo D. fr. Marcos de Lisboa, no anno de 1583.

Até áquella data havia na cidade do Porto uma unica freguezia, a da Sé, comprehendendo toda a população *in ra-muros*, o que difficultava consideravelmente o serviço parochial, e por isso aquelle prelado resolveu dividil-a e crear aquellas tres freguezias. Oppozeram-se logo o senado da camara e o povo com a altaneria e isenção proprias dos bons burguezes da velha *behetria* portuense, allegando que as novas erectas trariam comsigo despezas e onus consideraveis para a grande parte da cidade, comprehendida nas respectivas circumscripções das novas parochias, o que seria um tributo novo imposto á cidade, e contra o qual protestavam, pois continuando a ser, como eram, e sempre foram, todos os habitantes da cidade freguezes da parochia da Sé, não pesariam sobre elles os encargos das novas fabricas, etc. etc. E com tal aprumo se houveram, que o prelado para os accommodar fez uma *composição* com elles, obrigando-se a toda a despeza com a fabrica e mais encargos das novas parochias, isto por si e seus successores, com a condição de que no momento em que elle ou algum dos seus successores não satisfizesse ao estipulado, poderiam, sem se expôr a censuras, os freguezes das novas erectas volver *ipso facto* immediatamente para a freguezia da Sé; e de tudo isto se lavrou escriptura, que por ser curiosa e interessante aqui a transcrevemos do archivo da confraria do Santissimo d'esta freguezia de S. Nicolau, a fl. 68 e segg. do L. de Inventario, que comprehende o periodo de 1727 até 1769.

Foi escripta pelo tabellião Ruy de Couros, com data de 16 de julho de 1583, a fl. 168 do seu livro de notas, donde, a requerimento da confraria, foi tirada pelo tabellião J. Alberto de Moraes, em 24 de julho de 1740. A copia é do theor seguinte:

«Em nome de Deus Amen. Saybão os que este instrumento de concerto e transacção amigavel virem que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e oitenta e tres annos, aos dezeseis dias do mez de julho, nas casas episcopaes do illustrissimo senhor D. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo d'esta cidade e do conselho de Sua Magestade, por elle, estando presente foi dito que querendo elle de seu proprio mottu fazer hora tres parochias novas na dita cidade, a saber: de S. João de Belmonte, da Victoria e de S. Nicolau, a

cidade e povo d'ella lhe impediu a erecção das ditas Igrejas, embargando a obra d'ellas por se temer que em algum tempo os queriam obrigar á fabrica d'ellas e aos mais encargos de que eram exemptos como são freguezes da Sé d'esta cidade, sobre o que recrescião duvidas e differenças que não convinhão entre Prelados e subditos, pelo que atalhando as ditas duvidas, differenças e demandas, e desejando de effectuar a dita obra disse o dito Senhor Bispo e Confessor que a obrigação de fabricar a Séé a que o povo d'esta cidade é obrigado a acudir como a sua propria Parochia, e assim a administrar os sacramentos, como os mais officios divinos, e alimentar e sustentar os sacerdotes que tem o cargo de curar das almas que pertencem á fabrica da dita Séé e ao Bispo d'ella, e que assim da maneira que se fabricou e ornamentou a dita Séé athé hora o dito Senhor Bispo se obriga, como se obrigou, a fabricar e ornamentar as ditas Parochias, e hora novamente manda dirigil-as e fazel-as á sua custa de todo o necessario para o espiritual e temporal, e que sendo caso que os freguezes por tempo venhão a tão grande crecimento que seja necessario fazerem-se mais, ou aconteça arruinarem-se, o que Deus não permitta, elle Senhor Bispo ou seus successores as fação e reedifiquem ás suas proprias custas, e das suas rendas, obrigando-se mais com a obrigação que em tempo algum o povo da dita cidade não contribuirá para a fabrica das ditas Igrejas, nem para ornamentos, visitações, e divinos officios, nem para os Ministros das Igrejas, nem para outra cousa alguma d'ellas, e de tudo ficão exemptos e livres como são, e forão sempre, sendo freguezes da Séé, antes elle Senhor Bispo e seus successores terão o direito e obrigação de fabricar e ornamentar as ditas Parochias, e sustentarem os Ministros d'ellas, cumprirem visitações ás custas das rendas do Bispado, e cumprirem tudo o mais necessario, de maneira que o dito povo não fique com obrigação alguma de que o que dito he, declarando mais que elle tomava sobre si esta obrigação, assim por ser obrigado a isso, como por contracto que tem feito com o Rev.º Cabido da Séé, e a cumprir todo o sobredito, e todas as mais liberdades e prerogativas que o povo d'esta cidade tem, disse elle Senhor Bispo que elle em seu nome e d'esta Santa Séé, e seus successores se obrigava, como logo de feito se obrigou, obrigando a tudo as rendas d'este Bispado, renunciando todo o costume introduzido em favor dos Prelados e dos mais obrigados a curar das almas, leis, canones, estatutos, constituições synodaes e episcopaes que em seu favor fação, não cumprindo este contrato, ou querendo elle Senhor Bispo ou seus successores hir contra, ou querendo obrigar o povo da dita cidade a qualquer das ditas cousas, que o dito povo ou qualquer pessoa d'elle não sejão obrigados a guardalo nem estar por elle, antes sem mais outra causa tornem a ficar freguezes da dita Séé, como forão e são athé hora, sem por isso ficarem incorrendo em desobediencia, censuras, nem outra pena alguma, nem procederem contra elle, por que desde agora elle Senhor Bispo hé d'isto contente, e porque assim seja e se cumpra por esta ser sua tenção, e vontade, e d'esta maneira estando presentes o Ld.º Manuel Alz. da dita cidade com procuração e commissão bastante para o caso dos Senhores Vereadores e dos Procuradores da cidade e povo, cujo trellado he o seguinte—(segue-se o texto da procuração)—e disse o dito Ld.º Manuel Alz. que desistia de todos os embargos e letigios que havia e podia haver em nome da dita cidade e dos Vereadores e povo d'ella sobre a creação das ditas Parochias, e que aceitava este contracto, como aceitou, com as ditas obrigações e condições, e consentia que se fizesse, e para mais segurança disserão e forão contentes que este contracto se julgasse por sentença, declarando mais que se em algum tempo alguma pessoa d'esta cidade por inadvertencia ou por algum respeito acentar de contribuir para qualquer das ditas cousas, por isso não prejudique a este povo e contracto, e nem por isso fique obrigação alguma ao dito povo nem ação aos Prelados ou Ministros das Igrejas para o poderem compellir a pagar para as ditas cousas, e assim quizerão e outorgarão e aceitarão e estipularão huns e ou-

tros, e eu Tabellião como pessoa publica estipulante e aceitante o estypullei e aceytey por parte das pessoas ou pessoa em cujo favor faz e fizer a isto ausentes, quanto com direito posso e devo, e d'esta notta pedirão os instrumentos e os que mais lhe cumprirem de huma parte e outra outorgou. Testemunhas que presente estavão o Ld.º Pantallião dos Santos, Provizor da dita cidade, Damião de Magalhães, Capellão de S. Senhoria, Bento Marques e Christovão Rebello, criados do Senhor Bispo, na dita cidade moradores, e eu Ruy de Couros, Tabellião que o escrevi, e não haja duvida na entrelinha que diz—e foram contentes. Fr. Marcos, Bispo do Porto—Manuel Alz.—Pantallião dos Santos—Damião de Magalhães—Bento Marques—Christovão Rebello.

«E não se continha mais no dito contracto, que eu tabellião João Alberto de Moraes fiz trasladar do meu livro de notas na verdade, a que me reporto. Porto 24 de julho de 1740 annos. E eu João Alberto de Moraes tabellião que a fiz escrever, sobscrevi, e assigney. Em t.º de verdade. João Alberto de Moraes.»

Era pois a mitra fabriqueira d'esta parochia e obrigada a todas as despezas com o culto, etc.; mas ha muito que todos esses encargos pezam sobre a confraria do Santissimo.

A egreja matriz é hoje um templo regular, muito limpo e decente; n'elle se fazem festas pomposas, e tem muitas e boas alfaias, graças ao zelo e devoção da confraria e dos parochianos, sempre generosos em auxiliar a confraria, mas resente-se ainda do seu primitivo acanhamento, apezar de ter sido reedificada e alargada varias vezes.

A extensão e população d'esta freguezia ha muito que demanda um templo mais vasto, e quando em 1834 foram extinctas em Portugal as ordens religiosas, e ficou devoluto a magnifica egreja dos frades franciscanos, fallou-se em arvoral-a em matriz, com o que muito lucrava a parochia e aquelle venerando templo, mas infelizmente a ideia não vingou; é porém possivel que a troca ainda se effectue, principalmente se a rua Ferreira Borges proseguir em linha recta, segundo o projecto primitivo, até á margem do Douro, porque a matriz actual está no alinhamento d'aquella rua, com a frente voltada para ella, ao sul da dos Inglezes, da qual se acha afastada por um pequeno adro ou atrio, resguardado com grades de ferro; confina ao nascente com a travessa de S. Nicolau, e ao poente com a casa das Escholas que a confraria administra; prende pela rectaguarda com casas da rua da Reboleira, e pelo poente com uma viella de servidão para a sachristia e as novas casas da eschola, e com casas da antiga rua da Ourivesaria, e hoje de S. Nicolau, prestes a sumir-se, porque estas casas devem crescer para o norte até ao alinhamento da nova rua da Alfandega, como a eschola e outro predio que lá se vêem—os unicos que ainda tomaram o novo alinhamento.

Não podemos bem averiguar se quando o bispo D. Fr. Marcos creou esta freguezia, já no local da egreja matriz havia algum templo, ou se foi elle que o mandou construir; é certo porém que a primitiva matriz devia ser um templo bem pequeno, pois da Camara Ecclesiastica (maço unico de Breves de Oratorios e outros documentos) consta que, em 1655, o prelado comprou duas moradas de casas, contiguas á egreja de S. Nicolau, para sobre o chão d'ellas acrescentar a dita egreja «*que era muito pequena.*»

Fr. Manuel da Esperança (na sua *Chronica dos frades menores de S. Francisco*, tomo 1.º, liv. 4.º, pag. 406), diz que no local d'esta egreja matriz de S. Nicolau existia desde tempos remotos uma capella da mesma invocação, e cita uma escriptura de venda, datada de junho de 1247, da qual constava que os leprosos venderam a João Pires uma cortinha (campo) na Ribeira, junto do caminho que hia para S. Nicolau—*perquam veniunt ad Sanctum Nicolaum.*

Foi esta egreja reedificada (e com certeza melhorada e alargada) pelo bispo D. Nicolau Monteiro, aproximadamente em 1671, que mandou tambem reedificar a matriz de Miragaya; e quando logo em seguida ao desastroso incendio que a devorou toda (em 12 d'agosto de 1758) a confraria e os parochianos a restauraram, consta do archivo da con-

fraria que foram construidas de novo as paredes da capella-mór, *com a qual a confraria ainda recentemente havia dispendido sommas fortes.* [1]

Se pois esta egreja ainda hoje é pouco espaçosa, tendo sido, que nós saibamos, reconstruida e accrescentada tres vezes, o que seria a primeira fundação?

E na restauração d'esta egreja, em seguida ao desastroso incendio que a devorou na noite de 12 d'agosto de 1758, perdendo-se tudo o que a egreja tinha de mais precioso, porque no dito dia 12 n'ella se celebrára uma pomposa festividade, não só se fizeram de novo as paredes da capella-mór, mas parte do pano da frente, que ficára em ruinas, e na reconstrucção da frente se alterou o risco anterior, mettendo-se-lhe o oculo que hoje tem, dando para esta obra o prelado 200$000 rs., que a confraria acceitou, mandando esta proseguir com as obras da restauração, decorações, etc., por conta propria, mas declarando que muito espontaneamente tomára sobre si tal encargo, pois que toda a despeza com a restauração devia ser feita pela mitra, como fabriqueira, em harmonia com o estipulado pelo bispo D. Fr. Marcos na escriptura que acima transcrevemos.

E não podemos deixar de consignar aqui um voto de louvor ás mezas que representaram a confraria em tão anormaes circumstancias, pois que sendo por essa epoca muito limitadas as rendas da confraria, tal desenvolvimento deram ás obras, que tendo ardido a egreja, como dissemos, na noite de 12 d'agosto de 1758, sendo removido no dia 13 o Santissimo para a capella de Nossa Senhora, ao Terreiro da Alfandega (a velha), já em 1762 a egreja se achava restaurada, e no dia 19 de setembro d'aquelle anno [1] foi para ella transferido o Santissimo, da capellinha do Terreiro, com grande pompa em procissão imponente, formada por muitos andores e anginhos, grande numero de clerigos seculares e regulares, celebrando-se em seguida na egreja restaurada e ricamente armada, missa solemne, a grande instrumental, na segunda, terça e quarta feira immediatas, concluindo por um solemne *Te Deum.*

E a confraria, honra lhe seja, não se poupou a despezas para que as obras da restauração ficassem perfeitas, quanto possivel, e tanto que havendo mandado fazer o retabulo da capella-mór, e vendo que o artista a quem o encarregára fôra pouco primoroso, resolveu mandar fazer outro retabulo, inutilisando o já feito. Escolheu entre diversos desenhos um do revd.º fr. Manuel de Jesus Maria, do mosteiro da Serra, dos conegos regrantes de Santo Agostinho, por ser aquelle desenho julgado por peritos superior a todos os outros, e annunciada a obra e posta a lanço, houve um artista que se obrigava a fazel-a por 999$000 rs. Foi este o lanço mais favoravel; mas dois benemeritos mordomos — João Martins d'Araujo e José Vieira d'Azevedo — disseram que queriam que a obra se fizesse, não de empreitada, mas a jornal, para que ficasse perfeita quanto possivel, e que se a confraria désse por ella os 999$000 réis, elles se obrigavam (como obrigaram por uma escriptura) a tudo o mais em que a obra importasse, o que a meza agradecida acceitou, em sessão de 23 de fevereiro de 1760, [2] e o retabnlo se concluiu sob a direcção do mesmo auctor do risco, que foi o mesmo que deu tambem o risco para a restauração da frente da egreja.

[1] Foi em sessão de 7 de janeiro de 1751, que a confraria (como se vê de um dos seus livros de Termos e Eleições), para melhor poder armar-se o throno em dias de festa e nas exposições do Santissimo, e para obviar ao derramamento da cêra e ao risco d'algum incendio, resolveu acrescentar a capella-mór, fazendo-a recuar alguns metros sobre o saguão das casas que a confraria possue a seguir com a egreja, e voltadas para a rua da Reboleira.

[1] Era domingo, e 3.º do mez; celebrou-se ainda na capella a festividade do Corpo de Deus n'aquelle dia, com missa cantada, sermão, etc., e em seguida sahiu a procissão, levando a pyxide com as sagradas fórmas o revd.º provisor do bispado.

[2] Foi celebrada esta sessão (talvez de proposito....) na propria casa do juiz da confraria Pedro Pedrossem da Silva, o *celebre argentario Pedro Cem,* que além de nada dar nem offerecer, parece que até fugiu de casa, pois nem assignou a acta....

E mais deram aquelles generosos mesários para as obras da restauração da egreja, pois havendo sido orçada em 500$000 réis a despeza com as paredes da capella-mór, e não podendo no momento a confraria dispôr d'aquella somma, os seis mordomos que então serviam, e de que faziam parte aquelles dois, logo se prestaram a pagar, além das suas mordomias (que então eram de 100$000 rs. cada uma), metade da verba em que fôra orçada a obra; mas como na dita obra em breve se consumissem os 500$000 réis do orçamento, e dissessem tres dos mordomos que se davam por desonerados, e a confraria não tivesse recursos, acudiram logo aquelles dois senhores e mais o devoto Adão José de Azevedo e Silva, e disseram que proseguisse a confraria com as obras até final conclusão, que *elles tres se obrigavam a satisfazer* (como satisfizeram) *metade de toda a despeza*,—além das suas mordomias. Foi isto em sessão de 11 de setembro de 1759, presidida por Pedro Pedrossem da Silva, o lendario *Pedro Cem*, que simplesmente assignou a acta...

Em sessão de 10 de março de 1761, presidida pelo mesmo senhor *Pedro Cem*, outros tres mordomos o envergonharam.

Propoz-se n'aquella sessão que estavam acabadas as quatro imagens (de Santo Antonio, Santo Agostinho, Santo Hilario e a do padroeiro, S. Nicolau) que anteriormente ao incendio da egreja se haviam mandado fazer em Lisboa, e que todos asseveravam estarem perfeitissimas, sendo porém para lamentar que a confraria no momento tivesse o seu cofre esgotado, e não podesse dispôr da avultada quantia de 801$870 réis, em que o artista reputava o seu trabalho...

Reinando o silencio, foi interrompido pelos tres mordomos—Amaro Francisco Guimarães, Domingos Francisco Guimarães e Bento da Costa e Silva—que, além das suas mordomias de 100$000 rs., offereceram para ajuda da acquisição das ditas imagens—os dois primeiros, 100$000 rs. cada um, e o terceiro, 101$870 réis, o que a confraria acceitou com reconhecimento, resolvendo mandar (como mandou) vir de Lisboa as imagens. [1]

[1] São as quatro magnificas imagens que se vêem na capella-mór.

E o celebre argentario, nada deu nem offereceu. Simplesmente assignou a acta.

Tambem n'este mesmo anno de 1761, a confraria mandou vir de Londres 280 vidros, e encarregando a compra a Manuel Rodrigues Lima, natural do Porto, mas que alli residia, elle em vez de 280 mandou immediatamente 300,—declarando que os dava de esmola ao Santissimo.

Em 1764 se comprou um orgão por subscripção, [2] e deu, o juiz da confraria, José Pinto Vieira, 12$800 réis, e o mordomo Vicente Pedrossem—*por elle e por seu pae, o celebre Pedro Cem*—9$600 réis!...

Isto consta da acta da sessão de 5 de fevereiro do dito anno; e da acta da sessão de 20 d'abril de 1766, consta que, tambem por subscripção, se obtivera a somma de 1:151$280 rs., importancia dispendida com o douramento do throno da capella mór, 86 castiçaes para o mesmo throno, encarnação de uma imagem, etc. Alli se consignaram os nomes de todos os subscriptores, e as verbas que deram, e entre os subscriptores, que são muitos, se vê que o abbade Silvestre da Costa Lima deu 48$000 réis,—os dois benemeritos cidadãos e ex-mordomos, aos quaes nos referimos já com louvor—(ambos) 48$000 rs.,—de Pedro *Cem* (Pedro Pedrossem da Silva) e Antonio d'Araujo Ribeiro—(ambos 48$000 réis,—e Gaspar Barbosa Carneiro e João Francisco Guimarães (ambos) 196$000 réis.

Vê-se pois que o desfavor com que é tratado o celebre *Pedro Cem*, no *dramalhão* em que é protogonista, e no romancesinho—*A Vida de Pedro-Sem*, publicado no Porto, em 1873, na typographia de A. J. da Silva, tem tal ou qual fundamento.

Vendo se a confraria do Santissimo d'esta freguezia de S. Nicolau a braços com sérias difficuldades para restaurar a sua egreja e refazel-a de alfaias, pois que tudo fôra reduzido a cinzas, lembrou se de convidar para juiz o grande capitalista, imaginando que elle, impressionado com tão extraordinaria calamidade, contribuiria para a minorar, como lhe era facilimo, com alguma som-

[2] O orgão actual, foi mandado fazer em substituição d'aquelle, no anno de 1800.

ma de vulto; mas quê? Acceitou o cargo e foi juiz mais de seis annos consecutivos em seguida ao incendio, mas atravessou impassivel aquelle periodo, em que a confraria tantos esforços fez para restaurar o seu templo, sem que o demovessem a offerecer quaesquer sommas os repetidos rasgos de generosidade de varios mordomos, membros da meza em que elle era o primeiro, como juiz. Apenas vimos o seu nome em duas subscripções, mas ahi mesmo com desaire.

Era o dito *Pedro Cem* casado com D. Anna Michaella Fraga, e moravam na rua Nova (cremos que a dos Inglezes), n'esta freguezia de S. Nicolau.

Falleceu elle em 9 de fevereiro de 1775, havendo professado na Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade do Porto (em cujo cemiterio jaz), no dia 2 d'agosto de 1717, com seus paes Vicente Pedro e D. Brigida Maria da Silva, que moraram na rua da Reboleira e falleceram — elle em 9 de fevereiro de 1748, e ella em 30 d'agosto de 1747.

Pedro Pedrossem teve (que nos conste) dois filhos—Luiz Pisser, que professou tambem na dita ordem 3.ª em 31 de março de 1719, fallecendo a 3 de dezembro de 1730, e Vicente Pedrossem da Silva, que foi fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro professo da ordem de Christo. Casou com D. Maria do O' de Caminha Ossman (filha legitima de Arnaldo Ossman e D. Maria Quiteria Joaquina de Caminha) e professaram ambos na dita ordem 3.ª no dia 13 de fevereiro de 1774, fallecendo elle em 18 de março de 1806, e ella em 9 de novembro de 1798, havendo morado ultimamente na rua Nova [1]

Tambem cremos que era filho do celebre *Pedro Cem*, o rev.º João Pedrossem da Silva, que foi conego e deão na Sé do Porto, e juiz da confraria do Santissimo, d'esta igreja de S. Nicolau, no anno de 1757 a 1758, como se vê do archivo da mesma confraria e do archivo do cabido.

Tambem da camara ecclesiastica d'esta diocese do Porto [2] consta que Vicente Pedrossem da Silva sollicitára e conseguira do nuncio, breve para ter oratorio particular nas casas da sua residencia, na cidade ou no campo. O breve é datado de 22 de março de 1777, e o regio beneplacito, de 22 de julho do mesmo anno; e na justificação do estylo para poder usar do dito breve, provou com testemunhas, que elle impetrante, era o proprio Vicente Pedrossem da Silva, fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, e que vivia á lei da nobreza, como viveram os seus antepassados.

Suppomos que as casas em que viveu a familia Pedrossem, na rua da Reboleira, são a grande casa ameiada onde esteve o hotel Mary Castro, e que hoje são propriedade do rico negociante d'esta praça, o sr. Francisco Cardozo Valente, e tambem nos dizem que entre outras quintas possuiram a quinta da Penna, em Villar, na freguezia de Massarellos.

Foi Pedro Pedrossem da Silva (o celebre *Pedro Cem)* pai de Vicente Pedrossem, que sollicitou e obteve o breve a que nos referimos acima, e filho de outro Vicente Pedrossem da Silva, que em 1738 sollicitou da nunciatura outro breve de oratorio (camara ecclesiastica do Porto, maço unico) e n'estes termos requereu ao prelado:

«Ex.mo e Rev.mo Sr.

«Diz Vicente Pedrossem da Silva, e seu filho Pedro Pedrossem, moradores na rua da Reboleira, freguezia de S. Nicolau n'esta cidade, que elles, em virtude do breve junto pretendem ter oratorio nas suas casas, em que assistem, e porque não podem usar do dito breve sem licença de V. Ex.ª

«P. a V. Ex.ª lhes faça mercê conceder lhes licença para usarem do breve junto.

E. R. M.»

E o dito breve principia assim:

«Caetano M. Orsini, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, arcebispo de Tarso, prelado domestico e assistente de Sua Santidade, nuncio apostolico n'estes reinos de

[1] V. Livro das admissões da ordem 3.ª de S. Francisco do Porto—L. 1.º, fl. 336, n.º 6:803—6:806, e L. 4.º, fl. 65, v. n.º 15:700—15:707.

[2] Breves de oratorios, maço unico.

Portugal, com poderes de legado *a latere*, etc.

«Por auctoridade apostolica a nós concedida, damos licença para que no oratorio das casas em que morarem Vicente Pedro e seu filho Pedro Pedrossem, moradores na cidade do Porto, se diga missa todas as vezes que lhes parecer, com tanto que etc.»

E a licença do rev.º provisor da diocese tem a data de 14 de outubro de 1742.

—

Que nós saibamos, foi ainda o celebre Pedro Pedrossem da Silva, deputado na 2.ª junta administradora da companhia dos vinhos, creada pelo grande marquez de Pombal, e Vicente Pedrossem, deputado na 6.ª junta, como verificámos pela escriptura d'aquella companhia.

E de um dos livros do registro parochial d'esta freguezia de S. Nicolau consta (a fl. 18) que fallecera no dia 1 de novembro de 1797 Maria Michaela, preta, em casa do sr. Pedrossem, moradora na Reboleira, e do mesmo livro (a fl. 72 v.) se acha registrado o obito de José, preto, escravo de Vicente Pedrossem da Silva, cavalleiro professo da ordem de Christo, morador na rua da Reboleira. Falleceu a 13 de agosto de 1805, e era solteiro e maior de 80 annos.

É pois indubitavel que a familia Pedrossem viveu na rua da Reboleira, n'esta freguezia de S. Nicolau, ainda em 1805.

—

Tambem do mesmo livro, fl 75, consta que aos 28 dias de novembro de 1805 fallecera D. Maria José Cardia Ferrão, mulher do desembargador da relação d'esta cidade do Porto, João de Carvalho Martens da Silva Ferrão, moradores nas suas casas da rua Nova (ou dos Inglezes) n'esta freguezia de S. Nicolau, tendo pouco mais de dezesete annos.

—

Ainda com relação a esta egreja de S. Nicolau consignaremos aqui o que se encontra no Censual da Mitra, feito no episcopado do sr. D. Fr. João Rafael de Mendonça, distincto prelado portuense.

«N'esta freguezia não ha terreno algum que possa produzir dizimos. [1] Os parochos derivam os seus rendimentos dos direitos de estola e pé de altar, ao que accresce a prestação de 10$000 réis com que a mitra contribue para a dita igreja. [2] Esses direitos de estola, entrando em conta todos os seus ramos, e addiccionando-lhes as conhecenças, e os 10$000 réis acima declarados, formam a somma de 443$260 réis, e tal é o rendimento do abbade d'esta freguezia, mas d'esses mesmos rendimentos tem de pagar ao seu antecessor a pensão vitalicia de 320$000 réis, e de dar um ordenado competente ao seu cura coadjutor. Da fabrica e dos concertos da igreja está encarregada a mitra, e pelo que pertence á fabrica da confraria do Santissimo Sacramento, aos paramentos para as suas festividades, á cera e á pompa com que o Senhor é levado aos enfermos, contribue a confraria para isso instituida, mas os seus reditos dependem só da devoção dos freguezes.»

Foram effectivamente e são ainda hoje (1875) bastante limitados os fundos d'esta confraria, mas os parochianos foram sempre generosos em auxilial-a nas despezas a seu cargo, e tanto que sendo muitos annos as mordomias caras, havia empenhos para se obter a nomeação de mordomo d'esta confraria. Eram pois sempre as mesas, formadas por pessoas importantes, e tanto que, mesmo na praça commercial, era tido na melhor conta—*quem fosse mesario d'esta confraria—frequentasse a Juntina—e a casa da Passarola.*

A juntina era uma casa da rua dos Inglezes, onde os primeiros negociantes do Porto costumavam reunir-se e tratar o que mais lhes interessava, antes de fazer-se a actual casa da Bolsa; e a casa da Passarola era de uma senhora por appellido Passarola, que morava na rua de S. Francisco, e que foi

[1] Ainda n'aquella data a freguezia de Santo Ildefonso descia até ao Douro e comprehendia tudo o que é hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, desde os muros dos Guindaes até aos limites de Campanhan.

[2] Estes 10$000 réis eram para o coadjutor, e sobre elles correu o celebre pleito de que fallámos no titulo — *Parochos de S. Nicolau.*

muitos annos a senhora de mais importancia, relações e valimento no Porto. Recebia nas suas salas todas as noites muitas pessoas—*mas unicamente pessoas das mais consideradas*...

A proposito consignaremos aqui que uma das verbas mais importantes na receita d'esta confraria era proveniente do privilegio que ella tinha de dar as rasas para se medir o pão que se vendia ou comprava na cidade, privilegio que acabou já depois de 1834.

—

A circumscripção d'esta freguezia desde 1841, data do ultimo arredondamento da cidade; é a seguinte:

Principia no fortim da Porta Nobre, e segue pela margem do Douro até ao marco do antigo limite de Campanhan, na Corticeira: volta pelos Guindaes e comprehende a Lada, Barredo, ruas de S. Francisco de Borja, Mercadores, S. João, largo de S. Domingos (parte) ruas de Belmonte e Taipas, até ao chafariz, e rua de S. Roque (exclusivamente): desce ao largo de S. João Novo, comprehendendo-o todo, e segue d'alli pelo que ainda resta dos muros da cidade, quasi que em linha recta até ao Douro, ou até ao fortim donde partimos, cortando a rua da Nova Alfandega no ponto onde esteve a Porta Nobre. Os predios das Escadas do Caminho Novo são todos (incluindo os novos) da freguezia limitrophe—Miragaya—porque *todos aquelles predios estavam extra-muros.*

Até 1841 era muito mais restricta a circumscripção d'esta parochia, pois pelo arredondamento da cidade, feito n'aquella data, recebeu da freguezia de Santo Ildefonso tudo o que decorre das Escadas dos Guindaes até aos limites de Campanhan; e da freguezia da Sé algumas casas no alto do Barrêdo; a rua dos Mercadores, da travessa de S. João para cima; toda a rua das Gongostas, e parte da rua e largo de S. Domingos; e da freguezia da Victoria a rua da Ferraria (antiga rua das Rosas...) da rua de D. Fernando para cima; a rua e largo de S. João Novo; toda a rua de Bellomonte, e a parte que tem hoje na das Taipas.

Antes d'este arredondamento tinha esta freguezia de S. Nicolau apenas 844 fogos com 2:659 almas; e antes das expropriações para a rua da Nova Alfandega, contava 1:625 fogos com 7:430 almas, segundo o rol da desobriga, e hoje, pelo mesmo rol, tem 1:400 fogos e 6:500 almas.

A festa do rapazio e outras

No dia 5 de dezembro, vespera da festividade do padroeiro, S. Nicolau, os alumnos da eschola que a confraria administra, unidos a outros muitos, se separavam em grupos, ao declinar da tarde, e percorriam esta freguezia em differentes direcções cantarolando e gritando ao som de campainhas:

Quem dá lenha ou algum pau
P'rá fogueira de S. Nicolau

e desde as officinas de tanoeiro, á Porta Nova e rua dos Banhos, até á Corticeira, faziam grande colheita de barricas e canastras velhas, aparas das tanoarias e carqueija, levavam tudo para a frente da egreja de S. Nicolau, e logo que anoutecia lhe lançavam o fogo, dando-lhe a confraria uma porção de castanhas verdes, e o abbade regularmente um alqueire, lançando-lh'as sobre a fogueira por vezes do alto da egreja, desenvolvendo-se logo entre o batalhão de rapazes, que já se achava postado em volta da fogueira, grande barulho e uma algazarra de insurdecer, com muitos tombos e chamuscadellas aos disputarem uns aos outros a colheita das castanhas cruas, assadas e algumas por fim queimadas, terminando o magusto por uma sementeira horrivel de brazas, cinza e tições, que punha sempre em alarma os transeuntes e visinhos.

Era este o maior alegrão dos rapazes d'esta freguezia, e durou d'esde tempo immemorial aproximadamente até 1855.

No dia seguinte, 6 de dezembro, celebrava-se com grande pompa a festividade do padroeiro, por uma confraria propria, que ha annos se extinguiu, e com ella a grande festividade.

Hoje n'esta egreja as festas principaes são — Corpo de Deus, — Endoenças, — Se-

nhora da Boa Nova, — Santo Eloy — e S. Vicente — sendo tambem notavel e imponente quasi todos os annos, a ministração do Santissimo aos enfermos, por desobriga.

Ha tambem n'esta egreja outras festividades menores, sendo uma a de Nossa Senhora do Pilar, a 15 d'agosto, e a expensas da familia Pacheco Pereira, em cumprimento de um antigo legado.

Em um altar collateral d'esta egreja, do lado da Epistola, foi collocado no dia 21 de dezembro de 1785 o corpo de S. Vicente martyr, que Thomaz da Rocha Pinto, cavalleiro da Ordem de Christo e rico negociante, mandára vir de Roma com grande pompa — á sua custa.

Procissão do Corpo de Deus com relação a esta freguezia

O itinerario da procissão de *Corpus Cristi* tem variado muito, e n'esta data reclama alteração radical. Até 1560 ia alternadamente um anno fóra da cidade «a huuma egreja do Oraguo de Santo Ylefonso, que esta em huu campo, e ali collocavam o Santissimo Sacramedto debaixo de huu carvalho,» durante o sermão; outro anno ia á egreja de S. Pedro de Miragaya, e por ser pequena collocavam o Santissimo Sacramento á porta, debaixo de uma vela[1], pelo que a rainha D. Catharina, ordenou que a dita procissão se dirigisse ao convento de S. Domingos ou ao de S. Francisco, como se vê de uma carta regia (log. cit.) com data de 30 de Maio de 1560.

E por aquelle tempo dava tambem, não sabemos que voltas, pela Ribeira (então da freguezia da Sé e hoje d'esta freguezia de S. Nicolau) o que determinou o bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes a pedir a S. M. que a dicta procissão não descesse á Ribeira, por ser local immundo, e seguisse pela rua Nova (rua dos Inglezes, n'esta freguezia de S. Nicolau) áo que attendendo S. M. (Philippe II, o Demonio do Meio Dia...) houve por bem dirigir á Camara do Porto a carta, escripta em Aranjuez a 15 de maio de 1607, cujo theor é o seguinte:

«Juis Vereadores e Procurador da Camara da Cidade do Porto Eu El-Rey vos envio muito saudar. Dom Frey Gonçalo de Moraes, Bispo dessa Cidade, me enviou dizer por sua Carta, que na Procissão, que ahi se faz pola festa de Corpus Christi, se leva o Santissimo Sacramento em huma Charola tam pezada, que com a levarem sacerdotes, vay com muita indecencia, por ser necessario irem a pedaços correndo com ella, e que das jenellas deitão moedas com que podem quebrar as vidraças onde vay o Santissimo Sacramento, allem de ser isto contra o que manda o Ceremonial de Sua Santidade, que he, que o Santissimo Sacramento se leve debaixo do palio; *e que a ditta Procissão vay pola Ribeira, onde se vende o pescado, e ha muitas imundicias, e por outras ruas indecentes*[1] podendo ir pola rua nova, por ser a melhor dessa Cidade; e que para se dançar ás portas de alguas pessoas particulares, se faz em muitas partes deter a procissão, com grande indecencia, e que posto que elle, como Bispo podia emendar estas couzas, me pedia mandasse eu ordenar como se fisesse; e dezejando eu que nas desta qualidade se proceda com o respeito e decencia devida Hey por bem» no que toca o primeiro ponto, que se cumpra o Ceremonial; e em quanto aos outros dous pontos «me parecer o que o Bispo diz bem considerado, e com tudo me não quiz resolver nisso, sem primeiro vos ouvir» porem terei particular contentamento, de que não se vos offerecendo sobre isto duvida de consideração, vos conformareis com o Bispo, e quando vos parecer outra cousa, me avisareis logo das rasões que para isso tiverdes. Escripta em Aranjuez a 15 de Maio de 1607 — Rey — Affonso Furtado de Mendonça.»

Liv. 4.º de Proprias Provisões da Camara do Porto f. 194.

Em resposta áquella Provisão regia, a Camara fez ver a S. M. o grande desgosto que sentiriam os moradores das ruas por onde

[1] Livro 1.º de Proprias Provisões da Camara do Porto f. 187.

[1] Bem indecentes são parte das ruas que ainda hoje (1875) percorre, taes são as de S. Crispim, Santa Anna e Escura!...

costumava seguir a procissão, se se alterasse o antigo itinerario; ao que attendeu S. M. na Provisão de 18 de Maio de 1608, dirigida à Camara, na qual, entre outras couzas diz: «e porque se não receba desconsolação nessa Cidade da Procissão *não passar pelas ruas costumadas*, escrevo eu ao Bispo que nisto se não altere cousa alguma.[1]

Prevaleceu ainda por então o respeito ás velharias e a procissão continuou a ir á Ribeira, mas ha muito que da rua dos Mercadores segue em linha obliqua para a rua Nova dos Inglezes, e d'ahi para a Cathedral *ainda pela rua das Congostas* (prestes a desapparecer,) — Largo de S. Domingos, rua das Flores, rua do Loureiro, e rua Chan.

Abbades de S. Nicolau

1.º — *André Fernandes* — 1583.

2.º — *Jeronymo Fernandes* — 1602.

3.º — *Diogo Gaspar* — 1605. Obteve a egreja por permuta, estando n'ella dois annos, e passando já dos 70 de idade, resignou no immediato, reservando para si a pensão annual de 20$000 reis. A egreja rendia por então 90$000 reis aproximadamente.

4.º — *Domingos Saraiva*, Natural de Frechas, concelho de Trancoso, bispado de Viseu. Filho de Lourenço de Saraiva e de Suzana Gaspar. Collou-se a 29 de agosto de 1606, sendo provido pelo papa, e vindo a bulla commetida ao prelado da diocese, que então era D. Jeronymo de Menezes. Falleceu em abril de 1643, tendo obtido por bulla apostolica para seu sobrinho Francisco Saraiva Aranha, 30$000 reis de pensão annual, imposta sobre os rendimento da egreja.

5.º — *Antonio da Fonseca da Cunha* — Provido na abbadia por concurso, perante o cabido, *sede vacante*, e confirmação pontificia. Este abbade era natural do bispado de Coimbra. Os reditos da egreja eram por então 110$000 reis, e este abbade acceitou a collação com o onus de 30$000 reis, reservado para Francisco Saraiva Aranha. Depois, reservando para si a pensão de 60$000 reis, resignou no seu successor.

6.º — *Luiz Alvares Soares* — Clerigo *in minoribus*, natural d'esta cidade, filho de Gaspar Alvares e Izabel Antonia, moradores na rua das Congostas. Collou-se, acceitando a obrigação da pensão de 60$000 réis para o seu antecessor, e a de 30$000 réis para Francisco Soares Aranha, segundo a determinação de Domingos Saraiva. Collou-se, *sede vacante*, em 18 de novembro de 1645.

Appenso aos autos da collação d'este parocho, se encontra na camara ecclesiastica da diocese, um processo curioso a que elle deu principio, em janeiro de 1650, pedindo coadjutor, e que terminou em 1681, sendo abbade d'esta egreja o rev. Manuel Mendes Vieira, que foi quem pagou as custas.

Em resumo é o seguinte:

Lembrou-se o abbade Luiz Alvares, de pedir um coadjutor, e n'este sentido dirigiu, com data de 8 de janeiro de 1650, um requerimento ao Cabido, *sede vacante*, allegando, entre outras coisas, que a freguezia de S. Nicolau contava cerca de 3:000 almas, população superior á das freguezias de Miragaya e de Villa Nova de Gaya, juntas, e que tendo coadjutores os parochos d'estas freguezias e d'outras d'egual população, justo era que fosse tambem dado coadjufor a elle supplicante, mesmo porque não podia elle só, satisfazer ao movimento e exigencias do serviço parochial, pois por vezes se pedia o Sagrado Viatico para pontos diversos ao mesmo tempo, e ainda recentemente em uma noite sahira duas vezes a ministrar o Sagrado Viatico, roubando lhe muito tempo o serviço da secretaria e a ministração nos baptismos, casamentos, etc. Que ao Prelado cumpria dar-lhe o coadjutor, por isso que o bispo D. Frei Marcos, quando creou as freguezias da Victoria, S. João de Belmonte e esta de S. Nicolau, por escriptura lavrada na nota do tabellião Ruy de Couros, se obrigou a todos os encargos das ditas parochias por elle erectas, conservação, reparação e mesmo restauração das respectivas matrises, etc. de modo que das novas parochias jámais em tempo algum adviessem novos encargos para os seus parochianos.

[1] Liv. 4.º de Poprias Provisões da Camara do Porto f. 198.

Mandou o cabido ouvir o Promotor do Bispado, e este se oppoz á concessão, dizendo que estranhava a lembrança do supplicante, pois nenhum outro parocho d'esta egreja, desde a sua creação, havia pedido coadjutor, e que era aforismo de direito — *Nihil inovetur Sede vacante;* — indo porém os autos conclusos ao cabido, mandou este, com data de 7 de fevereiro de 1650, se desse coadjutor ao supplicante e que, na fórma requerida, lhe fosse consignada nas rendas da meza pontifical ou da mitra, a somma annual de *vinte cruzados*, que era quanto dava a mitra a outros coadjutores.

Passados cêrca de 29 annos (em 6 de Dezembro de 1678) appellou o procurador da mitra para a metropole braccarense—*jurando ao Santos Evangelhos que havia menos de dez dias que elle procurador tivera noticia do despacho do cabido, nomeando o coadjutor em questão...*

E logo requereu o dito procurador ao prelado, dizendo que pretendia obrigar os abbades de S. Nicolau e Nossa Senhora da Victoria, a desistirem do pleito, e a desonerarem a mitra, e que sendo n'aquella data vigario geral do bispado, o rev. doutor Hilario da Rocha Calheiros, abbade de S. Nicolau, pedia ao prelado nomeasse outro vigario geral no processo; ao que o prelado (D. Fernando Correia de Lacerda) deferindo, nomeou juiz na causa o rev. licenciado, Luiz de Moraes, promotor da diocese.

Foi a appellação recebida na metropole pelo doutor Christovão Pinto Bandeira, desembargador da relação da côrte de Braga e vigario geral n'ella e em toda a archidiocese no espiritual e temporal pelo Ex.mo Sr. D. Luiz de Sousa, bispo primaz das Hespanhas, Senhor de Braga, do conselho de estado de el rei e seu embaixador extraordinario na curia romana.

Correu o processo seus termos; e mandando o dito sr. vigario geral passar cartas citatorias para ser intimado n'esta cidade do Porto o rev. Abbade de S. Nicolau (ao tempo Manuel Mendes Vieira) a fim de que, passados seis dias depois da citação, comparecesse n'aquelle juizo, sob pena de ser julgado á revelia, o dito abbade constituiu em Braga procurador, e lhe deu instrucções e auctorisação para desistir, como desistiu, resalvando os direitos dos seus successores, do que se lavrou termo, que o dito sr. vigario geral julgou por sentença, em data de 5 de julho de 1681, mandando que o appellado desistente pagasse as custas nas duas instancias (Porto e Braga)—o que tudo montou á importante somma de *quinhentos e vinte e sete réis?!*

O abbade Luiz Alvares Soares, reservando para si a pensão annual de 47 ducados, resignou no seu successor.

—

7.º — *Martinho Pinto Carneiro.* Obrigou-se este á dita pensão de 47 ducados para o resignatario, á de 62 ducados para o ex-abbade Antonio da Fonseca da Cunha, — e á de outros 47 ducados, já imposta n'este beneficio em favor do rev. Francisco Saraiva; e n'estes termos obteve bulla pontificia com data de 7 de Maio de 1675.

Falleceu o abbade Martinho Pinto Carneiro a 18 d'agosto de 1675 e lhe succedeu:

—

8.º — *O doutor Hilario da Rocha Calheiros*, que já era provisor do bispado, e ainda *clerigo in minoribus*, natural das Caldas da Rainha, no arcebispado de Lisboa, filho legitimo de Antonio da Rocha e Beatriz da Fonseca.

Foi apresentado n'esta abbadia, por provisão do sr. D. Fernando Correia de Lacerda, bispo da diocese, em data de 26 d'agosto de 1675, collando-se em 30 do mesmo mez e anno. Reservando para si a pensão annual de 65:000 réis, resignou, tendo 34 annos de idade, no seu successor.

—

9.º — *Manuel Mendes Vieira*, que pela bulla que impetrou de S. Santidade, se obrigou á pensão de 65:000 rs. para o seu antecessor, pensão para a qual foi consignada na bulla, a de 54 ducados e meio, que elle Manuel Mendes Vieira reservára na egreja de Santa Marinha do Zêzere, da qual fôra abbade, — mais 46 ducados sobre uma bacharelaria da Sé, o que tudo, em moeda então corrente, montava á cifra de 65:000 réis; e além d'isto se obrigou a pagar ao rev. Francisco

Saraiva, a antiga pensão de 30:000 réis, com que estava onerado este beneficio.

Collou-se a 13 de janeiro de 1679. Era natural da freguezia de S. João de Luzim, filho legitimo de Manuel Ferreira e Catharina Vieira. Renunciou no seu successor:

—

10.º — *Valerio Alvo Pereira*, que fôra abbade de S. Mamede de Guisande, concelho da Feira, d'este bispado do Porto. Falleceu a 25 d'abril de 1723.

—

11.º — *O doutor Antonio de Deus Campos*, promotor da diocese, foi apresentado n'esta abbadia pelo cabido, *sede vacante*, em 19 de junho de 1723, precedendo concurso e exame.

Da Camara Ecclesiastica não consta quando falleceu, nem quem foi seu successor, e o primeiro de que alli se acha nota é o seguinte:

—

12.º — *O dr. Silvestre da Costa Lima*, abbade de S. Nicolau, morador em Cima do Muro, falleceu em 11 de julho de 1790, e succedeu-lhe:

—

13.º — *O dr. Theodoro Pinto Coelho de Moura*, natural da freguezia de Santa Marinha de Lodares, dezembargador da curia ecclesiastica e provisor interino da diocese; foi apresentado n'esta abbadia pelo bispo D. Fr. João Raphael de Mendonça, por provisão de 9 de Setembro de 1790, e collou-se em 4 d'Outubro do dito anno.

Era filho de Antonio José Camello e Angela Maria Pinto.

Reservando para si a pensão annual de 320$000 réis, e por sua morte, uma de réis 80$000 em favor de Francisco Coelho Soares, clerigo *in minoribus*, da dita freguezia de Lodares—e outra de 80$000 réis para o irmão d'este—Bernardino Coelho Soares da Silva e Moura, ambos sobrinhos d'elle, abbade, Theodoro Pinto Coelho de Moura, renunciou no seu successor. (Vide *Lodares*).

—

14.º—*Domingos Luiz Pinto Coelho*, irmão do resignatario doutor Theodoro, o qual, sendo já conego prebendado na Sé, provisor do bispado e desembargador da curia, cedeu 120$000 réis da pensão de 320$000 réis que devia dar-lhe seu irmão, abbade actual, ficando assim a dita pensão reduzida a 200$000 réis certos.

Collou-se o rev.º Domingos Luiz Pinto Coelho em 4 de maio de 1798.

—

15.º—*Francisco Diogo de Souza Souto*, clerigo *in minoribus*, natural da freguezia de Santo Ildefonso, (Porto) famulo do sr. D. João de Magalhães e Avelar, que o apresentou n'esta abbadia por provisão de 30 de junho de 1831, em seguida ao fallecimento do abbade Domingos Luiz Pinto Coelho, com a reserva de duas pensões de 72$000 réis cada uma, para dois ecclesiasticos pobres, que s. ex.ª mais tarde nomearia.

Collou-se a 20 de agosto de 1831. Era filho legitimo de João Diogo de Souza Souto e D. Angelica de Souza Souto.

Por haver sido apresentado, reinando o sr. D. Miguel I, foi suspenso em virtude de medidas geraes, mas por alvará de S. M. a sr.ª D. Maria II, com data de 4 de maio de 1833, foi reintegrado com a condição de prestar, como prestou (em 12 de maio de 1843), juramento de fidelidade ao novo governo, perante o ordinario da diocese. Era ao tempo governador interino do bispado, o dr. Antonio Navarro de Andrade, deão da Sé Cathedral.

—

16.º—*Ignacio José de Macedo*, presbytero secularisado, natural da freguezia de S. Vicente de Alfena, n'este bispado do Porto. Foi apresentado n'esta abbadia por decreto de 12 de setembro de 1833, assignado por S. M. Imperial, o sr. duque de Bragança, regente em nome da rainha, a sr.ª D. Maria II, sua filha, sendo bispo eleito do Porto o sr. D. Fr. Manuel de Santa Ignez, que dispensou o exame synodal e as demais formalidades do estylo, *attentas as circumstancias que se davam no agraciado*... e o collou em 22 de outubro de 1833.

Dos autos das collações não consta por que titulo vagou ou se deu por vaga esta abbadia, para ser n'ella apresantado o rev.º Ignacio José de Macedo, assim como tam-

bem não consta dos autos quando este parocho falleceu, ou que destino lhe deram.

—

17.º—*Bento da Silva Leite.*

Por decreto de 26 de fevereiro de 1834, foi transferido para esta abbadia de S. Nicolau, o reitor do Arcozello, D. Theotonio Marinho; mas por outro decreto de 2 de abril do mesmo anno, foi aquelle declarado sem effeito, e apresentádo n'esta egreja o rev.º Bento da Silva Leite, presbytero secular, que já estava servindo como parocho encommendado, a mesma igreja.

Era filho legitimo de Luiz da Silva Leite e Thomazia Maria de Jesus, todos d'esta freguezia de S. Nicolau; e o decreto que o apresentou n'esta abbadia, era assignado por S. M. Imperial o duque de Bragança, como regente, em nome da rainha a sr.ª D. Maria II.

Collou-se em 5 de dezembro de 1834, sendo bispo eleito o mesmo sr. D. Fr. Manuel de Santa Ignez.

—

18.º—*Faustino Gualberto Lopes*, egresso da já extincta congregação dos agostinhos reformados, foi por morte do seu antecessor, Bento da Silva Leite, transferido, como encommendado da egreja de Santa Maria de Golpilhares, para esta de S. Nicolau, por portaria da sr.ª D. Maria II, com data de 12 de janeiro de 1836, tomando posse em 30 de janeiro do mesmo anno.

Este presbytero, como disse no requerimento que dirigiu a S. M., havia pouco antes regressado da ilha do Principe, para onde havia sido degredado por adhesão aos principios liberaes, foi co-reo dos infelizes justiçados na Praça Nova, e passou no degredo cinco annos.

19.º — *D. Francisco da Piedade Silveira Mourão*, natural da villa de Lalim, junto a Lamego, foi conego regrante de Santo Agostinho,[1] cartorario e procurador geral do convento de Grijó, comarca do Porto, abbade de S. João do Monte e depois abbade de Cannas de Senhorim e Truxêda, na Beira, e por ultimo abbade de S. Nicolau, n'esta cidade do Porto; pessoa de muita illustração, muita virtude e muitas sympathias, sempre estimado e considerado pelos seus parochianos, e tanto que não ha n'esta freguezia de S. Nicolau memoria de parocho algum para quem os parochianos fossem mais generosos por occasião do folar. Só na rua nova de S. João, recebia mais de cem mil réis, pois os principaes negociantes costumavam dar-lhe de folar uma peça de oito mil réis.

Parece que a este digno abbade se referia já o nosso Camões, quando escreveu estes versos:

«Não nego que ha comtudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentam a nobreza que lhes fica.»

[1] Tomou o habito no convento de Santa Cruz de Coimbra, em domingo de Paschoa, 10 d'abril de 1803, e no mesmo convento professou em 12 d'abril de 1804; — matriculou-se no curso dos estudos superiores da Ordem, a 20 d'Outubro de 1804, e completou-o, sendo premiado em todos os annos. Em 1811 passou para o convento de Grijó, da mesma Ordem, e alli foi mestre de noviços.

Nasceu em Lalim, a 27 de março de 1788, e foi baptisado, a 6 d'abril do mesmo anno, por seu tio o revd.º Francisco da Silveira Athaide e Vasconcellos, sendo seus padrinhos os seus tios Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos e D. Maria Xavier Pereira de Castro.

Apresentou-o n'esta egreja de S. Nicolau, a sr.ª D. Maria II, por decreto de 27 de julho de 1848—decreto honrosissimo, no qual se mencionam os relevantes serviços por elle prestados á Egreja e ao Estado, de longos annos, e no magisterio que exerceu n'esta diocese do Porto, ensinando philosophia, theologia moral, grego, etc.

Temos sob as mãos dois trabalhos litterarios de merecimento, publicados pelo sr. D. Francisco da Piedade Silveira — uma «*Dissertação Canonico-Theologica sobre o estado das Ordens Terceiras seculares, depois da extincção das Ordens regulares n'este reino, relativamente á sujeição aos ex.mos Ordinarios*» (Porto, typographia Commercial, 1852); — e «*Reflexões Canonicas e Moraes sobre a resposta da commissão administrativa da Ordem Terceira de S. Francisco da cidade do Porto, relativamente á representação que ao ex.mo sr. Bispo d'esta diocese dirigiu o abbade da freguezia de S. Nicolau*» — que era o mesmo sr. D. Francisco da Piedade Silveira. (Porto, 1859.)

pois era o sr. D. Francisco da Piedade Silveira Mourão, filho legitimo de Francisco Mourão de Miranda Homem e de D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, fidalgos distinctos, como mostraremos em breves traços genealogicos.

ASCENDENCIA PATERNA DO SR. D. FRANCISCO DA PIEDADE SILVEIRA MOURÃO

João Martins Mourão, natural da villa de Lordéllo junto a Villa Real de Traz os Montes, teve entre outros filhos

Martim Mourão, que casou junto a Lamego, com D. Brites Nunes Homem d'Albuquerque, senhor da quinta de Villa de Rei, e teve entre outros filhos

Lourenço Mourão Homem, doutor e lente de canones na universidade de Coimbra, desembargador do paço, pessoa de muita illustração e muita auctoridade, de que deu provas, prestando relevantes serviços aos seus conterraneos quando principiou o negro periodo da dominação hespanhola.

Dotou o convento de Santa Cruz, de Lamego (que foi de frades loyos, e que é hoje quartel militar) com a sua quinta de Villa de Rei e outras terras,—mandou fazer á sua custa, na egreja do dito convento, a capella-mór, na qual foi sepultado, em tumulo que ainda lá se vê na parede, do lado do Evangelho, com a seguinte inscripção:

DUM VITA COMES JURA DABUM;
NUNC CONDITUS HOC PARVO TUMULO
HORRIDA MORTIS JURA FERO.

Assistiu ao 2.º concilio provincial de Lisboa, onde falleceu em fevereiro de 1608, e teve de D. Joanna de Mello, distincta fidalga da côrte, um filho natural, que legitimou.

Francisco Mourão Homem, que foi senhor da quinta das Cans, junto á Regoa, magnifica propriedade entre o Salgueiral e a ponte de Jugueiros, e que foi cortada pela estrada a *mac-adam*, dando o governo, *só pela expropriação da parte que o leito da estrada tomou, — cêrca de oito contos de réis!*

Casou em Britiande, com D. Maria de Sá Taveira, filha unica de Jeronymo de Sá Taveira, senhor do morgado de Nossa Senhora da Assumpção, de Britiande, e teve

Franscisco Mourão Homem, senhor do dito morgado. Vivia em Britiande, onde casou, na casa de S. Sebastião, com D. Vicencia de Miranda, e teve

João de Sá Miranda Homem, senhor dos ditos morgados.

Casou na quinta de Ferreirim, com D. Ursula de Seixas Cabral, filha unica e herdeira de Antonio de Sequeira e de D. Brites de Azevedo, e teve

João Mourão de Miranda Homem, senhor dos ditos morgados.

Viveu na sua quinta de Ferreirim; casou com D. Joanna Lobato Pinto de Queiroz, filha de Gaspar Pereira de Castro, da Villa da Feira, e de D. Bernarda Guedes de Queiroz, da casa de Sarnadéllo, e teve entre outros filhos, Antonio Mourão de Miranda Homem, que foi coronel no exercito da India, fidalgo cavalleiro da casa real e cavalleiro professo da Ordem de Christo, *com trezentos mil réis de tensa annual*, e

José de Sá Pereira de Castro Mourão, senhor dos ditos morgados.

Viveu em Britiande, onde casou com D. Joanna Clara d'Almeida, de quem teve cinco filhos que morreram todos solteiros: e naturaes (que legitimou) entre outros, de D. Luiza Pereira Monteiro.

Francisco Mourão de Miranda Homem, que succedeu na casa de seus paes.

Viveu em Lalim, e casou com D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, filha de Carlos Manuel da Silveira Athaide e Vasconcellos, de Armamar, e de D. Maria Josepha, de Angorez, em Samodães, e teve entre outros filhos

1.º — D. Francisco da Piedade Silveira Mourão, abbade penultimo de S. Nicolau.

2.º — D. Joanna Maxima da Silveira Mourão, que casou em Tuzende, junto a Villa Real, com Daniel Cabral de Moraes, (d'estes fallaremos em seguida.)

3.º — D. Felicia Felisberta de Sá Taveira Mourão, que casou com Luiz de Mello Pitta Ozorio Freire, doutor pela Universidade de Coimbra e fidalgo cavalleiro da casa real, e teve entre outros filhos — Luiz de Mello Pitta, major de regimento d'infanteria n.º 14, um dos officiaes mais dignos e mais valentes do nosso exercito — cavalleiro de diversas ordens e commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

—

D. Felicia Felismina de Mello Pitta da Silveira, que casou com seu primo Joaquim da Silveira Cabral, de Tozende. Fixaram a sua residencia, ha annos, em Angorez, (freguezia de Samodães) no casal que, com outros, herdaram de seu tio, Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos, e teem seis filhos, todos ainda solteiros, — Francisco, Antonio e Duarte, — D. Maria Amelia D. Maria das Dores e D. Anna.

Ascendencia materna do sr. D. Francisco da Piedade Silveira Mourão

Amador Aranha de Vasconcellos, natural do Porto, casou com D. Brites de Azevedo. Sendo despachado para Angola, levou comsigo a mulher, e teve Ignacio Rebello de Vasconcellos, que por morte de seu pae ficou em Angola, onde estabeleceu casa, e foi capitão-mór de S. Paulo de Loanda, e

—

Pantaleão Rebello, que foi capitão de mar e guerra, governador da fortaleza de Ambaca, no reino de Loanda, fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro professo do ordem de Christo.

Casou em Lisboa com D. Marianna da Silveira, filha de Luiz da Silva Carvalho, natural de Armamar, cavalleiro professo da ordem de Christo, e mestre de campo, na guerra da acclamação, — e de D. Luisa da Silveira Athaide, filha do capitão de infanteria, Francisco da Silveira, fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo, — e de sua mulher D. Theresa de Athaide, filha natural de D. Diogo de Athaide, conde da Castanheira.

E do seu consorcio com D. Marianna da Silveira, teve Pantaleão Rebello—Francisco Rebello de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo e mestre de campo,—D. Luisa Antonia Onofre de Athaide e Vasconcellos, que casou com João de Sequeira Varejão, senhor de Parrotes, do morgado de Benafita, e administrador da capella de S. Mamede, em Evora, commendador da commenda de S. Domingos de Marecos e Santa Maria Magdalena de Aldeia Rica da ordem de S. Thiago, na qual era tambem cavalleiro professo, — e

Luis da Silveira de Carvalho, que casou em Lamego, com D. Maria C. de Vasconcellos, de quem teve só uma filha, que morreu creança, e viuvando, passou a segundas nupcias com D. Violante Garcez da Fonseca Coutinho, da villa de Castello Rodrigo, filha de Antonio Garcez da Fonseca, que foi capitão de cavallos na guerra da acclamação, e de sua mulher D. Catharina de Gouveia Aguilar; — neta paterna de Jorge Garcez da Fonseca e D. Maria da Cunha Falcão; — bisneta paterna de Alvaro da Fonseca (e de sua 3.ª mulher D. Violante Garcez) ao qual Philippe II, de Hespanha, quando tomou posse de Portugal, fez capitão general e concedeu muitas honras e mercez.

— 3.ª neta paterna do grande Diogo da Fonseca e de sua mulher, D. Joanna Martins Guedêlha, dama do paço de el-rei D. João II, que foi quem appellidou *grande* ao dicto Diogo da Fonseca, quando viu que este de um só golpe cortou a cabeça a um touro;[1]

— 4.ª neta de *Izuro Diniz* e de sua mulher D. Beatriz da Fonseca;

— 5.ª neta de Affonso Vaz da Fonseca e de sua mulher Maria Lopes Pacheco;

— 6.ª neta de Vasco Fernandes Coutinho, de quem foi filho mais velho, o grande Gonçalo Vaz Coutinho, 1.º conde de Marialva.

[1] Foi Diogo de Sousa militar destincto e exerçeu altos cargos no Paço de D. João II, que lhe deu varios senhorios e honras.

E do seu consorcio com D. Violante Garcez da Fonseca Coutinho teve Luiz da Silveira de Carvalho, entre outros filhos.

Carlos Manuel da Silveira e Vasconcellos, que casou em Angorez, freguesia de Samodães, com D. Maria Josepha, e teve.

—Francisco da Silveira e Vasconcellos, que foi padre;

—Carlos da Silveira e Vosconcellos, que tambem se ordenou;

—Pedro da Silveira Athaide e Vasconcellos, que foi major do regimento de infanteria n.º 12 de Chaves, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e provedor da antiga companhia dos vinhos do Alto Douro; [1]

—D. Joaquina da Silveira Athaide e Vasconcellos, que casou na villa de Lalim, concelho de Tarouca, com Francisco Mourão de Miranda Homem, e teve, entre outros filhos, como já dissemos, o sr. D. Francisco da Piedade da Silveira Mourão, penultimo abbade d'esta freguezia de S. Nicolau, que falleceu n'esta freguezia, no dia 4 de agosto de 1859.

—

20.º—*Antonio Joaquim Soares*, egresso benedictino e abbade de Gondalães, n'este bispado do Porto, foi apresentado n'esta egreja de S. Nicolau, por decreto de 6 de junho de 1860, e collou-se a 6 de julho do mesmo anno.

E' o parocho actual. Nasceu na freguezia de S. Martinho, na cidade de Penafiel, em 1814, professou no convento de Tibães, e viveu algum tempo no de Santo Thyrso.

Tem sido um dos mais fecundos oradores do nosso paiz, e é hoje um dos padres mais ricos da diocese.

[1] Casou em Relvas, freguezia de Parada de Cunhos, junto a Villa Real de Traz-os-Montes, com D. Maria Delfina de Azevedo Cardozo Cabral Girão, filha de Manuel de Azevedo Teixeira e D. Josepha Bernarda de Azevedo Coutinho;—neta paterna de Antonio de Azevedo Neves e D. Isabel Teixeira Cabral, e materna de Bernardo de Azevedo Coutinho Avellar e D. Thomazia Thereza Girão, da quinta do Testamento, freguezia de S. Martinho de Mouros, no bispado de Lamego.

Pedro da Silveira e D. Maria Delfina, não tiverão successão.

Ruas d'esta freguezia

Hoje as ruas principaes d'esta freguezia de S. Nicolau são—a dos Inglezes, que já se denominou — *rua Nova* — e *rua Formosa*, mandada abrir por D. João I, que se comprazia em a denominar a sua *rua Formosa*, posto que foi feita pelo senado do Porto, que com ella dispendeu cerca de oito contos de réis, somma importante n'aquella epocha [1]

Esta rua ainda hoje (1875) é uma das mais largas e mais bonitas do Porto, muito plana, com dois renques de arvores, que muito a embellesam, e toda povoada de magnificos predios, com grande numero de escriptorios commerciaes e agencias de bancos e companhias nacionaes e estrangeiras. N'esta rua costumam reunir-se diariamente a maior parte dos negociantes e correctores, e n'ella se fazem a maior parte das transacções

[1] Foi aberta esta rua de 1400 a 1410. Ainda em 1406 não estava concluida, como se vê do accordo entre el-rei D. João I e o bispo D. Gil Alma, com relação ao senhorio do Porto, contracto que foi reduzido a escriptura, assignada em Santarem, no dia 13 de abril de 1406. Por este contracto, o bispo cedeu ao rei toda a jurisdicção e direito que tinha na cidade, pela pensão annual de 3:000 libras da moeda antiga, que a 36 réis cada libra, montavam a 108$000 réis; e para o pagamento d'esta quantia, assignava el-rei o rendimento de todas as propriedades que tinha no Porto, e quando elle não bastasse, o da alfandega, até que se acabassem «*as nossas casas, que mandámos fazer na dita cidade, no logar que chamam rua Formosa,*» das quaes, depois de aforadas, se dariam ao bispo tantas libras quantas bastassem para o dito pagamento. E' preciso que se saiba (Arnaldo Gama, *Ultima Dona de S. Nicolau*, pag. 415, not. 2.ª) que, apesar de el-rei chamar ás casas *suas*, dizer que as mandára fazer, e contractar em seu nome com o bispo, a verdade era, serem as casas feitas á custa da cidade, pela propria deliberação d'ella, e já com este mesmo fim; e que a rua Formosa, actualmente rua dos Inglezes, custou á gente do Porto 50:000 dobras, pouco mais ou menos 7:500$000 réis da moeda actual, despeza para que el-rei não deu nem mealha.»

do commercio portuense, pelo que se denomina vulgarmente *Praça do Commercio*—quando a praça do Commercio propriamente dita, é a casa ou palacio da Bolsa, de que fallaremos mais de espaço, e que fica á entrada da rua Ferreira Borges, hindo da rua dos Inglezes.

Não menos importante do que esta é a rua de S. João, mandada fazer por D. João de Almada e Mello [1] e que vae da Ribeira até ao largo, ou antes, rua de S. Domingos.

Ha n'esta rua de S. João grande movimento sempre, e muito extraordinario nas terças feiras e sabbados de todo o anno. Todas as lojas d'esta rua são estabelecimentos commerciaes de primeira ordem—por junto e a retalho

Em quanto a movimento commercial, merecem tambem especial menção os arcos da Ribeira, desde a ponte pensil até á entrada da rua de S. João, e a mesma Ribeira, nomeadamente o caes dos Guindaes, a E. da ponte pensil, por ser aquelle o caes onde atracam os barcos do Douro, que abastecem o Porto de muitos artigos, e especialmente de uvas, castanhas, batatas e fructas saborosissimas, de que o Porto é farto e mimoso como poucas cidades do mundo.

E não fallo aqui dos preciosos vinhos do Alto Douro, orgulho de Portugal e inveja de todas as nações, porque esses vinhos, apenas tocam nos Guindaes, para serem registrados e pagarem os impostos; mas seguem para Villa Nova de Gaya, onde são armazenados, formando alli um deposito permanente de muitas mil pipas, no valor de milhares de contos de réis.

É tambem notavel na baixa d'esta freguezia, a rua da Nova Alfandega, em continuação da rua dos Inglezes. Tem ainda poucas casas, mas é espaçosa, muito bonita e com lindissima vista sobre o Douro e Villa Nova de Gaya.

Principiou-se em 1871, e ainda n'esta data (julho de 1875) andam em construcção os passeios.

Merecem tambem especial menção entre as ruas d'esta parochia, como mais importantes, as de Bellomente, Ferreira Borges e Nova de S. Domingos, ainda por acabar: e pela sua antiguidade as da Munhota, Almeia, Banhos, Forno Velho, Ourivesaria (ou de S. Nicolau), Reboleira, Cima do Muro, Congostas, Postigo do Carvão, viella da Cruz ou Calca-Frades, rua (ou viella) e becco das Panellas, viella do Postigo do Pereira, rua dos Canastreiros, travessa do Outeirinho, rua do Postigo da Forca, dita do Postigo do Pelourinho, rua do Terreiro, dita do Collegio de S. Francisco de Borja, dita dos Cobertos dos Banhos, Mercadores, etc., parte das quaes já desappareceram, e outras desapparecerão brevemente, porque o Porto progride a olhos vistos.

—

Em frente da rua Ferreira Borges, entre a rua de Bellomonte e o largo de S. Domingos, desembocam as Escadas da Esnoga (synonymo de Sinagoga) que davam entrada para a judiaria, antes de se mudar para Miragaya para o Largo ainda hoje dito *Monte*

[1] Este D. João de Almada e Mello (pae do grande D. Francisco de Almada e Mendonça) não só aformoseou consideravelmente a entrada do Porto, pela Ribeira, fazendo obras importantes n'esta e abrindo a rua de S. João, que d'elle tomou o nome, e que devia desembocar na rua das Flôres defronte da egreja da Misericordia, em substituição da velha e immundissima rua das Congostas, mas outras obras lhe deve o Porto, como são a praça, hoje largo de S. Roque, no Souto, o muro e largo da Victoria, e parte das ruas dos Inglezes, de Santo Antonio e Almada, que d'elle tomou o appellido;—deu grande desenvolvimento á casa do tribunal e cadeias da Relação, e alargou e indireitou varias ruas da cidade velha.

Foi elle moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, conselheiro de estado, 9.º senhor de Villa Nova de Souto de El Rei, 7.º senhor do morgado dos Olivaes (onde nasceu seu filho D. Francisco de Almada e Mendonça), 11.º senhor de Albergaria da Magdalena, 9.º alcaide-mór de Palmella, tenente general dos reaes exercitos, governador das Armas do partido do Porto, governador das justiças da Relação e casa da mesma cidade, e n'ella inspector da casa do subsidio litterario e do cofre dos direitos das tres provincias, etc.

Por occasião do levantamento contra a companhia dos vinhos, é que veio como governador das armas para o Porto, nos principios de 1757.

dos Judeus, e na antiga judiaria se formou o bairro hoje chamado — da Victoria.

Tinha esta judiaria duas entradas principaes—uma pelo lado norte ou rua de S. Bento, hoje, outra pelas ditas Escadas da Esnoga, e tanto estas Escadas como aquella rua, eram de noite vedadas com portões de ferro.

Vide n'este mesmo Diccionario — *freguezia da Victoria* — onde tratamos mais d'espaço d'esta judiaria.

Barrêdo

É assim ainda hoje denominada uma parte consideravel d'esta freguezia de S. Nicolau, desde a rua dos Mercadores até ás Escadas do Codeçal, e desde os arcos da Ribeira até á cêrca do Collegio dos Grillos, hoje seminario episcopal, comprehendendo um labyrintho de ruas, beccos, escadas e viellas, taes são:—as Escadas do Barrêdo, viella do Buraco, rua de S. Francisco de Borja, Escadas de S. Francisco de Borja, Escadas das Verdades, Largo do Terreirinho, Viella do Terreirinho, etc.

É este o Barredo propriamente dito, mas não são menos asquerosas as ruas adjacentes—rua dos Canastreiros ou dos Tanoeiros, rua de Cima da Lada, Becco das Panellas, rua dos Mercadores, Escadas do Codeçal, Postigo da Forca e Postigo do Pelourinho.

É ainda hoje este bairro o mais immundo do Porto, posto que não tem sido descurado pela camara municipal, e tanto que todo está illuminado a gaz, como o resto da cidade, e n'elle se projecta abrir uma rua em prolongação da dos Inglezes até á ponte pensil, e outra, das proximidades d'esta ponte para o alto da rua de S. João, a entroncar na de Mousinho da Silveira, já principiada.

Este bairro, bastante populoso, é hoje povoado quasi exclusivamente de vareiras, regateiras, vendilhões e carrejões; mas nos tempos em que o Porto era murado, e principalmente emquanto os muros não passavam da Ribeira e d'alli hiam para a Porta do Carro, seguindo pela Batalha e Guindaes até o Douro, n'este bairro, trinta vezes mais immundo do que hoje, tiveram casa os padres da Companhia de Jesus, e viveram familias importantes.

No cartorio da Camara do Porto (L. A, fl. 134) se encontra uma carta de el-rei D. Affonso V, pela qual nomeia escrivão da alcaidaria do Porto, Pero Fernandes, *creado de D. Maria do Barredo*, e filho de Fernão Vicente, que servira o mesmo officio, e que fallecêra havia pouco tempo. Esta carta é datada de Evora, a 29 de novembro de 1475.

Não ha muito que o auctor d'estas linhas, com sol claro, e por mera curiosidade, atravessou este bairro, só para poder fallar d'elle; e creiam os leitores que nunca vi no Porto, nem na capital, uma serie de ruas, (?) viellas, escadas e barrancos, que se assemelhasse áquillo; tudo transudando agua e immundicie, obrigando-me o fetido a accelerar o passo, e arripiando-se-me o cabello ao imaginar-me mettido em similhante labyrintho, em uma noite de inverno, mesmo no seculo actual, antes de montar-se a illuminação publica.

É este bairro um montão de lixo, e um sorvedouro de vidas, quando pésa a mais leve epidemia sobre a cidade, e por todas estas considerações façamos votos por que a camara abra sem demora as ruas em projecto.

Pessoas notaveis qne nasceram n'esta freguezia

—O infante D. Henrique, filho de D. João I.

—O bispo D. Nicolau de Sousa Monteiro.

—Balthazar Guedes, presbytero secular, fundador do collegio dos orphãos da Graça.

—Pantaleão da Cruz, irmão de Balthazar Guedes; apezar de ser surdo e mudo de nascimento, fez repetidas viagens ao Brasil, mendigando meios para augmento d'aquelle collegio, e, sempre esmolando, juntou cêrca de doze mil cruzados, percorrendo a pé mais de 1500 leguas.

— Antonio de Sousa Lobo, conhecido pelo nome de—*Lobo da Reboleira*, onde falleceu, em 1865, solteiro e sem successão, instituindo por herdeiro seu primo, o sr. Justino Ferreira Pinto Basto.

Foi notavel pela sua avultada riqueza e pelo seu viver excentrico.

—Na mesma rua da Reboleira, viveu muitos annos a familia Pedrossen ou do legendario *Pedro-Cem*, e a importante familia Wanzeller, hoje representada pelo virtuoso arcediago de Oliveira, Ricardo Wanzeller, fundador do Asylo de Villar, e seu sobrinho Christiano Wanzeller.

— Tambem n'esta freguezia viveu muitos annos, e ultimamente no seu lindo palacete de Bellomonte, um ramo da nobre familia Pachecos Pereiras, que foram talvez mais de *cem* annos consecutivos, juizes da alfandega do Porto (Vide n'este mesmo art. *Pachecos Pereiras*)—e tambem n'esta freguezia avultaram varios membros da não menos nobre famila Leites Pereiras, de S. João Novo.

Edificios mais notaveis d'esta freguezia

Os edificios mais consideraveis que ha hoje n'esta freguezia são—o palacio da Bolsa, a Caixa filial do Banco de Portugal, montada na fachada norte do convento de S. Domingos, no largo do mesmo nome, (unica parte que pôde salvar-se do incendio que devorou aquelle convento por occasião do cêrco do Porto)—o convento de S. João Novo,—a casa do Banco Commercial na rua Ferreira Borges,—o palacete da familia Pachecos Pereiras, onde hoje se acha o Banco Alliança, na rua de Bellomonte,—o palacete dos herdeiros d'Alvaro Leite, no largo de S. João Novo, — a casa da Feitoria Ingleza na rua dos Inglezes, — a casa que foi da familia Pedrossem, hoje de Francisco Cardoso Valente, na rua da Reboleira, que tem os n.os 53 e 55, e que confina pelo sul com a rua de Sobre o Muro, e pelo poente com a travessa do Outeirinho, — e o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, na rua da Ferraria.

Em eras remotas, tornou-se tambem notavel, não sabemos porque titulo, a *casa do Laranjo*, de que hoje mal resta a memoria, e que existiu aproximadamente nos Guindaes ou Corticeira, perto da margem do Douro, nos lemites da freguezia de Santo Ildefonso, e desde 1841 d'esta freguezia de S. Nicolau.

D'esta casa do Laranjo fazemos menção especial, por que a merece.

Tambem foi importante a casa da alfandega velha, entre a rua dos Inglezes e a Fonte Aurina, hoje Fonte Taurina.

Foi esta casa de alfandega, mandada construir por D. Pedro II, em 1677, sendo encarregado das obras o marquez da Fronteira.

Contiguos a esta casa, estiveram os antigos paços dos nossos reis, onde nasceu o Infante D. Henrique; ainda alli se vê um brasão com as armas reaes, junto á porta principal da velha alfandega, e outro em uma porta, hoje muito baixa, do lado da rua dos Inglezes.

Tambem por alli esteve a casa da Moeda, indicada na gravura representando o Porto, e que faz parte da descripção d'esta cidade, publicada por Agostinho Rebello da Costa. A 1.ª casa da Moeda que houve no Porto — e no reino — foi no largo dos Loyos, á esquina da rua de Traz.

Tambem, pela sua provada antiguidade, mencionaremos entre os edificios d'esta parochia, as duas estalagesn, que houve na rua das Congostas, e que faziam parte das 8 que já indicamos creadas por D. João I — o hospital ou albergaria de S. Salvador, em um becco d'esta mesma rua — o recolhimento das Velhas, na rua dos Mercadores—os dois estabelecimentos de banhos, um na Ribeira e outro na rua dos Banhos — rua da Munhota e Porta Nobre,—e os hospitaes de Santa Catharina e S. Thiago na Rebolleira.

A CASA DA FEITORIA INGLEZA

Esta casa, como já escreveu Agostinho Rebello da Costa, na sua *descripção do Porto*, foi principiada em Fevereiro de 1785, na rua dos Inglezes, onde hoje se vê, com os n.os 2 a *14*, e trabalhando n'ella mais de 150 homens por dia (pedreiros, carpinteiros, etc.) ainda em 1787 se achava incompleta. Faceia com a rua de S. João e dos Inglezes, sobre a qual tem a fachada principal, medindo por este lado 110 palmos e pelo lado da rua de S. João 140 de comprimento por

100 de altura. A face que dá para a rua de S. João, eleva-se a 5 andares, alem do subterraneo; no 1.º tem 9 portas largas, — no 2.º outras tantas janellas de peitoril, — no 3.º outras 9 rasgadas com grades de ferro, — no 4.º outras 9 janellas, — e o 5.º são aguas furtadas, com uma espaçosa varanda de pedra em redor e descuberta, com fachas e cornija tambem de pedra.

Sobre a rua dos Inglezes tem no 1.º pavimento, ao nivel da rua, 7 arcos formando um passeio coberto, de 110 palmos de comprimento sobre 14 de largura. No 2.º pavimento tem a frente 7 janellas de peitoril, no 3.º outras 7 janellas rasgadas, e e no 4.º egual numero de janellas de peitoril, e é rematada esta face com uma varanda descoberta, circundada por balaustres de pedra, com seus festões.

A porta principal é decorada com seis columnas de ordem toscana, e prende com 3 arcos de pedra, partindo do arco do meio, a escada nobre ou principal, e dos outros dois, as escadas particulares ou de serviço, todas de pedra com balaustres de ferro.

No interior d'este edificio ha uma grande sala chamada do *café*, mais 4 casas que já se alugaram por duzentes mil reis cada uma (no tempo em que escrevia Rebello da Costa...) e por cima d'estas casas ha 4 salas e 4 cosinhas pegadas. Tem mais duas salas cada uma com 30 palmos e comprimento por 25 de largura, — outra de 60 por 25, — outra de 82 por 41, — outra de 72 por 25, — outra de 64 por 26, — outra de 60 por 25, — outra de 26 por 23 — mais 4 — sendo uma de 20—duas de 25 e outra de 26 quadrados, — uma cosinha de 50 por 28 — e uma dispensa de 28 por cada face. Todas estas salas eccupam os 3 andares superiores ao do nivel da sua.

As aguas furtadas teem uma casa com 82 palmos de comprimento por 42 de largura, com 3 portas, que dão para a varanda, — isto do lado da rua dos Inglezes—e do lado da rua de S. João, outra casa de 90 por 26, com 2 portas para a varanda, mais ou casa de 72 por 26, com outras 2 portas para a mesma varanda.

É este sumptuoso edificio, da colonia britanica do Porto, destinado para recepção de viajantes illustres, e para as suas reuniões.

N'elle tem havido festas explendidas, merecendo expecial menção os bailes em honra de pessoas reaes, em diversas datas.

CASA DO LARANJO

Existiu em tempos remotos, na freguezia de Santo Ildefonso, hoje nos limites d'esta de S. Nicolau, uma casa denominada *do Laranjo*, que se tornou celebre, não sabemos por que titulos; mas, tão saliente e conhecida era, que a ella se referiam, quando queriam indicar algum terreno proximo. Não podémos averiguar com precisão o local onde esteve a celebre casa, mas suppômos seria na Corticeira, e talvez no chão onde se vê hoje uma grande fabrica de louça (chamada do *Carvalhinho*) com uma capella, o que bem se deprehende dos documentos seguintes:

«*Foros de fóra dos muros da cidade*»

«Item, Amador Gonçalves filho de Gonçalo Annes, luveiro, tem por prazo o cerrado de Malm'ajudas, arriba da casa do Laranjo com um pelame: e paga 30 réis.»

(Censual da Mitra, fl. 90, v.)

«Item, Miguel Annes, morador na Lada, tem por sua herdade perpetua, duas pesqueiras na agoa do Douro, arriba da casa do Laranjo, freguezia de Santo Ildefonso, que chamão a hua d'ellas o Cubo e a outra a Palheira.» (fl. 91.)

«Item, a pesqueira da Asna, com seu pesqueirinho e varaes, acima da casa do Laranjo...» (fl. 92.)

«Item, o monte de Val-Melhorado, com a azenha de Mijavelhas, sito na freguezia de Santo Ildefonso, abaixo do Prado Novo, etc.»

Vê-se pois que a dita casa do Laranjo estava á beira do Douro, sobre a margem direita, fóra do antigo muro dos Guindaes, em terreno que foi da freguezia de Santo Ildefonso e que é hoje d'esta freguezia de S. Nicolau.

O BOTEQUIM DO PEPINO

Houve na rua de Cima do Muro, n'esta freguezia de S. Nicolau, um pouco ao poente

do Postigo dos Banhos, um botequim, que se tornou celebre e conhecido como nenhum outro no Porto e fóra do Porto, até mesmo na Inglaterra, na Russia, na Allemanha, na França, etc.

Era publico e notorio, que n'aquelle botequim, ou casa de café e bebidas, foram roubados e mortos muitos marinheiros inglezes e d'outras nações, e é certo que aquella casa esteve muitos annos debaixo da vigilancia das auctoridades locaes, persistindo, a despeito de toda a vigilancia policial, os boatos mais aterradores: até que a casa foi expropriada e demolida pela camara, como todas as circumvisinhas, para a abertura da rua da Nova Alfandega — sem se apurar o fundamento de tão sinistros boatos.

É certo que aquelle botiquim, todas as noites se enchia de mulheres perdidas, *marujada*, principalmente estrangeira, e homens de má nota; que alli havia musica e danças (*cancan*) deshonestas, e um arruido infernal até deshoras; — que alli houve por vezes rijo bofetão e grossa pancadaria, — e que muitos dos freguezes, nomeadamente maritimos russos, inglezes e allemães, lá pernoitavam, estirados no chão, com o peso do vinho, até ao dia seguinte, — *dizendo as más linguas que eram embriagados artificialmente, e de proposito, pelo dono da casa, para os roubar, quando levavam comsigo dinheiro, e que depois os lançava ao rio. E acrescentavam — que muitos cadaveres appareceram no Douro, que se disse serem de maritimos estrangeiros que se afogaram casualmente, quando a verdade era — que haviam sido roubados e assassinados no maldito botequim...*

Nunca pôde averiguar-se bem a cousa, mas parece vir a proposito o aphorismo — *vox populi, vox diaboli!...*

O proprietario d'este.... botequim, enriqueceu com o seu ignobil negocio, e era tão astuto que *adivinhava sempre* o dia e hora em que a policia vinha dar-lhe busca.....

Chamava se Antonio Pereira Porto, por alcunha *o Pepino*, e por isso o seu botiquim ganhou o titulo de *Botiquim do Pepino*.

O tal Pereira Porto, falleceu aproximadamente em 1850, mas a viuva conservou o celebre botiquim (mas já muito decadente) até 1870 a 1871, data da demolição d'aquella rua e das ruas adjacentes.

ESTALAGENS HISTORICAS

Na rua das Congostas, hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, houve duas estalagens das oito creadas no Porto, no seculo XIV, por ordem de D. João I, como se vê do seguinte documento:

Na vereação de 2 de outubro de 1392 — «dom frey alvaro gonçalves camello, prioll dospital, marjchal da oste delRey, meirinho moor por elRey, entre doyro e mynho e traslos-montes» apresentou á camara duas cartas d'el-rei D. João I, escriptas a elle prior, nas quaes ordenava que se fizessem na cidade oito estalagens, em que pousassem, por dinheiro, aquelles que a ella tivessem necessidade de vir. A camara accordou que era bom que se fizessem, e logo as distribuiu, e lhes marcou as localidades da maneira seguinte:

«It. primeyramente nas cõgostas duas estalages grãdes e boas.

«It. no souto hua estalage grãde e boa.

«It. outra nas casas de Estevão ferreira. [1]

«It. outra na rua chaã nas casas que forõ de Jeruaz da deuesa.

«It. outra grãde e boa á porta de cima de villa.

«It. em Miragaya outra estalage grãde e boa.

«It. outra em villa nova.»

Cartorio da camara do Porto, Livro das vereações de 1392 a 1431, fl. 30-32 das pertencentes ás vereações de 1430.

Artistas distinctos

Antes de fazer-se a rua nova de S. João

[1] Suppomos serem estas casas, umas que n'este momento a camara do Porto está demolindo, na antiga rua da Biquinha, junto á capella e hospital, já demolidos, de S. Chrispim, para a abertura da nova rua de *Mousinho da Silveira*. Revelam grande antiguidade, e consta que foram estalagem real. Fallaremos mais detidamente d'esta estalagem real da Biquinha, quando tratarmos da freguezia da Sé, a cuja circumscripção pertence.

havia no alto d'esta rua, sobre o *Rio da Villa*, (que foi encanado por baixo d'ella) uma ponte a ligar a rua das Congostas e largo de Santa Catharina (hoje largo de S. Domingos) com a rua da tal ponte, que (depois que nas proximidades se estabeleceram os frades dominicos) se denominou *de S. Domingos;* e nos fins do seculo XV, morou junto áquella ponte, um artista notavel, por nome Alvaro Gonçalves, insigne fabricante de armas brancas.

Em vereação de 16 d'abril de 1485, a camara, em cumprimento de uma carta d'el-rei D. João II, a qual se acha no livro antigo das provisões, fl. 12, escripta em Montemór, a 21 de janeiro de 1485, e dirigida aos juizes e vereadores do Porto, mandou chamar *Alvaro Gonçalves, coiraceiro, morador á ponte de S. Domingos*, e disse-lhe que, por elle ser bom official do seu officio, lhe estabelecia o ordenado de 3$000 réis annuaes (?) para elle fazer as armas brancas a seu cargo, com a condicção de elle nunca sahir da cidade para hir servir outros.

Na carta alludida, el rei ordenava á camara, que estabelecesse na cidade, como officiaes d'ella, um armeiro de fazer gibanetes e outro de fazer armas brancas, cada um com 4$000 réis de ordenado annual (?) e um alimpador ou guarnecedor de armas com 2$000 réis, todos pagos á custa do concelho.

(L. das vereações de 1485, fl. 38 v.)

—

A proposito consignaremos aqui outro armeiro distincto, que vive tambem n'esta freguezia de S. Nicolau, na Ferraria de Baixo n.º 100, e por consequencia a pequena distancia do local onde viveu em 1485 aquelle outro.

É o actual armeiro ou espingardeiro, considerado o primeiro artista no seu genero que ha no Porto actualmente, e chama-se Domingos Francisco de Abreu, nascido n'esta mesma rua da Ferraria, filho de José Francisco de Abreu, tambem espingardeiro que foi muito conhecido tambem n'esta rua, e que morreu decrepito em 1872 — e neto tambem d'outro espingardeiro — Domingos Francisco de Abreu, natural d'esta mesma rua e n'ella sempre morador.

Na sua officina se fazem rewolvers de diversos systemas, desde 1837; armas e pistolas trochadas; forjam-se os proprios canos; e se apparelham, com perfeição, bengalas, que se transformam em pistolas; armas de caça, etc.

Tem sido o dito artista fornecedor dos basares do palacio de crystal e das casas Moré e Macedo, na praça de D. Pedro, Buisson da rua de Santo Antonio, etc., confundindo-se os seus artefactos com os mais aperfeiçoados das nações estrangeiras.

—

Ha tambem n'esta mesma rua, outro artista distincto, mas em outro genero—obras de talha em madeira.

Habita a casa n.º 131 a 133 e chama-se Zeferino José Pinto, entalhador da casa real e director da obra de talha, no palacio da Bolsa commercial d'esta cidade do Porto, que tem sido e continúa a ser, verdadeira e magnifica eschola de entalhadores, estucadores, carpinteiros e pedreiros. E' admirado por nacionaes e estrangeiros o extremo apuro das referidas quatro artes nas decorações d'aquelle palacio, e tanto que o grande jury da ultima exposição internacional de Vienna d'Austria, não hesitou em conferir o diploma de merito aos variados especimens da talha que a associação commercial alli expoz.

Fallaremos em capitulo á parte, da casa da Bolsa, que bem o merece, accrescentando aqui apenas que o distinctissimo entalhador Zeferino, em todas as exposições do Porto e Braga, tem sido premiado; que na de Paris, em 1867, lhe foi conferida uma menção honrosa, com uma medalha de prata, e na de Vienna d'Austria, em 1873, foi-lhe dado o diploma de merito.

Nascimento do infante D. Henrique

Com razão se gloria o Porto, e nomeadamente esta freguezia de S. Nicolau, de haver sido o berço do infante D. Henrique. Este principe, verdadeiramente notavel, que foi o iniciador dos grandes descobrimentos que nos abriram o caminho da India, pelo Cabo da Boa Esperança, por onde encarrei-

rámos o commercio com as nações do oriente. Nasceu a 4 de março de 1394, quarta feira de cinza, (Pedro de Mariz, Dialogo IV, 4) n'esta cidade do Porto, na casa onde esteve a alfandega, na rua dos Inglezes, ainda então freguezia da Sé, e hoje freguezia de S. Nicolau; casa que foi muito tempo tambem, o paço que habitavam os nossos reis, quando vinham ao Porto, e casa de moeda— mesquinho e ridiculo pardieiro, como disse Arnaldo Gama [1] que deveras não merecia a honra de ter visto nascer dentro d'elle o grande infante D. Henrique.

No Cart. da Cam. do Porto, L. 3.º dos Pergaminhos, fl. 40, se encontra um pergaminho, com os nove recibos originaes, passados pelos operarios e pelos menestreis e jograes que fizeram o tablado, e cantaram, e tangeram, nas festas e *matinadas* que tiveram logar na cidade, por occasião do baptisado de D. Henrique.

—

Nasceu tambem n'esta freguezia de S. Nicolau, o meretissimo prelado d'esta diocese, D. Nicolau Monteiro, da qual tomou posse em abril de 1671.

Foi doutor em canones pela universidade de Coimbra, e alli tambem conego, provisor e vigario geral, mestre eschola na collegiada de Barcellos, D. prior de Cedofeita. embaixador de el-rei D. João IV, na curia romana, aio do principe D. Theodosio e dos infantes seus irmãos (D. Affonso VI e D. Pedro II) conselheiro de estado, confessor da rainha D. Luiza de Gusmão, bispo eleito de Portalegre, Guarda e Porto, e foi-lhe offerecida a mitra primacial de Braga, mas preferiu a do Porto, por amor á sua terra natal.

Foi um pastor espiritual exemplarissimo, e devotado como poucos ao seu rebanho.

Ninguem implorava o seu auxilio em vão, e tudo repartia com os pobres, chegando a esp liar-se dos seus proprios vestidos para os cobrir. Os templos, os hospitaes, as prisões, tudo era alvo da sua piedade. Reedificou esta igreja de S. Nicolau, onde recebêra as graças lustraes do baptismo, e a de S. Pedro de Miragaya (primitiva Sé do Porto, na opinião do sr. D. Rodrigo da Cunha, do seu annotador o academico A. Cerqueira Pinto, do illustrado chronista fr. Luiz dos Anjos e outros.) Fallou muitas vezes com o papa, e o determinou, com as suas instancias e com o seu mavioso livro, intitulado *Vox Turturis*, a convencer-se da justiça de Portugal contra Castella, o que dementou o embaixador de Hespanha a ponto tal que, como *ultima ratio*, mandou disparar dois tiros de bacamarte, sobre o nosso embaixador, D. Nicolau Monteiro, que a Providencia perseverou, cahindo morto apenas o seu cocheiro.

Succumbiu finalmente o santo bispo, ao peso dos annos, dos trabalhos, dos cilicios, das disciplinas e outras penitencias, no dia 20 de dezembro de 1672, contando noventa e um annos de idade.

Muitos instrumentos das suas penitencias e uma camisa ensopada em sangue, que fez jorrar com disciplinas e cilicios, foram guardados muito tempo, como reliquias, pelo reverendo dr. Antonio Monteiro, conego de Cedofeita, morador na casa do Pinheiro, e parente do virtuosissimo prelado. [1]

O seu retrato é exposto todos os annos ao publico, no dia 2 de julho, pela Santa Casa da Misericordia do Porto, á qual deixou um legado importante, para a convalescença dos doentes a cargo d'esta Santa Casa.

Jornaes que actualmente se publicam n'esta freguezia

Commercio do Porto — fundado em 1854 por M. S. Carqueja e o dr. H. C. de Miranda, ainda hoje seus proprietarios, pessoas de muito merecimento.

É a empreza jornalistica mais importante e mais bem montada que ha e tem havido em Portugal, fóra de Lisboa.

Occupa o predio n.º 108 na rua da Ferraria de Baixo, e alli tem a redacção e typo-

[1] *Ultima Dona de S. Nicolau*, pag. 206 e 497.

[1] Vide *Descripção do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa.

graphia propria, com machina movida a vapor.

Nos primeiros annos da sua publicação, foi impresso na typographia Commercial, que mencionâmos no logar proprio.

A sua tiragem é consideravel, e só a secção dos annuncios rende contos de réis.

É diario e muito bem redigido, tem magnificos correspondentes em Lisboa, Londres, Paris, Madrid e no Rio de Janeiro, e são de muito merecimento as suas revistas quinzenaes.

Principiou a publicar se no dia 1 de junho de 1854.

Advoga este jornal particularmente os interesses do commercio, esforçando-se por corresponder ao seu titulo, o que brilhantemente tem conseguido, pois por intermedio da sua muito accreditada redacção, costumam os amigos da pobreza, nomeadamente o anonymo Y, distribuir todos os annos esmolas, no valor de contos de réis.

Jornal do Porto — É este jornal tambem diario, muito bem redigido, e sempre grave, honesto e independente, como o seu proprietario, o sr. Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, um dos caracteres mais nobres do Porto, e campeão denodado da autonomia da sua patria, que ama sinceramente.

É pois, a certos respeitos, o *Jornal do Porto*, o primeiro jornal do nosso paiz, e em poucos se encontrará um jornal tão honesto, tão independente, tão superior e estranho á politica das facções, e tão sinceramente devotado aos interesses publicos.

Além de um caracter excepcionalmente isento, modesto e nobre, possue hoje o sr. Cruz Coutinho uma das boas fortunas do Porto, adquirida pelos meios mais licitos, com o trabalho de muitos annos, pois é tambem o dono da antiga e importante livraria — Cruz Coutinho — aos Caldeireiros, e tem um deposito de livros que vale dezenas de contos de réis, livros em grande parte classicos de merecimento, que não vende, e que constituem a sua livraria particular, uma das primeiras do nosso paiz.

É tambem editor ha muitos annos, e por isso, além da typographia, em que imprime o seu jornal, tem outra na mesma casa (rua de Ferreira Borges, n.º 31) dotada como poucas, com grande variedade de typo do mais caro.

Nasceu o sr. A. R. da Cruz Coutinho no dia 4 de abril de 1819 na freguezia d'Alvações do Corgo, junto á Régua.

Principiou a publicar o *Jornal do Porto*, no dia 1 de março de 1859, e foram seus proprietarios e fundadores os srs. Cruz Coutinho e dr. José Barbosa Leão; mas em 1863 dissolveram a sociedade, e desde esta data ficou sendo propriedade exclusiva do sr. Cruz Coutinho.

—

Publica-se tambem actualmente n'esta freguezia a *Parvonia Illustrada*, jornal satyrico, de pequeno formato, e semanal. É seu proprietario José Coelho Ferreira, dono de uma typographia montada na rua das Taipas, n.º 1, e alli se imprime o dito jornal desde 1 de janeiro de 1875, data em que o primeiro numero viu a luz da publicidade.

N'esta typographia se imprime tambem o *Diario de Noticias*, cujo primeiro numero se publicou no dia 12 de julho de 1875.

Typographias

Ha n'esta freguezia varias typographias, sendo uma a vapor, na qual se imprime o *Commercio do Porto*, na rua da Ferraria, 108, desde 1870, sendo até ahi impresso em typographia propria tambem, mas d'outro systema, e nos primeiros annos da sua fundação, na typographia commercial.

—

A typographia do *Jornal do Porto* está montada, bem como a redacção do mesmo periodico, na rua de Ferreira Borges, 31, e na mesma casa tem o proprietario d'este jornal a sua typographia de impressão dos livros de que é editor.

—

A typographia commercial foi uma das primeiras e talvez a mais importante do Porto, montada por uma sociedade no palacete da familia Alvaro Leite, no Largo de S. João Novo, sendo seu primeiro director D. Antonio Moldes, de quem vamos fallar.

Passou esta typographia para a rua de

Bellomonte, 24 e 26, e d'alli para a mesma rua, 19, onde actualmente se acha.

A sociedade fundadora dissolveu-se e desde então ficou esta typographia sendo propriedade do sr. Francisco José Coutinho e hoje da viuva e filhos.

N'esta typographia se imprimiram o *Commercio do Porto*, o *Jornal do Porto* e a *Gazeta do Norte* em quanto não tiveram typographia propria; o *Jornal de Noticias* e outros.

—

Ha tambem outra typographia, propriedade de D. Antonio Moldes, no largo de S. João Novo, n.º 6 — 2.º andar, desde 1865, e que esteve anteriormente no largo da Batalha, onde o seu mesmo proprietario actual a montou em 1843.

É D. Antonio Moldes, hespanhol, o decano actual dos typographos portuenses; foi, como dissemos, o primeiro director da Typographia Commercial no Porto, e em Lisboa foi tambem o director da typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, onde se imprimiu o primeiro *Panorama*.

Na typographia de D. Antonio Moldes se imprimiu o *Litterario*, periodico semanal, e se imprimem e teem impresso especialmente folhinhas d'este bispado do Porto, e dos de Aveiro, Pinhel e Algarve, das collegiadas de Cedofeita e Guimarães,—frades bentos e franciscanos, e do convento da Ave-Maria, do Porto.

É tambem o impressor do consulado hespanhol n'esta cidade, e na sua typographia imprimiu em 1846 o Codigo Commercial Portuguez, de José Ferreira Borges.

—

Na rua de Bellomonte, n.º 107, se acha montada desde 1874 a Typographia Artistica, e esteve anteriormente no largo dos Loyos, n.º 45, onde foi fundada pelos srs. Antonio Pereira Leite e dr. Manuel José Ferreira, ainda hoje seus proprietarios.

Tem um bom prelo francez, muito elegante, decorado por uma aguia.

N'esta typographia se imprime hoje o *Annunciador*, jornal d'annuncios bisemanal, e se imprimiram o *Raio*, o *Lampeão* e o *Relampago*, jornaes satyricos de vida ephemera.

—

Na rua das Taipas, n.º 1, está desde 1871 a typographia de José Coelho Ferreira, que esteve anteriormente na mesma rua, n.º 28, onde o dito senhor a montou.

N'esta typographia se imprime actualmente a *Parvonia Illustrada*,— propriedade do mesmo senhor — e o *Diario de Noticias*, e já aqui se imprimiram: *O Porto*, o *Diario da Tarde* e o *Jornal da Tarde*, periodicos politicos diarios, e o *Jornal de Horticultura Pratica*, mensal.

—

N'esta mesma rua das Taipas, n.º 62-66, está a «Imprensa Real» de Pereira da Silva, por elle montada em 1865 na Praça de Santa Thereza, d'onde se transferiu para as Taipas em 1873.

N'esta typographia se não imprime actualmente jornal algum, mas já se imprimiram a *Esperança*, o *Garrett*, a *Mocidade*, e os *Brados Litterarios*, periodicos litterarios semanaes;—o *Clamor Militar*, o *Monitor do Exercito*, a *Gazeta de Gaya*, jornaes sem politica, o *Leviathan*, politico, mensal, e outros de vida ephemera.

—

Ha ainda n'esta freguezia, no largo de S. Domingos, n.º 30, outra typographia, de Arthur José de Sousa. Foi de Rodrigo José de Oliveira, e esteve anteriormente na rua de S. João.

Não se imprime aqui actualmente jornal algum, mas já se imprimiram o *Diario do Porto*, o *Jornal de Noticias* e o *Purgatorio*.

Pontes sobre o Douro, nos limites d'esta freguezia

Vê-se ainda sobre o Douro a *ponte pensil*, um pouco mais ao nascente do local onde esteve anteriormente a *ponte de barcas*, de que fallaremos em seguida. Fica entre os *Guindaes*, do lado do Porto, e o sitio denominado o *Penedo*, na margem fronteira.[1] Es-

[1] Descripção de Villa Nova de Gaya, por J. A. Monteiro d'Azevedo, correcta e augmentada por M. Rodrigues dos Santos, 3.ª edição, cap. 5.º

tá suspensa por oito grossas correntes, feitas de fios d'arame de ferro queimado, cobertas de uma espessa crusta de verniz, as quaes, divididas em dois grupos, assentam sobre quatro elegantes obeliscos ou columnas de granito, que se erguem das margens do rio nos dois extremos da ponte, sendo cada par de columnas ligado entre si por pranchas de ferro junto aos capiteis, e vendo-se nas ditas pranchas a seguinte legenda: «*D. Maria II — 1842.*» As oito correntes atravessam as quatro columnas, e descendo até ao solo, são chumbadas com grande solidez em rocha viva muito abaixo do nivel da superficie com enormes chumbadouros dentados, que agarram por largo a rocha. D'estas correntes pendem perpendicularmente outras da mesma especie, mas muito mais delgadas, em numero de 211, ficando 108 do lado do nascente, e 103 do lado do poente, e dispostas em eguaes distancias seguram pela extremidade inferior as vigas sobre que assenta o pavimento da ponte, que é de madeira, variando o comprimento d'estas correntes na razão da curva que descrevem as oito correntes principaes. No centro das duas columnas do lado da cidade ha uma casa, cujo pavimento inferior serve de quartel para a guarda militar, que faz a policia da ponte, e no pavimento superior ha uma especie de salva-vidas com uma maca, uma cama, roupas e apparelhos proprios para soccorrer as victimas de qualquer naufragio ou desastre; e do lado de Villa Nova ha outra casa egual áquella, que serve de habitação para alguns dos empregados na cobrança das passagens, e armazem de utensilios da ponte. Ha tambem nas extremidades da ponte duas casinhas, onde se cobra o imposto do tranzito, e que é, com pequena differença, o mesmo que se pagava na antiga ponte de barcas.

A ponte é illuminada a petroleo nas noites em que não ha luar, por seis candieiros, além dos da casinha do lado da cidade, pois de noite só n'esta casinha se paga o imposto do tranzito.

O pavimento da ponte tem passeios e varandas de madeira, e d'estas a do lado do nascente mede desde a columna do sul até á casinha de arrecadação do lado norte, 154^{m}, e a casinha 4^{m},50; e d'esta casinha até á columna que fica do mesmo lado, 8 metros e dois decimetros — total, 166 metros e 70 centimetros. A varanda do lado poente, por causa da entrada da cidade para a ponte, é menos extensa, e mede 153 metros; a altura d'estas varandas é de um metro e dois decimetros; o passeio tem de largo um metro, e a ponte 6 metros de abertura. Os obeliscos, que são perfeitamente eguaes, medem desde a base até á sua extremidade superior, que é decorada por um globo metalico, 18 metros de altura; cada um d'aquelles globos tem um metro de diametro, e os tirantes ou pranchas de ferro que ligam as columnas, medem de comprimento 7 metros e dois decimetros, e de largura 5 decimetros, cada um.

Deu-se principio a esta ponte no dia 2 de maio de 1841, anniversario da coroação da rainha, ao tempo a senhora D. Maria II. No dia 1 de fevereiro de 1843 já se achavam completas as obras principaes e esperava-se apenas ordem do governo para a inauguração e abertura da ponte, dispondo-se os representantes da companhia constructora para tornarem aquelle acto solemne e apparatoso; mas sobrevindo uma cheia no Douro, que obrigou a retirar, na fórma do costume, a velha ponte de barcas no dia 17 de fevereiro d'aquelle anno, abriu-se para o transito publico a nova ponte no dia 18 de fevereiro de 1843.

Foi feita esta ponte sob a direcção do engenheiro *de Claranges Luccotte*, a expensas de uma companhia de accionistas que a devia fruir por espaço de 30 annos, entregando-a no fim d'elles ao Estado, de quem é propriedade, e foi construida na Praia de Miragaya, no mesmo local que hoje occupa a nova alfandega; e para aquelle effeito a empreza constructora levantou alli um amplo abarracamento para montar as forjas e mais officinas necessarias, precedendo licença da Camara Municipal, e assignando a companhia um termo pelo qual se obrigava a demolir tudo, e repôr aquelle chão no estado em que o encontrou, apenas terminasse a obra, clausula que a empreza por ultimo

não queria cumprir, mas a Camara recorreu ao poder judicial, officiando ao juiz eleito da freguezia de Miragaya, a fim de compellir (como compelliu) a empreza a satisfazer ao estipulado.

—

Demorámo-nos com a descripção d'esta ponte pensil, como que para a transmittirmos em photographia aos vindouros, pois vae em breve passar á historia, como esta fez passar a antiga de barcas.

Já está decretada a construcção d'outra, em substituição d'aquella;—diz-se que ha-de ser feita de pedra e ferro, e que partirá aproximadamente do fundo da rua de S. João.

Ponte de barcas

Um pouco mais ao poente do local onde ainda hoje (1875) se vê a ponte pensil, e junto ao arco da Ribeira onde se vê um grande painel a oleo representando a catastrophe, de que logo fallaremos, existiu cerca de 37 annos uma outra ponte sobre barcas, que foi no seu tempo considerada uma maravilha, e que marcou uma época distincta na viação de Portugal, ponte unica em todo o paiz no seu genero. Foi inaugurada para o transito publico no dia 14 de agosto de 1806; era formada por 33 barcas, subindo e descendo por consequencia com as marés e as cheias, imitando outra ponte analoga que havia em Ruão (França) e medindo de comprimento cêrca de mil palmos. Abria-se e fechava se para dar passagem aos barcos que navegavam no Douro, e desmanchava-se por occasião das cheias, restabelecendo-se em seguida, alguns annos muitas vezes, o que devia ser um interessante divertimento, principalmente em dias de chuva e vendaval!...

Era já n'aquelle tempo tão concorrida, principalmente nos primeiros annos em quanto foram prohibidos nas proximidades os barcos de passagem, que rendia, termo medio, 50$000 réis por dia, sendo a tarifa das passagens a seguinte:

Cada pessoa, a pé.....	5 réis
Dita a cavallo	20 «
Carro de uma junta de bois [1] ...	40 «
Cadeirinha de mãos	60 réis
Liteira [2]	120 »
Sege	160 «
Dita de 4 rodas	200 «

Accrescendo 40 réis por cada parelha a maior.

Passados tres quartos de hora depois do sol posto, eram em dobro aquelles preços, e volviam á cifra supra tres quartos de hora antes do sol nascer, o que se annunciava com um sino.

Quando em 1809 os francezes entraram no Porto e o povo fugia em tropel para o lado de Villa Nova, sem notar, com a precipitação, que se achava aberto um dos alçapões d'esta ponte, submergiram se nas aguas do Douro com preciosos haveres muitos centos de pessoas no dia 29 de março do dito anno, e ainda hoje a irmandade das Almas, dita de S. José das Taipas, celebra com officios funebres aquelle anniversario na sua igreja, sita no alto da rua do Calvario, e d'ali vae em procissão até ao painel que mencionámos, e que commemora aquella tremenda catastrophe e o local onde esteve aquella ponte. E por aziaga coincidencia foi em igual dia (29 de março) de 1852 que nas aguas d'este mesmo rio Douro naufragou o vapor *Porto*, da companhia que então fazia carreira entre o Porto e Lisboa, perecendo tambem grande quantidade de pessoas, muitas da primeira sociedade, e a pouca distancia da terra, confundindo-se os gritos angustiosos dos infelizes naufragos com o alarido de milhares de pessoas que á voz do naufragio correram á praia para verem, de braços cruzados e sem poderem valer-lhes, as ondas a engolir aquelles desditosos!...

Depois da catastrophe da ponte no Porto não ha memoria d'outra nas aguas do Douro igual á d'aquelle naufragio, e logo por fatalidade no mesmo dia 29 de março!...

Que luctuoso dia nos annaes do Porto!...

—

Não longe d'esta ponte já em 1371 ou 1372 se improvisou outra, tambem de bar-

[1] Sendo tirada por mais juntas, accresciam 20 réis por cada junta a maior.

[2] Este meio de locomoção, que foi aliás *muito caro e o mais delicioso no tempo dos nossos avôs*, tambem já passou á historia como as pontes de barcas.

cas, para passagem de el-rei D. Fernando quando foi celebrar os seus desposorios em Leça do Bailio, com a rainha D. Leonor.

Era essa ponte tão espaçosa que por ella subiam seis cavallos a par...

Cheias do Douro

A parte baixa d'esta freguezia tem soffrido e soffre muito com as inundações por occasião das cheias do Douro.

Na descripção do Porto por Agostinho Rebello da Costa, e na de Villa Nova por Monteiro de Azevedo, additada por M. Rodrigues dos Santos, se mencionam com detalhes interessantes muitas d'aquellas cheias, e para alli remettemos o leitor para não tornarmos este artigo demasiadamente longo, limitando-nos a consignar aqui as cheias maiores que se acham marcadas a picão no muro dos Arcos da Ribeira. É uma tabella ou escala curiosa, e que bem merecia ser avivada pela camara em uma prancha de louza embutida na parede, e no mesmo local, comprehendendo toda a altura do dito muro, abrindo-se de novo n'aqueila prancha as datas que se acham no muro, parte das quaes o tempo vae tornando indecifraveis.

Das cheias alli registradas foi maior a de 28 de dezembro de 1860; segue-se a esta a de 8 de fevereiro de 1823, que ficou mais baixa cerca de 1 metro; a esta a de 20 de fevereiro de 1855; a esta a de 25 de janeiro de 1856; a esta a de 28 de dezembro de 1855; e a esta a de 28 de janeiro de 1865.

Alli se acham registradas ainda outras cheias, mas todas inferiores á de 1865. Vide pag. 36 do 3.º volume.

Painel das Almas

No mesmo muro, e um pouco ao O. d'aquella curiosa tabella, se vê um grande painel pintado a oleo, representando a grande catastrophe de que foi theatro a ponte das barcas por occasião da invasão franceza.

Indica ainda aquelle painel o local da avenida da ponte, do lado da cidade.

Senhora da Misericordia e Postigo da Forca

Um pouco ao O. d'aquelle painel se vê ainda outro, tambem a oleo e colado no mesmo muro, representando a Senhora da Misericordia. Está ainda bem conservado, coberto por um pequeno docel de madeira, e ao lado tem pendente um lampião que os devotos da visinhança costumam conservar acceso durante a noite.

Em frente d'este painel esteve, aproximadamente até 1830, a forca da cidade, e alli foram justiçados muitos malfeitores.

Esta forca era permanente, formada por grossos varões de ferro, com uma escada de pau para subirem o paciente e o algoz.

Aproximadamente em 1822, a instancias de uma mulher rica da localidade, conhecida por *Antonia de Coutinho*, a forca foi transferida para o campo da Cordoaria, extremidade S., junto a uns casebres que havia na frente da cadeia. Ficava ainda ao S. da rua que hoje alli se vê, e que vae para o alto da rua do Calvario.

E a forca, depois que para alli se mudou, era volante e de madeira. Armava-se para as execuções, e logo se desarmava.

Um pouco ao O. do mencionado painel da Senhora da Misericordia, está na Ribeira, um arco bastante espaçoso, que dá passagem para a rua dos Canastreiros, parallela ao muro, do lado N.; e onde se vê hoje aquelle arco esteve um pequeno postigo, que por ser contiguo ao patibulo, se denominava *Postigo da Forca*.

Foi em vereação de 11 de agosto de 1714, qne se resolveu mudar a forca do sitio chamado *Mijavelhas* (fonte do Poço das Patas) para o caes da Ribeira; e em 14 de junho de 1725, se tomou assento ácerca das ruas por onde deveriam transitar os padecentes, escolhendo-se as que mais depressa conduzissem á Ribeira.

Postigo do Pelourinho

A O. do arco que foi, como dissemos, o Postigo da Forca, se vê outro arco no mesmo muro da Ribeira, o primeiro que se en-

contra, indo da rua de S. João, que foi tambem um simples postigo, e se denominou— *Postigo do Pelourinho*, por ficar perto o pelourinho da cidade, depois que das Aldas foi transferido para a Ribeira.

O pelourinho foi apeado muito antes da forca, e por isso já na localidade se acha quasi perdida a memoria d'elle, mesmo na tradição.

CANAL MAIOR, RIO DA VILLA, E RIO FRIO

Rio da Villa é um riacho que, vindo do alto d'esta cidade e passando ao nascente da rua das Flores, por onde estiveram os *Aloques da Biquinha*, [1] de nojenta rerecordação, (principia hoje a ser canalisado em linha recta e abobadado por baixo da rua Mousinho da Silveira, em construcção) entra n'esta freguezia no alto da rua das Congostas e S. João, e descendo canalisado por baixo d'esta ultima, desagúa no Douro.

Denomina-se *Rio Frio* o riacho que, passando por baixo da Praça de Duque de Beja e do hospital real da Misericordia, corre alguns metros ao poente do chafariz das Virtudes e desaguava no Douro junto á fonte da Colher, e hoje, obliquando para se desviar da Nova Alfandega, desagúa ao nascente d'esta, junto ao sitio onde esteve a Porta Nobre, na freguezia de Miragaya. São pois na topographia d'esta cidade do Porto, hoje, e desde seculos, bem conhecidos e distinctos estes dois riachos — *Rio da Villa e Rio Frio*, ou ribeiro das Virtudes: mas mal imagina a geração presente, as questões e pleitos que houve outr'ora durante seculos, a contar do principio da monarchia, entre os bispos e cabido do Porto de um lado e os reis e collegiada ou mosteiro de Cedofeita do outro, por causa d'estes dois regatos!...

Na doação que D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques, fez do couto do Porto, ao bispo D. Hugo e seus successores, se delimitou o dicto couto — «per a porta do puaaço de gracia gonçalves, des y aas pedras ficadas e des y per paramos, aa barrosa, e des y aa arca velha, que he a par de a fonte, e des y aa outra arca, e des y aa pedra fretada, e des y ao monte que chamam pee de mua, e des y pello monte de Cativos, e des y *como parte Cedofeita* com germadi, e des y pella cortina dos frades, e des y *aa caal mayor, como vay entrar no Rio de doyro.*» etc.

Era pois limitado o couto do Porto a sudoeste pelo *Canal Maior*, a partir com Cedofeita; e é provavel que nos tempos de D. Hugo e de D. Theresa aquelles limites fossem sufficientemente claros, mas com o decorrer do tempo se tornaram duvidosos e foram causa de infinitas demandas, principalmente *o terminus Canal Maior*. Pretendiam os bispos que o *Canal Maior* era o ribeiro das Virtudes ou *Rio Frio*, e pelo contrario sustentavam os reis e o mosteiro de Cedofeita, que o Rio da Villa era o Canal Maior mencionado na doação de D. Theresa, e que os bispos queriam injustamente alargar o seu couto até Miragaya, como pretendeu provar-se com a *Inquirição sobre os limites do Couto da Egreja do Porto*, mandada fazer por D. Affonso III na era de 1386, (1248 de J. C.) que se encontra no livro grande da camara do Porto, fl. 1 v. e de pag. 292 a 298 nas *Dissertações chronologicas e criticas* de João Pedro Ribeiro, livro 5.º — mas (a pag. 298) accrescenta este judicioso e muito auctorisado escriptor:

«N. B. Os depoimentos das testemunhas n'esta Inquirição, se conhecem manifestamente afectados e até falsos, por muitos documentos incontestaveis, e especialmente pelo que em contrario tinham jurado doze testemunhas contestes, noventa annos antes, nas Inquirições do sr. D. Affonso III, da era de 1296. Pode ver-se o seu depoimento no artigo — *Portus* — nas memorias de Inquirições,[1] impressas em 1815, pag. 45 nota 2.ª como igualmente pelo juramento d'outras, nas mesmas Inquirições, no artigo— *S. Cruçis Madie...*»

Em quanto o velho *burgo* do Porto se circumscrevia ao pequeno povoado em volta da Sé, pouco importava que os limites do

[1] Os *Aloques* eram uns tanques originariamente pellames, e depois, até á sua demolição, reservatorio do *lixo* da cidade.

[1] São do mesmo auctor João Pedro Ribeiro.

couto fossem até Miragaya, ou não passassem da Biquinha, por que o espaço intermedio eram fojos, montes e olivaes, — terreno de pouco valor e quasi deserto; mas ao passo que a população se desenvolvia e aquelle terreno se povoava, surgiram as questões de limites e se agravaram na proporção do desenvolvimento da cidade, do augmento de valor d'aquelles terrenos, hoje cidade compacta. Eis o motivo porque nos seculos 13 e 14 tanta importancia ligaram os bispos e reis áquelles dois regatos.

Maiores contribuintes

Dos quarenta maiores contribuintes recenseados este anno, (1875) no bairro occidental d'esta cidade do Porto, couberam a esta freguezia de S. Nicolau, os tres seguintes:

Antonio Torquato Ribeiro Guimarães, proprietario e negociante. Mora na rua de S. Domingos, 14.

Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães, negociante e proprietario. Mora na rua dos Inglezes, 9.

João Coelho d'Almeida, proprietario. Nasceu n'esta freguezia de S. Nicolau em 1796, e mora na rua de Sobre o Muro, na Ribeira, ainda alegre e folgasão, como sempre.

Foi um dos iniciadores e dos maiores accionistas da empreza que fez a ponte pensil, e tem sido o arrendatario das portagens que n'ella se pagam, desde que a dita ponte se inaugurou. É por isso cognominado o *Coelho da Ponte*.

Por iniciativa sua, e em grande parte com o seu dinheiro, se abriu a estrada marginal desde a calçada da Serra até Quebrantões, e foi elle quem fez a bonita quinta que possue sobre esta estrada na extremidade da cêrca do convento da Serra, que foi de frades cruzios.

É commendador das ordens de Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e pae do nosso ministro plenipotenciario em Vienna d'Austria, João Coelho d'Almeida Junior, commendador e grã-cruz de diversas ordens.

Cambistas

Ha n'esta parochia actualmente os seguintes:

Ricardo Soares Duarte, Rua de S. João, 95.

Luiz Ferreira Alves, na mesma rua, 109.

Domingos José de Macêdo, na mesma rua, 134.

Manuel Antonio Duarte e Sousa, Largo de S. Domingos e esquina da Rua Nova de S. Domingos.

Intendencia da Marinha (hoje departamento maritimo do Norte, no Porto)

Acha-se a sua repartição n'esta freguezia na rua de S. João Novo, n.º 9; mas provisoriamente, porque no proximo S. Miguel d'este anno de 1875, deve instalar-se em casa propria que o governo mandou fazer na rua da Nova Alfandega, e que está quasi ultimada.

O pessoal d'esta repartição é actualmente o seguinte:

Chefe do departamento — Ayres Pacheco Lamare, capitão de fragata.

Escrivão—Antonio Gonçalves Pinto, capitão tenente graduado.

Escrivão graduado—Antonio José de Sousa Mello.

Patrão-mór—Agostinho José da Costa.

Cabo do mar—João Bernardo da Silva.

E tres amanuenses.

Bancos

Ha n'esta freguezia os seguintes:

Banco União e Banco Mercantil, no primeiro pavimento do palacio da Bolsa, na rua de Ferreira Borges.

Banco Commercial, rua de Ferreira Borges, em casa propria.

Banco do Porto, rua de Ferreira Borges, 20.

Banco Alliança, rua de Bellomonte, no palacete da familia Pachecos Pereiras.

Banco Industrial do Porto, na rua Nova de S. Domingos.

A Nova Companhia Utilidade Publica, na rua dos Inglezes, 87.

Caixas filiaes de Bancos e Companhias

Ha n'esta freguezia as seguintes:

Caixa Filial do Banco de Portugal, Largo de S. Drmingos, occupando a fachada norte

ao convento que foi dos frades dominicos, unica parte que as chammas pouparam.

Caixa Filial do The New London & Brazillian Bank, rua dos Inglezes, 73.

Caixa Filial do Banco Lusitano, rua de Ferreira Borges.

Caixa Filial do Banco da Regua, rua dos Inglezes.

Agencia do Banco Nacional Ultramarino, na Bateria do Terreiro, n.º 3.

Delegação da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, na rua dos Inglezes, n.º 87.

Festas memoraveis

Commemoraremos tambem aqui algumas das festas publicas mais notaveis que tiveram logar no Porto, e nas quaes a esta freguezia de S. Nicolau coube largo quinhão; taes foram, as do casamento d'el-rei D. João I no anno de 1387; as do nascimento do infante D. Henrique; as da passagem de D. Fernando em 1371–1372, quando foi celebrar os seus desposorios no mosteiro de Leça do Bailio, com D. Leonor Telles, pois por essa occasião se formou para a passagem do real prestito, uma espaçosa ponte de barcas sobre o Douro, entre a Ribeira e Villa Nova de Gaya, tão espaçosa que por ella cabiam a par seis cavalleiros.

Foram tambem dias de extraordinario regosijo para esta freguezia os da recepção do bispo D. Fr. José de Affonseca e Evora, em 5 de maio de 1743, e do seu successor D. Antonio de Sousa e Távora, em 4 de junho de 1757; porque nunca o Porto recebeu com tão grande apparato bispo algum, e ambos fizeram a sua entrada solemne, pela Porta Nobre, seguindo pela rua dos Banhos, Fonte da Rata, Ourivesaria, S. Nicolau, Congostas, Praça de Santa Catharina, (hoje Largo de S. Domingos), etc.

Com apparato ainda superior, mas todo official e obrigatorio, fez a sua entrada pela mesma Porta Nobre e seguiu o mesmo itinerario, na passagem para a sua archi-diocese, o serenissimo senhor D. Gaspar, primaz das Hespanhas e arcebispo de Braga, filho bastardo de D. João V, no dia 1 de outubro de 1759, em uma segunda feira de tarde, precedido do provisor d'esta diocese do Porto, varios conegos e dignidades do cabido, senado e auctoridades civis, judiciaes e militares do Porto, e grande numero de pessoas das mais distinctas d'esta cidade, da de Braga e de outras terras do paiz, formando uma luzida e numerosa cavalgada, além de setenta e tantas carruagens, isto afóra a equipagem de sua alteza, que entre muitos officiaes da sua casa, capellães, moços da camara, criados de fôro, etc., passava de cem pessoas, e muitos e excellentes cavallos *de respeito* preciosamente ajaezados, muitas bêstas de carga, cobertas com reposteiros, todos com armas reaes, quarenta e tantas carruagens differentes e cêrca de 130 cavalgaduras.

Sua alteza hia em uma magnifica *estufa* (diz o chronista Manuel Ferreira da Costa e Saboya) tirada por seis frizões soberbos, malhados de branco e baio claro, ricamente ajaezados. Seguia-se a berlinda de viagem, tirada por seis valentes machos, muitas caleças, e grande numero de criados acavallo, por complemento. Ia á frente da carruagem de sua alteza, o seu capellão, montado em um soberbo palafrem, com a cruz primacial arvorada.

Hospedou-se n'esse dia nas casas de Manuel Eleutherio Monteiro Moreira Salazar, então os Paços da Relação, na Praça das Hortas (hoje Praça de D. Pedro) e no dia seguinte se foi com a mesma pompa para Braga.

Durante a demora de sua alteza no Porto, houve luminarias, salvaram com a respectiva artilheria varios navios de guerra ancorados no Douro, e as fortalezas da cidade e da barra; repicaram os sinos em todas as torres e campanarios do Porto, todas as ruas do transito se revestiram com preciosos brocados, *na fórma das reaes ordens.*

O escaler em que sua alteza atravessou o rio, foi mandado preparar pelo superintendente da Ribeira das Naus do Douro, e era decorado com primorosa talha dourada, a taifa, até ao lume d'agua, era de velludo encarnado, o toldo do camarim era tambem de velludo lavrado da mesma côr, com bandas e bambolins de terciopello carmezim, com cortinas de seda côr de canna com ramos de prata, e oito vidraças com caixilhos doura-

dos. O pavimento era todo alcatifado de velludo com ramos verdes em campo de prata; dos lados das vidraças caiam oito cortinas de seda côr de perola, com flores de prata, e as sanefas eram de seda branca franjada e agaloada de ouro, e o tecto era forrado de seda igual á das cortinas.

Na parte superior se erguia um docel da mesma seda das sanefas, com espaldar de outra de matizes em campo de prata, e debaixo d'este docel estava a cadeira de sua alteza, coberta de seda e com um coxim de velludo nos pés.

Era este escaler tripulado por 8 falueiros ou remeiros com calças, albornozes e carapuças de seda amarella e encarnada, e com plumas, um mestre ao leme e o patrão-mór á popa, sustentando uma bandeira de seda com as armas reaes.

Não nos consta que em tempo algum sulcasse as aguas do Douro escaler mais luxuoso.

N'elle embarcou sua alteza na praia de Villa Nova, e ao som dos repiques de todos os sinos da cidade e Villa Nova, de clarins e outros instrumentos e salvas de artilheria, seguiu com o seu numeroso cortejo formando uma vasta flotilha, toda empavesada e donairosa, até ás proximidades da quinta da China, pela margem direita do Douro, d'alli passou á margem esquerda junto a Quebrantões, e seguiu até junto de Valle da Piedade, passando outra vez para a margem direita, e desembarcando em uma larga prancha de madeira, na praia de Myragaia, onde já se achava formado um regimento de tropa da guarnição da cidade, que deu tres salvas, e fez a continencia do estylo á passagem de sua alteza.

GRANDES MOTINS N'ESTA FREGUEZIA

Em 1474 houve um grande motim n'esta cidade, nos limites actuaes d'esta freguezia de S. Nicolau, e por isso daremos d'elle aqui resumida noticia.[1]

Em 1474 era Ruy Pereira, senhor das Terras da Santa Maria (Feira) fidalgo distincto (neto doutro Ruy Pereira, tio do condestavel D. Nuno Alvares Pereira) um dos homens mais ricos da provincia, dono de muitos navios e commerciante rico, pelo que vinha muitas vezes ao Porto tractar dos seus negocios e assistir ao despacho e dizimaria das suas fazendas, pois em frente do *grão-senhor* os empregados da alfandega mal attentavam nas tabellas e regulamentos. Costumava pois vir ao Porto Ruy Pereira, muitas vezes, sempre bem escoltado por gente sua, altaneira e turbulenta, demorando-se o tempo que lhe aprazia, sem se importar com os foraes da cidade, que não permittiam a *fidalgo, nem poderoso, nem abbade bento, o poisar n'ella mais que tres dias.*

Estava pois a cidade já indisposta contra Ruy Pereira, quando n'ella entrou com uma porção de peões e cavalleiros armados, no dia 26 de Maio de 1474, sexta feira, dois dias antes do domingo de Pentecostes, e foi pousar na rua Nova (depois rua Formosa, e hoje rua dos Inglezes) nas casas de Leonor Vaz, dôna viuva, sua collaça, mulher que fôra de um almoxarife da sua casa da Feira. Despediu parte dos seus acontiados, e ficou para assistir ao despacho e dizimação das fazendas, mas sem pressa alguma, nem attenções para com a camara e juizes da cidade, nem para com os seus foraes. Vendo os portuenses Ruy Pereira tão descançado, principiaram a amotinar-se contra o despresador dos seus foros, e a irritação já subia de ponto quando a camara, no dia 4 de junho, a requerimento do procurador da cidade, se reuniu no convento de S. Domingos, segundo o costume d'aquella epocha, para accordarem no que deveria fazer-se, afim de terminar o escandalo que estava dando Ruy Pereira, por se conservar na cidade, desde 26 de maio, quando não podia demorar-se mais de 3 dias.

Eram juizes Vasco Leite e Alvaro Leite, irmãos, — vereadores Fernão Alvares Baldaia, Vasco Gil, Luiz Alvares de Madureira

[1] Quem quizer saber mais por miudo como as coisas se passaram, leia o interesante romance historico d'Arnaldo Gama—*A ultima Dona de S. Nicolau* e consulte o *Arch. da Camara do Porto*, nomeadamente o livro B. fl. 131 a 141.

e Diogo Martins, e procurador da cidade Gomes Fernandes.

Todos estes se achavam reunidos em sessão com varios *homens bons, e os procuradores privativos dos mesteres*, quando Gomes Fernandes, como procurador da cidade, levantou a questão, concluindo por propor ou requerer, que fosse intimado Ruy Pereira, para sahir da cidade immediatamente — *e acordaram todos que assim se fizesse.* E o juiz Vasco Leite, com dois tabelliães e o procurador da cidade, se dirigiu para a alfandega, onde no momento se achava Ruy Pereira, e pouco depois de defrontarem com elle, Vasco Leite lhe disse, com pequena differença o seguinte:[1]

«Ruy Pereira, senhor, vós bem sabeis que os antigos fundaram sua povoação, aqui nesta cidade, sómente por viverem pelo trafego das mercadorias, e as juntarem nella: por quanto desde Lisboa até Galliza, não acharam outro porto de mar mais seguro do que este; e não o fizeram por lavrar, nem criar, por quanto a terra o não leva de si, nem é de tal genero. Pelo que, senhor, para a terra se melhor povoar, e fazer mais nobrecida, trabalharam de lhe achegar aquellas cousas, que melhor fizessem a vir ahi morar grande numero de gente; e tanto n'isso se trabalharam, e tão boas cousas lhe achegaram, que vós bem sabeis quantos homens, em razão dellas. correm para aqui, onde trasfegam com suas mercadorias a muitas partes do mundo, *demorando-se, como demoram*, allá muitos tempos, trasfegando por terra e por mar, sem fazerem grande estimação de virem tão cedo a suas casas, porque sabem que suas mulheres e seus haveres estão em logar isempto e seguro.

«Ora, senhor, por estas e outras cousas legitimas, que escusarei referir, (pois que tão de afogadilho, má hora, vos vimos achar) poderá haver cento e cincoenta ou duzentos annos, sendo esta cidade mal habitada com os poderosos e fidalgos, que a ella vinham morar e pousar, os regedores, officiaes e povo, que então eram, ordenaram e fizeram suas posturas e vereações—que nenhum fidalgo nem pessoa poderosa, não fossem recebidos por visinhos, nem morassem na dita cidade, nem fizessem ahi vivenda nem estada prolongada.

«Desde esse tempo foram os moradores do Porto de posse das ditas posturas, e as usaram e costumaram, confirmadas pelas cartas d'El-Rei D. Diniz e d'El-Rei D. Affonso, seu filho, e d'El-Rei D. Pedro, que achando-as bôas, as houveram por bem e d'ellas nos deram suas cartas patentes. Assim as usaram e costumaram, e d'ellas estiveram de posse até o tempo d'El-Rei D. Fernando, em que, sendo meirinho-mór um João Fernandes Buval, justiça maior na de Entre Douro e Minho, havida sobre isto inquirição, a confirmou por sua carta patente, accrescentando, sobre as dos reis passados, que os ditos fidalgos e poderosos não pousassem nem estivessem na cidade mais que tres dias, posto que fosse na casa de algum seu amigo. E deu logo poder e auctoridade aos juizes da cidade, para que, tanto que os ditos fidalgos e pessoas poderosas fossem requeridos que se sahissem, não se querendo sahir logo, todos ou cada um dos ditos juizes, com os moradores, os tirassem e pozessem fóra da cidade.

«Estes privilegios, senhor, foram confirmados depois e outorgados por el-rei D. João, cuja alma Deus haja, e o mesmo mandou el rei D. Duarte, e el-rei D. Affonso, que ao presente nos governa.

«E assim tanto que algum fidalgo ou pessoa poderosa quer ahi ir pousar a casa de algum seu amigo, na cidade ou nos arrabaldes, o hospede, antes de o agasalhar, vae pedir licença aos regedores, dizendo-lhe o dia em que hade entrar, para se saber se está ahi mais dos tres dias, e, se a não pede, mandamol-o penhorar por dez marcos de prata para a cidade.

«E com a dita licença, quando algum fidalgo ou poderoso vem pousar ás estalagens, podem estar tres dias na cidade, os quaes acabados, os requeremos com um tabellião, que se vam fóra, e se logo o não querem fazer, nós os juizes com os moradores os bo-

[1] Cart. da Cam. do Porto, L. B, fl. 250— e no L. grande, fl. 54.
Dissert. de João Pedro Ribeiro, L. 1.º, pag. 318. —Arnaldo Gama, livro cit., pag. 303.

tamos e lançamos logo fóra, como aconteceu ao conde D. Gonçalo, ao conde D. Pedro, ao arcebispo D. Lourenço (e mais era fronteiro) a João Alvares Pereira, *vosso senhor avô*, a Gomes Ferreira, o velho, e a outros; os quaes os nossos antecessores; por força de armas e de fogo, como melhor poderam, lançaram fóra da cidade.

«E vós, senhor, chegastes sexta feira, que foi, á cidade; assim a vossa estada n'ella já é britamento e deshonra dos privilegios que vos notifiquei; pelo que vos requeiro da parte d'el-rei, que vos saihaes logo d'ella, pois que os tres dias já são passados, e mais.»

O rico homem das terras de Santa Maria, ouviu a mensagem muito contrariado, e, depois de soltar algumas phrases inconvenientes, concluiu com soberano aprumo — que estava ainda na cidade, porque as festas e oitavas do Pentecostes haviam interrompido o serviço da alfandega, e que não se ausentava sem despachar as suas mercadorias.

Retirou-se Vasco Leite, depois de ordenar aos tabelliães que de tudo tomassem nota, e voltando ao refeitorio de S. Domingos, participou á camara o que passára com Ruy Pereira. Levantaram-se logo brados de indignação, e não faltou quem appellasse para a ultima razão dos povos; mas resolveu a camara mandar por quatro officiaes seus, nova mensagem a Ruy Pereira, que com maior arrogancia os recebeu e despediu, repetindo-lhes o que havia dito a Vasco Leite. Regressando os quatro officiaes com tal recado, subiu de ponto a indignação da camara e do povo, e alguns mais insoffridos, sahiram logo bradando, e concitando a populaça.

Accordou ainda a camara que fossem dois vereadores com quatro tabelliães convidar pela terceira vez Ruy Pereira a deixar immediatamente a cidade ou a ir ver os privilegios, quando sobre elles tivesse duvida.

Partiram effectivamente com esta missão Diogo Martins, Fernão Alvares Baldaia e os quatro tabelliães; mas Ruy Pereira, que já se achâva em casa da sua collaça D. Leonor, de todo dementado, com mais aspereza os recebeu e despediu, ameaçando-os, e repetindo que não sahiria da cidade em quanto não dizimasse as suas fazendas.

Quando os camaristas e tabelliães se retiravam pela rua das Congostas para o convento de S. Domingos, já o povo crescia em massa, armado com toda a qualidade de armas, sobre a casa de D. Leonor; e apenas chegaram a S. Domingos e deram conta da sua missão, levantou-se um borborinho medonho na grande assembléa, bradando todos:

Morra o mescão! (lascivo, deshonesto, etc.)

Morra o falso!

Morra o tredo!

Houve ainda assim, quem propozesse que seguisse a camara e povo para a casa de Ruy Pereira, com os pergaminhos, para que elle os visse, mas que fossem todos armados, e que se elle não quizesse deixar a cidade por bem, fosse constrangido a ferro e fogo.

E *accordaram todos a hua vós q assy fosse*—tornou Lopo de Rézende a escrever na ementa da acta d'aquella tumultuosa vereação.

Os sinos tocaram a rebate, um alarido infernal se ouvia por todas as ruas e viellas; e homens e mulheres, novos e velhos, todos armados de mil fórmas, se reuniram no Largo de S. Domingos, e seguiram com os vereadores para a casa de Ruy Pereira; mas ao chegarem á Rua Nova (hoje Rua dos Inglezes) surgiu de frente o bispo D. João de Azevedo, que tendo noticia do conflicto corrêra a ver se evitava maiores desgraças.

O prestito logo parou, e todos se curvaram reverentes—pediu então o bispo á camara que lhe confiasse os pergaminhos e aguardasse um pouco, que elle esperava convencer Ruy Pereira da sua sem-razão.

A camara de bom grado annuiu, e D. João de Azevedo se encaminhou para a casa do teimoso fidalgo, crescendo a anciedade de momento para momento, até que assomou á porta de Ruy Pereira, o bispo D. João, dizendo que infelizmente nada conseguira; e logo das janellas de Ruy Pereira se disparou um tiro de espingarda sobre a turba apinhada na rua, e o povo logo investiu com a casa, disparando sobre ella um chuveiro de balas e projectis de toda a ordem. Mas Ruy Pereira já se havia prevenido para a resistencia, e elle e os seus criados se defendiam como

loucos. Appareceram logo homens com machados e trataram de despedaçar as portas, mas como estas não quizessem ceder, trataram de amontoar contra ellas grande quantidade de lenha e lançaram-lhe o fogo. Passados alguns minutos a casa foi devorada pelas chammas, salvando-se a custo Ruy Pereira com os seus criados, precipitando-se das janellas e expondo-se a serem trucidados pelo povo; mas valeram-lhes os juizes e vereadores que se achavam presentes, acompanhando-os até á beira do Douro e d'ahi em barcos até á margem opposta, onde os deixaram.

Tudo isto consta dos archivos da camara do Porto, na querella de Ruy Pereira, e da carta d'el-rei D. Affonso V, datada de Evora (aos 11 de abril de 1475) na qual *encommenda á camara do Porto que tenha maneira como as ditas casas de lianor vaaz, molher viuva, moradora na rua nova, d'essa cidade,* as quaes foram queimadas por occasião do levantamento contra Ruy Pereira, que n'ellas se fôra aposentar, *fossem corregidas á custa da cidade, porque voos vedes bem que ella demanda rrazom, e que voos fostes o que o dito dano fizestes.*

Esta carta se encontra no livro antigo das provisões, fl. 90.

Da sentença na querella de Ruy Pereira, se vê o grande commercio que elle fazia no Porto. Elle proprio diz que viera á cidade *para tomar suas contas aos mestres de seus navios, dos fretes d'elles, e para fazer dizimar e arrecadar certa mercadoria que estava na alfandega da dita cidade, que lhe viera... etc.*

Na sua querella contra os habitantes do Porto, pedia Ruy Pereira que, além de outras penas, lhe fosse imposta a indemnisação de vinte mil dobras; mas a final foi elle obrigado a segurar os portuenses, e a respeitar os seus foros e privilegios, como se vê da sentença que se encontra no archivo da camara, liv. B, fl. 131 a 141. Foi aquella sentença dada por el-rei D. Affonso V, e é um documento importantissimo para a historia do privilegio que o Porto gosou até aos principios do seculo XVI de não ter fidalgos dentro dos seus muros, nem nos seus arrabaldes.

O motim das Maçarocas

Em quanto Portugal gemeu sob a dominação dos hespanhoes, não cessavam estes de o vexar com tributos e exacções de toda a ordem, a despeito das suas pomposas promessas de protecção e liberalidade; e por corôa das maiores violencias, no anno de 1628, reinando Philippe IV, de execranda memoria, foi mandado a esta cidade do Porto, por ordem do real conselho de estado, Francisco de Lucena, residente em Madrid e secretario do mesmo conselho, para impôr n'esta cidade o extravagante tributo das *Maçarocas!* Apenas elle apresentou ao senado portuense a sua commissão, logo este a approvou—*como ordem do seu rei...* mas as regateiras e outras mulheres, vendo que o exotico tributo tendia directamente a defraudar o pequeno lucro que tiravam das suas rocas, exasperadas correram em motim ao terreiro de S. Domingos (hoje d'esta freguezia) e apenas defrontaram com o pobre do tal Francisco Lucena, descarregaram sobre elle uma nuvem de pedradas, e de certo o trucidavam, se elle se não metesse logo no convento; mas crescendo o motim com grande reforço de marujos e garotos, trataram de assaltar o convento, com uma formidavel bateria de pedras, e não sabemos até onde hiriam, se não echoasse no espaço uma voz de estentor, dizendo que o Lucena havia fugido pela cêrca de S. Domingos para o convento de S. Francisco, e d'este, pelo postigo do Pereira, para o convento da Serra, onde se refugiára, atravessando o Douro.

Serenaram então um pouco mais os animos, e se desvaneceu o motim.

Receando as consequencias, foram o bispo (D. João de Valladares) e o senado, protestar ao Lucena, quanto a nobreza e povo da cidade sentiram aquelle insulto, termidando por lhe pedirem efficazmente se dignasse regressar ao Porto, certificando-o de que nada podia recear, porque as ordenanças e justiças estavam a postos para conterem os amotinados; mas não houve instancias que determinassem o bom do Lucena a expôr-se a segunda bateria, e logo partiu

para Madrid, onde pintou com vivas côres o modo *gracioso* como n'esta cidade o receberam. Funestas seriam por certo as consequencias, se o bispo D. João de Valladares não empenhasse seu irmão, Mendo da Motta Valladares; o presidente do conselho d'Estado, D. Carlos d'Aragão; e o governador das justiças, Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda, para moverem o tal D. Philippe IV a perdoar aos aggressores (como perdoou), sem que o Porto soffresse.

OUTRO MOTIM N'ESTA PAROCHIA

Em 1836, os marceneiros do Porto, vendo-se affrontados pela mobilia vinda d'outras nações, reuniram-se em grande numero, armados com martellos e machados, dirigiram-se á alfandega velha da rua dos Inglezes, e fizeram em estilhas toda a mobilia de procedencia estrangeira, que encontraram no caes e á porta da alfandega, e mesmo alguns pianos; retirando-se em seguida para suas casas, sem serem presos nem molestados. E o nosso governo teve de pagar o prejuizo ás nações que reclamaram. [1]

AINDA OUTRO MOTIM

Aproximadamente em 1856, porque o pão havia attingido na praça do Porto preço exhorbitante, e porque se espalhou que a carestia dos cereaes provinha da exportação, a populaça amotinou-se, e reuniu-se em grande numero na Ribeira, dispondo-se para invadir e incendiar um navio alli ancorado, que suppunham já carregado de cereaes, e prestes a seguir viagem; mas intervieram as auctoridades e obstaram ao incendio do navio.

Quizeram ainda os amotinados passar a Villa Nova de Gaya para incendiarem os armazens dos Wanzellers, por constar que n'elles se achava um grande deposito de pão para embarque; mas ainda as auctoridades outra vez os poderam conter. Seguiram depois d'alli para o quartel da guarda municipal, com grande vozearia bradando como possessos:

Viva D. Pedro quinto!
Vinho a pataco e milho a pinto!

Immortalisou-se, dirigindo este movimento popular, um pobre diabo conhecido pela alcunha de—*Carcunda dos leilões*—por ser corcovado, e costumar fazer o papel de bôbo ou palhaço, como pregoeiro de leilões.

Já o pobre *Carcunda* se achava com a sua gente á porta do quartel da guarda municipal, e se dispunha para entrar sem ceremonia, quando surgiu o commandante da municipal com um esquadrão de cavalleria, e os obrigou a fazerem-se ao largo. Seguiram d'alli para a Casa Pia com a mesma algazarra, mas apenas alli chegaram logo o general Ferreira (Francisco José Ferreira, por alcunha o *Trinta-Diabos*), então governador das armas no Porto, os intimou para que se afastassem e dispersassem (como dispersaram), e assim terminou o tumulto.

Convento de S. João Novo

Houve nos limites d'esta freguezia, um convento, denominado de S. João Novo, que era de eremitas de Santo Agostinho, calçados, denominados tambem gracianos, por ser o convento da Graça em Lisboa a casa capitular d'esta Ordem.

Este convento de S. João Novo, foi fundado, no anno de 1592, por D. Antonio de Noronha, governador de Cochim, sobrinho do marquez de Villa Real, sendo bispo do Porto, D. Jeronymo de Menezes, e reinando já em Portugal Philippe II de Hespanha, de ominosa recordação; sendo ao tempo provincial dos ditos frades, fr. Manuel da Con-

[1] Os marceneiros, depois de partirem a mobilia que encontraram no caes e proximidades da alfandega velha, seguiram para os armazens que a alfandega ainda então occupava, nos baixos do convento de S. Domingos, invadiram-os, despedaçaram tambem a mobilia estrangeira que alli encontraram, e recolheram-se ás suas officinas; mas em seguida formou-se um grande magote de populaça, que percorreu varias ruas da cidade, arrojando pedras sobre as lojas de negociantes estrangeiros, apupando-os e causando-lhes bastante damno, principalmente nas vitrines e armações.

ceição, prégador de sua magestade. Foi presidente da nova fundação frei Jorge Queimado, depois bispo de Fez, e primeiro prior fr. Antonio da Resurreição, tio do conde Diogo Lopes de Sousa, que foi governador da justiça n'esta cidade do Porto.

O bispo lhes deu, para sobre ella construirem o convento, a egreja matriz da freguezia de S. João de Belmonte, que supprimiu, dividindo-a pelas outras duas, creadas, como aquella, pelo bispo D. Marcos, seu antecessor,—a da Victoria e esta de S. Nicolau.

Da primittiva egreja, templo de fabrica muito humilde, nada existe; existe, porém, e ainda em boas condições, a egreja dos frades, levantada sobre o chão d'aquella. É um templo dos mais espaçosos que ha n'esta cidade do Porto, solidamente construido, de uma só nave e tecto de abobada de granito, com alta e imponente frontaria, formando um todo com duas torres lateraes, e voltada ao norte sobre o largo de S. João Novo. Esta fachada, e o mesmo templo, são cópia, um pouco mais singela, da magnifica egreja que foi dos jesuitas, e ultimamente dos agostinhos descalços, e que ainda hoje se admira no largo do Collegio dos Grillos, junto ao paço episcopal d'esta cidade.

Quando chegarmos á *freguezia da Sé*, fallaremos d'aquelle templo e d'aquelle collegio, hoje o Seminario da diocese.

Além do altar-mór, tem a egreja de S. João Novo, quatro altares lateraes, em capellas, e dois no cruzeiro, voltados para o corpo do templo; e deveram os frades d'esta casa grande parte das suas rendas e do seu claustro, um dormitorio, muitas preciosidades e o retabulo do altarmór da sua egreja, ao bispo D. fr. Antonio de Sousa, que fôra religioso da sua Ordem.

Em uma das capellas lateraes, está ainda um apparatoso camarim, com a ternissima imagem do Senhor dos Passos.

No tempo dos frades, as festas principaes que n'este templo se celebravam eram, a do seu patriarcha Santo Agostinho, no dia 28 d'agosto, com vesperas, matinas, missa solemne, Senhor exposto, etc.—as da semana santa ou endoenças—a de S. Gonçalo de Lagos—a de Santa Rita de Cassia—e a do Senhor dos Passos e Cruz de Christo, a 3 de maio, a expensas de irmandade propria com aquella invocação—irmandade a cujo cargo está a egreja, desde a extincção dos frades, e que olha por ella com desvelo, fazendo ainda alli festas das mais lusidas e mais concorridas por fieis de todas as classes, nomeadamente por familias da primeira sociedade do Porto, sendo sempre pessoas qualificadas os provedores d'esta pia corporação; assim, foi d'ella provedor muitos annos consecutivos, até que falleceu, Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, ultimo senhor e representante da nobre casa de S. João Novo, da qual fallaremos, e é seu provedor actual Diogo Leite Pereira de Mello, da mesma familia.

As festas principaes que hoje n'este vasto templo se celebram, são — a do Senhor dos Passos e Cruz de Christo — a de Nossa Senhora do Rosario, por irmandade propria transferida para esta egreja da extincta dos Terceiros dominicos — a de Santa Rita, por devotos—e Lausperenne todas as sextas feiras, tambem a expensas de devotos.

Tambem se celebrou n'esta egreja o anno ultimo (1874) a festa da Santa Infancia.

O convento ficava, como se vê ainda, á direita, e na linha da frente da egreja, com a fachada principal voltada ao norte, sobre a rua de S. João Novo, tendo outra face voltada ao nascente e a terceira ao sul, com espaçosos eirados na extremidade *oeste*, d'onde se gosa um lindissimo panorama sobre o Douro, desde a Foz e Lordello até ao convento e serra do Pilar, e sobre Villa Nova de Gaya, S. Christovão de Mafamude e o poetico Candal.

N'esta vasta casaria, aliás muito solida e muito regular, estão hoje as varas do crime e civel d'esta cidade, com todos os seus respectivos officios e cartorios correspondentes, e na espaçosa sacristia dos frades, que ficava ao sul da egreja, se montou a *praça dos leilões!...*

A sacristia actual era um estreito, escuro e pequeno corredor, e não póde substituir-se, porque todo o convento está occupado com as repartições indicadas. Para as suas sessões, cartorio e secretaria, mandou a irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de

Christo, fazer, em 1872 a 1873, casa propria ao poente da egreja, encostada á velha capellinha de Nossa Senhora da Esperança, que já mencionámos no artigo *Miragaya*, por ser d'esta freguezia, e propriedade dos respectivos abbades, como dissemos.

Os frades d'este convento foram, como todos os de Portugal, extinctos em 1834, mas deixaram o convento em 1832, quando entrou n'esta cidade o exercito liberal. Durante o cêrco do Porto, no convento devoluto se montou o hospital militar, fazendo-se os enterramentos na cêrca, onde tambem por esse tempo se enterraram os cadaveres da freguezia de Miragaya e outras.

Conservou-se alli o hospital militar alguns annos, já depois do cêrco, sendo depois transferido para a quinta das Aguas Ferreas, e por ultimo d'alli para o novo hospital militar de D. Pedro V, na rua da Boa Vista, onde actualmente se acha.

No tempo em que Agostinho Rebello da Costa escreveu a sua *Descripção do Porto* (1740-1742) tinha este convento 27 religiosos e sete mil cruzados de renda; mas em 1832, quando abandonaram a casa, eram apenas 12 os religiosos que n'ella moravam, sendo seu prior ou prelado fr. Manuel de Azevedo, natural de Guimarães, onde vivia ha poucos annos, e não sabemos se vive ainda. O que podemos dizer com certeza, é que ainda existe um d'aquelles 12 religiosos — fr. Francisco Bormão, hoje fr. Francisco Henrique Bormão. Esta ordem só reconhecia os seus religiosos pelo nome proprio e um unico appellido.

Nasceu em Cedofeita, n'esta cidade, em 1799; conta por consequencia já 75 annos,[1] e é filho de João Henrique Bormão, dinamarquez catholico, e de D. Maria Emilia Bormão, portugueza. Foi na ordem, prégador, mas não mais prégou depois da extincção; vive no largo de S. João Novo, n.º 2, ultimo andar, e é ha muitos annos capellão da irmandade do Senhor dos Passos e Cruz de Christo, na egreja que foi do seu proprio convento. É um veneravel ancião.

Este convento não possuia quintas nem propriedades. Pertenceu-lhe em tempos remotos o terreno onde se formou a magnifica quinta da China, sobre a margem direita do Douro, mas os frades o venderam. Os rendimentos d'esta casa consistiam em dinheiros mutuados, acções da antiga companhia dos vinhos, renda dos armazens nos baixos do seu convento, alguns foros e pensões, e principalmente nos dizimos da egreja de Santo Isidoro de Romariz, que nos ultimos annos eram orçados em um conto de réis, aproximadamente.

Os frades eram sepultados na sua egreja, e n'ella se sepultavam tambem alguns particulares, mas em pequeno numero, sendo um d'esses Gaspar Cardoso (dos Cardosos d'Armamar), que ao tempo morava na freguezia da Victoria, nas suas casas da rua de S. Bento, um pouco acima da egreja matriz. Na egreja dos frades, se vê ainda o carneiro em que jaz; e alli depois se sepultaram mais algumas pessoas d'aquella familia.

N'esta egreja funccionou algum tempo a irmandade de S. José das Taipas, que hoje tem templo proprio no alto da rua do Calvario. Tinha em um altar da egreja do convento, a imagem de S. Nicolau Tolentino, seu padroeiro; alli fazia as suas festividades, e em sepulturas distinctas enterrava seus irmãos fallecidos, mas, por desintelligencias com a communidade, retiraram para as Taipas.

Tambem tinham sepulturas determinadas na egreja do convento, as irmandades do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Guia, junto aos seus altares.

Prende ainda com esta egreja o facto seguinte:

Como é constante, o bispo, cabido e camara do Porto, por occasião das ladainhas maiores de S. Marcos, a 25 d'abril, desde tempo immemorial, costumavam hir em procissão todos os annos até á capella de S. Marcos, além do rio na velha Gaya, mas desde certa época, ou porque os intimidou o rio Douro, que hia cheio e turvo, ou para evitarem a fadiga do passeio, hiam com a procissão ape-

[1] Entrou no convento da Graça, em Lisboa, no dia do Santissimo nome de Jesus, domingo 19 de janeiro de 1817, e professou no mesmo convento no dia 4 de fevereiro de 1818 — quarta feira de cinza.

nas até á porta da capellinha de Nossa Senhora da Esperança, junto a este convento, no alto da rua da Esperança (antiga Cordoaria), d'alli incensavam o S. Marcos, cuja capella se avistava na margem fronteira ao Douro, e seguiam para a cathedral. Estando porém um anno incensando no alto da Esperança, sobreveio chuva em quantidade, e o prior do convento immediatamente mandou abrir as portas da sua egreja e os convidou para entrarem, o que todos acceitaram e muito agradeceram; e assim, desde essa data, o cabido e a camara continuaram a entrar e descançar na egreja dos frades quando vinham com aquella procissão á capellinha da Esperança. E os frades, por deferencia, os recebiam na sua egreja em communidade—um d'elles celebrava, durante a demora, missa resada, em seguida, outro, subia ao pulpito e recitava um sermão proprio do acto e do dia, e depois, quando o cabido e a camara se dispunham para retirar-se, sahia o prior com a sua communidade para o largo em frente da egreja, e ahi paravam, formando duas alas, pelo meio das quaes passava o cabido e camara, e, cortejando-se por ultimo, regressavam os frades ao seu convento.

Durou isto muitos annos, e tanto que aquelle sermão ficou sendo para os frades um dos sermões denominados *da tábua* ou tabella, e ao frade a quem competia e o prégava era dado pela casa, n'esse dia, um *prato de meio* de gratificação.

A proposito direi que uma das maiores garantias e vantagens de que gosavam os frades d'esta casa, era o poderem prégar em quaesquer festividades e receberem o estipendio correspondente; sendo porém obrigados, por turno, a prégar nas festividades da casa, e por esses sermões, chamados *da tábua*, apenas a casa lhes dava leves gratificações, v. g. *um prato de meio*, como dissemos, pelo das ladainhas de S. Marcos.

Tambem a casa lhes permittia celebrarem missas, e receberem as esmolas correspondentes, logo que estivessem cumpridos os legados do convento, mas não podiam ter capellanias certas, e só, em casos muito extraordinarios, e com licença do prior, hiam celebrar, uma ou outra vez, a casas nobres. Era-lhes tambem permittido o leccionarem por estipendio, e alguns frades d'esta casa foram professores de theologia no seminario velho.

Outra vantagem de que gosavam estes religiosos era o dar-lhes a casa *calcearia* e *vestiaria*, — tres pares de calçado por anno, e sempre alternadamente, um anno um habito branco e outro um habito preto, ou a sua importancia em dinheiro, o que por vezes acceitavam, porque o habito preto era caro e durava annos, por ser o seu habito de gala, que raras vezes vestiam.

Hiam em communidade, á procissão do Corpo de Deus, e a outras do cabido e camara, como ás dos anniversarios da restauração de Portugal, e da expulsão dos francezes; e só n'estas procissões e em quaesquer festividades e actos mais solemnes usavam habito preto,—por casa traziam habito branco, e em passeio o mesmo habito branco, chapeu triangular e capote.

Esta casa produziu homens notaveis, como foram ainda nos ultimos annos—fr. José de Lima, prégador regio e prégador geral da Ordem — fr. Manuel Botelho, theologo distincto, tambem prégador e professor no velho seminario diocesano, etc.

A cêrca d'este convento era muito pequena. Reduzia-se a um grande taboleiro (pouco mais) parallelo á casa, do lado sul, mas em compensação, desafrontado e com vistas lindissimas sobre o Douro e Villa Nova de Gaya.

Tribunaes de 1.ª Instancia

N'este convento de S. João Novo se acham, desde 28 d'abril de 1864, como dissemos, os tribunaes de primeira instancia da cidade do Porto e seu termo, sendo tres as varas do civel e duas as do crime, cujo pessoal e organismo é o seguinte:

1.ª VARA CIVEL

Juiz — Dr. José Antonio Pimentel de Macedo.

Delegado — Dr. Antonio Alberto Torres Carneiro.

Sub-delegado de policia correcional—Dr., Antonio Emilio Alves Teixeira de Carvalho.

Sollicitador da Fazenda—Manuel de Oliveira Maia Outeiro.

Escrivães—Gil Alcoforado da Gama e Mello, Joaquim Augusto de Sousa Reis, Justino Antonio de Moura Soeiro, João Joaquim da Motta e Adelino de Figueiredo.

Completam este quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

2.ª VARA CIVEL

Juiz—Dr., Lino Antonio de Sousa Pinto.

Delegado—Dr., Antonio Pedro Xavier de Barros.

Sub-delegado de policia correcional—Antonio Cardoso e Silva Junior.

Solicitador da Fazenda—José Pereira da Fonseca.

Escrivães—Geraldo Vaz d'Oliveira, Domingos José Villela, Jeronymo Philippe Simões, Antonio José Pereira Salgado e João José d'Almeida Basto.

Completam este quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

3.ª VARA CIVEL

Juiz—Dr., Francisco Maria Gaspar Martins.

Delegado—Dr. Lucio Augusto Xavier de Lima.

Sub-delegado de policia correcional—Dr., Florido Telles de Menezes Vasconcellos.

Solicitador da Fazenda—Manuel d'Oliveira Maia Outeiro.

Escrivães—Joaquim d'Almeida Moura Coutinho, Antonio Augusto Pereira Baptista Lessa, José Joaquim da Silva Pereira, João Rodrigues da Fonseca e Joaquim José da Silva Guimarães.

Completam o quadro—um contador e tres officiaes de diligencias.

Juizo de direito criminal

1.º DISTRICTO

Comprehende as freguezias da Sé, Santo Ildefonso, Victoria, Bomfim, Campanhan, Paranhos, Gondomar, Maia e Vallongo.

Juiz—Dr., Antonio José Pinto da Costa Rebello.

Escrivães—Antonio Domingues dos Santos, Manuel dos Santos Villa Nova e Antonio Fernandes Alvares.

Completam o quadro—tres officiaes de diligencias.

2.º DISTRICTO

Comprehende as freguezias de Cedofeita, S. Nicolau, Miragaya, Massarellos, Foz, Lordello, Bouças e Gaya.

Juiz—Dr., Francisco Manuel da Fonseca e Castro.

Escrivães—Victorino Pereira Magro, Bernardino Antonio de Moura Soeiro e Candido Maximiano de Mello Alvim.

Completam o quadro—tres officiaes de diligencias.

—

Tambem n'esta mesma casa, e *precisamente no salão que era a sachristia dos frades*, está a *praça dos leilões e arrematações*, cujo pessoal é o seguinte:

Juiz—Conselheiro, Antonio Philippe de Sousa Cambiasso.

Escrivães—Antonio Cardoso Pinto de Sousa Menezes Montenegro e Manuel Gomes dos Santos Lima.

Completam o quadro—um pregoeiro e um porteiro.

—

Está tambem n'esta mesma casa o *Deposito publico*, e é o seu pessoal o seguinte:

Presidente—Conselheiro, Antonio Philippe de Sousa Cambiasso.

Vice-Presidente—Antonio José do Nascimento Leão.

Thesoureiro—Arnaldo Ribeiro Barbosa.

Dito—Antonio José Gonçalves Braga.

Vogal inspector—Antonio José da Cruz Magalhães.

Escrivão—Manuel d'Oliveira Maia Outeiro.

—

Ha n'esta parochia varias confeitarias, sen-

do duas de primeira ordem—uma nas Taipas, n.º 26, propriedade de Joaquim Guilherme Gustavo Lahman, — outra de Paulo da Silva Barbosa, no largo de S. Domingos, n.º 37.

—

Como os tanoeiros, fogueando na rua da Ourivesaria e Banhos, prejudicassem os visinhos e fossem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, em 1515, o terreno do Postigo de João Paes, que hia do Muro contra a rua da Ourivesaria, e ficaram foreiros á cidade.

(*Mosaico* de C. Castello Branco.)

Albergarias e hospitaes antigos

Desde os primeiros seculos da nossa monarchia, houve n'esta cidade varios hospitaes e albergarias, mas quasi todos estes estabelecimentos caducaram depois da creação da Misericordia, porque montando esta um hospital em maior escala, perderam a razão de ser, aquelles pequenos hospitaes, e D. Manuel, por isso mesmo, os uniu quasi todos á Santa Casa, exceptuando a albergaria e hospital do «Santo Sprito, no lôgo de Miragaya», e poucos mais.

Além d'esta albergaria do Espirito Santo, de que já fallámos no artigo *Miragaya*, houve no Porto, que nos recordemos, as seguintes: a de Santo Alifon, dita de S. Domingos, dita de Roque-Amador, dita de Redemoinhos, dita de S. Salvador, dita de Santa Clara; da Thareja; de Vaz, na Bainharia; e os hospitaes do Cimo de Villa, S. Thiago, e Lazaros: e uma gafaria no Olival.

Aqui, faremos só especial menção d'alguns d'estes estabelecimentos que estiveram em terreno hoje pertencente a esta freguezia de S. Nicolau, taes foram os hospitaes ou albergarias de Santa Catharina e S. Thiago, que existiram na rua da Reboleira. Ainda alli se vê um nicho com a imagem de S. Thiago, na frente das casas n.ºs 52 e 54, do lado N., e que parece indicar o sitio onde esteve a velha albergaria, quasi em frente das casas que foram da familia Pedrossem, e que hoje são do rico negociante e proprietario Francisco Cardozo Valente.

Aquellas duas albergarias foram transferidas da Reboleira para o largo de S. João Novo, e mais tarde para a Ferraria de Cima, hoje dos Caldeireiros. Eram estas albergarias administradas pela camara, mas esta passou a respectiva administração para a antiquissima irmandade do Corpo de Deus, dos ferreiros e serralheiros, ou da Senhora da Silva, como consta do archivo d'esta irmandade, e nomeadamente do seu compromisso com data de 17 de novembro de 1593.

Quando chegarmos á freguezia de Nossa Senhora da Victoria fallaremos detidamente d'aquella irmandade e do seu archivo, que é importante e curioso.

A albergaria de S. Salvador esteve na rua das Congostas, em um becco, onde ainda hoje está uma capella com a mesma invocação, ainda bem conservada, na qual se festejou, ainda n'este anno de 1875, o padroeiro, com grande pompa, na fórma dos annos anteriores.

Houve tambem na rua dos Mercadores, hoje d'esta freguezia de S. Nicolau, um hospital de Santa Clara, cuja administração foi dada á Santa Casa da Misericordia do Porto, por alvará regio de 15 de maio de 1521.

Em terrenos pertencentes a este hospital, se construiram varias casas, que fazem face para a velha rua dos Mercadores e para a nova de S. João, uma das quaes é hoje propriedade do rico negociante e proprietario, José Gaspar da Graça, morador no largo de S. Domingos.

D'este hospital faz menção Rebello da Costa na sua descripção do Porto, e diz que era de *velhas*.

A casa do sr. Gaspar da Graça, que occupa uma parte do chão onde esteve na rua dos Mercadores aquelle recolhimento, faz face para esta rua, sobre a qual tem os n.ºs 149, 151 e 153, e para a rua de S. João, sobre a qual tem os n.ºs 110 e 112, e já teve os n.ºs 72 e 73. E mais alguns dos predios contiguos a este foram tambem levantados sobre o local que occupou o mesmo recolhimento das Velhas.

—

Um pouco mais abaixo do sitio onde es-

eve aquelle recolhimento, ha na frente da casas n.os 89 a 91, um nicho, com a imagem do Senhor da Boa Fortuna, festejada com pompa todos os annos, por devotos da visinhança no dia 15 de agosto; e na frente das casas n.os 117 a 119, ha tambem na mesma rua outro nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Piedade. Teve tambem festa propria feita por devotos, mas ha annos que esta festividade se não faz.

—

Ha tambem n'esta mesma rua, mas do lado opposto (nascente), uma casa antiquissima denominada a *Casa da Torre*, que foi dos mouros (diz o vulgo). Revela effectivamente grande antiguidade, e suppomos ser uma reliquia do velho largo da Sé. Os restauradores a desfiguraram, e lhe deram um aspecto informe e exotico. E' hoje de Antonio Pinto Rezende, ha muitos annos sachristão d'esta freguezia de S. Nicolau, e têm os n.os 156 e 158.

—

Na rectaguarda d'estas casas, se vêem os restos da antiquissima viella de S. Lourenço, que hia da rua de Sant'Anna para as proximidades do collegio dos jesuitas, no Barredo, viella que foi supprimida ha muito, e o chão da entrada pela rua de Sant'Anna foi tomado por umas casas que alli mandou construir ha annos o sr. Joaquim de Souza Maia.

Banhos, bancas, e gamellas

Houve no seculo XIV um estabelecimento de banhos, na Ribeira, então freguezia da Sé, e hoje freguezia de S. Nicolau. Eram propriedade do bispo, ainda então senhor da cidade, que os arrendava, como se vê da *Inquirição sobre os Diretos que á Igreja do Porto pertenciam na mesma cidade feita na era de 1377*. (Cartorio do concelho do Porto, Livr. Grand., fl. 11, col. 2.ª até fl. 12, col. 2.ª)

«Item, gomes giraldez, que teve os Banhos da Ribeira rendados; jurado sobre os sanctos evangelhos que dissesse verdade, per razom de que rendiam ou renderam os dictos Banhos, disse: que os tevera rendados por s tres anos, por cem livras em cada huum ano.»

«Item, Affonso, que os hora tem rendados, outro si jurado sobre os Sanctos Evangelhos que dissesse porquanto tem os dictos banhos rendados em este ano que hora foy, da Era de seteenta e seis, disse: que os tevera rendados por sassenta livras e que este ano da era de sateenta e seis disse, que os tevera rendados por seteenta livras *(é do original esta repetição)* e que este ano da era de seteenta e sete nom esteveram rendados.»

Além d'este estabelecimento de banhos, na Ribeira, cujo local não póde fixar-se, houve outro estabelecimento de banhos quasi na extremidade sudoeste do Porto, junto á velha rua da Munhota, e a um postigo dos muros, que por este facto se denominou *Postigo dos Banhos*, bem como *rua dos Banhos* aquella da Munhota.

Esta rua, como outras muitas, foi absorvida pela da Nova Alfandega, e o Postigo dos Banhos lá se vê ainda, tapado com pedra, junto á lingueta do mesmo nome.

«Item, Catharina Alvares, viuva, mulher que foi do João dos Banhos, tras por prazo uas casas nossas, na rua dos Banhos, *que foram Banhos*, a saber metade são da cidade e a outra metade nossa e do Cabido, a saber nós as duas partes, e o Cabido uma, e partem de ua parte com a parede da horta de S. Francisco, por detraz com o caminho que vai para a Minhota, por deante rua publica de longo do chafariz dos Banhos, e pagão...» (Censual da Mitra).

—

Consta tambem das citadas Inquirições feitas na era de 1377, que por aquelle tempo vivia na Ribeira, n'esta freguezia (hoje) de S. Nicolau, um tal Pedro Affonso, casado com Catharina Pires, que foi annos consecutivos o rendeiro das *gamellas*.

«Item. (log. cit.) Pero afonso da Ribeyra e sa companheira Cathelina pirez, e margarida annes molher, de domingos do porto, vogado júrados aos Santos Evangelhos disserom que teverom as gamellas, que som todas do Bispado, rendadas na era de seteenta anos, por trinta livras e nos outros cinquo anos seguintes por quareenta livras cada huum

ano e hora esta era em que hora somos, de seteenta e sete anos, disse o dicto pero afonso que as tinha rendadas por trinta e cinquo livras.»

E do Censual da Mitra consta o seguinte:

«Item. João Rodrigues, criado do Bispo D. Balthazar Limpo, traz por prazo de nomeação, as bancas, gamellas, cestas e vendagem do pescado da praça da Ribeira *(hoje freguezia de S. Nicolau)* que sohia trazer Diogo Girão, e se arrecada o dito dinheiro da vendagem pela verba do foral, em que está muito declarada e paga.»

CASAS NOBRES

N'esta freguezia predomina o commercio, e ha hoje apenas duas casas com brazões d'armas, e hereditariamente nobres, uma na rua de Bellomonte n.º 49, outra no Largo de S. João Novo. Na de Bellomonte se acha montado o Banco Alliança, e é um lindo palacete com uma elegante e custosa fronteria —bem desenhada e bem acabada.

Pertence á nobre familia Pachecos Pereiras, da qual daremos em seguida um esboço genealogico.

A outra casa do Largo de S. João Novo é tambem um bom palacete. Foi de Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim (hoje de seus herdeiros) que n'elle falleceu, e que era o legitimo representante da nobre familia Cernaches, de Campo Bello e outras, como adiante mostraremos.

PACHECOS PEREIRAS, DO PORTO

O primeiro que em Portugal usou o appellido Pacheco, foi Fernão Rodrigues Pacheco, o celebre alcaide-mór de Celorico, com quem se deu o facto lendario da tructa cahida das garras de uma aguia, quando o conde de Bolonha, depois D. Affonso III, era regente pela incapacidade de el-rei D. Sancho, seu irmão; e era Fernão Rodrigues Pacheco bisneto ou 3.º neto de Fernão Jeremias, um dos fidalgos que vieram para Portugal com o conde D. Henrique, como dizem Viterbo no seu Elucidario, art. *Ferros*, in fine,—o conde D. Pedro no seu Nobiliario, tit. 50, etc.

De Fernão Rodrigues Pacheco, senhor de Ferreira d'Aves, nasceu João Fernandes Pacheco, e d'este — Lopo Fernandes Pacheco (filho legitimo) grande privado d'el-rei D. Affonso IV, que o fez *rico-homem*. Casou com D. Maria Gomes Taveira, e teve Diogo Lopes Pacheco, um dos conjurados que tiraram a vida a D. Ignez de Castro, e que poude escapar á vingança de D. Pedro I, fugindo para Castella; d'onde voltou a convite de el-rei D. Fernando para o auxiliar na guerra com a Hespanha.—Fugindo para alli segunda vez, por haver aconselhado ao infante D. Diniz que não beijasse a mão da rainha D. Leonor. Outra vez foi chamado por D. João I, e, tendo já oitenta annos, muito se distinguiu na batalha d'Aljubarrota, com seus 3 filhos, D. João Fernandes Pacheco, legitimo, e os dous bastardos, Lopo Fernandes Pacheco e Fernão Lopes Pacheco. Este D. João Fernandes Pacheco, como elle queria, desbaratou completamente a João Annes de Barbuda, general castelhano, que na retirada d'Aljubarrota queimára a cidade de Viseu, passando á espada os seus habitantes: e com o governador de Trancoso, e o senhor de Linhares, mataram-lhe quatro mil homens, e de todo o derrotaram entre Valverde e Trancoso. Depois, vendo que os seus serviços não eram remunerados como elle queria, se passou para os castelhanos, com 200 homens de cavallo, entre parentes, amigos e criados.

De D. João Lopes Pacheco descendem os duques de Escalona, os marquezes de Vilhena e outras nobilissimas familias de Hespanha; e de Lopo Fernandes Pacheco, um dos celebres cavalleiros da *Tabola redonda*, que foram desafrontar as damas a Inglaterra, procedem os Pachecos de Portugal, entre os quaes avultou o grande Duarte Pacheco Pereira, e os da Quinta da Ledêsma, de Santo Estevão de Barrosas, no termo de Guimarães, como foi João Pacheco de Ledesma, que tirou brasão de sua nobreza, no tempo d'el-rei D. João III. Viveu no Porto, foi casado, e teve entre outros filhos—Manuel Pacheco, que viveu algum tempo em Campos, do Li-

ma, e teve — João Pacheco Pereira, que viveu no Porto, onde foi vereador no anno de 1578, e teve — Manuel Pacheco, que foi, como seus paes, senhor da quinta de Ledesma, fidalgo da casa do infante D. Duarte (filho d'el-rei D. Manuel) — e vereador da camara do Porto em 1597 e 1604. Casou no Porto, com D. Maria de Novaes Carneiro, e teve — Gonçalo Pacheco Pereira, que viveu no Porto, onde foi vereador e superintendente das caudelarias. Casou com sua prima D. Isabel Pacheco, filha unica e herdeira de Alvaro Pacheco Pereira, juiz da alfandega, de propriedade, como já fôra seu pae—no Porto, Aveiro e Buarcos, e fidalgo da casa real. Por sua mulher, succedeu Gonçalo Pacheco Pereira na grande quinta da *Pachêca*, em frente da Régua, que ainda hoje (1875) possue (com mais seis, *só no Douro*...) o sr. João Pacheco Pereira, de Villar, ultimo representante dos Pachecos Pereiras, do Porto.

Do consorcio com a dita sua prima teve Gonçalo Pacheco Pereira, entre outros filhos —Ignacio Pacheco Pereira, que foi tambem juiz da Alfandega, como seu avô e bisavô. Foi fidalgo da serenissima casa de Bragança e capitão de uma companhia, de que era capitão-mór, o conde de Miranda, servindo á sua custa. Casou com D. Marqueza Nunes de Povoas, e teve—Manuel Pacheco Pereira, que foi, tambem no Porto, vereador e juiz da alfandega. Casou com D. Maria Jacome Nobre, filha de Francisco Alves, o qual, sendo alferes aos 17 annos, foi para a India com o vice rei D. Vasco Mascarenhas, conde de Óbidos, e na India serviu 22 annos continuos, prestando relevantes serviços como capitão de Mar e Guerra e commandante da galera S. Sebastião e da nau Estrella d'Alva, pelo que foi feito fidalgo cavalleiro da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo, com 250:000 réis detença pela Alfandega do Porto.

Falleceu o dito Manuel Pacheco Pereira, em 28 de julho de 1713 — foi sepultado em um dos jazigos de seus avós, na egreja do extincto convento de S. Domingos, no Porto, e teve entre outros filhos — Pedro Pacheco Pereira, que foi tambem juiz da alfandega (48 annos continuos...) e vereador no Porto, nos annos de 1709 e 1714.

Casou com D. Clara Maria Eldres, filha e herdeira de Pedro Bellens, pertencente a uma das mais nobres e mais ricas casas da cidade de Altona (Dinamarca) — filho de Christiano Bellens e de sua mulher, Anna Von-Santen filha de Jeremias Von-Santen, undecimo conde de Golig.

Era o dicto Pedro Bellens filho primogenito e representante d'esta opulenta e nobilissima casa, e de paes e avós catholicos romanos; mas como na instituição da sua casa houvesse a clausula de *que na successão d'ella preferiria o ultimo descendente que seguisse a seita de Calvino*, e declarando-se calvinista um outro seu irmão, elle desgostoso e não querendo abjurar o catholicismo — renunciou á casa de seus pais e ausentou-se para Lisboa, passando d'ali para o Porto, onde se estabeleceu e casou com D. Dorotheia Maria Eldres, filha legitima de Otho Eldres, de uma das mais illustres familias d'Anvers — neto de outro Otho Eldres, conde de Eldres, e de Catharina Escote.

Pedro Bellens falleceu em 2 de outubro de 1683 e jaz no carneiro da capella que fundou na egreja matriz de S. Nicolau, com o titulo de nossa Senhora da Assumpção, para si e seus descendentes, no anno de 1672.

Do seu consorcio com D. Maria Clara Eldres teve Pedro Pacheco Pereira, entre outros filhos, — João Pacheco Pereira, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, juiz da alfandega e vereador na camara do Porto em 1757 a 1758.

Casou duas vezes — a 1.ª com D. Eugenia de Vasconcellos Telles e Menezes, filha de Sebastião José de Carvalho e Vasconcellos, senhor da casa de Villa Boa de Quires, e de sua mulher D. Maria Thereza de Sousa Coutinho, cujo consorcio não deu successão, pelo que passou a segundas nupcias com D. Isabel Joanna Pamplona Rangel de Tovar, filha de João Alves Pamplona Carneiro Rangel, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, senhor da casa de Beire, e de sua mulher, D. Maria Clara Baldaia de Tovar, herdeira da casa de Canellas e padroeira *in solidum* da egreja de Sobrado, e tiveram entre outros filhos.

— Pedro Pacheco Pereira, que viveu no seu lindo palacete de Belmonte n.º 49, casou com D. Marianna Rita de Sousa Peixoto de Carvalho, e tiveram dois filhos — Jeronimo Pacheco Pereira e

— João Pacheco Pereira, que na qualidade de primogenito, succedeu na casa de seus pais — Casou em Lisboa com D. Margarida Telles da Silva, filha do marquez de Penalva, e tiveram entre outros filhos

— João Pacheco Pereira, que ainda vive no Porto (em Villar) e que, como filho primogenito, succedeu na grande casa de seus maiores[1]

Casou com D. Maria Angelina Pereira da Silva, sua prima (que tambem ainda vive) filha do conde de Bertiandos (Gonçalo) e tiveram

— João Gonçalo Pacheco Pereira, ainda solteiro e de 19 annos de idade.

Vive com seus pais.

PALACETE QUE FOI DE ALVARO LEITE, NO LARGO DE S. JOÃO NOVO

No largo de S. João Novo (freguezia de de S. Nocolau) acha-se situada a casa apalaçada, onde residia e falleceu seu dono, o sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, representante n'esta cidade de uma antiga familia, a que os genealogicos dão o nome de — familia de Campo Bello — por ser na quinta d'este nome, em Villa Nova de Gaya, que ella tinha o seu solar.

É um vasto edificio, de boa architictura, tomando toda uma fachada do largo em que se acha situado, e no que respeita a obra de pedra, uma das mais ricas edificações particulares d'esta cidade. Sobre a porta da entrada tem seus brasões abertos em granito, dos quaes o escudo é esquartelado, tendo na primeira pala — Costas, Limas — e na segunda—Mellos, Alvins.

Foi mandada construir esta casa no principio do seculo passado, por Pedro da Costa Lima, natural da cidade de Vianna do Castello, o qual foi casado com D. Maria Thereza de Mello e Alvim, filha de Pedro de Mello e Alvim Pinto, senhor da Casa da Carreira, na mesma cidade; e tiveram estes senhores uma filha unica, D. Anna Casimira de Lima e Mello, a qual casou com Diogo Francisco Leite Pereira, senhor da Casa de Campo-Bello e da de Quebrantões, em Villa Nova de Gaya, e representante de uma das mais antigas e illustres familias dos arredores do Porto.

Pedro da Costa Lima, viveu n'esta cidade, e aqui exerceu o cargo de administrador e superintendente das fabricas da Ribeira do Ouro, prestando serviços valiosos, os quaes constam do alvará que lhe concedeu o fôro de fidalgo cavalleiro da casa real, em satisfação dos mesmos serviços e que tem a data de 13 de novembro de 1710. Eis o seu contheudo.

«Houve Sua Magestade por bem, tendo respeito aos serviços que o dito Pedro da Costa Lima, cavalleiro da ordem de Christo, tem feito depois de despachado pelos seus primeiros serviços até o anno de seiscentos e oitenta e seis, continuar a servir mais nos cargos de administrador e superintendente das fabricas da Ribeira do Ouro da cidade do Porto, de quinze de dezembro de seis centos e noventa até o presente, sem interpolação alguma, e no decurso do referido tempo fabricou nove fragatas, cinco da corôa e quatro da junta do commercio, com grande utilidade da fazenda real; e com a mesma, sendo encarregado para correr com a fabrica dos galeões d'aquella Ribeira, por haver muitos annos estar extincta, dando todos os meios convenientes, e as noticias necessarias para se continuar, mandando logo fazer os córtes das madeiras e conducções d'ellas com brevidade; provendo os armazens de todos os materiaes com tanta antecipação que se não experimentou falta alguma, comprando-os e fazendo-os vir do Norte, em beneficio da Fazenda Real, debaixo do seu credito; satisfazendo as letras de sua importancia com tal pontualidade que por não haver dinheiro prompto nas consignações applicadas a dita fabrica suprir com o seu; e vindo fretada de Hamburgo

[1] O palacete de Belmonte coube em partilhas ao sr. Gonçallo da Cunha Souto-Maior, residente hoje em Lisboa, e primo-d'este João Pacheco Pereira.

uma fragata por conta da Fazenda Real, com mastros e outras fabricas, fazer ter de utilidade mais de cinco mil crusados, pela fazer logo carregar; e sendo-lhe encarregado para que n'aquella cidade se fizesse troco de Marinheiros, dar tão boa fórma e expediente, que se facilitou e estabeleceu, não só para aquella occasião, mas tambem para as mais que foram necessarias; e indo áquella bárra duas fragatas de guerra, de guarda costa, prover-se de mantimentos, em breves dias e lh'os fazer promptos como tudo o mais que lhe foi necessario, em occasião que a fragata Santa Clara foi ás rias de Galliza por causa do tempo, em todo que nella esteve, mandou assistir com todo o necessario ao capitão d'ella, D. João Diogo de Athaide; e por repetidas vezes lhe ter encarregado pelos vedores da Fazenda o Provimento dos Armazens d'esta Cidade, o que muito particularmente lhe foi agradecido, no aproveitamento da Fazenda Real e aprestos das fragatas e materias para ellas.

Achando-se a Casa da Moeda, da cidade do Porto, falta de dinheiro (para se poder comprar o ouro e prata que a ella ia a trocar e se perdia a conveniencia, e ser em proveito da Fazenda Real) emprestar logo nove mil cruzados e se offerecer com o mais que fosse necessario; e da mesma maneira se haver, vindo o ouro do Rio de Janeiro; e para que não houvesse descaminhos, e a Fazenda Real tivesse conveniencia em emprestar tambem quinze mil cruzados e ordenando-se que n'aquella cidade se fizesse fabrica de cobre, para ir para o reino de Angola, lhe ser encarregado a dita fabrica e que assistisse a ella com todo o dinheiro necessario, ao que deu logo cumprimento, comprando muita quantidade de cobre pelo mais barato preço que se pôde alcançar e procedido d'elle mandar entregar a esta cidade; e considerando ser mais conveniente vir de Hamburgo, para que a Fazenda Real tivesse lucro, lhe ser tambem encarregado a dita commissão, no que obrou com muita conveniencia, assim no preço, como no pezo, assistindo com o seu cabedal, com muita antecipação, dando de tudo conta no Conselho Ultramarino, com grande zelo e verdade: e por Ordem da Junta Geral do commercio, mandar vir do Norte e Biscaia os materiaes e pregadura para a manufactura das fragatas que a dita Junta mandou fazer n'aquella cidade, administrando tudo com todo o acerto; e tendo noticia o Conselho Ultramarino do seu prestimo e intelligencia, lhe encarregar umas carregações, para irem para a nova Colonia, que remetteu a esta cidade; como tambem muitas armas que mandou fazer na provincia do Minho, para as mais conquistas; fazendo juntamente afretamento aos navios que levaram a Infanteria da cidade do Porto para o Rio de Janeiro, em que fez particular serviço a Sua Magestade, assim nos mantimentos como na passagem da gente, e no pagamento que lhe fez, em que teve muito trabalho e com o mesmo, sendo encarregado da compra e remessa do trigo para esta cidade, pela falta que n'ella havia, no anno de seiscentos sessenta e sete, lhe ser recommendado pelo Secretario de Estado, para que com toda a cautella e segredo averiguasse a entrada que uma cetia franceza tinha feito n'aquelle Porto, examinando-se as suas operações e movimentos, o que obrou com tanto cuidado e diligencia, de maneira que lhe foi muito agradecida a noticia que deu: como tambem do dinheiro com que tinha assistido para o custo das armas que se lhe havia recommendado; e que com a mesma pontualidade assistisse com o que fosse necessario para a Companhia que ia de soccorro a Mombaça; e no anno de setecentos e tres, principiando-se a guerra com Castella, ser-lhe encarregado por muitas e repetidas ordens da Junta dos tres Estados, o provimento das provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes, da compra das armas, petrechos, munições, mantimentos e tudo o mais necessario para ellas, porque só de sua pessoa e prestimo se poderia conseguir com mais facilidade, fiando-se tudo do seu arbitrio; a que logo deu principio, comprando todo o necessario: e da mesma maneira se haver, no anno de mil setecentos e quatro, na compra que fez de mil baionetas para a infanteria e varios materiaes e provimentos para as ditas provincias e mais presidios, além dos da lotação dos assentistas; fazendo tambem

exame da bondade do pão que remetteram á cidade do Porto, para ir para a praça de Almeida, prevenindo os barcos e carruagens que o levaram, tomando tambem conta do que mandaram nos navios áquella cidade, remettendo-o á dita provincia; vencendo muitas dificuldades, fazendo muitas cobranças, em que teve muito trabalho; como tambem na remessa de nove mil ferramentas que mandou fazer; e no mesmo anno, chegando o Senhor Rei D. Pedro, que santa gloria haja, á cidade da Guarda, e não achando n'aquella provincia os terços e tropas do partido do Minho, por falta de pagamento, lhe ser ordenado, da parte do dito Senhor, acudisse a tão grande necessidade, pedindo-lhe mandasse logo entregar, por emprestimo, ao Vedor geral da dita provincia, o que fosse necessario, o que promptamente fez, mandando-lhe quatorze mil cruzados, e credito para que na villa de Vianna se lhe desse tudo o mais que fosse necessario. Estando servindo de Vereador mais velho da cidade do Porto, servir juntamente de Juiz de fóra perto de cinco mezes em que procedeu com satisfação. E por ordem do Marquez das Minas, general da provincia da Beira, remetter á praça de Almeida, muita quantidade de lônas, brins, doze mil ferramentas e mil e seiscentas espadas; como tambem fazer a ponte de barcas, e outras coisas muito convenientes: e achando-se o dito marquez n'aquella provincia, com muita falta de mantimentos para o grande numero de gente que n'ella estava, lhe ordenou fizesse quanto fosse possivel, para ajudar ao capitão que mandou a compra do pão, e que todo o que podesse haver o tomasse por sua conta, e que com toda a brevidade o remettesse do Porto da Ervedoza, o que obrou com tanto cuidado, de maneira que se lhe remetteu mais de dous mil moios. Cinco mil ferros que por sua ordem mandou fabricar: e outras cousas de importancia, e os calafates para as barcas, e os haviamentos necessarios para ellas, e juntamente os marinheiros. E muita quantidade de serafinas, olandilhas e mais aviamentos, que tudo comprou para se vestirem os soldados, dando sempre de tudo tão boa conta e expedição, que se fazia adimiravel a suaa ctividade, e promptidão com que accudia. E fez as referidas compras e remessas em materia tão importante e de tão graves consequencias, como era a operação dos Exercitos, e sustento dos soldados, devendo-se muito ao seu grande disvéllo e cuidado; suprindo com o seu proprio cabedal, para que se não faltasse ao Serviço Real, em quanto lhe não chegaram os creditos. E da mesma maneira se haver, na conducção da equipagem de El Rei Catholico, para a mesma provincia, no anno de setecentos e cinco, pelas ordens que teve da Junta dos tres Estados. Fazer exame dos mantimentos que os assentistas tinham n'aquella cidade, para provimento da provincia da Beira, não consentindo os que tivessem corrupção, no que obrou com todo o acerto; e requerendo os procuradores do assento se lhe fizesse vestoria em um armazem onde tinham bons mantimentos, occultando os mais que tinham com damno, lhe ser encarregado pela mesma Junta, que com toda a exacção fizesse a diligencia e tomasse informação do preço porque valeu a cevada no tempo em que se lhe tinha feito emprestimo d'ella e juntamente averiguasse o tempo em que tinham remettido o pão para a Ervedoza, para se saber se era para o seu provimento ou para depois de introduzido na provincia, pedirem se lhe recebesse como sobejos do assento. Tomando tambem noticias com toda a cautella de outro requerimento que haviam feito e interpozesse com o seu parecer, como fosse mais conveniente no ajuste que se pretendia; no que tudo obrou com acerto. No de sete centos e seis, lhe ser encarregada a compra de quatro mil pares de sapatos, mandando logo remettidos á praça de Almeida, quinhentos e vinte, pelos mais se não poderem fazer com a brevidade com que se pediam. Procurando tambem, com todo o cuidado, pela ordem que se lhe tinha mandado, a qualidade dos moios de cevada e centeio e arrobas de farinha e barris de biscouto, que os assentistas tinham mandado d'esta côrte, para se saber se havia n'elles corrupção, o que fez com todo o cuidado. E com o mesmo, na compra que fez de cento e cincoenta barris de polvora, que mandou remetter ao Vedor geral da provincia do Minho, com outros

mais que d'esta cidade foram com outros petrechos, no anno de setecentos e sete mandar duzentas séllas apparelhadas remettidas ao dito Vedor geral: — Ha Sua Magestade por bem fazer-lhe mercê em satisfação de todos os serviços referidos de o tomar por fidalgo de sua casa com mil e seiscentos réis de moradia por mez, de Fidalgo Cavalleiro, e um alqueire de cevada por dia, paga segundo a ordenança e é a moradia ordinaria, e o Alvará foi feito a treze de Novembro de setecentos e dez.»

Continuemos com a historia do edificio de que tratamos.

Por morte do seu primeiro proprietario, passou elle a sua filha unica, já mencionada, entrando assim nos bens pertencentes á casa de Campo Bello; tendo porém a dita senhora, em seu testamento, nomeado a referida propriedade no mais novo de seus filhos varões, por nome Diogo Leite Pereira de Mello, ficaria ella separada dos restantes bens de que se compunha a casa de Campo Bello, senão se tivesse realisado o casamento d'este Diogo Leite com sua sobrinha D. Gertrudes Emilia Leite Pereira, filha unica e universal herdeira de Francisco Antonio Leite Pereira de Mello, irmão primogenito do mesmo Diogo e representante de seu fallecido pae.

Teve logar este casamento nos fins do seculo passado, hindo a nova familia estabelecer a sua residencia para a sua casa do largo de S. João Novo, onde permaneceu até o cêrco do Porto, [1] e estes foram os paes do sr. Alvaro Leite, ultimamente fallecido, e de seus irmãos. Do casamento d'este sr. Alvaro Leite com a sr.ª D. Maria Christina de Faria, nasceu uma unica filha, a sr.ª D. Gertrudes Maria das Dôres Leite Pereira de Faria Cernache de Mello e Alvim, mas que falleceu antes de seu pae; sendo hoje as unicas descendentes d'esta illustre familia as duas filhas que ficaram do casamento do sr. Joaquim Augusto Leite Pereira de Mello e Alvim, irmão do mesmo sr. Alvaro Leite, e que são a mais velha a sr.ª D. Gertrudes Emilia Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim de Cernache Noronha e Tavora, actual senhora da casa de Campo Bello, e representante da sua familia; a qual é casada com seu primo Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão: e a mais nova, á qual pertence hoje a casa de S. João Novo, é a sr.ª D. Maria Helena Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim Ferreira Pinto Basto, casada com o sr. Vasco Ferreira Pinto Basto, d'esta cidade.

Como o fallecido sr. Alvaro Leite Pereira, reuniu a representação de algumas familias, das mais illustres na ordem nobiliarchica, parece-nos aqui logar proprio para darmos alguns esclarecimentos a seu respeito, limitando-nos ás quatro principaes, que são:—Leites Pereiras, Cernaches, Noronhas (um dos ramos), e Tavoras (chamados de Campo Bello).

Leites Pereiras

Esta familia, que o padre Agostinho Rebello, na sua *Descripção do Porto*, assim como muitos outros auctores, contam entre as mais illustres d'esta cidade, é originaria de França, onde os melhores genealogistas a dão como proximamente aparentada com a antiga casa dos seus reis. Em Portugal acham-se memorias d'ella desde annos muito remotos; mas aqui começaremos a serie dos seus representantes em Alvaro Annes Leite, senhor da honra de Calvos em Basto, o qual serviu a el-rei D. João I, e foi o progenitor dos senhores da quinta de Quebrantões, junto ao Porto, primitivo solar d'esta familia, onde ainda se veem, em mais de um sitio, os seus antigos brazões. Acha-se esta propriedade situada na margem esquerda do Douro, junto ao logar que chamam do *Areinho*, e ainda hoje não ha, mais perto da cidade, outra quinta de extensão egual. Antigamente porém abrangia ella muito maior

[1] Durante o cêrco, abandonada pelos seus proprietarios, que haviam sahido do Porto, foi a casa de S. João Novo arvorada em hospital militar, e depois foi alugada para a typographia Commercial Portuense, chamada do «largo de S. João Novo, n.º 12;» isto até pouco antes do casamento do sr. Alvaro Leite, que teve logar no anno de 1846.

espaço, pois se estendia muito mais para o poente, comprehendendo parte do terreno, onde mais tarde se edificou o convento dos Cruzios, hoje transformado no *Forte da Serra do Pilar*, para a qual edificação foi esse terreno gostosamente cedido pelo seu proprietario, como se vê das chronicas respectivas. [1]

1.º—Casou o referido Alvaro Annes Leite com D. Philippa Borges, irmã de D. Diogo Borges, abbade commendatario do mosteiro de S. Miguel de Refoyos, em Cabeceiras de Basto, os quaes eram netos de D. Gonçalo Borges, que foi filho unico de João Rodrigues Borges e de sua mulher D. Catharina Lopes, senhores da terra de Algôzo e neto paterno de Rodrigo Annes, portuguez illustre que, servindo em França nas guerras de Philippe II, o Augusto, ahi se tornou notavel na defeza de Burges, adquirindo o cognome de *Cavalleiro de Burges*, donde por corrupção nasceu o appellido *Borges*. E tiveram.

2.º—*Alvaro Leite Pereira*, o qual serviu em Ceuta, no reinado de D. Affonso V, e foi senhor dos morgados de Quebrantões e Gaya, a Pequena. Casou com uma senhora, cujo nome se ignora, mas que se sabe ser natural de Ceuta, e filha de Fernão Roiz, do conselho de el rei, de quem houve

3.º—*Diogo Leite Pereira*, filho primogenito dos precedentes e seu successor, casou com D. Violante Pereira, filha de Diogo Brandão, fidalgo da casa real, contador do Porto, e senhor de Correiras e Peruzello, o qual foi casado com D. Brites Fernandes de Vasconcellos, e d'elle descendem tambem, entre outras, as familias da casa da Sylva, junto de Barcellos, e da de Villa Pouca em Guimarães. E tiveram

4.º—*Alvaro Leite Pereira*, successor de seu pae, e fidalgo cavalleiro da casa real com dois mil réis por mez de moradia e um alqueire de cevada por dia, por alvará de 26 de julho de 1582, que para elle pediu a imperatriz, mãe de Philippe II de Castella e a qual, como é sabido, era filha do nosso rei D. Manuel, e havia tido por ama nobre uma tia d'este Alvaro Leite. N'esse alvará menciona-se ainda a circumstancia do mesmo Alvaro Leite haver prestado serviços importantes na cidade do Porto. Casou em Braga com D. Martha Pereira do Lago, filha de Sebastião Pereira do Lago e de sua mulher D. Brites de Carvalho, o qual Sebastião Pereira do Lago era fidalgo da casa real e do legitimo tronco dos Pereiras, como descendente de Gonçalo Roiz de Palmeira, que egualmente foi ascendente do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e ao mesmo tempo por sua irmã D. Francisca Alvares de Colmenar, senhora castelhana, era muito proximo parente dos Colmenares de Hespanha.

5.º—*Sebastião Pereira Leite*, filho primogenito dos precedentes e seu successor, foi fidalgo da casa real e casou com D. Luiza da Cunha, de quem teve Jeronymo Leite Pereira, que lhe succedeu, e foi casado com D. Helena de Portugal, filha e herdeira de João Rodrigues do Caço e de sua mulher D. Isabel de Portugal, e viveu este Jeronymo Leite na villa de Montemór-o-Velho. Por sua morte, extincta a varonia n'este ramo, passou a casa de Quebrantões aos descendentes de Diogo Leite Pereira, irmão do referido Sebastião Pereira Leite. Foi este Diogo, fronteiro e commendador em Tanger e fidalgo da casa real, com a mesma moradia de seu pae, por alvará de 9 de julho de 1600, registado a 28 de fevereiro de 1603. Casou com D. Antonia de Magalhães Pessoa, filha do desembargador Gaspar Pessoa de Carvalho, e de sua mulher D. Francisca de Magalhães, a qual era dos Magalhães, do Côvo, e elle dos Pessoas de Montemór-o-Velho, familia proximamente aparentada, entre muitas outras, com as Rangeis de Coimbra, os Sás de Condeixa e os Mellos da Graciosa.

6.º — *Alvaro Leite Pereira*, filho dos que acabamos de mencionar, foi, como seu pae, fidalgo da casa real, por alvará de 18 de julho de 1612, e foi commendador de S. João de Alegrete, na ordem de Christo. Casou com D. Antonia de Vasconcellos, filha de Manuel Mendes de Vasconcellas (fidalgo da casa real

[1] Na chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho, menciona-se a carta que el-rei D. João III escreveu para este fim ao morgado de Quebrantões.

e senhor da casa de Frontellas) e de sua mulher D. Paula de Moraes. E tiveram

7.º — *Diogo Leite Pereira*, fidalgo da casa real e commendador de S. João de Alegrete (Alemtejo). Fez importantes serviços naguerras do Brasil desde 1631 até o anno de 1635, em que foi rendido pelos hollandezes e lançado nas Indias. Serviu nas fronteiras do Minho e Beira, desde o principio da acclamação d'el-rei D. João IV até 1645, no posto de capitão de infanteria e no de capitão de cavallos, e tambem serviu nas armadas em capitão de mar e guerra, embarcando-se ultimamente, por capitão e cabo das náus, para a India, em 1649, e n'esta viagem naufragou, padecendo grandes trabalhos, e n'esse mesmo anno falleceu na cidade de Gôa. Foi casado com D. Helena de Tavora de Noronha, filha de Martim de Tavora de Noronha, [1] senhor da casa de Campo Bello em Villa Nova de Gaya, e representante de algumas antigas e illustres familias, do qual em outro logar fallaremos. D'estes nasceu

8.º—*Alvaro Leite Pereira de Tavora*, o qual foi cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 12 de dezembro de 1680. Nasceu em Villa Nova de Gaya, no paço da quinta de Campo Bello, e foi baptisado na egreja de Santa Marinha, da mesma villa, no dia 1 de janeiro de 1646. Casou com D. Lourença Caetana de Azevedo e Mello, filha de Lourenço de Azevedo e Vasconcellos (fidalgo da casa real, e capitão-mór de Mezão-frio), e de D. Isabel de Mello, sua mulher. Por fallecimento de Jeronymo Leite Pereira, de quem fallámos, e que era seu primo terceiro, succedeu este Alvaro Leite na casa e quinta de Quebrantões, e succedeu tambem a seus paes na casa e quinta de Campo Bello, não sem haver de sustentar uma questão com Antonio de Tavora e Noronha Leme Cernache, seu primo co-irmão, o qual pretendia recuperar a dita propriedade como representante de Martim de Tavora de Noronha. Esta questão porém foi vencida por Alvaro Leite, sendo-lhe confirmada a posse em que se achava da casa e quinta de Campo Bello, e ficando-lhe esta em paga da legitima de sua mãe, que não lhe havia sido por outra fórma satisfeita. Foi desde então que esta propriedade, antigo solar dos «Cernaches,» passou a ser o dos «Leites Pereiras,» que ahi fixaram a sua residencia, por se achar em ruinas a casa que possuiam em Quebrantões. Succedeu-lhe

9.º—*Diogo Francisco Leite Pereira*, seu filho e de sua mulher já referida, o qual nasceu no dia 4 de julho de 1698, e foi baptisado a 23, na parochial egreja de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya. Casou por procuração, aos 8 de novembro de 1720, na egreja de Nossa Senhora da Victoria, com D. Anna Casimira de Lima e Mello, filha de Pedro da Costa Lima, de quem já fallámos. E tiveram

10.º—*Francisco Antonio Leite Pereira*, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo, o qual nasceu no paço da quinta de Campo Bello, em Villa Nova de Gaya, no dia 9 de junho de 1730, e aos 28 do mesmo mez foi baptisado na capella particular da mesma quinta. Foi o successor e representante da casa de seu pae, e fez, no reinado de D. Maria I, serviços de algum valor, que lhe foram reconhecidos por esta soberana, e que não só consistiram em alistar-se no regimento de infanteria do Porto, onde pessoalmente serviu a rainha, mas em ter posto ás ordens do governador da mesma cidade, por occasião das guerras que então houve, uma companhia a expensas suas. Casou na capella da sua casa de Campo Bello, com D. Anna Amalia do Carmo Magalhães e Azevedo, natural do Porto e filha de Carlos Luiz de Magalhães e de sua mulher D. Michaella Thereza de Magalhães, todos da mesma cidade. E tiveram

11.º — *D. Gertrudes Emilia Leite Pereira de Noronha*, filha unica e universal herdeira de seus paes, a qual nasceu a 18 de março de 1775. Herdou tambem a maior parte dos bens que constituiam a casa de Atães, proximo do Porto, e que era da familia — *Homem* — de quem foi ultimo representante Fernando Homem Carneiro Pereira de Vasconcellos, que era seu segundo primo, como

[1] Veja-se este nome na *Historia Genealogica da Casa Real*.

neto paterno de D. Anna Felicissima Leite Pereira, sua tia, o qual Fernando Homem a instituiu por sua herdeira. Casou esta senhora, a 27 de maio de 1793, na capella particular da casa de Campo Bello, com seu tio Diogo Leite Pereira de Lima e Mello, irmão de seu pae, o qual havia nascido em Campo Bello, onde fôra baptisado, a 21 de setembro de 1745; e era fidalgo da casa real, cavalleiro honorario da sagrada ordem militar de S. João de Malta, tendo sido além d'isso provedor da Misericordia, do Porto.

12.º—*Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim*, filho dos precedentes, foi quem succedeu na casa de seus paes, por ser o mais velho dos varões existentes, por occasião do fallecimento de sua mãe. Foi fidalgo cavalleiro da casa real e commendador da ordem de Christo, e fôra tambem coronel do regimento de milicias da Feira. Depois do fallecimento de D. Antonia de Noronha e Cernache Leme Cardoso Rebello, que teve logar no dia 11 de setembro de 1857, quinta neta e representante de Martim de Tavora de Noronha, de quem já fallámos, que era tambem seu quinto avô, habilitou-se como unico herdeiro de todos os seus bens de natureza vincular, e n'elles succedeu, juntando assim á representação da sua illustre familia de — *Leites Pereiras* — a de *Cernaches*, *Noronhas* e *Tavoras*, a qual desde muitos annos se achava separada da casa de Campo Bello, que havia sido o seu solar primitivo. Foi casado com D. Maria Christina de Faria, natural do Porto, filha de Bento Ribeiro de Faria (moço fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo) da qual houve uma unica filha, de quem já fallámos, que morreu solteira, a 12 de julho de 1868; fallecendo depois seu pae, no dia 19 de novembro de 1869, e succedendo-lhe na representação de sua familia,

13.º—*D. Gertrudes Emilia Leite do Outeiro Pereira de Mello e Alvim de Cernache Noronha e Tavora*, sobrinha mais velha do precedente (n.º 12), por ser filha de seu irmão Joaquim Augusto Leite Pereira de Mello e Alvim, o qual seguira primeiro a carreira das armas, tendo mais tarde casado no Porto com D. Guilhermina Augusta do Outeiro, filha de Manuel Joaquim do Outeiro (bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra e cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa) e de sua mulher D. Maria Delphina Candida da Silveira Pinto. (Do casamento d'este senhor, o unico dos irmãos do sr. Alvaro Leite, ultimamente fallecido, que deixasse successão, ficaram unicamente duas filhas.) É esta senhora, desde o fallecimento de seu tio, a 13.ª senhora dos morgados de Quebrantões e Gaya Pequena, 17.ª do de Campo-Bello, e 13.ª do vinculo, chamado dos Noronhas, instituido em Santa Eulalia de Macieira de Sarnes, por D. Fernando Vaz Cernache de Noronha, de quem adiante fallaremos. Casou, a 16 de outubro de 1871, com Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, [1] seu parente, natural de Braga e filho de João de Paiva da Costa Leite Brandão, senhor do morgado do Pomar, na Povoa de Lanhoso, e de sua mulher D. Miquelina Emilia Ribeiro de Faria, da cidade do Porto. Vive na sua casa de Campo Bello em Villa Nova de Gaya, e tem ao presente dois filhos, uma menina por nome Maria Luiza, e um varão chamado Diogo, ambos de menor edade.

Cernaches

1.º—Teve principio esta familia em Alvaro Eannes de Cernache, que se suppõe ser um fidalgo da familia dos Vieiras, e que os genealogistas dão como natural da villa de Sernache, junto a Coimbra, da qual tomou o nome. Viveu em tempo de D. João I e tomou parte na batalha de Aljubarrota, onde se distinguiu como *alferes* que foi da bandeira na celebre *Ala dos Namorados*, e achou-se tambem com o mesmo rei na tomada de Ceuta, onde pelas mãos d'elle foi

[1] É bacharel em mathematica pela universidade de Coimbra e doutor em phylosophia pela mesma universidade, e actualmente lente da secção de philosophia da academia polytechnica do Porto. Veja-se *Port. ant. e moderno*, art. *Braga; Mem. hist. da faculdade de philosophia*, pelo sr. Simões de Carvalho, pag. 168, 173, 189 e 267; *Bibliographia da universidade de Coimbra*, por A. M. Seabra de Albuquerque, 1875, pag. 10.

armado cavalleiro. Chegou, pelos seus grandes serviços, a ser *Anadel-mór* dos *Bésteiros* de *cavallo* e de *garrucha* e *conto* (veja-se o *Elucidario* de Viterbo, n'estas palavras), e el-rei lhe fez doação do senhorio de Gaya de *juro* e *herdade*, juntamente com outros bens. Fundou Alvaro Eannes um hospital em Sernache, sua patria, mas viveu em Gaya, onde fundou os paços da quinta de Campo Bello, a que o povo chama—paços de Reimiro, ou de el-rei Ramiro—attribuindo lhe uma origem muito mais antiga; é possivel effectivamente que d'elles existisse já alguma cousa quando passaram a este possuidor, em tempo de D. João I. [1] Acha-se sepultado na egreja do mosteiro das religiosas dominicas de Corpus-Christi, em Villa Nova de Gaya, em tumulo levantado, encimado pelas armas dos Cernaches (as mesmas que em mais de um sitio se veem da quinta de Campo Bello) e com uma inscripção indicando o seu nome e outras circumstancias a elle relativas. [2] A quinta de Campo Bello, onde a sua familia ficou estabelecida, passou successivamente a seus descendentes e acha-se ainda hoje em poder de seus actuaes representantes; porém o senhorio de Gaya, [1] dita a *Grande*, vindo a quebrar-se a varonia, em sua descendencia, reverteu á corôa, passando mais tarde para a casa do marquez de Abrantes.

2.º—A este Alvaro Eannes succedeu Fernão Alvares de Cernache, seu filho e de Clara Eannes, o qual foi cavalleiro do 1.º duque de Bragança D. Affonso, e anadel-mór dos bésteiros. El-rei D. Affonso V lhe confirmou a casa de juro e herdade. Casou com D. Leonor Affonso de Alvim e morreu pelejando na batalha de Alfarrobeira. Foi sepultado no mosteiro de S. Domingos do Porto.

3.º—*Alvaro Eannes de Cernache*, filho do precedente e de sua mulher e seu successor. Foi senhor de Gaya, como seu pae e avô, e acha-se memoria d'elle nos livros de el-rei D. Affonso V. Casou duas vezes, da 1.ª das quaes não teve successão, e casando 2.ª vez com D. Briolanja de Castro, filha de Gonçalo Vaz Pinto, senhor de Ferreiros de Tendaes e de D. Mecia de Mello, sua mulher, teve

4.º—*Gregorio de Cernache*, o qual foi senhor de Gaya e da restante casa de seu pae

[1] Garrett, fallando d'esta casa, diz:—«Passam essa fonte tão celebrada, passam a antiga casa que o povo appellida tambem «paços de el rei Ramiro,» mas que visivelmente é uma construcção do seculo decimo quarto e que talvez n'aquelle tempo fosse a residencia dos ciosos reis de Portugal, quando alli vinham quasi occultamente—*afforrados*, diria um purista—conspirar com o povo contra os bispos seus senhores.» (*Arco de Sant'Anna*—I, cap. XVIII). O que é certo é que já n'essa época (seculo XIV) esta casa pertencia á familia, a que depois pertenceu sempre e ainda hoje pertence por continuadas successões.

[2] O tumulo primitivo tinha o seguinte epitaphio: «Aqui jaz Alvaro Annes de Cernache, cavalleiro criado que foi de el rei D. Johan, cuja alma Deus haja, e anadel-mór dos besteiros de cavallo, e alferes que foi da bandeira dos namorados na batalha real e em todal-as outras guerras, o qual se finou na era de myl et cccc et XXXXII anos.» A pedra em que esta inscripção estava aberta, foi ha pouco encontrada na quinta de Campo Bello, pelo seu actual proprietario.

O tumulo foi reformado em 1579, mudando-se para a fórma porque o descreve fr. Luiz de Souza. (*Hist. de S. Domingos*, 3.ª ed., vol. 2.º, liv. 6.º, cap. 5.º—1867, Lisboa).

Finalmente em 1706, construindo-se por causa das cheias do Douro a actual egreja de Corpus Christi, foi o tumulo de Alvaro Eannes de Cernache, posto como se acha ainda.

[1] O signal da existencia de senhorio na casa de Campo Bello vê-se ainda hoje na antiga torre, coroada de ameias, que lhe defende a entrada. Citaremos a este respeito Manuel Severim de Faria—*Not. de Port.*, disc. 3.º. § 2.º, onde diz: — «A estas terras (onde tinham *senhorio* ou alguma jurisdicção) chamavam *solares*, derivando o nome da palavra latina *solum*, que quer dizer terra e assento donde o homem está. Edificaram aqui estes fidalgos suas *torres* e casas fortes onde viviam; assi para se defenderem dos rebates dos mouros, como por ser este modo de edificar casas fortes no campo, proprio das nações do norte, como ainda hoje se vê em toda a França, Allemanha e Inglaterra. Pelo que n'este reino se não concedia licença para fazer estas *torres* e pôr *ameias* n'ellas, senão a pessoas illustres.

e juiz da alfandega do Porto, e casando com D. Joanna de Noronha, filha unica e universal herdeira de D. Sancho de Noronha (vid. Noronhas) teve [1]

5.º—*D. Fernando Vaz Cernache de Noronha*, que foi tambem juiz da alfandega do Porto. Foi, além d'isso, senhor de Gaya e teve a commenda de S. Martinho de Soeiro, na ordem de Christo. Casou com D. Brites Pereira, filha de Ruy Leite, thesoureiro da moeda em Lisboa, feitor e capitão de mina, e de sua primeira mulher D. Joanna Pereira. Foi elle o instituidor do vinculo que ainda hoje possuem seus herdeiros e descendentes em Santa Eulalia de Macieira de Sarnes.

6.º—*D. Martim Vaz de Cernache*, filho do precedente e seu successor no senhorio de Gaya, casa e quinta de Campo Bello, e mais bens. Concluiu a reforma do tumulo de seu 4.º avô, que seu pae havia começado, como mostrava um letreiro que existiu no mesmo tumulo, concebido assim: — «D. Fernando Vaz Cernache de Noronha e D. Brites Pereira, sua mulher, reformaram esta sepultura, onde jazem seus avós. Acabou-a D. Martim Vaz Cernache, seu filho, sexto herdeiro de sua casa. Anno 1579.» Fez importantes obras na sua casa de Campo Bello sobre o portão de entrada, da qual se vê ainda hoje, por baixo da pedra de armas, o seguinte letreiro:

«D. Martim Vaz de Cernache sexto erdeiro
d'esta casa. 1580.»

Casou duas vezes, de nenhuma das quaes teve successão. [2]

7.º—*D. Genebra de Noronha*, irmã do antecedente, foi quem succedeu na casa de seu irmão, depois da sua morte, e a ella pertenceu a quinta de Campo Bello, com todos os vinculos dos seus antepassados, ficando porém vago para a corôa o senhorio de Gaya grande, que mais tarde passou para a casa do marquez de Fontes e Abrantes. Foi casada com Manuel Feio de Mello, senhor de Monte Redondo e alcaide-mór da villa do Botão, no bispado de Coimbra, e tiveram

8.º—*D. Maria de Noronha*, filha unica dos precedentes e sua universal herdeira, a qual casou com Domingos de Tavora [1] fidalgo do legitimo tronco dos Tavoras, e d'estes nasceu

9.º—*Martim de Tavora de Noronha*, o qual foi filho unico dos precedentes, senhor da casa de Campo Bello, onde residiu, e fidalgo dos mais ricos e considerados das provincias do norte. Casou com D. Maria Leme, filha e herdeira de Henrique Leme de Miranda, senhor do morgado de Loivos da Ribeira e padroeiro de Mezão-frio, casado com D. Antonia do Prado de Miranda, sua prima.

D'este, por sua filha, D. Helena de Tavora, segue a descendencia em — Leites Pereiras — e esta linha fórma o ramo primogenito, dos que hoje existem; podemos porém dizer aqui, que d'elle (9.º) foi representante seu filho varão, 1.º— Jeronymo de Tavora, o qual casou com D. Maria Ignez de Tavora, e teve: 2.º — Antonio de Tavora e Noronha, casado com D. Michaella Antonia Freire, de quem teve: 3.º — Francisco de Tavora e Noronha, casado com D. Leonor Samudio Sarmento, de quem teve: 4.º —D. Anna de Tavora e Noronha, casada com seu tio Vicente de Tavora e Noronha, [2] de quem teve: 5.º—D. Antonia de Noronha Leme, [3] casada com

[1] D'este foi irmão o notavel D. Fr. Christovão de Cernache, cavalleiro professo da ordem dos hospitalarios de S. João de Jerusalem, Bailio de Beça, grão-chanceller de Rhodes, preeminente ao priorado do Crato, commendador de Poiares e da villa de Freixiel, do conselho de el rei e fidalgo da sua casa, que se acha em sepultura nobre no mosteiro de Leça do Bailio.

[2] Teve dois irmãos varões:—D. Ruy Vaz de Cernache, que morreu em Roma, sem geração, em 1579; e D. Gregorio Cernache de Noronha, que acompanhou a el-rei D. Sebastião a Alcacer-Quivir e ahi morreu, sem descendencia, depois de haver pelejado valorosamente na bandeira dos aventureiros.

[1] Veja-se este nome na «*Hist. Geneal.* da *Casa Real.*»

[2] Foram senhores da quinta do Freixo.

[3] Não pôde usar o appellido — Tavora, —

Bernardo de Mello Vieira de Menezes, de quem teve: 6.º—Vicente de Noronha e Mello, casado com D. Maria do Carmo Guedes de Carvalho, de quem foi filha e herdeira: 7.º—D. Antonia de Noronha Leme Cernache Cardoso Rebello, bem conhecida, como uma das mais insignes bemfeitoras da santa casa da Misericordia, d'esta cidade, e por cujo fallecimento, sem deixar descendentes, ficou extincta toda esta linha dos successores de Martim de Tavora de Noronha.

Tavoras de Campo-Bello

1.º—*Lourenço Pires de Tavora*, com seus tres filhos, abaixo nomeados, são os que sómente traz o conde D. Pedro com este appellido. Alguns lhe tecem a ascendencia dizendo que foi Lourenço Pires filho de D. Pedro Ramires, neto de D. Ramiro Pinhões e bisneto de Pinhom Rauzendo, irmão de D. Thedon, e que ambos, antes do conde D. Henrique, fizeram guerra aos mouros pela comarca de Lamego e margens do Tavora (vide *Tavora*) d'onde seus descendentes tomaram este appellido, e onde possuiram muitas terras, coutos e senhorios. Viveu este Lourenço Pires de Tavora, em tempo dos reis D. Affonso IV e D. Pedro I de Portugal, e casou com D. Guiomar Rodrigues, de quem teve, entre outros filhos,

2.º—*Lourenço Pires de Tavora*, 1.º senhor do Mogadouro, que lhe deu el-rei D. Fernando com outras terras. Casou com D. Aldonsa Gonçalves, de quem teve

3.º—*Pedro Lourenço de Tavora*, reposteiro-mór d'el-rei D. João I, com quem se achou em Aljubarrota. Foi 2.º senhor do Mogadouro e d'outras terras que lhe deu el-rei D. Fernando, e casou com D. Beatriz Annes, filha de João Esteves, o privado d'el-rei D. Pedro I, e tiveram, entre outros filhos,

4.º—*Alvaro Pires de Tavora*, 3.º senhor do Mogadouro. Casou, primeira vez, com D. Leonor da Cunha, de quem teve varios filhos, e segunda vez, com D. Ignez da Guerra, filha de D. Pedro da Guerra, e teve entre outros

5.º—*Pedro Lourenço de Tavora*, 4.º senhor do Mogadouro, e alcaide-mór da cidade de Miranda, por mercê d'el-rei D. Affonso. Casou com D. Ignez de Sousa, filha de Fernão de Sousa Camello, senhor da Honra de Rossas, e teve, entre outros filhos,

6.º—*D. Isabel de Tavora*. Casou com Bernardim Annes do Campo, fidalgo castelhano, senhor de Tamame, com quem viveu em Samora, e teve, entre outros filhos,

7.º—*Jeronymo de Tavora*, que casou e teve, entre outros filhos,

8.º—*Martim de Tavora*. Casou com D. Joanna Rebello Cardoso, filha de Gil Rebello Cardoso, e teve, entre outros filhos,

9.º—*Domingos de Tavora*, que casou com D. Maria de Noronha, filha de Manuel Feio, senhor de Souto Redondo e alcaide-mór de Botão; e de sua primeira mulher D. Genebra, filha de Fernão Vaz Cernache, senhor de Gaya, por onde houve a quinta de Campo Bello, e teve

10.º—*Martim de Tavora*. Casou com D. Maria Leme, filha e herdeira de Henrique Leme de Miranda, padroeiro de Mezão-frio; e de sua prima e mulher D. Antonia do Prado de Miranda, e teve, entre outros filhos,

11.º—*D. Helena de Tavora*, que casou com Diogo Leite Pereira, e teve, entre outros filhos,

12.º—*Alvaro Leite Pereira de Tavora*. (Vide n.ºs 7.º e 8.º da familia «Leites Pereiras» supra, com quem se incorporou este ramo dos Tavoras.)

Noronhas

El-rei D. Henrique II, de Castella, teve por filho

1.º—*D. Affonso de Noronha*, conde de Gijon, que foi casado com a sr.ª D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando, de Portugal. D'este consorcio provém, por bastardias, muitas casas titulares e nobres de Portugal. De D. Affonso foi filho segundo

2.º—*D. Henrique de Noronha*, o qual não

que havia sido abolido pelo marquez de Pombal.

casou, mas teve filhos naturaes — D. Maria de Noronha, mulher de D. Pedro de Mello, conde de Atalaya, e

3.º—*D. Nuno de Noronha.* Casou com D. Mecia, filha de Ruy Lourenço de Ribadeneira, de quem teve successão legitima; teve porém bastardos, e entre elles

4.º—*D. Sancho de Noronha*, o qual casou com D. Maria Sardinha, filha de Rodrigo Alves de Carvalho, homem nobre do Porto, e d'este consorcio nasceu

5.º—*D. Joanna de Noronha*, que casou com Gregorio Cernache, do Porto, juiz da alfandega, e d'estes procedem os de Campo-Bello. (Vide 4.º da familia «Cernaches,» supra.)

—

DECLARAÇÃO

Todos os esclarecimentos relativos a esta freguezia de S. Nicolau, me foram nobre e generosamente ministrados pelo Ex.mo Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno Abbade de Miragaya, no Porto.

Faço esta declaração, para que, quando na *Historia da Cidade do Porto*, que o dito senhor está escrevendo, apparecer este artigo reproduzido, se não julgar que é plagiato, o que é original do Sr. Abbade.

Reitero o que disse a pag. 323, do 5.º volume.

NINE — freguezia, Minho comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 14 kilometros a O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha de rendimento, 200$000 reis.

Fertil em todas as fructas do paiz.

É aqui a 6.ª estação do caminho de ferro do Minho.

NINHA-A-PASTORA
NINHA-A-VELHA } *Vide Carnaxide*

No *Diario Illustrado* n.º 671, de 27 de julho de 1874, explicando uma bonita gravura, vem um artigo, que transcrevo, por ser bem escripto e curioso. É o seguinte.

Ribeira de Ninha a — Pastora

«Pertencente á freguezia de S. Romão de Carnaxide, e não muito distante do logar deste nome, além da Ribeira de Jamor, para a banda do poente, está situada a pequena povoação, que todos os nossos escriptores denominam *Ninha — a Pastora*, e o povo, por uso inveterado, appellida *Linda a — Pastora.* Tem seu assento na ladeira ingreme de um cerro ou cabeço pedregoso, que lhe fica eminente da parte do norte; as ruas que separam os grupos de casas, em desconcerto e sem alinhamento, como em todos as nossas aldeias, são escabrosas, tortas e de ruim serventia; porém esta mesma ciscumstancia concorre para a belleza do aspecto geral da povoação, que, observada da estrada real, junto ao Tejo, se descobre em amphitheatro, produzindo gracioso effeito, realçado pelo contraste da serra, que lhe fica nas costas, com a veiga viçosa e nobres quintas, que se estendem no plano inferior até mui proximo da estrada; o pequeno rio que vem de Jamor, em partes arborisado, torna mais aprazivel o sitio. Sobre esta corrente, que nunca se estanca de verão, e que de inverno traz cheias impetuosas, está lançada a ponte de madeira, que se mostra na gravura. Não só lhe aproveitam as aguas, como algumas numerosos lavadeiras se utilisam d'el-para a lavagem das roupas de grande numero de familias de Lisboa.

As vivendas campestres espalhadas por aquelles contornos são mui agradaveis residencias no estio e no outono; as aguas potaveis são de boa qualidade; o ar é puro e salubre; os fructos que produz o terreno, são tão saborosos quanto sadios; de muitos pontos gosa-se optima vista do Tejo e de paizagem.»

NINHO DO AÇOR—freguezia, Beira-Baixa, concelho de S. Vicente da Beira, comarca, bispado e districto administrativo de Castello Branco, 40 kilometros da Guarda, 255 ao E de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

O vigario de S. Vicente da Beira apresen-

tava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de *Tinalhas*.

NIZA—rio, Alemtejo.—Vide *Niza*, villa.

NIZA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 35 kilometros a N. O. de Portalegre, 12 ao N. d'Alpalhão, 18 de Castello de Vide, 18 da margem esquerda do Tejo, 180 ao S. E. de Lisboa, 760 fogos, em duas freguezias—(Espirito Santo, 490—N. Sr.ª da Graça, 270.)

Bispado e districto de Portalegre.

A meza da consciencia apresentava o vigario da freguezia do Espirito Santo, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de centeio, 52 almudes de vinho môsto e 12$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia tinha em 1757 341 fogos.

O vigario da freguezia de Nossa Senhora da Graça, era da mesma apresentação, e tinha 120 alqueires de trigo, 120 de centeio, 52 almudes de vinho môsto e 12$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia tinha em 1757, 212 fogos.

—

O concelho de Niza comprehende as 8 freguezias seguintes:—Alpalhão, Arêz, Caixeiro, Montalvão, Niza (Espirito Santo) Niza (Nossa Senhora da Graça) e Pé-da-Serra, no bispado de Portalegre; e Tolosa, no grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Todas estas freguezias teem 2:500 fogos.

A comarca de Niza é composta dos julgados do Crato, com 1:300 fogos—Gavião, com 1:200, e o de Niza, com 2:500—vindo portanto a ter a comarca, 5:000 fogos.

—

Não tinha foral velho. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de novembro de 1512 *(Livro de foraes novos do Alemtejo)* fl. 50 v. col. 2.ª — Veja-se o documento 57, da parte 2.ª, maço 26, do *Corpo Chronologico)*.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

Grande feira, que principia a 29 de setembro.

—

A actual villa de Niza, não é a primitiva povoação d'este nome.

São obscuros e contraditorios os escriptores que tratam da primeira Niza. Da leitura e confrontação dos livros antigos, pode rasoavelmente colligir-se o seguinte:

Não se sabe quando nem por quem foi fundada; mas se attendermos ao seu nome —*Niza*—pode inferir-se que é árabe, e nome proprio de homem.

Mas a velha *Niza* teve outro nome, por ventura o primittivo, do qual hoje não ha noticia alguma, e é com toda a certeza povoação anterior ao principio do 8.º seculo, pois que já existia em 716, sendo então completamente destruida pelos arabes.

Talvez mesmo que já existisse no tempo dos romanos, pois, em 1780, se achou aqui uma lapide, com a seguinte inscripção:

MAXIMVS
TALABRI. F.
ANNORUM
XII. H. S. E.
S. T. T. L.

Quer dizer—*Maximo, talabricense* (d'Aveiro) *fallecido no anno decimo segundo, aqui está sepultado. A terra lhe seja leve.*

É provavel porem, que elles mesmos a reedificassem e lhe imposessem o nome de *Niza*, que seria o de algum chefe mouro; e que com as guerras continuas do tempo dos nossos primeiros reis, já contra os mouros, já contra os castelhanos e leonezes, se tornasse a destruir.

Ficava esta povoação a 3 kilometros ao N. E. da actual, em terreno alpestre e accidentado, encostada a S. O. de um pequeno monte, em um valle profundo e pedregoso.

Segundo a tradição, foi esta villa mandada arrazar pelo rei D. Dinis, em castigo de tomar partido por seu irmão, o infante D. Affonso, que em 1287 lhe quiz disputar a corôa.[1]

[1] O infante era, como seu irmão, filho de D. Beatriz, filha de D. Affonso X, de Castella. O primeiro filho d'este casamento, foi D.

Supponho esta tradição menos verdadeiro, por quatro razões — 1.ª porque D. Diniz não era máo, nem vingativo — 2.ª, porque sua santa esposa, obstaria com seus rogos — sempre attendidos — a esta vingança — 3.ª, porque, se por isto quizesse infligir semelhante castigo, tinha tambem Arronches e outras povoações, que tomaram o partido do infante, para arrazar, e não o fez — 4.ª, finalmente, porque D. Diniz, fundava, reedificava e ampliava povoações e não as destruia.

O *Santuario Marianno* (vol. 3.º, pag. 391) é que diz ter sido D. Diniz o destruidor d'esta villa; porem, quem a saqueou e incendiou foi o infante D. Affonso, como adiante se verá.

A opinião mais seguida, e mais verosi-

Branca, abbadessa de Lorvão e das Huelgas, de Burgos—o 2.º foi D. Fernando, que morreu menino — o 3.º foi D. Diniz. Todos estes nasceram em vida de Mathilde, condessa de Bolonha, 1.ª mulher de D. Afonso 3.º — O primeiro filho d'este monarcha, que nasceu depois da morte da esposa repudiada, foi o infante D. Affonso (que casou com D. Violante, filha do infante D. Manoel, e neta de D. Fernando III, de Castella.)

O infante D. Affonso, fundava o seu direito á corôa, em que D. Diniz, segundo o direito canonico, e as leis do reino, não podia herdar por ser filho adulterino; o que se não dava com o infante, que nascéra depois da morte de Mathilde, e quando o papa tinha já validado o 2.º casamento do pae d'elles. Na verdade a justiça estava da sua parte, mas D. Diniz estava senhor do reino e de todos os seus recursos. Cercou o infante, em Arronches; mas a santa rainha D. Isabel interveio no pleito e harmonisou os dois irmãos, desistindo o infante dos seus direitos, mediante grandes honras e senhorios que o rei lhe deu.

D. Affonso III teve ainda, depois de D. Diniz, da sua 2.ª mulher — D. Maria e D. Vicente, que morreram de tenra edade.

Teve tambem muitos filhos bastardos. Os *reconhecidos*, foram — *D. Fernando*, cavalleiro templario — *D. Affonso Diniz*, de quem descendem os condes de Miranda do Corvo, e outros — *D. Martim Affonso*, de quem descendem os Souzas, condes do Prado, e outros — *D. Gil Affonso* — *D. Urraca* — duas *Donas Leonores*—*D. Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz de Coimbra—e *D. Rodrigo Affonso*, prior do mesmo mosteiro e prior de Santa Maria d'Alcaçova, em Santarem.

mil, é que D. Diniz, achando a velha Niza mal situada, muito damnificada e quasi despovoada, transferiu a povoação para o sitio da actual Niza, menos aspero e mais fertil do que o primittivo.

Da velha Niza, ainda se veem algumas ruinas, e ainda existem, em bom estado, duas egrejas, que são:

Nossa Senhora da Graça ou de *Niza-a-Velha*—templo antiquissimo, que foi matriz de Niza, a Velha. Foi fundado pelos templarios no principio do seculo XII, passando depois a ser um beneficio da ordem de Christo.

Frei Adão Diniz, beneficiado, e pessoa nobre e rica, da actual Niza, vivendo na ociosidade, *que é mãe de todos os vicios*, e na abundancia, que concorre poderosamente para que elles se desenvolvam, se entregou a uma vida de aventuras, orgías e dissipações; e de degrau em degrau, desceu até ao ponto de commetter *um grave peccado de sensualidade*. (A historia não diz que casta de peccado.)

Cahiu em si, e reconhecendo a irregularidade da sua vida escandalosa, e o mau exemplo que tinha dado aos seus conterraneos, renunciou o seu beneficio nas mãos do rei, repartiu grande parte das suas riquezas pelos desvalidos da fortuna, e foi viver em uma cova, na serra de S. Miguel, a 6 kilometros do povoado, resolvido a terminar alli seus dias na solidão e penitencia.

Vindo em visita á villa o famoso D. frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, e sabendo do sincero e profundo arrependimento de frei Adão, lhe comutou o voto, em hir para Niza-Velha, servir o templo de Nossa Senhora da Graça; a que o asceta immediatamente obedeceu. Gastou o resto das suas riquezas em adornos do templo, vivendo de esmolas, não tendo por vestido mais do que uma tunica de groseira saragoça, andando descalço, e sustentando-se de pão e agua, e algumas hervas e raizes, que achava pelos montes.

Apezar d'esta vida de rigorosas penitencias, gosava perfeita saude e admiravel robustez. Quando vinha pedir esmola, á villa, levava para o seu eremiterio apenas o restritamente necessario, dando o mais aos

prêsos. Trazia sempre ás costas um grande molho de lenha, que umas vezes dava aos presos, outras ao hospital, ou a pobres.

Não se limitava a esta vida de penitencia e caridade; dizia missas pelas almas, confessava e fazia praticas com as quaes trazia ao redil muitas ovelhas desgarradas.

Por sua morte, foi mandado enterrar no ádro da egreja de Nossa Senhora da Graça, e na sua campa se vê esta inscripção:

AQUI JAZ FREI ADÃO DINIZ.

—

Um pouco mais abaixo da egreja de Nossa Senhora da Graça, está a de *Nossa Senhora dos Prazeres*, ou *da Esperança*, tambem muito antiga, e cuja fundação se attribue egualmente aos templarios, que eram senhores de Niza a Velha, e o foram da actual Niza. (Sómente por 11 annos, visto que a sua ordem foi supprimida em 1311.)

—

A ribeira de Niza, serpenteia ao fundo do monte onde foi Niza a Velha, e vae morrer ao Tejo, em frente do *Fratel*.

Junto á egreja de Nossa Senhora da Graça, ha casas para aposento dos romeiros, que aqui concorrem muitas vezes, porque a Senhora da Graça é objecto de grande devoção para os povos d'esta redondeza. As camaras de Niza teem sido sollicitas na conservação e aceio d'este templo.

Na segunda feira da Paschoa, vae a camara e muita gente de Niza (de todas ou quasi todas as casas da villa) e de outras povoações em redor, em romaria a Nossa Senhora da Graça, e, depois da festa, se comem alli boas merendas, bôlos e queijadas. O povo, com o seu trajo tão pittoresco, tão seu, que por mais ninguem é imitado, aquelle povo, tão bom e tão laborioso, passa aquelle dia, como um sonho agradavel, que lhe deixa gratas impressões.

Todos os romeiros de Nossa Senhora da Graça visitam tambem, por essa occasião, a Senhora dos Prazeres ou da Esperança, e a famosa imagem de S. Thiago, montado em soberbo ginete, que está em um altar d'esta egreja.

Esta imagem de S. Thiago, era orago de uma egreja ou ermida, que houve tambem em Niza a Velha, e da qual não ha vestigios, ou não se conhecem entre os que existem. Diz-se que era ao sul da egreja de Nossa Senhora da Graça, e que d'este lado havia uma porta na muralha, chamada por isso, *porta de S. Thiago*. (Já vêmos pois que a Velha Niza era tambem defendida por um castello e cercada de muros.)

Á porta de S. Thiago consta que batêra o infante D. Affonso, em 1287, quando aqui passou em direcção ao Tejo, e pretendeu tirar da villa homens e mantimentos, para sustentar a guerra civil, contra seu irmão.

Diz a historia, que o governador lhe oppôz obstinada resistencia, e como as muralhas de circumvalação não podiam offerecer séria defeza, se recolheu ao castello, com o povo da villa; mas no fim de oito dias d'assedio, foi o castello tomado de assalto, morrendo ou ficando prisioneiros os seus defensores. Á villa, depois de saqueada, mandou o infante lançar fogo, que a destruiu.

—

D. Diniz, em premio do valor e lealdade dos habitantes da villa, lhe fundou a nova, de que agora vou tratar.

A Niza actual

Arrazada e deserta a antiga Niza, tratou D. Diniz da sua reedificação; mas vendo que o sitio não tinha as requeridas condições para o seu desenvolvimento, decidiu (1290) fundar uma nova Niza, em um sitio mais ameno e fertil.

Junto ao *castello de Ferrou*, que era de cavalleiros do Templo, havia uma extensa veiga, chamada—*Valle do Azambujal*. Tambem proximo a esta veiga, havia a famosa *torre de João Vaqueiro*, uma das mais altas da Peninsula, edificada pelos romanos, no 2.º seculo da era christan; e perto d'esta torre, um pequeno mosteiro, habitado por quatro monges, da ordem de Santo Agostinho.

Achando o rei este sitio asado para a fundação da nova villa, tratou logo de principiar as obras. Era então mestre dos templá-

rios, D. frei Lourenço Martins, que com os seus cavalleiros tinham feito grandes serviços ao rei, no cêrco de Portalegre. D. Diniz o encarregou da direcção das construcções, e tanta diligencia e sollicitude empregou, que em pouco tempo a nova povoação excedia em tudo a antiga.

Os materiaes do antigo castello, da cidadella e das muralhas, e de alguns edificios da velha povoação, foram empregados na nova.

A camara tambem concorreu para as despezas das novas construcções, e recebia do rei dinheiro para ellas; mas parece que fazia as cousas com pouca economia, porque D. Diniz lhe dirigiu uma carta, reprehendendo os vereadores pelo seu desgoverno, dizendo-lhes — *Vi a vossa carta, e estranho muito que tendo-vos remettido há pouco*, seis mil réis, *para a edificação dos muros, me digaes na vossa, que já se gastou esse dinheiro. Ahi vão pois, mais* dois mil réis, *e continuem as obras sem cessar.*

E continuaram; porque, em 1296, seis annos depois de terem principiado, estavam as obras concluidas e em estado de receberem a população.

A egreja do castello dos templarios, ficou servindo de matriz.

—

Tendo D. Diniz tanto a peito a fundação d'esta villa, é provavel que lhe désse foral, ou, pelo menos, que auctorisasse os templarios, senhores d'ella, a dar-lh'o. Se o rei lh'o deu, Franklin não falla d'elle; e se foram os templarios, não se póde achar mencionado n'este escriptor, que só falla dos foraes dados pelos reis.

—

Foi a nova villa edificada nas condições de praça de guerra, cercada de muralhas, guarnecidas de torres e cubéllos, e com seis portas, e no centro, um castello torreado; o que tudo está hoje desmantelado, como as fortificações das outras cidades e villas do reino.

—

Em breve o recinto da praça não poude conter a população da villa, que progredia a olhos vistos, e exhorbitando do cinto de suas muralhas, sahindo pela *Porta da Villa*, se foi progressivamente estendendo, a ponto de occupar hoje uma área quatro vezes maior do que a primitiva intermuros, e tende a progredir, em vista do amor ao trabalho, que é a qualidade predominante da maior parte dos seus habitantes.

—

A alcaidaria-mór de Niza, andou na casa, hoje extincta, dos Mascarenhas, condes de Santa Cruz. Foi commenda dos templarios até 1311. Sendo então supprimida esta ordem, passou em 1319 a ser commenda da ordem de Christo, como todas as mais que eram dos cavalleiros do Templo.

—

O brazão d'armas d'esta villa, é—Em campo de púrpura, um castello de ouro, com tres torres, no centro do escudo. Sobre a torre do meio, uma cruz da ordem de Christo, de prata. Á direita do castello o escudo das Quinas portuguezes, e á esquerda, um crescente, de prata. Nos dois angulos superiores do escudo, uma estrella, de prata, em cada um.

—

Ha na villa, Misericordia, com um soffrivel hospital. Dentro e fóra da villa, ha varias ermidas.

Tem um bom theatro, fundado desde os alicerces, em 1858, com tres ordens de camarotes.

—

Os arrabaldes da villa, são povoados d'hortas, olivaes e pomares, regados pelas ribeiras de *Niza* e Figueiró, cujas margens são muito lindas e ferteis.

O seu territorio é abundante de cereaes, azeite, fructas, linho e algum vinho. Nos seus montes ha muita caça e grande creação de colmeias. Tambem cria muito gado, de toda a qualidade.

As duas ribeiras criam algum peixe miudo, e do Tejo tambem aqui concorre, mas não em abundancia.

A sua feira do S. Miguel é uma das boas da provincia, e dá bons interesses á villa, pois aqui concorre muita gente do Alemtejo, Beira e Extremadura.

—

Niza foi elevada a titulo de marquezado

por D. João IV, em 18 de outubro de 1646, a favor de D. Vasco Luiz da Gama, 5.º conde da Vidigueira, 3.º neto do grande D. Vasco da Gama, descobridor da India.

Os marquezes de Niza teem por armas—Dez escaques d'ouro e púrpura, 3 peças em faxa, e 5 em palla, e as peças de púrpura acoticadas com duas faxas de prata, e no meio, o escudo das Quinas portuguezas. Timbre, um *naire*, da cinta para cima, vestido á indiana, com um escudo das mesmas armas, na mão direita.

Em agosto de 1873, morreu nos Pyreneus—onde tinha hido procurar alivio aos seus padecimentos—D. Domingos Xavir Telles da Gama Castro Noronha Athaide Silveira e Souza—conde da Vidigueira, marquez de Niza, 13.º almirante dos mares da India (como representante, por linha recta, de D. Vasco da Gama).

Fica sendo representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Thomaz Xavier Telles Castro da Gama Athaide Noronha Silveira e Souza, conde da Vidigueira, emquanto não fôr feito marquez de Niza.

A familia Niza, é aparentada com grande parte da alta aristocracia portugueza.

Os que desejarem mais noticias com respeito aos descendentes do immortal D. Vasco da Gama, vejam o 4.º vol., pag. 147, 164, 195 e 374.

—

Mendonça e Pina, na sua *Dissertação sobre os monumentos celticos, que existem em Portugal, denominados antas*—(1733) diz que vira em Niza os restos de um *dolmen*—a que elle chama *anta*. Este facto prova que o local da actual villa já é habitado desde os tempos pre-historicos.

—

Em 27 de janeiro de 1874, falleceu n'esta villa, o doutor de capêllo, José Diniz da Graça Motta e Moura.

Deixou uma fortuna de meio milhão de cruzados a uma menina, menor de dez annos, que tinha em sua casa. Se esta morrer sem deixar successão, passará a herança para os parentes do testador, que vivem na Beira. Nomeou seu testamenteiro, o sr. José Maria Carvajal, um dos principaes cavalheiros de Niza, ao qual nomeou tutor da menina, legando-lhe por este trabalho, 600$000 réis.

Deixou muitos legados a differentes pessoas da villa.

O nome d'este homem caridoso, será sempre lembrado em Niza, com veneração e saudade, pois se não esqueceu da educação da infancia, deixando dois contos de réis para a fundação de duas escolas, uma de meninos, outra de meninas.

Abençoada riqueza, quando tão proveitosamente é dividida.

NIÚ—portuguez antigo—nenhum.

NÓ—serra do Minho, na freguezia da Correlhan (vol. 2.º, pag. 386, col. 1.ª) Os romanos lhe chamavam *Annor*, *Maior* e *Nahor*. É tradição que n'este monte foi edificada a primittiva Ponte de Lima, que aqui existiu alguns seculos. Chamava-se então *Forum Limicorum*, ou *Civitas Limicorum*—*cidade dos Limios*, ou *Limicos*. É certo que no cume d'este monte se veem claros vestigios de uma grande povoação: e no sitio chamado ainda *Castello*, se veem os restos de uma antiquissima fortaleza.

Os lusitanos chamavam a esta serra (ou mais propriamente—monte) Nór, que facilmente degenerou em Nó.

Na vertente O. d'este monte, está a sumptuosa egreja de *Nossa Senhora da Boa-Morte*, que já fica descripta a pag. 388, col. 1.ª do 2.º volume.

NÔ—ribeiro, Minho, nasce no monte antecedente, e perto d'elle, na *veiga da Correlhan*, morre na esquerda do Lima.

NOANE—portuguez antigo—João—menos antigo, *Joanne*. Camões, nos *Lusiadas*, ainda emprega algumas vezes Joanne por João.

NOBRE—do adjectivo latino *nobilis*. Significa pessoa qualificada; senhor; chefe; régulo; que exercia algum cargo importante na republica; ou que descendia de reis.

Depois da queda do vasto imperio romano, os reis wisigodos, ostrogodos, suevos, alanos, etc., que lhe succederam em quasi todos os reinos da Europa, deram titulos de nobreza aos que se distinguiam pela sua intrepidez nas batalhas, e estes titulos passavam aos seus descendentes.

Grande parte dos *fidalgos* actuaes, descendem d'esses nobres.

Mas, verdadeiramente *nobre*, foi e hade ser sempre, aquelle que se distingue pelo seu amor da patria; pelo seu valor nos combates, a favor de causas justas; pela sua sabedoria; pelas suas virtudes; ou pelos seus relevantes serviços em beneficio da humanidade.

—

Nobre, é tambem appellido nobre em Portugal. É portuguez, da cidade de Tavira, no Algarve. O primeiro que se acha com este appellido, é Manuel Martins Nobre, de Tavira. Deu-se-lhe por se portar com grande arrojo, na tomada de uma praça, na Africa.

O infante D. Pedro (depois 2.º) sendo regente do reino, deu brazão de armas, a Manuel Nobre Canellas (cidadão de Tavira, neto de Manuel Martins Nobre) em 1671. É, em campo de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, e junto á torre, uma cabeça de mouro, toucada de prata e azul. Elmo de aço, aberto, e por timbre, um braço armado de prata, com a cabeça de um mouro pendurada pelos cabellos.

NÓBREGA—villa extincta, Minho, na freguezia de *Aboim da Nóbrega* (vol. 1.º, pag. 14, col. 2.ª) Foi esta antiquissima villa capital de um grande couto do seu nome.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de outubro de 1513. *(Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 94, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes, que constituiam o couto de Nóbrega—Boelões, Britêllo, Crasto, Covas, Entrambos os Rios, Grovéllas, Magalhães, Paço-Védro, Panajeães, Samprins, Santa Marinha de Panascaes, Santasias, Santo Adrião, S. Salvador, S. Thiago de Villa-Chan, S. Thomé do Abbade, Vade, Villa Chan de S. João, e Villa-Verde.

Esta ultima freguezia, que era antigamente uma dependencia da villa de Nóbrega, e do seu couto, é actualmente a capital do concelho e da comarca.

Fica a povação de Nóbrega em sitio ameno, fertil e aprasivel, na margem direita do rio Lima, 30 kilometros a N. O. de Braga.

Foi commenda da ordem de Malta, dos marquezes de Távora, passando em 1759 para a corôa.

(Vide *Mosteiro de Nóbrega*, vol. 5.º, pag. 557. col. 2.ª)

Nóbrega é um appellido nobre d'este reino, tomado do castello de Nóbrega, que existiu na freguezia de Aboim da Nóbrega. O primeiro que se acha com este appellido, é Domingos Gaspar da Nóbrega, que em 1537 justificou, no desembargo do paço, ser da familia d'este appellido, para se lhe passar brazão de armas, que é o seguinte — Em campo de ouro, quatro pallas de púrpura. Elmo de aço, aberto—Timbre, meio leão de ouro, transpassado de púrpura, com uma das pallas do escudo nas mãos.

Para o mesmo fim e do mesmo modo justificou Manuel de Nóbrega, da Azinhaga (vol. 1.º, pag. 294, col. 1.ª *in fine*), em 1605. Foi-lhe dado o seguinte brazão de armas—Em campo de ouro, quatro pallas de púrpura, e sobre ellas, um açor negro, armado e bicado de ouro. Elmo de aço, aberto—Timbre, o açor do escudo, sobre um ninho de raizes verdes, e páos, realçados de prata.

Outros do mesmo appellido, usam—Em campo de púrpura, banda azul, carregada de 3 flores de liz, de ouro, e dois carneiros do mesmo, em cada lado.

Outros trazem — em campo de ouro, 4 bandas de púrpura. Ainda outros d'este appellido tem as armas d'elle unidas ás de outras familias, com quem se ligaram por casamentos.

NODAR ou **NOUDAR** — antiga villa do Alemtejo, que foi cabeça de concelho, pertencente á comarca de Elvas. Ainda em 1740 tinha 200 fogos, e hoje conta apenas 12, e está reduzida a uma pequena aldeia, da freguezia e concelho de Barrancos. (Vol. 1.º, pag. 338, col. 1.ª, no principio).

O actual concelho de Barrancos, um dos mais pequenos do reino, composto apenas da sua freguezia, é o antigo concelho de Noudar.

O rei D. Diniz, estando em Beja, deu fo-

ral a Noudar, em 16 de dezembro de 1295 e, para attrahir para aqui população, lhe concedeu todos os privilegios, honras, isenções e regalias do foral de Evora, que eram muitas e grandes.

(Livro 2.º de doações do rei D. Diniz, fl. 117, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando em tudo o antigo) em Lisboa, a 17 de outubro de 1513. *(Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 63, col. 1.ª)

—

E' com certeza povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos romanos, que não deixariam de aproveitar este ponto, importantissimo, como militar; mas não se sabe o nome que então tinha. O actual, é corrupção de *Nuadár*, e foi lhe imposto pelos mouros. E' palavra composta do verbo árabe *nua* (buscar, procurar e tambem achar), e do substantivo, da mesma lingua, *dár* (casa)—significa pois—*Achar a casa.* Foi tomada aos mouros, em 1167, por Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador.*

Ha em Portugal mais algumas aldeias com este nome. Na provincia do Douro, ha a quinta de *Nodar*, que em 1211 foi doada ao mosteiro de S. João de Alpendurada, *cum suas cearas e suas voontades. (Voontades*, e depois *vontades*, no portuguez antigo, significa moveis, alfaias, trastes de casa, etc.)

D. Diniz, conhecendo a importancia militar d'esta posição, e desejando que ella se povoasse rapidamente, a fez *couto do reino*, ou de *homisiados.* (Vide *Couto*, a pag. 415, col. 1.ª, do 2.º volume).

—

Está a povoação edificada sobre a margem direita do Guadiana, na raia, a 3 kilometros ao S. de Barrancos, no cume de um monte altissimo e inexpugnavel, cercado pelos rios Murtéga e Ardilla, que desaguam no Guadiana. Foi defendida por um forte e famoso castello, construido por D. Diniz, em 1295.

Tem casa de Misericordia, pobre.

Apesar do escabroso do sitio em que está fundada a povoação, os seus arredores são bastante ferteis. Cria muito gado de toda a qualidade, e os seus tres rios lhe dão muito e saboroso peixe.

—

NODUM, NOTUM, NOCTUM e **NOTO** — portuguez antigo — o mesmo que *datum, dante, dado* etc. Não significava sempre, a data do documento *(dado* aos...), tambem, muitas vezes, designava o dia em que era publicado, manifestado, ou dado á execução.

—

NOGUEIRA—Vide *Claudio* (São) a pag. 310, col. 2.ª, no principio, do 2.º volume.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto, bispado e 6 kilometros de Bragança, 54 distante de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Pelagio, ou Payo.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta egreja foi annexa á reitoria de Castro de Avellans.

E' n'esta freguezia o famoso sanctuario de *Nossa Senhora do Cabeço.* E' este sanctuario em sitio despovoado, no alto de um cabeço, d'onde lhe provém o nome. Fazem-se a esta Senhora duas festas por anno—uma a 2 de fevereiro, dia da sua Purificação, e outra na 2.ª oitava da Paschoa do Espirito Santo.

E' templo muito antigo, mas não se sabe quando nem por quem foi edificado.

As mulheres levam á Senhora, nos dias das suas festas, cestos de trigo e estrigas de linho, que tudo é vendido em leilão, para ajuda das despezas das festas, e para reparos da capella.

Os povos d'estes sitios, teem muita devoção com esta Senhora, por ser advogada contra as dôres de cabeça.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto, arcebispado e proxim

de Braga, 45 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. João Baptista.

Os herdeiros de Vasco Xavier Brandão Velho Barreto Sotto-Maior, da cidade de Vianna, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Perto do sitio da *Magdalena*, se veem ruinas de fortificações dos romanos, que davam a esta povoação o nome de *Nogaria*.

Fica abaixo do monte de Santa Martha, nas margens do rio D'este ou Este. E' povoação muito antiga, pois já em 904, um clerigo, chamado *Dividiario*, acceitou uma vinha, que aqui lhe doaram *Domno* e sua mulher.

Foi villa, da condessa *D. Toda Duina*, mulher do conde Hermenegildo, paes da condessa, D. Ilduára, que casou com o conde D. Nuno Alvites. Nas partilhas feitas no anno 1027, coube esta villa á condessa filha, que comprou aqui muitas fazendas a diversos fidalgos e senhores, até ao anno de 1046. Por morte de D. Ilduára, herdou sua filha, a condessa *D. Gontredo*, metade d'esta villa e a outra metade ficou ao conde D. Nuno Mendo, seu sobrinho.

A condessa vendeu metade da sua parte a *D.ª Eitas Gundesindo* e a Elvira Gonçalves, em 1072, e a outra metade a doou aos mesmos, estando em Coimbra, o conde D. Sisnando e sua mulher, D.ª Lobo, a quem o rei D. Affonso de Leão a tinha dado, em 1074, por morte de D. Nuno Mendo.

NOGUEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 45 kilometros ao S. E. de Braga, 25 ao N. E. do Porto, 70 fogos. Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Muito gado.

NOGUEIRA—freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, districto, bispado e 12 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago Santa Maria.

O mestre escola da collegiada de Cedofeita apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Aqui está a *torre de Quintella*, que passou aos Pereiras, e d'elles, aos Araujos, por casamento de D. Ignez Rodrigues Pereira (filha de Ruy Vasques Pereira, senhor de Paiva e de Baltar, e de sua mulher, D. Maria de Berrêdo) com Rodrigo Annes de Araujo (filho 2.º de Gonçalo Rodrigues de Araujo, senhor da casa de Araujo e Lobios).

De D. Ignez Rodrigues Pereira e Rodrigo Annes de Araujo, nasceu Pedro Annes de Araujo, senhor da referida torre, o qual casou com D. Catharina Rodrigues Pereira do Lago, e tiveram descendencia.

As armas d'estes Araujos, são—em campo de prata uma áspa azul, com cinco besantes de ouro n'ella. Elmo de aço, aberto—Timbre, meio mouro, com braços, vestido de azul, com turbante de ouro.

NOGUEIRA—freguezia, Minho, concelho de Villa-Nova da Cerveira, comarca de Valença, 45 kilometros a O. N. O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade da freguezia de Santa Marinha, de Alheira (concelho de Barcellos) apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta povoação, que foi villa, é fundação de D. Affonso VI (o grande) rei de Castella

e Leão, e sogro do nosso conde D. Henrique, pelos annos de 1080, dando-a á egreja de S. Thiago de Galliza.

Foi couto, da casa de Bragança, que recebia o *quinto* dos fructos. (Vide *Correlhan).*

É n'esta freguezia a *torre*, solar dos Nogueiras [1] Foi senhor d'esta torre e sua quinta, foros annexos e dependencias, João Nogueira, e seu filho, Gonçalo Annes Nogueira, D. Guiomar Gonçalves Nogueira, filha d'este, casou com Gonçalo Pires, de Fafião (Galliza) de que foi 1.º visconde D. Fernando de Valladares, por Philippe 4.º. Este D. Fernando, foi feito pelos castelhanos governador de Mourão, quando elles nos tomaram esta praça, em 1663.

—

Era d'esta familia, Affonso Annes Nogueira, casado com D. Joanna Vaz de Almada. Foi seu 4.º neto, Luiz de Brito Nogueira, que casou com D. Ignez de Lima, filha e herdeira de D. Francisco de Lima e de D. Brites de Alcaçova, neto de D. João de Lima, 4.º visconde de Villa Nova da Cerveira, herdando o titulo, o dito Luiz de Brito Nogueira.

—

É pois *Nogueira* um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta freguezia.

Os Nogueiras, trazem por armas — Em campo de ouro, banda xadresada de prata e verde, de oito ordens, com uma verguêta de púrpura, que tapa a ordem do meio. Elmo de prata, aberto — Timbre, uma cabeça e pescoço de serpe, de ouro, com um ramo de nogueira, verde, com nozes de ouro, na bocca.

Outros, do mesmo appellido, usam—Em campo de ouro, duas bandas de escaques de prata e azul. O mesmo elmo e timbre.

Outros—Em campo de ouro, banda xadresada de púrpura e verde, de cinco ordens, com uma verguêta de púrpura que tapa a ordem do meio. Elmo e timbre, o mesmo.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros a N. E. de Chaves, 430 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 127 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e os seus montes são abundantissimos de caça.

É nos limites d'esta freguezia o celebre *Poço de Freitas*. Já fallei d'elle rapidamente a pag. 123, col. 1.ª, do 2.º vol.—e a pag. 230, col. 1.ª, do 3.º vol. Accrescentarei aqui mais um resumo do que diz D. Jeronymo, contador de Argote, no tom. 2.º, pag. 498, n.º 811, das suas *Memorias de Braga*.

Entre *Ardões*, *Nogueira* e *Sapellos*, estão os poços chamados Freitas; a um d'elles não se acha fundo. Diz-se que, entrando n'elle dois *búzios* (mergulhadores) acharam agua de differentes temperaturas—em cima quente, no meio tépida, e mais abaixo fria. Tem-se aqui pescado trutas, e de inverno sae d'estas lagoas, um pequeno ribeiro.

No meio do poço *(lagôa)* ha uma pequena insua, mais alta dois metros do que a superficie da agua. O ambito d'este *poço*, é de uns 750 metros.

Eram minas de ouro, dos romanos, que d'ellas extrahiam grandes riquezas.

Na *Vida de Manuel Machado de Azevedo, senhor de Entre Homem e Cavado*, escripta por D. Felix Machado da Silva e Castro, marquez de Monte-Bello, a pag, 62 do cap. 6.º, se lê o seguinte:

«Para este lance mando hazer, tres collares de oro muy curiosos, sacado de las minas a que llaman — *las Freitas* — que en «tierra de Barroso ay, entre los lugares de «*Cipioens* y *Ardoens*, que son del mayoras-

[1] D. Affonso II, em 1211 (1.º anno do seu reinado) deu esta casa a Mendo Paes, seu aio, do qual foi filho o dr. Pedro Nogueira, desembargador do paço, e do conselho de D. João III; e é este o progenitor dos Nogueiras do Minho, cujo ramo principal veio depois a ser o da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

«go de Castro; y, presentando Dona Juana «de Silva a cada uno de los Infantes un col«lar destos, y diziendo ellos, que aquello «era más enriquecerlos que regalarlos, res«pondió, que ny era lo uno, ny lo otro, sinó «querer su marido, que las minas, que en «sus principios haviam sido de los Roma«nos, y de presente se hallavan en tierras «de aquella casa, que sus Altezas venian a «honrar, les pagassen tributo como a Prin«cipes de aquel Reyno, son aquellas minas, «unas lagunas, obradas, más por ambiciom «del oro, que por manos de la naturaleza. «Es capaz la mayor, por su profundidad de «nadar en ella, una não de la India Orien«tal, y desta, corre en el Invierno un pe«queno arroyelo .....

.....

«En el ano de 1638, nos concedió Su Ma«gestad una Provision, con facultad para be«neficiar estas minas por tiempo de cinco «años, etc., etc.»

—

Nas immediações da villa de Chaves, além d'estas, ha outras muitas escavações, que foram minas de ouro e de prata, dos romanos e dos arabes.

Vê-se que em tempos antigos houve aqui abundancia d'estes preciosos metaes.

—

Perto da *Portella da Orceira*, junto e ao S. da entrada, se acham vestigios de uma levada de agua, que principiava em Bobadella (perto de Nogueira) e passando pelo antigo logar de *Payo-Mantella*, entrava em Meixide, que confina com a Galliza, e d'alli vinha por uma varzea, chamada *a Campina*, buscar o valle de Chaves. Diz-se que esta levada foi mandada fazer pelo imperador Trajano, quando se construiu, por ordem do mesmo imperador, a ponte de Chaves.

NOGUEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto e proximo de Villa Real, 80 kilometros a N. E. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 400$000 de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade, e tem muita caça.

NOGUEIRA ou **S. CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DO DOURO**—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães.

Já tratei d'esta freguezia, a pag. 297, col. 2.ª, do 2.º vol.

Aqui accrescento mais o seguinte:

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento, além dos benesses.

É a maior e uma das mais ricas freguezias da comarca. Faz-se aqui uma boa feira, a 20 de cada mez, no Seixêdo, perto da ponte de Lourêdo.

É povoação muito antiga, e foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1513. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 74, col. 2.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Bem-Viver, Seixas e Val-Bom, que ficam na margem direita do Douro.

Está esta povoação situada em terreno accidentado, na margem esquerda do Douro.

O seu territorio é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, e o seu vinho, posto que verde, é de optima qualidade.

Cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta, e faz grande commercio com a cidade do Porto, pelo Douro.

O seu clima é muito saudavel.

—

Nos limites d'esta freguezia, ha um monte tão alto, que d'elle se avista a cidade do Porto, que fica 48 kilometros a O., e uma grande extensão de mar. N'este monte está o sanctuario de *Nossa Senhora do Calix*, casa de muita devoção dos povos d'estes sitios, que aqui fazem grandes romarias, pelo decurso do anno.

Consta, por tradição, que este templo foi a primeira egreja matriz da freguezia, que então comprehendia tambem a actual, de S. Thiago de Piães.

É por esta razão que o sanctuario é ainda *meieiro* das duas freguezias, e ambas, pelos annos de 1700, o reedificaram e ampliaram, e lhe construiram uma nova e perfeita capella-mór, e uma boa sachristia.

Diz se que a imagem da Senhora veio da cidade de Cadix (Hespanha) em 714, quando os mouros a occuparam, trazida pelos christãos fugitivos, que aqui vieram ter, e lhe construiram uma capellinha n'este sitio, que depois foi substituida pela que se reedificou em 1700.

Ficava esta ermida, proxima ao famoso *castello de Sanfins*, edificado sobre um penhasco, e por arte e natureza, tão forte, que era inexpugnavel.

Parece que durante a dominação agarena, esteve a santa imagem escondida entre umas densas brenhas d'este monte, que hoje são tudo terrenos cultivados.

Consta que um *Antonio Moreira*, d'esta freguezia, por alcunha o *Sevilhano* (por ter residido alguns annos em Sevilha), referiu ao reitor de Nogueira, Sebastião Cardozo Soares, que na cidade de Sevilha (Andaluzia) constava por documentos authenticos, que a imagem de Nossa Senhora de Calix, viera de Cadix para estas terras, e que o seu verdadeiro nome é Nossa Senhora de Cadix, que em Portugal se corrompeu em Calix.

Ao sitio onde a imagem esteve muitos annos escondida, ainda hoje se chama, *Montes de Nossa Senhora do Calix*.

Não se sabe quando foi achada no seu esconderijo, nem o anno em que se construiu a sua segunda capella.

A festa principal d'esta imagem, é a 5 de agosto (dia da Senhora das Neves) e é uma romaria muito concorridá.

Tambem a 25 de março (dia da Encarnação da Senhora) ha aqui uma outra grande romagem, onde vem muitas cruzes, de varias freguezias, em cumprimento de um antiquissimo voto.

Ainda, além d'estes dois dias, vem aqui gente de perto e de longe, visitar a Senhora, e trazer-lhe offertas; sendo a maior concorrencia, nos sabbados da quaresma.

A imagem é de pedra, e de boa esculptura.

Em frente d'esta capella, fica o célebre *pégo da Cardia*, do qual tratarei em *Piães*.

Já disse no logar citado, do 2.º volume, que era aqui a casa solar da *Granja*, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Monte-Negro de Bourbon. Para a sua genealogia e armas, vide *Sobrado de Paiva*.

É tambem n'esta freguezia, a casa solar do sr. João da Silveira. Para a sua genealogia e armas, vide *Torre da Silveira*, junto de *Assumar*.

NOGUEIRA DO CRAVO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao E. N. E. de Oliveira d'Azemeis, 35 kilometros ao S. do Porto, 40 ao E. N. E. d'Aveiro, 10 a E. da Feira, 280 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Os marquezes de Marialva apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento, fóra os benesses.

É uma bonita freguezia, situada em terreno elevado, e levemente accidentado, com bastantes casas boas, e com duas ermidas, uma publica, no sitio da feira, e outra particular, na aldeia de Nogueira.

Passa-lhe ao S. O. o ribeiro de Nogueira, atravessado por uma boa ponte de pedra, de um só arco, feita pela camara de Oliveira d'Azemeis, em 1844.

Tem uma grande feira de gado, a 27 de cada mez.

É terra muito fertil, em todos os generos do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta em grande quantidade, para a Inglaterra. Já aqui se fabrica muita e optima manteiga de vacca, da qual vae diariamente para o Porto grande quantidade.

Tem muita caça e é abundante de madeiras, principalmente de pinheiro.

É terra saudabilissima.

A sua egreja matriz, é soberba, e uma das melhores da comarca. Foi construida no principio do seculo XVIII, e é de optima cantaria, com um magnifico adro, e em sitio vistoso e agradavel.

No sitio do *Moinho do Pintor*, d'esta freguezia, ha uma boa mina de cobre, propriedade de uma grande companhia, da qual é director technico o sr. *Johnson*, subdito britannico. Estas minas principiam em Macieira de Sarnes (ou das Terças) e terminam em Pindêllo. Tambem pertencem á mesma companhia, as minas de cobre do *Feirral*, ou *Ferral*, na freguezia do Couto de Cucujães. Andam em exploração.

NOGUEIRA DE CRAVO e **GALLIZES**—villa, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (extincta comarca de Midões), 60 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É povoação antiga, e foi cabeça de concelho, com justiças proprias.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, com todos os privilegios do de Avô, em maio de 1177. (*Livro 11 da Extremadura*, fl. 279, col. 1.ª) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 41 v., col. 2.ª)

Veja-se tambem a *minuta* para o foral novo, no *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 1, doc. 2.

É terra muito fertil. Gado e caça.

NOGUEIRA DA REGEDOURA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 20 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor do mosteiro de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) da Feira, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento, fóra os benesses.

Fica perto do Atlantico. É terra muito fertil e saudavel. Cria muito gado de toda a qualidade. Fabrica-se aqui grande quantidade de telha, de optima qualidade; talvez a melhor do reino.

NOGUEIRÓ e **DADIM**—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 2 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, o Salvador.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Dadim, ou *Dadem*, era uma pequena freguezia, que o arcebispo D. Verissimo d'Alencastre annexou a esta.

Os romanos, quando pozeram cêrco á cidade de Braga, construiram aqui uma fortaleza, da qual ainda ha vestigios.

A freguezia de Dadim, tinha por orago, S. Romão.

Em um alto e formoso monte d'esta freguezia, está a capella de Nossa Senhora da Consolação, templo antiquissimo, e que se não sabe quando foi fundado.

Tem uma irmandade, instituida em 1517, que manda aqui dizer missa áos domingos e dias sanctificados.

A sua festa é no domingo do *Bom Pastor*.

O monte em que está a capella é um sitio bonito, ainda que solitario, e d'aqui se gosa um formoso e vasto panorama.

NOJÕES—aldeia, Douro, na freguezia de Real, concelho e 3 kilometros ao O. de Castello de Paiva (da capital do concelho, que é a villa do Sobrado), comarca e 12 kilometros a N. O. d'Arouca, 5 kilometros ao S. do rio Douro, 50 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Foi villa, e cabeça do concelho do seu nome, que foi supprimido em 1834. Ainda conserva a sua antiquissima (e insignificantissima) casa da camara e cadeia, hoje transformada em taberna.

Fazem-se aqui dois grandes mercados, um a 11 outro a 26 de cada mez.

O principal objecto d'estes mercados, é a compra e venda de gado bovino e suino.

Ha aqui uma casa, de que é actualmente representante (por casamento) o sr. Joaquim Mendes Strech da Cunha. Esta familia, que é de appellido *Ribeiro*, diz-se descendente do grande patriota, o *doutor João Pinto Ribeiro*, o herôe de 1640.—Vide a pag. 190 e 238

do 1.º volume, e a pag. 317, col. 2.ª, no fim, do vol. 4.º

Tem aqui uma boa casa e muitas rendas, o sr. doutor Carlos Aranha, da Póvoa. (Vide *Pédorido.*)

É provavel que Nojões tivesse foral antigo, porém Franklim não o menciona.

Entendo que teve foral proprio, porque, tratando o foral de Paiva, de varias aldeias comprehendidas n'elle, não falla em Nojões, que era villa e cabeça de concelho, no 1.º de dezembro de 1513, que é a data do foral. Comprehende porém a freguezia de *Real*, á qual esta aldeia pertence.

É terra fertilissima, como quasi todas d'este concelho.

Ha aqui uma capella publica, onde se diz missa todos os domingos e dias sanctificados.

O antigo nome d'esta povoação, era *Nojães*, que no antigo portuguez significava—*terra das malfeitorias*. Vem do substantivo *nôjo*, que significava — damno, perda, malfeitoria, embaraço, detrimento, prejuizo, etc. — *Com intençom de lhes fazer* nojo, *e deshonra, em lhes britarem* bôa vezinhança, que antre elles avia de assi com elles montarem, e vezinharem. (Doc. de Pinhel, de 1430.) — *E se nom fizer* nojo *a outros Casaes.* (Foral de Mourão, de 1512).

É povoação muito antiga, e aqui proximo, no sitio do *Fôjo*, junto ao ribeiro de Real, ha vestigios de um pequeno templo romano, conservando ainda parte do pavimento, em mosaico.

Mas não é este o unico monumento que nos prova ter este sitio sido habituado desde remotos tempos: ha outros vestigios, e em grande quantidade, evidenciando a habitação de povos pre-historicos n'estes logares.

Pouco ao N. E. de Nojões, alem do ribeiro do mesmo nome, está o logar da Povoação, onde se vê, além d'uma fonte antiguissima, que parece construcção romana, varios alicerces de edificios. N'este logar ha varios monolithos, aos quaes o povo chama —*penedos da povoação*—e que são incontestavelmente *antas* celticas. Algumas são de monstruosa grandeza, e não se comprehende como homens quasi selvagens, sem a minima noção de dynamica, podessem mover e collocar na requerida posição, estas immensas moles de pedra.

Não estão todas collocadas na mesma posição, nem teem todas a mesma forma geometrica.

Umas são esphericas, outras ovaes, e estão collocadas horisontal ou perpendicularmente. A maior de todas, que está em uma quebrada do monte, e ao cimo de terras cultivadas, é oblonga e está em posição perpendicular, fortemente calçada por quatro grandes penedos.

Todos estes monumentos mostram evidentemente que são anteriores á *edade de ferro*, não tendo o minimo vestigio de obra de arte.

Devemos tambem notar, que na metade O. do concelho de Paiva, não ha uma unica rocha granitica.—Na povoação é que principia a ver-se, e em grande abundancia, o *granito-porphiroide*, que se encontra, sem interrupção, em quasi toda a parte E. do concelho (mas só nos vertentes septentrionaes das serras que actualmente dividem este concelho do de Arouca, e que no tempo do nosso conde D. H nrique, eram o limite do territorio da *cidade de Arégia Auregia* ou *Anegia.*—Vide *Arêja*—Vide a pag 238 I col. 1.ª do 1.º volume,)

Note se tambem que são rarissimas as rochas propriamente ditas. Quasi tudo são *penedos rolados*, indicando terem andado por muitos seculos debatendo-se uns contra os outros, impellidos por correntes poderosas submarinhas.

NOMEADA — portuguez antigo — moeda de prata que fizeram cunhar D. João I e seu filho, o rei D. Duarte. Era do tamanho dos actuaes meios tostões. Tinha no anverso a cruz de S. Jorge, com a legenda

DOMINUS ADJUTOR FORTIS.

Ignora-se o seu justo valor.

Nomes antigos de varias cidades e nações [1]

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Actium (promontorio) (Italia)	Cabo Figalo	É celebre pela batalha que aqui deu Augusto contra Antonio, e que decidiu do imperio do mundo a favor de Augusto.
Alba	Albano (Campania)	Foi fundada por Ascanio Eunileu, 300 annos antes de Roma, e destruida por Tulio Hoctilio.
Allobroges ou Centronis	Delfinado, Saboia e Genova	Eram povos da Gallia-Narboneza.
Ambrones	Berne, Friburgo e Bale	
Antium	Anzo-Bovinato, 40 kilometros d'Ostia	É a patria de Nero, que para aqui quiz trazer a côrte de Roma.
Antuloles	Nigricia, Paiz dos Negros	
Anxur	Terracina (campania, de Roma)	Era a antiga cidade dos volscos, no Lacio.
Appia (Via)	A primeira estrada de Roma	Foi calçada em 441, de Roma, por Appio Claudio Ceco.
Apulia	Terra de Bari, Terra de Otranto — parte da Basilicata (Napoles)	É na Italia Meridional, entre o mar Adriatico e o golpho de Tarento.
Aquitania	Gascunha, e Guienna	França.
Arcadia	Traconia – Septentrional, na Moréa, ou Brazzo di Maina	Deu-lhe o nome, Arcas, que se dizia filho de Jupiter e da nympha Callixto.
Argos	É hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza	Era a capital da Argolida, no Peloponeso.
Arícia	Rizza (campania de Roma, perto d'Albano)	Cidade dos latinos, a 20 milhas de Roma, na *Via-Appia*.

[1] Póde ser que alguns dos meus leitores achem este artigo improprio de um diccionrario, que trata só de cousas portuguezas. A estes dou por satisfação que — decidi incluisto na obra, porque a nossa historia antiga, e outros muitos documentos, dão nomes de cidades e nações, hoje de muitos desconhecidas, e o leitor pouco versado em geographia antiga, não entenderia muitos dos nossos livros, nem a historia romana, que tem tantos pontos de contacto com a nossa. Como n'este artigo tenho de fallar muitas vezes do anno da fundação de Roma, noto que esta cidade teve principio no anno do mundo 3251, que vem a ser, 753 antes de Jesus Christo. — Por esta explicação se podem acertar as datas com facilidade.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Armenia-Maior	Turcomania	Asia.
Armenia-Menor	Aladuli	Asia.
Armórica	Bretanha	França.
Asia-Menor	Natalia	Turquia.
Assyria	Diarbeck	Asia. Tambem se chamava Mosopotamia, Arzerum, Chaldeia ou Babylonia.
Atlas (monte)	Altar (o mais alto monte da Africa) ...	Tem 1:000 leguas; principia na costa do Oceano (a que dá o nome) passa a Marrocos, Fez, Alger, Tripoli, etc.
Attica (na antiga Achaia) o paiz mais nobre da Grecia.....	Livadia-Meridional, ou o ducado de Athenas	Grecia.
Aventino (monte)	Monte de Santa Sabina	É uma das sete collinas de Roma, sobre as margens do Tibre.
Averno (lago)	Averno	Perto de Cumas, nas costas da Campania. Italia.
Babylonia ou Chaldeia	»	Vide Assyria.
Bactriana	Bulk, Sabiustan e Candahar	Asia.
Baias (Campania-Italia).....	.....	Foi totalmente engulida por um terremoto, no anno de 1538.
Batavia	Utrech e as ilhas sobre o Rhin.....	Allemanha.
Belgae	Paizes-Baixos	
Beocia (paiz)	Livadia-Central.....	A sua capital era a famosa Thebas. (Grecia).
Bertões, ou Birtonios..	Bouron	A parte da Thracia que fica ao longo do golpho-persico.
Boinnhaemium	Bohemia.....	Allemanha do Sul.
Bósphoro-Cimmerio..	Estreito de Caffa. Separa a Criméa da Circacia	Europa.
Bósphoro da Thracia..	Canal de Constantinopola	Estreito que une o Mar de Marmora com o Mar-Negro.
Britania (a antiga Albion) — ilha.....	Inglaterra, Paiz de Galles, e Escocia....	A parte meridional fórma a Inglaterra, e a septentrional a Escocia.
Bysancio.....	Constantinopola, ou Stamboul.....	Capital da Turquia.
Campania.....	Terra de Labor.....	Italia. Produz optimos vinhos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Campo de Marte.....	Campo de Marte.....	Grande terreno, de Roma, entre o Tibre e os montes Citorio, Quirinal e Capitolino.
Cantabria, ou Hespanha Tarragoneza....	Biscaia.....	Os cantabros, occupavam com os asturianos e os vascos, a Biscaia, uma parte da Castella septentrional, as Asturias e Leão.
Capitolio (fortaleza, sobre o monte Tarpeio)	Campidoglio	N'este monte houve 60 templos. Ainda se vêem as suas ruinas, na Agua, acima da ponte de Santo Angelo. Depois de quatro incendios, o papa Bonifacio III mandou reedificar o Capitolio.
Cápua.....	Santa Maria Maior, aldeia	A actual cidade de Cápua, está a 6 kilometros a O. da antiga, edificada sobre as ruinas da cidade de Casilino. É sobre o Vulturno, na Terra de Labor.
Capadocia.....	Amasia, Genech, e o Tocat	Asia-Menor.
Carinas (Bairro de Roma).....	»	Era dos mais bellos de Roma, pelos muitos patricios que n'elle habitavam.
Carthago (cidade da Africa)	Birsa, aldeia.....	Fundada pelos phenicios, foi rival de Roma. Já existia antes da guerra de Troia. Possuia todas as costas do Mediterraneo, desde a Grande Sirte até ao rio Ebro, assim como a Sicilia na Sardenha. Era em uma peninsula do golfo de Tunes, a poucas leguas d'esta cidade. Scipião, o *Africano*, a arrazou no anno 608 de Roma. [1]
Carthago-Nova, ou Spartaria	Carthagena.....	Porto de mar no reino de Murcia, (Hespanha). Fundada pelos carthaginezes.
Carthago-Vetus, ou Carthago-Velho.....	Villa Franca de Panadez	Catalunha, (Hespanha). Fundada tambem pelos carthaginezes.
Cecubo.....	Monte de Gaiêta.....	Italia.
Cefalonia	Cefalonia.....	Ilha no archipelago grego, ou do Levante.
Celtae	Normandia	França.

[1] A primeira guerra de Carthago contra Roma, durou desde 490 até 513 (de Roma.) No ultimo combate naval, Lutacio, captivou 70 navios carthaginezes e metteu a pique 50. N'esta guerra, perdeu a republica carthagineza, a Sicilia e a Sardenha. — A segunda, durou desde 536, até 553. N'esta guerra ficou Carthago, tributaria de Roma. — A terceira, durou desde 605, até 608, em que Carthago foi destruida. — Depois, Augusto a repovoou com 5:000 homens. Adriano a reedificou com o nome de *Adrianopolis*. Em 432 de Jesus Christo, Genserino, rei dos vandalos, a tomou aos christãos, e aquelles a possuiram 100 annos. A actual torre *Almenára* é a praça da sua antiga fortaleza.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Centrones	Normandia	O mesmo que Allobroges.
Céos	Zio	Ilha, em frente do Cabo Colona, na Livadia.
Cerites	Cervetri	Cantão da Toscana maritima, entre Civita-Vecchia e a embocadura do rio Aro, Italia.
Chaldéa	»	O mesmo que Babylonia.
Charibde	Galofaro, ou Capo di Pharo	Golfo, no Estreito de Sicilia, á entrada do porto de Messina, e em frente do escolho de Sylla.
Chersoneso-Cimbrico.	Juthland	
Chipre (ilha)	Cubros	A sua capital é Nicosia. É ao fundo do Mediterraneo, e pertence hoje á Turquia.
Circéa	Civita-Vecchia — na Campania de Roma	Era no paiz dos volscos. O cabo de Circéa, é hoje Monte-Circello.
Circo-maximo, de Roma	»	Era um vasto terreiro, oval, rodeado de porticos e edificios, d'onde se viam os jogos e os combates. Tinha 2:205 pés de comprido e 905 de largo. Viam-se n'elle, 3 galerias cobertas, em outros tantos andares, com capacidade para 150:000 pessoas. Ainda existem as suas ruinas, entre os montes Aventino e Palatino, hoje o monte de Santa Sabina, e o Palacio Grande. Este vasto edificio era ornado de grande numero de estatuas e columnas, e de dois grandes obeliscos. Havia em Roma dois outros *circos*, o de Flaminio, perto do rio Tibre, e o de Nero, ao Vaticano.
Clazomenas	Vourla	Cidade, na peninsula de Jónia, hoje reduzida a aldeia, na Natolia, á entrada da bahia de Smyrna.
Clusio	Chiusi	Toscana. Tem aguas mineraes, frias.
Colchida	Mingrelia (paiz)	Entre a Circacia, a Georgia e o Aladuli, ao fundo do Mar-Negro. Era um paiz famoso pelos seus venenos, e ainda mais, pelo celebre Vellocino (ou tosão) d'ouro. Hoje, esta região só consta de duas aldeias e alguns castellos, á beira-mar.
Concanos	Asturias	Povos da Hespanha Tarragoneza, na Bis-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Concanos.....	Asturias.....	caia, que era uma colonia de messagetas. Hoje a sua capital é Santilhana.
Corcyra.....	Corfu.....	Ilha no archipelago Grego ou Jonico.
Corintho.....	Coranto.....	Cidade do Peloponeso (Moréa actual) fundada por Sisypho, ou por Corintho, filho de Marathon (outros dizem que, por Haletes, o 6.º dos Heraclides) 800 annos antes de Jesus Christo. Era situada sobre um isthmo, que unia Achaia ao Peloponeso. Foi famosa pelas suas olarias, pelo seu vinho, e pela sua immoralidade. Teve primeiro reis e depois foi republica. Lucio Mumo a tomou e saqueou, no anno 607 de Roma. Julio Cesar a restabeleceu, e era ainda florescente, no tempo de S. Paulo. Esteve algum tempo em poder dos venezianos, mas os turcos a retomaram em 1715 de Jesus Christo. Está deserta e desmantelada. É sobre o isthmo que separa o golfo d'Eugenia (a E.) do de Lepanto (ao O.) Pertence á Moréa.
Corico.....	»	Cidade que já não existe. Era em frente da ilha de Chypre, na actual Caramania. Na Jónia havia um monte tambem chamado *Corico*.
Cós.....	Lango, ou Stanchio...	Era uma das ilhas Sporades, perto das costas da Asia-Menor, á entrada do golfo que separava a Caria da Dórida. Era famosa, por ser patria do grande pintor Apelles, e de Hippocrates, deus da medicina — e pela púrpura que aqui se pescava.
Creta.....	Candia.....	É a maior ilha do Mediterraneo. Dizia-se que teve cem cidades, e que foi aqui creado Jupiter; o que lhe deu celebridade—assim como ser governada por Minos: pelo seu Minotauro; e pelo seu Labyrintho construido por Dédalo. Entregou-se a Pompeo; foi depois sujeita aos imperadores de Constantinopola, até ao anno 823 de Jesus Christo. Os sarracenos a conquistaram, e aqui fundaram a cidade de Candia, que veiu dar o seu nome a toda a ilha. Os venezianos a tomaram em 1669.
Cumas.....	»	Cidade da Campania. Foi a primeira fundada na Italia pelas colonias gregas. Estava sobre a costa do mar da Toscana.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Cumas	Candia	Perto d'esta cidade estava a caverna da famosa *Sybilla de Cumas*, que prophetisou a vinda e o martyrio de Jesus Christo. Os serracenos destruiram esta cidade, em 1207 de Jesus Christo, e d'ella apenas restam vestigios.
Cyclades	Cyclades	São 47 ilhas do Archipelago, situadas em fórma de circulo (d'onde lhe vem o nome). As suas aguas são perigosissimas, pelos muitos rochedos que aqui estão espalhados.
Cydonia	Canéa	Era uma das principaes cidades da ilha de Créta. É hoje cidade episcopal e porto de Candia, na costa septentrional. Deu o seu nome a uma das quatro circumscripções da ilha.
Cyrenaica, ou Libia-Superior	Barca	Paiz da Asia.
Cyrnus, ou Corsien	Corsega	Ilha do Mediterraneo, pertencente hoje á França.
Cythera	Cerigo	Ilha, á entrada do archipelago grego, entre a Moréa e Candia. Era famosa pelo seu templo de Venus, e pela sua devassidão.
Dácia	Transilvania, Moldavia e Valaquia	Os dacos (de Dacia) eram scythas europeus. Estanceavam entre a Sarmacia e o Danubio. A sua origem era gaulleza. Confundem-se muitas vezes com os getas. Trajano venceu o seu ultimo rei, Decebato, e reduziu a Dacia a provincia romana.
Dalmacia	Dalmacia	A Dalmacia, fazia parte da antiga Illyria-Occidental, ao longo do Adriatico (golfo de Veneza). Está hoje limitada ao N., pela Bosnia; ao E., pela Servia; ao O., pela Mortania; e ao S., pelo golfo de Veneza. Divide-se em *Veneziana*, cuja capital é Spalatro — em *Rugusiana*, de que é capital, Raguza — e *Tuzca*, cuja capital é Herzegovina, região quasi toda povoada por catholicos, sujeitos ao imperador da Turquia. Actualmente (agosto de 1875) anda n'esta parte da Dalmacia, encarniçada guerra, para sacudir o jugo dos musulmanos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Danubio	Danubio	É um dos principaes rios da Europa. Principia perto da *Matta-Negra*, em Tonesching (ou Escingen) no principado de Fourstemberg. Atravessa a Suevia, a Baviera, a Austria, a Hungria, a Servia, a Bulgaria, e a Moldavia, e lança-se no Mar Negro, por duas fozes. Teve antigamente seis, porém, a areia entupiu quatro. Verdadeiramente, só se chama Danubio, desde a sua origem até abaixo de Alba-Graeca: d'ahi até ao mar, toma o nome de Ister.
Daunia	Pugliapiana, ou Capitanato	Italia. Os seus soldados eram valorosissimos.
Delos	Sdille (ilha)	O seu primeiro nome foi Ortygia. — É no archipelago Jonico, e está hoje deserta. Diz-se que no seu principio era fluctuante. N'ella nasceram Apollo e Diana, filhos de Latona e de Jupiter (segundo a Mythologia). Ainda aqui se vêem as ruinas do um templo de Apollo.
Delphos	Castri	Foi uma cidade celebre, na Phocida, ao pé do monte Parnaso. Houve n'esta cidade um templo de Apollo, famoso por seus oraculos. Hoje não é mais do que um montão de ruinas, occupadas, em parte, pela pequena aldeia de *Castri*.
Dórida	Livadia-Superior	Era uma região da Grecia, na Grande-Achaia.
Dumnoñ	Cornewal, e Dewonshire	Gran-Bretanha. Vastas e ricas minas de carvão de pedra.
Edia, Lingones, e Sequania	Borgonha, e Franche-Conté	França.
Egypto	Egypto	Região da Africa. Tem 1:200 kilometros de comprido, de N. a S., e 300 de largo. É limitada ao N. pelo Mediterraneo, ao E., pelo Mar-Vermelho, Arabia, Petrea e Palestina; ao S., pela Nubia (Ethiopia), e ao O. pela Cyrenaica e a Libia, hoje Barbaria. Divide-se em *Alto, Medio*, e *Baixo*-Egypto. — O *Alto*, comprehende a antiga Thebaida; o *Baixo*, estende-se até ao Cairo. O *Medio*, é desde o Cairo até á antiga *Hermopolis*, hoje *Benesonef*. Teve por muitos seculos, reis proprios: os persas o conquistaram; mas Alexandre Magno lh'o tomou.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Egypto	Egypto	Passou aos romanos, no tempo de Cleopatra, sua ultima rainha. Omar, kalifa, e successor de Abubeker, se assenhoreou d'elle. Foi governado por *soldões* proprios; mas, em 1517 de Jesus Christo, Selim 1.º imperador dos turcos, se apossou do Egypto. Hoje é governado por um principe, suzerano da Porta, intitulado *Kediva*. O famoso rio Nylo atravessa esta região de S. a N. O Cairo é a capital do Egypto.
Elida	Moréa	Grecia.
Epheso	Aiasalouk	Era uma cidade da Jonia, na Asia-Menor, famosa pelo templo de Diana, uma das *sete maravilhas do mundo*, e que foi incendiado por *Erostrato*, no anno 385 de Roma, e no mesmo dia em que nasceu Alexandre Magno. Em Epheso se celebrou o 3.º concilio eucumenico, no anno 431 de J. C. Hoje não é mais do que uma aldeia da Natólia, sobre as costas do Archipelago Grego, á embocadura do pequeno rio *Madre*, (antigo *Caistro*). Tem um bom porto, com uma pequena cidadella. Pertence ao imperador da Turquia.
Epiro	Albania	Era uma provincia da antiga Grecia, que se estendia pelo mar Jonico, entre a Macedonia, ou Illyria, a Thessalia e a Achaia. Hoje é uma parte da Albania, comprehendendo os cantões de Chiméra e de Arta. É actualmente dos turcos, e governada por um pachá, que está em Janna, sua capital.
Erix	Monte di San-Juliano	Era uma cidade e um monte de Sicilia, onde Venus tinha um templo celebre, cheio de mulheres, consagradas á deusa, cujo thesouro enriqueciam com o producto das suas prostituições. É hoje um monte, no valle de Massara, perto de Drepano, na Italia.
Esola		Colonia do antigo Lacio, a 18 kilometros de Roma, da parte de Tivoli. Não existe.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Esquilino	Monte de Santa Maria-Maior	Era um dos sete principaes montes de Roma. Servio Tulio, 6.º rei de Roma, o incluiu na cidade, edificando n'elle um palacio e jardins. Formava o 5.º bairro de Roma, e se denominava *Região Esquilina*. O nome vem-lhe de *æsculus*, especie de carvalhos.
Ethiopia.....	Abyssinia	Grande região da Africa, que comprehendia os paizes hoje chamados Nubia, Abyssinia, Zanguebar, Monemugi, Monomotapa, Cafraria, e Congo. A actual Abyssinia, é a Ethiopia propria; tem 2:400 kilometros de comprido, e 1:680 de largo. Era o imperio do celebrado *Preste João*. O seu imperador intitula-se *negus*. Grande parte do povo d'este vasto imperio segue uma religião a que alguns chamam christan, tão degenerada e misturada de judaismo, que nem mesmo se podem chamar christãos scismaticos. Desde a destruição da grande cidade de *Axúma*, não ha aqui senão aldeias. O proprio negus, vive em uma barraca da campanha. Todos os habitantes são pretos.
Etna	Monte-Gibel, ou Mongibello	Celebre volcão da Sicilia, na costa occidental do valle de Demona, entre os cabos de *Pharo* e *Passaro*. Tem 18 kilometros de subida, e 100 de circumferencia.
Etruria, ou Tuscia ...	Toscana, Perugia, Orviêtto, Patrimonio de S. Pedro e o ducado de Castro.....	Grande região da Italia, que antigamente comprehendia todo o territorio cercado pelos Apeninos, e que se estendia de E. a O., desde o rio Tibre até Magra. Era habitada por dois povos differentes — os *umbrões*, ao E. — e os *tuscos*, ou *tyrrenos*, ao O. Estes por fim dominaram todo o paiz.
Eubéa	Negroponto	
Falerno	Rocca di Mon-Dragone (Italia)	Paiz e monte, na actual Terra de Labor, entre Sinuessa e Cales. O monte é na costa maritima, entre os bosques de Garigliano e do Saona. Os seus vinhos eram optimos.
Feronia	Saint-Oueste, (aldeia)	Cidade, nas costas do Lacio, no centro do paiz dos *faliscos*, proxima dos sabinos, e do monte Soracte. É hoje uma pequena aldeia, perto do

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Feronia	Saint-Oueste, (aldeia)	Tibre, no patrimonio de S. Pedro. — Italia. Tambem havia a fonte e o templo da deusa Feronia, mas isto era perto de Terracina — Italia.
Fescennia	»	Antiga cidade da Toscana, no cantão dos *vulsinios*, cujas ruinas se vêem a 1:500 metros de Galezo, pequena villa dos Estados Ecclesiasticos. A tragedia e a comedia, devem a sua origem aos *fascennios*.
Fidenas		Cidade dos *sabinos*, no Lacio, entre Crustumena e Antenas, sobre o Tibre, 5 kilometros acima da embocadura do Teverone. Vêem-se as suas ruinas, perto do castello Giubeleo, a 10 kilometros de Roma.
Finningia	Finlandia	
Formias	Molla	Antiga cidade do Lacio, na costa dos *aurancos*. Hoje está reduzida a aldeia, perto de Gaêta, na Terra de Labor. Seus vinhos eram famosos.
Fortunatas ou Afortunadas	Canárias	Nove ilhas, ao O. de Africa, ficando a mais proxima a 240 kilometros da costa africana, no Oceano Atlantico. As quatro principaes são: *Canaria*, (que dá o nome a todas) *Teneriffe*, que é a maior, e onde está o celebre *pico* do seu nome — *Ilha-do-Ferro*, onde os geographos francezes estabelecem o seu primeiro merediano — e *Palma*. Foram descobertas por João Bittencourt (normando) em 1417. São muito ferteis. Pertencem á Hespanha. [1]
Frisii	Hollanda e Frisa [2]	Paizes Baixos.
Gabios	Campo-Gabio	Antiga cidade do Lacio. As suas ruinas estão 28 kilometros a E. de Roma.
Galatas (de Galacia)	Chiangare	Povos da Asia-Menor, descendentes dos gaullezes, que se tinham estabelecido na Phrygia, no anno 477 de Roma, e que

[1] Segundo muitos escriptores, as Canarias, os Açores, Madeira, Porto Santo, e em Portugal, as Berlengas, o Baleal e outros ilhotes, são restos da grande *Ilha-Atlantida*, tão famosa na antiguidade, cujos valles foram alagados por uma terrivel erupção do *Mar-Negro*, que, abrindo uma passagem pelo estreito de Constantinopola, invadiu o Mediterraneo, rompeu o actual Estreito de Gibraltar (separando a Africa da Hespanha) e uniu os mares de Azof, Negro, Archipelago, Mediterraneo e Atlantico. Avançam alguns que a America era uma parte da Ilha-Atlantida; mas então deixava de ser ilha.

[2] Em *Frisa* se inventaram as machinas de guerra chamadas *cavallos de Frisa*.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Galatas (de Galacia)..	Chiangare.....	lhe deram o nome de *Gallo-Grecia.* Os gregos lhe chamaram *Galacia.*
Galaecia	Galliza, Asturias e Biscaia.....	Hespanha.
Gallia (Cisalpina e Transalpina—áquem e além dos Alpes)....	França, Saboya, Allemanha (parte), Piemonte, Milão, Mantua (parte), Venèza, etc.....	Era uma das mais celebres regiões da Europa. Comprehendia a França actual, a Saboya, e toda a parte da Allemanha e dos Paizes Baixos, que está ao O. do Rheno. Antes do imperio de Cesar, estavam os gaullezes divididos em quasi tantos estados differentes, quantas eram as suas cidades principaes. Dividiam-se em tres ordens—*nobres*, ou *cavalleiros*, *druidas*, e *povo.* Os primeiros, faziam a guerra; os segundos, exerciam o sacerdocio; os terceiros, cultivavam a terra e exerciam officios mechanicos. Estes eram quasi escravos. Passaram os Alpes, apossando-se d'esses paizes, a que os romanos deram o nome de *Gallia-Cisalpina;* e desde então se ficou chamando á Gallia propria — *Gallia-Transalpina.* A Gallia Cisalpina, estendia-se desde os Alpes até ao rio Pó. É hoje o Piemonte, Milão, parte do ducado de Mantua, Bergamo e Brescia, e Veneza. É por estas duas grandes divisões (Cisalpina e Transalpina) que se dizia *Gallias*, tratando de Ambas.
Gallia-Narboneza.....	Languedoc.....	Na Gallia-Transalpina.
Gallia-Togata.....	Lombardia.....	Idem.
Gargano (monte).....	Monte de Santo Angelo	No reino de Napoles (no Capitanato) perto de Manfredonia e de Siponto.
Germania.....	Allemanha.....	A antiga Germania era duas vezes maior do que a Allemanha actual (do Norte e do Sul) comprehendendo todo o vasto territorio que está entre o Vistula, o Danubio, o Rheno, e o Oceano do norte. Os cimbros, os teutões e os sicambros, eram povos ferozes da Germania. Combateram tenazmente contra os romanos, porém Mario os venceu, matando mais de 300:000! Nunca porém os romanos poderam subjugar completamente estas hordas indomitas.
Germania-Sarmata ou Marcomania.....	Polonia (russa, austriaca e allemã).....	Vide *Marcomania.*

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Getas (paiz dos)	Provincias Danubianas	Eram antigos povos da Scythia européa, que, com os *dacos*, occupavam as actuaes Transilvania, Moldavia e Valaquia, tributarias da Porta.
Gnacia	Guazi, Nazzi, ou Torre di Anazzo. (Terra de Bari).....	Pequena cidade da Apulia-Peucetia, a 80 kilometros de Bari, sobre a estrada de Brindes.
Gnido	Cabo-Crio (Villa da Natalia, á ponta da peninsula de Montesilli	Cidade na antiga Dórida de Caria, onde estava a famosa estatua de Venus, feita por Praxitelles. Havia outra cidade de Gnido, na ilha de Chypre, mas de pouca importancia.
Gnosso	Cinossa	Antiga cidade, capital da ilha de Créta, e côrte de Minos, sobre o rio Ceraso, hoje Ginosa. Apenas existem as suas ruinas.
Grago	Monte de Gorante....	É um monte, com oito cabêços, na antiga Lycia, celebre pela fabula da *Chimera*.
Grecia	Grecia	A Grecia antiga, comprehendia o paiz situado entre a Illyria; a Mesia; o Ponto-Euxino; a Dardania—e os mares, Adriatico, (golfo de Veneza); Jonio, (Archipelago Grego; Ilhas Jonias, ou Mar do Levante) e Egêo. Formava pois, parte da Grecia, o Epiro; a Macedonia; a Thessalia e a Thracia. Mas, a Grecia propriamente dita, era o paiz situado entre o Epiro e o mar Jonio, ao O., a Thessalia ao N.; o Euripo e o mar Egêo ao E.; e o Mediterraneo ao S. Hoje está restringida á antiga Livadia.
Guta, e Helleviones...	Gothland	
Helicon.....	Zágara, ou Zagaya...	Monte da antiga Beocia, entre a Phocida e o Golfo de Corintho. Era consagrado ás Musas. Eram aqui as fontes de *Hippocrene* e *Aganippe*. É na Livadia actual, entre Thespia e Rossa. Perto do Helicon, fica o monte *Parnasso*.
Helvecia	Suissa	Ainda se diz *Confederação* Helvetica.
Hemo	Cumunitza	Monte da Thracia, onde nasceram Orpheu, Lino, Museu e outros poetas. Hoje faz parte do Balkan, nas fronteiras da Bulgaria.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Hesperia	Italia, Hespanhas	Havia duas Hesperias — a *Magna*, ou *Proxima*, que era a Italia — e a *Ultima* que era a Peninsula-Iberica (Hespanhas). O nome d'estas regiões vinha do grego *Hesperus-Occidente;* porque ficavam a O. da Grecia.
Hibernia, ou Ierne	Irlanda (ilha)	Sujeita aos inglezes, formando um dos *Tres Reinos* britannicos.
Hirri, ou Ecii, ou Ostiones	Livonia, e Estionia	
Hydaspe	Ravi, ou Via	Rio da India, além do Ganges. Nasce no monte *Ima* (fronteiras do Tibet) e lança-se no Indo, entre Multan e Buckor. Foi o termo das conquistas de Alexandre Magno.
Hymeto	Monte-Meto, ou Lamprobani	Monte da antiga Attica, cujo mel era o melhor da antiguidade. É na actual Livadia, entre Setines e Cabo-Columna. Ainda hoje o seu mel tem fama de muito bom, principalmente o da cêrca do mosteiro de *Cosbachi.*
Hyperboreos	Russos septentrionaes	Povos da antiga Sarmania, que estanceavam entre o Wolga e o Mar-Branco. Dava-se-lhes este nome por ficarem perto do *Boreas*, ou polo Artico.
Iberia	Hespanha	Havia duas Iberias. Uma era a Hespanha actual, assim chamada, do seu rei Ibero, que tambem deu o seu nome ao rio Ibero, hoje Ebro.
	Georgia-Oriental	A outra Iberia, era uma região da Asia, entre o Mar-Negro e o Mar-Caspio. Comprehende actualmente os principados de Cardwel e Kaketi. Sobre o rio *Cour* (o *Cyro* dos antigos) está a capital d'este paiz, que é a cidade de Tesfis, antigamente chamada Acropolis-Iberica.
Iverne	»	O mesmo que Hibernia.
Ida	Aidinia	Monte da antiga Troada, hoje Natolia-Occidental.
Ida (outro)	Monte-Giove	Na ilha de Creta, actual Candia.
Ilio, ou Troia	»	Vide Troia.
Illyria	Dalmacia, Croacia e Bosnia	Região da Europa, que se estendia ao longo da costa septentrional do Adria-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Illyria	Dalmacia, Croacia e Bosnia	tico, e comprehendia a antiga Liburnia, a Dalmacia, a Pannonia, a Norica e a Vindelicia.
Ionia	Sarchan (Natolia)	Era primeiramente um paiz da Grecia, depois, passou a ser uma região da Asia-Menor, porque uma colonia de ionios-gregos se foi ali estabelecer. As suas principaes cidades, eram — Mileto, Epheso, Smyrna, Colophonia, Lebeda, Erythréa e Clazomenas. Smyrna e Epheso, são ainda cidades muito importantes.
Ithaca	Val-di-Compari	Pequena ilha, ao sair do golfo de Lepanto, entre a ilha de Corfu e as costas da Albania-Meridional. Fazia parte dos estados de Ulysses.
Lacedemonia, ou Esparta	Paleocori	Capital da antiga Laconia, no Peloponeso, sobre o rio Eurotas (o Visilipotamo actual). Estendia-se desde o cabo Matapan, sobre os golfos de Colochina e de Napoli. As suas ruinas ainda se vêem a 9 kilometros de Misitra, que é o nome actual da capital da Zachania, provincia da Moréa. Os venezianos se apossaram d'ella, em 1687; mas os turcos lh'a retomaram, com a Moréa, em 1715. Ainda se chama Laconia, á parte meridional da Zachania, e ao paiz dos magnotes.
Lanuvio	Civita-Indovina	Antiga cidade da Italia, a 44 kilometros de Roma, perto da Via-Appia, no paiz dos latinos.
Lapithas	Jannisaros	Povos da Antiga Thessalia, que habitavam ao pé de Larissa, e do monte Olympo. Diz-se que foram os primeiros que domesticaram e domaram os cavallos. É hoje a provincia de Janna, na Turquia da Europa.
Larissa	Larsa, ou Larizza, em Janna	Era uma cidade dos pelasgios, sobre o Penes, na Thessalia. Era a capital dos estados d'Achilles. Havia na Grecia mais tres cidades d'este nome. Uma na Macedonia, sobre o golfo Pelasgo. Outra, perto do Monte Ossa. Outra, perto de Elea, no Peloponeso. D'estas, apenas restam vestigios.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Latium (Lacio)	Italia	O Lacio, era uma região da Italia, que se dividia em *Antigo* e *Moderno Lacio*. O *Antigo Lacio* é hoje a Campania de Roma. Comprehendia os latinos, os equos, os hernicos, os rutulos, e os volscos, desde o Tibre até Terracina. O *Novo-Lacio*, era a Terra de Labor, e estendia-se, desde Terracina até ao monte Massico, além do Liris, e comprehendia os auruncos e os ausões.
Lesbos	Metelim	Ilha do archipelago Jonico, na actual Natolia. Sua capital era a cidade de Mitylene, hoje *Metelin*, que é tambem o nome actual da ilha. É celebre por ser a patria da famosa poetisa, *Sapho*.
Lestrigões.....	Italianos.....	Povos da Sicilia que se estabeleceram nas costas da Campania, e ali fundaram a cidade de Lestrigon. Era seu chefe Lamo. Invadindo os laconios este paiz, pozeram á cidade o nome de *Formias*.
Lybia	Zaarah, Negricia, Guiné Bileldugerid, e toda a Barberia.....	Segundo os escriptores romanos, a Lybia era a parte da Africa septentrional, limitada ao E. pelo Egypto; ao O. pelo reino de Tripoli; ao S. pela Ethiopia e pela Nubia; e ao N. pelo mar. A Lybia fornecia aos romanos 40:000 moios de trigo annualmente. Ao mar da Lybia se chama hoje, *mar da Barca*.
Lybia-Inferior ou Gelulia	Bileldugerid.....	
Liburnia	Croacia e Dalmacia-Occidental	Fazia parte da Illyria, e estendia-se pelo golpho de Veneza (mar Adriatico) entre a Istria e a Dalmacia. Os liburnios serviam-se de pequenas embarcações, muito ligeiras, e d'isso veiu o nome de *liburnas* a todos os vasos da mesma construcção.
Liris	Garigliano	Nasce nos Abbruzzos, e morre no mar da Toscana, á ponta do golpho de Gaeta. Atravessa o territorio que foi paiz dos hernicos, dos volscos, e dos ausonios. Italia.
Lucania	Basilicata; a parte meridional do principado, e parte da Calabria	Era uma região da Italia-Meridional, entre o mar da Toscana e o golpho de Tarento, no actual reino de Napoles.
Lucania	Monte Libretti.....	Monte de Sabina, no cantão de Bandusia, perto de Curreso.
Lucretil	Mar-Morto	Nas costas da Campania, entre o Cabo

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Lucretil	Mar-Morto	Miseno e as cidades de Baias e Puzzoli, ao fundo do golpho Tyrrheno. Communicava com o lago Averno, por um canal que mandou abrir o imperador Agrippa. Um terremoto o arrasou totalmente em 1538, e abysmou a cidade de Baias. No sitio onde existiu este monte, se vê hoje uma lagôa lodosa — o tal Mar-Morto.
Lusitania	Portugal	A antiga Lusitania comprehendia o reino de Galliza, a provincia do Minho, com os limites que tinha até 1834, e a maior parte da provincia de Traz os Montes; mas esta divisão soffreu algumas alterações durante o imperio romano, e depois, no tempo dos godos. Para evitar repetições, vide *Braga*, no logar competente, e *Lusitania e Portugal* no 4.º volume.
Lutecia [1]	Paris	Capital da França.
Lycia	Aidinia (Natolia meridional	Região sobre a costa meridional da Asia-Menor, entre a Caria e a Grande-Phrygia; a Pisidia e a Pamphilia. A sua capital era a cidade de Patara, famosa pelos oraculos que ahi dava Apollo, segundo criam os idolatras.
Lydia	Perugia	Era uma região da Asia-Menor, que se estendia ao longo do Caistro (hoje o Pequeno-Madre) e confinava com a Phrygia, Caria, Ionia e Eolia. (Vide Etruria).
Macedonia	Roumania	Uma parte da Grecia, que comprehendia a Thessalia, o Epiro (ou Albania) e a Thracia. Todo este paiz forma a Roumania actual, com as suas quatro provincias, que são (principiando ao N. e terminando ao S.) Jamboli, Macedonia propria, Comenolitari e Janna. Este paiz termina pelo O. com o Mar-Adriatico (Golfo de Veneza) e pelo E. com o Mar-Egeu.
Magnesia	Peninsula de Janna [2]	Provincia actual da Thessalia, que se es-

[1] Lutecia, segundo muitos etymologistas, é uma palavra (composta), gaulleza, que significa *cidade da lama*. Os romanos lhe chamaram depois *Parisorum*.

[2] Quasi no centro da extremidade occidental da peninsula de Peniche, ha uma pequena ábra, chamada *Carreiro de Joanna*. É provavel que os thessalios, que invadiram a Lusitania com os romanos, vendo a similhança d'esta peninsula com a sua de *Janna*,

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Magnesia	Peninsula de Janna ..	tendia entre os golfos Thermaico e Pelasgico, desde o monte Ossa até a embocadura do Amphiso. É hoje uma peninsula de Janna, entre os golfos de Salonica e Volo. A sua capital, tambem chamada Magnesia, na Asia-Menor, está fundada sobre o rio Meandro, e tem hoje o nome de Guzerlitza.
Manapii, Tungrii.....	Barbante Austriaco...	
Mar Adriatico.....	Golpho de Veneza ...	A parte do Mediterraneo que está entre a Italia, a Grecia e a Illyria. O nome provinha-lhe da cidade de Adria, que ainda existe, reduzida a uma povoação insignificante.
Mar Carpacio	A parte do mar que fica entre o Mediterraneo e o Archipelago Jonico	É a parte do Mediterranio que banha Scarpento (Carpathus), ilha na extremidade do Archipelago Grego (Mar Jonico, ou do Levante) entre Rhodes e Candia.
Mar Caspio, ou Hircanio	Mar Caspio. Tambem se chama *Mar de Sala, de Bachu, de Chilau*, e *de Tabaristan.*	Grande lago, na Asia. Estende-se do N. a S., entre a Grande-Russia, a Tartaria, a Persia e a Turquia asiatica. Não tem communicação alguma (apparente) com outro qualquer mar. Tem 3:000 kilometros de N. a S. É tempestuoso e não tem portos onde os navios possam estar em segurança.
Marcomania.....	Polonia.....	Tambem se chama Germania-Sarmata. Esta heroica e infeliz nação, foi por muitos seculos a guarda-avançada da Europa, que por centenares de vezes livrou das invasões assoladoras das hordas barbaras asiaticas. Seus generosos peitos, mais ainda que os rechedos de suas montanhas, eram um dique permanente contra os sanguinarios filhos d'Agar. Esquecidas d'isto, a Russia, a Austria e a Prussia, depois de muitos annos de combates homericos, e quando as cidades polacas estavam reduzidas a montões de ruinas e seus campos e bosques devastados, se apoderaram da Polonia, retalhando-a e dividindo-a pelos usurpadores. O resto da Europa, viu com a maior ingratidão e de braços cruzados, estas horriveis partilhas.

lhe pozessem o mesmo nome, que facilmente se corrompia (em portuguez) em *Joanna*.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Marcomania.....	Polonia.....	Nem sequer o Summo Pontifice se lembrou de que era um reino catholico que ia cair nas garras de scismaticos e protestantes!
Mar de Creta.....	Uma parte do Mediterraneo.....	Estende-se ao N., para o Mar Egeu e a Moréa — ao E., para a ilha de Rhodes — ao S., para a Africa — e ao O., para a Italia.
Mar de Mármora e, ainda mais antigo—*Propontis*.....	Mar de Mármora.....	Grande golpho que separa a Europa da Asia, entre o Estreito de Gallipoli (o antigo *Hellesponto*) e o Mar-Negro (antigo *Ponto-Euxino*). Vide *Mar-Negro*.
Mar de Myrtos.....	Parte do Archipelago Grego.....	Era uma parte do Mar-Egeu. Tomou o seu nome, da pequena ilha de Myrtos, que está na ponta meridional de Negreponto (antiga Ilha-Eubéa). A ilha de Myrtos, tomou o seu nome de *Myrtóo* ou *Myrtilo*, cocheiro de Oenomáo, rei da Arcadia, ao qual Pelops precipitou n'este mar.
Mar Egéu.....	Archipelago Grego — Mar do Levante.....	É a parte do Mediterraneo que se estende entre a Asia-Menor (Natolia) ao E.; a Thracia (Roumania) ao N.; a Macedonia, a Grecia e o Peloponeso (Moréa) ao O.; e a ilha de Creta (Candia) ao Sul. É cheio de ilhas, sendo as principaes, para o lado da Asia — Samos, Scio, Lesbos ou Metelim, Tenedos, e Cós — e para o lado da Europa—Eubéa (Negreponto) Scyros, as Cycladas, Andros, Paros, Naxos, Delos, etc. *Egeum* é um adjectivo grego, que significa tempestuoso, procelloso, etc. — porque, ao menor vento, as suas aguas se agitam furiosamente, o que torna a navegação d'este mar perigosissima.
Mar Icario.....	Parte do Archipelago Grego.....	É a parte do Mediterraneo que se estende entre as ilhas de Nicari, Samos, e Cós, e o continente da Natolia. É cheio de ilhas e rochedos. Tomou este nome por n'elle se afogar Icaro, filho de Dédalo.
Mar Jonio.....	Idem.....	Estende-se entre o Peloponeso, a Italia e a Sicilia, tendo o Mar Iapygio ao N.; o Mar-de-Creta ao E.; o Mar-das-Syrtes ao S.; e o Mar da Sicilia ao O.
Mar-Negro ou Ponto-Euxino.....	Mar Negro.....	É um grande lago, prolongamento dos mares Mediterraneo e Ionico, entre a Tartaria e a Circacia, ao N.; a Georgia ao E.; a Natolia ao S.; e a Turquia Européa ao O.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Mar-Negro ou Ponto-Euxino.....	Mar-Negro.....	Communica com o Mar do Mármora (antigo Propontis) pelo estreito de Constantinopóla, ao Sul, e com o Mar de Zabache (Lagôa Meotis) pelo estreito de Caffa (Bosphoro Cimmerio) ao Norte.
Mar Thyreno.....	Mar da Toscana.....	É a parte do Mediterraneo em que está a Toscana, o Estado da Egreja, o reino de Napoles, e as ilhas de Sicilia, Corfu e Sardenha—isto é—desde a embocadura do Arno até á Sicilia. Chamava-se *Mar-Inferior*, para o distinguir do Golpho Adriatico, que se chamava *Mar Superior*. Deu-se-lhe o nome de Mar Tyrheno, que era o de um filho de Atys, rei da Lydia, fundador d'uma colonia na Etruria.
Mar-Vermelho, ou Erythreu.....	Mar-Vermelho, ou Golpho da Arabia.....	Grande golpho do Oceano meridional, que separa a Asia da Africa, e se mette em Ormuz, entre as costas de Abech, Egypto e Arabia. Tem 2:400 kilometros de comprido, desde o estreito de Bab-el-Mandel, até ao isthmo de Suéz, que por espaço de 300 kilometros une a Asia com a Africa. O seu antigo nome (Erythreu) segundo uns, vem-lhe do rei Erythreu, e segundo outros, é adjectivo grego, que significa *vermelho*. Deve a côr que lhe dá o nome, a uma especie d'alga-marinha, de côr encarnada. Segundo o Antigo Testamento, os israelitas o passaram a pé enxuto, quando fugiram do Egypto. É famoso em nossos dias, pela obra mais gigantesca que se tem effectuado no seculo XIX—o *Canal de Suez*—que une o Oceano Atlantico e o Mediterraneo com o Mar das Indias, ou Oceano Oriental. O isthmo de Suez, é tambem atravessado por um caminho de ferro, construido antes do Canal, e para serviço d'elle. Ha outro Mar-Vermelho na America Central, chamado mais vulgarmente—*Golpho da California*—É no Mar Pacifico, ou Grande Oceano do Sul.
Maréa.....	Lago di Bachiara....	Cidade e lagôa perto de Alexandria. O vinho do seu territorio era excellente. A cidade já não existe, e só a lagôa.
Marica.....	Campania maritima..	Circe, a celebre feiticeira, foi rainha d'este paiz. Foi esta circumstancia que lhe deu o nome (ao paiz), porque a Circe,

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Marica	Campania maritima	depois de morta, chamaram *Marica*. Havia outra deusa *Marica*, mulher de Fauno. No Novo-Lacio, sobre o Liris, e perto de Minturno, havia o lago Marica.
Marsos	Ducado de Marsi	Os marsos eram povos italianos, que estanceavam em redor do lago Fucino (hoje lago Celano) entre os pelignos, latinos, sabinos, e veltinos. A melhor infanteria romana era a d'esta região, que tambem abundava em javalís. Hoje faz parte dos Abruzzos septentrionaes, no reino de Napoles. Os marsos não gosavam o direito de cidadãos romanos, e estavam muito sobrecarregados de tributos; pelo que, no anno 663 de Roma (90 antes de J.-C.), alliando-se com os seus visinhos (os povos já ditos), declararam guerra aos romanos. Deu-se a esta guerra o nome de italica, ou dos alliados. Nos primeiros dois annos, os romanos perderam duas grandes batalhas e dois consules; mas no terceiro, foram os alliados derrotados por Gabinio e por Lucio Sylla, e a guerra terminou.
Massagetas, ou Messagetas	Paiz dos usbecs, ou Caracem	Eram os scythas, visinhos e alliados dos parthos. Estanceavam entre o mar Caspio e a Tartaria independente.
Massico	Monte de Dragone, ou Monte Massico	Sitio da costa, entre Minturnes e Cales. Seus vinhos eram muito afamados. É na actual Terra de Labor, na Italia Meridional.
Mauritania	Barberia	Grande região da Africa, que comprehendia toda a parte occidental da Barberia, onde são hoje os reinos de Tremessem, Teneza, Alger, Bugia, Fez, e Marrocos.
Mauritana Tingitana	Marrocos	Africa.
Média	Shirvan, Gilan, uma parte de Irac-Agem (ou Irac-Persiano) e o Esterabat	A antiga Média, era uma região da Asia, limitada ao E. pela Parthia e a Hyrcania — ao S. pela Suziana — ao O. pela grande-Armenia e pela Assyria — e ao N. peló mar Caspio. Os persas venceram os médos — e os parthos se fizeram em fim senhores dos persas. Assim, no tempo do imperador Augusto, aos parthos se dava vulgarmente o nome de persas e mèdos. (Vide *Ancora*.)
Médo (rio)	Euphrates	Este rio separava os dois imperios (ro-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Médo (rio)	Euphrates	mano e partho). — Na antiga Média ha tambem o rio Médo, que se lança no lago Araxe. (Vide *Ancora.*)
Melita	Malta	Ilha do Mediterraneo. (Vide *Crato.*)
Memphis	Gifê (villa)	Foi a antiga capital do Egypto, e estava edificada sobre a margem occidental do Nylo, muito acima da ponta onde este rio se separa em dois braços, formando o a que se chama *Delta.* As famosas *pyramides*, ficavam proximas a esta cidade. Houve n'ella um sumptuosissimo templo, dedicado a Venus. Memphis era uma cidade florescente e magnifica, o que ainda hoje attestam as suas imponentes ruinas e algumas casas, que se estendem até defronte da antiga cidade do Cairo. As pyramides ainda se admiram, umas bem conservadas, outras reduzidas a montões de tijolos e entulho.
Mesopotamia	Diarbeck	Região da Asia.
Metauro	Metro	Rio da Umbria (ducado de Urbino). Nasce nas fronteiras da Toscana para a villa de Borgo-di-San-Sepulchro, e, sahindo dos Appeninos, passa pela villa de Urbanca, e recebendo depois o Candiano, corre perto de Fossombrona e se vae lançar no golpho de Veneza, a 8 kilometros de Fano. Nas margens d'este rio foi Asdrubal (célebre general carthaginez) desbaratado e morto pelos romanos, commandados por Claudio Nerão e Livio Salinator. Ainda havia dois rios d'este nome, na Italia—um na Calabria, e outro na Sicilia.
Milêto	Palatschia (aldeia)	Cidade maritima da Ionia asiatica, sobre o rio Lyco, a 120 kilometros de Smyrna, a 60 d'Epheso, e a 18 da embocadura do Meandro (hoje Madre). Esta cidade era famosa pela finura e bellas côres dos estofos de lan que aqui se fabricavam. Está em ruinas, restando apenas algumas casas de pé.
Minturnas	Trajetto?	Era uma cidade, fundada na extremidade do Lacio, perto da Campania. Crê-se que é a actual cidade de Trajetto, na provincia de Labor, a 4 kilometros do golpho de Gaeta.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Miseno (cabo).....	Monte-Miseno.....	Monte, na antiga Campania (Italia), que termina ao O. do golpho de Puzzoli. Virgilio deriva este nome, de Miseno (cèlebre trombeteiro de Enéas), que foi aqui sepultado.
Mitylene (a antiga Lesbos).....	Metelim.....	Ilha do Archipelago grego.
Mona, ou Monaeda...	Ilha de Man.....	
Mona-Insula.....	Anglesey.....	
Mycenas.....	Agios-Adriana?.....	Cidade da antiga Argolida, a 36 kilometros d'Argos. Era consagrada a Juno. Crê-se que è a actual Agios-Adriana.
Mygdonia.....	Parte do Germian, e de Sarcum.....	Era uma parte da Phrygia, a que os mygdões (povos da Macedonia) deram o seu nome. Foi n'este paiz que reinou aquelle *Midas*, tão famoso pela sua avareza, como pela sua öpulencia. É na Asia-Menor.
Mysia (da Asia).....	Natolia (parte).....	A parte occidental da Asia-Menor, que se estendia entre Propontis, Phrygia, Hermo (rio) e a cadeia oriental do monte Ida.
Mysia (da Europa)...	Servia, e Bulgaria...	Região que se estendia entre o Danubio, Panonia e Thracia. (Europa.)
Napoles, ou Partenope	Napoles.....	Antiga, bella e grande cidade de Italia, na Terra de Labor, sobre o pequeno rio Fornello (o antigo Sebethus) e sobre um pequeno golpho, que a banha pelo Sul. E' a capital do reino de Napoles, hoje encorporado no de Italia. Suas egrejas são sumptuosissimas, e seus ares sempre puros; mas as ruas são pouco limpas.[1] Tem quatro cidadellas, e os castellos —*Novo, do Ovo* e *de S. Telmo;* e a *torre dos Carmelitas.* O seu nome, é corrupção de *Neapoles*, que significa *nova cidade*—ou para a distinguir da antiga Paleopolis, que é pouco distante, ou (segundo outros) porque ella foi reedificada por Hercules. Ainda outros dizem que foi Phalario, tyranno da Sicilia, que a reedificou e

[1] Disputando um piemontez com um napolitano, sobre a primazia das suas capitaes, disse aquelle:—«Oh, homem! não me falle em Napoles, onde não ha sitio em que se ponha um pé, sem ser em immundicie.»—retrucou-lhe o outro:—«Sim?! Mas o céo de Napoles, é eternamente azul e transparente.»—Diz o piemontez:—«É verdade; mas é porque vossês o não podem sujar com cisco e pontas de cigarros.»

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Napoles, ou Partenope	Napoles.....	lhe poz o nome actual. O seu primitivo nome era *Partenope.*
Nationes-Germanicæ..	Allemanha.....	Era o antigo imperio germanico, que hoje está dividido em imperio da Austria (Allemanha do Sul) e imperio prussiano (Allemanha do Norte).
Nilo, ou Nylo.....	Nilo	Grande rio da Africa, e um dos maiores do mundo. Dizia-se que elle nascia em umas lagôas da Abyssinia (Ethiopia Superior) chamadas *Secut*, no alto do monte Dengla—e em uma provincia do reino de Goyam, chamada *Sabala* ou *Sacahala.* Os geographos modernos porém dizem que a sua origem é muito mais remota, e que o engano dos antigos procede do rio se submergir por espaço de muitas leguas, vindo surgir onde estes (os antigos) indicavam a sua origem. Alguns viajantes modernos, teem pretendido achar a nascente do Nilo; mas parece ainda ninguem a descobriu. Depois de ter recebido as aguas de muitos rios, lagos e ribeiros, deixa a Abyssinia á sua direita, atravessa o Senahar e a Nubia, e leva a sua corrente poderosa e fertilisadora ao Egypto, que inunda regularmente, desde junho até setembro, e vem desaguar, por sete *bôccas*, no Mediterraneo.
Norica	A Baviera, desde o Inn, quasi toda a Austria, toda a Stiria, e a Corinthia.....	Era o paiz dos gaulezes-tauriscos. Sua capital era *Noreia*, que hoje se julga ser Neumarck. — Foi muito célebre pelas suas ricas minas de optimo ferro.
Numancia	Puente-Garai.....	Antiga cidade da Peninsula-Iberica, na Hespanha Tarraconeza, situada a E. do rio Douro. Resistiu oito annos aos romanos; porém, no anno 621 de Roma (14 annos depois da destruição de Carthago) foi occupada e destruida por Scipião Emiliano. Seus habitantes, quizeram antes matarem-se reciprocamente a ferro, fogo e veneno, do que render-se aos vencedores. Vêem-se ainda as suas ruinas, a 6 kilometros de Sória (Castella Septentrional) em um logar chamado *Puente-Garai*, a 16 kilometros das fronteiras do Aragão.
Numidia, ou Africa-Propria.....	Tunes, etc.....	Era uma parte da Libya, sobre a costa septentrional da Africa. Estendia-se de N. a S., entre a Mauritania, ao O.—e a

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Numidia, ou Africa-Propria.....	Turquia, etc.....	Bisacéna, ao E. — É hoje uma parte da Barbaria, que comprehende, pouco mais ou menos, Tunes, Alger e parte dos desertos de Biledulgerid.
Olympia.....	Longanico (villa)	Era uma cidade da Elida, no Peloponeso, famosa pelos jogos que n'ella se celebravam — por isso chamados *olimpicos.* [1] Está sobre o Alpheu, na provincia de Belvedere, na Moréa.
Olympo	Petras (Grecia).....	Monte da Thessalia, á ponta de Magnesia, que separava a Thessalia da Macedonia. Note-se que em geral os gregos davam o nome de Olympo a todos os altos montes da Grecia, da Asia-Menor, e da Panchaia.
Oricum.....	Orso	Porto do antigo Epiro septentrional, em frente das costas da Apulia. Foi edificado pelos colchidos, em uma pequena ilha, que depois se uniu ao continente.
Oscos.....	.....	Eram povos da Campania, nos confins do Lacio e de Samnio. Seus costumes eram tão corrompidos como a sua linguagem. (Italia.)
Palatino (monte).....	Palatino	Uma das sete antigas collinas sobre que Roma estava edificada. Augusto tinha n'elle o seu palacio, e fez edificar alli um templo a Apollo. De *Palatino* vem chamar-se *palatium* (palacio) á casa de residencia de um principe, e *palatinos* aos nobres que habitam nos paços reaes. (Vide *Palacio,* no logar competente.)
Panonia.....	Esclavonia	

[1] Os *jogos olimpicos* celebravam-se no fim de cada quatro annos, em honra de Jupiter; e pór isso ao espaço de quatro annos chamavam os gregos *olimpiada.* Não eram mesmo na cidade, mas em um dos seus arrabaldes. Duravam cinco dias, principiando e terminando por solemnes sacrificios aos deuses mythologicos.

N'estes jogos se distinguiam cinco especies de combates—1.º, a *Carreira;* primeiro a pé, depois em carros — 2.º, o *Salto* — 3.º, a *Barra* — 4 º, a *Lucta,* corpo a corpo — 5 º, o *Pugilato,* ou *Esgrima,* umas vezes a punho, outras com as mãos armadas com uma especie de manopla chamada *césto,* que era como uma luva de couro, armada de chumbo.

Os vencedores eram coroados de folhas de zambujeiro; levantavam-se-lhes estatuas, e tinham o primeiro logar n'estas assembléas, e toda a sua vida eram sustentados á custa da nação. O cavallo das corridas tinha a sua corôa, como o cavalleiro, e entrava nos encomios dos poetas.

Estes jogos foram primitivamente instituidos pelo rei *Iphito;* mas, cahindo em desuso, foram restabelecidos por Hercules, depois da derrota de Augias, rei d'Elida, 24 annos antes da conquista de Troia. Foram abolidos no anno 440 de J.-C.— Desde esta ultima data, nunca mais se contou por *olimpiadas.*

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Paphos	Baffo	Era uma cidade da ilha de Cypre, consagrada á deusa Venus. A actual cidade de Baffo, não é propriamente a antiga Paphos, mas está edificada com os seus materiaes e proximo dos restos da primitiva, que ainda se divisam.
Páros	Páro	Uma das ilhas Cyclades, no Archipelago Grego, ao O. de Naxia. O seu bellissimo marmore branco era justamente famoso, e d'elle fizeram chefes d'obra os esculptores célebres da antiguidade.
Parténope	Napoles	Cidade da Italia. Vide *Napoles.*
Parthos	O paiz dos parthos (Parthia) é hoje o Coraçan Occidental, o Masanderan (ou Tubaristan) o Ghilan, e uma parte do Irac-Agem	Povos vindos da Scythia, os quaes, depois de terem domado os persas, occuparam um grande paiz da Asia, que comprehendia a Parthia propria, a Hircania, e a Márgiana. Este paiz ficava entre a Média, a Persia propria, a Bactriana e o mar Caspio. O imperio dos parthos principiou 250 annos antes de J.-C., e durou 478 annos, sob o dominio de 29 reis, o primeiro dos quaes foi Arsaces, e o ultimo, Artabano IV, que foi vencido por Artaxerxes, rei da Persia, no anno 228 de J.-C. Vide *Persia.*
Pelignos	Parte dos Abruzzos Meridionaes	Povos de Samnio, habitantes do paiz de que Sulmona (patria do grande poeta Ovidio) era a capital. Este paiz, está entre Pescara e o Sangro, no reino de Napoles.
Pelion	Laca	Monte da Thessalia. Separava a Macedonia da Pelasgiotida. — Hoje separa Vévia de Janna.
Peloponeso	Moréa	Grecia.
Pergamo	Troia	Era, propriamente fallando, a fortaleza de Troia. Dava-se tambem geralmente o nome de *Pergamo*, ou Pergama a todas as torres da cidade e a esta mesmo. Vide *Troia.*
Persia	Persia	Grande região da Asia, dividida antigamente em *geral* e *particular*. A Persia Geral, comprehendia a Média, a Hircania, a Susiana, a Parthia, a Aria, a Persida, a Carmania, e a Draugiana. A sua capital era Persepolis, que Alexandre Magno reduziu a cinzas. O imperio dos antigos persas, succedeu ao dos médos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Persia.....	Persia.....	A Persia Particular (a propria) era aquella grande região meridional do imperio persa, limitado ao E., pela Aria — ao N., pela Parthia e pela Média — ao O., pela Assyria — e ao S., pelo mar das Indias e pelo Golfo Persico, que a separa da Arabia. Comprehendia tres grandes circumscripções ou provincias — 1.ª, as duas Caramanias (hoje Kirman) ao E. — 2.ª, a Susiana e o Chusistan, ao O. — 3.ª, a Persia propria, entre a 1.ª e 2.ª, que é o a que hoje chamam Fars, ou Farsestan, cuja capital é agora Schiras. Mas a Persia actual é entre a Circassia e o mar Caspio, ao N. — os estados do Mogol, ao E. — e a Turquia-Asiatica (que vem a ser a Georgia, a Turcomania, e a Arabia deserta) ao O. — e o golfo Persico, com uma parte do mar das Indias, ao S. — Actualmente, a capital da Persia, é Hispahan. O rei da Persia se denomina *schah.* [1] Antigamente dizia-se mais vulgarmente *sophy* (soufi), derivado da voz persa *sauafi*, que significa — *vestido de lan.* [2] Antes de se intitularem sophis, se intitulavam xeques. O xeque, Ismael, foi o primeiro soberano da Persia que se denominou sophi, e seus descendentes lhe seguiram o exemplo.
Pheacios, ou pheaces.	Corfuitas.....	Dava-se este nome antigamente aos habitantes da ilha de Corfú, perto das costas da Albania. Foi seu rei, Alcinoo. Passavam a sua vida em orgias, sensualidades, e toda a casta de prazeres.
Philippos.....	.....	Cidade da Phteotida (provincia da Thessalia) sobre o golfo Pelasgico, e perto de Pharsalia. Chamou-se primeiramente *Thebæ-Phtioticae;* mas, tendo-a Philippe de Macedonia (pae de Alexandre Magno) feito reedificar, a chamou do seu nome, *Thebae-Philippi.* Já não existe. Na Macedonia havia outra cidade tambem chamada *Philippos*, da qual não ha vestigios.

[1] O chá, planta aromatica bem conhecida hoje em quasi todo o mundo, toma o seu nome, do *Schah* da Persia — como quem diz — *herva do rei*, ou digna de um rei; mas na Asia, dá-se-lhe geralmente o nome de *thé*, e assim lhe chamam (mais propriamente do que os portuguezes) os hespanhoes, francezes e outras muitas nações. Só os portuguezes — que eu saiba — lhe chamam *chá.*

[2] Na Persia, *vestido de lan*, denota, sabio, religioso.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Phocéa	Fogia-Vecchia—sobre as costas da Pequena Aidina, entre o rio de Kiai e o golfo de Sanderli	Era a ultima cidade da Ionia, para a parte da Eolia, sobre o Archipelago Grego. Os phocéos, desanimados pelas continuas guerras que lhes faziam os persas, abandonaram muitos a sua cidade, no anno 164 de Roma, e o resto, no anno 210. Quando partiram os ultimos, lançaram ao mar uma maça de ferro, em braza, jurando não tornar á sua patria, senão quando a maça viesse á flor da agua. Os phocéos se espalharam pela Europa, vindo estabelecer-se em algumas ilhas da Italia, e sobre as costas da Laconia, de Liguria, de Provença, do Languedoc, do Rossilhão, e da Catalunha.
Phrygia	Germian, e Sarcum	Era uma região da Asia-Menor, chamada outr'ora Barbaria, que se dividia em *Maior* e *Menor*. A Phrygia-Maior, estava entre a Bithynia, a Galacia, a Caria, a Lydia, a Mysia, e a Phrygia-Menor. É hoje uma parte do Germian. A Phrygia-Menor, era sobre as fronteiras da Prepontide, do Hellesponto, e do mar Egeu (Mar de Mármora) do Estreito de Gallipoli, e do Archipelago Grego. Tambem se chamava *Troada*, por ser Troia a sua capital. É por isto que tambem se denominam phrygios os troianos.
Picennia	Lácio	Italia.
Picenno		Era um cantão da Italia, a que hoje se chama *Marcha-di-Ancona*. Os picentinos, que eram uma colonia de sabinos, sahiram do seu paiz, e apoderaram se da parte da Campania que é hoje a parte occidental do principado meridional, entre o lago Campanella e o rio Sélo. Julga-se que Salerno era a sua capital.
Picti	Lanark, Dumbarton	
Pindo	Pindo	Monte que os antigos poetas consagraram ás Musas. Separava o Epiro da Thessalia.
Pó	Pó	É o mais consideravel rio da Italia. Nasce no monte Viso (Piemonte), no marquezado de Saluces, sobre a fronteira do Delphinado. Separava em duas, a Gallia-Cisalpina. Corre primeiro do O. para E.—mette-se pouco depois debai-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Pó	Pó	xo da terra, e, passados 4 kilometros, torna a sahir, proximo a Saluces. D'aqui corre para o N., e banha o Piemonte, Milão, Placencia, Mântua, e Ferrara, separando-se aqui em dois braços, o maior dos quaes, 40 kilometros acima da sua embocadura, se divide tambem em dois, que vão morrer no golfo de Veneza. É célebre em nossos dias, pelas batalhas que nas suas margens, e proximo a ellas, tiveram logar entre os austriacos, e os italianos colligados com os francezes.
Ponte Fabricia	Ponte di Quatrò-Capi.[1]	Unia a ilha do Tibre, á cidade de Roma, da parte do S. e do monte *Tarpeio*. Foi construida por Fabricio.
Ponte Céstia	Ponte de S. Bartholomeu	Está em frente da antecedente, do lado do Janiculo e do Campo de Marte.
Ponto	Natolia Septentrional.	Região da Asia-Menor, ao longo da costa meridional do Ponto-Euxino. Sua capital era Heracléa-Mariandynorum, hoje Penderachi.
Pórticos	Pórticos	No tempo d'Augusto, havia cinco porticos em Roma. Eram galerias publicas, que serviam de passeios. — Denominavam-se — de Pompeo, d'Apollo-Palatino, de Lívia, de Octaviano, e de Agrippa.
Preneste	Palestrina	Cidade dos sabinos, a 40 kilometros de Roma, entre Lábico, Esula, Trebia e Vittelia. Diz-se que foi fundada por Preneste, filho de Ullysses e de Circe. Aqui reinou Herile, filho da deusa Feronia. É na actual Campania de Roma, e um dos bispados que se dão aos seis mais antigos cardeaes.
Regni	Sussex, Surry	
Rhecia (Rhaetia)	Baviera, etc.	Grande região da Germania, comprehendendo a Rhecia, ou Raetia-propria (hoje Baviera) ao S., e a Vindelicia, ao N. A Rhecia Propria — tambem chamada Rhecia Prima, — occupava a costa meridional dos Alpes tirolianos, estendendo-se entre o lago de Constança e o Lek, e comprehendia o Paiz dos Grisões, o Tirol, a Valtelina e uma parte da Suissa.

1 Tem agora este nome, porque, no fim da ponte, do lado da ilha, está uma estatua de Jano, com quatro cabeças.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Rhecia (Rhaetia).....	Baviera, etc.....	Os rhecios, eram originariamente toscanos, que, sendo expulsos do seu paiz, pelos gaullezes, foram conduzidos pelo general *Rheto*, ao Paiz dos Grisões, onde se estabeleceram. A Rhecia actual, não comprehende senão a parte occidental da Rhecia-Propria, onde estão os grisões. A Vindelicia, era a Rhecia-Segunda. Vide *Vindelicia*.
Rhéno.....	Rhéno, ou Rhin	Um dos rios mais celebres da Europa, e que antigamente separava as Gallias da Germania. Nasce em dois sitios do monte de Saint-Godart, no Paiz dos Grisões. A fonte do lado do N., chama-se *Alto-Rhin*, ou *Vorder-Rhin* — e a do lado do S., *Baixo-Rhin*, ou *Hinder-Rhin*. Unem-se a pouca distancia das suas nascentes, e então o Rheno corre ao longo da Suissa, que elle separa do Tirol — atravessa o lago de Constança, vae á Bosla e corre entre a Alsacia e Brisgau. Vae depois banhar Neubourg, Brisach, Philipsbourg, Spira, e Manheim (onde recebe o Neekre) Mayença (onde recebe o Mein) e passa depois peio paiz de Treveres. D'ahi. tendo recebido o Moselle (em Coblentz) e o Sige (em Bonna) vae ter a Colonia; e, atravessando o ducado de Cleves, recebe o Ruer (ou Roura) em Duysbourg, e o Lippe, perto do Wesel. No forte de Schenk, em Gueldre, divide se em dois braços — o que fica á esquerda, toma o nome de *Vahal*, e, um pouco abaixo de Nimegue, vae perder-se no Móra. O que fica á direita, vae até Arnhem, onde se separa em dois braços — o da direita, corre com o nome de Novo-Issel, e lança-se no Velho Issel, em Doesbourg, pelo canal que Druzo fez abrir — e o da esquerda, conserva o nome de Rhin, e vae até Doersted, onde outra vez se torna a dividir em dois braços. O da esquerda, toma o nome de Leck, e morre no Merwa, a 12 kilometros de Dordrecht. — O da direita, conserva sempre o nome de Rhin, e torna a dividir-se em dois, nos *Fossos de Utrecht*. O braço da direita, toma o nome de Vecht, e vae morrer no Zuiderzee — e o da esquerda, conservando o nome de Rhin, banha Leyde, e perde-se a pouca distancia, nos areaes de Carwick.
Rhodope.....	Dervent.....	Monte, que principia entre a Servia e a

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Rhodope.....	Dervent	Macedonia, e estende-se á Roumania, até Andrinopoli. N'elle nasce o rio Hébro.
Rhodano.....	Rhodano	Um dos quatro principaes rios da França. Nasce nas montanhas de Valés (Suissa) passa pelo lago de Genébra, e, depois de ter atravessado o estado Leonez (onde recebe o Saone) Viennez, e Valentiner; o condado Venessino, e uma parte da Provença, 70 kilometros abaixo d'Arles, se lança no golfo de Leão, por duas fozes. (Antigamente tinha cinco; mas actualmente estão tres entupidas com areia).
Rhodes	Rhodes.....	Ilha do Archipelago-Grêgo, situada na costa meridional da Natolia, na Asia-Menor. Tem 230 kilometros de circumferencia. Foi celebre pelo seu colosso, uma das *sete maravilhas do mundo.* Era a estatua do Sol, de bronze, e com 46m,30 de altura. Tambem era muito celebrada dos antigos, pela belleza das suas cidades, pela commodidade de seus portos, pela amenidade e salubridade do seu clima, e pelo amor dos seus habitantes, pelas artes. Os cavalleiros de S. João de Jerusalem a tomaram em 1309, e os turcos a retomaram em 1523. Então os cavalleiros christãos, que primeiro se tinham denominado de *S. João de Jerusalem,* e depois *de Rhodes,* se retiraram á ilha de Malta, e desde então se denominaram *cavalleiros de Malta.*
Roma	Roma	Foi a capital do mundo, e o é actualmente do orbe catholico, e do reino de Italia. — Foi edificada por um chefe de bandidos, chamado Romulo, 753 annos antes de Jesus Christo. Está edificada sobre sete montes, nas duas margens do Tibre. No tempo do imperador Augusto, a cidade e arrabaldes, tinham 96 kilometros de circumferencia, e 3.000:000 habitantes. Hoje tem apenas 150:000.
Róstra	.....	Tribuna, collocada na curia, da qual se fallava ao povo. Dava-se-lhe este nome, porque era guarnecida de esporões *(rostrum)* dos navios tomados pelos romanos aos anciates, em uma batalha naval. Estava, a *rostra,* no meio da Praça

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Róstra	.....	Romana, onde ordinariamente se recolhiam os ociosos e novelleiros. (Era como o *Chiado*, de Lisboa, ou a *Porta do Sol*, de Madrid).
Rubi	Ruvo	Pequena cidade da Apulia-Peucitia, a 46 kilometros de Canosa. É a terra dos vimes. É na Terra de Bari, reino de Napoles.
Sabina	Sabina	Região da Italia, entre o Lacio, a Umbria, e a Etruria. Conserva ainda o seu antigo nome, e faz parte dos Estados do Papa, entre a Umbria, Abruzzos, Campania de Roma, e Patrimonio de S. Pedro. A sua capital é Magliano. O paiz dos antigos sabinos, além da actual Sabina, occupava uma parte da Abruzza, e a parte do ducado de Spoleto, que está ao S. de Néra.
Salamina	Colcuri	Era a capital da ilha Salamina (hoje Colouri) no golpho Saronico, ou de Engia, perto das costas da Achaia (hoje Livadia).
	Porto Constanzo	Teucro, filho de Telamon, rei d'esta ilha, indo a Chypre, onde Bello lhe permittiu estabelecer-se, edificou ahi outra Salamina, que foi a capital de um reino em que a sua posteridade reinou muitos seculos.
Salento	Salento	Cidade dos picentinos meridionaes. Estava edificada sobre uma montanha, a que hoje se dá o nome de *Monte-Buono*, onde se vêem ainda muitas ruinas dos seus antigos e vastos edificios. A cidade que actualmente tem o nome de *Salento*, fica a alguma distancia da antiga. É séde de um bispado do reino de Napoles, no Principado Citerior, ou Meridional, de que ella é tambem capital.
Samnites	.....	Povos de Samnio, visinhos dos marsos. Estanceavam entre a Campania, os pelignes, os ferentinos, e a Apulia. Occupavam o territorio a que hoje se chama Condado de Molisa, com uma parte dos Abruzzos, do Principado, e da Terra de Labor. (Reino de Napoles). Eram muito bellicosos; mas os seus visinhos os alcunhavam de feiticeiros. Procediam dos sabinos, e d'elles procederam os ferentanos, os campanezes, os lucanos, e os hirpinos.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Samos	Samo	Ilha do Archipelago Grégo, perto da costa da antiga Ionia, que é hoje uma parte da Natolia. Fica acima de Scio e em frente de Epheso. Tem 160 kilometros de circumferencia. Houve aqui um templo famoso, dedicado á deusa Juno.
Sardenha, Sardinia, e Sardo	Sardenha	Grande ilha do Mediterraneo, entre o mar da Toscana e as ilhas Baleares (Maiorca, Minorca, e Iviça). Era um dos celleiros de Roma. Tem 11 portos. No tempo dos romanos, chegou a ter 42 cidades — hoje apenas tem 8. A sua capital é *Cagliari*, sobre a costa oriental. É dos duques de Saboya, depois reis do Piemonte, e hoje reis de Italia.
Sardes	Sardo	Cidade, capital da Lydia, sobre o rio Pactolo, e perto do monte Tmolo. D'ella só restam paredes desmanteladas, e uma aldeia, edificada com materiaes das suas ruinas, no sitio onde existiu, e que, com pouca corrupção, conserva o seu nome.
Sarmania	Russia	Havia, Sarmania Européa e Sarmania Asiatica, como hoje ha Russia da Europa e Russia da Asia. Seus habitantes eram os sarmatas.
Saturnia	Stiorgna	Uma das mais antigas cidades da Toscana, no cantão dos rutelanos, ao E. da Albegna. Está em ruinas.
Saxones	Alta e Baixa Saxonia	
Scamandro ou Xanto.	Scamandro	Pequeno rio da Troada (Grecia) que nasce no monte Ida (hoje Kansdeck) e se lança no Archipelago, em frente de Ténedos. É o mesmo que o Xanto de Troada, pois tambem se lhe dava este nome.
Scandinavia	Noruéga	
Scio	Scio	Ilha do Archipelago, ao O. da Natolia, entre Metelim e Samos. Tem 240 kilometros de circumferencia. Produz optimos vinhos.
Scritofini	Laponia, e Bohemia-Oriental	
Scylla	Sciglio	Corrente, sobre as costas da Calabria-Meridional, em frente de Charybde. Arroja os navios contra o cabo Sciglio, onde se despedaçam.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Scythas	Tártaros	Povos que estanceavam desde as margens do Danubio até ao paiz dos seres, na extremidade da Asia Oriental. Os scythas asiaticos, sob differentes nomes, a Tartaria-Deserta e uma parte da Grande-Tartaria.
	Moscowitas (russos)	Os scythas-europeus, chamados tambem *dacos*, e *gétas*, occupavam todos os paizes que estão entre o Baixo-Danubio, a Lithuania, Moscovia (em parte) e as costas do Mar-Negro. Os scythas não tinham nem cidades nem aldeias, mas sim cabanas. Transportavam-se com suas familias em carros, nas suas frequentes migrações. Alguns escriptores confundem os scythas com os sarmatas (russos) e até com os germanos (allemães).
Sequania		Vide *Edia*.
Séres	Tártaros, Chinezes, e Ethiopes	Os antigos séres occupavam uma parte da Grande-Tartaria-Oriental, e o a que nós hoje chamamos China-Septentrional. Havia tambem séres, no Catay de hoje. Estes eram famosos pelos seus artefactos de seda, que era finissima e de côres bellas e indeleveis. Na Ethiopia tambem havia uma colonia d'estes séres.
Sicambros		Occupavam originariamente as margens do Sige, na extremidade da Westphalia-Meridional. D'ali se foram espalhando, pouco a pouco, para o Rheno, Roura, Lippe, e Veser. D'alli lhes veiu o nome de *Sigambri* (em teutonico — *viajante)* que os romanos mudaram em *sicambri*. No anno 746 de Roma (7 annos antes de Jesus Christo) Tiberio os transportou ás Gallias, entre o Rheno e o Mosa, paiz que hoje faz parte do bispado de Panderborn, no condado de Marck, e dos ducados de Berg, Guel-dres, e Cléves. Clovis 1.º (Clodoveu, ou Chlodowing) era sicambro e idolatra, como os outros sicambros. Invadiu as Gallias em 490 de Jesus Christo, e se fez acclamar seu rei. Casou com a princeza Clotilde (filha de Chilperico, rei dos borgonhões) que era catholica, e concorreu para a conversão de seu marido, que se fez christão.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Sicambros	.....	Este rei estendeu a sua denominação até ao Sena (493) — isto é — a todo o paiz comprehendido entre a Somma, o Aisna e o Sena.
Sicania, ou Tricania	Sicilia	Ilha de Italia, que pertence ao reino de Napoles.
Sicanos	Sicilianos	Eram povos naturaes da Sicilia, descendentes dos lestrigões, por Sicano. Não se distinguiam dos siculos, senão pelo nome e pelo paiz. Occupavam as costas S. e O. da Sicilia, em redor do cabo Lilybéu, hoje, *Cabo Cozo*, ou *Bozo*.
Sicilia, ou Trinacria	Sicilia	A ilha mais consideravel do Mediterraneo, entre a Africa e a Italia, separando-se d'esta, apenas por um pequeno estreito, hoje chamado *Pharo de Messina*. É de fórma triangular, e por isso, foi chamada *Trinacria*. Suas tres pontas ou cabos, são — *cabo de Peloro*, e *de Pharo* (para o lado da Italia) — e *Pachyno* (ou *de Passaro)* do lado da Moréa — e *Lilybéu*, ou *Cozo*, ao O. As suas principaes cidades, são — Catania, Palermo, e Messina. Pertenceu aos reis de Napoles, desde 1736, até que Victor Manuel, duque de Saboya, e rei do Piemonte e Sardenha, uniu em um só todos os reinos e estados da Peninsula-Italica. É n'esta ilha o monte *Etna*, onde está o maior volcão da Europa.
Sidonia	Porto Sayd, ou Seyde. na Turquia-Asiatica.	Cidade e porto célebre da Phenicia. Os sidonios e os tyrios, eram habeis marinheiros e intelligentissimos commerciantes. Os phenicios estenderam as suas viagens maritimas até áquem das *Columnas d'Hercules* (estreito de Gibraltar) estabelecendo-se no litoral da Peninsula-Iberica (anno 3050 do mundo — 954 antes de Jesus Christo) sendo a Andaluzia o primeiro ponto em que se estabeleceram, fundando ahi (em Cadiz) uma importante feitoria fortificada, a qual prosperou tanto, que d'ahi a pouco tempo já tinham esquadras proprias, com que invadirem o resto das costas hispanicas. Nabucodonosor, rei de Babylonia, conquistou a Phenicia, no anno 622 antes de Jesus Christo, e querendo dominar tambem os phenicios das Hespa-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Sidonia.....	Porto Sayd, ou Seyde, na Turquia-Asiatica.	nhas, invadiu estas pela Catalunha; nas os seus habitantes, juntos com os phenicios, o obrigaram a retirar para o Oriente. Tambem foram os phenicios que fundaram Carthago, na Africa, e Cartagena na Andaluzia. Esta cidade pertence hoje à Turquia.
Simois	Simoente.....	Pequeno rio da Troada. Nasce no monte Ida e junta-se com o Xanto, perto do mar, onde ambos formam uma lagôa. Pertence ao imperio da Porta, e os turcos lhe chamam *Chisima.*
Sithonios.....	.....	Povos que estanciavam sobre as costas da Macedonia, entre os golphos Singuitico e Thermaico. Outros sithonios habitavam a parte septentrional da Thracia, sobre as praias do Ponto Euxino, entre o monte Hemo e o Danubio.
Smyrna	Smyrna.....	Cidade da antiga Ionia, ao fundo do grande golpho do Archipelago-Grêgo, sobre o ribeiro de Meles. Durante o imperio romano, era a mais bella cidade da Asia-Menor. É hoje uma cidade archiepiscopal mui florescente pelo seu commercio, e a capital da provincia de Sarcan, na Natolia.
Solitudines	Zaarah, ou Deserto...	Vastos e aridos areaes da Africa, onde estão as celebres *Pyramides do Egypto.* As viagens por este deserto são perigosissimas, não só por causa dos árabes que roubam e captivam ou assassinam os transeuntes, como por causa das *tempestades d'areia,* que muitas vezes sepultam os viajantes. Vide *Syrtes.*
Soracte.....	Monte Tresto, ou Monte di San Silvestro.....	Monte da Toscana, no paiz dos antigos faliscos, entre o rio Tibre e a estrada Flaminia, a 40 kilometros de Roma. Este monte era consagrado a Apollo. S. Silvestre, papa, aqui esteve escondido, durante a perseguição do sanguinario Diocleciano, entre 314 e 326. Por esta razão, tambem se chama hoje. monte *de S. Silvestre.*
Sorrentum	Sorrento	Cidade archiepiscopal da Terra de Labor, no golpho de Napoles, confins do Principado Citerior. Está situada sobre a ponta que se lança para o mar, em frente da ilha de Capri.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Suiones	Suecia-Propria	
Subura		Era um bairro de Roma, entre os montes Esquilino, Viminal, e Quirinal. N'elle habitavam as mulheres publicas, de Roma.
Suriana	Kurdistan	Asia.
Sybaris	Torre-Brodogneto?	Cidade da antiga Lucania, sobre o golpho de Tarento. Crê-se ser a actual villa da Calabria, chamada Torre Brodogneto. Os habitantes d'esta cidade *(sybaritas)* tornaram-se celebres pela sua ociosidade, e pelo seu amor a todas as commodidades e deleites.
Sybaritas		Vide a palavra antecedente.
Symeni, ou Iceni	Suffolk, e Norfolk	
Syria	Suria, ou Suristan	É uma região da Asia, que se dividia em *Syria-Geral*, e *Syria-Propria*. A Syria-Propria era entre a Cilicia e a Armenia, ao N. — a Mosopotamia e a Arabia-Deserta, ao E. — a Palestina, ao S. — e o mar Mediterraneo, ao O. A Syria-Geral, dividia-se em cinco provincias — Palestina, Phenicia, Antiochia, Comagena, e Celesyria. As tres primeiras, eram ao longo do Mediterraneo — a 4.ª, ao longo do rio Aman, e a 5.ª, que se estendia desde a torrente de Jacob até ao Euphrates, comprehendia a Syria de Damasco. Hoje é a Suria, ou Soristan, que se estende ao longo do Mediterraneo, entre a Caramania, Armenia, Diarbeck, e Arabia. Comprehende a Sura-Propria, a Phenicia e a Palestina, e divide-se em tres governos geraes, com o nome das suas respectivas capitaes, que são — Alepo, Tripoli e Damasco. A sua antiga capital (de toda a Syria) era Antiochia. Pertence actualmente ao imperador dos turcos (Porta-Ottomana — ou Sublime-Porta).
Syrtes	Seiches (Barberia)	As Syrtes propriamente ditas, são dois bancos de areia, muito perigosos, no mar da Lybia: são como dois golphos, que rodeiam o reino de Tripoli. A Grande-Syrte (hoje golpho de la Sidre) rodeava a Cyrenaica, pelo O. — A Pequena-Syrte, era perto de Carthago.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Syrtes.....	Seiches (Barberia)....	Tambem se dava o nome de Syrtes, aos vastos e áridos areaes da Lybia (hoje Arabia). Tambem varios escriptores, principalmente os poetas, tomaram a palavra Syrte como synonimo de deserto de areia. N'estas syrtes morreram á fome, á sêde, asfixiados pelo calor, ou sepultados sob *chuva de areia* ardente, muitos milhares de christãos, durante as guerras das crusadas. É n'estas horridas e tristes solidões, que se forma o formoso e enganador phenomeno meteorologico a que os modernos deram o nome de *miragem*. A vista de uma cidade, de um rio, de uma caravana, de um bosque, etc. projecta-se a distancias incriveis, com tal perfeição, que parece a realidade; mas debalde o viajante, faminto e sequioso, estuga o passo, para chegar mais brevemente a estes logares! A mais triste, a mais atroz desillusão o espera; e em vez d'essas bellezas que a luz atmospherica perfidamente formára, só encontra areia, solidão, sêde, e muitas vezes a morte com todos os seus horrores! A misericordia Divina collocou porém, de longe a longe, n'estas solidões, não só as gigantescas palmeiras, cujo fructo providencial refresca e sustenta os homens, mas, e o que é mais admiravel, formosissimos *oasís*, assombrados de frondosas arvores, regados de frescas aguas e tapetados de mimosas plantas, hervas e flores; onde o viajante, que teve a ventura de o encontrar, sacia a fome e a sêde, e recupéra as forças, e quasi a vida. Alguns d'estes *oasís* são desertos, e apenas de poucos metros de extensão; mas outros são mais vastos e povoados de aldeias, de árabes hospitaleiros, e até outros ha, que teem muitos kilometros de circumferencia, e onde estão edificadas bonitas cidades.
Tanais	Don.....	Rio da antiga Sarmacia (hoje Grande-Russia) o qual vem de Rosan, e, depois de um curso de mais de 1:800 kilometros, morre no lago Meotis (hoje mar de Zabache) abaixo do mar de Azofe (ou Azoph). N'este sitio, separa a Europa da Asia. Os *cossacos* do *Don*, formam regimentos de cavallaria irregular russiana. São barbaros e indisciplinados, mas bravos

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tanais	Don	e audazes. Foram elles que em 1812 destruiram grande parte das hordas fugitivas de Buonaparte. [1]
Tarento	Otranto	Cidade da Italia (na *Yapigia-Messapiana* dos antigos). Está á embocadura do pequeno rio Táras, ao fundo de um golpho, do paiz dos antigos salentinos. Era consagrado a Neptuno, ou porque foi fundada por seu filho, Táras, ou porque Phalanto (lacedemonio, que veio aqui estabelecer-se) n'ella construiu um templo, dedicado a esta divindade mythologica. Foi Tarento, a capital de uma republica que fez crua guerra aos romanos. É no actual reino de Napoles.
Tarpéia (rocha)		A *rocha-Tarpéia* (ou *monte Tarpeio)* era um sitio do monte Capitolino, de Roma, da summidade da qual se precipitavam muitas vezes os criminosos. Tomou este nome de uma vestal, chamada Tarpeia, a qual, por ter entregado a cidadella romana aos sabinos, alli foi morta e enterrada.
Tarraconense	Navarra, e Catalunha	Foram os romanos que assim a denominaram, de Tarragôna, sua capital, a que elles chamavam *Tarracona*, segundo o seu systema de alatinisarem os nomes proprios *dos barbaros*, como elles designavam os povos que não eram romanos ou grêgos.

[1] Napoleão entrou na Russia com um formidavel exercito, de 600:000 homens aguerridos e victoriosos. A Russia não se oppoz a esta invasão; mas retirou ou incendiou todos os seus viveres, e a fome, o frio, e os cossacos, deram cabo do exercito francez, sem perda de um só russo. Napoleão, vendo tudo perdido, foge cobardemente para França, deixando os restos do seu exercito exposto á vingança dos moscovitas, * de modo que apenas 40:000 homens, rotos, descalços, esfaimados e doentes, regressaram ao seu paiz. Napoleão e os seus, tiveram a desaforada basofia de chamar a isto — *a campanha da Russia!*

A divisão portugueza, que Junot nos tinha roubado em 1807, e que foi então á Russia (na força de 5:000 homens), foi a que mais resistiu, com mais valor se portou e menos soffreu, n'esta desgraçada invasão, e bem merecida e monumental derrota: o que foi confessado pelo proprio Buonaparte e por seus generaes.

Foi o maior imperio e um dos mais pequenos reinos da Europa (Portugal) que anniquillaram para sempre o poder do corso, e lhe fizeram murchar todos os seus louros. Podemos ter esse orgulho.

* O sanguinario Buonaparte, quando via compromettido o seu exercito nas invasões e devastações a que o incitava a sua maivadez — abandonava-o aos inimigos, e á justa vingança dos povos que tinha roubado e devastado.

O que fez na Russia, havia já feito em S. João d'Acre (Syria) abandonando os seus soldados ao furor dos turcos, e, principalmente dos janizaros, e dos beduinos. Aqui teve até a infame barbaridade de mandar assassinar os seus doentes e feridos!

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Téano (Teanum-Sidicium)	Téano	Era, depois de Cápua, a maior e a mais bella cidade da Campania. Os seus fundadores e primeiros habitantes, foram os sidicinos. É hoje uma pequena cidade episcopal, na Terra de Labor (Napoles) entre Cassino e Cápua.
Téano (Teanum-Appulum)	Civitate	Cidade da Apulia-Daunia, sobre o rio Trento. Só restam as suas ruinas.
Tempé		Região da Thessalia, que se estendia ao longo do rio Penéu (hoje Selâmpria) entre os montes Olimpo e Ossa, na parte oriental da antiga Pelasgiotida, e para o golpho Thermaico (hoje golpho de Salonica, ou Tsalonica).
Thébas	Tiva (pequena villa)	Cidade, capital da Beocia, sobre as margens do rio Isméno. Foi fundada por Cadmo, filho de Agenor, rei da Phenicia. É a patria de Baccho, Alcides (Hercules) e Pindaro. Tambem lhe davam o nome de *Eptapyles* (por ter sete portas, e para a distinguir de *Thebas Hecalempyles* — ou de *cem portas* — que era no Egypto, e que deu o seu nome á famosa *Thebaida*).
Thébas		Antiga capital do Egypto, e uma das mais famosas cidades da Africa, pela sua grandeza, magnificencia e inexpugnabilidade. Hoje apenas restam alguns vestigios das suas ruinas. Vide a palavra antecedente.
Thessalia	Janna, ou Jannina	Era uma região da antiga Grecia, que fazia parte da Macedonia, e cuja capital era Larissa. Estava entre a Achaia, ao S. — o Epiro, ao O. — a Macedonia-Propria, ao N. — e o mar Egêu, ao E. É hoje uma cidade da Turquia Européa.
Thracia	Turquia da Europa	Era a parte da Europa, limitada ao S., pelo mar Egêu — ao E., pelo Hellesponto, Propontis e Ponto-Euxino — ao N., pela Bulgaria — e ao O., pela Macedonia. A sua capital era Bisancio. Em razão do seu clima, dizia-se que era a patria dos ventos. Os thracios eram oriundos da Scythia. A antiga Thracia, é hoje a Roumania de Thracia, ou aquella parte da Turquia-Européa, que está entre o Mar-

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Thracia	Turquia da Europa	Negro, o Mar-da-Mármora e a Bulgaria. As suas principaes cidades, são Constantinopla (a antiga Bisancio, e a que hoje os turcos chamam *Stamboul)* capital do imperio dos turcos—e Adrinopolis.
Tibre (antigo Álbula).	Tibre	Este rio chamava-se antigamente *Álbula.* É de pequeno curso, e a sua largura, na cidade de Roma, não excede a 200 metros. Já se vê que a sua celebridade deve-a unicamente á circumstancia de banhar a capital do orbe catholico e da Peninsula-Italica. Diz se que o seu nome provém de ter-se aqui afogado um rei *Tiberino.* Nasce no Appenino, na Toscana, e desemboca no Mediterraneo, entre *Óstia* e o *Porto,* 24 kilometros abaixo de Roma. Separa a Campania de Roma, do Patrimonio de S.Pedro.
Tibur	Tivoli	É uma das mais antigas cidades do Lácio. Foi fundada por *Tiburno,* que lhe deu o seu nome, no anno do mundo 2491 (1513 antes de Jesus Christo). Está assente nas margens do antigo *Anio,* hoje *Teverone.* Foi habitada pelos siculos, que foram expulsos d'ella pelos pelasgos. É hoje uma cidade episcopal, nos Estados Ecclesiasticos, a 44 kilometros de Roma.
Tigre	Tigre	Um dos maiores rios da Asia. Nasce na Grande-Armenia, perto do monte Palli (180 kilometros ao S. do nascimento do Euphrates). Separa a Mesopotamia da Assyria (a antiga Babylonia) — isto é — o actual *Diarbekir* do actual *Kurdistan:* corre no Ierac, mistura parte das suas aguas com o Euphrates, em Selencio, e divide o resto em muitos canaes, que depois se tornam a juntar. Perto de Gorno, junta-se ao Euphrates, perdendo ahi, ambos, os seus nomes, para correrem por espaço de 90 kilometros com o nome de *Rio dos Árabes.* Morre no golpho Persico, dividido por duas *bôccas,* estando entre ellas a ilha de Chader. As principaes cidades banhadas pelo Tigre, são — Caramith (ou Diarbekir) e Bagdad.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tigurini.....	Schauffacen, Zurich, etc.....	
Toscana.....	Toscana.....	E' a antiga *Etrúria*. Grande provincia (grão-ducado) da Italia, separada da Umbria e do Lacio, pelo Tibre. A antiga Toscana (ou Tuscana) era entre a Romania, Bolonha, Módena e parte do Parmesan, d'hoje, ao N.—os Estados Pontificios a E.—Génova e Luca, ao O.—e o Mediterraneo, ao Sul. A parte menor é no patrimonio de S. Pedro e territorio de Perugia: a maior, forma o grão-ducado da Toscana, que foi dos imperadores da Allemanha. Não é preciso dizer aos meus leitores, que os reinos de Napoles, Sicilia, Piemonte e Sardenha, os Estados Pontificios, os grão ducados, ducados, marquezados, etc., etc., d'esta parte da Europa, assim como os Estados - Venezianos, formam actualmente o reino d'Italia. (A' excepção de Niza e grande parto da Saboia, que Victor Manuel deu á França, em paga de Napoleão (que se denominou III) ajudar os piemontezes a conquistar o resto de Italia.
Toxandri.....	Anvers.....	Paizes-Baixos.
Tróia, Teucria, ou I'lion.....	.....	Foi a capital da Pequena Phrygia, a 6 kilometros do Archipelago Grego, e do promontorio de Sigéu—na Grecia antiga. Era uma cidade famosa, e o que lhe deu maior nomeada, foi o cêrco a que resistiu por espaço de dez annos. Eis, em poucas palavras, a sua historia. Dardano, filho de Electra (filha d'Atlas) e que a mãe dizia havêl o tido de Jupiter, foi ás praias do Hellesponto (Asia) edificar uma cidade a que deu o nome de *Dardania*. Casou com a filha de Teucer (ou Teucro) rei da parte da Phrygia que olha para o Bosphoro da Thracia. Isto pelos annos 700 antes da fundação de Roma (1453 antes de J. C.) e pouco depois, elle e seu sogro fundaram outra cidade a que deram o nome de *Teucria*. Erichton, filho de Dardano, succedeu a seu pae, e áquelle succedeu *Trós*, que

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tróia, Teucria, ou Ilion.....	.....	deu ao paiz o nome de *Troada*, e a Teucria o nome de *Troia*. Ilo, filho de Tros, a reedificou e ampliou, dando-lhe o nome de *Ilion*. [1] Laomedonte, filho d'Ilo, mandou construir em Ilion, uma cidadella e tres torres, obra fortissima, e ao que deu o nome de *Pergamo*. (D'aqui procede o darem os poetas differentes nomes a esta cidade.) Priamo succedeu a Laomedonte, e fez de Ilion, a mais poderosa cidade da Asia. Helena, mulher de Meneláu, rei de Sparta, era a maior formosura contemporanea, de toda a Grecia. Paris, filho de Priamo, viu-a, namorou-se d'ella e roubou-a. Meneláu pediu soccorro aos outros réis e principes da Grecia, que todos se colligaram contra Troia, hindo-a atacar com uma armada de mil navios. Heitor, filho de Priamo, era um joven valorosissimo, e ajudado pelos troianos e por alguns principes da Asia, que vieram em seu soccorro, pôde resistir por dés annos, ás forças combinadas dos gregos; até que, finalmente cahiu em poder d'estes: segundo Vergilio, por meio de um estratagema de guerra, do modo seguinte: Construiram os sitiantes um monstruoso cavallo de madeira, que encheram de soldados, e simularam uma retirada. Os troianos cahiram no laço, e arrombando uma das portas da cidade, n'ella introduziram o cavallo. Os gregos, achando os cercados desprevenidos sahiram inesperadamente do cavallo, espalhando o terror pela cidade, que ao mesmo tempo foi invadida pelo resto dos sitiantes, e tomada. Esta historia do cavallo, não passa de uma ficção poetica. A opinião mais commum, é que a cidade foi entregue pela traição de Enéas e Antenor. Troia, depois de saqueada, foi reduzida a cinzas. Teve isto lugar no anno 2820 do mundo, 431 antes da fundação de Roma, e 1184 antes de Jesus Christo. Antes d'este cêrco memoravel, já Troia tinha soffrido dois cêrcos, um feito pelas amazonas, outro por Hercules.

[1] Por isso, Virgilio denominou *Ilíada*, ao seu eterno poema em que descreve a guerra de Troia.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Tróia, Teucria, ou Ilion.....	.....	Da *Troia portugueza*, fundada pelos gregos, fugidos de Troia, fallarei no logar competente do diccionario.
Tuscana.....	.....	Vide Toscana.
Tusculo.....	Frascati.....	Cidade latina, a 24 kilometros de Roma, fundada sobre a encosta de uma collina. Foi fundada por *Telégono*, filho de Ulysses e de Circe. Foi destruida pelo imperador Henrique. Dos seus materiaes se edificou a cidade de Frascati, a 6 kilometros da antiga Tusculo, na Campania de Roma. Frascati é um dos seis bispados assignados aos seis mais antigos cardeaes da curia romana.
Tyro.....	Sour.....	Cidade e Porto célebre da Phenicia, famosa pela belleza da sua púrpura e pelo seu vasto commercio. Foi depois, uma cidade archiepiscopal, assás consideravel; mas hoje não é mais que uma villa da Turquia Asiatica, na Suria, entre Sidonia e Ptolemaida. Está reduzida a um castello com umas 20 casas em redor.
Umbria.....	Urbino, Romania, e Spoléto.....	Região da Italia, que fazia parte da antiga Tyrrenia. Era limitada ao N., pelo mar Adriatico—ao E., pelo Piceno—ao S., pela Sabina e Etruria—e ao O., pelo Etruria e o Tibre. É hoje o ducado de Urbino, a România e o ducado de Spoleto, de que é capital a cidade d'este nome (Spoleto.)
Útica.....	Porto Farino (villa)..	Cidade da Africa. Foi edificada pelos phenicios, 148 annos depois da destruição de Troia (1036 antes de J. C.) Depois da destruição de Carthago, veiu a ser a capital da Africa romana, e foi bastante commercial. E' celebre por n'ella ter vivido e morrido o segundo Catão, por isso chamado *uticense*. De parte dos seus materiaes, se edificou a actual cidade de Bisorto, no reino de Tunes, sobre um pequeno golfo, em frente da Sardenha, e na costa da Barbaria.
Valeria, ou Vária....	.....	Antiga cidade, no paiz dos equos, sobre o Teverone, na extremidade da Sabina. O seu primeiro nome foi *Valéria*, por

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Valeria, ou Vária....	.....	ter sido edificada ao pé da estrada de Valério. D'ella apenas existem restos de ruinas.
Vaticano.....	Vaticano.....	Era um monte de Roma, que comprehendia o Janiculo e todas as collinas, desde a ponte Mulvia, até á margem do Tibre que estava em frente do monte Aventino. O rio o separava do theatro de Pompeu. N'este monte está o sumptuosissimo palacio dos Summos Pontifices (por isso chamado do Vaticano) e o magestosissimo templo de São Pedro, o mais rico e esplendido dos templos christãos. Em um e outro edificio se admiram obras dos mais eximios pintores e escultores.
Vecturiones.....	Edimburgo.....	Escócia.
Veios.....	Isola? — Scrosano? —	Antiga cidade de Etruria, edificada por Comero, e destruida no anno 358 de Roma, por Camillo, depois de um sitio de dez annos. Segundo os mais exactos geographos, era no logar da actual cidade de *Isola*, no territorio de S. Pedro, a 18 kilometros de Roma. Segundo outros, era no logar da actual cidade de *Scrosano*; mas a primeira opinião, é mais justamente seguida. Seu territorio, que só era separado dos sabinos e dos latinos, pelo Tibre, é hoje a *Ilha Franceza*, que é a parte mais oriental dos Estados Pontificios.
Velabro.....	San-Georgio in Velabro.....	Era um bairro na raiz do monte Aventino, que se inundava logo que o Tibre trasbordava, sendo então preciso andar em barcos, por elle. Isto lhe fez dar o nome de *Velabrum*, diminutivo de *Vehiculabrum*. Era contiguo ao bairro dos toscanos; e na sua maxima parte povoado de mercadores de essencias e oleos odoriferos. Separava-o em duas partes a praça, ou feira, chamada *Marcella*. Tarquinio, 5.º rei de Roma, para obviar ás inundações, lhe mandou construir sólidos aqueductos subterraneos, por onde a agua do rio se escoava.
Velia.....	Pisciotta.....	Era uma cidade da Lucania, no golfo Eleate, sobre o rio Haleso (hoje Alunté) em frente das ilhas Oenótridas. Crê-se que foi edificada pelos phocêos. Tem aguas mineraes frias.

Nomes antigos	Nomes modernos	Observações
Velia.....	Pisciotta.....	As ilhas Oenótridas, são duas, hoje chamadas Pontia e Isacia.
Venafro.....	Venafro.....	Cidade e colonia romana, na Campania, perto de Vulturno. O seu territorio se estendia até ás fronteiras do Lacio e de Samnio. Produz as melhores azeitonas de toda a Italia. É hoje na Terra de Labor, no reino de Napoles.
Venosa.....	Venosa.....	Cidade da Italia-Meridional, no paiz dos samnites, sobre os confins da Apulia-Peucetica e da Lucania. Hoje é na Basilicata, perto do Apenino, no reino de Napoles.
Via-Sacra.....	Via-Sacra.....	Era a rua mais frequentada de Roma. Principiava no amphitheatro, descia á Praça Romana, e d'ahi subia ao Capitolio.
Vindelicia.....	Suabia, e Baviera....	Era a parte septentrional da Rhecia, e se chamava tambem *Rhecia Segunda*. Estendia-se entre o Danubio e o Inn, o lago de Briançon (no Delphinado) e a Rhecia-Propria. Fazia parte do paiz occupado pelos gaulezes-tauriscos. Uma das suas principaes cidades era Ausbourg (a Augusta-Vindelicorum dos romanos). Tendo os vindelicos ousado apresentar batalha a Druzo, este os desbaratou, pelo que foi honrado com a pretura.
Xanto.....	Sirbi.....	Houve dois rios d'este nome. Um na Troada, que tambem se chamava Scamandro: outro em Lyscia, que descia do monte Cadmo e desembocava no mar da Pamphilia, e é hoje o Sirbi.

Aos leitores

Quando principiei este artigo, não tencionava dar-lhe tamanho desenvolvimento; porém, o desejo que tenho de dar o maior numero de esclarecimentos possiveis, me levou a estendel-o mais do que suppunha.

Estou persuadido de que não é materia inutil para os menos instruidos em geographia antiga, e que os sabios não darão por mal empregados os 100 réis que elle lhe custa.

Em todo o caso, peço perdão aos meus leitores d'esta divagação, que, se fôr por alguns julgada impropria da indole d'esta obra, não será pela maior parte reputada ociosa, visto que por ella ficam habilitados a comprehender facilmente muitos logares das historias Sagrada, grega, romana e portugueza.

NÓRMÃOS, NÓRMANOS, NÓRMÕES, ou **NÓRMANDOS** — povos do interior da Allemanha septentrional, que feitos piratas, no seculo VI, invadiram as costas maritimas de diversas provincias da Europa. Entraram no nosso litoral, no reinado de D. Ordonho I, e de seus successores, sempre com pouca fortuna, pois foram repelidos, ás vezes com grandes perdas, e obrigados a largarem as riquezas, fructo de suas rapinas.

No tempo de D. Ramiro III, porém, o chefe (alguns dizem rei) normando Gundarêdo, com uma esquadra de cem navios, invadiu as costas da actual provincia do Minho e as da Galliza, fazendo-se senhor de todo este territorio, no anno 967 de J.-C., e alli permaneceu tres annos até que, em 970, sendo derrotados, pelo conde D. Gonçalo Sanches, em uma sanguinolenta batalha, fugiram muito poucos, nos poucos navios que poderam escapar, pois que os portuguezes lhe queimaram quasi todos, e Gunderêdo morreu na batalha.

D'ahi por diante, vinham em menos força, roubando por surpreza, as povoações da beira-mar; até que, em 1016, tornaram em grande força a invadir o litoral da provincia do Minho, chegando até ao castelló de Vermoim, sendo derrotados pelo seu conde, D. Alvito Nunes.

Parece que alguns por cá foram ficando, e fundaram ou reedificaram algumas povoações, quasi todas perto do mar ou de rios; pois vemos que ainda hoje algumas povoações portuguezas conservam os nomes, que eram os proprios de chefes nórmandos. Taes são — *Gondarem* (corrupção de Gunderêdo), freguezia sobre a esquerda do rio Minho, do concelho e 3 kilometros ao O. de Villa-Nova da-Cerveira — outro *Gondarem*, na freguezia da Raiva, concelho de Paiva, sobre a esquerda do Douro — e outras muitas povoações. Vide *Guimarães*, *Gondarem*, *Numão*, *Gondezende*, etc.

—

Normandos, é corrupção de *north-mans* (povos do norte, ou homens do norte).

Elles invadiram tambem a Neustria (França), em 841, e alli fundaram um reino, ao qual deram o nome de *Normandia*.

NORONHA—Vide *Loronha*, a pag. 440, col. 1.ª, do 4.º volume.

NÔSCO—portuguez antigo—o mesmo que comnôsco: do latino *nobiscum*.

NOSSA SENHORA-A-BELLA—Vide *Bella*, a pag. 368, col. 2.ª, do 1.º volume.

NOSSA SENHORA DA ABBADIA — (de Bouro.) — Já a pag. 430, col. 2.ª, do 1.º volume, descrevi rapidamente este famoso Sanctuario. Aqui direi o que depois extrahi do *Sanctuario Marianno*. (Vol. 4.º, pag. 33.)

—

Parece que o convento de Santa Maria de Bouro, ou Nossa Senhora da Abbadia, foi originariamente de eremitas descalços de Santo Agostinho; e, em todo o caso, havia aqui um mosteiro antiquissimo de eremitas, qualquer que fosse a sua ordem.

Em 726, os mouros o saquearam e reduziram a cinzas, assassinando todos os frades.

Ficou este sitio completamente deserto e abandonado, até que passados tempos, aqui se refugiaram os arcebispos de Braga, durante a perseguição agarena.

Em 883, estava o terreno que fôra mosteiro (e, e provavelmente algum edificio construido para abrigar os arcebispos) unido á Sé de Braga, sob o titulo de *Convento das Montanhas*. Frei Antonio Brandão, na sua *Monarch. Lus.*, parte 3.ª, lib. 11, cap. 12, diz que no cartorio archiepiscopal de Braga, no tombo chamado «Ecclesiastico» que contem as egrejas e beneficios d'aquella Sé, se lê o seguinte—*Á Sancta Maria de Burio Monasterio Cluniacence, in montanis, ab anno usque octocentesimo, octagesimo tertio, solvitur Ecclesia Bracharensis*—isto é—do mosteiro de Santa Maria de Bouro, da ordem cluniancense, que está nas montanhas, desde o anno de 883, se paga tudo á egreja de Braga.

—

Segundo o doutor frei Bernardo de Brito (*Chron. de Santo Agostinho*, pag. 2.ª, liv. 4.º, tit. 2), a lenda de Nossa Senhora da Abbadia, é como se segue:

No tempo do conde D. Henrique, havia um santo eremita, descendente da nobre familia dos Coelhos (que era a do grande Egas Moniz) e por nome, Pelagio, ou Pelaio Amato.

Pelagio tinha sido casado com D. Muma,

da qual houvera um filho e uma filha. Morrendo-lhe a esposa, que adorava, e pouco depois a filha, tomou tal desgosto, que, abandonando as pompas e faustos da côrte, se foi viver em um deserto, entre umas brenhas, votando o resto dos seus dias á penitencia e oração; deixando o filho entregue ao conde D. Henrique, que muito estimava Pelagio.

Estava n'esse tempo a côrte em Braga, e sabendo Pelagio, que perto d'esta cidade, havia, entre asperissimas rochas, uma pequena ermida, dedicada ao archanjo S. Miguel, onde fazia vida penitente um virtuoso eremita, chamado frei Lourenço, se foi ter com elle, e lhe pediu que o acceitasse por discipulo e companheiro, e lhe ensinasse o caminho do Céo.

Frei Lourenço, vendo um fidalgo novo, ricamente vestido, lhe observou que talvez o seu proposito fosse passageiro, e que provavelmente em breve lhe viria o arrependimento; mas vendo a firme deliberação do fidalgo, o fez despir os fatos bordados e envergar a grosseira tunica de eremita.

Tomava Pelagio as privações e penitencias da sua nova vida com tanta resignação, obediencia e piedade, que até ao velho asceta causava admiração.

Vivia cada um em sua cella, que era uma triste cabana, construida de pedra sêcca, e coberta de ramos e hervas.

Em uma noite viu Pelagio uma grande claridade, em um pequeno valle que ficava ao sopé do monte onde tinham as suas habitações. Deu parte d'isto ao companheiro, e indo no dia seguinte ver o que era, acharam, entre os penedos, uma bellissima imagem da Santissima Virgem.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta imagem fôra alli escondida no principio do 8.º seculo (pela invasão dos serracenos), pelos religiosos de uma *abbadia* (mosteiro) que n'este logar tinha existido, e que foi arrasado pelos mouros, de tal sorte, que d'elle não existe o minimo vestigio.

Alegres com o achado, resolveram abandonar o alto da serra, e se vieram estabelecer n'este valle, que é uma bacia de uns 600 metros de comprido, por 200 de largo, encaixilhado em serras altissimas e alcantiladas penedias, por onde torrentes d'agua se despenham com fragor medonho.

Por suas proprias mãos, construiram os dois anachoretas, uma pequena ermida, onde collocaram a santa imagem.

Era então Sigifrido, arcebispo de Braga, e sabendo d'este apparecimento, foi pessoalmente visitar a Virgem e a sua ermidinha.

Tal devoção votou á Senhora, que lhe deu logo os necessarios paramentos para o seu culto, e mandou edificar uma egreja de pedra lavrada, muito ampla, e de tão solida construcção, que é a que ainda existe.

A Senhora, principiou logo a tornar-se objecto de muita devoção e continuas romagens, e muitas pessoas da principal nobreza do reino, a quem os desgostos da vida haviam affligido, se vieram metter eremitães da Senhora, tomando das mãos de frei Lourenço o habito de eremitas descalços de Santo Agostinho; de modo que em pouco, mais parecia mosteiro do que solitaria ermida.

Passados annos, e tendo fallecido os primeiros fundadores d'este eremiterio, era seu prelado, um varão chamado Nuno, que no mundo tinha sido nobre cavalleiro, e rico e poderoso proprietario.

O rei D. Affonso Henriques, foi por esse tempo visitar a Senhora, e persuadiu ao abbade Nuno, que reduzisse o eremiterio a convento regular, debaixo de regra approvada, e vivendo os monges em congregação.

Os eremitas acceitaram gostosos o conselho do rei, e lhe pediram que, uma vez que elle tinha sido a causa d'esta deliberação, lhe indicasse a ordem em que se deviam filiar.

Tinha o rei introduzido em Portugal, a pedido do abbade João Cirita, a ordem de Cister (bernardos), que era a antiga ordem benedictina, reformada, e escolheu esta para ser adoptada pelos religiosos.

Antes d'estes eremitas prestarem obediencia ao abbade d'Alcobaça, lhes fez D. Affonso Henriques muitas mercês, e uma d'ellas foi dar-lhes o senhorio da villa de Santa Martha de Bouro, em 1157, e no anno seguinte lhes deu o dizimo do sal, da villa de Fão (em frente de Espozende) com outros muitos senhorios e herdades.

A sua profissão como monges cistercienses, se effectuou no anno de 1159.

Pouco depois, ardendo o cartorio e tendo o fogo destruido as escripturas do mosteiro, lhes fez o monarcha, *boa toda a sua fazenda*, em 1162. *Ego Alfonsus Rex Portugalliæ unà cum filijs meis, facimus cautum vobis Abbati de Burio, Domno Pelagio, et vestræ eremo, vestrisque successoribus*, etc.

Com o andar dos tempos, e accrescentamento da communidade, não tendo os religiosos por onde se podessem estender; e sendo alem d'isso este sitio aspero e desabrido, escolheram outro melhor, junto ao rio Cávado, onde edificaram o mosteiro em que viveram até 1834.

Porém a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Abbadia, ficou na sua primeira ermida, onde ainda hoje continúa a receber o culto respeitoso dos devotos e peregrinos que alli concorrem todo o anno.

A imagem é de pedra, de boa esculptura, attendendo aos tempos remotos em que foi feita, e nunca foi vestida nem pintada.

É notavel que n'esta egreja nunca entram môscas.

D'esta Senhora e do seu templo fallam muitos escriptores portuguezes e hespanhoes. A sua festa é a 15 d'agosto.

NOSSA SENHORA DA ABBADIA—A nobre ermida d'esta Senhora, se vê junto aos muros de circumvalação da cidade de Braga, em uma praça, chamada *Terreiro do Castello*, na freguezia de São João do Souto.

Parece que se denominou Nossa Senhora da Abbadia, por estar encostada ás *portas do Souto*, por onde costumam sahir os romeiros que vão ao Sanctuario antecedente. A sua festa se faz tambem a 15 de agosto.

Esta ermida é quasi quadrada; porque tem 3^{m},30 de comprido, por 2^{m},70 de largo. Os lados são tres arcos, vãos, fechados com grades de ferro. Do lado da Epistola, lhe fica encostada a porta da cidade, e do lado do Evangelho, a cadeia do castello. Como fica levantada 1^{m},80 do pavimento da praça, se sobe para a ermida por uma escada de pedra.

Foi construida pelo arcebispo, D. Diogo de Souza, quando mandou abrir no muro da cidade a referida porta e a rua do Souto.

Na mesma capella estão as imagens de S. Lourenço e de S. Roque, aos quaes tambem festejam os bracarenses.

Tinha missa em todos os domingos e dias sanctificados, paga pela confraria da Senhora, que é objecto de muita devoção do povo da cidade.

NOSSA SENHORA DE ABOBORIZ ou DA FERRARÍA — Tres kilometros ao O. da villa d'Obidos, e a uns 150 metros do logar da *Amoreira*, está o sanctuario de Nossa Senhora de Aboboriz, que é antiquissimo. Consta que a imagem da Virgem appareceu a uma pastorinha a quem tinha fugido o gado para uma grande brenha, onde ella o foi procurar. A santa imagem estava no tronco cavernoso de um grande loureiro.

Sabido pelo povo este acontecimento, foi logo vêr e adorar a Senhora, e immediatamente lhe construiu uma grande ermida, no proprio sitio do seu apparecimento, que foi depois elevada a matriz da freguezia da Amoreira. (Vol. 1.º, pag. 201, col. 2.ª, no fim).

Variam os auctores sobre a etymologia da palavra *Aboboriz* — dizem uns (e é a tradição constante) que durante a denominação dos mouros, chamavam estes a todo o territorio d'este sitio, *Bóbriz*. — Outros pretendem (e talvez seja o mais certo) que ao logar se dava o nome de algum arabe chamado *Abi-Brix* (pae de Brix).

Chamava-se tambem *Senhora da Ferraría*, porque, havendo por aqui minas de ferro, se lavraram em tempos antigos, extrahindo-se d'ellas muito ferro, que se empregava em diversos artefactos.

Diz a tradição que esta imagem era do tempo dos godos, e que foram elles que a esconderam aqui, quando os mouros invadiram a Lusitania, em 715.

A imagem é de pedra, e de um metro de altura, mostrando a sua esculptura grande antiguidade. Está dando o seio ao menino Jesus.

A egreja está em um sitio fresco e alegre, assombrado por arvores silvestres. É bonita, e as suas paredes interiores são revestidas de formosos azulejos.

NOSSA SENHORA DOS AÇORES — Notavel Sanctuario, na villa dos Açores (vol. 1.º, pag. 24, col. 1.ª, no fim) á qual a mesma Senhora deu o nome.

Como já tratei d'este Sanctuario, por ser egreja parochial, só aqui accrescentarei o seguinte.

Segundo a tradição, foi a imagem da Senhora descoberta por um vaqueiro que apascentava o seu gado pelos campos que estão entre as villas de Linhares e Celorico

Tendo-lhe caido uma vacca a uma grande e profunda lagôa, foi o pastor buscal-a; mas, estando em risco de morrer afogado, implorou o auxilio da Virgem, que então lhe appareceu, livrando o do perigo e mais á vacca.

Deu o vaqueiro conta do occorrido, aos povos d'aquelles logares, que logo alli concorreram, e acharam uma formosa imagem de Nossa Senhora, á qual logo, no mesmo logar onde foi encontrada, erigiram uma devota capella.

Espalhou-se ao longe a fama dos milagres que attribuiam á Senhora, de modo que chegou isto ao conhecimento do monarcha que então reinava (não se sabe qual fosse, mas era do tempo dos godos) que, não tendo filhos, recorreu a esta Senhora, e foi ouvido; porém o filho nasceu-lhe aleijado: o que vendo o rei, foi com a rainha em romaria á capella; mas o menino morreu no caminho. Era tamanha a fé, tanto do monarcha como de sua mulher, que, mesmo assim, foram levar o filho á Senhora — e, apenas entrou na sua capella, recuperou não só a vida, mas saude perfeita.

Continúa a lenda, dizendo que — quando o rei ia caminho da ermida, um seu caçador, contra a sua ordem, lançou um açôr do rei contra uma ave, e que o açôr se perdêra, pelo que o rei lhe mandára cortar a mão. Quando estava para se cumprir esta barbara sentença, appareceu o açôr, collocando-se na mão do caçador. Ao mesmo tempo, vinham saindo da capella, a rainha e as suas damas, com o filho vivo e são. O rei, louco de alegria, perdoou ao caçador, e fez logo alli voto de fundar no mesmo sitio um mosteiro de freiras agostinhas, e uma ampla egreja, que é a que ainda existe, de boa architectura e de tres naves.

Construiu-se o mosteiro, e povoou-se de freiras, sendo uma d'ellas, uma das filhas do fundador, que aqui morreu com fama de virtude.

A primeira invocação d'esta Senhora, foi *do Açôr* — alludindo ao milagre referido — depois se veiu a chamar *dos Açôres*.

O mosteiro foi arrasado pelos mouros, em 715, e não se sabe se as freiras foram martyrisadas ou se puderam fugir á furia dos invasores.

Ainda existem alguns vestigios do mosteiro, e a egreja (que foi poupada pelos árabes) ainda é a permittiva, que por varias vezes tem sido reparada.

No artigo *Açôres*, dei a copia de uma inscripção que foi achada n'esta egreja. Frei Agostinho de Santa Maria a traz com algumas variantes (provavelmente por se não poderem já ler bem os caracteres da inscripção). Segundo este escriptor, diz:

REQUIEVIT FAMULA CHRISTI, IN PACE SUI,
INTIUBALA, SUB MENSE DECEMBRIS, ERA 714.

Mas esta inscripção está manifestamente errada na cópia e até na traducção. A original tem *vv* por *uu*, menos na palavra *sub*, como era costume nas legendas e inscripções, e a palavra *Christi* em breve (Xpi) e não por extenso, e a era em conta romana, e não em árabe. Além d'isso, frei Francisco de Santa Maria, collocou virgulas onde lhe pareceu, sem que a inscripção as tenha, e, demais a mais, mal collocadas, pois, se havia de pôr uma virgula em *pace*, a poz em *sui*, fazendo assim, da primeira syllaba do nome proprio, um pronome, que alli é um disparate. *Intiubala*, não é nome algum conhecido. É pois como está na col. 2.ª de pag. 24 do 1.º vol.

Frei Francisco traduz assim:

«Aqui descança *em paz de seu esposo (!) Iuciubula* serve de Christo, no mez de dezembro da era de 714.»

A traducção verdadeira, é — *Descance em paz, a serva de Christo, Swintiliuba. No mez de dezembro de* 704.

Foi no reinado de Recesvindo, e não no de Wamba, como diz frei Francisco.

—

Expulsos os árabes d'este territorio, se reedificou o mosteiro, mandando-se então pintar um quadro, em que se commemora a resurreição do infante. Representa um menino morto, que vae ás costas de tres pessoas, na companhia de uma rainha coroada. Vê-se um rei, e o seu ministro, com a espada levantada, para cortar a mão de um homem, sobre a qual poisa um açôr.

—

As continuas romarias que se faziam a esta Senhora, deram origem á fundação da aldeia, que depois foi villa, por o motivo seguinte:

Reinando em Portugal D. Sancho I, entrou n'este reino um poderoso exercito leonez, pelo lado da Beira-Baixa (1198) assolando todo o territorio por onde passava, chegando aos confins de Pinhel e Trancoso, sem que os alcaides d'estas villas lhe podessem fazer frente, pelo numero diminutissimo que tinham de tropas.

Os leonezes, depois de praticarem toda a casta de latrocinios e atrocidades, se dirigiram para Celorico (da Beira) com animo de alli fazerem o mesmo; mas o alcaide, Rodrigo Mendes, unindo-se á gente dos concelhos de Pinhel, Trancoso, Linhares, Algodres e Guarda, á qual animou com a promessa da protecção da Senhora dos Açores, derrotou completamente o inimigo. (Vide *Celorico)*.

Esta batalha principiou quasi ao *sol* posto, mas, estando uma formosa noute de *lua cheia*, via-se como de dia; o que deu logar a dizer-se que a Senhora tinha feito parar o sol.

No dia seguinte, recolheram os portuguezes os despojos, que eram riquissimos, por constar das bagagens dos leonezes, e de tudo quanto haviam roubado em Portugal. (Vide *Celorico da Beira)*.

Como aquelles tempos felizes eram de fé robusta, todos attribuiram esta victoria gloriosa, á intercessão de Nossa Senhora dos Açôres, e, tanto officiaes como soldados, foram, em nome das suas respectivas terras, em romaria ao Sanctuario, com suas armas, cavallos, bandeiras, etc., e alli mandaram dizer muitas missas, e deram graças á Santissima Virgem, pelo feliz successo das armas portuguezas.

Os militares que entraram na batalha, prometteram uma romagem annual á Senhora, em nome das suas terras, e cumpriram este voto por espaço de muitos seculos.

Na primeira oitava do Espirito Santo, era a romaria, em acção de graças, do povo da villa de Trancoso e seu termo.

O concurso era, termo medio, de 4:000 pessoas, indo os peões na frente, e os cavalleiros á rectaguarda. Havia procissão, missa cantada, *Te Deum*, etc., e no fim um jantar, dado pela camara de Trancoso, para o qual estavam designados 20$000 réis.

Na 3.ª oitava do Espirito Santo, tinha logar o cumprimento do voto dos povos da villa de Linhares, com as mesmas solemnidades e na fórma da antecedente. Como os de Linhares tinham tomado parte mais activa na victoria, iam no dia da Santa Cruz (3 de maio) visitar a villa de Celorico. D'ambas as vezes, terminava a festa por um banquete feito á custa de certa renda que para isso deixou um infante, que foi senhor d'estas villas.

Na 1.ª oitava da Paschoa de flôres, tinha logar a procissão do povo da cidade da Guarda, com as mesmas formalidades. Esta cidade offerecia então á Senhora, meia arroba de cêra lavrada.

Os de Algodres, e Fornos de Algodres, faziam a sua procissão no mesmo dia da de Trancoso, e da mesma fórma.

NOSSA SENHORA DAS AGUAS FÉRAS — Vide *Pedrogão-Pequeno*, ou do *Priorado*.

NOSSA SENHORA D'AGUAS SANTAS — Vide *Rio-Côvo*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Vide *Peniche*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, de Cella — (vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª, no fim).

Junto á villa d'Athouguia d'El-rei (hoje *Athouguia da Baleia)* entre o mar e a serra da Pescaria (hoje *Serra d'El-rei)* houve em tempos antigos um mosteiro de eremitas

descalços, de Santo Agostinho, dedicado a S. Julião, martyr.

Não se sabe com certeza a data da sua fundação. Segundo uns, foi fundado por Santo Ancirado, que vivia pelos annos de 850; mas outros sustentam que é fundação dos religiosos do mosteiro de Pena Firme (agostinhos) que fica a distancia de 30 kilometros, na costa do mar, entre a Ericeira e Peniche.

O padre frei Antonio da Purificação, diz que este mosteiro já existia como tal no anno de 800, o que parece mais certo.

Segundo a constante tradição, e o confirmam muitos escriptores, a egreja d'este mosteiro foi templo romano, dedicado a Neptuno. Algumas inscripções que ainda hoje se vêem nas paredes, o confirmam, e a abobada, toda de pedra lavrada, leva tambem a crer que com effeito é obra dos romanos.

Consta que foi construido pelo consul Decio Junio Bruto, 130 annos antes de J.-C., em cumprimento de um voto que fizera a Neptuno, pela victoria contra os lusitanos, na cidade de *Eburobritium*. (Vide esta palavra, *Alfeizirão* e *Evora-d'Alcobaça*.)

Existiu este edificio como templo pagão, até ao 3.º seculo de J.-C., no qual, tendo os lusitanos adoptado a religião catholica, purificaram o templo e o converteram em egreja christan, dedicada ao martyr S. Julião.

Uma das inscripções romanas que ainda alli existem, e a que está mais legivel, diz:

NEPT. SACR.
H. SACEL. D. D. D. JUN. BRUT.
COS. OB. BEL. F. GESTUM.
ADVEES. EBUROBRIC. ET.
MONT. AUXILIARES. SERVAT.
Q. MIL. IN. ULTIMIS. TER. ORIS.

Isto é — Consagrado a Neptuno. Este templo lhe dedicou Decio Junio Bruto, pela felicidade com que terminou a guerra contra os moradores de Eburobricio, e os montanhezes que os vieram soccorrer. E tambem por lhe ficarem salvos os seus soldados, n'estes confins ultimos da terra.

Se teve data, foi apagada pelo tempo.

—

Era este mosteiro, nos seus primitivos tempos, um sitio deserto e entre brenhas. Os religiosos mantinham-se dos fructos que produzia a sua cêrca, que elles mesmos cultivavam, de fructos silvestres, e de peixe do mar.

Assim viveram até ao anno de 1153.

N'este anno, fez D. Affonso Henriques doação ao mosteiro d'Alcobaça, do vasto territorio, denominado os *coutos*, que os frades bernardos possuiram até 1834.

Quando os monges bernardos, percorreram a terra que lhes fôra doada, para a demarcarem e tomarem posse do seu novo senhorio, acharam nos seus limites, este e outros mosteiros, egrejas e ermidas. Tomaram posse de tudo; mas vendo o grande rigor e santidade em que viviam os agostinhos, lhes tomaram grande veneração, e os soccorreram de muitas coisas necessarias.

Em 1193 houve n'este reino uma furiosa peste, que matou muita gente, e quasi todos os religiosos d'este mosteiro. Os que ainda viviam, temendo a mesma sorte, pretenderam levar uma imagem da Virgem, da invocação da Ajuda, para o mosteiro d'Alcobaça, do qual tambem muitos monges tinham fallecido da peste; mas como era grande o seu numero, escaparam muitos.

Foi a santa imagem levada para Alcobaça pelos agostinianos, frei Lourenço e frei Rosendo, mal convalescidos do contagio. A 3 kilometros de Alcobaça, pararam em um alto, arejado e sádio, onde decidiram estar alguns dias, até ficarem completamente curados.

Sabendo d'isto cinco frades que haviam ficado no mosteiro de S. Julião, e vendo que estavam aqui arriscados a morrerem da peste, se foram ter com seus companheiros, ficando o seu antigo mosteiro abandonado para sempre.

No monte construiram cabanas, com ajuda dos monges d'Alcobaça; mas alli mesmo os foi procurar o flagello, perecendo todos. O ultimo que falleceu, achando-se nas vascas da morte, e não podendo levar a imagem da Senhora para Alcobaça, a escondeu entre uns penedos, em uma lapa que lhe construiu, de pedras soltas.

Passados muitos annos, e quando já nem vestigios havia das cabanas em que viveram

os frades, foi a imagem achada por uns caçadores, que, dando parte aos povos visinhos, logo alli mesmo lhe construiram uma formosa ermida.

Em redor d'ella se foram pouco a pouco edificando casas, que mais tarde vieram a constituir a villa de Cella.

Os devotos da Senhora lhe ampliaram por vezes a capella, até que chegou a ser um templo vasto e aceiado, que é o actual; o qual, com o augmento da população, foi elevado a egreja parochial, da freguezia de Cella.

N'esta egreja estão sepultados os sete religiosos que falleceram da peste e que estavam enterrados em redor da lapa da Senhora. (Vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª, in fine.)

NOSSA SENHORA DA AJUDA—vide *Ajuda* e *Belem*, no 1.º volume.

NOSSA SENHORA DA AJUDA—Á entrada da villa da Alhandra (vol. 1.º, pag. 130, col. 2.ª) está a ermida da Santissima Virgem Nossa Senhora da Ajuda. O templo é de bastante grandeza, para uma ermida. Foi reedificada, pelos annos de 1700, á custa do povo, pela grande devoção que tem a esta Senhora.

Não se sabe quando nem por quem foi feita; só se sabe que è antiquissima.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Na freguezia de *Arranhol* (vol. 1.º, pag. 238,00, col. 2.ª).

Nos limittes do logar de Bucellas, entre elle e a freguezia de S. Thiago, mas em terreno da freguezia de Arranhol, está a ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Segundo a lenda, eis a sua origem :

Uma pastorinha d'estes sitios, filha de Affonso Annes, da freguezia de S. Thiago dos Velhos, andando a guardar o seu gado, lhe appareceu a Virgem e lhe disse que pedisse a seu pae que n'aquelle sitio construisse uma capella a Santa Maria. Tres dias consecutivos reiterou a menina o pedido a seu pae, até que, á 3.ª vez, lhe respondeu o pae — Diz, á Senhora, que o logar que ella indica, é árido e sécco : que se quer alli uma ermida, faça nascer agua no sitio.

No dia seguinte, foi a filha seguida pelo pae, e este viu que aquella levantou uma pedra, e debaixo d'ella rebentou uma nascente de agua crystalina.

Á vista d'este prodigio, resolveu Affonso Annes, mandar construir o templo, a uns 50 metros da milagrosa fonte. Deu elle o chão, e uma avultada esmola, e os mais visinhos concorreram com o resto das despezas.

Por muito tempo foram eremitães d'esta capella, os descendentes de Affonso Annes.

Não se sabe a data do apparecimento d'esta Senhora.

A sua festa se faz a 8 de setembro (dia de Nossa Senhora da Natividade).

NOSSA SENHORA DA AJUDA — Vide *Seixas*.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — do *Cerdal*. (Vol. 2.º, pag. 242, col. 1.ª).

Ha n'esta freguezia, a capella de Nossa Senhora da Ajuda, cuja origem é a seguinte :

Agostinho da Rocha e Sousa, e sua mulher, Maria de Sousa, fazendo o seu testamento, *de mão commum* (não se sabe quando) instituiram uma capella, á qual vincularam as suas terças, deixando-as ao seu filho mais novo, Martinho da Rocha, com obrigação de doze missas em cada anno, ditas em uma ermida que no vinculo mandaram os testadores se fizesse.

Martinho da Rocha sobreviveu pouco tempo a seus paes, fallecendo sem ter dado principio á capella; e ficando seus herdeiros, seu irmão, Alvaro da Rocha e Sousa, e sua mulher, Isabel de Andrade, que logo construiram a capella, com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, á entrada da sua quinta (que depois veiu a ser solar dos Bacelares) em um sitio delicioso e alegre, cercado de frondosos carvalhos, que dão fresca sombra durante a estiagem. Um d'estes carvalhos, é dos maiores da provincia, e está junto á capella.

A capella é toda de cantaria lavrada, ampla e bonita. Na sua frente, estão duas fontes perennes, d'agua crystalina.

Uma d'ellas é de bellissima architectura, tendo em roda, assentos de pedra lavrada. A fonte está coberta por uma pedra de monstruosa grandeza, e assombrada por um frondoso carvalho.

A Senhora da Ajuda, é objecto de muita devoção para os povos da freguezia do Cerdal e immediatos.

NOSSA SENHORA DA AJUDA — de Lórdêllo do *Ouro* — (Vol. 4.º, pag. 439, col. 1.ª, no fim).

N'esta freguezia, que foi do concelho da Maia, e é hoje do bairro occidental do Porto, e proximo á margem direita do rio Douro, está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, imagem de grande devoção do povo em geral, e dos navegantes em particular.

Segundo a lenda, remonta a antiguidade d'esta imagem e da sua capella, ao seculo 12.º; porém d'isso não ha documento algum além da tradição; antes outra tradição a desmente, pois resa que esta imagem veiu da Gran Bretanha, durante o reinado do apostata Henrique VIII — e, sendo assim, não póde ter mais de tresentos e tantos annos.

Aquella é pequena mas bonita, e tem um atrio (alpendre ou galilé) de boa architectura, edificado em columnata. Tem altar-mór, dois lateraes e sacristia.

Quer a Senhora apparecesse no seculo XII, quer no XVI, diz a lenda, que ella appareceu em sonhos, a Catharina Fernandes, mulher de Pedro de tal, de Miragaia, e lhe ordenou que fosse a uma fonte, que está a pouca distancia da ermida, e que alli veria uma pomba, e juntamente a sua imagem (da Virgem).

Contou o sonho ao marido, que a dissuadiu da sua crença; mas, como tornasse a ter o mesmo sonho, sem dizer nada ao marido, foi uma manhan, com todo o cuidado, ter á fonte, e alli viu andar uma pomba esvoaçando de uma para outra parte; mas não viu a imagem. Com muito pezar, se resolveu a voltar para Miragaya, mas deu com o marido, que vinha em sua procura. Tanto instou com elle, que ambos tornaram á fonte, e com effeito descobriram a imagem da Virgem, entre as silvas.

Tiraram-a d'alli com grande alegria e reverencia, e resolveram logo construir-lhe uma ermida, um pouco desviada da fonte, por não ser o sitio do apparecimento asado para a edificação; e, como não tinham dinheiro para a obra, venderam umas casas, e com o producto d'essa venda a concluiram.

Teve este apparecimento logar no dia da Expectação de Nossa Senhora (18 de dezembro), por isso a denominaram *Nossa Senhora do O.*

Passados annos — continúa a lenda — entraram a barra do Douro nove embarcações inglezas, e chegando em frente da capella, subiram facilmente o rio, as oito primeiras, mas a nona parou, sem obedecer á manobra, e não passava d'aquelle ponto.

A bordo d'este navio vinha uma imagem de Jesus Crucificado, que os catholicos tinham podido subtrahir aos desacatos dos herejes inglezes; [1] e, assim que a tiraram do navio e a collocaram na capella da Senhora, principiou elle a andar desembaraçadamente.

Diz-se que á imagem de Jesus Christo se dava na Gran-Bretanha o titulo de *Bom Jesus da Ajuda*, e que isto foi causa da Senhora perder a sua primitiva invocação e tomar a da *Ajuda*.

Faziam-se antigamente duas festas annuaes, uma a 18 de dezembro, pelo povo de Lordêllo, e outra na dominga infra oitava da festa da Natividade, em setembro, pelos habitantes da cidade do Porto.

Esfriou a devoção a esta Senhora, que esteve muitos annos esquecida e a capella abandonada, até que um devoto a restaurou, e obteve uma bulla do papa Paulo III, em 1540, que concede muitas graças e indulgencia perpétua aos fieis que visitarem a casa da Senhora, nas suas festividades.

Assim recrudesceu a devoção a esta Senhora.

O bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, foi muito devoto de Nossa Senhora da Ajuda, e lhe adornou ricamente a sua capella.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, na cidade d'Evora.

[1] Talvez que por esta circumstancia digam alguns que a imagem da Virgem tambem então viera de Inglaterra.

Já se vê que a capella é muito anterior ao reinado do impio Henrique VIII, de Inglaterra.

A 2.ª porta da cidade d'Evora, e que fica ao O., se denomina *de Alconchel*. Foi esta porta dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, e sobre ella (a porta) construiram os devotos d'Evora uma capella com a mesma invocação. É quadrada, fechada de meia laranja, que se estriba sobre quatro arcos. No que defronta para E., fica uma grande tribuna; e o que fica para O., é onde está o retabulo da Senhora.

Antigamente diziam-se muitas missas n'esta ermida, não só nos dias sanctificados, mas ainda nos mais. Faziam-lhe a sua festa os fabricantes de telha e tijôlo, que teem ahi proximo os seus telhaes.

Não se sabe quando foi construida esta capella, o que se sabe é que já era antiga em 1484, anno em que foram restauradas as suas pinturas, por occasião do malfadado casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II.

NOSSA SENHORA DA AJUDA, DOS FIEIS DE DEUS—de Lisboa.

No Bairro-Alto, outr'ora chamado *Villa Nova d'Andrade*, na freguezia das Mercês, ha a rua dos *Fieis de Deus*, em razão da capella que alli se edificou, dedicada aos fieis de Deus (almas do purgatorio).

Foi esta capella fundada em 1551, por Affonso Braz, em cumprimento de um voto, ou pela devoção que tinha com as almas do purgatorio.

Ao entrar a porta da capella, na parede da direita, está uma lapide, embutida, com a seguinte inscripção:

NO ANNO DE 1551 SE EDIFICOU ESTA CAPELLA
DAS ALMAS DO PURGATORIO, E O FUNDADOR
DELLA FOY AFFONSO BRAZ,
O QUAL PEDE UMA AVE-MARIA.
FALLECEU A 29 DE JANEIRO DE 1569.

O fundador deixou ordenado no testamento que se dessem annualmente 2$500 réis, para se dizerem 50 missas, pelas almas do purgatorio: e que, emquanto vivessem umas suas sobrinhas, fossem ellas as administradoras, e por sua morte, ficasse o padroado á Misericordia de Lisboa.

No tempo em que se edificou a capella, todo aquelle sitio, até ao actual largo de S. Roque, e alameda de S. Pedro d'Alcantara, era povoado de oliveiras.

Assistia em uma casa contigua á capella, um eremitão que tratava d'ella, e tinha mais a obrigação de recolher na sua casinha, todos os meninos perdidos, sustentando-os e tratando d'elles, emquanto não appareciam os paes a reclamal-os. Estes costumavam dar ao eremitão, pela acolheita dos filhos, *um vintem para um alqueire de trigo*.

Pouco depois de construida a capella, se congregaram varios devotos da Virgem, e instituiram uma irmandade, com a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, mandando logo fazer uma formosa imagem e um altar na ermida, para n'elle ser collocada.

Supplicaram os irmãos, á Sé Apostolica, que a sua irmandade fosse agregada á archi-confraria do hospital do Espirito Santo, *in Saxia*, para que elles podessem participar das muitas graças e indulgencias que a este hospital haviam concedido muitos pontifices; o que lhes concedeu o papa Gregorio XIV, por breve de 1590, que foi acceite e executado pelo doutor Diogo Madeira, conego da Sé de Lisboa, e juiz conservador da mesma irmandade, em 1592.

Era n'este tempo juiz da irmandade, o bacharel Manuel Rodrigues Cabral, que, morrendo em 1632, se mandou sepultar na mesma ermida, á qual deixou uma morada de casas, deixava-lhe tambem alguns cantaros de azeite e outros legados; porém houve *curioso* (provavelmente proprietario de bens sujeitos ao legado) que roubou os papeis da irmandade, e os legados não se chegaram a receber, senão passados muitos annos, como adiante direi.

—

A capella e terreno circumjacente foi até 1552, da freguezia de Santa Catharina de Monte Sinay; mas, creando-se n'esse anno a freguezia de Nossa Senhora das Mercês, ficou pertencendo á nova parochia.

Porém a imagem actual de Nossa Senhora da Ajuda, não é a primitiva, pelo motivo seguinte:

No principio do seculo XVI, Bartholomeu Dias Ravasco, homem poderoso, irmão mesario da Misericordia, e que morava em fren-

te da capella, pretendeu ser administrador da irmandade, o que conseguiu da Misericordia, sendo demittido o administrador que havia, e que era muito zeloso e activo. Oppozeram-se os irmãos a uma nomeação tão contra os estatutos; mas, nada conseguindo, pegaram na imagem da Senhora, e em tudo quanto lhe pertencia, e se foram para a egreja de Santa Catharina, onde instituiram (ou continuaram) a irmandade.

Os visinhos da capella, vendo-se sem a sua querida imagem, foram ao convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e os religiosos lhe deram outra, que foi occupar o logar da antecedente, e instituiram uma nova confraria.

Pelos annos 1690, o padre Gil Lourenço, se fez irmão da confraria, que achou reduzida a dois unicos irmãos.

Tomou logo a peito, o bom do padre, melhorar tudo. Mandou á sua custa levantar a capella e o seu arco, que era muito baixo, e construir um formoso altar, de talha dourada, adornando as paredes lateraes da capella-mór, de quadros a oleo, pintados por Bento Coelho, e d'elles até ao pavimento (dois metros) mandou revestir as paredes de formosos azulejos, com scenas da vida de Nossa Senhora. As paredes do corpo da egreja, foram tambem revestidas de bellos azulejos, representando outros *passos* da Virgem; de modo que ficou uma das mais formosas e ricas ermidas de Lisboa.

Pelos annos de 1696, foi um irmão da confraria casualmente a uma tenda, comprar *sentenças*, para seus filhos aprenderem a ler, e entre outros papeis velhos, achou o breve de Gregorio XIV, que veiu muito alegre trazer ao padre Gil Lourenço, que muito satisfeito ficou por possuir o autographo por que tanto almejava.

Pediu ao mesmo irmão, que tornasse á tenda, a vêr se encontrava mais alguns papeis pertencentes á Senhora, e, com effeito, achou o testamento em que Manuel Rodrigues Cabral deixava á irmandade, as casas e os cantaros d'azeite. Dos mais legados não se achava documento algum.

A imagem que os carmelitas tinham dado para a capella, era de *róca* (de vestir) e o padre Gil, para evitar irreverencias das mulheres que a vestiam e despiam, mandou fazer outra, de boa esculptura; mas, quando quiz tirar do altar a antiga para collocar a nova, houve tamanho choro e alarido das mulheres, e tumulto dos homens, que se viu obrigado a deixar ficar a primeira, mettendo a segunda em um oratorio, que mandou fazer na capella-mór, do lado do Evangelho.

Teve esta ermida muito ricos ornamentos, bellos castiçaes e outras muitas alfaias de prata, tanto na capella, como na sacristia, a maior parte offerecida á Senhora pelo padre Gil, e o resto pelos devotos.

NOSSA SENHORA DO AMPARO — no Rocio de Lisboa.

Já a paginas 164 e 379, do 4.º volume, tratei do *hospital real de Todos os Santos*; e, como alli fallei na *rua do Amparo*, entendo que muitos desejarão saber a causa d'essa denominação, o que vou explicar.

Debaixo do hospital de Todos os Santos, destruido por dois incendios e acabado de arrazar pelo terremoto do 1.º de novembro de 1755 (vide pag. 164, do 4.º volume) havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Amparo, imagem de muita devoção dos visinhos da ermida, que todas as noites lhe resavam o terço, a que assistia o capellão, que dava no fim a beijar ao povo, a corôa da Senhora.

A imagem era de róca, e de $3^1/_2$ palmos d'alto ($0^m,87$) e estava sempre vestida de ricas télas e brocados. Estava em um nicho envidraçado, no meio de um retabulo de marmore azul e encarnado, de boa esculptura. Servia de peanha á Senhora, um globo tambem de marmore, cercado de seraphins, tendo de cada lado, dois anjos, em oração.

Não eram só os visinhos da ermida que tinham devoção com esta Senhora, era toda a côrte e as principaes familias da cidade. O cardeal da Cunha visitava esta capella todos os sabbados. Tinha ella um capellão e missa quotidiana; cuja capellania instituiram, Domingos de Basto Figueirôa, e sua mulher, Barbara Antunes Brandôa, em 1625. Ordenaram em seu testamento que fossem enterrados n'esta ermida, o que se cumpriu.

Tambem deixaram á Senhora, duas moradas de casas, que rendiam então 83$448 réis (o que prova que eram grandes predios). D'este dinheiro se havia de dar ao capellão *(que deveria ser natural da villa d'Aimarante)* 63$000 réis, e o resto aos entrevados do hospital de Todos os Santos.

Este Domingos de Basto Figueirôa, falleceu a 2 de maio de 1653.

Constava de documentos que existiam n'este hospital, que esta casa havia sido no seu principio uma albergaria, onde se recolhiam os peregrinos e os pobres, aos quaes se dava casa, cama e agua. Tinha 40 leitos, 20 para homens e 20 para mulheres, e dois hospitaleiros, um homem e uma mulher, cada um para tratar os do seu sexo.

Não se sabe a antiguidade que tinha esta imagem da Senhora. Consta que um seu devoto, instituira, por sua morte, por herdeira de toda a sua fazenda, o hospital de Todos os Santos, e que entre as ricas alfaias e mais peças preciosas que testou, se incluia a Santa imagem, para a qual logo os irmãos da Misericordia mandaram construir a ermida.

O hospital dos entrevados, esteve primeiramente no claustro do hospital real, e ficava debaixo da egreja, onde depois foi o celleiro e dispensa, sendo em 1583 mudado para debaixo dos arcos do Rocio, dando-lhe por titular e padroeira, a Senhora do Amparo.

Ainda depois de ser celleiro, se via em uma pedra, embutida na parede, esta inscripção.

ESTA ENFERMARIA DOS INCURAVEIS,
CONSERTÁRÃO OS IRMÃOS Á SUA CUSTA, E NA
MISERICORDIA OS PROVERÃO
DO NECESSARIO, EM ABRIL DE 1565.

O hospital dos entrevados, denominado de Nossa Senhora do Amparo, tinha duas enfermarias para mulheres e uma para homens. A primeira das mulheres, era dedicada a Nossa Senhora do Amparo e ao apostolo S. Pedro. Tinha dez camas. A segunda era dedicada a Nossa Senhora da Estrella, e tinha 29 camas.

A dos homens, era de invocação de Santo Antonio, e tinha 20 camas.

A Misericordia dava mensalmente a cada entrevado 800 rs.

As senhoras da alta aristocracia, tinham por obra meritoria (e era) hirem alli tratar dos doentes, o que faziam com muita caridade, e lhes dávam muitas esmolas.

Alem da missa diaria, dita pelo capellão da ermida, diziam-se n'ella todos os dias muitas missas, e se davam muitas esmolas; pelo que a misericordia tinha alli em todo o dia um irmão, para as receber.

Todo o clerigo que vinha á côrte a qualquer negocio, achava n'esta ermida, acolito e tudo o mais necessario para celebrar o santo sacrificio da missa.

Eis a razão porque á rua que ficava proxima da ermida, se deu o nome de *rua do Amparo*.

NOSSA SENHORA DO AMPARO ou dos **MENINOS**—Junto á cidade de Lamego, no districto da freguezia da Sé, está o sanctuario de Nossa Senhora do Amparo, a que tambem se dá o titulo de Nossa Senhora dos Meninos.

Está situada sobre o rio Balsemão. E' muito antiga.

A sua padroeira esteve primeiramente na Sé, no altar que é actualmente de Nossa Senhora do Rosario. Diz a lenda que foi obrada por Nicodemos e pintado por São Lucas Evangelista. Não se sabe como, quando e por quem foi trazida para Lamego.

D. Manuel de Noronha (filho de Simão Gonçalves da Camara) [1] bispo d'esta cidade, tirou a Senhora do seu altar, e a collocou na referida capella, que á sua custa havia mandado edificar.

E porque o altar da Sé não ficasse sem imagem, mandou vir uma de Roma, á qual deu a invocação de Nossa Senhora do Rosario.

[1] Este Camara, foi cognominado o *magnifico*. Foi 3.º capitão e governador da ilha da Madeira, e era filho do 2.º capitão da mesma ilha (por mercê de D. Manuel, em 1508). Simão Gonçalves da Camara, era casado com D. Joanna de Noronha, filha de D. Gonçalo de Castello Branco, governador de Lisboa e Senhor de Villa Nova de Portimão. Foi esta senhora a mãe do bispo D. Manuel de Noronha.

D. Manuel de Noronha falleceu em 1559, e portanto a construcção d'esta ermida teve logar no meiado do 16.º seculo. Está fundada em um sitio alpestre, cercado de rochedos alcantilados, por entre os quaes passa uma levada que faz mover alguns moinhos. Em cima, junto á ermida, ha um pequeno terreiro, sem resguardo, sobre um despenhadeiro que vae até ao rio.

Em frente da capella, fica uma serra muito alta e pedregosa, chamada *Tambureira*.

E' esta Senhora advogada e protectora das crianças, e por isso lhe deram o nome de Nossa Senhora dos Meninos; mas o seu verdadeiro titulo, e o mais antigo, é Nossa Senhora do Amparo.

NOSSA SENHORA DO AMPARO, da Melroeira—(Vide Ourem).

NOSSA SENHORA DO AMPARO, de Ferradosa—Na freguezia de S. Miguel da Marmelleira (vol. 5.º, pag. 85, col. 1.ª, no fim) ha uma aldeia, denominada *Ferradosa*, [1] a distancia de 9 kilometros da villa de Mórtágua. Junto d'esta aldeia, e sobre um pequeno outeiro, está edificada a capella de Nossa Senhora do Amparo, vasta e antiquissima. Teve em tempos remotos, eremitão permanente, com habitação propria (junto á capella) com uma pequena cêrca, tudo ha mais de 200 annos em ruinas, restando apenas leves vestigios das casas.

Suppõe-se que esta ermida, ou pelo menos a imagem da Senhora, já existia no tempo dos godos, e que esta foi escondida por algum devoto, em 716, quando o reino foi invadido pelos mouros, sendo só achada em 1058, anno em que os mouros foram expulsos d'este territorio, por D. Fernamdo III, o *magno*, rei de Castella, e então tambem de Portugal.

A festa da Senhora se faz no 3.º domingo de outubro; e antigamente juntavam os mórdomos da Senhora, grande porção de pão cosido, vinho e outros comestiveis, que dividiam com os romeiros. Este costume deixou de existir ha mais de 200 annos. Crê o povo que desde que se não dá o bôdo, não produzem as terras immediatas tantos e tão bons fructos, como até alli.

Foi esta romaria concorridissima em tempos antigos.

NOSSA SENHORA DO AMPARO — Vide *Pena-Cóva*, cabeça de concelho, na comarca de Coimbra.

NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS — A distancia de uns 2 kilometros da cidade de Tavira, no caminho que vae para Moncarapacho, está a ermida de Nossa Senhora Angustias; tambem chamada Nossa Senhora do Calvário; porque antigamente n'ella tinha o seu termo a procissão dos Passos (que hoje sae da matriz e vae acabar na egreja do convento da Graça.)

A imagem está aos pés da cruz, que tem Jesus Christo crucificado. E' quasi de tamanho natural, pois tem 1,m54 de altura.

Todo o povo do Algarve tem muita devoção com esta Senhora, e lhe attribuem muitos milagres.

Ha no Algarve um romance muito antigo, intitulado de Nossa Senhora das Angustias, que reza assim:

Estando a Virgem Maria
Na sua cella assentada,
Sobre as suas amarguras
A triste nova chegava,
De que era morto seu Filho,
Rico penhor da su'alma.
Pelas ruas corre a Virgem,
E a quem via perguntava,
Se morto era seu filho,
Rico penhor de su'alma.
Diziam uns, que amarrado
A uma columna estava:
Outros, que, pela cidade,
Sob uma cruz caminhava.
Indo a Virgem mais avante,
Uma mulher encontrava:
Vae-se logo a perguntar lhe
Pelo que ella não achava.
A mulher era judia,
E assim mesmo a consolava.
— Por aqui passou um homem
Com uma cruz, que arrastava;
A cada passo que dera,
Toda a terra se abalava:

[1] Portuguez antigo, synonimo de *Ferregial*, que significa—terra semeada de ferran, —herva—lameiro, prado, etc.

O lenho, como era verde,
Té o chão atormentava;
Como fosse grande pêso,
Cada instante ajoelhava:
O baraço na garganta
Era o que mais o maguava.
Elle me pediu um lenço,
Para limpar suas chagas,
Eu lhe dei a minha touca
Com que a cabeça toucava.

—

Tudo isto ouvia a Virgem
E cada vez mais chorava:
Indo a volver os seus olhos
No chão cahiu desmaiada.
São João, seu bom sobrinho,
Pela mão a levantava.
— Levante-se, minha tia,
Que o que ouviu não será nada.—
Indo lá mais adiante
Com o Senhor se encontrava.
—Porque chora, minha Mãe,
Oh, minha Mãe da minh'alma?!—
—Não choro as almas perdidas,
Que por ti serão ganhadas;
Choro por ver tuas carnes
Tão doridas e rasgadas:
Choro por ver do teu sangue
As ruas ensanguentadas.—
—Ai! minha Mãe, minha Mãe,
Que esta gente vae ser salva!
Suba alem, áquelle outeiro,
Onde a cruz está cravada;
Quando o meu sangue correr,
Toda a culpa será paga.

—

Fez o Senhor, testamento,
N'elle a todos se deixava.
Deixou a São Pedro, a chave,
Para que o Ceu governára;
A São Miguel, a balança,
Para que as almas pesára;
A São João, o deserto,
Para que logo o habitára;
O coração deixa á Virgem,
Coração que tanto a amára.
De todos já despedido,
Subindo á cruz expirára.

—

Vendo a Mãe, seu filho morto,
Com tamanha angustia d'alma,
De Angustias lhe deo o nome,
Por elle fica adorado.

NOSSA SENHORA DAS ANGUSTIAS—de Chavões.

Os condes de Unhão, tinham uma bôa quinta, no termo de Santarem, denominada de *Chavões*. N'esta quinta ha uma formosa ermida, de bôa architectura, dedicada a Nossa Senhora das Angustias, de grande devoção para os povos visinhos. Os condes lhe faziam todos os annos uma soberba festa.

Dizem alguns que está Senhora foi trazida de Roma, por Fernão Telles de Menezes, que foi feito conde de Unhão (o 1.º) por Philippe 4.º, em 7 de junho de 1630.

NOSSA SENHORA DOS ANJOS—da Lourinhan.

Na á villa da Lourinhan, e ao norte d'ella, em uma espaçosa e fertil planicie, está a ermida de Nossa Senhora dos Anjos.

Eis a sua lenda:

Em 1490 estava este sitio occupado por um frondoso bosque de loureiros (de cuja circumstancia pretendem alguns, se derive o nome de Lourinhan, dado á villa). Uma devota mulher que por alli passou, viu uma formosa imagem da Virgem, sobre um dos loureiros, e foi dar parte ao parocho da freguezia, que a foi logo buscar em procissão para a egreja; mas ella fugio, tornando a apparecer no loureiro—pelo que trataram de edificar-lhe aqui uma ermida, que é a actual.

Diz a lenda, que, pelos annos de 1640, dizendo missa no altar da Senhora um resoluto franciscano, muito virtuoso, do mosteiro de S. Sebastião da Piedade (Xabreganos) da mesma villa, chamado frei Sebastião da Piedade; lhe pareceu que a Senhora estava viva. Terminada a missa, e revestido como estava, subiu ao altar, e com um alfinete picou a ponta de um pé da santa imagem, do qual sahiu uma pinga de sangue. D'ahi a pouco tempo, um beneficiado da matriz, chamado Miguel Jorge, repetiu a experiencia e aconteceu lhe o mesmo. Estes dois clerigos pouco tempo sobreviveram a este facto.

Para se evitarem estas *experiencias*, man-

daram os mordomos recolher a Senhora em um nicho envidraçado.

A imagem é de pedra, com 0,m50 de alto e de bôa esculptura.

A capella é annexa á egreja matriz, de Nossa Senhora da Annunciação da mesma villa. A festa de Nossa Senhora dos Anjos, é a 15 de agosto, e sempre muito concorrida.

NOSSA SENHORA DE ANUMÃO, ou de **ANAMÃO** — A pag. 206, col. 1.ª, no fim, do 2.º vol., fiz apenas mensão do sanctuario de Nossa Senhora de Anumão—aqui relatarei o que ha a dizer, com respeito a este sanctuario e á sua padroeira.

Dá-se-lhe o nome de Nossa Senhora de *Anumão*, porque ao sitio em que appareceu se chamava *Anumão.* [1]

Está a capella em um valle, junto á raia da Galliza, cercado de altos e alcantilados montes, e serras penhascosas.

Segundo a lenda, appareceu a Senhora, no concavo de um penedo altissimo, e alli mesmo construiram os povos a sua capella, que é muito antiga; mas não se sabe a data da apparição da Senhora, nem da fundação da capella.

A entrada para a ermida, é por uma veiga muito plana e dilatada, com uns 30 a 35 kilometros de circumferencia. Aqui nasce um regato, onde ha a ponte chamada *Pedrinha*, que se diz ser obra dos mouros. Tambem na mesma veiga corre outro ribeiro, que passa ao *Porto dos Cavalleiros*, e diz-se que a sua agua tem a virtude de tirar o lixo da bocca das creanças, e de curar outras enfermidades.

Quando o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, por aqui passou, em visita á sua diocese, vendo a aspereza e solidão do sitio, disse — «Tarde por aqui passará outro arcebispo!» — e assim foi; porque, só pelos annos de 1700, aqui esteve o cardeal D. Verissimo de Alencastre, quando era arcebispo de Braga.

É este sitio tão excessivamente frio no inverno, que até gela o vinho, sendo preciso derretel-o ao lume, para se poder beber.

Por esta razão, está a capella só e deserta, desde novembro até abril; mas depois é muito concorrida de romeiros.

NOSSA SENHORA APPARECIDA — na comarca e concelho a 12 kilometros de Barcellos, junto á estrada que vae de Braga para Vianna do Minho, e no territorio da freguezia de S. Martinho de Balugães (vol. 2.º, pag. 315, col. 2.ª, no fim) está um pequeno monte, e a capella de Nossa Senhora Apparecida. Eis a sua origem, segundo a lenda:

Em 1702, havia na freguezia de Balugães, um mancebo quasi mentecapto, chamado João (depois João de Nossa Senhora Apparecida) filho de um pedreiro, por nome André Alves. O mancebo, posto que pouco atilado, era muito devoto de Nossa Senhora, e de boas inclinações. Em certo dia d'aquelle anno lhe appareceu a Santissima Virgem, ordenando-lhe que dissesse ao pae que queria que sobre o tal monte lhe erigisse uma capella.

O moço revelou ao pae e aos visinhos, esta apparição e esta ordem; mas ninguem lhe deu credito, em razão da sua reconhecida simplicidade. Tanto porém instou que o pae foi, com outros, ao monte, e ahi viu a Senhora, sobre um grande penedo.

Trataram logo de se cotisarem com esmolas e alli mesmo construiram uma pequena capella a Nossa Senhora, e uma dona de Braga deu para o seu altar, uma imagem, de 0,m50 d'altura.

Em breve se espalhou por aquellas redondezas a fama dos muitos milagres attribuidos a esta Senhora, e as offerendas correram para aqui em grande quantidade.

Uma nobre senhora da villa de Barcellos, chamada D. Antonia, vendo que a imagem da padroeira era muito pequena, mandou, á sua custa, fazer outra ao Porto, de excellente esculptura, e com o dobro da altura. Foi esta imagem collocada no seu altar, no 1.º de novembro de 1704. D. Pedro II, offereceu á Virgem, uma rica corôa de prata.

Do monte onde se edificou a primitiva capella se descobre um bonito e vasto hori-

[1] Talvez corrupção de *anno máo*—o anno de 1124, em que uma grande fome, e uma terrivel peste devastou Portugal, e o qual anno, por isto, fez época, e se chamou *anno-máo.*

sonte, assim como a estrada que vae de Braga a Ponte do Lima (d'onde dista 12 kilometros) e para Vianna (d'onde dista 16 kilometros). Fica esta capella distante 3 kilometros do mosteiro de Carvoeiro.

Foram tantos os milagres attribuidos á Senhora Apparecida, tão grande a concorrencia dos romeiros, e o numero das offerendas, que os visinhos projectaram edificar-lhe um templo mais vasto, por o antigo ser muito pequeno.

Chegou á noticia do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, o grande concurso de devotos que hiam visitar esta capella, e querendo desenganar-se com os seus proprios olhos, alli foi, pelos annos de 1706. Nomeou para eremitão, ao tal João, a quem a Senhora tinha apparecido, e que já estava com perfeito juizo.

Mandou edificar á Senhora, um vasto e magestoso templo, que é o actual, concorrendo os povos com o que podiam, e com muitas carradas de pedra. Concluiu-se, e foi n'elle collocada a Senhora, com uma grande festa em 1709.

E' esta pois a bella egreja de Nossa Senhora Apparecida, tão famosa em toda a provincia do Minho.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Vide *Pias*, do concelho de Monção.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Junto ao logar dos *Chãos*, freguezia, concelho, e 2 kilometros ao N. E. d'Aljubarrota, nos antigos *coutos d'Alcobaça*, está uma grande capella, dedicada a Nossa Senhora das Areias, edificada pelos annos de 1630, sendo bispo de Leiria, D. Diniz de Mello.

O povo d'alli, conta a sua origem d'esta maneira.

Hindo, no dito anno de 1630, uma mulher, cujo nome se ignora, do logar dos Chãos, ao *sol posto*, buscar um cantaro d'agua, perdeu no caminho umas chaves que levava; pelo que vinha para casa chorando, com receio de ser maltratada por seu marido, que era um homem muito cruel.

Quando passava ao sitio onde hoje é a egreja, viu uma formosissima mulher, sentada sobre um pequeno penedo, a qual lhe perguntou porque chorava. Depois de muito instada, declarou a razão do seu pranto, e a tal mulher formosa, lhe disse que fosse para casa sem receio, pois que lá havia de encontrar as chaves, no sitio que lhe indicou—o que se verificou.

Tornou a mulher, ja muito alegre, ao sitio, dar as graças á que a tinha tirado d'este perigo, e perguntou-lhe quem era. Então a sua salvadora lhe respondeu.

«Eu sou Maria, mãe de Deus, e quero que vás aos moradores da villa, e lhes digas que quero que me façam aqui uma egreja, com o titulo de Santa Maria das Areias.»

Principiou o povo, sabedor d'esta apparição, a concorrer ao penedo no qual a Senhora tinha sido vista pela mulher, e como n'aquelle tempo grassavam n'aquella villa, com muita intensidade, febres intermitentes, os doentes raspavam areias do penedo e as bebiam diluidas em agua, na firme convicção de que cessava a molestia, e, com effeito, a fé quasi sempre operava a cura.

Era então bispo de Leiria, D. Diniz de Mello, que tendo noticia da historia do penedo, e julgando tudo superstição do povo e patranha da mulher, mandou remover d'aqui o penedo, fazendo-o conduzir em um carro para Aljubarrota, e alli o mandou collocar nas lojas das casas onde elle residia temporariamente.

No outro dia pela manhã, tinha o penedo desapparecido, e o bispo entendeu que os dos Chãos, o tinham roubado de noite. (Dois homens, sem grande difficuldade, o podiam levar em uma padiola.)

Tornou a mandal-o buscar aos Chãos, e d'essa vez, o mandou pôr no seu quarto, e junto da sua cama; mas tornou a desapparecer.

O bispo então, acreditou no milagre, e mandou fazer uma capella á Virgem, fazendo collocar o penedo debaixo do seu altar.

O povo mandou fazer a imagem da padroeira.

A sua festa é a 8 de setembro.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — de Anha, na provincia do Minho.

Já a pag. 216, col. 2.ª (sob a palavra *Anha*, ou *Darque*) e a pag. 238 G, col. 1.ª (sob a pa-

lavra *Areias* —Nossa Senhora das) e a pag. 465, col. 1.ª, no fim (sob a palavra *Darque*) fallei d'este Sanctuario de Nossa Senhora das Areias; mas sómente com relação á invasão d'areias que submergiu quasi todos os campos e logares d'esta freguezia; agora tratarei unicamente do Sanctuario.

Submergida a antiga egreja matriz de Nossa Senhora das Areias, quasi completamente (pois apenas ficou a capella-mór) pelos annos de 1500, e construida a nova egreja parochial, no sitio em que hoje a vemos, os devotos da Senhora, uniram á velha capella-mór um pequeno corpo de egreja que fizeram, ao qual juntaram um alpendre ou galilé, do lado do S., e uma casinha, com uma cêrca, para residencia do eremitão, que cuidava da Senhora e da capella. Tambem lhe construiram um paredão, com seu caes, para resguardar a capella da invasão das ondas do mar.

Antigamente, em testemunho de reverencia á velha matriz, era n'esta ermida que os novos abbades d'Anha vinham tomar posse official da freguezia. Tambem eram os abbades que apresentavam o eremitão da capella.

A esta antiga freguezia se dava indistinctamente o nome de Santa Maria d'Anha, ou Nossa Senhora das Areias.

Os antigos abbades de Nossa Senhora das Areias, apresentavam os vigarios da actual freguezia de S. Thiago, d'Anha; e da de São Sebastião, de Darque, que antigamente tinham sido aldeias da primitiva parochia d'Anha.

A imagem da Senhora das Areias, posto ser antiquissima, é de boa esculptura, e quasi de tamanho natural. Está sentada em uma cadeira, com o menino Jesus nos braços.

A sua festa, a 15 de agosto, é sempre concorridissima; porém, em todo o anno aqui concorrem romeiros e *clamores*, de 5, 6 e mais leguas de distancia.

A 25 de março (Annunciação da Santissima Virgem) vão algumas freguezias.

No dia de S. Thiago, apostolo (25 de julho) vão sete freguezias.

No 1.º sabbado de agosto, vão 30 freguezias.

A 10 d'agosto (dia de S. Lourenço) vão seis freguezias.

A 15 d'agosto, dia da festa principal, vão nove freguezias.

Todos estes clamores vão acompanhados dos seus respectivos parochos, cruzes, guiões, bandeiras, etc.

Deu origem a estes clamores, um voto feito por occasião de uma grande sêcca.

NOSSA SENHORA DAS AREIAS — Vide *Vagos*.

NOSSA SENHORA DA AROEIRA, ou do **VALLE** —Vide *Valle do Mosteiro*.

NOSSA SENHORA DA ARRABÁÇA—Vide *Valle da Aguia*.

NOSSA SENHORA DA ARRÁBIDA—(Vol. 1.º, pag. 238 KK, col. 2.ª)

O famoso Sanctuario de Nossa Senhora da Arrabida, teve (segundo a lenda) a origem seguinte:

No anno do nascimento de Jesus-Christo, foi vista d'esta serra uma estrella de refulgentissima luz, egual á que então brilhou em toda a Hespanha. (Manuel de Faria, *Europa*, tomo 1.º, parte 2.ª, cap. 16.)

Como este facto coincidisse com o nascimento do Redemptor, os christãos, muitos annos depois, consagraram esta serra á Santissima Virgem.

Pelos annos 1215, reinando em Portugal D. Affonso II, se dirigia a Lisboa uma náo ingleza. O mar estava embravecido, e era uma noite escurissima; pelo que a náo, perdendo o rumo, estava a ponto de se despedaçar contra os rochedos da serra da Arrabida.

Vinha a bordo um religioso agostiniano, chamado Hildebrando, que era capellão da náo, [1] ou de um fidalgo que vinha de passagem, chamado D. Bartholomeu.

Trazia o religioso, no seu beliche, uma imagem de Nossa Senhora, e vendo-se em tamanho perigo, foi buscal-a, para que toda a tripulação a exorasse pedindo-lhe o salvamento; mas não a achou, o que lhe causou grande terror, bem como a toda a marinhagem. Ajoelharam todos, pedindo entre lagri-

[1] A Inglaterra era então toda catholica, e o foi até ao reinado do impio hereje Henrique VIII, no seculo XVII.

mas, á Santissima Virgem, que os livrasse de tão grande afflicção.

Viram então na encosta da serra que olha para o mar (S.) uma brilhante cruz, que alumiava tudo, como se fosse claro dia, podendo assim a náo salvar-se do perigo imminente; porque no mesmo momento applacou o furor das ondas.

Fundearam até pela manhan, e então foram ao sitio em que tinham visto brilhar a milagrosa cruz, o religioso e os principaes tripulantes da náo.

Em logar da cruz, viram a imagem da Senhora, que frei Hildebrando havia tido no seu camarote. Entenderam que a Senhora queria ser adorada n'este sitio, e por isso todos subscreveram com esmolas para que, com licença do bispo de Lisboa, aqui se edificasse uma ermida, o que logo teve effeito. Construiram tambem um aposento para o religioso e para D. Bartholomeu, que o quiz acompanhar n'aquella asperrima solidão.

Passados alguns annos, instituiu frei Hildebrando, junto á capella, um mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho, com auctorisação de D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa.

Foi este mosteiro habitado por mais de duzentos annos, mas não podendo os religiosos (que foram sempre poucos) resistir ás inclemencias e asperezas do sitio, o desampararam, e por muito tempo apenas aqui residia um devoto eremitão, para cuidar da ermida da e Senhora.

No reinado de D. João III (1539), sendo duque de Aveiro, D. João de Lencastre, (irmão de D. frei Antonio de Santa Maria, bispo de Leiria, e filho de D. Jorge d'Alencastre, mestre de S. Thiago) reedificou o mosteiro e o deu, como casa do seu padroado, ao geral de S. Francisco, para que o povoasse de religiosos reformados da sua ordem.

O geral acceitou, pondo alli por primeiro prelado, frei Martinho de Santa Maria, [1] filho do conde de Santo Estevão, e natural de Carthagena do Levante, varão de grande santidade, e parente do duque.

A frei Martinho se uniram logo outros religiosos, de muita virtude, entre os quaes se contaram S. Pedro d'Alcantara e frei João de Aguila, castelhanos, filhos da provincia de S. Gabriel. Foram elles que deram principio em Portugal á provincia dos franciscanos arrabidos, uma das mais rigorosas d'este reino.

A imagem da padroeira é de pedra e tem 0m,20 de altura. Estava sentada em uma cadeira e é de boa esculptura. Tinha ao colo o menino Jesus, e este, tinha na mão esquerda uma ave, e com a direita figurava tirar um espinho de um dos pés. Esta imagem foi por os frades removida para a egreja do mosteiro, collocando na ermida uma nova imagem, a que deram o titulo de *Nossa Senhora da Memoria.*

Passados tempos, imaginaram os frades que a Senhora antiga não estava bem, sentada, e que ficaria melhor se estivesse de pé, pelo que a serraram pela cinta, fazendo-lhe de madeira a parte inferior do corpo. A Senhora tem o menino Jesus no braço esquerdo, e como o direito estava apoiado sobre a cadeira, lh'o serraram tambem, substituindo-o por um de páu, empunhando um sceptro de rainha.

O duque, como fica dito, reedificou o mosteiro, no mesmo sitio do antigo, porém depois (1544) resolveu mudal-o mais para baixo, para um sitio menos desabrido.

Aconteceu por este tempo, vir a Portugal, frei João Calvo, geral de toda a ordem franciscana, na Hespanha, que tambem deu o seu consentimento para esta instituição.

Proximo á capella se vê outra ermidinha, que foi a cella em que viveu S. Pedro d'Alcantara. Tem a imagem d'este santo, e uma campainha, com cujo toque elle convocava os outros religiosos para a oração.

Este mosteiro era a cabeça da sua reforma em Portugal, chegando a haver em todo o reino 21 mosteiros dependentes d'elle.

Fóra do mosteiro, e antes de chegar a elle, se vêem dez ermidas, tres das quaes foram principiadas pelo duque d'Aveiro, D. Alvaro de Lencastre, e concluidas e feitas as outras

[1] O duque, hindo em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, famoso Sanctuario de Castella, alli encontrou frei Martinho, e o trouxe para Portugal, e lhe fundou este mosteiro.

sete, por sua nora, D. Maria Manrique, marqueza de Torres-Novas, e depois, duqueza d'Aveiro. Esta senhora gastou nas ermidas trinta mil cruzados (12 contos de réis), mas, retirando-se para Castella, ficaram as capellas completas, mas sem imagens.

Tambem, a pouca distancia do mosteiro, está uma caprichosa capella, dedicada ao Menino Jesus, mandada fazer pelo dito duque, D. Alvaro, de singular e engenhosa architectura.

Esta capella é oitavada, tendo no centro, um altar com quatro faces, cada uma com sua frente, ara e alampada, e em todas as quatro se dizia missa. No meio d'ellas, está o Menino Jesus, em um tabernaculo. É um templo luxuoso, e o unico, no seu genero, em Portugal. Consta que importou em dezoito mil cruzados. (7:200$000 réis.)

No districto do mosteiro, e dentro da sua cêrca, ha muitas ermidas, com os passos da paixão de Jesus-Christo, e perto da egreja, a capella de Nossa Senhora da Piedade, para a qual foi mudada a imagem do Senhor-Morto, de estatura natural (que primeiro esteve na egreja do mosteiro), em 1715.

Já se sabe — tudo isto está muito damnificado.

Para o mais que se desejar saber, vide *Arrabida*, serra, no logar indicado, do 1.º volume.

—

Todas as mais capellas que aqui faltam, devem ser procuradas, ou nas terras da sua situação, ou na palavra *Sanctuarios*.

Declaro porém, que, para não enfadar os leitores com a relação de todas as capellas e ediculas que ha no reino, só mencionarei as que julgar mais dignas de memoria, pela sua antiguidade, pela sua architectura, ou pelos factos historicos que nos recordarem.

NOSSA SENHORA DA CARIDADE, freguezia do Alemtejo. Vide *Caridade*, a pag. 110, col. 1.ª, no principio, do 2.º volume.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Algarve.—Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 1.ª, no fim.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Alemtejo. — Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 2.ª

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO — Vide Lisboa.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, freguezia do Algarve.—Vide *Conceição*, 2.º vol., pag. 366, col. 2.ª, a ultima mencionada.

NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO — A pag. 379, col. 2.ª, do 2.º volume, fallei da aldeia da *Consolação*, no concelho de Peniche.

Como depois d'isso (em setembro de 1875) fui de proposito visitar esta povoação, accrescento n'este logar, mais o seguinte:

—

Ha aqui uma bonita e ampla capella, de Nossa Senhora da Consolação (que deu o nome á aldeia). Tem capella-mór, toda forrada de azulejos, e o corpo da egreja tambem tem as paredes revestidas de azulejos, até dois metros da sua altura.

Todos estes azulejos teem formosas pinturas, representando os passos da vida de Nossa Senhora.

Notei que todas as egrejas e capellas d'estes sitios são forradas de formosos azulejos, rivalisando na perfeição do desenho, com os melhores de Lisboa.

A capella tem a porta principal virada para o mar, que lhe fica a uns 150 metros ao O. — É muito bonita e está cuidadosamente ornada e caiada de novo, interna e externamente. Tenho visto egrejas parochiaes mais pequenas.

Pertence á freguezia de Athouguia da Baleia (e não á de Peniche, como por mal informado disse no 2.º volume).

O Sanctuario Marianno, ou não traz esta capella, ou é a que menciona a paginas 130 do tomo 2.º; mas, se é esta, vem errada, pois a dá na freguezia de *Chão de Parada*, parochia que não existe, e no termo da villa de Obidos, quando o é no de Peniche, e, mais propriamente, no da villa de Athouguia da Baleia, cabeça de um antiquissimo concelho, que foi supprimido depois de 1834, e encorporado no de Peniche.

Está capella é antiquissima, e não se sabe quando nem por quem foi edificada. O mes-

mo *Sanctuario Marianno*, se é d'esta que falla, não sabe nada da sua origem.

Ao S. e ao E. da capella, estão bonitas casas, que servem de aposento ás pessoas que vão para alli tomar banhos, e aos habitantes do logar.

A villa de Atouguia, fica a 2 kilometros a E.

Mesmo em frente da capella, sobre uma ponta de rochedos calcareos que avança para o mar, está uma fortaleza, menos mal conservada; mas sem guarnição. Tem ainda algumas peças de ferro, de grosso calibre, mas completamente inuteis, carcomidas de ferrugem e desmontadas. Tem ainda de pé e bem conservado, parte do quartel militar, com tarimbas de madeira, em bom estado: o resto do quartel tem apenas as paredes, desmanteladas.

É sólidamente construido sobre os rochedos, e com pequeno dispendio se punha em bom estado de defeza. Foi construido por D. Affonso VI, pelos annos de 1665. — Sobre a porta da fortaleza, estão as armas de Portugal, ainda *picadas* pelos francezes, em 1807, sem haver uma camara que as reformasse, ou que, ao menos, fizesse como fizeram na porta da cidadella de Peniche, que lhe pozeram os castellos e os escudos postiços.

Por baixo das armas, está uma extensa inscripção, que não pude ler, porque, ficando bastante alta, era preciso uma escada, que não achei, apezar de mandar percorrer todas as casas da povoação.

Teve *ponte levadiça* sobre o fosso, que é bastante fundo, a qual está hoje substituida por uma ponte de pedra.

Fóra das portas do fórte, entre elle e a capella, ha um não pequeno baluarte, muito mais antigo do que o forte, e de robustas muralhas, olhando as suas canhoneiras para Peniche, que lhe fica a ONO. — Consta que estas fortificações são do tempo de D. João I.

O forte da *Consolação*, a cidadella e praça de Peniche, e a pequena peninsula e ilheus do Baleal, formam um triangulo, e se fossem bem aproveitadas estas posições e a da Berlenga, seriam as mais temiveis de todo o nosso littoral. (Vide *Peniche*).

NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO, de Alvados, ou de *Albardos*.

A pag. 170, col. 2.ª, do 1.º vol., tratei d'esta freguezia; mas depois obtive mais alguns esclarecimentos, e são os seguintes:

A parochia de Nossa Senhora da Consolação, de Alvados, era filial da de Nossa Senhora dos Murtinhos, a cuja egreja estava annexa uma ermida que havia no logar de Alvados, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, e a ella hiam os beneficiados da egreja dos Murtinhos, dizer missa, por turno, aos moradores, nos dias sanctificados, recebendo por isso certa renda, em trigo; mas hiam receber os sacramentos á de Porto de Mós, e n'ella se sepultavam.

Sendo Summo Pontifice, Paulo IV, se impetrou breve, para que a referida ermida fosse elevada a egreja matriz, o que o papa lhe concedeu, por bulla pontificia, em 1558.

A collegiada de Ourem, apresentava o cura, e lhe pagava duas partes da *ordinaria*, que tinha o commendador, que vinha a ser — 80 alqueires de trigo, 25 almudes de mosto e 4$000 réis em dinheiro.

Eram obrigados á fabrica da egreja, capella-mór e sacristia, os vigarios das egrejas de S. Pedro, S. João, e da dita collegiada; todos com igual parte.

Tambem eram obrigados a dar casas para residencia do cura; que além do que fica mencionado, tinha algumas amentas — voluntarias — de meio alqueire de trigo.

Tinha esta freguezia em 1650, 210 fogos.

A capella-mór da egreja, é de abobada. O altar-mór, foi feito á custa dos freguezes, em 1645; custou o feitio, 40$000 réis. — A madeira foi dada pelo povo, assim como os carretos.

Em frente da freguezia, lhe fica o *Patel*, na serra d'Albardos.

Não ha na freguezia fonte alguma, e, apenas um poço, de muito bôa agua, no campo que fica por baixo do logar, e do qual poço todos bebem. Junto d'elle está uma lagôa que nunca sécca, d'onde bebem os gados. Na *Serra da Pia Carneira*, ha pias naturaes, que levam pipas d'agua, da chuva, que conservam até ao verão, sendo então aproveitada.

Este campo é muito fertil; mas é pouco extenso.

Ha no districto d'esta parochia as ermidas seguintes:

Em *Pia-Carneira*, uma, dedicada a S. Sebastião, feita por um particular, em 1604. Os moradores do logar, e seus visinhos, são obrigados á sua fabrica.

No *Covão da Nogueira*, outra, dedicada a S. Bento.

Nos *Penedos-Altos*, outra, da invocação de Santo Antonio.

Ambas estas capellas foram construidas pelos moradores dos respectivos logares, e são por elles fabricadas.

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, freguezia do Alemtejo.—Vide *Esperança*—vol. 3.º, pag. 60, col. 2.ª

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA—Vide na mesma pag. 60, a freguezia que vae descripta depois da antecedente.

NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, de Alpedriz.

Já tratei d'esta freguezia, a pag. 159, col. 2.ª, do 1.º vol.—Accrescento agora mais.

O priorado d'esta freguezia é muito antigo, e tinha beneficiados. Foi primeiramente da invocação de Santa Maria Magdalena. O prior é que apresentava os beneficiados, e collava, e mandava, com censura aos notarios que lhes dessem posse.

Extinguiram-se os beneficios, e parte do priorado; mas não consta quando, nem porque.

Tinha o prior, duas partes dos fructos, e o pé de altar, offertas, residencia, e passaes.

Tinha esta freguezia, em 1650, 150 fogos.

O prior e os parochianos eram obrigados á fabrica da egreja.

A' fabrica da capella-mór e da sacristia, éra sómente obrigado o prior.

Ha na egreja, e guardadas em um cofre, umas reliquias, mas não se sabe de quem.

Capellas

Junto á villa, e pela parte de cima, está a ermida de Santo Antonio.

Na *Ribeira do Pereiro*, ha a de Nossa Senhora da Consolação.

Ambas são fabricadas pelos moradores.

No logar dos *Montes*, ha a de São Vicente, edificada—por ordem do visitador—em 1652. O povo é obrigado á sua fabrica.

Teve, quando era concelho, juiz, vereadores, procurador do concelho, casa da camara, com cadeia, e um açougue do municipio.

O corregedor de Leiria conhecia das causas d'esta villa, não como corregedor, mas como ouvidor do mestrado de S. Bento de Aviz.

O juiz de fóra, hia cada anno, com um dos seus escrivães (por turno) lançar-lhe as sizas.

Teve n'esta villa, como em cabeça de commenda d'Aviz, Ayres de Souza e Castro, os direitos dos oitavos dos linhos, vinhos e outros generos, que, uns annos por outros, rendiam 40 a 50$000 rs. O resto da commenda era em *Tremez* e *Rio-Maior*.

NOSSA SENHORA DA FREIXA — Vide *Freicha e Marco de Canavezes*.

NOSSA SENHORA DO FREIXO—é o nome antigo, da actual freguezia do Freixo, no Alemtejo. E' a 2.ª mencionada a pag. 233, col. 2.ª, do 3.º vol.

NOSSA SENHORA DA GAIOLA—das *Córtes*.

Tratei d'esta freguezia, a pag. 402, col. 1.ª, do 2.º vol. Agora augmento mais o seguinte.

No anno de 1550, o bispo de Leiria, D. Braz de Barros, erigiu provisoriamente a ermida de Nossa Senhora da Gaiola, no logar das Córtes, em egreja parochial, para os moradores d'este logar e circumvisinhos, em quanto se não construisse a egreja da Sé d'aquella cidade, para onde tencionava mandal-os.

Ficou a nova freguezia, com 80 fogos.

Em 1582, o bispo, D. Pedro de Castilho, creou definitivamente esta parochia, ficando a mesma ermida servindo de egreja matriz, em quanto se não construia a nova.

Em 1607, estando a egreja parochial concluida, para ella se mudaram as imagens, utencilios e paramentos da capella, que o bispo D. Martin Affonso Mexia, mandou

demolir. O cabido oppôz-se a esta deliberação e houve letigio; mas a ordem do bispo prevaleceu, e a capella foi demolida.

A fabrica da Sé, era obrigada á fabrica da capella-mór, sachristia e meio arco do cruseiro, e os freguezes a tudo o mais.

O cura tinha de *ordinaria*, 60 alqueires de trigo, 25 almudes de môsto, e do bispo, em dinheiro, 3$000 rs. Tinha mais, o pé de altar. Regulava isto por 60$000 réis de rendimento. Tinha residencia (por detraz da egreja) a cuja fabrica eram obrigados os freguezes.

Em 1650, tinha 210 fogos.

O logar das Córtes, é fresco no verão, e tem muitas vinhas e pomares de varias fructas. Tem uma varzea que dá muito pão.

Ermidas

No logar das *Córtes*, ha a capella de *Nossa Senhora do Rozario*, que foi construida em 1576, sendo bispo D. Gaspar do Casal. São seus administradores, os Azambujos, do mesmo logar.

Ao pé da serra, a de *Nossa Senhora do Monte*, no sitio chamado *Pé-da-Cabeça-do-Bom-Dia*. Foi edificada em 1550 por um particular, que a dotou de rendas para a sua fabrica. Era então bispo, D. Braz de Barros.

A ermida do *Calvario*, que está em um êrmo, e sómente serve para ahi ir a procissão dos Passos.

No logar da *Reixída*, a capella de *Santa Martha*. Foi mandada fazer pelo bispo D. Diniz de Mello, para administração dos sacramentos; e por isso, os moradores d'aquelle logar e circumvisinhos, são obrigados á sua fábrica.

NOSSA SENHORA DA GLORIA — freguezia, Alemtejo. E' o nome da actual freguezia da *Gloria*, mencionada a pag. 281, col. 1.ª, no principio, do 3.º vol.

NOSSA SENHORA DA LUZ — freguezia, Alemtejo. Vide Luz, a pag. 502, col. 2.ª, do vol. 4.º

NOSSA SENHORA DA LUZ—freguezia, do Algarve—Vide *Luz*, a pag. 502, col. 2.ª, no fim, do 4.º vol.

NOSSA SENHORA DA LUZ—freguezia—Vide no mesmo 4.º vol., a freguezia immediata á antecedente.

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES, freguezia do Alemtejo—Vide *Martyres*, a pag. 114, col. 2.ª, do 5.º vol.

NOSSA SENHORA DOS MARTYRES—freguezia—Vide *Castro-Marim*, villa do Algarve, e *Sanctuarios*, na palavra *Nossa Senhora dos Martyres*.

NOSSA SENHORA DO MONTE — Ha varias freguezias com esta denominação, que já estão no 5.º vol., sob a palavra *Monte*.

NOSSA SENHORA DAS NEVES—freguezia do Alemtejo—Vide *Neves*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Alemtejo. Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Douro (bispado de Coimbra) Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DA ORADA—freguezia do Alemtejo. Vide *Orada*.

NOSSA SENHORA DO PÊSO — As 3 freguezias d'esta denominação, vão todas na palavra *Pêso*.

NOSSA SENHORA DOS PRAZERES—Vide *Prazeres*.

NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO — das *Freixiandas*, ou *Freixiendas*.

Já está a pag. 232, col. 1.ª, no fim, do 3.º vol. Aqui accrescento o seguinte.

Havia junto á villa de Ourem, no logar de *Freixiandas*, um priorado, com boas rendas e beneficiados, instituido em 1445, sendo papa Eugenio IV, e arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Noronha (vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª) por D. Affonso, conde de Ourem e marquez de Valença. [1]

Passado tempo, pediu o marquez, ao arcebispo D. Pedro de Noronha, que, para se celebrarem os officios divinos com mais authoridade, perfeição, devoção e solemnidade, e com maior numero de ministros, lhe alevantasse em collegiada, a egreja de Santa Maria, extinguindo-se as outras vigariarias, priorados e beneficios, quando vagassem; para se crearem as dignidades e conegos. Assim se fez, excepto nas egrejas de Porto de Moz.

[1] Era filho de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, e neto (por bastardia) de D. João I.

Assim, ficou o marquez com duas terças partes dos disimos de todos os fructos do seu districto, que era—a freguezia da collegiada —as das Freixiandas, Seiça, Olival, Fatima, e Santa Catharina da Serra. A outra terça parte, era do cabido de Lisboa, e do collegio (jesuita) de Santo Antão, d'esta ultima cidade; mas para este collegio, foi só emquanto durassem as obras.

Ainda tinha mais nas egrejas de S. Pedro e S. João, de Porto de Mós, a terça parte dos disimos.

O priorado tinha, álem d'isso, umas casas annexas, e outras propriedades.

—

Extinguindo-se o priorado e beneficios das Freixiandas, como fica dito, ficou a egreja, da invocação de Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias) servida por um cura annual, amovivel, até 1567. Então, sendo arcebispo de Lisboa o infante D. Henrique (irmão de D. João III, e que veio a ser rei de Portugal), em consideração a haver esta egreja sido priorado, e que, sendo vigariaria, seria melhor servida, a erigiu em vigariaria perpétua, reservando para si e seus successores o provimento d'ella; porém o cabido da collegiada de Ourem, oppôz-se, allegando e provando que lhe pertencia a apresentação, por ser egreja unida á collegiada, e obteve sentença á seu favor.

Taxou (o cabido) de *ordinaria*, ao vigario, 40$000 réis em dinheiro, pagos por elle, e o pé de altar da dita egreja e da de S. Jorge, da freguezia, algumas amentas—voluntarias —de meio alqueire de trigo cada uma, nenhuma perpétua: dáva-lhe mais o cabido, dois almudes de vinho, para as missas, e dois alqueires de trigo, para hostias—que tudo andava por 120$000 réis annuaes, de renda. Não tem residencia.

Pôz encargo ao vigario, das missas dos domingos e dias sanctificados, *pro populo*, e ás segundas feiras, pelos defuntos.

O cabido ficou obrigado á fabrica da egreja; mas, no anno de 1639, fez contrato com os freguezes d'ella, e lhes dá cada anno para a fabrica (que elles tomaram sob sua responsabilidade) 6$000 réis e as covagens—que éra—de cada cova, dentro da egreja, cada vez que n'ella se enterrasse algum defuncto, 200 réis.

Foi este contracto com a condição de que —cahindo a egreja, ou arruinando-se, o cabido a mandaria reedificar, ou reparar.

Ermidas

No sitio do *Farrêu*, a de Santo Antonio, construida em 1600, por um particular, que a dotou com rendas para a sua fabrica. Disse-se aqui a primeira missa, em 1601.

Junto ao logar do *Arneiro*, a de S. Jorge, muito antiga. Tem confraria. Faz-se aqui uma romaria e feira no dia do padroeiro.

A de *Rio de Couros*, de Nossa Senhora da Ajuda, junto a uma quinta. Foi construida, em 1633, por um particular, que lhe estabeleceu rendas para a sua fabrica.

No mesmo sitio, entre um olival, está a ermida de Nossa Senhora da Natividade, cujas offertas rendiam cada anno, ao cabido da collegiada, 6 a 7$000 réis. É muito antiga, e fazem-se-lhe algumas romarias. Na festa principal (8 de setembro) ha aqui feira e romaria, muito concorridas.

Esta ermida é actualmente egreja matriz. — Não se sabe quando para aqui foi removida da antiga, mas suppõe-se que foi em 1728, por estar esta data gravado na pia baptismal.

Na *Freixianda*, que é por cima da parochial, a de S. Miguel.

No logar do *Arneiro* (alem da de S. Jorge) a de Santa Martha, construida em 1607, por ordem do visitador. É fabricada pelos moradores do logar e visinhos.

Entre a *Cabeça da Cabra* e a *Aventeira*, a de S. Pedro, apostolo.

Na *Fandoeira* (ou *Fundoeira*) a de S. Romão.

No *Valle de Carvalho*, a de Nossa Senhora da Graça. Todas são fabricadas pelo povo. Foram mandadas fazer pelo visitador, para administração dos sacramentos.

No *Summo*, a de Nossa Senhora da Natividade, feita e dotada por Affonso Pires Loureiro, vigario que foi d'esta parochia, que

deixou administrador e certa obrigação de missas.

Na *Salgueira*, a de Nossa Senhora da Esperança, que tem administrador e fabrica particular.

Na *Charnéca*, a de Nossa Senhora do Amparo, feita por ordem do visitador, para administração dos sacramentos. Concedeu-se licença para esta construcção, em junho de 1657.

NOSSA SENHORA DAS RELIQUIAS—Vi de *Reliquias*.

NOSSA SENHORA DO ROSARIO—Ha tres freguezias d'este nome — para todas, vide *Rosario*.

NOUDAR—Vide *Nodar*.

NOURA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, arcebispado e 105 kilometros a N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Districto administrativo de Villa-Real.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Ha n'esta freguezia tres castellos muito antigos, chamados — *de Noura*, *de Sobrêdo*, e *de Cidadonha*.

Foi villa, e é povoação antiquissima. O seu nome é corrupção do arabe *Naûra*, que significa *nóra* (machina hydraulica).—Vem a ser — *povoação da nóra*.

D. Sancho II lhe deu foral, a 8 de maio de 1224. — Vem no *L.º 2.º das Doações de D. Affonso III*, a fl. 66 v., e no *L.º de foraes velhos de leitura nova*, fl. 131 v., col. 1.ª

D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando o antigo, em Santarem, a 10 de janeiro de 1268. (*L.º 1.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 86, col. 1.ª)

NOVA CINTRA — Vide *Carriche*, vol. 2.º, pag. 127, col. 2.ª

Era aqui a 4.ª estação do caminho de ferro Larmanjat. Fica a 8 kilometros a N.O. de Lisboa.

NOVAES — freguezia, Minho, comarca, e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, tinha em 1757, 54 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

As religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, está actualmente annexa á de *Ruivães*.

NOVÉA, ou **NOVENA** — portuguez antigo — a 9.ª parte. Acha-se este termo com muita frequencia, nos livros e escripturas antigas. Ainda nas côrtes de Lisboa, de 1455, se falla em *pam aneveado*. (Doc. de Lamego, do seculo XIV.)

NOVEGILDE, ou **NOVOGILDE** —Vide *Nevogilde*.

NOVÊLHE —Vide *Brêa* e *Lovêlhe*.

NOVELLAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros ao N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade beneditino, do mosteiro do Bustêllo (Penafiel) apresentava o cura, que tinha 16$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil.

NOZÊDO, ou **NUZÊDO — DE CIMA** — freguezia (supprimida) de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 65 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Nozêdo Traspassante*.

O reitor de *Tiozêllo*, ou *Toizêllo*, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia está hoje annexa á de *Tiozêllo*.

NOZÊDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros a N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 40 fogos.

Orago, o Salvador.

O parocho era vigario, confirmado, da apresentação do reitor da freguezia de Santa Leocadia de Moreira. (Vol. 4.º, pag. 89,

col. 2.ª) e tinha de rendimento, 55$000 réis.

Esta freguezia, está, desde o fim do seculo XVIII, annexa á de Santa Leocadia de Moreira.

Ambas tinham sido do extincto concelho de Carrazêdo de Monte-Negro.

NOZÊDO DE SUB-CASTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 80 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 21 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordéllo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII annexa á de Rebordéllo, d'este concelho.

NUMÃO — freguezia (e antiquissima villa), Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa-Nova de Foz-Côa (foi antigamente do concelho de Freixo de Numão, comarca da Pesqueira), bispado e 50 kilometros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo da Guarda.

Situada em logar muito alto e forte, pelo que tambem se chama *Monforte*.[1] É cercada pelo Douro e Teja, aquelle pelo N. e este pelo E.—Vide *Teja, rio*.)

Tem um castello com 15 torres, de cantaria, tudo arruinado, e uma torre com seu relogio.

É uma das mais antigas povoações da Peninsula, como adiante direi.

Foi povoação romana, gothica e arabe. Com as guerras que os irmãos D. *Thedon* (*Theudo* ou *Thedo*) Ramires e D. Rauzendo Ramires—(filhos de D. Hermigio Albazar Ramires e de D. Dordia Ozores, e netos do infante, D. Alboazar Ramires (o Cid) e de D. Helena Godes—e bisnetos de D. Ramiro II, rei de Leão, e da formosa Zahara (Vide *Ancora, Cabriz, Calle, Granja do Tedo, Paredes* e *Rezende*)—com as guerras, digo, que aquelles dois cavalleiros fizeram por estes sitios, desde 1030, aos mouros, estes abandonaram as suas povoações da margem esquerda do Douro, pelo que, d'ahi a cem annos, achou D. Affonso Henriques e sua mãe, esta villa deserta, e a deram a D. Fernão Mendes de Bragança e a seus filhos, que n'esse anno (8 de julho de 1130) a povoaram, e lhe deram foral, dando-lhe n'elle o titulo de cidade. Este D. Fernão Mendes era genro de D. Thereza e cunhado de D. Affonso Henriques.

Em 1285, o rei D. Diniz, reedificou e ampliou muito as antigas fortificações, ou, segundo outros, mandou construir tudo de novo, aproveitando os materiaes das obras mouriscas.

Dentro do castello ha uma notavel cisterna de cantaria, de optima agua.

Deu-lhe carta de confirmação do seu antigo foral, e a cathegoria de villa, n'esse mesmo anno de 1285.

No primeiro foral d'esta villa (o de Fernão Mendes) depois de dizer—*O homem que deixar sua mulher, peite um coelho ao juiz (!)*—*continúa*—*Et si aliquis quescierit revelare illa mulier ad suum maritum: quantas noctes iluc revelaverit, tantos CCC* (300) *sol.* (soldos) *pectet ad suum maritum, et ad Palatium.*

Este *revelare*, deve entender-se pelo ajuntamento da mulher com o homem; porque na Sagrada Escriptura se emprega varias vezes o termo — *revelare turpitudinem*, no mesmo sentido.

Consta que já no tempo dos romanos foi praça de guerra, e um dos seus principaes presidios.

As muitas medalhas romanas, de ouro, prata e cobre, que no seu castello e visinhanças se teem achado, o provam plenamente.

Parece que esta povoação é mais antiga do que o dominio dos romanos na Lusita-

[1] No foral que D. Fernão Mendes de Bragança e seus filhos deram á *cidade* de *Nomam*, em 1130 (como fica dito a pag. 236, col. 2.ª, do 3.º vol.) se diz d'ella — *cognomento Monforte*.

nia, porque já no tempo d'elles se chamava *Naumam*, palavra da antiga lingua hispanica, que significa *cidade* ou *povoação* fortissima, edificada sobre escarpados rochedos.

Não erá só a este castello que se dava o nome de *Naumam*. No testamento de D. Flamula (Chama, em portuguez) feito em 960 (*Livro 1.º de D. Mumadona, de Guimarães, fl.* 7) a varias fortalezas edificadas sobre rochedos se dava o mesmo nome, que era generico; porem Numão, era assim chamado por excellencia, ao que parece. N'aquelle testamento, se designam com o titulo de *Naumans*, os castellos de *Langobria* (Longrôiva) *Pena de Dono* (Penedôno) *Semorzelli* (Cernancelhe?) e outros. Vide *Langroiva*.

No foral de D. Fernão Mendes de Bragança, dado aos povoadores de Numão—expressamente se diz—*Civitate Nomam, cognomento Monforte*—Vê-se pois que *Monforte* é synonimo de *Naumam*.

Na carta de confirmação de foral, que á villa deu o rei D. Diniz, lhe conserva o nome de Monforte.

Em 1145, o mesmo D. Fernão Mendes, tendo povoado o castello de *Langrovia*, entre Marialva e Numão, o doou aos cavalleiros do Templo.

Desde antes de 1130, até depois de 1145, era Numão, Penadono, Langroiva, Marialva, e todas as mais egrejas d'entre o Côa e o Tavora, do arcebispado de Braga. (*Mon. Lus.*, V., fl. 174.)

A falta de bispos em Viseu e Lamego, fez com que se alargassem os limites do arcebispado de Braga, e do bispado de Coimbra, sem attenção ás antigas demarcações.

—

Até ao fim do seculo XIII, se acha sempre esta villa denominada *Monforte*, ou *Numão*. Depois, decahindo esta povoação, e prosperando o logar do *Freixo*, se começou este a chamar *Freixo de Numão*, tomando por armas—uma mão estendida ao alto, debaixo de uma corôa imperial, entre um N. e um E, que quer dizer *Nemão*.

Sahindo do castello para a villa, pela porta que está ao O., se vê uma pedra embutida no muro, do lado direito, que diz:

INCEPIT TURREN IN E M.CC.XXVII
(1189 de J. C.)

Ao entrar pela porta travessa, que está ao N. da egreja matriz da villa de Numão, se vê uma pedra quadrada, que tem ao alto uma pia de agua benta, e na frente esta inscripção:

TI. CLAUDIUS.
SANCIVS. EQ.
CHOR. TIT. LV
SITANORVM.
DIS. DEABVSQ.
CONIVMBRIC.
S. L. M.

Parece ser uma memoria, que Tito Claudio Sanches (ou Sancho) cavalleiro da cohorte Ticia, dos lusitanos, consagrou aos deuses e deusas de Conimbriga, (Condeixa Velha.)

No circuito do vetusto castello, e nos seus muros, se veem muitas inscripções romanas e milhares de sepulturas, tambem com inscripções, nas suas tampas; o que induz a crer que era aqui a famosa *Numancia*, ou, pelo menos, uma cidade importantissima da antiguidade.

—

Em 1238, deu o concelho de Numão, a Dom Abril, uma grande herdade, entre *Cedaví, Muxagata* e Langroivo, *ut faciatis ibi moratam, et pousatam*—e o fizeram seu visinho—*pro adjutorio, et defensione quam vobis facitis, et promittitis facere.*

Em 1242, deu o mesmo concelho, ao dito D. Abril; o *campo da Touça*, ou *Granja da Touça*, sob a mesma condição.

Vindo depois esta propriedade á côroa, o rei D. Diniz a deu ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da villa de Aveiro. Os frades de Tarouca, emprazaram depois o tal campo da Touça, por 360 alqueires de trigo, ou 36$000 réis em dinheiro, que vinha a ser a 100 réis o alqueire.

—

No logar de *Arnozéllo*, termo de Numão, mas em territorio da freguezia de Custoias (vol. 2.º, pag. 461, col. 2.ª) está a capella de *Nossa Senhora da Ribeira*, junto a uma quin-

ta tambem chamada de Arnozêllo. Fica a uns 200 metros da margem esquerda (S.) do rio Douro, em frente do famoso (e temeroso) ponto chamado do *Cachão*, e a 42 kilometros de Lamego.

A sua lenda é a seguinte:

Appareceu (em 1585) a um homem muito virtuoso, chamado Cypriano Rodrigues, natural e morador da villa de Numão, casado com Catharina Francisca, em primeiras nupcias; em segundas, com Isabel Affonso; e em terceiras com Maria Antunes.

A Senhora lhe mandou, que lhe edificasse uma ermida, designando-lhe ella o sitio. Queria o bom do homem cumprir immediatamente a ordem; porem a 1.ª mulher se oppoz, pretextando a grande pobreza em que viviam, e que a apparição seria alguma illusão diabolica.

N'essa noite, acordou Cypriano, e viu a casa cheia de luzes, e ouviu uma voz que fallava. Acordou a mulher, que ouviu distinctamente estas palavras—*Cypriano, não temas, faze a minha egreja, junto ao logar de Arnozello, onde te assignei, e eu te serei propicia.*

A mulher, á vista d'isto, não fez mais opposição, convindo logo na edificação, a que immediatamente se procedeu.

Como eram muito pobres, nem todos os seus haveres chegavam para construir os alicerces; mas tanta fortuna lhe deu a Senhora, que pôde concluir a obra; e augmentando-se-lhe as felicidades nos seus negocios, veiu a morrer bastante rico, deixando a seus filhos uma bôa herança.

Quando deu principio á obra, tinha um pouco de pão em uma dorna, e algum vinho em uma pipa, e tirando de um e outro genero, para a sua familia e para os operarios da capella, nunca até ao fim da obra sentiu diminuição nas suas provisões.

Em 1590, estava a capella concluida, como se vê em uma pedra, sobre a porta principal (do lado de fóra) que diz:

A CYPRIÃO RODRIGUEZ, QUE
MANDOU FAZER ESTA OBRA, NO ANNO DE 1590,
APPARECEU NOSSA SENHORA, SANTA
MARIA DA RIBEIRA.

Mais adiante estão tres letras, que se julga serem as iniciaes do nome do mestre pedreiro, que fez a obra.

Na cruz do remate do campanario, que fica á entrada da egreja, e no qual estão dois sinos, está outra inscripção que diz:

EM 1597 ME FEZ O MESTRE JOÃO
LOURENÇO TRIGO

No retabulo da capella-môr se lê:

FOI FEITO EM 1613

Mandou o fundador fazer logo a imagem da padroeira da sua capella, e pouco tempo depois se instituiu uma irmandade, com cinco jubileus perpetuos, concedidos á casa da Senhora, os quaes se ganham em varios dias do anno, nas festividades da mesma Senhora. Teve um capellão permanente, com residencia, cêrca e fonte, junto á egreja.

Junto á capella ha casas para abrigo de romeiros, que affluem aqui, em grande quantidade.

Pelos annos de 1640, estando em máo estado as paredes do templo, as mandou reparar e ampliar, o bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, da casa dos condes de Vimioso, e que foi embaixador extraordinario, por D. João IV, na curia romana.

E' tão ampla esta egreja, que muito bem podia servir de matriz a uma grande villa.

No retabulo da capella-mór, está o retrato do bispo D. Miguel de Portugal.

—

Cypriano Rodrigues, fez o seu testamento em 1591, que foi aprovado a 19 de maio de 1592. Deixou parte de seus bens á egreja de Nossa Senhora, para, pelos rendimentos se continuarem as obras, com reversão para seus herdeiros, findas ellas.

Impôz aos capellães o encargo de cinco missas annuaes e um responso, que poucos annos se cumpriu, apezar de ser tão limitado, e de ser o testador que lhe deu as casas, cêrca e fonte, que disfructavam.

O fundador, foi sepultado na egreja, em frente do altar da Senhora.

E' esta imagem de muita devoção d'estes

povos, e ás suas romarias concorre gente de muitas leguas de distancia.

—

Tambem no termo de Numão, está a capella de Nossa Senhora do Viso, edificada em tal situação, que a sua capella-mór fica no termo de Numão, na freguezia de S. Pedro, e o corpo da mesma egreja, no da villa de S. João da Pesqueira.

E' uma ampla egreja, com altar-mór e dois lateraes.

Já a pag. 461, col. 2.ª, no fim, do 2.º volume, tratei d'esta notavel capella, e do seu estado actual; mas aqui, accrescento mais o seguinte:

A sua antiga torre dos sinos, denotava uma remotissima antiguidade, e parecia ter sido originariamente construida para torre de *almenára* ou atalaya, dos antigos lusitanos ou dos romanos.

Esta capella está 2 kilometros ao S. O. da freguezia de Custoias (e por isso a descrevi alli) mas estava annexa á freguezia de S. Pedro de Numão, e unida ao mestrado da cathedral de Lamego, mas encorporada hoje na freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, da villa de Numão.

A sua festa é no dia da Natividade da Senhora, a 8 de setembro.

Antigamente pela Paschoa da Resurreição, hiam visitar a casa da Senhora, todas as freguezias dos logares circumvisinhos, e os povos, unidos com os seus respectivos parochos, ahi entravam de *cruzes alçadas*. A mesma visita faziam nos sabbados da quaresma.

Nada se sabe quanto á origem d'esta capella, senão que é antiquissima.

—

De proposito guardei para o final d'este artigo, as noticias sobre a famosissima cidade de Numancia, por ser a parte mais importante d'elle; e porque o povo d'estes sitios—e com elle, muitos escriptores — sustentam que *Numão* é corrupção de *Numancia*, e que aquella está fundada sobre as ruinas d'esta.

—

Quatro são as opiniões que ha, com respeito á situação de Numancia.—A 1.ª diz que esta cidade era onde hoje se vê o castello de Numão—a 2.ª diz que era a cidade hoje chamada Zamóra—a 3.ª diz que era a actual cidade de Sória—a 4.ª sustenta que era no sitio onde agora está a pequena aldeia chamada *Puente de Garay*, pouco acima de Sória.

Notemos, porem, que nas Hespanhas houve tres cidades com o nome de Numancia (provavelmente, porque, como já disse, era generico, e applicado ás povoações fortes, fundadas em sitio pouco accessivel, e sobre rochedos.)

—

A 1.ª, foi a antiquissima e famosa, pela resistencia que fez aos romanos, preferindo os seus habitantes morrerem (como os de Sagunto) a capitularem, e pelo que, conseguindo o grande Scipião conquistal-a, a arrazou pelos fundamentos.

Orosio, no *Livro 15.º*, *cap. 7.º*, *dos Arevacos*, situa esta cidade na raia da Celtiberia no paiz dos arevacos, ou muito proximo d'elles, e da sua mesma raça.

Rotogenes Numantino, dizia a estes povos—*Numantinis consaguineis ipsorum opem ferre nom recusarent*—(que não recusassem dar soccorro aos numantinos seus parentes.)

Estava perto da cidade de *Termes* ou *Thermes*, segundo diz Appiano, e confinava com o paiz dos *lusões*.

Tambem estava proximo dos vacceos, como diz Orosio.

Junto a Numancia passava o rio Douro, e a cidade estava edificada sobre um outeiro; o seu territorio era cortado por dois rios, e os numantinos navegavam pelo Douro; e estava cercada de montanhas. Isto consta dos escriptores citados.

A 2.ª Numancia, tambem era uma cidade muito antiga, e já existia no tempo de Strabão, de Ptolomeu, e do imperador Antonino Pio; pois todos elles a mencionam; mas era mais moderna do que a 1.ª—pois sendo esta arrazada por Scipião, não podia ser a segunda, visto que este famoso capitão, viveu muitos annos antes d'aquelles tres escriptores.

Plinio, que tambem falla de Numancia,

certamente allude a esta 2.ª, pois lhe dá as seguintes confrontações.

Estava a 25 leguas de Zaragoça, entre Voluce e Augustobriga, no caminho de Astorga para Zaragoça, pela Cantabria. Assim mesmo a marcam Strabão e o Itinerario de Antonino.

A 3.ª Numancia, é a actual cidade de Zamora; o que se prova pela divisão dos bispados de Hespanha, feita pelo rei Wamba.

—

D'estas tres confrontações, facilmente se collige, que as da primeira quadram perfeitamente em tudo com as da actual villa de Numão; porém o padre D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Memorias de Braga*, é de opinião que seja a terceira; e esta opinião seguem outros escriptores, que se fundam na circumstancia de não passar por estes sitios, nem mesmo por territorio algum das duas Beiras, o rio *Tejo*. Se fosse só esta a objecção, estava destruida pelos fundamentos; porque ninguem disse, senão por ignorancia, ou por erro de cópia, que o *Tejo* confluia aqui com o Douro.

O rio que passa perto de Numão, juntando-se a pouca distancia com o Douro, é o *Teja* (ou *Tera*) que nasce nas visinhanças de Cedavim, e entra na esquerda do Douro, pouco acima de Numão.

Por signal, que na foz do *Teja*, está a grande quinta das *Figueiras*, da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o Ferreirinha) casada em segundas nupcias com o sr. Torres, da Régua, e mãe da sr.ª condessa da Azambuja e do sr. Antonio Bernardo Ferreira, do largo da Trindade, do Porto).

Esta quinta das Figueiras, é uma das melhores do Douro (senão a melhor). Antes do *oidium tukeri*, chegou a produzir 900 a 1:000 pipas de vinho superior, por anno, além de muito azeite, amendoas, fructas, etc.

N'esta quinta trabalham ás vezes, simultaneamente, 500 operarios. Tem espalhadas pela quinta, dez boas moradas de casas; e aos domingos e dias sanctificados, ha aqui missas e um bom mercado.

Ha ainda outra objecção, que parece concludente, mas não o é.

Se Scipião arrazou completamente a cidade de Numancia, como é que ella existe?

Responde-se — Para se tomar ao pé da letra a palavra *arrazar*, era preciso que o logar em que estava fundada a povoação, ficasse sem vestigios de um só muro, o que rarissimas vezes acontecia, nem os conquistadores teem tempo para fazer tanto. Mas, supponhamos que o general romano *arrazou tudo, sem deixar pedra sobre pedra* — isto foi no anno 3796 do mundo, que são 208 antes do nascimento de Jesus Chrtsto (e portanto, ha hoje 2083 annos). Não podia depois reedificar-se? Todos sabem que os romanos, os godos e os arabes, destruiram muitas povoações peninsulares, que depois reconstruiram.

Já vimos no principio d'este artigo, que em 1130, estava esta povoação abandonada, e que depois, o rei D. Diniz *reedificou o castello*, ou aproveitou os materiaes das *antigas fortificações, para levantar as modernas*. Concedamos que a cidade de Numancia foi *litteralmente arrazada*, e que assim ficou até 1130 de Jesus Christo, em cujo anno, D. Fernão e seus filhos a povoaram.

Tambem se diz que o ambito do monte não podia conter uma fortaleza, com capacidade para uma grande povoação, e para uma forte guarnição, como era preciso para resistir a um cêrco de alguns mezes (uns dizem tres, outros cinco e outros sete) posto pelo mais bravo general romano d'esse tempo, com um exercito aguerrido e disciplinado. É porque estes taes, não comprehendem o que é amor da patria e que prodigios de heroismo elle nos leva a praticar.

Noto tambem, que, n'aquelles tempos, população e guarnição era uma e a mesma cousa; porque todos os lusitanos eram soldados sempre promptos para defenderem as suas terras e familias.

Não quero dizer, com tudo quanto fica ponderado, que era aqui incontestavelmente o assento da heroica Numancia; mas é certo que muitas circumstancias concorrem para o suppormos, com bons fundamentos.

Nem se diga que, pelo seu pouco ambito, não podia em tempo algum ter sido isto considerado como cidade. Todos sabem; e em varias partes d'esta obra tenho dito, que antigamente, e ainda no tempo do nosso conde D. Henrique, se dava o nome de *cidade*, a uma circumscripção ou comarca qualquer; e muitas vezes a um simples castello. (Vide *Areja*, a pag. 238, col. 1.ª do 1.º volume).

Se Numão é a antiga Numancia, tambem esta não era mais para o N. ou para o S.— mais ao E., ou ao O.; mas no mesmo logar da actual—porque é aqui que se teem descoberto as antiguidades romanas de que fallei, e a quantidade prodigiosa de sepulturas que se teem encontrado n'este monte, induzem a crer que os romanos aqui permaneceram por longo tempo, e então, é obvio que elles reedificaram a cidade, ao menos em parte.

Finalmente, fosse ou deixasse de ser aqui a nobilissima Numancia, é incontestavel que este monte foi occupado por uma importante e antiquissima cidade romana, á qual se não conhece outro nome: mesmo porque, como fica dito, o nome de *Naumam* quadrava perfeitamente á actual *Numão*, assim como lhe quadra o de Monforte, por que tambem era nomeada, e que vinha a ser a mesma coisa.

Em todo o caso, o castello, a villa e os arredores de Numão, mereciam bem ser vistos e estudados por um dos nossos illustrados archeologos.

NUNES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ouzelhão apresentava o cura, que tinha 12$500 réis de congrua e o pé d'altar.

NUZÉLLOS, ou **NOZÉLLOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 70 kilometros a N. O. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757, 12 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Arcas*, e por isso se chama *Arcas* e *Nuzéllos*.

Nuzéllos, foi villa, cabeça de concelho, e teve foral. Ainda em 1834 se conservava na casa da camara de Nuzéllos, um freio, que se punha ás mulheres de má lingua, e ás calumniadoras. Consta que nunca ganhava ferrugem. (Vide *Arcas* e *Nuzéllos*, vol. 1.º, pag. 231, col. 2.ª)

NUZÉLLOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços, 100 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 59 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Oucidres apresentava o cura, confirmado, que tinha 50$000 réis de congrua e parte do pé de altar.

Esta freguezia, bem como a de Monforte do Rio Livre (que foi villa) estão annexas á de Lebução, formando todas tres, uma só e mesma freguezia. (Vide *Lebução* e *Nuzéllos*, a pag. 62, col. 2.ª, no fim — do 4.º volume.)

O

O — como letra numeral, tinha antigamente o valor de 11 — plicado, valia 11:000.

O — na musica dos antigos, era signal para se abrir inteiramente a bocca, no canto.

O — na antiga Hibernia, hoje Irlanda, anteposto ao nome proprio, é distinctivo de nobreza, designando um descendente de familia illustre — v. gr. — *Ó Brien, Ó Coster, Ó Conell, Ó Donell*, etc.

(Os inglezes teem o seu *Son*, e os escocezes o seu *Mac*, que corresponde ao Ó irlandez.)

Ó — (Nossa Senhora do) da *Beberriqueira*. Vide *Thomar*.

O — no antigo portuguez, significava merenda, beberête, convite, etc., que se dava nas cathedraes, collegiadas e mosteiros, em cada um dos sete dias antes do Natal; principiando nas primeiras *vesperas* da festa de Nossa Senhora da Expectação (*Nossa Senhora do Ó*).

A razão de se chamar do Ó, é porque n'estes 7 dias se cantam as 7 *antiphonas*, que todas principiam por O. — Do O das antiphonas, passou o nome para as taes *merendas*, as quaes se tornaram tão abusivas e turbulentas, que os prelados, a poder de reiteradas censuras, as extinguiram.

A festa do O., foi instituida pelo decimo concilio de Toledo, em 656. De Toledo passou a Portugal, e, por fim, a toda a Egreja.

D. João de Chaves, bispo de Lamego, commutou as merendas do O, em 1445, em certos anniversarios.

Estas merendas consistiam em vinho, fructas, *especies*, confeitos, tamaras e passas. *E, como se hi juntava muita gente de desvairadas maneiras, entre as quaes eram vis pessoas, que, depois que bebião, dizião e fazião muitas enormidades, e alevantavão arruidos e contendas, que erão azo de se seguírem algumas violencias*, etc. — (Doc. da Sé de Lamego, de 1445.)

Em 1518, convieram os vereadores da camara de Freixo de Espada á Cinta, com tres raçoeiros da collegiada d'aquella villa, que o Ó, de vinhos e fructas que se dava ao povo, se désse á fabrica da egreja, por estar muito pobre, reduzindo o O a 500 réis cada anno.

OANE — portuguez antigo — João. Tambem se dizia *Oanes, Joannes, Joane*, etc.

OB — portuguez antigo — *ou* — *Que dedes a mim, ob á ma geraçom..... Se vós, ob obtrem per vós, lavrar, ob morar essa herdade, e nom for meu homem, ob de meus filhos, ficar a mim esse herdamento livre*. (Doc. do seculo XIV.)

ÓBA — sobrepeliz, ópa, sotaina, vestidura solta e comprida, que os ecclesiasticos trazem sobre os vestidos justos.

OBEDEENÇA — portuguez antigo — obediencia.

OBEDIENCÍA — portuguez antigo — o mesmo que *ovença*, ou *avença*. Certo fôro. — Elvira Mendes, prioreza do mosteiro benedictino da Espiúnca, doou uma herdade a João Guilherme, seu abbade, e confessor; e a Martinho Pires, seu sobrinho e afilhado; cuja herdade, por morte d'ambos, ficaria livre *ab Obedientía de Conductaría*. (Doc. d'Alpendurada, de 1189.)

Conductería, são todas as eguarias e mantimentos que se comem com pão. Este termo, como se vê, já era usado no seculo XII. Ainda hoje se usa em algumas aldeias do norte do reino; porém, mais geralmente, dizem *conducto*, e os mais velhos, *condôito*.

OBEDIENCIA — portuguez antigo — procuração, sachristia, enfermaria, etc. — e *obediencial*, o que tinha a seu cargo alguma d'estas coisas, *ovença*, officina, etc.

Tambem se dava o nome de *obediencia*, na

ordem dos monges benedictinos, aos mosteiros pequenos, hospicios, pequenos priorados, ou granjas, dependentes de qualquer mosteiro.

OBEDIENCIAL — portuguez antigo — era tambem o conego regrante, que estava fóra do mosteiro, com licença do prelado.

OBIDOS — villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 5 kilometros ao S. das Caldas da Rainha, 60 kilometros ao S.O. de Leiria, 30 ao S. de Torres Vedras, 18 ao N.O. de Peniche, 12 ao S. do Atlantico, e 65 ao N.O. de Lisboa, 790 fogos, em duas freguezias, Santa Maria, 340, S. Pedro, 450.—É no patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Em 1757 (e ainda até ha poucos annos) tinha quatro freguezias, que eram:

1.ª—S. Thiago, apostolo. O abbade do mosteiro de Valle-Bem-Feito (de monges da ordem de S. Jeronymo) era abbade d'esta freguezia, e n'ella apresentava um cura, que tinha 100$000 réis por anno. O priorado rendia um conto de réis annualmente. Tinha, em 1757, 141 fogos.

2.ª—Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção). O Sacro Collegio dos principaes da Santa Egreja patriarchal, tinha o priorado d'esta freguezia; mas era parochiada por um cura, apresentado pelos beneficiados da collegiada da mesma egreja, que tinha 100$000 réis de rendimento. O priorado rendia 1:200$000 réis annualmente. Tinha, em 1757, 108 fogos.

3.ª—S. Pedro, apostolo.—As rainhas apresentavam o prior, que tinha um conto de réis de rendimento. Tinha, em 1757, 200 fogos.

4.ª—S. João do Mocharro (S. João Baptista). A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento. Tinha em 1757, 225 fogos.

—

O concelho d'Obidos é composto de 12 freguezias, todas no patriarchado. São—Amoreira, Bombarral, Carvalhal, A dos Francos, A dos Negros, Fanadia, Landal, Roliça, Sobral da Lagôa, Váu, e as duas d'Obidos. Todas com 2:000 fogos.

—

A villa está edificada na encosta de um alto monte, perto do rio Arnoia (que entra na lagôa d'Obidos e desagúa no mar). Alem do Arnoia, é o seu territorio cortado por tres ribeiros, que todos entram na lagôa. Tanto estes ribeiros, como o rio, teem cada um uma ponte de cantaria, para serviço da gente da villa.

O 1.º d'estes ribeiros, vem das Caldas da Rainha, e se chama *rio do Cabo* — o 2.º, se chama *do Meio;* e o 3.º *de Real.*

É toda cercada de muralhas torreadas, que, em alguns sitios, teem mais de 13 metros de altura. As muralhas teem quatro portas e dois postigos. Aquellas se denominam — *da Villa* (ao S., e é a principal), *do Valle* (a E.), *da Cêrca* (O.), e *do Telhal* (O.). Os postigos se chamam, *de Cima*, e *de Baixo.*

Tem feira a 20 de outubro, 3 dias.

Segundo alguns escriptores de credito, foi fundada pelos turdulos e celtas, 308 annos antes de Jesus-Christo.

Pretende-se que o actual nome são as tres palavras latinas—*Ob, id, os*—por causa da *bôcca*, ou braço de mar que antigamente chegava a esta villa, e do qual ainda ha vestigios, e a lagôa d'Obidos.

Ha ainda outras etymologias, que não menciono, por disparatadas. Uma d'ellas é que provém de Abides, seu fundador. Sendo assim, datava a fundação d'Obidos do anno do mundo 2640—1364 antes de J.-C. (Isto não merece contradicção.)

Na praça está um bom chafariz, cuja agua vem por um aqueducto, sobre grande numero de arcos de pedra, do logar da *Osseira*, a 3 kilometros de distancia.

Foi mandado construir por D. Catharina, mulher de D. João III, pelos annos de 1550.

Tem mais quatro chafarizes, extramuros. Dois d'estes recebem tambem a agua do aqueducto.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

Tem Misericordia muito rendosa, e hospital.

Dois kilometros a E. da villa, está o mosteiro de S. Miguel das *Gaieiras*, de frades arrabidos (franciscanos) fundado pelo infan-

te D. Henrique, filho do rei D. Manuel, em 1569. Por ser pouco sádio o sitio em que primeiro se edificou, foi mudado para o actual, lançando-se a primeira pedra em a nova egreja, a 20 de outubro de 1602. Este convento foi celebre pela *festa dos cavalleiros*, que n'elle se fazia todos os annos, na vespera de S. João. Contiguo a este mosteiro ha um frondoso bosque, que faz parte da sua cêrca.

D. Affonso Henriques tomou esta villa aos mouros, em 11 de janeiro de 1148, e por ficar muito arruinada a reedificou e povoou, ampliando então e reparando o seu forte castello.

Em 1246, D. Affonso III, sendo ainda conde de Bolonha e regente do reino, pôz apertado cêrco á villa, por ella defender os direitos de D. Sancho II, mas não pôde tomar o castello, nem a villa, por seus moradores se defenderem heroicamente.

D. Affonso III, depois de rei, premiou a villa, pela sua fidelidade, com o titulo de *sempre leal* (alem do de *notavel* que já tinha), e lhe concedeu muitos privilegios e mercês.

O rei D. Diniz, alargou muito a villa, mandando-lhe construir, sobre um grande rochedo, um soberbo castello.

Quando em 1282 casou com a infanta de Aragão (a rainha Santa Isabel) lhe deu o senhorio d'Obidos e de outras muitas povoações e castellos, e desde então ficou esta villa sendo da *casa das rainhas*, até 1834.

As muralhas da villa, foram mandadas edificar (ou reedificar, segundo outros) por D. Fernando I, pelos annos de 1379, quando tinhamos guerra com Castella.

A virtuosissima rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irman do rei D. Manuel (vide *Caldas da Rainha*), residiu algum tempo n'esta villa (cortindo máguas acerbas pela morte de seu filho), em umas casas, junto ao castello. Foi então que ella instituiu cinco *mercieirías*, na egreja matriz de Santa Maria.

Esta piedosa rainha falleceu a 18 de novembro de 1525, com 67 annos de edade.

Era tão protectora dos pobres que a maior parte das suas rendas foi gasta com elles. Foi esta rainha que deu principio á piedosa irmandade da Misericordia de Lisboa. Fundou o hospital das Caldas para enfermos pobres, e affirma-se no respectivo compromisso, que vendera as suas joias para dotar aquelle estabelecimento de muitas rendas. Tambem fundou o mosteiro da Madre de Deus, situado no valle de Xabregas, onde as senhoras mais illustres de Portugal professavam a regra de Santa Clara. Egualmente fundou o convento das religiosas de S. Domingos da Annunciada. Instituiu as ditas cinco mercieirias na egreja de Santa Maria, da villa de Obidos, e outras em Nossa Senhora da Graça, da villa de Torres-Vedras. É do mesmo modo obra sua, a egreja parochial da villa da Merceana, e tambem a capella imperfeita da Batalha, fabrica tão magnifica que fez desmaiar a generosidade dos reis que se seguiram.

A rainha D. Leonor foi filha do infante D. Fernando, neta de el-rei D. Duarte, mãe do principe D. Affonso, irman de el-rei D. Manuel, prima e esposa de el-rei D. João II, e tia de el-rei D. João III.

Jaz sepultada no claustro do convento da Madre de Deus. O seu piedoso confessor, fr. Miguel Contreras, concorreu muito para que tão nobre e virtuosa senhora não deixasse um momento de traduzir em factos os seus elevados sentimentos caritativos.

—

O 1.º foral d'Obidos lhe foi dado pela casa das rainhas. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1513. (*L.º de foraes nóvos da Extremadura*, fl. 137 v., col. 2.ª)

—

O 1.º conde de Obidos, foi D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór d'esta villa, feito por Philippe IV, em 22 de dezembro de 1636.

As armas dos condes d'Obidos são — tres faxas d'ouro em campo de purpura (Mascarenhas) e as reaes, esquartelladas, por descenderem de D. Diniz, filho do duque de Bragança.

O 2.º conde d'Obidos, foi D. Fernão Martins Mascarenhas, ao qual D. Pedro II fez meirinho-mór do reino, a elle e seus des-

cendentes, que por isso se ficaram denominando *condes-meirinhos-môres.*

D. Fernão Martins Mascarenhas, era conde d'Obidos, e tambem conde da Palma, e do Sabugal, por sua mulher D. Brites Mascarenhas, filha e herdeira de D. João Mascarenhas, 2.º conde da Palma, e 3.º conde do Sabugal.

Estes condados, assim como as honras de meirinho-mór, estão hoje unidos ao condado do Sabugal, de que é actual representante, e 8.º conde de Obidos e 6.º conde do Sabugal e da Palma, o sr. D. Luiz d'Assis Mascarenhas. — É filho de D. Manuel Pedro d'Alcantara d'Assis Mascarenhas de Souza Coutinho Castello-Branco da Costa e Lencastre, 5.º conde do Sabugal e de Palma.

Os condes d'Obidos, como os de Sabugal, e da Palma, eram da familia do infeliz D. José Mascarenhas, ultimo duque d'Aveiro. (Vide *Chão-Salgado.*)

O 1.º conde d'Obidos, edificou o seu palacio no fundo do *Atterro da Bôa-Vista* (Lisboa) no meiado do seculo XVII, sobre uma penedia calcarea, ainda hoje por isso chamada *Rocha do Conde d'Obidos.*

Em 1874 foi este palacio arrematado em praça publica, por um particular, por 12 contos de réis; o sr. D. Luiz I obteve do comprador que lh'o cedesse pelo mesmo preço, e o deu á sr.ª D. Thereza Mascarenhas, irmã do actual conde, e camarista do paço.

—

Junot estava senhor despotico de Portugal; as aguias francezas tinham substituido as sagradas quinas lusitanas, e as armas d'este reino tinham sido picadas em todas as nossas fortalezas.

O povo, farto de soffrer o jugo ignobil do malvado Junot, tinha-se revolucionado contra os francezes, primeiro em Bragança, e depois em varias povoações de todas as provincias; e a 19 de junho de 1808 se fórma no porto a *Junta suprema do governo do reino*, que procede immediatamente á organisação do exercito portuguez.

No principio d'agosto, uma divisão auxiliar ingleza, ás ordens dos generaes Dalrymple e Wellesley, desembarca na Figueira, e unida aos portuguezes, marcha sobre Lisboa.

O primeiro combate entre os alliados e os jacobinos, commandados por Delaborde, teve logar junto a Obidos, no dia 15 de agosto. Foi apenas o choque entre as nossas avançadas e a rectaguarda do inimigo; e foi o preludio da gloriosa batalha da Roliça, 6 kilometros ao S. d'Obidos, e que teve logar a 17. (Vide *Roliça.*)

—

Consta que as primeiras armas d'Obidos, foram—uma rêde de arrastar, no meio do escudo, dado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Esta senhora, depois que seu filho unico D. Affonso, morreu da queda de um cavallo, (1491) tomou por emblema, ou em memoria da sua perpetua saudade, a rêde com que uns pescadores do Tejo trouxeram para Santarem o cadaver de seu filho, desde a margem do rio, até á villa. Este emblema se gravou ou esculpiu em muitos dos senhorios da santa e inconsolavel rainha; pelo que não me parece que isto seja o brazão de Obidos.

Na torre do tombo, estão as armas d'esta villa, do módo seguinte.—Em campo verde, uma torre de prata, sobre rochedos da sua côr; tremulando sobre a torre, uma bandeira branca.

—

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora de Monserrate, pertencente á ordem terceira—a de S. Vicente, onde esteve a parochia de S. João Baptista—e a de S. Martinho.

Fóra da villa, mas a pouca distancia, ha outras ermidas, sendo a mais notavel a do *Senhor da Pedra*, principiada em 1740, junto á estrada das Caldas da Rainha.

E' um templo sumptuoso, mas está ainda por concluir. Custou, o que está feito, 200:000 cruzados (80:000$000 réis) tudo por offertas voluntarias do povo da villa e immediações, e valiosos donativos de D. João V, que aqui veiu muitas vezes. Ha n'esta egreja uma magestosa solemnidade, a 3 de maio (dia da Invenção de Santa Cruz.) Tem um arraial concorridissimo e um grande mercado. (Adiante fallo mais detidamente d'esta egreja.)

—

A villa tem cinco ruas principaes, e a praça onde está o chafariz. Os edificios da villa (quer publicos, quer particulares) nada offerecem de notavel.

Os arrabaldes d'Obidos são bonitos, e teem algumas quintas de muito valor, sendo as principaes, a das *Janellas* do sr. Fanstino da Gama, riquissimo proprietario d'estes sitios, a qual fica a 1 kilometro da villa; e a das *Gaieiras*, dos srs. Pinheiros, que tem u'ella estabelecida, uma bôa e das mais antigas fabricas de sola.

Tem aguas thermaes, como as das Caldas da Rainha, e ás quaes concorrem alguns enfermos. Adiante trato d'ellas.

Achando-se hospedado n'esta quinta o infante D. Francisco, irmão de D. João V, aqui falleceu de uma colica, a 21 de julho de 1742. Estava então nas Caldas da Rainha o rei e a familia real.

A *quinta das Flores*, tem outra nascente das mesmas aguas.

A do *Bom-Successo*, é muito arborisada e em sitio muito pittoresco, e de formosas vistas.

A celebre *lagoa d'Obidos*, dista 6 kilometros da villa. (Vol. 4.º, pag. 19, col. 1.ª, no fim.)

—

O termo d'Obidos produz muitos cereaes, algum vinho, abundancia de excellentes fructos, de todas as qualidades, e cria bastante gado.

—

Em 1673, descobriu-se em Obidos uma conspiração contra o principe regente (depois D. Pedro II). Dois dos principaes cabeças foram enforcados.

—

O monte em que a villa está fundada, é bastante alto do lado do N., e no seu cume está edificado o seu vetusto castello, provavelmente de origem romana, e menos mal conservado, attenta a sua antiguidade. Tambem n'este monte está a egreja parochial de S. Thiago.

A povoação estende-se pela encosta do monte que olha para E., e na parte mais baixa, banha-lhe as muralhas, o rio Arnoia.

Ainda se conserva, sem grande ruina, a velha cinta de muralhas, apresentando a fórma de um ferro de engomar, cujo bico, voltado para o S., é defendido por um torreão chamado *torre vedra* (torre velha) que parece ser construcção árabe.

O castello é guarnecido de varios torreões, e, apezar de bastante arruinado, mesmo assim é, dos da sua edade, um dos mais bem conservados do reino. D'elle se disfructa um vasto e formoso panorama. Para E., se veem collinas, povoadas de pomares—para o S., alternam-se aldeias e campos, na extensão de 5 kilometros aproximadamente—para o O., se estende a *Varzea da Rainha* (D. Catharina, que muito se comprazia de vir aqui passear. Antigamente chamava-se *Veiga de Obidos*.)

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, contratou com a camara e povo d'Obidos, em fazer á sua custa o aqueducto da Osseira, recebendo em compensação a Veiga d'Obidos, que era um baldio do municipio, e que desde então se principiou a chamar Varzea da Rainha. (Teve isto logar pelos annos de 1550)

Tem 3 kilometros de comprido, e é regada pelos tres rios de que já falleí.— Para o N., dilata-se a vista em um vasto horisonte, sobre terrenos accidentados.

Na Varzea da Rainha, está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, onde antigamente esteve a parochia de S. João Baptista.

Em um monte, para o lado do N., está a capella de Santo Antão.

Em um outeiro, ao E., a de S. Bento.

Junto ao campo em que se faz a feira de outubro, está a de Santa Iria. E o sumptuoso templo do Senhor da Pedra, do qual adiante trato, e que está fundado junto á estrada que vae para as Caldas da Rainha.

—

O sr. D. Pedro V, de sempre saudosa memoria, veiu visitar esta villa em 1860 (um anno antes da sua morte) por occasião de hir fazer uma grande pescaria á lagôa de Obidos.

Não fallo aqui detidamente d'esta famosa e formosa lagôa, porque já fica descripta no 4.º vol., a pag. 19, col. 1.ª, no fim.

Proximo á lagôa, está o sanctuario da Senhora do Bom Successo.

E' tambem n'este concelho o famoso sanctuario do Bom Jesus do Carvalhal.

Vão a elle, em agosto e septembro muitos cyrios de Peniche, de Valle-Bem Feito, e outros. Tem então lugar uma grande romaria, na qual, muitas vezes ha graves desordens. Ainda em 16 de agosto de 1875, houve aqui tão grande desordem, entre os do logar do *Olho Marinho* e os do *Vau*, que muitos ficaram mais ou menos gravemente feridos.

—

Obidos é sede de um dos tres vigariosgeraes do patriarchado, estendendo-se a sua jurisdicção ecclesiastica sobre 13 villas que foram dos *Coutos d'Alcobaça*, e sobre as villas, das Caldas da Rainha, Cadaval, Atouguia da Baleia, e Peniche.

—

A visinhança de dois portos de mar (Peniche e S. Martinho do Porto)—da lagôa de Obidos—da concorrencia das aguas thermaes das Caldas da Rainha—da fertilidade do seu territorio—de lhe correr proximo a magnifica estrada a mac-adam, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto e provincias do norte— apears de tudo isto não tem prosperado esta villa como era de esperar e desejar, o que se realisará, se a estrada de ferro, que está concedida de Lisboa a Torres Vedras, chegar a Obidos; e se se levar a effeito o ramal de caminho de ferro, que está em projecto, no ministerio da guerra (pois é militar) que, sahindo da estação do Carregado, passa pela villa das Caldas, e d'ahi deve hir a Obidos, S. Martinho do Porto, e Peniche.

Desde dezembro de 1874, que a camara concebeu o projecto de construir um edificio decente, para estabelecimento de thermas, aproveitando as ricas nascentes que ha aqui. Tambem projecta ampliar os paços do concelho, de fórma que n'elles se possam accommodar todas as repartições publicas. Para occorrer ás despezas a fazer com estas obras, diz-se que vae contrahir um emprestimo de dez contos de réis.

Bem merece do povo d'Obidos a vereação que effectuar estes melhoramentos.

—

A egreja de S. Thiago foi da apresentação do convento de Valle-Bem-Feito, que tambem apresentava sete beneficiados.

Primeiramente apresentava o conde da Atouguia este priorado; mas trocou-o com os frades, pelo direito do pescado das Berlengas, o qual rendia de 3 a 4:000 cruzados (1:200$000 a 1:600$000 rs.)

D. Affonso Henriques, deu o espiritual d'esta villa, a Santa Cruz de Coimbra, e foi 1.º prior d'Obidos, D. Domingos André, conego regrante de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra, e natural d'esta cidade. Deixou a esta collegiada d'Obidos, um grande olival que tinha em Villa Franca de Xira.

Em 1264, D. João Pires, deu a D. Affonso III, o senhorio secular da villa de Arronches, por este d'Obidos, ficando Santa Cruz com os dois senhorios d'esta villa, até D. João III, que os passou para sua mulher, a rainha D. Catharina.

—

No termo d'Obidos ha abundancia de carvão fossil. Em maio de 1875, manifestou o sr. Quintino de Macedo, onze minas de carvão, na camara d'esta villa.

—

No artigo *Caldas da Rainha*, fallei de leve das caldas das *Gaieiras*, na col. 2.ª, da pag. 40, do 2.º volume.

A pag. 262 do 3.º vol., col. 1.ª, dei a analyse feita na exposição universal de 1867: aqui accrescento o que d'estas thermas diz

o dr. Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas*, etc., a pag. 118.

A quinta das *Gaieiras*, á qual tambem alguns erradamente chamam das *Janellas*, é antiquissima, o que se evidenceia pela architectura de suas portas e janellas. O nome mais antigo que se conhece a esta propriedade, é o de *quinta dos Mosqueiros*: vindo depois a pertencer a Gaspar Freire de Andrade, se denominou *quinta dos Freires*, e o brazão d'esta familia ainda existe no portão da quinta.

Dão-lhe o nome de *quinta das Gaieiras*, por ficar perto (a E.) da aldeia d'este nome. E' no sitio de *Valle das Flores*. O mesmo nome de Gaieiras dão ao mosteiro de S. Miguel (de que já fallei) que fica proximo. Os visinhos da quinta, em razão das janellas floreadas da casa, lhe dão tambem o nome de *quinta das Janellas*.

E' esta propriedade dividida pela estrada que vae para o mosteiro dos arrabidos. Ao O. S. O. da estrada, a distancia de uns 400 metros, está uma casa cóberta de abobada, dentro da qual ha um tanque com um metro d'alto, descendo-se para elle por uma escada de pedra. Podem 12 pessoas tomar banho simultaneamente.

Do fundo d'este tanque, rebentam constantemente volumosos bolhões d'agua, mineralisada pelo gaz hydrogenio sulphurado, da mesma natureza, principios e mais propriedades das das Caldas da Rainha.

Ao lado d'este banho ha duas casas separadas, com suas tarimbas, para descanço ou *abafo* dos doentes. O calor da agua é constantemente de 92° de F., ou 26,50 de R.— As commodidades que aqui faltam [1] fazem com que só os visinhos d'esta rica nascente se aproveitem d'ella.

—

Dentro da cêrca do mosteiro dos arrabidos, das Gaieiras, em distancia de uns 200 metros a E., das aguas de que fallei, nasce uma pequena fonte, talvez de um annel de agua, da mesma natureza da antecedente; porem menos graduada em calor. Serve para irrigação das terras immediatas.

—

Ao E. d'Obidos, corre o ribeiro chamado *Rio-Real*, em cuja margem do N., distante uns 500 metros da ponte por onde este rio vem passar, nasce agua thermal, hydrogenio-sulphurada, em quantidade de duas ou tres telhas; que, por onde passa deixa deposito alvacento, que sêcco e queimado, manifesta a sua qualidade.

Houve tempo em que brotaram na base de um outeiro, formado de marmore, e que fica a E. na direcção da egreja do *Senhor da Pedra*, um pouco mais abaixo do sitio onde hoje rebentam.

Esta agua é, por todas as razões, da mesma natureza da das Caldas da Rainha; porem menos estreme, e do calor de 74° F., ou 18,50 de R.—Póde ser applicada internamente.

—

Julgo importante dar aqui o resultado da analyse official das aguas thermaes d'Obidos, feito na exposição universal de Paris, em 1867, que é a seguinte. (Traducção.)

Aguas thermaes d'Obidos

A um kilometro, aproximadamente, do antigo mosteiro de arrabidos das Gaeiras, e a 500 metros da villa d'Obidos, rebentam aguas mineraes sulphorosas e salinas, em tal abundancia, que formam, no mesmo logar onde sahem, uma profunda bacia, que permittiria construir-se ahi um estabelecimento de natação.

Sua côr é ligeiramente láctea, e exhalam, ao sahir, uma grande quantidade de gaz.

Estas aguas estão hoje completamente abandonadas e se vão lançar em uma pequena ribeira visinha, deixando na sua passagem, um deposito de enxofre assás consideravel.

A pouca distancia d'este sitio, se lança na mesma ribeira, a agua de um outro manancial sulphuroso, egualmente abundante e limpido, o qual, segundo toda a probabilidade, parece ter a mesma origem; todavia, estas duas nascentes apresentam uma pe-

[1] Note-se que isto foi escripto em 1810, e ainda se conserva tudo no mesmo estado, ou peior.

quena differença, com relação ás suas propriedades e á sua composição chimica.

Os dois mananciaes que acabamos de mencionar, não tendo alguma denominação que os distingua entre si, os chamaremos, attendendo ás suas situações relativas — a um — *nascente thermal d'Obidos* — ao outro = *nascente thermal dos arrabidos.*

NASCENTE THERMAL D'OBIDOS

Esta nascente rebenta na margem da mesma pequena ribeira, onde se lança, a uns 500 metros da villa d'Obidos. Sua agua é limpida, ligeiramente anilada, apresentando um gôsto salgado e hepatico.

Sua temperatura, no momento das nossas experiencias, era de 27°, 4 c.; e a do ar exterior, de 23°, c.—Contém por kilogramma, 2 gr. 6325 de residuo fixo, composto de chlorureto de sodium; sulphatos de sóda, de potassa, de cal, e de magnesia: carbonatos de cal e de magnesia — acido silico — e 0, gr. 004465 de acido sulphydrico.

NASCENTE THERMAL DOS ARRABIDOS

A amostra da agua d'esta nascente, que foi exposta em a nossa collecção, foi tomada perto do ponto onde se lança na ribeira mencionada.

Esta agua apresenta as mesmas propriedades e a mesma composição do manancial precedente. Contém por kilogramma 2, gr. 564 de residuo fixo, formado dos mesmos elementos. A sulphuração é de 0, 004169, e a sua temperatura, de 29°, 2 c.

Lafeta, Lafetal, ou Lafetat

Appellido nobre em Portugal. Veio do ducado de Milão (Italia) d'onde passou a este reino, no tempo do rei D. Manuel, na pessoa de Jorge Francisco Lafetal. Fez o seu solar na freguezia de S. Pedro do Carvalhal, termo d'Obidos. O brazão d'armas dos Lafetaes, é — em campo azul, castello de ouro. Elmo d'aço aberto, e timbre o castello das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—escudo terceado, em palla; na 1.ª, de azul, torre de ouro—na 2.ª, de prata, leão, *morado*—na 3.ª, de azul, semeado de onze flores de liz, de ouro. Elmo d'aço, aberto—timbre, o leão das armas, com uma flor de liz, de ouro, na garra direita.

Pó

Appellido nobre n'este reino. Veio da Allemanha — parece que tomado do rio *Pó*. Passou a Portugal, na pessoa de Affonso do Pó, no tempo do rei D. Fernando I.—Foi alcaide-mór da villa d'Obidos (que então era da comarca d'Alemquer) e vassallo do rei. Junto d'esta villa ha um logar, denominado *Pó*, no qual ainda se vêem ruinas de grandes edificios, e onde seu filho, João Annes do Pó, tambem alcaide-mór d'Obidos, fundou o seu solar, vinculado, e capella, pelos annos de 1419.

Um bisneto d'este, chamado André da Silveira do Pó, tirou brazão de suas armas, concedidas por D. João III, em 1532, e são— em campo de prata, leão de purpura, agachado, como que está descançando, com a cauda entre as pernas. Orla de purpura, carregada de oito aspas de prata. Timbre, o leão das armas, na mesma postura, com uma das aspas da orla, na espadua.

Templo do Senhor da Pedra

No meio de uma risonha planicie, cercada de viçosa vegetação, e de collinas cobertas de frondoso arvoredo, ou semeadas de penedos alcantilados, se ergue soberbo e imponente, o magestoso Sanctuario do Senhor da Pedra.

A 500 metros da villa, no centro de um quadrilongo, cercado de casas e muros, está edificado este famoso templo, em um sitio antigamente chamado *os Areeiros*, e tambem *Casal da Pedra*, por aqui ter havido uma vivenda assim denominada; e por isso se deu ao padroeiro da egreja o titulo de Senhor da Pedra. Outros porém pretendem que o chamar-se Senhor da Pedra, é porque a imagem é feita d'esta materia.

Este sitio é atravessado por uma extensa ponte, que augmenta a belleza do edificio.

É tão robusta a construcção do templo, ao qual servem de *gigantes* as suas duas torres

(que ficaram só da altura da cimalha da egreja), que nenhum abalo soffreu, no fatal terramoto do dia 1.º de novembro de 1755, que tantos estragos causou por estes sitios, como por todo o reino.

A cupula é de fórma exagona, e está revestida exteriormente de telhas esverdeadas e refulgentes. Sobre o seu vertice, se vê um grande globo, sustentando uma alta cruz de ferro, que remata o fastigio do templo, que mede uns 35 metros d'altura. Da parte opposta á fachada principal, olhando á direita, véem-se os outeiros de Santo Antão, em um dos quaes está a sua capella, edificada entre alterosas e esbranquiçadas penedias. Á esquerda, se vêem tres grandes montes, que se cortam convergentes, no formoso sitio do *Pégo*. Em frente, se vêem esses vetustos castellos da villa, erguidos no tópe de uma alta e escarpada penedia, e que teem resistido incolumes, ao poder destruidor dos homens, e á acção corrosiva dos seculos, ostentando ainda na sua caducidade, a poesia das construcções arabes.

Proximo aos castellos, e da mesma altura, se vê um cubêllo, edificado sobre penedos enormes, que parecem prestes a cahir. Mais alem, a *torre vedra*, cujos torreões formam tres angulos, ligados por uma alta muralha ameiada, sobre as quaes se elevam as torres da egreja matriz de Santa Maria, de S. Pedro, e do relogio publico. Mais distante, se vê a egreja de S. João Baptista, e os arcos do aqueducto.

Devemos confessar que a ordem architectonica da egreja do Senhor da Pedra, não prima por a sua regularidade, formando um exemplar unico no seu genero, n'este reino, não tendo outro edificio que a emite, senão o *Senhor da Barroca*, junto a Esgueira; que todavia é de mais acanhadas proporções, e de muito menos riqueza. A architectura toscana, romana e composita aqui se misturam com a italico-classica, em resultado da concepção hybrida do architecto. Apezar d'isto, não se lhe póde negar belleza e magestade. As suas paredes, tanto interior como exteriormente, são revestidas de pedras quadradas, o que lhes dá uma apparencia bastante pesada.

Pela sua fórma circular, assemelha-se ao famoso pantheon de Roma, edificado por o consul Marco Vipsanio Agrippa (genro do imperador Augusto), e dedicado a todos os deuses da mythologia, principalmente a Jupiter Vingador.[1]

—

Com o decurso dos annos, foi o mar abandonando este sitio (segundo a tradição) deixando um formoso valle, de 3 kilometres de comprido, chegando até ao logar do *Arêlho* e á lagôa.

Com a povoação e circumvalação da villa, se vieram recolhendo a ella os moradores que por lá viviam, vindo aquelle sitio a ficar deserto. Ainda hoje se vêem alli vestigios de casas e outros edificios.

Os beneficiados da egreja de S. João, eram os que mais aborreciam o sitio, por lhe ser penoso de hir alli todos os dias, e principiando a arruinar-se a egreja, que ainda então com pouca despeza se concertava, não quizeram os padres curar da conservação d'ella, e, aproveitando-se d'esta circumstancia, para procurar egreja dentro da villa, ou junto a ella.

Tinha a irmandade da Misericordia a administração de uma grande capella, com seu côro, dedicada a S. Vicente, martyr, e proxima á porta principal da villa. O prior e conegos de S. João a pediram aos irmãos, que lh'a concederam, com certos encargos, e para ella se mudou a antiga parochia de S. João, no anno de 1640; abandonando a primitiva egreja, que ainda se conservou de pé, mais de 20 annos; mas, porque lhe não quizeram acudir, foram apodrecendo as madeiras, e pouco a pouco se foi desmoronando uma egreja sagrada, e a mais antiga da villa. Como a capella-mór era de abobada, ficou de pé, mas aberta, e assim esteve muitos annos.

Antonio de Mendonça, beneficiado da egre-

[1] O pantheon foi construido depois da batalha naval em que Octaviano venceu a Marco Antonio e á famosa Cleopatra, ficando senhor de todo o imperio romano. Em 607, o papa Bonifacio IV o purificou, consagrando-o a Nossa Senhora dos Martyres, vulgarmente, a *Rotonda*.

ja de Santa Maria, vendo que a capella-mór estava reduzida a curral de gado, tentou a sua reparação, ajudado por uma valiosa esmola que para isto lhe deu uma devota dona, da villa.

Principiou o padre Antonio a juntar logo materiaes para fazer a obra, que se concluiu em 1711.

Havia na egreja de S. Vicente uma devota imagem de Nossa Senhora do Carmo, que pertencêra á velha egreja de S. João, e que o padre conseguiu que fosse restituida ao ao seu antigo templo.

No dia 21 de novembro do mesmo anno de 1711 (dia da Apresentação da Santa Virgem) foi a Senhora para a sua antiga casa, em uma esplendida procissão, acompanhada pela camara da villa, todos os ecclesiasticos, e quasi todo o povo, assim como os frades do mosteiro das Gaieiras.

Hia a Senhora do Carmo e o Santo Lenho, debaixo do pálio. Concorreu a esta solemnidade grande numero de povo dos logares circumvisinhos.

O padre Mendonça instituiu tambem uma grande irmandade, para cuidar da conservação da capella.

A senhora tem um metro de altura, e é de boa esculptura em madeira. Consta que fôra mandada fazer por o 1.º conde e alcaide-mór d'Obidos, D. Vasco Mascarenhas, e por sua mulher, que era muito devota de Nossa Senhora do Carmo e de Santa Thereza de Jesus, cuja imagem tambem mandou fazer e collocar n'esta egreja.

A condessa, depois de viuva, foi ser freira de Santa Thereza, no seu mosteiro d'Alva (onde morreu a santa e foi sepultada), e tendo apenas um anno de professa (a condessa) falleceu n'este mosteiro.

—

Aos leitores — *Por êrro de paginação, se publicou fóra do seu logar o ultimo periodo da col. 2.ª, da pagina 192. Rogo pois aos meus leitores que, querendo ler em seguida a descripção do templo de Senhor da Pedra, passem do primeiro periodo da referida 2.ª columna de pag. 192, para o que agora segue.*

—

Apezar da sua architectura, póde dizer-se extravagante. se se concluisse, seria um dos templos mais notaveis, não só de Portugal, mas da Europa.

As torres, que, segundo o risco que se conserva na egreja, subiriam a grande altura, ficaram (como já disse) apenas á altura da cimalha da egreja; vendo-se em torno do templo grande quantidade de cantaria lavrada, destinada para ellas.

O risco d'esta obra foi feito por o capitão Rodrigo Franco, architecto da mitra patriarchal.

Sobre a cornija da cimalha exterior, corre uma varanda (que devia cercar todo o edificio) d'onde se goza uma formosissima vista. Tem quatro sinos de differentes tamanhos.

A construcção da egreja, das casas para aposentos dos romeiros, uma vasta cavallariça, um chafariz, e um profundo poço de cantaria, tudo foi feito á custa de esmollas dos fieis, e de generosos donativos, feitos ao Senhor da Pedra, por D. João V, que visitou este templo sete annos successivos.

A morte d'este soberano foi provavelmente a causa de se não concluir este monumento religioso, que daria credito á nação portugueza.

—

Segundo alguns escriptores, antigamente chegava o mar até á villa, e é tradição constante que, junto á egreja de S. João Baptista (onde foi a primitiva povoação, que era vasta) existiram grandes argolas de metal, nas quaes se amarravam os barcos. O mar chegava até á lagôa do *Arêlho*, nome antigo da famosa lagôa d'Obidos.

Esta villa fica em 33°4'.

Ainda ha vestigios do paço das rainhas, construido por D. Leonor, mulher de D. João II. Estão junto ao castello, tendo ao sopé um profundo valle.

Diz se que a parochia de S. João Baptista é a mais antiga da villa, feita no tempo dos godos. Quando o rei D. Diniz deu a villa a sua mulher, deu esta a egreja de S. João

João, ao cabido da Sé de Lisboa, ficando este prior, e punha aqui um vigario.

A 2.ª, pela ordem da antiguidade, é a de S. Thiago. O usurpador Philippe II, a deu aos religiosos jeronimos, do mosteiro de Val-Bem Feito. Tinha sete beneficiados.

As matrizes de Santa Maria e S. Pedro, eram do padroado das rainhas. A 3.ª, é sagrada e tinha sete beneficiados.

A egreja de Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) é um formoso templo, de tres naves. Teve sempre por priores, homens muito qualificados, e alguns com caracter de bispos.

Consta que esta egreja foi fundada por D. Affonso Henriques, que a deu a S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra. D. Affonso III confirmou esta doação.

Santa Cruz de Coimbra continuou na posse d'esta egreja, até que D. João III, entendendo ser melhor que os clerigos fossem tambem priores, como eram os beneficiados, restituiu o padroado a sua mulher, D. Catharina, ficando, desde então, da casa das rainhas, até 1834.

Foi seu primeiro prior, feito por esta rainha, Rodrigo Sanches, varão insigne em letras e virtudes, que tinha sido capellão do imperador Carlos V, que o deu a sua irmã a dita D. Catharina, quando veiu para Portugal. Foi tambem esmoller de D. João III, que o escolheu para mestre de sua irmã, a infanta D. Maria, e de sua filha a infanta tambem chamada Maria, que depois foi mulher de Philippe II.

Foi por varias vezes instado para acceitar um bispado, ao que sempre se recusou. Acceitou o priorado d'Obidos, porque não tinha obrigação de curar almas, visto estarem as funcções parochiaes entregues aos beneficiados.

Era muito caritativo, gastando todos os seus grandes rendimentos em esmollas aos desvalidos, e em aformosear a sua egreja, que reedificou, pois estava ameaçando ruina. Lançou a 1.ª pedra n'esta nova egreja, a 15 de agosto de 1571. Se não morresse d'ahi a pouco, deixaria este templo no maior grão de explendor; mas, felizmente teve um successor tão sollicito como elle; pois estando o templo ainda apenas em armação, d'ahi a 100 annos, o novo prior, o doutor Francisco de Azevedo Caminha (feito pela rainha D. Maria Izabel de Soboya) mandou forrar á sua custa os tectos da egreja, e sobre a cornija que corre sobre os arcos da nave grande, collocou dois lanços de quadros, com scenas da vida da S. S. Virgem: mandou pintar os tectos, e revestir de bellissimos azulejos, as paredes interiores da egreja, e fazer outras obras. Mandou fazer na sachristia uma capellinha, para seu jazigo, e alli está sepultado.

Era tambem de muita caridade, vivendo parcamente, e tendo apenas um vestido muito ordinario, para dar aos pobres o que lhe sobrava das despezas com as obras da egreja.

Passados annos, entrou n'este priorado, o bispo D. frei Antonio Botado, que o pretendeu fazer beneficio simples; mas, oppondo-se os beneficiados, protegidos pela rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino, e mulher (2.ª) de D. Pedro II, obtiveram despacho contra as pretenções do bispo. Em testemunho de gratidão, mandaram os beneficiados collocar na sachristia, o retrato d'esta rainha, e lhe resavam todos os dias em communidade, um responso, a que todos voluntariamente se comprometteram.

Em 4 de outubro de 1604 principiaram os beneficiados a cantar n'esta egreja, de manhan e de tarde a antiphona *Stella Cœli.*

—

Pelos annos de 1640, o prior e beneficiados da egreja matriz de S. João Baptista, mudaram para a ermida de S. Vicente, que fica ao entrar da villa, do lado do Sul. Esta parochia foi a primeiaa que houve na villa, e por alguns seculos a unica.

Durante a dominação agarena, sempre n'ella se fizeram os officios divinos, mediante certo tributo pago aos mouros; e aqui vinham os christãos das redondezas satisfazer os preceitos da religião catholica, e cumprir as suas promessas.

Chamava-se ao sitio aonde está esta egreja, a *ponta do Mocarro.*

Na freguezia *Dos Negros* (ou *A dos Negros*),

termo d'Obidos, nasceu o padre Francisco Gomes, da congregação do Oratorio, na cidade de Lisboa. Foi cura da egreja de Santa Maria Magdalena, dos Negros, quasi doze annos. Era tão rigido observante dos mandamentos da Egreja, que chegou a condemnar seu proprio pae, por matar uma rez em dia sanctificado. Em toda a sua freguezia havia só tres homens que soubessem ler. O bom ecclesiastico, abriu na sua residencia, escola publica, onde ensinava primeiras letras, com a maior sollicitude: diurna para os desoccupados, e nocturna para os operarios e pastores, aos quaes ainda dava de cear.

Ensinava lhes a doutrina christan, e, com virtuosos exemplos e eloquentes palavras, lhes ensinava a serem homens de bem e catholicos fervorosos.

Dormia vestido e a sua cama era uma cortiça. Fugia de todo o trato e conversação com mulheres. Jejuava quasi todos os dias, comendo de 24 em 24 horas, pouco, e alimentos grosseiros.

Foi cura da egreja da Conceição de Lisboa, e aqui mandava fazer um bom jantar; mas, sem lhe tocar, o mandava a alguma familia de pobres envergonhados — sustentando-se apenas com legumes, que mandava coser no principio da semana, e lhe duravam para toda ella. Era summamente caritativo, dando aos pobres tudo quanto adquiria. Elle mesmo sahia de noite a fazer a repartição das esmolas, para encobrir a sua caridade.

Antes de ser padre, fôra obrigado a servir um anno na guerra da independencia, e, mesmo na vida militar, foi sempre um soldado virtuoso.

Falleceu em Lisboa, a 25 de janeiro de 1676.

Assim que se divulgou a sua morte, correu logo a veneral-o, como santo, toda a cidade, tocando o seu cadaver com contas, e guardando, com grande fé, as reliquias do seu habito, que podiam haver. Foi tão numeroso o concurso, que não deu logar a poder enterrar-se, senão no terceiro dia.

—

A villa d'Obidos é patria do espirituoso e distincto poeta, o doutor Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, pae do grande padre Malhão.

Josefa Ayala (Josefa d'Obidos)

Balthazar Gomes Figueira, natural d'esta villa, e pintor de pouca fama, residia em Sevilha (Andaluzia) no tempo do usurpador Philippe IV. Casou n'aquella cidade com uma nobre senhora, chamada D. Catharina de Ayala y Cabrera, e d'este casamento tiveram uma filha, nascida em Sevilha, em 1634. [1]

Sacudido o ominoso jugo castelhano, e acclamado rei de Portugal o duque de Bragança, regressou Figueira á sua patria, trazendo a sua familia, e foi habitar a *quinta da Capelleira*, extramuros d'Obidos, e a uns 3 kilometros das caldas das Gaieiras.

Josefa Ayala (mais conhecida por Josefa d'Obidos) falleceu n'esta villa, em 22 de julho de 1684. Foi sepultada na egreja parochial de S. Pedro, para a qual havia pintado varios quadros, que ainda existem.

Foi uma pintora famosissima do seculo XVII, e, apezar de terminar seus dias na edade ainda florescente de 50 annos, trabalhou muito, pois vêem-se ainda hoje quadros seus, em muitas egrejas e casas particulares. Eu vi-os na egreja e na sachristia do seminario do Varatojo; na egreja da Misericordia, e na da Conceição, de Peniche, e tambem me pareceram do seu pincel, dois quadros de milagres que estão na notavel capella de Nossa Senhora dos Remedios, d'esta mesma villa.

Ha-os tambem na egreja do convento de Torres Vedras, e em outras muitas egrejas e capellas.

As suas pinturas revelam um grande ge-

[1] Alguns escriptores sustentam que ella nasceu em Obidos, o que não é admissivel. Todos concordam em que ella falleceu em 1684, com 50 annos de edade; assim como concordam em que seu pae regressou a Portugal depois da acclamação de D. João IV. Ja se vê que ella nasceu em 1634, e portanto tinha 6 annos quando veio para Obidos. Contente-se pois esta villa em que seja oriunda d'ella, Josefa Ayala, em que passasse aqui toda a sua vida desde a edade de seis annos, e em possuir os seus restos mortaes.

nio, muita vivacidade de expressão, e, sobretudo, muita verdade; ainda que alguns lhe notam uma tal ou qual dureza de pincel. Foi inexcedivel em pintar flores e fructos. Em uma casa particular da aldeia do Varatojo, vi um quadro seu n'este genero (provavelmente dos que foram tirados do convento) que me maravilhou.

O auctor do *Theatro heroino*, diz, a pag. 194, que na egreja do mosteiro jeronymo de Valle-Bem-feito, se admiram bellissimos quadros da habil mão de Josefa d'Obidos; e que, em casa de José Gomes d'Avellar, que era parente d'ella, ha tambem alguns, pintados em tela e em laminas de cobre e de prata.

Era tambem insigne retratista, e tanto que —pintando o retrato da princeza D. Isabel, filha de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, [1] sahiu tão perfeito e semelhante, que, entre outros, de pintores de fama, foi preferido para ser mandado a Victor Amadeu, duque de Saboia, que desposou aquella princeza.

Parece que Josefa d'Obidos foi tambem gravadora, porque na edição dos *Estatutos* da universidade de Coimbra (1654) se acha uma estampa com a assignatura de *Josefa Ayala, Obidos, 1653.* Tinha então ella, 19 annos.

No côro da egreja do Varatojo, está uma pintura do Menino Jesus, com uma tunica transparente, de uma correcção de desenho perfeitissima, obra d'esta mulher famosa. Na capella do noviciado, está um béllo quadro de Nossa Senhora das Dôres, que tambem se lhe attribue. Na egreja do mosteiro d'Alcobaça, ha quadros que consta serem tambem obra sua; assim como na egreja do real mosteiro da Batalha.

O *morgado de Setubal* (José Antonio Benedicto de Faria Barros), grande curioso em pintura, fez o retrato de Josefa d'Obidos, que é reputado a melhor obra d'este pintor.

Finalmente, Josefa d'Obidos, pelos seus talentos, foi estimada de todas as principaes pessoas d'estes reinos, muitas das quaes a hiam visitar á sua quinta d'Obidos; e esta villa se ufana, com justiça, d'esta sua notabilissima patricia.

[1] A tristemente celebre mulher de D. Affonso VI, que, ainda em vida de seu marido, casou com seu cunhado, o então infante D. Pedro, e foi sua primeira esposa.

—

Em Obidos nasceu, a 16 de março de 1794, o verdadeiramente poetico e inspirado orador sagrado, padre Francisco Raphael da Silveira Malhão.

Era filho do bacharel F. G. da S. Malhão (acima mencionado) e de D. Josefa Maria Ribeiro da Gama, e sobrinho dos poetas da *Arcadia*, João Monteiro e Antonio Gomes.

Por influencia do padre Barros, vigario-geral, em Obidos, se dedicou á vida ecclesiastica. Frequentou o seminario de Santarem, onde estudou nove annos, latim, logica, rethorica, theologia, canto e musica.

Tomando ordens, aos 23 annos (1817) com despensa, regressou para Obidos, a viver com seus irmãos (porque seus paes já tinham fallecido), estando sempre na sua companhia, e não os desamparando nunca. Ainda vive uma sua irman.

Teve grande devoção com Nossa Senhora da Nazareth, a cuja festa hia prégar todos os annos; assim como ao Immaculado Coração de Maria, a quem erigiu uma bonita ermida, no logar do *Olho-Marinho.*

Prégava muitas vezes por devoção, principalmente sermões da Santissima Virgem. Escrevia hymnos e lôas para serem cantados em honra de Nossa Senhora.

Gostava muito de conversar com os homens do campo, dando-lhes bons concelhos, e muitas vezes aproveitando os d'elles e os seus pensamentos.

Os seus costumes respiravam todos a sympathica singeleza da sua alma.

Foi um dos mais eloquentes e dos mais poeticos oradores sagrados do seculo XIX em Portugal; commovendo e arrebatando muitas vezes o seu auditorio com as palavras angelicas de seus sermões brilhantissimos.

A sua modestia egualava os seus apreciaveis dotes litterarios, e jámais quiz passar de um simples clerigo; limitando-se apenas a acceitar o logar de socio correspondente, do Instituto de Coimbra.

Era virtuoso e honradissimo, sem que a

mais pequena nódoa do vicio manchasse a sua vida immaculada; mas não era d'esses ascetas tetricos e cadavericos, pelo contrario, o seu rosto era sempre alegre e prasenteiro, e o seu bello caracter, ás vezes mesmo jocoso.

Publicou varias poesias, entre ellas a *Aldeia Christan* e os *Serões da Aldeia*, e muitos dos seus formosos sermões.

Ainda n'este anno de 1875, a casa editora lisbonense, de Mattos Moreira & C.ª está publicando uma serie de sermões seus, dos quaes já estão impressos 16, que são afanosamente procurados pelos ecclesiasticos; estando o resto em via de publicação.

Vão tambem em breve ser publicadas as suas poesias.

Falleceu em Obidos, a 10 de novembro de 1860, e jaz sepultado, em uma campa raza, á entrada da egreja de S. Pedro, d'esta villa, sem uma simples inscripção, que diga aos vindouros que n'esta sepultura dorme o eterno somno o Lacordaire portuguez.

—

A pag. 494, col. 2.ª, do 2.º vol., fallei na aldeia de *Durruivos*, da freguezia do Carvalhal e concelho d'Obidos. Aqui accrescento mais:

No dia 30 de setembro de 1875, os sinos d'Obidos, faziam eccoar o seu dobre plangente, nos alcantis dos arredores. Era a alma de um ente, que, despindo o envolucro de barro, e tomando as suas azas d'anjo, voára á mansão dos justos. Fallecêra nos braços de seu filho extremoso, a sr.ª D. Maria Ignacia Machado, natural d'esta aldeia, viuva do sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, natural de Lisboa, e mãe do nosso tão sympathico como espirituoso e distinctissimo escriptor, o sr. Julio Cesar Machado.

A sr.ª D. Maria Ignacia, havia nascido em 1804. Era uma senhora virtuosissima e de uma bondade ineffavel, deixando por isso uma indelevel saudade.

Seu filho, apenas teve noticia da molestia que levou á sepultura sua extremecida mãe, deixou immediatamente os seus queridos livros, as suas famosas publicações, e todos os prazeres da capital, e correu pressuroso para junto do leito materno, e alli, sollicito enfermeiro, e perpetuo companheiro, passou muitas semanas, até vêr expirar recostada ao seu coração angustiado, aquella que tanto amára na vida.

Este raro procedimento, honra tanto — honra talvez mais — o sr. Julio Cesar Machado, como todas as suas bellas producções litterarias.

O sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, falleceu a 22 de maio de 1851, na cidade de Lisboa. Fôra um dos grandes elegantes do seu tempo — e como sua mãe, a sr.ª D. Gertrudes Prophiria da Purificação da Costa Machado, tinha fama de ser muito rica, lhe chamavam (a elle) *o filho da viuva.*

Era um perfeito cavalheiro, e de solida e vasta instrucção e maxima probidade. A sua franqueza, sinceridade, bondade, largueza de animo e amavel confiança, o faziam o melhor dos homens; mas de todas estas qualidades, apenas tirou por fructo..... a pobreza.

Os que se haviam aproveitado das suas liberalidades (talvez excessivas) o alcunhavam depois, de *gastador excentrico;* mas os seus verdadeiros amigos o denominavam — *coração d'ouro.*

Custa a comprehender como um homem de extraordinario talento, e incontestavel agudeza, não quizesse conhecer mais cêdo a falaz hypocrisia dos outros, e previnir-se.

Mas, se não deixou a seu filho as riquezas transitorias do mundo, deixou-lhe um nome honrado e impoluto, e uma educação esmeradissima: a mais solida das heranças, porque Julio Cesar Machado não é só o escriptor elegante que nos delicia com os seus despretenciosos chistes e finos conceitos, é tambem o moço agradavel, urbano, o amigo dedicado, a alma pura e franca, sem uma sombra, sem uma mancha.

OBLATOS, DEOVOTOS e **FAMILIARES**— certas dadivas que antigamente se faziam ás egrejas e mosteiros. Consistiam não só em dinheiro e generos, mas em bens de raiz, e

até por muitas vezes nas proprias pessoas e familias dos doadores.

Antes do 4.º concilio lateranense (1215) não havia regularidade na recepção dos *oblatos*. Uns se votavam á egreja, com suas mulheres e filhos, para serem admittidos á profissão monachal, promettendo estabilidade, conversão e obediencia—outros ficavam no seculo, com liberdade porém de professarem o monachato que bem lhes parecesse; mas todos eram reputados *familiares* d'aquelle mosteiro, a cujo abbade obedeciam, e d'elle recebiam vestido e sustento.

Havia outros doadores, mesmo sem profissão monachal de casta alguma, e vestidos differentemente dos monges.

Outros, se faziam *escravos*, com suas mulheres e filhos, dos mosteiros ou egrejas, a que haviam dado seus bens; tendo por nobreza verdadeira, o titulo de escravos de Jesus Christo. Estes, ou punham sobre a cabeça uma moeda de quatro dinheiros, e a lançavam logo sobre o altar, e com isto se confessavam *escravos do Senhor*, ficando a denominar-se *servos de quatro dinheiros* — ou prendiam ao pescoço a corda do sino, e d'este modo protestavam ser *servos de glêba*, e sem liberdade alguma.

Outros em fim, pagavam ao mosteiro certo censo annual, que voluntariamente tinham imposto nas suas fazendas, das quaes muitos ficavam meros usufructoarios.

Os mosteiros que tinham maior numero d'estes *familiares*, *servos e escravos*, eram os de Alpendurada, Arouca, Lorvão, Maceira-Dão, Tarouca, e Salzêdas. Não se confunda *oblatos*, com *obladagens* ou *oblatas*.

Estas eram *offertas* que os fieis levavam ás egrejas, em certos dias do anno, para utilidade dos seus ministros. Consistiam em pão, vinho e outros generos. Em algumas freguezias de Portugal ainda se pagam *oblatas*, pelas almas dos defunctos.

OBOBRIGA—cidade antiquissima da Lusitania, que, segundo o *Agiologio Lusitano* (tom. 2.º, pag. 547, col. 2.ª) estava assente em um logar junto a *Rio-Caldo*, no sitio em que esta povoação parte com Manim. Foi martyrisada n'esta cidade, Santa Eufemia, virgem, que alguns pretendem ter sido natural d'esta freguezia; que é no concelho de Terras de Bouro (Minho) comarca de Villa Verde. Vide *Rio Caldo*.

OBRA—portuguez antigo—significava, *até pouco mais ou menos*, ou *aproximadamente*, quando se falla de um numero que com exactidão se não póde determinar. V. gr.—*Obra de 12 kilometros*. — *Obra de 20 kilogrammas*, etc. Ainda é muito usado este termo em Portugal.

OBRAÇOM — portuguez antigo — *missa, oblação*.

OBRAÇOM — portuguez antigo— *offerecimento* de alguma cousa profana.—*Os devedores sejam theudos de pagar esso que deverem como se essas obraçooens e consinaçooes nom fossem feitas*. (*Cod. Alf.*, L.º 4.º, tit. 1.º, § 23.)

OBRADAÇOM—portuguez antigo—o mesmo que *oblata* (ou *obrada*) Vide *Oblatos*, no fim.

OBRADAR — portuguez antigo—*offerecer*. Obradar um defunto, era offerecer alguma cousa ao altar ou aos seus ministros, para que orassem pela alma do offerente.

OBRIDAR—portuguez antigo—*obrigar*.

OBSIA, OSEA, OSSIIA, OUSSIDA, e **OUSIIA**—portuguez antigo—dava-se este nome á capella mór de qualquer egreja, e, ás vezes, mesmo a outro qualquer altar ou capella.

OBTRO—portuguez antigo—*outro*.

OBTURGAR — portuguez antigo — *outorgar, conceder*.

OCEM, OSSEM, e **CEM**—appellido nobre em Portugal—suas armas são — em campo d'ouro, leão de púrpura; orla azul, carregada de oito vieiras de prata — elmo d'aço aberto—timbre, o leão das armas, com uma das vieiras sobre a cabeça.

E' famoso na historia da cidade do Porto, *Pedro Ossem*, *Pedro Ocem*, ou *Pedro Cem* (por todos estes nomes o tenho visto escripto.) E' tradicção que a torre ameiada que ainda existe bem conservada (servindo parte d'ella de cosinha) nas trazeiras do palacio dos srs. Brandões, da Torre da Marca, do Porto, hoje dos srs. marquezes de Monfalim, foi construida pelo legendario *Pedro Cem*. Vide *Nicolau* (São) freguezia da cidade do Porto.

OCHAVA—portuguez antigo — a oitava parte de qualquer cousa, de pêso, ou medida. Os hespanhoes ainda dizem *ochavo*, pela oitava parte de um real. Corresponde a 2 e meio reis da nossa moeda.

OCHAVILA—portuguez antigo—o mesmo que ochava.

OCIENTE—portuguez antigo—Desde o seculo XII até ao XIV, são innumeraveis os documentos que, designando os quatro pontos cardeaes do globo, lhe dão os seguintes nomes—*Levante*, ou *Soão* (Este)—*Abrego*, *Vendaval*, ou *Alcouço* (Sul)—*Aguiom*, ou *Aquilom* (Norte) *Travessía*, ou *Ociente* (Oeste.)

Nas provincias do norte, ainda muita gente chama *Soão*, ou *Vento da Serra*, ao vento leste—*Vendaval*, ao vento sul—*Aguião*, ao vento norte. (D'aqui *aguiárra* ou *guiarra*, ao nevoeiro frigidissimo que vem do norte.)

Os navegantes, tambem ainda empregam com frequencia os termos de—*levante*, *vendaval*, e *travessía*, no mesmo sentido.

OCISIA—Vide *Eucisia*.

OCRATO, ou **OCRATE**—nome antigo da actual villa do Crato, cabeça do grão-priorado do Crato, da ordem de Malta.

OCULIS (em portuguez **OLHOS**) — antiquissima parochia da freguezia do Minho, pois já existia no seculo VII, quando o rei Wamba fez a divisão dos bispados da Lusitania (675.)—O seu nome provinha de uns *Olhos d'agua* thermal que aqui nascem.

Consta isto de uma sentença que deu D. Affonso V de Leão, quando esteve n'esta freguezia, e que existe no archivo da collegiada de Guimarães. Na sua data diz—*Hic in Ecclesia Sancti Michaelis in Oculis Calidarum.* (Aqui, na egreja de S. Miguel, nos Olhos das Caldas.)

E' a actual freguezia de S. Miguel das Caldas de Vizella (2.º vol., pag. 41, col. 1.ª) na comarca e concelho de Guimarães.

Depois de se denominar *S. Miguel dos Olhos*, se chamou de *Caldellas*, e por fim das *Caldas*.

ODECEIXE ou **ODESSEIXE** — freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Aljezur, 105 kilometros de Faro, 180 ao S. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

Esteve muitos annos unida á freguezia de Aljezur.

E' parochia muito antiga.

A mesa da consciencia apresentava o capellão curado (vulgo, prior) que tinha 120 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

O seu antigo nome era *Seixe*. Quando os arabes se apossaram do Algarve, em 716, chamaram ao rio (em cuja margem S., está situado este logar) *Wad-Seixe* (Rio de Seixe) passando depois este nome á povoação, o qual ainda conserva, pouco corrompido.

Fica a freguezia entre dois sêrros.

O rio foi navegavel, em tempos remotos, mas já o não é.

No dia 1.º de novembro de 1755, sahiu o rio mais de 6 kilometros do seu leito, alagando todas as varzeas, e deixando n'ella muito peixe, de varias qualidades.

Rebentaram então copiosas fontes.

A povoação, que tinha cem casas, foi arrazada. A egreja matriz era da ordem de S. Thiago.

Tem esta freguezia 12 kilometros de comprido e 6 de largo. E' fertil, mas doentia, por causa das suas aguas estagnadas.

E' a ultima povoação do Algarve, por este lado, servindo o seu rio de divisão entre o Algarve e o Alemtejo.

Tem uma albergaria muito antiga, que tinha 70$000 réis de renda.

Tem egreja da Misericordia, e contigua a ella, uma casa para acolheita de peregrinos.

ODEJÉBE—Vide *Dejébe*.

ODELEITE—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Castro-Marim, 60 kilometros de Fáro, 210 ao S. de Lisboa, 520 fogos,

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo.

Esta freguezia, está situada na falda de um monte, entre quatro altos sêrros, proximo á ribeira do seu nome.

Como a freguezia antecedente, e todas as mais que principiam por *Ode* e *Guad*, tem a mesma etymologia.

Tem feira a 29 de junho, muito concorrida de portuguezes e hespanhoes.

A egreja matriz é de tres naves e muito linda e magestosa.

A capella-mór e os altares lateraes, são devidos ao zelozo prior, José Martins Falleiro, que legou todos os seus bens á parochia, para esta obra.

Tem a freguezia 18 kilometros de comprido, desde o Guadiana até *Altamór* — e 6 kilometros de largo, desde a ribeira da Foupana (que a separa do concelho d'Alcoutim) até á *Portella-Alta*.

E' uma das melhores e maiores freguezias ruraes do Algarve.

E' terra fertil. Vide *Odeleite*, rio.

ODELEITE—rio, Algarve—Nasce nos valles de Maria Dias, proximo ao *Sêrro das Zêbras* (freguezia de Salir) engrossando com outros ribeiros. Morre no Guadiana, 3 kilometros a E. da aldeia do seu nome; pouco acima do qual, chega a maré, e é navegavel por barcos pequenos.

Tem 54 kilometros de curso.

Passa ás freguezias de Salir, Cachôpo, Vaqueiros, e esta, que lhe dá, ou de quem recebe o nome.

Rega, móe e traz muito peixe.

No sitio da *Pernada*, recebe a ribeira *Foupana*, que nasce no sitio do *Valle da Grúa*, freguezia do Cachopo, concelho de Faro. Recebe varios ribeiros, até proximo da *Fonte do Zambujo*, e vem metter-se no Odeleite, no tal sitio das *Pernadas*, abaixo do *Moinho do Carvão*, 3 kilometros a E. da povoação de Odeleite, com 50 kilometros de curso.

Suas margens são cultivadas e ferteis.

ODELOUCA—rio, Algarve—Segundo uma especie de itinerario, escripto por um dos crusados que ajudaram a tomar Silves aos mouros, em 1189—o qual foi impresso na Italia, em 1840, pela academia real das sciencias de Turim—os mouros da cidade de Silves vinham buscar agua ao rio *Widrade* (hoje *Aráde*.) Diz que outro rio corre para aquelle, chamado *Wydelouca*, e que sobre este *caminho da agua* tinham os mouros quatro torres, para lhes defenderem a marcha, ás quaes chamavam a *Coiraça*.

Julgo que era ingiez o cruzado que escreveu o tal itinerario, ou roteiro, e que *britanisou* a palavra *Wadelouca*, para a pronunciar como os peninsulares, visto que o *y* inglez vale *a* e *ai*; pois que em mais nenhum escriptor se acha o *y* em vez do *a* Ja se vê que o nome d'este rio sem corrupção, é *Wad-al-Loôq*—que significa—*agua doce*. [1]

Alguns suppõem que o seu verdadeiro nome árabe, era *Wad-el-Occa* — *agua pesada* (*occa* é um peso que se usava na Grecia e em todo o Oriente. Tinha 40 onças do nosso antigo pêso, ou 1 kilo e 147 grammas do actual.) Parece-me mais propria a primeira opinião.

O rio Odelouca, nasce na serra da freguezia de S. Barnabé, concelho d'Almodóvar, no sitio chamado *Cumiada dos Cançados*. Depois de receber as aguas de varios ribeiros, desagúa no Oceano, em Villa-Nova de Portimão.

Como passa por junto da cidade de Silves, tambem se lhe dá o nome de *Rio de Silves*.

ODEMIRA—Vide *Mira*, a pag. 241, col. 1.ª, do 5.º vol.

ODEMIRA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, e bispado de Bejá; 100 kilometros ao O. d'Evora, 24 a E. de Villa Nova de Mil Fontes, e 135 ao S. de Lisboa.

Tem duas freguezias — Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) com 400 fogos. O Salvador com 350 fogos.

[1] *Loôq*, na accepção rigorosa da palavra, é xarope ou lambedor, e deriva-se do verbo *laâca*, lamber; mas toma-se tambem por cousa doce.

O real padroado, apresentava o reitor de Santa Maria (vulgarmente chamado prior) que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 132 fogos.

Tambem o real padroado apresentava o reitor do Salvador, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Tinha em 1757, 150 fogos.

Estes parochos receberam até 1711, dois terços dos dizimos, que então passaram todos para a Sé patriarchal, sendo aos dois parochos assignada a congrua referida.

—

O concelho de Odemira é composto de 12 freguezias, todas do arcebispa do d'Evora, até 1770, e desde então, do restaurado bispado de Beja; são — Amoreiras, Collos, Odemira (duas) Reliquias, Saboia, Santa Clara a Velha, Santa Luzia, S. Luiz, S. Theotonio, Valle de S. Thiago, Villa Nova de Mil Fontes. — Todas com 4:600 fogos.

Tinha mais a freguezia de Cercal, que passou a formar parte do concelho de S. Thiago do Cacem, em septembro de 1875.

Foi da comarca de Ourique.

Está a villa fundada em uma planicie, sobre s margens do rio que lhe deu o nome [1] —em 38° 30' de lt. N.—e 23' de lg. Occ., entre a serra de *Cabeças Gôrdas* e o sêrro dos Pinheiros, proximo da linha divisoria entre o Alemtejo e o Algarve, e 24 kilometros a E. do mar.

O seu territorio produz cereaes, fructas, e vinho, e é abundante em céra, mel, gado e caça.

—

Ainda que Odemira não seja a *Medobriga* dos gallos-celtas, e *Medobrica* dos romanos, como alguns escriptores pretendem (outros sustentam que Medobriga é a actual villa de S. Thiago do Cacem) é incontestavelmente uma povoação antiquissima, com toda a probabilidade, do tempo dos romanos, e com certeza do tempo dos arabes.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros em 1166. Consta que os portuguezes, entrando pela barra do rio de Odemira, em Villa Nova de Mil Fontes, se devidiram por pequenos barcos, e á sombra dos canaviaes, vieram mansamente pelo rio acima, atacando de improviso o seu forte castello, e achando os mouros desprevenidos, lh'o tomaram com pequena resistencia.

Vê-se pois que já então era uma villa importante, com seu castello (que hoje está transformado em cemiterio publico).

Se esta villa fosse a Merobriga dos antigos, tinha hoje (1875) nada menos de 2859 annos de existencia, pois diz-se que aquella cidade foi fundada pelos annos do mundo 3020—984 antes de J.-C.

O 1.° foral d'esta villa, foi-lhe dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 28 de março de 1256—(*L.° 1.° de Doações de D. Affonso III*, fl. 14 v., col. 1.ª)—Tinha os mesmos privilegios do foral de Beja.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, a 5 de setembro de 1510 (*L.° de foraes novos do Alemtejo*, fl. 40, col. 2.ª)

Diz-se que esta villa foi povoada por D. Affonso III, em 1256, mas como os nossos escriptores antigos chamavam *povoar* ao acto de dar foral, é de suppôr que esta villa já tivesse povoação christan antes do dito anno de 1256; porque, D. Affonso Henriques e seu filho e neto não quereriam de certo deixar desamparada e sem guarnição, esta villa e o seu, então, forte castello.

No foral antigo, declara D.

[1] Odemira é corrupção do arabe *Wad-Emir* (agua ou rio do Emir.)

Os portuguezes, nos nomes de muitos rios, trocaram o *Wad* ou *Wed* em *Ode*—E n'outros logares, a palavra *Emir*, por *Mir*, e assim se corrompeu o nome que os árabes deram a este rio—*Wad-Emir*—em *Odemir* e por fim em Odemira. O povo d'esta villa dá uma etymologia muito diversa ao seu nome; mas que não passa de um disparate. Dizem que, quando os christãos atacaram o castello, era alcaide d'elle um mouro chamado *Ode*; e que vendo a mulher vir o exercito de D. Affonso Henriques, entrou a gritar—Ode, *mira*!—e que este nome lhe ficou.

Ode, nunca foi nome proprio árabe, e no mesmo caso está *mira*, que é um verbo da lingua hespanhola, e do antigo portuguez. Em vista d'isto, não são precizas mais objecções.

Affonso III, que povoou esta villa *por ordem do Ceu.*

Tem o edificio do mosteiro de frades franciscanos (xabreganos), fundado pelo 1.º conde de Odemira, pelos annos de 1560. O carneiro dos ditos condes era n'este mosteiro. (Adiante digo o que é feito d'este edificio.)

O rei D. Duarte deu as villas de Mortágua e Pena-Cova, a D. Sancho de Noronha [1] e sua mulher, D. Mecia de Souza (1.os condes de Odemira). Esta mercê foi confirmada por D. Affonso V, em 1541, quando deu o titulo e condado ao referido D. Sancho—por o rei D. Manuel, em 8 de janeiro de 1504—por D. João III, em 28 d'agosto de 1527.

Na casa d'estes condes se conservou até ao reinado de D. João IV, que confirmou a mesma mercê, ao conde D. Francisco de Faro; e por sua morte, fez d'ella mercê, D. Affonso VI, á unica filha e herdeira de D. Francisco, D. Maria de Faro. Por morte d'esta senhora, fez D. Pedro II mercê das villas de Odemira, Mortágua e Pena-Cova, a D. Nuno Alvares Pereira (1.º duque do Cadaval, conde de Tentugal e marquez de Ferreira), em 18 de dezembro de 1671; com todas as jurisdicções, direitos, rendas, padroados de egrejas, officios (assim da guerra como da republica) e o oitavo de todos os fructos. É actual conde de Odemira, o sr. D. Manuel de Mello. (Vide *Alvito* e *Loronha.*)

—

Assenta a villa na falda e encosta de tres sêrros, e está cercada, de N. a S., e E. a O. por uma serrania, que termina a um kilometro a O., onde principia uma charneca, mais ou menos povoada, a qual se estende até á costa do mar. Esta charneca tem uns 35 kilometros de extensão, e tem terrenos cultivados e incultos, sendo estes susceptiveis de arborisação, e muito proprios para vinhas.

[1] D. Sancho de Noronha, era 3.º filho de D. Affonso, conde de Gijon, neto paterno de D. Henrique II de Castella, e materno de D. Fernando I, de Portugal. Este condado terminou em 1661, por fallecimento de D. Maria de Faro e Noronha, unica filha e herdeira do 7.º conde, D. Francisco de Faro e Noronha, por morrer aquella senhora sem descendentes.

Em 1256, foi o castello de Odemira doado ao bispo do Porto, e confirmada esta doação por uma bulla de Alexandre IV, que concedeu indulgencias aos que viessem povoar estes logares, e defendel os dos mouros. (Do castello e da egreja da Trindade, que estiveram sobranceiros ao rio, não existem vestigios, e apenas se conservam os nomes, nos sitios onde estiveram.)

—

Em 1510 (no foral) privilegiou o rei D. Manuel, os moradores d'esta villa, escusando-os do pagamento dos montados, dando-lhes liberdade para cortarem a madeira de que carecessem, na area de 6 kilometros em redor da villa, na conformidade das posturas que a camara fizesse.

Pelo antigo foral, de D. Affonso III, era tambem concedido aos visinhos de Odemira, mediante o pagamento de certa quantia, por finta entre si, o uso livre das aguas e pastagens do concelho.

—

Tem casa de Misericordia, erecta em 1569, na ermida do Espirito Santo, que serve hoje de hospital. D'aqui passou para a sua nova egreja (a actual) em 1576.

Por provisão de 4 de março de 1611, obteve a irmandade da Misericordia, os privilegios da de Lisboa. O seu rendimento annual, anda por 200$000 réis.

—

A egreja matriz do Salvador, é um templo vasto, com quatro altares. Tem uma confraria.

A de Nossa Senhora da Assumpção, foi profanada e demolida, em 1835, e a parochia passou para a egreja do mosteiro de Santo Antonio (franciscano).

O edificio do mosteiro, menos a egreja e sachristia, foi vendido em hasta publica, perante a junta do credito publico, no dia 30 de outubro de 1841, e comprado por Antonio d'Almeida, por 480$500 rs. O seu actual proprietario, é o sr. José Maria Lopes Falcão, d'esta villa.

A egreja do mosteiro está bastante arruinada.

—

O rio *Mira*, ou *Odemira*, nasce na serra da

Mu, (mulo) ou *Caldeirão*, no sitio chamado *Carvalhêtes*, ao S. de Almodóvar, em territorio da freguezia de Santa Clara a Nova, do mesmo concelho d'Almodovar. O seu curso é de 85 kilometros. Recebe o *Rio-Tôrto*, e varios ribeiros, no seu curso bastante sinuoso. Em um livro da camara d'esta villa, onde se vê uma rapida descripção d'ella, se dá a este rio um curso de mais cinco kilometros, pois diz que tem 15 leguas, que corresponde a 90 kilometros.—As antigas leguas portuguezas, eram de 18 ao gráu, ou tres milhas; e cada milha tinha, com uma differença insignificante, dois kilometros, o que dava em resultado 45 milhas, ou 90 kilometros.

O seu curso sujeito ás marés (ou de agua salgada) é de 30 kilometros, e navegavel para embarcações de 180 a 200 moios de trigo. Desde a sua nascente até ao sitio da *Torrinha*, se denomina *ribeira*, e só d'ahi para diante se lhe dá o nome de *rio*. É perenne (o *rio*) na estiagem, e de curso muito arrebatado no inverno. É muito fertil em peixe, e na primavera abunda em corvinas (*coracinus magnus*, de Lineu).

Até á Torrinha, seccam as nascentes da *ribeira*, ficando a agua estagnada nos pégos, o que corrompe a vegetação fluvial, que produz exhalações miasmaticas, origem de febres intermitentes e paludosas.

—

Á sahida da villa, na direcção da estrada que vae para S. Theotonio e outros pontos, ha uma barca, em fórma de estrado, que offerece passagem livre e gratuita, a todos os passageiros, cargas e gados, de dentro e de fóra do concelho, a todas as horas do dia e da noite; mas os passageiros teem obrigação de rezar um *Padre Nosso* e uma *Ave Maria*, por alma da bemfeitora que legou rendas para custear a albergaria d'esta barca.

Na frente do arco d'alvenaria, onde está o cabrestante (ou sarilho) que enrola a maroma da barca, ha uma lapide com esta inscripção:

HUM PADRE NOSSO E HUMA AVE MARIA,
PELA ALMA DE QUEM DEIXOU ESTA BARCA.
MANDOU FAZER ESTE PADRÃO, O DOUTOR JOÃO
DA ROCHA PINTO, PROVEDOR DA COMARCA
DE BEJA, EM 1672.

É a camara municipal da villa, quem, na conformidade do regulamento da dita albergaria, administra os seus rendimentos.

Na beira da mesma estrada, e proximo á barca, está a capella de *Nossa Senhora da Piedade*. É vasta, com um bello retabulo, de excellente talha, onde está a padroeira; com a qual todos os povos das visinhanças, e ainda de longe, teem particular devoção.

A capella está bastante damnificada, em razão do pouco zélo do seu administrador, que é o parocho da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, da villa, pois, sendo em alguns annos o producto das esmolas á Senhora, de 150$000 réis (sem que esse rendimento seja incluido na congrua do parocho), e tendo a imagem algumas joias de ouro, se podia muito bem restaurar a capella. O parocho limita-se apenas, a fazer uma festa insignificante, á Senhora, em 8 de setembro, para receber as esmolas dos devotos.

Segundo a tradição é um sanctuario antiquissimo; mas não se sabe mais nada, nem o *Sanctuario Marianno* o menciona.

—

Possue Odemira alguns predios bons; merecendo especial menção os paços do concelho, que são os melhores do districto administrativo, e com capacidade para acommodar todas as repartições publicas. Foram restaurados e ampliados, em 1865.

Tambem é bonita a casa da escola de instrucção primaria, construida em 1870, pela camara, e com o subsidio do legado do benemerito conde de Ferreira. Tem uma galeria de retratos de varões insignes nas lettras, nas armas ou nas virtudes, e uma bibliotheca popular, já de mais de 1200 volumes.

As casas onde reside e de que é proprietaria a sr.ª D. Marianna Lucia Beja Falcão; as do sr. Jorge José Serrão; e as do sr. José Rodrigues Furtado Nobre, são tambem optimos edificios.

Ha na villa um theatro, fundado em 1863, pela *sociedade recreativa odemirense*, cujo scenario (graças aos esforços, engenho e desinteresse do illustre facultativo, o sr. doutor

Abel da Silva Ribeiro, [1] póde competir com os melhores da provincia do Algarve, excepcionando o theatro *Lethes*. Levou-se á scena, para a sua inauguração, o drama do sr. J. da S. Mendes Leal, os *Dois Renegados*. Tem-se aqui representado — *O homem da mascara negra* — a *Pobre das ruinas* — o *Ghigi*, e outros de incontestavel merecimento.

Ao incançavel e humanitario zêllo do sr. Antonio Vicente da Silva, mancebo pobre, porém amante decidido do progresso, deve Odemira a posseção de um monte-pio, fundado em 2 d'abril de 1871, e cujos estatutos foram approvados, por decreto de 26 de fevereiro de 1872, sendo já de 76, o numero dos seus socios (1875).

O territorio d'este concelho é abundante em trigo, milho, centeio, cevada, tremoços, legumes, fructas, montados de sôbro (que dão excellente cortiça), ditos de azinho, cêpa d'urze, mel, cêra, etc.; exportando muitos d'estes generos.

O principal ramo de commercio d'este concelho, é a exportação de cortiça. Só uma das cinco fabricas do concelho, da qual é proprietario o sr. José Francisco de Souza Prado, exportou desde julho de 1873, a julho de 1874, vinte hiates carregados de cortiça, preparada — tanto em *prancha*, como em rôlhas.

Faz-se tambem n'este concelho creação de gado de todas as especies; mas ha bastante desleixo no apuramento das raças.

Havia aqui antigamente javalis, côrças e veados; mas actualmente já se não encontram n'estes montados; e mesmo a caça miuda tem rareado bastante. Pelo inverno, apparecem alguns lobos, e em todo o anno, rapozas.

—

Não vejo na torre do tombo brazão de armas d'esta villa; mas os seus habitantes sustentam que as armas de Odemira são, desde tempos remotos, e sem alteração, um castello, com tres torres da sua côr, sobre ondas verdes.

Minas

É o territorio d'este concelho muito abundante de minas de diversos metaes; muitas d'ellas, com evidentes vestigios de exploração desde tempos remotissimos.

Actualmente estão em lavra as minas de ferro, da freguezia de S. Luiz — a 12 $^1/_2$ kilometros da villa, e já se teem exportado algumas carregações de minerio.

Em julho de 1874 foram definitivamente, concedidas ao sr. James Lloyd, mais sete minas de ferro e manganez.

Em julho de 1875, foram concedidas definitivamente, ao sr. Thomaz Haffenden, as duas minas de ferro e manganez, do *Córrego das Pedras*, e da herdade das *Sesmarias*.

Em agosto de 1875, foram concedidas ao sr. Alfredo Anduze, cinco minas de ferro e manganez, dos sêrros do *Moinho da Tojaria*, e *Curral Velho* e da *Fonte Ferrênha*.

Em agosto de 1875, obteve o mesmo sr. Alfredo Anduze, a concessão definitiva de mais duas minas, de manganez e ferro, no *sêrro da Azambujeira* e no *sêrro do Buford*.

Em outubro de 1875, obteve ainda o mesmo sr. Anduze, a concessão provisoria, da mina de ferro e manganez, do *Córrego das Batatas*.

Todas no concelho de Odemira.

Em outubro de 1875, obteve o sr. James Lloyd a concessão provisoria, das minas de ferro e manganez, do *Sêrro das Ballas*, e da *Courella dos Santos*. A 1.ª no concelho de Odemira, e a 2.ª no de S. Thiago do Cacem.

—

Em outubro de 1875, foi o sr. Thomaz Haffenden considerado descobridor legal, da mina de manganez, da herdade de *Aguas de Peixe*, n'este concelho de Odemira.

—

Devo á benevolencia do sr. José de Mattos Reis Junior, distincto professor de instrucção primaria, na escola do conde de Ferreira, d'esta villa, grande parte dos esclarecimentos que se acabam de ler; pelo que lhe dou os mais cordiaes agradecimentos.

[1] O sr. doutor Abel da Silva Ribeiro, é filho de uma nobre familia, da villa do Pinheiro da Bemposta, no concelho de Oliveira de Azemeis, e está aqui estabelecido. Vide *Pinheiro da Bemposta*.

ODESSEIZE—Vide *Odeceixe.*

ODIÁXERE—Vide *Diáxere.*

ODIVELLAS — freguezia, Alemtejo, concelho d'Alvito, comarca de Cuba, 80 kilometros ao O.N.O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 90 de cevada.

E' terra fertil, sobre tudo em cereaes Cria muito gado de toda a qualidade, principalmento suino, que exporta.

ODIVELLAS — freguezia, Extremadura, concelho de Belem, comarca, patriarchado, districto administrativo e 10 kilometros ao N. O. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757, tinha 353 fogos.

Orago o Santissimo nome de Jesus.

O povo apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 7$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar. Hoje rende uns 450$000 réis. E' actual prior d'esta freguezia, o reverendissimo sr. Hermenegildo José Ferreira, ao qual devo alguns dos esclarecimentos d'ella, que agradeço.

Está esta freguezia em formosa posição, com bôas communicações, para Lisboa, Belem e outras partes.

A egreja matriz é um templo vasto, rico e magestoso, e a sua capella-mór toda revestida de marmore, de differentes côres, tanto nas paredes como no tecto, que é de abobada de pedra. O tecto do corpo da egreja, é de formoso estuque, em relevo. Admiram-se aqui ricos paineis. Tem tres irmandades—a do Santissimo Nome de Jesus (padroeiro)—a do Santissimo (que tem 18:000$000 réis, em *inscripções* do credito publico)—e a de Nossa Senhora do Rosario, (As confrarias do Santissimo Nome de Jesus e a da Senhora do Rosario, tambem teem algums rendimentos.)

Tem a egreja ricas alfaias de prata, sendo as principaes — sete alampadas muito antigas e de muito pêzo—nove grandes cruzes — um rico cofre, com emblemas do Antigo Testamento, em alto relevo—alanternas, cereaes, varas do palio e dos mesarios—grande custodia, e outro muitos objectos, tudo de fina prata.

Tem um bom carrilhão de sinos, afinados por musica.

Tem sete altares, todos de talha dourado. Finalmente é um dos templos mais sumptuosos do termo de Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia muitas, bellas e ricas quintas, sendo as principaes, as seguintes:

Quinta da Memoria — logo á entrada da freguezia, tendo na porta principal, as armas de um arcebispo de Lisboa.

Junto a esta, á entrada da rua principal da povoação, está a *memoria* (que deu o nome á quinta) da qual adiante tratarei.

Quinta do Caldas—com grandes pomares de laranja e vastos parreiraes.

Quinta dos Padilhas.

Quinta do marquez das Minas, condes de Redondo.

Quinta das Pelles— com grande extenção de terreno, de oliveiras, pomares e terra lavradía.

O territorio d'esta freguezia, é fertil em toda a qualidade de generos agricolas, do nosso paiz, sendo os principaes, laranja e sebôla, que se exportam em grande quantidade.

O cirio do cabo

De tempos immemoriaes vae o famoso cirio do Cabo, de 25 em 25 annos, á egreja de Odivellas. Darei uma resumida relação do que é esta solemnidade (aos que o não souberem) descrevendo o ultimo que teve logar no domingo, 6 de junho de 1875.

Sahiu da ermida de Nossa Senhora das Dôres, em Belem.

A concorrencia foi numerosa. Dois eram os attractivos que convidavam a affluencia do povo áquelle aprazivel sitio. O cirio e a festa na casa pia.

Odivellas era a freguezia que recebia o cirio, e entre as do roteiro, que elle percorre no periodo de 25 annos, não é aquella a

que mais se poupa para fazer-lhe o acolhimento devido.

A ceremonia effectuou-se assim..

Achando-se presente na ermida das Dores a camara municipal do concelho de Belem, foi a imagem conduzida debaixo do pallio até á berlinda que a esperava á porta do adro.

O cirio, que seguiu pela rua do Embaixador, Junqueira, praça de D. Fernamdo (do lado da praia) calçada da Ajuda, terras de Monsanto, Bemfica, Carnide, até Odivellas, hia ordenado d'este modo:

Uma carroça da casa real, com foguetes; um carro, armado em forma de corêto, puxado por duas juntas de bois, conduzindo uma philarmonica; quarenta festeiros montados em bons e bem ajaezados cavallos; um carro puxado a tres juntas de bois, cobertos com rendas de crochet, conduzindo outra musica; um carro, puxado por uma junta de bois, conduzindo tres anjos; o juiz e dois festeiros, montados em cavallos com xaireis de velludo encarnado agaloados de ouro; o juiz levava a bandeira da Senhora, e tanto elle como os dois companheiros iam de casaca, chapeu armado, calção e bota de montar; berlinda da casa real, a duas parelhas, conduzindo a imagem e ladeada por criados da casa, com brandões; charanga de lanceiros e um piquete do mesmo corpo, todos de grande uniforme; traquitana da casa real, com o parocho de Odivellas, que distribuia lôas impressas; tres pagens a cavallo; cento e cincoenta cavalleiros; cincoenta trens conduzindo as principaes pessoas da freguezia que festeja, e das circumvisinhas, todas vestidas com as suas galas mais louçans.

O prestito offerecia um quadro deslumbrante pela calçada da Ajuda e terras de Monsanto.

Esta festa remonta a longa data. Parece ser coeva do reinado de D. Duarte. Tem sido sempre muito querida dos nossos monarchas.

A Senhora possue ricas joias que por elles lhe tem sido offerecidas. Em 1828, porém, foram-lhe roubadas duas côroas de brilhantes, de subido preço, fabricadas em Hespanha. Em 1833 foi-lhe tambem roubado um relicario ou maquineta, de grande merecimento artistico, que fôra prenda de D. Pedro III.

Attribuem-se á Virgem do Cabo, assignalados milagres. Conta-se, entre outros muitos, que estando uma mulherzinha á beira do precipicio, que se cava em frente da ermida do Cabo, se despenhára n'aquelle abysmo; e que, acudindo a irmandade com o estandarte da Senhora, para ir buscar o supposto cadaver, quando chegaram ao fundo do despenhadeiro a encontraram muito bem sentada a compor os cabellos, sana e escorreita. Isto passou-se em 1807.

A ermida actual já é a terceira. As outras cairam em ruinas.

O cirio, atravessa tres freguezias: Belem, Bemfica e Odivellas. N'esta ultima estavam preparados grandes festejos, que hão de prolongar-se durante a estada da Senhora n'aquelle sitio. Houve bodo, arraial, fogo de artificio, etc.

Este cirio é como que o marco milliario para a vida de muitos. Ha parochiano que o tem visto quatro vezes. Queira Deus que não fosse ainda este anno a ultima vez que o vejam.

(Extrahido do *Diario Illustrado*, *o que diz respeito ao cirio.)*

—

A freguezia de Odivellas é antiquissima, mas não se sabe a data da sua creação, nem quando e por quem foi fundada a egreja. Sabe-se sómente, que estando em máo estado, e sendo muito pequena, para a freguezia, foi demolida, sendo no seu lugar edificada a actual, por D. Pedro II, pelos annos de 1700; porem, na sachristia, se vê, no deposito do lavatorio, a data de 1573—provavelmente, era peça que pertenceu á antiga egreja.

Havia aqui um hospicio de frades bernardos, que foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular.

Do desacato praticado n'esta egreja, por Antonio Ferreira, na noite de domingo para segunda feira, 11 de maio de 1671, já tratei a pag. 128, col. 1.ª, do 2.º volume.

A memoria

Sobre um outeiro, proximo ao convento de Odivellas, por cuja encosta se estende a povoação d'este nome, se ergue um arco de pedra, de architectura gothica, chamado geralmente, *monumento de D. Diniz*, e o vulgo lhe dá o nome de *Memoria*.

Segundo a tradição, aqui descansou o corpo do esposo da rainha Santa Isabel, quando o conduziram para o seu jazigo, do visinho mosteiro, que elle havia fundado.

Se a tradição é verdadeira, é provavel que esta construcção seja obra de D. Affonso IV, filho d'aquelle monarcha. Entretanto, o chronista frei Francisco Brandão, descrevendo o enterro do rei D. Diniz, accrescenta o seguinte:

«Alguns querem dizer que onde agora está um arco de pedraria, parou a liteira, e se fizeram as costumadas ceremonias; mas aquelle arco, que responde a outro que está á sahida de Lisboa, para aquella parte (no *Campo da Forca*) se poseram por descançar n'aquelles logares o féretro de D, João I, quando de Lisboa veiu trasladado ao seu jazigo real, do convento da Batalha.»

Já não existe outro monumento designado por Brandão, e que estava no *Campo da Forca*, que é o actual *Campo de Santa Clara* (4.º vol., pag. 168, col. 1.ª)

O arco de Odivellas, pela *cruz floreada* que lhe orna a cúpula, distinctivo da ordem de Aviz, da qual, como todos sabem, foi grão-mestre, D. João I, parece dar razão a frei Francisco Brandão.

Consiste o monumento em um arco ogival, de cantaria, tendo no fecho, o brazão das armas de Portugal, com treze castellos na órla. O centro do arco, até metade da sua altura, é occupado por tres pequenos arcos, sustentados por oito columnetas, tendo sobre ellas uma mesa.

A architectura d'estes arcos é meio gothica, meio árabe, e denuncia uma época anterior a D. João I, em cujo reinado, a architectura gothica chegou á maior perfeição e pureza, n'este reino.

Mostra ter sido concertado em diversas épocas, e talvez lhe accrescentassem, na occasião d'estes reparos, alguma peça de novo; como a cruz floreada que o corôa.

Não tem inscripção alguma antiga; apenas se vê gravada, junto da base, na frente que olha para Lisboa, a seguinte inscripção:

1721 — R. T. F.

E' talvez a data do ultimo concerto que se lhe fez.

Real mosteiro de Odivellas

Segundo a lenda, a causa da fundação d'este mosteiro, foi a seguinte.

Estava o rei D. Diniz, na cidade de Beja, e, sahindo um dia á caça, encontrou-se com um urso monstruoso, que era o terror de todo aquelle territorio. Perseguiu-o o rei por algum tempo; porém a féra, investindo com o cavallo, lançou por terra o cavalleiro, que, vendo-se sob as garras de tão feroz e terrivel animal, invocou a S. Luiz, bispo de Tolósa, com o qual tinha particular devoção. Appareceu-lhe o santo, e o animou a desembainhar a sua faca de matto, e a cravál-a no urso, o que o rei logo fez, matando-o instantaneamente.

Salvo o rei, por este modo milagroso, resolveu logo edificar um mosteiro, em signal de reconhecimento para com o Ceu.

Até aqui a lenda.

Pouco tempo depois que o soberano regressou de Beja á capital, partiu com a côrte e com o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães—(o 19.º prelado d'essa diocese —4.º vol., pag. 269, no fim) para uma quinta que o rei tinha em Odivellas, e n'ella lançou solemnemente a 1.ª pedra do templo e do mosteiro, a 27 de fevereiro de 1295.

A egreja, que é de tres naves, foi consagrada a Nossa Senhora, a São Diniz (ou Dionizio) e a São Bernardo: mas o segundo é que ficou sendo o verdadeiro patrono, por ser do nome do fundador.

Foi architecto d'esta obra Affonso Martins, que a concluiu em 1305.

O rei fez doação do mosteiro, ás religiosas cistercienses. Passava então por ser o

mais grandioso edificio de Portugal. O templo era vastissimo, e no mosteiro, accommodaram-se, logo que se concluiu, 80 freiras; mas este numero se elevou no seculo XVIII, a 260.

Com o tempo, e com os terramotos, tanto o templo como o edificio do mosteiro, soffreram muitas ruinas, o que deu causa a diversas reconstrucções, que lhes alteraram, na maxima parte, as suas feições primitivas.

O mosteiro foi reconstruido completamente, no reinado de D. João IV, pelo risco e direcção de frei João Turreano, architecto e monge benedictino. [1]

Pouco ou nada conserva da primeira fabrica; apenas a egreja mostra ainda, em diversas partes, alguns specimens da sua antiga architectura; taes como—o vestibulo e algumas capellas. No vestibulo vê-se uma memoria antiga de muito interesse historico. E' uma bala de pedra, com 1m,10 de circumferencia, embebida na parede, tendo por baixo a seguinte inscripção:

ESTE PELOURO MANDOU AQUI OFFERECER
A SAN BERNARDO, DON ALVARO DE NORONHA,
POR SUA DEVAÇÃO, QUE HE DOS QUOM QUE
LHE OS TURCOS COMBATERAM A FORTALEZA
DURMUZ, SENDO ELE CAPITAM DELA, NA
ERA DE 1557.

(A data, é a da collocação da bala, na parede; pois que o cêrco e combate d'Ormuz, a que se refere a inscripção, succedeu em 1552.)

O templo não tem bellezas architectonicas, nem de esculptura. Exteriormente, é muito singelo e irregular; póde mesmo dizer-se — de fabrica mesquinha. A capella-mór é de fórma circular, e é a primitiva; mas era flanqueada por duas elevadas torres, e como que coroada por um corpo, do feitio de um frontão, adornado de lavores, que se erguia sobre o arco cruzeiro. Era esta a fachada nobre da egreja; porque a porta da entrada, como acontece em todos os mosteiros de freiras, era em um dos lados.

Interiormente, tambem não tem magnificencia. Conta dez capellas na egreja e vinte no côro, que se póde considerar o prolongamento, ou continuação da egreja, dando assim a esta, um comprimento extraordinario; porque só o côro, é como um grande templo. [1]

Na capella-mór, ha quatro paineis, representando imagens de santas, em corpo inteiro, attribuidos ao *Grão Vasco.*

O côro, não é só notavel pela sua grandeza — é-o tambem pela sua muita luz, que o faz summamente claro e alegre, e pelo luxo e ornamentação dos seus altares. Tem tres ordens de ricas cadeiras, para 200 freiras.

Em uma capella ao lado da capella-mór, está o tumulo do fundador, com a estatua do monarcha deitada sobre a tampa, com os pés para o lado do côro, armado, e de vestes reaes, porém muito mutilado e disforme, mórmente o rosto, o collo e as mãos, que estão meio decepadas. Tudo isto tem sido restaurado torpemente, com argamaça! Fizeram mais (e peor!) o lado do frontal do monumento, está completamente estucado, de angulo a angulo, e só do lado opposto se póde vêr o que isto foi.

Ao lado esquerdo da estatua do rei, se vêem ainda restos de outra figura, que provavelmente era a de S. Luiz, segundo refere Brandão.

Do lado direito tambem parece ter havido outra figura humana, pelo que denunciam os restos inferiores, que ainda se distinguem. Os troncos de todos estes fragmentos, estão hoje substituidos por uns *enfeites*, á laia de remate de chaminé, feitos de cal e areia!

Todas as quatro faces foram primorosamente lavradas e ornadas de escudêtes e la-

[1] Foi tambem o architecto da ultima reedificação do mosteiro de Santo Thyrso, do convento novo de Santa Clara de Coimbra, e do da estrella, em Lisboa — hoje hospital militar, vulgo *Estrellinha.*

[1] O mesmo se póde dizer da egreja e côro do real mosteiro de Arouca, que é da mesma ordem. Aqui, alem do côro ter a mesma largura e altura, e quasi tanto comprimento como a egreja, póde dizer-se que o côro é ainda mais sumptuoso, estando adornado com bellissimos quadros a oleo, de grande merecimento, riquissimas cadeiras, e um dos melhores orgãos do reino.

çarias, segundo a architectura gothica, da época.

A frente do monumento tem quatro arcos, de architectura arabe, e em cada um d'elles um nicho, com dois frades bernardos — ao todo, oito em cada face, todos em vulto, e com livros fechados, nas mãos.

Na face opposta, o mesmo numero de arcos e de frades.—Na face que está por baixo da cabeceira do rei, está uma estatuêta, tambem em vulto, que parece de rei, de joelhos, e com as mãos póstas, aos pés de um prelado, lendo em um livro. Na face do lado dos pés do rei, ha outro arco, tambem com dois frades bernardos, tendo cada um nas mãos, um cofre com sua fechadura. Vindo a ser ao todo, 20 figuras — 18 de frades, e as duas do lado da cabeceira—a fóra as duas figuras da tampa.

O monumento descança sobre seis figuras de animaes, de differente especie, tres de cada lado, mas estão de tal modo mutiladas, que mal se podem designar.

Uma das do meio, assemelha-se a um grande cão. Parece que a que lhe fica á esquerda, representava o caso do urso; mas o que resta é tão pouco e tão desfeito, que não se póde conhecer. A figura da direita, pelas garras, parece ser leão.

O monumento tem $2^{m},62$ de comprido e $1^{m},42$ d'alto.

Este mausoleu, tem o merecimento de mostrar o estado da esculptura em Portugal, no fim do 13.º seculo.

Foi o proprio rei D. Diniz que o mandou fazer, poucos annos depois de concluidas as obras do mosteiro.

A maior parte das suas mutilações foi causada pela mudança do monumento, da antiga egreja, onde originariamente esteve, para a acanhada capella onde hoje está; accrescendo o vandalismo de barrarem com argamaça e besuntarem com estuque, muitos dos seus primorosos ornatos. Tambem alguns visitantes barbaros, teem damnificado estupidamente este monumento, quebrando e levando as peças de mais facil deslocação e transporte.

—

Na capella-mór estão sepultados, o infante D. João, filho de D. Affonso IV; [1] e D. Maria, filha natural do fundador, e freira d'este mosteiro.

Na sachristia está a sepultura de D. Philippa de Lencastre, filha legitima do infante D. Pedro, duque de Coimbra (Vide *Alfarrobeira*) e da infanta, D. Isabel, de Aragão, e neta de D. João I e da rainha D. Philippa.

D. Philippa escreveu um manuscripto, e adornou-o com lindas figuras illuminadas, obra de grande merecimento, que deu ao mosteiro, em 1480. Ainda existe.

A rainha D. Philippa falleceu no mosteiro d'Odivellas, e n'elle esteve o seu cadaver 15 mezes, sendo depois removido para a egreja da Batalha.

Tambem aqui ha uma sepultura com uma grande pedra de marmore, onde estão esculpidas as armas reaes de Castella. Diz-se que está alli sepultado um principe hespanhol, que vindo visitar D. Diniz, morreu em Odivellas.

—

Ha n'este templo, alfaias e vasos sagrados de bastante antiguidade, e de muito valor, tanto intrinseco como artistico, sobretudo, uma riquissima custodia.

O mosteiro e as suas varias officinas, formam um vastissimo edificio, composto de muitos corpos, construidos ou reedificados em differentes épocas, e sem conservarem entre si especie alguma de symetria ou regularidade. Tem varios dormitorios e claustros, e uma boa cêrca, regada por um ribeiro, e na qual ha um jardim, que ainda conserva o nome de *Valle de Flôres*, que tinha quando era quinta real. Tem um grande lago e varios tanques.

Ha ainda no mosteiro grande numero de habitadoras, mas só oito (1875) são freiras.

Os reis e os pontifices, concederam a este mosteiro muitos e grandes privilegios e regalias, e teve muita celebridade, principalmente no reinado de D. João V, que aqui vinha com muita frequencia. Pouco depois, no tempo da *Arcadia*, eram famosos os *outeiros*

[1] Nasceu a 22 de setembro de 1326, e morreu na infancia.

(abbadessados) de Odivellas, aos quaes concorriam, exhibindo os seus *improvisos*, os mais celebrados poetas de Lisboa e de toda a Extremadura.

Já acabaram os bellos e famosos *outeiros de Odivellas;* mas ainda a 8 de setembro se faz alli uma pomposa festa de egreja, a Nossa Senhora, havendo então feira e arraial, muito concorridos, no espaçoso terreiro que se estende em frente do mosteiro.

N'este convento se creou a infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V. (Vidè *Aveiro.*)

—

O corpo da egreja ficou arruinado com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, mas foi logo reconstruido. O terramoto de 1758 tambem o arruinou muito.

Junto á egreja ha um grande alpendre, feito em 1573. As suas paredes foram revestidas de bellos azulejos, em 1671.

—

Eram famosas em todo o reino, as funcções religiosas que se faziam n'esta egreja; não só pela sua magnificencia e sumptuosidade, como pelas optimas organistas e primorosas cantoras que sempre tinha: de modo que se despovoava Lisboa, quando havia festa de egreja em Odivellas.

—

D. Diniz fez valiosas doações a este mosteiro, sob condição de guardarem as religiosas, clausura perpetua, que até então não eram obrigadas a guardar.

—

Consta que a egreja do mosteiro foi a primeira egreja parochial da freguezia de Odivellas.

—

As rendas d'este mosteiro, até 1834, regulavam por 8 a 9 contos de réis.

—

Como fallei na princeza D. Philippa de Lencastre (filha do infante D. Pedro, e irman da rainha D. Isabel, mulher de D. Affonso V) [1] julgo proprio este logar, para dar a seu respeito mais alguns esclarecimentos.

Nunca quiz acceitar esposo, e preferindo a vida claustral, interposta licença do Santo Padre Nicolau V, foi para o mosteiro de Odivellas, onde dirigiu a educação de sua augusta sobrinha a infanta D. Joanna, a cujo fallecimento assistiu em Aveiro no mosteiro de S. Domingos.

Foi depois em peregrinação a S. Thiago de Galliza, e voltando, fez outras romagens, sempre a pé, veio acabar seus dias ao seu querido mosteiro de Odivellas.

Ninguem ignora as desgraças do infante D. Pedro, seu pae, morto na batalha d'Alfarrobeira: o mesmo infortunio perseguiu sempre seus filhos e filhas.

O typo do infante D. Pedro é porém um dos mais perfeitos, que nos apresenta a historia; militar denodado, cavalheiro perfeito, litterato distincto, catholico completo.

Sua filha, a infanta, D. Philippa de Lencastre, foi senhora de grandes virtudes, e, dirigida na sua educação por seu pae, conheceu a fundo a lingua latina e a franceza, deixando obras escriptas por seu punho, alguns manuscriptos dos quaes existia part no cartorio d'Odivellas, da ordem de Cister, um dos condemnados á voracidade do minotauro expoliador da Egreja dos nossos tempos.

—

A actual abbadessa, é a sr.ª D. Ignez Margarida do Nascimento e Souza, que ha muitos annos era prioreza. Foi eleita em setembro de 1874.

Como são só oito religiosas, quasi todas occupam logares da communidade.

—

O distincto escriptor bracarense, o sr. Pinheiro Caldas, publica no *Brado Liberal*, folha d'aquella cidade, a seguinte poesia, explicando nas linhas que se lhe seguem a sua procedencia.

[1] D. Affonso V esteve primeiro esposado com a princeza D. Joanna, filha de D. Henrique IV de Castella; mas como era sua sobrinha, e casou sem despensa, annullou-se o casamento, e a infeliz senhora nem conservou o titulo de princeza, pois morreu com o de *Excellente Senhora.*

PADRE NOSSO

Que resaram *as religiosas d'Odivellas, no termo de Lisboa, a el-rei D. José I, recolhidas alli d'outros conventos da Ordem como castigo, por determinação do Geral dos Bernardos, em 1776.*

A vós, augusto monarcha,
Pedimos com humildade
Nos não deixeis o Abbade,
Padre Nosso.

Valha-nos o poder vosso,
Que tão afflictas nos vemos:
Pelo que todas diremos,
Que estaes nos ceus.

Rogaremos sempre a Deus
—Se tal Padre castigaes—
Que desde logo sejaes
Sanctificado.

Seja logo exterminado,
Por insolente, e atrevido,
Sem que nunca mais ouvido
Seja.

Se vemos da nossa egreja
Os Frades Bernardos fóra,
Louvaremos toda a hora
O vosso nome.

Para que o bruto se dôme,
Castigae-o com rigor,
Antes que outro mal maior
Venha a nós.

Pelas penas que nos poz
Aquelle animal damnado,
Fez que fosse amotinado
O vosso reino.

Senhor: em vosso terreno,
Um Bernardo, com doudice,
Quer que toda a parvoice
Seja feita.

Fazei justiça direita,
Sem respeito a hierarchia:
Seja lei, e seja guia,
A vossa vontade.

Se Deus a summa piedade
Nos ceus com seus servos tem;
Fazei vós, Senhor, tambem
Assim na terra.

Applacae-nos esta guerra,
Que traz o mosteiro em fogo;
Assim ficaremos logo
Como no Ceu.

Lograremos o trophéo,
Se isto fôr attendido:
Porque bem nos tem comido
O pão nosso.

É tão stupendo o destroço,
Que elle fez n'este convento;
Que para nós é tormento
De cada dia.

Nenhuma de nós podia
Soffrer já tanto tormento,
Por isso, defferimento
Nos dae hoje.

Nossa paciencia foge,
Com tanto ultraje no rosto:
Mas não sendo vosso gosto,
Perdoae-nos.

Como bom Pae despachae-nos,
Como todas pretendemos:
Assim melhor pagaremos
As nossas dividas.

Se não formos attendidas
N'esta nossa pretenção;
Algum dia outras farão
Assim como nós.

A injuria extrema, atroz,
De nos hir quebrar as portas,
Nem até depois de mortas
Perdoamos.

N'esta afflicção imploramos,
O mandeis vós retirar,
Para podermos fallar
Aos nossos.

De cubiça são uns poços
Pelo muito que desejam:
Querem que os mais lhe sejam
Devedores.

São mui fortes comedores
Do que nos podem colher:

Por isso no seu poder
Não nos deixeis.

Vós livrar-nos bem podeis:
Assim nós o esperamos;
Porque nas mãos lhe não vamos
Cahir.

Se chegam a conseguir
Contra nós o seu intento,
Ficamos n'este convento
Em tentação.

É isto contra a razão:
Senhor, vêde o que fazeis:
Somos vassallas fieis,
Mas livrae-nos.

Vós n'este aperto amparae-nos,
Antes que a mais se reduzam:
Porque estes Bernardos usam
De todo o mal.

Deos defenda a Portugal
Por todas eternidades
D'esta tal ralé de Frades:
Amen Jesus.

—

Transcrevemos este *Padre Nosso* faceto, d'um manuscripto em 4.º, a que o seu auctor M. L. A., natural d'esta cidade de Braga, dera em 1778 este titulo integral:

Desabafo dos portuguezes, depois do fallecimento do seu fidelissimo monarcha, o senhor rei D. José I, na decadencia do seu grande valido e primeiro ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez do Pombal.

Comprei aqui estes dias este *manuscripto*, com outros volumes curiosos e alguns d'elles muito raros, na Livraria Internacional do meu amigo Eugenio Chardron: e devo a posse d'elles, á sua honradez de caracter, por lhe serem sollicitados alguns volumes com importunidade, a troco de preços excessivos, depois de escolhidos e separados por mim na sua loja.

Pertenceu este *manuscripto*, com os outros demais volumes, á livraria selecta do antiquario bracarense, Valerio Pinto de Sá, morador outr'ora na rua do Campo d'esta cidade: — a quem D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, no tom. III pag. II, qualifica de — «pessoa curiosa, e com muita noticia das antiguidades da sua patria.»

—

Ha no concelho de Amares, Alto Minho, uma aldeia, chamada tambem *Odivellas*.

ODIVOR ou **DIVOR** — Já tratei d'esta freguezia, a pag. 470 do 2.º vol., col. 2.ª — aqui accrescentarei mais o seguinte:

Está esta freguezia situada no centro de formosas veigas, e tão aprasiveis, que os romanos (segundo alguns escriptores) lhe chamaram *Campos Elisios*, ou *Campi Divorum* —*Campo dos Deuses*). De *Divorum* — diz-se — provém *Divôr*.

OEIRAS — Villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto, patriarchado, e 18 kilometros ao O. de Lisboa, 11 kilometros ao O. de Belem, e 1:500 metros ao E. da torre de S. Julião da Barra.

700 fogos, e em 1757 tinha 798.

Orago Nossa Senhora da Purificação (Candeias).

O prior e beneficiados de S. Lourenço, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 30 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e o pé de altar.

O concelho de Oeiras é composto de cinco freguezias, todas no patriarchado — são — Barcarêna, S. Julião da Barra, Carcavellos, Carnaxide, e a da villa — todas com 2:000 fogos.

Está esta bonita villa situada em terreno suavemente accidentado, sobre a margem direita do magestoso rio Tejo, e quasi em frente da torre de S. Lourenço do Bogio. — É regada pela ribeira do seu nome, que é aqui atravessada por uma boa ponte de pedra, de um só arco. Esta ribeira réga varias propriedades, e faz mover varias azenhas. Aqui mesmo, com pequeno curso, desagúa no Tejo.

É povoação antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada, nem quando foi elevada a parochia. Sabe-se apenas que a sua egreja matriz era bastante antiga e foi

destruida pelo terremoto do 1.º de novembro de 1745, mas foi logo reedificada, e é a actual.

Era Oeiras uma aldeia, grande e muito bem situada. Em 6 de junho de 1759, D. José I, elevando o seu 1.º ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello, a conde de Oeiras, de juro e herdade, (e seus irmãos a secretarios de estado) deu a esta povoação a cathegoria de villa, logo no dia seguinte (7 de junho de 1759).

Desde então principiou para a nova villa uma época de esplendor e desenvolvimento; mas por morte do seu primeiro conde, ficou estacionaria.

Adiante fallarei mais detidamente da sumptuosissima e principesca residencia dos condes de Oeiras (marquezes do Pombal) para onde o rei D. José e a sua côrte vieram passar os verões de 1775 e 1776, para d'aqui irem todos os dias tomar os banhos do *Estoril*, que são entre Oeiras e Cascaes.

Ufana-se Oeiras, com razão, por ser a primeira terra de Portugal onde se effectuou uma *exposição agricola e industrial*, e, com toda a probabilidade, a primeira festa d'este genero, em toda a Europa.

O conde de Oeiras (já marquez do Pombal, desde 1770) aproveitando-se da estada do rei n'esta villa, e no palacio do marquez, resolveu dar lhe um espectaculo, que ao mesmo tempo que lisonjeava o soberano, fazendo-lhe vêr em verdadeiro e minucioso quadro, os resultados praticos das sabias reformas pelo ministro emprehendidas e levadas a effeito; demonstrava a nacionaes e estrangeiros, os progressos que tinha feito Portugal, e os recursos que lhe permittia a sua industria. Tambem assim, respondia o marquez ás accusações e calumnias dos seus inimigos, com factos que provavam incontestavelmente a prosperidade publica.

Determinou pois que se fizesse n'esta villa uma grande feira, á qual concorresse todo o genero de productos da industria fabril portugueza. Expediram-se circulares ás auctoridades, para todas as provincias, ordenando-lhes que fizessem intimar todos os donos de fabricas, para que viessem armar barracas no logar que lhes fosse designado, e n'ella expozessem á venda os diversos productos da sua industria.

Ninguem faltou ao chamamento, e portanto, esta feira, foi uma verdadeira *exposição industrial*, de todos os artefactos portuguezes.

A côrte, o corpo diplomatico, os consules, e os funccionarios publicos, *convidados* pelo ministro, e Lisboa em peso, levada da curiosidade, foram vêr e admirar o prodigioso desenvolvimento das nossas industrias, na immensa variedade de producções, e no singular aperfeiçoamento de muitas d'ellas.

Os esforços do ministro, animando e auxiliando as fabricas antigas; creando novas; mandando vir do estrangeiro mestres e operarios intelligentes; e concebendo e fazendo promulgar leis adequadas ás necessidades da mesma industria, tiveram n'esta occasião o premio moral, conferido por todos quantos presencearam esta verdadeira festa nacional.

—

Ha em Oeiras varias e boas quintas de regalo, sendo as melhores, as duas dos srs. marquezes do Pombal.

—

Percorrendo a margem direita do Tejo, desde Oeiras até S. Julião da Barra, encontram-se dois fortes — o de *S. João das Maias* e o de *Santo Amaro* — construidos (como quasi todos das margens do Tejo) por D. João IV, e seus dois filhos, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Hindo pela estrada real, de Oeiras, para o O., chega-se a um sitio onde a estrada se bifurca, hindo um braço para a torre de S. Julião, e outro, para o logar de Carcavellos, ambos a 1500 metros a O. de Oeiras.

Tambem é n'esta freguezia o bonito logar e o forte de *Paço d'Arcos*. (Vide esta palavra.)

N'este concelho, está tambem a povoação de Laveiras; com o seu forte, e o seu mosteiro de S. Bruno (vol. 4.º, pag. 56, col. 2.ª,) banhada pelo rio do seu nome, atravessado por uma ponte de pedra, de um só arco.

—

A praia de Oeiras, é bastante concorrida na

estação dos banhos do mar, por familias de Lisboa e de outras partes.

A todos os *banhistas* está franca a entrada, a qualquer hora do dia, nas duas magnificas quintas dos srs. marquezes do Pombal, uma das quaes está muito embellezada, com lindos jardins, devidos ao gosto da sr.ª marqueza.

Tambem está franca a todos, a bella quinta dos srs. marquezes de Penalva.

Para a entrada das quintas da Arriaga e do Egypto, é preciso licença.

—

Ha aqui mercado no 3.º domingo de cada mez, e feira a 4 de outubro.

—

N'esta faeguezia ha varias capellas, sendo as principaes:

Nossa Senhora da Conceição, e *Santo Amaro*—templo historico e antiquissimo. Está sendo reparado (1875) o edificio annexo a esta capella, para n'elle se estabelecer um *albergue de invalidos do trabalho.*

Assim se realisam os fins para que se erigiu n'esta ermida a irmandade da Conceição, e se dá principio ao cumprimento dos desejos do sr. Luiz Pereira da Motta, que por seu fallecimento, lega uma boa parte dos seus haveres a este albergue.

Esta capella e edificio annexo, é em um dos mais bellos pontos d'esta localidade.

O edificio que agora se reedifica, foi um hospicio de frades caetanos, fundado por D. Simôa, que tambem fundou o mosteiro de S. Bruno, em Laveiras. Esta senhora foi sepultada na egreja da Misericordia, de Lisboa.

Nossa Senhora do Porto Salvo—E' muito antiga; não se sabe ào certo quando esta formosa ermida foi edificada; mas parece fóra de toda a duvida, que tem mais de 300 annos de existencia. Segundo a lenda—vindo um navio em viagem, da India para Portugal, se formou uma terrivel tempestade, e os afflictos navegantes, julgando-se perdidos, fizeram voto de edificar no primeiro cabeço que encontrassem á entrada do porto de Lisboa, uma ermida consagrada a Nossa Senhora, á qual dariam a invocação de *Porto Salvo.*

Chegou o navio a salvamento, e os navegantes trataram de cumprir o voto, erigindo a ermida actual, proximo a Oeiras.

Desde então, todas as embarcações quando partiam para a India, ou quando de lá voltavam, salvavam ao avistar a ermida.

A ermida tem só o altar da Senhora.

Foi reedificada, pelo capellão da capella real, Manuel Carvalho Rodrigues Bacalhão, no meiado do seculo XVIII.

Todos os maritimos teem muita devoção com esta imagem, e é espantosa a fama dos seus numerosos milagres.

Desde 1833, que a ermida tem hido em decadencia, e está actualmente muito deteriorada; pelo que a irmandade resolveu recorrer ás pessoas devotas, que queiram contribuir com as suas esmolas, para que se conserve com a dignidade propria de um templo christão.

A' custa pois dos devotos se teem já feito muitos reparos.

A irmandade (que é muito numerosa e composta, na sua maior parte, de maritimos) faz uma grande festa á Senhora, no dia 15 de agosto de cada anno, que é sempre muito concorrida.

—

As duas quintas dos srs. marquezes de Pombal, estão situadas junto da villa, sahindo em direcção a Carcavellos. Separa-as uma da outra, a estrada real, que por largo espaço vae correndo, assombrada pelo copado arvoredo de ambas.

A primeira, que se prolonga do N. para o S.—isto é—da estrada, para o lado do Tejo —é á principal, pela sua grandeza, e pela nobreza do edificio.

É n'ella que está o palacio.

Fundaram esta quinta, e construiram o palacio, Francisco Xavier de Mendonça e Paulo de Carvalho de Mendonça (irmãos do 1.º marquez de Pombal) ambos secretarios de estado, e o 2.º D. prior de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, presidente do senado, e que falleceu quando foi elevado a cardeal.

A amisade que unia estes tres irmãos, que sempre viveram juntos, fez com que os dois mais novos (Francisco e Paulo) appli-

cassem os rendimentos de seus bens patrimoniaes, e os grandes vencimentos que recebiam do estado, pelos diversos cargos que exerciam (que tudo subia á enorme quantia de 22:360$000 réis annuaes!) a bemfeitorisar e augmentar as propriedades que pertenciam ao mais velho (o marquez) por herança de seus paes; por dote de sua 1.ª mulher, D. Thereza de Noronha, sobrinha do conde dos Arcos; [1] e por successão nos vinculos de seu tio, Paulo de Carvalho e Athaide, arcipreste da Santa Egreja patriarchal, que falleceu em 1737.

Os dois referidos irmãos, vincularam e uniram ao morgado de Oeiras todos os bens que ahi compraram, e as importantissimas bemfeitorias que n'elles fizeram.

Ainda, por morte de seus irmãos, o marquez, á custa dos rendimentos da sua já grande casa, e dos seus immensos ordenados, ampliou e embellezou a obra de seus irmãos.

Os morgados do marquez, não constam só das duas quintas (que foram formadas de diversas propriedades, de differentes donos) mas tambem de varios e grandes casaes, de terras de lavoira, de olivaes, e de vinhas, que chegaram a produzir 400 pipas d'aquelle precioso vinho, conhecido e apreciado sob o nome de *Carcavellos*.

O palacio tem quatro fachadas — uma, a da entrada principal, que é flanqueada por dois pavilhões, deita para um grande pateo —duas, cahem sobre dois jardins—e a ultima, sobre a rua publica.

As cavallariças, e cocheiras, ficam separadas do corpo central,

Fez a planta e dirigiu as obras do palacio, o architecto Carlos Mardel, natural da Hungria, que veiu para Lisboa em 1733, e aqui morreu, em 1763. Foi architecto do acqueducto das *Aguas livres*; da *casa das obras* (obras publicas); do almoxarifado do sal, de Setubal; e de outras construcções

[1] Esta senhora morreu sem deixar successão; mas empregou os 20 contos de reis, em dinheiro, que trouxe de dote, na compra de bens de raiz, que vinculou e uniu ao morgado de seu marido. Parte d'estes bens eram em Oeiras.

O palacio tem ricas decorações exteriores, nas duas frontarias que olham para os jardins. Interiormente encerra bellas salas; uma capella, bem ornada; varias obras de arte, de muito merecimento; e alguns objectos historicos; sendo os mais notaveis—um painel de S. Francisco, pintado por Ticiano —varios quadros originaes de Vanloo—os paineis da capella, feitos por André Gonçalves, um dos melhores pintores portuguezes, e que floresceu no ultimo quartel do seculo XVII, e no 1.º quartel do XVIII—um painel de Santo Antonio, copiado do original que está em Roma, e é o retrato do thaumaturgo —um quadro, com os retratos do 1.º marquez de Pombal, e de seus dois irmãos, Francisco e Paulo, de mãos dadas, e cercados da letra *concordia fratrum* que se julga ser producção de D. Joanna Ignacia Monteiro de Carvalho, natural de Lisboa, onde adquiriu bem merecida fama de retratista insigne, e chamada vulgarmente, *Joanna do Salitre*, por morar ahi—o primeiro modelo, em cera, do retracto de D. José I, obra do celebre Joaquim Machado de Castro—um lindo presepio, de marfim e madre pérola — duas estatuas de marmore, representando Alpheu e Arethusa, desenhadas pelo mesmo Machado, e esculpidas por João José Elveni, e Francisco Leal Garcia, discipulos do famoso estatuario romano, Alexandre Giusti—dois baixos relevos, em prata, allégorias do reinado de D. José I—um retrato em miniatura, do pontifice Clemente XIV (Ganganelli) offerecido por elle, ao marquez de Pombal —um annel, de camafeu, que estava vinculado, representando o mesmo pontifice — a escrivaninha de que se serviu D. José I, quando habitou n'este palacio, nos dois annos já referidos—e, finalmente, diversos moveis de uso, de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Ha tambem aqui uma boa livraria, que encerra alguns manuscriptos raros.

Pelas duas frontarias mais nobres do palacio, correm os jardins, plantados no gosto antigo, mas, ainda assim, bellos, e adornados com boas estatuas de marmore.

Os objectos mais notaveis d'esta quinta, são — a *cascata dos poetas* — e a adega, e

horta ajardinada. A cascata, apresenta um lindo effeito, pela sua construcção original, pelas obras de arte que a decoram, e pelo docel de verdura com que a cobrem arvores gigantescas, mui formosas. É construida de diversas qualidades de pedras, brilhando entre a cantaria e a pedra, tostada e carcomida, os spathos-calcareos, com suas faces lustrosas e espelhentas, uns brancos outros avermelhados. É composta de tres corpos, cada um com sua gruta, seu lago e seu terrado. O corpo do centro, tem a gruta mais ampla, e o lago muito mais vasto. Do terradò que a corôa, disfructa-se uma agradavel vista, de ruas e bosques; pois são muitas que vem como raios de uma estrella, rematar no terreiro circular em que se ergue a cascata.

Os terrados dos corpos lateraes, são guarnecidos com quatro bustos collossaes, de marmore de Carrára, representando os quatro grandes poetas épicos — Homero — Virgilio — Camões — e Tasso: todos obra do mesmo Joaquim Machado de Castro. Duas escadarias conduzem aos terrados, cujas entradas, em fórma de gruta, se abrem aos lados do lago do centro.

A adéga, é a mais sumptuosa officina d'este genero, que ha no paiz. É um grande edificio de dois andares — o 1.º é a adega — o 2.º o celleiro. A fachada principal, é como a de um palacio, adornada com doze bustos, de imperadores romanos, maiores que o natural, esculpidos em marmore de Carrára, e collocados sobre altos pedestaes, aos quaes se encostam, vestindo-os em quasi toda a altura, arbustos sempre verdes.

A adega é de tres naves, por duas ordens de arcadas, compostas de 15 arcos cada uma. Nas duas naves lateraes, estão os toneis, que são de vinhatico, e 14 dos quaes levam cada um 30 pipas de vinho.

Contiguo á adega, no lado posterior, está a casa dos lagares, que são sete, construidos em elevação sufficiente, para d'elles correr directamente o vinho para os toneis, por encanamentos de cantaria, que giram em volta das paredes da adega. Esta está construida entre dois pateos arborisados, um com communicação para a quinta, e o outro, com saida para a estrada publica, por um grande portão de ferro. N'este ultimo pateo, se admira uma bella arvore, originaria da Africa. É um *dragoeiro (dracoena draco*, de Lineu) mais gigantesco do que os do jardim botanico, da Ajuda, e que os da quinta do Paço do Lumiar, dos srs. duques de Palmella.

A frente principal da adega, deita para um jardim, em que ha dois lagos quadrangulares, de mármore, guarnecidos nos angulos com vasos da mesma materia.

Este jardim cae sobre uma extensa horta ajardinada, com a qual se communica por tres escadas de pedra, de sete degraus, separadas por balaustradas de marmore.

No meio da horta levanta-se um formoso tanque de marmore, com um grupo de figuras de marmore de Carrára, feito em Roma.

O terreno em que está a adega e mais officinas, com seu pateos, jardim e horta, era uma quinta dos viscondes de Barbacêna, que foi comprada com o dinheiro do dote da 1.ª mulher do marquez.

—

D. José I deu foral, a Oeiras, no palacio da Ajuda, a 25 de setembro de 1760. (Maço um, de *foraes novissimos*, n.º 1.)

O aviso que mandou guardar este foral, no real archivo da Torre do Tombo, é datado de 4 de dezembro, de de 1760.

Está registado no L.º X.º do do Registo, a fl. 323 v.

—

Oeiras é das poucas povoações do continente portuguez, que tem *foral novissimo*— isto é—foral dado pelos successores do rei D. Manuel.

—

A outra quinta, situada ao N. da estrada real, foi feita tambem pelos taes dois irmãos do marquez. E' cortada por extensas ruas de bosque, e um rio, que desagúa no Tejo, proximo á villa.

Ao atravessar a quinta, corre encanado, e por um e outro lado, acompanham o largas ruas, assombradas por frondoso arvoredo, e adornado de grandes vasos de marmore,

que, a espaços, coroam a muralha do encanamento, o qual é guarnecido de alegretes e assentos. Diversas pontes de pedra dão passagem de uma para a outra margem do rio.

Ha na quinta duas cascatas—a da *Taveira* e a da *Mina de ouro*. A primeira está construida no gosto commum d'este genero de edificações, e é adornada com dois satyros, de marmore, e tem na frente um jardim com dois tanques.

A segunda é muito mais formosa e pittoresca, posto que nua de ornatos artisticos. A sua fabrica tem mais novidade, e o effeito das aguas despenhando-se, é magestoso.

Eleva-se a cascata a muita altura, encostada a uma collina, por onde sóbe em degraus semicirculares, que vão diminuindo no comprimento, até rematarem em um terrado, onde está o reservatorio. De um e outro lado da escada, a acompanham altas e copadas arvores. Em frente da cascata e do lago que lhe recebe as aguas, ha um terreno circular, ao qual fazem abobada, com sua frondosa ramagem, arvores annosas que a cercam.

Esta bella cascata está bastante deteriorada, e se lhe não acudirem promptamente, em poucos annos, será dispendiosissima a sua restauração. Em todo o resto da quinta se veem signaes evidentes do pouco cuidado que com ella tem os seus proprietarios, os quaes prestam mais attenção á quinta primeiramente descripta.

OFERÇOM ou **OFFREÇOM** — portuguez antigo — peita, *luvas*, serviços, presentes, regalos, jantares, comedorias, etc., que, para remissão de algum vexame, se offerecia ao alcaide, ou senhor da terra, ou aos seus ministros e officiaes. É por isto que em alguns foraes se chama — alcaidaria.

No foral dado a Thomar, pelos cavalleiros do templo, em 1162, traduzido no principio do seculo 14.º, se diz — *O Juiz e o Alcaide seiam a vos postos, sen ofreçom... En nhas asenhas non dedes mais ca de XIII partes, huma, sen ofreçom... En Lagaridiga* [1]

[1] Lagaridiga, ou lagaradiga, portuguez antigo — era o tributo que se pagava pelo vinho colhido. — En lagaradiga de viño de cinquo moyos a fundo, deu huum almude: e se mais fôr, dé huuma quarta, sen ofreçom, e sen jantar. (Citada traducção).

OFFRENDAR — portuguez antigo—o mesmo que *obradas* — vem do latim offero. *Mando que offrendem hum anno XVIII dinheiros cada dia, e candêas da minha casa.* (Doc. de Lamego, de 1316).

OGANO — portuguez antigo—o anno passado.

Vem do latim *hoc anno. E que quando hi chegáraõ Ogano, queimar e roubar a dita aldeia, as Companhas de D. Henrique* [1] *de Castella.* (Doc. de Moncorvo, de 1370).

Nas provincias do norte, ainda se diz *Oroanno*, para significarem o anno passado.

OIAN ou **OYAN** — freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia, bispado, districto administrativo e 9 kilometros ao sul de Aveiro, 40 ao NO. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 640 fogos, em 1757, 102. — Orago S. Simão, apostolo.

O vigario de Espinhel apresentava o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, sobre tudo em optimo vinho, que exporta. Cria muito gado de toda a qualidade.

ÓIS (ou **OYS**) **DA RIBEIRA** — villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 12 kilometros ao sul d'Aveiro, 40 ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 28. — Orago Santo Adrião. Bispado e dis- d'Aveiro.

A casa de Bragança (donataria da freguezia) apresentava o prior, que tinha 270$000 réis.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 2 de junho de 1516. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fol. 220, col. 1.ª)

Veja-se tambem a minuta parae ste foral, T. T., gav. 2., maço 12, n.º 12. — No foral se lhe dá o nome de *Óes* — e antigamente *Oees*.

[1] Henrique II, pae de D. João I, de Castella: o que expulsou os judeus, da Hespanha.

Os primeiros donatarios, foram o conde D. Mendo de Sousa e sua mulher. Depois, a condessa, D. Leonor, viuva do conde, D. Gonçalo Garcia doou á ordem de Malta, *Ois*, *Eixo* e *Requeixo* etc., e passaram, por troca (1324) para o 3.º conde de Barcellos, D. Pedro (o do *Livro das Linhagens*). [1]

Por morte de D. Pedro, passaram estes senhorios para D. Martin Affonso de Sousa, 4.º conde de Barcellos; menos os coutos d'Eixo e Requeixo, que D. Pedro doou ao mosteiro de Santo Thyrso.

—

É Óis uma povoação muito antiga, pois vemos uma escriptura de doação, feita por D. Flamula, ao mosteiro de Pedroso (concelho de Gaia) em 1079, na qual se diz que metade d'Eixo e Óis, eram de D. Thereza Fernandes, mulher do conde D. Mem Viegas de Sousa. A outra metade (da villa e egreja d'Ois) era da corôa. Depois ficou sendo metade, do rei, e a outra metade, dos filhos do conde D. Mendo de Souza (o *Souzão*) e do mosteiro de Santo Thyrso.

—

D. Fernando I, deu ao conde D. João Affonso de Souza — *toda a parte e direito e quinham que avia na aldea* doões da rribeyra, e *na aldea* do rrequeixo de rriba do vouga, *com todos seus termos e jurdiçoões, como os o dito comde avia em* eixo.

A carta de doação, foi dada em Coimbra, a 22 de setembro da era de Cesar 1407 (11 de setembro de 1369 de Jesus Christo).

D. Affonso V, fez mercê a D. Affonso, filho do duque de Bragança da alcaidaria, cadeia e rendas, da villa de Extremoz e seu termo; e das terras de Riba-Vouga, a saber — julgado d'Eixo, *Oees*, Páos e Villarinho, com todos os outros logares e reguengos, como trazia o conde de Guimarães, com todos os seus direitos e jurisdicções. (Vide em *Ourem*, a carta de doação de Philippe II, a D. Sancho de Noronha, conde de Odemira).

[1] Note se porém que o conde já era senhor do couto de Eixo em 1323, o que induz a crer, que a familia Souza já tinha propriedades e senhorios por estes sitios, e que a troca foi para unir mais rendimentos.

ÓIS (ou *Oys*) **DO BAIRRO** — freguezia, Doiro, comarca e concelho da Anadia — Vide *Bairro* (Ois do) a pag. 308, col. 2ª, do 1.º vol.

OITAVEIRO — portuguez antigo — o que era obrigado a pagar o oitavo dos seus fructos.

OITEIRO — Vide *Outeiro*.

OITUBRO — portuguez antigo. Era mui frequente até ao seculo 13.º, e ainda usado até ao 16.º, pôr-se ás creanças, no baptismo, o nome dos mezes do anno. Vemos em immensos documentos, *Janeiro*, e *Januario* (que é o mesmo); *Fevereiro* e Fevreiro; *Março*, e *Marçal*, e *Marçallo*; *Abril*; *Maio*; *Junho*, e *Junio*; *Julho*, e *Julio*; *Agosto*, *Augusto*, e *Agostinho*; e *Oitubro*. Não me consta que se tomasse o nome dos mezes de setembro, novembro e dezembro.

Em 1301, comprou D. Egas, bispo de Vizeu, muitas propriedades no termo de Pinhel, as quaes constam do *tombo velho* d'aquella cathedral. N'elle, a fl. 6, se acha, entre as mais testemunhas — *Oitubro Beetis* — isto é — Oitubro, filho de Beito (Bento).

ÓLA — portuguez antigo — do latim *ola* — panella.

OLAIA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N. de Lisboa, 450 fogos. Em 1757, 330 — Orago Nossa Senhora da Expectação (Nossa Senhora do Ó) — Patriarchado — districto de Santarem.

O prior de S. Thiago, de Torres-Novas, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua, um alqueire de trigo, de cada fogo, e o pé d'altar.

OLALHA e **OLHALHA** — portuguez antigo — nome de mulher — *Eulalia*.

OLALHAS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 12 kilometros de Thomar, 140 ao N. de Lisboa, 530 fogos; em 1757, 440. — Orago Nossa Senhora da Conceição.

É da prelazia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. — Districto de Santarem.

O rei (pela mesa da consciencia) apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, 6 de azeite, 26 almudes de vinho e 20$000 réis em dinheiro.

Houve aqui lavra de sete minas d'ouro, que deram alguma porção d'este metal. Estão abandonadas.

Segundo uns, o seu nome é o de mulher — *Olalha*, porém, segundo outros, vem de *Olaia*, arvore bem conhecida.

Foi villa. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de novembro de 1514. (*L.º dos foraes novos da Extremadura, fl. 143 v., col.* 2.ª)

E' terra fertil.

Teve, em tempos remotos, um castello ou torre, de que não ha vestigios.

—

No logar de Alqueidão, d'este freguezia, está a capella de Nossa Senhora da Saude. E' muito antiga, e de muita devoção dos povos da redondeza; mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

OLDRÕES — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 6 kilometros a S. O. de Penafiel, 30 kilometros ao N. E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra e o real padroado apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

Está n'esta freguezia a casa da *Calçada* que foi dos Peixotos da Silva.

OLÊDO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha a Nova, 65 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 103 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

OLEIROS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 20 kilometros ao S. do Porto, 12 ao E. do Oceano, 290 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago S. Paio.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor d'Arcozêllo apresentava o cura, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil. Cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra.

Antigamente havia aqui muitos oleiros, que deram o nome á freguezia. Ha ainda abundancia de barro, mas tão ordinario que apenas serve para fazer telha e tijolo.

No logar do *Candal*, d'este freguezia, ha uma grande fabrica de optimo papel, fundada em 1811, propriedade do sr. Joaquim de Sá Couto.

Os productos d'esta fabrica teem sido premiados em varias exposições portuguezas, e nas internacionaes de Londres (1862) e Paris (1867). Foi destruida por um incendio em 1854, e reedificada em 1859. O seu motor é hydraulico. Emprega já madeira para materia prima, e produz annualmente uns 16 contos de réis de papel. Emprega 65 operarios.

Ha tambem aqui uma fabrica de fiação de algodão, fundada em 1855; que emprega 130 pessoas. Foi premiada nas exposições de Lisboa e Porto, e na de Londres, em 1862.

OLEIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N. E. de Braga, 50 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Ha n'esta freguezia, vestigios de fortificações romanas ou árabes.

OLEIROS— freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do concelho do Prado, comarca de Braga), 9 kilometros de Braga, 368 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Cabanellas apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Terra fertil. Muito gado e caça.

OLEIROS—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos-de-Val-de-Vez, 24 kilometros ao N. O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 67 fogos.

Orago Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, em todos os generos de agricultura, e cria muito e bom gado, de toda a qualidade, exportando o bovino, para a Inglaterra, em grande quantidade.

Vide *Crasto* no 2.º vol., a pag. 437, col. 2.ª, no fim, e col. 1.ª da pag. 438.

OLEIROS — villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 24 kilometros da Certan, 75 kilometros ao N. do Crato, 180 ao S. E. de Lisboa.

Tem 550 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

E' do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello Branco.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O grão-prior do Crato, apresentava o vigario, que tinha 150 alqueires de trigo, 30 de centeio, 40 almudes de vinho, 3 cantaros de azeite e 12$000 réis em dinheiro.

A villa está situada em um alto, correndo-lhe ao sopé o rio do seu nome (onde tem apparecido areias d'ouro)

O melhor edificio da villa, é a sua egreja matriz, magestoso templo de 3 naves, obra do rei D. Manuel. Diz-se que as columnas que sustentam os arcos das naves são da antiga egreja que os templarios fundaram no logar do *Mosteiro*, 5 kilometros ao O. da villa.

Mandou a povoar o prior, D. Mem Gonçalves, commendador da ordem do Hospital, e lhe deu foral, por beneplacito de 2.º grão-mestre, D. Affonso, pelos annos de 1350. D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando o antigo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º dos foraes novos da Beira*, fl. 131, col. 2.ª, in fine.—Vaja-se a Gaveta 6.ª, maço 1, n.º 226, onde se menciona este foral.)

Era uma das 12 villas do grão-priorado do Crato, da ordem de Malta.

—

O concelho de Oleiros é composto de 12 freguezias—nove no patriarchado, por ser isento do Crato, e tres do bispado da Guarda.

As que hoje estão annexas ao patriarchado, são—Alvaro, Amieira, Estreito, Isna, Madeiran, Mosteiro, Oleiros, Sarnadas e Sobral.

As do bispado da Guarda, são—Cambas, Orvalho, e Villar-Barroso. Todas com 1:800 fogos.

—

O nome d'esta villa, não vem de *oleiros* fabricantes de louça de barro; mas de *olleiros*, palavra castelhana e portugueza antiga, na qual se *molham* os *ll*, pronunciando-se *olheiros*. Deu causa a este nome a circumstancia de haver alguns *olhos*, ou *olheiros* (nascentes) de agua no sitio em que a villa está fundada. Diz-se tambem que existiu um tanque, no sitio onde hoje está erguido o pelourinho. O brazão das armas de esta villa (segundo dizem os seus habitantes, pois não me consta que o haja na torre do tombo) são quatro chafarizes da sua côr, em campo verde. Isto parece confirmar a tradição dos *olheiros*.

O monte sobre que está a villa, é de pouca elevação e corre de E. a O. A maior parte da povoação estende-se pela encosta do monte, para o norte.

Tem a villa trez praças ou terreiros, chamados—*Largo do Adro*, *Largo da Deveza* e o *pleonasmatico*—*Largo da Praça*.

Tem trez fontes—a *das Freiras*, a *do Chafariz*, e a *Fonte Nova*.

A villa é cercada, do N. a S., por quatro collinas, sobre as quaes alvejam outras tantas capellas—a do Espirito Santo—a de

São Sebastião—a de Santa Margarida—e a de Nossa Senhora das Candeias.

A primitiva capella de Santa Margarida, existiu no sitio ainda por isso chamado *Horta da Santa*, onde ha vestigios da antiga. Estando arruinada, se construiu a segunda em logar mais apropriado.

Em 1809 tinha vindo de Castello Branco uma grande porção de polvora, que se recolheu n'esta capella. Os francezes, passando por aqui n'aquelle anno, lhe lançaram o fogo, por meio de um rastilho. O edificio ficou completamente arruinado com a explosão, e a imagem da padroeira foi pelos ares.

Passados tempos appareceu a Santa incólume, no sitio das Lameiras. Foi isto tomado por milagre, e o povo, que sempre teve particular devoção com Santa Margarida, tratou logo de erigir lhe nova capella, no sitio da segunda, e é a actual.

A capella de Nossa Senhora das Candeias, é particular, e pertence ao sr. Marcos Torres, da cidade d'Evora.

—

A egreja matriz está edificada no tope do monte, dominando toda a villa. Em 1639 ainda estava por concluir e já estava bastante arruinada. Então se reedificou e concluiu.

A capella-mór, foi feita pela commenda de Malta, e o corpo da egreja por offertas voluntarias dos parochianos.

A capella-mór, tem 11 metros de comprido e 6,^{m}6 de largo, com a altura correspondente. Tem uma bella tribuna, throno e sacrario, tudo de boa talha dourada. O forro é apainellado, dividido em 24 quadros, representando as principaes scenas da vida de Jesus Christo, todos primorosamente pintados; mas já bastante damnificados pela acção do tempo.

As paredes estão revestidas de azulejos até ás cimalhas, e n'elles se admiram differentes figuras biblicas, deum desenho corretissimo. Sobre o altar-mór, e ao fundo do throno, se vê a graciosa imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da freguezia.

O corpo da egreja, mede 22 metros de comprido, desde a porta principal até ao arco cruzeiro—12 metros de largura e outros 12 de alto, no centro.

Tem duas sachristias—uma da confraria do Santissimo Sacramento e outra para o serviço dos ecclesiasticos. O forro d'esta é pintado a oleo, apresentando no centro, sobre campo preto, uma cruz branca, com oito pontas, symbolisando as oito bem aventuranças. É a divisa dos cavalleiros de Malta.

Já disse que a egreja é de tres naves. As columnas que as sustentam, são de ordem corynthia, e assentam sobre plinthos quadrangulares.

O forro da nave central, é dividido em 27 quadros, pintados a oleo, representando varias scenas do antigo testamento. As naves lateraes teem pinturas de ornato.

Tem quatro altares lateraes. A porta principal é do lado do oeste. Tem duas portas lateraes, uma ao N. outra ao S.—Na primeira d'estas se vêem duas sepulturas, muito antigas, ambas com brazões d'armas gravados nas tampas; mas, com a continuação da passagem sobre ellas, estão tão gastas que mal se conhecem. Uma é de marmore, e está partida em tres pedaços; mas collocados por fórma tal, que é muito para duvidar que alli esteja sepultada a senhora de que reza o epitaphio, do qual apenas se póde ler:

AQUI JAZ IZABEL DA COSTA,
MULHER DE SALVADOR LEITÃO,
CUJAS ESTAS ARMAS SÃO.
FALLECEU A..... JULHO D.... O ANNOS
.....
.....

Este Salvador Leitão, ainda vivia em 1690.

A outra é de granito, e se teve inscripção, já se não conhece.

Em frente da egreja matriz, e com a porta principal voltada para o N., está a egreja da Misericordia, que é um templo antiquissimo; mas perfeitamente conservado. Foi reparado em 1714, como consta de uma inscripção que está no arco da capella-mór, na pedra que serve de fecho. Ignora-se a época da sua fundação; mas existe no cartorio da Santa Casa, uma escriptura de emprasamento, feita em 1506.

Ao N. da egreja da Misericordia, e conti-

gua a ella, está a capella do Senhor dos Passos, imagem perfeitissima e veneranda.

Dentro da villa, ha mais tres capellas, pertencentes a particulares — uma, fundada pelo padre João Rebello Pinto d'Azevedo (um dos ascendentes do sr. visconde de Oleiros, e ao qual hoje pertence). É da invocação de Nossa Senhora de Guadalupe. — Outra, foi fundada por Pedro Dias. Pertence hoje ao sr. Joaquim Xavier Farinha, do Pedrogam Grande. É da invocação de S. José. A 3.ª, é do reverendo vigario, o sr. José Ribeiro de Andrade, e da sr.ª Maria Josefa. Foi fundada por Manuel Pereira, e é dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. Todas tres foram feitas com magnificencia, pelo meiado do seculo XVIII.

Alem d'estas, ha no termo da villa mais oito capellas. Ao S. da egreja parochial, e medeando sómente a rua, estão as casas que foram residencia dos commendadores de Malta. Foram julgadas *bens nacionaes*, e vendidas depois de 1834.

No largo da Praça, que é de fórma triangular, e como formando a base do triangulo, estão os paços do concelho, edificio muito antigo; e no centro da praça se ergue o pelourinho, no topo do qual se vêem as armas da villa.

Ha duas escolas de instrucção primaria — uma de cada sexo, e ambas em edificios pagos pelo municipio.

Havia tambem uma aula de grammatica latina, que foi supprimida depois de 1834.

—

Ufana-se Oleiros de contar entre seus filhos, homens muito distinctos pelo seu saber, virtudes e serviços feitos á patria.

Distinguem-se entre elles:

O padre Antonio d'Andrade, da Companhia de Jesus, em cuja ordem se filiou em 15 de dezembro de 1596. Partiu para o Oriente, em 1600, e lá descobriu os remotissimos paizes do Grão-Cathayo e do Tibet. Entrando na capital d'este ultimo reino, fundou alli missão, em 1624. Existe um retrato d'este grande homem, em poder do sr. visconde d'Oleiros, ao lado do qual (retrato) se vê a seguinte inscripção:

PATER ANTONIUS DE ANDRADE,
SOCIETATIS JESUS, PROVINCIAE
GOANNAE, XVII PROVINCIALIS
MISSIONES THERITENSIS PRIMUS
EXPLORATOR ET FUNDATOR.
OBIIT ANNO DOMINI 1634.
14 KALENDAS APERILIS. AETATE
SUAE 83.

—

José Philippe Nunes. — Floresceu no principio do seculo XIX. — Foi cavalleiro da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III, consul da nação portugueza, nos portos da Corunha e Ferrol, e em todos os mais desde o Cabo de Finis-Terrae, até ao principado das Asturias. Foi sargento-mór das milicias da ordem de Malta, na commenda de Oliveira do Hospital, pelo então principe regente, e depois D. João VI, e pelo mesmo senhor premiado com o soldo de capitão de fragata, da sua real armada. A carta-patente de D. João, que o nomeia sargento-mór, foi passada em 13 de maio de 1804.

—

Jacintho Domingues — cavalleiro professo na ordem de Christo, e capitão de mar e guerra, da armada real. Em premio dos seus serviços á patria, o mesmo principe regente lhe fez mercê da aldeia de Magbará, junto á praça de Damão (India) por tres vidas; mas, como falleceu sem descendentes, passou aquella aldeia a um seu afilhado, ao qual a legou por testamento. Falleceu em Lisboa, em novembro de 1810.

—

Padre João Pereira Botelho do Amaral Pimentel. — Este vulto venerando, muito honra a patria que lhe deu o ser. Nos seus principios, serviu o emprego de secretario da camara municipal de Oleiros. Passou depois a amanuense do governo civil de Coimbra, onde se formou em direito, e principiou a sua ordenação, que foi concluir em Bragança, sendo depois nomeado vigario geral d'este bispado. Passados alguns annos, foi elevado á dignidade de deão da Sé de Leiria, e é hoje bispo eleito da diocese de Macau.

É um varão de extremada virtude, variada instrucção, e um dos mais elegantes oradores sagrados da actualidade: sobresahin-

do a todas estas bellas qualidades, a excessiva modestia, propria de todos os homens grandes. A sua SCIENCIA DA CIVILISAÇÃO, e os seus SERMÕES, tem feito o seu nome conhecido e popular.

—

A 6 kilometros ao S. d'esta villa, e mesmo no alto da serra do *Fernão-Porco*, ha uma grande cavidade, chamada *Cova da Moura*, por se dizer feita no tempo da dominação arabe. Tem mais de 20 metros de comprimento, e outros tantos de largo, e uma profundidade de 6 metros. Dentro da mesma cova, na rampa do E., existia ainda em 1845 uma pequena porta, praticada na rocha, dando entrada para um subterraneo. Está hoje completamente obstruida, e sob a terra que as aguas pluviaes para alli tem acarretado, sem haver um curioso que mandasse desentulhar isto, e examinar o subterraneo.

A *Cova da Moura* não podia deixar de ter uma lenda popular, e com effeito, crê o povo d'estes sitios, que, na manhan de S. João, aqui apparece uma formosissima donzella moura, encantada, assoalhando riquissimos vestidos, e uma *eirada* de moedas d'ouro. Alguns se gabam mesmo de a terem visto.

—

Ha n'este concelho algumas minas metalicas (e talvez que a tal *Cova da Moura*, seja a entrada de alguma antiga galeria, explorada no tempo dos romanos ou dos arabes).

Em maio de 1874, foi registrada na camara municipal d'Oleiros, uma mina de galêna.

—

É visconde de Oleiros, o sr. Francisco d'Albuquerque Pinto Castro e Napoles, sympathico e illustrado cavalheiro, que honra e enobrece a terra que lhe dá o titulo.

OLFORTÚM — portuguez antigo — cheiro forte e desagradavel. Hoje dizemos *fartúm*.

ÓLGA — portuguez antigo — leira, belga, coirella, gleba, etc. — Ainda se usa nas provincias do norte. A *ólga* é terra cultivada e cercada de sébes ou vallados, e que em um dia se póde cavar, lavrar, e semear. Na baixa latinidade, dizia-se — *holca, ólca, ólqua, óchia, ólcha, ólchia, óschia, ósca, óska, hóchia,* e *ouchia*. É tudo derivado de *oceo oceas*, gradar, desterroar, semear, cultivar.

OLHALVO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 6 kilometros de Alemquer.

220 fogos. Em 1757, 106 — Orago, Nossa Senhora da Encarnação — Patriarchado e districto de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho e 4 cantaros de azeite.

Foi curato, annexo á egreja da Magdalena, de Aldeia-Gavinha. Ha aqui um mosteiro que foi de frades carmelitas descalços; e um recolhimento de donzellas.

Esta freguezia compõe-se dos logares de Olhalvo, Pucariça, e Pena-Firme; e de algumas quintas e casaes, das quaes as mais notaveis são as quintas da *Lagem*, *Margem de-Arada*, da *Ramalheira*, e da *Bôa-Vista*. Até 1612 era tudo isto da freguezia de Aldeia-Gavinha. Então, creando-se esta freguezia, ficou sendo curato dependente da antiga matriz, até 1834. Serviu de egreja parochial, até 1840, a capella de Nossa Senhora da Encarnação e S. Sebastião, de Olhalvo, ficando a mesma Senhora a ser padroeira da nova freguezia, até 1840, em que se mudou a séde da parochia com a mesma invocação, para a espaçosa egreja do mosteiro dos carmelitas, a requerimento do povo da freguezia, que pôde conseguir que o governo não vendesse a egreja, como fez ao mosteiro, cêrca e officinas. [1]

O logar de Olhalvo é uma das freguezias mais ricas e aceiadas do concelho de Alemquer, para cuja villa tem duas boas entradas; uma é a antiga calçada, que passa pelas quintas da Lagem, Ramalheira, e Catem — a outra é a estrada districtal da Merceana, que passa a 600 metros da povoação, mas está ligada a ella por um ramal, construido em 1873.

Olhalvo é uma bonita aldeia, com ruas limpas e longas, e quasi todas bem calçadas, e adornadas de bons predios, muitos d'elles

[1] A egreja do mosteiro, foi concedida para matriz da freguezia, por portaria de 20 de abril de 1836.

novos e elegantes. Tem algumas fontes de boa construcção e abundantes de boa agua.

Tem prosperado muito, o que prova o augmento progressivo da sua população.

Em 1707, tinha apenas 60 fogos, em 1757, tinha 106, e tem sempre augmentado.

A antiga ermida de Nossa Senhora da Encarnação, que foi matriz por espaço de 228 annos, está no centro do logar, e é hoje propriedade particular. Proximo á capella, e sobre uma pequena elevação, está a actual matriz (Nossa Senhora da Encarnação) que, como já disse, pertenceu ao mosteiro dos frades carmelitas descalços, fundado em 1648, por Dom Manuel da Cunha, bispo d'Elvas, arcebispo eleito de Lisboa, e capellão mór de D. João IV. Sobre a porta principal da egreja se vê ainda o brazão dos Cunhas, esculpido em uma pedra.

Foi prior de Olhalvo, frei Melchior de Santa Anna, natural do Garrejal, no bispado de Lamego. Nasceu em 1602, e falleceu no collegio da sua ordem, em Coimbra, em 9 de novembro de 1664. Escreveu a 1.ª parte da *Chronica da ordem carmelitana*, que depois concluiram, frei João do Sacramento, e frei José de Jesus Maria.

O terremoto do 1.º de novembro de 1755, deixou a egreja quasi arrasada, pelo que teve de ser reconstruida pelos fundamentos, terminando as obras em 1782, quasi todas feitas com esmolas dos fiéis; porque o convento era pobre.

Em 1834, fizeram *mão baixa* nas alfaias e paramentos d'esta egreja, e cada um levou as que pôde. Ainda hoje existem alguns, em ermidas particulares. A rica bibliotheca do bispo fundador, já então estava muito reduzida, porque elle e sua irmã, D. Marianna de Mendonça, tinham dado licença aos frades, para venderem os livros que lhes não fossem necessarios. Em 1834, o resto dos livros, que ainda eram muitos e bons, tiveram a mesma sorte dos paramentos, e por aqui existem ainda bastantes em poder de particulares. O edificio e officinas do mosteiro, foram vendidos ao sr. visconde de Fonte-Arcada, que depois trocou com o sr. Rézende, official do exercito, e são hoje do sr. Manuel Joaquim d'Almeida, barão d'Aiemquer.

A egreja, que pôde escapar do *leilão*, é um sumptuoso templo, em fórma de cruz, com cinco altares, todos de abobada de pedra, e tem um soberbo côro.

Todos os altares são de rica talha dourada, e de grande belleza; mas estão bastante deteriorados pelo tempo, e ainda mais, pelo desleixo. As paredes são adornadas de diversos quadros a oleo, em riquissimas molduras, dadiva do fundador, que era grande amador das bellas-artes. Excedem em perfeição, segundo os entendedores, um grande retabulo, representando S. Pedro, na gruta, chorando de arrependimento, por ter negado tres vezes a Jesus Christo — outro retabulo, tambem de grandes dimensões, representando a Santa Familia.

—

Debaixo do arco do côro, ha duas lápides juntas, que vieram da capella-mór, cada uma com sua inscripção — diz uma:

Pelo exemplo e religião dos padres carmelitas descalços, e devoção que o bispo lhes tinha, lhes doou este mosteiro e egreja, com a obrigação de quatro missas quotidianas perpétuas e exequias cada anno, como consta das escripturas, que estão em poder do herdeiro e successor do morgado, que instituiram seus paes; ao qual deixou por padroeiro perpétuo do mosteiro e egreja, para que a familia dos Cunhas, que n'ella, por varonia legitima, se conserva, na vida e na morte, estivesse debaixo da protecção da Senhora. Pôz na capella-mór, as sepulturas de seus paes e avós.

No carneiro que está debaixo d'ella, se não podesse enterrar senão os descendentes dos mesmos paes. D. Marianna de Mendonça, sua irmã e testamenteira, condessa de Villar-Maior, mandou abrir em pedra, esta memoria, para que sempre dure; porque o bispo, por sua modestia e singulares virtudes, o não quiz fazer, em sua vida.

A 2.ª inscripção, diz:

Debaixo do altar-mór, aos pés da Senhora, que n'elle está, se mandou enterrar, D. Manuel da Cunha, bispo d'Elvas, que fundou á

sua custa, e dotou esta egreja e mosteiro: filho de Simão da Cunha e de sua mulher, D. Luiza d'Almeida, copeiro-mór dos reis d'este reino. Foi bispo, do conselho geral do santo officio, commissario da Cruzada, capellão mór dos reis D. João IV e D. Affonso VI, nomeado por elles, arcebispo de Evora e de Lisboa, e inquisidor geral.

Tudo que teve, conheceu ser mercê da Virgem Maria, Mãe de Deus, de quem foi devotissimo, tomando-a sempre por advogada em tudo; e assim, tudo lhe veiu, em dias dedicados á Senhora, que deixou por herdeira d'este mosteiro e egreja, e tudo o que podia. No dia do nascimento da Senhora, disse a ultima missa. Morreu em sabbado, aos 30 de novembro de 1658, da edade de 64 annos e dois mezes e meio.

Este D. Manuel da Cunha, era natural de Lisboa, e filho (como já disse) de Simão da Cunha e D. Luiza d'Almeida. Foi irmão de Pedro da Cunha, que succedeu a seu pae, no officio hereditario de trinchante-mór, e teve por neto outro Pedro da Cunha, do qual foi filha e herdeira, D. Brites Josefa da Cunha, casada com D. Carlos José Bento de Menezes, dos quaes descende, por varonia, a familia dos marquezes de Olhão, ultimamente representados por o sr. D. José de Menezes, conde de Castro-Marim. Simão da Cunha, descendia do grande D. Payo Guterres da Silva, rico-homem de Portugal, e um dos mais illustres capitães de D. Affonso Henriques.

D. Manuel da Cunha (o futuro bispo) entrou no collegio de S. Pedro, da universidade de Coimbra, na idade de 22 annos. Seguiu o curso de direito canonico, em que tomou grau de bacharel. Em 27 de maio de 1620, foi nomeado deputado da inquisição de Coimbra — em 1622, da de Lisboa — e em 1623, inquisidor. Em 12 de novembro d'este mesmo anno, obteve o logar de deputado do conselho-geral; e em 1633, foi nomeado commissario geral da bulla da Santa Cruzada. Em 1637, sendo eleito bispo d'Evora, recebeu a sagrada unção, em 10 de outubro de 1638.

Tomou parte activa na gloriosa conspiração do 1.º de dezembro de 1640, por convite do duque de Bragança, depois D. João IV.

Orou no acto do juramento do novo rei, em 28 de janeiro de 1641, e no dia seguinte fez a proposição ás côrtes.

Novamente orou e fez a proposição, em 28 de dezembro de 1645, nas côrtes que então tiveram logar—e nas de 1653; orou em 22 de outubro, e fez a proposição no dia seguinte.

D. João IV o nomeou seu capellão-mór, em 1647, o fez conselheiro de estado; e, finalmente, o elegeu arcebispo de Lisboa; mas não chegou a ser confirmado, pela roptura que então havia com a Santa Sé. Em 1648, fundou D. Manuel da Cunha o mosteiro, onde jaz sepultado.

Deixou por memoria do seu saber, a obra que publicou, intitulada *Lusitana Vindicata;* e das suas virtudes e piedade, no amor da sua familia; e na fundação do referido mosteiro.

Na bibliotheca nacional, existe um retrato, de corpo inteiro, d'este varão illustre. Pertenceu ao convento d'Olhalvo, mas foi requisitado depois da extinção das ordens religiosas, e pôde ser salvo.

—

Na capella-mór, se veem embutidas na parede, quatro lapides, de pedra fina, cada uma com a sua inscripção, que dizem:

1.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Simão da Cunha, trinchante-mór de El-Rei D. João III, general do mar da India. Falleceu no anno de 1529 — e de sua mulher D. Isabel de Menezes.

Este Simão da Cunha, era filho do célebre Tristão da Cunha. Em 1521, o rei D. Manuel deu áquelle a capitania de uma armada, destinada a guardar o estreito de Gibraltar, e a levar a paga aos moradores dos logares que tinha n'aquellas partes d'Africa, como costumava fazer todos os annos.

N'esta viagem deixou aquelles mares limpos dos piratas que infestavam as nossas costas.

Em 1528, tendo sido seu irmão, Nuno da Cunha, nomeado governador da India, Si-

mão da Cunha foi mandado, á frente de uma expedição, auxiliar o rei de Ormuz, a subjugar um seu vassallo, que se rebellára, na ilha de Bahrein, ou Baharem. A empreza foi infeliz. Uma molestia contagiosa atacou os portuguezes, disimando-os, e causando a morte de Simão, como se lê no seu tumulo.

2.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura do grande Tristão da Cunha, senhor de Gestaço e Penajoia, do concelho de El-Rei D. Manuel e D. João III, nomeado embaixador a Roma; general da liga catholica, nomeado pelo papa Leão X, contra o turco; e o primeiro capitão que, por combate, tomou cidade a mouros, no Oriente. Falleceu, anno 1539—e de sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque.

3.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Ruy da Cunha, copeiro-mór dos reis D. João III e D. Sebastião. Falleceu no anno de 1559—e de sua mulher, D. Joanna de Mendonça.

4.ª INSCRIPÇÃO

Sepultura de Simão da Cunha, copeiro-mór de El-Rei D. Sebastião, depois, trinchante dos reis de Portugal. Falleceu no anno de 1624—e de sua mulher, D. Luiza d'Almeida; paes de Pedro da Cunha, trinchante dos reis d'esta corôa, veador da casa da rainha, D. Luiza, e alcaide-mór de Aldeia-Gallêga: casado com D. Hellena de Mendonça, a cujos filhos e herdeiros, fica o padroado d'esta casa.

D'estes illustres finados, apenas hoje restam alguns ossos, nos carneiros.

—

Em quanto fallo d'esta nobilissima familia dos Cunhas, e antes de continuar com a descripção do templo, direi mais:

Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, e de sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque, e irmão de Simão da Cunha (o da 1.ª inscripção) nasceu em 1487. Ainda adolescente, foi militar na Africa, sob as ordens de Nuno Fernandes de Athaide. Depois passou á India, onde serviu com distincção e bravura, debaixo das ordens de D. Francisco de Almeida; tendo ahi a honra de ser armado cavalleiro, pelo grande Affonso d'Albuquerque.

Em 1528, foi nomeado governador da India, cujo logar exerceu por dez annos. Levantou as fortalezas de Diu, Challe e Baçaim. Conseguiu firmar em bases seguras o dominio portuguez no Oriente. Serviu a patria com grande zêllo e desinteresse; o que era raro n'aquelles tempos, em que os governadores cuidavam mais dos seus interesses do que dos do estado.

Os calumniadores o intrigaram com D. João III, que mandou um corregedor aos Açôres, com ordem de trazer preso para Lisboa a Nuno da Cunha, no seu regresso da India. Morreu porem na viagem, a 5 de março de 1539, e assim se livrou da affronta.

Segundo a sua propria vontade, teve o Oceano por sepultura, e é esta a razão porque se não acha na egreja de Olhalvo, entre os seus.

—

A sachristia da egreja do mosteiro, é um salão vasto e magestoso, todo de abobada; tendo de um lado um immenso guarda-roupa, e as paredes ornadas de quadros a oleo, que foram bons, mas que a impericia do retocador desfigurou.

Possue ricas alfaias e optimos paramentos, tudo arrecadado com muita ordem e o maximo aceio. Tudo isto é devido ao amor pelas cousas de Deus e da egreja, do fallecido sr. João da Cunha Costa e Silva, cavalheiro rico, residente n'este logar.

Já disse que desde 1834 até 1840, foram roubadas as alfaias e paramentos d'esta egreja; agora, graças ao zêlo religioso do sr. Costa e Silva, tem tudo quanto é preciso para que as funcções do culto divino se façam aqui com o devido esplendor. Ainda mais—em 1840, era apenas de 18$000 réis o rendimento com que ficou esta egreja, que agora tem 80:000 réis; notando-se que, desde que para aqui se mudou a matriz (n'aquelle anno

de 1840) tem-se gasto em obras da egreja, uns cinco contos de reis.

Unida á sachristia está a *casa do lavatorio*, toda de abobada. Sahindo da sachristia, ha um extenso corredor, que vae ter á portaria, tambem todo de abobada. No centro se vê uma grande campa, com a seguinte inscripção—*Sub tuum presidium. Sepultura de tres irmãos, Francisco, Antonio, e Bernardo, que foram e são irmãos da ordem. P. N. A. M., anno de 1761.*

Consta que estes tres irmãos, foram possuidores da quinta da Bôa-Vista, que está á beira da estrada da Merceana.

Ao sahir da portaria, á direita, ha uma casa, onde os frades davam aula gratuita de instrucção primaria e de latinidade.

Ao lado esquerdo ha um optimo cemiterio, ornado com amplas ruas de buxo, e tendo já uns cinco elegantes jazigos de familia, feitos pelos desenhos do sr. Cunha, a quem se deve a acquisição e conservação do cemiterio. As sepulturas razas, estão divididas e numeradas, com muito bôa ordem. Sobre a porta ha uma cruz de ferro, com os emblemas da morte, a data de 1743 e a seguinte inscripção:

JUNTAR-NOS-HA A MORTE;
TU TERÁS A MESMA SORTE.

(Esta mesma inscripção está no cemiterio de Leiria.)

Tambem havia no logar de Olhalvo, um recolhimento de mulheres donzellas, que foi originariamente fundado (1650) em uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, que existiu nas proximidades de Aldeia-Gavinha.

Foram suas fundadoras, Maria Ferreira, viuva, e moradora no dito logar de Aldeia-Gavinha, Violante da Guerra, e Helena da Cruz.

A primeira foi regente até ao seu fallecimento, que teve logar a 27 de outubro de 1660.

Succedeu-lhe Isabel das Chagas, que sendo protegida da rainha, D. Luiza, mulher de D. João IV, obteve licença para mudar o recolhimento para Olhalvo, comprando uma grande morada de casas, em 16 de julho de 1663, onde edificou a ermida, adaptando o resto para o recolhimento, e, em dezembro d'esse mesmo anno, se mudaram as recolhidas (eram então 14) para a sua nova morada, por ordem especial da rainha, com grande decencia, sendo acompanhadas por todas as auctoridades de Alemquer.

Em 16 de maio de 1667, compraram as recolhidas uma outra morada de casas contiguas, para ampliarem o recolhimento.

Isabel das Chagas, com sua irman, Anna da Assumpção, tambem aqui recolhida, foram, por ordem da rainha, mandadas fundar o convento de Santa Brisida, no sitio de Marvilla, proximo a Lisboa. (vol. 5.º, pag. 119, col. 2.ª)

Isabel das Chagas foi a 1.ª prioreza do novo mosteiro, e n'este cargo se conservou até á sua morte.

Este recolhimento esteve sob a protecção das rainhas de Portugal, desde D. Luiza de Gusmão, até D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI.

D. Luiza deu ao recolhimento, a pensão annual de 240 alqueires de trigo, tirados das *jugadas* que se pagavam ás rainhas, que eram senhoras d'Alemquer e seu termo.

Já se vê que esta pensão deixou de existir, com as jugadas, em 1834. N'esse tempo havia só cinco recolhidas. Em 1862, apenas existia uma.

—

A quinta da margem d'Arada, d'esta freguezia, é uma propriedade antiquissima, que já existia no tempo da dominação romana; mas, a noticia mais antiga que existe escripta a seu respeito, é do anno de 1334, segundo a qual, Lopo Fernandes Pacheco [1] (dono d'esta quinta, por compra feita a sua cunhada, Maria Lourença, viuva de Martim Gomes Taveira) a trocou, com o mosteiro de Santos-o-Velho (sendo então commendadeira, D. Joanna Lourenço de Valladares) pela quinta de Bellas. (Vide pag. 372, col. 1.ª do 1.º vol.)

[1] Meirinho-mór e valido de D. Affonso IV, e pae de Diogo Lopes Pacheco, um dos cobardes assasninos de D. Iguez de Castro.

Em 1640 era de Jorge Arraes de Mendonça, que alli falleceu no 1.º de maio do dito anno. Foi sepultado na então egreja parochial; o que consta do livro dos obitos: ficando seu filho, Diogo de Mendonça Arraes, casado com D. Isabel de Sá Macêdo, filha de Miguel de Quevêdo, e de sua mulher, D. Brites de Sá.

Em 1750, estava esta quinta aforada a Diogo Marchão Themudo, desembargador do paço.

E' hoje do sr. D. Thomaz de Napoles, 1.º visconde de Alemquer, filho do sr. Manuel Joaquim d'Almeida, 1.º barão de Alemquer.

Por muitas vezes se tem encontrado n'esta quinta, antiguidades romanas; entre outras uma lapide com esta inscripção.

D. M.
ANTONIAE.
MAXIMAE.
ANN. XXXII
CAESIAE AMOENA
MATER FILIAE
PIENTISSIMAE
H. S. E.

(Aos deuses manes. Aqui está sepultada Antonia Maxima, fallecida na edade de trinta e dois annos. Cesia Amena, sua mãe, lhe dedicou esta piedosissima memoria.)

—

Tambem é n'esta freguezia a *quinta da Ramalheira.* Foi de Francisco de Figueiredo Alarcão, irmão de Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, governador da provincia de Trazos-Montes, na guerra da restauração, e ambos descendentes de Jorge de Figueiredo, fidalgo da casa real e escrivão da fazenda de D. João III.

Esta propriedade é actualmente do sr. João da Conceição Bravo, que a comprou ao sr. Francisco Ferrari.

Alem d'estas, ha ainda na freguezia as seguintes quintas.

De S. José da Lagem, do sr. José Joaquim Ferreira d'Abreu.

Da Bôa-Vista, do sr. Francisco da Cunha Mendes.

Alem d'estas quintas, ha na freguezia um bom numero de proprietarios ricos, que se não possuem quintas propriamente ditas, são senhores de vastas e ricas propriedades, distinguindo se entre estes, os senhores — Polydoro dos Santos Reis, e João dos Santos Reis.

Morgado de Góes

A pag. 97, col. 2.ª, do 1.º vol., dei uma rapida noticia do nosso famoso escriptor, Damião de Góes. Como uma grande parte das propriedades que constituem o morgado de Góes, é em Olhalvo, julgo a proposito dar aqui a genealogia abreviada do inimigo furibundo de D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira. (Vol. 2.º, pag. 160, col. 1.ª, no fim, e seguintes.)

Um dos maiores proprietarios d'esta freguezia, é o sr. Francisco de Góes Sotto-Maior du Bocage, representante de um ramo da familia de Damião de Góes. Eis a sua genealogia:

Antonia de Góes (irman do nosso chronista) casou com Nuno Alves Pereira, e tiveram por filho (ou neto) Heitor d'Almeida de Góes Sotto-Maior, do qual foi neto, Antonio d'Almeida de Góes, nascido no logar da *Dos-Canados.* Casou com D. Maria Josefa de Sampaio, natural de *Cabanas-de-Torres.* Foi seu filho, Antonio de Góes Sotto-Maior, tambem nascido em Cabanas de Torres. Este foi capitão-mór d'Alemquer, e falleceu em 1749. Havia casado, em Olhalvo, com D. Marianna Josefa Barreto. Foi seu filho, Francisco de Góes Sotto-Maior, herdeiro do morgado de Góes, que morreu solteiro, em Olhalvo, em 1825, com 87 annos de edade. Succedeu-lhe no morgado, Vicente de Paula de Figueiredo Góes Sotto-Maior, natural da villa d'Almada (em frente de Lisboa), casado com D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage, natural d Setubal. Vicente de Paula, morreu em Olhalvo, em 1827. Foi seu filho e herdeiro, Francisco José de Góes Sotto-Maior du Bocage, nascido em Setubal, e casou, em 1825, em Olhalvo, com D. Rosa Profiria Cesar Carneiro de Fáro e Vasconcellos, nascida em Torres-Vedras. Francisco José, falleceu em

1846, deixando dois filhos. O 1.º, Francisco de Góes Sotto-Maior du Bocage, que herdou o vinculo, e casou em 1851 com D. Rita de Cassia Moraes Correia de Sá e Castro, natural da Merceana, filha de Francisco de Moraes Correia de Sá e Castro, e de D. Anna Perpetua Xavier do Ceu Boacinha. O 2.º filho, José Cesar Carneiro de Góes e Vasconcellos, casou na Cortegâna, com D. Maria Candida Franco Monteiro.

De Francisco de Góes (o morgado) e de sua mulher, só houve um filho, chamado Francisco de Góes Sotto-Maior de Moraes, nascido em 1852, e é o actual representante d'este ramo da familia Góes.

—

Onde agora se vê o cemiterio parochial, foi o quintal da botica do mosteiro, e está contiguo á egreja. Foi para isto, dado á junta de parochia, por decreto de 6 de janeiro de 1843.

—

Olhalvo já em 1780 tinha duas aulas régias. Uma de primeiras lettras, que ainda existe, e é regida, desde 1855, pelo sr. padre Joaquim Lourenço Serrano—outra de grammatica latina, que não existe, desde o fallecimento do ultimo professor, o padre Manuel José Pimenta d'Oliveira, natural de Barcellos, o que teve logar em 1824, e não tornou a ser provida.

—

O territorio de Olhalvo é muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, produzindo muito e optimo vinho.

—

N'estes ultimos annos tem melhorado consideravelmente a viação publica d'este logar. Está ligado com o caminho de ferro, pela estrada real, da Merceana para o Carregado, com duas diligencias diarias. Tem um ramal para a Atalaya, que liga Olhalvo com a freguezia de Villa-Verde, e mais tarde com a villa do Cadaval. Isto, alem das duas estradas que atraz mencionei.

Pelos annos de 1854 ou 1855, appareceu junto á quinta da Boa-Vista, em umas escavações, uma amphora de barro, provavelmente romana. Existe hoje em poder do sr. João da Cunha, d'este logar.

No sitio do *Lombo*, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, foi achada uma porção de tijolo, assente em argamaça, indicando ser o resto de uma sepultura antiquissima. Perto do Lombo, se acharam tambem fragmentos de grandes telhas, tijolos, e outros objectos antigos.

Na quinta da Margem de Arada, no sitio d'ella chamado *Alto do Cartaxêno*, em uma occasião em que se andava alli plantando bacêllo, se achou um sepulchro, contendo tres ossadas humanas, mostrando tambem uma grande antiguidade. Era formado de pedras toscas, postas em fileira, e coberto de lagens. Tinha 4 metros de comprido, um de largo, e 0m,50 d'alto. Tinha mais apparencia de uma mâmoa celtica, do que de sepultura romana.

O sr. visconde de Alemquer, um dos socios da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, mandou para o seu museu archeologico do Carmo, em Lisboa, um dos cippos achados em Olhalvo.

Cumpre notar que a coisa de 800 metros d'este logar, ha um caminho a que o vulgo chama, de tempos immemoriaes — *caminho da villa.* Nem tradição ha, da existencia de *villa* ou outra qualquer povoação, para este lado, e apenas se tem por estes sitios encontrado alicerces de pequenas construcções.

Tambem proximo a Olhalvo, mas já na freguezia de Aldeia Gavinha (Vol. 1.º, pag. 86, col. 2.ª), appareceu um cippo, com uma inscripção latina, que não posso produzir, por se não fundirem hoje typos que representem caracteres gothicos com duas e tres letras, unidas, ou mettidas umas dentro das outras. Por extenso vem a ser:

FLAVIANA.
FAMULE DEI.
REQUIESCIT IN
PACE XIII
KAL. MAY.
ERA DLXX.

Flaviana, serva de Deus, aqui descança em paz. Falleceu a 13 das kalendas de maio, da era de 570—(2 de maio do anno 532 de Jesus-Christo.)

Não é preciso dizer que foi a sepultura

de uma mulher christan, fallecida no tempo dos godos, e no reinado de Theodomiro.

—

Tem Olhalvo um partido medico-cirurgico, instituido e sustentado pelo respectivo municipio. Foi nomeado seu primeiro facultativo — e é ainda o actual — o sr. Joaquim Ribeiro da Silva Ariz, cavalheiro de muita honestidade e escriptor distincto.

—

Tambem é proprietario e residente em Olhalvo, o sr. José da Cunha Abreu Peixoto, descendente da illustre familia dos Cunhas, de quem já fallei.

A este generoso cavalheiro sou devedor de curiosas informações, com respeito a esta povoação; pelo que lhe dou sinceros agradecimentos.

Etymologia de Olhalvo

Não só pela tradição, mas tambem de documentos antigos, consta que em um casal d'este sitio, residiu um ancião, que tinha um olho todo branco, pelo que á sua casa se dava a denominação de—*A do Olho Alvo*—que depois se corrompeu em *Adilhalvo*, e por fim, em *Olhalvo*.

—

Fallando, em mais de um logar d'este artigo, do benemerito sr. João da Cunha Costa e Silva, cumpre-me dizer que falleceu em julho de 1875.

Já vimos o seu zélo pelas coisas da egreja, e o seu amor á religião de seus paes.

Era um legitimista incorruptivel e de fina tempera; mas, como antes de ser realista era christão e portuguez, amava os homens de bem, de todos os partidos, respeitando as suas opiniões, sem que a *côr politica* de qualquer, fosse para esta bella alma, pretexto ou motivo de sympathia ou antipathia. Por esta razão, o pezar sincero pelo fallecimento do sr. Costa e Silva, foi geral n'este concelho, nas pessoas de todas as parcialidades, que o haviam conhecido e tratado: e todos se honram de ter por patricio um varão de tantas virtudes, e de tanta illustração.

Não deixou filhos; mas seus sobrinhos seguem em tudo as pisadas de seu exemplarissimo tio, e são por todos tambem geralmente estimados e respeitados.

OLHÃO—Villa, Algarve, cabeça do concelho do seu nome, comarca e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1:800 fogos.

Em 1757 tinha 787 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

O concelho d'Olhão, é composto de quatro freguezias, todas no bispado do Algarve — são — Moncarapaxo, Olhão, Pexão, e Quelfes — todas com 3:850 fogos.

Principiou esta povoação no meiado do seculo XVII, por um aggregado de cabanas de palha, em que se abrigavam os pescadores, durante o tempo das pescarias, até que se foi tornando habitação permanente, e se foram edificando casas, constituindo-se pouco a pouco uma bonita e grande aldeia, da freguezia de S. Sebastião de Quelfes. A industria da pesca foi tão prospera para este povo, que já em 1790 se não via uma só cabana de palha, mas boas e bonitas casas, com 1:133 fogos—em 1802, tinha 1:202. Em 1835 porém, o *colera morbus* deixou a povoação reduzida a 1:081 fogos. O bispo do Algalve, D. Simão da Gama, attendendo ao desenvolvimento da povoação, a fez parochia independente, pelos annos de 1700, construindo-lhe a sua egreja matriz, pelo mesmo tempo. É um bom, vasto e bonito templo.

Pertenceu ao concelho de Faro até 1808, sendo então elevada á cathegoria de villa, e creando-se o seu concelho, com as freguezias ditas, e demarcando-se-lhe um pequeno termo.

Deu-se-lhe então o nome de Villa Nova de Olhão, ou, Olhão da Restauração.

Já então a villa, posto ser, na sua quasi totalidade, composta de pescadores *e artes correlativas*, era muito florescente.

Está esta villa vantajosamente situada á beira mar, ficando-lhe para o lado de terra uma vasta e fertil planicie, e para o do Oceano um grande areal, o que tudo por vezes é invadido pelas marés, até ao pôço que fica

á entrada da villa, a E., e que é abundante de excellente agua potavel.

Tem poucas ruas largas e alinhadas, sendo a maior parte travessas estreitas e uma rêde de bêccos e alfurjas, resentindo-se da desordem em que haviam sido construidas as cabanas primitivas, sem que ao edificarem-se os novos predios houvesse a minima regularidade; mas seguindo-se as mesmas sinuosidades antigas. Todavia os seus actuaes predios são bonitos, acciados e bem caiados.

Os pescadores de Olhão devem a prosperidade da sua industria, não tanto á abundancia de bom peixe da costa, como á sua coragem e destreza, pois se afastam, em busca de pescaria, a 70 e ás vezes a 90 kilometros ao S.O. da terra.

Exporta muita quantidade de peixe, de differentes qualidades, para todo o reino, tanto em fresco, como depois de sêcco; mas a sua maior exportação é de sardinha, que colhe em quantidade prodigiosa.

Em 1790, havia aqui 114 embarcações de pesca, em continuo exercicio, além das muitas que estavam varadas na praia, por falta de gente. Hoje apenas tem uns 50 *cahiques* e egual numero de lanchas.

Seria Olhão incontestavelmente uma das mais prosperas villas do Algarve, e mesmo de todo o reino, se não fossem tantos, tamanhos e tão variados os impostos com que o fisco sobrecarrega a classe piscatoria, a ponto de muitos pescadores terem abandonado a sua industria, e muitos, mesmo a sua patria![1]

Alem dos barcos de pesca, ha uns 20 cahiques (de 3 a 4:000 arrobas de tonelagem) e alguns hiates, que se empregam na conducção de pescado, pelles de lixa, azeite de peixe, e variados fructos do paiz, para Lisboa, Porto, Gibraltar, e outros muitos portos do reino e extrangeiro.

[1] O concelho de Olhão paga, além do imposto do sello, e das alfandegas—mais de 14 contos de réis annuaes para o thesouro publico, apezar de ter apenas 4 freguezias. No anno economico de 1873 a 1874, pagou de decima—de pescarias, 2.927$948 réis—industrial, 3:191$891 réis—de renda de casas, 741$218 rs.—de juros, 623$030 rs.—e predial, 6:712$672 rs.—total—14:196$759 réis.

Todas estas embarcações são aqui mesmo construidas, com madeiras extrahidas dos vastos pinhaes que lhe ficam proximos.

O territorio em redor da villa, e o do concelho, é em geral fertilissimo, apezar de areiento, produzindo saborosas fructas, muitas vinhas, que dão optimo vinho, boas hortaliças, e grande numero de figueiras e alfarrobeiras. Tambem ha bastantes amendoeiras, oliveiras, e laranjeiras.

Tem duas boas feiras francas, ambas de tres dias e muito concorridas. A primeira a 30 de abril e a segunda a 29 de setembro.

—

Teem os habitantes de Olhão o louvavel orgulho, de terem sido os primeiros do Algarve que levantaram o grito de independencia contra o jugo ominoso do sanguinario Junot, em 1808; pelo que o principe regente decretou que se intitulasse—*Olhão da Restauração.*

Não contentes, estes leaes patriotas, de arriscarem as suas vidas, familias e fazendas, praticaram uma façanha que os vindouros certamente crerão fabulosa, e com razão se ufanam de ter por patricios *Manuel Martins Garrocho*, mestre — e *Manuel de Oliveira Nobre*, piloto—ambos pescadores, de Olhão, que, em um pequeno cahique, e só com mais tres marinheiros, foram, em 1808, ao Rio de Janeiro, levar a D. João VI a noticia da expulsão dos francezes, de Portugal.

O rei, fez o primeiro guarda-mór da saude, e o segundo, capitão do porto de Olhão. Condecorou ambos com o habito de Christo, deu-lhes a patente e soldo de primeiros tenentes da armada real da marinha, uma tença annual de 200$000 réis a cada um; premiando tambem os marinheiros com dinheiro e uma medalha commemorativa. Deu-lhes um hiate para regressarem ao Algalve, e mandou conservar no arsenal da marinha, do Rio de Janeiro, *ad perpetuam rei memoriam*, o famoso cahique em que estes heroes fizeram a sua arriscadissima e patriotica viagem.

—

O principe regente, depois D. João VI, havia feito 1.º conde de Castro-Marim, em 14 de novembro de 1802, a D. Francisco de Mel-

lo da Cunha Mendonça e Menezes, 8.º monteiro-mór do reino.

Em 21 de dezembro de 1808, foi a villa de Olhão elevada ao titulo de marquezado, pelo mesmo principe regente, a favor do dito 1.º conde de Castro-Marim. O actual representante d'esta nobilissimo familia, é o sr. D. José de Mendonça da Cunha e Menezes, conde de Castro-Marim.

Tendo fallado em tantos logares d'esta obra, da genealogia e armas d'estes appellidos, para lá remetto os meus leitores.

No palacio dos marquezes de Olhão, em Lisboa, está actualmente estabelecido o *correio-geral*. (Vide a col. 1.ª, pag. 225, d'este volume.

—

Em novembro de 1853 houve em Olhão e arredores, uma horrorosa tempestade. A chuva foi torrencial. Cahiram pedras de saraiva, tendo algumas mais de 400 grammas de peso, ficando esmigalhadas quasi todas as vidraças. Os raios serpenteavam em todas as direcções. Causou grandes prejuizos.

Tambem soffreu bastantes prejuizos esta villa, durante a guerra fratricida de 1833 a 1834. Depois da invasão do Algarve pelo duque da Terceira, Olhão declarou-se pelo partido liberal, e construiu á pressa varias trincheiras. Cercados pelos realistas, e por elles varias vezes acommettidos, causaram muitas mortes e ferimentos aos adversarios; mas tambem muitos morreram e foram feridos; sendo ao mesmo tempo desimados pelo cólera-morbus, que então grassava em quasi todo o reino.

Posto que as casas da villa sejam em geral bonitas, não tem predio algum digno de nota. O melhor edificio da villa, é a egreja parochial. A casa da alfandega tambem é um bom edificio.

—

Se é digno de encomios o varão que, empregando a maior parte da sua vida no estudo, deixa em livros uteis á humanidade, immortalisado o seu nome — se o confessor da fé Catholica, derramando o seu sangue em defeza do dogma sagrado que na terra plantou o Divino martyr do Golgotha, merece a nossa justa consideração — se o capitão destemido, despresando a vida, em mil batalhas, defende heroicamente a sua bandeira, e firma a autonomia e independencia da sua patria, e se torna por isso, justamente venerando — que preito, que respeitosa veneração se deve ao homem que passa toda a sua vida, arriscando-se exclusivamente em salvar a do seu semelhante?

Com que satisfação vou descrever, em rapidos traços, a biographia de um filho do povo, de um natural de Olhão! — Já todos sabem que vou allar do nosso sympathico e querido *patrão*:

Joaquim Lopes

Este marinheiro intrepido, este inimitavel nadador, este dedicado amigo da humanidade, que tem arrancado das garras da morte, tanto marido a sua esposa; tanto pai a seus filhos; tantos filhos a seus pais—nasceu n'esta villa, em 19 de agosto de 1800. E' filho de um pescador, chamado Francisco Lopes, e de Rosa Maria, mulher d'este.

Na edade de 6 annos entrou na escola de primeiras letras, de Olhão, onde aprendeu a ler e escrever, até aos 10 annos; sahindo então, para, na companhia de seu pai, se entregar á industria da pesca.

Chegado á adolescencia, Joaquim Lopes desejou possuir um cahique proprio, e ambicionou uma vida livre da miseria.

Entendendo que não realisaria o seu sonho, em quanto se empregasse na pesca pelas costas do Algarve, foi exercer a sua profissão para Gibraltar, depois de obtida a licença paterna.

Onze mezes depois, não lhe sorrindo a fortuna, regressou a Olhão, pobre como fôra, mas rico de esperança e de coragem.

A sua estrella o fez abandonar a terra natal, e veiu trabalhar para as canoas de pesca, de Paço-d'Arcos. Alli se dedicou, com a maior perseverança, ao estudo da barra de Lisboa, e em pouco tempo conhecia todos os baixos e cachopos d'estes sitios.

Honrado, sincero, affavel e leal para com todos, em breve se tornou o idolo dos seus

camaradas, aos quaes a sua coragem o faziam respeitavel.

Em 1820, acseitou o logar de remador da falua do Bogío; e é desde esta data que a bravura unida aos seus conhecimentos praticos de todos os perigos d'este rio, lhe deram a celebridade.

O seu primeiro acto de dedicação, teve logar em 29 de julho de 1823.

Assistia a uma funcção religiosa, na quinta do Areeiro (porque Joaquim Lopes tem sido toda a vida um fervoroso catholico.) Fica esta quinta proximo á foz do rio de Oeiras, que n'esse dia, estando obstruida a barra com as areias, formava pela terra dentro uma larga e funda lagôa, caudalosa em alguns sitios. De repente ouve um grande alarido entre o povo. Um homem pretendeu atravessar a lagôa, com um irmão, que levava ás costas; mas, vendo-se em perigo, abandonou a creança, tratando sómente da sua salvação.

Ver isto Joaquim Lopes, e lançar-se á agua, vestido e calçado, como estava, foi obra de um momento. Em breve ganha a distancia de uns trinta passos que o separava do ponto onde se havia submergido o infeliz menino; mergulha, no meio do silencio pavoroso dos espectadores — passam-se alguns instantes de geral consternação, dois vultos assomam á flôr da agua—é Joaquim Lopes, que com a mão esquerda segura o menino, e com a direita nada para terra, radiante de alegria.

Mas não era tudo. O irmão mais velho da creança, tambem estava prestes a afogar-se. Joaquim Lopes entrega o seu fardo, e vôa ao logar do perigo, e mesmo encharcado, precipita-se de novo na lagôa, e salva o segundo naufrago. Tanta generosidade, tamanha coragem, commove todos os romeiros, e d'ahi a alguns minutos, Joaquim Lopes, de fato mudado, recebe as saudações freneticas e os apertados abraços da multidão enthusiasmada.

Pouco tempo depois, estava Lopes na torre do Bugio, e uma onda envolve um cabo de esquadra, de artilheria, que passava de uma cabeça de areia para a fortaleza. Todos os presentes bradaram a um tempo — *Joaquim Lopes! Joaquim Lopes!* como se invocassem a Divina Providencia; mas não era preciso: Lopes tinha visto tudo, e já tomára um cabo, e entregando uma das extremidades aos companheiros, atira se ao abysmo. Ata a corda em redor da cintura do cabo, manda aos da fortaleza que o *colham*, e elle, nadando e amparando-o, chegam sãos e salvos.

(Em 1826, casou.)

Do mesmo modo livrou da morte, em 1828, a Francisco de Salles, sargento de veteranos, da guarnição da torre.

O patrão da falua de Joaquim Lopes, falleceu em 18 de maio de 1833. O seu logar pertencia ao remador mais antigo, e Lopes era o mais moderno. O governador chama todos os remadores, para elegerem novo patrão, e todos a uma voz e com o maior transporte, elegem Joaquim Lopes, que no seu novo emprego, continua a praticar actos de verdadeiro heroismo.

Em 16 de fevereiro de 1856, pelas 3 ½ horas da manhã, encalha no baixo de *Alpeidão*, a escuna ingleza *Howard Primorose*. O mar estava bravissimo; mas, quando as torres davam o signal de *soccorro*, já o entrepido Joaquim Lopes [1] gritava aos seus remadores —«Vamos salvar os nossos irmãos! O mar é muito, mas os homens a quem Deus dá coragem, teem tanta força como elle!»

De Paço d'Arcos, larga incontinente a sua falua, que vôa em soccorro dos naufragos. Mas, oh desdita! Ha uma invencivel contrariedade. A falua não póde navegar sobre o baixo, e portanto, não póde salvar os infelizes, que, subidos ás enxarcias, viam a seus pés, o navio despedaçar-se e absorver-se cada vez mais nas ondas embravecidas; e a pouca distancia, retirar-se por impotente, a falua salvadora.

Mas Joaquim Lopes, não retirára por cobardia porque jámais temeu a morte, nem

[1] Joaquim Lopes está quasi constantemente, qual sentinella vigilante, d'oculo em punho, olhando de sua casa (d'onde se descobre toda a barra) para o mar, investigando-o, a ver se ha algum nauta perdido, a quem salvar.

trepida um momento em arriscar a vida a bem da humanidade. Vôa a Paço d'Arcos, e traz uma sua pequena lancha de pesca. Quando chegou ao sitio do sinistro, já os naufragos boiavam á mercê das vagas furiosas, agarrados aos fragmentos do navio.

Os remadores hesitam e empallidecem, á vista de tamanho perigo; mas Lopes lhes brada: — «Que é isto? Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos hade metter a pique. Onde está o perigo é alli (apontando para o logar fatal). É alli que estão 12 horas de agonia, e dentro de poucos minutos a morte. Ávante, rapazes! Nossa Senhora da Guia está olhando para nós, da sua capellinha bemdita; ou morreremos todos e ella nos dará o premio na bem-aventurança, ou salvaremos aquelles desgraçados!»

A vóz potente e as santas palavras de fé e caridade, do heroe, são fogo de coragem que se communica, e o fragil barquinho vôa em demanda de uma morte quasi certa. De balde as ondas o arremessam ao cume do seu dorso fremente, ou ás suas cavidades espumosas, que a Santissima Virgem Nossa Senhora da Guia, a Purissima Estrella do Mar, é pelos arrojados navegantes, que, confiados na sua protecção divina, nenhuma impressão já lhes causa o perigo.

E a Senhora premeia os seus esforços, permittindo-lhes que elles salvem toda a tripulação do *Howard*, que era, o capitão e cinco marinheiros.

O governo inglez condecorou o patrão Lopes e todos os seus remadores, com uma medalha de prata, de *distincção e merito*, e a *Real Sociedade Humanitaria, do Porto*, premiou Joaquim Lopes com a grande medalha d'ouro, nomeando-o socio honorario; e deu aos remadores a medalha de 2.ª classe.

Foram estas as primeiras condecorações que adornaram o peito generoso de Joaquim Lopes, as mais bem merecidas de quantas em nossos dias se teem conferido.

O governo portuguez, condecorou um anspeçada de artilheria, que do alto das muralhas da torre do Bogio estava a *vêr* o espectaculo, só por dizer aos remadores, quando passavam na sua frente — *estão alli!* — *estão alli!* — (!!!) — Ainda mais... Um official do mesmo corpo, combinado com o anspeçada, se apresentaram como os principaes heróes da acção, e foram ambos condecorados com a medalha da *Torre-Espada valor-e-merito!*

Só passados dez mezes, é que o governo se lembrou de Joaquim Lopes, mandando-lhe (embrulhado em um pedaço de papel ordinario!) um desgracioso medalhão de prata, sem nem sequer ao menos ter uma argola para a fita!

Deixal-o. Para que o nome sympathico de Joaquim Lopes se immortalisasse, não precisava de fitas, nem condecorações, bastavam-lhe os seus feitos gloriosos, e o seu

«... amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho seu paterno.»

Note-se que, durante as horas do imminente perigo, passou perto dos naufragos um vapor de guerra... portuguez (vergonha é dizel-o — mas é verdade) sem prestar o menor auxilio aos infelizes inglezes!

A tripulação do *Howard Primorose*, em um documento honrosissimo para Joaquim Lopes, declarou que, se não fosse elle e os seus, aquella gente morreria toda, infallivelmente.

Mais documentos e muito mais peripecias teve este drama, que ommitto para não ser ainda mais extenso.

—

Em março do mesmo anno (1856) hia Joaquim Lopes sendo victima do seu arrojo humanitario, tirando debaixo de uma canôa (que se virou na *Praia da Sardinha*, em Paço d'Arcos) um homem que alli tinha ficado, o qual, nas agonias da submersão, se agarrou por tal modo ao seu salvador, que lhe tolhia completamente os movimentos, e teriam ambos perecido, se tres catraeiros lhe não acudissem logo, arrancando-o a uma morte certa, mas gloriosa.

Por este acto de verdadeira dedicação, o premiou novamente a *Real Sociedade Humanitaria, do Porto*, com a medalha de 2.ª classe.

Em 24 de fevereiro de 1858, pelas 8 horas e meia da manhã, encalhou uma escuna ingleza (a *British Queen*) no fatal baixo do *Alpeidão*. Apenas as torres dão o signal de soccorro, Joaquim Lopes convida os seus companheiros a seguil-o, e, embarcando na sua providencial canoasinha de pesca, correm em demanda dos naufragos. D'esta vez a sua caridade não foi plenamente satisfeita; porque o navio submergiu-se todo, de um só jacto, quando os ousados remadores se approximavam d'elle, pela 3.ª vez: apenas pôde ser salvo o capitão.

Como o estado do naufrago reclamava promptos soccorros, fez-se, com gravissimos riscos, rumo para a torre do Bogio. Chegado porém ahi, um vulto negro se descobre no logar do sinistro. *Homem que se afóga!* — gritam todos. É um cão — diz alguem. «É, é (diz J. Lopes); mas tambem tem vida, e é o mais leal amigo do homem» — e lançando-se de novo ao abysmo, no meio do perigo mais horrivel, salva o cão!

Arriscar a vida para salvar um cão — só a alma generosa e o dedicado coração de Joaquim Lopes!

O governo de sua magestade britannica, condecorou 2.ª vez Joaquim Lopes, com a medalha de ouro, e os seus remadores, com a de prata.

Eram estes — Carlos, e Quirino, seus filhos; José Lopes; Manuel d'Oliveira; Bento Luiz; Eusebio Lopes; Francisco de Lima; João da Cruz.

Além d'estes bravos filhos do povo, outros mareantes e pescadores, foram em varias occasiões, companheiros dos perigos e das glorias de Joaquim Lopes.

Pela occasião do naufragio do brigue francez *Esthefanie*, salvou Joaquim Lopes e os seus, tres marinheiros. Um d'elles era o capitão, que queria morrer agarrado ao casco desconjuntado do seu navio. Querino, o robusto e corajoso filho do *patrão*, o arrancou d'alli, á força! — O governo francez, conferiu e mandou a Joaquim Lopes, a medalha de prata, premio do valor e *philantropia*.

Alguns jornaes portuguezes, lembraram então ao nosso governo, um distinctivo mais honroso, para galardoar os serviços d'este homem inimitavel. Que anachronismo! Deus permittisse que a lembrança continuasse a ficar só nos papeis publicos, para que o peito generoso de Joaquim Lopes se não confundisse com o de tantas nullidades.

—

Tantas e tão nobilissimas acções devem encher de verdadeira alegria o coração do heroe, e na verdade, apezar dos seus annos, das suas rugas, e das suas cans, Joaquim Lopes, é um homem muito alegre e prazenteiro; e, varão previlegiado por Deus, tem na fronte estampadas as virtudes do seu coração e a historia legendaria de uma vida de dedicações e caridade.

A sua tez é alva, como a sua alma, a testa é espaçosa, seus labios delgados, e seus olhos, asues, são penetrantes, revelando logo á primeira vista, o homem que passou a vida em acções de verdadeira caridade evangelica. Finalmente, o retrato de Joaquim Lopes, desenha-se em menos palavras:

É A PROVIDENCIA DOS NAUFRAGOS NA BARRA DE LISBOA

A fama de Joaquim Lopes estava para sempre estabelecida, e todos os seus actos de abnegação e coragem, eram logo publicados e justamente avaliados.

Em 19 de fevereiro de 1862, encalha e perde-se na costa, ao S. da torre do Bugio, o bergantim hespanhol *Achilles*. Joaquim Lopes vôa em soccorro dos naufragos e salva-os a todos! — O mar estava tão embravecido, que Joaquim Lopes chegou a confessar que nunca se vira em tão grande perigo.

O governo hespanhol, conferiu ao *patrão* e mandou-lhe collocar no peito, a medalha de ouro de distincção humanitaria,

A 22 do mesmo mez e anno, se despedaçou contra o *Dente do Cachôpo*, o hiate portuguez *Almirante*, da praça do Porto.

Joaquim Lopes e os seus bravos filhos e remadores, salvam toda a tripulação.

Então, o sr. D. Luiz I, chama o *patrão* á sua presença, pregando-lhe por suas proprias mãos, na grosseira jaqueta maritima,

o habito de Torre e Espada, e apertou commovido, a mão callosa do intrepido marinheiro, fazendo o merecido elogio áos seus actos de coragem e abnegação.

A imprensa portugueza, de todas as parcialidades, louvou esta acção nobre do chefe do Estado.

—

Tambem o imperador do Brazil, na sua visita a Portugal, quiz ver o legendario *patrão Lopes*, e lhe deu um cordeal abraço.

—

Os encomios feitos a este verdadeiro portuguez por toda a imprensa d'este reino, e por muitos jornaes britannicos, hespanhoes e francezes, davam materia para um grosso volume.

—

A *Real Sociedade Humanitaria do Porto*, a *Sociedade Beneficente do Pará*, e o *Centro Promotor das Classes Laboriosas de Lisboa*, lhe mandaram o diploma de socio honorario. Esta ultima associação, tambem, como Joaquim Lopes, filha do povo, mandou collocar o retrato do heroe, no logar principal do seu salão, entre os dos illustres patriotas Manuel da Silva Passos, e José Estevão Coelho de Magalhães.

—

Desde 1859, que Joaquim Lopes se não servia já, nem da pesada e ronceira falua, nem da fragil canôa de pesca, para salvar os seus similhantes. O governo portuguez, á força de continuas reclamações da imprensa, dera-lhe um *salva-vidas*, que mandou construir, segundo os ultimos aperfeiçoamentos introduzidos n'esta especie de vasos. Mas ainda não lhe augmentaram o ridiculo *sallario* de remador—240 réis diarios, Só mais tarde, sendo ministro da marinha o sr. José da Silva Mendes Leal Junior, é que lhe foi concedida a graduação de *mestre da armada*, e uma pequena gratificação.

O goveono entendia que com isso premiava os prodigiosos serviços de Joaquim Lopes, e apenas lhe regateava a justissima recompensa; pelo que os jornaes continnaram a advogar a causa da justiça e da humanidade; mas, vendo que o governo a nada attendia, proposeram que se abrisse uma subscripção nacional, a favor do homem que o governo parecia ter em pouca consideração.

Joaquim Lopes, apenas teve noticia d'isto, declarou no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, que—*quem, bem ou mal, vive do seu trabalho, não estende a mão á esmolla das multidões; e que os peitos onde se alriga o amor do proximo, são grandes de mais, para albergarem sentimentos mesquinhos. Que competia ao governo, mas nunca ao povo, envergonhal-o, lançando-lhe o manto do pobre mendigo.*

—

Muitas vezes aconteceu mandarem-lhe dinheiro, depois de praticar algumas das suas façanhas. Recebia-o e o repartia pelos seus camaradas.

Foram-lhe levar em certa occasião, uma rica salva de prata, com as iniciaes do seu nome (presente—segundo se diz de uma senhora de alta cathegoria) e uma porção de libras, para dividir pelos seus remadores, o que elle logo fez.

A salva é o presente que elle entre todos mais estima.

—

Finalmente, o paiz decediu-se a não ser tão avaro com o *patrão*, e nas camaras legislativts lhe foi votada uma pensão annual de 240$000 réis, com supervivencia para sua mulher ou filhas.

Passado algum tempo, o governo lhe deu a graduação de segundo tenente da armada.

O ministro que referendou o decreto, se honrou o *patrão*, honra-se mais a si mesmo, por comprir um dever a que os seus predecessores não attenderam.

Eis o decreto:

«Tendo attenção aos relevantissimos serviços, prestados pelo mestre da armada, fóra do quadro, Joaquim Lopes, patrão do barco salvo-vidas, da barra de Lisboa, o qual, com extremada abnegação da propria vida, é inexcedivel coragem, tem arrancado do furor das vagas, e restituido á sociedade, grande numero de individuos: considerando quanto cumpre galardoar feitos espontaneos

da singular intrepipez, excepcionaes, em que se alliam ao valor, os mais decididos sentimentos de humanidade; hei por bem, conreder ao dito Joaquim Lopes, a graduação do posto de segundo tenente da armada, etc.

Paço, em 23 de agosto de 1866. — Rei — Visconde da Praia-Grande.»

—

A pezar das suas cans, das suas rugas, e dos seus 75 annos, Joaquim Lopes, ainda conserva todo o vigor da mocidade, toda á coragem da juventude, e não perde occasião de ser util á humanidade.

Vive com a sua familia (mulher e seis filhos) no logar de *Paço d'Arcos*, proximo a Oeiras; gozando, senão a abundancia e a sumptuosidade, pelo menos uma modesta e sufficiente medeania, e as doçuras do lar domestico.

Em *Paço d'Arcos*, direi ainda alguma cousa, com respeito ao nosso venerando Joaquim Lopes.

OLHO—ribeiro, Douro, freguezia da Cadima.

Nas suas margens ha arrozaes. O *Olho*, o *Lagôa-Sêcca*, o *Rodêllos*, o *Moita*, e o *Aljuriça*, todos d'esta freguezia, juntam-se á ribeira *Fervença*. Vide esta ultima palavra.

OLHO DA MIRA — Entre os logares de *Minde* e *Mira* (5.º vol., pag. 233, col. 2.ª — e pag. 242, col. 1.ª) medeia um dilatado campo, que tem quatro kilometros de comprido e 2 de largo. E' quasi todo rôto, em algâres, pela maior parte, cercados de penedias, defeza providencial, para gados e gente. Procede este grande numero de algâres, de estar a campina muito baixa, entre as serras, e, como a agua da chuva não tem por onde se escoar, sumindo-se por canaes subterraneos, ferve para cima, por aquelles boqueirões, até encher todo o campo, em maior ou menor altura, segundo a abundancia d'agua que tem chovido, d'onde resulta transformar-se o campo em lagôa, em que já andou uma bateira.

Ha occasiões em que a agua d'esta lagôa, levanta ondas como as do mar—ou procedido do vento, ou da força com que a agua rebenta pelos boqueirões.

Em dois sitios rebentam maior cópia de aguas—um no chamado *Pena do Poyo*, que é um alto e concavo penhasco, á maneira de alpendre, á raiz da serra. Nascem murmurando brandamente, mas em tamanha quantidade, que fazem logo mover moinhos de pão e lagares de azeite.

O outro sitio, onde as aguas nascem ainda em maior quantidade, chama-se *Olho da Mira*, em cujo logar se sente nascer a agua em jactos alternados, e como aos soluços, impellida de dentro de uma grande cavidade subterranea, formada pela natureza, e sahindo por um buraco redondo de 1m,50 de diametro, á maneira de um occulo, e por isso se chama *Olho da Mira*. Corre em grande abundancia, fazendo mover tambem moinhos e lagares, além da agua que verte pelos assudes, que é bastante. Corre impetuoso ao nascer, e com tanta força expelle a agua, como a torna a engulir. Juntamente com a agua, sahe grande numero de grossas e saborosas inguias e eirozes, que são objecto de uma divertida pesca, quasi toda feita em *caneiros*. Na primavera, sécca este campo, que seus proprietarios cultivam, e é feracissimo.

As cavernas por onde sahem as aguas, apresentam á vista do visitador, maravilhado, as fórmas mais bizarras. Vêem-se abobadas, tectos, pavimentos, e paredes, tudo obra da natureza, mas tão primorosamente fabricados, como se fossem obra de peritos canteiros. Tem mais de 800 metros de extensão, por baixo do sólo. O pavimento é obliquo, descendo desde a emboccadura até ao seu termo. Em frente fica-lhe o outeiro chamado das *Sete Villas*. Toda esta caverna é de rocha viva, sem que se veja a menor porção de terra. A sua agua, que conserva em todas as estações egual temperatura (o que faz dizer que é quente de inverno e fresca de verão) é de optima qualidade. Tem-se notado, que, por mais continuadas que sejam as chuvas, nunca a agua passa de uma certa medida.

Ainda que estes antros não conservem em toda a sua extensão a mesma altura e largura, porque ora abatem, ora se elevam seus tectos; e ora alargam ora estreitam suas ga-

lerias, dão em toda a parte uma passagem ampla aos exploradores. Lançando-se dentro uma pedra, faz um grande estrondo, que se ouve por muito tempo. O murmurio das aguas, quando se debatem umas com outras, ou quebrando-se contra as rochas, formam um som agradavel ao ouvido; e é tambem agrádavel o som da voz e do canto.

—

Ao que disse da fregnezia de *Minde*, accrescento aqui mais o seguinte, que devo á benevolencia do reverendissimo sr. Antonio de Jesus e Silva, de Minde, e que não veio a tempo de hir no logar competente.

A freguezia de Minde, teve outr'ora muitos privilegios, sendo um d'elles, não dar recrutas. Estes privilegios terminaram em 1834. Em seguida refiro a causa a que se attribuem estes privilegios.

—

Houve aqui uma albergaria, na qual se dava por dia agasalho a cinco passageiros pobres—uma esteira, uma candeia, e sal, a cada um. A casa que foi albergaria, ainda existe, na praça; era foreira aos condes de Ourem, e hoje, á casa de Bragança, que herdou aquelle condado. Ainda conserva o nome de *albergaria*. É tradição que foi construida por D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem, em attenção ao agasalho que lhe dera um velho. Conta-se a historia do modo seguinte:

Andando D. Nuno á caça, se perdeu da sua comittiva, embrenhando-se em uma selva, onde lhe anoiteceu. Perdida a esperança de juntar-se aos seus, resolveu pernoitar n'aquelle medonho sitio, e se deitou no chão. Passada uma boa parte da noite, ouviu cantar um gallo, alli perto. Guiado pelo canto da ave, foi dar a um casal, onde viu uma luz. D. Nuno bate á porta, e vai abrir-lh'a um magestoso velho, perguntando ao cavalleiro o que elle queria. Agasalho—diz D. Nuno.—O ancião o fez entrar, e mandou matar a gallinha que estivesse mais perto do gallo, e com ella deu de ceiar ao fidalgo, mandando um filho dar um alqueire de milho ao cavallo. Na seguinte manhan, perguntando D. Nuno ao velho quanto queria pela hospedagem, este lhe respondeu que só queria que lhe livrasse de soldados a dez filhos que tinha. D. Nuno lhe respondeu que, não só os seus filhos, mas todos os mancebos da povoação, jamais seriam soldados. D. João I confirmou este privilegio, que durou até 1834. Foi então — diz-se — que D. Nuno fundou a albergaria. Minde tambem não pagava *jugadas*, e tinha *relego* ou celeiro real, que D. João VI deu a um frade, para habitação de seu pobre pae. (Vide adiante—*Covão da Carvalha.*)

—

Ha em Minde, mercado todos os domingos, e feira no ultimo domingo de julho, junto á ermida de Santa Anna. O direito do *terrado* da feira e mercado, pertenceu, até 1834, ao hospicio dos padres arrabidos: desde então, pertence á camara municipal.

Minde é a terra dos padres (chegou a contar mais de cem!) e foi, e é, patria de homens celebres, entre elles, bispos, e desembargadores. Ainda aqui ha (1875) 18 ecclesiasticos, alem de varios ordinandos.

A capella de Santo Antonio das Eiras, foi construida em 1475; é privilegiada, por bulla do pontifice, Pio VI. Consta que jaz n'esta capella, D. Áldora (ou Áldara), mulher de D. David, a qual, vindo de Minde, de vêr uma veiga que alli possuia, e que ainda hoje se denomina, por corrupção, *Valle de D. Toda*, falleceu no sitio onde hoje está a capella. D. David mandou construir uma edicula, no logar do fallecimento de sua mulher, para descanço de seus ossos. Em 1475, foi esta edicula transformada em capella. Já, depois d'isto, foi por duas vezes reformada, a primeira vez, em 1691, e a segunda no meado do seculo passado Em 1691, foi aberto o moimento onde jaz D. David, seu fundador.

A capella de S. Sebastião, que é muito vasta, foi construida no reinado de D. Duarte.

A capella de S. Bento (vulgarmente, *ermida do Manco*) era particular, e querendo seu dono demolil-a, os padres de Minde a compraram, e deram ao publico.

A capella de S. Silvestre, no sitio do *Covão da Carvalha*, no *Chão da Mendiga*, foi feita pelo mesmo D. David, para n'ella ser sepultado, o que se cumpriu.

—

Em uma escavação que se fez ha poucos annos, junto á praça publica, se achou um tumulo, cuja campa se acha agora (1875) em uma varanda do sr. Antonio Capaz Cecilio. Consta ter sido a sepultura de *Got Mindenho*, o que deu o nome a Minde (ou mais provavelmente, d'ella tomou o appellido).

A pouca distancia de *Alvádos*, ha uma planicie chamada *Mindinho*, e junto d'ella, no alto da serra, do lado do oeste, ha quatro lapas, chamadas, por isso, *Lapas de Mindinho*, que são magestosas e admiraveis, pela sua construcção. Parecem habitações dos povos indigenas, a que os modernos, na falta de outro, deram o nome de pre-celtas. O povo diz que n'estas cavernas dá o *commissario geral do inferno (!)* as suas ordens e instrucções, ás bruxas da provincia. Por mais diligencias que os ecclesiasticos e pessoas illustradas tenham feito, não são capazes de arrancar ao povo esta crença disparatada.

—

A egreja matriz de Minde (a que D. Manuel de Aguiar chamava—*Sé das egrejas do bispado*) é sumptuosa: tem 22 metros de comprido e 12m,33 de altura. As paredes são revestidas de azulejo, até 1m,66 de altura. O côro tem 8m,80 de comprimento e 3m,33 de largura, descançando sobre duas columnas de marmore branco.

A capella-mór, tem 5m,70 de comprido e 3m,50 de largo. As suas paredes estão revestidas de azulejo, com desenhos, representando scenas do Novo Testamento. Na abobada, via-se a imagem de Nossa Senhora do Cerejal, antiga padroeira da freguezia.

A capella-mór foi ampliada em 1709.

Alem do altar-mór, tem mais quatro altares. No altar-mór, que é de excellente talha dourada, está, do lado da Epistola, a imagem de Nossa Senhora da Purificação e a de Santa Luiza—e do lado do Evangelho, a do Espirito Santo e a de S. João Baptista.

Dois dos altares lateraes estão em magestosos arcos de cantaria: o do lado da Epistola, tem em letras d'ouro, a data de 1723: é dedicado á imagem de Bom Jesus e Almas. Em 1810, os francezes o despregaram da cruz (para lhe roubarem os cravos, julgando que eram de prata) sem que a imagem cahisse. Proximo a este, está o altar de Santo Antonio. Do lado do Evangelho, estão os altares de Nossa Senhora da Assumpção (a padroeira), á qual se fazem quatro grandes festividades annualmente.

Durante a epidemia do cholera-morbus, em 1833, o povo da freguezia recorreu, na sua afflicção, á bem aventurada padroeira, fazendo-lhe uma grande solemnidade religiosa, e desde esse momento, nem mais um só caso de peste se deu na freguezia.

O altar immediato, é dedicado a Santa Anna. A torre é magestosa e tem quatro sinos e um relogio.

Ainda existe uma capella, dedicada a *Nossa Senhora do Cerejal;* assim denominada, porque o primeiro nome da freguezia de Minde, foi *Cerejal;* e consta que Got Mindinho é que o mudou para *Minde.*

Ha aqui uma balança, pertencente á camara municipal de Porto-de-Mós, onde se pésa toda a lan que é consumida na freguezia, assim como outros objectos mais.

Fabricam-se aqui muitos pannos de lan: até 1834, todos os conventos da provincia gastavam d'aqui pannos para os seus habitos.

Em 1833, houve aqui um encontro, entre duas guerrilhas, uma realista e outra liberal: correu algum sangue.

—

Nasceram em Minde, os seguintes varões:

D. Joaquim da Matta, bispo de Macau.

D. Silvestre, bispo de Cabo-Verde.

O doutor Manuel do Espirito Santo Minde, leitor de theologia.

Eustodio Habitual, examinador das tres ordens militares, e commissario-geral da Terra-Santa.

O doutor frei Caetano Felix d'Almeida, prégador regio, de D. João V — e seus dois irmãos —

O doutor Francisco Vaz de Sant'Anna, dezembargador da relação do Porto — e

Manuel Rodrigues Maia, bacharel, pela universidade de Coimbra, e professor em Lisboa.

Frei Antonio da Soledade, e *frei João de Sant'Anna*, prégadores regios.

O doutor Hygino Teixeira Guedes, professor em Lisboa.

O doutor Joaquim Rodrigues Estevães.

João Rodrigues Ferreira, habil cirurgião, que foi assassinado em Pernes.

O beneficiado João Rodrigues Martins da Silva.

Frei Francisco de Jesus Maria José, que falleceu em Mafra.

Padre Manuel Bento Estevães, orador distinctissimo, e um dos melhores moralistas d'esta diocese, e ultimo parocho d'esta freguezia.

Alem de muitos outros, cuja relação seria longa.

—

Os *mindericos* (povos de Minde) vão a quasi todas as feiras do reino. Teem uma especie de dialecto (mais propriamente giria) que fallam quando andam por terras alheias, e que só elles entendem.

—

A povoação de Minde é cercada de lindos quintaes, povoados de frondosas arvores. D. Manuel d'Aguiar, bispo de Leiria, muito gostava d'estes sitios, a que chamava—*jardim da serra.*

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os fructos do paiz, e muito abundante de azeite.

—

A um kilometro ao N. de Minde, existe uma caverna ou lapa, chamada *o Regatinho.* Durante as chuvas do inverno, vomita muita agua; mas, de verão sécca.

Durante as invasões napoleonicas, serviu esta caverna de asylo a muitas familias que aqui escaparam á morte, á deshonra e a todas as atrocidades que as hordas francezas perpetravam na sua passagem devastadora.

Tambem aqui se esconderam varias riquezas, muitas das quaes não tornaram a apparecer.

Foi por muitos annos crença arraigada em Minde, que proximo ao *Regatinho* haviam os mouros enterrado uma capa d'ouro, para fazer a qual se empenharam cinco villas — e um jogo de bola, tambem d'ouro.

Em umas escavações feitas ha poucos annos junto d'esta caverna, se acharam alicerces de uns paços mouriscos. A pouca distancia d'este achado, ha uma escavação, chamada *Cova do Mouro.* Tem a sua lenda. Era a habitação de uma formosa filha de Agar, que na manhan do S. João *foi muitas vezes vista*, assoalhando os seus thesouros, e cantando em harmoniosa toada, differentes cantigas, sendo uma d'ellas a seguinte:

«Mais vale a *Pena do Poyo*, [1]
Só, com os seus penedaes,
Que Santarem e Lisboa,
Com todos seus cabedaes.»

—

Caminhando mais para o norte, encontra-se a freguezia de Mira, e proximo a ella, ha uma grande caverna, em cuja abobada se admiram bellas stalactites, e cujo pavimento está erriçado de não menos formosas stalagmites, que, sobre tudo á luz dos archotes, apresentam uma vista bizarra e formosissima.

—

A *Alagôa de Minde*, se é magestosa durante a estação pluvial, ainda tem mais magestade durante a estiagem: cada arvore, cada barreira, é um formoso ramilhete. Grande quantidade de lindas flores, de diversas qualidades, lhe alcatifam o sólo, que é tão abençoado e de tão poderosa vegetabilidade, que tem creado uvas em 50 dias!

Da *serra de Minde*, que tem uns dois kilometros de comprido, se goza o mais bello panorama. Ao N. se vê a villa d'Ourem, tão celebre na nossa historia—a veneranda Santarem—a rica Torres-Novas—a bonita Chamusca—a fertilissima Gollegan—a vetusta Abrantes—os castellos mouriscos d'Alcanêde—o formosissimo e magestoso Tejo—serras, valles, bosques, collinas e varzeas.

No alto da serra ha vastos milharaes, cujo fructo se cria em abundancia, sem ser preciso regado.

—

A freguezia de Minde, é composta dos logares seguintes — *Serra de Santo Antonio, Bajouco, Covão-do-Coelho, e Valle-Alto.*

A serra de Santo Antonio, é uma das al-

[1] Adiante direi o que é a *Pena do Poyo.*

deias mais celebres de Portugal, por causa do seu famoso collegio (ou seminario) onde muitos centenares de mancebos vão beber a instrucção litteraria, aprender a ser bons filhos, bons paes, bons cidadãos, uteis á patria, e catholicos verdadeiros.

Em 26 de março de 1875, falleceu n'este collegio, frei Manuel da Conceição, orador sublime, e consummado moralista: um dos homens do seculo XIX a quem Portugal deve os maiores serviços.

É para lamentar que as cinzas venerandas d'este varão respeitavel, se achem no pobre cemiterio da Serra, misturadas com as mais, sem uma inscripção que diga á posteridade — «aqui jaz um portuguez, santo e sabio.»—Seria louvavel—seria mesmo o pagamento de uma divida sagrada — que, todos os jovens que elle tornou homens, e que occupam hoje altos logares nos differentes ramos da administração publica, se quotisassem para lhe erigir um singelo monumento, testemunho do respeito e gratidão dos seus discipulos.

Tambem n'esta aldeia nasceu o virtuoso e illustrado *frei José da Conceição*, a quem a nação deve relevantissimos serviços.

—

O *Covão do Coelho*, é rodeado de frondosas arvores, que o fazem fresco e ameno na estiagem. É patria do sr. doutor José Francisco de Santa Martha, vigario geral do bispado de Leiria, e conego da Sé cathedral.

—

Antes da invasão franceza, de 1810, pertencia á freguezia de Minde a capella de Santa Martha, que os mindericos mandaram construir em 1613. No principio do seculo XIX, passou para a freguezia de Alcanêna. Houve por sua causa, desordens em Minde, chegando até a haver mortes; sendo ainda hoje caso de affronta para as duas freguezias, perguntar-se a qualquer individuo d'ellas — «Santa Martha é de Minde, ou de Alcanêna?»

Pia Carneira, tem uma capella de Santa Agueda. Foi da freguezia de Minde, mas actualmente pertence a Albardos.

Tambem foi d'esta freguezia de Minde, o logar do *Covão da Carvalha*. Junto a este logar existem ainda uns paredões antiquissimos, e, segundo a tradição, era o casal do tal velho a quem o conde d'Ourem, D. Nuno Alvares Pereira, foi pedir pousada, e que já fica relatado n'este artigo. Diz-se que até então, não estava esta casa sujeita a justiça alguma, e que o ancião pedira a D. Nuno, que o seu casal fosse livre das justiças de Porto de Mós, o que o conde tambem lhe concedeu, e d'ahi em diante se ficou chamando *Morada*.

—

Faz parte d'esta freguezia, a aldeia de *Valle-Alto*, situada nas abas da serra de Minde. Ha aqui optima cantaria.

N'esta aldeia nasceu Maria do Sacramento, que falleceu no recolhimento de Leiria, com fama de santa, justamente adequirida pelas suas preclaras virtudes.

—

A freguezia de Minde, apezar de se achar situada entre serranias asperas, aridas e alcantiladas, não tendo por vias de communicação com as outras terras, senão atalhos, córregos e precipicios, não escapou á rapacidade e ás atrocidades das hordas francezas; que aqui entraram, pela primeira vez, a 16 de novembro de 1810. Um individuo do povo, deu, com um foguete, signal aos seus conterraneos, da chegada d'estes vandalos do seculo XIX, e a maior parte correu a embrenhar-se nos medonhos alcantis e tetricas cavernas da serra. Aqui se demoraram os francezes, até 6 de março de 1811, praticando as mesmas atrocidades que praticaram nas outras terras da Peninsula, deixando tudo roubado e destruido.

—

Na estação calmosa, é esta freguezia muito falta de agua potavel, e, se não fosse o capitão Manuel Cansado, que á sua custa mandou fazer uma grande cisterna e a poz á disposição do publico, vêr-se-hiam estes povos obrigados a hirem prover-se d'agua a uma distancia de mais de cinco kilometros

As cinzas d'este cidadão benemerito, estão guardadas religiosamente, em uma sepultura, á entrada da egreja matriz. Foi aberta no dia 30 de setembro de 1866, para n'ella se depositarem os restos mortaes do

padre Manuel Bento Estevães, que com inexcedivel zêllo parochiou esta freguezia por mais de quarenta annos.

—

Minde é uma das antigas freguezias do reino, e teve varios privilegios: hoje, por falta de estradas, e porque os artefactos de lan que aqui se fabricam, são de materia prima mal escolhida, e de não ser perfeito o seu acabamento, perdeu bastante da sua antiga importancia; concorrendo tambem para a sua decadencia, a extincção das ordens religiosas, pois no hospicio dos arrabidos, d'esta freguezia, trabalhavam muitas pessoas, sendo por isso este estabelecimento religioso considerado tambem como uma boa fabrica de lanificios, com sahida certa, para todos os mosteiros da provincia, como já fica dito.

Não era só o pão do corpo, que os mindericos encontravam n'este hospicio: era tambem o pão do espirito, e muitos d'aqui sahiam para se espalhar por todos os mosteiros da Extremadura; não havendo um só convento onde não houvesse frades naturaes d'esta freguezia.

Os reis D. João V e D. João VI, honravam sobremaneira os frades de Minde, que por vezes receberam d'aquelles monarchas assignalados beneficios. D. João VI, a rogos de um frade minderico, commutou uma sentença de morte, a frei Antonio de S. Boa-Ventura (por dizer tres missas em um dia, sem a devida auctorisação) em reclusão temporaria.

Consta que D. João VI estimava muito o tal religioso (o que pediu) por ser o melhor cantor de Mafra.

—

Este monarcha (que, como todos sabem, era excessivamente guloso) deliciava-se com as eirozes de Minde; e dizia que, nem em Portugal, nem no Brazil, comêra peixe tão saboroso.

Foi D. João VI, que mandou ao guardião do hospicio, construir o *caneiro* para a pesca das enguias e eirozes, e queria que todos os annos, no tempo da pesca, lhe mandassem uma porção escolhida d'este peixe.

Este *caneiro* ainda existe, e ainda conserva o nome de *caneiro dos frades.*

—

Do sagrado edificio em que até 1834 se elevavam constantemente o incenso e as orações ao Todo Poderoso, só resta a capella, em ruinas, e a cisterna; e isto mesmo foi vendido em hasta publica por uma quantia insignificantissima (nem, materialmente valia mais) sem haver uma auctoridade local que pedisse a sua conservação, para ficar a capella para o publico, e o edificio do mosteirinho para habitação do professor, e para sala da escola!

—

Já disse que a freguezia está por toda a parte cercada de penedias alcantiladas, que a rodeiam como um cinto de muralhas, obradas pela natureza. E' porem delicioso ver da planicie, durante a primavera, estes rochedos abrutos, adornados das mais bellas e variadas florinhas de cores diversas, entre ellas, e em maior quantidade, o fatidico alecrim; o rosmaninho aromatico; a formosa pimenteira; a salva medicinal; a bella rosa *albardeira;* a candida assucena; o donoso lirio; e os goivos emblematicos.

—

Apezar de se conservarem na alagoa algumas aguas estagnadas, a terra, em geral, é saudavel; porem ha aqui uma molestia endemica e horrorosa—a lepra—que talvez se podesse evitar, ou pelo menos atenuar, se o governo portuguez lhe mandasse estudar conscienciosamente as causas.

—

Em 1855, foi esta freguezia invadida por um monstruoso numero de *saramantigas,* que a não serem devoradas pelos porcos, e queimadas em grandes fogueiras, ver-se-hiam os mindericos obrigados a abandonar os seus lares.

Attribuiu-se esta nojenta praga, a conservarem-se a aguas na lagôa até ao mez de julho.

—

Ao O. do logar de Minde, corre uma alta e ingreme serrania, que vindo d'Albardos, termina em Santa Martha.

Esta serra, vae tomando varios nomes, se-

gundo os sitios por onde passa, v. gr.— *Mindinho, Barreiro, Prilhôa, Abetureira*, e *Picóta*.

Tem n'este ultimo ponto, as ruinas d'um castello romano construido sobre rochedos; e rodeado por tres ordens de muralhas, tudo reduzido a montões de pedras e entulho; mas conhecendo-se ainda o seu ambito. As segundas muralhas eram de uma pasmosa espessura.

O castello tinha 30 metros de circumferencia. A sua posição era temivel, por ser no pincaro do monte. Suppõe-se ter sido construido para defesa da via militar que de Porto de Mós hia a Torres-Novas e d'aqui a Alcanéde.

Ao sopé, está o *Valle da Oliveirinha*, que é uma garganta que dá entrada á estrada que liga entre si estas antiquissimas villas.

Dos lados do E. e S. não tinha muralhas, mas altissimas penedias perpendiculares, por onde só as aves do ceu poderiam chegar á fortaleza. Chamavam-lhe o *castello do Picôto*.

Ha annos principiou-se aqui a construir um moinho de vento; mas desistiu-se da empreza, pela excessiva violencia do motor.

O povo diz que era a habitação de um rei mouro. Ainda pelo monte se veem espalhados fragmentos de telhas e tijolos, e vestigios de casas, proximas ao castello.

E' certo que por aqui teem apparecido algumas moedas antiquissimas (não me souberam dizer se eram romanas ou árabes) e o vulgo diz que ha aqui muitos *thesouros encantados*, o que tem dado causa a muitas, mas inuteis escavações.

O sitio onde existiu o castello, é dos mais bellos do reino, pela vastidão e contrastes do seu formoso panorama.

A pouca distancia d'esta antigualha, está a capella de Santa Martha, edificada, como um ninho d'aguia, sobre os alcantis da serra.

Abaixo da capella está uma abundante nascente d'agua, chamada *Fonte Santa*.

—

O *Poyo* ou *Penedo do Poyo*, é um olho de agua, a 2 kilometros ao N. de Minde. A agua sahe por entre cascalho, fazendo logo moer um moinho de pão, com quatro pedras, e um lagar de azeite. Corre com grande impeto, formando com o *Olho da Mira* a grande *lagôa de Minde*, de que já tratei.

Tambem o povo crê que ha aqui uma grande riqueza *encantada*, que os mouros deixaram no seculo XII, quando foram expulsos d'estas terras.

OLHO DE MOURELLOS—grande nascente d'agua, Douro, concelho d'Ançan.

Nasce junto ao logar da *Ferraría*, e junta com as nascentes da *Fonte de Ançan*, *Gruta de Portunhos*, *Olhos da Loureira*, e *Valle Travêsso* (ou *valla dos Cavalleiros*) formam uma ribeira, abaixo da *Mascarenha* no *Parisol*, a qual, correndo do N. a S., vae desaguar na valla chamada *dos Fórnos*, abaixo do logar de *Láva-Rábos*, no sitio do *Caldeirão*.

Quando esta ribeira (denominada *de Ançan*) leva muita agua, chegam os barcos carregados de sal, que vem da Figueira, pelo Mondego, até á quinta do *Ról* (dos srs. Pinto Bastos, da Vista-Alegre) que é na *varzea d'Ançan*. Aqui, por muitas vezes se teem carregado barcos, com 8 pipas de vinho da Bairrada, para a Figueira.

A ribeira produz enguias, sôlhos, trutas, barbos e um peixe miudo chamado *ruivacos*, que são do tamanho de camarões. Na *valla dos Cavalleiros*, se pescam, ás vezes, ameijoas.

OLHO MARINHO — aldeia, Extremadura, termo, e concelho d'Obidos, já mencionada quando tratei d'esta villa.

Ha na aldeia de Olho Marinho, uma capella, dedicada ao S.S. Coração de Maria, feita pelo sympathico padre Francisco Raphael da Silveira Malhão, á custa dos seus primeiros sermões, que fez publicar. E' um templosinho, tão formoso e poetico como a alma do seu fundador.

OLHOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães.

E' a actual freguezia de S. Miguel de Caldellas.

Vide *Oculis*, a pag. 199, col. 1.ª, d'este volume.

OLHOS DA LOUREIRA—Nascente d'agua,

Douro. Rebenta junto á villa d'Ançan. Vide *Olho de Mourellos.*

OLINA—antiga cidade da Lusitanía, cujo sitio hoje se ignora.

E' talvez uma das que estanceavam na famosa *serra de Arga* (o *Medulio* dos romanos.)

Ptolomeu a colloca em 8,°30' de longitude—e 45,°30' de latitude.

Pertencia á chancellaria de Lugo, e era portanto ao N. de Braga, e alem do Lima, entre este rio e o Minho.

Foi destruida pelos suevos, ou pelos árabes.

OLÍVA—portuguez antigo—*azeitona*, fructo da oliveira.

Quando é em quantidade sufficiente para fazer azeite, dizemos *azeitona*, e quando se destina a ser cortida, diz-se *azeitonas.*

Em um documento, de S. Christovão, de Coimbra, de 1362, se lê: — *E que cavedes*, (caveis) *e abrades*, (abraes) *e amotedes* [1] *as ditas oliveiras.... e que sacodades e façades as* olivas, *que Deus hi der no chaaom... E que dedes a mim a meytade das ditas olivas, e que me dedes de cada çazom* [2] *huum alqueire dazeite ffeito no lagar de melhoria.*

Oliva, é tambem um appellido nobre em Portugal. E' de Hespanha, tomado da villa de Oliva (Navarra), d'onde passou a Portugal, na pessoa de Lourenço d'Oliva, ao qual o rei D. Sebastião deu armas proprias, para elle e seus descendentes, em 1565, durante a regencia do cardeal D. Henrique — depois, cardeal-rei.

[1] *Amotar*, portuguez antigo— significa — fazer mottas, vallas, ou tapumes, para resguardo de qualquer fazenda.

[2] *Çazom, saçom, sazom, sazão, e sezão*— portuguez antigo. — Umas vezes se tomava por occasião, tempo proprio e opportuno — e outras pelo tempo de um anno inteiro. *Devees podar, amurgulhar, cavar, e enpaar a vinha; e o olival, lavrallo, e abrillo, e* amotallo, *e stereallo de dous em dous annos; segundo husso, e costume da dita cidade, e nos tempos, e* sações *convinhavees.* Doc. de S. Christovão, de Coimbra, de 1392.—De *çazom* vem *sasonar.*

Vem do gallo-celta *saison* — estação propria, quadra, tempo proprio, etc.—Tambem se dizia *gram-çazom*, que significava muito tempo.

São — em campo verde, leão d'ouro, lampassado de púrpura, armado de negro, e atravessado pelo peito, por uma lança de prata, com aspa de púrpura, que lhe sáe pelas costas, e lançando sangue pela ferida. O leão está sobre um contrachefe estreito, de ondas de azul e prata. Elmo de aço aberto—timbre, meio homem, de frente, vestido de púrpura, com metade da hastea da lança na mão.

Joaquim José de Oliva, justificou ser descendente d'esta familia, e se lhe passou carta de brazão, d'estas mesmas armas, em 10 de dezembro de 1781.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo de púrpura, um esquadro de carpinteiro, de prata, semeado de aspas de purpura. O élmo e timbre dos antecedentes.

OLIVAES — freguezia, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca, patriarchado, districto administrativo, termo e 6 kilometros a N.E. de Lisboa, 700 fogos.

Orago, Santa Maria, ou Nossa Senhora do Rosario, dos Olivaes.—2.ª estação do caminho de ferro do norte e leste. (A 1.ª é no Poço do Bispo, d'este concelho.)

O *Port. Sacro e Prof.*, não traz esta freguezia, por esquecimento, pois já existia havia mais de 300 annos, quando aquella obra foi publicada. — O actual prior, tem, de pé de altar e mais rendimentos parochiaes, 171$200 réis—derrama, 328$800 réis—total, 500$000 réis.

Este concelho (creado por decreto de 11 de setembro de 1852) é composto de 21 freguezias, todas no patriarchado—são—Ameixoeira, Appellação, Arroyos (extramuros de Lisboa), Beato-Antonio, Bucellas, Camarate, Campo-Grande, Charneca, Fanhões, Friellas, Loures, Lousa, Lumiar, Olivaes, Póvoa de Santo Adrião, Sacavem, Talha, Tojal (Santo Antão), Tojalinho (ou S. Julião do Tojal), Unhos, e Via-Longa — todas com 6:500 fogos. Teve no seu principio, a freguezia de Santo Estevão das Gallés, que passou depois para o concelho de Mafra.

—

A povoação dos Olivaes, está situada em terreno levemente accidentado, porém muito

superior ao nivel do Tejo, e a pouca distancia da sua margem direita. O seu territorio, alternado de frondosos arvoredos, bonitas casas de campo, com suas quintas, e alguns logares, tornam o sitio sobremaneira agradavel, fertil e aprazivel. Tem esta povoação apenas uns 50 fogos, com 200 almas.

A egreja parochial (Santa Maria dos Olivaes) é antiquissima, não se sabendo por quem nem quando foi fundada. O que se sabe é que já existia em 1420.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira appareceu em um olival, dentro da cavidade do tronco de uma oliveira, e d'aqui veio o nome á Senhora, e depois á freguezia.

Refere o *Sanctuario Marianno* (vol. 1.°, pag. 429) que a congregação dos conegos de S. João Evangelista, de Portugal, teve principio pelos annos de 1420, reinando D. João I, e que a primeira casa que tiveram foi esta egreja, que lhes foi offerecida pelo prior, que então era d'esta freguezia — «que era parochia, e a mais antiga que se sabe; a qual teria tido até alli, muitos priores antes d'este.»

Os conegos (loyos) aqui residiram algum tempo, porém—não se sabe porque—o prior da freguezia, arrependeu-se da doação que voluntariamente lhes tinha feito, e annullou-a, expulsando-os.

Em 1483, o cardeal, D. Jorge da Costa, uniu esta egreja á capella de Nossa Senhora da Assumpção, do convento de Santo Eloy, [1] ao qual d'ahi em diante, até 1834, ficaram pertencendo os dizimos da freguezia, e o seu reitor, apresentava o vigario dos Olivaes.

Na sachristia da egreja matriz, ainda em 1700 se conservava o tronco da oliveira em que a Senhora appareceu, e o vigario de então, o mandou arrancar.

É formosa a situação da egreja matriz, a qual, com algumas casas que a circumdam, está cercada de frondoso arvoredo, vendo-se a bonita povoação de Sacavem, a Póvoa de Santa Iria (edificada á beira do caminho de ferro do N. e L., que tem aqui a sua 4.ª estação, e fica proximo da margem direita do Tejo). Depois segue-se a cordilheira de montes, em cujas faldas estão as villas de Alverca, Alhandra e Villa Franca de Xira. O Tejo magestoso, remata ao S. este formoso e vasto panorama.

A estrada que de Lisboa conduz aos Olivaes, passa junto do arvoredo que cérca a egreja.

Os paços do concelho dos Olivaes estiveram muitos annos no Campo-Grande, a 8 kilometros da egreja dos Olivaes! [2]

No logar de Marvilla, d'esta freguezia (vol. 5.°, pag. 118, col. 1.ª) está o celebre palacio e *quinta da Mitra*, do qual alli fallei; e depois a pag. 344, col. 2.ª, do mesmo volume. Aqui accrescentarei ainda o seguinte:

Esta sumptuosa propriedade, foi vendida em 1864, em praça, no tribunal do thesouro publico, ao sr. D. José Salamanca (depois marquez de Salamanca) por pouco mais de dez contos de réis. Fez-se esta venda, para que o producto d'ella fosse empregado na compra do palacio do fallecido conde de Barbacena, no campo de Santa Clara, em Lisboa, para ficar servindo de residencia aos patriarchas.

Para este palacio veio, em busca de melhoras, D. frei Francisco de S. Luiz Saraiva (2.° do nome, na serie dos patriarchas de Lisboa), mas aqui falleceu, em 7 de maio, de 1845.

—

É n'esta freguezia a povoação do *Poço do Bispo;* onde está a 1.ª estação do caminho de ferro de Norte e Leste. Tambem são d'esta freguezia, os logares de *Braço de Prata* (vol. 1.°, pag. 432, col. 1.ª)—*Cabo Ruivo* (vol. 2.°, pag. 16, col. 1.ª)

No sitio do *Poço do Bispo*, se afasta do Tejo a estrada marginal, e internando-se

[1] Onde o mesmo cardeal mandou sepultar os cadaveres da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte — e de D. Leonor, sua irman, que nasceu a 25 de novembro de 1436, e falleceu em 1463.

[2] Actualmente está na parte da freguezia de S. Jorge (Arroyos) extramuros de Lisboa, em um predio do sr. conde de Magalhães, no *largo do Leão*, n.° 12. No pavimento inferior, é a afferição dos pesos e medidas—no 1.° andar, a camara—e no 2.°, a administração do concelho, a repartição da fazenda e a recebedoria.—No 3.° andar é um hospicio, do municipio, que tem a seu cargo 21 creanças.

um tanto, vae direita ao logar dos Olivaes, e d'ahi a Sacavem.

Antes porém de chegar aos Olivaes, passa por S. Cornelio, mosteiro de religiosos arrabidos, situado em uma planicie, cercada de bastos arvoredos, que fazem este sitio muito aprazivel. Foi este mosteiro fundado pelo sargento-mór, João Borges de Moraes, em uma ermida que aqui existia, dedicada a *Nossa Senhora da Estrella*, em 1674. Nos seus principios, foi apenas um hospicio, ou casa de convalescença, dos religiosos d'esta ordem; mas, em 1718, foi ampliado o edificio, sendo então constituido em mosteiro regular. É edificio pequeno e de modesta fabrica, e em harmonia com a egreja, que é tambem de acanhadas dimensões, e de muita simplicidade.

Foi notavel este templo, pela concorrencia de romarias que vinham aqui festejar o seu orago, e ainda mais, por uma usança singular do povo, n'estas occasiões — era a seguinte—offereciam a S. Cornelio, uns cornos de prata, ou de céra (segundo o voto ou promessa que lhe haviam feito).

Julga-se que isto provinha do proprio nome do santo, e de elle ser advogado contra as molestias do gado bovino.

Expulsos os religiosos, em 1834, ficou o mosteiro e a sua cêrca servindo de residencia e passal, do parocho da freguezia.

—

Um decreto de 25 de julho de 1860, conferiu aos Olivaes, o seu brazão d'armas, que é — escudo dividido em palla, tendo na 1.ª, as armas de Portugal; na 2.ª, dividida em dois quarteis, no superior, em campo azul, a rainha Santa Isabel, tendo á direita, o rei D. Diniz, seu marido — e á esquerda, seu filho, o infante D. Affonso, depois IV — todas as tres figuras, de prata, com corôas e espadas d'ouro. No inferior, em campo de ouro, duas oliveiras, da sua côr, tudo encimado com a corôa real.

Symbolisam estas armas, as pazes que fez Santa Isabel entre seu marido e seu filho, em Alvalade, no anno 1323. (Vide *Alvalade*, *Campo-Grande* e *Campo-Pequeno*.)

Note-se que aquelle decreto (que custou ao municipio 200$000 réis, de *direitos de mercê!*) só mandava ter os dois ultimos quarteis do escudo — depois, sendo presidente da camara o sr. visconde do Paço do Lumiar (Costa Bueno) é que o escudo se augmentou com as armas de Portugal e com a corôa.

As oliveiras, alludem tambem ao nome da terra.

—

Tem este concelho:

Fabricas — d'alvaiade, 1; aguardente, 1; bolacha (a vapor), 1; cortiça, 2; descasque d'arroz (a vapor), 1; tinturaria e estamparia, 7; lanificios, 2; loiça de barro, 4; loiça fina, 1; massas, 1; moagem de farinha (a vapor, 2; papel para escripta (a vapor), 1; papel pardo e papelão, 2; sabão, 6; sebo, 7; tabacos, 2, tecidos d'algodão, 2.

Ha n'este concelho 471 carros de bois, e 466 carroças, tiradas por bois ou muares.— Em Sacavem ha uma praça de touros, inaugurada em 16 de maio de 1875, por occasião da feira do Espirito Santo. Está construida na margem direita do rio, junto á estrada que conduz á estação do caminho de ferro, é proximo a esta.

Ha no concelho (1875) 10 trens d'aluguer.

A industria fabril é quasi exclusiva do Beato e Olivaes.

Tem os seguintes asylos: no Beato, dirigido pelo governo, o de «Maria Pia,» para mendigos e infancia abandonada, d'ambos os sexos. — Campo-Grande, a expensas de particulares, infancia desvalida do sexo feminino. — Lumiar, infancia desvalida (sexo feminino) e pobres. Está-se ampliando o edificio para recolher os asylados, que só teem educação, comida e vestuario.

No edificio do extincto convento de Nossa Senhora da Conceição, de Marvilla, está o asylo de D. Luiz I, que esteve em Belem.

Na povoação dos Olivaes ha uma escola de meninas, mantida pela sr.ª viscondessa dos Olivaes; e na do Beato, outra subsidiada pelo sr. conde do Casal Ribeiro, e auxiliada pela Associação Humanitaria, do Beato.

Irmandades e confrarias, 22, com o ren-

dimento annual (medio) de 4:415$000 réis.

Albergarias, 1.

Escolas publicas, nos Olivaes, a Normal primaria de Lisboa, e mais 15 do sexo masculino, 3 do feminino, e 2 mixtas. Trata-se da creação de mais 2 para o feminino.

Escolas particulares, pagas pelas familias dos alumnos: 1 de pilotagem, em Braço de Prata (diz-se que irá para Belem), e de instrucção primaria, do sexo masculino, 3; feminino, 12.

Escolas gratuitas: Para os asylados, no Maria-Pia, uma para cada sexo; e uma para o feminino em cada um dos outros asylos.—2, uma para cada sexo, a expensas do sr. Archibald Turnerr.

Associação de soccorros mutuos, filial da Humanitaria, 1 no Beato.

Estações do caminho de ferro de leste, 3: Poço do Bispo — Olivaes — e Sacavem.

Minas: em Louza, do sr. Jayme Antonio Sobral, 1 de cobre, ferro e carvão; 1 de cobre e enxofre.

Direitos de portagem, na ponte de Sacavem: [1] em 1873 rendeu 647$385 réis; abatidos os ordenados e mais despezas, entrou no cofre, 378$825 réis.

Mercados: Gado — 1.º domingo de cada mez, no Campo-Grande — 2.º, Sacavem — 3.º, Charneca — 4.º, Loures.

Feiras — 2.º domingo d'outubro até ao fim do mez, Campo-Grande; bijouterias, lans, linhos, fructas, etc. (os 3 dias primeiros, gado.)

Domingo d'Espirito-Santo — Sacavem, 3 dias — gado e diversos generos.

2 de fevereiro — gado — Lumiar.

24 » Idem idem.

24 de agosto — Idem (3 dias) — Charneca.

Sexta-feira de Paixão — gado — Loures.

1.ª Oitava da Pascho — gado — Caneças.

29 de junho — gado — Caneças.

29 de junho — gado — Loures (4 dias).

Domingo de Paschoa — gado (3 dias) — Santo Antão do Tojal.

10 d'agosto — gado (3 dias) — Póvoa de Santo Adrião.

[1] Feita em 1841.

Numero de propriedades urbanas (actualmente), 2:977, com o rendimento collectavel de 106:394$191 réis.—Rusticas, 7:254, rendimento collectavel, 293:805$657 réis.

A fabrica de lanificios de Chellas—fiação e tecidos, em Xabregas—e a do Campo Grande — em 1872, produziram o valor de — 196:129$000 réis, trabalhando 80 homens, 74 mulheres, 108 rapazes, e 32 raparigas.

Pedreiras d'alvenaria, em exploração, 6—produzindo, em 1872, 11:620 metros cubicos, não contando com a do sr. duque de Loulé, em Vialonga, na extensão de 600 metros, pois que a explora gratuitamente qualquer pessoa que lhe peça.

Movimento da população em 1874

Nascimentos:	filhos legitimos,	varões...	440
»	»	femeas..	358
»	ditos illegitimos,	varões...	84
»	»	femeas..	51
		Total...	933
Obitos:	masculinos.....		365
»	femininos.....		335
		Total...	700

D'estes, 50 falleceram nos asylos. (A maior mortalidade foi nos mezes de julho e agosto.)

Casamentos..... 182

—

Os mosteiros d'este concelho onde ainda ha religiosas professas, são os seguintes:

1.º—Nossa Senhora da Conceição, da Luz—em Arroyos, freguezia de S. Jorge, extramuros.

2.º—Nossa dos Martyres e Conceição — em Sacavem.

3.º—Freiras agostinhas (grillas)—no Beato.

4.º—Conegas regrantes de Santo Agostinho (cruzias)—em Chellas.

—

Recolhimentos no concelho

Rêgo—Campo-Grande—Amparo (no Beato) — e Nossa Senhora do Monte do Carmo, nos Olivaes.

—

Está auctorisada a creação de quatro partidos medicos, n'este concelho.

Vae construir-se um matadouro municipal, no sitio do *Senhor Roubado* (Ameixoeira), o qual, segundo a planta, já approvada, deve ficar magestoso, e com as precisas condições de aceio e salubridade.

O governo auctorisou esta construcção em junho de 1875.

—

Em 1859 foi creada uma medalha commemorativa, pelos serviços prestados ao povo, pela occasião da febre amarella (1857); com esta medalha foram condecorados varios facultativos e empregados publicos.

—

Ha duas estações de guardas municipaes—uma no asylo *Maria Pia*, outra na fabrica de tabacos, em Xabregas.

—

Na manhan do dia 26 d'outubro de 1874, se suicidou com um tiro—no olival do conde de Valladares, freguezia dos Olivaes—Lourenço Marques. O vicio infame do jogo é que o levou a este acto de desesperação. Se ao menos este exemplo (e outros muitos) aproveitasse aos jogadores, ainda o caso não era tanto para lamentar; mas, infelizmente não approveita, e o jogador, depois de perder a sua fortuna e a sua consideração na sociedade; e depois de deixar a sua familia (se a tem) na miseria, e muitas vezes na deshonra, acaba por ser ladrão ou suicida.

—

Em outubro de 1874, foram manifestadas na camara dos Olivaes, uma mina de carvão (linhite) e outra de enxofre.

—

Em uma terça-feira, 11 de maio de 1875, teve logar a ceremonia da benção da nova capella que o sr. conde da Redinha mandou edificar na sua quinta de Montalvão, freguezia dos Olivaes; a qual capella foi dedicada a *Nossa Senhora da Conceição de Lourdes.*

E' o primeiro templo d'esta invocação, no patriarchado e o segundo em Portugal.

Foi escolhido esse dia, por ser o anniversario da senhora condessa, e do seu casamento.

Foi esta ceremonia feita com todo o esplendor, havendo missa solemne, e sermão, em honra da milagrosa padroeira.

Foram convidados para assistir a esta festa religiosa, os proximos parentes dos srs. condes e os seus amigos mais intimos, havendo no fim um esplendido jantar.

Os nossos antigos fidalgos, não se envergonham de ser fervorosos catholicos, e de o confassarem publicamente.

—

A quinta de Montalvão, pertenceu ao antigo morgado de Montalvão (revendicado por Sebastião José de Carvalho e Mello, depois 1.º marquez de Pombal, *antes do seu governo*, como se vê do processo de revendicação archivado na Torre do Tombo, e no cartorio da casa do Pombal) foi sobrogada por bens da marqueza de Cascaes, por morte da qual passou para a corôa.

El-Rei D. José I, fez doação d'ella a José Francisco de Carvalho Daun (que foi o 1.º conde da Redinha) por alvará de 16 de julho de 1776, e carta régia de 19 de agosto do mesmo anno; para a lograr por si e seus successores (dispensada a *Lei Mental*) com a natureza de vinculo, com que a possuiu seu pae o 1.º marquez do Pombal, antes da sobrogação que d'ella fez, pela sua *Real Resolução*, de 12 de setembro de 1760, com a marqueza de Cascaes, por cujo obito ficou nos Proprios da Real Fazenda, em que então estava.

Por morte do dito José Francisco de Carvalho e Daun, 1.º conde da Redinha, e depois 3.º marquez do Pombal, por ter fallecido seu irmão primogenito o 2.º marquez (Henrique) succedeu na posse da casa da Redinha, e por tanto, da quinta mencionada, o seu filho segundo, Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena, conde da Redinha, que falleceu em 14 de maio de 1865.

Partilhada a casa da Redinha, pela lei da desvinculação existente, coube esta quinta ao filho primogenito do ultimo conde, Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, que hoje a possue, sendo notaveis as bemfeitorias que o antigo predio urbano da mesma quinta tem recebido e novas construcções que se teem feito desde então.

Consta a propriedade, de predio urbano, commodo e luxuoso, a nova e formosa capella, de Nossa Senhora da Conceição de

Lourdes; casa para rendeiro e officinas precisas. A quinta é murada e compõe-se de vinha e arvores de fructo, e tem annexas, duas terras de semeadura, com seus olivaes, um denominado *Valle de Judêo*, vulgo—os Paios—(por ser fronteiro á quinta d'este nome, e que fica na estrada que vae do Poço do Bispo para os Olivaes por S. Cornelio) e o outro—*O Copeiro*—no caminho que vae do logar da Lage para Chellas, fronteiro á quinta da Cêra.

E' actualmente representante e administrador da nobilissima casa e condado da Redinha, o sr. Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, 3.º neto do 1.º marquez de Pombal, cavalheiro sympathico, que todos respeitam pelas suas bellas qualidades; e apezar de pertencer ao partido legitimista portuguez, conta amigos sinceros em todas as parcialidades politicas, em que, infelizmente, estão divididos os portuguezes.

—

Trata-se de contratar com a companhia do gaz, da illuminação em differentes pontos do concelho. N'isto se empenha calorosamente, o actual digno presidente da camara, o sr. Lucas da Silva Azeredo Coutinho Cardoso Castello; porem são poucos os rendimentos do municipio, pelo que não é facil o cumprimento dos desejos d'este benemerito e prestante cavalheiro.

A estrada dos Olivaes, desde as portas da cidade até ao Poço do Bispo, já principiou a ser illuminada a gaz, em novembro de 1875.

—

Tem a freguezia dos Olivaes a distincta honra de ser patria do grande D. Francisco d'Almeida e Mendonça, que nasceu em 30 de fevereiro de 1757, e falleceu na cidade do Porto, em 18 de agosto de 1804. Jaz no cemiterio do *Prado do Repouso* (Porto) em um humilde mausoleu (!) em frente da capella.

Foi 1.º senhor donatario da villa da Ponte da Barca; corregedor e provedor da cidade do Porto; e alcaide-mór de Marialva.

D. João d'Almada Quadros e Sousa Lencastre, seu filho (unico varão) foi 1.º barão de Tavarêde (Figueira) feito pelo principe regente—depois, D. João VI—em 1804, e 1.º conde do mesmo titulo, em 1848.

Sua unica filha (de D. Francisco d'Almada) casou com o morgado da Roliça.

D. Francisco d'Almada e Mendonça, era filho de D. João d'Almada e Mello, 9.º senhor de Villa Nova do Souto d'El-Rei; 7.º senhor do morgado dos Olivaes (onde nasceu D. Francisco d'Almada e Mendonça); 11.º senhor de Albergaria da Magdalena; 9.º alcaide-mór de Palmella, etc.

Vide, para a sua biographia, o 5.º vol. a pag. 300—e o 6.º, a pag. 58.

—

Ao sr. Camara Leme, dignissimo e illustrado empregado publico do concelho dos Olivaes, devo uma grande parte dos esclarecimentos que ficam mencionados; pelo que lhe dou os meus mais cordiaes agradecimentos.

—

E' visconde dos Olivaes, o sr. Antonio Theophilo d'Araujo.

OLIVAES—Vide o 1.º *Olival*.

OLIVAES — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Coimbra, 105 kilometros ao S. do Porto, 204 ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

No *Casal do Maia*, d'esta freguezia, vive uma mulher chamada Jacintha, que nasceu em 1767 (no mesmo anno em que nasceu D. João VI!) Anda pois em 108 annos.

Não se entrega a grandes trabalhos, porque vive na companhia de um filho, já velho, que a sustenta; mas, assim mesmo, ainda faz alguns serviços. Tem filhos, netos, bisnetos e trinetos.

O mais que ha a dizer d'esta freguezia, está a pag. 352, col. 1.ª e seguintes, do 2.º volume.

OLIVAL ou **SANTA MARIA DO OLIVAL** — e tambem, *dos Olivaes*. Actualmente a unica freguezia da cidade de Thomar. E' pois comarca, concelho, e prelazia d'esta cidade, no districto administrativo de Santarem, e está annexa, no ecclesiastico, ao patriarchado. Dista de Lisboa 130 kilometros ao N.

Tem 1000 fogos.

Em 1757 já tinha uma só freguezia, mas com duas egrejas matrizes, cada uma curada por seu parocho, e com 953 fogos.

Era até 1834 *nullius diœcesis*.

Uma das egrejas é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente, Nossa Senhora do Olival, ou dos Olivaes.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis, de rendimento annual.

A outra, é da invocação de S. João Baptista. O cura era collado, e da mesma apresentação. Tinha de rendimento annual réis 200$000.

Pertenciam a esta egreja, todos os freguezes que viviam *intra muros* da villa (hoje cidade) e á de Santa Maria, os que habitavam nos suburbios da povoação, e os que viviam espalhados pelos *montes* (granjas ou casaes.) Ambas são collegiadas.

—

A egreja de Santa Maria do Olival, está fóra da cidade, e na margem opposta do Nabão, e foi cabeça da ordem dos templarios, primeiro, e desde 1319, da ordem de Christo.

O templo é de architectura gothica, mas de singela construcção.

Alli estão sepultados os mestres das duas ordens acima referidas, em uma capella do corpo da egreja. Até aos reinados de D. Manuel e D. João III, cada um dos sepultados tinha tumulo especial, sendo alguns de boa construcção, mas com o pretexto de desobstruir a egreja de tantos mausoleus, praticou-se o vandalismo de os desmoronar, fazendo-se a trasladação para uma só capella como dissemos.

Perderam-se assim os epitaphios que estavam gravados nos sepulchros de tantos mortos illustres, ficando apenas os de Gualdim Paes e Lourenço Martins.

Na capella-mór ainda se vê a inscripção sepulchral de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo.

O mais que pertence a esta freguezia, vae em *Thomar*.

OLIVAL—(Nossa Senhora do) Beira Baixa, freguezia, concelho, comarca e 1 kilometro da villa da Certan, districto administrativo de Castello-Branco; no patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato.

Fóra da villa da Certan, a 1 kilometro de distancia, está o sanctuario de *Nossa Senhora do Olival*, assim denominada, por ser edificada entre olivaes; mas, o seu verdadeiro titulo, é Nossa Senhora da Graça.

Teem muita devoção com esta santa imagem, não só os povos da villa da Certan, mas todos os dos arredores, que ahi concorrem frequentemente a fazer romarias á padroeira.

A sua festa principal, é a 15 de agosto, dia da sua Assumpção, e se costuma fazer com grande esplendor e muita concorrencia.

Tinha o templo um capellão, ao qual chamavam prior, com uma congrua sufficiente para a sua sustentação, apresentado pelos grãos-priores do Crato, até 1834.

A egreja é grande e bonita, com tres altares—podendo ser egreja matriz de uma grande freguezia. Junto d'ella ha boas casas, e uma quinta, pertencente aos priores.

O sitio em que está a egreja é algum tanto elevado do terreno circumferente, e é um logar alegre, ameno e muito formoso.

Junto ao altar de Santa Catharina, virgem e martyr, ha um nicho, onde esteve mais de 200 annos uma estatua do santo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira. Um prior a desfez, e collocou em seu logar uma imagem de S. Braz.

Jorge Cardoso, no seu *Agiologio* (P. 3.ª, pag. 217) refere o caso da maneira seguinte:

«Ha bem poucos annos, que tinha o mesmo condestavel, imagem de vulto, na egreja de Nossa Senhora do Olival, na Certan, como nos affirmaram pessoas fidedignas, e d'alli naturaes. Era ella de cêra, *estatura humana*, á qual recorriam os febricitantes de todos aquelles contornos, e tirando uma migalha de cera, d'ella, trazida ao pescoço, em nomina, por reliquia, cobravam perfeita saude.»

«Considerando um prior d'esta egreja que em breve levariam a estatua aos pedaços, tratou, ambicioso, de se aproveitar do que pesava, e assim a desfez, e derreteu, para seu uso, ou para vender. E' fama constan-

«te n'estes sitios, que padeceu por esta cou-«sa, o tal prior, e todos os seus parentes, «graves trabalhos e miserias.»

Diz-se na Certan que isto aconteceu pe-os annos de 1604.

Suppõe-se que foi fundador d'esta egreja o proprio condestavel.

OLIVAL—freguezia, Douro, concelho e 13 kilometros ao S. E. de Gaia, comarca, bispado, districto administrativo, e 13 kilometros ao S. E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757 tinha 227 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

O cabido da Sé, do Porto, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

A egreja é antiquissima, e consta que houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que no fim do seculo XV, se uniu ao de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, e que a actual residencia do parocho é uma parte d'esse mosteiro.

Esta freguezia, parte pelo N. com a de Pedroso, célebre na nossa historia antiga pelo seu famoso mosteiro de monges bentos, um dos principaes que houve em Portugal.

Pelo N. O. e N. parte com a grande freguezia de Avintes, ficando a extremidade N. da freguezia do Olival, proximo da margem esquerda do Douro.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e muito abundante de madeiras, principalmente de pinheiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

Faz grande commercio com a cidade do Porto, tanto pelo rio Douro, como pela estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, que passa proxima d'esta freguezia.

E' tambem abundante de peixe, que lhe vem da costa, do Porto e do Douro.

Vide *Pedroso*.

OLIVAL—freguezia, Extremadura, concelho de Villa Nova d'Ourem, comarca de Thomar, 24 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo Candeias.)

Bispado de Leiria.

Districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia era filial da collegiada de Ourem. Tem cura e coadjutor, que até 1834 eram apresentados pelo cabido da dita collegiada, que lhes pagava, e fabricava a egreja. O cura, tinha de *ordinaria*, 80 alqueires de trigo; 30 almudes de vinho, em mosto; 6 alqueires de azeite; e as offertas da egreja e ermidas.

O coadjutor tinha 20$000 réis. Não tem residencia propria.

Ha aqui uma ribeira (varzea) muito fresca e de muita utilidade, com muitas vinhas, pomares, quintas, olivaes, fontes, e um rio, que corre ao longo d'ella, e a rega e fertiliza, e faz mover muitos moinhos de pão. Traz algum peixe.

Capella, albergaria, e hospital do Pocifal, n'esta freguezia

Martim Annes, clerigo e beneficiado, que foi na egreja de Santa Maria d'Ourem, instituiu, em 1371, n'esta freguezia do Olival, uma capella, com missa quotodiana, e o capellão obrigado a resar n'ella as *horas canonicas;* nomeando administrador para fazer cumprir estas e mais obrigações.

Com a capella, instituiu uma albergaria, com 4 leitos, com suas camas — duas para casados e duas para solteiros — separados uns dos outros—e mandou, que aos pobres, emquanto alli estivessem doentes, que não podessem sahir do hospital, se désse fogo, lenha, sal, farinha, vinagre, azeite e frangos; e o que sobejasse das rendas dos bens, que consignou a esta obra de caridade, se repartisse pelos pobres.

Mandou mais, que dois beneficiados da egreja d'Ourem, visitassem todos os annos esta albergaria e bens sujeitos a ella, pagando-se-lhes o trabalho, á custa das rendas da albergaria.

Tudo isto consta da instituição, que está na capella, e no cartorio da mesa episcopal, do bispado de Leiria.

Como não limitou o que se havia de dar aos dois visitadores, o bispo, D. Martim Affonso Mexia, por visitação, em 1614, arbitrou 400 réis.

O edificio da albergaria está perto da egreja.

A sua visitação e a da capella, é privativa do prelado da diocese, ou do seu visitador. E assim, pretendeu o bispo, D. Pedro de Castilho, que a tomada das contas da confraria e a visitação dos hospitaes e albergarias dos districtos d'Ourem e Porto de Mós, fossem privativamente da sua jurisdicção, como era nas mais partes do bispado; porem o rei lhe indeferiu, mandando que nos ditos dois districtos, e nos de Aljubarrota e Alpedriz, tomasse as contas das confrarias, o visitador ou provedor da comarca, o que fosse primeiro.

Ha n'esta freguezia, as ermidas seguintes:

Nossa Senhora da Guia— na aldeia de Maçomodia. Foi construida em 1601, e dotada por um particular.

Nossa Senhora da Graça — no logar da Gondomaria. Foi feita por visitação em 1603. E' fabricada pela sua confraria e pelos moradores do logar.

S. Sebastião, martyr — em frente das casas que foram de Thomaz Pedroso.

Foi construida e dotada por elle, em 1604. Consta do L.º 2.º, do registo, a fl. 90; mas alli diz-se que é da invocação de S. Domingos. A escriptura da fabrica, está no cartorio da camara ecclesiastica do bispado de Leiria.

S. Martinho, bispo—nos limites do logar da Soutaria. Foi feita por devotos.

S. Sebastião, martyr (2.º) — no logar do Rosouro. Tem fabrica particular.

Nossa Senhora da Piedade—no logar da Urgueira. E' fabricada pelos devotos.

Santa Barbara, virgem martyr—na quinta que foi de Paulino Mendes. E' fabricada pelo proprietario da quinta.

Santo André, apostolo — na Ventalharia. Tem fabrica particular.

Nossa Senhora da Esperança—na Ribeira, junto ás casas que foram de Gaspar Vicente Martins; mandada fazer por elle, e a dotou com rendas para a sua fabrica.

Nossa Senhora da Conceição—na mesma Ribeira.

E' antiquissima, e foi reedificada em 1578. Tem confraria e compromisso, confirmado pelo cardeal-rei, D. Henrique, no mesmo anno.

Tem esta capella, em anno de *sáfra*, de 60 a 70 alqueires de azeite. Tem uma vinha, que dá, termo médio, 100 almudes de vinho. Sete alqueires de trigo de fôro — e mil e tantos réis em dinheiro, de outra fazenda.

Tem obrigação de certo numero de missas, pelas almas dos que deixaram estas fazendas, e pelos cabidos.

Tem obrigação de ter oito tochas em Ourem, oito em Ceiça, e oito na Egreja-Nova, em arcas fechadas; e dois mordomos em cada uma d'estas partes, e o necessario para enterrar os irmãos de cada uma d'ellas; e de mandar dizer uma missa pela alma de cada um.

Tem tambem obrigação de enterrar os pobres gratuitamente, e mandar-lhes dizer uma missa a cada um, por suas almas. Tem hospital, que instituiu Diogo da Praça, e lhe dotou 40 alqueires de trigo, e dois de azeite.

—

Tem uma grande feira, a 8 de novembro.

No *Estreito*, aldeia d'esta freguezia, na extremidade por onde confina com a de Freixianda, tambem do concelho d'Ourem, está a capella, denominada de *Nossa Senhora do Testinho*, á qual anda ligada uma tradição popular, que tem todos os vizos de ser um facto historico; é o seguinte:

O conde de Castello Melhor, D. Luiz de Souza e Vasconcellos, ascendente dos marquezes do mesmo titulo, sendo perseguido pelos fidalgos da côrte de D. Pedro II (que fôra acclamado rei, em 12 de setembro de 1683, no proprio dia em que fallecera, preso nos paços reaes de Cintra, seu infeliz irmão, D. Affonso VI) sendo perseguido, digo, logo n'esse mesmo anno, por ser amigo e valido do monarcha fallecido, fugiu de Lisboa, e veiu asylar-se n'esta aldeia do Estreito (que é cercada por uma vasta charneca) e

que ahi, disfarçado em trajos de lavrador, passára alguns mezes, vivendo na casa de uma pobre familia, empregando-se nos serviços rudes do campo.

Julgava-se o conde assim a coberto da vindicta dos seus inimigos; porem, acontecendo passar por aqui tres cavalleiros vindos de Lisboa (talvez de proposito a procural-o) em occasião que o conde seguia um lavrador que conduzia uma carrada de matto; e vendo que os cavalleiros reparavam muito n'elle, se foi, disfarçadamente esconder em um valle, por onde corre uma fonte.

Os cavalleiros instaram com o lavrador, para que lhes dissesse se aquelle era com effeito o conde, e lhes indicasse o sitio para onde elle havia hido, ao que o lavrador respondeu, que: nem aquelle era conde, mas um lavrador do logar, nem sabia para onde tinha hido—e, fazendo caminho para o sitio onde sabia que o conde estava escondido, descarregou sobre elle toda a carrada de matto; frustrando assim as pesquizas dos cortezãos, que desesperançados de acharem o conde, se foram por onde tinham vindo.

O conde, sahindo então do seu esconderijo, declarou que tinha escapado, por milagre de Nossa Senhora do Testinho, de cuja imagem andava sempre acompanhado; e logo alli fez voto de lhe erigir uma capella, n'aquelle mesmo sitio, e de a dotar com os meios necessarios, para n'ella se dizer missa nos domingos e dias sanctificados.

O conde cumpriu a promessa, erigindo a capella, e seus descendentes teem cumprido religiosamente a promessa do seu ascendente, cuidando na sua fabrica, e culto divino, e ainda actualmente alli se dizem missas nos dias d'ella.

José Dias Antunes, bisneto do lavrador que encobriu o conde, é que administra os rendimentos da capella, e cuida da sua fabrica e culto.

Para corroborar esta tradição, está á entrada da capella a seguinte inscripção:

AQUI ESTEVE
LUIZ DE SOUZA E VASCONCELLOS,
CONDE DE CASTELLO MELHOR, POR MUITAS
SEMANAS; O QUAL, INVOCANDO
O SANTISSIMO NOME DE
NOSSA SENHORA DO TESTINHO,
TEVE SUA DEFESA.
1683

Consta que existe no cartorio da familia Castello Melhor, um documento que prova a tradição.

—

A egreja parochial da freguezia, está fóra da povoação, no sitio chamado *Adro de Santa Maria*. Tem nove degraus, que se descem para a porta principal, e d'esta para o corpo da egreja, ainda mais oito.

OLIVAL — aldeia, Beira-Baixa, comarca, concelho, freguezia, e termo do Sabugal. Tomou este nome, por causa de um grande olival que havia aqui, e que foi de *D. Alvaro do Olival*, no reinado de D. Pedro I—É d'este cavalleiro que procede o appellido nobre de alguns dos *Olivaes*.

As armas d'estes Olivaes, são: em campo de prata, duas oliveiras verdes, em faxa, com azeitonas d'ouro. Elmo d'aço, aberto; e timbre, uma das oliveiras do escudo.

OLIVEIRA—antiga villa da Lusitania, na actual provincia do Minho, concelho de Fafe. Estava fundada junto ao rio *Cêlho*. Vê-se mencionada no livro da condessa Mumadona.

Não ha hoje vestigios de semelhante povoação, ou mudou de nome, e não se sabe qual das actuaes povoações d'estes sitios teve aquelle.

OLIVEIRA (Paço de)—antiga casa, do Minho, unida á nobre casa do *Tanque*. É da familia dos melhores Vasconcellos, da provincia. Trazem por armas — em campo preto, tres faxas, veiradas e contraveiradas de prata e purpura. Timbre, um leão preto, faxado das tres faxas das armas.

OLIVEIRA (Santa Maria de) — e tambem Oliveira do Mosteiro — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi do antigo julgado de Vermuim. Foi villa.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Estiveram annexas a esta, as freguezias de S. Thiago de Figueiredo, e de S. Martinho dos Leitões.

É terra fertil, e cria muito gado.

Teve um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) edificado junto ao rio Ave. Foi seu fundador *Arias de Brito*, avô de D. Soeiro, em 1033, pondo-lhe clerigos. Foi seu primeiro prior, D. Antão. O fundador lhe deu todas as herdades que tinha na villa de Oliveira, em Carrazêdo, e em Subilhães.

Seu neto, o dito D. Soeiro de Brito, reedificou e ampliou a egreja e o edificio do mosteiro, e lhe augmentou as rendas, entre ellas, a das *pesqueiras* do rio Ave, pelos annos de 1200.

Pedro Annes Coelho (irmão do prior d'este mosteiro, D. Fernando Pires Coelho) e sua mulher, D. Margarida Paes (outros dizem, Margarida Esteves Teixeira) doaram a este convento, tres casaes, na terra de Vieira; com obrigação de missa quotidiana, e de terem os frades sempre acceza a alampada da padroeira.

Domingos Martins, abbade de Castellões, lhe doou a sua *quinta de Villa-Pouca*, e o *campo de Real*, pelos annos de 1340.

Este convento foi unido ao de Santa Cruz de Coimbra, em 1599, e para lá passaram todas as rendas; porém depois, algumas d'estas e o padroado da egreja, passou para o mosteiro da mesma ordem, de S. Vicente de Fóra, de Lisboa.

OLIVEIRA — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Lourosa. (Vol. 4.º, pag. 466, col. 1.ª, no fim.)

No logar de Oliveira, está a ermida de Nossa Senhora da Expectação, ou Nossa Senhora do Ó, vulgarmente denominada Nossa Senhora de Oliveira.

A aldeia d'Oliveira, fica 5 kilometros a E. de Viseu, e 800 metros ao O. do rio Dão.

A capella fica ao E. do logar, ficando-lhe o O., uma grande extensão de vinhas e pomares, que fazem o sitio formoso e de muita amenidade. Ao E., ha tambem vastos olivaes, terminando em uma serra d'onde se descobre um extenso e variado horisonte.

A capella é ampla, e tem o altar-mór e dois lateraes.

A festa da Senhora, é a 18 de dezembro, que é o dia do seu orago.

Tem uma irmandade muito antiga, cujos estatutos foram approvados em séde vacante, no anno de 1675 (muitos annos depois da existencia da irmandade) pelo doutor provisor do bispado, Duarte Pacheco d'Albuquerque. Suppõe-se que é a reforma de outros antigos estatutos.

O papa, Urbano VIII, por breve de 1628, concedeu a esta irmandade, muitas graças e indulgencias. Constava ella de 100 irmãos seculares e nove ecclesiasticos; alem dos supranumerarios.

Podem ser admittidas á irmandade, todas as mulheres honestas e virtuosas que o pretenderem; mas dão de entrada 4$800 réis. (Os homens dão só 700 réis.)

Os nove sacerdotes de numero, são obrigados a cantar os officios dos irmãos que fallecem, os anniversarios, e a missa principal, do dia da festa da Senhora.

Os irmãos são tambem obrigados a assistir aos officios dos seus confrades que morrem, e aos anniversarios, com obrigação de rezarem n'estas occasiões, um rozario a Nossa Senhora, pelas almas dos defunctos por quem se fazem os officios.

O districto da irmandade é toda a freguezia de Lourosa, toda a de Villa-Chan-de-Sá e a de Silgueiros.

Governa-se pelos officiaes da mesa de cada anno, que são, o reitor, um secretario, um thesoureiro, dois mórdomos, dois deputados, e tres chamadores.

A irmandade não tem outros rendimentos alem das entradas, ou *joias;* 100 réis por anno, de cada irmão; as esmolas do azeite, para a alampada da Senhora; as offertas dos devotos; e algumas doações testamentarias.

Nunca teve eremitão; mas consta que teve antigamente *eremitôas*.

A capella primitiva era muito antiga; porém, sendo pequena e estando arruinada, foi

reconstruida no principio do seculo XVII.

OLIVEIRA (Santa Maria da) — freguezia, Minho, na cidade de Guimarães.

A pag. 351 do 3.º vol., disse alguma coisa com respeito á *insigne collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães*, reservando para este logar (por não fazer o artigo d'aquella cidade mais extenso) mais algumas noticias que julgo de muito interesse historico.

Foi instituida esta collegiada, com as rendas do mosteiro mais opulento, da ordem benedictina, que então havia em Portugal.

O mosteiro havia sido fundado, em 929,[1] pela condessa Mumadona, viuva de Hermenigildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, e governador da provincia de Entre-Douro-e-Minho, e que vivia e morreu em Guimarães.

A egreja do mosteiro, foi dedicada ao Salvador do Mundo e a Nossa Senhora da Oliveira; e no mosteiro, que era duplex, se recolheu e passou o resto de seus dias, a fundadora, que era tia (e alguns dizem que tambem colaça) do rei de Leão, D. Ramiro II. (Vide *Ancora*, rio.)

Do casamento de Muma Dona, ficaram seis filhos, e procedendo-se a partilhas, por morte do conde, tocou á viuva, uma quinta em *Creixomil*, proxima a Guimarães, e a sua filha, D. Onega, uma outra quinta, denominada *Vimaranes*. Como esta fosse julgada mais propria para a fundação do mosteiro, deu a condessa a sua filha a primeira e recebeu a segunda.

Este mosteiro era riquissimo, tendo grandes rendas em Portugal, Leão e Galliza.

Tinha tambem grandes privilegios, concedidos pelos reis de Leão, D. Ramiro II, D. Ordonho III e outros; e depois, pelos reis de Portugal.

Consta do cartorio da collegiada, que no tempo de D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão (1037 a 1060) não havia parochia, villa ou logar, desde Ponte-Vedra (Galliza) até á margem direita do Vouga, em Portugal (240 kilometros!) que não fosse foreiro a este nobilissimo convento, do qual foi primeira prelada, a condessa fundadora; o que se prova pela doação que em 951, fez D. Ramiro II, da villa de Milhares, junto ao Douro, a este mosteiro, na qual se lê — *Concedo vobis illam* (a villa de Milhares) *ad tuitionem ipsorum fratrum, et sororum, quae sub vestro militant*, etc.

Dotára tambem, a condessa, esta casa, com riquissimos moveis, muitas peças de prata, de grande valor; porque era a senhora mais rica do seu tempo. Foi freira professa mais de setenta annos, servindo de exemplo ás outras religiosas, pela sua humildade, caridade e penitencias, fallecendo, com fama de santa, no anno mil de Jesus-Christo.

Consta que os primeiros monges que povoaram este mosteiro, vieram do convento de *Tollões* (ou Tellões) freguezia, Douro, hoje da comarca e concelho d'Amarante, e que foi do concelho de Celorico de Basto.

Estando n'este mosteiro, D. Fernando III (o Magno) pelos annos de 1050, lhe confirmou todos os seus antigos privilegios e concedeu aos abbades d'elle, jurisdicção civil e criminal, em todo o territorio que se estende entre os dois rios, Ave, e Visella, e no de *San Torcade* (S. Torquato).

Varios mosteiros (*mosteirós*) foram supprimidos por pequenos, e encorporados n'este, o que tambem lhe augmentou as rendas. Villa do Conde, Fão e outras villas, tambem pagavam rendas a este mosteiro.

Tomando posse de Portugal, o conde D. Henrique (1093) estabeleceu a sua côrte em Guimarães, dando-lhe então foral, com a cathegoria de villa.

N'este tempo, já o mosteiro tinha perdido grande parte das rendas que tinha em Leão e na Galliza; e os fidalgos da côrte de D. Henrique, principiaram por lhe pedir logo muitas das possessões, herdades e terras do mosteiro, que o conde lhes deu, e assim se alienaram muitos dos seus bens, applicando-se a usos seculares um patrimonio ecclesiastico, contra as expressas e positivas clausulas das doações de Mumadona, e apezar das terrificas penas espirituaes por ella impostas aos usurpadores.

[1] Frei Antonio Brandão, diz que foi em 900; mas ainda n'este anno não havia nascido a reforma cluniacense, que só principiou em 910.

Os monges, não tendo já rendas para o seu sustento, e para as despezas do culto divino, abandonaram o mosteiro.[1] Foi depois disto, que a egreja de Nossa Senhora da Oliveira se erigiu em collegiada, sob o titulo de Santa Maria da Oliveira, perdendo o do Salvador, porque era mais conhecida emquanto foi mosteiro. Foi tambem elevada á dignidade de capella real, até 1139.

Quando D. Henrique erigiu a collegiada, lhe nomeou clerigos seculares para capellães, e por prior, D. Pedro Amarello, seu phisico-mór.

Quando D. Affonso Henriques voltou victorioso da gloriosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139), deu a ultima perfeição a esta instituição, dando-lhe a fórma de collegiada real, com prior, dignidades, conegos e mais ministros, tanto em honra da Santissima Virgem, á qual devia a sua corôa de rei, como por engrandecer a terra onde nascêra.

Deu então á collegiada muitas honras e privilegios, tomando o titulo de seu padroeiro, o que confirmaram todos os reis, seus descendentes; que, alem de ser esta casa, por muitos d'elles visitada, todos a consideraram e respeitaram, como a primeira do seu padroado.

—

Quanto á origem da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, segundo a lenda, foi do modo seguinte:

S. Thiago veio á Hespanha, pelos annos 42 a 46 de Jesus-Christo, entrando por Galliza.[2] Veio a Braga, e ahi juntou nove discipulos, naturaes da actual provincia do Minho, e d'alli os repartiu para differentes pontos, a prégar a religião christan, e converter os idólatras. Depois d'esta repartição e de levantar em Braga, um altar á Santissima Virgem, no qual collocou uma imagem que trouxe do Oriente, nomeou por bispo primaz, a S. Pedro de Rates. D'aqui foi para Saragoça, onde levantou outro altar á mesma Senhora, no qual collocou outra imagem d'ella, que tambem trouxera da Syria, e á qual denominou *Nossa Senhora do Pilar.*

Havia por esse tempo, em Vimaranes, um templo dedicado á deusa Céres. Voltando S. Thiago a Braga, e passando por Vimaranes, purificou e benzeu o templo idólatra, e n'elle collocou uma outra imagem de Nossa Senhora, com o titulo de Santa Maria da Oliveira.

Os padres, frei Bernardo de Braga, frei João do Apocalypse, e frei Gil de S. Bento, mencionam uma inscripção gothica que existiu no antigo templo de Céres. O ultimo d'estes escriptores, diz:

«No Rocio ou praça de Guimarães, está «um templo, que foi da gentilidade. E' de «obra mosaica, magestoso e antiquissimo, e «as noticias que tenho, é que foi dedicado «a Céres. A este, destruiu S. Thiago, vindo «a esta terra, onde baptisou S. Torquato: e, «lançando por terra os falsos idolos, collo«cou no altar a Virgem Senhora Nossa, cu«ja imagem é hoje a Senhora da Oliveira, e «bem se colhe de um letreiro que vi e se «achou no interior da parede, junto á torre, «quando esta se começou a arruinar, pelos «annos do Senhor, de 1559.

«Cahiu uma pedra, e porque se partiu, se fez ajuntar, para se lerem as letras, que diziam:

IN HOC SIMULACRO CERES,
COLLOCAVIT JACOBUS FILIUS
ZEBEDAEI, GERMANUS JOANNIS,
IMAGINEM SANCTAE MARIAE.
III. C. ISX.

«Era o letreiro gothico e em breves; mas «a substancia era esta; e tambem se acha«ram medalhas, por onde alguns escriptores «tomaram o motivo de dizer, que o templo «fôra de Minerva.»

Continua dizendo, que, no cartorio do cabido da real collegiada, achara claras noti-

[1] Outros dizem que foi o conde D. Henrique, que supprimiu o convento, porque os monges já não viviam com a primitiva austeridade e bons exemplos.

[2] Não quer isto dizer que elle veio desembarcar em qualquer ponto da Galliza actual; mas em qualquer dos portos da costa, desde o Douro, até aos confins septentrionaes do antigo reino de Galliza, que, como tenho dito em varias partes, chegava então pelo sul, até á margem direita do rio Douro.

cias, d'onde se infere esta verdade—e continua:

«Foi esta egreja dedicada a Nossa Senho«ra, e depois a dedicou o povo, a S. Thia«go, por elle ser o primeiro que n'ella le«vantou altar. Teve esta egreja racioneyros, «como consta dos pleitos que com a real «collegiada elles tiveram: o que se vê dos «papeis que se guardam em o seu ca«bido.

«Não se acha noticia do tempo em que «se desannexaram, só se sabe que a digni«dade de mestre-escóla se intitula, abbade «de S. Thiago, e recolhe os fóros que a es«ta egreja se pagam.

«A imagem da Senhora, se conservou até «ao anno do Senhor, de 417, em que entra«ram alanos e suevos em Galliza, e outras «nações barbaras, que queimaram os cor«pos e imagens dos Santos.

«O arcebispo de Braga, Pancracio, man«dou esconder esta, conforme uma memoria «confusa, que achei no archivo bracca«rense.

«O logar onde foi depositada, foi poucos «passos fóra de Guimarães, em um peque«no monte, que se chamava Latito.»

Este monte tem hoje dois nomes—*Monte de Santa Maria*, devido á circumstancia d'ella aqui ter sido escondida, e é a parte mais proxima da sua egreja—e *Monte-Largo*, derivado do seu 1.º nome—*Latito*.

O mesmo arcebispo, Pancracio (successor de S. Paterno, e antecessor de Balconio) convocou alguns bispos, que andavam ausentes das suas egrejas, para um concilio provincial, em Braga; e n'elle se ordenou, que, cada um na sua diocese, fizesse occultar as sagradas imagens em logares dos quaes ficasse memoria, para serem encontradas em tempo opportuno.

Os prelados que assistiram a este concilio, e o assignaram, foram — Gelasio, *d'Agueda*; Elipando, de *Coimbra;* Pamerio, de *Idanha;* Arisberto, do *Porto;* Deus-Dedit, de *Lugo;* Potameo, de *Merida;* Tiburcio, de *Lamego;* Agatio, de *Iria;* e Pedro, de *Numancia*.

(Faria e Souza, tom. 1.º, parte 3.ª, cap. 10, e outros.)

Permaneceu este templo muitos seculos, primeiro com o titulo de Céres, e depois, com a invocação de S. Thiago, ate que, em 1607, foi demolido por ameaçar imminente ruina, reedificando-se logo, no mesmo sitio, (a que hoje chamam *Praça do Peixe*) em menores dimensões. Sobre a porta principal, se esculpiu em uma pedra, a seguinte inscripção.

MAGNA DOMUS QUONDAM PENITUS
SUBMERSA RECINIS
DUM JACET, IN BREVIUS DENUO
SURGIT OPUS.

D'este templo foi trasladada a imagem da Virgem, para a egreja do mosteiro de Mumadona, que ficava em distancia de 80 passos, ao N. E.

Até então se chamava mosteiro do Salvador, e desde que para lá foi a imagem da Senhora, é que se principiou a denominar de Santa Maria, e deixou de existir o mosteiro, principiando a collegiada; que veiu a ter—D. prior, seis dignidades (chantre, thesoureiro-mór, dois arcediagos, mestre-escola, e arcipreste) 14 conegos prebendados, 8 meios prebendados, 12 capellães, alem d'outros muitos ministros; musicos, e *moços de sachristia* (meninos do côro.)

Viviam todos em clausura, sob a regra de Santo Agostinho, como todas as outras cathedraes do reino.

Foi no altar d'esta Senhora, que D. Affonso Henriques recebeu as armas com que foi combater no Alemtejo contra os mouros, em 1139.

Os D. priores de Guimarães, foram sempre escolhidos entre as pessoas mais qualificadas do reino, e gosavam de grande consideração e muitos privilegios e rendas; sahindo muitos d'elles para bispos de differentes dioceses.

—

Durou o nome de Santa Maria de Guimarães, até ao reinado de D. Affonso IV, segundo diz Estaço, nas suas *Antiguidades*. Então, um devoto da Senhora, chamado Gonçalo Esteves, foi a Normandia, e alli mandou fazer uma cruz; e a assentou na *alvacaria* de Guimarães.

O padre frei Raphael de Jesus, conta o caso com alguma alteração. Diz que Pedro Esteves, mercador e contratador, assistente em Lisboa, mandou dizer a seu irmão, o tal Gonçalo Esteves, onde acharia uma cruz de pedra, com a imagem de Christo, e que, a todo o custo, a conduzisse a Guimarães, e a collocasse no logar onde hoje está.

Ou fosse de uma, ou de outra maneira, foi a cruz assentada, a 8 de setembro (dia da natividade de Nossa Senhora) de 1342.

Este padrão, vem a ser uma cruz de pedra, e n'ella, a imagem de Jesus Christo, de vulto, cruxificado, levantada sobre uma columna; e sobre quatro pedestaes, revestidos de columnas, se levanta uma cúpula de abobada de pedra, que o cobre.

Dentro da mesma cúpula, sobre o arco principal, está a imagem da Virgem, distincta da Senhora da Oliveira, á qual dão o nome de Nossa Senhora da Victoria; imagem de grande devoção em toda a provincia, e á qual se attribuem muitos milagres.

Está este padrão assente na praça da Senhora da Oliveira, em frente da sua egreja.

Diz a lenda, que no sitio onde se collocou o padrão, estava uma oliveira sêcca, que desde então reverdeceu, cobrindo-se de folhas e fructo, pelo que principiaram a dar-lhe o nome de Santa Maria da Oliveira.

A este padrão, desde o principio do milagre, hia o cabido em procissão, todas as sextas feiras e sabbados do anno, orar pelas almas dos reis de Portugal e de todos os bemfeitores da egreja—e na vespera do dia de Nossa Senhora da Assumpção, desde 1386, em commemoração da victoria de Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385, havendo n'este dia procissão solemne, á qual assistiam as communidades e a camara, havendo depois missa cantada, sermão e grande festividade; pondo-se n'esse dia em um logar alto, para ser vista de todos os assistentes, a lança e a vestidura com que D. João I entrou n'aquella gloriosa batalha, que nos livrou, por então, de sermos vassallos dos reis de Castella.

Alcançada a victoria, foi o rei a pé, desde Aljubarrota até Guimarães, a dar graças á Virgem Santissima. Segundo Estaço, D. João I fallou á Senhora n'estes termos.

«Senhora, eu confesso, e quero que todos «saibam, que por vossa virtude sómente, «venci esta batalha, e que no ponto e hora «em que estava para n'ella entrar, dei «um grande espirro, o que tive em mau «agouro, pelo qual cessei por então um pou«co, de me mover para ella; no qual espaço «me deitei de bruços, e, não sei se dormin«do se acordado, porem em um grande pen«samento e agonia, vi, em visão, esta vossa «casa, tal qual agora a vejo, com aquesta «oliveira, e veiu-me ao entendimento, que «eu, por exemplo do primeiro rei, me devia «encommendar a vos, e haver por tomadas «as minhas armas da vossa mão, pelo qual «eu logo votei e prometti de fazer o que «agora faço, dizendo-vos em minha oração «—eu vos peço, Senhora, de grande mercê, «assim como vós ao dito rei, D. Affonso fi«zeste, no principio d'este reino, façaes a «mim, vosso devoto, defensor d'elle.»

Depois, mandou o devoto rei, pôr as suas armas sobre o altar da Senhora, dizendo — *Vós, Senhora m'as deste, vós as tomae e guardae.*

Em acção de graças á Senhora, se mandou o rei pesar a prata, armado de todas as armas e a cavallo, (!) e a offereceu á Santissima Virgem.

Com esta prata se fez o retabulo do presepio, que nos dias solemnes se põe no altar-mór, em que estão as armas do rei. Fizeram mais 12 imagens, dos 12 apostolos, 4 anjos, 4 maças, caldeira de agua benta, hyssópe, thuribulo e naveta, tudo de prata.

O templo estava, por antigo, muito arruinado, e era muito pequeno pelo que, tratou logo o rei de o reedificar, e é o actual. Foi principiada a obra em 1387, e depois de concluida a adornou e enriqueceu com sumptuosos ornamentos e peças de prata; dando-lhe então, um anjo, tambem de prata, dourado, grande e posto de joelhos, que pertencêra á capella de D. João I, de Castella, e fôra tomado em Aljubarrota, e que serviu por muitos annos de levar o Santissimo Sacramento, nas procissões solemnes, e depois

na do anjo custodio do reino, na 3.ª domingo de julho.

Tambem deu á egreja e collegiada grandes privilegios e isenções, tanto para os conegos e mais clerigos, como para os familiares, subditos e caseiros.

Tinha D. João I tanta devoção com esta Senhora, que nenhuma empreza séria tentava, sem implorar a sua protecção; e quando emprehendia alguma batalha, punha as armas que havia de levar a ella, aos pés da Senhora, e depois lhe pedia licença para d'alli as tomar, e sahir a combater os inimigos da patria que tanto amou, e da qual foi com tanto extremo amado.

Depois das suas victoriosas batalhas, voltava sempre, a pé (por maior que fosse a jornada) desde qua entrava em Portugal, a dar graças á Senhora da Oliveira. Assim o fez de Castella, de Ceuta e de Tuy.

Quando regressou de Castella (outubro de 1385) apenas chegou a *Valle-de-la-Mulla*, se apeou, e assim, a pé, fez a jornada até Guimarães, por espaço de 180 kilometros.

—

Antes de se acabar a egreja, tratou o rei de sagrar o seu altar-mór; cuja ceremonia foi feita pelo bispo de Coimbra, D. João da Azambuja, a 23 de janeiro de 1400, com licença de D. Martinho, arcebispo de Braga.

Assistiram á sagração, D. João Manrique, arcebispo de Compostella, e D. frei Rodrigo, bispo de Ciudad Rodrigo.

Esteve presente o rei, e sua mulher, D. Philippa de Lencastre (filha do duque de Alemcastre, e neta de Duarte III, rei de Inglaterra) e seus filhos, D. Duarte (depois I) D. Pedro (o da Alfarrobeira) D. Henrique (o de Sagres) D. João, e D. Isabel.

No dia 23 de janeiro de 1401, foi sagrada a egreja, pelo mesmo D. João da Azambuja, sendo já bispo do Porto.

E' esta egreja de tres naves, de architectura toscana. Muitos dos nossos reis lhe teem offerecido ricas alfaias e joias, e ha n'ella muitas reliquias, entre as quaes, um bocado do Santo Lenho; duas ambulas contendo leite da Santissima Virgem, e uma maçaroca, fiada por suas sacratissimas mãos, como affirma o inventario que se fez em 1527.

Pelos achar muito curiosos, e de grande interesse para a nossa historia, copiei do cartorio dôs srs. condes de Rézende, os dois documentos que se seguem:

Provisão de D. Pedro II, sustentando os privilegios e isenções conferidas pelas Tabuas-Vermelhas, ao cabido e seus caseiros, servidores e familiares, da collegiada de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães. Em 5 de dezembro de de 1659.

Seguida d'uma Certidão d'alvará de privilegio do mesmo rei, de 4 de março de 1707.

N.B. N'este alvará dão-se os motivos por que tamanhos privilegios foram concedidos.

«Aos que a presente minha certidão «virem, certifico eu, Alexandre do Rego «Carneiro, tabellião do publico judicial e «notas e do real convento de Santa Clara e «seus direitos reaes, em esta villa de Villa «do Conde e teu termo, por Sua Magestade «que Deus Guarde, etc., em como no livro «oitavo do registos da camara d'esta villa de «Villa do Conde, a folhas vinte e seis se acha «o registo da provisão, do theor seguinte:

«Dom Pedro, por Graça de Deus, Rei de «Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'alem «mar em Africa, senhor de Guiné, etc., faço «saber a vós, corregedor da camara de Gui«marães, que havendo respeito ao que por «sua petição e mais documentos me re«presentaram, o D. Prior e cabido da colle«giada de Nossa Senhora da Oliveira, d'essa «villa de Guimarães, sobre os haver por «escusos, e seus caseiros, servidores e familia«res, de pagarem a contribuição de quatro e «meio por cento que lançasteis ás suas fa«zendas, e menos pera os seis centos mil «cruzados offerecidos em cortes, com o fun«damento de que os seus previlegios das

«Taboas Vermelhas da dita collegiada os «izentavam de quaesquer contribuições, tri«butos e fintas, assim de concelho como reaes, «offerecidas em cortes, comtanto que até no «tempo de guerra eram especialmente izen«tos de darem palha, e suas carruagens; e «seus filhos e criados não eram obrigados «a semilhantes serviços, e da mesma manei«ra foram sempre izentos da contribuição «do usual, e lançamento das egoas para a «criação dos cavallos, e de todos os seus en«cargos publicos e particulares, em obser«vancia dos privilegios que offereciam e do«cumentos que ajuntavam: e visto o seu re«querimento e informação que n'elle destes «sobre o que foi ouvida a contadoria geral da «guerra e o procurador fiscal da fazenda dos «tres estados, hei por bem, por via de graça, «de izentar aos caseiros do numero, d'esta «collegiada de Guimarães, de contribuirem «para os seis centos mil cruzados prometti«dos em cortes, sem poder fazer exemplo es«ta graça aos mais previlegiados pela singu«laridade dos previlegios dos supplicantes, e «liberal piedade com que os senhores reis «d'este reino lhos concederam em gratifica«ção dos especiaes beneficios recebidos por «entrecessão de Nossa Senhora da Oliveira; «e a quantia que lhes estava lançada se não «repartirá por outros concelhos, por assim «o resolver, em dez de dezembro proximo «passado, em consulta da junta dos tres es«tados, pelo que vos ordeno, que, em cum«primento da minha resolução, não cobreis «a contribuição dos quatro e meio por cen«to que se lançaram aos caseiros do nume«ro, da dita collegiada, e tendo-se cobrado «algum dinheiro d'esta natureza, o fareis res«tituir a seus donos, e quando do tal di«nheiro se tenha feito carga ao thesoureiro «geral da dita contribuição, no livro geral «de sua receita, por onde se hade tomar con«ta na contadoria geral da guerra, se darão «ás partes recibos, nos mesmos livros, feitos «pelo escrivão e assignados por elles, e man«darão trasladar n'elle esta provisão, para ao «tomar da conta se saber a causa por que «se fez a dita restituição. e ajuntareis o cum«puto, com a quebra do que emportava o que «se tinha lançado aos ditos caseiros e os mais «que houvessem, sendo verificadas, fazendo«se de tudo termo no mesmo livro com a «clareza necessaria, e n'esta forma o tereis «entendido e dareis cumprimento a esta pro«visão como n'ella se contem; da qual se to«mará a razão na dita contadoria geral. El«Rei Nosso Senhor o mandou pelo barão con«de do seu conselho e por Antonio Pereira «da Silva, conego magistral da Sé d'Evora e «deputado do santo officio, ambos deputa«dos da junta dos tres estados, João de Sou«sa Sotto-Maior, a fez em Lisboa, a cinco de «dezembro de mil seiscentos noventa e no«ve, José Correia de Souza, que serve de se«cretario a fez escrever, Barão Conde, An«tonio Pereira da Silva, registada a folhas «duzentas e sessenta e duas verso. Registe«se e note-se a resposta. Lisboa quinze de «dezembro de seis centos noventa e nove. «Gregorio Moreira, Luiz Monteiro. A folhas «trezentas vinte e nove do livro oitavo, que «serve n'esta contadoria geral da guerra e «reino, do registo dos avisos das comarcas fi«ca registada esta provisão, e notada a res«posta. Lisboa dezesete de dezembro de mil «seiscentos noventa e nove. Francisco de Mi«randa Soares. Cumpra-se e registe-se «no livro do lançamento e registo, e se en«tregue o dinheiro depositado, na forma or«denada. Guimarães vinte e sete de fevereiro de mil e setecentos—Ferraz. E não con«tinha mais a dita provisão, inserta no dito «precatorio, passado, e assignado pelo dito «corregedor e subscripto por Simão Carva«lho, que aqui registei bem, fielmente e na «verdade, e em fé d'ella me assigno de meu «signal costumado, e tambem assignou o dito «conego, de como recebeu. E eu, Manuel Vi«eira Bouças, escrivão proprietario, por El«Rei Nosso Senhor, dos officios de escrivão «da camara almotaçaria, castello, armazem «e mais annexos, que a escrevi e assignei, «aos quinze dias do mez de março de mil «setecentos e dois, Manuel Vieira Bouças, «Agostinho da Cunha Sotto-Maior. E não se «continha mais em a dita provisão, que eu «tabellião aqui bem e fielmente trasladei do «livro da camara. onde fica traslado, ao qual «em tudo e por tudo me reporto, em fé do que «assigno, aos quatorze de dezembro de mil

«setecentos vinte e seis annos, e declaro di-«zem as entrelinhas e folhas trez de guerra—«e mais. E eu sobredito o escrevi e assignei «em publico e razo. Em testemunho de ver-«dade *Alexandre do Rego Carneiro*. Concer-tado com o proprio, por mim tabellião — *Alexandre do Rego Carneiro* — e comigo — *Manuel de Souza Neves*.

2.º documento

—

«Aos que a prezente minha certidão vi-«rem, certifico eu, Alexandre do Rego Car-«neiro, tabellião do publico judicial e no-«tas, e do real convento de Santa Clara e «seus direitos reaes, em esta villa de Villa «do Conde e seu termo, por Sua Magestade «que Deus guarde, etc., em como no livro «oitavo dos registos da camara desta dita «villa, a folhas setenta e oito e setenta e no-«ve, se acha registado um alvará do theor «seguinte:

«Eu El-Rei, faço saber aos que este alva-«rá virem, que havendo respeito ao que por «sua petição me reprezentam, José de Oli-«veira e os mais privilegiados do numero, «das Taboas Vermelhas da collegiada de Nos-«sa Senhora da Oliveira, da villa de Guima-«rães, em razão de que eu fôra servido, por «alvará de doze de agosto de mil seiscentos «setenta e oito, a requerimento dos conegos «da dita collegiada, fazer-lhes mercê de os «izentar de pagarem a quantia de 480$000 «réis, em que foram fintados na repartição «que se fez de cento e vinte mil cruzados, «que os prelados d'este reino prometteram «em côrtes, para ajuda das despezas que se «fizeram com a armada que foi a Saboya, e «em semelhantes casos, lhes fizeram mercê os «Senhores Reys Dom João, o primeiro, e Dom «Affonso, o quinto, de os izentar de toda a «contribuição, sem embargo de contribuirem «os ecclesiasticos, attendendo aos privilegios «que os Supplicantes sempre gozaram inal-«teravelmente, por se lh'os haverem concedi-«do pelos ditos Senhores Reys, com voto so-«lemne, promettimento a Deus e á mesma «Senhora, de os guardarem e fazerem obser-«var em agradecimento das muitas e gran-«des victorias que em seu nome alcançaram, «como tudo constava dos documentos que «offereciam; e porque os Supplicantes serão «egualmente comprehendidos nos ditos pri-«vilegios, por serem do numero das Taboas «Vermelhas, me pediam lhes fizesse mercê «de confirmar-lhe os ditos privilegios, izen-«tando-os de pagarem a contribuição da de-«cima ou de outro qualquer tributo. E visto «seu requerimento, sobre que foi reunida a «contadoria geral de guerra e o procurador «fiscal da fazenda dos tres Estados; Hey por «bem, e me apraz, que os privilegiados de «Nossa Senhora da Oliveira sejam izentos «de todos os tributos sollitos, e insollitos em «que são comprehendidas as decimas; não «só a respeito das fazendas que forem forei-«ras áquella Egreja, mas ainda de todas as «mais que por qualquer titulo forem pro-«prias dos ditos privilegiados, e como e pe-«la fórma por que foram concedidos, se-«jam irrevogaveis: e tanto que se não ad-«mitta requerimento algum por que se per-«tenda revogar e encontrar a sua obser-«vancia, a qual quero que seja inviola-«vel, n'aquelles privilegiados sómente que «entrarem no numero declarado na Car-«ta do Senhor Rey Dom Affonso, o quin-«to, pois assim como é justo que estes «privilegios se guardem, é tambem razão «se não augmentem, em tanto prejuizo «publico, e ainda dos mesmos privilegios, «por evitar todo e qualquer abuso que «possa haver n'esta materia. Ordeno ao «Dom Prior, admitta sómente por servidores «d'aquella Egreja, pessoas acommodadas ao «serviço d'ella, que por si e não por outrem «a sirvam, não nomeando para ministerios «humildes, pessoas ricas e de qualidade. «Pelo que, mando a todos os ministros, as-«sim ecclesiasticos como seculares, dêem «cumprimento e façam observar este alva-«rá, como n'elle se contém, sem limitação de «tempo; sendo primeiro registado na conta-«doria geral de guerra e reyno. E pagou de «novos direitos, cinco mil e quatrocentos rs., «que foram carregados ao thezoureiro d'el-«les, Gonçalo Soares Monteiro, a folhas du-«zentas e sessenta, verso, do livro primeiro «de sua receita, o que constou por conheci-

«mento em fórma, pelo escrivão de seu car-
«go assignado, o qual foi registado a folhas
«duzentas vinte e oito do livro primeiro do
«registo geral dos ditos novos direitos. Gon-
«çalo de Gouvêa Pereira o fez em Lisboa, a
«quatro de março de mil setecentos e sete
«annos; Gaspar Salgado, que serve de secre-
«tario, o fez escrever—Rey—Conde de Sal-
«zedas. — Alvará por que Vossa Magestade
«ha por bem, que os privilegiados das Taboas
«Vermelhas de Nossa Senhora da Oliveira
«da villa de Guimarães, sejam izentos de to-
«dos os tributos sollitos e insollitos em que
«são comprehendidas as decimas, não só a
«respeito das fazendas que forem foreiras
«áquella Egreja, mas ainda de todas que por
«qualquer titulo forem proprias dos ditos
«privilegiados, com a limitação e o mais
«declarado n'este alvará "Para Vossa Ma-
«gestade vêr," A folhas sessenta e oito do
«livro que serve n'esta secretaria da jun-
«ta dos tres estados, dos registos de pro-
«visões e alvarás. Fica este registado. Lis-
«boa, cinco de março de mil setecentos e se-
«te. — Gonçalo de Gouvêa Pereira.—Regis-
«te, e note-se a resolução e resposta.—Lis-
«boa, quatro de março de mil setecentos e
»sete. A folhas duzentas oitenta e duas do
«livro undecimo do registo das ordens que
«serve n'esta contadoria geral de guerra e
«reyno, fica registado este alvará e notada
«esta resolução e resposta.—Lisboa, quatro
«de março de mil setecentos e sete. — José
«Pinheiro de Frazão—D. F. Bispo de Lame-
«go.—Pagou cinco mil e quatrocentos réis,
«e aos officiaes dois mil réis. Lisboa, cinco
«de março de mil setecentos e sete.— Dom
«Francisco Maldonado.—Registado na chan-
«cellaria-mór da côrte e reyno, no livro de
«official, a folhas trinta e oito. — Lisboa,
«seis de março de mil setecentos e sete.—
«Thomaz Freire Barreto. A folhas duzentas
«e dezenove, verso, do livro da porta da ca-
«mara d'esta villa de Guimarães, fica regis-
«tado este alvará. Guimarães, treze de mar-
«ço de mil setecentos e sete.—Domingos Pei-
«xoto do Amaral. O qual alvará vinha in-
«serto em uma certidão passada em publica
«fórma, pelo tabellião Manuel de Magalhães,
«da villa de Guimarães, passada por despa-
«cho do doutor João Barbosa Teixeira Mayer,
«juiz de fóra da dita villa, passada aos
«dezeseis de junho, e concertada pelo tabel-
«lião Antonio da Silva, em que recebêra o
«proprio alvará o chantre Manuel de Moraes,
«passada a dita certidão por petição do re-
«verendo conego, Agostinho da Cunha Sotto
«Mayor, como administrador de seu pae, Ma-
«nuel da Cunha Sotto Mayor: a qual certidão
«e alvará vinha já registada na camara de
«Monte Longo, pelo escrivão d'ella, Francis-
«co Gollias; e pelo de Braga, Hyeronimo da
«Silva Oliveira; e pelo da villa dos Arcos,
«Balthazar Pereira Pinto. O dito traslado de
«alvará e certidão trasladei, bem e na verda-
«de, sem cousa que duvida faça, e me repor-
«to a elle, que tornei a entregar ao reveren-
«do Agostinho da Costa Sotto Mayor, conego
«da Sé do Porto, que assignou de como a
«recebeu, commigo escrivão da camara, de
«que dou fé, e me assignei em esta villa de
«Villa do Conde, aos cinco dias do mez de
«agosto de mil setecentos e sete. E eu, Ma-
«nuel Vieira Bouça, escrivão da camara e
«mais officios annexos, n'esta Villa do Conde
«e seu termo, por El-Rey nosso senhor, que
«o escrevi e assignei.—Manuel Vieira Bou-
«ça.—E não se continha mais em o dito re-
«gisto, que eu Alexandre do Rego Carneiro,
«tabellião do publico judicial e notas, e do
«real convento de Santa Clara e seus direi-
«tos reaes, em esta villa de Villa do Conde e
«seu termo, por Sua Magestade que Deus
«guarde, aqui bem e fielmente fiz tresladar
«do dito registo, com o qual esta concertei
«e conferi, e com o official ao concerto assi-
«gnado e a elle em tudo e por tudo nos repor-
«tamos. E em fé e testemunhe de verdade,
«me assigno de meus costumados signaes, pu-
«blico e raso, de que uso, e costumo fazer nes-
«ta dita villa de Villa do Conde e seu termo,
«que taes são abaixo escriptos e declarados.
«Em os quatorze dias do mez de septembro
«de mil setecentos e vinte e seis annos; diz
«o emendado folhas primeira, verso, "titulo"
«e as entrelinhas, e o que sai fóra das re-
«gras, folhas duas—da junta dos tres esta-
«dos—do registo de provisões e alvarás; as-
«sinado: Vermelhas. E eu, Alexandre do Re-
«go Carneiro, o escrevi e subscrevi e assi-

«gnei. Em testemunho de verdade—*Alexan-«dre do Rego Carneiro.*—Concertado com o «livro, por mim tabellião, *Alexandre do Re-«go Carneiro* — e comigo, *Manuel de Souza «Neves.*»

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 45 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade do mosteiro benedictino, de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua, e o pé de altar.

E' n'esta freguezia o solar dos Oliveiras, cuja origem e armas, ficam descriptas na 1.ª Oliveira.

OLIVEIRA — freguezia, Minho, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Está unida a esta, a antiga freguezia do mesmo nome, da invocação de S. Matheus, evangelista, e que adiante vae descripta.

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 15 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil.

Cria muito gado, de toda a qualidade.

Na egreja matriz, ha uma capella de bronze, muito bem esculpida, dedicada á Santa Cruz.

OLIVEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 45 kilometros ao N. E. de Braga, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Paio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi do antigo concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega.

As regiosas de Sant'Anna, da cidade de Vianna, apresentavam o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

OLIVEIRA—aldeia, Douro, nas freguezias de Santa Maria do Valle, e de Santo Isidoro de Romariz, na comarca e concelho de Feiras, d'onde dista 10 kilometros a E., 30 ao S. do Porto, 12 a S. O. do rio Douro, 15 a E. do Occeano, 283 ao N. de Lisboa.

Tem 20 fogos.

Está situada em terreno accidentado, sobre a margem direita do rio *Inha*, que lhe rega e fertiliza os campos, traz algum peixe miudo, e faz mover muitos moinhos de pão.

Na extremidade S. do logar está a capella de S. Thomé, apostolo, ao qual se faz uma festa no 4.º domingo de maio.

A capella é pequena e está em mau estado; porque, tendo um grande campo e um matto, consignados aos concertos d'ella, o lavrador que está de posse d'estas propriedades (que não são suas, mas patrimonio exclusivo da ermida) só cuida de lhe colher os fructos, sem que, ha muitos annos, queira saber do templo, e sem que o abbade do Valle—em cujo districto elle está, ponha côbro a esta usurpação.

OLIVEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. N. O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Para a destinguir das outras d'este nome; se denomina—OLIVEIRA DOS ARCOS.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Maria de Oliveira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra, e o geral de Santa Cruz de Coimbra, apresentava alternativamente o abbade, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Foi antigamente da apresentação do con-

vento de Muhia, com reserva do ordinario. Metade era beneficio simples, apresentado pelos fréguezes; mas, por desavenças com um beneficiado, o doaram ao visconde de Villa Nova da Cerveira.

Teve annexas, as freguezias dos Cabaços, e Fojo-Lobal; que originariamente formaram uma só parochia.

Está n'esta freguezia, o *paço de Oliveira*, do qual foi senhor, Ruy Martins d'Oliveira, casado com Sancha Annes, filha de Fernão Paes, de Riba-Visella, um dos primeiros povoadores d'esta provincia, e progenitor da famosa D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*) amante de D. Sancho I.

Eram os Oliveiras d'este paço, fidalgos de muita importancia e nobresa, pois descendiam dos reis de Castella e Leão.

D'estes Oliveiras são descendentes, os padroeiros do hospital de S. Lazaro, da cidade de Placencia (Hespanha.)

Um d'estes padroeiros foi D. Affonso Martins d'Oliveira, commendador de S. Thiago, no reino de Leão, e Pedro d'Oliveira, casado com D. Elvira Annes Pestana, paes de D. Martinho d'Oliveira, arcebispo de Braga.

Este, das muitas propriedades que possuia, suas proprias (sem pertencerem á mitra) instituiu o morgado de Oliveira, no Alemtejo.

A origem d'este vinculo, foi a seguinte.

Querendo D. Sancho II (ou D. Affonso III) povoar a provincia do Alemtejo, deu o sitio da Vidigueira, ao mestre Thomé, thesoureiro da Sé de Braga; o qual, á sua custa, fundou aquella villa (Vidigueira) de que foi senhor; provendo-á de moradores, que levou do Minho.

Por sua morte, deixou este senhorio a Pedro Fernamdes, conego da Sé de Braga, a Pedro Paes, raçoeiro da mesma Sé; e a Martim Annes e Vasco Annes, seus sobrinhos.

Todos estes, doaram a villa da Vidigueira ao arcebispo D. Martinho d'Oliveira, que a cedeu ao rei D. Diniz, em troca da herdade da Avelleira, na qual instituiu o dito morgado da Oliveira, no anno de 1306.

O paço d'Oliveira (d'esta freguezia d'Oliveira) como não era vinculado, passou por compras, ou casamentos, aos Cerqueiras, e depois, aos Aranhas, e estes o venderam a D. Pedro de Mello de Lima, commendador de Refojos do Lima, filho de D. Rodrigo de Mello de Lima, filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira. Foi condado.

O ultimo representante da casa dos condes de Oliveira dos Arcos, foi, D. Antonio d'Almeida, filho de D. João Francisco de Paula e Almeida, e de D. Francisca Isabel Coutinho, da casa dos srs. viscondes da Bahia.

D. Antonio d'Almeida, falleceu em Lisboa a 8 de dezembro de 1873.

E' terra muito fertil.

O vinho branco d'esta freguezia, é de superior qualidade.

Em um monte proximo, ha uma lapa ou gruta, chamada *Paços do Rei*.

Consta que este nome lhe provem, por n'ella se recolher Bermudo II (o *Gotoso*) quando deu a batalha a Almançor, rei ou kalifa de Cordova, em 998. [1]

Ha tambem aqui outro penedo, chamado *do Garcia*.

Segundo a tradicção, deve este nome a ter junto a elle a sua tenda (no mesmo anno) o general, christão, D. Garcia.

Tambem consta, que Antonio de Araujo de Azevedo, e outros fidalgos portuguezes, tiveram escondido por estes sitios, a D. Antonio, prior do Crato, em 1580, antes d'elle fugir para a França.

[1] Em 985, Almançor, com um numeroso exercito invadiu Portugal, tomando Coimbra, Braga, Lamego, Viseu, e outras muitas povoações e fortalezas importantes, deixando tudo assolado e reduzido a um lago de sangue,

Em 998, o mesmo Almançor, invade de novo Portugal, entrando por Galliza, onde se lhe oppoz o conde, D. Forjaz Vermuiz.

Os principes christãos, andavam em contenda; porem o perigo commum os fez unir.

D. Bermudo II, rei de Navarra, e o conde D. Garcia Fernandes, deram a Almançor uma sanguinolenta batalha, nos campos de Alcantanazor, proximo a Osma, onde os mouros foram completamente desbaratados, e Almançor mortalmente ferido,

Foi provavelmente, antes d'esta batalha que teve logar a d'esta freguezia, que não devia ser de grande importancia, pois d'ella não rezam as historias.

OLIVEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mezão-Frio, comarca e 12 kilometros ao O. do Pezo dá Regua, 75 ao E. N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 123 fogos.

Orago, Santa Maria de Oliveira.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil.

OLIVEIRA — freguezia, Minho, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos unida á freguezia de S. Pedro d'Oliveira, que já fica descripta.

OLIVEIRA D'AZEMEIS—villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 40 kilometros ao N. E. d'Aveiro, 42 ao S. do Porto, 12 ao S. E. da Feira, 15 ao E. do Occeano, 230 ao N. de Lisboa.

Tem 600 fogos.

Em 1757, tinha 334 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra e a abbadessa do convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 200$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Olivoira d'Azemeis, é composto de 20 freguezias, sendo 14 no bispado do Porto, e 6 no d'Aveiro.

As do bispado do Porto. são:—Cesár, Cucujães (ou Couto de Cucujães), Fajões, Gândara, Loureiro, Macieira de Sarnes (ou das Terças), Madail, Nogueira do Cravo, Oliveira d'Azemeis, Pindéllo, Riba d'Ul, S. João da Madeira, Villa-Chan, e Ul.

As do bispado d'Aveiro, são:—Carregosa, Macinhata da Ceiça (ou da Seixa), Ossella, Palmáres, Pinheiro da Bemposta, e Travaca. Todas com 6:100 fogos.

A comarca é composta do seu julgado e do da Maceira de Cambra, com 2:400 fogos.

Total, 8:500 fogos.

Incluidas nas freguezias do julgado d'Oliveira d'Azemeis, vão as do antigo julgado do Pinheiro da Bemposta, supprimido (e mais o concelho) pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855.

—

Era esta villa, commenda da ordem de Christo.

Em 15 de maio de 1779, fez D. Maria I, mercê da commenda de São Miguel, d'Oliveira d'Azemeis, a José de Seabra da Silva.

Diz a carta regia: — «Tendo consideração ao bom serviço que José de Seabra me fez, nos muitos logares de lettras que exercitou, e, ultimamente, no emprego de secretario de estado, adjunto ao marquez de Pombal, e por outros motivos, dignos da minha real attenção, etc.»

—

Esta villa está situada na chapada de uma serra, com boa vista para o S., O. e Norte.

Foi elevada á cathegoria de villa e cabeça de concelho, pelo principe regente (depois D. João VI) em 1800.

Não tem foral proprio, regia-se pelo foral da Feira, onde vem incluida.

E' tradicção que o nome lhe provem do seguinte.

Havia em tempos antigos, por estes sitios, apenas uma taberna solitaria. Os *donatos* dos mosteiros (aos quaes se dava tambem o nome de *azeméis*) quando andavam no peditorio, costumavam descançar debaixo de uma *oliveira*, que estava em frente da taberna, e que, por isso se veiu a denominar *Oliveira dos Azemeis*.

Na minha opinião, isto não passa de uma d'aquellas etymologias inventadas por quem não queria estudar a nossa antiga lingua portugueza.

Entendo que o nome d'esta villa provem do árabe — *algemê* — que significa arraial, ajuntamento, congregação, etc.—palavra ainda usada no seculo XVI — (*Mandou, Nuno Fernandes, a Lopo Barriga, que fosse ao aze-*

mel *de Abida, onde os capitães dos Cabildas e Aduares, tinham as suas tendas*, etc.—Damião de Góes, Chron. d'El Rei D. Manuel, parte 3.ª, cap. 32, pag. 327.)

A egreja matriz, que é bella e sumptuosa, é o melhor edificio da villa. Foi reedificada á custa das Obras Publicas, em 1864.

O sr. Antonio Ferreira da Silva Junior, natural d'esta villa, e fallecido na Bahia (Brasil) em 22 de novembro de 1875 — legou, em seu testamento, 400$000 réis, á egreja de S. Miguel, d'Oliveira d'Azemeis, e 100$000 réis aos pobres d'esta freguezia.

Tambem deixou 500$000 réis á Santa Casa da Misericordia, do Porto.

O Omnipotente o premiará na Gloria, pelos actos de caridade que praticou cá na terra.

O cemiterio publico, feito em 1863, foi tambem á custa das Obras Publicas, e do do povo.

A casa da camara, que é tambem tribunal do juizo de direito, e contem as repartições da administração e fazenda, e a cadeia publica, é um magestoso e vasto edificio, construido em 1840.

O sr. José da Costa e Souza Pinto Basto, tem um bonito palacete, edificado em 1869. Ha ainda n'esta villa mais alguns edificios particulares, bons e bem construidos; mas que não teem o valor que deviam ter, se as influencias do campanario, não actuassem, para que o ministro das Obras Publicas mandasse fazer a estrada a mac-adam, de 1.ª classe, pelo centro da villa, e pela rua, chamada (por ironia!) *Rua Direita*, que é uma bitésga tortuosa, tendo sitios onde com difficuldade (e perigo dos peões) podem caber dois carros a par.

Se a estrada se construisse por onde foi primeiramente estudada, que era ao E. da villa, pela capella de Santo Antonio, estária hoje transformada em uma formozissima *estrada-rua*, e a povoação teria attingido o desenvolvimento proprio da sua prosperidade.[1]

Junto á villa, ao E. d'ella, se vê o theatro, construido por subscripção, em 1858. E' singelo, mas bonito, e de sufficiente tamanho para a população da villa e arredores, que o frequenta.

Ha aqui um asylo da infancia desvalida, fundado pelo sr. Pinto (já fallecido) natural d'esta villa, cidadão benemerito, que enriquecêra no Brazil.

Em abril de 1875, o *anonymo Y*, da cidade do Porto, bem conhecido em todo o reino pelos seus innumeraveis actos de caridade, verdadeiramente evangelica, deu a este asylo, uma esmola de 90$000 réis. Não se sabe com certeza quem seja o *anonymo Y*; mas suppõe-se que é o sr. Eduardo da Costa Correia Leite. Quem quer que elle seja, Deus o premiará na bemaventurança por tantas e tão reiteradas desventuras a que tem valido, e por tantas fomes e miserias que tem aliviado.

Tem Misericordia; e estação telegraphica.

A 1:800 metros a N. E. da villa, está a fabrica de vidros, do Côvo. (Vol. 2.º, pag. 436, col. 2.ª)

A 3 kilometros ao S. E., está a fabrica de lanificios, do sr. Bernardo da Costa Pinto Basto. Pedi humildemente a este cavalheiro, informações sobre esta fabrica, para fazer aqui uma mais satisfatoria e cabal descripção d'ella; porem o sr. Pinto Basto, não se dignou responder-me.

O motor d'esta fabrica, é a agua do rio Caima.

N'este concelho ha muitas fabricas de optimos chapeus de lan—os mais finos que se fabricam em Portugal—no que se faz um importantissimo commercio.

Ha tambem fabricas de papel, de muito boa qualidade, e duas fabricas de sóla. Vão mencionadas (todas as fabricas) nas freguezias onde estão situadas.

Na praça da villa, ha um mercado em todos os domingos, que é o maior e melhor da provincia, e talvez de todo o reino; tão grande, e de tanto movimento commercial, como qualquer grande feira.[1]

[1] Os de Villa Nova de Famalicão, tiveram mais juizo. Não se opposeram a que a estrada seguisse a directriz que lhe deram os engenheiros, pelo que é hoje a rua principal e mais bonita da villa, como se verá quando tratar d'esta povoação.

[1] No domingo, 4 de julho de 1875, se es-

Oliveira d'Azemeis, é uma povoação muito moderna: ainda em 1750 era uma aldeia de pouca importancia; porem a energia e amor ao trabalho dos seus habitantes, tem poderosamente concorrido para o seu actual estado de prosperidade.

Já vimos que a creação do seu concelho data de 1800. Até 1834, pertenceu á comarca da Feira—porque o territorio d'esta freguezia ainda pertence á vasta circumscripção, denominada *Terras de Santa Maria*, ou *Terra da Feira*, que terminava, pelo S., no rio Caima.

Esta comarca, a de Ovar, a da Feira, parte da de Estarreja, parte da de Arouca, e o concelho de Villa Nova de Gaia, formavam as terras de Santa Maria, que comprehendiam 107 das actuaes freguezias—a saber—Feira, 37; Villa Nova de Gaia, 23; Oliveira, 20; Cambra, 9; Estarreja, 9; Arouca (a parte que é na Terra da Feira), 5; e Ovar, 4.

—

O territorio d'este concelho é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

O seu vinho é todo do denominado *verde*, mas, em quasi todas as freguezias, de boa qualidade: em 1874, produziu umas 2:000 pipas.

Ha tambem uma grande área d'este concelho povoada de arvores silvestres, sendo em maior cópia os pinheiros; pelo que, não só tem lenhas e madeiras para o consumo; mas exporta d'estes generos para differentes localidades, e até para a cidade do Porto.

Com a exportação do gado bovino para a Inglaterra, se tem desenvolvido aqui a creação e engorda de bois, em grande escala, resultando entrarem no concelho annualmente, tabeleceu n'este mercado, a medição e peso dos generos, pelo systema metrico. Esperava-se que o povo se opposesse a esta inovação, e tinham-se tomado providencias; porem, ainda que de má vontade, não houve desordem alguma; nem mesmo tumultos.

centos de contos de réis, provenientes d'esta exportação.

Tambem hoje é importantissimo n'este concelho o fabrico da manteiga de vacca, a melhor que se faz em Portugal, e que se exporta em grande quantidade.

Ha tambem n'este concelho grande numero de minas metallicas; mas poucas em lavra. (Vão nas freguezias onde estão situadas.)

Em fevereiro de 1875, foram registadas n'esta camara municipal, uma mina de enxofre, e outra de ferro e enxofre.

—

Era Oliveira d'Azemeis, do districto da capitania-mór da Feira. Sendo capitão-mór, João de Castro Corte-Real, da villa da Feira (avô do sr. José Luciano de Castro) por influencia de João d'Oliveira Camossa (avô dos srs. doutores Saldanhas, de Mançores) natural d'Aveiro, e casado na casa de *Fundões* (vol. 3.º, pag. 242, col. 2.ª—e vol. 5.º, pag. 22, col. 1.ª) foi Oliveira separada capitania-mór da Feira, sendo seu 1.º capitão-mór, o mesmo João d'Oliveira Camossa, pelos annos de 1804. Era este Camossa, moço-fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo.

Estava na cidade do Porto, commandando as milicias e ordenanças d'Oliveira de Azemeis, quando alli entrou o general francez Soult, em 29 de março de 1809, dia de perpetuo lucto e horror para aquella cidade, pela cruelissima mortandade, de 4 a 5:000 pessoas, afogadas no rio Douro.

Camossa, retirou com a sua gente, pela margem esquerda do rio, e os milicianos e ordenanças, fugiram em debandada, para suas casas. O capitão-mór, foi ter a Arouca (48 kilometros ao E. do Porto) e se hospedou em casa de um individuo que reputava seu amigo; mas que o atraiçoou, fazendo acreditar ao povo amotinado, que era jacobino, pelo que foi vil e cobardemente assassinado.

Camossa, tencionava dirigir-se d'Arouca para a Figueira da Foz, e d'alli emigrar para a Gran-Bretanha; e tinha mandado já para a Figueira, sua esposa e filhos.

Era casado com D. Anna Maria de Rézen-

de Camossa, da casa de Fundões, e tinha por filhos, Diogo Camossa, João Camossa e D. Anna Camossa Nunes de Saldanha.

João Camossa, que herdou a grande casa de Fundões, morreu solteiro, deixando quanto tinha (que se diz ser mais de 200 contos de réis) aos filhos de sua irman.

Esta casou na tambem riquissima casa da *Terça*, na freguezia de Mançores (concelho e comarca d'Arouca) com o dr. José Antonio Nunes de Saldanha, que foi juiz de fóra, no reinado do sr. D. Miguel I.

D'estes dois conjuges houveram quatro filhos e tres filhas, e são os srs.:

Doutor Manuel Baptista Camossa Nunes de Saldanha, residente na casa da Terça, e actual presidente da camara municipal de Arouca, em cujo cargo tem feito relevantissimos serviços ao concelho; e pelo que, e pelas suas bellas qualidades e cavalheirismo, é geralmente estimado e respeitado; o que prova a escolha que d'elle se tem feito para a edilidade, desde o anno de 1870, e sendo ultimamente reeleito, até ao bienio seguinte.

Doutor, João Camossa Nunes de Saldanha, vereador e administrador substituto do concelho d'Agueda, onde reside e tem uma grande casa.

José Camossa Nunes de Saldanha, solteiro — e duas senhoras.

Morreu um filho e uma filha.

—

A paginas 419, col. 1.ª, do 2.º volume, fallei do mosteiro benedictino do Couto de Cucujães, n'este concelho. Como depois d'isso se désse uma importante mudança n'este edificio, e uma nova e interessantissima applicação, e não póde hir n'aquella freguezia, resolvi, para não privar os leitores d'esta noticia, transcrever n'este logar, por ser do concelho, um communicado que se lê em o n.º 264 do *Commercio do Minho*, de 24 de outubro de 1874, e é o que se segue:

Acaba de abrir-se um novo estabelecimento de instrucção na freguezia de Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis, districto de Aveiro. Este estabelecimento não tem só por fim instruir nas sciencias, mas tem o de instruir nos principios da religião. O estabelecimento de que fallo, é o Collegio dos SS. Corações de Jesus e Maria, fundado no antigo mosteiro da ordem de S. Bento, e dirigido por o sr. fr. João de Santa Gertrudes, monge da mesma ordem no imperio do Brazil. O edificio pertence hoje ao sr. Manuel Joaquim da Fonseca, abastado e honradissimo proprietario d'esta freguezia, o qual de bom grado e gratuitamente o cedeu para o collegio, e além d'isso fez á sua custa as necessarias obras. Este edificio não só tem as necessarias commodidades para alli estar o collegio estabelecido, mas tem as vantagens de estar em sitio aprazivel e hygienico, e de poderem os alumnos assistir á missa e mais officios divinos na egreja parochial, antigamente a do mosteiro, sem ser necessario sahir, pois que tem com ella communicação interior.

No domingo 11 do corrente teve logar a solemne abertura das aulas, havendo por essa occasião Santissimo Sacramento exposto e missa cantada. Ao Evangelho subiu ao pulpito o sr. padre Caetano de Pinho e Silva, que pronunciou um discurso singello, mas muito doutrinal e que muito agradou aos ouvintes, tendo de mais a notabilidade de ter hido prégar quasi de improviso. No fim da missa houve o hymno a Santo Antonio e Santo Agostinho, que foi executado com gran de maestria, bem como toda a festividade. Officiou o muito revd.º parocho d'esta freguezia e assistiu um grande numero de clerigos. No fim do hymno foi cantado o «Genitori» e foi encerrado o Santissimo Sacramento. A egreja estava adornada com simplicidade, mas com gosto, notando se que o throno tinha um grande numero de luzes e de jarras de flores.

A filarmonica foi a de Oliveira de Azemeis, que n'este dia executou uma missa nova, composta por o sr. Pinho Junior, digno contra-mestre da mesma filarmonica. Agradou muito, tanto na maneira e bom gosto com que desempenhou a missa, como pelo gosto com que executou variadas peças.

A concorrencia foi muito grande.

Com esta festividade quiz o muito digno director mostrar que logo no começo d'esta

instituição, desejava unir o elemento religioso com o elemento instructivo.

No fim da festividade foi servido, em casa do sr. Fonseca, um lauto jantar, ao qual assistiram os clerigos que tomaram parte na funcção, os dignos professores do collegio e muitos convidados, entre os quaes figurava o sr. Antonio Bernardo da Costa Pinto e sua ex.ma filha. Houve alguns brindes. Sahiram penhoradissimos pelas maneiras affaveis e delicadas do sr. Fonseca e sua ex.ma esposa, que prodigalisaram immensos obsequios a todos os que n'esse dia tiveram a honra e prazer de serem por elles convidados.

Honra, pois, ao sr. Manuel Joaquim da Fonseca, que não se tem poupado a esforços nem a despezas para se levar a effeito a fundação d'este collegio.—Honra ao sr. fr. João de Santa Gertrudes, que tem sabido, com animo forte, arrostar com tantas difficuldades e sacrificios, para o bom exito d'esta tão util empresa.—Honra finalmente ao digno parocho d'esta freguezia e aos clerigos, que todos de bom grado vieram gratuitamente assistir á festividade.

O dia 12 foi de feriado geral. No dia 13 começaram as aulas, cujo serviço foi distribuido pelos professores, da fórma seguinte:

O sr. fr. João de Santa Gertrudes, director do collegio — latim e latinidade, e desenho linear.

O sr. fr. Francisco do Lado de Christo, 1.º sub-director do collegio — francez, italiano e mathematica elementar.

O sr. padre José Antonio da Rocha, prefeito do collegio — instrucção primaria (primeira parte) e grammatica portugueza.

O sr. padre Caetano de Pinho e Silva, 2.º sub-director do collegio — oratoria, poetica e litteratura; substituição de francez; e de latim e latinidade, coadjuvando na aula de instrucção primaria (primeira e segunda parte).

O sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot—philosofia, geografia, chronologia e historia, instrucção primaria (segunda parte) e substituição de oratoria.

O sr. Manuel José de Oliveira Heitor — principios de phisica e chimica e introducção á historia natural.

Abrir-se-ha uma aula de musica, logo que para ella haja numero sufficiente de alumnos.

Oxalá que tão util estabelecimento se conserve e progrida.

Bom local, agradavel vista de campo, optima cêrca para recreio, faceis vias de communicação, sitio hygienico, terra de recursos, ampla casa, professores bons, já pelos seus conhecimentos, já pela sua morigeração, eis em resumo as causas que levam a crer que este estabelecimento será em breve um dos primeiros no seu genero.

Couto de Cucujães, 14 de outubro de 1874.

OLIVEIRA D'ARDA (ou *do Árda*)—aldeia, Douro, freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho de Paiva, comarca e 15 kilometros ao N. O. d'Arouca, 1:500 metros ao S. do Douro, 30 kilometros ao E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Situada no degrau da serra de S. Domingos (assim chamada, por lhe ficar no seu plató uma ermida d'esta invocação—vol. 2.º, pag. 477, col. 2.ª) — O logar está a meia altura d'esta serra, que tem mais de 300 metros acima do nivel do rio Douro. Mesmo assim, é o logar muito abundante d'aguas, que regam alguns campos. É terra pobre, pois só tem uns quatro lavradores; o resto feminino da povoação, occupa-se em apanhar carqueija, que vae para o Porto, pelas Fontainhas — e o masculino, na profissão de almocreves, ou jornaleiros.

O que faz notavel esta aldeia, é a sua famosa capella de *Nossa Senhora das Amoras:* tanto que, por longe, não se dá á povoação o seu nome, mas o de *Senhora das Amoras.*

Junto ao logar (ao N.E.) ao sitio onde hoje se vê a ermida, se dava o nome de *Portella*, e era um sobreiral. Resa a lenda, que, pelos annos de 1450, appareceu um dos sobreiros carregado de amoras [1] e entre os

[1] Cumpre-me notar aos meus leitores — que o não saibam — que os sobreiros (ou sovereiros) quando são muito velhos, não dão bolotas; mas em seu logar um fructo muito semelhante ás amoras brancas (de amoreira) e de um gosto ácido e pouco agradavel pela sua aspereza. Tenho as visto e já as provei. Faço esta declaração, para que se

seus ramos, uma formosa imagem da Santissima Virgem; que foi achada por um lavrador d'esta aldeia.

No livro da confraria, que é do principio do seculo XVI, se menciona o apparecimento, sem se designar o nome do lavrador que primeiro viu a santa imagem.

Á noticia d'este achado, correu todo o logar ao sitio da Portella, vêr a Senhora, hindo tambem alguns clerigos que então aqui havia. Levaram todos logo a Senhora, em procissão, para a egreja matriz, que fica a uns 1:500 metros a N.E.—porém na manhan do dia seguinte, tornou a imagem a apparecer no mesmo sobreiro. Resolveu o povo cortar a arvore, para com a sua madeira fazerem na egreja um altar á Senhora; porém, o que pretendeu dar o primeiro golpe, em logar de cortar a arvore, deu com o machado um golpe em uma das pernas.

Então, entenderam que a Senhora queria ser alli mesmo venerada, e resolveram fazer-lhe uma edicula, a poucos passos do sobreiro, deixando n'elle a imagem, emquanto durava a obra. Concluida ella, fizeram uma grande festa á Senhora, e a levaram em procissão, para a nova ermidinha; mas, na manhan seguinte, tornou a Senhora a apparecer no seu sobreiro.

O povo então decidiu que a pequena ermida ficasse sendo capella-mór, e que se fizesse, para o O., o corpo da ermida, pois abrangia o sobreiro, que ficou no sitio de um dos altares lateraes, e foi serrado, para ficar servindo de peanha á Senhora; que, desde então, não tornou a fugir.

Ficou a imagem denominando-se, Nossa Senhora das Amoras, em memoria das que tinha o sobreiro; e tantos foram os milagres que logo lhe attribuiram, que os romeiros principiaram a concorrer á nova capella, não só das immediações, mas até de algumas leguas de distancia.

N'esta capella ha missa em todos os domingos e dias santificados.

não riam os incredulos, e para que me não chamem *milagreiro*, por causa das *amoras de sobreiro*.

Nos primeiros tempos, faziam-lhe a sua festa, a 25 de março (dia da Annunciação da Virgem); mas, passados alguns annos, se lhe principiou a fazer uma outra, ainda maior festividade, a 8 de setembro (dia da sua Natividade). Com o tempo, foi esquecendo a primeira festa, ficando a prevalecer sómente a segunda, que ainda hoje é uma das maiores romarias d'estas terras, acudindo aqui romeiros de muitas leguas em circumferencia, e até da cidade do Porto; de modo que, sendo o arraial muito pequeno (ainda é um souto de sobreiros, todos muito velhos), se espalha o povo pela serra, e enche as casas da aldeia.

Antigamente, n'este arraial—que principia no dia 6—havia todos os annos grandes desordens, e por vezes mortes; porém, desde que o vinho encareceu e se tornou mais raro, e as *policias-correccionaes* e as *querellas*, se tornaram mais bastas, se faz a romaria com muito mais ordem e socego.

A imagem da Senhora, é de *pedra de Ançan*, tendo apenas 0m,44 de alto; mas é formosa e de boa esculptura.

A capella não tem luxo de cantaria[1] nem é grande, e denota mais antiguidade do que lhe dá a tradição. Tem sido varias vezes concertada, e fizeram-lhe uma pequena torre de sinos; mas não se lhe alterou a sua primitiva architectura.

O seu adro foi cercado de um muro, de um metro d'altura, para nivelamento do terreno.

Tem ainda algumas alfaias soffriveis; porém antigamente, teve-as riquissimas; principalmente, uns paramentos da China, que de Gôa (India) lhe mandou um navegante, natural d'este logar, em acção de graças, e em cumprimento de um voto que fizera, por se livrar da morte, em um naufragio nos mares do Oriente.

OLIVEIRA DE CUNHEDO—freguezia, Douro, concelho de Pena-Cóva, comarca, districto administrativo, bispado e 30 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

[1] Por estes sitios não ha outra qualidade de pedra mais do que schisto, quartzo e algum basalto: o granito vem de muito longe, pelo que fica muito caro.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Foi antigamente da comarca d'Arganil, concelho de Farinha-Podre; depois, passou para o concelho da Tábua, comarca de Midões, até que passou para o concelho de Pena-Cóva, da comarca de Coimbra.

O prior de Pena-Cóva, apresentava annualmente o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil.

OLIVEIRA-DE-FAZE-MÃO — freguezia, Douro, concelho e comarca da Tábua (era do concelho da Tábua, comarca de Midões) 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 174 fogos.

Orago, S. João da Boa-Vista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

É terra fertil.

OLIVEIRA DE FRADES—Villa, Beira-Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. O. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, por opposição, apresentava o vigario, que tinha 100$000 rs. de congrua e o pé de altar.

O concelho d'Oliveira de Frades, é composto de 12 freguezias, todas no bispado de Viseu — são — Arca, Arcozéllo das Maias, Destriz, Oliveira de Frades, Pinheiro, Reigoso, Ribeiradío, S. João da Serra, S. Vicente, Sejães, Souto, e Varziellas.

Tinha mais as freguezias de Campia, Cambra, Carvalhal de Vermilhas e Alcofra, todas com 1:109 fogos, que passaram para o concelho de Vousella.

Tinha o concelho, quando era formado de 16 freguezias, 2:900 fogos, hoje apenas tem uns 1:800.

O territorio d'este concelho, é fertil em todos os generos do paiz.

Não pude obter mais esclarecimentos com respeito a esta freguezia, porque, tendo-os pedido ao seu reverendo parocho, não se dignou responder-me.

OLIVEIRA DO ARDA — Vide *Oliveira d'Arda.*

OLIVEIRA DO BAIRRO — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Anadia, 12 kilometros ao S. d'Aveiro, 35 ao N. O. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro. (Foi do bispado de Coimbra.)

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É a 31.ª estação do caminho de ferro do norte.

O concelho de Oliveira do Bairro, é composto de cinco freguezias, todas no bispado d'Aveiro — são — Fermentéllos, Mamarrosa, Oliveira do Bairro, Oian (ou Oyan) e Troviscal.

Teve mais duas freguezias, Nariz, com 225 fogos; e Palhaça, com 272, que passaram para o concelho e comarca d'Aveiro. Quando era composto de 7 freguezias, tinha o concelho 2:897 fogos — hoje tem 2:400.

Esta villa foi dos marquezes d'Arronches, condes de Miranda, senhores e, desde 5 de novembro de 1718, duques de Lafões — que eram tambem senhores donatarios das villas de Miranda do Côrvo, Jarméllo, Folgosinho, Sósa, Podentes, e Vouga. (Para se evitarem repetições, vide vol. 4.º, pag. 12, col. 1.ª e seguintes.)

É terra fertil, sendo muito e excellente o seu vinho, que é do denominado da Bairrada.

Tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 6 d'abril de 1514. (*L.º dos Foraes novos da Extremadura*, fl. 85 v., col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes — *Bairro do Móguo, Lavandeira, Monte Longo, Padella, e Repelam.*

Em março de 1874, se concluiu o edificio dos paços d'este concelho, e já n'elle estão estabelecidas todas as repartições publicas do concelho.

E' um edificio bonito, vasto e elegante.

—

Tambem, pela mesmo razão que dei em Oliveira de Frades, não posso dar mais noticias d'esta villa.

OLIVEIRA DO CONDE—villa, Beira-Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba-Dão, 30 kilometros de Vizeu, 255 ao N. de Lisboa.

Tem 1:000 fogos.

Em 1757, tinha 557 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado, e districto administrativo de Vizeu.

O conde de Villa Nova (de Portimão) apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga. O rei D. Diniz, lhe deu foral em 1286. (Franklin não traz este foral.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1516. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 145 verso, col. 1.ª).

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:—Bem-Jazer, Fonte de Frade, Oliveirinha, Travanca, e Villa-Mean.

—

E' barão d'Oliveira do Conde o sr. Miguel Borges do Castro Tavares e Azevedo — feito em 21 de novembro de 1866.

—

Oliveira, é um appellido nobre em Portugal. O ramo principal dos Oliveiras, foi tomado d'esta villa.

O 1.º que com elle se acha, é Pedro d'Oliveira; pae de D. Martim Pires d'Oliveira, arcebispo de Braga, de Pedro Fernandes d'Oliveira, e de Mem Pires d'Oliveira.

Suas armas, são—em campo de púrpura, uma oliveira verde, com azeitonas, e perfilada d'ouro, e com raizes de prata.

Elmo d'aço, cerrado—timbre, a oliveira das armas.

Antonio Marques d'Oliveira, sendo consul em Flandres, e servindo valorosamente a Carlos V, no cerco da cidade de Anvers, lhe deu este imperador novas armas, em 4 de abril de 1545—são—escudo dividido em faxa, na 1.ª, d'ouro, uma aguia negra—na 2.ª, de púrpura, uma cidade, de prata, com suas torres e muros—elmo d'aço, aberto—e timbre, a aguia das armas.

Os descendentes de Francisco d'Oliveira, trazem por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º quartel, d'ouro, tres montes de terra, em faxa; de cada um dos lados sáe um ramo de ortigas verdes, que se cruzam em aspa—no 2.º e 3.º, d'azul, duas caldeiras, d'ouro, carregadas de tres faxas de xadrez, do mesmo e purpura, com seis cabeças de serpe, d'ouro, em cada pegado das azas (trez para fóra, e tres para d'entro.) Orla de arminho, carregada de 8 mosquêtas negras. O mesmo elmo e timbre dos antecedentes.

Nossa Senhora dos Milagres

No termo d'esta villa, mas já no districto da freguezia de S. Christovão de Cabanas (vol. 2.º, pag. 6, col. 2.ª) junto ao logar de Lanceiras (ou Laceiras) está a famosa capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, edificada em um têso, a que chamam *Lomba de S. Thiago*, por que aqui houve, em tempos antigos, uma pequena ermida, dedicada áquelle santo apostolo.

Sobre as suas ruinas, se edificou a vasta capella actual, a cuja padroeira attribue o povo d'estas terras, innumeraveis prodigios e por isso lhe deram o titulo de Nossa Senhora dos Milagres.

Um devoto ecclesiastico, do logar das Lanceiras, chamado Domingos Gomes, para se entregar a uma vida contemplativa, e de oração e mortificação, se fez eremita, da capella de Nossa Senhora do Castello, d'Azurára (Mangualde d'Azurára) onde assistiu alguns annos, melhorando muito a ermida.

Falleceu n'esse tempo seu pae, ficando-lhe a mãe, já muito velha, que vivia em Lanceiras, onde o filho a vinha visitar muitas vezes, dando-lhe aquillo de que ella carecia.

O amor que tinha a sua mãe o movia a desejar assistir mais perto d'ella.

Em uma d'estas visitas foi o padre, ao sitio da Lomba de S. Thiago, onde tinha umas terras, e, vendo os vestigios da ermidinha de S. Thiago. decidiu fundar alli uma capella á Santissima Virgem, para n'ella viver em solidão, como havia feito em Azurá-

ra, e para estar mais perto de sua mãe, e mais promptamente a poder soccorrer em suas necessidades e doenças.

Communicou os seus intentos a alguns amigos d'estes sitios, que o quizeram despersuadir, fundando-se nas grandes despezas que era preciso fazer, e ás quaes era muito difficil occorrer; porem o virtuoso clerigo, foi por deante no seu plano, e pediu, e obteve finalmente, licença do bispo respectivo, dando logo principio á edificação, o que teve logar pelos annos de 1680, e em pouco tempo estava concluida a capella, que é uma das melhores d'estes sitios.

Está toda, interiormente, revestida de azulejos, com differentes scenas da vida de Nossa Senhora; e com boas pinturas nos tectos. Tem uma boa sachristia, e amplas casas, para hospedaria dos romeiros, que concorrem aqui em grande numero, em varios dias do anno; e residencia de um capellão.

Com as esmolas dos romeiros, se foi adornando a capella, e comprando optimos paramentos e alfaias.

Passados alguns annos, alli assentou a ordem terceira o seu consistorio e casa de despacho, e a ella vem assistir os ministros da ordem; por não haver aqui perto, convento de S. Francisco, n'aquelle tempo.

A festa principal da Senhora, se faz a 15 d'agosto (dia da sua Assumpção) e é sempre concorridissima por gente de muitas leguas em redor: havendo então jubileu geral, para todos os que visitarem esta casa.

Mas, alem d'este dia, em todo o anno se fazem aqui romarias.

Ha uma *via-sacra*, não de cruzes, mas de 13 bonitas ermidas, tendo cada uma, a imagem, de vulto, de Jesus Christo, de muito boa esculptura, representando os differentes passos da sua paixão.

Foram todas construidas pelo fundador da capella, á custa das offertas e esmolas dos romeiros, e estavam concluidas em 1706, anno em que ainda vivia o padre Domingos Gomes.

Nossa Senhora dos Carvalhaes

Tambem no termo d'esta villa, junto a uma ribeira chamada *Cabaninhas*, proximo ao logar de Alvaréllos, está a capella de Nossa Senhora dos Carvalhaes, onde tambem se fazem, pelo decurso do anno, grandes romarias, pela fama dos muitos milagres que se attribuem á padroeira, que é de pedra, de boa esculptura, de um metro d'altura, encarnada, pintada e dourada.

Está no altar-mór, que é muito rico e perfeito. Tem mais dois altares lateraes.

O sitio onde está a capella (que é bonito e vasto) é muito fresco e ameno, e em redor do templo ha bastantes casas, para hospedagem dos romeiros, e para a residencia do ermitão e da sua familia.

Ha tambem uma *via-sacra*, formada de cruzes de pedra, todas eguaes, que chegam até ao logar de Alvarellos.

Tem a Senhora uma irmandade, que a serve e lhe faz a festa, no dia da sua Natividade (8 de septembro).

Na quaresma, vem a esta capella o parocho d'Oliveira do Conde, com os seus parochianos, em procissão, nos sabbados de todas as semanas.

Segundo a lenda, havia n'este sitio, em tempos antigos, um souto ou deveza de carvalhos cerquinhos, e no tronco de um d'elles appareceu a imagem da Virgem, pelo que alli se lhe erigira logo uma capella.

Sabe se que este templo é antiquissimo; mas ignora-se o anno da apparição e da fundação da capella; porem na pianha da Senhora (que é feita da mesma pedra de que se fabricou a imagem, e provavelmente do mesmo tempo) se vê, em algarismo, a data de 1001, que se suppõe ser a era 963 de Cesar, porque então geralmente se contavam os annos.

Sendo assim, foi esta imagem feita durante o reinado de D. Ramiro II, de Leão, que era senhor de Portugal, que já então comprehendia os territorios de Coimbra, Viseu, Lamego, Arouca, e outros mais ao S. do Douro, e todos as que ficavam Entre Douro e Minho.

E' provavel que esta imagem pertencesse a outro templo, e que os christãos a escondessem n'este carvalho, 18 annos depois de feita, para a livrarem das profanações dos

mouros. Na era de 1019 (981 de Jesus Christo). Almançor, rei de Córdova, invadiu Portugal com um grande exercito, reduziudo tudo a ferro e fogo, não escapando um só templo, nas terras por onde passou.

Eram então—bispo de Coimbra, Velivifo; de Viseu, Iquilla; e de Lamego, Jacobo.

Estiveram estas terras, sob a cruel dominação agarena, até ao anno de 1058 de Jesus Christo, no qual, o rei D. Fernando, o Magno, de Castella, se tornou senhor absoluto de Portugal, expulsando os mouros, para sempre.

E' pois de suppor que a capella fosse construida pelos fins do seculo XI; porem tem soffrido tantas reparações que já nada se vê que nos revele tão grande antiguidade.

OLIVEIRA DO DOURO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi da comarca de Résende, concelho de Ferreiros de Tendaes) 24 kilometros ao N. O. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 600 fogos.

Em 1757, tinha 357 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era muito rendoso.

Como se vê da sua população, é uma das maiores freguezias ruraes, do bispado de Lamego, e tambem uma das mais ferteis e ricas.

Está situada em terreno bastante accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, e atravessada por alguns ribeiros, que a regam, fertilisam, e fazem mover varios moinhos de pão.

Produz esta freguezia, em grande abundancia, todos os fructos do nosso paiz, e todos de qualidade excellente. O seu azeite, é do melhor do reino; e o seu vinho, chamado do *Baixo-Douro*, posto ser verde, é de optima qualidade.

Faz grande commercio (pelo Douro) com a cidade do Porto, para onde exporta os seus productos agricolas, e muita e optima madeira.

E' n'esta freguezia o grande e rico logar de *Boáças*, que foi villa e cabeça de couto, ao qual D. Affonso III deu foral, em Santarem, a 15 de março de 1253 (*L.º 1.º de Doações, do rei D. Affonso III*, fl. 1, col. 1.ª, in principio).

Está situado sobre a margem esquerda do Douro, e tem muitas e boas casas.

A freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia em 922 de Jesus Christo, no reinado de D. Ordonho II, primeiro rei de Leão, sendo então senhor d'esta freguezia, o conde Rodrigo Lucidio, que a doou, com outras propriedades e rendas, ao mosteiro de *Castromire*. (Vide, vol. 2.º, pag. 448, col. 1.ª)

Annexa a esta, está a freguezia, tambem antiquissima, da *Ermida do Douro*, cuja abbadia passou para Oliveira. (Vol. 3.º, pag. 48, col. 1.ª)

Proximo ao logar de Boaças, na estrada que vae para Oliveira, está uma *anta*, celtica, a que chamam *Pedra que bóle* (penedo oscilante.)

Qualquer pessoa, e, ás vezes, até o vento, a faz mover em sentido horisontal.

Ha tambem aqui proximo a esta anta, uma gruta ou caverna, chamada *lapa da Chan*, que póde abrigar 12 pessoas. Já aqui se teem agarrado ladrões, que se acharam acoutados na lapa.

N'esta freguezia, e na da Ermida existiram n'outros tempos, muitas familias nobres, e ainda aqui ha descendentes d'ellas, e casas de ricos proprietarios.

OLIVEIRA DO DOURO—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 292 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

O arcediago d'Oliveira, da Sé do Porto, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O nome mais antigo que se conhece a esta freguezia, é *Ulveira*, e é assim que vem designada no foral que D. Manuel deu a Villa Nova de Gaia, em 20 de janeiro de 1875.

De *Ulveira*, facilmente degenerou em *Oliveira*.

Depois, em razão do mosteiro de conegos de S. João Evangelista, d'esta freguezia, se chamou tambem *Oliveira dos Conegos*.

Esta parochia está formosa e pittoresca. mente situada, sobre a margem esquerda do rio Douro, na vertente septentrional de uma cordilheira que corre parallela com o rio, desde que elle entra em Portugal, e vai terminar em São Payo, junto á foz do Douro.

Esta serra tem varios nomes, segundo as terras por onde passa, e os rios ou ribeiros que a cortam.

Fica em frente das freguezias de Campanhan, e Val Bom (na margem direita do Douro) e do antigo seminario episcopal do Porto. Pelo N. E., está dividida da grande freguezia d'Avintes, pelo ribeiro *Febros*, que morre no Douro, com o nome de *Esteiro*.

O seu territorio é fertillissimo em todos os generos agricolas do paiz, e abundante de optimo peixe do Douro e do mar.

Cria muito gado bovino para exportação e faz grande commercio diario com a cidade do Porto, por terra e pelo rio.

E' n'esta freguezia o celebrado *Areinho*, planicie cultivada, junto á margem do rio, passeio favorito, aos domingos, segundas-feiras e dias sanctificados, de certas classes de gente da cidade, principalmente actrizes e actores.

N'este areal, se pescam muitos saveis e lampreias, desde dezembro até junho.

Estão tambem n'esta freguezia as duas quintas da *Pedra-Salgada*, uma dos herdeiros de Ayres Pinto, que foi regedor das justiças, do Porto; e outra, dos herdeiros do general realista, José Cardoso de Carvalho. (Vide *Armamar*.)

A quinta da *Lavandeira*, perto da que foi cerca do mosteiro; notavel pela sua belleza, e pelas suas plantas exoticas, sobre tudo arvores e arbustos, e por um grande lago, aformoseado com uma ilha, povoada de camelias, grande variedade de cedros, araucarias, etc. Foi de Joaquim da Cunha Lima Oliveira Leal, que n'ella estabeleceu uma granja-modello, com subsidio do governo, onde se ensaiavam e ensinavam os novos systemas de agricultura.

E' hoje do sr. Joaquim Correia Moreira.

A *quinta de Santo Aleixo*, bonita vivenda do sr. Caetano de Mello Lemos de Menezes, da antiga casa de Fataunços, irmão do sr. Antonio de Mello Lemos de Menezes, e primo da sr.ª D. Maria Hellena de Castro Pamplona de Sousa Hollestein, condessa da Ribeira, residente no seu palacio da Junqueira, em Belem.

Alem d'estas, que são mais notaveis, por ficarem á beira do rio, e serem tambem passeio favorito de algumas familias do Porto, ha na freguezia outras muitas e importantes quintas.

—

E' n'esta freguezia o mosteiro de *Nossa Senhora da Conceição, de Oliveira*, de conegos regrantes de S. João Evangelista (loyos) fundado em 1679.

A egreja era vasta e sumptuosa, e o edificio do mosteiro, amplo e formosissimamente situado.

A sua cêrca, de uma grande extensão, chegando pelo N. ao Douro, pelo N. E. e E. ao Esteiro d'Avintes, e pelo S. O. até junto da egreja matriz da freguezia, era uma das mais formosas, ricas e pittorescas d'este reino, e não conheço nenhuma que se lhe podesse comparar em belleza de situação, e em formosura de disposição, em quanto foi dos conegos, que aproveitaram todas as ondulações e accidentes do terreno, para a transformarem em uma encantadora estancia de fadas.

Aguas crystalinas, de optima qualidade, e habilmente aproveitadas, rebentam em varios sitios d'esta quinta, tanto ao sopé do monte, como no ponto culminante (o pombal) e conduzidas em todas as direcções, por encanamentos de pedra, hiam regar e fertilizar as diversas terras da cêrca.

Grande numero de tanques, de formosa cantaria, recebiam estas aguas, que d'alli se repartiam convenientemente. Magestosas arvores seculares, formando uma abobada impenetravel aos raios do sol do estio, offereciam aos passeantes um retiro fresco e agradavel.

Bancos de pedra, dessiminados pelo bosque; formosissimas grutas, com embrexados, todas adornadas de fontes d'agua purissima; estatuas, casas de fresco, caramanchões e mirantes cobertos de lindas trepadeiras, faziam d'esta cerca um verdadeiro paraizo.

Junto ao mosteiro, era o amplo jardim, elevado alguns metros do solo adjacente, e cercado por uma bella balaustrada de pedra, contendo lindos arbustos e formosissimas flores. Finalmente, na cerca d'este mosteiro, tudo eram maravilhas da arte, e da natureza.

Os frades a franqueavam aos visitadores, e tinham mesmo orgulho de que ella fosse vista e admirada.

Mas o Destino, tinha marcado no seu fatidico livro, a hora fatal, o termo desgraçado de tantas formosuras! A *illustração*, palavra bombastica, que tem servido de mascara a tanta miseria, decretára a expulsão dos frades, dos seus mosteiros—pelo *crime atroz* de orarem ao Omnipotente; de conservarem a religião do Cruxificado em toda a sua pureza; de prégarem o Evangelho, nos selvaticos palmeiraes da America, nas perigosas cidades e aldeias da Asia, e nos ardentes sertões da Africa.

Sobre estes *crimes*, commettiam outros tambem dignos de severo castigo—repartiam o pão do espirito e o pão do corpo a todos aquelles que tinham fome de pão ou de instrucção; e semeavam por toda a parte beneficios, e... quasi sempre, colhiam ingratidões!

O mosteiro de Oliveira, entrou na *lista* dos *bens nacionaes*.

Marcellino Maximo d'Azevedo e Mello, havia fornecido as forragens ao exercito liberal: e, como depois da guerra civil, o thesouro não tinha dinheiro para lhe pagar, satisfez-lhe a divida, com o edificio do mosteiro, a cerca e varias terras de fóra d'ella, que tambem pertenciam aos congregados loyos.

Depois deu-se ao mesmo Marcellino Maximo de Azevedo e Mello, o titulo de visconde d'Oliveira (em 10 de março de 1842)

Ainda vive a senhora viscondessa viuva.

Teve tres filhos—os srs. Bernardo, João e Antonio, d'Azevedo e Mello. Este ultimo falleceu, em novembao de 1875, no estrangeiro. Os outros ainda vivem.

No fim do artigo, darei rapidas noticias sobre a familia do 1.º visconde de Oliveira.—A sr.ª viscondessa, é irmã do sr. Joaquim Correia Moreira, da quinta da Lavandeira, d'esta freguezia.

—

Para conservar a cerca no esplendor, belleza e magnificencia em que a tinham os religiosos, era preciso uma grande despeza annual, a que o sr. visconde não estava resolvido; pelo que foi deixando pouco a pouco deteriorar tudo, e actualmente confrange-se o coração ao ver tanto destroço.

Os encanamentos estão destruidos, os tanques, inuteis, desmantellados, ou entupidos; a maior parte do frondoso arvoredo, foi arrancada e vendida, não escapando mesmo as arvores fructiferas — finalmente, tudo hoje n'esta propriedade é devastação, silencio e desgraça! Para cumulo da infelicidade, até o, outr'ora vasto campo da *Ribeira*, dentro da cerca, vae desapparecendo pouco a pouco, levado pelas enchentes do Esteiro!

A grande livraria do mosteiro, foi invadida em 1834, e d'ella roubados os melhores livros, ficando apenas os de menos valor.

Ainda ha 5 ou 6 annos, alli existiam alguns centos d'elles, esquecidos e desprezados, em montões sobre o pavimento, cheios de pó, cobertos de têas d'aranha, traçados e podres.

A egreja, que não foi vendida e portanto ainda *pertence á fazenda publica*, nunca mais, desde 1834, foi reparada, e está a desmoronar-se.

Eis tudo quanto resta d'esta que foi formosissima e magnifica vivenda dos conegos

da congregação de S. João Evangelista, d'Oliveira do Douro.

Para se fazer idea do que foi, e do que ainda póde vir a ser, note-se que—ainda em 1870 foi offerecida á sr.ª viscondessa, por esta propriedade, a quantia de 17:000$000 réis.

—

A egreja matriz da freguezia, é um templo vasto, de formosa architectura, e luxuosamente decorado no interior.

Está edificado em um alto, d'onde se gosam extensas e formosissimas vistas, em todas as direcções, vendo-se tambem, a O. N. O., parte da cidade do Porto.

Fica sobranceira e a pouca distancia, ao O., do que foi mosteiro.

Em frente, e ao N. d'esta freguezia, na margem opposta do Douro, fica a formosa quinta do *Freixó*, que foi dos viscondes d'Azurára (Tavoras) e hoje é dos srs. viscondes do Freixo. (Vol. 3.º, pag. 233, col. 1.ª.)

—

O 1.º visconde d'Oliveira, é descendente de D. Arnaldo de Bayão, filho de Wilhelmo I, duque de Baviera, eleitor do imperio romano, e proximo parente dos imperadores. Floresceu nos seculos X, e XI.

D. Arnaldo, perdendo uma batalha, contra Hugo, conde de Arles, se desterrou voluntariamente da sua patria, no intuito de vir guerrear os mouros na peninsula-hispanica.

Desembarcou no Porto, com alguma gente que trazia, e offereceu os seus serviços ao rei D. Bermudo II, de Navarra (filho de D. Ordonho IV, e acclamado rei em 982.)

D. Bermudo lhe deu tropas, com as quaes conquistou aos mouros mais de 10 leguas quadradas de territorio, nas duas margens do Douro.

Fez seu assento em Bayão (vol. 1.º, pag. 351, col. 1.ª) e d'esta villa tomou o appellido. Pelo mesmo motivo se denominaram os seus descendentes—*de Riba-Douro.*

Usou por armas, a aguia negra do imperio allemão, como descendente dos imperadores, e estas armas conservam ainda seus descendentes.

D. Affonso IV, filho de D. Bermudo II, o fez rico-homem, de pendão e caldeira, pelos annos de 1010.

Era casado com D. Ufa, filha do conde D. Gozendo (ou Gozindo) Ataufes, e de sua mulher, D. Ufa Ufes (outros dizem—*Ufa Soares Belgazor*) filha do conde D. Ufo Hufes, governador de Vizeu, e irman de Santa Senhorinha.

D'este casamento, tiveram—

D. Guido Arnaldes de Bayão, progenitor dos Barretos.

D. Gozendo Arnaldes de Bayão, rico-homem de pendão e caldeira, que tambem foi um esforçado capitão. Casou com D. Aldonça Gutierres, filha do conde D. Alonço Gutierres, e de D. Velasquinha Egas, ambos parentes de Santa Aldara, e descendentes do rei Wamba. D'este casamento nasceu—

D. Egas Gozendes, rico-homem, de el-rei D. Affonso VI, e do seu conselho, e mordomo-mór da rainha D. Thereza, filha d'aquelle monarcha, e mãe de D. Affonso I, de Portugal. Fundou a villa de Cernancelhe, e lhe deu foral, em 26 de outubro de 1124. Era casado com D. Ufa Viegas, filha de Egas Henriques e de D. Gontinha Eiriz, fundadores do mosteiro de Freixo.

D'este casamento, nasceu D. Hermigues Viegas de Bayão, que succedeu nos senhorios de Bayão — e —

D. Godinho Viegas, rico-homem, que herdou as terras que seu pae havia tomado aos mouros; e fundou o famoso mosteiro de Villar de Frades (dos *bons homens de Villar*). Casou com D. Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes, rico-homem, e fundador do mosteiro da Varzea. Por ciumes, assassinou sua mulher injustamente, e, em duello, foi morto por D. Payo Gutierres da Silva. D'este casamento houve—

D. Payo Godins, rico-homem, casado com D. Maria Annes, filha de Martim Annes, senhor do Avinhal. D'este casamento, nasceu—

D. Mem Paes Roufinho (ou Roufom), rico-homem, 1.º senhor da quinta d'Azevedo, na qual fez solar, e d'ella tomou o appellido. Foi senhor de *Castro* (que desde então se denominou — *Villa do Conde*) o que consta do cartorio que foi do mosteiro de Tibães.

Foi tambem senhor da villa de Santa Maria de Estella.—Foi casado com D. Sancha Paes Curvo, filha de D. Payo Curvo, rico-homem de Galliza. Foi seu filho—

D. Pero Mendes d'Azevedo, rico-homem, de D. Sancho I, e senhor d'Azevedo. Casou com D. Velasquita Rodrigues, filha de Pero Forjaz, *o Bom*, rico-homem (descendente do conde D. Mendo, irmão de Desiderio, ultimo rei dos longobardos) e de sua mulher, D. Isabel Romães, filha do infante e conde, D. Romão (filho de D. Fruella II, primeiro rei de Leão. D'este casamento nasceu—

D. Soeiro Paes d'Azevedo, rico-homem, e 3.º senhor d'Azevedo. Casou com D. Constança Affonso Gato, e teve por filho—

Payo Soares d'Azevedo, rico-homem, 4.º senhor dos coutos e terras d'Azevedo, e embaixador de Portugal a Castella, por el-rei D. Diniz. Casou com D. Thereza Gomes Correia, sobrinha do grão-mestre de S. Thiago, o famosissimo D. Payo Peres Correia, conquistador do Algarve. Foi seu filho—

Vasco Paes d'Azevedo, rico-homem, 5.º senhor dos coutos e terras d'Azevedo. Casou com D. Maria de Vasconcellos, descendente do intrepido Martim Moniz, que morreu atravessado na porta do N., do castello de Lisboa, em 21 de julho de 1147.[1] D'este casamento nasceu—

Gonçalo Vasques d'Azevedo, rico-homem, 6.º senhor d'Azevedo, bravo capitão, que se distinguiu na batalha do Sallado. Casou com D. Berengaria (ou Berengella) Vasques da Cunha, senhora da Povoa de Varzim e outras terras. Ascendente dos condes de Pontevel e Povolide, em Portugal, e dos duques de Ossuna, e Escallona, marquezes de Lixa, e Vilhena, e condes da Tábua e Ruendia, em Hespanha. Houve d'este casamento—

Diogo Gonçalves d'Azevedo (o de Castro), rico-homem, e 7.º senhor de Azevedo e do solar de Castro. Este homem foi a deshonra da sua familia, toda composta de leaes portuguezes. D. Fernando I de Portugal, disputou a corôa a D. Henrique II de Castella (1369) pelo que houve uma guerra entre as duas nações, que terminou pelo tratado d'Evora, feito a 31 de março d'esse anno. Diogo Gonçalves, bandeára-se com os castelhanos, porém teve o devido castigo, morrendo ás mãos dos portuguezes, no cêrco que os castelhanos pozeram a Guimarães. Tinha casado com D. Aldonça Coelho da Silva, filha de João Soares Coelho (o primeiro que tomou o appellido *Coelho*), filho de Soeiro Viegas, bisneto do famoso D. Egas Moniz, e progenitor das casas de Felgueiras, Vieira, Fermedo, Bomjardim, Montalvão, e outros. Houve d'este casamento—

Lopo Dias d'Azevedo, senhor dos coutos e terras d'Azevedo. Este recuperou a honra da sua familia, pela sua fidelidade a D. João I, de Portugal, que pelas suas proprias mãos o armou cavalleiro, em Aljubarrota, antes da gloriosa batalha de 14 de agosto de 1385; na qual se portou com tamanha bravura, que o rei lhe deu os senhorios de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Jales, e os *direitos reaes* da honra de Frazão, no mesmo anno de 1385. Foi tambem senhor das Terras de Bouro. Casou com D. Joanna Gomes da Silva, filha de Gonçalo Gomes da Silva, alcaide-mór de Monte-Mór-Velho, senhor de Vagos e de outras terras, e de sua mulher D. Leonor Gonçalves Coutinho, progenitores dos marquezes de Vagos, e de Marialva, dos condes do Redondo, e d'outras nobilissimas casas d'este reino. Tambem d'elles procede o nosso legendario, Alvaro Gonçalves Coutinho, *o Magriço*.

Houve d'este casamento:

Martim Lopes d'Azevedo, ao qual, por mercê de D. Affonso V, passou o senhorio das terras e coutos d'Azevedo.

Foi armado cavalleiro, pelo infante D. Pedro, na tomada de Ceuta (14 d'agosto de 1415.)—Tinha sido um dos famosos DOZE DE INGLATERRA (1390.)

Foi, em 1418, capitão de uma das náos do infante D. Henrique, que deram principio ás nossas descobertas no Ultramar.

Morreu em 20 de setembro de 1437.

Era casado com sua prima, D. Leonor de Azevedo, e é o progenitor dos senhores de

[1] D'este Martim Moniz, descendem tambem os marquezes de Castello-Melhor, os condes de Figueiró (que já não ha) e todos os mais Vasconcellos legitimos de Portugal do Brasil.

Azevedo, cujo principal representante é actualmente o sr. Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca, feito visconde d'Azevedo em 19 de agosto de 1846.

João Lopes d'Azevedo (irmão do antecedente) 2.º senhor de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Terras de Bouro, Souto, honra de Frazão, e Pereira.

Foi védor da fazenda de D. Affonso V.

Casou com D. Leonor Leitão, filha de Vasco Martins Leitão, senhor de Otta — e teve:

Diogo Lopes d'Azevedo, 3.º senhor de S. João de Rei e dos mais senhorios de seu pae.

Casou com D. Catharina do Carvalhal, filha de Martim Gonçalves do Carvalhal, [1] — e teve:

Diogo d'Azevedo, 4.º senhor de todos os dominios de seu pae.

Casou com D. Maria Coutinho da Cunha e Vilhena, filha de Fernão Coutinho, senhor de Celorico de Basto, e Monte-Longo, da casa de Marialva. Tiveram:

Pedro Lopes d'Azevedo, 5.º senhor dos vinculos de seu pae; casado com D. Maria Ribeira, filha de Diogo Fernandes, escrivão dos contos da praça d'Arzilla (Africa), e tiveram:

Antonio de Azevedo Coutinho, 6.º senhor de S. João de Rei, etc. — commendador da ordem de Christo, da commenda de S. João de Concieiro.

Casou com D. Mayor Coutinho da Cunha, filha de D. Xisto da Cunha, da casa dos condes do Pinheiro.—Tiveram:

Vasco Fernandes de Azevedo Coutinho, 7.º senhor de S. João de Rei, etc.

Casou com D. Joanna Coronel, filha de Leonardo Nunes, cavalleiro da ordem de Christo, physico-mór, dos reis, D. João III, e D. Sebastião.—Tiveram:

Diogo d'Azevedo Coutinho, 8.º senhor, etc.

Casou com D. Brites Maria da Silva, herdeira da casa da *Tapada*, filha de Francisco de Sá e Menezes, senhor da casa da Tapada. Tiveram:

[1] Casou em segundas nupcias, com D. Ignez Pereira, filha de Gonçalo Rodrigues de Abreu, de cujo consorcio houve só uma filha.

Vasco d'Azevedo Coutinho, 9.º senhor, etc., e da quinta da Tapada, mestre de campo de infanteria.

Casou com D. Luiza Ignacia Coutinho, filha e herdeira de Diogo de Castilho.—Tiveram:

Rodrigo d'Azevedo de Sá Continho, 10.º senhor dos dominios de seu pae.

Casou com D. Maria Manuella Mosqueira Sotto-Maior, filha de D. Luiz de Mosqueira Sotto-Maior, fidalgo gallego, senhor da villa de Payo-Moniz.—Tiveram:

Luiz Manuel d'Azevedo de Sá Coutinho, 11.º senhor, etc.—e da quinta da Tapada.

Casou com D. Barbara Michaella de Athaide e Menezes, filha de D. Antonio d'Azevedo e Athaide.—Tiveram:

D. Rodrigo Manuel de Sá Coutinho, 12.º senhor, etc.—casado com D. Angelica da Silva e Azevedo.—Tiveram:

D. Luiz d'Azevedo de Sá Coutinho, commendador da ordem de Christo, capitão de caçadores, e senhor da casa da Tapada.

Casou com D. Maria de Lima Araujo e Azevedo, filha do abbade de Lobrigos (irmão do conde da Barca.)—Tiveram:

D. Rodrigo d'Azevedo de Sá Coutinho, que é o actual senhor da casa da Tapada. [1]

De Luiz Manuel d'Azevedo de Sá Coutinho, e de sua mulher D. Barbara Michaella de Athaide e Menezes, 11.ºs senhores de S. João de Rei, Tapada, etc., nasceu tambem Rodrigo Manuel de Sá Coutinho, e:

Bernardo d'Azevedo Carvalho e Mello, pae do 1.º visconde de Oliveira, e avô do filho primogenito d'este, o sr. Bernardo de Azevedo Mello e Carvalho, actual representante da casa dos viscondes de Oliveira.

Para mais esclarecimentos sobre os differentes ramos d'es-

[1] Foi senhor da casa da Tapada, e é progenitor dos viscondes de Oliveira e de Azevedo, e dos actuaes senhores da Tapada, o nosso famoso classico, *Francisco de Sá de Miranda*.

ta familia, vide *Bayão, Carrazedo de Bouro, Castanheira* (do Riba-Tejo) *Fiscal, Lama, e Tapada.*

OLIVEIRA DO HOSPITAL—villa, cabeça de concelho do seu nome, comarca da Tábua (foi da comarca de Midões) 60 kilometros a E. de Coimbra, 6 de Midões, 24 d'Arganil, 27 de Gouveia, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 260 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Exaltação da Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O commendador de Malta, da villa, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Oliveira do Hospital, é composto de 19 freguezias, todas no bispado de Coimbra, e com 5:100 fogos.

São—Aldeia das Dés, Alvôco das Varzeas, Avô, Bobadella, Ervedal, Lagares, Lagiosa, Lagos da Beira, Lourosa, Meruje, Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital, Penalva d'Alva, Santa Ovaia, S. Payo de Codêço, S. Sebastião da Feira, Seixo do Ervedal, Travanca, e Villa Pouca da Beira.

Antigamente, tinha este concelho apenas 2:100 fogos, porque era composto só de nove freguezias, que eram: Bobadella, Lagares, Lagos da Beira, Lagiosa, Meruje, Nogueira do Cravo, Oliveira do Hospital, S. Payo de Codêço, e Travanca.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de fevereiro, de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 143 v.º, col. 1.ª) Serve tambem para *Gavinhos.*

Bobadella, Lagos da Beira, Lagares, e *Nogueira do Cravo*, tambem tinham foraes novos, dados por D. Manuel.

Consta que D. Diniz, já havia dado foral a Bobadella, e D. Pedro I, a Lagos da Beira; mas Franklim não os traz.

Todas estas quatro povoações que tinham foral especial, foram cabeças de concelho.

Oliveira do Hospital tinha grandes privilegios, por ser de uma das commendas de Malta.

Esta villa, Bobadella e Lagares, eram no meiado do seculo passado da provedoria da Guarda, e da comarca de Vizeu; depois, passaram para a correcção d'Arganil, e por fim, para a comarca de Midões; e, sendo esta supprimida, por causa dos tristemente celebres *Brandões*, são actualmente da nova comarca de Tábua, para onde foi transferida a séde da comarca de Midões.

Ha na egreja d'esta villa, dois mausoleus de architectura gothica, onde consta estarem sepultados dois portuguezes, da extincta familia dos *Amaraes, de Touriz;* os quaes, viajando pela França, obtiveram alli, pelas suas façanhas, o titulo de *condestaveis.*

O terreno d'este concelho é muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, que exporta em grande quantidade.

(Em 1873, no termo da villa e no *Carregal do Sal*, foi tão abundante a colheita do vinho, que não houve vasilhas para o recolher, chegando a vender-se a 600, 500, e até a 400 réis o almude!)

Tem estação telegraphica, que principiou a funccionar em 2 de agosto de 1875.

Está estabelecida na casa da camara.

Atravessam este concelho varios ribeiros e regatos, que regam, fazem mover differentes moinhos de pão, e trazem peixe miudo.

—

Oliveira do Hospital, é tambem um appellido nobre n'este reino.

Procede de Domingos Soares d'Oliveira do Hospital, pae de Martim Rodrigues do Amaral, e avô de frei André do Amaral, que foi do conselho do rei D. Manuel, e seu chanceller-mór; ao qual se passou carta de brazão d'armas, em 25 de abril de 1515—e são —em campo azul, aspa de prata, firmada, entre 4 flores de liz, d'ouro.—Elmo d'aço, aberto, timbre, a aspa das armas, com uma das flores de liz no centro.

OLIVEIRINHA—freguezia, Douro, comarca, concelho, districto administrativo, bispado e proximo d'Aveiro, 60 kilometros ao S. do Porto, 250 ao N. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Esta freguezia, ainda não existia em 1757; formava parte da freguezia d'Eixo, que é

contigua; da qual depois foi desmembrada, para constituir freguezia independente.

Ha aqui uma grande feira de gado, cereaes, etc., a 21 de cada mez, das maiores do districto. [1]

E' terra fertilissima em todos os generos do paiz, e abundante de peixe, tanto do Vouga como do mar.

(No artigo *Eixo*, vol. 3.º, pag. 10, col. 2.ª, ha muita cousa de commum com esta freguezia.)

Em nossos dias, tem melhorado bastante as condições de prosperidade d'esta freguezia, devido á actividade e amor ao trabalho dos seus parochianos.

Em outubro de 1875, concluiu a camara d'Aveiro, uma obra, que concorreu poderosamente para o desenvolvimento da agricultura, industria a commercio dos povos d'estes sitios.

Foi a estrada, d'Aveiro a Agueda. Passa esta, pela *Rua Direita* (a principal) da villa d'Eixo, que até então, no inverno, era um perfeito lagoeiro; melhorando esta obra, não só a commodidade dos povos, mas tambem as condições de salubridade, da terra; porque se fizeram grandes attêrros, nas ruas da *Cadeia, Adro de Cima*, e *Adro de Baixo*.

As ruas d'Eixo a que ainda não chegou este melhoramento (*Rêgo, Matouto, e Senhora da Graça*) ainda estão intransitaveis no tempo de chuva.

Pela rua do Matouto, deve seguir o ramal, que hade ligar aquella estrada com a freguezia e a feira de Oliveirinha.

E' uma via de communicação frequentadissima, pelos povos, carros e cavalgaduras dos logares d'Agueda e outras povoações das margens do Vouga.

Esta estrada é de pouco dispendio, por se achar, na maior parte, nivellada.

[1] Em 21 de abril de 1875, vendeu n'esta feira o sr. visconde de Bettencourt, ao sr. Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha*) do Porto, uma parelha de cavallos, por 800 mil réis!—O preço do gado bovino e cavallar n'esta feira, é quasi o regulador, para os povos d'estas terras; como acontece em Lisboa e terras circumferentes, com o gado que se vende na feira da Malveira.

N'esta freguezia está a casa (que foi vinculada até 30 de junho de 1860) do *morgado da Oliveirinha*.

Foi seu ultimo administrador, por casamento, o fallecido Francisco Joaquim de Castro Corte-Real, pae dos srs. drs. José Luciano de Castro Corte-Real, director dos proprios nacionaes, e que já foi ministro—Francisco Joaquim de Castro Corte-Real, juiz de direito, casado com a sr.ª D. Henriqueta da Silva Pereira, filha de José Joaquim da Silva Pereira, que foi general de brigada, reformado—e sobrinha de Francisco Xavier da Silva Pereira, 1.º conde das Antas.

Ha ainda mais filhos (dos dois sexos) do morgado da Oliveirinha, mas não lhe sei os nomes.

Estes Castros são orfundos da Feira; porque o tal ultimo morgado, era natural d'esta villa, e filho do capitão-mór, João de Castro Côrte-Real. (Vide *Feira*.)

Foi prior da Oliveirinha, o sr. doutor, D. José Antonio Pereira Bilhano, actual e dignissimo arcebispo d'Evora. Vide, vol. 3.º, pag. 388, col. 2.ª

OLIVEIRINHA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua (antiga de Midões), 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

É povoação muito antiga, e foi villa, cabeça de concelho.—D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de maio de 1514. *L.º de foraes novos da Beira*, fl. 90 v., col. 1.ª)

N'este foral se lhe dá o nome de *Oliveirinha do Prado*.

É n'esta freguezia o solar dos *Costas*.

Em agosto de 1875, morreu, na sua quinta dos Carvalhiços, concelho de Tondella, o senhor d'esta antiga e nobre casa, o sr. Antonio da Costa Brandão Brito Mesquita Castello-Branco. Foi coronel do batalhão de voluntarios realistas de Arganil. Era casado com a sr.ª D. Anna Loureiro Cardozo (que

ainda vive), irman da morgada do Loureiro, a sr.ª D. Maria Emilia Loureiro.

Era um perfeito cavalheiro, chão, sympathico e muito caritativo, que deixou indelevel saudade a quantos o conheceram e trataram.

OLIVENÇA [1] — Villa, Alemtejo, praça d'armas, 24 kilometros ao S. d'Elvas, 8 do Guadiana, 12 a E. de Juromenha, 170 a E. de Lisboa. Tinha em 1757, 1:395 fogos, em duas freguezias, no bispado d'Elvas,—e são —

Santa Maria do Castello. A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento. Constava de 659 fogos.

Santa Maria Magdalena. O papa e o bispo d'Elvas, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 212$000 réis de rendimento. Contava então, 736 fogos.

O padroado da matriz, de Santa Maria de Olivença, foi dado pelo rei D. Diniz, ao mestrado da ordem d'Aviz.

Está esta praça, em 38°, 34′ de latitude— e 14°, 10′ de longitude. — Situada em linda planicie, regada pelo rio do seu nome.

Diz-se que os *elvios* a fundaram, logo depois d'Elvas, pelos annos 995 antes de Jesus-Christo.

No centro da villa está um castello, quadrado, que se diz ser obra dos mouros, e que depois foi reedificado, como adiante se dirá.

Era uma villa e praça, de pouca importancia, da Extremadura hespanhola. Pelo tratado de paz, de *Alcanices*, celebrado em 12 de setembro de 1297 (pelo qual, D. Fernando IV de Castella, se ajustou casar com a infanta D. Constança, filha do rei D. Diniz, de Portugal, e da rainha, Santa Isabel, e o filho d'estes — depois, D. Affonso IV — com D. Beatriz, irman do rei castelhano) se decidiu que as villas e praças—e seus termos — de OLIVENÇA, OUGUELLA, e CAMPO-MAIOR, ficassem d'alli em diante, e PARA SEMPRE, de Portugal; e *Aracêna* e *Aroche*, á Hespanha.

—

D. Diniz, tomou em tanta consideração esta villa, que logo tratou de reedificar o seu velho castello mourisco, e desobstruiu e ampliou o seu fosso; povoando a villa com portuguezes. Deu-lhe foral, em Lisboa, a 4 de janeiro de 1298, com todas as honras, privilegios, regalias e isenções do foral d'Evora. (*L.° 1.° de Doações*, do rei D. Diniz, fl. 6 v., col. 2.ª, § 2.°) — D. Manuel lhe deu novo foral, confirmando em tudo o antigo, em Santarem, no 1.° de junho, de 1510. (*L.ª dos foraes novos do Alemtêjo*, fl. 61, col. 2.ª)

Causa sincera pena vêr os heroicos filhos d'esta villa, quasi tão bravos e tão dedicados á sua patria como os de *Sagunto* e de *Numancia*, sujeitos, por meio de uma perfidia, ao jugo castelhano!

E não é só o patriotismo que os faz lamentar a sua sorte — é tambem o amor ao seu bem estar. Era uma povoação insignificante emquanto pertenceu aos hespanhoes, devendo toda a sua importancia e prosperidade, ao paternal governo dos reis portuguezes, [1] e por isso, a maxima parte dos olivencenses, ainda hoje fallam a nossa lingua e anhelam ser portuguezes.

—

O seu brazão d'armas, é—em campo branco, um castello da sua côr, e sobre elle, uma torre, tudo sobre uma planicie, tendo de cada lado uma *oliveira* verde, alludindo ao nome da villa.

Não achei em auctor algum declarado o monarcha que lhe deu estas armas, mas supponho que foi D. João II, em 1485, quando no centro do seu castello mandou construir uma sólida e altissima torre.

D. Diniz a havia cingido de muralhas, com

[1] Talvez que *alguns* notem, incluir eu nas povoações portuguezas, uma que está sob o dominio castelhano. Descrevo-a, porque é uma terra portugueza, que nos foi traiçoeiramente roubada, e porque, quando a Hespanha tiver um governo pundonoroso, nol-a hade forçosamente restituir, e, finalmente, porque—*Res ubicunque est, sui domini est.*

[1] Quando D. Diniz tomou conta da praça, apenas havia o velho castello, com os fossos entupidos, e algumas casas dentro da fortaleza, e muito poucas, e insignificantissimas, extra-muros, que era um vasto olival (d'onde lhe provém o nome). Foi n'este olival, que o rei lavrador fundou a nova povoação, que seus successores augmentaram.

quatro portas, pelos annos de 1300; porém, estando arruinadas, o rei D. Manuel as reedificou, e o castello, pelos annos de 1510. Teem estas muralhas tres portas—*do Calvario, de S. Francisco*, e *Porta-Nova* — e um postigo.

Pelo mesmo tempo, e o mesmo rei, D. Manuel, mandou construir sobre o rio, uma formosa ponte, edificada sobre rochedos, com uma alta torre no centro (que os castelhanos arrazaram, em 1644).

Tem Misericordia e hospital. Voto em côrtes.

Tinha um mosteiro de religiosos franciscanos, fundado pelo povo, junto ao baluarte de S. Francisco, em 1446. Teve tambem um convento de freiras, da mesma ordem, fundado pelo mesmo tempo, e do mesmo modo, á custa do povo.

D. Affonso V, fez, em 1476, conde de Olivença, a Ruy de Mello (filho do grande Martim Affonso de Mello), governador da casa da infanta D. Joanna (filha do rei), guarda-mór do paço, capitão de Tanger (Africa) e *védor dos vassallos de Olivença.*

—

O termo d'Olivença é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, e n'elle se cria toda a qualidade de gado. É tambem abundante de caça, e de peixe, do seu rio, e do Guadiana.

A villa é cercada por bellas hortas, pomares e campos, regados por frescas e muitas aguas. Criam-se aqui optimos cavallos.

Suas ruas, são dilatadas, e guarnecidas de muito bons predios.

Historia militar de Olivença

Já vimos quaes foram os reis que construiram as obras de defeza d'esta praça, ou reedificaram as antigas. Noto aqui, que, sobre a porta do castello, chamado *da Graça*, está embutido na parede um escudo de pedra, tendo esculpida a figura de uma mulher, coroada, empunhando um sceptro, tendo á direita as armas de Portugal, e as de Aragão, e á esquerda, uma oliveira. Já se vê, que representa a rainha Santa Isabel, infanta de Aragão, e mulher do fundador, ou reedificador do castello. Talvez que estas fossem as primeiras armas da villa, dadas por D. Diniz, quando lhe concedeu foral.

Por baixo das armas, está esta inscripção:

A PRIMEYRA PEDRA DESTE CASTELLO,
FOI POSTA EM DIA DE S. MIGUEL,
E A POZ AQUI, PEDRO LOURENÇO DO
REGO, EM TEMPO DEL REI D. DINIZ.
ERA 1344, QUE HE ANNO DE 1306.

A cinta de muralhas, não se chegou a concluir completamente, por fallecer o rei D. Manuel.

—

Em 20 de julho de 1641, um exercito castelhano, de 8:000 infantes e 2:000 cavallos, ataca esta praça; mas são furiosamente repellidos pela guarnição, e retiram.

Em 17 de setembro, do mesmo anno, de 1641, outro exercito castelhano, de egual numero de infantes e cavallos, foi do mesmo modo, valentemente repellido.

Dez dias depois (27 de setembro), tornaram á carga, com o mesmo glorioso resultado para as armas portuguezas.

Em 1643, os castelhanos principiam a fazer correrias pelas nossas fronteiras do S.E., atacando Villa-Viçosa e Olivença; mas as guarnições d'estas praças se defendem bisarramente, e sahindo a accommetter o inimigo, o desbarata.

A mesma sorte experimentaram na Beira, Minho e Traz-os-Montes.

D. João IV, em desforra, manda as divisões portuguezas invadir a Extremadura (hespanhola), as Castellas e Galliza, atacando Val-Verde, e pondo cêrco a Badajoz; porém tivemos de desistir da empreza.

Em 12 de abril de 1657 (sendo regente de Portugal a rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV), D. Francisco de Tutavila, duque de S. Germano, com um exercito de seis mil e tantos infantes e dois mil e quinhentos cavallos, poz cêrco a Olivença, de cuja praça era governador Manuel de Saldanha. A guarnição era composta, na sua maior parte, de soldados bisonhos e moradores da villa, que se defendiam valorosamente, mas sem disciplina, nem sciencia militar. Vendo, porém, Saldanha e os seus of-

ficiaes, que os soccorros lhe não chegavam com a promptidão que desejavam, entregaram a praça aos castelhanos, no dia 30 de maio do mesmo anno, sob honrosa capitulação. Manuel de Saldanha, sahiu da praça com 2:300 infantes e uma companhia de cavallaria.

Os castelhanos entram na praça, no dia seguinte (5.ª feira, 31, dia de Cospus-Christi), e lhe põem guarnição, tendo por governador, *D. Jeronymo de Quinhones.*

N'esta conjunctura brilhou o patriotismo acrisolado dos habitantes da villa, e o seu horror ao dominio castelhano; pois, sendo rogados pelo duque de São Germano, para que não abandonassem as suas casas e fazendas, nenhum annuiu. Ainda mais—Tutavila, publicou uma ordem, para que, aos que ficassem, se lhes dessem as propriedades dos que sahissem; mas não houve NEM UM só que acceitasse a offerta; preferindo a pobreza, entre portuguezes, do que a riqueza entre castelhanos.

«Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo e no moderno.»

O governo portuguez, premiou a fidelidade, bravura e constancia dos populares, com todos os recursos precisos, emquanto estiveram fóra de suas casas. Saldanha, e os seus officiaes, tiveram o castigo da sua cobardia —aquelle, depois de alguns annos de prisão, foi degredado, por toda a vida, para a India —e estes, foram, uns presos, outros desterrados.

Em janeiro de 1569, o conde de Cantanhede (depois, marquez de Marialva) expulsa os castelhanos, de Olivença, restituindo esta praça á corôa portugueza.

—

Em 1801, a França, colliga-se com a Hespanha, para fazerem guerra á Inglaterra. O principe regente, depois D. João VI, sendo convidado para entrar n'esta liga, recusa; pelo que, aquellas duas potencias nos declaram guerra.

Os hespanhoes e francezes, ao mando de *Godoy*, (o ridiculo *principe da Paz*), invadem o Alemtejo, e nos tomam Olivença.

Em 6 de junho do mesmo anno, de 1801, assignam-se os tratados de paz, chamados *de Badajoz*, por um dos quaes, Portugal deixa á Hespanha, EM REFENS, a praça d'Olivença.[1]

Em 1808, Buonaparte, prende, á traição, a familia real hespanhola, que perfidamente tinha chamado á França. A Hespanha revolta-se contra os francezes, e o general castelhano, Taranco (que tinha occupado a cidade do Porto, com a sua divisão, em 13 de dezembro de 1807), revolta-se contra Buonaparte (6 de junho de 1808) e marcha para a Hespanha, com as suas tropas.

A Hespanha entra na liga anglo-lusa. Os francezes lhe tomam varias praças, e entre ellas Olivença, que é occupada pelos soldados de *Massena.*

Em 15 de abril de 1811, o marechal-general, *Beresford*, com as tropas portuguezas, recupera Olivença, que fica, *de facto e direito*, pertencendo a Portugal.

—

Os habitantes d'Olivença, já nas muralhas e trincheiras da praça, já nas margens do Guadiana, já sobre a ponte da sua villa, mostraram sempre, que eram leaes e bravissimos portuguezes.

O seu odio ao dominio castelhano, foi manifesto em todas as conjuncturas; principalmente, em novembro e dezembro de 1641, pelas crueis represalias que tomaram contra os castelhanos.

—

A *regencia*,[2] levada por um impulso de mal entendida lealdade, torna a *entregar, em refens* (como se tinha estipulado pelo tratado de Badajoz, mas que então, já não tinha razão de ser) aos castelhanos, a praça de Olivença, e estes a teem conservado no seu dominio, desde então até hoje, recusando-se a restituil-a ao seu legitimo dono!

—

Os hespanhoes, ainda hoje gritam contra

[1] N'este tratado, foram plenipotenciarios —por Portugal, Luiz Pinto de Souza Coutinho—pela Hespanha, Godoy—e pela França, Luciano Buonaparte.

[2] Em nome de D. Maria I, e do principe regente, seu filho, que estavam no Brasil.

os inglezes, por lhe *roubarem* a praça de Gibraltar,[1] sustentando, com toda a justiça, que, nem a *traição*, nem a *usurpação*, constituem *direito de conquista;* e que a praça de Gibraltar, é indiscutivel e legitimamente uma parte da nação hespanhola.

Pois os portuguezes teem os mesmos (senão melhores e mais imprescriptiveis) direitos á praça de Olivença, tambem perfida e illegalmente usurpada, e conservada em poder de Castella.

Para os hespanhoes se opporem á usurpação ingleza, deviam primeiro restituir o que nos usurparam—a praça de Olivença e o seu territorio.

E' verdade que no tratado de paz de Badajoz, se diz—«*Sua Magestade Catholica, restituirá a Sua Alteza Real, as praças e povoações de Juromenha, Arronches, Portalegre, Castello-de-Vide, Barbacêna, Campo-Maior, e Ouguella, com todos os seus territorios, até agora conquistados pelas suas armas, ou que se possam vir a conquistar; e toda a artilheria, espingardas, e quaesquer outras munições de guerra, que se acharem nas sobreditas praças, cidades, villas e logares, serão egualmente restituidas, segundo o estado em que estavam no tempo em que foram rendidas: e Sua dita Magestade*, conservará em qualidade de conquista, para a unir perpetuamente aos dominios e vassallos, a praça de Olivença, seu territorio, e povos desde o Guadiana; *de sorte que este rio seja o limite dos respectivos reinos, n'aquella parte que unicamente toca ao sobredito territorio de Olivença.*»

Note-se porem, que os tratados de 6 de junho de 1801, foram dois, ambos feitos e assignados em Badajoz—um celebrado entre Portugal e Hespanha; outro, entre Portugal e França. No preambulo d'estes tratados, se lê:

«Havendo-se concordado entre si. os plenipotenciarios das potencias belligerantes, convieram em formar dois tratados, **sem que na parte essencial seja mais do que um, pois que a garantia é reciproca, e não haverá validade em algum dos dois, quando venha a verificar-se a infracção em qualquer dos artigos que n'elles se expressam.**»

No artigo 8.º, diz-se:

«Toda a infracção, será considerada pelo *primeiro consul*, como uma infracção do tratado actual.»

Já se vê que o tratado celebrado então, entre Portugal e Hespanha (pelo qual, D. Carlos IV se arrogou a posse de Olivença, e seu territorio, alem do Guadiana) dependia incontestavelmente, das clausulas do tratado com Portugal e França.

Todo o mundo sabe que, não só houve *infracção* em um ou outro, dos artigos d'estes tratados, mas em quasi todos.

Para o provar plenamente, basta ler-se o artigo 1.º do tratado entre Portugal e França, que estabelece como *obrigação reciproca*, entre as tres partes contractantes, haver—«paz, amisade e boa intelligencia, entre a nação portugueza e o *povo francez!* Cessação das hostilidades, restituição das presas que tivessem sido feitos de parte a parte, e o restabelecimento das relações politicas, como antes da guerra.»

Uma vez que nada d'isto foi observado, ficaram nullos, irritos e de nenhum effeito aquelles dois tratados.

Temos mais—No 1.º de maio de 1808, o principe regente, publicou no Rio de Janeiro, um *manifesto*, no qual se diz — *Sua Alteza Real, declara nullos e de nenhum vigor, todos os tratados que o imperador dos francezes* **o compelliu a concluir, e particularmente os de Badajoz, e de Madrid, de 1801, e o de Neutralidade, de 1804; pois elle os tem violado, e jamais os respeitou.**»

Em 30 de maio de 1814, se celebrou entre Portugal e França, o tratado de Paris (na occasião da *paz geral*)—e no artigo addicional, n.º 3,[1] se diz — «Com quanto os trata-

[1] Foi o almirante da esquadra britannica, *Rooke*, que lhes tomou e occupou esta praça, em nome da rainha, Anna, d'Inglaterra, em 1804.

[1] Foi confirmado pelo artigo 11.º do tratado de 28 d'agosto de 1817.

dos, convenções e actos concluidos entre as duas potencias (Portugal e França) anteriormente á guerra, **estejam annullados de facto,** pelo estado de guerra, as altas partes contratantes, julgaram, não obstante, conveniente **declarar expressamente, que os ditos tratados, assignados em Badajoz e Madrid, em 1801, e a convenção, assignada em Lisboa, em 1804, ficam nullos e de nenhum effeito, pelo que dizem respeito a Portugal e á França, e que as duas corôas renunciam mutuamente a todo o direito, e se desligam de qualquer obrigação que d'elles podesse resultar.**

—

No acto final do congresso de Vienna de Austria, celebrado entre a Allemanha, França, Inglaterra, Portugal, Prussia, Russia e Suecia; feito e assignado em Vienna, a 9 de junho de 1815, diz, o artigo 105:

«*As potencias, reconhecendo a justiça das reclamações, formadas por sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal e do Brasil,* **sobre a villa de Olivença, e os outros territorios cedidos á Hespanha, pelo tratado de Badajoz de 1801, e considerando a restituição d'estes objectos, como uma das medidas, proprias para assegurar entre os dois reinos da Peninsula, aquella boa harmonia, completa e permanente, cuja conservação, em todas as partes da Europa tem sido o fim constante de seus arranjamentos, obrigam-se formalmente, a empregar, por meio de consiliação, os seus esforços mais efficazes, a fim de que se effectue a retrocessão dos ditos territorios, em favor de Portugal. E as potencias reconhecem que este arranjamento deve ter logar o mais brevemente possivel.**»

—

Em vista do que fica apontado, e das positivas e terminantes clausulas dos documentos que acabaram de ler-se; é evidentissimo, é incontestavel, que a conservação da praça e villa de Olivença e seu territorio ao S. do Guadiana, em poder do governo de Castella, constitue uma flagrante usurpação, que nenhum titulo nem rasão justifica.

Se a nação hespanhola quer que todo o mundo lhe dê razão, nas suas reclamações contra a detenção de Gibraltar, pela Gran-Bretanha, entregue-nos primeiro, por um acto formal e legal, de restituição, sem condições, a nossa praça e villa de Olivença e seu termo; e assim pratica um acto de nobreza, fidalguia e justiça, até agora debalde reclamado pelos portuguezes.

—

Em 11 de fevereiro de 1788, nasceu na villa de Olivença, Francisco da Gama Lobo, que falleceu em 23 de setembro de 1848. Foi 1.º barão de Argamassa, tenente-general, commendador d'Aviz, cavalleiro da Torre Espada, e tinha a cruz das campanhas da guerra da Peninsula.

Casou em 12 de fevereiro de 1820, com D. Anna Maria Correia de Proença.

O barão de Argamassa, era de uma familia illustre, descendente dos condes da Vidigueira.

—

Tendo no reinado de Filippe IV, o alcaide de Xerez imposto a D. João da Gama Lobo um tributo do qual eram isentos os homens fidalgos, teve o lesado de apresentar uma justificação da sua nobreza; em vista da qual se lhe passou a seguinte sentença:

«Declaramos ao dito D. João da Gama Lobo ser homem filho d'algo, em posse e propriedade de si e de seu pae e avô. E pomos perpetuo silencio aos ditos Fiscaes de Sua Magestade e ao dito conselho da dita cidade de Xerez dos Cavalleiros, e ao seu procurador em seu nome, e a todos os demasis concelhos de todas as demais cidades, villas e logares d'estes reinos e senhorios de Sua Magestade, para que em razão da dita fidalguia do dito D. João da Gama Lobo, não o inquietem, nem perturbem agora nem em tempo algum: e sem

custas para esta nossa sentença de revista. Assim o pronunciamos e mandamos. Licenciado D. Alonso Ramirez do Prado, Doctor D. Rodrigo Serrano, Licenciado D. Juan Golfim de Carvajal. — A qual sentença foi dada e pronunciada pelos ditos nossos presidentes e ouvidores estando fazendo audiencia publica na cidade de Granada, em 11 de setembro de 1648.»

—

O livro que contem este processo é de pergaminho. Na 1.ª pagina tem um sello, ao lado do qual se lê: «Sello segundo, sessenta e oito maravedis, anno 1654.»

Depois tem uma pagina onde se vê uma Nossa Senhora, perfeitamente colorida, tendo por baixo—*D. Felipe.*

Na pagina seguinte representa um cavalleiro de espada desnuda, tendo sob as patas do cavallo um mouro — e por baixo — *Por la Gracia.*

A 3.ª pagina representa as armas dos Gamas Lobos—lendo-se sob ellas—*De Dios.*

No principio de cada capitulo ha uma letra a côres e dourada, perfeitamente colorida e artisticamente desenhada.

Um dos descendentes dos Gamas Lobos, foi Lope de Gama, a quem D. Sebastião convidou para o acompanhar na sua jornada a Africa; foi commendador do Habito de Christo e provedor da Misericordia de Olivença.

Este livro, summamente curioso, pertence hoje ao sobrinho do barão de Argamassa, o sr. José Francisco de Azevedo Coutinho da Gama Lobo, capitão do regimento de infanteria n.º 9.

Para as suas armas, vide *Niza*, nos seus marquezes, e *Vidigueira*, nos seus condes.

—

Foi alcaide-mór d'Olivença, Pedro Rodrigues da Fonseca; illustre cavalleiro portuguez, no reinado de D. Fernando.

Por morte d'este monarcha, seguiu o partido da infanta D. Beatriz, rainha de Castella, mulher de D. João I (filho de D. Henrique II) de Castella.

Fugiu para a Hespanha com seus filhos, um dos quaes era D. Pedro da Fonseca, varão de grande intelligencia e grandes estudos.

Escreveu e publicou algumas obras de bastante merecimento.

O antipapa Benedicto XIII, o nomeou cardeal, do titulo de Santo Angelo.

Depois, sujeitou-se á obdiencia do legitimo papa, Martinho V, que governou a egreja de Deus, desde 1417, até 1431. O papa lhe confirmou a nomeação e titulo que tinha, e o nomeou por seu legado à latere, a Constantinopla, para a união das egrejas grega e latina, que o imperador do Oriente, Manuel Paleologo, pretendia. Não se concluiu por então; mas, ficou o negocio em tão boa via, que pouco depois se conseguiu a união das duas egrejas; que, infelizmente, pouco tempo durou, pela natural inconstancia dos gregos.

Veiu depois, D. Pedro da Fonseca, por legado, a Hespanha, para a extincção do scisma, que ainda durava, do antipapa Benedicto.

Foi a Napoles, com o mesmo emprego de legado pontificio, para aplanar as difficuldades, sobre successão da coroa d'este reino.

Não seguindo as pisadas de seu pae, foi um portuguez fidelissimo, amigo dedicado do nosso D. João I, que muito o estimava, e um varão de grande honradez e probidade, geralmente respeitado, por todos os reinos onde exerceu os seus altos empregos.

Morreu em Roma, de uma queda, em 20 de agosto de 1422. Jaz na Basilica do Vaticano, na capella do apostolo S. Thomé, em nobre sepultura.

OLLAS—vide *Thomar.*

OLMAFÍ—portuguez antigo—marfim.

OLMOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (foi da extincta comarca, e supprimido concelho de Chacim) 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos. Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Chacim apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

OLÔR — freguezia extincta, Alemtejo, no bispado de Elvas, d'onde dista 30 kilometros d'Elvas, 195 á E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago, S. Jorge.

A mitra apresentava o cura, confirmado, que tinha de renda, 300 alqueires de trigo, e 74 de cevada.

OMEZÍO—portugnez antigo—homicidio, morte violenta de homem ou mulher, sem auctoridade de justiça.

Em todos os nossos foraes antigos, era o *omezío* uma das côimas que nunca se omittia.

No Aro (termo) de Lamego, êra costume que, achando-se alguma pessoa morta, sem se saber quem fôra o agressor, o logar mais visinho era obrigado a pagar de côima, ao mordomo, 30 maravedís; ou provar quem a matou ou do que morreu.

D. Affonso IV abolliu este costume, nas suas primeiras cortes; o que consta do *Tombo do Aro*, de 1346, fl. 3 verso.

No foral de Bragança, de 1187, se diz — (traducção do seculo XIV)—*Se o morador da vossa Villa matar a outro, que nom for de vossa Villa, nom peyte por el nê miyalla: e se matar o de fóra ao da vossa Villa, peyte por el c c c (300) ssoldos.... A Rouso, ou a Omezio, e a furto, vaya ElRey*—isto é—são do rei estas trez côimas.

OMICÍDIO—o mesmo que omezío.

OMICÍO—o mesmo.

OMILDOSO — portuguez antigo — humilde.

OMIZIÃO—portuguez antigo—adversario, inimigo, etc.

El rei D. Diniz, mandou que — «se algum, a fim de matar, deshonrar ou fazer mal, entrasse na casa d'alguem, ou o accomettêsse no caminho, e o agressor fosse morto, chagado ou deshonrado, ou qualquer dos que com elle foram, não seja aquelle que se defender, nem aquelles que com elle estiverem» *Omizião* (julgado assassino) *daquelles que o cometteram, nem dos que com elle forem, nem de sua linhagem d'elles E todo o homem que contra esto ver, pera acoimar, ou fazer vendita, que moira por ello.* (Codigo Alf., liv. 4.º, tit. 73, § 1.º)

Muito mais significação tinha a palavra *omizío* e *omizieiro*, que eu, por brevidade omitto, e que sob esta palavra se podem ver em *Viterbo*.

Ao sitio onde se commettia um assassinato, se ficava muitas vezes chamando—*logar do Omizío*.

Alguns d'estes nomes se conservaram ás localidades; e é por isso que a varios logares ainda se chama *Omezío* e *Amezío*.

OMNIA—portuguez antigo—todas as cousas, toda uma herdade ou fazenda, na qual se semeiam e produzem todos os fructos.

Vide *Tarouca*.

ONCO—portuguez antigo—logar escuro, retirado, escuso; angra defendida por altos montes, e por isso encoberta ás vistas do inimigo.

ONRRA—portuguez antigo—honra.

ONZENAR—portuguez antigo—commerciar, negociar ou contratar com lucro exhorbitante.

Ainda é usado.

OOYTE—portuguez antigo—noite. (Doc. de 1473.)

OPARLANDA ou **OPALANDA**—portuguez antigo—especie de chambre—vestido talar de andar por casa,

ORA — portuguez antigo—o mesmo que *Oxalá*. Vide esta palavra.

ORAÇOEIRO — portuguez antigo — livro que só contem orações.

ORACULO—portuguez antigo—oratorio, capella, pequena egreja, ou outro qualquer logar de oração. Em 1203, vendeu o mosteiro de Santa Marinha, da Costa, de Guimarães, o *oraculo* de S. João.

D'estas vendas de oraculos, ha muitos exemplos na nossa historia, desde o seculo IX até ao XIII.

ORÁDA—portuguez antigo—o mesmo que *oraculo*.

ORADA—(Nossa Senhora da)—A uns 4 kilometros da villa d'Albufeira (Vol 1.º, pag. 52, col. 1.ª) em frente da *Torre da Vigia* chamada *Baleeira*, em um logar êrmo e deserto, cercado de uma alta serra, pelo N., E. e O., e sobre uma rocha, na costa meridional do Algarve, está o antiquissimo templo de *Nossa Senhora da Orada*, cuja origem se perde na noite dos tempos.

Segundo a tradição, foi n'este logar achada por uns pescadores, uma linda imagem da S. S. Virgem, a qual conduziram logo, com grande regozijo, para a egreja matriz; mas no outro dia, tornou a apparecer sobre a rocha.

O mesmo aconteceu todas as vezes que d'alli foi removida—até que o povo resolveu fundar uma capella no sitio do apparecimento, e, trabalhando com grande vigor, em pouco tempo estavam concluidas as obras principaes da famosa ermida, que ainda é a actual.

E' esta Senhora da particular devoção de todos os navegantes e pescadores da costa algarvia, que sempre a invocam nos perigos do mar, e em todas as suas afflições.

O povo da maior parte do Algarve, concorre a esta capella em constante romaria, quasi todo o anno; mas, sobre tudo, no verão.

A sua festa principal, é a 15 d'agosto, havendo então uma extraordinaria concorrencia de povo, á romaria, e á boa feira, que então alli se faz.

Muitos milagres se attribuem a esta santa imagem. Fr. Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom. 6.º, pag. 435), entre outros, relata o seguinte:

No 1.º d'agosto de 1699, o marquez de Fronteira, governador e capitão-general do Algarve, mandou em um pequeno barco, de Lagos para Albufeira, uma companhia de soldados pagos, da qual era capitão Manuel Alves Pereira.

Chegando o barco á vista de Nossa Senhora da Rocha, foi atacado por quatro *náus* de turcos, que lhe foram dando caça até á ponta da Baleeira, cahindo sobre o barco, uma chuva de metralha e fogo de mosquetaria, sem que fosse ferido nem só um dos portuguezes, que todos se escaparam, sãos e salvos, d'aquelle grande perigo, pelo patrocinio da Senhora da Orada, que elles, durante o conflicto, não cessaram de invocar; e, apenas desembarcaram, foram todos descalços e a pé, dar graças á capella de Nossa Senhora da Orada.

Depois, lhe mandaram cantar uma missa, e offereceram um quadro, no qual ainda hoje se vê o barco cercado e metralhado pelas náus turcas.

Tambem d'esta Senhora, se canta no Algarve a lenda seguinte:

Má sentença um homem teve,
Em hora triste e minguada:
Por ella andava perdido,
Sua mulher desterrada.
Sentado, estava chorando
Sua vida tão airada.
Quando seu pranto em torrentes
A falla lhe já tomava,
Uma voz ao longe ouvira,
Que mui alto lhe bradava:
— Caminha, vae a Lisboa,
Não temas essa jornada,
Que a sentença que tiveste,
Foi por bem que te foi dada.
— Como pode assim ter sido,
Se contra mim foi lavrada?
— Corre a casa do notario,
Acharás que não é nada.
Vae-te a casa do juiz,
Onde se fez a juntada,
Depois, volta á escrivanía,
Verás a letra mudada.

—

Seguindo vae té Lisboa,
Como quem bem caminhava,
Chega a casa do notario,
E viu que não era nada.
Chega a casa do juiz,
Onde se fez a juntada,
E, procurando a sentença
Achou-a toda riscada.
— Homem, quem aqui te trouxe,
A seguir esta jornada?
— Mandou-me o Senhor da Pedra,
E mais a Virgem Mãe, da Orada,
Que a consolar-me vieram,
Quando eu os invocára.
Oh, quem tal dita tivera,
Que para traz já voltára!
Eu por mim, sim, voltaria,
Mas não mais os encontrára.

—

Hindo pelo seu caminho,
Com a sentença mudada,
Uma mulher vira morta,

N'um esquife amortalhada.
A mulher logo se erguêra,
Que a vida então recobrára,
Vendo passar seu marido,
Pelo nome lhe bradára:
— Homem, se estás em peccado,
Confissão te seja dada;
Já que eu morri n'este mundo,
Sem vêr hostia consagrada.
Depois de te confessares,
Tua alma será ganhada.
Chega pois á confissão,
Que não precisas mais nada.
— Tambem tu, oh mulher minha,
Que ora estás resuscitada,
Antes que recáias morta,
Faze por ser confessada.
A Deus pede que te salve
E mais á Virgem Mãe, da Orada.

—

Em oração de pozeram,
Anjos á terra baixaram:
Depois de oração fazerem,
Ambos para o Céu voaram.

ONÇA — quinta, contigua e ao N. d'Aveiro. Soror Brites Leitão, senhora nobre, e freira dominica, foi casada com Diogo de Athaide, e serviu na côrte da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e tio e sogro de D. Affonso V (É o infeliz D. Pedro, que morreu na *Alfarrobeira*).

Foi aquella senhora (D. Brites) a fundadora do convento de Jesus, de Aveiro, de religiosas da ordem dominicana.

Tendo perdido seu marido, retirou-se com suas filhas á sua quinta da Onça, proxima d'Aveiro, hindo depois com ellas e uma velha senhora habitar n'esta, hoje cidade e então villa, uma pequena casa, onde se deu á mais rigorosa penitencia e mais severa austeridade.

Jejuava todo o anno, nunca comia carne, e vestia burel asperrimo.

A fama do pequeno recolhimento derramou-se por toda a parte, e muitas senhoras de primeira nobreza pediram para se recolherem ao nascente mosteiro, que a santa fundadora só logrou estabelecer alguns annos mais tarde, tendo tido préviamente que defender uma demanda pela sua quinta da Onça, que a final doára ao convento.

El-rei D. Affonso V fez-lhe a honra de vir lançar a primeira pedra do alicerce da egreja: e depois sua propria filha, a infanta D. Joanna, veiu procurar o habito de dominicana, dentro dos muros do mosteiro de Jesus.

A peste, que assolava o reino e a villa, foi causa de el-rei ordenar que sua filha sahisse d'alli, hindo em companhia da princeza, Brites Leitão.

Com effeito foram para Aviz, e d'ahi para Abrantes, d'onde Deus chamou a si a alma de Brites, a 3 d'agosto de 1480.

Do viveiro das religiosas de Jesus d'Aveiro, sahiram as reformadoras dos mosteiros de Corpus-Christi, de Villa Nova de Gaya; das Donas, de Santarem; da Annunciada, de Lisboa; e de S. João, de Setubal.

Hoje a gloriosa familia de S. Domingos, está prestes a extinguir-se.

Dizem que a liberdade se oppõe á perfeição evangelica... opporá.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Borba, 48 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 207 alqueires de trigo e 56 de cevada.

ORADA (Nossa Senhora da)—Vide a pag. 170, col. 2.ª, do 5.º vol.

ORADA (Nossa Senhora da)—Vide *Zêzere*.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia, Douro, a 30 kilometros de Coimbra e 180 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrat.º de Coimbra.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Já não existe esta freguezia.

ORADA (Nossa Senhora da) — freguezia suppimida, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 65 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa.

Tinha em 1757, 13 fogos.

Orago, a mesma Senhora.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de pão terçado, e o pé d'altar.

ORADA—Ha varias freguezias n'este reino, que teem por padroeira *Nossa Senhora da Orada*. Vão sob o nome da freguezia respectiva.

ORAL—portuguez antigo—especie de veu, preto, com que as mulheres honradas e sisudas cobriam o rosto, quando sahiam de casa.

ORBACEM — freguezia, Minho, concelho de Caminha, comarca e districto administrativo de Vianna, d'onde dista 20 kilometros, ao N.O., arcebispado e 40 kilometros ao O.N.O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

ORÇA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi do concelho d'Alpedrinha — extincto — mas da comarca do Fundão), 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, S. Francisco de Assis.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco. (Foi antigamente do termo da villa de Castello-Novo.)

Os condes de Povolide apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o famoso sanctuario de Nossa Senhora da Oliveira, assim denominada, por ter apparecido no tronco cavernoso de uma oliveira. Fica esta capella fóra do logar da Orca, a um kilometro de distancia d'elle, em logar solitario, entre uns olivaes.

É templo muito antigo; mas nada se sabe ao certo, quanto á data do apparecimento da Senhora e da fundação da ermida.

Segundo a lenda, conservada por tradição — teve a seguinte origem:

No tempo do dominio arabe, se deu n'este logar uma sanguinolenta batalha, na qual era general portuguez, Simão de Oliveira, da cidade de Bragança. Vendo-se este em grande perigo, e aos seus, invocou a protecção de Nossa Senhora da Oliveira, que se venerava na sua terra, e ella lhe appareceu no tronco de uma oliveira, e o animou a continuar a batalha, que deu em resultado o desbarate dos mouros.

Em reconhecimento d'este milagre, mandou logo Simão d'Oliveira edificar, no sitio do apparecimento, a ermida primitiva.

Attribuem-se muitos milagres a esta Senhora, que é visitada em quasi todo o anno por grande concurso de romeiros. Na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, vem todos os moradores do logar da Póvoa em romaria á Senhora, com sua procissão; havendo então missa cantada, sermão, etc. Faz-se esta romagem em cumprimento de um voto.

Os moradores do logar de S. Miguel d'Acha, vem na segunda feira, depois da *dominica in albis*, ou dia de Nossa Senhora dos Prazeres, com a sua procissão; havendo do mesmo modo, missa e sermão. É tambem em cumprimento de um antigo voto.

Tinha eremitão.

ORDEM — freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a E. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O *Port. Sacro e Profano* não traz esta freguezia. — Consta que foi dos templarios.

Ha em Portugal varias aldeias e sitios denominados *da Ordem*, por terem sido das differentes ordens militares de Portugal.

É terra fertil.

ORDENAMENTO — portuguez antigo — mandado, ordem, léi, etc.

ORDENANÇA—portuguez antigo—o mesmo que *ordenamento*.

ORDENANÇAS[1] — corpos irregulares (ir-

[1] Dava-se a estes corpos, vulgarmente o titulo de *companhias da Bicha*. Tambem os denominavam *Tabaréus*, alludindo á sua in-

regularissimos!) que já existiam na nossa Peninsula, no tempo dos godos. [1] O conde D. Henrique creou estes corpos, que existiram até 1834. Não combatiam senão em guerra de guerrilhas; e, se algumas vezes prestaram bons serviços á patria (sobretudo, durante a guerra peninsular) a maior parte d'ellas, faziam mais perca do que proveito. Eram mal armados, com todas as armas que podiam haver á mão, insobordinadissimos, etc., etc.; e, nas batalhas, pouco mais faziam do que despojar os mortos, e dar máus exemplos ás tropas de 1.ª linha.

Eram as ordenanças, em geral, compostas de homens, que, pela sua edade, ou por outra qualquer circumstancia, estavam isentos da 1.ª e 2.ª linha, e formavam a terceira. Os *terços*, e depois, os *regimentos*, de milicias, formavam a 2.ª *linha*. (Eram 48 regimentos.)

Na guerra da peninsula, se creou uma outra 2.ª linha, com corpos de *voluntarios*, sob diversas denominações.

Desde 1828 até 1834, havia 52 batalhões de *voluntarios realistas*.

Os liberaes, tambem, desde 1832 até 1834, crearam varios batalhões de voluntarios, com differentes titulos, e algumas partidas de guerrilhas. Durante esta guerra fratricida, devemos confessar que a maior parte dos regimentos de milicias e dos batalhões de voluntarios realistas, eram tão bravos e disciplinados como os corpos de 1.ª linha. Tambem muitos batalhões de voluntarios liberaes, eram tão valentes, como a tropa regular.

Os corpos de milicias, foram creados pelo marechal-general Beresford, em 1808; mas só em 1814 é que este grande organisador lhes deu uma fórma mais perfeita e militar.

Todos os officiaes de milicias e voluntarios, sahiam da classe de *paisanas*, menos os majores, que eram capitães do exercito, em commissão; e os ajudantes, que eram subalternos de 1.ª linha, que tambem serviam em commissão.

disciplina, e á balburdia incorrigivel que faziam em toda a parte a que chegavam.

[1] Até ao 5.º seculo, todos os lusitanos se podiam chamar ordenanças.

Em 1834 se crearam as *guardas nacionaes*, que era uma especie de milicianos, e que serviam mais de fazerem revoltas contra o governo, do que de manterem o socêgo publico, pelo que foram dissolvidas.

ORDENS MILITARES—Vide vol. 4.º, desde pag. 300 até 301.

ORDINHADO — portuguez antigo — ordenado — clerigo de ordens menores, e d'ahi para cima. *Ordinhados de ordeés Sagras, e doordeés Meores.* Carta de D. Affonso IV, de 1352. Doc. de Coimbra.

ORDO — portuguez antigo — cevada — (do latino ordeum).

ORELHÃO—Vide *Lamas d'Orelhão.*

ORELHAS CORTADAS—No tempo dos godos, e ainda durante os primeiros tempos dos reis portuguezes, existiu o castigo de *orelhas cortadas*. Em varios foraes vemos esta pena, applicada a alguns delictos.—O latrocinio, segundo as suas circumstancias (ou o foral da terra), era punido com a morte; com a marca de ferro em braza, na testa; ou com açoites; ou desterrados: e a pena de orelhas cortadas, tambem se applicava muitas vezes, quando semelhante castigo era imposto no foral a esse delicto.

No foral de Santa Cruz da Villariça, junto a Moncorvo, se lê:

De furto descuberto, det a suo dono toto suo haver dupplato, et novenas partiant cum Palatio: et prendant illos alcaldes las orelias. Et si allia vice furtaverit, matent illum.

Em um assento das côrtes de Lisboa, convocadas por o rei D. Manuel, em 1499, se determinou que — «toda e qualquer pessoa que fosse tomada, *cortando ou desatando bolsa, ora na bolsa se achasse dinheiro, ora não, se fôr peão, será açoitado, e desorelhado.*» A mesma pena impunham as *Ordenações do Reino.* L.º 5.º, tit. 60, § 11.

Tambem em alguns foraes, se infligia o castigo de *orelhas fendidas*, ou *rasgadas.*

Os que roubavam os templos ou cousas sagradas, eram tambem *desorelhados*, e, algumas vezes *castrados.*

S. Luiz, rei de França, mandou que, o que roubasse—a 1.ª vez, fosse desorelhado —a 2.ª, se lhe cortasse um pé—a 3.ª, fosse enforcado.

Dizem alguns escriptores que o *desorelhamento*, era para que do criminoso não ficasse geração; porque o desorelhado se tornava impotente, por lhe ser cortada certa veia, que passa junto á orelha, depois de cuja operação ficava o homem inhabil para a geração!

A opinião mais geral, porém, e a mais plausivel, é, que este castigo era vil e vergonhoso, e o ladrão era conhecido em toda a parte, por esta marca indelevel e infamante.

Já os romanos usavam este castigo por ser o mais vil e despresivel.

Juvenal, na *Satyra VIII*, diz que os romanos, para se vingarem das injurias que lhes tinha feito o imperador Galba, se foram ás estatuas d'elle e lhes cortaram as orelhas e o nariz. (*Galbam auriculis, naso que carentem.*)

O mesmo praticavam com outras estatuas, dedicadas aquelles de quem se queriam vingar.

ORGE, ORGO — ORGHO e ÓRIO — portuguez antigo—cevada—do francez *orge*.

ORGENS—vide *Orjaes*.

ORGENS—vide *Monte Viseu*, a pag. 533, col. 1.ª, do 4.º vol.

ORIK—nome que os arabes davam a Ourique.

ORIOLLA—freguezia, Alemtejo, comarca de Evora, concelho de Portel (foi da comarca de Monçaraz) 30 kilometros ao O. d'Evora, 12 a E. d'Alvito, 120 ao S. E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (e tambem do Bom Albergue).

Bispado de Beja, districto administrativo d'Evora.

O ministro do convento da Trindade, de Santarem, apresentava o reitor, collado, que tinha 100$000 réis e o pé de altar.

Foi villa e é povoação muito antiga.

D. Diniz lhe deu foral, em Beja, a 2 de março de 1282. (Gav. 15, maço 13, n.º 23— e no *L.º 1.º de Doações do sr. Rei D. Diniz*, fl. 61 verso, col. 1.ª, in fine)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de novembro de 1516. (*L. de Foraes novos do Alemtejo*, fl. 100 verso, col. 2.ª)

Consta que esta povoação já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Aureòla*, pela muita abundancia de ouro que produziam as suas minas.

E' corrupção de *Aurea ora* (região do ouro.)

Servia de limite, entre as cidades de Evora e Beja. E' terra muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Tem vastos e bons montados, onde se criam muitos porcos, outras qualidades de gado e muita caça.

A povoação nada conserva de antiguidades romanas, e, se é d'esse tempo, foi destruida pelos vandalos ou pelos mouros; pois que, no seculo XIII não era mais do que uma quinta dos senhores (depois barões e hoje marquezes) d'Alvito, chamada *herdade da Repreza*.

Junto da egreja matriz estão as residencias do parocho e do sachristão; e proximo a ellas, um antigo edificio, denominado *Paço da Audiencia*, que era a casa da camara, quando a villa era cabeça de concelho.

Aqui faziam as audiencias os juizes ordinarios, e as suas sessões os vereadores.

Era unicamente a estes edificios que se reduzia a villa, em 1716.

Perto de Oriolla, e na sua freguezia, está o logar do *Outeiro*, de uns 90 fogos (tinha em 1716, perto de 150.) Ha aqui uma grande capella, dedicada ao apostolo S. Thiago. E' esta, pois, a principal povoação da parochia.

D. Luiz Lobo, barão d'Alvito, foi feito conde de Oriolla, por D. João IV, em 16 de setembro de 1653; e, desde então, os condes de Oriolla, se ficaram denominando *condes-barões*.[1]

O seu actual representante é o sr. D. José Antonio Lobo da Silveira Quaresma, que foi feito 5.º marquez, e 18.º senhor de Alvito, em 15 de dezembro de 1860. Dá-se-lhe o titulo de *conde-barão-marquez* d'Alvito.

[1] D. José I, fez marquez d'Alvito, a D. José Antonio Francisco Lobo da Silveira, 3.º conde de Oriolla, e decimo barão d'Alvito; por decreto de 4 de junho de 1766.

Suas armas, são—em campo de prata cinco lobos pretos, em aspa, armados de purpura, e na orla, 8 aspas de prata, em campo vermelho.

Timbre, um dos lobos das armas.

Lobo é um appellido nobre em Portugal.

Veiu de Hespanha, na pessoa de D. Pedro Paes Lobo, um fidalgo da comitiva de sua prima, a rainha D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª filha do conde, D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, e mulher de D. Sancho II, de Portugal.

D'este D. Pedro Paes Lobo, procedem os Lobos d'Evora, de Extremoz, d'Elvas, de Lisboa, d'Alvito, de Oriolla, etc.

Estes Lobos trazem por armas—em campo de prata, cinco lobos negros, possantes, em aspa, armados de ouro, lampassados de purpura; elmo d'aço aberto, e por timbre um dos lobos das armas. (Vê-se que as armas dos Lobos soffreram alguma alteração.)

D'este appellido foi tambem D. Maria de Sousa Lobo, bisneta de Diogo de Sousa Lobo, um dos cinco irmãos, que no reinado de D. João I, passaram de Galliza a Portugal, com este appellido, e foi senhor de Alvito.

Foi 2.ª mulher de D. João Fernandes da Silveira, regedor das justiças e chancellermór de D. Affonso V, e seu escrivão da puridade, o qual por este casamento foi senhor d'Alvito, e o 1.º barão d'este titulo, feito pelo mesmo monarcha, em 1475.

A varonia d'esta casa segue-se por seu filho, Diogo de Sousa Lobo da Silveira. Este adoptou as armas antecedentes, mas accrescentou-lhe uma orla azul, carregada de 8 aspas d'ouro, e o lobo do timbre, com uma das aspas na espadua.

Foi do mesmo appellido, D. João Lobo, bispo de Tanger, na Africa, ao qual o rei D. Manuel deu por armas, em 1506—escudo de purpura, e no centro uma cidade, de prata, e uma grande brica (que occupa a 4.ª parte do escudo) carregada das primeiras armas dos Lobos. Elmo d'aço, aberto, e timbre, um dos lobos das armas, com uma aspa d'ouro na espadua.

Quaresma. Para este appellido, vide vol. 5.º, pag. 367, col. 1.ª—e para o appellido *Silveira*, vide *Torre da Silveira.*

Para o mais que se pretender saber sobre esta familia, vide vol. 1.º, pag. 183, col. 2.ª, e *Archivo Pittoresco*, vol. 10.º, pag. 259, col. 2.ª

ORIVAL—portuguez antigo—olival.

ORIZ—portuguez antigo—ourives (d'ouro e prata.)

ORIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Marinha d'Oriz, apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Era uma aldeia da freguezia de Santa Marinha d'Oriz, da qual foi desmembrada, e feita freguezia independente, no seculo XVII.

E' por isso que o parocho foi da apresentação do abbade da freguezia seguinte.

ORIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (e foi tambem da comarca e concelho de Pico de Regalados) as mesmas distancias de Lisboa e Braga, e 60 kilometros ao N. do Porto.

Tem 110 fogos. Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha de rendimento, 400$000 réis.

O nome d'estas duas freguezias, diriva-se do primeiro *Oriz* — Vem a ser — terra ou povoação dos ourives.

ORJAES—ORGENS, ORJÃES, e URJÃES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

Os herdeiros de João Tristão, de Moimenta da Serra, e os de Manuel Bordallo, do logar de Gonçalo, apresentavam o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Orjaes ou Orjães, significa logares semeados de cevada — *cevadaes.*

A 1:500 metros de Orjaes, já no termo da Covilhan, está, entre uns espessos mattagaes e grandes brenhas, a capella de *Nossa Senhora dos Cabeços*, assim denominada, por estar entre tres *cabeços*, que formam um triangulo em volta da capella.

Outros lhe chamam *Nossa Senhora da Cabeça*, fundados em que é advogada contra as dôres de cabeça.

A imagem da Senhora, é de pedra, e grosseirissimamente cinzelada, mostrando uma remota antiguidade. Consta que appareceu em um campo, e é tão imperfeita, que o lavrador que a achou, a levou em um carro para casa, pondo-a a servir de *canteiro* de uma pipa, e só depois é que se lhe descobriu uma semelhança de braços e cabeça. Está vestida, e tiveram que fazer-lhe uns braços de madeira, porque os de pedra estavam unidos ao corpo.

Os povos das visinhanças, attribuem a esta Senhora muitos milagres.

—

Sem faltar ao respeito devido á nossa Santa Religião; mas unicamente guiado pelo desejo da verdade, estou persuadido que esta imagem (se assim se lhe póde chamar) nunca foi a de uma Virgem, nem mesmo de qualquer santa; porém um *marco* de que os romanos se serviam para dividir as suas propriedades rusticas, e ao qual davam o nome de *Têrmo*. Era ás vezes um tronco de arvore, porém, mais commummente uma pedra. Muitos lhe davam uma figura humana, sem braços nem pés, ou com elles apenas reconheciveis.

Os romanos, para evitarem o roubo que com frequencia faziam os visinhos reciprocamente, de uma parte das propriedades confinantes, *divinisaram* os Têrmos, que collocavam com grande ceremonia e certas formalidades. O que ousasse mudal-o, era entregue ás Furias, e qualquer o podia matar impunemente.

No fim de fevereiro se celebravam as festas do deus Têrmo (ás quaes se dava o nome de *Terminalia*). No principio da instituição d'estas festas, se lhe dedicavam papas de farinha e fructos ao tal deus—depois, immolava-se-lhe um cordeiro ou um leitão.

No livro 5.º das nossas *Ordenações*, que vigoraram até á publicação do actual *Codigo Penal* (dezembro de 1852), tambem se impunham graves castigos aos que arrancassem ou mudassem qualquer marco, collocado por ordem da justiça, ou ha certo numero de annos.

Os povos d'estes sitios, na sua sincera credulidade, acharam (julgo eu) que este *Têrmo* era uma imagem da Santissima Virgem, e como tal a veneraram. A sua simplicidade, e as suas crenças religiosas, os absolvem plenamente d'este engano sacrilego (se o é). Quanto mais, a imagem foi benzida como da Senhora. Tambem os templos idolatras, depois de purificados e benzidos, se tornaram em egrejas christans.

ORNELLAS—antigo nome das actuaes freguezias de *Dornellas*, descriptas no vol. 2.º, desde a col. 1.ª de pag. 479, até á col. 1.ª de pag. 480.

De se dizer—*freguezia d'Ornellas*, se passou a dizer—*freguezia Dornellas;* porque os nossos antigos quasi sempre uniam a preposição ao substantivo. O mesmo acouteceu com os appellidos.

Ornellas, ou de *Ornellas*, é tambem um nobre appellido em Portugal, tomado da freguezia de Ornellas (a ultima mencionada no vol. 2.º)—O conde D. Pedro, faz menção de *Pedro Fernandes d'Ornellas*, pae de João d'Ornellas, e outros. As armas d'este appellido, são — em campo azul, banda de ouro, carregada de tres flores de liz, de purpura, entre duas sereias da sua côr, com caudas de prata, com um espelho, de caixilho d'ouro, na mão direita; e na esquerda, um pente, do mesmo. Elmo d'aço, aberto—timbre, uma das sereias do escudo.

Alvaro d'Ornellas Savedra, filho de outro do mesmo nome, teve carta de brazão d'armas, dado pelo rei D. Manuel, em 1513 — e é — em campo azul, banda de purpura, perfilada d'ouro, carregada de tres flores de liz,

do mesmo, entre duas sereias da sua côr. O mesmo elmo e timbre.

OROANO — Vide *Ogano.*

OROSIA — Vide *Monção.*

ÓRRA — portuguez antigo — hora.

ORRÊTA — portuguez antigo — valle profundo e estreito, entre montes.

ORTA, ou **HORTA** — appellido nobre em Portugal. Foi tomado da villa de *Orta*, na Catalunha. As armas dos *Ortas*, são — em campo de prata, leopardo, rompente, da sua côr, virado para a esquerda, e lampassado de purpura. Orla verde, carregada de quatro mãos humanas, cortadas em sangue, pegando cada uma em duas chaves d'ouro, com as guardas para cima e as argolas para baixo.

Foi feito visconde de Orta, em 5 de julho de 1854, o sr. Antonio José d'Orta.

ORTAR e **HORTAR** — portuguez antigo — cultivar com methodo e diligencia, qualquer campo, como se fosse uma horta.

ORVALHO — freguezia, Beira-Baixa, comarca da Certan, concelho de Oleiros, 75 kilometros da Guarda, 245 ao S.E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Janeiro de Baixo, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua, e o pé d'attar.

OSMAR — portuguez antigo — somar, calcular, orçar, persuadir-se, suppôr, ter para si, etc.

OSA — **OZA**, **OÇA**, e **OSSA** — (tambem se escrevia — *Hosa, Hossa, Houcia, Hease*, e *Horsella.*) — portuguez antigo — calçado que cobria os pés ou as pernas.

Era tambem uma especie de tributo que os maridos davam a suas mulheres, como *preço da virgindade;* e que as viuvas pagavam aos seus segundos maridos. (Vide *Paredes*, da Pesqueira.)

OSPEDADIGO e **HOSPEDADEGO** — portuguez antigo — hospedagem.

OSPITAÇOM — portuguez antigo — dava-se este nome á obrigação de dar pousada ou aposentadoria, aos fidalgos, ministros ou pessoas publicas, que andavam no serviço do rei.

OSSA — Serra, Alemtejo, a 30 kilometros d'Evora, e 12 de Borba, e 12 de Extremoz. É composta d'altos montes e ferteis valles. Tem 40 kilometros de comprido e 15 na sua maior largura. Foi a Thebaida dos religiosos paulistas.

Principia esta serra, proximo á villa de Terêna, e finda junto a Evora Monte, correndo de E. a S. — É muito abundante de boas aguas potaveis.

Está situada quasi no centro da provincia do Alemtejo, no arcebispado de Evora, termo da villa do Redondo, d'onde d'ista 6 kilometros. O ponto mais alto d'esta serra, é o monte de S. Gens, d'onde em dias claros, se vê quasi todo o Alemtejo e grande parte da Extremadura hespanhola.

Tambem se vê, a distancia de mais de cem kilometros, ao O., os castellos de Palmella e Cezimbra, e a serra d'Arrabida. Vê-se da outra parte, a serra de Monte-Junto.

É tradição, que na serra de S. Gens, esteve collocado o sumptuoso templo, dedicado a Venus, do qual não ha o minimo vestigio.

Diz-se tambem, que aqui se fez forte e aqui fez por muito tempo o seu quartel, o grande Viriato, da Beira-Baixa.

Os antigos escriptores dizem que Viriato, o antigo, se fortificou no *monte de Venus*, que é este; e que de lá desceu a desbaratar o pretor Cayo Plaucio, nos campos d'Evora. Consta que Cayo foi o unico romano que escapou com vida, d'esta batalha sanguinolenta, que teve logar pelos annos do mundo 3854 (150 antes de Jesus-Christo).

Lucio Sylo Sabino, soldado romano, mortalmente ferido n'esta batalha, mandou, pouco antes de expirar, que se escrevesse no seu tumulo a narração do combate; mandando que seus ossos fossem levados á Italia, se elles ficassem livres do poder dos lusitanos. Este tumulo foi achado no seculo XVIII, no logar de *S. Bento dos Pomares*, proximo a Evora-Monte. (Vide *Pomares*).

No ponto mais elevado da serra, ainda hoje existe uma torre, á qual chamam de *Vigia*, que se diz, ter servido de atalaia aos dois Viriatos e a Sertorio. Junto da torre

está a capella de S. Gens, bispo de Lisboa, e do qual a serra tomou o nome. (Vide o 4.º vol., pag. 228, col. 1.ª)

A esta serra se juntam as de *Pêro-Crêspo*, a O.—*Cabeça d'Aguia*, ao S.—*Malhada Alta*, a E.—*Castello-Velho*, ao N.—(Aqui edificaram os lusitanos um castello, cujas ruinas ainda se distinguem, em um sitio tão inaccessivel, que só com grande arrojo e á custa de rios de sangue, poderia ser conquistado.)—*Monte-Virgem*, *S. Cornelio*, *Córtes* e *Cartuxeira*. Esta ultima é a mais aspera de todas: são penhascos, sem vegetação, aglomerados uns sobre os outros.

Os principaes valles que ha n'esta serra, são — *Valle do Infante*, *Valle de Abrahão*, *Valle do Cónego*, *Valle do Pereiro;* alem de muitos campos, povoados de quintas e arvoredos, tudo regado por muitas fontes. (Só a *Granja das Córtes*, diz-se que tem tantas fontes, como o anno tem de dias!) Todas estas circumstancias fazem a serra d'Ossa muito agradavel e pittoresca.

No mais bello sitio d'esta serra, está o mosteiro de S. Paulo, tão antigo, que se não sabe quando foi edificado: só se sabe que já existia no anno de 393.

Os valles e campos d'esta serra, são abundantissimos de cereaes, vinho, azeite, fructos, flores, plantas medicinaes, gado de toda a qualidade, caça, mel e cêra.

Ha na serra as villas de Evora-Monte, Terêna e Alandroal — e a aldeia de Pomares. Aqui existiu tambem a villa do *Canal*, da qual nada mais resta hoje do que o pelourinho.

Foi n'esta villa e nas proximidades do Ameixial, que o grande D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa-Flor, derrotou o general castelhano, D. João d'Austria, em 8 de junho de 1663. (Vide *Ameixial*, a pag. 195, col. 1.ª do 1.º vol.)

O nome d'*Ossa*, não vem, como alguns dizem, d'ossos, nem tão pouco d'*ursos;* mas sim de *hessenos*, *hesseos* e *hossios*, que, na rigorosa acepção da palavra, é o mesmo que *santos*.

Antes dos eremitas de S. Paulo habitarem esta montanha, foi sempre denominada *Serra de Venus;* e só depois, pelos annos de 40 a 45, de Jesus-Christo, [1] quando os primeiros christãos para aqui se acolheram, das perseguições dos romanos, é que se principiou a chamar *Serra dos hessenos*, ou dos *hossios*, ou *Ossios*.

Consta que a habitação dos christãos n'esta serra, teve principio do modo seguinte:

No anno 35 de J.-C., S. Manços, ou Mancio, um dos 72 discipulos do Salvador, fugindo em companhia de alguns proselitos lusitanos (que voltavam de Jerusalem para a Peninsula) á perseguição que na Judéa se fazia aos christãos, vieram habitar esta serra. [2]

Diz-se que S. Manços aportou a *Ossonoba* (Faro) e que tendo-lhe alguns dos seus companheiros e alguns hebreus, residentes em Ossonoba, affirmado que Evora era a principal cidade da Lusitania, e que alli estava a synagoga maior, para lá foi prégar e baptizar.

Tendo já um grande numero de proselitos, no anno de 36, e já ordenado clerigos, coadjutores e confessores, se dirigiu a Coimbra, onde recebeu a noticia da grande perseguição que os christãos soffriam em Evora, no anno 91, correu a esta cidade a confortal-os e mandal-os para a serra d'Ossa, para onde já tinha mandado alguns, que queriam viver no retiro. N'esse mesmo anno de 91, sendo imperador Domiciano, foi o santo martyrisado. Os christãos que escaparam á crueldade dos romanos, continuaram a viver na serra, em grutas e cavernas, como eremitas.

[1] Não está satisfatoriamente provada a época da introducção do christianismo na Lusitania. Querem alguns que fosse em 36, outros em 42, outros em 45; mas, não ha dados positivos para se lhe dar tão grande antiguidade.

[2] Qualquer que fosse a causa da primeira habitação dos christãos na serra d'Ossa, nunca acreditarei que fosse esta; pois, custa a crêr que a religião de Christo fosse aqui prégada, apenas dois annos incompletos, depois da sua morte. Auctorisados escriptores asseveram que a nova religião só aqui foi introduzida pelos annos 69 de Jesus Christo, imperando Néro, que mandou para a Lusitania o seu proconsul *Otho Silvio*, o qual não perseguiu os christãos, durante o seu governo.

Aqui foram martyrisados pelos mouros em 11 de março de 715, os santos, Faustino, arcebispo de Braga; Ascencio, bispo de Evora; Theodofredo, bispo de Viseu; Fionio, bispo de Lamego, e outros prelados, e grande numero de christãos; o que nos faz acreditar, que na invasão dos arabes, christãos de todas as provincias da Lusitania vinham procurar abrigo nas brenhas d'esta serra; mas que nem assim conseguiram escapar ao furor dos serracenos.

—

Em 1182, D. Fernão Annes, capitão d'Evora, se fez eremita, foi para a serra, e persuadiu aos seus anachorêtas que se congregassem e vivessem mais perto uns dos outros; no que alguns concordaram, escolhendo o sitio chamado *Valladeira*, onde fizeram um oratorio e pequenas cellas, tendo um sacerdote que lhes dissesse missa.

Os que ficaram espalhados pela serra, viviam aos quatro e quatro, e os da Valladeira aos oito.

No reinado de D. João I, crescendo o numero dos eremitas, foi preciso ampliarem a casa, e, para isso, escolheram um sitio mais alto, onde edificaram um mosteiro, cujas obras ainda continuavam em 1434, no reinado de D. Duarte, sendo um dos principaes fundadores, o eremita Gonçalo Vasques, que lhe fez doação de tudo quanto possuia, que era muito.

O papa Gregorio XII, que governou a Egreja de Deus, desde 1406 até 1409, approvou esta congregação, dando-lhe a regra de S. Paulo, 1.º eremita. Denominavam-se estes religiosos — *Congregação dos monges pobres, de Jesus-Christo, da serra d'Ossa*—e depois, *da ordem de S. Paulo, primeiro eremita.*

Vendo-se constituidos em verdadeira communidade, trataram de erigir mais amplo e sumptuoso mosteiro.

Na melhor parte (por mais fresca, aprazivel e vistosa) d'esta serra, está fundado o actual mosteiro de S. Paulo, quasi a meia ladeira, na falda da serra de S. Cornelio, com a frente para o lado de Evora (O.), tendo uma espaçosa cêrca, formosos e vastos jardins, boas e extensas hortas e ferteis campos.

A egreja é vasta, tendo a um lado a *casa do noviciado*, e ao outro o edificio do mosteiro.

Tem muitas fontes pelos dormitorios, claustros e officinas; repartidas todas por canos, vindo a agua de uma grande nascente, que está na encosta da serra. Estas aguas, depois de servirem de utilidade e recreio no edificio (e actualmente de ruina !...), saem para os jardins, e se lançam, a maior parte, por um grande leão, de pedra, em um formoso lago, de 63 palmos de comprido e 40 de largo.

Tem casas e adegas subterraneas, tão frescas, que em uma (para a qual se desce por uma escada de 40 degráus de pedra) nasce uma fonte d'agua frigidissima.

Este edificio, um dos melhores da provincia, pelo seu merito artistico, e pela posição em que está situado, tem sido completamente esquecido e despresado, e antes de poucos annos, não será mais do que um montão de ruinas.

Vide *Alandroal*, *Cernache do Bom-Jardim*, e *Terêna*. Vide tambem a palavra *Tempé*, a pag. 148 d'este volume.

As pessoas que desejarem amplas noticias da serra d'Ossa e do seu mosteiro, achal-as-hão na *Thebaida Portugueza*, por frei Manuel de S. Caetano Damasio, ex-reitor-geral da ordem; publicada em 1793.

OSSA — Serra, Douro, nas freguezias de Santo Antonio da Lomba (concelho de Gondomar), Valle e Canedo (concelho da Feira). Fica sobre a margem esquerda do rio Douro, 24 kilometros a E.N.E. do Porto, e 310 ao N. de Lisboa. É uma ramificação da serra de *Cabêço de Sobreiro*, que se projecta para o N.O. Ha n'esta serra a aldeia de *Rebordêllo* (freguezia de Canêdo) com uma capella, dedicada a Santa Luzia, virgem e martyr, á qual se faz uma romaria, na 1.ª oitava do Espirito Santo. É uma ermida pequena, de pobre construcção e sem rendimentos. O logar é habitado quasi exclusivamente por pobres, que vivem de apanhar carqueija, para hir para o Porto.

É tambem n'esta serra a aldeia de Laver-

cos, da freguezia da Lomba. É uma povoação grande, com alguns lavradores ricos, e o seu terreno é muito fertil. Fica na chapada da serra, correndo-lhe ao sopé (no logar de *Pé de Moura*) o rio Douro, que lhe fica ao Norte. Tem extensas vistas.

Ha n'este logar um bonita capella, dedicada á Santa Eufemia, e outra, da mesma invocação, em Pé de Moura.

Ao N. O., fórma a serra uma peninsula, cercada pelo rio *Inha*, onde existiu uma povoação e um pequeno mosteiro de freiras benedictinas. Ainda ao sitio, que é hoje uma matta, se dá o nome de *Mosteirô do Ribeiro*. (Vide esta palavra.)

Esta serra tem alguns olivaes, e poucas arvores silvestres: o resto está coberto de matto — quasi tudo, urze e carqueija.

É abundante de aguas, pelas suas quebradas e pequenos valles, e em grande parte composta de terra vegetal, de optima qualidade, que está quasi geralmente desaproveitada; quando podia dar cereaes em abundancia, e ser povoada de bosques e pinhaes, que dariam um grande rendimento, pela proximidade do rio Douro e da cidade do Porto.

N'esta serra não ha granito, nem pédra calcaria. As suas rochas são, no geral, de schisto, quasi todo muito friavel, e algum quartzo.

Seus ares são purissimos.

Podia aqui estabelecer-se uma *colonia*, que, protegida pelo governo, em poucos annos se tornaria florescente.

Tem minas de ferro, que nunca foram exploradas.

OSSEIRA — Vide *Obidos*.

OSSELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho e proximo de Oliveira d'Azemeis, 45 kilometros ao S. do Porto, 42 ao N.E. de Aveiro, 65 ao N. de Coimbra, 270 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo (antigamente, S. Pelagio).

Bispado e distr.º administrativo d'Aveiro.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Paço de Souza, apresentava o vigario, que era um monge do mesmo mosteiro, de nomeação trienal. Tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

É uma das mais antigas freguezias de Portugal, e já era parochia no tempo dos godos. Ha mesmo quem assevere que foi uma cidade, com o nome de *Ossa*, dado pelos gregos, seus fundadores (pela tal ou qual semelhança que tinha com o monte *Ossa*—vide *Tempé*, a pag. 148 d'este volume). Sendo assim, tinha esta cidade sido fundada pelos annos 2700 do mundo, ou 1304 antes de J.-C.—isto é—ha 3180 annos!—Devemos porém confessar que nada aqui nos recorda semelhante antiguidade. Parece-me que o nome lhe provém de ter sido habitada por alguns anachoretas christãos, nos primeiros seculos da Egreja, e vindos da serra d'*Ossa*, no Alemtejo, e que lhe deram este nome, que no antigo portuguez significa *Pequena Ossa*. Alguns escriptores, porém, dizem que o nome lhe provém de que — fazendo-se aqui fortes os lusitanos contra os romanos, pelos annos 150 antes de J.-C., houve então aqui uma grande batalha, ficando o terreno juncado de cadaveres, que os agentes atmosphericos decompozeram, ficando só os *ossos*; mas então deveria ser *Osseira* ou *Ossal*, e não *Ossella*.

O que parece certo, e, pelo menos, é muito verosimil, é ter aqui havido, no anno 996 de J.-C.,[1] no reinado de D. Bermudo II (o *Gotôso*), uma grande batalha, entre christãos, commandados pelo conde *D. Forjaz Vermuiz* (ou *Froilaz*—progenitor dos condes da Feira),[2] e os mouros, commandados pelo feroz Almançor, rei de Córdova. Uns e outros se bateram com tanto furor, que o campo ficou juncado de cadaveres, e a povoação foi pelos mouros reduzida a cinzas. Esta batalha foi

[1] Dizem outros que esta batalha foi dada em 985, durante o mesmo reinado e pelos mesmos chefes.

A razão d'esta duvida é porque Almançor invadiu a Lusitania (já então chamada tambem Portugal) n'estas duas datas.

[2] A freguezia de Ossélla, é a ultima da *Terra da Feira*, para a parte do E., e foi dos Forjazes Pereiras, condes da Feira.

dada na vertente meridional da serra, e perto das margens do Caima.

Diz-se que o conde D. Forjaz Vermuiz deu o seu nome ao monte onde acamparam os christãos. É certo que ao E. d'Ossella, e a pouca distancia, ha uma aldeia e um monte, chamados *Vermuim*. Isto parece provar a tradição da batalha, e tudo leva a acreditar que effectivamente ella se deu n'este logar.

Alguns pretendem que o nome lhe provém dos *ossos* que ficaram d'esta batalha. Já disse o que penso d'esta etymologia.

Faria e Souza (Epitome de la Hist. Port., a pag. 209) diz que Ossella já tinha este nome no seculo XIV.—Já o tinha, pelo menos, no principio do X seculo; porque—estando no Porto o primeiro rei de Leão, D. Ordonho II, com a sua côrte, se foi visitar a D. Gomado, bispo resignatario de Coimbra, e monge benedictino em *Castromire* (vol. 2.°, pag. 447, col. 2.ª), e tanto o monarcha como os seus fidalgos fizeram então grandes doações a este mosteiro. Entre estas se vêem incluidas os padroados das egrejas de *Villa-Chan* (hoje S. Roque, freguezia, a partir com Ossella)—o antigo mosteiro de Santa Marinha (na margem esquerda do *Antuan*, tambem a pouca distancia) — S. Thiago (hoje S. João) de *Vêr*, a uns 8 ou 9 kilometros ao N. — as de S. João e S. Donato, no *porto d'Ovar*, a 15 kilometros ao O. — S. Pedro (hoje Santa Marinha) *d'Avanca*, a egual distancia — *S. Miguel d'Oliveira* (Oliveira d'Azemeis) que parte com esta freguezia — e, finalmente, S. Pelagio de Ossella.

—

Consta que S. Martinho, prior de Soure, contemporaneo de D. Affonso Henriques, era natural do monte *Aurunche*, acima do logar de Ossélla (antigamente *Osséloa*). [1] Veja-se o que com respeito a este santo, digo na col. 1.ª de pag. 90, do 5.° vol.

—

Pela parte do S., termina esta freguezia (e as antigas *Terras de Santa Maria*, ou *da Feira*) no rio *Cáima*.

[1] Tambem tenho visto em livros antigos —*Ossél* e *Osseolla*.

Em um outeiro d'esta freguezia, existiu o castello onde se fortificou Santo Hermenigildo (filho do rei gôdo Leovegildo, e irmão do rei Flavio Ricaredo) em 585 de Jesus-Christo, na guerra que houve contra os arianos. [1] Não ha d'este castello vestigio algum.

—

S. Gregorio Turonense (na sua obra *De Gloria Confessorum*, liv. 1.°, cap. 21 e 69) e *Luitprando* (*fragmento* n.° 3) — dizem que havia em Ossella uma fonte, tanque ou piscina, de *agua baptismal*, que estava sécca todo o anno, e sómente no triduo da Paixão, se enchia de agua pura, até ao bocal. Então, o bispo (de Coimbra, a cuja diocese pertenceu antigamente esta freguezia, e todo o territorio ao N., até á margem esquerda do Douro—vide *Grijó*) santificava esta agua, em sabbado santo, com o chrisma sagrado, e era levada para varias freguezias, e distribuida aos doentes, como remedio para todas as enfermidades.

Antonio Tavares de Tavora, escreveu e publicou um livro, que trata unicamente d'este milagre, que pretende provar.

Hoje ninguem sabe do sitio onde existiu esta fonte milagrosa.

—

Ainda por esta freguezia se vêem alguns alicerces, que se diz serem os restos da antiga *Ossa*.

É terra fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado bovino, para exportação, e nos seus montes ha muita caça, miuda. Tem bastantes arvores silvestres, sobretudo, pinheiros.

Ha tambem no seu territorio, minas de ferro e de cobre, que se não exploram.

OSSONOBA — antiga cidade da Lusitania, no paiz dos *cúneos* — hoje Algarve. Já em *Estôy*, a pag. 71, col. 2.ª do 3.° vol. — e em *Faro*, a pag. 140, do mesmo vol., fallei rapidamente de *Ossonoba*. Aqui darei mais amplas informações d'esta povoação.

Tambem, já depois de publicado o 3.° volume, tiveram logar alguns factos aconteci-

[1] S. Hermenigildo foi martyr. Seu pae, que era ariano, o mandou degolar, por elle ser catholico, no mesmo anno de 585, um anno antes da morte do pae.

dos em Faro, dos quaes, não querendo privar os leitores, farei menção no fim d'este artigo.

—

O nome d'esta povoação escrevia-se de differentes modos, segundo a patria dos escriptores que d'ella trataram. Chamaram lhe—*Ossonoba, Ussonoba, Oksonoba, Ossonaba, Exonaba, Oxonoba, Ossanabo, Ossonobona, Onoba-Lusturia* (ou *Listuria*), *Onoba, Estuaria, Usanobaal, Hasanobaal, Exuba, Exubana*, etc., etc.

Todos os antigos dão esta cidade na costa da Turdetania.

Ainda era muito florescente no tempo dos godos. Estava situada junto ao cabo *Cuneo*.

Gaspar Barreiros, Perpenhão, Padilha, Pedro Fayon e outros, pretendem que Ossonoba era a actual povoação de *Estombar* (junto a Silves).—Outros dizem que é *Estoy* (estes são, Ambrosio de Morales, Bingham, M. Maximo, Flores, André de Rézende, Aguirre, Vasco. etc.)

Os inglezes, incendiando a cidade de Faro, em julho de 1596, destruiram preciosos livros e documentos para a historia do Algarve, que estavam na bibliotheca do sabio bispo, Dom Jeronymo Osorio. Diz-se, porém, que os inglezes, antes do fogo, roubaram estes livros, e que os levaram para a universidade de Oxford, onde ainda existem.

A sua terminação em *oba* mostra que era no litoral, e segundo Plinio, Pomponio Mella e outros escriptores romanos, pertencia ao *Cabo Cuneo*, hoje *Cabo de Santa Maria*, em frente de Faro (vol. 2.°, pag. 16, col. 1.ª) —e não ao *Promontorio Sacro* (actual *Cabo de S. Vicente*, no mesmo vol. e pag., na col. 2.ª)

A este pertencia *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa) e *Portus Annibalis* (Villa Nova de Portimão).

André de Résende *(Ant. da Lus.)* copiando o sabio medico, Rasis, ou Rhases, que falleceu pelos annos de 950, diz que Ossonaba era fertil e abundante; plana, e cheia de muitas hortas, regadas por copiosas aguas; tendo montes que produziam muitos pastos para os gados—e visinha ao mar; com seus esteiros, por onde navegavam barcos e navios.

Era uma cidade, egual em grandeza ás melhores do mundo, tendo conservado com pouca differença, o nome que tinha na lingua punica, e á qual os arabes chamavam *Exubana*. Tudo isto concorre em Estoy, e não póde quadrar a Estombar.

Rasis, era um famoso medico árabe, e o seu nome proprio era *Abubeker*.

Foi traduzido por *Mahamet* (ou *Mestre Mafamede)* e pelo padre Gil Peres, no reinado de D. Diniz.

E' tradição constante em Estoy, que—dois mouros principaes, um de Estoy, outro de Alferce, competiam em pretenções ao casamento com uma filha herdeira de certo rei de Faro; e que tinha side proposto para noivo, aquelle que mais depressa fizesse uma torre, d'onde se visse Faro; ou levasse a agua a esta cidade, e que ganhou o premio o que fez o aqueducto.

Ha em Estoy restos de nobres e antiquissimos edificios; um templo, construido de grandes tijolos e revestido de mosaico; banhos (thermas); aqueductos; canos; sepulturas; columnas; e uma torre antiquissima, mas ainda soffrivelmente conservada.

Sahindo da *porta falsa*, do castello de Faro, em um baluarte que está a pouca distancia, chamado *meza dos mouros*, em 1784, se descubriu uma lapide, de 2,^{m}60 de comprido, e um metro de largo, com a seguinte inscripção:

IMP. CAES. P. LI-
CINIO VALERI-
ANO. P. F. AVG. PONT.
MAX. P. P. T. R. POT. III.
COS. RESP. OSSON.
EX DECRETO ORD.
DEVOTISSIMA NVMINI
MAIESTATIS EIVS.
D.

D'esta lapide se vê, que a republica ossonobense, dedicou os seus votos, ao imperador Valeriano (Publio Licinio Valeriano—pae) tres vezes consul, quando se lhe dedi-

cou esta memoria, pelos annos 255 de Jesus Christo; mas foi pela 4.ª vez elevado ao consulado, em 257.[1]

Este Valeriano, em quanto foi consul, era um cidadão geralmente amado, pelas suas bôas qualidades; mas degenerou assim que foi feito imperador, convertendo-se em vicios todas as suas virtudes.

As distancias que o itinerario de Antonino Pio faz de *Balsa* (Tavira) a Ossonoba, coincidem com as de Plinio e Strabão; dando a certeza de que é em Estoy e não em Estombar o assento da antiga Ossonoba.

Em uma torre, do lado do mar, hoje chamada *porta da villa*, se vê, em uma lapide embebida na parede, a seguinte inscripção:

D. M. S.
CATVRISAE PRI-
MAE CONIVGI. PIISSIMAE,
QVAE VIXIT ANNOS XXV.
MVIII. L. CALP. THE-
ODOROS MARITVS.

Esta inscripção estava cercada de uma tarja com bellos ornatos de flores, que ainda existem em grande parte.

Está na torre do *poço das naus*, ou da *Vigia*, tambem chamada *do Registo*.

O bispado de Ossonoba, era suffraganeo do de Merida, e as principaes povoações do bispado de Ossonoba, eram—*Esuri* (Algezur?)[2] *Balsa* (Tavira) *Portus-Annibalis* (Villa Nova de Portimão) *Lacobriga* (Lagos ou Lagôa) e *Aranni*. (?)

—

O primeiro bispo d'Ossonoba, de que há noticia, foi *Vicente*, que vivia no fim do 3.º seculo e principio do 4.º Suppõe-se que antes d'elle houve outros, cujos nomes não chegaram aos nossos dias.

Assistiu ao concilio iliberitano, pelos annos de 324.

O 2.º foi *Itacio*, que principiou a governar pelos annos de 379.

Parece que entre Vicente e este, devia haver outros; mas não se sabe quaes foram, nem se existiram.

3.º, *Pedro*. Viveu 200 annos depois de Itacio; porque os godos, em quanto foram arianos, não deixavam fazer bispos catholicos e perseguiam os que havia.

4.º, *Gregorio*, que viveu pelos annos 635.

5.º, *Saturnino*, que governava o bispado em 653.

6.º, *Exarno*, que vivia em 666.

7.º, *Pluciano*, que vivia em 670.

8.º, *Bellito*, que vivia em 683.

9.º, *Aggripio*, que era bispo em 688.

Muitos d'estes prelados assistiram pessoalmente, outros por seus delegados ou procuradores, nos concilios de Iliberi, Tolêdo e Çaragoça.

Desde 714 até 1250 não tornaram a haver bispos no Algarve; e, desde que este reino foi resgatado do poder dos arabes, se elevou Silves a cidade episcopal, porque d'Ossonoba apenas restavam tristes e mutiladas ruinas. (Vide *Silves* e *Faro*.)

Não consta que houvesse mais nenhum. E' de suppor que Aggripio fosse prelado quando os arabes invadiram a Lusitania por este lado, em 714.

Foi pois este, provavelmente, o ultimo bispo de Ossonoba.

—

Attribue-se aos phenicios a fundação d'esta famosa cidade da Turdetania, pelos annos 3100 do mundo, ou 904 antes de Jesus Christo.

Floresceu esta cidade, pelo espaço de 16 seculos, sendo, como já disse, uma das principaes cidades da Europa, e um importantissimo centro commercial.

Consta que prègou aqui o Evangelho, Santo Esiquio, discipulo do apostolo S. Thiago maior, e dois seculos depois, com a pro-

[1] Digo, pelos annos de 255, porque em 254 tinha sido pela 3.ª vez consul; e foi escripta antes do anno de 257, porque, se fosse n'este anno ou depois d'elle, devia dizer: «4.ª vez consul.»

[2] Alguns dizem que *Esuri* era uma antiga cidade, situada entre Balsa e Myrtilis (Mertola.) — Outros dizem que era na Extremadura hespanhola, e a povoação hoje chamada *Xerez de Badajoz*, ou *Xerez de los Çaballieros*. Pelo itinerario de Antonino Pio, parece ser Ayamonte (na Andaluzia, e em frente de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio; mas estou persuadido que era a actual villa de Aljezur.)

pagação do christianismo, foi Ossonoba elevada á cathegoria de séde de um bispado, que existiu até 714.

N'este anno, foi a Turdetania invadida pelos arabes, que, levando tudo a ferro e fogo, destruiram as principaes povoações d'este territorio, ao qual deram o nome de *Al-Gharb* ou *Al-Faghar* (Terra Occidental—em relação á Africa, que lhe fica a E.) porém davam este nome a todo o paiz que fica entre o actual cabo de S. Vicente, até á cidade de Almeria, na Hespanha (hoje capital da provincia do seu nome.)

Ficaram comprehendidos n'esta circunscripção, os *turdetanos* propriamente ditos, os *cuneus*, os *celtas* e os *cynetas*. (Vide 1.º vol., pag. 121, col. 1.ª) que todos habitavam o Algarve actual.

Os arabes escolheram para capital d'este novo reino, que existiu 535 annos, a actual cidade de Silves, a que elles chamavam *Chelb*, e tambem *Chencir*. Este segundo nome se dava tambem frequentes vezes a todo o reino do Al-Gharb.

—

André de Résende, nas suas *Antiguidades*, e Luiz Marinho d'Azevedo, na sua *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* (L.º 2.º, cap. 27, pag. 100) sustentam que Ossonoba foi depois chamada *Cunistorgis* (cidade dos cuneus) e que portanto Ossonoba e Cunistorgis são uma e mesma cidade.

Azevedo diz, no logar citado, que *Cancheno*, chefe dos antigos lusitanos, e natural de Olissipo (Lisboa) vendo que os cuneus se tinham ligado com os romanos, e que nas fortalezas de Cunistorgis ondeava a bandeira da águia, juntou um exercito de olissiponensis, e foi pôr cerco a Cunistorgis (que segundo elle, é o mesmo que Ossonoba) e depois de varios assaltos e combates, a tomou, saqueou e destruiu.

Que depois, marchou com as suas tropas victoriosas, em direcção ao S., entrando pela actual Andalusia, assolou todas as povoações por onde passava, sem haver quem lhe resistisse, até ao Estreito de Gibraltar.

Alli reuniu os seus capitães em conselho, para se decidir sobre a maneira de continuar a guerra, ou retrocederem.

Os mais prudentes, optaram porque regressassem a Lisboa, com os immensos e ricos despojos que haviam roubado; porém, os mais ardidos ou ambiciosos, foram do voto que se avançasse.

Esta opinião prevaleceu. Dividiram o exercito em dois corpos—um para continuar a guerra nas provincias ibericas, e outro para atravessar o Estreito e hirem levar a guerra a Africa.

Este segundo corpo, ficou em Gibraltar, construindo embarcações para passar o Estreito.

O 1.º, se internou, e foi pôr cêrco á cidade a que Appiano dá o nome de *Ocile* (e que hoje não se sabe onde fosse.)

Os moradores estavam prevenidos, e oppozeram uma valerosa resistencia, que prolongou o assedio.

Faltando aos lusitanos os precizos mantimentos, subdividiram-se em dois corpos—um que ficou sustentando o cêrco, outro que se espalhou pelas povoações dos arredores, a roubar gados para aprovisionar o acampamento; mas isto sem a menor sombra de disciplina, e como se não houvesse quem fosse capaz de lhe resistir.

Os povos se queixaram ao pretor Lucio Mumio, [1] que marchou immediatamente contra os lusitanos, com um exercito de 9:000 homens de pé e 500 cavallos, os quaes unidos a 4:000 hespanhoes que estavam a poucas leguas da cidade, e a grande numero de gente que se lhe juntou, e dando sobre os lusitanos despercebidos e espalhados pelos campos e aldeias, e, de mais a mais, entretidos com a conducção dos gados, e do mais que poderam pilhar, fizeram n'elles uma atroz carnificina, matando perto de 15:000 homens!

Os que puderam escapar, foram ter ao grosso do exercito cercador, ao qual com-

[1] Azevedo não declara a época d'esta campanha, mas, se foi no tempo em que Lucio Mumio foi pretor nas Hespanhas, devemos marcar o anno 3840 do mundo (164 antes de Jesus Christo) pois foi por esse tempo o seu pretoriado.

municaram o seu terror, e todos trataram logo de fugir para a Lusitania; largando a maior parte das suas prêsas e tratando só de salvar as vidas.

Foi esta derrota considerada de tanta importancia, e de tamanha gloria para as armas romanas, que, segundo Eutropio, Lucio Mumio recebeu por ella as honras de triumphador, na cidade de Roma.

Não teve melhor resultado a parte do exercito lusitano que passou a Africa.

Tomaram, é verdade, por capitulação a cidade de Tanger; mas, como em Hespanha, só se occuparam em roubar e assolar o paiz, e com as prêsas que poderam haver (que não foram de grande valor, porque a terra era pobre) se tornaram a Hespanha; mas, com tanta infelicidade, que foram desembarcar perto do lugar onde o consul Liciano Lucullo estava com as suas tropas, e como hiam em desordem, foram degollados 1:500, e muitos prisioneiros.

Os que escaparam, se fizeram fortes em um monte alcantilado e quasi inaccessivel.

O consul, vendo que só a custo de rios de sangue hispanico e romano poderia vencer os lusitanos, resolveu vencel-os pela fome, e os cercou.

Em uma noite, porém, os lisbonenses romperam inopinadamente por entre as fileiras compactas dos cercadores, matando quantos se oppunham á sua passagem; e ainda que muitos morreram ou ficaram prisioneiros, a maior parte escapou, regressando á Lusitania. Assim terminou esta campanha, que seria feliz, se não fosse a ambição e temeridade dos olissiponenses.

Os romanos, seguiram os restos do exercito derrotado, pondo a ferro e fogo as actuaes provincias do Alemtejo e Extremadura.

Quinze annos depois (149 antes de J.-C.) o pretor Servio Sulpicio Galba, invadiu a Lusitania, e em uma batalha derrotou os lusitanos; porém estes, sendo reforçados durante a noite, saltaram no dia imediato sobre os romanos, nos quaes fizeram tão horrorosa mortandade, que apenas o consul e alguns de cavallo, poderam escapar a toda a brida, hindo metter se em *Carmena* (que se julga ser a actual Carmôna).

Pouco depois apparece o nosso grande Viriato (o beirão), que tão caro fez pagar aos romanos as suas anteriores victorias e perfidias.

—

Termino este artigo, emittindo a minha humilde opinião, e é que Ossonoba era uma cidade distincta de Conisturgis. Aquella era, com toda a probabilidade, no local occupado pela actual *Estoy*, a 6 kilometros de Faro; e esta era mais ao E. (e ainda ao E. de Olhão e de Tavira) e proximo á foz de Guadiana, talvez onde hoje é *Cacella*, ou Villa Real de Santo Antonio. — Vide o que a este respeito digo em *Cacella*, a pag. 23, col. 1.ª do 2.º vol. — *Cunistergis*, no fim da col. 1.ª, de pag. 450 do mesmo volume — e *Estoi*, na col. 2.ª de pag. 71 do 3.º volume.

OTA — portuguez antigo — particula diminutiva de nomes femininos: v. gr. — calça, *calçota* — Maria, *Mariota* — riso, *risota* — etc.

OTE — portuguez antigo — particula diminutiva de nome masculino: v. gr. — pequeno, *pequenôte* — velho, *velhote* — rapaz, *rapazote* — etc. [1]

ÓTTA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 5 kilometros d'Alemquer, 60 ao N.E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 23 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e tres cantaros d'azeite.

É povoação antiquissima. O seu nome, é corrupção da palavra arabe *uata*, que significa *baixos*, ou *coisa baixa*.

Esta freguezia, a menos populosa do concelho de Alemquer, é composta da antiga freguezia de Otta (que era a que em 1757 tinha 23 fogos) e parte da do *Paúl*, que foi supprimida, e tinha em 1757 apenas nove fogos, e em 1800, cinco! (Vide *Paúl d'Otta*.)

A egreja matriz da freguezia está no logar

[1] Esta regra não era invariavel; muitas vezes se pospunha *ote* a nomes femininos, como sella, *sellote* (mas em cella, mudava-se para *cellota*) etc.

Estes dois diminutivos ainda se usam em Portugal, sobretudo, nas provincias do norte.

de Otta, que é uma pequena povoação nas duas margens da estrada real que de Lisboa vae á villa das Caldas da Rainha, e que tem uns 40 fogos.

D. Sancho I deu esta freguezia ao mosteiro d'Alcobaça, em 1193. O papa Celestino III (que governou a Egreja catholica, desde 1191 até 1198) confirmou esta doação, em 1195.

Antigamente havia aqui uma boa feira, no domingo do Espirito Santo.

Consta que esta aldeia era muito rica antes da invasão franceza, cujas hordas fizeram um acampamento aqui perto, e com o vandalismo que os distinguia, não só saquearam a povoação, mas a incendiaram, e lhe destruiram os seus arvoredos.

Com o andar dos annos, a aldeia recuperou a sua antiga importancia, e as suas condições de prosperidade; e a sua população tem progredido.

A egreja matriz está no centro do povo. É um templo muito pequeno e de construcção tosca; mas está interiormente com muito aceio, porque o seu actual parocho é muito sollicito na ornamentação da sua egreja. Parece ser de construcção moderna; provavelmente, reedificação da antiga.

Á entrada da capella-mór ha uma campa, que consta ser a sepultura de certo clerigo, que deixou um legado a esta egreja. Não se póde ler o nome, por estar coberto com tijolos: só se vê a data, que é de 1567.

Fóra da porta, está outra campa, onde se lê—*S.ª* (sepultura) *de José Francisco do Rego*—1691.

É esta povoação de triste nomeada, por causa das constantes febres intermitentes que aqui se soffrem, procedidas das materias animaes e vegetaes em decomposição, nas aguas estagnadas da *lagôa do Bunhal.* (Esta lagôa e as terras adjacentes, são da corôa, e pertenciam ao almoxarifado da Azambuja; hoje são seus emphiteutas os condes de Mesquitella.)

Tambem causam a mesma molestia endemica, as aguas estagnadas dos campos do Paúl. (Vide *Paúl d'Otta.*)

Todas estas terras tiveram por muitos annos o privilegio de *couto,* e ningem podia n'ellas caçar, sem licença do almoxarife. D'este privilegio resultava que os ladrões e malfeitores se refugiavam n'estas mattas afoitamente, sem temor de serem perseguidos pela justiça.

A abertura da antiga estrada real, no reinado de D. Maria I, e que passava por estes sitios, augmentou esse mal, e ainda no principio d'este seculo ninguem se atrevia a passar pelo sitio da grande capella de *Nossa Senhora da Ameixoeira,* sem levar boa companhia, ou uma forte escolta.

—

Nas côrtes de 1498, alguns povos pediram ao rei D. Manuel, para que descoutasse várias mattas do reino, ao que o monarcha annuiu; mas deixou o *Paúl d'Otta* continuando a ser coutado.

Em 1594, D. Philippe II, tambem descoutou muitas das mattas que ficaram coutadas em 1498; mas não descoutou o *Paúl,* que ficou coutado até 1820.

Estas terras, pela sua vastidão e falta de cultura, são o refugio de grande quantidade de lobos, rapozas e outros bixos, aos quaes se fazem montarias para seu exterminio, ou pelo menos para os afugentar. A esta montaria concorre gente de todas as povoações visinhas, que em cordão vem batendo o matto, até fechar o circulo em volta do *Monte-Redondo.*

—

Alludindo á insalubridade d'esta freguezia, ha um antigo rifão, que diz:

Deus nos livre das sesões de Otta;
E da justiça d'Alemquer,
Guarde Deus a nossa porta.

—

São d'esta freguezia, as povoações de—*Aldeia* e *Paços:* ambas pequenas, e sem cousa notavel.

As principaes propriedades d'esta freguezia, são:

Quinta da Vassalla—propriedade antiquissima, e sem duvida aquella a que o *Sant. Mar.* dá o nome de *quinta da Ameixoeira,* e que em 1217 pertencia ao *vassallo* Nuno Gonçalves. (Vide vol. 1.º, pag. 197, col. 1.ª)

Em 1707, já tinha o nome de *quinta do Vassallo,* e era seu proprietario, Francisco

Garcez de Brito, sargento-mór dos auxiliares. Passando de dono em dono, foi até ha poucos annos do opulentissimo lavrador, Raphael José da Cunha; e pelo fallecimento d'elle, seus herdeiros a venderam ao sr. José Maria Camillo de Mendonça, feito visconde da Abrigada, em 27 de janeiro de 1870; e é este hoje o seu proprietario. Este cavalheiro, mandou construir, a pouca distancia da egreja de Nossa Senhora da Ameixoeira, uma bella casa de residencia.

Quinta da Torre—actualmente do sr. João Peixoto da Silva Almeida de Macedo, feito visconde de Lindoso, em 27 de outubro de 1863.

Quinta d'Otta—é uma grande e bella propriedade, com boa casa de residencia, e mais officinas, junto ao logar do seu nome. O seu terreno é, na maior parte, regado pelo rio d'Otta, e tão fertil, que produz tres novidades no anno.

Em 1707, era esta quinta de Pedro de Figueiredo, cujo nome ainda se lê em todos os marcos da quinta.

Parece que, por herança ou casamento, passou esta propriedade para a casa dos condes de Belmonte (que tambem são Figueiredos).

Hoje é seu proprietario, o sr. D. Vasco de Figueiredo Cabral da Camara, 4.º conde de Belmonte, feito em 25 de junho de 1847. É o 13.º senhor do morgado de Otta. É filho da sr.ª D. Maria de Mendonça Rólim de Moura Barrêto, filha dos fallecidos marquezes de Loulé. (Vide vol. 1.º, pag. 374, col. 2.ª)

A mãe do sr. conde (viuva do 3.º conde de Belmonte, D. Vasco Antonio de Figueiredo Cabral da Camara) costuma vir passar grandes temporadas a esta quinta, sendo então, pela sua adoravel caridade, a providencia dos pobres d'estes sitios, que todos a respeitam e adoram como o seu anjo bom.

Tanto n'esta quinta, como na antecedente (a da Torre) se experimentou, em grande escala, e com optimo resultado, a cultura do arroz; porém cessou com a lei que a prohibiu, por ser prejudicial à saude publica.

Foi senhor d'Otta, no reinado de D. Affonso V, Vasco Martins Leitão, descendente do conde D. Pedro Peirales, povoador de Burgos, e famoso varão castelhano, de quem fala o conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, e outros genealogicos.

D. Leonor Leitão, filha d'aquelle senhor de Otta, casou com João Lopes de Azevedo, senhor de S. João de Rei, Pena, Aguiar, Parada, Bouro, Souto, Honra de Frazão e Terra de Pereira. Esta senhora e seu marido são progenitores dos viscondes de Azevedo, e de Oliveira do Douro, dos senhores da Tapada e de Paradélla, e de outras nobilissimas familias d'este reino.

OU—portuguez antigo—ao—*Das quaes una dey ós juizes, e* ou *Conzelo, e outra dey* ou *Prelado.*—(Doc. de Salzedas, de 1273.)

OÚ—portuguez antigo—(do gallo-celta)—onde. (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1305.)

OUCIDRES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio-Livre), 80 kilometros a O.N.O. de Miranda, 440 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Foi commenda de Christo.

Havia outra freguezia do mesmo nome tendo por orago, Santa Maria, a qual, por ser pequena (tinha apenas 35 fogos) foi unida a esta, no principio d'este seculo.—Era apresentada pelo reitor de Santo André de Oucidres, e curato dependente da mesma.

No monte das Arcas, d'esta freguezia, ha vestigios de edificios romanos.

O seu nome é corrupção do antigo portuguez *oussida*—altar-mór ou capella. (Vide *Obsia*, a pag. 198, col. 2.ª, d'este volume.)

OUCISIA—Vide *Eucisia.*

OUGUELLA—villa, Alemtejo, concelho e 6 kilometros ao N. E. de Campo-Maior, comarca d'Elvas, d'onde dista 20 kilometros ao N., 190 ao E. de Lisboa.

Tem 70 fogos. Em 1757, tinha 52 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 130$000 réis de rendimento.

E' palavra celtica, cuja significação hoje se ignora.

Na Hespanha ha tambem algumas povoações com este nome (Ouguella) sendo a principal, a villa de *Ouguela*, porto de mar na Biscaia.

E' povoação muito antiga, e, segundo varios escriptores, foi cidade romana, com o nome de *Budua*, e no tempo dos godos, *Niguella*. E situada no alto de um escarpado monte.

Fica em frente da villa hespanhola d'Albuquerque.

Veiu á corôa portugueza, em 1297, com Olivença e Campo-Maior, no reinado de D. Diniz (vide *Olivença.*)

Já então era cercada de muralhas e defendida por um castello; mas como estavam arruinados, D. Diniz mandou reedificar tudo, pelos annos de 1299, ou 1300.

Este mesmo rei lhe deu foral, com todos os privilegios do de Evora, por carta expedida de Lisboa, a 5 de janeiro de 1298. *(L.º 2.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 6 verso, col. 2.ª, § 3.º)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. *(L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 65 verso, col. 2.ª)

Tem ainda uma *sentença de foral*, dada por D. João III, em Lisboa, a 10 de novembro de 1536. *(L.º das sentenças a favor da corôa*, fl. 24, col. 2.ª)

Tem misericordia e hospital.

Proximo á villa passam os rios *Sévera* (ou *Xévora)* e *Abrilongo.*

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, principalmente vinho e azeite.

Cria muito gado, sobretudo suino, e é abundante de caça.

Tem uma fonte, cujas aguas, segundo o padre Carvalho, tem duas propriedades notaveis:

1.ª, que todo o animal vivo, excepto rans, morre immediatamente apenas cahir dentro da tal fonte.

2.ª, é não coser carne ou legumes, de qualquer qualidade que seja, por mais que n'ella fervam.

(São as célebres aguas mineraes aciduladas, de que adiante trato.)

Junto ao rio Sévera, está a egreja do Salvador, que foi mosteiro de templarios. Ainda se vêem as ruinas do edificio do mosteiro.

N'esta egreja está a imagem de *Nossa Senhora da Enxára*, que, segundo a lenda, appareceu a uma menina.

A esta Senhora se attribuem muitos milagres.

—

O sr. Carlos Ramires Coutinho, esclarecido escriptor publico, foi feito barão de Barcellinhos, em 3 de fevereiro de 1864—e visconde de Ouguella, em 26 de março de 1868.

—

Foi natural d'esta villa, D. João de Menezes da Silva (o beato Amadeu) filho de Ruy Gomes da Silva, alcaide-mór de Ouguella e Campo-Maior, e de D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e 1.º capitão de Ceuta.

Foram seus irmãos, D. Diogo da Silva, 1.º conde de Portalegre; e D. Beatriz da Silva, da qual adiante se trata.

D. João de Menezes, foi dotado de rára gentileza e vastissima intelligencia; prendas que realçavam a esclarecida nobreza do seu sangue.

Diz-se que amou perdidamente uma infanta de Portugal; mas vendo que o seu amor só produziria desgostos, impossibilidades e serios perigos, deixou a sua patria e se foi para Castella, onde, no mosteiro de Guadalupe, viveu alguns annos, desconhecido, sendo o mais humilde, fervoroso e santo dos seus companheiros.

Passou depois á Italia, onde pediu o habito franciscano, no convento de Assis, e então tomou o nome de *Amador* (que em italiano é *Amadeu.*)

Na Italia instituiu uma nova congregação, que, do seu nome, se chamou dos *amadeus*,

a qual foi confirmada por Xisto IV, pelos annos de 1480.

Esta congregação se dilatou pela Italia, onde floresceu por muitos annos, chegando a ter 28 mosteiros reformadissimos.

Foi chamado a Roma, e o mesmo pontifice lhe concedeu grandes privilegios para a sua ordem, e o fez seu confessor.

Em Roma, teve por amigo, D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora, seu primo co-irmão, quando este prelado foi por general de uma armada, que D. Affonso V mandou a Italia, em soccorro da cidade de Otranto, occupada então pelos turcos.

O beato Amadeu, recolheu-se ao mais solitario mosteiro da ordem que havia fundado, onde escreveu um livro de revelações e profecias, sobre o estado da egréja romana, com o qual (livro) se mandou enterrar, escrevendo-lhe por fóra—*Aperietur in tempore.*—Escreveu e publicou mais alguns livros misticos.

Falleceu em 10 de agosto de 1482, e jaz em Milão, no convento de Santa Maria da Paz, da sua congregação.

O seu livro prophetico, foi achado intacto, muitos annos depois da sua morte, e impresso e publicado, e ainda hoje é muito estimado pelos crentes.

Grande parte das suas prophecias se teem realisado.

Aguas mineraes de Ouguella

Estas aguas foram apresentadas na exposição universal de Paris, de 1867, e o seu relatorio official, é o seguinte. (Traducção.)

«*Nascente mineral d'Ouguella*—Esta nascente está situada perto do forte e da egreja de *uma pequena aldeia* do seu nome.

A agua que nos foi enviada, para nosso estudo, não apresenta gosto nem cheiro dignos de nota, e era de uma limpidez perfeita.

E' a unica agua mineral, entre as do continente de Portugal, que examinámos, que possue uma quantidade consideravel de nitratos.

Um kilogramma d'agua, evaporada a sêcco, deu 0 gr. 7849 de residuo fixo, formado de chlorureto de sodium; de solphato de soda; de nitrato de soda e de cal; de carbonatos de soda e de magnesia, e de silica.»

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas*, etc., publicadas em 1810, trata circumstanciadamente d'estas aguas, a pag. 160. —D'esta obra extrahi o seguinte:

Caminhando para N. E. de Campo-Maior, uma legua, na comarca d'Elvas, é o forte ou praça e villa d'Ouguella, cujo terreno circumvisinho é descoberto e pouco montuoso.

As aguas mineraes d'esta villa, são as unicas do seu genero em Portugal.

Segundo a tradição, a sua primitiva origem, é a distancia de uns 300 passos da *Atalaia de S. Pedro*, d'onde corre para o forte contiguo á egreja, e por baixo d'esta e da muralha, sáe, e continua por 10 ou 12 passos, por um aqueducto, junto á fonte. N'esta corre por duas bicas, de ferro, nas quaes, a somma total da agua, anda por dois anneis, no inverno; sendo metade (e ás vezes menos) no verão.

Os canos das bicas estão carcomidos e rotos, pela passagem da agua.

E' esta, fria e crystalina, sem cheiro algum, mas o seu sabor, na fonte é aspero e acido, e custa a soffrer; porém perde-o passado algum tempo depois de estar em vasos de barro, tornando-se então propria para o uso commum; mas quasi ninguem a bebe, porque dizem que faz abalar os dentes e separarem-se as gengivas.

Emprega-se para amaçar o pão, que fica alvo, leve e saboroso.

Não cose legumes nem carne, que, ainda que fervam muito tempo, ficam duros, negros e incapazes de comer-se.

Recolhida em vasos de vidro, vê-se sobrenadar uma substancia oleosa, que, demorando-se, engordura o vidro.

Em vasos de barro porém, não deixa no fundo ou paredes internas, deposito algum; mas exteriormente ficam cobertos de uma materia branca, e como caiados.

O aqueducto que conduz esta agua para o chafariz e os que são proximos ás bicas, tem de romper-se, e com muita difficuldade, de dois em dois, ou, quando muito, de trez

em trez annos; em rasão das durissimas crustas lapidosas que n'elles se formam, misturadas com limos e hervas adherentes—(ao que dão aqui o nome de *rapósos*.)

Perto d'esta fonte, ou chafariz, ha outra dentro de uma horta, onde é aproveitada para irrigação, e faz prosperar notavelmente os seus fructos, que são muito mais saborosos, do que os creados nos outros sitios proximos, que não são regados com esta agua.

O dr. Fonseca Henriques, diz (no seu *Aquilegio*, pag. 191) fundando-se no padre Carvalho, que nas *Constituïções Synodaes* do bispado d'Elvas, impressas em 1634, fallando-se da villa de Ouguella—se refere que—procurando verificar-se se as suas aguas mineraes consentiam em si, vivos, peixes ou insectos, ou vermes aquaticos ou amphibios, se viu sempre que, tanto os insectos, sanguesugas, e vermes, morrem apenas se deitam na agua—e os peixes, em seu vigor, morrem em menos de meia hora.

Vivem porém n'ella rans; mas pequenas e magras; talvez porque respiram com frequencia o ar atmospherico.

Julga o doutor Tavares, que esta agua é gazoza, pelo gaz acido carbonico, em excesso: com alguma porção diminuta de carbonato e sulphato calcareo.

As incrustações durissimas formadas nos canos, provam a presença de carbonatos e sulphatos calcareos (selenites) e talvez silica misturada.

E' proprio de todas as aguas que abundam em gaz carbonico, não crearem peixes, nem os consentir vivos; nem os insectos e vermes, mesmo que sejam aquaticos.

A substancia oleosa que se vê nos vidros, pode vir d'outros depositos de mineraes; mas tambem póde ser resultado da combinação do hydrogenio com o acido carbonico, e o oxigenio, que forma uma materia oleosa—a *naphta*.

O gosto acre e acido, prova a existencia do gaz carbone e da naphta; que, como são extremamente volateis, se evaporam, fóra da nascente, deixando a agua potavel.

A crusta branca que apparece no exterior dos vasos de barro, não é mais do que carbonato e sulphato de cal, filtrados pela materia porosa do vaso.

Estas aguas são applicadas com vantagem nas debilidades de estomago; vomitos pertinazes d'ellas procedidos; hydropisias; e para a expulsão de vermes intestinaes, incluindo a tenia ou solitaria.

—

Apezar da fertilidade de seus campos, e das suas aguas mineraes, Ouguella tem decahido muito da sua antiga importancia, e grande parte dos seus predios estão em ruinas.

Em um d'estes edificios desmantellados, foi encontrada uma pedra de fórma cylindrica (o pedestal de uma cruz) com a seguinte inscripção:

Na era de 1475, durante a célebre
batalha entre Portugal e Castella,
se encontraram n'este logar, João
da Silva, camareiro-mór do principe
D. João, o Segundo, e João Fernandes
Galindo, o Terceiro mestre d'Alcantara,
sendo ambos capitães. E do encontro
morreram ambos; o Mestre,
logo, e João da Silva, aos XXVIII
dias: e Diogo da Silva, bisneto de
João da Silva, passando por aqui,
Embaixador ao Concilio Tridentino,
mandou fazer esta cruz.
Era de 1551 annos.

—

Darei algumas explicações sobre a materia d'esta inscripção.

D. Affonso V, casára com sua prima, D. Isabel, neta de D. João I, e filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra (o que morreu em Alfarrobeira) da qual teve—D. João, que morreu menino; D. Joanna (a princeza santa) religiosa no convento de Jesus, d'Aveiro, e D. João, depois o 2.º

Fallecida a rainha, pretende D. Affonso V ser tambem rei de Castella, e contrata o seu casamento com a princeza D. Joanna, filha e herdeira de D. Henrique IV de Castella.

A maior parte dos castelhanos oppõem-se a este casamento, e para crearem mais um obstaculo ao ambicioso monarcha portuguez, casam a 2.ª irman de D. Joanna—a

infanta D. Isabel—com D. Fernando, rei de Aragão, que principiam logo a reinar, e são os famosos reis catholicos, Fernando e Isabel, que acabaram com os mouros na Peninsula, conquistando o reino musulmano de Granada.

D. Affonso V, para sustentar o direito de sua esposa, á corôa de Castella, entra n'aquelle reino (1473) á frente de 20:000 homens.

Em Placencia, desposa D. Joanna, e tomando então o titulo de rei de Portugal e Castella, passa á cidade de Toro, que se tinha declarado a seu favor.

Pouco tempo depois, seu filho, D. João, depois 2.º, que tinha organisado outro exercito, marcha com elle, a reunir-se a seu pae.

Samora seguia o partido de D. Isabel, e o rei e seu filho lhe põem cêrco.

Apparece o rei de Aragão com um lusido exercito de castelhanos e aragonezes, e nos campos entre Çamora e Toro se dá a célebre *batalha de Toro* (maio de 1476) em que os portuguezes foram derrotados.

Foi n'esta batalha o heroico feito do nosso legendario alferes-mór, Duarte d'Almeida—O Decepado—que empunhando o estandarte real, lhe foi pelos castelhanos decepada a mão—mudou-o para a outra, que, tendo a mesma sorte, elle o segurou com os dentes (outros dizem que com os côtos) e assim, fugindo, o pôde salvar. [1]

O rei portuguez deixa a regencia do reino a seu filho, e vae a França pedir ajuda ao rei Luiz XI, que, depois de brilhantes promessas, a rogo dos reis catholicos, o prende, tendo-o recluso um anno. (Para o mais que então succedeu, veja-se a Hist. de Port. no fim do diccionario. Só aqui direi que a infeliz D. Joanna, nem foi rainha de Portugal, nem de Castella, nem mulher de D. Affonso V, e morreu com o simples titulo de *excellente senhora.*)

—

Foi pois durante esta guerra, sendo João Fernandes Gallindo, alcaide-mór de Albuquerque, e João da Silva, de Ouguella, que teve logar o desafio singular entre estes dois cavalleiros, no qual morreram ambos, fóra das muralhas d'esta villa; e que a inscripção relata.

—

Vou cumprir a promessa que fiz no principio d'este artigo, com respeito a D. Beatriz (ou Brites) da Silva, irman do *beato Amadeu.*

Senhora de alta nobresa, tanto pela parte paterna como pela materna, foi escolhida para ser uma das principaes fidalgas do sequito que devia acompanhar a Castella, a infanta D. Isabel, que casou com D. João II, rei d'aquella nação; onde se fez notavel, pela sua formosura, modestia e discrição: sendo pedida em casamento por varios dos principaes senhores castelhanos, que chegaram a disputar pelas armas, e mesmo em frente do paço real, a posse da sua mão.

A virtuosa menina, que jámais quizera acceitar as brilhantes propostas de casamento que lhe foram feitas; e, para terminar com estas importunações que a maguavam, decidiu consagrar-se aos altares, e entrou no convento de freiras dominicas de Toledo, onde viveu 30 annos, como secular, mas sujeitando-se a todos os rigores da ordem, como se fosse religiosa professa.

Não contente com a vida de oração, penitencia e caridade, que levava n'este mosteiro, e querendo imitar seu santo irmão, fundou tambem uma nova ordem de penitencia, ajudada pelos reis catholicos, Fernando e Isabel, á qual deu o titulo de *Ordem de Nossa Senhora da Conceição.*

A rainha lhe deu o seu palacio da *Galiana* e um vasto jardim contiguo, para mosteiro e cerca, e obteve do papa Xisto IV (o mesmo que auctorisara a congregação dos *amadeus* a seu irmão) pelos annos de 1482, a bulla para esta nova ordem.

Tratou-se logo de adaptar o palacio para o santo fim a que era destinado, e concluidas as obras, se transferiu logo para elle Beatriz com 12 religiosas dominicas, do convento onde estivera, e que a quizeram acompanhar.

No seu novo mosteiro, não só foi superio-

[1] Os que quizerem saber a historia d'este bravissimo portuguez, vejam a palavra —Paço de Villarigas.

ra das mais religiosas, pelo cargo, mas e principalmente pelas suas celestiaes virtudes, sobresahindo ainda mais pela fe e pela caridade.

Já n'aquelles tempos havia, não só hereges e scismaticos, mas tambem *espiritos fortes*—ou, como hoje se diz—*livres pensadores*—isto é—atheus.

Á santa religiosa, confrangia-se-lhe o coração ao ouvir contar a falta de fé que hia por Castella, e supplicou aos reis catholicos que estabelecesse um tribunal, com a exclusiva attribuição e rigorosa obrigação de combater as heresias e castigar os hereges.

Os reis catholicos accederam, impetrando logo, do referido pontifice Xisto IV a bulla competente.

Eis a origem e instituição d'esse funesto tribunal do *Santo Officio*, que causou mais males do que bens á Egreja Catholica.

Foi feito inquisidor-geral, o cardeal, D. Thomaz de Torquemada, de sanguinaria memoria, que tinha sido religioso dominicano, e era homem de grande sciencia, energico e organisador; mas cruelissimo.

Deram-lhe por subalternos, varias classes de inquisidores, *familiares*, officiaes, etc.—escolhidos entre as pessoas mais intolerantes, e alguns mesmo, entre os mais perversos.

Trago para aqui esta circumstancia, por ser um facto historico, e por se referir áquella virtuosa portugueza, que, certamente, não seria a iniciadora da *Inquisição*, se podesse adivinhar quantos rios de sangue—muito d'elle innocente—regaram os antros do Santo Officio e as praças da Peninsula. (Vide *Santo Officio*.)

D. Beatriz falleceu no seu convento de Toledo—onde jaz sepultada—em 17 de agosto de 1489, e é reputada por santa em toda a Hespanha.

Da ordem que instituiu, houve alguns conventos em Castella, e um em Portugal, na cidade de Braga, na rua de S. Geraldo, e campo de Santa Anna; fundado pelo conego Geraldo Gomes, que o dotou com todos os seus bens, em 1625. (Vide vol. 1.º, pag. 437, col. 2.ª, onde se trata d'este mosteiro com mais individuação.)

OURA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e proximo de Chaves, 70 kilometros a N.E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Moreiras apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está situada em terreno levemente accidentado, nas margens da Ribeira do seu nome, que desagúa na esquerda do Tâmega.

Produz esta freguezia muito e optimo vinho, que no seu genero—*vêrde*—é dos melhores do reino. (Vide *Ribeira d'Oura*.)

OURADA—Vide *Fiães*, do concelho de Melgaço.

OURÉGA ou **TOURÉGA**—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 10 kilometros a O. de Evora, 115 a S.E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, Nossa Senhora d'Assumpção.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo e 119 de cevada.

E' povoação antiquissima, á qual, segundo todas as probabilidades, os romanos chamavam *Taurégia*.

Teve aqui um sumptuoso palacio e formosos jardins, grande quinta, soberbo aqueducto, thermas, etc., o sanguinario Daciano, pretor das Hespanhas, pelo não menos cruel imperador Diocleciano.

Foi junto a este palacio, que Daciano mandou degolar dezoito santos martyres, no anno 305, mandando-os enterrar em uma gruta, a que ainda hoje dão o nome de *Cóva dos Martyres*.

Ainda ha vestigios d'este palacio e de outros edificios. (Vide 3.º vol., pag. 116, onde isto vem mais circumstanciado.)

Manuel Severim de Faria, achou em poder do prior d'Ouréga (Antonio Mendes) um antiquissimo pergaminho, no qual se conta a historia resumida, d'estes 18 martyres.

Na matriz d'esta freguezia esteve um altar, sustentado sobre quatro columnetas, e resava a tradição ser o tumulo de S. Viario, bispo.

O marmore d'este altar, fôra o sepulchro de Quinto Julio Maximo, mandado construir por sua mulher, Calpurnia Sabina, no tempo em que Quinto Julio Claro, e Quinto Julio Nepociano, eram prefeitos da conservação e fabrica das estradas publicas—e foi isso a causa do engano—porque a estes empregados nas estradas denominavam os romanos—*Viro Viarum Curandarum*, e o bom do referido prior, lia—*Viario Curae Curarum*—sive *Episcopo*—e assim, dizia que era a sepultura de S. Viario, bispo.

Em 1540, o cardeal-bispo, D. Affonso, mandou André de Rézende a Ouréga, examinar que santo bispo Viario era este.

Rézende, declarou que não havia alli tal santo e mandou entupir o altar. (Adiante darei mais algumas noticias sobre este antiquissimo monumento.)

—

Pouco tempo depois de padecerem martyrio aquelles 18 confessores da Fé Catholica, foi Ouréga o theatro de novas crueldades, sendo tambem aqui degoladas, por ordem do mesmo Daciano, as duas santas irmans, *Comba* e *Anonyma*. [1]

Segundo a crença do povo, onde cahiu a cabeça de Santa Anonyma, brotou logo uma nascente d'agua crystallina, á qual ainda hoje se dá o nome de *Fonte Santa*, e a cuja agua se attribuem grandes virtudes therapeuticas, sobre tudo para as differentes molestias ophtalmicas.

A pouca distancia d'esta fonte, está a ermida, levantada pelos fieis á virgem e martyr Santa Comba.

Estas duas santas eram irmans de S. Jordão, bispo d'Evora, que fugindo ás crueldades de Daciano, se escondeu na serra da *Espinheira;* mas, sendo descoberto, foi martyrisado a 6 de agosto de 305, no sitio onde hoje está a egreja matriz, que lhe foi dedicada, que é a da freguezia de S. Jordão, a 9 kilometros d'Evora. (Vol. 3.º, pag. 419, col. 1.ª)

A S. Jordão succedeu, na mitra d'Evora, S. Brissos. Vide Mértola.

—

No logar de *Barrocal*, freguezia d'Ouréga, descobriu ha poucos annos, o nosso distincto escriptor, Joaquim Philippe de Soure, um dolmen celta; o que prova que estes sitios já eram habitados em epocas muito anteriores á invasão dos romanos na Peninsula.

—

Em volta da egreja parochial ainda existem as magestosas ruinas de soberbas casas de banhos, (thermas) notaveis aqueductos, galerias, casas subterraneas, com pavimento de formosos mosaicos, evidentemente obra romana: pela sua extensão, não parece ser sómente os restos do palacio de Daciano; mas os de uma povoação ou castro.

Devia ser de muita importancia esta povoação, porque aqui desembocavam tres vias militares romanas, as de Merida, Badajoz e Alcacer do Sal.

Ignora-se a data da fundação d'esta egreja; mas é uma das mais antigas do arcebispado d'Evora, e pretende-se mesmo que seja mais antiga do que a Sé d'esta cidade. É de abobada, e de boa architectura antiga, mas não tanto como se pretende; devido provavelmente ás reedificações que tem soffrido em varias épocas. É porém um bom templo. A padroeira, é objecto de grande devoção dos povos circumferentes, que lhe fazem a sua festa a 15 de agosto, e é ainda muito concorrida; porém muito menos do que antigamente, quando muitos devotos, em acção de graças por beneficios recebidos da Senhora, ou em cumprimento de vo-

[1] Anonyma, como se sabe, e como a propria palavra indica, não é nome de pessoa alguma; porém, como os nossos antigos escriptores não poderam achar o nome da irman de Santa Comba, a designavam por Anonyma, e assim ficou.

tos, se costumavam pesar a trigo; para o que havia uma casa feita para isso, com as competentes balanças e arcas. A casa ainda existe, mas já não tem arcas nem balanças; porque já ninguem se pésa a trigo.

—

Tratarei agora do celebre tumulo de Quinto Julio Maximo.

O primeiro que me cõnsta ter achado esta preciosa antigualha, foi o nosso infatigavel archeologo, André de Rézende, que d'ella trata no seu livro *de Antiquitatibus Lusitaniae.* No livro 3.º d'esta obra, diz que da egreja de Tourégа falla muito extensamente *Kebedio Toletano,* dizendo, entre outras muitas coisas — (traducção) — *Ahi* (na egreja) *está uma mêsa de pedra, a qual mandou pôr n'aquelle logar, para sepulchro de seu marido, Quinto Julio Maximo, Calpurnia Sabina; em cuja sepultura foram tambem recolhidos os restos mortaes de seus dois filhos, que tinham cuidado d'aquellas vias; e na campa se lia esta inscripção:*

D. M. S.
Q. JVL. MAXIMO C. V.
QUAESTORI PROVINC. SICI-
LIAE. TRIB. PLEB. LEG.
PRCV. NARBONENS. GALLIAE PRAEF.
DESIG. ANNO XLIII.
CALPVRNIA SABINA MARI-
TO OPTIMO.

—

Q. JVL. CLARO C. V. IIII VIRO
VIARVM CVRANDARVM
ANNO XXI
Q. JVL. NEPOTIANO C. I.
IIII VIRO VIARVM CVRAN-
DARVM. ANNO XX
CALPVRNIA SABINA FILIIS. [1]

[1] No *Santuario Mariano* (tomo 7.º, pag. 540) vem esta inscripção, mas errada e imperfeita — provavelmente por êrro de cópia — não sendo tambem exacta a traducção que alli se faz. Eis aqui os êrros — A ultima palavra da 4.ª linha é ILG — que não significa coisa alguma — em vez de LEG (legado). — A 5.ª linha *(prov. narbonens galliae praef)* foi supprimida, deixando só a 1.ª palavra (prov.) que collocou na linha immediata, ficando assim sem traducção possivel. — Em toda a inscripção estão uu, quando na original não ha senão vv.

Respondo pela veracidade da inscripção que se vê no texto, pois não a copiei de cópia, mas do proprio sepulchro, que vi e examinei com toda a attenção e minuciosidade. (Bem quizera eu poder dizer o mesmo de tudo quanto tenho escripto n'esta obra!)

A traducção d'esta inscripção, é a seguinte —

Dedicado aos deuses manes.

A Quinto Julio Maximo, varão esclarecido (ou clarissimo) questor da provincia da Sicilia, tribuno da plebe, legado da provincia Narboneza, prefeito designado (ou nomeado, ou eleito) da Gallia; de quarenta e oito annos de edade. Sua mulher, Calpurnia Sabina, a seu optimo marido. (Dedica este monumento.)

—

A Quinto Julio Claro, varão esclarecido, quadumviro da inspecção das estradas, de vinte e um annos de edade —

A Quinto Julio Nepociano, mancebo esclarecido, quadrumviro da inspecção das estradas, de vinte annos de edade.

Calpurnia Sabina, a seus filhos. (Dedica esta memoria.)

—

No logar citado do *Santuario Mariano* vem uma traducção que pouco differe d'esta; mas, feita como se não se lhe tivesse supprimido a 5.ª linha. Traduz — *deuses maximos,* por *deuses manes* — *seu grande marido,* por *marido optimo* — e *pretor de França,* por *prefeito da Gallia.* [1]

—

Como o bom do prior visse que tinha na sua egreja, em vez da sepultura de um bispo christão, o tumulo de tres pagãos, mandou-o logo pôr fóra do templo.

Tem esta lapide, 1m,54 de comprido, e 0m,60 de largo; e é cercada de ornatos em relêvo, de boa esculptura.

[1] Todo o mundo sabe que até ao anno 395 não existiu nação alguma chamada França. Só por esse tempo, os *barbaros do Norte* (burgonhões, wisigodos, ostrogodos, sicambros, hunos, francos, etc.) invadiram o imperio romano e se apossaram das Gallias, a parte das quaes, os *francos* deram o seu nome — França. As Gallias era uma região mais vasta do que a França actual. Comprehendia todo o territorio que ficava entre os Pyreneus, o Mediterraneo, os Alpes, o Rhin (Rheno) e o Oceano Atlantico. Os gaulezes andavam sempre em guerra uns com os outros — porque

Esteve esta lapide esquecida e abandonada mais de 200 annos, até que o sr. Rivara teve noticia d'ella, em 1826, e a fez conduzir para o museu Cenaculo, de Evora, que está actualmente no famoso *templo de Diana*.

—

Pretendem alguns escriptores, que a antiga cidade romana de Tourégia (ou Turégia, como tambem outros lhe chamam) fosse nas immediações da actual villa de Reguengos, no sitio onde agora está a aldeia do *Monte da Azinheira* e seus contornos—o que não se póde admittir. Vimos que Tourégia ficava sobre a via militar romana d'Alcacer do Sal (*Salacia* dos romanos) para Badajoz. D'esta cidade para Alcacer, passando-se uma linha recta, vem-se por entre o Alandroal e Villa Viçosa, pelo Redondo, Evora, *Ourega*, Ribeira das Alcaçovas, e Alcacer—quando Reguengos fica ao S.O. de Badajoz, e muito a E. da linha recta. Alem d'isso, sabe-se que Tourégia era perto d'Elvas, e Reguengos fica-lhe 35 kilometros a S.E., quando Ourégа apenas está a 10 kilometros para O.

É porém incontestavel que onde hoje se vê a aldeia do *Monte da Azinheira*, e pelas suas immediações, houve uma importante povoação romana, o que nos é attestado pelos alicerces de varios edificios de que por aqui ha vestigios, e por vários tumulos, de marmore, branco e preto, que se teem achado nos arredores. (Vide *Reguengos*.)

O mais notavel d'estes tumulos, é o que foi encontrado (em um curral de bois!) em 1840, no logar do Monte da Azinheira, e que a camara municipal do Porto comprou, e fez conduzir para o seu museu, em 1867. (D'elle trato mais circumstanciadamente no artigo *Porto*.)

OURÉLLA — portuguez antigo — margem (do rio).

OUREM (em latim — *Aurem*) — villa, Extremadura, concelho de Villa Nova de Ourem, 18 kilometros ao S. de Torres Novas, comarca e 18 kilometros a O. de Thomar, 40 ao S.O. d'Alcobaça, bispado e 24 kilometros a E. de Leiria, 140 ao N. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 1246 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Visitação (antigamente, Nossa Senhora da Misericordia).

Districto administrativo de Santarem.

Está em 39°,42′ de latitude — e 9°,22′ de longitude.

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 675$000 réis de rendimento, alem dos benesses, fazendo tudo uns 800$000 rs.

O primeiro foral d'esta villa, lhe foi dado pela *rainha* D. Thereza, filha de D. Affonso Henriques, em março de 1180, e confirmado por seu sobrinho (de D. Thereza) D. Affonso II, em Coimbra, no mez de novembro de 1217. (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.° 3, fl. 6, col. 2.ª — e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 19, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de maio de 1515. (*L.° de foraes novos da Extremadura*, fl. 142 v., col. 2.ª)

Tem tambem uma sentença, dada sobre o foral novo, em 12 de fevereiro de 1530, lançada no mesmo livro de foraes novos da Extremadura, a fl. 258, col. 1.ª

D. Pedro II lhe concedeu foral *novissimo*, dado em Lisboa, a 6 de julho de 1695. (Gav. 3, maço 4.°, n.° 1.)

É das poucas terras do continente portuguez, que tem foral novissimo.

Tem por brazão d'armas — em campo branco, uma aguia negra, entre dois escudos das Quinas portuguezas, e sobre estes, de um lado uma estrella, e do outro, um crescente. Mas as armas que lhe deu D. Thereza (e que ainda se vêem na torre de S.O.) são—uma aguia, com as azas abertas, tendo uma corôa no cólo, e sustentando nas garras as Quinas portuguezas.

Nas portas *de Santarem*, ao N., ainda ha outro escudo d'armas, que são — os cinco escudos das Quinas (em cruz, como nas armas reaes) no canto superior da direita, um crescente — e no da esquerda, uma estrella, e por baixo das Quinas, tres torres, sendo a do meio mais baixa. Estas armas são as propriás da villa, e as primeiras, as do concelho.

formavam varias nações independentes; mas, em caso de guerra com outros povos, colligavam-se, e batiam-se com valor.

Ao lado d'este escudo d'armas, está em uma pedra, esta inscripção:

AETERNIT. SACR. IMMACULATISSIMAE CONCEPTIONI MARIAE, JOAN. IV. PORTUGALL. REX, UNA CUM GENERAL. COMITIIS SE, ET REGNA SUA SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA PUBLICE VOVIT. ATQUE DEIPARAM IN IMPERII TUTELAREM ELECTAM A LABE ORIGINALI PRAESERVATÃ PERPETUO DEFENSURUM JURAMENTO FIRMAVIT. VIVERET UT PIETAS LUSITAN. HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE EXARARI JUSSIT ANN. CHRISTI. M. DC. XL. VI. IMPERII SUI VI.

D. João IV mandou gravar esta inscripção em varios castellos e outros sitios publicos.

—

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e mãe de D. Thereza, 1.ª senhora d'Ourem, era filha de Amadeu III, conde de Saboya, de Mauriana, e do Piemonte, fallecido em 1149. Este principe tinha por armas, uma aguia com as azas estendidas, e é d'esta circumstancia que sua neta adoptou a aguia para o brazão da sua villa d'Ourem. Consta que D. Thereza era a dama mais formosa e discreta de Portugal, no seculo XII. (Vide adiante, nas *varias noticias d'Ourem.*)

Depois da serie dos condes d'Ourem, darei mais alguns esclarecimentos, com respeito ao brazão d'armas d'esta villa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.

—

A villa d'Ourem está assente sobre o dorso de um alto monte pyramidal, de difficil accesso, no centro de um extenso e profundo valle, sem outra alguma elevação proxima; o que faz esta povoação sobremaneira saudavel.

D'aqui se avistam, não só territorios vastos d'esta provincia, como da Beira e Alemtejo. Vêem-se terras de tres bispados, que são — Coimbra, Guarda e Portalegre — do patriarchado, e da prelasia de Thomar — o Tejo, as serras da Estrella e de Marvão, e outras muitas de menor importancia.

Nem um só dos escriptores que tratam d'esta villa, poderam descobrir a data da sua fundação, e quem foram os seus fundadores. Limitam-se a dizer que era uma povoação á importante no tempo dos godos, com o nome de *Abdegas*, e que cahiu em poder dos mouros, em 715. [1]

Não duvido, e é mesmo provavel, que já existisse no tempo dos godos; mas de certo tinha outro nome, pois o de Abdegas é evidentemente arabe — Abd-Egas (pae d'Egas) talvez tomado de algum godo que fosse senhor da povoação, ou aqui residisse.

Não se encontram mais noticias de Ourem, até ao anno de 1037, sendo então tomada aos mouros, por D. Fernando Magno. Tornou a cahir em poder dos mouros até ao anno de 1136, no qual, D. Affonso Henriques, tendo já tomado Leiria no anno antecedente, tomou esta villa aos mouros, ainda com o nome de *Abdegas*. Em 1139, já o logar do *Rabazal* (Rabaçal — no sitio de *Ladeya*) Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Almourol, Céra, e Penella, estavam em poder dos portuguezes; tendo sido tomadas aos mouros, quasi todas estas povoações, pelo famosissimo mestre dos templarios, D. Gualdim Paes.

Foi Ourem a primeira terra portugueza que os nossos reis deram a seus filhos, pois que D. Affonso Henriques a doou, pelos annos de 1158, a sua filha, a *rainha* (como então se denominavam todas as filhas dos reis) D. Thereza, que, como já disse, lhe deu foral, em 1180.

Esta senhora casou em 1184, com Philippe d'Alsacia, conde de Flandres; mas antes d'isso tinha dado o senhorio d'esta villa, como dote de casamento, á famosa Ouroana, de que adiante se trata. Depois, por alta de descendencia, voltou á corôa, no reinado de D. Sancho I, pelos annos de 1200. Casando D. Sancho II, com D. Mecia Lopes d'Haro, filha de D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, deu a sua mulher (pe-

[1] No final d'este artigo lér-se-ha mais alguma coisa a este respeito.

los annos de 1242) o senhorio d'Ourem. (Vide *varias noticias d'Ourem*, no fim d'este artigo.)

Pretende-se que foi D. Affonso Henriques, o fundador do seu castello, torres e muralhas; mas parece mais provavel que os árabes—attendendo á importancia militar d'este ponto—já o tivessem fortificado, e que D. Affonso I, sómente o reedificasse, ampliando os muros da circumvalação: mesmo porque, dando as historias bastante importancia á tomada d'esta povoação, por D. Fernando Magno, não lh'a dariam de certo se fosse uma terra aberta e indefeza.

—

Morava n'esta villa um fidalgo, chamado Hermigio Gonçalves, que, pelas suas forças herculeas, e pelo seu arrojo nos combates, era cognominado *o luctador*.

Este cavalleiro, depois de mil acções de bravura, morreu na gloriosa batalha de 25 de julho de 1139, nos campos d'Ourique.

Ficou-lhe um filho, tão forte e tão corajoso como seu pae, por nome, *Gonçalo Hermigues*, e por autonomasia — o *Traga-Mouros* — cavalleiro templario. e um dos mais bellos e elegantes fidalgos da corte de D. Affonso I.

A estas qualidades juntava tambem a de ser um dos melhores poetas d'aquelle tempo—apezar de ser gago.

Estava em Lisboa com outros cavalleiros jovens, que resolveram fazer uma surpreza aos mouros d'Alcacer do Sal.

Atravessando o Tejo, desembarcaram em Almada, na noite que precedia o dia de S. João Baptista, do anno de 1158, e se foram emboscar proximo da villa d'Alcacer.

Pela madrugada, sahiram os mouros, sem armas; e as mouras sem o minimo receio, em formosa e alegre cavalgata, por aquelles campos.

Então os christãos, sahindo inopinadamente do seu esconderijo, dão sobre os agarenos, nos quaes fazem uma horrorosa carnificina, e os que escaparam ao montante dos templarios, ficaram captivos.

As donzellas cahiram todas em poder dos christãos.

Entre todas, se distinguia pela sua deslumbrante formosura, e pela riqueza dos seus vestidos, a joven *Fatêma* (em portuguez — Fatima) filha de um nobre alcaide mouro.

Quando os portuguezes tratavam de embarcar os captivos, para os conduzir a Lisboa, sáe da praça um lusido esquadrão de mouros, que atacaram os christãos, e apezar da desesperada resistencia d'estes, conseguem libertar todos os seus que estavam ainda em terra.

Gonçalo Hermigues, que apenas vira Fatima, ficára perdido de amores por ella, viu-a fugir a toda a brida na garupa do cavallo de um joven mouro.

Gonçalo, cego de furor, mette esporas ao cavallo, cahe no meio dos mouros, mata o que levava Fatima, rouba esta, e ganhando a praia, dá ordem de retirada, atravessa o Tejo, e vôa com a sua prêsa, para Santarem, onde então estava D. Affonso I, que muito lhe louvou este acto de bravura,

Não acceitou dos despojos do combate, senão a sua formosa moura, e com tanto extremo a amou, que conseguiu ser amado d'ella, a ponto de abjurar a religião de Mafoma, e regenerar-se nas aguas do baptismo; no qual tomou o nome de *Ouroana* (ou *Oriana*) *Hermigues*.

Uma amostra de versos feitos por Gonçalo a sua esposa, vem no vol. 3.º, pag. 267, d'esta obra.

Poucos annos, porém, durou a felicidade dos dois esposos. Ouriana adoece perigosamente, e nem todos os carinhos e extremos de Traga-Mouros, a livraram de uma morte prematura.

Foi tão profundo e tão sincero o pezar do cavalleiro, que, renunciando ao mundo, se metteu frade, no mosteiro d'Alcobaça, ao qual legou a maior parte da sua avultada riqueza.

Entre as propriedades que doou aos monges, havia uma, 6 kilometros a O. de Ourem (para onde elle conduzira Fatima) em um sitio solitario, chamado *Ribeira da Conceição*, e n'ella mandou o D. abbade fundar um mosteiro da sua ordem (Cister) mandando para alli o proprio frei Gonçalo Her-

migues, com mais cinco frades, que principiaram a fundação a 23 de julho de 1171, dando ao mosteiro a invocação de *Santa Maria dos Tamarães*, e ao sitio o nome de *Fatima*. (Vol. 3.º, pag. 152, col. 2.ª)

D. Affonso Henriques deu grandes esmolas para ajuda da obra, pela grande amisade que tinha a frei Gonçalo, e coutou todas as terras do mosteiro, com grandes privilegios.

Este mosteiro existiu como communidade religiosa até ao principio do seculo XVII, sendo então unido ao collegio de S. Bernardo, de Coimbra, com todas as suas rendas, deixando ali apenas um frade e um leigo, aquelle para dizer missa ao povo e este para cuidar da egreja e ajudar á missa.

N'elle foi enterrado frei Gonçalo e varios monges que aqui viveram e morreram.

Ainda a este sitio se dá o nome de *Casaes da Abbadia*, e ainda existe a egreja e casas que foram celleiros de Alcobaça.

Houve por muitos annos aqui uma feira, a 4 de agosto, que, em 1759 se mudou para o logar de *Santo Antonio das Caixarias*, (que é um pouco mais abaixo) em razão de se apertar o terreno da antiga feira, com a cultivação que n'elle se fez.

E' n'este logar das Caixarias, a 20.ª estação do caminho de ferro do N. (Vide *Cacharia*, vol. 2.º, pag. 25, col. 1.ª)

O padre Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza*, conta o caso de diverso modo.

Diz que Ouriana, vindo a ficar viuva, se fez freira bernarda, fundando um mosteiro de monjas da sua ordem, no termo de Ourem, e no sitio dos *Tamarães*, do qual não existem outros vestigios mais do que uma quinta d'este nome.

A 1.ª opinião é a mais seguida, e supponho que a verdadeira.

E' tradição que D. Thereza, 1.ª senhora donataria d'Ourem, por ser muito amiga de Oureana, é que mudou o nome de Abdegas, impondo-lhe o de Ourem; mas isto offerece suas duvidas, porque, então poderia chamar-lhe mesmo Ouroana.

Ha porém quem diga que Ourem é uma especie de diminutivo carinhoso de Ouroana, como —*Nel*, por Manuel—*Bébé*, por Isabel—*Mimi*, por Emilia, etc.

O que é certo é chamar-se Abdegas antigamente. D. Thereza, 1.ª senhora d'esta villa, diz na doação do espiritual d'ella, que fez a Santa Cruz de Coimbra—*de ecclesiastico de Auren, qui pruis Abdegas vocabatur.*

—

A villa está toda cercada de muralhas, e tinha um postigo ao N., chamado *da Sé* (por estar proximo á fachada de um templo assim denominado) do qual (postigo) ha muitos annos não existem vestigios—e duas portas principaes—uma a E., chamada *da Villa*, com dois arcos, proximos um do outro, mas o exterior já não existe [1] — outra ao S.O., denominada *de Santarem*. Abaixó d'esta porta, havia outra, encostada a um revelim.

A cavalleiro da povoação, se erguia o magestoso e outrora célebre castello, ficando-lhe ao S. uma formosa esplanada, que serviu de *praça d'armas*, no alto cume do monte, cercada de muralhas, com uma porta ao E., defendida por um revelim, o que tudo ainda existe; mas em ruinas.

Fica-lhe em frente uma torre, e pará o lado direito, uma vasta planicie, cercando o monte, que tambem foi cercado de muralhas, das quaes ainda ha restos.

Edificou-se depois aqui uma egreja, dedicada a S. Thiago, que foi matriz de uma freguezia.

D'esta egreja não existe hoje senão o nome de *largo de S. Thiago*, imposto ao sitio onde ella esteve.

A arte e a natureza, fizeram de Ourem

[1] Foi demolida durante a guerra civil de 1832 a 1834, para se fazerem novas fortificações; mas já então não existia senão uma hombreira, encostada á muralha, junto do revelim.

No fim da guerra, arrazaram-se todas as recentes fortificações, mas não se repararam as antigas.

uma praça formidavel dos primeiros tempos da nossa monarchia.

Não foi só D. Affonso Henriques, foi tambem sua filha, D. Thereza, que se esmeraram em tornar esta praça inconquistavel; de modo que, desde 1136, em que foi resgatada do poder dos mouros, nunca mais se tornou a perder, como aconteceu a outras muitas, que por muitas vezes se ganhavam e perdiam alternativamente.

Os mouros temiam tanto esta fortaleza, que o Miramolim, imperador de Marrocos, ajudado por Albujaque e outros emires, vindo com um temeroso exercito sobre Portugal, em 1185, vadeou o Tejo, cahiu sobre Torres Novas, que saqueou e destruiu, arrazando-lhe o castello — e, sem se atrever a atacar Ourem, vae pôr cerco a Santarem, onde se achava o principe D. Sancho (depois 1.º)— mas alli encontrou a sua total ruina; porque D. Affonso Henriques marchou logo de Coimbra em defeza de seu filho, e tão furioso ataque deram aos mouros, a 10 de julho d'esse anno, que o Miramolim morreu no combate e o seu exercito ficou aniquilado, deixando em poder dos vencedores, riquissimos despojos, fructo das suas rapinas.

Tem seis torres, que todas se communicam por galerias subterraneas, tendo a ultima d'estas torres, que fica no ponto mais baixo das fortificações, do lado do E., uma escadaria de numerosos degraus (hoje entulhados) que, em caso de perigo, dava saida para o sitio de *Valle-Bom*, que fica ao sopé do monte, para o lado do Sul.

D'este mesmo lado, entre as duas ultimas torres, ainda existe a *porta da traição*.

—

Em 1384, era alcaide-mór de Ourem, o conde de Barcellos, D. Affonso Telles de Menezes (irmão de D. Leonor, viuva de D. Fernando I) que tomou o partido de D. João I, de Castella, contra o *Mestre d'Aviz*.

D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo (primo de D. Beatriz, rainha de Castella, e mulher de D. João I) que seguia o partido nacional, veiu com os seus cavalleiros a Ourem, na intenção de persuadir o alcaide (que era seu tio) a abandonar o partido de Castella; porém D. Affonso lhe fechou as portas. Então, D. Diogo, indignado, escalou as muralhas e entrou na villa.

O alcaide fugiu, e foi unir-se aos castelhanos, deixando dois filhos em poder de D. Lopo, e este reduziu o povo e guarnição ao partido do Mestre— isto é — ao partido nacional. [1]

—

Ao sopé do monte, se estende um extenso e fertil valle, correndo por elle, de N. para E., a ribeira de Ourem, que nasce em trez pequenos valles, e em uma grande fonte, que está no logar de Azambujal (onde nasceu e se creou a ditosa serva de Deus, Thereza, de que adiante se trata) a 2 kilometros ao O. da villa.

Em uma vasta planicie que ha n'este sitio, chamada, *Alvejares*, acampou, em uma 6.ª feira, 11 de agosto de 1385, D. João I de Portugal, e o santo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, com o seu exercito, vindo de Thomar, para darem a gloriosa batalha de Aljubarrota, tres dias depois.

Resa a tradição, que — quando o exercito portuguez aqui estava acampado, sahiu das mattas visinhas (hoje cultivadas) que estavam proximas a Alvejares, ao pé da egreja de Nossa Senhora do Amparo, do logar da *Melroeira* (do sitio ainda hoje chamado *Matta do Cirne*) um grande veado, a correr por entre os soldados, que o perseguiam, sem que o podessem matar, e se foi metter na barraca do rei, que o não deixou offen-

[1] D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo, era filho de D. Alvaro Dias de Souza, 1.º marido da infeliz D. Maria Telles de Menezes, assassinada em Coimbra, no dia 28 de novembro de 1377, por seu 2.º marido, o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. (Vol. 2.º, pag. 322, col. 1.ª)

O povo d'Ourem era pelo Mestre d'Aviz, e secundou a empreza de D. Lopo; mas nem por isso deixa de ser glorioso o feito d'este cavalleiro, que antepoz aos laços de sangue, os interesses da patria.

Como n'esse tempo ainda estavam por Castella as praças de Leiria, Torres Novas e Santarem, o Mestre d'Aviz exultou com a posse d'Ourem, então inexpugnavel. Tambem era importantissimo o ter atrahido á sua causa, o mestre de Christo, um dos maiores fidalgos do reino.

der e teve isto como prenuncio de victoria. [1]

Depois da victoria de Aljubarrota [2] voltou aqui o condestavel, logo no dia 18 (sexta feira), a dar graças a Nossa Senhora da Purificação, de Ceiça, que é quasi no fim da ribeira de Ourem, 6 kilometros a E. d'esta villa, onde consta por tradição, ter sido o assento da cidade de *Célio* (vol. 2.º, pag. 226, 1.ª col., no fim) dos romanos, e é certo terem-se aqui achado muitos vestigios de uma grande povoação.

A jornada do condestavel a esta egreja foi, para cumprir o voto que havia feito á Santissima Virgem (quando aqui passou com o exercito) de vir em solemne romaria, dar-lhe graças pela victoria, se a alcançasse.

Tambem, pelo mesmo motivo, ia a esta egreja, todos os annos, o senado da camara, com o cabido da real e insigne collegiada, e povo d'Ourem, na 2.ª oitava da Paschoa da Ressurreição, ou na do Espirito Santo (se no 1.º dia havia embaraço) tributar as mesmas graças áquella Senhora, em procissão; havendo então missa cantada, sermão e outras solemnidades.

Quando D. Nuno, na jornada de Aljubarrota para Ceiça, passou pelos valles de *Calca-Terra*—caminho fragoso, por entre elevados montes, cobertos de mattos, a 6 kilometros d'Ourem—ouviu uns tristissimos gemidos, por entre umas brenhas.

Dirigiu-se ao sitio, e foi achar um castelhano (que escapara perigosamente ferido da batalha d'Aljubarrota) nos braços de sua mulher.

Mandou desmontar um dos seus creados, e collocar o ferido, com as maiores precauções e caridade, e o levou até á pequena aldeia de Pédélla, que depois se chamou *Aldeia da Cruz* (hoje *Villa Nova d'Ourem*) na ribeira, logo abaixo do monte d'Ourem; mandando-o ahi curar.

Recuperou a saude o castelhano, e D. Nuno lhe mandou ahi fazer casas para habitar com sua mulher, junto do mesmo logar, a E., das quaes ainda ha vestigios, e ainda ao sitio onde ellas existiram se dá o nome de Casella, e seus filhos tomaram o appellido de *Castelhanos*.

Tambem consta por tradição, que n'esta jornada do condestavel, chegando a um sitio hoje chamado *Regato*, entre Ourem e *Aldeia da Cruz*, e proximo ao rio que corre pelo meio da ribeira—no sitio onde se dividem as estradas para a Charneca e a villa—teve a noticia de estar mortalmente ferido, seu irmão, Pedro Alvares Pereira, que tinha tomado o partido de D. João I de Castella.

Confirmada depois esta noticia, mandou fazer suffragios por alma do irmão que em vida tinha combatido; e determinou que no sitio do Regato, onde tivera a 1.ª noticia, se edificasse, para memoria, uma cruz.

Esta cruz, por varias vezes cahiu e foi reconstruida, porém d'ella só hoje existe o pedestal.

D'esta cruz provem o nome de *Aldeia da Cruz* a actual villa de Villa Nova de Ourem.

Junto ao pedestal, existem as ruinas de uma casa, que consta ser então uma estalagem, onde pousou D. Nuno, e onde lhe deram a noticia de seu irmão.

Era costume arvorar-se aqui a cruz da collegiada, pôr-se o cabido da mesma em habitos canonicaes, e cantar um responso pela alma do tal Pedro Alvares Pereira, com assistencia da camara e povo, que vão cumprir o voto á Senhora da Ceiça.

Voltando o condestavel da romaria, no mesmo dia tomou posse do senhorio d'Ourem, de que D. João I lhe tinha feito mercê. No dia seguinte (19 d'agosto) se foi para o sitio hoje chamado *São Jorge*, em cujo logar esteve a bandeira real, no dia da batalha, e alli mandou edificar uma capella com a invocação de *Nossa Senhora da Victoria*, e de

[1] N'este acampamento estava tambem o grande doutor, João das Regras (que tinha então 61 annos de idade) militando nas fileiras populares.

Sua filha, D. Branca, era mulher de D. Affonso de Cascaes, filho bastardo do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

[2] Pretendem alguns que Aljubarrota era uma cidade romana com o nome de *Runa*; porém é mais provavel que fosse *Arruncia*. Vide *Runa*.

S. Jorge, por ser este santo tomado como padroeiro de Portugal, desde a batalha de Aljubarrota.

Até ahi, era nosso padroeiro, o apostolo S. Thiago; mas como o era tambem dos castelhanos, os nossos acclamaram S. Jorge.

Depois de feito o mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, só se dá a esta capella o titulo do seu 2.º padroeiro.

A cavallaria dos castelhanos que poude escapar de Aljubarrota, retirou sobre Ourem, onde muitos foram mortos ou prisioneiros, hindo acabar o resto ao já referido logar de Pédélla.

No dia 20 do mesmo mez de agosto, foi D. João I e o condestavel para Santarem, onde o rei logo lhe deu o titulo de conde de Ourem, em premio da sua fidelidade, e da sua bravura em Aljubarrota — continuando este titulo em seus successores (a casa de Bragança) até hoje.

Teve tambem o mesmo titulo, D. Pedro, 5.º condestavel, filho do infante regente, D. Pedro (o d'Alfarrobeira), por carta de 7 de janeiro de 1443. Foi este D. Pedro (o 5.º condestavel) que mandou, por o seu ouvidor, fazer a fonte chamada *dos Cavallos*, na calçada que fica por baixo das portas *da Villa*. N'este chafariz havia a inscripção seguinte (que já não existe).

ESTA OBRA MANDOU FAZER, FERNÃO ROIZ, OUVIDOR DO CONDESTAVEL, NO ANNO DE 1459. A QUAL FEZ POR SEU MANDADO.

Abaixo d'este chafariz está o mosteiro de Santo Antonio, que foi de capuchinhos, da provincia da Soledade, cuja fundação principiou em 1600, pelos irmãos da confraria de Santo Antonio, de Ourem, concorrendo tambem com avultadas esmolas, D. Theodosio, 7.º duque de Bragança, que ficou sendo seu padroeiro; passando este padroado para a corôa, desde o 1.º de dezembro de 1640.

D. João V, mandou em 1749 reconstruir o côro e frontispicio da egreja, no qual está a seguinte inscripção:

MIRARES, TAM DIVES OPUS DUM SUSPICIS, ET QUO PAUPERTAS TAM DIUTURNA VIGET! NIHIL MIRUM, QUINTI MAGESTAS CELSA JOANNIS DIVES, AUGUSTUM CONDIDIT ISTUD OPUS.

Isto é—Causar-te-ha admiração, vêr uma obra tão rica, onde se professa pobreza perpetua; porém não é para admirar, sabendo que a excelsa magestade de D. João V, mandou fazer esta rica e primorosa obra.

Tem este mosteiro uma excellente *arca*, com abundancia d'aguas. Unida á egreja ha outra, mandada construir pela 3.ª ordem da penitencia, cuja primeira pedra foi lançada no dia 11 de outubro de 1753, pelo sargento-mór Luiz Leite Pereira Homem de Magalhães, da *quinta de S. Gens*, como ministro da mesma ordem.

Este cavalheiro (que tinha uma formosissima calligraphia) escreveu um livro curiosissimo da historia de Ourem — intitulado — *Memorias da antiquissima villa d'Ourem* — que ainda está inedito.

Á generosidade e benevolencia do digno e illustrado prior de Bucellas, o R.mo Sr. José Cypriano de Borga (natural de Ourem), devo o inestimavel obzequio de me emprestar este precioso manuscripto, do qual extrahi quasi tudo quanto digo d'Ourem. Receba o sr. Prior os meus cordialissimos agradecimentos; pois que—se não fosse o seu cavalheirismo, hiria muito imperfeito este artigo.

Assistiu á ceremonia (do lançamento da 1.ª pedra) o padre-mestre-commissario da ordem, frei Thomaz de Coimbra, que fez as rezas do estylo e lhe lançou a benção, assistido dos religiosos do mosteiro e dos irmãos da mesa e communidade. Tem, na fachada, esta inscripção:

TERTIUS HOC TEMPLUM FRANCISCO CONSECRAT ORDO; TERTIUS; AST PRIMUS FULGET AMORE PATRIS.

Isto é — É este templo consagrado a São Francisco, pela ordem terceira; sendo porém a terceira, no amor para com este patriarcha é a primeira.

Esta a ordem tinha sido erecta em 2 d'agosto de 1686/84, pelo primeiro commissario, o virtuoso padre, frei José de Coimbra, religioso d'este mosteiro; que depois foi para o Varatojo, e vi vindo de lá em missão a esta villa, falleceu no seu mosteiro d'Ourem, com fama de santo, em 17 de setembro de 1684.

Fallecendo o referido sargento-mór, sem descendentes, acabou tambem esta ordem terceira.

Logo abaixo d'este mosteiro, na estrada que desce para a ponte da *Corredoura*, esteve até 1800, a *fonte dos Namorados*, fóra do portão da quinta tambem chamada dos Namorados, que depois foi do capitão-mór, Antonio Castellino, tendo sobre a bica, esta inscripção:

ESTA A OBRA MANDOU FAZER, VIDAL HOMEM,
Á CUSTA DO POVO, NO ANNO DE 1571.

D'esta fonte já nem vestigios existem; porque o tal capitão-mór a roubou ao povo, apropriando-se da sua agua, para a quinta contigua.

Na extensa planicie dos *Alvejáres*, de que já fallei, existia a antiga capella do martyr S. Sebastião, entre a corrente dos dois rios, um que vem da *Silveira*, trazendo as aguas da fonte do Azambujal, de que tambem já fallei, e que fica ao S.—outro, dos valles de Calca-T-Terra, que fica a O.; os quaes se juntam passada a capella.

Esta foi demolida, para no mesmo local se edificar a egreja matriz da freguezia. [1]

Distante d'esta egreja, uns 800 metros ao S., ha uma elevação hoje chamada *Mangarreira*, e antigamente *Má-Carreira*.

Deu-se-lhe este nome, porque toda a caça que n'elle embocava, era perdida para os caçadores, por se esconder entre a matta de roseiras e os brejos que então aqui havia.

N'este sitio havia uma qualidade prodigiosa de pedras, singularissimas pelo seu feitio, côres e brilho, compostas provavelmente de carbonato de cal, pois que se dissolvem em qualquer ácido.

Ainda hoje ali se encontram bastantes. São asperas como pelle de lixa, á superficie, pardas por fóra e amarelladas por dentro: umas do tamanho e configuração de uma bolota de azinheiro, outras do comprimento de uma até tres polegadas, e ainda algumas de mais.

Outras em forma de borrachas, muito bem torneadas e com uma especie de gargallo, com orificio; tendo varios filetes em redor.

Quando se cortam, apresentam uma superficie lisa e brilhante como vidro. São durissimas. Chamam-lhe *pedrinhas de S. Sebastião*.

Algumas pessoas as trazem ao pescoço como preservativo contra as sesões, ou para a cura d'ellas.

Julga-se serem aerolithes.

—

Ao lado da egreja está uma ponte de pedra, sobre o rio antigamente chamado *da Silveira*, e depois, *de S. Sebastião*—sobre a qual passam as estradas que vem de Leiria e Porto de Mós, e se unem pouco antes de chegar á egreja, dirigindo-se d'alli para Ourem, Barquinha, etc.

Logo mais abaixo, no sitio antigamente chamado *Porto da Villa*, se junta a corrente do 3.º valle, que, como os outros, fica a O., e unidas, formam o rio d'Ourem, que rega e fertilisa a formosa ribeira d'Ourem, até passarem a ponte de pedra, antigamente chamada *de Ourem*, e hoje *da Corredoura* (depois que foi reformada pelo já referido sargento-mór, Luiz Leite Pereira, da quinta de S. Gens, sendo vereador da camara, e juiz pela Ordenação, á custa do municipio.)

Foi adornada com uma cruz de pedra sobre o *talhamar*, com a seguinte inscripção.

CRUX IN PONTE, QUID EST? AMBO SUNT,
CREDITE PONTES;
ISTA VIAM COELI, FLUMINIS ILLE PARAT

(Que quer dizer uma cruz em uma ponte? podeis crer que são duas pontes; por

[1] Os francezes incendiaram esta capella em 1810. Depois é que se acabou de demolir, para se edificar a egreja.

aquella se vae ao Ceu, por esta se passa o rio.)

—

Junto d'esta inscripção, ha outra em uma tarja—diz:

SENATOR, AC PRÆFECTUS LUDOVICUS LEITE,
DOCTOR MAXIMUS,
FAMILIARISQUE A NUMERO SANCTI OFFICII
POPULO FIERI JUSSIT.

Na base da cruz, está esta inscripção:

QUANDO DECEM FUERANT, ET SEPTEM
SOECULA SALUTIS,
TRIGINTA ANNORUM TRES SUPER ADDESIMUL,
SEPTEM BIS NOVIES SOLIS NUMERAVERAT ORTUS
HOC REFORMATUM EST NOBILE PONTIS OPUS.

(Aos 17 seculos da Redempção, accrescenta mais 33 (1733); contavam-se 126 dias (a 6 de maio) quando se reformou a famosa fabrica d'esta ponte.)

—

Contigua e ao N. d'esta ponte, estão as ruinas da capella de Nossa Senhora de Monte Calvario, pertencente ao morgado de Villas Bôas, que os francezes tambem destruiram em 1810.

Ainda sobre a porta se lê esta inscripção:

CALVARIAE MONTIS TITULO DOMUS ISTA
VOCATUR,
SUB QUO THESAURUM MONTE
FAVORES HABES.

(Tem por titulo esta casa, Senhora do Monte Calvario, em cujo monte acharás o thesouro da graça.)

—

A celebrada ribeira d'Ourem está povoada de quintas, com bons pomares e hortas, que a fazem muito amena, espalhando-se por ella varios logares, tão contiguos, que formam quasi uma povoação continuada.

Ha tambem muitos moinhos e lagares de azeite, genero que muito abunda por aqui, assim como outros mais productos agricolas.

Todo o territorio de Ourem está em elevada posição, e tanto que, nascendo n'elle sete ribeiros, todas as aguas correm para fóra, não entrando n'elle nem um só do exterior.

A ribeira d'Ourem, caminhando em direcção á ponte da Aldeia da Cruz, chamada dos *Conegos* (por estar proxima ao logar e moinhos dos *Conegos*—depois, prazo, denominado de *Alberto Homem*) vae passar á ponte de Chão de Maçans, 6 kilometros ao N., no fim do termo d'Ourem, e vae juntar-se ao Nabão, que desagúa no Zêzere, e entra no Tejo, junto a Villa Nova de Constancia.

—

Tão agradavel acharam os portuguezes dos primeiros tempos da nossa monarchia o sitio e termo d'Ourem, que em 1220, já a villa contava quatro parochias, pertencentes ao convento *scalabitano* (de Santarem)—eram —Santa Maria, S. Pedro, S. Thiago e S. João Baptista.

Actualmente, só existe a nova egreja, com o titulo de *real e insigne collegiada* de Nossa Senhora das Misericordias, hoje Nossa Senhora da Visitação, fundada (a primitiva) por D. Affonso, como adiante direi.

—

Em 1434, sendo conde de Ourem, o dito D. Affonso, neto de D. João I, e filho primogenito de D. Affonso, 1.º duque de Bragança e conde de Barcellos, e de D. Beatriz Pereira—mandou, o dito D. Affonso, fazer, na estrada da villa d'Ourem, logo da parte de dentro das portas do E., a singular fonte (que ainda existe, em frente da unica porta travessa da collegiada) com as suas armas abertas na cantaria, e por baixo esta inscripção em letra gothica.

ESTA FONTE MANDOU FAZER D. AFFONSO, NETO DO MUITO NOBRE REY D. JOÃO, E CONDE D'ESTA VILLA, A QUAL FOI ARVORADA E ACABADA NO ANNO DA ERA DO NASCIMENTO DE N. S. JESUS CHRISTO, DE MCCCXXXIV.

—

Em 1445, o mesmo D. Affonso, impetrou e obteve do papa Eugenio IV (que governou a egreja de Deus, desde 1431 até 1447) bulla

ıra unirirr todos os beneficios das quatro ırochias is d'esta villa, tendo antes, cada uma, n prior e e seis beneficiados—e o priorado ıs Freixiximandas (vol. 3.º, pag. 232, col. 1.ª— n'este vvol., a pag. 175, col. 2.ª) que ficou gariariaiaı e foi depois curato.

Ficarammm a ser, por todos, 29 beneficios.

dificou lddogo D. Affonso a egreja de Nossa enhora dddas Misericordias, sumptuoso tem-lo, e sédddde da real e insigne collegiada do u titulö,ö,, e hoje unica matriz da villa.

Tem o cccôro na capella-mór, e n'elle se cebravam n todos os dias os officios divinos, pe- prior, c cchantre, thesoureiro-mór, dez co-ıgos, doiois capellães do cabido, e mais cin- instituiuiidos pelo conego que foi d'esta col-giada, A Antonio Henriques, pelos annos de 52. Tinhlha seis *meninos do côro.*

Quandolo se construiu a egreja, subia-se pa- a portata principal d'ella, por sete degraus; as, por ccausa dos entulhos causados pelo rramoto o de 1755, só tres ficaram desco-rtos, e s ssão os que hoje ha.

Do corprpo da egreja para a capella-mór, ha nco degrgrraus.

Do paviviimento do côro, por duas portas ıe tinhaıa aos lados das escadas d'elle, se sciam 1 115 degraus para uma sumptuosa pella, qqque debaixo do mesmo côro e ca-lla-mór,r,, para seu jazigo destinou o funda-ır; sustetentando a abobada d'esta capella, is grandidies columnas, entre as quaes uma vantada a e magnifica urna de marmore anco, prprrimorosamente lavrada, guarda as nzas do illustre D. Affonso, cuja effigie, em ılto magggestoso, está deitada sobre ella.

Em voltltta da urna, em uma faxa que fica ır baixoto da cimalha, se lê, em formosos ractereses gothicos, esta inscripção:

QUI JAZ O O ILLUSTRE PRINCIPE D. AFFONSO, MAR-JEZ DE VAVALLENÇA, CONDE DE OUREM, PRIMO-ENITO DE E D. AFFONSO, DUQUE DE BRAGANÇA E ONDE DE E BARCELLOS; E NETO DE EL-REI D. ÃO, DE G GLORIOSA MEMORIA, E DO VIRTUOSO E E GRANDEDES VIRTUDES, D. NUNO ALVARES PEREI-A, CONDESESTAVEL DE PORTUGAL, QUE FALLE-EU [1] EM V VIDA DE SEU PAE, ANTES DE LHE DAR A DITA HERANÇA, DE QUE ERA HERDEIRO, O QUAL FOI FUNDADOR D'ESTA EGREJA, EM QUE JAZ; CUJA FAMA E FEITOS, HOJE E ESTE DIA FLORES-CEM. FINOU-SE A 19 DIAS DO MEZ DE AGOSTO, DO ANNO DE N. SR. JESUS CHRISTO DE 1464.

Todos os mezes vinha o cabido a esta capella, cantar uma missa, por alma do fundador.

O templo soffreu grandes prejuizos, com o terramoto de 1755.

Vieram de Lisboa officiaes, aos quaes o rei D. José I (como administrador da casa e estado de Bragança) ordenou a reedificação, a qual, principiando em janeiro de 1758, terminou em janeiro de 1760.

A villa ficou em tal estado, que os operarios, antes de principiarem a reedificação da egreja, tiveram que reedificar casas para sua habitação!

Em 17 de novembro de 1810, foi Ourem invadida pelas hordas napoleonicas, que saquearam a villa e praticaram todas as atrocidades do seu costume.

Todos os moradores d'Ourem fugiram, andando escondidos pelos montes, em quanto estes vandalos e canibaes do seculo XIX occuparam Ourem.

Estas *guardas avançadas da illustração, que nos vinham trazer a luz, um Camões para cada provincia, e um verdadeiro El-Dorado,* foram-se ao mausoleu de D. Affonso e lhe despedaçaram grande parte dos ornatos, e espalharam sacrilegamente as cinzas venerandas que ali jaziam.

Finalmente, o bravo exercito anglo-luso, expulsa de Portugal as hordas de Massena, que entram foragidas e em desordem na Hespanha, a 15 de abril de 1811.

Os habitantes de Ourem regressam a suas casas, que acham saqueadas, e algumas destruidas.

O conego, Joaquim Honorio Henriques de Oliveira, varão illustre pelas suas virtudes e sabedoria, apenas se recolheu, fez, á sua custa, concertar a urna funeraria, como foi possivel, e, ajudado pelos conegos Manuel Honorio d'Oliveira e Carlos Joaquim de Souza, recolheram as cinzas que lhes foi possivel encontrar, do augusto fundador d'esta

[1] O funmidador—o que está no tumulo.

collegiada, que foram guardadas em um pequeno cofre, e este na urna, já reparada, mandando lhe ahi gravar uma inscripção latina, que omitto para não fazer maior este já longo artigo, limitando-me a dar a sua traducção, que é a seguinte:

«N'este tumulo de marmore, estiveram intactas, as cinzas do augusto fundador d'esta «real e insigne collegiada, D. Affonso, marquez «de Vallença e conde de Ourem, desde o anno da redempção, 1487, em cujo tempo «foram trasladadas da notavel villa de Thomar, por ordem do fidelissimo rei de Portugal, D. João II, até ao anno de 1810, no «qual os francezes, invadindo, roubando e «destruindo este reino, não só despojaram e «assolaram esta collegiada, mas tambem «quebraram este tumulo, espalharam as cinzas illustres que elle continha, perdendo-«se a maior parte d'ellas. As poucas que escaparam ás suas mãos, foram depositadas «em um cofre de madeira, dentro d'este «mesmo tumulo; reparado por disposição, «cuidado e á custa de Joaquim Honorio Henriques de Oliveira, conego decano d'esta «collegiada: no anno do Senhor, de 1815; «por zêlo, amor e gratidão.»

A urna de que temos tratado, foi mandada construir por D. Fernando II, duque de Bragança, sobrinho do fundador do templo; mas fallecendo antes de estar prompta, a mandou concluir o rei, D. João II, mandando trasladar para ella o cadaver, de uma capella da egreja de Santa Maria, de Thomar, onde tinha sido sepultado, quando falleceu n'esta villa—hoje cidade.

Foi esta trasladação feita a 8 de junho de 1487, assistindo D. Affonso, bispo d'Evora (filho do conde); Lourenço Rodrigues, chantre da Sé da mesma cidade; e o licenciado João Canes e Estevão Nogueira, capellães do rei. Houve então na collegiada solemnes officios, com missa e sermão, assistindo todos os conegos, muitos priores dos arredores, e grande concurso de povo. Foi o ataúde levado ao mausoleu, por quatro fidalgose duas dignidades, acompanhados por 24 gentis-homens do rei.

—

Foi D. Affonso o 1.º marquez que houve em Portugal, feito por D. Affonso V, em 11 de outubro de 1451. Era já conde de Ourem. Foi-lhe dado o titulo (e o marquezado) de Vallença do Minho. O rei lhe fez mercê d'este titulo, para hir conduzir a infanta D. Leonor, quando casou com o imperador Frederico III, partindo para a Austria a 20 do dito mez e anno.

Assistiu depois (o marquez) ás côrtes que o rei celebrou em Lisboa, em 1455, para se jurar principe herdeiro, D. João, depois II, sendo elle que conservou na mão a espada do principe.

Tinha hido em 1435, por ordem do rei D. Duarte, á cidade de Bolonha, por embaixador de Portugal, ao papa Eugenio IV, do qual alcançou despensa para poderem casar, os cavalleiros das ordens militares; mas ainda por então não teve effeito esta concessão.

Conseguiu tambem do pontifice, que os reis de Portugal fossem ungidos como os mais reis da christandade, o que até então se não praticava.

Tambem obteve a *Bulla da Santa Cruzada*, que só principiou a ter uso, em 1457, sendo papa Calixto III — que foi elevado ao papado em 1455 e falleceu em 1458.

Foi mandado assistir ao concilio de Basileia, d'onde passou a Jerusalem a visitar os Logares Santos.

Recolhendo ao reino, o encarregou D. Affonso V, do commando da armada d'Africa, que se aprestou na cidade do Porto, em 1458.

Voltando d'esta commissão, veio a Ourem, onde residiu algum tempo; até que hindo a Thomar, ahi falleceu, a 29 d'agosto de 1464; não chegando a ser duque de Bragança, por morrer em vida de seu pae.

—

O antiquissimo priorado das *Freixiandas*, estava na extremidade do territorio pertencente aos cavalleiros templarios de Thomar, como declara D. Gilberto, bispo de Leiria,

na sua carta, escripta em fevereiro de 1167, dizendo n'ella—«E pela Freixianda, que de«pois passou a ser vigariaria, e hoje é cura«to, no termo da villa de Ourem; á qual ti«raram a egreja de *Rio de Couros*, fazendo «ahi freguezia, que no tempo dos romanos «foi, segundo consta, a cidade de *Roquel*, que «os mesmos destruiram, ficando o sitio de«serto, como ainda hoje se conserva, só com «a capella, vulgarmente chamada *Nossa Se«nhora de Rio de Couros*. No anno de 1764 «se achou aqui uma pedra, vermelha, em «um antigo alicerce, ao pé da egreja, de dois «palmos em quadro e seis a sete de compri«do, com a seguinte inscripção:

D. M. S.
FABRICIO FRONDONI ANN. XXVI
FABRICIUS CAELI PATER ET
ALBURA MATER A FILIO PIENTISSIMO.
H. S. E.—S. T. L.

(Aos deuses manes. Aqui está sepultado, Fabricio Frondonio, de 26 annos de edade. A seu querido filho, Fabricio Celio, seu pae, e Albura, sua mãe. A terra lhe seja leve.)

A beata Thereza

Pelos annos de 1220 nasceu a virtuosissima *Tareja*, no logar do *Azambujal*, termo e freguezia de Ourem. (Volume 1.º, pag. 287, col. 1.ª)

Era familiar do prior da freguezia de São João Baptista, que, a pedido d'ella, lhe mandou fazer uma casinha, dentro da *torre da cisterna*, no cume do monte ao S., em logar completamente solitario. Alli se recolheu a santa, por ficar, então, visinha da egreja matriz de S. Thiago, que estava no terreiro ao N., e alli viveu, empregando exclusivamente o seu tempo na oração, penitencia e obras de piedade, até ao dia do seu fallecimento, que foi a 3 de setembro de 1266.

O povo d'Ourem e immediações, attribue á beata Thereza muitos milagres, feitos em sua vida e depois da sua morte.

Com o tempo, veio a demolir-se a casa onde ella terminára seus dias. A pedra e a telha de que era feita, vieram a servir para a construcção da cadeia da villa. A esta circumstancia attribue o povo a de que—nenhum homem que tenha estado preso n'esta cadeia, e vá depois para a do Limoeiro, de Lisboa, tenha padecido morte affrontosa no patibulo, por maior que seja o seu crime.

Podem os incredulos não darem credito a *milagres*, nem á benefica influencia da santa virgem Thereza; mas não podem desmentir os *factos*, que são publicos, notorios, e incontestaveis. Eil-os:

1.º—Foi recolhido a esta cadeia, em 1689, Diogo d'Abreu, escrivão do almoxarifado, pelo crime gravissimo de *cortar* (cercear) *moeda*, e remettido ao Limoeiro, falleceu na enfermaria d'esta prisão.

2.º—Sendo presos na mesma cadeia, Simão Gomes e seu sobrinho Manuel Pereira, de *Alburitel*, por terem commettido um assassinato, junto ao logar de *Peralva*, termo de Torres-Novas, em 22 de outubro de 1695, tendo por cumplice, Manuel Gomes, primo de Manuel Pereira, foi Manuel Gomes, preso na cadeia de Ulme (Alemtejo). Foram todos tres remettidos para o Limoeiro.

Manuel Gomes, foi enforcado, vindo a sua cabeça para ser collocada em um póste, no logar do delicto.

Simão Gomes e Manuel Pereira, sahiram do Limoeiro, soltos e livres, tendo apenas por castigo, uma leve condemnação pecuniaria, e degredo no reino.

3.º—Simão Lopes, da *Carvoeira*, d'este termo, assassinando Joaquim Lopes, seu irmão, em 27 d'abril de 1725, e confessando o crime, alem das provas, foi preso n'esta cadeia, e d'ella para a do Limoeiro, onde morreu de doença, na enfermaria.

4.º—Henrique Fernandes, do logar da *Charneca*, termo d'esta villa, preso na cadeia d'ella, por assassinar Antonia Vieira, sua mulher, a 6 de agosto de 1731; falleceu na cadeia, de doença.

5.º—João Ferreira, dos *Villões*, preso n'esta cadeia (por assassinar sua mulher, Marianna da Silva) e com grossos grilhões aos pés. —Confessou ter perpetrado o crime, em 23 de julho de 1750, alem das provas. Fugiu na madrugada do dia 11 de agosto do mesmo anno, pelo alçapão da enxovia e pela chaminé, em construcção, do 1.º andar; tendo

guardas vigilantes, commandadas pelo alcaide, que servia de carcereiro. Ninguem mais teve noticias d'elle: só appareceram, pela manhan, os grilhões, á porta de Manuel d'Oliveira Galvão, escrivão dos orphãos da Charneca, a 3 kilometros de Ourem.

6.º — Sendo vereador e juiz pela ordenação, Luiz Leite, sargento-mór, hindo fazer exame e corpo de delicto, em 17 de setembro de 1770, no cadaver de Manuel dos Santos, do *Valle da Crudella*, assassinado por Manuel da Silva, do logar da *Barreira*, ambos d'este termo—mandou prender o assassino a 25 do dito mez e anno; o qual, além das provas, confessou o crime. Não foi julgado, porque falleceu n'esta cadeia, a 28 de novembro do mesmo anno.

—

Antes do terramoto de 1755, se conservava em uma urna de prata, em um sacrario que estava no altar-mór da collegiada da villa, a cabeça de Santa Thereza, que era todos os annos exposta á veneração do povo, no dia 3 de setembro, no altar das almas; sob o qual, em uma arca de pedra, jazia o seu corpo, vindo para aqui da egreja de S. Thiago.

N'esse mesmo dia se lhe fazia uma festa. Tinham-a por advogada dos presos, e contra as dores de cabeça.

Arruinada a collegiada com o terramoto de 1755, se fez novo sacrario, no altar de S. José, onde se depositou a cabeça da santa, e o precioso *relicario* que o fundador deu á collegiada, enriquecido de varias reliquias, da maior veneração, e que ainda hoje felizmente existe.

Ainda hoje, em dia de *todos os santos*, se canta uma missa, pela alma da beata Thereza.

Consta por tradição, que vindo um bispo em visita a esta collegiada, por saber que Thereza não estava canonisada, lhe prohibiu o culto, mandando tirar do altar a sua imagem, como mandava o concilio de Trento;[1] mas foi logo accommettido de tão violentas dores de cabeça, que só lhe passaram depois de revogar a ordem, e tornar a santa a ser collocada no seu altar.

Desde então, mais nenhum bispo ou visitador se atreveu a prohibir o culto de Santa Thereza, que com este acontecimento ainda mais se propagou, e ainda hoje continúa.

—

Dizem alguns, mas é êrro, que santa Thereza nasceu nas casas que são hoje cadeia. O que é certo é ter ella nascido, e sido creada, no logar do Azambujal, em umas casas que ainda hoje existem, e é um casal, foreiro a esta collegiada.

Sempre viveu com seus paes, e faltando-lhe estes, pediu ao prior que a recolhesse em sua casa, como creada, até que este lhe mandou fazer a casa, na torre da cisterna.

—

O terramoto de 1755, causou grandes prejuizos nos edificios sagrados e profanos d'esta villa, principalmente no mosteiro de Santo Antonio, desmantelando-lhe o frontispicio, e a maior parte da egreja e do mosteiro.

Cahiu por terra o magnifico templo da collegiada, ficando as santas imagens debaixo do entulho das suas ruinas, sendo depois desenterradas pelos devotos. Antonio Pereira, do sitio dos *Valles* (proximo á villa), é que desenterrou a imagem de Santa Thereza; ajudado (porque era muito velho e o entulho tinha grande altura) por alguns homens a quem—apezar da sua pobreza—pagou sallarios dobrados. A santa foi achada sem a minima lesão, e levada pelo mesmo Pereira e por uma devota, para a capella de Santo Amaro, ao pé da villa, ao S., que escapou ao terramoto.

Passados poucos annos, mandou o bacharel José Gomes (o *Chuxa*), natural d'Ourem, e grande devoto da Santa, fazer uma nova imagem de Thereza, que collocou na capella das almas, da collegiada, depois de reconstruida.

—

Verificou-se na occasião do desentulho da collegiada, a tradição de estarem os óssos de Santa Thereza em um caixão de pedra, debaixo da capella das almas, pois alli foi achado pelos operários que trabalhavam no

[1] O concilio tridentino foi convocado em 1545 (22 de maio), havendo já 270 annos que *santa Thereza*, era aqui venerada nos altares.

desentulho, em janeiro de 1758. Estava intacto; mas a ignorancia dos trabalhadores, e o descuido reprehensivel dos ecclesiasticos, fez com que os restos da santa fossem confundidos com os outros, e assim se foi perdendo pouco a pouco, até se extinguir, o costume de festejarem esta santa.

—

A collegiada foi principiada a reconstruir no dito mez de janeiro de 1758, concluindo as obras em novembro de 1770, em cujo anno se trasladou para ella, da ermida de S. José, o Santissimo Sacramento e o cabido, com assistencia da camara, nobreza e povo; havendo procissão, missa, sermão, etc.

—

Espavorido o povo d'Ourem, com o horroroso terramoto, fugiu da villa, hindo procurar abrigo pelas povoações visinhas.

Os conegos foram para a *Aldeia da Cruz*, e fizeram coro, na capella d'este logar, na qual, durante seis mezes celebraram os officios divinos.

Depois se levantou um coro, de madeira, na capella-mór da Misericordia, e se mudaram para ella, até ao complemento da reedificação da sua collegiada.

O S.S. Sacramento esteve na capella de S. José, que serviu provisoriamente de parochial, menos para os baptismos, que eram feitos na Misericordia.

Tinha a primitiva collegiada, antes do terramoto, uma só porta principal, com uma primorosa fachada, sendo as paredes interiores revestidas de bellissimos azulejos.

Tinha para o S., uma porta travessa, que era a principal da freguezia de Santa Maria, quando n'esta villa havia quatro parochias.

Escapou das ruinas, a capella do fundador, que estava debaixo do altar-mór, o côro, a imagem da padroeira, o sacrario, o grande relicario de que já fallei, e a cabeça de Santa Thereza, e o S. S. Sacramento; pois cahindo todo o tecto, só ficou de pé o que estava sobre estes objectos.

Em 1810, ficaram apenas as paredes e tecto d'esta egreja, despojada de todas as alfaias pelos francezes; mas. pouco a pouco, tornou este templo ao seu antigo esplendor.

Em 24 de abril de 1834, foi esta villa occupada por 700 homens do exercito realista, quando já Leiria estava em poder dos liberaes, e principiaram a reedificar parte das antigas fortificações, e a construirem algumas trincheiras.

No largo chamado vulgarmente *Postigo da Sé*, onde, em grande extenção não havia já muralha, se formou um grosso parapeito de terra, com fosso, assestando alli uma peça de calibre 3, e outra na praça.

Em varios sitios onde a muralha não era tão alta, se fizeram tambem alguns fossos, escavando-se os alicerces de tal modo, que no inverno seguinte, cahiram por terra alguns lanços da antiga muralha.

Fecharam-se as portas do E. e S.O., com grossas portas de madeira. Do lado de fóra da porta do S.O. (porta de Santarem) havia aos lados, uns assentos de pedra, que tambem foram arrancados.

Ainda esta imperfeita reforma das fortificações estava bastante atrazada quando, a 13 de maio d'esse anno de 1834, apparece uma columna liberal, em frente da villa.

Os realistas correm ás trincheiras, e disparam varios tiros inuteis.

Os liberaes vendo a difficuldade do ingresso e a attitude dos defensores da villa, reunindo-se a mais alguns batalhões que estavam no logar da *Prucha*, retiram uma parte sobre Thomar, e no dia 16 vão dar a batalha da Asseiceira, a ultima d'esta desgraçada campanha; ficando outra parte de observação a Ourem, fazendo todas as diligencias para conseguir que os realistas capitulassem, o que, não conseguindo, se aproximam, occupando o mosteiro de Santo Antonio e outros pontos mais distantes, e assim se conservaram até ao dia 17, no qual, chegando a noticia da derrota soffrida pelos realistas, e julgando inutil e temeraria a resistencia, capitularam, sob a condição de sahirem livremente, sem armas.

N'esse mesmo dia á tarde, tremulava, na mais alta torre do castello, a bandeira bicolor, depois da evacuação da praça pelos realistas.

Ourem é occupada por um batalhão de voluntarios liberaes, denominado de Porto

de Mós, que sahiram no dia 21, deixando, uns e outros, os habitantes da villa em paz e socego, e livres dos disturbios, violencias e vexações que de ambos os partidos haviam experimentado.

—

Dois dias depois da entrada dos liberaes (19 de maio) e quando aqui estavam os voluntarios liberaes de Porto de Mós, foi esta villa theatro de uma desgraça que a todos contristou.

Os realistas tinham o seu deposito de polvora na torre do castello, que fica em frente do largo de S. Thiago, ao O.

Depois de tomada a praça, juntaram os liberaes toda esta polvora e armamento dos vencidos, em uma casa, proxima da collegiada e no centro da villa.

N'esse dia, entrando n'essa casa, dez voluntarios, quasi todos officiaes, e um paizano, amigo do capitão commandante (e que o tinha vindo visitar n'aquelle dia) começaram a examinar as armas, e disparando uma, por inadvertencia, pegou o fogo à um montão de cartuxos que estava no meio da casa, causando uma grande explosão.

O tecto da casa foi arremeçado aos ares, e as paredes ficaram desconjunctadas.

Os onze que estavam dentro (e que para maior desgraça, tinham a porta fechada) ficaram abrasados.

Nenhum morreu logo, mas poucos dias viveram oito d'elles, escapando, mas horrivelmente queimados, apenas trez.

Felizmente não houve mais perda de vidas, e os edificios immmediatos pouco soffreram.

—

Terminada a guerra, foi suspenso o prior d'esta collegiada, e quasi todos os conegos, ficando por consequencia a egreja fechada, abrindo-se apenas nos dias sanctificados.

Um prior, encommendado, veiu por ordem de João de Deus, então vigario capitular de Leiria, exercer as funcções parochiaes, mas nunca reuniu o cabido, apezar de haver cinco conegos que não tinham sido suspensos; e passados alguns mezes, abandonou a villa e foi parochiar a freguezia de Ceiça.

O antigo prior foi reintegrado; mas fez como o antecedente; pelo que, e com a morte de alguns dos conegos não suspensos, deixou de haver coro, ficando a collegiada como outra qualquer simples egreja parochial, sómente com o seu prior.

No tempo do prior encommendado, foram expulsos alguns frades que ainda habitavam o convento de Santo Antonio.

Causou verdadeira compaixão, ver estes religiosos na sua retirada, e de todos os pontos d'onde podiam avistar o seu convento, despedirem-se com sentidas lagrimas, e de joelhos, da casa que por tantos annos lhes servira de santo retiro.

Seus bens foram vendidos ao desbarato (como aconteceu com os mais.)

As alfaias, ornamentos da egreja, e tudo o mais que era do mosteiro, foi, parte *sumido*, e parte, distribuido por algumas egrejas.

Em janeiro de 1835, por ordem superior, foi removido o antigo hospital que havia no centro da villa, para o edificio do mosteiro.

Como a Misericordia se achava annexa ao hospital, tambem se mudou para a egreja do mosteiro.

A cêrca era excellente e abundante de optima agua.

Foi vendida e é hoje propriedade particular.

O hospital tem uns 600$000 réis de rendimento annual.

Desconfiando-se que se projectava demolir a antiga Misericordia, se juntaram alguns habitantes da villa e a compraram, continuando portanto a existir, e a conservar as imagens santas que serviam na procissão do Senhor dos Passos; porque, só no recinto da villa existiam as cinco *estações* ou oratorios a que vulgarmente se dá o nome de *passos*.

A procissão sahia da Misericordia e recolhia na egreja da collegiada; acto a que sempre concorria grande multidão de povo.

—

SIC TRANSEAT GLORIA MUNDI!

Acabou de lêr-se, em rapidos traços, o que foi e o que é a antiquissima e histori-

ca villa de Ourem; mas, nem a sua existencia de mais de 14 seculos, nem a vetustez de seu castello venerando, nem a nobreza de suas torres e muralhas, nem a fidelidade de seus habitantes a poderam subtrahir aos golpes da desventura e aos vaevens da sorte.

Perdeu a sua autonomia, ella a povoação legendaria, a patria de tantos varões illustres, a sultana orgulhosa dos seus fastos, dos seus brazões d'armas, da sua corôa de marmore, formada de torres, cubêllos e baluartes—de rainha tornou-se escrava, e hoje mira-se plangente, e saudosa do passado esplendor, no seu formoso valle, unica cousa que lhe não poderam usurpar as *conveniencias* politicas, ou, talvez, as influencias dos poderosos!

No dia 5 de dezembro de 1841 (tendo ja mezes antes alcançado a mercê) foi a *Aldeia da Cruz* elevada á cathegoria de villa, com a denominação de *Villa-Nova-d'Ourem*, e a cabeça de concelho; mudando-se para ella os tribunaes, justiças, auctoridades e empregados publisos da velha Ourem.

Confrange-se o coração ao visitar hoje esta que fôra outr'ora uma povoação importantissima.

Quasi apenas se vêem montões de ruinas, nos sitios onde em tempos felizes se viam alterosos edificios: paredes e muralhas cahidas; ruas desertas, casas abandonadas; raros habitantes, e a herva, as plantas parasitas e o musgo, invadindo os seus alcasares desmantellados.

—

Por serem breves, e os achar muito curiosos, dou aqui a copia de um alvará, e uma carta do duque de Bragança.

São os seguintes:

Alvará pelo qual foi mandada erigir a Misericordia da villa de Ourem, em 1541, e cujo original se acha no archivo da Santa casa.

Eu, Duque de Bragança e de Barcellos, etc.—Faço saber a Vós, Juiz e Officiaes e mais homens bons, da minha Villa d'Ourem, que; porquanto Eu sou informado que n'essa Villa não ha Casa de Misericordia, como a ha em todas do Reino, sendo cousa tão necessaria, e de tanto serviço de Nosso Senhor: e porque n'essa Villa ha um Hospital, que tem renda, annexando-se com a Misericordia, seria grande bem, para o soccorro dos pobres e necessitados, e n'isso se faria muito serviço a Deus — por este meu Alvará, Hei por bem, que n'essa Villa se ordene Casa de Misericordia, e se annexe e junte a ella, o dito Hospital e rendas d'elle, e se terá n'ella o Regimento que se tem nas outras Misericordias das Villas e logares d'este Reino: e vos mando que assim o façaes cumprir. Antonio de Gouveia o fez, em Almeirim, a 28 de janeiro de 1541 annos. Eu o Duque.

—

Resposta que o duque mandou ao provisor e officiaes da mesa da Misericordia novamente eleita, em cumprimento do alvará antecedente.

Honrado provedor, Officiaes e Irmãos da Misericordia, da minha Villa d'Ourem. Eu o Duque, etc. vos envio muito saudar. Uma carta vossa recebi, em que me daveis conta, de como o Hospital era já annexado a essa dita Casa da Misericordia, e ereis já Officiaes d'ella, e usaveis do vosso cargo, conforme ao Regimento que da Villa de Thomar vos mandei; e folguei de saber que isso era já posto em ordem, e porque espero de assim se ordenar, para que Nosso Senhor seja bem servido, e para o regimento ser confirmado por mim, he necessario mandarem-m'o, e assim tambem o traslado do Compromisso, para ver tudo, e o confirmar, se necessario fôr. De Lisboa, a 30 de abril de 1541 annos. Eu o Duque.

Até aqui o manuscripto do sr. prior de Bucellas — com os competentes cortes, alguns adiccionamentos, e correcções em alguns anachronismos.

—

Varias noticias de Ourem

Pelo concelho d'Ourem passava a via militar romana, que de Lisboa hia em direcção a Calle, e hoje passa o caminho de ferro do norte.

—

Houve n'esta villa uma synagoga de judeus, com mestres em todos os ramos de sciencias.

Foi destruida, não se sabe por quem, mas provavelmente pelos successores de D. Pelayo.

—

Em 1834, era o senhorio e condado de Ourem, da casa de Bragança.

Extinctos os *direitos senhoriaes*, pelo decreto de 13 de agosto de 1832—e deixando de existir os *padroados*, pelo art. 75 da carta, ficou sendo o condado de Ourem um titulo meramente honorario.

—

O serenissimo principe D. Carlos, duque de Bragança, é o actual (34.º) conde de Ourem.

—

D. Affonso Henriques tinha grande amor a sua filha, D. Thereza, e quando esta foi para Flandres, deu-lhe grandes riquezas, em brilhantes, ouro, brocados e preciosas sedas, de que os navios flamengos hiam carregados.

Quando a esquadrilha que a conduzia chegou á Rochella (então dos inglezes) esperava-a um commissario do rei da Gran Bretanha (Henrique II) para proporcionar a D. Thereza todas as possiveis commodidades, até á fronteira de Flandres.

Seu esposo, Philippe d'Alsacia, a veiu receber á entrada dos seus estados, e na presença da sua corte, do seu exercito e de grande multidão de povo, se celebrou logo a ceremonia nupcial.

D. Thereza—como era costume praticar-se com as esposas dos condes reinantes de Flandres—mudou o nome para *Mathilde*.

Este casamento foi celebrado em Bruges, em agosto de 1184.

Muitos escriptores dizem que a viagem d'esta Senhora foi prospera e sem accidentes; porém o visconde de Santarem (*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tomo 9.º) diz que esta viagem foi difficil e mesmo perigosa.

Que o navio em que ia D. Thereza, foi atacado pelos piratas normandos, que roubaram as joias mais preciosas.

Assim que o conde teve noticia d'este acontecimento, fez partir immediatamente uma frota, que poude agarrar os corsarios, sendo 80 d'elles enforcados em Flandres.

Philippe, deu a sua esposa o senhorio de 17 cidades e villas, das mais importantes dos seus estados.

Foi muito celebrada a *condessa Mathilde*, pela rara prudencia, discrição e energia com que governou os estados de Flandres, defendendo-os contra muitos senhores que lhe fizeram guerra, emquanto seu marido combatia no ultramar.

Ficando viuva em 1190, sem haver filhos d'este matrimonio, passou a segundas nupcias, com Eudo III, duque de Borgonha, em 1194; mas, sendo parentes, e tendo casado sem despensa, se annulou o casamento em 1195.

Falleceu esta heroica portugueza, a 6 de maio de 1216.

Jaz na capella dos condes de Flandres, no mosteiro de Claraval, de Borgonha.

—

D. Mecia Lopes de Haro, 2.ª senhora de Ourem, mulher de D. Sancho II, continuou a ser senhora de Ourem, não só depois da deposição de seu marido (6 de setembro de 1245) mas ainda depois da sua morte (4 de junho de 1248.)

O conde de Bolonha, depois D. Affonso III, ou confirmou a doação de seu irmão, ou deixou gozar em paz este senhorio a sua cunhada.

O povo portuguez, exasperado por tantos tributos, e cançado do mau governo de D. Sancho II e seus ministros; e dos desatinos da rainha, principia a murmurar em 1240.

A agitação foi crescendo, a tal ponto, que em 1245, os minhotos revolucionaram-se, e, commandados por D. Raymundo Viegas Porto-Carreiro, avançam até Coimbra, onde

estava a corte; e ahi, reunidos ao povo da cidade, arrebatam D. Mecia e a levam para o castello d'Ourem. (Foi Porto Carreiro o chefe da escolta que a conduziu.) Pouco depois foi o rei deposto, e foge para Castella.

Oito annos depois d'estas desordens (1256) ainda a rainha permanecia em Ourem; pois existem doações feitas por ella, d'este tempo.

A nimia *condescendencia* do *Bolonhez* para sua cunhada, e ainda mais, o facto de *vir D. Sancho II, com as tropas que lhe foram fieis, que eram bastantes, sobre Ourem, para* LIBERTAR *a esposa, e sendo recebido a tiros de bésta e á pedrada, pela guarnição do castello, parece provarem que D. Mecia, em vez de ser* VICTIMA, *foi cumplice de D. Affonso, n'esta revolta popular, com todos os vizos de traição, que deu ao conde a corôa de seu irmão.* (Vide a *Historia de Portugal*, pelo sr. Alexandre Herculano, tomo 2.º)

Notemos porém que na *Monarchia Lusitana* (L.º 17.º, cap. 14) se lê:

«Por ser a villa d'Ourem «d'esta Senhora (a rainha) e tão «defensavel por sitio e bôa «muralha, que, a ser ajudada «da arte, ao moderno, a poderamos ter por inexpugnavel, «*me parece tambem que resistia muito a El-Rei, D. Affonso III, quando tomou posse do «reino, e que persistia até ao «anno de 1249, conservando a «vós d'El-Rei D. Sancho.*»

De qualquer dos lados que esteja a verdade, é certo que D. Affonso III estava em Ourem em 1249, pois do dia 26 de fevereiro d'esse anno, e aqui, datou uma doação ao mosteiro d'Alcobaça.

D. Mecia retirou para Castella, onde falleceu, sem tornar a Portugal.

Conservou-se no dominio da corôa o senhorio de Ourem, por espaço de 33 annos.

Em 1282, casando D. Diniz I com Santa Isabel, lhe deu muitas villas, sendo uma d'ellas Ourem.

O infante D. Affonso, irmão de D. Diniz, fundando-se em que este era filho adulterino (por ter nascido em vida de Mathilde, condessa de Bolonha) disputou-lhe a corôa.

Santa Isabel congrassou os dois irmãos.

D. Affonso, senhor de Portalegre, entretregou ao rei todos os castellos e senhorios da fronteira do Alemtejo, recebendo em troca os senhorios de Ourem e Cintra.

Morre D. Affonso (1315) e sua filha, D. Isabel, pretende succeder no senhorio d'esta villa, como legitima herdeira d'este infante.

Oppõe-se o rei—ha litigio—as partes commettem a decisão a juizes arbitros (foram os bispos de Lisboa, Coimbra e Evora) que dão a sentença contra D. Isabel, e Ourem torna para a corôa.

Por fallecimento de D. Affonso IV (28 de maio de 1357) D. Pedro I, que lhe succedeu fez doação do senhorio de Ourem, a sua mãe a rainha viuva (D. Brites, filha de D. Sancho IV, de Castella) que o possuiu em quanto viveu.

Condes de Ourem

O 1.º, foi *D. João Affonso Tello de Menezes* (tio da celebre D. Leonor Telles de Menezes, por ser irmão de D. Martim Affonso Tello de Menezes, pae d'esta senhora) feito por D. Pedro I — de quem era valido — em 1356 ou 1357.

Este conde, era casado com D. Guiomar Villa-Lobos, bisneta do rei D. Sancho, de Castella.

O seu palacio era em Santarem, onde residia, e ahi fundou o convento dos frades agostinhos, em umas casas suas, em 1376; e n'este convento foi sepultado com sua mulher. (O conde morreu em 1381.)

Era pae de D. Affonso, conde de Barcellos—e de D. Leonor de Menezes, casada com D. Pedro de Castro, filho d'Alvaro Peres de Castro (irmão de D. Ignez de Castro) conde de Arrayolos, e 1.º condestavel do reino.

Esta D. Leonor era dotada de tão rara intelligencia, que, da edade de dez annos, sabia philosophia, musica e poetica, e escreveu um romance.

Fallava correctamente latim, francez e hespanhol.

Foi tambem sepultada no mosteiro agostinho de Santarem.

—

2.º conde — *D. João Fernandes Andeiro*, gallego (natural da Corunha) *valido* do imbecil D. Fernando I (ou da mulher d'este) homem perfido e ardiloso, mas de grande influencia entre os castelhanos.

Terminou a guerra de D. Fernando I, contra D. Henrique II, de Castella, [1] pelo tratado de Santarem, de 19 de março de 1373, publicado a 24.

Um dos artigos do tratado era que o rei de Portugal expulsaria d'este reino, D. João Fernandes Andeiro, e todos os mais fidalgos castelhanos que cá estivessem, dentro em 30 dias.

Isto é o que não convinha a D. Leonor: o artigo não se cumpriu, e ella obrigou seu marido a commetter a baixeza de escrever a Henrique II, dizendo-lhe que não podia ter execução, *porque o Andeiro e seus patricios se contratavam e fortificavam no castello d'Ourem, e, de modo nenhum queriam d'elle sahir. (1)*

D. Henrique consentiu que alguns dos castelhanos ficassem em Portugal; mas excluiu d'esta permissão, Andeiro e outros.

Não tiveram estes remedio senão sahir de Portugal, e o conde de Ourem soube em Londres introduzir-se nas boas graças do conde de Cambridg — irmão do duque de Lencastre — entretendo sempre correspondencia secreta com D. Fernando e D. Leonor, animando-os ainda nas suas loucas pretenções sobre a corôa de Castella.

D. Fernando adoece, e vae, por concelho dos medicos (ou, segundo outros para não estar ao pé da mulher) para Almada; mas, não se dando alli bem, vae para os *paços das Alcaçovas*, d'entro do castello de S. Jorge. (4.º vol, pag. 123, col. 2.ª)

[1] Depois do rei castelhano invadir e assolar Portugal, chegando até Lisboa, que saqueia e incendeia, sem que D. Fernando — mettido em Santarem — tratasse de lhe oppor a minima resistencia.

Alli, não achando alivio aos seus padecimentos, volta para os seus *paços de Moeda Nova*, e aqui falleceu no dia 22 de outubro de 1383, com 39 annos menos 9 dias de edade. [1] (Nascêra em 31 de outubro de 1344.)

O Andeiro já tinha voltado de Inglaterra, e estava quasi sempre nos paços da Moeda; mas, apenas morreu D. Fernando, e sabendo o odio que lhe votava todo o povo de Lisboa, pelos seus escandalosos amores com D. Leonor — e tambem por ser gallego — retirou-se para o *seu* castello d'Ourem; mas sendo chamado, como os mais fidalgos, para assistir ao enterro do monarcha, sáe de Ourem, com uma escolta de 25 escudeiros, armados até aos dentes (apezar das supplicas de sua mulher, que, preadivinhando a sorte que o esperava, fez todas as diligencias para impedir esta jornada.) [2]

Chega a Lisboa, e vae para o paço, como *concelheiro* de D. Leonor, regente em nome de sua filha, D. Beatriz, mulher de D. João I, de Castella.

Todos sabem dos tumultos que tiveram logar durante o infausto reinado de D. Fernando, e do odio que os portuguezes tinham á mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, tornada *concubina legal* d'aquelle infeliz monarcha.

Este odio era justificado pelo procedimento vergonhoso de D. Leonor, que com escandalo publico, fazia ostentação dos seus

[1] D. Fernando residia ora em um, ora em outro d'estes paços.

Ao da Moeda nova tambem se dava o nome de *paços de S. Martinho.*

Depois, no reinado de D. João I, foram estes paços destinados para residencia de seus filhos, e tomaram a denominação de *paços dos infantes.*

O rei D. Manuel os transformou em *casa de supplicação;* e o marquez de Pombal, em cadeia publica. E' o *Limoeiro.*

[2] Andeiro, na vinda para Lisboa, hospedou-se em Santarem, em casa do seu alcaide-mór, Gonçalo Vasques d'Azevedo, pae de Alvaro Gonçalves, casado com D. Sancha, filha do conde d'Ourem.

O alcaide-mór, tambem diligenciou, mas inutilmente, despersuadil-o da hida a Lisboa.

amores—trez vezes adulteros [1]—com o conde d'Ourem.

O *Mestre d'Aviz* e seu irmão eram sinceros amigos um do outro, e D. João odiava mais do que ninguem, a D. Leonor e ao Andeiro, mesmo por essa amizade que tinha ao rei.

Os tumultos transformaram-se em revolução declarada, depois da morte do rei, e todos os portuguezes punham os olhos no Mestre d'Aviz, já então muito popular, como o unico remedio a tantos males.

D. João, que fingira acceitar o generalato do Alemtejo, passára para o S. do rio; porém, *reconsiderando*, repassa-o, dirige-se aos paços da Moeda (6 de dezembro de 1383) e assassina Andeiro, com uma punhalada.[2]

Tinha que fazer, o que houvesse de deslindar a geração dos nossos reis, em todos os seus frequentes *cruzamentos*, desde o principio da monarchia!—Só n'esta conjunctura devemos notar o seguinte:

O Mestre d'Aviz, era filho de *Thereza Lourenço* (rapariga do povo, e *gallega* de nascimento) e nascera em Lisboa, a 15 de abril de 1358. Todos sabem que era filho bastardo de D. Pedro I.

D. Thereza, filha do conde Andeiro, era tambem *gallega*. Foi amante de D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, e teve d'elle dois filhos—D. Luiz da Guerra, que foi bispo da Guarda—e D. Fernando da Guerra, que foi arcebispo de Braga e regedor das justiças.—Estes dois prelados eram pois sobrinhos do assassino de seu avô, o conde de Ourem.

D. João I estimou muito estes dois sobrinhos, e os collocou na posição eminente em que terminaram seus dias. (O que é o mundo!...)

Quando o conde foi morto, tinha vestido um gibão de setim carmezim, e tabardo de finissimo panno preto, quando toda a côrte vestia de lucto rigoroso.

Esteve todo o dia e parte da noite, no mesmo sitio onde fôra assassinado, coberto com um tapete velho. Pelas *horas mortas*, D. Leonor o mandou enterrar, ás escondidas, na proxima egreja de S. Martinho.

O conde d'Ourem, era, pouco mais ou menos, da edade do rei. Tinha uma physionomia agradavel, era muito *espirituoso*, fallava com muita graça, e *tinha um grande talento para divertir as mulheres*. (*Chron. de D. Fernando*, por Fernão Lopes.)

D. João Fernandes Andeiro possuiu o condado de Ourem, apenas uns dois annos.

—

3.º conde — *D. Nuno Alvares Pereira*, o grande 2.º *condestavel* — feito por D. João I (ainda então *defensor e regedor do reino*) por carta passada em Lisboa, no 1.º de julho de 1384. Deu-lhe tambem, tudo quanto havia sido do conde Andeiro, e os senhorios de Unhos e Villa-Viçosa.

Em 20 d'agosto de 1385 (6 dias depois da batalha d'Aljubarrota), estando D. João I em Santarem, confirmou e ampliou a doação que havia feito ao condestavel, o qual a acceitou sob condição de que o rei não faria outro conde em sua vida (de D. Nuno), ao que o soberano annuiu.

[1] 1.ª, porque era mulher de João Lourenço da Cunha—2.ª, porque era *mulher* de D. Fernando—3.ª, porque Andeiro, era casado.

[2] Diz-se tambem que elle não ficou logo morto, e que foram os fidalgos partidarios do Mestre que o acabaram ás estocadas.

Este conde de Ourem era tão cynico, que se apresentou no paço vestido de gala, quando todos andavam vestidos de burel branco, que era o lucto d'esse tempo; pelo que foi reprehendido pelos officiaes do paço, do que elle não fez caso.

O lucto, até ao reinado de D. Manuel, era de burel branco; sendo até então o vestido preto, signal de gala e alegria. A primeira vez que se usou lucto preto, foi na morte de D. Philippa, tia d'aquelle monarcha. Na China, o lucto é branco.—Na Armenia, na Syria e na Turquia, é azul.—Na Ethiopia, é côr de terra.—No Egypto, é amarello.—Na Europa e na America é preto. (Vol. 5.º, pag. 501, col. 2.ª)

Se D. Nuno Alvares Pereira, foi um dos maiores vultos de que se gloria a nação portugueza, tambem se deve confessar que — contra o uso inveterado dos monarchas d'este reino—nenhum vassallo ainda recebeu tamanhos premios e chegou a tão grandes alturas. D. João, seu amigo e companheiro, o fez — *condestavel do reino, conde de Ourem, conde de Barcellos, conde de Arrayolos, mordomo-mór do paço, e senhor de* SESSENTA *villas acastelladas.* (Vol. 2.°, pag. 248, col. 1.ª)

—

4.° conde — *D. Affonso,* filho bastardo de D. João I, e de Ignez Pires. (Vide *Barcellos; Castanheira,* do Riba-Tejo; e *Guarda.*)

D. Nuno Alvares Pereira, teve de sua mulher, D. Leonor d'Alvim, dois filhos e uma filha. Morrendo aquelles, ficou esta (D. Brites Pereira), unica herdeira da riquissima casa de seu pae, que era a maior de Portugal.

D. João I quiz casar seu filho e successor, D. Duarte, com D. Brites; mas o condestavel preferiu dal-a áquelle filho bastardo do rei, para fundar os *estados* que hoje constituem a casa de Bragança.

D. Affonso, nascêra em 1370, e casou em 1401, sendo feito conde de Barcellos, no dia do seu casamento. Vivia com sua mulher, em um palacio que tinha em Chaves, onde esta morreu de parto, ainda em vida de seu pae.

O infante D. Pedro, filho legitimo de D. João I, duque de Coimbra, e regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, creou em 1442, o ducado de Bragança, de que fez duque a seu irmão bastardo, D. Affonso, 4.° conde de Ourem (que lhe pagou esta mercê com a mais negra ingratidão, pois foi um dos que, em 1447, o malquistou com D. Affonso V, concorrendo para que seu irmão e protector viesse a morrer ás mãos de portuguezes, no desgraçado combate de Alfarrobeira, em 20 de março de 1449).

Achando-se D. Affonso viuvo da condessa d'Ourem, passou a segundas nupcias, com D. Constança de Noronha, irman do tristemente celebre, D. Pedro de Noronha, 4.° arcebispo de Lisboa. (4.° vol., pag. 272, col. 1.ª)

D. Affonso não teve filhos de D. Constança.

De D. Brites Pereira, teve os filhos seguintes:

D. Fernando I, que foi 2.° duque de Bragança.

—

D. Isabel, que casou com seu tio, o infante D. João, mestre de S. Thiago, filho de D. João I. D'este casamento nasceu D. Brites, casada com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Beja, filho do rei D. Duarte, dos quaes nasceu D. Manuel I, o *Venturoso* —e o

—

5.° conde de Ourem — *D. Affonso,* que foi feito 1.° marquez de Vallença, por D. Affonso V, em 11 de outubro de 1451. Morrendo solteiro e sem filhos legitimos (em Thomar, a 29 de agosto de 1460), passou o condado de Ourem para seu irmão. [1]

—

6.° conde — *D. Fernando I,* 2.° duque de Bragança. Sendo este infeliz principe degolado, por ordem de D. João II, na praça grande d'Evora (junto ás casas do *José dos Baraços,* e em frente da egreja de Santo Antão), no dia 22 de junho de 1483. Tinha sido preso a 29 de maio, pelo que, apenas medeiaram 24 dias, entre a prisão, o julgamento, a sentença, e a execução!

D. João II confiscou e encorporou nos bens da corôa, todo o ducado de Bragança—e, por

[1] D. Affonso tinha um filho natural, chamado *D. Affonso de Portugal,* de uma senhora nobre, por nome D. Brites de Souza, com a qual (por ser muito orgulhoso) não quiz casar á hora da morte, por mais que a isso fosse instado pelos ecclesiasticos e outras pessoas prudentes que lhe assistiram.

D. Affonso de Portugal, turbulento e vaidoso, como seu pae, quiz mostrar ser filho legitimado, o que não poude conseguir.

D. João II o obrigou a ser clerigo, e foi nomeado bispo de Evora, em 1485. N'esta qualidade, veio assistir á ceremonia funebre da trasladação dos ossos de seu pae, de Thomar para Ourem, em 1487.

Fundou em Evora o convento da Graça (de frades agostinhos), hoje hospital militar, e fallecendo, em 1522, foi sepultado na capella-mór da egreja (hoje aula nocturna) do mosteiro que havia fundado e dotado. Nun-

consequencia, o condado de Ourem—e falleceu, em Alvor (Algarve), a 25 de outubro de 1495; subindo ao throno, seu primo e cunhado, D. Manuel, duque de Beja, filho do infante D. Fernando, e neto do rei D. Duarte.

Logo no mesmo anno, de 1495, manda restituir aos filhos do duque de Bragança, todos os seus bens, honras e dignidades.

Parece, porém, que lhes não restituiu logo o condado de Ourem; porque no mesmo anno de 1495, achamos o

7.º conde—*Marquez de Villa-Real.* Pouco tempo foi conde de Ourem, porque o condado foi logo em julho de 1496, entregue ao

8.º conde—*D. Jayme,* duque de Bragança. Desde então ficou, para sempre, este condado unido á casa de Bragança.

Para os que desejarem saber o mais que pertence á casa de Bragança—veja-se *Bragança* e Villa-Viçosa, na serie dos duques de Bragança.

Tambem em alguns escriptores tenho lido que o rei D. Duarte fez conde de Ourem, ao doutor (andaluz) Vasco Fernandes de Lucêna, em 1433; mas não vejo semelhante coisa nos principaes escriptores.

Vide, no fim d'este artigo—*Lucêna,* appellido.

—

A fidelidade do povo de Ourem aos seus reis e á sua patria, brilhou sempre em todas as occasiões de perigo.

Na batalha de Alcacer-Quivir (4 de agosto de 1578) os terços d'Ourem acompanharam o duque de Barcellos, filho do duque de Bragança. O seu chefe, cahiu em poder dos mouros, e os ourienses, morreram a maior parte na acção, ficando captivos os restantes.

—

Já no principio d'este artigo fallei nas armas d'Ourem. Accrescentarei aqui mais o que então prometti, extrahido do *Esboço historico do concelho de Villa-Nova de Ourem* (que vou seguindo, depois que terminou o manuscripto do sr. prior de Bucellas), precioso e curiosissimo livro, escripto pelo illustrado sr. doutor, juiz de direito, *José das Neves Gomes Elyseu,* natural d'esta villa, que o mandou imprimir e publicar, em 1868.

—

As antigas (as 1.as) armas d'Ourem, são as segundas que mencionei no principio d'este artigo, e diz-se que, são as do concelho—e lhe foram dadas por D. Thereza, 1.a senhora d'Ourem.

As segundas armas de Ourem, consta que lhe foram dadas pela rainha D. Mecia Lopes d'Haro, mulher de D. Sancho II, senhora de Ourem, e diz-se que são as *proprias da villa.* Estão sobre as *portas de Santarem,* que ficam ao N. [1]

As 3.as, são as que mencionei em primeiro logar no principio. Quanto a mim estas são as *officiaes,* pois não me consta que haja outras na Torre do Tombo. Tambem são esas, as que estão gravadas no pelourinho da *praça velha,* da villa (feito em 1620); mas, alli não teem os escudetes das Quinas.

Vemos pois que, só sobre as portas de Santarem é que estão as armas com as torres. Não sei se este *ornato* é apenas devido á imaginação do canteiro, ou á de quem alli as mandou gravar; todavia, as povoações acastelladas, quasi todas teem torres ou castellos no seu brazão d'armas.

Consta que a antiga egreja de Santa Ma-

ca perdeu a teima de se intitular *herdeiro da casa de Bragança,* e ainda na sua campa mandou gravar esta inscripção:

AQUI JAZ O REV.mo MUITO ILLUSTRE SENHOR D. AFFONSO DE PORTUGAL, FILHO DO MARQUEZ DE VALLENÇA, NETO D'EL-REI D. JOÃO, DE BOA MEMORIA, HERDEIRO DA CASA DE BRAGANÇA, FOI BISPO D'ESTA DIOCESE, PORQUE, ALEM DA SUA DEVOÇÃO, QUIZ EL-REI, D. JOÃO II, QUE FOSSE CLERIGO, FALLECENDO EM 24 D'ABRIL DE 1522.

Teve de D. Philippa de Macedo, sendo ainda secular, dois filhos—D. Francisco de Faro, feito 1.º conde de Vimioso, por D. Manuel I, em 1514, e veador da fazenda do mesmo rei, em 1515. — e D. Martinho de Faro, nuncio apostolico, e 1.º (e unico) bispo do Funchal.

[1] Em todas as praças de guerra se costuma pôr ás suas portas o nome da principal povoação para que estão voltadas.

ria, de Ourem, foi fundada por D. Affonso Henriques, logo que resgatou a villa do poder dos mouros. D'esta egreja apenas hoje existe uma porta, e pouco mais. Sendo assim, foi a primeira egreja catholica fundada na Extremadura, desde que o conde D. Henrique tomou conta de Portugal. D. Affonso I deu o padroado d'esta egreja, ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e sua filha, ampliou esta doação, dando a D. João, prior do mesmo mosteiro, em maio de 1183, todas as rendas d'esta egreja; o que seu pae confirmou, em presença de D. Godinho, arcebispo de Braga—D. Fernando 3.º, bispo do Porto —D. Godinho, bispo de Lamego (todos tres conegos de Santa Cruz) — D. João, bispo de Viseu, e D. Martinho 3.º, bispo de Coimbra.

Na doação de D. Thereza, lê-se—«Hoc autem facio ut prior et canonici memores hujos mei benefici nec nom et patris mei *non cessent die et nocte orare pro nobis.*» (Quem cumprirá agora esta obrigação?)

Consta que foi este prior, D. João, que, em vista do crescimento da população, elevou esta egreja a collegiada, mandando edificar claustros, dormitorios, refeitorio e mais officinas para um prior e oito conegos; e que o seu primeiro prior, foi D. Pedro João, natural d'Evora, em 1193.

Continuou a collegiada sob a regra de Santo Agostinho (cruzios) até 1440.

Então, sendo conde d'Ourem o marquez de Vallença, D. Affonso, filho primogenito do 1.º duque de Bragança, hindo ao concilio de *Ferrára* (e d'alli ao de *Basilea*) [1] por mandado de seu tio, o rei D. Duarte, alcançou do pontifice Eugenio IV, a apresentação do priorado da collegiada, e a annexação das outras egrejas a ella—*e que o prior e conegos fossem seculares*, sem serem ouvidos os cruzios de Coimbra.

D. Affonso, tinha tanta predilecção por este seu condado, que, se não morre tão novo, elevaria esta villa a um alto grao de prosperidade.

—

Em 1652, o conego Antonio Henriques, e sua irman, D. Isabel Henriques, instituiram em bens seus, com licença regia, e confirmação do bispo de Leiria, cinco capellas de missas, com varios encargos, *tendo um dos capellães obrigação de ensinar latim e moral*, sem faltar ao côro.

Estas capellas, eram no altar de Santo Antonio da collegiada.

Para capellães, eram preferidos os parentes dos instituidores—se quizessem acceitar.

O cabido, a titulo de administrador d'estas capellas, recebeu um olival, denominado *dos Vinte-Mouros*.

Em 1785, creou o cabido uma capella de musica, paga por elle.

Todas estas capellas estiveram abandonadas, desde 1834; menos uma, instituida na Charneca, que era patrimonio do padre Joaquim Eduardo Henriques Rosa, parente dos instituidores.

Nas annexações das egrejas supprimidas, para a creação da collegiada, tambem passaram a ser propriedade d'esta, as residencias e passaes d'aquellas, procedidos de doações de particulares.

Os rendimentos d'essas egrejas, eram tambem provenientes de doações de particulares.

A collegiada, tinha tambem metade dos rendimentos da egreja de S. Silvestre d'Unhos, que rendia, liquido, para a collegiada, uns 80$000 réis annuaes.

Toda a renda da collegiada, excedia a 100:000 cruzados (40 contos de réis!) annuaes; porem, depois de 1834, muitos caseiros, recusaram-se ao pagamento dos foros, e como não appareceram titulos, perderam-se.

O moinho dos Conegos, veiu á collegiada, por doação de D. Fernando, duque de Bragança, em 8 de junho de 1469, confirmada por D. Affonso V, em 1470.

[1] Durante a vida d'este conde de Ourem, só houve o concilio geral de Basileia, convocado em Florença, em 1439, pelo papa Eugenio IV, para a união da egreja grega com a latina.

O conde de Ourem, que era muito orgulhoso da sua nobreza, apresentou-se em Italia com um sequito principesco.

Levava por escolta 120 cavalleiros, ricamente vestidos.

Hia com elle, D. Antonio Martins de Chaves, bispo do Porto.

O cabido tinha tambem a nomeação dos curas de *Sêrro-Ventoso* — e *Albardos;* e no concelho, os de *Fatima, Freixiandas, Ceiça* e *Olival*, que tem agora priores collados.

Tinha o cabido dois celleiros—um dos dizimos, outro dos fóros.

Aquelle, chamado geral, satisfazia estas *partes*—fábrica da egreja, capellães, moços do côro, Sé de Lisboa, hospital das Caldas da Rainha, seminario de Santarem, patriarchal, etc.

No celleiro dos fóros, denominado *dos anniversarios*, entrava o cabido e a egreja patriarchal.

Esta levava o terço de tudo quanto se recebia nos dois celleiros—*e o mesmo das offertas aos santos, e dos baptisados.*

Alem dos celleiros em que na villa se recebiam os disimos—haviam—um no Olival, outro nas Caxarias, outro nas Freixiandas.

A maior parte dos 100:000 cruzados que rendia annualmente esta collegiada, procedia dos dizimos do concelho de Ourem.

A parte que hia para a Sé cathedral de Lisboa, foi depois dividida em duas, ficando uma para a Sé, outra para o collegio de S. Antão, de Lisboa (jesuitas.)

D. João V, foi que, em 1738—pela bulla que obteve de Clemente XI—pensionou as prebendas d'Ourem, para a Santa Basilica Patriarchal.

D. Maria I, é que lhe impoz a pensão para o hospital das Caldas da Rainha.

Por carta regia do principe regente (1801) vagando os beneficios, a renda de um anno, era toda para o estado—sendo logo providos, tinha metade dos rendimentos.

Era a isto que se chamava—*anno morto.*

O prior da collegiada, tinha de prebendas (alem dos direitos que recebia como parocho das quatro freguezias annexas á sua egreja) de quatro a cinco mil cruzados.

Cada prebenda, rendia mais de 500$000 réis; mas, satisfeitos os onus e encargos, rendiam liquidos, cada uma, mais de 300$000 réis.

O prior tinha dois coadjuctores, que eram os que faziam todo o serviço parochial.

—

A esta freguezia pertence a formosa ermida da *Melroeira*, fundada pelos annos de 1706, em bello sitio, orlado de arvoredo. E' o sanctuario de *Nossa Senhora do Amparo.*

Foi seu fundador, Gaspar Cordeiro de Mendanha, natural de Santarem, e dono da fazenda que ha poucos annos era propriedade do conego Manuel Pereira de Azevedo.

Alem d'esta, ha tambem a capella da Charneca e outras de que adiante tracto.

—

A collegiada d'Ourem foi extincta, indevida e irregularmente, em 1834. Estava então o quadro completo.

Era prior resignatario, Francisco Caetano do Amaral Sarmento, que, em 1810, foi cobardemente assassinado pelos francezes, na residencia do cura de Fatima.

Era prior, o doutor Francisco Xavier Duarte de Sá, natural de Montalegre, collado a 16, e que tomou posse a 19 de agosto de 1799.

Foi suspenso em 1834, depois de 35 annos de bom serviço parochial.

Conegos

José Soares de Souza Gaio Caldeira, thesoureiro-mór, natural de Leiria.

Joaquim Castellino, chantre, natural de Ourem.

Joaquim Honorio Henriques Rosa, da Charneca d'Ourem.

Antonio Joaquim da Silva, d'Ourem.

Francisco Ferraz da Motta, da *Aldeia da Cruz*, hoje Villa Nova d'Ourem.

José Henriques Pereira, dos Valles, freguezia de Ourem. (Por alcunha o *conego ferrador.*)

Joaquim José Theotonio Pereira Martins, de Ourem.

Joaquim Antonio Flores, de Ourem.

Antonio Manuel Henriques Rosa, da Charneca. d'Ourem.

Antonio Ribeiro da Silva, d'Ourem.

Joaquim da Silva *(o Barbeiro)* d'Ourem.

Domingos Antonio d'Almeida, da Aldeia da Cruz (Villa Nova d'Ourem.) Não tendo

tomado posse, ficou em seu logar, frei Antonio de S. Bernardino. Este, em vista da resolução da junta da casa de Bragança, de 9 de outubro de 1826, foi o 1.º parocho da Aldeia da Cruz, tendo por congrua o rendimento da sua prebenda.

—

Quando, em 28 de fevereiro de 1850, o bispo de Leiria (em virtude da carta de lei de 16 de junho de 1848, e carta de lei, de 14 de fevereiro de 1850) extinguiu a collegiada de Ourem, encorporando os bens, ao seminario de Leiria, já não havia senão tres conegos—o prior, Ribeiro, e Flores—aos quaes deixaram as pensões, fóros e *sortes* que na sua collação lhes foram designadas (*que era o mesmo que deixar-lhes cousa nenhuma, porque os foreiros já não pagavam desde 1833...*)

Assima cabou a REAL E INSIGNE COLLEGIADA DE NOSSA SENHORA DAS MISERICORDIAS DE OUREM!

—

Até ao fatal dia 1.º de novembro de 1755, tinha esta villa tres grandes ruas — *de S. João, Nova*, e *da Graça* — alem de outras mais pequenas, e varios beccos e travessas.

—

Descendo do Castello, a pouca distancia, para o S., estão as ruinas do que foi solar dos senhores de Ourem, casa de primorosa architectura, sólida e com bellas vistas.

Era um baluarte, reforçando os torreões construidos na muralha do Sul. [1]

—

Soffreu Ourem dois golpes mortaes — o primeiro foi o terramoto de 1755, que como já disse, arruinou a maior parte dos edificios da villa, tanto sagrados como profanos, fugindo os seus habitantes espavoridos, alguns até muitas leguas de distancia, e não poucos morrendo á fome e ao frio.

D'ahi em diante ficou a povoação (o resto) quasi vivendo da vida da sua collegiada. Passara pela villa a colera de Deus.

O ultimo golpe, soffreu-o em 1810.

As hordas de Buonaparte, escorraçadas das *Linhas de Lisboa*, vingavam-se nos velhos, mulheres e creanças e nas suas habitações.

Depois de saquearem os templos e as casas, lançaram fogo á villa, escapando apenas *vinte e tantas* casas!

Paramentos, alfaias, quadros de grande valor, tudo roubaram dos templos, bem como um riquissimo orgão da egreja da collegiada; convertendo esta em *quartel da sua cavallaria!*

Finalmente horrorisava a vista d'esta povoação desgraçada, quando os francezes a abandonaram.

Tambem não foi pequeno golpe, sobre os outros já soffridos, o desmembramento da *Aldeia da Cruz*, para constituir freguezia independente, em 1831.

Deve porém confessar-se que o povo de Ourem, tem poderosamente secundado a acção destruidora das commoções do globo, da sequencia dos seculos, e da furia dos homens.

Casa que cahe, não se levanta.

Os materiaes das derrocadas, sahem da villa, para construirem com elles casas, paredes e vallados.

Muitas casas, foram arrasadas, para no seu logar se semearem hervas, hortaliças, legumes e batatas.

As obras de defesa, feitas inutilmente pelos realistas, quasi no fim da guerra e depois de estar lavrado e assignado o *tratado da quadrupula alliança*, pelo qual tres poderosas nações (França, Hespanha e Gran-Bretanha) haviam decretado a expatriação do sr. D. Miguel I — estas obras de defesa, digo, tambem causaram alguns prejuizos aos edificios da villa.

—

As reliquias que estão no relicario da egreja matriz, são—uma aspa de Santo Estevão, papa, martyr—um osso de Santa Catharina—e reliquias de S. Braz—de S. Sebastião, martyr—do apostolo S. Paulo—de S. Martinho, bispo—uma cujo letreiro não póde lêr-se—de S. Barnabé—de S. Gregorio—de S. Vicente, martyr—de Santo Anastacio—de Santa Maria Magdalena—um dente de S. Thiago, apostolo—um osso de San-

[1] Hoje não tem a casa de Bragança um só palmo de terra, uma unica pedra na villa!

to André—de S. Pantaleão—uma pequena reliquia do vestido de Jesus Christo, etc.

Capellas

1.ª—Da *Misericordia*, na villa. Antiga.

2.ª—*Nossa Senhora da Esperança*, no logar da Charneca, feita em 1592.

3.ª—*Salvador*, junto ao logar dos Toucinhos.

4.ª—*S. Luiz*, no logar da Alagôa. Foi construida em 1603, pelo povo, com a invocação de S. Sebastião.

5.ª—*Nossa Senhora da Graça*, no logar do Sobral.

6.ª—*Santo Antonio*, no logar do Canhardo, feita em 1620.

7.ª—*S. Bartholomeu*, no logar da Atouguia.

8.ª—*Nossa Senhora do Amparo*, no logar da Melroeira, feita em 1627, por Gaspar Cordeiro de Mendanha, natural de Santarem, senhor de uma quinta proxima, que depois foi do conego, Manuel Pereira de Azevedo.

Está a capella cercada de olivaes, e de quintas, em sitio aprasivel.

9.ª—*Nossa Senhora das Mercês* ou *S. Lourenço*—no logar de Alqueidão.

Chamava-se antigamente a este logar, *Alqueidão da Matta* (ou da *Mouta*) *da Vide*.

Fica a 4 kilometros ao N. de Ourem.

Junto a este logar, havia uma antiquissima ermida, dedicada a S. Lourenço.

Pelos annos de 1400, chegou a esta capella um ermitão, com uma imagem de Nossa Senhora, e pondo-a no altar de S. Lourenço, aqui a ficou servindo e aqui morreu sanctamente.

Vivia em uma casinha que elle mesmo fez, encostada á capella.

Tornou-se esta Senhora de tão grande devoção para os povos, que varios moradores da villa e dos logares da Ribeira da Matta de Vide, Alqueidão, Pinheiro e Casaes, erigiram uma irmandade, com estatutos e compromisso, que foi approvada pelo bispo de Leiria, D. Pedro Barbosa, pelos annos de 1600.

O principal motor d'esta irmandade, foi o padre Manuel Ferreira Gentil, da Matta de Vide.

Passados annos, um mancebo nobre, chamado José de Chaves Faria, senhor da quinta das Mercês, e outro seu amigo, mandaram fazer á Senhora, um altar de talha dourada, que ainda existe.

Antigamente fazia-se-lhe todos os annos uma grande festa annual, com grande multidão de gente que alli hia em romaria, no proprio dia de Nossa Senhora das Mercês. Já ha muitos annos que se não faz esta romaria, nem se cuida na capella, que está em estado deploravel.

10.ª—*Nossa Senhora da Luz*, no logar de Mouta de Vide, feita por um particular, em 1616.

11.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no logar do Pinheiro, feita por um devoto, em 1650.

12.ª—*S. Fagundo*, em Monte-Real.

13.ª—*Nossa Senhora do Livramento*, em Valle-Travesso, feita em 1635.

14.ª—*S. João Baptista*, na quinta que foi do licenciado João de Mures, na ribeira, feita pelo mesmo.

15.ª—*Nossa Senhora do Bom-Despacho*, no logar da Lourinha.

16.ª—*Santa Barbara*, junto ao logar de Pêras-Ruivas.

17.ª—*Nossa Senhora da Encarnação*, abaixo da de S. João Baptista, na Ribeira, dentro da quinta que foi de Pedro Alves Ferreira, feita e dotada por este. em 1603.

18.ª—*Nossa Senhora da Caridade*, junto ás casas da quinta que foi de Diogo da Cunha, na Ribeira.

19.ª—*Nossa Senhora do Soccôrro*, junto á quinta que foi de Francisco de Faria, em Pinhal, na Ribeira, feita e dotada por um devoto.

20.ª—*S. Sebastião, martyr*, proximo á villa.

21.ª—*Santo Amaro*, tambem proximo á villa, feita em 1636.

22.ª—*Santa Maria Magdalena*, no mesmo sitio, e proximo á antecedente.

23.ª—*S. João Baptista*, no logar de Villãos, feita em 1639.

24.ª—*S. João Baptista*, no logar dos Apaniguados.

25.ª—*Nossa Senhora do Desterro*, no lo-

gar de Christovãos, feita em 1650, pelos moradores.

26.ª—*Nossa Senhora da Cruz*, na aldeia da Cruz, feita pelos moradores.

Foi elevada a egreja parochial, pelo bispo, D. João Ignacio da Fonseca Manso, em 1831, com o orágo de Nossa Senhora da Purificação.

E' a actual matriz da moderna villa de Villa Nova de Ourem.

—

Ourem é tambem um appellido nobre em Portugal, procedente d'esta villa.

Frei Manuel de Santo Antonio, não diz quem foi o primeiro que d'elle usou.

O brazão d'armas dos Ourens, é—em campo de prata, águia negra, membrada e bicada de púrpura.

Elmo d'aço aberto, e por timbre a aguia das armas.

—

Ourem foi o solar dos Lucênas.

Lucêna é um appellido nobre d'este reino. O primeiro que d'elle usou, foi o doutor, Vasco Fernandes de Lucêna (por ser da cidade de Lucêna, na Andaluzia, Hespanha).

Veiu para Portugal no reinado de D. João I, que muito o estimava pelo seu saber.

Foi ouvidor dos reis D. Duarte e D. Affonso V, e por ordem d'este, foi assistir ao concilio de Basileia.

Dizem alguns, que D. Duarte o fez conde de Ourem, em 1433; mas não o vejo incluido no catalogo dos condes de Ourem.

Lucêna foi tambem chanceller da casa do civel da côrte, chronista-mór do reino, guarda-môr da torre do tombo, e exerceu outros varios logares d'alta importancia, todos com zêllo, rectidão e intelligencia.

Casou em Lisboa, com D. Violante d'Alvim, e d'este casamento procedem os Lucênas de Portugal.

As armas do ramo principal dos Lucênas, são—em campo azul, um sol d'ouro—orla de prata, carregada de 8 cruzes verdes, como as de Aviz.

Elmo de prata, aberto—timbre, uma aspa d'ouro, com cinco cruzes das armas.

D. Fernão de Lucêna, parente do antecedente, veiu tambem para Portugal, e fez seu solar, na cidade de Beja, e teve descendencia.

Estes Lucênas trazem por armas — escudo dividido em contrabanda, na 1.ª, de púrpura, um crescente de ouro em palla (ao alto) com as pontas viradas para a direita — na 2.ª, d'azul, 3 estrellas d'ouro, de 8 pontas, em contrabanda.

Outros usam — em campo azul, um crescente de prata, no meio de 3 comêtas, d'ouro, em roquête.

Elmo de prata, aberto, timbre, o mesmo crescente das armas e um cometa, que toca com a cauda o concavo do crescente.

Ainda outros Lucênas alteraram as suas armas, por se ligarem a familias de outros appellidos, juntando as d'estas com as suas.

—

Era d'esta familia o habil e infeliz doutor, Francisco de Lucêna, ministro de D. João IV, justiçado innocentemente em Lisboa, a 28 de abril de 1643, pelo crime que seus invejosos lhe attribuiram de traidor á patria.

Foi logo depois rehabilitada a sua memoria; porém o desgraçado tinha pago com a cabeça o preço da sua fidelidade.

—

Para o mais que se desejar saber, vide Villa Nova d'Ourem.

OURENTAN—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhéde, 30 kilometros a O.N.O. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administr.º de Coimbra.

O *Port. Sacro* não traz esta freguezia.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas. Muito bom vinho. Cria gado de toda a qualidade.

OURILHE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha, de Cabeceiras de Basto, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Grande abundancia de gado de toda a qualidade. Peixe, do Tâmega, e caça.

OURIQUE—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Almodovar, 85 kilometros d'Evora, 44 a O. de Mértola, 120 ao S.E. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado, districto administrativo e 44 kilometros a S.O. de Beja.

Feira a 29 de setembro, 3 dias.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 rs. em dinheiro.

—

O concelho de Ourique, é composto de 5 freguezias, todas no bispado de Beja—e são —Conceição, Garvão, Ourique, Panoias, e Santa Anna da Serra; todas com 2:000 fogos.

D. Diniz (outros dizem que foi o mestre de S. Thiago, e que o rei só o confirmou) lhe deu foral, em Beja, a 8 de janeiro de 1290. (Maço 2.°, de *foraes antigos*, n.° 8.—e no L.° 1.° de *Doações* do rei D. Diniz, fl. 269, col. 1.ª)—D. Manuel lhe deu foral novo, confirmando e ampliando os privilegios do antigo, em Santarem, a 20 de setembro de 1510. (*L.° de foraes novos do Alemtejo*, fl. 47, col. 2.ª)

Está esta povoação situada na extremidade S. do Alemtejo, edificada sobre um monte, de pouca elevação, sobre o qual tem um castello, famoso pelas victorias que Viriato, o beirão, aqui alcançou dos romanos, 150 annos antes de J.-C.

Sabe-se que é povoação antiquissima; mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Segundo a *Evora Gloriosa*, o seu nome (como o de Ouriolla) provém das minas de ouro que por estes sitios havia. Ainda aqui ha uma veiga denominada *Campo d'Ouro*. Já existia no tempo da dominação arabe, e diz-se que foram elles que edificaram o seu castello. Chamavam-lhe *Orik*, depois da batalha. *Orik* é palavra arabe, significa—infortunio, adversidade, desgraça, etc.—Não se sabe o nome que teve até esse dia.

O senhorio e commenda d'Ourique, pertenceu á ordem militar de S. Thiago, cujos cavalleiros ajudaram muito aos reis de Portugal, a fazer grandes conquistas no Alemtejo, e no Algarve.

Tem Misericordia e hospital.

A commenda d'Ourique, andava na casa dos condes de Unhão.

No seculo passado (1736) era cabeça de comarca, mas então o seu concelho tinha só tres freguezias. Era residencia de um ouvidor, provedor e juiz de fóra. Tinha tres vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc.

Junto da villa se estende o vasto campo onde os portuguezes, commandados por D. Affonso Henriques, deram a gloriosa batalha que decidiu da nossa autonomia, e que, por isso, é denominada *Victoria de Campo d'Ourique*.—Adiante trato d'esta batalha.[1]

Tinha voto em côrtes, com assento no 15.° banco.

Suas armas, são—em campo de sangue, um guerreiro, vestido de ferro, tendo levantado o braço direito, no qual empunha uma espada; montado em um cavallo. sobre terra firme. Na parte superior do escudo, tem uma torre em cada angulo, tendo sobre uma, o crescente, e sobre a outra, uma estrella, tudo de prata.

Ha no termo as ermidas de—S. Sebastião, S. Luiz, Nossa Senhora do Castello, S. Braz, S. Lourenço, e Nossa Senhora da Colla.

Perto da villa, está a ermida de S. Romão, abbade (irmão de S. Lupercino).—Aqui jazem os ossos do mesmo santo (Romão), que são muito venerados pelo povo. (Vide *Rériz*.) De *Nossa Senhora da Colla*, fallo adiante.

Pelos arrabaldes da villa passam as ribeiras de Cóbres e Tergis, que, depois de unidas, vão morrer no Guadiana, com 60 kilometros de curso. São atravessadas por uma bella e nova ponte de cantaria. Ainda no termo d'Ourique, nasce o rio de S. Romão,

[1] No concelho de Monte-Mór-Velho, ha uma planicie, tambem denominada *Campo d'Ourique*. Fica proxima ao Mondego.

que entra no Sado, em Porto-de-Rei. É o mais caudaloso dos tres.

O territorio do seu termo, é fertil em cereaes, fructas, azeite, vinho e outros generos agricolas. Cria-se bastante gado, sobretudo, suino; e os seus montes teem muita caça, e os seus rios, algum peixe.

O concelho é abundante de minas de metaes e metaloides. Só em abril de 1867 foram aqui registadas TRINTA minas. Em dezembro de 1872, tambem aqui se registaram cinco minas de manganez; uma de sulphato de baryta, prata, e chumbo, e outros metaes, alem das que já estavam manifestadas.

Tambem na quinta do *Valle do Alcaide*, pertencente ao sr. Sebastião José Franco, e situada nos arredores da villa, ha uma nascente, muito abundante de aguas mineraes, excellentes para a cura de molestias cutaneas.

Em maio de 1875, tambem aqui foram manifestadas, seis minas de manganez e uma de cobre.

Ha tambem crystal de rocha.

—

Foi no sitio chamado *Cabêço de Rei*, que Ismario, com os seus quinze régulos e todo o exercito agareno, estavam acampados, quando chegou D. Affonso Henriques com os seus portuguezes.

—

Para não haverem repetições, é preciso vêr *Castro-Verde*, a pag. 211, col. 2.ª, do 2.º volume.

—

No logar de *Junqueiros*, termo d'Ourique, no dia 10 de maio de 1713 e nos tres seguintes, pariu a mulher de Braz Figueira, quatro creanças — uma em cada dia: todas foram baptisadas.

—

Nasceu n'esta villa, em 1661, Diogo Guerreiro Camacho d'Aboim, de nobre geração. Foi juiz de fóra de Monte-Mór-Velho; juiz dos orphãos de Lisboa; do fisco, em Evora; desembargador da relação do Porto; da casa da supplicação, de Lisboa; e dos aggravos. Foi um ministro recto e incorruptivel, affavel, pio e dando a maior attenção ás partes litigantes, para poder julgar com justiça e equidade.

Escreveu seis tomos das *Obrigações dos Juizes, Tutores e Curadores dos Orphãos* — um dos *Officiaes do Santo Officio* — outro sobre varias materias juridicas — outro de *Questões e Decisões forenses* — outro de *Recusações de Juizes e officiaes seculares, ecclesiasticos e regulares* — um com o titulo de *Escóla moral, politica, christan e juridica*, sobre as quatro virtudes cardeaes. Todos foram impressos, e muito estimados.

Falleceu em Lisboa, a 15 de agosto de 1709. Foi sepultado na egreja de S. Thiago. Sendo trasladado para mais decente sepultura, na mesma egreja, a 11 de junho de 1711, foi seu cadaver achado incorrupto.

Batalha d'Ourique

Os *alfaquis* mouros, por ordem de Ismario (ou Ismar), poderoso rei de Hespanha, que sob as ordens do Miramolim de Marrocos dominava varios outros reis da Peninsula, mandou *apregoar gazúa* (incitar os povos á guerra) tanto na Africa, como na Hespanha e Portugal. — A Ismario se juntaram os reis mouros de Silves, Merida, Sevilha e Badajoz — Al-Athar, senhor e alcaide de Lisboa, Ben-Aduf, senhor de Algezira, e mais vinte *emires*, com um poderosissimo exercito, que alguns historiadores dizem constar de seiscentos mil homens e outros fazem subir a novecentos mil! Alguns historiadores dizem que o exercito mourisco constava de 120:000 homens: e parece-nos que são bastantes.

Já então D. Affonso I tinha obtido 6 grandes victorias dos mouros (e seu pae, 17).

O principe tomou o commando da vanguarda, que constava de 300 ginetes e 3:000 infantes escolhidos. A rectaguarda, com egual numero de gente, deu a D. Lourenço Viegas e a D. Gonçalo de Souza. Deu a ala direita a Martim Moniz e a esquerda a Mem Moniz, tendo cada uma 2:000 infantes e 200 cavallos. (Se fr. Bernardo de Brito e outros chronistas são exactos n'esta distribuição da gente portugueza, tinhamos apenas em campo 10:000 infantes e mil cavallos; mas alguns

querem que o nosso numero subisse a doze mil infantes e quatro mil cavallos; e, finalmente, outros querem que fossem ao todo doze mil homens. Em todo o caso a desproporção entre mouros e portuguezes, era pelo menos, de dez contra um.)

No dia 25 de julho de 1139, e antes de começar a batalha, os chefes e exercito acclamaram por seu rei a D. Affonso Henriques.

Os mouros investiram os portuguezes, e Pero Paes, alferes-mór, por ordem do rei, avançou aos mouros agitando a bandeira.

D. Affonso Henriques, callando a viseira, arremetteu só, ao mouro que vinha na frente, que era o rei de Silves, homem de estatura agigantada e de grandes forças; mas o rei portuguez o varou de lado a lado com a sua lança, o que animou muito os portuguezes e aterrou os mouros.

Á vista d'este exemplo de bravura, o exercito portuguez arremetteu ao inimigo com tal furia, que o poz em debandada; mas chegando o rei de Badajoz, com o seu exercito, onde vinha a flor da Andaluzia, envolveu D. Affonso e os seus. Acudiram-lhe porém logo os tres chefes portuguezes com a sua gente, fazendo nos mouros horrorosa carnagem.

No maior furor da peleja, e depois de ter obrado prodigios de valor, é morto Mem Moniz; mas seu irmão Lourenço Viegas (eram ambos filhos de Egas Moniz, um de cada casamento), vendo seu irmão morto, se atirou aos mouros, mais como leão furiosissimo do que como soldado valente, fazendo n'elles pavorosa carnificina.

As mesmas façanhas praticou D. Gonçalo de Souza, vendo morrer seu primo D. Diogo Gonçalves; finalmente, cada portuguez era um heroe, distinguindo-se entre todos D. Affonso Henriques.

Era porém tão espantoso o numero dos mouros, que a batalha esteve indecisa grande parte do dia, sendo tantos os mortos e feridos, que o campo era um lago de sangue, e os cavallos mal se podiam mover entre elles.

Ismario e seu sobrinho, Homar Atagor, á frente de um escolhido esquadrão de cavallaria, fazia nos nossos cruel destroço, o que visto por D. Affonso Henriques, juntou a gente que pôde, e tão galhardamente os investiu, que matou o sobrinho d'Ismario, e este e os reis de Merida e Sevilha deveram as vidas á velocidade de seus cavallos.

Os mouros, vendo fugir os seus chefes, trataram tambem de fugir por onde puderam; mas os nossos lhe foram no encalço, fazendo n'elles horrenda matança, não cessando a perseguição senão com a noite.

Andavam os portuguezes cobertos de sangue dos pés até á cabeça, causando pavor a quem os via, principalmente D. Affonso Henriques, que andando montado em um cavallo branco, já se não conhecia a sua côr natural, pois tudo era sangue.

Tres dias estiveram os portuguezes no campo da batalha (segundo o costume d'aquellas eras), descançando das fadigas d'aquelle dia, tratando de curar os feridos e enterrar os portuguezes mortos. Os despojos foram immensos e riquissimos, não querendo o rei para si mais do que 19 bandeiras e innumeravel cópia de pendões e galhardetes, que mandou pendurar pelas egrejas.

Querendo o rei e o seu exercito partir do campo, sobreveio uma chuva torrencial, que lavando o campo, do sangue derramado, tingiu as aguas dos rios *Córbes* e *Terges*, chegando ao rio Guadiana, onde desaguam estes dois rios (já reunidos n'um, com o nome de Terges) e chegando as aguas assim sanguinolentas até ao Oceano!

Vigildo Pires d'Almeida

É este o santo eremita que a tradição diz ter-se apresentado a D. Affonso Henriques, na vespera da batalha d'Ourique, annunciando-lhe a victoria, que obteve sobre os infieis, ahi congregados sob o commando do celebre Ismar. Todas as historias portuguezas fallam d'este eremita, algumas sem lhe citar o nome, até que um nosso illustre contemporaneo e historiador, classificou de fabula a visita do eremita e o milagre depois d'ella occorrido.

Sem que discutamos este ponto, já não

pouco debatido, diremos que na «Vida de S. Vicente» se encontra Vigildo Pires d'Almeida, como o nome do eremita que procurava o rei de Portugal, hindo da parte de Deus. Tambem nos «Principios do reino de Portugal,» se encontra a mesma citação. Quaesquer que sejam as duvidas que suscite o nome e mesmo o facto, sem que o consideremos ponto de fé, concluiremos que nos classicos da historia patria a visita do eremita e o milagre subsequente são acontecimentos que se narram como correntes.

A tradição obscurissima que a este respeito nos conservam as chronicas e os Agiologios lusitanos, dão-no como fallecido a 17 de julho, sem designação de anno.

Vide *Rériz*, no concelho de Castro-Daire.

Nossa Senhora da Colla

André de Résende, nas suas *Antiguidades de Portugal* (L.º 4.º pag. 280) fallando da antiga cidade (ou villa) de *Colla*, quando em companhia do rei D. Sebastião, foi ver o campo d'Ourique, pelos annos de 1573 — diz:

«Colla esteve em o meio da provincia de «Ourique, não muito longe de *Mesegena* «(Messajana) fundada entre montes.»

Diz que ignora se esta tal cidade ou villa tomára o nome que hoje tem, dos montes entre os quaes se havia fundado.

Era uma povoação ampla, o que hoje se vê pelo ambito dos seus muros, de que ha bastantes vestigios: assim como das torres que defendiam esses muros, tudo obra de grosseira construcção; mas o sufficiente para a defeza de seus habitantes, pela fortaleza natural do sitio.

Já existia no tempo dos romanos, o que se prova pelos cippos e memorias que aqui teem sido encontradas, e do que adiante se trata.

Era difficil e perigosa a entrada para esta povoação, e por isso, de facil defeza. Suppõe Rézende que foi povoação importante no tempo dos godos, e que os arabes a destruiram em 715 ou 716.

Hoje está deserta, e apenas existe de pé, o templo da Santissima Virgem, que da povoação tomou o nome, e que apenas é visitado por algum archeologo, ou pelos povos das redondezas, nos dias sanctificados, em visita á casa da Senhora.

Fica 18 kilometros distante de Messajana, e 12 a O. d'Ourique, a cujo termo pertence.

A egreja mostra uma veneranda antiguidade, e suppõe-se ter sido parochial, antes da invasão dos mouros.

—

Existe aqui uma torre muito arruinada, onde Rézende achou uma formosa lapide, de marmore branco, embutida na parede, com a seguinte inscripção.

C. MINICIVS JVBATVS.....
LEG. X. GEM. QVEM IN PRAELIO
CONTRA VERIATVM VOLNERIBVS SOPITUM
IMP. CLAVDIVS VNIMA. PRO
MORTVO DERELIQVIT. EBVTIS LVSITANI
OPERA SERV.....
RATIQVE JVSSVS. PAVCOS. SV...
.... DIES. MAESTVS OBI.
QVIA.... MERENTI MORE ROMA ....
AM NON RETVLI.

(Cayo Minicio, filho de Cayo Lemonia Jubato, tribuno da décima legião dobrada, ao qual na guerra contra Viriato, quasi morto, com muitas feridas; o imperador Cayo Unimano deixou pelo julgar morto. Eburio, soldado lusitano, compadecido d'elle, o levantou e fez curar; porém viveu poucos dias, e *morreu triste*, porque o não trataram ao modo que se costuma com os romanos.)

Esta lapide foi para o museu Cenaculo, de Evora.

—

A' porta do templo da Senhora, se via um grande cippo, entre algumas columnas, lançadas no chão, e que haviam sido ornato do mesmo cippo, o qual esteve lendo com grande attenção o nosso antiquario, a ver se podia comprehender o que n'elle estava escripto, até que, a poder de paciencia descubriu que era a campa de uma sepultura, e que vinha a dizer:

Aos Deuses Manes
Bablo, filho de Surto,
consagra este tumulo á memoria

de sua santa mulher,
fallecida
na edade de 38 annos e 17 dias.

No livro 4.º, pag. 232, das *Antiguidades* de Rézende, vem esta inscripção copiada (desenhada) do original.

—

Antigamente faziam-se a Nossa Senhora da Colla, duas grandes festas annuaes, a 1.ª em uma das oitavas da Paschoa—a 2.ª, no dia da sua Natividade. Eram ambas concorridissimas.

Diz-se (e crê-se) geralmente, que D. Affonso Henriques, só tomou o titulo de rei, desde que os portuguezes lh'o deram no campo d'Ourique, no dia da batalha: não é essa porém a verdade historica—e muitos documentos anteriores a esse dia glorioso nol-o provam.

Pela morte do conde D. Henrique (1112) ficou seu filho com 3 annos de edade. (Nascêra a 25 de julho de 1109—dando a batalha de Ourique na dia em que completava 30 annos de edade.)

A rainha D. Thereza, sua mãe, ficou tutora d'elle e governadora do condado de Portugal, até que D. Affonso completou 18 annos.

Em todos os documentos d'esse tempo, D. Thereza dá a seu filho já o titulo de conde, já o de infante, e tambem muitas vezes diz: —*o meu filho, D. Affonso Henriques.*

Ou fosse coagida, ou fosse voluntariamente (vide *Guimarães*, a pag. 360, col. 2.ª e seguintes, do 3.º volume) D. Thereza entregou o governo de Portugal a seu filho, em 1128.

Desde então, vemos em todos os documentos dimanados de D. Affonso Henriques, que este se intitulava, umas vezes conde, outras infante e outras principe.

No foral da villa de Penella (cabeça de concelho, na comarca de Louzan) dado por D. Affonso Henriques, em julho de 1137, e que se acha na torre do tombo, no maço 3 de *Tombos e Demarcações*—se diz—*De illa Atalaia* Rex *media, et habitatores alia media. De Vigilia de muro* Rex *media*, etc.—Vê-se pois que—pelo menos dois annos completos antes da batalha d'Ourique, já D. Affonso havia tomado (ou consentia que se lhe desse) o titulo de rei, visto que assignava os documentos em que era tratado como rei.

Os portuguezes, não só consentiam, mas até desejavam que D. Affonso Henriques tomasse este titulo; porque, tendo contra elles o ambicioso D. Affonso VII, de Leão (primo do nosso D. Affonso) preferiam ter de lhe oppor um rei, em vez de um simples conde. De mais—odiando os leonezes, e andando então quasi sempre em guerra com elles, queriam dizer—«Se vós tendes rei, tambem nós.»

Sua mãe intitulava-se sempre rainha; porque—como tenho já dito n'esta obra—as filhas dos reis de Castella, Leão, Oviedo e Aragão, se denominavam rainhas, e este costume passou a Portugal, onde existiu durante os primeiros quatro reinados.

—

Guardei de proposito para o fim d'este artigo, o dizer ás opiniões que ha contra a existencia da batalha de Ourique.

E' triste a gente perder uma doce illusão, que nutriu desde o berço, e ver cahir ante uma rigorosa critica, esses vultos legendarios, batendo-se um contra cem, e derrotando-os. («*Unus enim quisque supra centum hosteis adversum se in prœlio erat habiturus.*» Rézende—*De Antiquit. Lus.*, livro 4.º)

Nem os portuguezes d'esses tempos precisam de façanhas:

«Fantasticas, fingidas, mentirosas»

para que seus nomes vão até á mais remota posteridade, cercados de uma aureola de gloria immortal, e do respeito e amor de todos os que sentem no peito as palpitações de um coração portuguez.

—

Não são só os escriptores modernos que suppõem fabulosa a batalha d'Ourique: são tambem os antigos. Não são só os incredulos, são tambem os crentes.

Eu, que sou parte insuspeita, porque, no decurso de mais de cinco longos volumes, tenho dado provas de sincero patriota, de

catholico apostolico romano, e de fiel sectario do *tradicionalismo*; e sem abdicar estas minhas crenças ou affeições, posso—não *discutir;* porque conheço a minha insufficiencia—mas *citar* factos.

Tambem não me quero guiar por escriptores que tenham as almas corrompidas pelo atheismo, e os corações mirrados pela descrença.

Vou buscar um clerigo—ainda mais, um frade franciscano, que escreveu no tempo da Inquisição, e cuja obra foi então, é, e será sempre estimada e estimavel. E' frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. (*Elucidario*, vol. 2.°, pag. 51 da edição de 1865.)

Apontarei, resumidamente, as *objecções*, e o modo como as desfaz Viterbo.

O leitor illustrado e consciencioso, leia, medite, e siga a opinião que lhe parecer mais conforme com a sua intelligencia.

Dizem os que negam a batalha de Ourique:

Objecção 1.ª — Que esta *lenda* não tem mais apoio que a *tradição fanatica dos portuguezes*, destituida de toda a rasão prudente; e que não ha documento algum, *synchrono* ou *supar*, que em tal fallasse.

2.ª—Que não cabe em juizo são, que D. Affonso Henriques passasse o Tejo, por entre os mouros de Abrantes e Torres Novas, e marchasse paralellamente a Evora e Beja, praças mouriscas, formidaveis n'esse tempo.

3.ª—E' inacreditavel que um principe que já contava 30 annos de edade, e que pelo espaço de doze annos tinha dado provas irrecusaveis de grande tino e sciencia militar, commettesse a temeridade indesculpavel de hir provocar um inimigo poderosissimo (cinco reis, com um exercito de mais 400 mil combatentes—isto é—vinte vezes—e alguns dizem 100!—superior em numero) que tinha na sua frente, e estando cercado de inimigos pelos flancos e pela rectaguarda.

4.ª—Que um capitão com longa pratica de guerra, por mais temerario que fosse, não se aventurava a largar o centro das suas operações (Coimbra) arrojando-se a tão grande distancia (os confins do Alemtejo) com tão limitado numero de soldados, atravessando sempre paizes inimigos, onde tudo lhe devia faltar.

5.ª—Que os *Annaes*, ou *Chronicon Lusitano*, ou *dos Godos*, que Rézende citou, e Brandão fez imprimir entre os documentos do tom. 3.° da sua *Monarchia Lusitana*, não eram obra do meiado do seculo XII; mas um *Chronicon* que depois se foi escrevendo, e augmentando, com varios factos, uns verdadeiros outros imaginarios; alguns, sem mais fundamento que tradições devotas e interessadas.

6.ª—Que achando-se o rei D. Sebastião no campo d'Ourique, em 1573, ou pouco antes, foi o que transformou em nobre templo, uma ermida insignificante que alli havia, e fez levantar o soberbo arco da *memoria* que alli existe. Que incumbiu André de Rézende, que o acompanhava, de redigir a inscripção latina e portugueza, que devia ser gravada nos lados do pedestal, o que Rézende compriu; mas a inscripção não se gravou, provavelmente por se julgar o facto fabuloso.

Eis as respostas ás *objecções:*

Fundam-se ellas em duas falsas supposições. 1.ª, que os mouros occupavam ainda em 1139 todas as terras que ficam entre o Tejo e o Mondego—2.ª, que Evora e Beja, podiam cortar o passo ao exercito portuguez, se se visse na necessidade de operar uma retiráda.

Responde-se:

Em 1139, já todos os territorios e povoações de Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardiga, Almourol, Céra e Penella, estavão livres da sujeição agarena, e formavam parte do reino de Portugal.

D. Affonso Henriques tinha 16 leguas de marcha para o sul, em territorio seu, e dos confins de Portugal d'então, pelo meio-dia, até Ourique, apenas medeiam 30 leguas em linha recta.

Vemos que o conde D. Henrique e sua mulher, já em 1111 tinham dado foral á villa de Soure.

Em 1128 deu D. Thereza aos templarios, não só a villa de Soure, mas todas as terras que se estendem desde Coimbra até Leiria.[1]

[1] Notemos porém que estas terras estavam então despovoadas, mas ainda em poder dos mouros.

Esta doação não se achava, já no seculo passado, no cartorio do mosteiro de Thomar; mas existem as bullas do Honorio III (1216)—Celestino IV (1241)—Alexandre IV (1254)—Urbano IV (1262)—e Clemente IV (1265) confirmando esta e outras doações ao mosteiro dos templarios, de Thomar, que todas (as doações) passaram, em 1311, para a ordem de Christo.

Estas bullas isentavam da jurisdicção episcopal, ficando directamante sujeitas á Sé Apostolica, as egrejas das villas e castellos da Ega, Pombal e Redinha.

Estas egrejas haviam sido construidas pelos templarios, que d'estas terras haviam expulsado os mouros.

Leiria tinha cahido em poder de D. Affonso Henriques, em 1135—Ourem, em 1136. Em 1137, deu foral á villa de Penella.

Alem d'isto—quando D. Affonso VI, sogro do conde D. Henrique, conquistou Santarem em 1093, destruiu todos os logares fortes das suas visinhanças; e quando o rei arabe, Cyro, reconquistou este territorio, em 1111, não reedificou as fortalezas arruinadas.

Foi o mestre do templo, D. Gualdim Paes, que removeu para Thomar o castello de Cêra, e reedificou os de Almourol, Zêzere, e a maior parte dos que estavam arruinados.

Sabemos que no Régo da Murta havia um mosteiro de monges benedictinos, em 1159, fundado pelos christãos, que, estabelecidos em Penella, se tinham estendido pelos valles e margens do Nabão e Zêzere, até á margem direita do Tejo, tendo por limite meridional, o castello de Almourol, edificado (e já por D. Gualdim reconstruido) no meio d'este ultimo rio.

Sabemos tambem que a causa de Ismario, rei de Bética (Andaluzia) era commum aos mouros do Alemtejo, que todos votavam odio implacavel a *Ibne Errik* (D. Affonso Henriques) e aos portuguezes, pelas derrotas que lhes haviam dado: e que Ismario, não só convocára os quatro *reis* mouros, mas tambem outros mouros da Hespanha Ulterior e da Africa.

Os mouros d'Evora e de Beja, correram pois em ajuda de Ismario, não deixando nas suas fortalezas senão a guarnição indispensavel para a sua defeza.

Tudo isto sabia D. Affonso Henriques, pelos seus espiões, e nada tinha a recear na sua marcha, quer para a frente, quer em uma retirada.

Concordo em que, em todo o caso, a empreza do nosso 1.º rei era arriscadissima; porém elle fiava-se na surpreza que acção tão arrojada causaria nos mouros, e ainda mais na bravura nunca desmentida dos portuguezes.

O que ainda mais exaltou a coragem do principe, foi a visão divina de Ourique.

Bem sei que os modernos escriptores, inimigos de milagres, negam obstinadamente a *apparição d'Ourique* (como negam as *côrtes de Lamego* e outros factos gloriosos que a tradição constante de muitos seculos nos transmittiu.)

Li o que o sr. Alexandre Herculano escreveu sobre o *milagre d'Ourique*, na sua *Historia de Portugal* (tom. 1.º, pag. 327 a 329, e paginas 482 a 487, da 1.ª edição) e todos os folhetos de polemica — sobre tudo os muito notaveis do sr. padre *Recreio;* mas nós não temos precizão (nem lucro para a historia) de arrancar do coração do povo portuguez, esta consoladora e inoffensiva crença.

Póde escrever-se a historia e alludir mesmo a essa crença, sem a admittir; mas sem a atacar.

Não é *ponto de fé;* não acreditem que a *Deus tudo é possivel;* mas deixem dar-lhe credito os que em tudo pretendem ver o *Dedo de Deus.* [1]

[1] O grande D. frei Manuel do Cenaculo Villas Bôas, bispo de Beja, e, depois arcebispo de Evora, que ninguem se atreverá a apodar de ignorante ou *crendeiro*, escreveu e mandou imprimir em Lisboa, em 1791, os seus *Cuidados litterarios*, e n'elles a fl. 362 e seguintes, trata largamente da milagrosa apparição d'Ourique, *reproduzindo* resumidamente, o que diz o incansavel padre Antonio Pereira de Figueiredo, nos seus *Novos testemunhos*, que publicára em 1786, accrescentando-lhe outros testemunhos e muitas razões, tiradas do proprio local onde se deu a milagrosa batalha.

Tambem até meiados do seculo passado,

Na Cathedral de Lamego existe (ou existiu) uma *Kalenda*, ou *Martyrologio*, copiado em 1262, de outro *muito mais antigo*, provavelmente escripto proximo ao tempo da batalha de Ourique, ou, pelo menos, quando ainda vivessem muitos dos que n'ella se acharam.

Logo no principio d'este documento, se lê —*In loco, qui dicitur Oric, fuit prœlium inter Paganos, et Christianos, Præside Rege Ildefonso Portugalensi ex una parte, et Rege Paganorum Examare ex altera, qui ibidem mortem fugiendo..... evasit, in die Sancti Jacobi Apostoli, mense julii. E. M. G. 2 XXVII.*

No archivo da mitra archiepiscopal de Braga (gaveta da primasia, maço 1) em uma extensa inquirição de testemunhas, a que se procedeu judicialmente (pelos annos de 1182) para provar a primazia de Braga, contra as pretenções do arcebispo de Toledo, depõe *Garcia Liufreiz*, de Jaraz (Geraz) que disse ter 20 annos, quando se deu a batalha de Ourique. (*Tempore Belli Aurich.*)

Muitos documentos d'esta valia se terão desencaminhado pelo decurso do tempo, e talvez que não poucos nos fossem roubados pelos Philippes (como fizeram a grande quantidade de preciosos manuscriptos) e levados para a torre de Simancas.

Por uma certidão que existe na torre do tombo, se vê que os Philippes nos levaram d'este real archivo, *nove cofres*, ou caixões, *de livros e papeis da maior estimação, por antigos raros e preciosos.*

ninguem negou a portentosa victoria d'Ourique, ainda que alguns negassem o milagre.

Hoje nega-se este, e reduz-se aquella sanguinolenta batalha a uma insignificante escaramuça.

Note-se que Viterbo não dá credito ao famoso *juramento* de D. Affonso Henriques, feito no anno de 1152, que só 404 annos depois (1556) se diz existir no cartorio de Santa Cruz de Coimbra; e que depois appareceu no *armario das 3 chaves*, do cartorio do mosteiro d'Alcobaça, entre outros documentos falsos ou falsificados. (Vide *Elucidario*, vol. 1.º, pag. 225, da 2.ª edição.)

Viterbo não nega que houvesse o juramento, só afirma que o documento (pergaminho) d'Alcobaça, se não é *apocryfo*, é *apógrafo* (cópia) e discorda do de S. Vicente de Fóra.

N'aquelle se nomeiam bispos que existiam em 1151, e no de Santa Cruz, se nomeiam *Pedro, de Coimdra* e *Estevão, de Braga*, anachronismo evidente, que demonstra a supposição e pouco valor do documento. Veja-se a *Memoria* do laborioso frei Joaquim de Santo Agostinho, nas *Mem. da Real Acad.*, de 1793, tom. 5.º, fl. 297, no Codice 309.

A falsificação (ou invenção) d'estes documentos, é que tem fornecido aos que negam o milagre, o seu mais forte *cavallo de batalha.*

Dizem os que negam a batalha d'Ourique, que André de Rézende não mandou gravar a inscripção na memoria; talvez por se persuadir que não passava de uma patranha aquillo.

Não ha tal. Rézende diz que D. Sebastião se envergonhára da incuria e negligencia dos seus antecessores, em não terem aqui levantado um padrão, que perpetuasse a memoria de tão glorioso feito. (*Potuit illum incuriae, ac socordiae sœculi superioris.*)

Dizem tambem alguns, que a inscripção de Rézende se gravára no monumento e que os Philippes a mandaram picar.

Não é verdade. A inscripção nunca alli existiu.

Basta aos Philippes e seus ministros, os crimes reaes que commetteram durante o longo periodo de 60 annos contra Portugal, para os fazer detestaveis e detestados: não lhe augmentemos mais este crime imaginario.

Expuz as opiniões pró e contra a batalha d'Ourique, e o milagre da *visão* ou *apparição*. Cada qual siga a que mais lhe agradar —só direi:

Podem os sabios escrever livros sobre livros, contra estes dois factos—tentem provar, muito embora que são embusteiros e supersticiosos—o povo portuguez sempre fallará d'elles com orgulho; sempre

terá por verdadeira e importantissima, a BATALHA DE OURIQUE — e por incontestavel a APPARIÇÃO DE JESUS CHRISTO A D. AFFONSO HENRIQUES.

OURO — seu pezo e valor, nas moedas d'este metal, com curso auctorisado pelas leis portuguezas.

A todos os individuos deve interessar saber o pezo das moedas de ouro portuguezas de 5$000 réis, 2$000 réis e 1$000 réis, e o das inglezas (libra e meia libra sterlinas) de 4$500 réis e de 2$250 réis, unicas moedas estrangeiras que a legislação permitte circularem em Portugal.

Sabendo-se de côr o peso das indicadas moedas, é facil dissipar n'alguma occasião qualquer duvida ácerca do peso legal d'algumas d'ellas.

São o pezo das moedas de ouro portuguezas:

5$000 réis 8,867 grammas; 2$000 réis, 3,55 grammas; 1$000 réis, 1,77 ½ gr.

Confrontando com as moedas de ouro inglezas, temos:

4$500 réis, 7,984 grammas; 2$250 réis, 3,992 grammas.

A moeda de ouro portugueza de 8$000 réis (peça), quando apparece hoje no mercado, o que é rarissimo, causa grande admiração.

O seu pezo é de 14,151 grammas.

OUROLO ou **HOUROLO**—portuguez antigo—áro, ou circumferencia de qualquer demarcação, que internamente contem casaes sujeitos a certo foro, ou isentos de certos tributos e obrigações.

Ainda em Bragança se diz—*ourolo da cidade.*

E' termo muito frequente nos documentos do mosteiro de Castro de Avellans, do seculo XV.

Na baixa latinidade dizia-se *Oreillum.*

Em Lamego diz-se *áro*, por termo, ou suburbios da cidade.

OURONDO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 60 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento.

E' terra pouco fertil em cereaes; mas cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça. Fica proximo á serra da Estrella.

Ourondo, é palavra gothica—nome proprio de homem.

OUROSINHO—freguezia, Beira Alta, concelho de Penedôno, comarca de S. João da Pesqueira (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Méda) 45 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O administrador da capella de S. Nicolau, do claustro da Sé, de Lamego, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

O seu primeiro nome parece que foi *Ourondosinho;* depois, por abreviatura, se chamou *Ourosinho.*

Terra pouco fertil em cereaes, mas produz optimo vinho, fructas, legumes e hortaliças. Gado e caça.

OUS—portuguez antigo (do seculo XIII) —hoje diz-se—*aos.*

OUSÁM—portuguez antigo—o mesmo que *ousamento.*

OUSAM—portuguez antigo — (do latino *audeo*) — atrevimento, insolencia, desaforo, etc.

OUSAMENTO — portuguez antigo—ousadia, confiança, atrevimento, etc.

OUSANÇA—portuguez antigo—o mesmo que *ousamento.*

OUSECRAR—portuguez antigo—obsecrar, pedir, rogar, supplicar, etc.—do latim *obsecro.*

OUSIA—portuguez antigo—a capella-mór de uma egreja. Vem do grego, *osíos.*

Nos documentos antigos de Lamego, se vê

escripto *oussia* para designar a capella-mór da Sé.

OUTÃA ou **OUTAN**—portuguez antigo—a parte que fica a prumo sobre a perna do animal—(*Uma perna de porco, com sua outãa.* Doc. d'Alpendurada, de 1398.) Queria dizer—uma perna de porco com seu presunto.

Hoje diz-se *outan* a parede lateral de qualquer edificio.

OUTÁÁS—portuguez antigo—oitavas. A oitava parte de qualquer cousa. Doc. d'Alpendurada de 1317.

OUTÃO—aldeia, Extremadura. Vide *Villa Facaia.*

OUTEIRO—aldeia, Douro, 6 kilometros ao S. de Oliveira d'Azemeis, na freguezia da Branca (vol. 1.º, pag. 485, col. 2.ª) concelho do Pinheiro da Bemposta, e, desde 24 de outubro de 1855, do concelho d'Albergaria-Velha, comarca d'Águeda.

Esta freguezia, em razão da lavra das minas do *Palhal* e *Telhadella* (ou Talhadella) tem augmentado muito de população, e tem actualmente 450 fogos.

A pag. 486 do 1.º vol., col. 1.ª, disse que nasceu aqui o esclarecido jurisconsulto o sr. *Pereira Pinto.*

Hoje, competentemente habilitado para biographar este cavalheiro, accrescentarei o seguinte.

O sr. Antonio José Pereira Pinto, nasceu em 21 de outubro de 1802, no logar da *Barroca* (d'esta freguezia da Branca) que é o antigo solar da sua familia.

Era filho de lavradores honrados e ricos, que sempre se trataram á lei da nobreza, sendo a sua casa a mais distincta da freguezia.

Seu pae e avós, serviram os cargos principaes do concelho.

De tenra edade, foi para a casa da *Nogueira,* pertencente a um respeitavel clerigo seu tio, varão muito instruido e virtuoso, que se encarregou da sua educação, destinando-o para o estado ecclesiastico.

Tendo aprendido latim, no Pinheiro da Bemposta, com o professor regio, padre Joaquim Nunes da Silva, d'Albergaria Nova, passou para Aveiro, onde estudou rhetorica e poetica, com o eminente professor e orador sagrado, padre Manuel Xavier de Souza, no anno 1817 para 1818. No anno de 1819 a 1820 estudou philosophia racional e moral, tambem em Aveiro, com o eximio professor, o doutor Francisco Ignacio Domingues Ferreira de Mendonça, que então alli regia aquella cadeira: mais tarde, aprendeu tambem n'aquella mesma cidade, geometria. — Tendo, em 1819, recebido ordens menores, que lhe conferiu o sr. D. Manuel Pacheco de Rézende, 3.º e ultimo bispo sagrado d'aquella diocese, continuava no intento de ordenar-se.

Depois mudando de rumo, por impulso do dito seu mestre de philosophia, e da familia, foi para Coimbra em 14 d'outubro de 1820, e ahi, habilitando-se em poucos dias com os exames e approvação nas disciplinas preparatorias, matriculou-se no 1.º anno juridico em n.º 147, nos fins d'aquelle mesmo mez; formando-se, em 25 de junho de 1825, na faculdade de Canones, ainda então distincta da de Leis, e ambas ultimamente refundidas na de Direito.

Destinando-se então á advocacia, foi, no mesmo anno de 1825, para Aveiro, praticar com o abalisado jurisconsulto, João Licio Barbosa.

Então, ainda outra vez, movido do referido seu mestre de philosophia, que deixou a cadeira hindo para o Brasil, foi ao concurso d'ella, em 1826. — Obteve-a, e regeu-a por tres annos.

Tendo sido depois, em 1834 e 1836, nomeado pelo governo, juiz de fóra d'Eixo, e secretario da, então, administração geral do districto d'Aveiro, nenhum d'estes empregos acceitou. Limitou-se, em 1834, a servir interinamente, por alguns mezes, de delegado da policia da comarca d'Estarreja (de novo organisada), a qual teve de percorrer toda.

Por fim, aborrecido do continuo bolicio e reboliço das cidades e mais terras grandes, sempre agitadas pela e effervescencia da politica, deixou Aveiro, e recolheu-se á sua aldeia, eminentemente pacifica.— Alli applicou-se á advocacia, trabalhando muito, e fazendo alguma fortuna, não só no

escriptorio, mas tambem pelas audiencias geraes dos julgados e comarcas circumvisinhas, que precorreu a grandes distancias.

Em 12 d'abril de 1847, casou-se na freguezia de Palmares, na casa d'Alviães, com uma senhora, sobrinha do sr. doutor Caetano José d'Almeida Cardozo e de sua mulher, os quaes lhe dotaram a casa. — Apenas porém alli residiu uns tres annos, porque vendo-se privado de todas as pessoas da familia, que falleceram successivamente em menos de tres mezes, desde 26 de dezembro de 1849, até 13 de março de 1850, tornou para a sua casa da Branca, no mesmo anno de 1850, continuando com a advocacia.

Tambem, desde 1837 até 1853, serviu os principaes cargos da governança municipal da Villa da Bemposta, a cujo concelho, hoje extincto, então pertencia a Branca.

Passados annos, vendo-se com a saude muito damnificada, tanto pelo demasiado trabalho da advocacia, como principalmente pelos padecimentos chronicos que lhe sobrevieram, teve de fechar ultimamente o escriptorio, e entregar-se ás diversões campestres, que parece lhe reanimam a existencia.

E n'este precario estado se conserva, ha annos, na sua casa do Outeiro da Branca, onde reside, pertencendo-lhe tambem, pelo seu casamento, a casa d'Alviães, e a casa e quinta do Sobreiro, ambas na freguezia de Palmares, concelho d'Oliveira d'Azemeis.

Ao sr. Pereira Pinto, deve a Branca todos os melhoramentos parochiaes, publicos, que desfructa desde 1860 para cá; pois até áquelle tempo se conservára de todo estacionaria.

Com avultadas despezas, promoveu e conseguiu o concerto, reparos e aceio, não só da egreja matriz e do adro, mas tambem das seis capellas antigas, publicas, da parochia, que tudo se achava desmantelado, indecente e em misero estado: acabando por edificar, em 1870 e 1871, uma magestosa capella, da invocação de Nossa Senhora das Dores, a pouca distancia da egreja.

Ao seu zelo e constante sollicitude, se deve tambem a construcção d'uma casa nova, para a fabrica da egreja, e a do cemiterio dos ossos, ornado na frente com inscripções allusivas em tres lapides pretas: assim como a reedificação da residencia parochial, que estava arruinada, e a vir abaixo.

Egualmente promoveu e obteve a construcção a mac-adam, do ramal do caminho publico, desde a egreja até á estrada real, na extensão d'uns 600 metros, e a de varios outros caminhos e fontes publicas importantes, em beneficio da freguezia.

Mas nada o engrandeceu tanto, nem tornou tão benemerito da parochia, como a difficil empreza, bem lograda, de demarcar, como demarcou, a freguezia com as limitrophes, pelo sul, poente, e norte, restabelecendo os antigos limites e marcos d'ella, e recuperando assim para a sua freguezia muitos montes, terrenos baldios, que desde longo tempo se achavam invadidos e usurpados pelos visinhos d'outras freguezias, á sombra da destruição dos antigos marcos e consequente confusão dos limites e extremas velhas. Com o que, creou para a parochia, varias fontes de receita, e um consideravel rendimento, que d'antes não tinha.

Em fim, tem sempre trabalhado muito pelo bem do temporal da Egreja, e pelo melhoramento e prosperidade da sua freguezia; com a singular fortuna da Providencia abençoar seus esforços com o feliz exito d'elles.

Factos notaveis da freguezia da Branca

1.º — Esta freguezia compõe-se de 26 logares, todos isolados e dispersos por uma superficie de terreno, cuja circumferencia sóbe a mais de 40 kilometros, e são — Carvalhaes, Cristêllo, Soutêllo, Albergaria a Nova, Fradéllos, Palhal, Cardeal, Samuel, Nebrijo, Espinheira, Relvas, Souto, Outeiro, Choque, Herdade, Cancella, Nogueira, Fundo de Villa, Coche, Estrada, Laginhas, Escuza, Arrochada, Cazaldima, Eiras, e Barróca.

De todos elles, os maiores e mais notaveis são — Albergaria a Nova, e Cazaldima.

2.º — Um negociante, natural do logar da Escuza, d'esta freguezia, chamado João Tavares, ha muitos annos estabelecido, e ultimamente fallecido em Lisboa, a 22 d'abril

de 1864, deixou um legado importante para pelo seu rendimento serem soccorridos os pobres mais necessitados d'esta mesma freguezia. Este legado veio em inscripções, e está a cargo da junta de parochia, que, em esmolas mensaes, reparte aos pobres mais precisados da freguezia os respectivos juros que recebe.

3.º—Desde o principio do seculo passado (1706 a 1712) existem erectas na egreja matriz d'esta freguezia, com auctorisação do bispo-conde de Coimbra, tres irmandades ou confrarias — a do Santissimo Sacramento, a da Senhora do Rosario, e a das Almas, as quaes teem prosperado sempre, principalmente agora a das Almas, que é a maior e hoje a mais florescente de todas d'estes arredores; o que é devido á exemplar administração, e constante e incançavel zelo do seu actual juiz, sr. Serafim Augusto Pereira, que serve já ha annos.

4.º—Desde longo tempo, tem nos seus cinco altares, a egreja matriz d'esta freguezia, primorosas imagens de Santos, ás quaes accresceu ultimamente uma bellissima imagem do Coração de Maria, que foi collocada dentro d'uma sumptuosa vidraça, no centro do altar do Espirito-Santo, um dos do lado direito da egreja. A acquisição d'sta nova imagem foi promovida pelo referido juiz da irmandade das Almas, Serafim Augusto Pereira, que a comprou á sua custa, e se empenha pela devoção e culto especial de Nossa Senhora, sob aquella invocação do Coração de Maria. E com o seu exemplo e impulso, vae fazendo aqui muitos e rapidos progressos aquella devoção.

5.º—Quatorze teem sido os parochos collados d'esta egreja de S. Vicente da Branca, nos tres seculos quasi decorridos desde 1580 até agora (1876). Não se remonta mais longe a memoria d'elles, embora a tradição faça a freguezia muito mais antiga.

Eis a serie successiva d'esses parochos:

1.º—O prior Pedro Nunes, o Theologo, que morreu em 24 de fevereiro de 1586.

2.º—Francisco Raymundo de Queiroz, que morreu em 3 d'agosto de 1617.

3.º—Manuel Camello de Figueirôa, que morreu a 27 de novembro de 1631.

4.º—Manuel Mendes, que morreu a 23 de maio de 1657.

5.º—Pedro Dias Roque, que parochiou só dois annos, porque se foi, tendo trocado o beneficio com o seguinte —

6.º—Sebastião Luizão Fontoura, que morreu em 21 de novembro de 1689.

7.º—Bernardo Torres da Silva, que tomou posse da egreja no 1.º d'agosto de 1690. Não se sabe quando morreu.

8.º—João de Souza e Menezes, tomou posse da egreja em 2 de fevereiro de 1700, e falleceu em 24 de janeiro de 1749. — Era o fidalgo das Cavadas.

9.º—Amaro Manuel de Souza, tomou posse da egreja em 24 de novembro de 1752, e morreu em 5 de janeiro de 1797, tendo renunciado no sobrinho, D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, em 1788. Jaz na capella-mór da egreja, com fama de santo.

10.º—D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, frade cruzio e conventual, primeiro em Mafra, e por ultimo em Grijó; tomou posse da egreja em virtude da renuncia do tio (o prior antecedente), em 19 de fevereiro de 1789, e morreu em 10 de julho de 1812.

11.º—Manuel Bernardo Ribeiro de Brito, ex-frade loyo, tomou posse da egreja em 12 de setembro de 1813.—Residiu até 1830, em que, obtendo breve de *non residendo*, foi-se embora para o Porto, d'onde era natural, deixando na egreja por encommendado o padre José Marques dos Santos, do logar de Mouquim, freguezia de Valle maior, que esteve na egreja até junho de 1834, como encommendado, e tornou a ser parocho depois do seguinte.

12.º—Antonio de Mattos, d'ao pé de S. Pedro do Sul; foi despachado prior d'esta egreja, por decreto de 13 de dezembro de 1841, collando-se em Aveiro, em 7 de julho de 1843, veio tomar posse da egreja em 12 d'outubro de 1844.—Mas não residiu nem parochiou, porque se foi logo embora, e morreu pouco depois.

13.º—José Marques dos Santos, tomou posse da egreja em 10 de fevereiro de 1848, e morreu a 7 de maio de 1863. — Veio

transferido da egreja de Reveles, bispado de Coimbra, onde era parocho collado.

14.º— O sr. José Pereira Leitão, natural de Villarinho do Bairro, na Bairrada, que é aqui o prior actual. Tomou posse da egreja em dia de S. Vicente, que é o padroeiro, a 22 de janeiro de 1865, e vae-se desempenhando muito bem dos seus deveres, com zello constante e actividade admiravel: curando elle só, á falta de sacerdotes que o coadjuvem, a freguezia, que hoje é tão populosa, como dispersa.

E' a freguezia da Branca:

1.º—O centro e a séde do estabelecimento mineiro do Palhal e Carvalhal, que é um dos maiores do reino, senão o maior.

2.º—Tem uma fabrica de sabão no logar da Escusa.

3.º—Tem uma feira mensal a 22 de cada mez, no logar da Espinheira.

4.º—A egreja matriz, que é um grande, lindo e magestoso templo, fica n'uma eminencia, e com bellas e largas vistas para o mar.

E' d'uma só nave com cinco altares. Foi edificada em 1693 e 1694. Tem a torre ao cimo por detraz da capella-mór, que é toda de abobada.

E' tradição que os sinos, antes de se fazer a torre, estiveram por alguns annos, pendurados n'um grande carvalho, que havia ao fundo do adro, defronte da porta principal da egreja, o qual se ficou chamando sempre o carvalho do sino.

Era uma arvore gigante e um respeitavel monumento da antiguidade.

Tanto bastou para elle não poder resistir aos golpes do moderno machado devastador, que ha annos o derrubou, exultando ainda em cima com a sua obra de destruição.

5.º—A freguezia tem doze capellas, dispersas por toda ella, sendo seis publicas, e outras seis particulares, modernamente edificadas.

As publicas são a de Santa Luzia, que é antiquissima, no logar de Cristêllo — a de Sant'Anna, no de Soutêllo — a da Senhora das Dôres, e a da Senhora da Alegria, em Albergaria a Nova — a de S. Marcos, no logar de Fradêllos; e a de S. Julião, no do Outeiro, a pouca distancia da egreja.

D'estas as tres: de Sant'Anna, Senhora das Dores, e Senhora da Alegria, padeceram muito pela invasão franceza de 1809, por que as tropas ao virem do Porto, onde entraram a 29 de março, acamparam por Albergaria a Nova até Soutêllo, e por ahi estiveram até maio seguinte.

As capellas particulares, pertencentes aos donos que as fundaram, edificaram e dotaram. são a da Senhora do Bom Successo, no logar das Laginhas; a da Senhora das Febres, em Samuel; a do Coração de Maria, na Estrada; a do Senhor dos Afflictos, na Escuza; a da Senhora das Dores, á Cruz do Zangarinhal, ao poente e a pouca distancia da egreja; e emfim uma outra, ainda em construcção, no logar da Barroca, tambem proximo da egreja.

Quanto á de S. Julião, diz-se que ella antigamente estivera primeiro no alto da serra proxima, que corre pelo nascente, chamada por isso como ainda hoje é, a serra, ou o monte de S. Julião, mas que pelo andar do tempo, o santo, fugindo de noite, da sua capella lá do alto, apparecia de manhan sobre um castanheiro, na falda da mesma serra, do lado do poente, junto ao logar do Outeiro, e por mais vezes que o levassem lá para cima, sempre teimava a fugir, para cima da mesma arvore, dando assim a saber que queria residir por alli. Que por isso se lhe edificára a nova capella, que tambem é muito antiga, no sitio onde hoje está; sendo demolida a outra da corôa do monte, onde até ha pouco se viam vestigios das suas ruinas.

Tal é a lenda ou tradição.

6.º—Nos principios do seculo passado, houve n'esta freguezia um hospicio de frades prégadores (dominicos) estabelecido na quinta das Cavadas, ao sul, e a pouca distancia da egreja, pelo prior João de Sousa e Menezes, que parochiou aqui desde 2 de fevereiro de 1700 até 24 de janeiro de 1749.

Trouxe os frades para aquella sua quinta, aonde residia, com o fim d'elles o coadjuvarem no ministerio parochial. Porém passa-

dos poucos annos teve de os despedir, por elles não corresponderem ao seu fim.

O mesmo prior, vulgarmente conhecido pelo fidalgo das Cavadas, por sua morte deixou a quinta com o hospicio a um sobrinho, o qual a vendeu á Misericordia de Lisboa, e esta a aforou depois a uma familia do logar do Souto, visinha da mesma quinta, cujos successores ainda hoje a possuem como emphiteutas, pagando o respectivo foro á Misericordia, como senhoria util, pois o senhorio directo era outr'ora o marquez d'Angeja.

O hospicio tinha um dormitorio com umas dezoito cellas e uma capella, e todas as mais officinas d'um pequeno convento.

A quinta era arruada, e ajardinada, com fontes, tanques, latadas, passeios de recreio, sobresaindo a tudo a fonte de S. João.

Era o primor da freguezia, porque abundava em bellezas e mimos da natureza e da arte.

Mas hoje nada absolutamente resta, nem do edificio do hospicio, que todo cahiu derribado ás mãos do tempo, e do camartello destruidor, sendo vendidos os materiaes; nem das antigas bellezas da quinta, que se acha hoje reduzida a um miseravel predio rustico, e até quasi abandonada da cultura.

7.º—Na esplanada do alto da referida serra de S. Julião, que é elevadissima, e se prolonga quatro a cinco kilometros ao Este da freguezia, em linha norte-sul, ha ainda hoje vestigios de uma atalaya, ou forte intrincheiramento, em toda a circumferencia do plaino, na extensão d'uns trezentos metros de comprido, de norte a sul, e cento e vinte de largo, divizando-se ainda parte da valla, ou cava exterior, e da linha do parapeito em toda a valla, e do lado do nascente por detraz da serra uma sahida e estrada larga pela encosta do monte abaixo, com muros ou cortinas lateraes de pedra e terraço.

E' tradição velha que os mouros tiveram alli um forte, como centro em correspondencia ao da Feira ao norte, e ao do Vouga ao sul, ficando este ponto da serra de S. Julião sobranceiro, e a pouca distancia da estrada mourisca, que ia pela planicie proxima do poente, do sul ao norte.

Esta tradição se avivou ha cousa de trinta annos, pelo apparecimento n'uma escavação, n'aquelle sitio, de uma grande peça de ferro, já muito carcomida da ferrugem, com um buraco no centro, inculcando ser de roda de machina de trituração ou moagem.

As escamas que cahiam do ferro, cortadas profundamente da ferrugem, indicavam que ella estava alli enterrada ha centenares de annos.

A humidade da terra e a acção do tempo a tinham reduzido a um méro esqueleto.

8.º—No primeiro terço d'este seculo, viveram e morreram n'esta freguezia, em uma sua quinta, sita abaixo do logar das Laginhas, dois irmãos solteiros, José Pedro Ferreira da Cunha, e Francisco Ferreira da Cunha.

Eram filhos d'um antigo sargento-mór da comarca d'Aveiro, pessoa de grande vulto e representação no seu tempo.

Ambos elles eram pessoas de bem e mui destinctas pela sua nobreza e qualidades.

José Pedro, que era o mais velho, tinha o foro de moço-fidalgo da casa real.

Por carencia de meios e de recursos, viveram e morreram pobres, e nos braços da caridade, estes dois notaveis anciãos, bem dignos de melhor sorte.

José Pedro morreu a 29 de agosto de 1832, e Francisco Ferreira a 30 de outubro de 1833.

Por sua morte, foram demolidas as casas da sua vivenda, e os materiaes vendidos.

A quinta foi e está reduzida a um matto e pinhal, ermo e medonho.

Apenas ao longo do caminho publico, do lado do nascente da quinta, restam umas poucas de oliveiras, vivendo á parceria com os pinheiros, os quaes attestam a quem passa, que o terreno fôra outr'ora cultivado, e porventura que alli morára alguem.

—

A nova capella particular (a 6.ª) que disse andava a construir-se no logar da Barroca, é dedicada ao Coração de Jesus.

—

No sitio do *Chãozinho*, junto ao logar de *Nebrijo*, e ao pé do caminho publico, ha uma

nascente d'agua ferrea, ultimamente descoberta. Ainda não foi, nem será tão cedo, competentemente analysada; mas, no parecer d'alguns facultativos d'estes arredores, é boa, e se não superior, egual em qualidade, á d'uma outra fonte já antiga e mui acreditada, que ha na proxima freguezia de Palmares, no sitio de Beirô, limites do logar de Villarinho de S. Luiz, a distancia de 4 kilometros, pouco mais ou menos, para o lado do nordeste.

—

Sobre o muro da porta do cemiterio dos ossos, ao cimo do adro da egreja d'esta freguezia, junto á torre, existem levantadas tres lapides de louza preta, com as seguintes legendas em letras mayusculas douradas.

Na do meio, que está sobre a porta da entrada do cemiterio, virada para o adro, lê-se — ASPICE VIATOR.

E nas outras duas vêem-se quatro quartetos ou quadras. Os da lapide da direita, que fica á esquerda do observador, são estes:

Da morte o fatal estrago vinde vêr,
Vinde do mundo o nada examinar;
É aqui onde se aprende a bem viver,
É aqui aonde tudo vem parar.

A vida é vento que foge a correr,
Morre-se a viver, e morre-se ao nascer;
Nada no mundo misero tem dura,
Cahe-se do berço aqui na sepultura.

E os da esquerda (direita do leitor) são est'outros:

Viventes, como vós, fomos outr'ora;
Estamos aqui horridas caveiras.
Em breve sereis, como nós agora,
D'humanidade cinzas derradeiras.

Eis do mundo o quadro deshumano,
Das vaidades serio desengano:
Tudo na terra é pura vaidade,
E só é permanente a Eternidade.

OUTEIRO—sitio na cidade de Lisboa, antigamente assim chamado, pela sua elevada posição. O largo de Santa Marinha, a rua e travessa do mesmo nome, a rua de S. Vicente, a rua da Oliveira, a calçada da Graça, as Monicas, as Escolas-Geraes, a calçadinha do Tijolo, etc., occupam agora o logar a que antigamente se chamava *Outeiro*. (Vol. 4.°, pag. 211, col. 1.ª)

Onde hoje se vê o *largo de Santa Marinha*, existiu a egreja matriz da mesma invocação, vulgarmente chamada *Santa Marinha do Outeiro*. Esta parochia está hoje unida á de Santo André.

A egreja de Santa Marinha, era uma das mais antigas de Lisboa. Quando os portuguezes tomaram esta cidade, em 1147, era uma mesquita mourisca. Foi logo purificada, benzida, e convertida em egreja christan, sob a invocação de Santa Marinha; mas conservou por mais de cinco seculos a sua architectura, sem alteração. Era um templo escuro, baixo, com a sua arcaria muito abatida; finalmente, impropria de uma capital.

Pelos annos de 1660, foi nomeado prior d'esta freguezia, o doutor Sebastião Diniz Velho (que depois foi inquisidor da mesa grande), o qual, com o seu zêlo e sollicitude, e mesmo concorrendo com bastantes despezas, reedificou este templo, que ficou sendo um dos mais formosos de Lisboa. Teve que ser demolida a antiga egreja, construindo-se de novo as paredes, e fazendo-se uma nova capella-mór, com um elegante arco, e toda fechada de abobada, e uma optima sachristia.

Sobre a porta principal tinha a seguinte inscripção:

NO ANNO DE 1222[1] FOY CONSAGRADA
ESTA EGREJA, AOS 12 DE DEZEMBRO.

O desembargador João Cabral de Barros, fez á sua custa a capella-mór, ou, pelo menos, concorreu por muito para esta obra, pois foi feito seu padroeiro.

Tinha mais tres capellas—A de *Nossa Senhora da Boa Nova*, fundada por frei João Brandão Pereira, bailio de Negroponto e commendador das commendas de Oliveira do Hospital, e Aguas-Santas (na Maia), da ordem de Malta.

[1] (de Jesus Christo.)

Foi aqui sepultado em um magnifico mausoleu, sustentado por dois elefantes, dentro d'um arco, que ficava fronteiro á porta principal. Este padroado passou depois para os senhores de Pancas.

A de *Nossa Senhora da Conceição*, feita pelo povo da parochia.

A de *Nossa Senhora da Natividade*. Estava junto ao côro, e era a mais antiga das tres. Era annexa ao priorado da egreja, e era a que o tornava um dos bons de Lisboa, pois, só a capella rendia 700$000 réis, o que n'aquelle tempo era importantissimo.

O primeiro prior d'esta freguezia, foi João Ennes Salgado, segundo se via da inscripção gravada no seu tumulo, que dizia:

AQUI JAZEM OS OSSOS DE JANEENES SALGADO, PRIMEYRO ADMINISTRADOR QUE TEVE ESTA CAPELLA, INSTITUIDA POR PEDRO SALGADO, NA ERA DE 1341. (1303 de J.-C.) THESOUREIRO-MÓR QUE FOY DELREI DOM DINIZ, A QUAL HE UNIDA AO PADROADO D'ESTA EGREJA. AQUI POSTOS, NO ANNO DE 1625.

Este priorado rendia então, mais de oitocentos mil réis. Tinha cinco beneficiados, cada um com 100$000 réis.

OUTEIRO—Vide *Parada do Outeiro*.

OUTEIRO (S. Miguel do)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, etc.

Esta villa já fica descripta, no fim da 2.ª col. de pag. 218 e na 1.ª da 219 do 5.º volume; mas, como depois d'isso teve logar o fallecimento de um verdadeiro homem de bem, dou aqui a noticia de quem era.

No jornal catholico, a «ATALAIA,» que se publica em Viseu, e no seu numero 81, de 18 de agosto de 1875, se lê o seguinte:

Fallecimento.—Na manhan do dia 16 do corrente morreu, na quinta de Carvalhiços, freguezia de S. Miguel d'Outeiro, o ex.mo sr. Antonio da Costa Brandão e Brito.

Era um cavalheiro digno a todos os respeitos.

A legitimidade perdeu um soldado dedicado, que soube ser sempre fiel á sua bandeira.

Sentimos o passamento do homem, que tão prestante foi á sociedade, e associamos-nos á dôr dos seus.

—Na manhan do mesmo dia finou-se tambem, em Viseu, a ex.ma sr.ª D. Maria Alfredo de Mesquita e Veiga Castello Branco, tia dos ex.mos srs. dr. Frederico de Abreu Gouvêa e José Bernardino de Abreu Gouvêa.

Em o n.º 1406, do *Jornal da Noite*, correspondente ao dia 18 de agosto de 1875, se vê o necrologio do cavalheiro fallecido, escripto pelo nosso mavioso poeta e distincto escriptor, o sr. Thomaz Ribeiro.—É o seguinte:

«Morreu na sua casa de Carvalhiços, na Beira-Alta, o sr. Antonio da Costa Brandão e Albuquerque de Brito e Mesquita Castello Branco, victima de uma lesão do coração.

«Na noite de domingo, 15 d'este mez, exhalava este cavalheiro o ultimo alento, nos braços de sua extremosa familia, que ficará, para longo tempo, inconsolavel, como todos os seus amigos e visinhos e quantos eram sabedores das suas singulares virtudes.

«Contava 65 annos incompletos, pois nascera em dezembro de 1810. As tradições da sua familia levaram-no para o campo *absolutista*, como a quasi todas as familias principaes de ao pé da serra da Estrella, e por esta causa, era em 1832, na edade de 21 annos, coronel de voluntarios realistas de Arganil. Foi sempre considerado como valente e brioso official, recebendo varios ferimentos durante a campanha.

«Na celebre acção do dia de S. Miguel, deveu a vida a ter de levantar-se nos estribos para melhor vêr o que se passava na sua frente, porque n'esse momento uma bala lhe atravessava uma das pernas e deixava no assento do selim o traço da sua passagem, entrando-lhe na outra perna, onde ficou.

«O que principalmente caracterisava o seu valor, era um admiravel sangue-frio nas occasiões mais apertadas.—Na vespera de uma acção em que tinha de entrar, contavam os officiaes que serviam com elle ou ás suas ordens, quando todos, pensando na possibilidade da morte, escreviam ás suas familias sentidas expressões de affecto e de saudade elle, o coronel imberbe, escarnecendo dos perigos, encostava a cabeça loira sobre uma pedra do acampamento; pouco depois vinham sorrisos e phrases entrecortadas pro

var aos preoccupados camaradas, que a mesma confiança placida que o animava acordado, o acalentava dormindo.

«Era o joven coronel um gentil cavalleiro, e d'elle se conta que, correndo a toda a brida, se curvava do cavallo e apanhava do chão um lenço que alli estivesse.

«Na Asseiceira commandou uma brigada, e quando na retirada bebia um copo d'agua na Atalaya, esteve em risco de ser aprisionado por um troço de lanceiros, do que se livrou por destreza, visto que a lucta era impossivel. Seguiu para Evora-Monte, a cuja capitulação assistiu, e presava-se de ter acompanhado o seu rei até Sines, e de, já a bordo, lhe ter beijado a mão pela ultima vez.

«Ninguem cumpriu mais honradamente os seus deveres de lealdade, e ninguem, depois da grande catastrophe, se recolheu mais nobremente resignado ao seio da sua familia.

«Todos sabem que odios ficaram ainda depois de 1834, nas faldas da serra da Estrella; todos conhecem a longa serie de crimes, de perseguições, de vinganças e represalias, que não sei se já hoje se podem considerar de todo extinctas; pois o morgado de Oliveirinha foi sempre respeitado e, o que mais é, estimado por todos os constitucionaes. Que melhor prova da sua probidade, da sua cortezania e da bondade d'aquelle coração, em que nunca se albergou um odio nem um desejo de perseguição ou de vingança? Na sua casa, um dos mais agradaveis centros de reunião de toda a provincia, nunca distinguiu partidarios, com quanto morresse mantendo inteira a fé em que sempre vivêra e pela qual derramou sangue. — Senhor de differentes morgados, seus irmãos, emquanto precisaram das suas mezadas, viveram sempre em maior abundancia do que elle, que tudo achava pouco para lhes promover a sua educação e para os vêr felizes, fazendo d'elles a sua gloria e a sua maior ventura. Abençoou-lhe Deus os esforços, e os seus estremecidos irmãos sahiram dignos d'elle.

«Casou com a ex.ma sr.a D. Anna Cardoso do Loureiro Castello Branco, da illustre familia do Loureiro, e achando na esposa as virtudes de que era digno, d'ella houve dois filhos, que hoje herdam, com o seu nome e a sua avultada riqueza, o encargo de continuarem, sem desmerecimento, as gloriosas e honradas tradições da sua familia; e dos prós e do encargo, os tenho por muito dignos.

«Era o illustre finado fidalgo da casa real, commendador de Christo e da Conceição, e condecorado com varios habitos e medalhas de distincção, por acções de valor e lealdade.

«Era acima de tudo um dos melhores corações que eu tenho conhecido.

«Já no periodo liberal poderia ter acceitado titulos e distincções nobiliarias que por vezes lhe foram offerecidas; quiz morrer com o seu nome, visto que guardava immaculada a sua fé. Não era desdem pelas honras que lhe offereciam lealmente os adversarios, era pudor pelas suas cicatrizes e pela desventura dos seus camaradas; que elle era tolerantissimo em politica, e estava sempre prompto a ajudar os liberaes nos seus esforços administrativos.

«Aqui offereço a toda a sua illustre familia o signal da minha profunda saudade.

«Lisboa, 18 d'agosto de 1875.

«*Thomaz Ribeiro.*»

OUTEIRO—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 35 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa,

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os collegios de S. Bento e de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentavam alternativamente o vigario, perpetuo, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

OUTEIRO—Nos foraes dados por el-rei D. Manuel, encontra-se com frequencia o termo de—*fazer outeiro*—significa—*fazer montaria.*

Nos conventos de freiras, quando se fazia eleição da abadessa, havia grande festa no mosteiro, que durava alguns dias.

Chamavam-se *festas do abbadessado.*

Durante estas festas, havia todas as noites *outeiro*—isto é—os mais famosos poetas

repentistas, hiam para alli recitar as suas poesias, glosando os *motes* que lhes davam as freiras ou seculares.

Notemos porém que muitos d'elles haviam recebido os motes muitos dias antes, de combinação com quem lhos havia de dar em certa noite.

Nem faltavam *poetas*, que nem eram capazes de engendrar uma quadra; mas que recebiam os motes com muita antecipação, pediam a quem lhos glosasse, decoravam-os e lá os hiam exhibir como seus.

Os *outeiros* de maior nomeada em Portugal, eram os de *Odivellas*, e alli affluiam os versejadores de mais fama, tanto de Lisboa, como das provincias.

OUTEIRO—villa, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 16 kilometros de Bragança, 33 kilometros ao N.O. de Miranda, 475 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tem annexa a antiga freguezia de *Paradinha do Outeiro*, que tinha em 1757, 81 fogos—vindo portanto a ter então estas duas freguezias, 171 fogos; pelo que se vê que tem havido decrescimento da população d'estas duas parochias.

O orago de *Paradinha*, era S. Miguel, archanjo, e o cura era da apresentação de um beneficiado da Sé de Bragança.

Tinha (o cura) 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Era um antigo concelho, com 1:200 fogos que foi supprimido em 1853.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 11 de novembro de 1514. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 44, col. 2.ª) Serve tambem para *Quintanilha e Veigas*, duas freguezias hoje annexas.

No foral se lhe dá o nome de *Outeiro de Miranda*.

O nome d'esta villa lhe provém da sua posição, pois está situada no alto de um monte.

Como a historia de Nossa Senhora da Ribeira, na freguezia de S. Thomé de Quintanilha, se prende com a d'esta villa, tratarei aqui d'esta outr'ora famosa capella.

Na planicie ao sopé da villa, está a freguezia de Quintanilha, junto de uma ribeira, que pouco abaixo se mette no rio de *Maçans*, que nascendo em Hespanha, divide por algumas leguas, a raia, entre este reino e o nosso.

Entra na esquerda do Sabôr, quasi em frente das *Talhas*. (Vol. 5.º, pag. 6, col. 2.ª)

Proximo da ribeira está a capella de *Nossa Senhora*, por isso denominada da *Ribeira*.

E' um templo vasto, e que antigamente era prodigiosamente concorrido por peregrinos e romeiros, em quasi todo o anno.

Diz a lenda, que a imagem da Santissima Virgem appareceu a uma pastorinha muda de nascimento, e que desde então ficou fallando claramente, para annunciar este apparecimento aos povos d'estes sitios; os quaes em vista d'este milagre, trataram logo de construir uma ermidinha á santa imagem.

A fama dos milagres attribuidos á Senhora, attrahiu logo muitos devotos, que com as suas offertas concorreram para que o templosinho se fosse pouco a pouco adornando.

Não se sabe a data do apparecimento da imagem da padroeira: suppõe-se que foi no reinado de D. Affonso III, entre os annos 1250 e 1270; porque quando D. Diniz se desposou com a rainha, Santa Isabel (julho de 1282) já existia esta ermida havia annos.

Santa Isabel, quando veiu para Portugal, entrou por estas terras, e chegando á capella, viu alli um grande concurso de gente, e perguntando a causa d'este ajuntamento, lhe disseram que não havia muitos annos que n'este mesmo logar tinha apparecido uma imagem de Nossa Senhora, venerada de todos, pelas muitas maravilhas que obrava.

Apeou-se logo a santa rainha, e entrou na capella a fazer oração á padroeira, e collocar-se debaixo do seu patrocinio.

Affeiçoou-se tanto á divina formosura da imagem, que logo decidiu mandar-lhe fazer um templo mais amplo, e com capacidade para o grande numero de romeiros que afluiam aqui n'esses tempos. Chegando a Lisboa communicou ao rei a sua tenção.

D. Diniz, que tambem tinha resolvido edificar um castello no monte sobranceiro, pela sua forte posição, e por ficar na extremidade dos seus dominios, annuiu aos desejos de sua esposa, e mandou logo construir a fortaleza, e ampliar a capella, que ainda é a actual.

Foi assim que teve principio a villa do Outeiro.

Santa Isabel designou algumas rendas para a fabrica d'esta egreja.

Foram uns foros que em varios logares da villa do Outeiro, se pagavam á corôa, e depois se ficaram pagando ao cabido da Sé de Miranda, que administrava esta capella.

Estas rendas tinham sido primeiramente dos frades benedictinos de *Castro de Avellans*, supprimido em 1545, por D. João III, (vol. 2.º, pag. 202.)

Em 1220, com auctorisação de D. Affonso II, haviam os monges trocado esta abbadia, pelas terras chamadas do Outeiro, onde depois se edificou a villa d'este nome, no reinado de D. Diniz.

Depois passaram as rendas a pertencer a uma commenda da ordem de Christo.

Mais tarde D. João III, e seu irmão, o cardeal (depois rei) D. Henrique, que era então arcebispo de Braga, largaram estas terras com todos os direitos que n'ellas tinham, para se agregarem á mesa episcopal e capitular de Miranda; em cujos bens e rendas succedeu o cabido; por lh'os haver applicado o papa Paulo III, quando se creou a cathedral de Miranda: tirando-os á capella da Ribeira, sua legitima possuidora por doação regia de D. Diniz, e sua mulher.

Este templo é um dos melhores do bispado, e das maiores egrejas ruraes do reino que não são matrizes de freguezia.

Denomina-se tambem a padroeira *Nossa Senhora dos Prazeres*, e é no dia da festa d'esta Senhora que alli se faz a festa a Nossa Senhora da Ribeira.

No mesmo dia da festa, se fazia aqui uma grande feira annual, que era muito concorrida, por portuguezes e castelhanos.

Teve uma irmandade, confirmada por bulla pontificia, com jubileu.

Entrava sempre na eleição annual dos mordomos, um castelhano.

Teve por alguns seculos, um eremitão, ecclesiastico, da apresentação do bispo de Miranda (hoje de Bragança.)

O clima d'esta villa é muito frio, mas saudavel, e o seu territorio muito fertil; mas apezar d'isto, a povoação está muito decadente, e seus predios em grande parte arruinados.

A suppressão do seu concelho, tirou-lhe muita importancia.

Em 8 de maio de 1866, fei feito visconde do Outeiro, o sr Jeronymo Trigueiros de Aragão.

Trigueiros é um appellido nobre em Portugal, procedente de Hespanha, tomado da villa de Trigueiros, no condado de Niebla (Andaluzia.)

Passou a este reino, na pessoa de Antonio Trigueiros, trinchante da rainha D. Maria, segunda mulher do rei D. Manuel; [1] e este deu a Trigueiros e a seus filhos, o fôro de fidalgo da sua casa.

D'esta varonia, foi Manuel Trigueiros de Castello-Branco, senhor do morgado da *Caxoeira*, no termo de Leiria.

[1] D. Manuel casou em primeiras nupcias, com a filha mais velha dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

Em segundas nupcias, com D. Maria, filha segunda dos mesmos reis; e em terceiras, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

Do 1.º casamento, teve D. Miguel, que foi jurado principe herdeiro de Castella, e morreu no berço.

Do 2.º, D. João, depois 3.º; D. Isabel, mulher do imperador Carlos V; D. Brites, a célebre Mathilde de Saboya (por casar com o duque d'este senhorio); D. Luiz, duque de Beja (pae do rei D. Manuel); D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso e D. Henrique, cardeaes (este rei); D. Duarte, duque de Guimarães; D. Maria e D. Antonia, que morreram creanças.

Do 3.º matrimonio, teve D. Carlos, que morreu menino; e D. Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras.

Os Trigueiros trazem por armas—em campo verde, cinco espigas de trigo, de ouro, em aspa—timbre, o passaro chamado *trigueiro*, da sua côr, com uma espiga de ouro no bico.

OUTEIRO — freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 50 kilometros ao O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga.

As freiras benedictinas de Vianna, apresentavam o vigario collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Cria muito gado.

Tinha sido primeiramente abbadia.

Um dos abbades, deu esta egreja ás taes freiras, em sua vida, d'elle, por uma bulla que impetraram da Curia.

Por fallecimento do abbade, ellas obtiveram uma nova bulla, pela qual nomearam vigario; porém morto este, seu successor quiz obstar a esta doação, requerendo a Roma, e allegando, com a verdade, que a doação só se podia entender, e só podia ter effeito, durante a vida do doador.

Então a abbadessa, protegida pelo arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa, mandou algumas das suas religiosas habitar na residencia parochial do Outeiro, para não perderem a posse; mas, o papa deferiu ao requerimento do vigario, e ellas, depois de aqui residirem alguns annos, tiveram que regressar ao mosteiro de Vianna.

OUTEIRO—vide *S. Miguel do Outeiro.*

OUTEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Monte-Alegre, 70 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra pouco fertil em cereaes; mas cria muito gado, sobre tudo bovino, que é optimo para os serviços agricolas.

Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

OUTEIRO—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, districto administrativo e 30 kilometros d'Evora, 120 ao S.E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Beja.

Foi do concelho de Monçaraz.

Para se distinguir dos outros, se lhe dá o nome de Outeiro d'Ouriolla.

O arcediago d'Evora e depois o de Beja, apresentavam o cura, que tinha 90 alqueires de trigo e 30 de cevada.

Seu territorio é pouco fertil; mas cria muito gado, principalmente suino. Nos seus montados ha muita caça.

OUTEIRO DA CORTIÇADA—freguezia, Extremadura, concelho de Rio-Maior, comarca, districto administrativo e 30 kilometros ao E. de Santarem, 80 kilometros ao N.E. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Orago, Nossa Senhora.

Patriarchado.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra fertil.

OUTEIRO DE GATOS—freguezia, Beira-Baixa, concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Fóz-Côa, bispado e 54 kilometros de Lamego, 350 ao N.E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 123 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo de Viseu.

O abbade da Casteição apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Gado e caça.

OUTEIRO-JUSÃO [1]—aldeia, na freguezia de Samaiões (Nossa Senhora da Espectação) na comarca, concelho e 3 kilometros de Chaves.

Districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

Este logar foi freguezia, que ha mais de 150 annos está unida a Samaiões.

[1] Significa *Outeiro de Baixo.*

E' povoação antiquissima, e, com toda a certeza, habitada no tempo dos romanos.

Aqui viveu uma familia patricia, denominada dos *Claudios Flavios*.

Aqui appareceu no século XVIII, um cippo com esta inscripção:

DAPHNUS
CLAUDI FLA-
VI HEREDUM
LIBERTUS
AN.... LX.
HIC S. EST.
S. T. T. L.
SINETHE CON
LIBERTO ET SIBI

(Aqui jaz Daphno, liberto (escravo fôrro) dos herdeiros de Claudio Flavio. A terra lhe seja leve. Sinetheo, seu companheiro, fez esta sepultura, para elle e para si.)

Em uma quinta que foi de José de Sampaio, n'esta aldeia, e em outras propriedades visinhas, se tem por varias vezes encontrado lageados de cantaria, alicerces de pedra lavrada, grandes tijolos, ladrilhos de diversos feitios; e restos de edificios sumptuosos.

A cousa de 800 metros d'este logar, na aldeia de *Samaiões*, ha antiguidades romanas. Vide *Samaiões*.

Na aldeia da *Granjinha*, aqui perto, se teem tambem por muitas vezes descoberto ruinas de edificios romanos e capiteis de columnas de jaspe, troços de estatuas e outros objectos.

Nas aldeias de *Santo Estevão* e das *Eiras*, do mesmo modo existem ruinas de edificios romanos.

Todos estes logares ficam no valle que está ao sopé da aldeia de Outeiro Jusão.

OUTEIRO MAIOR—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 35 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 95 fogos.

Em 1757, tinha 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

As freiras bentas, de Vianna, apresentavam o vigario, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

E' n'esta freguezia a casa e quinta de *Cavalleiros*, uma das maiores da provincia, cujo solar é em Ponte-Ferreira.

A casa de Cavalleiros, é uma das mais nobres da provincia do Minho. [1]

E' seu actual proprietario, o sr. D. Rodrigo José de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

Pertenceu a esta familia, o bravo Martim Ferreira, que se distinguiu pela sua coragem, nas guerras da restauração.

Em uma batalha, dada proximo a Guimarães, em que os castelhanos foram derrotados, recebeu uma cutilada no rosto, que lhe cortou o nariz; pelo que se ficou conhecendo nas nossas chronicas, pela alcunha de *Martim Narizes*.

Tambem eram d'esta casa, frei Gualter Machado, e frei Martim Ferreira d'Eça, cavalleiros de Rhodes, e capitães distinctissimos pelos seus serviços á religião e a patria.

Os Menezes de Tarouca, trazem por armas—escudo dividido em seis—no 1.º, um estoque, em campo de ouro—no 2.º, quatro barras de púrpura, em campo de ouro—no 3.º, dois lobos, em campo de ouro. Na ordem de baixo, os lobos e as barras — e no meio o escudo dos Menezes, que é—em campo de ouro, um annel com um rubim.

Os Menezes que não são da casa de Cantanhede e da Ericeira, e que teem escudos de armas especiaes, usam do annel com o rubim, em campo de ouro—tendo por timbre —uma meia donzella, vestida de ouro, com um escudo na mão direita.

OUTEIRO SÊCCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 9 kilometros de Chaves, 70 kilometros ao N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 95 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A camara ecclesiastica da Sé primacial de

[1] Esta comarca pertence, pela ultima divisão, á nova provincia do Douro.

Brága, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

Esteve algum tempo annexa a esta, a freguezia de Sanjurge.

Entre o logar do Outeiro Sêcco e Villa-Mean, em um sitio chamado *Lagares*, teem apparecido vestigios de edificios romanos; e perto d'aqui existem ainda profundas e largas escavações, que, segundo a constante tradição, foram minas de ouro e prata, lavradas pelos romanos.

A grande abundancia d'estes dois metaes preciosos, attrahiram para estes sitios grande concorrencia de povo romano; por isso, ainda por estes arredores, em uma vásta aria, se encontram vestigios de povoações antiquissimas.

Junto ao referido logar de Lagares, na propriedade de um lavrador, se achou em 1721, grandissima copia de moedas romanas, de diversos imperadores.

Já antes d'isso, o mesmo lavrador, tinha achado no mesmo sitio, vinte e tantos marcos de medalhas, tambem romanas, que vendeu a um ourives.

OUTÍL—villa, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 18 kilometros a O.N.O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os viscondes da Asseca apresentavam o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e foi couto, com justiças, auctoridades e empregados competentes.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de dezembro de 1519. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 242, col. 2.ª)

OUTIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão (foi da comarca e concelho de Barcellos) 18 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Pedro, de Esmeriz, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

N'esta freguezia está a torre onde viveu Nuno Pires de Outiz, e seu filho, Gomes Nunes de Outiz. Este solar, passou depois a Pantalião de Sá e Mello.

Outiz é um appellido nobre em Portugal, proveniente d'esta mesma freguezia.

Suas armas são—em campo d'ouro, seis rodellas de púrpura, em duas pallas—élmo d'aço aberto—e por timbre, uma cabeça de sérpe, de ouro, com uma das rodellas das armas na testá.

As armas dos Pires, são — em campo de prata, 6 pallas de negro—élmo de aço aberto, sem timbre.

OUTREGA—portuguez antigo — arrebatamento. *E se em outrega, sem concelho e per ventura, que lhe acaeça* (aconteça) *alguem ferir, nom peite nemigalha.* (Foral de Villa-Rei, dado por D. Diniz, em 1285.)

OUVO—portuguez antigo—Ouço.

OUVO—portuguez antigo—ôvo. Ainda assim se escrevia no seculo XV e XVI.

OUVEENÇA ou **OUVENÇA**—portuguez antigo—a officina destinada para os usos particulares de uma casa.

Em 1372, se queixaram os prelados de Entre Douro e Minho, ao rei D. Fernando, porque os fidalgos, não querendo pousar nos paços e hospedarias, como costumavam, quando hiam comer aos mosteiros, as suas *comeduras—Vam pousar nas Clastas e Cameras dos Prelados, e nas Ouveenças dos Conventos, com seus cavallos e com as mulheres do segre* (meretrizes) *e com outras companhas.* (Doc. de Alpendurada de 1372.)

OVENÇAL—portuguez antigo—o que tinha a seu cargo os mantimentos, despensas e cosinha de uma grande casa, ou corporação.

Corresponde, pouco mais ou menos, a despenseiro, provisor, ou védor, de tudo que pertence á ucharia.

Na queixa a que me referi na palavra antecedente, diziam tambem os prelados — *Vam aos Moesteiros, e Egrejas, e britam* (que

bram) *as portas d'ellas, e das clastas, e das adegas, e metem os cavallos em ellas, antre* (entre) *as cubas dos vinhos, e britam as Cameras dos Prelados, e dos Oveençaes, em que teem os mantymentos, per que se ham de manteer, e tomam o que se pagam, sem conto, e sem recado, e nom comem pelo Degredo* (decreto) *que foi ordinhado pelos Reis, que ante nós forom.* (Documento de Alpendurada, de 1372.

OUZILHÃO ou **OUSILHÃO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, mas da comarca de Bragança) 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

OVADAS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende (foi do concelho de Aregos, comarca de Lamego) 18 kilometros a O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 143 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

E' terra muito fertil. Bom vinho. Gado e caça. Peixe do Douro.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 600$000 réis de rendimento.

OVAIA (Santa)—freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Tábua (foi do concelho d'Avô, comarca de Midões) 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa. Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 72 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Espectação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé de altar.

Ovaia é portuguez antigo — corresponde ao nome proprio de mulher—*Eulalia.*

Entre esta freguezia e a *Aldeia das Dez*, está a *ponte das Tres Entradas*, na confluente da Ribeira d'Alva com a da Lariga.

E' de cantaria, e muito antiga.

OVAIA (Santa) ou **ÊRMO DE SANTA OVAIA**—antiquissimo mosteiro de eremitas no termo de Bouças e junto a Lórdêllo do Ouro (Porto.)

Em 1144, o rei D. Affonso I, doou ao abbade João Cirita, o Êrmo de Santa Ovaia, para os servos de Deus, que viviam em Tarouca, e seguiam a ordem de S. Bernardo.

OVAIA (Santa) — aldeia, Douro, na freguezia de S. Vicente de Louredo, comarca e concelho de Arouca (até 1855, concelho de Fermedo, comarca d'Arouca.)

Situada em terreno pouco accidentado, sobre a esquerda do rio Inha, que divide aqui os concelhos da Feira e Arouca.

Sobre a margem direita está o logar da *Fonte de Santa Ovaia*, da freguezia do Valle, na comarca e concelho da Feira.

Entre estas duas aldeias está a ponte de pedra, que dá passagem á antiga estrada militar, do Porto a Viseu, hoje completamente arruinada, pela incuria das camaras por onde passa; tendo por isso, quem quer ir do Porto a Viseu, ou vice-versa (que por esta estrada são 95 kilometros) de fazer jornada pela estrada das Talhadas á Mealhada, descrevendo um triangulo, com mais de 125 kilometros de extensão; sem outra vantagem mais do que aproveitar o caminho de ferro do norte do Porto até á Mealhada.

Dá-se aqui outra circumstancia.

O logar da ponte de Santa Ovaia, fica ao S.E. de Santa Ovaia, no caminho de Arouca, e por consequencia mais perto d'esta villa, do que a freguezia de Louredo, que é de Arouca, e tem de atravessar parte das freguezias do Valle e Romariz, que são do concelho da Feira, ao O., para hirem para a cabeça da sua comarca.

E' a bella divisão de 24 de outubro de 1855!

Note-se que Santa Ovaia é dentro do districto denominado Terra da Feira.

A situação d'esta aldeia é muito formosa, ficando-lhe ao O. a povoação de Tozeiros, e

a E. a rica e bella aldeia de Cedofeita; sendo todas as terras d'estes sitios, cultivadas e muito ferteis.

—

Ha em Portugal muitos sitios e aldeias com o nome de Santa Ovaia.

OVAR—villa, Douro, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, 35 kilometros ao S. do Porto, perto da costa do Oceano, 24 kilometros ao N. d'Aveiro, 10 ao S. da Feira, 18 ao O.N.O. d'Oliveira d'Azemeis, 72 ao N. de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa.

Tem 3:900 fogos.

Em 1757, tinha 1:254 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Está em 23° de latitude, e 2°,8' de longitude, do merediano de Lisboa.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o vigario, collado (hoje abbade) que tinha 600$000 réis de rendimento annual, afora os benesses, que eram muito rendosos. Andava tudo por 800$000 réis.

A freguezia de Ovar é a extremidade meridional da Terra da Feira, e ainda no seculo XVIII era uma freguezia do concelho e comarca da Feira.

Depois, foi elevada a concelho, composto unicamente da sua freguezia, e mesmo assim não era pequeno.

Hoje o seu concelho, que é tambem a sua comarca, é composto de 4 freguezias, todas no bispado do Porto, que são—Arada, Ovar, Pereira-Jusan, e Vállega—todas com 5:600 fogos.

—

Nunca teve foral, velho nem novo, pelo menos, Franklim não os menciona.

O foral da Feira, mencionando varias freguezias do concelho, não falla em Ovar nem em Cabanões, e das pertencentes ao actual concelho de Ovar, apenas traz Arada.

Pereira Jusan não vem incluida, porque era villa e tinha foral proprio, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 2 de junho de 1514.

Note-se porém, que, ainda que o logar de Cabanões [1] (onde está a estação 34.ª do caminho de ferro do norte) seja muito mais antigo do que o resto da villa, esta conta tambem bastante antiguidade, como o provam muitos dos seus edificios.

Parece porém insolito que, fallando os nossos antigos geographos e historiadores de tantas povoações antigas por estes sitios, e quasi todas mais insignificantes do que Ovar, nada, ou quasi nada digam d'esta villa.

Quanto a mim, este silencio só prova contra os habitantes de Ovar; e, áquelles escriptores aconteceu-lhes provavelmente como a mim; pois entre tantos cavalheiros illustrados d'esta povoação, não houve UM UNICO (!) que me desse o minimo apontamento para a historia da sua terra, apezar dos meus reiterados pedidos em milhares de prospectos e centos de circulares.

Tive pois de recorrer aos apontamentos que por varias vezes alli fui buscar, e ás varias noticias que, com insano trabalho, pude colligir.

—

Ninguem sabe qual é a etymologia da palavra *Ovar*.

A opinião de que esta palavra é derivada de virem aqui pôr os seus *óvos* as aves aquaticas, não passa, na minha opinião, de um disparate; porque então dever-se-hia dizer *desovar*, e não *ovar*.

Não pretendo impor uma nova etymologia a esta palavra; mas a minha opinião é que—ou pela semelhança das localidades, ou por alguns maritimos francezes que aqui se viessem estabelecer, deram a esta povoação o nome de *Var*, que é uma cidade, um rio, e um cantão na costa maritima da Provença (França) que podia muito bem ser a sua patria. [2]

Dizendo-se a povoação *do Var*, facilmente se corrompia para *d'Ovar*; pois ninguem ignora o costume dos antigos, que juntavam sempre a proposição ao nome proprio—vgr. —*de Ornellas*, faziam *Dornellas*—de *la Cerda*, *Lacerda*—de *dos Ruivos*, *Durruivos*, etc., etc.

[1] Vol. 2.°, pag. 8, col. 1.ª

[2] Na Italia Septentrional, ha tambem um rio chamado *Var*, que passa junto á cidade de Nice.

Ainda tenho a favor da *minha* etymologia, outra razão de muito pêso.

Os habitantes d'Ovar, são geralmente conhecidos pela denominação de *varinos*, e, ainda mais vulgarmente de *vareiros*.

Já se vê que procede de *Var*, e não de *Ovar*; porque, n'este ultimo caso, dever-se-hia dizer—*ovarinos* e *ovareiros*.

Em nada destroe—antes corrobóra—a minha opinião, o dizer-se que os varinos descendem de uma colonia de pelasgios.

Segundo alguns escriptores, pelos annos do mundo 2632 (1372 antes de Jesus Christo) Baccho, filho de Semele, acompanhado de muitos gregos, invadiu a Lusitania, em boa paz, sem offenderem os indigenas, ou oborigines; que como havia logar para todos, não oppozeram a minima resistencia, e até acceitaram para seu rei, ou chefe, o grego *Lysias*.

Estes invasores que pertenciam á formosa raça pelasgiana—a darmos credito áquelles escriptores—fundaram varias povoações no nosso litoral, e talvez fossem os reedificadores da velha Talabriga—pouco mais ou menos, a actual Aveiro.

Mas, nada nos prova que se estabelecessem em Cabanões, e Ovar é incontestavelmente uma povoação mais moderna.

O viver cosmopolita dos vareiros; o seu modo vagaroso e *cantado* de fallar; o seu trajo, o seu typo caracteristico; o seu costume de andarem descalços; o seu modo de vida frugal, e sempre com a maior indifferença, expostos ao rigor das estações e a toda a sorte de privações; a sua proverbial indolencia para tudo quanto não fôr pesca ou navegações [1] dão-nos a conhecer em toda a sua primitiva simplicidade, o marinheiro e o pescador provençal, descendente da raça pelasgiana, que aportou ás costas da Provença, muito antes de invadir as nossas.

O pescador provençal, como o vareiro, com as suas calças largas e curtas, com a sua *faxa*, com a sua grande *carapuça*, recordam-nos a sua procedencia, e a pasmosa semelhança com o pescador das Ilhas Jonicas, no modo de vestir e viver; devemos porém confessar, que o *crusamento* com as differentes raças peninsulares, fez, em grande parte, perder ao vareiro, a sua primitiva belleza de fórmas, que tem degenerado menos entre o provençal.

Geralmente, dá-se o nome de *vareiro* a todo o habitante do litoral, desde a costa de S. Jacintho, até Espinho; mas é erro—vareiro é só o habitante de Ovar.

Ainda ha outra opinião, que não é de todo em todo inadmissivel.

A gente da classe baixa do Porto, e ainda mais, a dos seus arredores, e até grandes distancias, trocam em grande numero de palavras o *l* por *r*—por exemplo—caldo, *cardo*—alguem, *arguem*—altura, *artura*, etc.

Sabemos que o sitio primeiramente aqui povoado, foi Cabanões, que fica em posição um pouco mais elevada do que o resto da villa.

Os pescadores, para ficarem mais proximos dos seus barcos, se foram pouco a pouco estabelecendo na actual villa, que é em um *valle*.

Os de Cabanões diziam—hir ao valle, foi ao valle, etc.—mas como trocavam o *l* por *r*—diziam—*hir ao var*—*foi ao var*, etc.

Aqui temos, muito simplesmente como de *o valle* se podia fazer *o var* e por fim *Ovar*.

Eis tres opiniões, completamente diversas, sobre a etymologia da palavra Ovar: cada um escolha a que lhe parecer mais admissivel.

—

A noticia mais antiga que temos de Ovar (que eu saiba) data do anno de Jesus Christo 922.

N'esse anno, D. Ordonho II, de Leão, os condes D. Lucidio Vimarães, e D. Rodrigo Lucidio, e outros fidalgos da corte d'aquelle monarcha, doaram ao mosteiro de *Castromire* (vide *Crestuma*) grande numero de rendas, propriedades e egrejas; e, entre estas, as de São Donato e São João, no porto de Ovar. [1]

[1] Não é preciso dizer que me refiro unicamente á classe maritima, onde se conservam quasi sem alteração sensivel, os antigos usos e costumes; e não ás familias illustradas, que teem, em tudo e por tudo, o viver das outras grandes familias portuguezas.

[1] Notemos que houve aqui uma aldeia,

A capella de S. João, de Cabanões, diz-se que foi a matriz primitiva d'esta parochia; o que aquella doação parece confirmar.

—

Já disse que a villa d'Ovar está edificada em um valle.

A sua situação é baixa, pelo que, d'aqui se não descobrem outras povoações, muito mais, porque está rodeada de bastos e vastos pinheiraes, cuja plantação foi uma optima providencia, para impedir a invasão das areias pela terra dentro.

E' benigno e saudavel o clima d'este territorio, que é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, por ser em grande parte regado por abundantes mananciaes de agua. (Esta porém, posto não ser insalubre, é pouco agradavel ao paladar.)

Nas mesmas terras de sequeiro, se o verão é quente e alguma cousa humido, se admiram formosos e robustissimos milharaes, cujas espigas ou maçarocas egualam em volume e riqueza de semente, ás melhores do paiz.

A industria da creação e engorda de gado bovino, para exportação, está muito desenvolvida por estes sitios, e faz entrar no concelho uma bôa porção de contos de réis, annualmente.

Tambem já se vae adoptando com bons resultados, a fabricação da manteiga.

—

O pequeno rio de Nossa Senhora da Graça, divide a villa em duas partes desiguaes, ficando uma a E., outra o O.—a este rio se junta aqui o ribeiro da *Senhora da Luz*.

As aguas do rio, fazem mover, durante o seu curso, muitos moinhos de cereaes, e regam e fertilisam grande numero de campos.

Nasce de dois ribeiros — um, que tem a sua origem nos montes de S. Pedro Fins da Feira, passa á villa da Feira (onde se lhe junta a nascente da *Velha*), a Travanca, Sobral, e Reada, e termina no açude dos *Pellames*.

Tem oito pontes e pontões durante o seu pequeno curso—que são as da—*Lavandeira* (á entrada E. da Feira)—*Villa* (proximo ao mosteiro)—*Fijó* (ao fundo do Rocio, da Feira)—*Balteiro, Travanca, Bouças, Reada*, e a de Ovar, parallela á via ferrea.

Alem d'estas tem varias pontes de madeira, publicas e particulares.

A melhor das pontes de pedra, é a de Bouças, no logar do Sobral a 3 e meio kilometros a N.E. de Ovar, no caminho do *Monte das Mâmoas*.

Tem 2,^{m}27 de pé direito, 9^{m} de abertura e 1,^{m}5 de flexa, sobre 5,^{m}02 de elevação. As *testas*, são de cantaria lavrada e o interior do arco, é de *beton*.

Tem de comprimento total, 27,^{m}48, e custou ás obras publicas, 2:852$650 réis.

Foi principiada em 26 de maio de 1860; e é a primeira obra d'este genero, construida em Portugal.

Foi seu constructor, o distincto e illustrado engenheiro e escriptor publico, o sr. Tito Augusto Duarte de Noronha, natural dos Olivaes, junto a Lisboa.

O outro ribeiro que fórma o rio da Senhora da Graça, tem a origem em duas fontes—uma, no logar das Laceiras, entre Escapães e Arrifana — outra no de Guilhadães.

Passa a Fornos, Mosteirô, Souto, Travánca, e vem terminar tambem no açude de Pellames.

Tem sete pontes de pedra—a da—*Ribeira d'Agua, do Rálo, do Junto, do Moinho Novo, de S. João, Ponte-Nova, e Pellames*. Esta pertence ao caminho de ferro.

Tem tambem varias pontes de madeira (S. Gião, Morgado, Barrella, Penisca, Loba, e Caibro.) Recebe os regatos de Barrella e Amieiros.

Depois de passar a Ovar, ainda o rio percorre 4 kilometros, por uma fertil veiga, e vae terminar o sou curso placido e sereno, na famosa *Ria d'Aveiro*.

Tem n'esta parte, quatro excellentes pontes de cantaria, que são — Pellames, Graça, Casal, e Ilha.

chamada *São Silvestre*, que já não existe, e que logo abaixo do sitio onde existiu esta aldeia, ha outra denominada *Porto da Egreja*.

Tambem ha uma aldeia denominada *São Donato*.

O ribeiro da Luz, nasce de duas fontes, na freguezia de Cucujães—uma no logar de Fermilhe e outra no Fôjo, abaixo da capella de Santa Luzia; juntam-se na Arribada, e passando por entre São Vicente de Pereira, Souto, Porto da Egreja, sitio onde foi a aldeia de São Silvestre, e, finalmente, Ovar.

A este ribeiro se juntam os regatos do Murtal e outros, anonymos.

E' este ribeiro atravessado por sete pontes de pedra: são as de — Porto d'Egreja, Porto de Freire, Sande, Granja, Ovar de Cima, Guilhovai, e Madria.

Esta ultima é da via ferrea. Tem trez pontes de madeira—Fonte Figueira, Esporão, e Luzes.

—

Na Ribeira de Ovar, 2 kilometros ao S. da villa, principia a formosa *Ria d'Aveiro* de que já fallei no artigo correspondente a esta cidade.

—

O primeiro abbade d'esta freguezia, é o actual, o sr. Manuel Barbosa Duarte Camossa, dignissimo e illustrado ecclesiastico, geralmente respeitado pelo seu comportamento exemplar.

Foi famulo do bispo do Porto, o fallecido D. Jeronymo José da Costa Rebello, e collouse em 7 de fevereiro de 1854.

Tem dois coadjuctores, nomeados *ad nutum*, aos quaes dá uns 80$000 réis annuaes.

—

O termo d'esta villa é formado pelas povoações seguintes:

Ponte Nova, Ponte Derreada (ou *de Reada*) Sobral, S. João, Barreiro, Cabanões, Cimo da Villa, Arrabalde, Salgueiral de Baixo, Salgueiral de Cima, Fonte da Cabrita, Beira-Monte, Assões, Guilhovai, Granja, Saúde, S. Donato, Lagoa, Brejo, Marinha, e outros logarejos.

—

A maior parte da população d'Ovar, vive de pesca, se incluirmos os que teem parte nas *companhas*; mas há tambem muitos proprietarios e lavradores.

A villa é grande e alegre.

Tem uma boa praça chamada do *commercio*, onde se faz o mercado, e onde está a casa da camara, cadeia, e a capella de Santo Antonio; e cinco outras mais pequenas, chamadas *largos*.

A sua rua principal é extensa, e está com o pavimento a mac-adam.

Tem mais algumas ruas de pouca extenção, contando-se 60, entre ruas, travessas e bêccos, todas com umas 2:000 casas, na maior parte, de um só pavimento, como acontece em todas as povoações, onde, como em Ovar, não ha pedra propria para edificar.

Em março de 1863, a camara de Ovar mandou plantar na praça principal algumas arvores, em uma fileira, intervalladas com seis bancos de ferro, que foram assentes em 21 de dezembro do mesmo anno.

Esta praça era muito mais acanhada, mas, em 1774 foi ampliada e conserva ainda as dimensões que então se lhe deram.

No centro havia o pelourinho, emblema da cathegoria e da autonomia da villa; porém os senhores vereadores que serviam em 1863, entenderam que aquillo era symbolo de oppressão (!!!) e foram-se ao pobre pelourinho e destruiram-o.

As povoações que tiveram cathegoria de villa, e que foram cabeças de couto ou de concelho, e que agora o não são, conservam com todo o cuidado os seus pelourinhos, como um padrão commemorativo do que foram: os edis de Ovar querem fazer apagar esta memoria.

O *largo de S. Miguel*, é triangular, e em declive para o O., e por calçar.

E' um souto de sobreiros. No centro está a capella que lhe dá o nome.

Faz-se aqui (desde 1711) uma feira de gado, a 29 de cada mez. O *largo da Poça*, é tambem triangular, e não está calçado.

Tem no centro um antigo cruzeiro.

Perto d'este cruzeiro havia outro, que a camara mandou derrubar em a noite de 12 de junho de 1867.

No seu logar fez plantar algumas arvores, mas o povo fez a estas como os vereadores haviam feito ao cruzeiro.

O *largo do Hospital*, é hexagono irregular.

Tem larga vista sobre a parte O. da villa, a Ria e a praia da Torreira.

E' aqui o *Calvario*. Está arborisado desde 1862. Houve aqui um cruzeiro, que tambem já não existe ha muitos annos.

Certo devoto, principiou aqui uma capella, para recolher a imagem do Christo Crucificado, que estava no tal cruzeiro; mas, com a morte do fundador, pararam as obras em meio, e em 1738, o visitador mandou demolir a capella.

O *largo de S. Thomé*, é muito pequeno, quadrado e tambem sem ser calçado.

Havia aqui dois bons edificios, mas um d'elles está hoje em ruinas.

Havia aqui a capella que lhe deu o nome, o templo mais antigo da villa, pois já existia antes da fundação d'ella.

Não lhe valeu a sua veneranda antiguidade, e a camara o mandou arrazar em 1844, mandando para aqui o mercado das gallinhas, loiça vermelha e preta (grossa) caixas de pinheiro, ferragens e canastras. Foi uma judiciosa substituição!

O *largo* (*ou lagôa*) *dos Campos*, é o maior de todos, e de forma rectangular, tendo na face do O., a capella das Almas.

Foi arborisado em 1860.

E' o mercado do peixe. Ha aqui uma feira de porcos, muito antiga, em todos os sabbados e domingos de novembro.

A praça do peixe, foi antigamente na Ribeira.

Depois, mudou-se para aqui, por ordem da camara; porém, Domingos Ferreira Brandão, contratador do condado da Feira, queixou-se d'esta mudança, com o fundamento de que era prejudicial aos peixeiros, e aos interesses da casa do infantado, e o infante D. Pedro [1] a fez tornar para a Ribeira, em 1754.

Depois, foi mudado para traz da capella de Santo Antonio, e, finalmente, para o largo dos Campos.

—

Houve n'esta villa e suas immediações, mais de 20 fabricas de louça vermelha, grossa: hoje ha apenas 15, que produzem annualmente uns 7 contos de réis, sendo a maior parte dos seus productos exportados para differentes terras.

A materia prima, vem da aldeia do Bóco, e o seu custo, com o carreto, anda por, 1:600$000 réis.

Ha n'esta villa bons ourives fabricantes.

Os bordados de Ovár, tanto de almofada (bilros) como de crochet, crivo (petit point) e ponto cheio, são famosos em todo o reino; e os de almofada não tem superior em duração e belleza de desenho, senão nas decantadas rendas de Peniche.

Hoje, esta qualidade de renda tem já poucas operarias, por ser de mais vagarosa construcção.

A fabricação das esteiras de *junco* (especie de tabúa) posto ser insignificante, ainda produz 1:200$000 réis aproximadamente.

Houve aqui Misericordia, fundada pelo meiado do 3.º quartel do seculo XVII.

Deixou de existir por falta de rendimentos (mas ha uma nova.)

Houve tambem uma albergaria (a que davam aqui o nome de *casa de peregrinos*) fundada junto ao *curral do concelho*, pela familia Pereira de Campos, em 1700. Hoje faz parte de um armazem do sr. Antonio Marques da Silva Biscaia, não sei por que titulo.

—

A villa não tem edificio algum notavel; mas tem algumas casas de boa apparencia e bem construidas; e a egreja matriz é um bom templo. A casa da camara, é um edificio vasto, tendo a sua fachada principal assente em uma arcaria de pedra; o interior, porém, está mal dividido, e precisa de grandes con-

[1] D. João V, teve de sua mulher, D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I, seis filhos — pela ordem das edades:

D. Maria, que casou com o principe das Asturias—D. Pedro, principe do Brazil, que morreu de 2 annos e 10 dias—D. José, principe do Brazil, e depois rei, 1.º do nome—D. Carlos—D. Pedro (de que trata o texto) que foi depois 3.º do nome, por casar com sua sobrinha, D. Maria I — e D. Alexandre, que falleceu de cinco annos menos 53 dias.

certos. As cadeias estão—como quasi todas as de Portugal—reclamando com urgencia attendiveis modificações.

Tinha esta villa um theatro provisorio, estabelecido em um casarão, sem condições nenhumas de aceio e commodidade. Alguns cavalheiros da terra, decidiram construir uma casa de espectaculos, decente e propria d'esta villa. Levaram a effeito o seu intento, e um bonito theatro foi inaugurado, no dia 1.º de novembro de 1875.

Ao N.O. da villa, e proximo da estação do caminho de ferro, está o cemiterio, construido pelos annos de 1850.

É vasto (para a população) e muito bem situado. Sobre a verga da porta tem esta inscripção:

MAGNUS ET PARVULUS HIC SUNT.

Ha na freguezia sete *companhas* de pescadores, com o material e barcos competentes para a sua industria.

O peixe d'esta costa é de muito boa qualidade, mas pouco variado. A sua sardinha, como a famosa de Espinho, é de excellente qualidade.

A villa está em grande parte cercada de vastos pinheiraes, alternando com terras cultivadas e muito productivas. A vista que se gosa, descendo da estação do caminho de ferro para a povoação, é esplendida e pittoresca.

A estação do caminho de ferro, denominada officialmente, *de Ovar*, é em Cabanões, que fica proximo e a N.O. da villa. Está situada entre bastos pinhaes, sem vista para outras partes.

Aqui desembocam duas bellas estradas á mac-adam, uma que vem da villa, e outra, é o ramal que communica a Feira, Oliveira de Azemeis, e outras muitas povoações, com o caminho de ferro.

A architectura da casa da estação é no gôsto das *cottages* hollandezas.

É formada de tres corpos, tendo o do meio a necessaria elevação para formar dois pavimentos.

Em frente, ao E., e do outro lado da via, a distancia sufficiente para não impedir a circulação dos *wagons*, e do serviço dos empregados da linha, ha uma vasta casa, com officinas de reparação, e arrecadações.

Proximo á estação, ao O.N.O. d'ella, está um bom e grande predio, do sr. Manuel Fernandes Ribeiro Costa. Tem hospedaria e alluga trens e cavalgaduras. Tem tambem casa de commissões, para as mercadorias transportadas pelo caminho de ferro.

—

No logar da Torre, freguezia de S. Vicente de Pereira, está a optima chapellaria a vapor, dos srs. Santos e Irmão, uma das melhores de Portugal.

D'ella tratarei mais de espaço, na palavra *Torre*.

As differentes industrias d'este concelho, vão nas freguezias correspondentes.

—

Houve n'esta villa uma casa acastellada, pertencente ao infantado. Era provavelmente o edificio mais antigo da villa, e estava bastante arruinado.

Foi demolida em 1868, e com os seus materiaes, e no logar que occupava, se construiu, em 1869, a elegante casa da escola d'instrucção primaria, com o legado do benemerito conde de Ferreira.

O padroado da egreja de S. Christovão de Cabanões (Ovar) veio ao poder da Sé do Porto, sendo bispo, D. Vicente, por escambo, feito entre o mesmo bispo e seu cabido, e o rei D. Affonso III, em agosto de 1250. Por este escambo, o rei larga ao bispo e cabido a egreja de Ovar, recebendo em troca, o padroado da egreja de Santa Maria do Lamegal.

Em virtude d'esta troca, cessaram as pendencias que até então havia entre o rei e a egreja do Porto. Depois, o rei D. Diniz, confirmou este contrato, por carta regia de 20 de junho de 1330. (9 de junho de 1292 de Jesus-Christo.)

Em 1446, o bispo, D. João de Azevedo, propoz ao cabido, que—sendo as egrejas de S. Christovão, de Ovar, e Santa Maria, de Campanhan, ambas da apresentação da mitra e cabido, acontecia que, quando alguma vagava, e o prelado se não conformava com o cabido, na nomeação do parocho, se davam

casos desagradaveis. Concordaram em nomear uma commissão, que se compôz dos conegos, Mem Rodrigues, Affonso Vicente, e Esteves Annes, para indicar o melhor modo de se evitarem duvidas para o futuro. Vieram por fim a uma concordata, feita em 12 de setembro de 1466, confirmada pelo metropolitano de Braga, pela qual, as egrejas de Campanhan, e S. Vicente de Guimadella (que já não existe) ficaram *in solidum* para o bispo e seus successores, e a de Ovar para a mesa capitular, porém o reitor seria confirmado pelo ordinario. O pontifice Paulo II, confirmou esta concordata, pela bulla *Pastoralis officii*, de junho de 1468.

A egreja matriz tem o altar-mór e seis lateraes. Tem um bom orgão, dado á egreja pelo negociante da praça do Porto, o sr. Antonio Ferreira de Menezes, natural d'Ovar. Tinha um grande orgão antigo, que se desfez em 1844, quando se reformou a egreja, para lhe dar maior altura. O templo é de tres naves, ficando-lhe em frente o antigo cemiterio.

Ha na villa seis fontes, todas pouco abundantes.

O novo hospital da Misericordia, é pequeno e de poucos rendimentos.

Espalhadas pela villa estão varias capellas com os *Passos* da paixão de Jesus-Christo. A ultima estação—o *Calvario*—(na capella de S. Pedro) está em sitio elevado, e as figuras que o ornam são de boa esculptura e quasi de tamanho natural.

Capellas da villa

1.ª — *Nossa Senhora da Graça.* É grande e bonita. Está interiormente revestida de formosos azulejos, e o tecto forrado de paineis, representando varias scenas do christianismo, pintadas a oleo. Tem tres altares. Está ao meio da ponte, entre os dois rios, cujas margens são ferteis e bonitas.

2.ª — *Santo Antonio*, na praça. Tem tambem tres altares e é grande. Tem alguns rendimentos.

3.ª — *Santa Catharina.* — Na Ribeira.

4.ª—*Almas.* Espaçosa, no Largo dos Campos.

5.ª—*S. Pedro.* É grande; tem tres altares, estando no principal o Calvario; é da irmandade do Senhor dos Passos. É uma capella magestosa.

6.ª—*S. Sebastião.* Está a uns 10 ou 12 metros da linha ferrea do norte, e a uns 100 metros a O. da estação de Cabanões — officialmente denominada d'Ovar. Tanto a estação como a capella, ficam do lado esquerdo (O.) da via.

7.ª—*S. João Baptista.* Em Cabanões. Consta que foi a primitiva matriz da povoação. (Vide *Cabanões.*) É em um bonito largo, orlado de casas, e com alguns antigos carvalhos. N'este largo, ou alamêda, se faz uma feira mensal.

8.ª—*S. Miguel, archanjo.* Está em um largo, no qual se faz mensalmente a feira de gado bovino e cavallar.

9.ª—*S. Donato.* No logar do mesmo nome. Consta ter sido a egreja de um mosteiro de monges benedictinos, que ha mais de 800 annos se encorporou ao de Castromire. (Vide *Crestuma.*) Não ha vestigios de semelhante mosteiro, se é que existiu. Parece que foi tambem egreja parochial de uma antiga e pequena freguezia.

10.ª— *S. Domingos.* Na aldeia do Sobral.

11.ª—*Nossa Senhora da Piedade* (antigamente *Bom Jesus da Piedade*). Está edificada no vasto areal do *Aforadouro* (vulgo, *Furadouro*), bonita e concorridissima estação de banhos, na costa, a 4 kilometros a O.S.O. da villa. Tem apenas 3 metros de comprido, por outros tantos de largo. Apezar da sua pequenez (apenas podem caber dentro, 18 a 20 pessoas), n'ella se diz missa para perto de 5:000 almas!—Foi fundada pelo meiado do seculo passado, mas está já quasi enterrada na areia.

Desde a estação do caminho de ferro até ao *Aforadouro*, ha uma bella estrada á macadam, construida ha poucos annos.

Em vista do grande numero de catholicos que aqui residem no tempo das pescarias, e do ainda maior na estação dos banhos, custa a acreditar, como ainda não houvesse um que tomasse a iniciativa, para que alli se construisse uma nova capella, com capacidade para os christãos n'ella ouvirem missa;

pois que, com a actual, a maior parte da gente fica sem ella.

Pescam aqui 5 ou 6 companhas, quasi todas ricas, compostas, no geral, de bons christãos. Gastam todos os annos uma grossa quantia de dinheiro na festa que fazem á padroeira da edicula, e á qual concorrem alguns milhares de pessoas. Não fariam maior serviço a Deus e á religião, se em 4 ou 5 annos deixassem de fazer a festa, e applicassem o dinheiro gasto em tanta coisa que logo desapparece para sempre, em construirem (com ajuda dos romeiros e do povo da villa) um bom templo, que fica?

Sei que o Rev.mo Abbade d'Ovar, cedeu publica e solemnemente, durante a sua vida, as offerendas, promessas e mais direitos parochiaes, que lhe pertenciam d'esta capella, não só na occasião da festa, mas em todo o anno, para serem applicados á construcção de uma nova e vasta capella e seus ornamentos. Nomeou uma commissão para receber estes direitos, e o mais que puder obter, para se dar principio á obra, no logar onde as auctoridades locaes julgarem mais conveniente a collocação da capella, para a população da costa.

Além d'aquella cedencia, o Sr. Abbade offereceu 4$500 réis, logo que estejam feitos os alicerces da capella — 4$500 réis, quando se cobrir de telha — e ainda 4$500 réis, no fim da obra.

Vê-se que este digno parocho, por conhecer a urgencia d'esta obra, tem summo empenho em a vêr concluida, e é muito louvavel o seu zêlo nas coisas espirituaes da sua freguezia.

A tenção de se construir esta capella, é muito antiga, e todo o povo a deseja ardentemente, sobre tudo, os habitantes da costa.

É digna de louvor a camara d'Ovar, pelo empenho que tem mostrado no desenvolvimento dos melhoramentos materiaes do municipio em geral, e da villa em particular; mas deve curar tambem dos interesses moraes dos seus municipes, não se limitando sómente a mandar construir pontes, theatros, fontes, assentos, etc., mas a que o povo tenha tambem logares proprios para a oração.

Tambem devia lançar os olhos para a nudez, pobreza e desmazêllo em que está a egreja parochial, pois sendo um templo magestoso, pela sua magnifica e solida architectura, está envergonhando a freguezia (aliás rica) pelo abandono — se não desprezo — em que se vê interiormente.

—

Além das capellas mencionadas, ha mais algumas, particulares e publicas, de menos importancia, todas sujeitas á jurisdição parochial.

—

Ha tambem sete bonitas estações (Passos da Paixão). — O 1.º, é na egreja matriz, do lado da Epistola — o 2.º, junto á aula do conde de Ferreira (ao principio da rua da Fonte) — o 3.º, na mesma rua — o 4.º, na rua da Praça — o 5.º, na Praça da Villa — o 6.º, no bairro de S. Thomé (onde houve uma antiga capella, que foi da casa do infantado) — e o 7.º, finalmente, é o *Calvario*, na excellente capella de S. Pedro.

—

Ovar, como quasi toda a circumscripção denominada *Terras de Santa Maria*, era do senhorio dos condes da Feira, e constituia o seu vasto condado. No reinado de D. Maria I, pela extincção do ramo primogenito dos Pereiras Forjazes, condes da Feira, passaram a maior parte das propriedades, rendas e fóros que formavam este apanagio, para a casa do infantado, que actualmente as possue.

—

Foi feito barão, em 20 de novembro de 1840, e visconde, em 25 de julho de 1849 (em duas vidas), Antonio da Costa e Silva; e, em 19 de agosto de 1856, seu filho, Antonio Maria Pereira da Costa, foi feito visconde.

OVÊLHA DO MARÃO ou **ABOADELLA** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao N. d'Amarante, 54 ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Aboadella.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Foi villa e couto, e era uma das dez *beetrias* d'este reino.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Pombeiro, apresentava o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é a mesma de *Aboadella*, que já fica descripta a pag. 14, col. 1.ª, do 1.º volume.

Está situada ao fundo da vertente occidental da serra de Marão.

D. Sancho I deu foral a *Hermêllo* e *Ovelhinha* (Ovêlha do Marão) em Guimarães, no mez d'abril de 1196.

D. Affonso II o confirmou, em Santarem, em março de 1212.

D. Manuel lhes deu foral novo, em Lisboa, a 3 de junho de 1514. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 28, col. 1.ª)

No foral de D. Sancho I, se determina que cada casal deve pagar *seis ferros* por anno, para a corôa.

Não se sabe hoje com certeza o que eram estes ferros: dizem uns, que era uma barra de ferro; outros que era uma ferradura.

O que é verdade é que esta renda só se pagava na terras onde havia minas de ferro em lavra, e em varias partes do Marão se exploravam minas d'este metal, do que ainda ha muitos vestigios, e varios documentos.

Ovêlha, é (e parece que foi sempre) uma povoação pequena e pobre, não tendo nada notavel, senão a sua muita antiguidade.

Produz poucos fructos o territorio d'esta freguezia.

Cria porém muito gado, de toda a qualidade, produz bastante mel e cêra, e é abundante de caça, grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito saudavel.

Em 9 de maio de 1809, houve aqui um combate, entre as tropas portuguezas e francezas.

Tres corpos de cavallaria portugueza, fizeram grande destroço nos inimigos da nossa patria.

Os francezes retiraram para Hespanha onde entraram logo a 17 d'esse mez.

OVIL—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do concelho de Bayão, comarca de Soalhães) 60 kilometros a E.N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757, tinha 249 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O cabido da Sé do Porto, e o senhor de Bayão, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Bom vinho, gado e caça. Peixe do rio Douro, que lhe fica ao S.

ÓVOA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Santa Comba-Dão, 35 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757, tinha 128 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

OYAN—vide *Oian*.

OYS DA RIBEIRA—vide *Ois*, da.

OYS DO BAIRRO—vide *Ois*, do.

OZÊZAR—antigo nome do rio Zêzere. Vide esta palavra.

P

P—na arithmetica dos antigos, valia 400; mas, com um til por cima, valia 400:000.

PÁCEIRO-MÓR—(e mais antigo—*Paaceiro-mór*) intendente, veador (ou védor) curador, inspector das obras que se faziam nos paços ou casas do rei, ou por sua conta.

Depois se denominou *Veador-mór das obras*, e por fim, *Provedor das obras*.

Este emprego andava na casa dos condes de Soure. (Em cada palacio havia um paceiro.)

O primeiro paceiro-mór de que fallam as nossas historias, é Lourenço Escola, no reinado de D. Diniz.

Era tambem *Eichão-mór*, e alcaide-mór de Lisboa.

Eichão-mór, vinha a ser, dispenseiro.

Tinha a seu cargo apromptar a tempo e horas, tudo o que pertencia á real ucharia. Vide *Ucha*.

No reinado de D. João I, já Affonso Gonçalves, tem o titulo de *veador-mór das obras*.

Habitava nos paços reaes do castello, de Lisboa. (Alcáçovas.) [1]

Continuou este officio nos seguintes reinados, nos quaes se lhe juntaram varias preheminencias, que depois se lhe tornaram a desannexar.

D. Philippe II, foi o primeiro que lhes deu *regimento*, em 12 de novembro de 1585.

Desde esta data se mudou a designação de *veador* para a de *provedor das obras*.

Andou sempre este cargo em fidalgos de linhagem, e até em membros da familia real, pois vemos que o infante D. Henrique, filho de D. João I, foi fronteiro e veador-mór—das obras dos castellos, villas e logares, da comarca da Beira, no reinado de D Affonso V.

D. João III, fez seu veador-mór das obras, a Pedro de Carvalho, seu grande valido, para elle e seus descendentes conservarem este emprego.

No reinado de D. Sebastião, lhe succedeu seu filho, João de Carvalho, que morreu na batalha de Alcacer-Quibir, em 4 de agosto de 1578.

Por morte de João de Carvalho, se seguiu no emprego, seu segundo irmão, Gonçalo Pires de Carvalho.

O filho primogenito d'este, não chegou a exercer o emprego, por fallecer na vida de seu pae, pelo que passou o logar ao neto d'este (filho d'aquelle) Gonçalo Pires de Carvalho, que morreu solteiro.

Succedeu-lhe seu irmão, Henrique de Carvalho, que morreu desgraçadamente em Lisboa, em 1678; succedendo-lhe no emprego, seu filho, Gonçalo José Pires de Carvalho, que não teve filhos; pelo que passou o officio a D. João da Costa, 3.º conde de Soure, por ter casado com D. Luiza Francisca de Távora (dama da rainha D. Maria Sophia Isabel de Neubourg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino, e 2.ª mulher de D. Pedro II) irman do fallecido Gonçalo José Pires de Carvalho, e herdeira da sua casa.

Seu filho, D. Henrique da Costa Carvalho, 4.º conde de Soure, continuou na posse do emprego de seu pae; mas, como á morte d'este ainda era menor, serviu interinamente, Diogo de Mendonça Corte-Real, secretario de estado e mercês de D. João V.

Exerceram este emprego, desde o reinado de D. Diniz até ao de D. João V, os seguintes individuos.

1.º—*Affonso Gonçalves*, reinado de D. João I.
2.º—*Bartholomeu de Paiva*, reinado de D. Manuel.

[1] Desde o reinado de D. Diniz, até ao de D. Manuel, foram estes paços a residencia ordinaria dos nossos reis.

3.º—*Diogo de Mendonça Corte-Real*, reinado de D. João V.
4.º—*Diogo da Silveira*, reinado de D. Affonso V.
5.º—*Fernão Pereira*, reinado de D. Affonso V.
6.º—*Gonçalo José Pires de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
7.º—*Gonçalo Pires de Carvalho*, reinado de D. Henrique I.
8.º—*Gonçalo Pires de Carvalho*, reinado de D. Philippe II.
9.º—*Gonçalo Vaz de Castello-Branco*, reinado de D. Affonso V.
10.º—*Heitor Homem*, reinado de D. Affonso V.
11.º—*Henrique* (D.) *infante de Portugal*, reinado de D. Affonso V.
12.º—*Henrique de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
13.º—*Henriqme* (D.) *da Costa*, reinado de D. João V.
14.º—*Henrique* (D.) *da Silveira*, reinado de D. João II.
15.º—*João de Carvalho*, reinado de D. Sebastião.
16.º—*João* (D.) *da Costa*, reinado de D. Pedro II.
17.º—*João* (D.) *Galvão*, bispo de Coimbra, reinado de D. Affonso V.
18.º—*Lourenço Escola*, reinado de D. Diniz I.
19.º—*Lourenço Pires de Carvalho*, reinado de D. Pedro II.
20.º—*Luiz da Silveira*, reinado de D. João III.
21.º—*Martinho* (D.) *de Castello Branco*, reinado de D. Manuel I.
22.º—*Nuno Martins da Silveira*, reinado de D. João III.
23.º—*Pedro de Carvalho*, reinado de D. João III.
24.º—*Pêro Esteves Cogominho*, reinado de D. Affonso V.
25.º—*Simão da Silveira*, reinado de D. João III.

No reinado de D. Affonso V, vemos sete veadores-mores, porque havia os de provincia.

PACHACOS—Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, feitas em 1290, se acham no julgado de Neiva, na freguezia de S. Miguel de Cepães, a herdade de Rio de Moinhos, *que fôra do abbade de Pachacos, freguezia que existiu antes do governo do conde D. Henrique.*

Suppõem alguns que foi d'esta extincta freguezia, que provém o appellido Pacheco; mas é mais provavel que venha de *Vivio Pacieco*, varão illustre da Andalusia. (Vide Villa Real de Traz-os-Montes.) Vide tambem *Possacos.*

PACINHOS—vide *Boêlhe.*

PACINHOS—vide *Villa Cahiz.*

PÁCO—portuguez antigo—julga-se que significava carneiro de bôa raça, dos que se criavam no campo de Beja (a *Paca* dos antigos.)

Em um documento de 1270, se diz que—quando os bispos d'Evora (depois arcebispos) forem visitar as egrejas de Portel, entre as mais cousas, se lhes dê, *pela procuração* que deviam receber, *unum pacum mediocrem.*

Na America do Sul, ha uns grandes carneiros, que servem de bêstas de carga, nos caminhos impraticaveis para outras cavalgaduras, a que se dá o nome de *pacos.*

Na Hespanha, *Paco*, é palavra de mimo, com que se designa o nome proprio de Francisco; por isso, em vez de *Francisquinho*, dizem *Paquito.*

PÁÇO—portuguez antigo—Dava-se antigamente este nome ao cartorio do tabellião publico, porque escrevia nos paços do concelho.

Em Lisboa, Porto, Braga, Evora e Coimbra, havia uma casa publica, distinada para os tabelliães de notas, que se destinguiam dos escrivães-tabelliães judiciaes, pelo nome de tabelliães do paço; e á casa onde estes trabalhavam, se chamava *paço dos tabelliães.*

PÁÇO—Vide *Palácio.*

PÁÇO — Os nossos escriptores empregam indistinctamente as palavras Paço **e** Passo, **na designação das varias povoações de Portugal. Entendo que na maior parte d'ellas, é impropria a denominação de** Passo; **pelo que ponho quasi todos em** Paço.

PÁÇO—aldeia, Douro, freguezia e 2 kilo-

metros ao O. d'Esgueira, proximo á praia da *Ponta da Gândara de Villarinho*, a 6 kilometros da costa do Oceano. Tem 40 fogos. (Para o mais, vide *Esgueira*.)

N'esta aldeia ha uma pequena e antiga ermida. Sobre a capella-mór se vê um alto zimborio pyramidal, coroado de ameias. É este templosinho dedicado a Nossa Senhora da Alegria.

Segundo a lenda—vindo um navio, da Terra-Nova, no seculo XVI, os seus tripulanacharam no mar, esta santa imagem, e a tes trouxeram para a aldeia, onde logo lhe construiram uma capella, e lhe principiaram a fazer a sua festa a 15 de agosto de cada anno.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, e de um metro d'alto.

Tambem na mesma capella ha a imagem de Nossa Senhora do Paço, que consta ter sido achada nas immediações d'este logar. Está no altar lateral, do lado do Evangelho. Festeja-se a 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves. No sitio onde appareceu, se collocou, para memoria, um cruzeiro de pedra.

PAÇO (quinta do)—Extremadura, freguezia de *Barbacêna*. (Vide esta palavra, a pag. 319, col. 1.ª, do 1.º vol.)

Pelos annos de 1542, comprou Diogo de Castro do Rio (por 25:000 cruzados—10 contos de réis) as terras e logar de Barbacena, a que então se dava o nome de *Herdade*, a D. Jorge Henriques, herdeiro de D. Affonso Henriques, filho de D. Fernando Henriques, senhor das Alcáçovas, e de D. Branca de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Evora, Olivença, e Castello de Vide, e guarda-mór de D. João I.

D. João III deu logo ao comprador, o senhorio d'estas terras, com o titulo de villa, da qual veio a ser 1.º visconde.

A pouca distancia da villa, está a quinta da Herdade, que deu o primeiro nome a esta povoação, e á qual quinta se deu depois o nome de *quinta do Paço*, que ainda conserva.

Foi sobre um penedo d'esta propriedade, que appareceu a imagem de *Nossa Senhora do Paço* (titulo tomado do nome da quinta), á qual, no proprio sitio da apparição, construiram os moradores do logar, uma pequena mas bonita capella.

Teve uma irmandade que a servia fervorosamente, com juiz e mórdomos, e lhe faziam a festa no 3.º domingo de setembro.

PÁÇO (*Páçô*)[1]—villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes), 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se dá a esta villa o nome de *Paçô-de-Vinhaes*.

É povoação antiga. D. Diniz lhe deu carta de foral, com todos os privilegios do de Vinhaes, em Lisboa, a 9 de setembro de 1310. (*L.º 3.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 73 v., col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*,, fl. 10, col. 1.ª)

Os condes d'Atouguia eram senhores d'esta villa.

Paçô, é portuguez antigo — significa *pequeno paço — pacinho*.

O clima d'esta terra é excessivo, mas saudavel. Não é muito abundante de cereaes e fructas; mas produz muitos legumes, pastos e linho. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

PAÇO (*Páçô*)—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1700, tinha 90 fogos, e em 1757, 52.

Orago, Nossa Senhora do Soccôrro, ou *de Paçô*.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor da commenda de Ázere apresen-

[1] Não se fundem OO grandes com assento circumflexo, por isso se repetem os *Paçôs* em italico.

tava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos do nosso clima, e cria muito gado de toda a qualidade.

É uma das mais antigas parochias, não só de Portugal, mas tambem da Lusitania, pois já existia como tal, no meiado do 6.º seculo, como adiante veremos.

A causa de se dar á padroeira o titulo de *Nossa Senhora de Paçô*, é porque a sua imagem foi achada em uma lapa chamada *Paçô d'El-Rei*, ou *Paço Velho;* denominação que deve, a ter servido de quartel a D. Bermudo II (o *gotoso*), rei de Navarra, quando, em 998, junto com os condes D. Forjaz de Vermuiz e D. Garcia Fernandes, derrotaram aqui, no sitio de *Morilhões*, o feroz Almançor, rei de Córdova. D'este tomou tambem o nome, um grande penedo e um monte, que ficam por cima da egreja, a que chamam *Pico d'Almançor*, por fazer aqui o seu acampamento, e d'onde escapou, fugindo.

O sitio em que appareceu a santa imagem, é um alto, cercado de muitos penedos, por entre os quaes havia frondosas arvores silvestres.

É imagem de muita devoção dos povos d'esta terra, que lhe fazem duas festas annuaes (havendo então duas feiras francas), uma a 25 de março, outra a 15 d'agosto, durando cada uma tres dias: são das maiores da provincia.

Ignora-se o anno em que a imagem foi achada; mas suppõe-se que foi aqui escondida pelos christãos, na invasão dos barbaros do norte, que eram arianos, em 405; e que foi achada no fim do seculo V, construindo-se-lhe logo um templo, que depois foi egreja matriz.

O rei suevo Theodomiro (que sendo ariano se converteu á fé catholica, em 564) achou já a egreja da Senhora constituida em séde parochial, em 568, e a deu ao bispo de Tuy.

A rainha D. Thereza, e seu filho, D. Affonso Henriques, confirmaram esta doação, em 3 de setembro de 1125.

Mais tarde foi esta freguezia annexada á egreja de S. Cosme e S. Damião, d'A'zere (n'este concelho.)

E' sagrada.

N'esta freguezia ha um sitio chamado os *Altares*, nome que tomou de uns que se levantaram alli, para dizer missas ás tropas de D. Affonso Henriques, quando deu a batalha chamada da *Veiga da Matança*. ou dos *Arcos de Valle de Vez*, a seu primo D. Affonso VII de Leão, em 1129.

Os leonezes oram derrotados, deixando no campo muitos milhares de mortos.

E' tradição que n'esta batalha, um soldado da nobre familia dos Abreus, de Merufe, tomou a um leonez a reliquia do Santo Lenho, de Grade; e que primeiramente esteve depositada na egreja matriz da villa dos Arcos.

O arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Castro, tirou metade d'esta reliquia, que mandou collocar na egreja do seu collegio de Nossa Ssnhora do Populo, em Braga.

A imagem da padroeira é de pedra, de bôa esculptura, e está no altar-mór.

Vem aqui muitos *clamores* de diversas freguezias, em todo o anno.

N'esta freguezia está a *torre de Bemdevizo*, de Francisco Manuel da Costa.

Consta que foi solar dos *Azeres*, appellido extincto.

Ha tambem a *torre do Outeiro*, que se diz ser o antigo solar dos *Aranhas*, e na qual mandou pôr o seu brazão d'armas, Lançarote Dias Aranha, abbade que foi de Oliveira dos Arcos, filho de Diogo Annes Aranha abbade d'A'zere.

E' tambem n'esta freguezia a casa e *quinta de Campos*, que passou depois aos Araujos.

PAÇO (*Páçô*)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira (foi do concelho extincto, de Leomil, comarca de Moimenta da Beira) 12 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa, o bispo, e os conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) do mosteiro de Villa-Bôa, apresentavam alternativamente o

abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

No dia 21 de agosto de 1875, o sr. bispo de Lamego, collou n'esta abbadia, o reverendo padre Luiz Antonio dos Reis Leitão, dignissimo e illustrado ecclesiastico, mui fervoroso no cumprimento dos seus deveres.

E' um dos esclarecidos redactores da *Atalaya*, jornal catholico que se publica em Viseu, e irmão do digno e illustrado proprietario da mesma folha, o sr. J. J. dos Reis Leitão.

PAÇO (quinta do)—na freguezia d'Alvarenga (vol. 1.º, pag. 174, col. 2.ª)

Está aqui um antiquissimo palacio com duas torres em ruinas.

E' tradição que pertenceu a uma dona, senhora de baraço e cutello, e de nobilissima familia.

Era tão cruel (e tão gulosa) que, quando as vaccas dos lavradores estavam para parir, as fazia matar, para lhe comer as vitellas.

Uma mulher d'aqui, a quem a senhora obrigou a matar uma vacca, se foi a Lisbôa queixar ao rei, que mandou proceder a averiguações, e vendo que as queixas eram verdadeiras, tirou o senhorio á tal dona.

Esta propriedade é hoje do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, residente na cidade do Porto, e sobrinho do fallecido general Pamplona, visconde de Beire.

Possue esta casa, como herdeiro do capitão-mór de Alvarenga e Cabril, Francisco Pereira de Vasconcellos, fallecido em 17 de agosto de 1648.

(Para a nobilissima familia d'estes Montes-Negros, vide—Bôa-Vista, Porto, Real, Sete-Capellas, Sinfães, e Tuías.)

PAÇO—aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho, e 9 kilometros a O.N.O. de Lamego, a cuja diocese pertence, districto administrativo de Viseu, e proximo da margem esquerda do rio Douro.

Ha n'esta aldeia a casa da distincta familia Sávedra.

Vivem n'ella os reverendos padres Francisco e Joaquim, já decrepitos, de um exemplarissimo comportamento, e muito caritativos.

Trabalham nas suas terras como simples operarios; mas não é a avareza ou ambição que os move, pois, tudo quanto podem apurar, dão aos pobres.

Tambem é n'esta aldeia, a não menos distincta casa dos srs. Táveiras, representada até 1834, por um capitão-mór de Malta, que ainda vive (1876.)

Varias demandas lhe arruinaram muito a casa; mas, ainda assim, conseguiu ordenar tres filhos, os reverendissimos Antonio, Sebastião, e José Carlos; muito dignos ecclesiasticos.

O terreno d'esta aldeia, como o de toda a freguezia, é fertillissimo. Vide Penajoia.

PÁÇO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 168 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Bom vinho.

PAÇO (*Páçô*)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho—extinctos—de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Adaúfe, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Terra pouco fertil. Muito gado, e caça grossa e miuda.

PAÇO—villa, Minho—vide Paços, (S. Julião.)

PAÇO—freguezia, Traz-os-Montes, foi do extincto concelho do Outeiro, e hoje é do concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 63 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está annexa ha muitos annos á de *Rio Frio*.

PAÇO D'ANÇARIZ—Minho, nobre e antiga casa solar, na *Veiga de Penso*, proximo a Braga.

Affonso da Costa, cavalleiro de S. Thiago, veiu para Braga, com seu tio, o arcebispo, D. Jorge da Costa (irmão do famoso D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha.)

Foi feito alcaide-mór de Braga, em 1488.

Casou com D. Brites Annes Vellozo, filha de D. João Gomes Pereira, e neta do arcebispo, D. Lourenço Pereira.

Affonso da Costa foi o fundador da casa dos Vasconcellos, das Carvalheiras (Braga), senhores do *Paço d'Ançariz*.

Affonso da Costa, era tambem senhor da Vinha de Santa Eufemia (*Campo da Vinha*, onde está o mosteiro e quartel do Populo—hoje chamado *Campo de D. Luiz I.*)

Trocou a tal Vinha de Santa Eufemia, com o arcebispo, D. Diogo de Souza, em 3 de dezembro de 1508, recebendo o Paço de Ançariz e os casaes da Veiga de Penso.

Sua filha, D. Maria da Costa, casou com Duarte Mendes de Vasconcellos, descendente de Martim Moniz (o qme morreu atravessado na porta do castello de Lisboa, em 21—ou 25—de outubro de 1147, e filho de Egas Moniz.)

A actual representante d'esta casa, de verdadeiros e legitimos Vasconcellos, é a sr.ª D. Angelica Augusta da Costa Vasconcellos de Brito Roby, casada com o sr. Jeronymo da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos.

Para as armas dos Costas, vide *Feira*.

As armas d'estes Vasconcellos, são:

Em campo preto, tres faxas, veiradas e contraveiradas de púrpura e prata.

Timbre, um leão preto, faxado com as tres faxas das armas.

PAÇO D'ARCOS—formosa aldeia, Extremadura, sobre a margem direita do Tejo, na freguezia e concelho de Oeiras. (Vide a pag. 213, col. 2.ª, d'este vol.)

E' uma concorridissima estação de banhos, que são aqui optimos, não só pela limpidez das aguas, como por serem quasi tão *batidas* como as da costa do mar, que fica proxima.

Ha aqui um fortim, denominado de S. Pedro, construido durante a guerra da restauração.

Tem a aldeia 120 fogos.

—

Logo adiante de *Caxias*, está o forte de *Nossa Senhora do Porto Salvo*, construido no reinado de D. Pedro II, ainda bem conservado, mas sem artilheria.

Tem uma pequena guarnição de veteranos.

A pouca distancia d'elle, para O., principiam a orlar a estrada, pelo lado da terra (N.) varias casas de campo, algumas com bôas quintas e formosos jardins, já pertencentes a Paço d'Arcos.

A mais notavel pela sua belleza, é a do sr. Thomaz Maria Bessone (feito visconde de Bessone, em 22 de outubro de 1870.)

Foi este cavalheiro—que é um rico negociante da praça de Lisboa—que mandou edificar esta casa de campo, pelos annos de 1860, pelo risco e sob a direcção do sr. Cinati.

No principio do seculo XVIII, apenas esta povoação se compunha de 35 fogos; mas ja então aqui havia um palacio com dois torreões, e no centro d'elles uma larga varanda, sustentada por tres grandes arcos, e é por isto, que á aldeia se deu o nome que tem.

Este palacio tem soffrido varias reedificações, e a quinta que lhe está annexa, tem sido modernamente muito aformoseada.

E' propriedade dos srs. condes das Alcáçovas.

Ha na povoação uma delegação de saude para a visita dos navios que entram a barra. Tem um bom caes de cantaria.

Ha tambem aqui uma vastissima *caldeira* ou *doca*, mandada fazer pelo marquez de Pombal, e que, pelo seu grande trabalho e perfeição, custou uns poucos de contos de reis

E' formada por grossas muralhas de cantaria, de grande solidez, e com capacidade

para receber e dar seguro abrigo, a navios de grande lotação.

Tem sido tão inqualificavel o desmazêllo dos nossos governos, desde o reinado de D. Maria I, que esta magnifica obra está obstruida com as areias do rio, e inutil.

A parte superior das muralhas é ainda um passeio agradavel.

Em frente da povoação, fórma o Tejo uma bella enseada onde a real associação naval, costuma fazer as suas *regatas*: festas pomposas a que concorre grande numero de habitantes de Lisboa, e o rei, como presidente da associação.

Na estação de banhos ha aqui varias corridas de touros.

A' sahida de Paço d'Arcos, junto á estrada que vae para Oeiras, estão as importantes pedreiras, que fornecem a maior parte da excellente cantaria, que se emprega nas obras de Lisboa, e que dão a este logar, grande movimento industrial e commercial.

Proximo d'estas pedreiras, para o lado do Tejo, está um tumulo de pedra, com uma inscripção em inglez.

Está n'elle sepultado o cadaver do joven commandante de um navio de guerra britannico, que foi vencido e morto pelos francezes, em um combate naval, dado nas proximidades da barra de Lisboa.

Eis a traducção do epitaphio, que é um modelo de inscripções sepulchraes.

«Este monumento, é consagrado á memoria do cavalleiro Courray Shiphy, da edade de 25 annos. Foi capitão do navio de S. M. B., a *Nympha*. Foi morto no ataque de uma embarcação de guerra inimiga, perto do Tejo, no dia 22 de abril de 1808. Acasos que a sabedoria humana não póde prever, nem qualquer esforço evitar, mallograram o ataque, e terminaram a curta, mas distincta, carreira do seu commandante. Em quanto porém existir o seu nome nos annaes da fama, e na lembrança da sua patria, é de esperar que os homens bons e valentes, de qualquer nação, acatem as suas cinzas, e contemplem respeitosos a ultima morada de um heroe.»

Deixando a estrada que conduz de Paço d'Arcos a Oeiras, afastando-se um pouco da beira-mar, e seguindo pela mesma direcção, se acha o pittoresco sitio das *Fontainhas*. (Vide vol. 3.º, pag. 206, col. 2.ª) e depois, a foz do rio d'Oeiras.

Está edificada em Paço d'Arcos, a formosissima capella do *Bom Jesus dos Navegantes*, ao qual os povos d'estes sitios dedicam uma fervorosa devoção. O nosso querido *patrão Joaquim Lopes*, secundado pela fé e piedade de outros cavalheiros, e dos povos circumvisinhos, fundaram esta capella, que foi benzida em 8 de setembro de 1873. Foram dois dias de summo regosijo e de pomposas festas para este bom povo. Houve de tarde uma esplendida procissão e concorrido arraial, onde tocou a banda de infanteria n.º 1. Na vespera, houve uma linda illuminação e magnifico fogo de artificio.

Tambem foi iniciador d'esta festa o legendario Joaquim Lopes, que, confiando na sua coragem, e fé no divino protector dos navegantes, tantas vidas tem arrancado á morte, nas revôltas ondas do Oceano.

Além da magestosa festividade ao Bom Jesus dos Navegantes, tambem n'esta capella se faz outra, muito concorrida, ao invicto martyr S. Sebastião, com procissão, sermão, musica, fogo prêso, grande arraial, etc.

Desde o dia 8 de setembro de 1873, principiou tambem n'esta capella a haver missa em todos os domingos e dias sanctificados.

No tempo dos banhos, porém, ha missa em todos os dias de semana.

Cinco dias depois da magestosa festa ao Senhor Jesus, se realisou um importantissimo melhoramento n'esta notavel povoação. Na noite do dia 13, principiou a haver aqui illuminação publica, melhoramento devido á camara d'Oeiras.

—

Na col. 1.ª de pag. 237 d'este volume, prometti dar mais informações com respeito ao venerando *patrão* Joaquim Lopes; e, como estou convencido de que todos se interessam por quanto lhe pertence, darei aqui uma relação da sua já numerosa descendencia.

Já disse (pag. 232, col. 2.ª) de quem e onde nasceu Joaquim Lopes.

Casou a 19 de março de 1823 (recebendo-se na egreja matriz, de Nossa Senhora da Purificação, d'Oeiras), com Maria do Rosario, filha de José d'Oliveira Raposo e de Maria do Rosario, todos nascidos e baptisados na villa de Olhão.

Filhos de Joaquim Lopes

1.º—*Luiza Rosa Lopes*, que nasceu a 18 de janeiro de 1826. Fallecida.

2.º—*Quirino Antonio Lopes*, hoje patrão da falúa do Bugio. Nasceu a 13 de outubro de 1828. Casou com Maria da Graça Lopes, natural da Trafaria (recebendo-se na egreja da Misericordia, de Lisboa). Reside em Paço d'Arcos.

3.º—*Carlos Augusto Lopes*. Nasceu em 11 de maio de 1834. Casou com Rosa Fausta da Conceição Aleixo, natural de Oeiras, residentes em Paço d'Arcos. É tripulante da falúa do Bugio.

4.º—*Joaquim Lopes Junior*. Nasceu em 19 de fevereiro de 1836. Casou, em Ithapeva da Faxina, provincia de S. Paulo (Brasil), com Anna da Silveira. É negociante em Ithapeva, onde reside.

5.º—*Emilia Augusta Lopes*. Nasceu a 29 de novembro de 1838. Casou e reside em Paço d'Arcos.

6.º—*Luiz Francisco Lopes*. Nasceu a 7 de maio de 1839. Casou com Anna Luiza de Oliveira Lopes, natural de Carnide. É empregado no commercio, e residente em Lisboa.

7.º—*José de Mello Lopes*. Nasceu a 29 de de março de 1841. É carpinteiro de machado, e tripulante da falúa do Bugio. Solteiro, residente em Paço d'Arcos.

Todos estes sete filhos nasceram em Paço d'Arcos, e foram baptisados em Oeiras.

—

Até hoje (fevereiro de 1876) tem Joaquim Lopes VINTE E NOVE netos, a saber:

Filhos de Quirino Antonio Lopes

(POR ORDEM DAS EDADES)

1 — Joaquim Ferreira Lopes.
2 — Ermelinda Maria Magdalena Lopes.
3 — Maria da Graça Lopes.
4 — Emilia das Dores Lopes.
5 — João Baptista Lopes.
6 — Carolina da Conceição Lopes.
7 — Luiza da Encarnação Lopes.
8 — Gertrudes da Conceição Lopes.
9 — Elvira Adelaide Lopes.
10 — José Elysio Lopes.
11 — Quirino Antonio Lopes Junior.
12 — Josephina Adelaide Lopes.

Filhos de Luiza Rosa Lopes

1 — Maria do Rosario Lopes.
2 — Francisco Lopes.
3 — Antonio Lopes.
4 — Joaquim Lopes.

Filhos de Joaquim Lopes Junior

1.º—Olinda Lopes.
2.º—Elidia Lopes.

Filhos de Carlos Augusto Lopes

1.º—Constança de Jesus Lopes.
2.º—Carlos de Jesus Lopes.
3.º—Francisco Raphael Lopes.
4.º—Maria do Rosario Lopes.
5.º—José de Jesus Lopes.
6.º—Rachel de Jesus Lopes.

Filhos de Emilia Augusta Lopes

1.º—Eduardo dos Anjos Lopes Belleza.
2.º—Maria Clementina Lopes Belleza.
3.º—Adelino Lopes Belleza.
4.º—Edewiges Lopes Belleza.
5.º—Angelica Lopes Belleza.

—

Ha em Paço d'Arcos um bonito theatro, onde se teem representado escolhidas peças portuguezas e francezas, por distinctos curiosos; assim como bellissimos grupos de *quadros-vivos*.

No dia 9 de setembro de 1875, foi aberto o club de Paço d'Arcos, sob a presilencia do sr. marquez de Fronteira e mais direcção, dando o seu baile de inauguração, que foi pomposo e variadissimo; e concorrido

por grande numero de damas e cavalheiros, das principaes familias que estavam a banhos por estes sitios, e vindo até algumas de Lisboa.

Paço d'Arcos, progride a olhos vistos, e antes de muito poucos annos, será uma das mais bonitas villas das margens do Tejo.

Tem-se reedificado muitos predios, e construido novos, em optimas condições de commodidade e elegancia.

O sr. Osborne Sampaio, comprou um grande predio (1875) que vae renovar luxuosamente, e melhorar as terras proximas.

E' uma vistosa collina, onde projecta construir um formoso *chalet*, no gosto suisso.

Vae tambem arborisar a praia da *Caldeira*, que fica ao sopé da mesma collina, convertendo um arido areal, em formoso parque e passeio agradavel.

Alguns influentes de Paço d'Arcos, secundados por cavalheiros que para aqui costumam vir passar a estação dos banhos, teem esperanças de constituir d'esta povoação uma freguezia independente.

PAÇO DE CALHEIROS ou Paço Velho, ou Ante-Paço de Baixo—nobre e antiquissima casa e quinta, Minho, na freguezia de Santa Eufemia de Calheiros, comarca, concelho e proximo a Ponte de Lima.

Antigamente, pertenceu esta casa e toda a parochia, á antiga freguezia de Santa Marinha d'Arcozêllo, em frente da villa de Ponte de Lima. (Vol. 1.º, pag. 237, col. 1.ª—*Arcozêllo de Lima.*)

E' esta casa o solar dos Calheiros; padroeiros da egreja matriz.

Já a pag. 47, col. 2.ª, do 2.º volume, tratei rapidamente d'esta familia e suas armas, reservando-me para em artigo especial (este) dar mais alguns esclarecimentos.

Ignora-se o primeiro nome d'esta propriedade.

O mais antigo que se lhe conhece, é *Ante Paço de Baixo.*

Quando já tinha muitos seculos de existencia, se denominou *Paço Velho*, e, desde o seculo XVIII se principiou a dar-lhe o nome de *Paço de Calheiros.*

Procedem os Calheiros, por varonia, de D. Alvaro de Luna, abbade de Rendufe.

Esta familia ligou-se, por casamentos, com as principaes da provincia.

No meiado do seculo passado, era senhor d'esta casa, Diogo Lopes Calheiros (avô do sr. Antonio Lopes Calheiros de Menezes, e bisavô do sr. Sebastião Lopes Calheiros de Menezes—dos quaes adiante trato.) Filho de João Barbosa Calheiros, senhor da casa, e ajudante do regimento de *dragões* do partido da Beira, e de sua mulher, D. Josefa do Amaral Cabral, filha de Manuel de Portugal Mendonça Furtado, e de D. Maria do Amaral Cabral, da casa de Rijão-Pequeno, na freguezia do Pinheiro d'Ázere.

Era neto de Diogo Lopes Calheiros, e de sua mulher, D. Lourença Pacheco, filha natural de Francisco de Brito, da casa da Abobereira—e bisneto de Payo Gomes de Brito Calheiros, senhor da casa de Sabadão; e de sua mulher D. Natalia Barbosa Pacheco, senhora da casa de Lamas, em Victorino das Donas.

Pertence a esta esclarecida familia, o nosso distincto engenheiro, o sr. Sebastião Lopes Calheiros de Menezes.

N'esta casa nasceu, a 5 de maio de 1783, Antonio Lopes Calheiros de Menezes, filho de Francisco Lopes Calheiros de Menezes, e de D. Maria Thereza de Barbosa Falcão Sotto-Maior.

Foi para a universidade de Coimbra, em 1801, cursando, com distinção, as aulas de direito civil e canonico, graduando-se em leis, no anno de 1807.

Habilitado com a leitura do desembargo do paço, foi despachado juiz de fóra da villa de Ponte de Lima, exercendo sempre com a maior intelligencia e justiça, este logar, até 1817.

N'este anno foi para o Rio de Janeiro (onde então estava a familia real portugueza) e D. João VI o nomeou juiz de fóra d'aquella cidade; emprego que serviu, com tanta honradez e probidade, como tinha exercido o antecedente.

Em 1821, foi nomeado desembargador da casa de Supplicação e Aggravos de Lisboa.

D. João VI estimava muito este digno magistrado, pelas suas virtudes, e o consultava e ouvia com a maior attenção.

Era um dos homens mais respeitaveis de Portugal n'este seculo; honrando a magistratura pela sua austera probidade; sendo ao mesmo tempo affabilissimo no trato, e de um espirito cultivadissimo.

Seguindo sempre com dedicação e sinceridade as ideas politicas da legitimidade, era, pela sua tolerancia e espirito conciliador, estimado pelos seus proprios inimigos politicos (que outros nunca teve nem mereceu.)

Falleceu no dia 15 de dezembro de 1875, na provecta edade de 92 annos, 7 mezes e 10 dias; deixando por seu universal herdeiro, seu sobrinho, o dito sr. Sebastião Lopes Calheiros e Menezes.

PAÇO D'EIRAS—Minho, nobre e antiga casa solar, em Terras de Basto.

E' representante d'esta casa, e sua possuidora, a sr.ª D. Francisca Xavier Machado d'Azevedo Barbosa.

PAÇO DE GIELLA—(Vol. 3.º, pag. 280 columna 1.ª)

Ha n'esta freguezia de Giella a casa do *Paço* de que já se fallou no logar proprio, e que, sendo ultimamente dos marquezes de Ponte de Lima, foi comprado pelo sr. Narciso Marçal Durães de Faria (sobrinho do actual sr. visconde de Porto Covo.)

O sr. Faria reformou exteriormente este Paço e torre, e fez melhorias grandes na quinta, tornando esta propriedade uma formosa vivenda.

PAÇO DE LANHÊZES—solar, e casa nobre do Minho, freguezia, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna. Arcebispado de Braga. (Vide *Vianna do Minho.*)

Abreus Pereiras Cirnes

(CONDES D'ALMADA)

Pedro Nunes Cerveira, sr. do Paço de Lanhêzes, foi 2.º marido de D. Suzana de Barbosa e Almeida, que tiveram:

Francisco d'Abreu Pereira, coronel de infanteria e governador de Paraiba do Norte, e este a José Pereira de Brito e Abreu, mestre de campo e governador do castello de Vianna, etc.

Casou com D. Isabel Josepha Cyrne Peixoto, filha herdeira de João Ribeiro Cyrne Peixoto.

O dito José Pereira foi pae de Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, alcaide-mór de Ferreira, etc., casado com D. Maria Victoria de Menezes, da casa das Covas; e avô Sebastião Pereira Cyrne d'Abreu, senhor do Prestimonio de Gontinhães, etc., que esposou D. Maria José de Lencastro e Menezes, filha de Gonçalo Pereira da Silva, 1.º morgado de *Bretiandos*, etc., e de D. Ignez Cesar de Lencastre, filha de Sebastião Correa de Sá, tenente general, e 3.º visconde d'Asseca.

De Sebastião Pereira e D. Maria José, nasceram:

D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, 2.ª condessa d'Almada pelo seu casamento com D. Antão d'Almada, 2.º conde d'Almada e 14.º d'Abranches, mestre de sala ajudante d'el-rei e capitão de cavallaria, que tiveram, D. Lourenço que segue, D. Antão, casado com successão e D. Maria Victoria, solteira.

D. Lourenço José Maria d'Almada Pereira Cyrne Peixoto, que foi 3.º conde d'Almada e 15.º d'Abranches, e casou com D. Maria Rita Machado Orosco Castello-Branco, filha de D. José de Castello Branco, 1.º conde da Figueira e embaixador em Madrid, brigadeiro, grão-cruz da Conceição e Torre Espada, etc., e senhor da casa d'entre Homem e Cavado pelo 2.º casamento com D. Maria Amalia Machado Mendonça Castro e Vasconcellos, senhora da dita casa, e 1.ª condeça da Figueira, pelo seu casamento.

Tiveram os terceiros condes d'Almada:

D. José, demente; [1] D. Maria Amalia, que casou com seu primo, Sebastião Pereira da Cunha, e vivem no castello de Portozêllo, em *Santa Martha* (vide Portozêllo); D. Maria Francisca; *D. Miguel;* D. Luiz e D. Maria Anna.

[1] Depois do fallecimento do ultimo conde, o governo não concedeu o titulo ao primogenito ou ao seguinte, conforme a praxe usada mas deixou no esquecimento familia tão distincta.

Pimenta da Gama

«Domingos Barbosa da Costa, tenente co-«ronel d'infanteria paga, que serviu em to-«da a guerra de Carlos III, fidalgo da casa «real, cavalleiro de Christo, casado com D. «Joanna Baptista Roquelha, filha herdeira do «grande praso de Balthazares, e de toda a «casa de seus paes, com tribuna para a ca-«pella de Santa Clara, teve... mais 3 filhas «donzellas em casa.» Manuscripto de 1756, que existia no Archivo do fallecido commendador Felix d'Andrade Ruby Porto-Pedrozo.

Esta D. Joanna Baptista foi a 12.ª senhora do dito prazo de Balthazares.

Succedeu-lhe D. Ignacia Maria Joaquina (uma das 3 donzellas) que casou em 25 de janeiro de 1768 com Antonio Pimenta da Gama Barreto, filho segundo de Balthazar da Cunha Pedra Palacio, fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Joanna Luiza Pimenta da Gama.

E' actualmente representante d'esta familia e 16.º successor do praso de Balthazares, o sr. Antonio Pimenta da Gama, casado com a sr.ª D. Maria Philomena do Carmo d'Araujo d'Azevedo, dos antigos condes da Barca, com successão.

Casa da Fonte dos Gatos

(Coelhos Villas-Boas)

Manuel Coelho Leitão, dos Coelhos senhores de Felgueiras e Vieira, teve como filho a Gonçalo Coelho d'Araujo, senhor da Fonte dos Gatos, e como neto, Manuel Coelho de Araujo, que militou na campanha da acclamação como auditor.

Este foi avô de José Coelho de Castro e Araujo que casou com D. Josepha Jeronima de Sá Sotto-Maior, senhora do morgado da Abelheira, e tiveram, Manuel Coelho de Castro, casado com D. Anna Margarida de Villas Boas, da casa de Leiras, em Caminha, de cujo consorcio nasceu D. Maria Clara Coelho, que casou com o capitão Fernando Lobo de Mello Leite, que morreu na batalha do Victoria, e foi pae do *actual* senhor dos morgados de S. Bento, Fonte dos Gatos, Capella do Auditor, e S. João d'Abelheira.

E' bacharel em leis, e casado com D. Maria José de Couros e Vasconcellos, tendo muitas filhas casadas, e 2 filhos.

Vasconcellos Mourão

Victorino José Monteiro de Vasconcellos Mourão, senhor das casas de Folhadella, Gurjaens, Gouvinhas e Ribabôa, tenente de cavallaria, e fidalgo da casa real, era neto paterno de Heitor de Vasconcellos da Silva e Barros, casado com D. Felicia Angelica Ferraz, bem como de João Monteiro de Vasconcellos Pires Mourão, senhor da casa de Lordello e pelo seu casamento com D. Clara Rosa de Magalhães, senhora da casa de Quintão, que tiveram a João Monteiro de Vasconcellos Mourão, senhor das casas de Sinfães, Canavezes, Quebrada, Lucim, Villa Cova, e Travassos, casado com D. Brigida José Maria de Vasconcellos.

E' *actual* representante d'este nome o capitão de infanteria José Monteiro de Vasconcellos Mourão, que casou em Vianna do Castello, com D. Maria da Conceição de Figueiredo da Guerra, que já fallamos.

E' filho de Victorino Monteiro e de D. Maria Preciosa de Magalhães, descendente de Francisco Alves de Magalhães de Carvalho, senhor das casas de Folhadella, Gurjães e Gouvinhas, casado com D. Anna Joaquina de Figueiredo.

Heitor de Vasconcellos da Silva era filho de João da Silva Vasconcellos e Mello.

PAÇO DO LUMIAR—(vide Lumiar.)

Em 30 d'abril de 1862, os srs. Antonio Leopoldo da Costa Bueno e Nieto Cavallos e Moscoso—e José Maria da Costa Bueno e Nieto Cevallos de Villa-Lobos Hidalgo e Moscoso, foram feitos viscondes do Paço de Lumiar.

PAÇO DE SÓRTES — freguezia, Traz-os-Montes, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e proximo de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago, S. Nicolau.

O reitor de Sortes apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Sórtes.

PAÇO DE SOUZA—freguezia, Douro, comarca, concelho, e 5 kilometros ao S.O. de Penafiel, 10 ao N. do rio Douro, 30 ao E.N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 465 fogos.

Orago, O Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino do mosteiro de Paço de Souza, apresentava o vigario trienal (era um monge d'este mosteiro) que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' uma vasta, bonita e rica freguezia, situada em terreno levemente accidentado, sobre as margens do rio Souza, que vem morrer na margem direita do rio Douro, no sitio da foz do Souza (onde se diz que foi a primitiva Penafiel.)

E' terra muito fertil em toda a qualidade de generos do paiz.

Cria muito gado, de toda a qualidade—nos seus campos ha abundancia de caça miuda, do chão e do ar—o rio Souza lhe fornece algum peixe, e o Douro muito e optimo.

E' esta parochia uma das mais antigas de Portugal, fundada no tempo dos godos.

Tem um sumptuoso mosteiro, que foi dos monges benedictinos, fundado na era de 998 (960 de Jesus Christo), por *D. Troycozendo* (ou *Trotozendo*, ou *Trotozindo*) *Guedes*, neto de D. Arnaldo de Bayão, tronco dos Azevedos e de grande numero de familias nobres d'este reino.

Junto ao mosteiro, tinha Troycozendo o seu Paço (que deu o nome á freguezia.)

N'este paço nasceu, pelos annos 1050, o legendario Egas Moniz, filho de Muninho Hermigues, filho de Troycozendo Guedes.

A egreja foi sagrada pelo arcebispo de Braga, D. Pedro, antecessor de S. Geraldo, em 29 de septembro de 1088.

O grande Egas Moniz, neto de Troycozendo Guedes, deu aos monges, em 1130, o paço em que vivia. que fôra de seu avô, com outras muitas propriedades, e lhes ampliou o edificio do mosteiro, que está em um delicioso valle, por onde corre o rio Souza.

Egas Moniz

Nobilissimo e entrepido cavalleiro portuguez, modelo de lealdade ao seu rei e á sua pátria, dedicado amigo e companheiro do conde D. Henrique, aio, mestre e conselheiro de D. Affonso Henriques, ao qual dedicou sempre um amor paternal extremosissimo; catholico sincero e fervoroso: descendia de uma das mais nobres familias néogothicas das Hespanhas.

Combateu valerosamente ao lado do conde D. Henrique, e depois, até uma edade provecta, em todas as campanhas, ao lado do seu pupilo, D. Affonso Henriques.

Tão bravo nas batalhas, como prudente nos conselhos, foi o maior vulto do seu tempo, e nenhum outro o excedeu nas virtudes que são o apanagio e ornamento de um perfeito cavalleiro.

D. Affonso Henriques nascêra a 25 de julho de 1109, e seus paes, que conheciam a honra, a fidelidade e a intelligencia de Egas Moniz, lhe confiaram a educação de seu unico filho, penhor da independencia e autonomia de Portugal; e jámais tiveram de arrepender-se da escolha; porque o joven principe, recebeu de seu *amo* (ayo) uma educação esmeradissima, da qual deu em toda a sua vida provas evidentes.

E o santo ayo, não só curou do espirito do seu *creado* (educándo) mas tambem do corpo, pois nascendo o principe aleijado das pernas, Egas Moniz, empregou todos os meios, tanto da medicina, como de orações e promessas aos santos da sua particular devoção, e teve a ventura de ver o principe perfeitamente curado.

Finalmente, D. Affonso Henriques completa 18 annos de edade (1128) e toma conta do governo de Portugal, e n'esse mesmo anno derrota, em batalha campal, em São Mamede, junto a Guimarães, o insolente e ambicioso gallego, Fernão Peres de Trava, conde de Trastamara.

Ainda em 1128, o rei de Leão (Affonso VII, seu primo) invade a provincia do Minho com um numeroso exercito; mas D. Affonso Henriques o desbarata e põe em fuga, na Veiga de Valle de Vez.

Egas Moniz foi sempre inseparavel companheiro do principe, batalhando intrépidamente a seu lado.

D. Affonso VII, refeito das perdas da ultima batalha, e reunindo novas tropas, vem cercar seu primo, que estava em Guimarães, reduzindo-o a grande aperto. Era a conjunctura de se patentear em toda a sua inimitavel dedicação, a alma de Egas Moniz. Só um acto da mais sublime abnegação, poderia salvar o principe portuguez (e a independencia da patria)—e Egas não trepida ante o terrivel sacrificio.

Conhecendo o genio indomavel do seu principe; sabendo que elle jámais se sujeitaria á dominação estrangeira, sae occultamente da villa, e apresentando-se na tenda do soberbo monarcha leonez, lhe promette obediencia em nome de D. Affonso Henriques, e que este hiria ás côrtes de Leão.

Toda a Hespanha conhecia a nobreza de caracter, e a lealdade proverbial de Egas Moniz. O rei levanta o cêrco e vae para Leão; mas D. Affonso Henriques não annue ao pacto feito pelo seu aio, nem este o aconselha a isto; porém deu a sua palavra, e por penhor d'ella a sua vida e a dos seus—e hade cumpril-a. Marcha para Toledo com sua mulher e filhos, entregar-se ao rei de Leão.

Deixemos fallar o nosso Camões:

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, amo foi livrado;
Que de outra arte, podéra ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sujeito.

Chegado tinha o praso promettido,
Em que o rei castelhano já aguardava,
Que o principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A trôco da palavra mal cumprida.

E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
— Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar com a vida, o promettido.

Vês, aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquente;
N'ellas sós experimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida, a morte tem bebido,
Põe no cêpo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe, tão temido;
Tal diante do principe indignado,
Egas estava, a tudo offerecido;
Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
Mais póde em fim que a ira, a piedade.

Para mais conhecimento sobre este facto, e para evitarmos repetições, é preciso vêr a nota, a pag. 355 do 3.º volume.

É certo que alguns escriptores negam este acto de abnegação e lealdade, do nosso Egas Moniz; porém uma grosseira esculptura, segundo todas as probabilidades, contempora-

nea, lavrada na pedra do tumulo do heroe, nos levam a acredital-o.

O Sr. Alexandre Herculano (que certamente ninguem alcunhará de *crendeiro*), na sua *Historia de Portugal*—tomo 1.º, pag. 287, e na nota correspondente, a pag. 468 (1.ª edição, de 1846), adduz provas que nos levam a acreditar o facto contestado. Mas, o que quizer deliciar-se com a lenda poetica de Egas Moniz, leia os *Quadros Historicos* do fallecido visconde de Castilho, no logar competente.

O Sr. M. Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 7) chama a Egas Moniz Coelho (sobrinho do outro — vide *Arouce*) *poeta do amor*, e a seu tio, *poeta da lealdade*.

Segundo o *Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 499, Egas Moniz falleceu em 21 de abril de 1146 (o sr. Pinheiro Chagas diz que foi em 1144)—e, finalmente o sr. Carreira de Mello, diz que elle falleceu em 1139, logo no primeiro dia de jornada (de Coimbra para Ourique) em que acompanhava D. Affonso Henriques.

Deixo á apreciação do leitor instruido, a verificação d'estas datas. Só direi, que, a dar credito á inscripção sepulchral, só o sr. Pinheiro Chagas acertou.

—

Foi Egas Moniz sepultado em uma capella particular do seu mosteiro, de Paço de Souza; mas, no anno de 1605, foi o seu tumulo removido para a capella-mór, e em 1784 para o corpo da egreja. (Ha tambem quem diga, que o monumento esteve primeiro no adro, depois foi mudado para uma capella, feita de proposito para elle, e por fim para a egreja.)

—

Este venerando monumento é de granito, e, como já disse, mui grosseiramente cinzelado. De mais a mais, nas remoções que soffreu, pedreiros ignorantes, collocaram as suas diversas peças despropositadamente fóra do seu logar, o que evidenceia a inscripção, que sendo em duas linhas, e em pedras differentes, ficou a superior com o debaixo para cima.

Não havendo na nossa typographia caracteres semelhantes aos da inscripção, vão os actualmente usados, que lhe correspondem.

Na 1.ª linha (na que está ás avessas) se lê:

HIC : REQVIESCIT : FYS : DEI : EGAS : MONIZ : VIR : INCLITVS :

E na 2.ª, que está ás direitas, diz:

ERA : MILLESIMA : CENTESIMA : 2XXXII :

(Note-se que o 2, vale 50. — O D, então, valia, como hoje, 500, e tendo sobre elle um risco horisontal, valia 5:000.)

Quer dizer:

«*Aqui descança o servo* (ou *filho*) *de Deus, Egas Moniz, varão inclito. Era* (falleceu na) *1182*» — que é exactamente o anno 1144 de Jesus-Christo, como diz o sr. Pinheiro Chagas. (Veja-se adiante.)

—

O canteiro pretendeu representar n'este monumento o facto mais grave da vida de Egas Moniz. O primeiro *baixo relevo* consta de tres pedras, collocadas horisontalmente umas sobre as outras, formando todas tres um só lado. Na pedra superior, se vêem tres cavalleiros, montados em cavallos sem adornos; levando, aquelles, as cabeças descobertas e os braços manietados, levando o da frente (provavelmente Egas Moniz) uma corda em volta do pescoço, e levando atraz de si, e entre os dois cavalleiros da rectaguarda, um peão ou criado. As figuras que estão nos dois lados, parecem ser mulheres do povo, vendo passar a triste cavalgata.

Na segunda pedra, vae o resto da *caravana*, composta de quatro creanças a cavallo em um cavallo, seguidas de uma mulher (a de Egas Moniz?) tambem montada, levando á sua direita, a pé, uma mulher, e atraz de si, um homem e uma mulher—segue-se uma especie de camilha, com quatro creanças, e atraz d'ellas, tres mulheres.

A segunda parte do monumento, é composta de quatro pedras (a 2.ª de cima é a que foi collocada de pernas para o ar).

Na primeira se vêem dois homens, deitando na sepultura um corpo—um bispo, de báculo na mão direita e um livro na esquerda,

em acção de encommendar o defuncto, e duas mulheres lamentando-se (talvez choradeiras).

Do outro lado, mas no mesmo plano, está um homem morto, deitado, e quatro carpideiras. Uma figura, representando a alma do defuncto, dentro de um circulo, que seguram dois anjos, figura ter sahido da bocca do morto, e no acto de subir ao céu.

Os ornatos do tumulo, são, como elle, singelos e toscos.

Note-se que a data que se lê actualmente no tumulo, não concorda com a que se lê no *Nobiliario do conde D. Pedro* (pag. 187 da edição de Roma); pois ahi, traduzindo a inscripção, se diz — era de 1184, que vem a ser o anno 1146 de Jesus-Christo, que marca o *Anno Historico*. Talvez que, com as remoções se destruissem as duas ultimas letras da lapide.

—

Não podemos dizer com certeza quantas foram as mulheres de Egas Moniz. Fr. Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 499) dá-lhe apenas duas — 1.ª, *D. Mór Paez*, filha de D. Payo Guterres da Silva — 2.ª, *D. Thareja Affonso*, filha do conde D. Affonso, das Asturias; tendo de ambas descendentes.

Outros escriptores lhe dão quatro mulheres, e até alguns cinco!

Entre as doações do mosteiro de Salzêdas, se achavam muitos titulos de compras, feitas por Egas Moniz e *suas quatro successivas mulheres*.

Em 1099, Egas Moniz, e sua mulher *D. Dordia*, compraram a Joab, e sua mulher Julia, uma herdade, em *Paredes* de S. Martinho de Mouros.

Em 1105, Egas Moniz, e sua mulher, a mesma D. Dordia, compraram outra herdade, no mesmo logar, a João Sonilo, e sua mulher Elvira.

Parece que esta D. Dordia, falleceu antes de 1116.

Em 1120, Egas Moniz, e sua mulher, *D. Dorotheia*, compraram a D. Ejeuva Prolix Guedas, um casal em Esmoriz, junto ao castello de Bayão.

Em 1130, comprou Egas Moniz, e sua mulher, *Maria Onoriquiz*, a Mendo Moniz, e sua mulher, Goina Mendes (por uma mulla, avaliada em 306 *bragaes*) [1] uma herdade em *Lourêdo Jusano* (Lourêdo *de Baixo*).

Em 1134, compraram Egas Moniz, e sua mulher, *D. Thereza Affonso*, varias propriedades, que, como as antecedentes, deram ao mosteiro de Salzêdas.

Em 1142, Egas Moniz, e sua mulher, *Gontina Ramires*, doaram a villa de *Savarigones* (hoje aldeia de Sarabigões, na freguezia da Espiunca), metade a S. Martinho da Espiunca e metade ao de S. João da Alpendurada. No mesmo anno, os mesmos conjuges fizeram uma carta de meiação, de todos os seus bens, no caso que nenhum d'elles se tornasse a casar, depois de viuvo.

Os mesmos fizeram o seu testamento, de *mão commum*, em 1143, no qual libertaram, por sua morte, todos os seus escravos mouros, que então fossem baptisados.

Se este Egas Moniz fosse o nosso legendario Egas Moniz, vinha elle a ter sido casado cinco vezes, com as seguintes mulheres — 1.ª, D. Dordia — 2.ª, D. Dorotheia — 3.ª, Maria Onoriquiz — 4.ª, D. Thereza Affonso — e 5.ª, Gontina Ramires. Mas, com toda a certeza, esta ultima foi mulher de um outro Egas Moniz, pois estes consortes ainda viviam em 1174, e vemos que o nosso heroe tinha então fallecido havia, pelo menos, 28 annos. Mesmo que esta data fosse a era de Cesar (que não é) — vinha a ser o anno de Jesus-Christo 1136, quando elle tinha por mulher D. Thereza Affonso.

Est'outro Egas Moniz e a tal sua mulher Gontina Ramires, doaram os seus bens (no dito anno de 1174) a *Pedro Moniz*, ao qual tinham creado, e elle os tinha servido «pro criancia, et pro servicio.»

[1] Um *bragal*, são 7 varas de um pano de linho grosseiro, usado nos primeiros seculos da nossa monarchia. Era este pano atravessado com muitos cordões. — Ainda hoje se fabrica nas provincias do norte, para toalhas.

Na Terra da Feira e outras do N., ainda se dá o nome de *bragal* á roupa branca que a noiva leva com o dote — á que acha na casa do noivo, e tambem a que tem uma casa.

Julgo pois que Egas Moniz só teve quatro mulheres.

Egas Moniz, de todos estes casamentos teve varios filhos, de ambos os sexos, que são progenitores das principaes familias d'estes reinos.

—

Os monges benedictinos de Paço de Souza, tinham obrigação de dar aos bispos do Porto, um jantar (*paráda*) todas as vezes que alli fossem. O bispo, Dom Hugo, renunciou a este direito, em 1116.

No tom. 3.º, pag. 672 da *Collecção de Cortes*, que existe manuscripta na academia real das sciencias, de Lisboa, se encontra a copia (em latim) d'esta renuncia, que não copio, por ser muito extensa e pouco importante.

—

No livro de *Doações*, de Paço de Souza, a fl. 32, se achava uma nota, de como o meirinho do conde D. Henrique, na cidade do Porto (Affonso Spasandiz), fez prender um môço que tinha furtado umas ovelhas, e por isso lhe queria arrancar os olhos, e que seu pae as pagasse. Os monges d'este mosteiro, intercederam por elle, e conseguiram que fosse livre e solto, pagando sómente a *mãoposta* (prisão) e carceragem.

O pae do culpado, em agradecimento aos frades, doou ao mosteiro certos bens que tinha perto d'elle.

—

Em 1386, achando-se D. João I no seu arraial, sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo, João Rodrigues Pereira, dando-lhe Baltar, Paço de Souza e Penafiel, de *juro e herdade, com a jurisdicção civel e crime, e mero e mixto imperio; reservando sómente a correição e alçada.* (Doc. da Camara do Porto.)

Esta freguezia formava o couto do seu nome, com justiças proprias, e com foral, sem data, tudo por D. Affonso Henriques. Por alvará de 28 de junho de 1777, foi o couto annexado a Penafiel. O povo de Paço de Souza, e os monges, oppozeram-se a esta annexação; mas, uma provisão regia do principe regente (depois D. João VI), de 23 de agosto de 1794, extinguiu o couto.

—

A e greja do mosteiro, e matriz da parochia, é um curioso specimen de architectura gothica.

Teve este mosteiro, por muitos annos, *abbades* commendatarios, que só cuidavam de devorar os rendimentos do mosteiro, e não lhes importava dos seus reparos; dando apenas aos pobres monges o rigorosamente indispensavel para o seu sustento e vestuario, e para as despezas do culto divino. Tendo fallecido o ultimo commendatario, descendente em linha recta dos antigos, os monges pediram, e o cardeal-rei lhes concedeu, em 1580, que fossem extinctos os commendatarios. Principiou então a serie dos abbades triennaes, que tomaram a peito todos os reparos do templo e do mosteiro, e este foi melhorado e ampliado.

Ainda que este sitio seja baixo, é muito aprazivel e sádio, e cercado de frondosos e gigantescos castanheiros e carvalhos, que lhe dão fresca sombra no verão. O mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos depois de 1834, e são hoje propriedade particular.

—

Fallecendo no Rio de Janeiro, Francisco José Ferraz, natural de Paço de Souza, deixou o remanescente da sua terça, para com elle se construir aqui uma *casa-pia.*

O governo auctorisou esta fundação, no principio d'outubro de 1875, e nomeou uma commissão administrativa, composta dos srs. José Joaquim Ribeiro Taborda, João Torres de Andrade, padre José Carlos Moreira, Francisco Ferreira Ferraz, e Joaquim Ferreira.

Poucos dias depois, e no mesmo mez de outubro, o governo expede a seguinte portaria:

«Ministerio do reino:

«Direcção geral de administração politica e civil:

«Tendo Francisco José Ferraz, fallecido no Rio de Janeiro, disposto no seu testamento que o remanescente da sua terça fosse applicado á construcção de uma casa pia na freguezia de Paço de Souza, onde tinha sido baptisado, sendo 1:000$000 réis destinado

para a construcção do edificio e o restante do legado convertido em inscripções de divida publica portugueza, para com o rendimento d'ellas se prover á conservação do edificio, pagamento aos professores e professoras e sustentação dos alumnos dos dois sexos; achando-se liquidada a importancia de tão valioso legado nas quantias de 69:300$000 rs., moeda brazileira, e 16:500$ réis, moeda nacional, que se acham devidamente arrecadadas; é auctorisada a fundação de uma casa pia na freguezia de Paredes, sendo admittidas n'esse estabelecimento as creanças pobres dos dois sexos, naturaes da freguezia de Paço de Souza, podendo ser tambem admittidas as das outras freguezias do concelho de Paredes, quando os rendimentos o permittirem.

«A commissão administrativa da casa-pia, de accordo com o testamenteiro de Francisco José Ferraz, tratará de fazer construir o edificio e promoverá a conversão dos capitaes depositados em inscripções para constituir o fundo permanente do estabelecimento, propondo ao governo o projecto do regulamento, e estabelecendo n'elle as condições de admissão e da sahida dos menores, a qualidade de ensino, o numero dos empregados, professores e outras disposições, etc., etc.»

Parece que o governo não podia (não devia) ordenar semelhante transferencia.

O caridoso doador, determinou expressamente que a casa-pia se fundasse na freguezia de Paço de Souza—devia ser alli, e não em outra qualquer parte.

Nem a *faculdade* de poderem ser admittidas na casa-pia, construida em Paredes, as creanças de Paço de Souza, attenúa em coisa alguma esta inqualificavel arbitrariedade, excesso de jurisdicção e abuso do poder.

—

Perto do mosteiro está a bella casa e grande e magnifica quinta do sr. Diogo Leite Pereira, um dos mais nobres cavalheiros da provincia, tanto por seus illustres ascendentes, como pelas apreciaveis qualidades que o distinguem. Para a familia dos Pereiras, vide *Feira. Leite* é um appellido nobre em Portugal, tomado da alcunha imposta a Alvaro Pires, no tempo de D. Affonso IV. Trazem por armas—em campo verde, 3 flores de liz, de ouro, em roquete. Elmo de aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz das armas.

Outros do mesmo appellido, usam—em campo azul, 3 flores de liz, d'ouro, em roquete—elmo d'aço, aberto, e por timbre uma pomba branca, em acto de querer voar, com um ramo d'ouro no bico.

Porém o ramo a que pertence o sr. Diogo Leite Pereira, é o seguinte:

Da familia dos Leites, passou um individuo para a cidade do Porto, aparentando-se, por casamento, com os Pereiras, e formando o appellido de *Leite Pereira*.

Suas armas, são—escudo esquartelado—no 1.º e 4.º, as armas dos Leites (as antecedentes) e no 2.º e 3.º, de púrpura, uma cruz de prata floreada e vazia do campo (como as de Calatrava.)

Elmo d'aço aberto, e por timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Outros *Leites Pereiras*, usam—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º as armas primeiras dos Leites—e no 2.º e 3.º, de verde, cruz *potentea*, de púrpura e vazia de prata.

Elmo d'aço, aberto—e timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, de ouro.

—

O paço que tinham aqui os ascendentes de Egas Moniz, e onde este nasceu, é que se julga ter dado o nome á povoação, e é provavel; mas o que se não sabe com certeza é se o seu *sobrenome* procede do rio *Souza*, ou do appellido dos senhores da terra—como se ignora se o appellido Souza foi tomado do rio, ou o nome d'este provém do appellido.

E' esta, na verdade, uma questão de pouco momento, mas não de todo destituida de curiosidade.

Estou convencido que *Souza* ou *Sousa* é um substantivo da antiga lingua portugueza; porque temos *Souza*, *Sôza* (ou *Sóza*), *Souzel*, *Souzella*, *Souzellas*, e *Souzêllo* (estas quatro evidentemente diminutivo de *Souza*) o que nos leva a crer que aquelle substantivo tinha alguma significação.

A minha humilissima opinião, é que *sou-*

za era synonymo de *herança, herdade*, etc.; porque no antigo portuguez—*sousasor*—era o mesmo que *successor*.

Ha documentos do reinado de D. Diniz, que ainda empregam com frequencia esta palavra.

O rio Souza, nasce perto da egreja de Moure, entre Pombeiro e Caramôs, e com um curso de 43 kilometros, desagua na direita do Douro, pela *Foz do Souza*, 12 kilometros a E.N.E. da cidade do Porto, em frente da bonita povoação *d'Arnellas*.

Suas margens são, pela maior parte, cultivadas, ferteis e formosas.

Perto de Paço de Souza estão os solares—dos *Brandões, da Torre de Coreixas* — dos *Athaides Azevedos, de Barbosa*—e dos *Peixotos da Silva, do Reguengo*—àlem dos *Leites Pereiras*, de quem já fallei.

—

Egas Moniz, teve os filhos seguintes, das esposas abaixo declaradas.

De *D. Maior Paes*—D. Lourenço Viegas, o *Espadeiro*.

D'este procedem os Coelhos, os Frades, os Magros, os Viegas, os Aboins, e outros.

D'estes Aboins, é João de Aboim, casado com D. Maria Affonso, filha de Affonso Pires d'Arganil.

Este João d'Aboim, foi o que trouxe para Coimbra, as cabeças dos cinco martyres de Marrocos.

De *D. Thereza Affonso* — (fundadora do mosteiro de Salzêdas) teve cinco filhos e tres filhas.

D'estes procedem os Athaides, Soverosas, Reimondos, Alvarengas, Peixotos, e outros appellidos nobres.

De todas as suas quatro mulheres teve descendencia. Vai declarada nas povoações onde fizeram os seus solares.

Em frente da porta principal da egreja, ha um vetusto e corpolento carvalho, ao qual, uns chamam *carvalho d'Egas*, e outros (por abreviatura, ou *contracção* de Egas Moniz) *Égamôs*.

Já disse que aos monges deu Egas Moniz o paço em que nasceu, e, á sua custa, o transformou em vastos dormitorios.

Unida ao paço estava uma robusta e bella torre, que tambem deu aos religiosos.

Frei Leão de S. Thomaz (*Benedictina Lusitana*) diz que no seu tempo ainda existia esta torre, servindo de hospedaria.

—

O conde D. Pedro, diz no seu *Nobiliario*, que Truictosendo Guedes (o fundador do mosteiro) mandou construir para seu jazigo e dos seus descendentes, uma egreja, denominada *Corporal de Paço de Souza*, que ficava contigua ao mosteiro. [1]

E' esta a capella em que eu disse que primeiramente foi sepultado Egas Moniz—e, depois, alguns de seus filhos.

Esta capella, estando a ameaçar ruina, foi demolida em 1605, e os ossos do inclito varão removidos para a capella-mór da egreja do mosteiro, assim como os outros que lá estavam.

O abbade que era em 1741, querendo dar mais elevação á capella-mór, entendeu que ficava mais commodo e barato rebaixal-a, o que fez.

Com esta obra, já o tumulo d'Egas Moniz soffreu mutilações; e, quando em 1784 se tornou a mudar o monumento para o corpo da egreja, soffreu o ultimo desarranjo e deslocação, ficando metade da inscripção com o debaixo para cima, como já contei.

Tem o mosteiro uma fonte d'agua perenne, no centro do claustro, e varias nas suas officinas, refeitorios, claustras baixas, etc.

—

Do que fica dito, vemos que o mosteiro de Paço de Souza, é um dos mais antigos e venerandos monumentos christãos de Portugal.

—

Em 1145, D. Dordia, filha d'Egas Moniz e

[1] N'aquelle tempo, não se enterravam seculares nas egrejas nem mosteiros de regulares.

de D. Thereza Affonso, deu á egreja do mosteiro—*una cappa crezisca, et una stola de ipso pano, et una acitara*—(uma capa d'asperges, uma estóla do mesmo pano e uma alcatifa.) [1]

—

Em 1112, tinha D. Unisco Eriz feito doação a este mosteiro, de muitos dos seus bens patrimoniaes, accrescentando — *Do omnia mea rem movilem lectorum: Cozodras, et plumazos, tapedes et almozalas, simul et alifafes, manteles, et savanas linulas, et lenzos, palium, et grezisco, pelles, et pelliceas, mantus superiores, etc.*

—

Em 994, o abbade, Randulfo, doou varias rendas a este mosteiro (em reconhecimento de que, sendo elle *de outra terra*, Tructezindo Galindiz e sua mulher, Arismia, o recolheram no mosteiro de *Palacioli* [2] *ad morandum per Regula Canonica usque ad obitum meum.*)

Com a condição do mosteiro o sustentar, vestir e lhe fazer o enterro.

—

Em 1205, D. Sancha Vermudes, mulher de Sueiro Viegas, fez o seu testamento, no qual diz que tem uma herdade *á ponte do Douro,* [3] *da qual se podem fazer trez casaes.*

Em 1216, doou ao mosteiro do Paço de Souza *tudo o que tinha em Barrô*, junto á ponte do Douro.

—

Em um documento d'este mosteiro, de 1529, se vê que lhe pagavam, entre outros tributos — *o serviço* (offerta) *do Pasquoêllo*, pela Paschoa—o *serviço do Penticoste*, pelo Espirito Santo — *E treze homeens sabudos* (certos) *pera qualquer serviço que os nós quizermos...* (aqui, serviço entende se por o trabalho de um dia.) *E os serviços do Pasquoêllo, que he fogaça* (pão) *de alqueyre e meyo de trigo, e hum cabrito, e oito bilhós. E os serviços do Penticoste, que he fogaça de alqueyre e meyo de trigo.*

—

Pedro Moniz Buchicho, cavalleiro de Lafões, e sua mulher Maria Cides, doaram ao mosteiro de Paço de Souza, metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, em terra de Lafões.

Esta egreja era dos doadores, *in solidum.*

Por morte dos doadores, seu filho, Martim Peres Buchicho, impugnou esta doação; mas veiu a um accordo com os monges, em 7 de julho de 1228, para que a egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos Buchichos, e assim se praticou d'ahi em diante.

—

Ainda pude colligir mais apontamentos, com respeito a este convento monumental, porém, como são de menor importancia, e o artigo já vae bastante longo, fiquemos por aqui.

PAÇO VEDRO DE MAGALHÃES—freguezia, Minho, concelho e proximo da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 18 kilometros ao O.N.O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 95 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O conde-almirante (conde de Rézende) apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Esta freguezia se denominava primeiramente *Magalhães*. Depois, por causa do solar dos *Magalhães* (que tomaram o appellido d'esta freguezia) se denominou *Paço-Vedro-de-Magalhães* (Paço-Velho-de.)

[1] Os nossos antigos davam o nome de *acitara*, tanto a um tapete ou alcatifa, como aos reposteiros, pannos de raz, manto ou capa, se eram de preciosa tella e ricamente bordados.

[2] *Palacioli* era o antigo nome de Paço de Souza, o que nos leva a acreditar que nos primeiros tempos, não se dizia em portuguez *Paço de Souza*, mas *Paçó de Souza.*

Paçó corresponde a *Palaciólo—pacinho, pequeno paço* ou palacio.

[3] Estes documentos são mais uma prova de que, não só existiu (d'isso não ha duvida) mas se concluiu e serviu a famosa ponte sobre o Douro, que está proxima ao *Bernardo.* (Vol. 1.º, pag. 336, col. 2.ª; 341, col. 2.ª, no fim, e pag. 390, col. 2.ª, no fim.

Magalhães é um appellido nobre em Portugal, tomado da torre e quinta de Magalhães.

O 1.º que se encontra com este appellido é Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz.

Foi senhor d'esta quinta por ter casado com D. Sancha de Novaes, [1] herdeira da mesma quinta.

Foi creado de D. Affonso IV.

Tem brazão d'armas completo— que é — em campo de prata, 3 faxas xadrezadas de púrpura e prata, de tres peças, em palla.

Êlmo d'aço aberto—timbre, um abutre, de prata, biccado e armado d'ouro.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, de asul, cruz d'ouro floreada e vasia do campo—êlmo d'aço, aberto—timbre, o pinheiro das armas.

Outros Magalhães, usam — em campo de prata, 3 bondas enxequetadas de púrpura e prata, de 3 peças, em palla.

O mesmo élmo e timbre.

Outros, finalmente, trazem—escudo enxequetado de púrpura e prata, de 3 peças em faxa e 3 em palla.

Êlmo e timbre, como os primeiros Magalhães.

Antigamente tambem se escrevia *Mangalhães*.

E' actualmente possuidor e representante d'esta casa, o sr. João Gomes d'Abreu de Lima Magalhães e Menezes.

A fundação do praso de Paço-Vedro, é de 1596.

Longa e nobilissima é a serie dos fidalgos d'esta familia, que é um ramo legitimo dos Abreus de Merufe e de Regalados (ao qual tambem pertencem os senhores condes de Fornos d'Algodres.)

[1] Outros dizem que esta senhora se chamava D. Aldára (ou Aldonça) Martins de Castellões, filha de João Martins, de Castellões.

Foi seu filho (de Affonso Rodrigues e mulher) Diogo Affonso de Magalhães, casado com D. Ignez Torres, de quem nasceu Affonso Rodrigues de Magalhães, senhor do castello de Nóbrega.

Os Abreus de Paço-Vedro, foram tambem senhores da casa de Anquião; e o são ainda da casa da Portagem, em Coimbra, e a do Outeiro, em Ponte de Lima.

D'esta casa foram os dois briosos e valentes cavalleiros de Malta — frei Gonçalo de Abreu, commendador da *Corcoveira*—e frei Antonio de Abreu, tenente general das armas da sua ordem, e commendador de differentes commendas.

A egreja d'esta freguezia, foi matriz da villa da Ponte da Barca.

E' sagrada, e póde n'ella dizer-se missa sem pedra d'ara.

E' um templo antiquissimo.

Tem reliquias de S. Martinho, seu padroeiro.

Note-se que o sr. Antonio Vieira de Magalhães, natural de S. João d'Alpendurada, não pertence a esta familia.

Foi feito barão de Magalhães, em 13 de maio de 1854, e conde do mesmo titulo, a 24 de maio de 1870.

PAÇOS—aldeia, Minho, junto a Braga, e da freguezia de S. Victor, d'esta cidade.

Ha n'esta povoação a casa nobre e muito antiga, da qual foi senhora D. Maria Candida de Araujo e Antas Da Mesquita, que, casando com Antonio d'Araujo e Vasconcellos Pereira Leite de Souza e Alvim, se uniu esta casa á de Lamas, em Cabeceiras de Basto.

(Para as suas armas, vide *Paço de Souza*.)

Está aqui a ermida de Nossa Senhora das Mercês, que fica a uns 1:200 metros de Braga.

Foi construida pelos ascendentes da illustre casa do *Lago*, da mesma cidade, em uma quinta que depois foi de Antonio Pereira do Lago.

E' um bonito passeio das familias de Braga, no verão.

No dia da padroeira se lhe costuma fazer uma bonita festividade, sempre muito concorrida.

A primeira imagem da Senhora, era de roca.

O arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles,

prohibiu na sua archidiocese as imagens de roca, para se evitarem indecencias, quando se despiam e vestiam; pelo que se fez então uma imagem esculpida em madeira, e é a que ainda existe.

As armas dos Lagos, senhores d'esta quinta—são—em campo de púrpura, uma torre de prata, sobre um lago, com tres peixes, nascentes, e sobre a torre, uma donzella vestida d'azul, acompanhada de tres flores de liz, d'ouro.

Timbre, a donzella das armas, com uma das flores de liz d'ellas, na mão direita.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monção) 70 kilometros ao N.O. de Braga, 425 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Clima excessivo, mas saudavel.

É pouco fertil em cereaes, mas cria muito gado, e nos seus montes ha grande abundancia de caça.

PAÇOS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 5 kilometros de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Julião.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis de rendimento.

É uma das mais antigas freguezias do Minho.—Foi villa. Fica abaixo do monte antigamente chamado *Bastucio*, ou *Bastuço*, na encosta, para o lado do rio *Laviorto* dos antigos.

Aqui teve diversas fazendas, Affonso Nantes Mires, das quaes deixou uma á Sé de Braga, em 1073.

D. Adozinda, mulher de Mendo Sijiniz, oppôz-se a esta doação e teve demanda com S. Geraldo, então arcebispo: por fim, compozeram-se, em 1106.

É terra muito fertil. Vide *Braga*.

PAÇOS — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Clemente, de Basto, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça.

PAÇOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 430$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado.

—

N'esta freguezia está a casa do *Ermo*.

N'esta casa nasceram Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, ministro em 1836.[1]—José Lopes Vieira de Castro, tenente de voluntarios liberaes, durante o cêrco do Porto (1832 a 1834). Foi um militar valente.—Luiz Lopes Vieira de Castro, desembargador da relação do Porto. Era tambem liberal, e foi do batalhão academico durante a guerra civil, que terminou pela convenção d'Evora-Monte. D'este era filho primogenito, o bacharel José Cardozo Vieira de Castro, o infeliz mancebo de que fallo a pag. 132, col. 1.ª e 2.ª, do 3.º volume.

Da casa do *Ermo*, foi fundador Rozendo Lopes, proprietario abastado e de uma respeitavel familia. Era capitão de Malta, o pae de Antonio, José e Luiz Lopes Vieira de Castro.

A freguezia tem sido ha muitos annos parochiada por parentes consanguineos d'esta familia.

PAÇOS — freguezia, Traz-os-Montes, co-

[1] O visconde d'Almeida Garrett, escreveu a biographia d'este homem de estado.

marca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Lamas d'Orelhão), 120 kilometros a N.E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario, collado, da villa de Lamas de Orelhão, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia está, ha mais de 80 annos, annexa a de *Eixes*. (Vol. 3.º, pag. 10, col. 1.ª)

Pouco fertil em cereaes, mas abundante de linho, fructos e legumes. Cria muito gado, e tem muita caça, grossa e miuda.

PAÇOS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 200 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

Arcebispado de Braga.

O prior do Salvador, do mosteiro dos conegos regrantes (cruzios) de Paderne, apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

PAÇOS—freguezia extincta, Traz-os-Montes; está unida á de Villar-Sécco, na comarca e concelho de Vinhaes.

PAÇOS DE BRANDÃO—freguezia, Douro (no foral da Feira e em outros livros antigos, diz-se *Paço de Brandão*), comarca, concelho e 7 kilometros ao O. da Feira, 15 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 rs. de rendimento. (Em 1623, apenas tinha 60$000 réis.)

É uma freguezia rica, fertil e bonita, a partir com a de S. Martinho d'Anta, onde está a formosa povoação de Espinho, uma das melhores estações de banhos de Portugal.

É abundante de todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra. O mar, que lhe fica a 9 kilometros ao O., lhe fornece muito e optimo peixe.

A egreja parochial, reconstruida no principio do seculo XVIII, fica no centro da freguezia, e o povo mais distante d'ella, fica apenas a um kilometro. A capella-mór, foi construida no fim do mesmo seculo, á custa do abbade que então era da freguezia.

Tem ricas pinturas a oleo. O altar-mór é muito elegante e rico, e tem 5 altares lateraes. É de uma só nave, mas vasta e magestosa.

Em frente da egreja se faz em todos os domingos, um importante mercado.

Frei Antonio de Figueiredo (*Nova Malta Portugueza*, tomo 1.º, § 205, pag. 363) diz:

A freguezia de *Palacio Blandõ* (Paços de Brandão)[1] tinha nove casaes, pertencentes á ordem de Malta, e metade da egreja. O mosteiro de Grijó, tinha a outra metade, e dez casaes (talvez por legado de algum dos dois primeiros Brandões que alli viveram, depois de terem vindo com o Sr. conde Henrique, e jazem sepultados na egreja d'aquelle mosteiro).

Vê-se pois que esta parochia é antiquissima, pois já existia no seculo XI, e que se chamava então *Palacio Blandon*, nome que lhe deu um cavalleiro de appellido Brandão, companheiro do conde D. Henrique.

Ha n'esta freguezia boas quintas, e casas de pessoas muito distinctas.

A *Quinta de Baixo*, foi de um inglez (que depois casou com a sr.ª condessa da Regaleira).

A casa dos Pintos d'Almeida, d'onde procedem os Moraes Pintos d'Almeida, lentes de Coimbra — Correias Leaes — Azevedos Brandões. (Um d'estes possue hoje a quinta da *Torre da Capella*, ou *Paços de Brandão*, que deu o nome á freguezia.)

A mais antiga fabrica de papel d'esta fre-

[1] O nome mais antigo que se conhece d'este logar, é *Paiaciólo Blandom*, o que nos induz a crer que, antes de se chamar *Paços* se chamava *Paçôs*, que é o correspondente ao latino *Palaciôlo*.

guezia, é a do sr. João d'Azevedo d'Aguiar Brandão, fundada pelo padre José Pinto d'Almeida.

O sr. Manuel Pinto d'Almeida, tem duas — o sr. Francisco d'Azevedo, uma — o sr. João Pereira de Souza, uma—o sr. José Caetano, uma — o sr. José de Carvalho, uma — e finalmente, o sr. José da Costa, outra.

Além das fabricas de papel d'esta freguezia, ha varias outras pelas freguezias immediatas—Rio-Meão, Parâmos, Silvalde, e Oleiros.

A serraria a vapor, está fundada na extremidade da freguezia, entre ella e a de Oleiros.

—

O seu territorio é bastante accidentado, porém os seus montes são de pouca elevação.

Tem muitos arvoredos silvestres, sobre tudo, pinheiros. É muito saudavel, pela pureza dos seus ares e optima qualidade de suas aguas potaveis.

A egreja matriz é um templo muito antigo, mas vasto e muito decente. É no centro da freguezia. A capella-mór é magnifica, e foi feita á custa de um piedoso parocho, que n'ella jaz sepultado. Tem uma elegante torre, de cantaria, com seu relogio.

Paços de Brandão, tem correio diario, e uma boa escola d'instrucção primaria.

Tem um bello cemiterio (ao lado da egreja) com alguns mausoleus de subido valor.

Na frente da egreja matriz, ha um espaçoso largo, circumdado de algumas casas e barracas, onde se faz todos os domingos o mercado ou feira.

Ha n'esta freguezia e no fim do largo do mercado, uma capella, pertencente á antiga quinta do Paço (3.º vol., pag. 160), propriedade do sr. João d'Azevedo Aguiar Brandão, filho do bem conhecido, distincto e caritativo cirurgião e deputado ás côrtes, já fallecido, sr. João José d'Azevedo. A casa que está junto á capella, mostra ter sido palacio em outro tempo. Supponho que d'este palacio, ou paço, veio o nome a esta freguezia.

É aqui a bella casa e optima quinta da *Portélla*, onde vive, com sua familia, o sr. Manuel Pinto d'Almeida, cavalheiro respeitavel e estimado. Esta bonita vivenda tem salas extensas, um magnifico oratorio, varias e grandes officinas e abegoarias; bonitos jardins e bella estufa. A familia da casa da Portella, é uma das mais exemplares d'estes sitios, e cuja dedicada e sincera hospitalidade é bem conhecida. Morreu aqui, o capitão de milicias, Manuel Pinto d'Almeida, pae do actual proprietario. Tomaram lucto, por occasião do seu fallecimento, todos os moradores d'esta freguezia; tal era a estima que lhe consagravam. Um creado, preto, tão dedicado lhe era, que, figurando-se-lhe vêr a todo o momento seu amo, dizia que o seu *senhor* o chamava, e um mez depois, morreu de saudade.

A esta familia pertence a do sr. José de Moraes Pinto d'Almeida, deputado em differentes legislaturas. Houve tambem um bispo na Guarda e um lente na universidade de Coimbra, que eram d'esta familia.

O sr. dr. Joaquim d'Almeida Correia Leal, juiz de direito, tambem aqui tem uma boa propriedade, chamada a *quinta de Baixo*, que foi solar dos barões da Regaleira.

Ha n'esta freguezia varias fabricas de papel, sendo a mais notavel a do logar do Engenho Novo, do sr. João d'Azevedo Aguiar Brandão, por ser a mais importante, no seu genero, em todo o concelho. O sr. Augusto d'Azevedo Pinto d'Almeida, sobrinho d'aquelle senhor, acaba de montar alli uma machina de sua invenção, pelo systema continuo, accommodada a papeis ordinarios e grossos, de toda a qualidade. N'este logar ha, em uma casa do mesmo senhor, um estabelecimento importante de serração de madeiras, montado a vapor.

Esta freguezia tem uma estrada que liga o largo do mercado com a estrada de Esmoriz ao *Picôtto*, cruzando no logar do *Engenho Novo*. O sr. Manuel Pinto d'Almeida fez á sua custa outra estrada á mac-adam, da sua casa da Portella ao largo do mercado, que da melhor vontade offereceu ao publico.

É uma bonita freguezia e tem alguns logares maiores e com ruas mais bonitas que muitas villas do reino.

—

No logar da *Barróca*, e no tempo da guerra fratricida (1834), estava o brigadeiro Paulo Maurity, commandando as forças legitimistas, estacionadas em Oliveira d'Azemeis. Era seu ajudante d'ordens, José Joaquim Soares Ferreira (natural de Angeja), que interrompêra os seus estudos, para tomar as armas a favor da causa do Sr. D. Miguel I. Era um mancebo de familia distincta e de fina educação. Passando este infeliz acavallo, por aquelle sitio (da Barróca), e encontrando-se de subito com alguns soldados liberaes, estes lhe atiraram dois tiros de espingarda; porém como não o matassem logo, pediu um sacerdote para se confessar, ao que lhe respondeu um dos soldados com um tiro n'um ouvido, fazendo-lhe saltar os miolos. O povo fez-lhe n'aquelle local uma ermidasinha (*alminhas*), alumiada de dia e de noite por uma alampada, e é voz geral que a sua alma é santa. Tantas offertas e esmolas de promessas lhe teem dado, que com o seu producto lhe construiram já uma bonita capella onde se póde dizer missa por sua alma. Um pintor distincto, estrangeiro residente em Lisboa, fez para aquella capella um bello quadro, representando esta morte, e o offereceu da melhor vontade á *Capella do Soares*.

O sr. Manuel Pinto d'Almeida, é que lhe mandou construir a nova capella, no mesmo sitio onde o infeliz mancebo foi tão barbara e tão cobardemente assassinado. Hoje (fevereiro de 1876) está a capella quasi concluida, e em breve serão n'ella recolhidos os restos mortaes d'este martyr, objecto de respeito e devoção, de todo o povo da freguezia e immediatas.

—

É n'esta freguezia, e na aldeia de *Gavinho*, a antiga e nobre casa do *Souto*, que foi de Joaquim José de Sá Mourão Cardoso, descendente de uma illustre familia. Foi coronel do regimento de milicias da Feira, e por varias vezes presidente da villa d'este nome. Era um cavalheiro digno e honradissimo, e de muita illustração. Teve duas filhas — D. Rosa Emilia de Sá Mourão Cardozo, que morreu solteira — e a Sr.ª D. Maria Emilia de Sá Mourão Cardozo, que ainda vive. É viuva de Domingos Teixeira de Menezes da Silva Canêdo, da villa da Feira; cavalheiro que deixou no concelho gratas recordações, pela sua honradez e nobreza de caracter, verdadeiros titulos de nobreza para os seus descendentes. Deixou seis filhos — os srs. Luiz, José, Domingos, Julio, D. Maria, e D. Maria Luiza. A primeira das filhas, está casada com o sr. dr. Joaquim Tavares de Araujo e Silva, medico e distincto operador, residente em Vousella — e a segunda, casou com seu primo, o sr. Joaquim Eduardo Pinto d'Almeida Teixeira, da Feira.

Domingos Teixeira de Menezes da Silva Canêdo, é descendente, por sua mãe, da nobre casa dos Teixeiras de Menezes, de Cabanellos, na freguezia de Borba da Montanha. (Vol. 1.º, pag. 419, col. 1.ª)

Esta familia traz por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, d'azul, uma cruz potentea, de ouro — no 2.º e 3.º, de prata, um leão, de púrpura, armado de azul, sobreposto de um pequeno escudo de ouro, com um annel do mesmo, perfilado de púrpura. Elmo de aço, aberto — timbre, o leão das armas.

Os Sás Mourões, trazem por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, enxequetado de azul e prata, de seis peças em faxa e sete em palla — no 2.º e 3.º, de verde, um castello de prata, entre duas faxas de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre o castello do escudo.

Para a genealogia dos Sás Mourões, vide pag. 55, col. 2.ª, d'este volume.

PAÇOS DE FERREIRA—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca da Lousada, 25 kilometros a N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 145 fogos.

Orago, Santa Eulalia, virgem e martyr.

Bispado e districto administrat.º do Porto.

O abbade da Vandoma apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 58, col. 2.ª) Era então couto, mas a sua capital, era a villa de Ferreira. (Vol. 3.º, pag. 171, col. 5.ª)—É pois á villa de Ferreira, que o rei D. Manuel deu foral.

O concelho de Paços de Ferreira, é composto das 16 freguezias seguintes—no arcebispado de Braga, 7, que são—Carvalhosa, Codêços, Eiriz, Ferreira, Figueiró, Lamoso, e Raymonda. E no bispado do Porto, 9, que são—Arreigada, Frazão, Freamunde, Meixomil, Modêllos, Paços de Ferreira, Pena-Maior, São Pedro Fins de Ferreira, e Seroia. Todas com 3:100 fogos.

O territorio d'este concelho é muito fertil em toda a qualidade de fructos agricolas do nosso paiz, e nos seus montes ha muita caça. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino.

A villa é pequena e bonita; mas não tem edificio algum digno de menção especial. A egreja matriz, é antiga e de boa fabrica, e o melhor edificio da villa.

O couto de Paços de Ferreira, era dependente da villa de Ferreira; porém, como aquelle progredisse mais do que esta, foi o couto annexado ao concelho, que por isso tomou o nome de Paços de Ferreira.

PAÇOS DE GAIOLO—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver), 48 kilometros a E.N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Orago, S. Clemente.

Bispado e districto administrat.º do Porto.

(Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano.*)

Foi abbadia dos marquezes de Marialva.

Está situada proximo da margem direita do rio Douro, em terreno muito accidentado, mas fertil em todos os fructos do paiz. O seu vinho, denominado do *Baixo-Douro*, é de optima qualidade.

Diz-se que o nome d'esta freguezia lhe provém de uma casa e torre que aqui teve, e onde viveu um principe mouro, appellidado *Gaiôlo;* o qual, segundo alguns, era pae ou irmão da formosa e famosa *Gaia.* (Vide *Ancora*, rio.)—Gaiôlo, parece ser palavra arabe, diminutivo de *Gaio*, que significa pequeno—vindo portanto a dizer—*Pequenino.* Paços de Gaiôlo, era uma das dez beétrias d'este reino.

PAÇOS DE PENALVA—Vide *Penalva, Sepulchro* e *Trancozêllo.*

PAÇOS DE VILHARIGUES (ou de Villarigas)—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 131 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Santa Maria de Vousella, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do Vouga.

Na aldeia de Vilharigues ha um castello antiquissimo, em ruinas. Proximo a elle, está a capella de Santo Amaro, da casa dos srs. marquezes de Penalva, e ao padroeiro se faz uma grande festa no seu dia.

É povoação muito antiga. Em 1290, nas Inquirições do rei D. Diniz, se menciona, já como antiga, a *herdade de Paços de Villarigas.* Diz-se alli, que—o *Casal do Covêllo, na Ventosa*, a maior *parte da herdade de Paços de Villarigas, em Vousella, e a aldeia de Pindêllo, de Alafões* (só um casal) *eram foramontãos da ordem do Hospital.* (Vide *Foramontãos.*)

—

Mais uma vez (e de certo não será a ultima) me vou aproveitar das preserverantes investigações archeologicas do nosso incançavel escriptor, e meu generoso amigo, o sr. Camillo Castello-Branco. É das suas obras (*Noites de Insomnia*) que resumi o que se segue:

O vetusto castello arruinado de que já fallei, e que está na aldeia de Vilharigues, é notavel, e digno do respeito dos portuguezes, por n'elle ter nascido e fallecido um dos mais bravos batalhadores de D. Affonso V, o nosso immortal Duarte d'Almeida—o *Decepado*—alferes-mór do rei de Portugal, na batalha de Tóro.[1]

Já disse, a pag. 309, col. 2.ª, no fim, e se-

[1] Não sei como o nosso Camões, que nas suas *Lusiadas* immortalisou tantos feitos heroicos dos portuguezes, fallando na batalha de Tóro, se esqueceu de mencionar o nosso bravissimo *Decepado!* — *Aliquando bonus dormitat Homerus.*

guintes, d'este volume, a causa da nossa imprudente guerra com Castella, em 1473: aqui pois, tratarei só do nosso Duarte d'Almeida.

—

Ignacio Pizarro, dando credito a escriptores precedentes, no seu *Romanceiro Portuguez*, faz dizer ao *Decepado*, no seu regresso de Tóro, para o castello de Aguiar de Pena, ou Pontido, onde vivia a sua querida Luiza:

Nem a espada, nem a lança
Posso nas mãos empunhar!...
Ai de mim! triste lembrança!...
Nem bandeira tremular!...
Nem bordão de peregrino
Póde meu corpo arrimar!
Nem o meu pranto continuo
Tenho mãos para limpar!...
Luiza! já me esqueceste?...
Talvez tu ora suspires
Por outro... se tal fizeste.....
Coração! ah! não delires....
Morto já, tu me julgaste,
E se agora assim me viras,
D'aquelle a quem tanto amaste
Talvez agora fugiras.

Talvez nobre cavalleiro
Pôde alcançar tua mão....
Queira o céu morra eu primeiro,
Não saiba a tua traição.
Que eu antes quero da morte
Ter gelado o coração,
Do que ver amor tão forte
Ter em premio a ingratidão.

Continúa o romance, e, segundo elle, Luiza, julgando morto o seu amado, lhe mandára fazer sumptuosos funeraes. Almeida, chegando á capella do castello, encontrou a sua bella vestindo o habito de monja. Almeida, apertando-a ao peito, lhe fez vêr que estava vivo; mas ella, disse que tinha feito voto de professar, e cahindo de encontro á éça, morreu.

Termina o trovador:

Seu amante desditoso,
Mais desgraçado viveu;
Mas o seu fim lastimoso
Nunca ninguem conheceu.

—

Duarte Nunes de Leão, na sua *Chronica de D. Affonso V*, diz que o Decepado, depois da sua ultima proeza, vivêra mais pobre do que d'antes.

Differentes escriptores modernos, seguindo os antigos, affirmaram que o Decepado terminou seus dias no esquecimento e na indigencia.

Estava reservada ao sr. Camillo Castello-Branco, a gloria de apagar esta nódoa de ingratidão da patria, que, em verdade, tão mal tem pago a quem a serve com dedicação.

—

(Do castello d'Aguiar da Pena, tratarei em *Pontido*. Aqui fallarei só do de Vilharigues.)

Duarte d'Almeida (que succedêra a D. Duarte de Menezes no posto nobilissimo de *alferes-mór da bandeira*), quando regressou de Castella, foi viver para a sua casa acastellada de Vilharigues (fundação do seculo XII).

Foi o herdeiro de seu pae, Pedro Lourenço d'Almeida; e, além d'este castello, tinha o da *quinta da Cavallaria*, que, segundo os linhagistas, é o solar dos Almeidas.

Quando chegou, era esperado pela esposa e por dois filhos. Aquella, chamava-se D. Maria d'Azevedo (e não D. Luiza, como diz a lenda), e era filha de Rodrigo Affonso Valente, senhor da Louzan, e de sua mulher, D. Leonor de Azevedo, herdeira dos grandes haveres de sua tia, D. Ignez Gomes de Avellar.

Os filhos do Decepado, chamavam-se — Affonso Lopes, e Ruy Lopes d'Almeida.

Affonso Lopes, herdeiro das honras e coutos de Vilharigues e Cavallaria, casou com D. Leonor Vaz Castello-Branco, filha de João Vaz Cardozo, aio do conde de Barcellos.

Ruy Lopes d'Almeida, foi para Castella, como veador de D. Joanna (filha do nosso rei D. Duarte), quando ella casou com Henrique IV.

Esta geração de fidalgos, continuou honrada e rica, até á 12.ª neta do Decepado, D. Eugenia d'Almeida de Aguiar Monroy da

Gama e Mello Azambuja e Menezes, que, em 15 de setembro de 1834, casou com o sr. Fernando Telles da Silva, marquez de Penalva, de quem teve dois filhos — o sr. Luiz Telles, que nasceu em 1837, e falleceu ha poucos annos (Foi casado com a sr.ª D. Maria Francisca Brandão, sua prima, e tiveram uma filha, que já é senhora.) — e a sr.ª D. Henriqueta d'Almeida, que nasceu em 1838, e ainda vive.

—

D. Affonso V não foi ingrato aos serviços do seu bravo alferes-mór, pois que, estando em Samóra, e ainda antes da batalha do Tóro, lhe fez mercê, *pelos seus grandes serviços*, para elle e seus filhos, de um reguengo, no concelho de Alafões. (Torre do Tombo, *liv. da chancellaria de D. Affonso V*, fl. 17.)

A carta de mercê, diz:

«A quantos esta minha carta virem, faço saber, que, pelos muitos serviços que Duarte d'Almeida, fidalgo da minha casa, e meu alferes-mór, me tem feito, assim n'estes reinos de Castella, como de Portugal e em Africa, onde sempre me serviu muito bem e lealmente,» etc.

Se D. Affonso V não ficasse preso traiçoeiramente pelo rei de França, se não se tornasse justamente triste, por perder o brilhante throno de Castella, e a sua esposa D. Joanna (a *Excellente Senhora*), se não fossem cheios de amargos desenganos os cinco annos que ainda depois viveu, é muito provavel que mais e maiores premios désse a Duarte d'Almeida, depois do seu gloriosissimo feito, na batalha de Tóro.

O rei D. Manuel (apezar de ser um dos mais ingratos monarchas portuguezes) deu a um neto do Decepado, o senhorio da villa do Banho, a provedoria das Caldas de Lafões, e lhe confirmou o privilegio e couto da quinta da Cavallaria, que é actualmente dos srs. marquezes de Penalva.[1]

O actual proprietario dos Paços de Vilharigues, descendente do Decepado, é o sr. Manuel Telles do Loureiro Cardozo de Figueiredo d'Almeida Castello-Branco. Ainda (1876) é solteiro. Tem tres irmãos — os srs. — Nuno (casado) — D. Carlota, e João, solteiros.

PÁDA—portuguez antigo, ainda usado em algumas terras das provincias do N. — pão pequeno, de trigo.

Antigamente dava-se este nome a toda a qualidade de pão, feito de trigo; e d'aqui provém chamar-se pádeiro, ao fabricante de pão.

PADELIÇAS—portuguez antigo — pastos, ou logares destinados para pastagens.

Vem do verbo latino — *paduire* — pastar.

PADÉRNE ou **PADERNA**—freguezia, Algarve, concelho d'Albufeira, comarca de Paderne, 30 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 402 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

A mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 140 alqueires de trigo, 105 de cevada, 4 almudes de vinho, e 15$000 réis em dinheiro.

E' povoação antiga e foi uma grande villa, defendida por forte castello, construido pelos mouros, aos quaes o tomou o grande D. Payo Peres Correia, em 1248.

D. Diniz I doou este castello ao mestre de Aviz, D. Lourenço Annes, com o padroado da egreja, por carta regia, do 1.º de janeiro de 1305.

O castello fica distante 2 kilometros da povoação.

Tem dentro do seu recinto, a capella de Nossa Senhora da Assumpção; mas as fortificações estão muito arruinadas.

Fica este castello a 12 kilometros a E. da

[1] Na casa da Cavallaria, nasceu São Gil, chamado de Santarem. Ainda n'esta casa existe uma capella, edificada na alcôva onde nasceu o santo.

Esta capella é mesmo dedicada a São Frei Gil, ao qual o povo rustico dá o nome de *São Frangil*.

N'esta capella está uma queixada do santo. (Vide *Santarem*.)

villa d'Albufeira, no monte chamado tambem Paderne, que, provavelmente deu o nome á villa, ou d'ella o tomou.

O monte é muito alto, e ao sopé corre a ribeira da Quarteira, do lado da qual, faz o cabeço um medonho despenhadeiro, tão perpendicular, que horrorisa, e ninguem póde subir á fortificação, por este lado.

O monte é quasi uma peninsula, por estar cercado pelo Quarteiro, na margem do qual, os condes de Valle de Reis (hoje duques de Loulé) teem uma quinta, que em tempos antigos foi das mais ricas e formosas do Algarve, pelos seus grandes pomares de espinho, hortas, campos e jardins; e hoje está em total abandono e ruina a sua grande casa, e os pomares convertidos em terras de lavoura; mas, muito ferteis.

Chama-se mesmo, *quinta da Quarteira.*

No tope d'este monte, ou penhasco, é que os arabes edificaram o castello, quadrado, que occupa todo o plató do cabeço, tendo cada lado uns 40 metros.

Durante a dominação musulmana, e ainda nos principios da nossa monarchia, era esta fortaleza uma das mais terriveis do Algarve, não só pela sua alcantilada posição, como porque as suas paredes eram formadas de *formigão*, tão forte e tenaz, que excedia em dureza as muralhas de pedra.

Era exteriormente cercada de torres, da mesma materia.

A porta principal, fica ao E., e é defendida por duas torres.

A ermida da Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada, *do Castello*, fica no centro do recinto d'este.

E' pequena e o tecto da capella-mór é de abobada.

Além do altar-mór, tem dois lateraes.

Foi a matriz primitiva da povoação de Paderne; mas depois, se fundou uma nova e mais vasta egreja, dentro da povoação, e é a que existe.

Parece que esta egreja foi construida pelos annos de 1500.

Era da ordem de Aviz, e um dos seus freires era obrigado aos concertos e paramentos da capella do castello.

Antigamente se fazia á Senhora do Castello, uma grande romaria, pela festa da Assumpção, vindo gente de Loulé, Albufeira e outras muitas terras.

Tambem se lhe fazia outra festa a 25 de março, dia da sua Annunciação.

Os povos d'estes sitios tinham grande devoção com esta Senhora.

—

A egreja matriz da freguezia é um bom e antigo templo, de tres naves, com altar-mór e oito lateraes.

O parocho é administrador de uma pequena albergaria, para viandantes pobres, que tem de renda, 16 alqueires de trigo, e 4$800 réis em dinheiro.

Parece que o nome lhe provém de *Paterna*, nome proprio de mulher. Vide o Paderne seguinte.

Proximo á povoação, passa a ribeira do *Algibre*, nome corrupto do arabe *Al-jabál*— o monte—vem a ser—ribeira do monte.

Nasce no sitio tambem chamado Algibre.

Junto a Paderne, se lhe junta o ribeiro d'Alte, e vão desaguar na praia da Quarteira.

Esta ribeira é perenne no verão, e muito caudalosa no inverno. Réga, moe, e traz peixe.

Suas margens são bonitas em algumas partes, e muito ferteis.

Esta povoação fica a pouca distancia da famosa capella de Nossa Senhora da Orada.

Entre esta povoação e a de Alte, existe um manancial de agua purissima, chamada *Fonte Santa.*

Suppõe-se que se refere a esta fonte a bonita lenda que se canta no Algarve, e é a seguinte:

A fonte das almas

Em uma tarde de maio,
De taes flores perfumada,
Que a Virgem Mãe do Rosario,
De tanto encanto enlevada,
Junto á margem de um ribeiro
Ceu e terra contemplava.
Nas aguas que alli corriam
Via-se ella retratada,

E dos myrtos e roseiras
Que o ribeiro refrescava,
Uma capella tecêra
Para a Virgem da Orada.

Tecida que era a capella,
Logo d'alli se ausentara,
Levando no seu regaço
O Filho que tanto amára.

Hindo em meio do caminho,
Grande calor apertava:
Agua o Menino pedia,
Mas sua Mãe não lha dava,
Que d'entre aquellas estevas
Nenhuma agua brotava.
Crescia a sêde, crescia,
E então a Virgem parava.
Lança olhos á ventura,
Vê uma rocha escarpada,
Onde o sol dava de chapa,
Com tal ardor, que queimava.

Palavra que a Virgem disse
Logo pelo Ceu entrara,
E o rochedo que a ouvira,
Em fonte se transformára,
E logo da penha sêcca
Pura e fresca agua jorrava,
Que aos pés da Virgem corria
Como que os pés lhe beijava.

Tendo o Menino bebido,
Logo a fonte se cercára
D'alecrins e mangeronas,
Que regava a agua clara.

Desde então foi esta fonte
Chamada a *Fonte Fadada.*

Déra-lhe a Virgem tres chaves
Uma d'ouro e as mais de prata;
Uma, para ser aberta;
Outra, para ser fechada;
E outra, para alli guardar
Almas puras como a agua.

Das almas que a Santa Virgem
Muitas vezes lá guardara,
Ficou-lhe o povo chamando
A fonte santa *das Almas.*

FADERNE ou **PADERNA**—freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros de Melgaço, 70 kilometros ao E.N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 470 fogos.

Em 1757, tinha 654 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto.

Fica sobre a margem esquerda do rio Minho.

O geral de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, trienal (que era um conego regrante de Santo Agostinho—cruzio.) Tinha 170$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado pela condessa D. Paterna, viuva de D. Hermenegildo, conde de Tuy, em uma sua grandiosa quinta, que, com outras propriedades e aldeias, aqui possuia.

Fez esta fundação, para aqui se recolher, com suas quatro filhas e outras nobres donzellas de Tuy, que as quizeram acompanhar.

Em 6 de agosto de 1130, estando todas as obras terminadas, foi sagrada a egreja, e o mosteiro, por D. Payo, bispo de Tuy, que, tambem no mesmo dia o dedicou ao Salvador, e lançou á condessa, suas filhas e companheiras, o habito das conegas de Santo Agostinho.

Mandou para confessores e capellães das conegas, sete clerigos de bôa vida; os quaes, em 1138, se fizeram regulares, sob a mesma regra de Santo Agostinho, vivendo em communidade.

A condessa lhes mandou fazer claustros, dormitorios, cellas e mais officinas, do lado do sul da egreja, que os dividia das freiras, que ficavam ao norte.

A fundadora, foi a 1.ª prioreza das freiras, e D. Ramiro Paes, o primeiro prior dos religiosos.

A povoação tomou o nome de *Paterna* (que depois se corrompeu em Padérne) porque ao convento se dava o nome de *mosteiro da Paterna.*

A condessa falleceu a 6 de janeiro de 1140,

e foi sepultada em uma capella que estava ao lado do Evangelho, na capella-mór (a qual, depois serviu de sachristia aos conegos) com a sua figura sobre a tampa, em meio relevo.

Junto a ella, está tambem de meio relevo, a estatua de um guerreiro, que é provavelmente o conde D. Hermenegildo.

Tem uma inscripção, que, por gasta é ilegivel.

Succedeu-lhe no priorado, sua filha, D. Elvira, á qual D. Affonso Henriques, doou o couto de Paderne, em 1141, com a jurisdição civel que n'elle tinha.

N'esta doação diz o monarcha, que lha fizéra pelos bons serviços que as freiras lhe tinham feito, quando elle estava sitiando Castro-Laboreiro, mandando-lhe mantimentos e alguns cavallos, sendo um d'elles muito formoso e ricamente ajaezado, para o serviço do mesmo rei.

—

Nem o proprio chronista dos cruzios, pôde saber, apezar de todas as suas investigações, quando deixaram de haver freiras n'este mosteiro.

Sabe-se apenas, que em 1248 já aqui só haviam frados, tendo então por prior, D. João Pires, grande partidario de D. Affonso III; pelo que este rei fez ao convento grandes doações, e lhe deu grandes privilegios, n'esse anno.

Este mesmo prior, D. João Pires, sendo a egreja velha muito pequena, a fez demolir em 1264, construindo a actual, que foi sagrada por D. Emigdio, bispo de Tuy, em 6 de agosto do mesmo anno.

O couto de Paderne, estava entre o termo das villas de Mélgaço, e da de Valladares, do Alto-Minho.

Havendo duvida, sobre a jurisdição civel, dos conegos, no seu couto, D. Manuel lhe confirmou a tal jurisdição, em 11 de agosto de 1517.

O prior do mosteiro, era capitão-mór do couto, e nomeava as suas justiças, escrivães e officiaes.

Em 1594, foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra, deixando os priores de ser perpetuos, como até então, para serem trienaes.

Em 1640, e durante toda a guerra da restauração, fez o prior de Paderne, D. Simão da Paixão, grandes serviços á patria, como capitão-mór do seu couto.

—

Tinha este mosteiro passado a commendatarios, no seculo XV, e o foram, uns fidalgos gallegos, chamados Mogueimas Fajardos, que deixaram muita susseção n'este reino.

Fundaram a quinta de Pontezelles, que depois foi do capitão, Pedro Falcão, casado com a filha de Diogo Ortiz de Tavora, filho de Gregorio Mogueima Fajardo.

Por morte do ultimo commendatario, que foi, Diogo de Alarcão, é que o rei D. Sebastião mandou unir o mosteiro, ao de Santa Cruz de Coimbra; o que só veiu a effectuar-se já durante a usurpação de D. Philippe II, por bulla de Clemente VIII, de 1594.

Os crusios venderam depois o mosteiro, a cêrca e o senhorio do couto, aos Caldas. de Badim.

A egreja do mosteiro, foi sempre a matriz da freguezia, e do padroado de Santa Cruz, de Coimbra.

PADIM DA GRAÇA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 hilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 106 fogos.

Orago, Santo Adrião.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 1550 alqueires de pão, e cinco pipas de vinho.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça.

PADINHADAMENTE — e mais antigo — *Paadinhadamente*—portuguez antigo—claramente, manifestamente, etc.

PADORNÊLLO ou **PEDORNÊLLO**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros ao N. d'Amarante, 48 kilometros a E. de Braga, 48 a N.E. do Porto, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 93 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior do convento dominico de S. Gonçalo d'Amarante, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' uma povoação rica, fertil e bonita, situada nas margens ao Rio Mendo e, que em grande parte, deve a sua prosperidade á excellente fabrica de lanificios, alli fundada em 1860, e que é hoje uma das principaes, d'este genero, em Portugal.

Está aqui uma torre, a qual, segundo consta, foi residencia de D. Loba Mendes, filha de Mem de Gondar, e mulher de Diogo Bravo, de Riba-Minho.

Esta senhora era muito rica e caridosa, e deixou certas rendas e propriedades ao convento de S. Gonçalo d'Amarante, com a obrigação de darem em todos os dias do anno esmolas a todos os pobres que se apresentassem á portaria.

Este legado cumpriu-se religiosamente até 1834. Depois *consolidaram-se* as rendas e propriedades destinadas a esta grande obra de caridade, e lá se foram as esmolas!

—

Esta freguezia está nos confins da provincia do Minho (segundo a divisão que existiu até 1834) e proximo á de Traz-os-Montes, que lhe fica a N.E.

Fica a povoação escondida entre as penedias que limitam o estreito valle por onde corre o dito ribeiro Mendo, ou Ruy Mendes, que aqui perto morre no Tâmega.

Padornêllo era uma pobre aldeia, cujos habitantes apenas viviam da agricultura, e de criarem algum gado.

Viviam quasi ignorados, quando veiu o principio da associação, em começos de 1859, estender-lhes a mão, dando-lhes alento e uma nova vida; e conseguindo que esta povoação fosse conhecida em todo o reino, como uma das principaes terras industriosas de Portugal.

Uma empreza, composta de quatro socios, sob a firma commercial de Garcia Ribeiro & C.ª, fundou junto á povoação, uma grande fabrica de lanificios, cujo motor é a agua do ribeiro de Rio Mendo.

A sociedade *Garcia Ribeiro & C.ª*, foi dissolvida, por escriptura publica, de 25 d'agosto de 1868.

Pertence hoje este estabelecimento ao seu antigo socio, o sr. Manuel Pereira da Silva, da cidade do Porto, e ao sr. Antonio José da Costa, de Amarante; por contracto celebrado em 9 de fevereiro de 1869; com o fundo social de 60 contos de réis.

Os bons resultados da empreza, pela prompta venda dos seus acreditados productos, tem animado os socios a varias ampliações e melhoramentos, e hoje está um optimo estabelecimento industrial, empregando grande numero de braços, de ambos os sexos.

O edificio da fabrica, é novo, construido expressamente para este fim; tendo, alem da parte principal, varios corpos accessorios.

Está edificado na falda de um monte, junto á ribeira cujas aguas lhe servem de propulsor. e que traz quasi sempre bastante volume de agua, e uma corrente bastante rapida, em rasão do seu declivoso leito, onde se admiram muitos saltos ou catadupas. algumas de um effeito pittoresco; e suas margens são em parte cultivadas e bonitas, e sempre interessantes pela sua alpestre belleza.

E' atravessado por uma boa ponte de madeira, que dá passagem á estrada que torneia em *lacêtes* uma collina alcantilada.

Os montes que, por todos os lados dominam a aldeia, são mais ou menos povoados de arvoredo silvestre, sobre tudo, pinheiros castanheiros e carvalhos.

—

No dia 29 de agosto de 1874 (um sabbado) na estrada que conduz d'Amarante a Mezão-Frio, no sitio de Roborêda, logo acima de Padornêllo, cahiu tão enorme porção de chuva, que as aguas cavaram a estrada, em alguns sitios, até á profundidade de 20 metros, interrompendo a passagem dos trens e cavalgaduras.

Foi tão violenta a tempestade, que arrastou para a estrada tão grandes penedos, que mesmo depois de quebrados, a fogo, houve grande difficuldade em removel-os.

Suppõe-se ter sido uma *tromba marinha* que foi alli rebentar.

O nome d'esta freguezia e das seguintes, é diminuitivo de *Padrão.*

Os nossos antigos davam o nome de padrão, aos marcos milliares dos romanos, e nas tres freguezias denominadas Padornêllo e Padornêllos, passavam vias militares romanas.

Era mais etymologico escrever-se *Padronêllo.*

PADORNÊLLO ou **PEDORNÊLLO**—freguezia, Minho, concelho de Coura, comarca de Vallença, 48 kilometros ao N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 146 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tinha mais, uma abbadia simples, de apresentação da casa de Bragança, que rendia 85$000 réis annuaes.

Esta segunda abbadia, tinha sido dos marquezes de Villa-Real, que a perderam (com a vida) em 1641, por traidores á patria.

Ha n'esta freguezia a capella do Senhor Ecce-Homo, principiada em 1779, e ainda não está completamente acabada.

E' terra fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

E' abundantissima de caça, grossa e meuda, e tem algum peixe do rio Coura, que lhe fica perto.

Tambem recebe peixe do rio Minho, que lhe fica ao N.

PADORNÊLLOS ou **PEDORNELLOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros a N.O. de Montalegre, 76 kilometros ao N.E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 58 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Encarnação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Montalegre, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e cabeça da honra do seu nome, com juiz ordinario, para as causas civeis.

D. Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 5 de outubro de 1265. (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 8, col. 2.ª, e gav. 15ª., maço 10, n.º 15.)

Esta freguezia está situada nas *Alturas de Barroso*, na falda occidental da serra de *Larouco*, onde tem a sua origem o rio Cávado, é composta de dnas povoações—*Padornêllos*, séde da parochia, e *Sendim.*

Tem duas capellas publicas, a de S. Roque, em Padornêllos—e a de Santa Senhorinha, em Sendim.

Pelo N. confina esta freguezia de com a raia da Galliza.

O seu territorio, apezar da sua exposição ao S., como a sua situação é elevada, é pouco fertil, produzindo apenas centeio, trigo, batatas e alguma hortaliça.

Cria muito e optimo gado vaccum, que no verão pasce na Vesseira, na serra de Larouco.

E' abundante de caça, grossa e miuda.

Ao N. da freguezia, existiu o antigo castello de *Portêllo*; e entre Padornêllos e Sendim, ha vestigios de uma povoação que alli existiu, com o nome de Santa Cruz. Era *casal cerrado.* [1]

Ainda no principio d'este seculo, pagava a freguezia, por esta extincta povoação, rs. 6$300.

Existe na secretaria da egreja parochial, um livro dos capitulos das visitas, no qual se manda demolir a capella de Santa Cruz, do logar do mesmo nome, por este se ter despovoado.

Vide *Terras de Barroso.*

O castello de Portêllo, existiu no sitio hoje chamado *Côtto de Sendim.*

E' um môrro, entre as serras de Larouco

[1] Casal cerrado, ou encabeçado, era o nome que os antigos davam ao casal ou praso fateusim, que dividido por alguns, ou por muitos colonos, um só (o cabecel) era obrigado a responder pela pensão de todos, que recebia e entregava ao directo senhorio.

e Arandella, ficando um kilometro ao N. da aldeia de Sendim, e 6 a N.E. da villa de Montalegre.

Ainda alli se divisam vestigios da sua existencia, por entre pedras soltas e mattagaes.

Em 1802, fazendo-se aqui escavações, se acharam, caveiras, ossos, e algumas moedas.

Eram encarregados da guarda d'este castello, os povos de Villar de Perdizes, Solveira, Santo André, Gralhas, Meixêdo, Padornêllos, Sendim e Padroso.

Eram tambem obrigados á guarda e defeza de outros castellos, que todos foram arrazados pelos castelhanos e leonezes, nos seculos XII e XIII.

O sitio onde existiu o castello de Portêllo, é um dos da demarcação da raia da Galliza.

PADRÃO—portuguez antigo—*marco milliar*, que os romanos collocavam nas suas vias militares, para indicar o espaço de uma milha (dois kilometros aproximadamente) e é d'aqui que lhe vem o nome.

Ainda existem em Portugal, principalmente nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, mais ou menos bem conservados, muitos d'estes *padrões*, e foi a sua existencia em varios logares, que deu a estes o nome de *Padrão* ou *Padrões*.

Em varios logares d'esta obra, tenho mencionado muitos marcos milliarios que existem ou existiram; aqui mencionaroi os que não foram nos logares competentes.

Na via militar que de Braga vinha a Chaves e d'aqui a Astorga, havia muitos; mas só temos noticia dos seguintes—além dos já mencionados.

Junto ao logar das Boticas, a dois kilometros de Ruivães, na estrada actual, que, com pouca differença, é sobre o leito da romana, ao pé do rio *Cânhua*, estão dois padrões, levantados do lado do O.—um não tem letras —o outro, era dedicado ao imperador Trajano, e diz que d'alli a *Aguas-Flavias* (Chaves) são 10 leguas e tres quartos.

No outro ramal da mesma estrada, que se divide nas Boticas, perto da aldeia de Campos, ha outro, em um ribeiro; mas está quasi submergido: era dedicado ao imperador Claudio, e diz que d'alli a Braga eram cinco leguas (15 milhas) mas este padrão consta que estava no alto do monte chamado *Portella de Rebordêllo*.

Na mesma direcção, ao O., está outro, quebrado, na parede de um campo.

Tem cinco palmos de alto, e 8 de grosso.

Só se póde ler—XXXV.

Tambem esteve primeiramente na Portella de Rebordêllo.

No logar de *Villarinho dos Padrões*, na mesma estrada estão tres — um sem inscripção, outro foi dedicado ao imperador Tiberio, e diz que d'alli a Braga são cinco leguas.

Ambos estão deitados no chão, e teem 11 palmos de comprido. e 8 de grosso.

O 3.º está levantado d'entro de um campo, perto dos outros.

Da sua inscripção apenas hoje se póde ler:

M. P. XL,II

(Quarenta e dois mil passos.)

Fóra da mesma estrada, mas proximo a ella, se acham mais os seguintes padrões:

No *Zebral*, perto de *Espindo*, junto á capella de S. Martinho, estão dois — um quebrado e com letras, mas ilegiveis — o outro diz que foi mandado collocar por Cesar Augusto.

No logar de *São-Gunhêdo*, freguezia de Codeçoso do Arco, está um, dedicado ao imperadoo Claudio, e diz que d'alli a Braga, são 8 leguas e 3 quartos.

Perto d'estes, estão outros dois, servindo de hombreiras de um forno.

Ambos teem inscripções; mas só desfazendo o forno se podem lêr.

No sitio chamado *Lama do Carvalho*, perto de Porto de Carros, no campa de Borragueiro, a uns 300 metros da entrada, está outro, dedicado a Tiberia. Não se póde ler mais nada.

No sitio da *Pastoria*, 6 kilometros ao O. de Chaves, existiu outro, dedicado a Trajano, e dizia que d'alli a Chaves, era uma legua.

Em *Valle de Telhas*, ha outro, dedicado ao imperador Maximiano.

Em *Vinhaes*, existiu outro. Só se podia ler —XXV leguas.

Em *Codeçoso do Arco*, houve um, dedicado a Trajano, e dizia que d'alli a Chaves, eram 10 leguas e meia.

A pouca distancia do mesmo logar, havia outro, collocado por ordem do imperador Adriano, e dizia que d'alli a Chaves eram 10 leguas e 3 quartos.

Em *Curraes*, adiante de Lama do Carvalho, ha outro, sem inscripção.

Está servindo de pedestal de uma cruz.

Foi para aqui trazido do sitio dos *Padrões* que fica junto á estrada.

Na *Cruz de Leiranco* está um de 12 palmos d'alto e 9 de grosso, servindo de pedestal á mesma cruz.

Consta que foi trazido para aqui, de uma villa chamada *Mel*, que já não existe.

Perto e adiante de Chaves, está outro, sem inscaipção, na logar de *S. Lourenço*.

Em *Paçacos*, ha outro, dedicado ao imperador Macrino.

Vide *Braga*, *Estradas-Romanas*, *Geira*, *Padrós*, *Portella do Homem*, e *Via Militar Romana*.

PADRÃO—serra, Beira Alta, na freguezia de *Cavernães*, a 6 kilometros á O. de Viseu. (2.º vol., pag. 217, col. 2.ª)

Junto a *Cavernães*, ha uma aldeia chamada *Carragozélla*

Pelo meio d'este logar córre uma ribeira de bastante agua, que o rega e fertiliza, indo depois juntar-se ao rio *Satan*, perto do logar de *Santos Évos*.

No meio d'esta aldeia, para o O., principia uma serra, chamada *das Antas*, por terem alli havido alguns d'estes monumentos celtas. A esta; segue-se para E., outra serra denominada do *Padrão*.

Na falda d'esta serra (ou monte) está a capella de *Nossa Senhora da Victoria* ou *Nossa Senhora a Nova*, ou *Santa Maria de Carragozélla*.

E' um templosinho bonito, com seu alpendre de cantaria.

Junto a elle, está uma casa, que foi residencia do ermitão da Senhora.

Foi esta Senhora muito visitada de romarias, por ser da particular devoçao dos povos circumferentes.

Eis a origem d'esta capella.

Havia na aldeia de Carragozella um lavrador, chamado Jeronymo Francisco, varão de grande simplicidade e muito virtuoso, sabendo curar variaz enfermidades, e principalmente a hydrophobia, tanto em homens como em animaes.

Jeronymo era pobre; mas, como era muito devoto da Santissima Virgem, projectou construir-lhe uma ermida, junto á estrada que vae para Viseu, cuja obra de pedreiro justou com um mestre chamado Constantino, do logar de Quiriga.

Concluiu se a obra, de boa cantaria, de que ha abundancia por estes sitios, e feitas as mais obras, foi alli collocada a imagem da padroeira, que mandou fazer durante as obras da capella.

Foi isto pelos annos de 1630.

Principiou logo o povo a ter muita devoção a esta Senhora, e foram tantas as offertas, que em breve se ornamentou a sua casa, e se construiram o alpendre e a casa do eremitão.

O abbade de Cavernães, que via o grande valor das muitas offertas e esmolas, dadas á capella, quiz, levado da sua ambição, apoderar-se d'ellas, para o que, tirou a chave da porta da ermida, e a levou para sua casa; e quando vinham os romeiros, lhes vinha ou mandava abrir a porta, que ficava guardada até á sahida dos devotos; e então o abbade, agarrava tudo quanto via no altar, e o levava para sua casa.

Foi a ambição d'este máo parocho, que causou o abandono da Senhora, e da devoção; porque, como os devotos só queriam dar as suas esmolas á capella, e não ao abbade—e, de mais a mais, como a casa d'este ficava a 2 kilometros da ermida, e era preciso uma nova jornada para se hir pedir a chave, foi-se pouco a pouco resfriando; até que por fim acabou a devoção.

Esteve a capella esquecida e abandonada alguns annos, até que, em 1670, alguns devotos de Cavernães a restauraram, e erigiram uma irmandade, com 150 irmãos e 15

irmans, da invocação do Santissimo Rosario; tomando a padroeira por sua protectora, e fazendo-lhe desde então uma grande festa, a 15 de agosto de cada anno.

Tem a irmandade dois jubileus, com indulgencia plenaria—um no mesmo dia da festa, outro, no 3.º sabbado de quaresma; fazendo-se n'este dia, um anniversario geral, pelas almas de todos ss irmão fallecidos.

O altar é privilegiado em todos os sabbados do anno, e nos da quaresma, tem sempre missa, paga pelos irmãos.

A pouca distançia da capella, está uma fonte de cristalina agua, para refrigerio dos romeiros.

—

Ao S. da capella, a uns 200 metros de distancia, ao sopé da serra do *Padrão*, consta que houve uma povoação mourisca, e ainda alli se veem ruinas de casas, e montes de pedra lavrada.

Teem aqui apparecido varias moenas de cobre, mas, tão oxidadas, que se não pôde saber se eram romanas ou arabes.

Perto d'estas ruinas e junto á estrada está uma sepultura antiquissima, sem inscripção.

Em um campo, contiguo a esta sepultura se tem tambem achado moedas de cobre, como as outras, desconhecidas.

Perto d'este sitio, ao S., na raiz do monte, nasce um manancial de agua, abundantissimo, que rega varias propriedades.

—

Padrão, é um appellido nobre em Portugal, tomado, ou da villa de Padrões, na provincia do Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, ou da villa de Padrão, na Galliza; mas o primeiro que com elle se acha n'este reino, é Diogo Padrão.

Os Padrões trazem por armas:

Em campo verde, dois penhascos da sua côr, e sobre cada um d'elles, uma columna, ou padrão, de prata, com uma cruz azul, sobre cada padrão.

Èlmo d'aço aberto e por timbre, as duas columnas, atadas em aspa, com uma fita verde.

PADREIRO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade do Salvador de Padreiro apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'Altar.

E' terra muito fertil. Muito gado de toda a qualidade e caça. Peixe do rio Lima.

PADREIRO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentaua o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça. Peixe do Lima.

No districto d'esta freguezia, e contiguo á freguezia de Távora, a uns 5 kilometros da villa da Barca, nas duas margens do rio Lima, nascem duas pequenas fontes de agua mineral sulphurea, fria, uma em cada margem, e em tudo semelhantes.

A 1.ª, chama-se *Fonte-Santa*, e é innundada, com as enchentes do Lima.

A 2.ª, sáe de uma pequena rocha, no monte fronteiro.

Esta agua é clara e muito diaphana, com gosto e cheiro proprio das aguas sulphureas, depondo, por onde corre, sedimento de côr alvacenta, em consistencia mucilaginosa.

Póde ser aproveitada em banhos frios, ou aquecida artificialmente; e tambem será de muita utiliuade, para certas molestias, applicada internamente.

PADRÊLLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços (foi da comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte-Negro) 95 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 43 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Nicolau, de Carrazêdo de Monte-Negro, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé de altar.

PADROADO DO ORIENTE—O padroado do Orinte procede como o do continente, da generosidade da Santa Sé para com os reis de Portugal, aos quaes foi concedido o privilegio exclusivo de proteger os interesses catholicos nos paizes por elles descobertos, ou que houvessem de descobrir, desde a costa occidental da Africa, até aos confins da Asia. E mais tarde comprehendeu o vasto imperio do Brasil, descoberto por Pedro Alvares Cabral, em 1500.

O primeiro papa que concedeu ao reis de Portugal a regalia do Padroado, foi Leão X em 1514, pela bulla — *Dum fidei constantiam.*

Antes d'elle, Martinho V, Eugenio IV, Nicolau V e Alexandre VI, se tinham pronunciado a favor do dominio temporal sómente, reconhecendo á corôa de Portugal o direito exclusivo de possuir e governar as regiões que tivesse descoberto e houvesse de descobrir, desde o cabo, não para o oriente, do mesmo modo que o reconheceram á Hespanha com respeito ás Americas, ou do cabo, não para o occidente.

D'ahi resultou que pretendendo Eduardo IV, de Inglaterra, fundar estabelecimentos commerciaes na Guiné, desistiu d'esse intento, apenas Portugal lhe notificou que o papa outorgára á côroa portugueza, a posse exclusiva d'aquellas regiões.

Estes pleitos internacionaes resolviam-se assim n'aquelle tempo, porque as nações da Europa quasi todas catholicas, viam na pessoa do papa o representante de Christo na terra; e por isso o consideravam o árbitro mais auctorisado e competente para decidir com acerto e intetreza todas as questões, não só de dogma e moral, mas de justiça natural, e positiva.

Hoje essas nações *libertaram-se* do jugo do papa e entenderam que muito melhor é resolver as questões todas á espada e á balla.

Portugal deve pois aos pontifices de Roma a posse das regiões que descobriu: sem as bullas dos papas, respeitadas peles reis da Europa, como foi pelo de Inglaterra, nunca os nossos monarchas se poderiam jactar de unir ao titulo de rei de Portugal e dos Algarves, os pomposos titulos de Senhor de Guiné, de Aquem e de Além-Mar em Africa, da Comquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.

Embora Portugal sacrificasse o ouro e o sangue de seus filhos, se as outras nações não ouvissem a voz do papa, e seguissem a voz e o impulso do proprio interesse, taes conquistas não podiam ser conservadas, nem garantidas em um tempo em que a conquista garantia direitos e dominação politica.

Como o fim principal da Egreja n'estas concessões é sempre o esplendor da religião e a propagação da fé, accresceu mais tarde o privilegio do padroado, outorgado ao rei de Portugal, por ser o fundador e protector nato das christandades que se formaram á voz dos missionarios, nas extensas regiões conquistadas ou por conquistar, descobertas ou por descobrir, na linha divisoria fixada por Alexandre VI, e por Leão X.

Todavia convem advertir que a doação do padroado aos reis de Portugal, foi na qualidade de Grão-Mestre da ordem de Christo, e afim de que o rei de Portugal protegesse com o maior cuidado a Egreja no Oriente, e em todos os paizes sujeitos a Portugel.

O rei de Portugal tinha o dever de dotar e conservar os templos, prover á sustentação do clero necessario para manter e dilatar a fé, subministrando todos os meios mais efficazes afim de que o Evangelho fosse prégado em toda a parte, onde se estendesse o seu dominio ou influencia.

N'uma palavra, a base essencial e unica do direito do padroado, da parte do papa, é um simples privilegio; da parte do rei de Portugal, consiste n'uma protecção inergica e forte á Egreja, até onde se estende a concessão do Padroado.

O direito do Padroado exige protecção e exclue a aggressão, e o desamparo.

O padroeiro que não póde ou não quer proteger a Egreja, não é padroeiro.

Ora o padroeiro de Portugal não póde nem quer proteger a Egreja no Ultramar e no Oriente; logo não merece o nome nem o titulo de padroeiro. De tudo quanto avançamos podemos produzir provas de sobejo.

A historia é a mestra da vida e incorruptivel testemunha dos tempos, tanto para os individuos como para as nações.

Sabe-se portanto que á missão evangelica, exercida por homens repassados de abnegação da vida e de todos os interesses terrenos, se deve a fundação da Egreja Catholica, e o estabelecimento do Christianismo.

Sem os apostolos e sem martyres ou testemunhas da fé, até darem por ella a vida, o mundo não mudaria de face, como mudou, ha 18 seculos: sem esse estrondoso milagre de abnegação e sacrificio voluntario, ainda hoje o mundo inteiro estaria sepultado nas trevas e superstições hediondas do polytheismo e da idolatria.

A Egreja catholica, mestra infallivel da verdade, assistida do Espirito Santo, para dirigir todos os povos pelo caminho traçado por Deus atravez do deserto da vida, em ordem á salvação, repetiu em todos os tempos e ensina hoje, que sem apostolos não ha missões, e sem missões, não é possivel propagar a fé e dilatar o reino de Deus.

O padroeiro que antes de ser rei, é primeiramente, ou deve sêl-o, filho obediente e exemplar, do chefe visivel da Egreja, devia concordar com o papa nos meios por elle propostos para sustentar o Padroado e cumprir os deveres que lhe são inherentes.

Todos sabem que o papa, e os povos sujeitos ao Padroado, são concordes em pedir o estabelecimento das ordens religiosas, como o unico meio de sustentar o Padroado no Ultramar.

Poder-se-ha duvidar da efficacia d'este recurso supremo? Não, porque a Egreja o ensina e a historia do explendor da religião no Oriente, não se póde separar um só momento da florescencia das ordens regulares em todos os dominios de Portugal; do mesmo modo que a decadencia do Padroado data da extincção das sobreditas instituições religiosas, desde 1834 até ao presente.

Portanto o restabelecimento das ordens regulares, é a condição, *sine qua non*, da existencia, origem e conservação do Padroado.

O papa e os povos da India, querem frades ou missionarios, como elles foram: só o padroeiro não quer frades, e por isso se vae extinguindo a pouco e pouco nas regiões do Oriente, a lembrança de Portugal, que fôra sempre tão grata aos povos de tão vastos territorios.

Os catholicos devem saber a razão porque o padroeiro não attende ás representações dos povos, que pedem unanimes as ordens religiosas para manter o Padroado.

Se o rei de Portugal ainda é conhecido no Oriente, é porqne foi um rei portuguez quem lhe mandou S. Francisco Xavier.

(*Catholico*, de Lisboa.)

PADROEIRO — portuguez antigo—*patreno* — assim se chamava em direito, ao que dava *carta d'alforria* e fazia liberto, algum ou alguns seus servos, ou escravos.

(Cod. Alf., L.º 4.º, tit. 70, § 7.)

PADROEIROS DAS EGREJAS E MOSTEIROS — eram os seus fundadores, ou lhes faziam algumas obras ou doações, e todos os seus herdeiros.

Isto dava em resultado terem alguns mosteiros, centos de *padroeiros*, com o direito de aposentadoria e *comedorias*.

Muitos conventos se extinguiram, porque os seus rendimentos não chegavam para o sustento d'estas harpias, e os frades morriam de fome.

Para evitarmos repetições, vide 3.º vol., a pag. 325, col. 1.ª

PADRÕES, ou (**SANTA BARBARA DOS**)— freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Castro-Verde—(foi da comarca de Mértola, concelho d'Almodóvar, 115 kilometros a O. d'Evora, 155 ao S. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago, Santa Barbara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 118 alqueires de trigo, e 180 de cevada.

O nome de Padrões lhe provém dos mar-

cos milliares da via militar romana, que vindo de Mirtilis (Mértola) passava por esta freguézia, por Beja, etc., até Merida.

É terra fertilissima em cereaes. Tem bons montados, onde se cria muito gado e caça.

PADRÕES — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, 113 kilometros ao O. d'Evora, 155 ao S. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 10 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Béja.

O tribunal da mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade.

A origem do seu nome, é a mesma da antecedente.

Era commenda da ordem de S. Thiago.

Corre por esta freguezia o rio Alvacaréjo, que morre no Guadiana. Réga, móe, e traz algum peixe miudo.

Teve foral, dado pelo mestre de S. Thiago, sem data; mas Franklim não o traz; como não traz nenhum dos que foram dados pelas differentes ordens militares.

É uma povoação muito antiga, mas pequena, e sem cousa alguma digna de menção.

PADROM — portuguez antigo — padroeiro — Dizia-se do Santo tutellar e patrono de qualquer egreja ou capella, e de pessoa que tinha o direito da apresentação de parochos ou beneficiados. — *Da qual Igreja eu sóóu Natural Padrom, e Herdeiro, e Governador, e en posse de presentar Clerigo a ella.* (Doc. d'Alpendurada, de 1303.) — Vide *Padroeiro*.

PADRONADIGA — portuguez antigo — dote ou herança que vinha pela parte paterna, a qual os filhos com muita repugnancia, e só em grande afflicção vendiam, por serem bens de *avoenga*.

PADROOM — portuguez antigo — marco, de pedras altas e corpolentas, com que dividiam ou coutos, honras, e concelhos. Na baixa latinidade se dizia — *padrones* e *petrones*.

Vinha a significar — pedra grande — *pedrão*.

PADRÓS, ou PADRÓZ — aldeia, Minho, na freguezia de Chamoim. (Vol. 2.º, pag. 266, col. 1.ª)

Tambem o nome lhe provém dos marcos milliares romanos, collocados na famosa estrada da Geira que passava por esta freguezia.

Ha por estes sitios grande numero d'estes marcos, ou padrões, a maior parte d'elles despedaçados, e poucos conservam as inscripções, mais ou menos legiveis.

É de suppôr que antes de poucos annos, a acção corrosiva do tempo e o vandalismo dos homens, tenham completamente apagado não só os vestigios, mas até a memoria d'estes preciosos monumentos da illustração dos dominadores do mundo.

É por isto que peço aos meus leitores, a permissão de mencionar aqui alguns d'estes padrões, que ainda no seculo passado se encontravam na via militar romana, denominada vulgarmente — *Geira*.

Áquelles a quem estas *escavações* archeologicas aborrecerem, supplico que passem adiante.

—

No sitio chamado *Cantos da Geira*, a 30 kilometros ao N. de Braga, se achou um marco com 12 palmos de alto e 10 1/2 de circumferencia, com esta inscripção:

IMP. CAES. M.
AVR. CARO...
... INVICTO...
P. C. P. M. XTR. P.
... AVG. P. P. XV.

(Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, caro, invicto. Proconsul, pontifice maximo, dez vezes investido no poder tribunicio. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.)

—

Junto ao ribeiro chamado do *Campo das Cabaninhas*, na freguezia de Chorence, se achou um marco, com 13 palmos d'altura e 11 1/2 de circumferencia. Dizia:

IMP. CAES. DIVI. SEVERI. PII. FIL.
DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP.
DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP.
DIVI. ADRIANI. ABNEP.

DIVI. TRAIANI. PAR ET DIVI.
NERVAE. ADNEP.
M. AVRELIO. ANTONINO PIO III. FEL. AVG.
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO. MAX.
PONTIFICI. MAX.
TRIB. POT. XVII IMP. III.
COS. IIII. P. P. PROCOS.

(Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, Antonino, pio, feliz, Augusto, parthico, maximo; britanico maximo, germanico maximo, pontifice maximo, 17 vezes investido com o poder tribunicio, imperador, 3—consul, 4—pae da patria, proconsul—filho divo Severo, pio, feliz—neto do divo Marco Antonio—bisneto do divo Antonino Pio—3.º neto do divo Adriano—4.º neto do divo Trajano, parthico, e do divo Nerva.)

—

Na mesma freguezia, no sitio chamado *Valle de Fojos*, abaixo da aldeia de Nazareth, esteve um marco, cuja parte superior da inscripção estava apagada. Só podia lêr-se:

.....
..... VII
C. CALPETANO. RANTIO
QVIRINALI. VALERIO FESTO.
LEG. AVG. PROPR. VIA.
NONA. M. P. XVIII.

(O sentido d'esta inscripção só ficará claro, quando adiante produzir outras semelhantes. Cada uma d'ellas nos dá a noticia de que esta via militar foi aberta e construida, por ordem do imperador Tito Vespasiano.)

—

No sitio dos *Lagêdos*, abaixo do logar de *Saim*, existiram quatro marcos. Os moradores d'este logar, despedaçaram um e roubaram outro, deixando apenas dois, com inscripções.

Uma d'estas, estava tão apagada, que as poucas letras que se podiam ler, não faziam sentido. O outro, dizia:

.....N.....
DIVI. VESPASIANI.
VESPASIANO AVG.
PONT. MAX. TRIB. POT.
VIIII. IMP. XV. P. P. COS.
VIII. CAESARE DIVI.....
PASIA.....
COS VII.....
G. CALPETANO. RANTIO.
QVIRINALE. VALERIO.
FESTO. LEG. AUG.
A BRACARA. M. P. XIX.

(Dedicado ao imperador Cesar Tito Vespasiano Augusto, pontifice maximo, nove vezes investido do poder tribunicio, quinze vezes imperador, pae da patria, consul oito vezes. Filho do Divo Vespasiano—sendo legados do imperador, Caio Calpetano Rancio Quirinal, e Valerio Festo. D'aqui a Braga, são 19:000 passos.)

—

Abaixo do logar de *Travassos*, junto ao ribeiro do seu nome, que atravessa a estrada, existiu um marco, partido em dois. Dizia:

IMP. CAES. DIVI. SETIMI
SEVERI. NEPOTI. DIVI.
ANTONINI. PII. MAGNI. FILIO.
M. AVRELIO. ANTONINO. PIO. FEL. AUG.
PONT. MAX. TRIB. POT. II
COS. PROCOS. P. P.
FORTISSIMO. FELICISSIMO. QUE
PRINCIPI.
A BRAC. AVG....
M. P. XXI.

(Dedicada ao imperador Cesar Marco Aurelio Antonino Pio, Feliz, Augusto, pontifice maximo, 2.ª vez investido do poder tribunicio, consul, proconsul, pae da patria, fortissimo e felicissimo principe. Filho do divino Antonino Pio Magno, e neto do divino Septimo Severo. D'aqui a Braga, são 21:000 passos.)

—

Abaixo do logar de *Felgueiras*, na freguezia de Chamoim, proximo ao ribeiro de Felgueiras, que atravessa a estrada, e no sitio chamado a *Hervosa*, existiram duas columnas.

Uma tinha a inscripção completamente apagada—da outra só se podia ler:

.....
.....
BRACARA. AVG

.....
.....
A BRAC. AVG
M. P. XXII.

(Braga Augusta. A Braga Augusta 22:000 passos.)

—

No mesmo sitio existiu um grande marco. Os moradores do logar em 1760, o levaram para o adro da egreja matriz, e d'elle fizeram um cruzeiro.

—

Perto da aldeia de *Padrós*, no sitio chamado *Esporões* (ou *Asperões*) [1] se achou outra columna, com a inscripção já apagada.

—

A distancia de 1:500 passos de Padrós, no sitio onde principia um atalho que vae para as aldeias de Cabaninhas e Pergoim, se acharam dois padrões — um com a inscripção totalmente apagada—e do outro, apenas podia lêr-se:

D. C. N. N. VAL.
.....LICINIANO.
..... LICINIO. N. N.
... ORI.....

(Parece que foi dedicada ao imperador Cayo Valerio Lecinio e a seu filho, Flavio Valerio Liciniano.)

—

Alem d'estas duas columnas ou marcos, havia por aqui mais outros, que o povo levou, e empregou em varias obras.

—

Na aldeia de Sá, em Covide, se achou enterrado em uma horta, outro marco, que o povo pôz na estrada, servindo de pedestal de uma cruz. Diz:

IM. CAES.
C. MES. QVINTO
TRAIANO. DECIO.
INVICTO. PIO. FEL. AVG.
PONT. MAX. TR. P.
PONT. MAX. T. P.
PROCOS. IIII.
COS. II. P. P.
A BRAC. MIL.
P. XXV.

(Dedicada ao imperador, Cesar Cayo Messio Quinto Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice—maximo do poder tribunicio. Quatro vezes proconsul, duas consul. Pae da patria. D'aquí a Braga, 25:000 passos.)

—

Em uma pequena volta que faz a via militar da Geira, entre as freguezias de Covide e Campo, está um padrão, servindo de cruzeiro. Diz:

IM. CAES.
C. MISSO. TRA.
DEC. INVTO.
PIO. FEL. AVG.
PC. IIII. C. II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII

(Dedicado ao imperador Cesar Cayo Messio Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice—maximo do poder tribunicio, quatro vezes proconsul, e duas consul. Pae da patria. D'aqui a Braga, são 27:000 passos.)

—

No sitio denominado *Leira dos Padrões*, pelo grande numero d'elles que alli houve, entre outros, havia dois cylindricos, muito grossos, que foram empregados na reedificação da egreja de S. João, onde os quadraram, apagando-lhe as inscripções, sem deixarem memoria d'ellas.

Ao pé d'este, estava outro, de 14 palmos de alto, e 12 de circumferencia. com esta inscripção:

D. N.
...C...I.....ORI.
BIRN.....AT.
SEMPER. AV.
MAXIMO.
MAGNENTI
TERRA. MAN.
VICTORI. P. RO. V.

[1] Nas provincias do norte, chamam *esporões* (corunção de *asperões*) a certa qualidade de pedras de amolar, que são muito *ásperas*, ou grosseiras.

DEDICAVIT.
Q. MORI.

(Quinto *Morio* (?) dedicou esta columna a nosso senhor.... sempre Augusto Maximo Magnencio, vencedor por mar e terra. Do povo romano.)

—

Receando que a alguns dos leitores aborreça a leitura de outras muitas inscripções romanas que se encontram por estes sitios, e ao longo da Geira; mas, não querendo privar os curiosos d'archeologia, de taes noticias, resolvi dar aqui só a traducção em portuguez das inscripções, indicando os logares onde foram achadas.

—

Junto á *Casa da Guarda*, que era um pequeno edificio onde os povos das Terras de Bouro faziam guarda, em tempo de guerra, em um sitio chamado *Padrões da Calle* (vulgo *Padrões de Cal*) está o resto de um, que diz:

Dedicado ao imperador Maximiano... D'aqui a Braga. são 29:000 passos.

Consta que havia n'este sitio grande cópia de padrões, e entre elles, um de 24 palmos d'alto, e grossura correspondente; o que nos faz acreditar terem sido para aqui trazidos pelos romanos, ou aqui lavrados, para se distribuirem pelos logares competentes.

Tambem no sitio chamado *Campo de Linhares*, havia grande numero. Eis as inscripções de alguns d'elles:

—

Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, Augusto... do povo romano.

—

Dedicado ao imperador, Cesar Trajano Adriano Augusto, pontifice maximo, 18 vezes investido do poder tribunicio, tres vezes consul, pae da patria. D'aqui a Braga, são 31:000 passos.

—

Dedicado ao imperador, Cesar Cayo Massio Quinto Trajano Decio Pio Feliz Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, 2.ª vez consul; pae da patria. D'aqui a Braga, são 31:000 passos.

Dedicado ao nosso senhor, Magno Decencio, nobilissimo, florentissimo Cesar, nascido para felicidade da republica. D'aqui a Braga, são 32:000 passos.

—

O imperador Cesar Cayo Julio Vero, maximo, pio, augusto, germanico, maximo, dacio maximo, pontifice maximo, imperador a 6.ª vez, pae da patria, consul e proconsul— e Cayo Julio Vero Maximino Cesar, germanico maximo, sarmatico maximo, principe da mocidade; filho do nosso senhor, o imperador Cayo Julio Vero Maximino Pio, feliz e augusto—reedificaram as estradas e pontes, arruinadas pelo tempo, sendo superintendente das obras, Quinto Decio, legado do imperador, e prefeito do pretorir. D'aqui a Braga, são 32:000 passos.

—

No sitio onde houve uma albergaria para peregrinos pobres, e ao qual, por isso ainda se dá o nome de *Albergaria*, appareceu o resto de um marco, no qual se lia:

Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio Carino Pio.

—

Junto d'este, outro que dizia:

Dedicado ao imperador Cesar Gaiö Messio Quinto Trajano Decio Pio, feliz, augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, 4 vezes proconsul, e 2 consul. D'aqui a Braga, são 33:000 passos.

—

No sitio da *Portella do Homem*, ha tambem alguns padrões. La darei noticia d'elles.

PADROSO—freguezia (foi villa), Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 5 kilometros ao N.E. de Montalegre, 77 ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 55 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia é unicamente composta da aldeia que lhe dá o nome.

Está situada na parte meridional do *Picotto de Sendim*, onde existiu o *castello do*

Portêllo, na origem do rio Cávado, confinando pelo N. com a Galliza.

O seu sólo, exposto ao S., e abundante de aguas, produz centeio, batatas, algum trigo, feijão, milho e hortaliça.

Cria muito gado vaccum, e tem muita caça, grossa e miuda.

Tem uma capella publica, pequena e pobre, dedicada a Santo Antonio.

Foi honra, com camara, juiz e escrivão do civel.

No crime e orphãos, estava sujeita a Montalegre, cujo corregedor nomeava os vereadores.

PADROSO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora das Neves.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 330$000 réis.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade.

PADROSO—freguezia, Douro.

N'esta freguezia e na de Margaride (annexas) está a villa, capital do concelho de Felgueiras, onde já fica descripta. (Vide vol. 3.º, pag. 162, col. 1.ª, no fim.)

PAE DA PATRIA—titulo que os romanos davam aos seus imperadores, como se vê na immensidade de inscripções que chegaram á nossa edade.

Quasi sempre escreviam este titulo em breve, ou pelas iniciaes PP.

PAE DOS VELHACOS—portuguez antigo —era um magistrado de Lisboa, que tinha por obrigação, vigiar os rapazes vadios que alli hiam ter, e aos quaes devia arranjar amo, ou qualquer officio.

Em 1535, reinando D. João III, se creou tambem na cidade do Porto, um *pae dos velhacos*, com as mesmas attribuições.

PAE PENELLA — freguezia, Beira Baixa, comarca de Villa Nova de Foz Côa, concelho de Méda, 54 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, S. Silvestre, papa.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Foi da comarca de Méda, concelho de Mariaiva. Em 24 de outubro de 1855, passou para o concelho de Villa Nova de Foz-Côa, e em 18 de dezembro de 1872, para o concelho da Méda.

O reitor de Valle de Ladrões, apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

PAIALVO ou PAYALVO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e proximo de Thomar, 130 kilometros ao N. de Lisboa.

Orago, Nossa Senhora da Egreja Nova.

É da prelasia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. — Districto administrativo de Santarem.

É freguezia moderna, e terra muito fertil.

É aqui a 18.ª estação do caminho de ferro do norte, officialmente denominada *estação de Thomar*.

PAIÃO ou PAYÃO—freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz (foi da comarca de Soure, concelho de Lavos), 35 kilometros a O. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Ó.

Bispado e districto administrat.º de Coimbra.

As religiosas de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 12$000 rs. de congrua e o pé d'altar.

As duas freguezias (Paião e Lavos) que formavam o antigo concelho de Lavos, supprimido em 1853, pertenceram antigamente ao concelho de Monte-Mór-Velho, por muitos annos.

Esta freguezia está proxima á costa do mar, e os seus habitantes empregam-se, quasi todos, na cultura do vinho, e na pesca, nos *viveiros* das marinhas, e nas tres costas, de Cóva, Lavos, e Leirosa.

Não é fertil em productos agricolas, mas produz muitas lenhas e madeiras, que exporta.

PAINZÉLLA — freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha, de Basto, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Optimo vinho. Muito gado e caça.

PAIO (São) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 35 kilómetros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Port. Sacro e Prof.*

É terra pouco fertil; cria porém muito gado, de toda a qualidade. Caça.

PAIO (São) — Vide *Codêsso.*

PAIO (São) — villa, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa-Flôr, 135 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

Foi honra.

É n'esta villa o solar dos *São-Paios*, que foram senhores da honra, e eram tambem senhores de Villa-Flôr.

O abbade de Villa-Flôr apresentava o cura. Metade dos disimos eram para o commendador de Adeganha, e a outra para o abbade de Villa-Flôr.

Sampaio é um appellido nobre em Portugal; veio de Hespanha. O primeiro que se acha em Portugal, é um filho de D. Pedro do Souto, ou Pedro Alvares Osorio, 1.º marquez d'Astorga, na Galliza; o qual, por matar em desafio, a um fidalgo poderoso d'aquelle reino, fugiu para Portugal, no reinado do nosso D. Affonso IV, e cá ficou. Foi seu filho, D. Vasco Pires de Sampaio, que foi o primeiro que tomou este appellido. Não se sabe se o tomaria do nome d'esta freguezia, ou se lh'o dêra.

D. Vasco fez grandes serviços a D. Fernando I, e a seu irmão D. João I, pelo que lhe deram muitas terras, e os senhorios de Villa-Flôr, Chacim, Mós, Anciões, Villarinho, etc. — Foi grande valido de D. João I.

—

No dia 15 de fevereiro de 1876, falleceu no seu palacio, a S. Vicente de Fóra (Lisboa), o sr. Manuel Antonio de Sampaio d'Albuquerque Mendonça Furtado Mello e Castro Moniz Torres de Lusiguano, que nascêra em 28 de junho de 1813. Foi 4.º conde de S. Paio, feito no 1.º de dezembro de 1834— 1.º marquez do mesmo titulo, em 17 de fevereiro de 1866. Era 17.º senhor de Villa-Flôr, e alcaide-mór dos castellos de Miranda do Douro, e Torre de Moncôrvo.

Foi coronel de um batalhão de voluntarios nacionaes, em 1846; era par do reino, e commendador de varias ordens.

Deixou viuva e descendencia.

Era aparentado com muitas familias illustres d'este reino; pelo que, no momento em que estou escrevendo, muitos fidalgos se acham de lucto.

Suas armas, são — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, d'ouro, aguia de púrpura, armada de negro — no 2.º e 3.º, escaquetado d'ouro e azul, de quatro peças em faxa e quatro em palla—orla de púrpura, carregada de oito SS, de prata. Elmo d'aço aberto, e por timbre, a aguia do escudo, com um dos SS no peito.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas, escudo xadrezado de duas aguias negras, em palla.

—

O sr. Alexandre Teixeira de Sampaio, foi feito barão de São Paio, em 8 de maio de 1858.

—

Tambem ha visconde de *S. Paio dos Arcos*—feito em 11 de julho de 1853—é o sr. Gaspar d'Azevedo d'Araujo e Gama.

Mas este S. Paio, é no Minho, e não em Traz-os-Montes.

PAIO (São)—freguezia, Minho, na villa de Melgaço. Vol. 5.º, pag. 167, col. 2.ª

PAIO (São)—freguezia, Minho. Vide Villa-Verde, cabeça de concelho e comarca. (A antiga comarca de Pico de Regalados.)

PAIO (S.) — antigo mosteiro de monges benedictinos, Minho, 12 kilometros a O. de Vallença do Minho, 6 do convento de Mosteirô, e 6 ao E. de Villa Nova da Cerveira. Fundaram os religiosos este eremiterio, ou hospicio, em um sitio tão aspero, que só o ascetismo dos fundadores, lhes dava coragem para aqui viver.

Teve logar esta fundação, em 1392.

Era porém tão insupportavel o clima, e eram tantas as necessidades, incommodos e soffrimentos dos religiosos, que em 1460, abandonaram o eremiterio.

Pouco depois, vieram aqui residir os padres conventuaes, e aqui estiveram até á sua extincção, que foi em 1568.

Tornaram a povoar o hospicio, os observantes, que só aqui estiveram até 1570. Então, abandonaram para sempre esta casa, despojando-a de todos os objectos que alli tinham.

Os povos das visinhanças, vendo o mosteirinho abandonado, principiaram por lhe roubar a telha, portas, janellas e toda a madeira, e por fim, demolindo tudo, para com os materiaes fazerem outras obras; não deixando pedra sobre pedra.

Na cêrca havia uma grande matta, que o povo tambem totalmente destruiu e roubou.

Quando se deu esta occorrencia, estava em Roma o padre fr. Antonio Bravo; o qual, pelo amor que tinha áquelle êrmo, alcançou do papa Gregorio XIII, uma bulla, para viver alli, com dois ou tres companheiros.

Chegando ao sitio onde fôra o eremiterio, em 1573, e vendo-o tranformado em lastimosas ruinas, perdeu as esperanças de o poder restaurar, e se foi para Braga, sua patria. Alli, achando-se perigosamente enfermo, prometteu a S. Paio, de lhe restaurar a casa do êrmo, se obtivesse saude.

Achando-se melhor, tratou de dar cumprimento ao seu voto, e á sua custa, e com esmolas do povo, principiaram logo as obras da reedificação. Construiu, quasi desde os alicerces, a egreja, côro e mais officinas. Em breve porém se arrependeu de ter para aqui vindo; não só pela aspereza do sitio, mas porque o seu provincial lhe não quiz dar nenhum companheiro. Decidiu então, abandonar este inhospito êrmo; mas, como em dia de S. Paio se fazia aqui uma grande romaria, esperou para esse dia (26 de junho de 1577), no qual se despediu das pessoas principaes d'aquelles sitios, que alli concorreram.

Ao despedir-se do povo de Villa Nova da Cerveira, foram tantas as lagrimas de toda a gente, que frei Antonio Bravo, commovido, decediu ficar, e alli residiu em quanto vivo.

Por sua morte, tomou a ordem posse da casa, que foi vigariaria até 1623, tomando no anno seguinte, o titula de guardiões, os seus superiores.

N'esse mesmo anno (de 1624) uma senhora de Braga, déra aos religiosos uma imagem de *Nossa Senhora da Bôa-Nova*, que foi conduzida para a egreja matriz de Villa Nova da Cerveira, e d'alli, em pomposa procissão, no dia 13 d'abril d'esse anno, para a sua nova casa do êrmo.

Desde então se dá a este mosteiro (hoje deserto e abandonado) ora o nome de *S. Paio*, ora o da *Bôa-Nova*.

PAIO DE GOUVEIA (São) ou **S. PAIO DA SERRA**—vide *Gouveia* (S. Paio de) vol. 3.º pag. 312, col. 1.ª, no fim. Foi villa.

A rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, deram, em 1123, aos cavalleiros da ordem militar e canonica do santo sepulchro, ou de Jerusalem, a villa de S. Paio pe Gouveia.

D. Affonso Henriques coutou a villa, e a deu aos mesmos cavalleiros, em 1130. (Vide *Penalva*.

Junto a poaoação de S. Paio de Gouveia, que é em um valle, em sitio ameno e vistoso, e ao E., se vê a capella de *Nossa Senhora da Estrella*, de construcção muito antiga.

Dá-se-lhe o nome, por ficar nas abas da serra da Estrella.

PAIO DE PELLE—villa, Extremadura, comarca e 15 kilometros ao S.E. de Thomar, concelho de Villa Nova da Barquinha (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Torres Novas) 120 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

E' na prelazia de Thomar, annexa ao Patriarchado. Districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia e ordens, apresentevam o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, uma pipa de vinho, 8 e meio cantaros d'azeite, e 48 arrateis de cêra.

O mais antigo nome que se conhece a esta villa, é *Pay Pelle*, e é o que lhe dá o foral.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral em Evora, a 22 de dezembro de 1519. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 244 verso, col. 2.ª—Está impresso no tom. 8.º, parte 2.ª, pag. 129, das *Memorias da Academia.* [1])

Foi cabeça de concelho, com camara, juiz ordinario e mais empregados.

E' no districto d'esta freguezia, o famoso castello d'Almourol. (Vol. 1.º, pag. 154, col. 2.ª)

Diz-se que o nome d'esta villa lhe vem do famosissimo capitão, e grão mestre dos templarios, D. Gualdim Paes. No foral como já disse, se lhe dá o nome de *Pay* e não de *Paio;* mas é provavel que seja contracção de Paio.

Tambem se denominava, *Santa Maria do Zêzere.*

Esta freguezia foi commenda da ordem do templo, até 1311, e, desde 1319 até 1834, da ordem de Christo.

Foi D. Affonso Henriques que fez doação d'esta villa á ordem, pela muita amisade que tinha a D. Gualdim Paes, e pelos grandes serviços que lhe devia.

Entre a villa e a egreja matriz, se veem as ruinas do vetusto castello, construido por D. Gualdim Paes, quando deu foral á villa.

Tem o edificio que foi mosteiro de religiosos capuchos antoninos, boas habitações, com linda vista sobre o Tejo—denominava-se, *convento de Nossa Senhora do Lorêto.* [1]

Foi alcaide-mór e senhor do castello de Paio de Pelle, D. Francisco Mascarenhas, por casar com D. Joanna Coutinho de Noronha, descendente de Gonçalo Vaz Coutinho, tronco da familia dos condes de Marialva (depois marquezes.)

Por falta de successão, os bens e rendas da casa Marialva. passaram para a casa dos condes de Cantanhêde, pelo casamento de D. Catharina Coutinho, com D. Antonio Luiz de Menezes.

—

Está a freguezia situada junto ao Tejo, ficando-lhe ao S. a ribeira de Tancos.

Fica entre o castello de Zêzere (cujas ruinas se veem ainda, na *Foz do Zêzere*) e o de Almourol.

Vide *Constancia*, *Almourol*, *Castello do Zêzere* e *Thomar.*

A egreja matriz é muito antiga (provavelmente, construida em 1180, por D. Gualdim, quando fundou o castello.)

A villa é pequena, e nada tem de notavel.

O territorio da freguezia é muito fertil em todos os generos agricolas.

Cria muito gado, e os dois rios que alli correm, fornecem bastante peixe aos seus moradores.

PAIO DE MERELIM (São)—vide *Merelim*, vol. 5.º, pag. 181, col. 1.ª

E' n'esta freguezia a excellente fabrica de papel, do logar de *Ruães.* Vide esta palavra.

PAIO DE RIBA TUA (São) — freguezia, Traz-os-Montes, que existiu na comarca de Alijó.

Foi suprimida no seculo XIV. Foi aqui abbade, S. Gonçalo de Amarante.

PAIO DE VISELLA (São) — vide *Visella* (S. Paio de.)

[1] O seu 1.º foral lhe foi dado por D. Gualdim Paes, grão-mestre da ardem do Templo, pelos annos de 1180.

[1] Está edificado entre o castello de Almourol e a villa, em sitio imminente ao Tejo, que corre junto da sua cêrca.

PAIO DOS ARCOS (São)—vide *Arcos*, o ultimo da col. 1.ª, de pag. 233, do 1.º volume.

PAIO MENDES—freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ferreira do Zêzere, 54 kilometros de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districo administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

Foi fundada no seculo XIII, por D. Paio Mendes, mestre do Templo, que lhe deu foral, e de quem tomou o nome.

Foi até 1311, commenda dos Templarios, e desde 1319 até 1834, da ordem de Christo.

E' situada em sitio elevado, aprasivel e fertil.

PAIO PELLE—vide *Paio de Pelle.*

PAIO PIRES—vide *Aldeia do Paio Pires.* Vol. 1.º, col. 1.ª, de pag. 89,

PAIVA—rio, Beira Alta e Douro.—Tem o seu nascimento na serra de Nossa Senhora da Lapa (Beira Alta) e, depois de receber differentes ribeiros e regatos, e de passar por varias povoações (ou por suas proximidades) sendo as mais notaveis, as villas de Frágoas, Castro Daire e Alvarenga, entra na esquerda do Douro, 54 kilom.ºs ao E. do Porto entre a aldeia de Varzea, freguezia de Souzêllo, na Beira Alta, e a aldeia do Castello de Paiva, na freguezia de Fornos, concelho de Paiva, na provincia do Douro, com um curso de 70 kilometros.

E' na sua maior parte, de curso arrebatado e furioso, servindo, n'esses sitios, apenas para fazer mover moinhos de pão.

Divide a comarca de Arouca da de Sinfães, e, por consequencia, a provincia do Douro da da Beira Alta; mas só desde a freguezia d'Alvarenga para baixo, porque até ahi, corre sempre em territorio da Beira Alta.

Suas margens, são, na maior parte formadas de penhascos, ou montes alcantilados, e corre em leito tão profundo, que em poucas partes se aproveitam suas aguas para irrigação.

Uns industriaes de Guimarães fundaram uma fabrica de papel, a 3 kilometros da sua foz, entre a aldeia de Vilella e a da Cardia, no sitio da *Bateira* (assim chamado, por haver aqui uma barca de passagem) porém a impetuosidade da corrente, destruindo-lhe por varias vezes a muralha da levada, os fez desistir da empreza, e abandonarem a fabrica, e os terrenos que lhe pertenciam.

Em 1860, uma sociedade de tres individuos, comprou o edificio e os terrenos, reconstruiram o edificio da fabrica, e tentaram restabelecel-a; mas, desavindo-se uns com os outros, abandonaram de novo a especulação, e está outra vez tudo abandonado.

Note-se porém, que um homem ou sociedade intelligente, e que soubesse construir um contraforte sólido, que podesse aguentar o pêso das cheias do rio, ou que tivesse um constructor habil; tiraria certamente optimos resultados de qualquer estabelecimento industrial, fundado n'este sitio, e cujo agente propulsor fosse a agua do rio; porque, além de uma vantajosa *queda d'agua*, é o logar abundantissimo de excellente granito, proprio para robustas construcções; mas era preciso dinheiro, e coragem para o gastar, porque a obra seria dispendiosa; muito mais, tendo de construir uma bôa estrada até á margem do Douro.

Fui em 1865, com o sr. conde de Rézende (D. Luiz, ha pouco fallecido) e o sr. Dejante, examinar o local e este senhor certificou que alli se podia fundar uma auspiciosa fabrica de papel.

—

O rio produz muito e saborosissimo peixe, sobre tudo trutas, que são famosas, pelo seu gosto especialissimo. As suas eiroses, são tambem grandes e optimas.

Os saveis e as lampreias do Douro, chegam tambem até pouco acima da Bateira, e são ainda mais saborosas do que as do Douro.

Em frenta da foz do Paiva, ha um môrro, a que chamam castello. (Vide *Castello de Paiva*, aldeia.)

A falta de conhecimento das localidades, que se dava em muitaos dos nossos escriptores; muitas vezes, a pouca clareza com que escreviam; e outras, os êrros nas informações que recebiam—os fizeram cahir em muitos êrros.

Eu copiando-os, tambem ás vezes cahi nos mesmos êrros.

Preferindo confessal-os e rectifical-os, a deixar os meus leitores enganados, vou, sempre que posso, fazendo as rectificações necessarias.

Seguindo pois esta regra. cumpre-me aqui dar os seguintes esclarecimentos:

A pag. 175, col. 1.ª, do 1.º vol.—fallando na célebre *ponte d'Alvarenga*, que fui vêr—disse que era obra romana. Não é.

Houve, é verdade, sobre este rio, uma soberba ponte, de um só arco, construida no tempo do imperador Trajano (pelos annos 110 de Jesus Christo) e, segundo a tradicção, pelo mesmo mestre que fez a famosa ponte d'Alcantara, na Extremadura hespanhola; porém esta ponte, foi destruida por uma enchente do Paiva, no seculo XIII ou XIV, de tal modo que nem vestigios d'ella existem; ignorando-se mesmo o logar onde existiu.

Julga-se que foi no mesmo sitio da actual, ou um pouco mais abaixo; mas não ha senão provabilidades.

A ponte actual, dista da povoação de *Trancoso* (cabeça do extincto concelho d'Alvarenga) 4 kilometros ao S.E.

Tem, desde a extremidade superior das guardas até á flor da agua, 22 metros.

O arco principal tem 7 metros de vão.

Tem mais dois arcos pequenos, ambos do lado direito do rio. (Do lado da Alvarenga.)

Um d'estes arcos menores, chamado *dos pescadores*, está acima do nivel das maiores enchentes.

Serviu durante a construcção da ponte, para dar passagem aos operarios, e hoje só serve para os pescadores que seguem a margem direita do rio, unica que (e ainda com bastante difficuldade) é accessivel n'este sitio; porque, da outra margem, são tão altas e invias as massas de granito, que é impossivel poder-se chegar á agua.

D'este mesmo lado, ha uma rocha, talhada a prumo, sobre o rio, de 70 a 80 metros d'altura; continuando pela encosta do monte, na distancia de 200 a 250 metros, uma ladeira de rocha escarpada, só accessivel ás cabras e ás feras.

O outro arco pequeno, é por onde o rio *Osseira* desagúa no Paiva.

Não só o local onde está edificada esta ponte, mas tambem as duas margens do rio, d'alli para baixo, e até grande distancia, são erriçados de altos e medonhos rochedos, de um aspecto terrivel.

Abaixo da ponte, ha um pôço profundissimo, com sorvedouros, ou redemoinhos, onde o mais destro nadador, corre o perigo de afogar-se.

Esta ponte foi construida pelos annos de 1770.

Pouco acima d'ella, havia uma barca de passagem. Pouco antes d'aquella data, um bispo de Lamego, chamado D. João, e natural da villa de Castro-Daire, da casa do actual barão d'esta villa, esteve aqui em perigo de morrer afogado.

Decediu então que se construisse uma ponte, que desse passagem ao povo, e para esta obra, deu 400$000 réis.

Fez com que as camaras de Alvarenga, Arouca e Paiva lançassem uma derrama, e obteve alem d'isso, de varios cavalheiros de Castro-Daire, valiosas offertas.

Juntou tres contos de reis, que foi o custo da obra (que hoje importaria no triplo ou mais) e fez-se a ponte; mas o mestre que a arrematou, perdeu muito dinheiro.

O bispo, falleceu antes de ver a obra concluida.

PAIVA—nome que vulgarmente se dá ao concelho do Castello de Paiva, cuja capital é a pequena e antiga villa de Sobrado. Vide *Sobrado*.

Paiva, é um appellido nobre em Portugal, tomado, segundo uns, do rio Paiva—segundo outros, do concelho do mesmo nome.

O primeiro que com elle se acha, é D. Pedro Trocozendo de Paiva, descendente dos fundadores do *Castello de Paiva*, que o edificaram para seu solar.

Note-se porém que não ha em todo o con-

celho do Castello de Paiva, vestigios ou tradicção alguma de semelhante castello — e apenas na freguezia de Fornos, e mesmo no rio Douro, um môrro, a que se dá o nome de *castello*, em frente da grande povoação da mesma freguezia, chamada tambem *Castello*.

Isto faz suppor que existiu por estes sitios, em tempos remotissimos, alguma torre ou castello; mas não me persuado que fosse no tal morro; porque, alem de ser muito pequeno, não tem vestigios, mas apenas a apparencia de castello, como eu mesmo por mais de uma vez verifiquei.

As armas dos Paivas, são — em campo azul, tres flores de liz, d'ouro, em banda — elmo de aço, aberto—e por timbre, uma aspa azul, com uma das flores de liz do escudo, no centro.

Outros d'este appellido, trazem por armas —as antecedentes, e o mesmo elmo—e por timbre — uma espada de prata com guarnições d'ouro, e enfiada n'ella, uma flôr de liz do mesmo.

Os Paivas d'Andrade usam das armrs dos dois appellidos.

PAIZ VINHATEIRO DA BAIRRADA—Comprehende o territorio das freguezias de *Casal Comba*, *Tamemgos*, *Vaccarica*, e *Ventosa do Bairro*, no concelho da Mealhada — *Arcos* e *Mogofôres*, no concelho da Anadia— Óis do Bairro, villa de S. Lourenço do Bairro, e mais algumas povoações, ao S. e E. de S. Lourenço; Murtêde, e Sepins, no concelho de Cantanhêde.

Para não haverem repetições—vide a col. 2.ª e seguintes, de pag. 150 d'este volume.

PAIZ VINHATEIRO DO DOURO—Traz-os-Montes—Dá-se este nome, ao territorio que se estende sobre ambas as margens do Douro.

Na margem esquerda (Beira Alta) desde Lamego, até á Pesqueira—e na direita (Traz-os-Montes) desde o rio Córgo (um kilometro acima da Régua) até ao rio Túa (junto a S. Mamede de Riba-Tua.)

Este paiz é alcantilado e pittoresco.

A terra, é, na sua maior parte, composta de cascalho schistoso, friavel, solto, e, alem do vinho, é apenas propria para a cultura do centeio, cevada, pouco trigo, batatas, melancias, e fructa, sobre tudo laranjas, que são dulcissimas; todavia tem alguns sitios de boa terra vegetal, que produzem todos os fructos agricolas do nosso clima—principalmente nos valles que de vez em quando marginam o Douro.

O vinho d'esta região, é especialissimo, e famoso em todo o mundo, sob a denominação de *vinho do Porto*.

Tem uns 40 kilometros de comprimento, por 20 de largo; sendo a parte do N. (Traz-os Montes) mais extensa que a do S. (Beira Alta.)

Antes da invasão do *oidium tukeri*, produzia annualmente, de 80 a 100 mil pipas de vinho.

Ha quintas que produziam 300 a 400 pipas de vinho.

A melhor de todas, e a todos os respeitos, é a *quinta das Figueiras*, ou do *Vesuvio*, da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o Ferreirinha) e hoje casada com o sr. Torres.

No *Penhão*, ha um tonnel que leva 50 pipas, e houve outro de 60. (Vide *Pêso da Régua*, *Porto* e *Régua*.)

Incluindo n'este paiz, ha um trato de terra, que se estende sobre a margem direita do Douro, desde *Canellas do Douro* até á *quinta do Zimbro*, que produz o melhor vinho do mundo.

O vinho hungaro, chamado *Tokay* — e os francezes, chamados *Champagne*, *Chateau-Lafite*, *Chateau-Tierry*, *Chambertim*, etc., mais merecem o nome de licores, do que de vinhos; porque não são estremes e genuinos de uvas; mas submettidos a differentes processos, misturas e transformações.

Este terreno abençoado, tem uns 20 kilometros de comprido, seguindo a margem do rio, e de 2 a 5 de largura.

Ha a notar, que, n'esta zona em que o vinho é o mais especial, a agua, é, no geral pessima.

—

Hoje, os vinhos do Douro, não teem o credito, nem por consequencia a extracção, que

tiveram antigamente; sem que a sua qualidade por modo algum tenha peiorado.

A ambição mal entendida, e mesmo a má fé, de muitos vinicultores, são a causa do descredito d'este genero, que podia e devia ser uma fonte perenne de prosperidade para os povos do Alto-Douro; mas elles preferem adulterar e corromper os seus vinhos com asquerosas misturas de baga de sabugueiro (e até de loureiro!) campeche, e outros ingredientes, para o augmentarem—do que vendel-o puro, em menor porção.

Ainda mais — alem das adulterações que já traz do Douro, chega ao Porto, e soffre outras, ainda peiores.

Os vinhos da *Bairrada* (ou *Anadia*) ou são nas margens do Porto e Villa Nova de Gaia, *lotados* com os do Alto-Douro, ou mesmo vendidos como d'esta procedencia; o que tambem não tem contribuido pouco para o descredito do genero.

Os productores e exportadores de vinhos do sul do reino, conhecem melhor os seus interesses e teem mais consciencia: longe de adulterarem os seus vinhos, fazem todas as diligencias para o melhorar e aperfeiçoar—e teem tido o premio da sua sollicitude e da sua probidade agricola e commercial, pois os vinhos da Extremadura e Alemtejo (chamados no estrangeiro *vinhos de Lisboa*) estão-se vendendo lá fóra, mais caros do que os *do Porto*, sendo, pela sua natureza, muito inferiores aos do Douro, tanto em alcoolisação, como nas outras qualidades.

Os vinhos da Bairrada, tambem ultimamente se teem aperfeiçoado muito, e uma grande companhia se constituiu em 1875, para cultura de vinhas, e compra e venda de vinhos, que já tem tirado auspiciosos resultados.

Vide *Mealhada*, a pag. 150, col. 2.ª e seguintes.

—

Os *vinhos da Beira*, tambem são muito bons, e tanto se tem melhorado o seu fabrico, que, pelo menos desde principios de 1875, teem sido muito procurados para exportação.

No Algarve ha pouco vinho, e, ainda que de boa qualidade, preciza ser judiciosamente *beneficiado*, para poder aguentar as oscillações do transporte, sem se estragar.

—

As pessoas que desejarem obter amplissimos conhecimentos do Paiz vinhateiro do Alto-Douro, devem consultar as obras do benemerito barão de Forster, sobre a materia.

No momento em que estou escrevendo (fevereiro de 1876) se está publicando uma formosa e sapientissima obra, do sr. visconde de Villa-Maior, intitulada *Douro Illustrado*, que trata magistralmente do Alto-Douro.

PALA—vide *Palla*.

PALACIO ou **PALLACIO**—portuguez antigo—Vem do monte Palatino (Roma) onde o imperador Augusto possuia um sumptuoso palacio. (Paginas 133 d'este volume.)

Em quasi todos os nossos foraes se vê empregada a palavra palacio, por casa da camara, ou paços do conselho.

Gosavam das honras e prerogativas de palacio real.

Tambem ao mosteiro; hospicio, ou outra qualquer casa religiosa, davam os nossos avós o nome de *palacio*.

Et mando, quód si per istas sortelas (anneis) *non potuerint facere unun Palatium in Lameco, quod compleat eis D. Oracha Fernandiz, per quod faciant eis* Palatium: *et accipiat pro se sortelas.* (Testamento de D. Aldára, feito em 1272, para a fundação de um mosteiro de frades menores, em Lamego.—Documento de Tarouca.)

Tambem já antigamente se dava o nome de palacio, á casa de qualquer vassallo, de nobre ascendencia.

O individuo que armado ou desarmado, entrasse no palacio do rei ou do nobre, não era punido, se nada tirasse; mas pagava pelo dobro o que subtraisse. *Si homo habitans in haeriditate S. Salvatoris... Cum armis vel sine armis introierit in Palatium Regis, vel in Palatium alicujus hominis, ant in Villam sigillatam, seu in aliquem locum, in quo sigillum fuerii positum.* (Hes. Sagr. tom. 38.º, fl. 351.)

Palaciólo é diminuitivo de palacio; e de palaciolo fizemos *paçó* e *paçô*. (*Nova Historia de Malta*, por José Anastacio de Figueiredo, tomo 1.º, pag. 452.)

PALADINA—portuguez antigo—do latino *palam*—significa — clara, patente, publica, evidente, etc.

Era tambem nome proprio de mulher correspondia á nossa *Clara*.

Vê-se pois, que o nome da sublime artista dramatica italiana, tão celebrada em nossos dias—*Celestina Paladini*—em portuguez vem a ser—Celestina Clara.

Paladine é tambem, na França, nome proprio de homem—vem a ser *Claro*.

PALADINO—portuguez antigo—commum familiar, comesinho, usado, vulgar, claro, etc.—D'aqui—*Roman paladino*—lingua vulgar no paiz. (E' mais hespanhol do que portuguez.)

Tambem se dava a denominação de paladino, ao aventureiro ou cavalleiro andante.

PALAME—portuguez antigo—pellame—fabrica de çurrar, curtir e preparar couros. Tambem se denominavam *casa da tanaria* —e d'aqui, *atanado*.

PALANCIA—antigo nome da *Maia*. Vide esta palavra.

PALANTISIO, ou **PALANTUSICO** — antiquissima freguezia, proxima a Braga.—Acha-se mencionada em alguns concilios e em outros documentos. Hoje ignora-se completamente a sua situação; apenas se sabe que era perto de Braga. Tambem se não sabe o anno em que foi supprimida; mas parece que já não existia no tempo de D. Affonso Henriques.

PALHA-CANA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, 48 kilometros ao N.E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados de Santo Estevão d'Alemquer, apresentavam o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, pois já existia em 1164, anno em que D. Affonso Henriques a doou ao mosteiro de S. João de Tarouca.

Chamava-se então — *Herdade de Palhacaan*.

Diz-se que a egreja matriz foi edificada em territorio pertencente ao termo de Aldeia-Gallega da Merceana.

Esta freguezia comprehende as seguintes povoações:

Azedia — Tinha em 1798, 20 fogos.

Silveira-do-Pinto — Tinha 16.

Matto — 32.

Riba-Fria — 50.

Riba-Fria é um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Gaspar Rodrigues de Riba-Fria, natural d'esta povoação, de que tomou o appellido. D. Manuel I o fez seu porteiro da camara, pelos serviços que lhe fez. D. João III o fez cavalleiro da ordem de Christo, e alcaide-mór de Cintra — dando-lhe solar na sua terra, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1541 —são — em campo verde, torre de prata, lavrada de negro, aberta de azul e ouro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acantonadas. Elmo d'aço, aberto—e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo na espadua.

É d'esta familia o actual conde de Penamacôr, o sr. Antonio Maria de Saldanha Albuquerque Castro Riba-Fria Pereira.

Outeiro do Vinagre — 10.

Palaios — 16.

Valle-Verde — 18.

Bem-Vindo — 14.

Pereiro — 30.

—

É n'esta freguezia o *convento do Matto*, proximo á aldeia do Matto. Deriva o seu no-

me, de uma grande matta de carvalhos que havia n'este logar. Era da ordem dos jeronymos, e foi fundado em 1354, por frei Vasco. Aluindo-se a primeira vez, foi reedificado por D. João I, em 1389. Cahiu segunda vez (pela natureza do sólo, que não tinha solidez) e foi reedificado por D. Manuel I, em 1500; que lhe deu varios privilegios, e que se recolheu muitas vezes n'este mosteiro, e rezava no côro com os frades, como qualquer d'elles.

O mosteiro está edificado em uma encosta isolada, em sitio feio e triste.

Tanto o mosteiro como a egreja, são pequenos, esta foi arruinada pelo terramoto de 1755, e nunca mais se reedificou, celebrando os religiosos os officios divinos em uma casa, que para isso destinaram.

Havia n'esta egreja uma imagem de Nossa Senhora da Encarnação, da particular devoção dos povos d'estes sitios. Em 1700, estava no capitulo; mas antigamente tinha estado em um nicho, sobre o alpendre da egreja.

Frei Lourenço, religioso d'este mosteiro, e confessor da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, que era muito devoto d'esta Senhora, foi (por sua ordem) enterrado em frente do nicho onde estava a santa imagem. Na sua campa, se lavrou a seguinte inscripção:

RUBUM QUEM
VIDERAT MOYSES.

Sepultura do V. Padre Frei Lourenço, de cuja bocca sahiu um espinheiro, em fórma de ✠, em as folhas d'elle se liam as palavras acima

No cartorio do mosteiro existiu um instrumento que provava que, da sepultura de frei Lourenço (da parte da cabeça) nasceu um espinheiro, e em cada uma de suas folhas se liam as duas primeiras linhas da inscripção, em letras perfeitamente legiveis.

Cessaram as folhas do espinheiro de ter letras, desde que o cadaver do frada foi d'alli removido.

—

Na egreja ha as seguintes inscripções:

1.ª—*Sepultura de Simão Ferreira, fidalgo da casa d'El-Rei Nosso Senhor, e da sua mulher, D. Guiumar de Sequeira.*

Suppõe-se que este Simão Ferreira, era um bravo capitão da India (no reinado de D. Manuel), morto por uma bomba, na defeza da barra de Cahul, em 1521. Foi seu descendente, D. Rodrigo de Sequeira, que em 1707 possuia uma quinta, proximo ao logar de Palaios.

—

2.ª—*Sepultura de Jacintho de Figueiredo de Abreu, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalleiro professo na ordem de Christo, e commendador d'ella; o qual serviu a Sua Magestade desde o anno de 1647 até ao de 1683, de soldado, e nos postos successivos, até ao de tenente-general de artilheria e governador na provincia da Beira, na qual e na do Alemtejo, serviu nas guerras que este reino teve com o de Castella; achando-se em todas as batalhas do Alemtejo e na de Montes-Claros, governando o terço de que era sargento-mór; e na Beira, governou Salvaterra do Extremo, e foi pôr á expugnação de muitas praças castelhanas. No anno de 1670 foi á Costa de Guiné formar uma fortaleza, d'onde passou a ser governador, e capitão geral da Ilha de S. Thomé, e das mais d'aquella costa. Falleceu na dita ilha, em 3 de janeiro, de 1683, e mandou que seus ossos se trasladassem para este logar, onde seus avós foram sepultados, e se comprasse este jazigo, para seu enterro e de seus parentes, in perpetuum.*

Sepultaram aqui seus ossos, em 28 de julho de 1693.

—

Este mosteiro foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular, com o nome de *quinta do Matto*, do sr. José Antonio Tavares.

Quintas da freguezia

Quinta de Palacios — propriedade que se suppõe ter sido, no seculo XVI, do padre Palacios, prior de Villa Verde dos Francos. Em 1707, era de D. Marianna de Morales.

É hoje do sr. José Gonçalves Franco.

Casal da Bordalia — em 1500, Francisco Velho, cavalleiro fidalgo, era senhor d'esta

herdade, que depois foi de Jacintho de Figueiredo d'Abreu, e em 1750, era de Pedro Antonio de Figueiredo d'Alarcão.

Quinta do Bouro — em 1707 (segundo a Carvalho, na sua *Chorographia*) havia n'esta freguezia a quinta do Bouro e a da Granja, dos condes do Vimioso.

É hoje do sr. Sebastião Falcão de Lima Mello Trigoso.

Quinta do Conde — do sr. conde de Casal-Ribeiro.

Quinta de Valle-Verde — do sr. Antonio Pimentel Maldonado.

Quinta da Azedia — do sr. Antonio Joaquim d'Azedia.

Quinta do Prothenque — do sr. Antonio José de Miranda Junior.

Quinta da Coteina—do sr. Domingos Gonçalves Chaves.

Quinta do Carmo — do sr. Manuel Joaquim Quintella Emauz.

Quinla de Montalegre—do mesmo sr. Quintella Emauz.

Quinta de Palha-Canna — do sr. João Baptista Canha.

Quinta de Cima — do mesmo senhor.

Quinta do Pereiro—do sr. Manuel Baptista.

Quinta da Aputicaria — do sr. Augusto Soares Leal.

Casal da Bordalia — do sr. Severino José da Bordalia.

Casal do Sobreiro — do sr. Diogo Carlos Duffe.

Casal do Duque — do sr. José Francisco Pichinhos.

Casal da Carrasqueira — do sr. José Ferreira Leal.

Casal dos Mattos — do sr. José Antonio Bailão.

Casal do Gaspar — do sr. Gaspar Gomes.

Casal do Bispo — do sr. Joaquim Ferreira.

Casal da Bica — do sr. conde de Casal-Ribeiro.

Casal do Carvalho—do sr. visconde de Juromenha.

Casal de Lafões — do sr. duque de Lafões.

PALHA-VAN (quinta de)—Sahindo de Lisboa, pelas barreiras de S. Sebastião da Pedreira, pela estrada de Bemfica, e logo fóra das barreiras, a 3 kilometros ao N.O. da Praça do Commercio, está a historica propriedade, denominada *Quinta de Palha Van*, com seu palacio.

Tanto este como aquella, foram construidos pelos annos de 1660, [1] por D. Luiz Lobo da Silveira, 2.º conde de Sarzêdas, e augmentada a quinta e melhorado o palacio, por seu filho, D. Rodrigo da Silveira, 3.º conde do mesmo titulo.

Este foi o que lhe mandou construir o grande portão da entrada principal, sobre o qual estão as armas d'esta antiga e nobilissima familia, pela extincção da qual (no seculo XVIII) passaram os seus bens para os condes da Ericeira, que depois foram feitos marquezes do Louriçal, e extinguindo-se esta familia, passaram os seus bens para o sr. conde de Lumiares.

Os condes da Ericeira, eram senhores do Louriçal.

O 1.º marquez d'este titulo, foi D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, feito por D. João V, em 22 de abril de 1740.

São d'estes titulares, as armas que estão no portão da quinta—que vem a ser — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas de Portugal—no 2.º e 3.º, tres flores de liz, de ouro, em campo azul, e no centro, o escudo dos Menezes, que é—em campo de ouro, um annel do mesmo.

Timbre, uma donzella, vestida de ouro, com o escudo nas mãos.

(Para mais amplas noticias d'esta familia, vide vol. 2.º, pag. 95, col. 1.ª—Vol. 3.º, pag. 44, col. 1.ª e pag. 45, col. 2.ª—Vol. 4.º, pag. 458, col. 2.ª, e pag. 478, col. 1.ª)

Ainda ha poucos annos era esta propriedade célebre, pela espessura dos seus bosques; pela vastidão dos seus jardins e preciosa collecção de suas plantas; pela abundancia de estatuas e vasos de marmore que

[1] Mas aqui havia já uma casa nobre e uma quinta, com o mesmo nome, que já existia no reinado de D. João I, como direi no fim d'este artigo.

a decoravam, d'entre as quaes, algumas eram notaveis pela sua primorosa esculptura; e, finalmente, pela bondade e frescura de suas aguas.

N'este palacio falleceu, em 7 dezembro de 1663, a rainha, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha do duque de Nemours (a tristemente famosa mulher de D. Affonso VI e de D. Pedro II) tendo para aqui vindo, na esperança de convalescer.

Foi tambem por muitos annos residencia dos infantes D. Antonio, D. Gaspar, e D. José, filhos naturaes, reconhecidos, de D. João V.

Como vieram para aqui muito jovens, o povo os denominava — *meninos de Palha-Van*, designação que lhes durou até depois de velhos.

D. Gaspar de Bragança (o 2.º) veiu a ser arcebispo de Braga—e D. José de Bragança, foi inquisidor geral de Lisboa.

Foi durante a residencia d'estes principes, em Palha-Van, que o palacio e a quinta chegaram ao seu maior estado de explendor e magnificencia.

Por sua morte, principiou a decahir a propriedade.

Os francezes tambem muito a dannificaram em 1807 e 1808; porém, durante o cêrco de Lisboa, de setembro até 10 de outubro de 1833, como ficava entre os dois campos, tanto os realistas como os liberaes, lhe causaram prejuizos enormes; sobre tudo, no dia e noite de 5 de setembro, em que se deu aqui um mortifero combate.

Desde então progrediu a devastação; até que, seus bosques, pomares e jardins foram substituidos por cearas de trigo; por entre as quaes ainda se conservam algumas de suas estatuas gigantescas, feitas em Italia, parte d'ellas, obra do célebre esculptor Bernini.

Ainda tambem existem alguns lagos, decorados com estatuas.

O sr. conde de Lumiares, senhor da propriedade, mandou vir para Lisboa as estatuas mais pequenas, e os vasos de marmore, ornando com elles a varanda do jardim, contiguo ao seu palacio da rua Occidental do Passeio Publico do Rocio.

O sr. conde da Azambuja (feito em 3 de abril de 1860) Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barrêto—filho da serenissima infanta D. Anna de Jesus Maria, e do sr. D. Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, marquez e 1.º duque de Loulé (vol. 4.º, pag. 449, col. 1.ª) o sr. conde da Azambuja, digo, comprou esta propriedade aos srs. condes de Lumiares, em 1861, e actualmente, está o palacio restaurado, e a quinta muito melhorada.

—

Pouco adiante de Palha Van, entre os dois caminhos de Bemfica e Pinheiro, estão as ruinas do palacio dos duques de Cadaval, onde se celebraram as pomposas festas do casamento do 3.º duque de Loulé, D. Jayme de Mello, com a infanta D. Luiza, filha natural, reconhecida, de D. Pedro II.

O terramoto de 1755, destruiu este palacio.

—

Palha-Van, é tambem um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta mesma propriedade, da qual foi senhor, Gomes Lourenço de Palha-Van, fidalgo da camara de D. João I.

A seu bisneto, Jorge Gomes de Carvalhosa Palha-Van, cavalleiro fidalgo, da casa de D. João III, se passou carta de brazão d'armas, em 1540—e são—em campo azul, um molho de trigo, com espigas d'ouro, atado com fita de púrpura, e posto em palla, entre quatro torres de prâta.

Êlmo de aço, aberto—e por timbre dois braços, armados de prata, pegando em um molho de trigo, como o do escuco.

A Fernão Gomes Carvalhosa Palha-Van, se passou carta de brazão, d'estas mesmas armas, no anno de 1541.

PALHAÇA ou VILLA NOVA DE PALHAÇA—freguezia, Douro, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e 10 kilometros ao S. d'Aveiro, 245 ao N. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Foi do concelho de Sóza, comarca da Anadia.

Em 24 de outubro de 1855, passou para

o concelho de Oliveira do Bairro, da mesma comarca; e, em 18 de dezembro de 1872, passou para a comarca e concelho d'Aveiro.

E' terra fertil e bonita.

Faz-se aqui uma boa feira (mercado) em todos os dias 29 de cada mez; muito concorrida de gado e differentes generos.

A feira de setembro se denomina — *das sebolas*—pela grande quantidade d'ellas que aqui aflue.

PALHAES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Certam, 70 kilometros do Crato, 165 ao E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 9 fogos!

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior do Crato, apresentava o reitor, collado, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil em cereaes.

Palhaes, é appellido nobre em Portugal. Vide Monção.

PALHAES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Vizeu, 305 ao N.E. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta de Cernancêlhe, apresentava o cura que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

PALHAES — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), comarca de Aldeia Gallega do Ribatejo, concelho do Barreiro, 18 kilometros ao S.E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 800 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está á muitos annos annexa á de *Coina*. (Vol. 2.º, pag. 358, col. 1.ª)

PALHAL—aldeia, Douro, na freguezia da Branca. (Vol. 1.º, pag. 485, col. 2.ª)

São n'esta aldeia as famosas *minas do Palhal*, de que ja dei noticia, a pag. 51, col. 1.ª (no fim) do 1.º vol.

Tanto estas minas, como as do Carvalhal, são na margem direita do rio Caima; mas entram pela margem esquerda, em terreno da freguezia de Ribeira de Fráguas.

Pertencem a uma poderosa companhia ingleza, com alguns accionistas portuguezes, sendo o mais interessado d'elles, o sr. José Ferreira Pinto Basto — hoje seus herdeiros. (Vide Monte Mór Velho, no fim.)

São de cobre, estanho, chumbo, alguma prata, e mui pequena porção de ouro.

A mina do Palhal, foi explorada no seculo XVIII, no tempo do ministerio do marquez de Pombal, por uma sociedada de individuos d'estes sitios.

Diz-se que então sahia em abundancia minerio de prata, e que, atravessando da margem direita para a esquerda, foi inundada pelas aguas do Caima, em uma grande cheia que n'elle houve, tornando impossivel a lavra d'alli em diante, até á formação da actual companhia, que possue machinas e apparelhos aperfeiçoados.

Emprega mais de 600 pessoas.

Tem excellentes machinas de esgôto, e a motora é da força de 120 cavallos.

Já vae a uma profundidade de 950 metros.

Em 1862, produziu 1:346 toneladas de minerio de cobre, e 4 de galena.

Cada tonelada, dá 20 libras sterlinas na Inglaterra, o que vem a sommar 121:140$000 réis.

Vide *Albergaria Velha*.

PALHEIROS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, 105 kilometros a N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, S. Paulo, apostolo e evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os conegos da collegiada de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha 16$000 réis e o pé de altar.

E' terra pouco fertil, muito gado e caça.

PALLA — Tendo tantas vezes fallado de *palla*, na descripção dos brazões, devo dar, aos que o ignorem, a significação d'esta palavra.

Palla, em termo d'armaria, é a 2.ª peça honrosa ordinaria, formada de differente esmalte, no meio do escudo, e entre duas linhas rectas, paralellas, abaixadas perpendicularmente, do lado superior, ou linha do chefe, ao inferior, ou linha de contrachefe, do mesmo escudo.

Não deve ter mais largura, do que a da terça parte do escudo, nem podem entrar n'elle mais de duas; porque, se forem trez, já se chamam *coticas* em palla.

Ha palla carregada, coticada, debruada, xadresada, erguida (ou levantada), filetada, guarnecida, lisa e perfilada.

Em palla, são as pessas perpendiculares —e *em faxa*, as horisontaes.

Dividido em palla, se diz do escudo dividido perpendicularmente, em duas partes eguaes.

Palla abaixada, é a que não toca a linha do chefe.

Palla erguida, ou *levantada*, é a não toca a linha do contra-chefe.

PALLA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi da comarca de Trancoso, concelho de Pinhel) 65 kilometros de Vizeu, 335 ao N.E. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, S. Simão.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade de Valle-Bom, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra pobre. Algum gado; muita caça. (Para a etymologia, vide a Palla seguinte.)

PALLA—freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho e 6 kilometros do Mórtágua, 35 de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, S. Gens.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, apresentavam o cura, que tinha 90$000 réis e o pé d'altar.

O nome d'estas duas freguezias provém-lhe de terem sido de *Enderquina Palla* (que viveu pelos fins do seculo IX e principios do X.)

Era filha de capitão, Mem Guterres, e mulher de Gundezindo (filho de Ero.)

Foram seus filhos, *Soeiro*, *Ermezinda*, *Adosinda*, e *Froilo*. (Vide *Arcos* de Coimbra.

Já se vê que, tanto esta freguezia, como a antecedente, são povoações muito antigas.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

—

Ha n'esta freguezia um valle solitario, mas fresco, por estar povoado de frondoso arvoredo, fructifero e silvestre, e regado por dois mananciaes de crystalinas aguas.

N'este valle, e pelos fins do seculo XV, ou principios do seguinte, achou um individuo da freguezia do Sobral (proxima) que era calvo, e na toca de um castanheiro, seu, em um campo que alli possuia, uma formosa imagem da Santissima Virgem, á qual se deu o titulo de *Nossa Senhora do Chão do Calvo*, em attenção ao que a achou.

Correu logo a dar noticia aos moradores de Palla e Sobral.

Os d'aquella freguezia lhe quizeram edificar logo, no sitio da apparição, uma ermida; mas os do Sobral, intendendo que lhes pertencia a imagem, por ser achada por um seu comparochiano, e em um *chão* que lhe pertencia, levaram a imagem para o seu logar, e a collocaram na sua egreja; mas na manhan seguinte, tinha a Senhora desapparecido, e se foi achar no vão do castanheiro, onde havia sido achada.

Tantas vezes a levaram para a egreja do Sobral, como ella fugia para o castanheiro, apezar de estar de noite a egreja guardada por homens armados.

Desistiram então os do Sobral; e os de Palla erigiram logo uma capella á Senhora,

no sitio do seu apparecimento, instituindo-lhe uma irmandade, para cuidar do culto e conservação da capella, e fazerem a festa á Padroeira.

Instituiram tambem um bodo para os pobres (porque era então tempo de fóme) para o qual concorriam os povos das freguezias circumvisinhas.

Era distribuido no 3.º domingo de outubro; juntando-se então aqui 2 a 3:000 pessoas a receberem esmolas, que eram um abundante jantar, e vinho, para todos, dividido pelo juiz e mordomes da Senhora.

Passado o tempo da fome, terminou o bodo, sendo substituido por uma feira, que se fazia no mesmo 3.º domingo de outubro, e era sempre concorridissima, tanto de feirantes, como de romeiros, que deixavam muitas offertas á capella.

Havia então uma solemne festividade, com missa cantada, a orgão, sermão, e procissão de tarde.

Havia pelo decurso do anno, ainda outras romagens.

A imagem é de pedra, de uns 50 centimetros de alto, e de bôa esculptura, e a capella está bem adornada.

Junto á ermida, está uma fonte, a cuja agua os devotos attribuem muitas virtudes therapeuticas, sobre tudo, para a cura de toda a qualidade de febres.

No 1.º sabbado da quaresma, no sabbado de Lazaro, e na 2.ª oitava da Paschoa, eram obrigados a hir visitar esta capella, nove freguezias (alem da de palla) que eram — Almaça, Cercosa, Cortegaça, Espinho, Marmelleira, Mórtágua, Sobral, Tresoy, e Valle de Remigio.

Todos levavam os seus parochos e as suas cruzes levantadas.

Era multado o chefe de familia que, por si, ou por pessoa de sua casa, deixava de comparecer.

Esta romaria era em cumprimento de um antigo voto, feito á Senhora do Chão de Calvo.

PALLACIOS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e bispado de Bragança, 465 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua, e pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de S. Julião. (A 1.ª mencionada na col. 1.ª de pag. 425 do 3.º volume.)

PALLAÇOULO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro (foi da comarca do Mogadouro, concelho de Miranda) 48 kilometros de Bragança, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

O seu nome é corrupção de *Palaciólo*, diminuitivo de palacio. — Vem pois a significar *palacinho*, ou *palaciosinho*.

PALLANQUE — portuguez antigo — termo de fortificação—estacada, palissada, com que se cingia o acampamento, ou campo de batalha.

PALLAS — antiga freguezia, Traz-os-Montes, hoje supprimida, e annexa á de Curópos. (Vol. 2.º, pag. 459, col. 2.ª)

PALMA — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 65 kilometros a O. de Evora, 60 ao S.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 180 alqueires de cevada e 10$000 rs. em dinheiro.

Era commenda da ordem de S. Thiago.

É terra fertilissima em cereaes. Cria muito gado e caça.

Foi condado. D. Philippe IV fez conde de Palma, a D. Vasco Mascarenhas. Seu filho, D. João Mascarenhas, foi 2.º conde de Palma, e 3.º conde do Sabugal. Sua filha, D.

Brites Mascarenhas, herdou o titulo, e casou com D. Fernando Martins Mascarenhas, 2.º conde de Obidos, e meirinho-mór, feito por D. Pedro II.

A casa dos condes d'Obidos e de Palma, passou depois para a dos condes do Sabugal. (Vol. 5.º, pag. 162, col. 1.ª)

Palma é um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta povoação. O primeiro que com elle se acha, é João Carlos da Palma, natural d'Obidos, que foi governador da praça de Castello-de-Vide. Os Palmas trazem por armas — em campo d'ouro, uma palmeira verde, sobre um monte da sua côr. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, um ramo de palma.

O morgado de Palma (depois condado) foi instituido (pelos annos de 1500) por D. Fernando Martins Mascarenhas, o 1.º capitão de ginêtes, e que depois foi vice-rei da India.

Foi instituido o vinculo, em uma sua fazenda, e mandou edificar um bom palacio, que fica proximo da egreja matriz.

PALMARES (vulgarmente **PALMAZ**)—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis (foi da comarca de Estarreja, extincto concelho do Pinheiro da Bemposta), 30 kilometros ao E.N.E. d'Aveiro, 50 ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrat.º d'Aveiro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Ha por estas terras o *vicio* de não pronunciarem os rr das ultimas sylabas — por ex. — alféres, *alfés*, — talheres, *talhés* — queres, *qués*, — etc., etc. — Assim, em vez de *Palmáres*, dizem *Palmás*, e foi-se o vicio inveterando, a ponto de vermos hoje, mesmo em papeis officiaes, *Palmaz* (que nada significa) em vez de *Palmares* (logar plantado de palmas). — Vide tambem a palavra seguinte.

É n'esta freguezia a boa fabrica de pannos, cujo motor é a agua do rio Caima. Está fundada no sitio do *Areeiro*, mas denomina-se vulgarmente — *fabrica do Caima*. É propriedade dos srs. Bernardo da Costa Pinto Basto; doutor José da Costa Pinto Basto (irmão do antecedente); João Marques (todos tres d'Oliveira d'Azemeis), e Lopes, da Covilhan.

Já em Oliveira d'Azemeis dei a razão porque nada mais sei d'este estabelecimento fabril.

O rio Caima, que, como se vê, passa por esta freguezia, tem aqui uma boa ponte de cantaria, feita nos principios do seculo XVIII.

PALMARES — Vide *Palmeiro*.

PALME e **FEITOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 30 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em tempos remotos, era o logar de Palme uma quinta do fidalgo Lovezendo, filho de Sazi, que em 1028 a doou á ordem de S. Bento, para aqui fundar um mosteiro, dando-lhes tambem muitas rendas e propriedades.

Com varias doações de particulares, chegou este mosteiro a ser um dos melhores e mais ricos d'estes sitios.

Está fundado ao pé da serra do Támél, e ao O. lhe fica o delicioso e feracissimo *valle do Támél*, por onde, em um extenso *tunell*, passa o caminho de ferro do norte.

Este mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos depois de 1834, e é hoje seu proprietario o sr. barão de Palme.

A freguezia de *Feitos*, annexa a esta, fica descripta a pag. 161, col. 2.ª do vol. 3.º

—

O sr. José Maria da Fonseca Moniz, foi feito barão de Palme, em 2 de junho de 1851. — Era irmão do fallecido bispo do Porto, Moniz. Vide *Porto*.

Em 18 de fevereiro de 1852, foram feitos

baroneza e barão de Palme, a sr.ª D. Gertrudes Ermelinda Cardozo Moniz, e o sr. João Cardozo Coelho de Moraes Pessoa.

Estiveram annexas a esta freguezia, as de —Teivães, Frojães (ou Forjães) e Aldrêu.

PALMEIRA— freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 3 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 266 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias).

O cabido da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.

Foi couto do rei.

A *Rua-Nova*, em Lisboa, era dos arcebispos de Braga, que a trocaram pelo couto da Palmeira.

PALMEIRA — freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e caça. É abundante de peixe do mar, que lhe fica perto.

Foi couto das religiosas de Villa do Conde, que o emprazaram aos Gayos, da mesma villa.

PALMEIRA—Vide *Leça da Palmeira.*

PALMEIRA DE FARO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao S. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor de Santa Maria de Antime, apresentava o vigario, collado, que tinha 110$000 réis.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Vide *Nandim.*

Está aqui a quinta da Palmeira, com uma torre, onde viveram os Forjazes Palmeiros, que depois se mudaram para a quinta da Pedreira, solar d'esta familia.

PALMEIRIM—Vide a palavra seguinte.

PALMEIRO —**PALMEIRIM** —**PALMAR**— **PALMARES**—e **PALMARIO**—portuguez antigo — peregrino — estrangeiro.

Dava-se-lhe este nome, porque os peregrinos da Terra-Santa traziam um ramo de palma, quando se recolhiam á sua patria, em signal de terem acabado a sua peregrinação ou romaria.

Em Lisboa e no Porto, havia *hospitaes de Palmeiros,* onde estes peregrinos se recolhiam.

Palmeirim, é um appellido nobre d'este reino. A Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, do concelho de Sua Magestade, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, tenente-general dos reaes exercitos, se passou carta de brazão d'armas em 20 de dezembro de 1824—e são—em campo de púrpura, um leão d'ouro, com uma chave de prata na garra direita; mantelête azul — no 1.º campo, uma peça d'artilheria, e uma espingarda de prata, em haspa — no 2.º, outra peça de artilheria, de prata, e uma ancora de ouro, em aspa—chefe de prata, carregado de uma palmeira verde—orla d'ouro, carregada de uma legenda, em letras de púrpura, que diz—VALOR, FIDELIDADE, HONRA! — Elmo de prata, aberto, guarnecido d'ouro, e forrado de púrpura—Timbre, tres ramos de palmeira, verdes, em roquête, atados com uma fita de prata.

Palmeiro, é tambem um appellido nobre em Portugal. Villas-Boas não diz quem o trouxe a este reino. As armas dos Palmeiros, são—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, d'azul, uma flor de liz, d'ouro; no 2.º e 3.º, de púrpura, uma palla d'ouro. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz do escudo.

PALMEIROS (Albergaria dos) — Existiu na freguezia da Magdalena, na cidade de Lisboa, um estabelecimento, denominado *hospital,* ou *albergaria, dos Palmeiros,* para recolher, e dar cama, agua e luz, sómente por tres dias, aos peregrinos que hiam á Terra

Santa, a S. Thiago de Compostella, ou a outros famosos sanctuarios do christianismo; ou d'elles regressavam ás suas terras.

Foi esta albergaria fundada no reinado de D. Diniz, como se via da inscripção seguinte, que estava gravada em uma pedra, sobre a porta da entrada:

ESTE HOSPITAL HE DOS POBRES PALMEIROS,
PEREGRINOS E RESGATADOS, QUE VEM A ELLE,
E DE OUTRO HOSPITAL DE CASSILHAS,
PERTO DE ALMADA.
OS HONRADOS CONFRADES D'ESTA CIDADE
DE LISBOA, O ADMINISTRÃO.
HERA DE 1330. [1]

Suppõe-se que foi a rainha Santa Isabel que mandou fundar este estabelecimento de caridade, no anno de 1292, que é a era de Cesar, 1330

Era dedicado a Nossa Senhora de Belem.

Vinte e cinco visinhos de Lisboa, administravam a albergaria, e elegiam d'entre elles, um provedor e um escrivão, que cobrava os fóros, doados para o custeio do hospital; para o ordenado de um hospitaleiro; para uma festa que se fazia á Padroeira, no dia da sua Purificação, a 2 de fevereiro; e para a conservação dos edificios. Depois, passou a administração para a irmandade do Senhor Jesus dos Padrões, erecta na egreja da Magdalena, com as mesmas attribuições. A capella ficava sobre a albergaria, e para ella se subia por uma escada de pedra. Era grande e bonita, e tinha um formoso presepio.

O terramoto de 1755 destruiu completamente a capella e albergaria.

PALMELLA—villa, Extremadura (mas ao sul do Tejo), comarca e concelho de Setubal, d'onde dista 6 kilometros ao N.N.E., 30 ao S.E. de Lisboa, 1:500 fogos.

Tinha em 1757, 836 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Está em 38° 28′ de lat. N.—e 29′ de long. occid.

[1] Vê-se, pela orthographia, que esta inscripção foi aqui posta na occasião de alguma reconstrucção, seculos depois do seu fundamento.

É a 6.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Em 1757 tinha duas freguezias:

Santa Maria do Castello, priorado, apresentado pelo tribunal da mesa da consciencia, tendo o prior, 300 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 5$000 réis em dinheiro. Tinha então 422 fogos. (Esta freguezia está annexa a S. Pedro.)

S. Pedro, apostolo, priorado da mesma apresentação, tendo o prior, 300 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 24$000 réis em dinheiro.

Tinha então, 414 fogos.

O grão-mestre da ordem de S. Thiago, lhe deu foral, em março de 1185. D. Affonso II o confirmou, em Santarem, em 1218. (Maço de *Foraes antigos*, n.os 3, 5, 6, e 15—(*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 84, col. 2.ª)

D. Affonso Henriques tinha dado em Coimbra (março de 1170) foral aos *mouros fôros*, de Palmella, o qual, D. Affonso II confirmou em Santarem, em dezembro de 1217. (*Livro 4.º de Inquirições de D. Affonso III*, fl. 8.—Maço 12 de foraes antigos, n.º 3, fl 12, col. 1.ª, *in fine*.—L.º 1.º dos bens proprios dos reis e rainhas, fl. 50 v.—*L.º 5.º*, do rei D. João I, fl. 32, *in principio*.)

Consta que D. Diniz I a elevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1323; porém Franklim não traz este foral. Em todos os foraes se concedeu á villa, muitos e grandes privilegios.

D. Manuel I, lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 37 v., col. 2.ª)

Tem por armas—em campo de púrpura, o braço direito de um homem, sustentando uma *palma* verde, entre duas torres, e, de cada lado, sobre ellas, a cruz da ordem de S. Thiago. Timbre, as armas de Portugal.

O brazão que está na Torre do Tombo, faz differença d'este.—O escudo é tambem de púrpura, e mão do homem (de prata) sustenta uma *palmeira*, da sua côr, no meio de duas torres. Sobre a palmeira está a cruz de S. Thiago, no meio de duas *vieiras* (conchas) de prata, em campo d'ouro.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.º

Tem uma boa feira, a 8 de dezembro.

Foi cabeça de um dos mais antigos concelhos de Portugal. Por um decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos 12 concelhos no districto administrativo de Lisboa, sendo um d'elles o de Palmella.—Os outros foram: Alcoentre, Aldeia Gallega da Merceana, Alhandra, Azeitão, Collares, Ericeira, Mouta, Oeiras (só o julgado), Ribaldeira, Sines, e Sobral de Monte Agraço.

Sobre o plató de um dos mais altos cabêços da serra que se estende entre o Tejo e o Sado, e vae formar o cabo do Espichel, ao S. da barra de Lisboa, está edificado o vetusto castello de Palmella, estendendo-se a villa pela encosta septentrional do monte.

Tem o castello, uma praça, mesmo em frente do mosteiro, muito espaçosa, e com quatro cisternas, uma d'ellas memoravel, dentro da torre de menagem.

Do castello se gosa um vasto e delicioso panorama. Para o N. e N.O. vê-se Lisboa, e as serras de Cintra, Montachique, Bucellas e Monte-Junto. O Tejo, desde a Barra até Santarem, e grande numero de villas e aldeias. Ao S. e S.O., vê-se o Sado, Setubal, e os seus formosos arrabaldes, e varios montes e serras — ao O. se descobre uma vasta extensão do Oceano.

—

Se dermos credito aos nossos antigos escriptores, foi esta povoação fundada pelos annos do mundo 3694, 310 antes do nascimento de Jesus-Christo, pelos celtas e sarrios. Ignora-se o nome que lhe deram.

416 annos depois (106 de J.-C.), Aulio Cornelio Palma, pretor romano da Lusitania, reedificou e ampliou esta povoação, dando-lhe o nome de *Palmella* (que quer dizer — *Palma-Pequena*, para a differençar de *Palma*, cidade que elle tambem tinha fundado na Andaluzia).

Como o resto da Peninsula Hispanica, cahiu em poder dos arabes, em 715.

Muito soffreu Palmella, durante os reinados de D. Affonso Henriques, e de seu filho D. Sancho I.— Os mouros do castello d'Almada, vendo cahir Lisboa em poder dos portuguezes, rendem-se a partido; porém os de Palmella, fiados na fortaleza do seu castello, e na sua quasi inaccessivel posição, resistem corajosamente; mas D. Affonso I lhe dá um furioso ataque e a toma de surpreza (1147). Pouco tempo depois, torna a cahir em poder dos mouros.

Em 1165 (outros dizem 1166), D. Affonso Henriques, á frente de 60 lanceiros escolhidos, faz um reconhecimento sobre o castello de Palmella, e encontrando o rei mouro de Badajoz, nos campos que ficam proximos a Cezimbra (para cujo castello marchava o mouro, com um luzido esquadrão), o ataca e desbarata, no dia 23 de junho. No dia immediato, a guarnição de Palmella, sem poder ser soccorrida, rende-se aos portuguezes.

O rei, para que a praça não torne a cahir em poder dos musulmanos, manda reconstruir e ampliar o seu castello e muralhas, doando-a aos cavalleiros de S. Thiago, para que elles a povoassem e defendessem. D. Sancho I, confirmou a doação de seu pae, em 1186.

Em 1191, reinando D. Sancho I, soffria Portugal os terriveis flagellos da fome e peste. O feroz Miramolim de Marrocos, invade o Algarve, e nos toma quanto alli tinhamos. Soberbo com estas victorias, e sem encontrar quem se oppozesse á sua marcha, se dirige ao Alemtejo, roubando os povos e talando os campos. Cáe sobre Palmella, que saqueia e arraza, deixando apenas sangue, cinzas e ruinas. (Vide *Almada*.)

Suppõe-se que esteve abandonada e quasi despovoada, até que em 1205, D. Sancho I reedificou todas as obras de defeza, e mandou povoar a villa, guarnecendo o castello com bravos e numerosos combatentes, para o pôr a coberto de qualquer surpreza dos mouros do Algarve; e nunca mais se perdeu.

Dentro do castello, está o mosteiro de freires de S. Thiago, que foi cabeça da sua ordem (vide *Castro-Marim*), fundado por D. Affonso Henriques, e concluido por seu filho, D. Sancho I. (D. Diniz o separou da obediencia de Castella, em 1290, com auctoridade do papa Nicolau IV.) O seu 1.º grão-mestre, foi D. João Fernandes.

Foi em 5 de maio de 1443 que se estabeleceu aqui a séde da ordem militar de São Thiago, sendo seu primeiro mestre (em Palmella) o infante D. João, filho de D. João I. Concluiram-se todas as obras da egreja, mosteiro e suas officinas, em 1482, sendo mestre o principe D. João (depois rei, 2.º do nome), filho de D. Affonso V. (Vide *Mértola.*)

O prior-mór, D. Jorge de Mello, fez grandes obras no mosteiro, em 1608, gastando muitos contos de réis.

Tambem no seu recinto está a egreja de Santa Maria (por isso denominada do Castello), antiga matriz da villa.

A egreja matriz de S. Pedro, a da Misericordia (e hospital), estão edificadas na villa, assim como cinco capellas, além de outras ermidas dos arredores.

Os arrabaldes da villa, posto serem bastante accidentados e pouco arborisados, são ferteis e bonitos.

Não longe da villa, estão (no sitio de Alferrára) o *convento que foi de frades arrabidos*, fundado em 1383, e ampliado por D. Estevão da Gama, filho do conde da Vidigueira, em 1578—e na ladeira do monte que sóbe para a serra visinha de Setubal, o *mosteiro que foi de frades paulistas*, fundado em 1520, por Mendo Gomes de Seabra. Este convento se uniu, em 1531, ao de Alferrára. Ao sitio em que estava este mosteiro, se deu primeiro o nome de *Mendoliva* (Olival de Mendo), e hoje se denomina *São Braz.*

—

O castello de Palmella, de origem mourisca, está edificado no topo de um cabêço ingreme e escarpadó. É de grandes dimensões; mas de pouca importancia (militarmente fallando) e difficilmente resistiria a um assalto regular, e a poderosa artilheria moderna em poucas horas o reduziria a um montão de ruinas. Mesmo assim, é um dos castellos de origem mourisca mais bem conservados de Portugal, graças ás suas varias reedificações.

É notavel a sua *torre de menagem*, ou cidadella, com suas ameias e séteiras, sustentada por solidos baluartes.

As fortificações exteriores, consistem em uma cinta de muralhas, desmantelladas, guarnecidas de robustos revelins, defendidas na base por obras razas de contra-escarpa.

A mais de meia altura da torre, está uma casa, perfeitamente quadrada, tendo no centro uma escada de pedra, por onde se desce a grande profundidade. Ha ahi um caminho subterraneo, que vem sahir á extremidade de um dos revelins.

Antes de entrar no subterraneo, e ao fundo da escada, está outra casa, com uma cisterna no centro. N'esta casa esteve preso e n'ella morreu, D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora, por *traidor*, e *conjurado* contra D. João II, na revolta do duque de Bragança.

—

Foi 9.º alcaide-mór de Palmella, o famoso D. João de Almada e Mello, pae do grande D. Francisco de Almada e Mendonça. (6.º volume, pag. 58.)

—

O territorio de Palmella, é abundante em todos os fructos agricolas do nosso clima, e a vinicultura se tem aqui desenvolvido bastante nos ultimos annos. Em 1875, foi de 234:906 litros a producção do vinho. Cria muito gado, e é farta de optimo peixe, do Tejo, do Sado e do mar, que lhe vem por Setubal. Tem abundancia de aguas, que regam hortas, pomares, campos e jardins.

—

No termo de Palmella, e a 3 kilometros de distancia da villa, está a *quinta do Anjo*, que foi de D. Luiza de Mello, casada com João de Mello Feo, governador das armas da Beira, no fim do seculo XVII.—Francisco Coelho de Mello, senhor d'esta quinta, e pae da dita D. Luiza, e ambos naturaes de Palmella, edificou aqui uma formosa ermida, dedicada a Nossa Senhora da Redempção, e sujeita á egreja de S. Pedro da villa. Tinha esta Senhora duas irmandades—uma constituida por navegantes de Setubal, que lhe faziam uma grande festa, na 2.ª oitava do Espirito-Santo — e outra formada pelos que viviam pelos montes e herdades, e que a festejavam a 10 d'agosto.

Eram sempre festas sumptuosas, porque as duas irmandades as faziam a despique. Hoje tudo acabou, irmandades e festas!

O primeiro assento dos cavalleiros de S. Thiago, foi em Lisboa, no mosteiro de Santos-o-Velho—onde residiram os cavalleiros, até ao reinado de D. Affonso II, mudando-se então para Alcacer-do-Sal. D'esta villa passaram depois para a de Mértola, no reinado de D. Sancho II — até que ultimamente, se estabeleceram em Palmella, a 16 de outubro de 1482.

—

A ordem de S. Thiago teve principio na Galliza, em um mosteiro, denominado de Santo Eloy, pertencente aos conegos regrantes de Santo Agostinho (crizios). D'este mosteiro apenas existem ruinas, no bispado de Lugo.

Alguns auctores attribuem a instituição d'esta ordem, ao rei D. Ramiro I, pelos annos 830, dando o titulo de cavalleiros de S. Thiago, aos membros (irmãos) de uma confraria ou irmandade então instituida sob a invocação do santo apostolo. Segundo outros, pelos annos de 1030, reinando em Leão D. Fernando, se allega com uma escriptura, a favor das commendadeiras de Salamanca, na qual dá o rei a esta confraria o titulo de *ordem;* porém alguns marcam a instituição reinando D. Affonso VIII em Castella — em Leão, seu tio D. Fernando II — em Navarra, D. Sancho VI—em Aragão, D. Affonso *o Casto* — e em Portugal, D. Affonso Henriques.

É certo que a bulla de confirmação d'esta ordem, foi expedida pelo papa Alexandre III, aos 5 de julho de 1175, a instancias do mestre D. Pedro Fernandes; porém, alguns annos antes, já a tinha approvado o cardeal Jacintho, quando passou a Hespanha (para compôr as discordias, que havia entre alguns principes) com poderes de legado *á latere*, do mesmo papa.

Deve pois considerar-se a ordem de S. Thiago, legalmente instituida, desde o referido dia 5 de julho de 1175.

D. Affonso Henriques, vendo que os cavalleiros de S. Thiago faziam grandes serviços na Hespanha, guerreando os mouros, fundou logo em 1177 esta ordem em Portugal; mas dependente do mestrado da Galliza.

Continuaram os cavalleiros portuguezes, na sujeição a Castella, e ao seu mestre de Ucles, até ao reinado do nosso D. Diniz, no qual alcançaram uma bulla do papa Nicolau IV, para a sua separação e independencia, datada de 17 de setembro de 1288; porém a execução d'esta bulla só se effectuou em 1290, em cujo anno, os cavalleiros portuguezes elegeram por seu primeiro mestre, D. João Fernandes.

Passados tres annos, os mestres de Ucles, tanto pediram e tanto intrigaram em Roma, que os papas Celestino V e Bonifacio VIII, em 1294, [1] tornaram a mandar unir a ordem de Portugal á de Castella, e assim continuou por algum tempo; até que, fallecido o papa Clemente V (1316), que tambem favorecia os mestres castelhanos, elegeram os portuguezes por seu mestre, ao commendador-mór, D. Lourenço Annes.

Finalmente, apezar de tudo quanto ainda fizeram os mestres de Ucles, fundados em bullas de outros papas, ficou a ordem de S. Thiago, de Portugal, separada para sempre, desde 1316, do mestrado castelhano.

Depois da separação, houve 16 mestres, desde D. João Fernandes, até ao infante D. Jorge, duque de Coimbra, filho de D. João II, que foi o ultimo; porque, por sua morte, se uniu o mestrado d'esta ordem, na pessoa de D. João III, e nas dos seus successores: o que tambem se fez nas ordens de Christo, e de Aviz, por breve do papa Julio III, expedido em 1551.

Depois do rei (grão-mestre), a primeira dignidade d'esta ordem, era a de prior-mór de Palmella, que tinha jurisdicção quasi-episcopal, mas só com respeito ao convento d'esta villa. O 1.º prior-mór, foi D. João de Braga, ao qual se seguiu D. Mendo Affonso.

O patrimonio da ordem de S. Thiago, comprehendia 47 villas e logares, com 150 commendas, 75 padroados de egrejas e muitos beneficios, o que tudo, pelas avaliações feitas em 1540, rendia 120:000 ducados (mais de 36 contos de réis) por anno.

Na sua permittiva instituição, deviam residir n'este mosteiro, 25 freires com o seu prior-mór.

[1] Celestino III foi papa só alguns mezes, em 1294.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, accrescentou-lhe mais dois.

Os freires e cavalleiros d'esta ordem, usavam no principio, de uma espada, pendente de cordões vermelhos.

—

Segundo a lenda, na batalha de Clavigio, ganhada aos mouros, por D. Ramiro I, de Leão, em 824, foi visto o apostolo S. Thiago, montado em um cavallo branco, de espada em punho, fazendo horrivel estrago nos infieis.

Em memoria d'este sobrenatural auxilio, determinou aquelle rei que os cavalleiros trouxessem por insignia, uma espada, tendo de uma parte da empunhadeira, meia lua e uma estrella, e da outra o sol—significando Jesus Christo, verdadeiro sol, contra Mafoma, representado pela lua—o astro das trevas.

Depois, simplificou-se esta insignia, reduzindo-se a uma cruz *rôxa*, em fórma de espada, com o punho em coração, e as extremidades das guardas, em flores de liz; pendentes de um collar, de tres cadeias, d'ouro: insignia (*habito*) que os cavalleiros eram obrigados a trazer sempre, não só, sobre o manto branco da ordem, nos actos publicos; mas até nos fatos caseiros.

—

Depois de 1834, ficou o mosteiro dos freires de Palmella, completamente abandonado, sem haver um governo, ou auctoridade local, que curasse da conservação d'este monumento glorioso, da fé e do valor de nossos avós; e de mais a mais, digno das maiores attenções, como obra d'arte.

Triste é dizêl-o; mas, nem só o desamparo e o correr dos annos, tambem as mãos criminosas dos vandalos do seculo XIX, teem, por muito, concorrido para a destruição d'este edificio.

Nos seus claustros jazem as cinzas de muitos varões illustres nas armas e nas lettras, entre elles, o célebre doutor, Diogo de Gouveia, que, depois de estudar em Roma, foi nomeado por D. João III, lente de theologia, da universidade de Coimbra; sendo um dos enviados, por parte de Portugal, ao concilio de Trento.

Está sepultado na capella-mór da egreja de Palmella, com este epitaphio:

AQUI JAZ D. DIOGO DE GOUVEA,
PRIOR-MÓR QUE FOI DESTE CONVENTO
E ORDEM DE SANTIAGO, E DO CONSELHO
DE EL-REI D. SEBASTIÃO, NOSSO SENHOR.
QUE PRIMEIRO FOI EMBAIXADOR DE
EL-REI D. JOÃO III, NO CONCILIO DE TRENTO.
FALLECEU A 2 DE ABRIL DE 1576.

O tumulo do infante D. Jorge d'Alencastro, filho legitimado de D. João II, e ultimo mestre da ordem, foi aberto e profanado, em 1859, ficando os ossos de um principe, que esteve quasi a ponto de reinar, [1] expostos ao escarneo e ás chufas das turbas.

Algumas pessoas de Palmella, foram-se á sepultura, e levaram, umas, dentes; outras, um ossinho qualquer, do illustre defuncto, para os guardarem, como lembrança. (Estes ainda não são dos peiores!)

D. Jorge de Lencastro, ou Alencastro, foi duque de Coimbra, e foi seu filho primogenito, o marquez de Torres Novas, depois, 1.º duque d'Aveiro.

Este, esteve prêso, no castello de S. Jorge, de Lisboa, por se oppôr ao casamento do infante D. Fernando, irmão mais novo de D. João III, com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva; declarando e sustentando, que se achava casado clandestinamente, á face da Egreja, com D. Guiomar, que era então a menina mais rica de Portugal.

—

D. João Fernandes, 1.º D. prior-mór de Palmella, era natural da cidade d'Evora.

Depois de ser mestre da Sé d'esta cidade, e D. prior-mór da ordem, foi conego secular, da congregação de S. João Evangelista (loyo) onde floresceu pelas suas virtudes, muitos annos.

[1] Todos sabem que D. João II, não tendo filhos legitimos, queria que lhe succedesse no throno, seu filho D. Jorge; porém os fidalgos da côrte, influenciados pela virtuosissima rainha, D. Leonor, mulher do monarcha, opposeram-se tenazmente, passando a corôa para D. Manuel, duque de Beja, irmão da rainha, e primo do rei, a quem de direito pertencia.

Falleceu no seu mosteiro de S. João Evangelista, d'Evora, em 22 de julho de 1509.

E' reputado como santo, na terra da sua naturalidade.

—

Em outubro de 1732, falleceu n'esta villa, Francisco Cordeiro, d'aqui natural, com 104 annos de edade.

No mesmo mez e anno, no logar dos *Montes*, termo de Palmella, morreu Antonio Correia, com 115 annos.

—

No dia 13 de fevereiro do 1876 (um domingo) inaugurou-se n'esta villa a illuminação a gaz.

Compareceu o vereador, o sr. João José de Oliveira Junior, iniciador d'aquelle melhoramento, e que á sua custa deu oito candieiros, e se promptificou a pagar a despeza da illuminação, até haver verba auctorisada no orçamento do futuro anno economico.

Apezar da chuva, as duas philarmonicas tocaram pelas ruas, e depois houve baile na casa da reunião d'ellas, foguetes e muita animação da parte dos palmellenses, que estavam satisfeitissimos com a realisação d'este progresso, que devem ao sr. Oliveira, o qual por isso se torna digno de louvor.

Duques de Palmella

E' actualmente duqueza de Palmella a sr.ª D. Maria Luiza de Souza e Holstein.

Nasceu a 4 de agosto de 1841, e casou a 15 de abril de 1863, com o sr. Antonio de Sampaio de Pina Freire de Bredorede, que, por decreto d'esse mesmo dia foi creado duque de Palmella.

E' capitão tenente da armada, par do reino, e condecorado com varias ordens nacionaes e estrangeiras.

Serviu algum tempo na marinha ingleza, tomando parte na expedição do Baltico, em 1854 e 1855, durante a guerra com a Russia.

Nasceu a 8 de janeiro de 1834, e é filho segundo do primeiro visconde da Lançada.

A sr.ª duqueza, tem-se entregado, com muito aproveitamento, á arte da esculptura, e na exposição da sociedade promotora de bellas artes, em 1874, apresentou varios trabalhos seus, que mereceram geral applauso.

Consta-me tambem que tem executado varios trabalhos de ceramica, modelando em barro—pratos, vasos, etc., mui elegantemente concebidos e decorados, que depois manda coser n'um forno, que expressamente foi levantado no jardim do seu palacio, ao Rato (Lisboa.)

E' sua filha, a sr.ª D. Helena Maria de Souza Holstein de Sampaio e Pina de Bredorede.

—

Foi pae da actual duqueza, o segundo duque, D. Domingos de Souza e Holstein, marquez do Fayal, conde de Calhariz, par do reino, capitão tenente da armada, etc.

Nasceu em Londres, em 28 de junho de 1818, e morreu em Lisboa a 2 de abril de 1864.

Casára a 22 de abril de 1839, com D. Maria Luiza de Sampaio, que nasceu a 21 de abril de 1827 e falleceu a 21 de março de 1861, era filha dos condes da Póvoa, Henrique Teixeira de Sampaio, e D. Luiza Maria de Noronha, e herdeira da immensa fortuna grangeada por aquelle esclarecido negociante.

Alem da actual duqueza, tiveram os segundos duques de Palmella outra filha: D. Luiza de Souza e Holstein, que nasceu em Lisboa a 18 de janeiro de 1845 e morreu a a 9 de fevereiro de 1864, sendo casada com o actual conde da Ribeira, o sr. D. José Gonçalves Zarco da Gamara.

O titulo de duque de Palmella foi conferido a D. Pedro de Souza e Holstein, por decreto de 13 de junho de 1833, em substituição do titulo de duque do Fayal, que tinha recebido por decreto de 4 de abril do mesmo anno.

Era marquez de Palmella desde julho de 1823, e conde do mesmo titulo desde dezembro de 1811.

Foi tambem conde de Sanfré, no Piemonte, capitão da guarda dos archeiros, presidente da camara dos pares, conselheiro de estado, e gran-cruz das mais distinctas ordens nacionaes e extrangeiras.

Exerceu por varias vezes o cargo de presidente do concelho de ministros e de ministro de varias repartições.

—

Vou entrar no periodo para mim mais escabroso, da vida d'este homem notavel.

Não só se envolveu, mas foi, por assim dizer, a alma, de tudo quanto se fez em Portugal, em favor da constiiuição, desde 1820, até 1834.

Já se vê que o que elle reputava bom, julgo eu mau; e creio ser optimo o que elle reputava pessimo; mas, o que nenhum partido lhe nega, é uma grande penetração; uma profunda intelligencia; longa pratica da diplomacia europea; e um grande fundo de honradez e probidade.

—

Já declarei, no *Diario do Commercio*, illustrada folha do partido liberal, que o *Portugal Antigo e Moderno*, não é um livro de combate: é um livro catholico e portuguez —nada menos e nada mais.

O meu modo de pensar, em politica, nada tem que ver com esta obra.

Se, em rapidos traços faço a biographia de um legitimista, com a mesma satisfação, com a mesma sinceridade e imparcialidade, faço a de um liberal.

O varão que se extremar do vulgo, pelas suas virtudes, pela sua intelligencia, ou pelos serviços prestados a religião ou á patria; é commemorado n'este livro—qualquer que seja a côr da sua bandeira; porque em todos os partidos ha muitos homens honrados, assim como ha muitos perversos.

Desenganem-se todos—**eu não sou o escriptor assallariado de um corrilho, que deixa atraz da porta, a verdade e a consciencia, tornando-se o orgão anthomatico dos que lhe pagam para dizer disparates, mentiras e calumnias. Escrevo e julgo como me dita a minha consciencia: se érro, é defeito da intelligencia e não da vontade.**

Dou esta satisfação aos meus leitores, porque alguns jornaes teem injustamente arguido esta obra, de miguelista, apezar de verem que, com a mesma facilidade e lealdade com que descrevo os crimes e as virtudes dos realistas, descrevo as bôas e más obras dos liberaes.

Bem sei que a verdade não agrada a todos; mas, estou certo que os homens prudentes e honrados de todas as côres politicas, me hão-de fazer justiça.

—

Não cabe nos estreitos limites d'este diccionario, nem sequer esboçar uma ligeira biographia d'este varão insigne, que na phrase do sr. Rebello da Silva foi um dos primeiros, senão o primeiro politico do nosso seculo em Portugal.

Nasceu a 8 de maio de 1781, e foram seus paes D. Alexandre de Souza e Holstein e D. Isabel Julianna de Souza Coutinho.

Foi o duque de Palmella educado por seu pae, que exerceu os cargos de ministro de Portugal na Suecia e na Russia, e o de embaixador em Roma.

Em 1796, sentou praça no regimento de cavallaria, denominado de Mecklenburgo; em 1797, foi promovido a capitão, e nomeado ajudante d'ordens do duque de Lafões; em 1802, foi despachado conselheiro da embaixada de Roma, e alli ficou encarregado dos negocios, em 1803, quando seu pae (que exercia o cargo de embaixador junto da Santa Sé) falleceu n'essa cidade.

Em Roma, conheceu o duque, entre outras pessoas, o barão de Humboldt, o célebre chimico Gay Lussac, e madame de Stael.

Em casa d'esta illustre escriptora, em Coppet, residiu varios mezes o duque, no anno de 1806, tendo occasião para conhecer de perto, alguns dos homens que mais eminentes foram depois, na politica ou nas letrtas.

No fim d'este anno, voltou a Portugal, tornando a servir no exercito.

Durante a guerra peninsular exerceu, até ao fim de 1809, o logar de ajudante, da divisão do general Trant.

No fim d'este anno, foi nomeado ministro plenipotenciario em Hespanha, e ahi prestou importantos serviços, chegando a ajustar a restituição de Olivença que, infelizmente se não effectuou.

Em 1812 foi nomeado embaixador para Londres; mas como ainda alli residia o seu antecessor, conde do Funchal, aproveitou a occasião para negociar em Paris, uma convenção, que restabelecia as nossas relações politicas e commerciaes com a França.

Foi o primeiro plenipotenciario de Portugal no congresso de Vienna, e alli assignou, em 1815, não só o tratado geral, mas um tratado especial, com a Inglaterra, no qual nos eram concedidas avultadas indemnisações, pelas prezas illegalmente feitas pelos corsarios inglezes.

Alcançou tambem, a abolição do tratado de 1810, que tão lesivo era para Portugal.

No acto final do congresso, foi, por diligencias suas, reconhecido o direito de Portugal a posse de Olivença.

Terminado o congresso, voltou a Paris, tomando parte nas negociações tendentes a exigir da França, indemnisações pelas despezas de guerra, feitas durante os 100 dias, e posto que o nosso paiz não tivesse entrado n'esta bravissima campanha, por não terem tido tempo de chegar as ordens do principe regente, conseguiu o nosso plenipotenciario, que a Portugal fossem dados 3:000:000 de francos, pelas despezas de armamento, que haviamos sido forçados a fazer.

Em 1816, tomou posse da sua embaixada em Londres.

Entre outros serviços que então prestou, merece especial menção, a convenção de 1817, que tornou impossiveis os abusos que em detrimento do nosso commercio, praticavam os cruzadores inglezes,

Alcançou em Inglaterra varias indemnisações importantes, pelos apresamentos illegaes que nos haviam feito, e pela parte das prezas que nos pertenciam, do tempo da guerra peninsular.

E' tambem d'este tempo a delicada negociação em que entrou o duque e que tão habilmente dirigiu, para ajustar as pendencias, entre Portugal e Hespanha, por causa da entrada das nossas tropas, na banda Oriental do Rio da Prata, e occupação de Montevideu.

O duque conseguiu não só evitar o conflicto, que a imprevidente determinação da corte do Rio de Janeiro provocou, mas ainda, estipular para nós, concessões vantajosas, como era a restituição de Olivença; uma nova delimitação nos territorios do Rio da Prata, e uma valiosa indemnisação pecuniaria.

A insurreição do general Riego, e o subsequente abandono, por parte da Hespanha, das suas possessões americanas, não deixou que se realisassem as estipulações conseguidas por Palmella.

No começo de 1820, sahiu de Inglaterra, com destino ao Rio de Janeiro, onde hia exercer o cargo de ministro dos negocios estrangeiros, para que fôra nomeado em 1817.

Tendo porém de demorar-se em Lisboa, por causa dos seus negocios domesticos, alli assistiu á revolução de 1820.

Convidado pelos governadores do reino, a quem o movimento popular deixára totalmente aturdidos, para com elles partilhar, em parte, a gravissima responsabilidade que então impunha a direcção dos negocios publicos, não se eximiu o duque a esta espinhosa tarefa.

Assistiu a muitos dos conselhos do governo e redigiu quasi todas as proclamações que a regencia assignou.

Julgava Palmella poder encaminhar o movimento do Porto, por fórma a produzir em Portugal um governo constitucional imitado do de Inglaterra.

Era porém tarde, e o movimento iniciado no Porto, desenvolvendo-se com rapidez, não permittiu que fossem postos em pratica os seus planos prudentes e patrioticos.

Partiu pois para o Rio de Janeiro, em outubro de 1820, com a firme intenção de persuadir D. João VI, a que acceitasse o regimen constitucional e evitasse por esta fórma as gravissimas difficuldades que se antolhavam a todo o observador sincero e esclarecido.

No Rio de Janeiro encontrou mais contradicções do que esperava. A corte não acreditava na gravidade das circumstancas, nem se mostrava receiosa da opinião publica, no Brazil.

Desenganaram n'a depressa as noticias vindas de Portugal, e a sublevação da Bahia.

Só então é que D. Jão VI, acceitando os conselhos de Palmella, se determinou a mandar a Portugal o principe D. Pedro, para outhorgar a base de uma constituição, e a convocar, no Rio de Janeiro, uma assembléa de notaveis, de todas as provincias, para se assentar na fórma de governo, que se havia de dar ao Brazil.

O principe porém, guiado por maus conselheiros, e já secretamente connivente com as intrigas que precederam a declaração da independencia brasileira, recusou-se a partir.

N'estes circumstancias, D. João VI, foi forçado a regressar a Portugal.

Vinha em um dos navios da esquadra, o conde de Palmella. Chegado ao Tejo, não permittiram as cortes que desenbarcasse, ordenando-lhe que escolhesse para sua residencia uma terra situada a 20 legoas de Lisboa.

Profundamente magoado com esta injusta determinação, que assim o confundia com os inimigos do rei, retirou-se para Borba, onde permaneceu tranquillo e inteiramente alheio aos negocios publicos, até á *Villafrancada*, em maio de 1823, em que o rei o mandou chamar, para ministro dos negocios extrangeiros.

Começou então para Palmella, uma vida de tribulações e desgostos.

Via todos os perigos da violenta reacção promovida pela sr.ª D. Carlota Joaquina, e pelo sr. D. Miguel; conhecia o animo frouxo do rei, que não podia nem queria resistir; advinhava as immensas desordens que n'um futuro proximo viriam assaltar a patria.

A Santa Alliança, em Paris, intimava por seu lado Portugal, a que não se affastasse dos rigorosos principios do governo tradicional.

Palmella, que entre todas as pessoas influentes, era o unico que queria o estabelecimento do governo constitucional; não podia arcar sósinho com as immensas difficuldades que por todos os lados lhe embargavam o passo.

Tinha de luctar sem appoio algum, contra a inercia do rei, a indifferença dos seus collegas, o odio da rainha, do infante e dos seus partidarios, e, emfim, contra a opposição dos gabinetes extrangeiros, com excepção unica da Inglaterra.

Para conseguir que o rei effectuasse a sua promessa de uma carta constitucional, fez quanto humanamente era possivel, chegando a conseguir que se nomeasse uma junta, por elle presidida, para apresentar as bases d'esta fórma de governo.

Depressa porém se convenceu que não só não alcançaria a realisação da promessa real, mas nem sequer, o que para elle era simples expediente provisorio, o estabelecimento das antigas côrtes, com os dois braços do clero e da nobreza reunidos, e convocadas periodicamente.

Julgava Palmella que era do seu dever, não podendo obter o que reputava melhor, alcançar ao menos o que suppunha exequivel.

O rei, porém, nem sequer sanccionou esta proposta da junta.

A reacção violenta da *abrilada*, patenteou o desgosto dos realistas, por não terem conseguido que a restauração de 1823, produzisse todos os effeitos que elles esperavam.

Convencido de que a pusilanimidade do rei, o não deixaria sahir da *tutella* dos realistas, o aconselhou a retirar-se para bordo da nau *Windson Castle*.

E' de sobejo conhecida a historia d'aquelles dias; bastará accrescentar que, foi dictada por Palmella, a proclamação que de bordo d'aquelle navio o rei dirigiu aos seus subditos.

Nos poucos mezes que mediaram desde aquella data, até janeiro de 1825, acumulou Palmella (já então marquez) a pasta dos extrangeiros com a do reino.

Aproveitou a serenidade relativa d'esta épocha, para promulgar a lei de 4 de junho de 1824, restabelecendo as antigas côrtes.

Esperava o duque que n'esta assembléa se tratasse com toda a solemnidade, da approvação do testamento de D. João VI, e da importante questão da successão ao throno.

que já apparecia no horisonte como grossa e acastellada nuvem, precursora de tempestades e desgraças.

Não permittiram as circumstancias que fosse por deante este plano.

A Inglaterra, ciosa da influencia que em Lisboa adquirira o embaixador francez, exigiu que o rei demittisse o conde de Sub-Serra, principal sustentaculo da influencia franceza.

D. João VI, cedeu, mas quiz ter a compensação de demittir ao mesmo tempo o marquez de Palmella.

Devemos confessar que não foi esteril a rapida passagem do marquez pelo ministerio dos negocios do reino: creou a 1.ª aula publica de physica e chymica, que entregou ao sabio Luiz Mousinho da Silveira; creou o curso de cirurgião, no hospital real de S. José; fundou um instituto para surdos-mudos; estabeleceu uma officina lythographica; abriu uma escola normal (que infelizmente não subsistiu); reformou o terreiro publico, e legislou sobre os cereaes; deu impulso ás obras publicas, e ás do rio Mondego; e occorreu a outros objectos de utilidade publica.

Voltou para Londres, como embaixador, e alli se occupou de varias questões commerciaes.

Fallecendo (não sem suspeitas de morte violenta) *officialmente* [1] D. João VI, em 10 de março de 1826, seguiram-se os acontecimentos de todos sabidos, e que não quero relatar aqui, para que se não diga mais uma vez, que este diccionario é uma obra politica.

Limitar-me-hei a dizer, que Palmella foi desde então, a alma do partido liberal portuguez, e que, se não fosse elle, talvez que o systema da carta constitucional jamais se tivesse implantado n'este reino.

Finda a guerra civil, de 1832 a 1834, Palmella continuou a prestar relevantissimos serviços ao partido liberal, nos altos e differentes empregos que exerceu, e devemos dizer, em homenagem á verdade, que em todos elles se portou com a maior intelligencia, a mais exemplar honradez, e o mais raro desinteresse; obrando sempre como um dos mais antigos e nobres fidalgos d'estes reinos.

—

Póde afoitamente dizer-se que a historia de Portugal, pelo que respeita ao seculo XIX, ainda está por escrever.

Por mais illustrado, por mais erudito que seja um escriptor; por maior que seja a sua boa vontade, pertence a uma facção politica, e, mesmo insensivelmente, hade ver as cousas por um prisma que não é o verdadeiro, mas que o illude, obrigando-o a ver nos seus, só virtudes, e só crimes nos adversarios.

D'aqui os êrros historicos, as mentiras e até as calumnias.

O chronista, deve ser imparcialissimo, e a imparcialidade é absolutamente incompativel com a sanha partidaria que actua sobre o escriptor contemporaneo.

Quando já não existirem os netos d'aquelles que tomaram uma parte mais ou menos activa nas nossas dissenções politicas, poder-se-ha a sangue frio escrever a historia d'ellas.

Então, se houver um homem que reuna todos os documentos, de todos os partidos, fazendo-lhes uma analyse rigorosa—trabalho difficilimo, mas não impossivel—poderá escrever a historia hodierna; como só ha poucos annos se pôde escrever com verdade, a historia do 1.º marquez de Pombal.

Então, e só então, poderá brilhar a verdade, em toda a sua luz. Então, e só então, poderão ser justamente avaliados os grandes homens da 1.ª metade do seculo XIX, e as suas obras.

[1] Ha quem assevere que o rei já tinha morrido *naturalmente*, nos primeiros dias de fevereiro; o que não é muito verosimil; e os seus creados particulares dizem que effectivamente elle morréra em 10 de março.

Outros porém, teimam em dizer que no principio de março, já no Rio de Janeiro se sabia da sua morte.

Diz-se que ha cartas do 1.º imperador do Brazil, que provam isto mesmo.

Entretanto, isto, por emquanto, não passa de um mysterio, que talvez se desvele com o tempo, e quando as paixões politicas estiverem menos exaltadas.

Na Póvoa tratarei ainda da illustre casa da actual sr.ª duqueza de Palmella.

PAM — vide *Pão.*

PAMPILHOSA—freguezia, Douro, comarca da Anadia, concelho da Mealhada, 12 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado de Coimbra, distrlcto administrativo d'Aveiro.

O collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura annual, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

É terra muito fertil, e produz optimo vinho. Cria bastaste gado, e é abundante de peixe do mar.

PAMPILHOSA — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 24 kilometros de Arganil, 90 ao N.O. da Guarda, 50 do Fundão, 50 de Castello-Branco, 80 de Thomar, 40 da Certan, e 12 das villas de Fojão e Alvares (ficando Pampilhosa no centro), 215 kilometros ao N. de Lisboa, 780 fogos.

Em 1757 tinha 376 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado da Guarda, districto administrativo e 50 kilometros a E.S.E. de Coimbra.

O reitor do collegio novo, de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, e foi elevada á cathegoria de villa, pelo rei D. Diniz, em 1308.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 87, col. 1.ª)

Esta povoação está situada em um valle profundo, rodeado de serras agrestes, mas em sitio fresco, por ser banhado pelo rio *Unhaes*, que desagúa no Zézere, antes da ponte de Cabril, junto ao Pedrogam-Pequeno. Tem uma pequena praça, ou largo, aformoseado com suas columnas.

Na casa da camara municipal, e por baixo das armas reaes, está a inscripção seguinte:

O REI D. DINIZ NO ANNO DE 1308
FEZ ESTA TERRA VILLA. ELREI D. JOÃO I
A CONFIRMOU. ELREI D. MANOEL
A SENTENCIOU POR VILLA MUITO ANTIGA
CONTRA A VILLA DA COVILHAN
EM A DEMANDA QUE TIVERAM,
NO ANNO DE 1500.
FEITA NO ANNO DE 1711.

—

O concelho da Pampilhosa é composto de 10 freguezias—Fajão, no bispado da Guarda, e—Cabril, Dornellas, Janeiro de Baixo, Machio, Pampilhosa, Pecegueiro, Portella do Fôjo, Unhaes-o-Velho, e Vidual-de-Cima, no bispado de Coimbra, todas com 2:100 fogos.

Este concelho intesta com o extincto de Fajão, pelo E.—com o de Oleiros (districto administrativo de Castello-Branco), pelo S. —com o de Alvares (extincto), pelo O.—e com o de Góes, pelo N.

O territorio d'este concelho é bastante montanhoso, posto que não tanto, como o supprimido de Fajão (que fórma hoje parte d'esto), por serem os seus montes menos elevados. Seus campos são regados por varios ribeiros, que tornam a terra fertil; ainda que, em occasião de grandes invernadas, as aguas arrastam em sua impetuosa corrente, o fructo—e não poucas vezes a terra dos campos — do lavrador.

Ainda em novembro de 1852, as enchentes, destruindo varias propriedades, reduziram á miseria muitos proprietarios d'estes sitios.

Os montes e serras que n'este concelho alternam com os valles, são, em grande parte, formados de boa terra vegetal, que podia, pelo menos, produzir grande quantidade de madeiras e lenha, se se arborisassem; mas a incuria do povo e o desmazéllo dos municipios, conservam-os despovoados de arvoredos, produzindo apenas matto e urzes.

Ha n'este concelho fabricas de bureis, picotilhos e panos brancos, tudo de qualidade grosseira.

PAMPLONA—appellido nobre em Portugal; veio de Hespanha, da cidade de Pamplona, capital do reino de Navarra, na pessoa de D. Pedro Vaz Pamplona, cuja filha, D. Maria Vaz Pamplona, casou com Alvaro Affonso Ramos, senhor do morgado de Bei-

re (vol. 1.º, pag. 358, col. 2.ª), no reinado de D. Manuel.

Alguns de seus descendentes se estabeleceram na cidade do Porto; e Gonçalo Alvares Pamplona, passou á Ilha Terceira (Açôres), onde fez o seu solar e morgado.

As armas dos Pamplonas, são — em campo de púrpura, 7 coticas d'ouro, em faxa. Elmo de aço, aberto — timbre, meio leão de ouro, faxado de púrpura, com duas faxas de ouro.

Outros do mesmo appellido, trazem — em campo de ouro, cinco coticas, de púrpura, em banda. O mesmo êlmo e timbre.

Outros, usam — em campo de púrpura, seis coticas d'ouro, em banda, e o mesmo êlmo e timbre.

Os Pamplonas progrediram muito mais nos Açôres do que no continente, e em quasi todas as ilhas d'aquelle archipelago se acham familias d'este appellido.

A casa principal dos Pamplonas de Portugal, é a do Campo de Santo Ovidio, na cidade do Porto; mas, como esta bella e rica propriedade foi dos Figueirôas, tem as armas d'estes.

O actual representante d'esta nobilissima familia, é o sr. D. Manuel Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, futuro conde de Rézende e visconde de Beire, irmão do fallecido sr. D. Luiz Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, ultimo conde de Rézende, e visconde de Beire.

Vide *Rézende*.

PAMPULHA — sitio de Lisboa, na freguezia de Santos. A calçada da Pampulha, principia no fim da Rua Direita de S. Francisco de Paula (junto á travessa dos Brunos) e termina junto á *Torre da Polvora*, e travessa da Praia.

Não pude saber d'onde é derivada a palavra *Pampulha*. Talvez venha do portuguez antigo — *Pampôlho* — que hoje dizemos — pimpôlho — a vara nova da vide. Parece que já tinha este nome, quando D. Affonso I tomou Lisboa aos mouros, em 1147, e que era já um bairro suburbano d'esta cidade. O que é certo, é ter existido por mais de cinco ou seis seculos, o famoso *bairro da Pampulha*, em grande parte composto de pescadores e marinheiros, e o mais turbulento de Lisboa.

Pelos annos 400 de Jesus-Christo, imperando Constantino Magno, construiram os christãos, no bairro da Pampulha, uma ermida, dedicada aos santos martyres, Verissimo, Maxima e Julia, padroeiros de Lisboa.

O doutor frei Bernardo de Brito, dá a entender que esta ermida foi edificada pouco depois do martyrio d'aquelles santos; porque, sendo Lisboa sitiada pelos alanos e suevos (413), o povo recorreu ao patrocinio dos santos martyres, e os barbaros levantaram o cêrco, deixando Lisboa em paz.

Estes santos tinham sido martyrisados em 303, sendo imperador o cruel Diocleciano, sendo seu pretor nas Hespanhas, o sanguinario Daciano, e legado na Lusitania, o feroz Tarquinio, que assistiu ao martyrio.

Os christãos haviam enterrado na praia os cadaveres dos santos, que depois foram removidos para esta ermida.

(Para evitarmos repetições, vide vol. 4.º, pag. 238, col. 1.ª, no principio.)

—

Houve na Pampulha um mosteiro de carmelitas descalços, reforma da regra que Santo Alberto deu aos carmelitas, e foi instituida por Santa Thereza de Jesus, em 1562. Concorreu para esta reformação, S. João da Cruz. Foi approvada pelo papa Gregorio XIII, em 1580.

Gregorio XV a separou da dos carmelitas calçados, em 1622.

O mosteiro da Pampulha, foi o primeiro d'esta ordem que houve em Portugal, e foi fundado em 1581, sob a invocação de S. Philippe.

Depois vieram para este mosteiro os religiosos de S. João de Deus, passando os carmelitas para a egreja de S. Crispim, e passaram depois para a rua que vae de Santos-o-Velho para Alcantara.

—

Na Pampulha está a optima fabrica de moagens dos *srs. Bellos e Formigal*. Ainda

em janeiro de 1876, se despacharam na alfandega de Lisboa, 30 volumes, vindos do Havre, com machinismo, no valor, aproximadamente, de 1:680$000 réis, para este importante estabelecimento industrial.

PANARÍA — portuguez antigo — celleiro, tulha, etc.

PANASCAES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho d'Aboim da Nóbrega), 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 140$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado, e muita caça, grossa e miuda.

Panascal, significa, campo cheio d'herva espontanea, em terra que se não lavra. A esta qualidade d'herva se chama *panasco*, ou *relva*.

PANASCOSO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 160 kilometros da Guarda, 150 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O prior de Santa Maria do Castello, da villa d'Abrantes, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É parochia rica e fertil.

PANASQUEIRA — sitio, Alemtejo, na estrada d'Evora para a villa d'Aguiar. Ha aqui um dolmen celtico.

PANCHORRA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende (foi do extincto concelho das Caldas d'Arégos), 18 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Ovadas apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Bom vinho. Muito gado de toda a qualidade. Abundante de peixe do Douro, que lhe fica perto, e ao norte.

PANOIAS—Villa, Alemtejo, comarca d'Almodóvar, concelho e 12 kilometros a N.O. de Ourique (foi da comarca de Beja, concelho de Messejana que fica a 12 kilometros a S.O.), 75 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S.E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 176 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era commenda de S. Thiago.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

É povoação muito antiga.

O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, lhe deram foral, com o titulo de villa, no anno de 1096. Foi confirmado por D. Affonso III, em carta sem data, pelos annos de 1255. (*L.º 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 49 v.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 48, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º, o que mostra ter sido povoação importante.

Tem brazão d'armas — que é — em campo azul, dois braços de homem, cruzados, com as mãos apontando para cima, um vestido de amarello, outro de carmezim. Entre os braços, está uma cabeça d'homem, com barbas e cabellos compridos e louros, que representa ser a de Jesus-Christo.

A villa de Panoias, que em 1700 tinha 260 fogos, já em 1757 tinha apenas 176, como já disse, e em 1820 198, com 770 habitantes.

A 3 kilometros ao O. da villa, está um templo antiquissimo, dedicado a S. Romão, que nasceu em França e morreu em um mosteiro, por elle fundado, e que foi o primeiro que houve em Portugal, de eremitas de Santo Agostinho, e da invocação de S. Salvador, do qual existem ainda alguns vestigios, no meio das charnecas, a 18 kilometros da villa de Mértola, e uma capella (a que chamam *mosteiro*) da invocação de S. Romão.

Na egreja matriz de Panoias venera-se a

cabeça d'este santo, guardada em um relicario de prata, e o corpo na referida capella de S. Romão; onde se lhe faz, no ultimo dia de fevereiro, uma grande festa, á qual concorrem muitas romagens dos povos visinhos.

O territorio de Panoias, que se estende por grande parte do famoso *Campo d'Ourique*, é fertilissimo. Cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade, e ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Em 1160, D. Affonso I e seus filhos, aforaram Celleirós de Panoias, repartindo-a em oito courellas, cada uma com o fôro de tres *quarteiros* (vide esta palavra), um de trigo, um de centeio, e um de cevada ou milho (miudo).

PANOIAS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros ao N. de Braga (foi do concelho do Prado — extincto — comarca de Braga), 130 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

A mitra e um tercenario da Sé de Braga, apresentavam o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Muito gado, de toda a qualidade. Caça.

—

Além da cidade famosa de Panoias, em Traz-os-Montes, de que adiante trato, e que deu o nome á *Terra de Panoias* e a muitas povoações — ha tambem o paiz antigmente denominado *Terra de Panoias*, na antiga provincia de Entre Douro e Minho, e nas immediações de Braga.

Comprehendia esta freguezia, a aldeia (que foi *villa* [1]) de *Quintanêllo* (ou *Quintinha*), *Amares*, *Navalios*, o monte *Caprario*, e hia seguindo a corrente do rio *Córgo*, *Tibães*, *Serra da Cabreira*, e freguezia d'este nome, que no tempo dos romanos se chamava *Caprária*. (Cabreira.)

PANOIAS — freguezia, Beira-Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago, o Salvador.

A mitra apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Terra pouco fertil em cereaes, mas cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça.

N'esta freguezia nasce o rio Lamegal, (4.º vol., pag. 33, col. 1.ª) qne tem um curso muito sinuoso, e corre do S. ao N., bastante arrebatado, em razão das aguas que se lhe juntam, vindas da serra da Estrella; e, com um curso de 50 kilometros, entra na esquerda do Côa, abaixo da Coriscada.

PANOIAS, PANOYAS ou **PANONIAS**—cidade antiquissima da Lusitania, na chancellaria de Braga, e no territorio actualmente occupado pelas freguezias de Constantim e Valle de Nogueiras, e a 4 kilometros a N.O. de Villa Real.

Foi fundada pelos celtas, trez ou quatro seculos antes de Jesus Christo, e foi cidade importantissima dos romanos.

Ainda existem carns celticos, *fanos* (templos romanos) e outras muitas antiguidades, como adiante direi.

Parece que o *centro* d'esta povoação era onde hoje está o logar do *Assento*, que se julga ser corrupção de *centro*.

O povo ainda dá a este sitio o nome de *Panoias de Valle de Nogueiras*.

Antes do infatigavel D. Jeronymo Contador d'Argote, nenhum escriptor, antigo ou moderno, tratou d'esta cidade desenvolvidamente, limitando-se apenas a fazer menção d'ella.

Veem-se ainda varios restos de paredes e muralhas, de grande robustez, que pertenceram a grandes edificios.

Segundo a tradição, grande quantidade dos materiaes d'estas obras, foram conduzidos a Villa Real, para a construcção das suas muralhas.

Com muita frequencia apparecem por estes sitios, e a pouca profundidade, pedras lavradas, cippos, capiteis de columnas, telhas, telhões, tijollos, de barro encarnado,

[1] Isto é—casa de campo, d'algum senhor romano.

muito fino, cuja qualidade se não acha por estes sitios.

Nas paredes da égreja matriz de Valle de Nogueiras, se veem empregados, como alvenaria, capiteis de columnas e outros restos de pedras lavradas e esculpidas, de marmore e jaspe, e granito finissimo; qualidades de pedra que não ha n'esta provincia, nem a mais de 300 kilometros de distancia para o S.

Tambem na residencia do parocho, se veem nas paredes, os mesmos objectos, e cippos com inscripções, servindo de alvenaria.

—

Nos fragmentos do concilio Lucense, se tracta de uma povoação denominada *Panonias*, pertencente á Sé de Braga; mas, como na provincia do Minho ha diversos logares com o nome de *Panoias*, não se segue que aquella de que tracta o concilio, seja esta de Traz-os-Montes.

Ignora-se o nome que teve esta povoação antes da invasão dos romanos; o de *Panonias* (que o povo corrompeu em *Panoias*) é latino.

O territorio ou região a que os romanos davam o nome de Panónia, comprehendia grande parte da actual Allemanha, a Hungria e paizes immediatos.

—

Nas casas da residencia do reitor da freguezia, se veem tres cippos com inscripções —uma diz—AVREOLAE—outra—MODESTIA— a ultima diz—MILLIA STIPIB.

Suppõe-se que esta *millia* não significa milha (2 kilometros) mas o nome de uma antiga parochia da diocese de Braga, que hoje não existe, nem se sabe onde existiu.

—

As mais notaveis antiguidades, porém, e certamente as mais curiosas, que existem d'esta povoação, são, uma especie de tanques, de diversos tamanhos e de differentes formas, que se veem, abertos a picão, em alguns rochedos graniticos; obras evidentemente romanas, em vista das inscripções n'ellas gravadas.

A camara de Villa Real, e o parocho de Valle de Nogueiras, mandaram á academia real, por ordem do rei D. João V, um relatorio de todos estes monumentos, do qual farei aqui um resumo.

—

Entre o logar do *Assento*, da referida freguezia, e a *honra de Gallêgos*, fica um monte pouco levantado, que, das costas da egreja, hindo para E., está a distancia de uns 250 metros, no qual ha muitas fragas, com os taes tanques ou caixas, abertos a picão.

Em uma d'ellas, que tem 3,^{m}30 de altura, fóra da terra, com 6,^{m}60 de largo, de E. a O.—e de comprido, de N. a S., 19,^{m}80— se vê aberta a picão, do lado do N., uma escada, que vae ao cimo da rocha, que é plana, e lavrada tambem a picão.

N'este plano, ao O., está uma caixa, de 0,^{m}66 d'alto, 11^{m} de comprido, e 3,^{m}30 de largo.

Tem na aresta, um rebaixo, de 0,^{m}11, como que para encaixar, uma tampa.

De fóra d'este rebaixo, se vê uma faxa, de uns 0,^{m}04 de alto, e 0.^{m}08 de largo, evidentemente feito para que as aguas pluviaes não possam entrar na caixa, depois de collocada a tampa.

A 0,^{m}44 d'esta, está outra, inteiramente semelhante.

Em redor da fraga, está um rêgo, de 0,^{m}22 de profundidade, e 0,^{m}90 de largo.

Na mesma fraga, e ao lado das duas arcas referidas, está outra, alguma cousa differente.

Tem 12 $^{1}/_{2}$ metros de comprido, 1 metro de largo, e 0,^{m}77 de alto.

No fundo, tem um buraco redondo, de 0,^{m}11 d'alto, e o mesmo de diametro.

Finalmente, mais quatro d'estas caixas, quasi em tudo semelhantes, se veem ainda na superficie d'esta fraga.

—

Ao S. d'esta fraga, e a distancia de 66 metros, está outra, pouco elevada sobre o nivel do terreno, com uma caixa semelhante ás outras, porém de metade (pouco mais ou menos) do seu tamanho.

Esta tem nas faces do S, e N., umas pequenas cavidades, como que para encaixe de dobradiças—e fóra da caixa, do lado do

N. um buraco redondo, de 0,m22 de diametro e o mesmo de profundidade.

—

Ao S. da antecedente fraga, a uns 14 metros, está outra, levantada 0,m66 do terreno.

Vê-se do E. uma escada, subindo para a 1.ª parte do rochedo, onde se vê uma arca como a antecedente; e n'esta parte da rocha, outra escada, subindo para outro penedo, collocado sobre o primeiro, onde está outra arca, semelhante ás antecedentes.

—

Finalmente, para não cançar o leitor, com a descripção de varias outras fragas, onde se veem mais ou menos das taes arcas (segundo as dimensões do plano superior) limitar-me-hei a descrever as inscripções que se veem em algumas d'ellas, no estado em que se acham.

São as seguintes:

DI. SS. E.....N. HOC.
TEMPLO.....
...DEMC.....I. P.
FINVS.....

Parece ter sido:

Diis severis locatis in hoc templo... Cnevs Caivs Calpvrnivs Rufinvs.

Isto é— Cneio Caio Calpurnio Rufino, dedicou aos Deuses severos, que habitam n'este templo.

—

HVIVS HOSTIAE QVAE CA-
DVNT HIC IMMANTVR
EXTAINTRA QVADRATA
CONTRA CREMANTVR
SANTVS LACICVS PACIED
SVPER FV..... ITVR.

(Aqui se sacrifica o que cahe da rêz sacrificada, e os intestinos se queimam nos quadrados fronteiros. Lago sagrado, de toda a sorte hade permanecer.)

—

Na frente de outra rocha, que no seu tope contem duas arcas, e um buraco grande circular no centro, e outro menor junto a elle, estão duas inscripções latinas perfeitamente conservadas.

Para não aborrecer os leitores com mais latinorios, dou só a sua traducção:

1.ª

Cneio Caio Calpurnio Rufino, varão consular, dedicou este lago eterno, com este templo, em que se queimam as victimas, aos Deuses e ás Deusas, e a todas as divindades; e aos Deuses dos lapitas. [1]

2.ª

Cneio Caio Calpurnio Rufino, varão consular, dedicou este templo, e esta obra, aos Deuses. Este é o lago onde, por voto, o sangue se mistura.

—

Segundo a theogonia dos romanos, havia diversas divindades, e estas moravam, umas no ceu, outras na terra, outras no inferno.

Os templos e as aras dedicadas aos deuses infernaes, eram em covas ou logares profundos e subterraneos.

Havia muitas classes de templos, e estes se compunham de diversas partes.

Fano. era uma especie de templo, a que nós chamariamos capella, ou ermida.

Tesca, era o *logar santo*, dedicado a algum deus; mas situado em qualquer deserto ou solidão.

Cella, era a parte do templo, em que estava a estatua do deus.

Parece que em alguns templos havia mui-

[1] Os lapitas eram uns povos da Thesalia, que tomaram este nome, de *Lapito*, filho d'Apollo.

Eram muito arrogantes e orgulhosos, de sorte que, entre os gregos, para designarem um soberbo, diziam—*mais orgulhoso que um lapita.*

Eram todavia muito robustos, e peritos fundibularios.

Virgilio os menciona nas suas Georgicas (L.º 3.º) dizendo—*Fraena Pelethronii Lapithae, girosque dedere.*

Ovidio nas Methamorphoses (L.º 12.º) falla dos lapitas mais largamente.

tas *cellas*, tendo cada uma a sua estatua.

Já vemos que os monumentos que existem nas rochas de Panoias, eram templos romanos, dedicados ás suas divindades infernaes; por isso, ficavam como mettidos debaixo da terra.

E' certo que n'estes monumentos, existiram differentes estatuas de deuses, de ambos os sexos.

Provavelmente, os lusitanos christãos, os gôdos ou os mouros deram cabo d'ellas.

E' provavel que todos estes *templos*, *fanos* ou *tescas* fossem mandados construir pelo consul Cneio Caio Calpurnio Rufino; pelo que se vê que este patricio romano, residiu muitos annos n'esta parte da Lusitania, que pertencia á chancellaria bracharense.

—

Ha por estas visinhanças, em grande quantidade, monumentos romanos, de varias especies.

Uns já foram, e outros hirão nas freguezias ou logares onde estão situados.

—

Foi Panoias uma tão nobre povoação, que muitas terras se teem por honradas em tomarem o seu nome: assim, vemos—*Constantim de Panoias*, *Murça de Panoias*, *Villa Real de Panoias*, etc.

Terra de Panoias

Era a cidade de Panoias não só uma povoação importante no tempo dos romanos, mas tambem era conhecida pelo nome de *Terra de Panoias*, a região, que vae desde o Marão ao rio Tua, e desde o Douro até Murça.

Os romanos edificaram n'esta região muitos castellos, de que ainda existem ruinas ou indicios nas visinhanças de Covellinhas, Villarinho dos Freires, Murça, Provezende e n'outros pontos, sendo notavel o de Favaios, com forma quasi circular de mais de cem passos de diametro, com quatro portas para os quatro pontos cardeaes do mundo, e um baluarte ao N., tendo a parede da muralha 30 palmos de grossura, parecendo inferir-se, que servia de refugio aos povos circumvisinhos em tempo de guerra.

Apoz a invasão dos barbaros, continuou Panoias a ser importante, porque em 569 formava uma das 27 egrejas principaes do arcebispado de Braga.

Tambem esteve sob o jugo dos Mouros (e ainda hoje se dá o nome de castello ou cerca dos mouros, aos restos da muralha do castello de Favaios); mas não sem recalcitrar, porque os seus habitantes, valentes como todos os trasmontanos, reagiram sempre contra os seus oppressores, e por muitas vezes o sangue tingiu aquelle bello territorio.

Expulsos os sectarios do Koran, o conde D. Henrique deu foral a Constantim, que ora então a principal povoação de Panoias, estendendo-se até Valongueiras (Valle de Nogueiras) onde em 1812 appareceram sepulchros cheios de cadaveres, que se desfaziam apenas expostos ao ar.

Em 1139, doando D. Affonso Henriques a frei Jeronymo, a ermida e couto de Santa Comba de Rio Córrego, apparece assignado —*Veta Menendi Princeps de Panoyas* (Eluc. de Viterb. vb. Podestades), o que mostra ter Panoia um governador.

Este rei e seus filhos aforaram Celleiroz de Panoias, nos termos referidos pelo Elucidario vb. Coirellas, podendo vêr-se tambem nas palavras—Feira, Pobra, Vieiro, e outras.

A sua importancia porém concentrou-se mais tarde em Villa Real, cuja fundação começou D. Affonso III, e concluiu D. Diniz, que lhe deu foral em 1283.

Panoias é hoje um nome apenas historico.

De mattas, povoadas de lobos, javalís e rapozas, converteu-se este feracissimo terreno, em um jardim, como vamos ver.

Em um opusculo anonymo, impresso em 1836, na imprensa da universidade, se lê o seguinte sobre a terra de Panoias:

«O clima é temperado, geralmente fallan-«do; porém fallando em particular, póde di-«zer-se que se encontram aqui os effeitos de «tres zonas: O Marão, as immediações de S. «Thomé do Castello, as Cabeceiras do Rio Pe-«nhão, o Villarelho, e outros sitios desabri-

«gados e expostos aos ventos, que muitas «vezes sopram do Marão e Serra da Estrel«la, são *zona frigida*, onde se acaso se fizes«se experiencia com o thermometro no in«verno, se veria que o mercurio ou azou«gue, muitas vezes descia abaixo de zero: «as margens do Douro, Baixo Pinhão, e Foz «do Tua, são *zona torrida*, onde o calor no «verão sobe sem duvida de oitenta a no«venta gráus; pois eu o tenho sentido tão «intenso, como o da zona torrida propria«mente dita, onde habitei muitos annos: os «planos, as encostas, os valles, e outros si«tios abrigados, que estão entre os extre«mos, são *zona temperada*.

«O aspecto do paiz não é monotono, mas «sim variado, e sempro pittoresco.

«Aguçados picos d'altas montanhas, es«carpados rochedos, pedregosas serras; mul«tiplicadas e vistosas collinas, cobertas de «rasteiras vides, copadas oliveiras, robustos «castanheiros, e altos pinheiros; espaçosos «planos, encantadores valles, regados de «aprasiveis ribeiros, que por elles serpen«teiam com doce murmurio, e tortuosas e «profundas bacias, por onde caminham ar«rebatados rios, que de distancia em dis«tancia se precipitam com fracaço, forman«do em seus continuados e fragosos saltos, «pequenas cascatas: tal é a variada e mara«vilhosa perspectiva, que a faustuosa natu«reza expõe em um ponto magestoso na «Terra de Panoias.

«Os rios que a regam são o Douro, o Tua, «o Pinhão, o Corgo, e outros de menos mon«ta: são pouco piscosos por serem muito es«cabrosos; porém o peixe é muito gostoso «especialmente a lampreia, a truta, a en«guia, a mugem, e o monstruoso solho, «que algumas vezes se pesca no Douro de 4 «a 5 arrobas de pezo.

A' excepção das visinhanças do Douro, é «o cantão de Panoias, abundante de boas «agoas; só a grande fonte de Roalde, podia «fornecer agoa a uma grande cidade.

«Ha Caldas em Carlão, e perto da Regoa «(Molledo); agoas ferreas por muitas par«tes.

«As faldas do Marão, e as terras que oc«cupam a parte septentrional de Panoias, «chamadas Montanha, criam gado vaccum» e são abundantes de gado lanigero e ca«brum, e de colmeias; os cordeiros, leitões, «e cabritos, por toda a parte são muito bons, «as vitellas de Gache, e outras visinhanças «de Villa Real, são muito saborosas; o mel «de Carva e suas immediações, em tempo «frio, parte-se com faca como se fosse quei«jo, para fazer uso d'elle; já n'este cantão se «creou muita seda, e ainda hoje se cria al«guma.

«Os fructos de Panoias todos são de gos«to exquisito, como é notorio; ha abundan«cia d'elles, mas ainda podia haver mais «(não fallo em uvas que ha demais); o me«lão, a uva, a pera, a maçã, a ameixa, o pe«cego e o figo são deliciosos: as laranjas, ain«da que em pouca abundancia, são muito «boas, especialmente as da Rede, e sobretu«do as de S. Mamede, que não cedem em «bondade ás melhores de Portugal; as cas«tanhas são tantas, especialmente na mon«tanha, que se cevam os porcos com ellas, «alguns castanheiros são de tão extraordi«naria grandeza, e seu tronco de tal grossu«ra, que se pode suspeitár terem mil an«nos de existencia; quasi defronte do Mon«dego, na estrada que vae de Favaios para «Sanfins, houve um, que foi vendido para «lenha por 30$000 réis; o seu espaçoso ôco, «em que os viandantes se abrigavam da «chuva, me faz lembrar o que se lê do ca«vernoso ôco de Boabab de Cabo Verde. Ha «dourado e saboroso azeite, mas em pouca «abundancia.

«Todos os cereaes prosperam n'este aben«çoado paiz; porém ao presente não che«gam para o consumo do cantão, o que de«ve attribuir-se não á falta de terreno, mas «sim á mania dos lavradores, que parece «que querem viver sómente de vinho, pois «não só teem lançado por terra olivaes, sou«tos ou castanhaes, e mattas, para plantar «vinhas; mas até mesmo tem enchido d'el«las os lameiros, e outras muitas terras, «que podiam produzir muito trigo, milho e «centeio; accresce a isto muitos mil galle«gos, que trabalham na lavoura do vinho, «e muitas cavalgaduras de luxo; pois tudo «isto come muito pão.

«Comtudo, ainda em Panoias, se cultiva «muito trigo e centeio, com especialidade «na Montanha; e muito milho, na Campeã, «visinhanças de Villa Real, S. Martinho de «Anta, Passos, Alijó, e outras terras.

«A hortaliça é muito bôa e saborosa; são «muito estimados os grandes nabos e repo«lhos de Villa Real: as couves trouchas ou «de penca, são de gosto delicado, e de ex«traordinaria grandeza, especialmente nos «campos de Villa Real, na Granja, e Alijó, «onde se encontram algumas de 20 arra«teis de pezo.

«A exportação d'este cantão são batatas, «castanhas, passas d'uvas, figos e pêcegos (especialmente de Santa Eugenia, e outras «povoações visinhas), carne de porco (com «especialidade de Murça), que não cede em «bondade á chamada de Lamego, ou de Mel«gaço. Porém a sua maior exportação é de «agoa-ardente e vinho, e por isso fallarei com «mais extenção do vinho, e paiz que o pro«duz.

«Por um calculo de approximação, todo o «vinho que se colhe na terra de Panoias, «chegará a 60:000 pipas, 35:000 de embar«que, e 25$000 de ramo, ou, consumo do «paiz.

«O abbade de Lobrigos em alguns annos «apurou de 40 a 50 mil cruzados, sómente «em vinho do lavrador, que colhe de 200 a «300 pipas; encontram-se toneis que levam «40 pipas.

«Por toda a parte se dá bem o vinho, po«rém o melhor, é o das visinhanças do Dou«ro, que podemos chamar por excellencia o «paiz do vinho.

«Este paiz tem seis leguas de compri«mento, e uma até duas e meia de largura; «é terreno sobremaneira declinoso, talhado «e montuoso; o qual no seu total forma um «dilatado composto de desfiladeiros e alcan«tiladas encostas, cujas raizes o Douro ba«nha.

«Este terreno, visto em junho e julho da «parte da Beira, de sitio proporcionado, of«ferece aos olhos do espectador um qua«dro admiravel; uma extensão a perder de «vista, semeada de grandes collinas, profun«dos valles, e empinados outeiros, tudo co«berto de um vinhago sem fim; um immen«so mattagal, formado de ondeantes e en«trelaçados pimpolhos, e de verdejantes fo«lhas; grandes povoações, sumptuosas quin«tas com seus branqueados palacios, appa«recendo umas e outras, como ilhotas, no «meio d'este empollado mar de verdura; tu«do é encantador, tudo pittoresco.

«Como o paiz do vinho está exposto ao «meio-dia, por isso produz melhores vinhos «do que a margem esquerda do Douro, ge«ralmente fallando: e sendo o vinho do men«cionado paiz o melhor do Douro, é por con«seguinte o melhor de todo o mundo, por«que o do Cabo de Boa Esperança, da Ma«deira, de Champagne, e outros famigera«dos, são mais uns licôres para sobremeza, «do que vinhos generosos, proprios para ale«grar e roborar o coração do homem, como «é o do Douro. Porém, no mesmo paiz do vi«nho, ha sitios, onde o vinho tem melhor re«putação; taes são — Covellinhas, Gouvi«nhas, Covas do Douro, visinhanças do Rio «Pinhão desde Cabêda até ao Douro (onde «em 1834 se vendeu algum a 140$000 réis «a pipa), Roncão, Castedo, e outros.

«Emquanto a metaes, temos indicios de «que os houve em Panoias. Já disse no capi«lo 1.º, que o Douro se chamou *Rio do Ou«ro*, e que talvez o cantão, de que se trata, «se chamasse *Terra do ouro* e *Castellos do «ouro*.

«Du Bucage, fallando da Galliza, quando «o Douro era o seu limite, diz que n'ella ha«via minas de ouro, prata e chumbo. Em «Tres-Minas, ou Tresmines, ha grandes es«cavações ou minas antigas. D. Diniz, nas «regalias que concedeu a Villa-Real, exce«ptuou as minas de ouro, prata e cobre. Tu«do isto nos fornece poderosos motivos para «suspeitar, que houve em Panoias, e ainda «haverá, preciosos metaes; e que talvez este «cantão seria uma d'aquellas terras das Hes«panhas, em que os romanos, como diz a Sa«grada Escriptura (Machab., liv. 1.º, cap. 8.º), «se apoderaram dos metaes d'ouro e prata.

«O paiz de Panoias é muito povoado, es«pecialmente na parte meridional, onde se «encontram grandes e ricas povoações. To«da a população d'este cantão será de cento

«e cincoenta mil almas, que formam mais «de cem freguezias. Entre estas se contam «as villas de Abreiro, Alijó (de 900 habitan«tes), Canellas, Favaios (de mil habitantes), «Fontes, Gallegos (cousa insignificante), Go«dim, Goivães, Lordello, Murça (de 1:500 ha«bitantes), Parada do Pinhão, Pêzo da Régoa «(de 400 fogos), Provezende, S. Mamede de «Riba-Tua (mil e duzentos habitantes), Tei«xeira, e Villa-Real, que tem 1:500 fogos.

«Ha na terra de Panoias muitas familias «de nobreza antiga; ha titulares, generaes, «pares e deputados. Encontram-se grandes «proprietarios, e alguns de milhões de cru«zados: admiram-se muitas casas nobres e «apalaçadas, sendo a maior de todas a de «D. Luiz de Matheus, hoje de seu neto, o con«de de Villa-Real.

«Nota-se o excessivo luxo dos habitantes «da parte meridional d'este cantão; e ao «mesmo tempo se admira a frugalidade e «simplicidade feliz dos habitantes da Monta«nha: o attento observador muitas vezes di«visa em uma feira *peralvilhos* e *adamados*, «trajando ao uso das grandes cidades, e logo «defronte d'estes admira o seu contraste— «*pobres lavradores da Montanha*, vestidos »de grosso burel, calçados de tamancos, «chancas, ou alabarcas (calçado rustico com«posto de páu por baixo, e de estreitas cor«reias, que cruzam por cima do pé), a face «queimada do calor e do frio; assemelhan«do-se em tudo aos crestados habitantes do «desabrido Crasto-Laboreiro: mas estes go«sam de saude, robustez, e longa vida; em«quanto os escravos do luxo nada d'isto pos«suem.»

PANQUE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 61 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbabe, que tinha 300$000 reis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do mar.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de Mondim, no mesmo concelho.

PANTANOS—(4.º vol., pag. 491, col, 1.ª)

PANTHEON NACIONAL — Ha 40 annos que se falla em Portugal na construcção de um edificio destinado a receber as cinzas dos varões illustres, que pelas armas, pelas lettras ou pelas virtudes, enobrecessem este reino.

Segundo alguns legisladores, deveria o edificio ser construido desde os alicerces, e, pouco mais ou menos, pelo risco do famoso pantheon romano.

Outros opinavam em que fosse aproveitado para isto, um dos edificios que foram mosteiros de religiosos.

Ainda até hoje se espera pelo tal pantheon; e, provavelmente, nunca elle passará de projecto.

Em 1836, publicou-se o decreto seguinte:

«Tomando em consideração o relatorio do secretario d'estado dos negocios do reino: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Um dos edificios nacionaes deverá ser destinado para receber as cinzas dos grandes homens, mortos depois do dia 24 de agosto de 1820.

Art. 2.º Só o corpo legislativo poderá decretar estas honras do Pantheon.

Art. 3.º Nenhum cidadão poderá receber esta honra, senão quatro annos depois da sua morte.

Art. 4.º Só o corpo legislativo poderá decretar as excepções a favor dos grandes homens, mortos antes do fausto dia 24 d'agosto de 1820.

O secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio das Necessidades, em 26 de setembro de 1836. — Rainha. — *Manuel da Silva Passos.*»

Felizmente, semelhante decreto não passou de letra morta; pois, se se cumprisse, só teriam ingresso no tal monumento *as cinzas dos grandes homens, mortos depois de 24 de agosto de 1820* — isto é — não era um pantheon *nacional;* mas *partidario*, não

merecendo as honras de serem alli depositados, senão os que mais se distinguissem nas guerras fratricidas, que cobriram de lagrimas, sangue e lucto, o reino de Portugal, por espaço de 20 annos.

Por mais relevantes que fossem os serviços prestados á patria ou á humanidade, sem a condição expressa (e muito *expressiva*) de ter fallecido desde o dia marcado no decreto, podia o portuguez benemerito morrer quando quizesse, que as suas cinzas seriam arrojadas á valla commum; porque não tinham entrada no edificio exclusivamente destinado a um corrilho — que é o que claramente se traduz da tal condição do decreto.

Fiquemos pois sem pantheon; que nem por isso deixarão de haver sempre portuguezes, que, como Camões, possam dizer:

D'esta gloria só fico contente,
Que a minha patria amei e a minha gente.

PÃO ou **PAM**—Nos prazos e foraes antigos, diz se frequentemente—*pão meiado*—*pão terçado* e *pão quarteado.*

Pão meiado, é metade centeio metade milho miudo—*pão terçado*, é trigo, centeio e milho miudo, em umas terras; e em outras, centeio, milho miudo e cevada—*pão quarteado*, é, trigo, cevada, centeio e milho miudo.

Vê-se tambem muitas vezes, em documentos antigos, dar-se ao centeio, a denominação de *pão de segunda.*

Pão da rua—pão alvo, de trigo.

PÁOS—vide *Páus.*

PÁPA—Nos primeiros tempos do christianismo, papa e bispo, eram synonimos, e, para se differençar o successor de S. Pedro, se dizia—o *papa romano.*

A pag. 284 do 4.º volume, dei uma relação, apenas nominal, de todos os summos pontifices, reservando-me para n'este lugar dar uma rapida biographia de cada um d'elles; porém, estes e outros objectos, aliás importantes, que desejava publicar n'este volume, o tornariam muito extenso; pelo que, resolvi passar para outras letras, onde tambem teem cabimento, grande numero de artigos curiosos.

O artigo *Pápas*, hirá sob a palavra *Summos Pontifices.*

PAPARIA—aldeia, Alemtejo, na freguezia de Cernache do Bom Jardim, comarca e concelho da Certan.

N'esta aldeia nasceu e foi creado, D. Manuel Joaquim da Silva, provisor e vigario geral do grão-priorado do Crato, e arcebispo de Adrianopoli, *in partibus.*

Ainda existe a casa onde nasceu.

Foi este virtuoso e illustradissimo prelado que fundou (á custa da casa do infantado) o seminario de Cernache do Bom Jardim.

Esta familia era fadada para as virtudes, as honras e as letras.

D. Manuel teve quatro irmãos, que todos exerceram altos cargos, com a maior honradez, illustração e dignidade.

Um, foi bispo de Macau—outro bispo de Pekim—outro geral da ordem benedictina—e finalmente, outro, desembargador da casa da supplicação.

PAPEL—sitio nos arrabaldes de Cintra—E' um lindo passeio, a magnifica estrada d'esta villa até ao *Papel*, orlada de bellos edificios, e formosos jardins.

Chegando ao logar, se vê uma quinta cuidadosamente tratada.

No centro d'ella está a importantissima fabrica de tinturaria, movida a vapor, do intelligente e honrado industrial, o sr. Cambournac, que tem este estabelecimento na melhor ordem, aceio e bom gosto; e os seus productos são primorosos.

Todos sabem que de um bocado de seda velha, desbotada e inutil, faz o sr. Cambournac, uma formosa téla, que todos julgarão nova, e sahida n'aquelle momento de uma fabrica de tecidos.

O seu estabelecimento em Lisboa, é no largo da Annunciada, proximo ao Passeio Publico do Rocio.

PAPEL—E' impossivel designar a época em que os homens principiaram a expender por meio da escriptura, os seus pensamentos.

Todos os auctores conveem que a primei-

ra escripta devêra ter sido por figuras (hyeroglificos.)

Uma só figura, por este modo de representar as ideas, era a imagem de muitas cousas—por exemplo—para representarem uma cidade sitiada, desenhavam uma muralha, com uma escada encostada a ella.

Para representarem uma batalha, desenhavam duas mãos, uma com arco, outra com escudo.

Os povos inventaram depois, successivamente, diversos signaes, proprios para representar o discurso, e exprimir o pensamento: e é ás investigações e multiplicadas experiencias feitas em differentes épocas, para o conseguirem, que devemos a arte de escrever, propriamente dita.

Ignora-se a data da invenção dos caracteres alphabeticos; sabe-se unicamente que são conhecidos desde a mais remota antiguidade.

Os arabes já faziam uso d'elles, no tempo de Job.

Diversas nações disputaram a gloria de haver inventado esses caracteres; porém só ha dois povos da antiguidade a quem se possa attribuir essa invenção—os assyrios e os egypcios.

Cadmo, entre os gregos, passáva por inventor da escripta.

—

Ao principio, escrevia-se nas folhas de certas arvores, ou na sua casca, sendo preferida a da faia e a da tilia.

Depois, serviam-se de umas tabuinhas muito delgadas, cobertas de uma fina camada de cêra, sobre a qual escreviam com uma especie de punsão, chamado *stylus*.

Tambem escreviam nas folhas de uma planta chamada *papyros* (d'onde procede o nome de papel.)

Os romanos, aprenderam dos gregos e toscanos a arte de escrever.

O passo de maior progresso na arte da escripta, foi quando os troianos inventaram o pergaminho (de Pergamo, que é o mesmo que Troia)—isto é — quando applicaram a pelle dos animaes, para n'ella escreverem, e inventaram a tinta.

Os livros dos antigos, não eram como os actuaes: era um rôlo de pergaminho envolvido em um páo cylindrico.

Em quanto se não inventou a imprensa (vide *Typographia*) muitos milhares de individuos viviam na Europa e na Asia, pelo officio de escreventes ou copistas.

Só em Paris e Orleans, havia mais de 10:000.

Muitos d'estes manuscriptos chegaram aos nossos dias, e bastantes notaveis pelo primoroso da calligraphia, e pela perfeição dos seus ornatos e vinhetas.

Os frades foram os mais distinctos n'esta árte.

Os manuscriptos feitos nos seculos XIII, XIV e XV, são primorosos, excedendo alguns em belleza as nossas edições mais aperfeiçoadas.

Os do fim do seculo XV e principio do XVI, são em geral pessimos, e apenas legiveis.

Em Portugal ha manuscriptos dos seculos XVI e até meiados do XVII, de grande perfeição; porém as escripturas e outros documentos manuscriptos, dos fins do seculo XVII, e da maior parte do XVIII, são quasi illegiveis, pela pessima calligraphia, e pelos muitos érros de orthographia.

—

Diz-se que o primeiro que juntou livros, foi o atheniense, Fisistrato, e, depois d'elle, Aristoteles.

Depois, houve no Egypto e na Grecia famosas livrarias.

A bibliotheca *Eumenes II*, [1] em Pergamo, chegou a ter 200:000 volumes; porém a mais famosa foi a de Constantinopla, incendiada no tempo do imperador Zeno Jsaurico.

N'ella existiam as obras de Homero, escriptas em lettras d'ouro, na pelle de certo dragão. Tinham 40 metros de comprido.

Hoje, as mais célebres livrarias do mundo, são as de Roma e Oxford.

—

O papel feito d'algodão, appareceu pela primeira vez na Grecia, no seculo IX.

[1] Rei de Pergamo, hoje Natolia, que principiou a reinar 197 annos antes de Jesus Christo.

Não se sabe se foi invenção dos gregos, se a aprenderam dos chins.

Do seculo XI se acham em Napoles, Sicilia e Veneza, muitos documentos n'este papel, e no seculo seguinte se vulgarisou muito o seu uso.

Do seculo XIII ha um manuscripto do nosso Santo Antonio, feito n'este papel, e que se guarda, como reliquia preciosa, no hospicio do *Santo Christo da Fraga*, junto á *Senhora da Lapa*, no bispado de Viseu.

Não se sabe com certeza a data da descoberta do papel de trapo: Mr. Ray, diz que em 1470, dois individuos chamados Antonio e Miguel, o levaram da Galliza a Basileia, donde se estendeu por toda a Allemanha; mas é engano, porque existe papel de trapo muito mais antigo, e o *Catholicon* de Jacobo de Janna, foi impresso n'este papel, em Moguncia, em 1460.

No archivo do bispo de Norwich, ha um registo de testamentos, feito d'este papel, que principiou em 1370.

Mabillon é de parecer que já no seculo XII existia papel de trapo em toda a Europa; porém Montfaucon, affirmando que elle começára no Oriente, em o IX.º seculo, attesta que, nem em França, nem por toda a Italia, se acha vestigio algum d'elle, antes de 1270.

Na universidade de Coimbra, ha um documento de 1288, que diz—*Scripta em polgaminho de papillo* (papel.)

Diz-se tambem que algumas das Inquirições de D. Affonso III, foram originariamente escriptas em papel de trapo.

PAPEL MOEDA—sua origem—O veridico historiador hespanhol chamado Antonio Agapida, citado muitas vezes por Irving na sua *Conquista de Granada*, refere que o conde Tenulla, sendo cercado pelos mouros na fortaleza de Alhambra, ficou falto de dinheiro para pagar aos seus soldados, que principiaram a murmurar, visto não terem meios para obter do povo o necessario.

N'estas criticas circumstancias, o conde, que era sagaz commandante, escreveu varias sommas em uns pequenos pedaços de papel, firmados com a sua propria assignatura, e para fazer valer estes pedaços fez publicar uma proclamação, ordenando aos habitantes a reconhecel-os como moeda equivalente á somma n'elles inscripta, e ameaçou com severo castigo aos que recusassem, e prometteu-lhes pagar pelo tempo, em moeda de ouro e prata, em troca d'aquelles papeis.

Assim este cavalheiro catholico, por uma subtil e miraculosa alchimia, fez abundar o dinheiro.

O conde, pelo tempo, cumpriu a sua promessa como leal cavalleiro.

Este é o primeiro exemplo d'esta natureza que se encontra nos annaes do papel-moeda, e aconteceu em 1484.

(Extrahido do jornal catholico — *A Palavra*, do Porto.)

PAPEL SELLADO—O uso do papel sellado em Portugal, data de 1660, em que não havia senão papel com os sellos de 10, 40, 80 e 240 réis.

Em cada anno os sellos eram differentes e deviam ser trocados, pois que não o sendo, incorriam os possuidores d'elles nas penas que se applicavam aos que introduziam moeda falsa no reino.

Na França e Italia, o uso do papel sellado começou em epocha muito anterior a 1660, porque foi depois d'aquellas duas nações o usarem, e n'ellas ter a experiencia e a pratica constante demonstrado que o referido papel sellado era uma das contribuições mais suaves para os povos, que Portugal o adoptou.

(*O Paiz.*)

PAPÍZIOS (antigamente *Papícios*) — freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba-Dão, concelho do Carregal, 24 kilometros ao S. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, por opposição, apresentava o abbade, que tinha 600$000 rs. de rendimento.

Pertence a esta freguezia, a aldeia da *Póvoa d'Arnoza*, onde está a capella de *Nossa Senhora da Guia*, fundada por Manuel Mar-

ques, morador d'esta aldeia, pelos fins do seculo XVII.

No logar do Pinheiro, ao sopé do outeiro do *Souto*, da mesma freguezia, ha a capella de Nossa Senhora da Conceição, templo antiquissimo, e que, segundo a tradição, foi a primitiva parochia da freguezia, e a sua capella-mór é a capella actual.

Faz-se-lhe a festa no seu proprio dia, a 8 de dezembro, vindo em procissão á capella, n'esse dia, o parocho e a maior parte dos freguezes, assim como outros muitos romeiros, das freguezias circumvisinhas.

PARA-BEM-MENTES — portuguez antigo — attende bem — repara — reflecte. No plural—*Parade-bem-mentes*—attendei bem.

PARADA— Fóra de Portugal, havia o *direito de Parada* (uma especie de extradicção), pelo qual, era permittido ao senhor da terra, perseguir o seu vassallo, fóra do seu proprio senhorio, prendendo-o e reconduzindo-o para elle.

Em Portugal, porém, em quasi todos os foraes antigos, era permittido ao *pobrador* (povoador) ou colono, sahir do seu paiz, e passar livremente ao serviço do senhor que bem lhe parecesse, sem incorrer na minima pena.

Pelas nossas antigas Ordenações, e, ainda mais terminantemente pelas *Manuelinas*, nenhum homem livre era obrigado a servir pessoa alguma, contra sua vontade, além do rei, em caso de guerra: e até em muitas povoações havia o privilegio de só hirem seus habitantes para a guerra, quando o rei fosse em pessoa.

Houve porém entre nós o *fôro da parada*, que consistia em terem os vassallos, emphiteutas ou colonos, e mesmo os parochos ruraes, e mosteiros (com respeito aos seus bispos), preparados e promptos certos mantimentos (ou dinheiro para elles) e aposentadoria, para os seus respectivos senhores (e bispos, tratando-se de mosteiros) e sua commitiva.

Tambem a isto se dava o nome de *jantar*, *comedura*, *comedoria*, *collecta*, *colheita*, e *vida*. Os frades e freiras tambem lhe chamavam *visitação*, *procuração*, *censo*, *direito pontifical*, etc.

PARADA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, S. Paio.

O prior de S. Martinho de Dume, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

PARADA— freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 28 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Cosme e S. Damião, de Ázere, apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Para a distinguir das outras, dá-se a esta freguezia o nome de *Parada do Bouro*.

Era villa, feita por D. Sancho I, quando a coutou e lhe deu foral, em fevereiro de 1202. (*L.º 3.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 69, col. 1.ª, in fine.) Tinha juiz e justiças proprias do seu couto.

Foi abbadia dos condes de Unhão, que, por bullas pontificias, disfructavam a quinta parte dos dizimos. Veio á casa de Unhão por herança, da maneira seguinte. D. Sancho I deu este couto á sua amante, a formosa e famosa D. Maria Paes Ribeiro (a *Ribeirinha*), para ella e seus filhos e descendentes. Um dos filhos d'ella (e do rei) era D. Constança Sanches, que cedeu a sua parte a sua sobrinha D. Sancha, filha de D. Affonso III, a qual morreu em Sevilha.

Por casamento, passou este couto para os Menezes, fundadores do mosteiro de Villa do Conde. D'estes procede D. Brites de Menezes, senhora de Cantanhede, que casou, em segundas nupcias (d'elle), com Ayres Gomes da Silva. (Vide *Unhão*).

Este couto era composto de tres freguezias, que depois formaram um concelho, que foi supprimido depois de 1834.

Fica proxima do rio Cávado, sobre o qual, ha aqui as ruinas de uma admiravel ponte romana, de tres arcos.

Este rio dividia o concelho de Parada de Bouro do de Santa Martha de Bouro.

É terra muito fertil. Muito gado e caça.

PARADA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho d'Alfandega da Fé, 160 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Vicente, de Castro-Vicente, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

PARADA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos,

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Genézio.

A casa de Bragança (senhora d'esta freguezia) apresentava o reitor, que tinha réis 160$000.

E' terra fertil. Gado e caça.

PARADA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca do Sabugal, mas do concelho — extincto — de Castello Mendo) 80 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Orago, S. Domingos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

E' terra fertil em cereaes, cria muito gado, e é muito abundante de caça.

PARADA—freguezia, Douro, comarca e concelho da Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Povoa de Varzim) 30 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, do mosteiro de S. Simão, da Junqueira, apresentavam o vigario, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé de altar.

No logar de Lamisios, d'esta freguezia, fez Lourenço Fernandes da Cunha, uma quinta, a que deu o nome de *Quinta da Cunha.*

O seu solar (dos Cunhas) era na freguezia de S. Miguel da Cunha.

E' terra fertil.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor d'Ázere apresentava o vigario que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Metade d'este padroado era do rei D. Diniz, que o deu, por troca, em 1308, ao bispo de Tuy, D. João Fernandes de Sotto-Maior.

A outra metade, já era da Sé de Tuy.

E' terra fertil.

PARADA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 45 kilometros ao N.O. de Braga. 410 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, S. Pedro, ad Vincula.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

As freiras benedictinas de Vianna, apresentavam o vigario, collado, que tinha réis 60$000 e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e muita caça.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço, 65 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 189 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O reitor de S. Pedro de Riba de Mouro, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 130$000 réis.

Ha n'esta freguezia muito gado lanigero, que produz excellente lan.

Em *Valle de Pôldras*, limites d'esta parochia, houve um couto, que marcou e defendeu Paio Rodrigues de Araujo.

Em 1720, era este couto possuido pelo 6.º neto do dito Paio, Manuel d'Araujo Caldas, de Valladares; mas tinha já perdido a maior parte dos seus antigos privilegios.

Dá-se a esta freguezia, para a distinguir das outras, o nome de *Parada do Monte*.

PARADA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 50 kilometros ao N. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 50 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa da Barbeita apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Pouco fertil. Algum gado, muita caça, grossa e miuda.

PARADA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de S. João de Areias, 30 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 300 fogos.

Em 1757, tinha 224 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' uma freguezia rica, e fertil em todos os generos do nosso clima.

Cria muito gado de toda a qualidade, mel e cêra. Tem caça.

No logar das *Povoas*, d'esta freguezia, ha a capella de Santo Amaro, que é festejado a 15 de janeiro de cada anno.

PARADA DE CUNHOS —freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e 2 kilometros ao N.O. de Villa Real, 75 ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 137 fogos.

Orago, S. Christovão.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis de rendimento e o pé de altar.

E' esta freguezia atravessada pela nova estrada do Marão, passando-lhe tambem ao S., a da Régua para Villa Real.

Tem uma fabrica (ou forno) de telha, que é a melhor das provincias do Norte, afora a de Braga.

Produz de 70 a 80 milheiros por anno.

Junto da mesma, e no fim da povoação, passa o rio de Machados, que rega os campos da ribeira do mesmo nome, que se liga com a de Cabril, e ambas formam uma fertil bacia, de 3 kilometros de extensão.

E' n'esta freguezia a residencia do sr. Bernardo Monteiro Cabral de Vasconcellos, fidalgo cavalleiro, rico proprietario, que foi official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

—

Em setembro de 1874, houve por estes sitios uma horrivel tempestade.

Em Villa Real, cahiu uma grande trovoada, e foi tanta a chuva, que em poucos momentos se transformaram as ruas em lagos, e os regatos em torrentes caudalosas.

O rio Córgo, que minutos antes hia completamente sêcco, appareceu de repente convertido em rio caudaloso e fremente

Em Parada de Cunhos, cahiu um raio, matando dois porcos, um em cada casa, e arruinou uma capellinha que alli ha.

Duas creanças, que estavam em uma das casas onde entrou o raio, nada soffreram.

Na outra casa, partiu uma arma de caça em tres bocados, disparando-se no acto do choque, sem offender cousa alguma.

Houve grandes prejuizos na estrada da Régua a Amarante, ficando totalmente destruida, na extensão de 80 metros, fazendo-lhe o enxurro uma escavação de 20 metros.

Foi tão violenta a tempestade, que arremeçou á estrada, pedras de taes dimenções, que, para as remover d'alli, foi preciso quebral-as a fogo.

Alguns lavradores soffreram grandes prejuizos.

PARADA D'ESTHER—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 8 kilometros a O. de Castro Daire, 30 ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757, tinha 141 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, com a cathegoria de villa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 50 verso, col. 2.ª)

Serve tambem para *Mós, Sobrado, e Villa.*

O seu antigo nome era *Parada Mean*, e é o que lhe dá o foral.

Mean, é uma bonita povoação, a uns 3 kilometros a O. da egreja matriz.

Todos sabem que Esther é nome proprio de mulher. Não pude saber porque se deu este *sobrenome* á freguezia.

O seu territorio é sobremodo accidentado, mas tem alguns valles, que são muito ferteis, por passarem por elles varios ribeiros que os regam e fertilisam; pelo que, é abundante em todos os generos agricolas do nosso clima.

Cria-se muito gado, de toda a qualidade, mel e céra, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito saudavel.

Não havendo argilla, nem fornos de telha, senão a grande distancia, todas as suas casas são cobertas de ardozias (lousas) ou lagens de granito, o que tambem é conveniente, para não voarem com o vento, que é ás vezes aqui bastante violento.

Vêem-se bons predios, construidos elegantemente, bem pintados e estucados, e cobertos por lagens immensas, em vez de telhas.

A egreja parochial está fundada em uma elevação, d'onde se vê grande parte da freguezia.

E' antiga, de uma só nave, mas bem construida, clara e bonita.

O tecto é apainellado, e ornado de pinturas, representando santos e diversos personagens biblicos.

O seu interior conserva-se com grande aceio, e tem muito bons paramentos, devido á sollicitude do seu actual abbade, o sr. Bernardino Antonio de Paiva, que é um digno e zeloso parocho.

PARADA DE GATIM ou de **GUETIM**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do extincto concelho do Prado, comarca de Braga) 12 kilometros ao N.O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, S. Salvador (antigamente a Transfiguração.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

PARADA DE GONTA—aldeia, Beira Alta, freguezia e 3 kilometros de S. Miguel do Outeiro, comarca e concelho de Tondella. (5.º vol., pag 218, col. 2.ª, no fim.)

Tem 100 fogos. (A aldeia.)

E' povoação antiquissima, e não se sabe com certeza a etymologia da palavra Gonta.

Em documentos antigos se vê este nome escripto de diversos modos.

Em umas partes está, *Parada de Côta*, em outras, *Parada de Couto*, e, finalmente, em outras, *Parada de Gôndola.*

A 15 kilometros ao N.E. de Viseu, e 30 de Parada de Gonta, ha uma povoação chamada *Côta.*

Tomaria d'ella o sobrenome? Não parece provavel.

Era mais proprio o sobrenome de Couto, porque o foi a villa de S. Miguel do Outeiro, e mesmo porque o poderia ter sido esta aldeia.

Perto do pôvo, ao O., ha um sitio chamado ainda hoje, *Pedra do Couto*, que é o limite entre esta povoação e o territorio de Sabugosa.

Já se vê que esteve aqui um marco de couto, ou da aldeia ou da villa.

Parada de Gondola é que me parece mais

nome romantico ou poetico, do que apropriado; ainda que alguns dizem que lhe provém das *barcas* em que até ao meiado do seculo XVIII se atravessava aqui o rio *Pavia* (um dos confluentes do Dão), emquanto se não construiu a ponte que as dispensou. Foi provavelmente algum antigo poeta d'estes sitios que lhe arranjou esta etymologia.

Não é pois acreditavel, e só se póde admittir como corrupção, o sobrenome de Côta. O de Couto, póde admittir-se como verosimil.

A minha opinião (que não obrigo ninguem a adoptar) é que o verdadeiro nome d'esta aldeia, é *Parada de Gontra.* Gontra, é contracção (ou expressão de mimo) da palavra gothica *Gontrode* ou *Gontroide*, nome proprio de mulher, do qual nós fizemos Gertrudes.

Podia muito bem ser, que uma dona, ou donzella, assim chamada, fosse senhora d'este logar, que já se chamava *Parada*, e se lhe accrescentasse o *Gontra*, que facilmente degenerava em Gonta.

—

N'esta povoação está a capella de *Nossa Senhora da Conceição*, fundação do meiado do seculo XVII, e edificada sobre uma grande lagem, que lhe serve de pavimento. Tem um só altar, onde está a padroeira, que é de pedra, muito antiga, e de um metro de altura. Tem o Menino Jesus nos braços; pelo que, é evidente que não foi feita para representar o mysterio da Conceição, mas que foi assim chrismada arbitrariamente pelo povo. Todos sabem que as imagens da Virgem da Conceição, não teem (nem podiam ter, porque ainda não existia humanado) o Menino Jesus, mas estão com as mãos postas, calcando a serpente (o diabo) e servindo-lhe o mundo de peanha.

Em todo o caso, o povo denomina-a Nossa Senhora da Conceição, e faz-lhe a festa no dia proprio d'este mysterio, a 8 de dezembro.

—

É Parada de Gonta, uma povoação nobre, rica e bonita; e, desde seculos, habitada por familias illustres, o que se prova pelos brazões d'armas que adornam as fachadas dos seus predios, alguns d'elles com oratorios ou capellas particulares.

Ainda em 1830 havia n'este logar quatro missas diarias.

Entre varias casas respeitaveis, se distinguem as dos srs.—Pinhos da Gama Bandeira—Almeidas do Loureiro Castello Branco—Correias d'Almeida e Vasconcellos—Baroneza de Palma—Souzas Mellos, da casa do Figueiral, no Outeiro de Real.

De todas estas familias, só hoje aqui reside a dos srs. Correias d'Almeida e Vasconcellos.

Por toda a parte, em volta da povoação, se encontram vestigios de monumentos romanos, principalmente no sitio do *Crasto*, que fica uns 2 kilometros a E., na confluencia do rio d'Asnes (ou Ortigosa) com o Pavia, e onde é tradição ter existido um castello romano.

Ha poucos annos que n'este sitio se encontrou um subterraneo, cheio de terra finissima, e no meio d'ella, alguns objectos de ouro, evidentemente enfeites de mulher. Parece que este subterraneo fôra sepultura ou carneiro, porque, alli perto, na face de um rochedo granitico, se lê distinctamente parte de uma inscripção funeraria, que diz: HIC JACET..... ILLUSTRI FAMILIAE.....

Ao E. do *Crasto*, subindo sempre, e logo que se passa o Pavia, encontram-se, sobre um alto monte, vestigios de antiquissimas fortificações, e ainda a este sitio se dá o nome de *Castello.*

Em frente de Parada de Gonta, fica o palacio do Loureiro, com as suas duas torres solarengas, casa que recorda os antigos lidadores da Africa.

Finalmente, esta aldeia, é incontestavelmente uma das mais bonitas da provincia; assombrada de frondoso arvoredo, tendo os seus campos muito bem cultivados, romanticas solidões e outros logares onde se passaram as scenas descriptas no *D. Jayme*, e na *Delfina do Mal*, obras do nosso elegante escriptor e mavioso poeta, o sr. Thomaz Ribeiro.

Vê-se pois que Parada de Gonta, é notavel pela sua antiguidade; pela nobreza dos seus predios; pelos vestigios de antiguida-

des que possue; e pelas suas bellezas naturaes.

—

Ufana-se esta aldeia em ser patria do sr. Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira (vulgarmente, Thomaz Ribeiro), que nasceu no dia 1.º de julho de 1831. É filho dos srs. João Emilio Ribeiro Ferreira e D. Maria Amalia d'Albuquerque.

Matriculou-se em direito, na universidade de Coimbra, a 2 de outubro de 1850, e formou-se a 25 de julho de 1855.

Tem exercido, com a maior honradez e intelligencia, varios empregos publicos. Foi administrador do concelho do Sabugal — presidente da camara municipal de Tondella—foi vogal (ou procurador) ás juntas geraes dos districtos de Viseu e da Guarda — secretario geral do governo do Estado da India — governador civil de Bragança — e é actualmente, director geral dos negocios da justiça. Tem carta de conselho, é commendador das ordens de S. Thiago em Portugal, e de Carlos III, em Hespanha — membro da Academia Real das Sciencias, de Lisboa; do Instituto, de Coimbra; da Sociedade economica de Barcelona; do Instituto Vasco da Gama, na India, e de outras muitas associações litterarias e scientificas.

Todos sabem que é o auctor do *D. Jayme*, da *Delfina do Mal*, e de outras obras, em elegantissima prosa; assim como de muitas e primorosas e maviosissimas poesias, justamente estimadas, e geralmente lidas.

Os ascendentes paternos do sr. Thomaz Ribeiro, são oriundos de Trancoso, e usaram dos appellidos *Ribeiro Saraiva*.

Ribeiro é um appellido nobre em Portugal. Villas-Boas lhe dá origem em Martim Paes Ribeiro, e sua irman, a bella *Ribeirinha* (D. Maria Paes Ribeiro), filhos de D. Payo Moniz, rico homem do rei D. Sancho I. — Esta nobilissima familia era natural da Lourinhan.

Para as suas armas, vide esta villa.

Os *Saraivas de Trancoso*, a cuja familia pertence o sr. Thomaz Ribeiro, é tambem um nobre appellido d'este reino; cuja origem é da villa de Saraiva, na Biscaia (Hespanha), onde tem o seu solar.

Este appellido passou a Portugal, no reinado de D. João I, nas pessoas de D. Vicente Fernandes Saraiva e D. Antão Saraiva, que vieram acompanhar sua irman, dama da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I, de Aragão, que casou com o principe D. Duarte (depois 1.º do nome), filho de D. João I.

Fizeram seu solar na villa de Trancoso, e d'alli passaram alguns dos seus descendentes a estabelecer-se na Guarda, em Lamego e outras partes.

Os Saraivas trazem por armas, escudo dividido em faxa — a 1.ª, de veiros de prata e azul — a 2.ª, d'agua. Orla de púrpura, em que apparecem as pontas de uma cruz, de ouro, floreada. Elmo de prata, cerrado; e timbre, meio peixe *serra*, da sua propria côr, com a *serra* de prata.

Estas armas deu D. Pedro — *o Cru* — de Castella, a um biscainho da villa de Saraiva, por ter tomado duas náus francezas, com uma só, de que era capitão, pelos annos 1360.

—

E' com o maior prazer que registo aqui um facto, que honra o cavalheiro que o praticou.

Em setembro de 1875, foi creada em Parada de Gonta, uma cadeira de ensino primario, para o sexo feminino.

O sr. Francisco Correia d'Almeida e Vasconcellos, d'este logar, deu generosamente casa e mobilia, para este estabelecimento de instrucção.

PARADA DE MONTEIROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros ao N.E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 48 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Pensalvos, apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé de altar.

PARADA DE PENHÃO ou de **PINHÃO** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real (foi do extincto concelho de Vil-

lar de Maçada) 75 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga.

O reitor de S. Nicolau, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga, e foi villa.

D. Affonso III lhe deu foral, em agosto de 1256. (*L.º 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 52; e *L.º de foraes antigos de leitura nova*, fl. 120, col. 1.ª)

Poucos cereaes, bom vinho, gado, e muita caça.

PARADA DE THÓDEA ou **PARADA THÓDEA**—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao O. de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao N.E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARADA DO BISPO—villa, Beira Alta, comarca, concelho, bispado e 7 kilometros de Lamego, 320 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

A camara episcopal de Lamego, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

E' povoação muito antiga.

D. Sancho I a fez villa e lhe deu foral em fevereiro de 1202.

D. Diniz lhe confirmou o foral, em Coimbra, em 1299. (*L.º 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, fl. 69, col. 2.ª, in fine.)

—

Deu-se-lhe o nome de *Parada do Bispo*, desde que D. Affonso I a deu aos bispos de Lamego, como adiante direi.

—

Esta freguezia, constituiu, só por si, um concelho independente, com camara, juizes, escrivães, etc., e que foi suprimido depois de 1834, e annexado ao de Valdigem; e, sendo este tambem supprimido, passaram ambas as freguezias a fazer parte do concelho de Lamego.

Ainda conserva o seu antigo pelourinho, como padrão de memoria, do tempo da sua autonomia.

E' Parada do Bispo uma povoação pequena, mas situada em bonita posição, e tem algumas casas bôas, e uma sumptuosa, do sr. José de Sequeira Oliva, representante d'estes Sequeiras, antiga e nobre familia, que tem dado á patria marechaes de campo, e outros homens notaveis.

O territorio da freguezia é bastante fertil, e muito abundante de optimas aguas; porém a sua principal producção é de vinho e azeite.

A *quinta de Bagaúste* (n'esta freguezia) que foi de Luiz Pinto de Souza Vahia, e é hoje de sua filha, a sr.ª D. Maria Candida Pinto de Souza Vahia, é uma propriedade antiquissima, que teve principio em um mosteiro de monges benedictinos, fundado no 6.º ou 7.º seculo, e que foi bastante rico, pois tinha diversas *baccalarias* (casaes com juntas de bois) tanto n'esta freguezia, como na margem direita do Douro, chegando até Oliveira, Aciderme e Cidadêlhe.

Na margem esquerda, comprehendia os territorios de *Temilôbos* (hoje *Foz* e *Ponte de Temilôbos*) segundo se vê de um documento da Sé de Lamego, de 1153.

O mosteiro estava edificado, mesmo no local onde hoje se vê o palacête dos srs. Vahias; porque, ainda ha poucos annos, fazendo-se aqui umas obras, para ampliar a casa, se acharam alicerces, e sepulturas, com ossadas, denotando tudo muita antiguidade.

Os monges abandonaram este mosteiro em 715, fugindo ás atrocidades dos mouros, e parece que não tornaram a vir aqui estabelecer-se; porque, vemos que em 970, era tu-

do (ou a maior parte) do que tinha sido dos monges, do *servo de Deus e confessor*, Christovão, e fez d'isto doação a D. Primo, abbade de Lorvão.—Em 973, D. Munna, ou Munia, mãe de Christovão, confirmou esta doação, *pela alma de seu marido, D. Vermudo, e pela sua.* (*L.º dos testamentos de Lorvão*, n.º 56 e 57.)

Pelos annos de 1150, os monges de Lorvão, deram o mosteiro de Bagaúste e todas as suas dependencias, a D. Affonso Henriques, recebendo em troca, varias propriedades, no territorio de Salzêdas.

D. Mendo, bispo de Lamego, com o consentimento do seu cabido, e do arcebispo de Braga, D. João, na era de 1202 (1164 de Jesus-Christo), a rogo de D. Affonso Henriques (porque ao rei tinha feito este pedido, sua *ama*, D. Thereza, 2.ª mulher de D. Egas Moniz, fundadora do mosteiro de Salzêdas) cedeu todo o direito episcopal que tinha em Salzêdas, aos religiosos d'este mosteiro (de Salzêdas).—O rei, deu ao bispo, em satisfação d'isto, a egreja e couto de Bagaúste (que n'esse mesmo anno, D. Affonso tinha coutado), e a referida D. Thereza, deu tambem ao bispo, dois casaes, que tinha em Villa de Rei; o que tudo consta, de uma carta, original, que existe no archivo capitular da Sé de Lamego, da mesma era de 1202. (*Memoria chronologica dos prelados de Lamego*, pelo padre João Mendes da Fonseca.)

—

Ainda que algumas das propriedades que foram do mosteiro passaram para a casa dos srs. Montenegros, a actual *quinta de Bagaústa* e suas pertenças, occupa ainda uma vasta área, nas duas margens do Douro, e é uma das principaes e maiores propriedades d'estes sitios.

O vinho que esta quinta produz, é de qualidade especial. (Adiante menciono as outras quintas que produzem vinho de mais fama.)

—

A pag. 61 e 62 da citada Memoria se faz menção de uma escriptura, em pergaminho, existente no archivo capitular de Lamego, e lavrada pelo tabellião Affonso Gonçalves, em 25 de setembro de 1402, da qual consta que Nuno Lopes, escudeiro, e sua mulher Clara Domingues, da cidade de Lamego, doaram ao bispo D. Gonçallo Gonçalves, *não como a bispo, mas como a Gonçallo Gonçalves*, um casal que tinham em Parada.

Vê-se pois que houve n'esta freguezia, e no sitio ainda hoje denominado *Bagaúste*, um convento d'este nome, que já no seculo X (em 970) fôra doado ao convento de Lorvão, por um tal servo de Deus, Christovão—e que nos principios da nossa monarchia era da corôa, pois o deu el-rei D. Affonso Henriques ao bispo de Lamego, D. Mendo, em troca de bens que os bispos de Lamego possuiam nas Salzêdas; e por ser dos bispos de Lamego, desde os principios da nossa monarchia, a egreja e couto de Bagaúste—egreja que foi talvez a primeira matriz d'esta freguezia de Parada—se denominou e denomina ainda hoje esta freguezia—*Parada do Bispo.*

E além do couto de Bagaúste e dos dizimos d'esta parochia, tiveram aqui os prelados de Lamego outras terras, como foi o casal doado ao bispo D. Gonçallo Gonçalves, por Nuno Lopes, escudeiro.

D'este convento já nem memoria existe hoje n'esta freguezia, mas é certo que occupava aproximadamente o local que occupam as casas da quinta dos srs. Vahias, porque reformando-se a casa nobre em 1845, alli se encontraram tres sepulturas com ossadas humanas; e tambem alli tinham apparecido mais sepulturas e ossadas em 1818, quando os donos da quinta transferiram a sua capella para o local onde hoje se vê.

Em tempos remotos, um bispo de Lamego emprazou esta quinta de Bagaúste a uma sobrinha sua, pela quantia de quatro mil rs. annuaes, ficando a mitra senhoria directa, como ainda é hoje; e tinha esta quinta grandes privilegios, como foram—não pagar dizimo—ser obrigada a freguezia a dar cada semana um jornaleiro para trabalhar de graça na mesma quinta—ser tambem a freguezia obrigada a limpar e compôr o caminho desde a povoação até á quinta—não poderem os habitantes da parochia cortar, de certo sitio para baixo, as aguas do ribeiro que desce de Fontêllo e banha pelo nascente a quinta—se a barca de Bagaúste, sempre e ainda

hoje propriedade da quinta, fosse rio abaixo, o povo de Parada era obrigado a hir buscal-a onde quer que apparecesse, e a viral-a quando necessitasse de concerto, e a dar o tomento para ser calafetada—mas em compensação, tambem os habitantes de Parada passaram sempre e passam ainda hoje n'esta barca, sem pagarem coisa alguma, a toda a hora do dia ou da noite.

Os bispos de Lamego, diziam-se *abbades d'esta freguezia de Parada*, recebiam os dizimos e apresentavam o parocho ou vigario, a quem pagavam um estipendio convencional, que variou com os tempos.

Como a povoação de Parada foi sempre pequena, a camara era por vezes toda formada por vereadores rudes, que nem sequer escrever o seu nome sabiam, como quando a camara deu de emprazamento a matta onde se formou a *quinta da Matta*, pois assignou a escriptura apenas o escrivão, declarando que *não assignavam os vereadores, por não saberem escrever!...*

Desde tempo immemorial até depois de 1834, costumava hir primeiramente a camara de Parada, e depois a de Valdigem, com o parocho e cruz alçada, á capella da quinta de Bagaúste com um clamor, a 6 de dezembro, dia do padroeiro da capella (S. Nicolau) —paravam á entrada da quinta, pediam licença, davam *sessenta réis*—e depois entravam, cantavam, resavam, e voltavam pelo mesmo caminho, para voltarem em egual dia no anno seguinte; e aquelles *60 réis* faziam parte obrigada da despeza da camara na tomada das contas pela provedoria.

Diz-se que era da casa da Fervença, o bispo que emprazou estas terras á sobrinha, e os successores d'esta senhora mais tarde subemprazaram aos ascendentes de Luiz Pinto de Souza Cardozo, de Tões (povoação proxima de Armamar), segundo ramo da casa Balsemão. Actualmente, como dissemos, é subemphitheuta d'esta quinta a ex.ma sr.a D. Maria Candida Pinto de Souza, e o emphitheuta é o sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, depois de sustentar forte pleito com outros pretendentes aos vinculos de José de Vasconcellos, fallecido ha annos em Lisboa.

Foi esta quinta subemprazada já em 1659, aos ascendentes da sua actual possuidora.

A egreja matriz d'esta freguezia de Parada, é um templo pequeno, mas regular, muito decente e bem sortido de alfaias; e aqui se faz todos os annos uma festividade ao padroeiro, Santo André, apostolo.

—

Pouco abaixo da povoação, e á direita da estrada que vae para Bagaúste, ha uma grande capella com a invocação de Santa Eufemia. É um templo bastante espaçoso, feito ha poucos annos em substituição de uma pequena e muito antiga capellinha da mesma santa, que ficou e se acha contigua á nova egreja, construindo-se do outro lado do novo templo, e para regularidade do todo, outra capellinha egual—esta com a invocação de S. Macario, e aquella hoje com a invocação de Santo André.

Ha aqui grande romagem desde tempo immemorial, no dia da padroeira, Santa Eufemia, no domingo immediato ao seu dia proprio (16 de setembro), grande concurso de fieis todos os domingos seguintes até ao dia 1.º de novembro, e n'este dia outra vez romagem e festa esplendida, com procissão que vae até á egreja matriz.

É a junta de parochia d'esta freguezia que tem a seu cargo a fabrica d'estas capellas e que recebe as offerendas dos fieis e faz as obras e festividades.

O parocho é considerado o capellão nato; recebe as offerendas de trigo, pombos e gallinhas, e da junta, cem mil réis em dinheiro—e a junta recebe os donativos de cêra e dinheiro.

Muitos annos consecutivos houve aqui, por occasião das romagens, graves desordens, ferimentos e assassinatos. A cada passo se viam nos troncos das oliveiras, cruzes representando as victimas, e ainda hoje por alli se encontram alguns d'aquelles funebres emblemas—e no tronco de uma só *oliveira, duas das ditas cruzes;* mas nos ultimos annos as grandes desordens cessaram, depois que a auctoridade local resolveu sollicitar sempre tropa.

O ultimo individuo aqui assassinado (em 1872) foi um pobre boticario de Rézende, e

os maiores desordeiros eram os valentões de Canellas e Poyares, na margem direita do Douro, que costumavam vir em bandos, armados de carabinas!...

—

A grande quinta e nobre casa que foi mosteiro, fica á direita da estrada que vem de Parada do bispo para o rio Douro, um pouco acima da estrada á mac-adam, e marginal, da Régua á Pesqueira, e contigua á *barca de Bagaúste*, que é propriedade da quinta (como o havia sido dos frades).

—

Esta freguezia confina pelo N., com o rio Douro—pelo E., com a de Fontêllo—e pelo S. e O., com a de Valdigem.

—

Além da quinta de Bagaúste, de que tão longamente tratei—as quintas d'esta freguezia que produzem vinhos mais justamente acreditados pela sua superior qualidade, são as seguintes:

Quinta de Paradella—do sr. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar, distinctissimo ornamento do fôro portuguez, e um dos mais sympathicos cavalheiros da Beira-Alta.

Foi condiscipnlo do sr. conselheiro Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, parlamentar, e escriptor bem conhecido pela sua admiravel intelligencia e vastos talentos.

Quinta da Matta de Baixo—do sr. Isidoro do Carvalho Valle.

Quinta da Matta de Cima—do sr. Manuel José Duarte Guimarães, de S. João da Foz do Douro.

—

Apezar da indisputavel importancia d'esta freguezia, está ella muito mal dotada de vias de communicação.

Para Lamego, e para Valdigem, não tem outro caminho mais do que a celeberrima *Conchada*, que fórma um empinado e pedregoso declive, continuo precipicio, mórmente para cavalleiros.

Tambem é difficil a communicação d'esta freguezia, com a séde de Fontêllo, em razão dos famosos *Calços*, onde só com grande risco, sobem e descem cavalgaduras.

Apenas tem agora bôa estrada para *Balteiro*, o que se deve ao zêlo do benemerito presidente da camara municipal d'Armamar, o sr. doutor, Antonio de Souza Pinto Cardozo Machado.

Estende-se esta freguezia por espaço de 3 kilometros, sempre em declive, desde o cemiterio (que se avista de mais de 30 kilometros, nas faldas da notavel serra de S. Domingos) até ao rio Douro.

O vinho d'esta freguezia, sendo todo de excellente qualidade, é mais fino, quanto mais o terreno que o produz se aproxima da margem do Douro.

—

Com ser uma freguezia pequena, tem sido berço de homens notaveis.

D'aqui é oriundo o valente tenente coronel reformado o sr. João Nunes Cardozo de Araujo, de cujo peito pendem todas as condecorações, que demonstram bravura e altos feitos militares, praticados na guerra peninsular.

E' casado com a sr.ª D. Maria Albertina, virtuosa senhora da villa da Feira, residentes na cidade de Porto, e sogros do probo e habil maestro, o sr. Silvestre d'Aguiar Bizarro, a quem tanto devem muitos dos estabelecimentos de caridade do Porto.

—

Era natural d'aqui o fallecido marechal de campo, Antonio d'Oliva de Souza Sequeira, conhecido pelos seus dotes militares e apreciaveis escriptos.

N'ella existe ainda seu irmão o sr. José de Sequeira Oliva Sousa Cabral, official do exercito realista convencionado em Evora Monte.

E' casado com a sr.ª D. Antonia Maria da Silveira Pinto, filha reconhecida do fallecido visconde de Canellas. (Silveira.)

Esta digna senhora, veiu edificar moralmente a sua patria adoptiva, pelo seu exemplarissimo comportamento, virtudes religioas, e sobre tudo, ardente caridade.

N'esta freguezia, viveu e morreu o padre João das Neves e Carvalho, ecclesiastico muito considerado, pela sua riqueza, vasta instrucção, e favor das musas, porque cultivava a poesia com bastante successo.

Era tio paterno da fallecida D. Maria Maximina das Neves Pereira da Gama, casada que foi com o sr. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, e mãe do sr. doutor Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, que aqui tem uma bôa casa e uma bôa quinta, como já disse.

Em 1834, reuniram-se para viverem n'esta freguezia, sete presbyteros, d'ella naturaes (hoje todos fallecidos) quatro d'elles egressos das extinctas ordens religiosas, e todos quatro prégadores.

Dois d'elles, o padre Luiz Pereira Borges, e o padre Antonio das Neves e Carvalho (irmão d'aquella D. Maria Maximina) foram oradores sagrados de grande fama, primando aquelle pela energia da phrase e vigor da argumentação, e este pela amenidade do estylo e pureza da linguagem e doutrina. (Vide *Valdigem.*)

PARADA DO OUTEIRO—Já a pag. 360, col. 1.ª, no fim, tratei d'esta freguezia, sob o nome de Outeiro; mas, como depois d'isso obtive mais esclarecimentos, os dou aqui.

E' abbadia da casa de Bragança.

Compõe-se a freguezia de quatro povoações — *Outeiro* (séde da parochia) *Parada*, *Cella*, e *Cirbuzêllo*.

As duas ultimas ficam na serra de Gerez, e na direita do rio *Berêdo*.

Ha na freguezia tres capellas, que são— *São Payo*, junto á povoação do Outeiro— *São Mamede*, em Cirbuzêllo—e *Nossa Senhora do Amparo*, em Parada.

Está a freguezia situada na margem esquerda do rio Berêdo, e direita do Cávado; correndo este ao S., e aquelle ao O., na encosta meridional da cordilheira de montes que prendem com a serra do Gerez, com a qual confina pelo O.

A maior parte do territorio d'esta freguezia fica em uma baixa, muito abundante de aguas, pelo que produz bastante centeio, batatas, muito milho, feijão e outros legumes, e linho.

Tambem aqui ha bastante cêra e mel, de boa qualidade.

PARADA e BARBUDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan—comarca e concelho hoje extinctos) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, em todos os generos do nosso clima.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de caça, grossa e miuda, e n'elles se cria muita cêra e mel.

PARADANÇA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mondim de Basto, comarca de Villa Pouca d'Aguiar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Real) 54 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago, S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de S. João do Êrmo d'Arnoia, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra fertil. Gado e muita caça.

Paradança, é, como Paradella, diminutivo de Parada, no portuguez antigo.

PARADELLA—freguezia, Douro, concelho de Sêver do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Tinha em 1757, 61 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Lorêto.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

O abbade de Pessegueiro do Vouga apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil. Gado e caça. Muito bôas laranjas.

Paradella, no portuguez antigo, é diminu-

tivo de Parada; como quem diz *Paradinha*, ou pequena Parada.

PARADELLA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Chorente, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

PARADELLA—freguezia, Traz os Montes, comarca, concelho, e 12 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Genezio, apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e pé d'altar.

E' a povoação mais oriental d'este reino.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao N.E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

PARADELLA—ribeiro, Minho, na freguezia de Santa Isabel do Monte, concelho de Terras do Bouro, comarca de Villa Verde.

No sitio de *Pontido*, junta-se ao rio de *Nossa Senhora da Abbadia*, que nasce na mesma freguezia de Santa Isabel do Monte (vol. 5.º, pag. 457, col. 1.ª) e descendo apertado entre alcantilados rochedos, e, depois de atravessar a freguezia de Bouro, desagúa na direita do Cávado.

Réga, móe e traz peixe; sendo saborosissimas as suas tructas.

E' atravessado por duas pontes de cantaria, de um só arco, proximas uma da outra, que ficam ao S.E. da egreja de Nossa Senhora da Abbadia, e dão passagem para as capellas de S. Miguel e as dos Passos de Christo; para a Ponte da Senhora (da Abbadia) e para a de *S. Bento da Porta Aberta*.

Uma cheia, em novembro de 1868, arruinou estas duas pontes; mas foram pouco depois reedificadas, a diligencias do actual capellão.

PARADELLA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil (foi do extincto concelho de Farinha Podre) 30 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario de S. Pedro, de Farinha Podre, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros ao O. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

E' terra pobre e pouco fertil.

PARADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, e 12 kilometros ao O. de Montalegre, 60 ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 75 fogos.

Em 1757, tinha 28 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Viade, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Tanto esta freguezia como a de Viade eram da commenda de Fiães do Rio.

Compõe-se a parochia, de duas povoações —Paradella (séde da parochia) e Ponteira, que foi a primeira séde.

A freguezia está situada na margem esquerda do rio Cávado, que corre ao N.

O seu sólo, formando um pequeno valle, é abundante d'aguas e produz centeio, batatas, muito milho, feijão, aboboras, e podia tambem produzir (como antigamente produziu) algum vinho verde.

A povoação da Ponteira, pela sua situação mais alta, é muito pouco fertil.

Ha aqui uma capella publica, pequena e pobre, dedicada a S. João Baptista.

E' n'esta freguezia o monte chamado *Rocha da Ponteira*, de uns 8 kilometros de comprido, no qual, em tempos antigos se extrahiram formosas amethistas, das quaes se fizeram alguns adereces. (Vide *Montalegre*.)

Este monte é constituido de penhascos e alguma terra árida; pelo que não é susceptivel de cultura.

PARADELLA—villa, Beira Alta, comarca d'Armamar, concelho de Taboaço, 30 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 56 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Sendim apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está annexa (no ecclesiastico sómente) á de Sendim.

E' hoje uma povoação insignificante; mas foi cabeça de couto, e é muito antiga.

D. Affonso III lhe deu foral, em Pinhel, a 3 de outubro de 1256. (*L.º 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 17 verso, col. 2.ª — e *L.º 2.º de Doações do mesmo rei*, fl. 5 verso, *in medio*.

Ha na freguezia bastantes casas ricas, e a sua egreja matriz, posto ser muito antiga, é sumptuosa.

—

Nos limites d'esta freguezia, e na margem esquerda do Távora, 3 kilometros abaixo os célebres *castellos dos Cabrís*, existem as ruinas, bem salientes, do antigo mosteiro de frades bernardos, denominado de *S. Pedro de Távora* — hoje chamado *S. Pedro Velho*.

Foi fundado pelos bisnetos dos dois irmãos *D. Thedon* (progenitor dos Taveras) e D. Rauzendo.

Principiou, segundo a tradicção, em uma mesquita de mouros, que foi purificada e benzida para o culto catholico.

E' um logar pittoresco e solitario, na base de um grande rochedo, e encostado a uma das suas faces perpendiculares, de grande altura.

Está hoje completamente deshabitado.

Foi na egreja d'este mosteiro, que segundo a lenda, recebeu o baptismo, a célebre *Ardinga*, ou *Ardinía*, filha de Al-Boazan, rei mouro de Lamego; o qual, sabendo que sua filha se fizera christan, aqui mesmo a veiu assassinar, arrojando-a depois ao rio Tavora.

Consta que, depois de benzida a mesquita, foi seu primeiro erimitão, um monge chamado Gelazio, que depois veiu a ser 1.º abbade do mosteiro de Tavora, que aqui se fundára; e que foi primeiro de monges benedictinos (aos quaes se dava então o titulo de *monges negros*, em rãzão da côr do seu habito) e que depois passou a mosteiro de bernardos.

D. Pedro Ramires, e seu irmão, D. João Ramires, filhos de D. Ramiro Pinhones, e netos de D. Pinhon Rauzendo e de D. Sancha Mendes, e bisnetos de D. Rauzendo Ramires, irmão de D. Thedon, o 1.º d'este nome, e que o deu á *Granja do Tédo*, e ao rio do mesmo nome, e que era neto do rei de Leão, D. Ramiro II, e da famosa Gaia. (Vide *Ancora*, rio.) D. Pedro Ramires e seu irmão, D. João Ramires, repito, mudaram o mosteiro no anno de 1065 para o sitio actual (a villa de Távora) e se ficou desde então denominando mosteiro de *S. Pedro das Aguias*. O que foi confirmado por o conde D. Henrique e sua mulher, em 1101.

—

E' de saber que D. Thedo e D. Rauzendo, já tinham feito doação d'este sitio, para o tal convento, mas os dois bisnetos de D. Rauzendo é que o fundaram.

D. Rauzendo teve de sua mulher, D. Orraça Affonso, cinco filhos, que foram—D. Pedro Rauzendo, D. Thedon Rauzendo, D. Tharon Rauzendo, D. Pinhon Rauzendo e D. Elvira Rauzendo.

D'estes procedem os Tavoras.

Por curiosos, transcrevo alguns trechos do *prazo* que os dois fundadores fizeram aos frades—eil-os:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, amen. Ouvide todos e todolas «gentes, o prazo que fizeram D. Pedro Ramirez e D. João Ramirez, ambos irmons, «emsembra, por si e seus filhos e por toda a «geraçã que d'elles descender, assim nados «como pelos por nascer, com os frades de «S. Pedro de Tavora.... para em quanto o «mundo durar, amen, assim seja. Firmaram-«se pelas mãos e beijaram-se, por beijo de «bôcca e os frades puzeram suas mãos so-«bre os Sanctos Evangelhos, etc.»

«Entre as obrigações dos frades é—«E se «vos demandar-mos (os fundadores aos fra-«des) ajuda de pão, ou de vinho, ou d'ha-«ver, ou de boi, ou de vacca, ou de bésta, «ou de gado, devedesnolo de dar, e porende «vos damos o casal em Tavora, com vinhas «e arvores e soutos e com terras e com li-«nhares e com fontes e com suas entradas «e sahidas e pertenças informados e como «parte pelo souto dos monges e vem com «Germellos, e vem com Pontezellos e com «todo o territorio de S. Pedro assim como «descende em Tavora, e d'aquella parte d'a-«lem de Paçôo e da maior parte da Erve-«doza. E eu Pedro Ramirez, beijei as mãos «a el-rei D. Fernando (de Leão) pela Espi-«nhosa e por Rio Torto, e pedi um portei-«ro e elle m'o deu, e andei com elle por-«teiro, pondo marcos de redor da cêrca do «mosteiro, e eu e meu irmão, fizemos a «egreja de S. Pedro e as casas e as vinhas «e procuramos o mosteiro com nosso haver «e com nossa ajuda e lhe demos livros e «vestimentas, calices, sinos, e uma biblia, «que nos custou 150 maravedis, e lhe de-«mos metade de uma pesqueira em Sanhoa-«ne, e em Ancianes, um casal, com vinhas «e terras e pertenças, e fizemos todos estes «bens e outros muitos que aqui não são es-«cripitos, etc.»

No mesmo prazo dizem os frades:

«E nós os frades de S. Pedro das Aguias, «por nós e polos nossos successores a vós «Pero Ramirez e João Ramirez, e a toda a «vossa geração, por nossas mãos e por nos-«sas consciencias o fortalezamos e firmemen-«te outorgamos este prazo até ao fim do mun-«do. Amen. E se outros frades, nossos suc-«cessores, vierem, ou viermos, que este pra-«zo ou preito romper, ou tentar quizerem, «sejam maldictos e escommungados e pre-«juros e trédores. E vós, D. Pedro Ramirez «e D. João Ramirez, ou vossos filhos ou ne-«tos, ou vossa geração descendentes de vós «de grão em grão, tomem tudo isto que se «contem n'este prazo até o postremeiro di-«nheiro, e o Casal de Tavora e Germellos e «Pontezellos, com todo o termo de S. Pedro, «como descende de Paçôo, que é além de «Tavora e a Ervedoza e a meia pesqueira de «Sanhoane e o Casal de Anceanes, e beijeis «as mãos ao sr. rei ou principe que a terra «tiver, que nos tire todos os sobreditos bens «que a nós vós déstes, e uma biblia e um «missal, e um official (ripanso) e um bre-«viario, e um evangeliorio e um psalterio e «epistoleiro, e duas vestimentas, dous cali-«ces, um de estanho outro de prata, quatro «sinos, dous grandes e dous pequenos, e dous «mouros, e quatro béstas, tres muares e uma «cavallar, duas jugadas de bois, quatro as-«nos e 200 maravedins, que poseram para «refazimento da egreja.....

.....

«E vós D. Pedro Ramirez e D. João Rami-«rez e toda a vossa geração que depois de «vós vier, sejades bentos de Deus Padre e de «Santa Maria, sua madre e de seus aposto-«los S. Pedro e S. Paulo, em este mundo e «no outro, *ca* (porque) vós fostes os 1.os fun-«dadores e governadores da casa de S. Pe-«dro, mais de todos os homens do mundo e «vós ambos irmãos fizestes o mosteiro de S. «Pedro, assim como o oleiro faz a *ola* (pa-«nella) e assim de vossos avós do tempo dos «mouros, quando os mouros eram em aquel-«le tempo ácerca de Lamego e seus avós e «seus bisavós, por si, e D. Thedon e D. Rau-

«sendo, estes foram os 1.os homens *hy* (ahi) «que *tancharam* (disposeram) arvores, e foi «olival, e fizeram uma egreja pequena e fa»ziam fogo dentro; e estes povoaram alli pri«meiro e fizeram uma sebe ante a matta do «Souza e moravam alli *ca* (porque) era tem«po dos mouros e tinham uns cadafaes ante «a matta, e emquanto um comia o outro hia «velando, eram ambos irmãos; e matavam «os mouros D. Thedon[1] e fiicou D. Rauzen«do» etc., etc.....

«Feito o prazo de confirmação a 15 das ka«lendas de julho, era de Cezar 1155 (1117)[2] «Reinante em Portugal, na parte de Bragan«ça, D. Fernão Mendes, e àquem de Tavora «Mem Garcia e Fernão Garcia e Maria Cupi«nha. Testemunhas, etc., etc.....»

Sendo o mosteiro povoado, se trasladaram a elle os corpos de D. Thedon e D. Rauzendo, e tambem depois alli se sepultaram D. João Ramires e D. Pedro (ou Pero) Ramires.

Muitos annos depois, Luiz Alves de Tavora, seu descendente, lhe fez sepultura nova na capella-mór, do lado do Evangelho, onde estão todos os quatro heroes, com uma inscripção commemorativa, em portuguez.

Tambem do lado da Epistola, em outra sepultura, jaz Alvaro Pires de Tavora e seu 8.º primogenito, Pero Lourenço de Tavora, que morreu na villa do Mogadouro, no 1.º de novembro de 1474. Na capella-mór jazem sepultados muitos senhores de Tavora, descendentes dos fundadores, e padroeiros perpétuos do convento.

[1] Vindo D. Thedon de ganhar uma grande victoria sobre os mouros, foi, por uma outra partida d'elles surprehendido sobre o rio Thedo, e morto depois de brava resistencia. Julga-se ser por isto que o rio tomou o nome de *Tedo*.

[2] Ha érro de cópia n'esta data, que deve ser o anno 1103 (1065), porque as pessoas que n'ella figuram são d'esta data, anterior ao governo do conde D. Henrique em Portugal, e a data da cópia (1117 de J.-C.) é posterior á morte do conde (que foi em 1112 de Jesus-Christo). Além d'isso, o conde D. Henrique confirmou aquella doação ou *emprazamento* dos dois irmãos, aos frades de S. Pedro das Aguias, no anno de J.-C. 1101, 36 annos depois de feito.

Em frente do convento ha um rochedo de grande altura, chamado *Penha Amarella*, só habitado por aguias, e d'esta circumstancia proveio ao mosteiro a denominação de *S. Pedro das Aguias*.

O mosteiro está edificado entre duas serras de grande altura, por entre as quaes passa o Tavora. É clima abrigado e saudavel, e a terra muito abundante d'agua e fructos.

O conde D. Henrique e sua mulher, que em 1103 (1065) visitaram este convento, por nova doação, lhe confirmaram a que haviam feito os dois irmãos, e mais lhe deram outras propriedades — eis as proprias palavras da doação — «huma nossa herdade que temos no logar chamado Riba-Tavora, e Riba do Río-Torto. Primeiramente como se divide por Campéllo e vae ter onde chamam Pousadouro de Gallinhas e d'ahi pelo Cabêço de Paradella e d'aqui pelo Cabêço d'Atira e d'ahi como vae pela Foz de Varzeas e d'ahi pelo cabêço de Ervilhaes e d'ahi ao Cabêço da Giesta e d'ahi ao Cabêço da Furada e d'ahi ao Paul de Darti, assim como vae correndo a veia do rio Douro até á Foz do Tavora, descorrendo pela veia do proprio rio Tavora até ao Pousadouro do Souto Côvo e d'ahi assim como vae ao cabeço do Fromento e d'ahi aguas vertentes do Couto para Tavora até entrar em Campello..... E se alguem de nossa geração, ou qualquer outra pessoa, se levantar com contumacia contra esta nossa escriptura e a quizer annullar, não lhe seja licito e álem d'isso seja maldicto e excommungado, e como Datão e Abirão padeça para sempre penas eternas.» etc., etc.

Outros reis portuguezes e muitos particulares fizeram depois varias doações a este convento.

Em 1145 (J.-C.) era abbade de S. Pedro das Aguias, D. Mendo, e sendo a sua ordem a de S. Bento (vulgarmente chamados *monges-negros*) passou a ser da ordem de Cister (bernardos). Isto a 14 de junho do dito anno.

Foi couto, e os abbades nomeavam provisores, vigarios geraes, escrivães, meirinhos e todas as mais justiças civis e ecclesiasticas proprias da dignidade episcopal e temporal que exerciam nos seus coutos.

PARADELLA—aldeia, Douro, nas freguezias de Santa Maria do Valle, e S. Miguel do Matto—aquella da comarca e concelho da Feira, e esta na comarca e concelho de Arouca—30 kilometros ao S. do Porto, 24 ao O. d'Arouca, 15 ao E. da Feira, 12 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa.

Tem 12 fogos.

Situado em alto, com bonitas vistas para todos os lados.

Passa n'este logar uma grande zôna de feldespatho, da qual, no principio da povoação (ao S.O.) rebenta um manancial de optima agua potavel; a melhor d'estes arredores, onde toda é excellente.

E' aqui o solar dos Soares de Azevedo, de Paradella, de quem procede o auctor d'esta obra.

Esta casa (que era a maior d'estes sitios) como não era vinculada, foi dividida pelos herdeiros, e acha-se hoje reduzida apenas ao edificio e uma pequena quinta annexa.

O seu oratorio, que era privilegiado, está profanado e ha muitos annos que n'elle se não diz missa.

O brazão d'armas dos Azevedos, que estava sobre o portão da quinta, cahiu, e foi approveitado (escavando-o pela rectaguarda) para... uma pia de porcos!

Era um escudo esquartellado—no 1.º e 4.º quartel, d'ouro, uma aguia negra, estendida—no 2.º e 3.º, d'azul, cinco estrellas de prata, de cinco pontas, em aspa—orla de púrpura, com oito aspas d'ouro.

Elmo d'aço, aberto, e por timbre, a aguia das armas, com a estrella d'ellas no peito.

Outros trazem só—em campo d'ouro a aguia negra, e o mesmo élmo e timbre.

São tambem *Albergarias*, e d'elles procedem os d'este appellido, de Cambra e do Buraco.

—

O principal ramo dos Azevedos que hoje existe em Portugal, é o que tem o seu solar na freguezia de S. Salvador da Lama. (Vol. 4.º, pag. 28, col. 2.ª) Tem esta casa os privilegios de couto e honra, e é uma das mais antigas d'este reino.

O conde D. Pedro, quando no seu *Nobiliario* trata dos fidalgos, companheiros de Gonçalo Mendes da Maia—*o Lidador*—diz que o tronco da familia dos Azevedos, foi D. Affonso Corninges, cavalleiro valoroso, descendente do rico-homem, D. Arnaldo de Bayão.

Pedro Mendes d'Azevedo, foi o primeiro que tomou este appellido, tirado do seu solar.

Lopo Dias d'Azevedo, senhor do couto e casa d'Azevedo, foi armado cavalleiro, em Aljubarrota, por D. João I, no proprio dia da victoria, a 14 de agosto de 1385. O rei lhe deu o senhorio do concelho de S. João de Rei, pelo valor com que se houve n'esta gloriosa batalha.

D'esta casa foi tambem o *beato Ignacio d'Azevedo*, cuja fama e virtudes celebram as chronicas da companhia de Jesus, a que pertenceu.

E' actualmente representante principal d'esta familia, o sabio e illustre fidalgo, o sr. Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.º visconde de Azevedo, feito em 19 de agosto de 1846. É o 29.º senhor d'Azevedo. Foi governador civil de Braga e deputado ás côrtes em 1851. É socio da academia real das sciencias, de Lisboa, e fidalgo da casa real, e um dos mais nobres caracteres dos nossos dias.

(Vide *Albergaria*, pag. 48, col. 2.ª, e pag. 351, col. 1.ª, no principio, do 1.º volume.)

PARADELLA DE GUIÃES (ou **GOÃES**)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa-Real, concelho de Sabrosa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Provezende), 90 kilometros a N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago, Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O vigario de Guiães (ou Goães) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Optimo vinho de exportação.

Fica proximo da margem direita do rio Douro.

PARADELLA DA SEÁRA—vide *Seára.*

PARADINHA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Moimenta da Beira apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

—

No dia 26 de abril de 1874 (um domingo), na cidade de Coimbra, e depois de uma dolorosa e prolongada doença, e na edade de 60 annos, falleceu o doutor Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, lente da cadeira de *mechanica celeste* na faculdade de mathematica e primeiro astronomo do Observatorio.

Havia nascido no dia 23 de março de 1814, n'este logar de Paradinha; sendo filho de José Sarmento de Vasconcellos e Castro e de D. Antonia Ludovina Amelia Carneiro Sarmento Botelho de Vasconcellos.

Matriculou-se em mathematica em 1836, e doutorou-se na mesma faculdade, no dia 24 de outubro de 1841.

Era tão assiduo no trabalho, que a elle se deve em grande parte a causa do seu fallecimento.

O Asylo da infancia desvalida de Coimbra mereceu por muitos annos os maiores desvellos do doutor Jacome. Depois de ser por alguns annos subscriptor para este estabelecimento, foi eleito em 1850 para primeiro secretario da direcção, cargo que serviu com o maior zêlo até 1856, continuando sempre a ser subscriptor do mesmo Asylo.

O doutor Jacome era cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, e havia casado com D. Guilhermina da Piedade da Fonseca Mangas.

Dotado de sentimentos profundamente religiosos, era extremosissimo para com os seus filhos, esmerando-se na sua educação; e teve a felicidade de vêr, que os seus exemplos, conselhos e diligencias, davam o resultado que tanto ambicionava, pois que seus filhos podem apresentar-se como modelos.

PARADINHA DE (ou DOS) BÉSTEIROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo dos Cavalleiros (foi da comarca e concelho de Bragança), 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 12 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Moraes (do mesmo concelho) apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Moraes.

PARADINHA DO OUTEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 40 kilometros de Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 81 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Um dos beneficiados da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Nossa Senhora da Assumpção, da villa do Outeiro. Vide *Outeiro*, villa.

PARADINHA NOVA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

O reitor de Izêda apresentava o cura, que tinha 7$500 réis e o pé d'altar.

PARAFITA, ou **PERAFITA**—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa.

Tem 260 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, S. Mamede.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de Moreira da Maia, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É uma freguezia rica e muito fertil em todos os generos agricolas; e faz grande commercio com a cidade do Porto.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

PARAIZO — freguezia, Douro, comarca e 15 kilometros ao O.N.O. d'Arouca, concelho do Castello de Paiva, proximo (a uns 3 kilometros) da margem esquerda do rio Douro, 30 a S.E. do Porto, 70 ao N.E. d'Aveiro, 310 ao N. de Lisboa. Dista da villa de Sobrado, capital do concelho, 6 kilometros, ao O

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e 54 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia, abrange uma área de uns 4 kilometros de largo e 6 de comprido.

É terra fertil, posto que os seus terrenos estejam mais de tres quartas partes por cultivar. É muito accidentada, e da serra dos Navalhos, a maior da freguezia, se gosa um vasto e formoso panorama, vendo-se perfeitamente, em dias claros, a cidade do Porto, e uma extensa faxa do Oceano Atlantico.

Atravessa esta freguezia, de S.E. á N.O., e na extensão de uns 4 kilometros, uma poderosa zona de carvão fossil (antracite) que, principiando no ribeiro das *Avelleiras*, junto ao logar do Seixo, termina no ribeiro do *Fôjo* (ou de *Fulgoso*) continuando ahi pela freguezia da Raiva, até ao rio Arda, e seguindo, sem solucção de continuidade, pela freguezia de Pédorido, até terminar na margem esquerda do Douro, em terreno da quinta de *Germunde* (do sr. Ferraz, de Pédorido) no fim d'esta freguezia. (Vide *Pédorido*.)

O carvão passa encaixilhado em schisto carbonifero, por terreno siluriano, tendo o *lastro* e *telhado* uma posição obliqua.

Ha aqui a notar uma singularidade geologica — ou antes plutonica. — A inclinação das duas rochas que guardam o mineral, é, desde o ribeiro do Seixo até á aldeia de Pejão, para O. — d'ahi, até ao ribeiro do Fojo, para E. — e d'ahi até ao Douro, outra vez para o O.

Isto demonstra que, ardendo aqui, por seculos, em tempos remotissimos, grandes massas d'este mineral, foi abatendo o sólo, havendo uma grande depressão de terreno, por espaço de uns 1:800 metros. Uma prova evidente d'este diuturno incendio subterraneo, são as cinzas que em muitas partes dividem as laminas de carvão que escapou ao incendio, e, ainda mais, o facto seguinte:

Uma pequena cordilheira, denominada *serra de Serradêllo*, que corre paralella á zona carbonifera, e a E. d'ella, tem na sua cumeada uma zona de rochas schistosas e quartzozas, collocadas perpendicularmente até ao sitio da depressão, e em todo elle, estão as rochas inclinadas para O.; porque lhe faltára o apoio d'esse lado.

Ignorante, como sou, em geologia, muito desejára (e muito era para desejar) que homens da sciencia examinassem com attenção este sitio; para nos darem noticias das causas e effeitos d'esta acção plutonica, por ventura antediluviana.

Dá-se tambem a circumstancia — muito importante para a sciencia — de apparecerem por estes sitios, incrustadas nos schistos, ou no centro d'elles, conchas (bivalves) animaes e plantas (quasi tudo fectos) fosseis, em grande quantidade.

No sitio do Ervedal (dentro da área onde o terreno abateu) achei eu mesmo, um peixe, no interior de uma rocha de schisto laminoso [1] de 0,=22 de comprido, formado de materia calcarea, que, infiltrada pelos intersticios da rocha, foi occupar o vacuo que deixara, na sua decomposição, o peixe verdadeiro.

Por uma larga extensão de territorio das immediações, ha minas de cobre, ferro, enxofre, pyrites de ferro, varios sulphuretos, arsenico, etc.

A cousa de 6 kilometros a E., ha uma mina de plombagina (graphites.)

Finalmente, ha n'estas serras, n'estes val-

[1] Digo *laminoso*, porque o schisto carbonifero d'estes logares, é compacto, e me parece conter grande porção de carbonato ou sulphato calcareo.

les, n'estes ribeiros e n'estes brejos, muito em que o geologo e o mineiro se entretenha e estude com proveito.

O nosso distincto engenheiro de minas, o sr. Carlos Ribeiro, visitou estes terrenos ha mais de 20 annos, e publicou mesmo um folheto sobre a formação das suas camadas, e sobre mineralogia; porém, sendo mui pouco demorada a sua digressão a Paiva, em razão dos muitos e importantes serviços que tinha de fazer em outras partes, não pôde dar á sua obra o desenvolvimento precizo, e que tanto era de desejar.

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Touriz*, onde está a vasta e formosa capella de Santa Eufemia. (Vol. 3.º, pag. 87, col. 1.ª) onde, por mal enformado, disse que era na freguezia de Real, quando é n'esta.)

No logar de Pejão, ha a pequena capella de Santa Anna, á qual se faz uma festividade annual, no dia designado pelos mordomos da sua confraria.

Está collocada em um vistoso alto, á entrada (ao O.) da aldeia.

Ha mais n'esta freguezia, as capellas—de Nossa Senhora do Carmo, na aldeia de *Saboriz* — e de Santo Antonio, na de *Gondra*.

—

Tambem aqui rectifico outro engano, que vem a pag. 83, col. 1.ª, do 5.º volumé.

A aldeia de *Almançor*, não é como alli disse, na freguezia de Santa Maria de Tropêço, concelho de Arouca, mas n'esta do Paraizo.

Repito aqui, por ser o logar competente, o que então disse sobre *Almançor*.

Foi habitada pelos mouros, do que ha muitos vestigios, de lavra de minas metalicas, tanto no sitio dos *Sete-Buracos*, de que já fallei na palavra *Carraceira*, como pelas margens do rio Árda (vide *Arda*) onde ainda existem varias galerias, e tem apparecido algumas mós, com que os arabes—e talvez mesmo, povos anteriores á sua dominação, na Lusitenia—moiam o quartzo, para extrahirem d'elle as particulas d'ouro que continha.

No monte de Fulgosinho, logo abaixo da serra da Carraceira, ha uma comprida pedreira de bella calcedonia.

Em junho de 1875, mandei (de Lisboa) buscar alli, amostras d'esta calcedonia; porém, a pessoa que encumbi d'esse serviço, em vez d'ella, mandou-me uma grande porção de quartzo (seixo) — mais de 60 kilos.

Como, mesmo na sua qualidade, é do melhor, e mais branso que conheço em Portugal, mandei uma porção para o museu archeologico do Carmo; mandando tambem, por essa occasião, uma pedra de carvão fossil, de uns 20 kilos de pezo, extrahido das minas de que fallei.

Podem ver-se ambas aquellas amostras no referido museu do Carmo.

PARAIZO — freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Guimarães, 18 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 43 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

PARAIZO—vide *Villar do Paraizo*.

PARAÍZO — (quinta do) — Extremadura, entre Alhandra e Villa Franca de Xira, sobre a margem direita do Tejo — hoje propriedade (a quinta) dos marquezes d'Abrantes.

Aqui nasceu, em 1453, o grande Affonso d'Albuquerque, segundo governador da India.

Era filho 2.º, de Gonçalo d'Albuquerque, 3.º senhor de Villa Verde (descendente de sangue regio)e de D. Leonor de Menezes, sua mulher, filha de Gonçalo Vaz de Mello, *o Môço*, 2.º senhor da Castanheira, Povos e Chelleiros.

Neto paterno de João Gonçalves de Gomide, 2.º senhor de Villa Verde, alcaide-mór de Obidos e da Guarda, e escrivão da puridade, de D. João I—e materno, de D. Alvaro Gonçalves de Athaide, aio de D. Affonso V,

alcaide-mór de Coimbra, e 1.º conde d'Athouguia, e de D. Guiomar de Castro, filha de D. Pedro de Castro e de D. Leonor Telles de Menezes, senhores do Cadaval.

Os Albuquerques descendem do D. Affonso Telles de Menezes, *o Velho*, rico-homem, que povoou a referida villa do Cadaval.

(Os que pretenderem saber mais individualmente a genealogia d'este heroe portuguez, vejam o livro intitulado —*Retratos e elogios dos varões e donas*, etc.)

Foi Affonso d'Albuquerque, creado nos paços de D. Affonso V, d'onde sahiu a 1.ª vez por mandado do rei, em 1480, na armada portugueza, que foi em soccorro do rei D. Fernando, de Napoles, contra as turcos, destinguindo-se pelo seu valor, na batalha naval de Otranto.

Por fallecimento de D. Affonso V, foi para Arzilla (Africa) onde obrou grandes façanhas; regressando alguns annos depois ao reino, onde D. João II o fez seu estribeiro-mór.

Intentando este rei, em 1489 (pelo desejo de prosseguir as conquistas de Africa) fundar uma nova villa, junto a Larache, com respeitaveis fortificações, foi encarregado d'esta missão, Affonso d'Albuquerque, que fez construir a povoação, á qual, por ordem do rei, poz o nome de *Graciosa*.

Foi na Africa um dos mais bravos batalhadores; mas onde mais se destinguio foi na Asia.

Foi a 1.ª vez á India, em 1503, com seu primo, Francisco d'Albuquerque—e a 2.ª em 1506, na esquadra de Tristão da Cunha.

Foi seis annos vice-rei da India, sendo, durante esse tempo, o terror dos mouros e turcos, e o protector dos indios.

Conquistou Gôa, Malaca e Ormuz, e falleceu em Gôa, no anno de 1515.

Depois da sua morte, quando os seus successores e outros despotas portuguezes, commettiam toda a sorte de atrocidades contra os indios, vinham estes ajoelhar ante o seu tumulo, a pedir-lhe justiça e invocando-o como a um Deus.

Para evitarmos repetições, vide o artigo *Casa dos Biccos*, que principia na 1.ª col., de pag. 140, do 4.º volume.

PARAMBOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêda de Anciães, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Miguel, de Linhares, apresentava o vigario, que tinha 8$600 réis e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e caça.

O nome d'esta freguezia, é provavelmente corrupção de *Paramos*. Vide esta palavra.

PARAMIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e proximo de Bragança, 60 kilometros de Miranda do Douro, 500 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, S. João Baptista.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

(Vide *Paramo*, do que o nome d'esta freguezia é corrupção.

PARAMÓ — aldeia, Douro, freguezia e extincto concelho de Fermedo. (Vol. 3.º, pag. 164, col. 2.ª) Situado em um alto, d'onde se vê o formoso e feracissimo valle de Fermêdo.

Nada mais tem de notavel, além d'isto e do seu nome, que é antiquissimo.

PARAMO, PARANHO e tambem **AMADIGO**—portuguez antigo—logar, povo, quintata, casal ou herdade que tinha os privilegios de *honra*, por n'elle se haver criado aos peitos de alguma mulher casada, o filho legitimo de um rico-homem, ou fidalgo honrado.

Era este, um dos grandes abusos que os fidalgos commettiam, e que se oppuniham aos interesses do estado.

Se um lavrador queria libertar o seu casal ou herdade, não tinha mais do que pedir a um fidalgo, senhor da honra mais visinha, lhe desse um filho a criar, á mulher, em casa d'esta, e por ser *âma* d'esta criança, amparavam os paes d'ella, este casal e o *honravam*, e a toda a povoação, que ficava tende privilegio de *amadigo*—isto é—isento de tributos e imposições.

Estes parâmos ou amadigos, foram deitados em devassa, e por fim abolidos, por D. Diniz I, em 1290; porém varias povoações conservaram até aos nossos dias o nome de *Parâmos* e *Paranhos*.

PARAMO—portuguez antigo—derivado do latim—significa campo vasto, campina, lesíria, etc., em sitio êrmo.

PARAMOS—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 18 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, perto da costa do Oceano.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 175 fogos.

Orago, Santo Thyrso.

Bispado do Porto, districto administrativo e 30 kilometros ao N. d'Aveiro.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas, muito abundante de peixe do mar e da *Ria* d'Aveiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

A lagôa da *Barrinha*, pertence metade a está freguezia, e a outra metade á de Esmoriz. Esta lagôa é de agua salgada, e fica a poucos metros do mar.

E' n'esta freguezia o solar de um ramo da familia dos *Pintos*.

Para a sua genealogia e armas, vide *Feira*.

Aqui nasceu, viveu e falleceu, no seu solar, o *morgado de Parâmos*, Francisco *Pinto*, bravo official de caçadores, do exercito portuguez, convencionado em Evora Monte.

Era um dos mais respeitaveis cavalheiros d'estes sitios.

PARANHO—portuguez antigo—o mesmo que *Parâmo* ou *Amadigo*.—*Alguns fazem Honras ali hu* (onde) *crião os filhos d'Algo, em esta guiza: Emparom o Amo em quanto hé vivo, e desde que os Amos som mortos, emparom o logar, pondo-lhe o nome Paranho, isto hé, emparado, ou defendido por Honra.* (Inquerições do rei D. Diniz, de 1290.)

PARANHO—portuguez antigo—ainda frequente nas provincias do Norte—pequenas traves ou barotes, postos sobre o lar, para seccar a lenha; mas em altura conveniente para não arderem no paranho. Tambem lhe chamam *paranheiro*.

PARANHOS—freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde; concelho e 5 kilometros a N.E. d'Amarés (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 32 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. João, de Concieiro, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Foi antigamente concelho e visita de Entre-Homem e Cavado, comarca de Vianna.

Situada em terreno montanhoso, nas vertentes septentrionaes do monte de S. Pedro Fins.

E' a freguezia mais agreste do concelho.

Produz os fructos do paiz; porém pouco vinho, e de má qualidade.

Cria gado miudo, e nos seus montes ha caça grossa e miuda, e é abundante de lenhas e mattos.

Os habitantes d'esta freguezia, usam muito de *badulaque*, mas feito dos intestinos das rezes miudas, e com muito pouca limpeza.

Badulaque, ou *bazulaque*, era um guizado de carne cortada miudamente, ou de forçura de carneiro, com sebôla, toucinho, azeite, etc., muito usado pelos frades pobres.

Entre outras cousas que o

condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, doou ao mosteiro de Alcobaça, se lê—*Donavit etiam grandem Caldeiràm, in qua Castellani de famulatu Regis faciebant suos badúlaques.* (Alcobaça Illustrada, penultima fól.)

Assim te ficarás, para toda a vida, pizando esses teus badulaques. (Leitão, Miscellanea, Dial. 17.º)

PARANHOS—freguezia, Beira Baixa, concelho de Cêa, comarca de Gouveia, 75 kilometros de Coimbra, 260 a E. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

E' terra fertil e saudavel, posto ser de clima excessivo.

Cria muito gado, sobretudo cabras e ovelhas, e é muito abundante de caça grossa e miuda.

E' uma das maiores freguezias da serra da Estrella.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

PARANHOS—freguezia, Douro, concelho (bairro oriental), comarca, districto administrativo, bispado e junto ao Porto, 310 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757 tinha 272 fogos.

Orago, S. Verissimo.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o reitor que tinha 140$000 réis, e o pé de altar.

E' um dos formosos arrabaldes da cidade do Porto, situado em alta posição, com extensas vistas.

E' fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

O commercio constante com a cidade do Porto, e o regresso do Brazil para aqui, de muitos filhos d'esta freguezia, a tornam muito próspera.

Ha no seu districto muitas, ricas e formosas quintas, e bellas casas de habitação, muitas d'ellas, de familias da cidade.

No artigo *Porto*, serei mais extenso.

PARCEIROS ou **PRACEIROS**—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

O povo apresentava o cura, que tinha 110 alqueires de trigo, e uma pipa de vinho cru.

O povo se obrigou á isto, por escriptura publica, feita em Leiria.

Esta freguezia formava parte da parochia de S. Pedro, de Leiria, com certeza, até ao anno de 1713.

No logar dos Parceiros, havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Rosario.

Ignora-se o anno em que foi edificada, só se sabe que já existia em 1669; mas parece que então não tinha mais de uns 20 annos de existencia.

Tambem se não sabe o anno em que foi creada esta parochia; mas os papeis do archivo d'ella, levam a concluir que foi em 1718.

A egreja é bonita, alegre e bem proporcionada.

A capella-mór é de abobada, e toda lageada, e as suas paredes estão revestidas de bonitos azulejos.

O corpo da egreja, tambem tem as paredes revestidas de azulejos, até uns dois metros de altura, formando um rodapé.

Parece que a antiga ermida é a actual capella-mór, e que a egreja foi construida em 1719, pois que esta data se vê gravada na verga da sua porta principal.

Tem altar-mór e dois lateraes.

Tem um compromisso da confraria das almas, approvado em 15 de outubro de 1719, pelo provisor, Eugenio Bôto da Silva.

Os povos do lugar de *Pernêlhas*, formaram uma *confraria de defunctos*—não se sabe verdadeiramente quando—mas as contas mais antigas que d'ellas se acham, remontam tambem a 1669.

Depois, a este compromisso se uniram os moradores de *Moiratos* e por fim os de *Alcugulhe* e os de *Parceiros.*

Conservou-se o compromisso, até 1719, em que finalisou, com a confraria que hoje existe na egreja.

Foi este compromisso, uma instituição digna de respeito, pelas grandes obras de caridade que praticava para com os vivos, pela pontualidade com que fazia os suffragios dos defunctos, e pela rigorosa fidelidade com que eram prestadas as suas contas.

Os ecclesiasticos que desde 1719 até hoje tem parochiado esta freguezia, são:

1.º — Domingos Rodrigues Alcuellas — até 1722.
2.º — João Ribeiro — até 1762.
3.º — Alberto Caetano da Costa — até 1771.
4.º — João Ribeiro Batalha — até 1778.
5.º — José Pedro da Silva — até 1785.
6.º — Joaquim Gomes — até 1789.
7.º — Urbano José Lopes da Silva — até 1790.
8.º — Manuel da Costa Henriques — até 1791.
9.º — Manuel Ferreira — até 1793.
10.º — Francisco Matheus — até 1806.
11.º — Nuno Rodrigues de Souza — até 1809.
12.º — Manuel Pereira — até 1811.
13.º — José Venancio Cardoso (interinamente) — até 1813.
14.º — Luiz Pedro — até 1814.
15.º — Luiz José de Caria — até 1853.
16.º — Antonio Lopes — até 1854.
17.º — Francisco Ribeiro Dimpano da Fonseca — até 1855.
18.º — Anastacio Francisco das Neves — até 1856.
19.º — José Pereira Soares — até 1861.
20.º — Francisco Pereira Henriques d'Oliveira — até 1863.
21.º — Joaquim Pereira Gonçalves — até 1866.
22.º — Joaquim da Fonseca Portugal — que desde 1866 é parocho d'esta freguezia.

—

A distancia de uns 30 metros, da casa da residencia do parocho, para o S.O., está em uma encruzilhada de caminhos, uma cruz de pedra branca, de dois metros d'altura, sobre um pedestal de alvenaria. Não se sabe quando aqui foi collocada, mas parece ser quando se edificou a egreja. Junto a esta cruz se reza o primeiro responso, por alma dos fallecidos, que vão ser enterrados.

—

Na nossa antiga legislação, se dava o nome de *parceiro*, tanto ao que dava, como ao que recebia, alguma herdade, de meias, a terço, quarto, etc. — Morrendo algum d'estes parceiros, não tinha o sobrevivente, nem os herdeiros do defuncto, obrigação de manterem o contrato de *parceria*, excepto se a propriedade estivesse já lavrada e a vinha podada; porque então ainda valia o contrato, por aquelle anno.

Quando porém o contrato era por dez ou mais annos, valia, mesmo depois da morte de um dos contratantes, pois já era julgado infitiotico. (Cod. Alf., liv. 4.º, tit. 96.)

PARCEIROS, ou **PRACEIROS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres-Novas, 120 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

O povo apresentava o cura, que tinha, 60 alqueires de trigo, 9$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito bom vinho.

Tambem se dá a esta freguezia a denominação de *Parceiros da Egreja*.

PARCIONEIRO — portuguez antigo — cumplice; parcial; que tem parte em qualquer coisa, acto ou acção.

PARDAES — freguezia, Alemtejo, concelho de Villa-Viçosa, comarca de Estremôz, 45 kilometros d'Evora, 160 ao E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 200 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra fertil, sobre tudo em cereaes.

PARDÊLHAS — aldeia, Douro, na freguezia da Murtosa de Veiros. (Vide 5.º vol., pag. 594, col. 2.ª, no fim.)

Todos sabem que *pardêlha* é um pequeno peixe.

No *portuguez antigo*, *pardêlhas* era uma interjeição, que, pouco mais ou menos, si-

gnificava — *á fé, em verdade, por vida minha*, etc. — É termo chullo.

PARDÊLHAS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Mondim de Basto, comarca de Villa Pouca d'Aguiar (foi da comarca de Villa-Real, concelho—extincto—d'Ermêllo), 65 kilometros a N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O abbade de Ermêllo apresentava o vigario, que tinha apenas o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

PARDÊLHAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 95 kilometros ao N.E. de Braga, 440 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 53 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Miguel de Nogueira apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi supprimida ha mais de 100 annos, e está unida á de Nogueira, da mesma comarca e concelho.—Vide este volume, a pag. 105, col. 2.ª, no principio.

PARDÊLHAS DE MONTE-LONGO — quinta, Minho, no concelho de Fafe. [1]

Já disse que pardêlha é um peixe pequeno. É d'elle que vem o appellido *Peixôto*, qne é o mesmo que dizer *peixe pequeno*, ou *peixinho*.

É *Peixoto* um appellido nobre em Portugal.

Gomes Peixoto, *o Velho* (que era um nobre fidalgo, do reinado de D. Affonso II), foi filho de D. Egas Henriques de Portocarreiro. Tomou o appellido Peixoto, da sua quinta de *Pardêlhas*, onde tinha o seu solar.

Tinham os Peixotos um morgado, na villa de *Pombeiro* (comarca d'Arganil), instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, conego da Sé de Braga, e por seu irmão, Gomes Gonçalves Peixoto.

Passou esta familia á provincia do Alemtejo, e outras, ás ilhas dos Açores, e outras posseções ultramarinas.

Suas armas são—escudo xadrezado d'ouro e azul de seis peças em faxa e sete em palla — élmo d'aço, aberto — e por timbre, um côrvo marinho, da sua côr, com um péixe de prata no bico.

Como nas provincias do N. chamam aos peixes pequenos — *peixôtos* — assim chamaram aos fidalgos de Pardêlhas — *Peixotos* — tornando-se em appellido, o que originariamente era alcunha.

Nos manuscriptos da livraria dos duques de Palmella, se acha este escudo escaquetado de azul e ouro, de cinco peças em faxa, e seis em palla.

Outros do mesmo appellido, mudaram o timbre ás suas armas, para um golfinho, com um peixe pequeno na bocca, tudo de prata.

Na egreja de *Nossa Senhora a Velha*, dos frades cruzios de Villa-Boa, no Minho, se acham as armas d'este appellido do módo seguinte — em campo de púrpura, dois peixes de prata, passantes.

—

Peixotos Barrêtos, é tambem um appellido nobre d'este reino. O doutor Matheus Peixoto Barrêto, sobrinho de Pedro Peixoto Cacho, accrescentou ás suas armas (as antecedentes) por empreza, dois peixes, nadando, em frente um do outro, sobre um côrvo, que abraça os escaques principaes. — Os peixes vão direitos a uma palmeira, que tem o distico de S. Paulo — SED UNUS ACCEPIT BRAVICEM.

Peixotos Cachos, appellido nobre em Portugal.—Diogo Lopes Peixoto, passou a viver na cidade d'Elvas, como administrador das fortificações d'aquella praça. Teve uma filha, por nome, D. Antonia Peixoto, que casou com Diogo Gomes Cacho, de cujo casamento, os seus descendentes vieram a unir os dois appellidos, sendo o primeiro que refere a Collecção dos titulos de genealogia (tomo 5.º da bibliotheca publica, fl. 111) Lopo Gomes Borralho Cacho Peixoto, ascendente

[1] Existiu até 1834, o concelho de Monte-Longo, que é o actual de Fafe. (3.º vol., pag. 132, col. 1.ª)

de Pedro Ayres Peixoto Cacho, que nomeia frei Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do cartorio da nobreza.

Trazem por armas—em campo verde, um braço, armado de prata, movente do lado esquerdo, tendo na mão, um punhal com a a ponta para baixo, ferro de prata e guarnição d'ouro. (Villas-Boas, diz *adága* e não punhal.)

O ultimo representante d'esta nobilissima familia, foi Antonio Peixoto Pinto Coelho da Silva Padilha Seixas Harcourt, senhor de Fermêdo, Alfena, Vieira, Rio-Meão, Quinta do Cedro (junto á Régoa), tendo grandes propriedades e fóros, no Porto, Lamego e outras partes, que lhe rendiam mais de 18 contos de réis por anno. Tudo perdeu ao jogo e em toda a casta de extravagancias, de modo que, quando tinha apenas 27 annos, já nada tinha de seu; fugindo (aos crédores) para o Brasil, onde se fez medico *raspaillista*, e é do que vive. Exemplo aos jogadores. Tem no reino, a esposa e dois filhos, quasi na indigencia!

A mulher, é a sr.ª D. Bertha Soares d'Albergaria, filha de José Soares d'Albergaria, já fallecido, e que foi coronel do exercito francez. Era senhor da casa de *Travanca*, no extincto concelho de Sanfins, hoje concelho e comarca de Sinfães.

Para o mais que se desejar saber d'esta familia, vidé vol. 3.º, a pag. 167, col. 1.ª e seguintes.

PARDIEIRO, e **PAREDEIRO** — portuguez antigo — (o primeiro termo é ainda muito usado) casa derribada, em ruinas, deshabitada.

PARDILHÓ (antigamente *Pardilhó*) — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Estarreja, 35 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757 tinha 470 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor d'Avanca apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma das maiores, mais populosas, ricas e ferteis freguezias da comarca. Produz todos os generos agricolas em abundancia, é fertil em lenhas e madeiras, e em variado peixe, do mar e da ria de Aveiro, que lhe fica proxima, ao O.

É n'esta freguezia a aldeia de *Fontella*, (proxima á da *Regedoura*, na freguezia de Vállega) onde se fabrica muita e a melhor telha e tijolo de Portugal.

A argilla (barro) extrahe-se debaixo da areia da costa, junto á capella de *Nossa Senhora de Entráguas*, 5 kilometros ao O. de Fontella.

O meio que empregam para a extracção do barro, é o seguinte—*Arregaçam* a areia, na altura de dois ou tres metros, até encontrarem uma camada de terra sólida, sob a qual está a argilla, em espantosa abundancia. É tão pura, que não precisa do minimo preparo, para se manufacturar.

Sobre a crusta de terra superior ao barro (que é terreno *secundario*, ou de aluvião) apparecem com muita frequencia, madeiros, mastros, e varios despojos de navios, o que prova que esta crusta formou por seculos a camada superficial da costa maritima, e que a areia a invadiu posteriormente.

A maior parte das madeiras aqui achadas, tira-se em tão bom estado de conservação, que se aproveitam para varias obras.

—

Ha n'esta freguezia uma boa philarmonica, creada em 1874, que já desempenha com maestria um soffrivel reportorio. No concelho, ha mais tres philarmonicas. Uma d'ellas, acompanhou o batalhão popular, ao Porto, em maio de 1846, na revolta da *Maria da Fonte*.

—

Aqui nasceu, e viveu, e aqui falleceu (em 28 de maio de 1875) Agostinho Luiz Pereira Valente, doutor em medicina pela universidade de Coimbra, da qual foi ornamento, sendo premiado no 3.º e 4.º anno. Era tambem um excellente musico.

Casou duas vezes, ambas, com senhoras pobres de bens da fortuna, porém ricas dos phisicos e moraes, e de uma modestia, religiosidade e resignação a toda a prova.

Dos dois casamentos teve oito filhos (de

ambos os sexos), que deixou na miseria e ao desamparo, assim como a sua viuva.

Como medico, era o doutor Valente um clinico distinctissimo e muito caritativo; sendo chamado, para doenças perigosas, de muitas leguas em redor. Curava os pobres gratuitamente, e os ricos pelo que elles lhe davam, mostrando-se tão satisfeito com o pouco, como com o muito.

Como homem, era bom pae, bom esposo e sinceramente catholico, sem superstição ou pedantismo; mas tinha um vicio, que foi a causa da sua morte prematura, da sua miseria na vida, e a dos seus, depois da sua morte. Embebedava-se com muita frequencia, a ponto de muitas vezes cahir da cavalgadura (que vinha ter a casa sem cavalleiro) e passar noites dormindo pelos caminhos!

Deu-se um facto com este homem, que ainda hoje faz arripiar os cabellos a quem conhece o sitio.

Hia elle para a villa d'Arouca, a uns 24 kilometros ao E. de Pardilhó, visitar certo doente. Em frente da freguezia de Varzea, no valle d'Arouca, ha um sitio denominado *Pedra Má*, na encosta septentrional de uma serra. Por este sitio passava um caminho de uns tres metros de largura, cortado a picão na rocha granitica. D'aqui para baixo, é o monte cortado quasi a prumo, ficando-lhe ao sopé, *a mais de 150 metros de profundidade*, uma levada do rio Arda.

O doutor Valente tinha de passar pela Pedra-Má; e como um irmão d'elle, que o acompanhava, visse que hia já soffrivelmente embriagado, instou para que se apeasse; mas elle, com o vinho, teimou em hir acavallo. Chegando ao ponto mais perigoso, cahe do cavallo, e vae rolando por aquelle precipicio, até á levada.

Verificou-me mais uma vez o rifão — *Ao menino e ao boracho, põe-lhes Deus a mão por baixo.* — O unico mal que lhe aconteceu, foi molhar-se dos pés até á cabeça.

Soffreu a doença de que falleceu (e que durou mais de um mez) com a maior resignação e piedade, conhecendo então o mal que se tinha dirigido, na sua vida, e pedindo perdão á espoza e aos filhos da miserrima viuvez e orphandade em que por sua culpa os deixava; e recebendo todas os sacramentos da Egreja, com a maior devoção, voou á eternidade, sem deixar na terra um só inimigo.

Os seus amigos lhe fizeram um decente funeral, a que assistiram 20 clerigos, a musica da freguezia, e grande numero de pessoas que o estimavam.

— A requerimento dos povos de Avanca e Pardilhó, creou-se aqui uma delegação do correio (d'Estarreja) em fevereiro de 1876.

Foi um melhoramento ha muito reclamado, para utilidade publica.

PARECEROSA—vide *Amares*.

PARÊDES—serra, Traz-os-Montes, na freguezia de *Adouffe*, comarca e concelho de Villa Real.

Os srs. condes de Villa Real, Sebastião Botelho Machado de Queiroz, e João Botelho Machado de Queiroz, propaietarios, e moradores na freguezia de S. Pedro, de Villa Real, pediram ao governo, em janeiro de 1875, licença para explorarem as aguas d'esta serra, desde a propriedade das *Frágas da Escorregadia*, até ao sitio da *Fonte Fria* e ribeiro da *Cascalheira*.

Estas aguas são destinadas a abastecerem a importante população de Villa Real, a irrigação dos predios que atravessarem em todo o seu percurso, e os motores industriaes; fazendo-as conduzir ás fontes da villa.

PAREDES—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 12 kilometros ao O. de Penafiel, [1] 32 a E.N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Está na freguezia do Salvador, de Castellões de Cepêda, (Vol. 2.º, pag. 167, col. 2.ª.)

O concelho de Paredes, como existia até 15 de junho de 1875, compunha-se de 23 freguezias, todas do bispado e districto administrativo do Porto—são:

Aguiar de Souza, Astromil, Baltar, Beire, Bésteiros, Christellos, Bitarães, Castellãos de

[1] E' cabeça de comarca, desde 16 de junho de 1875, pela nova divisão judicial.

Cepêda, Cêtte, Duas-Egrejas, Gândara, Gondalães, Lórdêllo, Lourêdo, Magdalena, Mouriz, Parada de Tódea, Rebordosa, Recarei, Sobreira, Sobrosa, Vandôma, Villa-Cova de Carros, e Villéla; todas com 4:200 fogos.

Este concelho deve considerar-se antiquissimo, se attendermos a que é o de Aguiar de Souza, a maior parte do qual, para aqui foi mudado, ou melhor, annexado, em 1821; mas tornou a separar-se, em 1828.

O julgado de Aguiar de Souza, ja tinha sido transferido para o Porto, em 1650, e depois, em 1770, passou a ser do julgado de Penafiel, quando esta cidade foi elevada a séde de bispado.

Este concelho não tinha juiz ordinario nem camara: tinha um ouvidor, nomeado pela camara do Porto, com trez escrivães e um meirinho. Conhecia das execuções.

Tinha mais um juiz dos orfãos, com seu escrivão, tambem nomeado pela camara do Porto, o qual, juiz, conhecia não só dos inventarios de menores e ausentes, e execuções de formaes de partilhas; mas tambem das acções respeitantas aos ditos inventarios.

Em tudo o mais, pertencia ás justiças do Porto, por estar d'entro das cinco leguas do seu districto.

E nem só por essa rasão se deve reputar muito antigo este concelho — tambem o é incontestavelmente, visto ser o antigo couto de Castellãos de Cepêda, que para aqui tinha mudado a sua capital, em 1770.

O benemerito regedor, provedor, e corregedor perpétuo do Porto, D. Francisco de Almada e Mendonça, que tantos e tão assignalados serviços fez a esta cidade, e ao então chamado *Partido do Porto*, mandou construir n'esta villa, uma optima casa da camara, com bôa cadeia, pelos annos de 1780.

Tambem foi este magistrado, e pelo mesmo tempo, que obteve para a povoação de Paredes, a cathegoria de villa, o que foi confirmado pelo alvará de 31 de janeiro, e carta regia de 7 de fevereiro, de 1844.

Em 1834, por simples concessão dos prefeitos, então nomeados, se formou o novo concelho, denominado de Parêdes [1] á custa do concelho de Aguiar de Souza, couto de Castellãos e honra de Baltar; mas, parte das freguezias do de Aguiar, foram formar o novo concelho, que então se creou, de Lourêdo, que era *honra*, e ao qual ficaram pertencendo as freguezias de Beire, Gondalães e Lourêdo.

Era tambem julgado, com juiz ordinario, camara, escrivão, etc.

Este ultimo concelho e julgado poucos annos durou.

—

O ultimo juiz ordinario que teve este julgado, de Paredes, até ser elevado a comarca, foi o sr. doutor, Manuel Antonio de Carvalho Lamas (feito em 1873) illustrado simpathico cavalheiro, natural do Poço das Patas, freguezia do Bom-Fim, da cidade do Porto.

—

O concelho de Aguiar de Souza que se uniu a este, era vastissimo, pois, principiando na ponte de Cepêda (sobre o Souza) ao N. E., na margem do rio, freguezia de Castellãos, e proximo a Penafiel, terminava a O., na freguezia de S. Martinho do Campo, hoje concelho de Vallongo.

Contornava a honra de Baltar (da casa de Bragança) e comprehendia o actual concelho e julgado de Paços de Ferreira e varias honras e coutos, ao todo 48 freguezias.

Era portanto d'este concelho, todo o vale do Souza, desde a margem esquerda do rio Souza (na direita do Douro) até ás serras de Freamemde, Baltar e Vandôma.

—

Se examinarmos attentamente os factos, póde dizer-se que este concelho é ainda o de Aguiar de Souza; porque, desde o

[1] E' mais proprio dizer-se que o concelho d'Aguiar de Souza ficou subsistindo, mas que se lhe mudou a sua capital para Paredes.

seculo XVI, que a sua capital foi a povoação de Paredes, e por isso se foi pouco a pouco deixando de dar-lhe a denominação de concelho d'Aguiar, para lhe chamarem concelho de Paredes—caso que se dá em outros concelhos d'este reino.

—

A área do actual concelho, é vasta, e comprehendida entre os rios Ferreira e Souza.

Tem importantes mercados mensaes, e o seu commercio de gados (sobre tudo, o que exporta para Inglaterra) faz entrar no concelho annualmente, muitos contos de réis.

Tambem exporta muitos cereaes.

Os seus edificios publicos, as suas ruas e praças, tudo bem alinhado e arborisado, contribuem para o embellezamento da villa, que é uma das mais risonhas, bem situadas e aprasiveis do districto; e com um clima saluberrimo.

Possue um dos melhores edificios escolares modernos, do reino; composto de trez casas unidas, mas distinctas, e collocadas no alto de um pavimento, todo cercado e fechado, por um muro, que, pela sua construcção, realça a belleza e imponente aspecto d'este magestoso edificio; construido por donativos, em 1868.

Tem uma estação municipal, desde o mesmo anno de 1868.

O concelho é cortado pelo caminho de ferro do Douro, tendo proximo á villa, uma estação de 2.ª classe, e mais duas, nas freguezias de Cêtte e Recarei, d'este concelho.

Tambem passa pelo centro do concelho, a estrada real, a mac-adam, numero 33, do Porto a Amarante, e d'ahi para Traz-os-Montes.

Ha já construidas duas importantes estradas municipaes, outras em construcção e algumas em estudos.

Talvez vá ter uma casa pia. (Vide *Paço de Souza*, no fim.) [1]

[1] Depois de publicado o artigo de *Paço de Souza*, a junta de parochia e povo d'esta freguezia, oppôz-se ao decreto que manda fundar a casa-pia em Paredes, requerendo ao governo a rovogação do decreto, e que o testamento seja cumprido. Talvez se faça justiça.

Nas freguezias de Cêtte e Villela, existem dois antigos mosteiros; um que foi de gracianos, e outro de cruzios. (Vide vol. 2.º, pag. 259, col. 2.ª, no fim—e *Villela*.)

—

Em 1809, na retirada do exercito francez, foi, no logar de Cepêda, que largaram o fogo á polvora e encravaram a artilheria que não podiam conduzir.

—

No logar de Ponte Ferreira, freguezia da Gândara, d'este concelho, se feriu a primeira batalha. entre as tropas realistas e liberaes, a 22 e 23 de julho de 1832. (Vide *Ponte Ferreira*.)

O melhor edificio da villa, são os sumptuosos paços do concelho, em que já fallei, obra do regedor perpétuo do Porto, D. Francisco d'Almada e Mendonça (vide *Olivaes*) para as justiças do antigo concelho d'Aguiar de Souza, sessões da camara, cartorios dos escrivães, cadeias, etc.—occupando um dos dos lados praça, no centro da villa, tendo ao lado uma bonita capella.

A egreja matriz, do Salvador, tem de um lado a residencia parochial, que é sufficiente e commoda, e do outro, a casa dos Coelhos da Silva, chamados vulgarmente, os *fidalgos da Egreja*, cuja ultima descendente foi D. Marianna Coelho da Silva de Barbosa, 2.ª prima, do nosso esclarecido escriptor publico e illustre parlamentar, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

A casa passou, por diversos contractos, para a familia do abbade, D. José de Noronha Mello e Faro, e para os Albuquerques, de Villa Bôa de Quires, e hoje pertence, por compra, ao sr. doutor, José Guilherme Pacheco, contador da relação do Porto, e deputado na actual legislatura.

N'esta villa esteve, durante o cêrco do Porto, de 1832 a 1834, a commissão mixta, á qual presidia o marechal de campo, visconde da Asênha, e que, quando falleceu, foi substituido pelo coronel, Antonio das Povoas e Brito, irmão do tenente general, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas.

Pertencia a esta commissão, o coronel Lacerda, e o magistrado, José Bernardo de Faria Blanc, pae do sr. Hermenegildo Augus-

to de Faria Blanc (feito visconde de camarate, em 25 de maio de 1870) e de seus irmãos.

Esta commissão fôra creada, para julgar os suspeitos de terem relações com os cercados.

Houve em Paredes, por muitos annos, professor regio de latim, que foi, Joaquim Peixoto Cabral e Castro, excellente latino, e que foi mestre do referido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

(Este cavalheiro passou n'este concelho a sua infancia e adolescencia.)

—

Ao sahir da villa, para o lado do Porto (O.) ha junto á estrada, uma fonte, d'agua purissima e fresca, chamada *Fonte Sagrada*. Ignora-se a causa d'esta denominação.

—

Antigamente vinham a Paredes, manadas de potros hespanhoes, que eram aqui comprados por criadores, da villa e immediações, com o que faziam bom negocio.

—

A Misericordia de Penafiel, foi fundada pelo doutor, Amaro Moreira, abbade de Ermêllo, natural d'este concelho, nascido na casa da *Lousa*, na antiga honra de Baltar, e varios genealogicos o fazem descendente de Affonso Furtado de Mendonça, anadélmór dos bésteiros, remontando facilmente d'este, aos senhores de Biscaia — parece-me pouco provavel — o que não soffre duvida, é ser elle (doutor Amaro) o fundador da Misericordia de Penafiel; e que de um dos numerosos irmãos que teve, descende o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, e outras familias muito distinctas.

Do irmão a quem deixou o padroado da Misericordia, com cadeira de espaldar, na capella-mór, para se sentar, quando lá fosse, é representante o sr. Ignacio Correia Leite d'Almada (feito conde da Asênha, em 12 de junho de 1855) por sua avó materna.

E' de outro irmão que procede a mãe do sr. Teixeira de Vasconcellos, a qual conservou o appellido Moreira.

Na quinta de *Coura*, em Bitarães, d'este concelho, estava no portão, o escudo d'armas da familia d'esta senhora, que eram Souzas, Moreiras, Rochas, e Barbosas.

Manuel Pedro Guedes, da Avellêda; os Meyrelles, do Porto; os morgados da Folha, em Penafiel; e muitas outras familias, procedem d'estes Moreiras, cuja descendencia, *alta e baixa*, encheu a ribeira do Souza.

Em memoria do fundador da Misericordia, de Penafiel, houve n'esta familia, varios tios do sr. Teixeira de Vasconcellos, com o nome de Amaro.

Um d'elles, foi o padre Amaro Manuel de Souza (de Coura) 9.º prior da Branca, irmão do 3.º avô do sr. Teixeira de Vasconcellos.

Aquelle prior é geralmente reputado por santo, entre o povo da freguezia da Branca, e immediações.

(D'elle faço menção—assim como de seu sobrinho, o conego regrante de Santo Agostinho, do mosteiro de Grijó, D. Manuel da Madre de Deus de Souza Barbosa, que lhe succedeu no priorado. — Col. 2.ª de pag. 352 d'este volume.)

—

No dia 3 de janeiro de 1875, foi benzido o novo cemiterio de Paredes.

Assistiram ao acto, a camara munioipal e as auctoridades.

—

Cumpre-me aqui fazer honrosa mensão, do sr. doutor, Antonio de Araujo Pinto Cabral, dignissimo administrador actual d'este concelho.

Além de ser um magistrado probo, esclarecido e sollicito, honra-se em mostrar-se francamente catholico.

Tem feito respeitar os parochos e clero do seu concelho, e todos os actos religiosos aqui praticados; e prohibido rigorosamente a representação de comedias em que a religião do estado—que é a catholica apostolica romana—seja escarnecida e ultrajada.

—

Na *Abelheira* e na Bouça-Velha, d'este concelho, ha minas de antimonio.

Foi declarado seu descobridor legal, em novembro de 1875, o sr. Alonso Gomes.

—

Ha aqui dois mercados mensaes, um no 1.º de cada mez, de tempos immemoriaes, outro moderno a 18.

A 2 de maio, tem uma feira de cavalgaduras.

—

Teve até 1834, sargento-mór, com duas companhias de ordenanças.

Já a estrada antiga, do Porto para Amarante, passava pelo meio da villa, e pela frente da *casa do foral*, atravessando o rio *d'Asnes*, d'ahi a um kilometro, por uma bôa ponte de cantaria, de um só arco; e d'ahi a outro kilometro, o rio Souza, pela antiquissima *ponte de Cepêda*.

A estrada a mac-adam, passa a S.E. da povoação, atravessando, pouco a baixo, o rio Souza (que divide este concelho do de Penafiel) por uma ponte novamente construida.

A estrada de ferro do Douro, e na qual se trabalha afanosamente, desde o 1.º de julho de 1873, tambem atravessa este concelho, cortando a estrada de mac-adam, e vae, por entre o Souza e a estrada antiga, passar, a pouco mais de um kilometro, abaixo da ponte de Cepêda, para o que estão em construcção duas pontes, uma sobre o rio d'Asnes, e outra sobre o Souza.

Em um espaço triangular, estão cinco pontes, á vista umas das outras, duas antigas e tres modernas.

(Para o seu foral, vide Aguiar de Souza —que é o d'este concelho.)

PAREDES—freguezia, Douro, concelho, comarca e proximo de Penafiel, 35 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra, e os monges benedictinos de Paço de Souza, aprasentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

PAREDES—villa, Douro, que existiu a 6 kilometros ao N. de Maiorca.

Foi fundada por D. Diniz I, que lhe deu foral em Coimbra, a 17 de dezembro de 1282. (*L.º 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 61 verso, col. 1.ª—e outro dado pelo mesmo rei, em Coimbra, a 29 de setembro de 1286.—*L.º 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 176 verso, col. 1.ª)

Progrediu muito esta villa, até 1500; mas então, as areias do mar a foram invadindo e arrazando, pelo que se despovoou, hindo os seus moradores fundar, ou reedificar a villa da *Pederneira*, ficando aqui, por unica memoria, a capella de Nossa Senhora da Victoria, a casa do eremitão e um moinho.

Era uma povoação de 600 fogos.

—

D. Diniz, teve em vista, na fundação d'esta villa, defender este sitio da costa, das invasões dos piratas africanos e granadinos.

Escolhêra este logar, 12 kilometros ao N. da Pederneira, por haver aqui um porto (que as areias tambem entupiram) acommodado para a pesca e para o commercio.

Quando o rei estava em Leiria (que fica 18 kilometros a E.) vinha aqui muitas vezes á caça, do que então era muito abundante este territorio.

O 1.º foral, que é uma *carta de povoação*, é para 30 moradores, que eram obrigados a ter seis caravellas, ao menos, prepadadas para a pescaria.

E, para que os novos povoadores *acommodassem* as suas casas, lhes mandou dar um moio de trigo a cada um.

Por mais de 200 annos, foi a villa de Paredes uma povoação de bastante importancia; porém os ventos, que aqui são fortissimos, foram arremeçando com tanta força as areias sobre a povoação e o porto, que tudo ficou arrazado.

Julga-se que a capella de Nossa Senhora da Victoria, foi mandada construir pelo mesmo rei, para matriz da freguezia, e que a invocação de Victoria, foi por alguma aqui alcançada contra os mouros.

E' esta Senhora objecto de muita devoção dos povos da redondeza, e a sua capella ainda bastante concorrida de romagens.

No dia da sua Natividade (8 de setembro) se lhe faz a sua festa principal.

Os frades d'Alcobaça, recebiam os rendimentos d'esta capella, com a obrigação de dizerem aqui uma missa quotidiana, por alma de D. Pedro I.

Foi-lhes feita esta doação, pelo rei D. Fernando, filho d'aquelle monarcha.

PAREDES—villa, Minho, capital do concelho de Coura (e porisso, e para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se chama vulgarmente *Paredes de Coura*) 45 kilometros ao O.N.O. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção) comarca de Vallença.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade que tinha 350$000 réis de rendimento.

(E' precizo ver *Coura*, no 2.º vol., pag. 413, col. 1.ª e seguintes.)

O concelho de Coura é composto de 21 freguezias, todas no arcebispado de Braga—são:

Agua-Longa, Bico, Castanheira, Cristêllo, Cossourado, Coura, Cunha, Ferreira, Formariz, Infesta, Insalde, Linhares, Mazellas, Padornêllo, Parada, Paredes, Porreiras, Rézende, Romarigães, Rubiões, e Vascões—todas com 3:000 fogos.

(Desde 1876, é cabeça de comarca. No fim d'este diccionario hirá a nova divisão judicial.—Vide a nota em normando, a pag. 444, col. 2.ª, do 4.º volume.)

—

Tem uma bôa capella do Espirito Santo, com uma irmandade, que é das maiores do reino.

—

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa do sr. D. Antonio Telmo de Menezes Medina da Cunha e Azevedo.

—

No centro d'esta povoação, e cercada de mattas e de optimas terras cultivadas, achase a antiga casa apalaçada, dos Pereiras da Cunha.

Entra-se por um grande pateo, onde está a capella e onde ha duas fontes.

O terreno, em que foram, n'outro tempo, os jardins, e em cuja extremidade ficam os paços do concelho, cedeu-o generosamente, por muito menos do seu valor, o actual proprietario, o sr. Antonio Pereira da Cunha, para lá se fazer um hospital.

Seu avô ainda casou e viveu n'esta casa, que era cabeça de um dos principaes morgados da familia, a qual é oriunda do concelho, e n'elle tem o seu solar, na freguezia de Cunha. (Vide *Collina*, a pag. 361, e as duas *Cunhas*, a pag. 457, do 2.º vol.—Vide tambem — *Os Cunhas* — a pag. 364, do 4.º vol.)

Fallei já, nos logares indicados, na nobilissima familia dos Cunhas; porém obtendo mais esclarecimentos sobre a materia, e encontrando documentos authenticos, que li detidamente, e pelos quaes se prova a quem pertence incontestavel e verdadeiramente o senhorio do dito solar e torre da Cunha, os transcrevo n'este logar.

A torre da Cunha, está hoje reduzida a um quasi montão de ruinas, coberto de heras, e por entre ellas muito a custo se descobrem as armas dos Cunhas, e umas inscripções, que alludem á sua reedificação, feita, primeiramente pelo governador, Francisco da Cunha, e depois por Antonio Pereira da Cunha.

Este solar, ou *paço*, antiquissimo, pertenceu, como disse e imprimiu, no Titulo de Cunhas, o mais erudito genealogico contemporaneo, (n.º 39), *a Fernão Martins da Cunha, filho segundo de Martim Lourenço da Cunha, a quem el-rei Dom Fernando o tirou, assim como as terras de Silvares e Vidigal, na Beira; sendo mais tarde restituido a Vasco Fernandes da Cunha, filho do referido Fernão Martins da Cunha e de sua mulher D. Margarida Martins de Souza, o qual é o tronco dos Cunhas, de Coura.*

—

Sebastião Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, capitão de cavallos, na provincia do Minho, natural da freguezia de Parêdes—onde teve a sua companhia—e casado com D. Maria Thereza Lobo de Sotto-

maior, pela qual vieram depois á sua descendencia os vinculos dos Lobos, de Vianna, (e bisavô do actual representante d'esta familia) requereu a D. João V, em 23 de novembro de 1735, que lhe mandasse dar posse da torre e casa solar dos Cunhas, na freguezia da Cunha, de Coura.

O supplicante justificou e provou legalmente, ser filho legitimo, e universal herdeiro de Antonio Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, mestre de campo de auxiliares, e de sua mulher D. Maria de Castro Pitta de Anuncivay, (da casa de Caminha); que lhe pertenciam a torre e solar dos Cunhas, no logar do Outeiro, da freguezia da Cunha, feita por seus ascendentes, e mandada reedificar por seu pae. [1]

Esta justificação, tinha sido feita mesmo na freguezia da Cunha, pelo juiz ordinario de Coura, Francisco Pereira de Castro, em 12 de novembro do mesmo anno de 1735; e tomou posse judicial, em 24 do novembro seguinte.

—

Li tambem entre os papeis, que compulsei, os traslados, mandados tirar pelo dito Sebastião Pereira da Cunha e Castro, dos testamentos, com que falleceram os seus antepassados, Fernão Gonçalves da Cunha, e seu filho Ruy Fernandes da Cunha, pae de Sebastião da Cunha, que *morreu na batalha, com el-rei Dom Sebastião* (em Alcacerkebir).

Em ambos esses documentos, declaram os testadores, serem senhores da torre e casa solarenga de Cunha; e no primeiro (feito ainda na freguezia de Cunha, a 25 de julho de 1539) pede o dito Fernão Gonçalves da Cunha aos seus herdeiros, que tratem de resgatar a referida torre, que elle tinha empenhado por certa quantia a João Jacques de Vasconcellos, o *que muito lhe encommendava, por ser antiguidade de sua casa.*

O mesmo se certifica, relativamente a Francisco da Cunha, governador de Musoes, na Nova Granada (America do Sul), commendador da Ordem de S. Thiago da Espada, na carta de brazão d'armas e de nobreza, que Filippe IV lhe mandou *renovar* pelo rei d'ar-Portugal, em 16 de novembro de 1636, e do qual o mencionado seu descendente, Sebastião Pereira da Cunha e Castro, pediu se lhe passasse novo traslado, por *estar damnificado o antigo,* e *para se não perderem as memorias, que n'elle se contém.*

Era Francisco da Cunha filho legitimo de Ruy Fernandes da Cunha e de D. Victoria da Cunha, residentes na freguezia do Bico, já então do concelho de Coura, mas do julgado de Fraam (Fraião) comarca de Ponte do Lima. (Vide *Bico*, a pag. 399, col. 1.ª do 1.º vol.)

Foi neto paterno de Fernão Gonçalves da Cunha, e de D. Brites Annes, naturaes das freguezias de Cunha e Bico, cujas terras eram coutos ecclesiasticos, por marcos, dos reis de Portugal, como tambem o foram as terras d'Affonso Rodrigues de Magalhães, 3.º avô de Francisco da Cunha, e outros seus ascendentes por varonia, *que todos foram fidalgos de solar, e dos verdadeiros Cunhas e Magalhães, familias illustres e antigas d'estes reinos, e sempre se trataram, como elle supplicante* (Francisco da Cunha) *com cavallos, criados, escravos, e muita gente, conforme a qualidade de suas pessoas; e serviram aos reis d'este reino, em todas as guerras e occasiões que n'elle houve, e nas conquistas: sem nunca em tempo algum terem em sua geração fama alguma de mouro nem judeu, nem d'outra infecta nação. E elle suppticante, é commendador da commenda de Gumiel, cita entre a Portella e aquelle districto: e é cavalleiro do habito de S. Thiago, armado.* [1]

Este brazão d'armas, era o antigo, das linhagens dos Cunhas e Magalhães, *para se não extinguir a memoria dos ditos seus as-*

[1] Diego Lopes Anuncivay, fidalgo gallêgo, foi ascendente dos Pittas, de Caminha, e fundador do seu solar n'esta villa, no seculo XV. Ainda existe o mesmo paço que elle fundára, na praça do Terreiro, de Caminha. É hoje representante d'esta nobre e antiga familia, o sr. doutor, Rodrigo de Menezes Pitta de Castro, par do reino; irmão do sr. José de Menezes Pitta de Castro, coronel do exercito, e feito barão de Proença a Velha, no 1.º de julho de 1863.

[1] Tudo quanto n'este artigo fôr sublinhado, é extrahido fielmente (menos a orthographia) da *Carta de Nobreza* d'esta familia.

cendentes e sua antiga linhagem, e para d'elle usar, e gosar todas as graças, mercês, privilegios ê dignidades, que gosaram os seus ascendentes, e para entrar com as ditas armas em todas as funçoens militares, asim de paz, como de guerra, em todas e quaesquer festas de cavallaria, justas e torneios, segundo o costume dos fidalgos, e nobres deste reino, assim nas cousas graves, e de necessidade, como nas voluntarias e de passatempo, e as poderá trazer pintadas, e bôrdadas, nas bandeiras, pendões, estandartes e reposteiros, e trazer em seus formaes, e baixellas, e as poderá pôr em seus edificios, esquinas, portadas, e janellas; e finalmente as poderá fazer abrir, e esculpir sobre sua sepultura.

No livro 1.º das *Honras e Valías*, d'Além-Douro, a fl. 272, se lê o seguinte:

«Da freguezia do Bico, *vencemar devasso* [1] salvo o herdamento de Affonso Rodrigues de Magalhães, etc.» E adiante se vê que Francisco da Cunha, era senhor da casa e torre solarenga, sita no logar do Outeiro, freguezia de Cunha.

No livro da *Nobreza*, que está na torre do tombo, a fl. 10, vem as armas dos Cunhas, que são — em campo d'ouro, nove cunhas de azul, em tres faxas, e por orla, em campo de púrpura, cinco escudêtes das armas reaes de Portugal.

—

O actual possuidor, por varonia, da torre e solar da *Cunha*, e da casa de *Portozêllo*, é o nosso inspirado poeta e prosador distincto, o sr. Antonio Pereira da Cunha.

É filho de Sebastião Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, coronel de milicias de Vianna, e que commandou, com muita distincção, durante a guerra peninsular, um dos batalhões da *União*—e de D. Anna de Agorreta Pereira de Miranda, da casa do Paço d'Anha (onde esteve escondido, depoisda derrota da ponte d'Alcantara (25 d'agosto de 1580) Dom Antonio, prior do Crato, até que embarcou para França no cáes de Darque); e é neto paterno de Antonio Pereira da Cunha, fidalgo da casa real, e de D. Maria Joanna de Mello Pereira e Sampaio, da casa de Pombeiro, junto a Guimarães.

Teve, ainda em tempo d'el-rei D. João VI, e sendo de quatro annos de edade, o filhamento, que lhe competia. Casou com a sr.ª D. Maria Anna Machado de Castello Branco, filha dos srs. condes da Figueira.

D'este matrimonio nasceu o sr. Sebastião Pereira da Cunha (mimoso poeta, já bem conhecido), casado com sua prima co-irman, a sr.ª D. Maria Amalia d'Almada Pereira Cyrne, filha dos srs. condes d'Almada, da qual já tem um filho, chamado Antonio, e que vem a ser tambem duodecimo neto, por varonia, de Garcia Rodrigues de Caldas, mencionado pelos genealogicos.

—

Entre os morgados, que administrava o mencionado chefe d'esta familia, na época da abolição (1860), não era o menos importante o que fôra instituido por Antonio Pereira da Cunha, do conselho de sua magestade el-rei D. João VI, seu secretario de guerra, e commendador professo na Ordem de Christo, o qual morou em Lisboa, na travessa a que deu o nome, [1] e n'um palacio, queimado, depois, por occasião do grande terramoto, e de que ainda existem restos, junto ao theatro do Gymnasio.

A casa dos Pereiras da Cunha, que possue terras, não só na freguezia de Cunha, mas tambem em outras do concelho de Coura, tinha o seu jazigo de familia, n'esta povoação de Paredes, na egreja do Espirito-Santo, da qual ha communicação para o pateo da casa. Sobre a tampa d'elle estavam as armas dos Cunhas, como as deixo descriptas.

—

Em 1874, se fundou n'esta villa um bonito theatro, onde já se teem dado varias representações.

—

N'esta freguezia, e parente das familias Cunhas e da de Mantellães, se baptisou a 15

[1] Propriedade, ou territorio de todos, e que tinha o privilegio de não poder ser coutada.

[1] *Travessa do Secretario de Guerra*, á Trindade.

de março de 1598, Thomaz Rodrigues da Cunha, filho de Barthazar Pereira e D. Maria da Cunha, da casa de *Lisouros*. Em 1617, embarcou para a India, com D. João Coutinho, conde de Redondo, e n'aquelle estado fez grandes serviços a Portugal, como esforçado capitão.

Depois, desenganado do mundo, se fez frade carmelita, na cidade asiatica de *Tata*, (reino de Sindo, no imperio do grão-mogól) mudando o nome para frei Redemptor da Cruz. Era um varão de muitas virtudes.

De Gôa, foi na embaixada ao rei de Achem (ilha de Sumatra) e ahi foi martyrisado pelos gentios, em novembro de 1638, tendo apenas 40 annos de edade. (*Chron. do Carmo*, tom. 2.º, liv. 6.º, cap. 44.)

PAREDES—Vide *Meadella*.

PAREDES—Villa, Beira-Alta, comarca, concelho e 11 kilometros de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Taboaço, concelho de Trevões, e mais antigamente, foi cabeça de um concelho, formado por esta freguezia e pela de Rio d'Ades, que lhe fica a 4 kilometros. Era então da comarca de Pinhel.) 36 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Para a distinguir das outras povoações do mesmo nome, se lhe dá o de *Paredes da Beira*.

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, collado, por concurso. Tinha 80$000 réis de rendimento e o pé d'altar. (Em tempos remotos, foi curato annexo á egreja de Rio-d'Ades.)

É povoação antiquissima. D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data, (*Maço 8.º de foraes antigos*, n.ºs 3 e 5 — *Maço 9.º* dos mesmos, n.º 7 — *Maço 12.º* dos mesmos, n.º 3, fl. 14, e col. 2.ª, fl. 21, col. 1.ª, e fl. 54 v., col. 2.ª—No liv. 2.º de doações de D. Affonso III, fl. 67 v., e no liv. de foraes antigos de leitura nova, fl. 49, col. 1.ª, fl. 65, col. 1.ª, e fl. 69, col. 1.ª)

Veja-se outro, dado a 6 de abril de 1198, por D. Sancho I, confirmado em Guimarães, por D. Affonso II, a 4 de junho de 1218. (Maço 9.º de foraes antigos, n.º 12. — Veja-se mais outro foral, dado no mez de junho de 1257, por D. Affonso III, no Maço 9.º dos mesmos foraes antigos, n.º 8, fl. 11, e no liv. de foraes antigos de leitura nova, fl. 107, col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 47 v., col. 1.ª)

—

Está situada em um alto, e seu territorio, a 3 kilometros da margem direita do rio Távora, posto ser excessivo, é muito saudavel. Da villa, e, principalmente, do logar chamado *Praça dos Mouros*, que lhe fica sobranceiro, se gosa um vasto horisonte, e se vêem muitas povoações da Beira-Alta e de Traz-os-Montes, sendo as principaes — Donêllo, Provezende, Celleirós, Taboaço, Paradella, Chavães, Riodades, Sendim, Villar; e as serras do Marão e Estrella.

A villa não tem bellezas que surprehendam, mas é uma povoação bonita, com boas casas, de familias nobres e ricas, avultando entre aquellas, as dos srs. Azevedos, e o Sanctuario que lhes pertence, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção e dos Santos Martyres—um dos mais notaveis da provincia, e mesmo do reino. Foi fundado pelos annos 1750, pelo doutor José d'Azevedo Vieira, cavalleiro professo, da ordem de Christo, desembargador da relação do Porto, capitão-mór e senhor dos direitos reaes d'esta villa, de Riodades e Valle de Penella, fidalgo cavalleiro, etc.

Era filho de Sebastião Vieira da Silva, descendente de Alvaro Pires, corregedor da côrte de D. Affonso V, e de D. Luiza d'Azevedo, filha de Thomé d'Azevedo, sobrinho de D. Acurcio de Santo Agostinho, fundador do collegio da Sapiencia em Coimbra, e geral dos conegos regulares: era descendente dos Sousas, da casa da Barca, e dos senhores do couto d'Azevedo, solar d'este appellido, e das villas e terras de Bouro, Riba-Homem, Jalles, Aguiar da Pena, S. João de Rey, etc.

Em agosto de 1699, casou José de Azevedo, n'esta villa de Paredes, com sua prima,

D. Luiza da Costa, filha de Francisco da Costa Rebello e de D. Bibiana da Fonseca, da mesma villa, descendentes dos restauradores de Portugal, que ajudaram o conde D. Henrique e os nossos primeiros reis a expulsar os mouros, e lhes tomaram muitas terras, villas e praças, sendo uma d'ellas esta mesma de Paredes, como se vê do timbre das armas d'esta casa — *duas chaves* — symbolisando as chaves d'esta praça, tomada por elles aos mouros, batendo-se como heroes ao lado dos dois valentes caudilhos dos christãos, ascendentes dos Távoras — D. Thedon e D. Rauzendo.

Diz-se que os donos d'esta casa ainda possuem as proprias chaves de ferro, tomadas com a praça, aos mouros.

José d'Azevedo, depois de exercer altos cargos em Lisboa, Porto, Coimbra, Lamego, Barcellos, Villa do Conde e Aveiro, recolheu-se a esta sua casa de Paredes, e pôz o remate á sua capella e Sanctuario, onde collocou os corpos inteiros dos santos Felix e Paulo, com *mil setecentas setenta e uma reliquias*, todas diversas, que obteve do papa Bento XIV (por intervenção do famoso cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa), sendo a sua dedicação celebrada a 24 de setembro de 1746, com pompa extraordinaria e numeroso concurso de fieis, obrigando o dito senhor ao culto d'este sanctuario os seus bens e morgado, e os direitos reaes de Paredes e seu termo, com prévia auctorisação d'el-rei D. João V.

A capella d'este sanctuario é de granito, primorosamente trabalhado, e a cruz que a decora tem ornatos de muito merecimento e primor. É a mais bonita cruz de pedra, que ha em toda a provincia.

No alto do throno, ha um quadro a oleo, representando a Assumpção de Nossa Senhora; dizem ser pintura original, e valer mais de quinhentos mil réis, apezar de ter pequenas dimensões.

É este sanctuario isento da jurisdição parochial e episcopal, por breve de Bento XIV, de 15 d'agosto de 1747, e n'elle o unico ordinario é o romano pontifice e o seu nuncio em Portugal. Os capellães são livremente nomeados pelo padroeiro, e quanto ao serviço do culto, ficam isentos do bispo da diocese, e sujeitos só ao papa; podendo inclusivamente, sem licença do seu bispo, annunciar e publicar quaesquer graças, privilegios e indulgencias que forem concedidas ao sanctuario.

Só no primeiro anno da sua dedicação se celebraram alli mais de mil missas, sendo 47 solemnes.

São extraordinarias as indulgencias concedidas por diversos pontifices a este sanctuario, e que podem lucrar os fieis em muitos dias de todos os mezes do anno, e indulgencia plenaria a 2 de fevereiro, 3 e 24 de junho, 15 de julho, 15 d'agosto e domingo immediato, 8 e 24 de setembro, domingo 2.º d'outubro e 8 de dezembro.

O altar-mór é privilegiado *in perpetuum*, e n'elle póde conservar-se e expôr-se o Santissimo, á vontade do padroeiro e capellães.

Gosa tambem este sanctuario, como poucos, o titulo de *pontificio* e *real*, como provam as armas abertas em granito, que se vêem na frente da capella, e n'ellas o brazão dos Azevedos, formando um todo com as armas reaes e pontificias.

É finalmente este sanctuario, um monumento notavel da piedade, riqueza e valimento d'uma nobre familia, e da generosidade dos nossos reis e dos romanos pontifices.

Ha muitos annos que esta capella e casa contigua, (denominada — *quinta d'Azevedo*), teem estado entregues a caseiros, porque seu dono e penultimo representante, o sr. Marianno de Lemos d'Azevedo Carvalho e Souza, residia na sua casa e quinta do Ribeiro (hoje na sua formosa vivenda de Villa Nova d'Ourem), e por isso o culto do sanctuario tem estado amortecido; mas hoje, por cedencia de seu irmão mais velho, o sr. Marianno de Lemos, esta casa pertence ao sr. Antonio de Lemos Azevedo, que aqui habita (casado e com successão), e melhores dias vão por certo raiar para o sanctuario.[1]

[1] Concluirei por consignar um facto interessante: todos os annos affluem ao sanctuario, vindo por vezes de distancias consideraveis, pessoas e gados mordidos por cães hydrophobos, e alli comem pão benzido com as

Esta freguezia é fertil. Produz cereaes com abundancia, algum vinho e azeite, e cria bastante gado lanigero; o vinho porém é aspero, excepto o da margem do Távora, onde tem bonitos vinhedos, mas em pequena extenção, porque a maior parte das margens do Távora, nos limites d'esta freguezia, são incultas e escalvadas, e um acervo de penedos, principalmente defronte dos castellos dos Cabris, que ficam na margem fronteira, nos limites da freguezia de Sendim. (Vide *Cabris* e *Sendim*.)

É antiquissima esta povoação, e na eminencia contigua, tiveram os mouros (e talvez já os godos e romanos) uma fortaleza importante, da qual se véem ainda imponentes ruinas.

Esta parte da provincia da Beira-Alta, é muito penhascosa e accidentada, e a cada passo por alli se encontram ruinas de castellos e sitios muito defensaveis, mas poucos tão bem talhados, como aquelle, para uma grande fortaleza, e creio que o emir ou rei de Lamego não tinha outra mais consideravel no seu districto. Foi-lhe tomada por astucia e surpreza em uma manhan de S. João, como escreveram fr. Bernardo de Brito e outros, e como é voz constante ainda entre os povos d'aquelles sitios.

Quando D. Thedo (ou Thedon) e D. Rauzendo, ascendentes dos Tavoras e descendentes dos reis de Leão, batiam com denodo e vantagem os mouros no reino de Lamego, e já lhes haviam tomado muitas terras e castellos, não podendo arrostar com esta praça, como bons guerreiros que eram, appellaram para a astucia, e sabendo que elles na manhan de S. João, corriam todos em tropel a banhar-se, muito calculadamente se emboscaram, e quando os mouros de Paredes da Beira, despreoccupados e alegres, se banhavam no Távora, cahiram sobre elles e os trucidaram; e correndo logo á praça, que ficára quasi sem guarnição, a tomaram, sendo tal a matança, no valle por onde desceram a banhar-se no Távora, e onde se empenhou mais rija a lucta, que (diz a tradição local) se contavam depois da batalha mouros mortos aos mil, e por isso se ficou denominando aquelle sitio — *Valle-de-a-Mil* — nome que ainda hoje conserva.

Fui *com imminente risco de vida* — até o terceiro dos celebres castellos dos Cabris — estive em Paredes da Beira — visitei as ruinas da antiga praça — vi de perto o *Valle a Mil* (ou *valle d'Amil*), e não tenho duvida em affirmar, que tudo o que li e ouvi, e que aqui fica narrado, se conforma perfeitamente com a inspecção local.

Além da casa e capella dos Azevedos, ha aqui hoje dois predios notaveis — o 1.º é da familia Nunes, edificio elegante e vasto, mandado fazer em 1862 a 1864, por o sr. José Nunes dos Santos, rico negociante: hoje é propriedade da viuva e filhos. É uma das melhores casas d'esta comarca. O 2.º, é do reverendo José Maria Amado de Figueiredo, um dos homens mais energicos e trabalhadores que ha n'esta freguezia.

Quanto a templos, além do sanctuario descripto, merece especial menção a egreja matriz, pela sua antiguidade e pelo primor d'arte e subido preço da capella-mór, ricamente decorada com obra de talha, sendo o tecto apainelado e cheio de figuras de santos, pintados a oleo, sobre madeira, obra de muito merecimento.

Esta egreja era da apresentação dos condes de Marialva; depois foi apresentação da universidade, e foi esta que mandou construir a capella-mór actual, não se sabe precisamente em que data, mas julga-se que seria no seculo XVII. O corpo da egreja é antiquissimo, e suppõe-se ter sido mesquita dos mouros.

—

Quando em 1869 se alinhava o adro e se abriam os alicerces da nova sacristia, encontrou-se junto á porta lateral, do lado do nascente, uma sepultura formada por uma grande pedra.

Tambem se nota, que as paredes do corpo da egreja foram accrescentadas em altura e comprimento, não se sabe quando; o que leva a crer que a egreja primitiva era mais pequena, mas antiquissima.

reliquias, não havendo memoria de caso algum de hydrophobia perigosa, em pessoa ou animal, que alli tenha hido e comido o dito pão.

Além da confraria do Santissimo, houve n'esta egreja duas irmandades—uma das Almas e outra do Santissimo Sacramento, mas o egoismo e a ignorancia acabaram com ellas; caracteres mais zelosos, porém, hoje (1876) se empenham em as fazer resurgir.

É orago d'esta parochia, S. Bartholomeu, e aqui se fazem funcções religiosas esplendidas, supplantando Paredes da Beira, n'esta parte, todas as parochias circumvisinhas.

Este beneficio é reitoria; póde orçar-se o seu rendimento em 300$000 réis, e é aqui parocho actual o reverendo João Antonio de Barros Nobre, de Távora, pessoa de muito merecimento.

Esta parochia podia, e devia ser, uma das mais ricas em instituições de piedade e beneficencia, se se aproveitasse convenientemente a legislação em vigor, applicando-se para um d'estes estabelecimentos o producto das rendas de vastos terrenos do municipio, pois que possue grande quantidade d'optimos lameiros ou prados publicos, terreno baldio, ou logradouro commum, cuja utilidade é quasi nulla, comparada com a que d'elles se podia auferir. Ainda em 1866, quando o governo pediu informações para a creação das parochias civis, foi o valor d'aquelles lameiros calculado em *quinze contos* de réis. Em breve desapparecerá tão vasto como fertil chão, porque os proprietarios visinhos o vão cerceando escandalosamente!...

Só em junco, de que se faz grande uso na empa das vinhas do Douro, se podia apurar n'aquelles pantanos mais de trezentos mil réis por anno!...

E quantos terrenos semelhantes ha ainda no nosso paiz, egualmente desaproveitados?

É innegavel que o progresso material tem sido entre nós muito sensivel nos ultimos annos; mas é tambem innegavel que a nossa agricultura, principalmente, tem sido muito descurada, e está ainda atrasadissima, sendo aliás o nosso paiz—*essencialmente agricola!*...

—

É evidente que estes sitios foram em tempos antigos, julgados de muita importancia militar, pois nada menos de sete castellos ou fortalezas, se encontram, a pouca distancia. São os seguintes:

1.º—*Castello Velho*, ao O., proximo do rio Távora.

2.º—*Castello da Chan de Morganho*, ao N., no sitio das *Cárvas*.

3.º—*Castello de Nossa Senhora*, a E., e o principal de todos. O seu antigo nome era—*Castello da Fraga d'Alcaria*, sem contestação, arabe, pois todos sabem que *Al-Caria*, é palavra arabe, que significa villa, aldeia, povoação.—Os arabes a tomaram do hebraico *Quiria*, que tem a mesma significação.

4.º—*Castellinho*, ao S., proximo a *Valle de a Mil*.

5.º—*Castello de Reborêdo*, ao E., no cume da serra do mesmo nome.

6.º—*Castello do Outeiro Alto*, ao N.

7.º—*Castello da Chan de Trovisco*, ao E. N. E.

—

No sitio das *Moitas*, limites d'esta freguezia, ha vestigios de uma antiquissima capella, que fôra dedicada ao martyr S. Sebastião. Fica a um kilometro da egreja matriz.

Chegava até aqui a primitiva povoação, que, segundo a lenda, se denominava *Cidade do Sol*.

Consta que n'este sitio estavam os paços do concelho, cadeia, pelourinho, fôrca, e mais distinctivos autonomicos d'esses tempos.

Diz-se que foi D. Fernando III (*o magno*) de Castella e Leão, bisavô de D. Affonso Henriques, que elevou esta povoação á cathegoria de villa, pelos annos de 1040; e que por haver já então por aqui muitas ruinas de edificios antigos, causadas pelas constantes guerras entre christãos e mouros, aquelle monarcha lhe dera o nome de *Paredes*, que ainda conserva.

Diz-se de um edificio arruinado—*já não tem senão as paredes*.

Os antigos designavam as casas n'este estado, pelo substantivo *paredeiro*, de que nós fizemos *pardieiro*.

E' provavel que todas as *Paredes* tenham o seu nome por esta circumstancia.

Foi este territorio resgatado do poder dos arabes, no principio do seculo XI, por uns fidalgos que fundaram o seu solar na *Quinta da Torre das Pedras*, hoje *Quinta d'Azevedo*, que D. Affonso VI, lhes deu, em premio dos seus serviços.

O conde D. Henrique lhes deu fôro de fidalgos, que o rei D. Manuel confirmou aos seus descendentes, no principio do seculo XVI.

O primogenito d'esta casa, foi, até 1808, senhor donatario de Paredes, Valle de Penella, e Riodades.

Não podia casar, sem provisão do rei.

Ainda até 1820 recebia os *direitos reaes* d'aquellas tres povoações, e gosou outros muitos privilegios, isenções e regalias, que não acabaram.

—

Em um campo da familia Aguiar Alves, vê-se um porco de pedra, antiquissimo.

Foi achado no sitio do tanque da Ceara, á entrada da villa.

E' provavelmente *memoria* de algum facto aqui acontecido em tempos remotissimos, de que não ha tradição—ou serviu de termo a alguma propriedade ou territorio.

O povo rustico, na sua ignorancia, diz que era um *idolo dos mouros*.

Todos sabem que os arabes não eram idolatras.

E' tradição que esta villa chegou a ter, em tempos antigos, 1:500 fogos, occupando uma area muito mais vasta.

Encontram-se ainda espalhados pelas immediações da villa, varios alicerces de edificios, e a um kilometro da egreja parochial, ha o sitio ainda chamado *Valle de Villa*.

—

Fica esta povoação ao N. de Reborêdo (ou *Roborêdo*) sobre o dorso de uma quasi continuada cordilheira, e ainda que, como já disse, o seu clima é tão frigido no inverno, como ardente no verão, a terra é bastante fertil, sobre tudo em centeio, trigo, linho e batatas.

—

A egreja parochial, cuja primitiva fundação é anterior á monarchia, está bem conservada, em rasão das reedificações, e é um bom templo.

Os seus reitores apresentavam o cura de Riodades.

Tem uma bôa residencia do parocho, devida aos cuidados do actual, que tambem é professor régio.

Junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario, da matriz, foi sepultada em 8 de janeiro de 1743, D. Luiza da Costa, que foi senhora de extremadas virtudes.

Era ascendente da nobre familia Costa Azevedo, e se crê que o seu corpo se conserva inteiro e incorrupto.

Era da familia de D. Jorge da Costa, o famoso *cardeal de Alpedrinha*, e foi casada com o desembargador, José d'Azevedo Vieira (de que já fallei) descendente dos Souzas, da Barca, dos senhores do couto de Azevedo, e de Alvaro Pires.

Tenho documentos que provam descender esta familia, do rico-homem, D. Arnaldo de Bayão, e a ella pertencem os srs. Azevedos, Souzas, Costas, Lemos, e Fonsecas.

O actual primogenito da familia da quinta de Azevedo, é o sr. Marianno de Lemos e Azevedo, residente na sua linda casa de Villa Nova d'Ourem.

E' seu irmão 2.º, e vive em Paredes, na sua quinta, o sr. Antonio de Lemos e Azevedo.

Teem duas irmans—a sr.ª D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, casada com o sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, da quinta da Fareginhas (Castro-Daire)—e a sr.ª D. Henriqueta Augusta de Lemos e Azevedo, esposa do sr. José de Souza Rebello da Costa Azevedo, de Riodades.

São todos pessoas de esclarecida nobreza, e geralmente amados e respeitados pela sua honradez e probidade.

Na capella de que já fallei, da quinta de Azevedo, foram collocados, em 24 de setembro de 1746, os sagrados corpos dos santos martyres, Felix e Paulo (d'esta familia, mortos em Africa) com mais 1771 reliquias e um boccado do *Santo-Lênho*.

Os papas, Urbano VIII, Benedicto XIV, e seus successores, concederam ao Santuario de Nossa Senhora da Assumpção, muitos e valiosos privilegios—entre elles os seguintes:

E' da exclusiva administração dos seus padroeiros (varão ou femea) descendentes do seu fundador.

(Hoje é o dito sr. Antonio de Lemos Azevedo.)

E' livre da gerencia episcopal e parochial—superintendendo immediatamente o pontifice, ou seu legado, em Portugal.

O altar-mór é quotidianamente perpétuo e privilegiado, para qualquer alma, por quem se disser missa.

Tem grande cópia de indulgencias, plenarias, totaes e parciaes.

Finalmente, este Sanctuario, é uma perenne fonte de bens espirituaes.

Todos estes privilegios e a maior parte das reliquias, foram obtidas por D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha.

No templo se veem entrelaçadas as armas dos pontifices que lhe concederam tamanhos privilegios, com as dos reis de Portugal, e as dos Azevedos, Souzas, Costas, Fonsecas e Vieiras.

A architectura d'esta capella, é de um mimo e delicadeza surprehendentes.

Tem um quadro a oleo, apenas de uns 60 centimetros de comprimento, e 40 de largura, de muito merecimento.

Ainda ha poucos annos, um entendedor, dava por elle 600$000 réis.

A cruz que decora a frente da capella, é de granito, com ornatos primorosissimos.

As armas dos Lemos, teem tambem duas chaves, em memoria da tomada d'esta villa, aos mouros.

—

Segundo a lenda, um alcaide mouro, residente no castello de Valle de Amil, era senhor da villa de Paredes, a qual lhe pagava de fôro, em cada anno, uma das mais formosas donzellas da villa e seu termo.

Combinados os christãos, no maior segredo, mandaram por tributo d'aquelle anno, ao mouro, um gentil mancebo, ainda inberbe, ascendente dos senhores da quinta de Azevedo, vestido de mulher.

Este levava escondido sob os vestidos, um punhal, com que matou o mouro, acabando não só com o ignominoso tributo; mas até com o dominio mauritano, n'esta terra.

(Outros dizem que o alcaide foi degolado com uma espada, que o jovem achou no castello mourisco.)

Diz-se que ha documentos que attestam este facto, no archivo da torre do tombo.

Haverá; mas estou convencido que isto não passa de uma lenda, pouco verosimil.

—

Tenho em meu poder as genealogias dos differentes ramos da nobilissima familia da quinta d'Azevedo, d'esta freguezia.

Não as posso publicar aqui, não só porque faria o artigo muito extenso; como tambem porque, sendo as palavras que teem o P por inicial, muitas, o que decerto formará um grosso volume, por ter de hir junto com o N e o O—vejo-me obrigado a passar tudo quanto, sem inconveniente, poder ser, para outras letras—do que avisarei o leitor.

Estas genealogias pois, hirão em *Sediéllos*, *Serra* (Lourosa da) e *Varzeas*.

—

No alto de uma serra, no sitio chamado *Castello-mór*, ou *Castello da Montanha*, ao N. da villa, está a capella antiquissima, dedicada a Nossa Senhora da Alegria.

Não se sabe quando nem por quem foi fundada.

D. Rauzendo e D. Thedon (irmãos) conquistaram esta villa e o seu castello, aos mouros, na madrugada de 24 de junho de

1037 — (outros dizem que foi no anno de 1062.) Conta-se o caso do modo seguinte:

Sabendo aquelles dois fidalgos, que os mouros de Paredes, costumavam ir banhar-se ao Távora, na manhan de S. João Baptista, se vestiram de mouros, bem como os seus soldados, e se foram emboscar, durante a noite, em sitio asado, nas proximidades da povoação.

Sahiram os mouros ao romper da aurora, e os christãos, depois de lhes darem tempo de estarem a conveniente distancia, entraram na villa, que tinha as portas abertas, e mataram quantos inimigos encontraram, sem resistencia.

D. Thedon, ficou com parte dos portuguezes na villa, e seu irmão foi com o resto, em demanda dos mouros, ás margens do Távora; mas estes, que estavam bem armados, e previnidos pelos que poderam fugir da villa, e aos quaes se tinham reunido outros, dos povos visinhos, se bateram com muita bravura, e teriam derrotado D. Rausendo, se seu irmão não viesse da villa em seu soccorro.

Os mouros oppozeram tambem a este, bravissima resistencia, não o querendo deixar atravessar o rio, mas o portuguez, mesmo sobre o cavallo, a nado, no meio do Távora, fazia nos inimigos horrorosa carnificina, passou o rio, e unido a seu irmão, derrotou e poz em fuga os mouros.

D'esta victoria, tomarm os dois por appellido *Távora*, e por armas um golphinho sobre as ondas, e estas armas usaram seus descendentes, até á extincção d'esta nobre familia, em 1759. Vide *Chão-Salgado.* [1]

PAREDES — Vide *Guardão.*

PAREDES — logar, Beira-Alta, freguezia de S. Martinho de Mouros. (Vol. 5.º, pag. 110, col. 2.ª) — É logar muito antigo, que já existia em 1105, pois n'esse anno, Egas Moniz e sua mulher, D. Dórdia, alli compraram uma herdade a João Sonillo e sua mulher, Elvira.

PAREDES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa.

[1] Peço desculpa da repetição innevitavel d'esta tradição.

Tinha em 1757, 47 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parada apresentava o cura, que tinha 6$300 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, unindo-se á de Parada, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e bispado.

PAREDES DE VIADORES (ou *Veadores*) — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca e concelho — extinctos — de Soalhães, e mais antigo — concelho de *Bem-Viver*), 45 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago, S. Romão.

Bispado e districto administr.º do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho, de Villa-Boa do Bispo, apresentavam o abbade, collado, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado e caça. Peixe do Douro.

A pouca distancia do logar de Paredes, está a capella de *Nossa Senhora do Gerez* (ou *Nossa Senhora de S. Gens*) fundada sobre o mais levantado sitio de um monte, que em tempos antigos se chamava de *S. Gens*, e hoje se chama *São Gerez.*

Esta ermida já em 1716 estava posta em grande esquecimento, e nem festa se lhe fazia.

Os dizimos d'esta freguezia, eram divididos em tres partes — duas para os referidos conegos de Villa-Boa do Bispo, e uma para o parocho de Paredes.

PAREDES DO BAIRRO — villa extincta, na freguezia de S. Lourenço do Bairro. — Vide esta palavra.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 20 de dezembro de 1519. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 244 v., col. 1.ª)

PAREDES DO RIO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, d'onde dista 12 kilometros ao O. — 60 ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa. Tem 40 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, Santo Antonio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O abbade de S. Thomé, de Parada do Outeiro do Gerez e o reitor de Santa Maria de Viade, apresentavam simultaneamente o vigario, collado, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

Parte dos dizimos d'esta freguezia, pertenciam ao abbade do Outeiro, e parte à commenda de Fiães do Rio.

Está situada na margem direita do rio Cávado, que corre ao S. da mesma, e nas faldas meridionaes, da cadeia de montes, que correm entre as serras de Larouco e Gerez. Confina pelo N. com a raia de Galliza.

O seu terreno, apezar de estar exposto ao S., em razão da sua altura é frio: apenas produz centeio, batatas, algum milho e fructas. Cria muito gado vaccum.

Esta freguezia foi unida à de Covellães, por decreto de 1855, conservando a mesma denominação.

PAREDES SÊCCAS — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 3 kilometros ao N. de Amares (foi da comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro), 15 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 47 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentáva o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Está situada esta freguezia, em terreno accidentado, nas faldas meridionaes do monte de Santa Cruz, ramo do Gerez. Produz todos os generos agricolas do paiz. Gado e caça.

Foi villa e couto, do mosteiro de Renduffe, e compunha-se este couto, de toda a freguezia de Paredes-Sêccas, e dos logares do Pomarinho, Faquiães, Portella do Valle, Monte, e Linharêlhos, que são da freguezia de Villela.

Tinha juiz no civel e orphãos, almotacel e provedor (feitos por eleição do povo) os quaes faziam correições e aforavam montados; e à sua ordem se faziam montarias, ás quaes concorriam os povos dos concelhos de Amares, Santa Martha de Bouro, e os coutos de Bouro e Renduffe; mas perderam essa regalia, por ter o juiz, José Martins, determinado uma montaria, em dia de feira nova.

Os escrivães eram de Santa Martha, onde pertencia o crime.

Até 1834, foi da comarca de Vianna, e até 1854, da comarca de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro.

Pelo centro d'esta freguezia, passa a antiga estrada romana, da Geira.

PARNAVAL, ou PERNAVAL—Serra, Beira-Alta, ramo da Gralheira, 20 kilometros a O. de Lamego. (Vide *Gralheira.*)

Diz-se vulgarmente *Parnaval*, mas é corrupção de *Perna-Vale*. Poz-se-lhe este nome, em razão da sua escabrosidade; como quem diz—«Aqui só a perna vale»—ou—«é preciso ter boas pernas, para subir aqui.»

Está grande parte do anno coberta de neve.

PARREIRAS, ou PORREIRAS—freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Coura, 50 kilometros ao N.E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O parocho é abbade, collado. Era apresentado a *tres vozes*, a saber—a casa do infantado, as freiras de Santa Anna, de Vianna, e a casa de *Boi-Monte*, da freguezia de Formariz.

É terra pouco fertil, e muito fria. Cria bastante gado, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

O verdadeiro nome d'esta freguezia, é *Porreiras*, portuguez antigo, hoje fóra do uso. Por decencia, deram-lhe modernamente o nome de *Parreiras*, que é improprio; pois não exprime o sentido do seu antigo nome, que significava—terra semeada de *porrêtas (alhos pôrros)* de que antigamente se fazia caldo, guizado, e sallada. Outros dizem que *porrêtas* eram acelgas. O sr. J. Pedro Ribeiro, diz que é mais provavel serem cebôllas.

PARRICIDIO—o crime mais grave que póde perpetrar o homem allucinado.

Em quasi todos os paizes foi sempre, e ainda hoje é, este crime monstruoso, castigado com as penas mais severas.

Em as nações em que a pena de morte está abolida, não é, nem póde elle ser punido com penas mais severas do que as impostas ao crime de assassinio com premeditação e com outras circumstancias aggravantes — degredo perpétuo com trabalhos.

Do illustrado *Jornal da Noite* n.º 1549, extrahi o seguinte:

As leis romanas ordenavam que o reu condemnado pelo crime de parricidio, fosse lançado ao rio com a cabeça coberta e o corpo contido em um sacco de couro.

Algum tempo depois da lei das doze taboas, a punição dos parricidas foi aggravada, e determinou se que no sacco em que fossem lançados os reus ao rio, se mettesse um cão, uma vibora e um macaco, com o fim de augmentar o suppliclo com a sanha e furia d'estes animaes.

No tempo do imperador Adriano legislou-se, que os parricidas fossem queimados vivos ou expostos ás feras.

No Egypto o réu era condemnado a ser varado com canas ponteagudas, que lhe cravavam em todas as partes do corpo, e n'este estado era lançado sobre um monte de espinhos a que se lançava o fogo.

Em França o parricida era condemnado a penitencia publica, a ter o punho cortado, a ser esquartejado vivo, e lançado ao fogo.

PASCHOAL — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de *Abravezes*, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Viseu. (Vide *Abravezes* e *Moinhos do Pintor*.)

Fica esta aldeia a pouca distancia—a N.O. —do logar de Abravezes.

A uns 150 metros de Paschoal, no alto de um monte, de pouca elevação, se fundou uma ermidinha, dedicada a Nossa Senhora da Esperança.

Pelos annos de 1620, hindo em visita áquelle logar, o bispo de Viseu, D. João Manuel, e achando a ermida muito arruinada, decidiu reedifical-a, e, em razão do nome da aldeia, fazer a festa á padroeira, pela Paschoa da Resurreição, dando á nova padroeira a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres.

Mandou demolir a frente da antiga ermida, construindo-se um arco, e o corpo da egreja, ficando a antiga ermida servindo de capella-mór.

No altar-mór, foi collocada a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, e em um lateral, a da antiga Senhora da Esperança.

Passados tempos, os moradores de Paschoal erigiram uma irmandade á Senhora, composta não só de pessoas da aldeia, mas tambem das povoações em redor, e da cidade de Viseu. Os seus estatutos, foram approvados em março de 1656, pelo provisor, em Sé vacante.

Tinha cem irmãos e dez irmans donzellas, ou viuvas honestas, e todos os clerigos que, por devoção, n'ella quizessem entrar.

Em 1672, foram reformados os estatutos, e se ordenou n'elles, que, em todos os dias de Nossa Senhora, se dissesse missa, e em dia de S. Simão; todas applicadas pelos irmãos vivos e defunctos.

Foi crescendo a devoção do povo para com esta Senhora, e em 1694 se augmentou a irmandade, ficando formada por 150 irmãos, reduzindo-se os tres officios que até então se faziam, a 60 missas.

Para serem admittidos a esta irmandade, se submettiam os pretendentes a rigorosa inquirição, para se provar que não tinham sangue de mouro ou judeu.

Tem esta irmandade muitas indulgencias, que lhe concedeu o papa Alexandre VII, as quaes foram publicadas em 1658.

Os seus rendimentos, são as offertas e esmolas do povo, e os *annuaes* dos irmãos, que cada um dá annualmente 120 réis; mas a festa da Senhora, é feita á custa do juiz e mordomos.

PASSADA—portuguez antigo—primeira permissão tacita, passe, connivencia, disfarce, consentimento, etc.

PASSADA—portuguez antigo—*passo* ou *passal*—medida de longitude—eram 4 palmos ($0^{m},88$).

PASSAES — portuguez antigo — recinto, (conchouso ou quinchôso) ou terra d'horta

junto das egrejas parochiaes, que servia para horta, pomar e logradouro, dos parochos curas ou capellães.

Estas cêrcas, eram no seu principio mais pequenas, e se lhes dava o nome de *dextros*. Nos concilios se chamavam *Sacrarium Ecclesiae*.

No concilio de Valhadolid (1144) se diz que estes *dextros* ou *passaes* se estendiam até 30 passos geometricos em redor das egrejas matrizes.

Eram tão respeitados estes dextros, que tinham privilegio de *couto do reino*, ou de *homisiados*. Este privilegio foi concedido aos passaes pelo concilio de Coyança—o que consta do *Livro Preto* de Coimbra, fl. 259 a 260 e fl. 285.

Os passaes de 30 passos eram os das egrejas de 2.ª ordem; porque os das cathedraes eram maiores.

No concilio de Oviedo (1115) se assignaram 70 passos em redor das egrejas, para serem considerados *asylos* ou *coutos do reino*.

Note-se porém que ficava ao arbitrio do povo, ou do devoto que doava ás egrejas o terreno para os passaes (e para as *cêrcas* dos mosteiros, que tambem se chamavam dextros e eram coutos) a maior ou menor extensão. Se excedia os 30 passos (que parece era o minimo do dextro) gosava tudo os mesmos privilegios.

Na larga doação que os fundadores do mosteiro de Arouca fizeram ao convento (951) diz-se—*Concedimus nos, famulos Dei, Ansur, et Ejeuva, ad ipsum Locum Sanctum, atque Sancto Altario jam supra nominato XII.m passales pro corpora sepeliendo, et 2XXII° passales pro tolerantia Fratrum.*

Eram pois 12 passaes ou passos, para cemiterio e 72 (já disse em outra parte, que 2 valia antigamente, na conta romana, 50) *para os frades haverem pelas suas mãos vestidos e mantimentos*. Na mesma accepção se emprega nas repetidas doações que a familia Soares fez ao mosteiro de Grijó (Vol. 3.º, pag. 322, col. 2.ª e seguintes.)

Muzara e Zamora, tendo fundado o mosteiro de S. Pedro de Cêtte, o dotaram, em 882, dando-lhe, além dos dextros—*duodecim passales pro corpora tumulandum, et septuaginta, et duos ad tolerandum fratrum, adque indigentium*. (Doc. original do collegio da Graça, de Coimbra.) Vinham a ser ao todo, 84 passos em giro da egreja e mosteiro. (Vide tambem *Souzellas*.)

PASSAES—temos visto pelo artigo antecedente, a origem da palavra *passal*—que vem a ser—*passos em redor de egreja, para logradouro do parocho*.

Quasi todos os passaes das egrejas procedem, ou de doações particulares, ou—e mais geralmente—de compras feitas pelos parochianos. Rarissimos são provenientes de doações regias.

—

Hoje, que está em afanosa execução a lei de 24 de agosto de 1869, para a rapida *desamortisação* dos passaes (o caso urge) cumpre-me dizer alguma cousa sobre o objecto.

Não tendo conhecimentos sobre o *Direito ecclesiastico*, e tendo apenas lido superficialmente os concilios, não estou habilitado para fallar *ex cathedra*, sobre a materia; porém, mesmo que tivesse profundos conhecimentos, expenderia a minha opinião com a maxima simplicidade, para que o povo facilmente me comprehendesse.

—

A *desamortisação* dos passaes, é um acto tão illegal, tão arbitrario, e tão sacrilego, como a venda dos mosteiros, cêrcas, e mais propriedades e rendas dos frades. Nenhum governo tem o minimo direito sobre estas propriedades, que, por todas as leis divinas e humanas, são da exclusiva posse do parocho.

Todas as residencias são proximas ás egrejas a que pertencem, para que os parochos estejam promptos, a toda a hora do dia e da noite, para a administração dos sacramentos, aos moribundos.

Expulso o parocho da casa que o povo lhe deu, hade sujeitar-se a residir onde achar casa para alugar, qualquer que seja a distancia da sua egreja.

Soffre o parocho, e ainda mais os freguezes, que terão de andar de Herodes para Pilatos.

E quantas vezes morrerão os doentes sem sacramentos, por não vir o parocho a tem-

po, em razão de ter de precorrer um longo trajecto?

Supponhamos que o doente está moribundo, e móra ao pé da egreja, e o parocho a grande distancia d'ella. Antes de vir este, tem o desgraçado doente tempo de morrer umas poucas de vezes.

Já se vê que, mesmo que se acredite no pagamento dos juros dos taes *titulos de divida publica*, por muitos annos (no que ninguem crê) presistem os mesmos transtornos.

A historia dos titulos que se dão aos parochos esbulhados violentamente do que era seu, não passa de uma *historia;* e hade acontecer-lhe, nem mais nem menos, como aconteceu aos frades.

A estes, prometteu-se-lhes uma mensalidade de 12$000 réis, que nunca viram.

Houve depois o famoso *ponto*, em 1842, e, quando metade dos frades já tinham morrido de fome, reduziram a mensalidade a 6$000 réis, mal pagos.

Supponhamos, por um momento, que o *actual* governo tem tenção de pagar os juros aos parochos, com a maxima pontualidade.

Quem nos garante a *eternidade*, nem mesmo a *diuturnidade* de governos que queiram pagar estes juros?

Bem sabemos que qualquer governo que não queira pagar, não paga.

Supponhamos ainda, que este governo e os futuros desejam pagar — se houver uma bancarrôta (para a qual se corre a passos de gigante) quem hade sustentar os parochos?—o povo que já lhe tinha dado os passaes!

O povo, se quizer ter parochos; porque o governo, deixando de pagar a *classes* de que depende a sua conservação no poder, menos decerto pagará ás *classes* de que não depende.

Já veem os nossos leitores que, abstrahindo das leis ecclesiasticas, determinações de concilios e constituições dos bispados, que todas impõem graves penas aos usurpadores de bens da Egreja — e guiando-nos pelas leis civis de todas as nações cultas, e mesmo pelo direito natural, a venda obrigatoria dos passaes, constitue uma verdadeira expoliação, não só contra o codigo civil portuguez; mas até mesmo contra a expressa determinação do artigo 145, e o § 21.º da Carta constitucional, que garante a todo o cidadão portuguez, o direito de propriedade.

As nossas *Ordenações do Reino*, tambem positivamente determinavam que—*ninguem fosse obrigado a vender o seu herdamento.*

O excellente jornal catholico—*A Palavra*—tem publicado varios artigos sobre a materia, que são irrespondiveis.

Do seu n.º 1043, extrahi o que se segue:

Ha ahi quem sustente que as penas ecclesiasticas fulminadas pela Egreja contra toda a casta de usurpadores de bens da Egreja não teem applicação para o caso de serem elles sobrogados, trocados ou permutados por esses titulos de divida publica.

Nós sustentamos e temos sustentado que não: aliás bem facil fôra illudir essas leis da mesma Egreja, que teem por principal fim garantir-lhe a conservação da sua propriedade.

A questão está affecta ao tribunal competente, que hade dizer a ultima palavra, e destruir o que aos olhos de quasi todos os que podem fallar com mais ou menos auctoridade e conhecimento de causa sobre a materia se afigura méro sophisma.

Nós entretanto continuaremos a defender, quanto em nós cabe, os direitos da Egreja, e apresentamos hoje a nossos leitores o seguinte extracto de um opusculo do immortal Balmes, sobre a desamortisação dos bens do Clero, em Hespanha, a cuja desamortisacão deve o mesmo Clero, desde a revolução de 1869, estar privado de seus rendimentos, havendo soffrido fome muitos ecclesiasticos, chegando a esmolar um bocado de pão não poucos, e alguns perecido quasi á mingua.

O opusculo de Balmes foi escripto em 1840, mas quasi tudo o que n'elle se diz se póde applicar tambem a nós, e nos serve para nosso intuito como se fôra escripto agora; senão vejam:

«Muito bem, dir-me-hão, não se trata de disputar ao clero este direito de propriedade, reconhecemos-lh'o, confessamos-lh'o: seus bens pertencem-lhe como aos outros cidadãos pertencem os seus, e com cavillações dolosas não tratamos de assentar uma doutrina que, levada de consequencia em consequencia, daria por terra com todas as sociedades e portanto com a sociedade inteira. O Estado não diz ao Clero: «isso não é teu é meu, e por tanto tomo conta do que me pertence;» mas diz-lhe: «eu necessito de teus bens, e por isso me apodero d'elles; o que tu podes fazer é exigir-me que te indemnise; assim o farei, tomo a meu cargo tua decente sustentação e cobrir as despezas do culto; deste modo attendo a minhas necessidades e não commetto injustiça alguma.»

Vejamos o que vale esta replica. A justiça e a equidade exigem que a expoliação seja precedida de indemnisação, e verificar-se-ha este requisito? a justiça e a equidade exigem que a indemnisação seja equivalente, e, além d'isso, certa e segura: e pode isto verificar-se?

Que vale a garantia do erário para assegurar a subsistencia de uma classe tão numerosa, rodeada de tantas despezas e necessidades?

Que vale para tamanho objecto uma garantia cuja efficacia está sujeita a todas as eventualidades de guerras, transtornos e outras calamidades publicas, cuja maior ou menor amplitude depende da vontade de um parlamento, mudavel por sua natureza, exposto a tão diversas influencias, e que por fataes combinações poderá ser mais que uma vez a expressão não da vontade de um povo grande e generoso, senão d'um partido mesquinho, d'uma acção turbulenta, perversa e irreligiosa? Que vale uma garantia cujo cumprimento podem embaraçar a impericia d'um ministro e até dos empregados inferiores de fazenda?

«Mas é uma garantia consignada na Constituição.» Embora; a Constituição não fixa, nem pode fixar as dotações; a Constituição não dispõe da vontade dos corpos collegisladores; a Constituição não é fiança da probidade e intelligencia do ministro da Fazenda e dos seus sobordinados; a Constituição não é garantia contra as guerras, contra a fome, contra as pestes e outras calamidades; a Constituição não póde sempre evitar as urgencias, os apuros, o esgotamento do thesouro.

Digamol-o e digamol-o em alta voz: a medida de despojar o Clero de suas propriedades, é um duro golpe descarregado sobre a religião. Verdade é que um simples lance d'olhos superficial, diminue sobre modo o aspecto d'este mal, chamando a attenção para a differença entre o temporal e o eterno; tambem eu invoco esta differença; desperta ella no fundo de minha alma consoladoras esperanças; tambem me faz sorrir de lastima, quando contemplo os vãos esforços do homem: porém eu não tracto de penetrar os segredos do Altissimo, não tracto de limitar sua Omnipotencia, nem de negar que tenha em suas mãos infinitos meios de salvar sua obra; só fallo quanto cabe nas considerações e conjecturas que podemos aventurar, nós os simples mortaes.

Querer comparar o Clero com a classe de empregados publicos, é esquecer inteiramente a natureza de suas funcções, é tratar de degradal-o, é mostrar empenho em procurar que elle não possa desempenhar as altas funcções do seu santo ministerio.

Não citarei a este proposito ninguem que possa ser taxado de apaixonado pelo Clero; só me valerei das mesmas palavras de Mendizabal ao apresentar ás côrtes o projecto da inteira expoliação do Clero.

«No empregado, dizia o ministro, basta que a recompensa assignada a seu trabalho chegue para satisfazer as suas necessidades. No Clero deve procurar-se, além d'isso, que não seja um mero assalariado, nem cuja existencia se ache tão subordinada e sujeita ao thesouro publico, que perca aos olhos do povo aquella santa independencia que convem á profissão augusta de reprehender o vicio e de dar lições de paz e confraternidade desde o throno até á cabana.»

Extranho parecerá talvez ao leitor que similhantes palavras saissem da bocca do mi-

nistro, no proprio acto de se empenhar por despojar o Clero; ahi estão os documentos; lêde-os; e o sr. Mendizabal é quem ha-de procurar pôr-se d'accordo comsigo mesmo. Eu pela minha parte acceito-lhe a confissão e agradeço-lh'a.

...Porém como por mais peregrina e ridicula que seja tal accusação (a de ser o Clero cubiçoso e interesseiro) tem chegado a ser por muitos acreditada, e gratuitamente inculcada, será bom que nos demoremos um pouco em acabar de dissipál-a, lançando mão d'algumas reflexões a respeito da natureza dos bens de raiz: d'este modo ficará manifestado que o Clero, procurando conserval-os, obedece a um sentimento o mais natural, o mais justo e o mais prudente.

Um instincto de conservação, commum ás classes, corporações, familias e individuos, os induz a trabalhar para collocar-se n'aquelle estado em que se realizem mais segura e vantajosamente as condições de sua subsistencia.

Um individuo, uma familia, uma corporação, uma classe tem suas necessidades; é preciso satisfazel-as; esse sentimento é vivo, continuo, estimulante; e n'elle se encontra a origem de tantos afans que os atormentam.

Porém não occupa sómente ao homem o cuidado de adquirir; aguilhoa-o não menos o receio de perder o adquirido; e desconfiado e snspeitoso em rasão das duras lições que de continuo lhe offerecem as vissicitudes humanas, esforça-se incessantemente por pôr suas riquezas a coberto dos azares que comsigo traz o curso dos tempos. Esta a causa porque o vemos com frequencia trocar suas riquezas por outras menos commodas e até menos productoras, com tanto que encontre na troca maior segurança, menos motivos de receio: e eis aqui porque os individuos e muito mais as familias e as corporações teem sempre uma irresistivel tendencia para a acquisição de bens de raiz; fazendo-se sentir mais essa inclinação nas familias e nas corporações, pela simples razão de que podem prometter-se mais largo praso de vida, e de que suas necessidades são mais amplas e duradoras.

Por pouco que se reflicta sobre esta materia, se verá desde logo a causa principal d'este anhelo pelos bens de raiz; e é serem estes bens os que offerecem mais garantias de invariabilidade e duração.

Um incendio consome em poucos instantes cabedaes immensos; n'um motim de poucas horas um populacho feroz, reparte, destroe, e desperdiça o fructo de largos suores, e lisongeiro resultado de especulações felizes; no meio d'uma guerra, uma erupção violenta do inimigo, destroe quantiosas riquezas industriaes e mercantis; e tanto entre inimigos como entre amigos, quem tem á mão muitas riquezas em dinheiro ou em especie de facil cambio, corre o perigo de estimular a cubiça, ou de chamar a attenção d'uma auctoridade em apuros, sendo victima de exacções desmedidas e violentas.

Muito se diminuem todos esses perigos, tractando-se da propriedade territorial; estavel por a sua mesma natureza, destinados seus productos a cubrir necessidades de si menos variaveis e menos sujeitas a repentinas mudanças, livre na sua maior parte de incendios, rapinas e saques, satisfazendo com suave regularidade as necessidades de seu dono, sem apresentar aquelle cumulo brilhante que é um incentivo para a rapacidade, que dá alento á crescida exacção e que mais d'uma vez induz o proprietario ao luxo e á delapidação; atravessa a propriedade territorial as epochas mais desastrosas; e ainda que os transtornos e guerras privem o dono da percepção d'algumas annualidades, conseguindo abrir no capital algumas brechas, estas reparam-se com o tempo; e a intelligencia na administração, a parcimonia nas despezas, tornam a levantar os proprietarios ao mesmo nivel em que antes estavam.

As revoluções e as guerras deixaram em pé muito pouca cousa na Europa, ha tres seculos a esta parte; e não obstante, as propriedades territoriaes teem em muitas partes resistido a tamanhas mudanças; não sendo raro encontrar algumas que ha seculos pertencem a uma corporação ou familia.

A que veem pois, as declarações contra o

pretendido apego do Clero a seus interesses, se, ainda prescindindo dos deveres que lhes impoem os canones—de procurar a conservação de suas propriedades—não faz mais do que obedecer a um instincto que não podem deixar de ter as corporações permanentes e até os individuos?...»

PASSAGEM — portuguez antigo — certa pensão muito frequente nos prazos da provincia do Minho e na Terra da Feira, desde o seculo XIII até ao XVI, a qual os emphiteutas pagavam, quando o rei passava de uma para a outra margem do Douro.

Só se pagava uma vez cada anno, qualquer que fosse o numero d'ellas que o rei passasse.

E de passagem, quando El-Rei passar, áquem Douro, uma vez no anno, hum maravedi. (Prazo de Vairão, de 1484.)

Em um prazo de *Lourido*, no logar de Tarouca, freguezia do Cerdal (comarca e concelho de Valença do Minho) feito em 1487, se diz—*Seis buzios e meio*[1] *de pão meiado, uma bôa gallinha, e tres reis brancos, quando El-Rei passar o Douro—e cinco de colheita ou visitação, para o bispo de Cepta* (Ceuta, Africa) *em cada um anno.* (Doc. do mosteiro de Ganfei.)

Se o infante (e depois principe) herdeiro da corôa, passava o Douro, só recebia metade da dita pensão—*E pagareis pasagem de El-Rei, 10 réis; e do Principee, cinquo.* (Doc. de Paço de Souza, de 1529.)—*Cinquo soldos pasando El-Rei a augua do Doiro — e, pasando o Infante, herdeiro, dois soldos e meio.* (Doc. da Universidade, de 1474.)

PASSAGEM — portuguez antigo — direito que pagavam os que passavam por alguma terra á qual este tributo se concedia.

Os excessivos abusos que n'isto se commettiam, deram causa a que semelhantes *passagens* fossem inteiramente abolidas. (Vide *Pena de sangue.*)

PASSAGEM SANTA (ou *Santa Passagem*) —portuguez antigo—Assim chamaram nos principios do seculo XIII, á mais piedosa que prudente expedição que se meditava para restaurar os *Logares Santos*, da Palestina.

Os que não queriam hir, davam esmola voluntaria, a que tambem se chamava *Santa passagem.* (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1313.)

PÁSSAMENTE—portuguez antigo—mansamente, em voz baixa, com brandura, devagar, a passo, etc.—*Estava entonce de giolhos ante ella e começava de lhe fallar passamente.* (Chron. de D. João I, parte 1.ª, cap. X—Fernão Lopes.)

PASSAMENTO—portuguez antigo—ainda muito usado — fallecimento, morte, passagem d'esta para a outra vida.

PASSAR—portuguez antigo—ainda usado —morrer, fallecer, etc.

PASSAR—portuguez antigo—fazer o contrario, contravir, desobedecer, á lei, quebrantal-a, etc.

PÁSSARA — portuguez antigo — perdiz. *Com fôro de um par de pássaras.* (Prazo de S. Pedro das Aguias, de 1444.)

PASSAREIRO—portuguez antigo—caçador de perdizes. *Fezerom-se depois monteiros e homees da adiça* (mineiros) *e moedeiros e valladores e passareiros.* (Cod. Alf., Liv. 1.º, tit. 69, § 2.º)

PASSAVANTES — o que eram—vide vol. 3.º, pag. 347, col. 1.ª

PASSO—medida antiga da Peninsula hispanica.

[1] *Búzio, buzêno, buzeo,* e *buuzeo*—portuguez antigo—medida de solidos, que já existia no seculo XI.

No *Livro velho dos obitos*, da Sé, do Porto, e outros documentos antigos d'esta cidade, se declara que o buzêno, são dois alqueires e meio, da *medida velha*, que são 4 da medida nova, do Porto, ou 5 da de Lisboa.

Em 1390, pagou o mosteiro do Rio Tinto —*doze buzios de segunda, oito de aveia e quatro de milho, pela medida do celleiro do Bispo do Porto, procedidas das procurações que se tinham pago.* (Doc. das freiras bentas, do Porto.)

O *buzio* vem a ser o mesmo que *fanga* ou *fanéga.*

Com esta denominação ainda é muito vulgar no Algarve.

Tenho ouvido dizer que no Alto-Minho, ainda se dá o nome de buzio, á medida de 4 alqueires.

O que é certo, é que em todo o districto de Aveiro só existe a denominação de buzio, na medida do sal.

O *pé hespanhol*, entre os antigos, e no tempo dos romanos, era menor do que o pé romano, segundo se vê nas *Antiguidades de Hespanha*, por Moralles, pag. 33.

Um pé hespanhol, vinha a ser, ao justo, a terça parte de uma vara castelhana.

Cinco d'estes pés, faziam um *passo hespanhol*; 125 passos, faziam um *estadio* — e mil passos, faziam uma milha.

Esta era a ultima medida dos antigos; porque não mediam por leguas.

Para declararem a medida de um a outro ponto, com rigorosa exactidão, diziam —vgr.:

De Lisboa a Torres Vedras, são — tantas *milhas*, tantos *estadios*, tantos *passos*, e tantos *pés*.

Para completar uma das nossas leguas (de 18 ao gráo—ou *legua terrestre*) eram precizas muito pouco menos de quatro milhas dos antigos; o que claramente se vê no *Itinerario* do imperador Antonino Pio.

Segundo este Itinerario, comprovado pelas inscripções dos marcos milliares, da via militar romana—do Porto a Braga, eram 35 mil *passos*—isto é—35 *milhas*, e nós contamos 24 milhas modernas, ou 8 leguas, de 18 ao gráo—que vem a ser—uma das nossas antigas leguas, de tres milhas (de 18 ao gráu) era composta de 4 milhas e 375 passos, dos romanos.

Note-se que ha grande confusão nas medidas do Itinerario de Antonino Pio, o que tem suscitado grandes polemicas; porque aquellas medidas romanas, não eram em linha recta, de um ponto a outro, mas seguiam as sinuosidades das estradas (se estas as tinham) o que dava em resultado um muito maior numero de milhas do que realmente havia de distancia entre uma e outra povoação.

D'aqui provinha que — quanto mais recta era a estrada, mais exacta era a medida.

Supponhamos que, segundo o Itinerario, de um ponto a outro, em que a estrada fazia muitas voltas, se vê no Itinerario a distancia de 10 milhas.

Passados seculos, fez-se uma estrada em linha menos tortuosa. Passados ainda uns poucos de seculos, em que a 2.ª d'estas estradas já é velha, e da 1.ª não ha vestigios — vae a gente guiar-se pelo Itinerario (muitas vezes julgando que a 2.ª estrada foi a romana) e acha grandes differenças, o que causa duvidas e contestações.

O mesmo caso se dá com as estradas feitas depois dos romanos, que, por conveniencia de alguma povoação importante, ou por outro qualquer motivo, se construiram com maiores rodeios.

Concluindo direi, que, só á força de cuidado, paciencia—e depois de minuciosas indagações e observações, é que se podem verificar, não todas, mas a maior parte das antigas medidas romanas.

PASSOS DE D. LEONOR [1]—sitio na costa da peninsula de Peniche, proximo do *Cabo Carvoeiro*. (Vide *Peniche*.)

Pelo meiado do seculo XV, um confessor da rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, fundou na *Berlenga Grande*, um mosteiro da ordem de S. Jeronymo.

N'elle habitaram os monges quasi um seculo, até que as perseguições e assaltos dos corsarios argelinos, e dos inglezes, que por ahi abordavam (depois da reforma) os determinaram a mudar-se para Valle-Bem-Feito, onde edificaram um novo mosteiro.

Quando ainda occupavam o mosteiro da Berlenga, existiam em Peniche dois homens ricos e orgulhosos, que reciprocamente se odiavam.

Ambos eram casados e tinham filhos; mas como as inimisades dos paes algumas vezes se não transmittem aos herdeiros, aconteceu que Leonor filha de um, e Rodrigo, filho de outro, se amavam estremecidamente. O pae de Rodrigo, desejando pôr termo aos sonhos dourados do filho, e estorvar uma alliança que muito lhe repugnava, obrigou-o a recolher-se ao mosteiro da Berlenga e a entrar no noviciado da ordem.

[1] Parece-me que se devia escrever *Paços de D. Leonor*, nome mais apropriado á gruta de que vou fallar: entretanto, como o manuscripto de que me fizeram obsequio, diz *Passos*, sigo esta orthographia. E d'ahi talvez que seja *Passos*, alludindo aos penedos por onde *passava* D. Leonor, quando com o susto, cahiu ao mar.

O mancebo inconsolavel e infeliz, obedeceu á ordem do pae, mas esperando que o tempo abrandasse os odios da familia, e podesse então unir-se á mulher a quem mais queria, procurava vêl-a e fallar-lhe a occultas dos superiores.

Para este fim, em noites de antemão combinadas, sahia Rodrigo do convento, e embarcando, acompanhado de um velho pescador, seu amigo e confidente, n'um pequeno bote, propriedade dos monges, atravessava o canal que separa a Berlenga do Cabo Carvoeiro, e vinha desembarcar em um pequeno porto, a que hoje chamam *Carreiro de Joanna* ou de *Joanne*.

Leonor comparecia sempre primeiro a estas entrevistas, e dirigia seus passos a uma gruta ou reconcavo, pittorescamente situado e cavado na rocha, que faz frente para o lado por onde Rodrigo passava. Alli o esperava debaixo das arcadas naturaes da gruta; e logo que avistava o pequeno baixel, accendia uma luz, para dar signal da sua presença.

Chegou porém Rodrigo uma noite, e a luz não appareceu; gritou por Leonor, mas só o echo da propria voz lhe respondeu; vê entretanto passar junto do barco um objecto fluctuante, apanha-o, e cheio de sobresalto reconheceu a capa de Leonor.

O mais que se passou na alma do pobre mancebo não o sabemos nós, porque ficou em segredo entre Deus e elle; o que o seu companheiro disse foi, que, apenas reconheceu a capa de Leonor, sem mais reflexão, se arrojára ao meio das ondas, chamando por ella, e que se submergira, sem o velho lhe poder valer.

O presentimento de Rodrigo realisára-se, infelizmente—Leonor chegára á gruta, e alli o aguardava, quando ouviu vozes que reconheceu serem de seu pae e irmãos, que a procuravam.

Tentou fugir e occultar-se; salta de rochedo em rochedo, mas calculando mal um *passo*, se despenhou no abysmo, onde se sumiu.

No dia seguinte, appareceu o cadaver de Leonor entallado entre os penhascos que bordam aquelle sitio. O de Rodrigo, levado pelas correntes, foi encontrado n'um banco de rochas, ao S.E. dos Remedios.

A tradição d'este drama tragico, transmittiu-se até nossos dias, e o theatro em que se passou, ainda hoje conserva os nomes dos dois infelizes protogonistas.

A' gruta chamam os *Passos de D. Leonor*, e aos rochedos, aonde appareceu o cadaver de Rodrigo, o *Sitio de Frei Rodrigo*.

Diz mais a tradição que Leonor fôra sepultada fóra da capella de Sant'Anna, ao lado direito da porta principal, e que no seu tempo era a donzella mais esbelta e formosa de Peniche.

PASSOS DA SERRA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 75 kilometros de Coimbra, 275 ao E. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757 tinha 550 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

A mesa da fazenda, da universidade de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 reis e o pé de altar.

Terra de clima excessivo, mas saudavel. Produz a maior parte dos generos do paiz. Gado e caça, grossa e miuda.

—

Aqui nasceu, a 17 de março de 1790, Antonio de Pádua da Costa e Almeida, feito visconde de Tavira, em 24 de julho de 1861.

Era filho do tenente-rei da praça de Almeida, Francisco Bernardo da Costa e Almeida, e de D. Antonia Josefa da Costa.

Quando as hordas sanguinarias de Buonaparte invadiram este reino, contra todo o direito das gentes, em 1807, roubando, assassinando e incendiando; o povo portuguez, indignado de tantas atrocidades, ergueu um brado unisono, que echoou desde as margens do Minho até ás do Guadiana, e quasi todos os homens válidos empunharam as armas em defeza da patria; e, as que no seu principio foram legiões tumultuarias de terriveis guerrilheiros, em breve se transformaram em disciplinados e bravissimos batalhões, que por tão repetidas vezes fizeram morder a terra, ou fugir cobardemente esses regimentos francezes, que tinham triumphado

na Italia, no Rheno, na Austria e na Prussia.

—

Tinha Antonio de Pádua 20 annos, quando se alistou no regimento de infanteria n.º 24 (um dos mais bravos do exercito portuguez, quasi todo composto de trasmontanos, e que terminou a sua existencia pela convenção d'Evora-Monte) que então estava de guarnição na praça d'Almeida.

No mesmo dia que sentou praça (18 de março de 1810) foi feito alferes.

Dois mezes depois, Massena, á frente de um numeroso exercito, punha cêrco á praça d'Almeida. Oppôz-lhe a guarnição uma obstinada resistencia; mas uma terrivel explosão do paiol da polvora, a 27 de agosto (no fim de 17 dias de cêrco) tornou a resistencia impossivel, a guarnição capitulou e o regimento 24 ficou prisioneiro de guerra.

Pádua, não fez como muitos officiaes portuguezes, que acceitaram as propostas de Junot, Massena e outros, tomando as armas pelos inimigos da sua patria; mas, como bom e leal portuguez, rejeitou com dignidade todos os offerecimentos de Massena, pelo que foi internado em Hespanha; mas, á custa de grande perigo, pôde regressar a Portugal, e unir-se ao exercito.

Tinham-se dado as gloriosas batalhas do Bussaco, a 27 e 28 de setembro de 1810.

A divisão do general inglez, Hill, passára para a margem esquerda do Tejo, e alli se lhe unira (20 de outubro) o marquez de la Romana, com 10:000 hespanhoes.

Massena, estacando em frente das famosas linhas de Torres-Vedras, retira, em 14 de novembro, tomando posições em Santarem e Leiria, á espera de reforços.

Em janeiro de 1811, o marechal Beresford, passa tambem para o S. do Tejo, para se oppôr ao inimigo.

Badajoz rende-se aos francezes, por capitulação, em 11 de fevereiro.

Massena recebe um reforço de 30:000 homens; mas nem assim toma a defensiva, antes principia a sua retirada, a 5 de março, sendo atacado pelos portuguezes, no Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, e Sabugal.

Massena entra em Hespanha, a 4 d'abril, a 11 é resgatada a praça d'Almeida, e a 15, Beresford, com os portuguezes, resgata Olivença, depois de ter feito levantar o cêrco de Campo-Maior.

Os alliados perseguem o inimigo, em Hespanha.

Massena recebe novos reforços, e ataca os nossos em Fuentes de Honor (3 de maio) mas é derrotado, perdendo 4:000 homens. (Esta victoria custou-nos cara, porque perdemos 3:000 homens.)

Beresford, põe sitio a Badajoz. Soult vem de Sevilha, para fazer levantar o sitio; mas Beresford o espera em Albuera, onde, a 16 de maio, se dá uma sanguinolenta batalha, na qual o inimigo perdeu 9:000 homens; mas nós tivemos tambem 6:000 fóra de combate.

Em 27 de setembro, Marmont, que substituira Massena, toma a nossa artilheria em Fuente-Guinaldo, e persegue os portuguezes até ás nossas fronteiras. Em um dos repetidos ataques que se deram durante esta retirada, é resgatada toda a nossa artilheria. Esta retirada é considerada pelos militares, como um dos mais brilhantes feitos de armas do seculo XIX.

Em 28 de outubro, o general Hill, desbarata o general francez Gerard, na batalha do Arroyo de los Molinos.

Em 19 de janeiro de 1812, é a praça de Ciudad-Rodrigo retomada, d'assalto, pelos alliados.

A 6 d'abril, é retomada, d'assalto, a forte praça de Badajoz, á custa de 5:000 alliados, mortos ou feridos.

Wellington e Marmont disputavam entre si primasias de tactica militar; porém o primeiro, que era um verdadeiro inglez — isto é — que era dotado de um sangue frio a toda a prova, executando um movimento envolvente, obriga o jacobino a acceitar lhe a famosa batalha de Salamanca (22 de junho) uma das mais gloriosas para os alliados; e na qual, os soberbos vencedores de Iena, Friedland, Austerlitz e Wagram, são completamente derrotados, e cuja victoria abriu ao nosso exercito as portas de Madrid, onde entrava a 12 de agosto. Dois mil francezes que

estavam no forte d'*El-Retiro*, renderam-se, por capitulação, a 24.

N'esta sanguinolenta batalha foi o alferes Pádua gravemente ferido por uma bala de fuzil, que lhe atravessou uma perna.

Os exercitos do usurpador corso, fogem por toda a parte ante as nossas bayonetas victoriosas.

O jacobino Clausel, consegue reunir os differentes destroços dos seus; porém Wellington sahe de Madrid, obrigando o inimigo a retirar para Burgos, e pondo-lhe cêrco. O general hespanhol, *Ballesteros*, desobedecendo ao general em chefe, deixa alli reunir 100:000 francezes. Os alliados, depois de darem ao castello varios assaltos, sem resultado, são obrigados a operar essa homerica *retirada de Burgos*, em que os soldados portuguezes, pela sua disciplina, sangue-frio e coragem, excederam em galhardia as mais celebres legiões do mundo.

Em um d'esses assaltos, teve o tenente Pádua um hombro atravessado pelo estilhaço de uma granada, ficando, pela segunda vez, gravemente ferido; fazendo em maca, toda a retirada, e entrando em Portugal com o exercito, pelos meiados de novembro.

Os alliados, refeitos das graves perdas soffridas na retirada de Burgos, tomam a offensiva (13 de maio de 1813) avançando até Victoria, e obstando a que os exercitos francezes operassem a sua juncção.

O tenente Pádua, apenas convalescente, apresenta-se ao serviço, no seu regimento.

Na manhan de 24 de junho, são atacados os francezes, e tem logar a gloriosissima *batalha de Victoria*. Os alliados tiveram 4:000 homens fóra do combate; porém os francezes perderam 6:000, toda a sua artilheria, thesouro e bagagens (quasi tudo composto dos roubos que haviam feito em Portugal e Hespanha).

José Buonaparte, a quem o irmão intitulára *rei de Hespanha (!...)* a muito custo se pôde salvar, a *unhas de cavallo*.

Os francezes, fogem nas pontas das nossas bayonetas, entrando em França, no 1.º de julho; mas deixando fortes guarnições em Pamplona e S. Sebastião.

Esta ultima praça é sitiada pelos alliados, e, aberta a brecha, são convidados os mais corajosos, para darem o assalto.

O tenente Pádua, é um dos primeiros que se offerece, e a sua inexcedivel bravura e a dos seus camaradas, dá origem á ordem do dia, de 9 de setembro, e á sua promoção, na mesma data, ao posto de capitão, por distincção. Mas Pádua ficára, pela 3.ª vez, ainda mais gravemente ferido, por uma bala de fuzil, que lhe atravessou o fémur da perna direita.

—

Para terminar a rapida narração d'esta guerra homerica, e tornar depois ao capitão Pádua, só direi:

Buonaparte manda Soult tomar o commando em chefe do exercito francez, invasor da Peninsula, reforçado com 30:000 homens. Soult, para fazer levantar o cêrco de Pamplona, ataca os alliados nas suas posições de *Porto da Maia* e *Roncesvalles*, a 25 de julho. Os alliados reconcentram-se em Villalba e Huerta, cobrindo a praça. Teem logar os grandes combates de 27 e 28 de julho, que só deram em resultado, rios de sangue.

A 30, dá-se a famosa batalha dos Pyreneus, e o inimigo é de novo arrojado para a França, depois de ter perdido n'esta batalha 15:000 homens!

Soult, pretende ainda passar o Bidassoa (que separa a Hespanha da França), mas é ferozmente repellido pelas tropas hespanholas, emquanto as luso-anglas dão um terrivel assalto á famosa praça de S. Sebastião (Biscaia) que é tomada a 31 d'agosto, á custa de 3:000 alliados. Os francezes encerram-se na cidadella; porém rendem-se a 8 de setembro.

A 7 de outubro, passam os alliados o Bidassoa. Dá-se a memoravel batalha de *Nivelle* (10 de novembro) e os alliados tomam as linhas francezas.

Combates sanguinolentos junto á praça de Bayona (9 de dezembro). Os alliados, expulsam o inimigo das suas formidaveis posições, entre os rios Nive e Adour, ganhando-se a 13 de dezembro, a batalha de Nive. Soult vê-se obrigado a passar para a margem direita do Adour, em direcção a Dax.

A 27 de fevereiro de 1814. os alliados derrotam Soult, em Orthez; perdendo este 5:000 homens, e aquelles 2:000.

O marechal Beresford entra em Bordeus a 12 de março, e acclama rei legitimo da França, a Luiz XVIII.

Buonaparte é deposto a 3 de abril; porém Soult, desesperado por tantas derrotas, ainda se obstina em resistir aos nossos, nas fortes posições, entre o canal do Languedoc e o rio Garona; porém o exercito luso-anglo, depois de 10 horas de fogo, o derrota e põe em fuga, a 10 de abril.

A 30 de maio celebra-se a paz geral.

—

Tornemos ao capitão Pádua.

Gravemente ferido, como disse, deu baixa ao hospital de sangue. Em 29 de julho de 1814, veio para o deposito de S. Bento, d'onde sahiu a 22 de setembro de 1815.

Em 14 de julho de 1818, foi promovido a major, e de 1826 a 1827, foi ajudante d'ordens do general Claudino.

Em 1828, tomou armas pelo partido liberal, pelo que, teve de homisiar-se, até que, em 3 de abril de 1831, emigrou para a Inglaterra, e no anno seguinte para a Ilha Terceira.

Em 8 de julho de 1832, desembarcou em Arenosa de Pampellido, com o exercito liberal.

Em 4 d'abril de 1833, foi feito tenente coronel de cavallaria, e coronel, a 30 de junho de 1834.

Em 15 de outubro de 1838, foi feito governador do castello de S. Julião da Barra, e a 21 de novembro, foi nomeado commandante da 4.ª divisão militar, e depois da 6.ª Foi promovido a brigadeiro (general de brigada) em 3 de julho de 1845, e em 1846 foi nomeado commandante da 10.ª divisão.

Em 6 de novembro de 1846, foi encarregado da defeza das *linhas de Lisboa.*

Em 6 de julho de 1847, foi promovido a marechal de campo, e commandante da 9.ª divisão.

Em 29 de setembro de 1855, foi feito tenente general.

Por decreto de 21 de outubro de 1857, foi nomeado membro do supremo conselho de justiça militar, do qual foi depois feito presidente, logar que occupou até á sua morte.

Foi condecorado com a cruz n.º 2, das tres campanhas da guerra peninsular, e com varias outras, como as medalhas de ouro do valor militar, bons serviços e comportamento exemplar. Era commendador, e depois grão-cruz, da ordem de S. Bento d'Aviz, e da *ordem do Carvalho*, dos Paizes-Baixos; e grão-cruz da de Santo Estanislau, da Russia.

Em 25 de janeiro de 1842, casou com a sr.ª D. Augusta Mathilde de Lencastre e Barros, filha dos srs. viscondes de Castello-Branco (João da Fonseca Coutinho e Castro de Refoyos e D. Anna Joaquina Lencastre de Barros Barba de Menezes—da familia de tres notaveis generaes realistas—Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, José Cardoso de Carvalho, e seu irmão, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes.—Vide *Armamar.*

Tiveram quatro filhos—Rodrigo e Francisco, que morreram de tenra edade. D. Anna, que falleceu solteira, com 19 annos de edade—e D. Antonia Augusta de Lencastre e Barros da Costa e Almeida, que, casando com o sr. Antonio Augusto Ferreira d'Aboim, official do exercito, tambem falleceu no segundo anno de casada.

A morte prematura de todos os seus filhos, e principalmente das duas filhas, na primavera da vida, encheram de amargura os ultimos dias d'este pae inconsolavel; que foi um militar valente, um portuguez benemerito e um verdadeiro homem de bem.

PATACÃO—antiga moeda portugueza.

D. João III mandou cunhar uma moeda de prata, a que se deu o nome de patacão, e que valia 40 réis.

De um lado tinha uma corôa, e por baixo d'ella—Io. III—(João III)—ao fundo XXXX—com a legenda—REX PORTUGALIAE AL.—Do outro lado, uma cruz de S. Jorge, cercada pela legenda—IN HOC SIGNO VINCES.

O mesmo rei, fez *patacões* de cobre, com o pêso de cinco oitavas, com o valor de 10 réis.

Tinham de um lado o escudo real, cercado pela legenda—JOANNES TERTIUS PORTUGALIAE ET ALGARBIORUM—e do outro—um X no

centro, e em redor — REX QUINTUS DECIMUS.

PATACÃO — antiga moeda portugueza — de prata.

Foi mandada cunhar em Gôa (India) no anno de 1555, pelo vice-rei, D. Pedro Mascarenhas.

Era a maior moeda de prata que havia então n'aquelle estado.

PATACO—moeda de bronze, portugueza, bem conhecida, do valor de 40 réis.

Foi mandada cunhar, por decreto de 29 de outubro de 1811.

PATÁIAS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 18 kilometros de Leiria, 12 da Pederneira, 120 ao N.E. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos. [1]

Orago, Nossa Senhora da Esperança.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A mitra apresentava o cura, que tinha 42 alqueires e tres quartas de trigo, 12 e meio almudes de vinho, mosto, 2 alqueires d'azeite e 4$000 réis em dinheiro; ao todo 90$000 réis e o pé d'altar.

O bispo D. Pedro de Castilho mandou que o cabido lhe desse mais 21 alqueires e uma quarta de trigo, 1 alqueire d'azeite e mil réis em dinheiro.

A primeira invocação da padroeira d'esta freguezia, foi Nossa Senhora da Conceição; depois, foi Nossa Senhora da Annunciação, e por fim (a actual) Nossa Senhora da Esperança.

Esta ultima invocação foi resolvida em visita, no anno de 1622, mandando-se então que se lhe fizesse a festa no dia da Expectação.

Este logar de Pataias, foi até ao anno de 1536, da freguezia de Paredes, e o povo d'aqui hia áquella villa cumprir todos os preceitos religiosos.

Desde então, o capellão de Paredes, dizia um domingo missa em Paredes, outro em Pataias.

[1] Aqui ha forçosamente engano no *Portugal Sacro*.

Em pouco mais de cem annos, não podia haver tamanho augmento de população.

Em 1542, estando a villa de Paredes já despovoada (vide pag. 483, col. 2.ª d'este volume) não havendo alli mais do que dois velhos e um moleiro—mandou o visitador, que a parochia fosse d'alli em diante em Pataias, que, sendo até então do termo de Paredes, passou a ser do de Alcobaça.

Os freguezes são obrigados á fabrica da egreja.

Por cima d'este logar (que fica perto da costa) nas areias, está uma lagôa bastante funda, que nunca seccou, e se denomina mesmo *lagôa de Pataias*. N'ella se criam *ruivacos*.

Em certa occasião, pelos annos de 1600, uns pescadores tiraram as suas redes completamente cheias; porém, sendo tantas as salamanticas (ou salamandras) como os ruivacos, nunca mais aqui quizeram pescar.

Fica no districto d'esta freguezia, parte do Camarção, onde ha grande abundancia de coelhos.

—

Tambem é no limite d'esta freguezia, por baixo da egreja de Paredes, e do moinho, uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Destêrro, mandada edificar por D. Gastão Coutinho.

PATALIM—appellido nobre em Portugal.

No anno de 1315, vivia, Lopo Rodrigues Patalim, casado com Mayor Pires; os quaes instituiram um morgado, na freguezia de S. Pedro, da cidade de Evora, em 1319.

Este morgado, passou depois, por herança, aos Carvalhos, cujo ramo se appellidou *Carvalho Patalim*.

Suas armas, são—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de ouro, 4 coticas asues, em faxa—no 2.º e 3.º de púrpura, um castello d'ouro—elmo d'aço, aberto, e por timbre, o castello do escudo.

Outros Patalins, usando as mesmas armas, trazem por timbre, um braço direito, armado com uma espada.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo dividido em aspa—no 1.º e 4.º, de púrpura, um torreão d'ouro, com porta de púrpura—no 2.º e 3.º, de ouro, 4 coticas asues, em palla.

O mesmo elmo e timbre.

A familia d'este appellido, que veiu de Aragão, traz por armas: Em campo d'ouro, 5 coticas, de púrpura, em palla.

Elmo de aço, aberto, e por timbre, um braço direito armado com uma espada—paquifes d'ouro, forrados de asul.

PATEIRA—portuguez antigo—ainda usado—paúl, pantano, marnel, etc., onde costuma haver caça palustre, principalmente *patos*. Vem pois a ser *sitio ou logar dos patos*.

PATEIRA—portuguez antigo—pádeira.

PATEIRO—portuguez antigo—bodegueiro—que compra, vende, mata e cosinha cabritos (*bódes*.) D'aqui *bodega*.—Hoje diz se taberneiro.

Não se dá o nome de bodegueiro, ao que vende só vinhos e aguas-ardentes; mas ao que tambem vende comidas feitas.

PATINA—portuguez antigo—patêna.

PAÚL—grande e bonita aldeia, Extremadura, freguezia (de S. Pedro), concelho, comarca, e 3 kilometros a O.N.O. de Torres-Vedras; situada em um alto, em frente e a uns 2 kilometros das famosas *Linhas de Torres Vedras*, e do seminario do Varatojo, que lhe ficam a E., S.E., e S.

D'esta aldeia se gozam extensas e bonitas vistas; e ao sopé do monte em que está situada, se estende uma grande planicie, coberta de vinhas, que produzem o optimo *vinho de Torres*.

Ha aqui uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Piedade (ou da Ribeira) e ao evangelista S. Marcos.

PAÚL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 54 kilometros da Guarda, 245 ao E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 260$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado, de toda a qualidade, e muita caça, grossa e miuda.

PAÚL—(quinta do)—Extremadura—Vide *Gollegan*.

PAÚL—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, districto administrativo, e 10 kilometros de Santarem (foi do concelho de Pernes, comarca de Torres Novas) 95 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 325 fogos.

Em 1757 tinha 412 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

E' no patriarchado.

O prior de Valle de Figueira, apresentava o cura, que tinha de renda só o pé de altar.

E' terra fertil, sobretudo em cereaes e azeite.

Fica esta freguezia contigua á de Valle de Figueira, e ao mosteiro, que foi de padres arrabidos, d'esta ultima freguezia.

Sobre um têso da freguezia de Paúl, está a capella de *Nossa Senhora de Alpomper*, a cuja padroeira consagram muita devoção os povos d'estes sitios.

E' templo muito antigo, assim como a imagem, de pedra, da Virgem.

Está em um êrmo, e a herdade que lhe fica mais proxima, é o *Casal dos Altares*, onde se guardam os utencilios da capella.

Ignora-se a etymologia de Alpomper, que parece ser palavra árabe.

Diz-se que n'este sitio esteve o capitão romano, Pompeu, do que ficou o nome ao sitio.

Isto não passa de *conto de velha*; porque, nem Pompeu, nem seus filhos, Cneo Pompeu e Sexto Pompeu, entraram em Lisboa, nem n'esta parte da Peninsula.

Pompeu, entrou em Hespanha, pelos annos 3920 do mundo (84 antes de Jesus Christo) — vindo tambem por esse tempo, Cayo Anio, Romano Cota, Didio, Quinto Metello Pio, Lucio Domicio, Manilio, e outros, enviados successivamente contra os lusitanos, commandados por Sertorio, que contra aquelles sustentou a guerra por 11 annos, derrotando-os por muitas vezes, e obrigando Metello e Pompeu, a retirarem para as Gallias, pelos Pyreneus.

Pompeu, não podendo vencer os lusitanos, em guerra leal, comprou o estrangeiro Propena, ao serviço de Sertorio, e o traidor o assassinou com 21 punhaladas, no anno de mundo 3929 (75 antes de Jesus Christo)

Prepena fez-se acclamar chefe dos lusitanos; porém Pompeu o matou, ou mandou matar. Foi o justo premio da traição.

Pompeu, terminou o seu governo nas Hespanhas (sem entrar na Lusitania) em 3931 (73 antes de Jesus Christo) e lhe succedeu o cruel Afranio.

—

O que é certo, é ser a capella antiquissima, e não se saber a data da sua fundação.

PAÚL D'ÓTTA—freguezia, Extremadura, na comarca e concelho de Alemquer, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 60 kilometros ao N.E.

Em 1757 tinha 9 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

O enfermeiro-mór do hospital real de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 80 alqueires de trigo, 80 de cevada, e 2$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi suprimida, por pequena (quando já não tinha senão 5 fogos) e unida á de Ótta.

A egreja matriz tinha apenas a altar-mór; mas sem sacrario, e era muito tosca.

Quando se supprimiu, já havia muito tempo que estava sem parocho.

A parochia comprehendia o grande *Paúl d'Ótta* (que tem mais de 6 kilometros de extensão) e as quintas de Valle de Mouro e da Granja (hoje Quinta do Campo.)

Os disimos eram do Hospital real de Lisboa, e rendiam annualmente, mais de cem moios de pão.

Parece que esta freguezia não foi legalmente supprimida, mas, cahindo a pequena egreja matriz em ruinas, o territorio da parochia foi dividido amigavelmente, entre as freguezias d'Ótta e Villa Nova da Rainha.

Em 1851, estava a velha egreja reduzida a curral de gado.

Para o Paúl, que deu o nome á extincta freguezia, e para o mais que se desejar saber a este respeito, vide *Ótta*.

PAULO (São) — freguezia de Lisboa, no bairro occidental, etc.

Foi esta parochia desmembrada da dos Martyres e da de Santos-o-Velho.

Principiou em uma ermida, da invocação do Espirito Santo, que estava no *bécco do Carvão* (que já não existe.) [1]

Os freguezes construiram depois uma egreja parochial, em 1412, que foi reedificada em 1512.

Arruinada pelo terramoto de 1755, foi reconstruida em 1757.

Está na praça por isso chamada de S. Paulo, que no centro tem um chafariz, mandado fazer pela camara de Lisboa, e concluido em 1849.

Na fachada da egreja estão as estatuas, de marmore, dos apostolos, S. Pedro e S. Paulo, feitas pelo insigne esculptor Antonio Machado.

N'esta parochia está a irmandade de Nossa Senhora da Bôa-Viagem, que é da junta do commercio—e a de S. João Baptista, que é dos calafates.

Pertencia a esta freguezia, o convento dos irlandezes, que vieram para Lisboa em 1629, para fundarem um mosteiro, no qual, depois de instruidos os noviços, e ordenados, voltassem á Irlanda, a prégar a fé catholica, em defesa da qual muitos lá morreram martyrisados pelos herejes, e á ordem do sanguinario Henrique VIII, e de sua filha, a rainha Isabel; que tinham expulsado os religiosos, dos seus reinos, e saqueado e vendido os seus mosteiros.

Os frades irlandezes de Lisboa, pelo seu comportamento exemplar, foram muito protegidos pelos governadores do reino e pela duqueza de Mantua, durante a usurpação dos Philippes, e depois d'ella, por D. João IV, e ainda mais, por sua mulher, a rainha D. Luiza de Gusmão, que lhes deu muitas esmolas e rendas perpétuas.

Principiou a fundação d'este mosteiro em 1659.

Em uma das paredes da egreja do mosteiro, foi gravada em uma lapide a seguinte inscripção:

[1] Parece-me que era, pouco mais ou menos, onde hoje é a travessa do Boqueirão da Ribeira Nova.

A SACRA E REAL MAGESTADE
DA RAINHA DE PORTUGAL, D. LUIZA DE GUSMÃO,
FUNDOU ESTE MOSTEIRO, PARA
RELIGIOSOS IRLANDEZES, DE S. DOMINGOS.
DEDICADO A N. S. DO ROSARIO,
E AO PATRIARCHA S. DOMINGOS.
4 DE MAIO DE 1659.

—

No espaço de quatro annos, sahiram para a Irlanda 40 religiosos d'este mosteiro, que quasi todos morreram martyres.

(Vide no artigo *Lisboa*, a egreja do *Corpo Santo*.)

PÁUS—villa extincta, Douro, freguezia d'Alcorobim (vol. 1.º, pag. 80, col. 1.ª)

D. Manuel deu foral a esta villa, em Lisbôa, a 2 de junho de 1516. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 221, col. 1.ª)

E' povoação muito antiga.

Por serem curiosos, copio aqui alguns periodos de duas provisões regias:

1.ª

«D. Eduarte, polla graça de Deos, rey de Portugall e do Algarve, e senhor de Cepta, a quantos esta carta de confirmação virem, fazemos saber, que a condessa D. Joanna, molher do conde darrayollos, meu sobrinho, nos mostrou privilegios, doações e cartas do mui virtuoso e de grandes virtudes, El-Rey D. Joham, meu senhor e meu padre, de mui gloriosa memoria, e da Raynha, minha Senhora, e madre, cujas almas, deos ajá, e nossas seemdo iffamte.....

.....

Huma carta de del Rey Dom Fernando, per que deo ao conde D. Joham Affomso, o logar e a terra que he chamado *páaos*, que é em rriba de vouga, com todos os seus termos e jurisdições, como as o dito comde avia em eixo; aquall carta foi dada em lixboa, a cinquó dias doutubro, feita per Vaasque annes, Era de cezar, de mill quatrocentos e seis annos.» (1368 de J.-C.)

2.ª

«Dom Phellippe etc.—a quantos esta minha Carta de confirmação virem, faço saber, que, por parte de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, filho do conde D. Affonso de Noronha que Deos perdoe, me foi apresentada uma carta d'El-Rei D. Affonso 5.º, que santa gloria haja; que se tirou da Torre do Tombo, por minha provisão; da qual o traslado é o seguinte.»

Segue-se a carta de D. Affonso V, que dá ao conde de Odemira, por confirmada a doação das terras de Riba-Vouga, scilicet, dos julgados d'Eixo, Ois do Bairro, Páus, e Villarinho, com todos os outros logares e reguengos que o rei ahi tinha: o que D. Philippe (II) tambem confirmou.

Segue-se pois que por muitos annos foi a villa de Páus, cabeça de um julgado. (Vide *Eixo*.)

PÁUS—Villa extincta e freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 5 kilometros de Rézende (foi do extincto concelho de S. Martinho de Mouros, comarca e 8 kilometros ao O. de Lamego) 6 kilometros da margem esquerda do Douro, 325 ao N. de Lisboa.

Tem 512 fogos.

Em 1757 tinha 383 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Um dos beneficiados de S. Martinho de Mouros, apresentava o cura, que tinha 100$ réis de rendimento.

A fl. 103 do Censual da mitra d'esta diocese de Lamego, se diz que esta parochia era annexa e filial da matriz de S. Martinho de Mouros, e apresentada por um beneficiado da collegiada d'aquella egreja — podendo o dito beneficiado apresentar esta egreja e servir o beneficio—ou curar esta egreja e apresentar o beneficio. Com o andar dos tempos, passou a ser reitoria, e hoje é abbadia, por mercê feita pelo prelado o sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, ao parocho actual, o reverendo Gemeniano José Gomes, natural de Résende, e ecclesiastico de illustração e merecimento.

O rendimento d'esta abbadia póde orçar-se em duzentos e cincoenta mil réis, termo medio. A egreja matriz é um templo regular e espaçoso; tem uma torre de granito, bastante alta e muito solida, e a residencia parochial é soffrivel.

Lamego: e perseguindo-os até ao Espigão de Mesquitella, lhes aprisionou 5 soldados.

No dia 1 de junho de 1847, sabendo o barão do Casal que Justiniano estava no Porto, mandou a Cordova uma força para levar pão; mas apenas foi presentida, o povo repicou os sinos, e cahindo sobre a força a obrigou a retirar, aprisionando-lhe 8 soldados.

Em desforra, estando ainda no Porto com a sua gente o Justinianno, fez marchar (o Casal) no dia 22 do dito mez, outra força maior sobre Cordova, e não só saquearam a povoação, mas incendiaram 13 casas das principaes em Cordova, Paredinhas e Fornêllo, principiando pela do Justiniano.

Coube a parte principal d'este *honroso feito* á guerrilha, ou antes *quadrilha*, commandada pelos celebres Marçaes de Fozcôa — Antonio e Manuel — os quaes foram tão malvados como o Espadagão de Cernancelhe; mas, tambem como elle, foram ambos mortos a tiro, passados annos.

Em 28 do mesmo mez, foi a Villa-Real de Traz-os-Montes com o barão de Castro d'Ayre, e alli se bateu valentemente contra as forças do barão Vinhaes, aprisionando-lhe 80 a 90 homens, e perdendo apenas 1 sangento, 1 cabo e 4 soldados.

Tomou tambem parte na acção que as tropas da junta perderam em Valle-Paços, por se bandearem com as forças do governo dois corpos de linha inteiros (o 13 e o 15 d'infanteria); e em Mirandella sustentou nutrido fogo, unido a outras forças da Junta, defendendo a ponte contra tropas do Vinhaes.

Os soldados que formavam o batalhão ou guerrilha do celebre Cordova, eram voluntarios escolhidos e valentes, bem como os officiaes.

Terminada a lucta pela convenção de Gramido, foi o nosso heroe repetidas vezes administrador do concelho e presidente da camara de Rézende, havendo-se sempre com desinteresse e dignidade, até que falleceu no Porto, em 25 de julho de 1861, e pouco depois, sua esposa D. Leopoldina Adelaide e Mello, da nobre familia Mellos de Adálvares. Era tio do actual administrador do concelho de Rézende, o sr. dr. Albino Augusto Guedes e Mello, tambem natural de Córdova, casado com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva, cunhada do sr. D. Joaquim d'Azevedo, representante da nobre casa da Soenga.

Pertence tambem á aldeia de Fornêllo, d'esta freguezia, o sr. dr. José Teixeira Borges Soeiro, actual delegado do procurador regio em Villa Pouca d'Aguiar.

PAULO DE FRADES (São) — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administractivo, bispado e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

(O seu primeiro orago, foi S. Paulo, apostolo.)

O collegio de S. Bernardo, de Coimbra, apresentava o vigario, ad nutum, vulgarmente chamado abbade, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

PAVÍA—villa, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho e 15 kilometros de Móra (foi do mesmo concelho, mas da comarca e 15 kilometros ao N. d'Arrayolos) 35 kilometros ao N.N.O. d'Evora, 24 ao S. das Galveias, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Conversão de S. Paulo, apostolo,

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150 alqueires de trigo, 60 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

Foi cabeça de concelho, e tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*L.º dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 85, col. 2.ª)

Diz-se que D. Diniz lhe deu foral, e a fez villa, em 1287; mas Franklim não traz este foral.

Fabrica-se n'esta freguezia a melhor cal do reino, principalmente cal hydraulica.

Está a villa situada sobre um plató.

Tem Misericordia, e hospital, com 266$000 réis de rendimento.

—

Ao N., por um fragoso valle, e junto a um grande rochedo, por onde se sóbe para a villa, corre o rio *Téra*, que nasce na serra d'Ossa, tendo aqui uma bella ponte de cantaria.

E' terra muito fertil.

Ha na freguezia as ermidas de S. Dionizio, S. Sebastião, e S. Antonio.—No termo duas—S. Miguel, archanjo—e S. Gens.

O seu termo tem 35 kilometros de comprido, de E. a O., e 18 de largo de N. a S.

O seu territorio é fertil, em pão, azeite, legumes e fructas.

Cria muito gado, e ha abundancia de mel e cêra. Ha muita caça.

Eram senhores donatarios d'esta villa, os condes do Redondo, que aqui teem um sumptuoso palacio.

Segundo a Nobiliarchia, o condado do Redondo, andava nos Castellos-Brancos, descendentes de D. Gil Rodrigues de Castel-Branco, senhor de Tormõ, e das fortalezas, de Castiel e Adamus, no reino de Aragão.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

As armas dos condes do Redondo, são—escudo esquartellado, das Quinas de Portugal e das armas de Leão.

Timbre, um leão d'ouro.

—

Pavia é tambem um nobre appellido em Portugal.

Procede de Roberto de Pavia, cavalleiro da cidade de Pavia, na Italia (ducado de Milão) o qual, vindo a Portugal, povoou e deu o nome a esta villa (que estava abandonada.)

Foi seu descendente, Martim Affonso de Pavia, cujos successores trocaram Pavia, pela aldeia de São Manços, onde Vasco Martins de Pavia fundou um morgado.

As armas dos Pavias, são—escudo escaquetado de prata e negro, de trez peças em faxa e cinco em palla.

Êlmo de prata aberto—e por timbre, meio leão, lampassado de purpura e escaquetado de prata.

PAXOEIRO—portuguez antigo—livro em que se acham escriptas ou gravadas, as *paixões* que escreveram os quatro evangelistas. (Doc. de Lamego, de 1455.)

PAY DOS MENINOS — portuguez antigo — Deu-se este nome, por uma provisão regia, de 1535, a um official mechanico, da cidade do Porto, cuja obrigação era cuidar dos engeitados que apparecessem no seu districto, levando-os ao juiz dos orphãos. (Doc. da Camara do Porto, de 1535.)

PAY DOS VELHACOS—vide *Pae dos...*

PAYO—vide *Paio.*

PÊA—portuguez antigo — pena, castigo. (Doc. de 1318.)

PEADO—portuguez antigo—condemnado a pena, ou castigo.

PEAR—portuguez antigo—castigar, obrigar á pena imposta pela lei.

PEADOIRO—portuguez antigo—o que mereceu castigo ou pena.

PÉ DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros de Portalegre, 200 ao S.E. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 111 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha—120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Gado e caça.

PECCAR — portuguez antigo—pagar, satisfazer, etc.

Ego peccavi pro Stephano Reymondo Miles, quinquaginta morabitinos per unun equn. (Doc. da universidade de Coimbra, de 1245; que fôra do priorado-mór de Santa Cruz, que havia sido annexado á universidade.)

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, concelho de Sever do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

Lamego: e perseguindo-os até ao Espigão de Mesquitella, lhes aprisionou 5 soldados.

No dia 1 de junho de 1847, sabendo o barão do Casal que Justiniano estava no Porto, mandou a Cordova uma força para levar pão; mas apenas foi presentida, o povo repicou os sinos, e cahindo sobre a força a obrigou a retirar, aprisionando-lhe 8 soldados.

Em desforra, estando ainda no Porto com a sua gente o Justinianno, fez marchar (o Casal) no dia 22 do dito mez, outra força maior sobre Cordova, e não só saquearam a povoação, mas incendiaram 13 casas das principaes em Cordova, Paredinhas e Fornêllo, principiando pela do Justiniano.

Coube a parte principal d'este *honroso feito* á guerrilha, ou antes *quadrilha*, commandada pelos celebres Marçaes de Fozcôa — Antonio e Manuel — os quaes foram tão malvados como o Espadagão de Cernancelhe; mas, tambem como elle, foram ambos mortos a tiro, passados annos.

Em 28 do mesmo mez, foi a Villa-Real de Traz-os-Montes com o barão de Castro d'Ayre, e alli se bateu valentemente contra as forças do barão Vinhaes, aprisionando-lhe 80 a 90 homens, e perdendo apenas 1 sangento, 1 cabo e 4 soldados.

Tomou tambem parte na acção que as tropas da junta perderam em Valle-Paços, por se bandearem com as forças do governo dois corpos de linha inteiros (o 13 e o 15 d'infanteria); e em Mirandella sustentou nutrido fogo, unido a outras forças da Junta, defendendo a ponte contra tropas do Vinhaes.

Os soldados que formavam o batalhão ou guerrilha do celebre Cordova, eram voluntarios escolhidos e valentes, bem como os officiaes.

Terminada a lucta pela convenção de Gramido, foi o nosso heroe repetidas vezes administrador do concelho e presidente da camara de Rézende, havendo-se sempre com desinteresse e dignidade, até que falleceu no Porto, em 25 de julho de 1861, e pouco depois, sua esposa D. Leopoldina Adelaide e Mello, da nobre familia Mellos de Adálvares. Era tio do actual administrador do concelho de Rézende, o sr. dr. Albino Augusto Guedes e Mello, tambem natural de Córdova, casado com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva, cunhada do sr. D. Joaquim d'Azevedo, representante da nobre casa da Soenga.

Pertence tambem á aldeia de Fornêllo, d'esta freguezia, o sr. dr. José Teixeira Borges Soeiro, actual delegado do procurador regio em Villa Pouca d'Aguiar.

PAULO DE FRADES (São) — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administractivo, bispado e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

(O seu primeiro orago, foi S. Paulo, apostolo.)

O collegio de S. Bernardo, de Coimbra, apresentava o vigario, ad nutum, vulgarmente chamado abbade, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

PAVÍA—villa, Alemtejo, comarca de Monte-Mór-Novo, concelho e 15 kilometros de Móra (foi do mesmo concelho, mas da comarca e 15 kilometros ao N. d'Arrayolos) 35 kilometros ao N.N.O. d'Evora, 24 ao S. das Galveias, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Conversão de S. Paulo, apostolo,

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150 alqueires de trigo, 60 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

Foi cabeça de concelho, e tinha foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*L.º dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 85, col. 2.ª)

Diz-se que D. Diniz lhe deu foral, e a fez villa, em 1287; mas Franklim não traz este foral.

Fabrica-se n'esta freguezia a melhor cal do reino, principalmente cal hydraulica.

Está a villa situada sobre um plató.

Tem Misericordia, e hospital, com 266$000 réis de rendimento.

—

Ao N., por um fragoso valle, e junto a um grande rochedo, por onde se sóbe para a villa, corre o rio *Téra*, que nasce na serra d'Ossa, tendo aqui uma bella ponte de cantaria,

E' terra muito fertil.

Ha na freguezia as ermidas de S. Dionizio, S. Sebastião, e S. Antonio.—No termo duas—S. Miguel, archanjo—e S. Gens.

O seu termo tem 35 kilometros de comprido, de E. a O., e 18 de largo de N. a S.

O seu territorio é fertil, em pão, azeite, legumes e fructas.

Cria muito gado, e ha abundancia de mel e cêra. Ha muita caça.

Eram senhores donatarios d'esta villa, os condes do Redondo, que aqui teem um sumptuoso palacio.

Segundo a Nobiliarchia, o condado do Redondo, andava nos Castellos-Brancos, descendentes de D. Gil Rodrigues de Castel-Branco, senhor de Tormõ, e das fortalezas, de Castiel e Adamus, no reino de Aragão.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

As armas dos condes do Redondo, são—escudo esquartellado, das Quinas de Portugal e das armas de Leão.

Timbre, um leão d'ouro.

—

Pavia é tambem um nobre appellido em Portugal.

Procede de Roberto de Pavia, cavalleiro da cidade de Pavia, na Italia (ducado de Milão) o qual, vindo a Portugal, povoou e deu o nome a esta villa (que estava abandonada.)

Foi seu descendente, Martim Affonso de Pavia, cujos successores trocaram Pavia, pela aldeia de São Manços, onde Vasco Martins de Pavia fundou um morgado.

As armas dos Pavias, são—escudo escaquetado de prata e negro, de trez peças em faxa e cinco em palla.

Êlmo de prata aberto—e por timbre, meio leão, lampassado de purpura e escaquetado de prata.

PAXOEIRO—portuguez antigo—livro em que se acham escriptas ou gravadas, as *paixões* que escreveram os quatro evangelistas. (Doc. de Lamego, de 1455.)

PAY DOS MENINOS — portuguez antigo — Deu-se este nome, por uma provisão regia, de 1535, a um official mechanico, da cidade do Porto, cuja obrigação era cuidar dos engeitados que apparecessem no seu districto, levando-os ao juiz dos orphãos. (Doc. da Camara do Porto, de 1535.)

PAY DOS VELHACOS—vide *Pae dos...*

PAYO—vide *Paio.*

PÊA—portuguez antigo—pena, castigo. (Doc. de 1318.)

PEADO—portuguez antigo—condemnado a pena, ou castigo.

PEAR—portuguez antigo—castigar, obrigar á pena imposta pela lei.

PEADOIRO—portuguez antigo—o que mereceu castigo ou pena.

PÉ DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros de Portalegre, 200 ao S.E. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 111 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha—120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Gado e caça.

PECCAR — portuguez antigo—pagar, satisfazer, etc.

Ego peccavi pro Stephano Reymondo Miles, quinquaginta morabitinos per unun equn. (Doc. da universidade de Coimbra, de 1245; que fôra do priorado-mór de Santa Cruz, que havia sido annexado á universidade.)

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, concelho de Sever do Vouga, comarca d'Agueda, 45 kilometros ao O. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 340$000 réis.

E' terra muito fertil em todos os generos do paiz, e as suas laranjas são das melhores de Portugal.

Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

Está esta freguezia situada sobre a margem direita do rio Vouga (o *Vacca* dos antigos) que, nascendo na freguezia de Quintella da Lapa, a 30 kilometros a N.E. de Viseu: passa ao N. d'esta cidade, rega a S. Pedro do Sul e Vousella e desagúa na Ria de Aveiro, com 105 kilometros de curso; sendo navegavel d'esta freguezia de Pecegueiro para baixo (24 kilometros.)

São seus confluentes—á direita, o *Sul* e o *Caima*—e á esquerda, *o Brasélla* (ou Varziella) *Riba-Má*, e *Agueda*.

Seria de grande utilidade para o commercio, para a agricultura e para a industria, levar a effeito a ideia ha muito concebida, de tornar navegavel o Vouga, desde esta freguezia até S. Pedro do Sul; porque, este canal, atravessando parte do centro da Beira Alta, atrahiria á barra d'Aveiro, grande quantidade dos productos d'aquella fertil provincia.

Em Serem, principia o Vouga a ser orlado de bellos campos, que se estendem até á sua confluencia com a Ria, que é o espaço de 16 kilometros.

As inundações do Vouga, fazem estes campos fertillissimos em milho grosso, linho, legumes, hortaliças, etc. Em Fróssos, fórma uma pateira, ou lagôa, navegavel para barcos pequenos.

E' Pecegueiro uma povoação muito antiga, e já existia antes que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, tomassem conta de Portugal.

Nas *Inquirições reaes*, a que mandou proceder o rei D. Diniz, em 1282, se lê que, na aldeia de *Sevêr de Pecegueiro do Vouga*, tinha a ordem do Hospital, um casal que pagava a terça do que matasse no rio «*e as primariças* (as primeiras lampreias que se pescavam) *que á adar a el Rey, e rousso, e omezio, e merda en bôca.*» (Doc. da Torre do Tombo.)

Vide *Serem*, *Sevêr* e *Vouga*.

PECEGUEIRO—(ilha do)—Alemtejo.

Na costa do Oceano, entre as villas de Sines e Villa Nova de Mil Fontes, a 15 kilometros de cada uma, está a ilhota denominada *Ilha do Pecegueiro*, com o seu forte, mandado construir por D. Pedro II, pelos annos de 1690, para evitar a invasão dos africanos.

Foi seu constructor e 1.º governador, o capitão, João Rodrigues Mouro.

Foi artilhada com 5 boccas de fogo, e se lhe poz uma guarnição de 30 soldados. Está hoje deserto e desartilhado.

Ao E. d'esta ilhota, a 1 kilometro de distancia, na terra firme, está a ntiga a capella de Nossa Senhora da Queimada, objecto de grande devoção para os povos d'esta costa.

Consta que a origem do nome da sua padroeira, foi o seguinte:

Pelos annos de 1660, entraram os mouros por este ilhote (o que faziam muitas vezes) com as suas lanchas, a roubar e captivar o que podiam; porque ainda então não havia no ilhote fortificação alguma.

Hindo á ermida da Senhora, o eremitão se defendeu corajosamente, matando muitos mouros; mas, como não fosse soccorrido, e só contra tantos, teve de succumbir na lucta, sendo morto e o templo e casa do eremitão saqueados.

Pegaram na imagem da Virgem e a foram lançar a uma balsa de mattagal e silvado que havia aqui perto, e lhe lançaram fogo.

Arderam o matto e as silvas até se reduzir tudo a cinzas; mas depois de hidos os mouros, veiu gente das proximidades, que achou a capella roubada, o eremitão morto, e a imagem da padroeira desapparecida; mas, procurando-a entre as cinzas, a acharam inteira e illesa, o que tiveram por milagre, e fez redobrar a sua devoção para com a Senhora, á qual, desde então deram o titulo de *Nossa Senhora da Queimada*.

Até então tinha a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, e é no dia d'este mysterio (15 de agosto) que se lhe faz a sua festa.

PECEGUEIRO—freguezia, Douro, comarca

d'Arganil, concelho de Pampilhosa, 90 kilometros da Guarda, 210 ao N.E. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 72 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

(O Portugal Sacro, diz que é S. Thiago, apostolo.)

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O prior de Pampilhosa, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé de altar.

E' fertil, e cria bastante gado. E' territorio montanhoso, abundante de caça. Vide *Pampilhosa.*

PECÊNO—portuguez antigo—pequeno.—*E ey muy gram vergunha, de que tam pecêna manda faço; mas pero, nom me porria culpa quem ma fazenda soubesse.* (Doc. de Vairão, de 1289.)

PECHÃO ou **PEXÃO**—freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca, districto administrativo e 6 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757, tinha 128 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Algarve.

O bispo apresentava o cura, que tinha 195 alqueires de trigo, 36 de cevada e 120 arrobas de figos.

A egreja matriz está edificada em um alto d'onde se vê o mar.

A freguezia é espalhada por casaes, e tem uns 36 kilometros quadrados.

Seu territorio é em grande parte occupado por montes incultos; mas nos sitios cultivados produz muitos cereaes, alfarrobas, algum vinho, e grande abundancia de figos.

Ha n'esta freguezia, duas optimas fazendas, uma chamada *Bella-Mandil* e a outra *Torrojão.* São muito abundantes d'aguas e fertillissimas.

Bella-Mandil, é a palavra arabe *belad* (paiz) unida á outra, tambem arabe — *Mandil* (lenço ou guardanapo) e vem a ser—*propriedade* (ou *terra*) de lenço.

Os portuguezes deram o nome de mandil, a um bocado de saragoça, com que se limpa o pó das cavalgaduras.

Torrojão é corrupção de *Torre de Joanne*, do que se fez *Torre João*, e por fim *Torrojão.*

PECHOSO—portuguez antigo—(mais usado na Hespanha do que em Portugal.)

Ou venha de *pecho*, que não só significa peito, mas tambem *tributo*—ou de *pécha*, que significa *falta, defeito, senão*, etc.—Vemos esta palavra nos escriptores antigos, já como *individuo de grandes peitos, ou seios*—já pelo que costuma pôr defeito ou *axes*, em cousas ou pessoas—já pelo que está sujeito a muitos e grandes tributos.

Nada tem *pechoso* de commum com *pichoso.*

Este ultimo adjectivo applicava-se (e ainda se applica) ao rabujento, impertinente, migalheiro, etc.

PECTAR—portuguez antigo—depois, *peitar*—pagar peita, tributo, direito, mulcta, etc.

PEDAÇÃES—a antiga villa de *Pedaçanes*, Douro.—Vide *Lamas do Marnel.*

PEDERNEIRA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 18 kilometros ao O.N.O. de Leiria, 6 ao N. de Maiorca, 105 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 233 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Areias.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

E' povoação muito antiga.

O D. abbade geral d'Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está esta freguezia situada na foz do rio *Alcôa*, em 39° 36' de lat. N.—e 40' de long. occ.

Foi por 3 seculos cabeça de um concelho, que foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855, tendo então 900 fogos.

O mesmo decreto supprimiu mais quatro concelhos no districto administrativo de Lei-

ria, foram — S. Martinho do Porto, Chão do Couce, Maçans de D. Maria, e Louriçal.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de outubro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 132, col. 2.ª)

Ao E. da villa, a uns 1:800 metros de distancia, ha um monte de forma conica, no topo do qual está a capella de S. Bartholomeu e de S. Braz.

Este monte (ou pico) avista-se do mar, em distancia de mais de 30 kilometros, e serve de balisa aos navegantes e aos pescadores.

Houve n'esta capella, ainda não ha muitos annos, um eremitão que o povo d'estes sitios tinha por santo.

Está sepultado na capella, junto ao altar da Senhora.

D'este pico se gosa um bello e vastissimo panorama. (Vide *Fetal*, *Nazareth*, *Paredes* e *Viseu*.)

—

Já disse na villa (extincta) de *Paredes*, e na freguezia de *Pataias*, d'este volume, qual foi o acontecimento que deu causa ao abandono de Parêdes; cujos moradores se vieram aqui estabelecer, ampliando a povoação, e trazendo para a Pederneira todos os seus haveres—e os seus foraes e privilegios, que guardaram no archivo da camara, e que hoje devem estar em Alcobaça.

Ao S. da villa, está a *Serra da Pescaria*, e n'ella a ermida de S. Julião, templo antiquissimo, e que alguns escriptores dizem ter sido fundação do 2.º Viriato, ou edificado no seu tempo.[1] (Vide *Eburobriga*, vol. 3.º, pag. 5.)

Ha n'esta capella umas inscripções em caracteres desconhecidos, que uns attribuem aos phenicios, outros aos godos.

Junto á villa, está um chafariz de cantaria, construido pelo rei D. Sebastião, em 1577. Foi este mesmo soberano, que deu principio á fortaleza de S. Miguel, concluida por Manuel Gomes Pereira, em 1600, ao qual Philippe III fez, n'esse mesmo anno, 1.º governador da fortaleza.

O chafariz velho que está dentro da villa, decorado com as armas de Portugal, é obra do rei D. Manuel, e foi feito pelos annos de 1520.

Tem a villa mais algumas fontes, e um ribeiro, denominado *Enxurro*.

—

Consta que o nome de *Pederneira* lhe vem por ser aqui achado um antiquissimo marco, redondo, de 1m,10 d'alto (que ainda existe) feito de *silex pyromico*[1] (pederneira).

Notemos, porém, que no portuguez antigo, *pederneira* significa *recife* ou *cachopo*, formado de seixo; e como ha varios d'estes recifes por esta costa, inclino-me mais a que d'isto lhe provenha o nome.

—

Consta a freguezia da Pederneira, das 4 povoações seguintes: — a villa, *Nazareth*, *Praia*, e *Fanhaes*. O povo d'esta ultima povoação, emprega-se na agricultura; o das outras é quasi todo pescador e maritimo.

Houve aqui um estalleiro, onde se construiram alguns navios do estado e particulares.

PEDÓME — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

[1] Se assim foi, o que é mais que duvidoso —não era templo christão, mas gentilico, porque Viriato, o moderno (ou 2.º) viveu entre os annos 42 e 14 antes de Jesus Christo.

A vontade que teem alguns escriptores de dar grande antiguidade aos edificios, obriga os a cahir em tamanhos disparates como com respeito a esta capella cahiu o padre Cavalho, na sua Chorographia, pois dá uma egreja catholica construida na Lusitania, pelo menos 14 annos antes da vinda de Christo, e, pelo menos, 50 e tantos antes de ser prégado o christianismo na Peninsula.

O que póde é ter sido um *fano* romano, depois, templo catholico, que passou a ser mesquita mourisca e por fim ermida christan.

[1] *Silex*, é o *quartzo*, compacto, de origem concrecionada. Os mineraes compostos de silica, mais ou menos pura, dividem-se em tres especies—1.ª (a mais bella) *agatha*—2.ª, *calcedonia*—3.ª, *quartzo*.

O silex, póde dizer-se uma calcedonia grosseira. A pederneira, é uma variedade de silex, a que se dá o nome de *silex pyromico*, que, em portuguez comesinho, vem a dizer —*seixo que faz lume*.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santo Eloy (conegos de S. João Evangelista) da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado, colmeias e caça.

PEDONDE—Douro.—Antigo nome do rio *Arda*, e da freguezia seguinte.

PÉDORIDO, ou **PÉ-DORIDO** — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros a O. do Castello de Paiva, comarca e 20 kilometros a O.N.O. d'Arouca, 58 ao O. de Lamego, 70 ao N.E. d'Aveiro, 30 a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

O D. abbade benedictino de Paço de Souza, apresentava *in solidum*, o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está esta freguezia formosamente situada sobre a margem esquerda do Douro, e na encosta da serra do seu nome, tendo por limite do lado do O., o ribeiro d'Areja, e pelo E. o rio Arda, até quasi junto da sua confluencia com o Douro, onde o territorio da freguezia occupa um pequeno espaço a E. do rio; mas sem mais casa alguma.

A egreja matriz é pequena, antiga, de architectura singela, e pobre de ornatos, e apezar de estar edificada mais de 50 metros sobre o nivel do Douro, muitas vezes as cheias teem chegado ao adro, e ainda em dezembro de 1860, chegou a agua do rio até ao nivel do seu pavimento. Umas grandes e altas nogueiras, plantadas a alguns metros acima da superficie do Douro, ficaram então, umas total, outras quasi totalmente, debaixo da agua.

Em frente da povoação, na margem opposta, fica a bonita aldeia de *Rio-Máo* (com uma grande, nova e bonita capella de Santo Antonio) da freguezia de Sebollido, concelho de Gondomar, comarca, bispado e districto administrativo do Porto.

O terreno d'esta freguezia, que occupa uma área de 5 a 6 kilometros, está em grande parte inculto; mas o cultivado, é fertil em todos os generos agricolas do nosso clima. (Nunca vi aboboras tão grandes como n'esta freguezia.) Cria bastante gado, de toda a qualidade.

Em toda a freguezia só ha uma capella no logar da Póvoa, mas é particular, do sr. doutor Aranha. (Vide *Póvoa de Pédorido.*)

Na *serra dos Terreiros*, no sitio chamado *Alto da Póvoa*, passa a grande zôna carbonifera de que fallei nas palavras *Castello de Paiva* (concelho) e *Paraizo*, freguezia.

Parallela a esta zôna, e a E. d'ella, passa uma grande *veia* de ferro, de boa qualidade.

Poucos metros abaixo, e na encosta septentrional d'esta serra, ha uma nascente de agua fresca e clarissima. É agradavel ao paladar, deixando apenas um leve gôsto a capa-rosa (vitriolo). Possue a qualidade adestringente, em summo gráu, e deve ser utilissima para a cura de padecimentos do estomago. Ainda não foi analysada.

Esta freguezia, póde dizer-se que é composta apenas de duas povoações (Pédorido e Póvoa), de duas quintas (Fornéllo e Germunde), e de dois casaes (Parada e Aréja): todavia, o povo d'aqui, distingue a aldeia de Pédorido, sob diversos nomes, como são — Egreja, Nogueira do Rio (que é á beira do rio Douro), Costa, Congosta, etc.

O logar de Pédorido — com todas as suas denominações—está em volta da egreja, pelo E., S.E., S., S.O., e O., e muito proximo d'ella. O logar de Parada, fica a uns 400 metros ao S., na encosta da serra; e o logar da Póvoa, fica em uma baixa, ao S.O. da serra, e a uns 2 kilometros da matriz.

A quinta de *Fornêllo*, que foi do sr. Verissimo Albino Vaz Pinto, do Burgo, d'Arouca, e é hoje, por compra, de um *brasileiro* de Pédorido, fica sobre a margem do Douro, e tem uma boa casa para habitação de caseiros — segue-se-lhe a de Germunde, que foi do fallecido barão de Rendufe, e é hoje do sr. doutor Aranha, da Póvoa. É tambem á beira do rio, e ficam ambas a O. do logar. O casal da *Aréja*, é ainda a O. de Germunde, na margem direita do ribeiro d'Aréja, e

situado junto á sua confluente com o Douro.

Este casal, é a ultima povoação que o bispado de Lamego tem para o O., pois que o ribeiro separa esta diocese da do Porto. (Vide *Arda* e *Arêja*.)

No sitio chamado Nogueira do Rio, ha uma estalagem denominada *da Maria de Todo o Mundo*. Era uma boa mulher, natural da Régua, chamada Maria do Nascimento, que, com seu marido, veio aqui estabelecer-se. Hoje pertence a uma sua neta.

—

É esta freguezia abundantissíma de optimo peixe, tanto do mar, que lhe vem pelo rio, como do Arda e Douro.

No Arda, pescam-se, até pequena distancia da sua foz, lampreias e saveis — e em todo elle, barbos, erózes, bógas, escálos, e grandes e saborosissimas trutas, rivaes na delicadeza do gosto, ás do rio Paiva, que fica 6 a 7 kilometros mais acima.

Pertencente a esta freguezia, ao N.E. do rio Arda, ha um vasto areal (a que aqui chamam *Arinho* e *Areinho*) onde, desde janeiro até fins de maio, se empregam mais de vinte barcos, na pesca das lampreias, saveis, tainhas, mugens, etc. — A pescaria é feita com rêdes d'arrastar.

Os barcos são de proprietarios de Pédorido e de Rio-Mão.

As lampreias, pescam-se tambem em *cabaceiras* (pequenos saccos de rêde) nas *pesqueiras*, que são umas grossas paredes, que, á semelhança de *lingoêtas*, se fazem nas margens dos rios, em sitios em que no inverno a agua chegue a metade da altura da pesqueira.

Em occasiões de pescaria abundante, compra-se aqui um bom savel, ou uma grande lampreia, por 60 e 80 réis. Então, os pescadores, esperando melhor occasião de venda, guardam as lampreias em *viveiros*, que são uns tanques, fechados por uma casa; mas, estando muito tempo o peixe n'estes *viveiros*, faz-se molle, e é menos gostoso.

As lampreias e os saveis do Douro, são melhores (mais gostosos) do que os do Mondégo, Lima e Minho: e quanto mais Douro acima, quanto melhores são.

Grande parte do povo de Pédorido e Rio-Mão, estão á espera do tempo das pescarias, como o lavrador espera pelo tempo das colheitas; e, se o anno é feliz, fazem grande negocio.

Além dos cinco mezes da pesca dos saveis e lampreias, nos outros sete, pescam-se varias qualidades de peixe, já com *travessilhos*, já á tarráfa (a que aqui chamam *chumbeira*).

O peixe é exportado, algum para o Porto, e a maior parte para as povoações ruraes circumferentes.

Os generos agricolas, apenas dão para consumo da parochia; que, alem do peixe, apenas exporta algum gado bovino.

Apezar de todas estas condições de prosperidade, a freguezia é no geral pobre, tendo poucos lavradores *remediados*, e uma só casa rica — a dos srs. Aranhas, da Póvoa, que é vinculada.

O povo de Pédorido, é, no geral, bom, hospitaleiro, trabalhador, socegado e religioso.

PEDRA—(Bom Jesus da)—vide *Obidos* (6.º vol., pag. 191. col. 2.ª)

PEDRA—(Senhor da) — vide *Golpelhares* (a pag. 299, col. 1.ª, do 3.º volume.)

PEDRA DA MÃO DO HOMEM—No fim da freguezia de Nossa Senhora de Adoufe (Traz-os-Montes, concelho de Villa Real) ao N., acima da estrada de Villa Real a Chaves, e entre os logares d'Estariz, e o de Bonagouro, ha um sitio, chamado *Mão do Homem*, em rasão de estar alli um grande rochedo, no qual estão gravadas, quatro mãos de homem, abertas—uma até ao cotovêllo, outra, um tanto mais curta, e as outras duas, só até ao pulso.

Junto a ellas se vê gravado na mesma pedra, aberto a picão, o leito de um carro, de 66,^{m} de comprido.

Entendendo o povo que estas garatujas indicavam thesouro mourisco proximo, tem em differentes epochas revolvido o terreno adjacente, sem que até agora tenha apparecido cousa alguma.

E' a este penedo que o povo dá o nome de *Pedra da Mão do Homem*.

—

A uns 300 metros de distancia d'este lo-

gar, do lado de baixo da estrada, junto ao rio Córgo, em um pequeno monte, que faz um grande despenhadeiro para o rio, se veem alicerces de muralhas e outros edificios.

E' tradição que existiu aqui uma fortaleza e povoação romanas; e é certo, que ao lado do norte do monte, entre estas ruinas, se teem por varias vezes, e cavando a pequena profundidade, achado moedas romanas, de cobre, em grande quantidade, e de mui diversas fórmas; mas de tal modo oxidadas, que se lhe não podem conhecer as letras, nem os cunhos, e se desfazem facilmente.

PEDRA D'ALVIDRAR — Notavel penêdo, Extremadura, na famosa *serra de Cintra.*

Depois de uma incommoda jornada, por atalhos pedragosos, chega-se ao pequeno e pobre logar de *Almoçagême* (que me parece corrupção de *Al-Muça-Jasemin*—O Muça Jasmim—Muça é nome proprio arabe) e d'ahi principia a subir-se a montanha cuja encosta está coberta de vinhas, que produzem os famosos vinhos denominados de *Collares.*

Chega-se finalmente ao enorme banco de pedra, de assombrosa altura, talhado quasi a prumo, e contra o qual se debatem as ondas revoltas do Oceano. E' a *Pedra d'Alvidrar.*

Proximo a este penêdo está o abysmo chamado *Fôjo*, no fundo do qual refervem as ondas, com estampido medonho. (Vol. 2.º, pag. 359, col. 2.ª)

A *Pedra d'Alvidrar* é a vertente occidental da montanha formada de rocha viva, cortada quasi perpendicularmente sobre o mar; e d'este elevadissimo ponto, se gosa um magestoso panorama.

A' esquerda, e a pouca distancia, está o *Cabo da Roca*—e á direita, as praias, *do Cavallo, das Maçans, da Ericeira*, e outras.

A bastante distancia, para o O.N.O., se veem, em dias claros, os ilheus das Berlengas e Farilhões.

E' este um dos pontos da nossa costa, que offerece mais interesse ao viajante curioso, pela sua imponente magestade.

Alguns homens da localidade, e mediante uma pequena retribuição descem, firmando-se *com unhas e dentes*, ás arestas da rocha, agarrando-se ás suas anfractuosidades, e ás raizes das plantas parasitas, até ao fundo do Fôjo, d'onde trazem conchas ou seixinhos, que os *touristes* guardam para lembrança.

Quando o mar está socegado, veem-se passar a pouca distancia da costa, barcos de pesca, vapores e navios de vela, crusando as ondas em todos os sentidos.

PEDRA DA MÚA—vide *Senhora do Cabo.*

PEDRA DE ESCANDALO—E' mui vulgar usar-se d'esta expressão quando se quer tornar mais odioso o mau procedimento de qualquer, que pelas suas acções offende a honra e o decoro publico: pelo que convem saber a causa que motivára esta expressão.

Havia uma pedra elevada, junto do portico principal do capitolio da antiga Roma, na qual se achava esculpida a figura de um leão.

Aquelles que faziam *banca-rôta*, ou quebra dolosa, e que se viam na necessidade de abandonar os bens aos seus crédores, eram obrigados a assentar-se, nús, sobre esta pedra, e clamar em alta voz «*cedo bona*» eu abandono os meus bens—seguindo-se a esta declaração o baterem tres vezes na dita pedra com o posterior!

Passada esta pratica irrisoria (que todavia para alguns seria forte motivo para serem mais escrupulosos, e não delapidarem os bens dos outros) não podiam ser mais inquietados; mas ficavam diffamados; eram declarados intestaveis, e até não podiam depôr em juizo como testemunhas: tal era a maneira como corrigiam os devedores dolosos.

PEDRA FURADA — Sahindo de Setubal, e costeando o rio Sádo, para E., encontra-se proximo da cidade, um rochedo, tão notavel pela sua fórma e posição, como pela sua materia, e monstruosa grandeza.

Ergue-se na margem do rio, junto de uma collina arenosa, de modo que, tem de uma parte a base banhada pelo Sádo, e da outra, enterrada na areia da collina.

Tem d'altura, desde a superficie da agua

até ao ponto mais elevado, 17m,78—e de diametro, uns 9 a 10 metros.

Na sua formação, granitica, com mistura de mineral ferruginoso (oxido de ferro) assimilha-se ao célebre rochedo de Leiningen, na Allemanha.

Tem a superficie toda carcomida, e tão crivada de buracos e cavidades, como uma esponja.

O seu gigantesco vulto, espelhando-se no rio; a negrura da sua côr; e a sua posição solitaria, como sentinella perdida dos seculos cahidos na voragem do passado, lhe dão um aspecto fantastico.

Dá-se-lhe o nome de *pedra furada*, em razão da sua fórma cavernosa.

—

Na *quinta de Lousado* (na freguezia de Canêdo, comarca e concelho da Feira—Douro) do sr. doutor Manuel Augusto Paes Moreira, ha um penedo exactamente e em tudo similhante, menos no volume—que este, apenas tem uns dois metros de altura. Indica ser um antigo marco de divisão de propriedades.

E' de notar que nem n'esta freguezia de Canedo, nem nas em redor, a mais de 5 kilometros de distancia, ha pedra de semelhante qualidade.

A unica pedra que aqui ha, é schisto, muito friavel, e algum—pouco—quartzo.

PEDRA FURADA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administractivo de Braga.

O reitor do mosteiro de conegos de S. João Evangelista, de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) apresentavam o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Terra fertil. Gado e caça.

PEDRA SALGADA—aldeia, Douro, na freguezia d'Avintes, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 5 kilometros a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

Consta este logar, apenas de duas bonitas quintas, a do O., dos herdeiros de Ayres Pinto de Souza de Mendonça, que foi regedor das justiças do Porto, e a do E., que era do general realista, José Cardoso de Carvalho, o qual, morrendo solteiro e sem filhos, deixou a casa a seu irmão, o brigadeiro, tambem realista, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes (vide *Armamar*) e é hoje da sua viuva.

A primeira, é, desde muitos annos, um grande deposito de vinhos do Alto Douro, que aqui é recolhido e... *beneficiado*, sendo depois exportado para varias partes do reino e estrangeiro.

Tem um bom caes, para embarque e desembarque.

Está a Pedra-Salgada em um sitio dos mais formosos dos arrabaldes do Porto, sobre a margem esquerda do Douro, ficando-lhe a distancia de um kilometro a O.N.O., na margem opposta, a bella e notavel quinta do *Freixo*. (Vide *Campanhan* e *Freixo*—quinta do) que d'este logar se vê perfeitamente, assim como varias outras povoações das freguezias de Campanhan e Val-bom, tambem na outra margem do rio.

E' a Pedra Salgada, o passeio favorito de muitas familias do Porto, e concorridissimo, sobre tudo aos domingos e dias sanctificados.

A casa da quinta do O., é boa, porém mais propria para armazens do que para uma commoda habitação.

A outra quinta, tem uma optima casa, que, apezar de não ter concluido senão o centro e a parte do O., bem se lhe póde chamar, uma sumptuosa casa de campo.

PEDRÁÇA—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 45 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do collegio de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas — muito bom vinho — cria muito gado de toda a qualidade; mel e cêra.

Abundante de caça, grossa e miuda. Peixe do Tâmega, e de alguns ribeiros que por aqui passam.

—

Em 1867, em um monte d'esta freguezia, foram encontrádas 8 moedas romanas, de prata.

A maior parte eram de Augustó. Tinham de um lado, um busto de homem, coroado de loiro, e em volta a legenda — TI. CAES. DIVI AVGVSTVS—e do outro, um homem sentado, e em volta a legenda—PONTIF. MAXIM.

—

Em abril de 1869, appareceram na aldeia de *Bradélla*, d'esta freguezia, algumas medalhas romanas; sendo a mais antiga, do imperador Augusto, que governou o imperio romano, desde o anno 3973 do mundo (31 antes de Jesus Christo) até ao anno 14 de Jesus Christo.

Eram todas de prata, e com os cunhos perfeitamente conservados.

Appareceram tambem — uma moeda de bronze, do imperador Galliano, filho de Valeriano, do 3.° seculo da era christã—e duas do imperador Constantino, que morreu no anno 337 de Jesus Christo.

Tambem estavam perfeitamente conservadas.

—

Honra-se esta freguezia de ser a patria de tres varões (irmãos) tão notaveis por seus talentos, como pelas suas virtudes.— Eram:

Joaquim Velloso de Sequeira, abbade d'esta freguezia (que parochiou por 34 annos) e n'ella nasceu em 1808, e aqui falleceu, depois de prolongados e dolorosos padecimentos, soffridos com verdadeira resignação christã, no dia 18 de fevereiro de 1874.

Mais de 400 parochianos, e grande numero de clerigos, alguns vindos de grandes distancias, acompanharam o féretro até ao seu ultimo jazigo, vendo-se nos rostos de todos, signaes evidentes da saudade que lhes pungia os corações, e pranteando sinceramente aquelle que por tantos annos fôra seu parocho sollicito, seu esclarecido conselheiro, e seu sincero amigo.

Legou os seus haveres, que valiam uns 18 contos de réis, a seu sobrinho, o sr. padre Bento José Barroso, illustrado e exemplar sacerdote d'esta freguezia.

Era tambem sobrinho do virtuoso abbade, o sr. Souza e Silva, esclarecido redactor do jornal politico, *O Commercio do Porto.*

O padre Mestre, frei Balthazar Velloso de Sequeira (irmão do referido abbade) tambem já fallecido, que foi professor de theologia moral, no seminario diocesano do Porto.

O reverendo sr. frei José d'Aquino Velloso de Sequeira, actualmente conego da real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães—e o 3.° dos irmãos; e ambos, estes ultimos, de tanto saber e virtudes, como o primeiro.

—

Ha tambem n'esta freguezia, vestigios de uma torre.

N'ella viveu, Vasco Gonçalves Barroso, e sua mulher, D. Leonor d'Alvim, que, depois de viuva, casou com o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira.

Consta que esta torre foi solar dos duques de *Lerma.*

PEDRAÍDO ou **PEDRAHIDO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do antigo concelho de Monte-Longo — que é o actual de Fafe—comarca de Guimarães) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Senhorinha de Basto, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

Foi villa e couto, pertencendo este ao mosteiro cisterciense, das freiras de Arouca.

O morgado da Taipa, recebia 70$000 réis annuaes, das rendas d'esta freguezia.

PEDRALVA ou **PEDRA-ALVA**—villa e freguezia, Minho, concelho, comarca, districto

administrativo, arcebispado e 1 kilometro de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 440 fogos.

Orago, o Salvador.

O abbade de S. Pedro d'Éste, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

Foi couto, que D. Sancho II deu ao arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho, em 26 de novembro de 1238.

O motivo d'esta doação foi o seguinte:

D. Affonso Henriques, sempre em guerra contra os que lhe disputavam o senhorio de Portugal, e contra os mouros, para alargar a área d'este reino, queria ter da sua parte o arcebispo de Braga (então uma potencia) e o clero da sua diocese. Fez-lhe, em 27 de maio de 1128, muitas e grandes mercês e desmarcados privilegios; entre estes—*Et sicut Avus meus Rex Alfonsus dedit adjutorium ad Ecclesiam S. Jacobi faciendam: simili modo do, at que concedo Sanctæ Mariæ Brach. Monetam, unde fabricetur Ecclesia... Insuper etiam dono, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale Officium pertinet, scilicet, Capellaniam, et Scribaniam, et caetera omnia; quæ ad Pontificis curam pertinent.*

Eram pois para a fabrica da Sé de Braga, os rendimentos d'esta moeda; dos quaes D. Affonso II a privou, como se vê do rescripto do papa, Honorio III, de 23 de dezembro de 1221, pelo qual, manda aos bispos de Astorga e Tuy, façam restituir á Egreja de Braga, além d'outras cousas, *Cancellariam, Capellaniam, Monetam* de que o rei a tinha despojado; mas, nada aproveitaram as diligencias do arcebispo de Braga e do seu cabido, até que, no referido dia 26 de novembro de 1238, se concordaram, em Guimarães, o dito arcebispo, D. Silvestre Godinho e seus conegos, com D. Sancho II, dando-lhes este soberano as egrejas de Ponte de Lima, e Touginha, em terras de Faria, livres e isentas de todo e qualquer direito real: e as suas villas e terras de Pedralva, Goúviães e Adaúffe (hoje Adouffe) em terra de Panoias, as quaes mandou coutar *per lapides; sicut alind Cautem de Regno, quod melius cautatum est.*

Então o arcebispo e cabido, renunciaram para sempre, todo e qualquer direito que tinham, ou pudessem ter *super Moneta, Capellania, et Cancellaria Domini Regis.* (Doc. da Mitra de Braga.) [1]

—

João de Barros, nas suas *Antiguidades de Braga*, diz que S. Damaso, papa, nasceu em Pedralva. (Vide *Braga, Briteiros* (Senhora da Piedade e Santo Antonio) e *Catania.*

—

Teve Pedralva as justiças proprias do couto, duas companhias de ordenanças com seus capitães e mais officiaes, e um capitão-mór.

O ultimo capitão-mór de Pedralva, foi Antonio da Rocha Couto, que falleceu na cidade de Vianna, em janeiro de 1875.

Tinha nascido em 1787. Era um dos mais distinctos cavalheiros da provincia do Minho.

Concluiu a sua formatura em leis, na universidade de Coimbra, em 1822. Foi official do batalhão de Voluntarios Realistas de Vianna, e cavalleiro professo da ordem de Christo.

Tinha a propriedade de escrivão da camara ecclesiastica de Vallença.

Por disposição testamentaria, foi conduzido de sua casa, pela real irmandade da Misericordia, para o templo dos congregados, onde teve pomposos officios.

PEDRAS DE LINHARES—(Vol. 4.º, pag. 99, col. 1.ª) é o ultimo *ponto* que tem o rio Douro, desde o seu nascimento até á foz.—Vide *Pontos do Douro.*

PEDRAS NEGRAS—sitio de Lisboa, bem conhecido.

A rua das Pedras Negras, está junto á Sé e é continuação da rua do Arco do Limoeiro, hindo da rua do Barão, e finda na rua da Magdalena.

E' parte da freguezia da Sé, e parte da da Magdalena.

[1] Parece que o dinheiro mandado cunhar pelos arcebispos de Braga, foi mandado recolher á casa da moeda, porque não tem apparecido nem uma só, que me conste.

A travessa das Pedras Negras, é a 1.ª, á esquerda, na travessa do Almada, hindo do largo da Magdalena (vulgo, largo do Caldas) e finda tambem na rua da Magdalena, pertencendo á freguezia d'este nome.

Trabalhando-se em 1771, nos alicerces do palacio que o correio-mór d'este reino, pae do 1.º conde de Penafiel (hoje dos marquezes do mesmo titulo) levantava das ruinas, do grande terramoto de 1755, descobriram os pedreiros, ao O. das obras, umas thermas ou banhos, evidentemente de construcção romana, com grande abundancia d'agua mineral.

A architectura d'estas thermas era magestosa e elegante, o que prova que foram construidas no tempo do maior esplendor dos dominadores do mundo.

Tinham na frente uma inscripção latina, que adiante copio.

Constava de um grande banho em fórma de meia laranja, servindo-lhe de cúpula e remate o segmento de uma elypse ou espheroide, e era como um nicho.

A sua altura total era de 10 metros, e tinha de largura 5, e de base ou espessura 2^{m},60.

D'esta base e pavimento, se levantava um tanque, cuja figura era um segmento de circulo.

O lado ou linha curva, era o mesmo nicho: e da parte exterior, se levantava, desde o pavimento e da sua base, uma parede, que do lado opposto cerrava a bôcca ou parte do arco, ficando assim o tanque comprehendido, entre o semicirculo do nicho e a parede que o fechava em linha recta.

A elevação do tanque, era de 2^{m},22, e a sua extensão a mesma do nicho.

No meio do tanque, da parte interior, isto é, no meio do arco do circulo, se viam os vestigios de um assento, e ao pé d'este, restos do cano ou registo, por onde a agua se communicava ao tanque: tudo fabricado de excellente argamaça.

Para entrar para este tanque, ou banho, havia nos dois lados da parede exterior, duas escadas, cada uma com 5 degraus de pedra, e cada degrau de altura de 0^{m},155, e de 0^{m},44 de comprimento, e 0^{m},33 de largo,

No meio do espaço do nicho, que restava do tanque, havia um outro nicho mais pequeno, mas da mesma figura e em tudo semelhante ao grande.

Dentro d'este se achou a estatua de um guerreiro romano, de excellente marmore branco, e optima esculptura, mas alguma cousa damnificada no rosto, em um braço, e em uma perna.

No peito tinha a figura do sol, e sobre o ventre, duas esphinges, ou serpentes, aladas, com rosto de mulher.

Tinha os braços nús, dos cotovellos para diante, e as pernas, dos joelhos para baixo, todo o mais corpo figurava vestido de ferro, ou de *armas brancas*.

Na mão esquerda segurava um escudo, tambem de marmore, onde se via esculpida a figura de uma loba, dando de mamar a dois meninos (Romulo e Rémo.)

Sobre este pequeno nicho, a distancia de um metro d'elle, embutido na parede, estava um tijollo vermelho, de 0^{m},66 de comprido, e 0^{m},44 de largo, com esta inscripção:

THERMÆ CASSIORUM
RENOVATÆ A SOLO JUXTA JUSSIONEM
NUMERII ALBANI V. C. P. P. I.
CURANTE AUR. FIRMO
NEPOTIANO ET FACUNDO CONSS.

(Thermas dos Cassios, reedificadas desde os fundamentos, segundo a ordem de Numerio Albano, varão consular, illustre pae da patria; sendo inspector da obra, Aurelio Firmo, e consules, Nepociano e Facundo.)

Para o tempo em que viveram estes individuos, vide adiante.

Os tijolos d'esta obra, eram de differentes grandezas e côres, uns vermelhos, outros quasi pretos, outros mais ou menos brancos. Uns do comprimento de 0^{m},66, por 0^{m},44 de largo, outros de 0^{m},33 em quadro, e finalmente, outros mais pequenos.

Havia ainda mais alguns tanques pequenos, com seus nichos, da mesma configuração, mas em nenhum se acharam estatuas.

O aqueducto para o despejo da agua dos

tanques, não foi descoberto; sómente para o E., a distancia de 10 metros, havia um grande reservatorio d'agua (cisterna) que hoje está debaixo de uma escada interior do palacio.

Tinha agua, quando se achou, e mandando-se limpar, se descobriu um aqueducto, que corria para os tanques.

Era em fórma de funil, com o largo para os tanques.

Achou-se mais outro aqueducto do lado do N., parecendo vir do monte do castello (de S. Jorge.) A agua era tépida; mas não foi analysada.

Estas thermas e toda a mais fabrica, dividia-se e estava separada do publico, por uma parede de alvenaria, que então (1771) se demoliu.

Via-se que as thermas ficavam mais baixas do que a rua; e entrava-se para ellas, por uma pequena porta de couceira, que se achou no meio d'esta parede.

Não se pôde averiguar a altura d'esta, e se vedava ao publico a vista das thermas, pois se achava desmoronada na sua parte superior.

—

Estes Cassios de que reza a inscripção (Caio, Lucio e Quinto Cassio) eram tres irmãos, que viveram no tempo da guerra civil de Roma, que foi pelos annos 705 da sua fundação, ou 48 antes de Jesus Christo.

—

Parece que estas thermas comprehendiam um grande espaço, pois que, correndo d'este logar, uns 150 metros para o S., na rua Bella da Rainha (rua da Prata) e defronte da egreja de Santa Maria Magdalena, trabalhando-se para abrir os alicerces de algumas casas, em 1763, se descobriram outros muitos nichos e tanques, de egual fabrica, e junto d'elles, a seguinte inscripção:

SACRUM
AESCULAPIO
M. AFRANIUS EUBOROENSIS
ET
L. FABIUS DAPHNUS
A. V. G.
MUNICIPIO. D. L.

(Memoria consagrada a Esculapio. Marco Afranio, euboroense, e Lucio Fabio Dafno, no augusto municipio, dedicaram este padrão.)

Parece-me que este Marco Afranio, não era d'Evora, mas da *Eburobriga*. Vide esta palavra, a pag. 5 do 3.º volume.

—

Parece que esta obra, renovação da antiga, foi feita no anno 335 ou 336 de Jesus Christo, 30.º do imperador Constantino; porque eram então consules em Roma, Flavio Nepociano e Pompilio Facundo. (*Hespanha Sagrada*, de Flores, tom. 4.º, paginas 516 e 525.)

A pouca distancia d'estas thermas, estava um templo dedicado a Esculapio, deus da medicina, como se vê da memoria que refere *Marinho*, no L.º 3.º, cap. 7.º, e é a seguinte:

AESCULAPIO SACRUM.
CULTORIBUS LARUM
MARIO ET MANLIO AQUILIO COSS. IT.
JULIUS MACRINUS
D

(Memoria consagrada a Esculapio, pelos veneradores dos Deuses Lares, sendo consules, segunda vez, Mario, e Manlio Aquilio. Julio Macrino dedicou.)

Mario e Manlio, foram pela 2.ª vez consules, no anno de Roma 653, que vem a ser, cem antes de Jesus Christo.

Muito proximo d'este templo, estava a praça chamada dos Canos, do que talvez provenha o nome á rua e á freguezia de S. João da Praça.

—

Quanto mais a gente vae lendo, estudando, combinando e investigando, mais luzes vae adquirindo sobre as antiguidades da nossa terra.

A pag. 360 do 4.º volume, e fundado no que dizem muitos escriptores veridicos antigos, disse que, onde hoje vemos a Sé

patriarchal, houve um templo romano, dedicado ao Sol.

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, que nas suas *Instrucções e Cautellas*, etc., tantas provas deu dos seus vastos canhecimentos em archeologia, diz, a pag. 136, terminantemente, e como cousa sabida e assentada, que a *Praça dos Canos, o templo de Esculapio*, e as thermas, estavam proximos, e não falla no *templo do Sol*, que, segundo eu disse no logar citado, devia ficar contiguo e sobre a rua de *S. João da Praça* — isto é — onde Tavares situa o templo de Esculapio, ou, pelo menos, muito proximo.

E' verdade que podiam haver dois templos idolatras muito perto um do outro; porém nenhum escriptor menciona dois templos aqui, mas só um: differem porém no idolo a que era dedicado, dizendo uns que era a Apollo, outros a Esculapio.

A monstruosa serpente que Miguel Leitão de Andrade diz estar enroscada em volta do zimborio do templo, symbolisava—segundo os que pretendem que fosse o templo dedicado ao Sol (Phebo ou Apollo)—a serpente *Python*, que Apollo matou ás setadas.

Isto, que parece desmentir o doutor Tavares, na minha humilde opinião ainda mais o confirma.

Por medianamente instruido em mythologia que qualquer esteja, sabe que *Epidauro* era uma cidade do Peloponeso, na peninsula de Argolida (hoje Sacania, sobre o golpho Saronico ou de Enguia.) [1]

Estando a cidade de Roma em risco de despovoar-se, por causa de uma terrivel peste, enviou deputados a Epidauro, onde Esculapio era especialmente honrado, como deus da medicina, para conseguirem a estatua d'esta divindade.

Esculapio, atravessou a cidade em figura de *serpente*, saltou ao navio dos romanos, enroscando-se na sua pôpa; e, chegando a Roma, saltou para a bella ilha do Tibre, onde indicou que queria um templo, e, construido este, tomou a sua forma d'homem, e a peste cessou.

Desde então, ficou a serpente sendo o emblema de Esculapio, e o symbolo da medicina; como ainda hoje vemos em quasi todas as boticas.

Creio pois que a tal *monstruosa serpente do grande zimborio*, não era a Python, mas a de Epidauro; e que o templo era dedicado a Esculapio, e não ao Sol. [1]

Alem d'isso era mais proprio de um grande e luxuoso estabelecimento thermal, o templo do deus da medicina, do que o do deus do dia.

—

De outros monumentos achados n'este sitio das Pedras Negras, quando em 1749 se edificaram as casas de João d'Almada, cuja frente está para o largo da Magdalena, faz mensão o padre D. Thomaz, na sua *Carta ácerca dos monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras-Negras*: impressa em 1754.

Para não fazer este artigo mais longo, remetto o leitor curioso da especialidade, para a referida *Carta*.

Pode tambem vêr-se a *Monographia da Egreja matriz da cidade de Lisboa*, pelo nosso esclarecido archeologo, o sr. abbade, Antonio Damazo de Castro e Souza (vulgo *Abbade Castro*) no fasciculo n.º 5, pag. 65, do *Boletim architectonico e de archeologia*, da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, a que tem a honra de pertencer o auctor d'esta obra.

PEDRAS RUIVAS antigamente **PEDRAS RUBRAS**—aldeia, Douro, freguezia de Moreira da Maia, concelho da Maia, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros ao N. do Porto, 320 ao N. de Lisboa.

Esta aldeia é célebre, porque, em 8 de julho de 1832, depois de ter desembarcado

[1] Havia outra cidade com o nome de Epidauro, sobre o Golpho argolico, ou de Napoli, na Laconia, entre Limera e Argos; mas a esta, para a distinguir da outra, se lhe dava o nome de *Epidauro de Limera*.

[1] Note-se porém que, pouco mais acima da Sé, onde existiu o templo, e passada a egreja de Santa Luzia, existiram as *portas do Sol*, e ainda ha o *largo das Portas do Sol*.

n'esse dia, o sr. D. Pedro, com o exercito liberal, das 3 para as 4 horas da tarde, no sitio até então chamado *Praia dos Ladrões*, em Arenosa de Pampellido, entre Parafita e Lavre, foi o mesmo senhor e o seu estado-maior, pernoitar a esta aldeia, a casa do lavrador, *Manuel José d'Andrade*.

Ainda vive a viuva de Manuel José de Andrade, a sr.ª D. Joaquina Alves d'Andrade, e é seu filho, o sr. José Ferreira de Andrade, que residem na mesma casa.

Tenho em meu poder, trez certidões originaes, devidamente reconhecidas, em prova d'este facto.

A 1.ª, do sr. Bernardo Moreira da Silva, parocho do Salvador de Moreira, datada de 29 de novembro de 1840.

A 2.ª, da mesma data, do sr. Antonio Domingues dos Santos, reitor eleito e encommendado, da freguezia do Salvador da Lavra.

E a 3.ª, de 2 de dezembro, do mesmo anno, do sr. Luiz Manuel Moutinho, parocho da freguezia de S. Mamede de Parafita.

Todas estão reconhecidas, pelo tabellião do Porto, Manuel Carneiro Pinto, em 5 de dezembro de 1840.

—

Foi senhora das *Pedras Rubras*, D. Gontina, fundadora do mosteiro de cruzios, do logar de Gontão, n'esta freguezia de Moreira. (Vol. 5.º, pag. 543, col. 2.ª, a 2.ª Moreira d'esta columna.)

D. Gontina viveu n'este logar (de Pedras Rubras) até aos fins do seculo IX, e aqui fundou a ermida de *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, que ainda se conserva, apezar de ter mais de mil annos de existencia!

Ha n'esta povoação um grande largo, ou praça, onde se fazem tres feiras por semana, todas muito concorridas por pessoas d'este concelho e dos immediatos.

Tiveram origem estas feiras, no anno de 1832, durante o cêrco do Porto.

Os lavradores e industriaes, não podendo hir á cidade vender os seus generos, principiaram a conduzil-os para o largo das Pedras Ruivas, onde eram comprados pelo exercito realista, e assim se foram conservando até os nossos dias, ainda que com menor variedade de generos.

A estrada americana (rail road) do Porto a Villa do Conde e á Póvoa de Varzim, tem uma estação nas Pedras Rubras, o que muito concorre para o desenvolvimento do commercio e industria d'estes sitios.

E' uma povoação rica, com bôas propriedades; e alguns capitalistas aqui tem fixado a sua residencia.

Já antes do caminho americano, havia aqui uma bôa estrada a mac-adam, que partindo de Leça da Palmeira, atravessa a Póvoa, e vae entroncar com a de Braga, passando pelo centro da povoação.

Foi n'este largo que o exercito liberal acampou, de 8 para 9 de julho de 1832.

—

Conta-se uma anecdota acontecida n'esta aldeia, no mesmo dia 8 de julho, com o sr. D. Pedro, do modo seguinte:

Foi o principe a uma locanda e perguntou o que havia para comer, ao que lhe respondeu o bodegueiro:—«Peixe de 3 FFF.» —«Então o que é peixe de *trez* éfes?»—«E' *faneca, fresca, frita*. O sr. D. Pedro comeu, e depois, disse ao locandeiro:—«Não tenho aqui dinheiro para lhe pagar, e então fica sendo o peixe de *4 éfes—faneca, fresca, frito, fiada.*»

Si non é vero, é ben trovato.

PEDRAS SALGADAS—logar, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Martinho de Bornes. (Vol. 1.º, pag. 421, col. 2.ª)

Entre a povoação de Bornes e a de Rebordechão, na margem esquerda do pequeno rio dos Avellanes, junto á antiga estrada de Villa-Real a Chaves, está situado o estabelecimento d'aguas mineraes, das *Pedras Salgadas*.

Estas aguas contêem lithina, arsenito de sóda, ácido carbonico, carbonato de sóda, etc.

Foram premiadas na exposição de Vienna d'Austria, em 1873, com o diploma de merito.

São geralmente conhecidas em todo o reino e no estrangeiro, principalmente no Bra-

sil, as suas qualidades therapeuticas, sobretudo, para padecimentos do estomago, da pelle e da bexiga.

Para a tal exposição, só foram aguas do *Penêdo* e de Rebordechão, as unicas que até hoje se teem applicado internamente. As outras só teem sido utilisadas em banhos, e se tem d'elles obtido pasmosos resultados, com especialidade em molestias cutaneas.

—

É constante n'esta freguezia, que o distincto medico da villa de Chaves, o doutor Paulo de Moraes Leite Mello, fizera applicação d'estas aguas para uma doente, d'aqui natural, com bom resultado, já no primeiro quartel d'este seculo; todavia, ninguem curava da sua exploração e analyse; estavam abandonadas, e assim permaneceriam, talvez para sempre, se não fosse a recente descoberta das de Vidago.

Este facto despertou o desejo de fazer explorações analogas. Como era sabida a applicação que d'estas aguas havia feito, em tempo, o doutor Paulo de Moraes, a camara de Villa Pouca d'Aguiar, por parecer de seu facultativo o sr. dr. Henrique Ferreira Botelho, em 1870 emprehendeu exploral-as, fazendo entrar, para esse fim, uma verba no orçamento; porém no concelho de districto não foi approvada!!

Não podendo continuar-se, portanto, a obra da exploração, foram n'esse mesmo anno cedidas, mediante a quantia em que haviam importado as despezas que a camara tinha feito, que eram poucas, a uma empreza composta dos srs. Manuel Ignacio Pinto Saraiva, de Villa-Real, hoje fallecido, e dr. Henrique Ferreira Botelho, de Villa Pouca d'Aguiar; tão sómente a camara, por voto de um de seus membros, o sr. José Leonardo da Costa Pinto, natural d'esta freguezia, reservou, em favor d'este concelho, a faculdade de seus habitantes poderem fazer uso d'esta agua gratuitamente, excepto dos banhos.

A empreza comprou um terreno adjacente, pela modica quantia de 60$000 rs., a Philippe José da Costa Pinto, do logar de Bornes, que, apezar de estar inculto, valia muito mais. N'elle, e n'outros, que lhe tem acrescentado, tem feito as obras, que tal estabelecimento demandava.

—

São quatro as nascentes exploradas, conhecidas pelos nomes de—Penêdo—Rebordechão—Rio—e Estrada—na extensão de duzentos metros, cujas aguas foram analysadas pelo sr. José Julio Rodrigues, lente de chimica da Eschola Polytechnica de Lisboa, e approvadas pela sociedade das sciencias medicas de Lisboa.

As duas primeiras são empregadas para bebida e banhos; e as segundas, por emquanto, para banhos.—Para a sua composição chimica, servirme-hei das conclusões da analyse do sr. José Julio Rodrigues:

Nascente do Penêdo—...«Muito mais pobre em bicarbonatos do que a do Vidago, é-lhe, todavia, muito superior quanto ao acido carbonico livre, que n'esta corresponde ao volume de 489^{3}c, e n'aquella attinge o de 601^{3}c, nas condições normaes de temperatura e de pressão, avantajando-se-lhe ainda no ferro contido, que é mais do dobro, e do bicarbonato de lithina, de que apenas se notam vestigios nas aguas mais notaveis do concelho de Chaves. Não deve esquecer-se tambem a presença dos acidos azotico, sulphurico, e do arsenico e phosphorico, pela ordem decrescente das suas quantidades, compostos de que em geral só foram encontrados vestigios nas aguas do Vidago. Comparando a nascente do Penêdo com as de Vichy, nota-se que a sua mineralisação é devida quasi aos mesmos corpos, tendo aquella mais acido carbonico livre, do que pouco menos de metade das 13 nascentes d'esta celebre localidade e mais ferro do que a maior parte d'ellas.—Lisboa, dezembro, 1870.»

Nascente de Rebordechão.—«Esta agua possue mais acido carbonico, mais carbonato de ferro e de manganez do que a nascente do Penêdo. Como agua mineral gazosa é incontestavelmente hoje a primeira do nosso paiz; muito superior á celebre agua de Setters, e á maior parte das afamadas nascentes de Vichy.»

Nascente do Rio.—«Muito similhante á de Rebordechão, e mais rica do que esta em acido carbonico livre.»

Nascente da Estrada.—«A mais similhante á do Penêdo, da qual dista apenas 17 metros, excedendo-a em soda.»

A temperatura d'estas aguas é fria.

O termo medio dos doentes, que em cada um dos dois ultimos annos tem frequentado o estabelecimento, na estação propria para os banhos, tem sido de 60.

É grande a exportação que d'estas aguas se faz continuamente, para o que a empreza tem depositos, não só nas principaes terras do paiz, mas tambem fóra, como no Brasil, Loanda, Buenos-Ayres, Mexico, Lima, Santiago, Valparaizo, e em muitos pontos da Europa.

As suas virtudes therapeuticas mais conhecidas são — empregarem-se, com bom successo, para as enfermidades do estomago; para as das vias urinarias; enfermidades cutaneas, etc.

O estabelecimento tem casas para banhos, e em separado, porém proximas, tem duas casas para habitação dos doentes, com boas accommodações, aceadas e decentes. O sustento diario dos doentes tem regulado por 1$000 réis.

Apezar da amplidão das casas destinadas ao alojamento dos doentes, trata-se de continuar o lanço do edificio, que fica junto á estrada.

O sitio é mui agradavel e aprazivel; dista da estrada de Villa-Real a Chaves 400 metros, aproximadamente, ao N. de Villa Pouca d'Aguiar, d'onde dista cêrca de 7 kilometros. Ha aqui delegação do correio de Villa Pouca, e n'esta villa um grande hotel, propriedade da companhia das Pedras Salgadas.

A estrada municipal destinada a ligar este concelho com o de Boticas de Barroso, parte da estrada real na direcção d'este estabelecimento, e passa junto a elle. Foi principiada em 1874, e já se acha concluida até muito adiante do estabelecimento.

Foram cedidas estas aguas, em 1874, mediante a quantia de 300:000$000 réis, a uma companhia, de que tambem faz parte o sr. dr. Henrique Ferreira Botelho, e consta dos srs. João Ferreira Dias Guimarães, Thomaz Antonio das Neves, João Ferreira d'Araujo Guimarães e Antonio Thomaz das Neves.

Esta sociedade é anonyma e de responsabilidade limitada, denominando-se — Companhia das Aguas das Pedras Salgadas.

A sua séde é na cidade do Porto.

—

Devo estas informações, ao illustrado abbade de S. Martinho de Bornes, o R.mo sr. Manuel Henriques da Silva Machado, ao qual dou aqui os devidos agradecimentos.

PEDREANES, ou **PEDR'-ANNES** — logar, Extremadura, freguezia, e 2 kilometros da Marinha Grande. (5.º vol, pag. 74, col. 2.ª)

Em 1866, foi aqui inaugurado um *alto-fôrno*, para fundição de ferro, pertencente á *Companhia de ferro e carvão, de Portugal, limitada;* cujos representantes eram os srs. Jorge Croft (depois, visconde da Graça — e hoje seu filho, o sr. Thomaz Elmsley d'Oliveira Croft, feito visconde da Graça, em 11 de março de 1875) e o sr. Antonio Augusto Dias de Freitas (feito visconde da Azarujinha, em 11 de agosto de 1870) proprietarios da fabrica de vidros, e o duque de Saldanha.

Foi esta festa industrial feita com o maior esplendor; e de Lisboa e Leiria, foram alguns representantes da imprensa jornalistica, altos funccionarios publicos, e outros cavalheiros, convidados pela empreza; e muitas outras pessoas de varias localidades.

Este *alto-fôrno* é construido segundo o systema moderno mais aperfeiçoado, e uma obra collossal, de tijolo e ferro, em que se aproveitou o ar, calorificando-o por meios mechaninos, elevando-se a temperatura a 700 gráus Farinheit, trabalhando com duas machinas, da força de 30 cavallos — vapôr, cada uma. Calculava-se que daria por semana, 80 tonelladas de ferro.

Parece que a empreza não auferiu os lucros imaginados, pois abandonou isto, pouco tempo depois; mas ainda alli se conservam as machinas, na esperança de, mais cêdo ou mais tarde, tornarem a funccionar.

PEDREGAES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (até 24 de outubro de 1855—comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella), 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os condes-almirantes (os Castros de Roriz, hoje os condes de Rézende) apresentavam o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e grande abundancia de caça grossa e miuda.

É n'esta freguezia a *casa de Santa Magdalena*. É hoje representante d'ella, o sr. João Feio Soares d'Azevedo, filho de João Feio Soares d'Azevedo, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo, deputado ás côrtes em 1852, 1853, e 1855. Era filho de Francisco Xavier Soares d'Azevedo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, conselheiro da perfeitura, e deputado ás côrtes, em 1820, e 1836.

A mãe do sr. João Feio Soares d'Azevedo (filho do outro de egual nome) era a sr.ª D. Maria Joaquina Feio d'Azevedo Barbosa de Andrade e Athaide, a senhora e herdeira das casas da Magdalena e Burgeiros.

A familia d'esta casa, é um ramo da de São Bento do Prado.

PEDREIRA — Vide *Miguel da Pedreira (São)* — Vol 5.º, pag. 219, col. 2.ª, no principio.

PEDREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Felgueiras), 30 kilometros a N.E. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra e o D. abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 520$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

PEDREIRA — monte, Minho, proximo a Pombeiro. Ha n'elle um dolmen celta.

PEDREIRA (S. Sebastião da) — freguezia, Extremadura — a parte denominada *intramuros*, pertence ao bairro central de Lisboa, e a chamada *extra-muros*, ao concelho de Belem.

Teve principio esta freguezia em uma ermida, dedicada ao martyr S. Sebastião, que se suppõe fundada nos primeiros tempos da nossa monarchia, e na qual estava tambem a imagem de Nossa Senhora da Saude, que ainda é venerada na actual egreja matriz.

A ultima vez que o famoso patriarcha das Indias, D. João Bermudes, regressou a Portugal, foi em 1559, durante a regencia da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e tinha então o rei D. Sebastião, seu neto, pouco mais de 5 annos, pois tinha nascido a 20 de janeiro de 1554, 18 dias depois da morte de seu pae, que fallecêra a 2 de janeiro.

O santo patriarcha foi viver para S. Sebastião da Pedreira, em umas casas que estavam junto da velha ermida, e aqui fazia muitas esmolas, e passava grande parte do dia, orando na capella, nos 11 annos que aqui residiu.

D. Sebastião, antes e depois de tomar conta das rédeas do governo, hia muitas vezes a S. Sebastião da Pedreira, conversar ou consultar com D. João Bermudes, ao qual tributava grande respeito, pelo seu muito saber, e grandes virtudes.

Morreu este piedoso varão, em 1570, e se mandou sepultar á porta da ermida de S. Sebastião, d'onde depois foi trasladado para a nova egreja, a 16 de outubro de 1653, um anno depois da sua construcção.

Foi esta egreja feita á custa do povo da freguezia, dando D. João IV algumas esmolas, para a sua conclusão.

Está esta egreja no largo de S. Sebastião da Pedreira, e nada soffreu, pelo terrivel terramoto de 1755.

N'esta egreja ha um osso do martyr S. Sebastião, que veio de Roma.

Entre as estradas que d'este largo vão para o Campo Pequeno, e para Palha-Van, está o magestoso palacio, e magnificas cocheiras, mandadas construir pelo sr. doutor José Maria Eugenio de Almeida, hoje propriedade da sua viuva e filhos.

Na rua de S. Sebastião da Pedreira está o mosteiro de Santa Rita, cuja data da fundação se ignora, e só se sabe que tomaram

posse d'elle, em 1748, os religiosos agostinhos. É hoje quartel da 3.ª companhia da guarda municipal.

Tambem são n'esta freguezia as quintas de *Valle de Pereiro*, *dos Congregados*, a que foi dos *duques d'Aveiro*, a dos duques do Cadaval, a que foi dos marquezes de Tavora, e a dos condes de Sarzêdas.

É tambem n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora do Cabo, cuja origem, consta ser a seguinte:

Antonio Gonçalves Prégo, natural de Lisboa, foi muitos annos *prebendeiro* do cardeal D. Luiz de Souza, arcebispo de Lisboa. Era desde creança muito devoto de Nossa Senhora do Cabo do Espichel, e como era muito rico, decidiu fundar em Lisboa uma ermida, dedicada á Senhora do Cabo. Para este fim, comprou n'esta freguezia uma quinta e n'ella mandou fazer a ermida, junto ás casas. Teve principio esta fundação em 1703, dizendo-se aqui a primeira missa, em 1707.

As paredes interiores, tanto da capella-mór, como do corpo da egreja, estão revestidas de azulejos com primorosos desenhos. Foram fabricados e pintados na Hollanda, e custaram a 200$000 rs. o milheiro. Vinham em um navio hespanhol, que foi aprisionado em 1705, durante a guerra que então traziamos com Castella, e que só terminou em 1713, pela paz de Utrecht.

Foi D Pedro II que deu estes azulejos á capella de Nossa Senhora do Cabo.

PEDRINHA e **PEDRINHO** — portuguez antigo — feita, ou feito, de pedra. Vide *Ponte Pedrinha*.

PEDRO (São) — Vide *São Pedro*.

PEDROGAM, ou **PEDROGÃO** — freguezia, Alemtejo, comarca de Cuba, concelho da Vidigueira, 24 kilometros de Evora, 125 a S.E. de Lisboa.

Tem 330 fogos.

Em 1757 tinha 312 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo e o pé de altar.

Terra fertil em cereaes.

PEDROGAM (ou *Pedrogão*) — freguezia, Beira-Baixa, concelho de Penamacôr, comarca de Idanha Nova, 54 kilometros da Guarda, 270 a E. de Lisboa.

Tem 245 fogos.

Em 1757 tinha 244 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O prior de S. Pedro, da villa de Penamacôr, apresentava o cura, que tinha 8$500 rs. de congrua e o pé de altar.

Terra fertil, muito gado miudo e caça.

PEDROGAM-GRANDE — villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S.O. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757 tinha 520 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O vigario do cabido da Sé, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 30$000 rs. e o pé de altar.

O concelho de Pedrogam-Grande, é constituido das 5 freguezias seguintes — Castanheira, Coentral, Nossa Senhora da Graça, Pedrogam-Grande, e Villa-Facaia, todas com 2:200 fogos, e do bispado de Coimbra.

—

Eduardo de Faria, no seu *Diccionario Portuguez*, tem-a como uma villa importantissima; e com razão; pois é a patria do classico portuguez Miguel Leitão d'Andrade (educado no mosteiro da Luz) e d'outros varões illustres.

—

Vejamos o que o dito Miguel Leitão de Andrade nos diz na tal Miscellanea, ácerca da sua origem e descendencia — d'elle.

«Os Leitões de Pedrogam Grande, descendiam de Porcio Catto, menino, que Venus occultava nos rochedos do Cabril, o qual sendo já criado, e não o podendo occultar por mais tempo, o enviou para Hespanha, tendo de idade 6 annos; pertencendo depois á familia real, d'onde descenderam os infantes da casa de Lára, e outras principalissimas familias de Hespanha.»

(Isto é que é mentir com sinceridade!)

«O appellido de Leitões, vem-lhe de Porcello que em portuguez quer dizer Leitão; e foi este o nome que Venus lhe deu, quando o enviou para as Hespanhas, atando-lhe uma fita encarnada á cintura; e por o achar muito gordo é que lhe deu o nome de Porcello, que quer dizer pequeno porco; e como os porcos são gordos, ou o andariam n'esse tempo, por isso a encantadora Venus lhe deu o nome de Porcello.» (!)

—

Miguel Leitão d'Andrade escreveu na Miscellanea, sobre as cousas de Pedrogam, fundação do convento da Luz, etc., que dedicou á padroeira do convento, Nossa Senhora da Luz, por o ter livrado de muitos perigos, segundo elle mesmo refere no livro. (Que, por signal, é mesmo uma miscellanea!)

Existem ainda hoje em Pedrogam Grande, os restos de um convento (da Luz) da ordem de S. Domingos, o qual o camartello não poupou.

Os pobres da terra e de muito longe, aqui vinham todos os dias esperar que o relogio da torre batesse meio dia, para que os religiosos lhe dessem o jantar.

Estes religiosos eram muito caritativos, e alem do jantar diario, tambem destribuiam pelo dia adiante muitas esmollas.

Foi fundado por uma sr.ª D. Brites Leitôa, de Pedrogam Grande, a qual fôra tambem fundadora do convento de Jesus, de Aveiro, e do de Figueiró dos Vinhos (Carmelitas descalços.)

D'esta villa sairam muitos guerreiros a acompanhar D. Sebastião para a Africa.

Um d'elles foi Miguel Leitão d'Andrade, que pôde escapar felizmente, para contar os successos d'aquella infeliz jornada, na sua *Miscellanea*; o sitio onde D. Sebastião morreu, e onde se enterrou. [1]

Pedrogam Grande tem duas pontes, a do Cabril [2], e a da Pêra [3], sendo muito notavel a primeira.

Tem Pedrogam Grande, as seguintes propriedades, mais dignas de menção:

Fonte da Pregoeira [4], Pero Lobo [5], Mem Joannes [6], Fonte do Crespo [7], Valle da Manta [8], Carreira dos Maios [9], Ribeiro Velho [10], Esbarradella [11], Mestras [12], e o Convento, de que já fallámos.

Tem o logar da Asinhaga [13], e o da Devêza [14], notaveis pela sua antiguidade.

Nos logares de que se compõe a freguezia de Pedrogam Grande, se comprehendem os seguintes:

Valle do Barco [15], Valle de Goes [16], Valle-Longo [17], Carreira [18], e Mesiganho [19].

Origem e armas de Pedrogam Grande, segundo Miguel Leitão

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, eram muito visitados estes lindos, saudaveis, e pittorescos sitios de Pedrogam, por differentes individuos, que concorriam aqui attrahidos pela belleza do sitio.

Os nossos primeiros reis, tambem aqui vinham gosar dos ares da terra, e fazer grandes caçadas, quando a sua côrte era em Coimbra.

—

Varios individuos de muitos logares e d'entre outros, uns chamados Petronios, vieram a Pedrogam, admirar a formosura da princeza Antigone Peralta, filha do rei Arunce, de Coimbra.

Os ciumes já eram tantos entre elles, que chegáram a haver rixas, contendas e pelejas, na Deveza, do Pedrogam Grande.

Os que venceram chamaram-se Petronios Grandes, os outros, Petronios Pequenos. D'aqui vem o nome, Petrono Grande e Petrono Pequeno. (Já se sabe, que é Leitão d'Andrade que falla.)

Os vencedores, ou Pretronios Grandes, habitavam na margem direita do rio Zêzere (Pedrogam Grande); e os vencidos, habitavam na margem esquerda do mesmo rio (Pedrogam Pequeno.)

Por isso Antigone Peralta, deu a Pedrogam Grande por armas: uma águia, altiva e arrogante entre dois rochedos — differençando-se estas armas das de Pedrogam Pequeno, em que n'esta, a aguia não está olhando para o sol, como nas de Pedro-

gam Grande. Adiante fallarei, seriamente, n'estas armas.

Festas antigas em Pedrogam Grande

Pedrogam Grande, não só hoje prima nas suas festas de egreja, mas tambem antigamente; hoje são feitas com todo o apparato e esplendor, mas nos tempos antigos não o eram menos: e para sentir é que as divindades pagans se misturassem com as verdadeiras, mas similhantes costumes estão hoje em desuso.

Antigamente as procissões em Pedrogam Grande, eram assim ordenadas — em primeiro logar hiam os homens do povo; depois varias donzellas, que representavam personagens do paganismo: cantando e dançando dentro do templo. Assim hiam *Euterpe*, deusa da musica, com um papel de solfa na mão, vestida exquesitamente; *Esculapio*, o deus da medicina, com os potes e garrafas, e mais objectos, pertencentes á arte medica; *Therpesycore*, a deusa da dança, vestida com o fato proprio, dançando e pulando, etc. Será talvez d'este tempo que data a *Mourisca* de Pedrogam Pequeno.

E' uma célebre dança, a que elles chamam Mourisca (talvez por vir do tempo dos mouros), e que causa mais riso, do que respeito.

O parocho de Pedrogam Pequeno, Antonio Martins Dias, queixou-se de tal abuzo ao prelado, e pôde conseguir acabar com a dança mourisca, mas não com o mais.

—

Os habitantes d'esta terra, por varias vezes vociferavam contra o parocho, por lhes tirar uma festa, de que elles tanto gostavam, dizendo, que era muito antiga, e tida em muita consideração por seus antepassados, e que se lhes tirassem tal festa, S. João, se escandelisaria. (!)

Consistia em varios rapazes, os mais robustos, bonitos e agigantados da terra, se reunirem no dia 24 de junho de manhã, em uma casa, afim de se enfeitarem com os trajos mais extravagantes, e depois, obedecendo á voz de um velho, a quem elles chamavam, o seu rei, se dirigirem para o templo para darem principio á funcção, e emquanto não estivessem presentes, não principiava.

Com effeito, começando ella, se dirigiam para diante do santo, dançando por intervallos; no fim da dança todos ajoelhavam, e o rei da Mourisca, em alta voz, dizia:

Viva meu compadre S. João Baptista!

Ao que os outros respondiam.

Viva!

Istô ainda acontece em Pedrogam Pequeno, no dia 24 de julho.

—

Em Pedrogam Grande tambem ha uma cousa, quasi similhante, ainda que não tão escandalosa.

No primeiro de janeiro percorrem a freguezia varios velhos e gaiatos d'estes sitios, com a bandeira do Espirito Santo em punho, enfeitada com lindas, variadas e elegantes fitas de cores, e tocadores de violla, guitarra e rebecca, e lá vão todos, em chusma pelos varios logares, afim de tirarem esmola para o divino Espirito Santo, figurado pela pintura de uma pombinha branca no cimo da bandeira; improvisando cantigas á porta d'aquelles a quem vão pedir esmola.

Esta *procissão* faz-se todos os annos em varias povoações, segundo a devoção ao Espirito Santo.

—

Como dissemos, as donzellas representavam as divindades pagans, sobresaindo a todas, a formosa Venus, com o seu Cupido pela mão, o qual levava os olhos vendados, e a aljava das setas ao hombro, e assim percorriam as ruas, que estavam tapetadas de grande quantidade de hervas aromaticas.

Chegados ao templo, que é grande e magestoso, alli depositavam a linda imagem da Senhora d'Assumpção, orago da freguezia. O templo era elegantemente ornado, e as suas paredes forradas de lindos damascos.

Ordinariamente as festas duravam tres dias, no fim dos quaes ainda havia no adro da egreja, comedias e arlequinadas, jogos, touradas, etc. A um lado, havia camarotes para as donzellas, magistrados e pessoas principaes. No fim, as auctoridades

applaudiam os que se distinguiam na carreira, no jogo ou na arte tauromachica, e nomeavam-os em vós alta, para hirem receber das mãos das donzellas, os premios que por direito lhes pertenciam.

—

Pedrogam não é hoje o que era antigamente.

O grande largo, que agora fórma a Deveza, era antigamente cultivado em parte, e a outra estava cheia de copados carvalhos: no adro da egreja havia um grande e espesso loureiro, que tambem já não existe.

A villa tem hoje uma linda casa da camara, situada no logar da Deveza, e que é visitada por todos os estrangeiros, e viajantes, que vem a Pedrogam, assim como as ruinas do convento da Luz, Egreja, Cabril, e Senhora dos Milagres.

A egreja matriz é grande e magnifica, e é pena, presentemente, não ter o tecto pintado, e o côro acabado, o que era de absoluta necessidade.

Veneram-se aqui as imagens da Senhora da Luz, Senhora do Rosario, Familia Sagrada, os quatro Evangelistas, S. Thomaz, Santo Antonio, Espirito Santo, Senhor Jesus, e outras, que estão na sachristia, e a Virgem d'Assumpção, orago da freguezia.

—

Os habitantes de Pedrogam Grande, são bastante civilisados, e as mulheres são honestas, apezar de Miguel Leitão de Andrade nos dizer, que em Pedrogam residiu Venus, por muito tempo.

Até aqui, o mythologico Miguel Leitão d'Andrade.

—

Em 1863 se fundou, uma banda de musica, composta das pessoas principaes da terra; os instrumentos vieram de Lisboa, e hoje está uma bôa philarmonica.

—

Notas de Miguel Leitão, com as alterações do tempo

Antes da viagem de D. Sebastião para Africa, conta-nos Miguel Leitão d'Andrade muitos prodigios acontecidos, v. g.: nasceram duas meninas pegadas, e uma vacca com cinco pés; e na Certan, nasceu uma ninhada de pintos, que se picaram uns aos outros, logo que sahiram do ôvo.

[2] Cabril é um monte de difficil subida, e o seu nome vem-lhe da grande quantidade de cabras montezes, que por aqui havia; hoje não apparece nenhuma. Dizem que teve aqui origem a familia dos Cabras, e que fôra n'este sitio que Venus occultára por algum tempo o menino Porcello, d'onde descende a familia dos Leitões, de quem fallamos; é n'estes monte na margem direita do rio Zêzere, que estava erigida a linda ermidinha da Senhora dos Milagres, hoje em ruinas; é um lindo pittoresco e ameno sitio de Pedrogam Grande, junto ao antigo convento da Luz, da ordem de S. Domingos, de que já fallamos. A respeito da Senhora dos Milagres, conta-se o seguinte:

Antes de existir a ponte do Cabril, que hoje aqui vemos imponente e magestosa, dava passagem de um para outro lado do rio Zezere, apenas um páu que servia de ponte: aconteceu a certo individuo passar de noite por aquelles sitios, e julgando que havia uma ponte de um lado a outro, e não um páu, passou por este a cavallo n'uma burrinha, operando-se assim o milagre de não cair; por cuja acção o devoto da Senhora dos Milagres lhe erigiu a capellinha.

Nenhum viajante vem a Pedrogam Grande ou ao Pequeno, que não vá vêr a ponte do Cabril; diz-se que é do tempo dos Philippes, por haver a tradição de que fôra feita á custa do dinheiro de Castella. Conta-se que o primeiro ente que por elle passára fôra um gato; engano que se fez ao demonio, que vendo que os homens estavam já desanimados de concluirem a ponte, offereceu dinheiro e os seus serviços para se effectuar, com a condição de ser d'elle o primeiro que lá passasse.

Havia uma ponte bôa, mas o que faltava era uma estrada em que podessem andar carros, desde Pedrogam Grande a Pedrogam Pequeno. (O difficil transito que havia entre estas duas villas converteu-se em boa estrada, começada em 1862.)

[3] Pera, a etymologia do seu nome é a seguinte:

Havia em Coimbra, quando ainda os seus campos de hoje, estavam cobertos pelo mar, um rei mouro, por nome Arunce, que deu o nome ao rio Arouce (vide *Arouce*.) Este rei tinha uma filha, chamada Antigone Peralta, de extremada belleza, que levada pelos encantadores e saudaveis ares d'estes sitios veiu viver para o Pedrogam Grande, morrendo no sitio que hoje se chama Pêra. Inscreveu-

se-lhe na lage da sua sepultura, o seguinte:—*Aqui jaz Antigone Peralta*—mas o tempo, que tudo acaba, não quiz que este letreiro se conservasse, foi apagando as letras do epitaphio, até que passado tempo não havia senão as seguintes . . *Pera* . . nome este que os seus habitantes aproveitaram para designarem este logar. Outros não explicam assim o facto, mas querem-lhe dar uma origem mais sublime.

Ouçamos o mentiroso Miguel de Andrade:

Venus, inimiga figadal de Antigone Peralta, por esta em vida ser sua rival na belleza, não querendo que ficasse uma só lembrança de Antigone Peralta, depois da sua morte, vae ter com Jupiter para que do Ceo fulmine os seus raios, afim de destruir o letreiro da sepultura de Antigone Peralta: Jupiter a affaga e beija, e, para a consolar, lhe envia os seus raios, que vão tirar da lapide as letras que alli estavam gravadas, deixando apenas as que deram o nome á terra.

Miguel Leitão d'Andrade diz-nos, que as suas aguas são de má digestão e pouco sadias, por causa da crueza d'Isis, que aqui vinha chorar desesperada.

Perto de Pêra está o *Bollo*, antigo Vollo, palavra latina que significa *quero*, e que de seus labios despediu a formosa filha do rei Arunce, e com a qual ficaram muito contentes as suas aias, que a acompanhavam de Pedrogam para os sitios de Pera; e indo sem falla a dita Antigone Peralta, só aqui, perguntando-lhe as suas aias, se queria alguma coisa, ella disse que sim, *Volo* —quero. (Sabia latim!)

[4] Assim chamada, por serem apregoadas n'este sitio as acções das damas e aias da princeza Antigone Peralta.

[5] Chamado assim, este logar, do nome do seu proprietario, Pero Lobo, que era prior da villa de Pedrogam Grande.

[6] Outra propriedade de Pedrogam Grande, assim chamada, do nome do proprietario, Men Joannes, amigo intimo de Pero Lobo.

[7] Antigamente Fonte do Crespo, assim chamada do individuo que lhe deu o nome, o qual vivia alli só, n'uma casinha.

[8] Eis o que nos diz Miguel Leitão d'Andrade:

N'aquelle tempo Antigone Peralta e as suas aias, eram muito perseguidas pelos pastores, que anciosos as procuravam, para dar largas ás suas paixões.

Em certa occasião, sendo perseguidas, refugiaram se n'este bosque, que então era tão espesso, que as pôde encobrir a todas, como se fosse uma *manta*. (!)

[9] Nome que se deu a este sitio, para perpetuar a memoria da grande carreira, que deram aqui as damas e aias de Peralta, quando fugiam dos pastores, que as perseguiam.

[10] Teve primeiro o nome de Tiberio Ribeiro, por ser habitado pelo individuo d'este nome; depois pelo andar dos tempos, corrompeu-se lhe a palavra, e ficou o nome de Ribeiro Velho.

[11] Assim chamado, por um filho de Tiberio Ribeiro, esbarrar por elle abaixo. (!)

[12] Corrupção da palavra moestas (tristes); nome dado a um outro logar de Pedrogam Grande, por um dia aqui passarem, chorando, as aias e damas de Peralta. (!)

[13] E' uma propriedade pertencente a Pedrogam Grande, e que recebeu o nome da sua possuidora, que era do logar da Asinhaga, termo de Santarem. Esta mulher tinha vindo da Asinhaga, para casa de Mem Joannes; e mais tarde foi causa de dissenções e discordias, entre os dois amigos, Mem Joannes e Pero Lobo, por ciumes, que havia entre elles: houve rixas e contendas, que só acabaram com a morte de Mem Joannes, o qual deixou á sua creada a propriedade, que ainda hoje alli vemos com o nome d'Asinhaga.

[14] E' um lindo e ameno sitio, principalmente de verão, com a grande e bella sombra dos velhos e colossaes carvalhos, que alli hoje se admiram.

E' aqui que se faz a feira todos os annos nos dias 23 a 25 de julho, e os mercados nas primeiras segundas feiras de cada mez.

Existem na Deveza as capellinhas do Calvario e de S. Sebastião, sendo este ultimo festejado todos os annos, em janeiro, com arraial, dando-se no dia da festa do Santo, umas broasinhas aos pobres, aos mordomos e aos devotos do santo.

[15] Dava-se-lhe antigamente o nome de Valle da Parca, por causa dos desgostos e afflições que aqui experimentou a princeza Peralta; e porque um dia, passeando por este sitio, se achou de tal maneira triste doente e alquebrada; que a tinham mais por morta, do que por viva; e por causa dos sustos que as aias de Peralta tiveram aqui, deram-lhe o nome de Valle da Parca, que pelo andar dos tempos se mudou em Valle da Barca, e depois, em Valle do Barco.

[16] Não se sabe a sua origem, mas julga-se ser um valle onde vivia certo monge, por nome fr. Goes, e que deu o nome ao logar.

Conta Miguel Leitão, que o dito fr. Goes vinha de noite a Pedrogam Grande, deitar dinheiro nas casas, onde julgava que havia falta d'elle.

[17] Deu-se este nome a um logar perto de Pedrogam Grande, em rasão de Antigone

o achar muito longo em uma occasião que por alli passou. (!)

[18] Assim chamado, porque os pastores aqui correram as aias e damas de Peralta.

[19] Um outro logar assim chamado, do nome tambem de um pastor, que vivia por estes sitios.

—

Até que em fim terminaram as patranhas de Miguel Leitão!

—

D. Affonso Henriques mandou povoar esta villa em 1176, e a deu a seu filho natural, D. Pedro Affonso, que lhe deu foral, em fevereiro de 1206, segundo Franklim, e em 1180, segundo o padre Carvalho. (N'este foral, declara D. Pedro Affonso, ser filho de D. Affonso Henriques.) D. Affonso II confirmou este foral, em Coimbra, em novembro de 1217. (*Maço 2.º de foraes antigos*, n.º 8— Maço 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 6, col. 1.ª— e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 38 v., col. 2.ª) O padre Carvalho diz que tambem fôra confirmado por D. Affonso III, em 1250; mas Franklim, não falla n'esta confirmação. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 d'agosto de 1513. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 140, col. 2.ª)

—

Havia n'este concelho um castanheiro, cujo tronco tinha mais de 12 metros de circumferencia. Os ramos d'esta arvore gigantesca e secular, formavam uma cópa frondosa e de um admiravel effeito.

—

Pelo achar de muito interesse, e elegantemente escripto, copio aqui o folhetim que o sr. E. L., publicou no *Diario Illustrado*, n.º 995, de 13 de agosto de 1875.—É o seguinte:

A Cintra da Beira-Baixa

Engastada nas rochas de granito, por entre as quaes se escôa o magestoso Zêzere, existe a mais formosa joia da Beira-Baixa. É o Cabril—metade assente no concelho da Certã, outra metade fazendo parte do concelho de Pedrogam-Grande. Tentar descrever aquella maravilha da natureza é empreza superior a nossas forças: entretanto não podemos resistir á tentação de despertar nos leitores e nos *touristes* uma leve idéa do que seja o Cabril.

Imaginae a elevada serra de Cintra, erriçada de escarpadas penedias, fendida ao meio; e lá no fundo, nas profundidades do immenso abysmo, o Zêzere correndo sereno e plangente, em alvo leito de granito. É de inverno? chove? Muda inteiramente o espectaculo.

Preparae a vossa imaginação, por mais arrojada que seja, e ficareis ainda assim surprehendidos! Figurae-vos duas enormissimas cascatas despenhando-se em jorros de fraga em fraga, e tereis as margens. E lá em baixo o confuso marulhar da corrente revolta por entre enormes penedias, em apertado e inclinado leito! É um espectaculo horrivel e bello ao mesmo tempo.

Na extensão de meia legua, as encostas dos dois montes são por partes de rocha viva, muitas vezes cortada a pique e em phantasticas fórmas; outras vezes semeadas de azinheiras e de raras oliveiras pendidas sobre o abysmo. Apenas lá em baixo, proximo da corrente se divisam pequenos taboleiros agricultados que são, vistos de perto, ridentes hortas cercadas de fétos gigantes, a contrastarem com a aridez d'aquellas escalvadas penhas.

Na chorographia portugueza o padre Carvalho, referindo-se a Pedrogão-Grande, diz: «... e um quarto de legua da villa (tem) o convento de Nossa Senhora da Luz, de frades dominicos, que está no meio de uma ladeira, que desce para o Zêzere, acompanhada de penedia e arvoredo silvestre, tão ingreme e dependurada, que de qualquer parte que se olhe para baixo, faz tremor nos olhos, e medo na vista.»

Tivemos occasião de hir em excursão photographica visitar aquelles admiraveis sitios em companhia do reverendo padre capellão da ala direita do regimento de infanteria 11, e dos srs. João de Oliveira Casquilho, Francisco Vizeu Pinheiro, e Antonio da Silva Magalhães, habil photographo residente em Thomar.

Partimos d'esta cidade pelas sete horas da manhan, e dirigimo-nos á Frazoeira, no

[1] Todo o mundo sabe que Antigone não é nome arabe, mas grego.

concelho de Ferreira do Zêzere, onde o sr. Hygino Otto de Queiroz e Mello nos acolheu e hospedou com a maior cordialidade.

Passámos as horas do calor na aprasivel residencia de s. ex.ª, e de tarde tomámos o caminho do Vallé da Ursa, atravez dos magnificos soutos de castanheiros do termo de Dornes, e á bocca da noite atravessámos o Zêzere na barca de passagem.

Entrámos no districto de Castello-Branco. É sobre maneira admiravel o panorama que se apresenta ao viajante até á formosa freguezia de Sernache do Bom Jardim: vastissimo horisonte continuamente accidentado por infinitas cordilheiras, que em todos os sentidos se cruzam, formando rapidos e profundos valles em toda a extensão que a vista descortina.

A estrada é primitiva. É uma reliquia d'aquellas famosas eras, em que se gastavam milhões construindo palacios na fronteira, para alojar a comitiva dos principes que se desposavam, sem que tão opulentos perdularios se lembrassem que suas magestades e o seu sequito teriam de ficar detidos no meio da jornada para o *Caia*, em consequencia do estado impraticavel dos caminhos.

Chegámos pois a Sernache, onde diligenciámos dormir na unica estalagem da terra. Foram porém baldados os nossos esforços, e á uma hora da madrugada, tendo perdido as esperanças de conciliar o somno, partimos para Pedrogão Pequeno com um guia que tomámos.

Rompia o sol quando nos avisinhámos d'aquelles formosos desfiladeiros. É indescriptivel o espectaculo que se nos apresentou! Seguimos logo pela estrada nova e descemos até á gigantesca ponte, construida no reinado dos Philippes, que é de certo uma das poucas boas cousas que nos deixaram.

Largámos as cavalgaduras e principiámos a difficil e perigosa empreza de conduzir ao leito do rio os utencilios photographicos. Da ponte para baixo não conheciamos vereda. Era o caminho, uma quasi impraticavel alluvião de penedos caprichosamente agglomerados e desprendidos da terra com as invernias, e polidos com a violencia da corrente, durante as cheias de muitos seculos. Fazia um calor insupportavel, porque a irradiação do calorico entre aquellas luzentes rochas, raras vezes deixa de annullar a acção benefica da brisa da noite. Póde dizer-se que nas ábas d'aquellas montanhas, há um clima equatorial, quente e humido.

Depois de se terem obtido alguns *clichés*, ascendemos a ingreme ladeira, e fomos abrigar-nos d'aquelle sol tropical, a casa do sr. Eduardo Leitão de Mello Queiroz, que nos acolheu o mais franca e delicadamente que imaginar-se póde.

Depois de nos ter offerecido de jantar, s. ex.ª levou a sua bondade a ponto de nos acompanhar ao mais admiravel sitio d'aquelles arredores. Encaminhámo-nos todos á ermida de Nossa Senhora da Confiança, que distará um kilometro de Pedrogão Pequeno.

Atravessámos o antiquissimo souto de castanheiros, que é propriedade de s. ex.ª, e, no pincaro mais elevado da serra deparámos com a solitaria ermida, e com seu vetusto cruzeiro.

Junto á ermida, ajoelhada n'um tosco degráu de pedra, e com o olhar fito no altar, que se via atravez das grades de pequena janella, estava em oração uma rude montanheza. Era o unico ser humano, que antes da nossa chegada animava aquellas escalvadas serranias, completando assim tão grandioso quadro de agreste paizagem.

Subitamente, e quando menos se espera, apresenta-se ao viajante deslumbrado o espectaculo mais espantoso que a nossa imaginação póde crear!

Nem o panorama que se observa dos coruchéos mais elevados do paço acastellado de Cintra, nem os vastissimos horisontes que se descortinam da Cruz Alta, do Bussaco, deixam ao viajante a profunda impressão que nos gravou a imponente perspectiva d'aquelle ponto. Não temos palavras para tentar a descripção.

De um lado, o abysmo a que não se chega a vêr o fundo; do outro, uma paizagem amenissima; e no horisonte, relativamente proximo, como emoldurando o soberbo quadro, as cordilheiras da serra de Alvayazere, a da serra da Estrella e outras.

Achamos-nos na parte mais elevada do Cabril. Uma rapida depressão do solo, nos deixa vêr o fundo valle em que o Zêzere se desliza; porém mais proximo do leito do rio, a montanha cortada a pique, nos esconde o seu dorso. Mal se ouve o longinquo murmurio da agua, e o vago do insondavel abysmo; imprime tal sentimento de espanto, de admiração, que não póde justamente referir-se.

A montanha fronteira, de rocha viva n'aquelle ponto, é cortada perpendicularmente, e coroada por vasta e fertil planicie, onde alvejam os campanarios de Pedrogão Grande.

Ahi nos demorámos extasiados até muito depois do occaso, sentados nos penedos da montanha, ouvindo attentamente a historia de uma correria do corregedor Mascarenhas de Thomar, acontecida em 1833, contra o sr. Queiroz, nosso hospede, que era o narrador. Como é um facto historico, não resistimos á tentação de o referir, pela côr local de que foi revestida a narração. Eis o caso:

Achava-se em Pedrogão Grande o corregedor de Thomar, Mascarenhas, famigerado pela sua crueldade e prepotencias, acompanhado de sessenta homens de cavallo. Depois de haver saqueado e queimado algumas casas de liberaes, constou em Pedrogão Pequeno que elle tencionava dirigir-se ahi para cortar as orelhas ao Queiroz, de Pedrogão, como elle dizia, e como haviam feito ao desgraçado capitão-mór da Gollegã, que foi trucidado por aquelles canibaes.

O sr. Queiroz, tinha disposto a sua gente, emboscada por entre os barrocaes e fragas da margem esquerda do rio, com ordem de não fazerem fogo senão quando os contrários se achassem reunidos no fundo do valle, sobre a ponte.

Os homens do corregedor, desfillavam a um de fundo pela perigosissima vereda que então havia na montanha fronteira, quando um tiro partido do lado de Pedrogão Pequeno, ferindo um sargento, os fez debandar a todos, que em fuga precipitada só descançaram em Alvayazere.

Em todo o tempo das nossas desgraçadas guerras civís, houve excessos, prepotencias e crimes, tanto praticados pelos realistas, como pelos liberaes, que todos fizeram o que poderam, para desacreditar o seu partido. Não sei se o facto relatado no texto é falso, verdadeiro, ou alterado. Em todo o caso, váe á responsabilidade do sr. E. L.

Com as gratas recordações de tão recreativa jornada, conservamos outra não menos grata, como é a lembrança immorredoura do affavel acolhimento que recebemos dos srs. Hygino Otto de Queiroz e Mello, e Eduardo Leitão de Mello Queiroz, a quem, em nome de todos os nossos amigos que nos acompanharam, d'aqui dirigimos os mais cordiaes e sinceros agradecimentos.

—

Teve até 1835, juiz de fóra, que o era tambem de Figueiró dos Vinhos.

Houve aqui uma grande fabrica de optimo ferro, extrahido de uma mina proxima.

No mosteiro da Luz, da ordem dos prégadores (dominicos) foi conventual, e escreveu a maior parte das suas obras, o sabio e virtuoso frei Luiz de Granada. (4.º vol., pag. 391, col. 2.ª)

Para esta occupação, escolhêra um sitio no fim da cêrca, ao sopé de um grande penedo, imminente aos dois rios, que aqui mesmo se juntam, perdendo o Pêra o seu nome.

Ainda a este sitio se dá o nome de *Penedo do Granada*.

No penedo se achou a seguinte inscripção:

VITA HONESTA,
DOMUS QUIETA,
FACULTA CERTA,
DONA CÆLESTIA.

Supponho que n'este mesmo sitio, ou a pouca distancia, houve um mosteiro benedictino antiquissimo, pois no foral de Figueiró dos Vinhos, de 1176, fallando das divisões, pelo lado que confina com Pedrogam Grande, diz: — *Quomodo venit, pela teia de*

Monasterio de Aguia, et venit ás cabeças de Nadavis, etc.

Vê-se que houve aqui um *mosteiro da Aguia*, que nenhum escriptor menciona.

—

Vamos agora esplicar a patrannha do bom Miguel Leitão de Andrade, com respeito aos *Petronios*.

Quanto á divina genealogia d'aquelle celebre commendador-mór, é melhor deixal-o fallar.

—

Pedrogam Grande, é com effeito uma povoação antiquissima, e com certeza habitada pelos romanos, que approveitaram a sua eminente posição, por ser de facil defeza; visto estar fundada no cume da alta serra do seu nome, correndo-lhe ao sopé os rios *Zêzere* e *Pêra*; e por ter a N.O., e apenas a 45 kilometros de distancia, a cidade de Thomar—antiga Nabancia, onde os romanos tinham tambem um forte castello.

—

Segundo o padre Carvalho, uns patricios romanos, da familia *Petronia* foram os fundadores d'esta villa, á qual deram o nome de *Petronia*. (São estes os taes *Petronios Grandes* e *Petroinios Pequenos*, de Andrade, e fundadores dos dois Pedrogãos.)

Parece ter fundamento esta opinião, por ser uma aguia, o brazão d'armas da villa, e todos sabem que os romanos tinham por insignia uma aguia, que esculpiam em todos os seus monumentos, e pintavam ou bordavam em todas as suas bandeiras.

Sendo por muitas vezes campo de batalha, entre christãos e mouros, soffreu tão repetidos saques e ruinas, que se despovoou, ficando deserta até 1176, em que, como já disse, D. Affonso Henriques a deu a seu filho natural, D. Pedro Affonso (4.º vol., pag. 363, col. 1.ª) que a povoou então.

Ha na villa sete ermidas, entre publicas e particulares.

Os seus arrabaldes são formosos e pittorescos, pelos frondosos arvoredos e alcantiladas penedias que se estendem pela encosta da serra; pelos deliciosos valles que os dois rios banham e fertilisam; e pela grande quantidade de fontes (umas 200) que com a frescura de suas crystalinas aguas, amenizam estes sitios.

O mosteiro de Nossa Senhora da Luz, da ordem de S. Domingos, a uns 1:500 metros da villa, está edificada na parte mais ingreme e escabrosa da serra, entre abruptas penedias, perpendiculares ao Zêzere, sobre o qual parecem proximas a despenhar-se, assim como os umbrosos arvoredos que os alternam; rugindo medonhomente ao fundo, o rio fremente, correndo arrebatado por entre penhascos.

Já aqui havia uma ermida antiquissima, de Nossa Senhora da Luz. Foi fundado (o mosteiro) por D. Brites Leitôa, natural d'esta villa e a instancias de um frade dominico, seu parente, pelo que os Leitões de Pedrogam Grande, ficaram sendo padroeiros do mosteiro. Construiu-se entre 1460 a 1464.

A antiga capella ficou sendo egreja do mosteiro, até que em 1560, sendo vigario frei Simão de Santa Maria, se construiu a egrejo actual.

Para esta obra concorreu Raphael Leitão de Andrade (da familia da fundadora) dando-lhe bôas propriedades; e a rainha, D. Catharina, viuva de D. João III, a rogo de frei Luiz de Granada, deu uma esmola de 3:000 cruzados, e outros devotos da villa tambem deram boas esmolas.

Então se ampliou o edificio do mosteiro, que passou a ser priorado, sendo seu primeiro prior, o padre frei Antonio de Caria.

—

O territorio d'este concelho, é no geral abundantissimo em todos os generos agricolas do nosso clima, e n'elle se cria grande abundancia de gado de toda a qualidade.

Já disse que, em quanto os nossos primeiros réis tinham a sua côrte em Coimbra, vinham aqui com muita frequencia, fazer grandes caçadas.

Hoje, que tem desapparecido muitos bosques e mattas, tranformando se em campos, já não ha tanta caça como antigamente; entretanto, ainda é o territorio mais

abundante d'ella, de muitas leguas em redor, e de toda a qualidade, tanto do ar, como do chão.

Os dois rios tambem lhe fornecem saboroso peixe, ainda que pouco.

Ao O. da villa, e proximo a ella, está um monte pyramidal, cercado de uma muralha d'alvenaria, do lado do E., e tendo por fortissima defeza, do O., altos rochedos a prumo, sobre o Zêzere, de accesso impossivel.

E' isto de certo os restos de uma fortaleza temivel, de tempos remotissimos.

O monte é formado de alcantiladas penedias, porém como é bastante humido, por entre os fragoêdos nascem e prosperam arvores frondosas, giestas (brancas e amarellas) gigantescas, loureiros, azereiros, murta, alecrim, rosmaninho, hervas medicinaes; e grande variedade de flores silvestres; o que torna este cabeço sobremodo formoso e pittoresco.

No topo do outeiro, está edificada a poetica ermida (em ruinas) de *Nossa Sonhora dos Milagres*, de cujo sitio se desfructa um vastissimo e delicioso panorama, e a medonha profundidade do Zêzere; sendo a outra margem formada tambem por um monte alpestre, quasi tão alto como o da Senhora dos Milagres.

Quando as chuvas augmentam o volume das aguas do rio, o seu terrifico fragor, debatendo-se contra os rochedos que encontra na sua impetuosa corrente, ouve-se a algumas leguas de distancia.

Tambem d'aqui se vê a famosa ponte do Cabril, que lhe fica ao sopé, e que com um só arco—de 22 metros de vão!—abrange todo o rio, tendo de cada lado um arco mais pequeno, por onde só em tempo de cheias correm as aguas.

Consta por tradicção que esta capella ainda é mais antiga do que a da Senhora da Luz, e a imagem da padroeira, é, como aquella, de bôa esculptura, e de marmore.

Apezar da terrivel escabrosidade do terreno, vão muitas passoas visitar a desmantelada ermida de Nossa Senhora dos Milagres, pela grande devoção que lhe consagram.

—

Par a a antiga divisão entre os termos de Pedrogão Grande e Figueiró dos Vinhos, vide vol. 3.º, pag. 197, col. 2.ª

PEDROGAM PEQUENO (antigamente, **PEDROGAM DO CRATO**, ou **PEDROGAM DO PRIORADO** — villa, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, d'onde dista 12 kilometros ao N., 45 de Coimbra, 180 ao E.N.E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Districto administrat.º de Castello-Branco.

É do grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado.

O grão-prior do Crato, senhor donatario d'esta villa, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho, uma carga de uva preta, dois cantaros de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

É povoação antiquissima.

Não me consta que tivesse foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 94 v., col. 2.ª)

—

Está a villa situada em um plató, proximo da esquerda do Zêzere, e da famosa *ponte do Cabril*, quasi em frente de Pedrogam-Grande, e é uma das mais bonitas e industriaes da provincia, e uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

Consta que foi fundada pelo consul romano, Aulo Curcio, 150 annos antes de Jesus-Christo. Os arabes a tomaram, a 4 d'agosto de 718, e D. Affonso II a resgatou do poder d'elles, em 13 de março de 1216.

Apezar de pequena, tem a villa 6 egrejas, sendo a melhor a matriz, S. João Baptista. As outras são — Senhora da Confiança, Senhora dos Afflictos, S. Fagundo, Santo Antonio, e S. Sebastião.

Entre esta villa e a de Pedrogam Grande, sobre o rio Zêzere, está lançada a famosa e antiga *ponte de Cabril*, toda de cantaria e com tres arcos. Tem 62^{m},4 de altura, e está muito bem conservada.

O governo mandou fazer, em 1860, uma estrada, da villa a esta ponte, pois d'antes era impossivel fazer-se este trajecto, a não

ser a pé, ou com muita difficuldade, sendo a cavallo.

Foi esta villa cabeça de um antiquissimo concelho, supprimido depois de 1834. Tinha camara, juiz ordinario, paços do concelho, e respectivos escrivães.

—

A Misericordia e seu hospital, tem avultados fundos e capitaes mutuados; porém as pessimas administrações que quasi sempre tem tido, teem dissipado a maior parte d'isto; e o que resta, não tem a applicação que religiosamente devia ter, em beneficio da pobreza, como mandou o benemerito bemfeitor que lhe legou essas rendas. Havia muito que dizer a este respeito; mas não são cousas proprias d'esta obra.....

—

A distancia de uns 1200 metros ao N.E. da villa, no ponto mais alto da serra que lhe fica sobranceira, se vê a capella de *Nossa Senhora da Confiança*, que serve de *Calvario*, por isso tambem lhe chamam *capella do Calvario*, e aqui termina a procissão dos *Passos*, na quaresma.

Fica esta ermida imminente ao Zêzere, e está cercada de frondoso arvoredo silvestre, que tornam o sitio fresco e delicioso no verão. D'aqui se descobrem muitas villas, como são — Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Arega, Certan, Alvaro, Alvares, Dornes, Villa de Rei, e outras povoações.

A capella é muito bonita e tem tres altares. No altar-mór, está o Senhor crucificado.

O fundador da capella, foi um vigario d'esta villa, chamado João da Costa; mas não se sabe quando a mandou edificar, e só se sabe que é muito antiga.

N'esta ermida há uma cruz de reliquias, entre ellas, uma do *Santo Lenho*, que se expõe á adoração publica, no dia de Santa Cruz (3 de maio).

A festa da Senhora da Confiança, é feita a 8 de setembro, dia da sua Natividade, e é das maiores romarias d'estes sitios; porém, termina quasi sempre por grandes desordens.

—

Ufana-se esta villa, de ser a patria de Antonio Gregorio Leitão, joven e esperançoso poetá, a quem a morte arrebatou, quando o seu peregrino talento principiava a ser conhecido.

—

Ha aqui uma antiga usança, que, pela sua *esquisitice*, deve ser notada. É a seguinte:

No dia de S. João Baptista, orago da parochia, ha uma pomposa festa ao Santo precursor, na egreja matriz.

Antes da missa, dirigem-se ao altar-mór sete labrégos, ridiculamente vestidos: um d'elles tem uma corôa na cabeça, na mão direita uma espada ferrugenta, e na esquerda, um broquel — é o *rei*. Dois tocam viola; dois, pandeiro; e dois levam thyrsos enfeitados de cravos. Chama-se a esta farça burlesca — ou grutesca — a *Mourisca*.

Dançam cêrca de meia hora, uma cousa que elles lá entendem; e, quando o *rei* já está farto de se dar em espectaculo, faz uma piruêta, dá uma pancada com o espadagão, no escudo, o que quer dizer — *C'est finit la contredance* — e diz, em altos berros — *Viva o meu compadre S. João!* — D'alli vão para a taberna.

Temos ainda bastantes d'estas usanças antigas, sobremodo ridiculas (e algumas até indecentes). Os bispos, os parochos e as auctoridades, muitas teem feito acabar, mas não todas.

Os estrangeiros, porém, nada a semelhante respeito nos teem a lançar em rosto — na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Italia, na Allemanha, etc., etc., ainda tambem ha muitas d'estas antigas e grutescas usanças.

PEDROIÇOS—formosa estação de banhos, sobre a direita do Tejo, na freguezia e concelho de Belem, suburbios e ao O. de Lisboa.

A rua direita de Pedroiços, é o prolongamento da rua do Bom-Successo, e finda na quinta dos srs. duques do Cadaval.

Sahindo de Belem, pela estrada de Oeiras, marginal do Tejo, chega-se em breve a Pedroiços, bonita povoação que orla a estrada, situada em terreno plano, e parecendo

mais uma rua da cidade, do que uma aldeia, comprehendendo alguns bons edificios.

Tem passeios agradaveis, e na estação dos banhos é concorridissima, não só por familias de Lisboa, como tambem das provincias, e nos seus arredores ha boas e formosas quintas.

É tambem notavel esta povoação, por um esbelto e rico monumento, construido no principio do seculo XVI — a torre de S. Vicente de Belem, formoso especimen da architectura militar gothico-florida.

Concorrem para o aformoseamento de Pedroiços, o elegante chafariz, modernamente construido, e as quintas dos srs. marquezes da Ribeira-Grande, e a dos srs. duques do Cadaval. A primeira é pequena, mas muito bem arborisada, com uma casa nobre no no centro do jardim. Foi fundada pela princeza D. Maria Benedicta, irman de D. Maria I, e viuva do principe D. José. Por sua morte, doou-a esta senhora, á condessa da Ribeira-Grande, avó do actual conde do mesmo titulo. A segunda, era a principal residencia da nobilissima familia ducal, do Cadaval, depois que o terramoto de 1755 lhe arruinou o seu palacio, da calçada do duque, junto ao Rocio, e do qual ainda existe parte, dentro de um pateo, á entrada N. da rua do Principe, onde está a *Real Associação de Agricultura Portugueza*. A quinta (de Pedroiços) é grande e bella, pelos frondosos arvoredos que a guarnecem, e pelas extensas e largas ruas que a cortam. Está em formosa situação, pois, principiando na extremidade occidental de Pedroiços, se estende, em terreno plano, até terminar na margem esquerda do rio, ou ribeira, d'Algés. [1] (Vide vol. 1.°, pag. 127, col. 1.ª, no principio.)

O palacio, ou casa de campo, pertencente a esta quinta, não é de grande magnificencia, ou extremada grandeza, apezar de ser melhorado, pelos annos de 1740, por occasião do casamento do duque, D. Luiz de Mello, com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II. — Está o palacio cercado de bosques, que quasi o escondem inteiramente, menos para O.

D. João V, veio passar a primavera do anno de 1712 n'esta linda residencia.

—

No principio do seculo XVIII, ainda em Pedroiços não havia senão 23 casas, e todas de humilde fabrica. Á circumstancia de *ser móda* vir tomar banhos para aqui, deve a povoação todo o seu desinvolvimento e melhoramentos.

De Pedroiços continúa a estrada para S. José de Riba-Mar, quasi sempre guarnecida de quintas e casas de campo.

As mais povoações que estanceiam n'estes sitios, sobre a margem direita do Tejo, vão nos logares competentes.

—

No dia 15 de dezembro de 1808, convidou Pedro José da Silva, rico negociante da praça de Lisboa, ao nosso famoso pintor, Domingos Antonio de Sequeira (4.° vol., pag. 336, col. 2.ª), para hir jantar com o marquez de Marialva, na *quinta da Praia*, em Pedroiços. Pelas 7 ou 8 horas da noite, retirando-se Sequeira para a sua casa de Belem, foi atacado por tres soldados de cavallaria 4, que o espancaram e prenderam á ordem do general, sendo conduzido ao corpo da guarda d'aquelle regimento, e d'alli mandado para o quartel da Luz, onde esteve até 18 de janeiro de 1809, sendo n'esse dia transferido para o Limoeiro. Foi julgado pelo tribunal ou juizo da *Inconfidencia*, e por elle absolvido; e o soldado que o maltratára, foi castigado.

Attribuiram-lhe 5 crimes: — 1.°, de *fallar com indecencia*, do principe regente — depois, D. João VI; — 2.°, de *pintar uma allegoria dedicada a Junot, deprimindo a nação portugueza*; — 3.°, *ter feito casa de pintura, da sala do docel do palacio da Ajuda*; — 4.°, *ter consentido que entrasse um cavallo em uma casa do mesmo palacio*; — e 5.°, finalmente, — *ser jacobino*.

[1] Em 30 de março de 1874, foi arrematada, em leilão judicial, á *quinta da Princeza*, em Pedroiços. Estava avaliada em 9 contos de réis, mas o sr. Guimarães, director da companhia dos caminhos de ferro americanos, deu por ella, 18:200$000 réis. No mesmo dia, foi arrematado o casal contiguo a esta quinta. Estava avaliado em 3 contos de réis, e a casa Cadaval ficou com elle por 6 contos.

Foram testemunhas contra elle, tres inimigos—isto é—tres *officiaes do seu officio*—Manuel da Costa, architecto, pintor e machinista — Archangelo Fuschini, mestre de pintura do infante D. Pedro Carlos — e Bartholomeu Antonio Calixto, pintor da casa-real.

Todos os crimes attribuidos a Sequeira, tinham uma tal ou qual apparencia de verdade.

1.º—Elle, como muitos mais portuguezes verdadeiros patriotas, murmuravam por D. João ter fugido com a familia real para o Brasil, abandonando a nação à voracidade e ao jugo ominoso de Junot e dos seus.

2.º — É verdade que Sequeira estava no Porto quando Junot entrou em Lisboa, a 30 de novembro de 1807, e que se veio apresentar a elle, logo em 16 de janeiro de 1808; mas diz Sequeira que foi obrigado. Confessa elle proprio, porém, que *logo na primeira entrevista pedira a Junot dois mezes de ordenado que se lhe deviam.*

Diz Sequeira que Junot lhe *mandou* pintar um quadro allegorico do estado actual (d'então) de Lisboa, para o qual o mesmo Junot deu o assumpto *escripto pelo seu proprio punho*, e teve a *modestia* de o redigir nos termos seguintes — *Lisboa, não temas a tua sorte. um heroe (!) te protege, quando te envia este guerreiro invicto, prudente e justo. (!!!) Lembra-te suas victorias, por toda a parte conseguidas*, os perigos e trabalhos que teve para a tua felicidade. *E o seu governo, sabio e prudente*, do qual já tens experiencia, *cuidadoso da tua ventura, prepara*, para aquelles que o merecerem, *premios de que o heroe lhe confiou a distribuição.* Já Neptuno *treme ao aspecto de Marte fulminante.* (Neptuno era a Inglaterra!)

(Tamanha enfiada de charlatanices, nem se commenta.)

—

Sequeira pintou o quadro (ou, pelo menos, esboçou-o) e sahiu uma pintura tão pedantesca, tão caricata como o assumpto.

Lisboa, estava sentada, em attitude triste, amparada pela Religião e o Genio de Portugal. Junot, pegava-lhe na mão, em acção de a animar. Ceres e Minerva, rasgando os ares, em direcção ao grupo antecedente. Ao longe, Marte, despedindo raios contra Neptuno. Na penumbra, soldados de Junot, o Tejo, e navios com bandeira russa.

«Sic itur ad astra!»

Diz-se que Sequeira misturou nas tintas, certa droga corrosiva, que fazia desapparecer a pintura, passado pouco tempo.

Outros dizem que o pintor, assim que os francezes retiraram, apagára as figuras que offendiam a honra da familia real e dos portuguezes.

Fosse como fosse, o tal quadro desappareceu, e ninguem sabe como, nem quando.

O sr. marquez de Souza tem um quadro esboçado por Sequeira, em louvor de Junot (que aquelle denomina *marquez d'Abrantes*) mas é muito differente do outro, e nada tem de criminoso, senão pretender immortalisar um chefe de bandidos, que tantas desgraças causaram a este reino.

3.º—Sequeira defendeu-se a este artigo, dizendo que pedira para que lhe cedessem uns quartos, no paço do *Pateo das Vaccas;* porém o intruso intendente (o jacobino Herman) o mandou trabalhar na sala do docel, por ultraje ao rei de Portugal e aos seus subditos.

Sequeira allegou que pedira para se tirar d'alli o docel, mas que o guarda não consentiu.

4.º—Defendeu-se o reu, allegando que o jacobino Constant, major de um regimento de cavallaria franceza, quiz que elle o retratasse encostado ao cavallo, e, como no vestibulo havia muito sol, *o obrigou* a entrar para um dos quartos do paço.

5.º—Finalmente, allegou que foi sempre leal patriota, e o que fez em louvor dos jacobinos, foi coagido por elles, e com receio de crueis soffrimentos, etc., etc.

—

Ha em Pedroiços, uma optima fabrica de cortumes, da qual é proprietario, o sr. Antonio Maria dos Santos Agard.

—

Constitui-se aqui modernamente, em terras do sr. duque de Cadaval, um elegante hypodromo, onde se teem effectuado brilhantes corridas de cavallos.

PEDROSO—freguezia, Douro, concelho e 10 kilometros a E.S.E. de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 10 kilometros ao S.E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 1:100 fogos.

Em 1757 tinha 429 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

E' uma das mais antigas parochias de Portugal, e foi villa e couto do mosteiro, com camara e justiças proprias.

Foi D. Affonso Henriques que o coutou, em 1128, por 700 libras, que o mosteiro lhe deu.

E' n'esta freguezia a grande e bonita povoação dos *Carvalhos*. (Vol. 2.º, pag. 137, col. 2.ª, no fim.)

A egreja matriz, de architectura gothica, é antiquissima e foi a egreja do mosteiro.

—

O territorio d'esta freguezia, posto que bastante accidentado, é fertil em todos os generos agricolas do paiz, o seu clima muito saudavel, e tem sitios muito formosos.

Alem de ser muito populosa, occupa uma área muito vasta, chegando pelo N. até perto da margem esquerda do Douro—pelo S. até alem da estrada real, de Lisboa ao Porto. Parte do E., com a freguezia do Olival, e pelo O. com a de Canellas.

—

O mosteiro, duplex, benedictino, de Pedroso, um dos mais ricos e famosos de Portugal, foi fundado nos fins do seculo IX, por Ero e sua mulher, Adosinda, paes do famoso capitão Gondosindo (ou Gundezindo) Soeiro, avós de Adonorigo Gonçalves do Marnel, e bisavós de Adonorigo Gondoindes, e de sua mulher e prima, D. Adosinda Eris.

Os fundadores, alem de Gondezindo Soeiro, tiveram tres filhas — D. Ermezinda, D. Adozinda, e D. Frol (Flor.)

Nascêra D. Frol aleijada. Seus paes, por testamento, dividiram as suas grandes riquezas, em cinco partes eguaes—deram duas partes a Gondezindo, e as tres dividiram egualmente pelas filhas; porém a 5.ª parte, que pertencia a D. Frol, a doaram ao mosteiro que haviam fundado, com a condição de sustentarem, vestirem e tratarem, com respeito e carinho, esta senhora, em quanto viva; e lhe fazerem os bens d'alma e enterro, segundo a sua gerarchia, quando fallecesse: o que foi religiosamente cumprido, tanto pelos monges, como pelas freiras.

Acceitaram a doação e obrigaram-se ao cumprimento d'aquellas obrigações, o abbade, D. Destrigo, e a abbadessa, D. Elvira.

—

Eram d'esta familia, D. Thereza Fernandes, filha de D. Fernando Gonçalves do Marnel e de D. Urraca Gonçalves; e prima germana de D. Flamula Honorigues, filha dos ditos Adonorigo Gondoindes e D. Adosinda Eris.

Aquella D. Thereza Fernandes, casou com D. Mendo Viegas de Souza, 8.º senhor da casa de Souza, e são os progenitores das familias dos legitimos *Souzas*, o mais nobre appellido de Portugal, procedente dos reis godos de Hespanha, e que teve principio em Portugal, na pessoa de D. Faião Soares (vide *Arrifana de Souza* e *Penafiel*.)

D. Mendo Viegas de Souza, era filho de D. Egas Gomes de Souza, um dos principaes fidalgos que acompanharam a côrte de D. Affonso VI de Leão, e depois, a do conde D. Henrique, seu genro, e pae de D. Affonso Henriques. Foi o primeiro que tomou o appellido de Souza.

Era filho de D. Gomes Echiguiz, adiantado de Portugal, nos reinados de D. Affonso IV e de seu filho, D. Bermudo III, e—segundo uns—de D. Godinha Gonçalves, filha de D. Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador*, e de sua mulher, D. Leonor Viegas, filha do grande Egas Moniz—e segundo outros—de D. Flamula Gentina, filha de D. Gonçalo Trastamires da Maia, avô do *Lidador* (o que é mais provavel, segundo a chronolo-

gia) e de D. Mecia Rodrigues (ou Godinhes) filha de Rodrigo Vermuiz.

D. Mendo Viegas de Souza, succedeu a seu pae, nos principios do govêrno de D. Affonso Henriques, que o nomeou governador de todo o districto de Santa Cruz da Villariça e do seu, então, importantissimo castello.

Foi companheiro corajoso e inseparavel do nosso 1.º rei.

Teve dois filhos e tres filhas:

1.º—D. Gonçalo Mendes de Souza, que lhe succedeu—cognominado *o Bom*, 9.º senhor da casa de Souza, valoroso capitão de D. Affonso Henriques, que assistiu na batalha de Ourique e outras muitas.

Casou com D. Urraca Sanches, filha de D. Sancho Nunes de Barbosa, e da infanta, D. Thereza Affonso, condes de Cella-Nova, e tiveram D. Mendo de Souza, cognominado *o Souzão*.

2.º—D. Soeiro Mendes de Souza (que tomou o nome de *Soeiro*, em memoria de seu 7.º avô, D Soeiro Belfaguer, 1.º senhor da casa de Souza.)

Morreu solteiro; mas teve uma filha bastarda, por nome, D. Maria Soares, que casou com João Fernandes, de Riba-Visella.

3.º—D. Oroanna Mendes de Souza, que casou com D. Mendo Moniz de Riba-Douro, descendente e successor do famoso D. Egas Moniz de Riba-Douro.

4.º—D. Flamula Mendes de Souza, que casou com D. Gomes Mendes Guedaon (ou Guedas) troncos de nobilissimas familias, de Portugal e Castella.

5.º—D. Urraca Mendes de Souza, que casou com D. Fafes Luz, um dos heroes que, com o conde D. Henrique, vieram a Portugal, em 1093, e foi seu alferes-mór.

Era rico homem, e tronco de muitas familias dos appellidos *Fafes* e Godinhos, hoje quasi extinctas umas, outras degeneradas.

D. Mendo Viegas de Souza, falleceu em 1130, no mesmo anno em que falleceu a rainha D. Thereza, mãe do nosso primeiro rei.

—

Gondezindo (ou Gondezendo) Soeiro, filho de Ero e de Adozinda, fundadores do mosteiro de Pedroso, casou com D. Enderquina Pala, filha do capitão Mendo Gutierrez, e de sua esposa, D. Hermezinda, irman da rainha D. Elvira, mulher de D. Ordonho II, de Leão, e mãe de D. Ramiro II. (Vide *Ancora*, *Calle*, *Gaia*, *Lamas do Marnel* e *Marnel*.)

—

Entre os documentos que existiram até 1834 no cartorio de Pedroso, se achava um *rol* ou *inventario*, feito em 1017.

Constava dos bens que um particular adquiriu, quando D. Affonso IV, de Leão, residiu em Monte-Mór.

Este individuo, vendeu logo estes bens, a D. Gonçalo, filho do conde, D. Mendo Luci, que então era governador da Terra da Feira, e tinha do dito rei — *regalengo, et condadu, et mandamento in rripa-Agata*.

N'este rol vem tambem, metade do mosteiro de *Cedarim* (Cedrim.)

Em outro inventario do mesmo cartorio, feito em 1050, se declaravam os bens que adquiriu D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula, e entre estes bens e rendas, vem os mosteiros de *Sála*, e de *S. Julião*, metade (de certo a outra) do mosteiro de *Cedarim*—e metade da egreja de *Recardães*.

Em 1084 (documento de Pedroso) *doaram* Tructezindo Tructezindiz e seu filho, Pelagio Tructezindiz, ao mosteiro de Pedroso, o *logar de São Mamede*.

Em 1085 (documento de Pedroso) doou Flamula, filha de Honorigo, a este mosteiro, tudo o que tinha na villa de *Alquorovim* (Alcorobim.)

—

Nas *Inquirições reaes*, de D. Diniz I (1297) se lê—*Disse, que o Casal de Soutêllo, que est de Pedroso, que est Montaria d'El Rei,* [1] *.....E hir aá entroviscada, e fazer montaria a El-Rei, quando os chamarem.* (Doc. de Grijó.)

—

Vimos no 5.º vol., pag. 442, col. 1.ª, que

[1] *Casal da Montaria*, era aquelle cujos colonos pagavam foro de caça do monte: e tambem os que eram obrigados a hir ás montarias, quando á ordem do rei fossem hamados.

os monges de Lorvão (da mesma ordem) foram expulsos do seu mosteiro, em 24 de dezembro de 1200, e mandados para este de Pedroso.

Os monges, queixaram-se ao papa Honorio III, d'esta expulsão arbitraria, e elle a annullou, por ser feita sem seu beneplacito; mas esta annullação em nada melhorava a sorte dos queixosos, nem prejudicava o cumprimento das ordens de D. Sancho I — foi um verdadeiro laço, armado aos frades, porque — conhecendo o mau comportamento d'estes, mandou os tomar posse do mosteiro de Lorvão. sob condição de—tomada ella, por auctoridade apostolica—pela mesma tornariam a ser expulsos, e distribuidos pelos diversos mosteiros benedictinos do reino.

Bem sabia o pontifice, que o seu breve, era mais um castigo, do que um deferimento; porém os frades, para evitarem semelhante vergonha, desistiram da reoccupação, e se deixaram distribuir antes d'aquella humilhante formalidade.

Ficaram pois em Pedroso sómente as freiras, com dois religiosos velhos e de boa vida, para seus confessores e capellães.

—

Em 1302, algumas religiosas do mosteiro de Cemide, da mesma ordem (vol. 2.º, pag. 237, col. 2.ª)—não se sabe porque—separaram-se das suas companheiras, por beneplacito do papa Bonifacio VIII, e vieram viver para o mosteiro de Pedroso, trazendo os casaes e rendas que o mosteiro de Cemide tinha na Terra da Feira.

Alguns escriptores, dizem que, sendo os frades distribuidos por outros mosteiros, ficou este abandonado pelo espaço de 102 annos, até que em 1302 o vieram habitar algumas das freiras de Cemide.

A primeira versão parece mais plausivel.

—

Foi abbade commendatario d'este mosteiro, frei Pedro Julião, depois 184.º pontifice, com o nome de João XXI. (Vol. 4.º, pag. 303, col. 2.ª)

—

Pelos annos de 1567, D. Henrique (depois cardeal-rei) sendo regente, durante a menoridade de seu sobrinho, D. Sebastião I, tendo fallecido o ultimo commendatario de Pedroso, e pretendendo muitos individuos ser os legitimos herdeiros d'esta commenda, achou a occasião propicia (o cardeal) e supprimiu o convento, ficando a egreja a ser matriz da freguezia, como sempre o fôra; o mosteiro para residencia do parocho, e a cêrca para passaes—e todas as rendas e fóros, para o collegio dos jesuitas de Coimbra.

Pela suppressão d'esta ordem, em 1759, passaram aquellas rendas para a corôa.

—

O infante D. Affonso (filho de D. Affonso II, e da rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VIII, de Castella) havia casado em França, com Mathilde, condessa de Bolonha.

Todos sabem os acontecimentos que se deram em 1246, com o infeliz D. Sancho II (o capêllo) e com sua mulher, D. Mecia Lopes d'Haro (viuva de D. Alvaro Peres de Castro, e filha de Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia, e de D. Toda.) Vide *Ourem.*

O infante D. Affonso, irmão do rei, chamado pelo clero, nobreza e por algum povo de Portugal, vem para este reino, do qual toma a regencia, e, fallecendo o rei, em Toledo, a 4 de junho de 1248, toma o titulo de rei, e foi o nosso D. Affonso III (o *Bolonhez.*)

Havia casado em França, com Mathilde, condessa de Bolonha, da qual não houve filhos.

Foi um monarcha guerreiro e victorioso, e expulsára os mouros, do Algarve, ajudado do immortal D. Paio Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago.

Não satisfeito de estar pacifico senhor de Portugal, desde o Minho até ao Guadiana, entra pela Andaluzia, conquistando aos mouros, um vasto territorio e algumas praças.

D. Affonso X, de Castella, invejoso dos

nossos triumphos, oppõe-se ás conquistas (1253) porém esta contenda terminou pelo casamento do rei portuguez, com a princeza D. Brites, filha do monarcha castelhano.

Este casamento originou graves desordens no reino, que terminaram n'esse mesmo anno de 1253, pela morte de Mathilde. [1]

—

D. Fernão Iñigo Lopes, 3.º filho do conde D. Iñigo Lopes, veiu para Portugal, no sequito de sua parenta, a rainha D. Beatriz, e D. Affonso III lhe deu, logo em 1253, o senhorio de Pedroso.

Casou D. Iñigo, com D. Guiomar Affonso de Rézende, e são o tronco da nobilissima familia de appellido Mendonça.

(Para evitarmos repetições, vide vol. 4.º, pag. 449, col. 1.ª e seguintes — e *Valle de Reis*, onde hirá uma resumida biographia do penultimo duque de Loulé, nascido a 6 de novembro de 1804, e fallecido a 21 de junho de 1875.)

PEDROSO—vide *Caramôs e Felgueiras.*

PEDROSO—vide *Ave*, rio.

PEDROSO — aldeia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (extincto concelho de Jalles) vide vol. 1.º pag. 114, col. 2.ª, *Alfarella de Jalles.*)

Foi n'esta povoação o solar dos Pedrosos.

E' *Pedroso* um appellido nobre em Portugal, cuja familia é d'este reino, tendo a sua origem n'esta aldeia, que foi honra.

Ha memoria d'esta familia, desde o reinado de D. João I, sendo então senhor d'esta honra, Ruy Gonçalves de Pedroso.

Os Pedrosos trazem por armas—em campo d'ouro, sete lobos, de purpura, entre duas faxas da mesma côr, 3 em cima, 3 entre as duas faxas, e um no contra-chefe — todos andantes. Élmo d'aço, aberto; timbre, um dos lobos das armas, com uma faxa de ouro, na espadua.

Albergaria, a pag. 158, diz que o solar d'esta familia, é o mosteiro de Pedroso (o 1.º que fica mencionado n'este livro.)

Outros Pedrosos trazem por armas—em campo de prata, 5 crescentes, asues, em aspa, sendo o do meio maior, e sobre elle, um passaro de prata.

Ainda outros usam—em campo de prata, 5 coticas de púrpura, e entre ellas 4 lobos negros.

Todos o mesmo élmo e escudo; mas n'estes ultimos, o timbre é um lobo negro.

—

Por baixo do logar de Cidadêlhe, da freguezia d'Alfarella, sobre o rio Tinhella, que lhe passa uns 100 metros ao N., no alto de um monte, sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um forte e vasto castello, conservando-se ainda de pé, parte dos panos de suas muralhas, construidas de cantaria muito bem lavrada.

Ainda no principio d'este seculo, havia lanços da cortina com mais de 3 metros d'altura, e com vestigios de portas, d'arco, para o lado do mesmo rio, e outras para o lado do S., assim como fossos para o lado do O., e restos de muros, que deviam ser os mais altos, pois é a unica parte por onde a fortaleza podia ser atacada, e não pelo E. e N., que estava defendida com o rio, e com a altura e inaccessibilidade das penedias que a limitavam.

Tudo induz a acreditar que é construc-

[1] D. Affonso III, teve muitos filhos. De sua 2.ª mulher, foram (por ordem das edades):

D. Branca, que foi abbadessa de Lorvão, e das huelgas, de Burgos.

D. Fernando, que morreu menino.

D. Diniz, que lhe succedeu no throno.

D. Affonso, que casou com D. Violante, filha do infante D. Manuel, e neta de D. Fernando III, de Castella.

D. Sancha, *D. Maria* e *D. Vicente*, que morreram meninos.

Teve nove filhos bastardos:

D. Fernando, cavalleiro do Templo.

D. Affonso Diniz, ascendente dos Souzas, condes de Miranda.

D. Martim Affonso, ascendente dos Souzas, condes do Prado.

D. Gil Affonso, *D. Leonor*, *D. Urraca*, e outra *D. Leonor.*

D. Pedro Affonso, conego de Santa Cruz de Coimbra.

D. Rodrigo Affonso, tambem conego de Santa Cruz, e depois, prior de Santa Maria de Alcáçova, de Santarem.

ção dos romanos, pois os lusitanos e os arabes, faziam as suas fortificações mais toscamente.

Diz se que no leito do rio, e em frente d'este castello, ha uma inscripção romana gravada em uma pedra; mas está a maior parte do anno coberta d'agua, pelo que, só nas grandes estiagens se póde ler, e se poderão colher algumas indicações.

—

A 3 kilometros de distancia d'esta fortaleza, desde as vinhas que estão no sitio de *Pedroso*, nas faldas da serra da *Prêza*, limites do logar do *Campo*, no mesmo termo de Alfarella, se vê uma grande e continuada valla, e em algumas partes, trez parallelas e proximas umas das outras, e que atravessam o *ribeiro das Azenhas*, e subindo um monte — por onde passa a estrada de Chaves — o descem, na parte opposta, atravessando o *ribeiro Côvo*. Sóbe o monte da *Coêlha*, até descer junto do rio Tinhélla.

Dão estas vallas indicios de terem sido antigas minas metalicas.

Veem-se n'ellas, varias covas, algumas de bastante profundidade, feitas a picão na rocha, e assemelhando-se a cisternas.

Uma d'ellas, tem mais de 40 metros de fundo, alem do que está entupido.

Ao fundo, ao O., se vê um grande buraco, feito tambem a picão, na rocha, e é tradição que era a entrada de um tunell, ou estrada subterranea, por baixo do rio Tinhella e de outros menores, que hia ter ao logar da *Ribeirinha*.

O povo d'aqui, dá a estes poços a denominação de *garalheiras*. — Vide *Trez Minas*.

PÊGA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, districto administrativo, bispado, e 15 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 124 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

O prior da freguezia da Faia apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil. Gado, e abundancia de caça.

Pégas, é appellido nobre de Portugal, e de origem portugueza.

Tem a mesma ascendencia que a dos Béjas, pois ambas procedem de João Domingues de Béja, escrivão da puridade do rei D. Diniz.

Foi chefe d'esta familia, Gaspar Lopes Lança Pêgas e Béja, administrador dos morgados das duas casas.

O rei D. Sebastião, deu, em 1569, armas a esta familia, e são:

Em campo de prata, 3 pêgas, da sua côr (pretas com malhas brancas na cauda) em roquête, e entre ellas, uma cabeça de lôbo, de púrpura, cortada em sangue—Timbre, uma das pêgas, voando.

O varão mais célebre d'esta familia, foi Manuel Alves (ou Alvares) Pêgas, nascido em Extremoz, em 4 de dezembro de 1635, e fallecido em Lisboa, a 12 de novembro de 1696, e foi sepultado no claustro do convento do Carmo (hoje quartel da guarda municipal) de Lisboa.

Foi o mais sabio jurisconsulto do seu tempo, e um classico notavel.

Além dos seus famosos articulados, em varios processos, publicou duas grandes obras—os *Commentarios ás Ordenações do reino*—e as *Resoluções forenses*.

Ambas estas obras foram e são muito estimadas, e estão escriptas em portuguez vernaculo.

A primeira, principalmente (a que os dotores dão quasi sempre o titulo de *Pêgas ás Ordenações*) ainda hoje são consultadas.

(Vide vol. 3.º, pag. 83, col. 2.ª)

PEGAR—SENTENÇA — portuguez antigo—hoje diz-se *publicar sentença*.

PEGARINHOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó (foi da mesma comarca, mas do concelho de Murça) 105 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A collegiada de Nossa Senhora da Olivei-

ra, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

PÊGAS—antiga cidade da Lusitania. Vide *Monte Cristêllo*, a pag. 473, col. 2.ª, do 5.º volume.

PÉGO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 180 kilometros a O. da Guarda, e 135 ao S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago, Santa Luzia.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Os vigarios de S. João e de S. Vicente, d'Abrantes, apresentavam, alternativamente, o cura, que tinha 24$000 réis de rendimento.

É terra fertil em cereaes.—Vide *Pélago*.

PÉGO D'ALMANÇOR—vide *Almançor*—lagôa—Algarve—vol. 1.º, pag. 144, col. 2.ª

PÉGO DE S. DOMINGOS—lagôa, Algarve. Fica a 6 kilometros da foz do Guadiana, ao E. d'ella; a egual distancia do rio *Chança*, e a 3 kilometros da *Córte do Pinto*. Tomou o nome de S. Domingos, porque está na raiz de um monte onde ha uma capella do Santo, a qual fica a uns 300 metros a E. do pégo.

Tem uns 30 metros de comprido, por 7 de largura e dois de profundidade. É formado por grande numero de mananciaes, que descem das ribanceiras circumferentes. Ha por estes sitios abundancia de pyrites de ferro granuladas. No monte onde está a capella, se vêem grandes escavações, indicio de lavra de minas, do tempo dos romanos ou dos arabes.

A agua do pégo, é frigidissima e tão pura, que deixa perfeitamente vêr o fundo d'elle. Não cria peixe de qualidade alguma, nem mesmo vermes ou insectos. É inodora, mas bebida, deixa um leve sabor a capa-roza (vitriolo).

A analyse mostra que a agua é férrea. Applica-se, com bom resultado, em banhos, para a cura de molestias cutaneas. O seu effeito interno, deve ser adstringente em summo grau, pois tem as mesmas qualidades mineraes das da *serra dos Terreiros*. Vide *Pédorido*.

PÉGO DO VIGARIO—Alagôa, Algarve, ao sopé das serras de *S. Barnabé*, e do *Malhão*, ramos da *serra do Algarve*, nos limites da freguezia d'Alte, comarca e concelho de Loulé.

É uma vasta alagôa, onde vem precipitar-se a ribeira d'Alte, cahindo de um despenhadeiro, que tem uns 44 metros d'altura, e o mesmo de profundidade. Foi a ribeira encaminhada para este sitio, por Duarte de Mello Rabadaneira Côrte-Real (administrador do morgado dos Monizes Telles d'Aragão) que, pelos annos de 1690 e tantos, mudou o curso da ribeira, para regar o seu pomar da Mina e para outros usos; para o que lhe foi preciso furar um rochedo de 11 metros d'altura e 40 de comprimento; construindo um magnifico tunell de cantaria, com passeios d'ambos os lados, com altura sufficiente, e *occulos*, de espaço a espaço, para luz e ventilação do tunell.

Do lado da montanha, tem uma grossa muralha, para sustentar o péso das terras, obra de grande custo, mas de muita utilidade, pois, além de regar o tal pomar e outras propriedades, faz mover os moinhos que estão proximos da povoação de Alte.

PÉGÕES—aldeia, Alemtejo, entre o *Poceirão* e as Vendas-Novas, 42 kilometros ao S. de Lisboa e 14 de Setubal. É a 10.ª estação do caminho de ferro do S. e S.E.

PEGURAR—portuguez antigo—*peorar*, pôr-se em peor estado. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1389.)

PEGUIAL—o mesmo que *Pegulhal*.

PEGULHAL—portuguez antigo—pastor, ou pegureiro, que guarda ovelhas. Em uma *inquirição* que se tirou em Braga, se dá a *D. João Peculiar* o nome de *D. João Pegulhal*. Em outros documentos se dá ao mesmo individuo o nome de *D. João Ovelheiro*. Foi frade cruzio do mosteiro de Grijó, bispo do Porto e arcebispo de Braga. Na baixa latinidade, se dizia *Peculialis*. Vem de *pecus*, *gado*.

Hoje muda a significação da palavra *pegulhal*, pois se tóma por grande agglomeração, récova ou rebanho.

PÊIA, ou **PÊA**—portuguez antigo—o mesmo que *baraza* ou *barraza* (baraça). Ar-

madilha de fios, ou laços, com que se caçavam os animaes ferozes. No foral de Cêa, de 1136, se diz — o que matar algum veado — *in madeiro, aut in barraza, det 1 lumbum costal.* No de Ferreira d'Aves, de 1126, se lê — *De venado, qui mortuo fuerit in peia, aut in baraza, uno lombo: de porco IV^or costas: de urso, una manu.*

De *baraza* vem o verbo embaraçar, acharse em embaraços; preso por qualquer obstaculo, physico ou moral; enleiado, etc.

PEIOUGA, ou **PEYOUGA** — portuguez antigo — pé de porco, chispe. D'aqui vem a palavra piúga.

PEITA — portuguez antigo — até ao seculo XIV, significava pagamento de qualquer multa ou tributo. Depois, applicou-se ao que se dá para corromper qualquer magistrado, escrivão ou empregado publico.

As nossas *Ordenações* (L.º 5.º, tit. 71, § 2) dizem — «Peita promettida, aceitada, e não recebida, basta para fazer perder o officio, e pagar o tresdobro para a corôa. E o julgador que a receber, perde para a dita corôa, todos os seus bens, e o officio que d'El-Rei tiver. E passando a peita de cruzado, ou sua valía, além das sobreditas penas, he condemnado a perpétuo degredo para o Brasil. E, sendo a peita, de valia de dous marcos de prata, tem pena de morte.»

PEITORIL — portuguez antigo — obra de fortificação militar, plataforma, parapeito, meia-lua, ou qualquer corpo avançado fóra das cortinas de muralhas, para defeza dos sitiados. Nas côrtes da Guarda (1465) pediram os moradores de Viseu, ao rei (D. Affonso V) «que, ao menos, lhe mandasse fazer hum *peitoril*, dentro da cêrca, pera amparo da cidade, que já duas ou tres vezes tinha sido queimada, pelos corredores de Castella.» (Doc. da camara de Viseu.)

PEIXÓTA — portuguez antigo — pescada (peixe). A duas pescadas chamavam *uma cobrada de peixótas.* Em 1362, emprazou o convento de Tarouca, o souto da *Çapata*, com o fôro de quatro, e uma *cobrada de peixótas.*

PÉLAGO — portuguez antigo — qualquer ribeiro, rio, córgo, regato, lagôa, açude, lago, pôço, tanque, ou qualquer ajuntamento ou rego de agua. Desde o seculo XI, se tomou pélago n'este sentido, em todos os nossos documentos, até aos fins do seculo XV, em que se principiou a dizer *pégo*, com a mesma significação.

No foral de *Mós*, de 1162, se marcam os limites d'aquelle concelho e do de *Moncôrvo* — *Per lo porto da Figueira..... et inde au pelago do Cucu, et inde en na serra do Cubu, aquas vertentes contra Siladi.*

Com a mesma significação se vê no foral de Santa Cruz de Villariça, para onde se havia mudado a villa de *Mem-Côrvo*, em 1225, pois nos limites se diz — *Per ad Lagona de Molas, et per Pelago de Cucho.* Porém, em 1471, tornando a villa de Moncôrvo para o seu primeiro logar (o actual) e extinguida a de Santa Cruz, altercaram os dois concelhos (Mós e Moncôrvo) sobre a divisão dos limites, e levado o feito a D. Affonso V, elle decediu, por sentença, que os taes limites corriam — *Por sango de Móós e dalli pelo Pego do Cuco, e dalli pela serra de Gouvêa.*

Com a mesma significação se acha no foral de Aguiar da Beira e outros muitos; pelo que se vê que *pélago* se corrompeu em *pégo* por contracção ou abreviatura.

PELARÍGA, PELLARÍGA, ou **PILARÍGA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Districto administrativo de Leiria, bispado de Coimbra.

Esta freguezia foi creada a 10 de março de 1847, a instancias de João Pedro de Migueis Carvalho e Brito, barão da *Venda da Cruz*, aldeia d'esta freguezia. Este barão, era bacharel, formado em mathematica, e falleceu em Roma, sendo ahi nosso embaixador.

Nasceu, o barão, na *Venda da Cruz*, que se chamava, em 1672, *Venda do Diabo*, como consta de uma escriptura de reaforamento, da *quinta da Pelariga*, que a 20 de dezembro d'este anno, fez o conde de Castello-Melhor, Luiz de Vasconcellos e Souza a D. Philippa de Moraes, viuva de Manuel Dordes Botêlho, moradora na mesma quinta da Pelariga.

Esta escriptura, ainda existe actualmente, em poder da sr.ª D. Josefa Peregrina Godinho, da villa do Pombal, que é senhora de parte da antiga quinta da Pelariga.

Compôz-se esta freguezia, dos casaes e logares, que tinham até então pertencido ás freguezias de S. Martinho, do Pombal—Nossa Senhora da Graça, d'Almagreira—e Nossa Senhora da Conceição, da villa da Redinha.

Foi arbitrada ao parocho a congrua de 180$000 réis, e tem o pé de altar, cujo rendimento é de 20$000 réis.

Tem um coadjutor, que vence annualmente, 80$000 réis.

É terra fertil.

PELEJADOR—portuguez antigo—Inquieto, revoltoso, turbulento, rixoso, ralhador, espancador, etc. — Ainda hoje na Terra da Feira, *peleijar* é synonimo de ralhar, altercar, etc.

PELLACILL, ou **PELLACIR** — portuguez antigo — Vindima do vinho, e colheita do azeite. É derivado do arabe—*al-âcir* (a colheita). Os nossos antigos diziam—*pêla acir* (pelo tempo das colheitas do vinho e azeite) e assim de duas palavras fizeram uma—*pellacir. Foi dar sobre elles, no tempo de seu alacir.* Chron. de D. Aflonso Henriques, por Duarte Galvão.

> Rigorosamente, *alacir*, na lingua arabe, não é *colheita* nem *vindima;* porém o succo (ou sumo) que sáe da uva e da azeitona. Deriva-se do verbo *âcara*, que significa espremer.

Muitos se hiam para as herdades e quintas, onde tinham suas casas, em que estavam no tempo do seu allacir. (Chron. do Conde D. Pedro, L.º 1.º, cap. 13.º)

Vide *Tavira.*

PÉLLE (de alfanehe) — portuguez antigo — suppõe-se, com bons fundamentos, ser pelle d'arminho.

Por um documento de Pedroso, de 1048, consta que se vendeu uma propriedade, *por* um cavallo, de trezentos soldos, e *uma pelle alfanehe.* Du Cange, cita um documento, de 978, em que se diz—*Lectus cum suos tavetes... et fatelas alfanegues.*—E outro de 1149, em que se lê—*Praeter fulcra serica, et coopertorium unum de Alfanez.*

Parece derivar-se do arabe *alphenie*, que significa *branco, alvo.* D'aqui, *alfenim*, doce bem conhecido.

De *alfanehe* fizeram os hespanhoes, *alfaneque* — cobertor de lan muito branco.

PELLE (de *aníña*) — portuguez antigo — pelle de cordeiro, a cujo animal os antigos chamavam *aninho* (carneiro de um anno, ou d'aquelle anno). Vem do latim *agnus*, de que os portuguezes fizeram *anho.* Ainda nas provincias do norte se dá o nome de *anho* ao cordeiro, ou carneiro pequeno.

PELMÁ (Pelle-má) — freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho d'Alvaiázere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757 tinha 290 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Segundo a tradição, foi senhor do logar, um individuo de genio aspero, ao qual, por isso, pozeram a alcunha de *Pelle-má*, vindo a chamar-se á povoação — *aldeia do Pelle-má*, e ficou-lhe o nome.

Parece ser povoação muito antiga, e já habitada pelos romanos; porém d'elles não restam por aqui vestigios: sómente em 1751, andando a abrir-se os alicerces de uma casa, em uma das aldeias da serra d'Alvaiázere, pertencente a esta freguezia, se acharam oitenta e tantas moedas, de ouro, prata e cobre, romanas, dos imperadores Vitellio, Vespasiano, Tito, Nerva e Trajano.

Além das moedas, se acharam tambem varios adereces d'ouro, dos que usavam as damas romanas.

O descobridor, vendeu tudo a um ourives de Coimbra, que derreteu o que era d'ouro. As moedas de prata e cobre, vieram para Lisboa, para os paços dos duques de Bragança (onde então era a *academia real de historia portugueza.*—Volume 4.º, pag. 129, col. 2.ª)

O terramoto de 1755, arrazando este palacio, fez desapparecer tudo quanto n'elle havia.

PELOTE, ou **PELLÓTE**—portuguez antigo—Capa fórrada de pelles. (A que não tinha este fôrro, não era *pelote*—era *capa*.)

Tanto homens como mulheres usavam pelotes. Vide *Queimadella*.

PELOURINHO ou **PELLOURINHO**—distinctivo da jurisdicção de um concelho, e da sua autonomia municipal.

Consta que os pelourinhos tiveram principio do modo seguinte.

Na praça do Forum (Roma) havia uma casa de que era proprietario um tal *Moenius*.

Para que elle e os seus podessem ouvir os julgamentos dados pelos *triumviros* (magistrados instituidos 290 annos antes de Jesus Christo—isto é—no anno 463 da fundação de Roma) ver as sumptuosas festas publicas, e os castigos que alli se davam, mandou construir junto da sua casa, uma grossa columna de pedra, de uns dois metros de alto, e sobre ella, uma especie de mirante ou pavilhão, onde se sentavam.

Denominou-se *columna mœnia*.

Com o andar dos tempos, os romanos construiram estas columnas no *forum* de qualquer cidade do imperio.

O seu uso passou ás Gallias, porém alli, tiveram uma mais larga applicação.

Commummente eram construidas nas encrusilhadas dos caminhos; mas alli, não indicava só a jurisdicção de um municipio; eram tambem o emblema do poder feudal.

Os senhores donatarios, os bispos e os cabidos, tinham direito de levantar pelourinhos nas terras dos seus senhorios.

Alguns mosteiros gosavam do mesmo direito.

Em regra, os pelourinhos eram levantados em frente das residencias dos a que nós chamamos *senhores de baraço e cutello*.

No seculo XIII, havia muitos pelourinhos em Paris, e entre elles, o do bispo, erguido proximo da cathedral—o do cabido da mesma Sé, junto á porta S. Landry—o dos templarios—o do priorado de S. Martinho dos Campos—o da abbadia de S. Germano dos Prados, etc.

O Pelourinho da camara estava na praça do mercado.

Era uma torre octogona, de pedra, com oito arcos, cobertos por um telhado de fórma conica.

Foi incendiado pelo povo, em 1515, morrendo queimado, o carrasco, Lourenço Bazard, que n'elle se achava então fazendo os preparativos para uma execução.

Foi reedificado em 1542, e arrazado para sempre, pelos republicanos, em 1789.

—

Ignora-se o anno em que os pelourinhos se construiram na Lusitania.

Talvez fosse no tempo de Sertorio (entre os annos 3920 e 3930—isto é—entre 84 e 74 antes de Jesus Christo) pois que aquelle chefe fez adoptar n'este reino, todas as leis, usos, costumes e religião dos romanos.

—

Continuaram os pelourinhos durante a dominação gothica; e os arabes, se destruiram muitos, não os destruiram todos, pois alguns tenho visto tão antigos, que bem mostram ser anteriores á nossa monarchia.

—

Muitos escriptores teem fallado sobre pelourinhos, e principalmente o conde de Raczynski, no seu livro—*Les arts en Portugal*—(pag. 330, 411, e 423 a 427.) E é o que mais desenvolvimento dá á materia.

Todos porém são concordes em que pelourinho e *picóta*, são synonimos. Mas eu, que tenho percorrido a maior parte de Portugal, e visto muitas dezenas de pelourinhos, acho-lhe alguma differença. Vejamos.

Uma grande parte dos pelourinhos portuguezes que tenho visto, não teem—e nunca tiveram—ganchos de ferro ou argolas, no tôpo, para a estrangulação dos criminosos, e então nunca foram *picótas*; mas simplesmente emblema do municipio.

Notei que, em algumas povoações onde havia d'estes, havia tambem forca; [1] e onde

[1] Os pelourinhos eram todos construidos na praça publica e em frente dos paços do concelho; as forcas, eram sempre fóra da povoação.

o pelourinho tinha aquelles instrumentos de supplicio, não a havia.

Como então não tencionava dar tamanho desenvolvimento a esta obra, não verifiquei se isto era ou deixava de ser regra geral; o que sei, e é verdade, é que, de tempos remotissimos davam aos pelourinhos tambem o nome de picótas, e em Vianna e outras terras, ainda ha — *rua da Picóta, praça da Picóta*, etc.

Talvez que se desse o nome de picóta aos pelourinhos que tivessem os quatro ganchos, [1] e de pelourinho, ao que os não tivesse.

Ainda mais—em muitas povoações que tinham fôrca; ha tradição de n'ella ter sido executado algum criminoso; não assim nos pelourinhos, pois á excepção do de Lisboa, em que foi executado um cadete, por crime de fratricidio, de nenhum outro me consta, que tivesse servido de patibulo.

—

Viterbo diz que *picóta é pelourinho com cadeias e argolas, onde os criminosos eram expostos á vergonha*—o que parece corroborar a minha supposição.

Dizer o mesmo escriptor, que a *picota é signal de jurisdicção* em nada me contradiz; porque tambem a forca era signal de *jurisdicção, e do direito de vida e morte dos vassallos*, o que todo o mundo o sabe.

Uma provisão de D. João II, publicada em 1496, manda que a villa de Valle de Prados (Traz-os-Montes) tenha *forca, picota e tronco*; sem por isso *viliar e deshonrar* a (então) villa de Bragança.

Agostinho Rebello da Costa, na sua *descripção topographica e historica, da cidade do Porto*, diz a pag. 183:

«N'estas causas crimes, os reus são condemnados, á proporção dos seus delictos, chegando muitos, pela sua atrocidade, a padecer a pena ultima. Para a sua execução, *ha uma forca, pelourinho e algozes.*»

Se o pelourinho servisse para patibulo, não era preciso dizer — «forca e pelourinho.»—Nem é provavel que para um instrumento de supplicio, se construissem obeliscos luxuosos, como vemos bastantes.

Julgo pois que está questão ainda, por emquanto, fica por decidir.

O *Cod. Alf.* (L.º 1.º, tit. 28) manda que as *paateiras* (padeiras) *candieiros* (que faziam rôlos de céra, ou, segundo o sr. J. Pedro Ribeiro, fabricantes de vellas de sébo) *carniceiros, regateiras*, etc., *que pela 3.ª vez roubassem ao pêso, fossem postos na picota.*

Não havia a minima uniformidade na construcção dos pelourinhos, cada camara mandava fazer os seus, como queria, e segundo a habilidade do pedreiro, ou a quantia que para isso era applicada.

Muitos pelourinhos, em logar dos ganchos de ferro, tinham no tôpo, uma pequena casa, em fórma de guarita, feita de grades de ferro, e muito parecida com uma gaióla, onde os deliquentes eram expostos á vergonha e irrisão publica.

E' por isto que ainda hoje *engaiolado* é synonimo de *prêso.*

Nos pelourinhos que não tinham a tal gaiola, eram os criminosos amarrados a elle—e, se os juizes eram crueis, mandavam-os suspender por baixo dos braços ás argolas, ficando alguns palmos acima do sólo.

A camara e o cabido da Sé, de Viseu, estabeleceram em 1304, uns *accordãos* ou *posturas*, impondo graves castigos aos que roubavam nos pêsos e medidas.

Eis algumas d'ellas:

«Que os Carniceiros dem o arratel do porco, e do carneiro, por quatro dinheiros; e o arratel da milhor vaca por dous dinheiros, e da peior, por tres mealhas; e o arratel da porca e da ovêlha, por tres dinheiros; e o quarto do milhor cabrito, por sex dinheiros —e que, todo o carniceiro, que tever falso pezo, que peyte seseenta soldos, e *ponhãono na picota.* E que aquel que *inchar freama* [1] ou outras carnes, ou poser sevo no rril

[1] Uns tinham 4 varões de ferro, terminando em fórma de gancho, outros tinham na extremidade uma argola movel.

[1] A *industria* das gallinheiras da praça da Figueira (Lisbôa) não é invenção moderna. Ja os seus antecessores, de tempos remotissimos, tinham o pessimo costume de encher de vento os animaes e aves que expunham á venda, para que parecessem gordas.

Era a esta *estrategia* que se dava o nome de *inchâr freama.*

do cabrito, que peyte cinquo soldos; e, se vender porca em vez de porco, ou ovelha em vez de carneiro, que peyte seseenta soldos, e *azoutem-no* pela vila..... E toda a paadeira que fezer pam, que nom seja de pezo tal, qual os Almotacees mandarem, peyte cinquo soldos, *e ponhão-no na picota.*» (Doc. de Viseu.)

Em 28 de abril de 1414, accordou a camara do Porto:

«Que emquanto o alqueire de trigo valesse a IX reis, dessem as padeiras o pam de 4 onças, a 15 soldos; pois vinham a ganhar 12 reis em teiga, pagos todos os gastos. E que o de conteio o dessem a 10 soldos: pena de que, pela primeira vez, pagarião 50 libras—pela segunda, 100—e pela terceira, *serem empicotados.*» (Doc. da camara do Porto.)

—

Disse na penultima nota que havia pelourinhos luxuosos, e é verdade.

O mais bello de todos, é, sem contestação, o actual, de Lisboa (4.º vol., pag. 423, col. 2.ª).

Ainda existem muitos, que, se não foram construidos pelos godos, são de architectura gothica, e muitos adornados de curiosas esculpturas.

Os de Castello Mendo, Mogadouro, Penas Royas, e Sabugal, eram de gaiola.

Depois de 1834, alguns vandalos, julgando ver nos pelourinhos um symbolo de *oppressão e despotismo* (quando não era, como acabamos de ver, senão um padrão commemorativo da autonomia da terra) foram-se aos pelourinhos e os demoliram.

A maior parte porém, escapou a esta inutil e estupida devastação, e lá se conservam erguidos, recordando aos povos a independencia da sua localidade.

—

Segundo o nosso esclarecido archeologo, o sr. visconde de Juromenha, a etymologia da palavra pelourinho, acha-se em documentos antiquissimos.

Os vocabulos *piloria, pilorium, spilorium, poloritium, e polorinium,* encontram-se nos codices dos seculos XII e XIII, tanto na França como na Inglaterra.

Sauval, diz que, em uma escriptura de 1295, se mencionava um *pôço,* na praça de Paris, onde se faziam as execuções.

Davam a este poço o nome de *puteus dictus Lory,* d'onde se conclue que o pelourinho tomou o nome, do tal pôço, que pertenceu a um parisiense chamado *Lory.*

Outros derivam a palavra, de *pila,* ou *piloritium,* etymologia que parece mais verosimil; todavia parece-me mais prudente a opinião de certo frade, meu parente, do qual possuo um manuscripto, que bastante me tem servido n'esta obra.

Diz elle que a palavra *pellourinho,* não se deriva do latim nem do francez; mas que é portugueza e muito portugueza, e diminutivo de *pellouro* (bala.)

Funda-se o bom do frade, em que a maior parte dos pelourinhos são rematados por uma bola de pedra, exactamente da fórma de um pelouro, e que d'esta circumstancia lhe provem o nome.

PEN, ou **PENN** — palavra cantabrica, da qual os hespanhoes fizeram *peña,* e nós — *penha,* e todos os seus derivados.

PENA — freguezia, Extremadura, pertencente ao bairro oriental de Lisboa.

É n'esta freguezia o mosteiro que foi de capuchos (4.º vol., pag. 247, col. 1.ª) e o de freiras de Santa Anna (4.º vol., pag. 239, col. 1.ª, no fim) e o hospital de S. Lazaro, administrado pela camara municipal.

A egreja do mosteiro de terceiras franciscanas, de Santa Anna, foi desde 1570 matriz da freguezia da Pena; mas havendo desintelligencias entre os mordomos do Santissimo e as religiosas, no principio do seculo XVIII, as confrarias e o povo, edificaram um magnifico templo, para egreja matriz, em 1705. O terramoto de 1755, damnificou alguma cousa esta egreja; mas em 1759 já estava completamente reparada.

N'esta freguezia residiu (no predio á esquina do bêcco de S. Luiz) e aqui falleceu, sendo enterrado na egreja matriz (que ainda era a das freiras) o nosso immortal Camões.

O Santissimo Sacramento foi mudado, em

olemnissima procissão, para a nova egreja, no dia de Nossa Senhora da Encarnação, a 25 de março do dito anno de 1705.

São tambem n'esta freguezia—o campo e jardim de Santa Anna e a praça de touros d'esta denominação.

PENA—Vide *Cintra*.

PENA—freguezia, Traz-os-Montes concelho, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 60 kilometros a N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga.

Os religiosos do mosteiro de S. Jeronymo, de Belem, apresentavam o vigario, collado, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está esta freguezia situada na serra do Marão, pelo que só produz centeio, cevada, pouco trigo, batatas, muita castanha e hortaliças. É abundante de lenha, e ainda mais de lobos, rapozas, coelhos, lebres e perdizes. Cria bastante gado, principalmente cabras.

O seu clima, posto ser exessivo, é muito saudavel.

Tem minas de ferro, que se não exploram.

Pena, que antigamente se escrevia *peña*, significa *penha*, e tambem monte coberto de penedia; vide a *Pena* seguinte.

É povoação muito antiga, e foi villa. Foram donatarios d'ella, os senhores de Tentugal (ascendentes dos duques do Cadaval) que lhe deram foral, em Tentugal, a 27 de setembro de 1331. (Gav. 15, maço 3, n.º 5—e *L.º 2.º de Alem Douro*, fl. 269 v., col. 2.ª)—D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de maio de 1517. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 58 v., col. 2.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes—Agua-Levada, e os casaes de—Bacellar, do Boumillo, do Brunhêdo, de Bustêllo, da Cal, do Carido, de Cima de Villa, de Cima da Villa de Froyme, da Lage, da Olaria, do Outeiro, do Pereiro, do Picanhol, da Póvoa do Ladeiro, da quinta da Ribeira, do Ribeiro, do Ruyval, da Serra, da Sobreira, da Temporan, de Toande o Velho, da Tróffa—e os lograes seguintes—Erosa, Esbarrondinho, Escarey, Fonte de Mouro, Ouro, Reboriça, S. Martinho, Souto da Cuba, Souto do Matto, e Valle de Velléda.

PENA-CÓVA — Villa e freguezia, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros a N.E. de Coimbra, 20 da Mealhada, 18 da Louzan, 18 de Mortágua, 12 de Farinha-Podre, 6 de Santo André de Poiares, e 220 ao N. de Lisboa.

Tem 680 fogos.

Em 1757 tinha 397 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O mosteiro de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 470$000 réis de rendimento.

O concelho de Pena-Cóva, é formado pelas 9 freguezias seguintes, todas no bispado de Coimbra—Carvalho, Farinha-Pôdre, Figueira de Lorvão, Friumes, Lorvão, Oliveira do Cunhêdo, Pena-Cóva, Sazes, e Travanca—todas com 2:900 fogos.

Até 1855 tinha só cinco freguezias, que eram—Carvalho, Figueira de Lorvão, Lorvão, Pena-Cóva e Sazes, com 2:100 fogos.

D. Sancho I lhe deu foral, em dezembro de 1192. *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 1.º, doc. 6.º—e maço 12, de foraes antigos. n.º 3, fl. 56, col. 2.ª—D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, a 6 de novembro de 1219.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 31 de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 112, col. 2.ª)

Foram seus donatarios os condes de Odemira, e, depois, os senhores de Tentugal, duques do Cadaval.

É uma das mais antigas povoações de Portugal, e talvez da peninsula hispanica; o que se collige do seu proprio nome—*Pen*—que é cantábrico, como fica dito.

Está a villa edificada sobre uma montanha (por cuja base passa o rio Mondego) patenteando a sua nobre vetustez nas muitas ruinas que foram outr'ora explendidas habitações, e tendo em tempos felizes, mais de 300 fogos, está hoje reduzida a noventa e tantos.

Confina o concelho, ao N., com o de Mór-

tágua (districto de Viseu)—ao E., com o de Farinha-Pôdre (extincto)—ao S., com o de Poyares e com o de Coimbra—e ao O,, tambem com o de Coimbra, e com o da Mealhada.

Consta que, em tempos remotissimos, teve um castello, cujos vestigios se divisam em um escarpado monte, ao S. da villa, onde hoje está a egreja matriz. Este monte é quasi talhado a prumo sobre o Mondego, mas, apezar d'isso, está coberto de oliveiras.

O padre Carvalho da Costa, na sua *Chorographia*, affirma que a primeira noticia d'esta villa data das contendas que os seus moradores tiveram com os monges de Lorvão, em 1105; as quaes compoz o conde D. Henrique: e diz que D. Sancho I a mandou povoar, em 1193.

Ainda existem n'esta villa, os paços dos duques do Cadaval, que primeiro foram dos condes de Odemira.

As justiças de Pena-Cóva, eram dependentes do ouvidor de Tentugal, e depois, do corregedor de Coimbra.

A serra do Bussaco, atravessa este concelho, de E. a O.—e do mesmo modo, a *serra de Coimbra*.

O Mondego, corta-as ambas, e recebe dentro do seu termo, as ribeiras—*da Villa, de Gondolim, e de Lorvão*, que todas nascem n'este concelho: e a *de Poyares*, que o atravessa.—Tambem n'elle desaguam os regatos de *Alem do Rio, Abarqueira* e *Valle-Bom*.

(O de *Sazes*, desagúa na ribeira do Botão.)

A principal industria do concelho, é a navegação do Mondego, á qual se entrega a maior parte dos seus naturaes, conduzindo do centro da provincia, para a Figueira da Foz, ou d'esta para aquelle—sal, milho, vinho, azeite, lenhas e outros generos.

Pertence a este concelho a antiquissima povoação de *Gondolim*. (Vide *Villa-Verde*.)

No cartorio de Lorvão, existia uma escriptura, de 1086, que era uma doação, feita por *Piniolo*, áquelle mosteiro, de uma morada de casas, na villa de Pena-Cóva; e *uma vinha, em Ribellas, que elle havia plantado e regado com o suor do seu corpo. Isto, para sustento dos monges que alli morarem* (no mosteiro) *e de todos os fieis que alli concorrem*. É escripta em latim, e diz que—o que fôr contra esta doação—seja excommungado por Deus Padre. por Jesus-Christo, e pelos anjos e apostolos—*ut, et de hoc Seculo, sicut Datan, et Abiron, vivus continuo absorbeatur, et tartares penas cum Juda, Christi Traditore, pereniter ferat cruciatus. (!)*

—

A egreja matriz é um templo vasto e muito decente, com nove altares (sete dos quaes são dedicados a Nossa Senhora, nos seus differentes mysterios.

—

No ambito outr'ora occupado pelo castello, existe a antiga capella de Nossa Senhora da Guia. É um templosinho pequeno e pobre, e só com um altar. É tradição que esta ermida foi a primitiva egreja parochial da villa; porém, como era pequena, e em sitio incommodo, se construiu, no seculo XVI, a egreja actual.

Placido Castanheira de Moura, contador-mór do reino, tinha muita devoção com esta Senhora da Guia, e quiz mandar-lhe construir um bom templo; porém, como fallecesse antes de realisar o seu desejo, deixou por testamento, á Senhora da Guia, umas fazendas que tinha n'esta villa, para que com o seu rendimento, se reconstruisse a capella, dando-lhe maior amplitude.

PENA-CÓVA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Felgueiras), 12 kilometrs a S.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade do mosteiro, benedictino, de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Cria muito gado bovino.

PENA-DE-DONO—vide *Penedôno*.

PENA DE POYO—vide *Olho da Mira*.

PENA DE SANGUE—portuguez antigo—Em todos, ou em quasi todos os foraes, se acha esta pena. Era a condenação, multa ou coima, que se impunha aos que espan-

cavam, feriam, ou assassinavam alguem, ainda que não corresse sangue da ferida ou contusão.

Este castigo estendia-se tambem aos que proferiam palavras torpes, obsenas, deshonestas; ou injuriosas e calumniosas, contra qualquer pessoa — *com as quaes lhe faziam vir o sangue ás faces.*

No foral que o rei D. Manuel deu á villa de Mogadouro, em 1512, se diz que, a esta pena se deu primeiro o nome de VOZES, e COIMAS, e depois, de INDIZIAS, e INDICIAS. (Então já se dizia *pena de sangue*, ou *pena d'arma.*)

Em 1451, foram escusos de pagar *indicias*, os escudeiros de Bragança, que tivessem armas e cavallo, e morassem dentro da villa, ou no seu arrabalde — *salvo se fizerem as taes indizias scitosamente, e naquelles casos, nos quaes a Igreja lhes nom valería.*

No foral de Bragança, de 1514, se dá ás *indicias* o nome de *maçaduras*, e *sangue* — e declara que se não devem levar d'alli por diante, n'aquella terra.

No foral novo de Freixo de Espada á Cinta, dado em 1512, se diz—*A Pena de sangue, que constava do Foral antigo* (o de D. Affonso Henriques) *se prohibe n'este; excepto nos seguintes casos—O que ferir, ou matar o seu visinho, correndo a trás d'elle, e matando-o em sua casa, pagará quinhentos réis, e outro tanto, o que ferir mulher, sua ou alheia. — E quem matar homem, ou Clerigo de Ordens sacras, pagará novecentos réis. — E o juiz que os julgar, levará a septima parte. — E por todalas outras* penas de sangue, *contheudas no dito Foral, se não pagará mais que duzentos reis, de qualquer maneira que sangue tirar.* E NÃO SE TIRANDO SANGUE, SE NÃO PAGARÁ NADA. (!) *As armas, serão para o Juiz, só no caso que se tomem no arruido, e de outra sorte não.*

Já por uma sentença de 1507, havia declarado o rei D. Manuel, que D. Mecia de Mello, não tinha direito algum para levar a *pena de sangue*, e outros direitos, em Freixo de Espada á Cinta, e seu termo; porquanto, a mercê que o rei D. Affonso V, e elle mesmo (D. Manuel) fizeram a seu marido—Vasco Fernandes de Sampaio—era tão sómente por sua vida, e se não estendiam á viuva

Parece que ella não obedeceu a esta primeira sentença; porque foi preciso outra, do mesmo monarca, de 1503, contra a mesma viuva, que, não tendo foral, para levar os *excessivos tributos*, os exigia *por sua propria auctoridade.*

> Esta senhora, exigia—De todo o passageiro que atravessasse a villa de Freixo, e seu termo, 48 réis—dois alqueires de cevada, de cada morador—e a *pena de sangue. Os passageiros* reveis em pagar, eram privados das suas fazendas, por *desencaminhados!*

O rei, determina na ultima sentença, que — «a Ré não leve *Passagem*, nem *Portagem*, senão dos que passarem de Portugal para Castella, ou de Castella para Portugal, com algumas mercancias. Que não leve a *Pena de sangue*, pois não tem Titulo. E que os dois alqueires de cevada, se vendam, e ponha o dinheiro em deposito, até que, pela factura de Novos Foraes, se veja se as taes medidas lhe pertencem ou não.»

PENA-FERRIM — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e junto a Cintra, 30 kilometros ao N.O. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Tem 550 fogos.

Em 1757 tinha 255 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Mercado, nos 2.os domingos de cada mez.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento.

Foi collegiada, com 4 beneficiados.

Para o mais que pertence a esta freguezia, vide *Cintra;* e para os mosteiros da Pena e da *Peninha*, que são n'esta freguezia, vide no mesmo artigo — *Cintra*, pag. 303, col. 1.a, no fim.

O nome d'esta freguezia, é corrupção de *Peña-ferrinha — Penha-férrea.*

PENA-FIRME, ou **PENHA-FIRME**—logar, Extremadura, na costa do Oceano, concelho e 12 kilometros ao S.O. da Lourinhan, 12 ao O.N.O. do Varatojo, 18 ao S. de Peniche, 70 ao N.O. de Lisboa.

Em uma pequena abra que faz aqui o

mar, e do lado do S. d'ella, está o notavel mosteiro de Pena Firme, de frades agostinhos, a 1:500 metros do Oceano.

Era da invocação de Nossa Senhora da Graça, e, segundo alguns escriptores, foi fundado por Santo Ancirado, religioso agostiniano, allemão, pelos annos de 840, ou pouco depois.

O fundador, viveu alguns annos n'este mosteiro, e hindo á Italia, foi martyrisado pelos piratas africanos, a 4 de fevereiro do anno 850 de Jesus-Christo.

Foi o primeiro convento d'esta ordem, que houve em Portugal, tendo principio em uma capella de Nossa Senhora da Graça, que já então era antiga, e muito venerada n'estes sitios.

O sitio onde está o mosteiro, é dos mais solitarios e proprios para o recolhimento e meditação dos que se dedicam á vida da oração e penitencia.

Frei Jeronymo Romano, nas suas *Centurias da ordem agostiniana*, e outros escriptores, affirmam que, vindo S. Wilhelmo, duque de Aquitania, em peregrinação a S. Thiago de Compostella (1140), e passando por este mosteiro, tanto lhe agradou o socego e isolamento d'elle, que se deixou ficar por alguns annos, mandando reconstruir os claustros e algumas officinas.

A imagem antiquissima da padroeira, é de marmore, de boa esculptura, com 1m,10 de alto, e a sua festa principal se fazia no dia da sua Assumpção (15 d'agosto) sendo concorridissima, principalmente pelos moradores dos logares de Rendide, Alda-Gavinha, e Merceana, e da villa de Alda-Gallêga da Merceana (ou Aldeia Gallêga da Merceana). Á excepção de Rendide, todos os mais povos ficam a distancia de uns 24 kilometros do mosteiro.

Vinham na vespera da festa, dois brilhancirios, um de Rendide e outro da Merana; cada um dos quaes deixava á Senhora 52 arrateis de cêra.

—

Refere a *Chronica dos agostinianos*, que no dia 30 de junho de 1620, desembarcaram n'esta praia, 14 piratas da guarnição de um chaveco de mouros africanos, e se dirigiu ao mosteiro. Os frades, não tiveram tempo senão de fugir para Torres-Vedras, levando o Santissimo, e as pratas do convento; e ficando só n'elle, um diacono, chamado frei Roque da Gama, mancebo de muita coragem e grandes forças, acompanhado de quatro lavradores, tão animosos como elle. Não esperaram que os mouros atacassem o mosteiro; mas deram n'elles de improviso, com tal furia, que, ferindo uns e agarrando outros, os captivaram a todos 14, manietando-os com as mesmas cordas que elles traziam para prender os christãos que podessem haver ás mãos.

Regressaram os religiosos, e o seu prior fez presente dos captivos a D. Philippe III (que estava então no penultimo anno da sua vida), que os mandou empregar em remadores das gallés do estado.

Como o prior expozesse n'esta occasião ao rei, o perigo que corria com os seus religiosos, pelas frequentes invasões dos piratas mauritanos, e em um sitio isolado e desprotegido; mandou D. Philippe que no mosteiro houvesse uma especie de praça d'armas, para que os frades, por si e por seus noviços, caseiros e creados, se podessem defender.

Deu-lhes certo numero de mosquetes e lanças, um tambor, e frascos com polvora; ordenando que de Lisboa lhe mandassem annualmente certa quantidade de polvora e bala. D'isto procedeu chamarem os povos da visinhança, ao superior do convento, *capitão-prior*.

Foi feito conde de Penha-Firme, em 19 de agosto de 1853, Jorge Rosa Sartorius, que já era, desde 1834, visconde da Piedade.

PENA GARCÍA ou **PENHA GARCÍA**—villa Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi até 1855, da mesma comarca, mas do concelho de Monsanto) 65 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado, districto administrativo e 54 kilometros a E. de Castello Branco.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o prtor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O mestre da ordem de S. Thiago, lhe deu foral, em Proença Velha, a 31 de outubro de 1256. (*L.º 1.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 18 v., col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 26, col. 1.ª)

E' povoação muito antiga, e está situada em um alto, degrau da serra da Gardunha, ramo da Estrella, e chamado vulgarmente, *serra de Pena-Garcia*.

Foi *couto do reino*, ou de homisiados, que D. Maria I extinguiu (como todos os outros) por uma lei de 1790.

N'esta serra ha as aguas mineraes da chamada *Fonte Santa*.

Já vão descriptas em *Monfortinho*.

Foi cercada de muralhas, das quaes ainda existem alguns lanços, e sobre um penhasco lhe mandou o rei D. Diniz, pelos annos 1300, construir um forte castello, que ainda se conserva desmantellado.

Em 1303, o mesmo rei, o deu aos templarios, passando em 1319 para a ordem de Christo.

D. Affonso II tinha dado a villa aos cavalleiros de S. Thiago, pelos annos de 1220, com a condição de fundarem o castello e muralhas da circumvalação; porém, como não cumpriram esta condição, D. Diniz lha tirou para a dar aos cavalleiros do Templo, passando pela suppressão d'esta ordem, para a de Christo.

O nome da villa deriva-se da *penha* sobre que está edificado o castello, e, antes da sua construcção, já tinha o mesmo nome, por alli haverem muitos ninhos de *garças*.

Os antigos escreviam *Peña Garcia*.

Foi povoação de alguma importancia, por ser concelho, por estar fortificada, e por ser a pouca distancia da Extremadura hespanhola.

Hoje, que já nada d'isto existe (senão a ultima circumstancia) perdeu muito da sua valia, e é uma povoação decadente.

O seu territorio é fertil em cereaes, legumes e fructas, cria bastante gado, e é abundonte de caça, grossa e miuda.

PENA GATE ou **TORRE DE PENA GATE**—solar dos *Machados*.

Vide no artigo *Nespereira*, a col. 1.ª, da pag. 36, d'este volume.

PENA GUIÃO—A pag. 99, col. 1.ª, do 5.º vol., sob o palavra, *Martha (Santa) de Penaguião*, descrevi esta villa; mas como depois achei mais apontamentos de que não quero privar o leitor, os dou n'este logar.

Primeiramente darei mais algumas noticias com respeito ao 1.º conde de Penaguião, o famoso João Rodrigues de Sá—*o das Galés*.

Nasceu este esclarecido heroe portuguez, em 1619. Applicando se ao estudo desde tenra edade, com o maior fervor, ainda jovem, conhecia e fallava com facilidade as linguas das principaes nações da Europa.

Foi versadissimo nas letras humanas, e decidido protector de todos os que se distinguiam pela scieneia, pela virtude, ou pelo patriotismo.

De 21 annos de edade, fez a acclamação de D. João IV, sendo um dos *quarenta fidalgos* que se arrojaram áquella empreza, que teve tanto de feliz e patriotica, como de temeraria.

Foi elle que matou o malvado *Miguel de Vasconcellos*, principal e cruel instrumento das extorções e atrocidadas exercidas nos portuguezes, por ordem de Philippe IV.

D. João IV o fez logo, seu camareiro-mór e o foi tambem de D. Affonso VI.

Tendo apenas 23 annos, tanta cordura mostrava em todos os seus actos, que o rei o nomeou do seu conselho de guerra, e pouco depois; conselheiro de estado, sendo o seu voto considerado sempre de grande peso, pela sua prodencia, rectidão e imparcialidade.

Foi nosso embaixador extraordinario á Grã-Bretanha, para os negocios de mais palpitante interesse do tempo, e que, pela sua intelligencia concluiu com felicidade.

Fez esta viagem, e a sua estada em Londres, com a pompa, lusimento e grandeza

de um rico fidalgo portuguez; não por orgulho, mas para honrar a sua patria.

Os seus altos empregos no paço real, não o impediam de cuidar na guerra.

Sete vezes passou ao Alemtejo; e em varias occasiões, a bordo de navios de guerra, portando-se em todas as conjuncturas, com brio singular, aristocratica bizarria, e valor extremado.

Na expugnação do forte de S. Gabriel, e no sitio de Badajoz, tomando logar na vanguarda, dando pelo seu valor, animo e coragem aos companheiros.

Os assaltos a Badajoz, foram infructiferos; porque, estando a formidavel praça já reduzida a grandes apuros, e prestes a entregar-se, veiu em seu soccorro o duque de S. Germano.

Este ainda foi derrotado e posto em fuga precipitada pelos portuguezes, commandados pelos generaes Albuquerque, Vasconcellos, e o nosso João Rodrigues de Sá.

O cêrco durava havia 4 mezes, quando o 1.º ministro de Philippe 4.º, D. Luiz de Haro, com um grande exercito, veiu em soccorro da praça.

As tropas portuguezes, além de muito inferiores em numero, estavam sendo desimadas pela peste, pelo que tiveram de retirar sobre Elvas, que a 22 de outubro do mesmo anno de 1658, foi sitiada pelos castelhanos.

O conde de Penaguião, atacado da peste, e afflicto por se não tomar Badajoz, retira doente, hindo para o convento de S. Francisco (junto ás murelhas d'Elvas) e estando já o inimigo em volta da cidade, o senhor do mosteiro, falleceu n'esse mesmo dia 22 de outubro.

Confessemos que D. Luiz d'Haro, se portou com a bizarria propria de um verdadeiro fidalgo, que era, restituindo logo no dia seguinte, o cadever do nosso conde, com a pompa e honras militares proprias de um general; sendo recebido na praça com sinceras lagrimas de pesar, pela perda irreparavel de tão becemerito portuguez.

Poucos mezes depois, foi transferido para o convento de S. Francisco da cidade, do Porto, onde tinham o seu jazigo os nobres senhores de Penaguião.

Sempre direi que o conde de Cantanhede, general do Alemtejo, veiu em soccorro da praça, e que elle e o governador, D. Sancho Manuell, fizeram pagar aos castelhanos a ousadia, pois atacando-os com o maior arrojo, e sendo ferido o seu general em chefe, foi o inimigo rôto e posto em debandada, a 14 de janeiro de 1659, depois de 3 mezes menos oito dias de sitio. (Vide *Elvas*.)

—

Para as aguas thermaes, chamadas por alguns de *Pena-Guião*, vide *Mollêdo*.

—

Veja-se *Viso*, para os sanctuarios de *Nossa Senhora do Viso* (que foi egreja matriz, da freguezia de Fontes) e de *Nossa Senhora do Miradouro*.

PENA JÓIA — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado, e 9 kilometros ao N.O. de Lamego, districto administrativo de Viseu, 335 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 900 fogos.

Em 1757 tinha 439 fogos.

Orago, o Salvador.

As religiosas de Santa Clara, das *Portas do Sol* (Porto) apresentava o vigario, que tinha 170$000 réis de rendimento.

—

E' povoação muito antiga, e foi villa e couto, com justiças proprias.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de julho de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 98, col. 1.ª)

Serve tambem para *Lagôas, Portella, Valle-Claro, e Villa-Chan*—ainda hoje povoações d'esta freguezia.

—

Formosamente situada, sobre a margem esquerda do Douro, estendendo-se pelo dorso do monte do seu nome, é uma das maiores e mais ricas freguezias do bispado de Lamego.

Comprehende as aldeias seguintes:

Coderneiro, Crujães, Corvaceira, Mollães, Mollêdo, Paço, Pinheiró, Pousada, Ribeiro, São Payo, São Gião, Sobre-Egreja, Torre, Valle-Claro, Valle-Verde, e Villa-Chan.

Alem d'estas aldeias, ha alguns casaes no-

taveis, sendo os principaes, o de *Alquetes*,[1] formosa propriedade, do sr. abbade da freguezia de Miragaia (Porto) o doutor, Pedro Augusto Ferreira.

Tem umas 400 oliveiras, e já produziu 6 pipas de optimo vinho.

Está situado em um degrau do monte, em posição alegre e vistosa.

Alem do seu nome, com pouca corrupção árabe, mostra se que foi habitação (com toda a provabilidade mourisca) pois que, em uma antiquissima terra d'este sitio, tem apparecido fragmentos de grossos tijolos, carvão, e *escumalha* de ferreiro.

—

Foi senhor donatario da villa de Penajóia, e da de Gestaço, o famoso *Tristão da Cunha*, do conselho dos reis D. Manuel e D. João III, nomeado embaixador a Roma, general da *Liga Catholica*, pelo papa Leão X, e o 1.º capitão portuguez, que tomou cidade a mouros, no Oriente.

Era natural de *Olhalvo*, concelho de Alemquer. (Vide 6.º vol., pag. 226, col. 1.ª)

Viterbo, no seu *Elucidario*, cita varios documentos do seculo XII, em que se menciona esta freguezia, com o nome de *Pena Judéa*.

O conego, João Mendes da Fonseca, na sua *Memoria chronologica dos bispos de Lamego*, fallando do bispo D. João II (duodecimo do seu *catalogo*) diz, a pag. 37.

«Em 15 de outubro do dito anno de 1292, assistiu o mesmo bispo, D. João, á doação que fizeram Gonçalo Pires, reitor de Cidadêlhe, e Gonçalo Martins, e Domingos Martins, de Penajóia, testamenteiros de Martim Annes, reitor de Pendilhe, de certa quantia de dinheiro, para as obras da Sé, de Lamego.»

O mesmo escriptor, diz que, estando o rei D. Diniz na cidade do Porto, passára uma carta, a 20 de agosto de 1292, cujo traslado authentico se acha no archivo capitular, firmada com o sêllo real, e com o do referido bispo, e o do seu cabido, no qual se lê o seguinte paragrapho:

«Que o bispo e cabido, davam por finda a demanda contra el-rei, e que, em compensação, D. Diniz lhes dava a egreja de Valdigem, com o seu padroado, o logar da *Seára do Bispo*, e todas as herdades que possuiam antes da desavença, e que o rei lhes tinha tirado. Permittiu-lhes que podessem ter açougue no seu couto; mas que o bispo tomasse a seu cargo a albergaria e a barca do Mollêdo.

Prova este documento, que já no seculo XIII existia no Mollêdo (logar d'esta parochia) uma albergaria, e a barca de passagem.

D. Affonso V, deu o padroado da egreja de Penajóia, ás freiras de Santa Clara (franciscanas) da cidade do Porto — *por muitas orações que somos certos que por os Reis passados, e por nós, fazem cada dia.* (Chronica da ordem seraphica, dos frades menores de S. Francisco, por frei Manuel da Esperança, tom. 1.º, liv. 5.º, pag. 578.)

As freiras receberam os disimos d'esta freguezia até 1833.

Em quanto foi da corôa, era abbadia, e depois que passou ás freiras, foi vigariaria.

—

Ha n'esta freguezia optimas quintas, extremando-se entre ellas, as duas de *Penim* —uma do sr. Ferreira, da *Cervaceira* (vide esta palavra) irmão do sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, do Porto, meu generoso e infatigavel collaborador, n'esta obra—e outra do sr. Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro, barão de Moimenta da Beira, feito em 17 de fevereiro de 1860. Ficam junto ao rio Douro, e em frente da bonita casa do sr. Antonio Botelho Teixeira, barão do Granjão, desde 7 de maio de 1867.

O vinho d'estas quintas, é o melhor de Penajóia, onde todo é bom.

Tambem são boas propriedades, as quintas da—*Ribeira de Fórnos*, *Lagôas*, *Pombal*, *Fontainhas*, *Lodeiro*, *Egreja;* e excedendo a todas, em riqueza e producção, a do *Extremadouro*, do sr. Antonio Joaquim Guedes, irmão do fallecido visconde de Valmôr, José Isidoro Guedes, que obteve o titulo, em duas vidas, a 11 de março de 1867. Era tio do actual visconde do mesmo titulo, o sr. Faus-

[1] Corrupção do arabe — *Al-Quintar* (o quintal.)

to de Queiroz Guedes, feito (visconde) em 26 de janeiro de 1870.

—

As aldeias mais notaveis d'esta freguezia, são — *S. Gião*, por ter 182 fogos — *Mollêdo*, pela sua antiguidade, pela sua albergaria, pela sua antiquissima barca de passagem (a barca de *por-Deus*) e pelas suas caldas—Vide *Mollêdo*.

—

Ainda outro documento da antiguidade d'esta freguezia, e que prova já existir no principio do 12.º seculo — é uma carta de doação, feita em 1133, por D. Affonso Henriques, a Mendo Viegas, ao qual dá *Samodães* (então *Çamudaens*), junto a Lamego, *com todos os seus logares e termos, assim como partia com Pena-Judéa* (Pena-Jóia) *Avões, Paço*, etc.

—

É Pena-Jóia uma das parochias de mais vasta área, mais populosas, ferteis e ricas da Beira-Alta. Para se fazer uma ideia da sua riqueza, bastará dizer que tem 500 eleitores, isto é, quasi metade da sua população; e que dá sete dos *maiores contribuintes* do concelho.

Produz esta freguezia, em abundancia, toda a qualidade de cereaes, e optimas fructas, especialmente laranjas, figos, maçans, pêros, damascos, pêcegos, e uma enorme porção de cerêjas, pelo que lhe chamam *Terra das cerêjas*. É tambem fertil em castanhas, batatas, feijões, etc.—Produz hoje de duas a tres mil pipas de vinho, e antes do *oidium*, produzia seis a sete mil.

No monte do *Poyo*, que é baldio, semeou-se, ha annos, centeio, que produziu 20 sementes. Os pinheiros tambem aqui se dão e crescem maravilhosamente; porém as vereações teem-se desmazellado do aproveitamento dos terrenos municipaes, de que podia auferir optimos rendimentos.

É o territorio da freguezia abundantissimo d'agua, tanto potavel, como para irrigação, servindo esta de motor a perto de 100 moinhos de pão. Cria bastante gado, bovino e lanigero; e sobre todas estas bellas condições de prosperidade, tem a inapreciavel vantagem de poder levar os seus productos agricolas, com muita facilidade e pouco despendio, aos mercados do Porto e Régua, pelo rio Douro — e por terra, a Lamego, Caldas de Mollêdo, Mezão-Frio, e outras localidades.

Tem muitos *lameiros* (prados) que produzem abundantissima e boa herva, que exporta em grande quantidade. (Só no logar de S. Gião, perto de 40 mulheres se empregam exclusivamente em segar herva, e hirem vendel-a á Régua.)

É de clima saluberrimo, e não ha aqui memoria de grandes molestias epidemicas.

A egreja matriz, é sumptuosa. Tem um altar-mór e seis lateraes, com bellas imagens. Uma optima sachristia, e boa casa da fabrica — um vasto côro, e um bom orgam, com dotação permanente para o organista. A torre tem quatro sinos.

Possue optimos paramentos e alfaias, e armação completa para a egreja. Muitas das alfaias são de prata, e tem dois lindos lustres de crystal.

A residencia do parocho, é boa, e os passaes soffriveis; mas já foram muito maiores, quando tambem lhe pertencia a grande *quinta da Egreja*, que é hoje dos herdeiros de D. Diogo, de Cidadêlhe.

Tem quatro irmandades, com estatutos approvados, com bastantes rendimentos, e ricas alfaias.

Ha na freguezia seis capellas publicas — sendo tres d'ellas, melhores do que muitas egrejas parochiaes — e todas com tres altares, sachristia e côro; e a de Santo Antonio, com bom orgam, e dotação permanente para o organista.

São treze as capellas particulares, e dois oratorios, isentos da jurisdição parochial; sendo um d'elles de muito preço e merecimento.

Ha actualmente na freguezia, 15 clerigos seculares (e já houve muitos mais simultaneamente).—Um dos mais notaveis clerigos de Pena-Joia, foi o doutor José Ernesto de Carvalho Rêgo, lente jubilado, de theologia, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa; da ordem da Rosa, no Brasil; conselheiro e vice-reitor da

universidade de Coimbra; do qual adiante trato mais detidamente.

Dos 15 que hoje existem, quatro são parochos collados—um, mesmo n'esta freguezia—outro na de Frende—outro em S. João de Fontoura—e o 4.º, o sr. Pedro Augusto Ferreira; é bacharel, formado em theologia, foi examinador synodal, vigario-geral interino, e professor do seminario diocesano, em Lamego, abbade de Távora, e hoje, abbade da freguezia de S. Pedro de Miragaia, na cidade do Porto—tantas vezes mencionado n'esta obra, pelos grandes serviços que lhe tem prestado, e á sua patria, com grande quantidade de curiosissimos apontamentos, e elegantes descripções, que com a sollicitude de um sincero amigo, e o zêlo de um verdadeiro patriota, me tem prodigalisado, para enriquecer e adornar este diccionario.

Outro ecclesiastico d'esta freguezia, é escrivão da camara ecclesiastica de Lamego, e sub-secretario do prelado diocesano—outro é professor de latim, grego e francez, e sabendo tambem italiano e inglez.

Ha na freguezia dois bachareis, um que tem sido deputado, e outro, é official da secretaria dos negocios do reino, e chefe da repartição da instrucção publica.

Ha nove edificios com brazões d'armas.

—

Vimos que poucas freguezias ruraes d'este reino, terão por filhos, tão grande numero de varões notaveis. Além dos que ficam mencionados n'este artigo, e dos que vão sob o nome de varias aldeias da parochia julgo-me no dever de commemorar aqui um dos que mais honrou a terra que lhe deu o ser.

—

Na noite de 28 para 29 de novembro de 1875, expirou na sua casa, da rua da Alegria, em Coimbra, o reverendissimo sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, lente jubilado da faculdade de theologia, commendador das ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da imperial ordem da Rosa, do Brasil, fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de Sua Magestade Fidelissima e vice-reitor da nossa Universidade, desde 1854—sempre idolatrado pela academia, sem desmerecer a confiança dos diversos governos, que presidiram aos destinos da nação, durante o longo periodo de 21 a 22 annos, o que é muito raro nos annaes da Universidade.

Por vezes surgiram grandes tempestades, no governo academico, e varios reitores foram exauctorados, por não poderem sustentar-se á frente da academia, como em 1854, em seguida á memoravel revolução do carnaval; mas logo que o sr. dr. Ernesto assumia o poder, sem a minima violencia, a academia entrava na ordem, como que levada por uma vara magica.

E' que s. ex.ª, alem de saber, como poucos, alliar a equidade com a justiça, comprehendendo o que são moços, sempre generosos, quando levados por bem, mais pedia como amigo e pae, do que ordenava como superior. E, mesmo por indole, foi sempre affavel e generoso para com todos, e sinceramente amigo da academia, e por isso todos o amavam. Falleceu sem contar um unico inimigo.

Com a sua morte perdeu o alto funccionalismo um modello de rectidão e justiça, de equidade e affabilidade—o nosso paiz um dos seus mais benemeritos concidadãos—a nossa universidade, um dos seus mais distinctos ornamentos—e esta freguezia de Penajóia, um dos filhos que mais a enobreceram, pois nasceu na povoação de Mollães, aos 17 de fevereiro de 1799. Contava por consequencia 77 annos incompletos quando falleceu. Foram seus paes, José da Conceição de Carvalho e Rego, proprietario e professor de musica, e D. Anna Joaquina d'Almeida.

Foi monge benedictino, com o nome de fr. José Ernesto de S. Bento, e entrou para a congregação a 14 de março de 1816—quinta feira, dia de S. João de Deus, confessor. Acceitou-o fr. Bento de Santo Antonio Vieira, geral da congregação, e foi seu mestre de noviços fr. Antonio do Coração de Maria.

Tomou o habito no convento de Tibães, e lançou-lh'o o superior do dito mosteiro, fr.

José de S. Lourenço Justiniano, a 14 de março de 1816, pelas quatro horas e meia da tarde, e professou no mesmo convento a 16 de março de 1817, na presença do prior, fr. Francisco da Esperança, sendo geral da congregação, fr. João do Rosario e Castro.

Aos 23 de setembro de 1818, foi para o mosteiro de Rendufe, frequentar o collegio de philosophia, sendo alli D. abbade, fr. Antonio de Nossa Senhora, e geral da congregação, o mesmo fr. João do Rosario e Castro; e aos 30 de setembro de 1819, passou de Rendufe para o collegio de Coimbra, onde completou o curso de philosophia, sendo alli D. abbade, fr. Manuel da Graça, e geral da congregação, o padre mestre jubilado, fr. Francisco de S. João Baptista Moura, da nobre casa de Telhô, em Celorico de Basio, irmão do penultimo bispo de Lamego, o sr. D. José de Moura Coutinho, de saudosissima memoria.

Aos 17 de dezembro de 1820, tomou ordens menores, conferidas pelo abbade do mesmo collegio de Coimbra—aos 23 de dezembro do mesmo anno, foi-lhe conferida a ordem de subdiacono, pelo bispo da Guarda, residente em Mello — aos 7 de abril de 1821 conferiu-lhe o bispo de Coimbra a ordem de diacono — e a 10 de fevereiro do mesmo anno, o bispo de Lamego, lhe conferiu a ordem de presbytero, no mosteiro de Sasta Cruz, em Coimbra.

Em outubro de 1821, matriculou-se no 1.º anno de theologia, na Universidade, e foi premiado n'esse anno e no seguinte, e não nos outros por serem prohibidos os premios por uma carta regia.

Em maio de 1825 tomou o grau de bacharel—fez a sua formatura em maio de 1826—em outubro d'esse mesmo anno matriculou-se no 6.º anno theologico—defendeu conclusões magnas em 29 de março de 1828—fez exame privado a 8 de maio do mesmo anno—e a 18 do mesmo mez tomou o grau de doutor.

A 4 de junho de 1825, foi eleito superior do collegio de Coimbra, sendo D. abbade, fr. Antonio de Santa Rita, e geral da congregação, fr. Bento de Nossa Senhora—em outubro de 1829 foi abrir o collegio de theologia a Rendufe, e regressou em maio de 1830 ao collegio de Coimbra, do qual foi eleito prior a 7 de agosto do mesmo anno, sendo D. abbade, fr. Francisco do Lorêto, e geral da congregação, fr. Agostinho dos Prazeres —e a 9 de junho de 1831 foi segunda vez eleito prior d'este collegio, sendo D. abbade, fr. Manuel da Graça, e geral da congregação, fr. Bento do Pilar.

A 20 de fevereiro de 1837, foi nomeado lente substituto extraordinario de theologia, e secretario da dita faculdade—a 5 de março de 1840, lente substituto ordinario—lente cathedratico, por decreto de 4 de março de 1846; e por decreto de 27 do mesmo mez e anno, lente proprietario da 6.ª cadeira theologica, havendo sido nove annos lente substituto, e regido seis annos consecutivos a cadeira de theologia moral.

Por decreto de 19 de abril de 1854, foi nomeado vice-reitor interino da universidade, em seguida á demissão dada ao reitor, que foi bispo de Bragança, de Viseu e de Coimbra, D. José Manuel de Lemos; e por decreto de 26 de julho do mesmo anno, vice-reitor proprietario e vitalicio, regendo a universidade com geral aprazimento, até que foi nomeado reitor, o conselheiro Basilio Alberto de Souza Pinto, hoje visconde de S. Jeronymo. Sendo este senhor demettido continuou a reger a universidade, o sr. dr. José Ernesto, até que foi nomeado reitor o sr. conselheiro, Vicente Ferrer Netto de Paiva; exonerado este, assumiu outra vez o sr. conselheiro José Ernesto, o governo da universidade, até ser nomeado reitor, o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, e em seguida á exonoração d'este, em 24 de julho de 1868, continuou a reger a universidade, o sr. conselheiro José Ernesto, até que em 9 de julho de 1869, foi nomeado o actual reitor, o sr. visconde de Villa-Maior.

Durante a sua vice-reitoria, fizeram-se muitas e importantes reformas nos estabelecimentos da universidade, nomeadamente, na sala dos capellos, museu e jardim botanico; e já antes de ser nomeado vice reitor, havia o sr. José Ernesto feito parte da commissão nomeada por portaria de 7 de

novembro de 1853, encarregada de propor as medidas mais convenientes para a reorganisação da typographia da Universidade, tanto na parte administrativa como na mechanica.

A esta commissão se deve em grande parte o notavel progresso d'aquella typographia, graças á zelosa e intelligente direcção do sr. commendador, Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que, por iniciativa e deligencias da referida commissão, foi nomeado director d'aquelle importante estabelecimento, em 16 de março de 1854.

Em 26 de janeiro de 1854, celebrou a universidade, exequias solemnes, pela alma da Senhora D. Maria II, fallecida a 15 de novembro de 1853, e incumbindo-se do panegyrico, o sr. conselheiro, José Ernesto. A sua oração que corre impressa, foi brilhantissima.

Por decreto de maio de 1852 foi s. ex.ª nomeado commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa—por decreto de 2 d'abril de 1855, foi lhe concedido o titulo do conselho de sua magestade fidelissima, por decreto imperial; de 3 de fevreiro de 1866, foi nomeado commendador da ordem da Rosa, do Brasil, e por portaria de 8 de maio do mesmo anno, o governo portuguez lhe permittiu acceitar a dita commenda e usar as respectivas insignias—por decreto de 1 de agosto de 1866, foi agraciado com a commenda da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo—por decreto de 19 de julho de 1867, foi nomeado fidalgo cavalleiro da casa real—por decreto de 6 de maio de 1857, foi nomeado lente de prima, decano e director da faculdade de theologia, pela jubilação concedida ao dr. Luiz Manuel Soares, e jubilou-se finalmente o sr. conselheiro José Ernesto, por decreto de 6 de julho de 1860, com 23 annos de serviço, como lente.

Foi tambem provedor da Misericordia e examinador synodal, e pela sua nimia modestia, recusou a mitra do Algarve e outras que por vezes lhe foram offerecidas.

PENAFIEL (e **SUB-ARRIFANA**)—cidade, Douro, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, bispado, districto administrativo, e 36 kilometros ao E.N.E. do Porto, 42 ao S.E. de Braga, 28 ao S.E. de Guimarães, 45 ao N.O. de Lamego, 15 ao N. do rio Douro, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 1:000 fogos, 4:000 almas, em duas freguezias (S. Martinho e S. Thiago.)

A freguezia de S. Martinho, bispo, de *Arrifana do Souza* (Penafiel) tinha em 1757, 802 fogos.

A mitra, e os mosteiros benedictinos do Bustêllo (a 5 kilometros da cidade) e o do Paço de Souza, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 300$000 réis de rendimento. Depois, foi commenda da ordem de Christo.

A freguezia de S. Thiago, apostolo, de *Sub-Arrifana de Souza*, tinha em 1757, 35 fogos.

O reitor da freguezia antecedente, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Hoje é abbade, e tem 400$000 réis. Paga a um cura 80$000 réis.

—

E' quartel general da 3.ª divisão militar, e quartel do regimento de infanteria n.º 6 (Hoje só aqui está a ala direita, o resto está em Guimarães.)

Desde 1814 até 1834, foi quartel do batalhão de caçadores n.º 6—denominados os *canarios*, por terem golas e canhões amarellos.

Tem estação telegraphica.

—

O concelho de Penafiel, comprehende 39 freguezias, todas no bispado do Porto, e com 7:300 fogos—são:

Abragão, Bôa-Vista, Boêlhe e Pacinhos, Bustêllo, Cabeça Santa, Canellas, Capella, Castellões de Recezinhos, Cróca, Duas Egrejas e Rande, Eja e Entre-os-Rios (com parte de Santa Clara do Torrão) Figueira, Fonte Arcada, Gallêgos, Guilhufe, Irivo e Coreixas, Lagares, Luzim, Marecos, Milhundos, Novellas, Oldrões, Paço de Souza, Paredes, Penafiel (S. Martinho), Penafiel (S. Thiago), Perozêllo, Pinheiro, Portella, Rans e Canas, Recezinhos (S. Mamede), Recezinhos (S. Martinho), Rio de Moinhos, Santa Martha, Sebollido, Urrô, Valpêdre, e Villa Cova de Vez d'Aviz.

A sua comarca era composta de dois julgados, o de Penafiel e o de Parêdes; mas, desde 1876, que este foi elevado a comarca, ficou só com o seu julgado.

—

Já a pag. 238 S.S., col. 1.ª e seguintes, do 1.º vol., sob a palavra *Arrifana de Sousa*, disse alguma cousa com respeito a esta povoação: aqui accrescento o mais que julgo a proposito, pedindo desculpa de alguma repetição inevitavel.

—

Está a bonita cidade de Penafiel fundada no alto de um monte pouco elevado, entre os rios *Souza* (ao S.) e *Cavallum* (ao N.) e, se é moderna com o actual nome, conta mais de dez seculos de existencia, com o de *Arrifana*, e da sua fundação já fallei n'esta palavra.

Não tem foral antigo ou moderno.

Em 25 de fevereiro pe 1741, D. João V, elevou esta povoação á cathegoria de villa, cabeça de concelho; sendo seu primeiro juiz de fóra, o bacharel, Francisco Teixeira da Motta.

D. José I, a fez cidade, e sede de bispado, em 3 de março de 1770, e lhe mudou o seu antigo nome de *Arrifana do Souza*, no de *Penafiel*.

Foi o papa Clemente XIV, que, a rogo do monarcha (ou do marquez de Pombal) creou este bispado, sendo o primeiro e unico bispo, D. frei Ignacio de S. Caetano, da ordem dos carmelitas descalços e confessor da rainha D. Maria I, então princeza do Brasil, e dos serenissimos infantes seus irmãos, por cujo moctivo nunca residiu em Penafiel.

Fallecendo D. José I (a 22 de fevereiro de 1777) lhe succedeu sua filha, D. Maria I, que instigada por seus ministros e conselheiros, não só depoz de todos os seus empregos o marquez de Pombal; mas annullou grande parte dos actos, leis e decretos, do seu ministerio.

Logo no 2.º anno do seu reinado (1778) obteve do bispo de Penafiel a renuncia do bispado; e do papa Pio VI, que esta diocese tornasse a ser encorporada na do Porto, d'onde tinha sahido; isto em dezembro do mesmo anno.

Este bispado chegava até ao principio da cidade do Porto; pois que a quinta do Prado, hoje *cemiterio do Repouso*, pertencia a este bispado!

—

A rua principal da cidade, é a estrada-rua, modernamente macadamisada, e que é estrada real de 1.ª classe, que vae do Porto a Penafiel, Amarante, Régua, Villa Real, Chaves, Bragança, etc.

A estrada antiga, era pela rua Direita, mas formou-se outra estrada macadamisada, pela rua do Calvario, e esta é hoje a 2.ª rua da cidade.

Tem algumas praças soffriveis, sendo a melhor a das *Chans* (aonde vae ter a estrada mac-adamisada), ornada de ambos os lados, de casaria de bella apparencia.

Penafiel, pela falta de vias de communicação, esteve muitos annos estacionaria; hoje, porém, ligada por boas estradas, com o paiz vinhateiro do Douro, e com a cidade do Porto, e, principalmente, em communicação acelerada com o resto da nação, pelo caminho de ferro do Douro, está em via de prosperidade, e antes de poucos annos, attenta a dedicação dos seus habitantes pelo trabalho, que nobilita e enriquece, será uma cidade próspera e importantissima.

A primeira parte da via ferrea do Douro, comprehendida entre as estações de Ermesinde e Penafiel, foi inaugurada no dia 29 de julho de 1875, com justo e geral regosijo.

O primeiro comboyo sahiu do Porto pouco depois do meio dia, levando o sr. ministro da marinha, vereadores, governador civil, general da divisão e outros funccionarios, jornalistas e varios cavalheiros importantes do corpo commercial.

Na estação estava reunido bastante povo, que saudou enthusiasticamente a partida da locomotiva, a qual foi recebendo pelo caminho as camaras de outros concelhos.

Todas as estações por onde passava o comboyo estavam vestidas de gala, e a concorrencia de gente era extraordinaria.

Em Novellas, onde é a estação, serviu-se um *lunch* de 180 talheres, n'um pavilhão.

Fizeram-se varios brindes. Contentamento geral.

—

A egreja parochial de S. Martinho, é de architectura gothica, de tres naves, e sumptuosa. Está no centro da cidade, e foi construida em 1570. Tem 7 altares, nos quaes entram as duas capellas collateraes — a do Sacramento, e a de Nossa Senhora do Rosario. N'ella ha a capella do Senhor dos Passos, que é tambem de architectura gothica.

A egreja da Misericordia, é de uma nave, e se acha reformada, e muito aceada e magnifica. Foi construida, no *Rocio das Chans*, pelo abbade de Ermêllo, Amaro Moreira, da casa da *Lousa*, na antiga honra de Baltar, ascendente collateral do esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. (Vide col. 1.ª, pag. 482 d'este volume.) [1] É actual representante do fundador, o sr. conde de Azenha, que tem uma cadeira na capella-mór, onde está o jazigo do fundador.

Este templo serviu de Sé cathedral, em quanto existiu o bispado de Penafiel.

Teve principio a misericordia, na capella de *Nosso Senhor do Hospital*, em 1509.

—

Tinha dois conventos — um de frades capuchos (onde hoje é o hospital da Misericordia) fundado em 1666 — e outro de *recolhidas*, dos quaes já tratei, a pag. 238 TT, do 1.º volume. O segundo está no bairro da Piedade, e pertence hoje á camara municipal. Na sua cêrca se anda construindo o quartel militar. Proximos, estão os paços do concelho, que são tambem tribunal judicial, e contêem as repartições administrativas.

Dois kilometros ao N. da cidade, está o antigo mosteiro de S. Miguel, do Bustêllo, que foi de monjes benedictinos.

—

No concelho se fabricam panos de linho, muito finos, artefactos de ferro, arreios para cavalgaduras, e outros varios objectos, que exportam em grande quantidade.

[1] O fundador deixou á Misericordia uma renda de 2:000 medidas de pão, annuaes, além de outros legados. (Vide adiante.)

Ha na cidade, uma fabrica de cortumes, onde se fabricam muito bons couros, e carneiras; e uma fabrica de cal. É senhor d'esta, Simão Rodrigues Ferreira, e d'aquella é administrador, Bernardino José de Mello e Souza.

A *feira do S. Martinho*, uma das maiores e melhores do reino, que se faz em novembro, e dura tres dias (10, 11 e 12) officialmente, mas que, verdadeiramente dura mais de oito dias, tem tambem concorrido para a prosperidade d'esta terra, pelo seu espantoso movimento commercial, principalmente pela venda de cavalgaduras, em grande escala.

Nos dias 10, 11, e 12 de abril, ha outra feira de cavalgaduras.

Os arrabaldes da cidade são muito agradaveis e bem cultivados, principalmente o delicioso *valle do Souza*. O seu territorio produz em abundancia, milho grosso e miudo, trigo, centeio, cevada, azeite, legumes, linho, vinho (verde), hortaliças, e todas as fructas do nosso clima. Cria gado de toda a qualidade, e nos seus montes e bosques, ha bastante caça, e colmeias.

As armas do concelho de Penafiel (dadas, segundo alguns, pelo seu fundador, D. Fayão Soares), são—escudo coroado, e dentro d'elle, uma aguia negra, tambem coroada, entre duas espadas nuas, com as pontas para cima.

Tambem se vêem estas armas, construidas do modo seguinte (são as armas da cidade) — escudo encimado com uma corôa de marquez, e em campo branco, uma cruz da ordem de Christo, em logar da aguia. As duas espadas parallelas (uma de cada lado do *habito*) e o escudo orlado pela parte superior, com uma fita, com a legenda — CIVITA FIDELIS — e tendo de um lado uma palma, e do outro, um ramo de oliveira.

—

O 1.º conde de Penafiel, foi Manuel José da Matta Souza Coutinho, feito por D. Maria I, em 1798. Era correio-mór do reino. É hoje representante d'esta illustre familia, a sr.ª D. Maria da Assumpção da Matta de Souza Coutinho, feita condessa de Penafiel, *de juro e herdade*, em 7 de setembro de 1859 — e marqueza do mesmo titulo, tambem de

juro e herdade, em 5 de fevereiro de 1869. Casou com o sr. Antonio José da Serra Gomes, natural do Brasil, naturalisado portuguez, e feito conde de Penafiel, em 14 de fevereiro de 1861, e depois, marquez do mesmo titulo, na mesma data em que sua mulher foi feita marqueza.

O seu palacio, em Lisboa, tinha a frente para a rua das *Pedras-Negras*, e a rectaguarda para o largo onde existiu a egreja parochial de S. Mamede, que o terramoto de 1755 destruiu.

Em 1865, seus actuaes possuidores, lhe viraram a frente, do S. para o N., ficando a entrada principal para o antigo largo de S. Mamede, onde hoje se vê a meia laranja, denominada *largo do Correio-mór*.

Este palacio, está completamente desligado de outros predios, passando-lhe ao E. a *calçada do Correio-Velho;* ao O. a do *Conde de Penafiel;* ao N. a *rua nova de S. Mamede* (antiga rua dos *Entulhos de S. Mamede*), e ao S., a *rua das Pedras-Negras*.

No sitio occupado hoje por este palacio, existiram umas thermas romanas. (Vide *Pedras-Negras*, n'este volume.)

Foi o 1.º conde de Penafiel que construiu este vasto e magnifico palacio, que a actual marqueza tornou um dos mais sumptuosos de Lisboa, e riquissimamente mobilado; porém, como reside em Paris, foi toda a sua esplendida mobilia vendida em leilão, em dezembro de 1875.

Venderam tambem a um proprietario de Lousa, a magnifica quinta de Loures, por 27:600$000 réis.

—

Passando a ponte que está sobre o rio Souza, para a veiga da Avellêda, atraz d'uma capellinha, dedicada a S. Roque, está um tumulo, com a inscripção quasi apagada pelo tempo. O padre Jorge Cardozo, no seu *Agiologio Lusitano*, diz que é a sepultura de frei Manuel da Resurreição, conventual do mosteiro da Conceição, de Mattosinhos, ao qual a clausura não riscou da alma as virtudes sociaes, sendo ao mesmo tempo um religioso exemplarissimo. Era natural da Arrifana de Souza. Vendo seus patricios disimados pela peste, lhes veio acudir com soccorros para os corpos e para as almas. Morreu (quando a peste estava a terminar) em 25 de fevereiro de 1579.

Os moradores d'estes sitios lhe erigiram uma humilde sepultura, em signal de gratidão.

A inscripção, que hoje quasi se não póde lêr, dizia:

COBRE ESTA PEDRA OS OSSOS
DO VENERAVEL PADRE, FREI MANUEL
DA RESURREIÇÃO, PADRE DE S. FRANCISCO,
QUE MORREU COM REPUTAÇÃO DE SANTO,
CONFESSANDO DA PESTE, N'ESTE LOGAR,
NO ANNO DE 1579.

—

Em 6 de fevereiro de 1386, estando D. João I, no arraial ou acampamento de sobre Chaves, recompensou os bons serviços do seu vassallo, João Rodrigues Pereira, dando-lhe a honra de Baltar, e Paço; e logo a 8 do mesmo mez e anno, lhe deu o julgado de Penafiel, tudo de *juro e herdade*, com a jurisdição civel, crime e *mero e mixto imperio*, reservando só a correição e alçada. (Doc. da Camara do Porto.)

Pelo ramo dos Pereiras, passaram os Peixotos, da casa da Calçada (e que eram *adaismóres*) a ser senhores donatarios de Arrifana de Souza.

—

A capella de *Nossa Senhora da Piedade*, está fundada junto ás casas que foram aposentadoria dos corregedores do Porto, quando aqui vinham em correição. Consta que foi fundada por um individuo, por appellido Caminha, que enriqueceu no Brasil. Foi seu primeiro eremitão, Manuel da Piedade.

—

No dia 7 de janeiro de 1876, teve logar a inauguração da enfermaria dos entrevados, do hospital da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, creada pela actual mesa da mesma Santa Casa, coadjuvada por um de seus venerandos irmãos, o sr. Antonio José Leal, que subscreveu para tão util instituição com 120$000 réis annuaes, duas decentissimas camas apparelhadas e um vestido completo a um pobre.

Como n'este dia foi o anniversario da morte de sua respeitavel mãe, a sr.ª D. Gertru-

des Alcina Leal, seu piedoso filho mandou celebrar uma missa rezada na egreja do hospital, á qual assistiram a mesa com muitos irmãos da Misericordia e um grande concurso de povo.

Finda a missa, os srs. Simão Rodrigues Ferreira e Bernardino José de Mello e Sousa, recitaram dois brilhantes discursos que commoveram o auditorio, que os escutou respeitoso.

Terminado este acto, foram conduzidos á enfermaria os dois primeiros entrevados, pelos braços do provedor da Santa Casa e do piedoso irmão bemfeitor.

Seguiu-se logo um solemne *Te-Deum Laudamus*, abrilhantado com uma modesta mas edificante oração, recitada pelo rev.mo padre Magalhães, capellão da Santa Casa, e cantado pela capella de musica de Villa-Boa.

Subiram ao ar algumas girandolas de foguetes e houve repiques de sinos nas egrejas do hospital e da Misericordia.

Foram em seguida, a mesa e todos os irmãos que assistiram ao acto, bem como todas as pessoas presentes, assistir a distribuição do jantar aos entrevados e enfermos.

O hospital estava decentemente armado e ornado com flores, e no atrio tocava uma banda de musica.

A concorrencia era immensa a visitar o hospital, sahindo todos satisfeitos com o que viram e observaram, e alguns dos visitantes, tocados de tão edificante espectaculo, concorreram com seus donativos para o fundo da nova e piedosa instituição.

Deus os compensará, assim como a todos que teem contribnido e contribuirem para tão justo e caritativo fim.

E para que as alegrias humanas não sejam completas, foi no meio d'estes festejos ter ao hospital um infeliz trabalhador do caminho de ferro, com as pernas fracturadas por lhe ter passado por cima um dos carros de trabalho do lanço da estrada de Cahide. Foi logo sacramentado, por se julgar em perigo de vida.

—

Ao E. e a pouca distancia da cidade, em terreno montanhoso, existe um penedo com uns riscos que parecem caracteres desconhecidos. Chama-se-lhe o *Penedo das Merendas*. Parece ser a ara dos sacrificios de religião ignorada; pois que as *aras celticas* teem outra configuração. Vide *Dolmen*.

Tambem perto de Penafiel, onde principiavam os marcos do seu foral, mas já em territorio da freguezia de Oldrões, existiu um monumento druidico no sitio ainda hoje chamado, *Carvalho das Sete Pedras*. Era um dolmen celtico. O nome actual indica que a *mêsa* assentava sobre seis pedras perpendiculares. Ha seculos que d'este dolmen não resta mais do que a memoria e o nome.

Estes monumentos, dos tempos prehistoricos, e o nome de *Avellêda*, dado a um logar proximo a Penafiel, provam exhuberantemente que estes sitios foram habitados, desde tempos remotissimos, por povos a que hoje, na falta de outro, se dá o nome de *preceltas*.

—

Occupados estes sitios pelos arabes, no principio do seculo VIII, elles lhe deram o nome de *Arrahâna* (horta) que nós corrompemos em *Arrifana*.

Consta que os logares de *Avellêda*, Casal-Garcia, e Chêllo, foi onde os arabes se estabeleceram primeiramente, e onde teve principio a povoação da Arrifana do Souza.

Notemos porém, que os orientaes se exprimiam quasi sempre por termos figurados; pelo que—*harrahâna*, não significa litteralmente a *horta* actual, produzindo apenas hortaliça e legumes; porém, e mais propriamente, uma *granja*, ou qualquer tracto de terra bem cultivada, com arvores fructiferas, diversas plantações, flôres, aguas de rega, etc.

—

Diz-se que os romanos mudaram o nome de Arrifana em *Avellêda*, o que, na minha opinião, não passa de conto de velha; porque se funda em uma etymologia *forçada* e *torcida*. Pretende-se que *Avellêda* é a união das tres palavras latinas *Ave-oh-leda!*—isto é—*Salvê, oh linda!*—Intergeição proferida pelos romanos (dizem os taes) sempre que viam uma terra formosa e bem cultivada.

Nos escriptores antigos, encontram-se muitas d'estas disparatadas etymologias, inven-

tadas por quem não queria queimar as pestanas, lendo e estudando; o que tenho demonstrado em varias partes d'esta obra.

Já vimos na col. 2.ª de pag. 277 do 1.º volume, que *Avellêda*, não é outra cousa senão *vellêda*, palavra germanica, que significa, sacerdotiza (da religião druidica).

Se viesse do latim *Ave-oh-leda!* — como querem os sonhadores—com muito mais razão teriam os romanos dado este nome ás margens do Lima, do Minho, do Mondego, da Ria d'Aveiro, e outros muitos e muitos sitios da Lusitania, muito mais formosos e aprazíveis do que os que teem o nome de Avellêda.

Assentemos pois que os celtas chamaram ao logar onde residiu alguma d'aquellas sacerdotizas—*casa* ou *povoação da Veltêda;* e d'aqui seguiu-se ficar o artigo *a* afixo ao nome proprio (como o *al* arabe) e dizermos *Avellêda.*

—

No mesmo caso estamos com a erronea etymologia que os mesmos sonhadores dão á palavra *Arrifana*, segundo os quaes, vem de *auriflamá*, a famosa bandeira côr de fogo que Deus deu a Meroveu, rei dos francos, ou *franks.*

Notemos porém, que é muito duvidosa a existencia dos primeiros cinco reis de França—quando muito, estes individuos, concedendo que existissem, não foram mais do que chefes militares. São elles — *Pharamundo*, que se diz reinar desde 420 até 428 de Jesus-Christo—*Clodion* (*o Cabelludo*) de 428 a 448—*Méroveu*, de 448 a 458—*Childerico I*, de 458 a 481 — e *Clovis I* (*Chlodowig*) de 481 a 511.

Meroveu, que se suppõe filho ou parente de Clodion (que era filho de Pharamundo) alliou-se aos romanos, contra Attila, rei dos *hunos* (que tinha invadido as Gallias em 451) e o derrotou em Chalons. Foi n'esta batalha que recebeu milagrosamente a *auriflama.*

Foi Meroveu o fundador da dynastia *merovingiana*, e fallecendo em 458, deixou por successor, seu filho, Childerico I.

Os francezes estão no costume de contar na serie de seus reis, os cinco individuos mencionados, posto os tenham por fabulosos. Já se vê que fabulosa é tambem a victoria de Chalons, e por consequencia a divisa da tal auriflama.

Mas, suppondo que tudo seja verdadeiro, nada absolutamente tem auriflama com Arrifana.

—

Diz-se que houve aqui um castello fundado, segundo uns, pelos romanos, e, segundo outros, por D. Fayão Soares, tronco da familia dos Souzas, e fundador da povoação; pelo que se denominava, *castello do Souza.*

Consta que esta fortaleza foi destruida por Al Mansor, *rei* de Córdova, em 985. Pretende-se que a torre dos sinos da egreja de S. Martinho, são restos do castello, e que a mesma egreja foi construida com os materiaes d'elle.

—

Ha n'este concelho a casa de Barbosa, que é solar dos Malafaias, e hoje propriedade do sr. D. Francisco Vaz Guedes de Athaide Malafaia. Era donatario da honra de Barbosa, que tinha um juiz, nomeado pelo donatario. Fica a 2 kilometros da estrada para Entre-os-Rios.

Ha a casa de Balsemão, que fica a 2 kilometros, na estrada para Paço de Souza.

Ha a casa das Lages, que hoje pertence ao sr. Zeferino Cabral de Mesquita, feito barão das Lages, a 10 de julho de 1850, e fica perto da cidade.

Ha, junto ao convento de Paço de Souza, a casa do sr. Diogo Leite Pereira de Mello, que descende, por parte de sua mãe, a sr.ª D. Emilia de Souza Teixeira Alcoforado, de Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, hoje repre-

sentado por seu filho, o sr. conde de Villa Pouca, em Guimarães—e por seu pae, José Augusto Leite Pereira de Mello—dos Leites Pereiras de Mello.

Ha a casa do Barreiro, hoje representada pelo visconde do mesmo titulo, o sr. Francisco da Silva Mello Soares de Freitas, feito (visconde) a 30 de junho de 1870, e sita na freguezia de Abragão, que dista d'esta cidade 6 kilometros.

Ha a casa d'Avellêda, representada pelo sr. Manuel Pedro Guedes da Silva, da cidade do Porto, filho da sr.ª condessa de Pangim (India) e do sr. Manuel Guedes, da casa da *Batalha*, na mesma cidade.

—

A cidade tem as seguintes egrejas ou capellas—a matriz de S. Martinho—a da Misericordia—a da Senhora d'Ajuda—a dos Terceiroz, franciscanos, que é um bom templo, d'uma só nave, mas muito bello e bem ornado—a da Piedade—a da archi-confraria do Coração de Maria, que antigamente era a egreja das recolhidas—a do hospital, que é no extincto convento dos capuchos—a do Carmo, dos Terceiros do Carmo, que é uma boa egreja, estucada—e a capella de S. Roque.

—

Adiante dou mais amplas informações com respeito a estes templos.

—

No dia 12 de julho, de 1730, falleceu no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, d'esta cidade (ainda então villa de Arrifana do Souza) com fama de santa, Catharina do Espirito Santo, natural d'esta freguezia, e a primeira regente do recolhimento.

Tinha nascido em 1642.

—

Aqui nasceu, a 22 de maio de 1836, o dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles.

Era lente de medicina, na universidade de Coimbra, e auctor do applaudido livro—Epidemologia Portugueza, excellente trabalho historico-critico, que lhe deu grande e merecida fama, entre os homens da sciencia.

Era mancebo de vasta intelligencia, e trabalhador infatigavel.

Morreu na flor da edade, em Coimbra, a 15 de janeiro de 1873.

Seu pae, é um distincto cirurgião, d'esta cidade de Penafiel.

—

A nobilissima familia dos Souzas, originaria de Penafiel, dividiu-se em dois ramos, no seculo XIV.

O primogenito, está hoje representado pelos srs. duques de Lafões (4.º vol., pag. 12, col. 2.ª)—e o segundo, pelos srs. duques de Palmella. Vide esta palavra.

Estes dois, são os ramos principaes e genuinos dos Souzas: ha porém muitos ramos d'esta familia; taes são os dos condes do Redondo—antigos marquezes de Minas—antigos condes de Bórba—condes de S. Thiago (de Beduído)—antigos condes de Miranda—e outros muitos titulares e fidalgos nobilissimos.

Para a nobre e antiga familia e armas dos *Lagos*, d'esta cidade, vide 4.º vol., pag. 17, col. 2.ª

Ha em Penafiel o morgado denominado da *Fôlha*, solar de uma das mais nobres familias d'esta cidade, de appellido Vaz Pinto da Veiga.

E' seu actual administrador, o sr. João Bernardo Vaz Pinto Barbosa da Veiga.

Para a genealogia e armas dos Pintos, vide Feirá.

Vaz é um appellido nobre em Portugal, onde ha muitas familias com elle, sem parentesco entre si, proximo ou remoto.

E' patronimico do nome proprio *Vasco*. [1]

Na villa da Certan (Alemtejo) é o solar de uma familia d'este appellido, que, em 1548, possuia uma capella na mesma villa, da qual era então administrador, Jorge Vaz, filho de João Vaz.

As armas d'este appellido, são:

Em campo de púrpura, um castello de prata, sobre uma faxa de ondas d'azul e prata.

Assim se acham escriptas, no registre do brazão d'armas que D. João IV deu a Pe-

[1] Vaz e Vasquês, são patronimicos de Vasco.

dro Vaz Rebello, em 26 de fevereiro de 1645.

D'este appellido foi Martim Vaz, arauto do rei D. Manuel.

Foi mandado por este soberano (na companhia do rei d'armas *Portugal*—o bacharel Antonio Rodrigues) ás cortes da Europa, para se instruirem nas obrigações de seus officios; e para que os brazões d'este reino se aperfeiçoessem.

Chegando á corte do imperador d'Austria, Maximiliano I, deu este, em Vienna, a Martim Vaz, por armas—escudo dividido em palla—na 1.ª, de ouro, meia aguia de púrpura—na 2.ª, d'azul, tres pombas, de prata, em palla, armadas, membradas e bicadas de púrpura — timbre, uma cabeça de leão de púrpura, sobre duas penas de pavão de ouro.

Ha outra familia d'este appellido, que procede de Ruy Vaz, ao qual D. Affonso V deu por armas, em 21 de maio de 1477 — em campo de ouro, um tronco de arvore com esgalhos, da sua côr, sahindo de um leão azul, armado de púrpura: e por timbre o mesmo leão das armas.

Outros d'este appellido, trazem pôr armas — escudo com as Quinas reaes d'este reino, com dez besantes em cada escudinho, e, na orla, um cordão pardo, com os nós, como os dos frades franciscanos.

Ha ainda os *Vaz Velhos*, cujo solar é na freguezia da Conceição, no Algarve. Vide Tavira.

Para o appellido e armas dos *Veigas* vide *Veiga de Santa Maria*.

—

E' filho 2.º, d'esta familia (dos morgados da Fôlha) o sr. doutor, José Feliciano Vaz Pinto da Veiga, que era auditor na Ilha Terceira, e foi, em abril de 1876, despachado juiz de direito da comarca do Sabugal.

Os morgados da Fôlha, tinham um vinculo em Lisboa, instituido em bens situados ás *Portas da Cruz*, em Chellas, e em Via-Longa.

Foi instituido por um de seus antepassados, no fim do seculo XVI, o qual, podendo escapar com vida e liberdade, da desgraçada batalha de Alcacerkibir, onde combatêra ao lado de D. Sebastião, veiu residir para Lisboa, vinculando os bens que aqui possuia.

—

Segundo alguns antiquarios, a origem mais provavel do nome de Penafiel, é a seguinte:

Houve aqui dois castellos, um ao N., outro ao S. do rio Souza.

O do N., por ficar mais perto do rio, se denominava, *castello d'Aguiar do Souza*, e deu o nome a todo o concelho.

O do S., que ficava mais distante do rio, e estava edificado sobre um alto monte, formado de penhascos, se chamava, *castello da Peña;* e, como nunca se rendeu aos mouros, apezar de furiosos e repetidos ataques, lhe deram depois o nome de *castello de Peña-Fiel*, e deu o seu nome a todo o territorio do S. do rio (Souza) e que veiu a ser dividido em duas ouvidorias—uma, no logar do *Carvalho das Sete Pedras*, e outra no de *Arrifana* — ambas sujeitas ás justiças do Porto; assim como o era a de Aguiar.

Consta que já no tempo dos godos havia n'este territorio tres egrejas, que, mediante certo tributo, foram conservadas durante o dominio árabe.

Uma era em *Lourêdo*, dedicada a S. Bartholomeu—outra na *Arrifana*, da invocação do Espirito Santo—e outra em *Moascres*, da qual era orago, S. Martinho, bispo.

A de Lourêdo, é ainda a actual, e está construida com tal solidez, que promette durar muitos seculos.

Da egreja da Arrifana, ainda existe a capella-mór, que é um monumento venerando da antiguidade.

E' de architectura gothica, abobadada, com relevos e frisos doirados, guarnecida de ameias, e em fórma de castello, como a Sé velha, de Coimbra, tendo mais a fórma de uma fortaleza, do que a de um templo.

Da de Moascres, só existe a capella-mór.

Onde era o corpo da egreja, está hoje uma galilé, ou alpendre, firmado sobre columnas, e um pulpito de cantaria.

E' agora da invocação de Santa Luzia.

Todas estas tres egrejas eram curadas por

um só parocho (abbade), que residia em Moascres, e tinha grandes propriedades e rendas; porém, quando no fim do seculo XV, e por todo o XVI, veiu a praga dos commendatarios, fizeram d'esta immensa parochia uma commenda, e deram ao parocho o titulo de reitor.

O 1.º commendatario, aforou os passaes, recebia os dizimos e fóros, e dava ao parocho uma ténue pensão.

—

Resgatadas estas terras do poder dos mouros, por D. Fayão Soares, ficou este, governador dos dois castellos, e de todo o territorio comprehendido nas tres referidas parochias, e fez o seu solar na Arrifana.

Licenceou a maior parte dos seus soldados, que se foram estabelecer nas duas margens da estrada do Porto para Traz-os-Montes, formando uma especie de rua, a que deram o nome de *Lagêdo*—e d'ahi para cima, até junto da egreja do Espirito Santo, *Cimo de Villa*.

Tambem nas duas margens da estrada que d'aqui vae para Entre-os Rios, se foram construindo casas, e formando os logares de *Valle do Tojeiro, Pussos*, e *Vinha do Monte*.

Esta estrada, entroncava na que vinha do Porto, no *Monte do Povo*.

—

Quando, em 1260, D. Affonso III mandou estabelecer feiras e mercados, onde mais conviesse, os moradores da Arrifana instituiram logo uma feira de tres dias, junto á egreja do Espirito Santo, no proprio dia de Pentecostes, d'esse anno, e nos dois dias seguintes.

Passados poucos annos, se creou outra feira, junto á egreja de S. Bartholomeu, de Lourêdo, no dia d'este santo (24 de agosto.)

Depois, um mercado em todos os dias 10 de cada mez; e mais tarde, outro a 24.

O estabelecimento d'estas feiras e mercados, fez desenvolver e prosperar muito a industria, commercio, agricultura e população d'Arrifana.

—

Estabelecida em Roma, pelo papa Paulo III, a confraria do Santissimo Sacramento, no 6.º anno do seu pontificado (1539) foi a Arrifana a 1.ª que fundou—depois da de Roma—em todo o orbe catholico, uma confraria d'aquella invocação, cujos estatutos foram confirmados por breve apostolico do mesmo papa, a 13 de julho de 1540, só oito mezes depois de approvados os de Roma, que foi a 30 de novembro de 1539.

(Paulo III, governou a Egreja de Deus, desde 1534 até 1550.)

Esta confraria foi estabelecida na egreja do Espirito Santo, então a maior e melhor da terra. Era de tres naves, sendo os arcos que as dividiam, sustentados por fortes columnas de granito, que ainda existem na actual egreja, mas accrescentadas com outra tanta altura do que tinham as primitivas.

—

Quando na Inglaterra principiou o scisma, proclamado por Henrique VIII, estava n'aquelle reino, estabelecido, João Correia, natural da Arrifana, que fugiu para a sua patria, trazendo de lá uma imagem de Jesus-Christo crucificado, que hoje está na egreja da Misericordia; e outra de Nossa Senhora da Piedade, que collocou em uma capella de S. Sebastião, que então havia, fóra do logar; mudando-se por isso a invocação da ermida de S. Sebastião, para a de Senhora da Piedade; e, quando se fundou outra capella d'esta mesma invocação, se denominou, de *Nossa Senhora da Piedade, de baixo*, e á outra, *Nossa Senhora da Piedade, de cima*.

O mesmo João Correia, mandou á sua custa reparar e adornar a egreja do Espirito Santo, dando-lhe ricos paramentos, e dotando-a de boas rendas, para a sua fabrica. Mandou vir de Flandres uma bella imagem de Nossa Senhora do Rosario, que já em 1537 estava no seu novo altar. Esta imagem, que é de róca, tem 1m,10 de alto.

Tudo isto consta de um attestado, do reitor Manuel Rangel d'Araujo, então parocho da freguezia.

—

Tendo-se desenvolvido muito a população da parochia, e sendo pequena a egreja de Moascres, e estando na extremidade da freguezia, em sitio quasi deserto, decidiu o povo mudar a residencia do parocho para o

logar da Arrifana, e construir aqui uma nova matriz, com os materiaes da antiga egreja do Espirito Santo, aproveitando para os sinos, uma antiga torre que alli havia e tinha pertencido á casa dos Souzas, e estava então abandonada.

Oppoz-se a isto Gonçalo Correia, filho do bemfeitor João Correia, com o fundamento de que—seu pae reedificára aquella egreja, e que alli tinha a sua sepultura.

Terminou a contenda por um accordo entre as partes, legalisado por escriptura publica, feita nas notas do tabellião Ruy de Couros, da cidade do Porto,[1] em 7 de junho de 1559.

Por esta escriptura se obrigaram a deixar a capella-mór da egreja do Espirito Santo, com o arco cruzeiro aberto para a egreja nova; e assim se fez.

Tambem se oppozeram a esta mudança, os povos de Moascres, Aperrella e Avellêda; mas, por fim, convieram, e fez-se a nova e magnifica egreja matriz.

Em 1569, estando a nova egreja em estado de se celebrarem n'ella os officios divinos, e administrarem os sacramentos, veio para aqui, em solemne procissão, a 6 de novembro, a imagem de S. Martinho, da antiga egreja, e é a que ainda hoje está no altar-mór.

O commendador, comprou a D. Manuel de Noronha uma morada de casas que tinha perto da egreja nova, para residencia do reitor, e o tem sido até hoje.

Em 1570 se concluiu o frontispicio da egreja, e se fizeram as capellas do Santissimo e da Senhora do Rosario; mas, nem estas, nem a capella-mór, ficaram como agora são. Só em 1691 é que se compraram umas casas que ficavam encostadas á egreja, para se demolirem, e em seu logar se accrescentarem as obras.

A obra da capella-mór, foi feita em 1694, e a do Santissimo, em 1769.

A ordem 3.ª de S. Francisco, foi instituida n'esta egreja (no altar que é hoje de S. João) pouco depois de terminarem as obras; mas, em 1682, se mudou para a egreja dos frades capuchos. Tendo até então, a sua secretaria e fabrica, em umas casas que havia comprado a Anna Rodrigues, viuva de Nicolau de Souza, em 1677; depois da mudança, vendeu esta casa (em 1685).

A confraria do Senhor dos Passos, que ha n'esta egreja, comprou em 1856 umas casas, que ficavam contiguas ás da fabrica do Santissimo, e ambas as confrarias fizeram um bello edificio, que se concluiu em 1863, importando em mais de dois contos de réis.

Em 1554 se instituiu uma confraria ecclesiastica, na antiga egreja do Espirito Santo, que foi tomado por padroeiro d'ella. Com a mudança da velha para a nova egreja, se mudou para esta a tal confraria; mas, em 1851, se mudou para o recolhimento de Nossa Senhora da Conceição; tornando a mudar-se para a matriz, em 1865.

Ha n'esta egreja a irmandade das almas, da qual é padroeiro S. Nicolau Tolentino.

—

No dia de Corpus-Christi, vem a esta egreja, um *clamôr*, da freguezia de S. Pedro Fins do Torno, do concelho de Lousada, no arcebispado de Braga.

O altar de S. João Baptista, foi mandado fazer de novo, pelo reitor, José Mendes, pelos annos de 1806; e o reitor, Antonio Mendes, o mandou dourar, pelos annos de 1817.

As imagens de Jesus-Maria-José, S. Joaquim, S. Martinho e Santa Anna, foram encarnadas de novo, por ordem do reitor actual —o sr. Antonio José Barbosa. O altar das almas foi dourado, e as imagens pintadas, de 1850 a 1854. A egreja foi envidraçada, forrada e pintada, em 1851, e *campeada*, de 1852 a 1854. N'este ultimo anno, se fez o guarda-vento.—A sachristia do Santissimo, foi restaurada em 1865. — A capella da Senhora do Rosario, foi reformada, em 1867. —O novo orgam, tocou a primeira vez, a 29 de setembro de 1867. (Custou 1:300$000 rs., e é da confraria do Santissimo, assim como a propria capella e a da Senhora do Rosario.)

—

O primeiro assento da Misericordia, foi em frente da egreja matriz: já estava insti-

[1] Este Ruy de Couros, era da familia de *Gaspar de Couros*, o que, em 1536, mandou fazer a primeira casa, na que depois foi *Rua das Flores*, da cidade do Porto.

tuida em 1509. Em 1621, tendo o licenceado, Amaro Moreira de Meirelles, abbade de Ermêllo, mandado construir, á sua custa, a nova egreja, com casas para secretaria, botica, e mais officinas, no rocio das *Chans*, mudou-se para aqui a Misericordia; ficando todavia a existir a antiga egreja, uma enfermaria, e a casa para os serventes: venerando-se na egreja, a imagem de Jesus Christo crucificado, que João Correia trouxe da Gran-Bretanha, e a de Nossa Senhora das Dôres, que fôra da antiga matriz.

O abbade, Amaro Moreira, além do magnifico edificio, e da dotação das 2:000 medidas annuaes, adornou a egreja de riquissimos paramentos e alfaias, e lhe deixou ainda varios legados.

Impôz á Misericordia a obrigação de ter sempre na capella-mór, do lado do Evangelho, uma cadeira, para n'ella se sentar o que fosse senhor da quinta do Marnel, na freguezia de Bitarães, todas as vezes que quizesse vir assistir ás solemnidades que se fizessem n'este templo.

O actual senhor da quinta do Marnel, é o sr. Ignacio Correia Leite d'Almada, feito conde da Azenha, em 12 de junho de 1855. Vindo aqui este cavalheiro, em 1863 (ou 1864) e estando a cadeira velha, mandou fazer uma nova, que é a actual.

—

O mosteiro de religiosos capuchos, de Santo Antonio, da provincia da Soledade, era um bom edificio. Os liberaes lhe quebraram os sinos, a martello, em janeiro de 1828; mas os frades os mandaram refundir, logo que chegou o sr. D. Miguel a este reino.

Em 18 de julho de 1832, uma força liberal, que tinha sahido do Porto (antes do cêrco) lançou o fogo ao mosteiro, reduzindo tudo a cinzas, menos a egreja (edificada em 1666), que escapou, por estar separada do resto do edificio, e ter as paredes mais altas.

Os religiosos, não desampararam estas ruinas, e se abrigaram em uma casa da cêrca, que até então lhes servia de gallinheiro, e trataram da reedificação do mosteiro.

Quando, em 1834, foram expulsos, já tinham feito quatro cellas e algumas officinas. Adiante trato minuciosamente d'este mosteiro.

A irmandade da Misericordia tomou conta d'estes pardieiros, e, depois de gastarem bastantes contos de réis para o adaptarem a hospital da Santa Casa, mudaram este para lá, em 1836, e é o que existe.

A uma parte do edificio, está tambem o hospital militar, pertencente ao regimento de infanteria n.º 6, mediante uma pensão, que paga á Misericordia.

O antigo hospital da Misericordia, foi aforado a uma sociedade, que alli edificou um theatro.

—

Mais egrejas ou capellas, dentro da cidade

Egreja da ordem terceira do Carmo, foi fundada no principio do seculo XIX, sobre as ruinas de uma antiga capella, de Santo Antonio, e por isso se chama ao sitio—*Santo Antonio Velho*.

Depois que os frades edificaram a sua egreja, se denominou esta — *Santo Antonio Novo*.

—

Capella de *Nossa Senhora da Piedade*— que foi a antiga capella de S. Sebastião, de que já fallei.

Nos degraus do altar-mór, do lado da Epistola, está gravada uma data, que é — ou 1300, ou 1500 (a 2.ª letra está ilegivel.)

E' provavel que seja a primeira data; porque, quando, em 1509, João Correia aqui collocou a imagem da Senhora, que havia trazido da Inglaterra, já a capella de S. Sebastião era antiga.

Foi reedificada e ampliada, em 1659; instituindo-se então uma irmandade, denominada—*escravos da cadeia de Nossa Senhora da Piedade*, cuja instituição foi confirmada, por bulla do papa Alexandre VII, em 1660.

Em volta da capella, havia um olival. propriedade da Senhora.

A camara o tomou de aforamento, em

1790, pelo fôro de 4$000 réis annuaes, e n'elle fez a actual *Praça da Alegria.*

Consta isto da inscripção que foi gravada em uma columna, collocada no cunhal do N. —que diz:

PRAÇA DA ALEGRIA
1790

Por descuido dos administradores da irmandade, passaram muitos annos sem que se pedisse o fôro, e quando se lembraram de o pedir, já estava *prescripto*, e se perdeu.

O mesmo aconteceu a outras rendas que a irmandade tinha adquirido; de modo que, hoje, os seus rendimentos, mal chegam para cumprir os legados impostos pelos doadores.

—

Egreja de Nossa Senhora da Conceição— foi um recolhimento d'esse titulo.

Cinco *beatas*, compraram em praça publica, um chão, que fôra de Gonçalo Ferreira da Costa, onde já havia principio de edificação de um mosteiro para freiras.

Mandaram construir o edificio, e n'elle se recolheram.

D. Thomaz d'Almeida, bispo do Porto, lhes approvou o instituto, impondo-lhes o habito de Nossa Senhora da Conceição (que é — tunica branca, com escapulario azul-claro.)

Mandou-lhes o mesmo prelado, do *recolhimento da rainha Santa Isabel* (vulgo, *recolhimento do Anjo da Guarda*—e hoje, *praça do Anjo*, junto á *torre dos clerigos*) quatro recolhidas, para as regerem e instruirem na regra da ordem.

Entraram estas quatro religiosas no recolhimento de Penafiel, a 18 de novembro de 1716; vindo acompanhadas pelo padre Antonio dos Reis de Oliveira, então promotor do bispado do Porto.

Chegou a ter 35 recolhidas.

Aqui se educaram senhoras das familias mais distinctas da cidade e arredores.

Desde a invasão franceza, foi este recolhimento em progressiva decadencia.

O padre Antonio do S. V. e Castro, protector do recolhimento, mandou fazer um novo claustro, para as educandas pobres.

Já tinha a obra principiada, e a egreja concluida de obra de pedreiro, quando Junot invadiu Portugal, á falsa fé, em 1807.

Mandou-a cobrir de telha, para poder servir interinamente, mas, fugindo para Lisboa, em 1809, nunca mais voltou; porém continuou a mandar uma prestação mensal, para as recolhidas pobres; mas nunca mais cuidou das obras.

Foram-se desencaminhando as alfaias, e os fundos perderam muito com o *rebate* do papel-moeda; de modo que as recolhidas passavam privações e a egreja estava indecentissima.

Uns devotos, tinham estabelecido na egreja do Calvario, a archi-confraria do *Coração de Maria*, em 1852; mas, desavindo-se com os terceiros, passaram furtivamente, uma noite, as imagens da Senhora e de Santo Affonso de Ligorio, que lá tinham, para a egreja do recolhimento, e estão actualmente de posse d'ella.

Fizeram uma linda casa para a fabrica, sachristia, e residencia para o seu capellão e sachristão.

Construiram uma bonita capella-mór, com bella tribuna; o frontispicio da egreja, côro, torre dos sinos, e anda-se concluindo o corpo da egreja.

O governo, por morte da ultima religiosa, deu á camara o edificio do recolhimento e a respectiva cêrca, para alli se construir um quartel militar; e n'esta obra se anda trabalhando com grande afan, desde o dia 8 de abril de 1872, e já está muito adiantada, graças ao zelo do sr. presidente da camara actual, que é mais sollicito em promover os melhoramentos do municipio, do que muitos os seus proprios.

Tem chegado a trazer mais de 50 pedreiros, e a obra vae magnifica, porque o mestre alem de trabalhador infatigavel, é um optimo artista.

E' bella a cantaria empregada na construcção, aqui mesmo arrancada, pelo que, além da economia em carrêtos, ha a vantagem de se poderem empregar na obra, pedras de grande volume (que seriam de dif-

ficilima condução, se viessem de outra parte) que tornam a obra solidissima.

D'este edificio se gosa um formoso panorama.

—

Egreja do Calvario—e casas da fabrica, da ordem terceira, de S. Francisco, está no monte chamado *do Facho*.

Havia aqui uma capella antiquissima, de Jesus Christo Crucificado.

A ordem terceira de S. Francisco, que, em 1682 se tinha mudado para a egreja dos frades capuchos, passado mais de um seculo, quiz fazer uma egreja propria.

Principiou a obra em 1804, e, em 1810, se disse alli a 1.ª missa; mas só a capella-mór estava ainda forrada, e o corpo da egreja apenas coberto de telhado.

De 1834 para 1835, se fez a torre dos sinos, e construiram uma bella casa da fabrica, secretaria, e residencias do capellão e sachristão.

Houve em tempos antigos, uma capella do *Salvador*, edificada junto do rio Cavallum.

Foi d'aqui mudada, com a mesma invocação, para o logar de Quericas; e ultimamente com a invocação de S. Mamede, para o largo das *Chans*, hoje denominado—*Praça Municipal*.

Foi reformada pelos estudantes, como se lia em uma inscripção, em lettras douradas, sobre a porta principal, que dizia:

OPUS EXPENSIS SCOLASTICORUM
EXTRUCTUM. ANNO MCCLXVII. [1]

Foi demolida em 1835, e com os seus materiaes fez a ordem terceira a sua sachristia, obrigando-se aos legados da capella.

Continuaram as obras, com o auxilio dos devotos, excedendo a todos, o sr. Manuel Pereira da Silva (feito barão do Calvario, em 22 de agosto de 1872), o qual, além de outros muitos donativos valiosos, por si e seus amigos, conseguiu estabelecer um fundo, cujo rendimento tem sido sufficiente para custear as despezas de um lausperenne, em todos os domingos do anno, e em quinta feira santa.

Hoje, está concluida uma bellissima egreja, forrada de primorosos estuques.

Tem altar-mór, já doirado, e quatro collateraes, um d'elles tambem já doirado.

Tem ricos paramentos, brilhantes lustres, e optimas alfaias; pelo que, as funcções religiosas d'esta egreja, são feitas com grande esplendor e magnificencia.

—

Capella do Senhor dos Passos.—A confraria do Senhor dos Passos, costuma fazer a sua procissão, no 3.º domingo da quaresma. As imagens d'esta capella são de uma esculptura primorosissima, e quasi todas feitas por artistas de Penafiel. Algumas são obra do insigne esculptor e pintor penafielense, Antonio Teixeira (vulgo, *Antonio do Penêdo*).

Esta confraria, tem na rua, hoje chamada do Sacramento, uma bella casa da fabrica, secretaria e arrecadação, onde se guardam os riquissimos ornamentos que lhe pertencem.

São propriedade sua, as capellinhas (*Passos*) que se acham no giro que faz a procissão dos Passos; e, na rua Formosa, a *capella do Encontro*, que é de abobada, e de cantaria, lavrada primorosamente. Está encostada á casa, que foi antigamente residencia dos corregedores, com a qual communicava por um corêto, d'onde elles ouviam missa. Este corêto está hoje tapado, e a casa é quartel militar provisorio.

Á actual Rua Formosa, se dava antigamente o nome de *Rua da Cruz*, por aqui estar um cruzeiro denominado *Cruz da Pena*. Deu-se-lhe este nome, porque, pelos annos de

[1] Nos *infelizes* tempos do *obscurantismo*, tinha Penafiel, aulas publicas de primeiras lettras, latim e latinidade, rhethorica, theologia, philosophia e grego. Além das de primeiras lettras, as secundarias eram frequentadas por mais de 200 estudantes, com utilidade da sociedade em geral, e da cidade, em particular.

Aqui se preparavam para a universidade, para clerigos, seculares ou regulares, ou para empregos publicos.

Então, entretinham-se os estudantes em reedificar capellas, e fazerem funcções religiosas: hoje divertem se em fazer arruaças e desordens, e a terem orgulho de serem descrentes.— Chama-se a isto — *progresso!*

1600 e tantos, um sujeito de Cimo da Villa, tentou uma acção de injuria, contra um visinho, que foi condemnado em uma *pena* pecuniaria, a qual o queixoso applicou para a construcção d'este cruzeiro, que collocou junto da estrada que passava n'este sitio, então chamado *Valle de Tojeiro.*

Na manhan do dia 11 de novembro de 1857, os mesarios da confraria do Senhor dos Passos, apearam esta cruz, *por estar muito chegada á sua capella.* Foi um pretexto frivolo, porque, depois d'isto, foram demolidas todas as cruzes que havia pela cidade.... só porque eram cruzes.

—

Capella de Nossa Senhora da Lapa.—No principio do seculo XVIII, appareceu no cunhal exterior da capella-mór da egreja da Misericordia, pintada, uma imagem de Nossa Senhora da Lapa. Não se sabe por que razão a não queriam alli; pelo que a mandaram lavar, mas como não sahisse a pintura, a mandaram raspar. Foi o mesmo que nada: a pintura, cada vez apparecia mais viva, e ainda hoje assim se conserva, como se fosse acabada de pintar!

O povo, principiou a ter esta Senhora em grande devoção, e resolveu fazer-lhe uma capella, no logar da pintura, e que ainda hoje existe. Com as offertas dos devotos, fizeram uma grande obra, e uma boa torre, a par da fachada da egreja da Misericordia, collocando n'ella 12 bons sinos, as sinetas da Misericordia, e um optimo relogio.

Com o tempo foi afroixando a devoção dos fieis, e, por consequencia, rareando as esmolas para continuar as obras; ficando apenas o rendimento indispensavel para o culto divino.

A egreja da Misericordia — que, como já disse em Paredes e n'este artigo, foi feita por devoção e á custa do licenceado Amaro Moreira de Meirelles, abbade de Ermêllo, e irmão do 3.º avô do nosso esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — é um templo verdadeiramente magestoso. A capella-mór é de abobada de pedra, lavrada com o maior primor. O altar-mór, que era todo de talha dourada, no gosto laborioso d'aquelles tempos, foi, entre 1822 a 1825, substituido por outro, de architectura e esculptura moderna, de muita perfeição. O actual orgam d'esta egreja, foi da do mosteiro dos religiosos do Bustêllo, e é bom.

Poucas egrejas d'este reino, a não ser alguma cathedral, teem tantos e tão ricos paramentos como esta; porque, além dos muitos que já tinha, possue todos os que eram do mosteiro de Paço de Souza, entre estes, um completo e riquissimo pontifical.

As obras feitas n'este templo e suas dependencias, desde 1874 até hoje, são importantissimas, e n'ellas se teem gastado muitos contos de réis. A egreja está completamente restaurada, as cantarias limpas, o tecto primorosamente estucado, e tem sido dourado tudo quanto o póde e deve ser.

O benemerito fundador da Misericordia (o abbade de Ermêllo) era natural do logar da Lousa, na freguezia de S. Miguel da Gandra; e ainda existe a casa onde nasceu: fica ao fim da serra de Baltar, hindo de Penafiel para o Porto, á esquerda da estrada. É edificio antigo, e está dentro de um campo, e tem ao pé um grande cypreste.

—

Capella da Senhora da Ajuda — era uma ermidinha muito antiga, com alguns rendimentos, em fóros e dinheiro mutuado, com o que, e com esmolas, foi restaurada, e é hoje um bellissimo templo, todo de abobada, com altar mór e dois lateraes. Os mordomos, achando acanhada a capella-mór, compraram, em 1875, um terreno contiguo, para a ampliarem. Tem uma optima sachristia e boa casa da fabrica, e torre com muito bons sinos. Possue muitos e bons paramentos, antigos e modernos, e as imagens que adornam os seus altares, são bellissimas.

—

Capella de S. Bartholomeu.—Estabelecida a parochia, no logar da Arrifana de Souza,

como já disse, as antigas egrejas matrizes ficaram quasi esquecidas.

Em Lourêdo, foi-se desenvolvendo a população com tanta rapidez, que os terrenos foram quasi todos arroteados, por serem muito bons e ferteis. A cultura, foi invadindo o terreno da feira, de módo que foi preciso mudal-a para o *Monte do Povo* e *Vinha do Monte*, e ahi construiram uma capella, que tambem dedicaram a S. Bartholomeu, collocando n'ella uma nova imagem do santo, deixando a velha na antiga egreja.

Esta capella estava edificada sobre o aqueducto subterraneo (mina) por onde passavam as aguas publicas; e, aluindo-se este no principio do seculo XIX, ficou a capella destruida; porém, um visinho a reconstruiu. É n'ella que actualmente se baptisam os expostos, por ficar proxima a casa do seu hospicio.

A feira de S. Bartholomeu, era de gado, e de muita qualidade de mercadorias; mas, especialmente de cebôlas, que aqui affluiam em grande cópia, sendo a maior quantidade creada em Canavezes.

Os frades capuchos, edificando aqui o seu mosteiro, principiaram a cultivar, na cêrca, cebôlas, em grande quantidade, para venderem na feira; e os lavradores, vendo que isto dava bom resultado, tambem cultivaram este genero em grande escala, para exportação, não só para as diversas terras do E. e S. de Penafiel, como para o Porto, e para embarque.

Os lavradores das immediações, e principalmente os de São Cosme, Campanhan, e Valle-Bom (arrabaldes do Porto) com as suas vastas plantações de cebôlas, fizeram decahir muito este commercio em Penafiel, que hoje está mais limitado.

—

Capellas fóra da cidade

S. Christovam, de Louredo.

Santa Luzia, de Moascres.

Nossa Senhora da Guia—na quinta que hoje é do sr. João Bernardo, residente na quinta da Vinha.

S. *Roque*, junto á estrada antiga, do Porto para Penafiel.

Junto a esta capella está a sepultura de frei Antonio da Ressurreição, de que já fallei, e dei o epitaphio.

A uns 50 metros a N.O. d'esta capella, havia um souto de corpulentos castanheiros, hoje reduzido a campo, e propriedade do sr. Bernardo Moreira da Silva, de Penafiel.

Em 1809, estiveram aqui acampados alguns dias, os francezes de Soult, a concertar os seus armamentos.

Abandonado por elles o sitio, viu-se que na casca de alguns castanhoiros, tinham gravado, com ferro em braza, varias lettras.

O mesmo fizeram no *Campo do Ouro*, acima de Santa Martha; mas aqui foi a cinzel, em uma rocha.

Toda a gente julgou que isso fôra feito por passatempo; mas, no verão de 1816, chegaram á hospedaria dos Casaes, ao anoitecer, uns almocreves, e alguns cavalleiros, e, depois de cearem, sahiram, dizendo que hiam jornadear de noite, por causa do calor.

No dia seguinte, appareceram no Campo do Ouro, duas covas quadradas, indicando terem alli estado enterrados caixões, e tambem appareceram as tabuas d'elles.

No souto de S. Roque, ficaram abertas seis covas eguaes.

Cré o povo d'aqui, que os taes almocreves e cavalleiros, guiados pelas lettras das cascas dos castanheiros e da rocha, levaram d'aqui seis cargas de dinheiro, que os francezes, vendo que o não podiam conduzir, deixaram, para virem buscar em occasião opportuna.

(Não me parece isto lá muito crivel; mas relato o qne alli se diz.)

Em dezembro de 1867, andando uns operarios a compor a estrada que vae da Quinta da Avelleda (do sr. Manuel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa de Pangim, de quem já fallei n'este artigo) que é a antiga estrada, do Porto a Traz-os-Montes, acharam a pouca profundidade, varios pucaros e outras peças de louça.

Suppõe-se ter sido dos empestados de 1557.

Egreja de S. Thiago — foi matriz de um curato, apresentado pelo reitor de Penafiel.

O cura, tinha obrigação de residir n'esta cidade, e coadjuhar o reitor.

Desda 1834, está este curato encorporado na freguezia de Penafiel; mas ainda conserva o Santissimo no seu antigo sacrario, tem juiz da cruz, privativo, e d'esta egreja se administram os sacramentos aos freguezes.

—

Quintas

Ha em Penafiel e arredores, as quintas seguintes:

Calvario

(O seu antigo nome era, Valle de Tojeiro) do sr. barão do Calvario,

Tem uma boa casa, mas, abrindo-se pela frente da quinta uma rua a que deram o nome de *rua da Piedade de Cima* (hoje *rua Formosa*) ficou esta magnifica casa, nas trazeiras dos quintaes da nova rua.

Havia mais de um seculo que os proprietarios d'esta quinta a não habitavam.

O sr. Manuel Pereira da Silva, a comprou, e como chegava até ao Calvario, fez ahi um magnifico palacete, e por isto obteve o titulo de *barão do Calvario*; titulo aliás bem merecido, pelos serviços que tem prestado a Penafiel, como fica referido antecedentemente.

Foi n'este palacete que o sr. D. Luiz I se hospedou, quando veiu a esta cidade, em 10 de julho de 1872.

O sr. barão, tem melhorado muitissimo esta quinta, murando-a toda em volta, abrindo-lhe minas d'agua, construindo tanques; fazendo grandes parreiraes, de castas superlativas, suspensas em bellos esteios de pedra (que vieram da freguezia de Santo Adrião, de Cannas de Duas Egrejas) e que já produzem muitas pipas de excellente vinho.

—

Quinta do Bispo

E' uma boa propriedade, com vasto e bom palacio, e toda cercada de um antigo muro.

Foi comprada para os bispos de Penafiel (mas o unico que houve nunca residiu aqui, porque esteve sempre em Lisboa.)

Foi residencia do provisor, emquanto o houve aqui, e depois, do vigario geral, até 1834.

Tambem no palacio—em quanto se não vendeu — esteve o cartorio dos *livros findos*.

Fica na rua, antigamente chamada, *rua Direita*, e agora (por causa d'este edificio) *rua do Paço*.

O edificio está separado da quinta por um caminho, mas communica-se por um bom arco de cantaria.

Esta rica propriedade, pela suppressão do bispado de Penafiel, passou para o dominio dos bispos do Porto.

Antonio Teixeira de Queiroz (que falleceu a 16 de março de 1874) a comprou ao bispo, D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz (irmão do general, barão de Palme) por oito contos de réis — talvez menos do que hoje importaria o muro!—e tendo a sua casa contigua, fez communicar as duas propriedades, e na do bispo fez grandes melhoramentos, tanto no edificio, como na quinta, que agora vale mais de 20 contos de réis.

—

Quinta e casa das Lages

Do sr. Zeferino Teixeira Cabral de Mesquita, feito barão das Lages (2.º) em 10 de julho de 1850.

E' filho do sr. José Teixeira de Mesquita, feito barão do mesmo titulo (o 1.º) em 10 de novembro de 1840.

Supposto que esta casa, e a maior parte da quinta ficam na freguezia de Milhundos, a sua entrada principal, é pelo largo de S. Bartholomeu, na freguezia de Penafiel, por isso a menciono aqui.

E' uma propriedade de grande valor, quasi toda regada pelo rio Cavallum, que lhe passa pelo centro.

A familia d'esta casa, é, de umas poucas de gerações, conhecida, pela sua probidade, e virtudes christans.

Os senhores d'esta quinta e os de Barbosa, foram os principaes fundadores do mosteiro dos capuchos d'esta cidade.

O capitão, Ignacio d'Andrade, que, pelos annos 1600 e tantos, era senhor da casa das Lages, recolhia n'ella os religiosos de Valle de Piedade (Gaia, em frente do Porto) e os influiu para que fundassem mosteiro em Penafiel; e, com effeito, em 1665, escolheram um terreno, junto á *Prêza dos Pellames*, que era fóra (ao N.) do logar da Arrifana, e pertencia a Gonçalo da Silva, escrivão dos orphãos, e a umas mulheres, alcunhadas *as Cantadeiras*, que—nem elle nem ellas—quizeram ceder as propriedades; mas os frades, alcançaram provisão do rei, D. Affonso VI, para a expropriação.

Estando os frades de posse dos terrenos, os mesarios da Santa Casa da Misericordia, lhes deram licença para residirem, temporariamente, na capella de Nossa Senhora das Dôres, e casa do hospital, para d'aqui darem principio ás suas obras.

Foi lançada a 1.ª pedra do mosteiro, com grande solemnidade, a 27 de janeiro de 1666.

D. Francisco d'Athaide, senhor donatario da honra de Barbosa, e que então era general das armas, da provincia do Minho, fez á sua custa, a capella-mór, dotando-a com 30$000 réis de renda annual (que então era uma avultada quantia) para a sua fabrica; e o necessario azeite para a alampada.

Estas rendas foram impostas em uma abbadia do seu padroado, no arcebispado de Braga; e cujas rendas os frades sempre receberam até 1834.

Os descendentes de D. Francisco d'Athaide, tinham o seu jazigo n'esta capella-mór, e muitos d'elles lá foram sepultados.

No arco cruzeiro estão as armas dos senhores de Barbosa.

—

Quinta da Senhora da Guia

Antigamente, *Quinta das Quintans*.

E' propriedade de muito valor, e tem uma capella (cuja padroeira deu o moderno nome á propriedade) e umas boas casas antigas.

Seus antigos proprietario, ha cousa de um seculo que alli não residiam.

O sr. Francisco de Souza Alcoforado, da casa da Silva, da villa de Barcellos, o ultimo dos proprietarios da familia dos antigos senhores da quinta, a vendeu, pelos annos de 1840, ao sr. João Bernardo Vaz Guedes de Barbosa e Veiga, por 9:900$000 réis, para satisfazer a legitima a seu irmão, Augusto de Souza Alcoforado, que está casado em França.

O seu ultimo (actual) possuidor, tem consideravelmente melhorado esta quinta, que, de mais a mais, está contigua á quinta da Vinha, onde o sr. Veiga actualmente reside; e tambem proxima a outra sua quinta, no logar de *S. Thiago;* e á riquissima *quinta da Fôlha;* que tem uma bôa casa antiga, com capella, e era um dos vinculos d'esta nobre e antiga familia.

—

Quinta da Avellêda

Residencia da nobilissima familia Guedes, que tem um bello palacio, no largo da Batalha, na cidade do Porto.

Aqui vinha passar o verão, José Anastacio, com a sua familia: depois, seu filho, Manuel Guedes da Fonseca, e sua esposa, a sr.ª condessa de Pangim—ainda viva.

Hoje é seu proprietario o sr. Manuel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa; o qual tem aqui feito grandes bemfeitorias, e ampliado muito a propriedade, unindo-lhe outras, de muito valor, que para isso tem comprado.

Seu pae lhe mandou fazer o muro de cantaria lavrada, em uma parte d'ella; mas possuem um territorio tão vasto, que não é possivel murar tudo.

Passa-lhe pela frente (S.), a estrada velha do Porto, e pelo N., a banha o rio Souza.

Pelo centro d'esta immensa propriedade, passa a estrada de ferro do Douro.

Está sendo hoje uma das mais ricas e grandes propriedades da provincia.

Ha ainda em Penafiel e seu termo, varias outras casas, de familias nobres e antigas, que umas, não menciono, por não obter d'ellas esclarecimentos; outras, porque vão nas freguezias onde estão situadas.

—

Era natural d'esta cidade, *Antão Garcez Pinto de Madureira*, tenente general do exercito portuguez, que serviu durante a guerra peninsular, e foi o 1.º barão da Varzea do Douro (quinta sobre a margem direita da rio d'este nome, pouco abaixo do Castello de Paiva, e a 35 kilometros ao E.N.E. do Porto, na freguezia da Varzea do Douro, do extincto concelho de Bemviver, e extincta comarca de Soalhães—hoje comarca e concelho de Marco de Canavezes, bispado e districto administrativo do Porto.)

Quando ainda era capitão do antigo batalhão de caçadores n.º 4, foi padrinho, do baptismo, do auctor d'esta obra (em 24 de novembro de 1816.)

E' actual (2.º) barão da Varzea do Douro, feito em 16 de julho de 1846, seu filho, o sr. José Garcez Pinto de Madureira.

O 1.º barão d'este titulo, falleceu em Penafiel, a 2 de maio de 1863 (Vide *Varzea do Douro.*

—

São tambem naturaes d'esta cidade:

O doutor José Teixeira de Souza, corregedor e chanceller da relação e casa do Porto.

Sua mulher, *D. Francisça de Paula da Conceição Grelho e Souza*, foi a fundadora do *Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José, das meninas desamparadas*, do Postigo do Sol, na cidade do Porto.

Quando, em 29 de março de 1809, Soult e as suas hordas buonapartistas, entraram no Porto, causando a morte a mais de 4:000 pessoas, de ambos os sexos e de todas as edades, ficaram abandonadas pelas ruas e praças publicas, entre centenares de infelizes, muitas meninas, que aquella horrivel mortandade tinha deixado sem paes, irmãos ou parentes.

D. Francisca, senhora em quem, a par de todas as virtudes christans, sobresahia a da caridade, commovida com tão lugubre espectaculo, recolheu em sua casa, quantas encontrou ou lhe enviaram.

Obteve, por esmola, uma casa da marqueza d'Abrantes, ao fim da rua de Cimo de Villa, e principio da rua Chan, em frente do chafariz [1] onde recolheu, vestiu e alimentou desde logo, e á sua custa, 80 meninas.

Mas a caridade d'esto santa senhora, era muito superior as suas rendas, e, passados tempos, não podia occorrer ás grandes despezas que demandava um tal estabelecimento.

A grande alma de D. Francisca, não trepida ante este terrivel obstaculo, e as queridas filhas do seu coração, não hão de soffrer a minima falta.

Vae de porta em porta, implorando a caridade publica, e com as esmollas, e com as suas rendas, póde occorrer a todas as necessidades da casa.

Ficando viuva, veiu para o recolhimento, tratando sempre as suas protegidas, como mãe desvellada e carinhosa, e aqui falleceu a 27 de abril de 1832.

Foi um dia de lucto geral para os portuenses.

Por provisões regias, de 8 e 25 de outubro de 1819, D. João VI, se declarou protector d'este recolhimento, concedendo-lhe auctorisação para adquirir bens de raiz.

Por decreto de 22 de julho do 1822, doou o mesmo soberano, a este estabelecimento, 12 contos de réis, em apolices de novos emprestimos, para seu fundo, e que hoje estão convertidas em inscripções de 3 por cento, da junta do credito publico.

Por uma portaria de 10 de julho do mesmo anno de 1822, ficou o estabelecimento a ser governado por uma commissão, nomeiada pelo rei, composta de tres membros, sendo presidente nato, o prelado da diocese,

[1] A esta casa, inda hoje se chama *Paço da Marqueza.*

Esteve depois alli, o collegio dos meninos orphãos, que hoje está no logar do Pinheiro, da freguezia de Campanhan.

Hoje, que já não estamos nos infelizes tempos do obscurantismo, tem esta casa muito mais util applicação: no andar terreo, está uma taberna, e no andar nobre, uma casa de *batota*.

tendo por adjuntos, um doutor promotor fiscal, e um thesoureiro, que desempenham gratuitamente estes cargos.

Por carta regia, de 30 de maio de 1825, deu D. João VI ao recolhimento, uma casa, com quintal e agua, que era propriedade da corôa, na, hoje chamada *rua da Batalha* (em frente e ao S.E. do Postigo do Sol, que se anda a demolir) para perpetua residencia das recolhidas.

Os estatutos em vigor, foram approvados pelo mesmo rei, a 22 de dezembro de 1825,

E' propriedadn do recolhimento, a casa da residencia do capellão.

Não possue outros bens de raiz actualmente.

No fim do anno de 1830, se principiou a construcção da formosa capella de Nossa Senhora das Dores e S. José, unida e ao S. do edificio do recolhimento; porém, como era feita á custa de esmolas, eventuaes, hiam as obras vagarosamente, e pararam de todo, durante a malfadada guerra civil, de 1832 a 1834.

Só se concluiu, em 1842.

—

Antonio de Mello, e *Marcellino de Mello* (irmãos). Foram ministros de estado.

—

O desembargador Victorino José Botelho dos Reis — presidente da *alçada*, do Porto, em 1828.

—

Antonio Vieira de Meirelles (do qual já fallei) doutor em medicina, e lente d'esta faculdade, na universidade de Coimbra, que falleceu de 34 annos de edade.

—

O padre Antonio Benicio de Figueiredo Magalhães Saraiva, que nasceu em 1802, e ainda vive. É um nobre coração, um clerigo exemplarissimo, e muito curioso investigador das antiguidades da sua terra.

—

Na *quinta de S. Thiago*, freguezia do mesmo santo, hoje annexa a Penafiel, nasceu e morreu, o *padre Custodio Moreira*, poeta distinctissimo. Escreveu muito, mas, pouco antes do seu fallecimento, queimou todas as suas obras, escapando apenas, cópias de algumas poesias, que estavam em poder dos seus admiradorres; e muitas cantigas populares, que elle ensinava aos operarios, para se distrahirem, durante as horas do trabalho.

—

O bacharel Francisco Diogo — seu irmão, *José Diogo*, e seu sobrinho, *Carlos de Magalhães*, foram poetas mui distinctos.

—

Tambem se distinguiu, pelas suas bellas poesias, *José Gomes*.

—

O doutor Antonio d'Almeida, formado em medicina, era natural de Coimbra, porém exerceu a sua arte em Penafiel, por mais de 50 annos, e aqui falleceu. Era homem de grande instrucção, grande investigador de antiguidades; e tinha uma boa livraria, parte da qual, o *padre Antonio Victorino d'Almeida*, deu ao lyceu do Porto; dando tambem valiosos donativos a quasi todos os estabelecimentos de beneficencia da mesma cidade: tendo já dado avultadas esmolas a differentes confrarias de Penafiel, principalmente á ordem terceira do Carmo. Viveu sempre com a mais rigorosa econonomia, para empregar o remanescente das suas rendas, em obras de caridade.

—

O doutor Paulo Guedes, natural de *Lamélla* (ou *Alamélla*), da freguezia de Penafiel. Era formado em direito e seguiu a magistratura, sendo em 1834, corregedor em Bragança.

Era um homem de bem, e um rico proprietario. Teve só duas filhas, uma, que morreu solteira, e outra, que casou com o sr. Luiz Paulino Pereira Pinto d'Almeida, da aldeia de *Midões*, sobre a margem esquerda do Douro, na freguezia da Raiva, concelho do Castello de Paiva, que já era um dos mais ricos proprietarios do concelho, e que ficou riquissimo, por ser o unico herdeiro de seu sogro.

—

Antonio Teixeira (o *do Penêdo*), que, sem lições de mestre, foi um esculptor e pintor insigne. É obra sua, a imagem do Senhor dos Passos, que vae na sua procissão, repu-

tada uma obra prima no seu genero. Tamfez muitas das imagens que adornam varias egrejas e capellas, da cidade e arredores; muitos quadros de grande merecimento, distinguindo-se o retabulo do altar do Santissimo Sacramento, da egreja matriz — o da Senhora da Conceição, na egreja que foi dos capuchos—e os da Fé, Esperança e Caridade, da Misericordia. Tambem era obra sua, o de Nossa Senhora da Ajuda; porém, ha poucos annos, sendo *retocado* por um pintor de cancellas, ficou perdido.

—

É producção d'este notavel artista, a pintura do tecto, e o retabulo do altar-mór, da egreja de Bitarães, representando a *Ceia* — isto é — a instituição do Santissimo Sacramento.

O tecto da capella-mór, é obra de outro pintor, que, apezar de não ser ignorante na arte, era muito inferior a Teixeira.

—

Frei Bento (que falleceu em 1833)—Aprendeu, em rapaz, o officio de alfaiate, e depois de frade, fez-se torneiro, fazendo obras de grande merecimento artistico. As flautas por elle obradas, eram tão perfeitas e tão bem afinadas, que se vendiam no Porto, por inglezas.

—

Havia aqui um individuo, que parecia idiota, e se occupava em fazer presepios, com a maior perfeição, existindo ainda muitos d'elles em poder de particulares, e um na egreja de Bitarães.

—

Ha em Penafiel differentes industrias, sendo a principal, a fabricação de sellas, sellins, albardas, e mais arreios para cavalgaduras, que se exportam em grande quantidade.

Mas, a industria que mais celebrisou a terra, foi a fabricação de candeias de ferro, estanhadas, sahindo d'esta cidade, annualmente, muitos centos de milheiros d'ellas, que invadiam todos os mercados do reino, hindo ainda abastecer os estrangeiros.

Chegaram a haver perto de 30 forjas, com 30 bigornas, que davam que fazer a 4 pessoas, cada bigorna—tudo a fazer candeias!

De 1820 por diante, alguns officiaes (*candeieiros*) se foram estabelecer em Paredes de Aguiar de Souza, no Porto e até em Lisboa.

Com a descoberta do petroline, decahiu muito esta industria: mesmo assim, em 1874, só um negociante d'aqui, exportou, de uma vez, para o estrangeiro 200:000 candeias, por não ter mais n'aquella occasião!

Outra industria d'esta cidade é a factura de sóccos (tamancos.)

Apezar de já haver muitos officiaes d'este officio pela provincia e immediações, ainda se exportam muitos tamancos, que são justamente reputados os mais bem acabados do reino.

Eu comprei aqui, na feira, em 1860, um par, por meia libra; mas tem-se vendido muitos a 4$500 réis cada par!

Tambem aqui se fabricam, para a terra e para exportação (para o Porto, Lisboa e Brasil) muitos milheiros de pares de botas e sapatos.

Tanto este genero como o antecedente (tamancos) teem sido, pela sua perfeição, premiados, na exposição industrial do Porto, na de Paris, na de Londres, e na de Vienna de Austria.

—

N'esta cidade e em todas as freguezias que lhe ficam ao S., até ao Tâmega, se fabrica optima linha e finissimas teas de linho, o melhor que se conhece, egualando em finura, brancura e qualidade, o de Paiva e Arouca.

—

Do territorio de Penafiel—principalmente das ribeiras (campos) dos rios Souza, Mesio, e Cavallum, se exporta para o Porto e outras localidades, grande quantidade de carradas de milho.

—

Até á invasão do oidium tukeri, era muito abundante a colheita do vinho—todo verde, mas algum excellente,

Com esta molestia das vides, e com a dos castanheiros, em que ellas se apoiavam, diminuiu muitissimo esta producção.

—

O concelho de Penafiel, cria e exporta

enorme quantidade de gado, de toda a qualidade—especialmente bovino.

A fabrica de cortumes em que já fallei, estabelecida em 1859, foi premiada na exposição industrial do Porto, em 1861.

Ha uma fabrica de sabão, das primeiras estabelecidas em Portugal, desde a extincção do monopolio.

Os seus productos são excellentes, porque o seu proprietario, o sr. Simão Rodrigues Ferreira, mandou vir optimos artistas de Hespanha, para ensinarem os Portuguezes.

Ha poucos annos se estabeleceram aqui algumas fabricas de cotins, cujo genero já se exporta.

—

A egreja matriz de Bitarães, é uma das mais lindas da provincia.

Foi mandada fazer por um abbade da freguezia, que estabeleceu um legado, para haver uma missão, de 7 em 7 annos.

—

Tenho ainda em meu poder muitos apontamentos pertencentes a esta cidade, que não publico, por os julgar de menos importancia, e com receio de fatigar o leitor, com um artigo, que já vae summamente extenso. Nas palavras *Penoucos*, *Romariz*, *São Pedro de Ferreira*, *São Thiago dos Milagres* e *Villa Buim*, mencionarei ainda mais algumas curiosidades que podiam hir em Penafiel.

PENALVA D'ALVA—villa, Douro, concelho d'Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (foi cabeça do concelho do seu nome, da comarca de Gouveia) 48 kilometros de Coimbra, 250 a N.E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 221 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 6 verso, col. 2.ª)

Está a villa situada na margem direita do rio Alva, que lhe dá o nome (vol. 1.º pag., 168, col. 2.ª) em um profundo valle, e seus arrabaldes são ferteis em todos os fructos do paiz.

Cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

É povoação bastante antiga; mas não se sabe quando nem por quem foi fundada; nem existem monumentos que attestem a sua antiguidade.

Não tem edificios dignos de nota.

Não encontrei em livro algum, outras noticias d'esta terra; e, tendo-as pedido ao reverendo parocho, ha mais de um anno, ainda até hoje se não dignou responder-me.

Provavelmente aconteceu o mesmo ao padre Carvalho, quando escreveu a sua *Chorographia*, com o vigario de então, visto que tão laconico foi na descripção d'esta villa.

Foi cabeça de concelho por mais de 300 annos, sendo supprimido em 1853.

—

Foi n'esta villa o solar dos Velasques, appellido nobre em Portugal, cuja familia veiu de Hespanha.

Durante o curto reinado de D. Sebastião, veiu para este reino D. João Velasques de Alarcão.

Foram seus descendentes, D. Manuel Caetano Velasques Sarmento de Vasconcellos, que fundou o seu solar no Espinhal, termo da cidade de Coimbra—e D. José de Alarcão de Castro Sármento, que estabeleceu o seu solar n'esta villa de Penalva d'Alva, que era então da comarca de Viseu.

As armas dos Velasques, são:

Em campo de prata, 13 rodellas, asues, em tres pallas (5 no centro, e 4 aos lados) —orla de púrpura, carregada de 8 aspas de ouro (como os Azevedos.)

Èlmo d'aço, aberto, e por timbre, um leão de púrpura, armado de preto.

—

Não se deve confundir o appellido Velasques com o de Velasco.

Este veiu das Asturias, na pessoa de D. Anna Velasco, que em 1602 casou com D. Theodosio II, duque de Bragança, e foi mãe de D. João IV.

Alem do appellido Velasco, vindo a Por-

tugal com esta senhora, outros Velascos para cá vieram; porém, frei Manuel de Santo Antonio não diz quem.

As armas provenientes da tal duqueza de Bragança, são:

Escudo escaquetado de ouro, e veiros de prata e azul, de tres peças em faxa e 5 em palla.

Timbre, um leão de ouro, veirada das mesmas côres, lampassado de púrpura.

Os outros Velascos, trazem por armas:

Escudo xadresado de verde e prata, orla do mesmo, carregada de castellos d'ouro, e leões de púrpura, alternados.

O timbre antecedente.

PENALVA DO CASTELLO—denominação legal de um concelho, pertencente á comarca de Mangualde, no bispado, districto administrativo e 16 kilometros ao N. de Viseu.

Esta villa, constituia uma pequena parochia, que tinha por orago, S. Gião (S. Julião) porém ha mais de 200 annos pertence á freguezia do Castello de Penalva. (Vol. 2.º, pag. 186, col. 1.ª)

Vide tambem *Castendo*, no mesmo vol., a pag. 199, col. 2.ª no fim.

—

O concelho de Penalva do Castello, é composto de 12 freguezias, todas do bispado de Viseu—e são:

Antas de Penalva, Castello de Penalva, Esmolfe, Germil, Insua de Penalva, Luzinde, Maréco, Pindo, Real, Sezures, Trancozellos, e Villa Cova do Côvello—todas com 2:600 fogos.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 14 de abril de 1516 (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 151, col. 1.ª)

O padre Carvalho diz que D. Sancho II lhe deu foral em 1240; porém Franklim não o mencioua.

—

Foram estes sitios povoados desde tempos remotissimos, por tribus pré-historicas; o que se prova, não só pelo nome de *Antas*, dado a uma freguezia proxima da villa. (*Antas de Penalva*—1.º vol., pag. 221, col. 1.ª) onde existiram muitos dolmens; como porque ainda por aqui existem outros monumentos pre-celtas.

O mais notavel d'elles, é um dolmen, junto do logar das Antas, que Mendonça e Pina diz ser muito maior do que o de Guilhafonso, junto da cidade da Guarda.

O padre José Gaspar Simões, diz que em 1753, hindo do logar de Sobral-Pichôrro, para Viseu, perto d'Antas de Penalva, viu á direita da estrada, a pouca distancia d'ella, um *altar* levantado, com sua mêsa em cima — com a mesma forma do de *Pêra de Môço* e quinta do Carvalhal, hindo da Guarda para Pinhel.

—

É preciso vêr a palavra *Sepulchro*, onde se dão mais algumas noticias d'esta terra, curiosas pela sua antiguidade.

—

Tambem foi povoação romana, o que consta, não só da tradição, como tambem de uma inscripção latina, esculpida em uma pedra de finissimo marmore, e em caracteres bellissimos, que existiu no quintal dos abbades de Penalva. Diz assim:

RVFO. FVSCI. F. A-
NNORVM. XXV.
FVSCVS. ALBINI.
FILIO. SVO. III. SIBI.

(Fusco, filho de Albino, de 25 annos de edade, fez construir este tumulo para si, e para seu filho, que morreu de tres annos.)

—

Diz-se que o nome d'esta villa provém de um antiquissimo castello, fundado sobre uma penha, imminente ao rio *Om* (hoje *Dão*). Vide *Sepulchro*.

Outros dizem que este castello estava edificado sobre uma penha, na margem do rio Alva; o que é mais verosimil, se attendermos ao nome da terra. Em todo o caso, d'este castello não existe o menor vestigio.

Consta que nasceu n'esta villa, o padre frei Rodrigo de Penalva, companheiro de S. João da Matta, e fundador do convento de Segovia.

—

O logar do *Casal das Donas*, grande, formoso e salutifero, está situado em uma apra-

zivel veiga, d'esta freguezia, que é do arciprestado de *Pena-Verde*. Ha aqui a capella de Nossa Senhora da Consolação (vulgarmente, do *Coval*) que consta ser mais antiga do que a nossa monarchia.

É ampla, e n'ella tinham sepultura os que morriam no referido logar.

Fica proxima e ao O. da povoação, em uma planicie fertil, e adornada de differentes arvores; ficando-lhe ao N. a alta serra das Antas, que abriga dos temporaes a ermida e o valle. Dão á sua padroeira tambem o nome de *Senhora do Coval*, por estar proxima ao logar d'este nome.

Esta ermida era pequena no seu principio, e tinha um eremitão, apresentado pelos abbades da freguezia. Foi demolida, e reedificada e ampliada, pelos annos de 1710, e é de boa architectura, com capella-mór, dividida do corpo da egreja por um formoso arco de cantaria, tendo de cada lado uma bonita capella. Tem um bom pulpito, e optima sachristia.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura e com 1^{m},10 de altura.

Tem uma irmandade, que lhe faz a festa, no dia da Assumpção da Santissima Virgem, e que é sempre concorridissima.

Além d'esta solemnidade, que é a principal, se lhe fazem outras, por voto, em acção de graças, pelo decurso do anno.

A irmandade de Nossa Senhora da Consolação, não tem numero certo de irmãos. Foi erecta em 1670, e confirmados os seus estatutos, pelo bispo de Viseu, D. Manuel de Saldanha. Foi instituida com auctoridade do papa Clemente X, por breve de 1672, approvado pelo doutor Duarte Pacheco de Albuquerque, governador e provisor d'este bispado; e depois, confirmado pelo bispo, D. Jeronymo Soares.

Os irmãos teem muitas indulgencias, concedidas por breves apostolicos, em varios dias do anno.

Tem (tinha) a Senhora varias propriedades, deixadas por devotos, e administradas pela mesa da irmandade, cujos rendimentos eram applicados para a fabrica da capella.

A irmandade compunha-se de moradores d'esta freguezia e da de Real.

Antigamente havia aqui missa em todos os domingos e dias sanctificados.

—

É na freguezia da Insua, d'este concelho, o solar da nobilissima familia Albuquerque Mello Pereira e Cáceres, de que amplamente tratei no 5.º volume, a pag. 271, col. segunda e seguintes, para onde remetto o leitor.

Marquezes de Penalva

O sr. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, 3.º e actual marquez de Penalva, é o herdeiro e representante das nobilissimas familias dos seus appellidos — isto é — dos condes de Tarouca, dos condes de Villar-Maior, dos marquezes de Alegrête e dos marquezes de Penalva.

A paginas 90, col. 2.ª, do 1.º volume, disse que D. João IV fez conde de Alegrête, a Mathias de Albuquerque, em premio da sua bravura na batalha de Montijo, ganhada em 26 de maio de 1644.

D. Pedro II, por carta regia de 19 de agosto de 1687, fez marquez de Alegrête, a Manuel Telles da Silva, 2.º conde de Villar-Maior.

Silva é um dos mais nobres appellidos de Portugal, por serem os Silvas descendentes dos reis de Leão.

D'esta familia fallarei mais detidamente em *Villar-Maior:* aqui só direi que são ramos da mesma esclarecida procedencia os que vem dos marquezes da Fronteira, marquezes de Vagos, marquezes de Rézende (Brasil), marquezes de Gouveia, condes de Coculim (villa, da comarca de Salsete, na India), condes d'Aveiras, condes de S. Lourenço, condes de S. Thiago (de Beduido), condes de Sarzedas, condes de Unhão, condes de Tarouca, condes de S. João da Pesqueira, viscondes de Villa Nova da Cerveira, e outros muitas casas titulares, e nobres familias das principaes d'este reino.

Em *Tarouca* tratarei dos seus condes.

Fallemos agora, especialmente, da casa de *Penalva*.

Por carta régia, de 7 de fevereiro de 1750, fez D. João V, marquez de Penalva (o 1.º) a D. Estevam de Menezes, 5.º conde de Tarou-

ca, sob a condição de que os primogenitos dos marquezes, se intitulassem condes de Tarouca, em vida de seus paes — tudo de juro e herdade, na fórma da *lei mental.*

A varonia d'esta casa vêr-se-ha em *Tarouca.*

O actual sr. marquez de Penalva, é neto do conde de Villar-Maior, representante da casa dos marquezes d'Alegrete, o sr. Manuel Telles da Silva, e da sr.ª D. Eugenia de Menezes, herdeira do marquezado de Penalva.

Por este casamento se uniram as casas de Alegrete, Villar-Maior, e Penalva.

A *quinta da Lapa*, na freguezia de *Monte-Redondo*, concelho de Torres-Vedras, propriedade dos srs. marquezes de Penalva, era um vinculo da casa de Alegrête. Vide *Torres-Vedras.*

Foi o sr. Manuel Telles da Silva, 2.º marquez de Penalva, e um fidalgo de vastissima intelligencia, e prodigiosa memoria. Foi camarista de D. Maria I, e deputado da Junta dos Tres Estados.

Escreveu e publicou, dois opusculos — *Dissertação a favor da monarchia*—e—*Obrigações do vassallo.* Em ambos se revela grande fundo de conhecimentos, e decidido amor ás ideias monarchicas. Além d'estas obras, deixou uma collecção de obras asceticas, repassadas dos sentimentos piedosos de um fervoroso catholico, e denotando muito estudo e erudição nas sagradas lettras.

—

Foi 3.º marquez de Penalva (filho do sr. Manuel Telles da Silva, e pae do actual) o sr. Luiz Telles da Silva, marquez d'Alegrête.

Seguiu a vida militar, e chegou ao posto de tenente-general. Foi governador das capitanias generaes, das provincias de S. Paulo, e Rio-Grande, no Brasil; servindo o seu rei e a sua patria com a maior honradez, zêllo e desinteresse. Foi tambem conselheiro de guerra e camarista de D. Maria I e, depois, de D. João VI.

Era um verdadeiro e pondunoroso portuguez, e um militar distinctissimo.

O 4.º marquez de Penalva (o actual) é filho do antecedente. Seguiu a vida militar, sentando praça em cavallaria. Foi feito alferes d'esta arma, em 16 de outubro de 1833, e tenente do estado maior do exercito, em 12 de março de 1834. Como brioso militar portuguez, seguiu sempre a bandeira que jurára defender, acompanhando o sr. D. Miguel I e o exercito realista, até Evora-Monte, onde convencionou.

Nascendo (em Heubach, a 5 de agosto de 1852) a serenissima princeza, a sr.ª D. Maria das Neves, filha do sr. D. Miguel I, e da sr.ª D. Adelaide Sophia, princeza de Loewenstein-Werthein de Rosemberg, [1] foi o sr. marquez de Penalva visitar o seu rei á Allemanha, e dar-lhe os parabens.

Em 15 de setembro de 1834, casou com a sr.ª D. Eugenia d'Aguilar e Almeida Monroy e Mello Azambuja e Menezes, 12.ª neta e representante do heroe legendario, Duarte de Almeida, o *Decepado* (pag. 398, col. 2.ª d'este volume) e da familia do Santo frei Gil, de Vousella, cujas reliquias possue e venera, na capella da sua casa, na rua dos Lagares freguezia de Santo André, da cidade de Lisboa.

Para o palacio dos marquezes d'Alegrête, em Lisboa, vide 4.º vol., pag. 136, col. 1.ª

PESSOAS DA CASA E FAMILIA DOS MARQUEZES DE PENALVA, QUE HONRARAM A PATRIA E A FAMILIA, POR VIRTUDES E LETRAS

José Telles da Silva, lente de Direito na universidade de Coimbra — dotado de uma prodigiosa memoria, e do coração mais bemfazejo.

As Madres, Marianna de Menezes, e Thereza de Menezes — religiosas de eminente virtude, no convento de carmelitas de Carnide.

A M.ᵉ Isabel Telles — religiosa de grande virtude, no convento da Madre de Deus, de Lisboa, onde entrou, por impulso do céo, na edade de 7 annos, insistindo na sua entrada, e dizendo a seus paes, que Nossa Senhora a chamava.

A M.ᵉ Marianna Josefa Telles — religiosa, no convento das Sallecias, de grandes virtu-

[1] A sr.ª D. Maria das Neves, casou, em 25 de abril de 1871, com o serenissimo sr. infante D. Affonso Maria de Bourbon e Bragança, irmão do sr. D. Carlos VII, de Hespanha.

des, reunindo a estas, muito talento, muita instrucção, muita graça, e o trato mais amavel e bondoso.

—

A familia Penalva tem a honra de descender da rainha Santa Isabel, e de S. Francisco de Borja.

—

O sr. marquez de Penalva, é 7.º neto e representante por varonia, de Fernando Telles da Silva, conde de Villar Maior, um dos 40 fidalgos da revolução do 1.º de dezembro de 1640; o qual, com seu irmão, Antonio Telles da Silva, foi armado para tão gloriosa empreza, por sua heroica mãe, D. Maria de Lencastre.

Descende tambem por varonia, do famoso D. Duarte de Menezes, o heroico defensor de Ceuta e Alcacer, na Africa.

—

Em 8 de abril de 1875, falleceu em Lisboa, o sr. Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Rézende (no Brazil) e tio do sr. marquez de Penalva.

Era filho de Fernando Telles da Silva Caminha Menezes, 3.º marquez de Penalva, e 7.º conde de Tarouca, e da marqueza D. Maria Rosa d'Almeida, da casa de Lavradio; e nascera a 22 de setembro de 1790.

Fôra para o Rio de Janeiro com a corte de el-rei o sr. D. João VI; e o sr. D. Pedro, depois de tornar o Brasil independente de Portugal, o fez marquez de Rézende, villa do imperio.

O sr. marquez de Rézende, servindo na carreira diplomatica, representou o Brasil em differentes côrtes.

Quande o sr. D. Pedro abdicou a coroa do Brazil, o sr. marquez deixou o serviço publico e se recolheu a Portugal.

Aqui foi camarista de sua magestade a imperatriz do Brasil, ha pouco fallecida.

Tinha as gran-cruzes das ordens da Torre e Espada, da de Christo do Brazil e da corôa de ferro na Austria; e era socio correspondente da academia real das sciencias, de Lisboa.

Mereceu sempre no maior grau a estima dos principes a cujo serviço esteve, e recebeu sempre as maiores provas de consideração da familia real portugueza.

Quando falleceu a imperatriz viuva do Brasil, o sr. D. Fernando offereceu-lhe aposentos no seu palacio. E ultimamente, el-rei o sr. D. Luiz, sabendo que adoecêra, quiz que fosse recolhido ao paço da Ajuda.

Cultivou as lettras desde os mais tenros annos.

Deixa alguns escriptos. Entre outros:

Elogio historico de sua magestade imperial o sr. D. Pedro, duque de Bragança, pronunciado na academia das sciencias de Lisboa, em sessão ordinaria de 13 de julho de 1836; Observações ácerca de uma passagem da oração funebre de sua magestade o imperador do Brazil, o sr. D. Pedro IV como rei de Portugal e duque de Bragança, recitada pelo sr. arcebispo eleito de Lacedemonia; Descripção e recordações historicas do paço e quinta de Queluz.

Actualmente estão no prelo duas obras importantissimas do sr. marquez, illustradas pelos srs. Pedroso e Alberto.

Era um ancião muito respeitavel, profundo conhecedor da lingua latina, muito sociavel, muito esmoler e muito estimado de todos quantos o conheciam.

—

Vide *Penamacor*, nos titulos dados por D. Philippe IV, e que D. João IV annulou—e *Tarouca*.

PENAMACOR—villa, Beira Baixa, cabeça do antiquissimo concelho do seu nome, na comarca e 30 kilometros ao N. de Idanha-Nova, 45 kilometros ao S. da Guarda, 50 ao N.E. de Castello Branco, 90 a E. de Viseu, 32 a E. da Covilhan, 30 a E. do Fundão, 22 ao S. do Sabugal, 14 ao O da raia de Hespanha, 260 a E. de Lisboa.

Tem 600 fogos, hoje em uma só freguezia, de que é orago, Santa Maria do Castello, ou Nossa Senhora da Penha (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Em 1757, tinha trez freguêzias:

S. Pedro, apostolo — a mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis.

Tinha 85 fogos.

Santa Maria do Castello, ou Nossa Senhora da Penha — o papa apresentava o prior, que tinha 80$000 réis.

Tinha 85 fogos.

S. Thiago, apostolo—a mitra apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

Tinha 695 fogos.

Vinha esta villa a ter, em 1757, 865 fogos: mais 265 do que actualmente.

—

O concelho de Penamacor é composto de 12 freguezias, com 2:300 fogos.

Nove pertencem ao bispado da Guarda—são:

Aguas, Aldeia do Bispo, Aranhas, Bemquerença, Meimão, Meimôa, Pedrogam, Penamacor, e Valle de Lobo.

Tres no bispado de Castello Branco — são:

Aldeia de João Pires, Bemposta e Salvador.

—

Tem feira, a 28 de agosto, 21 de setembro, e 30 de novembro.

—

E' uma das mais antigas povoações do reino, pois se attribue a sua fundação, aos turdulos, 4 ou 5 seculos antes da era christan.

No tempo dos romanos, dos godos e dos arabes, foi uma povoação importante, mas soffreu muito com as diuturnas guerras da edade media.

Tem um castello antiquissimo, que, segundo uns, foi construido pelos romanos, e segundo outros, pelos mouros; porém achando-se muito damnificado pelo tempo e pelas guerras, o grão mestre da ordem dos templarios, D. Gualdim Paes, reedificou e ampliou muito os seus grossos muros, e construiu a torre de menagem, em 1180.

D. Sancho I tambem fez algumas obras de defeza, em 1189. [1]

E' tão ampla esta fortaleza, que a freguezia de Santa Maria (por isso chamada do Castello) estava toda dentro das suas muralhas.

Crescendo rapidamente a população, se estendeu em redor do castello, e o rei D. Diniz, pelos annos 1300, cercou a nova povoação com uma outra linha de muralhas com suas torres e barbacans.

Hoje está tudo desmantellado; restando apenas alguns lanços de muralhas, o forte junto á casa da camara, cinco baluartes, parte da torre de menagem, e uma porta da circumvalação exterior, chamada do *Monturo dos Negros*.

—

D. Sancho I lhe deu oral, com o titulo de villa, e com grandes privilegios, honras e isenções, em Coimbra, em 1199, o qual ratificou e ampliou por outro, datado da mesma cidade, em março de 1209.

Seu filho, D. Affonso II, o confirmou, tambem em Coimbra, no mez de novembro de 1217.

(Maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 7, col. 1.ª—e no *livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 36 v., col. 2.ª—Está impresso no tomo 3.º das *Dissertações chronologicas*, a pag. 156.)

Já antes d'estes foraes, tinha outro, dado por D. Gualdim Paes, em 1180—ao qual chamavam *Livro das portagens*, e que está na Torre do Tombo, livro 46 de tombos, armario 17, fl. 84 v.

D. Manuel lhe deu foral novo, ratificando e confirmando em tudo os antigos, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 21 v., col. 2.ª)

Este foral serve tambem para Aranhas e Cabeças de Rei.

—

Alguns escriptores dizem que nasceu n'esta villa o famoso rei godo, Wamba, que governou a Peninsula desde 672 até 682, e adoptando Ervigo, o fez acclamar soberano, mettendo-se Wamba em um mosteiro, onde professou.

[1] Viterbo diz que foi em 1199. Vide *Barrários*, no 1.º vol., pag. 338, col. 1.ª, no fim.

Alguns escriptores dizem que as fortificações d'esta praça foram feitas em vida de D. Gualdim Paes; mas por ordem de D. Sancho I.

Em todo o caso, datam do fim do XII seculo, as antigas; porque as modernas foram feitas pelos annos 1650.

E' porém mais geralmente admittido que Wamba nasceu em Idanha a Velha.

—

As armas de Penamacor, são:

Em campo de púrpura, dois crescentes de prata, tendo o superior as pontas para cima, e o inferior, as pontas para baixo.

Do lado direito, uma espada (outros dizem um alfange) com os copos d'ouro, e a ponta virada para cima; e do lado esquerdo uma chave d'ouro, com o annel para baixo.

Os crescentes são mais uma prova de que foi povoação mourisca.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.º

—

A villa está fundada em uma elevação, em redor do seu nobre e vetusto castello, edificado sobre um alto e penhascoso monte, d'onde se gosam formosas e dilatadas vistas.

D. Sancho I, achando esta villa abandonada, a deu aos templarios, que a povoaram em 1180.

—

D. João III fez conde de Penamacor, em 1529, a D. Luiz da Silveira, mas este titulo não se verificou.

D. Philippe IV, deu o mesmo titulo a D. João da Silveira, neto d'aquelle D. Luiz; porém, D. João IV, annullou este titulo, por ser conferido depois do glorioso dia 1.º de dezembro de 1640.

Pela mesma razão, annullou aquelle monarcha, mais os titulos seguintes:

Duques

De Abrantes—dos Banhos (filho 2.º dos duques dos Arcos e Aveiro)—de Caminha—de Estremoz (filho 2.º dos marquezes de Ferreira) — Linhares—e Ciudad-Real (Hespanha.)

Marquezes

De Basto (conde de Pernambuco)—Collares—Penalva (conde de Tarouca [1])—Sardoal (duque de Abrantes)—Trucifal (Soares Alarcão)—Villa Real (Menezes)—Santarem (conde de Atouguia.)

Condes

De Alcanêde—d'Anciães—d'Arada—d'Assentar—de Moura—de Obidos (pela linha de Guadaleste)—de Regalados (Abreu)—de Torres Vedras (Soares Alarcão)—de Vagos (Silva.)

—

Depois, o mesmo rei, D. João IV, e seus filhos, D. Affonso VI, e D. Pedro II, e seus successores, em premio de serviços prestados á patria, na guerra dos 27 annos, restituiram aos mesmos, ou aos herdeiros, os titulos dados por D. Philippe IV, quando já não era rei de Portugal.

—

Penamacor foi por mais de 600 annos uma forte praça de guerra, e ainda antes de 1834, era como tal considerada, tendo sempre de guarnição, um corpo de caçadores, artilheiros e veteranos.

As suas fortificações são muito irregulares, por causa dos accidentes do terreno, e a que d'ellas se conserva em melhor estado, foi mandada construir ou reparar, durante a guerra da restauração.

São cinco baluartes e tres meios baluartes.

—

Tem Misericordia e hospital.

Extra-muros, e ao O.N.O. da villa, está o mosteiro dos frades capuchos.

—

Penamacor foi praça do batalhão de caçadores n.º 4 (depois, regimento de caçadores da Beira Alta) até 1819.

Havendo porém serias desintelligencias entre os officiaes do batalhão e os frades capuchos, o ministro da guerra mandou

[1] O 3.º conde de Tarouca, D. Duarte Luiz de Menezes, foi nomeado por D. João IV, governador de Tanger (Africa.)

Esquecido do seu nome e da sua nobreza, atraiçoou o seu rei e a sua patria, bandeando-se com os castelhanos.

D. João IV lhe tirou todas as honras, titulos, e bens que tinha em Portugal; mas D. Philippe IV o fez marquez de Penalva—que foi o mesmo que se o não fizesse coisa nenhuma.

aquelle para a praça de Castro-Marim, vindo em seu logar, para esta, o batalhão de caçadores n.º 8 (depois regimento de caçadores da Beira Baixa.)

Ambos estes corpos terminaram a sua existencia em Evora Monte; mas Penamacor ainda hoje é praça do batalhão de caçadores n.º 8, creado depois da dissolução do antigo.

Devo aqui mencionar um facto de triste recordação; mas que teve bom resultado, por dar origem a uma lei benefica e por todos urgentemente reclamada.

Em 1848, foram aqui tão barbara e tão atrozmente chibatados cinco soldados de caçadores n.º 8, que dois morreram no quadrado, um no hospital, e os dois restantes, ficaram inutilisados para toda a vida.

Todos os periodicos, sem distincção de côr politica, horrorisados por tão brutal canibalismo, bradaram unisonos contra este degradante e horrivel castigo: e, d'esta vez a voz da imprensa, que era a de todos os portuguezes, foi ouvida pelo governo, que promulgou uma lei, prohibindo as varadas, *no continente*.

Foi muito, mas não foi tudo; porque os soldados da marinha e do ultramar, tambem são portuguezes, e deviam ser contemplados.

—

Nenhuma villa da Beira Baixa, e muito poucas de Portugal tem tão gloriosas tradições e uma historia tão nobre e interessante, como Penamacor.

A sua remotissima antiguidade, os seus condes, as suas numerosas familias de antiga nobreza, o seu vetusto castello, ter sido a séde do antigo bispado de Idanha (a Velha) e o grande numero de homens célebres aqui nascidos, tornam esta villa digna de uma menção muito especial.

—

D. Affonso V, fez conde de Penamacor, a D. Lopo d'Albuquerque, em uma vida.

Em 17 de dezembro de 1844, foi este titulo renovado na pessoa do sr. Antonio de Saldanha d'Albuquerque e Castro Ribafria Pereira, descendente por varonia, do 1.º conde, D. Lopo d'Albuquerque, e do famoso D. João de Castro, 4.º vice-rei da India.

Era o sr. conde de Penamacor, casado com a sr.ª D. Maria Leonor de Mello, da nobilissima familia dos srs. condes de S. Lourenço—e filho de João Maria Raphael de Saldanha e de D. Maria Thereza Braamcamp, tia paterna do sr. conselheiro e ex-ministro, Anselmo José Braamcamp, e 3.ª filha do 1.º barão do Sobral.

E' actual conde de Penamacor, o sr. Antonio Correia de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria Pereira (filho do antecedente) feito em 6 de junho de 1864.

Os condes de Penamacor, estão ligados por parentesco, com as familias dos marquezes de Niza, do Lavradio e de Alvito; condes do Sobral, das Galveias, de S. Lourenço, e de Rézende; viscondes da Asseca, Braamcampos, e outras muitas e nobilissimas familias d'este reino.

De todos os appellidos d'esta familia, tenho tratado n'esta obra, menos do de Ribafria.

Ribafria, é appellido nobre em Portugal, procedente de Gaspar Gonçalves (ou Rodrigues) Ribafria, natural do logar de Ribafria, termo de Cintra, e do qual tomou o appellido.

O rei D. Manuel, o fez seu porteiro da camara, pelos serviços que lhe havia feito.

D. João III, o fez cavalleiro da ordem de Christo e alcaide-mór de Cintra; dando-lhe solar em Ribafria, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1541—e são—em campo verde, uma torre de prata, lavrada de negro, aberta de azulejos de ouro e azul, sobre um contrachefe, de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acantonadas.

Elmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo, na espadua.

—

As senhoras, D. Thereza, e D. Maria da Assumpção, filhas dos srs. condes de Penamacor, foram até 22 de abril de 1876, empregadas do paço da serenissima infanta, D. Isabel Maria de Bourbon e Bragança, que

desde 10 de março de 1826 até 22 de fevereiro de 1828, foi regente do reino.

Fallecendo esta senhora, em Bemfica, pelas 3 ½ horas da tarde d'aquelle dia (22 d'abril de 1876) deixou áquellas duas damas, réis 500$000, a cada uma, em signal de estima e amisade.

—

A pag. 380, col. 2.ª, do 3.º volume, disse já, que Penamacor foi séde do bispado egitanense, desde 715 (provavelmente) até 1202 —pelo menos — servindo de cathedral, a egreja de S. Thiago.

Para evitarmos repetições, remetto o leitor para o logar citado.

Cumpre-me aqui fazer uma ractificação.

Na 1.ª col. da pag. 381, do dito 3.º vol., escapou um êrro typographico, que todos julgarão como tal—foi (tratando-se do bispado de Idanha) nomear-se D. Sadcho III (rei que nunca existiu em Portugal) em logar de D. Sancho I.

Da data de 1199, que alli se vê, é facillimo entender-se que se tratava do rei *Povoador*, que reinou desde 6 de dezembro de 1185, até 27 de março de 1211. E tambem se dá no êrro, por se fallar do pontifice Innocencio III, que governou a egreja de Deus, desde 1198 1216, anno em que lhe succedeu Honorio III.

—

Ha n'esta villa muitas familias nobres, como são, Pinas, Cunhas, Tabordas, Palhas, Pignatelli, e outras, excedendo a todas a casa vinculada, solar dos Pinas Machados, extramuros.

E' seu actual representante, o sr. Francisco de Pina Machado Ferraz Gusmão d'Ornellas, cavalheiro que a uma nobilissima estirpe, reune uma esmeradissima educação, e todas as boas qualidades que adornam um verdadeiro fidalgo portuguez.

O sr. Pina Machado tornou-se notavel por ser accusado de fautor de uma *pavorosa*, -em março de 1875, de que lhe resultou estar seis mezes preso, sahindo afinal absolvido, por falta de provas.

É filho do sr. José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz, que foi tenente coronel commandante do batalhão de voluntarios realistas de Castello-Branco e Penamacôr, convencionado em Evora-Monte. O auctor d'esta obra, teve a honra de servir ás ordens d'este cavalheiro, e é testemunha da sua coragem e patriotismo, como das suas, a todos os respeitos, inapreciaveis qualidades.

Falleceu este sympathico cavalheiro, em Alpedrinha, no fim de junho de 1870.

Pina é um appellido nobre em Portugal, procedente do reino de Aragão.

Piña é uma villa que alli fundou um seu ascendente, e da qual foi senhor e tomou o appellido: sendo esta villa o solar originario dos Pinas. Passou a Portugal este appellido na pessoa de D. Fernão Fernandes de Piña, embaixador de D. Pedro III, d'Aragão (que subiu ao throno em 1276) acompanhando a rainha Santa Isabel, mulher do nosso D. Diniz, em 1282. Foi seu filho, João Pires de Pina, ao qual o nosso rei D. Fernando fez mercê da alcaidaria-mór de Castello de Vide.

As armas dos Pinas, são — em campo de púrpura, um torreão de prata, com tecto, porta e frestas, de ouro, lavrado de negro, sobre um monte verde. Elmo de prata, aberto, e timbre, o torreão das armas.

D. João Alvares de Pina, tambem da mesma familia, veio de Aragão para este reino, e foi valido do nosso D. João I. Seus descendentes trazem por armas — Em campo de púrpura, banda de ouro, carregada de um leão azul, armado de negro, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e pinhas[1] de ouro. Elmo de prata, aberto, e por timbre, uma cabeça de leão, d'ouro, sahindo-lhe da bocca um ramo de pinheiro.

No manuscripto da livraria antiga, do do marquez de Palmella, se acham outras

[1] Pina é corrupção do hespanhol *piña*. O fundador da villa d'este nome, deu-lh'o pela sua semelhança com este fructo. É por isso que os Pinas trazem pinhas nas suas armas.

armas dos Pinas, assim construidas — Em campo de púrpura, banda azul,[1] filetada de ouro, carregada de um leão, do mesmo, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata (mas sem as pinhas d'ouro). O mesmo élmo e timbre.

Ainda outros Pinas trazem por armas — em campo de prata, um pinheiro verde, sobre um contrachefe diminuto, de verde, entre dois leões de púrpura, trepantes.

Da familia e armas dos Ornellas, tratei a pag. 295, col. 2.ª d'este volume: e dos outros appellidos d'este cavalheiro, em differentes partes d'esta obra.

—

Taborda, é um appellido nobre d'este reino. Procede do solar de S. Miguel de Taborda, junto á cidade de Tuy, na Galliza.

Passou a Portugal na pessoa de D. Garcia Rodrigues Taborda, primo do tristemente celebre, D. João Fernandes Andeiro, conde de Ourem. Em attenção a este, o rei D. Fernando deu a seu primo a villa de Porto de Mós, e a alcaidaria-mór de Leiria, além de outras mercês. De D. Garcia, foi filho (ou neto) Gonçalo Vaz Taborda, do qual procedem os verdadeiros Tabordas d'este reino. Suas armas são — em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes d'ouro, em aspa — élmo d'aço, aberto (outros o trazem de prata) — timbre, uma asa de púrpura, levantada, carregada de uma caderna de crescentes, como as do escudo.

Estas armas foram dadas por D. João I, a João Rodrigues Taborda, em 1415; porque, sendo capitão de um navio de guerra, da esquadra portugueza, se portou com grande bravura, na tomada de Ceuta, a 14 de agosto d'esse anno. D'este bravo marinheiro, faz menção a Chronica de D. João I.

—

Pignatelli, é um appellido nobre d'este reino, de origem italiana. Frei Manuel de Santo Antonio, não diz quem o trouxe a Portugal. Os Pignatellis, trazem por armas — em campo de ouro, tres amphoras negras, em roquête, com uma só asa, e os bocaes de púrpura. Elmo d'aço, aberto, e por timbre uma das amphoras (ou pucaros) das armas.

—

Palha, appellido nobre em Portugal. Vide vol. 5.º, pag. 592, col. 2.ª, no fim.

—

Cunha — Vide *Cunha*, de Coura.

Machado — Vide *Lisboa*.

—

Em 1242, deu o concelho de Penamacôr, a D. João Martins, uma grande herdade, que existia entre esta villa, a de Sortêlha, e a da Covilhan.

—

Tem esta villa algumas praças, sendo a principal, por mais vasta, a do *Sumagral*, onde se fazem as feiras. Tem algumas ruas boas, muitas casas de boa apparencia, revelando algumas muita antiguidade. Seus habitantes são, no geral, de bons costumes, muito hospitaleiros, e amigos do trabalho. A maior parte, vive da agricultura; porque o termo é muito fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastantes colmeias e caça, grossa e miuda.

O seu clima, posto ser excessivo, é muito sandavel, havendo muitas pessoas de 80, 90 e mais annos de edade.

—

Na quinta do *Laranjal*, extramuros, fóra das portas do *Monturo dos Negros*, ao N.O. da villa, e proximo á *fonte da Rabaça*, passou o auctor d'esta obra os primeiros annos da sua infancia. Era então esta propriedade, de uma senhora, da villa, cognominada, a *Dona Verde*.

—

A pouca distancia de Penamacôr, ha a antiquissima capella de S. Domingos.

Segundo a lenda, um homem da villa, muito devoto de S. Domingos, estava captivo, em terra de mouros, e fazia todas as diligencias para fugir; o que, percebido pelo seu senhor, lhe mandou pôr fortes grilhões, e de noite, mesmo acorrentado, o fazia metter em uma caixa, fechada com fortes cadeados, e fazia sobre ella a cama em que dormia, para guardar o captivo.

[1] É contra as regras da armaria, que não permittem côr sobre côr, ou metal sobre metal.

Passados alguns dias, uma manhan appareceu o mouro, a caixa e o christão, á porta da capella de S. Domingos.

Pasmado o mouro, de tamanha maravilha, se fez christão, e elle e o seu captivo, dedicaram o resto dos seus dias ao serviço da ermida.

Na capella existe um quadro antiquissimo, recordando este milagre.

Não diz a lenda, em que anno teve logar este acontecimento, mas foi, com certeza, anterior ao reinado de D. Diniz; porque, em 1288, veio aqui de proposito visitar a ermida, a rainha Santa Isabel, e suppõe-se que foi esta soberana que mandou fazer o quadro. Por essa occasião, demorou-se alguns dias na villa, residindo no castello — onde era n'esse tempo toda a povoação — nas casas dos alcaides-móres.

—

Tres kilometros a O. da villa, em uma formosa planicie, está a bonita e grande capella de *Nossa Senhora do Incenso*. É um templo antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado.

A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, com 0m,66 d'alto. O Menino Jesus, é de madeira. (Segundo a tradição, era tambem de pedra, mas um devoto o furtou, deixando ficar o actual.)

O nome primitivo d'esta imagem, era *Nossa Senhora do Prado*, e assim se vê em escripturas antigas, de propriedades confinantes com a capella.

Diz a lenda, que a mudança do *Prado* para o *Incenso*, foi porque—estando um bispo da Guarda em perigo de vida, invocou a protecção d'esta Senhora, e em breve se achou com perfeita saude. Em acção de graças, foi em romaria á sua capella, levando todos os preparativos para alli dizer missa de pontifical. Chegada a occasião, viu que lhe esquecêra o incenso, o que muito o contrariou, por ficar a villa a meia legua de distancia; mas, pegando na *navêta*, ainda havia pouco vazia, a acharam cheia de incenso.

Dizem outros que esta ermida esteve originariamente em um sitio chamado *Valle do Incenso*, a 6 kilometros da actual, e que é d'esta circumstancia que lhe provém o nome.

Innumeraveis são os milagres attribuidos a esta Senhora, com a qual os povos de muitas leguas em redor teem uma devoção particularissima: mencionarei os mais notaveis.

No principio do anno de 1702, houve em todo o reino medonhos temporaes. O clero e povo de Penamacôr, foram em procissão buscar a Senhora, para a egreja de S. Thiago, e logo no mesmo dia cessou o temporal.

Não tinha chovido n'esse inverno, e os lavradores estavam em risco de perderam as suas sementeiras. Recorreram á Senhora, que ainda estava na egreja de S. Thiago, e a levaram em procissão para a sua capella, a 17 de março. Logo n'essa mesma noite choveu grande abundancia d'agua.

Em 1644, um soldado castelhano, de cavallaria, entrou, mesmo montado, na capella, para roubar as joias da Senhora; mas, chegando aos degráus do altar, não poderam passar adiante, e fugiram sem que o soldado effectuasse o roubo sacrilego. Ainda hoje se vê, impressa em uma pedra do pavimento da capella, uma das ferraduras do tal cavallo.

Perto da ermida, corre a ribeira de *Seife*, e ha n'ella um profundo pégo, chamado *Estillo*. João de Almeida, alferes da guarnição da praça de Penamacôr, era um homem excessivamente melancolico. Em um dos seus mais insupportaveis ataques hypocondriacos, decidiu suicidar-se. Era uma noite tempestuosa. Encheu os bolsos dos calções e da *caçaca*, de pedras, para mais facilmente hir ao fundo, e se atirou ao pégo do Estillo.[1] Perdeu os sentidos, e, quando os recobrou, achou-se á porta da capella da Senhora, e perdeu a mania do suicidio.

[1] Notemos que *Estillo*, não vem de *estylo* (que tambem se escrevia — *estillo* — pena de ferro (ou punção) com que escreviam os antigos. Vem de *astil*, *astim*, *estim* ou *estil* (do latim *astile* ou *hastile*). Era uma medida agraria dos antigos, que tinha 25 palmos de comprido (5m,50).

Era uma vara ou *haste*. Provavelmente, por o pégo ter 25 palmos de profundidade, se lhe deu o nome de *Estillo*.

O valle em que está a capella é muito alegre, e povoado de vinhas, cearas e pomares. A egreja é de tres naves, e as suas paredes estão revestidas de muitos *milagres*, em reconhecimento dos recebidos. Era annexa á extincta freguezia de S. Pedro, da villa, e hoje pertence á de Santa Maria.

Antigamente havia na capella, duas missas quotidianas, mandadas dizer por Fernão de Souza Coutinho (irmão do 20.º arcebispo de Lisboa, D. João de Souza — vol. 4.º, pag. 275, col. 2.ª) da familia dos senhores de Gouveia, de Riba-Tâmega, origem da familia dos condes do Redondo, pois que o mesmo Fernão de Souza Coutinho, foi conde do Redondo, por ser herdeiro do 1.º conde d'este titulo, D. Vasco Coutinho, feito por D. João II, em 16 de março de 1486. (Vide *Redondo*.)

Pela instituição de um morgado d'esta casa, eram os seus administradores obrigados a mandarem dizer uma missa quotidiana; mas os condes do Redondo, levados da sua piedade, mandaram dizer duas. Tinham dois capellães, que residiam na villa.

Além das missas, os condes deram por varias vezes, ricos paramentos e alfaias a esta capella.

Consta que este morgado foi instituido por D. Jorge de Menezes (ascendente de Fernão de Souza e do referido arcebispo), em cumprimento de um voto feito á Senhora do Incenso, por o livrar de perecer em um temporal, quando hia para a India.

Em todo o anno concorre grande numero de romeiros a esta capella. O senado da camara de Penamacôr, por voto antigo, que fez, tem obrigação de hir em procissão a Nossa Senhora do Incenso, na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, acompanhado do prior e clerigos da freguezia, e havendo então missa cantada, sermão e grande romaria.

Ainda em setembro de 1875, houve aqui uma esplendida festividade á padroeira. Foi o cumprimento de um voto, feito pela sr.ª D. Catharina Augusta Taborda Pignatelli (esposa do sr. Florencio Ferreira Galhardo, da villa de Penamacôr), a qual, estando perigosamente enferma, recorreu á protecção da Senhora, obtendo um prompto restabelecimento.

Assistiram a esta solemnidade, as principaes pessoas da villa, e grande concurso de povo. Foi orador, o padre Domingos Jorge Leitão, que em um brilhante discurso, demonstrou quanto é util nas adversidades da vida, recorrermos ao patrocinio da Rainha dos Anjos, sob qualquer invocação por que seja conhecida.

No fim da festa foi distribuido um excellente bôdo, pelos religiosos promotores d'esta esplendida festividade, que nunca esquecerá aos que a ella assistiram.

—

A esta mesma sr.ª (D. Catharina Augusta Taborda Pignatelli) foram concedidas, em janeiro de 1876, as duas minas de chumbo, chamadas—*do Meio*, e do *Morão*, d'este concelho.

—

A 6 kilometros de Penamacôr, ha a aldeia das *Aguas*, de uns 30 moradores.

A 300 metros d'esta aldeia, nasce debaixo de um rochedo, um manancial de agua, clara, com cheiro hepatico, na temperatura de 67 gráus F., ou 15 ½ R.

Deixa, por onde passa, um deposito de lôdo cinzento escuro. São aguas sulphureas, que se applicam, com bom resultado, para varias molestias.

Não ha aqui estabelecimento algum thermal: os banhos tomam-se em uma pôça de um metro de altura, sem obra alguma de arte!

—

Justamente se ufana Penamacôr, por ser a patria de varões que inobreceram, pelas suas obras, a villa que lhes deu o ser, e o reino de Portugal. Citarei os principaes.

—

Doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches— Nasceu a 7 de março de 1699 (segundo diz o sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes illustres*, foi a 7 de março de 1693).

Era filho de Simão Nunes e de Anna Nunes Ribeiro, ascendente dos marquezes de Nuno, que no seculo XVIII viviam em Roma.

Matriculou-se em medicina, na universidade de Coimbra; mas, sendo perseguido e a sua familia, por serem *christãos-novos*, te-

ve de fugir para Castella, e foi tomar o gráu de doutor em medicina, á universidade de Salamanca.

Depois de formado, viajou pela Europa, estudando sempre. Em Londres, ouviu as lições de Douglas; e as de Boerhaave, em Leyde. A este pediu a imperatriz Anna, da Russia, tres medicos que se tivessem distinguido pela sua sciencia, e o sabio hollandez lh'os mandou, sendo um d'elles, o nosso penamacorense.

Chegado á Russia, foi nomeado medico de Moscow; depois, membro da chancellaria de medicina, e physico-mór do exercito, fazendo, como tal, as campanhas de 1736 e 1737, com o famoso general Munich. Foi por fim nomeado 1.º medico da imperatriz, e seu conselheiro de estado.

Foi socio de muitas sociedades scientificas de Portugal, França e Russia.

Tanta consideração tributava a imperatriz Anna a este sabio portuguez, que determinou que o brazão d'armas de Ribeiro Sanches fosse decorado com a legenda

NON SIBI, SED TOTI GENITUM SE CREDERE MUNDO.

(Não entendeu que veio ao mundo para ser util a si, mas, para o ser a todos.)

Escreveu muitas obras, que se imprimiram, e ainda são muito estimadas.

Não gostando do clima da Russia, e receando as suas frequentes commoções politicas, sahiu do imperio, hindo estabelecer-se em Paris, onde chegou a soffrer privações.

Foi um eminente naturalista, e communicou muitas das suas experiencias e observações ao famoso *Buffon*, que as incluiu no seu livro, fazendo grandes elogios ao sabio portuguez.

Morreu em Paris, a 14 de outubro de 1783.

O celebre Vicq-d'Azyr, fez a necrologia de Ribeiro Sanches, que Filinto Elysio traduziu em portuguez.

Sebastião Antunes d'Azevedo, célebre antiquario, e auctor de algumas obras archeologicas, entre ellas, a *Geographia do Alemtejo*, que traz muitas antiguidades, sobre tudo com respeito á serra da Arrabida.

Domingos Antunes Portugal, famoso jurisconsulto, e auctor do *Direito civil portuguez*.

—

Houve em Penamacor, um juiz de fóra, chamado *Manuel Soares Caldeira*, que se tornou notavel pela sua originalidade e excentricidade das cartas que escrevia aos seus amigos e conhecidos.

Para amostra, transcrevo duas:

1.ª

Carta do juiz de fóra que foi de Penamacor Manuel Soares Caldeira, a um seu amigo de Lisboa

Sobrescripto. — «Ao sr. André Salgado—meu sr.—guarde Deus morador em Lisboa.—Nas casas dos bicos, com loja de bacalhau, tambem salgado.—Lisboa.»

Carta.—«Amigo velho. Dezejo-lhe saude, e boas contas de deve, e hade haver. Eu tenho passado mal das almoreimas, e tão constipado da cabeça, que tenho o nariz cheio de mormo, Deus louvado.

«Recebi a sua, que me diz tem em seu poder quinze moedas de seis e quatro, da venda do meu sal; guarde por lá isso para o gastar na terrivel praga, que me está a cair.

«Ha aqui um camelão de um tal recebedor, que me dizem ser feiticeiro (cruzes ao demo) e que teve a pouca vergonha de dizer, que me dão baixa do lugar por matuto.

«Ora veja amigo, se ha maior sem razão! Porque tive ha annos um ar (salvo seja) sou matuto! Mas se pegam as bixas, eu fico mamado; portanto vá vossemecê falar a um letrado de fama, para me fazer um libello, em desagravo da parte offendida, que sou eu, e quando lhe pagar seja por quebrados, isto é, sempre metade do que elle pedir; porque esta peste da humanidade não tem meio termo, e querem sempre termo e meio, alem dos remedios.

«Ora como vossemecê lhe hade dizer alguma cousa a meu respeito, deve vossemecê dizer-lhe que diga elle no tal papel o

que aqui lhe digo: hade dizer que eu sirvo ha dois annos o logar á vontade de todos, e que não me importam as vidas alheias; nem entradas, nem saidas, nem mulher, nem burra, nem homem, nem cão, nem pobre com o seu pão. Que me desobrigo na forma da lei de cá, e de lá; aonde está a sua sobrinha defunta, e minha mulher ao presente, porque ainda não tenho outra, a sr.ª D. Brites (*Pater Nostre requiescant in pace.*) Diga vossemecê agora lá na loja—*Amen.*

«Ora pois como lhe hia dizendo, diga ao tal homem que eu nunca me enrabichei para faltar á justiça; o seu a seu dono: por exemplo, vem um, e diz, este homem furtou-me um pão, confessa o ladrão que é verdade, o dono leva o pão; se não confessa, e não ha testemunhas, parte-se o pão ao meio, e leva cada um a sua metade; isto é administrar justiça como Salomão, metade a cada um, quando dois lhe chamam seu, sem provas.

«Será isto fazer mau lugar? Serei maluco por seguir o juizo de Salomão, o maior sabio da escriptura?

«Esta doutrina é purissima, é a mesma que seguiram os juizes do povo de Deus, até *Habacu;* e póde haver queixa contra um tal juiz que governa o seu povo, como os judeus foram governados!

«Ora diga-me vossemecê, se isto não é mais duro, que aquillo que se chama arma de boi? (Salvo seja) emfim, para que vossemecê lhe diga, e diga bem isto; diga-lhe, que sigo tanto á risca esta sábia doutrina, que, apparecendo-me em audiencia dois homens filhos da terra, dizendo-me ambos serem casados com uma só mulher, que estava presente (veja homem que miseria esta) perguntada a ré, respondeu outro sim sem tratar de costumes: Eu, sr. juiz de fóra, cazei ha doze annos, com este homem, tive carta que elle tinha morrido, e até attestado de morte; como fiquei desamparada, cazei então com este senhor, ambos me querem; e veja o sr. juiz com qual heide ir.

«Ora amigo, repare o que eu fiz, e diga se não fiz bem; mandei chamar occultamente o cortador do talho, e lhe ordenei diante de todos, que cortasse a mulher pelo meio, e desse metade a cada marido, e para evitar quizilias, esta parte é melhor, aquella é peior, ordenei tambem que a cortasse de alto a baixo, foi direito. Ha sentença mais bem preferida? Vossemecê bem sabe que não.

«O resultado foi porem-se todos a rir, e fazerem vispere. Mas o julgado passou, e a acção da justiça ficou de pé.

«Aqui tem vossemecê a cousa como ella é; e diga mais ao letrado, que deixe claros no papel, para eu tambem borrar á minha vontade, se tiver para isso disposição; e diga tambem ao letrado, que digo eu que lhe dou licença para que elle diga em cauza, e ex-cauza, o que tenho dito.

«Ora adeus meu amigo, espero a sua no seguinte.— De vossemecê — Amante verdadeiro, *M. S. Caldeira.*

2.ª

Carta do juiz de fóra que foi de Penamacor, ao pintor Manuel Alves.

«*Sr. Manuel Alves.*—Grande, e incomparavel amigo. Quem me dera ter voz de bozina para fazer chegar aos ouvidos de todo o fiel christão, a sua furibunda habilidade; fallo dos primeiros quadros da minha encommenda, que devia ser encastoada em prata.

«Grande pincel é o seu, e muito mais é admiravel o pau da sua broxa. Que sombras tão claras! Calem-se já as pinturas de Alexandre (como diz o Camões) á vista das suas pinturas; e é verdade, porque Alexandre ao pé de vossemecê, era um bisborria.

«Consta pela sua historia, que quanto fez borrou. Grande pintura é o quadro da Besta, com as suas sete cabeças, e os seus dez chavelhos, porém, apezar d'elles serem de valor, pela antiguidade, a sua obra o deixou de rastos; porque as cabeças sahindo todas da barriga da besta, tudo eram cabeças; mas vossemecê pintou cabeças, corpos com os seus pez, e com seus braços. Forte obra, forte obra.

«Comtudo meu amigo, ainda que admiro

o prestimo da sua mão direita, lamento tambem alguns lapsos do seu movimento nerveso, porque ninguem as calça que as não enchovalhe, e vossemecê não ficou livre de este pecado original do pobre mundo; mas tudo tem remedio, se vossemecê me quizer fazer aqui as emendas, que ainda que poucas são fataes, e em partes fracas. Eu pago as despezas que fizer com ellas, transito, entrada, e saida outra vez para essa.

«O caso é este, o quadro em grande que representa o meu recebimento com a illustre defunta, a minha mulher, e por comcomitancia tambem juiza de fora d'esta villa, é rica peça, tudo alli é raro, e creia vossemecê que o célebre *Pexincha*, *Porotini*, *Cameloni*, *Chalxichone*, e *Macarroni*, pintores de grande fundo e vulto, do seculo passado, dariam um olho ao demo, se tivessem o seu colorido, e escorido.

«Mas tornando á emenda, hade ser feita no vestido da invizivel minha defunta espoza, que anda lá por cima, sabe Deus como.

«No tal vestido côr de goivo, como lhe ordenei, fez vossemecê um tal sombriado, ou manchas .....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

«Mande a conta de tudo que sempre para amostra do meu animo, irá mais uma de seis. Recommendo-lhe que me faça a collecção toda; porque estes camaristas do inferno, querem ver-se em grande quadro posto á vergonha de todos, visto elles não terem nenhuma.

«Aqui fico esperando a sua palinodia, e apparelhos, para a emenda do que nunca foi emendado.

«A cama ja está feita, para o seu descanço, e não se demore, porque o tempo é optimo, tenho boa carne de porco, e bom chouriço, para os amigos, como nutrimento proprio, para puxar a pinga, com a qual fico no olho da cara, saudoso pelo momento desejado, em que nos meus braços tenha o insigne fabricante de tantas creaturas escriptas, e escarradas no grande quadro, que deixa a um canto o painel da Misericordia.

«Por ultimo lembro-lhe que sou homem branco, e que tenho dinheiro, que o quero gastar nas artes, mas só nas naturaes; as outras que nunca cá viessem, não se perdia nada; de que serve um gaiteiro, um organista, um trombeteiro, e um timbaleiro, senão de atormentar as nossas cabeças?

«Todos estes belindráos dizem que são artistas; pois que leve a todos a breca, e a vossemecê, a quem venera *in peto il cor;* isto é italiano, e quer dizer que a seu respeito tenho o coração todo preto, e é assim; porque sendo preto côr fixa, eu o sou de vossemecê, amigo fixo, e sem tarraxa.—*M. S. Caldeira.*»

—

Havia em Penamacor (e não sei se ainda ha—pelo menos, em 1828—anno em que lá passei o entrudo, ainda havia) o antigo costume de *chorar o entrudo.*

Uns poucos de individuos (pela maior parte ociosos) tomavam desde um até outro entrudo, apontamentos de todos os factos que julgavam dignos de nota, e que ridiculisavam os que n'elles haviam tomado parte. (Muitas vezes mesmo factos escandalosos ou injuriosos, se os *choradores* eram grosseiros ou gostavam do escandalo.)

Em uma noite do entrudo seguinte, juntavam-se uns 10 ou 12 d'estes *choradores*, trepando a um telhado, muro ou qualquer imminencia, fronteira á casa do *chorado*, dizia um d'elles, com voz lastimosa e plangente—«Oh fulano! lembras-te d'aquelle dia (ou d'aquelta noute) pelas tantas horas, que fizeste.... isto ou aquillo—ou—que te fizeram—isto ou aquillo?» etc.—respondiam os outros, em côro:

«E' verdade! E' verdade! E' verdade!

D'aqui passavam a outra parte, a repetir a mesma lamuria, com respeito a outros factos.

E' a isto que chamavam *chorar o entrudo.*

Os *choradores*, hiam sempre armados; porque nem sempre os *chorados* tomavam

em graça a *choradeira*, e por muitas vezes houve serias desordens.

Alguns dos *choradores*, principiavam esta insulsa brincadeira, chorando-se a si mesmos; mas, bem entendido, n'este caso, só contavam casos que fizessem rir, e nunca aquelles que os ridiculisassem ou desacreditassem.

PENAS JUNTAS ou PENHAS JUNTAS— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (até 1855, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes) 70 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administratiuo de Bragança.

A casa da Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

O abbade apresentava o cura de Ervedosa.

A esta freguezia estão annexas as de — *Brito, Eiras-Maiores* e *Felgueiras*.

—

A differença de *Pena* ou *Penha*, é porque antigamente se escrevia *Peña*, e uns pronunciavam *Pena* e outros *Penha;* mas, ambas as coisas vem a significar o mesmo; ainda que é mais etymologico dizer-se *Pena*, do cantabrico *Pen* ou *Penn*.

—

E' povoação antiquissima, e já existia como parochia, em 1288, pois que no foral que D. Diniz deu, a 5 de julho d'esse anno, á villa de Ervedosa (vol. 3.º, pag. 49, col. 2.ª, no fim) se trata já da freguezia de Penas Juntas, como confinante d'aquella villa.

Proximo ao logar de Penas Juntas, ha um monte, formado de muitos rochedos (o que dá o nome á povoação) onde, segundo a tradicção, existiu um castello, em tempos remotissimos.

E' certo haver alli vestigios de muros, calçadas, tanques, e uma galeria subterranea, que tem mais de 6 kilometros de comprido; mas está muito entulhada.

E' terra fertil e saudavel.

Cria bastante gado de toda a qualidade, e é abundante de caça, grossa e miuda.

Nos fins de julho de 1874, uma terrifica trovoada atravessou o concelho de Vinhaes.

A enchente do rio *Lomba*, deixou assignalada a sua passagem, com a destruição completa de uns poucos de moinhos.

Proximo da povoação de *Valle de Janeiro* (a 12 kilometros de Vinhaes) uma descarga electrica reduziu a um montão de cinzas, a ermida de Nossa Senhora da Saude, situada no cume do *sêrro de Penhas Juntas*.

Nada escapou á voragem das chammas, senão as paredes calcinadas.

—

Foi abbade d'esta freguezia, D. José Maria Alvares Feijó, que nasceu em Freixo d'Espada á Cinta.

Era filho de paes pobres.

Foi para o convento da ordem terceira de S. Francisco, de Miranda do Douro, onde professou.

Expulso em 1834, foi para a universidade de Coimbra, sem outros recursos mais do que a pensão de *egresso*, que o governo lhe pagava intermitentemente.

Formado em direito, retirou-se para casa de seus paes, e alli se entregou ás lides do foro e do pulpito.

Foi depois feito professor do seminario de Bragança, e feito abbade de *Penas-Juntas;* mas renunciou esta abbadia, por ser apresentado conego da Sé da mesma cidade, e pouco depois vigario capitular, e depois, vigario geral, e deputado ás côrtes, e por fim chantre da mesma Sé.

Foi nomeado bispo de Macau (China) mas não se realisou a sua confirmação, por ser, antes d'isso, transferido para a diocese de Cabo Verde (Africa) para onde, depois de sagrado, partiu, a 19 de dezembro de 1866; porém dando-se mal com o clima doentio d'aquellas paragens, se achou gravemente doente, pelo que, depois de 8 mezes de prelatura alli, regressou a Portugal, em agosto de 1867.

Nunca mais teve saude; mas, apezar d'isso, foi assistir ao concilio ecumenico do Vaticano, em 1869; e, regressando ao reino, se achou apresentado bispo dos Açôres; mas tambem se não effectuou este despacho, por

ser pouco depois apresentado bispo de Bragança, sendo confirmado.

Falleceu n'esta cidade, e no seu paço episcopal, ás 11 e tres quartos da noite de 7 de novembro de 1874.

PENAS ROYAS — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 35 kilometros de Miranda, 435 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' povoação antiquissima, e foi por muitos annos cabeça do concelho do seu nome.

D. Affonso III lhe deu foral, em Santarem, a 27 de dezembro de 1272. (*L.º de doações de D. Affonso III*, fl. 118 v., col. 1.ª)

O mesmo rei lhe deu outro foral, tambem em Santarem, a 18 de novembro de 1273, confirmanda e ampliando os privilegios do primeiro. (Gav. 18, maço 3, n.º 9.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*L.º de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 11 v., col. 2.ª)

Tem as ruinas de um castello antiquissimo, cuja fundação uns attribuem aos mouros, outros (e é mais provavel) aos templarios, que eram senhores de Penas Royas.

Pela extincção d'esta ordem em 1311, passou para a corôa, e em 1319, o rei D. Diniz, deu a commenda de Penas-Royas, e tudo quanto era dos templarios, á ordem de Christo, então creada.

(Para evitarmos repetições, vide *Alemquer*, *Mogadouro* e *Thomar*.

O termo de Penas-Royas, comprehendia seis parochias, e todas formavam uma rendosa commenda da ordem de Christo, da qual eram commendadores os marquezes de Tavora, que a possuiram até 1759, em cujo anno, com a vida, no patibulo em Belem, perderam todos os seus bens, dignidades, titulos e privilegios. (Vide *Chão-Salgado*.)

Passou a commenda para a corôa, onde esteve até 1834, sendo então, como todas as outras, supprimida para sempre; pois que os commendadores feitos desde então, se tornaram titulos *ôcos*—isto é—sem commenda—ou, por outra—hoje *commenda* significa o *crachá*, e nada mais.

O concelho de Penas-Royas, foi creado por D. Sancho I.

Em 1285, a quinta de *Azinhoso de Jusão*, pertencia a este concelho.

Foi o rei D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois rei, 4.º do nome) e D. Constança, que doaram de novo, aos templarios, os padroados das egrejas de S. Mamede, do Mogadouro, e de Santa Maria, de Penas Royas, *com todas as suas capellas e ermidas* [1] (*menos a de Nossa Senhora de Azinhoso*) *direitos e pertenças; por consentimento* de D. Martinho, arcebispo de Braga.

Isto, por carta regia, datada de Coimbra, em 25 de maio de 1297. (Vide *Azinhoso*.)

Os templarios, só 13 annos possuiram esta commenda.

—

Notemos que, em 1197, fez D. Sancho I, ao mestre do Templo, D. Lopo Fernandes, nova Doação de Idanha Velha; e em 1199, lhe doou a *grande herdade da Açafa* (que é hoje a villa e termo do *Rodam*, de ambas as margens do Tejo.)

Esta doação, foi feita *não só pelo amor de Deus e pelos grandes serviços que os templarios tinham feito á patria; mas tambem, em troca das egrejas do Mogadouro e Penas Royas: para que os cavalleiros do Templo, a povoem* (Açafa) *e aforem, como bem lhes parecer.*

Os templarios, já haviam cedido á corôa, os castellos do Mogadouro e Penas Royas, e

[1] Por capellas, entende-se aqui *curatos* ou *capellanias*.

Eram as seis pequenas parochias, que constituiam o termo da villa, e que os marquezes de Tavora apresentavam.

aqui cederam-lhe tambem as egrejas; que D. Diniz e sua mulher e filhos, lhes restituiram, em 1297.

PENAS ROYAS—freguezias, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 36 kilometros de Miranda, 440 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está desde o principio do seculo XIX annexa á antecedente, formando ambas, uma so parochia.

PENASCAES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 20 kilometros ao N. de Braga, 65 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

E' terra fertil, muito gado, e caça gressa e miuda.

PENÇALVOS ou **PENSALVOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 65 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago, Santa Eulalia,

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Terra fertil em cereaes, e cria bastante gado, de toda a qualidade. Caça.

PENCÊLLO ou **PENSÊLLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 14 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, e cria muito gado bovino.

Os antigos escreviam sempre *Pensalvos* e *Pensêllo*, e era mais etymologico. Vide *Pensar*.

PENDILHE—freguezia, Beira Alta, concelho de Fraguas, comarca de Castro Daire (foi até 1855, do mesmo concelho, comarca de Moimenta da Beira) 20 kilometros de Lamego, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, foi villa, e já era freguezia em 1292. Vide *Pena Jóia*.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

Em agosto de 1873, houve no logar de Pendilhe, um pavoroso incendio, que destruiu 23 moradas de casas, reduzindo á miseria, muitos dos seus moradores.

PENDORADA ou **PENDURADA**—vida *Alpendurada*.

PENÊDA (Nossa Senhora da)—Minho, na freguezia do Salvador da Gavieira.—Vol. 3.º, pag. 261, col. 2.ª, no fim.

30 kilometros a E. de Ponte de Lima e 8 ao S.O. da raia, se estende a serra de Suajo (ramo do Marão) com o seu famoso *pico da Gaviarra*, e as suas differentes ramificações,

E' formada de penedias alcantiladas, fundos bréjos e inaccessiveis brenhas, que alternam com mattas impenetraveis, cobertas de neve, a maior parte do anno.

E' sitio tão invio e fragoso, que ainda no principio do seculo XVIII, por entre estes penhascos abruptos, viviam tribus semi-selvagens, sem obediencia ás auctoridades, e reduzindo-se todos os seus tributos, a pagarem annualmente ao rei, cinco cães, sabujos.

Os habitadores d'estes sitios, são duros como as suas brenhas, e bravios, como as suas arvores.

Ainda hoje, em qualquer convulsão politica (como aconteceu em 1846) se os povos de Suajo sahem dos seus penhascos, arrojando-se aos valles e povoações, são uns alliados terriveis contra a auctoridade estabelecida, se os fizeram acreditar na imposição de novos tributos, ou augmento dos antigos.

Entre o logar da *Gavieira* (antigamente *Gravieyra*) e o do *Crasto*, a 30 kilometros da villa de Suajo (ou Soajo) está um alto monte, formado de monstruosos penedos, parecendo para alli arremeçados por mãos de gigantes, e ameaçando com a sua queda imminente, o sopé da montanha.

Entre estes penedos, se vêem tres, dispostos de maneira, que formam uma lapa ou gruta; porque sobre dois perpendiculares, distantes alguns metros um do outro, assenta outro, de tão enorme grandeza, que se vê a 6 kilometros de distancia.

Foi n'esta lapa que appareceu a imagem de *Nossa Senhora das Neves*, ou *da Penêda*.

Eis a sua lenda:

Em 5 de agosto de 1220, uma joven serrana, pastoreava o seu rebanho, de cabras, por entre aquelles penedos, quando uma pomba principiou a esvoaçar em volta da pegureira. Era a Santissima Virgem, que tomára á fórma d'aquella terna e formosa ave, para lhe dizer que queria aqui ter um templo.

Quando á tarde a rapariga se recolheu com o seu rebanho, contou aos paes o que lhe tinha acontecido, mas elles não lhe deram credito.

No dia seguinte, estando a pastora junto á lapa, viu n'ella, não a pomba, mas uma imagem da Senhora, que lhe disse—«*Já que te não acreditaram, minha filha, vae ao logar de Roussas* (da mesma freguezia da Gavieira) *e dize aos moradores, que tragam aqui uma mulher que está entrévada ha 18 annos, chamada Domingas Gregoria.*»

A menina obedeceu, e o povo trouxe a doente, que, apenas viu a santa imagem, ficou com perfeita saude.

Commovidos por tal maravilha, decidiram logo construir um altar á Santissima Virgem, mas, como aquelle sitio era em demasia agreste e alcantilado, principiaram a obra, em sitio menos aspero, distante uns 400 metros da lapa, e junto de uma ribeira que desagúa no Lima.

Collocada a imagem no seu altar, era este achado sem ella, no dia seguinte, por ter fugido para a lapa. Tantas vezes se repetiu isto, quantas a imagem foi posta no altar; pelo que resolveram erigir uma nova capella, no logar do apparecimento, aplanando quanto foi possivel as immediações da lapa, e fazendo uma vasta ermida, com sua capella-mór, e com capacidade para mais de 300 pessoas.

Esta é a lenda mais geralmente admittida; porém o padre Carvalho, traz outra na sua *Chorographia* — é a seguinte:

Um criminoso, natural de Ponte do Lima, para escapar á acção da justiça, e ao justo castigo dos seus crimes, fugira para estas brenhas, e alli, arrependido d'elles, não cessava de pedir perdão a Deus, e invocar a protecção da Virgem; que, commovida do seu arrependimento e penitencia, lhe appareceu na tal lapa.

Em tudo o mais, concorda com a lenda antecedente.

A imagem da Senhora, é de pédra, de boa esculptura, não tendo mais de 0m,30 de alto, e com o Menino Jesus ao collo.

Não é pintada, mas vestida, como as imagens de *rôca*.

As festas da Senhora da Penêda (sempre concorridissimas) principiam a 5 d'agosto—dia de Nossa Senhora das Neves, e duram até ao S. Lourenço, a 10—dia em que aqui vem grande numero de romeiros da Galliza e de outras terras.

N'esse mez, perde o sitio grande parte da sua aspereza, por estar assombrado de frondosos arvoredos, regados de numerosas fontes, de agua purissima.

A povoação mais proxima do templo, é a da Gavieira, a cuja freguezia pertence, e que fica a 6 kilometros de distancia.

Por detraz da capella havia, em 1677, um grande castanheiro (com 4m,6 de circumferencia); e junto ás portas, um freixo mons-

truoso, mostrando qualquer d'estas arvores, mais de 400 annos de existencia.

O legendario S. frei Pedro Gonçalves (São-Telmo—ou Santelmo, que falleceu em 1246), padroeiro da cidade de Tuy, na Galliza — em frente da nossa praça de Vallença — tinha grande devoção com esta Senhora, e vinha aqui descançar das suas fadigas apostolicas, e encommendar-se ao seu valioso patrocinio.

Junto á capella ha uma casa, com sua horta, onde por mais de 400 annos residiu um eremitão, que cuidava da Senhora e do templo.

—

Suppõe-se que esta imagem foi escondida na gruta, pelos annos 716 ou 717, para escapar aos ultrajes dos arabes.

O povo d'estes sitios, crê que ainda na lapa existe, invisivel, o berço em que a Virgem deitava o Menino adormecido, e que, em uma lagem perto da gruta, estendia a sua roupa. Estas tradições, não serão da approvação dos *sabios;* mas deleitam os corações christãos, pela sua doce poesia.

—

Ha por aqui aguias, buffos, guinchos, e outras aves, com seus monstruosos ninhos por entre os rochedos, ou sobre os alcantis.

Desde a Paschoa, até setembro, tempo em que a neve desapparece, são constantes as romarias á Senhora da Penêda, deixando-lhe grande numero de offerendas e avultadas esmolas (que todos os annos excedem a um conto de rs.) o que tem concorrido para aformosear e enriquecer o templo, não cessando as obras, que já competem com as do Bom Jesus, de Braga.

Por um antigo costume, por cada missa cantada, que se dissesse n'esta capella, tinha o abbade de Suajo 60 réis. Como elle, além d'isto, quizesse presidir ás missas, travou-se contenda entre elle e a irmandade da Senhora, pelos annos de 1818.

Francisco Vieira Machado, da casa da *Coutada*, na freguezia do Bico, abbade de Vascões, e muito devoto de Nossa Senhora da Penêda, tomou conta da demanda, e mandou um requerimento, instruido com os respectivos estatutos, a D. João VI, então no Rio de Janeiro; e, obtendo alli bons empenhos, conseguiu que o rei, não só approvasse os estatutos, mas que se declarasse protector da irmandade. Assim terminou a demanda, e cessou a pretenção do abbade de Suajo.

—

Se não fosse a aspereza do sitio e os pessimos caminhos que para elle conduzem, seria o templo de Nossa Senhora da Penêda, o mais concorrido de toda a provincia do Minho, e de grande parte da Galliza.

As *luzes* do seculo XIX, longe de fazerem olvidar ou enfraquecer os sentimentos religiosos do bom povo portuguez, em geral, e em especial o da provincia do Minho, o teem augmentado—senão é vêr o desenvolvimento que em nossos dias teem tomado as obras dos sanctuarios de Nossa Senhora da Penêda, da Senhora do Porto d'Ave, da Senhora do Castro, a de Sameiro, e outras muitas; realisando-se assim a prophecia de que

AS PORTAS DO INFERNO JAMAIS PREVALECERÃO CONTRA A EGREJA DE DEUS.

PENEDO D'ALFARELLA — Traz-os-Montes (vide *Alfarella de Jalles*, vol. 1.º, pag. 114, col. 2.ª)

Proximo e ao N.E. da villa de Alfarella, está um penedo de forma espherica, com 3m,30 d'alto, assente sobre uma lagem nativa.

Tem buracos abertos a picão, indicando ter sido a sua circumferencia coberta com um telheiro, em tempos remotos.

E' tradição que antigamente faziam aqui audiencia, os juizes da terra, e que tambem servia de casa da camara.

Esta pedra, tem todos os indicios de ser uma *anta* celtica; mas o povo diz que foi uma ara romana.

E' certo que por estes sitios ha muitas antiguidades e inscripções dos romanos, o que dá fundamento a esta crença; mas, o mais provavel, é que elles aproveitassem o monumento pre-historico, convertendo-o em *fano* ou *ara* idolatra.

O povo d'Alfarella, tem este penedo em tamanha estimação, que, pretendendo quebral-o, em 1595, um tal João Lourenço, o

juiz, André Pinto d'Araujo, lh'o impediu, sob pena de 8 mil cruzados (3:200$000 réis) de multa.

—

Em junho de 1721, andando José Ferreira a lavrar, no sitio do *Gestal*, proximo ao logar de Moreira, d'esta freguezia de Alfarella, achou junto a umas fragas, por onde passa o caminho de carro, que vae de Moreira para Cidadélhe, uma lapide, de 1m,10 de comprido, por 0m,55 de largo, com a inscripção seguinte:

XXVII
V. DIS. MA-
NIBUS ECO
FLACILII
MORSASO
SUI FILIO RE-
BURRO.

(Aos deuses manes—Flacilio fez esta sepultura, para seu filho, Eco Morsaso Reburro, fallecido na edade de 27 annos.

José Ferreira a partiu—pela 4.ª linha—para a empregar em algum valladò; mas, Antonio de Souza Pinto, socio da academia real de historia portugueza, com ordem do marquez d'Alegrete, e por auctoridade judicial, compeliu o lavrador a entregar a pedra, que foi remettida ao mesmo marquez.

Por essa occasião, foi Souza Pinto ao sitio do achado, e alli se encontrou grande quantidade de carvões, alguns tão grossos como trancas, grande quantidade de grandes e grossos pregos, de ferro; algumas *misagras* (quicios) tambem de ferro; e muitos vasos, de varios tamanhos, uns vazios, outros cheios de terra, carvões miudos, e um pó branco, que parecia cinza d'ossos.

Tambem se acharam muitos copos de vidro branco e fino, de differentes tamanhos e grossuras; muitas bacias de barro, e uma caldeira de cobre, pequena, com uma asa, do mesmo metal.

A maior parte d'estes objectos estavam dentro de arcas, formadas por quatro lagens, *sem obra d'arte*, e a 60, 80 e 105 centimetros abaixo do solo.

Muitos d'estes vaos, tinham exteriormente gravadas duas espadas (ou cousa semelhante, porque eram riscos muito toscos.)

Estes achados induzem a crer que houve aqui um numero maior ou menor de *mâmoas* celticas (sepulturas) já então havia muito tempo arrazadas pelo povo, em busca de *thesouros encantados;* e que depois, no tempo do dominio dos romanos, foi jazigo de um ramo da familia Reburro, e d'outras familias romanas.

—

Logo abaixo do logar de Cidadélhe, n'esta mesma freguezia de Alfarella, por cima do rio Tinhélla, que lhe passa a uns 300 ou 400 metros ao N., no alto de um monte, sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um vasto e forte castello, construido de bôa e bem lavrada cantaria, tendo ainda, em partes, mais de trez metros de altura, com vestigios de portas de arco, para o lado do rio, e para o sul.

Ha tambem vestigios de uma 2.ª muralha exterior, e fossos para este lado (S.) que precisava de maiores obras d'arte, por ser o unico ponto em que as fortificações não estavam defendidas pela inaccessibilidade do sólo.

Suppõe-se que isto é obra romana, pela perfeição da cantaria, pois que os antigos lusitanos e os arabes construiam toscamente as suas fortalezas.

A 3 kilometros d'estas ruinas, ainda no termo de Alfarella, está a grande valla, que já descrevi em *Pedroso*.

PENEDO DE GÓES—Douro, monte alcantilado (ou, melhor, penhasco) elevadissimo, ao sul da villa de Góes, de fórma pyramidal, e que se vê a muita distancia; ficando-lhe ao S.O., o monte de *Santo Antonio da Neve*, onde existem as *neveiras* (póços onde se guarda a neve natural) que em todo o verão abastecem as principaes cidades do reino.

Ao N. da villa, fica a serra do *Vieiro*, e ao E. a de *Cadafaz*. Vide *Góes*.

PENEDO DA MEDITAÇÃO—Douro, arrabaldes de Coimbra.

Não me é possivel fazer d'elle uma mais bella descripção do que a do sr. Augusto

Mendes Simões de Castro, no seu *Guia historico do viajante em Coimbra, e seus arredores*—eil-a:

«Ha nas proximidades de *Cellas*, e para a direcção de Coselhas, um sitio, em extremo pittoresco e assaz celebrado pelos poetas: é o *Penêdo da Meditação*.

Como o da *Saudade*, acha-se o Penedo da Meditação desprovido dos adornos da arte, mas, em bellezas naturaes, é tambem, como aquelle, assaz mimoso e abundante.

A paisagem, variada e encantadora que se dilata em frente do Penedo da Meditação, é que faz apreciavel este sitio, e lhe dá justa celebridade. Comprehendido por dilatado horisonte, divisam d'alli os olhos, o mais deleitoso quadro.

Avistam-se, em bellissimo conjuncto, serras agigantadas, collinas e outeiros, cobertos de frondozos bosques, ora de pinheiros, com a sua rama verde-escura, ora de bastos olivedos; casinhas alvejantes, sobresahindo aqui e alli, por entre a ramagem; varzeas mimosas, prados de luxuriosa vegetação; e aos pés do observador, no fundo de escarpada encosta, um ameno valle, dividido por um pequeno ribeiro, que realça immenso, os encantos da paisagem.

Este tão delicioso logar, é muito frequentado pelos academicos, que se comprasem em hir contemplar aquelle formoso panorama, e em passar alli algumas horas de socegado scismar.»

PENEDO DA SAUDADE — vide pag. 395, col. 1.ª, do 5.º volume.

PENEDO DO PADRÃO—vide *Ayre*, serra.

PENEDONES—vide *Montalegre*.

PENEDONO—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Méda) 40 kilometros ao O. de Pinhel, 40 de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos (em duas freguezias, como adiante direi.)

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Até ao principio d'este seculo, tinha a freguezia de *S. Pedro, apostolo* (a que existe) cujo abbade tinha de rendimento 270$000 réis, e era apresentado pelo padroado real.

Tinha esta parochia em 1757, 50 fogos.

O Salvador—Era tambem o padroado real que apresentava o abbade, o qual tinha 160$000 réis de rendimento.

Tinha esta freguezia em 1757, 75 fogos.

Está annexa á antecedente.

O concelho de Penedono, é composto de 9 freguezias, todas no bispado de Lamego —são:

Antas, Bezelga, Castainço, Granja, Ourosinho, Penedono, Penella, Póvoa, e Souto—todas no bispado de Lamego, e com 1:700 fogos.

O julgado de Penedono, foi supprimido (ficando só a existir o concelho) por decreto de 23 de dezembro de 1873.

D. Sancho I lhe deu foral, em 1195, o qual foi confirmado por D. Affonso II, em Trancoso, no mez de outubro de 1217. (Maço 7 de foraes antigos, n.º 6—Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl. 4, col. 1.ª—e no *L.º de foraes antigos de leitura nova*, fl. 50, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 27 de novembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 31. col. 2.ª)

O primeiro nome que se conhece a esta villa, é o de *Pena de Dono*, e é como está escripto em todos os documentos antigos.

Diz-se que o seu nome é contracção de *Peña-Donosa* (Penha donairosa, alegre, etc.) E' mais provavel que seja mesmo *Pena de Dono*—isto é—*Penha do Senhor*.

Está a villa edificada sobre um alto monte, e é, com toda a certeza, povoação muito mais antiga do que a nossa monarchia, pois que, em 960, eram os castellos de *Penadedono, Trancoso, Moreira, Vacinata, Langrobia, Alcóbria, Semorzelli, Naumam*, e outros, propriedade de D. Flamula, como consta do seu testamento, feito nesse anno. (*Livro 1.º de D. Mumadona, de Guimarães*, fl. 7.) Vide *Numão*. (Vide *Caria* (a 2.ª), *Langroiva*, e a 2.ª *Penella*.)

Tem um castello, que foi muito forte em outro tempo, e está hoje em ruinas.

Dentro do castello existe uma torre, ain-

da bem conservada, onde está o relogio da villa.

Foi seu alcaide-mór, Pedro Alvares Cabral de Lacerda, descendente de D. Fernando Affonso Correia, senhor de Farellães e de Valladares; como se vê no *Registo*, de D. João I. Teve um filho natural, chamado Antonio Correia.

Foi filho d'este, Payo Correia; neto, Antonio Correia (casado com D. Maria da Fonseca) o qual, sendo corregedor de Vianna do Alemtejo, fundou o convento de Santa Anna, d'esta villa, em 1566.

—

O territorio d'este concelho é abundante em cereaes, produz muito bom vinho, fructas e legumes.

Cria muito gado, de toda a qualidade; e nos seus montes ha muita caça.

A villa nada tem de notavel, senão a sua historia e tradições, e as ruinas de alguns edificios, que nos revelam a antiga importancia d'esta povoação.

—

Com justiça se ufana esta villa de ser a patria do legendario Alvaro Gonçalves Coutinho (o *Magriço*) immortalisado por Luiz de Camões, nos seus *Lusiadas*, e do qual diz:

No tempo que do reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A féra Eriunys, dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Entre as damas gentis, da corte ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou Discordia, em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pésa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem, que provarão, que honras e famas,
Em taes damas não ha para ser damas.

E que se houver alguem, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles, em campo raso, ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
A femenil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes,
A fazer que em soccorro os deuses levem
De todo o Ceu, em rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este inglez potente, e militára
Com os portuguezes já, contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra exp'rimentára
Namorados affeitos, quando n'ella
A filha viu, que tanto o peito doma,
Do forte rei, que por mulher a toma.

Este, que soccorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz—«Quando o direito pretendia,
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
Do vosso agravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte, encarecidas,
Com palavras d'affagos e de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, e eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.»—

D'est'arte as aconselha o duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;

Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada uma escreve ao seu, por varios modos,
E todas ao seu rei, e o duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a regia magestade.
Qualquer dos cortezãos, aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade;
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

Lá, na leal cidade d'onde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem se os doze, em tempo breve,
D'armas e roupas, de uso mais moderno,
De êlmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos e concertos de mil côres.

Já do rei, tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do duque inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro ou exforçado;
Mas um só, que *Magriço* se dizia.
D'est'arte falla á forte companhia:

«Fortissimos consocios, eu desejo,
Ha muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis, e varias manhas.
Agora, que apparêlho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixaes, hir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

E, quando caso fôr, que eu impedido,
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for convosco, ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o esp'rito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvôsco lá não seja.»

Assim diz; e, abraçados os amigos,
E tomada a licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares, que ganhára o patrio Marte;
Navarra, com os altissimos perigos
Do Pyreneu, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas, em fim, de França as cousas grandes,
No grande imperio foi parar de Frandes.

Alli chegado, ou fosse accaso, ou manha,
Sem passar, se deteve muitos dias;
Mas dos doze a illustrissima campanha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados da Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do duque são, com festa, agasalhados,
E das damas, servidos e animados.

Chega-se o praso, e dia assignalado,
De entrar em campo já, com os doze inglezes,
Que pelo rei já tinham segurado:
Armam-se d'élmos, grêvas e de arnêzes:
Já as damas tem, por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

Mas, aquella a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha—com tristeza
Se veste, por não ter, quem nomeado
Seja, seu cavalleiro n'esta empreza:
Bem que os onze apregoam que, acabado
Será o negocio assim, na côrte ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois ou trez dos seus, falleçam.

Já n'um sublime e publico theatro,
Se assenta o rei inglez, com toda a côrte
Estavam trez e trez, quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, exforço, d'animo mais forte,
Outros doze sahir como os inglezes,
No campo, contra os onze portuguezes.

Mastigam os cavallos, escumando
Os aureos freios, com feroz sembrante;
Estava o Sol, nas armas ructilando,
Como em crystal, ou rigido diamante

Mas, enxerga-se n'um e n'outro bando,
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoraçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço,
Eis entra um cavalleiro que trazia
Armas, cavallo, ao bélico serviço.
Ao rei e ás damas falla, e logo se hia,
Para os onze, que este era o grão *Magriço*.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama, como este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste alli, do animal de Helle
Que a gente bruta mais que a virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os buliçosos animos, que inflamma.
Picam de esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão de baixo todo treme,
O coração no peito, que estremece,
De os olhar, se alvoroça e teme.
Qual, do cavallo vôa, que não desce;
Qual, com o cavallo em terra dando, geme;
Qual, vermelhas as armas faz, de brancas;
Qual, com os penachos do élmo, açoita as ancas.

Algum, d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim, breve intervallo;
Correndo algum cavallo vae sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cáe a soberba ingleza do seu throno,
Que dois ou trez já fóra vão do vallo.
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnéz, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
E' d'esses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo, com fabulas sonhadas.
Basta por fim, do caso que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
Com os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cosinheiros occupa e caçadores,
Das damas a formosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e cára terra.

Mas dizem que, com tudo, o grão *Magriço*,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notavel, á condessa fez de Frandes:
E como quem não era já noviço
Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
Um francez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato e de Corvino. [1]

O licenceado Manuel Correia, no *Commentario a Camões*, diz sómente, que *Magriço* e todos os doze cavalleiros de Inglaterra, eram da serra da Estrella, e logares situados pelas suas faldas.

Porém, segundo uma carta de *Confirmação*, do livro 3.º da chancellaria de D. João I, que traz frei Manuel dos Santos, na 8.ª parte da *Monarchia Lusitana*, a pag. 689, passada em Evora, no dia 6 de outubro de 1415, a favor de Gonçalo Vaz (ou Vasques) Coutinho, pae do *Magriço;* em cuja carta se diz, que elle era natural de Penedono, e que sempre seus avós alli viveram.

Gonçalo Vaz Coutinho, era 7.º senhor do couto de Leomil, de Fonte-Arcada, e de outras muitas terras, de que lhe fez mercê D. João I, nas cortes de Coimbra, de 1400: marechal do reino, alcaide-mór de Trancoso e Lamego, e copeiro-mór da rainha D. Philippa, mulher d'aquelle monarcha.

Era filho de Vasco Fernandes Coutinho, 6.º senhor do couto de Leomil, e meirinho-mór de Portugal, na Beira, no reinado de D. Fernando.

Morreu no principio da guerra, que D. João I (sendo ainda *mestre d'Aviz*) teve com

[1] Segundo a tradição, este brilhante feito d'armas (que muitos escriptores teem por fabuloso) teve logar, no anno de 1390.

Castella—e de D. Beatriz Gonçalves de Moura, filha de D. Gonçalo Vasques de Moura, o *Môço*, guarda-mór de D. Affonso IV, e embaixador a Castella, para tratar das pazes, com D. Affonso XI, e para conduzir a Portugal, a infanta D. Constança, filha do infante, D. João Manuel, primeira mulher do infante D. Pedro, depois rei, 1.º do nome.

Era neto de Fernão Martins da Fonseca Coutinho, 5.º senhor do couto de Leomil, (o primeiro que usou do appellido Coutinho) e de D. Thereza Pires Palha, filha de Pedro Eannes Palha.

—

Foi irmão de Alvaro Gonçalves Coutinho, o *Magriço*, D. Vasco Fernandes Coutinho, 8.º senhor do couto de Leomil, marechal do reino, e meirinho-mór.

Era um dos fidalgos de maior riqueza e respeito, do seu tempo, ao qual foi dado o pronome de *Dom*, e o senhorio da villa de Marialva, com o titulo de conde, por D. Affonso V, em 12 de outubro de 1440.

Tambem era irmão do *Magriço*, Fernão Coutinho, senhor de Pena-Guião, casado com D. Maria da Cunha, filha e herdeira de Fernão Vaz da Cunha, senhor de Celorico de Basto; por cujo casamento, passou este senhorio para os Coutinhos.

Não foi bastante, tão qualificada nobreza, que procedendo (desde o tempo de D. Affonso Henriques) de Garcia Rodrigues, rico-homem; e do tronco d'onde descendem as nobilissimas casas dos condes do Redondo, marquezes de Marialva, e outras das mais antigas e distinctas d'este reino; para que, assim como fizeram tão celebre o nome do *Magriço*, relatassem todas as suas brilhantes façanhas.

Muito pouco lhes devemos n'esta parte, e a antiguidade gastou a maior parte d'ellas. O que nos resta da biographia d'este portuguez heroico, é bastante duvidoso.

—

Foi *Magriço*, o chefe dos famosos *doze de Inglaterra*, e o que lá foram fazer, já fica dito pelo nosso immortal Camões.

Diz-se que, depois do combate e victoria contra os 12 cavalleiros inglezes — em casa do duque de Alencastro, e ao tempo dos nossos cavalleiros se sentarem á mesa, as damas quizeram deitar agua ás mãos dos seus respectivos campeões. Onze acceitaram cortezmente esta delicadeza; porém Magriço o não consentira á sua, porque, tinha elle tão basto cabello nas mãos, que se lhe não viam as unhas. Instado pela dama, lhe respondeu —«Sabei, senhora, que as minhas mãos, segundo as tenho, tão grosseiras e cabelludas, poderão sêr-vos molestas, e temo que vos causem desgosto.»—ao que a dama respondeu — «Antes, quanto ellas assim são mais fortes e valentes, devo eu laval-as com maior acatamento, pois me salvaram da deshonra e infamia, que, sem duvida, me era de maior desgosto.» — Então o cavalleiro consentiu que ella lhe deitasse a agua.

—

Esta formosa lenda, dos tempos cavalheirescos, não tem outra prova da sua veracidade, senão uma simples tradição, que o principe dos nossos poetas aproveitou para um bellissimo episodio do seu poema, e que varios escriptores, copiando-se uns aos outros, deram por verdadeira.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, na 2.ª *Tavola Redonda*, lembrando-se d'este feito, diz, a pag. 213 v., que eram 13 portuguezes, que D. João I mandou a Londres, para combaterem contra outros tantos inglezes.

D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira, tem o facto como provavel.

Manuel de Faria e Souza, sustenta-o como verdadeiro, e diz que consta de um *papel antigo, e de muita fé*, cujo auctor não declara, nem copia o documento. Acho-o parecido com o desafio dos dez portuguezes de *Soeiro de Quinhones*. (Não lhe lembrou o dos doze contra 12, que vem no capitulo 163, da 2.ª parte da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*.)

—

Referem alguns escriptores, que Magriço teve um outro desafio, em Dunquerque, onde matou um allemão, chamado *Ranulfo*, de Colonia, para vingar a condessa, D. Leonor, de uma calumnia.

Outro em Orleans, matando em desafio a Mr. de Lancay, na presença do rei de França, tirando-lhe um collar de ouro que trazia

ao pescoço, e lançando-o ao seu, por memoria de ter por este feito livrado Flandres da sujeição á França, por fazer serviço á infanta D. Isabel (a famosa Mathilde, condessa de Flandres) filha do nosso D. João I, casada, em primeiras nupcias, com Philippe III, conde de Flandres e duque de Borgonha.

Se este facto foi verdadeiro, ou não teve logar em favor de D. Isabel, ou era já Magriço muito velho; porque, se o combate dos *doze de Inglaterra* é verdadeiro, teve logar em 1390; e, ainda que Magriço não tivesse então mais de 25 annos, tinha mais de 64 quando foi o desafio contra Mr. de Lancay; pois que D. Isabel casou em 1429.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber os nomes dos *doze de Inglaterra*, vejam o 2.º volume, pag. 223, col. 2.ª

—

Terminarei este artigo, com a estancia XII, do canto 1.º dos nossos *Lusiadas*.

Por estes[1] vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço!
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço.
Pois pelos doze pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu *Magriço*:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si, de Eneas toma a fama.

PENÊDOS DE FAJÃO — Douro. — A pag. 134, col. 2.ª do 3.º volume, fallei da villa e extincto concelho de Fajão: aqui darei mais algumas noticias, que recebi depois, e das quaes não quero privar o leitor.

O territorio do supprimido concelho de Fajão, é formado, na sua maior parte, de escabrosas serranias, sobre outras serranias ainda mais escabrosas; apenas amenisam estas montanhas alpestres e escalvadas, pequenos valles, e pequenas aldeias, na maior parte humildes e pobres, entalladas nos alcantis das montanhas, ou junto aos seus brejos e barrancos.

A villa de Fajão, que foi capital do concelho, fica a E.S.E. de Coimbra, e está edificada em um pequeno valle, na parte superior da encosta de uma ramificação da *serra da Rocha*, que aqui toma o nome de *serra de Fajão*, e dista de Viseu 60 kilometros; fica a egual distancia de Castello-Branco, e 48 da Covilhan e do Fundão—24 de Góes, e 18 de Arganil, de Cója e de Avô—e 15 de Pampilhosa. A villa tem apenas 60 fogos.

É certo que já em 1590 era villa, mas a povoação é antiquissima, com o mesmo nome que hoje tem, e que é o que os antigos davam ao *faisão*, ave gallinacia bem conhecida. (Se não vem de *Fôjo*, cova de apanhar lobos; ou *olheiro* de agua.)

Foi antigamente da provedoria da Guarda.

Ha no seu termo, algumas fontes de aguas mineraes, taes são as de *Valle de Colmeias*, junto a Cavalleiros de Baixo—a das *Varellas*, perto da Castanheira—e a do *Cavallo*, na margem direita do Zêzere.

Era o concelho mais montanhoso de todo o districto de Coimbra, e póde dizer-se que o seu territorio se reduz a uma serie não interrompida de altos montes e profundos valles.

As principaes das alcantiladissimas serras que o atravessam, ou limitam, são—a da *Rocha* (e tambem chamada da *Cebólla*, e *Serra Amarella*), que principiando no sitio *Aguas de Ceira*, segue quasi sempre na direcção de S.O., pelos concelhos de Góes, Pampilhosa, Alvares e outros, até proximo de Figueiró dos Vinhos, na extensão de 60 kilometros, pouco mais ou menos. O seu ponto mais culminante, é o *Picôtto*, proximo á povoação d'este mesmo nome. Esta serra, divide-se e sub divide-se em diversos braços, que tomam differentes nomes e direcções, sendo os principaes, o da *Ladeira*, ao E., que correndo, coroado de rochedos até ao *Amieiral*, abate aqui de repente, para dar passagem ao Zêzere; apparecendo da mesma altura, na margem opposta.

Os penêdos de Fajão, ao O., montanha notavel, pelas grandes maças de rochas de marmore, nuas e escarpadas, que vae precipitar-se repentinamente sobre o rio *Ceira*.

A *Cordilheira*, de enormes rochedos calcareos, elevados e inaccessiveis, que separam este concelho do da Pampilhosa pelo S. —Atravessa o Zêzere, e os concelhos de Oleiros, Sarzedas e Villa-Velha; córta o Tejo, se-

[1] Orlando, Rogeiro e Rodamonte.

gue pelo Alemtejo e vae entrar na Hespanha.

A serra do Açôr, que se destaca da Estrella, no mesmo sitio que a da Rocha, e com a qual corre parallela, na direcção de N.E. e S.O., e na extensão de 36 kilometros, até Cellaviza: entra pelos concelhos d'Avô, Cója, Arganil e Góes, dos quaes, em partes, separa o de Fajão, e toma os nomes de—*serra da Deguimbra*, do *Soiando*, e outros. Lança n'este concelho, os braços ou ramos da—*serra da Castanheira*, *Penêdo das Aguias*, *Cabeço do Soutinho*, e *Cabeço Vermelho*.

A temperatura d'estas serras, particularmente as mais elevadas, é summamente fria, e os seus cumes se vêem muitas vezes cobertos de neve, durante o inverno. O vento N.O., sopra com demasiada frequencia n'estas alturas, algumas vezes com grande violencia e frigidissimo, seguindo-se-lhe ordinariamente copiosa chuva. Ha dias, mesmo no estio, em que se experimentam, a 4 ou 5 kilometros, calores intensos, emquanto na serra se estão soffrendo os rigores de um desabrido inverno. Esta temperatura, e a natureza do terreno, extremamente desfavoravel á vegetação, tem estas montanhas condemnadas a uma perpetua esterilidade, e só á força de grande trabalho e despezas, se póde, em partes, colher algum fructo.

Os seus cumes são, na maior parte, desprovidos de arvoredo, e apenas alli medram mattos agrestes.

Nos seus profundos e estreitos valles e nas encostas menos desabridas, se encontram alguns castanheiros, pinheiros, medronheiros, e outras arvores silvestres.

É a agricultura pois em pequena escala, cria-se pouco gado, ha poucas colmeias; e mesmo são estas serras quasi desprovidas de caça miuda; mas, em desforra, ha por aqui bastantes lobos, rapozas, e mesmo javardos, ou porcos montezes.

Os productos agricolas, são — milho, batatas, feijão (pouco), alguma castanha, e pessimo vinho, a não ser o das margens do Zêzere e Céra, onde ha tambem algum azeite.

Ha n'este concelho diversas escavações, a que o povo chama *buracos dos mouros*—algumas, feitas a picão na rocha, que talvez fossem minas metalicas em lavra, pelos romanos ou arabes. Taes são as de *Sernalhoso*, ao pé de *Ceirôco*, a do *Valle do Ouro* (de chumbo e ouro) na serra da Fonte, já explorada pelos phenicios, o que se prova por algumas inscripções em caracteres punicos, gravadas nas rochas.

Os valles profundos que alternam estas montanhas, são regados por grande numero de fontes, córregos e ribeiros, e alguns pelo Zêzere; mas, se em geral fertilisam os campos, tambem, não poucas vezes, as suas torrentes, caudalosas e arrebatadas, arrastam na sua carreira vertiginosa, as terras vegetaes, reduzindo á miseria os seus proprietarios.

PENELLA — villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 21 kilometros da Louzan, 24 kilometros ao S. de Coimbra, 2 1/2 do Rabaçal, 9 de Miranda do Corvo, 15 de Condeixa, 15 de Ancião, 18 de Figueiró dos Vinhos, 24 de Soure, 24 dos Pedrogãos (Grande e Pequenos), 190 ao N de Lisboa.

Tem 1000 fogos, em duas freguezias (Santa Eufemia e S. Miguel, archanjo, cada uma com 500 fogos).

Bispado e districto administr.º de Coimbra.

O real padroado apresentava o prior de S. Miguel, que tinha 700$000 réis de rendimento. Tinha esta parochia, em 1757, 220 fogos.

A mesa da consciencia apresentava o prior de Santa Eufemia, que tinha 40$000 réis e o pé de altar. Tinha a freguezia, em 1757, 150 fogos.

Vê-se pois que a população d'estas duas freguezias tem augmentado em um seculo, 630 familias; porém a da villa tem diminuido consideravelmente, pois, chegando a ter 600 fogos, hoje não chega a ter 200.

O concelho de Penella é composto de seis freguezias, todas com 2:800 fogos, e todas do bispado de Coimbra — são — Cumieira, Espinhal, Penella (Santa Eufemia), Penella (S. Miguel), Podentes, e Rabaçal.

É povoação muito antiga, como adiante direi.

D. Affonso Henriques lhe deu um foral, sem data; mas, provavelmente em 1131.—

Em julho de 1137 lhe deu outro (NO QUAL JÁ SE INTITULA REI DE PORTUGAL. Vide *Ourique*, no fim).

D. Sancho I lhe deu outro foral, em Coimbra, a 6 de abril de 1198.

D. Affonso II confirmou estes foraes, em Trancoso, no mez de outubro de 1217.

Veja-se a *providencia*, dada por D. João I, em Evora, a 6 de julho de 1388, e confirmada em Coimbra, a 21 de setembro de 1444, por D. Pedro, infante regente, na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V. (*L.º X da Extremadura*, fl. 7 v., col. 2.ª)

O foral dado em julho de 1137, está traduzido em vulgar, no maço 3.º dos *tombos e demarcações*, n.º 1.

E o que não tem data (o 1.º) está impresso na *Memoria das Conf. Reg.*, a pag. 101.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 48, col. 1.ª)

Veja-se tambem a sentença de 24 de maio de 1540, no *L.º das sentenças em favor da corôa*, fl. 83, col. 2.ª

—

O nome d'esta povoação, com a cathegoria de villa, e cabeça de concelho, é, pelo menos, tão antigo como a monarchia. *Penella* é diminutivo de *Pena* ou *Peña*, que, como já disse, é termo cantabrico, que significa monte penhascoso, ou tambem penha, penhasco, etc.

Na baixa latinidade, *Pena*, significava cabêço, outeiro, monte, ou rochedo. Não se sabe se os antigos gallos a tomaram dos cantabros, se estes d'aquelles. Vinha a significar o mesmo, n'esta lingua, isto é — cume, summidade, altura, etc., onde se póde edificar um castello.—É d'esta palavra que vem *Apenino*. Se estes cabêços eram pequenos, e n'elles só se podia fundar um forte de pouco ambito, davam-lhe o nome de *Penella*, assim como ao pequeno castello que n'elles se construia. (Vide na 2.ª *Penella*, o testamento de D. Flamula e a sua nota.)

Está edificada sobre uma collina, em volta do seu vetusto e desmantellado castello.

Suppõe-se que as suas primeiras fortificações datam do tempo dos romanos, pois é tradição, e se lê em alguns livros, que os arabes as destruiram no principio do seculo VIII, e que o famoso conde D. Sisnando, as reedificou em 1080.

Se este conde não foi o reedificador, com certeza foi o edificador, e os mouros o tornaram a destruir, em 1129 (quando o rei arabe, *Enjune*, veio pôr cêrco a Coimbra, com um grande exercito, que os escriptores antigos avaliam em 300:000 homens — o que me parece muita gente.)

Esteve em ruinas, por espaço de 58 annos, até que D. Sancho I as reconstruiu e ampliou, em 1187.

D. Diniz as reparou, pelos annos de 1300, e, apezar de bastante desmantelladas, ainda teem lanços de cortinas e algumas torres em soffrivel estado de conservação.

Dentro do castello, está a egreja matriz, de S. Miguel, a casa da confraria do Santissimo Sacramento, a residencia do parocho, diversos quintaes, e o cemiterio: além da fortaleza, que a tudo fica sobranceira, e da qual, provavelmente, a villa tomou o nome.

Desde os primeiros tempos da nossa monarchia, teve Penella voto em côrtes, com assento no banco 16.º

Suas armas são—em campo azul, tres torres de prata, duas em cima, e uma em baixo.

Foi cabeça de condado, que D. Affonso V deu a seu sobrinho, D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, bisneto do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e da infeliz D. Maria Telles de Menezes—(irman da tristemente célebre, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I)—casada em primeiras nupcias, com D. Alvaro Dias de Souza, do qual teve a D. Lopo Dias de Souza, 8.º mestre da ordem de Christo, e um dos principaes cavalleiros d'aquelle tempo — e em segundas com o infante D. João, que a assassinou em Coimbra, a 28 de novembro de 1377. (Volume 2.º, pag. 322, col. 1.ª)

Este titulo, só existiu durante a vida de D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, e de seu filho, D. João de Vasconcellos e Menezes; extinguindo-se n'este, por falta de descendencia.

14.º senhor de Penella, o sr. conde de Rézende. Vide *Rézende.*

Houve na villa, um mosteiro de frades capuchos, da provincia de Santo Antonio, que é hoje propriedade do sr. conde de Fornos d'Algodres.

Foi donatario de Penella, o duque d'Aveiro, até 1759, em cujo anno perdeu todos os seus bens e honras, e a vida no patibulo, em Belem, ficando para a corôa o que lhe pertencia.

O duque d'Aveiro herdára este senhorio, dos marquezes de Gouveia, que tinham aqui edificado um palacio, que ainda existe, e é actualmente propriedade da camara municipal.

Confina este concelho—pelo N., com o de Miranda do Côrvo—pelo E., com os de Condeixa, Soure, e Ancião (este, do districto administrativo de Leiria)—pelo S., com o supprimido, de Chão-de-Couce (hoje Figueiró dos Vinhos—tambem do districto administrativo de Leiria) — E, com os de Figueiró dos Vinhos e Pedrogam Grande (districto de Leiria) e o da Louzan (districto administrativo de Coimbra).

A sua maior extensão, de N. a S., é de 18 kilometros, e largura, de E. a O., 15 kilometros.

Ao E. da villa, está a serra de S. João de *Alcouchel*, prolongamento da serra da Louzan. O nome d'esta serra, é corrupção do arabe — *Al Cauçon* — o arco.

O monte mais notavel, porém, é o *Monte de Vez*, onde esteve o telegrapho do systema antigo, que se correspondia com o da *Volta do Monte*, e com o de *Atvaiázere*, ao Sul. Ao sopé do Monte de Vez, ha pedreiras de optimo marmore.

O territorio d'este concelho, produz com abundancia — pão, vinho, azeite, hortaliça, fructas, e gado de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça. É todavia muito accidentado e penhascoso, mórmente para a parte occidental.

N'este concelho nascem — o rio *Éça*, ou *Doeça*, e a ribeira do *Espinhal*, que se unem, no *Campo do Pastor*, no sitio de *Entr'aguas*, banhando em seu curso, o concelho de Miranda do Corvo, e hindo unir-se ao *Arouce*, ou *Ceira*, entre a aldeia d'este nome e as *Vendas de Ceira.*

As povoações mais consideraveis d'este concelho (além da capital) são as villas do *Espinhal*, e de *Podentes* — aquella, distante de Penella 2 ½ kilometros para E., e tem o seu assento nas faldas da serra d'*Alcouchel*, sobre rocha e terrenos marnosos—e Podentes, que tem apenas 42 fogos, fica a 4 kilometros ao N. de Penella, e está muito decadente.

Quando D. Affonso Henriques, foi dar a gloriosa batalha de Ourique (1139) já *Leiria*, *Ourem*, *Ega*, *Redinha*, *Soure*, *Pombal*, *Zêzere*, *Cardiga*, *Almourol*, *Cêra* e *Penella*, eram dominadas pelos portuguezes.

—

Em outubro de 1169, estando D. Affonso I em Lafões, com seu filho, D. Sancho (depois, rei, 1.º do nome) e suas filhas, D. Urraca e D. Thereza, doaram aos templarios os castellos da *Cardiga*, *Thomar* e *Zêzere*, cujas demarcações eram—«In primis per fozem Beselga; et inde per ipsam stratam, quae vocatur de *Penella*, usque ad *Alfeigedoe;* (Alfarellos?) et inde per medium cacumen de monte *Tancos*, quomodo vertuntur aquae contra *Ozezar;* (Zêzere) et inde quomodo ferit in pelago de *Almeirol;* et inde, per medium *Tagum* (Tejo) usque ad fozem de Ozezar; (Villa Nova de Constancia) et per medium *Ozezar* usque ad fozem de *Thomar*; et inde per *Thomar*, quomodo vadit ad fozem de *Beselga*, unde primo fecimus inchoationem.» — Esta doação foi confirmada, por D. João, arcebispo de Braga, D. Pedro, bispo do Porto, e D. Gonçalo, bispo de Viseu. (Vide *Zêzere.*)

—

O conde D. Sisnando, a quem D. Fernando Magno (3.º) ao retirar-se para Leão, deixou o governo de Coimbra e seu vasto territorio, com poder absoluto, doou terras e egrejas aos que o ajudaram nas guerras contra os mouros, como foram as villas de *Tentugal*, *Arouce*, *Penella*, *Cantanhêde*, e outras. (*L.º preto de Coimbra*, liv. 7, parte 1.ª, pag. 197, do tom. 3.º, da 2.ª edição.)

—

Proximo á *Portella* de *Penella*, ha um lo-

gar, a que chamam *Cova dos Mouros*, e as ruinas de um pequeno castello, edificado sobre um rochedo enorme, pelo conde D. Sisnando, provavelmente quando fez o da villa.

—

Em 1860, appareceram no mesmo logar da Portella, grande numero de moedas de cobre (do tamanho e grossura dos actuaes patacos) dos arabes; distinguindo-se ainda, de um lado, um guerreiro, armado de lança, e do outro a palavra *Marrócos*.

—

A egreja de S. Miguel, de Penella, foi edificada pelo infante D. Pedro (o da *Alfarrobeira)* filho de D. João I, pelos annos de 1420, em cumprimento de um voto, por occasião de uma grande doença, que teve em Aveiro: fundando tambem então a egreja da mesma invocação, n'esta cidade—então villa.

—

Faz se n'este concelho muito e optimo queijo de ovelha, que se exporta em grande quantidade, para Lisboa, Porto e outras terras do reino.

Nas proximidades da villa, houve muitas quintas, assim como na área do seu concelho. Na actualidade, as principaes são:

1.ª *Quinta do Pinheiro*—do sr. João Maria Baptista Calixto.

2.ª *Quinta da Bouça*—do sr. Ayres Guedes Coutinho Garrido—com optimo e antigo palacio, e com vasto e fertil terreno.

3.ª *Quinta da Bouça de Cima*—do sr. João de Magalhães Collaço Velasques Sarmento Moniz, feito visconde de Condeixa (2.º) a 25 de outubro de 1871—cuja quinta fez parte do vinculo, da antiga e nobilissima familia dos Collaços.

4.ª *Quinta das Pontes*—do sr. João Eduardo d'Almeida e Albuquerque, casado com a sr.ª D. Francisca Antonia Todella de Macêdo: sendo esta quinta notável, por ser o berço da familia Collaço, á qual pertence a nobre familia dos srs. Magalhães, da Louzan.

A sr.ª D. Francisca, era viuva do sr. José Tello de Magalhães Collaço.

5.ª *Quinta da Vousella*—do sr. Francisco de Mendonça Almeida Barbarino.

6.ª *Quinta do Engenho*—do sr. doutor Vicente José de Ceiça Almeida e Silva, que aqui costuma vir passar o verão.

7.ª *Quinta de S. Francisco*—do sr. conde de Fornos de Algodres. (A que foi mosteiro de frades franciscanos, da provincia de Santo Antonio.)

8.ª *Quinta de Valle d'Arinto*—do sr. D. José Casimiro de Mascarenhas. Esta propriedade foi da nobre familia Alarcão.

9.ª *Quinta dos Freixos*—da sr.ª D. Joanna Maximina Peres Furtado Galvão, viuva do sr. doutor Florencio Peres Furtado Galvão.

10.ª *Quinta da Chaquêda*—da sr.ª D. Maria Joanna de Serpa Faria Chambel, viuva do sr. dr. Francisco Augusto Quaresma e Silva.

11.ª *Quinta do Valle-Louro*—do dezembargador Joaquim Manuel de Moraes de Mesquita Pimentel, e de sua esposa, a sr.ª D. Maria Eugenia de Magalhães Gomes Collaço Velasques Sarmento.

—

No *Espinhal*, proximo á villa, ha um mercado semanal, e tem boas lojas de commercio, sendo a principal d'estas, a do sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, negociante matriculado, e rico proprietario. É um dos mais benemeritos e dignos cavalheiros do concelho, ao qual tem prestado relevantissimos serviços.

Em 1874, estabeleceu uma optima fabrica de papel e de lanificios, no Espinhal, a 2 kilometros da villa de Penella.

Em janeiro de 1876, chegaram da Allemanha, 129 volumes, com machinas e outros utencilios para esta fabrica, montada em um vasto e excellente edificio, um dos melhores d'este genero, no districto de Coimbra, e emprega um grande numero de braços.

Pelas suas bellas qualidades, é o sr. Quaresma, geralmente estimado e respeitado, por todos quantos teem a honra de o conhecer.

Ha ainda no concelho outra fabrica de papel, do sr. Luciano Fernandes Falcão, da Ribeira de Podentes.

—

Penella, está ligada por bôas estradas, para as povoações de maior importancia.

Na villa ha dois edificios publicos em excellentes condições — um é a cadeia, com 4 prisões, boas e seguras, e residencia do carcereiro — e outro, destinado ás repartições judiciaes, administrativas e de fazenda.

O tribunal judicial, é bom, e tem duas salas contiguas, para jurados e testemunhas.

—

Penella, é tambem um appellido nobre d'este reino, tomado d'esta villa.

Não se sabe quem d'elle usou primeiro.

Em 1700, vivia em Tavira (Algarve) Antonio Rodrigues Penella.

Suas armas eram—em campo de purpúra, 6 pinhas d'ouro, em duas pallas.

Outros Penellas usam—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, as armas de Portugal; no 2.º, as dos Vasconcellos Villas Lobos, e no 3.º as dos condes de Vallença—élmo de aço aberto, e timbre um lobo, das armas dos Villas-Lobos.

—

Napoles, é um appellido nobre em Portugal, tomado da cidade e reino de Napoles, na Italia.

Passou a este reino, na pessoa de D. Estevam de Napoles (filho do infante, D. João de Napoles) no reinado do nosso D. Affonso IV.

Achou-se na batalha do Salado (30 de outubro de 1340.)

Foi seu filho, Leonardo Estevam de Napoles, que o mesmo soberano fez seu vassallo, e lhe deu o senhorio das villas de *Cêa*, *Penella*, e da cidade de *Coimbra*, e de toda a *Veiga de Santa Maria*; pelo que, muitos dos seus descendentes tomaram o appellide de *Veiga*.

Leonardo Estevam de Napoles, casou com D. Margarida Annes, filha do conde, D. João Affonso Tello de Menezes, e teve descendencia.

Suas armas são—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, de púrpura, águia d'ouro—no 2.º e 3.º, d'asul, 3 flores de liz, de ouro, em roquete—élmo d'aço, aberto—timbre, a aguia das armas.

—

Vasconcellos, de Penella—appellido nobre d'este reino.—Suas armas são—as mesmas dos *Penellas*, pois tem a mesma procedencia e nobreza.

PENELLA—villa, Beira Alta, comarca de S. João da Pesqueira, concelho de Penedono (foi da comarca de Taboaço, concelho de Trevões, supprimido em 25 de outubro de 1855) 40 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É povoação muito antiga, e parece que já existia como parochia em 960, como se prova pelo testamento feito n'esse anno, por D. Flamula, sobrinha da condessa Mumadona, de Guimarães, no qual deixa a sua alma por herdeira da sua muita fazenda, que toda mandou repartir em obras pias—«Et in laicale nihil transferre.» (!)—e continúa—«Ordinamus nostros Castellos esse *Trancoso*, *Moraria*, *Langrovia*, *Naumám*, *Vacinata*, *Amindula*, Pena de Dono, Alcobria, Semorzelli, Caria, cum alias *Penellas*, [1] et populaturas, quae sunt in ipsa Stremadura: omnia vendere, et pro remedio animae meae, captivos, et peregrinos, et monasteria distribuere in ipsa Terra.» (Doc. de Guimarães, de 960.)

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1514. (*L.º dos foraes novos da Extremadura*, fl. 98, col. 2.ª)

É terra fertil.

Foi senhorio dos marquezes de Marialva.

PENELLA—Minho, titulo legal de um concelho, que existiu na extincta comarca de Pico de Regalados. Sendo supprimido o concelho, passou a formar parte do de Pico de Regalados, e, sendo este concelho e comarca tambem supprimidos, passou a ser cabeça do novo concelho e comarca a povoação de Villa-Verde, no arcebispado e districte administrativo de Braga.

[1] Aqui, claramente se vê que os nossos antigos davam o nome de *Penella*, não só ao cabêço, como a qualquer pequeno castello, ou *castellêjo*. *Alias Penellas*, na minha opinião, quer dizer — *outros castellos de menos importancia* — visto que só nomeia os principaes.

D. Manuel, deu foral a Penella, em Lisboa, a 6 de outubro de 1514. (*L.º dos foraes novos do Minho*, fl. 42 v., col. 2.ª)

Serve este foral, para — Penella, Arcozéllo, Duas-Egrejas, Gais, Godinhaços, Marancos, Portella das Cabras, Regoim, Rio-Máu, e Santo Thyrso.

PENELLA DE DOM JOÃO DE CASTRO — Minho, couto, que existiu na antiga comarca de Barcellos, ao qual D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 20 de junho de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 43 v., col. 2.ª)

Serve tambem para — Asnaes, Duas-Egrejas, e Fornéllos.

PENELLAS — Vide *Magueija*.

PENHA D'AGUIA — freguezia, Beira Baixa, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Lamego, 360 ao N.E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (das Candeias.)

Districto administrativo da Guarda. (Foi do bispado de Lamego.)

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Entre esta freguezia e a de S. Miguel do Colmeal, mas em territorio d'esta ultima (que era annexa áquella) está a capella de *Nossa Senhora de Monforte*.

Está este templo a uns 300 metros ao O. do rio Côa, e é vasto e antiquissimo, e está em logar êrmo e solitario, ficando-lhe a 6 kilometros a povoação mais proxima.

Não se sabe por quem, nem quando foi fundada.

Ao S. da capella, se vê em um teso, as ruinas de um forte castello de cantaria, que se diz chamar-se *Monforte*, o que deu o titulo á Senhora.

Não só os povos immediatos, mas tambem os de Pinhel, Castello Rodrigo, e outros, teem grande devoção com esta Senhora, e lhe fazem muitas romarias.

A sua festa principal, se costuma fazer a dois de fevereiro, e é sempre muito concorrida.

Penha, é tambem appellido nobre d'este reino.

Veiu de Hespanha — da cidade de Salamanca (Leão) — mas Albergaria não diz quem o trouxe a Portugal.

Registou suas armas, confirmadas por D. João III, a 27 de maio de 1527 — são:

Em campo verde, aguia negra, bicada e armada d'ouro, sentada sobre uma *penha*, com um besante de ouro no peito, carregado de uma cruz de Calatrava — êlmo d'aço, aberto, guarnecido d'ouro; e por timbre, a aguia do escudo.

De Cáceres (Hespanha) veiu para Portugal, D. Alvaro da Penha, que casando n'este reino, teve successão.

Usava das mesmas armas.

PENHA DE FRANÇA — vide 4.º vol., pag. 251, col. 2.ª

PENHA DE FRANÇA — Douro, antigo sanctuario, junto á villa d'Ilhavo (3.º vol., pag. 386, col. 1.ª)

O bispo de Miranda, D. Manuel de Moura (que falleceu no fim do seculo XVII) fundou em uma sua quinta, chamada da *Ermida*, um templo que dedicou á Santissima Virgem, denominado da *Penha de França*.

E' hoje a vasta, formosa e rica propriedade e grande fabrica de porcellana, da *Vista Alegre*, dos srs. Pintos Bastos.

Vide *Vista Alegre*.

PENHA DE FRANÇA — logar da freguezia, e a 3 kilometros da villa da Grandola (vol. 3.º, pag. 317, col. 1.ª)

Está aqui a capella de *Nossa Senhora da Penha de França* (que dá o nome ao sitio) edificada no logar onde os romanos haviam construido um castello ou atalaya, do que ha vestigios.

Consta que um individuo da Grandola, que estava na India, mandára de lá a Santa imagem, e parece que tambem dinheiro para se lhe fazer a ermida.

Ha aqui um grande manancial (ou *ôlho*) de agua, chamado *Borbolegão*, que logo no seu principio faz moer varios moinhos, e fórma o rio *Arção*, que vae morrer no *Sado*, acima de Alcacer do Sal. (Vol. 1.º, pag. 419, col. 2.ª)

Vide tambem *Diabroria*.

Os priores de Palmella (da ordem de S. Thiago) exerciam na freguezia da Grandola, Alcacer do Sal, e Mertola, os poderes quasi-episcopaes: como o faziam os priores móres da ordem de Avis, nas villas de Noudar, e Barrancos—sendo pois a Grandola, um *isento*.

PENHA FEIA—freguezia supprimida, Beira Baixa, no bispado da Guarda.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Era seu orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A mitra apresentava o prior, que tinha de rendimento, 130$000 réis.

Dista da Guarda 6 kilometros e de Lisboa (ao E.) 325.

PENHA FIEL—vide o 1.º *Bastuço*.

PENHA FORTE—vide *Lamegal*, a pag. 33, col. 1.ª, do 5.º vol.

A freguezia de Lamegal, é muito antiga.

Era do padroado dos bispos do Porto, e foi para a corôa, por troca, feita em 1350, entre o rei D. Affonso III e o bispo do Porto, D. Vicente, e o seu cabido, que receberam a egreja de S. Christovão de Cabanões (Ovar.)

PENHA GARCIA—Já está em *Pena Garcia*.

PENHA LONGA — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca de Soalhães e concelho de Bem Viver, ambos supprimidos) 54 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O mosteiro benedictino de Paço de Souza, apresentava o abbade, collado, que tinha 1:100$000 réis de rendimento.

Houve aqui a casa e torre, onde viveu D. Pedro de Castro, 1.º senhor de Bem Viver.

E' terra fertil em todos os generos do nosso paiz, e o seu vinho (como o da freguezia immediata—*Paços de Gaiólo*) posto ser verde, é de optima qualidade, e muito superior ao melhor do *Rhin* (Rheno) que tão famoso se tornou em toda a Europa.

Fica esta freguezia situada sobre a margem direita do Douro, em terreno bastante accidentado, e em frente da comarca de Sinfães, que lhe fica ao S. e S.E., na margem opposta.

PENHA LONGA—(Extremadura—*Cintra*) Vide vol. 2.º, a pag. 302, col. 1.ª

PENHÃO e **PINHÃO**—Como *Covêllo* e *Cubêllo*—*Paços* e *Passos*—*Penhal* e *Pinhal*—e outros mais nomes de povoações, montes e rios—acham-se confundidos em todos os nossos diccionarios, historias e outros livros; de maneira que, só com a inspecção das localidades se poderá saber o nome, senão de todos, da maior parte.

Penhão, vem de *penha*, de que é augmentativo—isto é—*penha grande*.

Pinhão, todos sabem que é o fructo do pinheiro.

Como não sei em qual das duas palavras heide collocar estes nomes, e como, pela sua extenção, este volume tem de partir-se no fim de PE—remetto o leitor para as palavras PINHÃO — ainda que estou persuadido, que, na maior parte dos casos, se devia escrever PENHÃO em vez de PINHÃO.

Pelas mesmas razões, passa *Penhanços* para *Pinhanços*.

PENHA VERDE—vide *Cintra*.

PENHAS (mosteiro das)—vide *Mattosinhos*, a pag. 144, col. 2.ª

PENICHE—villa, Extremadura, praça de armas, cabeça do concelho do seu nome, na comarca das Caldas da Rainha, d'onde dista 30 kilometros ao O., 20 ao S.O. d'Obidos, 70 a S.O. de Leiria, 42 ao O. de Rio-Maior, 15 ao O.N.O. da Lourinhan, 36 ao O.N.O. de Torres Vedras, 83 ao O.N.O. de Lisboa.

Tem 810 fogos, em 3 freguezias (Nossa Senhora da Ajuda, 350—Nossa Senhora da Conceição, 240—S. Pedro, 220.)

Em 1757 tinha 655 fogos.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Está em 39º 24' de lat. N.—e 1º de long Occ.

O geral dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) como prior do convento de São Leonardo, da villa d'Atouguia da Baleia, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Tinha esta parochia, em 1757, 264 fogos.

O mesmo geral, e pela mesma razão, apresentava o cura, da freguezia de S. Pedro, apostolo, que tinha tambem 100$000 réis de rendimento.

Em 1757, tinha 207 fogos.

O mesmo geral, e pela mesma razão, apresentava o cura da freguezia de Nossa Senhora da Conceição (que foi primeiro da invocação de S. Sebastião) o qual tinha 70$000 réis.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Todas estas trez freguezias estão actualmente sendo parochiadas por um só prior, o reverendissimo sr. Luciano Pinto Barata Mendes.

—

O concelho de Peniche, comprehende cinco freguezias, todas no patriarchado — São as tres da villa, a de Atouguia da Baleia (que foi cabeça de concelho) e Serra d'El-Rei.— Todas com 1:650 fogos.

—

Está a villa situada sobre uma peninsula fortificada, na costa do occeano atlantico, com um porto, chamado de *Cabanas*, para embarcações de pequeno lote.

Tem estação semaphorica, no cabo *Carvoeiro*, que é a ponta mais occidental da peninsula.

O isthmo que une Peniche á terra firme (com um perimetro de 7 kilometros de extenção, e a área correspondente) é formado de areia, que as aguas do mar cobrem quasi totalmente nas *aguas vivas*, e de todo nas grandes marés, ficando por algumas horas a praça transformada em verdadeira ilha.

Tem o isthmo, dois kilometros de comprido, de E. a O.—e uns 400 metros de largo, de N. a Sul.

A peninsula tem uns 8 kilometros de circumferencia, e á excepção da parte de E., por onde intesta com o isthmo (que são apenas 400 metros) em toda a extensão que banha o occeano, é a sua costa formada de rochedos, em quasi toda a parte cortados a prumo, tendo apenas umas pequenas quebradas, a que chamam *portos*, ou *carreiros*.

Principiando pela enceada do N., em *Peniche de Cima*, mencionarei os pontos que formam esta ourella de rochedos (calcarios e pheldspathicos) que circumda a praça e a povoação.

Encontra-se primeiro, o baluarte desmantellado, de *S. Vicente*, a *Fôzeta*, o baluarte da *Cambôa* e o forte da *Luz*, ao norte — o pontal da *Papôa*, ao O. N. O. — segue-se, ao O., *Porto da Areia do Norte*, *Ponta do Trovão*, *Serro do Cão*, e o pontal do *Cabo Carvoeiro*, em frente das *Berlengas* (que ficam 11 kilometros a O.) *Estrellas*, e *Farilhões*, que ficam ao O. das *Berlengas*.

Ao S.O. e S., ficam—o *Carreiro do Cabo*, *Carreiro da Freirinha*, *Carreiro de Janne* (ou de *Joanne*, ou de *Janna*) *Porto da Areia do Sul*, *Carreiro dos Cortiçaes*, e o *Carreiro Fedorento*, que é proximo á cidadella.

Em seguida, mas já ao S.E. (porque andamos em volta da peninsula, que tem uma fórma mais ou menos eliptica [1]) fica o forte de *Cabanas* (junto á cidadella) e o porto do mesmo nome.

—

A villa tem algumas ruas largas e espaçosas, guarnecidas de bôas casas, algumas de apparencia muito elegante.

A egreja de S. Pedro, é um templo vasto e sumptuoso, e o melhor da villa.

(Adiante trato d'elle mais circumstanciadamente.)

—

Como a povoação está toda d'entro das muralhas, produz apenas algumas—poucas —hortaliças e pouco mais.

Tem porém grandes vinhas, que produzem optimo vinho branco, e em muita abundancia.

[1] Esta peninsula tem a configuração de um coração, cuja parte superior (o isthmo) olha para E.—e a inferior (Cabo Carvoeiro) para O.

Se os proprietarios de vinhas de Peniche, tivessem mais cuidado nas vindimas e escolha das uvas, o seu vinho, seria um dos melhores (senão o melhor) do sul do reino, e mesmo, muito superior ao da Bairrada, pois tem maior grau de alcoolisação, e é mais odorifero.

Não produz vinho tinto.

Compram-se todavia aqui todos os generos agricolas por baixos preços, pois vem de muitas povoações, todas ferteis, que lhe ficam proximas.

No verão, ha aqui abundancia de bom peixe, do mar, que se vende baratissimo,

No inverno, porém, ou quando ha temporaes, ha só peixe salgado, pouco, máo e caro.

E' celebre esta villa, pelas primorosissimas *rendas* que as mulheres d'aqui fabricam, e que se exportam em grande escala para Lisboa e outras terras, e ainda mais para o Brasil, onde muitas são vendidas como rendas de *Alençon*.

—

E' incontestavel que Peniche e as Berlengas, são habitadas desde os tempos prehistoricos.

Pomponio Mella (geographo e historiador hespanhol) diz que na Lusitania havia uma ilha chamada *Carteia* ou *Erythia*, que foi habitada por *Gerião*, e que a esta Carteia se mudou o nome para *Berlenga*.

Já disse a pag. 132, col. 2.ª, do 2.º vol.—que, em rasão de se acharem tantas *Carteias*, desde o *Estreito de Gibraltar*, até á nossa actual Extremadura, e todas no litoral, me parecia esta palavra, mais nome generico, do que proprio de uma povoação.

Julgo que *carteia* significava *cidade maritima*.

O mesmo Pomponio Mella, Ptolomeu e outros escriptores antigos—que alguns modernos seguiram—sustentam que o nosso continente se prolongava até ás ilhas da Madeira e Porto-Santo.

Alguns, hindo mais longe, dizem que era unido á America!

Outros sustentam que a famosa *Ilha Atlantida* era primeiro uma peninsula, com a largura que medeia entre o Cabo da Roca e Peniche (ou mesmo até Obidos) chegando até á Madeira.

Que um cataclismo, em eras remotissimas, separou esta peninsula do continente, e mais tarde, outro cataclismo, ou um medonho phenomeno plutonico, subverteu toda esta immensa ilha, deixando apenas as Berlengas, Porto-Santo, e Madeira, por serem formadas de rochedos mais solidos, que poderam resistir ás convulsões do sólo.

Dois fundamentos apresentam os d'esta opinião—o primeiro é o corte perpendicular das rochas do litoral, que, na verdade, parecem ter sido divididas por uma poderosa acção plutonica—2.º, é a identidade da natureza das rochas, da terra, e das plantas da costa portugueza, com as d'aquellas duas ilhas.

A geologia, que tantos e tão grandes serviços tem prestado ás outras sciencias em nossos dias, e só ella, poderá verificar ou negar a existencia d'esta terrivel depressão, ou submersão, talvez antediluviana.

Deixarei pois esta questão a pessoas mais competentes. (Vide *Peninsula*.)

—

Deixando os tempos pre-historicos, os *Geryões*, as *Carteias* e *Erythias*, tratemos de Peniche, desde que ha memorias escriptas.

Notemos porém que no *Carreiro da Furninha*—á beira-mar—assim chamado, em razão de ter uma caverna ou gruta — tem apparecido, mesmo dentro da furna, instrumentos de pedra, da edade primitiva (*edade de pedra*) que provam ter estes sitios sido habitados por povos pre-celtas.

Os nossos antiquarios dão a esta villa a origem seguinte:

Pelos annos do mundo 3941 (63 antes de Jesus Christo) varias familias lusitanas, fugindo ás crueldades de Julio Cesar Augusto (que então veiu ás Hespanhas, como *questor* de Tuberon, e que commetteu as maio-

res atrocidades contra os lusitanos, no interior do paiz; em quanto as suas frotas invadiam o litoral)—se acolheram a este sitio, por ser escabroso e de facil defensão e resistencia; porque então—segundo estes escriptores, e o que nada tem de inverosimil—Peniche era uma verdadeira ilha, não existindo a *lingua* de areia que hoje a une ao continente.

Os lusitanos fundaram aqui uma povoação, e aproveitaram as defezas naturaes da ilha, obstruindo com grandes penedos os pontos accessiveis da costa.

Tinha a povoação 20 annos de existencia, quando Julio Cesar tornou á Lusitania; porém já não era o feroz inimigo d'este povo semi-barbaro, mas valente e brioso.

O tigre, transformara-se em cordeiro, procurando com blandicias captar a amisade dos lusitanos, e fazer-lhes esquecer as passadas crueldades que contra elles havia exercido.

Deu-lhes fóros e privilegios, entre elles, o de direito de cidadãos romanos; pelo que lhe foi facil adquirir a amisade e gratidão d'estes povos ingenuos, que até lhe erigiram estatuas.

Foi assim que a povoação de Peniche, não só se conservou, mas ainda augmentou e prosperou.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que o seu primeiro nome é o que ainda conserva, sem a minima alteração.

Peniche, na lingua lusitana, e mesmo no portuguez antigo (e ainda hoje em Hespanha) significa—*barco pequeno.*

A similhança do nome com a palavra latina *peninsula* (quasi ilha) e o ser actualmente uma verdadeira peninsula, faz acreditar a muitos que Peniche é corrupção de peninsula.

Contra esta opinião offerecem-se trez contradicções—1.ª, é que peninsula é nome generico e não proprio—e, quando muito devia preceder o nome da povoação — como ainda hoje dizemos—Peninsula de Peniche —Peninsula Iberica—Peninsula Italica, etc. —e devia portanto ter um outro nome que lhe fosse proprio, o que ainda ninguem disse.

2.ª—E' que quando se fundou a povoação não era peninsula, mas ilha.[1]

3.ª—E' que, de certo os lusitanos não adoptariam um nome romano, para a sua nova povoação.

Tambem não acho provabilidade á opinião que pretende derivar-se Peniche das duas palavras *pen-insula—ilha de rochedos:* porque—*pen* é cantabrico, e não é verosimil que juntassem esta palavra á de *insula*, que é latina.

Devemos porém confetsar que o nome é apropriadissimo, porque Peniche éra uma ilha de rochedos.

—

Vi e examinei minuciosamente este tracto de terra, e a não ser um poço chamado hoje *fonte do Rosario*, que tem todos os indicios de ser construcção mourisca, nada achei que nos certifique, ou faça suppor que os arabes aqui habitassem.

Tambem não achei o mais insignificante monumento que me parecesse gothico.

[1] Estudando e conferindo os antigos geographos e historiadores, Strabão, Ptolomeu e Pomponio Mella, vê-se que o litoral da Lusitania tem passado por alterações muito sensiveis—por exemplo — *Tavira* (a antiga *Balsa*) era na costa meridional, e hoje está a 4 kilometros do Occeano.

Cacella, que era a um kilometro da praia, está hoje quasi toda submergida pelas areias.

Mais ao O., desde a actual *Quarteira* até Albufeira, o mar, destruindo os areaes da costa, foi cavando uma especie de enceada, de uns 14 kilometros de comprimento, e de uns 500 metros de largura no centro—o sufficiente para submergir uma cidade antiquissima, a que tambem vulgarmente se dá o nome de *Carteia.* (Vol. 2.º, pag. 132, col. 1.ª)

O *Vicus Spachorum*, dos romanos (foz do rio Ancora) era junto da ponte de Abbadim —proximo á egreja matriz d'Ancora—o mar entupiu-a com areia, e o rio abriu uma nova sahida, junto ao actual *forte do Cão:* passados annos (talvez seculos) obstruiu-se ainda este canal, e o rio abriu outro, proximo ao *forte da Lagarteira*, e a actual foz fica a quasi um kilometro alem da antiga.

O mesmo, com pouca differença, aconteceu á famosa *Cetobriga* (Troia) na foz do Sado, etc. (Vide ainda *Peninsula.*)

Guardando a descripção das fortificações d'esta praça para o fim, tratarei só das outras materias que dizem respeito a esta povoação, tão mal conhecida, e tão pouco protegida pelos nossos governos.

—

Os primeiros (e unicos) alcaides-móres de Peniche, foram os senhores—depois condes—de Atouguia da Baleia, que eram tambem senhores donatarios de Peniche: e a camara d'esta villa, tinha antigamente obrigação de dar todos os annos um jantar—que importava em 200$000 réis, e mais—ao seu donatario; que alem d'isso, tinha o disimo do pescado, dos fructos, e das cargas dos navios que sahiam do seu porto.

Os condes e senhores de Atouguia, alcaides-móres e senhores donatarios de Peniche, eram da nobre familia dos Athaides.

O 1.º conde d'Athouguia, foi Alvaro Gonçalves de Athaide, feito por D. Affonso V, em 17 de dezembro de 1448.

O mais celebre donatario de Peniche, foi D. Luiz d'Athaide, conde de Atouguia e senhor e alcaide-mór de Peniche, duas vezes vice-rei da India.

Este esclarecido varão portuguez, em logar de vir da Asia carregado de riquezas, como faziam os seus antecessores e fizeram os seus successores, só quiz trazer agua dos quatro principaes rios d'aquella região—Indo, Ganges, Tigre, e Euphrates.

Por muitos annos foram vistas no castello de Peniche, quatro pipas, cheias d'aquellas aguas.

Foi este homem benemerito, que em 1552 fundou n'esta villa, perto da costa, entre a *Ponta do Trovão* e o *Serro do Cão*, o MOSTEIRO (ou hospicio) DO BOM JESUS (no districto da freguezia da Ajuda) de religiosos franciscanos, onde quiz ser sepultado.

Pela suppressão das ordens religiosas, em 1834, foi a egreja profanada, e está servindo de arrecadação do refugo dos utencilios militares da praça.

O edificio do mosteiro está desmantelado e em breve não será mais do que um montão de entulho.

A sua pequena cêrca, ainda não foi vendida... porque assim convem a certos individuos.

O tumulo venerando do grande D. Luiz d'Athaide, foi tambem profanado, e não sei que caminho levou: houve porém uma alma caridosa, que lhe mandou recolher os ossos em um caixão de tabuas de pinheiro, que se guarda, já podre, em um buraco da egreja da Ajuda, sem que, no espaço de quarenta annos em que teve logar esta profanação, houvesse uma camara que desse a estes desgraçados ossos, uma sepultura decente!

O escudo d'armas d'estes Athaides, era:

Em campo asul, quatro bandas de prata, e por timbre, uma onça, asul, banhada de prata.

O mais infeliz dos Athaides, ultimo conde de Atouguia, e ultimo alcaide-môr, e senhor donatario de Peniche, foi D. Jeronymo de Athaide; que, accusado de regicida, pelo attentado contra D. José I, na calçada do Galvão (Belem) na noite de 3 de setembro de 1758, foi prezo em dezembro e morreu entre os mais atrozes tormentos, com o duque de Aveiro, marquez e marqueza de Távora, os filhos d'estes, Luiz Bernardo de Távora e José Maria de Távora — José Braz Romeiro, João Miguel, Manuel Alves e Antonio Alves; no cadafalço de Belem, a 16 de janeiro de 1759, ficando extincto este titulo, como o dos seus cumplices. Vide *Chão Salgado.*

Os bens de todos, foram confiscados para a corôa.

Era a familia dos Athaides, uma das mais nobres d'estes reinos, pois descendia de D. Affonso, conde de Gigon e Noronha, filho de D. Henrique II de Castella, e de sua mulher (do conde) D. Isabel, filha de D. Fernando I, de Portugal e de D. Leonor Telles de Menezes—irman da rainha D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. João I de Castella, e sobrinha de D. João I de Portugal.

Foram o tronco dos Noronhas, e progenitores dos duques de Caminha, dos marquezes de Angeja, de Cascaes, Marialva e Villa Real; dos condes de Aveiras, Castanheira, Castro Daire, Monsanto, Peniche, Vianna, Vimioso. e outros das principaes familias de Portugal.

Passou a alcaidaria-mór e o senhorio d'esta villa, para um outro ramo dos Athaides Noronhas, que depois foram feitos condes de Peniche.

O actual representante d'este nobilissimo ramo dos Noronhas, e actual conde de Peniche, é o sr. D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões d'Albuquerque Moniz e Souza, feito marquez d'Angeja, em duas vidas (por herança) em 24 de maio de 1870.

O 1.º marquez d'Angeja, foi D. Pedro Antonio de Noronha, que era conde de Villa Verde.

Esta familia procede tambem do nosso grande Luiz de Camões. (Vide *Angeja.*)

O brazão d'armas do sr. conde de Peniche e marquez d'Angeja, é:

Escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º, as armas de Castella—mantellados de prata, com dois leões rompentes, de purpúra, e uma bordadura, composta d'ouro e veiros, de asul.

Timbre, um dos leões do escudo.

E' o sr. conde de Peniche, descendente de D. Manuel José de Castro Noronha Athaide e Souza (que nasceu a 25 de dezembro de 1666.)

Foi—3.º marquez de Cascaes, 8.º conde de Monsanto, senhor das villas de Oeiras com todas as suas jurisdicções; da Lourinhan; do castello e villa de Castello Mendo; do reguengo da Povoa d'El-Rei, Bouça-Cova, e Villa Franca; das villas d'Ançan, S. Lourenço do Bairro, e seus padroados e jurisdicções; da villa e reguengo de Medelim —e no Brasil da capitania de Itamaracá; das ilhas de Itaparica e Tamarandúra; e da Ilha Pequena, na ribeira do Rio Vermelho.

Era ainda, fronteiro-mór, couteiro-mór, e coudél-mór da cidade de Lisboa e seu termo, e alcaide-mór do seu castello, e das villas de Torres Vedras; Lourinhan: Obidos, e seu almoxarifado; Cadaval, com todos os seus termos; senhor dos morgados, de Matheus e Santo Eutropio, e da casa da Castanheira; morgado da Foz, e seu padroado, do Paul de Boquilobo.

Commendador das commendas de S. Martinho de Bornes, no arciprestado de Braga; de Santa Maria de Villa de Rei, e Santa Maria de Segura, no bispado da Guarda, e de Santa Maria do Pereiro, no de Viseu, todas da ordem de Christo.

Foi do conselho de guerra de D. João V, e seu gentil homem da camara; mestre de campo, de infanteria e general de batalha, postos que serviu com honra e bravura, na campanha de 1704.

Foi governador e capitão general do reino do Algarve, e governador da Torre de S. Vicente, de Belém.

Morreu em 29 de agosto de 1742.

Tinha casado, em 13 de dezembro de 1699, com D. Luiza de Noronha (dama da rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburgo, 2.ª mulher de D. Pedro II) filha de D. Pedro Antonio de Noronha, 1.º marquez de Angeja e de sua mulher, D. Isabel Maria Antonia de Mendonça.

Estiveram 14 annos casados, sem terem filhos, e, quando já os não esperavam, nasceu D. José Maria Leonardo de Castro, que morreu de 13 mezes de edade.

Depois nasceu D. Luiz, em quem se perpetuou a familia—e D. Maria José da Graça e Noronha, que casou com D. Francisco de Menezes, conde da Ericeira.

Teve duas filhas bastardas, D. Marianna de Noronha e D. Antonia de Noronha, que morreram freiras no convento da Castanheira.

D. Luiz José Thomaz de Castro Noronha Athaide e Souza, seu filho e successor, nasceu a 18 de setembro de 1717.

Foi 10.º conde de Monsanto, e senhor de toda a casa de seu pae.

O 1.º conde de Monsanto, foi D. Alvaro de Castro, senhor de Cascaes, feito por D. Affonso V, em 21 de março de 1460.

Era camareiro-mór do mesmo rei, e do seu conselho.

D'este D. Luiz procederam os marquezes de Cascaes (hoje representados pela casa de Niza) e os condes de Peniche, hoje representados pelo sr. marquez d'Angeja.

—

Desde o 1.º seculo da era christan até ao fim do X, nada achei com referencia á povoação de Peniche.

De certo, muitas vezes invadida, por terra e por mar, pelos mouros africanos, e christãos, alternativamente; tomada, perdida e retomada frequentes vezes, durante as guerras dos alanos e godos, e depois, dos arabes; ficou a povoação tão destruida, que, pelos annos de 990, estava, senão completamente deserta, apenas habitada por pobres pescadores, vivendo em humildes choupadas, encostadas aos muros arruinados dos velhos e desmantellados edificios.

Foi por esse tempo, que os moradores da visinha villa de Atouguia, attrahidos pela commodidade do sitio, para as suas pescarias, alli foram construindo varias cabanas, para seu abrigo, e para armazens de peixe, e, com o tempo estas cabanas se foram pouco e pouco transformando em casas de pedra e cal, e a antiga povoação renasceu das suas cinzas.

D. Affonso Henriques, dando aos crusados que o ajudaram a conquistar Lisboa, muitas terras na Extremadura e Alemtejo, doou aos irmãos, *D. Roberto Lacorne* e *D. Guilherme Lacorne*, os territorios de Atouguia da Baleia e Peniche.

A estes dois cavalleiros deve esta villa grande parte do seu desenvolvimento e povoação.

O emprego quasi exclusivo dos moradores de Peniche, até ao fim do seculo XV, era a pesca, que lhes deixava grandes proventos, pela grande abundancia e variedade de peixe, que affluia ás suas costas; mas, desde que D. Vasco da Gama, dobrando (em 20 de novembro de 1497) o *Cabo das Tormentas* (*chrismado* pelo rei D. Manuel, em *Cabo da Boa Esperança*) descubriu o caminho da India, por mar; e desde que Pedro Alvares Cabral, descobriu o Brasil, em 25 de abril de 1500—os moradores de Peniche (como os do Algarve e de outros muitos pontos da nossa costa) desprezaram o seu antigo emprego de pescadores, adoptando o de navegantes; e armando navios do alto-mar, foram procurar fortuna a esses *el-dorados* que se chamavam *Indias Orientaes* (Asia) e *Indias Occidentaes* (America.)

E a sorte foi-lhes faworavel, pois grande parte d'estes intrepidos aventureiros, regressaram á patria, carregados d'ouro e ricas mercadorias, de modo que no fim do XVI seculo, a humilde povoação de Peniche, estava já transformada em uma formosa povoação, com mais de mil fogos, e perto de 5:000 almas.

—

Foi durante estas longas viagens (em 22 de abril de 1575) que o mar arrojou á praia d'esta villa, um peixe morto, de fórma nunca vista. Tinha 26m,60 de comprido, 2m,50 d'alto, e 9 metros de circumferencia no centro. Tinha a pelle preta pelo dorso, e branca pelo ventre, e n'elle a bocca. A cabeça estava 2m,66 levantada do corpo. Os olhos tinham 0m,66 de circumferencia. Tinha 16 dentes em cada mandibula, cada um com 0m,33 em redondo. Nunca se chegou a verificar a que *classe* pertencia este verdadeiro monstro marinho.

—

Em 22 de maio de 1589, desembarcou n'este porto e no da Ericeira, um exercito inglez, na força de 12:000 homens, commandados por João Norris, a favor do infeliz e mal aconselhado D. Antonio, prior do Crato, com o fim de sustentar os seus direitos á corôa de Portugal, contra o usurpador Philippe II, de Castella; porém, como já todo o reino sabia do vergonhoso tratado, feito com a rainha Isabel, de Inglaterra (filha de Henrique VIII) segundo o qual, ficava Portugal sendo uma colonia britannica, o povo, não só se não uniu aos invasores, mas até lhe resistiu tenazmente, e, apezar de então só aqui haver um fórte, mandado construir por D. João III, em 1557, era elle tão formidavel, pela sua posição, que os inglezes não o poderam tomar, e retiraram com bastantes perdas.

—

Peniche nunca teve foral, velho ou novo: regeu-se sempre pelo de Atouguia, e como o supprimido concelho d'esta villa está unido ao de Peniche, teem ambas o mesmo foral. (Vol. 1.º, pag. 254, col. 2.ª)

D. Philippe III, por carta regia de 25 de agosto de 1611, mandou adoptar em Peni-

che (que o mesmo usurpador tinha feito villa, em 20 de outubro de 1609) o foral de Atouguia. N'este foral se manda pagar a *dizima velha*, que era de 20 peixes, um — e a *dizima nova*, que era de 10 peixes, um, pertencia aos condes d'Athouguia.

D. João Gonçalves de Athaide, conde e senhor d'Atouguia, e alcaide-mór e donatario de Peniche, e o povo, pediram a D. Philippe III de Castella, que então governava Portugal, désse á povoação o foro de villa, o que elle lhes concedeu, em 1609, dando-lhe por armas, uma caravella, com S. Pedro e S. Paulo, um á prôa, outro á ré, sobre um mar, com ondas de prata.

—

D. Pedro II, em 1671, mandou fazer alguns melhoramentos, de pouca importancia, no porto de Cabanas, junto á cidadella; mas está hoje urgentemente reclamando obras d'arte que o tornem um verdadeiro abrigo, não só dos barcos de pesca, mas tambem de hiates, palhabotes, escunas e outras embarcações, que não demandem muito fundo.

—

D. João V veio visitar as fortificações e a villa de Peniche, em 1717, por occasião de vir a Mafra, lançar a primeira pedra á sua basilica.

D. João VI, sendo ainda principe regente, aqui passou oito dias, em 1806, residindo no palacio dos governadores da praça, que era dentro da cidadella, e hoje está só em paredes. (Foi devorado por um incendio, e nunca mais se reconstruiu. É o unico edificio da fortaleza, que está em máu estado.)

O sr. D. Pedro V, tambem esteve n'esta praça, em 30 de agosto de 1860. Foi-lhe dada hospedagem em casa da mãe do sr. Henrique d'Araujo Tavares, socio da firma editora d'esta obra. O sr. D. Pedro V presenteou a virtuosa senhora com uma elegante caixa de prata, que seu filho conserva como recordação por extremo agradavel.

Sua magestade visitou a cidadella e todas as suas dependencias, e pelo seu affabilissimo trato deixou penhorados todos que tiveram a honra de lhe fallar.

—

Todos sabem as razões porque o commercio portuguez foi decahindo do seu esplendor dos seculos XVI e XVII, sendo a principal, o abandono em que os tres Philippes deixaram este reino, que só tratavam de explorar, por todos os modos possiveis, deixando que as nações com quem traziam guerra — principalmente hollandezes e francezes — nos roubassem as nossas colonias, e saqueassem e apresassem os nossos navios mercantes, impunemente, pois que todo o seu empenho era reduzir-nos ao estado da mais atroz miseria, para evitarem um 1.º de dezembro de 1640.

É pois do tempo da usurpação dos Philippes, que data tambem a decadencia do commercio, e, por consequencia, da importancia d'esta villa, que tornou a ficar reduzida aos recursos da pesca, aos limitados da sua industria agricola e manufactureira, e ao commercio de cabotagem.

Mesmo assim, o que ainda hoje mais lhe aproveita, é a pesca, que emprega muitos braços, sustenta muitas familias — que vivem quasi exclusivamente d'este mister — não só d'esta villa, como das immediações.

Tambem são muitos os almocreves que para aqui conduzem—para consumo da terra e para embarque—diversos generos agricolas, levando em retorno, peixe fresco ou salgado.

—

Esta peninsula, fórma duas enceadas — a do Norte (Peniche de Cima) tem pouco fundo; mas a do S., tem o sufficiente para navios de pequeno lote, e é bastante abrigada do *aguião*.

O termo de Peniche, que se reduz ao isthmo, é todo de areial arido e improductivo.

—

O môrro da *Papôa*, um cachopo, em fórma de pyramide triangular, que lhe fica ao N.O., e outros menores que erriçam a parte O.N.O. da peninsula, tornam perigosissima a navegação d'estas paragens, e muitos navios aqui teem soçobrado. Ainda em fevereiro de 1828, com uma grande cerração, uma náo da marinha de guerra britannica, perdendo o rumo, e mettendo-se no canal que separa a peninsula dos ilhotes das Ber-

lengas, se despedaçou contra estes temiveis rochedos, não escapando um só dos seus tripulantes. ou da guarnição e passageiros.

Em todo o vasto espaço em que se desenvolve a praça, são inumeros os signaes de naufragios, e não ha ponto d'esta costa, que não recorde um ou varios d'estes sinistros.

Nem são menos temerosos os rochedos, que elevando as suas negras cabeças acima da agua, formam o ilheu da *Berlenga*, e os cachopos da *Velha*, *Estrellas* e *Farilhões*, ao O. da terra firme: onde muitos navios se teem despedaçado, apezar dos pharoes do Cabo Carvoeiro e da Berlenga.

Ao N. da villa, existem dois monumentos, attestando dois desastrosos acontecimentos, occorridos em 1786.—Um, dentro da praça, commemora o naufragio do galeão castelhano, *S. Pedro d'Alcantara*, que, vindo de Callau de Lima (capital do Perú) para Cadix, com um carregamento, de valor excedente A SETENTA E DOIS MILHÕES DE CRUZADOS, em moeda, barras e baixellas, de ouro e prata, além de outros objectos, e com 470 pessoas de tripulação, guarnição e passageiros, deu contra o môrro calcáreo da *Papôa*, pelas 11 horas da noite de dois de fevereiro (com tempo sereno, mar quieto, e *tres pilotos a bórdo!*) perdendo-se o navio, morrendo 300 pessoas afogadas, e salvando-se da carga, apenas 1:749$440 réis, em pesos fortes, de ouro — 5:433$250 réis, em pesos de prata, 71 *texos* d'ouro, e 57 barras de prata — varias mercadorias, mastros, vellas e outras miudezas. A artilheria, perdeu-se toda.

Os que escaparam, mandaram erigir, na egreja matriz, de S. Pedro, da villa, uma capella, dedicada a Nossa Senhora das Dôres, tendo a imagem de Jesus-Christo crucificado e a de S. Pedro d'Alcantara, de primorosissima esculptura. Estabeleceram culto perpétuo e missas *de requiem*, pelas almas dos que morreram n'este naufragio: deram de gratificação ao governador da praça, um conto e duzentos mil réis; ao tenente-rei, um conto; e ao ajudante da praça, duzentos e cincoenta mil réis. Aos outros empregados, civis e militares, tambem gratificaram, em premio do muito que fizeram, para salvar gente e riquezas.

Além d'isto, dotaram 12 donzellas, com 150$000 réis cada uma.

Desde este dia, de sempre triste recordação, até hoje tem continuado a extracção do dinheiro, e ninguem sabe quando terminará esta *mina* inexgotavel.

(No mesmo tempo tinha sahido de Callau de Lima, o galeão *Hermione*, com uma carga, avaliada em dez milhões de cruzados, que cahiu no poder dos inglezes.)[1]

—

Em 28 d'abril, do mesmo anno de 1786, vindo a balandra hespanhola—*El Venecio*—a Peniche, para levar para Cadix, os objectos salvados da *S. Pedro d'Alcantara*, que se achavam depositados na fortaleza, e estando fundeada ao S. da cidadella, lhe cahiu um furioso temporal. O 2.º commandante, mandou dizer para o commandante, que estava em terra, que era urgente *abicar*. O commandante, com verdadeiro *rompante hespanhol*, respondeu que—embarcação de el-rei de Hespanha, não abicava.—A balandra, despedaçou-se contra as rochas, e de 99 pessoas que estavam a bordo, só 7 escaparam! O *segundo*, foi do numero das victimas, morrendo no seu pôsto.

—

Os dois monumentos de que fallei, e que recordam estas duas desgraças, são duas cruzes, semelhantes ás da ordem de S. Thiago, tendo no pedestal, inscripções com as datas dos naufragios, e a relação das pessoas principaes que então falleceram n'elles.

—

O sempre memoravel dia 22 de fevereiro de 1828, apparecêra escuro e carregado, fuzilavam os relampagos, e os trovões atroavam os mares e a costa.

O oceano, enfurecido, levantava ondas como montanhas, que se arremeçavam contra os rochedos, onde se despedaçavam com fragor medonho, cobrindo de espuma, os fragoedos da costa, e os edificios e muralhas da praça.

[1] Os que desejarem uma noticia circumstanciada d'este naufragio, vejam, a pag. 74, do 2.º volume da *Illustração Portugueza*, o artigo do sr. Pedro Cervantes.

Ao meio dia, já seis navios se achavam esmigalhados contra a costa, ou estendidos nas praias do S. e N. de Peniche.

Ás 3 horas da tarde, uma magnifica embarcação de 3 mastros, luctando contra as vagas embravecidas, e não podendo vencer a furia do mar e do vento, que lhe inutilisavam todas as manobras, lançou ferro no canal que separa o Cabo Carvoeiro da Berlenga, e alli se conservou até á noite, na esperança de que, rebentando as amarras, vararia em terra, no areal do S., entre a praça e a Consolação; mas, infelizmente, apenas estalou o ultimo cabo, foi bater contra os altos e perpendiculares rochedos do Cabo Carvoeiro, onde se despedaçou, pelas duas horas da noite, perdendo-se o navio, a carga e os desgraçados que vinham a bordo, sem escapar um só, que viesse dizer a terra, o nome, a procedencia e a nacionalidade do navio, e qual era a sua carga e destino.

Soube-se depois, que era uma fragata ingleza, que hia reunir-se á esquadra britannica do Mediterraneo.

Ainda muitos annos depois, se via sobre um rochedo que a baixa-mar descobria, uma grossa corrente de ferro pertencente áquelle navio.

—

Estes e outros muitos sinistros maritimos aqui succedidos, ainda não poderam dispertar nos nossos governos a urgentissima construcção de um barco salva-vidas, de um morteiro porta-amarra, ou outro qualquer meio que podesse salvar tanto infeliz que tem aqui morrido afogado, ou esmigalhado contra as arestas das rochas; apezar da dedicação e abnegação dos pescadores de Peniche, que por muitas vezes teem arriscado a vida, para salvar a dos seus semelhantes, sem outro recurso mais do que os seus frageis bateis e a sua coragem.

—

Já disse que, mesmo dentro do recinto das muralhas exteriores da praça, ha bastantes —e algumas grandes—vinhas, que produzem excellente vinho branco. Antes da invasão do *oidium-tukeri*, produziam, termo medio, mil pipas de vinho: a molestia, reduziu a colheita a uma 5.ª parte; porém hoje, felizmente, vão as vides recuperando a sua antiga força productiva, e eu vi, em 1875, extensas vinhas, cujas vides estavam carregadas de formosos cachos.

A industria vinicula é muito antiga em Peniche, pois em uma provisão de Philippe III, datada de 20 de dezembro de 1609, diz — «E o dito logar (Peniche) tem 900 a 1:000 visinhos, e entre elles, quatro companhias, com seus capitães, de boa gente, com uma fortaleza e bom porto de mar, onde ha sempre navios, assim da terra, como de fóra; e rende o dito logar, de siza e imposição, alfandega e *sizão*, oito mil cruzados.»

O alvará régio de 6 de agosto de 1665 (de D. Affonso VI) diz — «No tempo em que se fez a lotação do encabeçamento das sizas que Peniche devia pagar, *estavam seus moradores muito opulentos e frequentados de negocio.*»—d'onde se vê que ha mais de dois seculos, se distinguia Peniche, pela sua riqueza, e vastidão, e importancia do seu commercio. Mesmo assim, ainda no anno de 1875, entraram em Peniche, 182 navios de vela, e tres vapores. 172 eram portuguezes, 10 hespanhoes, e 3 inglezes.

Até 1834, teve Peniche, juiz ordinario, juiz da alfandega, e juiz dos orphãos, todos de nomeação régia. Tinha quatro companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão e mais officiaes, e todos, com seu capitão-mór.

Desde 1814 até 1834, foi quartel do regimento de infanteria n.º 13, por isso, denominado *de Peniche*. Tinha guarnição de artilheria, para serviço das peças, e uma companhia de veteranos.

—

Em 1858, foi descoberto pelo sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, cavalheiro muito lido e curioso, d'esta villa, nos alicerces do muro de um quintal, um cippo romano, com a seguinte inscripção:

POMPEIA . . . . . C. . . . . .
E. PACAT. H. E. . . . . .
L. TERENTIVS PVR-
NVS. MIBT. I. TE-
RENTIVS RUFVS. . . .
E. C. . . . . .

É provavel que, assim como varias letras desappareceram com o tempo, tenha desapparecido tambem parte das que existem. É de suppôr que as ultimas letras da 2.ª linha, fossem — H. S. E. — (*hic sepultus est*) — e que a 6.ª linha — a ultima — seja — F. C. (*fecerunt*).

É talvez impossivel traduzir-se exactamente esta inscripção. Supponhamos que quer dizer:

Aqui está sepultada, Pompeia, filha de Caio. Seu marido, Lucio Terencio Furno, e Junio Terencio Rufo, mandaram levantar este monumento á sua memoria.

O sr. Cervantes, mandou esta lapide para Lisboa, á legação franceza, para ser remettida ao duque de Bellune.

—

O primeiro assento da povoação foi onde antigamente se chamava *Peniche a Velha*, e hoje *Peniche de Cima*. Onde agora é a villa principal, chamava-se ainda no seculo XVII, a *Ribeira*.

As mulheres de Peniche de Cima, vão á fonte, lavam roupa, carregam e fazem outros trabalhos. As da antiga Ribeira, são como as algarvias, occupam-se em fazer bordados, costura e rendas, e em mais nada.

Varias mulheres de Peniche, ainda usam os celebres *capotes de rebuço*, como os das algarvias, o que leva a suppôr, que em tempos de que não ha memoria escripta, se estabeleceu aqui alguma colonia de gente do Algarve. As mulheres embrulham-se nos taes capotes, ficando a ponta direita mais comprida que a esquerda, e dando áquella certa volta, formam um canudo, por onde vêem tudo, sem serem conhecidas. As algarvias, porém, sabem rebuçar-se muito melhor e com mais elegancia.

—

Em toda a peninsula, não ha uma unica fonte; chamam *fontes* aos *poços*. O a que chamam *Fonte-Boa*, na freguezia da Luz, tem boa agua, a dos mais e a das cisternas, posto não ser prejudicial á saude, é mal gostosa. As pessoas ricas, mandam buscar agua, para beber, á *Consolação*, que é optima.

Ha na villa 50 cisternas particulares, com capacidade para 4:000 pipas d'agua. A cisterna *grande*, da cidadella, leva 7:680 pipas, e a *pequena*, 440. Mesmo assim, nas estiagens, ha aqui pouca agua para o consumo, e é cara e pessima.

Um pôço (ou pôça) que ha no centro da villa, e ao qual dão o *modesto* nome de *chafariz* (!) tem esta inscripção:

O MABQVEZ DE FRÕT.ª
MEST. DE CÃPO G.al MÃ-
DOV FAZER ESTA FÕ-
TE A CVSTA DA FOR-
TIFICAÇÃO.
A. 1676.

Foi restaurada em 1849, segundo se collige d'esta data, que se vê gravada em uma pedra, na rectaguarda d'esta fonte — que é um tanque (hoje obstruido com pedras e immundicies) coberto por um arco de pedra.

—

Tem Peniche um cemiterio, construido ha poucos annos, perto e ao N. da cidadella. Já tem alguns mausoleus bonitos.

Anda em construcção um outro cemiterio, mais distante da povoação, ao N.O., perto da ermida de Santa Anna.

—

As camaras de Peniche teem n'estes ultimos annos prestado relevantes serviços ao municipio, curando com sollicitude, nos seus melhoramentos. Um dos principaes, foi a sementeira do penisco, em uma área de tres milhões de metros quadrados; evitando por este modo, a invasão das areias, e tornando productivo um terreno até hoje completamente inutil.

Devia tambem tratar da sementeira, e plantação, em grande escala, do precioso eucalipto, da especie que se dá e prospéra nas areias da costa; o que seria, não só uma fonte de receita para o municipio, mas attrahiria as chuvas, e melhoraria as condições de salubridade da terra, e, está provado que tolhe a acção destruidora do *oidium* e do *philoxera vastatriz*.

—

Teem tambem as camaras promovido a venda, fóra e dentro do paiz, das famosas *rendas de Peniche*, em cuja fabricação se empregam quasi todas as mulheres, desde

creanças; e as teem apresentado em exposições industriaes, em que teem sido premiadas — sendo-o ultimamente na de Vienna d'Austria.

Tem tomado uma parte muito activa e muito digna de louvor, n'esta exportação, o digno secretario da camara, o já mencionado sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.

Delegação da Alfandega em Peniche

O seu rendimento nos ultimos quatro annos economicos, foi:

1871 a 1872.....	2:823$381 réis.
1872 a 1873.....	2:922$253 réis.
1873 a 1874.....	2:739$181 réis.
1874 a 1875.....	3:102$332 réis.
Somma..	11:587$147 réis.

—

A egreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Peniche de Cima, é a mais antiga e a unica parochia que antigamente aqui havia.

Não é muito grande, mas é um templo claro, alegre e bonito.

Parece que a primitiva parochial, era a egreja de S. Vicente, ao pé do baluarte d'este nome e da actual egreja da Ajuda, e da qual ainda existem ruinas, de paredes muito grossas, e com mais de dois metros de altura em partes.

Foi a primeira egreja christan de Peniche, e consta que foi mesquita mourisca (depois de ser templo gothico) e que D. Affonso Henriques a mandou purificar, em 1150.

Estando muito arruinada, mudou-se o Santissimo para a da Ajuda (que até então era uma capella) pelos annos de 1550.

Para não ter de repetir, em todas as egrejas e capellas d'esta peninsula, sempre a mesma cousa, direi aqui:

Todos os templos de Peniche, excepto o de S. Pedro, teem as paredes interiores revestidas de formosos azulejos, com desenhos mui correctos, e, nem em Lisboa, nem em outra qualquer parte, se encontram mais primorosos.

A egreja de S. Pedro, foi a primeira parochial que houve na *Ribeira*.

E' a mais vasta e sumptuosa da villa.

As magnificas cadeiras do cruzeiro, eram do mosteiro do Bom Jesus, de frades franciscanos d'esta villa.

A egreja de Nossa Senhora da Conceição, é um templo magnifico.

—

A egreja da Misericordia, é notavel pela magnificencia do seu tecto, onde se admiram 55 quadros a oleo, pintados em pano, e representando os principaes successos do *Novo Testamento*.

Conhece-se facilmente que são obra de tres pintores differentes—muitos são do pinsel da famosa Josefa d'Ayala, (*Josefa de Obidos*—vide *Obidos*.)

Outros são de um pintor cujo nome se ignora, e, ainda que de escola diversa, os seus quadros são de tanto merecimento, como os de Josefa d'Ayala—o resfo (uns 10 ou 12) são de um pintor obscuro, e pintura muito ordinaria.

Tanto a egreja, como o bom hospital, annexo, são obra do meiado do seculo XVI; porém o templo foi restaurado em 1796, pois tem esta data sobre a verga da porta principal.

—

Alem d'este estabelecimento de caridade, havia outro denominado, *Casa*, ou *Capella do Corpo Santo*, fundado em 1505, pelos maritimos, que o administravam, e era destinado a soccorrer os seus orphãos e viuvas.

E' hoje o monte-pio *Corpo Santo*, de que trato adiante.

—

Em 1829, o padre João Martins Guisado, sob os auspicios e protecção do sr. D. Miguel I, fundou n'esta villa um *asylo para raparigas desamparadas*.

Este estabelecimento, deixou de existir em 1834, e o edificio é hoje propriedade particular.

A inscripção da fachada, que dizia que o rei se declarava protector do asylo, foi apeiada em 1834, e está servindo de assento em uma horta.

—

Os conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) do convento de S. Bernardino de Atouguia, recebiam os disimos da freguezia de S. Pedro, com a obrigação de repararem a egreja; mas elles, cuidavam mais em receber os disimos, do que nos concertos; chegando a ponto de estar destelhada, pelo que o povo lhe chamava *S. Pedro dos Pardaes*.

Em 1819, o povo, tendo á sua frente um idiota, chamado o *Antonio Doido*, oppôz-se ao pagamento dos disimos, em quanto os conegos não compozessem o templo.

Estes então, levaram a cousa em capricho, e reedificaram a egreja com grande sumptuosidade, gastando nas obras, 24 mil crusados (9:600$000 réis) mais talvez do que valiam todos os disimos que até então haviam recebido.

A parede do N. d'esta egreja, ainda é a parede do S. de uma outra grande egreja que aqui houve, dedicada ao *Espirito Santo*, e que foi demolida durante a usurpação de Philippe IV.

—

Das capellas actuaes de Peniche e das que existiram

1.º—*Nossa Senhora dos Remedios*—Merece indisputavelmente a primazia, não só entre as capellas de Peniche, mas é uma das mais vastas e melhores da provincia, e das mais notaveis do reino; merecendo o primeiro logar depois do *Bom Jesus do Monte*, *Nossa Senhora da Penêda*, *Nossa Senhora do Porto d'Ave*, *Nossa Senhora dos Remedios*, de Lamego, *e Nossa Senhora da Nazareth*.

Está esta formosa e devotissima capella, edificada sobre os rochedos pheldespathicos da costa, a 2:000 metros a N.O. da cidadella, e um kilometro ao N. do pharol do Cabo Carvoeiro.

E' de boa architectura, posto ser muito antiga, e está construida em fórma de cruz, com capella-mór, sachristia e mais officinas.

Não ha memoria da data da sua fundação, nem de quem fosse o fundador; apenas tradicionalmente consta, que appareceu ao mesmo tempo em que foi achada, a famosa imagem de Nossa Senhora da Nazareth, da Pederneira — isto é — pelos annos 1179 da era christan.

Segundo a lenda, invadido este territorio pelos arabes, em 715, uns christãos da Atouguia, ou immediações, adoravam em uma ermidinha, a imagem da Santissima Virgem, com a qual tinham particular devoção, e, receiosos dos insultos e sacrilegios dos mouros, a foram esconder em uma caverna subterranea, que as ondas haviam formado com o seu debater incessante.

Por mais de quatro seculos, esteve a santa imagem escondida e ignorada, na sua lapa, até que, pelos fins do seculo XII, um criminoso, fugido á acção da justiça, procurou abrigo e refugio nos antros cavernosos da costa da peninsula.

Foi então que achou em uma d'essas grutas, uma imagem da Santissima Virgem, de 0m,33 de alto (palmo e meio) com o Menino Jesus nos braços, e de perfeita esculptura.

Não se atrevendo a hir á povoação, deu parte da sua descoberta a umas creanças que se entretinham a apanhar conchas.

Estas, correram a dar parte aos seus parentes, e o povo voou á gruta, e com grande alegria trouxeram a imagem para a egreja de S. Vicente; porém na seguinte manhan, tornou a ser encontrada na sua caverna.

Pozeram-se logo alli vellas para a alumiarem, e trataram de desfazer, a picão, as arestas mais salientes do rochedo, e d'elle mesmo construiram um altar, no mesmo logar em que a Senhora foi achada.

A noticia d'este apparecimento em breve se divulgou, por todos os arredores, e o povo correu a adorar a Virgem, e a invocal-a nas suas afflições.

As esmolas e offerendas correram para a gruta, e com ellas se principiou a edificar

uma ermidinha á Senhora, junto da gruta.

Crescendo e ampliando-se a devoção a esta imagem, que denominaram dos Remedios, decidiram os povos construir lhe uma mais vasta capella, ficando a antiga, que ainda existe, servindo de capella-mór.

Esta nova construção, pareceu-me obra do seculo XV, ou principios do XVI; mas não me consta que haja memoria ou apontamento da data da construcção.

Fez-se uma nova e formosissima imagem de nossa Senhora dos Remedios, que foi collocada no altar mór.

A gruta da apparição, fica no corpo da egreja, á esquerda de quem entra, formando uma capella.

Tem sobre o altar uma imagem, de pedra, de Nossa Senhora, com uns 0m,70 d'alto, e que, pela sua esculptura, parece muito antiga.

Por baixo da Senhora, está um nicho, ou urna, tambem cavado na rocha, e dentro d'elle uma imagem do Senhor morto.

E' corrente entre este povo religioso, que quando alli foi depositada a imagem, era tão curto o nicho, que o Senhor ficou com as pernas encolhidas (muitos moradores de Peniche, dos mais velhos, dizem que ainda se lembram d'esta circumstancia) e o nicho, alargando-se milagrosamente, foi dando logar amplo á imagem, que agora se vê completamente estendida, e na posição natural de um homem fallecido.

O pavimento da capella, fica uns dois metros inferior ao solo, pelo que se desce para ella, não só por alguns degraus do peristilo, ou alpendre, mas d'este por outros para o templo.

Consta que as madeiras empregadas n'estas construcções, foram arrojadas pelo mar, a estas paragens.

O sitio onde está edificado este templo, é plano, e fórma uma praça em frente, orlada de bonitas casas, para secretaria, casa dos mordomos, residencia do eremitão, e abrigo dos romeiros, e cavallariças para o gado.

Ainda em 1875, se construiu uma outra casa para abrigar as bestas de cavallaria, e os bois que levam os carros.

Tem esta casa, uns 50 metros de comprido, por uns 10 de largo.

Tanto a egreja, como todos os edificios das suas dependencias, estão perfeitamente conservados, e são caiados com muita frequencia, o que dá a tudo isto, um aspecto muito alegre e vistoso.

Notei na gente de Peniche uma devoção sincera, e o maior cuidado e sollicitude na conservação e aceio de todas as suas egrejas e capellas, que são muitas, attendendo ao tamanho da terra.

O mesmo cuidado e aceio se nota na maior parte dos templos dos arredores d'esta villa.

E' a milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Remedios, objecto da maior devoção, não só do povo de Peniche, como de todas as freguezias em redor, até grande distancia; e em todo o anno, mas, principalmente, desde 15 de agosto, até fins de novembro, são aqui frequentissimas as romarias.

A maior parte dos romeiros se demoram aqui tres dias, admirando a formosura imponente do logar, e vendo o occeano a debater-se soberbo, contra a costa, formada aqui de penedias cortadas a prumo, de uns 5 a 6 metros de altura.

A rectaguarda da capella, dista apenas uns 12 ou 15 metros do precipicio.

A descrença do seculo ainda não invadiu, felizmente, senão uma parte muito diminuta do bom povo portuguez, que, seguindo a consoladora religião de seus paes, a fé no poder de Deus, e o valor na intervenção dos seus santos, a elles recorre em todos os momentos de perigo ou afflição.

Para se fazer uma idea verdadeira do que deixo dito, basta saber-se que, alem da grande multidão de romeiros que não wem de *cruz alçada*, ainda hoje aqui concorrem os seguintes *cirios*:

Do concelho d'Alcobaça:

Alfeizerão, Famalicão, S. Martinho do Porto, Nazareth, Pataias, Vallado, e Vimeiro de Alcobaça.

Do concelho das Caldas da Rainha:

Fonte Grada, Foz do Arêlho.

Do concelho d'Obidos:

Amoreira, Gaieiras, Obidos.

Do concelho da Lourinhan:

Atalaias, Mollêdo, Reguengo Grande, Reguengo Pequeno, Vimieiro.

Do concelho de Torres Vedras:

Carvoeira, Cunhados (ou A dos Cunhados) Encarnação, Panasqueira, Rendide.

Do concelho de Peniche:

Peniche, Serra d'El-Rei.

Ao todo 24 cirios.

Consta que antigamente eram mais de trinta.

—

A camara municipal de Peniche, com a approvação da junta geral do districto de Leiria, estabeleceu no sitio de Nossa Senhora dos Remedios, em 1874, uma feira annual, no 3.º domingo de outubro de cada anno.

E' esta feira muito concorrida, não só por causa das transacções commerciaes então aqui effectuadas, como tambem para ver os cirios da Serra d'El-Rei, e do Reguengo, que costumam vir em visita á Senhora n'esse dia.

—

2.ª—*Capella de S. Vicente, martyr*, antiquissima, e em ruinas.

Já fallei d'ella.

3.ª—*Misericordia*. Idem.

4.ª—*Capella de Santa Barbara*—orago da guarnição da praça.

E' muito formosa, e está dentro da cidadella.

Acha-se actualmente profanada, e servindo de arrecadação de objectos militares; mas ha esperanças de em breve ser restituida ao culto divino.

5.ª—*Capella de Nossa Senhora da Victoria*.—Muito antiga.

A *junta do commercio* a reedificou, pelos annos de 1780, mas ficou apenas em paredes.

E' de singela mas elegante architectura, e está encostada (ao E.) ao pharol do Cabo Carvoeiro, tambem então mandado construir pela mesma junta do commercio.

6.ª—*Capella de Nossa Senhora do Abalo*. Já não existe.

Ficava perto do convento dos franciscanos, no sitio do novo cemiterio, em construcção.

7.ª—*Capella de S. José* (particular.)

Deixou tambem de existir ha muitos annos.

8.ª—*Capella da Calvario*—onde termina a procissão dos Passos.

Pelas ruas do transito d'esta procissão, se veem varias capellas a que damos o nome de *Passos*, onde se fazem as estações da mesma procissão.

Fica perto da egreja de Nossa Senhora; é bonita, e está muito bem conservada.

9.ª—*Capella de Sant'Anna*—fica a O.N.O. do paiol, e está em bom estado de conservação.

10.ª—*Capella da Santa Cruz*—fica ao S.O. da antecedente, e perto do cemiterio antigo.

Está tambem bem conservada.

11.ª—*Capella do Espirito Santo*, da qual já tratei, e que deixou de existir.

12.ª—*Capella de S. Marcos, evangelista*, perto do cemiterio antigo.

Foi profanada, e serve de hospital e quartel militar, e de arrecadação de objectos pertencentes á guarnição.

13.ª—*Capella de Santo Antonio*.—O regimento de infanteria de Peniche (depois n.º 13) quasi todo composto de gente d'este concelho e dos limitrophes, tomou Santo Antonio de Lisboa por seu padroeiro, e mandou á sua custa erigir-lhe proximo e ao E.N.E. da cidadella, uma formosa e rica ermida, com seu altar de riquissima talha dourada, e tendo sobre a fachada do templo as armas reaes portuguezas.

(E' no districto da parochia de Nossa Senhora da Conceição.)

Ordenou-se por uma provisão regia, de D. Pedro II, e por supplica do regimento, para a fabrica d'esta capella, que o seu padroeiro tivesse o posto e o soldo de alferes, que, segundo a tarifa d'aquelle tempo, eram 6$000 réis mensaes.

Em quanto este regimento se conservou na sua praça de Peniche, fez todos os annos uma pomposa festa ao seu padroeiro.

Este regimento, foi mandado crear, com o titulo de *regimento de infanteria de Peniche*, por provisão regia, de D. João III, pelos annos de 1555, e assim se conservou até á nova organisação do exercito, feita pelo marechal Beresford, em 1808, dando-se-lhe então o titulo de *regimento de infanteria n.º 13.*

Durante o governo do sr. D. Miguel I, e até á convenção d'Evora Monte, se tornou a denominar, *regimento de infanteria de Peniche*; mas não perdeu a numeração de 13. —Tinha golla, canhões e vivos brancos.

Foi sempre um corpo brava, disciplinado e fidelissimo ás suas bandeiras, morrendo com ellas.

Cumpriu sempre as ordens dos seus superiores, tomando a defeza do partido por elles indicado.

Em 1820 e 1826, sendo os seus commandantes liberaes, seguiu e defêndeu o partido liberal.

Em 1828, o seu commandante seguiu o partido legitimiste, e o regimento cumpriu o seu dever, seguindo-o.

Durante a infeliz guerra civil de 1832 a 1834, serviu com bravura e lealdade o partido do sr. D. Miguel, até convencionar em Evora Monte.

Em 1570, o papa, S. Pio V, e o rei de Hespanha, Philippe II, convidou o nosso rei D. Sebastião a entrar em uma liga ou confederação contra os turcos.

O rei portuguez acceita, e manda uma divisão collocar-se ás ordens de D. João de Austria, filho natural do monarcha castelhano.

O regimento de Peniche, fazia parte d'esta divisão, e se distinguiu pelo seu valor, na famosa batalha de Lepanto, em que os turcos foram derrotados.

Achou-se tambem nas batalhas—das *Linhas d'Elvas*, em 14 de janeiro de 1659—do *Ameixial*, em 8 de junho de 1663—de *Castello Rodrigo*, em 7 de julho de 1667—de *Montes Claros*, em 17 de julho de 1665.

Em todas estas batalhas, gloriosas para as armas portuguezas, se portou o regimento de Peniche com o valor e sangue-frio de tropa disciplinada, e com a lealdade de verdadeiros portuguezes, ajudando corajosamente a sacudir os pesados grilhões da usurpação hespanhola.

Foi um dos seis regimentos de infanteria portugueza, commandados pelo tenente-general, João Forbes Skelater, que constituiram a divisão auxiliar na Hespanha, e que obrou prodigios de valor, na gloriosa *campanha do Roussillon*, em 1795 e 1796, regressando da Catalunha a Portugal, coberto de honras e laureis.

Todos estes 6 regimentos, e por ordem do principe regente (depois D. João VI) tiveram bandeiras de distincção, pela ordem real, de 17 de dezembro de 1796, com a legenda—AO VALOR DO REGIMENTO DE...

Durante a guerra peninsular, distinguiu-se do mesmo modo, o bravo regimento de Peniche, nas seguintes batalhas:

Ás ordens do marechal Beresford, contra Soult, em *Albuera*, a 16 de maio de 1811.

Sob o commando do general Hill, contra o general francez, Gerard, em Arroyo de los Molinos, em 28 de outubro do mesmo anno, de 1811.

No assalto e tomada de *Ciudad Rodrigo*, em 19 de janeiro de 1812.

No assalto e tomada de Badajoz, em 6 de abril do mesmo anno.

Sob as ordens do marechal, Sir Wellesley (lord Wellington) contra Marmont, em *Salamanca*, a 22 de junho de 1812.

Na de *Lesaca*, a de agosto.

Sob o mesmo general, entra triumphante em Madrid, a 12 de 4 agosto do mesmo anno.

Ainda sob as ordens de Wellington, nos *Arapiles*, a 15 de novembro d'esse anno.

Na sanguinolenta e decisiva batalha de *Victoria*, em 24 de junho de 1813. [1]

Na dos *Pyerneus*, a 30 de julho.

[1] A verdade historica, obriga-me a confessar, que os corpos portuguezes que mais heroicamente se portaram na batalha de

No assalto e tomada de *S. Sebastião de Biscaia*, em 31 de agosto.

Na de *Nivelle* (já em territorio francez) a 10 de novembro.

Na de *Nice*, a 13 de dezembro.

Na de *Hastingues*, em 23 de fevereiro de 1814.

Na de *Orthez*, a 27 do mesmo mez e anno.

Na entrada triumphante em *Bordeus*, em 12 de março.

—

Note-se que o actual regimento n.º 13, nada tem de commum com o antigo.

Aquelle é de creação posterior a 1834, e desde que deixou de existir o *regimento de Peniche*.

—

Como muitas familias d'esta villa e das terras adjacentes, descendem d'estes heroicos militares portuguezes, que pelos seus assignalados serviços, tanto illustraram a nação, em geral, e Peniche, em particular, consignei estes factos, *at perpetuam rei memoriam*—na certeza de que tal narração será grata aos penichenses.

—

Tambem julgo a proposito, mencionar aqui um facto, occorrido na primeira invasão franceza.

No dia 8 de dezembro de 1807, entraram n'esta praça, dois regimentos de infanteria buonapartistas, commandados por *Tomieres*, para a *protegerem* (!) contra os inglezes.

Era governador da praça, o brigadeiro, Luiz Antonio Castello Branco, que (sabe Deus com que vontade!...) com o seu estado-maior, foi comprimentar o brigadeiro francez.

Dos officiaes portuguezas, só um capitão de artilheria sabia fallar francez, e serviu de lingua.

Na conversa, disse Castello Branco, que tinha feito a campanha do Roussillon, na qualidade de coronel commandante do regimento de Peniche.

Tomieres disse que se admirava de que tendo estado em França, não fallasse francez.

Foi isto dito com certo ar de desconsideração, que chocou o general portuguez, que disse ao interprete:

—«Diga a esse senhor, que mais admirado estou eu, d'elle vir a Portugal, sem que ninguem de cá o chamasse, e sem saber fallar portuguez.»

Poz o seu chapeu na cabeça, e retirou-se.

—

Teve logar n'esta villa, um horroroso caso de cathalepsia.

Fallecendo D. Clara da Horta, foi sepultada no carneiro da sua familia.

D'ahi a cinco annos, no acto de depositar-se outro defuncto no mesmo carneiro, achou-se a infeliz senhora ao cimo da escada, tendo cortado com os dentes as fitas que lhe prendiam pés e mãos.

Que immensa, longa e horrivel não seria a agonia d'esta desgraçada!

—

Peniche militar

Separado, involuntariamente, do brioso exercito portuguez, ha quarenta e dois annos, e tendo apenas 17 ao deixar o serviço militar, poucas noções conservo da arte da guerra; mas, tão evidentes são as innumeras circumstancias que concorrem para se poder fazer d'este local um ponto inconquistavel, que qualquer *paizano* as conhece facilmente.

A disposição topographica de Peniche, differe essencialmente da de Gibraltar, cujas baterias subterraneas são construidas na encosta de uma montanha, que olha para o Estreito.

Victoria, foram os 9, 11, 21 e 23 de infanteria—e os 7 e 11 de caçadores.

Pela ordem do dia de 13 de março de 1814, tiveram estes corpos novas bandeiras —com legendas, em letras d'ouro.

As de infanteria, diziam:

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE,
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE.

As de caçadores, diziam:

DISTINCTOS VÓS SÓIS NA LUSA HISTORIA,
COM OS LOUROS COLHIDOS NA VICTORIA.

Póde porém ser comparada com a terrivel cidade russa de Cronstad, tendo muitos pontos de semelhança (geographica e militarmente fallando) com ella, e podendo Peniche, ser ao O. da Europa, o que Cronstad é ao N.

Os governos portuguezes, nunca prestaram a devida attenção a este ponto importantissimo da nossa costa, fazendo de Peniche não só uma praça de guerra das mais fortes do mundo; mas uma escola pratica dos nossos architectos militares, engenheiros e officiaes de artilheria.

A peninsula, forma um triangulo com a pequena peninsula do *Baleal*, e com o pontal da *Consolação*; tendo ainda por temerosa sentinella avançada—a 11 kil. a O.N.O. o ilheu da *Berlenga* e os grupos de cachopos, da *Velha*, *Estrellas* e *Farilhões*.

Fortificadas convenientemente, as praças de Peniche e suas dependencias; e fortificando-se tambem, segundo os mais aperfeiçoados systemas modernos — Abrantes, Santarem, Almada, Cascaes, S. Julião e Bugio, ficaria Lisboa a coberto de invasões, por terra e por mar; porque nenhum exercito inimigo se atreveria a atacar a capital, ficando cercado por tantas praças fortes.

Tem ainda Peniche a vantagem de poder conter commodamente, alem da sua guarnição, um bom corpo de tropas de terra, na sua ampla cêrca ou recinto fortificado; o que lhe augmenta a importancia militar.

A magistral da fortificação ininterrompida d'esta praça, mede 2250 metros, sendo a parte que defende o isthmo, uma curva de 140 metros de flecha, com a parte convexa para o interior—e as extremidades dos dois mares — do S. e do N.—abrangendo uma extenção de 1250 metros.

Dos extremos da curva, segue a fortificação para o N., em volta da peninsula, em uma extensão de 550 metros, e do mesmo modo, para o S., 400.

A *cidadella* e o forte das *Cabanas*, que lhe fica immediato e ao E., estão perfeitamente conservados, assim como todo o lanço da cortina e seus baluartes, que partindo da principal fortaleza—a cidadella—vão prender ao forte da Luz (em ruinas) em Peniche de Cima. Isto e o seu competente fosso e contra-escarpa, é a defeza da praça, pelo E. — isto é — pelo lado do isthmo.

A artilheria da Consolação, defendia a parte S. da peninsula; a do Baleal, a parte N., e ambas, cruzando seus fogos, varriam todo o isthmo, secundadas, além d'isso, pelos fogos convergentes dos baluartes do E. da praça.

A cidadella, uma bateria no *Cabo Carvoeiro*, e baluartes no *Sêrro do Cão*, na *Ponta do Trovão*, na *Papôa* (que é um pontal, ou pequena peninsula) e na *Luz*, varreriam toda a costa, jamais, tendo ao alcance da metralha, e de artilheria, ainda de pequeno alcance, o ilheu rochoso da Berlenga, que não deixaria conservar no canal muitos minutos embarcações, ainda que miudas.

A todas estas temerosas defezas, tanto da arte como naturaes, accresce que o mar é quasi sempre perigosissimo n'estas paragens, o que attestam os frequentes naufragios occorridos n'estas aguas, semeadas de recifes, e quasi sempre revoltas e frementes.

Parece que a propria natureza reuniu caprichosamente uma multidão de circumstancias, para que os homens as aproveitassem, fazendo d'este ponto uma fortaleza, temivel e inconquistavel.

Os nossos governos, porém, em tempo algum curaram de aproveitar esta posição importantissima, limitando-se, quando muito, a mandarem construir alguns revelins, cortinas e baluartes, mais ou menos solidos, nenhum dos quaes, nem mesmo a cidadella póde hoje resistir muitas horas á acção terrivel da poderosa artilheria moderna.

Nem uma estrada militar, liga Peniche com a capital, nem com outra qualquer povoação!—Mais—hoje, que tanto se tem cuidado da viação publica, esta praça ainda não possue uma unica estrada, nem mesmo de 3.ª classe!

Em 15 de outubro de 1875, o general, commandante da 1.ª divisão militar, foi com os capitães de estado-maior e sub-chefe do mesmo, e majores das duas brigadas de instrucção e manobras, entregar ao ministro da guerra, o sr. Antonio Maria de Fontes Pe-

reira de Mello, o primeiro itinerario, feito por aquelles distinctos officiaes, com referencia á estrada de Lisboa a Peniche, hindo pela Alhandra, Arruda, Torres-Vedras e Lourinhan.

Este itinerario descreve a estrada, com todas as povoações limitrophes, seus recursos, e accidentes do terreno; abrangendo uma zona lateral de alguns kilometros. Sua importa cia, sob o ponto de vista militar; e referencias á historia das guerras do paiz.

Como este, tencionam os mesmos cavalheiros fazer outros itinerarios, relativos ás estradas comprehendidas na área da 1.ª divisão militar; mas, provavelmente, nada passará do papel, na fórma do nosso *louvavel* costume, e esta praça, com o jogo de fortalezas caducas (Consolação, Berlengas e Baleal) que formam um triangulo agudo, no centro do qual estão as fortificações principaes (Peniche), continuarão no despreso e olvido, como até aqui; dando aos estrangeiros um testemunho vergonhoso do nosso desmazêllo e da nossa incuria.

Fortificações de Peniche

A primeira fortaleza d'esta peninsula, de que ha noticia, foi a actual cidadella, bastante forte, principiada por ordem de D. João III, no começo do anno de 1557, e a cortina do lado do N.E., que olha para o Baleal; porém, a morte d'este monarcha, occorrida a 11 de junho d'esse anno, interrompeu as obras, que só se concluiram no reinado de D. Sebastião, pelos annos de 1570.

Foi D. Luiz d'Athaide, conde e senhor de Athouguia, alcaide-mór e senhor de Peniche, que requereu estas obras, e que depois as dirigiu.

Eram feitas com tamanha solidez, que o mar, debatendo-se contra a cortina do N.E., e minando-lhe os alicerces, fez cahir lanços inteiros, que ainda se conservam deitados, mas unidos, como se fosse uma só pedra; tal era a tenacidade da argamaça.

Os Philippes, a quem nunca importou a ventura ou desgraça dos portuguezes, e que só cuidavam em lhes tirar o coiro e a pelle, pouco se lhes dava de que os estrangeiros invadissem as nossas costas e nos saqueassem as povoações; porém, como traziam guerra com a França, Catalunha, Gran-Bretanha, Hollanda e Paizes-Baixos, e as suas depredações os prejudicavam, mais ou menos directamente, Philippe III mandou dar principio a algumas fortificações na costa do N., desde o baluarte da Cambôa até aos rochedos da Papôa.

Parece que estas obras andavam muito vagarosamente, porque só depois da queda de Philippe IV, seu filho, e em 1645, é que se concluiram, reinando já D. João IV—que fez de Peniche uma praça de guerra de primeira ordem, construindo lhe varias fortificações. Estas obras foram dirigidas pelo conde d'Atouguia, D. Jeronymo d'Athaide, alcaide-mór de Peniche.

A pouca artilheria que até então tinham as fortificações, era toda de ferro. As mais antigas peças de bronze, que se vêem na cidadella, foram fundidas no reinado de D. João IV, o que consta das legendas gravadas nas mesmas peças. Tambem aqui ha bastantes, do tempo de D. Affonso VI e de D. Pedro II (como regente, e depois como rei), e estão muito pouco deterioradas; porém, a maior parte da artilheria de bronze, foi construida por ordem do marquez do Pombal, no reinado de D. José I; e estas estão em tão bello estado, e as suas inscripções e ornatos, em relevo, tão primorosos e tão bem conservados, como se acabassem de sahir do arsenal.

Junot, imaginando que o seu senhor tinha lançado as garras a Portugal, por toda a eternidade, tambem mandou fazer alguns reparos ás fortificações, em 1808.

O marechal Beresford, mandou fazer algumas obras na cidadella, e restaurar outras, em 1809 e 1810.

O sr. D. Miguel I, tambem mandou fazer ligeiras obras de defeza, em volta da costa desde o forte da Luz até a Papôa, ao N.E., e desde este ultimo ponto até ao Cabo Carvoeiro, ao N. e N.O.

A cidadella (excepto o paço ou quartel do governador, que ardeu em 1836, e nunca mais foi reconstruido), o forte de Cabanas,

e os baluartes que defendem a peninsula pela parte de terra, estão em perfeito estado de conservação; tudo o mais está em ruinas.

A primeira (a cidadella) é das fortificações portuguezas a que se acha em melhor estado de conservação, depois d'Elvas.

Esta praça ainda possue 144 boccas de fogo — e são:

De bronze—6 de calibre 24—10 de 18—10 de 12—7 de 7—2 de campanha, e quatro obuzes. E de ferro, 105, todas completamente inuteis. Estas são quasi todas de grosso calibre.

—

Os francezes, apossando-se da praça de Peniche, no fim do anno de 1807, mandaram picar as armas portuguezas que estavam sobre a porta principal do castello. Depois da restauração, mandaram-se, sobre o escudo, embutir os sete castellos e os cinco escudêtes, postiços; mas, parte d'elles, ficando mal seguros, sahiram.

Esta porta está no baluarte da entrada da cidadella, e ao quál, pela sua fórma, se dá o nome de *Redondo*.

Por baixo das armas reaes estão duas inscripções—ou, para melhor dizer—uma inscripção, dividida em duas partes. Principia do lado esquerdo de quem entra, e diz: [1]

ARCEM HANC JVSSV SE-
RENISSIMI REGIS JOANNIS
III AB INVICTISSIMO COMIT-
E LVDOVICO BIS INDIAE
PRO REGE IN CHOATAM
ET GRASSANTE CASTEL-
LA TYRANNI DE PER LUS-
TRA XII INTERMISSAM. [2]

[1] A inscripção está com muitas *abreviaturas*—isto é—fallando uma letra por duas e tres; mas, como não se fundem hoje estas letras duplas e triplas, a não se mandarem fazer de proposito, o que seria dispendiosissimo, ponho-as aqui por extenso.

[2] Segundo esta inscripção, interromperam-se as obras durante a dominação dos Philippes, mas não é verdade. Já disse que Philippe III, ou, pelo menos, no seu reinado, se fizeram algumas obras de defeza.

O justificadissimo odio aos usurpadores castelhanos, ainda muito verde quando se gravou a inscripção (1645) foi o motivo de se não mencionar n'ella o que mandou fazer Philippe III.

Do lado direito, continúa do modo seguinte:

SVB AVGVSTISSIMO
JOANNE IIII REGNI ASSER-
TORE A CONTE HIERONI-
MO PRONEPOTE AMPLE ET
MINACITER ABSOLUTAM
LAPIS HIC POSTERITATI
COMMENDAT. ANNO
DOMINI MDCXLV.

—

Na porta exterior do revelim vê-se, gravada em uma pedra, esta inscripção:

J. IV
1645

—

A guarnição actual d'esta praça, consta de um destacamento de 60 praças de pret (quasi sempre de caçadores n.º 6, vindos de Leiria) e os competentes officiaes, que são rendidos, de dois em dois mezes — 30 praças de artilheria, e alguns sapadores.

Todos os governadores da praça, até ao sr. Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral, antecessor do actual, eram generaes de brigada. O 1.º com o posto de coronel, é o sr. Augusto Cesar Nunes, que serve actualmente.

—

As muralhas de circumvalação (que são as que olham para o isthmo) teem quatro portas, contando da cidadella, para o N. — São — *Portão das Cabanas* — *Porta Nova* (aberta na muralha, em 1875) — *Portão da Ponte* (a principal, e em serviço) — e *Portão de Peniche de Cima*.

Ha dois postigos — o das *Escadinhas* e o da *Rua da Palha*.

—

Tem a praça as seguintes obras de defeza (principiando na cidadella, e andando para o norte, em volta do peninsula, até terminar no ponto da partida):

Cidadella, Forte das Cabanas (que é, verdadeiramente, um *baluarte*), *Baluarte da Misericordia*, dito *da Ponte*, dito *da Calçada*, dito *de S. Vicente*, e dito *da Cambôa* (que são *meios baluartes*). Tudo isto é artilhado e está perfeitamente conservado. Estes meios baluartes, são a linha de defeza da parte da terra, ou do isthmo. O fosso que separava

este das muralhas, foi ha muitos annos obstruido pelas areias.

Em 1866, construiu-se uma forte contra-escarpa, desde o *porto das Cabanas*, até ao *baluarte da Ponte;* mas parou-se ahi, sem se seguir até ao forte da Luz, o que, com o devido systema de comportas, cortaria o isthmo — que é todo de areia, ficando a praça completamente defendida pela parte da terra.

D'aqui para diante, em volta da costa, segue-se o *forte da Luz*, que está desmantellado, e até á *Papôa*, o sitio da *Derrubada*, assim chamado por ter alli existido um lanço de cortina, do qual apenas ha vestigios. (É a tal de que já fallei, e que tinha uma fortissima argamaça.)

A *Derrubada*, defendia uma linha de 550 metros de extensão. Era uma muralha de escarpa, de tres metros de espessura, construida no reinado de D. João IV. Foi-se deixando cahir pouco a pouco; e os reparos, que no principio d'este destroço, apenas consistiam em algumas pedras, e poucas carradas de cal hydraulica, tapando a base da cortina que o mar hia minando, com o desmazéllo, se tornou irreparavel, porque tudo cahiu, e hoje só com dispendio de 10 ou 12 contos de réis se faria obra em termos. E notem que esta parte da costa, é a mais accessivel da peninsula, e ainda, mesmo assim, só para barcos pequenos, e com mar bom.

Foi na *Derrubada*, e desde o desmantellado forte da Luz, até ao Sêrro do Cão, que o sr. D. Miguel I mandou construir em 1831 e 1832, uma linha de terraplenagem e algumas baterias ligeiras, do que apenas restam vestigios, e as plataformas, porque eram de lagens.

Ainda varias peças de ferro, de grosso calibre, carcomidas pela ferrugem de 40 annos, se veem por aqui estendidas sobre a terra e em total desprezo; sem haver quem as mande para o arsenal real do exercito, para se fazerem balas, ou terem outra qualquer applicação: e assim se vão deixando destruir e inutilizar muitas tonelladas de ferro!

No Cabo Carvoeiro, e n'outros pontos da costa, houve tambem uns pequenos reductos, dos quaes apenas restam vestigios; mas com isto pouco se perdeu, porque, pouco deviam ter custado, e de pouco serviriam, em caso de perigo.

(Ao fortim do Cabo, se dava o pemposo nome de *forte da Victoria*. Conserva-se em bom estado, porque está alli o *mastro dos signaes*. Tem uma peça de ferro, desmontada, de calibre 48.)

—

Tambem durante o reinado do sr. D. Miguel, se construiu o *reducto de S. Miguel*, do qual hoje apenas existem restos.

Ficava em frente do Baleal.

Havia mais—o *fortim do Carreiro do Cabo*, perto da Victoria (Cabo Carvoeiro)—e o *fortim do Porto da Areia do Sul*, ambos desmantellados: do segundo apenas existe em bom estado a casa do guarda.

Por baixo d'elle, ha restos de antigas fortificações.

—

As casamatas da cidadella, posto ficarem alguns metros abaixo do nivel do mar, são muito pouco humidas, e tão claras que a toda a hora do dia se pode alli escrever e ler facilmente.

Recordam-nos estas casamatas, scenas bem tristes das nossas desgraçadas guerras civis.

Desde 1826 até 22 de fevereiro de 1828, aqui estiveram os prisioneiros feitos ao marquez de Chaves (general Silveira) aos quaes obrigavam a trabalhar nas fortificações, limpeza dos quarteis e mais serviços, como se tivessem sido condemnados a trabalhos publicos por um conselho de guerra; não excluindo d'estes humilhantes serviços, os officiaes inferiores e os cadêtes!

Depois, desde agosto de 1832 até maio de 1834, tambem os prisioneiros feitos aos liberaes, estiveram enterrados n'estas casamatas.

—

A cidadella tem quatro frentes, regularmente baluartadas, uma das quaes, que olha para o *Campo da Torre*, tem um revelim, que dá entrada para a cidadella.

Esta frente, e as duas que estão viradas

ao O., teem fosso, e ramaes de *estrada coberta*, com as competentes *praças d'armas*, salientes e reentrantes.

A restante *linha magistral* da cidadella, é commum á da praça, e irregular, porque segue as ondulações das alcantiladas rochas que constituem a sapata, ou base das muralhas.

Na cidadella ha dois *cavalleiros*, um de fórma circular—por isso, chamado o *Redondo* (em que já fallei e é onde estão as inscripções que ficam copiadas) e outro baluartado.

O isthmo—unico ponto por onde a praça póde ser atacada pelo lado da terra, está perfeitamente defendido (pelo systema antigo) porque as faces e flancos dos meios-baluartes, e as cortinas que os ligam, formam uma linha angular, muito reentrante, que, por assim dizer, obraça todo o isthmo: e a direcção dos seus fogos está tão habilmente combinada, e tão convergente para o logar que tem a bater, que não apresenta um só ponto indefezo; estando tambem as obras de fortificação tão reciprocamente flanqueadas, que não ha um unico *angulo morto*—isto é—sem defeza.

Uma guarnição de 2:500 homens, de artilheria, sapadores e infanteria, tendo as competentes munições de guerra e bocca, defendem com facilidade a praça de Peniche.

O paiol da polvora é completamente isolado, e fica a 500 metros, ao O. da cidadella.

Tem esta praça o grande defeito de ser pobre de quarteis, pois apenas tem accommodações para uns 400 ou 500 homens.

São, dentro da cidadella, um grupo de quarteis antigos—divididos por *esquadras*—chamados—*do Norte*, *do Sul*, e *do Oeste*—e um barracão adjacente ao ultimo.

No recinto da praça, ha o *quartet do Barracão*, na *gola* do baluarte da Misericordia.

Tambem, desde tempos remotos, serve de quartel, a antiga egreja de S. Marcos, de que já fallei.

Tambem ha na praça uma sensivel falta de armazens e arrecadações.

Na cidadella ha um pequeno armazem, onde se guardam diversos objectos da manobra de artilheria; uma casa que foi da forja, e hoje é arrecadação de projectis, de varias especies.

Dentro do *Redondo*, ha trez pequenos paioes provisorios, ou de bateria.

Debaixo de um dos reparos, ou terraplenos da cidadella, ha um grande armazem occupado com viaturas e reparos de artilherio, e com material e ferramentas, para as obras da praça.

A capella da fortaleza (Santa Barbara) tambem serve actualmente de arrecadação.

Por baixo do terrapleno do revelim, ha dois armazens, um pertencente á commissão de engenheiros militares, outro ao commando do material d'artilheria.

No recinto da praça, além do paiol, ha o *Casão*, onde estão os utencilios do extincto arsenal das obras militares.

Ha poucos annos, a egreja do mosteiro do Bom Jesus, foi tambem transformada (como já disse) em armazem para guardar utencilios e reparos da artilheria.

As muralhas da praça (não fallando na *Derrubada*, que se foi pela agua abaixo) apresentam algumas ruinas, não só pela sua antiguidade—pois é obra do tempo de D. João III—mas, e principalmente, pelo descuido e desmazello que tem havido nos seus faceis reparos; e, se não fosse feito governador da praça, o sr. Adrião Acacio da Silveira Pinto, muito mais arruinadas estariam.

Entre as obras de urgente necessidade, mandadas fazer por este cavalheiro, avultam os reparos em uma das muralhas do baluarte da *Cambôa*, e um arco, que atravessa uma das cortinas da cidadella, por onde a maré entra para os fossos.

Tambem mandou concertar todas as guaritas dos angulos flanqueados e as das espaldas dos baluartes da cidadella—os quartos e casas, chamada *Salão*, restos do antigo e bello palacete dos governadores, o qual ardeu, em consequencia de uma explosão, em 1836.

O salão e os quartos reparados, servem

hoje de secretaria da praça e sala para as sessões do conselho administrativo.

Tambem mandou concertar os armazens, as arrecadações, os quarteis e as prisões; e, cértamente, ninguem, com tão poucos meios, seria capaz de fazer tanto como fez o sr. Silveira Pinto.

As vistas que se gosam da cidadella são magestosas e formosissimas.

Para o O., vê-se uma imponente vastidão do occeano, debatendo-se constantemente, contra os rochedos perpendiculares que lhe constituem a solida base.

Mais alem (a 11 metros de distancia) vê-se o ilheu e posto semaphorico das Berlengas, e os cachopos seus visinhos, da *Velha*, *Estrellas* e *Farilhões*.

Ao N., o Baleal, e um grande espaço da costa, até Obidos—ao E. e S.E., diversos montes e aldeias da antiga villa d'Athouguia —e, finalmente, ao S., o forte, e a bonita aldeia da Consolação, com a sua alva, formosa e vasta capella.

Tambem é bonita a vista do extenso e plano areal, que fórma o isthmo, constantemente sulcado de carros, cavalleiros, peões, e bestas de carga, que vão e vem, levando e trazendo mercadorias, e para differentes misteres.

—

Com razão se ufana a villa de Peniche, por ser a patria de varões famosos, que a illustraram, e de uma heroina, que, qual outra Brites d'Almeida (a famosa *padeira d'Aljubarrota*) mostrou em varias occasiões, a sua coragem, a sua força, o seu patriotismo, e o odio entranhavel e justificado, que sempre nutriu contra os oppressores castelhanos.

Principiarei por esta—é:

Joanna da Silva—que nasceu em Peniche, pelos annos de 1530.

Tinha as forças de um Alcides, e a coragem de um leão.

Ouçamos o que diz Diogo Manuel Ayres d'Azevedo, no opusculo que em 1834 imprimiu, com o titulo de *Portugal illustrado pelo sexo feminino*:

«Possuindo estes reinos Filippe II, de Castella (e não o nomeamos 1.º de Portugal, pois não é justo que por tal reconheçamos a quem pura, e simplesmente, e só na força das armas, cifrou o direito para o possuir) vivia na illustre villa de Peniche, uma das mais deliciosas de Portugal, certa mulher, já de edade de cincoenta annos, mas nas forças tão vigorosa, como se estivesse no vigor d'elles.

«Juntamente com as forças, era dotada de um animo tão alentado, que o mais varonil lhe cedia, sem controversia, a primazia toda.

«Envergonhava-se de pelejar com um só inimigo, e ainda com dois não admittia paralello o seu brio.

«Combater com quatro e cinco, aspirava o seu animoso espirito, e todavia, para muito mais mostrava tanto valor como animo.

«Tendo um choque com tres castelhanos (a quem muito aborrecia) maltratou-os de maneira, que foram necessarios muitos tempos para se recobrarem.

«A outro que intentou offender a sua honra, deshonrou com uma grande bofetada, e porque este se quiz vingar da insolencia, ella o tratou de sorte, que esteve arriscadissimo a perder a vida.

«Outras muitas acções notaveis obrou esta illustre guerreira, que omittimos por serem quasi identicas.»

Não pude saber quando falleceu.

—

D. Luiz de Athaide, conde d'Atouguia, alcaide-mór e senhor donatario de Peniche —militou nos estados da India, na sua primeira mocidade, e voltando d'ahi a Portugal, passou a servir nas praças fronteiras de Africa.

Nomeado embaixador ao imperador Carlos V, partiu para a Allemanha, onde então o imperador andava em guerra com os protestantes.

Quando D. Luiz chegou, estava Carlos V para dar uma batalha ao eleitor de Saxonia, e o embaixador portuguez, immediatamente entrou n'ella, como soldado, tendo então occasião de salvar o estandarte imperial. A'

volta d'essa missão, foi nomeado vice-rei da India.

Foi aqui onde elle immortalisou o seu nome, restituindo o antigo explendor ao imperio portuguez no Oriente, o qual já pendia para a sua ruina.

Não só defendeu o antigo territorio que possuiamos, mas accrescentou-o.

Sustentou varios cêrcos, dos quaes, um dos mais notaveis, foi o de Gôa, contra o Idalcão.

Acabado o seu governo, voltou a Portugal, onde tal ruido tinham feito as suas façanhas, que foi recebido com pompa nunca vista.

Nomeado segunda vez vice-rei da India, o seu nome bastou para conter a ousadia dos reis d'aquellas partes.

Morreu D. Luiz, em Gôa, antes de ter completado o tempo do seu segundo vice-reinado, dispondo no seu testamento, que queria que os seus restos mortaes fossem transportados para Portugal e depositados no *convento do Bom Jesus, de Peniche* que elle mandára edificar.

Na egreja do dito convento, se conservaram em paz, e em decente mausuleu os restos d'este heroe portuguez, até 1834, épocha em que alguns extrangeiros engajados, e que por esses tempos fizeram guarnição n'esta praça, possuidos de um furor vandalico, sacrilego e cubiçoso, contra tudo o que pertencêra a frades e mosteiros, e cheirasse a antigualha, arrombaram o tumulo de D. Luiz d'Athaide, julgando encontrar n'elle alguma cousa de valor; porém, enganaram-se, porque só encontraram pó e ossos; estes, em 1836, foram removidos para a parochial egreja de Nossa Senhora da Ajuda, onde se conservam guardados n'um corredor escuso, em um armario indecentissimo e carunchoso, d'entro d'um caixão ainda mais indecente!

Eis o ultimo jazigo de um esclarecido heroe que tanto honrou s sua patria, e a quem Peniche tantos serviços deve!

Se o nobre conde soubesse a triste sorte que estava reservada aos seus restos mortaes, diria como o poeta:

«*Ingrata patria, non possidebit ossa mea!*»

As camaras de Peniche, que, pelo menos a alguns annos a esta parte, tão sollicitas teem sido na promossão dos melhoramentos do seu municipio, ainda não tiveram occasião de incluir no orçamento, uma pequena verba, para ser construido ao excelso D. Luiz d'Athaide, um humilde mausoleu, em um dos seus cemiterios; e que servisse de monumeuto singello, da gratidão do povo d'esta villa, ao nobilissimo portuguez que tanto a enobreceu!

—

Jacob Rodrigues Pereira.—Nasceu a 11 de abril de 1715. Era filho de Abrahão Rodrigues Pereira e de sua mulher, Abigail Ribôa Rodrigues. Já se vê pelo seu nome e de seus paes, que era israelita. Sendo os judeus expulsos (estupidamente) de Portugal, foi Jacob para Paris, e ahi, dando-se ao ensino dos surdos-mudos, inventou o alphabeto manual, que o abbade de L'Épée depois aperfeiçoou.

Choveram as recompensas sobre o illustre portuguez. Os reis de França, Polonia, Suecia e Dinamarca, lhe fizeram muitas mercês, e as academias o cobriram de applausos.

Condamine, Buffon, Diderot, d'Alembert e Rousseau, commemoraram os seus talentos, com os maiores elogios.

Principiára os seus estudos em 1734, e, em 22 de novembro de 1746 apresentou á real academia das sciencias de Caen, um surdo-mudo, de 16 annos de edade, que respondeu, por escripto, com rapidez e judiciosamente, a quanto lhe perguntaram.

Outros muitos discipulos, egualmente instruidos, exhibiu, pelo que se tornou verdadeiramente benemerito da humanidade.

Luiz XV, de França, lhe concedeu uma pensão annual de 800 libras, em 22 de outubro de 1751, e em 1764 o nomeou seu *lingua*, para o portuguez e hespanhol. Foi feito socio da sociedade real de Londres, em 1771.

Morreu em Paris, em 1774, e jaz no cemiterio de *Villette*. Segundo outros escripores, morreu em 15 de setembro de 1780. O que

é certo, é que morreu cheio d'honras e de riquezas. São seus descendentes directos, os celebres irmãos *Pereire*, tão conhecidos no mundo argentario e politico da Europa.

—

D. Antonio Ferreira Viçoso—bispo de Marianna (capital da provincia de Minas Geraes, no imperio do Brasil) e conde da Conceição.

Nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, d'esta villa, em 1787. Era filho legitimo de Jacintho Ferreira Viçoso e de D. Maria Gertrudes, honradissimos e virtuosos proprietarios de Peniche, que educaram christanmente sete filhos, que tiveram do seu casamento.

O mais novo d'elles, o Benjamin da familia, foi o futuro bispo de Marianna.

De tenra edade, o mandaram seus paes estudar no convento de carmelitas descalços, de Olhalvo, concelho d'Alemquer, a 30 kilometros a E. de Peniche, onde já era um estudante distincto, seu irmão mais velho, o padre José Antonio Ferreira Viçoso, que veio a ser um illustrado e virtuoso parocho.

Depois de ter estudado o portuguez e o latim, n'este convento, passou para o seminario patriarchal de Santarem, onde estudou humanidades, com geral applauso de seus mestres e condiscipulos, edificando a todos pelos seus optimos costumes, e dando-lhes bons exemplos, pela compostura e affabilidade de suas maneiras.

Completos os seus estudos do seminario, entrou na congregação dos padres das missões, no convento de Rilhafolles, em Lisboa, onde estudou philosophia e theologia, e tomou ordens de presbytero.

Tal era o bom conceito em que era tido, que, apenas ordenado, o seu superior o mandou leccionar philosophia, no collegio que aquelles padres tinham na cidade d'Evora; onde esteve apenas dois annos, partindo, por ordem dos seus superiores, para a missão do Brasil, na companhia do padre frei Leandro Rebello Peixoto e Castro—a fim de missionarem nos sertões da capitania de Matto-Grôsso; passando depois para a missão de Minas-Geraes, por ordem de D. João VI, que estava então n'aquelle imperio.

Taes serviços prestou este eminente missionario, no Brasil, á Religião e á sociedade—ás letras e á instrucção publica, que foi, em premio, nomeado superior das missões no imperio, e pouco depois, bispo de Marianna e conde da Conceição.

Foi sagrado bispo, em 5 de maio de 1844, no Rio de Janeiro, assistindo ao acto da sagração, com tochas accezas, 70 personagens, entre elles, ministros, desembargadores, senadores, deputados e outros altos funccionarios publicos, que haviam sido seus discipulos.

Este santo prelado, foi no Brasil, no seculo XIX, o que D. frei Bartholomeu dos Martyres foi em Portugal, no seculo XVI.

Modesto no saber; activo e bom; humilde e grave; alegre na penitencia, eram as suas mais apreciaveis qualidades.

Falleceu este exemplarissimo prelado e portuguez benemerito, que tanto honrou esta villa, por ter n'ella o seu berço, em julho de 1875, com geral sentimento dos brasileiros, que tanto o honraram sempre, especialmente, dos seus diocesanos, que choraram lagrimas sinceras de pesar, pelo passamento do seu querido e santo bispo.

—

Eram naturaes de Peniche, os paes do celebre actor Epiphanio Aniceto Gonçalves, que falleceu em Lisboa, da *febre amarella*, em 1857.

—

São oriundos d'esta villa, por serem netos do famoso *Jacob Rodrigues Pereira*, do qual já fallei, os dois ricos capitalistas parisienses, *Isac Pereire* e *Emile Pereire*, ha pouco fallecidos — e que para que os francezes lhes não chamassem *Pereirá*, afrancezaram o nome, mudando o *a* em *e*—*Pereire*.

—

Antonio Leal Moreira—e *Eleutherio Franco Leal*—distinctos maestros, compositores de musica sacra, na capella real, de Lisboa.

Antonio Leal Moreira, não nasceu mesmo n'esta villa, mas em uma aldeia proxima, pertencente á freguezia de S. Leonardo da Atouguia.

—

O padre mestre Joaquim da Horta e Foyos,

da Congregação do Oratorio, socio da academia real das sciencias, que escreveu e publicou varias *Memorias*, muito curiosas, por ordem da mesma academia.

—

Faustino da Gama — rico negociante em Inglaterra, e regressando a Lisboa, com grandes capitaes, foi deputado ás côrtes, e morreu par do reino.

Era filho de José Ventura da Gama, negociante em Peniche.

—

Monte-pio Corpo-Santo

A corporação maritima, ou *capella do Corpo-Santo*, rege-se por um compromisso, feito em 31 de março de 1505, que foi ampliado, em 3 de agosto de 1587, e confirmado por D. Philippe II, de Castella, em 20 de setembro do mesmo anno; por D. João V, em 15 de maio de 1712; por D. José I, em 5 de maio de 1755; e pelo principe regente (depois, D. João VI) em 11 de fevereiro de 1802.

Esta corporação gosava de muitos privilegios, que a Carta aboliu, em 1826.

Os estatutos do monte-pio, foram approvados por decreto de 21 de fevereiro de 1866, e por alvará regio, de 15 de março do mesmo anno.

Tem por fim, dar soccorros de botica e facultativo, a todos os associados e suas familias.

Dar ás suas viuvas e orphãos, as garantias dos dois primeiros soccorros. Estes soccorros são tambem dados pelo monte-pio, ás viuvas e orphãos de maritimos e outras pessoas, que, por decrepitas ou doentes, já os gosavam antes da creação d'este estabelecimento.

Fazer emprestimos á classe maritima, mediante seguras abonações, das quantias necessarias para a reparação dos seus barcos e rêdes.

Os socios não maritimos, pagam de *joia*, 500 réis, e uma quota semanal de 40 réis.

Os maritimos pagam:

O dono, ou donos, e a companha de cada barco de viagem, um *quinhão*—isto é — tanto como a parte de qualquer companheiro.

O dono, ou donos, e a companha, de cada armação, cinco quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada batel de factura, tres quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada bátel de remos, tripulado por mais de duas pessoas, dois quartos de quinhão.

O dono, ou donos, e a companha, de cada batel de remos, tripulado por duas pessoas, um quarto de quinhão.

Cada trabalhador que pertencer á classe maritima, paga os 480 réis que pagava á corporação maritima.

Alem d'isto—os donos e companhas, das *artes* de pesca, dos barcos, bateis e facturas, de qualquer natureza, deduzem mais um por cento, dos seus interesses, applicado ás solemnidades religiosas, expressas no artigo 28.º dos estatutos — que são — as de Nossa Senhora da Boa Viagem, S. Pedro Gonçalves Telmo, e S. Vicente Ferrer, patronos d'esta sociedade.

Os filhos e mulheres dos associados, gosam certas garantias e soccorros, que seria longo enumerar.

O seu rendimento annual, termo medio, e despresando as fracções de milhar, foi em 1870:

Producto dos quinhões dos barcos de viagem.....	430$000 réis.
Dos 5/4 de quinhão, das *artes maiores* de pesca, e sua percentagem.....	550$000 réis.
Das fracções de quinhão, dos bateis e *artes menores*, em Peniche de Baixo (Ribeira).....	365$000 réis.
Da mesma proveniencia, em Peniche de Cima.....	156$000 réis.
Quotas semanaes, dos socios da terra.....	286$000 réis.
Somma	1:787$000 réis.

Despeza

Ordenados a facultativos e ministrante.....	460$000 réis.
Medicamentos.....	680$000 réis.
Subsidio aos socios doentes.....	250$000 réis.
Ordenados a empregados menores	53$000 réis.
Outras despezas.....	57$000 réis.
Festividades religiosas...	280$000 réis.
Somma	1:780$000 réis.

Hoje, que este monte-pio tem augmentado muito, tanto em receita como em despeza—anda qualquer d'ellas, termo medio, por 2:300$000 réis.

São dignas de elogios todas as direcções, que se teem portado com o maior desinteresse, sollicitude, honradez e probidade; e é a essas circumstancias que se deve o estado prospero da instituição.

—

Rendas de Peniche

A industria das rendas de almofada, que tem em nossos dias tornado tão famosa esta praça, é o emprego da maior parte das mulheres das povoações da costa maritima do Algarve, desde tempos remotissimos, mas nenhum documento nos prova quando teve principio esta industria.

Já disse n'este artigo, que me parecia que em tempos de que não ha memoria, se estabelecêra n'esta peninsula (no sitio da *Ribeira*) alguma colonia de algarvios.

Alguns usos e costumes de Peniche de Baixo, principalmente a indolencia dos seus moradores, que em grande parte só se querem dedicar á vida perigosa e pouco productiva da pesca, e da navegação, recusando-se a outro qualquer serviço, por maiores que sejam as suas privações, e por mais tristes que sejam as suas circumstancias.

—

(O marechal inglez, Blunt, ao serviço de Portugal, sendo governador de Peniche, em 1812, compadecido das privações porque passavam os pescadores e suas familias, quando não havia pesca, e para ver se os acostumava a outra qualquer occupação, durante estas épocas criticas, offereceu um sacco de milho e uma enxada, a todo o que quisesse hir aprender a trabalhar nos campos.

Só um acceitou, e este, levou a enxada escondida debaixo do capote, envergonhado de dar um passo que julgava indigno da sua classe!)

Hoje, durante o inverno, quando o mar não permitte a pesca, já alguns, raros, pescadores se empregam em trabalhos do campo, ou outros quaesquer; mas é sempre com repugnancia, e só instigados pela sua fome, e, ainda mais, pela dos entes que lhe são cáros.

—

O viver das mulheres, sobremodo aristocratico, para familia de pescadores e marinheiros, occupando-se quasi exclusivamente das suas almofadas e dos seus bilros; e até o uso dos *capotes de rebuço*,[1] e certo tom de voz, tudo commum á gente do litoral algarvio, dão muita probabilidade a esta minha presumpção, pois tudo isto é commum aos antigos *cuneos*.

Não se póde pois fixar uma epocha para a introducção da industria das rendas n'esta villa; mas é certo ser antiquissima, pois que as mais velhas pessoas d'aqui, contam que as suas avós faziam rendas, o que tinham aprendido de suas mães e antepassadas.

E' provavel que nos primeiros tempos este fabrico não attingisse o actual grau

[1] Tambem ainda ha poucos annos, as mulheres d'aqui usavam de *mantos*; trajo esquisito, de que só usavam as algarvias e estas; e de que ainda ha alguns specimens, nas velhas do Algarve. (São do meu tempo, como os *rebuços*.)

O *manto* differe da *mantilha* (do Porto e Coimbra) em não ser talar.

Termina na cintura, onde é franzido, e d'ahi para baixo, até quasi aos pés, tem um (outros dois) *rabo*, que é uma especie de escapulario, de uns dois palmos de largo.

Era o trajo da semana santa, da confissão, das viuvas e das parteiras.

de perfeição; pois que alguma renda antiga que ainda existe nas casas de Peniche, é inferior, tanto em desenho, como no bem acabado, ás que se fazem modernamente.

São estas rendas no genero *Honiton*, imitação do *Guipure*, e da renda preta denominada *Chantilly*. [1]

Noto muita identidade no viver dos dois sexos, tanto nas povoações maritimas do Algarve com Peniche, como nos de Ovar, com aquelles.

Tambem as mulheres de Ovar se empregam, a maior parte, em fazer rendas de almofada, e *crochet;* mas devemos confessar que as rendas de Ovar, e Setubal, e mesmo as do Algarve, não teem a perfeição das d'esta praça.

Póde calcular-se em 900 as mulheres que se empregam exclusivamente no fabrico das rendas, cujo *officio* aprendem desde crianças—algumas principiam da edade de 4 annos!

Em todas as oito escolas do sexo feminino, da praça, se ensina a fazer renda.

Principiam pela *troca*, que é uma fita feita só com quatro bilros; passando depois ao *ilhó*, que é com 12, até 16.

E' d'este modo, que as mulheres de Peniche, quando chegam aos 15 ou 18 annos, executam os mais complicados desenhos, com tanta facilidade, que é para ellas um trabalho maquinal, conversando e prestando attenção a tudo quanto se passa e se diz!

[1] Denomina-se *Honiton* e tambem *Vallenciennes, Mechlin, Buckingham*, todo o genero de rendas feitas sobre modelo, em uma almofada, empregando-se bilros, e até fusos, para tecer a linha, de maneira a produzir o desenho que se pretende.

Guipure é a renda feita com agulha de *crochet*.

Blonde é a renda de seda branca—*Chantilly* (ou *Puy*, e *Gramont*) é a de seda preta, e feita á mão, com bilros.

As rendas feitas no tear, com bordados á mão, denominam-se de *Bruxellas*.

As rendas lisas feitas no tear chamam-se, de *Dublin, tulles* e *cambraias*.

São porém estas *rendeiras*, na sua maior parte, victimas da usura; porque certos homens e mulheres, lhes pagam as rendas adiantadamente, em dinheiro, generos alimenticios ou vestuario, tudo por preços exorbitantes, e recebendo as rendas por metade do preço porque depois as vendem; de modo que estes usurarios, vivem á custa do suor e das lagrimas das infelizes rendeiras: se não, é attender a que uma das mais habeis e desembaraçadas, apenas póde ganhar em um dia, 80 réis, termo medio.

Trabalha um mez, para ganhar 3$000 réis, mas hade dar a linha.

Anda por 20 contos de réis que annualmente se fabrica de renda n'esta praça.

Parece-me que havendo aqui tantos cavalheiros de reconhecida probidade, e caritativos, era facilimo formarem uma sociedade ou commissão, que comprasse as rendas ás productoras, pelo seu justo valór, não reservando para si, senão o juro do empate e as despezas das conducções.

Assim tornar-se-hia a vida das rendeiras menos desgraçada, e acabariam com esta especie de harpias ou vampiros, que só medram com a miseria alheia.

Seria o meio mais efficaz para tornar este producto ainda mais perfeito; porque a protecção d'aquella sociedade, seria—*O favor com que mais se accende o engenho*—e ás productoras poderia a mesma sociedade facilitar novos e bellos desenhos, feitos por pessoas competentes, abandonando os antigos; que pelas repetidas vezes que teem sido copiados (á vidraça) estão muito degenerados; e não apparece um só novo, pela falta de meios para as rendeiras os comprarem.

As rendas de Peniche, concorreram ás

exposições—de Londres, em 1851—de Paris, em 1855—do Porto, em 1857 e 1861.

Na de Londres, mereceram este elogio:

«*The exhibition of lace is limited, although there are some articles deserving notice from their richness, and antiquity.*»

(A exposição da renda, é limitada; ha n'ella todavia, alguns artigos dignos de mensão, pela sua riqueza e antiguidade.)

Em ambas exposições do Porto, obtiveram medalhas de prata.

Na de 1857, disse o jury que «rivalisavam com os productos estrangeiros.»

Com respeito a esta industria, terminarei por dizer—*ha em Peniche* muitas rendeiras, cuja malha em nada é inferior á da famosa renda de Alençon; e se tivessem bonitos e elegantes desenhos modernos, e linha de melhor qualidade, conseguiriam que o seu trabalho lhe desse para as despezas urgentes, e que os seus artefactos fossem classificados como os primeiros da Europa; como em Portugal são considerados os primeiros d'este genero, aqui fabricados.

Os que desejarem mais amplas noticias sobre esta materia, e sobre outras producções d'esta praça, consultem na *Bibliotheca das fabricas*, publicada pela Associação promotora de industria nacional, o bello livro intitulado—*A industria de Peniche*, pelo sr. *Pedro Cervantes de Carvalho Figueira*, illustrado filho d'esta praça, curioso investigador das cousas da sua terra, e ao qual sou devedor de bastantes esclarecimentos da mesma, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

—

Pesca

E' certo que a posição topographica de Peniche, parece appropriada para a industria da pesca, pois que o peixe nas suas repetidas migrações do N. para o S., e vice-versa, naturalmente devia affluir ás das vastas enceadas, de Peniche de Cima, e da Consolação.

Tambem é certo que ainda no principio do nosso seculo, as costas de Portugal eram muito mais piscosas do que o são hoje.

Causas ignoradas, porém, afugentaram em grande parte, o peixe do nosso litoral, e hoje este genero tem diminuido bastante, tornando a vida dos nossos pescadores sobremodo amargurada, em quanto por uma outra qualquer circumstancia, fóra do alcance dos calculos humanos, o peixe não tornar a affluir em abundancia ás nossas costas.

> Os pescadores creem que a invenção dos barcos movidos a vapor, que principiaram a sulcar os nossos mares em 1816, foi a causa do peixe fugir *espandado*, para o interior dos mares.
>
> Fundam-se em que a apparição dos barcos a vapor coincidiu com o abandono da maior parte do peixe; o que é érro; porque elle abunda em outros mares muito mais frequentados por vapores do que o nosso.

Sardinha—Trez meios differentes são aqui empregados para esta pesca—*Artes*, ou *armações estantes*—*cêrcos volantes*—e *sardinheiras*.

Ha actualmente em Peniche, 10 *artes*, precizando cada uma d'um barco grande a remos, chamado *lancha* ou *calão*, e de quatro *bateis*, tambem a remos, para o transporte do peixe para terra; alem de 12 ancoras e fateixas, cordas, etc., o que tudo custa, pouco mais ou menos, 1:500$000 réis,

Principia a pesca (chamada *costeira)* a 2 de janeiro e termina a 15 de agosto, empregando cada arte 20 homens.

Posto que a sardinha seja a principal pescaria, cáe nas artes tambem, carapau, agulha (grande e pequeno) badejo, bonito, alfaquique (palavra árabe, que significa *peixe-padre*) espada (*trichurus*, L.) toninha (delfim ou golfinho commum) [1] cação [2] *lixa*

[1] E' divertido ver as toninhas, correndo em rebanhos, já do S. para o N., já no sentido opposto, brincando e saltando sobre as ondas, e muito proximo das nossas costas.

faneca (palavra arabe—*archaneq*—especie de falcão—e vem a ser—*peixe passaro*) alem de outras muitas variedades, que se pescam em menor numero.

Esta é a pesca que se faz com as *artes*.

—

O *cêrco*, é outra qualidade de rede, de malha muito miuda, para *cercar* os cardumes de sardinhas, e outros peixes, que passam muito encostados á praia.

Para esta rêde, é preciso uma lancha, dois bateis e muitos braços.

Ha actualmente aqui, 10 *cêrcos*, custando cada um (não fallando na lancha e bateis) 180$000 réis.

A pesca com os *cêrcos*, faz se em setembro e outubro.

—

As *sardinheiras*, são redes mais pequenas, muito finas e ligeiras, com 40 metros de comprido e 6 de largo (alto) guarnecidas com outras redes.

Ha actualmente em Peniche, umas 60 *caçadas*, composta cada uma de 8 *sardinheiras*, que custam 4$500 réis cada uma; e, por consequencia, cada *caçada*, 36$000 réis.

A pesca com as *sardinheiras*, faz-se desde novembro até fevereiro.

—

Se muitas vezes, o pobre pescador se conserva inactivo, porque o mar não dá logar á pescaria, outras afflue ella em monstruosa quantidade; mas, nem assim o pescador é feliz, porque tem de a vender por vil preço.

Tem-se pescado, por muitas vezes, em um só dia, 240 e 250 bateis de sardinha; mas então, custa um cento de sardinha 5 réis, e um batel d'ella, 500 réis!

Muitas vezes acontece, ser preciso soltal-a das redes, deixando-a fugir, por não haver consumidores, nem sal para a salgar.

Então, quando a pesca é abundante, tem Peniche uma vida completamente diversa: tudo é alegria, movimento, e effervescencia.

Dos povos visinhos correm chusmas de homens, mulheres e bestas de carga, que sahem carregados, para hirem vender peixe pelas povoações do interior.

—

Tem fama a *sarda*, e a sua congenere—a *cavalla* [1]—de Peniche, e na verdade, bem merecida, porque, na sua especie, é a mais gostosa do nosso litoral. [2]

Apparecem na costa de Peniche, entre julho e novembro, atraida a estas paragens pela abundancia de alimento que aqui encontra, e que consiste em myriades de animalcos microscopicos, creados junto aos rochedos, camarões, e outros pequenos mariscos, a que os pescadores dão o nome de *comedia*.

Da abundancia d'este alimento, depende a abundancia da sarda e cavalla.

(Para os diversos modos d'esta pesca, vide a obra já citada—que vou resumindo—

Aqui, veem-se muitas vezes, retoucando junto ás muralhas da cidadella, ao forte das Cabanas e ao Alto da Vela.

Tem commummente 2 metros a 2^{m},40 de comprimento.

[2] Os naturalistas distinguem perto de 30 especies de cações.

Aos que se pescam em Peniche, dão os pescadores os nomes de—*Perna de Môça*, *Quelha*, *Patarroxa*, *Anjo*, *Albafar* (corrupção do arabe—*albacar*—e vem a ser—*peixe boi*) *Moleirinho* e *Canêja*.

[1] O *scombros* dos gregos, e *mackerd* (malhado) dos inglezes, e *maquereau* dos francezes, e *mackerel* dos hollandezes.

Diz-se que vem do latino *macula*, mancha, malha—e tambem *sarda* (pequena mancha da epiderme, na especie humana.)

[2] E' notavel como o peixe varia de gosto, na mesma costa, e até a pouca distancia.

Desde o rio Minho ate ao Douro, e desde Aveiro até ao Cabo de S. Vicente, a sardinha não faz differença no gosto, apenas a do N. é mais esverdeada.

Do Cabo de S. Vicente até Villa Real de Santo Antonio, é de melhor qualidade; porém onde ella é saborosissima, e talvez o mais gostoso de todo o peixe da nossa costa, é a colhida entre a *Granja* e *Ovar*, sobre tudo a famosissima de Espinho, superior na especialidade do gosto, á melhor de Nantes.

Diz-se que a sardinha de Espinho tem só um defeito—é ser muito barata.

Se cada sardinha custasse 500 réis, nenhum rei a despensaria na sua mesa.

do sr. Pedro Cervantes, a pag. 28 e seguintes.)

Onde se pescam em maior abundancia, é nas calhêtas e pequenas enceadas das Berlengas e Farilhões.

Quando abunda este peixe, um homem só, e á canna, póde pescar em um dia, de 500 a 1:500 cavallas!

Quando no verão aqui ha pouca abundancia d'este peixe, os pescadores de Peniche vão procural-o á costa da *Galé*, ou a Cezimbra, e quando ainda ahi o não encontram em grande quantidade, vão até á costa de Cadix; e algumas vezes, chegam até ao Cabo de Espartel, e á costa de Larache, na Africa, vindo vender a Lisboa a sua pescaria.

A *sarda*, que é uma variedade da *cavalla*, differença-se d'esta, por ser mais pequena, por ter as malhas mais pronunciadas e regulares, e os olhos mais pequenos.

Depois da sardinha, é esta a pesca mais abundante e mais rendosa de Peniche, apezar de se vender em tempo de fartura a 400 réis o cento.

Segundo Bloc, cada ova de cavalla, contem 540:000 ovos! Desova em junho.

—

O saboroso *cherne*, pesca-se em fevereiro, março e abril.

Empregam-se n'esta pesca, 12 a 16 bateis, cada um tripulado por 12 ou 14 homens, e é feita a 30 e 40 kilometros da costa, ao anzol, e na profundidade de 300 a 400 metros!

Tem-se pescado chernes de 30 kilogrammas (duas arrobas) de pezo.

Os chernes pequenos, pescam-se muitas vezes á flor da agua, junto das madeiras fluctuantes, atrahidos pelos mariscos a elles adherentes.

—

O *goraz*, pesca-se em janeiro e fevereiro.

Tambem é pescado de 30 a 45 kilometros da costa, com uma linha, armada de 200 anzoes, que ás vezes todos trazem peixe; vindo de mistura com os gorazes, as *plumbêtas*, os ruivos, os cachuxos e outros peixes.

—

A *caneja* e a *pescada*, são colhidas em redes, a 25 kilometros da costa.

—

O safio, a abrótea, o pargo, a lagosta, a santolla, o lavagante e outros peixes e mariscos, são pescados de noite, em bateis a remos.

Os roballos, muges, sargos, e outros peixes, são pescados da terra, com anzol, estando o pescador collocado nos rochedos da costa.

A's vezes custa aqui uma lagosta, 25 réis!

Raras vezes aqui apparece o *peixe-agulha* (tomus turianus de L.)

Por costume antiquissimo, quando aqui se apanhava um peixe-agulha, era remettido pela corporação maritima, para a ucharia do rei; e por isso os de Peniche lhe chamam—*real peixe-agulha*.

E' muito saboroso.

O que aqui apparece em grande quantidade, é um peixe-agulha pequeno, de muito menor estimação que o antecedente.

E' de arribação, e vem em cardumes, apanhando-se nas armações da sardinha.

Houve aqui, em tempos antigos, marinhas de sal (salinas) e ainda existem restos do seu aqueducto, no isthmo, junto á *Prégueira*; e, a umas ruinas que estão fóra da contra-escarpa, do fosso da praça, ainda se dá o nome de *casas do sal*.

Julgo que ainda podia (e devia) havel as, o que seria de grande utilidade para os pescadores, que teem de importar annualmente, de Setubal, Figueira e Aveiro, de 900 a mil moios de sal, o que lhe custa uma bôa quantia, além das despezas do transporte.

—

Perto de 900 homens, de varias edades, vivem n'esta praça, da industria da pesca.

Os barcos, lanchas, bateis, redes, e mais utencilios necessarios para a pesca, e para transporte do pescado, valem aproximadamente 40 contos de réis; e os armazens para depositos do peixe e do sal, custaram mais de 60.

O rendimento do imposto do pescado (não fallando no que do alto-mar vae ser vendido a outros portos) anda annualmente em

Peniche, para o estado, por dois contos de réis.

—

Limo.—As algas e outras plantas marinhas, que o continuo marulhar das ondas arrancam dos rochedos, e arrojam á praia, nas *aguas-vivas*, ou depois das tormentas, são apanhadas aqui (como em todas as nossas costas) para serem empregadas em adubo das terras, e é optimo.

Ha aqui grande quantidade d'este *limo;* mas deve confessar-se que os habitantes de Peniche não são tão sollicitos em o colher, como os povos das costas d'Aveiro até ao Porto, e do Porto até Caminha.

N'estes sitios, não só os habitantes da costa, mas até os das povoações interiores— ás vezes de grandes distancias — vem aproveitar este adubo precioso, ou compral-o, a 2, 3 e 4$000 réis a carrada; mas em Peniche, vi eu grandes porções de limo estendido pela praia do Porto da Areia do Norte, na vasante, que o mar tornava a levar na enchente.

No Minho, nem esperam que elle *arróle* á praia; com a agua até á cinta, e servindo-se de grandes encinhos de compridos cabos, o vão buscar até onde acham *pé*, tanto homens como mulheres.

Mesmo assim, já em Peniche se apanham alguns milhares de carradas, cujo preço regula — depois de bem secco—por 2$000 réis cada uma. .

Uma carrada de limo verde, reduz-se á decima parte do seu peso e volume, depois de secco, pelo que se vende a 200 réis.

Se as mulheres de Peniche de Baixo se quizessem sujeitar a apanhar limo — como fazem as do Douro e Minho—ganhavam mais do duplo do que a fazer renda; mas, por cousa nenhuma d'este mundo, ellas quereriam empregar-se n'este trabalho, que reputam degradante; sem se lembrarem que todo o trabalho licito, honra e enobrece.

Em todo o caso, é esta (mesmo mal aproveitada) uma fonte de riqueza para Peniche.

—

Os pescadores de Peniche, mostraram-se em todas as conjuncturas, leaes patriotas.

Quando, em 22 de maio de 1589, aqui desembarcou parte do exercito inglez, commandado por João Norris, [1] a favor do mal aconselhado e infeliz *prior do Crato*, seria recebido com alegria e cordealidade, e se não fosse o vergonhoso tratado, feito com a rainha Isabel, de Inglaterra, de certo, cada penichense válido, seria um soldado de D. Antonio.

Foram sempre dedicados aos seus alcaides-móres e commendatarios, os condes de Atouguia; e quando no sempre memoravel e glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, a legendaria D. Philippa de Vilhena, condessa d'Atouguia, armava, por suas proprias mãos, a seus dois filhos, ainda adolescentes, D. Jeronymo d'Athaide, e D. Francisco Coutinho, [2] animando-os a combater pelo seu rei natural e pela sua patria; os penichenses, secundaram immediatamente a revolução de Lisboa.

Em 1808, estava o feroz e orgulhoso Junot dominando despoticamente Portugal, em nome do seu senhor.

A bandeira sagrada das Quinas, tinha sido arriada em todas as fortalezas e edificios publicos, e as armas de Portugal haviam sido picadas em quasi toda a parte.

Os francezes tinham uma forte guarnição em Peniche; mas nada d'isto aterrou os bravos pescadores d'esta praça, que promoveram a emigração para a Berlenga (occupada pelos inglezes) conduzindo para alli os emigrantes; hindo depois, com todos os seus barcos, auxiliar o desembarque dos nossos alliados, em *Porto Novo*, proximo ao *Vimeiro*.

—

Como a *Carta Constitucional* deitava por terra todos os privilegios que esta villa gosava, uns, desde o tempo do imperador Julio Cesar, e outros, desde o tempo de D. Affonso Henriques, não admira que os penichenses tomassem o partido do sr. D. Miguel I; pelo que, em 1828, esta villa e a de

[1] Eram 12:000 homens. Desembarcaram em Peniche e na *Ericeira*. Vide *Ericeira*.

[2] O mesmo e no mesmo dia, fez D. Marianna de Alencastro, aos seus dois filhos, Fernando Telles, e Antonio Telles.

Obidos, formaram um batalhão de voluntarios realistas, que deixou de existir em 1834.

—

Em 1833, Miguel Pereira Marinho, com alguns portuguezes, belgas, francezes e inglezes, do partido liberal, se apoderaram do pequeno forte e ilheu da Berlenga, que estava abandonado, e protegidos pela esquadra de Sertorio, artilharam o forte, e se pozeram em *pé de guerra*.

Na manhan de 26 de julho de 1833, soube-se em Peniche, que o conde de Villa Flor tinha entrado em Lisboa, á frente de uma *divisão* liberal (1:600 homens!)

Era governador da praça de Peniche, pelo sr. D. Miguel, o marechal de campo, Antonio Feliciano Telles de Castro Apparicio, e tinha debaixo das suas ordens, a ala esquerda de infanteria n.º 4—um destacamento de artilheria n.º 1—um destacamento de artifices engenheiros—uma companhia de veteranos—os batalhões de voluntarios realistas de Peniche e Obidos, o de Torres Vedras, e duas companhias do de Castro Daire—os regimentos de melicias de Leiria, Soure e Coimbra, e um dos quatro regimentos de milicias de Lisboa (o de *D. Jorge*)—ao todo mais de 2:000 homens.

A praça estava sufficientemente artilhada, e os paioes cheios de polvora e bala.

Pois com tudo isto, foi tal o terror panico que se incutiu n'esta gente, que fugiram cobardemente, abandonando na sua fuga desordenada, armas, petrechos de guerra, e até artilheria volante!

Os liberaes que estavam na Berlenga, souberam logo isto, e vieram immediatamente occupar a praça; mas na sua entrada, praticaram toda a sorte de atrocidades.

Alem de mutilarem os altares e imagens sagradas, da egreja do mosteiro, e despedaçarem e profanarem o tumulo de D. Luiz de Athaide, como já disse, espancaram quanta gente encontraram na villa, e, agarrando dois desgraçados realistas — um chamado *Martinho* e outro *Victoriano*—os amarraram ás boccas de duas peças, e disparando-as morreram despedaçados!

Isto em uma praça que se lhes havia abandonado sem a minima resistencia; sem ser preciso arder uma escorva!

A unica consolação que temos, é que estas scenas de ignobil canibalismo, foram praticadas por poucos portuguezes, pois a maior parte d'estes malvados, eram como já disse, francezes, inglezes e belgas.

Marinho cobriu-se de eterna ignominia, por auctorisar tão repugnantes barbaridades.

Não recordo estas scenas de horror, para fazer recrudescer odios mal extinctos pelo decurso de 43 annos; mas apenas como um facto historico.

Se fossem praticados pelos realistas, mencionava-os do mesmo modo, como fiz em *Albufeira*, *Estremoz*, etc.

Jus suum cuique tribuens.

—

Tencionava dar uma planta topographica da praça de Peniche e suas dependencias (Berlenga, Consolação, e Baleal); mas, para não fazer uma excepção, que Elvas, S. Julião da Barra, S. João da Foz do Douro, Vallença do Minho, e outras praças me levariam a mal, limitar-me-hei a mencionar as distancias relativas, dos differentes fortes, que jogam (podem jogar) a sua artilheria, combinada, protegendo-se mutuamente.

Da Berlenga...	Ao Forte da Luz — Peniche.....	kil.	12
	Á Capella dos Redios.....	»	10
	Ao Cabo Carvoeiro	»	10 1/2
	Á Cidadella.....	»	12 1/2
	Á Consolação (Atouguia).....	»	16
Da Consolação	Á Cidadella — Peniche.....	»	3 1/2
	Ao Cabo Carvoeiro	»	5 1/2
	Ao Forte da Luz..	»	5
	Ao Baleal (Atouguia).....	»	6 1/2
Do Baleal....	Ao Forte da Luz — Peniche.....	»	3
	Á Berlenga.....	»	14 1/2
	Á Cidadella.....	»	4

—

Da *Consolação*, já tratei a pag. 379, col. 2.ª do 2.º vol., e a pag. 172, col. 2.ª d'este, e nada mais tenho a accrescentar aqui.

—

Do *Baleal*, tratei a pag. 312, col. 2.ª do 1.º volume; mas, como do *vivo ao pintado* ha muita differença, e eu, em setembro de 1875 examinei com toda a minuciosidade estes sitios, accrescento qui mais o seguinte:

O Baleal, é um grupo, formado por uma pequena peninsula,[1] formada de rochas calcareas, separado do continente, por uma lingua de areia (isthmo) de uns 100 metros de largo, e 200 de comprido; e que é o *Baleal* proprio; e por dois ilheus, da mesma formação — um, denominado *Ilha de Fóra*, 60 ou 70 metros ao O.N.O. do Baleal—e pelo *Ilheu*, a uns 140 metros a O.N.O. da Ilha de Fóra.

Tudo isto é no districto da freguezia de Atouguia da Baleia, concelho de Peniche.

Este grupo está em linha recta, de E.S.E. a O.N.O.

Na extremidade N. do Baleal, existem restos de muralhas, e as *plataformas* de lagens, de uma bateria, mandada construir por Junot, em 1808. Junto a isto, se vêem as ruinas de um moinho de vento.

Disseram-me que na Ilha de Fóra, ha tambem vestigios de fortificações, de tempos remotissimos; mas, como o mar estava bastante inquieto, quando aqui estive, e o accesso ao ilhote é muito perigoso, não me atrevi a hir verificar isto. O que posso dizer, é que, do Baleal, não se divisa o menor indicio de obras d'arte.

Tanto o Baleal, como os dois ilheus, são formados de optimo marmore calcareo, alternado com algum, pouco, feldespatho; ficando a uma altura sobre o nivel do mar, que varía entre 4 e 7 metros, formando-lhes as extremidades, rochedos medonhos, cortados a prumo, contra os quaes o mar se debate furioso, quasi constantemente, cobrindo de espuma toda a superficie dos ilheus. Só do lado de terra (E.) é que o môrro abate, dando menos difficil entrada.

As rochas estão dispostas em camadas de córte obliquo, variando a sua espessura entre $0^m,50$ e $1^m,50$.

Ao N., fica-lhe a aldeia do Ferrel — onde tambem houve um forte—e ainda mais além, as praias de Obidos.

A Consolação, fica ao S.; e o forte da Luz e o môrro da Papôa, em Peniche, ficam a O.

Do Baleal, gosam-se extensas e magestosas vistas, tanto de terra como de mar.

Vem aqui estabelecer-se, nos mezes de inverno, algumas companhas de pescadores de *sardinheiras*, á espera dos cardumes de sardinha que descem da costa.

—

Ainda que, todos os predios que hoje se vêem no Baleal, sejam de construcção muito moderna (o mais antigo — exceptuando a capella—talvez não tenha 40 annos) foi este agglomerado de rochedos, povoado de tempos immemoriaes, do que ha vestigios; mas seus habitantes (provavelmente, todos pescadores) viviam em continuo rebate, por causa das entradas dos mouros, que os captivavam e levavam para a Africa.

A capella de Nossa Senhora das Mercês e Santo Estevam, é tambem muito antiga, pois já existia havia muitos annos, quando teve logar o milagre do resgate da imagem da padroeira, que já contei, na 1.ª col. de pag. 313 do 1.º volume, e que o *Sanctuario Marianno* (vol. 2.º, pag. 117) diz ter acontecido pelos annos de 1590. (N'este logar, diz o padre fr. Agostinho de Santa Maria, que a imagem da Senhora, apenas teve, na Africa, o pêso de uma *pataca* em prata.)

Note-se que esta imagem é de roca, e feita de uma madeira muito leve.

A sua festa, é a 26 de dezembro.

A ermida é pequenina, mas está muito bem conservada. Tem capella-mór, de abobada de tijolo, de fórma conica, completamente revestida de azulejo, assim como o resto do templo. Tem um alpendre ou galilé, e n'elle uma casinha, onde vive um eremitão, que se sustenta de esmolas, pois não tem (me disse elle) o minimo ordenado. É um homem dos seus 60 e tantos annos, e sem distinctivo algum que o faça conhecer como eremitão.

Nasceu no Baleal, o padre Lourenço An-

[1] Era mais proprio chamar-se ilheu, pois só na baixa-mar é que communica com a terra.

nes, reformador do clero secular, do seu tempo, fallecido em 1460, e do qual falla o auctor dos *Agiologios*, no tomo 1.º, pag. 509.

—

Tratei das *Berlengas*, a pag. 389, col. 2.ª e seguintes, do 1.º volume; mas, pelo mesmo motivo que n'este artigo dei com respeito ao Baleal, accrescento mais o seguinte:

Frei Bernardo de Brito, que, diga-se a verdade, não é sempre digno de grande credito, diz na *Monarch. Lus.* (P. 2.ª, L.º 5.º, cap. 26, pag. 124) saber-se, por tradição, que *as Berlengas, ilhas e rochedos, fronteiros ás costas de Portugal, foram terra firme d'este reino; e que algum terremoto, occorrido em tempos de que não ha memoria, subverteu tudo o que era terra, deixando á superficie das aguas, apenas os rochedos.*

Da mesma opinião é o capitão, Luiz Marinho (*Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa* — L.º 1.º, cap. 32, pag. 135), pretendendo até provar, que estanceavam por estas paragens os famosos *Campos Elysios*. Diz elle, no logar citado:

«Confirma-se, com as situações e auctori «dades dos auctores allegados (Homero, Luiz «Vives, D. Sebastião Cuvarrubias, Abrahão «Ortelio, Diodoro, Pomponio Mella, Solino, «etc.) serem as nossas Berlengas, as antigas «*Fortunadas*,[1] e nas ruinas e fragmentos «que d'ellas permanecem, tem o oceano con«servado a sua memoria, para que de todo «se não perdesse; ostentando a fertilidade e «frescura antiga, nas fontes e caça que se «acha n'aquelles pedaços de terra, combati«dos das furiosas ondas: sendo a maior d'es«tas Berlengas, a *Erythia*, celebre na anti«guidade.

«Outras ilhas mais, que as nossas Fortu«nadas, se inundaram na costa da Lusita«nia, das quaes só dura a memoria, em *Flo«rian do Campé*, no *padre Marianna*, e ou«tros, tratando dos descobrimentos que os «capitães de Carthago fizeram, das costas de «Hespanha e Africa, pelos annos 307 da fun«dação de Roma (446 antes de J.-C.) confor«me a Plinio, e Festo Avieno: e accrescen«tam, que descobriu Hamilcon, grandes «ilhas, n'esta costa de Portugal, das quaes «agora não ha noticia. Etc.» (Vide *Strinia.*) — E continúa:

«De todas estas ilhas, não restam mais «que as ruinas das Berlengas.»

Plinio (*Hist. nat.*, L. XI, cap. 67—e *Geogr.*, L.º 1.º, cap. 6.º) descrevendo a viagem que por ordem do senado carthaginez fez Hamilcon, para examinar as costas occidentaes da Europa, diz que este chefe e seus companheiros, tendo sido maltratados pelos moradores do Cabo do Espichel, fugiram para Lisboa, onde foram benignamente recebidos; e ahi, tomando pilotos, conhecedores da costa, navegaram até ao *Promontorio da Lua* (Cabo da Roca) e *descobriram as Berlengas, então povoadas por pescadores, e que n'esta costa viviam os turdulos.* (Robertson, Intr. á Hist. ant., vol. 1.º, pag. 13.)

O mesmo Robertson (Ac. dos Hum. e Ign. vol. 2.º, pag. 197) diz que—consultando *escriptos muito curiosos*, d'elles consta, que, pondo Julio Cesar cêrco aos herminios, habitantes d'esta peninsula (Peniche), alguns homens e mulheres se esconderam com seus filhos nas cavernas dos rochedos (junto á egreja de *Nossa Senhora do Livramento*, hoje, *dos Remedios*) e alli foram mudando, pouco a pouco, de costumes e alimentos; sustentando-se de polvos, carangueijos e outros mariscos, crus. Tornaram-se depois tão habeis nadadores, que passavam no mar a maior parte dos dias e das noites, agarrando os peixes com as mãos e com os dentes; mas, fugindo das embarcações, como os peixes; de modo que os gentios os consideravam deuses do mar, e lhes offereciam sacrificios, para se livrarem dos temporaes.

Diz ainda o mesmo escriptor, que no anno 37 da era christan (era então proconsul da Lusitania, Vibio Sereno) um d'estes homens-peixes, sendo já velho, quando tinha fome, tocava um buzio, para que seus filhos, netos e bisnetos, que andavam no mar, pescando, lhe trouxessem peixe para seu sustento.

—

Dá-se o nome de *Berlengas*, não só á *Ber-*

[1] Todos os geographos e historiadores modernos concordam em que as antigas ilhas Fortunadas, são as hespanholas, hoje conhecidas sob o nome de Canarias.

lenga propriamente dicta (á qual tambem chamam *Berlenga Grande*), mas aos varios cachopos que lhe ficam ao E. e O.

Aos primeiros, que distam apenas 400 metros, chamam *O da Velha* — a um grupo de 13 ou 14 penhascos, que mostram as suas negras e limosas cristas fóra da agua, a 800 metros ao O., dão o nome de *Estrellas* — e, finalmente, a um agglomerado de rochas, e 4 ou 5 cachopos, que lhe ficam a 2 kilometros ainda ao O., chamam os *Farilhões*. Vide *Peninsula*.

Tanto a Berlenga, como os rochedos que ficam descriptos, o Baleal, e todos os alcantís da costa de Peniche, são habitados por muitos milhares de gaivotas e outras aves maritimas, que aqui vem fazer seus ninhos em todas as primaveras.

É na apanha dos ovos d'estas aves, que já bastantes pescadores teem morrido despedaçados, como disse no logar citado, do 1.º volume.

Os mezes de maio e junho, são os proprios para a *colheita dos óvos*, que se vendem nas tabernas da praça, cosidos, a 10 rs. cada um. Os ovos de *airo* são muito lindos, e procurados para ornamento de *jardineiras;* mas a sua apanha, sendo ainda em sítios mais perigosos do que os das gaivotas, tem custado muitas vidas.

Tambem nas Berlengas apparecem, em abundancia, *pedras roladas*, de marmore preto e vermelho, com que se fazem bonitos pavimentos, formando uma especie de mosaico.

—

Tornemos a Peniche.

Egreja de Nossa Senhora da Ajuda

Segundo o *Sanctuario Marianno* (Tom. 2.º, L.º 1.º, tit. 32) a origem d'esta egreja, é a seguinte:

Ao N. da villa, no sitio da *Papôa*, onde a costa é formada por altissimos rochedos, ha umas cavernas, chamadas *Ninho dos Córvos*, e em uma d'ellas appareceu uma imagem da Santissima Virgem.

Os que primeiro a viram, foram os tripulantes de um barco que passava junto dos rochedos, e que vieram dar parte á povoação.

Acudiram logo ao sitio, e com uma corda atada á cadeira em que se sentava a Senhora, a guindaram para o alto dos rochedos, estando outros em um barco, para com páos desviarem a córda, das arestas das pedras, para se não prejudicar a imagem. Foi collocada na egreja de S. Vicente (de que já fallei) e *junto á casa da saude*, que então alli havia.

Teve o povo desde logo tanta devoção com esta Senhora, a que deram o titulo de *Ajuda*, que, sem perda de tempo, lhe construiram uma capella, tão ampla, que mais tarde, foi elevada a egreja matriz, da freguezia de Peniche de Cima.

Parece que esta apparição teve logar antes de 1580, pois diz fr. Agostinho da Santa Maria, que o veneravel padre, fr. Francisco Farão, da familia dos Arraes, do Algarve, e religioso da ordem dos menores, hindo assistir aos empestados de Peniche, na dita casa da saude, tomou grande devoção com a Senhora da Ajuda, e animou os doentes, dizendo-lhes que logo que elle morresse da peste, cessaria o contagio — e assim aconteceu: pedindo á hora da morte, que o sepultassem á vista da Senhora da Ajuda, o que se cumpriu.

Toda a gente da praça tem grande devoção com esta santa imagem, particularmente os pescadores e navegantes.

—

Temos visto quantas e quão vantajosas são as condições de desenvolvimento e prosperidade que se reunem n'esta villa; porém, só deve o que é, aos seus proprios recursos, e á energia, actividade e amor ao trabalho dos seus habitantes, e nada absolutamente á protecção dos nossos governos, que, desde o fallecimento do ultimo dos seus donatarios, o ultimo conde de Atouguia, no cadafalso de Belem, nunca mais quizeram saber da fortuna ou adversidade dos penichenses.

Ainda em 1875, com a creação de trinta comarcas no continente, debalde requereu a camara e o povo, ao governo portuguez — que elevasse este concelho á cathegoria de comarca, como era de justiça, visto que po-

voações muito menos importantes, conseguiram esta clasificação.

Foi ainda de balde que allegaram — que — Peniche era cabeça de um dos mais antigos concelhos da provincia; praça d'armas, de primeira ordem; com grande tráfego de commercio; uma das mais importantes povoações do districto; porto de mar, frequentado por embarcações nacionaes e estrangeiras, de todos os lotes; ter posto semaphorico; estação telegraphica; delegação da alfandega; vice-consulados de diversas nações; agencias de bancos, e de companhias de seguros; edificios publicos, com capacidade para acommodar todas as repartições concernentes a uma comarca, e casas particulares para residencia dos magistrados e empregados publicos de fóra da terra; cadeias publicas muito seguras; pessoal illustrado sufficiente para os differentes cargos; grande affluencia de gente de varias terras, que aqui vem comprar e vender as suas mercadorias; grande movimento de importação e exportação.

Que teve antigamente ouvidor, e depois, até 1834, juiz de fóra; que foi muito considerada por D. Philippe III, que a elevou á cathegoria de villa, em 20 de outubro de 1609; e por D. Affonso VI, que lhe concedeu grandes privilegios, fóros e regalias, por alvará de 6 de agosto de 1665; e pelo proprio governo liberal, que elevou a villa a cabeça de districto maritimo, pela carta de lei, de 2 de julho de 1867.

Que distava 33 kilometros das Caldas da Rainha (actual cabeça de comarca) e 38 de Torres-Vedras, sem uma estrada para qualquer d'estas (ou de outras) povoações.

Que a maxima parte da população de Peniche, vive da industria e commercio das pescarias; não podendo por isso, abandonar o litoral; que nada teem os habitantes de Peniche que hir comprar ou vender áquellas duas villas, porque são os moradores d'ellas que vão a Peniche comprar e vender; que é mais populosa, rica e importante do que as villas das Caldas da Rainha, Torres-Vedras e Obidos, povoações que lhe ficam mais proximas.

Que era de toda a justiça crear-se aqui uma comarca, composta dos julgados de Peniche, da Amoreira (creado em 1875) e da Lourinhan; pois se davam todas as circumstancias exigidas no artigo 2.º, e excepção do § 2.º do mesmo, da carta de lei, de 16 de abril de 1874.

Finalmente, o requerimento que a camara municipal dirigiu ao sr. D. Luiz I, em 29 de setembro de 1875, termina por um brado de justissima queixa, contra a desconsideração de que Peniche tem sido victima. É concebido n'estes termos:

«É pois manifesta a injustiça, commetti-«da para com este concelho, e principalmen-«te para com esta villa, mas esta camara es-«tá de ha muito habituada a vêr com magua «que os legitimos interesses dos seus muni-«cipes são quasi totalmente descurados pe-«los poderes publicos.

«Aqui não ha um melhoramento unico «concluido á custa do cofre geral do Estado, «se exceptuarmos a estação telegraphica, e «insignificantissimos reparos feitos na forti-«ficação, sufficientes todavia para attestar «que nem por este lado o governo olha com «attenção para esta localidade, considerada «militarmente, como um posto avançado da «defeza de Lisboa!

«Podiam, sequer, ter-nos dado uma es-«trada das que ha votadas; mas ellas teem «sido apenas, um pretexto para dar prospe-«ridade a outras povoações, aliás menos re-«commendaveis do que esta, pela sua impor-«tancia civil e militar; por isso que tendo «sido começadas com o nome de — estradas «de Peniche — ainda não houve uma que aqui «chegasse, e todas teem parado nas localida-«des aonde as fez chegar qualquer influen-«cia mais ou menos justamente attendida: «emquanto que nós, que a ellas temos direi-«to, estamos quasi inhibidos de sahir d'aqui «para não hirmos expôr-nos ás fataes con-«sequencias a que podem levar-nos os cons-«tantes precipicios, que constituem as nos-«sas unicas vias de communicação exterior!

«A falta d'uma boa estrada, tem sido e «continuará a ser, emquanto a não tivermos, «um dos grandes males que affectam esta «povoação. A sua praia, uma das melhores «das nossas costas, deixa de ser bastante fre-

«quentada, pela grave falta de boas commu-«nicações. O nosso mercado, posto que sem-«pre abundante e concorrido, podia sel-o «mais se houvesse uma estrada sempre tran-«sitavel. A propria força militar que aqui «destaca, tem uma marcha incommoda e até «perigosa para si e vexatoria para os povos, «o que deixava de succeder se houvesse um «bom caminho.

«Finalmente, Senhor, Peniche tem direito «incontestavel a um certo numero de melho-«ramentos materiaes, que tão injustamente «lhe teem sido negados.»

Mas, já lá vão quasi oito mezes, e a camara e povo de Peniche ainda não obtiveram despacho favoravel; nem o conseguirão, porque em Portugal actuam mais as influencias do campanario, do que a razão, a justiça e a commodidade e prosperidade do povo, apezar de se dizer que é em *attenção* a estas duas cousas, que se fazem tantos decretos, alvarás, leis e portarias, que as estão constantemente *desattendendo!*

É pena; porque, Peniche elevada a séde de comarca, com o conjunto de circumstancias que se dão n'esta importantissima villa, em poucos annos seria uma das principaes da Extremadura.

—

Ha em Peniche seis confrarias, todas ricas. A Misericordia tem um rendimento annual de 3:000$000 réis.

Uma associação de soccorros mutuos, que rende cada anno mais de dois contos de réis.

Teem vices-consules em Peniche—a França, Gran-Bretanha, Hespanha, Hollanda, Belgica, Grecia e o Brasil.

O valor annual das suas pescarias, anda por 60 contos de réis.

—

Além do mosteiro do Bom-Jesus, de religiosos franciscanos, proximo ao Cabo Carvoeiro, e de que já tratei, ha tambem no districto d'este concelho (na freguezia d'Atouguia da Baleia) o mosteiro que foi de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de S. Bernardino.

Fica a 3 kilometros ao O. da villa d'Atouguia, 4 ao S.E. de Peniche, e proximo da aldeia e forte da Consolação, e do mar.

Foi vendido depois de 1834.—A egreja, está profanada, e pertence ao sr. Silverio Rosa, do Ferrel.

O edificio do mosteiro e a cêrca são do sr. Verissimo Joaquim Ferreira Souto, de Peniche. Aquelle está ameaçando imminente ruina; e esta está hoje transformada em vinha, terra lavradia e matto.

—

O rio d'Atouguia, que morre n'este concelho, vem desaguar ao oceano, 1:500 metros ao S. de Peniche, e outros tantos ao N. da Consolação, no sitio do *Medão-Grande.*

(Vide *Baleal, Berlengas, Passos de D. Leonor, Serra d'El-Rei,* e *Valle-Bem-Feito.*

—

No dia 10 de maio de 1876, appareceu junto da Berlenga, uma garrafa, arrolhada, contendo um papel, que parece ser pedaço de alguma folha, arrancada de um livro em momento de grande angustia.

Este papel tinha escripto a lapis, e em lingua ingleza, algumas palavras pouco legiveis. A traducção possivel é esta:—«*Agosto 7 de 1872—Altura das ilhas Scylli—Escuna Lonce, capitão Beetsby; foi abalroada pelo vapor* (palavra confusa) *Real, hindo a pique junto ás rochas fl...* (illegivel o resto da palavra); *perdida toda a tripulação, excepto o despenseiro Barler*» (Este nome tambem confuso).

Andou pois esta garrafa sobre as ondas, quasi quatro annos.

O papel que a garrafa continha, foi remettido ao consulado inglez, para se lhe dar o devido destino.

PENINHA—Vide o vol. 2.º, pag. 303, col. 1.ª no fim.

PENINSULA IBERICA—é a grande região que estanceia ao occidente da Europa, e da qual faz parte.

E' dividida da França (que lhe fica ao N.) pela cordilheira dos Pyreneos, [1] e, em parte,

[1] O territorio francez, comprehendido entre Narbona (a E.) na costa do Mediterraneo, até Bordeaux (ao O.) na costa do Atlantico—e desde o Cabo Creux (E.) até Bayonna (O.), é o isthmo que separa a peninsula do continente.

E' quasi um parallelogramo, formado a

pelo rio Bidassôa, e por todas as outras partes, é cercada pelo mar.

A costa do N., quasi em linha recta [2] principia na bahia de S. Sebastião de Biscaia, e seguindo por Bilbáo, Santander, Gijon, Ribadeo, Cabo Ortegal, e Corunha, vae terminar no Cabo de Finisterra; d'ahi principia a costa do O., que vae terminar ao Cabo de S. Vicente; porém o territorio hespanhol d'esta costa, finda na margem direita do rio Minho, e d'ahi para o S., é o litoral portuguez,

No cabo de S. Vicente volta a peninsula para o S., terminando o reino de Portugal na margem direita do Guadiana, e principiando outra vez o territorio hespanhol até ao estreito de Gibraltar.

Toda esta costa do N., como as do O. e S., é banhada pelo Occeano Atlantico.

Desde o estreito (excluindo a praça de Gibraltar) até ao Cabo Creux, é a costa oriental hespanhola banhada pelo Mediterraneo.

O clima da Peninsula Iberica (ou Hispanica) [1] varia muito, segundo está, mais proximo ou remoto da costa maritima, ou das altas montanhas que accidentam esta vasta região; porém onde se gosa o clima mais benefico, é desde o centro da Hespanha, até ás costas portuguezas.

O clima das provincias do N. hespanholas, é excessivo, e o dos Pyreneos, frigidissimo.

Excluindo a maior parte da Peninsula Italica, o clima da nossa, é, no geral, o mais benigno da Europa, e dos mais salubres de todo o mundo.

Alem d'isso, é esta região fertilissima em todas as producções agricolas da Europa, abundante em todos os generos necessarios á vida dos homens e dos animaes, e tem grande numero de minas de toda a qualidade de metaes e metaloides, muitas d'ellas em lavra activa, e não poucas esgotadas, pelos trabalhos mineralogicos e metellurgicos dos phenicios, carthaginezes, romanos e arabes.

Por todas estas circumstancias, desde eras remotissimas, tem este paiz sido o el-dorado de uma multidão de aventureiros de todas as nações, invadindo-o por terra e por mar, e carregando muitos milhares de navios com o fructo das suas explorações, e não poucas vezes, das suas rapinas.

Tambem é em razão d'essas invasões estrangeiras, que nós, os peninsulares, não formamos uma raça distincta e genuina, como os scandinavos, os mongolicos, os arabes, os gregos antigos, os indios, os chinas, ets., etc.; porque, grande numero dos invasores, fixando aqui a sua residencia. *crusaram* as raças, vindo os actuaes hespanhoes e portuguezes a descender dos iberos,d os gallos, dos francos, dos gregos, dos syrios, dos godos, dos vandalos, dos turdulos, dos alanos, dos selingos, dos arabes, e de muitas outras raças, que com o correr dos seculos vieram a formar novas raças, cuja origem é hoje impossivel descriminar ou distinguir.

—

A mesma confusão ha, quanto aos aborigenes.

Quem foram e d'onde vieram os primeiros habitadores da Peninsula Iberica?—Mysterio!

Haveria aqui uma raça de homens, mais ou menos civilisada, que depois, por alguma grande catastrophe phisica do globo—submersões, diluvios, terramotos, etc.—ou por alguma grande revolução social (especie de *edade petroleira*, antidiluviana) que, fazendo perder aos homens o sentimento do bom e do bello, os embrutecesse?

Seriam sempre selvogens e antropopha-

E., pelo Golfo denominado de Leão, no Mediterraneo—e ao O., pelo Golfo chamado de Gasconha, e tambem de Biscaia.

[2] E conservando ainda a mesma linha até á extremidade E. dos Pyreneos, que para o O., já em terra de Hespanha, continuam com diversos nomes, desde S. Sebastião de Biscaia, até Lugo, formando uma só cordilheira, que principia no Cabo Creux e vae terminar perto do Cabo de Finisterra, conservando sempre uma linha quasi recta, desde o Mediterraneo até ao Oceano.

[1] Os romanos, e depois d'elles, os godos e arabes, davam a esta Peninsula o nome de *Hespanhas*.

Ainda muitos escriptores modernos lhe dão actualmente esta denominação.

gos, os primitivos peninsulares, denominados *homens das cavernas*, ou da primeira edade da pedra—*archeolithica?*

Quando principiaria esta região a ser habitada pela raça humana?

Outro mysterio, que, provavelmente, já mais deixará de o ser.

Qual seria a sua configuração physica primitiva?

Quando se formariam essas immensas cordilheiras, essas alterosas montanhas, esses elevados picos?

O que seria mar?

O que seria terra firme?

Ainda mysterio!

E' certo que tem passado por grandes alterações physicas, por grandes convulsões, por medonhos cataclismos, o nosso sólo.

Ha em Portugal vestigios que provam com a mais indiscutivel evidencia, que, onde hoje se veem formosos valles, e veigas feracissimas, foram mares outrora.

Em alguns pontos, a 5, 6 e mais kilometros longe das praias, se encontram seixos rolados, peixes, conchas e plantas marinhas fosseis.

Mas não é só junto ao litoral, que se encontram estes seres, cuja raça se extinguiu. No valle de Arouca, 36 kilometros a E. do Atlantico, vêem-se, em partes, camadas de bivalves antediluvianos; e ao abrirem-se os alicerces para a ponte da nova estrada, proximo á villa, se viu que todo o solo era formado por camadas de seixos rolados, indicando a permanencia muitas vezes secular das aguas n'aquellas paragens. Os proprios penedos semeados pelas serras d'estes sitios, não são senão pedras, a que o mar, impellindo por muitos seculos, umas contra as outras, nas suas correntes submarinhas, deu a fórma espherica.

Na propria serra da Estrella, se teem encontrado camadas de conchas fosseis, e peixes antidiluvianos, o que nos faz acreditar, que esta serra, apezar da sua altura, esteve por muitos seculos submergida pelas aguas.

Em outros muitos logares d'este reino, se teem encontrado vestigios da diuturna permanencia das aguas do mar onde nos custa a conceber como ellas chegassem, a não ser isto tudo Oceano! [1]

A darmos credito aos geographos e historiadores gregos e romanos, o Atlantico tem invadido as nossas costas, já desde os tempos historicos; pois que florescentes e grandes cidades do litoral jazem hoje sepultadas nas ondas, como *Carteia* (ou as *Carteias*) e outras.

Em outras partes, tem-se o Oceano retrahido, deixando a alguns kilometros da praia, cidades cujos muros eram açoitados pelas ondas, como aconteceu a Tavira.

Um diluvio parcial, ou outro qualquer phenomeno plutonico submarinho da edade media, fez mudar a superficie do mar, em uma vasta extensão, deixando a descoberto as ilhas de *Tessel*, *Eyerland* e outras. Já n'este seculo, temos visto, abandonarem as costas em umas partes, e invadindo-as em outras: rebentarem vulcões; apparecerem e desapparecerem ilhas; subverterem-se paizes; sumirem-se rios; e sepultarem-se montanhas.

Longe me levaria a imaginação, discorrendo sobre este ponto; e, nem os limites de um diccionario geographico o permittem, nem a minha carencia de estudos geologicos poderia dar á materia sujeita a fórma scientifica, que prende e instrue.

—

Do mesmo modo ignoramos a duração da edade da pedra, que, segundo alguns, e fundando-se em recentes descobertas paleonthologicas, foi de 7:000 e mais seculos!

Á *primeira edade da pedra*, seguiu-se a *neolithica*—isto é—a *segunda edade da pedra* (e tambem do *osso* e do *barro cosido*.)—É a época dos *dolmens*, das *antas*, e, talvez dos *carns*; denominados *monumentos megalithicos*, de que Portugal tanto abunda, como

[1] Voltaire, guiado pela sua vaidade, pelo seu atheismo, e pela sua incredulidade cega, proferiu o maior disparate que podia sahir da bocca de um philosopho!—Disse que *as conchas fosseis colligidas nos Alpes e em outras partes do interior de diversos paizes, procediam do Oriente, e tinham cahido dos chapeus dos peregrinos que regressavam da Syria!!!* (*Principles of Geology*, by Charles Lyell, pag. 97, da 5.ª edição.)

o tenho provado em muitos logares d'esta obra.

Á edade da pedra, seguiu-se a *do ferro* e *do bronze*. A esta e ás antecedentes, se dá o nome de *edades archeologicas*.

Mas quem foram os homens que construiram esses *dolmens*, que revelam já uma civilisação ainda que elementar, ou embrionaria; e com que apparelhos dynamicos elevaram as suas *antas* monstruosas?

Os escriptores antigos lhe chamavam *celtas;* os modernos, na falta do seu verdadeiro nome, lhes chamam *pre-celtas*.

É certo que os povos de que ha mais remotas noticias, com mais apparencia de verdade, são os celtas; mas julga-se que não foram elles os constructores dos *monumentos megalithicos*.

Sem a minima pretenção a singularisar-me, e sem o menor orgulho pelo meu achado, que não foi mais do que um acaso (como são a maior parte das descobertas archeologicas) e com licença dos homens da sciencia, direi que descobri na margem esquerda do Douro, em Castello de Baixo, um *dolmen*, de construcção muito mais moderna do que todos os outros de Portugal, pois data da *edade de ferro*, o que facilmente se prova pelo córte das juntas dos seus *pilares*, que evidenceiam o emprego de instrumentos de ferro. Não me consta que haja outro egual, n'este reino.

(Vide vol. 2.º, pag. 185, col. 2.ª, no fim.)

—

Quando os romanos invadiram as Hespanhas, acharam aqui os *iberos* (ou *babilonios*) os *celtas*, os *gallos-celtas*, os *lusos*, os *turdulos*, os *pesures*, os *cuneos*, os *grávios*, os *amphilocios*, e outros, de nomes exdruxulos, cuja aborrecida nomenclatura poupo ao leitor. Mas quem sabe se essa nomenclatura foi dada aos povos hispanicos, pelos phenicios, ou pelos romanos?

Os geologos, designam uma época remotissima (a dos grandes cataclismos — talvez a do *diluvio universal*) com o nome de *periodo plioceno*.

Foi então — segundo elles — que a America se separou da Europa, e esta da Africa. Que a parte occidental da Europa, por um immenso cataclismo plutonico, foi pouco a pouco submergindo-se sob as ondas do Oceano, que, augmentando de volume por esta circumstancia, foi invadindo a parte septentrional da Germania, até ao centro da Russia, insulou a Inglaterra e a Irlanda, a Madeira, Porto-Santo e as Canarias; a Sardenha, a Corsega e a Sicilia, e transformando a parte occidental da Grecia no archipelago Jonico. (Vide *Berlengas* e *Peniche*.)

N'estas immensas inundações, muitos milhões de seres, especies inteiras de animaes e plantas, deixaram de existir. Os fosseis encontrados na maior parte do globo, o estão provando.

—

A geologia, posto ser a mais moderna das sciencias, tem já prestado relevantissimos serviços, com as suas investigações hodiernas, e derramado muita luz, sobre os tempos antediluvianos; mas o seu maior serviço, foi de certo o que fez á religião christan.

Os philosophos e os *espiritos fortes* do seculo XVIII, consideravam a Biblia — sobre tudo o *Genesis* — como um livro absurdo, e Moysés como um visionario; porém as recentes descobertas geologicas, teem plenamente confirmado as Santas Escripturas — se ellas precisassem de confirmação para serem acreditadas.[1]

[1] Confunde-se a imaginação do homem dos nossos dias, quando pensa no grau a que tinham chegado os conhecimentos humanos ha 40 seculos, e o quanto depois vieram a decahir! Com effeito, foi certamente preciso que uma longa serie de desgraças immensas, cahisse sobre a humanidade, para que ella tanto retrogradasse.

Temos monumentos dos chaldeus, dos assyrios, dos persas e dos egypcios, que nos demonstram um alto grau de civilisação, n'essas gerações hoje chamadas *pre-historicas*, e que depois vieram a cahir na mais lamentavel ignorancia, e no barbarismo mais atroz!

Os hieroglificos encontrados no centro d'essas moles immensas denominadas *pyramides do Egypto*—que, se são um monumento do orgulho dos Faraós, o são tambem do seu poder omnipotente, e da remotissima antiguidade da sua illustração—esses hieroglificos, digo, até hoje inintelligiveis, teem sido tenaz e conscienciosamente estudados, por sabios allemães, francezes e inglezes, e é admiravel como elles concordam com as Sagradas Lettras.

Na leitura da Biblia, como na interpetração dos hieroglificos, só ha a attender a que os orientaes fallavam e escreviam sempre em sentido metaphorico, symbolico e enigmatico.

Alli se vêem os *sete dias da creação*, que não são mais do que o symbolo das *sete edades* do mundo.

NO DIA PRIMEIRO CREOU DEUS A LUZ.[1]

N'estas poucas palavras se resume a creação d'essas myriades de astros, d'esses milhares (talvez milhões de milhões!) de systemas planetarios, com que o Omnipotente esmaltou o firmamento; submettendo-os a leis concordes e harmonicas, que o correr de tantos milhares de seculos, em nada podéram alterar.[2]

NO DIA SEGUNDO FEZ O FIRMAMENTO E SEPAROU AS AGUAS SUPERIORES DAS INFERIORES.

Isto é — formou a atmosphera.

NO TERCEIRO DIA SEPAROU AS AGUAS, DA TERRA, CHAMANDO AQUELLAS — MARES — E DANDO A ESTA A FORÇA E A PROPRIEDADE DE PRODUZIR ARVORES, PLANTAS E HERVAS.

Quer dizer — A superficie do nosso globo solidificada, pela cinza e outros corpos expellidos do centro em combustão, formaram os accidentes da peripheria e a sua crusta primaria. A agua, obedecendo ás leis da gravidade, impostas pelo Creador, procurou o seu jazigo nos valles mais profundos, e a terra começou a produzir as plantas.

NO QUARTO DIA, CREOU OS ASTROS.

Isto é—estabeleceu as duas forças da Natureza, e imprimiu no nosso satélite—a Lua — os dois movimentos eternos, admiravelmente combinados com os do globo da terra, e com todos os mais astros e planetas.

NO QUINTO DIA FEZ OS PEIXES E AS AVES.

Todas as descobertas modernas induzem tambem a acreditar que os primeiros seres da creação, dotados de vida e sentimento, foram os peixes, e os segundos, as aves.

NO SEXTO DIA FEZ OS ANIMAES TERRESTRES E O HOMEM.

Está plenamente provado que os animaes quadrupedes e os reptis, são de uma creação posterior aos peixes e ás aves, e anterior ao homem.

Os fosseis até hoje encontrados nos terrenos secundarios, pertencem unicamente áquellas especie — peixes, aves, quadupedes e reptis — e não ao homem; o que prova exhuberantemente que, na época em que um (primeiro?) e medonho cataclismo transtornou a superficie do globo, convertendo em lagôas e mares o que era terra, e em valles e montanhas o que foram mares, ainda a especie humana não existia no mundo: é por isso que o Genesis menciona a sua creação em ultimo logar.

Finalmente, Deus, depois de crear o homem, *á sua imagem e semelhança* (espiritual, se entende) para rei da creação, nada mais teve de crear, e

NO SETIMO DIA DESCANÇOU —

isto é—creado o universo, estabelecidas todas as suas irrevogaveis leis, e dado o movimento regularissimo e harmonico dos astros, para toda a eternidade, estava completa a obra admiravelmente perfeita do Omnipotente — e DESCANÇOU — quer dizer, deixou o universo entregue ás leis que lhe havia es-

[1] Note-se que a palavra hebraica — *yon* — tanto póde significar dia, como anno, seculo, ou milhares de seculos — significa mais propriamente—*época, tempo.*—«Verum dies ibi pro tempore vel spatio simpliciter sumitur: sive pro diebus, ut plerisque placet. Nam singularis pro plurali saepe in Scriptura ponitur.» — (*De Opificio sex dierum*, de Petavius, L.º 1.º, cap. 5, § 4.º)

[2] Os antigos geographos e uranographos, sustentavam que o nosso systema planetario tinha soffrido um transtorno immenso, talvez produzido pelo choque de algum corpo celeste que sahisse da sua orbita, e que os polos do mundo, até então horisontaes, ficaram obliquos. Hoje está plenamente provado que a obliquidade é a posição geral dos astros e planetas.

tabelecido, e ao impulso e movimento que lhe havia dado.

—

Em varios paizes da Europa, Asia e Africa—e ainda mais na America—se teem encontrado restos de monumentos, que nos revelam a existencia de povos civilisados, em épocas desconhecidas pela sua remotissima antiguidade: o que nos leva a acreditar, que a isolação e o terror causado pelas medonhas convulsões do solo, embruteceram os povos que podéram escapar sobre as elevadas cordilheiras já então formadas sobre a superficie do globo.

Mas em Portugal, nenhum vestigio até hoje se tem encontrado d'essa remota civilisação; resumindo-se as modernas descobertas, ao achado de cavernas habitadas por tribus barbaras e selvagens, cujos unicos instrumentos eram toscamente feitos de silex, e nada mais se tem encontrado do que isto, ossos e cinzas.

(O apparecimento de objectos de barro, cosido ao fogo, ou apenas sêcco ao sol, é de uma época mais moderna.)

O que deixou mais evidentes signaes da sua passagem devastadora, foi o *diluvio:* este cataclismo, que os philosophos do seculo XVIII, e outros, tambem negaram, está hoje plenamente provado, não só pela Biblia, para os crentes; como pelas tradições de todos os povos do globo; pela historia da antiga Grecia, [1] e por todos os vestigios, uns patentes á nossa vista, outros que continuamente estão descobrindo os investigadores dos nossos dias.

—

Está plenamente provado, não só pelos Livros Sagrados, mas tambem por inumeras investigações e descobertas geologicas, que o homem existia antes do diluvio de que nos falla Moysés.

Tratemos agora do ponto principal d'este artigo — os aborigenes da nossa peninsula.

A dar credito a alguns escriptores, já era povoada pelos homens, antes do diluvio; [1] e foram d'aqui as primeiras tribus que se estabeleceram na Gallia meridional, na Italia, e na Sicilia, ainda então unida á Peninsula Italica e á Africa.

Dizem tambem que os *siculos* e os *ligures*, eram oriundos da Libya, e foram da Betica.[2]

Sustentam outros (talvez com mais fundamento) que varias tribus de ligures passaram directamente da Africa á Italia, pela Sicilia, que era então um isthmo, unindo a Africa á Europa—e outras tribus se vieram estabelecer nas Hespanhas, pelo *isthmo d'Abyla*, que uma convulsão do globo subverteu, formando o Estreito de Gibraltar, communicando o Atlantico com o Mediterraneo, e separando tambem aqui a Africa da Europa, como fizera (essa ou outra convulsão) desapparecer os isthmos que ligavam a Africa com a Sicilia, e esta com o resto da moderna Italia.

Mesmo que os primeiros habitantes da Betica viessem da Africa (da Libya ou de outro qualquer ponto) teve esta emigração logar em eras remotissimas—isto é—antes, ou durante a *edade da pedra;* e muito seculos antes das primeiras navegações; visto que tinham passagem franca pelo isthmo (hoje estreito) que ligava *Cálpe* com *Abyla* —as famosas *Columnas d'Hercules*, da antiguidade, e cujo rompimento os mythologos attribuem áquelle *semideus*.

Em todo o caso, eram raças ou povos diversos, os primeiros povoadores da Betica e da Lusitania, o que se prova, não só pelas suas varias denominações, como pelas suas differentes linguas, e pelas continuas guerras que entre si traziam. Mas o que se não póde negar é a existencia do homem n'esta parte da Europa, desde a mais remota antiguidade, e provavelmente desde a época secundaria.

O sr. Carlos Ribeiro, illustrado geologo

[1] Segundo os antigos historiadores gregos, deve-se ao diluvio a formação da Moréa, do monte Ténaro, e das ilhas Jonicas.

[1] Entretanto, tendo-se descoberto nas Hespanhas, fosseis de diversos animaes antidiluvianos, ainda se não descobriu um só da nossa especie.

[2] Strabão diz que os siculos e ligures, eram o mesmo que iberos e celtas, ou que se tinham ligado com estes.

contemporaneo, crê na existencia do homem na Lusitania, já na época terciaria; pois que em uma escavação, nas camadas *miocenas* do Valle do Tejo, a uns 40 kilometros ao N.E. de Lisboa, encontrou instrumentos de pedra, e algumas pedras denotando obra d'arte, ainda que muito imperfeita.

Depois d'estes, vieram os *atlantes*, tambem africanos, habitantes do monte Atlas, diz-se que, trazendo por chefe, *Hésperо*, irmão do rei Atlas.

Não se póde dizer os seculos que decorreram desde estas primeiras migrações, sem que á Lusitania chegassem novos adventicios, ou se ellas continuaram. O que se julga provavel, é que, pelos annos 1792, a 1800 do mundo (150 depois do diluvio — ou 2200 antes de Jesus-Christo) se veiu aqui estabelecer uma grande colonia asiatica (cujo chefe muitos crêem ser *Tubal*, 6.º neto de Noé) composta de homens, se não muito civilisados, com certeza muito menos barbaros do que os aborigenes.

É provavel que sejam do tempo d'estes orientaes (chaldeus) os monumentos prehistoricos — mâmoas, antas, dolmens, carns, men-hirs, peulvens, cromlechs, nuraghis, etc.; porque se teem encontrado muitos d'estes monumentos na Asia, na Africa e na Europa; o que faz acreditar que o Oriente foi o berço da especie humana, e que esta alli se desenvolvia com espantosa fecundidade, pois deu colonias para todas as partes do mundo — parece mesmo que para a America.

É a estes povos que se dá a denominação de *megalithicos* — isto é — constructores de monumentos de pedra.

Depois d'estes, vieram os *celtas*, que, unindo-se aos *iberos*, formaram os *celtiberos;* que, pela maior parte, ainda viviam em cavernas. É d'esta raça e são d'esta época as ossadas humanas que se teem achado n'essas cavernas (vide vol. 1.º, pag. 47, col. 1.ª, a descripção da gruta do *Cabeço de Truquel*), e, se não se tem encontrado um grande numero de ossadas, é porque, as dos inimigos eram abandonadas ás aves carnivoras, e desfeitas pelo tempo; e porque muitas tribus queimavam os cadaveres dos seus, o que se prova, pelas cinzas achadas em muitas d'essas cavernas, e nas *arcas* das mâmoas.

Depois dos povos megalithicos, porém muitos seculos depois (1370 antes de Jesus-Christo) vieram os gregos; os gallos *celtas* (já misturados com os iberos e outros povos, que tinham fugido da Betica para as Gallias — pelos annos 3000 do mundo — em razão de uma grande esterilidade causada por uma sêcca diuturna); e após elles os phinicios ou tyrios (950 antes de Jesus-Christo), e pouco depois os carthaginezes (590 antes de Jesus-Christo) como os antecedentes, tambem da raça punica.

Atraz dos carthaginezes (phenicios da Africa) vieram os romanos (210 antes de Jesus-Christo).

A invasão dos *barbaros do norte* (wisigodos, alanos, vandalos, selingos, suevos, etc., etc.) teve logar desde o anno 400 da era christan; e finalmente, a dos arabes, em 714.

Todos estes povos, e ainda os nórmandos e gascões, nos seculos IX e X, se foram misturando com os indigenas e aborigenas; e é do inextrincavel *cruzamento* de todas estas raças heterogeneas, que procedem os portuguezes actuaes, e grande parte dos hespanhoes.

Podemos pois dizer que somos um povo moderno, formado de todas estas variadissimas raças.

—

Como esta obra é escripta por um homem do povo, e para o povo (que os sabios não precizam das lições de tão humilde e obscuro escriptor) evitei quanto me foi possivel, empregar termos scientificos, ou expliquei-os, quando me vi obrigado a empregal-os (se já pelo decurso da obra não tinha dado a sua difinição) para que fosse por todos entendido.

Terminarei dizendo que em Portugal, a archeologia pre-historica, a paleonthologia, a anthropologia, a linguistica, e

mesmo a geologia, estão ainda muito descuradas e desprotegidas pelos nossos governos, e o que se tem feito, é unicamente devido a exforços de particulares, que pelo amor do estudo se teem dedicado a estas sciencias.

PENNA LOBO (ou *Pena Lobo*) [1]—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, concelho —extincto — de Sortêlha) 18 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago, S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior do Salvador, de Pouza Folles, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Fertil em ceraes, muito gado miudo e caça.

PENNA LONGA (ou *Pena Longa*) ou PENHA LONGA — vide Cintra.

PENNA MAIOR (ou *Pena Maior*)—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira (foi da comarca de S. Thyrso, concelho—extincto—de Negréllos) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo, apresentavam, alternativamente, o reitor, que tinha 150$000 réis.

[1] Por um d'aquelles transtornos, muito frequentes na composição, principalmente em obras extensas e complicadas, deu-se um *salto*, de duas paginas, na 564—passando-se do *Pena-Joia*, a *Penafiel e Sub-Arrifana*, não se paginando desde *Pena Lobo*, até á primeira *Penafiel*.

Não tive outro recurso, senão, escrever estas freguezias com dois *nn*.

Peço desculpa aos meus leitores, d'esta irregularidade, a que não dei a minima causa.

E' terra fertil. Muito gado bovino, que exporta.

PENNA VERDE (ou *Pena Verde*) — villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho d'Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 320 ao N.E. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Candeias (da Purificação.)

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil, e povoação muito antiga.

O padre Carvalho, diz que D. Sancho I lhe deu foral, em 1195; mas Franklin não falla n'este foral.

D. Sancho II, lhe deu foral em Guardão, a 12 de julho de 1240. (Maço 7 dos foraes antigos, n.º 5.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 61 v., col. 1.ª *in fine*.)

Tinha trez egrejas annexas—S. Sebastião, de Dornellas; Santa Agueda, de Queiriz; e Santa Marinha, de Forninhos.

A padroeira da freguezia, tem uma irmandade, cujos estatutos foram approvados pelo bispo, D. João de Mello.

Instituiu se com 120 irmãos, 30 irmans, e 12 clerigos.

A cada um dos irmãos que fallecessem, mandava a irmandade fazer tres officios cantados, de 9 lições—e cada um dos irmãos vivos, era obrigado a rezar um rosario pelo defuncto.

Todos os annos se fazia um anniversario geral, por todos os irmãos.

Innocencio X, concedeu, em 1650, muitas indulgencias a esta irmandade, as quaes se ganham nos dias das festas da Senhora, que são, a 2 de fevereiro, e a 15 de agosto.

—

Consta por tradição que a primeira egreja matriz d'esta freguezia, esteve no sitio de S. Pedro, martyr, fóra da villa; mas, sendo pequena, e estando bastante damnificada pelo tempo, os freguezes construiram a actual,

dentro da povoação, não se sabe quando, mas ba mais de 300 annos.

—

Seis kilometros ao N. de Pena-Verde, está a villa de Matança. (Vol. 5.º, pag. 126, col. 1.ª)

Segundo a tradição, tem este nome, porque, em 985, houve aqui uma grande batalha contra os mouros, commandados pelo feroz Al-Mançor, *rei* de Córdova, e que, por ficar o campo juncado de cadaveres, se chamou *valle da Matança*.

Depois, fundou-se aqui uma povoação, á qual, em memoria d'esta batalha, se deu tambem o nome de Matança.

PENNA VOUGA (ou *Pena Vouga*) ou **PENHA VOUGA**—logar, Beira Alta, freguezia de Ferreira d'Aves concelho de Satan, comarca, districto administrativo, bispado e 24 kilometros de Viseu. (Vol. 3.º, pag. 171, col. 2.ª)

Nos limites dos bispados de Viseu e Lamego, a 3 kilometros da serra da *Lapa* (vol. 4.º, pag. 49, col. 2.ª) se levanta da margem do Vouga, um monstruoso penhasco, com mais de 200 metros d'altura, tendo do lado do O. umas quebradas perpendiculares, e ao fundo, um abysmo vertiginoso.

O cume d'este penhasco, é plano, tendo uns 100 metros de diametro, e nelle edificou a piedade christan, uma grande ermida consagrada a *Nossa Senhora do Bom Successo*—vulgarmente—*Nossa Senhora de Pena Vouga*.

Para se subir a esta ermida, ha um atalho em zigue-zagues, de perigoso accesso, o que nem todos se atrevem a transpor; porque, se com as vertigens que causa a profundidade do despenhadeiro, faltar um pé ao caminhante, cahirá no abysmo, despedaçado pelas arestas dos rochedos.

Como a sua visinha—Nossa Senhora da Lapa—é a padroeira d'esta egreja objecto de grande devoção para os povos d'estas terras.

Segundo a tradição, é este templo fundação do principio do seculo VIII, e quando os mouros invadiram este territorio, em 715, os christãos, para subtrahirem a Santa imagem aos ultrajes dos agarenos, a vieram esconder n'estas invias penedias, construindo-lhe uma edicula.

Nada porém hoje resta da primitiva construcção, em consequencia das successivas reedificações.

E' agora um templo de tres naves, com 13m,3 de comprido e 5m,5 de largo, com tres altares, afora a capella-mór, com o seu altar principal, aonde está a padroeira, que é de marmore, com um metro d'altura.

Não tem rendimento proprio, sustentando-se o culto com as offertas e esmolas dos romeiros.

O abbade da collegiada de Ferreira de Aves, apresentava aqui um eremitão annual.

Vinham aqui antigamente, em procissão e romaria, por voto immemorial, as freguezias —de Santo André, de Ferreira d'Aves—a do Espirito Santo, d'Aguas Bôas (ambas do bispado de Viseu); e a de Nossa Senhora das Candeias, do Grajal (ou Granjal) do bispado de Lamego; pois, como já disse, este sitio fica na divisão dos dois bispados. [1]

Tambem em todos os sabbados da quaresma, era muito visitada esta egreja, pelos fieis dos arredores.

Junto ao templo se levanta ainda outra grande penha, de difficilima subida, e que o abriga dos temporaes do O.

Ao sopé, do lado do S., a uns 600 metros de distancia, fica um fresco valle, regado por um manancial de agua crystalina, chamado *Fonte do Mouro*.

Ha aqui vestigios de casas de habitação, antiquissimas, que parece terem sido casas de banhos; provavelmente mouriscas.

O rio Vouga, posto nascer perto d'este sitio (na fonte de Nossa Senhora da Lapa) já aqui traz saboroso peixe, principalmente trutas, que são de gosto especialissimo.

PENNAFIEL (ou *Penafiel*)—cidade antiquissima da Lusitania, na actual provincia

[1] O cunhal da egreja, do lado do N., assenta em uma lagem, onde estão esculpidas duas cruzes, termo dos dois bispados, de modo que, podem estar os dois prelados, dando as mãos, cada um na sua diocese; mas o templo está em terreno da de Viseu.

do Douro, edificada na foz do rio *Souza*. (Vol. 3.º, pag. 224, col. 1.ª) Vide a 1.ª *Penafiel*.

PENSAMENTOS—portuguez antigo—arrecadas, com filagrana de ouro.

Foram muito usadas em Portugal, ainda até ao principio d'este seculo.

PENSAR—portuguez antigo—ter cuidado em alguem, vestir, sustentar, curar, favorecer, etc. (Documento de Alpendurada, de 1344.)

Ainda se usa.

PENSO—vide *Santalha*.

PENSO—portuguez antigo, do seculo XV—pensamento.

PENSO—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757, tinha 67 fogos,

Orogo, S. Vicente, martyr.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 260$000 reis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado e caça. Vide *Escudeiros*.

Tem uma escola de instrucção primaria, fundada pelo sr. commendador Ferreira Veiga, para ambos os sexos, com 4 premios de 5$000 réis cada um, por anno, para duas meninas e dois meninos, que mais se distinguirem n'aquelle anno.

PENSO—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilomotros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago, Santo Estevam, proto-martyr.

A mitre apresentava o vigario collado (vulgo, reitor) que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

PENSO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi da comarca de Monção, extincto concelho de Valladares) 65 kilometros a N.E. de Braga, 425 ao N. de Lisboa.

Tem 255 fogos.

Em 1757, tinha 209 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) de Paderne, apresentava o vigario, que tinha 130$000 réis de rendimento.

O mosteiro vendeu isto aos Caldas, de Badim, que, desde então até 1834, ficaram com o padroado d'esta egreja; passando os seus vigarios a denominarem-se reitores.

E' n'esta freguezia a *quinta de S. Cybrão*, do sr. Philippe d'Araujo Caldas.

Segundo a tradicção, no sitio onde está a capella d'esta quinta, houve um templo romano dedicado a Jupiter.

Suppõe-se que a existencia do tal templo, foi uma fabula inventada para enobrecer esta propriedade; que, mesmo sem aquella circumstancia, é notavel, pela antiguidade e nobreza dos seus proprietarios; e tambem por que produz optimo vinho.

E' terra fertil, gado, peixe do rio Minho (que lhe passa proximo, ao N.) e caça.

PENSO—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancélhe (foi do extincto concelho de Caría e Rua, mas da mesma comarca) 35 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Disboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

O reitor da villa da Rua, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

PENSOSO—portuguez antigo—taciturno, pensativo, melancolico, etc.

PENTIEIROS—freguezia, Minho, comarca, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Guimarães, arcebispado, districto administrativo e 24 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 23 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

PENÚDE—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado e 2 kilometros ao N. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 370 fogos.

Em 1757, 169 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

Os marquezes de Marialva, apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada em um alto monte (ramo da serra de Muro) d'onde se vê a cidade de Lamego, e grande extensão de territorio, tanto da Beira Alta, como de Traz-os-Montes, incluindo muitas povoações, serras, montes e vallês.

O rio Douro, fica-lhe a 5 kilometros ao Norte.

E' uma das mais ricas freguezias, e das mais populosas da comarca.

E' muito fertil, e produz muito e bom vinho de exportação.

Cria tambem muito gado, de toda a qualidade.

O rio Balsemão, lhe dá algum peixe miudo, e o Douro, bastante e optimo.

Nos seus montes ha abundancia de caça.

E' atravessada pela estrada real, de Lamêgo á Régoa, pela qual faz o seu grande commercio com a cidade do Porto, embarcando os seus generos de exportação, no caes da Barosa, em frente da Régua.

PEPIM—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros ao N.E. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os condes d'Alva, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Muito gado, de toda a qualidade, e grande abundancia de caça.

PÊRA — ribeiro, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Pedrogam Grande. (Vide esta palavra e *Pedrogam Pequeno.*)

N'esta ribeira, em territorio da freguezia da *Castanheira* (vol. 2.º, pag. 164, col. 1.ª— a 3.ª Castanheira, d'essa columna) está a magnifica fabrica de lanificios, do sr. Antonio Alves Bibiano, uma das melhores do seu genero, em Portugal.

Está situada esta fabrica na margem direita do rio denominado Ribeira da Pêra; tem boas aguas, magnifico local, muito pitoresco, e excellentes campos de milho.

A primeira casa é de um só andar e tem o comprimento de sessenta e tantos metros, e largura proporcionada.

Ha aqui duas rodas hydraulicas, construidas no Porto. e de força de 35 a 40 cavallos aproximadamente, e applicada a muitas e differentes machinas de cardar e fiar, perchas, pisões cylindricos, lavadeiras, tesouaas, escova, aveludadeira, encarruladeira, torcedor, etc., tudo pelo systema mais moderno e aperfeiçoado, assim como um sortido de cardar, produzindo 100 mechas, e uma fiação fixa, cujo trabalho é muito apreciavel.

Alem dos motores hydraulicos, tem uma bonita machina franceza, a vapor, da força de 25 cavallos, para supprir no verão a falta d'agua.

Em setembro de 1874, montou-se uma rambulla mechanica, para enchugo de pannos, no inverno, dirigindo o trabalho o mesmo engenheiro francez que montou a machina a vapor.

Fronteira á primeira casa das machinas descriptas, ha uma outra de egual comprimento, que serve de casa de habitação, armazens de lãs, escriptorio, prensas e serralheria, com um grande e espaçoso terreiro no centro, e proximo uma boa eira para enchugo de lãs.

Em uma outra casa, superior a estas, construida ha pouco, ha uma roda hydraulica, feita em Lisboa, da força de 15 a 20 cavallos, com a vantagem de que a agua que d'ella sae, vae tocar as outras que se lhe seguem: esta roda serve de motor aos teares mecanicos, cuja regularidade e trabalho é muito perfeito.

Para supprir no verão a falta d'agua, fez o sr. Bibiano acquisição d'uma locomovel, da força de 12 cavallos.

Este senhor tem sido e é incançavel no auguento e boa organisação da sua fabrica; por isso, e sem exagero, se lhe pode dar o primeiro logar na industria portugueza de lanificios, porque os seus productos são hoje considerados os melhores do nosso paiz.

Fabrica pannos pretos, casimiras e xaviotes, de bom gosto e muito bem acabados.

As apreciaveis e excellentes qualidades de que é dotado o sr. Bibiano, são conhecidas, e os seus actos caritativos, para com os infelizes que a elle se dirigem, o prompto auxilio que presta aos pequenos industriaes da sua terra, animando-os a augmentar e melhorar as suas industrias, coadjuvando-os com dinheiro, e ultimando na sua fabrica as manufacturas, acções pouco vulgares e que só por si elevam o seu honrado caracter e nobreza de sentimentos.

A' sua iniciativa é tambem devido o grande progresso d'esta terra (ainda ha pouco desconhecida) tendo já ruas regularmente calçadas, bons edificios e outros em construcção.

Conta mais esta povoação (da Castanheira) sete fabricas que se empregam só em cardar e fiar, em cujo numero entra uma do sr. Bibiano, a qual está a distancia de 2 kilometros.

A do *Safrujo*, que pertence á casa do *Bollo*, está em um local lindissimo, tem bom motor e boas machinas, e entre estas uma thesoura longitudinal e uma percha.

—

Havendo n'esta terra algumas fortunas regulares, podiam em poucos annos fazer d'ella uma segunda Covilhã.

Existe aqui um mal, devido aos nossos governos—a pessima e intransitavel Serra da Louzã; é digna da maior censura a pouca consideração que tem dado a esta terra, tão recommendavel pela sua industria e verba de contribuição que paga para o thesouro.

A todos admira como poderam ser conduzidas pelos carreiros d'aquella serra, tantas machinas, com muitos esforços e risco de vidas. O sr. Bibiano fez a conducção das caldeiras da machina de vapor, locomovel e outras de grande volume, sendo preciso vir por differentes vezes, e por cada uma, quatorze juntas de bois e cincoenta e tantos homens.

Ninguem imagina com que difficuldade se faz o continuado movimento de transportes de lãs n'uma escala superior a 200 contos de réis por anno, e bem assim outros objectos proprios para esta industria.

—

E' notavel o desenvolvimento sempre progressivo que vae tomando a fabrica de lanificios do sr. Antonio Alves Bibiano, que sem duvida é hoje uma das mais notaveis do paiz, não só pela sua importancia, pelo grande numero de operarios que emprega diariamente, mas tambem, pela excellencia das manufacturas.

Com destino a tão importante estabelecimento chegaram á estação de Coimbra trez wagons com machinas, procedentes da Belgica, em janeiro de 1876.

—

N'esta mesma freguezia, e tendo tambem por motor a agua da ribeira de Pêra, se construiram em 1874, mais duas fabricas de lanificios.

PÊRA—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros ao O. de Faro, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757, tinha 331 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Dá-se-lhe vulgarmente o nome de *Pêra de Cima*, para a distinguir de Pêra de Baixo, *ou Armação*.

O bispo apresentava o cura, que tinha 390 alqueires de trigo, e 50 de cevada.

Está a freguezia situada sobre a estrada de Lagos para Faro, e d'ella se vê o mar. Tem poucas ruas e mal distribuidas, e a egreja parochial é pequena e pobre.

Foi desmembrada da de Alcantarilha, em 1683, pelo bispo, D. José de Menezes.

Passados annos, annexou-se áquella, mas hoje está outra vez independente.

Ha n'esta freguezia excellentes varzeas de pão, regadas pela ribeira, formada pelas aguas vertentes, da lagôa de Porches, que

passando pela ponte de Alcantarilha, vae formar, em *Pêra de Baixo*, uma lagôa, junto ao mar.

O outro terreno da parochia, é coberto de vinhas, figueiras, amendoeiras e oliveiras.

No sitio e proximo da ermida de S. Lourenço de Palmeiraes, d'esta freguezia, faz-se uma feira a 10 de agosto, e grande romaria ao padroeiro da ermida, muito concorridas.

Esta feira fica a distancia de 3 kilometros da povoação de *Algôz*.

Pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755, cahiu a egreja matriz (que foi logo reedificada) e 20 casas particulares.

PÊRA-BOA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e proximo (ao N.) da Covilhan, 35 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

A mitra apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia, é (com pequena corrupção) *Parávoa, Perábola, Peravaa* e *Paravaa*, portuguez antigo, que significa — *palavra*.

E mando que seja creudo (crido) *per ssa simpriz paravoa.* (Documento da Guarda, de 1298.)

As ditas paravaas, nenhuma cousa adduda (accrescentada, addida, etc. — isto é — *Nem mais nem menos*) *nem removida, torneis em pubrica forma.* (Documento de Alpendurada, de 1311.)

(Vide Covilhan.)

—

No dia 24 de agosto de 1869, pelas 2 e meia horas da tarde, passou sobre esta freguezia e a de Caria, uma furiosissima e medonha trovoada, que atterrou todas as povoações circumvisinhas.

Foi um verdadeiro cyclone terrestre.

Tomou depois a direcção da serra da Estrella, passando sobre a Covilhan, deixando atraz de si a desolação e a ruina.

Na frente d'aquella negra e immensa aglomeração de nuvens, grandes bandos de passaros, acossados pela tempestade, fugiam espavoridos, em columnas cerradas.

As casas tremiam desde os alicerces; a chuva de pedra, impellida pelo vento, derrotou vinhas, pomares, searas, olivaes, hortas, arvoredos, etc., causando prejuizos de muitos contos de réis, e deixando muitas familias reduzidas á miseria.

Quasi todos os vidros das janellas foram esmigalhados, pois que a saraiva era do tamanho de ameixas, chegando, na sua maior parte, a pesar cinco oitavas cada pedra.

O Zêzere, cresceu repentinamente, e na furia da sua impetuosa corrente, arrebatou noras, gados, e searas de milho e legumes, sem deixar vestigios de sementeira.

As pombas e outras aves, que andavam no ar, cahiam, como fulminadas.

Em Pera-Bôa, um redemoinho de vento arrebatou um homem, levantando-o, e arremeçando-o a 100 metros de distancia, sem que, com tudo, elle soffresse outro incommodo, alem do susto.

PÊRA DE BAIXO ou **ARMAÇÃO**—vide *Armação*, vol. 1.º, pag. 238 R, col. 2.ª

PÊRA DO MOÇO—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 9 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 52 fogos.

Orago, S. João Baptista.

O cabido da Sé da Guarda, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

E' terra muito antiga, e muita fertil. Muito gado; muita caça, grossa e miuda.

(Vide *Pedrogam Grande.*)

Entre esta povoação e a quinta do *Carvalhal*, á direita da estrada que vae da Guarda para Pinhel, está um sitio chamado *Campo das Antas*, pelos muitos monumentos pre-celtas que n'elle houve

Ainda no fim do seculo XVIII alli se via

um grande dolmen, que o povo destruiu em busca de *thesouros encantados*.

PÊRA e **PEVA**—titulo legal de um antigo concelho que existiu até 1834, o qual fórma hoje parte do concelho de Moimenta da Beira.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 50, col. 1.ª) Vide *Pêra Velha*, e *Pêva*.

PERA-FITA—vide *Parafita*.

PERA MUNA—vide *Castello de Penalva*.

PERA VELHA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 24 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Bom vinho. Muita caça.

Esta freguezia e a de Pêva, constituiram um antigo concelho, por isso chamado de *Pêra* e *Pêva*.

PERÁDA ou **PARÁDA** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 21 fogos.

O seu orago, era Nossa Senhora da Natividade.

O reitor de Quintella apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé de altar.

Está ha muitos annos unida á freguezia de Quintella, do mesmo concelho, comarca, districto administrativo, e bispado.

PERAL — freguezia, Beira Baixa, concelho de Proença Nova, comarca da Certan, 45 kilometros a E. do Crato, 185 a E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 59 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

É do grão priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado.— Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, collado, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho môsto, e 2$000 réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes.

PERAL—freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer, 70 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da collegiada de S. Thiago, da villa d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 52 almudes de vinho môsto.

É terra fertil em cereaes e fructas, e produz optimo vinho. Cria muito gado de toda a qualidade.

PERANGÁRIA, ANGÁRIA e **ANGUEIRA**—portuguez antigo — Viterbo confunde estas palavras. *Angária* é o antigo e bem conhecido direito feudal — o serviço gratuito e obrigatorio, que o vassallo, collono ou caseiro, pagava ao donatario, ou ao senhorio directo do prazo.

D'aqui vem *angariar*, violentar alguem a fazer qualquer serviço. (Hoje toma-se por *alliciar, attrahir com boas palavras, ou promessas*.)

A angaria, tanto significava serviço de homem, como de bêsta, ou com bois e carro. D'aqui se dizia *angaria*, por *afflicção*, tristeza, *vexação*, violencia, etc. [1]

Havia tambem *hangarias*, que nós aporteguezamos em *angueiras*, que presumo tomamos do gallo-celta—*hangar*—(alpendre, telheiro, etc.)

[1] Talvez esta palavra venha do germano *angárias*—as *quatro temporas do anno*. N'estes dias, eram os vassallos obrigados a pagar aos seus senhorios, os feudos, censos, ou tributos, que, por serem pagos nas *angárias*, se lhes dava o mesmo nome.

É possivel que os godos nos trouxessem esta palavra.

Ainda na Allemanha se dava o nome de *angária*, ao affrontoso castigo que se impunha

Os persas, foram os inventores dos correios, postas e postilhões, e a estes chamavam *angáros*, e suppõe-se que foi d'aqui que os gallos-celtas tomaram a palavra *hangar*.

Os peninsulares, chamavam *hangarias* e *angueiras*, ás estações das mudas (provavelmente, por serem alpendres, cobertos, ou telheiros).

Tambem se chamava angueira, ao preço da conducção de qualquer pessoa ou mercadoria.

PÊRAS-ALVAS — vide *Revéles*.

PERCALÇAR — portuguez antigo — alcançar alguem em contas — conseguir algum emolumento — e tambem *luvas*. — *Atá que lhis pagassemos oito mil e tantas libras, que nos* percalçarom *nos Contos, que lhe eramos devedor*. (Côrtes de Lisboa, de 1389. — Doc. da camara do Porto.)

PERCALÇAR DIREITO — portuguez antigo — conseguir que se lhe faça justiça, com egualdade e rectidão. *E os senprezes nom podem* percalçar direito, *com os que mais entendem*. (Côrtes de Santarem, de 1430.)

PERCÁLÇO — portuguez antigo — emolumento, e tambem peita ou *luvas*, que se tiravam do officio ou emprego.

Ainda é usado este termo com a mesma significação—Prós e percalços, são os lucros, ganhos, rendimentos, proventos e emolumentos que se auferem de qualquer emprego.

PERDÚDO — portuguez antigo — perdido, gastador, pródigo, dissipador.

PERECIMENTO — portuguez antigo—falta, ausencia, extincção, etc. — *De que se segue grande* perecimento, *de Justiça e dapno* (damno) *ao vosso Povoo*. (Côrtes de Lisboa, de 1439.)

Hoje, *perecimento*, toma-se geralmente por fallecimento. Com a sua verdadeira significação é pouco usado.

aos reus de grandes crimes—era—levarem ás costas—os nobres, um cão—e os plebeus, a sella de um cavallo, e assim andavam percorrendo diversas terras (segundo a sentença) expostos á vergonha publica e ás vaias dos expectadores. Os francos levaram para as Gallias a palavra e a pena; pelo que depois, em França, continuou este castigo extravagante, com a mesma denominação.

PERÊDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo dos Cavalleiros (antiga comarca e concelho de Chacim) 35 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha 108 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Chacim, apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra fertil em cereaes, gado e caça.

PERÊDO DOS CASTELHANOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncôrvo, 150 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago, S. Julião (antigamente, S. Sebastião, martyr).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A camara archi-episcopal de Braga, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis e o pé d'altar. (Vide adiante.)

O que se segue, foi colligido do 1.º livro dos baptisados, escripto pelo primeiro abbade d'esta freguezia, João Caldeira; e de um outro manuscripto curioso.

Diz o referido abbade: — «Segundo informações que tomei de algumas cousas antigas, que as quiz escrever, para que as soubessem os que depois vierem.»

«Acho que esta terra foi já povoada desde muito tempo; e, segundo as muitas e grandes montanhas que n'ella havia, não me parece que podia ser, senão antes da destruição de Hespanha; porque ainda hoje ha vestigios de tres logares, a saber — este do *Perêdo*, os *Casaes da Povôa* e os de *Valle-Verde*.»

Do mesmo manuscripto se deprehende, que no sitio onde se construiu a egreja matriz, em todo o adro se acharam muitas sepulturas, com cabeceiras de pedra, e os ossos e caveiras carcomidos pelo tempo, signal evidente da sua muita antiguidade.

Parece que já n'esse tempo costumavam lançar cal nas sepulturas; pois se viam em

vão os sitios que haviam sido occupados pelos cadaveres, e a terra proxima esbranquiçada. Dão por aqui a estas sepulturas, o nome de *encampanadas*.

Construindo-se uma casa, ao fundo d'este logar, na rua, antigamente chamada *Direita*, se acharam duas cóvas grandes, uma cheia de trigo, e outra de centeio—tudo queimado; o que indicava ter sido destruido, por alguns invasores.

Muitos seculos esteve esta povoação deserta e abandonada; pois sabe-se que só tornou a ser povoada, em 1530, sendo os seus primeiros moradores, oito castelhanos, que da villa de *Frexenêda* (Castella) vieram então povoar este logar, que por isso se chamou *Perêdo dos Castelhanos*.

Consta, com algum fundamento, que os moradores do logar de *Urrôs* (que n'esse tempo era villa e julgado) deram estas terras a Gomes Borges de Castro, para aqui estabelecer um solar ou morgadio, e que a este fidalgo é que os oito castelhanos aforaram, por 16$000 réis annuaes, e por tres vidas, as terras de Perêdo, que repartiram entre si, em oito sortes, ficando cada casal com sua.

Foi tão grande em um dos primeiros annos, a colheita do trigo, centeio e cevada (unicos fructos que então aqui havia) que os moradores do logar não se atreveram a pagar ao morgado, só os 16$000 réis, e fizeram nova escriptura, ficando desde então a pagar-lhe cada anno, de fôro fateusim perpétuo, mil e quinhentos alqueires de pão—a saber—1:000 alqueires de trigo, 500 de cevada e 40 gallinhas.

Os officiaes de justiça eram postos pela camara de Moncôrvo. Os pastos e baldios, eram vendidos, em praça publica, todos os annos; sendo duas partes do producto d'esta venda (ou, mais propriamente, arrendamento) para os gastos do concelho, e o terço restante, para a corôa.

Assim foi resolvido por sentença da relação do Porto, na questão intentada contra Simão Borges de Castro, que pretendeu augmentar os fóros impostos nos oito casaes, já então muito subdivididos.

A egreja matriz, foi construida em 1565, e é de architectura singela. É bastante comprida, mas pouco larga. Tem tres altares—o mór, e dois lateraes, todos de talha dourada, e no gosto moderno.

Ha n'esta freguezia as capellas da *Senhora da Gloria*, e *Senhor da Santa Cruz*.

A primeira, está situada em uma elevação, sobranceira ao logar, e com extensas vistas, descobrindo-se as serras da Estrella e do Marão, outras menores, e muitos montes, valles e algumas povoações.

A segunda, está mesmo no centro da povoação, e foi restaurada luxuosamente, em 1873. Tem formosos quadros, allusivos á paixão do Redemptor.

Devem-se estes melhoramentos, aos generosos esforços e incançavel zêlo dos seus benemeritos mezarios, tornando-se dignos de especial menção, os srs. Joaquim Basilio Thomaz, e Antonio Caetano Fernandes, cavalheiros prestantes e religiosos de Perêdo.

Este logar teve muito maior população, o que se prova por muitas casas, hoje deshabitadas e em ruinas.

É o territorio d'esta freguezia muito accidentado e falto d'aguas; mas é das mais bem situadas povoações da provincia, pela disposição das casas e das ruas, em uma eminencia, sobranceira á margem direita do Douro.

Ha na freguezia grande abundancia de amendoas, exportando-se alguns milhares de arrobas annualmente. Além d'isto, produz bastantes cereaes, e algum vinho e azeite.

Os homens d'esta freguezia, são trabalhadores, muito inclinados ao commercio, e bons; porém as mulheres, são, em geral, desordeiras e insoffridas; e pelo motivo mais insignificante, armam um grande barulho; o que deu origem (e razão) ao adagio—*Quem tem máu genio, vae casar ao Perêdo.*

Aqui nasceu o sr. Antonio Joaquim Rodrigues Ferreira Pontes, por vezes, deputado ás côrtes, e governador civil do districto de Bragança. É um nobilissimo caracter, estimado e respeitado em toda a provincia. Hoje vive retirado da politica, na sua bella e grande quinta de *Cristéllos*, junto ao rio Sabôr.

Esta egreja, a de *Maçôres* e a de *Urrôs*,

eram todas de um só abbade; mas, havendo duvidas sobre o direito da apresentação d'ellas (se do real padroado, se do ordinario) se concertou o legendario arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, com o rei, para que se fizessem tres abbadias; e que a de Urrôs, ficasse, *in solidum*, do real padroado, e as do Perêdo e Maçôres, ficassem do ordinario.

Fez-se esta concordata, por escriptura publica, nas notas de Jeronymo Luiz, tabellião de Lisboa, em 3 de julho de 1566.

Ha na residencia parochial d'esta freguezia, uma reliquia da *pégada* de Nosso Senhor Jesus-Christo, á qual o povo consagra muito particular devoção, sob o titulo de *Sagrada Reliquia*, e lhe attribue a virtude de afugentar as trovoadas e tempestades. É certo que não ha memoria de que no termo d'esta freguezia, tenham havido desgraças, causadas por qualquer phenomeno meteorologico, como por muitas vezes tem acontecido nas freguezias immediatas.

O penultimo abbade de Perêdo, levou esta reliquia para a sua casa, da *Assureira;* mas o povo, tanto gritou, que elle não teve remedio senão restituil-a á freguezia.

Está bem conservada, dentro de um caixilho envidraçado, com a inscripção seguinte:

VESTIGIUM D. N. J. CHRIST.
IN MONTE OLIVETI.

Ao actual abbade d'esta freguezia, o sr. Manuel Maria Canijo, devo grande parte d'estas informações; pelo que lhe dou os meus mais sinceros agradecimentos.

PERÊDO DOS CAVALLEIROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros do Mogadouro, 165 ao N.E. de Braga, 36 de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, e o pé de altar.

Vide *Bemposta* (do Mogadouro), vol. 1.º, pag. 380, col. 1.ª

PEREIRA ou PEREIRAS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros a S.O. de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Gado, de toda a qualidade, e caça.

N'esta freguezia, e a uns 1:500 metros ao S.O. da villa de Barcellos, está o edificio que foi mosteiro (o 3.º) do Bom Jesus, dos padres, primeiramente da provincia da Piedade, e depois, pela divisão que se fez da ordem, ficou pertencendo á provincia da Soledade. Está situado em uma eminencia, e foi seu fundador, o duque de Bragança, D. Gomes, que, pela sua muita piedade, quiz que nas suas terras se fundassem os primeiros conventos d'esta familia. É o mosteiro da Franqueira. (Vol. 3.º, pag. 139, col. 2.ª)

Junto da cêrca d'este mosteiro, se levanta o monte onde estão as ruinas venerandas do nobilissimo *castello de Faria*, e onde se admiram ainda, a robustez de suas muralhas, outr'ora inexpugnaveis, e as suas amplas *praças d'armas*, dos seculos que passaram.

Não foi só o correr de muitos annos que destruiram este monumento das glorias portuguezas; foi tambem o referido duque, que o mandou demolir, para com os seus materiaes construir o mosteiro da Franqueira.

Junto a este monte, ha outro, muito mais alto, chamado *Serra da Franqueira*, e pretende-se que este nome lhe venha porque os francos alli construiram um castello, em eras remotas. É um dos mais bellos pontos de vista da provincia do Minho, pela vastidão, variedade e belleza do panorama que d'aqui se descobre, vendo-se a O., uma ampla extensão do Oceano.

No cume d'este monte, avulta o antigo e magestoso templo de *Nossa Senhora da Franqueira*, sanctuario muito celebre em toda a antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Ignora-se a data da sua fundação; mas alguns escriptores a attribuem ao excelso D. Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques. O que é certo, é ser já um sanctuario de grande fama, no reinado de D. João I, pois que, quando em 1415 foi á conquista de Ceuta (Africa) com seus filhos legitimos, e seu filho natural, D. Affonso, 1.º duque de Barcellos, este, entre outras pedras que do palacio do rei mouro, Collu-Ben-Cayla, mandou arrancar, foi uma meza, que mandou pôr, por memoria, na egreja de Nossa Senhora da Franqueira; o que consta de um livro (que existe no archivo da mesma egreja) no qual se lê o seguinte:

«Este Duque Dom Affonso, filho bastardo «del-Rey D. João o Primeyro, foy na toma«da de Ceuta, e no despojo mandou arran«car quinhentas columnas de marmore, dos «paços de Collubencayla, e trouxe de lá uma «mesa, de *marmore muito fino*, onde o dito «Collubencayla comia, e a mandou pôr em «hua Igreja de Barcellos, no altar de Santa «Maria da Franqueira, Ermida de grande «romagem. E o Conde de Benavente, o ve«lho, pay do que era no anno de 1525, dava «a Dom Diogo Pinheyro, Bispo do Funchal, «Primás das Indias, e Prior de São Salvador «de Pereyra, hum pontifical de borcado ri«co, porque lha desse, e elle mandou dizer, «que lha não daria pelo seu Condado.»

O bispo, D. Diogo Pinheiro, eleito em 1514, restaurou este templo, por isso o seu brazão d'armas ainda existe no corpo da egreja.

A meza não é de marmore, mas de jaspe branco, muito fino, de 1m,76 de comprido, por 0m,04 de espessura. Está no altar da Senhora, e não se póde vêr a largura, porque sobre ella assenta o retabulo da capella da padroeira.

Ha no templo duas imagens d'esta Senhora; a antiga, está no altar lateral, do lado do Evangelho, e é de bella esculptura, em madeira, com 1m,10 d'alto. A nova, está no altar-mór.

Antigamente se festejava a Senhora da Franqueira, no dia da Senhora das Neves (5 de agosto) e ainda hoje n'esse dia aqui vem muita gente em romaria, havendo *clámores* e *alvoradas*, de freguezias proximas, e mesmo de algumas a 18 e 20 kilometros de distancia.

Depois, passou a festejar-se na 1.ª oitava da Paschoa da Resurreição, á custa dos mordomos.

O sermão era sempre prégado por um jesuita, até 1759, porque D. João III havia dado ao collegio de S. Paulo, da Companhia de Jesus, de Braga, o padroado d'esta egreja, e da matriz da freguezia, assim como os dizimos, que o collegio recebeu até á extincção da ordem; tornando depois para o padroado real, d'onde havia sahido.

A egreja é vasta, e, ainda que antiga, de boa architectura. É de cantaria, e a capella-mór de abobada.

Antigamente, tinha esta Senhora uma confraria com muitas indulgencias, concedidas pelos pontifices.

Em 1429, dois conjuges, naturaes da cidade do Porto, se decidiram a fazer vida eremitica, dedicando-se ao serviço d'esta Senhora, e fizeram junto do templo, casas para sua residencia, e para os mais anachoretas que se quizessem dedicar á vida contemplativa, e que, com effeito, em breve aqui concorreram.

Os nomes dos dois portuenses, consta de uma pedra, que foi muitos annos tampa da sua sepultura, e que depois se metteu na parede da egreja. Diz:

AQUI JAZ VICENTE, O POBRE,
E SUA MULHER, CATHERINA AFFONSO,
QUE SE PARTIRÃO DA CIDADE DO PORTO,
ERA DE 1429 — FUNDARAM ESTE LUGAR.

Quando no 1.º de junho de 1476, D. Affonso V concedeu licença para se mandar pedir esmola para a fabrica d'este templo, por dois homens bons, tanto pelo arcebispado de Braga, como pelos bispados do Porto e Tuy, ainda eram vivos os taes Vicente pobre e sua mulher.

Depois da morte d'estes, fundaram n'aquelle mesmo sitio, os padres claustraes, da ordem dos menores, um mosteiro, e parece que foi isto (segundo diz o padre Fernando da Soledade—*Hist. Seraph.*, parte 3.ª, liv. 4.º, cap. 24) no anno de 1497; mas entregaram-o em 1505, aos fundadores da provincia da

Piedade, que aqui residiram, até 1563. Então, intervindo o commendatario do mosteiro de Rendufe, mudaram a casa para o sitio onde se conservaram até 1834, junto á villa de Barcellos; dando ao novo mosteiro, o titulo de *Bom Jesus, de Barcellos*, para se differençar do titulo de outra ermida, no districto da mesma villa, da invocação de *Bom-Jesus-do-Monte*.

Faz-se a descripção d'este templo, na *Europa*, de Faria, tom. 3.º, parte 3.ª, cap. 12. Padre Carvalho da Costa, *Chorogr. Port.*, livro 1.º, trat. 5.º, cap. 3.º — e outros escriptores.

—

Na Galliza, junto á villa de *Ribadávia*, ha tambem um templo, dedicado a *Nossa Senhora da Franqueira*, com quem os gallegos teem grande devoção, e lhe fazem muitas romarias.

PEREIRA (quinta de) — Minho, sobre as margens do Ave, em terras de Vermuim; solar da nobilissima familia dos *Pereiras*, (que d'esta quinta tomaram o appellido). — Vide 3.º vol., pag. 159, col. 1.ª, no fim.

PEREIRA—villa, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros a E. de Monte-Mór-Velho, (foi da comarca de Soure, concelho de Santo Varão) 16 kilometros ao O. de Coimbra, 23 a E. da Figueira da Foz, 130 ao S. do Porto, 18 ao N. de Soure, 4 de Tentugal, e 205 ao N. de Lisboa.

Tem 450 fogos (com 1530 almas.)

Em 1757, tinha 423 fogos.

Orago, Santo Estevam, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O real padroado apresentava o prior, que tinha de rendimento annual, 300$000 réis. (Foi dos duques d'Aveiro, até 1750—e rendeu antigamente, mais de um conto de réis.)

E' povoação antiquissima, e entre ella e Coimbra, passava a estrada mourisca.

(Vide *Agueda, Condeixa Velha, São Felix da Marinha* e *Mourisca*.)

Está situada sobre a margem esquerda do placido e formoso Mondego.

—

Tem egreja matriz, muito espaçosa, com duas naves, em arcos de boa cantaria, tem capellas d'entro e fora da mesma egreja, casa da Misericordia bem patrimoniada, com uma excellente capella; teve uma collegiada na capella de Nossa Senhora do Pranto; e teve collegio de educação (Ursulinas) que foi transferido para Coimbra, aonde se conserva.

Trataremos da origem e posição actual d'estes estabelecimentos; porém, em primeiro logar, da

Origem da Villa de Pereira

Não existem documentos authenticos, que esclareçam e legalizem esta narrativa; quanto se pode dizer é de constante tradição: transcrevemos porém com a devida venia, o que a este respeito publicou o sr. conselheiro dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, na sua memoria descriptiva, das principaes povoações do districto de Coimbra, quando foi governador civil do mesmo districto; para cuja descripção teve s. ex.ª a bondade de aproveitar informes, apontamentos, que lhe forneceu a pessoa da mesma villa, que agora nos deu estes esclarecimentos.

Eis o que extrahimos da memoria indicada.

Com effeito diz-se que reduzidos ao dominio christão, os castellos de Coimbra, e Montemór-o-Velho; os mouros, arrojados, já para o sul do Mondego, não deixavam ainda no tempo do conde D. Henrique, de insultar a cada passo no outro lado do rio, os viandantes, Al-Minde, porém, um dos seus chefes, que se intrincheirou, em um dos pontos mais elevados, sobre a margem esquerda do rio (que ainda hoje conserva d'elle o nome, e fica ao sul da villa, e pertence á quinta do sr. Francisco Barreto Chichorro) fez-lhe d'alli tanto mal, que os alliados de Coimbra e Montemór, moveram contra elle suas armas; morto o chefe e afugentados os companheiros, estabeleceram alli os christãos uma atalaia, que guarneceram de boa gente, e a entregaram aos cuidados do capitão Pereiro; afim de que,

como avistassem inimigos, dessem signal aos castellos.

Aggregando-se-lhe successivamente novos guerreiros, attrahidos pela belleza do sitio, começaram todos por desbravar as avenidas, cortando arvores e arbustos, e cultivando a terra, já para que lhe desse subsistencia, já para melhor poderem varejar o terreno, sem risco de inimigo; e darem origem a uma povoação que então se chamava Tojal, dos grossos mattos que alli havia, nome que ainda hoje conserva um dos bairros da villa.

Chamado depois o capitão Pereiro, para acompanhar D. Affonso Henriques, a Santarem; aonde foi soccorrer seu filho D. Sancho, a quem os mouros punham duro sitio (1184) fez ahi taes proezas, que o rei agradecido, lhe deu o senhorio da atalaia e terras cultivadas e por cultivar.

A povoação em sua honra, tomou então o nome de Pereira; e tanto prosperou, que mereceu d'el-rei D. Diniz, o titulo de villa; e para seus moradores a graça de muitos privilegios; e do rei D. Manuel o confirmar-lhe o primeiro foral.

D'esta exposição se deprehende, que Pereira na sua origem era uma povoação de agricultores, tão sollicitos e cuidadosos, que receberam muitos privilegios dos reis anteriores a D. Diniz, e a D. Manuel, e successivamente d'outros monarchas, do que offerecem prova, antigos pergaminhos, dos quaes ainda existem alguns, que escaparam ao vandalismo do exercito francez, commandado por Massena, e que assolou estas povoações em outubro de 1810.

Conservaram sempre os pereirenses com orgulho, a denominação de *lavradores;* sem que entre elles houvesse distincções de nobreza; e era esse o seu unico brazão.

Porêm logo que vieram residir em Pereira, rendeiros arrematantes dos denominados direitos reaes, e outros impostos, começou a villa em decadencia, sendo seus habitantes victimas, dos excessivos vexames, d'esses ambiciosos, que medrados com o sangue de suas victimas, se collocaram em elevada posição, com tamanho orgulho, que um d'esses publicanos, que viera administrar a renda (em corpo gentil...) tanto engrossou em cabedaes, que obteve ligar-se em matrimonio, com uma filha das melhores familias de Pereira.

Sollicitou pelo seu dinheiro, sem outro merecimento, que se estabelecesse em Pereira uma capitania-mór, sendo elle o primeiro que exerceu esse emprego!

Como este, outros muitos enlaces, vieram mistiçar as familias dos honrados lavradores de Pereira; e ha hoje uma miscellania incomprehensivel!

Todavia tem havido honrosas excepções; e Pereira actualmente comprehende familias honestas, de reconhecido merecimento; pessoas bondosas, tão amaveis e caritativas, que fazem a ventura dos seus habitantes.

Honrosas excepções repetimos; pois pelo andar dos tempos, se tem estabelecido em Pereira, attrahidas pela belleza da localidade, familias de elevada cathegoria; prescindimos de comprovar este facto, com exemplos; por que seria uma longa narrativa; bastará expor o acontecido com a quinta de Alminde ou S. Luiz, ainda hoje do sr. Barreto Chichorro; porque figuram n'este episodio, as principaes familias a que nos referimos.

Consta d'antigos e legaes documentos, que a sobredita quinta dos srs. Barretos, foi doada, com o nome de quinta d'Alminde, por Affonso Coelho, cavalheiro distincto, da freguezia de S. Martinho d'Arvore, e por sua mulher D. Magdalena Amado da Cunha Vasconcellos Varella do Cazo, que viviam nas casas, hoje do sr. Barreto Chichorro; a sua filha D. Margarida Coelho, para casar com o cavalheiro, Luiz de Souza Pimentel, que tambem não era de Pereira; de cujo consorcio, nasceu D. Maria Coelho, que casou com outro cavalheiro da casa de S. Martinho de Arvore, Antonio de Castanheira e Moura, de quem era filha D. Luiza de Moura, a quem seu avô, o dito Luiz de Souza Pimentel, dotou com parte da mesma quinta, vinculando-a com a denominação, de quinta de S. Luiz (por ser o santo do seu nome) doação que fez para dote de casamento da referida sua neta, com D. Nuno

Botelho, filho do primeiro conde de S. Miguel.

Por este acontecimento ficou sendo quinta de S. Luiz, nunca esquecendo a denominação primitiva de quinta d'Alminde.

D'este consorcio nasceu D. Francisco Botelho, que casou com D. Catharina Barreto, da casa dos fidalgos de Goes, dos quaes era filho, D. Nuno Xavier Botelho, que casou com sua prima, D. Maria Victoria Barreto, d'aquella casa, não tiveram filhos; por isso passou o vinculo de Luiz de Souza Pimentel para Francisco Barreto, irmão d'esta D. Maria Victoria, ficando assim reunidos na mesma familia os vinculos de Barretos e Botelhos; e n'este anno de 1876 está de posse o representante d'esta familia, o sr. Francisco Barreto, ainda menor, casado n'este anno, com a sr.ª D. Maria Isabel Gonzaga, filha do sr. Antonio Maria de Mello Gonzaga, da quinta d'Arregaça, suburbios de Coimbra.

A sobredita D. Catharina Barreto, com suas filhas, D. Luiza e D. Maria da Nazareth, foram as fundadoras do collegio Ursulino, como referiremos, quando d'elle fizermos menção.

—

A villa de Pereira, é situada, como fica dito, na margem esquerda do placido Mondego, em posição deliciosa, cercada de variados arvoredos, frondosos olivaes, esperançosos pinhaes, vistosos pomares, hortas e ajardinados quintaes; que tudo prende as attenções dos viandantes; e é um mimo que recreia os habitantes da villa (em compensação de tantas faltas de melhoramentos materiaes, por incuria ou frouxa influencia das pessoas competentes)

Seus terrenos adjacentes, são uberrimos, produzem abundancia de cereaes e legumes, muito linho, batatas, azeite, vinho, mel, boas hortaliças, saborosas e variadas fructas, especialmente melões, que são os melhores conhecidos; muita caça de variadas especies, endemica e de arribação; abunda outrosim em gados bovino, cavallar, vacum, lanigero, cabrum, e suino; lans, leite de ovelhas, de que se fazem queijos, que exportam em grande escalla; e do qual tambem se fazem mimosas queijadas, de que ha grande extracção, e bem assim dos melões, não só para as povoações visinhas, como para Coimbra, Montemór-o-Velho, Soure, Figueira, etc.; mas tambem para Lisboa, Porto, e outras localidades, e até para fóra reino.

E' povoação pobre, apezar do movimento de seus habitantes, que são assiduos nos serviços agricolas, mas pelas vicissitudes dos tempos, ha poucos lavradores independentes.

Esta povoação é hoje uma quasi colonia; porque as propriedades que agricultam bôa parte dos seus habitantes, são de senhorios de fóra da terra, a quem pagam avultadas pensões, de milho, feijão, e outros generos.

Ha grande movimento nas classes menos favorecidas, de sorte que negoceiam (posto que em pequena escalla) em carnes frescas de porco e carneiro, assim como em peixe fresco do Mondego e do mar; vindo-lhe este das praias de Buarcos, Quiaios, Tocha, Cova e Costa de Lavos; e d'outros pontos; tambem peixe salgado, bacalhau, cavalla, sardinha, e outras especies, cujos generos aproveitam aos moradores da villa; e os exportam para as povoações visinhas, no perimetro de mais de duas leguas.

Ha grande falta de combustivel; assim como de madeiras, cantaria e alvenaria, para obras; que importam das mattas e pedreiras do Norte do Campo, e das serranias da Beira.

Ha uma feira annual no dia 21 de outubro, e mercado nos dias 6 de cada um mez; pouco concorridas e quasi sempre de nenhum valor.

Ha o valioso recurso para os pobres, que são soccorridos pelos rendimentos da Misericordia.

Egreja Matriz

Não ha documentos que indiquem a origem da egreja matriz.

Pessoas intelligentes e empenhadas em descobrir antiguidades da villa de Pereira, vasculhando, no seculo passado, os car-

torios da camara, da parochia, e das confrarias, nada poderam conseguir. E apenas declararam, que a mesma egreja foi construida a expensas do povo, firmando esta convicção, em varias conjecturas; e principalmente, porque por occasião d'um terramoto, demolindo-se o cunhal do primeiro arco da nave do Norte, junto á capella-mór, appareceu uma pedra, redonda, como as dos moinhos; tendo em relevo d'um lado um lavrador, curvado sobre o arado, pelo qual puxava uma junta de bois; e ao pé um sacco cheio, atado pela bocca; e um rapaz a desatal-o; do outro lado tinha um carro, umas grades, um rodeiro, uma canga, sollas, cordas, etc., tudo bem pronunciado; e de volta em claro typo, este letreiro:

OS LAVRADORES, OS CEAREIROS, E MAIS DO POVO, ÁS NOSSAS CUSTAS

Foi tal o desleixo, que esta pedra desappareceu!

Capella-Mór

Foi reedificada á sua custa, no anno de 1595, pelo dr. Francisco Rodrigues Froes, capellão d'el-rei; como consta d'um letreiro em pedra, collocado na parede da mesma capella, ao lado do evangelho.

Esta capella nada tem de singular; é acanhada, sem proporções para uma egreja tão vasta.

Ignora-se o motivo que teve o dito cavalheiro para fazer esta obra, d'onde era, e porque veiu a Pereira.

Capella do Santissimo

Por antigos documentos, que ainda existiam nos fins do seculo passado; se comprovava que havia na egreja matriz, fóra da capella mór, dois altares collateraes, um da parte do evangelho, denominado do Senhor Jesus (hoje Santa Maria) e do outro lado havia o altar aonde estava o sacrario; que este porém fóra substituido pela capella actual, sendo esta construida a expensas do povo; o que parece incrivel, por ser obra tão gigantesca, que só braço real poderia executal-a.

Mas não admira; porque tinham os avultados rendimentos do legado de Santa Maria; e o grande zelo, que se desenvolvia nos antigos tempos, para obras do culto divino.

E' na verdade a dita capella uma obra maravilhosa, tão primorosamente detalhada, tudo em pedra de cantaria, que surprehende nacionaes e estrangeiros que a tem observado detidamente; sendo o seu maior assombro, como um simples arco de pedra sustenta o enorme pezo d'aquella obra grandiosa.

Tem no centro, com muita elegancia, o altar e sacrario, o throno para exposição do Santissimo, tudo de madeira obrada com singular e magistral architectura.

Esta capella é um monumento, de que muito se ufanam os habitantes da villa de Pereira.

E' fabricada pelos rendimentos d'uma confraria, denominada do Santissimo. que possue bens de raiz sufficientes para essa despeza, e para auxiliar os encargos da fabrica da matriz, como tem acontecido; talvez apure uns annos por outros—cem mil réis; rendimento que vae crescer pela lei da desamortisação.

Altar de Jesus, hoje altar e legado de Santa Maria

E' tradição constante e nunca desmentida, que por occasião de serem expulsos de Portugal os mouros que o avassalavam, foi permittido ficarem, no goso dos bens que tinham adquirido, aquelles que professassem a religião de Jesus Christo; um d'estes veiu estabelecer-se em Pereira, ainda aldeia, onde comprou terra, deixando por sua morte grande riqueza, e ordenou em testamento que no altar de Jesus se collocasse uma imagem de Santa Maria; e que todos os annos, no dia de Nossa Senhora do O', a 18 de dezembro, se cantasse uma missa no mesmo altar, por sua intenção; e se rezasse um responso sobre a sua sepultura na noite de Natal, e outro no dia dos fina-

dos a 2 de novembro, e por estes serviços receberia o parocho tres alqueires de trigo, seis pães, e dois frascos de vinho; collocando-se estes objectos, sobre a sua sepultura; que deduzida esta despeza, se empregasse todo o seu rendimento, em carne, pão e vinho, para no indicado dia 18 de dezembro, se fazer um bodo, sobre a sua sepultura, ao qual fosse admittido todo o povo da villa de Pereira; estas disposições foram cumpridas por muitos annos, mas já no seculo passado não existiam os documentos competentes, conforme a opinião de quem quiz profundar a origem d'estas extravagancias, aliás radicadas em constante tradição.

Havia porém alguns papeis pelos quaes se provava que o tal bodo era de grande inquietação para o povo; porque os excessos da comida e bebida produziam serias desordens, que reclamavam a intervenção das auctoridades, mas nem assim se evitava perigosos conflictos.

Aconteceu porém que achando se em Pereira, um anno, nesse dia, o provedor da comarca em correição, e observando esta desordem, obteve provisão regia para extincção do bodo, e applicação d'esse avulta do rendimento para obras, de que a egreja matriz muito carecia, e para dotar orphãs pobres; esta dotação nunca se verificou, por que ninguem se queria aparentar com o mouro, apezar de se fazer constar, que não era essa qualidade que habilitava para o dote, mas sim orphandade, pobreza e bom comportamento. Continuou, portanto, a ser applicado este rendimento para obras da matriz, e hoje se acha encorporado nos rendimentos da fabrica da mesma, sendo administrado pela junta de parochia, cumprindo-se as pias disposições do instituidor, por cujo serviço recebe o parocho, tres mil cento e vinte réis em dinheiro, e não o trigo, pão e vinho.

Ignora-se o motivo por que o tal mouro não foi sepultado na egreja matriz, unico cemiterio da freguezia n'esse tempo, mas sim no adro d'ella, entre terreno benzido e não benzido.

Talvez por não haver certeza da sua conversão ao Christianismo, sempre se designou aquelle logar como sepultura do mouro, e era coberta com uma pedra com letreiro quasi apagado; esta pedra, foi brutalmente applicada, por um parocho estupido, para diversa obra, e muitos annos se conservou a mesma sepultura, sem este resguardo, porém o dr. Bernardo Antonio Amado de Vasconcellos, zelozo e inimitavel propugnador, pelas regalias de Pereira, e ao qual todas as repartições e estabelecimentos ecclesiasticos e seculares mereceram sempre séria attenção, mandou collocar uma outra pedra liza, sobre a indicada sepultura.

E hoje por iniciativa do parocho ha pouco fallecido, se conserva mais decente, com uma especie de pequenino e improvisado mausoleu, e com este simples letreiro: *Sepultura do Mouro.*

Altar das almas

Quando, a requisição d'el-rei se obteve bulla pontificia para erigir altares e activar o culto ao glorioso martyr S. Sebastião, o qual era então venerado, com especial devoção, por ser de fé que tinha cessado, pela valiosa intercessão do mesmo santo, a peste que grassava em muitos paizes; foi então que o povo da freguezia da villa de Pereira, rompendo a parede da egreja matriz, erigiu a S. Sebastião o altar em que existe ainda a sua imagem.

Porém, muitos annos depois, o parocho, Francisco José de Madureira, instituindo a confraria das almas, destinou o mesmo altar para ser d'esta confraria, collocando um painel das almas, por uma das tribunas do santo, e ficando a imagem d'este em posição inferior, aonde hoje se conserva; tão crescida foi a devoção, inculcada por aquelle parocho, pelas almas do purgatorio, que a denominação d'altar de S. Sebastião, foi substituida pela de altar das almas, com uma confraria, que se conserva, com o simples rendimento dos annuaes, que pagam os confrades, e com esmollas dos fieis.

Capella dos Couceiros

Simão Couceiro, casado com Joanna Francisca, fez testamento em 1619, instituindo da

metade dos bens do casal (porque não tinha herdeiros necessarios) uma capella, nomeando primeira administradora d'ella, a dita sua mulher, com a declaração de que por morte d'esta passaria a seu sobrinho, João Couceiro.

A dita Joanna Francisca, tinha dois filhos, do primeiro matrimonio, que eram o padre Simão Pereira, e Antonio Fernandes Pereira, enteados d'aquelle Simão Couceiro, e unicos herdeiros de sua mãe; fizeram elles seu testamento em 3 de dezembro de 1640, e n'elle instituiram uma capella, dos bens que herdaram da dita sua mãe, chamando para administrador o mesmo João Couceiro, sobrinho de seu padrasto.

E assim foi vinculada em duas instituições a casa toda de Simão Couceiro e de sua mulher Joanna Francisca, que ficou gozando o indicado João Couceiro; passando a seus herdeiros como vinculo, até hoje.

Em 1637, requereu Antonio Fernandes Pereira, ao cabido — *Sede Vacante* — a competente licença, para construir uma capella na egreja matriz; foi-lhe concedida, precedendo informação favoravel, do prior, que então era D. Antonio da Silveira, do que se lavrou escriptura publica, em 22 de julho de 1637.

E' uma capella magnifica, de esmerada architectura, que teve seus eclipses pela frieza e pouco zelo d'alguns administradores do vinculo, porém hoje está muito bem conservada, com apurado aceio, pelo actual administrador do mesmo vinculo, o sr. Antonio Pedro Pimentel Pereira Couceiro.

Capellas fóra da egreja matriz

Nossa Senhora do Bom Successo

No local em que se acha esta capella, na extremidade poente da villa, havia um oratorio em que só cabia a imagem do Santo Christo, com frente sempre aberta, para veneração dos fieis, sendo por isso a rua denominada (e ainda o é) rua do Christo.

Tinha este oratorio, que era de pedra, em fórma de nicho, uns degráus, tambem de pedra, para subir a elle, em cujos degraus se sentavam aos serões no verão, os lavradores visinhos, a conversar, nos seus negocios agricolas.

Porém vendo o tal improvisado nicho em ruina, resolveram mandar construir uma capellinha fechada, e decente, para n'ella collocarem a imagem do Santo Christo.

Logo se começou a construir, e em breve tempo estava concluida a capellinha quadrada com seu alpendre por fóra, e n'ella se dizia missa.

Outrosim concordaram em collocar (e collocaram) na mesma capella, uma imagem de Nossa Senhora, com a invocação do Bom Successo, ficando a capella, por isso, com esta denominação.

Foi crescendo a devoção dos fieis, e todos os annos festejavam Nossa Senhora com grande pompa.

Mas, as varias fazes dos tempos, e as inconstancias dos homens, tem produzido taes alternativas, que passam annos sem se fazerem as festas costumadas; conserva-se porém a mesma devoção.

Capella de S. Thiago

Esta capella, situada no monte fronteiro á freguezia de Figueiró do Campo, ao sul de Pereira, foi edificada pelos moradores d'esta villa, para honrarem os ossos dos seus paes, parentes e visinhos, que foram enterrados n'aquelle sitio no tempo da peste, que invadiu Portugal no seculo decimo quarto.

Era aquelle sitio deserto e abundante de mattos, por isso mandavam para lá as pessoas affectadas do terrivel flagello, e os que morriam lá os enterravam; cessou o contagio, edificaram uma capella no mesmo sitio, collocando n'ella a imagem de S. Thiago, apostolo, que ainda existe.

Tempos depois da edificação da capella, a camara mandou repartir o terreno baldio adjacente a ella, pelo povo da villa; cabendo a cada familia quatro aguilhadas, e quatro covados de terra; por isso se ficou denominando, aquelle perimetro — *Sitio das Dadas* — titulo que ainda conserva.

Quando grassou em Pereira o *colera-mor-*

bus, em 1833, foram sepultadas, no pequeno espaço de terra, fronteiro á porta d'esta capella, mais de cem pessoas d'ambos os sexos e de todas as edades, sem excepção de posições sociaes e que morreram desde o dia 15 de junho até egual dia do mez de julho do mesmo anno. E dentro da dita capella foram sepultadas, e lá se conservam suas cinzas — D. Maria Victoria Pinheiro Galvão — o dr. Antonio Rodrigues Cardozo — Antonio Xavier Tavares da Paixão. Estas tres pessoas, foram progenitores de familias que se conservam em brilhante posição, em Monte nór-o-Velho, Pereira, e no Espinhal, povoação proxima a Penella e Louzan.

O Santo Apostolo era venerano com especial devoção, e visitado com grande fervor, por todas as classes da povoação, celebrando annualmente grandes festas, no dia 25 de julho, não só missa cantada e sermão na capella, mas tambem festejos de praça, com notavel alvoroço e frenetico enthusiasmo. Inventavam-se danças exquisitas, caricaturas engraçadas... Emfim, todas as classes se fascinavam com os festejos de S. Thiago. — Este enthusiasmo, durou seculos. — Quando chegaram á edade de tomarem parte n'estes brinquedos, eram os primeiros influentes, pelo seu genio folgazão, o dr. Bernardo Antonio Amado de Vasconcellos, e José Tavares da Paixão, amigos desde a infancia; ambos, qual de melhor feição, para folias. Sendo aliás tambem os primeiros a zelar os objectos do culto divino, e a pugnar pelo seu esplendor; assim como pelos interesses e regalias da sua terra natal.

Estes amigos inseparaveis, entre as variadas invenções para taes folguêdos, fizeram, de papelão, uma cabeça d'urso, vestiram com pelles d'ovelha um rapazóla, puzeram-lhe a tal cabeça, mandaram construir, na praça dos festejos, uma matta improvisada, e n'esta occultaram o *urso;* fazendo constar que este bicho seria sacrificado em honra de S. Thiago: correu o povo em chusma... appareceram caçadores a cavallo e de pé, fizeram-se varias partidas, e o urso foi morto!

O leitor póde imaginar (pois não é facil descrever) o alvoroço que produziu esta novidade!... o certo é que, nos annos futuros, sempre que se festejava S. Thiago, apparecia a brincadeira do urso; e ainda hoje se repete, mas com muita simplicidade; póde dizer-se um arremêdo do que foi: assim mesmo é a parte da festa a que o povo dá maior valor.

Porém todos estes festejos em geral, de tanto enthusiasmo, teem declinado a ponto que tempos houve, em que a capella esteve mais de uma vez proxima a desabar.

Hoje conserva-se em soffrivel estado. Lá se diz missa, repetem-se os festejos, no dia 25 de julho, com muita simplicidade; e em alguns annos nada se faz.

Capella de S. Francisco

Por occasião da epidemia, que assolou a villa de Pereira, e que deu motivo para se erigir a capella de S. Thiago das Dadas, como fica dito, aconteceu o facto, que originou a construcção da capella de S. Francisco, na rua da Torre, ao S.O. da mesma villa. — Eil-o:

Francisco Lourenço Canaes, um dos lavradores, e proprietario dos mais abastados da villa, tinha um unico filho, que muito amava, especialmente por ser o herdeiro da avultada fortuna, em propriedades e abundancia de gados de todas as especies: foi este filho atacado da peste. O pae, para o não mandar aonde eram conduzidas as victimas da epidemia, escondeu-o em uma córte, ou curral de gado, e lá o tratou em muito segredo; mas teve a desventura de morrer o rapaz. O pae, para occultar o seu crime, e afastar a pena, que era cruel, o enterrou na tal córte.

Cessou a peste; e então, Francisco Lourenço declarou a morte do filho; mas a pena lhe foi relevada. Mandou então fazer uma capella, no mesmo sitio onde se achava a sepultura do filho, e a dedicou a S. Francisco por ser o santo do seu nome; ficando a sepultura no meio, coberta com uma pedra e competente letreiro.

A ermida era de bom aspecto — tinha capella-mór, altar, pulpito, e uma sineta; e a

imagem do santo (que ainda existe) em tribuna decente. E o instituidor a conservou emquanto vivo, e a sua familia; todos os annos era o santo festejado, no mez d'outubro, com missa cantada, sermão, e arraial; devoção que continuou seculos

Pelo andar dos tempos, enfraqueceu essa devoção, a ponto que a capella foi despresada, e suspensa por ordem episcopal. A final, um parocho encommendado,, a fez demolir, em 1822, vendendo os materiaes, a pretexto d'applicar seu producto para obras da egreja matriz; porém praticou o escandalo de o converter em utilidade propria.

Assim acabou aquelle monumento historico, servindo hoje o terreno para curral de gado, e outros usos profanos.

Se Francisco Lourenço Canaes patrimoniasse a capella, com obrigação de algum suffragio annual, pela alma do seu filho querido, que n'ella estava sepultado, ainda hoje existiria.

Capella de Santo Antonio

Esta capella foi edificada, no anno de 1601, por Jeronymo Tavares, da Villa de Pereira; era de construcção simples, mas muito decente: tinha uma sineta, e a imagem de Santo Antonio, em altar, ou tribuna de pedra. Apezar da particular devoção com que Jeronymo Tavares mandou edificar esta capella, e dos guizamentos com que a enfeitou, não lhe fez patrimonio. E passados poucos annos, depois da sua morte, a capella chegou a tal abandono, que ameaçava ruina; e era apenas varrida por uma pobre velha, muito devota de Santo Antonio.

Porém, um tal Bernardo Tavares Pimentel, irmão da mãe d'Anna Maria Couceiro, mulher do capitão Antonio Pinheiro Pimentel, resolveu chamar-lhe sua, por se dizer parente d'aquelle instituidor: mandou reedifical-a e adornal-a com decencia; e lá dizia missa o padre Antonio Mourão, á familia do capitão-mór, Felix de Carvalho Pimentel, de quem era capellão.

Porém o dr. em canones, José Antonio Tavares Esteves, chantre da collegiada de S. Pedro, em Coimbra, propoz acção judicial, e provou que a mesma capella lhe pertencia, por ser terceiro neto do instituidor Jeronymo Tavares. Começou por abrilhantal-a, festejando annualmente Santo Antonio, com missa cantada e sermão; e assim se conservou.

Propondo-se, annos depois, reedifical-a com paredes novas, foi a obra suspensa por influencia do bispo-conde, D. Francisco de Lemos; porquanto a mesma capella, por ficar proxima (na frente), estorvava o brilho do palacete, que elle bispo pretendia construir nas casas do referido capitão-mór, de quem era neta e unica herdeira D. Maria do Cardal, casada com seu irmão, o desembargador João Pereira Ramos.

E assim ficou a capella de Santo Antonio reduzida a um montão de ruinas, pois o chantre, por caturrice, não acceitou vantajosas propostas que o generoso bispo lhe offereceu, nem se defendeu.

O terreno era profanado com as maiores indecencias. E a final, em 1846 foram demolidas as paredes, por ordem da camara; o terreno secularisado, e hoje é logradouro publico.

Capella de Nossa Senhora do Pranto

O licenceado Manuel Soares de Oliveira, natural da villa de Pereira, homem muito illustrado, e abalisado jurisconsulto, vexado por factos vergonhosos, praticados por parentes seus, ausentou-se da sua terra natal, para a Hespanha, fixando sua residencia em Salamanca, no anno de 1625. Ahi floresceu em letras; e com tanta probidade, honradez e cavalheirismo se comportou sempre, que era respeitado, merecendo que o governador capitão-general das ilhas Philippinas, o escolhesse para seu accessor, conferindo lhe o cargo d'auditor geral, na cidade de Manilha. Ahi enviuvou duas vezes, ficando senhor de grandiosas heranças, que lhe doaram suas mulheres; e assim, não tendo herdeiros necessarios, fez seu testamento, em 30 de novembro de 1674, na cidade de Manilha, dispondo de avultadas sommas para diversas applicações; sendo as principaes— que fosse dotada annualmente com quatro-

centos mil réis, uma sua parenta, a mais proxima—que se comprassem cada um anno, 50 fangas de milho, para ser repartido pelos pobres da sua freguezia natal, no dia 20 d'abril — mais 50 fangas de trigo e outras tantas de linhaça, que se distribuissem pelos lavradores e ceareiros da mesma freguezia, para suas sementes, com o juro da oitava parte, a fim de se não extinguir este beneficio — mais 50 cruzados, para serem soccorridos annualmente os pobres da mesma freguezia—e egual quantia, tambem annual, aos pobres, presos na cadeia da Portagem, em Coimbra.

Ordenou mais, que se construisse n'esta cidade (Coimbra) um collegio para educação d'orphãs pobres, sendo dirigido pela meza da Santa Casa da Misericordia d'ella; collegio que foi edificado na rua de Coruche (hoje no collegio Novo), e ainda funcciona, fornecido pelos fundos que aquelle bemfeitor applicou, para tão philantropica instituição.—Mais, que se comprassem tres aguilhadas de terra, na costa do monte fronteiro á ermida de Nossa Senhora do Pranto, que se achava desprezada entre as vinhas no terreno proximo ao Mondego (hoje denominada Ermida Velha), e se construisse n'este terreno comprado, ao pé da estrada que vem de Coimbra, uma capella magestosa e elegante, para a qual fosse transferida a dita imagem de Nossa Senhora do Pranto; que para ella se fizessem os paramentos necessarios ao culto divino, sendo de velludo para todas as côres que recommenda o ritual romano; bem assim, um sino e uma alampada de prata, que estaria sempre acceza. E destinou para estes e mais guizamentos necessarios, a quantia de quatrocentos mil réis annuaes. Que se estabelecesse uma collegiada de seis capellães, sendo o mais antigo, capellão-mór, dando-se a cada um quarenta mil réis annuaes, e sessenta mil réis ao capellão-mór; mais vinte mil réis para dizerem missa da esmola de cento e sessenta réis cada uma, por alma d'elle testador, de suas duas mulheres, de seu pae e de sua mãe: com estas obrigações mais—acompanharem o Sagrado Viatico aos enfermos, assistindo a estes com caridade — coadjuvar o parocho, especialmente na desobriga da quaresma — assistir ás funcções da Semana Santa, gratuitamente — dizer missa cada um alternadamente, todos os sabbados, na capella respectiva — cantarem completas na capella da Misericordia da mesma villa, todas as tardes dos dias, vesperas d'aquelles que fossem da invocação de Nossa Senhora.

Estas e outras muitas dispozições d'aquelle generoso bemfeitor, eram cumpridas religiosamente; mas porque estes avultados capitaes, entrassem no erario regio, á proporção que houve irregularidade no pagamento dos juros, foi diminuindo o zêlo dos capellães, porque lhe faltavam tambem os seus rendimentos regularmente, e, a final, ninguem se habilitava para capellão: muitos annos, especialmente nos tempos da revolução franceza, não se pagaram os dotes ás parentas a quem se conferiam, nem se cumpriam outros legados; e até a capella chegou a tal estado de ruina, que foi mister fazer-lhe reparos, com grande dispendio, quanto ao material sómente; pois quanto a paramentos, servem hoje os velhos da capella da Mesericordia de Coimbra (porque a respectiva meza é a testamenteira); não tem uma banqueta, nem cêra, vinho, hostias, para a missa que lá vae dizer aos sabbados (e leva estes objectos seus) um clerigo, encarregado das missas respectivas a uma capella; porque nenhum capellão existe, depois do ultimo que morreu no dia 14 de setembro de 1849.

Agora sómente é dotada uma parenta, annualmente; mas com pouco mais de *cem mil réis*. Custeiam-se as despezas, no collegio das orphãs, em Coimbra; paga-se ao padre que diz as cento e vinte missas, sendo uma aos sabbados, na capella.

Eis a sorte das pias e tão meritorias intenções do generoso cavalheiro, e bemfeitor de seus patricios — licenceado Manuel Soares d'Oliveira.

A Santa Casa da Misericordia

Por antigos assentos existentes no cartorio da Santa Casa da Misericordia, de Pereira, consta que havia uma capelli-

nha (situada aonde é agora a casa do lavatorio, proximo á sachristia); e n'ella se achava collocada a imagem de Nossa Senhora da Piedade (a mesma que ainda é venerada na capella de hoje); tinha uma confraria governada por juiz, escrivão, e seis mordomos, um procurador, um thesoureiro, para recolher as esmolas: quatro pedidores, um albergueiro para receber e tratar os passageiros, e ter cuidado nos miseraveis da freguezia, que eram visitados e soccorridos, por todas as familias; porque não havia rixas nem distincções... todos se amavam como irmãos... *Que santo tempo!*

Tinham uma casa para sessões da mesa do governo (aonde hoje é o celeiro) á qual chamavam—torre do despacho; ao pé outra casa para receber os passageiros, denominada albergaria.

Tinha um capellão que dizia missa quotidiana, e a quem pagavam dezeseis mil réis annuaes, com obrigação de dar cera, vinho, e hostias.

Consta que alguns annos houve contenda entre os padres da freguezia, por que todos ambicionavam este grande beneficio!

Esta irmandade tinha habitos brancos, com murças roxas, tinham um esquife, para conduzir os mortos á sepultura, e o seu compromisso era o accordo que tomavam reunidos, lançado no seu livro d'actas.

Festejavam Nossa Senhora, pela paschoa do Espirito Santo, com pomposas festanças, não só de egreja, d'accordo com o parocho, mas na praça com grande bulicio e enthusiasmo.

Nada se tem podido averiguar sobre a origem e antiguidade d'esta capella e confraria; ha apenas uma conjectura para acreditar que a fundação da dita capella é antiquissima.

A saber: a sineta que ainda hoje se conserva na torre, tem o metal gasto, na volta de cima um letreiro, com caractereres desconhecidas: no bojo, outro letreiro, com caracteres que mal se conhecem; tem um relevo no centro, representando a imagem de Nossa Senhora da Piedade, signal de que foi undida para a capellinha; o lado opposto, outro relevo, representando o *Ecce Homo.*

Apenas se publicou a resolução da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, no anno de 1498, que instituiu as corporações das Misericordias, em todo o reino, logo o juiz e mais membros da dita confraria, pediram a sua magestade lhe concedesse privilegio de Misericordia, cuja mercê facilmente obtiveram, como consta da provisão e compromisso que então lhe foi concedido, documentos que sempre foram conservados com religioso cuidado no cartorio da santa casa.

Mudou portanto o nome de confraria em Misericordia, de juiz em provedor, de cruz em bandeira.

E começaram a praticar com fervor e zelo inimitaveis, os preceitos do seu novo compromisso, conservando a capellinha as honras de capella real.

Assim viveram em paz, seculos, luctando muitas vezes com graves difficuldades, mas triumphando sempre, com tanta coragem, que a Santa Casa nunca perdeu as suas regalias!

Todavia supposto o tivessem talvez, nunca verificaram o pensamento de transformar a mesma capellinha em egreja mais apropriada, para uma corporação tão respeitavel.

Chegou finalmente esse momento, porquanto oito cavalheiros generosos, descendencia pura dos fundadores da villa de Pereira, e vigorosos mantenedores das suas regalias, dos seus privilegios; conservavam por timbre o thema dos antigos homens — *de antes quebrar que torcer;* sentindo-se excitados de zelo, pelas recordações do valor e patriotismo dos seus antepassados, tomaram a grandiosa resolução, e projecto gigante, de promoverem a construcção d'um templo magestoso.

Eis os seus nomes:

O capellão-mór, Bento Amado da Cunha Vasconcellos.

O capitão-mór, Felix de Carvalho Pimentel.

O dr., Bernardo Antonio Amado da Cunha Vasconcellos.

O capitão, Antonio Pinheiro Pimentel.

O padre, Antonio de Menezes.
O padre, Antonio Girão.
Manuel Tavares da Paixão.
O dr., Francisco Marques Cordeiro.

Estes corajosos varões, foram os iniciadores da grande obra que denominamos gigante projecto, porque os rendimentos da nova Misericordia, eram tão diminutos, que se faziam as despezas ordinarias, com esmolas dos bemfeitores.

Todavia isto não fez esmorecer sua coragem. Logo se fintaram com grandes quantias cada um, chamaram o architecto Gaspar Ferreira, para fazer o risco, mudaram a imagem da Senhora para o celeiro, mandaram demolir a capellinha, e apenas começou a abertura dos alicerces, o povo correu profiadamente, cada um com o que podia, para continuação das obras; os lavradores carreando materiaes; os trabalhadores a dar dias sem receberem jornal.

Houve muitas offertas de cantaria, e alvenaria, fornadas de cal, de telha, tijollos, ladrilho, e muitas madeiras; todas as pessoas, de todas as classes, sexos, e edades, corriam com afam, a prestar serviços a Nossa Senhora, como affirmam avultadas sommas de dinheiro, que eram repetidas quando a necessidade urgia, até pequenas esmollas das pessoas pobres, e muitas de fóra da freguezia, porque os povos circumvisinhos tambem tinham particular devoção com Nossa Senhora da Piedade da villa de Pereira.

Vinham em romaria, visitar a sua imagem, trazendo offertas, algumas de valor, e tudo avultava, para que os trabalhos progredissem com rapidez.

Emfim concluiu-se a obra, ficando como ainda hoje é, um templo brilhante, primoroso, de esmerada architectura.

E logo começou o engrandecimento da Santa Casa, por valiosas doações, com que foi patrimoniada; não só pelos sobreditos iniciadores e incansaveis fiscalisadores effectivos da obra da egreja, especialmente pelo padre Antonio de Menezes, que lhe doou a sua valiosa herança, mas tambem por outros muitos bemfeitores, como foram João Pereira Medina (talvez o maior, e se acha sepultado, por gratidão, na capella da Santa Casa) bem assim o padre Manuel dos Reis, e sua irmã Anna Maria Soares Ferreira—Antonio Luiz Cabral—Helena Francisca Tavares, e muitos outros; mas são estes os que maiores doações fizeram.

Por muitos annos floresceu este grandioso estabelecimento, porque era efficaz o zelo de seus administradores, os quaes á porfia se esmeravam não só no asseio da capella e seus guizamentos; mas na conservação e melhoramento das propriedades, e regular movimento, nos diversos rendimentos que applicavam com caridade e louvavel limpeza de mãos.

Ainda se conservam trastes muito decentes d'esses antigos tempos, e uma imagem do Senhor dos Passos, outra da Senhora da Soiedade, talvez das mais perfeitas, que se conhecem nas principaes cidades, villas e outras povoações de Portugal.

Porém este santo estabelecimento de caridade, que devia excitar o zelo de todas as classes, especialmente dos homens mais civilisados e independentes, tem sido victima de intrigas, de ambições vergonhosas, mas de tão pessimas administrações, que muitas vezes seus rendimentos, tem sido convertidos em utilidade propria.

Posteriormente tem havido melhores zeladores, com pequenas alternativas. Hoje ha regular administração.

Nada mais diremos a este respeito para não offendermos a modestia dos actuaes administradores.

Collegio Ursulino

Vide *Ursulinas*.

—

Todos os esclarecimentos até aqui escriptos, com respeito a esta villa, os devo á generosa amisade de um illustre filho d'ella, o reverendo sr. José Lourenço Tavares da Paixão e Souza, prior, collado, d'esta freguezia, desde 1828, e arcipreste da respectiva camara ecclesiastica.

—

Parece que não quiz abandonar este mun-

do, sem deixar amplas noticias da terra onde nasceu; pois que, muito poucos dias depois de receber o seu curioso manuscripto, recebi a tristisssima noticia do seu fallecimento, que teve logar, a 11 de novembro de 1875.

Nasceu n'esta villa, em 10 de agosto de 1794.

Era bacharel formado em canones, pela universidade de Coimbra, cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, prégador regio, desembargador honorario da relação ecclesiastica do arcebispado de Braga, arcipreste e prior, collado, na freguezia de Santo Estevam, d'esta villa, examinador synodal nos bispados de Coimbra e Leiria, e associado provincial da academia real das sciencias de Lisboa.

Soccumbiu a uma longa e dolorosissima doença, que soffreu com verdadeira resignação christan; sem que os seus acerbos padecimentos podessem jámais quebrantar-lhe o espirito recto e illustrado.

Foi um ecclesiastico esclarecido, parocho zelloso, amigo prestante e dedicado, e um utilissimo cidadão.

Sirva esta rápida commemoração de tão virtuoso e esclarecido sacerdote, de testemunho da minha gratidão pelos serviços que d'elle recebi, no seu ultimo quartel da vida, e de alivio á dor e á saudade que ainda pungem os corações de seus sympathicos e dignos sobrinhos, que, pela sua honra e dignidade, são tão geralmente estimados, por todos quantos os conhecem, e os veem seguir, com o maior cuidado, a vida exemplarissima de seu virtuoso tio.

—

O rei D. Diniz, e sua mulher, Santa Isabel, deram foral a esta villa, em Coimbra, a 12 de novembro de 1282. (*L.º 1.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 58, col. 2.ª)

D. Manuel I, lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 75 v., col. 1.ª)

Ha tambem uma sentença, de D. João III, publicada a 18 de janeiro de 1538. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 32 v., col. 1.ª)

Vide, *Coimbra*, *Estrada Mourisca*, *Monte-Mór-Velho*, e *Ursulinas*.

—

Apezar da fertilidade do seu territorio, da proximidade do Mondego, e de outras condições de prosperidade que se dão n'esta villa, está ella em lamentavel decadencia; porque, grande parte das familias ricas que outr'ora a habitaram, se foram estabelecer em Coimbra, Lisboa e outras partes, levando para lá annualmente os seus avultados rendimentos, que antigamente eram aqui espalhados.

As casas d'estas familias, entregues a caseiros, que não teem obrigação de as reparar, cahem em ruinas; pelo que se veem hoje muitos edificios desmantellados, que n'outras eras, foram vivendas luxuosas.

Já disse que a maior e melhor parte dos vastos e uberrimos campos que circundam Pereira, são de proprietarios de fóra da terra (pela razão que acima relatei) e por isso, a maxima parte dos habitantes d'esta freguezia, não são mais do que meros colonos ou caseiros, e é esta a causa da triste decadencia da povoação, digna de melhor sorte; e que hoje pouco mais possue do que a memoria das suas glorias e venturas passadas, e as suas honrosas tradições.

—

Para os pantanos e arrozaes insalubres d'estes sitios, vide *Villa Nova d'Anços*.

Para o instituto das *Ursulinas de Pereira* (que são as actuaes de Coimbra), vide a palavra *Ursulinas*.

PEREIRA (S. Vicente de)—Vide *S. Vicente de Pereira*.

PEREIRA-JUSAN — villa, Douro, na freguezia de Vállega (vulgarmente—Válga) comarca, concelho e 2 1/2 kilometros ao E.N.E. d'Ovar.

Foi até 1850, cabeça de um antiquissimo concelho, na comarca da Feira, que foi então supprimido, passando a formar parte do concelho d'Ovar, comarca d'Oliveira d'Azemeis. Creada a comarca d'Ovar, passou a formar parte d'ella e do concelho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1514. (N'elle se lhe dá o nome

de *Pereira-Jusam.*) *Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 75, col. 1.ª—Ainda existe no archivo da camara d'Ovar.

Os senhores donatarios da Feira (que o eram tambem d'esta villa, da freguezia de Vállega, e da de S. Vicente de Pereira, que é contigua a esta) crearam este concelho, não se sabe quando; mas sabe-se que foi antes da creação dos concelhos de Estarreja, Ovar, Oliveira d'Azemeis e Angeja.

Foi antigamente da comarca de Esgueira, e depois, da de Aveiro.

Esta povoação é antiquissima, provavelmente do tempo dos godos; mas o unico monumento que attesta actualmente a sua antiguidade, é uma fonte, chamada *Mina dos Mouros*, da qual adiante trato.

Do foral d'esta villa consta, que Ovar era porto de mar, no principio do seculo XVI, não só para barcos, como hoje (pela *ria*), mas para vasos de maior lotação; porque—quando trata das *portagens*, diz:

«Não se levarão os direitos das ancora-«gens dos navios, segundo foi determinado «por nós, em Ovar; e pagarão das cousas «que carregarem ou trouxerem, segundo se «manda pagar de portagem, por este foral.»

Os edificios da villa, estão, pela maior parte, arruinados; além da cadeia, casa da camara e tribunal das audiencias (quando as havia), e pouco mais, que ainda se acham em bom estado, tudo o mais são casas desmantelladas.

A casa da camara serve hoje de escola de instrucção primaria, do sexo feminino.

Tambem ainda existe o pelourinho.

—

Proximo a esta villa está a tal *Mina dos Mouros*, que é uma fonte, na bocca de uma mina, tendo uns quatro metros de comprido, e 1^{m},50 de largo. É feita de pedra e cal, e ao E., tem um banco, feito a picão, na pedra nativa, com capacidade para 4 ou 5 pessoas se sentarem. Está alguma cousa entulhada e coberta de silvas; mas ainda deita agua, que se approveita para irrigação.

Ao sitio em que está a fonte, se dá o nome de *Mesquita*, o que faz suppôr, ter aqui havido algum templo arabe.

Uns cem metros ao O. da Mina dos Mouros, ha um sitio chamado *Paço*, segundo uns, e *Passo*, segundo outros. Os primeiros dizem que tem este nome, por aqui ter havido um paço, dos senhores donatarios da Feira (depois condes), que o eram tambem de Ovar, S. Vicente de Pereira, Vállega, e outras terras. Os segundos dizem que o nome de *Passo* lhe provém, de virem para aqui *passear* os mouros, a pé e a cavallo, quando dominavam estas terras. A primeira versão é mais verosimil.

Em uma escavação, feita ha poucos annos, n'este sitio, se acharam algumas sepulturas, construidas de tijolo, contendo dentro algumas amphoras, semelhantes a garrafas. (*Vasos lacrimatorios*, ou urnas cinerarias.)

A *Mina dos Mouros* (que nunca teve mais comprimento do que o actual, o que se evidenceia pelo seu emparedamento) é objecto de grandes cuidados para a gente do sitio, crendo firmemente que lá dentro existe uma *moura encantada*, guardando grandes thesouros. Teem-lhe feito em redor algumas escavações, mas dizem que chegando a certo sitio, não ha picão que entre com a rocha. Já se vê que é resultado do encanto. Vendo que o penêdo se não movia, tentaram o *ultimo recurso*—aspergiram-o com agua benta e fizeram-lhe rezas; mas foi o mesmo que nada: o thesouro continuou a ficar encantado!

Uma mulher da villa de Pereira-Jusan, resolveu desencantar isto, em uma manhan de S. João, por meio de rezas, feitas em fórma, por um padre; mas, como se esqueceu de que *o segredo é a alma do negocio*, divulgou o seu plano, e muita gente concorreu á *Mina dos Mouros*, na tal manhan. Ao aproximarem-se, ouviram ladrar dois cães, e tomando isto por bom agouro, voaram para a mina.

Alli, em logar da moura, estava o proprietario do terreno, e os dois cães. Aquelle disse ao povo, muito séria e muito terminantemente, que — visto a mina encantada estar na sua propriedade, quantos thesouros alli apparecessem, eram todos d'elle, e só d'elle. Houve ditos e altercações, de parte a parte, e, por fim, ninguem cavou na terra, nem se

fizeram as rezas; e lá continuou a ficar tudo encantado.

Até hoje, ninguem mais se tornou a lembrar de *desencantar a moura.*

—

Em todos os diccionarios geographicos de Portugal (e até no *Portugal Sacro e Profano* — e no *Mappa das congruas*, que é official!) vem confundidas *Pereira-Jusan*, com *S. Vicente de Pereira*, como se fosse uma e unica freguezia. Eu mesmo, apezar de ter a minha casa a 15 kilometros ao N.E. d'esta villa, estava no mesmo êrro; e n'elle continuaria, se não fosse a obsequiosa advertencia do sr. João Valente da Costa, residente em Vállega, ao qual devo tudo quanto se lê com respeito a Pereira-Jusan, e pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Já vemos que, *S. Vicente de Pereira*, é uma parochia, cuja egreja matriz, dista da de Vállega, 4 kilometros, e que *Pereira-Jusan*, é uma pequena villa da freguezia de Vállega, distando apenas uns 500 metros da sua egreja parochial.

Antigamente haviam duas freguezias contiguas, ambas com o nome de *Pereira*, e para as distinguir uma da outra, se dava á actual freguezia de S. Vicente de Pereira, o nome de *Pereira-Susãa* (Pereira de Cima)—e á outra—o de *Pereira-Jussãa* (Pereira de Baixo.)

Esta freguezia, que apenas constava da villa e do seu pequeno termo, foi no seculo XVI, supprimida, unindo se á de Vállega. Eis o que tem causado os êrros dos geographos.

> No antigo portuguez — *jussãa*, *jussan*, *jusan*, *e jusam*, quer dizer — *de baixo* — e *susãa*, ou *susan*, ou *susam*, quer dizer — *de cima.*
>
> *Jusso* ou *de jusso*, o que estava por baixo (sob) — e *suso*, o que estava por cima (sobre).
>
> Estou persuadido que herdámos isto dos gallos-celtas, pois ainda em França se diz — *sous*, sob — e *sus*, sobre.

O antigo concelho de Pereira-Jusan, era primeiramente formado, por uma parte da freguezia de Vállega (o que tinha sido freguezia de Pereira-Jusan) metade da freguezia d'Ovar, e metade da freguezia de S. Vicente de Pereira. (A outra metade, era do concelho de Oliveira d'Azemeis.)

Depois, quando se creou o concelho de Ovar, ficou-lhe pertencendo toda a freguezia de Ovar, e ao concelho de Pereira-Jusan as duas freguezias, de Vállega e S. Vicente de Pereira, na sua totalidade.

—

Ha provas de que estas terras foram habitadas desde os tempos pre-historicos, pois que, ainda em nossos dias existiram por aqui monumentos pre-celtas. Em S. Martinho da Gandara, e no Couto de Cucujães (freguezias proximas) ainda ha poucos annos se viam *mâmoas*. (Vide volume 2.º, pag. 421, col. 1.ª)

PEREIRAS—Vide *Pereira.*

PEREIRO—freguezia, Beira-Baixa, bispado, comarca, concelho e 15 kilometros de Pinhel (foi do concelho de Pinhel, comarca de Trancoso), 75 kilometros ao S.E. de Viseu, 12 d'Almeida, 360 ao E. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, O Santo Nome de Jesus.

Districto administrativo da Guarda.

O reitor da freguezia de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis, e o pé d'altar.

Ha muitos annos que a esta freguezia está annexa a de Gamellas, a qual tinha por orago, S. Sebastião, martyr. Era tambem da apresentação do reitor de S. Pedro, de Pinhel, e o parocho (cura) tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Tinha em 1757, 60 fogos.

Por esta annexação, se dá vulgarmente a esta freguezia o nome de *Pereiro e Gamellas.*

Fica entre o rio Côa e a Ribeira das Cabras, e é atravessada pela estrada militar de Almeida a Pinhel.

A egreja matriz é pequena e singela, mas muito antiga.

Não ha nenhuma capella ou ermida em toda a parochia.

O seu clima é excessivo, e o seu territorio, bastante penhascoso, só produz em abundancia trigo e centeio, do mais pouco. Tem

muita caça miuda, e cria muito gado, principalmente carneiros e ovelhas, pelo que, ha muita lan, que se exporta.

Entre esta freguezia e a de Valle-Verde, limitrophe, ha uma columna, ou marco, geodesico, sobre um plató, de cujo sitio se gosam bellas e extensas vistas.

PEREIRO — vide *Santa Maria do Pereiro.*

PEREIRO—vide *São Julião do Pereiro.*

PEREIRO—freguezia, Algarve, concelho d'Alcoutim, comarca de Tavira, 70 kilometros a E. de Faro, 195 ao S. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Em 1757, tinha 242 fogos.

Orago, S. Marcos, evangelista (o seu primeiro orago, foi o Espirito Santo.)

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, e 70 de cevada.

A povoação principal está na encosta da serra do Algarve, entre as duas ribeiras, *Vascão*, que lhe fica ao N.; e *Foupana*, ao S.

E' falta d'agua potavel, e a que ha é só de poços.

A egreja matriz é pequena, velha e pobre.

Tem uma bôa feira, e romaria, no dia do padroeiro (25 d'abril) muito concorrida de gente, não só da provincia, mas tambem do Alemtejo e Hespanha.

Vende se n'ella muito gado, tecidos de lã, aqui mesmo fabricados, que são—*surianos, frizas, estamenhas* (a que chamam *merino*) e meias, tambem de lã.

No territorio da freguezia ha poucas arvores, mas é fertil em cereaes; cria muito gado, e fazem-se aqui muito bons queijos.

E' abundante de peixe do mar, que lhe vem pelo Guadiana (que fica proximo—ao S.) e tambem muito bom peixe d'este rio.

Era couto para pessoas falidas ou individadas, ás quaes bastava hirem assignar termo na camara d'Alcoutim (a cujo acto chamava o povo, *sentar praça de burlão*) para não poderem mais ser citados nem demandados por dividas anteriores á sua domiciliação n'esta freguezia; mas não lhes valia o privilegio, para as que contrahissem depois.

Tambem tinha esta freguezia o privilegio de não darem recrutas; mas eram obrigados todos os homens válidos, a defenderem os pontos militares do Guadiana, fronteiros á freguezia, em tempo de guerra com os castelhanos.

PEREIRO—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 36 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Orago, S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

E' terra fertil. Bom vinho. Gado e caça. Peixe do rio Douro, que lhe fica ao N.

Foi villa, e o rei D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 157, col. 1.ª)

PEREIROS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncorvo, 130 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, Santo Amáro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O commendador da ordem de Malta, da villa de Poyares, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Muito gado. Muita caça, grossa e miuda.

Esta freguezia gosava dos grandes privilegios dos caseiros de Malta, por ser commenda da ordem.

PEREIROS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 45 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Os quatro abbades da villa da Pesqueira,

apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Bom vinho, gado, caça, e peixe do rio Douro, que lhe fica ao N.

PEREIROS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 70 kilometros ao N. de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tem 20 fogos.

Em 1757, tinha 17 fogos.

Orago, Santo Amáro.

O bispo, apresentavo o *abbade*, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

Aqui ha forçosamente engano no *Portugal Sacro e Profano*.

Ou o parocho não era abbade, ou tinha mais de 12$000 réis; porque o pé de altar era insignificantissimo, vista a pequenez da freguezia.

Esta parochia foi ha muitos annos supprimida, e está annexa á de Bragança.

PERELHAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 112 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho, era vigario, collado, da opção do cabido da Sé de Braga, e tinha 112$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil. Muito gado e caça.

PERENCIA — foi o nome que deram a *Vallença do Douro*, em um aforamento, feito pelo mosteiro de S. Pedro das Aguias, em 1269, povoando-a de novo, e repartindo-a em 24 casaes ou courellas.

A horrivel epidemia e grande mortandade que tinha devorado os seus habitantes, lhe grangeou aquelle nome fatal e de mau agouro, [1] que ainda hoje lhe não era imdrprio, attendendo a pouca salubridade do seu clima.

[1] *Perencia*, no antigo portuguez, significava *mortandade*.

Só por antifrasi lhe convém o de Vallença.

Vine *Vallença do Douro*.

PERES (quinta do) — Extremadura, na freguezia de Bemfica, concelho de Belem, comarca, districto administrativo, patriarchado e 6 kilometros ao N. de Lisboa.

Não se sabe qual foi o antigo nome d'esta propriedade; hoje chama-se *quinta do Peres*, porque foi um negociante d'este appellido, que a restaurou, no primeiro quartel do seculo XIX.

E' uma rica propriedade, tanto pela nobresa dos edificios, posição e ornatos dos jardins e corpolencia das arvores silvestres que a assombram, como pela sua extensão, e pela abundancia e variedade das suas producções.

Pertenceu ao fallecido barão do Rio-Tinto, que lhe fez grandes melhoramentos; hoje é do sr. José Iglezias, rico negociante e capitalista de Lisboa.

O palacio d'esta quinta, serviu de residencia á sr.ª infanta, D. Anna de Jesus Maria, e a seu marido, o sr. duque de Loulé (então marquez) desde o seu casamento, em novembro de 1827, até 3 de fevereiro de 1828, dia em que fugiram para Inglaterra.

Peres, é um appellido nobre em Portugal.

Vide vol. 5.º, pag. 164, col. 1.ª, no fim.

PERNES—villa, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, e 18 kilometros ao N. de Santarem, 24 ao N. do Tejo, 12 de Alcanêde, 15 ao S. de Torres Novas, 100 ao N.E. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757, tinha 247 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias.)

E' no patriarchado.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua eo pé d'altar.

Tinha coadjuctor, dois beneficiados, e thesoureiro.

E' povoação muito antiga. D. Manuel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de dezembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 104, col. 2.ª)

Foi cabeça de um antigo concelho (com 1:030 fogos) supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855. Pertencia então á comarca de Torres-Novas.

Tem feira a 8 de dezembro, trez dias.

Foi povoação mourisca.

Aqui esteve (vindo de Coimbra) D. Affonso Henriques com as suas tropas, em 6 de maio de 1147, quando hia tomar Santarem, e só n'esta povoação descubriu aos chefes a empreza que meditava.

Acamparam na *matta de Pernes*.

Situada (a villa) na encosta de um monte arborisado, em sitio fresco, e muito abundante de aguas.

E' atravessada por dois rios—o de *Pernes*, de pouca agua, e que muitas vezes secca durante a estiagem. Tambem lhe dão o nome de *Porto de Centeio*—e o *Alviella*, este produz muito bom peixe, e entra no Tejo, a 24 kilometros ao S. da villa, junto á *Ponte d'Alviella*.

Nasce em uns olhos d'agua, onde tem um *sorvedouro*, que engole quanto lhe lançam e logo o despedaça contra uns penhascos.

E' este rio que se anda a canalisar, para o abastecimento das aguas de Lisboa, por conta da *Companhia das aguas*. (Vide vol. 1.º, pag. 179, col. 1.ª)

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado.

Tem Misericordia e hospital, para passageiros pobres.

Na aldeia da *Chan de Baixo*, d'esta freguezia, ha um poço, chamado do *Rendeiro*, cuja agua, bebida por qualquer animal que tenha sanguessugas nas goellas, logo estas lhe cahem.

A *ribeira de Pernes*, é abundantissima de aguas, muito aprasivel no verão, fertilissima, e povoada de muitos *engenhos*, hortas, pomares e arvoredos.

—

No ponto mais elevado da povoação está a egreja matriz, templo antiquissimo e vasto, fundado no tempo dos nossos primeiros reis.

Tem altar-mór e seis capellas lateraes.

O altar-mór é de rica talha dourada, mandado fazer pelo capitão-mór de Pernes, Marçal da Silva Botelho.

D'este sitio se descobre um vasto e delicioso panorama, e o formoso Tejo.

Ao lado esquerdo da egreja, está a capella de Nossa Senhora do Rosario, grande, bonita, e de abobada de pedra.

E' tambem muito antiga.

A frente que olha para a porta travessa da egreja, é de bella architectura, e assenta em 4 columnas de finissima pedra, primorosamente lavradas.

Tem a Senhora dos Remedios uma grande e antiga irmandade, com o titulo de *confraria do Rosal*, que já existia no tempo do rei D. Manuel.

Os seus rendimentos, que eram bastantes, se empregavam na conservação e adornos da capella, e diante do seu altar, havia uma grande alampada de prata, constantemente accesa, em honra da Virgem, e do patriarcha S. Domingos, que está no mesmo altar.

E' esta Senhora objecto de grande devoção da gente de Pernes e seu termo.

A sua festa se fazia no 1.º domingo de outubro, e a chamada da *Rosa*, em um dos domingos de maio, distribuindo-se n'esta, pelos devotos, rosas bentas, que se teem como preservativo de muitos males.

Antigamente havia n'esta capella, ladainha em todos os sabbados da quaresma, e em todos os domingos do anno, missa, pelo parocho, distribuindo-se rosarios aos irmãos.

—

A pouca distancia d'esta villa, mas já no districto da freguezia de S. Vicente do Paúl (vide este vol., a pag. 507, col. 1.ª, na ultima linha) sobre um monte sobranceiro a um formoso valle, regado pelo Alviella, está a bonita capella de *Nossa Senhora dos Remedios*.

Foi mandada construir por um religioso da ordem da Santissima Trindade, do convento de Santarem, pelos annos de 1600.

Este religioso vinha no verão residir, por ordem dos medicos, para uma quinta que o seu mosteiro aqui possuia, e, para ter per-

to de casa, onde dizer missa, é que mandou fazer esta obra.

Não tem a Senhora dos Remedios, irmandade canonicamente erecta; mas uma confraria electiva, que cuida dos reparos do templo, e da festa que se faz á sua padroeira, em um dos domingos de setembro, e que antigamente foi muito concorrida.

—

Em frente da villa de Pernes, sobre um formoso monte, povoado de frondoso arvoredo, e ao sopé do qual, se espraia por entre veigas de eterna verdura, o pittoresco Alviella, está a ermida de *Nossa Senhora do Livramento*, construida pelos annos de 1550, por um individuo d'aqui, que militou na India, d'onde consta que trouxe a imagem da padroeira.

Fóra da porta principal da ermida, ha um alpendre ou galilé, de abobada, suspenso em seis columnas de pedra.

D'este sitio se gosa um formosissimo e vasto panorama.

D'aqui se vê o rio Alviella, que mesmo em frente do templosinho, se despenha rapido e furioso, de uns altos rochedos, formando uma das suas mais bellas catadupas.

E' este sitio muito frequentado, não só pelos devotos que vão em romaria á Senhora, mas tambem por muitas pessoas que vão gosar a frescura, amenidade e formosas vistas d'este monte.

—

Durante a guerra fratricida de 1832 a 1834, foi esta villa por duas vezes theatro de scenas bem tristes.

Em novembro de 1833, estava o exercito realista em Santarem, e os moinhos dos rios de Pernes, é que lhes forneciam as farinhas.

Receando os realistas alguma surpreza, conservavam aqui um destacamento; porém, a 11 d'aquelle mez, o general Saldanha, o surprehende, obrigando-o a fugir em debandada, e manda destruir todos os moinhos, e inutilisar as farinhas.

Felizmente, d'esta vez, correu pouco sangue.

Em 30 de janeiro de 1834, houve porém aqui uma sanguinolenta batalha, dada pelo mesmo general Saldanha, contra o marechal de campo Canavarro.

Como eu assisti a parte d'ella, e sei muitas antecedencias e consequencias, dou aqui os esclarecimentos, com toda a verdade e exactidão, para ficarem em lembrança; limitando-me simplesmente a narrar os factos, sem lhes fazer o minimo commentario, para se não dizer que *faço politica*.

Em outubro de 1826, estava o regimento de infanteria n.º 11, na sua praça de Almeida, e era seu coronel, Caetano Alberto de Souza Canavarro.

Antonio Tavares Maggessy, então brigadeiro, fez a revolta na Beira Baixa e Alemtejo, em favor do sr. D. Miguel.

Canavarro era liberal; mas como todos os officiaes e praças de pret do seu regimento eram realistas, temendo alguma fatalidade, annuiu, contra vontade, ao *movimento*, e contra vontade, teve que emigrar para a Hespanha em 7 de março de 1827, com as tropas do general marquez de Chaves.

Regressando a Portugal, foi feito brigadeiro, e por fim marechal de campo.

Durante a guerra civil que principiou em 1832, deixou-se sempre bater pelos liberaes, todas as vezes que se lhe confiaram tropas.

Depois da acção de Pernes, de que vou tratar, foi mandado pelo sr. D. Miguel, para governador da praça de Miranda, entregando-se aos liberaes, antes da convenção de Evora-Monte.

Dou estas explicações previas, para que se possa avaliar bem o resultado da acção.

Os realistas, tinham reconstruido os Moinhos de Pernes, e os guardavam com duas brigadas.

Saldanha estava com a sua divisão em Torres-Novas, apenas 15 kilometros ao N. de Pernes—isto é—jornada de 2 ou 3 horas.

Canavarro, foi mandado de Santarem attacar Saldanha, mas, em vez d'isso, foi acampar em Torre do Bispo; occupando a 1.ª brigada (do commando do brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura) a altura da

povoação, onde se postou a artilheria—e a 2.ª—do commando do coronel francez, Brassaget — ficou postada na sua frente, a uns 1:500 metros, tendo de permeio o rio, então caudaloso.

A cavallaria estava na rectaguarda da 1.ª brigada.

O regimento de infanteria n.º 17, do commando, do então, tenente coronel, Victorino José da Silva Tavares, de Fagilde, um dos da 2.ª brigada, e que, portanto, estava além do rio, teve na manhan d'esse dia 30 de janeiro, *revista de armamento, e estava com os fechos na mão,* quando foi inopinadamente attacado!

Saldanha, conhecedor, não só das mal escolhidas posições do inimigo, como de todas estas circumstancias, dá *de improviso* sobre o regimento 17, que não podendo dar um tiro, e vendo o seu commandante, major e ajudante, fugirem a *unhas de cavallo*, trata de debandar, procurando tambem na fuga a sua salvação; mas, ignorando que o rio tinha um váu, e que mais acima havia uma ponte de madeira, atira-se ao rio, onde muita gente morreu afogada.

O resto da brigada, que confiava na bravura, até alli nunca desmentida, do 2.º d'Elvas, [1] vendo-o fugir tão desordenadamente, faz o mesmo; de modo que os realistas tiveram alem do rio, perto de 900 baixas, a maior parte afogados, e o resto mortos ou prisioneiros.

Os que poderam atravessar o rio, foram reunir-se á 2.ª brigada, que, em breve, foi atacada pelas tropas liberaes; mas Soares de Moura, não era o Canavarro, e os realistas poderam executar, muito vagarosa e ordenadamente, a sua retirada até Santarem.

Quem n'esta retirada se cobriu de gloria immortal, e demonstrou ao mundo, até onde póde chegar a coragem e o sangue-frio do soldado portuguez, foi o bravissimo regimento de infanteria de Bragança (n.º 24) e o seu heroico tenente coronel, [1] Vicente Thomaz de Vellasco.

O brioso 24, que tinha 1:300 praças, formou em quadrado, e, apoiado por tres esquadrões de cavallaria (dos regimentos n.º 4, 6 e 7) commandados pelo tenente coronel, Jacintho Venancio de Menezes, não só repelliu com admiravel galhardia os ataques do inimigo, mas até zombou de todas as suas inuteis investidas, chegando a passo ordinario a Santarem, com perdas insignificantes.

A' bravura e rigorosa disciplina d'este regimento, deveram os realistas a salvação dos fugitivos da 2.ª brigada, a bôa ordem na retirada da 1.ª, e a conservação de toda a sua artilheria e bagagens.

Sainte Pardeux, diz que esta gloriosa retirada se deve á bôa direcção do coronel Brassaget, o que é puramente memtira.

Este official francez (que foi morto 18 dias depois, na batalha d'Almoster) obedecendo ás ordens de Canavarro, deixou-se metter em um fôjo (ou ratoeira) e se não é a 1.ª brigada, lá deixava todas as suas tropas.

Devemos porém confessar que era um bravo official, e que, protegido pelas tropas de Soares de Moura, poude organisar os restos da sua gente; e, tendo por baluarte inexpugnavel o quadrado do 24, operou a sua retirada, do outro lado do rio, na melhor ordem.

A *retirada de Pernes*, foi um dos mais bellos feitos militares d'esta guerra—egualando em galhardia, a *retirada de Souto Redondo*, operada pelo coronel Pacheco, e o seu heroico regimento, liberal, n.º 10 d'infanteria, ao qual se deve a salvação do resto da divisão, n'esta batalha tão desastrosa para as armas liberaes.

(Vide *Souto-Redondo.*)

Em toda a guerra peninsular, não se praticaram dois feitos mais brilhantes.

Assim como o general, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, elogiou, com justiça, a abnegação e bravura do coronel Pacheco, e do seu regimento; tambem o ge-

[1] Infanteria n.º 5, era o 1.º d'Elvas, e 17, o 2.º.

Ambos eram da divisão do Silveira, e tinham estado emigrados em Hespanha, desde março de 1827, até agosto de 1828.

[1] Foi feito coronel de infanteria n.º 1 (1.º de Lisboa) por distincção.

neral Saldanha fez os devidos encomios ao coronel Vellasco, e ao regimento 24, apontando-os aos seus ajudantes d'ordens, como exemplo de coragem e disciplina.

Mas, quanto maior não seria a gloria d'estes dois bravos coroneis, e dos seus briosos soldados, se o seu valor se empregasse contra os inimigos da patria, e não em derramar:

«Sangue d'irmãos, em guerra fratricida!»

—

E' natural de Pernes, o padre Antonio dos Reis, da congregação do oratorio, de S. Philippe Nery, na qual professou, em 1707; qualificador do santo officio, consultor da bulla da Santa Crusada. mestre de theologia moral, na sua ordem, examinador synodal do patriarchado de Lisboa, e das tres ordens militares, chronista-mór do reino, na lingua latina, academico e censor da academia real de historia portugueza, e fundador de varias escólas.

Foi um varão de grandes virtudes e de vastissima erudição, nas lettras sagradas e profanas, escrevendo e publicando varios livros, de sermões, muito elegantes, pois era um esclarecido prégador evangelico.

Foi tambem elegantissimo poeta latino, eminente nos epigrammas, como provam os cinco livros do seu 1.º tomo, reimpressos em 1730.

Fez e mandou imprimir, a collecção de todos os poetas portuguezes, que se reimprimiu.

Morreu de 48 annos de edade (pois tinha nascido em 1690) em 19 de maio de 1738.

Regeitou a mitra de Pekim (China) e o governo do arcebispado de Braga.

—

Já a pag. 179, col. 1.ª do 1.º volume, disse que a companhia das aguas de Lisboa tratava de canalisar o Alviella, para o abastecimento de Lisboa.

Como depois d'isso, as obras teem progredido rapidamente, pelo grande numero de operarios empregados n'ellas, julgo a proposito dizer aqui o estado em que se acha esta gigantesca empreza, em junho de 1876

E' o seguinte:

Está quasi concluido o reservatorio da chegada das aguas e terminação do canal do Alviella, construido na antiga cêrca dos frades Barbadinhos, a Santa Apolonia.

O canal começou a construir-se de Lisboa e não do Alviella, afim de se poder lançar logo na distribuição, toda a agua que se fosse encontrando.

Os trabalhos continuam em grande escala, e á proporção que se obteem amigavelmente expropriações de terrenos, abrem-se immediatamente trincheiras e tunneis, e maior impulso teriam se não fosse a dependencia da resolução de alguns processos de expropriações que difficultam o progressivo augmento do canal.

Este é composto de obras de arte, trincheiras, tuneis, e syphões de ferro (para os valles) de 1 metro de circumferencia.

Na construcção das trincheiras emprega-se o cimento e pozzolana, e na perfuração de tunneis, tem-se encontrado grandes pedreiras que são destruidas a fogo, empregando-se para isso a polvora e a dynamite.

As obras em execução são actualmente nos Olivaes, Alverca, Alhandra, Alemquer, Otta (onde ha agua abundante que poderá correr em Lisboa d'aqui a 2 annos) e Pernes, e brevemente vae começar-se o grande tunnel em Rio Maior.

A quantidade de agua dividida pela população de Lisboa, calculada em 200:000 habitantes, foi até 1862, de 5 litros por habitante, em cada 24 horas; de 1863 até 1867, de 10 litros; em 1868, de 11 litros; em 1869 por diante, de 20 litros.

Uma das peças principaes do processo arbitral, a fim de comparar a quantidade de agua que teem outras cidades com a que tem Lisboa, diz que Roma, tem 944 litros por habitante; Nova York 568; Londres 150; Genova 120; Glasgow 100; Paris 90, estando-se a construir n'esta cidade o *canal Vane*, que deve trazer-lhe mais 100:000 metros cubicos, com o que ficará tendo cêrca de 140 litros por habitante; mas ficará em melhores condições Lisboa, quando forem introduzidas as novas aguas, porque os

4:100 metros cubicos que hoje ha, com os 30:000 que veem do Alviella, darão 170 litros por habitante.

PERNIDÊLLO — serra, Minho. Vide vol. 3.º, pag. 183, col. 2.ª, a ultima linha.

PÊROFINS—vide *Romão* (monte de São) e *São Pedro Fins*, no concelho de Paços de Ferreira.

PÊRO-GUARDA—freguezia, Alemtejo, concelho de Ferreira, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 54 kilometros ao O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, Santa Margarida.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo.

E' terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha muita caça.

PÊRO-MONIZ — freguezia, Extremadura, concelho do Cadaval, comarca d'Alemquer, 60 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 35 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, muito bom vinho. Gado e caça.

PÊRO-SOARES — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 75 fogos.

Em 1757, tinha 46 fogos.

Orago, Santa Marinha. (Foi antigamente, S. Julião.)

O real padroado apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

Está esta freguezia situada sobre a margem do Mondego, que lhe fornece bom peixe.

PÊRO-VISEU — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 40 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757, tinha 184 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Os herdeiros do morgado de Pêro-Viseu, Diogo Dias Machado e Cunha, apresentavam o cura, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Terra fertil. Muito gado e muita caça.

PEROZÊLLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 45 kilometros ao N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 135 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Visitação.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O morgado da Torre de Coreixas, apresentava o reitor, collado, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Vide pag. 90, col. 1.ª, d'este volume, onde trato da familia de Diogo Leite Pereira.)

Rectifico aqui um êrro typographico que então escapou.

Onde está n'este 3.º paragrapho—*Senhor de Correiras*, deve lêr-se—*Senhor de Coreixas*.

E' terra fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

PEROZINHO ou **PEROSINHO**—freguezia, Douro, concelho e 13 kilometros ao S. de Villa Nova de Gaia, e do Porto, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 235 fogos.

Orago, o Salvador.

Comarca (3.ª vara), districto administrativo e bispado do Porto.

O prior e o mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) do real mosteiro de Grijó—que é limitrophe—apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Foi até 1834, *isento*, do couto de Grijó.)

Esta freguezia posto ser em terreno bastante accidentado, é formosa, vasta e rica,

comprehendendo optimas propriedades, sendo a melhor, a *quinta da Pena*, da sr.ª viscondessa do mesmo titulo.

O regresso do Brasil, de alguns filhos d'esta terra, que foram á America em busca de fortuna, e que realisaram os seus desejos; o constante commercio que faz com a cidade do Porto, para onde exporta grande quantidade dos generos agricolas que lhe sobram do consumo; a exportação, em grande escala, de bois gordos, para a Inglaterra; e finalmente a grande fertilidade do seu solo, tornam esta freguezia uma das mais ricas do concelho (talvez a 1.ª depois de Villa Nova de Gaia.)

Ha aqui uma grande romaria a 16 de julho (se é dia santificado — e não o sendo, no domingo immediato) a Nossa Senhora do Carmo, que se venera em uma capella da egreja matriz, do lado do Evangelho, onde está em uma rica tribuna, de talha dourada.

Deu a santa imagem a esta egreja, em 1710, o padre João de Barros Nogueira, natural de Perosinho.

A egreja, é um templo vasto e aceiado.

—

Ha aqui um alto cabeço, que antigamente se chamava *Monte Pedroso*, onde em tempos remotos existiu uma grande atalaia ou castello, que esteve de pé, e soffrivelmente conservado, até que os monges benedictinos foram expulsos do mosteiro de Lorvão, em 1200. (Vide 5.º vol., pag. 442, col. 1.ª, e *Pedroso*.)

Então, alguns dos religiosos, mandaram demolir grande parte d'este castello ou atalaia, para com os seus materiaes reedificarem o convento de Pedroso, que lhe fica a pouca distancia, ao N.E.

D'este castello fazem menção muitas doações do mosteiro de Grijó, tratando das confrontações das propriedades adjacentes, dizendo em umas — *subtus Castro Petrozo*, e em outras — *subtus Castrum Petrosum*.

Pretendem alguns que este monte deu o nome á freguezia, que primeiro se denominou *Petrosum*, corrompendo-se depois em *Perozinho*.

Hoje dá-se a este monte, e a uma aldeia que lhe fica ao sopé, o nome de *Crasto*.

Entre frondosos arvoredos silvestres, e na falda d'este monte, se vê a capella de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente denominada *do Castello*, ou *do Crasto*. É templo muito antigo, e não ha memoria de quando se construiu, ou do seu fundador.

Fica a uns 400 metros a E. da egreja matriz. É grande, e tem capella-mór. A imagem da padroeira, é de pedra, de boa esculptura, e de 1m,10 d'alto.

A sua festa é a 15 de agosto.

Antigamente vinha aqui dizer missa ao povo, o parocho da freguezia, em todos os sabbados da quaresma.

—

Com razão se ufana esta freguezia, por ser patria de *João Ferreira da Silva Oliveira*.

Nasceu a 13 de dezembro de 1815. Era filho de João Ferreira da Silva (mestre carpinteiro, no Porto) e de sua mulher, Maria Custodia.

Foi de tenra edade estudar para a cidade do Porto, distinguindo-se logo pela sua precoce intelligencia.

Passados alguns annos, matriculou-se nas escolas ecclesiasticas, onde deu provas de grande applicação.

Quando os liberaes entraram no Porto, em 1832, fugiu para a sua aldeia, e ahi viveu com sua mãe e dois irmãos, durante a guerra civil. Seu pae, que era liberal, ficou no Porto, ao serviço do sr. D. Pedro, chegando a tenente do batalhão de *provisorios*, de Villa-Nova-de-Gaia.

Com a vida dos quarteis, o pae de João Ferreira, perdeu os desejos que havia tido de seu filho adoptar a vida ecclesiastica, e o mandou estudar cirurgia, na escola do Porto, onde se matriculou, em outubro de 1835, sendo alguns annos premiado.

Concluidos os seus estudos, foi exercer a clinica na sua terra natal; mas, poucos mezes depois, instado por alguns amigos da cidade, mudou para o Porto.

Em 1841, publicou a traducção das *Lições de physiologia*, do professor Lordat — e em

1842, a do *Diccionario de therapeutica*, de Lad. A. Szerlecki.

O traductor não seguiu exactamente o traduzido: fez-lhe sensiveis alterações, anotações e melhoramentos, cortando-o nos logares mais insignificantes; de modo que—como diz o traductor — o original apenas lhe serviu de *casco* para o seu livro.

Foi redactor da *Revista Litteraria*, do Porto.

Em 1842, appareceu á luz, a *Gazeta medica*, do Porto, que elle fundou, e da qual foi o redactor principal, tendo por collegas, dois distinctos medicos d'aquella cidade; que no fim de um anno, abandonaram a empreza, ficando João Ferreira unico redactor, d'aquelle jornal scientifico, por muitos annos: sendo sempre muito bem recebida esta publicação, por medicos e pharmaceuticos, tanto nacionaes, como estrangeiros.

Traduziu alguns bons romances francezes, que foram lidos com prazer.

Em 1848, publicou um livrinho, intitulado—*Instrucções populares ácêrca do colera-morbus, ou conselhos ao povo, sobre o que deve fazer, para se defender d'esta epidemia*, etc.

Foi redactor politico do *Nacional*, do *Cosmopolita*, e da *Concordia;* e, quando falleceu, era-o do *Braz-Tizana*.

Em 1851, foi feito cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, em premio dos seus serviços, por occasião da febre amarella, apparecida n'esse anno.

Em 1852, concorreu ao logar de demonstrador de cirurgia, na escola medico-cirurgica, do Porto, não tendo um unico competidor, sendo approvado por todos os membros do jury, quanto a merecimento absoluto e a capacidade comparativa, com M M e B B.

Em dezembro d'esse mesmo anno, foi promovido a lente substituto, e em 1853, nomeado secretario da escola.

Foi encarregado de varias commissões philantropicas e scientificas, das quaes se desempenhou sempre com merecidos louvores.

Foi desde 1852 até á sua morte, facultativo gratuito da *Sociedade dos soccorros dos typographos portuenses;* pelo que, logo depois do seu fallecimento, se reuniu a assembléa, e resolveu unanimemente, mandar-lhe dizer todos os annos, *in perpetuo*, uma missa, no anniversario da sua morte.

Em 12 d'agosto de 1855, hindo visitar um doente, atacado de colera-morbus, se lhe communicou a molestia; e, apezar do concurso de todos os seus collegas e amigos, falleceu logo no dia 14, pelas 4 horas da tarde, rodeado de medicos, de sua esposa, e de seu irmão, *José Joaquim Ferreira da Silva*, que falleceu ha poucos mezes, no emprego de guarda-menor, da relação do Porto; e que tambem foi um homem honrado, de bastante intelligencia, e redactor do *Eco Popular*, do Porto, fundado por José Lourenço de Souza. (Vol. 3.º, pag. 151, col. 2.ª, ultima linha.)

O fallecimento de João Ferreira da Silva Oliveira, causou geral sentimento na cidade do Porto, e os jornaes do dia seguinte sahiram todos tarjados de preto, dedicando o seu artigo principal ao necrologio d'este homem notavel, amigo prestante e portuguez benemerito.

Deixou um unico filho (então ainda criança), o sr. Alberto Ferreira da Silva Oliveira, que, frequentando os estudos militares, com muita distincção, é actualmente capitão do estado-maior de engenheiros.

PÉRRE—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga.

Os monges benedictinos, de S. João de Neiva—os Velhos—os Barrêtos—Jácomes—e Lobos, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

Os monges tinham a terça parte, e as outras, eram dos padroeiros seculares.

N'esta freguezia está a torre e casa de São Gil de Pérre, que foi dos frades de Oia, e trocaram com Nuno Gonçalves Bezêrra,

irmão de Fernando Gonçalves Paredes Bezêrra, casado com D. Isabel de Barros, da casa dos Barros, da Ponte-Nova, em Fornéllos, de Ponte de Lima.

Sahiu d'esta casa, D. Anna Nunes Bezêrra, mulher de Fernão Velho de Araujo, senhor da casa d'Araujo, na Galliza; e foram senhores da torre de *Pousada*, na Barca, e da torre de *S. Gil*, em Pérre.

Andou em seus descendentes, até que, por doação, passou a Gaspar Pereira, senhor de Magaréfes e Paradélla.

Na capella-mór da egreja matriz, estão as armas dos Abreus. (Vide *Badim*, *Merufe* e *Pico de Regalados*.) São duas serpentes enlaçadas no escudo.

A torre de *S. Gil de Pérre*, é o solar dos legitimos *Correias* (de Farelães) e é viscondado.

O primeiro visconde de S. Gil de Pérre, foi Sebastião Correia de Sá (por sua mulher, como adiante direi) e primeiro marquez de Terêna, reitor da universidade de Coimbra; varão de muito saber e grandes virtudes, e cujo nome ainda hoje é ouvido com respeito em todo o reino, e particularmente no Porto e em Coimbra.

E' actual possuidora d'esta casa, a sr.ª D. Eugenia Maria Filomena Brandão de Mello Cogominho Correia de Sá Pereira de Lacerda e Figueirôa (da casa da Torre da Marca, no Porto) [1] casada nom o sr. D. Philippe de Souza Holstein (filho do penultimo duque de Palmella) feito marquez de Monfalim, em 9 de agosto de 1861.

O sr. D. Philippe e a sr.ª D. Eugenia, foram feitos viscondes de S. Gil de Pérre, condes e marquezes de Terêna, em 17 de maio de 1869.

(Vide *Terêna*, onde serei mais explicito com respeito a esta nobilissima familia.)

Tambem foram feitos viscondes de São Gil de Pérre, em 15 de outubro de 1839, a sr.ª D. Maria Emilia Correia de Sá e o sr. José Maria Brandão de Mello Cogominho.

Fallando na casa dos *Correias, de Farelães*, ascendentes da sr.ª marqueza de Terêna e Monfalim, e viscondessa de S. Gil de Pérre, cumpre-me dar aqui uma rapida noticiã d'esta esclarecida familia.

Foi honra (Farelães) e é a mais antiga casa do Minho.

Foi senhor da honra de Farelães, D. Payo Soares Correia, brioso cavalleiro, que se achou na conquista de Sevilha (1181.)

Foi seu filho, D. Pedro Paes (ou Pero Paes) Correia, pae (segundo diz o conde, D. Pedro, tit. 62.º) de D. Payo Peres Correia, tronco dos Correias portuguezes.

Foi D. Payo Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago, o legendario fronteiro-mór do Algarve, e que tantos e tão valiosos serviços prestou a Portugal, nos reinados de D. Sancho II e D. Affonso III. (Vol. 3.º, pag. 112, col. 2.ª)

Illustre e numerosissima é a familia dos Correias, em Portugal.

D'ella fallam com louvor, o conde D. Pedro, Duarte Nunes de Leão, frei Antonio Brandão, e outros muitos escriptores.

—

A marqueza, *velha* (isto é, a 1.ª) de Terêna, D. Francisca Jacome do Lago Bezêrra, era viuva do 1.º visconde de S. Gil de Pérre, 1.º marquez de Terêna, par do reino, Sebastião Correia de Sá, senhor de Paredes.

Aquella senhora, era filha e herdeira de Balthazar Jacome do Lago Bezêrra (senhor do couto de Parédes, e das casas de S. Gil de Pérre e da Torre do Paço) e de sua mulher, D. Angela Moscoso Baena Omazur e Angulo.

A primeira marqueza de Terêna, nasceu em 28 de outubro de 1777—casou em 3 de agosto de 1791, e falleceu na cidade de Vianna, em novembro de 1873, com 96 annos completos, de edade.

Foram feitos viscondes de S. Gil de Pérre, por D. João VI, em 1824, e marquezes de Terêna, em 28 de setembro de 1835.

O 1.º marquez de Terêna, morreu a 4 de junho, de 1849.

—

São nobilissimos os appellidos da casa de S. Gil de Pérre, que está ligada por parentesco com as casas principaes do Minho; e

[1] Vide vol. 5.º, pag. 122, col. 2.ª

hoje, pelo casamento da sr.ª marqueza de Terêna com o sr. marquez de Monfalim, com as casas mais nobres do reino.

Eis a rapida descripção das armas dos principaes appellidos, da casa de S. Gil de Pérre.

Bezêrra—em campo verde, duas bezerras d'ouro. Timbre, uma bezerra, sem cornos.

Cogominho—cinco chaves mouriscas, de prata, assentadas em áspa, em campo de púrpura.

Timbre, duas chaves, em aspa, atadas com um torçal de púrpura.

Correia—em campo d'ouro, correias de púrpura, tecidas.

Timbre, dois braços armados, em áspa, atados com uma fivella de púrpura.

Os viscondes da Asseca, descendentes do 1.º visconde d'este titulo, o valoroso Martim Correia de Sá (1.º vol., pag. 244, col. 2.ª, no fim) trazem escudo esquartellado—no 1.º as armas dos Correias—no 2.º, as dos Vellascos—no 3.º, as dos Benevides—e no 4.º, as dos Sás.

Os senhores de Farellães, trazem este escudo no peito de uma aguia de negro, estendida, em campo de púrpura.

Timbre, a aguia do escudo.

Figueirôa—vide *Figueiredo das Donas*, e *Figueiró dos Vinhos*.

Jácome—O 1.º que se acha com este appellido, é Rodrigo Jácome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real, e mestre de campo de auxiliares, da então villa de Thomar.

Foi tronco d'esta familia, Pedro Jácome, cavalleiro francez, que fez o seu solar n'aquella villa,

Segundo Villás-Boas, foi aio do principe D. Affonso, [1] filho de D. João II.

Era pae de André Jácome, no qual se perpetuou a descendencia dos Jácomes; os quaes trazem por armas—escudo dividido em palla—na 1.ª, d'asul, torre de prata, coberta, com porta e frestas lavradas de negro—na 2.ª, d'ouro, meia aguia negra, gotada de ouro, e armada de púrpura.

Elmo d'aço, aberto; e por timbre, a torre das armas.

Jácome—outra familia do mesmo appellido, procede de Jacobo de Hollanda, que veiu para Portugal, no reinado de D. Manuel, e casou com uma creada (allemã) da rainha D. Leonor, 3.ª mulher do rei.

D'este procede Francisco Jácome, ao qual o rei D. Sebastião confirmou as armas dos Jácomes de Hollanda, por carta de 20 de agosto de 1561; do modo seguinte:

Escudo dividido em palla—na 1.ª, d'ouro, tres III de negro, em roquete—na 2.ª, de prata, quatro asnas, de púrpura, élmo d'aço, aberto, e por timbre, meia ásna do escudo.

Jácome—3.ª familia d'este appellido—procede de Diogo Velho Jácome, flamengo, que vindo para este reino, no tempo do rei D. Manuel, trouxe brazão d'armas, que D. João III lhe confirmou.

E' o seguinte—em campo de púrpura, um leão d'ouro, lampassado de prata, e uma brica de verde, filetada de prata, carregada de uma cruz do mesmo metal, firmada, e sobre ella, uma palmeira, verde.

Élmo de aço, aberto, e por timbre, o leão das armas.

Lacerda (ou *la-Cerda*) — vide *Castro Daire*.

Lago—vide 4.º vol., pag. 17, col. 2.ª

Mello—vide *Guimarães*.

Moscoso—vide *Brejoeira*.

Pereira—vide *Feira*.

Péres—vide 5.º vol., pag. 164, col. 1.ª, no fim.

Sá—A familia d'este appellido, procede de Payo Rodrigues de Sá, que vivia em 1300, no concelho de Lafões, e foi pae de D. João Affonso de Sá, vassallo de D. Affonso IV e de D. Pedro I.

Foi senhor da *quinta de Sá*, no termo de Guimarães, e na mesma quinta tinha o seu solar.

Estes Sás, trazem por armas—escudo xa-

[1] O que morreu na Ribeira de Santarem, da queda de um cavallo, em 1491, e, sendo filho unico, succedeu no throno, seu tio, o duque de Beja, que foi D. Manuel I.

dresado de prata e asul, de seis peças em faxa, e sete em palla.

Timbre, um bufalo negro, xadresado de prata e asul, armado do mesmo, com uma argola d'ouro nas ventas.

—

Da familia do sr. marquez de Monfalim, já tratei em *Palmella*.

PERSIGAL — portuguez antigo—pocilga, cortêlho de porcos, e tambem, *vara* d'elles.

D'aqui *persigo* (hoje *perzigo*) carne de porco, cosida, frita ou assada (em termos de se comer.)

Hoje dá-se o nome de *perzigo*, a qualquer cousa que se come com pão, seja carne, peixe, ovos, queijo, fructa, etc.

Comendo-se só pão, ainda que seja cosido d'aquelle instante, diz-se *pão sêcco*.

Na Beira Alta, dá-se a isto o nome de *apeguilho*.

Nas provincias do norte, se diz *conducto*, e na Terra da Feira, *conduito* e *condôito*.

PERTIGAL e **PERTIGUEIRO**—portuguez antigo—vide *proposito*.

PERVENCER — portuguez antigo — quebrar, desordenar, destruir, annular, etc.

PERVINCO ou **PROVINCO** — portuguez antigo—o parente mais proximo.

E se nom houverdes fillo, fique a huum vosso pervinco. (Prazo de Salzedas, de 1293.)

Na Terra da Feira, *pervinco* ou *provinco*, é synonimo de traquina.

PÉS—portuguez antigo—peixe.

Os hespanhoes dizem *pez*, com a mesma significação.

PÊSA—portuguez antigo—pêso.

Meiha livra de cêra, pela pesa *nova*. (Doc. de Alpendurada, de 1368.) Ainda se encontra este termo, no seculo XV.

PERTAROUCA—Vide *Bertarouca*.

PESANTE — portuguez antigo — tambem se dizia *pêso*. Moeda de que se faz menção nas escripturas mais antigas d'este reino. Parece que era de prata, e do tamanho dos *tostões velhos*, e que nos ficou do tempo dos mouros; mas, não ha certeza do seu feitio, pêso, valor, nem do metal de que era feito.

PESANTE—portuguez antigo—pesaroso, triste, afflicto, etc.

PESCADO-REAL—portuguez antigo—Dava-se este nome ao *sôlho*, não tanto pela excellencia d'este corpulento peixe, como porque, em todas as *pesqueiras* que pertenciam á corôa, no Tejo e Douro, sempre elle era reservado para a mesa do rei.

Reservando para nós, pescado Real, saindo nas pescadorias. (Doc. d'Alpendurada, de 1329.)

PESCARIA (serra)—Vide n'este vol., pag. 159, col. 2.ª, no fim.

PESCOTA, PESSOTA, PEIXHOTA, PISCES-CANE, e **PISCES-KANE** — portuguez antigo (dos seculos XIII e XIV) — pescada.

PÊSO (ou Nossa Senhora do Peso) — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho e 30 kilometros de Coruche, comarca de Benavente, 35 kilometros a O. d'Evora, 4 da Senhora das Brotas, 18 de Monte Mór Novo, 100 a S.E. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pêso.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, e 120 de cevada.

A egreja matriz é muito antiga, assim como a imagem da padroeira, e nem de uma nem de outra ha memoria da sua origem.

Consta que se lhe deu o titulo de *Senhora do Pêso*, ou pelo pêso de trigo que os devotos lhe davam, em satisfação de qualquer promessa, ou pela balança em que elle se pesava.

A palavra *pêso*, vem do substantivo latino — *pondo* — d'aqui, *ponderavel*, o que é susceptivel de ser pesado; e imponderavel o que o não póde ser, como o gaz, o vapor, etc.

Tambem se chamava antigamente *pêso*, á balança em que se pesava.

Egualmente havia uma certa medida chamada pêso, que, em umas partes era o arratel; em outras, a libra, e em outras, mais.

Na Hespanha, e em todas as republicas americanas de origem hespanhola, ha uma moeda, bem conhecida, denominada *pêso*.

Vide *Pesante*.

PÊSO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 48 kilometros da Guarda, 270 ao E. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O prior de Santa Maria Magdalena, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, cria muito gado, de toda a qualidade, e tem grande abundancia de caça, grossa e miuda.

PÊSO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Villa de Rei, comarca da Certan, 270 kilometros da Guarda, 180 ao E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 23 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Villa de Rei, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes; cria muito gado, de toda a qualidade, e ha nos seus montes e mattas, muita caça.

PÊSO—Vide *Martinho do Pêso* (*São*).

PÊSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 31 fogos.

O seu primeiro orago, foi S. Pedro, e depois, S. Bartholomeu (ambos apostolos).

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O beneficiado de S. Martinho, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muitos annos supprimida.

PÊSO DA RÉGUA—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, sobre a margem direita do Douro, 95 kilometros a E.N.E. do Porto, 7 ao N. de Lamego, 18 ao S.E. de Villa Real, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757, tinha 248 fogos.

Orago, S. Faustino.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O antigo nome d'esta freguezia, era—*São Faustino da Régua.*

O arcediago da Régua, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O concelho d'este nome, comprehende as 10 freguezias seguintes:

Galafúra, Godim, Covellinhas, Fontellas, Loureiro, Moura-Morta, Poyares, Pêso da Régua, Sediéllos (ou Cediéllos) e Villarinho dos Freires, todas com 3:650 fogos.

Galafúra, Covellinhas, Poyares, e Villarinho dos Freires, são do arcebispado de Braga.

Fontellas, Godim, Loureiro, Moura-Morta, Pêso da Régua, e Sediéllos, são do bispado do Porto.

A sua comarca, é composta de trez julgados.

O do Pêso da Régua, com 3:650 fogos.

Mezão Frio, com 2:100 fogos.

Santa Martha de Penaguião, com 2:550 fogos.

Total, 8:300 fogos.

Tem estação telegraphica.

Está a bonita e rica villa de Pêso da Régua (ou mais propriamente—*Régua*) situado em planicie, na raiz do monte do Peso, uns 300 ou 400 metros abaixo do confluente do Corgo com o Douro, e em frente da foz do Barosa, na Beira Alta.

E' povoação muito antiga, e, segundo alguns escriptores, já existia no tempo dos romanos, e ha até quem avance que a egreja de S. Faustino (matriz) foi mandada construir pelo imperador Constantino Magno, pelos annos 310 de Jesus Christo.

O que é certo, é ter sido construida pelo mesmo tempo em que o foram as de Santa Senhorinha, de Basto—e S. Salvador, de Tabuado, as mais antigas de Sobre-Tâmega.

Esta egreja, foi primitivamente fundada, no logar hoje occupado pela ermida de Nossa Senhora do Cruzeiro.

A egreja, que estava muito arruinada, por antiga, foi destruida completamente, por uma cheia, em 1734.

O conde D. Henrique e sua mulher, D.

Thereza, tomando posse de Portugal, em 1093, elegeram a D. Hugo, bispo do Porto, e lhe doaram as terras da Régua (que coutaram) e metade do rendimento da barca de passagem que alli havia. [1]

Diz-se que D. Affonso Henriques dera foral á Régua, em 1135; mas é provavel que fosse o seu donatario—o bispo do Porto—como era costume n'esses tempos.

Franklim não traz semelhante foral, e é mais uma razão para se suppor que foi concedido pelo prelado; porque aquelle escriptor, só menciona os foraes dados pelos monarchas.

A Regua, nunca teve foral proprio, regia-se pelo de Penaguião, que comprehendia esta povoação, e foi dado pelo rei D. Manuel, em Evora, a 15 de dezembro de 1519.

Os bispos do Porto, tinham jurisdição espiritual e temporal na Regua, mas a segunda terminou pelos annos de 1789, por uma carta regia de D. Maria I, e por accordo entre o seu governo e o bispo; sendo então supprimido o couto, dando-se-lhe a denominação de capitania-mór, que conservou até 1834.

Em 1835, foi feita cabeça de julgado e de comarca.

—

Se esta povoação é tão antiga como alguns pretendem, é certo que nem um só edificio ou monumento conserva da sua antiguidade.

As reedificações e as novas construcções, fizeram desapparecer tudo quanto havia de antigo.

—

Advirto aos meus leitores, que — *Pêso da Régua* é uma povoação differente da *Régua*, posto que na mesma freguezia, e que não acredito na antiguidade da Régua, e sim na do *Pêso*. [2]

Com o desenvolvimento e prosperidade que n'este seculo teem tido estas duas povoações, o Peso foi estendendo os seus edificios pela encosta meridional da serra, e a Régua, crescendo para o alto, de modo que hoje, podem considerar-se uma só povoação.

Note-se, porém, que a antiga egreja, de S. Faustino, era na baixa, e parece que era o unico edificio que havia n'este sitio.

A historia certa da Régua, começa no principio do seculo XVIII, entre os annos 1700 e 1710, em cuja época, um pescador, construiu aqui uma choupana, e por isso foi alcunhado o *Cabana*.

Perto de meio seculo, se conservou a povoação estacionaria, ou talvez composta de mais algumas cabanas de outros pescadores.

E' ao marquez de Pombal, que a Régua deve todo o seu engrandecimento e prosperidade.

Este grande ministro, instituiu, em 1757, a *Companhia geral da agricultura e commercio dos vinhos do Alto-Douro*, que em poucos annos foi uma das principaes (senão a principal) do seu genero, na Europa.

Pelos annos de 1770, fundou esta companhia, vastos armazens para os seus vinhos, á beira do Douro, e o sitio se foi pouco a pouco povoando, de casas de empregados, tabernas, estalagens, etc.

No fim do seculo XVIII, e na *feira de vinhos* que se fazia aqui em fevereiro, de cada anno, montava já o valor das vendas de vinho, aguardente e geropiga, de 6 a 8 milhões de crusados.

Já se vê, que assim, era impossivel deixar de crescer e prosperar, a nova povoação.

(Veja-se *Paiz Vinhateiro do Douro*.)

A actual matriz da freguezia, foi construida pelos annos de 1750 a 1760; e, para a collocarem ao abrigo das frequentes e impetuosas enchentes do Douro, a construiram na antiga povoação do Pêso, 500 a 600 metros ao N. e sobranceiro á Régua.

[1] Os moradores da Régua, tinham passagem gratuita n'esta barca; e só tinham obrigação de pagar annualmente, um cantaro de *beberagem*, para os que concertassem a barca.

Esta isenção vigorou até 1780.

[2] Em todas as partes em que os nossos escriptores antigos, e muitos modernos, fallam em Régua, referindo-se a factos que tiveram logar antes de 1700, deve entender-se Peso da Régua

E' um templo vasto, elegante, claro e bem adornado, e o seu altar-mór é de primorosa talha dourada.

O seu *throno* é fechado por um bellissimo retabulo, representando a *Cêa de Jesus Christo*, devido ao pincel do famoso pintor, portuguez, Pedro Alexandrino; e é incontestavelmente, uma das suas obras mais primorosas, e que tem sido examinado e admirado, por entendedores nacionaes e estrangeiros.

—

O Peso da Regua foi elevado a visconda-do, em favor de Gaspar Teixeira, feito marechal de campo, em 12 de outubro de 1815; e tenente-general, em 28 de dezembro de 1826.

Foi elle, que, sendo governador das armas da côrte e provincia da Extremadura [1] em substituição do visconde de Veiros, abandonou desordenadamente Lisboa, com todos os seus arsenaes, paioes, fortalezas, munições de guerra, e uma lusida divisão de 12 mil e tantos homens, ao general, conde de Villa-Flôr (que commandava uma *columna*, completa de 1:600 homens!...) fugindo na madrugada do dia 24 de julho de 1833, sem ver o rosto ao inimigo. [2]

Por necessidade de paginação, e para terminar o 6.º volume (que já é o maior de todos) nas letras PEZ—não posso desenvolver mais este artigo, do que peço desculpa aos meus leitores.

Tudo o mais que aqui fica por dizer, encontral-o hão na palavra *Régua*, do volume seguinte.

[1] O visconde de Veiros foi exonerado, em *razão da sua avançada edade*, em 26 de outubro de 1832.

Os realistas não ganharam na troca... Gaspar Teixeira foi na mesma data exonerado do commando do exercito de opperações em frente das linhas do Porto, em vista da pouca confiança que merecia ao exercito, e pelo que ja tinha havido serios tumultos.

[2] O *terror panico* (fingido ou verdadeiro) incutido no general realista, em vista de *boatos atterradores* (que elle devia saber que eram falsos) e o abandono da capital de um reino, onde a sua causa tinha tantos partidarios e tantos e tamanhos recursos—é um d'aquelles *mysterios historicos* que ainda hoje anda envolvido em uma quasi transparente obscuridade.

E' provavel que o tempo a venha a dissipar completamente.

O visconde de Peso da Regua, tendo perdido a batalha de 29 de setembro de 1832, em frente das linhas do Porto, tornou-se antipatico ao exercito realista, que nunca mais teve confiança (com razão ou sem ella) em semelhante general.

O que é certo, é que elle se entregou aos liberaes, antes da convenção de Evora Monte.

PESQUEIRA—Vide *S. João da Pesqueira*.

PESSOA—portuguez antigo—dignidade ou prebendado, de uma cathedral, que tem alguma preeminencia no côro, ou capitulo—como, deão, mestre-escola, thesoureiro, chantre, etc.—A qualquer d'estes logares se chamava, por consequencia, *personato*.

Em geral, dava-se este nome ao emprego ecclesiastico que não podia ser exercido senão *pessoalmente* pelo beneficiado.

—

Pessôa, é tambem um appellido nobre em Portugal. Veiu da Allemanha; mas não nos diz frei Manuel de Santo Antonio, quem o trouxe a este reino.

Trazem os Pessôas, por armas—em campo azul, seis crescentes, de ouro, em duas pallas—orla de negro, filetada d'ouro e carregada de sete estrellas, de prata, de cinco pontas, ficando 3 em chefe: élmo d'aço, aberto; e por timbre, um cometa, de prata, de cinco pontas, ficando com a cauda sobre o élmo.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo azul, seis crescentes de ouro, em duas pallas—orla azul, carregada de oito estrellas, de prata, de seis pontas. O mesmo élmo e timbre.

PESSOADÉGO, ou **PESSOADIGO**—portuguez antigo—direito que qualquer individuo tinha de ser pessoeiro ou cabecel de um praso.

PESSOARÍA—portuguez antigo—todas

as acções que o cabeça de um casal exercita, por força do direito util que n'elle tem.

PESSOEIRO — portuguez antigo — ainda usado — cabeça de um praso ou casal — cabecel, que recebe as rendas e porções, dos seus consortes, para as entregar por junto e inteiramente ao senhorio.

PESTENCIA, PESTENÇA, PESTENENCIA — portuguez antigo — peste, epidemia, mortandade.

PESTRUMEIRO, PRESTUMEIRO, PROSTUMEIRO, e PUSTUMEIRO—portuguez antigo — o ultimo, o que ficar para o fim.

É frequentissima esta palavra, desde o seculo XIII até ao XVI.—Hoje diz se *sobrevivente.*

PESTULEIRO — portuguez antigo — livro que contêm as Epistolas do missal, e que o subdiácono deve cantar *per annum.*

PESÚME — portuguez antigo — pêso, carga, etc.

PESURES — Vide *Estrella* (serra da) no 3.º vol, pag. 77, col. 1.ª

PETEGAR — portuguez antigo — cortar com força com um machado.

PÉ-TERRA — portuguez antigo — moeda, d'ouro, do rei D. Fernando, que valia 6 libras, que, sendo de 36 réis, vinha a ser 216 réis.

PETINTAL — portuguez antigo — carpinteiro da ribeira, calafate, constructor naval.

No foral que D. Froila Ermigues deu aos moradores de Villa Franca de Xira, no seculo XIII, diz—*Huum petintal, e dous spitaleiros, e dous ploeiros, mando que hajam fôro de cavalleiro.*

Depois, *petintal* era mais propriamente official de marinha, segundo se collige de varios documentos dos seculos XV e XVI.

PETISQUEIRA — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 15 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 8$500 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, no fim do seculo XVIII, e unida á de Rabal, d'onde tinha sido desmembrada.

PETISQUEIRA — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia e junto á villa de Chaves — pelo que antigamente se chamava — *Petisqueira a par de Chaves* — (tambem para se distinguir da antecedente).

Existiu aqui um cippo romano, que mencionava a familia dos *Lucios Maturos* — dizia:

LUCI MATURI F. CALADUNA
.O SAQUA. A. L. H. S. EFFCMA
XVMINVS STTL.

A pessoa que deu esta inscripção a Argote, copiou-a errada; por isso elle diz que a não entende.

Devia estar assim:

LVCI MATVRI F. CALADVNA
X. AQVA. A. H. S. EST. MA-
XIMINVS. S. T. T. L.

(Aqui jaz Lucio Maduro, filho de Caladuna e Maximino—de 10 annos de edade, natural d'Aquas Flavias—*Chaves*—A terra lhe seja leve.)

Perto da Petisqueira, no logar de S. Pedro de Argeriz, ha outro cippo, que diz:

LARIBUS CU-
SIC FLENSBVS
Q. NIVIVS PLACI-
DI F. ENVINS
V. S. L. M.

(Em cumprimento de voto que havia feito. Quinto Nivio, filho de Placido, voluntariamente, dedicou esta memoria aos deuses lares, de Aguas Flavias.)

No logar das *Avellans*, havia a tampa de uma sepultura, com uma inscripção, da qual apenas se podia lêr:

PONTI
CAPITO-
NIVS CE-
LERO L. APP.

É provavel que fosse originariamente d'esta maneira:

D. M.
PONTIVS
CAPITO-
NIUS CE-
LERO. L. APP.
F. H. S. E
S. T. T. L.

(Dedicado aos deuses manes. Aqui jaz Lucio Appio, filho de Poncio Capitonio Celero, que lhe consagrou este monumento. A terra lhe seja leve.)

PETRONÊTO—antiga freguezia, no termo e a pouca distancia de Braga. Ignora-se hoje a sua verdadeira situação.

PETTAR — portuguez antigo — o mesmo que *peitar*. Vide esta palavra.

PÊVA — freguezia, Beira-Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel, [1] 75 kilometros de Viseu, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos. Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

[1] Era do antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido, e encorporado no concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou para o concelho d'Almeida.
(Vide *Castello-Mendo*.)

O vigario de S. Vicente, de Castello-Mendo, apresentava o cura, que tinha 6$500 rs. de congrua e o pé d'altar.

PÊVA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 25 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Miguel, de Pêra, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Vide *Pêra e Pêva*, e *Pêra-Velha*, col. 1.ª, pag. 667, d'este volume.

PEXÃO — Vide *Pechão*, e *Quelfes*.

PEYOUGA—portuguez antigo—pé de porco, chispo ou chispe. *Peyouga do cyoado* — pé do cevado.

PÊZO — Vide *Pêso*.

FIM DO SEXTO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA

68—Praça de D. Pedro—68

1876

A propriedade d'este DICCIONARIO pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
514
P65
1823
v. 7

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D. Pedro — 67
1875

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

P

PHARÓES — Vide *Póstos semaphoricos.*

PHENICIOS (sua antiguidade na Lusitania) — Já disse a pag. 143 e 152, do 6.º volume, tratando das cidades phenicias, *Sidonia* e *Tyro*, quem eram os phenicios, e a situação do seu paiz.

Não se sabe exactamente o anno em que os phenicios invadiram pela primeira vez o litoral da Lusitania.

Suppõe-se, com algum fundamento, que foi pelos annos 954 antes de Jesus-Christo — 201 antes da fundação de Roma — isto é — 3050 da creação do mundo, segundo a chronologia sagrada.

Já então o Atlantico (ou o Mediterraneo) ou uma convulção plutonica, tinha aniquilado as famosas *Columnas de Hercules*, communicando aquelles dois mares, pela formação do *Estreito* de Gibraltar.

Os sidonios e os tyrios (phenicios) eram n'esses remotissimos tempos, os mais peritos navegadores do mundo; mas, ainda assim, faltos de instrumentos mathematicos; não existindo ainda as *cartas hydrographicas;* e consistindo essencialmente nos rêmos a força da locomoção dos seus navios, faziam as suas viagens á vista de terra.

No intuito de explorarem as diversas regiões da Europa, atravessaram o mar Jonico, e o Mediterraneo, abordando ás costas da Betica (Andalusia) onde se pretende que fundaram a cidade de Carthagena, e lançaram os alicerces á famosissima cidade de Cadix, que foi o seu principal emporio commercial.

Costeando na direcção do N., percorreram as costas da Lusitania, desde o Guadiana até ao Minho.

Maravilhados pelas immensas riquezas d'este paiz,[1] levaram á sua patria as primicias do ouro e prata da Lusitania; e tão esplendida relação fizeram do nosso paiz, que despertou a cubiça de muitos dos seus patricios, que em breve armaram navios para nos explorarem.

Os descobridores, como eram em numero diminuto, vieram como mercadores, e amigos; porém, com as subsequentes invasões, operadas em maior força numerica, foram pouco a pouco tomando o papel de conquistadores.

Os lusitanos, ligados com os outros povos do litoral da Peninsula, lhe fizeram guerra; mas, já por tratados, já por victorias, os phenicios se foram arreigando nas Hespanhas; a ponto de, 332 annos depois do seu primeiro desembarque — isto é — no anno 622 antes de Jesus-Christo, se acharem em estado de mandar uma poderosa esquadra, em auxilio da cidade de Tyro, que então, o le-

[1] Diz-se que os *ferros* dos arados lusitanos, e todos os seus instrumentos agricolas, eram então construidos de ouro ou de prata.

gendario Nabucodonosor, rei de Babylonia, (Assyria) cercava com um grande exercito.

O assedio durou 26 annos; mas, no anno 596 antes de Jesus-Christo, teve de render-se a cidade, e Nabucodonosor, orgulhoso pela victoria, tentou conquistar aos phenicios os seus dominios nas Hespanhas. Os lusitanos, porém, auxiliaram os phenicios, e o rei de Babylonia teve de retirar para o Oriente.

—

Outros phenicios haviam fundado na peninsula do golfo de Tunes (Africa) a famosissima cidade de Carthago (vol. 6.º, pag. 112) que fizeram capital de uma vasta republica.

Os lusitanos, cançados das extorsões dos phenicios no seu litoral, se ligaram com os celtas e com os turdetanos, e fazendo a guerra aos phenicios, obrigaram estes a concentrar-se em Cadix, no anno 592 antes de Jesus-Christo. — D'aqui, pediram auxilio aos carthaginezes, que, segundo a pratica de todas as *nações protectoras*, depois de venceren os bravos, mas indisciplinados lusitanos, subjugaram os *protegidos*, e lhes tomaram as suas povoações.

Estabelecidos os carthaginezes nas costas da Betica e da Lusitania, trataram de fundar varias colonias, que pouco a pouco se transformaram em cidades commerciaes. — (551 antes de Jesus-Christo.)

O governo de Carthago, pretendeu apossar-se de toda a peninsula hispanica, para o que enviou uma esquadra ás nossas aguas, commandada por Mezerbal, bravo e experimentado capitão da republica; mas os lusitanos e seus alliados o derrotaram.

Vendo que nada conseguiam pela guerra, mudaram de tatica, e com blandicias, e sob grandes promessas de cordialidade, foram paulatinamente conquistando a amisade dos peninsulares, e radicando o seu poder nas Hespanhas.

Em 504 (antes de Jesus-Christo) *Sapho*, um dos melhores generaes de Carthago, era governador da Lusitania, e deixando este governo a seus dois primos, *Hanon* e *Hymilcon*, marchou em soccorro de Carthago, ameaçada pelos romanos.

Chegando Sapho a Carthago, descreveu ao senado as prodigiosas riquezas da peninsula iberica, e a republica mandou logo para cá, o general *Giscon* (irmão de Hanon e Hymilcon) com grandes forças, para a total conquista do paiz; e, se o não dominaram completamente, conseguiram extorquir-lhe grandes riquezas.

Em 471, antes de Jesus Christo, Annibal—irmão de Sapho—veiu como governador para a Lusitania, e soube pela sua moderação, e pelo seu bom governo, adquirir a amisade do povo; mas, tendo logar uma guerra encarniçada, entre os turdetanos andaluzes e lusitanos, contra as extorções dos delegados d'Annibal, foi este em seu soccorro, porém os peninsulares dorrotaram os carthaginezes, e Annibal foi morto no campo da batalha.

Os carthaginezes, desenganados de dominarem a Lusitania pela guerra e pelo terror, renovaram as brilhantes promessas que tantas vezes haviam feito e quebrado ou illudido, [1] e os lusitanos, ainda d'esta vez cahiram no laço; de modo que, oito annos depois da morte de Annibal, estavam alliados com os invasores, e foram em seu auxilio á Sicilia, contra os athenienses, agrigentinos e syracusanos.

No anno 414 antes de Jesus Christo, veiu Hanon governar as Hespanhas, pela republica.

Com elle vieram muitas familias gregas, fugidas á guerra de Peloponeso; estabeleceram diversas colonias na Lusitania, principalmente entre o Douro e o Minho; para onde trouxeram a civilisação do seu paiz.

No anno 408, antes de Jesus Christo, veiu o carthaginez Boodes governar as Hespanhas, estabelecendo-se na Andalusia; mas vendo os povos desgostosos, veiu para a Lusitania, seduzindo os seus habitantes, com bellas promessas, e grandes liberalidades.

No anno 405, antes de Jesus Christo, foi

[1] Os Carthaginezes com a mesma facilidade com que faziam promessas e tratados, faltavam ao promettido ou estipulado, de modo que a *fé punica* (synonimo de perfidia e má fé) ficou em proverbio.

Boodes substituido por Maharbal, que foi o melhor dos governadores; conseguindo pelo seu procedimento, o que os seus antecessores não tinham conseguido com as armas—a pacificação d'este paiz.

Em 389, antes de Jesus Christo, uma náo. guarnecida e tripulada com gregos (então inimigos dos carthaginezes) foi tomada junto ao Cabo de S. Vicente, e Maharbaal, longe de os considerar captivos, lhes deu um vasto territorio n'aquella provincia, onde consta que elles fundaram uma colonia, que veiu a ser florescente, e uma cidade (Carteia?) que o mar, alguns seculos depois, arruinou.

(Vide *Carteia* e *Quarteira.*)

Em 321, antes de Jesus Christo, Alexandre Magno, conquistou e destruiu Tyro.

Muitos dos seus habitantes, fugiram para Carthago, e de lá para a Lusitania, onde fundaram colonias, que, não só progrediram, mas tambem derramaram a instrucção e a prosperidade.

Em 274, antes de Jesus Christo, veiu governar as Hespanhas, Hamilcar Barca, o qual, como o seu antecessor, soube, pelo seu bom comportamento, conquistar a amisade dos lusitanos; e, para mais estreitar os laços que a elles o uniam, casou (em 254 antes de Jesus Christo) na cidade de Lisboa, com uma portugueza, e d'este consorcio nasceu o grande Annibal Barca, na ilha Formentera (uma das Baleares.)

Foi á Sicilia em soccorro dos Carthaginezes contra os romanos, e as legiões lusitanas que o seguiram, obraram maravilhas.

Carthago, tinha em tanta conta o valor dos lusitanos, que, nas guerras diuturnas contra Roma, as suas legiões eram a elite do exercito da republica.

Amilcar, depois da primeira *guerra punica*, voltou á Lusitania, com sua mulher, e com seus filhos, Annibal, Asdrubal, Magon e Hanon, e uma filha que depois casou com um outro Asdrubal.

Com as aguerridas legiões lusitanas, recuperou as provincias rebelladas, desde a Andaluzia até á Catalunha.

Tornando a atear-se a guerra com os povos catalães, Asdrubal morreu em uma batalha, no anno 230, antes de Jesus Christo, succedendo lhe no governo, seu genro, Asdrubal, que, ajudado por seu cunhado, Annibal, pacificaram as provincias rebeladas, mas veiu a morrer apunhalado (220 annos antes de Jesus Christo) parece que por mandado dos romanos.

Succedeu-lhe o grande Annibal, verdadeiro amigo dos lusitanos.

Contando com o seu valor e a sua dedicação, declarou-lhes a sua tenção de marchar contra Roma.

Depois de oito mezes de cêrco, tomou a heroica e legendaria Sagunto, alliada dos romanos; e este facto deu origem, ou pretexto á 2.ª guerra punica.

A Lusitania forneceu a Annibal as suas valentes legiões, e transpondo os Pyreneus e depois os Alpes, derrotou por varias vezes os exercitos romanos, no centro da Italia, e, por fim, ganhou a famosa batalha de Cannas, na Apulia.

N'esta batalha o general romano Terencio, foi derrotado e posto em fuga, com o resto das suas tropas.

Annibal, não se soube aproveitar da victoria; e, preferindo as *delicias de Cápua*, á continuação da sua marcha victoriosa, assim perdeu a sua causa, e a sua patria.

Em 212, antes de Jesus Christo, foi a Lusitania invadida pelos romanos, que no anno 200 antes de Jesus Christo, se apossaram das Hespanhas, cessando o dominio dos phenicios ou carthaginezes.

Vide *Romanos.*

Dos monumentos phenicios, trato nos logares onde existem.

PI-PI—portuguez antigo—Em alguns prasos se acha a pensão ou fôro de gallinhas—*que nom digão* pi, pi, *nem façom quó, quó*—isto é—que não sejam frangas, nem andem chócas.

PIA CARNEIRA—vide *Ayre* (serra.)

PIÃES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, e 10 kilometros a O. de Sinfães (foi até 1855, da comarca de Rézende, concelho—extincto então—de São Fins, do Pai-

va) 35 kilometros ao O. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 300 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

Foi villa, e cabeça de concelho, cuja capital era a povoação de Crescônha, onde ainda existem as ruinas da cadeia.

A casa da camara, foi demolida, ha uns 30 e tantos annos.

Está a freguezia situada na encosta septentrional de uma serra, sobre a margem esquerda do Douro, em bonita posição.

O seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas, muito abundante de aguas, e produz muitas e optimas madeiras, que exporta para a cidade do Porto, e outros pontos, pelo rio.

Nos seus montes ha muita caça.

O vinho d'esta freguezia, posto ser verde, é excellente.

E' n'esta freguezia a casa da *Vista Alegre*, rica propriedade do sr. Jeronymo Leite Cabral Tavares Castello-Branco, que hoje reside na quinta de Eiriz (vinculada) proximo e ao O.S.O. de Arouce.

Em frente d'esta freguezia, na margem opposta do Douro, é a freguezia de Penha-Longa, e entre uma e outra, está o *pégo da Cardia*, onde appareceu uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que deu origem a grandes tumultos e desordens; porque tanto os de Piães, como os de Penha-Longa, a pretendiam para a sua freguezia.

Quando as desordens estavam no maior auge, e a ponto de passarem a *vias de facto*, desappareceu a imagem, e terminou a contenda.

Esta freguezia é bastante rica, pelo muito commercio que, pelo Douro, faz com a cidade do Porto, para onde exporta vinho, madeiras, fructas e outros generos, que lhes sobejam do cousumo dos seus habitantes.

O Douro lhe fornece excellente peixe, sobretudo, saveis, trutas e lampreias.

Em uma quinta sua, na povoação de Crescônha, viveu alguns annos o legendario Egas Moniz, com sua segunda mulher, e seu *criado* (pupillo) o nosso 1.º rei, D. Affonso Henriques.

PIAS—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 60 kilometros d'Evora, 165 ao S.E. de Lisboa.

Tem 570 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo e 60 de cevada.

E' terra fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade. E' abundante de caça, grossa e miuda.

PIAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 36 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 82 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, de Santo Thyrso de Riba d'Ave, com reserva, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes, fructas, legumes e vinho.

Cria muito gado bovino, que exporta.

PIAS—villa, Extremadura, comarca e 18 kilometros ao N. de Thomar, concelho de Ferreira do Zêzere, 115 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 160 fogos.

Orago, S. Luiz, bispo de Tolosa.

E' da prelazia de Thomar, annexa ao patriarchado. Districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia (por ser commenda da Ordem de Christo) apresentava o vigario, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, uma pipa de vinho, 6 alqueires de azeite, e 20$000 réis em dinheiro.

Está a villa em um sitio formoso e ameno, cercada de altos montes.

Do alto da serra de Santa Catharina, on-

de está a capella d'esta santa, se descobre o Tejo, e os campos de Santarem.

Ha n'esta serra, minas de ferro, e n'ella nascem os rios Louzan e Barqueiro, que desaguam no Nabão.

O seu territorio é fresco e abundante, e ha no termo, extensos, bellissimos e ferteis valles.

Tambem no termo da villa teem apparecido conchas fosseis, em grande quantidade.

O padre Carvalho, diz que esta villa tem por armas, uma *Senhora da Piedade*; entretanto, nem no sr. Vilhena Barbosa, nem em outro escriptor, acho brazão d'armas para esta villa.

Diz-se que o seu nome deriva de duas grandes pias, abertas na rocha *viva*, que estão no chafariz, á entrada da villa.

D. Affonso I a conquistou aos mouros, em 1146, e a deu aos cavalleiros do Templo, que logo a povoaram e lhe deram foral.[1] (Franklim não traz foral algum, velho ou novo, d'esta villa.)

Passando por aqui D. João III, em 1533, e pernoitando em umas casas, que ainda existem, foi recebido pelos moradores, com grandes e apparatosas festas. O rei, grato a este recebimento, lhe deu foral, elevando a povoação á cathegoria de villa, por alvará, passado em Evora, a 25 de fevereiro de 1534, separando-a e tornando-a independente da jurisdição de Thomar.

Todos os generos agricolas do nosso clima, aqui abundam, e exportam-se annualmente, em prodigiosa quantidade, excellentes ameixas sêccas.

Em um outeiro, que fica pouco acima da capella de S. João—do logar de *Ave-Casta*, perto da villa, ha uma grande gruta natural, cavada em um rochedo, com 10 metros de largo e 3 1/2 d'alto, cheia de musgo e avenca. É muito formosa. Communica com outra gruta ou caverna, muito escura, a qual ainda ninguem se atreveu a examinar.

Proximo do *Pereiro* e de *Ave-Casta*, se fórma em todos os invernos uma lagôa, que é o grande divertimento dos caçadores, que então aqui matam muitas aves aquaticas, de arribação.

Em um cabeço que está proximo á lagôa, se vêem as ruinas da torre, denominada *do Ladrão-Gayão*, celebre antigualha, cuja origem se ignora. É quadrada, e mostra ter tido tres andares. Tem apenas uma pequena porta de entrada, no 1.º andar. Diz a lenda, que o tal Gayão, era um *gigante*, que roubava os passageiros; mas um homem de mediana estatura, que por alli passou, atirando-lhe com a bolsa, quando *Gayão* se abaixou para a apanhar, o matou com uma punhalada; mas, cahindo o gigante sobre o outro, o esmagou. Os do logar, ainda hoje mostram umas pedras, que dizem ser as sepulturas dos dois. Contam sobre isto muitas patranhas, mais ou menos inverosimeis.

Brandão, na 3.ª parte da *Mon. Port.*, liv. 10, cap. 44, diz que esta torre era de *D. Gayão*, alcaide-mór de Santarem, ao qual, por ser facinoroso, cognominaram — *o Ladrão*.

Esta torre, está nos limites da freguezia de Nossa Senhora das Areias. (Vol. 1.º, pag. 238 E, col. 1.ª) Hoje chama-se *Torre da Murta*, e é solar dos viscondes d'este titulo. Vide *Torre da Murta*.

—

Foi cabeça de concelho, com camara, juiz ordinario (com recurso para a *casa da supplicação*) e mais empregados respectivos.

No archivo municipal havia uma provisão, segundo a qual não podiam servir empregos publicos do concelho, senão pessoas da primeira nobreza.

Teve, até 1834, tres companhias de ordenanças, com os competentes officiaes e capitão-mór.

Até 1834, sahiam d'esta freguezia, em rendas, fóros e dizimos, mais de 600 moios de trigo, afóra outros generos e dinheiro.

No termo d'esta villa se encontram umas pequenas pedras, oblongas, e agudas nas extremidades (aerolithos?) que, segundo a crença do povo, pisadas e bebidas, curam as doenças da bexiga. Parece que são as a que os medicos e os lapidarios chamam *pedras-judaicas*.

[1] Foram estes cavalleiros que construiram o castello de *Céres*, ou *Céra*, que fica proximo, em 1169.

O monte que fica ao nascente da villa, e que a abriga do vento leste, levanta-se entre dois valles, muito deliciosos, amenos e frescos, os quaes se prolongam de N. a S., nas faldas de duas serras, uma a E., sobre a qual corre a estrada real de Abrantes a Coimbra; e outra a O., por onde passa a estrada publica, de Lisboa para Thomar, Coimbra, etc.—Ambas estas serras se unem e terminam nos Cabaços.

É terra muito abundante de aguas, que regam e fertilisam seus campos, e servem de motor a moinhos e azenhas.

—

Já disse que os primeiros senhores d'esta povoação, depois de resgatada do poder dos mouros, foram os templarios. D. Affonso I, dando-lhe o castello de *Céres* ou *Céras*, para o reedificarem e povoarem, incluiu na doação, Pias e o seu termo, então pertencente á freguezia de Santa Maria do Olival (Thomar).

O termo da villa, comprehende tres freguezias—a de Pias, a de Nossa Senhora das Areias e a de S. Silvestre dos Chãos, que todas tinham vigarios, coadjutores, e beneficiados freires, da ordem do Templo, até 1311, e desde 1319 até 1834, da ordem de Christo —e todos na prelazia de Thomar, e da sua correição.

—

A egreja matriz, muito antiga, é de tres naves, e foi reedificada pelo povo da freguezia, principiando as obras em 1550 e terminando em 1588.

Tem muitas capellas em ambas as naves lateraes. Do lado esquerdo (da Epistola) tem tres, todas dedicadas á Santissima Virgem.

Na tribuna do altar-mór, está a imagem de Nossa Senhora da Conceição, cuja historia é a seguinte:

Quando se fez a tribuna, uma senhora da villa, chamada D. Marianna de Mattos, viuva do mestre de campo, Bernardino de Sequeira, quiz que no throno se collocasse uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que tinha no seu oratorio. Annuindo o parocho e irmãos da confraria do Santissimo, foi a santa imagem levada em magestosa procissão, para a egreja, havendo por essa occasião uma festa esplendida, feita á custa de D. Marianna. O andor da Senhora, que estava ricamente adornado, foi levado por quatro pessoas, das mais nobres da villa. Teve isto logar, em 18 de dezembro de 1707.

A capella de Nossa Senhora da Paz, é de nobre architectura, ampla e fechada de abobada. Foi mandada fazer em 1633, pelo licenceado, Manuel Godinho, que vinculou todos os seus bens, sob a protecção d'esta Senhora, á qual dedicou uma missa quotidiana, *in perpetuum*, que seu neto e successor, Manuel Godinho Gonçalves (que foi cavalleiro de Christo, e capitão-mór d'esta villa) sempre lhe mandou dizer.

Os administradores do morgado, occorriam ás despezas do culto e conservação da capella, e faziam á sua padroeira uma grande festa.

A capella de Nossa Senhora dos Martyres, foi mandada construir por o capitão Antonio Ferreira, natural d'esta villa, em 1650. É tambem um vinculo, e o seu instituidor (o dito capitão) nomeou para seu primeiro administrador, o tenente João Ferreira Soares, ao qual impôz a obrigação de certa quantidade de missas semanaes. Esta capella, fica á face da egreja.

O seu fundador, mandou pintar em um grande quadro, na capella, a batalha dada por D. Affonso Henriques, quando tomou Lisboa aos mouros, em 21 de outubro de 1147.

Consta ser obra do insigne pintor portuguez, *Avellar*, o mesmo que pintou varios quadros na egreja de Nossa Senhora dos Martyres, de Lisboa.

Ha tambem uma outra imagem de Nossa Senhora da Conceição, que no seculo XVIII estava no oratorio da casa do sargento-mór, Salvador Soares Cotrim, e só estava no altar-mór da egreja, em 8 de dezembro, dia em que se lhe fazia uma grande festa.

Esta imagem foi doada em testamento, ao referido Cotrim, por seu tio, o doutor José Soares d'Araujo, e está vinculada á capella que instituiu em 1693.

—

No logar *d'Alqueidão*, d'esta freguezia, Diogo de Souza e sua mulher, Catharina

Garcez de Oliveira, pessoas nobilissimas da villa de Pias, instituiram, em uma sua quinta, um vinculo, com formosa capella, dedicada a *Nossa Senhora do Desterro*, com o legado de uma missa quotidiana.

Como não tiveram filhos, passou a administração do vinculo ao capitão Lucas de Sá e Mendonça, ao qual succedeu seu filho, Rodrigo de Sá e Mendonça.

A instituição d'este morgado é muito antiga, mas ignora-se a sua data.

Os administradores faziam em todos os annos uma grande festa á padroeira da capella.

—

Na aldeia dos *Cumes*, termo d'esta villa, mas na freguezia de S. Silvestre, está a capella de Nossa Senhora da Encarnação, mandada fazer por um vigario da parochia, pelos annos de 1690. Faz-se a sua festa a 25 de março.

PIAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 290 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Foi commenda da ordem de Christo.

D. Vasco Marinho, largou esta egreja ao rei, para que fizesse commendador ao filho d'aquelle, Pedro Marinho.

Depois, foi reitoria, apresentada pela casa da Agra, pelos Abreus, e depois, por troca, ficou pertencendo á casa da Barbeita.

Estes Marinhos, procedem de D. Fraião (ou Froylão) fidalgo italiano, que veiu para Portugal com o conde D. Mendo, guerrear contra os mouros.

Delle se falla, na descripção do castello da *Fórna* em *São Fins*.

D. Fraião, casou com D. Marinha, e foi seu filho, D. João Forjaz Marinho, pae de Payo Annes Marinho, e Martim Annes Marinho, um, instituidor do solar de *Olhôa*, e o outro do de *Inra*.

D. Fraião é progenitor dos condes de Mollares, adiantados de Andaluzia; dos duques de Alcalá, e de muitos grandes em Hespanha.

Os Marinhos são muito prolificos, pelo que se acham muitas familias d'este appellido, na margem esquerda do Minho, Ponte de Lima, e outras muitas terras.

O solar dos Marinhos, passou a Pedro Alvares Sotto-Maior, por casar com D. Elvira Annes, filha de João Pires Marinho, neta de Pedro Annes, bisneta de D. João Forjaz Marinho, e 3.ª neta de D. Fraião.

De Pedro Alvares Sotto-Maior e sua mulher, foi filha, D. Elvira Pires, mulher de Fernão Gonçalves de Pias, senhor da torre da Sobreira, solar dos Felgueiras.

Foi d'esta familia, D. Vasco Marinho, filho de Alvaro Vaz Bacellar, de Monção.

Diz-se que os Marinhos procedem de Caio Mario (ou Marino) patricio romano.

D'esta familia era São Marino, que foi martyrisado em Cesaréa, no tempo do imperador Juliano Apostata. (Vide vol. 1.º, pag. 174, col. 1.ª)

—

Em 26 de janeiro de 1875, falleceu na sua nobilissima casa de Pias, o sr. Jooquim Pereira Pimenta de Castro.

Era um cavalheiro adornado das mais excellentes qualidades, que o tornavam geralmente respeitado.

Era tão ameno no seu trato, e tão bondoso, que, sendo um acerrimo legitimista, era amado por todos, sem distincção de *côres politicas*.

A sua morte, foi uma perda irreparavel para o seu partido, ao qual prestou relevantissimos serviços.

Para o appellido *Castro*, vide *Cascaes* e *Côvo*—para o de *Pereira*, vide *Feira*.

Pimenta, é um nobre appellido em Portugal.

Procede de Affonso Telles Pimenta, filho de D. Ayres Pimenta, e neto de D. Alvaro Paes Telles, ambos priores do Crato.

Os Pimentas, trazem por armas:

Escudo esquartellado—o 1.º e 4.º, faxado e contrafaxado de púrpura e prata, de cinco peças em palla e quatro em faxa—no 2.º e 3.º, d'asul, tres vieiras d'ouro, em roquête.

Élmo de prata, aberto, e por timbre, meio homem, vestido d'asul, com um bastão, de ouro, na mão direita.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas:

Escudo de prata, seis grãos de pimenta, da sua côr (negro) em duas pallas, entre uma sobre-cruz d'asul. (Parece que estas são as primeiras armas dos Pimentas.)

O mesmo élmo e timbre.

—

No logar da Lapa, d'esta freguezia, ha uma mulher, que fez este anno (1876) 112 annos de idade!

PICA ou **PICCA**—portuguez antigo—especie de abéto, ou pinheiro-alvar.

E' palavra latina.

Tanto o abéto, como a pica e o pinheiro, dão a resina, vulgarmente chamada pêz.

PICÃO—quinta, Extremadura, a 3 kilometros de Cintra, hindo para Collares.

Na quinta dos Castros (de seis aroellas) que foi de D. João de Castro Telles, porque o rei, D. João I, a deu de presente a sua mulher, D. Archangela Maria de Portugal—está uma ermida, de Nossa Senhora da Piedade, pequena, e muito antiga (consta que foi construida quando D. João I veiu da Africa, depois de tomar a praça de Ceuta, em 1415.)

Já então era uma quinta nobre, o que na antiguidade dos seus arvoredos facilmente se reconhece.

O famoso D. João de Castro, 4.º vice-rei da India successor de D. João de Castro Telles, foi senhor d'esta quinta, que tornou célebre, por lhe cortar todas as arvores fructiferas, substituindo as por outras silvestres e estereis.

Esta quinta, denominou-se primeiro, de *Nossa Senhora da Piedade*, em razão da capella d'esta invocação—e depois, *quinta do Picão.*

Diz-se que a imagem da padroeira, foi feita da madeira de um cipreste, que foi arrancado para se construir a capella.

Os pescadores e marinheiros de Cascaes, tinham grande devoção com esta Senhora.

Esta quinta passou depois para a casa dos duques de Cadaval.

D. João de Castro tinha tambem em Cintra, a quinta da *Penha Verde*, hoje do seu successor, o sr. conde de Penamacor.

E' em *Penaferrim.*

D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, fundou em 1560, o *convento da Cortiça*, de frades capuchos.

Depois de 1834, passou a ser propriedade dos srs. condes de Penamacor, que em 1873, o venderam ao sr. Cook (visconde de Monserrate.)

Está na serra de Cintra, mas é da freguezia de Collares.

(Vide vol. 2.º, pag. 303, col. 2.ª, e 304, col. 1.ª)

—

A capella actual, da quinta do Picão, não é a primitiva.

Foi reedificada, pelo referido D. Alvaro de Castro, pelos annos de 1555.

—

D. João de Castro Telles, morreu sem descendencia, passando a propriedade da quinta ao collegio do *Populo*, de eremitas de Santo Agostinho (gracianos) da cidade de Braga, fundado pelo arcebispo, D. frei Agostinho de Castro, que havia herdado a quinta, e a doou ao tal collegio.

D. frei Agostinho de Castro, tambem herdou a casa ou palacio dos Castros, junto á egreja parochial de S. Thiago, de Lisboa (hoje S. Thiago e S. Martinho.)

Esta casa deixou o arcebispo, a seu sobrinho, D. João Telles de Castro, sob condição de que, morrendo este sem filhos, passaria ao mesmo collegio.

Como se verificou esta hypothese, o collegio tomou conta do predio, e o vendeu em

praça publica, por 12:000 crusados e 100$000 réis (quatro contos e novecentos mil réis) a Luiz Manuel Castanheda e Moura, contador-mór do reino.

A quinta do Picão, foi vendida pelo mesmo collegio, ao duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, por 5:000 crusados (réis 2:000$000.)

Os duques, restauraram a capella, e a adornaram com muitas e ricas alfaias e paramentos; e faziam á Senhora uma esplendorosa festa annual, á qual algumas vezes assistia a familia real e a côrte, havendo então corridas de touros, cavalhadas, jogos de cannas, etc.

PICÃO—portuguez antigo—pimpão, valentão, espadachim.

Tambem, môrro, ou pico muito alto.

PICÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 20 kilometros ao O.. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. João Baptista, do Pinheiro, apresentava o cura, collado, que tinha réis 30$000 e o pé d'altar.

E' terra fertil em cereaes.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e é abundante de caça, grossa e miuda.

PICÃO DO ARDA—monte, Douro, na freguezia de Fermedo, comarca, concelho e 24 kilometros ao N.O. d'Arouca, 9 ao S. do rio Douro, 32 ao S.E. do Porto, e 300 ao N. de Lisboa.

Apenas produz tojos e urzes, e é, na maior parte, formado de schisto.

Este monte, está preso pelo S.O. á serra do Borralhoso.

A parte que olha para o N.O., tem, desde o seu cume até á base, mais de 240 metros de altura, cahindo quasi perpendicularmente sobre o rio Árda.

Causa vertigens, olhar dos penedos que lhe coroam o tôpo, para o rio!

Mesmo assim, a pouco mais de meia altura, vae um atalho, por onde eu bastantes vezes passei, com o cavallo á redea; mas não me atrevia a olhar para baixo.

PICO DE REGALADOS, antigamente **PICCA DE REGALADOS**, e, depois, simplesmente **REGALADOS**—villa, Minho, na comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros ao N. de Braga, 372 ao N. de Lisboa.

Tem 300 fogos, em 2 freguezias. (S. Christovão 130, e S. Payo, 170.)

Em 1757, era uma só freguezia, da invocação de S. Vicente, martyr, com 93 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 130$000 réis, e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 13 de novembro de 1513. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 106 v., col. 1.ª)

Comprehende este foral, as terras seguintes:

Gême, Gondariz, Lanhas, Paço, Prado, S. Payo de Mós, Santa Ovaia, S. Christovão, S. Vicente, Cibões (ou Sibões) e Villarinho. [1]

Era uma das mais antigas comarcas, e concelhos do reino. Aquella e este foram supprimidos em 24 de outubro de 1855—ou—para melhor dizer, foram transferidas as sedes da comarca e do concelho, para Villa-Verde.

O concelho de Pico de Regalados, tinha 2:000 fogos, e a comarca 8:800.

—

A villa está situada em uma baixa, e uma grande parte dos seus habitantes são almocreves.

Tem feira de gado, em todas as primeiras 6.as feiras de cada mez, e nos dias 17.

N'esta villa nasceu, em 1550, um homem por alcunha o *Ovelheiro*, que morreu em 1670, com 120 annos de idade!

Assistiu á derrota de Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578.

D. Affonso Henriques a fez couto e a deu

[1] No foral se lhe dá o nome de *Regalados*.

ao arcebispo de Braga, D. Payo Mendes, em 1132.

—

Pedro Gomes d'Abreu, senhor do couto e casa de Abreu, e dos direitos reaes de Villas Bôas e alcaide-mór de Lapella, teve o senhorio da villa e concelho de Pico de Regalados.

Vivia em Coucieiro.

Era casado com D. Aldonça de Souza, filha de D. Lopo Dias de Souza, e foi seu filho, Lopo Gomes, e outros muitos—entre elles, D. Aldonça de Souza, que casou com D. Payo Rodrigues de Araujo.

Succedeu lhes seu filho, Lopo Gomes de Abreu, casado com D. Ignez de Sotto-Maior e Lima, a qual, ficando viuva, tornou a casar com Fernão de Souza, da Botêlha, filho de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova de Cerveira, e de sua mulher, D. Philippa da Cunha, e teve tambem muitos filhos.

Foi seu filho primogenito e herdeiro, Pedro Gomes d'Abreu, casado com D. Genébra de Magalhães, filha de Fernão de Magalhães, *o Velho*, sr. do couto e casa de Briteiros, e de sua mulher, D. Brites de Mesquita.

Foi seu filho, Leonel de Abreu.

Teve tambem, de D. Catharina d'Eça, abbadessa de Lorvão (filha de Fernão d'Eça) seis filhos e filhas, dos quaes ha vasta descendencia.

Leonel d'Abreu, casou 2.ª vez, com D. Maria de Noronha, filha de Francisco de Lima, 3.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

D'estes procedem os morgados de Moreira, em Monção, e os da casa do *Paraizo*, na rua do Bomjardim, na cidade do Porto.

—

Aquelle Pedro Gomes d'Abreu, senhor de Regalados e de toda a casa de seu pae, perdeu tudo, por se passar a Castella, em 1640, e lá o fez D. Philippe IV, *conde de Regalados*.

Revertendo estes senhorios á corôa, D. João IV os deu a D. Gastão Coutinho, governador da provincia do Minho, capitão-general de Tangere, e commendador de Caldellas; porém os irmãos de Pedro Gomes de Abreu, que se conservaram fieis á sua patria, se oppozeram a esta doação, ficando D. Gastão só com o senhorio de Regalados.

D. Gastão, era tambem descendente dos antigos senhores de Regalados, por ser 3.º neto de Lopo Gomes d'Abreu, senhor de Regalados e Vallidares.

D. Gastão não teve filhos, de sua mulher, D. Isabel Ferraz, filha de Balthazar Ferraz, de Ponte do Lima—passou o senhorio a seu sobrinho, Luiz Gonçalves Coutinho da Camara, filho de sua irman, D. Philippa Coutinho, e de seu marido, Francisco Gonçalves da Camara; e foi seu filho, Gastão José da Camara Coutinho, senhor da casa da Taipa.

Os antigos senhores de Regalados, abusavam tanto do seu poder e riquezas, que Sá de Miranda os comparava a lobos.

«Agora, por que vos conte
Quanto vi—tudo é mudado!
Quando recolhi ao monte,
Por *meus visinhos defronte*,
Vi lobos no povoado.»

(Carta 3.ª a seu irmão Mem de Sá—quintilha 38.ª—estando na sua casa da *Tapada*.)

—

A casa d'*Anquião*, foi tambem dos Abreus, de Regalados.

D. Rodrigo de Mello de Lima, commendatario de Refojos do Lima, filho 2.º de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira, deu a casa de Anquião, em dote a sua filha, D. Joanna de Mello, para casar com João Gomes d'Abreu, 2.º filho de Leonel d'Abreu, senhor de Regalados. D'esta casa procedem muitas familias nobres do Minho. (Vide adiante.)

—

Os antigos Abreus de Lima, foram senhores e condes de Regalados, antes que este senhorio passasse aos Camaras. Ultimamente, ligaram-se ao ramo d'esta familia, os Silvas e Coutos, que são os actuaes senhores da casa de Regalados.

Os Abreus, trazem por armas—em campo de púrpura, cinco côtos d'aguia, d'ouro, estendidos, em aspa: escudo de prata, aberto; e, por timbre, um dos côtos do escudo.

Os Limas, trazem — escudo dividido em tres pallas—a 1.ª, d'Aragão—e as duas, esquartelladas de Silva, e Sotto-Maior.

Outros, trazem—em campo de ouro, quatro barras de púrpura. Elmo d'aço, aberto; e por timbre, um leão de púrpura.

Lima, é um nobre appellido portuguez, procedente do Alto-Lima (Galliza) em cujas margens vivia uma antiga familia que tomou por appellido o nome d'este rio.

Trouxe-o para Portugal, D. Fernão Annes de Lima; e as armas que D. Pedro II, d'Aragão, deu a D. João Fernandes de Lima, em 1212, foi em recompensa da sua bravura, na famosa batalha de Navas de Toloza. (Pag. 15, col. 2.ª, do 6.º volume.)

Estas armas, eram as segundas que acabei de mencionar nos Limas.

Casando o dito D. Fernão Annes de Lima, com D. Thereza da Silva, filha de Ruy Gomes da Silva, compoz seu filho, Leonel de Lima, o seu brazão d'armas, do modo seguinte—escudo tereeado, em palla—na 1.ª, d'ouro, 4 pallas de púrpura—a 2.ª e 3.ª, esquartelladas—no 1.º e 4.º, um leão de púrpura, lampassado d'azul (as armas dos Silvas)—no 2.º e 3.º, de prata, 3 faxas, xadrezadas d'ouro e púrpura, de duas ordens (armas dos Sottos-Maiores, que tomou por sua avó, D. Ignez de Sotto-Maior). Elmo d'aço, aberto; e timbre, o leão do escudo.

As antigas armas dos Limas, teem soffrido varias modificações, segundo os enlaces com outras familias.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, uniram ao seu brazão d'armas, os dos Britos, Nogueiras, Sottos-Maiores, Vasconcellos, e Silvas Telles—formando o seu escudo do modo seguinte —Escudo terceado—no 1.º, as quatro barras de púrpura, em campo de ouro, dos Limas — o resto, esquartellado — no 1.º, Britos — no 2.º, Nogueiras — no 3.º, Sottos-Maiores — no 4.º, Vasconcellos — no centro, o escudo dos Silvas Telles.

—

O que é feito da casa dos Abreus, de Regalados

Na villa do Pico de Regalados, existe uma casa nobre, de que é actual possuidora, a sr.ª D. Quiteria Emilia Gomes d'Abreu da Silva Rézende e Couto.

Esta casa foi edificada, sobre as ruinas, e com os materiaes de um antiquissimo paço, dos senhores de Regalados, e deve considerar-se como o solar dos representantes directos dos legitimos Abreus.

Esta familia, que por alguns seculos viveu com o maior esplendor e poderio, atravessou depois penosas épocas de triste decadencia; e foi, por varias vezes, destituida de suas honras e grandes privilegios, pelos monarchas portuguezes, em favor de ramos collatteraes. Foi esta a causa principal da perda do brilho e luzimento do ramo principal dos Abreus, quasi esquecido ha mais de um seculo; mas, apezar de todas as adversidades, esta familia nos apparece sempre, com a dignidade e nobre altivez, que dá a pratica d'acções verdadeiramente cavalheirescas.

Foi pelos annos de 1790, que o desembargador João José d'Abreu e Silva, sendo filho segundo d'esta casa, a herdou, porque o primogenito se fez conego secular de S. João Evangelista (loyo).

Achando a velha torre solarenga de seus maiores, quasi reduzida a uns pardieiros inhabitaveis, a transformou em um bello e vasto edificio, que a morte lhe não deixou concluir, e assim ficou.

Segundo o plano da obra, devia ella constar de tres fachadas, em fórma de trapésio. Nos dois vertices dos angulos (cunhaes do centro) deviam ser collocados os brazões dos *Abreus-Silvas*, e dos antigos senhores e condes de Regalados; porém, só o primeiro foi posto, e lá está. O segundo, foi esculpido, e existe no jardim da casa; mas, como as obras se interromperam, alli ficou.

A casa, só tem concluidas as fachadas do centro e da direita.

—

Condes de Fornos d'Algodres

Com o conde D. Henrique, veiu para a Hespanha, em 1089, e, depois, para Portugal,

em 1093, *Gonçalo Rodrigues d'Avreu*, da familia dos condes de *Evreux* (França), segundo o chronista D. Antonio de Lima.

Gonçalo, sobreviveu ao conde, seu amigo e companheiro, e foi rico-homem, mordomo-mór, amigo e um dos mais bravos guerreiros de D. Affonso Henriques. (Gandara, Plan. 148.)

Fundou, para seu solar, a torre e honra a que deu o seu appellido, já *aportuguezado*—Abreu—na freguezia de *Merufe* (5.º volume, pag. 193, col. 2.ª, no fim).

Já tratei dos que lhe succederam no senhorio da torre; e de outros seus senhorios e vassallos, trata o conde D. Pedro, no seu Nobiliario, a pag. 217, e Alvaro Ferreira de Véra, nas suas *Notas* ao mesmo Nobiliario.

Gandara, no logar citado, diz que, em tempo de D. Pedro I, e de seu filho, D. Fernando I, eram estes Abreus senhores de mais de 60:000 vassallos (parece-me muito vassallo...) nas villas e logares de Regalados, de que eram condes, e nas villas de Valladares, Sanfins, Bodeia, La-Pella (Lapella), Barbeita, Castello-de-Vide, e Monforte: e tiveram 11 alcaidarias-móres, que foram as de — Melgaço, La Pella, Valladares, Mon ção, Elvas, Castello-de-Vide, Alter-do-Chão, Monforte, Miranda, Campo-Maior, e Sempre-Nova.

Nuno Gonçalves d'Avreu, o Moço, senhor de Melgaço (cuja mulher, troca o conde D. Pedro, com a d'outro do mesmo nome, tio d'aquelle), foi casado com D. Mecia Rodrigues de Vasconcellos, filha de Ruy Pires de Vasconcellos, e de sua mulher, D. Mayor (ou Mór) Martins Redondo, cujas ascendencias se encontram no conde D. Pedro, tit. 53, pag. 34.

D'estes descendem tambem os senhores de Figueiró, e d'Alvarenga; os condes de Penella, e de Castello-Melhor (hoje marquezes); a rainha D. Leonor Telles de Menezes, e outras muitas das mais esclarecidas familias d'este reino.

Foi filho de Nuno Gonçalves d'Abreu, Gonçalo Rodrigues d'Abreu, alcaide-mór d'Elvas, casado com D. Thereza Alvares Pereira, irman *inteira* do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, conde de Arrayolos, d'Ourem, e de Barcellos, e senhor de Braga, Guimarães, e outras muitas villas e coutos; mordomo-mór de D. João I. (*Livro das Linhagens*, do conde D. Pedro, tit. 7.º, pag. 58 nota A.)

Lopo Rodrigues de Abreu, foi filho dos antecedentes (Nuno Gonçalves e mulher). Era fidalgo, da casa do infante D. Fernando, duque de Beja, pae do rei D. Manuel.

Casou com D. Brites Alvares de Castello-Branco, senhora de Arcozêllo e de Pêga, filha de Vasco Paes Cardoso do Amaral, alcaide-mór de Trancoso, senhor de Moreira e Ervilhão, e da casa e honra de Cardoso, e de sua mulher, D. Isabel Vasques de Castello-Branco, filha de Martim Vaz de Castello-Branco, monteiro-mór de D. João II, alcaide-mór da Covilhan, e tronco de todos os legitimos Castellos-Brancos, e dos condes de Pombeiro, e de Villa-Nova-de-Portimão, e de muitas familias nobilissimas de Portugal.

Lopo Dias d'Abreu, e sua mulher, assentaram o seu solar, na villa de *Fornos d'Algodres*, e seu filho, Pêro Lopes de Abreu Castello Branco, foi o tronco de todos os legitimos Abreus Castellos-Brancos, d'este reino.

Pêro Lopes d'Abreu Castello-Branco (que está sepultado no centro da capella-mór da egreja matriz da villa de Fornos d'Algodres) foi senhor de Arcozêllo e de Pêga; pagem da rainha D. Leonor Telles de Menezes, que era sua parenta, por sua bisavó, D. Mecia Rodrigues de Vasconcellos. Casou a primeira vez, em 1480. com D. Catharina Fernandes d'Albuquerque, filha de Fernão Annes d'Albuquerque, senhor d'Algodres e ahi morador — e segunda vez, com D. Isabel Cardoso, filha de Gonçalo Cardoso Homem de Vasconcellos, senhor do morgado e casa da Taipa, em Lamego, e veador da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e irman do rei D. Manuel.

O filho primogenito, do primeiro matrimonio—Lopo de Abreu Castello-Branco, estabeleceu-se na cidade da Guarda.

O filho segundo, do mesmo matrimonio, foi Jorge d'Abreu Castello-Branco, cavalleiro da guarda de D. João III, e fidalgo da sua casa. É d'elle que procedem os Abreus, mor-

gados do Espirito Santo, em Viseu (hoje condes de Santa Eulalia).

O primeiro filho do segundo matrimonio, foi Francisco Cardoso d'Abreu Castello-Branco, que ficou com o solar de Fornos d'Algodres, e cujas armas estão no cunhal do N., da antiga torre ameiada e solarenga, que esta familia ainda alli possue, na parte da villa a que por isso chamam *Bairro da Torre.*

Estas armas, são — escudo dividido em palla, na 1.ª, de púrpura, cinco côtos d'aguia, em aspa—e na 2.ª, d'ouro, leão de púrpura. Elmo d'aço, aberto, e por timbre, um dos côtos das armas, estendido.

Em frente da antiga casa solar d'esta nobre familia, principiou no meiado do seculo XVIII, Francisco d'Abreu Cardoso Castello-Branco de Mello (avô dos actuaes condes de Fornos d'Algodres) a edificar um grandioso palacio, cuja fachada principal está quasi concluida. É de bella architectura, e, se se executasse o risco primitivo, e se terminasse a obra, rivalisaria com os palacios da Brejoeira, do sr. Moscoso—de Matheus, dos srs. condes de Villa-Real—ou dos Paes, de Mangualde, da sr.ª condessa da Anadia.

Morto Francisco d'Abreu, parou a magestosa construcção, e assim existe; sendo conhecida na villa, não com o nome de palacio, mas com o de *Obras.*

Do testamento d'este Francisco d'Abreu, feito em 14 de fevereiro de 1572 (que ainda existe no archivo da casa—o original), e do de sua mulher e parente, D. Isabel *Dis* (Dias) Rebello, feito em 2 de março de 1551, consta que instituiam por seu herdeiro, a seu filho, Lopo Rodrigues d'Abreu Castello-Branco, que viveu em Fornos d'Algodres.

Por documentos authenticos, existentes n'esta casa, consta que Pero Lopes d'Abreu Castello Branco, tambem viveu em Fornos d'Algodres; e quando, em 1597, se fez a capella-mór da nova egreja matriz, foram os ossos de Pero Lopes, e os de seu filho, Francisco Cardoso d'Abreu, trasladados da antiga egreja, para esta; o que consta de uma sentença do juizo ecclesiastico, do bispado de Viseu, datada de 21 de junho, de 1597.

Está sentença foi dada a favor de seu neto, Lopo d'Abreu Castello-Branco, mantendo-lhe a posse d'aquella sepultura.

Francisco Cardoso d'Abreu Castello-Branco, depois de viuvo, e de ter entregado os seus bens a seu filho, Lopo d'Abreu, por aquelle *estromento* de doação, fez-se padre, e teve muitos beneficios, entre elles, a abbadia de S. Miguel, de Fornos d'Algodres; e foi esmoler mór do infante-cardeal, D. Affonso, filho do rei D. Manuel.[1]

—

Entre os antigos morgados d'esta familia, que é, sem duvida, um dos ramos mais bem averiguados dos Abreus, senhores de Regalados, encontra-se o morgado da *quinta da Bouça*, em *Terra de Tavares* (Beira-Baixa), instituindo, em 1349: um dos primeiros de que apparece noticia, depois da introducção dos vinculos em Portugal; segundo diz Lobão, nas *Add ções ao Tratado dos Morgados*, cap. 1.º, § 12, nota.

D'este vinculo falla tambem frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu *Elucidario*, nas palavras *Almucella*, e *Criado.* Na 1.ª, diz que—«em 1349, Gonçalo Esteves de Tavares, e sua mulher, Leonor Rodrigues de Vasconcellos, fizeram seu testamento de mão *commua*, e n'elle instituem o morgado de Bouça, em Terra de Tavares, com certas capellas (de missas) na egreja que fizeram edificar na herdade da *Córga*, proximo a Viseu, e um hospital, junto á dita egreja, para 24 pobres honrados ou envergonhados, ou

[1] Francisco Cardoso, teve de Isabel D.ºs (Domingues) os filhos bastardos seguintes: — D. Elena Cardoso e D. Paula Cardoso, que foram freiras, em Lorvão, e Francisco Cardoso, padre da Companhia de Jesus.

Alguns confundiram esta Isabel D.ºs, com D. Isabel Dis (Dias) Rebello, legitima mulher de Francisco Cardoso d'Abreu; mas o testamento d'ambos, e a instituição de um dos vinculos d'esta familia, feita por Jeronymo Affonso Rebello d'Abreu, irmão da tal D. Isabel Dias Rebello, a favor de seu sobrinho, Lopo d'Abreu, filho de D. Isabel Dias, tiram toda a duvida.

Este Jeronymo Affonso e sua referida irman, eram filhos de Pedro Rebello d'Abreu, e de D. Brites Rodrigues de Ferreira, 3.ºs netos de Diogo Gomes d'Abreu, senhor de Regalados, e bisnetos de Lopo Dias Rebello, senhor da honra de Rebello.

invàlidos, de honesta vida e bons costumes.» *E aos homens, e molheres honrados, deulhe seus almadraques* (colchões) *de lãa, e senhas colchas, e senhos* [1] *cabeçaes, tamanhos* (proporcionados) *em que cabham com sas* (suas) *molheres, os que casados forem:* aos outros *pobres, deulhe duas almucellas* (cobertores, mantas) *e senhos cábeçaes*, etc.

Na palavra *Criado*, diz Viterbo: — «Em 1356, os instituidores do morgado da Bouça, em Terra de Tavares, nomeiam para 1.º administrador d'elle, a Pedro Esteves, seu *criado* (pupillo) e sobrinho.»

A *quinta da Bouça*, fica a 4 kilometros da villa de Fornos d'Algodres, e os bens d'este morgado, foram em outro tempo, de avultado rendimento: ficou porém muito arruinado, com as penas pecuniarias impostas a Miguel de Abreu Castello-Branco Soares de Mello, seu administrador, pela alçada, presidida pelo desembargador Manuel da Silva Correia, que, no tempo de D. Pedro II, veiu contra elle.

Na instituição do morgado de Nossa Senhora da Annunciada, instituido na villa de Fornos d'Algodres, em 1616, excluem-se da successão, *os bastardos; os que tiverem raça de mouro, gentio ou judeu; os que casarem com pessoa que tenha mecanica por algum dos quatro avós; assim como os bebados, os ladrões, e os tafues notaveis.*

—

É 13.º representante directo e por varonia legitima, do referido Lopo Rodrigues de Abreu, o actual conde de Fornos d'Algodres, o sr. João Maria de Abreu Castello-Branco Cardoso de Mello, doutor formado em direito pela universidade de Coimbra, par do reino, grão-cruz das ordens de Christo — de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa — e de Isabel a Catholica, em Hespanha —juiz, conselheiro, do supremo tribunal de justiça, etc., etc.

É filho de João de Abreu Castello-Branco Cardoso de Mello, e de sua mulher, D. Antonia Clara Soares de Mello Abreu Magalhães da Motta.

Este sr. conde de Fornos, era filho segundo. O primogenito era Nicolau de Abreu Castello-Branco, distinctissimo official de cavallaria, do exercito realista.

Foi feito coronel d'aquella arma, em 18 de dezembro de 1820 — brigadeiro, em 14 de fevereiro de 1831—e marechal de campo, em 6 de novembro de 1833.

Foi governador geral da provincia de Angola, e portou-se com a maior bravura, em differentes batalhas. Fiel á bandeira que havia jurado defender, morreu solteiro e sem filhos, ainda em vida de seu pae; pelo que lhe succedeu em todos os antigos morgados d'esta casa, o filho segundo d'ella, quefoi feito visconde de Fornos d'Algodres, em duas vidas, a 30 de setembro de 1851 — e conde do mesmo titulo, em 31 de julho de 1865.

É viuvo da sr.ª condessa, D. Maria Luiza de Souza Pimenta Saavedra Santa-Martha, fallecida em fevereiro de 1876.

É seu irmão immediato, o sr. Alexandre de Abreu Castello-Branco Cardoso de Mello, feito conde de Fornos d'Algodres, em 17 de junho de 1875.

—

Eis a linha dos srs. condes de Fornos de Algodres:

Estabeleceu-se em Fornos d'Algodres, assentando ahi o seu solar

1.º — *Lopo Rodrigues d'Abreu*, casado com D. Brites Alvares Castello-Branco. Foi seu filho

2.º — *Pedro Lopes de Castello-Branco*, casado com D. Isabel Cardoso. Foi seu filho

3.º — *Francisco Cardoso d'Abreu Castello-*

[1] *Senho*, portuguez antigo—seu, sua—ou —a cada um o seu ou a sua. Vem do latino —singuli.—Diziam—*senhos colmeiros* (molhos de palha)—*senhas vaccas*—isto é—cada um o seu colmeiro—cada um a sua vacca, etc.

Branco, casado com D. Isabel Dis (ou Dias). Foi seu filho

4.º—*Lopo d'Abreu Castello-Branco*, casado com D. Maria Proença Botelho. Foi seu filho

5.º—*Manuel d'Abreu Castello Branco*, casado com D. Julianna Cabral de Mello. Foi seu filho

6.º—*Francisco d'Abreu Castello-Branco e Mello*, casado com D. Maria de Sampaio Pereira. Foi seu filho

7.º—*João d'Abreu Castello-Branco*, casado com D. Maria Luiza de Lemos. Não tiveram filhos.—Succedeu-lhe seu segundo irmão

8.º—*Francisco d'Abreu Castello-Branco Cabral de Mello*, casado com D. Anna Mendes d'Andrade. Foi seu filho

9.º—*José d'Abreu Castello-Branco Cabral Cardoso de Mello*, casado com D. Catharina Mathilde Sotto-Maior Ledesma e Medeiros. Foi seu filho

10.º—*Francisco d'Abreu Castello-Branco de Mello Cardoso*, casado com D. Maria Delfina Osorio Sarmento de Vasconcellos. Foi seu filho

11.º—*João d'Abreu Castello-Branco Cardoso de Mello*, casado com D. Antonia Clara Soares de Mello Abreu Magalhães da Motta. Foi seu filho

12.º—*Nicolau d'Abreu Castello-Branco*, que falleceu solteiro e sem filhos, ainda em vida de seu pae, e se succedeu seu irmão immediato

13.º—*João Maria d'Abreu Castello-Branco Cardoso e Mello*—conde de Fornos d'Algodres.

PICONHA—antiquissimo castello, Trazos-Montes, na comarca e concelho de Montalegre.

Na raia da Galliza, 9 kilometros ao N. da villa de Montalegre, ao N. da serra, ou cordilheira, que une o Gerêz ao Larouco, á direita da estrada que vae d'aquella villa, a Tourem, entre as povoações gallegas de *Villar* e *Rendim*, sobre um môrro, que fica no meio do córrego, junto do qual corre a estrada, existem as ruinas do famoso *castello da Piconha*, hoje cobertas de silvas, hera e matto.

Consta ser obra de D. Affonso III, que lhe deu foral, segundo consta de uma carta régia, de confirmação de privilegios, mandada passar pelo rei D. Diniz, em 5 de maio de 1287. Segundo o foral e esta carta de confirmação, tinham os povos d'aqui, grandes privilegios, mas eram obrigados a defender o castello da Piconha, contra os inimigos.

Na doação que D. João I fez a seu filho natural, D. Affonso, quando casou com D. Brites Pereira, filha unica e herdeira do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, lhe deu tambem este castello, com outras muitas terras, por carta régia de 4 de junho de 1398.

Passou depois a commendatarios, que eram seus alcaides-móres.

Os moradores de Tourem, pagavam aos alcaides da Piconha, oitenta e tantos alqueires de pão. Os de Rendim (couto mixto, de Galliza e Portugal), em dinheiro, 10$000 rs.

Por alvará régio, de 5 de setembro de 1514, eram estes povos, isentos de pagar para a ponte de Mirandella.

D. Manuel deu foral a Piconha, em Lisboa, a 18 de janeiro de 1515, com os antigos privilegios. (*L.º de foraes novos de Trazos-Montes*, fl. 42 v., col. 1.ª)

Sabe-se que foram alcaides do castelfo da Piconha

Antonio d'Araujo, em 1538.

Gaspar de Carvalho (alferes, e juiz ordinario da villa de Tourem), em 1564.

Alexandre de Gusmão (diplomatico e ministro de estado de D. João V, *em recompensa dos serviços de seu sogro*), desde 1714 até 1745.

Alexandre de Souza Pereira Coutinho (da casa de Villar de Perdizes), por carta régia, de D. Maria I, de 20 de agosto de 1779.

João Antonio de Souza Pereira Coutinho (filho do antecedente), por carta régia do principe regente — depois, D. João VI, de 1800. (Morreu em maio de 1825, e foi o ultimo alcaide-mór d'este castello.)

Este castello, foi arrazado pelos castelhanos, em 1388, e reconstruido pouco depois, por D. João I.—Em 1650, os castelhanos o tornaram a arrazar, e desde então deixou de existir, de modo que o titulo de alcaide-mór

se tornou puramente honorifico, ou *beneficio simples*, pois que só servia para disfructar as respectivas rendas, e mais nada.

PICÕES—antiga freguezia, Traz-os Montes—hoje unida á de Ferradosa, no concelho de Alfandega da Fé. (Vol. 3.º, pag. 169, col. 1.ª—a 1.ª *Ferradosa.*)

PICÓTA—Vide *Monchique.*

PICÓTA—portuguez antigo—pelourinho, com ganchos ou argolas, e cadeia, onde os criminosos eram suppliciados, ou expostos á vergonha publica. Vide *Pelourinhos.*

PICOTE — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro (era do mesmo concelho, comarca do Mogadouro), 18 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sendim, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

Terra fertil em cereaes, muito gado, de toda a qualidade, e muita caça, grossa e miuda.

PICÓTO, ou **PICOTTO**—cume de um monte, pincaro, pico, cabêço pyramidal—e, tambem sêrro, cabêço, etc.

PICOTO (castello do)—Vide *Olho da Mira.*

PICOTO—logar, Minho, na freguezia e antiquissimo julgado de Faria (vol. 3.º, pag. 139, col. 1.ª, no principio).

É composto de varios casaes, que foram coutados por D. Affonso III, que lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de maio de 1269. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 96, col. 1.ª)

PICOTO—aldeia, Douro, na freguezia de S. Miguel de Barreiros, concelho da Maia, 8 kilometros ao N. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 105 fogos.

E' esta uma linda aldeia, a mais populosa da freguezia de Barreiros; pelo meio d'ella corre a estrada de mac-adam, que do Porto vae para Braga.

Projecta-se d'aqui uma estrada que conduza á egreja de Barreiros, estando já feitos os estudos, e para esse fim ha a quantia de 3 contos de réis, vindos do Brasil.

Logo que isto se realise, far-se-ha n'esta aldeia uma capella, onde deve vir a procissão dos Passos, que todos os annos, no domingo primeiro de quaresma, costuma sahir da egreja de Barreiros.

Estes melhoramentos darão grande vida ao Picôto, que já é uma aldeia notavel da freguezia de Barreiros, e até mesmo do concelho da Maia.

Já em tempo houve projecto de mudar para esta aldeia os paços do concelho e a cadeia, que ao presente estão, e sempre estiveram, na aldeia de Castêllo.

Apezar de se não ter effectuado isto (o que póde acontecer um dia) esta aldeia do Picôto é preferida para habitação do administrador, e d'outros empregados publicos do municipio.

A origem da denominação de Picôto é o seguinte:

A parte occidental d'esta aldeia, era em outro tempo um *cume de monte*, e ainda hoje o é, apezar dos desaterros que se teem feito.

D'esta elevação (vulgo *picôto*) proveio o nome á aldeia proxima.

Pelo Minho, especialmente em Barcéllos, era e é conhecida esta aldeia com o nome de logar do *Barcéllo*, nome cuja origem é a seguinte:

No seculo XVIII, pouco depois das primeiras edificações n'esta aldeia, um tal Domingos de Sá Pereira Farinha, comarqueiro de Barcellos, casou com D. Josepha de Sá Farinha, residente em Barreiros, e que possuia uma casa no Picôto, onde estava estabelecina uma venda em que costumavam pernoitar os carreteiros que faziam caminho pela estrada velha, que atravessava a aldeia.

Grande parte d'esses carreteiros eram de Barcellos; e, já porque o proprietario da casa tambem era d'esta villa, já porque elle tivesse a alcunha de—*O Barcéllo*, o certo é que esses carreteiros principiaram por chamar *venda do Barcéllo* áquelle estabelecimento, e depois, a applicar o mesmo nome á aldeia, generalisando-se a ponto tal, que

nos documentos publicos d'esse tempo era assim denominada a povoação.

Ainda hoje, em algumas partes do Minho, é conhecida por *Barcello*.

A egreja de Barreiros, de cuja freguezia o Picôto é uma das aldeias, é um templo bello e acceiado, o que é devido ao zelo do parocho actual, o reverendo Antonio José Pereira e Souza, um dos parochos mais dignos e virtuosos do concelho da Maia; é abbade d'esta freguezia ha perto de 30 annos.

Junto á egreja se construiu, em 1869, uma bella torre de sinos, onde foi collocado um relogio.

Faz-se n'esta egreja, como acima indiquei, todos os annos, no primeiro domingo da quaresma, a procissão dos Passos, com decencia e ordem; e no segundo domingo de julho, a grande festividade da Senhora do Bom Despacho.

PIEDADE ou **DA SENHORA DA PIEDADE**—serra, Douro, no concelho de Miranda do Corvo, comarca de Lousan. Vide *Miranda do Corvo*.

PIEDADE—logar, Extremadura, freguezia, concelho, comarca, e 2 kilomotros de Alcobaça.

Districto administrativo de Leiria, no patriarchado de Lisboa. (Vol. 1.°, pag. 72, col. 1.ª)

Ha n'este logar umas aguas mineraes, sulphureas, efficazes para a cura de varias molestias, e ás quaes já concorrem annualmente centenares de doentes.

Faltam porém alli, todas as commodidades.

A camara d'Alcobaça, trata de construir na Piedade, um edificio em necessarias condições, para banhos thermaes.

Já está prompta a planta, e o orçamento da obra, cujo custo é calculado em 6 contos de réis.

Se a camara levar, quanto antes, a effeito este projecto, bem merece da humanidade, e cria mais uma fonte de receita para o municipio, e para a villa.

PIEDADE—quinta, Extremadura, em S. José de Ribamar. (Vide *Ribamar*.)

E' uma das mais formosas propriedades dos arredores de Lisboa, e que, tanto pelas curiosidades historicas que encerra, como pelo seu valor intrinseco, se torna digna de ser adquirida por quem deseje ter alli uma vivenda agradavel e sumptuosa.

No seu estado actual, vale mais de 12 contos de réis.

Comprehende um bello palacio, com vastos salões, rica ermida, jardins, pomares, hortas, etc.

Foi vendida em praça publica, em agosto de 1875.

PIEDADE (Senhor Jesus da)—famoso Sanctuario, Alemtejo, freguezia, concelho, comarca, bispado e 1:500 metros ao O. d'Elvas.

Districto administrativo de Portalegre.

E' um templo magestoso e elegante, onde todos os annos, por occasião da feira de 21, 22 e 23 de setembro, se faz uma concorridissima romaria.

Em 16 de fevereiro de 1737, abriram-se os alicerces para a primitiva capela do *Senhor Jesus da Piedade;* mas, augmentando o numero dos devotos, por ordem do bispo, D. Balthazar de Faria Villas-Bôas (aos 11 de agosto de 1753) foram lançados os fundamentos á construcção de um templo, de maiores dimensões, e mais elegancia—e é o actual.

O local onde este templo está situado, é arborisado e muito ameno, e constitue um agradabilissimo passeio aos elvenses.

Em um formoso jardim contiguo, está uma bellissima fonte de marmore, abundante de frescas aguas.

Foi construida pelos mestres canteiros das obras de Mafra.

Em outubro de 1874, teve a confraria do Senhor Jesus da Piedade, licença para adquirir a horta, chamada do *Botelhão*, para ampliar o adro da egreja.

A romaria do Senhor Jesus da Piedade, é uma das maiores e melhores do Alemtejo, concorrendo a ella romeiros de muitas leguas, e até de Hespanha e de Lisboa; para o que ha então comboios a preços reduzidos.

PIEDADE (Nossa Senhora da)—Vide *Póvoa de Santo Adrião*.

PIEDADE (Nossa Senhora da)—Vide *Cojim*.

PIEDADE (Cóva da)—aldeia, Extremadura, ao S. do Tejo, etc.

Ao que fica dito, d'esta povoação, em *Almada, Cacilhas* e *Cóva da Piedade*, accrescento mais o seguinte:

Ao S. e perto de Cacilhas, está uma ermida, dedicada a S. Sebastião, martyr, que foi do padroado da camara municipal de Almada, a qual apresentava o respectivo eremitão.

Ha n'esta ermida uma imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, que foi alli collocada em 1669, por uns individuos que nimguem d'alli conhecia, e que não tornaram mais a apparecer.

Passados muitos annos, Catharina Maria, mulher de Francisco d'Azevedo Peleja, carcereiro da côrte, que tinha por estes sitios varias fazendas, e costumava vir aqui passar temporadas; tendo seu marido preso, por ter deixado fugir um criminoso (pelo que lhe tinham sequestrado tudo) e depois de ter despendido uns vinte mil cruzados (oito contos de réis) recorreu a afflicta mulher ao patrocinio da Senhora dos Prazeres, e é certo que o marido foi sôlto, e lhe foram entregues os bens sequestrados.

Catharina Maria, em reconhecimento d'esta ventura, que attribuiu a milagre da Senhora, lhe restaurou a ermida, comprou paramentos, fez vestidos ricos á Senhora (que é de roca) e fez-lhe uma grande festa no seu dia (1.ª segunda feira depois da oitava da Paschoa) que d'ahi em diante se lhe fazia em egual dia, todos os annos.

Jorge Rose Sartorios, foi feito *visconde da Piedade*, no 1.º de dezembro de 1836.

PILAR (Serra do)—Douro, em frente do Porto, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, concelho de Gaia.

Ha aqui o edificio, arruinado, que foi o grande mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) edificado na parte septentrional da *serra de Quebrantões*, no sitio antigamente chamado *monte de S. Nicolau*.

No seculo XII foi aqui edificado um mosteiro de conegas de Santo Agostinho (freiras cruzias.)

Não se dando ellas bem n'este logar, o abandonaram, e ficou dezerto.

—

Sendo prior-mór do real mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, de Grijó, D. Bento de Abrantes, e bispo do Porto, D. Balthazar Limpo, filho d'este mosteiro; julgando-se os religiosos com direito ás ruinas do antigo mosteiro do Pilar, por ter sido da sua ordem (do que Grijó era então cabeça) resolveram fundar alli um novo mosteiro da mesma regra, filial do de Grijó, [1] e, por breve do papa, Paulo III, deram principio ás obras, em 1537.

O mesmo bispo, e D. João III, concorreram com avultadas esmolas para esta edificação, e o resto foi feito á custa do mosteiro de Grijó, e de donativos particulares.

O morgado de Quebrantões, vendeu aos frades, quasi todo o montado circumferente, que forma a cêrca do mosteiro.

O bispo, isentou-o da jurisdição episcopal, para sempre, em 12 de dezembro de 1337, como tinha feito ao de Grijó.

O sitio onde se edificou a egreja e mosteiro, chamava-se então *Meijoeira*.

A 1.ª pedra da egreja, foi lançada pelo bispo, D. Balthazar, em 28 de dezembro de 1537—dia do patriarcha, Santo Agostinho.

A primeira invocação do mosteiro, foi a de São Salvador (como era a de Grijó) mas, 1666, anno em que este mosteiro se separou do de Grijó, se lhe deu a invocação de Santo Agostinho.

A agua que vem para o mosteiro, por um bom aqueducto de arcaria de pedra (hoje bastante arruinado, e grande parte da agua *desencaminhada*) nasce de cinco fontes, que estão perto da egreja de Mafamude (que era do padroado d'este mosteiro.)

Esta agua era das freiras de Santa Clara, do Porto (franciscanas) cujo mosteiro fica mesmo em frente d'este do Pilar.

Foi trocada pelo padroado da egreja de S. Jorge, de Paço de Brandão, que, tendo sido

[1] D. Bento, projectou primeiro, mudar para aqui o convento de Grijó, transferindo para o Pilar a cabeça da ordem; mas depois, mudou de tenção; limitando-se a fundar uma casa filial de Grijó.

de Grijó, ficou desde então para as freiras.

Foi em 1542, que os frades de Grijó, vieram p»voar este mosteiro.

Teve um orgão, no côro da egreja, reputado um dos melhores do reino.

Era tambem realejo.

Muitos dos frades, não gostaram da mudança, e tanto fizeram, que conseguiram do papa, Pio V, regressárem para Grijó, e separarem os dois conventos, por breve apostolico, de 1566; dividindo-se as rendas de Grijó, pelos dois conventos.

Dividiram-se tambem em duas partes eguaes, os ornamentos, peças de ouro e prata, e mais alfaias.

Ficou o mosteiro de Pilar, com os rendimentos, das egrejas de S. Pedro, de Aradas (junto a Aveiro)—S. Miguel, de Milheirós—S. Martinho, de Móséllos—S. Martinho, d'Anta—Santo André, de Canidéllo—Santa Maria Magdalena (a freguezia da Magdalena) —e S Christovão de Mafamude—estas tres ultimas no concelho de Gaia.

A primitiva egreja era pequena, e, em 1598, o prior. D. Acurcio de Santo Agostinho, mandou construir a actual, que é de forma circular, e muito elegante (no gôsto da egreja de Santa Maria, a *Rotunda,* de Roma.)

E' toda cercada de capellas, com um formoso claustro, da mesma fórma (redondo) e architectura, todo de abobada, e tinha no centro, uma formosa fonte, de optima agua.

D. Jeronymo da Conceição, prior d'este mosteiro, foi o que mandou fazer o altar-mór, tribuna e retabulo, e alli collocou a imagem de Nossa Senhora do Pilar, pela paschoa de 1678.

Erigiu-se logo uma irmandade da Senhora, na qual entraram as pessoas principaes do Porto e de Villa Nova de Gaia.

Foi primeiro juiz, ou provedor, d'ella, D. João de Souza, bispo do Porto (já então eleito arcebispa de Braga, e depois 20.º arcebispo de Lisboa, da familia dos senhores de Gouveia, de Riba-Tâmega, e dos condes do Redondo. Vol. 4.º, pag. 275, col. 2.ª)

Vide *Gaia, Grijó, Mafamude* e *Quebrantões.*

—

Durante a guerra civil de 1832 a 1834, se tornou celebre este mosteiro, pelas sanguinolentas batalhas que alli tiveram logar.

As tropas realistas do visconde de Santa Martha, fugiram (é o termo proprio) da cidade do Porto, á noticia do desembarque dos liberaes nas areias de Portugal.

Contra todas as indicações da guerra, abandonaram o terrivel ponto da *Serra do Pilar,* sem a posse do qual, era impossivel a conservação dos liberaes na cidade; mas estes, mais previdentes (ou mais fieis!...) conhecendo a importancia militar d'este ponto, se apossaram d'elle immediatamente; fortificando-o, á pressa, mas o melhor que puderam, e até 7 de setembro, não cessaram com as obras de fortificação.

Dois mezes depois, é que o visconde de Peso da Régua (o general Gaspar Teixeira) se lembrou de retomar Villa Nova de Gaia e a Serra do Pilar! [1]

Com effeito, a 8 de setembro de 1832, depois de um vivo fogo, e de correr bastante sangue portuguez, os realistas tomam a povoação de Villa Nova de Gaia.

Bernardo de Sá Nogueira (mais tarde, marquez de Sá da Bandeira) foi gravemente ferido por uma balla de fusil, que lhe atravessou o braço direito (que depois teve de ser-lhe amputado) no alto da Bandeira. (O marquez nunca perdoou aos realistas o fazerem-o maneta, e mostrou-lhe o seu ódio implacavel, em varias conjuncturas.)

No mesmo dia, tomada a villa, os realistas attacam com o maior arrojo, as baterias do Pilar, mas, com o mesmo são repellidos.

[1] A *grande tactica* dos generaes realistas era não attacarem os pontos occupados pelo inimigo, senão depois de estarem solidamente fortificados.

Era um novo *estratagema de guerra,* inventado por estes figurões, para maior *facilidade* da conquista.

Tambem seguiam rigorosa e invariavelmente a regra de atacarem um ponto unico, para que o inimigo podesse dispor das guarnições dos outros pontos, para accudirem aos atacados!...

Já d'entro da cêrca do mosteiro, é gravemente ferido o bravo coronel do regimento de Tondella, Rodrigo de Souza Tudella (*o fidalgo do Atalho*, proximo á villa d'Agueda.)

Os ataques repetems-e nos dias 9 e 10, com o mesmo encarniçamento de parte a parte, e com o mesmo desastroso resultado para os realistas.

A 14 de outubro, do mesmo anno, com o mesmo valor (ou com a mesma raiva) de parte a parte, novo ataque é dado ao Pilar; mas os realistas batem em retirada, depois de perderem muitos mortos a feridos, entre elles, bravissimos officiaes.

N'este combate, foi mortalmente ferido (morrendo a 16, no hospital de sangue estabelecido no mosteiro de Grijó) o bravo e intelligente brigadeiro realista, Francisco de Magalhães Peixoto, junto a estacaria das trincheiras liberaes, á frente do regimento de caçadores da Beira Baixa (n.º 8.)

(Peixoto disse antes de principiar o ataque — «Eu conto morrer n'esta acção» — e morreu.

Disse-se que um alferes, que n'esse mesmo dia, ou no antecedente, se tinha passado para os liberaes, fez dirigir as pontarias dos soldados que commandava, para o infeliz fidalgo.)

Na vespera, e n'esse dia, um horrivel bombardeamento ás baterias—no qual se dispararam mais de 3:000 tiros de canhão —tinha precedido o ataque, que foi por seis vezes repetido, até á noite.

Os realistas tiveram 800 homens fóra do combate, e os liberaes 100.

Este foi o mais arrojado e o mais tenaz assalto, dado á Serra do Pilar.

Durante a guerra da *Maria da Fonte* (1846 a 1847) os *populares*, fortificaram a Serra do Pilar, ainda muito mais solidamente, e com mais amplidão, do que na guerra antecedente.

Alem das baterias, fossos e contra-escarpas serem construidas de robustas paredes de alvenaria, estava a fortaleza minada em tres pontos.

—

A Serra do Pilar ainda hoje é considerada como praça de guerra de 1.ª ordem; posto estar desartilhada e com os muros em ruinas.

PILARTE, PILASTRE e **PILHASTRE** — moeda antiga, portugueza.

Depois, o rei D. Fernando, mandou cunhar novos *pilartes*, tendo cada um o valor de 13 reis e 2 ceitis.

Tinham de um lado um F (Fernando) coroado.

Lavrou-se em memoria dos pagens, que traziam as *celladas* ou *barbudas* [1] dos soldados estrangeiros que vieram auxiliar o rei, na guerra contra Castella, e aos quaes em francez chamavam *pilartes*.

O mesmo D. Fernando, baixou depois o valor d'esta moeda, a 7 *dinheiros* ou *ceitis*.

PIGEIRO—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto admidistrativo, arcebispado e 25 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 43 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

PIGEIROS—freguezia, Douro, comarca,

[1] *Cellada* ou *barbuda*, o mesmo que capacête.

D. Fernando tambem mandou cunhar por esse tempo, uma moeda, á qual, pelo mesmo motivo, deu o nome de *Barbuda* — e tambem de *Cellada*.

Tinha de uma parte, uma *cellada* coroada, e o peito de malha, e em redor a legenda—SI DOMINUS MIHI ADJUTOR, TOM TIMEBO—e da outra parte—uma cruz de Christo, e no meio d'ella, um escudête, com as Quinas, e a legenda—FERNANDUS REX PORTUGALIAE AL.

Eram de prata, muito ligada, e valiam 20 soldos, que vinha a ser uma libra de 96 réis.

Depois, o mesmo rei, baixou esta moeda a 14 soldos—e, passados tempos, só valiam 2 soldos e 4 dinheiros.

Tambem se dava o nome de *barbudas*, aos soldados que usavam d'estes capacetes; assim como se chamavam *lanças*, os que combatiam com esta arma.

concelho, e 7 kilometros a E. da Feira, 30 ao S. do Porto, 15 ao N. de Oliveira d'Azemeis, 60 ao N.E. d'Aveiro, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago, Santa Maria.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

A casa de Paço de Pereiras, da Quintan, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Em 1834, Manuel Maria Colmeieiro, de Ovar, com o fundamento de ser descendente dos antigos padroeiros d esta egreja, se apossou de varias propriedades d'ella, dizendo que lhe pertenciam, visto deixarem de existir os padroados das egrejas, ou direito de apresentação,

O abbade collado, tinha fugido, e veiu para aqui, como encommendado, o padre Antonio Caetano Osorio Gondim, natural de Avintes.

Por morte do abbade, conseguiu a abbadia.

Então, influiu o povo da freguezía, para que tentasse contra o Colmeieiro, uma causa de reivindicação, promettendo que, vencida ella, se contentava com as propriedades reivindicadas, com a residencia, passaes, e pé de altar, e prescindia da congrua.

A demanda durou alguns annos, e o povo gastou muito dinheiro; mas venceu.

O abbade porém, tomou posse das propriedades, mas nunca quiz ceder nem um real da congrua, que disfructou até ao seu fallecimento.

—

A egreja matriz, foi incendiada durante a demanda [1] ardendo tudo quanto estava dentro, sem nada se poder salvar; mas foi logo reconstruida, á custa da freguezia.

—

O terreno d'esta freguezia, é bastante accidentado; mas tem muitas planicies ferteis, por ser abundante d'aguas, tanto de minas, como de alguns pequenos ribeiros que o atravessam. É muito povoada de arvoredos silvestres, principalmente pinheiros, dos quaes exporta para o Porto, madeiras, lenha e alguma resina. Cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra, e tambem produz boa manteiga de vacca, que vae em grande quantidade para o Porto.

Teve, até 1834, uma companhia de ordenanças, com seu capitão, officiaes, e bandeira.

É abundante de optimo peixe, do mar, que lhe fica a 20 kilometros a O.

Fica a 3 kilometros (ao E.) da estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto.

PINAÇA — portuguez antigo — pequena embarcação, de rêmo e vela, muito ligeira. Parece que o nome lhe procede por serem feitas de *pinho*, esta especie de embarcações.

Em 1326, D. Affonso IV mandou expedir um alvará régio, ao almoxarife d'Aveiro, para que *os baixeis e pinaças, que alli carregavão, não pagassem dizimo, mas só treze soldos e oito dinheiros.* (Doc. da camara do Porto.)

Em 1469, ainda outro documento da camara do Porto, falla em *pinaças*, como barcos pequenos.

PINDELLA — Casa solar, Minho, na freguezia de S. Thiago da Cruz, antigo julgado de Vermuim. (Vol. 2.º, pag. 451, col. 1.ª)

É um morgado instituido em 12 de maio de 1526, por Luiz de Carvalho e Prado, escudeiro fidalgo de D. João III, e por sua mulher, D. Beatriz d'Almeida.

Luiz de Carvalho, era filho legitimo de

[1] É certo que houve crime de *fogo pôsto*, visto que o incendio principiou por varias partes ao mesmo tempo, tendo as portas sido previamente ensopadas em agua-raz (ainda não estava descoberto o petroleo...). A maior parte do povo, attribuia o crime ao Colmeieiro, na intenção de — deixando de existir a egreja, acabar a freguezia, e elle continuar na posse das propriedades usurpadas.

Não faltou porém quem sustentasse, que o fogo foi mandado lançar pelo abbade, para, attribuindo o crime ao Colmeieiro, vencer mais facilmente a demanda.

O que é certo, é que ainda hoje se ignora quem foi o verdadeiro auctor do crime.

Este incendio teve logar pelos annos de 1844.

João do Prado, escudeiro fidalgo de D. Affonso V, commendador da ordem de Christo, senhor da torre da Juncosa, de Lourêdo, de Montalvão, Rivella, Xisto, Real, Rêde, e Pindella. Foi um grande capitão, que morreu valorosamente, na tomada de Arzilla, na Africa. Foi casado com D. Isabel Pinheiro, filha de Diogo Affonso de Carvalho, corregedor do Douro e Traz-os-Montes, no reinado de D. João I, e dezembargador do paço, de D. Affonso V—e de sua mulher, D. Branca Pinheiro, filha de Martim Gomes Lobo, alcaide-mór de Barcellos, e de D. Mayor Esteves Pinheiro.

Pelos *Prados*, é esta familia descendente de D. Fruella II, rei de Leão.[1]

Pelos *Carvalhos*, de Affonso Lourenço de Carvalho, da rica e nobilissima familia dos Carvalhos, de Guimarães, e bravo e fiel partidario de D. João I, um dos fidalgos que mais concorreu para que esta villa (boje cidade) tomasse o partido d'aquelle monarcha.

Pelos *Lobos*, procede dos senhores de Alvito e Oriolla, hoje marquezes de Alvito (os *condes-barões*).

Pelos *Pinheiros*, procede da nobre familia d'este appellido, que tem o seu solar em Barcellos. (Vide *Barcellos* e *Castanheira*.)

Os instituidores do vinculo de Pindella (Luiz de Carvalho e Prado, e mulher) não tiveram filhos, pelo que passou o morgado a seu sobrinho, Simão Pinheiro, escudeiro fidalgo da casa de D. João III, e quinto neto de Tristão Gomes Pinheiro, tronco d'esta familia, e fundador do solar dos Pinheiros, de Barcellos.

Simão Pinheiro, foi pae de D. Anna Pinheiro, que succedeu no morgado, porque seus irmãos não deixaram descendencia. Esta senhora, casou com Manuel Figueira, neto de D. Lopo de la Higuera, fidalgo castelhano, que veiu para este reino em 1475, e ao qual D. Affonso V fez commendador da ordem de Christo.

Os filhos de Simão Pinheiro, que morreram sem filhos, foram

Simão Pinheiro, que militou na India, sendo ahi governador de uma fortaleza.

Gaspar Pinheiro, que tambem serviu na India (e ahi viveu em companhia de seu tio, Martim Affonso de Souza, o grande vice-rei da India) e teve n'aquelle estado, altos empregos e as maiores honrarias.

Este Martim Affonso de Souza, foi o descobridor do Rio de Janeiro.

Christovão Pinheiro e *Estevão Pinheiro*, que, com grande numero de soldados, seus, com patentes e muitos criados de farda, acompanharam o rei D. Sebastião, na infeliz jornada de Africa, assistindo com distincção, á desastrosa batalha de Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578.

Tambem foram d'esta familia, varios ecclesiasticos, muito distinctos pelo seu saber e virtudes — entre elles

Miguel Pinheiro Figueira, conego da Sé primaz, e seu vigario capitular.

D. Diogo Figueira, deão da mesma Se—e

Xisto Figueira, commendatario da villa de Muhia, que escreveu a *Arte de rezar, conforme o rito bracharense.*

—

Pela successão no vinculo, de João Machado da Guerra Fagundes, filho de Antonio Machado da Guerra e Maia (capitão dos terços de Guimarães—por elle quasi todos armados e equipados, e que serviram no exercito de D. Gastão Coutinho, durante a guerra dos 27 annos—1640 a 1668)[1] e de D. An-

[1] Por morte de D. Ordonho II (923) D. Fruella II, seu irmão, usurpou a corôa a seu sobrinho (depois, D. Ramiro II — Vide *Ancora*, rio); mas sendo um rei pouco do agrado dos povos, estes o depozeram no fim de um anno, acclamando o legitimo herdeiro.

[1] Era 2.º sobrinho de D. Manuel Affonso da Guerra, feito bispo de S. Thiago, de Cabo Verde, eleito em 1622, que era doutor em Canones, pela universidade de Salamanca, e do conselho de D. Philippe IV, e homem de grande saber.

Prégou um sermão, que é uma raridade bibliographica.—Intitula-se—*Sermão de S. Thiago—prégado na presença de D. Philippe IV, na occasião em que este veiu Lisboa.*—Lisboa, officina de Pedro Craesbeek.

Instituiu um morgado na quinta da *Silva*, freguezia de *Gonça* (vol. 3.º, pag. 300, col.

na Fagundes de Mendanha, filha de Balthazar Pinheiro Lobo, 4.º senhor do morgado de Pindella, veiu a entrar n'esta casa, a baronia dos Machados, que até hoje se conserva no actual representante d'esta familia, 15.º neto de D. Mendo Moniz, rico-homem de Gondarem, que, pelo seu valor, se tornou celebre na tomada de Santarem (8 de maio de 1147) onde ganhou as suas armas. E a ser este D. Mendo Moniz, filho de D. Moninho Ozôres, conde de Cabreira, como opinam muitos dos mais distinctos linhagistas, é o actual senhor de Pindella, 29.º neto de Leovigildo, wisigodo, e primeiro rei d'esta raça, na Lusitania, pae do rei Flavio Ricaredo.

> Leovegildo era herege (ariano), e os lusitanos todos catholicos. O rei perseguiu todos os bispos e a maior parte dos homens notaveis em sciencias e virtudes, por seguirem o catholicismo; chegando a tanto o seu odio, que mandou assassinar seu filho, o martyr Santo Hermenegildo.
>
> Flavio Ricaredo, porém, abjurou o arianismo, pelo exemplo de seu irmão, e pelas predicas de S. Leandro, bispo de Sevilha, e foi elle proprio um sollicito missionario catholico, e exterminador do arianismo.

Ha pois toda a razão para crêr, que os Machados, de Pindella, são em Portugal os representantes principaes d'este nobre appellido.

Antonio Machado, d'esta familia, distinguiu-se na defeza de Melgaço, em 1643, e depois, na tomada de Salvaterra, na Galliza, em frente de Monção.

—

Entre a morte violenta de João Pinheiro Lobo, 5.º morgado de Pindella, e a successão de João Machado da Guerra Fagundes, ao qual foi por muito tempo imputado o tragico fim de seu tio (desde 1676 até 1702), teve esta familia enormes e dispendiosas demandas, com Manuel de Vasconcellos e Souza, filho mais novo do conde de Castello-Melhor, que se apresentou como pretendente á casa de Pindella, em nome de sua mulher, D. Constança Figueira, senhora da casa de *Linhares*, em Regalados.

Estas diuturnas questões, deram-se entre este Manuel de Vasconcellos, e Verissimo Pinheiro, filho bastardo de Balthazar Pinheiro Machado, irmão de João Machado, que, por morte de seu pae, 6.º senhor do morgado de Pindella, e na impossibilidade de seu tio succeder (por continuar compromettido no assassinato de José Pinheiro) reclamava o direito de successão ao vinculo.

—

Em 1679, estando em Pindella, Verissimo Pinheiro, foi-lhe cercada a casa, por um bando de gente armada, tendo á sua frente Manuel de Vasconcellos, que conseguiu, depois de uma refrega violenta, apoderar-se da casa, e n'ella se instaurar, como senhor.

Correram 23 annos de contendas, insultos e desordens, até que uma sentença, da casa da supplicação, fez entregar o morgado a Verissimo Pinheiro, que morreu em Braga (no mesmo anno em que tomou posse da casa), em 27 de maio de 1702. No dia seguinte, João Machado (já livre e absolvido) tomou posse dos morgados de Pindella.

—

O sr. João Machado Pinheiro Correia de Mello, fidalgo cavalleiro, com fôro da casa real, é o 12.º morgado de Pindella, 8.º do padroado d'Arnoso, 6.º dos morgados dos Guerras, e senhor da casa de Refalcão, em Cabeceiras de Basto.

Foi feito visconde de Pindella, em 30 de janeiro de 1854. É o actual representante d'esta nobilissima familia.

—

Pinheiro, é um appellido nobre em Portugal. Veiu de Hespanha, onde foi tomado de uma quinta, chamada *do Pinheiro* (por alli haver um pinheiro de extraordinaria grandeza).

1.ª), com casas nobres, na rua de S. Thiago, em Guimarães, em 10 d'agosto de 1622.

Este morgado e o de *Nossa Senhora da Embaixada*, instituido pelo licenceado Antonio Jorge da Guerra, passaram á linha dos morgados de Pindella.

Veiu para Portugal na pessoa de Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo gallego; ao qual o duque D. Affonso, encarregou da construcção dos muros de Barcellos, e n'esta villa estabeleceu o seu solar, e onde seus descendentes foram alcaides-móres.

Os Pinheiros trazem por armas—em campo de púrpura, um pinheiro verde, perfilado d'ouro, com pinhas do mesmo e raizes de prata. Junto d'elle, um leão, trepante, d'ouro. Timbre, o leão do escudo, com um ramo de pinheiro nas garras.

Os Pinheiros, de Guimarães, accrescentaram o escudo, do modo seguinte: — As armas antecedentes, com a legenda — HERCULEA QUODAM DUCTA FUERA MANU.[1] Elmo de prata, aberto, e o timbre antecedente.

Ha outra familia de Pinheiros, cujos progenitores vieram d'Aragão. Estes trouxeram por armas—em campo de prata, tres pinheiros verdes, em aspa. Elmo d'aço, aberto; e por timbre um dos pinheiros das armas.

[1] Esta legenda, vê-se no brazão d'armas, gravado na sepultura do bispo D. Diogo Pinheiro, no convento de Thomar, onde foi prelado, como vigario do mestrado da ordem de Christo. D. Diogo Pinheiro, era irmão do bispo do Porto, D. Henrique Pinheiro, auctor da *Carta á rainha D. Catharina*, escripta no Porto, a 13 de fevereiro de 1561, para que não deixasse a regencia do reino.

D. Diogo Pinheiro foi um varão doutissimo, e dotado de muita coragem. Foi primeiro commendatario de S. Simão, da Junqueira, conselheiro de estado, desembargador do paço, 35.º D. prior de Guimarães, e 1.º bispo do Funchal, em 1514.

Nas *Provas da Hist. Gen. da casa real*, por D. Antonio Caetano de Souza, vem o *manifesto*, em que se mostra a innocencia do duque de Bragança, D. Fernando II, a falta de provas da sua accusação, e a nullidade da sua sentença condemnatoria.

D. Diogo, não só escreveu este *manifesto*, como protestou, na sala do senado, diante de D. João II, contra a infamia da condemnação do duque.

D. Fernando II, duque de Bragança, foi degolado na praça grande d'Evora, a 22 de junho de 1483.

O patibulo d'este principe infeliz, foi erguido, junto ás casas do *José dos Baraços*, em frente da egreja de Santo Antão. (3.º vol., pag. 109, col. 1.ª)

Os Pinheiros d'Andrade, trazem por armas — em campo de prata, cinco pinheiros verdes, em aspa — chefe, carregado de uma banda de púrpura, perfilada de ouro, sahindo da bocca de dois tragantes de ouro, lampassados de púrpura. Elmo d'aço, aberto — e timbre, uma cabeça de serpe, d'ouro, lampassada de púrpura, com um ramo de pinheiro verde, na bocca.

Os Pinheiros, de Pindella, usam das armas do seu appellido, primeiramente descriptas, trazendo por timbre, uma cruz da ordem do Templo.

Mas, a *pedra d'armas* que encima uma das portas da vasta capella d'esta casa, tem o brazão assim gravado — escudo dividido em palla — na 1.ª, as armas dos Figueiras (em campo d'ouro, 5 folhas de figueira, verdes, em aspa, orla de púrpura, com uma corrente de prata, fechada por duas estrellas d'ouro), na 2.ª, o escudo dos Pinheiros. Elmo e timbre como o antecedente.

A cruz dos *cruzados*, attesta a descendencia dos senhores do castello de *Nareyo*, na Galliza, que deram muitos cavalleiros ás guerras das Cruzadas.

A corrente que cérca o escudo dos Figueiras, é para differençar esta familia, como representante de *D. Lopo de la Higuera*, de Toledo, do qual já fallei; cuja nobre ascendencia é conhecida até D. Alvaro Dias de la Higuera, heroico defensor de Toledo, no tempo de D. Affonso VI, que tomou o titulo de imperador das Hespanhas, em 1071, sendo até então, rei de Leão. (Era o pae de D. Thereza, mãe do nosso D. Affonso Henriques.)

PINDÊLLO — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 5 kilometros a N.E. de Oliveira d'Azemeis, 40 kilometros ao S. do Porto, 66 a N.E. d'Aveiro, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago, Santa Maria.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A abbadessa do mosteiro de freiras franciscanas, de Monchique, na cidade do Porto, apresentava o cura, que tinha 65$000 rs. e o pé de altar.

Pindêllo, é diminutivo de *Pindo*. (Vide esta palavra.)

Ha n'esta freguezia uma aldeia chamada *Vermuim*. A razão porque se lhe deu este nome, vem em *Ossella*.

O terreno d'esta freguezia é bastante montanhoso, mas os seus valles são muito ferteis, porque os regam varios ribeiros e arroios.

Cria muito gado de toda a qualidade, exportando bôis gordos para a Inglaterra. Já aqui se fabrica bastante e optima manteiga de vacca, que se exporta para Aveiro e Porto.

Ha n'esta freguezia algumas fabricas de chapeus, mas todas insignificantes.

Tem uma grande mina de cobre, de uma companhia portuense de mineração; mas apenas está em trabalhos de pesquiza.

É abundante de caça miuda, e no inverno ha tambem lobos.

A egreja matriz é muito antiga e pequena.

Faz-se aqui uma feira de gado, em todos os dias 23 de cada mez.

PINDÊLLO — freguezia, Beira-Alta, no concelho e 12 kilometros de S. Pedro do Sul, comarca de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 12 da villa de Rériz, 6 da villa d'Alva, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora dos Milagres.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mesma etymologia.

O arcediago da Sé de Lamego (denominado, *arcediago de Pindêllo*) apresentava o cura (ou vigario) *ad nutum*, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar. O arcediago, recebia os dizimos da freguezia; e apresentava o eremitão, ou capellão de Nossa Senhora dos Milagres.

É povoação muito antiga; pois já existia em 1290. Nas *Inquirições* mandadas fazer pelo rei D. Diniz, n'esse anno, se vê que parte da povoação de *Pindêllo, d'Alafões*, era de furamontãos, da ordem do Hospital.

Foi do termo da villa d'Alva, e do extincto concelho de Lafões.

É terra muito abundante d'aguas, e, por isso, muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e as suas vitellas são famosas, pela excellencia da sua qualidade.

No alto de um pequeno monte d'esta freguezia, povoado de carvalhos frondosos e seculares, está a grande capella de *Nossa Senhora dos Milagres*. Não se sabe com certeza a origem da imagem da padroeira d'esta capella

Dizem uns, que ella estava occulta no tronco de um dos carvalhos d'este monte — outros, que fôra para aqui trazida por um peregrino desconhecido.

Havia n'este sitio, uma antiga capella, dedicada a S. Domingos, já então cercada de carvalhos, sobre os quaes se juntava tão grande multidão de corvos, que, com o seu constante grasnar, incommodavam os moradores da aldeia de Pindêllo.

Um lavrador d'ella, hindo cortar o ramo de um dos carvalhos, achou na toca, a imagem da Senhora, e dizendo-o aos visinhos, a foram logo collocar na capella de S. Domingos; e, como a Senhora principiou logo a obrar muitos milagres, lhe puzeram o titulo de Nossa Senhora dos Milagres, perdendo desde então a capella a sua antiga dedicação a S. Domingos. Esta é a primeira versão.

A segunda, é a que se segue:

Passando por este logar um peregrino, que levava esta imagem, cinco corvos sahiram de um carvalho, e o não deixaram passar, fazendo em redor d'elle tal motinada, com as asas e as grasnaduras, e accomettendo-o com os bicos, de tal modo, que elle se escondeu na capella, pondo n'ella a imagem da Senhora.

E' certo que no templo está uma pintura commemorando este facto; e por baixo d'ella uma inscripção latina, mas em letras gothicas, que diz (traducção):

AOS XVII DE FEVEREIRO DE MIL K VII [1]
FOI POSTA NOSSA SENHORA
N'ESTE ORAGO DE S. DOMINGOS
E FEZ ESTE MILAGRE.

[1] 1157. O k, entre os antigos, como letra numeral, valia. 150—ou 151 — e tendo um til,—valia 150:000, ou 151:000.

A capella actual é de bôa architectura e de optimo granito, muito bem lavrado.

Tem tres altares—o mór, e dois lateraes; em um d'estes, está S. Caetano; e no outro, Santa Eufemia.

A padroeira está no altar-mór.

Tem um alpendre ou galilé, tambem de bonita architectura, feito em 1655, á custa do vigario, Antonio de Paiva.

Perto da ermida, ha uma fonte de optima agua potavel.

Ha aqui uma grande romaria, a 15 d'agosto de cada anno.

Antigamente, tinha esta Senhora muitas offertas, consistindo a maior parte d'ellas em *pêsos* de trigo, cêra, e fogaças.

Actualmente, o rendimento das esmolas e offertas é diminuto.

PINDÊLLO DE NESPEREIRA—A paginas 37, col. 1.ª, do 6.º volume, tratei da freguezia de *Nespereira*, da Beira Alta, na comarca de Sinfães.

Depois d'isso, tive mais esclarecimentos de que não quero privar o leitor, pelo que os dou, n'esta aldeia de *Pindêllo*, uma das que compõe a parochia de Nespereira.

A egreja matriz (no logar de Nespereira) é um bom e antigo templo, do qual foram (em tempos antigos) padroeiros, os condes (depois marquezes) de Marialva.

Pela extincção d'esta casa, passou ao real padroado; mas o parocho, por disposição regia, dava parte dos disimos ao patriarcha.

Os disimos da freguezia de Santo Ericio, hoje annexa á de Santa Marinha de Nespereira, eram do commendador de Santo Ericio, que a apresentava, antes de passarem os disimos e o padroado para o pontifice, e para o bispo de Lamego.

O reverendo sr. José Peres Galvão, abbade da freguezia de Santa Maria de Sobrado, no concelho do Castello de Paiva, e arcipreste da comarca ecclesiastica do mesmo concelho—dignissimo e muito illustrado sacerdote do bispado de Lamego, viu no côro da egreja do mosteiro de S. João de Alpendurada, uma *tabella* das egrejas que este mosteiro apresentava, e n'ella se comprehendia a de *Santo Eurico de Nespereira*.

O *Portugal Sacro e Profano*, porém, diz que era da apresentação alternativa, do papa e do bispo de Lamego. Provavelmente houve alguma troca, o que era muito frequente, em tempos que não vão longe.

O commendador, alem dos disimos e do padroado da egreja, tinha uma vasta propriedade, por isso chamada — *Quinta da Commenda*.

Foi depois de 1834, vendida em hasta publica, e a comprou um sujeito de Lisboa, que ha poucos annos a vendeu ao cirurgião, o sr. José Maria Correia d'Oliveira, hoje residente (como cirurgião do partido da camara) na villa da Redinha.

A *casa do foral* do mosteiro d'Alpendurada, era a da *Garrida*, na Granja.

Foi comprada por Carlos de Serpa Pinto, e hoje pertence ao seu herdeiro, o sr. Victorino do Amaral Semblano.

Havia uma outra na aldeia do Souto, da qual já não ha vestigios.

—

No logar do Souto, existe ainda, muito bem conservado, o antigo pelourinho do municipio de Nespereira.

E' tradição que o concelho de S. Fins, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855, estava antigamente comprehendido no concelho de Nespereira, do qual se desmembrou.

O que é certo, é que a camara de S. Fins, tinha obrigação de hir assistir á procissão de Corpus Christi, a Nespereira.

Ribeiros

1.º—E' esta freguezia regada por um ribeiro, que desagúa no rio Paiva, no logar de *Ardêna*, e porisso alguns lhe dão o nome de Ardêna; mas tambem lhe chamam *ribeiro da Balsa*, do *Linhar do Negro*, e, finalmente, de *Fojô*.

Nasce no sitio de S. Pedro do Campo, freguezia de Tendaes; e, depois de passar pelos logares de Nóninha e Bostêllo, atravessa a freguezia de Nespereira, de E. a O.

Foi d'este ribeiro que os d'Alvarenga levaram a agua, pelo *rêgo do Bôi*, para regarem as suas terras, e fazerem mover os seus moinhos. (Vol. 1.º, pag. 175, col. 1.ª)

Chamou-se-lhe *rêgo do Bôi*, porque na manhan seguinte á noite em que o abriram, comeram um bôi, e beberam algumas pipas de vinho.

Este ribeiro, tem as pontes seguintes:

Duas, de pedra, em Nóninha — outra de pedra e uma de madeira, em Bostêllo—uma de madeira, em Fojô—uma de madeira, na Carvalha, limites do logar de Paradella — uma de madeira, no Linhar do Nêgro—uma de pedra, na Balsa—uma de pedra, no Passadouro — perto da Ardêna, uma de madeira.

Tem pois 5 pontes de pedra, e 5 de madeira.

Serve de motor a muitos moinhos (de trigo e milho) um pisão, de burel, um engenho de maçar linho, e 3 de serrar madeira.

—

2.º—*Ribeiro da Lavandeira.*—Nasce nos montes da Franqueira, e vem (sempre por terras da freguezia de Nespereira) desaguar no Ardêna, perto do sitio da Cavada.

Tem uma ponte de pedra, no sitio da Macrusdeira.

Suas aguas fazem mover moinhos, de milho; um engenho de serrar madeira, e um lagar de azeite.

Os montes da *Franqueira*, são d'esta freguezia. (Vol. 3.º, pag. 177, col. 2.ª)

—

3.º—*Rio de Santa Marinha.* — Nasce no Fojo de Ervilhaes (d'esta freguezia) e desagua tambem no Ardêna, no sitio da Pereira.

Tem 4 pontes de pedra:

A 1.ª, em Ervilhaes—a 2.ª, em Cabo da Aldeia — a 3.ª, em Barreiros—e a 4.ª, em Santa Marinha—e uma de madeira, na Pereira.

E' motor de moinhos de milho, um de serrar madeira, e um lagar de azeite.

—

4.º—*Ribeiro de Rialongo.*—Nasce no logar de Villar, freguezia de Piães, e vem (só por terras d'esta freguezia de Nespereira) desaguar tambem no Ardêna, proximo a Rio de Moinhos, onde tem uma ponte de Pedra.

Tem moinhos, de milho; e um lagar de azeite.

—

Ha na freguezia, alem dos mercados de 4 e 18 de cada mez—uma feira annual (*franca*) a 6 de agosto.

Tem dois *engenhos* de maçar linho, movidos por bois — e duas bôas philarmonicas.

—

É terra muito fertil em cereaes, vinho (verde, mas optimo) aseite, castanhas, e excellentes fructas, hortaliças e legumes.

Exporta madeiras de castanho, de superior qualidade; mas, muitas mais exportaria, se tivesse estradas; que o que tem, mais merece o nome de barrancos e atoleiros, do que de vias publicas.

Algumas antigas que havia, desde 1855, em que o concelho de Santins foi supprimido, nunca mais se concertaram, e estão por isso impraticaveis, apezar do povo pagar meia decima para os seus reparos... á camara de Sinfães.

Capellas particulares

1.ª—*S. Francisco*—no logar de Figueiredo—em ruinas.

Foi mandada edificar por um conego da Sé de Miranda, no seculo XVII.

Doou-lhe algumas propriedades para a sua fabrica, que foram usurpadas (ou cujos possuidores só trataram de lhe comer os fructos, e deixaram arruinar a ermida—que vale o mesmo.)

2.ª—*S. Vicente*—no logar da Granja.

Foi construida e dotada, por José Carlos de Serpa Pinto.

3.ª—*O Senhor dos Remedios*—no logar de Cadafaz.

Foi mandada edificar e dotada, pelo padre José Gonçalves.

E' hoje do sr. José Pereira, da Varzea, d'esta freguezia.

4.ª—*S. Caetano das Moutas*—na Feira.

E' de differentes visinhos, que a fabricam.

5.ª—*Nossa Senhora do Rosario*—no Souto.

Foi mandada edificar e dotáda, pelo padre Gonçalo Pereira.

Consta que foi vinculada. Está abandonada. (Aconteceu-lhe como á primeira.)

6.ª—*Nossa Senhora da Livração*—em Lourosa.

Consta que foi tambem de um vinculo extincto.

7.ª—*Santo Antonio*—em Villa Mean de Paradella.

E' da casa dos Monteiros.

Tem patrimonio no Souto dos Barraes, e um individuo da freguezia de Penúde, proximo a Lamego, lhe pagava sete alqueires de trigo; mas, ha muitos annos se *chamou á Malta.*

8.ª—*Santo Antonio*—no logar de Ervilhaes.

Está abandonada.

Foi mandada edificar por Gonçalo Vaz Leitão.

Consta tambem que foi cabeça de um vinculo.

E' hoje do sr. padre Manuel Pinto Brochado e Brito, descendente em linha recta, do fundador.

9.ª—*Nossa Senhora da Conceição*—no logar de *Pindêllo.*

Abandonada. Pertence á casa da Póvoa, da freguezia de Piães.

Capellas publicas

10.ª—*São Braz*—no logar de Villa Chan.

11.ª—*Nossa Senhora das Necessidades* — no logar de Ervilhaes.

Está bem conservada, e se lhe faz a festa, na 2.ª dominga de junho.

12.ª—*Santo Ericio* (ou *Eurico*) —antiga matriz, da freguezia e aldeia d'este nome, annexa á parochial.

Em bom estado.

PINDO—freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 12 kilometros a E. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 311 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

(Vide *Córgas*, a pag. 383, col. 2.ª, do 2.º vol.)

E' povoação muito antiga.

Em 1349, Gonçalo Esteves de Tavares, e sua mulher, Leonor Rodrigues de Vasconcellos, fizeram seu testamento de mão commum, e por elle instituiram o *morgado da Bouça, em Terra de Tavares*, com certas capellas (de missas) na egreja, que fizeram edificar *na sua herdade da Córga, não longe de Viseu;* e um hospital, junto á dita egreja, para 24 pobres, honrados ou envergonhados, ou invalidos, de honesta vida e bons costumes.

(Vide *Pico de Regalados*, na parte que diz respeito aos condes de Fornos de Algodres.)

Este hospital, ou asylo, era differente do das *mercieiras*, de que fallo no logar citado, do 2.º volume.

—

Todos sabem que *Pindo*, era um monte consagrado ás Musas, e que separava o Epiro da Tessalia, em toda a sua extensão.

E' pois provavel, que fossem os romanos que dessem o nome a esta povoação.

Capellas da freguezia

Nossa Senhora d'Entr'Aguas, cujo templo primitivo remonta a uma época anterior á nossa monarchia.

A ermida actual, foi construida proximo da antiga, como adiante direi.

Chama-se *Senhora d'Entr'Aguas*, por ficar entre os rios *Dão* e *Cója*, ambos proximos ao templo.

A ermida antiga, tinha só um altar, e era

pequena e pobre; a imagem da padroeira é de barro, de 0'ᵐ55 de alto.

Teve antigamente uma irmandade, á qual o papa Alexandre VII concedeu muitas indulgencias, pelos annos de 1660.

Depois, foi approvada pelo ordinario, e constava de 120 irmãos e 30 irmans; mas, passados tempos, foi o numero dos primeiros, elevado a 140, e o das segundas, a 50.

Teve capellão, que servia de escrivão da irmandade.

A festa da Senhora, faz-se no dia da sua Assumpção (antigamente era no dia da Purificação) sahindo a irmandade, em procissão, da egreja de Pindo.

E' muito concorrida.

Mudou-se o dia da festividade, porque, como o dia da Purificação da Senhora é a 2 de fevereiro, acontecia em muitos annos não se poder n'aquelle dia atravessar o Cója, pelo grande volume d'agua que então levava.

Os irmãos d'esta confraria, eram de trez concelhos—Penalva, Povolide e Azurára.

Os unicos rendimentos da capella, são as esmolas e offertas; e tambem com ellas se sustentava o eremitão, que era apresentado pelo parocho da freguezia.

—

Em 1703, sendo a ermida pequena, e estando muito arruinada, se deu principio á actual, que se construiu a pouca distancia da antiga, mas mais proxima ao logar dos *Moinhos*.

Em 15 de agosto de 1706, foi a Senhora collocada na sua nova capella, havendo então uma festa esplendida.

Agora tem a ermida, capella-mór, com sua tribuna, e dois altares lateraes.

Tem sachristia, e casa para residencia do eremitão, com uma pequena horta.

—

Nossa Senhora da Expectação, ou das *Córgas*.

Situada no centro da aldeia das Córgas ou Córga.)

Foi fundada em 1585, por devoção de Gonçalo Peres, natural de Tavares, que assistia na sua quinta de Bouça, a 6 kilometros de distancia da capella e da egreja matriz.

Foi esta capella edificada sobre as ruinas de uma outra muito antiga, que aqui existia, e cuja origem se ignora, e que, segundo a tradicção era anterior ao seculo XIV.

O fundador (da nova capella) alem de a mandar fazer com magnificencia, lhe deixou todos os seus bens, ou a maior parte d'elles; com obrigação de darem casa, roupa e sustento, a 4 mulheres donzellas, pobres de honesta vida e costumes, e que, pela sua edade ou padecimentos, não podessem trabalhar—e de se sustentar um hospital (fundado pelo mesmo Gonçalo Peres) para doentes pobres.

Cada um d'estes estabelecimentos, tinha capellão privativo.

A festa d'esta Senhora, é a 18 de dezembro, que é o seu dia proprio; havendo aqui por essa occasião, uma soffrivel feira, bastante concorrida.

Alem d'isto, hiam da egreja duas procissões em visita á Senhora—uma, no 1.º dia depois da *dominica in albis*; e outra no dia da sua Visitação.

Da ermida sae tambem uma procissão para a egreja matriz, no dia do Anjo Custodio.

A ermida é muito linda, e feita com grande perfeição.

Tem capella-mór, com sua tribuna, e dois altares lateraes.

Na tribuna, está a padroeira, no da direita, Nossa Senhora da Graça, e no da esquerda, Santa Catharina, martyr.

E' sagrada.

A imagem da padroeira, é de pedra, de 0,ᵐ77 d'alto, e de muito bôa esculptura.

Teve esta capella muitas rendas, das quaes, apenas 4$000 réis se gastava na fabrica, o resto era para as *merceeiras*, cujo recolhimento era junto á ermida.

Tinham estas obrigação de assistirem a todas as missas que se dissessem na capella, varrêl-a, e cuidar dos altares; e rezar 80 Padre-Nossos, e 80 Ave-Marias, pela alma do fundador.

O bispo é que nomeava estas merceeiras.

Tinha dois capellães, que todos os dias

diziam missa á Senhora, e tinham bons rendimentos.

Além d'isso, havia um administrador, ecclesiastico, que tinha de renda as sobras ou saldo de cada anno.

Todos tres eram nomeados pelo bispo.

O administrador, tinha um *prioste*, secular, que cobrava os rendimentos, e pagava todas as despezas, dando conta ao administrador.

A casa dos Antas de Penalva, a de Gondomar, e outras casas nobres do bispado, eram foreiras a esta capella.

Tambem lhe pagam foro, muitas egrejas, e no Algarve, era foreira, a capella de Gil Vaz Lobo, que de um prazo lhe pagava 22$000 réis.

—

Nossa Senhora da Assumpção, de Roriz—Foi esta ermida edificada por uma senhora chamada, D. Maria de Albuquerque, pelos annos de 1650.

Fica contigua ás casas que foram da fundadora, com as quaes communica, e tem uma tribuna d'onde ouvem missa as pessoas d'aquella casa.

Tem só o altar-mór.

Não se faz a festa d'esta Senhora, no seu dia (15 de agosto) por ser n'esse a festa da Senhora d'Entr'Aguas; mas sim no domingo seguinte, ou em qualquer outro, á vontade dos herdeiros da fundadora.

PINDO—serra, Traz-os-Montes, na comarca, concelho e 18 kilometros a E. de Montalegre.

E' um ramo da serra de *Leiranco*, já descripta.

Encadéia se com a cordilheira de *Calvão* e *Castellãos*, no concelho de Chaves.

Por ella corre a antiga estrada de Montalegre para Chaves, e serve de divisão entre estes dois concelhos.

Vide *Leiranco*.

PINDRA—portuguez antigo—penhor.

E' frequentissima esta palavra nos foraes dos seculos XII e XIII—assim como—*pindrar*—penhorar.

No foral de Castello Branco, de 1213 (certamente dado pelos templarios, pois Franklim não o traz) se diz:

Et qui in Villa pignos afflando fiador; et ad montem fuerit pindrar; duplet a Pindra, et pectet LX solidos, et septem a Palatio. (Doc. de Thomar.)

PINDRAR—vide *Pindra*.

PINÉLLA — freguezia, Traz os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 50 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago, S. Nicolau.

O abbade de Serapicos, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

E' terra pobre, e pouco fertil.

PINÉLLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, concelho do Vimioso (foi do mesmo concelho, comarca do Mogadouro) 24 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 115 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' povoação antiquissima, e já era villa no tempo de D. Affonso Henriques, que no ultimo anno do seu reinado (1185) a deu ao mosteiro de Castro d'Avellans (assim como a villa de *Santulhão*) em troca das terras que hoje constituem os arrabaldes de Bragança.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Leça do Bailio, a 4 de julho de 1288. (*L.º 1.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 234 v., col. 2.ª, no fim.)

E' terra pobre e pouco fertil—e está situada perto da raia.

PINÉTO — antiquissima cidade da Lusitania, situada proximo á actual freguezia de *Valle de Têlhas*, na comarca e concelho de Mirandella, bispado e districto administrativo de Bragança—30 kilometros a E.N.E. de Chaves.

Prova-se esta situação, pelo itinerario de Antonino Pio, que, fallando da via militar romana, de Braga a Astorga, diz que, de

Aquas Flavias (Chaves) *a Pinéto* são cinco leguas—que é a distancia de Chaves a Valle de Telhas.

E' certo que esta estrada hia de Chaves a Valle de Telhas, e d'ahi a Vinhaes, segundo se infere de um marco milliario que existe (ou existiu) em Valle de Telhas.

O nome d'esta cidade, é romano (Pinetum) provavelmente, por haver nesses tempos, algum pinhal n'este sitio.

(Na Italia, junto a Ravena, ha uma povoação chamada *Pineto*.)

D'esta cidade trata tambem Ptolomeu, na 2.ª *Tábua da Europa*, cap. 6.º, na descripção da chancellaria de Braga; e a situa em 7º e 50' de longitude, e 43º e 30' de latitude.

Hoje, apenas poucos, e pouco visiveis restos existem d'esta cidade; mas ainda ha 200 annos aqui se viam restos de bons edificios; columnas, estatuas mutiladas; cippos e outros objectos.

Na povoação de Valle de Telhas, ha ainda uma pedra, que parece ter sido pedestal de alguma estatua, com uma inscripção que hirá no logar competente; assim como a menção de outras antiguidades.

A via militar romana, cortava perto d'esta cidade, o rio *Rabaçal*, por uma ponte, junto da qual existiu um marco milliario, com esta inscripção:

IMP. CAES. C. IVL.
VERUS MAXIMINUS P. F. AVG.
GERM. MX DAC. MAX. SARM.
PONT. MAX. TRIB V. IMP. VII. P. P. CÕS.
P. CÕS. FILI. VIVERUS MAX. NOBIL-
ILISSIMUS CAES. G. FR. MAX. DAC. MAX.
SARM MAX. PRINCEPS JUVENTUTIS
F. B. NIMI CAES JUL. VERI.
MAXIMINI PE. AUG VIAS E PONTES
TEMPORIS VETUSTAE CONS. B S. SOS.
RESTITUERE CURARUNT CUR.
DECIO. LEG. AUG. G. P. P.

Esta inscripção está com alguns êrros, ou pela ignorancia de quem a gravou, ou pela de quem a copiou—quer dizer:

O imperador, Cesar Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto; germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, pontifice maximo. Cinco vezes investido do poder tribunicio; sete vezes imperador; pae da patria; consul e proconsul—e Caio Julio Vero Maximino, nobilissimo cesar; germanico maximo, dacico maximo, sarmatico maximo, principe da mocidade—filho do nobilissimo imperador, Cesar Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz, augusto; mandaram reformar as estradas e pontes, arruinadas com o tempo, sendo superintendente d'estas obras, Quinto Décio, legado do imperador, pro pretor (ou prefeito do pretorio.)

PINHAL—Já a pag. 617, col. 2.ª, do 6.º volume, nas palavras *Penhão* e *Pinhão*, disse que, entre outras muitas palavras, andavam confundidas *Penhal* e *Pinhal*.

Todos sabem que *penhal*, é o logar onde ha um agglomerado de *penhas*—e *pinhal*, o terreno semeado de *pinheiros*—*pinheiral*.

Na duvida, puz tudo em *Pinhal*.

PINHAL (*de Leiria*.—Aqui é certamente *pinhal*)—Extremadura.

Principia no fim da freguezia de *Carvide* (vol. 2.º, pag. 138, col. 2.ª) correndo paralello á costa maritima, por espaço de 24 kilometros de comprido, por 12 de largo.

Parece que o infeliz D. Sancho II (*o Capêllo*) mandou dar principio á sementeira d'este pinhal, pelos annos de 1240.

Foi porém o rei D. Diniz—com justiça cognominado, *o lavrador*—que em 1290 fez dar um verdadeiro desenvolvimento a esta empreza, transformando areaes estereis e improductivos, em uma vasta e rendosa matta de pinheiros, que, alem do grande rendimento que produz ao estado, e de fornecer combustivel barato a varias industrias e casas particulares, evita que as esterilisadoras areias do mar, penetrem pela terra dentro, aniquilando a vegetação.

Todos os reis de Portugal que succederam a D. Diniz, até D. Manuel, cuidaram mais ou menos, da conservação e augmento d'este pinhal, e, no reinado d'este ultimo monarcha, era elle uma das melhores—se não a melhor—propriedade de raiz da nação portugueza.

Desde D. Manuel até D. João III, com as optimas madeiras do pinhal de Leiria se construiram esses innumeraveis *galeões*, *gal-*

lés, caravellas, e outros vasos de guerra e mercantes, que levaram o nome portuguez ás praias e ilhas do mar da India; a muitos e grandes paizes do Oriente; aos mares do Japão e da China; ás ilhas da Oceania; ás costas orientaes e occidentaes da Africa; e aos vastissimos sertões da America.

—

São duas as especies de pinheiros que formam a quasi totalidade d'esta extensa matta—o bravo (*pinus maritimo*) e o manso (*pinus pinea*); mas nos nossos dias, tem se aqui feito vastas sementeiras de *pinus larix*, e outras variedades, do norte da Europa, que produzem optimas madeiras de construcção.

Com o tempo, e ao passo que as arvores vão augmentando de volume, e a matta de espaço, augmenta o valor da madeira e da lenha.

—

Actualmente, tem o pinhal, pouco mais ou menos, uma superficie de 9.532:000 hectares, arborisados—184:000 hectares de novas sementeiras. — Ainda ha mais de 2.000:000 de hectares por arborisar.

Calcula-se que a massa florestal, vale 702:500$000 réis — e os terrenos occupados pela matta, 116:230$650 réis — total — 818:730$650 réis.

Confina pelo N., com a foz do rio Liz, e a freguezia de Vieira—pelo E., com as freguezias da Marinha-Grande, Amor, e Pataias—pelo S, com a charneca dos freires, de Alcobaça, e valle de Agua-de Medeiros—e pelo O., com volumosas *dunas*, e com o Oceano.

A séde da administração d'esta matta, é na bonita povoação da Marinha-Grande. O edificio onde estão as repartições competentes, foi principiado quando o coronel Varnhagem geria os negocios da matta, e concluido pelo seu successor, o conselheiro João de Fontes Pereira de Mello.

Este edificio consta de duas grandes divisões—1.ª, ao S, é superintendida pelo administrador, que reside na Marinha-Grande —2.ª, ao N., superintendida pelo mestre, que reside em Vieira.

—

Quando no fim do seculo XVIII, o esclarecido ministro da marinha, Martinho de Mello e Castro, fez a reforma das superintendencias dos pinhaes do estado, deu uma administração especial ao de Leiria, compondo o seu pessoal, do modo seguinte:

Um administrador—um juiz conservador (que era o corregedor de Leiria)—um mestre do pinhal—um fiel de armazens, no porto de S. Pedro de Muel—um guarda, na fabrica da madeira—um cabo dos guardas do pinhal—seis guardas—um patrão, para os sáveiros de conduzir madeira para bordo das embarcações do arsenal da marinha.

Hoje tem o seguinte pessoal:

Administrador, 1—thesoureiro, 1—escrivão, 1—amanuenses, 2—mestre, 1—cabo da guarda, 1—capatazes, 2—guardas de numero, 13.—Ha guardas supranumerarios, ou extraordinarios, sem numero fixo. São admittidos ou despedidos, segundo as urgencias do serviço.

Os guardas são uniformisados—de inverno, usam calça de brixe, com vivos verdes —e de lona crua, no verão—gravata preta —bonet (képi) com as iniciaes G F (guarda florestal) de metal amarello—bluza de zuarte azul—polaina curta, de couro branco, por cima da calça, no inverno, e de lona crua, no verão—bolsa de couro, a tiracolo, tendo na frente, sobre o peito, uma chapa de latão, com as armas de Portugal e o distico —ADMINISTRAÇÃO GERAL DAS MATTAS.—O armamento é como o dos artilheiros. O cabo, tem o mesmo uniforme, com a differença de ter um galão de prata, no braço esquerdo—uma casa, de galão de prata, sobre pano verde, de cada lado da góla; e calça, botas e esporas, como as dos soldados de cavallaria do exercito. Anda armado de uma espada, de bainha de ferro, e de duas pistolas d'arção.

—

O rendimento annual do pinhal de Leiria, anda por 30 contos de réis, e a despeza, por 14; sendo portanto o liquido 16 contos de réis.

—

Para facilitar a conducção dos productos do pinhal de Leiria, ao porto de S. Martinho, se dotou a Marinha-Grande com um caminho de ferro, do systema americano

(*rail-road*) cuja construcção principiou em 1859 e se concluiu em 1864. Custou 155 contos de réis.

A circulação d'esta linha, faz-se em todos os dias não sanctificados. Um comboio, parte de S. Martinho ás 8 horas e outro de Pedreannes, ás 9 — da manhan — gastando o 1.º, oito horas no trajecto, e o 2.º seis.—Os comboios, são ordinariamente de 10 *wagons*, levando cada um o pêso de 4:500 kilogrammas.

—

Por varias vezes se tem incendiado o pinhal de Leiria (ou *pinhal d'El-Rei*, como tambem se chama) umas vezes casual, outras criminosamente.

Os fogos mais modernos que teem aqui havido, são:

Em 25 de maio de 1875. Foi pavoroso, e causou um grande prejuizo ao estado, e não pequeno para muita gente, que tinha n'aquelle sitio grande porção de penisco, prestes a ser colhido.

Parte do pinhal, nas proximidades da Ponte Nova, foi pasto das chammas, em uns dez kilometros de circumferencia.

No dia 26, reanimou-se o incendio, com uma violencia extraordinaria, apparecendo em chammas, uma área de mais de 300 hectares.

Acudiu muita gente, e com grande custo se pôde dominar o incendio; perdendo-se todavia o melhor arvoredo, de mais de 50 annos de edade, comprehendido entre os *aceiros* [1] de Rio-Tinto e do Garcia.

O fogo principiou nas immediações da Ponte Nova, e caminhou para o S. e O., até ás proximidades de S. Pedro de Muél, poupando todavia uma grande porção de arvoredo, entre os aceiros das Gaieiras, e Guarda-Nova. Depois, dirigiu-se para o N., até ás Crastas e no sentido do aceiro de Pedreannes, onde passou a distancia de uns 1:200 metros, chegando a atravessar o aceiro do Varnhagem, onde se conseguiu atalhal-o, e poupar os melhores povoamentos, em que está estabelecido o campo da resinagem.

A totalidade da área queimada, mediu, aproximadamente, uma superficie de mais de 300 hectares, e era circumscripta por uma linha de uns 9 kilometros.

Calculou-se em uns 10 contos de réis o valor das arvores incendiadas; mas o estado só perdeu uns 6 contos, porque o arvoredo queimado, que se vendeu, produziu uns 4 contos de réis.

Ha gravissimas suspeitas que o fogo foi pôsto, nas cercanias da Ponte Nova.

No principio do incendio, havia uma grande tempestade, que o fazia propagar, e não o deixava extinguir; mas sobreveiu muita chuva, que ajudou a apagal-o.

—

Em 16 de março de 1876, outro incendio percorreu uma área de 1:200 metros do pinhal; mas os prejuizos foram muito menores do que os do antecedente.

—

Para o mais que se desejar saber, com respeito a este pinhal, veja-se *Carvide*, *Leiria*, e *Marinha-Grande*.

PINHAL (*do Camarído*) — Minho. — Vide *Camarído* e *Caminha*.

PINHAL (*da Azambuja*)—Vide *Alemquer*, *Ameixoeira*, *Azambuja*, e *Otta*.

PINHAL DO DOURO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncôrvo (foi da mesma comarca, mas do concelho — extincto — de Villarinho da Castanheira), 120 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia é creação moderna, e foi desmembrada da seguinte.

PINHAL DO NORTE—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncôrvo, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757 (esta freguezia e a antecedente) tinha 110 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

[1] *Aceiro*, é terra lavradia, ou desmontada, em volta de um pinhal, ou qualquer matta ou bosque, para que o fogo não passe d'ahi.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Marzagão apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Ambas estas freguezias são pouco productivas em cereaes e fructas, mas abundantes de pastos e caça. Cria bastante gado, de toda a qualidade, e algum mel e cêra.

PINHAL NOVO—aldeia, Extremadura (ao S. do Tejo), entre a Moita e Palmella. É a 5.ª estação do caminho de ferro do S. e S.E., e entroncamento.

Junto d'esta aldeia, se estabeleceu e prospéra uma colonia, que principiou por casas para residencia de empregados e operarios do caminho de ferro, quasi todos do districto administrativo d'Aveiro. Depois, attrahidos pelas vantagens offerecidas pelo rico lavrador, o sr. José Maria dos Santos, vieram mais colonos, aos quaes o sr. Santos adiantava instrumentos de lavoura, gados, sementes, estrumes—e até comestiveis; formando assim, de cada proletario, um lavrador proprietario; e d'esta maneira se formou a povoação, que vae em progressivo augmento.

Como lhe ficava longe a egreja matriz, resolveram os povos d'estes sitios construir uma grande capella, dedicada á Santissima Virgem, a qual foi aberta e inaugurada com o culto, no dia da festa da Purificação da Senhora (Candeias), a dois de fevereiro de 1874.

E' um bonito e elegante templo, com capacidade para todo o povo do logar.

A maior esmola para esta construcção, foi dada pelo sr. Santos.

PINHAANÇOS ou **PENHANÇOS**—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros de Cêa (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Gouveia) 80 kilometros de Coimbra, 285 a E.N.E. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago, Santa Luzia.

Bispado e 99 kilometros a E.N.E. de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 8$000 réis do congrua e o pé d'altar.

Proximo ao logar de Pinhanços (2 kilometros ao N) está a capella de *Nossa Senhora da Lomba*, entre grandes e antigos carvalhos, e sobre uma pequena elevação, ou lomba, que lhe dá o sobrenome.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora appareceu sobre uma pedra, n'este mesmo sitio, a uma pastorinha, e alli lhe construiram logo os devotos uma capella, ficando a servir de peanha á padroeira, a mesma pedra sobre que tinha sido vista a primeira vez, e que serviu de altar para uma missa que alli se lhe disse, no dia immediato ao apparecimento; pelo que ainda se lhe chama—*pedra da missa*.

Isto diz o *Sant. Mar.*—Outros dizem que a Senhora appareceu debaixo de um enorme penedo, a distancia de 300 metros da capella actual, e sobre este penedo é que se disse a 1.ª missa á padroeira; e por isso se lhe ficou chamando *Penedo da Missa*.

Esteve a santa imagem na egreja matriz, em quanto se construiu a capella, e concluida esta, foi a Senhora levada para ella em solemne procissão, havendo n'esse dia um bodo, para quem o quiz receber. e para o qual se mataram oito bois, dando-se tambem grande porção de pão.

Este bodo, continuou até hoje, e ainda se faz, no dia da festa, distribuindo-se caldo e carne pelos habitantes das cinco povoações que dão o bôdo e por todos os pobres que alli concorrem em grande numero.

Mas hoje, o bôdo, só consta de sete bois, pela razão que adiante direi.

Teve logar este apparecimento, pelos annos de 1400.

A ermida é vasta, com capella-mór, e sua tribuna, e dois altares lateraes.

Criam os nossos avós, que o pão e a carne do bôdo, deviam ser mesmo alli comidos, e que, se alguem levasse parte d'elle para casa, sem ser para algum doente, chegava lá podre e cheio de bixos.

A imagem da padroeira, é de pedra; está sentada, e tem n'esta posição 0,^{m}77 de alto.

Tem em seu regaço, Jesus Christo morto, vindo portanto a ser a invocação verdadeira—*Nossa Senhora da Piedade*.

Como esta imagem era de uma esculptura muito antiga, e muito pesada, para hir em andor, nas procissões, se lhe fez uma nova imagem, de madeira, em 1688, muito bem acabada, que collocaram no altar-mór, no logar da antiga, hindo esta para um canto do altar.

Por aquelle tempo, foi á capella o prior de Santa Comba, de Céa, e, vendo a antiga imagem assim despresada, a pediu aos mórdomos e a levou para a sua ogreja; mas, apenas a collocou em um altar, se desencadeou uma horroroso trovoada, cahindo muitos raios, o que aterrou todo o povo.

Crendo o prior que era por ter mudado a Senhora de residencia, mandou dizer aos de Pinhanços que a viessem buscar, o que elles logo fizeram, em uma explendida procissão, collocando-a no seu primeiro logar, e a imagem nova em um dos outros altares.

Tem a Senhora uma bôa irmandade, que fabríca a capella, e faz a festa annual.

—

E' um formoso passeio todo arborisado, desde Pinhanços até á capella da Senhora da Lomba, que está edificada em um terreiro, tapetado de verde e macia relva.

Vem aqui varias ladainhas, não só da freguezia, mas tambem das immediatas, e é visitada a Senhora, por muitos romeiros, em todo o decurso do anno, principalmente no dia 15 d'agosto—se é domingo—e não o sendo—no dia immediato — que é a festa chamada dos *bôdos da Senhora da Lomba.*

São duas as versões, sobre a origem d'este bodo.

Segundo uma, teve principio em uma promessa feita á Santissima Virgem, para que cessasse uma terrivel peste que então grassava.

Segundo outros, foi o voto feito pelos povos d'estes sitios, se terminasse uma esterilisadora sécca, que durava havia sete annos.

Em qualquer dos casos, feito o voto, consta que desappareceu repentinamente a calamidade.

O que é certo, é que este bôdo já se fazia no reinado de D. Manuel, pois existia na camara de Céa, uma provisão, de 1508, na qual aquelle monarcha, dispensando na lei que prohibia aquelles bôdos (*vôdos* se lhe chamava então) como um arremêdo de praticas pagans, auctorisa estes, e nomeia o juiz de fóra de Céa, juiz privativo da irmandade da Senhora da Lomba, e o encarrega de hir, com a sua alçada, policiar a romaria, pelo que teria de propina, a melhor posta de carne, de cada boi abatido para o bôdo.

As povoações que davam os bois, eram:

1.ª—*Gache*—antiga séde da parochia; mas ha mais de cem annos (desde que principiou a despovoar-se) não tornou a dar o boi, e é por isso que os 8 estão hoje reduzidos a 7.

2.ª—*Pinhanços*, que dá dois bois—*Cimo do Povo*, um—e *Fundo do Povo*, outro.

3.ª—*Santa Comba de Céa*, um.

4.ª—*A aldeia de S. Miguel*, da freguezia de Santa Comba de Céa, um.

5.ª—*A aldeia de Villa Chan*, da mesma freguezia, um.

6.ª—*A freguezia das Lages*, um.

7.ª—*A aldeia da Lapa*, da freguezia de Touraes, um.

Para se comprarem os bois, lança-se uma finta aos povos, pagando todos os moradores, em certa proporção, segundo são casados, solteiros ou viuvos.

O dinheiro é entregue ao *bodeiro*, que é sempre o casado mais antigo da freguezia, e vae seguindo successivamente, nos annos futuros, pelo casado que o foi immediatamente depois do *bodeiro* antecedente.

O bodeiro, vae comprar o boi, á feira de Mangualde, do 1.º domingo de julho ou agosto, e põe da sua algibeira, o dinheiro que falta para a réz, que tem de tratar e engordar até ao sabbado, vespera da festa, dia em que o boi é abatido, e levado inteiro mas já esfollado, envolvido na sua propria pello, em um carro, no qual dá trez voltas em redor da capella da Senhora, depois do que vae para os bodos.

Ha um corredor, com sete casas terreas e descobertas, limitando o terreiro da capella, para o O., separadas umas das outras, por uma porede, e todas com portas para o terreiro.

N'estas casas, chamadas tambem *bôdos*, é que se cozem os bois, em grandes panellas de barro, com duas asas, as quaes, desde o dia 15 de agosto (quando não é domingo) estão cheias d'agua e cobertas com testos, na capella, tomando-a quasi toda.

E' n'esta agua (que, por ter estado na capella julgam ficar benzida) que se cozem os bois, em volta de sete fogueiras enormes, que acendem no chão, cada uma no centro da respectiva casinhola, na noite do domingo da festa; noite em que ninguem dorme, levando-a toda em danças, descantes e folguedos, tendo illuminados os carvalhos do souto, e por entre elles, barracas, umas com doces, outras com bebidas, fructas de varias qualidades, etc.

Na segunda feira. ao nascer do sol, é que principia a distribuição do bôdo, feita pelos mórdomos dos respectivos povos que o dão.

Consta de uma porção de caldo, a que chamam — *sôpas da Senhora da Lomba*, e uma boa posta de carne, a cada um.

O povo come isto com o maior prazer, pois o reputa remedio efficaz para toda a qualidade de molestias, e particularmente para febres intermitentes (*maleitas.*)

Teem tanta fé nas virtudes therapeuticas d'este caldo, que os que não podem hir, por doença, o mandam cuidadosamente buscar; e, n'este caso, não se corrompe por sahir do arraial.

—

Ha tambem n'esta freguezia a *capella de S. Pedro*, situada em um formoso largo, ao cimo do logar de Pinhanços.

Foi incendiada pelos francezes, em 1810, e assim esteve, até que foi reparada em 1850.

A imagem do padroeiro, foi dada pela familia do sr. Antonio Ribeiro Saraiva, esse verdadeiro e esclarecido portuguez, voluntariamente expatriado em Londres, ha 42 annos, preferindo o exilio, a viver em uma patria onde estaria ainda mais exilado.

(O sr. Ribeiro Saraiva; é parente do sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.)

Esta imagem de S. Pedro, veiu da antiga egreja da villa de *Castro Verde*, na serra da Estrella, povoação ha dois seculos deserta e abandonada, e da qual apenas existem poucos vestigios, não se podendo já conhecer os signaes de uma rua ou edificio!

A *Chorographia Portugueza*, do padre Carvalho, menciona esta villa como existente, nos fins do seculo XVII, tendo ainda camara, juiz ordinario, e mais justiças. Devia ser uma povoação pequena, aliás, não desappareceria em tão poucos annos, sem deixar vestigios.

No anno de 1723, uma horrorosa peste disimou a população d'este reino (só em Lisboa, fez mais de 40$000 victimas!)

Pronunciou-se ainda com mais intensidade n'esta villa de Castro Verde, vindo em seguida tão grande praga de formigas, que devoravam tudo, obrigando os habitantes a fugirem para outras partes.

Ao sitio onde existiu esta povoação, e os seus arrabaldes, ainda se chama o *Crasto*.

Os condes de Povolide, eram senhores d'este Castro Verde, e emprazaram o seu territorio, ao desembargador, José Ribeiro Saraiva—pae do sr. Antonio Ribeito Saraiva —e é por isso que pertence hoje a esta respeitavel familia.

—

O territorio da freguezia de Pinhanços, occupa uma vasta área, e é fertil em toda a qualidade de productos agricolas do nosso paiz, e a uberrima *Varzea de Jagunda*, produz uma grande quantidade de cereaes, especialmente milho grosso.

Produz excellente vinho (*maduro*) do qual ainda em 1828 deu ao disimo 80 pipas, o que indicava ser a producçao de 800; mas era maior, porque já então se não escrupulisava em subtrahir ao disimo, o que era possivel.

Em nossos dias, triplicou aqui a plantação de vinhas; mas, infelizmente, ha vinte annos que o oidium-tukeri tem aniquilado muitas videiras; a ponto de que o sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, teve de mandar arrancar em 1870, cêpas que tinham dado mais de 40 pipas de vinho.

Cria-se n'esta freguezia muito gado, e em grande quantidade, lanigero, que

produz annualmente muitas arrobas de queijo, do mais precioso do serra da Estrella, e muitas arrobas de lan.

A fructa aqui tambem é em grande quantidade, de todas as especies e de optima qualidade.

Nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

A freguezia é cortada por duas boas estradas, por onde são conduzidos muitos generos coloniaes, ferro, sal, peixe fresco (principalmente sardinha) que vae abastecer os mercados e lojas de Gouveia, Celorico, e todas as povoações da serra da Estrella, até á cidade da Guarda.

—

N'esta freguezia tem o sr. Francisco Augusto Martins Ribeiro, uma optima fabrica de lanificios.

—

Em todos os diccionarios geographicos, e mesmo nos documentos officiaes, se vê o nome d'esta freguezia escripto como vae aqui, na primeira palavra indicadora—quando devia ser—*Penhanços.*—*Anço*, é um antiquissimo diminutivo portuguez, que, tendo anteposto o substantivo *penn, pen, pena*, ou *penha*—o que se dá n'esta freguezia—significa—*penhas pequenas.*

E' esta freguezia muito antiga, e já era povoada no tempo dos arabes, o que se prova por um *almocabar* mourisco, do qual ainda existem muitas sepulturas, taes e quaes como as de *Corvite*, em Paiva (vide *Corvite.*)

Estas sepulturas estão no sitio das *Tapadas*, em uma vinha do sr. Nicolau P. de Mendonça Falcão, nobilissimo e illustrado cavalheiro, natural d'esta freguezia, e do qual adiante trato.

—

A primitiva egreja parochial, era no logar de *Gache*, 2 kilometros a E. de Pinhanços, e é a unica aldeia que, com Pinhanços, constitue a freguezia. (Gache, tendo ainda em 1820 mais de 30 fogos, está hoje reduzida a seis.)

Ainda hoje, ao terreno de um olival que está proximo de Gache, se dá o nome de *Adro de Santa Luzia*, por ser o da antiga matriz.

A trasladação da matriz para a actual, devia ser pelos fins do seculo XVI, porque, em um altar da egreja, pertencente á familia Mendonça Falcão, se léem as trez primeiras letras da data da sua fundacão—159...; não existindo a ultima letra.

Nos *livros findos*, do cartorio do bispado de Coimbra, vê-se que os assentos dos baptisados, casamentos e obitos, principiou tambem nos fins do seculo XVI.

—

A egreja tem altar-mór e 4 lateraes.

No primeiro está a imagem, de pedra, da padroeira.

Apezar de ser muito antiga (pois já veiu da egreja velha, de Gache) é de bôa esculptura,

O 1.º altar lateral da esquerda, que tambem veiu da egreja velha, é de talha dourada, e tem uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, de pedra e de estatura natural.

Em frente, fica o altar de S. Lourenço, de talha dourada, construido no seculo XVIII.

A imagem do santo é muito antiga. Era o padroeiro de uma antiquissima capella, ha muitos annos destruida, e que ficava em um dos mais pittorescos sitios da freguezia ao pé de Gache, onde ainda hoje existe a fonte de S. Lourenço, e o terreiro do mesmo nome.

E' o passeio favorito dos habitantes de Pinhanços; pela frescura e amenidade do sitio.

Os outros dois altares, são:

O da esquerda, dedicado a Nossa Senhora do Amparo.

E' de talha dourada, construido no seculo XVIII, e egual ao de S. Lourenço.

Pertence á nobre familia Frias, d'esta freguezia.

Um general e varios officiaes d'esta familia, se distinguiram pela sua lealdade e pelo seu valor, na guerra dos 27 annos.

Hoje só existem aqui dois ramos de Frias (representados por fêmea.)

Um, é a familia do sr. Antonio de Frias d'Eça Ribeiro —irmão do bem conhecido padre, Gaspar Alves Frias d'Eça, que foi muitos annos vice-reitor do seminario episcopal de Coimbra, e actualmente é um esclarecido professor do mesmo seminario e do lyceu da cidade.

O outro ramo, é representado por os seus primos germanos (do sr. Antonio de Frias) outros Frias, de Pinhanços.

Em frente, fica-lhe o 5.º altar.

E' tão antigo como a velha egreja. Pertence a nobre familia dos Mendonças Falcões, de que adiante trato, e é dedicado ás almas do purgatorio.

A origem d'este altar é a seguinte:

Nos fins do seculo XVI, veiu estabelecer-se em Pinhanços, um fidalgo hespanhol, chamado, D. João Martins de Lilla, homisiado em Portugal, por um crime que commetteu na sua patria; e, para desviar todas as suspeitas, usava do officio de ferrador (que quasi todos os cavalleiros d'aquelle tempo sabiam, com mais ou menos perfeição.)

Em 1590 e tantos (como consta da inscripção já mencionada) mandou construir este altar, collocando n'elle, uma magnifica imagem do Senhor Crucificado, quasi de tamanho natural, que tinha trazido de Hespanha.

Instituiu um vinculo, do qual este altar era a cabeça, com varios legados pios, e suffragios pelas almas.

Não tendo parentes em Portugal, chamou para a successão, os ascendentes da familia Falcão, nos quaes se conservaram os bens e a posse da capella, até ao presente; porque o vinculo, foi abolido (por não ter o rendimento legal) por um irmão do bisavô do actual possuidor, e representante d'esta familia.

—

A povoação de Pinhanços, está risonhamente situada, sobre uma pequena collina, que corre paralella e ao N. da serra da Estrella, por espaço de uns 10 kilometros, desde Maceira até Lagarinhos, ficando esta collina separada da serra, pela formosa e fertil *bacia*, chamada a *Jagunda;* e, como a serra é muito povoada n'este sitio, ficam-lhe nas abas, de E. a O., as ricas e notaveis villas de *S. Romão de Cêa*, e Céa—e as aldeias de S. Martinho; Póvoa-Nova; Póvoa-Velha; villa de Santa Marinha, e as freguezias de Paços; Moimenta-da-Serra, e Gouveia.

Em frente da collina, e vendo-se d'ella, ficam as freguezias, de S. Thiago; Santa Comba de Céa; a bella veiga ou planicie da Jagunda, com 7 a 8 kilometros de comprimento, e 2 a 3 de largura—e as ricas povoações fronteiras da serra.

Ao fundo da povoação de Pinhanços, em frente da serra da Estrella, desde S. Thiago, passa a estrada nova de 1.ª ordem, que communica Coimbra (passando o Mondego na ponte de ferro, da Portella, junto a Coimbra) com Trancoso, Guarda e outros pontos, seguindo sempre o valle da serra da Estrella, e tendo a estrada, por estes sitios, formosos lanços, e paizagens pittorescas.

—

Em Pinhanços, houve em tempos antigos, um vinculo, denominado — *das Quintas de Pinhanços* — com o padroado, annexo da egreja de Santa Comba de Céa.

Foi instituido por D. Violante de Menezes, da casa dos condes de Tarouca, depois, marquezes de Penalva; do qual vinculo faz menção, a *Hist. Gen. da Casa Real.*

Este morgado, andava sempre no filho segundo d'esta casa.

No reinado de D. José I, era administrador d'este morgado, Manuel Telles da Silva, que, sendo nosso embaixador em Vienna d'Austria, alli casou e se estabeleceu, e foi, pelo imperador, feito duque de Tornholt; como consta da mesma *Hist. Gen.*

Pediu este fidalgo, ao rei D. José, que lhe permittisse abolir o vinculo, e vender os bens, padroados, e foros que o constituiam, para, com o seu producto, comprar dominios na Austria, que ficassem sujeitos aos encargos pios, a que estava o vinculo em Portugal. O rei, auctorisou esta abolição, e tudo comprou o desembargador, José Pinto de Mendonça Arraes, que morreu intenden-

te das minas de diamantes, no Brasil. O conde de Oeiras, depois marquez do Pombal, como procurador do duque de Tornholt, é que assignou a escriptura d'esta venda.

Foi este desembargador, que fundou o sumptuoso palacio, por concluir, chamado *as Obras*, na villa da Cêa (a pag. 222, col. 1.ª, do 2.º vol., fallo d'este palacio—e, para os Arraes, de Cêa, vide o mesmo vol., a pag. 224, col. 1.ª)

Este palacio tem quatro frentes regulares, e é a cabeça de um vinculo instituido pelo mesmo desembargador, que lhe annexou tudo quanto tinha comprado ao referido duque.

As *Quintas de Pinhanços*, só lhe pagavam fóros, que os foreiros se recusaram a pagar, desde 1834.

A situação do palacio é formosissima, com extensas e admiraveis vistas, sobre tudo para o N., E. e O., por muitas leguas de amplidão.

Vê-se tambem de qualquer das suas elegantes janellas, toda a grande bacia, comprehendida entre as serras — da Estrella, Bussaco, Bésteiros, Monte-Muro, e Gralheira.

É hoje propriedade da sr.ª D. Maria de Guadalupe Pinto de Mendonça Arraes, viscondessa de Vallongo, e bisneta, por varonia legitima, do fundador do vinculo e do palacio.

—

Nasceram n'esta freguezia, e n'ella foram creados, os tres distinctos e honradissimos cavalheiros — os srs. Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Póvoas — e Nicolau Pereira de Mendonça Falcão—ambos irmãos do sr. Manuel de Mendonça Falcão da Cunha e Távora. Este foi o primogenito, e senhor dos morgados da sua casa, na freguezia de Girabôlhos, porém vive na sua casa, de *Sobral de Papizios*, em cuja palavra tratarei d'elle mais longamente.

São todos tres, filhos legitimos do bem conhecido e erudicto philólogo, e integerrimo-magistrado, o desembargador Agostinho de Mendonça Falcão de Sampaio e Távora, deputado ás côrtes, em 1821 e 1826, e que serviu na magistratura, até 1832. (D'elle faço menção adiante, nos artigos *Souto-Maior* e *Souro-Pires*.) Foi casado com D. Maria Miquelina Pereira da Cunha Ferrão (mãe dos tres cavalheiros primeiramente nomeados), senhora d'esta casa, e dos vinculos da casa de Girabôlhos, que fica 6 kilometros a N.O. de Pinhanços. Era filha, e herdeira unica, de Manuel da Cunha Abreu do Amaral e Vasconcellos, fidalgo da casa real, capitão-mór de Cêa, Gouveia, e Celorico, durante a guerra peninsular, e senhor do vinculo de Girabôlhos.

Hoje não vive em Pinhanços membro algum d'esta familia.

O sr. Antonio de Mendonça Falcão, bacharel, formado em direito, e deputado ás côrtes, em 1869, foi estabelecer-se na cidade da Guarda, onde casou com sua prima, a sr.ª D. Maria Isabel Ferreira e Póvoas, filha primogenita do sr. Antonio Ferreira Ferrão de Castello-Branco Ilharco, fidalgo cavalleiro, e senhor da nobre e antiga casa Ferraz Castello-Branco, de S. Thiago de Cêa, e de sua mulher, a sr.ª D. Maria Augusta das Póvoas, irman do bem conhecido tenente-general do exercito realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, da Guarda.

O sr. Antonio de Mendonça Falcão, está senhor d'esta casa, por sua mulher, herdeira universal de seus tios, o dito general Póvoas e seu irmão.

—

O sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão (o mais novo dos irmãos), tambem bacharel, formado em direito, e ao qual ficou quasi todo o casal que esta familia tinha em Pinhanços, foi estabelecer-se na quinta de Farejinhas, freguezia de Castro-Daire, na casa que foi de João de Mello de Sampaio, que foi coronel do batalhão de voluntarios realistas, de Castro-Daire. Esta casa foi dada em dote á esposa do sr. Nicolau Pereira, a sr.ª D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, da antiga e nobre casa dos Santos Martyres, de Paredes da Beira, solar de um dos ramos dos Azevedos (vide *Paredes da Beira*).

Esta familia passa em Farejinhas a primavera e o verão. O outono e inverno, passa-os

na sua bella quinta de S. Saldor, junto a Viseu.

—

É o sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, procedente das mais nobres familias das duas Beiras.

Da procedencia dos *Pereiras*, já tratei na villa da *Feira*.

Mendonça, é um appellido nobre d'este reino. Veiu de Hespanha, tomado da villa de *Mendoça*, na Biscaia; e passou a Portugal, na pessoa de D. Ruy Furtado de Mendonça, no reinado de D. Affonso IV, vindo no sequito da rainha D. Constança, primeira mulher do infante D. Pedro, depois rei, 1.º do nome (*o justiceiro*).

D. Affonso IV o fez *general do mar*, conservando este posto durante o reinado de D. Pedro I. — D. Fernando I o fez anadelmór dos bésteiros,[1] e seu filho, Affonso Furtado de Mendonça, o foi do rei D. Duarte.

Estes Mendonças, trazem por armas — as dos Furtados (vide *Barbacêna*), tendo de mais, o escudo de prata, aberto.

Outros do mesmo appellido, trazem — em campo d'ouro, duas pallas, de verde, e uma de púrpura, com cintas de prata.

Outros trazem — em campo de púrpura, dez folhas de álamo, de prata, em tres pallas.

Mendonça Arraes, é tambem um appellido nobre d'este reino. Estes dois appellidos, se uniram em Ruy Arraes de Mendonça, por seu pae, que era da familia Arraes, e por sua mãe, que era dos Mendonças.

Estes trazem por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, de púrpura, nove folhas de golfão, de ouro, em tres pallas — o 2.º e 3.º quartel, dividido em aspa — no 1.º e 4.º, de verde, banda de púrpura, perfilada d'ouro — e 2.º e 3.º, do mesmo, lizo. Êlmo de prata, aberto, e por timbre, meio homem, nú, cabelludo, da sua côr, com um rêmo de ouro ás costas.

Outros d'estes appellidos, usam — escudo dividido em palla — na 1.ª, de púrpura, nove folhas de golfão, de ouro, em tres pallas — a 2.ª, dividida em aspa — o 1.º e 4.º, de verde, contrabandado de púrpura, perfilado d'ouro — no 2.º e 3.º, do mesmo, um S de negro.

Tambem ha o appellido de *Mendonça Laço* (ou *Lasso*). Veiu de Hespanha. — As suas armas, segundo o desenho da Torre do Tombo, são — As primeiras dos Mendonças, com a legenda, em preto — AVE MARIA. — E ainda outros d'este appellido, usam das armas dos primeiros Mendonças, mas por timbre, uma asa d'aguia, d'ouro, estendida, carregada com a legenda — AVE MARIA, em vez de ser no escudo.

Os *Falcões*, trazem por armas — em campo azul, tres bordões de S. Thiago, de prata, postos em palla, com os nós de púrpura e os ferros de ouro. Êlmo de aço, aberto; e por timbre, um falcão, da sua côr, com um bordão no bico e no pé direito.

—

No adro da egreja matriz, está a casa da familia Mendonça Falcão e Cunha — n'ella nasceram os srs.

Manuel de Mendonça Falcão da Cunha e

[1] *Anadel*, ou *anadell*, era o chefe ou capitão de bésteiros, espingardeiros, ou qualquer outra gente de guerra — e *anadaria* se chamava ao districto da sua jurisdição.

O *anadel-mór*, era o chefe dos anadeis. Procedia á inspecção, apuramento e alistamento dos *bésteiros do conto* (do numero) que em cada cidade, villa, ou concelho devia haver; e tambem ao alistamento dos *galeotes* (homens do mar).

Os primeiros não deviam ser lavradores, mas sómente *céeiros de mesteres* (officiaes de officio — artistas) e casados. Os segundos, eram tirados das *vintenas do mar*, que eram companhas de 20 homens, e cujo capataz se chamava *vintaneiro*. *Não havendo mesteiraaes, se podem fazer bésteiros do conto, os que nom tiverem mester, sendo mancebos e capazes; com tanto que tenham casas mantheudas, com suas molheres e mancebas theudas, e nom sejam lavradores.* (Cod. Alf., liv. 1.º, tit. 68.)

Os bésteiros de conto, deviam ter béstas fortes, *e que se não armassem senão com fólga e com pollé, para com ella armarem maior bésta e mais folgadamente.*

Tinham estes bésteiros muitos privilegios e isenções; mas, para lhes serem guardados, deviam manter em suas casas, certo numero de aguias, e *dar as mãos d'ellas, annualmente, ao almoxarife d'el-rei, ou ás suas justiças, no mez de maio.* (Cod. citado.)

Távora, primogenito. Matriculou-se em canones, na universidade de Coimbra, mas, depois de fazer exame do 3.º anno, seguiu a vida militar, sendo, na convenção d'Evora-Monte, capitão do batalhão de voluntarios realistas de Mangualde. Durante o cêrco do Porto, foi ajudante d'ordens de varios generaes. Foi um official distincto, pela sua coragem, bom comportamento e fidelidade ás bandeiras que jurára defender; terminando a sua carreira militar, só quando o corpo a que pertencia, deixou de existir, pela *convenção*.

Vive na sua casa, de Sobral de Papizios, com sua segunda esposa; mas, nem d'esta nem da primeira tem successão.

É um dos mais nobres cavalheiros da Beira-Baixa, não só pelo sangue illustre que lhe gira uas veias, mas tambem, e principalmente, pela nobreza das suas acções, todas proprias de um verdadeiro fidalgo portuguez. (Vide *Sobral de Papizios*.)

—

Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e póvoas — filho segundo, e irmão do antecedente. — É bacharel formado em direito, no anno de 1843, pela universidade de Coimbra. Casou com sua prima, a sr.ª D. Maria Isabel Ferreira e Póvoas, filha primogenita do sr. Antonio Ferreira Ferrão de Castello-Branco Ilharco, fidalgo cavalleiro, senhor da antiga casa dos Ferrões Castellos Brancos, de S. Thiago a par de Cêa (irman dos dois ultimos commendadores de Malta — Gonçalo Ferrão Castello-Branco, e André Ferrão Castello Branco) e de sua primeira mulher e prima, a sr.ª D. Maria Augusta das Póvoas, irman do célebre tenente-general do exercito realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, e de seu irmão, o marechal de campo, tambem do exercito realista, Antonio das Póvoas de Brito Coutinho, ambos da cidade da Guarda.

Estes dois officiaes generaes, morreram sem deixar filhos legitimos, sendo sua herdeira universal, a sr.ª D Maria Isabel, sua sobrinha, esposa do sr. Antonio de Mendonça.

Estes ultimos, logo que tomaram conta da herança dos dois generaes, foram, com seus filhos, residir no sumptuoso palacete dos Póvoas, na Guarda, hoje luxuosamente restaurado pelo sr, Antonio de Mendonça.

Está este edificio em um dos melhores sitios da cidade, na praça principal d'ella, tomando quasi toda a sua parte occidental.

O sr. Antonio de Mendonça, foi deputado ás côrtes da nação portugueza, em 1869–1870.

Tem uma formosa vivenda, chamada *quinta da Vella*, por ser da freguezia do mesmo nome, a 12 kilometros ao S. da Guarda, onde vae, com sua famila, passar o inverno e parte da primavera.

N'esta quinta passou os ultimos annos da sua longa vida, o tenente-general Póvoas, e seus irmãos, o marechal de campo, Antonio Pôvoas, e o conego da Sé da Guarda, Pedro das Póvoas. Todos elles falleceram n'esta quinta, e jazem, em nobres mausoleus, no cemiterio parochial da Vella.

O governo liberal quiz fazer o general Póvoas, conde da Vella; mas elle não acceitou.

Na discripção da freguezia da *Vella* serei mais extenso, com respeito a esta nobilissima familia.

—

Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, 3.º filho. — É bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, em 1843, junto com seu irmão e condiscipulo, o antecedente.

Havia mais dois irmãos, que morreram na flor da edade — um no 4.º anno juridico — e outro, com todos os preparatorios, para seguir o curso de direito.

Casou (o sr. Nicolau Pereira) em 1854, na quinta da Cruz, freguezia de Castellões de Bésteiros (vol. 2.º, pag. 198, col. 2.ª) com a sr.ª D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, filha dos srs. Antonio de Lemos d'Azevedo Carvalho e Souza, e de sua mulher (senhora de Paredes) D. Maria José de Azevedo da Costa e Souza Coutinho d'Ornellas.

A esposa do sr. Nicolau Pereira, vivia na quinta da Cruz, havia 14 annos, com sua tia e madrinha, a sr.ª D. Maria da Piedade de

Azevedo e Costa Ornellas, casada com o sr. dr. Antonio Xavier Homem Telles d'Almeida Cardoso, senhor d'esta opulenta casa, que, não tendo filhos, aboliu todos os seus onze vinculos, e deixou tudo a sua mulher, a referida sr.ª D. Maria da Piedade. Esta, fallecendo em 1868, repartiu toda a sua grande casa por seus sobrinhos, filhos de sua irman, a dita senhora de Paredes; nomeando a esposa do sr. Nicolau Pereira, sua herdeira universal e testamenteira. Esta já tinha sido dotada, para o seu casamento, com um bom casal, na aldeia de *Darei*, freguezia de Mangualde, e dois importantes prasos na freguezia de Fragozélla, concelho e 6 kilometros de Viseu (vol. 3.º, pag. 225, col. 2.ª), e em Castellões de Bésteiros, e com o direito á herança de João de Mello Sampaio d'Almeida e Albuquerque, senhor da casa de *Farejinhas*, que falleceu sem geração, em 1852. Tinha sido coronel do batalhão de voluntarios realistas de Castro-Daire.

Era a esposa do sr. Nicolau Pereira, a parenta mais chegada d'este cavalheiro; mas, não tomou conta da sua herança, sem ter sustentado profiadas demandas com outros parentes mais remotos do fallecido, e com a fazenda nacional.

A tia e madrinha da sr.ª D. Maria da Piedade, ainda lhe deixou por sua morte (d'aquella) a magnifica *quinta de S. Salvador*, junto a Viseu, que, com os accrescentos e bemfeitorias que a testadora e o sr. Nicolau Pereira lhe teem feito, e que, só elles, importaram em mais de 12 contos de réis, é certamente o melhor predio que ha hoje nos arrabaldes de Viseu. É formosamente situada, e n'ella vão passar os invernos os seus actuaes possuidores.

—

Á quinta de Farejinhas, dos mesmos proprietarios, pertence uma bella casa apalaçada, na rua da Calçada, em Viseu, occupada em parte, por arrendamento, pela camara municipal d'esta cidade, que n'ella faz as suas sessões e tem as suas repartições.

—

Os tres irmãos de que acabo de tratar, são filhos do desembargador Agostinho de Mendonça Falcão Coutinho Sampaio e Póvoas, fidalgo da casa real, socio da academia real das sciencias de Lisboa, sabio philologo, mencionado no *Diccionario bibliographico*, do recentemente fallecido, Innocencio Francisco da Silva.

Agostinho de Mendonça, nasceu na freguezia de Souto-Maior, junto a Trancoso. (Vide *Souto-Maior*, do concelho de Trancoso.)

Era filho 2.º, da casa dos Mendonças Falcões Távoras de Souto-Maior, de Souropires (vide esta palavra), hoje representada pelo sr. José Cortez de Mendonça Falcão, bacharel em direito, pela universidade de Coimbra, e que foi capitão do batalhão de voluntarios realistas da Guarda. Reside actualmente na freguezia de Nossa Senhora da Conceição, de Freches, concelho de Trancoso. (Vol. 3.º, pag. 228, col. 2.ª)

O desembargador Agostinho de Mendonça, foi casado com D. Maria Miquelina Pereira da Cunha Ferrão, filha unica e herdeira de Manuel da Cunha e Abreu Castello-Branco, senhor da casa e morgados dos Cunhas, de Girabôlhos, no concelho de Céa (vol. 3.º, pag. 281, col. 1.ª), fidalgo da casa real, e capitão-mór dos concelhos de Céa, Gouveia e Celorico, no tempo da guerra peninsular, com patente de brigadeiro de ordenanças — casado com D. Anna Saraiva Ferrão, senhora da casa de Pinhanços e da dos Ferrões, da villa de S. Romão de Céa, na serra da Estrella.

—

O irmão primogenito dos tres cavalheiros de que trato principalmente n'este artigo, e da casa de Pinhanços, o sr. Manuel de Mendonça, foi o herdeiro da casa e morgados de Girabôlhos, e, como não tem filhos, é seu immediato successor dos vinculos (já por disposição testamentaria) o sr. dr. Alvaro de Mendonça Falcão e Póvoas, actualmente delegado do procurador regio, na comarca de Trancoso, filho unico, varão, do sr. Antonio de Mendonça, da Guarda.

A casa toda de Pinhanços, ficou em legitima do sr. Nicolau Pereira, que só tem do seu matrimonio, um filho e uma filha. — O sr. Agostinho Antonio de Mendonça Falcão, nascido em 24 de agosto de 1856. Seguindo

o curso de agricultura, no *instituto geral de agricultura*, em Lisboa, foi riscado, injusta e aleivosamente, durante o segundo anno; porém alguns professores decidiram pela readmissão, ao que não annuiu o sr. Nicolau Pereira, apezar das reiteradas instancias dos seus amigos, sómente levado pelo seu louvavel pundonor, e justificado resentimento; mas mandou seu filho principiar de novo o curso agricola, na escola superior de agricultura, de *Grignon*, a 40 kilometros de Paris, sendo um dos mais distinctos alumnos d'esta escola, e sempre louvado, pelo seu talento e applicação, por Mr. Deerham, professor d'este estabelecimento, e talvez o primeiro chimico da actualidade, em França.

A injustiça e prepotencia praticada como estudioso moncebo, e os rapidos progressos que tem feito em Grignon, teem vindo amplamente desenvolvidas, em um artigo da *Revista Agricola*, no *Commercio do Porto*, de 2 de maio de 1876—e depois—*Nação* de 25 de maio—*Palavra*, do Porto, de 29 de maio —*Atalaia*, de Viseu, de 31 de maio, e ultimamente no *Jornal de horticultura pratica*, do Porto, em o numero de julho.

Todos estes artigos, foram um solemne desagravo ao sr. Nicolau Pereira e a seu filho; e, evidenciando a injustiça feita por um professor de Lisboa, provaram a coragem e elevados sentimentos do pae, e a pasmosa intelligencia do filho.

—

A sr.ª D. Maria da Piedade de Mendonça e Lemos de Azevedo (a filha do sr. Nicolau Pereira) nasceu em 2 de julho de 1855, e vive com seus paes, ainda no estado de solteira.

—

Teem visto os meus leitores, qual é, por todos os costados, a nobilissima ascendencia dos Mendonças Falcões, de Pinhanços; porém, a verdadeira nobreza d'esta familia, não consiste nos seus herdados pergaminhos, que não são mais do que um dom do acaso; mas sim nas bellissimas e hoje rarissimas qualidades que distinguem todos os seus membros.

Creados por paes, illustres pelo seu sangue, e ainda mais illustres pela sua vida, sempre immaculada, aprenderam d'elles, com admiravel aproveitamento, a serem catholicos, sem fanatismo; fidalgos, sem orgulho; portuguezes, sem mancha; caritativos, sem ostentação; amigos dedicados; filhos, exemplares; paes, extremosos; irmãos, tão unidos pelo sangue, como pelo amor fraternal—finalmente—exemplares do verdadeiro fidalgo portuguez de outras eras.

Legitimistas por herança e por convicções sinceras, são tolerantissimos, e respeitadores das opiniões contrarias; não distinguindo entre os homens—realistas de liberaes; mas sómente, os bons, dos maus.

É por isto que a esclarecida familia Mendonça Falcão, é geralmente amada e respeitada nas duas Beiras, e aquelles que teem a honra de se relacionar com ella, não podem deixar de admirar tantas virtudes, em seculo de tantas immoralidades.

Recebam elles este singello testemunho, do respeito que lhes consagra o mais humilde dos seus admiradores, e o mais reconhecido dos seus amigos.

PINHÃO (mais propriamente—**PENHÃO**) —rio, Traz-os-Montes, que nasce proximo de Alfarella, e desagúa na margem direita do Douro (na aldeia seguinte), 7 kilometros ao S.E. de Favaios. Tem um curso de 40 kilometros.

Suas margens, alcantiladas e pittorescas, estão, por espaço de 2 kilometros, cobertas de vinhas, entrando o *Baixo-Pinhão*, 6 kilometros no famoso *Paiz do Vinho* (vide esta palavra) e são estes sitios os que produzem mais vinho, depois do Douro, e todo de superior qualidade.

PINHÃO, ou **PENHÃO**—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Pedro de Celleirós, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real, no arcebispado de Braga.

Está situada sobre a margem direita do rio do seu nome, onde embarca o excellente vinho das margens do mesmo rio.

Tinha estação telegraphica, que foi mandada fechar, em agosto de 1875, por falta de pessoal, e limitado rendimento.

PINHEIRO—freguezia, Alemtejo, no con-

celho de Mértola.—Já está em *Migue' do Pinheiro (São).*

PINHEIRO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a quinta e paço, cabeça do morgado dos Rebellos e Almeidas, que possuiu Gonçalo Peixoto da Silva.

É terra fertil. Bom vinho (verde). Gado e caça.

PINHEIRO — aldeia, Douro, na freguezia de *Campanhan*, Bairro oriental, comarca, districto administrativo, bispado, e junto (ao N.E.) da cidade do Porto. (Vide *Campanhan.*)

É a 1.ª estação do caminho de ferro do Minho e Douro (commum ás duas linhas).

PINHEIRO — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 24 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 120 fogos.

Orago, Santa Maria do Pinheiro.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito e optimo gado bovino, que exporta. Muita caça.

PINHEIRO—pequena villa, Douro, na freguezia de S. João de Loure (vol. 3.º, pag. 414, col. 1.ª)

Está situada na margem direita do rio Vouga.

Foi cabeça do concelho do seu nome, que existiu até 1834, com camara, juiz ordinario, e mais justiças e empregados respectivos.

Ainda aqui existe um pequeno casebre, em ruinas, que foi casa da camara e cadeia.

Falla-se d'esta povoação em documentos dos seculos XI e XII — o que prova a sua muita antiguidade.

Em 1121, Pedro Paes, e sua mulher, Jelvira Nunes, deram aos monges de Lorvão, a villa do Pinheiro, que os doadores possuiam no territorio de Coimbra.—*Et in confinitate Castelli Marnelis, inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiçom-frio.* (Doc. de Lorvão.) Vide *Marnél.*

É terra muito fertil, e tem—tanto nos altos, como nos baixos, excellentes campos, sobre tudo, nas margens do Vouga; por isso, a maxima parte dos seus moradores, vivem da agricultura.

É abundante de peixe do rio, e do mar, que lhe vem pelo Vouga.

Tem emigrado para a America muita gente d'esta freguezia, e principalmente d'esta villa; e, regressando alguns, bastante ricos, teem aformoseado a villa com bons predios, e feito prosperar a terra que lhes deu o ser.

Ha aqui uma barca de passagem sobre o Vouga, propriedade da camara de Albergaria-Velha.

PINHEIRO—aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajóia. (vol. 6.º, pag. 559, col. 2.ª)

Ha n'esta aldeia uma casa de bastante importancia, que ainda no principio d'este seculo foi habitada por um sargento-mór, da familia dos Trindades, de Mollães; casado com D. Anna Luiza Margarida Duarte, prima do sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, na cidade do Porto, que é hoje o senhor d'esta casa.

As restricções, exclusivismos e privilegios da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, concedidos pelo marquez do Pombal, arruinaram muita gente d'este paiz. Uma das victimas, foi o sargento mór do Pinheiro. Tinha vinhas em diversas localidades, e foi, em razão de uma denuncia, accusado de passar vinhos, da sua propriedade de *Alquetes* (no alto d'esta freguezia, e dentro da demarcação dos vinhos de consummo) para a sua propriedade de Penim—dentro da demarcação dos vinhos d'embarque. Foi um *crime horrendo* (dizia a sentença), que o fez gastar muito dinheiro, e passar tantos incommodos e trabalhos, para se livrar, que ficou quasi doido, e assim falleceu, no vigor da edade, deixando a sua casa muito compromettida.

PINHEIRO (quinta do)—Extremadura.—Casa nobre, e quinta annexa, que foi do sr. D. Miguel Ximenes, por isso, feito visconde do Pinheiro, em 21 de maio de 1851.

Está situada no logar tambem chamado do Pinheiro, entre Palha-Van e Sete-Rios, na freguezia de S. Sebastião da Pedreira, extra-muros, 3:500 metros a N.O. de Lisboa. (Vol. 6.º, pag. 424, col. 1.ª)

Tem uma bonita capella, excellente agua potavel, cocheiras, cavallariças, e mais officinas; e das suas janellas se goza uma formosa vista.

E' actualmente de um cavalheiro de Lisboa, que a comprou aos seus antigos possuidores.

PINHEIRO (quinta e aldeia do)—Minho, na freguezia de Alheira (vol. 1.º, pag. 132, col. 1.ª)

A casa e quinta do Pinheiro, no logar do mesmo nome, é composta de campos, coutada, bom edificio, que foi ornado de antigas torres, das quaes ainda ha vestigios.

Tem uma bonita capella, da invocação de S. João Baptista.

D'estes predios e bens annexos, em varias freguezias limitrophes, instituiram um vinculo, Diogo Lopes Homem, fidalgo da casa real, e sua mulher, D. Branca d'Azevedo, na cidade de Lisboa, aos 18 de abril de 1553—chamando para a successão do morgado, sua sobrinha, D. Maria da Silva da Cunha e Almeida, casada com Ruy Lopes de Souza, senhor da casa de Bordônhos.

E' actual possuidor d'esta casa, o sr. Ruy Lopes de Souza d'Alvim e Lemos, 14.º e ultimo administrador d'este vinculo.

PINHEIRO—aldeia, Beira Alta.—Vide *Tarouca*.

PINHEIRO—serra e aldeia, Douro, na freguezia de Cesár (vol. 2.º, pag. 260, col. 2.ª.)

Dá-se a esta serra o nome de Pinheiro, por ficar proxima ao logar assim chamado.

E' na sua maior parte, povoada de pinheiros, carvalhos e outras arvores silvestres, e do seu cume pedregoso se descobrem vastos horisontes, e a formosa bacia, muito bem cultivada, da freguezia de Romariz, na comarca e concelho da Feira.

Em um sitio d'esta serra, fronteiro á serra do *Crasto* (ou *Castro*) da dita freguezia de Romariz, ha bastantes vestigios de antiquissimas construcções, que segundo a tradição, foi uma fortaleza dos romanos; mas perece anterior á dominação d'elles na Lusitania.

E' mais provavel que fosse obra dos carthaginezes.

Do monte fronteiro já fallei amplamente a pag. 200, col. 2.ª, do 2.º vol.

PINHEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 30 kilometros ao N. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario d'Aguiar da Beira, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A 3 kilometros do logar do Pinheiro, está uma serra pouco elevada, e no centro d'ella, um plató, occupado por vinhas e pomares, no meio dos quaes está a capella de *Nossa Senhora do Mosteiro*, tambem chamada, *Nossa Senhora do Vencimento* (da Victoria) templo muito antigo e celebre pela noticia que d'elle traz frei Bernardo de Brito, na sua *Mon, Lus.*, parte 2.ª, L.º 7.º, cap. 23.

D. Ramiro III de Portugal e Galliza, que nascêra em 962, foi acclamado rei, em 967, e, como tinha apenas cinco annos, foi o governo do reino dado a sua mãe, que fez as pazes com o rei mouro de Córdova; mas não com o de Sevilha, que invadiu Portugal pelo S., chegando até á Galliza, devastando todo o paiz, e só retirou quando uma terrivel peste se desenvolveu no seu exercito (981.)

D. Ramiro, tratando com despreso e insolencia os condes de Portugal e da Galliza, estes, em desforra, acclamaram por seu rei, ao infante Bermudo II, filho de Ordonho, em 982.

Os dois rivaes tiveram entre si cruentas batalhas, nas quaes pereceu a principal no-

breza d'estes reinos, e grande numero de soldados; porém a morte de D. Ramiro, decidiu a sorte a favor de D. Bermudo.

Almançor, rei de Córdova, quebrando as pazes que havia feito com D. Ramiro, e aproveitando a occasião em que os dois principes christãos se batiam encarniçadamente, tornou a invadir Portugal (985) devastando todas as terras por onde passava, e derramando muito sangue portuguez.

Tomou á força d'armas, Coimbra, Viseu, Lamego, Braga, e outras muitas povoações e fortalezas, reduzindo Portugal a um paiz quasi deserto.

Foi n'esta occasião que poz cêrco á famosa cidade de Britonia [1] (hoje *Bretiande.*— Vol. 1.º, pag. 391, col. 1.ª) que, depois de heroica resistencia, foi tomada pelos mouros, que fizeram no povo uma horrivel matança, não perdoando a sexo nem edade.

D'aqui tomou Almançor o caminho pelo alto da serra de *Pêra*, em direcção a Trancoso, e atravessando o territorio onde hoje tem o seu assento a villa de Aguiar da Beira, martyrisou todas as freiras do mosteiro de *Sismiro* (em cujo logar existe hoa ermida de *Nossa Senhora do Mosteiro*—a de que aqui se trata.)

Vide *Sismiro.*

E' este templo muito visitado de procissões, em varios dias do anno, das terras em redor.

A tradição popular, conservada de paes a filhos, e que (abstrahindo das crendices inverosimeis, e de patranhas com que adornam o facto) concorda com a historia, diz que — muitos capitães christãos se juntaram para fazer rosto aos mouros, e os acometteram em uma planicie, a que ainda hoje se dá o nome de *Campo do Desbarate*, perto do logar do Souto, termo de Aguiar da Beira; mas os portuguezes foram vencidos e derrotados, e mortos alguns dos principaes cavalleiros, e grande numero de peões.

[1] Este cêrco e conquista é mais uma prova de como havia em Portugal duas *Britonias.* (Vide o que digo com respeito ás duas Britonias, no vol. 1.º, pag. 493, col. 2.ª—até pag. 496, col. 2.ª)

Não desanimaram todavia os christãos, antes, em uma das seguintes noites, atacaram os mouros de improviso, com tanta coragem e felicidade, que poucos mouros, dos que estavam n'este sitio, escaparam com vida.

Succedeu isto no logar da *Matança*, a 6 kilometros de Pena Verde. (Vide *Matança.*)

Almançor subiu a um alto, onde recolheu os seus fugitivos, e marchou d'ali para o norte.

Até aqui a tradição.

E' certo que Almançor, depois de talar o territorio da Beira Alta, marchou para a Galliza, onde o conde, D. Forjaz de Vermuiz, unido ao conde D. Garcia Fernandes, e a D. Bermudo, rei de Navarra, deram aos mouros a famosa batalha de Alcantanaçor, junto a Osma, onde estes foram completamente desbaratados, é Almançor, mortalmente ferido. (998.)

—

Do logar de *Sismiro*, em que falla frei Bernardo de Brito, não ha hoje vestigios, provavelmente porque mudou de nome.

Talvez seja *Sermillo* ou *Decermillo*, no concelho de Satão, que não fica longe da *Senhora do Mosteiro.*

—

Em vista do titulo da Senhora, padroeira d'esta capella, é facil acreditar que existiu aqui um mosteiro, que o *Sant. Mar.*, diz ter sido de freiras gracianas (eremitas de Santo Agostinho, como eram as do mosteiro *d'Árcas*) das quaes era então abbadessa, *Columba Osores*, que morreu martyr, com todas as suas religiosas; sendo a egreja e o mosteiro arrazados.

Diz a tradição, que algumas freiras que puderam fugir, antes da chegada dos mouros, levaram a imagem da Virgem, padroeira do mosteiro, e que é a que está na egreja da Lapa de Quintella.

—

Em 1037, faziam crua guerra aos mouros de Portugal, os netos de Alboazar Ramires, ganhando uma sangrenta batalha, nas margens do rio Távora.

Pouco depois, declarou-se a guerra entre D. Bermudo e seu cunhado, D. Fernando, o

Grande, rei de Castella, e sendo o primeiro morto na batalha de *Lantade*, sem deixar filhos, uniu D. Fernando o reino de Leão ao de Castella, e cahindo sobre os mouros lhes tomou Badajoz, Evora, Beja, Merida, Cêa, Viseu, e Lamego (defendida por *Zadão-Iben.*)

Livre pois este territorio do dominio mauritano, pelos annos 1040, trataram os christãos de reedificar a egreja do mosteiro, e como a imagem da padroeira estava na egreja da Lapa de Quintella, mandaram fazer outra, por esta, e em tudo semelhante, para a collocarem na egreja reconstruida.

—

Tambem ao monte onde está esta ermida, denominam *Monte de S. Giraldo;* porque um devoto d'este santo, chamado Francisco Giraldes, morador no logar de Valle-Verde, pelos annos de 1650, mandou fazer uma imagem de S. Giraldo, e a collocou no altar da Senhora, reparando por essa occasião a ermida, que o tempo tinha damnificado, e estava desmantellada.

—

Perto da ermida fica o logar de *Cepões* e a quinta das *Lameiras*, e pretende-se que um praso, que foi de João Lourenço, dono d'esta quinta; seja obrigado á fabrica do altar da capella, cujo eremitão era apresentado pelo parocho d'Aguiar da Beira.

—

Com a Senhora do Mosteiro, teem muita devoção todos os povos circumvisinhos, que a visitam com varias procissões, em cumprimento de antigos votos.

A freguezia do Espirito Santo da Cortiçada (concelho d'Aguiar da Beira) era a primeira que cumpria o voto, em 3 de maio (dia de Santa Cruz) — a 2.ª, era a villa d'Aguiar da Beira, que fica 6 kilometros ao N., vae na 2.ª oitava da Paschoa—a 3.ª, era a da vigariaria da Senhora do Valle, das Romans (concelho de Satam—antigo concelho de Gulfar) hia no dia da Ascenção de Jesus Christo —No mesmo dia hia a freguezia de S. João Baptista de Quintella (concelho de Cernancêlhe) que fica a 12 kilometsos de distancia da ermida.

Seguia-se em 5.º logar, a da freguezia de Ferreira d'Aves (concelho de Satam) que dista da capella 6 kilometros, e vae com seu tarmo, e hia a camara quando era concelho.

Na 1.ª oitava do Espirito Santo, hia em procissão o povo da villa de Aguiar da Beira, com o seu parocho e clerezia, e a camara, encorporada, e era tambem um dia de grande solemnidade.

Era egualmente em cumprimento de voto antiquissimo.

A maior parte d'estas devoções e solemnidades, aniquilou-as a descrença do seculo XIX; mas o povo rude dos campos, e alguns cavalheiros das villas, ainda conservam pela Senhora, a mesma devoção dos seus antepassados.

PINHEIRO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras.

Está annexa a Friande.

(Vide *Friande* e *Pinheiro*, a pag. 237, col. 1.ª do 3.º vol.)

PINHEIRO ou S. VICENTE DO PINHEIRO—freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros a S.E. de Penafiel, bispado, districto administrativo e 30 kilómetros a N.E. do Porto, 3 a N.O. de Entre-os-Rios, 325 ao N. de Lisboa.

Tem 240 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Chamava-se vulgarmente a esta freguezia *Pinheiro da Vandôma.*

A casa dos herdeiros de Gonçalo Thomaz Peixoto da Silva Almeida Macedo e Carvalho (o fidalgo da *Calçada*) da villa de Alemquer, apresentava o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento; mas pagava a pensão ao padroeiro. [1]

Dá-se a esta freguezia o nome de Pinheiro, porque a egreja matriz primitiva foi construida ao cimo do logar assim chamado, em razão de um grande e antiquissimo pinheiro, que ainda hoje alli se admira.

E' com certeza povoação e parochia muito antiga; pois que, sendo a primeira egre-

[1] A casa dos padroeiros d'esta egreja, é hoje representada pelo sr. Manoel Peixoto da Silva, feito visconde de Lindoso, em 23 d'agosto de 1871.

ja matriz, muito pequena, estando bastante damnificada pelo tempo, e em logar pouco central, se construiu a actual, no logar do Eirô (em 1326) que é em melhor sitio.

Em 1825, estando já com alguma ruina, foi reedificada, e é hoje um bom templo.

O ribeiro das Cabras (ou dos Ladrões) e a estrada real, do Porto a Entre-os-Rios, atravessam esta freguezia.

O ribeiro das Cabras nasce de dois mananciaes, um no Pinhal do Reguengo, e outro no Poço Negro, perto do sitio das Cambas.

O territorio d'esta freguezia, é muito fertil em milho, vinho (verde) centeio, e algum azeite; produz fructa, legumes e hortaliças.

Tem bons prados, onde se engordam os melhores bois d'estas terras para exportação.

Colhe-se e fabrica-se tambem muito e optimo linho, que abastece varios mercados do reino, e se exporta para o estrangeiro.

E' pois a agricultura, a engorda do gado, e as teas de linho, as fontes principaes da prosperidade dos povos d'esta freguezia.

—

No logar do *Outeiro*, d'esta freguezia, houve tres velhas, chamadas, D. Branca, D. Constancia, e D. Urraca.

Por sua morte, se ficou chamando a aldeia—*Outeiro das Velhas*.

Eram estas donas, senhoras de uma grande parte das propriedades da freguezia; e foram ellas que fundaram esta egreja, no referido anno de 1326, e a dotaram com a residencia e passal do parocho, e com os foros que elle recebe.

Eram visitadas por os Peixotos, de Guimarães, seus parentes, que vinham para aqui todos os annos, á caça dos javalis, que n'esses tempos abundavam no monte *Mósinho*, que fica proximo, e ao O. do Outeiro das Velhas.

Aquellas senhoras doaram aos taes Peixotos, a maior parte dos seus haveres, o padroado da egreja, e as terras da *Pesqueira*, hoje possuidas pelo dito sr. visconde de Lindoso.

N'este monte Mósinho, foi martyrisada Santa Iria, pelos godos, no meiado do V seculo.

Era tecedeira, e vivia no sitio ainda hoje, por isso, chamado *Santa Iria*.

No logar do martyrio, fundou-se um mosteiro de freiras, de Santa Clara (franciscanas) que no seculo XV, por este sitio ser agreste, se uniu ao de Santa Clara do Torrão, e este, no seculo XVI, por pequeno, foi (como outros muitos, nas mesmas circumstancias) unido ao mosteiro de Santa Clara, da *Porta do Carvalho* (depois, *Porta* ou *Postigo do Sol*, no Porto) hindo para lá as freiras do mosteiro de Mósinho.

Ainda existem vestigios d'este antigo mosteiro, e conserva o nome de *Mosteiro das Freiras* um espaçoso terreno que foi d'ellas.

Na egreja matriz existe, no altar que lhe é dedicado, uma imagem, de pedra, de Santa Iria, antiquissima, que foi do mosteiro de Mósinho, e com a qual as tecedeiras d'estas terras teem particular devoção.

—

Confina esta freguezia, pelo O., com a freguezia da Capella, ficando-lhe de permeio o monte do Mósinho, que tem 4 kilometros de comprimento, e onde ha muitos coelhos, lebres e perdizes, e que produz muito matto, e bôas pastagens para o gado.

Pelo S., com a freguezia de S. Payo da Portella, e Santa Clara do Torrão.

A freguezia da Portella foi curato, desmembrado d'esta do Pinheiro; depois, passou a ser abbadia, apresentada pelo seu padroeiro, Gregorio Ferreira d'Eça, da casa de Cavalleiros, progenitor dos condes de S. Payo—condado extincto — (porque os actuaes condes de S. Payo, são dos Sampaios Albuquerques Mendonças Furtados Mellos Castros Monizes, etc.)—e do sr. D. Rodrigo José de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

Pelo N., confina com a freguezia de Valle-Pêdre—e pelo E., com S. Martinho de Rio de Moinhos, e S. Salvador da Cabeça Santa.

—

Em 1300, era a freguezia da Cabeça Santa, uma das melhores da comarca.

Quando o abbade não podia prehencher todos os seus deveres parochiaes, pela extensão e população da freguezia, ou por molestias e velhice, elle e o juiz da cruz, nomeavam um coadjuctor e futuro successor; mas sendo abbade, Francisco de Salles, houve grandes divergencias, entre elle e o juiz da cruz, na escôlha do futuro successor, de modo que o abbade, receando algum insulto, se recolheu ao mosteiro dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) do Porto; e depois, por bulla do papa, vinha um conego d'aquelle mosteiro parochiar a freguezia; mas, como o local é montanhoso e feio, e ficava longe, o conego nomeado apresentava aqui um cura, a quem dava 48$000 em dinheiro, 60 alqueires de pão meiado (milho e centeio) e 30 almudes de vinho—sendo a fábrica da egreja á custa do convento.

Confina tambem pelo E., com S. Miguel de Paredes, em cujo adro existe um lodam (aqui chamado *lodeiro*) antiquissimo e gigantesco, tendo o tronco 9 metros de circumferencia, e a arvore uns 44 metros de altura.

Está viçoso como qualquer arvore nova.

—

Ha na freguezia de S. Vicente do Pinheiro, a capella de Santo Antonio de Vállega, muito antiga, pois já em 1450, escreveu no livro das visitas, o abbade Manuel Soares, natural d'esta freguezia, que a capella foi *repairada*, sendo elle de menor edade.

Todos os annos se faz uma festa ao padroeiro d'esta capella, no 1.º domingo depois do dia 13 de junho.

Ha tambem uma capella particular, do morgado das Quintans—e um oratorio da sr.ª D. Sancha Coelho de Lacerda.

Agradeço ao sr. Carlos José Moreira Pinto, a maior parte dos curiosos esclarecimentos que se acabam de ler n'este artigo.

PINHEIRO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa.

Tem 400 fogos (com a freguezia de Mução annexa.)

Em 1757, tinha o Pinheiro 236 fogos, e Mução 34, total 270.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado, apresentava o reitor, confirmado, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga e foi villa, a que o rei D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 13 de julho de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 95, col. 2.ª)

A freguezia de Mução, está ha mais de cem annos annexa a esta, e por isso se denomina vulgarmente, freguezia de *Pinheiro e Mução*.

O seu territorio é montanhoso, mas tem valles ferteis em cereaes.

E' abundante de gado e caça.

PINHEIRO—freguezia, Beira Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, 33 kilometros ao N.O. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Orago, Santa Maria do Pinheiro (Nossa Senhora d'Assumpção.)

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Para se distinguir das outras povoações chamadas Pinheiro, se dá a esta o nome de *Pinheiro de Lafões*.

E' esta freguezia muito antiga, e composta de 13 aldeias, algumas d'ellas muito povoadas.

E' terra fertil em milho, mas produz pouco dos outros cereaes, e menos azeite—algum vinho verde, e antigamente só havia uma vinha em Ugeiras, propriedade de Pedro Viçoso da Veiga, de Oliveira de Frades; mas dava pouco vinho.

As vitellas d'esta freguezia (como as de todo o valle de Lafões) são de um gosto especial.

E' terra pobre, mas os seus habitantes teem fama de muito doceis e bons,

No sitio onde está a egreja actual, houve em tempos remotos, uma ermida dedicada

a Nossa Senhora; e porque junto d'ella havia um monstruoso pinheiro, se denominou Santa Maria do Pinheiro, titulo que passou á freguezia.

Este pinheiro antiquissimo, cahiu por occasião de um grande temporal, pelos annos de 1700.

A egreja matriz, está fóra do logar, em sitio deserto, não havendo alli senão as casas da residencia do parocho, proximas á egreja.

Tem um pequeno passal, com um bom pomar, uma horta, e bastantes *arvores de vinho* (carvalhos com videiras.)

Todavia, o local da egreja é bonito, porque passa junto d'ella, um regato que rega estas terras e bastantes arvores.

A imagem da padroeira, é de pédra, muito antiga (julga-se ser a da antiga ermida) e sagrada.

Consta que o titulo da Assumpção lhe foi dado no reinado de D. João I.

A povoação do Pinheiro, fica a uns 900 ou 1000 metros do rio Vouga, e a 9 kilometros de Ribeira-Dío.

PINHEIRO—freguezia, Alemtejo, concelho de Mertola. (Vide *Miguel do Pinheiro — São.*)

PINHEIRO D'ÁZERE — freguezia, Beira Alta, concelho de São João d'Areias, comarca de Santa Comba Dão.

Já tratei d'esta freguezia, sob o nome de *Ázere* ou *Pinheiro d'Ázere*, a pag. 291, col. 1.ª, do 1.º vol.

Aqui darei mais os seguintes esclarecimentos.

Foi por alguns seculos cabeça do concelho do seu nome, com camara, juiz ordinario, etc.

E' n'esta freguezia a capella de *Nossa Senhora da Ribeira*, ou do *Pranto* (hoje da *Piedade*) que foi o mais celebre sanctuario d'estas terras.

Está (a ermida) situada entre montes, mas em sitio aprazivel, e correndo-lhe a pouca distancia o Mondego, aqui muito estreito e profundo.

O templo é de boa architectura e vasto, tendo ao N. uma frondosa alameda, e proximo, casas para abrigo dos romeiros.

Em frente da capella estão umas boas casas, mandadas construir pelo bispo de Viseu, D. Jeronymo Soares, que se comprazia em vir aqui passar algumas semanas, no verão.

Consta do Tombo velho, que esta capella é muito antiga, e se chamou primeiramente *Santa Maria Maior.*

N'aquelle tombo se lê—*O caneiro que está á pedra broeira* (schisto) *junto á ermida de Santa Maria Maior.*

Parece que foi egreja matriz de uma parochia, que foi ha muitos seculos supprimida.

Segundo outra opinião, houve proximo da capella, a egreja matriz de uma freguezia, no sitio onde hoje se chama *S. Miguel o Velho*, perto do logar do Pinheiro.

Consta que esta capella já existia ha muitos annos, quando pelos de 1200 se demoliu a tal egreja velha, e que o arco cruzeiro da ermida, fôra d'aquella egreja.

Segundo á lenda, a imagem d'esta Senhora foi achada entre uns rochedos da serra, por caçadores que casualmente alli passaram, e que elles e o povo lhe construiram logo uma capella.

Com as frequentes reparações e reedificações, apenas a capella-mór mostra vestigios de muita antiguidade, pois é a antiga capella.

O corpo da egreja, que se lhe uniu, foi construido em 1660, e é vasto, claro e elegante.

Segundo a tradição, dá-se-lhe o nome de *Senhora da Ribeira*, porque primitivamente, a capella estava entre o rio Mondego e uma *ribeira* que lhe passava pela frente, tendo aqui um grande brejo, que damnificava a capella, nas grandes enchentes, em que o rio o invadia.

O 3.º prior d'Óvoa, com os seus parochianos, no seculo XVI, em uns poucos de dias sanctificados, se foram ao brejo e o entulharam, desapparecendo a ribeira.

Ainda antigamente se dava um terceiro titulo á padroeira; mas este menos usual—era—*Senhora da Asna Brava*—porque o Mondego era aqui atravessado pela barca chamada *da Asna Brava.*

Tem altar-mór, e dois lateraes, todos de talha dourada.

Da parte de fóra da ermida, está uma capellinha ou edicula, dedicada a Nossa Senhora do Bom Despacho; tambem objecto de grande devoção d'estes povos.

Esta ermidinha foi construida pelos annos de 1690, para que os romeiros que não coubessem na egreja, podessem aqui ouvir missa.

PINHEIRO DA BEMPOSTA—villa, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Oliveira de Azemeis (foi até 24 de outubro de 1855, cabeça do concelho do seu nome, da comarca d'Estarreja.)

Já a pag. 381, col. 1.ª, do 1.º vol., tratei da villa da Bemposta: — aqui trato do Pinheiro.

No archivo da camara d'este concelho, existiam duas folhas de pergaminho, com parte de um foral (escripto em latim barbaro) que era o antigo d'este concelho; mas, como não tinha principio nem fim, não se podia saber quem o deu: certamente não foi nenhum dos nossos reis, porque então Franklim mencionava-o.

Devia de ser dado pelos Noronhas, condes de Villa Verde (e mais tarde marquezes de Angeja) senhores d'esta villa.

No tempo do rei D. Manuel, compunha-se este concelho dos seguintes logares e freguezias:

Figueirêdo, Bemposta, Branca, Contumil, Centeaes, Deveza, Canellas, Salreu, Fermelan, Pinheiro, Cequins (ou Sequins), Fonte Chan, e de outros mais logares e freguezias, que não vem especificados no foral por não pagarem direitos nem tributos.

No tombo da egreja do Pinheiro, se menciona como seu prior, em 1508, o bispo D. Diogo Lopes Moniz, que havia sido abbade de Pedroso.

Parece que este prelado, era parente do senhor do Pinheiro, Diogo Moniz, fidalgo da casa real, no principio do seculo XVI, pois que figura como assistente á doação do foral que o rei D. Manuel deu a esta villa, em Lisboa, a 13 de julho de 1514—e que foi publicado em 15 de agosto do mesmo anno. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 95, col. 2.ª.)

(Rectifico aqui um engano na data do foral, que, por êrro typographico, se vê a pag. 381, col. 1.ª, do 1.º vol.

A data do foral, não é do 1.º de junho de 1510, mas a que se vê n'este artigo.)

A egreja do Pinheiro, teve sempre por priores pessoas qualificadas, tanto pelo seu talento, como por a sua nobre ascendencia —entre outros, contam-se os seguintes:

D. Alvaro da Costa e Silva.
D. Antonio Barbosa Bacellar.
Manuel Leitão Coelho.
D. Antonio de Távora e Noronha.
Garcia de Souza e Menezes.
D. Domingos Leite de Athaide (da casa dos condes de Povolide, e da dos condes d'Atouguia da Baleia.)

E' um templo vasto e muito claro, e está adornado com muita decencia.

(Diz-se que um dia, por occasião da guerra peninsular, ouviram aqui missa 3:000 homens do exercito anglo-luso — o que não prova que coubessem todos dentro d'elle.

Ignora-se a data da construcção da egreja matriz primittiva, apenas se sabe que remonta ao principio da nossa monarchia.

Tambem se não sabe quando se construiu a egreja actual, a pouca distancia do assento da antiga; mas, pela sua architectura, parece ser obra do meiado do XVII seculo e durante o reinado de D. Pedro II.

E' grande o desmazello que em Portugal se nota na maior parte dos parochos, não só dos nossos dias, como dos seculos anteriores.

Os que eram curiosos, e sollicitos no cumprimento das suas obrigações, assentavam no *Livro das Visitas*, ou em qualquer outro, das suas egrejas, os factos dignos de memoria occorridos nas suas parochias; mas, diga-se a verdade —esses eram poucos—e são

esses raros livros que muito me ajudaram n'esta obra.

A maior parte dos reverendos parochos modernos, teem tão pouco cuidado d'estas cousas, como os seus predecessores.

Tenho infelizmente uma prova d'isso, na construcção d'esta obra — pedi informações a mais de 600 parochos, e apenas a recebi de uns 30 e tantos, distinguindo-se entre estes, pelas muitas e curiosissimas informações das suas freguezias e de outras muitas, os reverendissimos senhores dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto—José dos Santos Moura, abbabade de Caires — Manuel José Martins Capella, abbade de S. Payo da Carvalheira—Fortunato Antonio Botelho Machado, abbade de S. Thomé do Castello — Bernardo de Vasconcellos Monterroso, abbade de Jovim (hoje transferido para Penha Longa.)

É de notar que todos estes senhores pertencem ás provincias da Beira-Alta, Douro, Minho, e Traz-os-Montes — do Algarve, Alemtejo, Extremadura, e Beira-Baixa, só dois ou tres parochos se dignaram responder-me.

—

Quanto á etymologia do nome *Bemposta* (que é o seu nome antigo, e o que lhe dá o foral), lhe foi provavelmente posto pela sua formosa situação; como em identicas circumstancias, se deu o mesmo nome a varias outras povoações. Ha porém uma lenda com respeito a esta etymologia, que por extensa e absurda não menciono. O nome de *Pinheiro*, dizem que lhe vem de um gigantesco pinheiro que havia aqui antigamente, junto á estrada real.

—

No fatal dia 1.º de novembro de 1755, estava o bispo-conde de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, celebrando o santo sacrificio da missa n'esta egreja, pois andava então em visita á sua diocese, quando no meio da missa teve logar o desastroso terramoto. O povo, que n'essa occasião enchia a egreja, prorompeu em altos gritos de afflicção, derramando torrentes de lagrimas, e invocando a Misericordia Divina.

O corajoso prelado, não arredou uma pollegada do seu logar, e permaneceu impassivel até ao fim das terriveis oscilações, que não causaram ao templo o minimo prejuizo.

—

Quando em 24 de outubro de 1855 (*attendendo á commodidade dos povos!...*) se supprimiu este concelho, compunha-se elle de oito freguezias — Loureiro — e Ul, no bispado do Porto—e no de Aveiro—Branca—Macinhata da Seixa (ou da Ceiça) — Palmares (vulgo, Palmaz)—Pinheiro—Ribeira de Fráguas—e Travanca.

—

Posto que o Pinheiro da Bemposta seja uma povoação pequena, justamente se honra de ser a patria de varões insignes pelas suas virtudes, pelas armas e pelas lettras.

Entre outros, mencionarei—D. Simão de Sá Pereira, bispo de Lamego—D. Sebastião da Ascenção, bispo de Cabo-Verde—Arthur de Sá—Ruy de Sá Pereira—frei João da Luz — Matheus de Figueiredo — padre Luiz Pinheiro (jesuita) — João Pereira de Mello — João de Mello Leitão — João Evangelista Alves d'Araujo—frei Joaquim de Santo Antonio — e o seguinte:

Manuel da Siva Ribeiro (vulgarmente conhecido pelo Thomé, do Pinheiro da Bemposta, pois que a esta esclarecida familia denominam vulgarmente, *os do Thomé*, por ser esse o nome de um seu antepassado).

Nasceu em 1796 e falleceu em 1860.—Foi casado com D. Anna Joaquina de São José, fallecida em 1851.

Era um perfeito cavalheiro de antiga tempera, geralmente estimado e respeitado; pelo que exerceu os cargos principaes do concelho, sendo por muitos annos administrador d'elle. Sua mulher, era um compendio das

mais adoraveis virtudes, um d'esses anjos cuja peregrinação na terra é uma sequencia de actos de caridade e bons exemplos; e que depois da morte, deixam submersos em pranto de sincera e indelevel saudade, não só os seus, mas quantos tiveram a honrosa satisfação de os conhecerem.

Era a verdadeira providencia dos pobres e desvalidos, de quem foi sempre protectora desvelada. A sua bella alma, verdadeiramente nobre, e o seu coração, sinceramente compadecido, não podiam conhecer necessidade a que não accudissem, e afflicção que não remediassem. Ninguem que carecesse das suas esmolas, ou das suas consolações, sahia do seu lado, sem trazer os olhos arrasados de lagrimas da mais cordial gratidão. É por isto, que o nome d'esta senhora será por muitos annos abençoado pelo povo d'esta freguezia e immediatas.

Mas, se estes esposos, tão dignos um do outro, foram dois exemplos salutares das virtudes christans, Deus não guardou só para depois da morte o premio das suas boas obras; recompensou-os n'este mundo com seis filhos e tres filhas, nos quaes todos viram com verdadeiro prazer, germinar, crescer e conservar-se a pratica de todos os bons sentimentos de seus paes, a par da mais esmerada educação, e de uma sólida illustração.

Foram seus filhos, os srs.

1.º *José Caetano dos Santos Ribeiro* — director do correio de Estarreja. Nasceu em 1826.

2.º *Manuel da Silva Ribeiro* — proprietario, residente no Pinheiro da Bemposta. Nasceu em 1828.

3.º *João da Silva Ribeiro* — professor de instrucção primaria, da mesma freguezia do Pinheiro. Nasceu em 1829.

4.º *Daniel da Silva Ribeiro* — nascido em 1830. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, em 1855, e pouco tempo depois, foi nomeado chanceller do consulado portuguez em Pernambuco. Em 1862, foi occupar o mesmo logar, no consulado geral do Rio de Janeiro, onde actualmente se acha, e por muitas vezes tem desempenhado, com a maior honradez e patriotismo, o logar de consul geral, devendo-lhe muitos e relevantes serviços os portuguezes residentes no imperio brasileiro.

5.º *Francisco da Silva Ribeiro* — engenheiro civil, e actualmente director das obras publicas, no districto administrativo da Guarda. Nasceu em 1833, e concluiu os seus estudos, em 1858.

6.º *Abel da Silva Ribeiro* — Nasceu em 1836 — seguiu a medicina, concluindo os seus estudos, com geral approvação dos seus mestres, na escola medico-cirurgica do Porto, em 1862.

Reside na villa de Odemira, onde exerce, com a maior distincção, o logar de medico do partido da camara, e sendo, pelas suas bellas qualidades, geralmente estimado por todos os habitantes da sua patria adoptiva.

É viuvo de uma senhora muito virtuosa de Odemira, da qual lhe ficou um filho.

E as sr.as

1.ª *D. Maria Ermelinda da Conceição Ribeiro* — que casou com um distincto cirurgião, de Angeja, e é fallecida.

2.ª *D. Luciana Augusta da Silva Ribeiro* — ainda solteira, professora de instrucção primaria, e prendas, do sexo feminino d'esta freguezia, e que reside na sua casa do Pinheiro.

3.ª *D. Anna Carolina da Silva Ribeiro* — tambem solteira, e vivendo em companhia de sua irman.

—

Os exemplos paterno e materno, não podiam deixar de actuar n'estes cavalheiros e senhoras; pelo que — *a familia Ribeiro, da Bemposta*, é apontada como modêlo, e como exemplo, pela grande e cordial amisade que sempre tem unido todos os seus membros, e porque, sem excepção, teem tomado por norma a mais rigida probidade, e a mais inquebrantavel honradez, unidas a uma caridade nunca desmentida.

Recebam todos os membros da nobilissima familia Ribeiro da Bemposta, este singelo, mas sincero testemunho de respeito, por todas as brilhantes qualidades, com que tem

sabido conservar impoluto o nome e a memoria de seus venerandos paes.

—

Em uma propriedade, do sr. José Maria Soares, d'esta freguezia, ha um pé de videira, que em 1873, produziu 9 1/2 almudes de vinho—em 1874, 8 1/2—e em 1875, 9 1/2.

Ha poucas videiras em Portugal que produzam tanto.

PINHEIRO DE LOURES — aldeia, Extremadura, freguezia e 4 kilometros a N.O. de Loures, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 18 kilometros a N.O. de Lisboa.

Era a 7.ª estação do caminho de ferro, do systema Larmanjat, de Lisboa a Torres-Vedras.

—

Aqui proximo tinham uma sumptuosissima quinta, os srs. marquezes de Penafiel. Compunha-se de um optimo palacio, boa capella, diversas officinas; importantes pomares de laranja, vinhas, differentes arvores de fructa de carôço, e terras de semeadura.

O palacio estava luxuosamente mobilado, com alguns utencilios de muito merecimento, pela sua antiguidade—estatuas, vazos e tanques de marmore de Carrára, e outros muitos objectos de grande valor. Era o solar dos *Mattas*, ascendentes dos *Correios-móres*, depois condes, e por fim marquezes de Penafiel. (Vide vol. 4.º, pag. 457, col. 1.ª, no fim.)

A esta rica propriedade estavam annexas —as quintas—*da Matta das Flores*—*da Mattinha*—*da Pipa*,—e o *casal da Pipa*.

Tudo isto foi vendido em leilão (mobilia e bens de raiz) no dia 28 de novembro de 1875, e adjudicado a diversos compradores; deixando de existir em poder d'esta familia, uma das melhores peças da sua outr'ora grande casa.

PINHEIRO ou **PINHEIROS** — freguezia, Beira Alta, comarca d'Armamar, concelho de Tabuaço (foi da comarca de Tabuaço, concelho, extincto, de Barcos) 24 kilometros de Lamego, 305 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, Santa Eufemia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor da villa de Barcos, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

PINHEIRO DE CÓJA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Tábua (foi cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Arganil) 45 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 51 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O reitor de Coja, apresentava o cura, que tinha 28$000 réis e o pé de altar.

Foi villa, e é povoação muito antiga, e terra fertil.

Teve conde.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 45, col. 2.ª)

Trata-se n'este foral, das seguintes terras:

Bem-Feita, Carregozella, Casaes da Esculca, Espariz, Póvoa do Enxendro, e Póvoa do Salgueiro.

PINHEIRO DE SANHOANNE—antigo solar da familia Queiroz Camanho e Lencastre, á qual está unida a nobre e antiga *casa de Nossa Senhora da Conceição*, na rua de S. João, em Braga.

E' seu representante, o sr. D. Antonio de Queiroz Camanho e Lencastre, fidalgo de esclarecida linhagem.

PINHEIRO GRANDE—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros a N.E. da Chamusca, 105 ao E.N.E. de Lisboa.

Tem 1:100 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Os herdeiros de D. João de la Coeva e Mendonça (senhores da commenda) apresentavam o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 30 de cevada, 4$500 réis em dinheiro e o pé d'altar.

E' terra fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

E' proximo da margem esquerda do Tejo, que lhe fornece algum peixe.

Houve aqui um convento de frades capuchos, de Santo Antonio, fundação (outros dizem reedificação) do rei D. Manuel.

E' povoação muito antiga, e foi até 1311 commenda da ordem dos templarios, e desde 1319 até 1834, da ordem de Christo.

A egreja matriz primitiva, foi fundada pelos templarios, pelos annos de 1230, constituindo aqui uma parochía independente, quando a povoação do Pinheiro apenas tinha dez fogos.

Tinha um hospicio para os cavalleiros, e para os freires sacerdotes, que lhes administravam os sacramentos, e ao povo.

Em 1284, Dom Poncio e sua mulher D. Maior Martins, deram á ordem do Templo, a sua *Aldeia Nova*, no termo da Covilhan, sob a condição de que esta egreja do Pinheiro fosse sempre curada por um sacerdote da ordem do Templo.

No reinado de D. Sebastião, era commendador do Pinheiro, D. Francisco Pereira, embaixador do mesmo rei a Castella.

Era casado com D. Bernarda Coutinho, dama da princeza D. Joanna, mãe do monarcha.

Pouco depois do anno de 1640, D. João IV deu esta commenda a D. Fernando de la Coeva, fidalgo castelhano, que era governador da torre de São Gião (S. Julião da Barra) e ficou em Portugal, tomando o partido de D. João IV.

E' d'este D. Fernando que procedem os *la Cuevas* portuguezes.

PINHEIRO NOVO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 84 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrattvo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Bragança, concelho de Santalha.

O abbade de Quiraz, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia estão annexas a de Sernande (ou Cernande) e Pinheiro Vélho.

Terra fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

Abundancia de caça, grossa e miuda.

PINHEIROS—vide 4.º vol., pag. 279.

Pinheiros é patria do cardeal patriarcha de Lisboa, D. frei Patricio da Silva.

Vide tambem, vol. 5.º, pag. 98, col. 1.ª, no fim.

PINHEIROS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros ao S.O. de Monção, 54 ao N. O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, 79 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 180$000 réis e o pé d'altar.

Metade da freguezia era *beneficio simples*, que tambem entrava no pé d'altar.

Andava annexa ao morgado dos Marinhos, por serem descendentes de D. Vasco Marinho, que foi o instituidor do vinculo, por bullas apostolicas.

Consta que foi natural d'esta freguezia, Domingos da Ponte (*o Gallêgo*) bravo minhoto, que, pelo seu valor e feitos militares, chegou a ser um dos homens principaes do seu tempo.

Em creança fugiu a seus paes, e andando de terra em terra, chegou á Allemanha, onde serviu em um regimento de couraceiros (cavallaria) de que era coronel o infante D. Duarte, e chegou ao posto d'alferes, por distincção nos combates.

Acclamado D. João IV, em 1640, o leal portuguez, voou á sua patria, fazendo com a maior bravura toda a guerra da acclamação, e chegando ao posto de general de cavallaria, na provincia de Traz os-Montes.

Foi feito fidalgo da casa real e commendador da ordem de Christo.

E' terra fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado de toda a qualidade, e o rio Minho (que lhe fica proximo, ao N.) lhe fornece excellente peixe.

Tambem por este rio lhe vem peixe do mar.

—

E' n'esta freguezia o sumptuosissimo palacio da Brejoeira, uma das mais esplendidas vivendas d'este reino. Vide vol. 1.º, pag. 488, col. 1.ª, no fim.

(O primeiro nome d'esta bella propriedade, era *quinta da Rosa.*)

Os senhores da Brejoeira (Velhos Moscosos) apresentavam o abbade de S. Payo de Jolda.

PINHEL—cidade, Beira Baixa, capital da diocese, da comarca e do concelho do seu nome, no districto administrativo da Guarda, d'onde dista 33 kilometros ao N., 20 ao O. da raia, 26 a E. de Trancoso, 75 a S.E. de Lamego, 150 ao E. de Brago, 135 ao E. do Porto, 125 ao S.E. de Coimbra, 70 ao S.E. da Covilhan, 325 ao S·E. de Lisboa.[1]

Tem 570 fogos (2:300 almas) em uma só freguezia, Santa Maria do Castello.

Em 1757, era do bispado de Viseu, e tinha seis freguezias:

1.ª—*Nossa Senhora do Rosario,* abbadia, da apresentação alternativa do papa, e do cabido da Sé de Viseu.

Rendia 300$000 réis, e tinha 154 fogos.

2.ª—*O Salvador,* priorado, de padroado real.

Rendia 270$000 réis — e tinha 116 fogos.

3.ª—*S. Martinho, bispo,* reitoria, da apresentação da mitra (de Viseu.)

Rendia 40$000 réis—e tinha 154 fogos.

4.ª—*Santo André,* reitoria da mesma mi-

Rendia 40$000 réis—e tinha 99 fogos.

5.ª—*S. Pedro,* apostolo, reitoria, da apresentação da mesma mitra.

Rendia 40$000 réis—e tinha 18 fogos.

6.ª—*Santissima Trindade,* curato, da apresentação do commendador de Malta.

Rendia 10$000 réis de congrua e o pé de altar, e tinha 21 fogos.

Vinha portanto a ter a cidade (então villa) 562 fogos, com 2:200 almas, do que se conclue que em 119 annos não tem feito quasi differença a população de Pinhel.

O concelho de Pinhel é composto de 26 freguezias, quatro no bispado de Lamego, que são:

Azevo, Cidadêlhe, Ervedosa, e Freixianda (ou Freixiandas) — e 22 no bispado de Pinhel, que são:

Alverca, Atalaia, Bouça Cóva, Bugalhal, Cerêjo, Colmeal, Ervas Tenras (ou Hervas Tenras) Gouveias, Lamegal, Lameiras, Manigôto, Palla, Pereiro, Pinhel, Santa Eufemia, Soropires, Sorval, Valle-Bom, Valle de Madeira, Valle Verde, Vaz Coveiro, e Vendada (ou Bem-Dada.)

Tinha (quando era só concelho, da comarca de Trancoso) a freguezia de S. Sebastião do *Carvalhal,* que é hoje do concelho da Meda.

(Vol. 2.º, pag 134, col. 1.ª)

Quando foi outra vez elevada a cabeça de comarca, uniram-se-lhe as freguezias da *Bemdada,* que era do concelho do Sabugal,[1] e *Lamegal,* que foi do extincto concelho de Jermêllo.

Tem o concelho de Pinhel, actualmente 3:300 fogos

A comarca de Pinhel, era composta dos julgados de:

Almeida, com 1:600 fogos.

Figueira de Castello Rodrigo, com 2:500 fogos.

Pinhel, com 3:300 fogos. — Total, 7:300 fogos.

—

O 1.º foral d'esta cidade, lhe foi dado por D. Sancho I, em setembro de 1209 (Viterbo diz que foi em 1189) e D. Affonso II, seu filho, o confirmou, em outubro de 1217. (Maço 7 de *Foraes antigos,* n.º 9—Maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl. 53 v., col. 1.ª—e no *Li-*

[1] Todas estas distancias são tiradas pelo mappa, e portanto, em linha recta.

tra.

[1] O verdadeiro nome d'esta freguezia é *Bem-Dada;* mas, não sei porque, os modernos escrevem *Vendada,* o que muda completamente a siguificação da palavra.

E' por isso que a freguezia de Bem-Dada se não encontra nos mappas e diccionarios geographicos modernos. (Vide vol. 1.º, pag. 386, col. 1.ª

vro de foraes antigos de leitura nova, fl. 39 v., col. 1.ª

Este mesmo foral, se acha reformado pelo rei D. Diniz, na Guarda, a 10 de setembro de 1282, no livro 46.º de *Tombos*, no armario 17, fl. 52, in medio.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 8, col. 1.ª)

Este foral só trata de *Pinhel* e *Terra de El-Rei*.

Varios escriptores dizem que o 1.º foral de Pinhel, foi dado por D. Affonso Henriques, em 1179 (quando reedificou a povoação) com grandes privilegios, que seu filho, D. Sancho I, ainda augmentou, pois lhe deu o foral d'Evora.

Franklim, porém, não traz o foral de D. Affonso I, se é que o houve.

Segundo a maior parte dos nossos escriptores, foi fundada pelos turdulos, no anno do mundo 3504 (500 antes de Jesus Christo); mas, ainda que a data da sua fundação não seja tão remota, é certo que é uma das mais antigas povoações da Lusitania.

As suas fortificações, hoje em parte desmantelladas, consistiam no seguinte:

Era cercada de muralhas de cantaria, com 6 portas (*da Villa, de S. Thiago, de S. João, de Marrocos, do Alvacar, e de Marialva.*)

Outros escriptores, dão nomes diversos a algumas d'estas portas, denominando-as — *da Villa, de Marialva, do Alvacar, de Castello Rodrigo* (ou *dos Muchachos*), *de S. João*, e *da Rua de Baixo*.

Cada porta era defendida por uma torre, e tendo a da porta da Villa, que era a principal, um relogio.

Esta porta, é a unica que já não existe.

Tinha seis torres, e um forte castello de cantaria, com duas torres muito altas; tudo ou reedificado, ou mandado construir de novo, pelo rei D. Diniz, em 1312, que no mesmo anno reedificou tambem a villa.

Tinha voto em côrtes, com assento no 9.º banco.

Está esta cidade situada na encosta d'um monte, na margem da ribeira chamada *Riba Pinhel* (que desagúa no Douro, depois de se lhe juntar o rio Péga e varios regatos) atravessada aqui por uma bôa ponte de pedra.

É' sujeita a sesões, por causa da má qualidade das suas aguas.

O seu territorio é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade; é abundantissimo de caça grossa e miuda.

Ha aqui grande commercio de meias de lã.

Tem por armas—um escudo com as Quinas Portuguezas, do lado direito—e do esquerdo, um pinheiro, verde, e sobre elle um falcão.

Timbre, o mesmo falcão.

Dizem que é o falcão que os terços de Pinhel tomaram a D. João I de Castella, em Aljubarrota, a 14 de agosto de 1385—e que é desde então que esta cidade se honra com a legenda:

PINHEL, FALCÃO, GUARDA MÓR DE PORTUGAL

Tem Misericordia, fundada pelo doutor João Videira, natural de Pinhel.

Tem um mosteiro de freiras franciscanas (de Santa Clara) fundado por Luiz de Figueiredo Falcão, em 1600.

N'elle está enterrado o fundador, e Santa Theodora, virgem-martyr.

Foi martyrisada (degolada) em Roma, no anno 132 de Jesus Christo, sendo imperador Adriano.

Antes d'ella, tinha sido martyrisado seu irmão *Hermetes*, e como ella o fosse enterrar, só por esse facto, foi condemnada como christan.

O corpo da santa, veiu de Roma para este mosteiro, em 1620, acompanhado de um breve, do papa Paulo V, com muitas indulgencias para quem visitar a egreja do mosteiro no dia da festa da Santa, que é no 1.º d'abril.

Adiante tratarei com mais individuação d'estes dois edificios.

Tem estação telegraphica, com serviço limitado, desde junho de 1876.

—

No foral novo de Pinhel se declara que ao direito de *brancagem* (certo imposto) se chamava antigamente *açougagem*, e que se pagava só na villa e não no termo.

Este imposto, segundo o foral, era assim pago—*de cada bôi ou vacca, hum real—de porco, 4 ceitis—de carneiro ou ovêlha, 3 ceitis—do bóde ou cabra, 2 ceitis—e do cordeiro ou cabrito, hum ceitil—o qual direito se pagará d'aquellas rezes que se matarem ao talho, e d'outras não; contanto que os açougues em que as ditas carnes cortarem, sejam feitos e repairados per nós ou per aquellas pessoas que os ditos direitos teverem.*

Em Pinhel, *açougagem* e *brancagem*, eram uma e mesma cousa; mas não assim em outras terras.

No foral dado por D. Manuel á villa de Monção, em 1512, tendo á vista o do conde de Bolonha (D. Affonso III) se diz:

Item, se arrecadará para o dito concelho, o direito da brancagem, que he—de cada fornada de pam trigo que se vende na praça, que seja bregado e de callo, hum real; porque, de pam molete não pagarão nada. Tambem pertence ao concelho, o direito da açougagem—que é do peixe, carne, fructas, panellas, etc.

Já se vê que no Minho, os impostos de *açougagem* e *brancagem*, eram distinctos.

Açougue, é corrupção da palavra árabe *assoco*. [1]

Significava praça ou lugar onde se vendiam os commestiveis.

Os arabes não só dão este nome aos logares onde se vende carne; mas tambem aos mercados de peixe, fructa, hortaliça e outros generos.

Os hespanhoes pronunciam sem corrupção—*assoco*.

Deriva-se do verbo *saca* que na 8.ª conjugação, significa *comprar*, feirar, vender, fazer negocio.

No foral de D. Sancho I se diz — *Homo qui se anafragaret suo adextrado* (cavallo de marca, ajaezado e prompto para a guerra) *quamvis habeat alium, sedeat excusata usque ad caput anni.*

—

Nas côrtes d'Evora (aqui convocadas pela 6.ª vez) de 1441, pediram os procuradores de Pinhel, muito encarecidamente, a D. Affonso V, que—*por mercê e á Onra da Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, perdoe e dê Carta de seguro, a João de Basto, cadieiro,* [1] *a quem fogiu uma molher da cadeia (da qual fogida anda amorado* [2] *com medo de vossas Justiças.)*

Allegaram que *o dito Basto era homem muito fiel no seu officio, e muito util para este ministerio; e que os presos da villa, se ficavam guardando por* ADÚA [3] *o que era mui gravoso do concelho. E finalmente, que cada dia fogem presos aos cadieiros e são-lhe relevados os seus êrros.*

D. Affonso V respondeu:

«Aja Carta, per que venha a Inquiriçom devassa, e depois darei sobre ella o meu desembargo.» (Documento da camara de Pinhel.»)

—

A pag. 47, col. 2.ª, no fim, do vol. 2.º, taatei da famosa cidade lusitana *Caliabria;* mas, como depois d'isso (e depois das mais activas diligencias) pude obter uma *Memoria historica*, ácerca d'esta cidade, escripta (em 1815) pelo padre Luiz José Ferreira de Carvalho, que foi reitor da freguezia de Escalhão, n'este bispado de Pinhel (concelho da Figueira de Castello Rodrigo) — e publicada pelo sr. José Caetano Preto Pache-

[1] Por isso, era mais etymologico escrever *assougue*.

[1] Cadieiro, ou *cadeeiro*, portuguez antigo —*carcereiro*.

[2] Amorado e amoorado, portuguez antigo—retirado, escondido, homisiado, etc.

[3] *Adúa, annuduva, anuduba, annaduba, anuda, aduba*, etc.—portuguez antigo—impôsto, em dinheiro, para reparar, compôr, fazer de novo, ou augmentar as cavas, torres, muralhas, castellos, fossos, e outras quaesquer obras militares.—Tambem *finta* —e é no sentido que se emprega no texto.

co, não quero privar os leitores de tão curiosissimas noticias, que teem referencia á cidade de Pinhel; mas, para não fazer este artigo ainda mais extenso, o transferi para *Senhora do Campo*, que é uma ermida occupando hoje parte do sitio onde existiu aquella antiquissima cidade. Vide pois *Senhora do Campo*.

—

Nas duas quintas, de *Valle de S. Thiago*, e *das Capellas*, termo de Pinhel, ha em cada uma d'ellas, uma fonte de agua mineral, da mesma natureza, qualidades e virtudes therapeuticas, das da fonte *d'Almofalla*.

(Vide vol. 1.º, pag. 152, col. 2.ª)

—

No anno de 1873, houve no termo de Pinhel tão grande abundancia de vinho, que não havia vasilhas para o recolher, chegando a ser vendido a 100 réis o almude!

—

Ha aqui uma feira no 1.º de novembro, e mercado, nos primeiros dias de cada mez.

—

A antiga jurisdicção de Pinhel, comprehendia 35 villas e 12 concelhos.

—

D. João II foi o que mandou fazer as *tercenas* de Pinhel. (*Tercêna, taracêna* e *terecêna*, é portuguez antigo. Significa arsenal, e tambem armazem ou arrecadação de munições de guerra.)

—

O rei D. Fernando, em uma carta de privilegios que deu a Pinhel (alem dos muitos que já gosava pelo foral) accrescenta:

«Que cavalleiros nem donas nem fidalgos, nem ordens, nem outras pessoas poderosas, podessem comprar, ganhar ou adequirir algumas herdades, ou pessessões, n'esta villa e seu termo.»

O mesmo privilegio lhe conferiu D. João I, estando em Almeida, por carta regia (provisão) de 6 de junho de 1386; mandando aos tabelliães, que não façam cartas de taes vendas, sob pena de nullidade, e perda do officio.

Em 1405, o desembargo do paço julgou a favor d'este concelho e seus privilegios, contra Gonçalo Vasques Coutinho, que foi condemnado nas custas.

Este fidalgo, havia comprado umas casas, clandestinamente, junto á muralha de Pinhel, e para isto, extorquiu uma *carta de visinhança* (vide *visinho*) de alguns individuos d'este concelho; mas ficou nulla esta carta, e o fidalgo teve de demolir a casa á sua custa, por virtude da sentença.

Havendo guerra com Castella, foi Gonçalo Vasques Coutinho, feito *marichal* e fronteiro-mór da Beira, e prevaleceu-se d'isto para fazer o que quiz, sem opposição (por mêdo) mas, terminada a guerra, é que a camara de Pinhel propoz a acção ao fidalgo, que venceu, como fica dito, e lançou de si tão máu *visinho*. (Adiante fallo d'este Vasques.)

A estes visinhos tambem os nossos antigos davam o nome de *naturaes*, o que ás vezes causa duvidas e embaraços.

—

Foi alcaide-mór de Pinhel, o famosissimo *João Fernandes Vieira* (o *Castrioto Lusitano*, como lhe chama frei Raphael de Jesus, seu biographo.)

Nasceu em 1613, na ilha da Madeira [1] e foi, ainda adolescente, procurar fortuna ao Brasil; mas já então mostrou o que viria a ser, pelos actos de heroismo que praticou na infeliz defesa de Pernambuco.

Casou depois, e vivia rico e estimado de todos quantos o conheciam.

Mas, em Lisboa raiára o glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, e o patriotismo de Vieira, o faz esquecer da paz e commodidade do lar domestico, e trama a revolta da restauração em Pernambuco, então dominado pelos hollandezes, que lhe põem a cabe-

[1] Talvez alguem estranhe memorar aqui o nosso *Castrioto;* mas, como não tenho certeza de conservar a vida, para escrever o diccionario *geographico-historico do Ultramar* (que tenho esboçado) e não quero deixar em esquecimento este verdadeiro heroe portuguez, aproveitei a circumstancia d'elle ser alcaide-mór de Pinhel, para o metter n'este artigo.

ça à preço; vendo-se obrigado a fugir para o certão, onde em breve junta uma guerrilha, e com ella ganha a batalha de *Tabocas*, em 3 de agosto de 1645.[1]

Auxiliado pelo tambem famoso preto, *Henrique Dias*, pelo indio, *Antonio Philippe Camarão* (*o Potyguarassú*), e por *André Vidal* (ou Vidigal) *de Negreiros*, vae tomando pouco a pouco aos hollandezes, as fortalezas que elles occupavam, e ganhou contra elles, em 19 de abril, de 1648, a gloriosa batalha dos *Guararapes*.

Tudo isto foi feito sem consentimento nem ajuda da côrte portugueza, que só em 1648, lhe mandou Francisco Barreto de Menezes, para se pôr á testa dos portuguezes, mas levando muito pouca gente da metropole.

Vieira lhe entrega, com a maior abnegação, o commando das suas tropas, e, depois de quasi onze annos de campanha, em que os portuguezes quasi sempre levaram a melhor, e em que Vieira continuou a ser o heroe d'esta guerra, foram os hollandezes de todo expulsos do Brasil, em 26 de janeiro de 1654.

Vieira, veiu a Portugal, *receber* (dizia elle) *o premio da sua desobediencia*. É recebido pelo rei e pelos portuguezes com os maiores testemunhos de consideração, e feito governador d'Angola, cujo emprego exerceu com o maior zêlo, actividade e justiça, até 1661.

Tornou então ao reino, onde foi feito alcaide-mór de Pinhel, commendador da ordem de Christo, e membro do conselho de guerra.

D. Pedro II o cognominou o *heroe do seu tempo*, e o papa Innocencio X, *o restaurador da Egreja americana*.

O grande João Fernandes Vieira, ainda vivia em 1676, anno em que foram creados os bispados de Pernambuco, e Rio de Janeiro, e sendo regente do reino, o infante D. Pedro, depois 2.º do nome.

Não se sabe quando morreu o famosissimo *Castrioto Lusitano!*

[1] D. João IV, tinha feito um tratado de treguas com os hollandezes, por dez annos, em 1641; mas Vieira, não podendo soffrer as prepotencias dos hollandezes de Pernambuco, não quiz saber de semelhantes treguas (feitas pela imperiosa necessidade) e rompe a guerra contra os usurpadores do territorio portuguez. (A Hespanha tambem fez, em 1648, pazes com a Hollanda, para mais facilmente vencer os portuguezes, no continente.)

—

Consta que a primeira egreja matriz que houve em Pinhel, foi em uma antiquissima ermida, dedicada a Santa Barbara, e assim se conservou muitos annos, até que para ella foi trazida, em tempo do rei D. Diniz, a imagem de *Nossa Senhora do Castello*, que estava em uma egreja de Monforte, povoação abandonada e deserta n'esse tempo. (Vol. 5.º, pag. 405, col. 1.ª)

Por a egreja da Senhora estar dentro do castello de Monforte, é que se denominava a imagem—*Nossa Senhora do Castello*. Esta egreja tinha sido a matriz de Monforte, que os mouros, castelhanos e aragonezes haviam destruido.

Depois de vir a imagem para Pinhel, se lhe mudou a invocação para a de *Nossa Senhora do Rosario;* mas o povo sempre lhe continuou a chamar Santa Maria do Castello; e é a padroeira da unica freguezia que hoje tem a cidade.

—

Esta antiquissima villa, foi elevada á cathegoria de cidade episcopal, por el-rei D. José I, em 1770. Teve porém só quatro bispos:

1.º—*D. Christovão d'Almeida Soares*, que, havia mais de 40 annos, era lente de canones na universidade de Coimbra, e, tendo exercido o pontificado sete annos, falleceu em Pinhel, em 1788. Foi sepultado na egreja de S. Luiz, junto ao altar-mór, do lado do Evangelho, e na tampa da sepultura se vê ainda a inscripção seguinte:

AQUI JAZ CRISTÓVÃO D'ALMEIDA SOARES
1.º BISPO DE PINHEL.
FALECEO EM 1788.

Era natural da provincia do Minho, onde costumava passar o verão na sua quinta de Alentem (vol. 1.º, pag. 111, col. 1.ª no fim), porque Pinhel, dizia elle — *é o viveiro das sezões*.

A casa d'Alentem, da familia de D. Christovão, é hoje representada pelo visconde de Alentem, o sr. Antonio Barreto de Almeida Soares de Lencastre, casado com a sr.ª D. Carolina Malheiro, da nobre casa da Costilha. Foi feito visconde, em 3 de setembro de 1874.

É o actual sr. visconde d'Alentem, filho de Christovão d'Almeida Soares de Barros Gavião e da sr.ª D. Margarida Ephigenia de Lencastre Camanho de Queiroz e Menezes—neto materno de Jayme de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, senhor da casa de Quintan e da Torre da Lixa, e de D. Anna Rita de Queiroz Vasconcellos Camanho — bisneto materno de Antonio de Magalhães e Menezes, senhor da casa de Quintan e fidalgo da casa real, e de D. Maria Thomazia Pinto de Mesquita Magalhães — terceiro neto materno de João de Magalhães Menezes, fidalgo da casa real e senhor da casa da Torre da Lixa, e de D. Angelica Thereza d'Abreu Barbosa e Brito.

E é neto paterno de Martinho de Faria de Andrade Castello-Branco Ribeiro, fidalgo da casa real, e de D. Maria Antonia Ignacia d'Almeida Soares Gavião, herdeira da casa de Alentem, filha natural de Christovão de Almeida Soares Gavião, fidalgo da casa real, e senhor da casa d'Alentem; e este, filho de Luiz Pinto d'Almeida Soares Gavião, fidalgo da casa real, senhor da casa d'Alentem, e irmão do 1.º bispo de Pinhel — D. Christovão d'Almeida Soares.

2.º — *D. José de Mendonça Pinto Arraes.* Havia sido monsenhor na patriarchal; a rainha D. Maria I o nomeou bispo de Pinhel, e depois o transferiu para a Sé da Guarda, em 1798, por fallecimento do bispo D. Jeronymo Rogado.

Era um prelado de muito merecimento. Construiu o paço episcopal de Pinhel, edificio vasto e elegante, ainda hoje o primeiro edificio d'esta cidade, e dispunha-se a construir a Sé junto ao paço, quando foi transferido para a Guarda. Em Cêa, sua terra natal, mandou construir o palacete, hoje da condessa de Cêa, uma das maiores casas da provincia. (Vol. 2.º, pag. 224, col. 1.ª) Falleceu em Lisboa.

3.º — *D. Bernardo Beltrão,* natural de Carapito (vol. 2.º, pag. 103, col. 2.ª) e freire da ordem de S. Bento d'Aviz.

Tambem falleceu em Lisboa.

4.º — *D. Leonardo Bessa,* frade varatojano, nascido na casa do Sobral, freguezia da Varzea, comarca e concelho d'Arouca. (Vide *Varzea,* d'Arouca.)

Falleceu no Porto.

E entre outros, tem sido governadores d'esta diocese os presbyteros seguintes:

José Manuel de Lemos, natural de Mução, que foi reitor da universidade, e bispo de Bragança, Viseu e Coimbra, onde falleceu.

Manuel Farinha Beirão, natural do Manigoto, concelho de Pinhel.

D. Francisco d'Assumpção Corrêa de Lacerda, ainda hoje D. prior de Cedofeita, no Porto.

José Antonio Guedes dos Prazeres.

Manuel Antonio de Figueiredo, abbade de Castro-Daire.

José Freire Falcão, de Castello Rodrigo, que falleceu em Lisboa sendo conego na patriarchal.

Antonio dos Santos Leal, de Moncôrvo, que falleceu aqui, e foi sepultado na egreja da Trindade.

João José Vaz, natural de Gatão, junto a Amarante, e que foi tambem conego na patriarchal.

João de Vasconcellos de Carvalho e Mello, natural da freguezia de Santa Christina de Figueiró, tambem junto de Amarante, e irmão do actual bispo de Lamego, o sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello.

Manuel José de Oliveira Guimarães, prior da egreja de S. Pedro dos Maximinos, em Braga.

E o sr. doutor Antonio Mendes Bello, natural de Gouvêa, digno governador actual e professor de hermeneutica, no seminario d'esta cidade.

—

Este bispado, suffraganeo da egreja primacial de Braga, foi formado com egrejas dos de Viseu e Lamego, e por isso, á falta

de constituições proprias, vigoram ainda as d'aquelles dois bispados nas diversas parochias que d'elles se desmembraram.

Do de Lamego, recebeu os arcyprestados de Almendra, Castello Rodrigo, Almeida, Alfaiates, e Sabugal; e do de Viseu, os de Castello Mendo, Pinhel, Trancoso, e Alverca.

As parochias que recebeu do bispado de Lamego, pertenceram antecedentemente ao bispado da cidade Rodrigo, como diz o conego João Mendes da Fonseca na sua *Memoria chronologica dos prelados de Lamego*— pag. 71.

«No mesmo anno (1430) se acha tambem (diz elle) um requerimento, que o cabido fez, para ter parte nas rendas que se desannexaram do bispado da Cidade de Rodrigo, que era o chamado *Bispado Novo*, que hoje (1789) se acha com proprio bispo, em Pinhel.»

—

O que foi aquelle *bispado novo*, claramente o dizem as *Memorias historicas ácêrca da cidade de Caliabria*, escriptas pelo rev.º Luiz José Ferreira de Carvalho, reitor de Escalhão, e publicadas pelo sr. doutor José Caetano Preto Pacheco, no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, em 1866, e no *Panorama*, em 1872.

«Erecto que foi o bispado de Cidade Rodrigo (*Memoria citada*) ou, para melhor dizer, collocada que foi a séde pontificia de Caliabria em Cidade Rodrigo, cuja época já pertence ao estado moderno, é sem duvida que ficou a Cima-Côa sujeita ao bispo d'esta cidade, pois não temos aqui outra mudança senão a da séde de uma cidade arruinada, para outra reedificada, e o poder soberano estava nos reis de Leão, a cujo dominio pertenceu o nosso paiz até que el-rei D. Affonso Henriques o tomou áquelles, o que só durou 2 annos, dentro dos quaes fundou o mosteiro de Santa Maria d'Aguiar, e o fez filiação do de S. João de Tarouca; mas, passados os dois annos, tornámos (os habitantes de Cima-Côa) ao dominio dos leonezes, e o mosteiro tornou á filiação de Morercola, no bispado de Çamora, do qual quando era, debaixo da regra de S. Bento, esteve na Torre d'Aguiar...

«Persuado-me que tambem n'aquelles dois annos, o bispo de Cidade Rodrigo, era o de Cima-Côa, assim como o foi depois, não só desde el-rei D. Affonso Henriques até el-rei D. Diniz (que foi o que ajuntou Cima-Côa a Portugal), mas mesmo desde el-rei D. Diniz até el-rei D. João I, que uniu a espiritualidade de Cima-Côa a Lamego, de maneira que, mediando cem annos, desde que D. Diniz uniu Cima-Côa a Portugal, até que el-rei D. João I, em 1404, uniu a espiritualidade de Cima-Côa a Lamego, esteve Pinhel todo este espaço de tempo, subdito de el-rei de Portugal, no temporal, e do bispo de Cidade Rodrigo, hespanhol, no espiritual.»

—

Foi o bispo de Lamego, D. Gonçalo Gonçalves, quem diligenciou, em 1403, com el-rei D. João I, a união do *bispado novo* ao de Lamego, *desannexando-se por causa do scisma*, do bispado de Cidade Rodrigo (J. M. da Fonseca, memoria citada, pag. 62.) o que consta do livro d'obitos, existente no archivo capitular de Lamego: «*Commemoratio D. Gunsalvi Episcopi Lamecensis... qui procuravit unire reditus, et jura, quae Ecclesia Civitatensis habebat in Regnis Portugalliae, & Algarbii; quae unio fuit facta per Dominum Bonifacium nonum... Romae quarto die mensis Julii era 1441.*»

A bulla da creação d'este bispado foi concedida por S. Santidade Bento XIV, em 10 de julho de 1770, e o alvará regio que lhe deu o *placet*, e que mandou se cumprisse a dita bulla, é de 25 d'agosto do mesmo anno.

—

Já disse que Pinhel é povoação fundada pelo turdulos, 500 annos antes da vinda de Christo, segundo dizem o padre Carvalho, Moreri, Vosgien, e outros; mas, como se achasse em lastimoso estado nos principios da nossa monarchia, com o peso dos seculos e das guerras, D. Affonso Henriques, em 1179, a povoou e restaurou, dando-lhe amplo foral (o mesmo de Evora) e grandes pri-

vilegios, que posteriormente foram confirmados e ampliados por D. Sancho I e varios reis, seus successores, por ser uma praça importante e *fronteiriça*, e pela sua lealdade e dedicação aos nossos reis, nunca seguindo a voz de extranhos, como seguiram por vezes Castello Rodrigo e outras praças da fronteira.

A ultima restauração foi feita por el-rei D. Diniz, que em 1312, como logo diremos, e elle mandou tambem fazer as duas torres no castello.

Foi sempre povoação muito honrada, e os nossos reis lhe concederam o titulo de — *Muito excellente villa de Pinhel, Falcão, guarda-mór do reino e senhorios de Portugal.*

Entre outros privilegios importantes que adiante mencionaremos, gosava dos seguintes:

Era da corôa, e não podia ser dada a donatarios particulares — seus habitantes não eram obrigados a trabalhar na fabrica dos muros nem do castello — não pagavam portagem em todo o reino — foram por vezes isentos de contribuições extraordinarias — podiam apascentar os seus rebanhos livremente em todos os montados do nosso paiz, emquanto que o seu termo era defezo a gados extranhos — podiam apropriar-se e utilisar-se das vinhas e terras incultas — não podiam, na villa e seu termo, comprar herdades nem ter moradia, cavalleiros, nem donas, nem fidalgos, nem ordens, nem pessoas poderosas e privilegiadas — não podiam ser obrigados a guardar nem acompanhar presos, de dia nem de noite — não pagavam passagem na barca do Porco, no rio Côa, etc.

—

Na chronica d'el-rei D. Diniz, por Duarte Nunes de Leão, a pag. 133, se encontra o seguinte:

«Na comarca de Riba-Côa fez de novo os castellos de Sabugal, Alfaiates, Castel Rodrigo, Villar Mayor, Castel Bõ, Castel Mendo, Castel Milhor, Almeida, e S. Felises dos Gallegos, que agora é de Castella. Tambem fez Pinhel de novo, e seu castello.»

Fr. Antonio Brandão, na *Monarchia Lusitana*, liv. 11, cap. 29, diz:

«Tambem se passaram foraes a Pinhel, villa forte e fronteirissa, muitos annos do reino, primeiro em o tempo dos mouros, e depois nas guerras de Castella, e a Marialva, cabeça de condado dos mais antigos d'este reino... Os dois primeiros não tem era, mas declara-se que o rey D. Affonso Henriques os mandou passar.»

O mesmo Brandão, no liv. 12, cap. 11, fallando de D. Sancho I, diz que em 1189 deu por foral a Pinhel o mesmo d'Evora, e o cita em resumo.

—

Rodrigo Mendes da Silva, na *Poblacion General de España*, pag. 186, diz que Pinhel n'aquella data (1646) era cabeça de corregedoria, comprehendendo, segundo alguns auctores, 35 villas e 12 concelhos, e segundo outros, 30 villas e 9 concelhos. E Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção de Portugal*, diz que a correição de Pinhel comprehendia as villas de Almeida, Castello Rodrigo, Cinco Villas, Cedovim, Nemão, Muxagata, Castello Bom, Meda, Ranhados, Souto, Cernancelhe, Langroiva, Marialva, Castello Mendo, Penella, Póvoa, Vallongo, Avelloso, Penedono, Reigadas, Torre dos Frades, Almendra, Villa Nova de Foscôa, Villar Maior, Trovões, S. João da Pesqueira, Alfayates, Paredes, Fonte-arcada, e Sendim — e os concelhos de Val da Coelha, Horta, Hervedosa, Castanheiro, Valença, Soutello, Tavora, Paradella e o logar do Lamegal.

E hoje (1876) a comarca de Pinhel, *reduzida ao seu concelho*, com a elevação de Almeida e Figueira de Castello Rodrigo á cathegoria de comarcas, comprehende apenas as freguezias seguintes: — Alverca, Avellãs da Ribeira, Bouça-Cova, Cerejo, Codeceiro, Ervas Tenras, Moimentinha, Póvoa d'El-Rei, Atalaia, Freixedas, Gouveias, Lamegal, Pinzio, Manigoto, Lameiras e Bemdada (estas duas povoações constituem uma só parochia), Pomares, *Ribeira dos Carinhos*... Azevo, Bogalhal, Cotimos, Ervedosa, Granja, Palla, Pereiro, Pinhel, Santa Eufemia, Sorval, Souro-Pires, Val Bom, Val de Madeira, Cotimos e Vascoveiro. — Total, 32 freguezias, divididas por tres julgados — Pinhel, Freixedas, e Alverca.

Mesmo quando villa, foi Pinhel cabeça de comarca, e tinha corregedor e 4 officiaes — dois escrivães, um meirinho, um inquiridor, distribuidor e contador — e era o corregedor obrigado a residir na villa, e sahindo da comarca, passava a vara para o juiz de fóra, pois tinha tambem esta villa juiz de fóra com 4 tabelliães do publico, judicial e notas, um escrivão sem notas, outro das execuções, outro das sisas, inquiridor, distribuidor, contador, meirinho do geral e alcaide, escolhido e provido pela camara, sendo a nomeação feita pelo alcaide-mór. E era o dito juiz de fóra, quem fazia o lançamento das sisas, na villa e seu termo, e nas do Lamegal, Castello Mendo, Alfaiates, Villar Maior e Castello Bom, com um dos cinco escrivães do geral, alternadamente, por não haver escrivão especial para os ditos lançamentos.

Tinha tambem esta villa juiz dos orphãos, com dois escrivães e dois repartidores, servindo tambem n'este juizo o escrivão das execuções do geral — e era a camara formada annualmente por tres vereadores e um procurador ou escrivão, por carta da meza do desembargo do paço. A camara apresentava o juiz dos orphãos e seu escrivão, e os escrivães da propria camara e da almotaceria, e sua magestade, simplesmente confirmava.

Nomeava tambem a camara os almotacés, repartidores do juizo dos orphãos, e porteiteiros, e para todos os logares do termo — juizes da vara e seus escrivães, procuradores, juizes pequenos e quadrilheiros. E eram obrigados os officiaes da camara, a assistirem com as suas insignias e estandarte real ás procissões do Corpo de Deus, e de Santa Isabel — Domingo do Anjo, e da Resurreição — á publicação da bulla, e á procissão que por voto antiquissimo se fazia no domingo dos Prazeres, á qual eram obrigados a assistir tambem os juizes da vara dos logares do termo, até uma legua de distancia, com as suas insignias, e uma pessoa de cada casa da villa e dos ditos logares. E todos eram egualmente obrigados, a assistir á procissão de Nossa Senhora da Ajuda, que sahia da egreja de Santa Maria do Castello, e hia até á capella de Nossa Senhora da Ajuda, onde se celebrava uma missa em acção de graças, recolhendo em seguida a procissão á egreja de Santa Maria do Castello, mandando os officiaes da camara tomar nota das pessoas que faltavam, e castigando-as como lhes parecia justo.

Os juizes dos diversos officios eram tambem obrigados a assistirem com as suas respectivas bandeiras, ás procissões, do Corpo de Deus, de Santa Isabel, Domingo do Anjo e Domingo dos Prazeres, sob *pena de serem condemnados;* e o juiz da vara do povo de Valle de Madeira, era obrigado a postar-se com bandeira levantada, junto á cruz que está um pouco acima da fonte do Coche, em um alto, até passarem os officiaes da camara para a dita romagem, e depois se incorporava n'ella tambem, sob pena de ser condemnado.

E o juiz de fóra e cada um dos vereadores, procurador e escrivão da camara, percebiam de propina, por assistirem ás 4 procissões — quatro mil e quatrocentos réis — e pelas duas da publicação da bulla e da Ressurreição, cada um dois mil reis, e o juiz de fóra tinha mais quatrocentos réis para uma vara — isto por provisões e costumes antiquissimos.

Era tambem a camara obrigada a assistir, com as suas insignias, á procissão do Patrocinio de Nossa Senhora e á de S. Francisco de Borja.

Todas estas e outras procissões que em tempo aqui se faziam, se acham hoje reduzidas a uma unica — a do Senhor dos Passos.

—

No *Côro das Musas*, do padre Francisco do Nascimento Silveira, parte 1.ª, pag. 51, se lê o seguinte:

«Pinhel, cidade nova, villa antiga,
Por honra paternal é sublimada:
Dos Turdulos e Vetões a forte liga
Em sitio singular a vê fundada.
Seus muros e castellos (d'onde briga
Pela patria feliz a lusa espada)
Pelo grande Diniz delineados,
Merecem ser por nós aqui lembrados.»

E em uma nota:

«Pinhel dizem ser fundação dos Turdulos, e, destruida, foi mandada levantar por D. Affonso Henriques. D. Sancho I lhe concedeu os fóros d'Evora, e D. Diniz a ampliou e lhe mandou levantar o castello. De prezente (1792) é episcopal, por D. José I, confirmada por Clemente XIV. Tem dois conventos, *bellas casas e honrada visinhança.*»

—

Em verdade ha aqui muitas familias dignas de toda a consideração, pela sua fortuna, pelo seu nascimento e pelas suas nobres qualidades;—e, em geral, são os habitantes de Pinhel muito trataveis e muito obsequiadores, bons visinhos, fieis aos seus compromissos e pessoas d'honra e probidade.

Adiante indicaremos as casas e familias principaes de Pinhel, na actualidade.

Pinhel é formada hoje (como já disse) por uma unica freguezia, denominada Santa Maria do Castello.

Esta e a de S. Martinho, eram intra-muros, e as outras extra-muros.

A egreja matriz de S. Pedro, estava ao cimo da praça, e foi demolida ha muito.

Ainda quando em 1870 se rebaixou a praça, se encontraram no antigo chão da egreja, ossadas e uma sepultura com a seguinte inscripção:

AQVI JAZ PAVLO DE TAVORA

Tambem estava junto á Praça, a egreja matriz de Santo André.

Foi demolida, e no chão que occupava, fizeram os *cobertos* que occupam os tendeiros, nos dias de mercado.

Foram tambem profanadas e demolidas as egrejas matrizes de S. Martinho e S. Salvador, e no adro d'esta se fez o cemiterio publico actual, que depois se accrescentou com a propria área da egreja e com varios terrenos contiguos, expropriados pela camara.

Quando se creou este bispado, foi esta egreja arvorada em Sé, preeminencia que passou para a de S. Luiz ou das freiras, restaurada; e n'esta egreja actualmente se celebra a missa conventual, porque a egreja matriz de Santa Maria do Castello, onde se conserva o Santissimo, é muito menos central.

Está já sem tecto a egreja da Trindade, e n'ella se sepultam tambem alguns cadaveres.

Logo fallaremos das egrejas de Santo Antonio, ou dos frades, onde se diz a missa das 11 horas; e da Misericordia, onde se celebram grande numero de missas, por ser muito central e porque a Misericordia fornece todos os guizamentos.

—

Esta cidade divide-se em duas partes distinctas—a velha praça, povoação primitiva, e o arrabalde, povoação adjacente e mais moderna.

A parte murada comprehende a côroa de um monte, relativamente alto e muito defensavel com relação aos tempos anteriores ao uso das armas de fogo na Europa, e como n'estes sitios toda a pedra é bom granito, as muralhas, das quaes ainda restam uma grande parte, eram de grande espessura e muito fortes.

Das 6 torres que tinha a praça apenas existem vestigios, e a do relogio foi nos principios d'este seculo substituida por outra, que se vê sobre um angulo da praça, ainda com um relogio.

No alto da parte murada, havia um castello, com fortes muros (hoje quasi completamente demolidos) tambem com duas torres muito altas, que ainda lá se vêem muito firmes, apezar dos rijos empuxões das tempestades e do peso de cinco a seis seculos, pois foram mandados fazer por el-rei D. Diniz, ultimo restaurador d'esta praça, em 1312.

A torre do lado N. defendia a porta principal do castello, e a outra torre estava, e está um pouco mais ao S.

São ambas de granito superior, e bem trabalhado, ambas ainda conservam parte das ameias que as coroavam, e a do lado S. tem a meio uma espaçosa janella, com mimosos lavores, e no topo, em um dos angulos, uma pedra, que avulta cerca de metro e meio alem do prumo da torre, com um buraco por onde jorrava a agua do eirado.

Representa aquella pedra uma mulher em posição caprichosa, *mas indecentissima;* offende porém pouco a honestidade publica, porque o castello hoje está êrmo, e a tal estatua, pela grande altura em que se acha, a custo se distingue da base da torre; e tanto esta como a sua companheira, já não tem escadas, nem pavimentos, e por consequencia não póde observar-se de perto a figura que serve de *embornal.*

De mais a mais, nasceu junto a ella uma figueira brava, que tende a encobrir tanta deshonestidade.

E' muito para lamentar o abandono em que se acham estas duas torres, tão antigas, tão altas e tão solidas, e que ainda com tanto garbo e tão perfeito aprumo, desafiam os seculos e os vendavaes, porque alem de serem dois importantes padrões da nossa historia, são marcos que se avistam de muitas leguas de distancia, [1] e do alto d'ellas, em dias de sol, se deve descobrir um dos mais largos horisontes de Portugal, todo o Cima Côa, grande parte das duas provincias da Beira, de Traz-os-Montes e da Hespanha.

Prescindindo do seu valor historico e archeologico, offerecem estas duas torres dois mirantes de subido merecimento, e estou certo de que, apenas estejam accessiveis, não hirá a Pinhel um unico hospede que as não visite, e se não recorde d'ellas com saudade.

E para se tornarem accessiveis, basta porlhes escadas interiores e eirados, obra insignificante para uma terra como Pinhel, por justos titulos considerada uma das mais ricas da Beira.

Do coração fazemos pois votos por que a camara d'esta cidade, ou algum dos seus muitos habitantes de fortuna e gosto, se condoa d'aquelles dois monumentos, e lhes preste a attenção que merecem.

E a proposito vou narrar um facto importante [2] digno da chronica, mas já quasi esquecido, que prende muito de perto com as otrres e castellos de que estamos fallando, e que cobriu por muito tempo de lucto, os habitantes de Pinhel e das povoações do seu termo.

No segundo quartel do seculo XV, era senhor da antiga villa de Pinhel, D. Fernando Coutinho, do conselho de Sua Magestade e *marichal* do reino, homem poderoso, tio do conde de Marialva; mas um verdadeiro tyranete e açoute d'estes povos, a quem opprimia com extorções e prepotencias de toda a ordem, e, para coroa dos seus despotismos, um dia mandou chamar seu sobrinho, conde de Marialva, que veiu com muita gente armada, e unido ao outro bando, capitaneado por D. Henrique, filho do dito marichal (*qui viget in filiis venit e radicibus humor...*) sairam do castello e invadiram a villa com grande motim—bradando, *Marialva! Marialva!* e assim saquearam, roubaram e destruiram a povoação, acutilaram e feriram muitas pessoas, e levaram fazendas d'ouro, prata, pão, vinho, azeite, pescado, roupas e tudo quanto encontraram—*o qual roubo todo, se não pagava com um milhão e meio em dinheiro* (dizem os autos); e prenderam muitos moradores da villa e seu termo e os metteram nas prisões do castello de Pinhel, mandando outros para os castellos de Penedono e da Guarda.

E não contente ainda o *marichal* com esta façanha, mandou o dito seu filho D. Henrique e o conde de Marialva, a Manigoto, aldeia grande do termo de Pinhel, e alli repetiram as mesmas proezas, saqueando e roubando quanto encontraram; e d'alli seguiram para o Azevo, outra aldeia grande do termo, e a saquearam egualmente, levando ouro, prata, pão, vinho, azeite, dinheiro, bois, carneiros, cabras, porcos e tudo: mandando para Castella parte do gado, e vendendo por todo o preço o restante, ficando a povoação destruida e arrazada.

E ainda por occasião do saque, enforcaram um juiz do povo, e a outro homem deram uma cutilada no rosto.

E tinha por costume o citado marichal,

[1] Do Rabaçal, por exemplo, se vê das janellas do palacete do exm.º sr. Antonio Maria Homem de Sampaio e Mello.

[2] Archivo da camara de Pinhel, *Livro antigo de registros de leis e ordens,* desde fl. 23 até fl. 29.

exigir dos habitantes da villa e seu termo, roupas para si e para os seus, nunca mais as restituindo: e estando a villa na posse immemorial de eleger um procurador que em seu nome requeresse o que fosse de justiça, o marichal lhes impoz e nomeou um procurador da sua facção, para melhor os espesinhar, sem terem quem por elles reclamasse.

Vencendo porém grandes difficuldades, queixaram-se os habitantes da villa e seu termo a el-rei, o qual mandou abrir inquirições e n'ellas provaram á saciedade, os auctores, que D. Henrique, por mandado do marichal seu pae, lhes destruira e derribára as casas, lhes tirára bêstas e espingardas, e mandára disparar um tiro sobre Domingos Lopes, procurador do concelho, quando no exercicio das suas funções requeria pelos seus constituintes, ficando gravemente ferido e em imminente risco de vida.

O processo correu seus termos; foi longo e moroso, porque o marichal era homem bem aparentado e de grande valimento, e tudo tentou negar e contrariar; mas afinal, obtiveram os auctores sentença, datada de Beja, aos 21 de julho de 1481, na qual, em resumo se diz, que visto o reo marichal, D. Fernando Coutinho, haver abusado tão escandalosamente da jurisdição que lhe foi confiada, não fazer justiça, como lhe cumpria, e consentir tantos maleficios, especialmente o enforcamento do juiz, na aldeia de Azevo, e por dizer a João Frade, tabellião, que se publicasse uma sentença o mandaria lançar da torre abaixo, e por soltar um Mend'Affonso, homem d'elle reu, que havia ferido e espancado a João Martins, etc., el-rei houve por bem privar o reu da jurisdição e senhorio de Pinhel, sem que jámais em tempo algum podesse rehaver tal graça, e o condemnou nas custas e no pagamento e indemnisação de tudo o que foi por elle, e seu filho e sobrinho roubado; e que fossem sem delonga vendidos e arrematados os bens moveis e de raiz, tenças, rendas e cousas do dito marichal, quanto bastasse para satisfazer tudo, resalvando aos diversos particulares o seu direito, para poderem demandar o dito marichal por aquillo que bem entendessem.

«Dada na villa de Beja aos 21 de julho de 1481. El-rei o mandou por Pedro Machado, bacharel em leis, seu vassallo e do seu desembargo e Corregedor da Corte.»

Ha n'este processo coisas curiosissimas, de que tomei nota, e que reservo para outra ordem de trabalho; mas do leve extracto que fiz bem póde imaginar-se o que soffreram Pinhel e seu termo com as prepotencias do celebre marichal, de execranda memoria.

—

Dias bem mais alegres e que contrastam com aquelles, raiaram para Pinhel, com a passagem da infanta D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, e viuva de Carlos II de Inglaterra, em 1693. [1]

No dia 15 de novembro de 1692, recebeu a camara d'esta villa uma carta, do marquez d'Arronches, governador do Porto, na qual lhe participava que chegaria aqui no dia seguinte, como conductor da serenissima rainha da Gran-Bretanha, para o que tivessem os caminhos preparados, e aposentadoria capaz, para ella e toda a sua casa, e para os senhores que com elle hiam, e que eram o principe Senescal, seu neto; D. José de Menezes, seu genro; o conde de Calheta, tambem seu neto; o conde de Villa Verde e seu irmão, etc.

E logo no dia seguinte chegou o dito conductor a esta villa, e, ficou muito satisfeito por achar boa aposentadoria para elle e sua comitiva, e os caminhos tão bem consertados, que as carroças passaram muito livremente; e logo entregou á camara a seguinte carta d'el-rei:

«Juiz, vereadores e procurador da camara e villa de Pinhel, Eu el-rei vos envio muito saudar. A rainha da Gran-Bretanha,

[1] Era irman do nosso infeliz rei, D. Affonso VI, e de D. Pedro II.

Casou com D. Carlos II de Inglaterra em 31 de maio de 1662, e viuvando em 1685, recolheu-se a Lisboa, onde falleceu em 31 de dezembro de 1705. (4.º vol., pag. 131, col. 2.ª—*Palacio da Bemposta*.)

minha muito amada prezada irman, entra n'este reino pela praça d'Almeida e hade fazer tranzito pela villa de Pinhel, e hey por bem que n'ella a recebais com todas as demonstrações de alegria, contentamento, e celebridade, com que havieis de receber a minha pessoa, se acaso fosse a ella, e a noite em que chegar a essa villa, se porão luminarias; e se por algum accidente se demorar, se continuarão as luminarias por tempo de trez dias, e porquanto o marquez de Arronches, do meu conselho de Estado, governador das armas da cidade, e casa do Porto, vai a ser conductor da rainha, hey por bem que façaes tudo o que elle disser, e necessario for que se faça. Escripta em Alcantara a 24 de outubro de 1692. Rey.»

Passados dois dias, seguiu o marquez para Almeida, onde se demorou até chegar a rainha; no 1.º de janeiro de 1693 partiram para esta villa, e o corregedor da comarca os foi esperar á ponte do Côa, onde começava o territorio do seu districto, e o juiz de fóra e vereadores, com a maior parte da nobreza da villa, os foram esperar á entrada do termo, onde chamam o Rio Galheiro, com o estandarte real, *vestidos á cortezan.* Alli a camara, posta em alas, recebeu a rainha, e o mesmo fez a nobreza; e quando passava o coche da rainha, «fizeram as cortezias devidas, e ella baixou a cabeça com demonstrações d'alegria.» E a camara logo montou a cavallo, e tomou a rectaguarda do coche real, e assim acompanhou a rainha até ao palacio que lhe estava destinado, com um *terno de charamellas, tocando;* e ao caminho affluiram os habitantes das aldeias circumvisinhas *com aquellas danças e juizo que permittia sua capacidade, com repetidos vivas, e ramos nas mãos, applaudindo.* E á fonte do Coche parou o prestito, porque a rainha quiz vêr a villa, que fica em frente, e alli se reuniu povo immenso, com muitos instrumentos e pellas, cantando e dançando com tal galanteria, que a rainha gostou muito; e á entrada da villa, junto á capella do Espirito Santo, o visconde de Barbacêna, general da provincia, em uma salva de *Bastiares,* dourada, lhe entregou as chaves do castello, e lhe fez em nome da camara, nobreza e povo da villa, *uma falla tão concertada nas palavras e com tanta descrição como sua.*.

D'alli seguiu para o aposento que lhe estava preparado nas casas de Manuel Falcão de Figueiredo, com duas casas contiguas, que se pozeram em communicação, e sobre a porta principal estava um brazão com as armas de Inglaterra, Irlanda, Hollanda, Escocia e Portugal. E o capitão-mór da villa, Antonio Velloso Cabral, se postou com a sua ordenança em frente do paço, e ahi se conservou até que a rainha partiu, salvando com uma descarga, quando entrava a soberana.

E o bispo de Viseu, D. Ricardo Russel, estava com todos os beneficiados e ecclesiasticos da villa e seu termo, á porta principal da egreja de S. Pedro, com o paleo, para receber a rainha debaixo d'elle, graça que a rainha não acceitou «por vir achacada de uma perna.» Á porta do paço, ficaram «as danças que acompanharam a rainha, dançando e tocando charamellas e clarins, coisa muito vistosa e agradavel; e logo lhe foi entregue o presente que a camara havia preparado, e que constava do seguinte: — 12 vitellas, 24 carneiros, um porco que pesava 8 para 9 arrobas, 24 perus, 4 duzias de galinhas, 150 perdizes, e seis cargas de fructa camoeza e verdeal, e isto levaram 18 moças donzellas (das mais bem parecidas, muito bem adornadas com peças d'ouro e boas galas), em canastras e taboleiros, tudo entretecido com louro, ramos e flores.»

«Com os carneiros e vitellas hiam 30 moços esveltos, e na frente, todas as danças e charamellas, cantando e dançando.»

«A rainha acceitou este presente satisfeita; mandou para a sua ucharia os perus, perdizes, gallinhas e fructa, e deu o resto ás freiras do convento d'esta villa. E foi tão bem disposta a aposentadoria, que todos ficaram muito bem accommodados, sendo *immensa a multidão de gente, carruagens e cavalgaduras;* — e ainda ficaram devolutas 5 casas *com oitenta e tantas camas;* e só de trigo sobraram *treze mil e quinhentos pães!*...

«Apenas anoiteceu, se illuminou toda a villa, distinguindo-se o castello, torre do relo-

gio, egrejas, casa da camara e o convento das freiras.»

«No dia seguinte, sexta feira 2 de fevereiro, logo de manhan, o marquez d'Arronches, com o corregedor da comarca e juiz de fóra, reunidos no palacio da rainha, applicaram a diversos réos o indulto antecipadamente concedido por el-rei;—em seguida permittiu sua alteza que a camara e alguns nobres e ecclesiasticos lhe beijassem a mão, e logo todos marcharam com a rainha para Celorico, trajando os vereadores vistosas galas de côr, mandadas fazer expressamente para este acto. E logo que o côche real chegou á Ponte Pedrinha, lemite do termo d'esta villa, a camara, que o precedia, se apeou e despediu da rainha; e o juiz de fóra, de Trancoso, que alli se achava, a acompanhou até Celorico, onde pernoitou.»

E em data de 30 de janeiro de 1693, el-rei dirigiu uma carta muito lisongeira, á camara de Pinhel, agradecendo os obsequios prestados á rainha sua irman.[1]

Poucos dias mais alegres e de maior enthusiasmo registra esta povoação, do que os da passagem da rainha D. Catharina; e bem poucos, mais tristes e de maior consternação, do que os do assalto e saque, ordenados dois seculos antes, pelo *marichal*.

—

Voltando ao castello, acerquemo-nos das velhas e magestosas torres de el-rei D. Diniz, e gosemos por um pouco o panorama, que é vasto e interessante.

D'alli se descobrem montes e penhascos formidaveis. na margem direita do Douro, na provincia de Traz-os-Montes, e mesmo na margem esquerda do Douro, em grande extenção da provincia da Beira-Alta, e nas proximidades de Côa, pois talvez não haja em Portugal outro rio com as margens mais eriçadas de penedia tão escalvada e nua; mas em compensação d'alli se avistam tambem vastas planicies á esquerda e direita do Côa, até á raia, e nas circumvisinhanças de Pinhel, boas quintas, bem cultivadas, com lindos campos e formosos vinhedos e olivaes; pois ha aqui muitos proprietarios ricos, e todos capricham em grangear os seus predios o melhor possivel, provindo da agricultura, grande parte das fortunas que avultam n'esta cidade; mesmo porque o terreno em volta de Pinhel é fertil, muito accidentado e abundante d'aguas, pelo que se presta a grande variedade de producções, sendo as dominantes—vinho, azeite, cereaes e fructa.

—

Ainda não deixaremos o castello, sem dizer que d'elle pouco mais resta do que as duas famosas torres. Está quasi completamente obstruida, uma grande cisterna que teve com agua nativa, segundo dizem o padre Carvalho e outros, e dos seus fortes muros, apenas existem vestigios, porque da pedra, por ser magnifica, se teem aproveitado diversos individuos.

—

Por occasião das grandes guerras com Hespanha, em seguida á memoravel revolução de 1640, tambem para aqui foi mandada alguma artilharia, assim como para Castello Rodrigo e outras praças antigas; e da artilharia d'esses tempos ainda aqui existem duas peças corpulentas, de bastante valor archeologico. Uma está no passeio publico da villa, e outra nas *trincheiras*, junto ao vasto campo do mercado, para onde, a muito custo, a levou o povo, ha poucos annos, para salvar com ella nos dias de festa. Do castello, onde se achava, até á praça, arrastaram-na sem grande difficuldade, por ser o terreno declivoso; mas para a conduzirem até ao ponto onde hoje está, esforçaram-se centos de pessoas e muitas juntas de bois.

A que está no passeio publico é formada por 18 aduellas, de ferro forjado, medindo 9 centimetros de largura e 4 de espessura cada uma, cingidas por 11 arcos, tambem de ferro forjado, medindo cada um, 9 centimetros de espessura e 10 de largura; e teve a meio um arco de maiores proporções, com uma grande argola.

Vê-se claramente que os arcos e aduellas foram juntos a malho, depois de feitos e já frios, e com tal perfeição e certeza que ainda hoje se não nota a minima fenda; Mas da

[1] Archivo da camara — liv. antigo de registros, fl. 54 a 57.

peça que está no Passeio, resta apenas talvez metade, porque, em 1833, durante o cêrco do Porto, porque o sr. D. Miguel precisasse de ferro, mandou recolher quanto havia nas diversas praças da provincia, e como estas duas peças estavam já abandonadas, por inuteis, e era morosa e dispendiosa a conducção d'ellas, mandou que as desmanchassem, visto serem formadas de partes distinctas.

Hoc opus — hic labor est!

Reuniu-se, por ordem da auctoridade local, um batalhão de ferreiros, todos munidos dos seus mais grossos malhos, e, sem comprimentos, investiram logo com a pobre, mas em breve esmoreceram.

Por conselho do mais atilado de tantos filhos de Vulcano, amontoaram sobre ella carradas de lenha, lançaram-lhe fogo, e, depois de estar meio dia enterrada nas chammas, e em um brazeiro enorme, descarregaram sobre ella uma bateria de malhos, e d'esta vez conseguiram deslocar o primeiro arco da boca; mas logo arrefeceu, e pararam. Seguiram-se novas fogueiras e novas investidas, mas anoiteceu, tendo deslocado apenas alguns arcos que não valiam metade da lenha queimada, nem as chufas e gargalhadas do publico.

Suspendeu-se pois d'esta vez a obra destruidora; mas repettiu-se já posteriormente em diversas épocas, por ordem da camara, para d'alli tirar ferro para obras; lá se vê porém ainda, boa metade da peça, zombando da furia dos ferreiros.

É do mesmo systema a peça que está na trincheira, e conserva-se ainda intacta. Em vez de engrossar, adelgaça para o lado da culatra, onde tem o ouvido; é mais grossa no meio, onde tem arcos sobrepostos, assim como na boca, e mede de comprimento total, dois metros e nove decimetros.

O cano é formado tambem por 18 aduelas, tendo cada uma de largura, na parte exterior, 9 centimetros, e 25 milimetros de grossura, e de comprimento, pelo modo porque nós a encarámos e medimos, dois metros e um decimetro, pois o cano na parte que deve conter o cartuxo, e a culatra, são mais delgados e estreitos, e parecem feitos de peças differentes.

Mede de comprimento, aquella parte do cano — cinco decimetros, e a culatra — tres.

Seja como fôr, o todo é revestido de arcos, cujo numero se não pode precisar, porque no bojo, na extensão de um metro e dezenove centimetros, parece ter tres ordens d'arcos sobrepostos, assim como na boca; e no vão restante ($0^m,91$) tem apenas uma camada.

Junto ao ouvido tambem tem arcos sobrepostos, ou de maior grossura, e no fundo tem outro a fazer rebordo.

Parece que a culatra é formada por uma peça massiça, abraçada pelas aduellas e pelos arcos, que variam de 3 a 8 centimetros na largura, e de 25 a 55 milimetros na grossura.

O cano tem de vão na boca, trinta e quatro centimetros de diametro, e de circumferencia no exterior, um metro e sete centimetros.

As *trincheiras*, onde está esta peça, meia enterrada, são os restos de um reducto que aqui se fez por occasião da guerra peninsular. Parece que tinha nos angulos quatro baluartes, e um fosso do lado do campo.

Não se vê n'esta peça, data nem inscripção alguma, e só na face exterior do arco da boca, abertas a talhadeira, umas cruzes informes. [1]

Em 1704, por ordem do marquez das Minas, governador das armas na provincia da Beira, foram levadas d'aqui para a praça d'Almeida outras duas peças, mas de bronze, que estavam tambem ainda em Pinhel, e ha quem se recorde de haver aqui um obuz com grandes azas.

—

Ha por aqui, e nas provincias do norte, muitas amoreiras annosas, e algumas com troncos respeitaveis, como se vêem muitas em

[1] Viterbo, no seu «Elucidario» (art. *Artilharia*) falla d'esta grande peça, nos termos seguintes:

«E d'este tempo (1389) parece ser a monstruosa bombarda que se conserva no castello da cidade de Pinhel.

Tavora, na Cogulla, nos Cotimos, Rabaçal, Penajoia, etc. Suppomos datarem do segundo quartel do seculo XVII, porque, com data de 5 d'outubro de 1656, se vê, em um dos livros d'esta camara de Pinhel, registrada (a fl. 215 v.) uma provisão do theor seguinte:

«O conde da Ericeira, do conselho do Principe Nosso Senhor, vedor da sua fazenda, seu presidente da fabrica e manufactura das sedas n'estes reinos de Portugal, etc. Faço saber aos Corregedores da comarca de Pinhel, que por quanto Sua Alteza que Deus Guarde, foi novamente servido resolver que n'este reino se introduza a fabrica e manufactura das sedas, para cujo effeito se mandarão plantar por todo o reino as amoreiras de amoras que fôr possivel, vos mando que logo sem dilação alguma procureis que em toda a dita comarca se plantem todas as amoreiras que puder ser, assim nas terras baldias de sua alteza, como em outras quaesquer de particulares, etc. — Lisboa, 5 d'outubro de 1656. *O Conde da Ericeira.*»

—

E de maior alcance para a agricultura e prosperidade d'esta comarca de Pinhel, foi por certo a provisão que encontrámos registrada (a fl. 234) em um dos livros a que nos estamos referindo:

«D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, e senhor de Ceuta, a vós juizes, vereadores, procuradores, e homens bons da nossa villa de Pinhel, sabede que vimos a confirmação que nos enviastes, em que era conteudo entre outras cousas, que em essa villa e arrabaldes e termo d'ella havia muitos pardieiros e cortinhas, que ha grandes tempos e annos que não foram e não são aproveitados, e isto por serem de ordens e de outras pessoas que os não queriam nem querem aproveitar, e que entre as vinhas do sesmo d'essa villa havia e ha algumas terras que já em outro tempo foram vinhas as quaes havia 20, 30, 40 annos e mais, que não foram aproveitadas, pela qual causa eram os montes e mattos em ellas tão grandes, que se encolhiam em elles os porcos e ursos e outras alimarias, a muitos dos quaes ás vezes punham fogo em tal guisa que as outras vinhas em redor recebiam muito grande perda... pela qual causa nos embiavedes pedir por mercê, que vos dessemos licença que podessedes dar os ditos pardieiros e cortinhaes e terras de sesmaria a algumas pessoas que as aproveitassem, o qual visto por nós, por prol communal e bem da terra, havemos por bem, e damos-vos a licença pedida, com tanto que seus donos sejam primeiramente requeridos que os aproveitem, desde o dia que o requerimento lhes for feito até um anno, e não os adubando nem os aproveitando até o dito anno, então aquelle que esse concelho poser por sesmeiro, as possa dar, com acordo dos homens bons d'essa villa, a quaesquer pessoas, como dito é, que as adubem e aproveitem, e não o fazendo lhes sejam tiradas e dadas a outros que as adubem e aproveitem, e sendo assim mandamos que as hajam livremente e sem contenda, para elles e seus herdeiros. Dada em Lisboa a 3 d'outubro de 1475.»

Foi esta provisão confirmada por el-rei D. Manuel, estando em Setubal, aos 21 de maio de 1496, e outros reis posteriormente a confirmaram tambem; e foi este um dos mais importantes privilegios de que gosou esta villa.

—

A fl. 4 v., se acha registrada no mesmo livro outra provisão d'el-rei D. Fernando, com data de 7 de julho de 1410 (1372), confirmando o antigo privilegio d'esta villa, em virtude do qual nem cavalleiros, nem donas, nem fidalgos, nem ordens, nem outras pessoas poderosas podiam adquirir nem comprar *erdades* no termo d'ella. E na mesma folha do dito livro se encontra registrado um alvará do mesmo rei D. Fernando, mandando que não fossem obrigados a ter cavallos e armas os moradores de Pinhel e seu termo quando não possuissem bens no valor de 500 libras da moeda antiga, e que para isso fossem de novo *acontiados pelos acontiadores que para ello eram postos no dito logo.* E a fl. 5 do mesmo livro se encontra outro alvará de el-rei D. João I, com data de 7 de fevereiro de 1429, pelo qual, em attenção aos relevantes serviços que esta villa lhe

havia prestado na guerra com Castella, permittiu que aqui houvesse todos os annos, pelo S. Miguel até maio, uma feira franca que durasse um mez, 15 dias antes, e 15 depois do dito dia de S. Miguel, de maio — *com todos os privilegios e franquias da feira de Trancoso.*

Por outro alvará, de 5 de março de 1409 (1371) (fl. 8 do mesmo livro), concedeu el-rei D. Fernando aos habitantes de Pinhel e seu termo, o privilegio de poderem comprar pão em qualquer ponto do reino, e de leval-o para Pinhel, a despeito de outros quaesquer privilegios d'outras terras em contrario.

A fl. 9 do mesmo livro se encontra outro alvará de el-rei D. João I, datado de Almeida, a 6 de junho de 1434 (1396 de Jesus-Christo), pelo qual mandou que a aldeia e logar de Luzéllos, que fôra do termo de Pinhel, e que el-rei D. Fernando, seu irmão, unira a Castello Rodrigo, voltasse para Pinhel — *por ser esta ultima villa mais honrada e defeza*, e por lhe haver prestado, e estar prestando grandes serviços na lucta com Castella — emquanto que a praça de Castello Rodrigo *estava pelos inimigos.*

A fl. 10 do mesmo livro se encontram dois alvarás do mesmo rei, um datado de Santarem, a 12 de junho de 1438 (1400 de J.-C.), e outro de Arrifana do Sousa, a 19 d'agosto do mesmo anno, pelos quaes houve por bem isentar esta villa de Pinhel da contribuição extraordinaria votada em côrtes — *por estar na fronteira e haver soffrido muito com a guerra.* — E por outro alvará, de 7 de setembro de 1450 (1412 de J.-C.), confirmou o privilegio de que esta villa já gosava — *de não serem os seus habitantes obrigados a guardar presos, de noite nem de dia;* — e em outro alvará, de 5 de setembro de 1443 (1405 de J.-C.), reconheceu a esta villa o antigo privilegio de — *não poderem morar n'ella fidalgos.* Prende este alvará com o renhido pleito que em 1442 e 1443 da era de Cesar, sustentou e vingou esta villa de Pinhel, contra o *marichal* Gonçallo Vasques Coutinho, em cujas veias parece que girava o mesmo sangue do outro *marichal* D. Fernando Coutinho, seu descendente, de quem já fallámos, e que, sendo senhor d'esta villa, a saqueou e opprimiu com toda a casta de vexações e prepotencias.

O *marichal* Gonçalo Vasques Coutinho[1] demandou este concelho de Pinhel, dizendo — que era senhor e possuidor de muitos bens na villa e seu termo, e que, desejando morar na villa, aqui mandára fazer casas para si e para os seus, sem opposição do concelho, mas que estando as casas prestes a concluirem-se, o concelho embargára as obras (em 1442) e lhe não consentira que as habitasse; e que obtendo, elle auctor, carta de sua magestade, a intimára ao concelho; mas que os habitantes da villa e seu termo, logo, por pregão, se reuniram *e lhe britaram e derrubaram as casas até ao chão;* e que citando elle auctor o concelho para lhe reedificar as casas e pagar vinte mil dobras d'ouro, como indemnisação, o concelho se recusára. Que por isso pedia a sua magestade o constrangesse a satisfazer ao justo pedido do auctor, e a recebel-o por seu visinho.

Citado o concelho, contrariou dizendo — *que elles haviam privilegios de el-rei D. Affonso III e de el-rei D. Diniz, seu filho, e d'el-rei D. Affonso IV, seu neto, confirmados por outros reis que depois d'elles vieram, em virtude dos quaes nenhum cavalleiro, nem fidalgo, nem dona, nem rico-homem, nem outras quaesquer pessoas poderosas e privilegiadas poderiam na villa e termo haver nem cobrar por nenhuma guisa bens, nem possessões, nem outras herdades* — privilegios que lhes haviam sido sempre guardados, e pelos quaes nunca na villa nenhum fidalgo nem outra qualquer das sobredictas pessoas tivera casas nem herdades, e que, quando alguem pretendia desconhecer estes privilegios, se acolhiam ao rei que ao tempo era, e logo mandava se respeitassem; e que estando a villa n'esta posse, o auctor muito a occultas comprára alli certos bens, dos

[1] Este Gonçalo Vasques Coutinho, foi o pae do primeiro conde de Marialva, D. Vasco Coutinho, e de Alvaro Gonçalves Coutinho, por alcunha o *Magriço*, um dos doze cavalleiros portuguezes, que foram a Inglaterra justar em desafronta das damas inglezas — façanha, que inspirou a Camões um dos mais bellos episodios dos seus Lusiadas.

quaes faziam parte as casas em questão; e que, apenas o concelho teve noticia da compra, logo se dirigiu a el-rei D. João que, estando em Trancoso, mandou se guardassem os foraes e privilegios da villa, e isto por carta sellada que o auctor embargou, seguindo-se demanda que se interrompeu com a guerra que rebentou em 1435; e que sendo o dito auctor, Gonçalo Vasques Coutinho, feito por essa occasião *marichal e fronteiro da Beira, com carta para que o acolhessem no alto e no baixo, tirasse alcaydes e pusese alcaydes, e que fizesem pro el como fariam por el-rei, o auctor marichal fazia arbitrariamente justiça, mandava prender e soltar, dava cartas de segurança, etc.*, e que, achando se investido de tão altos poderes, fôra a Pinhel e tomára posse dos bens em questão—*e d'outros de diversas pessoas na villa e seu termo, sem que pessoa alguma ousasse fazer-lhe observações.*

—e que assim residiu na villa algum tempo em umas casas à porta da egreja de S. Pedro, junto ao muro, casas que mandou fazer de novo, tomando umas escadas de pedra contiguas, que davam servidão para o muro, não se oppondo logo o concelho—*por medo que d'elle havia;* mas dirigiu-se o concelho a el-rei, que de prompto ordenou a suspensão das obras, ao que o dito Gonçalo Vasques obedeceu, ficando as paredes alçadas, sem madeira, mas impedida a antiga serventia, sendo o publico obrigado a subir para os muros por outras escadas, tão altas *e de tal guisa que homens e mulheres eram aleijados das quedas*» e que, para evitarem tanto perigo, e havendo-o por serviço d'el rei, o concelho derribára a parede, feita sobre a escada publica, e mais não—isto em harmonia com os privilegios, usos e costumes de 10, 20, 30, 40 annos e mais.

Mandando sua magestade abrir inquirições, reconheceu o direito e privilegios do concelho, e condemnou o auctor nas custas — ordenando que se arrematassem dos bens do dito marichal quantos bastassem, para que o concelho houvesse *dez mil e quatrocentas e tres libras, importancia das custas—e mais mil e quarenta e seis libras* que havia pago na chancellaria regia de dizima das ditas custas!...

Louvores aos juizes do dezembargo do Páço que deram a sentença. [1]

E no catalogo dos bispos de Lamego, escripto pelo conego João Mendes da Fonseca, a pag. 71, se encontra o seguinte:

«De 4 de novembro do mesmo anno (1429) ha huma Carta Testimunhavel de hum requerimento que fez o bispo, cabido e mais o concelho de Lamego a Lourenço Annes d'Evora, corregedor da Beira, contra o marechal Gonçalo Vasques Coutinho, escripta pelo tabellião João Lourenço, da qual consta...»

Vê-se pois que o dito marichal, tambem por Lamego fez das suas.

—

Por serem interessantes para a historia consignaremos agora aqui, em resumo, com as respostas que mereceram, os capitulos especiaes que o procurador d'esta villa, Fernão de Sella, offereceu nas côrtes d'el-rei D. Affonso IV, celebradas em Evora, no anno de 1325.

1.º—Expoz elle procurador que D. Gonçalo, filho do conde de Marialva fizera uma coutada na aldeia de Ervas-Tenras, no termo de Pinhel, *sem titulo algum para o fazer, com a qual tinha levado por sua força* muito gado, pelo que o concelho o citou perante o corregedor da comarca, mas não obedeceu. «Rey sois da terra, fazeinos direito e justiça.»

R.—Mandou el-rei ao corregedor da comarca de Pinhel, que não consentisse ao dito D. Gonçalo tal coutada, e que quando não quizesse obedecer, procedesse contra elle, em harmonia com as ordenações e o direito.

2.º—Que havendo fugido da cadeia uma mulher, *andava amorado, com medo das justiças, o cadeieyro*, por nome João de Basto, e que por ser o cadeieyro muito leal e verdadeiro em seu officio, pedia por mercê a el-rei—*que em onra da morte e paixam de noso Senhor Jesu Christo, lhe perdoasse.*

[1] Archivo da camara, *Livro antigo de registos*, fl. 11 e seguintes.

R.—Mandou sua magestade se desse ao dito carcereiro carta para poder-se apresentar a inquirição, e que depois lhe faria justiça.

3.º—Que o dito conde de Marialva (sempre o mesmo) fixára a sua residencia cinco semanas na aldeia das Freixedas, termo de Pinhel — *tomando o que lhe aprazia para seus mantimentos, nada pagando nem querendo pagar, e que assim era roubado o concelho*—por quanto o conde era homem grande e poderoso e não podia o concelho pleitear com elle.

R.—Mandou sua magestade ao corregedor de Pinhel. que obrigasse o dito conde a pagar por seus bens, onde quer que os tivesse, tudo o que tomou aos habitantes das Freixedas.

4.º—Que o corregedor da comarca, quando chegava a Pinhel, se demorava 6 e 7 mezes e mais, *sem ter que correger, e obrigava o concelho a dar-lhe casa, roupas, camas, lenha, palha e dinheiro, e os lavradores a fazerem-lhe os carretos; tomando galinhas, cevada e outros generos, pagando como muito bem queria, e praticando outras extorções agravantes.*

R.—Disse sua magestade que sobre o assumpto havia regimento, e que providenciaria para que se cumprisse.

—

No primeiro quartel do seculo XV houve em Pinhel um *portageiro*, de nome Ruy Vasques de Castello Branco, homem de *ideias avançadas.*

Birrando com o—*stàtu quo*—elevou consideravelmente a quota da portagem; birrou porém com a lembrança o concelho, e queixou-se ao rei, allegando, entre outras cousas, que a elevação das ditas quotas afastava o povo e commerciantes da villa, já então povoação importante e muito frequentada, nomeadamente pelos castelhanos.

El rei, deferindo, mandou, por provisão de 10 de junho de 1442, que o tal sr. Castello Branco não exigisse de portagem mais do que os *cincoenta por um*, que a lei marcava.

—

Nos principios do 2.º quartel do seculo XV os moradores de Castello Rodrigo, allegando que os gados eram a sua principal riqueza, e os seus montados muito estreitos, obtiveram d'el-rei D. Affonso o privilegio de poderem livremente pastorear os seus rebanhos nos montes de todo o paiz, mas apresentando o alvará regio á camara de Pinhel para o registrar, ella o não acceitou, nem consentiu no seu termo os gados de Castello Rodrigo; e, correndo pleito sobre o caso, provou a camara de Pinhel com os seus foraes e outros documentos, que já D. Sancho I e D. Affonso seu filho, havia seculos, lhes tinham dado o privilegio de poderem os habitantes de Pinhel e seu termo apascentar os seus rebanhos em todo o paiz livremente, sem pagarem coima nem montado — não podendo pelo contrario entrar no termo de Pinhel, gado algum extranho —privilegio em cuja posse estavam havia mais de duzentos annos.

El-rei; estando em Evora, por alvará de 26 de fevereiro de 1470, reconheceu os antigos privilegios de Pinhel e confirmou os de Castello Rodrigo, concedendo-lhe de novo o direito de levarem os seus gados aos montes de todo o paiz—*exceptuando os do termo de Pinhel.*

—

Por alvará de 6 de junho de 1564 o infante e cardeal D. Henrique, attendendo a que a velha villa de Pinhel era doentia e pobre, e n'ella não havia *sergiam, mediquo nem botiquairo*, mandou que das rendas do concelho se tirasse até á quantia de *quinze mil réis para um fiziquo, um sergiam, e um botiquairo*, com a condição de residirem na villa e de n'ella exercerem os seus officios.

—

Por alvará de 29 de novembro de 1533, el-rei D. João III, estando em Almeirim, confirmou outro de 8 de abril de 1505 pelo qual D. Manuel, deferindo á petição d'este concelho, mandou que nimguem podesse introduzir n'elle vinho extranho sob pena de perder o genero e de pagar mil reis por cada vez.

—

Acha-se tambem registrado no archivo

d'esta camara de Pinhel um alvará de 4 de abril de 1669, no qual el-rei D. Pedro II, confirma outro em que D. Manuel, estando tambem em Almeirim, aos 12 de fevereiro de 1514, concedeu muitos privilegios á villa de Alfaiates, do termo de Pinhel, e entre elles o de—*couto de homisiados, intra-muros.*

—

Tambem alli se acha registrado outro alvará, pelo qual sua magestade houve por bem ordenar, em 13 d'outubro de 1674, que nenhum ministro, desembargador, corregedor ou juiz de fóra, sob pena de se lhe dar em culpa na residencia, *possa servir-se das cadeiras da casa da camara ou de qualquer outra cousa d'ella.*

E logo em seguida se vê outro alvará de 13 de setembro do mesmo anno, pelo qual sua magestade ordenou que nenhum juiz de fóra que servir em Pinhel—*possa dar casa de jogo em publico nem particular,* sob pena de ser demittido.

—

E no mesmo livro de registros, a fl. 209 e 210, se acha por copia um alvará de 20 de setembro de 1674, no qual el-rei D. Pedro II, ponderando os crimes que costumavam commetter os estudantes em Coimbra, deitando em seguida as capas pela cabeça, dizendo ser para se abrigarem da chuva, quando o seu fim era *não serem reconhecidos e ficarem seus crimes impunes.*—Manda sua magestade, que pessoa alguma, *seja ou não estudante,* possa trazer capa sobre a cabeça, sob pena de ser degredado por cinco annos *para o Brazil,* sendo nobre, e sendo mecanico será degredado por cinco annos para Angola; e que apenas assim fossem encontrados, seriam uns e outros logo presos *e remettidos para o Limoeiro, e os estudantes perpetuamente riscados e nunca mais admittidos a matricula;* e os meirinhos, alcaides e mais officiaes de justiça, que não cumprissem o disposto acima, sendo proprietarios perderiam os seus officios, e sendo meros serventuarios seriam condemnados em dois annos de degredo na Africa, e ficariam perpetuamente inhabeis para qualquer cargo da republica.

E todo o que fosse encontrado com capa pela cabeça, pagaria tambem cincoenta cruzados para o meirinho ou official que effectuasse a prizão.

Foram pois proscriptas as capas *de capuz,* tão usadas pelos pobres e inoffensivos serranos.

—

Tambem no mesmo livro encontrámos registrado um curioso alvará de 3 de agosto de 1689, confirmando outro de 1641, no qual se prohibia queimar foguetes, rodas, arvores ou quaesquer fogos d'artificio, em festas religiosas ou em quaesquer outras—*sob pena de que as pessoas que os mandassem fazer, ou fizessem, ou queimassem, seriam degradadas para Angola, por 6 annos, com baraço e pregão, e pagariam vinte cruzados em dinheiro;* e sendo pessoas de maior qualidade seriam condemnadas simplesmente em dois annos de degredo para Africa, e em duzentos cruzados, metade para os captivos e metade *para o accusador.*

—

Por ser de particular interesse daremos na sua integra o alvará que se encontra a fl. 157 do livro que temos entre mãos:

«Dom Philippe, por graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves d'aquem, e d'alem mar, em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós licenciado João Pinto Ribeiro juis de fóra da Villa de Pinhel, que vi a carta que me escrevestes de sete do prezente, e os mais papeis, que com ella vinham, sobre a materia da vara do Corregedor da Comarca dessa Villa, que ficou ao juis de fóra da Villa de Trancoso por ordem do dito Corregedor em sua ausencia, como em vossa carta me dais conta, contra a fórma das provisões que sobre isso mandey fazer, hey por bem que sirvaes o dito cargo de Corregedor em quanto durar a ausencia do proprietario delle, e ao juis de fóra da dita Villa de Trancoso mandey escrever que a vos tocava servir o dito cargo, e não a elle. El-rei D. Philippe III o mandou pelo Dezembargo do Paço em 18 de fevereiro de 1625. Por El-Rey ao Ld.º João Pinto Ribeiro, Juis de fora da Villa de Pinhel.»

Vê-se d'este documento que coube a Pinhel a honra de ter por juiz de fóra o immortal patriota, que com tanto atilamento, tanta coragem e tanta felicidade preparou a gloriosissima revolução de 1640, e nos libertou das garras de Castella.

Mal imaginaria Philippe IV, de execranda memoria, que pela chancellaria do seu dezembargo, estava lisongeando quem, passados annos, havia de ser o portuguez que mais concorresse para despedaçar os ferros que nos algemaram.

—

Coube tambem a Pinhel a honra de ter por juiz de fóra, Luiz Contador d'Argote, e foi nomeado por D. Affonso VI estando em Lisboa, a 5 de janeiro de 1663.

Por ser altamente honroso para Pinhel e para o agraciado, daremos textualmente o decreto da nomeação. [1]

«D. Affonso por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa senhor de Guiné e da Conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc.

«Faço saber a vós Juis, Vereadores, procurador, fidalgos, cavalleiros, escudeiros, homens bons, povo da villa de Pinhel, e a quaesquer outras justiças, officiaes, e pessoas, a quem esta minha carta for mostrada, e o conhecimento d'ella pertencer, que havendo respeito á boa informação que tenho das letras e mais partes do Licenciado Luiz Contador d'Argotte, e aver lido no Dezembargo do Paço, e ser aprovado, e por fiar delle que no de que o encarregar me servirá como cumpre a meo serviço, e á boa administração da Justiça, hey por bem de lhe fazer mercê do cargo de Juis de Fora dessa Villa de Pinhel por tempo de tres annos, e alem delles o mais que ouver por bem em quanto lhe não mandar tomar residencia, o qual cargo servirá etc. Dada em Lisboa a 5 de janeiro de 1663. Pero Sanches Farinha a fez escrever.

—

Orgulha-se tambem Pinhel de haver tido por alcaide-mór o celebre João Fernandes Vieira, restaurador de Pernambuco, e heroe do bem conhecido poema *Castrioto Luzitano*, que vendo os hollandezes já senhores de Pernambuco, e bem dispostos a assenhorearem-se da flor das nossas colonias, o Brasil — sacrificando a sua grande fortuna, e jogando a propria vida, levantou o pendão da guerra contra os invasores, e não o abateu sem obrigar o ultimo a fazer-se ao largo. Isto confessa o proprio rei no decreto da nomeação, cujo theor é o seguinte: [1]

«D. João por graça de Deus Rey de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné, e da conquista e navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que demais doutras mercês com que o mestre de Campo João Fernandes Vieira, fidalgo de minha casa estava respondido de antes por seus serviços noutra ocasião, tendo agora respeito ao particullar vallor com que obrou na restauração de Pernambuco, e ao muito merecimento, que nella fez até serem rendidas as fortalesas daquella capitania com tanta gloria para a nação portuguesa, e por ser benemerito de toda a honra e mercê devida a tão assignalado serviço, hei por bem, e me praz de lhe fazer mercê, alem doutras, que pellos mesmos respeitos lhe fiz, da Alcaydaria Mor de Pinhel, que vagou por fallecimento do Marichal D. Fernando Coutinho...»

A data é de 15 de junho de 1654.

Effectivamente, poucas paginas ha na nossa historia, mais interessantes do que as da restauração de Pernambuco—e poucos vultos superiores ao de João Fernandes Vieira.

—

Por decreto de 29 de janeiro de 1698, el-rei D. Pedro II, attendendo a que na provincia da Beira havia grandes depositos de pão, e se esperava que a colheita pendente fosse abundante, permittiu a exportação de cereaes para Castella, e suspendeu as disposições em contrario.

—

Por ser muito lisongeiro para Pinhel, re-

[1] Archivo da Camara, *L.º de Registros*, fl. 193.

[1] Archivo da Camara—livro de registros, fl. 179.

gistraremos ainda aqui o documento seguinte:

«Senhores D.or Juiz de Fora, Governador, e mais officiaes da Camara de Pinhel, a minha tenção nunca foi, nem podia ser, quebrantar os privilegios a ninguem, quanto mais a huma Villa tam auctorisada, e a quem venero tanto, ainda que não tivera tam grandes privilegios, e só a Justiça desse senado. E por mostrar o gôsto com que desejo agradar-lhe, considero o que me pede, e mando ordem ao Sargento Mayor da Comarqua para que os moradores dessa Villa nom sejão obrigados á guarda da cadeia de Almeida: e do bom animo com que estou para tudo o que tocar a esse Senado, será testemunha o Vereador mais velho, Manuel Saraiva da Fonseca, que trouxe a de Vmc.es, e me deixa muito agrado seu bom termo. D.s Gd.e a Vmc.es mt.os annos. Guarda, 19 de... de 1692.[1] — Visconde de Barbacena.»

Ninguem mais amavel do que o nobre visconde, então general da artilharia, na provincia da Beira.

Contente e satisfeita devia ficar a camara, e nomeadamente o vereador Saraiva da Fonseca; mas bem pouco satisfeito o tal *Sargento Mayor*...

—

A camara actual d'esta cidade é constituida pelos seguintes senhores:

Presidente, o barão do Mogadouro das Freixêdas—Vereadores, João Antonio de Sequeira Seixas, Francisco Antonio de Campos, Sebastião José de Carvalho e Lima, Bernardo de Gusmão Carneiro e Albuquerque, D. Antonio Coutinho de Lencastre, e Antonio Augusto Ramos e Seixas—todos pessoas de merecimento, e das mais independentes e mais consideradas no municipio; e tem por secretario, o sr. Jacinto Antonio dos Santos.

—

Pinhel foi muitos annos julgado pertencente á comarca de Trancoso, mas em 1854, foi elevada á cathegoria de comarca (de 2.a classe) com os julgados de Figueira de Castello Rodrigo, tambem da comarca de Trancoso, e com o de Almeida, que pertencia á comarca do Sabugal.

Era pois Pinhel uma boa comarca, embora de 2.a ordem, mas com o novo arredondamento, feito em 1875, soffreu muito, porque os julgados de Figueira de Castello Rodrigo e Almeida, foram elevados a comarcas, ficando esta reduzida ao concelho de Pinhel unicamente, com as freguezias que já enumerámos.

—

Acaba de montar-se n'esta cidade uma estação telegraphica, mas ainda não funcciona. (Agosto de 1876.)

—

Ha n'este concelho varias minas registradas:—uma em 1873, na freguezia de Cidadêlhe, pelo reverendo Antonio Justiniano de Aguilar.

E' de cobre, e anda em começo de exploração.

Outra na mesma freguezia de Cidadelhe, registrada tambem no anno de 1873, por Francisco de Salles Pires.

E' de substancia resinosa combustivel.

Outra de estanho e outros metaes, registrada em 1873 tambem, por Dionisio Xavier Pereira da Silva, na freguezia do Azêvo.

Outra de estanho, na freguezia de Gouveias, registrada em 1873, por Francisco de Salles Pires.

Outra no limite d'esta cidade, registrada em 1874, por João Taborda de Magalhães.

E' de plombagina (graphite) e carvão de pedra.

E foram finalmente registradas em 1875, por Antonio Lourenço Pires, duas minas de prata, ouro e outros metaes—outra de cobre e outros metaes—e outra de chumbo, em diversos pontos d'este concelho.

—

Apezar de ter sido approvado em 1873, o projecto da construcção de duas linhas ferreas nas provincias da Beira, devendo uma d'ellas abeirar-se de Pinhel e Almeida, e de ter uma empreza particular pedido ao governo, em 1875, auctorisação para construir outra linha ferrea d'Aveiro á Fronteira, pe-

[1] Archivo da Camara—liv. citado, fl. 52 v.

las proximidades de Lamego, Pinhel e Figueira de Castello Rodrigo, mal concebe esta cidade a esperança de ouvir no seculo XIX o silvar das locomotivas, nem mesmo gosará tão cedo os commodos das velhas diligencias, porque, posto passe aqui a estrada real d'Almeida a Lamego e Porto, tanto esta, como todas as outras d'este concelho, são do velho systema, muito estreitas, com declives fortissimos e cheias de barrancos e precipicios; apenas na nova estrada a mac-adam, de Trancoso á Barca d'Alva, se acham construidos cerca de 5 kilometros, nas immediações d'esta cidade, e prestes a concluir-se a nova ponte sobre o rio Pinhel (vulgarmente denominado *Ribeira das Cabras.*)

Estão tambem já feitos n'esta estrada tres lanços — um junto á Figueira de Castello Rodrigo; outro em Escalhão, e outro no seu *terminus*, Barca d'Alva; mas correm tão morosos os trabalhos de construcção, que havendo principiado em 1872, cremos que em 1972 ainda não estará concluida

Ha tambem no limite d'este concelho e na direcção de Souropires, como amostra de viação municipal, cerca de 2 kilometros, feitos em 1873 a 1874, e anda apenas em estudos ainda, a estrada districtal d'aqui a Guarda!

—

Poucas terrás da importancia d'esta estarão hoje em Portugal mais desprovidas de boas estradas; e, apezar de tudo, ha aqui, como por milagre, muita vida, bons proprietarios, muito dinheiro, uma boa casa de assemblea, ricamente mobilada, com bilhares e diversos jogos de vasa; duas feiras annuaes, das melhores da provincia, uma no primeiro dia de maio, e outra, no primeiro de novembro; mercados importantes, um no primeiro dia de cada mez, e outro no 3.º domingo, e todas as semanas tres dias de praça (quartas, quintas e domingos) com maior abundancia de cereaes e diversos artigos de consumo, do que muitos mercados d'outras localidades.

As feiras de anno tomam a praça e toda a cidade, o grande *largo da Feira*, contiguo ao arrabalde; os mercados mensaes são feitos na Praça, mas occupam-a litteralmente e tornam o tranzito difficillimo e altamente incommodo, sendo para desejar que a camara os remova para o largo da feira.

—

Ha aqui bons estabelecimentos commerciaes, sendo dignos de especial menção os de José Maria do Nascimento, na rua Direita—um de fazendas brancas e miudezas, e outro de pannos nacionaes e estrangeiros.

Tem este senhor tambem aqui uma fabrica de aguardentes, e outra de fiação de seda.

Ha na rua Direita, uma loja, bem sortida de fazendas brancas e mercearia, pertencente a José Joaquim do Desterro, e na mesma rua outro grande estabelecimento, só de mercearia, do negociante José Antonio do Desterro; outro tambem de mercearia, e na mesma rua, pertencente á sr.ª Maria das Dores, e outro na mesma rua, de fazendas brancas, de lan, seda, algodão, artigos de modas, e quinquilherias, pertencente á firma Neves & Irmãos.

Teem estes senhores tambem aqui uma fabrica de chapeus, montada em 1875.

Ha na Praça um bom estabelecimento de fazendas brancas e quinquilherias, pertencente a Bernardo Antonio da Silva, e outro, só de mercearia, pertencente a José Furtado Pereira.

Merecem tambem especial menção o estobelecimento de fazendas brancas, quinquilherias, sola e ferro, de José Antonio dos Santos, na rua dos Cobertos, e na mesma rua outro, só de mercearia, propriedade de Manuel Lourenço; ainda na rua Direita o estabelecimento de ferragens de Antonio Diogo Simão; no Cimo da Fonte, outro de ferragens, de Daniel Mendes; outro de chapeus, de José Correia; outro de José Bonifacio, com o mesmo artigo; outro de pannos, pertencente a Antonio Murão, no Largo Novo; outro de Ayres dos Reis, com o mesmo genero, no Largo da Estalagem; outro tambem de panos, de José Flauzino de Almeida Campos, na rua de Baixo; outro tambem de pannos, de Cezar Augusto dos Reis, no Largo do Paço; uma fabrica de sabão, na rua de

S. Salvador, propriedade de D. Christoban Anaya, e outra de aguardente, propriedade de João Antonio de Sequeira e Seixas.

—

Teem aqui agencias os seguintes bancos:

Banco Commercial de Vianna.

Banco Commercial de Lisboa.

Banco Agricola e Commercial de Ponte do Lima.

Banco do Alemtejo.

Banco Commercial de Guimarães.

Banco da Covilhan.

Banco de Chaves.

Banco Nacional Insulano.

Banco de Braga.

Companhia Transatlantica da Mala Real Ingleza.

—

Já que fallei do commercio e industria d'esta cidade, forçoso é que mencione o fabrico das meias de lan, notavel especialidade de Pinhel, desde tempo immemorial.

Fabricam-se n'este concelho, e em parte dos concelhos limitrophes; mas Pinhel foi sempre a praça d'este artigo, que d'aqui vai em grande escala para o Porto e outras terras de Portugal, representando alguns contos de réis.

Alem das meias ordinarias, fazem-se aqui, por encommenda, meias de lan, finissimas, realmente superiores.

Confundem-se com a melhor casimira.

—

Uma das coisas mais interessantes, que se encontra em Pinhel é a velha estrada de Castello Rodrigo, desde Pinhel ao Côa, na extensão aproximada de 5 kilometros. São varios lanços, mais ou menos arruinados, mas ainda dignos de ver-se, e que bem provam que aquella estrada foi uma das mais luxuosas do nosso paiz, em tempos que passaram.

Não ha na localidade memoria da sua construcção, mas suppomos que remonta ao governo do marquez de Pombal, ou de D. Maria I.

Madia 3 a 4 metros de largura, e era toda formada de pequenos seixos durissimos, caprichosamente divididos por fiadas parallelas e longitudinaes de seixos brancos.

Apezar de ter declives fortes, offerece ainda, de longe em longe, curiosos especimens d'alguns metros em bom estado, principalmente do rio Pinhel ao Côa.

A mesma ponte que ha n'esta estrada sobre o Côa, foi muito notavel.

E' de bom granito, bem lavrado, bastante extensa, elegante e ainda muito solida, com 5 arcos, grandes, eguaes, e nos vãos intermedios d'estes, 2 arcos mais pequenos.

Tem 100 metros de comprimento, 3 metros e meio de largura, e 14 de altura no centro.

Foi esta ponte cortada pelos francezes em 1810, e reformada em 1817, como se vê de uma lapide collocada sobre a parte reedificada, com a inscripção seguinte:

«ANNO DE 1817»

«POR PROVISÃO DE SUA MAGESTADE, CONTRIBUINDO OS POVOS DAS TRES COMARCAS, DE PINHEL, TRANCOSO E GUARDA, E DEBAIXO DA INSPECÇÃO DO CORREGEDOR D'ESTA COMARCA DE PINHEL, ANTONIO JULIO DE FRIAS PIMENTEL E ABREU, SE REPARARAM AS RUINAS D'ESTA PONTE, DESTRUIDA PELOS FRANCEZES NO CALAMITOSO ANNO DE 1810.»

Vê-se tambem sobre o Côa, na estrada militar d'Almeida a Pinhel, outra bonita ponte, mas muito menos extensa do que aquella.

E' de granito, e tem 3 arcos, dois dos quaes (os do poente) foram tambem demolidos por occasião da guerra peninsular, e restaurados por ordem d'el rei D. João VI, em 1825, o que muito claramente diz a inscripção seguinte, gravada em uma lapide que se eleva sobre a guarda da dita ponte, á esquerda, e sobre o primeiro arco, indo de Pinhel.

«AUGUSTISSIMI JOANNIS VI MAGNANIMI, AC LONGE CLEMENTISSIMI, ET HUMANISSIMI LUSITANIAE, BRASILIAE, ALGARBIORUMQUE REGIS PRAECEPTO, DIE MAII 26 ANNO 1824. EDITO, PUBLICAM AD UTILITATEM HUJUS OPERIS RENOVAMEN INSEPTUM FUIT, TANDEM ATQUE CONFECTUM ANNO 1825».

Em vulgar é o seguinte:

«Por portaria de 26 de maio de 1824, do muito augusto senhor D. João VI, clementissimo e humanissimo Rei de Portugal, Brazil e Algarves, foi, para publica utilidade, principiada e acabada a restauração d'esta ponte no anno de 1825.»

—

Ha ainda n'esta estrada militar d'Almeida a Pinhel, mais duas boas pontes de granito; uma entre o Côa e Valverde, e outra, com 5 arcos, sobre a ribeira das Cabras, a pequena distancia de Pinhel. [1]

—

Tem esta cidade actualmente 11 fontes publicas, d'agua potavel, com os seguintes nomes:

Fonte Nova, com bica e tanque, no caminho de Souropires.

Fonte de Marrocos, com bica e tanque.

Chafariz da Moreira, com bica e tanque.

Chafariz do Passareiro, com bica e tanque.

Chafariz das Monas, com duas bicas e tanque, junto á ponte d'Almeida.

Chafariz do Pesqueiro, com bica e tamque, na estrada que vai para Castello Rodrigo.

Fonte do Coche, a 3 kilometros de distancia, no caminho d'Almeida, com excellente agua em grande profusão.

Mesmo nos annos mais calmosos, em que seccam a maior parte das outras fontes, como aconteceu n'este ultimo anno (1875) conserva-se esta sempre pujante, e é a que abastece a cidade.

Ha ainda aqui a fonte do Passeio, com bica e tanque, feita em 1865, para aproveitar a agua da cerca das freiras; e a fonte do Bispo no arrabalde, com um grande vaso de cantaria, coberto de abobada, e um chafariz.

E' esta a que tem melhor obra d'arte, e foi a sua agua, desde tempos remotos, considerada como antidoto contra a formação de pedras na bexiga.

Ha aqui finalmente um chafariz com bica e tanque, proximo d'aquella fonte, em plano um pouco superior, e tem a inscripção seguinte:

ANNO MDCC 94 (sic)
DECUR OMNIBUS
CABRAL MELO, CORR.
HUNC JUSSIT FONTEM POPULO
MANARE

E do Tombo d'esta cidade, existente no archivo da camara, consta que houve aqui mais 4 fontes publicas:

Uma de cantaria e marco, á entrada da rua direita, com vasão para a fonte do Bispo.

Outra tambem de cantaria, mettida na parede da horta que foi dos herdeiros do alcaide-mór, Bernardo da Costa Fagundes, indo para o chafariz da Moreira.

Outra mettida em um chão, que foi de Marianna da Trindade, viuva de Ventura José, no caminho que vae para a capella de Nossa Senhora da Torre, por cima do chafariz do Passareiro.

E um chafariz no campo da feira, junto á capella do Espirito Santo.

Convento de freiras da ordem de S. Francisco, em Pinhel

Houve n'esta cidade, ainda então villa, um homem notavel pela sua fortuna, illustração e virtudes, e pela alta posição social a que se elevou, no segundo quartel do seculo XVI e principios do seculo XVII.

Chamava-se Luiz de Figueiredo Falcão, e nascera em 1549, nas suas casas do Arrabalde, onde, depois de casado, fundou o convento de freiras franciscanas.

Philippe II o nomeou seu secretario d'es-

[1] Ha n'esta ribeira mais duas boas pontes de granito, uma denominada *dos Lagares*, na velha estrada de Castello Rodrigo, com 2 grandes arcos; outra na estrada nova a macadam para a Barca d'Alva, feita em substituição d'aquella.

Tem 3 olhaes d'arco abatido.

Esta estrada demanda uma nova ponte sobre o Côa, porque o traçado se desvia da grande ponte que acima descrevemos.

Na ribeira *da Pêga*, ao poente de Pinhel, ha apenas alguns pontões, tendo o mais importante um pequeno arco, na estrada da Guarda.

tado em Portugal, e escrivão da casa da India em 1586; depois elevou-o a ministro da fazenda e lhe deu o habito de Christo; fel-o em seguida fidalgo cavalleiro; em 1604 foi elevado por Philippe III, a fidalgo da casa real, com moradia; em 14 d'agosto de 1607, obteve a commenda de S. Martinho de Guilhabreu, da ordem de Christo, no bispado do Porto; e em 15 de maio de 1608, a de S. Salvador de Villa Pouca d'Aguiar, da mesma ordem de Christo.

Casou com D. Maria de Quinhones, filha de D. Leonor de Quinhones, dama da princeza D. Joanna, mãe do nosso desditoso rei D. Sebastião.

Vendo-se já em avançada edade e sem esperanças de successão, resolveu fundar um convento, nas proprias casas em que nascêra e residira.

Vindo a Lisboa o geral da ordem de S. Francisco, frei Boaventura de Calatagyrona, em 1596, presidir a uma congregação da provincia de Portugal, e achando-se por essa occasião alli tambem Luiz de Figueiredo, communicou-lhe o seu designio, e o geral, com previa annuencia do prelado de Viseu, dirigiu em nome do fundador, a petição ao papa Clemente VIII, com as seguintes clausulas:

Que elle fundador e seus successores, seriam sepultados na capella-mór da egreja do mosteiro, e teriam n'ella assento;

Que poderiam gravar suas armas em todas as paredes do edificio;

Que a irman do fundador, religiosa professa no convento da Guarda, seria abbadeça vitalicia do novo convento;

Que n'elle não poderiam entrar educandas nem freiras d'outra ordem, nem haver mais do que 33 religiosas, as quaes professariam a regra de S. Francisco, conforme os estylos da Observancia, ou a de Santa Clara;

Que, aberto o mosteiro, elle instituidor proveria 10 logares com pessoas da sua escolha, e os seus successores poderiam perpetuamente prover dois;

Que nenhuma freira podesse entrar para o novo convento sem a tença de 20$000 rs. em dinheiro, ou medidas equivalentes;

Que a communidade daria ás religiosas, casa, sustento, vestidos, remedios, etc., e que por isso nenhuma poderia ter bens alguns proprios, nem mesmo guardar o que lhe dessem seus parentes, ou o que ellas adquirissem com o seu trabalho, mas que tudo seria da communidade;

Que não poderiam as religiosas fallar com pessoa alguma do seculo, exceptuando unicamente mulheres e parentes até ao 2.º grau;

E que elle fundador, além dos edificios e fabrica, consignava ao mosteiro 100$000 rs. de renda annual e 10 moios de pão, que importavam em outros 100$000 réis.

Queria o fundador que o convento ficasse sugeito á ordem de S. Francisco; mas o papa, pela bulla *Volumus et statuimus*, mandou que ficasse sugeito ao bispo.

Quando se abriam os alicerces do novo mosteiro, em seguida á casa do fundador, encontraram-se sepulturas e ossadas, o que levou a crer o que a tradição dizia — que n'aquelle local houvera, com a invocação de Santa Maria Magdalena, um templo, que os arabes destruiram na invasão da Peninsula, arrazando egualmente todas as outras egrejas que ao tempo existiam em Pinhel, exceptuando unicamente uma — a do Salvador, a qual pouparam, a pedido e instancias de um christão de grande prestigio, que então aqui morava.

Por este motivo, dedicou o fundador um dos altares lateraes da egreja, a Santa Maria Magdalena, e outro a S. Luiz, bispo de Tolosa, que escolheu para patrono, por ser o santo do seu nome e da sua particular devoção.

Eram ainda muito acanhadas as proporções do convento, quando o fundador o mandou cingir de muros e o deu por concluido, retirando-se para Valhadolid, onde se achava então o conselho de Portugal; e vindo o bispo de Viseu, D. João de Bragança, visitar o convento, e vêr se estava apto para receber as religiosas, achou-o tão humilde que se oppoz á inauguração, e instou com o fundador para que lhe desse as proporções e commodidades precisas; mas o fundador desculpou-se, como entendeu, e nada mais fez. Instou o prelado uma e mais vezes, e como outras tantas se desculpasse o fundador, o

bispo lhe escreveu, dizendo que declinava de si a obediencia que, segundo a lettra da bulla de S. Santidade, lhe devia o mosteiro, e que podia entregal-o a outro prelado; e logo o fundador, muito satisfeito, respondeu — *que o entregasse do provincial da ordem de S. Francisco.* O prelado annuiu; e foi mandado a Valhadolid, como procurador da dita ordem na provincia de Portugal, fr. Pedro da Trindade, guardião do convento da Guarda, ao qual o fundador entregou o novo mosteiro, por escriptura, com data de 25 de setembro de 1602, e entraram para elle as primeiras religiosas, a 27 d'outubro do mesmo anno, dia de S. Simão e S. Judas.

O bispo de Viseu, julgando-se desconsiderado por não lhe darem parte da entrada das religiosas, quiz obrigal-as a voltar para o convento da Guarda, donde tinham vindo, e como ellas se recusassem, declarou o novo mosteiro interdicto, e se ausentou para Extremoz, no Alemtejo. Ahi o foi procurar o fundador, e por accordo escripto, este se obrigou de novo a fazer as officinas necessarias para no convento poderem viver 33 religiosas, como promettera na supplica dirigida a S. Santidade. O bispo logo levantou as censuras, e o fundador cumpriu o estipulado, ficando o novo mosteiro em magnificas condições.

As primeiras freiras que habitaram este convento, vieram da Guarda, e foram, além da irman do fundador, que devia ser abbadessa vitalicia, sóror Antonia da Annunciação, e sóror Luiza do Espirito Santo—aquella com o titulo de vigaria, e esta com o titulo de mestra, pois era muito illustrada e sabia perfeitamente o latim. A estas se uniram em breve tres noviças, das quaes uma —soror Maria das Chagas—era sobrinha do fundador, e outra—soror Domingas da Piedade — era natural d'Aguiar da Beira.

Logo nos primeiros annos, surgiram questões com a abbadessa, e, posto que esta devia ser vitalicia, as freiras elegeram outra (sóror Guiomar dos Reis) e a irman do fundador voltou para o convento da Guarda, onde foi abbadessa de muito merecimento; e, para reformarem este convento de Pinhel, chamou o padre provincial duas freiras do convento de Vinhó; deu a uma o cargo de mestra de noviças, e a outra o de vigaria, e fez eleger abbadessa, soror Maria do Presepio, do convento de Trancoso, freira de assignalada virtude, que restaurou a disciplina da casa.

As eleições d'abbadessa eram triennaes, dando ás abbadessas eleitas, o titulo de *presidente*, emquanto viveu a irman do fundador, para cohonestarem a infracção do seu instituto.

Já em 1639 habitavam este convento 33 freiras, e com o tempo aquelle numero augmentou.

Produziu este mosteiro freiras de grande virtude, nomeadamente sóror Anna da Trindade, natural d'Almeida, fallecida em 1 de julho de 1633—sóror Anna da Encarnação, natural de Pinhel, fallecida em 9 d'abril de 1629 — e sóror Leonor do Espirito Santo, tambem de Pinhel, fallecida em 2 de julho de 1641.

Houve n'este convento muitas reliquias, dadas pelo fundador—e grande parte dos corpos de seis santos—S. Cayo, papa e martyr — S. Marcello, tambem papa e martyr— S. Sixto e S. Vital, martyres—e Santa Christina e Santa Theodora, virgens e martyres. Foram estas reliquias dadas pelo arcediago Heitor de Sella Falcão, e estavam mettidas em um grande armario dourado, com 18 gavetas em 3 fileiras de 6, e com vidros para poderem ser vistas e veneradas pelos fieis.

Fundado já o convento, teve Luiz de Figueiredo Falcão, do seu consorcio com D. Maria de Quinhones, um unico filho — Antonio Heitor de Figueiredo, seu legitimo successor, mas falleceu aos 22 annos de edade, em Braga, e solteiro, cujo cadaver foi trasladado para este convento, bem como o de seu pae; e, fallecendo D. Maria de Quinhones, em 24 de julho de 1621, fez Luiz de Figueiredo o seu testamento, em 13 de novembro do mesmo anno, e n'elle instituiu ainda na egreja do seu mosteiro, seis capellães—um com o titulo de capellão-mór, com 80$000 réis de ordenado e a condição de ser theologo—outro com a obrigação de ensinar gratuitamente grammatica latina, e vencendo 60$000 réis

annuaes—outro com a obrigação de ser organista do convento, e de ensinar musica ás freiras, e a quem mais a quizesse aprender —dos 3 restantes, um seria sachristão e outro procurador do convento, vencendo cada um, 40$000 réis—e todos seis seriam obrigados a rezar em côro os officios divinos na egreja do convento.

Mais instituiu 12 *mercieyros* — 6 homens e 6 mulheres, com a obrigação de assistirem á reza dos capellães na egreja. Destinou ainda 40$000, rs. para se conservarem constantemente accesas 3 alampadas na capella-mór do convento, e dispoz por ultimo, que, satisfeitos aquelles ordenados, fosse para o sustento das freiras, o que sobrasse das rendas, por elle dadas ao mosteiro — rendas que ha muito se evaporaram, desapparecendo, poucos annos depois do fallecimento do instituidor, as que deviam garantir perpetuamente o cumprimento d'aquelle importante legado, pois por morte de Heitor Antonio de Figueiredo, filho unico de Luiz de Figueiredo, ficou devoluta ao mosteiro a administração d'aquelles fundos, e o *muito escrupuloso e honrado* Diogo Soares, secretario do *não menos escrupuloso, nem menos honrado* Philippe III, os empolgou, allegando que as ordenações do reino não permittiam ao convento administral-os!...

—

Contrastava o tal sr. secretario Diogo Soares, com o nosso Luiz de Figueiredo Falcão, um dos ministros mais dignos que couberam a Portugal, durante a execranda occupação philippina — e mesmo antes e depois d'ella poucos se lhe avantajariam em honra, dignidade e probidade, illustração e zêlo pelo bem publico. Póde affoitamente dizer-se que foi a muitos respeitos, um ministro modêlo.

Não cessava de advertir os seus serviçaes, que nada recebessem das partes a titulo de gratificação, e, porque notou certo dia que um criado acceitára de um pretendente uma pequena somma, obrigou-o a restituil-a immediatamente, reprehendeu-o com severidade, e logo o despediu.

Estando com o conselho de Portugal, em Valhadolid, disse-lhe um amigo, que havia feito voto de dar para um convento duzentos mil réis, e que por isso lh'os offerecia, para o convento que Luiz de Figueiredo tratava de fundar; mas desconfiando elle do desinteresse do offerente, não acceitou o donativo, sem que o tal senhor declarasse por escripto com juramento, que não tinha pretenção alguma dependente da sua secretaria, e sem que désse d'isto mesmo noticia ao rei, e este o auctorisasse.

Encontrando um dia, entre outros papeis, um requerimento, já retardado, de certo pretendente pobre, tratou logo de o deferir como era de justiça; chamou o pretendente, pediu-lhe desculpa da demora, instou para que lhe dissesse quanto gastava por dia na corte, deu-lhe a somma correspondente aos dias que alli passára, esperando o despacho, e diante d'elle reprehendeu o official da secretaria encarregado do expediente, e que fôra causa da demora, recommendando-lhe todo o cuidado em aviar as partes.

Era dotado de tal independencia e tão nobre isenção, que pedindo-lhe um dia o conde de Salinas, vice rei de Portugal, a sua opinião relativamente ao melhor modo de organisar as finanças, respondeu-lhe: que o negocio havia muito fôra resolvido na junta, a que elle assistira, sob a presidencia do conde de Portalegre, D. Diogo da Silva, *mas que os conselheiros tudo faziam ao contrario, porque o seu unico intento era destruir e aniquilar Portugal.*

Era tal a sua honestidade, que nem acceitou certos mimos, que, como simples lembrança, um dia lhe mandou da ilha da Madeira o bispo do Funchal, tambem Luiz de Figueiredo, seu parente proximo.

Sinceramente religioso e muito caritativo, dava avultadas esmolas aos pobres, viuvas e religiosos mendicantes, confessava-se e commungava repetidas vezes, obrigava os seus domesticos a confessarem-se todos os mezes; todos os dias costumava ouvir de joelhos e com grande devoção cinco missas, que mandava celebrar por sua intenção, e outras muitas, encontrando-se no seu livro d'assentos, quando falleceu, nota de haver feito celebrar *vinte e duas mil missas*, e por

isso no seu testamento apenas determinou que no dia em que fallecesse se dissessem *tresentas!*

E era tal o seu zelo pelos negocios a seu cargo, que compoz seis livros:

O 1.º continha uma descripção circumstanciada de todas as rendas de Portugal, commendas, almoxarifados, etc., e dos gastos que el-rei fazia d'ellas, em esmolas, tenças, milicia, etc.

O 2.º comprehendia todos os contratos ultramarinos.

O 3.º tratava tambem só de negocios da India, e d'elle se via quantas embarcações lá foram, mandadas de Portugal, desde o seu descobrimento, o custo das armações e das viagens, lucros e perdas das differentes expedições, etc.—que vice reis, governadores, capitães e pilotos tivemos n'aquelles estados, e qual o seu rendimento.

Estes livros, offereceu-os Luiz de Figueiredo a Philippe II, quando veiu a Portugal; e as copias de dois que se encontraram por seu fallecimento, offereceu-os o reverendo frei Luiz da Natividade, religioso franciscano, e sobrinho do auctor, a el-rei D. João IV—e ainda outro livro que Luiz de Figueiredo compoz, e que era uma curiosa descripção de todos as fortalezas maritimas de Portugal.

Foram pois seis os livros que escreveu Luiz de Figueiredo Falcão, como diz frei Francisco da Soledade na *Historia seraphica da ordem de S. Francisco,* fallando do convento de S. Luiz de Pinhel (tomo 5.º, pag. 278 e seg.) mas Innocencio Francisco da Silva, no seu interessante diccionario bibliographico, menciona apenas um—*Descripção das rendas de Portugal, commendas, almoxarifados, etc.,* e tambem só vimos este na bibliotheca municipal do Porto, quando procuramos as obras de Luiz de Figueiredo Falcão.

Talvez que nenhum dos outros cinco fosse até hoje impresso.

Aos oitenta e dois annos de edade falleceu em Lisboa, Luiz de Figueiredo, no dia 13 de janeiro de 1631.

Foi o seu cadaver depositado no convento de S. Francisco e d'ali trasladado para a egreja do seu mosteiro de Pinhel, em cuja sepultura se gravou este epitaphio:

«*Aqui jaz Luiz de Figueiredo Falcão, Fidalgo da Casa de El-Rey N. Senhor: que foy Secretario del Rey Filipe III. Filho de Heitor de Sela Falcão, & de Joanna de Figueiredo, cuja foy a casa em que o dito Luiz de Figueiredo fundou, & dotou este Mosteyro, á sua propria custa, & sem ajuda de ninguem. Deyxou o seu, & não levou o alheyo. Pede huma Ave Maria pela sua alma. Fal. no anno de 1631.*»

Esta inscripção se vê ainda hoje (1876) gravada na frente de uma caixa ossuaria de granito, collocada em uma especie de nicho, na capella-mór da egreja do dito mosteiro (hoje restaurada) do lado do evangelho, e na parede fronteira está outra caixa ossuaria identica, com a inscripção seguinte:

«*Aqui jaz Heitor Antonio de Figueiredo Falcão, filho unico de Luiz de Figueiredo Falcão e D. Maria de Quinhones sua mulher: Commendador 2 igrãs.* (de duas egrejas ou commendas) *de Christo. Falleceu no anno de Christo de 1633.*

N'esta egreja ha ainda outra sepultura com uma inscripção que reza assim:

«*Aqui jaz Heitor de Cella Falcão, filho de Antonio de Cella Falcão e de Margarida Leite da Fonseca sua mulher. Falleceo no anno de 1640. Esta obra fez Francisco Tavares da Fonseca, administrador d'esta capella, por S. M. D. João IV. 1647.*»

—

O convento de freiras [1] tinha a fórma de um esquadro, e no vertice do angulo, um torreão de 3 andares, que servia de mirante, e hoje serve de cadeia.

[1] Por ordem do governo foi este convento despejado em 1836, por se acharem exhaustos os seus rendimentos, e ter apenas 3 freiras, das quaes foram duas para o convento de Trancoso, e uma para Coimbra.

A parte que corria do mirante até á egreja, com a frente para a praça, foi demolida, e do chão que occupava e da cérca, se fez o actual passeio publico; a outra parte que seguia do mirante ao longo da rua, ainda hoje chamada *rua do Convento*, foi restaurada e n'ella se acham diversas repartições publicas —o tribunal, a conservatoria, a administração do concelho, a repartição de fazenda e o theatro—a egreja foi arvorada em parochial, accrescentando-se em comprimento, e construindo-se ao lado d'ella uma torre, em 1862.

N'esta egreja se diz a missa conventual, mas conserva-se ainda o Santissimo na velha matriz de Nossa Senhora do Castello, intra-muros, templo que revela grande antiguidade e se julga anterior á fundação da nossa monarchia.

Tem 30 metros de comprimento e 10 de largura, a capella-mór é toda revestida de talha dourada, o tecto é apainelado, e tem 14 pinturas a oleo, representando os principaes factos da vida da Virgem Maria.

Alem das custosas decorações da capella-mór, o que ha de mais notavel n'este templo é o tumulo do abbade Antonio Velloso d'Amaral, com uma inscripção do theor seguinte:

«*Esta capella mandou fazer o Doutor Antonio Velloso d'Amaral, Abbade desta egreja, Protonotario Apostolico, e Deputado do Santo Officio, para sua sepultura e de seus herdeiros.*»

E na sepultura, propriamente dita, se lê o seguinte:

«*Obiit 2 Die mensis Xbris Anno Domini 1622.*»

O fundador dotou esta capella com avultado rendimento, para suffragios, missas e alampada permanente, mas já tudo se *perdeu.*

Ha no archivo parochial d'esta egreja um livro d'obitos curioso (é o mais antigo) numerado e rubricado pelo dito abbade Antonio Velloso do Amaral, que era ao tempo provisor e vigario geral do bispado de Viseu.

Tem a data de 1598, e n'elle se vê uma nota escripta pelo dito abbade, em que declara que n'aquelle mesmo anno de 1598 tomára posse d'esta egreja.

Em seguida se lê o seguinte:

«Por fallecimento do Doutor Antonio Velloso d'Amaral, que foi Abbade d'esta egreja de Santa Maria do Castello 24 annos, succedeu por Abbade na mesma egreja o Dr. Manuel da Veiga Viçoso, e não esteve por Abbade mais d'anno e meio. E logo renunciou no Reverendo Antonio Martins que foi n'ella Abbade 8 annos. E por sua morte lhe succedi eu o Reverendo Simão d'Almeida, e fui apresentado pelo Bispo (de Vizeu) D. Fr. Bernardino de Sena, e collado por Roma, por vagar no mez do Papa, e tomei posse aos 4 dias do mez de... de 1633 annos. E por verdade fiz esta lembrança, hoje 6 do mez de Janeiro de 1634. O Reverendo, Simão de Almeida.»

A fl. 27 do dito livro se acha o assento do baptismo de Hamet, turco, couteiro do abbade Velloso d'Amaral, que declara ter-lhe sido dado pelo bispo do Algarve, inquizidor-mór do reino.

Poz-lhe o nome de Manuel, e foram padrinhos o marechal D. Fernando e D. Alvaro, seu filho.

Declara mais que teria de idade 22 annos, que seu pae era inglez e renegára, que depois de ser turco se chamou *Hamet-bem-Sahut*, e que sua mãe era natural de Argel e se chamava *Xebsaf-Axa.*

Foi o baptismo ministrado pelo dito abbade Antonio Velloso, no dia 6 de novembro de 1616.

E a fl. 203 v., do mesmo livro, se encontra o seguinte:

«Faleceo o Marechal Don Fernando Coutinho, freguez desta Igreja, sexta fr.ª, a seis oras da tarde, vinte dias do mes de Junho da era de 1636 e no sabbado seguinte ás sete oras da tarde foi sepultado na casa da mizericordia desta villa, fez testamento, deixou por seu testamenteiro ao duque de Vil-

la Viçosa (*duque de Bragança.*) Manda em seu testamento que seus ossos sejão levados a Lisboa á sepultura de seus antepassados. Em fé de verdade fis este assento hoje ut supra 20 dias de Junho. O Abbade Simão d'Almeida.» [1]

Na igreja da Misericordia d'esta cidade, se nota ainda a sepultura do celebre marechal D. Fernando Coutinho, com uma inscripção que já não pode ler-se, e 4 escudos, tendo o do lado da cabeça uma arvore —o do lado dos pés uma estrella—o do lado esquerdo uma meia lua—e o do lado direito um leão rompente.

Ha ainda n'esta egreja outras muitas sepulturas, com inscripções, quasi todas dos seculos XVII e XVIII, grande parte das quaes se acham gastas, por ser este o templo de Pinhel mais concorrido pelos fieis, pois alem de ser o mais central, aqui se celebram, como já disse, grande numero de missas todos os dias.

D'aquellas inscripções diz uma:

«*S.ª de Pedro Monteiro do Amaral e de seus herdeiros.*»

Outra:

«*Sepultura de... e de sua mulher Paulina da Fonsequa.*»

Outra:

«*Sepultura de Fernandes Cerveira e de sua molher Isabel Dias.*»

Outra:

«*S.ª do Sargento-Mór J... e de sua mulher, feita no anno de 1666.*»

Este templo é muito antigo, posto se ignore a data da sua fundação, bem como a da instituição d'esta Misericordia. [2]

A porta da entrada é ogival e tem lavores com rendilhados e conchas; e sobre esta porta estão as armas reaes portuguezas, e por baixo das armas a data 1808.

E ainda na frente d'esta egreja, ao lado direito, se vê um escudo, encimado por uma coroa, com a inscripção seguinte:

«*Renasceo Timbre Augusto d'hum legitimo Principe* [1] *1808*.....»

Por alvará de 18 de outubro de 1806 foi renovado o compromisso d'esta casa de Misericordia, e posto em harmonia com o da Santa Casa de Lisboa, erecta em 1498, da qual esta é filial; e a esta renovação se referem por certo as inscripções do frontispicio da egreja.

Os francezes, por occasião da guerra peninsular, a espoliaram, roubando inclusivamente o proprio cartorio, onde havia documentos importantes para a historia d'este estabelecimento de caridade.

Hoje terá de rendimento aproximadamente 400$000 réis, em foros, inscripções e juros de capital mutuado, e os seus encargos principaes são: o fazer celebrar um anniversario no dia 2 de novembro, mandar dizer 3 missas semanaes pelos irmãos vivos e defunctos, distribuir certas esmolas em dias determinados, e receber e tratar os pobres no seu hospital; mas, infelizmente, este é muito pequeno, e a exiguidade dos fundos apenas lhe permitte actualmente receber ao mesmo tempo dois ou tres, e isto ha cerca de um anno, porque até ahi, se limitava a dar lhes subsidio para se tratarem nas suas casas, ou para se transportarem aos hospitaes da Guarda, Viseu ou Lamego.

Tem tido esta Santa Casa diversos bemfeitores, e entre elles merecem especial menção D. Diniz, bispo de Viseu, que lhe deixou um legado para subsidiar as amas de creanças pobres, a quem faltem as mães.

O padre Placiano Lopes, que lhe deixou

[1] Foi este o ultimo marechal do reino que residiu n'esta villa. Tinham casas proprias, de que já nem vestigios existem, dentro do castello.

[2] No *Diccionario de educação e ensino*, traduzido por sr. Camillo Castello Branco se diz que o fundador d'esta Misericordia fôra o doutor João Videira, natural d'esta cidade.

[1] A linha final não póde ler-se.

um legado importante, para esmolas geraes de pão cosido, em dia de Natal.

O padre Ponciano d'Albuquerque, que lhe deixou varios legados.

No testamento d'este padre ha uma disposição interessante.

Deixou um valioso legado a um tal Manuel Nunes, para patrimonio de um seu filho, e quando não tivesse senão filhas seria dado em dote á mais velha, com a clausula de que não havia de casar em Escalhão, aliás passaria o legado para esta Misericordia.

O penultimo bemfeitor d'esta casa, foi o sr. barão de Castello de Paiva, e o ultimo foi o sr. dr. Joaquim Bernardo Soares, de Celorico da Beira, que exerceu aqui os cargos de delegado e juiz de direito.

Doou a esta Misericordia dois contos de réis.

—

Na egreja da Misericordia se erigiu uma irmandade do Santissimo Sacramento, em epocas remotas (talvez a primeira irmandade do Santissimo que houve em Pinhel) e d'esta egreja se administrou, por muito tempo, o Viatico a toda a villa.

—

Houve tambem aqui, no Arrabalde, alguns metros á direita do paço episcopal, e ao S. do caminho d'Almeida, um convento de frades capuchos.

Foram inauguradas as obras da sua construção dia de Santo Estevão, no anno de 1731, e collocou a primeira pedra da egreja o arcediago de Villa Nova da Cerveira, Francisco Fagundes Lopes. [1]

Por medida geral, foi este convento extincto com todos os outros conventos de frades que havia em Portugal, no anno de 1834 e annos depois foi posto em hasta publica e comprado pelo doutor Antonio de Sequeira e Seixas, que demoliu parte do edificio, conservando porém a egreja que ainda existe intacta, e é um templo regular e muito decente, com a invocação de Santo Antonio, padroeiro do convento.

N'esta egreja se celebra missa todos os domingos e dias sanctificados ás onze horas.

Este convento e cêrca são hoje propriedade dos filhos do dito Antonio de Sequeira e Seixas.

—

Ha n'esta cidade hoje apenas uma capella publica—de Nossa Senhora da Torre—cuja padroeira se venera a 15 d'agosto; mas, em épocas remotas, houve aqui outra de Nossa Senhora da Consolação, junto ao campo de Santo Antonio, e com a porta principal voltada para o meio dia. A imagem da Senhora hia todos os annos na procissão do Corpo de Deus, acompanhada dos officiaes da camara, estandarte e bandeira, e das differentes auctoridades da villa, que, depois de recolher a procissão, hiam acompanhar a imagem da Senhora até á sua capellinha. E era esta do povo, e administrada pela camara.

Houve no campo, á entrada d'esta cidade, outra capella com a invocação do Espirito Santo.

Era tambem do povo, *e isenta da jurisdição parochial de todas as freguezias de Pinhel.*

Houve no campo d'esta cidade outra capella, com a invocação de Santo Antonio.

Era do povo, e ficou dentro da cêrca dos frades, quando edificaram o convento junto d'ella.

Houve tambem aqui outra capella do povo, com a invocação de Nossa Senhora do Amparo, e junto d'ella um hospital com sua enfermaria, e o deão da Guarda, Manuel Falcão, comprou uma casa contigua, e a deu de esmola ao dito hospital.

Houve aqui ainda outra capella do povo, cujo orago era S. João. Achando-se profanada e em ruinas, foi convertida em matadouro e açougue.

O tombo antigo da camara d'esta cidade, diz que—*a casa da carniçaria publica, chamada a casa do assougue*—era no sitio denominado *Forno das Quelhas*, e pegada ao mesmo forno.

[1] Em um dos livros de registros da camara d'esta cidade (a fl. 209 e v.) se acha por copia o alvará pelo qual sua magestade permittiu a erecção d'este convento.

E' datado de Lisboa Occidental, aos 16 de fevereiro de 1727.

Do mesmo tombo consta, que a antiga cadeia de Pinhel esteve *intra muros*, junto á Porta da villa, entrando — á direita — e que era o parocho da freguezia de S. Martinho quem ministrava os sacramentos aos presos, por estar a cadeia na circumscripção da dita parochia — e defronte da antiga cadeia, aproximadamente no local onde esteve a velha torre do relogio, ha uma loja ou casa terrea, que já foi capella de merecimento, mas capella particular. É a primeira casa da rua de Santa Rita, entrando—á esquerda.

Tem sobre a porta principal as armas do fundador, e sobre outra porta que dá para a mencionada rua, uma inscripção do theor seguinte:

«*Esta capella mandou fazer o doutor Manuel Falcão, deão da Sé da cidade da Guarda, filho de Pedro de Mendonça Coutinho e de Leonor de Proença Falcão, naturaes d'esta villa de Pinhel, a qual dotou com a obrigação de 150 missas cada anno, para sempre... na era de 1640.*»

—

Para que saibam os vindouros quaes eram n'este anno do Senhor (1876) os primeiros proprietarios d'este concelho de Pinhel, aqui damos a lista dos 40 maiores contribuintes:

D'esta cidade, 20 — Alexandre Metello de Napoles e Lemos, Antonio de Noronha Castello Branco e Avilez, Ladislau Abranches Freire de Figueiredo, dr. Antonio Manuel Farinha Beirão, José Maria do Nascimento, José Franzino d'Almeida Campos, José Augusto Mendes Pereira, dr. Joaquim de Campos Henriques, João Antonio de Sequeira Seixas, Jacintho Antonio dos Santos, José de Campos Teixeira, João Antonio dos Reis, José Antonio dos Santos, João Antonio dos Santos, José Antonio Monteiro Flores, Caetano Mendes Pereira, Francisco Bernardo de Seixas e Costa, José Joaquim de Torres, Pedro Metello Côrte Real, e José Joaquim de Figueiredo e Lima.

Das Freixedas—Barão do Mogadouro, João de Carvalho Rebello, Aurelio Quirino Saraiva, João do Nascimento Saraiva, Manuel Jacintho Saraiva, e Manuel dos Santos Saraiva.

Do Azêvo — Antonio Augusto Ramos e Seixas.

Da Palla — Antonio Ayres Craveiro.

De Souropires—Antonio de Villafanha Cabral, e Manuel Lopes.

Das Lameiras — Domingos Gonçalves Orfão, padre Henrique Antunes Castello, e Paulino Ribeiro da Gama.

De Gamellas — Eugenio Simões Caldeira, e João Quirino Simões Caldeira.

Do Cerejo — Luiz Vaz.

Do Carvalhal — Manoel Gaspar e Manoel Jacintho.

E do Lamegal — Manuel Saraiva.

Vê-se pois que dos 40 maiores contribuintes do concelho, couberam 20 a Pinhel — e mais seriam apurados n'esta cidade, se não tivessem, como teem, grande parte das suas propriedades fóra do concelho.

—

Apesar do antiquissimo privilegio de que gosou Pinhel, confirmado por el-rei D. Fernando, em 1410 (1372 de J.-C.), como já dissemos, em virtude do qual não podiam aqui residir, nem ter casas nem propriedades, na villa nem no seu termo—*cavalleiros, donas, fidalgos, ou outras pessoas poderosas*—com o decorrer dos tempos, aqui se crearam e estabeleceram muitas familias nobres, e já quando o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia, aqui havia doze morgados, e familias nobres, com os appellidos seguintes — Falcões, Heredias, Figueiredos, Monteiros, Silvas, Pereiras, Sampaios, Vellosos Metellos, Seixas Fonsecas, Vellosos Figueiredos, Sampaios Pachecos, Gusmãos Cabraes, Teixeiras Cabraes, Cunhas Botelhos, Gomes, Pereiras Andrades, Pintos Fonsecas, Saraivas Pereiras, Amaraes Robalos, Coelhos Amaraes, Freyres Vasconcellos, Telles Soares, Carvalhos e Vasconcellos, Homens Ribeiros, Metellos Pachecos, Aguilares Sampaios—e houve tambem aqui varias commendas de diversas ordens; e, posto que a nobreza do nosso paiz, soffreu muito com a extincção das ordens religiosas e militares, e dos vinculos, ainda assim, muitas d'aquellas nobres familias aqui teem casa e representantes, e outras se crearam de novo com os appellidos de Campos, Mendes, Nascimentos, etc., avultando entre

todas pela sua riqueza, ainda hoje uma das maiores da provincia, a nobre familia Metello, representada por o sr. Alexandre Metello de Napoles e Lemos, o primeiro dos actuaes quarenta maiores contribuintes d'este concelho.

É aqui tambem muito notavel a *Casa Grande*, junto á praça, edificio pouco regular, mas imponente, com grandes salões, e forros de madeira de muito preço. É actual senhor e representante d'esta casa, o segundo contribuinte d'este concelho, o sr. Antonio de Noronha Castello-Branco e Avilez, que, como se vê dos seus appellidos, é aparentado com a primeira nobreza do nosso paiz.

No cimo da praça, avulta tambem o palacete dos srs. Falcões, propriedade da sr.ª D. Maria da Piedade de Menna Falcão (residente em Tondella), por compra que d'elle fez a seu irmão, actual representante d'esta nobre familia — o sr. João de Menna Heredia Freire Falcão.

Foi senhor d'esta casa o celebre Luiz de Figueiredo Falcão, ministro de Philippe II, de quem são considerados descendentes os actuaes possuidores d'ella.

Avultam ainda aqui as casas dos srs. dr. Antonio Manuel Farinha Beirão, e Pedro Metello, seu enteado, alumno do 4.º anno juridico — a do sr. Ladislau Abranches Freire de Figueiredo, e a do sr. dr. Joaquim Simões Ferreira, casado com uma filha do grande estadista José Alexandre de Campos, sobrinha e herdeira do conselheiro, Pedro Balthazar de Campos, que foi, pela sua illustração, nobreza de sentimentos, e altos cargos que exerceu, o homem mais notavel de Pinhel, nos ultimos seculos, e por isso aqui faremos um esboço da sua biographia.

Pedro Balthazar de Campos

Posto que o dr. Pedro Balthazar de Campos não nascesse em Pinhel, aqui residiu, casou e falleceu, e aqui residem os herdeiros e representantes da sua casa; por isso consignarei aqui em breves traços a biographia de um dos mais notaveis cidadãos de Pinhel, nos ultimos seculos.

Esta familia Campos, antiga n'esta provincia, possue desde muitos annos, casas e propriedades importantes em Pinhel, e no seculo passado aqui viveu Rodrigo de Campos Pereira, [1] filho de João de Campos Pereira e D. Luiza Pereira Soares, casado com D. Clara Maria Sanches d'Amorim, filha do dr. Antonio Mendes Sanches e de sua mulher, D. Antonia Maria Pereira.

Do seu casamento houve Rodrigo de Campos, dez filhos, sendo dois varões.

Dispondo de bastantes meios, a todos estabeleceu vantajosamente.

Das filhas, casaram seis, em pontos diversos e distantes d'esta cidade, e o filho mais velho—Antonio Mendes de Campos—casou no Sabugal, com uma sua parente, filha do doutor e capitão-mór, João de Campos, homem notavel na localidade, pela sua fortuna e illustração.

Fixaram os conjuges o seu domicilio n'esta cidade, e tiveram 5 filhas, e 1 filho, que foi advogado distincto; mas d'esta familia apenas a filha mais velha, D. Marianna, deixou descendencia, sendo uma sua neta—a sr.ª D. Marianna Julia Balthazar Barreto de Campos Ferreira, casada com o dr. Joaquim Simões Ferreira, quem hoje representa esta familia em Pinhel.

Dos tres filhos do Rodrigo de Campos, que não casaram, e que residiram juntos n'esta cidade, na mesma casa em que vivem ainda os representantes d'esta familia, tornou-so chefe, o irmão, José Caetano de Campos, cavalheiro de muitas sympathias e muito merecimento, tanto que sendo considerado liberal e preso pelo governo d'essa epoca, ninguem se atreveu a accusal-o, e, passados mezes, foi posto em liberdade.

Havendo fallecido uma das irmans, com quem vivia, foi com a outra e uma sobrinha para o Porto, onde se achava quando ali entrou o exercito liberal, e ali se conservou durante o cêrco, findo o qual, regressou a Pinhel, onde em breve falleceu; e por sua morte e de sua ultima irman, que tambem fallecera solteira, herdou a casa d'estes tres filhos de Rodrigo de Campos, uma sobrinha

[1] Para não fatigar os leitores, ponho de parte longas genealogias.

d'elles, a sr.ª D. Marianna Julia de Campos Pereira d'Amorim (que ainda vive) filha da irman mais velha dos doadores, que havia casado em Abrantes, com Antonio José Raposo; e casou esta sr.ª D. Marianna (em 4 de outubro de 1843) com seu primo o dr. Pedro Balthazar de Campos, filho de Matheus Antonio d'Almeida, abastado proprietario de Villar-Turpim, e de D. Caetana Manoella de Campos, filha do doutor, capitão-mór do Sabugal, João de Campos.

Nasceu Pedro Balthazar de Campos no Sabugal, em 14 de janeiro de 1795, e alli passou os primeiros annos com seu irmão, José Alexandre de Campos, que depois conquistou um nome celebre na historia liberal do nosso paiz. [1]

Quando adolescente, passou tambem alguns annos em Almeida, em casa de seu avô paterno, José Thomaz da Silva, onde aprendeu instrucção primaria e equitação.

Foi em seguida, para Villar-Turpim, onde, com mestres particulares, estudou os preparatorios, musica e linguas, até aos 14 annos de edade, data em que foi para Coimbra, e se matriculou em direito; a 10 de maio de 1812. Fez acto de quinto anno juridico, e obtendo informações distinctas, passou ao sexto anno, e recebeu o grau de dr., em 5 de julho de 1818.

A 28 de março de 1822, habilitou-se como oppositor da faculdade; regeu a cadeira de direito publico no anno lectivo de 1822 a 1823, e foi despachado lente cathedratico, por decreto de 14 de julho de 1834, sendo considerado de commissão, o logar que já occupava na magistratura, pois fôra nomeado juiz de fóra de Obidos e Caldas da Rainha, por decreto de 11 de setembro de 1823, tomando posse a 15 de novembro do mesmo anno, sendo reconduzido no mesmo cargo, por decreto de 5 de maio de 1826; e por decreto de 26 de julho do mesmo anno, foi nomeado corregedor da mesma comarca; mas a senhora D. Isabel Maria, infanta regente, o demittiu por decreto de 14 de dezembro de 1827.

O decreto não dizia os motivos da exoneração, mas constam dos cartorios d'Obidos, nomeadamente do que pertencia n'aquella turbulenta epoca ao escrivão José Marcellino Craveiro de Faria; e foram, o ter Pedro Balthazar de Campos procedido com vigor contra uns individuos, que na noite de 26 de outubro do mesmo anno, anniversario do senhor D. Miguel, o acclamaram rei absoluto, soltando morras aos liberaes, cujas janellas apedrejaram.

E posto que os liberaes alli se achavam então em grande minoria, e Pedro Balthazar de Campos era tido como pronunciadamente liberal, foram geraes as demonstrações de sentimento, quando aprouve á infanta demittil-o, e tanto que até descer ao tumulo, conservou Pedro Balthazar, vivas saudades do tempo em que alli exercêra a magistratura, e com emoção se confessava grato ás provas de estima que alli de todos recebêra ao despedir-se.

—

D. João VI e suas filhas, costumavam passar mezes nas Caldas da Rainha—e Pedro Balthazar, pela sua posição de corregedor, preparava-lhes a aposentadoria, acompanhava-os nos passeios, e convivia com elles.

Recordando-se a infanta d'esse tempo, quando se lhe apresentou, tratou-o por *senhor corregedor das Caldas.*

—Ex-corregedor, Serenissima Senhora, accrescentou Pedro Balthazar; e em seguida expoz os factos occorridos, e sua altesa lhe prometteu reparação, que não se effectuou por terminar em breve a regencia.

Recolheu-se então Pedro Balthazar á sua casa de Villar-Turpim, e alli se conservou affastado da vida publica.

Mais moderado e menos expansivodo que

[1] Como este já vae longo, daremos no artigo — *Sabugal* —a biographia de José Alexandre de Campos, doutor e lente cathedratico na faculdade de direito na universidade de Coimbra, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, deputado as côrtes 8 annos consecutivos, ministro e secretario de estado, vice-reitor e reformador da nossa universidade, membro honorario da sociedade pharmaceutica, e academico das bellas artes, do conselho de sua magestade fidelissima, etc.

seu irmão José Alexandre, de quem n'outra parte fallaremos, apenas uma vez foi preso, e pouco depois solto.

Era liberal, mas liberal prudente; e a sua modestia e probidade eram acatadas mesmo pelos contrarios ás suas ideas politicas, e tanto que foi elle como que o anjo tutelar dos infelizes que entulharam as prisões d'Almeida.

Para mitigar-lhes a fome, não só lhes deu grande parte do rendimento de sua casa, mas *chegou a esmolar de porta em porta* — elle que nunca para si pedira coisa alguma — nem mesmo titulos, cargos, ou distincções.

—

Depois da guerra civil, entrou Pedro Balthazar de novo na vida publica.

Por decreto de 13 de maio de 1834, foi nomeado corregedor interino de Trancoso, cargo que exerceu até 2 de setembro de 1835; e por decreto de 7 d'agosto do mesmo anno, foi nomeado juiz de direito da Guarda, tomando posse em 17 de setembro.

Por decreto de 12 de outubro de 1836, foi transferido para o 3.º districto de Lisboa, mas, a pedido seu, foi declarado sem effeito aquelle decreto, e continuou a exercer a magistratura na Guarda, até que, por decreto de 26 de junho de 1838 foi transferido para o logar de juiz de direito substituto, da comarca de Trancoso, e assim se conservou até que accintosamente, foi transferido para identico logar, na comarca de Faro, mas nem foi tomar posse.

Na representação que dirigiu ao ministro da justiça, depois de fazer-lhe ver que trocára o logar de juiz de direito da comarca da Guarda, pelo de juiz substituto de Trancoso, só para não se affastar da sua casa e da sua familia, e que não podia acceitar a transferencia para Faro, concluiu assim:

«A Constituição do Estado, auctorisando no art. 127, § unico, a translação dos juizes de primeira instancia de uns para outros logares, faz essa translação dependente d'um periodo certo, e d'uma lei regulamentar. Emquanto essa lei não existir, a rasão, a politica e a moral regeitam egualmente que a translação dos juizes dependa unicamente do arbitrio caprichoso d'um ministro. D'esse modo ficaria o poder judicial collocado na mais servil e abjecta dependencia.»

Por decreto de 26 de fevereiro de 1840, foi declarado sem effeito aquelle despacho, e por decreto de 29 de maio de 1845, foi nomeado governador civil da Guarda, sendo ministro do reino Mousinho d'Albuquerque, e, a seu pedido e depois de reiteradas instancias, foi exonerado, por decreto de 7 de agosto de 1846, referendado pelo duque de Palmella.

Foi em seguida despachado juiz de direito para Lamego, depois, para Tavira e por fim, para Castello Branco, mas de nenhuma d'estas comarcas foi tomar posse.

Apenas publicados os decretos, logo pedia fossem declarados sem effeito, e o collocassem no quadro da magistratura sem exercicio, invocando o art. 5 da lei de 18 d'agosto de 1848.

Queria Pedro Balthazar, viver com a sua familia, emquanto que o governo d'aquella época, tinha todo o interesse em o affastar d'esta comarca e d'este districto, onde a sua influencia era grande.

Pedro Balthazar de Campos, não entrava n'esse tempo na politica militante, mas seu irmão o conselheiro Jose Alexandre de Campos, fazia guerra de morte ao governo dos Cabraes.

Combatera-o com a palavra, nas camaras, a que successivamente havia pertencido, combatia-o na imprensa com a penna inergica e incisiva, e combatia-o finalmente nos comicios populares, e na direcção politica da junta de Coimbra.

Para hostilisarem um irmão. magoavam o outro,

Chegaram até a excluil-o do quadro da magistratura, e a tentar processal-o por desobediente. E foi effectivamente excluido do quadro da magistratura, mas a querella não teve andamento.

Desgostoso da vida publica, concentrou-se Pedro Balthazar na vida particular e nas affeições da familia; e só mais tarde foi eleito

deputado, em duas legislaturas consecutivas, abandonando as camaras, antes de concluir a segunda legislatura, por vêr a pouca seriedade do parlamento.

Não era orador, mas a sua provada intelligencia e affinco ao trabalho, deixaram-lhe um nome honroso, nas commissões de que fez parte.

Em seguida a este seu tirocinio parlamentar, o governo lhe offereceu o pariato, que recusou, dizendo que nada mais ambicionava do que a obscuridade.

Muito constrangido, entrou ainda alguns bienios consecutivos, na municipalidade de Pinhel, e, servindo de presidente, firmou os ultimos documentos publicos em que o seu nome tinha de figurar.

Por decreto de 29 de fevereiro de 1868, foi agraciado com a carta de conselho; e na carta em que o conde d'Avila lhe participava aquella mercê, pedia-lhe que não recusasse aquelle testemunho da real benevolencia, que tinha *o grande merecimento de não ter sido sollicitado directa nem indirectamente*— palavras textuaes do ministro.

Falleceu a 22 de dezembro de 1870, contando 75 annos de edade; e como não tivesse filhos, instituiu por herdeira, sua sobrinha, filha segunda de seu irmão, o conselheiro José Alexandre de Campos—a sr.ª D. Marianna Julia Balthazar de Campos Ferreira, a qual casou com o doutor Joaquim Simões Ferreira, havendo d'este consorcio 3 filhos —as srs.ªs D. Marianna e D. Maria Christina, e o sr. Pedro, todos ainda menores. (1876.)

São pois em Pinhel, hoje, representantes da nobre familia Balthazar Campos, os srs. dr. Joaquim Simões Ferreira e D. Marianna Julia Balthazar de Campos Ferreira.

—

O sr. Joaquim Simões Ferreira, nasceu na freguezia de Santa Cruz, em Coimbra, no dia 1.º d'abril de 1837, e é filho de Antonio Simões Ferreira, negociante, e de D. Maria da Encarnação Monteiro Marques; neto paterno de Francisco Simões Ferreira, da Póvoa do Pereiro, no concelho da Anadia, e bisneto paterno de Sebastião Simões Ferreira; e o seu avô materno foi tambem negociante em Coimbra.

No dia 9 de junho de 1858, concluiu o sr. Joaquim Simões Ferreira a sua formatura em theologia, e obteve informações para frequentar o sexto anno; mas porque não podia matricular-se sem se ordenar, desistiu, e abandonou para sempre a faculdade de theologia.

Fez-se escriptor público, e logo em julho d'aquelle anno (1858) principiou a publicar o *Recreio Juvenil*, pequeno, mas interessante jornal litterario.

Em outubro do mesmo anno, foi leccionar oratoria e historia, para o *Real Estabelecimento Central das Missões Portuguezas Ultramarinas*, em Sernache do Bom Jardim; mas com a mudança de ministerio, suspendeu-se em 1859, o subsidio que o governo dava áquelle estabelecimento, e este foi obrigado a reduzir o corpo docente, passando o sr. Joaquim Simões Ferreira, para o collegio da Formiga, nos arrabaldes do Porto, onde nos annos lectivos de 1859 a 1860, e de 1860 a 1861 leccionou latinidade, rhetorica, historia, e philosophia racional. Voltou em seguida para Coimbra, onde, nos annos de 1862, 1863 e 1864, leccionou diversos preparatorios e redigiu o *Instituto*, havendo sido, em 1859, eleito socio da associação litteraria com aquelle titulo. Collaborou em diversos jornaes de Coimbra e de Lisboa, e nos fins de 1862 principiou a escrever as correspondencias de Coimbra para o *Jornal do Porto*, substituindo no encargo, o actual ministro, o sr. Augusto Cesar Barjona de Freitas.

Em fevereiro de 1863, entrou definitivamente na vida de jornalista, tomando a direcção do jornal a *Liberdade*, que estava no seu 3.º numero; e n'este e no *Jornal do Porto*, escreveu todo aquelle anno de 1863 e o de 1864. Em setembro d'este ultimo anno foi despachado amanuense para a secretaria da justiça.

De Lisboa continuou a collaborar na *Liberdade*, em todo o anno de 1865, e despediu-se d'ella, com um notavel artigo, publicado em 31 de dezembro, sob o titulo de— *Revista Politica*, e assignado. Esse artigo foi transcripto por diversos jornaes do paiz, ou todo ou parte, e citaremos d'elles a *Ga-*

zeta de Portugal, que o precedeu de uma introducção altamente lisongeira.

Em outubro de 1866, voltou a collaborar no *Jornal do Porto*, onde escreveu sem interrupção, a principio na correspondencia de Lisboa, e por ultimo, revistas politicas semanaes, até junho de 1868. N'este mez e anno, foi convidado a entrar na vida administrativa, principiando por secretario geral da Guarda, para o que foi despachado em 27 de junho. Por decreto de 30 de junho de 1869, foi transferido para identico logar, em Aveiro, d'onde foi casar a Pinhel, em 6 de outubro. Em 13 de novembro foi transferido para Angra, onde nunca chegou a hir, e por isso foi exonerado, por decreto de 31 de janeiro de 1870. Já n'este tempo estava na sua casa de Pinhel, e ahi se tem conservado até hoje. Ainda n'esse mesmo anno de 1870, por decreto de 6 de dezembro, foi nomeado governador civil de Villa Real, mas não chegou a tomar posse, por embaraços domesticos, e em fevereiro de 1871 pediu e obteve a exoneração. Não o creio, porém, disposto a viver inactivo, porque o não pó de estar um homem que do trabalho viveu, que no trabalho medrou, e que pelo trabalho, com a energia e illustração que o distinguem, póde ainda prestar serviços relevantes a si e á sociedade, muito principalmente hoje, que dispõe de uma das melhores casas de Pinhel.

—

Ha n'esta cidade ainda outras familias importantes, de appellido *Campos*, e mencionaremos as representadas pelos srs. Luiz de Campos, Francisco de Campos e doutor Joaquim de Campos Henriques, casado com a sr.ª D. Maria da Luz Campos, sua prima, e irman d'aquelles senhores, filhos do sr. José Antonio de Campos, irmão de Francisco Antonio de Campos, barão de Villa Nova de Foscôa (vide *Villa Nova de Foscôa*) que morreu na capital, sendo presidente da camara dos pares, e que, por não deixar filhos, instituiu por herdeiros da sua grande casa, seus sobrinhos, os srs. doutores José Caetano de Campos e Joaquim de Campos Henriques, actualmente juizes do supremo tribunal de justiça.

O sr. Luiz de Campos, transferiu-se, com seus irmãos, de Foscôa, sua terra natal, para aqui, em 1846, porque n'aquella data se não podia viver em Foscôa, pelos excessos de toda a ordem, devidos á exaltação dos partidos, na lucta entre os Cabraes e a junta do Porto, tornando-se por essa occasião, tristemente celebre, a guerrilha, ou antes *quadrilha* cabralina, commandada pelos irmãos Manuel Marçal e Antonio Marçal, que mandaram matar muitas pessoas, e incendiar muitas casas; mas que tambem, por seu turno, foram ambos barbaramente assassinados.

—

O sr. Ladislau Abranches Freire de Figueiredo, de quem fiz já menção, conta entre os seus antepassados, a Braz Garcia de Mascarenhas, e representa com o reverendo Jeronymo José do Amaral, seu primo, e uma das pessoas mais illustradas de Pinhel, a antiga e nobre familia *Cunhas Botelhos*, pois é filho de Ladislau Caetano da Cunha Botelho e de D. Helena Maxima de Gouvêa Freire, neto paterno de Manuel Caetano da Cunha Botelho, ultimo monteiro-mór d'esta cidade.

É o sr. Ladislau Abranches, 1.º neto materno de Bernardo de Figueiredo Ferrão Freire d'Abreu Castello Branco—2.º neto de Francisco de Abranches Freire de Figueiredo—3.º neto de D. Helena de Gouvêa Freire—4.º neto de Francisce de Abranches Ferrão — 5.º neto de outro Francisco de Abranches Ferrão, capitão-mór—e 6.º neto de Matheus de Abranches, filho 2.º, da casa da Boavista de Sameice (condes de Murça) tronco d'esta familia.

—

Os Abranches de Figueiredo, ainda aqui teem outro ramo, representado por a sr.ª D. Maria do Carmo Sarmento de Figueiredo, casada com o sr. Bernardo de Gusmão Carneiro, e por seu filho, ainda menor, o sr. José de Abranches de Gusmão Carneiro.

—

Entre as pessoas mais notaveis que tem produzido Pinhel, devemos mencionar Manoel Coelho Rebello, auctor da *Musa entretinida de varios entremezes*, publicada em Coimbra, por Manoel Dias, em 1658, em 8.º, e

reimpressa em Lisboa, por Bernardo da Costa de Carvalho, em 1695.

Compõe-se esta collecção, ao todo, de 25 entremezes, dos quaes só são em portuguez, o 3.º, 5.º, 6.º, 11.º, 13.º, 22.º e 25.º.

Todos os outros são em lingua castelhana.

Era Manoel Coelho Rebello, natural d'esta cidade, e pessoa de nobre nascimento, segundo escreve Barbosa, que mostra comtudo, ignorar as demais particularidades que lhe dizem respeito.

E' isto o que se lê no diccionario bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

Os exemplares da referida obra são hoje rarissimos.

No Porto havia um unico exemplar, que era de Manoel Antonio Figueira, e que foi vendido em leilão no anno de 1875, com os outros livros d'elle — e este exemplar foi para Hespanha.

Em Lisboa tinha um, o bibliophilo Innocencio Francisco da Silva.

Os quatro trombetas

No archivo da camara d'esta cidade está um alvará regio, com data de 14 de maio de 1569, pelo qual el-rei D. Sebastião, mandou que das rendas do concelho de Pinhel, se dessem por anno duzentos alqueires de senteio aos 4 trombetas que a camara havia mandado ensinar, para tocarem nas festas de S. Thiago, e nas outras em que as pessoas da governança costumavam correr cannas, etc. — isto em differimento de uma petição da villa de Pinhel, e depois de sua magestade mandar ouvir sobre o caso, o provedor de Lamego, o qual informou favoravelmente, dizendo que na localidade, e ao tempo, os 200 alqueires de centeio não valiam mais de *oito mil réis*, na rasão de 40 réis o alqueire; o que equivalia a dois mil réis por anno, a cada um dos trombeteiros, com a condição de que tocariam em todas as festas solemnes, que se fizessem na villa.

—

Tambem existe registrado no archivo da camara, outro alvará, de 6 de junho de 1424, pelo qual el-rei D. João I, estando em Almeida, mandou que não houvesse em Castello Rodrigo, feira, no dia 1.º de cada mez, como ordenára el-rei D. Fernando, para afrontar a villa de Pinhel, que se conservou leal á corôa portugueza, e lisongear os habitantes da praça de Castello Rodrigo, que haviam tomado o partido de Hespanha na guerra contra Portugal.

—

Por outro alvará de 12 de junho de 1434, o mesmo rei D. João I, isentou os moradores de Pinhel e seu termo, da contribuição extraordinaria, votada para as urgencias da guerra, nas côrtes celebradas em Coimbra, n'aquelle anno «por ser Pinhel praça forte e fronteiriça, e haver prestado relevantes serviços á causa da independencia.»

—

A praça d'esta cidade, que ainda conserva no centro um pelourinho de granito, fechava-se por occasião das grandes festas, para n'ella se correrem touros e cannas.

—

No cimo d'esta praça, estão os paços do concelho, que já serviram tambem de tribunal ou casa de audiencias.

Tem uma boa sala, com tecto de madeira, e ornatos de talha dourada.

A face principal do edificio, olha para a praça; tem as armas reaes, e ao lado d'estas um pinheiro verde, com um falcão, distinctivo d'esta cidade, e assenta sobre 3 arcos, que lhe formam um pateo aberto, lageado de cantaria.

—

O rio Côa, que passa ao nascente de Pinhel, é um dos maiores confluentes do Douro, posto que em outubro de 1875 o atravessei a pé enxuto, duas vezes, a primeira no *Porto da Vide*, indo da Cogulla para Figueira de Castello Rodrigo, e a segunda no *Vau*, indo de Figueira para Pinhel; tão extraordinaria tem sido e continúa a ser entre nós a falta de chuvas.

Este rio nasce na serra da Xalma (Extremadura hespanhola) ramificação da serra da Gata, junto á villa de Alfaiates, e entra no Douro, cinco kilometros ao nascente de Villa Nova de Foz Côa.

A *ribeira das Cabras*, ou *rio Pinhel*, confluente do Côa, e que passa entre esta cidade e aquelle rio, nasce perto da egreja de Nossa Senhora da Lagoa, no termo da Guarda, correndo para o sul—passa no termo de Jermello, caminhando para o nascente—volta para o norte, entre Jermello e Castello Mendo, passa nas proximidades de Pinhel, e a distancia de 5 kilometros d'esta cidade, entra no Côa.

—

No seu *Diccionario abreviado de chorographia, etc.*, diz J. A. d'Almeida, fallando de Pinhel:

«Por esta comarca passa a serra de *Almansor*, a quem dizem dera o nome, o mouro Almansor, por se ter feito forte n'ella, depois de ser lançado fóra de Viseu, onde era rei muito poderoso; e ainda hoje (1865) no mais alto da serra, se descobrem alguns raros vestigios do castello em que elle vivia. (Vide *Almançor*.)

«A montanha corre de norte a sul por espaço de legua e meia, com este nome, e com outros que vae tomando das terras por onde passa, na distancia de seis leguas, até morrer no Mondego; terá uma legua de largura.

«A cidade é muito sugeita a sezões, por causa das suas más aguas.

«Nas duas quintas *Valle de S. Thiago* e *Capellas*, ha duas fontes cristalinas e frias, de agua mui salobra, que contem cópia de saes de diversas bases, taes como, carbonato, muriato de soda e sulfato de magnesia, com alguma porção ferruginosa, ainda que mui leve.

«D'aqui vem as virtudes que são proprias d'aguas salinas. São em tudo similhantes ás de Almofalla.»

—

Ha no campo da feira, d'esta cidade, uma casa para escola de instrucção primaria.

E' uma das muitas com que o benemerito conde Ferreira dotou o nosso paiz.

—

Ha tambem n'esta cidade uma boa pharmacia, dignamente dirigida pelo seu proprietario, o sr. Sebastião José de Carvalho e Lima, de Marialva, actualmente vereador, irmão do muito intelligente e acreditado cirurgião-dentista, o sr. Ayres de Carvalho, estabelecido no Porto.

—

Actualmente o partido medico-cirurgico, d'esta cidade, está provido no dr. Luiz Antonio Rebello da Silva, muito acreditado clinico; e ha n'este concelho mais dois partidos medico-cirurgicos, que actualmente se acham vagos.

—

O primeiro edificio d'esta cidade, é o paço episcopal, mandado fazer, como dissemos, pelo bispo D. José de Mendonça Pinto Arraes.

—

O reverendo Pedro Maria d'Aguilar—Em 18 de abril de 1828, nasceu nos arrabaldes de Pinhel, este verdadeiro apostolo da religião, da caridade e do progresso.

Estudou as disciplinas ecclesiasticas n'esta cidade, e, concluida a sua ordenação, domiciliou-se no patriarchado de Lisboa.

Dotado de grande intelligencia, de uma alma bem formada, e da verdadeira poesia —a do Evangelho—a sua vós, suave, armoniosa e arrebatadora, commovia quantos o escutavam, e facil e justamente adequiriu a reputação de um dos primeiros oradores sagrados de Lisboa.

Em 1856, era coadjutor, na freguezia de Santa Isabel, na época da invasão do cholera-morbus, e em 1857, quando a febre amarella fez tantas victimas n'esta cidade e em outras muitas terras do reino.

O padre Aguilar, com a verdadeira dedicação de um apostolo, e com a abnegação de um martyr, abandonou o pulpito, dedicando-se exclusivamente ao serviço parochial; despedindo-se de uma capellania de que se tinha encarregado, e com a insignificante quantia de 144$000 réis, que tinha como coadjuctor, já mais abandonou o seu posto de honra—e, em uma conjunctura em que muitos ecclesiasticos de Lisboa, deram um triste exemplo de falta de caridade christan, e quando o proprio cardeal patriarcha fugia para Santarem, ao flagello da peste, abandonando as suas ovelhas, n'uma época em que mais indispensavel se tornava a sua

presença na capital—o padre Aguilar, percorria as casas particulares, e as enfermarias provisorias, animando uns, e confessando e sacramentando outros.

Pertenceu à *commissão de beneficencia*, onde prestou relevantissimos serviços, do que tem honrosos attestados, e a medalha de primeira classe, concedida aos homens dedicados, que constantemente afrontaram a morte, durante esses dias de horror e desolação.

Terminado o flagello da febre amarella, e tendo a saude muito deteriorada, em razão do excessivo trabalho d'essa época de triste recordação, sahiu de Lisboa.

Fiado nas promessas feitas pelo governo portuguez, em pleno parlamento (de serem preferidos para os empregos ecclesiasticos, os que se tivessem distinguido durante as duas epidemias) requereu alguns beneficios parochiaes; mas foi sempre preterido, nos concursos, por clerigos sem o menor serviço religioso ou humanitario, e muito inferiores em bom comportamento e habilitações.

Doente e sem outro recurso alem das esmolas das missas, vivia cercado de privações; até que o sr. Magalhães Coutinho, então director geral de instrucção publica, o preferiu em um concurso, dando-lhe a capellania da escola normal.

O padre Aguilar, dedicou-se então ao estudo de pedagogia e methodologia, e se consagrou ao ensino pratico dos que precizavam das suas luses, para adornarem a alma dos conhecimentos indispensaveis á vida do seculo, ou do magisterio.

Um dia viu um surdo-mudo, classe de infelizes sempre desprotegida pelos governos, e o seu coração evangelicamente caridoso, emprehendeu o ensino d'este desgraçado ente; mas não parou aqui a sua dedicação — annunciou em diversos jornaes, que se propunha ensinar gratuitamente, todos os surdos mudos que se lhe apresentassem.

Depois, o director do lyceu nacional de Lisboa, publicou annuncios, no *Diario do Governo*, convidando os paes, tutores ou protectores dos surdos-mudos, a hirem matricular seus filhos, tutellados ou protegidos, na secretaria do mesmo lyceu, onde o padre Aguilar se havia offerecido a dar um curso gratuito.

Um decreto fundou cinco *escolas normaes*, supprimindo a de Lisboa, emquanto á sua organisação primitiva, e o padre Aguilar, depois de oito annos de optimos serviços, na escola normal, e de ter pago os respectivos direitos de merdê, ficou sem o seu emprego, apezar de serem collocadas todas as outras pessoas adestrictas ao magisterio, e as quaes, quaesquer que fossem os seus merecimentos litterarios, não tinham os honrosos precedentes, nem os grandes serviços do padre Aguilar.

Não desanimou o virtuoso sacerdote com este criminoso esquecimento, e reprehensivel ingratidão; e, em 1872, annunciava a existencia do seu *Instituto de ensino de surdos-mudos*; o unico existente em Portugal, e muito mais aperfeiçoado que o famoso, do abbade L'Epée. (Vide vol. 6.º, pag. 640, col. 2.ª)

Em dezembro de 1873, a camara municipal de Guimarães, fez conhecer ao governo, a existencia de uma escola de surdos-mudos, instituida pelo padre Aguilar, n'aquella cidade, e afirmando a imperioaa necessidade de lhe ser concedido um subsidio.

O governo deu ordem ao commissario dos estudos em Braga, para hir a Guimarães examinar a escola, e dar-lhe exactas e cabaes informações do merito da instituição.

O commissario, em cumprimento da ordem que recebêra, foi a Guimarães, e ficou admirado do prodigioso desenvolvimento dos discipulos do padre Aguilar; dando d'isso uma brilhante informação, ou relatorio, ao ministro competente; que se contentou com esta diligencia, feita pelo seu delegado, e nada mais!...

A escola tem uma mensalidade estabelecida para os alumnos ricos; mas o padre Aguilar, recebe uns por duas terças partes, outros por metade — e tem alguns a quem uma commissão do Porto, só paga o sustento e vestuario, sendo o seu ensino gratuito.

Aos pobres não exige nada o caridoso director.

Assim vae existindo, criminosamente desprotegida e desprezada pelo governo de Portugal, esta escola, unica no seu genero, n'este reino; e só a alma verdadeiramente grande, e o coração sinceramente compadecido do padre Aguilar, dão vida a tão sympathica instituição.

Mas se o governo tem tratado com tão condemnavel desconsideração a escola de surdos mudos, de Guimarães, os homens de bem, de todos os partidos, fazem a devida justiça à dedicação do padre Aguilar, que tem por unico premio, n'esta vida, as bençãos de todas as almas bem formadas, e Deus lhe dará na outra a condigna remuneração de todos os seus brilhantes serviços. prestados em toda a sua vida, a favor da humanidade.

—

A um kilometro de Pinhel, está a grande capella de *Nossa Senhora da Torre*, objecto de grande devoção dos moradores da cidade e arredores.

A origem d'esta ermida, segundo a tradicção, é a seguinte:

Um individuo de Pinhel, embarcando para as Indias (não se sabe, se Orientaes, se Occidentaes) [1] foi captivado pelos mouros, e o metteram em uma forte torre de Marrocos; mas elle, teve artes de fugir d'ella e da *Mourama*, regressando a Pinhel.

Como attribuisse a sua liberdade à protecção da Santissima Virgem, lhe fundou e dedicou esta capella, da invocação da *Torre*, em memoria da em que esteve preso.

Outros porêm dizem que se lhe deu o titulo *da Torre*, porque a capella foi construida com os matteriaes de uma antiquissima torre que havia no logar onde agora está o templo.

Qualquer que seja a sua origem, o que é certo é ser uma formosa e vasta capella, com altar-mór e dois lateraes, e que se lhe faz uma grande festa a 15 d'agosto, dia da sua Assumpção.

[1] Nossos avós, chamavam *Indias Orientaes*, ao nosso Estado da India—e *Indias Occidentaes*, à America.

A uns 6 kilometros de Pinhel, e 12 d'Almeida, existiu a freguezia de S. Sebastião, de *Gamellas*, hoje annexa á do Santo Nome de Jesus, do *Pereiro* (vol. 6.º, pag. 685, col. 2.ª)

Houve aqui (em Gamellas) uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora de Magide*, cuja origem, segundo a lenda, foi a seguinte:

No seculo XII, se reuniram os christãos d'estas terras, com grande animo, e confiados na protecção da Santissima Virgem, e no sitio onde depois se edificou a ermida (que é em um èrmo) attacaram uma legião de mouros, á vós de *A virgem me ajude!* —e alcançaram uma grande victoria, expulsando para sempre os arabes, d'este paiz; e, em acção de graças, edificaram a capella, collocando no altar-mór (o unico) a imagem de Nossa Senhora, que haviam mandado fazer, e á qual deram o titulo de *Nossa Senhora M'Ajude*, que se veiu a corromper em *Nossa Senhora de Magide*.

Antigamente, hia todos os annos, a camara e o povo de Pinhel, e seus arrebaldes—ao menos, uma pessoa de cada casa—em cumprimento de um voto antiquissimo, em procissão a esta capella, na 2ª feira depois da *dominica in albis*.

Ainda em commemoração d'esta victoria, o povo da aldeia de *Valle de Madeira*, a uns 3 kilometros da capella, sahia com uma bandeira, a esperar o povo e camara de Pinhel, que lhe dava um *attaque simulado*, tomando-lhe a bandeira (pois os d'esta aldeia faziam o papel de mouros) e depois, se juntavam todos, e hiam para o templo.

Antigamente, de todo o Riba Côa, e de outras partes da Beira, vinham muitos romeiros visitar esta Senhora e trazer-lhe esmolas e offertas.

—

Mais algumas capellas existem ou existiram nas immediações de Pinhel, cuja noticia vae nas freguezias a que pertencem.

PINHO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 20 kilometros ao S. da Montalegre, concelho e 5 kilometros ao S. das Boticas, 75 ao N.E. de Braga, 422 ao N. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, tinha 103 fogos.

Orago, Santa Martha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Pedro de Sapiães, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Situada em terreno accidentado, na margem esquerda do *Térva*, que corre ao N. da freguezia; e na direita do Tâmega, que corre ao S., e divide o concelho das Boticas do de Villa Pouca d'Aguiar.

Compõe-se de tres povoações—*Pinho*, séde da parochia—*Valle d'Egas* (a que alguns erradamente dão o nome de *Valle d'Eguas*) —e *Sobradêllo*.

Ha n'esta freguezia, as seguintes capellas:

1.ª—*Espirito Santo*, em Valle d'Egas.

2.ª—*S. Roque*, em Pinho.

3.ª—O formoso templo do *Senhor do Monte*, que se está edificando em um cabêço, ao N. de Pinho.

São todas publicas.

O sólo d'esta freguezia, em razão da sua exposição ao S., e ser abrigado do ventos do quadrante do N., e sobretudo pela sua baixa situação, é um dos mais ferteis do concelho.

Produz, alêm dos generos communs ás outras freguezias, muito milho, feijão, abóboras, hortaliças, castanhas e vinho (verde) nos sitios mais elevados e ao N.—vinho *maduro*, nas margens do Tâmega, onde ha tambem muito azeite.

Em Pinho, ha aguas ferreas e sulphureas.

Alem d'estas aguas, ha no concelho de Montalegre e suas proximidades, aguas mineraes, em S. Pedro do Rio, freguezia de Contim, 6 kilometros ao S.O. da villa de Montalegre, na margem esquerda do rio Cávado.

Na aldeia de Carvalhêlhos, da freguezia de Beça, na margem direita do rio Beça.

Na cêrca da casa do Serrado, em Montalegre.

Em *Seirós*, aldeia da freguezia de Canêdo, concelho das Boticas, e na direita do Tâmega.

(Para o appellido *Pinho*, vide *Feira*.)

PINHO—freguezia, Beira Alta, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 295 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 113 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis.

E' terra fertil.

Cria muito gado, e ha por estes sitios muita caça.

PINHO VELHO—freguezia, Traz-os-Montes, na antiga comarca de Chacim, concelho de Cortiços, hoje concelho e comarca de Macêdo de Cavalleiros, 70 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentáva o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Gradissimo, estão ha muitos annos annexas á da *Amendoeira*. (Vol. 1.º, pag. 198, col. 2.ª no fim.)

PINÓCROS—grande penhasco, Douro, na freguezia da Branca. (Vol. 1.º, pag. 485, col. 2.ª, no fim.)

No ponto mais elevado da serra de *S. Julião* (vide *São Julião*) a uns 200 metros ao S. dos restos de uma trincheira, facho ou atalaia que alli existem, ergue-se quasi a prumo, do lado do O., um enorme e formidavel penhasco, ao qual se dá o nome de *Pinócros*.

Tem varias ramificações de rocha *viva*, e no centro, que é o ponto mais elevado, apparece por entre as juncturas dos penêdos, e virado ao O., um buraco, de uns 15 ou 16 centimetros de diametro.

E' o respiradoiro de uma immensa caverna, pois que fallando á boca do tal bu-

raco, ouve-se a repercução do som, a grande distancia.

As sinuosidades da estrada, e as arestas dos rochedos que a formam, tornam impossivel a investigação d'este subterraneo, sem grandes despezas, a que ninguem se sujeita.

Não podia o nosso povo deixar de crear uma lenda a este logar, e com effeito, é tradição constante por estes sitios, que a caverna é habitada por *Dona Caparixa* (!) moura encantada, que guarda alli grandes riquezas.

N'esta crença (ou crendice) por algumas vezes (e a ultima, ainda ha poucos annos) alguns mais atrevidos, teem procurado atrahir a moura cá para fóra, com evocações, esconjurios, e varias macaquices, para lhe apanharem o thesouro encantado.

E, apezar de cumprirem rigorosamente todas as formulas indicadas no *Livro de S. Cypriano*, e por nove noites successivas, a moira ainda não cedeu a nada d'isto, nem se dignou mostrar o seu formoso rosto, nem a minima parte das suas riquezas, aos pretendentes.

Se continuar n'esta resistencia, e refractaria a todos os esconjurios e evocações, é muito provavel que os thesonsos alli fiquem até ao *dia de juizo*.

PINOUCOS ou **PENOUCOS**—portuguez antigo—o mesmo que penêdos.

PINOUCOS ou **PENOUCOS** (monte dos)—pequena serra, Douro, na freguezia de *Boim* (vol. 1.º, pag 407, col 1.º, no fim.)

A freguezia de Boim, é formada por uma zona de terra muito fertil, que corre de N. a S., encostada ao monte dos *Pinoucos*, que lhe fica ao E.

Ha n'este monte dos Pinoucos, excellente granito, do qual se lavra optima cantaria para construcções, que d'aqui é conduzida para varias terras, algumas a grande distancia.

No ponto mais elevado d'este monte, está a capella de S. Jorge, que foi cercada de um bello souto de frondosos e gigantescos sobreiros—talvez os primeiros que se plantaram n'estas terras, pois era arvore até aos fins do seculo XVIII, por aqui pouco conhecida.

Ha poucos annos, se teem arrancado muitos d'estes sobreiros seculares, e hoje poucos existem.

—

A egreja matriz d'esta freguezia, é em forma de cruz—ou, para melhor dizer—são duas egrejas que se cruzam.

Em 1777, um devoto d'esta freguezia, mandou construir á sua custa, uma capella para o Santissimo Sacramento, no corpo da egreja, junto ao cruzeiro, do lado do Evangeiho; mandou tambem fazer em frente d'esta capella, um outro corpo de egreja, com côro e porta principal—ficando assim duas egrejas n'uma só.

Na Italia, na Russia e em outras partes, ha egrejas em fórma de cruz, mesmo construidas desde o principio com esta configuração.

PINZIO—freguezia, Beira Baixa, foi do extincto concelho de Jermêllo, comarca da Guarda—e hoje é do concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros da Guarda, 130 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 108 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

O prior de S. Pedro, de Jermêllo, apresentava o cura, que tinha 3$400 réis de congrua, e o pé d'altar.

E' terra pobre e pouco fertil em cereaes e fructas; mas cria bastante gado, e nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

PIPA (fonte da)—Extremadura, ao S. do Tejo, e sobre a sua margem esquerda. Vide *Almada*.

PIPA (fonte da) — Traz-os-Montes. Vide *Fiolhoso*.

PIPA (quinta da)—vide *Pinheiro de Loures*.

PIPA (fonte da)—Alemtejo, no sitio de *Villa Velha* (antigo assento da actual villa da *Fronteira*—vol. 3.º, pag. 239, col. 2.ª e seguintes.)

Esta fonte está ao fundo de uma elevação, onde existe a capella de *Nossa Senhora de Villa-Velha*.

Suas aguas (da fonte) são de tão péssima

qualidade, que já teem causado a morte a algumas pessoas que a bebem inadevertidamente, ou por ignorancia.

E' mineral.

A capella de *Nossa Senhora de Villa-Velha*, é uma das mais formosas da provincia do Alemtejo, e alli se faz uma grande romaria, pela Paschoa, á qual concorre gente de algumas leguas em circumferencia; pois é esta imagem, uma das de mais devoção, por estas terras.

Ha n'esta capella, uma imagem do *Senhor Morto*, que vae para a egreja matriz da villa da Fronteira, na semana santa, regressando á sua capella, em explendida procissão, no domingo do Paschoa, na occasião da festa principal.

E' a capella concorrida em todo o anno, e principalmente por occasião de alguma calamidade publica, em que a Senhora é levada em procissão, para a egreja matriz, fazendo-se-lhe então muitas ladainhas, votos e promessas.

Segundo a tradicção, esta capella já existia no tempo dos godos.

Os mouros a transformaram (pelos annos de 716) em mesquita, e, resgatadas estas terras do poder dos mouros, pelos annos de 1170, foi purificada e restituida ao culto christão.

—

A uns 10 ou 12 metros atraz da capella, existem umas profundas cóvas, nas quaes, por muitas vezes se teem achado moedas romanas e arabes, de ouro, prata e cobre.

—

A pouca distancia da capella, está a do *Senhor da Piedade*, em volta da qual, crê o povo, que apparecem *mêdos*.

O que por alli tem, por vezes, apparecido, são ladrões, a roubarem os viandantes nocturnos.

E' sitio triste e deserto.

Adiante d'esta ermida, está a do *Senhor dos Martyres*, que já fica proxima da Fronteira.

E' um sitio muito aprasivel, e a imagem do padroeiro, objecto de muita devoção do povo.

A capella é vasta e muito linda.

—

Ainda proxima á villa, e ao cemiterio da freguezia, está a formosa capella do *Espirito Santo*, que foi a primeira Misericordia da villa.

—

D'entro da villa estão as ermidas, *do Senhor das Almas*—do *Senhor da Capellinha* (na praça, em frente da cadeia, sobre um arco, chamado *de Santos*.)

Havia tambem as capellas de *S. Pedro* e de *S. Thiago*, ambas perto da da Senhora de Villa Velha, que foram demolidas — e a de *Santa Catharina*, nos arrabaldes, hoje transformada em theatro.

PIODÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil (foi do concelho d'Avô, comarca de Midões—supprimidos)—60 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 14$000 réis e o pé de altar.

E' terra montanhosa, mas os seus valles, abundantes d'aguas, produzem bastantes cereaes e algum vinho.

Se os ribeiros corressem menos profundos, de modo que as suas aguas em toda a parte se podessem aproveitar para a irrigação, seria esta terra muito mais fertil.

E' abundante de madeira e lenha, e tem muita caça.

PIODÃO—ribeira, Douro, que nasce perto da aldeia do mesmo nome (cabeça da freguezia antecedente) e desagúa junto de Vide, na ribeira de Loriga.

PISÕES—fonte e bonito passeio, Extremadura, adiante da Regaleira, no principio da estrada de Collares.

Vide *Cintra* e *Collares*.

PISSOTA — portuguez antigo — pescada (peixe).

Dá-se-lhe este nome, nas *Inquirições reaes*, de D. Affonso III, em 1258, e em outros

muitos documentos dos seculos XII, até ao XIV.

PITÃES—antiga *villa*, [1] do Minho, que servia de divisão ao termo de *Dume*, como consta da *Inquirição* feita no reinado de D. Ordonho III (filho de D. Ramiro II) que reinou desde 950 até 955, e que tomou Lisboa aos mouros, em 951. [2]

Nas *Inquirições* do nosso rei D. Diniz, se acham duas villas, ou aldeias, junto a Braga, ambas chamadas *Pitães*.

A uma denominavam—Pitães-Maior, e era da freguezia de Palmeira.

Parece que é a esta que se refere a *Inquirição* do rei D. Ordonho.

A outra Pitães, pertencia á freguezia de Santa Maria de Adaúfe; mas d'esta não ha hoje a minima noticia, talvez por mudar de nome, ha seculos.

A que se chamou Pitães-Maior, ainda existe na freguezia de Palmeira, com o nome de *Pitãesinhos*. (Vol. 6.º, pag. 430, col. 1.ª—a 1.ª Palmeira.)

PITANÇA—portuguez antigo—prato, alem da ração ordinaria.

Hoje diz-se—*prato de meio*.

PITÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 15 kilometros ao O. de Montalegre, 60 ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 210 fogos.

Orago, Santa Maria das Junias.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O nome antigo (e ainda o mais vulgar) d'esta freguezia, é—*Junias de Pitões*.

O D. abbade cirterciense (bernardo) de Santa Maria de Osseira, no bispado de Orense (Galliza) apresentava o abbade, regular, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Os monges do mosteiro gallego d'Osseira, mandavam trienalmente, um ou dois (e as vezes tres) religiosos d'aquelle mosteiro, reger e parochiar esta freguezia; recebendo do arcebispo de Braga a auctoridade e jurisdição necessarias para o exercicicio parochial.

Supprimidas as ordens religiosas em Hespanha, não houve mais parocho algum gallêgo.

O ultimo, foi frei Benito Gonçalves, que curou esta freguezia, como encommendado nomeado pelo arcebispo de Braga, até 1850, anno em que falleceu.

Posta então a egreja a concurso, pelo governo portuguez, não foi provida em nenhum dos opositores approvados; por embaraços que houve, promovidos pelo governo hespanhol.

O arcebispo de Braga, deu, por ordem do nosso governo, a encommendação ao sr. José André Rodrigues de Carvalho, por ser o opositor classificado em primeiro logar, e este a regeu mui dignamente, até 5 de novembro de 1857; sendo então despachado parocho da freguezia de Monsúl, no concelho da Povoa de Lanhoso.

Succedeu-lhe o actual encommendado, o sr. padre João Dias, que é tambem um parocho exemplar.

Dois kilometros ao S.E. da povoação, na margem direita de um pequeno ribeiro, existe em ruinas, o antiquissimo *mosteiro cisternense de Santa Maria das Junias*, com a sua egreja gothica, que foi matriz da parochia, e está hoje quasi abandonada, servindo de egreja parochial, uma capella ordinaria de Pitões, dedicada a S, Rosendo.

O mosteiro nada tem de notavel, senão a sua antiguidade, que uns remontam ao condado de D. Henrique, e outros dizem que foi fundado por seu filho, o rei D. Affonso Henriques, em 1147.

Parece que foi originariamente, de templarios, e depois, de benedictinos, que abraçaram por fim a reforma de S. Bernardo.

—

Segundo a lenda—nas repetidas correrias que os mouros faziam por estas terras, nos fins do seculo XI, um christão escondeu no

[1] A palavra *villa*, deve aqui ser tomada como synonimo de quinta, granja, ou casa de campo.

[2] Rectifico aqui um êrro typographico, que escapou a pag. 109, col. 2.ª do 4.º volume.

Onde se diz que este monarcha tomou e saqueou Lisboa, em 851, deve lêr-se 951.

tronco de um carvalho, a imagem de Nossa Senhora da Assumpção.

Pouco tempo depois, vindo dois fidalgos de Galliza, caçar a estes montes, os seus cães, seguindo um porco montez, pararam latindo junto do carvalho.

Apearam-se os cavalleiros, e vendo a santa imagem, determinaram logo fazer-lhe uma bôa egreja e um mosteiro, que em pouco tempo ficaram concluidos.

Pediram ao D. abbade d'Osseira, para mandar alguns dos seus monges povoar o novo mosteiro, a que elle satisfez, ficando o convento novo, filiál do de Osseira.

Teve sempre poucos monges, e em 1834, apenas aqui havia o parocho da freguezia e um companheiro.

Aqui foi abbade, S. Gonçalo Cisterciense, natural de Chaves, o qual, recolhendo-se da sua annexa, de Cella-Nova (Galliza) morreu gelado, na serra do Gerez. Diz a lenda, que n'essa occasião, os sinos do mosteiro, bem como os de Cella-Nova, dobraram por si mesmo, e que os monges, em vista de tal prodigio, foram em busca do seu abbade, que acharam morto entre a neve, posto de joelhos, com os olhos e mãos erguidas para o Ceu. (Vide adiante.)

Foi sepultado n'este mosteiro, no 1.º de fevereiro de 1501.

—

Havia n'esta egreja, um precioso relicario, que continha reliquias de Jesus-Christo, cabellos de Santa Maria Magdalena e de S. Martinho—e a cabeça de S. Gonçalo, á qual os d'aqui davam o nome de *casco do santo*.

Este relicario foi transferido, pelo arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Jesus e Castro, por occasião de uma visita que fez a esta egreja, para a do convento do Pópulo, no campo da Vinha, em Braga.

Cedeu porém algumas das reliquias a um juiz pedaneo de Pitões, para as offerecer ao duque de Bragança, senhor d'aquellas terras, e este as mandou para a capella dos seus paços de Villa-Viçosa.

Mas a cabeça de S. Gonçalo, ficou em Pitões, e foi devorada, com outras preciosidades, por um incendio, posto pelos castelhanos, durante a guerra da restauração.

Os abbades d'este mosteiro, ainda depois d'elle abandonado pelos monges, usavam de mitra e bago.

Durante a revolta da *Maria da Fonte*—em que algumas pitonenses tomaram parte—desappareceu um rico pontifical que ainda restava, e nunca mais, até hoje foi achado.

Em um terreiro, junto á egreja, existia, ha poucos annos, um antiquissimo carvalho, todo ôco, que alguns pretendem ser o mesmo onde a Senhora foi achada.

No portal que fecha o antigo recinto da cêrca—hoje cemiterio parochial—existem dos lados, em tôsca esculptura, dois cães de pedra, a que se refere a lenda da achada da santa imagem.

Na egreja, junto á porta travessa, está embutida na parede, a inscripção seguinte:

E. M. E. . . . . V.

Ninguem póde dizer o que isto significa!

Ha na freguezia tres capellas publicas, todas ordinarias—uma na povoação de Pitões, e é a que agora serve de matriz, dedicada a *S. Rosendo*.—Outra ao S.E. da aldeia, da invocação do *Anjo da Guarda*—e a de *S. João Baptista*, ao O., e já na serra do Gerêz.

Esta freguezia está situada na margem esquerda do rio Berêdo (ou Brêdo), tendo ao O. a cordilheira do Gerêz, e ao N. a serra da Mourella, ramificação d'aquella. É composta sómente da aldeia de Pitões.

Fica completamente isolada de outras freguezias, pois a mais proxima, dista 6 kilometros; e os caminhos para toda a parte, são por invias serranias.

Pelo N. confina com a Galliza, na extensão de tres kilometros.

O seu solo é arenoso e exposto aos ventos por todos os lados; pelo que é muito frio e pouco fertil: apenas produz centeio e batatas; mas cria, nos seus extensos pastos communs, muitas cabeças de gado, grosso e miudo.

O povo de Pitões, apascenta o seu gado vaccum (que consta de 700 a 800 cabeças) desde o 1.º de maio, até 29 de setembro, na serra da Mourella; e o seu sustento, quasi ordinario, é o leite que lhe sóbra da manteiga e queijo, que fabricam em grande

quantidade, e que as mulheres vão vender a Chaves e a Braga; mas os queijos são mal feitos e muito inferiores aos da Serra da Estrella e do Alemtejo.

Ha grande abundancia de caça grossa e miuda. Corre por esta freguezia o rio Brêdo, e uma estrada do antigo systema, que se dirige para a Galliza.

Os costumes dos habitantes são geralmente bons, mas, visinhos dos hespanhoes, aprenderam com elles a rogar medonhas pragas, contra os filhos, contra os animaes, e contra tudo que os incommoda; são muito inclinados á gulla, no comer e beber, seguindo-se por consequencia necessaria, a sensualidade desenfreada, que alli se nota em grande escala.

Em razão d'esta freguezia ser curada por padres hespanhoes, que pouco cuidavam dos deveres proprios do seu elevado ministerio, viviam os fieis d'esta freguezia n'uma crassa ignorancia da doutrina christan, e do cumprimento dos preceitos da nossa Santa Egreja; hoje, porém, acham-se sufficientemente instruidos, pelo cuidado e disvello dos dignos encommendados, que succederam áquelles mercenarios forasteiros.

—

S. Gonçalo, abbade de Santo Thyrso e de Junias, monge beneditino.—Nasceu na villa de Chaves. Chamou-se no seculo, Gonçalo Marinho. Estudou as sagradas letras, por ordem de seus paes, e sendo de tenra edade, e movido por interior vocação, vestiu a cogulla benedictina, no mosteiro de Santo Thyrso de Riba-de-Ave, bispado do Porto (e não no de Ossera, da ordem cisterciense, como dizem alguns autores). Como o nosso Santo procurou, e tomou o habito religioso, persuadido que era o estado mais perfeito para servir a Deus e imitar a vida de Christo, e não com o fim de se livrar dos trabalhos do mundo, e de ter certo o sustento, como muitos fazem, cumpriu as suas obrigações com tanta perfeição e exemplo, que de poucos annos, foi eleito canonicamente abbade do dito mosteiro, dignidade que se dava não aos que tinham mais que dar, nem aos que tinham mais empenhos (como agora se pratica), mas aos que possuiam mais talento, e a prudencia e virtudes, que devem ter os que hão-de governar subditos; e como todas estas prerogativas se achavam singularmente unidas no nosso santo abbade, o seu governo foi em tudo perfeito.

Vamos ao mais da sua vida.

—

«Houve antigamente no termo de Monte-Alegre, d'este arcebispado primaz, um mosteiro de Cister, chamado de *Santa Maria de Junias*, sujeito ao de Ossera, no bispado de Orense. Extinguiu-se no anno de 1608, e foi depois egreja parochial, sujeita ao ordinario de Braga.[1] D'este mosteiro foi abbade D. fr. Alvaro, que depois de administrar o governo alguns annos, o demittiu de si, renunciando-o nas mãos do papa Alexandre VI, a favor do nosso fr. Gonçalo, seu parente em proximo gráu. Tomou posse d'aquella abbadia aos 5 de fevereiro de 1499; sendo arcebispo primaz, D. Jorge da Costa, a quem veiu logo dar obediencia, por estar no limite da diocese bracharense. Tinha o abbade de Junias, duas annexas, uma no reino de Galliza, a que chamavam *Santa Maria de Cella*, e outra n'este arcebispado, a que chamavam *S. Rosendo*, ás quaes hia muitas vezes prégar e cumprir com as obrigações que lhe incumbiam, como prelado. Retirando-se de Cella, onde se tinha hido enterter em tão santos e caritativos empregos, e dizendo missa no caminho, em um domingo, vespera da Purificação de Nossa Senhora, n ella lhe foi revelada a sua morte, como deu a intender aos assistentes, que foi d'esta sorte.

Como na noite antecedente tivesse nevado em tanta quantidade, que estava a neve de altrra de dois metros, principalmente na eminencia de um monte, no sitio a que chamavam *Fonte Fria*, chegou a elle tão debilitado, que não podendo resistir entregou a alma ao Creador, que querendo dar a conhecer ao mundo a santidade do seu servo, mandou repicar os sinos de Junias e Cella, por invesiveis mãos.

Vendo os monges prodigio tão inaudito, se persuadiram que alguma desgraça havia

[1] Adiante relato o que diz frei Agostinho de Santa Maria, com relação a este mosteiro.

succedido ao seu abbade, por occasião das neves.

Ajuntaram quantidade de homens do logar de Pitões, para que abrindo-lhes caminho, pelas neves, podessem procurar o santo abbade, a quem emfim acharam, entre as neves, com o corpo exanime, de joelhos, e com os olhos e mãos levantadas ao Ceo, como achara Santo Antão, abbade, a S. Paulo, primeiro erimita da Thebaida.

Confusos e admirados ficaram os monges com tão singular prodigio, e louvando todos o Altissimo, porque permittiu tivesse aquelle seu servo semelhante morte, levaram o santo cadaver para o mosteiro de Junias, onde não cessaram os sinos de tocar, senão depois de o terem dado á sepultura, no 1.º de fevereiro de 1501.»

A cabeça de S. Gonçalo, que existiu, como já disse, na egreja de Pitões, e que desappareceu com um incendio, não deixou porisso de continuar a merecer a devoção popular, e a festa do *Casco de S. Gonçalo*, se continuou a fazer em Junias e em Osera, a 2 de outubro de cada anno.

Mina de magnete, ou pedra-iman

A uns 1:800 metros a N.E. de Pitões, e 20 kilometros ao O. de Montalegre, está uma collina de uns 150 metros de comprido, formada por uma especie de granito muito friavel, e produzindo ápenas matto rasteiro, e herva brava.

E' semeada de rochedos graniticos, em volta dos quaes e em outros logares d'esta collina, se tem extrahido grandes pedaços de magnete, que teem sido levados para diversas terras do reino, onde são muito apreciados.

Apparece tambem, menos rico, ligado a outras substancias, como talco, quartzo e outros corpos inorganicos.

Em toda a extenção da collina, fazendo-se escavações, se encontram porções de mineral, soltas, em maior ou menor volume e quantidade, como pyrites de ferro, plombagina (graphite) e ferro magnetico.

Estes minerios apenas teem sido explorados, ou pesquizados, por curiosos, completamente ignorantes em mineralogia, chimica e metalurgia; talvez que feito um reconhecimento por pessoa habilitada, se achasse aqui com que pagar amplamente as despezas da lavra; o que seria de utilidade, não so para o explorador, como para os habitantes da freguezia.

—

No dia 1 de abril de 1874, houve na aldeia de Pitões, um pavoroso incendio, que devorou completamente, 36 predios, deixando os seus moradores reduzidos á ultima miseria.

—

Como o que se lê no *Santuario Marianno* (tomo 4.º, pag. 166) com respeito ao mosteiro de Santa Maria de Junias, de Pitões, differe alguma cousa do que se acabou de lêr, com referencia áquelle mosteiro, o resumo aqui, para que os leitores sigam a opinião que mais lhes agradar.

Eis em summa o que diz frei Agostinho de Santa Maria, no logar citado.

Na Terra de Barroso, termo de Montalegre, houve antigamente um mosteiro da ordem de Cister, dedicado a Nossa Senhora, com o titulo de Santa Maria de Junias, sujeito ao de Ossera, no bispado de Orense na Galliza.

Os primeiros habitadores d'este mosteiro, foram uns anachoretas de santa vida, que professavam a regra dos erimitas de Santo Agostinho (gracianos) como consta de escripturas antigas, que se conservam no archivo da camara de Chaves, e o refere frei Sebastião del Portillo, na sua *Chronica Espiritual*, da ordem de Santo Agostinho.

Comessaram estes santos erimitas a servir o Deus, n'aquelle logar, pelos annos de 889, com grande fervor e virtude.

Adoptaram depois a regra ae Cister, continuando n'ella a sua vida exemplarissima, pelo que foram muito favorecidos, pelo rei D. Affonso, *o sabio*, de Castella. [1]

[1] Parece-me que ha aqui engano do auctor.

A ordem de Cister é uma reforma da de S. Bento, e não me consta que a adoptassem outros monges que não fossem os benedictinos; e esta reforma teve principio em

D. Sancho II, de Portugal, tambem muito estimou e protegeu estes monges, e ambos estes monarchas, fizeram ao mosteiro grandes doações, das terras proximas e em volta do mosteiro, que comprehendiam umas duas leguas quadradas, de altas montanhas nas raias de Portugal e Galliza.

D. Affonso III (o Bolonhez) lhes deixou, por testamento, cem libras que vinham a ser 3$600 reaes, o que era uma boa quantia, n'aquelle tempo.

Conservou-se este mosteiro em prosperidade, por espaço de 718 annos, vindo-se a extinguir em 1608, sendo então seu abbade, D. frei Lourenço de Vera, que ficou no mosteiro, com dois monges, para curarem a freguezia; mas, como eram todos Gallegos, sahiram de Portugal, abandonando o mosteiro, em 1640.

Annexas a este mosteiro, eram as freguezias, de *São Rosendo*, em Portugal—e a de *Cella Nova*, na Galliza.

A padroeira d'este mosteiro, era objecto de grande devoção, dos povos de Barroso e outros, d'este reino, e dos immediatos, na Galliza, que a vinham visitar com muita frequencia, desde abril até outubro; porque nos outros mezes do anno, era este logar frigidissimo (como hoje) e os caminhos impraticaveis, por causa da neve e dos ribeiros, então caudalosos que não davam passagem, por falta de pontes.

PIÚGAS—portuguez antigo—sapatos. Hoje piúgas (nas provincias do N. *cothurnos*) são meias curtas, de homem.

PIÚGOS—portuguez antigo—paredes, feitas de pedra miuda e *em sosso*.

Vê-se esta palavra no foral de Cortiçô, feito em 1216, e em outros foraes e documentos, dos seculos XII, XIII e XIV.

PLUMBARIOS—povos que habitavam o Portugal, pelos annos 1130, no reinado de D. Affonso Henriques, mais de um seculo depois da morte de D. Affonso, *o sabio*.

Ha pois toda a razão para crer, que, muito embora estes anachoretas observassem a regra de Santo Agostinho, mais ou menos formal e canonicamente, *professaram* depois a regra de S. Bento, e por fim, no seculo XII, adoptaram a cisterciense, que não era senão a benedictina reformada.

Herminio-Menor (serra de Marvão, no Alemtejo.)

Vide *Aramenha* e *Marvão*.

PÓ — appellido nobre portuguez — vide *Obidos*.

PÓBLA, POBLANÇA e **POVOANÇA**—portuguez antigo—povoação.

PÓBRA—portuguez antigo—póvoa.

POBRADOR—portuguez antigo — povoador.

POBRADOR D'EL-REY—portuguez antigo—magistrado ou procurador do rei, que inspeccionava os reparos dos logares fortes, e as populações.

Eram mais frequentes em Traz-os-Montes, que no principio da monarchia estava mais deserta e despovoada que as outras provincias, e precisava por isso, mais urgentemente do ministerio d'estes empregados.

Eram sempre escolhidos para pobradores do rei, pessoas de muita inteireza.

(Vide *Mós*.)

POÇA—aguas mineraes da Extremadura —vide *Cascaes* e *Estoril*.

POCARIÇA—vide *Porcariça*.

POCEIRÃO—aldeia, Extremadura (ao S. do Tejo) comarca, concelho e 12 kilometros ao E.S.E. de Setubal, 37 ao S.E. de Lisboa.

E' aqui a 8.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste.

Fica entre as estações de Setubal e Pégões.

POÇO—nascente d'agua salgada, Extremadura.

(Chamava-se vulgarmente—*Pôço das Salinas*.) Vide *Rio Maior*.

POÇO—appellido nobre em portugal—E, por se ligarem (os Poços) por parentesco com os *Barbudas*, deu o cardeal D. Henrique (depois rei) sendo regente do reino, na menoridade de D. Sebastião—em 1565—a Pedro Lopes do Poço Barbuda, o brazão de armas dos Barbudas.

POÇO DA MOURA—catarata do ribeiro denominado *Chão da Fonte*. (Vol. 2.º, pag. 270, col. 2.ª; no fim.)

Na margem direita do rio Homem, desagúa o ribeiro do Chão da Fonte, que nasce em um dos pontos mais altos do Gerêz.

Quem seguir (por um atalho alcantilado e perigoso) os meandros que este regato descreve por entre collinas e penhascos, cobertos de tôjo e urze, pára extasiado á vista de uma paisagem lugubremente pittoresca.

A' esquerda são uns outeiros, tambem cobertos d'urze, altos, esguios e aprumados. A' direita está uma montanha, de tão rapido declive, que a distancia parece talhada perpendicularmente.

Lá em cima, por entre os alcantis, vegetam rachiticos sobreiros, e alguma herva brava.

A aguia real, soltando o seu vôo potente e arrojado, de sobre as penedias superiores, ora despede em carreira *meteorica*, ora paira descuidosa sobre o abysmo.

Ao fundo quebra o silencio do sitio, o fragor do ribeiro, que precipitando-se em vertiginosa catadupa de muitos metros de altura, se despenha fremente sobre uma vasta bacia espumosa (o *Pôço da Moura*) como para descançar, para nova jornada, e novos saltos.

Vista de longe, a catarata assemelha-se a uma columna de crystal, levantada por mãos de gigantes, no fundo de um templo druidico.

Nem o horror das florestas germanicas falta aqui, para completar a illusão; pelo que a imaginação bizarramente creadora do nosso povo, liga ao Poço da Moura, uma lenda horripilante, de mouras encantadas, guardando thesouros, mais hyperbolicos do que todos os das *Mil e uma noites*.

POÇO DA PEDRA CALDEIRA—vide *Poiares*, do concelho do Peso da Regua.

POÇO DO BISPO — aldeia, Extremadura, freguezia e concelho dos Olivaes, comarca, patriarchado, districto administrativo, e 5 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

E' a primeira estação do caminho de ferro de norte e leste.

Pouco adiante (ao N.E.) do *palacio da Mitra*, principiam as casas da povoação do Poço do Bispo, ao longo da estrada paralella á margem direita do Tejo.

O oidium tukeri, causou em tempo bastante decadencia a esta povoação, porque antes d'elle, dava-se aqui emprego a muitos braços, nas importantes tanoarias e em varios armazens de retem, em que se recolhiam e *beneficiavam* alguns milhares de pipas de vinho; porém a estação do caminho de ferro e a diminuição da molestia das vinhas, lhe recuperou, a sua perdida labutação e importancia.

Ao Poço do Bispo, segue-se *Braço de Prata*, e a este *Cabo Ruivo*, tambem sobre a margem direita do Tejo, e da mesma freguezia dos Olivaes.

POÇO DO BORRATEM—Este largo, da cidade de Lisboa, fica entre as ruas da Magdalena (vulgo, *calçada dos Caldas*) e a do Arco do Marquez de Alegrete.

Pertence, parte á freguezia de Santa Justa, e parte á de S. Lourenço.

O celebre *poço* que deu o nome ao sitio, está na casa, cuja porta tem o numero 6, havendo no 1.º andar, um estabelecimento de banhos.

As suas aguas mineraes, descem do monte do castello de S. Jorge, como as das thermas romanas que existiram junto á Sé, as do chafariz d'El-Rei, as das Alcaçarias e outras.

Vide *Pedras Negras*.

—

São conhecidas desde tempos immemoriaes as virtudes therapeuticas d'estas aguas; mas a noticia escripta, mais antiga que se encontra d'este poço, é do anno de 1552, na *Estatistica de Lisboa* (manuscripta)

Alli se diz que a sua agua é de boa qualidade.

Todas as nascentes d'aguas mineraes em torno do monte do castello de S. Jorge, bastariam para fazer acreditar que alli é o manancial de todas, tendo mais distante, o *foco* da sua temperatura.

Nas visinhanças de Lisboa, e pela simples observação das camadas superiores da terra, e ainda mais, em escavações, se vê, em bastante quantidade, basalto; lavas, misturadas de carbonato e sulfato de cal, oxidos de varias especies, e substancias vulcanicas decompostas, o que tudo nos denuncia a existencia de um antigo volcão, n'estes

sitios; apparecendo mesmo vestigios de antiquissimas crateras.

E que nada d'isso existisse, a frequencia dos terramotos que teem destruido, mais ou menos parcialmente Lisboa, nos estão provando, que todo este terreno é vulcanico, e que sob a crusta do sólo, correntes de mineraes em fusão, ameaçam esta cidade, de novos cataclismos.

Todavia, é certo que o fogo subterraneo occupa hoje um espaço menos vasto, e talvez a maior profundidade, o que nos dá a esperança de que as convulsões futuras, serão muito menos desastrosas do que as passadas.

Vide *Terramotos*.

—

Attribuiam os antigos á agua d'este poço a virtude de curar varias enfermidades. O *Aquilegio Medicinal*, concorda n'estas propriedades, quer a agua seja applicada interna, quer externamente.

A *Polyanthea Medicinal*, escripta, e publicada em 1695, por João Curvo Semêdo, diz:

«A agua do poço do Borratem, que temos em Lisboa, é admiravel para curar as comichões, impingens, bustéllas, gretaduras e achaques de figado, como o experimentou a rainha, a sr.ª D. Luiza Maria de Gusmão — o inquisidor, Luiz Alvares da Rocha — Pedro de Castilho — o juiz do Terreiro — e outras muitas pessoas, que padecendo, não só chagas, comichões, costras e quenturas do figado; mas, o que é mais, padecendo lepras, sem poder ter alivio com todos os remedios da arte, cobraram perfeita melhoria, só em beberem da dita agua e tomarem banhos n'ella.»

Mas, outra virtude, bem mais rara e apreciavel, attribuia aquelle escriptor a esta agua — ouçamos.

«Em confirmação da virtude que tem a dita agua, para as quenturas do figado, contarei o caso seguinte:

«Havia vinte e dois annos que certo homem estava casado, sem ter filhos, e, porque lhe sobreveio uma destemperança quentissima do figado, lhe aconselhei que bebesse agua do referido poço; e, usando d'ella seis mezes, se achou são, e a mulher se fez pejada: d'onde vim a entender, que a muita quentura do figado d'aquelle homem, era a causa da esterilidade.»

É certo que esta agua é util para padecimentos cutaneos, tomada tanto interna como externamente.

O poço tem 11 metros de altura, e 1m,98 de diametro.

Até 1818, a irmandade de Santo André e Almas, da freguezia de Santa Justa, dava os baldes e as cadeias, para a extracção da agua do poço, mas recebia 80 rs. por mez, de cada aguadeiro que alli a hia buscar.

Depois, uma Maria Thereza, viuva, não se sabe porque titulo, constituiu-se senhora do poço, tendo em seu poder a chave da tampa exigindo 240 réis por mez, de cada aguadeiro que tirava agua d'elle, dando os 80 réis á confraria, e ficando com o resto.

Houve queixas á camara, que poz demanda á tal Maria Thereza e á irmandade; e o desembargo do paço, julgou que uma vez que a agua estava em terreno publico, era de todos que se quizessem aproveitar d'ella.

A camara nomeou então um capataz (a quem entregou a chave do poço), e este capataz fornecia as cordas e baldes, e recebia dos aguadeiros e criados de servir que gastavam d'esta agua, 80 réis mensaes.

Durou isto até 1849, mandando então a camara que as despezas com o poço, fossem pagas pelo seu cofre, e que a agua fosse do uso livre do povo.

O poço está agora bem reparado, com uma optima bomba de ferro fundido, sob uma abobada de tijolo, e dentro de um predio, cujo chão pertenceu aos jesuitas, e depois, ao hospital de S. José.

—

N'este largo do Poço do Borratem, ainda existem (posto que alteradas na sua architectura primitiva) as casas em que viveu o famoso doutor, *João das Regras*. — Vide 4.º vol., pag. 138, col. 2.ª, no fim.

POÇO DO CANTO — freguezia, Beira-Baixa, concelho de Meda, comarca de Villa Nova de Foz Côa (foi da comarca e concelho de Meda), 54 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa.

Tem 215 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Ranhados, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado e caça.

POÇO-ROMÃO—sitio summamente pittoresco da provincia de Traz-os-Montes.

«A formosa e rica villa de Villa-Real, está fundada em uma eminencia, na confluente dos rios *Córgo* e *Cabril*, subindo sempre a povoação para o lado do N.O., terminando ahi por um terreiro, no centro do qual está a ermida de S. João Baptista, edificada sobre um rochedo bastante alto, e por isso lhe dá o povo, o nome de *S. João da Fraga*. O panorama que se disfructa d'este sitio é sublime pela sua alpestre magestade. Aos pés do observador se cava um abysmo, ao fundo do qual refervem as aguas do Córgo; e em frente se estende um vasto horisonte. D'aqui se vêem as serras da Teixeira, Padornêllos, Geréz, e Marão, que não parecem mais do que leves ondulações do terreno.

Junto á ermida, é o sólo formado de enormes rochedos graniticos, primitivos.

Não é porém a belleza e variedade do panorama, que dá importancia a esta secção geologica do paiz, constituido em enorme castello de rochas primitivas, cortadas a pique sobre o rio Córgo, cujo nivel está seguramente 300 metros inferior á ermida de S. João da Fraga, de quem se póde dizer, visto da margem do rio, o que li no inédito d'um passeio á serra da Louzan: «Parece que a Natureza, em uma hora de adoração, começou a elevar-se até Deus, e chegando áquella altura, deixou alli para sempre erguido um padrão da sua piedade.»

No fundo d'este abysmo, está o *Poço-Romão*, contrastando na placidez e apparente immobilidade das aguas, com o sussurro da quéda de que se alimenta, e com horrisono fragor da cataracta do *Penêdo*, em que se despenha, resaltando por entre fragas, em flocos d'espuma alvissima, na altura de mais de 350 metros. Quer se debruce o observador á beira do abysmo, medindo-lhe a altura, quer da margem do Córgo busque o azul do céu, pasma de vêr a belleza d'aquelle collosso de granito, que, ora parece submergir-se nas entranhas da terra, ora encastellar-se até fender as nuvens. Alli, a par dos arrojos da Natureza, admira-se o atrevimento e presistencia do homem. A vegetação luxuosa e robusta que se descobre nos ingremes socalcos suspensos na sinuosidade do fraguedo, mostra a constante lucta do pensamento com a materia, e as conquistas que cada dia vae fazendo um sobre a outra. No entanto, sente-se alli a pequenez das obras do homem, ao pé da magestade das obras de Deus. O mais arrojado esforço da arte, é um mesquinho arremêdo dos da Natureza. As pyramides do Egypto, são massas enormes de pedra, sem expressão e sem vida: o resultado da ordem architectonica, a mais elegante, a mais robusta, não tem a grandeza, a estructura admiravel da humilde grama que pelo chão rasteja, ou do Hymalaia que se avisinha do céu.

Fronteiro á ermida de S. João da Fraga, está suspenso sobre o abysmo o *pinheiro da raposeira*, arvore secular e gigantesca, filha digna da região que habita. Quem olhar com attenção este *duo*, hade achar entre a arvore e a ermida, um pensamento grande: o consorcio da religião e do trabalho, collaborando no progredir da humanidade. Parece que no meio de um medonho cataclysmo se abriu a serra para dar, por suas entranhas, passagem ao Córgo, e este, invadindo o leito aberto alli, repousou das fadigas da jornada que traz desde a sua fonte, na serra do Mezio, e em que prosegue até á Régua, onde vae afogar-se nas aguas do Douro.

Bellezas geologicas d'esta natureza são frequentes em Traz-os-Montes, pois quantos rios cortam esta provincia (Sabôr, Túa, Mação, Cabril e outros), correm por leitos não menos fragosos.

Em parte alguma se encontram tantas bellezas reunidas. De um lado Villa Real, descendo a encosta do monte, e passando o Córgo pela *ponte de Santa Margarida*, para se hir dependurar pela encosta fronteira; d'outro, o *Poço-Romão*, desaguando em soberba cataracta; d'aquell'outro um horisonte maravilhoso — tudo isto faz um conjuncto de

grandezas que não se observam sem enthusiasmo, que não se recordam sem saudade.

Silva Mattos.

(*Archivo Pittoresco*, vol. 5.º, pag. 196.)

POÇO-VELHO — freguezia supprimida, Beira-Baixa, annexa a Náve-de-Haver. (vol. 5.º, pag. 16, col. 1.ª)

PODAME — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Valladares), 60 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago, S. Cosme e S. Damião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil em cereaes e fructas, e cria muito gado.

PODENCE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi da extincta comarca de Chacim, e supprimido concelho de Isêda), 54 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (*Candeias*).

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha caça grossa e miuda.

Teve annexas as freguezias de *Edroso*, e *Romeu*, que estão outra vez independentes.

—

Em abril de 1876, foram mandados entregar á junta geral do districto administrativo de Bragança, 17:684$000 réis, para o lanço da estrada districtal, de Podence, pela Portella do Prado, ao Mogadouro e Moncôrvo, entre Valle de Colmeias e o rio Açoeima.

PODENTES — villa, Douro, concelho e 4 kilometros ao N. de Penella, comarca da Louzan, 18 kilometros de Coimbra, 185 ao N. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (*Candeias*).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os duques de Lafões, como senhores e condes de Tentugal, apresentavam o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

(É preciso vêr o artigo *Alafões*, para os donatarios de Podentes e de Miranda do Côrvo.)

Ha n'esta freguezia uma boa fabrica de papel, do sr. Luciano Fernandes Falcão, fundada em 1860.—Vide *Miranda do Côrvo*, e *Penella*.

—

É povoação muito antiga, e foi por muitos annos cabeça do julgado do seu nome; todavia nunca teve foral régio—pelo menos Franklim não o menciona, nem nos novos, nem nos antigos.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e nos seus montes ha muita caça.

O sr. Jeronymo Dias d'Azevedo, foi feito visconde de Podentes, em duas vidas, a 8 de outubro de 1851—e em 24 de novembro de 1868, foi feito conde do mesmo titulo.

A sr.ª D. Margarida Mendes de Vasconcellos, filha dos srs. condes de Podentes, é casada com o riquissimo, illustrado e sympathico lavrador do Riba-Tejo (Gollegan), o sr. Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas de Campos (vulgarmente — Carlos Relvas). Vide *Gollegan*.

POIARES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Freixo de Espada á Cinta, comarca do Mogadouro, 160 kilometros ao N.E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Os beneficiados de Freixo de Espada á Cinta, apresentavam o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação muito antiga.

É n'esta freguezia a capella de *Nossa Se-*

nhora d'Alva, no monte onde estão as ruinas do castello da extincta villa d'Alva. (A razão porque perdeu o fôro de villa, vê-se no 1.º vol., pag. 169, col. 1.ª, no fim.)

Ha aqui um grande laranjal, que produz laranjas, das melhores do reino.

Em frente das ruinas d'este castello, fica a alfandega chamada da *Barca d'Alva*. (Vide esta palavra.)

A antiga villa d'Alva, está ha 636 annos reduzida a aldeia.

—

A freguezia de Poiares é muito abundante d'aguas, e fertil em cereaes e azeite. As suas azeitonas, são maiores e de melhor gôsto, do que as de Sevilha. Tem muito e optimo peixe do Douro (que lhe passa pelo S.), e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

E' formada sómente pela povoação de Poiares, e o seu clima é quente mas saudavel.

A sua principal industria é o fabrico de pão, de trigo e de centeio, que vae d'aqui, para muitas leguas de distancia, onde é muito apreciado, pela sua excellente qualidade, attribuida á optima agua com que é amaçado.

Fabrica-se tambem muito burel, e ha muitos pisões do mesmo tecido.

O que ha de mais notavel n'esta freguezia, é a celebre ponte e calçáda de *Alpragares*—sendo aquella de um só arco, mas grande, e esta muito ingreme.

Estão bem conservadas, apezar da sua muita antiguidade.

São construidas de pequenos seixos rolados, extrahidos do rio Douro — que corre proximo ao S.

(A estes seixos rolados, dão nas provincias do N. o nome de *gódos*.)

Todos admiram, como, com semelhantes pedras, e sem cimento de qualidade alguma, poderam construir—principalmente a ponte—com tanta solidez e duração.

O povo rude d'estes sitios, attribue esta construcção a arte diabolica, e de paes a filhos tem passado a seguinte lenda:

Em tempos antigos, era tudo por estes sttios barrancos e pricipicios medonhos, sem haver um atalho sequer.

Sobre o ribeiro, não havia ponte, nem cousa que, mais ou menos rudimentarmente a substituisse.

Em uma noite, veiu aqui ter um viandante, a cavallo; e, como tivesse urgente necessidade de continuar a sua jornada, e isso lhe fosse absolutamente impossivel, no meio da sua desesperação, pediu a Deus e ao diabo que lhe velessem em tão apertada conjunctura.

Foi o diabo que appareceu ao *reclame*, e lhe disse:

«Se me deres a tua alma, antes que cante o gallo prêto, te darei uma ponte, para atravessar o ribeiro, e uma estrada, para seguires a tua viagem sem o minimo perigo.»

O cavalleiro acceitou, e Satanaz poz logo mãos á obra; mas quando o infernal pedreiro conduzia as duas ultimas pedras da guarda da ponte, canta o gallo preto, e o homem pôde atravessal-a e seguir seu caminho sem comprometter a sua alma.

A unica desforra que pôde ter o diabo, foi atirar para longe as duas pedras, e fugir para o seu tenebroso reino.

Ainda hoje, qualquer pessoa d'esta terra, mostra na ponte o sitio onde deviam ser collocadas as duas ultimas pedras.

—

Em frente de Poiares, fica o *ponto do Saltinho*, uns 5 kilometros acima do Torrão, e até onde chega a navegação do rio Douro.

E' já entre Portugal e Hespanha.

Acima de Poiares, é a povoação hespanhola de *Nigosa*, chamada pelos portuguezes—*Fiolhosa*, que tambem fica em frente do *Saltinho*.

POIARES—villa (creação nova), Douro, cabeça do concelho do seu nome, na comarca da Louzan, 18 kilometros ao E. de Coimbra, 6 de Pena-Cóva, 12 de Farinha Podre, Louzan, e Semide, 18 d'Arganil, e 215 ao N. de Lisboa.

Tem 1150 fogos, em duas freguezias:

(S. Miguel, 150—e Santo André, 1:000.)

Em 1757 tinha 712 fogos.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Penacova apresentava o cura,

annual, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

O *Santuario Marianno*, não traz a freguezia de S. Miguel, por ainda não existir quando aquelle livro foi escripto.

O concelho de Poiares, é composto de 4 freguezias, todas no bispado de Coimbra, que são—as duas da villa, Levegados e Arrifana, todas com 1:600 fogos.

Tinha tambem a freguezia de S. Matheus, de Friúmes, que passou para o concelho de Penacova.

Dá-se o nome generico de Poiares ao territorio—ou bacia—banhado pelos rios Alva, ao E. — Mondego, ao N. — e Ceira, ao Sul.

Tem 18 kilometros de extenção, de N. a S. e 15, na sua maior largura, de E. a O.

Todas as povoações, pois, que se estendem por este territorio, teem o nome (ou o *sobrenome*) de Poiares.

A maior parte da sua base, formando uma bacia oblonga, fica entre as serras da Mucella (ou Mursella) ao E.—do Carvalho, ao O. —de Serpins, e Cabeço de Magarrufe, ao S.

Mas, a capital do concelho é Santo André de Poiares, povoação que apenas conta 60 fogos.

E' a mais central, e onde funccionam as auctoridades judiciaes e administrativas.

Os concelhos confinantes, são:

Pena-Cova, Farinha Podre (extincto), Arganil, Goes, Semide (extincto), e Coimbra.

O concelho de Poiares, foi creado em 1836, formando-se de freguezias até então pertencentes aos concelhos limitrophes.

—

Na *Chronica* (inedita) *de D. Affonso Henriques*—por Duarte Galvão—e do capitulo 24 consta o seguinte:

Vindo o cardeal, deputado pelo papa (Honorio II) ter com o principe a Coimbra, para o aconselhar nas dissensões, entre elle e sua mãe, *e o instruir nas doutrinas de Christo* (!) o achou tão renitente, que declarou o reino interdicto; mas, temendo o genio irascivel de D. Affonso, fugiu na seguinte madrugada.

D. Affonso, assim que soube o que tinha praticado o cardeal, *cavalgou a pós elle, a toda a brida, e o foi alcançar no logar da Vimieira* (povoação de 12 fogos) *a par de Poiares, caminho da Beira;* e alli mesmo o obrigou a levantar o interdicto, e a deixar em refens do cumprimento da sua promessa, e a não repetir o interdicto, um sobrinho e companheiro do cardeal.

No logar dos *Pousadouros*, concelho de Côja, nasceu o insigne varão, o *padre José Vicente Gomes de Moura*, uma das illustrações que enobreceu Portugal.

Menciono-o aqui, porque, desde a edade de sete annos, veiu com seus paes residir para a povoação de *Abraveia*, d'este concelho de Poiares.

—

O sólo d'este concelho não é calcareo — abunda em barros amarellos e silicosos, uns e outros de pouca profundidade, e por isso, e por ser bastante frio, não é demasiadamente productivo; e as fructas, hortaliças e legumes, pouco aqui prosperam.

Não ha vinhas, as videiras estão em arvores, latadas e estacas, e o vinho que produzem é muito ordinario.

—

O povo d'este concelho, é, no geral, muito laborioso, e, alem da cultura da terra, a que se entrega com afan, emprega-se em varios ramos de commercio e industria, sendo o principal, azeite, e fabrico e exportação de cêra branca e amarella.

Fabricam grande quantidade de cestos, compram ferros velhos, e trapo, para as fabricas de papel, o que dá bastante lucro aos que não teem meios de commerciar em objectos de mais valor.

Alem dos rios que mencionei, tambem a ribeira de Poiares (que nascendo nas faldas da serra da Mucella, ao cimo da Venda-Nova, desagúa na esquerda do Mondêgo, junto e ao S. da *Ronqueira*) rega e fertiliza este concelho — bem como a ribeira de Villa-Chan; que, nascendo na serra de Serpins, vem juntar-se ao rio Ceira, abaixo da Foz de Arouce.

—

A 15 d'agosto, se faz em Santo André de

Poiares a romaria de Nossa Senhora das Necessidades, uma das mais notaveis do districto administrativo de Coimbra.

Ha grande arraial, e fogo de artificio, na vespera; e no dia, grande funcção de egreja, com procissão, musica, sermão, etc., tudo com a maior magnificencia.

POIARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O mestre escola da Sé de Braga (conego) apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

POIARES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Peso da Regua (vol. 6.º, pag. 219, col. 2.ª, no fim.)

E' povoação muito antiga.

Em 1193, D. Sancho I, e sua mulher e filhos, fizeram doação de um casal, dos quatro que a corôa tinha em *Canellas de Poiares do Douro*, ao *farçante*, ou *bôbo*, *Bonamis*, e a seu irmão, *Acompaniado*.

—

Foi por muitos annos, do julgado de Panoias; depois, passou a ser do julgado de Canellas de Poiares, e, desde 1855, é do concelho e comarca de Peso da Regua.

—

Esta freguezia é composta de cinco aldeias, que são:

Poiares, Canellas, Villa Secca, Estrada, e Ceára; sendo as duas primeiras, as mais importantes. Isto alem de muitas e bôas quintas.

Tem 6 kilometros de comprido, e 3 na sua maior largura.

E' situada sobre a margem direita do rio Douro, e esquerda do Córgo, em terreno bastante accidentado (como o é todo o das duas margens d'estes rios) sendo limitada ao O. pelo pequeno rio Córgo, que divide esta freguezia da do Peso da Regua, entrando aqui na direita do Douro.

A creação d'esta parochia, é obra dos cavalleiros do Templo, que tiveram aqui um mosteiro, em frente da egreja matriz, do qual ainda existe uma torre.

No tempo d'elles, não tinha a freguezia senão 17 fogos; e, como eram senhores de um vasto territorio por estes sitios, trataram de o aforar aos seus familiares e creados, obrigando-se para com os foreiros, a edificar egreja e constituir freguezia, desmembrando esta terra, dá freguezia de Andrães, a 7 kilometros de distancia, e da de Abáças, a 5 kilometros.

Os templarios tinham aqui grandes rendas, tanto em Poiares e Canellas, como em Villarinho dos Freires, Amêdo, Sámões, Freixial, etc.

Quando isto passou para a ordem de Malta, foi dividido em cinco commendas, cada uma das quaes rendia annualmente, réis 2:000$000.

Com estes 17 fogos, ou familias, deram principio á freguezia, que, com o tempo, tanto se foi povoando e ampliando, que a ella pertenciam as futuras freguezias de Villarinho dos Freires, com a povoação da Granja, Presiguêda, Escavêdas, e Alvações do Tanha—Alvações do Córgo, com o logar da Azinheira — e Galafura, com a povoação de Covellinhas, á beira do Douro.

Estas trez freguezias e os logares que lhes são annexos, tudo pertencia á de Poiares, e, quando se tornaram parochias, ficaram dependentes da de Poiares.

Até 1826, vinham os sachristães das tres freguezias, com as respectivas cruzes, assistir á festa do padroeiro, no dia 29 de setembro, sendo obrigados a trazerem o rol dos confessados, e a pagarem 20 réis por cada chefe de familia.

Desde esse anno, o vigario, José Rodrigues Pinto, deixou perder (por desleixo) esta posse.

—

Supprimida a ordem dos templarios, em 1311, o nosso rei D. Diniz, doou todos os bens da ordem (1319) á de Christo, que havia instituido.

Segundo a tradição, os templarios que aqui viviam em 1311, foram barbaramente assassinados pelo povo, em vingança dos

crimes que haviam commettido; mas isto não é mais do que attribuirem aos templarios portuguezes os crimes dos de França.

Das nossas historias não consta que um unico templario fosse morto, nem por o povo, nem por sentença—e até a maior parte d'elles, passaram a pertencer á ordem de Christo, então creada.

Alem d'isso, o povo d'esta terra, bom e catholico, jámais perpetraria taes atrocidades.

Poiares, que era commenda, passou (provavelmente por troca) para a ordem de Malta, ou hospitaleiros, e que primeiramente se denominou, de Rhodes.

Esta ordem, dava pousada aos peregrinos que passavam pelas suas commendas, e para esse fim, mandaram construir o edificio, que ainda hoje existe, com o nome de *casa da Torre*, ao cimo da povoação de Poiares, e que é agora propriedade dos herdeiros do capitão Luiz de Figueiredo.

O commendador de Poiares, tinha a seu cargo, as despezas do culto d'esta egreja, e a apresentação e pagamemto da congrua do parocho, ao qual dava—10$000 réis em dinheiro, 30 alqueires de trigo, duas pipas de vinho, e toda a lenha que lhe fosse precisa para queimar.

Davam tambem, dois almudes d'azeite para a alampada do Santissimo, 16 arrateis de céra, e meia arroba de sabão, para a lavagem das roupas brancas da egreja.

Foi commendador de Poiares, o famoso D. frei Christovão de Sernache, cavalleiro professo da ordem dos hospitaleiros de São João de Jerusalem, bailio de Leça, grão chanceller de Rhodes, preeminente ao priorado do Crato (da mesma ordem) commendador da villa de Freixiel, do concelho d'elrei, e fidalgo da sua casa.

Jaz em nobre sepultura, na egreja do mosteiro de Leça do Bailio.

Era irmão de Gregorio de Cernache, senhor de Gaia. (Vide 6.º vol., pag. 93, col. 2.ª, o 4.º Cernache.)

O ultimo commendador de Poiares, frei José da Silva e Athaide, mandou reedificar a capella-mór, e deu novos paramentos e alfaias de muito valor, para a egreja.

O commendador tinha em frente da egreja, uma grande matta de carvalhos, com uma vasta propriedade cultivada, do lado opposto, chamada o *Prado*, composta de hortas e lameiros (prados.)

O mosteiro dos templarios, era ao cimo da matta, em frente da egreja, onde, como já disse, ainda existe a torre, bastante arruinada.

Unidas ao mosteiro, tinham vastas officinas e armazens.

Depois de 1834, o governo vendeu em praça todas as propriedades da commenda, e hoje, a matta, está transformada em vinhas, produzindo, de 80 a 90 pipas de optimo vinho, e em excellentes campos e bellas hortas.

—

Os generos que mais aqui abundam, alem do vinho, são—azeite, cereaes, batatas e pastos para gado.

(O terreno de Poiares, produz annualmente umas 1:000 pipas de vinho, e toda a freguezia 4:000.)

Ha na freguezia, ricos lavradores, e muitos carreteiros, que vivem de levar generos para a Régua e outros pontos.

Ha tambem muitas familias que vivem á lei da nobreza; porém a mais distincta é a dos srs. Correias Leitões, que teem um bonito palacete, no centro da povoação, mandado edificar, pelos annos de 1710, por João Correia Teixeira da Fonseca, seu ascendente.

Canellas

Na villa de Canellas,[1] porém, ha muitas familias nobres, sendo a principal d'ellas a dos Silveiras, que teem um palacete no centro da villa, cuja construcção principiou em 1760, mas não chegou a concluir-se o risco da obra.

O seu ultimo representante, foi Antonio da Silveira, visconde de Canellas, que morreu aqui, e está sepultado no cemiterio da irmandade do Senhor dos Passos.

[1] A antiga villa de *Panoias*. E' a que vem descripta no vol. 2.º, pag. 88, col. 1.ª

Era da familia do famosissimo general Silveira, 2.º conde de Amarante, e 1.º marquez de Chaves.

E' hoje seu representante, o sr. Manuel da Silveira.

Nasceram em Canellas, os generaes Antonio e João de Lacerda, que teem no meio da villa, uma antiga casa, com boa capella, onde teem o Santissimo; e uma casa defronte, no terreiro onde se costuma fazer a feira, no 3.º domingo de cada mez.

E' hoje representante d'esta familia, o sr. Lourenço de Lacerda.

A familia Amaral, de que é actual representante, o sr. José Correia Teixeira Pinto do Amaral, que tem a sua casa no terreiro contiguo com o dos Lacerdas, e onde se faz a feira dos porcos.

A familia dos srs. Penetras, é tambem muito distincta.

Manuel Antonio de Carvalho Seixas Penetra, chefe de uma guerrilha cabralista, aprisionou-me em Covellinhas, no dia 2 de fevereiro de 1847; mas, quando uma escolta me conduzia a Lamego, no dia seguinte, ao atravessar o Douro, em frente da Regoa, os srs. Cruzes de Covellinhas, e alguns cavalheiros da Régoa, desarmaram a escolta, e me libertaram.

Os Penetras e Lacerdas, trataram-me optimamente; não assim, José Cabral Teixeira de Moraes, então governador civil de Villa Real, e que estava na Régua, fugido do Cesar de Vasconcellos.

Este paisano, arvorado em general de guerrilhas (cabos de policia) á ultima hora, mostrou-se commigo um fanfarrão cobarde, e um chapado ignorante das leis de guerra.

Depois de me insultar, na casa da camara, da Regua, sem respeitar, como devia, a minha posição de prisioneiro de guerra, mandou lavrar *auto de corpo de delicto* (!) contra mim.

A escolta que me levava, commandada por um facinoroso, denominado *Luiz do Ribeiro d'Agua* (que fôra um sanguinario perseguidor das liberaes, no reinado do sr. D. Miguel, e que, desde 1834, era perseguidor dos realistas) tinha ordem de me assassinar, em sitio apropriado, no trajecto do Barosa a Lamego!

Se os meus libertadores não viessem tanto a tempo, com certeza não existia hoje o *Portugal Antigo e Moderno*, em que já n'esse tempo trabalhava havia seis annos.

Recebam pois aqui os meus agradecimentos os srs. Penetras, o sr. Lacerda, e o sr. dr. Ayres, de Galafura, que, sendo meus inimigos politicos, me trataram com a dignidade e attenções proprias de cavalheiros bem educados.

A minha gratidão eterna aos bravos srs. Cruzes, de Covellinhas, assim como aos srs. Camillo José de Macedo, José Maria, e Francisco Guilherme, da Regua; que, com tanta bisarria me salvaram a vida, e deram a liberdade.

Uns e outros, certifiquem-se mais uma vez, de que—*por fazer bem, nunca se perde.*

Quanto ao sr. José Cabral Teixeira de Moraes, se ainda for vivo, perdoo-lhe a sua ignorancia, grosseria e charlatanismo; e lembre-se que, um prisioneiro de guerra, entre nações civilisadas, é um homem sagrado; e que mostra tanta cobardia como malvadez, o que o insulta, fiado na impunidade—e, finalmente:

«que é fraqueza entre ovelhas ser leão.»

—

Desde 1807, deu Canellas, dois tenentes-generaes, dois condes (os de Amarante), um marquez (o de Chaves) álem de outros muitos valentes militares.

O actual bispo de Cabo Verde, é tambem natural de Canellas.

—

O primeiro assento de Canellas, foi nos logares hoje chamados *S. Gonçalo* e *Corvaceira*; mas, sendo estes sitios atacados por uma espantosa multidão de formigas, que destruiam todos os vegetaes, foram os habitantes mudando pouco a pouco as suas casas para o alto, e assim se deu principio á villa de Canellas.

Ha aqui uma linda capella, de Nossa Senhora da Purificação (das *Candeias*) onde está a irmandade do Senhor dos Passos.

Esta capella foi mandada edificar por D. Maria I, e á sua custa.

No sitio da *Fonte do Milho*, em uma propriedade que hoje pertence aos herdeiros de D. Manuel da Prelada, existe ainda uma muralha, restos da antiquissima fortaleza.

Tem aqui apparecido differentes moedas de prata e cobre, quasi todas do imperador Tiberio.

—

Tornemos a Poiares.

Viveu n'esta freguezia o dr. Jeronymo Gomes Carneiro, medico do partido da camara do Peso da Régua, e delegado de saude.

Era filho de José Gomes Carneiro e de sua mulher, D. Maria Barbara de Azevedo.

Formou-se em medicina, em Montpellier, por diploma de 15 de julho de 1843, tendo-se habilitado na cidade do Porto, em 27 de fevereiro de 1855.

Foi nomeado socio correspondente da sociedade de medicina e cirurgia pratica de Montpellier, em 2 de julho de 1843—da academia de sciencias medicas, de Marselha, em 5 de agosto de 1843—e da sociedade de sciencias e bellas artes, de Toulon, em 7 do mesmo mez e anno.

Por serviços humanitarios, foi agraciado pelo governo portuguez, com a commenda de Christo, por decreto de 27 de maio de 1867.

Era um medico intelligentissimo, curando pelos systhemas allopathico e homeopathico—segundo o methodo que lhe parecia mais apropriado á doença, e sendo feliz nas suas curas, obteve creditos de um medico excellente.

Casou com a sr.ª D. Francisca Rita de Menezes Montenegro, filha do desembargador, Antonio Cardoso Pinto Montenegro, fidalgo com exercicio no paço, e de D. Thomazia Carolina Correia Leitão.

Alem de ser um medico distincto, era um perfeito homem de bem, e geralmente estimado e respeitado.

Falleceu em 24 de abril de 1876, deixando a sua viuva, e dois filhos, o sr. Antonio Montenegro Gomes Carneiro, e a sr.ª D. Maria das Dôres Montenegro Carneiro, dignos filhos de taes progenitores.

A sr.ª D. Maria das Dôres, ainda é solteira.

Seu irmão, casou em Canellas, com a filha unica do sr. capitão Pinto Barreiros, um dos maiores proprietarios da comarca.

—

E' a freguezia de Poiares, uma das mais vastas, mais ferteis e mais ricas da Provincia.

Principiando na foz do Corgo (onde conflue com o Douro) a um kilometro da Regua, prolonga-se pela margem do Douro, até proximo de Covellinhas, a 6 kilometros a E.N.E. da Regua, com cuja freguezia confina.

D'aqui segue até ao alto da povoação da Estrada, onde confina com a freguezia de Galafúra.

D'aqui, seguindo para o O., até á esquerda do Corgo, limitam-a, pelo N., as freguezias de Abáças e Villarinho dos Freires, tendo uns 20 kilometros de circumferencia.

A sua principal producção, é vinho fino, de embarque, creado nas margens do Douro e Corgo, e vinho de consumo, nos terrenos elevados; produzindo tambem muito azeite e cereaes.

A villa de Poiares, fica no ponto mais elevado e mais central da freguezia, a 8 kilometros a N.E. da Regua, e d'alli se vê Lamego, Cambres, Samodães, Penajoia, Armamar, e outras muitas povoações e serras da Beira Alta, na margem opposta do Douro.

O terreno em redor de Poiares, é fertilissimo, e seus habitantes, no geral, muito trabalhadores, religiosos e pacificos; decorrendo annos sem aqui haver uma desordem.

E' quasi patriarchal o viver d'esta gente, sendo trivialissimo ver aqui, ricos proprietarios, colhendo 80, 90 e mais pipas de vinho, e exportando, alem d'este genero. madeira, lenha, fructas, azeite, etc.; ver estes proprietarios, digo—e suas mulheres e filhos, trabalharem nos campos e nas vinhas, misturados com os creados e jornaleiros, sem distincção na mesa nem no serviço.

—

Houve aqui familias nobres e ricas, avul-

tando entre ellas, a dos Cachapuzes, hoje extincta.

Os restos do que foi d'elles, fórma ainda um bom casal, propriedade do sr. Jorge Augusto Ferreira, de Penajoia, senhor da casa da Capella, na Corvaceira.

D'outras casas ricas que aqui houve, apenas hoje resta a memoria, e da antiga nobreza, só existem duas virtuosissimas, respeitaveis e decrepitas senhoras, solteiras—D. Maria Clementina e D. Francisca—representantes da familia Leitão Montenegro.

São irmans do sr. Bernardo Pereira Leitão, da rua das Flores, na cidade do Porto.

—

O mosteiro dos templarios, era formado sobre uma vasta arcaria, franca ao publico, que tudo o tempo destruiu, á excepção da torre, como já disse; e a egreja matriz, que, com as successivas reedificações, pouco tem de primitivo.

E' um templo vasto e bem situado, mas de singela architectura.

Ha n'elle duas grandes e formosissimas imagens, feitas no Porto, em 1873—uma é o Senhor dos Passos, e a outra, a Senhora da Soledade.

A torre, tem um magnifico relogio.

A residencia parochial, foi um bom edificio, mas está em completa ruina.

E' aqui actualmente vigario, o sr. D. Jayme da Paixão Souza Bahia, da nobre familia Bahia.

Apezar da extincção dos dizimos, ainda esta freguezia rende annualmente, para o parocho, perto de 700$000 réis.

N'esta egreja se fazem annualmente 10 a 12 festividades, todas com muita decencia; alem de sumptuosas Endoenças.

E' para lamentar que este templo esteja sempre obstruido com as *carcaças* dos andores, tumbas e outros objectos, por não ter casa da fabrica, nem para as sessões da junta de parochia, nem para arrecadação—e mesmo a sachristia é insignificante.

Se deixassem de fazer as suas festas em dois ou tres annos, com o dinheiro n'ellas dispendido, podiam fazer tudo o que lhes falta.

Ha na egreja uma antiquissima cruz, de pau santo, e de muito valor archeologico.

Tem mais de um metro d'altura, e é toda coberta de laminas de prata, de esquisito lavor, com varias figuras, um Crucifixo, tambem de prata, e uns celebres cordões do mesmo metal.

Teve uma pianha, tambem muito esquisita, em fórma de cabaço, e de prata, pela qual um commendador deu em troca, uma cruz do mesmo metal, que os francezes roubaram em 1807 ou 1808.

—

Segundo a tradição, andando uma mulher surda-muda a guardar gado, no sitio de Santa Barbara, 1 kilometro a E. de Poiares, estando a fiar, sentada em um monte de pedras soltas, lhe cahiu o fuso, sumindo-se por entre as pedras, e puxando pelo fio, viu brilhar o que quer que fosse, e foi correndo dar parte aos habitantes do povo, *fallando claramente*. Aquelles, pasmados de ouvirem fallar a surda-muda, correram ao sitio, e arrumando as pedras, acharam a tal cruz e dois sinos.

Para commemoração d'este achado, collocaram no sitio da apparição, uma grande cruz (*cruzeiro*) de granito: e, todos os annos, em dia de Santa Cruz (3 de maio), levam da egreja, em procissão, a cruz, até ao logar onde foi achada, e alli dão tres voltas em redor do cruzeiro, regressando á egreja, depois de terem alli feito as suas ladainhas e orações.

—

A povoação da *Estrada*, é pequena, e a principal familia que n'ella reside, é a viuva e filhos do riquissimo proprietario, o doutor Abilio.

—

Villa Sêcca, aldeia, d'esta freguezia, é muito fertil, tem proprietarios ricos, e tambem aqui houve familias nobres.

—

Ceára, outra aldeia da freguezia, é povoação pequena, mas tem boas casas, de ricos proprietarios.

—

Ha n'esta freguezia sitios muito pittorescos; um d'elles—a *Corvaceira*—d'onde se

gosa um vasto horisonte, incluindo uma grande extensão do rio Douro, e muitas freguezias e povoações das suas duas margens, assim como a formosa e fertilissima bacia de Jugueiros, Mourões, Torre, Cambres, São Gião, e Corvaceira (da Beira-Alta, na margem esquerda do Douro, freguezia de Penajoia — vol. 2.º, pag. 406, col. 1.ª, no principio) Lamego, e S. Domingos da Queimada.

O *Monte-Raso*, ao E. de Canellas, é tambem um sitio muito pitoresco. D'aqui se olha com pasmo, para o rio Douro. Um monte quai perpendicular, de 2 kilometros, cahe sobre o *Poço da Pedra Caldeira*.

Toda esta medonha encosta, está coberta de vinhas, que dão vinho finissimo; parecendo impossivel poderem por alli andar os pobres trabalhadores.

É um terrifico despenhadeiro, como o do *Picão do Arda*, e como o de Santarem, que está sobre o Tejo.

No tópe d'este monte, está um marco geodesico, ou trigonometrico, e d'este sitio se descobrem largos horisontes; mas esta vista é triste, pois consta de montes escalvados, outeiros pyramidaes, desfiladeiros e gargantas medonhas. Vêem-se tambem alguns pinheiraes e olivêdos, e raras vinhas ou campos.

Perto do Monte-Razo (ao E.) fica o *Valle do Carro*, que se prolonga, monotono e triste, por entre encostas escalvadas, desde as proximidades de Poiares, até á grande e famosa quinta de *Valle de Figueira*.

Vêem-se por estes sitios, aridos e silenciosos, de distancia a distancia, ruinas de edificios, que parece terem sido outr'ora habitação de salteadores.

No alto, se encontram grossas paredes, construidas de pedras miudas, que foram muralhas de antiquissima fortaleza, dos primitivos lusitanos ou dos romanos.

—

Na extremidade E. d'esta freguezia, sobre o *Valle de Covellinhas*, junto á *quinta dos Carvalhos*, do sr. desembargador Leite, ha um sitio denominado *as Piscas*, muito accidentado, coberto de penhascos de fórmas bizarras — uns, parecem casas; outros varandas e minarêtes; outros de côr avermelhada, cortados a prumo, sobre o abysmo, o que tudo, visto de perto, é feiissimo, mesmo de dia; porém de noite horrorisa.

Aguas vertentes para o rio Córgo (ao O.) e junto a Villarinho de Freires, mas ainda nos limites d'esta freguezia de Poiares, ha um sitio denominado *Castro*, que foi provavelmente fortaleza dos romanos, e talvez mesmo dos povos que os precederam. É um vasto môrro, de fórma oval, terminando em um bonito e vistoso plató, hoje coberto de vinhas.

Ainda ha gente viva, que se recorda de vêr aqui restos de fortes muralhas, que foram arrasadas, para se plantarem as vides: encontrando-se por essa occasião, varios objectos de fórma esquisita e de applicação desconhecida, sendo alguns d'ouro—e muitas moedas romanas, de cobre, umas com o busto, outras com o corpo inteiro, de varios imperadores romanos, mas, a maior parte, de Constantino Magno. Varios cippos de marmore (pedra que não ha n'esta provincia).

(Adiante tratarei mais circumstanciadamente das antiguidades existentes n'estas terras.)

—

Ha n'esta freguezia, importantes quintas, de vinho fino. Principiando pelo O., e logo junto da foz do Corgo, a *quinta da Vaccaría*, do sr. Joaquim Firmino da Cunha Reis, de Braga. É uma das mais notaveis do Douro, comprehendendo grande espaço sobre a sua margem direita. Produz mais de 100 pipas de vinho superlativo, muito azeite, muita fructa, muita baga de sabugueiro, e muitas cannas, que são aqui muito apreciadas para a empa das vides.

Pertence a esta quinta, a barca da passagem do rio Córgo, que rende mais de quatrocentos mil réis por anno.

Em frente d'esta propriedade, na margem opposta do Douro (esquerda) a *quinta de Melres*, do sr. João Pinto Pisarro da Cunha Portocarreiro, da *casa das Sereias* (*palacio dos Bandeirinhas*, no Porto.)

No inverno de 1822, para 1823, rebentou no alto d'esta quinta, que é muito ingreme, um furioso *olho marinho*, que arrojou sobre

o Douro, as casas, e tanta quantidade de pedras e terra, que, apezar da largura que o rio tem aqui, e da impetuosidade da sua corrente, n'este sitio (o *Ponto do Córgo*), fez represar a agua, que subiu até ás janellas da casa da quinta da Vaccaria, arrancando um grande cypreste e outras arvores que havia junto á casa; e entrando pelo rio Córgo, foi arrazar um grande engenho de moagem, da quinta do *Vallado*, na freguezia de Villarinho dos Freires, da familia Ferreirinha, da Régua.

Tantos e tão grandes penedos ficaram desde então no leito do Douro, que, apezar dos muitos d'alli extrahidos pela companhia dos vinhos, ainda, na estiagem, se vêem bastantes.

Com a quinta da Vaccaria, prende a *dos Curraes*, dos filhos de Macario de Castro, de Lamego. É tambem um vasto predio, e produz vinho fino, de diversas qualidades, sendo uma boa porção, de delicioso moscatel.

A seguir na mesma direcção, e sempre pela margem direita do Douro, está a *Quinta Velha*, do sr. Verissimo Albino Teixeira Vaz Pinto, do Burgo, d'Arouca.

Com esta, confina a grande quinta do *Cannal*, que foi dos padres congregados, de S. Philippe Nery, e é hoje do sr. conde de Castro.

Segue-se a quinta do *Zambulhal*, propriedade do dono da quinta de Melres, o sr. Cunha Portocarreiro, do Porto. É uma grande propriedade, produzindo muito bom vinho, e muito azeite; apezar de andar mal cultivada.

A partir com esta quinta, está a do *Enxudreiro*, do sr. Manuel da Silveira, de Canellas. O vinho d'esta quinta, é finissimo, apezar de estar quasi inculta, e ser o terreno solto, escabroso, e o mais ardente do Alto-Douro, abrangendo os medonhos alcantis da Pedra-Caldeira, de que já fallei, e cuja plantação devia ser carissima, pela perpendicularidade do solo, e por ser feita em rocha schistosa.

Adiante seguem-se, na base do celebre *Monte-Razo*, as quintas de *Pena-Má*, e *Valle de Figueira*, propriedade do sr. doutor Manuel Antonio de Carvalho Seixas Penetra, de Canellas. Tambem produzem vinho finissimo.

E outra quinta de *Valle de Figueira*, do sr. José Correia Teixeira Pinto do Amaral, tambem de Canellas (filho da sr.ª D. Jeronyma de Valle de Figueira), e do sr. José Paulo, de Abambres.

São estas as principaes quintas de vinho fino que ha em Poiares.

A *quinta da Deveza*, que foi do visconde de Canellas, e é hoje do *brasileiro*, Domingos Madeira, de Villa-Sêcca de Poiares — e a quinta *dos Curraes*, que é contigua, tambem são ferteis, e produzem muito azeite, fructas e umas 100 pipas de vinho soffrivel.

Em seguida á quinta da Deveza, ao N., está a quinta do fallecido Marcos, da Fonte do Pêso, e hoje de seus filhos. É grande e fertil. Tem boas casas, em que antigamente residiram seus possuidores, sendo então esta propriedade esmeradamente cultivada.

É tambem digna de especial menção, a *quinta da Commenda*, do sr. Lucio Rodrigues Pinto, em Poiares, junto á egreja parochial. Foi cabeça da grande commenda dos templarios, e depois da ordem de Malta. É ainda uma propriedade de muita valia, em terreno quasi plano, e extremamete fertil. (É a de que fallei, no principio d'este artigo.)

—

Além das quintas mencionadas, ha n'esta freguezia outras importantes, e rendosos casaes, de que não faço especial menção, para não fatigar mais os leitores.

—

Além dos monumentos e ruinas que descrevi no artigo *Panoias* (de Traz-os-Montes), existem por estes sitios outros muitos vestigios de construcções antiquissimas.

—

No sitio chamado *Fonte do Milho*, da freguezia de Poiares, se vêem as ruinas de uma antiga fortaleza, e alli se teem achado muitos *picaveques*, tijolos, e algumas casas subterraneas, que tudo demonstra ser construcção romana, pela perfeição da obra.

A uns 200 metros do logar de Abâças, d'este concelho, está o monte do Crasto, e

no seu cume ha ruinas de uma povoação, que se diz foi praça romana.

Teem-se aqui, por muitas vezes, achado muitas moedas de cobre, tendo de uma parte a figura de um homem, e da outra, uma especie de escudo d'armas, cercado por uma legenda, da qual só se podia ler em algumas, a palavra ROMANORUM.

No seculo XVIII, a camara de Villa-Real, mandou á academia real de historia portugueza, algumas d'estas medalhas.

Na freguezia de Cóvas, ha um sitio chamado *Torre*, no qual se vêem as ruinas de dois castellos, onde tambem teem apparecido muitas moedas romanas.

No fim da freguezia de Adoufe, para a parte do N., acima da estrada de Villa-Real para Chaves, entre os logares de Estariz (d'esta freguezia) e o de Bonagouro, está um sitio chamado *Pedra da Mão do Homem*. (Vide 6.º vol., pag. 518, col. 2.ª)

—

Junto á aldeia de *Outeiro Jusão*, a 3 kilometros de Chaves, em uma quinta, que foi de José de Sampaio, e em outras propriedades proximas, ha vestigios de uma grande povoação, do tempo dos romanos; pois se tem aqui achado por muitas vezes, lageados de cantaria, alicerces de pedra lavrada, grandes tijollos e pequenos, de differentes fórmas, restos de edificios sumptuosos, cippos e outras antiguidades.

A uns 500 metros d'este sitio, na aldeia de *Saimões*, em uma vinha, se acharam no meiado do seculo XVIII, alicerces de grandes edificios.

D'isto se collige, que á raiz septentrional da serra, e confrontando com a veiga de Chaves, houve tambem uma povoação romana.

Na aldeia da *Granjinha*, se teem achado muitos vestigios de edificios romanos, como são—capiteis de columnas, de jaspe—tróços de estatuas, e outros objectos, de elegante architectura.

Nas aldeias de *Santo Estevão*, e das *Eiras*, na raiz da mesma serra, se teem tambem descoberto bastantes vestigios de construcções e esculpturas romanas.

Entre os logares de *Outeiro Secco*, e *Villa Mean*, a uns 9 kilometros de Chaves, no sitio chamado *Lagares*, se veem restos de edificios romanos, e proximo a este logar, ha ainda algumas cóvas, largas e profundas, que dão indicios de serem restos de minas de ouro ou prata, lavradas pelos romanos.

E' certo que por estes sitios houve exploração de minas de metaes preciosos, em grande escala, o que explica a existencia de tantas povoações romanas.

Perto da referida aldeia dos Lagares, se achou, em 1721, grande cópia de moedas romanas, de diversos imperadores; e já antes d'isso, o dono da propriedade tinha alli achado 20 e tantos marcos d'ellas, que vendeu a um ourives, que as derreteu para lhes dar diversas applicações.

Junto ao logar de *Villarandêllo*, 18 kilometros a E.N.E. de Chaves, e que é situado no alto de um monte, existem as ruinas de uma grande povoação, a que ainda hoje dão o nome de *Cividade*.

Dizem os d'aqui, que foi cidade mourisca; porém Thomé de Tavora e Abreu, no relatorio que mandou á academia real de historia portugueza, diz, que as muralhas demonstram ser obra romana; o que se confirma por ter encontrado o mesmo Thomé de Tavora, á entrada de Villarandello, um padrão romano (marco milliario) com a inscripção seguinte:

IMP. CAES. M. OPELLIO SEVE.
MAGNO PIO FEL. INVICTO
ET MAGNO AUG. ET M. OPELLIO
ANTONINO DIADUMENTANO NO-
BILIS S. MO. CAES. PRINCIPI JU-
VENTUTES.

(Este padrão foi dedicado ao imperador Cesar Macrino Opellio Severo, Magno, Pio, Feliz, Invicto, Augusto—e a Macrino Opellio Antonino Diadumentano, nobilissimo cesar, principe da juventude romana.)

Opellio Macrino imperou nos annos 217 e 218 de Jesus Christo.

—

Proximo ao logar de *Villas Bôas*, a 9 kilometros de Chaves, em um alto, existem

ruinas de uma fortaleza e povoação, que parecem ser obra romana, porque, pelos annos de 1710, se achou aqui uma grande quanidade de moedas romanas.

Em *Villa Nova do Monte,* limite da ribeira de S. Thiago, a 24 kilometros de Chaves, se veem as ruinas de uma cidade que tinha mais de dois kilometros de circumferencia.

Tem muralha, fosso e contra escarpa.

Entre este sitio e o logar de *Lama de Ouriço,* ha uma cordilheira de montanhas, e em diversas partes d'ellas, ha vestigios de edificios antiquissimos, e umas cavernas á raiz da montanha, algumas abertas a picão, na rocha, outras, feitas de alvenaria assente em argamaça.

Tambem parece obra romana.

Vinte e quatro kilometros ao S. de Chaves, adiante das aldeias de *Zêbras,* e *Valle d'Égua* (ou *Valle d'Egas,* como parece mais etymologico) no sitio da *Cabeça do Seixo,* e em uma terra chamada *Santarem,* se encontram ruinas de uma povoação, com dois kilometros de circumferencia.

Ainda em 1750 alli se via de pé, um arco e uma torre, e restos de edificios sumptuosos.

Tambem parece obra dos romanos.

Na aldeia da *Curalha,* a 6 kilometros de Chaves, ha ruinas de uma antiquissima povoação, que foi cercada de muralhas.

Ainda a isto se dá o nome de *Crasto da Curalha.*

Dizem que foi povoação mourisca, e que a este *crasto* vae ter uma galeria subterranea, que até hoje ninguem se atreveu a investigar, apezar da sua grande largura.

A bocca ou entrada d'esta galeria, fica na outra margem do Tâmega, no logar de *Bóbeda,* e a uns 20 metros da entrada principia a descer, enterrando-se por um monte que cáe sobre o mesmo rio; de módo, que, se este *tunell* vae com effeito ter ao tal *Crasto,* passa por baixo do Tâmega, que n'este sitio corre bastante arrebatado, por entre penhascos, e é certamente uma das obras mais notaveis dos antigos.

—

E' muito interessante a descripção das muitas antiguidades que existem n'este reino, tanto dos tempos pre-historicos, como das que pertencem aos antigos lusitanos, aos phenicios, carthaginezes, romanos, godos e arabes; mas, nem todos os meus leitores simpathisarão com esta leitura, muito mais, porque uma noticia archeologica parece-se muito com outras já lidas.

Deixarei pois as mais noticias de antiguidades que houve, ou ainda se acham no vasto territorio chamado outr'ora *Terra de Panoias,* e suas immediações, para as dar pouco a pouco nas terras onde existiram ou ainda existem: mesmo porque o artigo d'este Poiares já vae muito extenso; e receio tornar-me fastidioso.

POIX—portuguez antigo—depois, para o futuro.

E que esto poix non viña en dovida, nós de susoditos encomendamos ende a seer factas duas Cartas por A. B. C. departidas. (Doc. de Salzedas, de 1273.)

POLA—portuguez antigo—augmento, sublimidade, grandeza.

POLAINA — portuguez antigo — Insignia oprobriosa das alcoviteiras.

Era uma *baetilha de seda vermelha,* que traziam na cabeça, emquanto não partiam para o degredo.

(Ord. do L.º 5.º, tit. 32, § VI.)

Tambem lhe davam o nome (á *polaina*) de *enxaravia.*

POLDRAS—vide *Pondras.*

POLDRAS—portuguez antigo—ainda usado nas provincias do N.—pedras, ou *passadeiras* que se põem nos ribeiros de pouco fundo, para que a gente os possa atravessar a pé enchuto.

POLGAMÍO e depois **POLGAMINHO**—portuguez antigo—pergaminho.

POLGAMÍO DE PAPILLO—portuguez antigo—papel de trapo.

POLHA—portuguez antigo—gallinha.

POLVOREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 20 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

As religiosas de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde, apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

No monte da *Polvoreira*, proximo ás Caldas de Visella, ha um dolmen.

POMARÃO—aldeia, Alemtejo, na raiz da serra de S. Domingos, proximo e abaixo (ao O.) de Mertola, sobre a direita do Guadiana.

As minas de cobre de *S. Domingos*, ou do *Pomarão*, são as mais ricas que Portugal possue actualmente.

São de uma companhia ingleza.

Já foram exploradas pelos romanos e pelos arabes, o que está plenamente provado, pelas antigas galerias que se teem descoberto, e por terem aqui apparecido com frequencia, notaveis objectos archeologicos, do tempo d'esses dominadores do mundo.

Em 1867, se achou aqui uma lindissima medalha de ouro, do imperador Nero, em perfeito estado de conservação.

Tanto esta medalha, como os instrumentos antigos encontrados, teem sido, quasi todos, remettidos para Inglaterra.

A lavra d'estas minas é feita em grande escala, produzindo annualmente, mais de 200 navios de minerio.

A despeza mensal, regula por 40:000$000 réis.

Trabalham diariamente, debaixo da terra, 400 a 500 pessoas.

1:600 a 2:000 cavalgaduras e 200 carros, andavam aqui ompregados, antes de se fazer o caminho de ferro americano, de 20 kilometros de extensão, que leva o minerio para o caes, no Guadiana.

Este importante centro de industria, tem excedido em organisação, valor e prosperidade, as mais opulentas minas da Peninsula, e que domina o mercado inglez, está situado na zona do 4.º districto mineiro, na comarca e cancelho de Mertola, e na freguezia de Santa Anna, de *Cambas* (vol. 2.º, pag. 51, col. 1.ª, no fim) perto (ao N.) da margem direita do Guadiana.

O jasigo metalifero, consiste em uma massa compacta de pyrites de ferro cuprifero.

A demarcação d'este terreno mineiro, abrange uma área de 399:000 metros quadrados.

Os primeiros possuidores (modernos) eram portuguezes; mas não podiam explorar estas minns, por falta de capital.

Em 1859, foi feita a concessão, aos srs.: Ernesto Deligny, Luiz de Cases, Duc de Gluchsbierg, e Eugenio Ducle; sendo dados plenos poderes ao habil engenheiro, o sr. James Mason (feito visconde do Pomarão, em 24 de janeiro de 1866) para dirigir os trabalhos.

Pelo poder invencivel da actividade e intelligencia d'este cavalheiro, dirigindo e movendo o capital e os braços, o deserto, árido e inutil que rodeava as minas, se transformou em uma risonha povoação, activa, e abastecida de todos os generos necessarios á vida, e na qual avultam, o elegante palacete da empreza, a egreja, o hospital, um theatro, uma bibliotheca, uma casa de recreio; em volta do que se agrupam mais de 400 casas de habitação, para os operarios.

A mina principal, foi posta em communicação com o Guadiana (a cuja margem levou a animação e a vida) por um caminho de ferro—*rail-road*.

A empreza tem dispendido, em construcções e material, até 1875, mais de 1:600 contos de réis.

Emprega actualmente, em toda a qualidade de trabalhos, mais de 1:600 pessoas.

O porto do Pomarão, insignificantissimo antes da lavra d'estas minas, é hoje um ponto de grande importancia, pela concorrencia dos navios de vela e vapores, que vem aqui carregar de minerio, para o levarem para a Gran-Bretanha.

O imposto para o estado anda annualmente por perto de 40 contos de réis.

—

E' louvavel o comportamento do sr. visconde do Pomarão, que, sendo protestante, fez construir uma formosa e elegante capella catholica, para que os seus empregados

e operarios e suas familias, alli vão assistir aos officios divinos.

Ainda fez mais—hindo a Roma, com sua esposa, nos fins do anno de 1874, sollicitou e obteve uma audiencia do Santissimo Padre, Pio IX, e foi tal a abundancia dos objectos de piedade, sobre os quaes pediu as bençãos de Sua Santidade, que regressando ao Pomarão, não houve pessoa alguma que deixasse de ser contemplada com rosarios e outros objectos.

—

Em 21 de julho de 1875, houve um incendio, na mina de S. Domingos, ardendo uma extensão de galerias, que causou á companhia um prejuizo superior a 100 contos de reis.

Em abril de 1876, um terrivel incendio, devorou o edificio das machinas de moagem do minerio, construido no sitio chamado *Achada do Gamo*, não deixando senão as paredes.

Tambem a empreza soffreu um prejuizo não inferior a 100 contos de réis.

—

E' pena que este prospero e utilissimo estabelecimento, tão magistralmente montado, e que tão grande importancia tem dado a estas terras, esteja em um sitio bastante doentio, sujeito principalmente a febres intermitentes.

E' tambem para lamentar, que, ou o descuido, ou a temeridade dos operarios—ou a impericia dos mestres que os dirigem, tenham dado causa a bastantes mortes, contusões e ferimentos, que, com tanta frequencia aqui tem havido.

Ainda no dia 8 de agosto de 1875, andando 8 operarios a vigiar um tunell, arruinado pelo violento e repetido choque dos wagons, desabou uma parte do tunell, ficando seis individuos envolvidos nas ruinas.

Trez, sahiram horrivelmente mutilados e já cadaveres—e os outros, foram recolhidos ao hospital das minas, perigosamente feridos; só dois ficaram illesos.

POMARES—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil (foi da comarca de Midões, concelho d'Avô, supprimidos) 45 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

Tem 320 fogos.

Em 1757, tinha 217 fogos.

Orago, Santa Luzia.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado, e tem muita caça.

Passa pela freguezia a ribeira de *Pomares*, que nasce junto do *Sobral Magro*, no extincto concelho d'Avô, e desagúa no sitio do *Pégo*, no rio Alva.

POMARES—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 20 kilometros d'Evora, 130 ao S.O. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 22 fogos.

Orago, S. Bento.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo e 30 de cevada.

E' terra fertil em cereaes, e sobretudo em fructas (e é por isso que lhe deram o nome de *Pomares*.)

Ha por estes sitios grande abundancia de caça, grossa e miuda, pois está a freguezia na serra d'Ossa.

Tambem cria muito gado de toda a qualidade.

Teve annexa a freguezia da *Torre dos Coelheiros*.

E' povoação antiquissima, e muito celebre pelo famoso templo de Venus, fundado por Sertorio, no anno 80 antes de Jesus Christo.

Estava edificado no monte, hoje chamado de *S. Gens*.

D'elle não restam vestigios, porque os duques de Bragança o mandaram demolir, para com seus materiaes edificarem mosteiros, na sua villa de Villa Viçosa.

Não é menos célebre pelas victorias n'estes sitios obtidas pelo grande Viriato, beirão, contra os romanos.

Para se evitarem repeti-

ções, vide 6.º vol., pag. 296, col. 2.ª

No logar citado, fallei na sepultura de Lucio Sylo Sabino—aqui darei na sua integra a inscripção d'este curioso monumento. E' como se segue:

L. SYLO SABINUS, BELLO CONTRA VIRIATUM,
IN. EBOR. PROV. LUSIT. AGRO MULTITUDINE
TELOR. CONFOSSUS AD G. PLAUT. PRAET.
DELATUS. HUMERIS MILIT. H. SEP. E.
PEC. MEAM F. I. N. QUO NEMIN.
VELIM MECUM NEC SERV. NEC LIB.
IESERI ST. SECUS FIET VELIM OSSVA.
QUORUMQUE SEPULCR. MEO ERVI
ST. PATRIA LIBERA ERIT.

(Eu Lucio Sylo Sabino, que nos campos de Evora, na Lusitania, na guerra de Viriato, fui ferido com muitas lançadas, e conduzido aos hombros dos soldados, ao pretor Cayo Plaucio; mandei fazer esta sepultura, na qual se não enterrará mais nimguem, livre ou escrava, e se se fizer o contrario, os ossos d'aquelle, quem quer que seja, se tirem fóra; e se a patria estiver livre, quero que os meus restos mortaes sejam para lá conduzidos.)

POMARES—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 15 kilometros da Guarda (foi do extincto concelho de Jermêllo, comarca da Guarda) 315 kilometros ao E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 69 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

O prior de Argomil, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra pouco fertil, mas cria bastante gado miudo e algum bovino. Tem muita caça, grossa e miuda.

POMARES—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Beja, 24 kilometros ao O. d'Evora, 130 ao S. de Lisboa.

Tem 40 fogos.

Em 1757, tinha 280 fogos. [1]

[1] Aqui ha, de certo, engano no *Portugal Sacro e Profano.*

Em pouco mais de 100 annos, não podia esta freguezia diminuir seis 7.as partes da sua população.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 60 de cevada.

E' terra muito fertil em cereaes, vinho, legumes e fructas.

Cria muito gado, de toda a qualidade, nos seus montados, onde ha tambem grande abundancia de caça, grossa e miuda,

POMBAES — logar, Alemtejo, freguezia, concelho e 1:500 metros ao N. de Castello de Vide.

Em uma antiga divisão de terras, denominada — *Coutos da Villa* — e no sitio dos *Pombaes*, existe um dolmen, chamado por isso *dos Pombaes*.

Está construido sobre uma lagem de granito, e de granito são tambem todas as peças d'este monumento pre-historico.

Sobre cinco pedras ou esteios, perpendiculares—todos ainda de pé—está a grande lagem que forma a *mesa*, ou ára.

O dono do terreno em que se acha o dolmen, o transformou em casa, mandando tapar os intervallos dos esteios com paredes de alvenaria, deixando só um, que actualmente lhe serve de porta.

A *mesa*, tem $4^m,2$ de comprido, $3^m,25$ de largo; e o dolmen, $1^m,62$ de alto.

A lagem superior, pelo abatimento de alguns dos esteios, está um pouco desviada da sua primitiva horisontalidade, inclinando para o O.

—

A uns 1:500 metros d'este dolmen, na divisão chamada—*Folha da Ameixoeira*—a 2 kilometros de Castello de Vide, estão os restos de outro dolmen, denominado de *Corleiros*.

Só dois esteios estão hoje de pé. A *mesa* cahiu e está partida.

POMBAL—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazeda de Anciães, comarca de Moncorvo, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr:

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Marzagão, apresentava o vi-

gario, collado, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra fertil, gado e caça.

Abaixo da capella de S. Lourenço, no fim de uma imminencia summamente aspera e fragosa, descendo para o rio Tua, a 4:500 metros da povoação do Pombal, e 35 da Torre de Moncorvo, está uma nascente d'agua thermal—sulferea— dentro de uma especie de *mãe d'agua*, sahindo na quantidade de pouco mais de uma têlha, sem augmento ou diminuição nas diversas estações do anno.

A agua é diafana, mas alguma cousa esbranquiçada, e como que levemente saponacea.

O seu gôsto e cheiro é o de todas as aguas sulfureas mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulfurado, com uma tenue porção de sulfatos de bases terreas, e ainda menor porção ferruginosa.

Deixa por onde passa, um precipitado ou residuo branco, que, depois de sêcco, se inflamma, fazendo uma chama asulada e produzindo um fummo suffocante.

A sua temperatura, dentro da nascente, é de 95 a 97 gr. F.—ou 28 a 29 R.

A uns 300 metros ao N. d'esta fonte, no meio de um silvado, ha uma outra pequena, nascente, em tudo e por tudo egual á que fica mencionada.

A este Pombal, para o distinguir dos outros, se lhe dá vulgarmente o nome de *Pombal de Anciães*.

POMBAL—freguezia, Traz os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 150 kilometros a N.E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos. Em 1757, tinha 26 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé, apresentava o cura, que tinha 8$600 réis de congrua e o pé d'Altar.

Terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, e tem muita caça.

Ha n'esta freguezia uma fonte d'agua mineral quente.

Fica proxima a aldeia de *Valle de Cordas*, que foi parochia; mas, arruinando-se a egreja, e não se reedificando, foi annexa a esta.

POMBAL (*quinta do marquez do Pombal*) —Extremadura, Cintra.

E' uma formosa propriedade, com um bom palacio; mas o que a torna mais notavel são as suas ruas, cobertas de frondoso arvoredo, sobre tudo a chamada *Passeio dos Amores*, coberta por tão basta ramagem, que nem ao meio dia alli póde penetrar o sol.

Tem, alem de grande abundancia d'aguas puras, uma nascente d'aguas ferreas, muito estimada para a cura de padecimentos de estomago.

Vide *Cintra* e *Collares*.

POMBAL—villa, Extremadura, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 16 kilometros ao S. de Soure, 25 ao N.E. de Leiria, 25 a E. do Atlantico, 36 a S.E. da Figueira, 40 ao S. de Coimbra, 41 a O. de Thomar, 42 ao N. de Porto de Mós, 60 ao O.N.O. do rio Tejo, 155 ao N. de Lisboa (tudo em linha recta).

Tem 1:080 fogos (em 1757 tinha 1:90)—4:300 almas, em uma só freguezia (S. Martinho, bispo. — Mas a villa tem apenas 190 fogos, e umas 600 almas).

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario (por ter sido commenda da ordem de Christo). — Tinha de rendimento, 100$000 réis e o pé d'altar.

(Os parochos d'esta villa, e das freguezias de Villa-Chan, e S. Thiago, que formavam o antigo termo do Pombal, eram todos freires de Christo.)

É a 23.ª estação do caminho de ferro do norte.

Tem estação telegraphica.

O concelho do Pombal, é composto das 12 freguezias seguintes: — Litem (S. Simão) e Vermoil, no bispado de Leiria — e no de Coimbra—Abiúl, Almagreira, Litem (S. Thiago), Louriçal, Matta Mourisca, Pelariga (ou Pilariga), Pombal, Redinha, Tapeus, e Villa-Can.—Todas com 6:260 fogos.

A comarca é formada pelos julgados de—

Ancião, com 1:800 fogos—Pombal, com 6:260—Porto de Mós, com 2:800—total dos fogos—10:860.

—

A actual villa do Pombal, está formosamente situada, em uma vasta planicie, na falda occidental do monte onde está o castello, e de outro, que lhe fica a E., chamado *Outeiro das Maias*.

Como todas as povoações portuguezas de fundação remota, ignora-se quando e por quem foi edificada, e até o logar da sua primitiva situação.

Affirmam alguns escriptores, que o seu primeiro assento, foi na encosta de um monte, 500 metros ao N. da villa, onde com effeito ha vestigios de construcções antiquissimas, á entrada da villa — vindo de Coimbra, e no sitio chamado *Ladeira dos Governos*.

Outros pretendem que foi no monte de S. Christovão, ao E., em frente do castello.

É certo que no primeiro sitio houve uma povoação; mas não se segue que seja a primitiva Pombal — e é mais provavel que a actual se fosse construindo pouco a pouco, em volta do castello, como aconteceu a uma grande parte das nossas povoações, que se foram formando em redor das fortificações ou mosteiros.

Todavia, em 1126 (a primeira vez que os templarios passaram por este sitio) já a um kilometro ao E. da villa, existia uma povoação no sitio hoje chamado *Chões*, que alguns pretendem ser a primitiva Pombal.

Talvez que esta antiga povoação fosse de christãos (musárabes) que, attrahidos pelos privilegios dados á nova, e por estarem ao abrigo do castello, preferissem vir aqui estabelecer-se. Consta que era uma parochia, e que a egreja matriz (da invocação de S. Pedro) alli se conservou por muitos seculos, até que o tempo a foi desmantelando, e as suas ruinas foram demolidas ha poucos annos.

—

D. Affonso Henriques, deu o senhorio d'este territorio aos templarios, pelos annos de 1160, e, pelos annos de 1181, o seu mestre, o famosissimo D. Gualdim Paes, de Marecos, tratou de lhe edificar o castello, no sitio mais apropriado, no tope do cabeço, pois foi com tal obrigação que o rei lhe deu este senhorio.

(Parece que D. Manuel I reedificou o castello, pois na sua porta principal estão as suas armas, encimadas da cruz de Christo.)

Temos por certo que é desde então que a villa se foi povoando, e já em junho de 1174, estando D. Gualdim no seu mosteiro de Thomar, deu foral, *aos da terra e castello do Pombal*, com varios privilegios. (*Maço 2.º dos foraes velhos*, n.º 9.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 66 v., col. 2.ª)

Em 1181, ainda D. Gualdim lhe deu uma carta de privilegios, e estabeleceu varios regulamentos. Tudo ainda existe no archivo d'esta camara.

Constituia uma das boas commendas da ordem do Templo, até 1311, e desde 1319, até 1834, o continuou a ser da ordem de Christo.

—

A egreja de Santa Maria do Castello, junto ás muralhas, do lado do S., foi obra de João de Ruão e Jacome de Bruges. Era um templo notavel pela delicadeza das suas primorosas esculpturas.

—

Na egreja, matriz, de S. Martinho, bispo, se congrassou o rei D. Diniz, com seu filho, D. Affonso—depois IV—a instancias da rainha Santa Isabel (1323), em uma das vezes que este principe turbulento pôz guerra a seu pae. (O principe firmou as pazes com solemne juramento, que não tardou a quebrar.)

Consta que por esta occasião, e em signal de regosijo, se deu ás tropas do rei e do principe, um lauto banquete, no campo onde hoje está a estação do caminho de ferro, e que desde então, e por isso, se ficou chamando — *Varzea das Bôdas*.

D. Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto, que escreveu a vida da rainha Santa Isabel, em 1680, diz que rompidas as pazes que o infante havia ajustado com seu pae, no campo d'*Alvalade* (vide vol. 2.º, pag.

67, col. 1.ª, no principio—e pag. 74, col. 1.ª) o infante partiu para Coimbra, e *após elle e em sua perseguição*,[1] D. Diniz.

Que se déra um sanguinolento combate, junto á ponte d'aquella cidade, ficando vencedor o infante e os seus.

Que a rainha e a infanta (D. Constança, depois, rainha de Castella, por casar com D. Fernando IV) presencearam, ou ouviram o fragor da batalha, dos paços reaes (hoje universidade); e tanto fizeram com os dois contendores, ajudadas pelos prelados, mestres das ordens militares, e ricos-homens do reino, que andavam do convento de Santa Cruz—onde estava o infante—para o de S. Francisco, onde estava o rei—que conseguiram que este fosse, com os seus, para Leiria, e o infante, com os d'elle, para o Pombal, *sem levarem comsigo gente de guerra, e só com os officiaes da casa.*

Santa Isabel veiu para esta villa com seu filho, para o persuadir, o que conseguiu, fazendo o infante juramento publico na actual matriz, e pedindo a sua mãe que o fizesse egual, para que as pazes fossem mais seguras.

Se é verdade o que diz D. Fernando Correia de Lacerda, o banquete não foi dado ás tropas, mas sim aos *officiaes* da casa dos dois principes; o que em nada prejudica a tradição.

—

Tem Misericordia e hospital.

Suas armas são—em campo de púrpura, uma torre de prata, com ameias, e sobre ellas, duas pombas, tambem de prata, uma de cada lado da torre, e entre ellas, a imagem do archanjo S. Miguel, e a legenda—AVE MARIA.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 17.º

—

Ao O. da villa, corre o rio, até aqui chamado *ribeira de Litem*, e depois *rio do Pombal*, e mais propriamente *Arunca* (antigamente *Arunqua*), que nasce a 18 kilometros da villa, proximo do *Marco do Farrio;* e depois de regar e fertilisar os campos do Pombal, vae passar a Soure, e Villa-Nova d'Anços, e, engrossado por varios ribeiros e arroios, e com o Anços, desagúa na esquerda do Mondego. Corre arrebatado nas enchentes, destruindo campos e casas; mas sécca completamente se ha uma longa estiagem.

Chama-se no seu principio, *ribeira de Gaia.*

O territorio d'esta freguezia, é fertilissimo de todos os generos agricolas do nosso clima, e cria muito gado.

Tem mercado em todos os domingos e dias sanctificados, que é bastante concorrido.

Diz-se que as aguas de duas fontes que estão a uns 500 metros da villa, curam a dôr de pedra. (São tão corrosivas, que os canos de pedra por onde passam, raras vezes chegam a durar dois annos.)

No *Rocio do Cardal*, ao S.O. da villa, esteve a capella de Nossa Senhora de Jerusalem. Era de abobada, e foi mandada construir por D. Maria Fogaça, que vivia em uma torre proxima, e ao S. da capella. Ainda ha alguns vestigios d'esta torre.

No tempo d'esta dona (que viveu no fim do seculo XII, e nos principios d'esta villa) houve por estas terras uma terrivel praga de gafanhotos e de lagartas, que devoravam todas as plantas.

A camara e os habitantes do Pombal, fizeram uma procissão, que, sahindo da egreja de S. Pedro, se recolheu á do Cardal.

Nos annos subsequentes, *D. Maria Fogaça* tomou á sua conta fazer a festa a Nossa Senhora de Jerusalem, cosendo-se n'esse dia dois grandes bôlos de trigo, dando um ao parocho, e distribuindo o outro pelos circumstantes. (Vide *Feira* e *Fogaça.*)

Depois estes dois bôlos—ou fogaças—se juntaram em um só, feito de 20 alqueires de farinha de trigo, e levado ao forno (que é no Cardal) em um andor, por seis homens, na sexta-feira, e alli está a coser até ao domingo da festa, que era o ultimo de julho.[1]

[1] Se isto assim fosse, não era o filho, mas o pae, que *quebrava as pazes*, faltando ao juramento.

[1] No principio, era esta festa feita no ultimo domingo de junho, mas como ainda então não havia trigo maduro, e elles quizessem que a fogaça fosse feita de pão novo, se mudou para o ultimo domingo de julho.

Hia um homem dentro do forno virar o bôlo.

A fogaça, depois de cosida, era tirada do forno, e levada, em um andor, para a egreja da Misericordia, onde era repartida pelo povo da villa e arrabaldes.

Havia por essa occasião uma grande feira, muito concorrida, a qual tinha antigamente os mesmos privilegios da de março, de Aveiro. (Adiante fallo mais detidamente da festa da Fogaça.)

—

D. Affonso V fez commendador e alcaidemór do Pombal, o conde de Castello-Melhor, para elle e seus successores, depois marquezes do mesmo titulo confirmando a mercê de D. João I.

—

Ignora-se a origem do nome Pombal. Diz-se que, quando D. Gualdim fundou o castello, havia aqui uns rochedos, habitação de grande numero de pombos, e que o mestre dos templarios, o denominou por isso—Castello do Pombal. A lenda porém diz que passando por aqui um rei (?) e vendo sobre as ameias do castello, duas pombas brancas, dissera—*Formoso pombal!*—e que lhe ficou o nome; mas isto não passa de uma d'aquellas muitas etymologias imaginadas pelo nosso povo. Ainda que a primeira versão seja mais verosimil, podemos afoitamente dizer, que não se sabe d'onde lhe provém o nome —se teve outro, ou se a povoação que existiu na *Ladeira dos Governos*, ou a dos *Chões*, já se chamavam *Pombal*.

—

Está a villa cercada de serras pelo E., ficando o seu castello entre os de Monte-Mór-Velho e Thomar.

—

O principe D. João (depois VI), sendo regente, mandou construir a ponte junto á villa, sobre o Arunca, para dar passagem á estrada real, de Lisboa a Coimbra, Porto e provincias do norte. Esta obra foi feita sob a direcção do coronel de engenheiros, Joaquim de Oliveira. É de tres arcos, e elegante, com um vão de 120 metros, pouco mais ou menos. No meio da ponte, do lado do O., se ergue uma *memoria*, com a seguinte inscripção:

ESTA PONTE FOI PRINCIPIADA
NO ANNO DE 1793,
EM QUE NASCEU A SERENISSIMA
SENHORA PRINCEZA, D. MARIA THEREZA,
E ACABOU-SE N'ESTE ANNO DE 1795,
EM QUE NASCEU O SERENISSIMO
SENHOR PRINCIPE DA BEIRA,
D. ANTONIO.

Em seguida á ponte, está um formoso lanço de estrada, orlado, por ambas as margens, de colossaes e frondosas arvores, formando uma abobada de verdura, até á fonte do *Emporão*, a cuja agua o povo attribue a *esquisita* virtude de não deixar sahir da villa, as pessoas que d'ella bebem.

—

Massena, não se atrevendo a atacar as famosas *linhas de Lisboa*, retira para Santarem, em 14 de novembro de 1810, á espera (dizia elle) de novos reforços, e com effeito, recebe 30:000 homens; mas, em vez de atacar as *linhas*, julgou mais nobre e heroica façanha, saquear e roubar as povoações da Extremadura.

Foi então (março de 1811) que a villa do Pombal conheceu evidentemente, o que eram estes *libertadores de Portugal*, que tantas venturas nos promettiam; pois que esta villa foi (como todas as outras povoações por onde passaram estes canibaes) o theatro de todas as costumadas atrocidades dos escravos do Corso, sendo saqueada e incendiada, ficando reduzida a cinzas fumegantes, e só muito tarde se foi pouco a pouco reedificando e repovoando.

Em 1833, o colera-morbus (tambem importado do estrangeiro) matou muitos dos habitantes d'esta villa, chegando a ficarem desertas algumas ruas.

O odio de invasores ferocissimos, e a colera de Deus, aniquilaram o antigo esplendor e a importancia do Pombal, e é desde 1811, que data a sua decadencia; achando-se os pombalenses quasi reduzidos ao producto do seu trabalho agricola, ou de algum emprego publico.

—

A egreja matriz (S. Martinho) está quasi no centro da villa, e é de simples e modesta architectura, não se podendo fixar a época

da sua construcção, por não haver memoria que nos instrua; todavia, parece muito antiga, e que tem sido por muitas vezes reparada e reedificada. A torre dos sinos é mais moderna, e talvez do anno de 1677, a julgar pela data que se vê gravada na porta principal. Consta que importou em 5:000 cruzado (2:000$000 réis). Tambem consta que a egreja foi reedificada pelos annos de 1520, pelos cavalleiros da ordem de Christo, cuja cruz se vê gravada no arco cruzeiro, e no pulpito.

A parte da egreja que revela mais antiguidade, é a capella, de abobada, de Nossa Senhora da Piedade (vulgarmente chamada *capellinha de D. Anna*), que pertence actualmente ao sr. João Carlos do Amaral Osorio, feito visconde d'Almeidinha, em 20 de dezembro de 1865.

Ha n'esta capella uma lapide com a seguinte inscripção:

Capella e sepultura que mandou fazer o valoroso Capitão, Jorge Botelho, Cavalleiro Fidalgo, natural d'esta villa, no anno de 1551.[1] *Tem obrigação de duas missas cada semana; a quinta das Ferrarias, na ribeira de Litem tomou em sua 3.ª* (terça?)—*Foi arruinada no anno de 1811, e reformada por seu undecimo administrador, Jorge Coelho de Vasconcellos Botelho de Souza, Capitão-Mór d'esta villa, no anno de 1816.*

Na campa que está no pavimento, lê-se:

Aqui jaz Jorge Botelho, primeiro instituidor da capella.

Por baixo d'esta inscripção está um escudo d'armas, quasi apagado pelo tempo, e pelo attrito dos pés. É semelhante a outro esculpido no tecto da capella, que é o dos Botelhos, e dos Foyos. (Para as armas e genealogia d'estes appellidos, vide Villa-Real—de Traz-os-Montes.)

Junto a esta capella, está a pia baptismal, trazida para aqui da egreja de Santa Maria do Castello, em 1812.

—

Posto que o Pombal nunca teve mais de uma parochia na villa, teve antigamente tres egrejas matrizes.

Santa Maria do Castello — onde os parochianos eram baptisados.

S. Martinho—onde casavam.

S. Pedro—onde eram enterrados.

Cada uma d'estas egrejas tinha dois beneficiados, e as tres um vigario, todos freires da ordem de Christo, e apresentados pelo rei (como grão mestre da ordem de Christo) pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

A egreja de S. Pedro (que se suppõe, com bons fundamentos, ser a primeira que aqui houve, e talvez fundada pelos godos) cahindo em ruinas, foi demolida, como já disse.

A egreja de Santa Maria do Castello, sendo profanada pelos francezes, em 1811 (que depois de a despojarem de tudo quanto pôde tentar a sua cubiça e rapacidade insaciaveis, fizeram d'ella cavallariça!) deixou de existir como tal, e no anno seguinte veiu a sua pia baptismal para a actual matriz.

A egreja de Nossa Senhora do Carmo, foi construida pelos annos de 1760, com o fim de estabelecer um recolhimento de orphans.

Nada tem de notavel.

A da Misericordia, foi edificada em 1745, para asylo dos indigentes, que deviam ser sustentados pelas avultadas rendas, legadas, para este fim, por pessoas caritativas, mas que se não levou a effeito, porque parte d'essas rendas, foram injustamente applicadas para outros fins, e parte tiveram ainda peior applicação, pois foram.....

.....

—

O mosteiro de Santo Antonio, foi fundado, em cumprimento de um voto, por Luiz de Souza e Vasconcellos, conde de Castello-Melhor (natural d'esta villa) no largo hoje

[1] Jorge Botelho mandou fazer a sepultura, mas não a capella: é provavel que apenas a reedificasse. A capella é evidentissimamente construcção do seculo XIII ou XIV. —A má redacção é a causa do engano. Deve talvez entender-se — *Capella que reedificou e sepultura que mandou fazer*, etc.

atravessado pela estrada real, de Lisboa ao Porto, e um dos mais bellos sitios da villa.

Eis a causa d'esta construcção.

O infante D. Pedro, irmão de D. Affonso VI, combinado com a rainha e com varios prelados e grandes da côrte, depõem o rei, em 22 de novembro de 1667, tomando logo o infante posse da regencia do reino, sendo a 27 de janeiro do anno seguinte, jurado principe herdeiro, pelos tres estados.

A tristemente celebre, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboia, duque de Nemours, mulher de D. Affonso VI, promove a nullidade do seu casamento com o monarcha, e logo a 2 de abril de 1668, casa com seu cunhado, o infante regente.

No anno seguinte, o rei é mandado para o castello de S. João Baptista, d'Angra, na Ilha Terceira.

(Vide *Cintra*.)

Os validos e partidarios de D. Affonso VI, são perseguidos pelo infante e pelos seus.

Todos sabem que o maior valido do rei, era o conde de Castello Melhor; que, sendo avisado a tempo, fugiu a uma morte mais que provavel, andando alguns annos homisiado pelos bosques e aldeias dos arredores do Pombal, e pelo estrangeiro.

O regente expediu emissarios e espiões por toda a parte, e vindo a saber-se do esconderijo do conde, veiu de Lisboa tropa para o prender; mas tendo-a avistado, escondeu-se entre os bastos e altos cardos que havia no logar onde hoje está o mosteiro, e onde então existia a ermida de *Nossa Senhora de Jerusalem*—ou do *Cardal*, de que já fallei, uma torre, e uma casa nobre, que fora residencia de D. Maria Fogaça, e assim escapou aos seus perseguidores.

Mas, em quanto a gente de Lisboa dava busca minuciosa a estes sitios, o conde, aterrado, fez voto a Deus, de erigir n'aquelle cardal um mosteiro, se escapasse de ser agarrado.

Quando, depois da morte de D. Affonso VI, se foram aplacando as animosidades politicas, e o conde pôde apparecer em publico, tratou logo de dar cumprimento á sua promessa, principiando a obra do mosteiro, que destinou para conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) mas estes não acceitaram a offerta, por a cêrca ser muito pequena.

No ultimo sabbado de julho de 1709, estava o mosteiro e a egreja concluidos, e com a maior pompa foi para ella trasladada n'esse dia, a imagem de Nossa Senhora de Jerusalem, em uma sumptuosa procissão, levando a bandeira, como juiz das festas, o dr. Pedro Henriques de Carvalho, cavalleiro professo da ordem de Christo, e então juiz de fóra de Coimbra.

Em uma das borlas, pegava o conde fundador (que já então estava cégo.)

O conde da Calheta, reposteiro-mór—Affonso de Vasconcellos—Bernardo de Vasconcellos—Diogo de Souza e Vasconcellos, do Pombal, levavam o andor da Senhora.

Assistiu o bispo-conde (de Coimbra) D. Antonio de Vasconcellos, e prégou o padre-mestre, frei Vicente das Chagas, religioso franciscano, da ordem de Santo Antonio.

A architectura do edificio do mosteiro é esplendida, e rica de janellas e cimalhas, mas desengraçada, como eram em geral os *collegios* da Companhia de Jesus.

Sobre a porta principal, se lê a inscripção seguinte:

SS.ae VIRG. A CARDVETO,
LVDOV. VL.es ET SOVSA,
COMES A CASTEL-MELIORE
QVOD IN MVLTIS MAGNISQ.
AERVMNIS SEMPER INVOCATA
SEMPER AFVIT HANC AEDEM
STVDIO OPERA AEREQ. SVIS
POSITAM SUPPLEX AETERNVM SACRAT
ANNO CICDCLXXXVII.

O interior da egreja, construido em fórma de cruz, é de uma apparencia magestosa.

A' direita do corpo da egreja, ha uma capella dos irmãos terceiros, reedificada em 1856.

E' n'ella que hoje está a Senhora do Cardal, ou de Jerusalem.

Foi n'esta capella (não no sitio onde uma recente inscripção o diz, mas junto ao al-

tar do lado do Evangelho) que desde 1782 até 1810, esteve depositado o cadaver do 1.º marquez do Pombal.

Em frente do mosteiro, existiu, até 1855, a ermida primitiva da Senhora do Cardal, sendo então demolida pelas obras publicas.

Sobre a verga da porta d'esta ermida, havia uma lapide, com a data de 1739, na qual se lia, que a imagem da Senhora tinha sido collocada na sua capella, havia mais de 600 annos.

A descrença ou indifferença do seculo, destruiu este templosinho, que era tambem um monumento historico—e a estupidez dos demolidores deu cabo da lapide.

A 47 metros da porta do mosteiro, está o famoso forno, reconstruido em 1721, e que, segundo a tradição, está no logar onde existiu a torre e a casa de D. Maria Fogaça.

—

Fallando da Senhora do Cardal, do forno e da Fogaça, diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia.*

«Está situada (a ermida) em um rocio, a que chamam o *Cardal*, pela quantidade de cardos que produzia; e junto a elle, mais chegado á villa, para o sul, estava um edificio velho, a modo de uma torre, que era casa e vivenda dos moradores d'esta villa, e pelo magestoso e antigo d'elle, mostrava nobreza em seus possuidores.

«Em esta torre ha tradição que vivêra uma D. Maria Fogaça, a qual nunca casou; e, porque o povo não tinha ainda muitas ermidas, para que esta devota, com menos detrimento, podesse ouvir missa todos os dias, mandou fazer uma capella no dito sitio, afastada da torre, para o norte, vinte passos, e n'ella collocou a imagem de Nossa Senhora de Jerusalem; o que se vê ainda hoje em as armas, que estão no tecto da abobada da capella, que são da familia dos Fogaças.

«Teve sempre este povo a dita imagem em muita veneração, até que, passados annos (diz a tradição) mandou Deus, por peccados dos homens, a esta terra, tão grande multidão de gafanhofos e lagartas, que as gentes, pelas ruas, andavam attonitas, por se juntarem em nuvens tão densas (os gafanhotos) que impediam aos homens a vista.

«Fizeram os seus primeiros empregos e damnos, em as cearas, que, como era no fim de maio, foram de muita consideração, destruindo as arvores de tal modo, que ficaram infructiferas por alguns annos; e a tanto chegou este castigo, que até pelas casas havia cuidado em se taparem os potes da agua, e occultarem os mantimentos, para não serem tocados d'esta praga.

«Vendo-se pois o povo n'esta afflição, por ordem da camara, se juntaram todos, um sabbado, e foram á egreja de S. Pedro (que era então a matriz da villa) e alli, com o parocho, ajustaram em o melhor—que foi, ordenar procissão de preces; e sahindo da dita egreja, se vieram recolher á ermida do Cardal, rogando a Nossa Senhora, fosse sua intercessora, para que Deus os livrasse de um tão grande trabalho.

«E depois de se dizer missa, em o altar d'ella, publicamente, prometteu o parocho á Senhora, em nome da camara e mais povo, de lhe fazerem festa em o dia que os livrasse de tal afflicção.

«Foi Deus servido, que, em amanhecendo no dia seguinte, ficasse o povo livre da referida praga, e as cearas e arvores, ainda que roidas, dessem algum fructo.

«Foi este milagroso successo, no ultimo domingo de junho.

«Alvoroçado o povo, e cheio de grande contentamento, não cessava de vir a esta ermida, e dar graças á Senhora, por cuja intercessão foram livres; e, logo no dia seguinte se lhe disse missa cantada, e se fez procissão, em acção de graças.

«Em o seguinte anno, tomou por sua conta, a festa, D. Maria Fogaça, senhora da capella; que a fez com grande dispendio, e á qual vieram assistir pessoas nobres, seus parentes, das villas de Thomar e Santarem —e mandou fazer a offerta que se devia ao parocho, que foram dois bôlos, de farinha de trigo, os quaes ella mandou coser em um forno, e que, por serem demasiadamente grandes, succedeu ficarem tortos; e que, ven-

do um homem, creado da casa (de D. Maria) se atreveu, em nome da Senhora de Jerusalem, a entrar no forno a concertal-os; e sahindo de dentro, sem lesão alguma, se admiraram todos do novo prodigio que a Senhora obrava.»

Depois continúa o padre Carvalho, descrevendo as festas pouco mais ou menos, como já fica dito em resumo.

D. Maria Fogaça, pouco antes do seu fallecimento, fez desistencia do dominio e administração da capella, para a camara, que todos os annos nomeava quatro mórdomos para as festas.

Um anno, porém, um dos mórdomos nomeados, recusou acceitar o encargo, e, levada a questão aos tribunaes, alcançou sentença favoravel; ficando desde então a camara, por fôrça d'aquella sentença, privada de taes nomeações, fazendo a festa á custa do municipio e de mórdomos voluntarios.

Quando as festas estavam a cargo dos 4 mórdomos, a cada um pertencia uma semana, das quatro que precediam a festa (ultimo domingo de julho) e a isto se chamava—e ainda chama—*alvoradas*.

Na 6.ª feira, o respectivo mórdomo, hia buscar a bandeira.

No sabbado, acompanhado de numerosa comitiva de amigos e convidados, precedidos de um *guia* (que era sempre um dos mais nobres cavalheiros da villa, e que abria o cortejo, montado em um brioso cavallo, ricamente ajaezado, e de espada em punho) entrava o mórdomo na villa—sempre pelo lado da ponte—e, dadas trez voltas em redor da ermida, e duas em volta da egreja e de uma capella de S. Sebastião, que fica ao sul da villa, percorria as ruas, e hia assistir ás vesperas, cantadas pelo parocho, na ermida do Cardal; regressando depois a casa, com o mesmo acompanhamento.

Voltava no dia seguinte (domingo) em que havia missa cantada e sermão, depositando-se a bandeira em uma das casas principaes da villa, de uma das janellas, da qual a mórdoma lançava aos pobres algumas *açafatadas* de confeitos, e moedas de cinco réis.

Consta por tradição, que nos primeiros tempos, em logar de confeitos e moedas de cinco réis, se distribuiam pelas ruas, quartos de carneiro, e *cambos* de peixe.

Dava-se a estas festas, o nome *d'alvoradas;* por causa de umas celebres cantigas, que, de tempos immemoriaes, oito homens, encarregados pelos mórdomos (e que por este trabalho recebiam meio tostão, um pão e 3 quartilhos de vinho, cada um) principiavam a cantar, depois da meia noite, junto da capella da Senhora, continuando depois pelas ruas da villa.

A cantilena era assim:

Vindas são as alvoradas
Que são da Virgem Sagrada,
Rainha dos ceus eleita,
Sois dos anjos coroada.
A' porta d'este mórdomo
Deus lhe deixe fazer bôdo,
Que elle tem muita vontade.
Deus lhe dê muita saude.
Para Frandes é andada
Pereirinha de Aguada.

Côro—*E' levada a Alva.*

A estes *versos* anda ligada a lenda de uma castellan, que um cavalleiro raptou, fugindo com ella para *Flandes*, que é uma aldeia, proxima do Pombal; e o povo, quando isto soube, exclamou — *E' levada a Alva!*

E' porém mais provavel, que a cantilena principiasse primeiramente de madrugada, e que por isso, o coro respondesse—*E' levada a alva*—isto é—*Rompeu a alva*, ou a *madrugada*.

Alternavam esta cantiga com outra, chamada—*a Mourisca*—que parece allusiva ao conde de Castello Melhor, senhor e alcaidemór da villa, quando era perseguido pelos seus inimigos.

Era assim:

Vamos beijar a Cruz,
Pois n'ella morreu Jesus.
N'esta rua me quizeram prender,
Mas os ferros não quizeram correr.

Oh, alcaide da vara vermelha,
Soltae me, que estou na cadeia;
Pois me prendeste, alcaide,
Pois me prendeste, soltae-me.

—

Por occasião das festas, havia varios divertimentos, entre elles, *encamisadas*, *lanças* e *cannas*.

Actualmente, é a camara que faz a festa da Senhora, salvo se se apresentam alguns mórdomos voluntarios, ou devotos, que queiram fazer a festa á sua custa.

N'este caso ainda ha um arremedo das antigas *alvoradas*.

—

Da velha egreja de Santa Maria do Castello, apenas resta uma pequena parede desmantellada.

Ao S., e pegada ao castello, existiu uma egreja, fundada por D. Gualdim Paes, da qual, ha poucos annos, na occasião de se demolir uma parede, se encontraram alguns vestigios.

Era de architectura arabe e de fórma circular.

Foi reedificada e ampliada, pelos annos de 1560.

(E' a que já disse ter sido construida por João de Ruão e Jácome de Brujes.)

A' direita, havia uma capella de magnifica architectura, sahindo do portico dois bustos, que a tradição diz serem de um dos architectos e de sua mulher; mas é mais provavel representarem os ditos João de Ruão e Jácome de Brujes.

Estava encimada pelo brazão d'armas dos Souzas Ribeiros.

Estas armas tambem se veem ainda, sobre uma das janellas do castello.

Ao lado da capella-mór da egreja, estavam quatro letras—P C Q R—que, segundo alguns, querem dizer—*Petri commendatoris quoestu reedificata, 1560.*

Suppõe-se que esta reedificação foi feita, por Pedro de Souza Ribeiro, que o padre Carvalho diz ter sido commendador e alcaide-mór d'esta villa.

Talvez que este fidalgo se chamasse Pedro de Souza Ribeiro de Vasconcellos, e fosse da familia Castello Melhor, porque consta que a alcaidaria-mór do Pombal, foi dada por D. João I, no principio do seculo XV, aos condes de Castello-Melhor, e n'esta casa se conservou até 1834.

Foi d'esta egreja, que sahiu a pia baptismal, em 1812, para a de S. Martinho, por ordem do vigario Silveira.

O padre Carvalho, diz da egreja de Santa Maria do Castello:

«E' este templo o mais perfeito que ha por estas partes, porque, alem da bella architectura, leva os olhos dos que o veem, a delicadeza e primor d'arte com que os celebrados esculptores, João Roão e Jácome Bruxe, obraram as imagens dos altares, em pedra branca; o que principalmente se vê em uma capella que contem o descimento da cruz.»

N'esta egreja existiam varias campas com inscripções, entre ellas, as seguintes:

AQUI JAZ LOPO DE SOUZA RIBEIRO
E D. JOANNA DA SYLVA, SUA MULHER.
FALECEU NA ERA DE 1563.

—

SEPULTURA DE ANDRÉ ROIZ. DE ÉVORA,
FIDALGO DA CASA D'EL-REI NOSSO SENHOR.
FALECEU NA ERA DE 1563.

—

Na capella havia tres campas, todas com argolas de ferro.

Tinham estas inscripções:

AQUI JAZ PEDRO DE SOUZA RIBEIRO,
E D. JOANNA DE LEMOS SUA M.er,
FALECEU NA ERA DE 1502.

—

AQUI JAZ SIMÃO DE SOUZA,
SEU FILHO, E D. CATHARINA
ANRIQUES, SUA M.er
FALECEU A 15 DE JANEIRO DE 1569.

—

AQUI JAZ LOPO DE SOUZA RIBEIRO,
FIDALGO CAVALLEIRO, DO HABITO
DE CHRISTO, SEG.do ADMINISTRADOR
D'ESTA CAPP.a, O QUAL DEIXOU
SEG.da MISSA P.a SEMPRE.
FALECEU EM 21 DE AGOSTO DE 1642.

A' raiz do monte fronteiro ao castello, a que vulgarmente chamam *outeiro das Maias*, existe uma antiquissima torre, de architectura arabe, coroada de ameias. Era a do antigo relogio da villa.

Descendo d'aqui para a parte do O., e passando junto da egreja de S. Martinho, entra-se na praça.

Entre os edificios que a cercam, se distinguem:

1.º—Uma casa, em frente da egreja, que, apezar de reedificada em 1846, ainda conserva na parede uma lapide, com uma inscripção que diz:

N'esta casa e em outra immediata, prenoitou D. Pedro II, rei de Portugal, a 5 de agosto, e em 31 de outubro—e Carlos III, rei de Hespanha, a 25 de agosto, e em 8 de novembro, no anno de 1704, sendo juiz de fóra n'esta villa, o doutor Celestino da Cunha Feio Coutinho.

Quando se prepararam os alojamentos para D. Pedro II e a sua comitiva, escolheram-se as casas do capitão Francisco Faca Furtado, e de Antonio Gomes das Candeias (porque a comitiva não cabia em uma só d'ellas) abrindo-se communicação interior, para facilidade do serviço.

Isto deu causa a uma renhida demanda entre os dois proprietarios, para se decidir a qual dos dois pertencia a honra de hospedar D. Pedro II, e depois, Carlos III.

O Faca sustentava que lhe pertencia, porque os reaes hospedes tinham entrado e sahido pela porta da sua casa.

O Candeias, allegava, que a honra era só para elle, pois que os principes tinham dormido em sua casa.

A sentença do juiz, a nenhum dos contendores satisfez, pelo que accordaram em a honra ser para ambos, e cada um gravar no seu predio a inscripção commemorativa do facto.

Parece que um d'elles se contentou com a honra, e não mandou gravar a inscripção, porque só uma apparece.

2.º—Ao N., um celleiro, decorado com as armas dos Carvalhos, que são—em campo asul, uma estrella d'ouro, entre uma quaderna de crescentes, de prata.

Foi mandado construir pelo 1.º marquez do Pombal.

E' um edificio solido e grandioso.

3.º—Ao S., a cadeia publica da villa.

Tem tambem as armas dos Carvalhos, e foi do mesmo modo mandado construir por Sebastião José de Carvalho e Mello.

E' um edificio de solidissima construcção, mas feio, escuro e triste.

4.º—Ao fundo da praça, e formando angulo obtuso com a egreja, está uma modesta casa (que era dos marquezes do Castello Melhor.)

Em 1860 andou esta casa (arruinada e com seu quintal) na praça publica, para ser arrematada, e ninguem a quiz por 600$000 réis, que era o valor dado pelos louvados!

N'esta casa passou os cinco ultimos annos da sua vida; e aqui falleceu, o 1.º marquez do Pombal, e 1.º conde de Oeiras — o famosissimo 1.º ministro de D. José I, em 5 (outros dizem 8) de maio de 1782.

Jaseu na egreja do mosteiro de Santo Antonio, d'esta villa, em um bem singelo, e mesmo tosco caixão, até que, em 1810, o seu 3.º neto, e 5.º marquez do Pombal, mandou remover estes ossos para Lisboa, e collocal-os em um mausoleu de marmore, na ermida de Nossa Senhora das Mercês, junto á rua Formosa, propriedade do actual sr. marquez do Pombal, no palacio que o 1.º marquez mandára construir.

(No fim do artigo tratarei d'este grande homem d'estado.)

—

Descendo pela *rua das Cannas* (antigamente *das Bengallas*) ao fundo da qual, ainda existem as casas em que nasceu o *beato Antonio* (no seculo, Antonio Borges) encontra-se um largo, que, cercado de casas, termina ao O., pelo caminho de ferro.

Eleva-se no centro, o pelourinho, que é uma columna de pedra, de bastante elegancia.

Parece ser obra do tempo do 1.º marquez do Pombal.

Ainda ha poucos annos existiam, junto á cadeia, vestigios do antigo pelourinho.

—

Ufana-se a villa do Pombal, de ser berço de muitos varões illustres, merecendo especial menção, os seguintes:

Padre Antonio da Conceição (o *beato Antonio*), que nasceu em 1522, em umas casas da rua das Cannas, cujos ferrolhos, os frades de Santo Antonio hiam beijar, quando passavam por esta villa. A casa tinha grandes privilegios, inclusivamente o de *couto do reino*.

Este frei Antonio da Conceição, é o famoso *beato Antonio*, dos arrabaldes de Lisboa. (Vide vol. 1.º, pag. 352, col. 1.ª)

O *beato Antonio*, foi conego secular da congregação de S. João Evangelista (loyo).

Pelos seus grandes talentos, e pelas suas raras virtudes, e muita prudencia, era procurado e consultado, nos negocios de mais importancia, pela nobreza do reino, pelo clero e pelo povo. N'elle achavam todos, perennes e admiraveis effeitos, da valia da sua intercessão para com Deus, e sempre os melhores conselhos.

Com *sete tostões*, que lhe deram de esmola, por umas missas, deu principio á sumptuosissima egreja de S. João Evangelista, de Xabregas (*o Beato*), que concluiu com avultadissimas esmolas, que com mão larga lhe prodigalisaram grandes e pequenos.

Diz a lenda, que, sendo o sitio muito falto d'agua, elle bateu com o bordão em uma penha, da qual logo brotou um manancial de crystalina agua, que ainda existe, e se chama a *fonte do Santo*. Tem o povo para si, que esta agua é remedio efficaz para varias enfermidades.

O processo da sua beatificação, esteve a ponto de terminar, em Roma; mas suspenderam-se as diligencias, por motivos que não são do meu assumpto.

Morreu em 12 de maio de 1602, com 80 annos de edade, e 50 de religião.

—

Frei Jeronymo da Cruz, religioso da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, do convento da Graça, em Lisboa. Foi embaixador de Portugal, na côrte do Schah da Persia.

—

D. Antonio Serrão, que falleceu em Evora, com fama de santo.

—

Antonio Mauricio Mascarenhas, fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de sua magestade fidelissima, cavalleiro professo na ordem de Christo, desembargador e véreador, no tribunal do senado da camara, de Lisboa, provedor-mór da saude, da côrte e reino, juiz conservador dos seus privilegios, etc.

—

O famoso João de Barros, que, pelas suas obras, mereceu o cognome de *Tito Livio Portuguez*.[1]

Era um varão de grande intelligencia, e de estudos profundissimos.

Na edade de 20 annos, escreveu um *romance de cavallaria*, que intitulou — *Chronica do imperador Clarimundo;* que foi, e ainda é, geralmente estimado. Foi com este romance fantastico, que experimentou a penna, para obras sérias e de grande merecimento — as suas immortaes *Décadas*, nas quaes narrou as cousas da India, com tanta verdade, reflexão, clareza e elegancia, que esta obra o colloca a par dos melhores geographos e historiadores portuguezes e estrangeiros.

Dá-se n'este homem notavel, uma circumstancia ainda mais notavel — é ser um dos poucos benemeritos da patria que não morreu no esquecimento e na indigencia.

A gloria e os premios, lhe coroaram o engenho e remuneraram os trabalhos.

[1] O sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, diz que João de Barros nasceu na cidade de Viseu. Elle que o diz, é porque teve solidos fundamentos para assim o affirmar. Não se perde porém nada em dar aqui uma rapida biographia d'este insigne escriptor; e a sua naturalidade, deixo-a para ser disputada por pessoas mais competentes.

O *Anno Historico* (tomo 3.º, pag. 191) traz uma rapida biographia de João de Barros, mas não diz onde nasceu, nem onde morreu, limitando-se a dizer que foi sepultado na egreja matriz d'Alcobaça.

João de Barros, era filho natural de um fidalgo, chamado Lôpo de Barros, e nasceu pelos annos de 1496.

Foi creado e educado no paço, e o rei D. Manuel lhe era muito inclinado. O principe D. João (depois rei, 3.º do nome) foi seu intimo amigo.

Principiou Barros a escrever uma historia de Portugal; mas, suspendeu este trabalho, por ordem do rei, que lhe mandou escrever os feitos dos portuguzes na Asia. Para isso, passou á India, publicando em 1552, a sua 1.ª *Década*, e pouco depois, a 2.ª e 3.ª

Fizeram tanto barulho no mundo estas *Décadas*, que foram logo traduzidas em italiano, e depois em varias linguas.

A *Senhoria de Veneza*, mandou collocar a estatua de João de Barros, entre as dos varões famosos do mundo. O papa Pio IV, fez pôr outra nos paços do Vaticano, ao pé da de Ptolomeu.

Além da *Chronica do imperador Clarimundo* e das *Décadus*, escreveu e imprimiu varias obras, sobre diversos assumptos; figurando entre ellas, o *Panegirico*, á infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel; que é por alguns julgado superior ao que Plinio fez ao imperador Trajano.

Deixou algumas obras incompletas, e mesmo as *Décadas*, não ficaram terminadas, sendo encarregado da sua conclusão, Diogo do Couto. (4.º vol., pag. 315, col. 1.ª)

O sr. Pinheiro Chagas, termina assim o artigo relativo a João de Barros:—«O estylo, é o grande predicado de João de Barros. Á lingua portugueza deu elle quasi a fórma definitiva: a sua locução tem côr, energia e propriedade; não pécca pela redundancia, e a phrase é sempre pittoresca e imaginosa.»

«Escrevendo com todos os documentos á vista, e tendo vivido na familiaridade de todos os homens, cujas acções devia relatar, João de Barros, é, em geral, exacto. Um defeito comtudo lhe notaremos: é escriptor essencialmente cortezão, e resente-se d'isso: pouca sympathia lhe merecem os padecimentos dos grandes homens menospresados pelos reis; e a ingratidão dos monarchas, as injustiças da camarilha lisbonense, que ladra aos heroes ausentes, não conseguem indignal-o.»

«Com effeito, a vida do auctor das *Décadas*, corrêra bonançosa e placida; as mercês reaes, choviam sobre elle; quando o Brasil se dividiu em capitanias, João de Barros foi contemplado com a capitania do Maranhão.»

«Infeliz, quando tentou mandar arrotear as suas terras americanas, logo D. Sebastião acudiu a dar-lhe com que reparasse as brechas dos seus haveres, e com que podesse expirar trauquillamente, deixando seus filhos bem providos, na sua quinta de *Alitem*, em Pombal, a 20 de outubro de 1570.»

«Foi mais venturoso, o épico historiador, do que o poeta épico dos nossos feitos.»

Jaz na egreja matriz da villa de Alcobaça.

—

João Rodrigues de Vasconcellos e Souza— conde de Castello-Melhor, um dos principaes fidalgos do seu tempo. D. Philippe IV, o tinha mandado, com outros fidalgos, para Carthagena das Indias;[1] mas, assim que chegou a noticia da restauração, todos os fidalgos portuguezes se reuniram para combinar a sua fuga para a patria. Os castelhanos descubriram este plano, e os fidalgos foram castigados. O conde de Castello-Melhor, foi um dos que mais soffreu. Esteve preso; mas pôde fugir a bordo de um navio hollandez, e chegou a Lisboa, onde foi acolhido satisfatoriamente por D. João IV, que o nomeou logo, general das armas do Minho, em cujo posto, tomou Salvaterra (na Galliza, em tren-

[1] Os tres Philippes procuraram sempre ter longe d'este reino os fidalgos portuguezes. Mandavam uns para as fronteiras de França, então em guerra com Castella; outros para a Italia, dominada pelos hespanhoes; muitos a morrerem na diuturna e sanguinaria guerra dos Paizes-Baixos; outros para a guerra da Catalunha; e, finalmente outros, para as suas vastas possessões das duas Americas, porém mais para o Sul, propriamente sua.

E' por isto que quando os opprimidos por 60 annos de extorções, violencias, roubos, desprezos e atrocidades de toda a casta, quebraram as algemas, dando o grito de independencia e liberdade, no sempre glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, grande parte da nobreza de Portugal, se achava desterrada pelas cinco partes do globo.

te de Monção) aos castelhanos; e prestou outros muitos e relevantissimos serviços a Portugal: tornando-se tambem famosa, pelo seu heroismo, D. Marianna de Alencastre, sua mulher. (Vol. 5.º, pag. 426, col. 2.ª)

Foi tambem, mas por pouco tempo, governador das armas do Alemtejo, portando-se sempre como prudente general e bravo guerreiro.

Pela morte de D. João IV (6 de novembro de 1657) recrudesceu a guerra—que já contava 17 annos—com os castelhanos. O conde governava as armas da provincia do Minho; mas falto de recursos, e com tropas bisonhas e insufficientes, soffreu uma serie de desastres: e tanto o impressionou esta desventura, que morreu de tristeza.

—

Luiz de Vasconcellos e Souza, filho primogenito do antecedente, e conde de Castello-Melhor (o fundador do mosteiro do Pombal, e de quem já fallei).

Ouçamos o sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, com respeito a este homem, tão celebre pelo seu valimento, como pelas suas desgraças.

«Fidalgo ainda moço, intelligente e ambicioso, que servia o cargo de gentil-homem da camara de Affonso VI, d'esse triste soberano, cujos defeitos são apagados na historia, pelos seus infortunios. Sobre o seu fraco espirito, conseguiu o conde de Castello-Melhor exercer uma grande influencia: incitou-o a tomar o governo que a rainha-mãe, D. Luiza de Gusmão, regente em seu nome, ainda conservava, e elle, tomando o titulo modesto, de *escrivão da puridade*, foi um primeiro ministro omnipotente. Deveu-lhe Portugal a sua independencia: a sua actividade, energia e habilidade, creou recursos inesperados; formou exercitos disciplinados e bem pagos; interessou pela nossa causa as potencias da Europa, e livrou Portugal do abysmo.»

«Apezar da famosa *victoria das linhas d'Elvas* (14 de janeiro de 1659), estavamos n'essa época em triste posição. A paz dos Pyreneus (1660) permittira aos hespanhoes, arrojarem contra nós as suas falanges aguerridas, e commandadas por habeis generaes.[1]»

«Em 1661, tinhamos perdido Arronches e Alconchel.[2] Em 1662, perdemos Ouguella, Monforte, Crato, Borba, Juromenha, e outras povoações da provincia transtagana. Em 1663, D. João d'Austria tomara-nos Evora, aprisionára a guarnição, que se compunha de 7:000 homens, e enviára tropas a Alcacer do Sal, e espalhára um panico em Lisboa, aterrada, ao saber os hespanhoes tão perto.» (Vide 4.º vol., pag. 134, col. 2.ª)

«Á voz do conde de Castello-Melhor, surge, por encanto, um exercito. O conde de Villa-Flor, ganha a victoria do Ameixial (8 de junho de 1663). Retoma-se Evora; e D. João d'Austria, vê murcharem-lhe em Portugal os louros de Napoles e da Catalunha.»

«Em 1664, o conde de Castello-Melhor, realisou um verdadeiro prodigio; foi juntar no Alemtejo um exercito de vinte e quatro mil homens: á frente de uma porção d'essas tropas, ganhou o marquez de Marialva, a brilhante victoria de Montes-Claros, que definitivamente assegurou a nossa independencia.»

«Egualmente feliz em diplomacia, o conde de Castello-Melhor, teve a habilidade de fazer com que a França implorasse d'elle, o que todos os ministros portuguezes, desde 1640, debalde tinham procurado realisar—a conclusão de uma liga offensiva e defensiva.»

«Respeitavam-o como um diplomata finissimo, todos os ministros estrangeiros; e, se elle se conservasse mais tempo no poder, a Hespanha vêr-se-hia obrigada, não só a reconhecer a nossa independencia, mas a sujeitar-se ás condições que lhe quizessemos dictar.»

[1] O conde de Soure, foi enviado a França, para obstar a que a *paz dos Pyreneus* nos prejudicasse; e o conde, que era um diplomata intelligentissimo, obteve promptos soccorros, e trouxe para Portugal o famoso marechal de Schomberg (conde de Lippe) e outros muitos officiaes, de muito valor e grande pratica em negocios de guerra.

[2] Tomadas por D. João d'Austria, filho bastardo de D. Philippe IV. — Mas, apenas viu que os generaes portuguezes o procuravam, fugiu para Badajoz.

«Infelizmente, ruins intrigas, tecidas pelo infante D. Pedro, e pela rainha, D. Maria Francisca de Saboya, mulher de D. Affonso VI, cuja ambiciosa cumplicidade, é um dos escandalos, e uma das maculas, da historia portugueza, lograram derrubar do poder, em 1667, o habil ministro, que soubera tornar glorioso o reinado do seu monarcha.

«O conde de Castello Melhor retirou-se para o convento da Arrabida, e depois, para o exilio, vagueando por Inglaterra, Italia e França, sem que D. Pedro II quizesse, durante muitos annos, olvidar a inimisade que os dividira.

«Os portuguezes é que recordavam com saudade, o governo d'esse ministro, a quem deviam a independencia; porque se a espada dos generaes ganhou renhidas batalhas, o conde de Castello Melhor, póde dizer-se que foi, como o celebre Carnot, o organisador da victoria.

A final, cedendo D. Pedro ás rogativas e recommendações dos soberanos estrangeiros, concedeu-lhe a permissão de voltar á patria, em 1686, hindo residir para a villa do Pombal, com a sua familia.

Passado tempo, permittiu-se-lhe a volta para Lisboa, onde viveu, retirado, o resto dos seus dias, fallecendo, cego, no anno de 1720.»

—

Manuel Caetano Mascarenhas de Mancellos, foi capitão-mór da villa do Pombal, e alcaide-mór do Crato, e fidalgo cavalleiro da casa real.

Sua filha, D. Carlota Joaquina Mascarenhas Mancellos Valdez, casou com o almirante, Francisco José do Canto e Castro Mascarenhas, que tantos e tão assignalados serviços prestou á nação portugueza e á Gran-Bretanha, durante a guerra peninsular, sendo um dos mais bravos, e dos mais intelligentes officiaes de marinha, d'aquella época; praticando até actos da maior temeridade, que a Europa viu, pasmada, coroados da mais inesperada felicidade.

Estando com sua mulher, a bórdo da nau *Rainha de Portugal*, em viagem do Rio de Janeiro para Lisboa, nasceu no alto mar, a 10 de julho de 1821, seu filho, Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas (que se veiu baptisar á Sé de Lisboa) honrado portuguez, sobre o qual ainda ha poucos mezes cahiu a tampa da sepultura.

Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas, descendia em linha recta, de José Francisco do Canto, fidalgo da casa real, e provedor dos armazens e naus da India — de Antonio d'Andrade Gambôa, capitão de mar e guerra, em 1650 — de Ruy Dias de Sampaio, governador geral da India—de D. Luiz d'Almeida, conde d'Avintes—de Francisco da Silva de Moura e Azevedo, governador de Campo-Maior, nas guerras da acclamação—dos Vasconcellos Azevedos, d'Elvas (que procedem de Mem Rodrigues de Vasconcellos, mestre da ordem de S. Thiago, e um dos maiores fidalgos d'este reino, no seu tempo)—de Lopo Vaz d'Azevedo, almirante de Portugal—de D. Luiz Innocencio de Castro, capitão das guardas reaes—dos Gamas e Mouras, d'Elvas (descendentes—os Gamas—de Estevão da Gama, alcaide-mór de Sines, e primo co-irmão do famoso D. Vasco da Gama, 1.º conde da Vidigueira, descobridor e 1.º vice-rei da India, de quem descendem os marquezes de Niza e de Fronteira, os condes de Coculim, [1] Oriola, Sandomil, Alva e Ribeira Grande, e outros titulares—e os Mouras—de Francisco de Moura, filho d'Alvaro de Moura, ascendentes do tristemente celebre, D. Christovão de Moura, conde de Miranda e marquez de Castello Rodrigo)—dos senhores da Azambuja, marquezes de Vallença, e mais tarde, duques de Loulé, condes da Azambuja e de Valle de Reis [2]—dos condes de Lumiares—do condestavel do reino, o legendario D. Nuno Alvares Pereira—de Pedro Annes do Canto, instituidor de trez morgados — e finalmente, era aparentado com muitas outras casas das principaes do reino.

Sebastião do Canto e Castro Marcarenhas, entrou para o collegio militar (da Luz) em

[1] Coculim, é uma villa, na comarca de Salsete, na India.

[2] Os senhores da Azambuja procedem do principe de S. Gregorio, e da princeza, D. Anna Joanna de Moura.

1833, e tendo completado o curso, com grande distincção, foi despachado, no 1.º d'agosto de 1838, sargento aspirante, e em 26 de dezembro de 1840, alferes do exercito.

Completou o estudo de estado-maior, na escola do exercito, em 1844 a 1845.

Em 5 de dezembro de 1845, foi promovido a tenente—em 29 de abril de 1851, foi feito capitão — major, em 23 de janeiro, de 1867 — tenente-coronal, em 28 de outubro de 1873.

Em 17 de abril de 1846, tinha sido empregado, como engenheiro, nos trabalhos geodesicos, nos canaes da Azambuja.

Em 25 de maio foi nomeado (pela junta de Santarem) [1] commandante das forças populares, contra o governo cabralista.

Depois, acompanhou o conde de Bomfim, na qualidade de seu ajudante d'ordens, até Torres Vedras, onde foi feito prisioneiro; sendo conduzido para bordo, e d'ahi para a cadeia civil de Lisboa, onde esteve até terminar a guerra civil, chamada da *Patuleia* ou da *Maria da Fonte*

Desde 7 de dezembro de 1850, até 28 de septembro de 1852, serviu, em commissão, nas obras do Tejo—e desde então, até 28 de setembro de 1853, na *companhia central peninsular*, dos caminhos de ferro portuguezes—do 1.º de dezembro de 1853, a 27 de abril de 1854, serviu na commissão geodesica—e desde então ate 13 de setembro de 1856, pela 2.ª vez, na companhia central peninsular dos caminhos de ferro—de 21 de julho de 1857 a 15 de novembro de 1859, serviu como engenheiro, no caminho de ferro de Lisboa até Santarem: chefe de exploração, administrador das obras, e membro da commissão administrativa do caminho de ferro de Leste—e successivamente, director, fiscal, engenheiro dos caminhos do Norte, Leste e Sueste.

Em 26 de agosto de 1864, foi a Londres, em commissão do governo, para effectuar a venda do caminho de ferro do Sul—em 26 de abril de 1867, foi nomeado director geral dos telegraphos, sem ser dispensado da commissão de engenheiro fiscal da exploração de todos os caminhos de ferro portuguezes; dos quaes foi nomeado chefe de divisão, em 15 de janeiro de 1869.

Em 10 de março d'este anno, tomou conta das linhas de Sueste.

Dois mezes depois, pediu a exoneração d'este cargo; servindo, desde 4 de setembro do mesmo anno de 1869, até 18 de maio de 1870, o cargo de governador civil do districto do Porto, do qual tambem pediu e obteve a exoneração, para acceitar o logar de administrador da casa de Bragança, a cujo emprego reuniu, pouco depois, o de administrador da casa real.

Tambem foi ministro das obras publicas, mas, no fim de quatro dias, estava aborrecido do peso da pasta, e pediu a sua demissão.

Certo dia, pediu-lhe um figurão que se propozesse deputado *pelo circulo da sua naturalidade*—«Ahi, sim (disse elle) ahi tenho eu eleitores que podem dar deputados para muitas camaras.»—Como?—tornou o outro —«E' que os eleitores do *meu circulo*, são os peixes do Occeano.»

Em tantos e tão variados empregos exercidos por este portuguez verdadeiro, sempre se portou com a maior intelligencia, zêllo, abnegação e solicitude; merecendo por isso os elogios sinceros dos homens de bem, de todas as cores politicas.

Falleceu em janeiro de 1876, deixando a sua viuva, a sr.ª D. Maria Margarida Stockler Salema Garção, e uma filha, a sr.ª D. Maria da Graça do Canto e Castro Mascarenhas.

Tendo Sebastião do Canto fallecido depois de estar publicado o artigo de Lisboa, onde podia hir o seu necrologio, por ter alli sido baptisado, não tinha mais onde fazer menção d'este homem de bem, nosso contemporaneo, senão no Pombal, onde um seu avô foi capitão-mór.

Peço perdão, aos leitores

[1] A junta popular de Santarem, compunha-se dos seguintes individuos:
Manuel da Silva Passos, barão d'Almeirim, Antonio Emigdio Geraldes Quelhas, e José de Paiva Magalhães.

que acharem o logar improprio, e rogo-lhes que attendam ao meu desejo de não deixar sem mensão honrosa, um homem illustre.

—

Em 22 de setembro de 1875, falleceu n'esta villa, Gustavo d'Almeida Souza e Sá, feito barão de Claros, em 15 de dezembro de 1870.

Nascêra n'esta villa, em 1804.

Foi alumno do collegio militar. Sentou praça de voluntario, no regimento de infanteria n.º 15, em 20 de setembro de 1821, e n'esse mesmo anno foi feito alferes.

Foi depois, major do *batalhão nacional de caçadores de Leiria*, deputado ás cortes pelo circulo do Pombal—commandante do batalhão de caçadores n.º 6, por bastantes annos—vogal do supremo conselho de justiça militar, e governador da praça d'Elvas.

Foi conselheiro, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, e cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz.

Tinha a medalha de prata de bons serviços, e a de ouro, de comportamento exemplar.

Os ultimos annos da sua vida passou-os na escuridão, porque estava completamente cego.

Seguira sempre o partido liberal. mas, pela sua bondade de caracter, era estimado dos homens de todas as cores politicas.

—

Esta villa tem tido, desde os fins do seculo XVIII, diversas épocas de prosperidade e decadencia.

A estrada de Lisboa ao Porto, mandada construir por D. Maria I, e que passava pelo Pombal [1] deu a esta povoação, muita vida e desenvolvimento; mas as devastações, saques e incendios aqui praticados pelos francezes, lançaram o Pombal em uma miseria muito mais triste e sensivel do que a antecedente.

Escorraçadas de Portugal as hostes sanguisedentas de Napoleão, que, qual nuvem de harpias, a ira de Deus havia lançado sobre nós, podia o Pombal refazer-se pouco a pouco d'esta praga terrivel; se os governos portuguezes concorressem para a restauração d'esta e d'outras muitas povoações, do mesmo modo saqueadas e incendiadas pelos ferozes *jacobinos*; mas, bem pelo contrario, nada fizeram em seu favor, e nem sequer ao menos curaram da sua arteria principal, a estrada, que se foi pouco a pouco desmantellando, a ponto de só d'ella restarem tristes despojos, patenteando ao mundo a incuria e o desleixo dos diversos governos de Portugal.

Por fim, as carreiras maritimas de Lisboa ao Porto, e vice-versa, por barcos de vapor, acabou com o serviço da estrada, já então convertida em atoleiros e barrancos, e a villa do Pombal, ficou isolada e esquecida.

Finalmente, a construcção do caminho de ferro do Norte, em 1855, poz esta villa em communicação rapida e facilima, com os principaes centros commerciaes, agricolas e industriaes d'este reino, e a sua sorte vae sensivelmente melhorando.

—

A pag. 203 do 3.º vol., na col. 1.ª, disse o que era *fogaça*, e d'ella tomaram o appellido os Fogaças portuguezes, os quaes tinham por armas:

Cinco faxas d'ouro, e uma fogaça asul, *gretada* d'ouro, e por timbre, um feixe de lenha, ardendo.

Vide *Abiúl*.

—

Desde 1867, tem esta villa augmentado consideravelmente, não só em commercio e agricultura, como tambem em predios.

Tambem tem melhorado bastante as vias de communicação.

Tem um quartel militar, de pequenas dimensões, mas soffrivel, e que aliviou o povo, dos aquartellamentos.

[1] A antiga estrada de Lisboa ao Porto, sahia de Lisboa, costeando a margem direita do Tejo, até Santarem, e d'ahi a Thomar, seguindo leito diverso até a *Venda do Cégo*, onde se lhe veiu a unir a *estrada nova*. (A de D. Maria I.)

Anda em construcção um bom hospital.

Estes dois ultimos melhoramentos se devem á sollicitude do sr. Augusto Maria de Mello Gouveia, que tratou da sua construcção, quando foi administrador d'este concelho.

Tem uma estrada, que vae a Ancião, construida em 1875.

Outra, que vae ao Louriçal e á freguezia da Foz, e está quasi concluida.

Outra, para Villa Nova d'Ourem, que anda em construcção.

São todas do systema *Mac-Adam*.

O governo concedeu o subsidio de 721$357 réis, para a construcção da ponte de *Assamassa*, n'esta ultima estrada.

Em volta da villa, ha varias quintas, umas boas, outras soffriveis.

Tem um theatro, menos máo (para a terra) e uma casa de bilhar.

Ha na villa 8 lojas de mercearia, 42 tabernas (!) e outras casas de commercio.

As ruas são illuminadas a petroline.

—

No dia 3 de outubro de 1873, atravessou esta villa, um furioso *cyclone*, acompanhado de chuva, relampagos e trovões fortissimos.

Na sua passagem, causou enormes estragos.

Arvores collossaes, cuja grossura havia sempre zombado da furia dos elementos, foram arrancadas, ou despedaçadas, como frageis cannas.

A ála de choupos que borda a estrada de mac-adam, de Lisboa ao Porto, tambem ficou bastante damnificada.

Este furioso temporal, não se limitou a esta villa, precorreu varias povoações, sendo as principaes, Aveiro, Coimbra, e arredores de Guimarães; deixando por toda a parte, tristes vestigios da sua passagem destruidora.

—

No concelho do Pombal, ha varias minas, de ouro, cobre, carvão e outros metaes e metaloides.

Só desde junho até outubro de 1874, se manifestaram n'esta camara, desesseis minas.

Em janeiro de 1875, foram manifestadas mais seis minas de carvão de pedra, de excellente qualidade; e em fevereiro, outra de carvão de pedra e ouro.

Em março, mais duas de carvão de pedra.

Em junho de 1876, os srs. José Osorio do Amaral e Souza, das Ferrarias—padre Joaquim Rodrigues, e Antonio da Silva, de S. Thiago—e José Luiz da Cunha, do Pombal, manifestaram sete minas de carvão de pedra.

Estas minas são na serra do *Albo*, limites d'Alqueidão, de Baixo; na Colmeia, em Linhalva, no Carvalho das Monteiras, na Fonte do Castello, nos Lameiros, e no Outeiro de Gallégos.—Tudo n'este concelho.

—

No logar da *Abelheira*, d'este concelho, vive José Martins, que nasceu em 1766.

Goza perfeita saude, e visita as suas propriedades a pé e a cavallo.

—

Uma laconica biographia de Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez do Pombal, se acha no 4.º volume, pag. 329, col. 1.ª *in fine* e seguintes.

O actual representante d'esta illustre casa, é o sr. Manuel de Carvalho Mello Daun e Albuquerque (neto do 1.º marquez do Pombal) e ao qual foi renovado o titulo, em 19 de dezembro de 1835.

O sr. conde da Redinha, é tambem neto do 1.º marquez do Pombal.

POMBALINHO—villa, Douro, comarca e concelho de Soure (foi da mesma comarca, mas do concelho do Rabaçal) 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa.

Tem 370 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O abbade cirterciense (bernardo) do mosteiro de Ceiça, apresentava o prior, que tinha 130$000 e o pé de altar.

E' terra fertil, em todos os generos agricolas do nosso clima.

Os condes de Almada, eram senhores donatarios desta villa.

—

No dia 7 de setembro de 1874, falleceu em Lisboa, D. Lourenço Maria d'Almada Cirne Peixoto, descendente do legendario D. Alvaro Vaz d'Almada, conde de Abranches, em França, um dos *doze de Inglaterra*, companheiro, parente e amigo do grande Magriço (vide *Penedôno*) e fidelissimo amigo do infante D. Pedro, filho de João I, e tio e sogro de D. Affonso V.

O conde de Abranches, depois de cançado de batalhar em Alfarrobeira (vol. 1.º, pag. 115, col. 2.ª) se deitou no chão, prostrado de tanta lida, dizendo:

«Basta!—e tu, minha alma, já tardas!»

Então, muitos cobardes que até alli não ousavam aproximar-se, imitaram os assassinos do velho leão da fabula.

D. Alvaro, contentou-se em dizer-lhes:

«Fartar, villanagem.»

D. Lourenço, havia nascido em dezembro de 1818.

Casou em 1844, com a sr.ª D. Maria Rita Machado, filha dos srs. condes da Figueira, irman da esposa do sr. Antonio Pereira da Cunha.

Foi 3.º conde d'Almada, 15.º conde de Abranches, senhor de Pombalinho e de Lagares d'El-Rei.

Deixou successão legitima, a saber:—os srs. D. José d'Almada, D. Miguel d'Almada, D. Luiz d'Almada, D. Maria Amalia d'Almada (casada com seu primo germano, o nosso distincto e maviosissimo poeta, o sr. Sebastião Pereira da Cunha, filho do sr. Antonio Pereira da Cunha) D. Maria Francisca de Almada, e D. Maria Anna d'Almada.

O sr. D. Antão Vaz d'Almada, irmão do ultimo conde (D. Lourenço) ainda vive, é casado, e tem successão.

—

E' esta familia uma das mais nobres de Portugal, distinguindo-se em todas as épocas, pela sua fidelidade ao rei e á patria.

Membros esclarecidos e inabalaveis do partido legitimista, e não tendo por norma e guia, senão as acções illustres de seus maiores, e a honra e pundunor dos verdadeiros fidalgos portuguezes, são geralmente respeitados, pelos homens de todas as opiniões politicas, pois que os Almadas não distinguem nas suas affeições, os legitimistas dos liberaes; mas os homens de bem, dos que o não são.

—

Quando foi cabeça de concelho, com camara e juiz ordinario, o seu pelourinho era em uma figueira.

Na gaveta 20, maço 12, n.º 21, da Torre do Tombo, se acha o Processo para o seu foral, na reforma mandada fazer pelo rei D. Manuel, mas não se chegou a expedir.

POMBALINHO—freguezia, Extremadura, concelho, comarca e districto administrativo de Santarem, 95 kilometros ao N.E. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 215 fogos.

Orago, Santa Cruz.

E' no patriarchado.

O povo apresentava o cura, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

E' no *Riba-Tejo*, contiguo á *Azinhaga*.

Chamava-se antigamente *Pombal* (e é o nome que lhe dá ainda o *Portugal Sacro e Profano*) depois, para se distinguir dos outros Pombaes, se lhe deu o nome de *Pombalinho*.

Ha n'esta freguezia grandes e ricas propriedades, que foram do sr. Antonio d'Araujo Vasques da Cunha, feito barão do Pombalinho, em 8 de maio de 1837.

São hoje do sr. Manuel Nunes Freire da Rocha, feito barão de Almeirim, em 23 de outubro de 1837.

E' terra fertil em cereaes e mais generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade.

POMBARES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 50 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa.

Tem 45 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago, S. Fructuoso.

O reitor de Isêda apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

POMBEIRA—Vide *Cascaes*.

POMBEIRO—villa, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros a O. d'Arganil, 30 kilometros a E. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa.

Tem 450 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os condes de Pombeiro, donatarios da villa, apresentavam o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Foi cabeça do concelho do seu nome, com camara e justiças proprias. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de novembro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 65 v., col. 1.ª)

Entre esta villa e a de Arganil, está a egreja de S. Pedro, apostolo, de construcção gothica, e por consequencia, muito antiga. Junto d'ella ha vestigios de uma grande povoação, que, segundo a tradição, são as ruinas da antiquissima cidade de *Aufragia*, dos romanos.

Braz Garcia Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico*, seguindo esta tradição, diz:

Alli (*Arganil*) junto do Alva crystalino
Esteve *Aufragia*, celebre e potente,
E perto d'ella, o *monte columbino*
(Hoje Pombeiro) o mostra claramente:
D'onde orando Quitheria, de contino,
El-rey d'Aufragia, Bispos e outra gente
Induziu ao martyrio que alcançaram,
N'aquelle santo monte, que illustraram.[1]

O padre, Pedro Henriques d'Abreu, reitor de Farinha-Pôdre, diz—«Vendo todas estas cousas, tenho para mim, que esta villa de Pombeiro, foi a cidade *Aufragia*, por tambem concordar com o nome do valle.» (*Vida de Santa Quiteria*, cap. 6.º, 1651.)[1]

O valle a que se refere este escriptor, se denomina hoje — valle de *Adrafoya*.

Pretende-se que esta villa é fundação dos povos *columbos*, ou *columbinos*, ou *columbarios*—isto é—exploradores de minas de estanho e chumbo.

Perto da villa ha duas grandes montanhas —o *Valle do Pisão*, e a *Serra da Avelleira*, ramos da Estrella. Ha em cada uma d'ellas, uma galeria (ou tunell) subterranea — que os povos d'aqui chamam *os Furados*—abertas na rocha. Cada uma atravessa o seu monte, junto ao rio Alva. Foi obra de grandes despezas e de muita difficuldade. Não se sabe com certeza o fim para que foram feitas estas galerias: talvez fossem minas de chumbo.

A villa está situada proxima ao rio Alva. Aqui e em Arganil, viveu desde a edade de seis annos, e até 1828, o notavel parlamentar, Julio Gomes da Silva Sanches (nascido na aldeia de *Gomiei*, termo de Viseu). Foi fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de sua magestade, ministro e secretario de estado honorario, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa-Viçosa, e da ordem da Torre e Espada, juiz da relação de Lisboa, presidente da camara dos deputados, etc., etc.—Depois de formado em direito, pela universidade de Coimbra, a sua primeira occupação foi a de advogado, na então comarca de Midões. Emigron em 1828, e vindo para Portugal, em 1832, é que seguiu os differentes graus da magistratura, e obteve as diversas condecorações.

—

Dizem outros auctores, que no sitio da actual Pombeiro, ou ahi perto, existiu a cidade *Columbaria*, dos romanos; mas talvez que este nome não fosse mais do que um adjectivo, em razão das suas antigas minas

[1] Já se vê que o poeta se enganou quanto a Santa Quiteria. Ou Aufragia fosse n'este Pombeiro ou no seguinte, em todo o caso, o martyrio d'aquella virgem, foi no monte Pombeiro de Riba-Visella, e não proximo do rio Alva, na Beira (hoje Douro).

[1] Acontece-nos em Aufragia, como em Britonia. Uns dizem que existiu no Minho, e é a actual *Pombeiro de Riba-Visella*, outros dizem que foi na Beira, e é esta. É provavel que houvesse duas *Aufragias*. Vide o 1.º vol., pag. 255, col. 2.ª

de chumbo, de que não ha vestigios, a não serem as duas galerias subterraneas em que já fallei.

—

Da serra da Estrella se projecta para o O. um braço, até á extincta villa de *Cellaviza* (*Caelis-Visus*). [1]

De Cellaviza corre um outro braço, de E. a O., que se abaixa por espaço de uns dois kilometros, entre esta povoação e a de Arganil, tornando a levantar-se, alargando-se por um grande espaço, formando um monte alegre e vistoso, onde se vê um extenso plató, coberto de matto, sem arvore alguma.

Manuel de Faria e Souza, no seu *Epitome*, pretende que Pombeiro fosse edificada por uns povos que entraram na Lusitania, e a que elle dá o nome de *columbos*, ou *columbros* (que elle diz, terem sido os fundadores de Coimbra).

Dizem outros que é fundação dos romanos, com o nome de Aufragia, ou *Aufrazia*, ou *Eufrazia*, da qual era senhor, Liciano, que tambem foi martyrisado com Santa Quiteria.

Toda a descida do monte do Pombeiro, ou Columbino, que olha para o N., é povoada de muitas e frescas aldeias, cercadas de vinhas, pomares e soutos. É n'esta encosta que está fundada a villa de Pombeiro, a uns 2 kilometros para N.E., ficando-lhe ao sopé o *valle de Aufragia* (*Adafroia*).

Teve Pombeiro grandes privilegios e isenções, concedidas aos seus donatarios, por varios reis de Portugal.

O valle de Adafroia, principia no rio Alva, do lado do monte, e vae até junto da villa.

Perto de Pombeiro, está a capella de *Nossa Senhora do Loureiro*, objecto de grande devoção dos povos d'estas terras.

É um templo muito antigo, e não se sabe quando nem por quem foi construido.

Existe alli um cippo romano, com a inscripção seguinte:

LOVESIVS.....
PUGI. F. SIBI. .
ET. BOVTEAE
FILIAE SUAE.
ANNORUM XI. F. C.

(Esta obra mandou fazer, Lovesio, filho de Apugio, para si e sua filha Boutea, de onze annos de edade.)

Parece que este *Lovesio*, era um nobre patricio romano. Em Condeixa Nova, entre as inscripções romanas que estão na torre dos sinos da egreja matriz, está uma que diz:

D. M.
FELICIS BOVTEAE LIB. ET FORTUNAE FELICIS FIL. OCTITIA MATER.
F. C.

(Aos deuses manes. Oticia, e Fortunata (?) sua irman, filhas de Felix, aquella mãe e esta tia, de Botea, lhe consagram esta memoria—ou lhe mandaram fazer esta sepultura.)

Em Braga, tambem ha uma inscripção que falla da familia dos Lovesios.

—

Vasco Gonçalves Peixoto, instituiu um morgado n'esta villa. Vide *Fermêdo*, *Monte-Longo* e *Pardêlhas*.

—

O 1.º conde de Pombeiro, foi D. Antonio de Castello-Branco, feito por D. Affonso VI, em 6 de abril de 1668.

Este condado está hoje unido ao marquezado de Bellas. (Vol. 1.º, pag. 372, col. 1.ª e seguintes.

É actual possuidor d'esta casa, e representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Antonio de Castello-Branco, feito (o 9.º) conde de Pombeiro, e marquez de Bellas (de que era o 15.º senhor), em 21 de julho de 1868.

Suas armas são—em campo azul, um leão, d'ouro, rompente, armado de púrpura. Timbre o mesmo leão das armas.

POMBEIRO DE RIBA VISELLA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi couto e villa—e depois, foi do concelho de Felgueiras, mas da comarca de Lousada), 30 kilometros ao E.N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

[1] Diz-se que esta etymologia lhe vem, por ficar a povoação entre a serra, e em uma baixa, d'onde se não *vê* senão o *Céo*.

Em 1757 tinha 198 fogos.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administractivo do Porto.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Pombeiro, apresentava o vigario (que era um monge da mesma ordem), que tinha 150$000 réis e o pé d'altar.

É uma freguezia fertil, rica e importante, com algumas familias antigas e muito nobres, sendo das principaes as dos Mellos Sampaios, que ainda teem vestigios dos seus antigos poderes feudaes. É actual representante e possuidor d'esta casa, o sr. Paulo de Mello e Sampaio, feito barão de Pombeiro de Riba Visella (em duas vidas) a 11 d'abril de 1851.

(Para a familia e armas dos *Mellos*, vide *Guimarães* — e para os dos *Sampaios*, vide *Carrazêda d'Anciães*.)

—

Foi senhor de Pombeiro, D. João Lourenço da Cunha, 1.º marido (ou legitimo e unico marido) da tristemente celebre, D. Leonor Telles de Menezes, que *casou* com D. Fernando I. — D. João Lourenço da Cunha e D. Leonor, eram da primeira nobreza de Portugal.

—

Diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, que no monte de Margaride, proximo a Pombeiro, ha muitas viboras.

—

Junto ás margens do rio Visella, e a 6 kilometros a E.N.E. de Guimarães, está o grande mosteiro que foi de monges benedictinos, denominado *convento de Pombeeiro*, cujo D. abbade tinha o privilegio de esmoler-mór do rei, quando este passava para o norte do rio Douro.

É com certeza, um dos mais antigos mosteiros d'este reino, e foi um dos mais ricos e poderosos.

Sobre a data da sua fundação divergem os escriptores. Uns pretendem que elle foi fundado pelos annos 900 de Jesus-Christo, reinando D. Affonso III (*o Magno*). — Outros sustentam que a sua primeira fundação, foi na era 804 de Cesar (766 de Jesus-Christo).

Outros, não se contentando ainda com uma antiguidade de onze seculos, dizem que já tinha alguns annos de existencia em 766 de Jesus-Christo, porque d'esse anno existe (ou existiu) um prazo de *Valle-Melhorado*, declarando que certas propriedades d'elle, *confrontam com terras do mosteiro de Pombeiro.*

Parece certo que já existia e era notavel, em 853, pois que n'esse anno, o Papa Leão IV, expediu um breve apostolico, sobre uma demanda que os monges traziam com o rico-homem, padroeiro do convento.

A sua primitiva fundação foi no logar de *Sobrado;* mas, ou pelo sitio não agradar aos monges, ou por outro qualquer motivo hoje ignorado, foi mudado, a requerimento dos religiosos, por D. Fernando I (*o Magno*), de Castella e Leão, para o *Monte Columbino*, em 1041. Este monarcha, deu o padroado do mosteiro, a seu sobrinho D. Gomes de Cella-Nova (Galliza), casado com D. Sancha Gomes Echiga, segundo diz o conde D. Pedro — ou com a condessa D. Velasquinha, filha e herdeira do conde Ataúlfo, segundo pretende frei Philippe.

D. Gomes de Cella-Nova, é progenitor da nobilissima familia dos Souzas, de Portugal.

Cahindo o mosteiro em poder de commendatarios, trataram estes de tirar d'elle o maior lucro possivel, não curando dos seus reparos, nem da sorte dos monges; pelo que elle foi em progressiva decadencia.

Da familia dos Souzas, passou para a dos Sampaios.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, o pediu para o *reformar*, mas deu-o a D. Antonio, *prior do Crato*, filho natural do infante D. Luiz, que perdeu o padroado em 1580.

O papa Paulo IV, o tinha dado em 1557 a S. Carlos Borromeu; mas, oppondo-se o prior do Crato a esta doação, que nada justificava, houve principio de demanda, que terminou pela renuncia de São Carlos, em D. Antonio (1564) com a pensão de tres mil crusados (1:200$000 réis) em vida do santo.

Os seus prelados, se intitularam *priores*, até 1590, e desde então, abbades,

Os generaes portuguezes, antes de hirem

para a guerra, vinham aqui implorar o patrocinio da Santissima Virgem; e depois do triumpho, aqui vinham depôr os tropheus das suas victorias.

A egreja é vasta, e o claustro tem uma formosa galeria, no 1.º andar.

Era notavel a galeria de tres naves, onde estavam abertas, por sua ordem, todas as armas da antiga nobreza de Portugal (como no palacio real de Cintra.) Está tudo em ruinas.

O D. abbade d'este mosteiro, servia de ouvidor.

O juiz, o procurador, e o porteiro do couto, eram eleitos pelo povo, e confirmados pelo D. abbade.

Era couto no civel. No crime, pertencia a Felgueiras.

O senhor de Felgueiras, era Antonio Luiz Pinto Coelho, que era tambem senhor de Fermedo, Vieira, Rio-Meão, e outros muitos senhorios e commendas.

O actual representante d'esta familia (da primeira nobreza de Portugal) é Antonio Pinto da Silva Coelho Pereira Padilha Seixas e Harcourt, que deu cabo da sua grande casa. e anda hoje pelo Brazil, feito medico raspaillista!

(Vide *Fermêdo.*)

—

Havia no archivo do mosteiro, um documento, que provava o estado de relaxação a que haviam chegado os monges de Pombeiro, no seculo XIII.

D. frei Alvaro Paes, no seu livro — *Do Pranto da Egreja*, patenteia a desmoralisação dos frades e freiras d'aquelles tempos, comparados com os quaes, os dos seculos seguintes eram modelos de virtude e sciencia.

No documento de Pombeiro, se lia, que sendo nomeado para abbade d'este convento, um frade bernardo, os monges o não quizeram reconhecer, porque, álem de outras razões, era homem prodigo e dissoluto.

O novo abbade, terminou summariamente a contenda, mandando enforcar um dos frades (que julgou *cabeça de motim*) em frente do mosteiro.

Por fim, os frades concordaram com o abbade (podera!...) sendo expulso o forneiro, que foi o que serviu de carrasco.

Aconteceu isto em 1251.

No reinado de D. Diniz, requeriam as freiras publicamente ao monarcha, para lhes legitimar os filhos, declarando nas suas petições, quem eram os paes, ainda que fossem frades ou padres!

—

Sobre a porta principal da galilé do mosteiro, estavam gravadas as armas dos Souzas, e havia alli sepulturas de alguns dos membros d'esta familia.

Em uma lapide da parede da mesma galilé, existiu a seguinte inscripção:

ERA MILLESSIMA TRECENTESSIMA NONA,
FACTA FUIT GALILÉ—MANDANTE
DOMINO RODERICO, ABBATE

(*Na era de 1309, foi construida está galilé, por ordem do abbade D. Rodrigo.* — E' o anns 1271 de Jesus Christo,)

—

Aqui foi sepultado João de Mello e Sampaio, commendador do mosteiro; e junto á sua sepultura estava a de Manuel Gonçalves—*o Trovador*—natural de Guimarães.

Consta que foi o primeiro que fez *trôvas* em Portugal, e por isso mereceu o seu cognome.

—

A rainha D. Thereza, pouco tempo depois da morte de seu marido, o conde D. Henrique (1112), fez ao convento de Pombeiro uma ampla doação, *de quanto possuia dentro dos coutos de Avisella* (Visella) immediato ao solar dos Souzas, e ao mosteiro.

Um dos testemunhos que dá o antigo livro de Pombeiro (citado por Manuel de Souza Moreira, na *Vida de D. Mendo Viegas de Souza*, 8.º senhor da casa dos Souzas), da independencia, honra e desinteresse de D. Mendo, é o seguinte:

Tinha elle (D. Mendo) uma sobrinha, a quem muito amava, chamada *Adozinda Udariz*, que lhe fez doação da parte do padroado, que, como bisneta do famoso *D. Gomes Echiguiz*, possuia n'e[illegible]amplissimo mosteiro.

Esta senhora era filha de Emisio (ou Ermigio) Froylaz, e neta de D. Trodili, de quem foi pae, D. Gomes Echiguiz.

Não só doou a seu tio o padroado do convento de Pombeiro, como tudo quanto D. Mendo lhe tinha tirado das garras de seu ambicioso irmão, D. Pedro Udariz; porém D. Mendo só acceitou o padroado do Pombeiro.

Para evitarmos repetições, vide vol. 6.º, pag. 543, col. 2.ª)

—

Já disse que este mosteiro teve duas fundações—isto é—foi primeiramente fundado no sitio ainda hoje chamado *Sobrado*, no valle de Visella, e o seu primeiro nome foi *mosteiro de Sobrado*. Ficava junto ao monte de Santa Cruz (por ter no seu cume uma ermida, dedicada á Santa Cruz).

Ignora-se, como já fica dito, a data d'esta primeira fundação; porque, no cartorio do convento não se achou d'isso o minimo apontamento.

O mais antigo documento que se encontrou, foi um prazo, escripto em pergaminho, e em caracteres gothicos, que o abbade de Pombeiro, frei Hugo, fez a Domingos Annes, de *Valle-Melhor* (hoje *Valle-Melhorado*), das bouças de *Payo Capello*, no anno de Jesus-Christo, 766.

Tambem se achou um breve do papa Leão IV, de 9 de fevereiro de 853 de Jesus-Christo. Ainda n'este anno existia o mosteiro no mesmo sitio do Sobrado.

O actual mosteiro foi construido um pouco mais abaixo do primitivo, em um sitio cercado de montes, com pouca vista, porque, só para a parte de Guimarães, tem uma aberta, feita pelo rio Visella.

Do antigo mosteiro não ha vestigios, e só existe a egreja, de architectura gothica, e de grande sumptuosidade.

Sobre as duas *quartellas* da cornija exterior da fachada, dá luz ao templo do 2.º mosteiro, um *espelho*, de 20 metros de circumferencia, e tem, como remate, um leão rompente, sustentando duas medalhas em meio relevo, que consta serem as efigies de D. Fernando Magno e de sua esposa; alli mandadas collocar por D. Egas Gomes de Souza, bisneto, por sua mãe, d'aquelle monarcha.

Em frente da porta principal, houve uma galilé, de tres altissimas naves, de abobada, formada em esquadria, e era n'esta galilé que estavam os escudos d'armas de todas as familias nobres de Portugal, esculpidos na pedra, e com todo o rigor da heraldica: de modo que, quando se duvidava da origem de algum fidalgo, a *galilé de Pombeiro*, era a Torre do Tombo da antiga nobreza lusitana. O tempo principiou a desmantelar esta famosa galilé, e a estupidez de alguns abbades do mosteiro, completou a obra da destruição, mandando pouco e pouco demolir este venerando monumento, para com os seus despojos construirem paredes de casas, e muros da cêrca.

Nos dois angulos da fachada da egreja, estão duas altas e magestosas torres, de bella cantaria.

O edificio do mosteiro é de fórma quadrangular, com tres compridos e largos dormitorios, um ao S., outro ao E., outro ao O., fechando o quadro, ao N., a egreja.

No centro do mosteiro ha um espaçoso claustro, guarnecido de altas e grossas columnas, de ordem corinthia, sobre cujos capiteis se levanta uma vistosa galeria, que accrescenta a magestade do edificio.

A sachristia, que é vasta e alegre, está adornada de boas pinturas, e teve riquissimos ornamentos e alfaias, dadas pela casa de Souza; o que consta de muitas doações, feitas em varias épocas, por esta nobilissima familia.

Os reis de Leão, e depois os de Portugal, pela grande devoção que tinham á Santissima Virgem de Pombeiro, lhe fizeram largas doações, dando ao mosteiro, grandes privilegios.

—

No monte da ermida da Santa Cruz, existiu, em eras remotas, um castello, construido pelos romanos, do qual ainda existem vestigios.

Passou depois ao poder dos christãos, e d'elle foi alcaide-mór, ou governador, D. Go-

mes Nunes de Souza, 3.º filho de D. Egas Gomes de Souza, senhor de todo este territorio.

D. Gomes Nunes, tinha tambem muita devoção com Nossa Senhora de Pombeiro, e lhe fez amplas doações.

—

O convento do Pombeiro, foi riquissimo no tempo dos nossos primeiros reis, e, segundo alguns escriptores, chegou a ter 900 monges.

Parece-me muito monge. É mais provavel que os monges, leigos, familiares, empregados e criados, completassem aquelle numero (e não era pequeno) e que d'aqui procedesse o engano; o que era facil.

O padre mestre frei Raphael de Jesus, na sua *Monarchia Lusitana*, tratando da vida do rei D. Diniz, e alludindo a este mosteiro, diz (citando varios auctores) que *tinha tanto de renda como a de todo o reino, no principio da monarchia;* que, na opinião de frei Bernardo de Brito, eram 13 a 14 contos de réis.

Os commendatarios, foram pouco a pouco dando cabo de muitas d'estas rendas, já deixando-as perder, por desmazéllo; já deixando-as remir aos caseiros; já dotando com ellas seus filhos, de modo que, em 1700, apenas sustentava 40 religiosos.

Emquanto os taes commendatarios se não apossaram das rendas do mosteiro, havia n'elle um bom collegio de disciplinas ecclesiasticas, muito florescente; de que elles deram cabo.

Foram por muitos annos commendatarios d'esta casa religiosa, os Mellos Sampaios. O ultimo, foi D. Antonio de Mello e Sampaio, desde 1528 até 1560.

Fallecendo este commendatario, a rainha D. Catharina (viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião) pediu o padroado ao papa Pio IV, para o prior do Crato, como já fica dito.

Como este principe fugiu para França, á sanha de Philippe II (vide *Crato*), ficou o convento, desde 1590, sem commendatario e governado por abbades, sendo o primeiro, o padre D. frei Bernardo de Braga, que, livre da rapacidade dos commendatarios (que dissipavam em cousas mais que muito profanas, as rendas destinadas a legados pios, e á sustentação do culto divino e dos monges) augmentou muito o mosteiro, sendo então quasi todo reedificado desde os fundamentos.

—

O mosteiro benedictino de Pombeiro, foi julgado *bens nacionaes*, e vendido a dois individuos d'aqui.

Está hoje em poder dos seus herdeiros.

A egreja, é a matriz da freguezia, como ja o era antes da suppressão das ordens religiosas.

Tambem deixaram um pequeno bocado de cêrca, para passal do parocho, que agora foi (ou vae) ser vendido.

—

O collegio de *Santa Quiteria*, está edificado no cimo do monte do Pombeiro, que pouco se eleva do solo, ficando sobranceiro á villa de Felgueiras.

E' o unico, no seu genero, pela sua formosa situação; pelas deliciosas vistas que d'elle se gosam; pela salubridade dos seus ares; e, sobretudo, pelo profundo socego que alli se gosa, indispensavel para o estudo e para a contemplação das bellezas naturaes que o rodeam. Dominando um vasto horisonte, onde a vista se espraia, já por viçosos campos, cobertos de eterna verdura, cercados de altos e frondosos castanheiros, adornados de pampanos, em festões; montes e collinas, cobertos de plantas annuaes, ou de arvores de varias especies, por entre as quaes surgem as casinhas brancas dos lavradores.

Mais ao longe, uma poetica ermidinha, alvejando no tópe de um outeiro; seguindo-se depois, outros e outros, ora cobertos de arvoredos silvestres, ora de mattos e arbustos surdindo por entre alcantis.

Ao O., ha uma aberta, entre dois montes, e por ella se vê o quadro magestoso do pôr do sol, que se mergulha em ondas de

fogo, nas aguas do Occeano, que se vê a 60 kilometros de distancia.

A 18 kilometros de distancia, vê se perfeitamente a cidade de Penafiel, e um pouco mais proximas, a villa de Lousada, e a grande e bonita povoação da Lixa.

Tambem d'aqui se descobrem as serras do Marão, coroado por um lençol de neve mais de metade do anno; e a do Gerez, com os seus picos, formados de rochedos, em fórma de agulhas, semelhando castellos e templos desmantellados.

Finalmente, o monte Sameiro, e a sua estatua colossal da Virgem, monumento da piedade dos braccarenses.

A todas estas condicções de belleza, salubridade e paz, se reune a sollicitude e illustração dos mestres; e a exemplar applicação de 120 alumnos, que actualmente frequentam este notavel instituto de educação religiosa e scientifica.

Ao lado do collegio, ergue-se o poetico e formoso templo, dedicado á virgem lusitana, Santa Quiteria, martyr.

—

N'esta freguezia (denominada antigamente — *couto de Ueiras*) nasceu, a 18 de março de 1590, na quinta da *Caravella*, ou do *Souto*, o nosso famoso classico, Manuel de Faria e Souza.

Era filho legitimo, de Amador Peres d'Eiró, e de Luiza de Faria.

Pretendem alguns (fundados na afirmativa do hespanhol, Francisco Moreno Porcel, contemporaneo e amigo de Faria e Souza, e o seu primeiro biographo) que os ascendentes do nosso poeta eram pessoas nobres; e este diz, nas suas obras, ser neto de *Estacio de Faria*, poeta do seculo XVI, e do reinado de D. Sebastião.

Afirma Faria e Souza, que o soneto de Camões, que principia

«Agora toma a espada, agora a pena,
Estacio, nosso, em ambas celebrado, etc.»

se entende com o seu avô materno, que, segundo o neto, foi fidalgo da casa real.

Note-se porém, que na sua *Fonte de Aganipe*, dirige uma ecloga ao genealogico Alvaro Ferreira de Véra, escarnecendo dos meritos da fidalguia herdada, com versos (alguns, soffrivelmente insipidos) e preferindo a honra que se adquire pelos proprios feitos, á nobresa que se herda, por um accaso da natureza.

Em outro logar da mesma obra, mófa dos fidalgos de Cabeceiras de Basto, dizendo-lhes: [1]

Sempre me dizes, Celso,
Por mil estranhos modos,
Que por unico tens e por excelso,
Aquelle, que dos gôdos
Sustenta alguma veia
De sangue, que asseguras mais o arreia,
Sendo os seus institutos
Não tanto d'homens, não, como de brutos.

Elles foram ruina
De quanto em nossa Hespanha,
Já gloria era profana, já divina.
A uma e outra montanha,
A pedras reduziram
Quantas maquinas claras construiram
Scientificos Vitruvios,
E das humanas leis foram diluvios.

Da peguana gente,
Lá na Asia se publica
Que tem um cão por unico ascendente. [2]
Se entre ella prolifica
Alguma casa nobre,
Não queres tu que o riso então me sobre,
Quando saiba, se présa
De origem tão nefanda, tal nobreza?

E por fados contrarios,
De avós e paes famosos,

[1] Não publico toda a poesia, para não infadar o leitor; ao qual, ainda assim, peço desculpa de transcrever estes: o que faço por serem hoje rarissimas as obras de Manuel de Faria e Souza.

Só escolhi os que me pareceram melhores.

[2] Não admira que os semi-selvagens do Pegú, se cream descendentes de um cão.

O que faz pasmar, é que certa escola moderna, de illustrados sabichões, se digam descendentes dos *macacos!*

Netos e filhos vís, tão ordinarios;
Com actos vergonhosos.
Não queres que me ria,
Se estes tem presumpção de fidalguia,
Fundada em fundadores
Sem que creiam de si, que são piores?

Aquelles singulares
Varões, que já fundaram
Illustres e antiquissimos solares,
Cuidas tu, que os lavraram
Com presumpções indignas
De algumas ascendencias peregrinas?
Pois eu quero que creias,
Que d'obras proprias são, e não de alheias!

E os solares lusidos
De que agora nos montes
Vestigios vês, apenas conhecidos;
Quem, senão Phaethontes,
Com torpes arrogancias
De alheias, de luz clara redumdancias,
Os poseram por terra
Fazendo em vicios, ás virtudes guerra?

Ao nobre faz grão perda
Quem diz, se herda o ser nobre;
Porque nobreza alguma, nunca se herda,
Quando o herdeiro não obra
Como aquelles obraram,
Que para os imitar os procrearam:
Isso só se concede
Se qual no sangue, no valor succede.

Glorias não atribuas
De nobre, a quem não faça
Obras, que a rosto aberto, chame suas:
Póde o principe, a graça
Ao vil do privilegio
Fazer do nobilissimo collegio;
Dar-lhe honra é impossivel,
Por que isto, a cada qual, é só factivel.

Tu dirás que, de fôro
Se deve á concedida
Nobreza, por tal graça grão decóro.
Sabe que dividida,
Está da honra a nobreza,
Que concede do principe a grandeza:
Espaço ha dilatado
De que um se chame nobre—a ser honrado.

O que nasce em brocados,
Quando infamias abrace,
Será dos por mais vis abominados.
O que no fêno nasce
Quando abraça as virtudes
Não creias que de ser illustre o mudes.
Nobrezas mais famosas
Sómente as fazem obras gloriosas.

O nascimento escuro
Não te serve de offensa,
Se sabes proceder com valor puro.
Fundas nobresa immensa
Se em tal módo procedes,
E com heroes ethereos bem te medes,
Em throno mais glorioso.
Nasce mal, obra bem, serás famoso.

Uma aura van, do povo
Para dar verdadeira
Honra a quem a não tem firme—reprovo.
A gloria mais inteira,
Não com essa vil aura
Com virtudes se funda, ou se restaura.
Por mais que essa aura te ame,
Nasce bem, obra mal, serás infame.

Com alma d'Aristides,
Com mão Alexandrina,
E com braço fortissimo, de Alcides,
Se funda a rica mina,
Da nobreza sublime.
Usa pois, se pretendes que te estime,
O mundo, por augusto,
Mão larga, braço forte, animo justo.

—

Apezar do que se acabou de ler, Faria e Souza. obedecendo a certas influencias, annotou o *Nobiliario*, do conde D. Pedro.

Suspeita-se, com bons fundamentos, que esta edicção teve por fim, eliminar do primitivo *Nobiliario*, um judeu (christão novo) chamado *Ruy Capam*—tronco de muita fidalguia das Hespanhas.

Ao marquez de Castello-Ro-

drigo (com quem Faria e Souza estáva então em Roma, quando annotou o *Nobiliario*) convinha, principalmente, que as palavras allusivas a Ruy Capam (*baptisado em pé*) desapparecessem da obra, como effectivamente foram.

—

Faria e Souza, seguiu os seus primeiros estudos em Braga, segundo alguns; porém D. frei João de São José Queiroz, bispo do Grão-Pará, achou no mosteiro benedictino de Refojos de Basto, a tradição de ter alli estudado alguns annos o nosso poeta, com os monges, protegido pelo bispo do Porto. Dom Gonçalo de Moraes, filho d'aquelle mosteiro.

Notemos porém que Dom Gonçalo, entrou para o noviciado do convento de Refojos, 79 annos antes da morte de Faria e Souza, que, ainda adolescente entrou para o paço do bispo do Porto; pelo que, uns o fazem seu parente, outros creado.

O sr. visconde de Juromenha (fundado no que diz D. Francisco Moreno, e Costa e Silva) diz que Faria e Souza, entrára, na qualidade de secretario do bispo do Porto, em 1604, tendo então 14 annos de edade—o que não é muito verosimil.

Aos 20 annos, pouco mais ou menos, principiou Faria e Souza a fazer versos, que seus contemporaneos julgaram excellentes, e nós julgamos sobremodo defeituosos. (*Resume de l'histoire litteraire do Portugal*, por Ferdinand Denis, pag. 368—obra impressa em Paris, em 1862.)

O bispo, seu protector, destinava-o ao estado ecclesiastico, mas o poeta tinha mais propensão para as aventuras do seculo, occupando-se mais de amores, do que da theologia; dizendo-se até que elle amava tres mulheres simultaneamente, e que era d'ellas correspondido com ardor.

Uma era candida, de olhos azues, e natural de Lisboa — outra era pallida, tinha olhos pretos, e era portuense—a terceira, tinha olhos verdes, e era de Visella. (D'esta não consta a côr da epiderme.)

Foi por fim preferida a primeira—a dos olhos asues—que era, D. Catharina Machado (filha do contador-mór, D. Pedro Machado) e com ella casou o poeta, em 1614.

Em 1618, foi para Pombeiro, com a sua familia, e no anuo seguinte, foi para Madrid, como secretario do conde de Muge, vindo n'esse mesmo anno a Lisboa, na comitiva de Philippe III, e, fallecendo logo o conde de Muge, tornou para Madrid, com as illusões perdidas.

Viveu alguns annos de privações, e pae de numerosos filhos.

Entre 1623 e 1628, publicou as suas primeiras obras, vivendo do producto d'ellas.

Nem a protecção do bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, strenuo partidario dos Philippes, nem a publicação (em 1628) do seu *Epitome de las historias portuguezas*, no qual tece grandes elogios a Philippe II, e ao renegado Christovão de Moura, elevando até aos astros a prudencia, a probidade, a justiça e a caridade d'aquelle usurpador; e até a sua legitimidade á corôa portugueza—fulminando os portuguezes que se não queriam submetter ao jugo ominoso de Castella—nada d'isto lhes valeu para obter um emprego que lhe desse, ao menos a *feliz mediocridade*, sonhada pelos poetas infelizes.

Nada conseguiu senão mostrar á posteridade um portuguez desleal, e um escriptor vendendo a sua penna á tyrannia e á immoralidade.

Para sabermos até onde chegou a baixeza de Faria e Souza, basta ler alguns periodos do seu *Epitome*.

Principia em Almeirim, historiando a lucta travada pelos pretendentes á coroa portugueza, em volta do leito, do pusilanime cardeal-rei, moribundo. (Vol. 1.º, pag. 149, col. 2.ª e seguintes.)

Fallando de Christovão de Moura, diz: [1]

«D. Christovão de Moura, com maravilhosa placidez, mostrava maravilhosa diligencia: é certo que muitos animos se lhe oppunham; muitos porém, *que estavam quié-*

[1] Traduzido da edição de Francisco Foppens, Bruxellas, 1730,

tos, quasi concordavam com os muitos que se lhe affeiçoaram. Conheciam já o direito do seu principe, e punham os olhos na sua força.»

E mais adiante:

«Propunham que o cardeal se casasse... nomearam-lhe como noivas, a filha de Bragança, e a rainha-mãe, de França, cujo retracto mandou vir, e trazia comsigo; e o certo é que, *segundo sua disposição e edade tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter; e, posto que já tivesse sido mãe, quanto a elle, estava como a sobrinha,* e com tudo, os que o desejavam casado, conhecendo que, nem com mulher já casada, teriam fructo do casamento, ousaram dizer, que lhe trouxessem mulher, ainda que já viesse pejada.» (!)

Um portuguez que em tão afflictiva conjumctusa, se atreve a escarnecer de cousas tão sérias, com jogralidades de alcouce, está irrevogavelmente sentenciado a desprezo eterno, pela posteridade.

Fallando do prior do Crato, trata-o com a maior severidade, e aos que lhe são fieis, nas côrtes d'Almeirim, chama *escoria inexoravel,* (!!!) e conclue que *os portuguezes que se venderam, devem restituir o recebido, porque venderam o que já era de quem lho comprou.*

(Isto não preciza commentarios.)

Lastima que os *rebeldes* (!) se não aquietem, nem movidos pela *veneranda auctoridade real, nem com o exemplo dos principaes do reino, nem com as forças da razão.*

Mesmo assim, tem o livro d'aquelle portuguez degenerado, a vantagem de confirmar a venalidade de muitos nobres portuguezes d'aquelle tempo. (Vol. 4.º, pag. 324, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª — e pag. 344, col. 1.ª)

Depois da morte do cardeal-rei — diz Faria e Souza — «Começam na averiguação da precedencia (dos pretendentes), *mas esta é já do novo principe Philippe,* QUE ENTRA A MOSTRAR OS SEUS DIREITOS COM AS ARMAS, ÁQUELLA PARTE INFIMA DA PLEBE IMPACIENTE.»

Na 4.ª parte do seu *Epitome,* quando já Phillipe II tinha lançado as garras á corôa portugueza — principia Faria e Souza a encarecer a *felicidade* de cahirmos na escravidão.

Conta, como algumas cidades, ao avisinhar-se Philippe II — «abriram os olhos, e, quando o rei o não esperava, lhe offereceram as chaves. *Isto acabou de despeitar a canalha que seguia D. Antonio, a qual, atropelando toda a razão e ordem, se acabou de confundir, e em Santarem o acclamou rei.*»

Aos partidarios do prior do Crato, chama *escravos animados do desejo da liberdade.*

Quando o duque d'Alva entrega as chaves de Lisboa a Philippe II, este quer dal-as a Christovão de Moura (diz Faria e Souza), dizendo-lhe — *Tenedlas vós, por que a vós se deven ellas.*

Diz que Philippe II *purificou em poucos a prudencia de todos os desenganados.* E qual foi esta *purificação?*

Foi a prisão da condessa do Vimioso e de suas filhas, em castigo de seu marido e pae, morrer ao lado de D. Antonio.

Foi o desterro da esposa e filhos de Diogo Botelho.

A morte de D. Violante do Couto, em uma enxovia de Castella.

Mandar arrastar a mulher do bravo Fonseca da Nóbrega, de junto do cadáver de seu marido, retalhado em Alcantara (no infausto dia 25 de agosto de 1580) para uma masmôrra.

A degolação de D. Diogo de Menezes, governador da fortaleza de Cascaes, por D. Antonio, em um patibulo, levantado no meio da praça da mesma villa. (Vol. 2.º, pag. 146, col. 1.ª)

Mandar enforcar Henrique Pereira de Lacerda.

Mandar envenenar Sfortia Orsini, nas cadeias do Porto.

Mandar decapitar Pedro d'Alpoim.

Mandar cravejar em uma cruz, Antonio Guedes de Souza.

Fazer morrer em um cadafalso, frei João do Espirito Santo.

Mandar envenenar Heitor Pinto.

Mandar degolar D. Ruy Dias.

Mandar enforcar Balthazar Rodrigues.

Mandar assassinar varios fidalgos e mais de DOIS MIL religiosos (uns nas casamatas de S. Julião da Barra, outros afogados junto á fortaleza).

O mar, por muito tempo, em vez de peixe, arrojava á praia os membros despedaçados das infelizes victimas da ferocidade do sanguinario Philippe II, e seus adeptos. (Vide vol. 3.º, pag. 425, col. 2.ª—a ultima linha e seguintes.)—Manuel Rodrigues Leitão, *Tratado analitico*, pag. 226.—Antonio Velloso de Lyra, *Espelho de lusitanos*.—Manuel Fernandes de Villa-Real, *Anti-Caramuel*.—João Pinto Ribeiro, *Usurpação* etc., pag. 10 — frei Francisco de Santo Agostinho, *Philippica portugueza*, pag. 5, 7, e 32 —D. Francisco Manuel de Mello, *Ecco Politico*, pag. 5, v. — Conde da Ericeira, *Portugal Restaurado*, vol. 1.º, pag. 37.— Luiz Augusto Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, 2.º vol., pag. 613 e seguintes.

—

Estas baixezas e infamias porém não conseguiram a Faria e Souza, os premios que os Philippes costumavam dar aos traidores portuguezes que lhes venderam a patria; porque já antes da publicação do seu *Epitome*, o tinham feito cavalleiro do habito de Christo, e lhe tinham dado fôro de fidalgo.

Desanimado com a *ingratidão* de Philippe IV, veiu com sua familia para Lisboa, até que o *marquez* de Castello Rodrigo, o levou por secretario, quando foi embaixador a Roma, onde esteve quasi dois annos, ganhando lá grande fama de extremado poeta, e muitos elogios do papa Urbano VIII.

Voltou a Madrid, em 1634, e foi logo preso por *inconfidencia*, sendo solto tres mezes e meio depois, e *ilibado em seus creditos*, dando-lhe Philippe IV uma *tença* de 60 ducados mensaes, com promessas de maiores vantagens.

Depois da acclamação de D. João IV, Faria e Souza continuou a residir em Madrid; mas, tornando a cahir no desagrado do ex-usurpador, morre, em 1649, no palacio do marquez de Monte-Bello, que lhe déra asylo por esmola.

A sua viuva lhe trouxe os ossos para Portugal.

Notemos que alguns escriptores sustentam que Faria e Souza foi um fiel servidor de D. João IV, *dando-lhe as noticias mais seguras, os avisos mais occultos e os conselhos mais prudentes, expondo-se a maiores perigos do que os que serviam na guerra* — isto é — *espião!*

O sr. Camillo Castello-Branco, que vou seguindo n'esta biographia, diz (*Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, pag. 118):

«Assim como os Philippes não tinham tido «portuguez, senão Manuel de Faria, que di«famasse Portugal, na historia, aconteceu «que D. João IV, querendo negociar em Hes«panha, espião e denunciante, encontrasse «sómente, o mesmo Manuel de Faria. Era «justo. Não havia outro, asado para se pe«nitenciar da infamia, pela perfidia.

«Terá porventura, o conde da Ericeira «falsificado o caracter de Faria, como Faria «falsificára a verdade historica?

«Tudo nos compulsa a crer que D. Fran«cisco Xavier de Menezes [1] desgraçadamen«te foi verdadeiro.

«Morre Manuel de Faria, e logo seu filho, «Pedro de Faria, vem para Portugal. D. «João IV, *recebe-o afavelmente, agracia-o, «chama-lhe benemerito, no diploma, galar«doa-o dos serviços do pae, dando-lhe uma «tença de* 50$000 *réis, no reguengo d'Aguiar.* «—De quaes serviços o galardoavam?—Dos «do *Epitome?*—não—dos *avisos, alvitres e «conselhos*, expressões postiças, com que gra«ciosa e diplomaticamente se colorava a pa«lavra ESPIONAGEM.

[1] O conde da Ericeira.

«Pedro de Faria trouxe comsigo os inedi-
«tos de seu pae.

«A *Europa Portugueza*, era um d'esses
«ineditos.»

—

No monte do Pombeiro, tambem chamado *Colombino*, e *de Santa Quiteria*, foi martyrisada, pelos annos 130 de Jesus Christo, a virgem Santa Quiteria, a 2.ª das nove irmans, filhas de Lucio Caio Atilio, consul, ou governador da Lusitania, e de sua mulher, Calcia Bruta. (Vol. 1.º, pag. 442, col. 2.ª)

No sitio onde foi degolada, erigiram os christãos uma grande e formosissima capella, obra primaa de architectura gothica.

Fica mesmo no alto do monte, e desde a villa até á capella, se construiu uma bella e éspaçosa estrada, na qual trabalharam não só os lavradores e artistas, mas até os mais nobres cavalheiros e as mais gentis senhoras da villa e arredores.

Abriu-se tambem uma estrada em *ziguezague* (lacêtes) que vae até ao cimo do monte, e já nos seus angulos teem muitos devotos feito varias capellas, todas pelo mesmo risco, que foi feito pelo sr. A. J. de B. Lima.

Hoje o Sanctuario de Santa Quiteria de Pombeiro, vae-se assimilhando muito ao do Bom Jesus do Monte.

—

Resumirei agora, quanto me for possivel, o livro de frei Bento da Ascenção, intitulado — *Vida e martyrio da insigne virgem e martyo, Santa Quiteria,* SERENISSIMA INFATE (!) *de Portugal;* publicado em Lisboa Occidental, em 1712.

—

Pelos annos 120 de Jesus Christo, sendo papa, São Telesphoro [1] e imperador Adriano, [2] *reinava* em Portugal (aliás na Lusitania) um esforçado *rei idolatra e gentio*, chamado *Cathelio*, ou, segundo outros, Lucio Caio Attilio, [1] casado com uma nobre e formosa dama, chamada *Calcia* (alguns dizem —*Calcia Bruto.*)

Eram os paes das *nove irmans brachareuses.*

Quasi todos os escriptoros antigos teimam em dar a Caio Attilio, o titulo de rei, quando não foi mais do que consul ou legado do imperador—e em dar o nome de Portugal, á Lusitania, que só mudou de nome no meiado do seculo X, isto é perto de 800 annos depois do martyrio de Santa Quiteria.

Até no *Martyrologio* de Usuardo, se lê—*Sanctæ Uvilgi-fortis, Virginis, et Martyres foliæ Regis Portugaliæ.* (!)

O auctor da Vida de Santa Quiteria, fez mais—dá á mãe d'ella os titulos de *Dona* (!) *Calcia, rainha de Portugal.*

Dizem alguns, que Lucio Caio Attilio, era de uma familia patricia, e natural de Braga; outros porém, sustentam que era allemão, e que veiu á Lusitania, no tempo do imperador Gallieno [2] a conquistar e saquear

[1] Engana-se o frade.

O papa, desde 119 até 130, foi Santo Alexandre, e não S. Telesphoro, que só governou a egreja de Deus, por morte de S. Xisto, successor de Santo Alexandre, e que foi papa, desde 130 até 140.

S. Telesphoro, exerceu o pontificado, desde 140 até 152.

[2] O famoso imperador Trajano (hespanhol, natural de Córdova) morreu em 114, e lhe succedeu Adriano, que foi um bom imperador, amigo dos lusitanos, e não perseguiu os christãos das Hespanhas.

Os martyrios d'estes, só se devem attribuir aos seus delegados.

Adriano morreu em 139, e lhe succedeu Antonino Pio, que nada fez (que conste) a favor da Lusitania, senão o famoso *Itinerario*, tantas vezes citado n'esta obra, e que se lhe attribue, posto que parece mais provavel que elle o mandasse fazer.

A Antonino Pio, succedeu o grande Marco Aurelio, em 162.

[1] Notemos que *Cathelio*, ou *Cathilio* (como outros dizem) é contração de *Caio-Attilio*—e vem portanto a ser a mesma cousa.

[2] Aqui temos outro anachronismo, de uns 148 annos.

Gallieno imperou, desde o anno (de Jesus Christo) 268.

Tanto Gallieno, como os seus successores,

as suas povoações, entre as quaes se conta a famosa cidade de *Norba Cesarea*, uma das maiores e mais nobres d'esses tempos, situada junto ao Tejo, entre este rio e a actual cidade de Portalegre, a *Améa* dos romanos.

Entre os despojos de Norba Cesarea, se continha uma formosissima donzella lusitana, chamada *Calcia*, de quem o tal rei, Caio Attilio se enamorou, casando com ella.

Isto é puramente... mentira.

De mais—a primeira invasão dos allemães na Lusitania — segundo Dextro — foi em 268.

Só ha de verdade, o ter-se effectuado esta invasão no tempo do imperador Gallieno.

Vamos pois á lenda das *nove irmans*.

Havia annos que Caio e Calcia estavam casados, sem terem filhos, o que muito os desgostava; até que finalmente, Calcia apparece no seu estado interessante, e as suas penas se dissiparam.

D'este parto porém, nasceram nove filhas, estando seu marido ausente.

Teve Calcia muito pejo e vexame d'este parto extraordinario, e decidiu mandar assassinar as meninas, sem que seu marido soubesse do parto.

Servira-lhe de parteira, uma donzella christan (chamada *Sila*, ou *Cyta*) a quem muito amava, e á qual encarregou de afogar as meninas em um dos pégos do rio Déste; mas a virtuosa donzella, longe de cumprir a monstruosa ordem, fez baptisar as meninas, e crear, em segredo, na religião christan; impondo-lhes no baptismo os nomes de *Genébra, Victoria, Eufemia, Marinha* (ou *Martinha*), *Marciana, Germana, Basilia* (ou *Basilissa*), *Quiteria, e Liberata* (ou *Wilgeforte*), e distribuindo-as por nove amas christans, dos arrabaldes de Braga.

Passado o primeiro anno, Cyta, as levou para uma casa, tambem dos arrabaldes de Braga, onde as educou, como a mais extremosa das mães.

Assim que chegaram ao uso de rasão, se consagraram ao serviço da Santissima Virgem, vivendo n'aquella casa, como em um mosteiro.

Como eram todas formosissimas, tiveram muitos pedidos de casamento, para jovens ricos e nobres, que ellas sempre regeitaram.

Levantara-se por esse tempo uma atroz perseguição contra os christãos, e L. Caio Attilio, cumprindo as ordens imperiaes, foi um flagello d'elles.

Sabida a vida christan das nove irmans, foram estas presas, e levadas á presença de seu pae, que estava então na cidade gallega, de Tuy, fronteira á nossa praça de Valença.

Este homem, apezar da sua crueldade, ficou commovido á vista de tanta juventude, formosura e modestia, e não lhes fallou com a aspera insolencia, com que interrogava os outros christãos.

Quando lhes perguntou quem eram seus paes, e onde haviam nascido, Genébra lhe respondeu—«Somos filhas vossas, e de vossa mulher, e nascemos na cidade de Braga»—e lhe contaram todas as circumstancias do seu nascimento.

Pasmado ficou Caio, e, levando as nove irmans á presença de sua mulher, esta confessou tudo, reconhecendo-as por suas filhas; o que encheu de prazer o pae, que as abraçou com transporte.

Ficaram no palacio, e seus paas, tentaram, por todos os meios, servindo-se de palavras ternas, e brilhantes promessas, e depois, de ameaças dos mais atrozes suplicios, para as fazer abjurar o christianismo; mas, nem com caricias nem pelo terror, as poderam perverter.

Decediram então dar-lhes tempo para reflectirem, na esperança de, com a edade mudarem de opinião.

Ellas porém, receando faltar-lhe o animo, em vista das lagrimas da mãe, e dos rogos do pae, se combinaram em fugir, tomando todas caminhos diversos, para se poderem mais facilmente subtrahir ás pesquizas de seus perseguidores.

As oito irmans, não foram encontradas; mas sim Quiteria, com alguns christãos que a acompanhavam.

Claudio e Aureliano, foram uns ferozes perseguidores dos christãos.

Chegados á presença de Caio, este os tratou com brandura, conservando a filha no seu palacio, e despedindo os mais em liberdade.

Viveu a santa menina algum tempo em casa de seu pae, que lhe tolerava a pratica do christianismo; e até que fosse orar, livre do bulicio do paço, para o monte *Oria* (?) que ficava proximo a Braga.

Germano, rico e nobre mancebo, namorado de Quiteria, a pediu a seu pae, em casamento, ao que Caio annuiu da melhor vontade; instando com a filha, para que este casamento se realizasse.

Vendo Quiteria, que o unico meio de evitar este casamento, era fugir de Braga, assim o fez, hindo ter ao *Valle de Aufrazia*, onde se sujeitou a viver de fructos e raizes silvestres.

D'alli passou ao monte de Pombeiro, que é proximo, sendo senhor d'este territorio, Lenciano (ou Lencivam), que sendo christão havia apostatado.

A santa virgem, vivia escondida, junto de uma capella de S. Pedro, *que já então alli existia* [1] na companhia de algumas donzellas christans.

Caio, perdidas todas as esperanças da apostasia de sua filha, a mandou processar e matar onde fosse encontrada.

Os sicarios a acharam e ás suas companheiras, em um sitio chamado *Margaliza* (que se suppõe ser a actual de Margaride) e as degolaram.

Diz a lenda, que a santa, depois de degolada, pegou na sua cabeça, e andou, até ao logar da sua sepultura.

Segundo o *Anno Historico*, teve logar este martyrio, no dia 22 de maio, do anno 130.

—

Já disse que Lenciano (tambem alguns lhe dão o nome de *Luciano*) tinha apostatado.

Este regulo, arrastando na sua apostasia aos dois bispos (?) Marcial e Simplicio, roubou as egrejas catholicas, e vexou com excessivos tributos os christãos, seus vassallos.

A santa, descêra á cidade de Aufragia, na intenção de o persuadir e aos *dois bispos*, a que tornassem ao gremio da egreja.

Lenciano mandou metter Quiteria e as que a acompanhavam, em uma escura masmorra, onde estiveram tres dias; mas os guardas que eram *Columbano, Valentiniano, Romano*, e outros, se converteram á fé christan, e deixaram fugir as presas.

Por fim, Lenciano e os dois bispos, tambem abjuraram a idolatria, regressando ao gremio da Egreja, e hindo fazer penitencia para o monte de Pombeiro.

Foi Germano, o esposo regeitado de Quiteria, que commandou a tropa que cercou o monte, e mandou degolar quantos christãos alli encontrou, que foram 30 donzellas (uma d'ellas, foi Santa Comba) e 12 homens incluindo Lenciano e os dois bispos.

Todos estes martyres foram sepultados no monte de Pombeiro.

No logar do martyrio, mandou alguns seculos depois, o abbade do mosteiro de Pombeiro, D. frei Manuel de Macedo, construir a formosa ermida de Santa Quiteria, á custa do convento, proximo ao logar da antiquissima capella de S. Pedro.

Lançou-se a 1.ª pedra da capella, no 1.º de março de 1719.

Quando se abriram os alicerses d'esta obra, se achou uma sepultura: o D. abbade, deu parte d'isto a D. Rodrigo de Moura Telles, então arcebispo de Braga, que mandou logo examinar este achado, pelo doutor Balthazar de Souza e Merim, seu desembargador, e conego da Sé de Braga, e dois notarios; os quaes, com o D. abbade foram ao sitio, e abrindo a sepultura, nella acharam alguns ossos e uma caveira; e, continuando as investigações, acharam mais 74 sepulturas, duas d'ellas com esqueletos completos e as outras com varios ossos.

Reuniram-se todos estes ossos, e guardados em tres caixões, se collocaram debaixo do altar de S. Pedro, onde estão os restos mortaes de Santa Quiteria, na presença do

[1] E' mais que provavel que esta capella só existisse na imaginação do reverendo historiador da Santa.

padre Manuel d'Andrade Machado, vigario de Margaride, de alguns monges do mosteiro, de varios ecclesiasticos seculares e de grande concurso de povo.

Em 1724, estava completamente concluida a obra da capella e sachristia; bem como a casa de residencia do capellão, e uma pequena cêrca para o mesmo.

E' este o famoso Sanctuario da virgem e martyr Santa Quiteria de Pombeiro.

—

Diz-se que no proprio local onde hoje se vê o mosteiro, existia uma povoação chamada *Palumbario*.

Acha-se mencionada em varias escripturas, do tempo da anarchia, segundo consta da *Benedictina Lusitana*, tomo 2.º, parte 1.ª, capitula 7.º

PONDRAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 20 kilometros ao S. de Montalegre (foi da mesma comarca, mas do concelho de Ruivães—extincto) 60 kilometros ao N.E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 50 fogos.

Em 1757, tinha 37 fogos.

Orago, S. Pedro Fins.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Compõe-se esta freguezia, de quatro aldeias, que são Pondras (sede da parochia) São Fins, Ormeche, e Payo Affonso.

Tem 3 capellas publicas, ordinarias—de S. Pedro, em Pondras—Santa Cruz, em Payo Affonso—e S. Matheus, evangelista, em Ormeche.

Está situada em uma planicie baixa, na margem esquerda do rio Regavão.

E' terra fertil, sobretudo em milho, centeio, feijeo e batatas.

O Regavão faz moer varias azenhas, rega, e cria muito e saboroso peixe.

Cria-se aqui bastante gado, e ha alguma caça.

PONSUL—rio, Beira Baixa.

Nasce na serra de Monsanto e desagúa na margem direita do Tejo, acima de Villa Velha de Rodam, e ao S. da cidade de Castello-Branco, com 50 kilometros de curso.

No dia 28 de outubro de 1875, foi inaugurada a ponte de Ponsul, no districto de Castello-Branco.

Despenderam-se n'estas obras, 37 contos de réis.

PONTA DA GALLÉ—Vide *Armação*. (Vol. 1.º, pag. 238 R, col. 2.ª)

PONTAL DE CACILHAS—Vide *Cacilhas*. (Vol. 2.º, pag. 26, col. 2.ª)

PONTE—antigo nome da actual villa de Ponte de Lima.

A rainha D. Thereza, e seu filho, D. Affonso Henriques, deram foral aos que moravam junto á ponte que alli atravessava o rio Lima, dando a esta povoação o nome de Ponte, 1120.

Diz assim o foral—*Placuit, ut faciam Villam, supranominato Ponte.*

N'este foral, que se acha inserto na sua confimaçãa, por D. Affonso II, em 1217, se determina que todos os moradores da Ponte, deem annualmente um soldo, de suas casas; porém que—*suas cortiñas* (campos) *sine ratione habeant*—isto é—que pagarão *fogo*, mas não *jugada*.

Vide *Ponte de Lima*.

PONTE—freguezia, Minho, é o antigo nome da parochia de *Caldellas* (S. Vicente) na comarca e concelho de Villa Verde.

Tambem lhe chamavam *S. Vicente da Ponte de Caldellas*. (Vol. 2.º, pag. 44, col. 1.ª)

PONTE—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Guimarães, 12 ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 250 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 réis.

PONTE—villa, Beira Alta (vulgarmente—*Villa da Ponte*) na comarca de Moimenta da Beira, concelho de Sernancêlhe, 35 kilometros ao E. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 92 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Ameal.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 180$000 réis.

Está situada sobre a margem direita do rio Távora, em uma planicie espaçosa, entre os regatos *Medreiro* e *Cardía*, que entram aqui, no Távora, no sitio onde ha uma ponte de 4 arcos (que deu o nome á povoação) de antiquissima fabrica.

O exercito francez, invadiu esta villa, em dezembro de 1810, e não podendo passar a ponte, defendida pelos alliados, aqui se conservaram quasi tres mezes, vingando-se em saquearem a povoação e commetterem as atrocidades do costume.

Receando um attaque pela rectaguarda, marcharam pela margem do Távora, atravessando-o mais abaixo, na ponte de Villar, que estava desguarnecida, e retiraram para a Hespanha, onde entraram a 4 d'abril de 1811.

A egreja matriz, é vasta e aceiada.

Foi quasi destruida pelos francezes, que fizeram d'ella arrecadação de material de guerra.

O abbade era obrigado a todos os reparos e conservação da egreja, por uma sentença obtida contra elle, em ultima instancia, e fundada no valor dos rendimentos do passal e foros que recebia, e que lhe haviam sido dados pelos freguezes, com essa condição.

Ha n'esta egreja a capella de S. Miguel, archanjo, que era cabeça dos vinculos dos Gomes Pontinos, feita em 1602.

Passou por successão, aos Cardozos de Lucena, da mesma villa.

Tem mais, as capellas de S. Sebastião e de Santo Antonio — e ao O, na outra margem do Távora, está a antiga capella de *Nossa Senhora das Necessidades*, objecto de muita devoção, dos povos d'estas terras; e cuja historia é a seguinte:

Junto a esta villa, se levanta um alto monte, chamado *serra da Borralheira*.

No seu tópe, mandou a camara da mesma villa, pelos annos de 1400, construir uma ermida, dedicada a Santa Barbara, virgem martyr.

Segundo a tradição, no sitio d'esta capella, houve, em eras remotas, uma atalaya, construida pelos antigos lusitanos (outros dizem que mouros.)

Foi com os matteriaes d'esta atalaya que se edificou a ermida.

Assim esteve muitos annos, até que um devoto collocou alli uma imagem da Santissima Virgem, a que deu o titulo de *Nossa Senhora das Necessidades*.

Foi isto, pelos annos 1550; e desde então se foi pouco e pouco esquecendo o nome da antiga padroeira, que foi substituido pelo da Senhora.

A camara, como fundadora e padroeira da capella, apresentou aqui um eremitão; porém o abbade oppoz-se, correu pleito, e vencendo o abbade, ficou este com o direito de apresentar o eremitão, e feito thesoureiro e administrador das esmolas que se offerecessem á Senhora.

Por traz da capella, está um pequeno valle (plató) onde se fizeram as casas de residencia do eremitão, e uma pequena cêrca, com horta, flores, algumas arvores de fructo e parreiras.

A um canto da cêrca, houve uma edicula, com o Senhor dos Passos, e a Senhora do Encontro.

Tinha no muro uma janella, com grades de ferro, para que de fóra se podessem ver e adorar estas imagens.

No mais alto d'aquelle monte, e entre umas penedias, abriu um dos erimitões da capella, algumas grutas, collocando n'ellas varias imagens de santos anachoretas.

Na frente da capella, havia um notavel alpendre, ou galilé, de solida construcção, e que, como a capella, existiu alguns seculos; porém, a mão do homem, mais do que a acção do tempo, destruiu este venerando monumento, da piedade dos portuguezes de outras eras—dos batalhadores dedicados de D. João I; dos vencedores de Trancoso, Aljubarrota e Valverde; dos conquistadores de Ceuta; dos descobridores da Ilha da Madeira—finalmente, d'esses heroes legendarios, que souberam, e quizeram, esmagar o orgu-

lho do leão de castella, e que se não pejavam, de se encommendar a Deus e á Santissima Virgem, antes das batalhas, e de hirem em fervorosa romaria, dar-lhes graças depois das victorias.

O alpendre pois, foi demolido, e a capella estava desmantellada e esquecida; até que, ha poucos annos, foi reedificada, e ficou muito linda; com uma boa sachristia, e casas para abrigo dos romeiros.

As grutas do monte, foram tambem restauradas, com muito mais luxo do que as antigas; e tanto ellas como a ermida, são visitadas com frequencia pelos romeiros, principalmente pelo Espirito Santo, e a 15 de agosto; deixando-lhe então os devotos, offerendas, no valor de alguns centos de mil réis.

D'esta capella se disfructa um formoso e vasto horisonte, alternando-se os valles, os arvoredos e os alcantis.

—

Tem esta villa muitas familias antigas e distinctas, como Gouveias Osorios da Fonseca, Souzas Rebellos, Almeidas, e Leitões; mas a principal é a dos Cardozos de Lucena, á qual pertenceu o ultimo capitão-mór d'esta villa e de Sernancêlhe, Lazaro Cardozo de Lucena, que serviu, com a maior distincção e integridade, desde 1809 até 1834, e foi um nobilissimo cavalheiro, e um verdadeiro portuguez.

O representante actual d'esta esclarecida, familia é o filho d'aquelle capitão-mór, o sr. dr. Luiz Cardozo de Lucena Araujo Coutinho, nobilissimo caracter, e geralmente estimado pelas suas bellas qualidades,

A capitania-mór de Sernancêlhe, e a da Ponte, andavam unidas.

E' terra bastante fertil em todos os fructos do nosso clima; cria muito gado; ha nos seus montes muita caça, e o Távora lhe fornece algum peixe, de optima qualidade.

E' povoação muito antiga.

—

D. Affonso VI, fez conde da Ponte (esta) a Francisco de Mello Torres, em 16 de maio de 1661.

Depois, foi-lhe dado o titulo, de juro e herdade.

O 2.º conde da Ponte, casou com a filha do 1.º marquez de Niza, e d'aqui provem a esta familia o appellido—*Gama*.

Suas armas (dos condes da Ponte) são—escudo dividido em dois—no 1.º de púrpura, cinco torres, d'ouro, em aspa (as armas dos Torres)—no 2.º, tambem em campo de púrpura, 6 besantes de prata, entre uma doble cruz (Mellos) e bordadura d'ouro.

Timbre, uma das torres das armas, com uma estrella de púrpura sobre ella.

Na casa da camara e cadeia d'esta villa (que foi depois vendida a um proprietario d'ella) se viam as armas dos condes da Ponte, senhores donatarios da freguezia.

O ultimo (8.º) conde da Ponte, foi João de Saldanha da Gama Mello Torres Guedes Brito, senhor de Assequins, védor e gentil-homem da casa real, e par do reino.

Nasceu, em 25 d'agosto de 1815, e falleceu em Lisboa, a 29 de julho de 1874.

Casára a 8 de janeiro, de 1840, com a senhora D. Maria Thereza de Souza Botelho Mourão e Vasconcellos, filha dos condes de Villa Real.

E' seu herdeiro, seu filho, o sr. Manuel de Saldanha da Gama, aparentado com a principal nobreza d'este reino.

A varonia d'esta familia é Torres.

Muitos membros d'esta illustre casa, occuparam cargos importantes, como de védor da India, gentil homem da camara, embaixador, alcaide-mór, conselheiro de estado, e da guerra, vice-rei da India, governador e capitão general, etc.

—

Torres, é um appellido nobre em Portugal, cuja familia principal é do reino de Navarra, em Hespanha; e procede de D. Sancha Fortum de Torres, ou de D. Iñigo Martins de Torres—como diz Albergaria, a fl. 177 v.

Tinham solar em Aláva.

Passou um ramo d'esta familia a estabelecer-se em *Jaen* (Andaluzia) e d'ahi a Málaga (Granada) d'onde passou a Portugal, em 1550, no reinado de D. João III, nas pessoas de D. Diogo de Torres, e D. Affonso de Torres, filhos (do primeiro matrimonio) de D.

Hermano de Torres, e D. Ignez Fernandes, naturaes de Málaga.

D. Affonso de Torres, casou com D. Violante de Mello, dos quaes nasceu outro D. Affonso de Torres, que teve descendencia.

El-rei D. Sebastião, mandou registrar estas armas, no livro da nobreza, em 13 de fevereiro de 1569, assim como a D. Affonso de Torres, pelos grandes serviços feitos á patria.

Villas-Boas diz, que, pelo casamento de D. Fernando de Portugal, filho do infante D. Diniz, e neto de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, com D. Maria Torres (d'onde procedem os Torres, de Villar) accrescentaram o seu brazão d'armas, com dois escudetes das Quinas portuguezas, e por orla, os sete castellos, d'ouro, das armas d'este reino.

—

Outros do mesmo appellido de *Torres*, usam das armas seguintes:

Escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, as Quinas reaes de Portugal—no 2.º e 3.º, as armas dos Torres—orla de púrpura, carregada de 7 castellos d'ouro — élmo de prata, aberto, e por timbre, uma das torres das armas, encimado de uma estrella de púrpura. —

Francisco de Mello Torres, 1.º conde da Ponte, e 1.º marquez de Sande, foi um cavalheiro muito notavel no seu tempo, tanto pela sua illustração em negocios politicos, como pelo seu valor nos combates.

Logo depois da acclamação de D. João IV. se dedicou á vida militar, em defesa da sua patria.

O rei o nomeou governador de Olivença, general de artilheria, no Alemtejo, e por algum tempo, governador das armas, da corte.

Foi do conselho de estado e do da guerra; embaixador a Inglaterra—onde ajustou a paz, entre aquella nacão e a de Portugal; e pouco depois, o casamento de Carlos II, com a nossa infanta, D. Catharina, filha de D. João IV.

Depois, ajustou em França, o casamento de D. Affonso VI, com D. Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeu de Saboya, duque de Nemours (a tristemente celebre mulher de dois maridos.)

Carlos II de Inglaterra e Luiz XIV, de França, tiveram o conde da Ponte em grande consideração, e tanto que o nomearam arbitro nas importantes questões que então existiam entre aquellas duas nações.

Foi tambem embaixador ás *Provincias-Unidas*, havendo-se com a maior circumspecção e grande intelligencia.

Escreveu um extensissimo relatorio de todas as suas embaixadas (em oito tomos, *in folio*) e escreveu, com grande conhecimento de causa e muita erudição, sobre geographia, mathematica e astronomia moderna.

Casou com sua sobrinha, D. Leonor Manrique, filha e herdeira de Affonso de Torres.

Foi morto por engano (cuidando o criminoso assassinar outro fidalgo) na noite de 7 de dezembro de 1667, quando voltava de assistir, na capella-real, ás matinas da Conceição.

Foi sepultado á porta da sachristia da egreja de S. Domingos, de Lisboa (hoje Santa Justa e Santa Rufina) no jazigo de seus avós.

PONTE D'AIVADOS—(ou *dos Aivados*)—Alemtejo. (Vide vol. 1.º, pag. 42, col. 1.ª)

PONTE D'ALCANTARA — Extremadura. (Vide vol. 1.º, pag. 66, col. 2.ª, no fim.)

PONTE DA ASSÊCA—Alemtejo. (Vide vol. 1.º, pag. 244, col. 1.ª)

PONTE DA ASSÊCA—Algarve. (Vide vol. 1.º, pag. 245, col. 1.ª)

PONTE DA BARCA—villa, Minho, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 6 kilometros ao S. dos Arcos de Valle de Vez, 15 a E. de Ponte de Lima, 32 ao S. de Monção, 32 ao N. de Braga, 35 ao S. da raia de Hespanha (Galliza), 40 ao E. da cidade de Vianna, 50 N.N.O. de Guimarães, 85 ao N. do Porto, 380 ao N. de Lisboa.

Tem 250 fogos.

Em 1757, tinha 206 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os senhores (depois condes) da Barca, apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

O seu concelho é composto de 25 freguezias, todas no arcebispado de Braga — são :

Azias, Boivães, Bravães, Britêllo, Crasto, Cuide de Villa Verde, Entre Ambos-os-Rios, Ermida, Germil, Grovéllas, Lavradas, Lindoso, Nogueira, Oleiros, Paço Vedro de Magalhães, Ponte da Barca, Ruivos, São-Priz, Touvedo (o Salvador), Touvedo (S. Lourenço), Váde (S. Pedro), Vade (S. Thomé), Villa-Chan, Villa-Chan (S. Thiago), e Villa Nova de Muhia.—Todas com 3:000 fogos.

Está esta villa formosamente situada, sobre a margem esquerda do rio Lima, que é navegavel d'aqui até á sua foz, e é atravessado, em frente da villa, por uma bella e antiga ponte de cantaria (das melhores da provincia) que deu o nome moderno á povoação; que no principio da monarchia se chamava *Terra da Nóbrega.*

(A ponte foi construida no sitio onde havia antigamente a barca da passagem.)

E' de solida construção, e um formoso passeio para os habitantes da villa, vendo-se d'ella, para todos os lados, uma bella paisagem.

Julga-se ser obra do reinado de D. João III; mas tem tido diversos reparos, de pouca importancia, nos sitios onde as cheias do Lima a teem deteriorado.

Passa tambem junto á villa, o rio *Vade*, atravessado por uma ponte, construida em 1874.

Dentro do arco, se lê a inscripção seguinte, gravada em uma lapide:

ASSENTE POR MÃO PROPRIA
DO MINISTRO D'O. P.
A. C. AVELLINO
24, 11.º, 1874.

E' muito fertil e aprasivel, como quasi todas as povoações do Minho, cria muito gado, e é abundante em caça e peixe, pescando-se aqui a saborosa lampreia, o excellente salmão, o savel, etc.

Tem Misoricordia, e um bom hospital annexo, que anda actualmente muito bem administrado.

No alto de um monte (chamado da Nóbrega) tem um castello desmantellado, onde em tempos antigos esteve a casa da camara, e cadeia.

A rainha D. Thereza, governadora de Portugal (regente na menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques) lhe deu foral, em 4 de março de 1125.

D. Affonso II o confirmou em Guimarães, em agosto de 1217.

(*Livro de foraes antigos, de leitura nova* fl. 76, col. 2.ª)

O foral novo, dado por D. Manuel, foi á villa da *Nóbrega.*

(Vide vol. 6.º, pag. 102, col. 1.ª)

E' patria de Maria Lopes da Costa, que, de dois matrimonios, teve 120 filhos e netos e bisnetos, dos quaes via 80 todos os dias.

Morreu de 110 annos.

A sua casa era a unica de dois pavimentos (*de sobrado*) que havia no seu tempo.

Em casa de sua filha, Isabel Gonçalves da Costa, pousou o rei D. Manuel, em 1497, quando foi a Castella, casar com a princeza, Isabel, herdeira d'aquelle reino, e viuva do nosso principe D. Affonso, filho de D. João II.

Por essa occasião fez muitas mercês aos filhos dos seus hospedeiros.

Era riquissima a casa de Maria Lopes da Costa, e a sua familia foi que fundou a maior parte da moderna villa; e parece que a maior parte das familias da villa, procedem de Maria Lopes, porque quasi todos teem o appellido de *Costa.*

O 1.º senhor do castello da Nóbrega, foi Affonso Rodrigues de Magalhães, senhor da casa e torre de Magalhães, Villa-Chan, e Lar; casado com D. Thereza (ou Maria) Freire, filha de Nuno Freire, fidalgo gallego, mestre da ordem de Christo, que vivia no tempo do rei D. Fernando.

Foi seu filho. Gil Affonso de Magalhães, que herdou os senhorios o terras de seu pae; do couto de Fonte Arcada, que lhe deu D. João I—e do concelho do Souto de Rebordões, que comprou.

Foi casado com D. Ignez Vasquez, dama da rainha, D. Philippa, mulher d'aqaelle monarcha, e filha de Alvaro Gil de Urro, fidalgo inglez.

Foi seu filho, João de Magalhães, herdeiro da casa de seu pae, e 1.º senhor da Barca, cuja povoação se edificou em terra sua.

Este senhorio, lhe deu D. Affonso V, em 1471, estando em Ceuta (quando conquistou Arzilla e Tanger.)

Casou com D. Isabel de Souza, filha de Ruy Vaz Ribeiro de Vasconcellos, senhor de Figueiró dos Vinhos e Pedrogam.

Foi seu descendente, D. Fradique Antonio de Magalhães e Menezes, senhor da villa da Ponte da Barca, do castello de Nóbrega, Torre de Magalhães, concelho de Souto de Rebordões, couto de Fonte Arcada, casas de Fonce e Freiriz.

Casou com sua prima, D. Jeronyma Barreto e Sá, filha de seu tio, Fernão Nunes Barreto, e de D. Joanna de Sá.

Foram seus irmãos, D. José de Menezes, D. prior de Guimarães, reitor da universidade de Coimbra, bispo do Algarve, depois de Lamego—e depois, arcebispo de Braga —e o mestre de campo, D. Manuel de Menezes, senhor do morgado d'Arganil, por sua mulher, D. Francisca Furtado Correia de Mendonça e Antas, filha e herdeira de Francisco Ferreira Furtado.

Descendem d'esta casa, por varonia, os senhores dos morgados de Moreira, Juste e Sobreiro, em Monção—os senhores da casa de Pentieiros, os da casa dos Golados, junto a Braga—os Magalhães, de Villa-Real e Amarante—a actual sr.ª condessa da Ribeira (D. Maria Helena de Castro Pamplona de Souza Holstein) e suas irmans e irmãos, e outras familias do Minho e Traz-os-Montes.

—

O sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, foi feito 1.º barão da Ponte da Barca, em 14 de outubro de 1845, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 12 de outubro de 1847. Era ministro de estado honorario, e marechal de campo reformado. Falleceu na villa de Verride, em janeiro de 1875. Foi um bravo militar, durante a guerra peninsular. Desde 1828, serviu no exercito liberal.

O sr. Fernando Luiz Pereira de Vasconcellos (filho do antecedente) foi tambem feito visconde da Ponte da Barca, em 11 de março de 1875.

Teve esta villa, até 1834, juiz de fóra, camara, com tres vereadores, e os mais empregados judiciaes e administrativos competentes—juiz dos orfãos, com seu escrivão —todos feitos pelo rei—e quatro escrivães e um alcaide, feitos pelo senhor da villa.

Tem dois bons mercados, a 8 e a 22 de cada mez, e uma feira a 24 de agosto.

Até 1834, o senhor da Barca, servia de capitão-mór; e a camara, na sua ausencia.

Ha aqui uma torre, onde viveu Antonio Bernardo Pimenta, e depois, sua filha. Foi construida por um indiano, que tinha a mania de nunca sahir de casa, sem hir precedido de um gaiteiro (tocador de gaita de folles); mas, com as suas excentricidades e extravagancias, em poucos annos dissipou tudo quanto trouxe da Asia, e morreu miseravelmente em uma casa terrea, em que os senhores da Prova o deixavam viver por esmola.

—

A egreja matriz foi edificada no seculo XVII, por D. Rodrigo Táveira, commendatario de Bravães, e deão da Sé de Braga, e n'ella, como seu padroeiro, tinha *sepulturas altas*. Em uma diz a inscripção:

AQUI JAZ RUY LOPES DA COSTA,
FILHO DE D. BRITES TÁVEIRA.

Os Silvas, da Barca, fizeram uma capella, onde estava uma sepultura—do lado do Evangelho—e os Táveiras, de Villa-Real, abriram outra, do lado da Epistola. Estes Táveiras, eram da Familia de Fernão Táveira, senhor de S. Mamede de Riba-Tua, casado com D. Brites Bôto (da casa dos Bôtos), de Torres-Vedras. Eram parentes de D. Thereza Táveira, mãe de Santo Antonio, de Lisboa.

Tambem era d'esta familia, o beato Fernando Gines, natural da villa de Monção, e que foi martyrisado pelos mouros, no seculo IX.

Era da mesma familia, Manuel d'Araujo e Azevedo, que, hindo por embaixador portuguez, da cidade e praça de Maláca ao imperador do Achem, ahi foi martyrisado pelos idolatras, em 1640.

A egreja é um templo vasto e elegante,

tendo seis capellas lateraes, quatro particulares, e duas publicas. Todas de primorosa obra, de talha dourada. É uma das melhores egrejas do arcebispado. Tem um precioso Crucifixo de prata, dadiva do rei D. Manuel. Fazem n'ella magestosas solemnidades, sobre tudo as da semana santa, que são feitas á custa de um legado de dez contos de réis, para este unico fim deixados por D. Maria Amalia de Moraes Chaves Pimentel.

—

Quasi em frente d'esta villa, entra na margem direita do rio Lima o rio Véz, que depois de se lhe terem unido tres ribeiros, rega a bella e fertilissima veiga, chamada *Valle do Vez.*

—

Por muitos annos, e até meiados do seculo XVII, não era esta villa freguezia, pertencendo á de Paço Vedro de Magalhães, que fica a pouca distancia.

A villa é pequena, constando apenas de uma rua e algumas travessas; mas tem algumas casas bem construidas.

Tem Misericordia e hospital, varias ermidas e um theatro, fundado por subscripção voluntaria.

Tem uma fonte publica, abundante de optima agua potavel.

Os pomares e hortas dos arrabaldes, dão prazer á vista, e fornecem optimas fructas, hortaliças e legumes.

Os fructos principaes em que abunda este concelho, são — trigo, milho, centeio, feijão, batatas, linho, castanhas, vinho (verde) e algum azeite. Colhe bastante cêra e mel, objecto de soffrivel negocio, para os que se dedicam a esta industria.

Como a maior parte das povoações do Minho, os arrabaldes da villa, e das differentes aldeias do concelho, são formosissimos, tapisados de uma verdura permanente, assombrados de frondosas arvores, distinguindo-se os altos e esbeltos castanheiros, adornados de videiras, cahindo pittorescamente, em festões, ao longo das arvores que lhes servem de arrimo.

As encostas dos montes, são povoadas de virentes arvores silvestres, formando grupos pittorescos, formosas devezas, e selvas umbrosas, correndo-lhes ao sopé innumeros arroios de aguas crystalinas, nascidos de frescos mananciaes, que rebentam dos alcantis, e que depois de cobrirem com suas aguas fertilisadoras os campos, os prados, as hortas e os pomares, levam os remanescentes ao poetico Lima.

—

Na proxima freguezia de Paço Vedro de Magalhães, está a antiga casa e torre de Magalhães, solar da familia Magalhães e Menezes, senhores da Ponte da Barca.

Esta casa e torre, é que deu á freguezia o nome de *Paço Vedro de Magalhães.*

—

A villa da Ponte da Barca foi elevada a cabeça de condado, em favor de Antonio de Araujo e Azevedo (da illustre casa de *Sá*), com o titulo de *conde da Barca*, pelo principe regente, D. João (depois VI do nome), em 17 de dezembro de 1815, *em premio da singular habilidade com que se houve, na missão diplomatica de que fôra encarregado, junto á republica franceza, em 1797.*

As armas dos Araujos, são — em campo de prata, uma aspa, azul, com cinco besantes, d'ouro, n'ella — élmo de prata, aberto, e por timbre, um meio mouro, com braços, vestido d'azul, com turbante d'ouro.

A casa das Chozas, é muito antiga e nobre. Tem annexas as casas egualmente nobres e antigas, *de Sá*, e *da Prova*, n'esta villa.

Foi senhor d'esta casa, Francisco Antonio d'Araujo e Azevedo, do conselho do rei, brigadeiro dos reaes exercitos, commendador de Christo, fidalgo da casa real, e capitão-general dos Açôres.

Era irmão de Antonio de Araujo e Azevedo, 1.º conde da Barca — e de João Antonio d'Araujo e Azevedo, commendador de S. Pedro do Sul, e conselheiro da fazenda.

(Para as armas dos Azevedos, vide *Oliveira do Douro*, ou *dos Conegos.*)

—

Foi o conde da Barca, um dos homens mais notaveis, do fim do seculo XVIII, e principio do XIX. — Foi enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario á côrte de

Haia, em 1787—exerceu o mesmo emprego em Paris, em 1797 (como acima fica dito)—e em 1801, em Madrid e Paris.—N'este mesmo anno, foi, em missão extraordinaria, a Haia; e em 1802, á Russia.

Foi feito ministro e secretario de estado, dos negocios estrangeiros e da guerra, em 1804 — conselheiro de estado, em 1807 — presidente da junta do commercio, n'este mesmo anno — e ministro da marinha e Ultramar, em 1814.

Era grão-cruz das ordens de Christo, Torre-Espada, Isabel a Catholica, e da Legião d'Honra.

Falleceu no Rio de Janeiro, em 1817.

—

A villa da Ponte da Barca, teve até 1834, um optimo regimento de milicias, tão disciplinado e aguerrido, como qualquer corpo de infanteria de 1.ª linha.

Tinha, além d'isso, cinco companhias de ordenanças, com seus capitães e subalternos, commandados pelo senhor da terra, que (como já disse) era commendador e capitão-mór nato.

As armas d'esta villa, são—em campo de prata, as armas de Portugal, sobre uma barca d'ouro, e por timbre, um coronel ducal.

—

N'esta villa falleceu (com 52 annos de edade), em janeiro de 1876, a sr.ª D. Maria Luiza de Barros Abreu Souza e Alvim, filha do 1.º barão e 1.º conde do Casal. Tinha sido feita baroneza do Casal, em 4 de setembro de 1846, e condessa do mesmo titulo, em 19 de agosto de 1848. Seu pae, José de Barros e Abreu, tinha sido feito barão do Casal, no 1.º de dezembro de 1836, e conde do mesmo titulo, em 20 de janeiro de 1847.

—

O primeiro senhor donatario d'esta villa, foi o famoso D. Francisco de Almada e Mendonça, corregedor e provedor da cidade do Porto. Para a sua biographia, vide 5.º vol., pag. 300.

—

Ha aqui uma delegação da alfandega de Vallença, por ser ponto onde se cruzam quatro estradas a mac-adam; das quaes, uma (para Lindoso) está em construcção.

É ponto forçado da via ferrea (que hade ligar esta villa com Vianna), por decreto de 27 de julho de 1875. Anda tambem já em construcção (setembro de 1876).

—

Ha na villa, alguns caffés soffriveis e dois bilhares.

É abrigada dos ventos, por estar em uma planicie, encaixilhada em altos montes, que lhe formam como um cinto de verdura, em redor do valle.

—

Os melhores edificios publicos, são os paços do concelho, cadeia e casa da camara. Assenta sobre uma formosa arcada de cantaria.

Tem alguns largos, ou praças, entre elles, o denominado *Alamêda*, junto da egreja matriz, com bancos de pedra, e formosas álas de choupos, com os ramos entrelaçados (como os do passeio publico de Vianna).

Entre as antiguidades d'esta villa, se notam—o palacio da sr.ª viscondessa do Souto d'El-Rei, hoje occupado por tres familias—e a modesta casa, em que viveu e morreu, a celebre Maria Lopes da Costa (de quem já fallei). Está junto da praça, com uma pedra saliente, onde se vêem em relevo, duas caras, que, segundo a tradição, representam o rei D. Manuel e sua esposa, a princeza D. Isabel, herdeira de Castella, viuva do nosso principe D. Affonso (filho de D. João II), o que morreu da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 1491. Diz-se que é para recordar a estada dos reaes hospedes, n'esta casa.

—

Entre os varões illustres, d'esta villa, conta-se o celebre poeta, Diogo Bernardes Pimenta.

O sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres* (pag. 74), fundado em alguns escriptores que o precederam, diz que este poeta nasceu em Ponte do Lima.

A causa do engano (se o ha) é porque Diogo Bernardes Pimenta (pae do poeta) casou em Ponte de Lima.

O pae de Diogo Bernardes, era filho primogenito de Rodrigo Annes de Araujo e de sua mulher, Isabel Gomes d'Abreu, e como

tal, senhor da casa d'estes; e é de crer que para ella conduzisse sua esposa.

Alem d'isso, o poeta teve uns poucos de irmãos, todos naturaes da Barca.

Anna Gomes Pimenta (irman d'elle) casou n'esta villa com Payo d'Araujo d'Azevedo, de Vianna, segundo informa uma antiga arvore genealogica, da familia Araujo.

Outra sua irman, segundo o mesmo documento, casou em Souto dos Arcos, com Salvador de Barros e Abreu, de quem teve dois filhos—o doutor Jeronymo Pimenta de Abreu, que, entre outras dignidades, foi chanceller-mór do reino—e D. João Pimenta, que foi bispo d'Angra.

Todos estes são naturaes d'esta villa da Barca, sem que um só escriptor o ponha em duvida.

Agostinho Pimenta (ou Agostinho da Cruz) —outro irmão do poeta—religioso Arrabido, fallecido com opinião de santidade, e que foi o melhor poeta mystico do seu tempo, é tambem, sem a minima contestação, natural da Barca; e assim o affirmam, Diogo Barbosa Machado, Innocencio Francisco da Silva, frei Francisco de Santa Maria (*Anno historico*, tomo 2.º, pag. 613) e outros muitos escriptores.

Contente-se pois a villa de Ponte de Lima, em ser a patria da mãe de Diogo Bernardes, e deixe á Ponte da Barca a gloria de ser patria do poeta.

Diogo Bernardes Pimenta, nasceu n'esta villa, entre os annos 1530 e 1540.

Era de nobre geração, filho de outro Diogo Bernardes Pimenta e de sua mulher, natural de Ponte de Lima.

Era neto paterno, de Antonio Bernardes, e de Anna Dias Pimenta, e materno de Rodrigo Annes de Araujo e Isabel Gomes de Abreu.

Diogo Bernardes, revelou desde a adolescencia grande propensão para a poesia.

Mandando-o rei D. Sebastião, a Madrid, por embaixador a Philippe II o doutor Pedro d'Alcaçova Carneiro, este levou o joven poeta por seu secretario.

Regressando ao reino, D. Sebastião o estimou muito, e o levou comsigo á infeliz jornada d'Africa, para ser o poeta d'essa temeraria empreza.

Na infeliz batalha de Alcacerquibir (4 de agosto de 1578) Diogo Bernardes, depois de obrar prodigios de valor, ficou captivo dos mouros.

Resgatado, com muitos outros portuguezes, seus companheiros de infortunio, voltou á patria, onde foi provido no officio de *môço da toalha*, e d'este modesto emprego, que a fome o obrigára a acceitar dos castelhanos, foi vivendo, sem maiores privações.

Foi um poeta de *pouco fôlego*, mas de muito mimo e suavidade, e o mais primoroso bucolico do seu tempo; tendo bastantes noções das sciencias e das artes.

A sua mais bella poesia, é a que intitulou —*O Lima*.

Os sabios e poetas seus contemporaneos, o acclamaram — *principe da poesia pastoril*.

Imprimiram-se tres volumes das suas obras; algumas se juntaram a outros livros, e outras ficaram ineditas.

Morreu em Lisboa, no dia 30 de agosto de 1595, [1] e foi sepultado na egreja das religiosas do mosteiro de Santa Anna, onde tambem havia sido enterrado o seu sincero amigo e leal companheiro, Luiz de Camões.

Já disse que foram seus irmãos:

O doutor, Jeronymo Pimenta, desembargador do paço, e grande jurisconsulto.

D. João Pimenta, bispo d'Angra, na ilha Terceira; prelado de muita illustração e virtude.

Agostinho Pimenta, que professando no convento dos arrabidos, tomou o nome de *frei Agostinho da Cruz*, e foi um bom poeta mystico.

Todos nasceram em uma casa dos arrabaldes d'esta villa, herdada de seus antepassados.

—

Um dos mais distinctos cavalheiros d'esta villa, na actualidade, é o sr. *Antonio Pereira da Costa Lacerda e Mello*, represen-

[1] Outros dão-lhe mais nove annos de vida, sustentando que elle falleceu a 30 de gosto de 1605.

tante, por varonia legitima, de Pedro Annes de Araujo (seu 8.º avô) e senhor da *torre de Quintella*, na freguezia de *Nogueira*, d'este concelho (vol. 6.º, pag. 104, a 1.ª Nogueira da col. 2.ª)

E' moço fidalgo, com exercicio no paço, casado em segundas nupcias, com a sr.ª D. Angelica Teixeira de Queiroz e Vasconcellos.

Filho de Francisco Manuel da Costa Pereira Calheiros e de sua 2.ª mulher, D. Anna Emilia Pereira de Castro Lacerda e Mello.

Neto de Francisco Pereira de Castro Lacerda e Mello, mestre de campo de auxiliares—e de D. Theodora Joaquina da Costa Maciel do Valle.

Bisneto de Francisco Pereira de Castro e Mello, e de D. Aldonça Michaella Pereira de Lacerda Almeida e Sá.

3.º neto, de Lucas Gomes Pereira de Castro e Mello, cavalleiro do habito de Christo, e de D. Brites de Souza Pacheco.

4.º neto do capitão, Xisto Gomes Pereira de Castro, e de D. Simôa de Macedo e Mello.

5.º neto do licenciado, Lucas Gomes Pereira, e de Gromaneza Pereira da Cunha.

6.º neto de Belchior Cerqueira de Novaes, e de Catharina Rodrigues Pereira.

7.º neto de Xisto Gomes Pereira, e de Ignacia de Magalhães.

8.º neto de Pedro Annes d'Araujo e de Catharina Rodrigues Pereira do Lago.

—

Junto á villa, está á illustre casa das *Fontes das Gatas*, de que foi senhora, D. Maria Clara Coelho de Castro e Araujo, mulher de Fernando Lobo de Villas-Bôas, capitão de infanteria, que uniu esta casa á de Leiras, em Caminha.

E' hoje seu representante, o sr. João Coelho de Castro de Villas-Bôas e Sá.

—

E' tambem nobre e antiga a *casa do Castanheiro*, d'esta villa.

E' actual possuidor d'esta casa, o sr. D. Francisco Eugenio de Noronha Faro e Menezes de Lucena e Almeida, da esclarecida familia dos senhores de Avelloso e São Gemil.

—

A illustre *casa da Róda*, que fica no termo d'esta villa, e da qual foram modernamente senhores, Rodrigo Antonio da Costa Pereira de Gouveia, mestre de campo dos auxiliares, governador de Melgaço e fidalgo da casa real—e Gaspar José da Costa Pereira de Gouveia, alcaide mór de Ervêdo, cavalleiro da ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

Esta casa é hoje representada pela sr.ª D. Guiumar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho.

Rhoda é uma palavra persa, adoptada pelos arabes, e, depois pelos lusitanos. Significa *jardim* ou *paraizo*.

—

A nobre *casa do Amendo*, morgado antigo, na freguezia de Paço Vedro de Magalhães (vol. 6.º, pag. 391, col. 2.ª)

N'esta casa ha o fôro de fidalgo cavalleiro, de juro.

E' hoje representada pelo sr. Manuel de Brito Furtado de Mendonça Cação e Lima.

—

A casa distinctissima de *Paço Vedro de Magalhães* (que deu o titulo á freguezia d'este nome, onde está esta casa.)

E' seu actual possuidor e representante, João Gomes d'Abreu de Lima Magalhães e Menezes.

A fundação do prazo de Paço Vedro, é de 1546.

Longa e nobilissima é a série dos fidalgos d'esta familia, ramo legitimo e puro, dos senhores de Regalados, que, alem da representação d'esta casa, teem a da *Portagem*, em Coimbra, e a do *Outeiro*, em Ponte do Lima; assim como teve, por alguns seculos, a da casa do *Anquião*.

N'esta casa de Paço Vedro houve dois cavalleiros de Malta, que seguiram elevados postos na milicia — são — frei Gonçalo de Abreu, commendador da *Corcoveira*, e frei Antonio d'Abreu, tenente general, das armas, da ordem do Hospital, e commendador de varias commendas.

—

Ha ainda mais casas nobres por estes sitios, que vão nas respectivas freguezias.

PONTE DE MISARELLA — vide *Regavão.*

PONTE DA MURCELLA (ou da *Mucella*).

Já tratei d'esta povoação, a pag. 593, col. 1.ª, do 5.º vol.

Ratifico aqui um êrro que alli se encontra.

A *Ponte de Murcella*, é no districto da freguezia de S. José de Lavegadas.

Não é no concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tábua; mas do concelho de Poiares, comarca de Louzan.

E' actual possuidor da *quinta da Ponte da Murcella*, o abastado proprietario, e caridoso cidadão, o sr. João Sena de Campos.

Este cavalheiro, offereceu generosamente, em agosto de 1875, á junta de parochia de Lavegadas, uma optima casa para escola de instrucção primaria, com capacidade para ser tambem residencia do mestre.

E' pois digno dos maiores elogios, e da gratidão dos seus patricios.

PONTE DA PORTELLA — vide *Portella* (ponte da.)

PONTE DE CALDELLAS — logar, Minho, onde nascem as aguas mineraes de Caldellas. (Vol. 2.º, pag. 43, col. 2.ª)

PONTE DE CAVÊZ — vide *Cavêz*, e *Tâmega.*

PONTE DE COIMBRA—vide vol. 2.º, pag. 340, col. 1.ª, no principio—e *Portella* (ponte da.)

PONTE DE PARCEIROS — Extremadura, na freguezia de Parceiros (vol. 6.º, pag. 476, col. 2.ª)

Junto á ponte que atravessa o ribeiro de *Parceiros*, em um campo, junto á estrada real, abriu-se em junho de 1876, um poço, do qual, e a pouca profundidade, brotou agua salgada, mineral.

Na quinta do sr. Luiz da Silva Athaide da Costa, a pouca distancia d'este poço, existe um outro—ha alguns annos — tambem de agua mineral, salgada.

E' provavel que esta agua venha do mesmo reservatorio, ou jasigo de sal mineral, que abastece as marinhas de Rio Maior—vide esta palavra.

PONTE DE SÃO JOÃO — vide *Guimarães.*

PONTE DE SOR—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Fronteira (foi da comarca de Niza) 2 kilometros a N.E. das Galvêias, 30 ao S. do Tejo, 30 ao S.E. de Abrantes, 36 ao O. do Crato, 42 ao O. de Fronteira, 54 ao O. de Portalegre, 65 ao O.N.O. de Estremoz, 82 ao O.N.O. d'Evora, 125 ao S.E. de Lisboa.

Tem 550 fogos.

Em 1757, tinha 341 fogos.

Orago, S. Francisco d'Assis. [1]

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha réis 40$000 e o pé de altar.

—

O concelho d'este nome, é formado pelas 3 freguezias seguintes, uma em cada diocese:

Galvêias, no arcebispado d'Evora.

Montargil, no patriarchado (por ter sido do grão-priorado do Crato.)

Ponte de Sôr, no bispado de Portalegre. Todas com 1:350 fogos.

Feira a 4 de outubro.

E' a 25.ª estação do caminho de ferro de Leste.

Está a villa situada em uma planicie agreste, passando-lhe pelo E., o rio Sôr, aqui atravessado por uma grande ponte, de construcção romana.

(A ponte e o rio, deram o actual nome á villa.)

Ficava nas margens da 3.ª via militar romana, que de Lisboa se dirigia a Merida, por Benavente, Alter do Chão e Ponte de Sôr (vide *Itinerario de Antonino Pio*) e da qual ainda restam alguns marcos milliares, com inscripções latinas, dessiminados pelos mattos.

Tem Misericordia e hospital.

E fertil em cereaes, gádo e caça, grossa e miuda, mel e céra.

[1] O seu primeiro orago, foi Nossa Senhora da Torre; assim chamada, em razão da que está junto á egreja.

Junto á egreja matriz, está uma torre, da qual se intitulam condes, os marquezes de Fronteira.

D. Manuel a fez villa, e lhe deu foral, em Lisboa, a 29 de ogosto de 1514. (*Livro de foraes novos do Alemtejo,* fl. 79 v., col. 2.ª)

—

E' povoação antiquissima, e foi cidade romana, com o nome de *Matusarum.*

—

Proximo da estação do caminho de ferro d'esta villa, passa a via-ferrea, sobre uma bella ponte, de pedra e ferro, uma das mais importantes obras d'arte do caminho de ferro de Leste—e talvez a melhor, depois da do Tejo.

Tem em cada um dos extremos, assentes sobre as margens, encontros de cantaria, apoiando-se no centro, tão sómente (apezar da sua extensão) sobre dois pilares tubulares, de ferro fundido, emparelhados e ligados entre si, por grossas linhas de ferro,

Apezar dos dois grandes vãos entre os pilares e os encontros, é de grande solidez, sem que as maiores cheias lhe tenham causado o minimo abalo.

A ribeira de Sôr, nasce em uma serra, do concelho do Crato.

Corre perto das fronteiras do Alemtejo e Estremadura, servindo-lhe de limites, em alguns sitios.

Morre no Tejo, proximo da villa de Salvaterra de Magos, a uns 50 kilometros de Lisboa.

No seu curso, réga e fertiliza os campos d'esta villa (pelo E.)

Teve até 1834, uma companhia de ordenanças, pertencentes á capitania-mór de Abrantes.

PONTE DE VAGOS—(quinta da) na freguezia, comarca, concelho e 2 kilometros ao N. de Cantanhêde.

E' uma bellissima propriedade, pertencente aos herdeiros de Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.

Quadra aqui, contar o caso seguinte:

Em 1843, o sr. Mathias de Carvalho Mendes Coutinho e Vasconcellos, convidou o sr. padre João Chrysostomo d'Amorim Pessoa (natural de Cantanhêde, e religioso *antoninho,* nascido a 14 de outubro de 1810) para acompanhar em Coimbra, durante os estudos, a seus filhos, os srs. Antonio de Carvalho, Manuel de Carvalho e Mathias de Carvalho.

Pelo grande desejo que tinha o sr. padre João Chrysostomo, de se instruir, augmentando os conhecimentos que já tinha; acceitou a offerta, e tendo feito todos os exames preparatorios, nos mezes de julho a outubro, se matriculou em theologia.

O sr. Antonio de Carvalho, matriculou-se direito, e seus irmãos matricularam-se no anno seguinte.

O primeiro formou-se em direito e doutorou-se em philosophia.

O sr. Manuel de Carvalho, doutorou-se em direito, e o sr. Mathias de Carvalho em philosophia.

O sr. padre João Chrysostomo, doutorou-se em theologia.

O sr. Antonio de Carvalho, veiu a ser um grando proprietario.

Foi deputado da nação, lente da universidade, governador civil de Coimbra, e falleceu em 1873, sendo director geral dos estudos.

O sr. Manuel de Carvalho, seguiu a magistratura, e está hoje juiz da relação de Gôa.

O sr. Mathias de Carvalho, foi lente na universidade de Coimbra, deputado da nação, ministro de estado dos negocios da fazenda, e é actualmente (1876) ministro plenipotenciario de Portugal, na corte imperial do Rio de Janeiro.

O sr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, foi lente da universidade de Coimbra, bispo de Cabo Verde em 8 de junho de 1859, foi confirmado no consistorio de 23 de março de 1860, e sagrado em 26 d'agosto do mesmo anno, e é hoje dignissimo arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, e par do reino.

—

Na villa de Cantanhede, houveram alguns homens notaveis, entre elles:

O padre Gregorio Barreto, da Companhia de Jesus, auctor do livro intitulado—*Logica nova,* escripto em latim.

O doutor, Alexandre Dias Pessoa, lente de direito canonico, e conego magistral na Sé de Viseu.

O padre, frei João Evangelista, insigne prégador, difinidor geral da provincia de Santo Antonio, de Portugal, e que falleceu em 1835, no paço real de Caxias.

O padre, frei João da Salvação Rocha, mestre na sua provincia, e que, infelizmente, morreu fusilado, na praça d'Abrantes, porque se revoltou contra o governo do sr. D. Miguel, com armas na mão, associando-se á guerrilha do hespanhol, D. Manuel, em Thomar. [1]

O capitão-mór, João Henriques de Castro, que chegou a ter mais de 120 contos de réis em propriedades de raiz, e morreu préso, em 1822, pelo crime de não querer jurar a constituição. [2]

João de Sá Pereira, famoso humanista, e que morreu, sendo primeiro secretario do tribunal do commercio de Lisboa.

—

Havia na villa de Cantanhede, um famoso aqueducto, que fornecia a agua potavel á povoação.

Hoje, apenas d'elle restam vestigios dentro da villa, no muro da cêrca do paço dos condes de Cantanhede, marquazes de Marialva.

Este palacio, foi depois de 1834, dado pelo governo (por ser, não sei com que bullas, julgado bens nacionaes!) á camara de Cantanhêde.

E' tão vasto, que n'elle se acommodam á vontade, as repartições da fazenda, e da administração do concelho — o tribunal das audiencias do juiz de direito — a sala das sessões da camara, e suas repartições — a cadeia—a casa da residencia do juiz de direito—uma aula particular, de musica—e... o talho municipal.

Peço perdão aos meus leitores, por escrever aqui cousas pertencentes á villa de Cantanhede.

[1] Os realistas que me chamem liberal, visto que eu lhes descobri mais este *pôdre.*

[2] Agora, os liberaes que gritem contra mim, alcunhando-me de miguelista, uma vez que lhes publico mais esta *virtude.*

Faço-o, porque não tinha estes esclarecimentos quando fiz a discripção d'aquella villa.

—

A direcção das obras publicas do districto d'Aveiro, enviou á exposição da Philadelphia, em maio de 1876, o modelo da ponte de madeira e ferro, que foi construida em Vagos, sob a direcção do habil engenheiro, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva.

PONTE DO BARCO—vide *Maiorca.*

PONTE DO BICO—Minho.

Esta magestosa ponte, está na freguezia do *Bico* (vol. 1.º, pag. 398, col. 1.ª, no fim.)

O verdadeiro nome d'esta freguezia, é *Vico* (do latim—*Vicus*) que significa, foz, termo de qualquer rio; mas como os minhotos e transmontanos nunca pronunciam o *v*, mudando-o em *b* — corromperam *Vico* em *Bico.* [1]

Com effeito, é aqui a foz ou termo do rio *Hômem,* que perde o seu nome, juntando-se com o *Cávado.*

Tratemos agora da *ponte do Bico.*

Foi principiada em 1863, e concluida em 1867. Não se achando a necessaria solidez, no solo das margens, nem no leito do rio, depois da juncção do Homem, teve de se fazer a ponte a uns 300 metros acima da confluente, pelo que, em vez de uma, foi preciso fazer duas pontes; e, n'este genero é, sem contestação, a obra mais solida, elegante, extensa e magestosa de Portugal.

A primeira ponte, atravessa o Cávado. É bastante alta e tem sete magestosos arcos, robustissimos—segue-se-lhe a 2.ª ponte, que atravessa o Homem, e da mesmo ordem architectonica. No pequeno intervalo das duas pontes, ha um atérro bastante alto, gradeado dos lados, com as rampas arborisadas, o que lhe dá um formoso aspecto.

Não é só elegante e magnifica — é tam-

[1] Pretendem alguns, que o nome de Bico, lhe provem do triangulo agudo, formado pelos dois rios, a poucos metros da sua confluencia.

Já se vê que não passa de uma d'aquellas etymologias *forçadas,* que alguns costumam dar aos nomes que não conhecem.

bem uma obra de urgentissima necessidade. Estes dois rios, que na estiagem se podem facilmente vadear em qualquer ponto, se tornam caudalosos e furiosissimos no inverno, pelas aguas que descem do Gerêz; e então, acontecia por frequentes vezes, não poder a *barca do Bico*, atravessar qualquer dos rios, e quando vencia a corrente, esta passagem não deixava de ser perigosissima.

O sitio onde se construiu esta ponte, é tambem muito formoso.

PONTE DO ESPINHAL — aldeia, Douro, na freguezia e concelho, e proxima de Penella. (Vol. 6.º, pag. 611, col. 2.ª)

É n'esta aldeia a magnifica fabrica de papel e de lanificios, do sr. Quaresma de Almeida. (Vide o mesmo 6.º vol., pag. 614, col. 2.ª)

Na sexta-feira, 19 de maio de 1876, pelas duas horas da tarde, as povoações situadas entre Viavae, do concelho de Penella, e Avellar, do d'Ancião, foram surprehendidas por uma fortissima trovoada, acompanhada de grossa saraiva e chuva em torrentes. Algumas casas nas Vendas das Figueiras e nas Vendas dos Moinhos, foram completamente destruidas, perdendo seus habitantes quanto n'ellas tinham.

A corrente precipitou-se no rio Eça; mas, como o volume d'agua era muito grande, saltou logo para os campos marginaes, e n'elles continuou a sua rapida obra de destruição.

Na fabrica do sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida, á Ponte do Espinhal, em sitio onde o rio é proporcionalmente bastante largo, saltou da mesma fórma a agua para os campos, e ahi subiu ella 3^{m},10 sôbre o nivel ordinario do rio (isto em sitio onde fazia remanso).

Os prejuizos causados por esta cheia são muito consideraveis, e para avaliar quanto o devem ser, basta dizer que a cheia, encontrando as terras já fabricadas, e correndo com a rapidez e força que trazia, inutilisava todos os trabalhos, lançando sobre umas cascalho e pedras enormes das paredes que desmanchava, e tirando d'outras a parte onde as sementes germinavam, e deixando o casco á mostra. N'outras encontrava cearas de trigo, favas, hortas de feijão, couves, etc., etc., e tudo era deitado por terra, e coberto de lodo e cascalho.

Entre as pessoas que mais prejuizos soffreram, contam-se a sr.ª D. Maria Joanna de Serpa Chambel, de Penella, e os srs. D. João d'Alarcão Velasques Sarmento Osorio; José Guedes Coutinho Garrido, da Quinta da Boiça; João Leal d'Araujo Gama, e Ayres Quaresma d'Almeida, ambos do Espinhal.

Relativamente, muitos outros tiveram mais prejuizos, porque muitos individuos perderam quasi tudo ou tudo que possuiam. Terras ha que não tornam a dar pão, e, se o derem, será depois de muitos annos e muitas despezas.

O sr. Joaquim Antonio de Freitas esteve em risco de perder a vida, e quasi todos os operarios da fabrica do sr. Ayres Augusto Quaresma d'Almeida.

PONTE DO LIMA — Villa, Minho, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 16 kilometros a O. da Ponta da Barca, 18 a O. dos Arcos de Valle de Vez, 20 a E. de Vianna, 30 ao S. do rio Minho, 32 a N.O. de Braga, 48 ao N.O. de Guimarães, 80 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757 tinha 700 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (vulgarmente, Nossa Senhora dos Anjos.).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

O concelho de Ponte do Lima, é composto de 51 freguezias, todas no arcebispado de Braga—são—Annães, Arca, Arcos, Arcuzêllo, Ardegão, Barrio, Beiral, Bertiandos, Boalhosa (ou Boulhosa), Brandara, Cabaços, Cabração, Calheiros, Calvéllo, Cepões, Correlhan, Estorãos, Facha, Feitosa, Fojo Lobal, Fontão, Fornellos, Freixo, Friastellas (ou Friestellas), Gaifar, Gândara, Gemieira, Gonduffe, Labrujas, Labrujô, Matto, Moreira, Naviô, Poyares, Ponte do Lima, Queijada, Rebordões (Santa Maria), Rebordões (o Salvador), Refojos, Renduffe, Ribeira, Sá, Sandiães, Santa Comba, Santa Cruz, Seara (ou Ceara), Serdedêllo, Victorino das Donas, Vi-

ctorino dos Piães, Villar das Almas, e Villar do Monte. — Todas com 8:000 fogos.

A comarca de Ponte do Lima, é formada só com o seu concelho.

—

Está a nobre e antiga villa de Ponte do Lima, formosamente situada, na margem esquerda do poetico Lima, em paiz fertil e sádio, e um dos mais bellos d'este reino.

A magestosa e antiga ponte, de 24 arcos (sendo 16 de architectura gothica), construida (ou reconstruida) por D. Pedro I, em 1362,[1] separa esta villa da bella freguezia de Arcozêllo (vol. 1.º, pag. 237, col. 1.ª)

As ruas da villa, são soffriveis — ainda que, tortas e mal calçadas — com alguns bons edificios.

Sobre a margem do rio, ha um excellente caes de cantaria, e é um dos melhores e mais aprasiveis passeios da povoação. Chega até á egreja da Senhora da Guia.

N'este passeio está um penedo, chamado *pedra do Diabo.* Tem uma pequena cavidade, que o povo diz, ser o signal das unhas de Satanaz, e que sob este pedregulho está enterrado um *quidam,* que, tendo commungado em peccado mortal, e morrido depois, foi enterrado na egreja do mosteiro de Santo Antonio dos capuchos (que os vandalos do seculo XIX arrasaram, sem d'elle deixar o minimo vestigio).

Vieram tres anjos ao convento, reuniram os frades, desenterraram o sacrilego, deram-lhe uma pancada na nuca, que lhe fez vomitar a particula, restituiram-a ao respectivo vaso, e arrastaram o defuncto até ao penedo, enterrando-o debaixo d'elle.

—

Os melhores edificios da villa, são a egreja matriz, de tres naves, e de nobre e elegante architectura, construida no meiado do seculo XVIII (A egreja matriz primitiva, era fóra da villa, ao pé da ermida de Nossa Senhora da Guia, e tinha por orago, S. Vicente, martyr.) — a da Misericordia (a que está contiguo o seu hospital)—a egreja dos terceiros de S. Francisco — e o palacio dos marquezes de Ponte do Lima, que está muito arruinado.

—

É povoação antiquissima. Parece que o seu primeiro nome, foi *Limia* (vide *Limios*) e era cidade de muita importancia no tempo dos romanos, que lhe chamaram *Forum Limicorum* — *Praça dos limios.* — Os limios eram uns povos que se estabeleceram n'estas paragens, uns 140 annos antes de Jesus-Christo.

É uma das mais formosas villas de Portugal; e seus arrabaldes, são um verdadeiro paraizo.

—

Diz-se que foi fundada pelos gregos, pelos annos 2700 do mundo—1304 antes de J.-C — Outros escriptores contentam-se em lhe dar *apenas* 2376 annos de existencia, attribuindo a sua fundação aos túrdulos, 500 annos antes de J.-C. — Foi destruida com as continuas guerras da edade media, e a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, achando esta terra arruinada e quasi deserta, a mandou povoar, em 1125, dando-lhe foral, a 4 de março d'esse anno, com grandes privilegios. D. Affonso II, o confirmou, augmentando-lhe os privilegios, em Guimarães, no mez d'agosto de 1217. (Maço 9 de foraes antigos, n.º 4—maço 12 dos mesmos, n.º 3, fl. 52, col. 2.ª—gaveta 18, maço 3.º, n.º 27—e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova,* fl. 76, col. 2.ª)—D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1511. (*Livro de foraes novos, do Minho,* fl. 93, col. 1.ª)

—

Muitas vezes perdida e recuperada, durante as guerras diuturnas da edade média, e sempre saqueada e mais ou menos destruida, chegou a não ter uma só casa de pedra, mas apenas humildes cabanas de palha, e assim estava no principio do reinado de D. Pedro I, que a mandou reedificar em 1360; mudando-lhe o seu antigo assento (junto ao mosteiro dos frades) para o sitio actual, com o mesmo nome de Ponte do Lima.

Mandou fazer-lhe um cinto de muralhas

[1] Este monarcha, mandou construir duas alterosas torres, nas duas extremidades da ponte, e cercar a villa de muralhas, que já não existem; porque tudo foi arrasado depois de 1834.

com varias torres e barbacans, e com cinco portas, chamadas—*do Souto, do Postigo, da Ponte, de S. João,* e *de Braga,* depois, chamada do *Paço dos Viscondes,* por este se construir junto d'ellas.

As quatro primeiras tinham capellas.

—

Dando pouco credito á remotissima antiguidade que se attribue a Ponte de Lima, é certo que é uma povoação muito antiga, pois já existia e era povoação de muita importancia, no tempo do imperador Adriano, que no anno 114 de Jesus-Christo, succedeu a Trajano, e se denominava (a cidade) *Forum Limicorum,* como já disse.

Está exactamente marcada, no Itinerario do imperador Antonino Pio. Ficava sobre a via militar, de Braga para Tuy, Lugo e Astorga, que era muito transitada.

É provavel que os romanos aqui tivessem construido uma boa ponte, para o serviço da sua estrada. Fossem os romanos, ou os godos, ou os arabes, tudo nos leva a acreditar que havia aqui uma ponte, no primeiro quartel do seculo XII, pois que no foral de D. Thereza, se dá á villa o nome de *Ponte do Lima.*

Manuel Gomes de Lima Bezêrra, nos seus *Estrangeiros no Lima,* diz que ainda no seu tempo (1785) se conservava a primeira ponte, que era—diz elle—o lanço que hia desde a torre velha até ao Arrabalde. Este lanço, que hoje não existe, ficava fóra da corrente do rio; porque este mudára o leito mais para a sua margem esquerda, de modo que a antiquissima capella do Anjo da Guarda, que se erguia perto da torre velha, ficava do lado da villa.

Segundo a opinião de graves escriptores, D. Pedro I não foi que mandou *construir* a ponte, mas sim *reconstruil-a,* e é o que diz a sua chronica e outras. Parece pois que no seu tempo existia, mais ou menos damnificada, a ponte romana; pois não consta que os reis de Portugal, seus predecessores, nem os godos, fizessem ou reedificassem esta ponte.

A construcção ou reconstrucção de D. Pedro I, resistiu ao tempo e ás cheias do rio por uns 150 annos; porém, pelos annos de 1510, estava mais ou menos arruinada, e D. Manuel I a mandou reparar.

A torre da extremidade do sul, dava entrada para a villa, atravessando-a por baixo de um robusto arco de cantaria—a do norte, estava a pouco mais de duas terças partes da ponte, e d'esta até ás primeiras casas do Arrabalde, ainda havia sete arcos, que é os que Bezêrra diz serem de construcção romana. As duas torres eram muito altas, quadrangulares, e em tudo eguaes. A do norte, chamava-se *torre velha,* o que induz a acreditar ser obra anterior á outra, que tambem não é obra do rei D. Manuel, aliás, teria *bocanheiras* para artilheria, e não *séteiras,* como tinha. Talvez a torre velha fosse ainda a dos romanos, e a do lado da villa, obra do rei D. Pedro.

Tanto as duas torres, como as guardas da ponte, eram coroadas de ameias, e assim se vêem desenhadas na *planta* que vem na obra de Bezêrra.

Não sei porque, a camara embirrou com as duas torres — respeitaveis monumentos de outras eras, e que tanto enobreciam a villa—e ha poucos annos foi-se á ellas e arrazou-as! — Despojou a ponte do seu mais imponente ornamento, sob o futil pretexto de tornar mais ampla a passagem da ponte; como se os portuguezes do seculo XIX fossem de mais avantajada estatura do que os antigos!—E lá se foram estes dois gigantes de pedra, que davam á ponte o aspecto guerreiro da edade média.

Ao Arrabalde, se chamava *Rua d'Alem da Ponte;* porque primitivamente, apenas constava da rua que alinha com a ponte; mas cresceu tanto a povoação, que actualmente é quasi tão grande como a villa.

—

Está tão ligada a historia de Ponte do Lima com a freguezia de Santa Maria d'*Arcozêllo,* que é preciso vêr esta freguezia (vol. 1.º, pag. 237, col. 1.ª — *Arcozêllo do Lima*) para se evitarem repetições.

—

Foi D. Pedro I, que mandou fazer o risco da actual villa, e abrir as ruas e travessas; mas, ainda assim, a povoação não prospera-

va, apezar da formosura do sitio, e da feracidade dos seus arrabaldes.

D. Manuel, para promover o desenvolvimento da população, lhe augmentou os seus antigos privilegios e isenções, e isentou o povo da villa, do pagamento de *portagens*, em todo o reino. Assim conseguiu que crescesse em edificios e gente, chegando a contar mais de 3:000 almas. Ainda em 1757—como vimos — tinha 700 fogos, com umas 2:800 almas; e hoje se acha reduzida a 2:000 almas, com 500 fogos.

Varias causas concorreram para esta diminuição, sendo uma d'ellas—porque varios nobres d'esta villa, e muitas pessoas das suas dependencias, tomaram, em 1383, o partido de D. João I de Castella, contra o Mestre de Aviz, depois, D. João I de Portugal. Como a traição d'estes portuguezes degenerados (e a de outros muitos, da mesma estôfa) nada aproveitou aos castelhanos, tiveram de fugir para a Hespanha, para se subtrahirem ao justo castigo que os esperava em Portugal, pela sua traição ao rei e á patria.

Tinha voto em cortes, com assento no 5.º banco.

Suas armas, são:

Escudo de prata, com uma ponte, entre duas torres (tudo da sua côr) passando-lhe um rio pelo arco da ponte.

A alcaidaria-mór da villa, andou sempre na casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte de Lima.

O 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira, foi D. Leonel de Lima, senhor da mesma villa, e alcaide-mór de Ponte de Lima, feito por D. Affonso V, em 4 de março de 1476.

Em 1623, Philippe IV, quiz fazer conde do mesmo titulo, ao visconde, D. Lourenço de Lima; mas o nobre portuguez recusou.

Não fez como muitos fidalgos d'esse tempo, que se venderam aos castelhanos.

D. Maria I, fez marquez de Ponte de Lima, em 1790, a D. Thomaz Xavier de Lima, seu ministro dos negocios do reino.

As armas d'esta familia, são:

Em campo d'ouro, 4 barras de púrpura, (Limas) e o resto do escudo, esquartellado, no 1.º quartel, as armas dos Britos—no 2.º as dos Nogueiras — no 3.º, as dos Sottos-Maiores—e no 4.º, as dos Vasconcellos.

No centro, em um escudete, as dos Silvas Telles.

O sr. D. José Maria Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, foi 17.º visconde de Villa Nova da Cerveira, e 3.º marquez e alcaide-mór de Ponte do mima.

(Vide Villa Nova da Cerveira.)

—

A capella de São Sebastião, que está fóra da porta do Souto, foi sinagoga dos judeus, no seculo XV, quando residiram n'esta villa e moravam na *rua Nova*, hoje, *rua do Pinheiro* (por um que está pela parte de cima da capella.)

Depois da expulsão dos judeus, pelo rei D. Manuel, foi a sinagoga purificada, e se transformou em templo christão.

Tem tido tantas reedificações, que nada conserva do edificio primittivo.

—

A formosa e rica freguezia *d'Arcozello*, que é um arrabalde—ou, para melhor dizer—o prolongamento da villa, na parte opposta do rio, já fica descripta no logar competente; e bem assim, o rio *Lima:* por isso não fallo aqui de Arcozello, nem do rio Lima.

—

Em 1866, se concluiu a formosissima estrada, que vae paralella ao Lima, desde a villa, até á cidade de Vianna.

Seguindo esta estrada, se encontram formosas quintas, distinguindo-se entre ellas, a dos srs. condes de Bretiandos e dos srs. condes d'Almada.

Os seus palacios, situados entre deliciosos jardins, e quasi occultos, pelo frondente arvoredo que os cercom, miram-se a furto nas placidas aguas do rio.

Na margem opposta, ha tambem outra estrada, do mesmo modo paralella ao rio, e tambem orlada de formosas quintas e casas de campo.

D'este lado, perto de Vianna, está o lindo palacio e bello jardim, do nosso inspirado poeta, e elegante prosador, o sr. Antonio

Pereira da Cunha; e onde actualmente reside seu filho, com sua esposa e filhos, o sr. Sebastião Pereira da Cunha, tambem maviosissimo poeta.

Vide *Portozêllo.*

—

Qualquer d'estas estradas é um passeio encantador, que arrebata; mas não se descreve, porque, por mais primoroso que fosse o escriptor, ficaria muito distante da realidade.

Basta-me dizer que muitos fazem por estes sitios os famosos *Campos Elisios, dos poetas.*

—

Proximo da villa, existiram dois mosteiros:

O de Santo Antonio, dos capuchos, na margem esquerda, fundado por D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira e sua mulher, D. Philippa da Cunha, pelos annos de 1480—e o de Valle de Pereiras, na margem direita, construido em 1360, para frades franciscanos, passando em 1515, a ser de freiras de Santa Clara, da mesma ordem (capuchas franciscanas.)

O primeiro já disse que foi destruido, depois de 1834.

—

Proximo da capella de Nossa Senhora da Conceição, existem vestigios de uma fortaleza, cuja construcção se attribue aos romanos.

O termo d'esta villa, regado pelo Lima, pelo Neiva, e por varios ribeiros ou regatos, é fertillissimo em toda a qualidade de cereaes, fructas, legumes, hortaliças, vinho, azeite, linho, algum mel e cêra.

Ha grande creação de gado, de toda a qualidade, principalmente bovino, que exporta; e nos seus montes ha grande abundancia de caça.

E' abundante de optimo peixe do mar, que lhe vem pelo rio, e este lhe fornece excellente peixe, sobre tudo, salmões, solhos, saveis e lampreias, que exporta para differentes terras do reino, e em latas, para o Brazil.

—

D. Sancho II, estando em Guimarães, deu o padroado da egreja matriz de Ponte de Lima ao arcebispo de Braga, D. Silvestre Godinho, em 1238.

No reinado de D. Sebastião, o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, erigiu esta egreja em collegiada, com a terça das rendas de Suájo.

Tinha sete beneficiados; quatro, que assistiam na capella-real, e pagavam a *ecónomos*, que eram apresentados pelo rei.

Os beneficiados eram da apresentação do ordinario.

—

O hospital da Misericordia tem bons rendimentos.

Tem quatro capellães, com a obrigação de resarem em côro, com rendas, deixadas para este fim, por Antonio de Magalhães.

Tambem se uniram á Misericordia as rendas de *S. Vicente dos Gafos* (que foram de um hospital de leprosos) junto a *Beldrufa.*

Tem algumas praças, sendo a melhor, por estar perto do rio, o *largo do Chafariz*—hoje chrismado em *largo da Regeneração.*

E' irregular, e com bastante declive para a margem do Lima.

Está adornado por um esbelto chafariz, a capella de São Sebastião e o hospital chamado *de Fóra* (por ficar extra-muros da antiga circumvalação) que foi originariamente uma albergaria, para peregrinos, feita pelo 1.º visconde, D. Leonel.

Foi ha poucos annos reconstruido e ampliado.

—

Tem um soffrivel theatro, denominado de *Lethes*, no pavimento inferior dos paços do concelho; um club, denominado—*sociedade Limarense;* duas musicas de capella; duas bandas marciaes; e um lindo passeio publico, assombrado por um denso arvorêdo, que se estende parallelo ao rio.

A cadeia é em uma das torres da antiga cêrca de muralhas, e, apezar dos seus cinco seculos de existencia, está bem conservada; e assim estariam tambem as mais torres da circumvalação e as duas monumentaes, que enobreciam a ponte, tornando-a uma das mais respeitaveis e magestosas do reino, se a sanha destruidora dos modernos

vandalos, lhe não lançasse o seu feroz camartello, em odio a tudo quanto é grande, nobre e portuguez, e que nos recordava tantos seculos de gloria e de prosperidade.

Do grande numero de marcos milliares da via militar romana, que existiam por estes sitios, tambem já pouquissimos restam; porque foram estupidamente empregados em cunhaes de casas, e em paredes de mattos e tapadas.

A *torre da cadeia*—como se lhe chama—está proxima do logar onde existiu a *porta do Souto;* e da cêrca das muralhas a que esta porta pertencia, ainda restam alguns vestigios.

—

A villa é abastecida de muita e excellente agua potavel.

O rio é navegavel d'aqui até á sua foz, e para cima, até 10 kilometros de distandia.

—

Na egreja matriz foram sepultados muitos illustres varões.

Alem de varios membros da familia do fundador, que tinha aqui o seu jazigo, estão sepultados na capella-mór—D. Rodrigo de Vasconcellos e Souza, 2.º conde de Castello Melhor — D. Manuel de Mello, filho do conde de S. Lourenço — D. Martim Affonso de Mello—e Vasco Fernandes Coutinho.

Este, está em um rico mausoleu, sobre o presbyterio, do lado do Evangelho.

Tem uma inscripção que diz:

AQUI JAZ, VASCO FERNANDES COUTINHO,
CAVALLEIRO DO CONSELHO DEL REI.
FOI MORTO NO COMBATE DE
SETTE EGREJAS, QUE D. AFFONSO V.º TOMOU.

Este combate foi durante a guerra que D. Affonso V sustentou contra D. Isabel de Castella e D. Fernando de Aragão (os reis catholicos, Fernándo e Isabel, tão famosos na historia, e em defeza da legitima herdeira do throno de Castella, a princeza D. Joanna (a *excellente senhora*) sua sobrinha e desposada.)

—

Existem nos arredores d'esta villa varias ruinas de antigas fortalezas.

Logo abaixo da ermida de Nossa Senhora da Guia, perto da villa, no *monte dos Médos* (vide *Ancora, Gondinhães* e *Riba dAncora*) ha vestigios de um castello, e dizem que foi n'este sitio o assento da antiga Limia.

Outros dizem que esta cidade era no sitio da actual aldeia de Santo Estevam de Geraz, o que não é verosimil. (Vide *Nó.*)

Talvez que a antiga *Limia* não fosse exactamente no mesmo logar onde os romanos fundaram o *Forum Limicorum*, mas com certeza, eram sitios muito proximos.

Julga-se que a cidade romana foi fundada, ou reedificada, no tempo de Bruto, isto é, uns 130 a 140 annos antes de Jesus Christo.

Desde então, por espaço de 260 annos, até ao tempo de Ptolomeu, continuou a ser importantissima esta cidade, e o continuou a ser até ao tempo do imperador Antonino Pio; mas este no seu Itinerario lhe chama *Limia*, o que tem causado algumas duvidas e objecções.

A pouca distancia d'este monte, e proximo á capella de Nossa Senhora da Conceição, existem os restos de uma fortaleza, cuja fundação se attribue aos romanos.

—

A jurisdicção d'esta villa comprehendia tres villas, dez concelhos, quatro coutos, e um julgado.

—

Vide tambem a 1.ª *Ponte*, para se saber o nome que a esta villa dá o foral da rainha D. Thereza.

—

A via militar romana, que corria de Braga para Astorga, passando por Ponte de Lima e Tuy, foi aberta, ou reedificada, pelo imperador Augusto Cesar; pois assim o attestava um marco milliario, que se achou enterrado em uma das margens do Cávado, quando se reedificou a ponte do Prado.

Tinha a seguinte inscripção:

IMP. CAESAR DIVI F. AUG.
PONT. MAXIMUS IMP. XV CONSUL
XIII. TRIB. POTEST. XXXIV. PATER
PATRIAE BRAC.
IIII

(O imperador Cesar, feliz, augusto, pontifice maximo, 15 vezes imperador, 13 consul, 34 investido do poder tribunicio, pae da patria. D'aqui a Braga, 4 milhas.)

Vê-se d'esta inscripção, que a via militar foi construida, ou reedificada, no anno 11.º de Jesus Christo — porque — Augusto, teve a 1.ª vez o poder tribunicio, em junho do anno 731 da fundação de Roma, que era já consul pela 9.ª vez—e em junho de 764, principiou o seu 34.º poder tribunicio, que terminou em junho de 765, da fundação de Roma.

Sendo o anno do nascimento de Jesus Christo correspondente ao 753 de Roma, vê-se que esta estrada principiou em junho do anno 11.º e terminou em outro egual mez, do anno 12.º

Foi esta via tambem reedificada pelo imperador Claudio, o que consta de um marco milliar que existiu na praça de Vallença, e tinha 2,^{m}66 de alto e 2 de circumferencia.

Foi achado em 1680, na margem esquerda do rio Minho, no sitio hoje chamado *Arinhos*.

A inscripção dizia:

TI. CLAUDIUS CAESAR AUG.
GERMANICUS PONTIFEX
MAX. IMP. V. CŌS. III TRIB.
POTEST III P. P. BRACA XLII

(O imperador Tito Claudio, cesar, augusto, germanico pontifice maximo, cinco vezes imperador, consul tres, e tres do poder tribunicio, pae de patria. D'aqui a Braga, 42 milhas,)

Foi pois reformada esta via (no sitio indicado) em 43 de Jesus Christo.

Foi tambem concertada, sendo imperador Adriano, o que se mostra por outro marco milliar que existiu junto a Ponte de Lima, na freguezia de Santa Maria de Arcozéllo, e já copiei a pag. 221, col. 2.ª do 1.º vol. — assim como outra do imperador Marco Aurelio.

—

Ha (ou houve) por estes sitios muitos monumentos que nos attestam a diuturna assistencia dos romanos.

Vão nas freguezias ou logares onde foram achados, ou ainda existem.

—

Fóra da villa está a capella de Nossa Senhora da Guia, cuja egreja primitiva foi antigamente a matriz da freguezia, emquanto se não edificou o actual templo.

Junto á capella primitiva havia um hospital de lazaros, e a sua egreja era dedicada a S. Vicente, levita.

Já não existem vestigios, nem d'esta egreja, nem do hospital, que tudo foi arrazado com as cheias do Lima, e o sitio está agora convertido em areal.

Ficava a egreja abaixo da villa uns 200 ou 300 metros.

Para obstar aos prejuizos que as cheias do rio causavam á povoação, mandou a camara construir um caes, encostado ao muro do pomar dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte de Lima, e da villa, até ao mosteiro de Santo Antonio, e d'ahi até topar nas escadas da egreja de Nossa Senhora da Guia.

E' um agradavel passeio, assombrado por grandes e antigos carvalhos, que é a estrada que vae para Vianna.

Segundo a tradição, a egreja de Nossa Senhora da Guia, esteve primeiro junto ao hospital de S. Vicente (como já disse) e tinha uma confraria, que cuidava do templo e das suas solemnidades.

Esta confraria foi transformada em irmandade, muito numerosa, onde entraram as pessoas mais qualificadas da villa e arredores, e com estatutos confirmados *autoritate ordinarii*, e com bastantes rendas.

Foi esta irmandade que fez construir a nova capella (a actual) cujas obras terminaram em 1629, dizendo-se então a 1.ª missa e mudando-se a imagem da padroeira, da egreja velha.

Tiveram de fazer esta mudança, porque o rio principiava a damnificar a capella antiga.

—

Já disse que ha suas duvidas, quanto ao

sitio primitivo da antiga Limia, depois Forum Limicorum; mas, depois de exactas investigações, por homens competentes, se veiu no conhecimento, que esta antiga cidade, ou foi onde depois se fundou a primittiva capella da Senhora da Guia, ou no sitio da actual villa, ou muito perto.

Em um marco milliar, achado por estes sitios, se lia o resto de uma inscripção que dizia:

A BRACARA ASTURICAM
LIMIA M. P. XIX
TUDE XVIIII.

Inscripção que bem mostra a existencia d'esta povoação no tempo em que foi feito o Itinerario de Antonino Pio, antes do seculo V.

Limia e Tuy estão alli arrumadas nos mesmos sitios em que hoje as vemos.

Desde a data do Itinerario, nem Limia, nem Forum Limicorum apparecem mais na historia; nem era provavel apparecerem, porque tanto esta cidade, como outras muitas da Lusitania, foram arrazadas pelos ferozes godos, vandalos, suevos, etc., no principio do seculo V; e estes barbaros não se limitaram a destruir povoações até aos fundamentos, mas tambem a saqueal-as e a assassinar quantos habitantes apanhavam, como refere o bispo Idacio, no seu *Chronicon*.

Diz elle:

Barbari, qui Hespanias ingressi fuerant, caede depraedantur hostili.

A fome e a peste, consummou a obra da destruição—*De bacchantibus per Hispanias Barbaris et saeviente nihil ominus pestilentiae malo, opes et conditam in urbibus substanciam tyranicus exactor diripit, et miles exhaurit: fames dira grassatur, adeo ut humanae carnes ab humano genere vi famis fuerint devoratae: matres quoque necatis vel coctis per se natorum suorum sint partae corporibus, etc.*

Como se todos estes flagellos não bastassem para a destruição de tantas povoações, vieram por muitas vezes as invasões dos normandos, e, depois d'elles, a dos sanguinarios filhos do crescente, no principio do seculo oitavo, que completaram a obra da devastação.

Os christãos eram perseguidos e sacrificados com a mais requintada crueldade, e as cavernas fabricadas pela natureza, para habitação das feras, se tornaram o unico refugio dos homens.

De entre todos estes cataclismos se distingue o de 997, anno em que o cruelissimo Al-Mançor, califa de Córdova, invadiu esta região, e que, como diz Gandara (*Arm. y Triunf. de Galiz.* lib. 2.º, cap. 8, pag. 160) —*caminó con su acostumbrada fiereza, destruiendo, aniquilando y desasiendo todas las ciudades y pueblos de estas regiones, tomando a Coimbra, Vizeo, Braga, y otras poblaciones: apóderose de la ciudad de Tuy, y llegó a Santiago, etc.*

Al-Mançor repetiu as scenas de atrocidade, que pouco antes d'elle, e no reinado de Ramiro III, tinham feito os normandos.

Diz a *Historia dos Godos*, que estes barbaros chegaram ao castello de Vermoim, no territorio de Barcellos, assassinando e destruindo tudo quanto encontraram na sua passagem devastadora.

—

Expulsos os arabes, nem por isso Ponte de Lima se repovoou, perdendo até o nome romano, e tornando a chamar-se Limia, e era o nome que tinha em 1125, e que o foral de D. Thereza lhe dá.

Então, todo este territorio era de um unico proprietario, chamado *Sesnando Ramires*, como consta d'aquelle foral.

Parece, porém, que no meiado do seculo XIII já se lhe dava o nome de Ponte do Lima; porque Sandoval (*Iglesia de Tuy*, fl. 155, verso) cita uma escriptura existente no archivo da collegiada de Vallença, que é uma doação feita por D. Affonso III, de Portugal, em 1262, á egreja de Tuy, e diz no final:

Facta carta apud Pontem Limiae.

O mesmo nome lhe dá este monarcha, em uma carta de privilegios ao couto da Correlhan, datada de Lisboa, a 14 de junho de 1268.

—

O cruzeiro do *Souto da Forca*, é muito antigo, e estava perto do instrumento do supplicio que lhe deu o sobrenome.

Como no seculo XVI já Ponte de Lima era cabeça de comarca, os seus juizes faziam executar as sentenças que proferiam, qualquer que fosse a gravidade do crime; antes de se estabelecer a *relação e casa do Porto*, em 1583.

Foram pois executados na fórca d'esta villa varios facinorosos.

O padre Carvalho refere o supplicio que nella padeceu um ladrão, em 1511; o qual deu causa ao successo de Martim Rodrigues de Luna, fundador da capella de S. Sebastião, na freguezia de S. Martinho.

Não se póde pois dizer d'esta forca, o que se diz da maior parte das outras—isto é—que foram construidas para infundir terror aos criminosos; para prova do dominio e poder do senhorio; ou como simples emblema da autonomia municipal.

Alguns suppõem que a forca ficava da parte da villa, visto que contiguo a ella está o campo do *Arnado*, e dizem que n'aquelle tempo corria o rio Lima pela *Veiga da Cruz*, proximo ao cruzeiro, ficando este tambem da parte da villa.

O passeio publico da villa, já existia como tal, quando Bezerra escreveu o seu livro, que publicou em 1785.

—

O clima d'este territorio é em geral saudavel, e rarissimas vezes, e com pouca intensidade, tem aqui havido molestias epidemicas.

Em 1569, no reinado de D. Sebastião, uma grande peste assolou Portugal, e vindo do S., invadiu quasi toda a provincia do Minho, sem tocar n'esta villa, nem em Arcozéllo.

Ha apenas aqui algumas gastrites, catharros, defluxos e febres intermitentes; mais procedidas da pouca cautella, do que da influencia do clima.

—

Em 26 de novembro de 1238, D. Sancho II, estando em Guimarães, deu ao arcebispo de Braga, D. Silvestre, e aos seus conegos, as egrejas de Ponte de Lima, e a de *Touginha*, em terra de Faria, livres e isentas de qualquer direito real.

—

O *Banco agricola, commercial e industrial de Ponte de Lima*, teve os seus estatutos approvados pelo governo, em 2 de junho de 1875—isto é—foi nesse dia publicada a sua approvação, no *Diario do Governo*.

—

A poucos kilometros de Ponte de Lima, está o famoso sanctuario do Senhor do *Soccorro*.

Para não fazer este artigo mais longo, vide *Soccorro*.

—

Se o rio Lima completa a belleza d'esta villa, e é um poderoso agente da fertilidade do seu territorio, tambem não poucas vezes as suas enchentes inesperadas causam graves prejuizos.

Ainda em novembro de 1875, encheu espantosamente, invadindo uma grande parte da povoação, chegando a entrar nas egrejas matriz e da Misericordia, que ficam no centro da villa, e transformando em rios caudalosos algumas das suas ruas.

Esta cheia, porém, se causou grandes damnos, tambem fez um grande serviço á navegação, desobstruindo a barra de Vianna das muitas areias que alli estavam acommuladas havia muitos annos.

—

«No dia 12 de abril de 1876, falleceu, na sua casa de Faldejães, proximo a Ponte de Lima, o sr. D. Antonio Telmo de Menezes Montenegro.

Era um fidalgo muito respeitavel pela nobreza do seu procedimento, e pelo seu genio essencialmente bondoso e obsequiador.

Todos os pobres das freguezias onde tinha casa o conheciam.

Nunca um infortunio lhe bateu á porta que não fosse soccorrido.

Para todos tinha uma esmola e uma palavra de conforto.

Conhecedores de que só Deus póde minorar a dôr que nenhuma voz humana tem poder para mitigar, limitamo-nos a orar ao Todo Poderoso pela alma do finado, e a enviar a todos os seus, e muito principalmente ao nosso dedicado amigo e distincto lente da universidade, o sr. dr. Antonio Bernardino de Menezes, sentidos comprimentos

de pesames; e tão sentidos, quanto é verdadeira a affeição que lhe dedicamos.»

V. DE M.

—

Em agosto de 1876, foram submettidos á approvação do governo, os estudos do caminho de ferro de via reduzida, entre a cidade de Vianna, e esta villa, prolongando-se depois até aos Arcos de Valle de Vez.

—

Aqui nasceu, em 26 de janeiro de 1766, D. frei Francisco de S. Luiz Saraiva, que morreu cardeal patriarcha, em Lisboa, a 7 de maio de 1845.

Para evitarmos repetições, vide o 4.º vol., a pag. 279, col. 2.ª, no fim, e seguintes.

—

Aqui nasceu, em 1758, Josefa Rosa Fernandina, que morreu em Lisboa, em 1870, com 112 annos de edade.

Morreu, porque apanhou uma constipação, á qual sobreveiu uma bronchite; aliás, sabe Deus quantos annos ainda viveria!

—

No logar de Calheiros, proximo a esta villa, nasceu o padre Gonçalo Rodrigues, da Companhia de Jesus, pelos annos de 1495.

Passou á India e prégou com grande exito em Ormuz, depois passou a Salsete, Baçaim e Tana.

Em toda a parte derribou idolos, pagodes e todos os emblemas de idolatria, adquirindo grande numero de almas para Jesus Christo.

Foi depois embaixador á Ethiopia em 1555, padecendo grandes trabalhos por terra e por mar, como o Apostolo das gentes.

Cheio de merecimentos, de virtudes e serviços, voou á mansão dos justos.

Não se podem negar os serviços prestados á religião e ao estado pelos jesuitas.

Portugal foi poderoso, menos pelas armas do que pela religião; menos pelos soldados do que pelos missionarios.

Hoje que a *civilisação moderna* acabou com os ultimos, a sua decadencia é manifesta, a sua importancia nulla.

O resultado da suppressão das ordens religiosas, sobretudo no Ultramar, tem dado os mais desastrosos resultados.

A França, a Inglaterra, os Estados Unidos da America, a Russia, e outras nações, conservaram os conventos nas suas colonias, só Portugal os destruiu. Fez bem.

—

Era natural d'esta villa, a mãe do nosso poeta, Diogo Bernardes Pimenta. Vide *Ponte da Barca.*

—

Na cidade de Britonia, do Lima, situada entre esta villa e a cidade de Vianna, e no dia 12 de maio de 316, foi martyrisado pelos romanos, São Chrispolito, bispo de Britonia.

Depois de atrozes tormentos, foi serrado pelo meio.

—

Houve antigamente em Ponte de Lima grande numero de casas solares de nobres appellidos; mas, quando (1383) o povo portuguez e alguns fidalgos acclamaram por seu rei natural e legitimo, o mestre d'Aviz, depois, D. João I, contra as pretenções de D. João I, de Castella, casado com D. Beatriz, filha de D Leonor Telles de Menezes, bastantes fidalgos de Ponte de Lima se bandearam com os inimigos da sua patria, tomando armas contra ella, e arrastando na sua traição muitos dos seus creados, familiares e dependentes.

Quando, depois de dez annos de guerras, e quasi sempre de victorias, vencemos os castelhanos; e morto D. João I, de Castella, seu filho, D. Henrique III, desenganado de que, se alguns portuguezes foram traidores á sua patria, o povo em geral, e muitos fidalgos, estavam decididos a derramar até á ultima gota de sangue, em defeza da sua independencia, assignou o tratado de paz, em 1393, no mesmo anno em que falleceu seu pae, muitos dos nobres de Ponte de Lima, recearam regressar a Portugal, e se deixaram ficar por Castella, sendo poucos (e os menos compromettidos) que voltaram ao reino.

Apezar d'esta defecção, ainda ha muitas familias nobres, n'esta villa, em Arcozêllo e outras terras dos arredores.

Para não fazer este artigo mais longo, descrevo estas familias nas freguezias onde teem so seus solares—e mesmo das de Ponte da

Lima, só menciono as de que tenho noticia.

Se algumas familias distinctas d'esta villa se não virem mencionadas aqui, não o attribuam a desconsideração, mas ao seu descuido em não me mandarem a tempo os devidos esclarecimentos.

—

Casa de Barreiros—antigo morgado, perto da villa.

Os seus possuidores, tem foro de fidalgos da casa real, de juro e herdade.

Casa dos Casaes—antiga e de esclarecida nobreza, n'esta mesma villa.

Casa do Paço de Calheiros—vide vol. 6.º, pag. 381, col. 1.ª

Casa do paço dos marquezes de Ponte de Lima—vide *Villa Nova da Cerveira.*

Casa de Bertiandos—por não ter hido no logar competente (vol. 1.º, pag. 392, col. 1.ª) a descrevo n'este logar.

—

Ruy Lopes Cerveira, padroeiro da egreja do Mangoeiro (antigo nome da actual freguezia de Gondarem—vol. 3.º, pag. 301, col. 2.ª, no fim, e seguintes) descendentes dos alcaides-móres de Villa Nova da Cerveira, foi pae de Lopo Rodrigues Cerveira Pereira, que casou com D. Brites Gomes Pinheiro, filha de Martim Gomes Lobo, ouvidor das terras do 1.º duque Bragança, e de sua mulher, D. Mayor Pinheiro, da casa solar dos Pinheiros, de Barcellos.

D'este casamento nasceu Fernão Pereira, 1.º senhor de Bertiandos.

Esta casa, dividiu-se depois em dois morgados, no tempo de rei D. Sebastião.

Esta divisão foi feita por D. Ignez Pinto, viuva de Lopo Pereira.

Terminou esta divisão, com o casamento de Damião Pereira da Silva Souza de Menezes (avô da sr.ª D. Joanna Maria do Rosario Francisca de Salles Pereira da Silva e Souza de Menezes, feita condessa de Bertiandos, com grandeza, em 18 de agosto de 18 dama do paço) com D. Maria Angelina Pereira da Silva Forjaz Montenegro, senhora da casa dos *Biscainhos,* em Braga, e do 2.º morgado de Bertiandos.

Rui Lopes Cerveira, de que acima fallei, casou com D. Maria Pereira, filha bastarda do condestavel, D. Nuno Alvares Pereira.

Desde então deixaram os senhores de Bertiandos o appellido de Cerveira, tomando o de Pereira.

Entre outros, foram illustres n'esta familia, os cinco cavalleiros de Malta seguintes:

D. Frei Antonio Pereira de Lima.

D. Frei Diogo de Mello Pereira.

D. Frei Lopo Pereira de Lima, prior titular do Crato, e bailio de Leça.

D. Frei Antonio Pereira de Lima, tambem bailio de Leça.

D. Frei Fernão da Silva.

Na Africa, serviu com muita distincção, Francisco Pereira, que depois foi capitão de cavallos, na guerra da acclamação de D. João IV.

O sr. Gonçalo Pereira da Silva Souza de Menezes, commendador da ordem de Christo, védor da casa real. Foi 1.º visconde, com grandeza, feito em 22 de agosto de 1840; e 1.º conde do mesmo titulo, em 14 d'abril de 1852.

Foi feito conde de Bertiandos, em 18 de agosto de 1852, o sr. Sebastião Correia de Sá Brandão.

—

Casa de Nossa Senhora da Aurora—junto a Ponte de Lima. É nobre e antiga, e seu actual possuidor, o sr. João de Sá Coutinho, fidalgo cavalleiro, da casa real, e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa. É filho do general José de Sá Coutinho.

Em o numero dos ultimos senhores d'esta casa, contam-se:

João de Sá Sotto-Maior, desembargador da relação do Porto, cavalleiro da ordem de Christo e fidalgo da casa real.

Felix Barreto de Sá Sotto-Maior, cavalleiro da ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

João Pedro de Sá Coutinho, fidalgo da casa real. Casou com D. Maria Antonia da Costa e Souza de Macedo, filha de D. José Francisco da Costa, pelo seu casamento, 2.º visconde de Mesquitella, 4.º barão da Ilha-Grande, armeiro-mór da casa real e do rei-

no, commendador d'Aviz, governador e capitão-general do Algarve.

O sr. D João Affonso da Costa e Souza de Macedo e Albuquerque, foi feito conde de Mesquitella, em 16 de outubro de 1844.

PONTE DO LOURO — antigo nome da actual freguezia de Santa Lucrecia do *Louro*. (Vol. 4.º, pag. 464, col. 1.ª) Disse no 4.º vol., que esta freguezia não vinha no *Port. Sacro e Prof.*, por ignorar então que o seu antigo nome era *Ponte do Louro*, que é como alli se denomina.

Tinha, em 1757, 203 fogos.

PONTE DO PÉGO — sobre o rio Tâmega, a 3 kilometros da villa d'Amarante. É de madeira, e a mais bella, d'este genero, em Portugal.

PONTE DO PRADO — Vide *Prado*.

PONTE DO REGUENGO — Extremadura, entre a villa d'Azambuja, que lhe fica ao S., e a estação de Sant'Anna, que fica ao N. — É a 10.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

PONTE DO ROL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 40 kilometros ao N.O. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Thiago, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

PONTE DO SOBRÃO — Vide *Meixomil*.

PONTE DOS AIVADOS — Vide *Aivados* (ponte dos) — vol. 1.º, pag. 42, col. 1.ª

PONTE FERREIRA — aldeia, Douro, na freguezia da Gândara. (Vol. 3.º, pag. 258, col. 1.ª)

A aldeia de Ponte Ferreira tornou-se celebre pelos dois combates aqui dados entre realistas e liberaes.

A 4.ª divisão do exercito realista, passára o rio Douro, para operar ao N. do Porto. Era commandada pelo tenente-general, visconde de Santa Martha.

No dia 22 de julho de 1832, o general, conde de Villa-Flor (depois, duque da Terceira), á frente de 5:000 homens do exercito liberal, ataca os realistas (commandados pelo coronel Henrique da Silva da Fonseca) em Ponte Ferreira. A investida foi rude, e a resistencia obstinada. Depois de um dia de combate, e de muitos mortos e feridos de parte a parte, os liberaes tiveram de retirar para as suas posições.

A noticia d'este desastre aterrou a guarnição e povo do Porto, e o governo liberal mandou, na noite da acção, reforçar Villa-Flor, com todas as tropas disponiveis.

No dia seguinte (23), pelas 10 horas da manhan, Villa-Flor ataca novamente os realistas (então commandados por Santa Martha) pelo sitio da Granja de Ponte Ferreira. A acção foi ainda mais encarniçada do que a da vespera, e durou dez horas (até ás 8 da tarde), sem outra vantagem, de parte a parte, senão fazerem aos contrarios muitos mortos e feridos, e alguns — poucos — prisioneiros.

O Porto ainda não estava fortificado, e á sua linha de defeza, tanto na cidade, como na Serra do Pilar, debilmente guarnecida; de modo que, se o general realista, Póvoas, atacasse a cidade pelo sul, a derrota dos liberaes era infalivel. Mas o general Póvoas, conservou se mero expectador, vendo a acção por um occulo!... Só no dia 27, é que se resolveu a fazer um *reconhecimento* sobre Villa Nova de Gaia.

Assisti a estas duas acções, e ainda hoje é para mim um *mysterio impenetravel*... a causa porque, retirando os liberaes—alguns em bastante desordem — para o Porto, os realistas *fugiram* (é o termo proprio) para Baltar, e d'alli para Penafiel, chegando muitos a fugir a unhas de cavallo, até Amarante!

Talvez que algum dia venha a cahir o veu que até hoje tem encoberto estes e outros factos d'aquella guerra desastrosa, como todas as guerras civis.

Vem aqui a pêllo uma anecdota engraçada.

Eu servia então, como aggregado, na *Guar-*

da real da policia do Porto, da qual era commandante, o coronel João Wager Russel.

Na noite de 23, fomos acampar para Baltar, a pouca distancia d'onde se tinham dado os dois combates.

Pela meia noite, pouco mais ou menos, cahiu o *sarilho* das espingardas de um dos regimentos de milicias, com um fracasso que pareceu grande, por ser inesperado, e estar a tropa adormecida.

Os milicianos, julgaram ser uma descarga *cerrada*, e fugiram a toda a força das suas pernas, em differentes direcções; a maior partes d'elles, abandonando as armas, ao grito de — *elles ahi vem!* — Mesmo da tropa de 1.ª linha, não poucos imitaram os milicianos. Outros, menos aterrados, queriam que se lançasse fogo á casa onde estava a polvora; finalmente, foi uma terrivel balburdia, e custou a entrar na ordem.

Pois, apezar de se conhecer a causa do susto, e de vêr-se que fôra rebate falso, formou a tropa, que se pôde reunir, e retirou tudo para Penafiel, seis leguas á rectaguarda do Porto!

Deve porém confessar-se que os regimentos de milicias de Barcellos, da Barca, e alguns mais, se portaram com muita bravura e bastante disciplina, nas duas acções; mas em Baltar, sempre mostraram que eram milicianos.

PONTE-PEDRINHA — Beira-Alta — ponte muito antiga, lançada sobre o rio Paiva. (Vol. 6.º, pag. 418, col. 1.ª, e pag. 530, col. 1.ª)

Tambem aqui houve uma acção, no dia 29 d'abril de 1834, dada pelos liberaes, commandados pelo conde de Villa-Flor, e os realistas, commandados pelos generaes Osorio e José Cardoso. Felizmente, correu pouco sangue. Os realistas retiraram.

PONTEIRA — antigo nome da actual freguezia de Paradella, Traz-os-Montes, no concelho de Montalegre. (Vol. 6.º, pag. 465, col. 2.ª — a 2.ª Paradella d'esta columna.)

Esta povoação fica a 2 kilometros da actual séde da freguezia (Paradella), 14 ao O. de Montalegre, e 58 a N.E. de Braga.

Ha aqui uma capella publica, pequena e pobre, dedicada a S. João Baptista.

PONTEIRA, ou **ROCA DA PONTEIRA** — monte, Traz-os-Montes, perto da povoação antecedente, e na mesma freguezia e concelho.—Tem uns 8 kilometros de comprido, e é constituido de penhascos (a que dão o nome de *Roca* — rocha) e alguma terra arida e sem vegetação.

Teem aqui apparecido formosas amettistas. O par do reino, o sr. Barros e Sá, tem, em um annel, uma d'estas pedras. Segundo a tradição, a mitra do arcebispo de Braga, tem (ou teve) uma cruz, feita de amettistas, extrahidas d'este monte.

Ha tambem aqui muitos *crystaes de roca*.

PONTÉVEL — freguezia, Extremadura, concelho e 5 kilometros ao S O. do Cartaxo, 6 ao O. da Ponte do Reguengo, comarca, districto administrativo e 20 kilometros ao S.O. de Santarem, 6 a S.E. d'Aveiras de Cima, 9 ao N. da Azambuja, 12 ao O. do Tejo, 27 ao N. de Villa Franca de Xira, 70 ao N.E. de Lisboa.

Tem 400 fogos.

Em 1757 tinha 273 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (Candeias.)

E' no patriarchado.

O commendador da ordem de Malta, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está situada entre a villa da Azambuja e a do Cartaxo: é povoação muito antiga, e já existia, com a cathegoria de villa, no reinado de D. Affonso Henriques, que a deu, como commenda, á ordem de Malta (S. João de Jerusalem, ou do Hospital, ou de Rodes, pois por todos estes nomes é conhecida a ordem de Malta.)

N'essa doação se lhe dá o nome de *Ponteval*.

E' pois sem fundamento dizer-se que foi a rainha Santa Isabel que lhe poz o nome, em uma das vezes que aqui esteve.

D. Sancho I lhe deu foral, em dezembro de 1194, que D. Affonso II, seu filho, confirmou, em Santarem, em 1218.

(Maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 33 v., col. 1.ª, e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 12. col. 1.ª)

O rei assignou o foral juntamente com sua mulher, D. Dulce—ou Aldonça—(filha de

Raymundo Berengario 5.º, conde de Barcelona, e de D. Petronilha, rainha de Aragão) e seus filhos, D. Affonso (depois II) D. Fernando, D. Pedro, D. Thereza, e D. Sancha.

O foral, marca tres partes aos *francos* da Lourinhan e Villa Verde, e manda que esta divisão seja feita por *homens bôos*, de Santarem.

Declara que a outra parte, já estava doada a outros; e ordena, que D. Pedro, filho do alcaide de Villa Verde dos Francos, seja alcaide de Pontével.

Veja-se a doação aos *francos*, de Villa Verde, feita junto a Obidos, a 20 de fevereiro de 1195.

Veja-se tambem o Livro 11 da Extremadura, fl. 306 v., col. 2.ª, e impresso na *Monarchia Lusitana*, parte 6.ª, pag. 481.

—

Parece que o nome d'esta povoação provem da ponte, de um só arco, muito antiga (mas varias vezes reedificada) que atravessa o pequeno rio da *Fonte*, que corre em um valle proximo.

Em todos os documentos antigos, e até ao reinado de D. Affonso IV, se vê com o nome de *Ponteval*.

—

A ordem de S. João de Jerusalem, ou do Hospital, teve principio na cidade de Jerusalem (Palestina, ou Syria) depois de conquistada pelos cruzados, em 1099, sendo papa, Urbano II (que falleceu n'esse mesmo anno, succedendo-lhe Gelasio II, que morreu em 1118.)

Em 1113 foi approvada por este ultimo pontifice.

Esta ordem, a do *Santo Sepulchro* e a do *Templo*, foram creadas para combater os infieis, e expulsal-os dos *Logares Santos;* pelo que D. Affonso Henriques as admittiu em Portugal, dando-lhes muitas terras e rendas, para o ajudarem a expulsar os mouros d'este reino.

Parece mesmo que a ordem de Malta, ou, pelo menos, alguns cavalleiros d'ella, vieram para este reino, pouco depois da morte do conde D. Henrique (1112.)

Na conquista de Lisboa, a esquadra dos crusados, prestou grandes serviços (como fica dito no logar competente.)

D. Affonso Henriques, querendo conservar n'este reino tão intrepidos cavalleiros, lhes deu vastos territorios em Almada e immediações, e por ambas as margens do Tejo, até Santarem.

O povo portuguez, como grande parte d'estes crusados eram de França, deu a todos o nome de *francos;* mas os que se estabeleceram ao S. do Tejo eram, pela maior parte, inglezes.

Os da Lourinhan, Atouguia e Villa Verde (por isso chamada, *dos Francos*) e de varias povoações do Riba-Tejo, é que eram, quasi todos, francezes.

Em Santarem, deu aos crusados, para cabeça da ordem, uma mesquita de mouros, que foi purificada, e transformada em egreja catholica, com a invocação de *S. João de Alporão*, unindo-lhe a commenda de Pontével e suas annexas, Ereira e Lapa, que era uma das principaes d'este reino, e onde os commendadores tinham casas de residencia.

D. Affonso II, confirmando o foral que seu pae havia dado aos *francos* de Pontével e outros, mandou dar a 8.ª parte de todo o pão, vinho e linho *ad albergaria de Ponteval*, onde tambem havia um hospital da ordem padroeira, desde o principio da commenda, com bens importantes, e o direito de receber em Pontével, os *terços e oitavos*, como direitos *dominicaes*, e não como *reaes*, por contratos de varios emprazamentos.

Na *Nova Historia da Ordem de Malta* (parte 1.ª, pag. 123 a 190) vem alguns *itens* de diversos contratos, extrahidos do antigo *Registro de Leça*, concernentes á albergaria de Pontével.

Eis os mais notaveis:

En como Elrrey dom Sancho & seu filho, Rey dom affonso, fezerom doaçom ao spital de Ponteual con todos seus termhos & perteenças.

Doaçom que fez El Rey dom Sancho, ao spital da albergarya de Ponteual, & o spital deu a El Rey a herdade que auya na aliazira.

En como M.ᵉ frãcisco, se quitou da demãda que fazya ao spital, & do dereyto que auia ou deuia auer na uila de Ponteual, con condiçõ que ouuesse a quarta parte dos rrenouos da Romeeira, en sa uida.

Conposiçõ que fez o spital con Vicete meendez, per rrazõ da uila de Ponteuel, a qual o dito V.ᵉ meendes leyxou desenbargada ao spital, sô condjçom que lhy desse o spital, en sa uida, en cada huu ano ij.ᵉ L.ᵃ libras, en Santaren.

Carta del Rey dom A.º (D. Affonso III) *que manda, que o Moordomo de Santaren, nom entre na herdade do spital, en Ponteual.*

En como M.ᵃ martijnz & filha, se quitarõ ao Priol, do dereyto do herdamento (que tinham) *na foz de Ponteual, & da demãda que sobresto fazjã.*

En como L.º (Lourenço) *perez lançarote, se partio & desenbargou ao spital, o herdamento de Põteual, o qual he antre o porto de Çiade, & a cabeça de figueyra, & conhoçeo & confessou, que nõ auia hy dereyto.*

En como hua seara que he apar de Ponteuel, foy dada a pobradores, que dem a terça parte de todalas cousas que deos hj der, aa orden, a qual frei esteuam deu a foro.

Este *frey esteuam*, é o prior, D. frei Estevam Vasques Pimentel, que falleceu em 1336.

—

Quando a rainha Santa Isabel hia de Santarem para o convento de Almoster — cujo claustro e mais officinas ajudára a edificar, em attenção a D. Berengueira Ayres, fundadora do mosteiro, e grande amiga da rainha — passava sempre por Pontével.

—

Falleceu em Lisboa, Bartholomeu Joannes, e no seu testamento, feito a 28 de novembro de 1324, deixou 150 libras [1] para se construir uma ponte (por alma do testador) no rio de Pontével, no caminho publico que vae para Santarem, entre Aveiras e o Cartaxo—e mais 30 libras a todas as *emparedadas* da villa da Azambuja.

Bartholomeu Joannes, era um nobre e honrado cavalleiro, amigo e companheiro do rei D. Diniz.

Foi o que instituiu na Sé de Lisboa a capella de S. Bartholomeu, e n'ella tem o seu tumulo.

—

Em Pontével, se uniu D. Nuno Alvares Pereira ao prior do Crato, e foram para Santarem, onde poucos dias depois souberam da morte de João Fernandes Andeiro, a 6 de dezembro de 1383.

Diogo Alvares Pereira, irmão do *condestavel*, era do partido de Castella, mas D. Nuno, á força de razões e promessas, conseguiu trazel-o ao partido nacional, e partiram logo para Lisboa; mas chegando a Pontével, Diogo fugiu e se foi reunir aos castelhanos.

—

A paginas 115 do 1.º volume, narrei a infeliz jornada da Alfarrobeira—aqui, accrescentarei:

Sendo baldados os esforços feitos pelo infante D. Pedro (tio e sogro de D. Affonso V) para obter do rei, o perdão dos crimes que não tinha commettido, partiu de Coimbra, e, chegando a Rio Maior, resolveu não hir a Santarem, onde o rei o esperava com 30:000 homens; porém marchar para Lisboa, e vingar-se de seus inimigos.

Chegou a Alcoentre, a 16 (maio de 1449) e alli vieram os *corredores* e *ginetes* do rei, escaramuçar com os do infante.

D. Alvaro Vaz d'Almada, conde d'Abranches, sahiu ao seu encontro, e os perseguiu até Pontével, fazendo alguns prisioneiros, que todos foram assassinados, o que ainda mais exacerbou o resentimento do rei, e deu em resultado a desgraçada carnificina de Alfarrobeira, logo a 20.

—

Em 20 de outubro de 1475, D. Affonso V doou a D. Joanna, donzella da casa da rainha, os *quartos do linho* de Pontével, como os havia tido sua mãe, D. Thereza.

—

A 22 de fevereiro de 1580, nasceu em

[1] A libra, nos reinados de D. Affonso III, e D. Diniz, valia 576 réis.
Este valor já tinha soffrido alterações, e ainda soffreu muitas depois.

Pontével, *Matheus Peixoto Barreto*, filho de Ambrozio Pires Barreto e de Isabel Nunes Peixoto.

Cursou os estudos sagrados, na universidade de Coimbra, recebendo o grão de licenceado; foi conego da Sé de Lisboa, e desembargador e chanceller da relação ecclesiastica.

Foi deputado da inquisição de Coimbra, tomando posse a 26 de outubro de 1617; sendo transferido para a de Lisboa, a 22 de fevereiro de 1619.

Morreu em Lisboa, a 14 de janeiro de 1641, hindo sepultar-se, como ordenára, na capella do recolhimento de S. Damazo, de Pontével, que elle havia fundado, na propria casa onde nascêra.

Foi insigne genealogico, e grande investigador de antiguidades historicas, deixando varios manuscriptos, das suas obras.

—

Em 15 de agosto de 1639, aqui nasceu frei Manuel da Encarnação, filho de Antonio Frazão e de Francisca de Almeida.

Entrou no convento da ordem dos prégadores (dominicos) de Santarem, a 26 de março de 1659, professando solemnemente a 29 de março de 1660.

Regeu a cadeira da Sagrada Escriptura; foi prior dos conventos de Elvas e Bemfica, reitor do collegio de S. Thomaz, de Coimbra, e feito provincial em 1711.

Foi um insigne orador sagrado, e compoz e mandou imprimir, em latim, os *Commentarios ao Evangelho de S. Matheus.*

Falleceu no mosteiro de S. Domingos, de Lisboa, a 10 de fevereiro de 1720.

—

Pontével, foi dado em titulo de condado a D. Elvira Maria de Mendonça e Vilhena, dama da rainha, D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João JV.

Foi-lhe concedido o titulo, pela nomeação de dama de honor, para acompanhar à Inglaterra, a rainha D. Catharina, infanta de Portugal, filha de D. João IV, para casar com Carlos II, da Gran Bretanha. (Vide 4.º vol., pag. 131, col. 2.ª—*Palacio da Bemposta*—e pag. 371, col. 2.ª)

A 1.ª condessa de Pontével, nasceu em 1627.

Era filha de D. João de Souza da Silveira, alcaide-mór de Thomar, mestre de campo, da provincia do Alemtejo, governador das armas de Traz-os-Montes, e serviu com distinção na guerra dos 27 annos.

Foi védor da casa da rainha, D. Luiza de Gusmão, e presidente do senado da camara de Lisboa.

Era casado com D. Archangela Maria de Vilhena, mãe de D. Elvira.

D. João de Souza da Silveira, falleceu em 16 de junho de 1664.

A condessa de Pontével, casou com D. Nuno da Cunha e Athaide, ao qual D. Affonso VI fez tambem conde de Pontével, em 15 de abril de 1662, para tambem acompanhar, como veador, a rainha de Inglaterra.

D. Nuno da Cunha e Athaide, era presidente do senado da camara de Lisboa, das juntas do commercio e do tabaco, e do conselho de guerra.

Estribeiro-mór da infanta D. Isabel, filha de D. Pedro II e de D. Maria Francisca Isabel de Saboya (a que fôra mulher de D. Affonso VI) o unico fructo d'este casamento.

A princeza D. Isabel morreu solteira.

Foi tambem, D. Nuno da Cunha, general de artilheria, governador das armas da provincia da Beira, governador e capitão general do Algarve.

Foi um dos fidalgos da revolução do 1.º de dezembro de 1640, e fez a guerra da acclamação, distinguindo-se em varios combates, na provincia do Minho, em 1658.

Era filho 2.º do famoso Tristão da Cunha e Athaide, 9.º senhor dos concelhos de Povolide, Castro Verde e Paradella, commendador de S. Cosme de Gondomar, e de S. Matheus, de Soure, da ordem de Christo, senhor do morgado d'Athouguia, e padroeiro de S. Pedro, de Povolide e de Santa Maria de Trancoso

Era casado com D. Antonia de Vasconcellos.

Morreu—Tristão da Cunha—a 25 de janeiro de 1655.

Notemos que este Tristão da Cunha, não

é o de Olhalvo. (Vol. 6.º, pag. 226, col. 1.ª —a 1.ª inscripção.)

—

O infante D. Pedro (depois II), emquanto regente, em attenção aos grandes serviços do conde e condessa de Pontével, lhes concedeu, por alvará de 30 de outubro de 1677, o titulo, em mais uma vida, para o filho que d'elles nascesse.

Nasceu uma filha, que morreu de poucos annos.

D. Pedro II, fez conde de Pontével, em 1688, a D. Nuno da Cunha e Athaide, nomeado embaixador extraordinario, para conduzir de França para Portugal a rainha D. Catharina, já viuva de Carlos II, o que não teve effeito, porque esta senhora, só veiu em 1693. Este conde morreu em 27 de fevereiro de 1698.

A condessa D. Elvira, depois de viuva, fundou á sua custa a sumptuosa egreja de Nossa Senhora da Encarnação, de Lisboa, onde foi sepultada, com seu marido, em magnificos tumulos, na capella-mór. D. Elvira falleceu a 30 de dezembro de 1718, sem descendencia, e assim acabou o titulo de condes de Pontével.

A egreja de Nossa Senhora da Encarnação foi destruida pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755, e quando se reconstruiu a actual egreja, foram trasladados os caixões, que encerravam os restos mortaes dos condes de Pontével, para os seus novos tumulos, na capella-mór, com as devidas inscripções, sendo a do lado do Evangelho:

CHRISTO SACRUM
NONII CUGNIAE ATAIDII
COMITIS PONTEVELENSIS
PRIMO MONUMENTO
UNA CUM AEDE DIRUTO
OSSA HEIC
REPOSTA SUNT
REQUIESCAT IN PACE
ANNO
CIƆIƆCCLXXXIIII.

(Monumento consagrado a Jesus-Christo. Destruida, com a egreja, a primitiva sepultura, foram aqui novamente depositados, em 1784, os ossos de Nuno da Cunha e Athaide, conde de Pontével. Descance em paz.)

Do lado da Epistola:

CHRISTO SACRUM
OSSA D. ELVIRAE MARIAE
VILLENIAE
COMITIS PONTEVELENSIS
HEIC QUIESCUNT
PRIMO MONUMENTO QUOD
IPSA SIBI PARAVERAT
AEDEQUE QUAM SUA
PECUNIA STRUYCRAT
TERRAE MOTU DIRUTIS
NOVUM IN HAC NOVA
AEDE BENEMERENTI
POSUERE.

(Monumento consagrado a Jesus-Christo. Aqui descançam os restos mortaes de D. Elvira Maria de Vilhena, condessa de Pontével. Destruido pelo terramoto, o primeiro sepulchro, que ella mesma para si destinára, e o templo que á sua custa havia edificado, se lhe erigiu este de novo, n'esta nova egreja.)

Na *Historia Genealogica* (tomo 12, parte 2.ª, pag. 915) vem a inscripção que tinha o primeiro tumulo da condessa, na egreja destruida, e é o seguinte:

AQUI JAZ A CONDESSA DE PONTÉVEL D.
ELVIRA MARIA DE VILHENA, QUE, COM
HEROICA PIEDADE, FEZ Á SOBERANA VIRGEM
MÃE DE DEUS, HERDEIRA DE SEUS BENS,
NA SUMPTUOSA FABRICA D'ESTE MAGNIFICO
TEMPLO, COMO A OUTRA MATRONA NA
IGREJA DE SANTA MARIA MAYOR.
FALECEO A 30 DE DEZEMBRO DE 1718.

No cartorio da irmandade do Santissimo, da freguezia de Nossa Senhora da Encarnação, de Lisboa, existe archivado um magnifico e precioso manuscripto, feito em 1814, sobre a genealogia da condessa e do conde de Pontével, historiando a fundação e reedificação da egreja.

—

Pontével era uma das mais importantes commendas da ordem de Malta, n'este reino, sendo a 8.ª na ordem do rendimento, que era de um conto de réis.

Foram commendadores de Pontével, homens de grande merito e importancia.

D. João IV, em 17 de abril de 1641, fez capitão-mór da villa e priorado do Crato, a

frei Sebastião Pacheco Corte-Real, commendador de S. João do Alporão (Santarem) e Pontével.

Em 1670, era commendador de Pontével, D. frei João de Souza, presidente das assembleias, e em 1675, foi confirmado prior do Crato, e o ultimo eleito pela ordem; porque, depois, passaram para a corôa os grão-mestrados de todas as ordens, sendo os logares conferidos pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

—

Com a invasão franceza de 1807, Pontével soffreu, como as outras povoações d'este reino, os effeitos do vandalismo e ferocidade d'estes hunos do seculo XIX.

—

D. João VI, em 23 de dezembro de 1816, fez mercê, a João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, visconde de Santarem, em sua vida, dos *oitavos* de Pontével, Ereira e Lapa, e das *fogaças* de D. Belida.

Por fallecimento d'este visconde, seu filho, Manuel Francisco de Barros e Souza de Mesquita de Macedo Leitão Carvalhosa, 2.º visconde de Santarem, requereu a mercê dos bens da corôa, e a alcaidaria mór de Santarem, sendo lhe concedida, por carta de 17 de novembro de 1818, a posse e fruição dos oitavos de Pontével, Ereira e Lapa, e fogaças de D. Belida, por tempo de um anno, como seu pae havia possuido.

—

Pontével é um logar aprazivel e saudavel. No seculo XVII, tinha 200 visinhos — no principio do XVIII, 190 — e em 1757, como já vimos no principio d'este artigo, 273. Segundo a estatistica de 31 de dezembro de 1863, tinha 440 fogos, que é, com pouca differença, a actual.

A povoação está edificada no alto e encosta de um monte, e é cercada de outros, já cultivados, já cobertos de pinhaes.

Pertencem á freguezia varios casaes, mais ou menos proximos, sendo os principaes — os *dos Lagartos, dos Penêdos,* e *dos Ouros*, ou *da Amendoeira.*

Não consta que tivesse camara.

Antigamente, tinha dois *juizes da vintena*, sujeitos á camara de Santarem.

Gosava, como couto de Malta, os grandes privilegios dos caseiros d'esta ordem.

É freguezia muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi creada; só se sabe que (sendo então villa) estava a sua commenda encorporada na de S. João d'Alporão, chamada tambem commenda de Pontével.

A mais antiga apresentação de que ha memoria escripta, foi feita em 16 de junho de 1302, a favor de Pedro Fernandes, por D. Garcia Martins, prior da ordem de S. João de Jerusalem (Malta) em Portugal e Algarve, e que foi confirmada por D. João Martins de Soalhães. (*Nova Historia da ordem de Malta*, parte 1.ª, pag. 191.)

D. João Martins de Soalhães, 19.º bispo de Lisboa, e da nobilissima familia dos Porto-Carreiros, tomou conta da diocese em 1294. Foi depois, arcebispo de Braga, onde falleceu, no 1.º de maio de 1325. Fundou o convento de Santa Clara, de Lisboa, e foi o instituidor do morgado de Soalhães. (4.º vol., pag. 269, col. 2.ª, no fim.)

—

Em uma relação das egrejas do arcebispado de Lisboa, feita em 1574, pelos seus arciprestes, se menciona, no termo de Santarem — *Santa Maria da Purificação, de Pontével, vigairaria,* que tinha por annexa, a egreja do Espirito Santo, da Ereira, e as ermidas de S. Gens, S. Pedro, S. Damaso, e do Espirito Santo, em Pontével.

Esta ermida do Espirito Santo, é a unica que actualmente existe em Pontével, mas com o titulo de *Nossa Senhora do Desterro.*

—

Ha ainda n'esta povoação alguns edificios que denotam muita antiguidade. Ainda ha poucos annos existiam alguns vestigios da sua antiquissima ponte.

Uma casa das mais antigas, era a denominada — *casa de Anna Adâga.* Foi demolida em novembro de 1873.

Ainda existem os celleiros, adêga e armazens da commenda, e as casas da residencia

dos commendadores, quando aqui vinham estar algum tempo.

As casas da adega, estão em um largo, fronteiro á egreja matriz, e ainda chamado — *largo da Commenda.*

Os armazens, ficam proximos, em outro largo, chamado a *Praça*, e nas vergas das portas tem esculpida a cruz de Malta, e a inscripção:

BOTO, 1605.

Este *Boto*, era Antonio Boto Pimentel, commendador de Pontével, onde falleceu, a 3 de novembro de 1614, e está sepultado na capella-mór da matriz.

—

No *largo do Fidalgo*, proximo ao *Rocio*, existem as ruinas de um grande edificio, que se diz ter pertencido a Martinho Affonso de Miranda Malafaia. Tambem consta que n'este largo houve antigamente varias touradas.

É tradição que este Martinho Affonso, foi para Pontével, banido da côrte, por ordem do marquez do Pombal.

—

Ha aqui aulas publicas, de instrucção primaria, para os dois sexos. A do sexo feminino, tem casa, dada pela junta de parochia —e a do sexo masculino, está no 1.º andar de uma casa pertencente á camara, e situada na *Praça*. No mesmo andar, em outra divisão, se fazem as audiencias do juiz de paz e eleito. Nas lojas, está a cadeia e o açongue.

Tem correio, tres dias na semana — domingos, terças e quintas-feiras.

—

É abundante d'aguas, e passa aqui o rio da *Fonte*, ou de *Cadavaes*, ao qual se junta o ribeiro de *Agua Travêssa*. Sobre o rio da *Fonte* é que está a ponte, de um só arco, de construcção antiga; porém muitas vezes reparada.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta ponte é feita com o legado das 150 libras (86$356 réis) deixado no testamento de Bartholomeu Joannes, em 29 de novembro de 1324.

Perto d'esta ponte, está a fonte publica, com tres bicas, construida em 1866, pela camara do concelho.

E' muito abundante d'aguas.

Tambem aqui ha uma nascente de aguas ferreas.

E' publica, e fica á beira de um caminho, e proximo á povoação.

Antigamente, fazia-se muito uso d'esta agua, para remedio de certas doenças, e o povo lhe fez uma fonte; mas, com o tempo e com o desprezo, se foi desmantellando, e hoje está tudo abandonado.

—

O territorio da freguezia é fertil em trigo, milho, vinho, azeite, legumes, fructas e hortaliças, mas a principal riqueza d'esta terra, é o vinho, de excellente qualidade, e que se exporta, sendo conhecido no commercio, como *vinho do Cartaxo.*

—

A egreja matriz, que, como vimos, é muito antiga, foi reedificada no seculo XVII.

E' de uma só nave, e revestida, interiormente, de bellos azulejos.

Parece que foi o referido commendador Boto, que a reedificou.

A torre, tem tres sinos, com as seguintes inscripções:

1.ª

ANTONIO MANUEL O FES, NO ANNO DE 1793.

2.ª

FEITO POR ANTONIO FERNANDES AMADEU, EM 1810.

3.ª

JOAQUIM SARRILHOS DE CAMPOS, FEZ, EM 1816.

—

Em 1866, por iniciativa do actual venerando parocho, o sr. Antonio Luiz Pinto de Carvalho, ajudado pelos seus parochianos, se procedeu a importantes concertos na egreja, sendo as suas pinturas renovadas, e hoje se acha um templo muito decente.

No pavimento, ha varias sepulturas, cujas inscripções, gastas com o attrito dos pés, estão hoje ilegiveis.

Só de duas, que estão debaixo do guarda-vento se podem ler os epitaphios, e são os seguintes:

1.º, á direita.

S.ª DE B.ar ALVES
CASTN.ª E DE SVA
MOLHER, PAVL.ª DIAS,
E ERDEROS F. A 18
DE MARÇO DE
1615

2.ª, á esquerda.

S.ª VT.e . . . . . E DE
SVA MOLHER . . . . . .
. . . . . .
1610

No corpo da egreja ha ainda legiveis estes dois epitaphios:

S.ª DE ANT.º DVR-
ÃO, E DE SVA MO-
LHER, E DE SEVS E-
RDEROS F. N-
O ANO DE 627.

—

S.ª DE EMANO-
EL DIAS E
DE SVA MO-
LHER. E DE SE-
VS . . . . . DE
R. . . . . .

A egreja tem altar mór, e quatro lateraes.

O primeiro, é de talha dourada, com retábulo, representando a apresentação da Virgem, no templo.

Na capella-mór, ha quatro sepulturas razas, com as seguintes inscripções:

1.ª

S.ª DE ANT.º BO-
TO PIMENTEL
Q. FOI COM.dor
DESTA CO-
MENDA F.
A 3 DIA N.ro
1614.

Tem esculpido um brazão d'armas, que é —escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, quatro costellas, e no 2.º e 3.º, cinco vieiras.

(Vide vol. 1.º, pag. 384, col. 2.ª)

2.ª

S.ª DE EM.el DA SIL-
VA PINTO, PRIOR
QVE FOI NESTA
IGREJA TRINTA E
SETE ANNOS
E COATRO MEZ-
ES. FALESEO DI-
A DE TODOS
OS SANTOS, NA
ERA DE
1671.

3.ª

AQVI JAS . . . . . .
O P . . . . . .
COIMBRA . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
FALECEV A 7 DE MARÇO D
1691.

A capella-mór, tem duas portas—a do lado da Epistola, dá para a sachristia, e a do lado do Evangelho, para a casa do despacho, da irmandade do Santissimo, no centro da qual ha uma inscripção, que diz:

AMBROZIO PIZ. BARETO, DEIXOV Á CÕ-
FR.ª DO S. SACRAMENT.º DESTA IGRE.ª HV
ESTIL DE TERA, NO CAMPO DE VALADA,
CÕ OBRIGAÇÃO DE 3 MISSAS PER-
PETVAS POR SVA ALMA E DE SVA
MOLHER, IZABEL NVNES PEXOTO, E
HVA GALINHA EM CADA HU ANO, AO VI-
ZITADOR, DE TOMAR A CONTA. F. A 24 DE FEV.ro
1616.

Este Ambrozio Pires Barrêto e Isabel Nunes Peixoto, são os progenitores de Matheus Peixoto Barrêto, de quem já se fallou.

A capella do Santissimo, foi reformada em 1866.

Chamava-se antigamente *capella dos Negrões,* e era dedicada ao Espirito Santo.

No seu pavimento ha uma campa, cuja inscripção está completamente gasta.

E' provavel que fosse de algum *Negrão,* talvez o fundador da capella.

A irmandade do Santissimo, tem o seu compromisso approvado pelo 5.º patriarcha, D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça, em 1799. (Vol. 4.º, pag. 278, col. 2.ª)

O seu rendimento annual anda por 42$000 réis.

O altar de Nossa Senhora do Rosario, teve irmandade, que foi extincta em 14 de janeiro de 1849.

O altar de S. Miguel, ou das Almas, tem irmandade e capellão.

Esta irmandade é antiquissima.

Teve compromisso, tão antigo, que, em 17 de dezembro de 1512, o tabellião de Santarem, na presença do vigario geral, deu traslado d'elle, por se achar *escripto em pergaminho apagado e rôto.*

Em 1636, foi extrahida uma cópia do traslado, mas d'ella apenas existe hoje um fragmento—o frontespicio e mais tres folhas do principio.

Pelo que resta d'esta cópia, póde conjecturar-se que o compromisso é da mesma época do foral (1194.)

Não podendo dar mais extenção a este artigo, que já não vae pequeno, advirto aos leitores que desejarem mais minuciosas noticias sobre este compromisso, e mais particularidades, com respeito ás cousas de Pontével, que consultem o livro intitulado—*Noticia historica e descriptiva da antiga villa (hoje logar) de Pontével,* pelo sr. José Joaquim da Ascenção Valdez, publicada em 1874.

O auctor d'este interessante e curiosissimo livro, teve a benevolencia de m'o offerecer por cujo favor lhe dou os mais cordiaes agradecimentos.

E' d'elle que extrahi, em resumo, tudo, ou quasi tudo, quanto diz respeito a esta povoação. pois não achei d'ella em outra parte, senão poucas e imperfeitas noticias.

Se todos os homens de lettras fizessem como fez o sr. José Joaquim da Ascenção Valdez, empregando os seus ócios em colligir apontamentos das suas terras, lhe prestariam um grande serviço, e a minha obra seria bem mais completa.

Tem esta irmandade, novo compromisso, com 49 artigos, em 10 capitulos, datado de 28 de novembro de 1869, e approvado, por alvará do governador civil, de Santarem, do 1.º de agosto de 1871.

A irmandade tem de rendimento annual, 137$040 réis, em fóros, e duas inscripções da junta do credito publico, no valor *nominal* de 1:100$000 réis.

Está a seu cargo a casa da antiga albergaria, que fica por detraz da egreja matriz.

—

Em volta da egreja, ha um espaçoso terreiro, cercado de um muro, com tres entradas, *sem resguardo.*

Serve de cemiterio parochial, contra as regras da egyene, por estar no centro da povoação, e contra as da decencia, por estar exposto á invasão de animaes de toda a especie.

Em 23 de dezembro de 1872, foi intimada a junta de parochia, pelo administrador do concelho, para proceder á construcção do novo cemiterio, fóra da povoação; porém sendo os rendimentos da junta, apenas de 38$000 réis annuaes, não póde cumprir a ordem, apezar dos seus bons desejos.

Ermida de S. Gens

Não se sabe quando, nem por quem foi fundada: apenas se sabe que já existia em 1574.

D'ella só hoje existem as ruinas.

Estava fóra da povoação, em um monte proximo a ella, onde hoje se vê um marco trigonometrico.

Este monte é propriedade da junta de parochia, que o aforou por 7$200 réis annuaes.

A imagem de S. Gens, está hoje na ermida de Nossa Senhora do Destêrro.

Ermida de S. Pedro

Tambem se não sabe quando e por quem foi fundada.

O terramoto de 1755 a arruinou, e assim esteve, até que ha poucos annos *foi transformada em adega!*

Ermida e recolhimento de S. Damazo

Foi originariamente capella do recolhimento da *Porta Coeli*, de terceiros franciscanos, e dedicada a S. Damazo, papa, portuguez.

Era governada pelo prelado.

Tinha capellão, para dizer missa aos domingos e dias sanctificados; mas os sacramentos eram ministrados pelo parocho.

Foi este recolhimento fundado para donzellas e viuvas honestas, por Matheus Peixoto Barreto, entre os annos 1619 e 1640, nas proprias casas onde nascêra o fundador, e elle mesmo redigiu os seus estatutos.

Com a fundação do recolhimento, foi instituido um morgado, com a condição de que o administrador usaria do appellido de Peixoto.

Foi o 1.º, Manuel Nunes Peixoto, irmão do instituidor.

Na capella-mór do lado do Evangelho, está o tumulo de Matheus Peixoto Barrêto, que falleceu em Lisboa, a 24 de janeiro de 1641.

Em 1758, era administrador do morgado, Antonio Peixoto Barrêto, e o ultimo foi José Antonio Barrêto, pelo fallecimento do qual, herdou o morgado, seu primo, Francisco Agostinho da Costa Barrêto, sendo então abolido por sentença, o vinculo ou capella do recolhimento de S. Damazo.

Francisco Agostinho da Costa Barrêto, fez doação de todos os bens do vinculo, no valor de 1:137$200 réis, a Thomaz Antonio da Silveira, de Santarem, por escriptura publica de 14 de dezembro de 1814, confirmada pelo principe regente (depois, D. João VI) em 7 de junho de 1815.

Do recolhimento, da capella e do tumulo do fundador, ainda existiam ruinas em 1836; mas hoje ja nada existe.

No logar que isto occupára, vê-se hoje uma nova morada de casas.

Ermida de Nossa Senhora do Desterro

Foi primeiramente da invocação do Espirito Santo, e teve irmandade.

Tem um portal, construido no tempo do rei D. Manuel.

Parte do acabamento do arco da porta, acha-se coberto com o alpendre ou galilé que fizeram posteriormente na frente da ermida, ficando porém descoberto, pela parte inferior do alpendre, um medalhão, no qual se vê uma pomba, symbolo do Espirito Santo.

Toda a ermida é de architectura manoelina.

O alpendre, e os asulejos que revestem as paredes interiores, são obra do seculo XVII.

Em uma bancada de madeira que se acha ao entrar, está a data de 1635.

Tem só altar-mór e dois lateraes, todos bons e bonitos.

A padroeira é objecto de particular devoção da gente da povoação e arredores, e a sua festa é em agosto ou setembro.

A antiga irmandade era rica: possuia manadas de gado, e pela festa do Espirito Santo, mandava matar uma rez, para destribuir aos pobres.

Havia então touradas, e ainda pela parte de traz da capella se vê o sitio onde se effectuava este divertimento.

A ermida estava muito arruinada no tecto, e o alpendre ameaçava imminente ruina; porém o digno parocho e algumas pessoas zelosas, promoveram uma subscripção no logar e reedificaram o alpendre, em 1874.

Por condição testamentaria de Luiz Pereira da Motta, fallecido em Oeiras, a 18 de dezembro de 1873, trata-se de instituir uma nova irmandade de Nossa Senhora do Desterro, e logo que funccione regularmente virá a possuir o legado d'aquelle bemfeitor,

que são 7:000$000 réis nominaes, em inscripções da junta do credito publico, pelo fallecimento dos usufructuarios d'aquella quantia.

Este legado é para ser applicado no culto e conservação da capella, e o remanescente, em obras de caridade, a beneficio dos pobres de Pontével.

PONTIFICE-MAXIMO — um dos titulos com que se adornavam os imperadores romanos, como vemos ainda hoje nas inscripções que do seu tempo nos restam, tanto nos marcos milliarios, como em varios outros monumentos. Como n'estas inscripções as palavras mais usuaes eram apenas indicadas pelas letras iniciaes, *pontifice maximo* era indicado sómente pelas letras—P. M.— e tambem PONT. MAX.

Segundo este systema de inscripções — P. P., significava—*pae da patria*—T. P., *tribuno do povo* —I, II, III, IV (ou IIII) CONS. (ou CÕS) uma, duas, tres, quatro, etc., vezes *consul*—CAES. *Cesar*—AUG. (ou AVG.) *Augusto*—FEL. *feliz*—P. *pio*—NEP. *parente*—PROC. *proconsul*—MAG. *magno*—FORT. *fortissimo*—IMP. *imperador*.

Usavam pôr na 1.ª linha da inscripção, se era a de um monumento dedicado á memoria do imperador—D. N.—*nosso senhor* (isto é—consagrado á memoria de nosso senhor).

Se a inscripção era funeraria, na primeira linha via-se sómente—D. M.—que significava—*dedicada aos deuses manes*—e na 2.ª linha—H. S. E. (hic sepultus est.) *aqui está sepultado*, ou, *aqui jaz*.—A ultima linha, dizia—S. T. T. L., *a terra lhe seja leve*.

Além d'estas, ha outras muitas abreviaturas, que só a pratica ensina a traduzir (e, muitas vezes, apenas a *adivinhar*.)

O titulo de imperador, collocado depois do nome, denotava victoria alcançada por elle; e, por isso, era seguido de um numero que indicava essas victorias — v. gr. — IMP. III. —*tres vezes imperador*—isto é—tres vezes victorioso.

Depois do titulo de imperador, se lhe dava, nas inscripções, o titulo de *Cesar*, que no seu principio tinha sido cognome de uma familia patricia (a de Julio Cesar) e depois, passou a ser dignidade, que significava futuro successor do imperio romano. Mas, ainda que o individuo não fosse Cesar, adquiria este titulo com o imperio.

Ao titulo de Cesar, se seguia o nome do imperador.

Tambem usavam accrescentar ao seu nome, o do imperador que os precedêra, e intularem-se filho, sobrinho, neto, etc., do seu antecessor, ainda que com elle não tivessem o minimo parentesco.

Ao nome e sobrenomes do imperador, costumavam juntar o nome do povo que tinham vencido, como *parthico*, *germanico*, *gallico*, *hispanico*, *africano*, etc.

O titulo de *pontifice maximo*, era o do primeiro sacerdote da sua religião; mas, quando a republica romana se transformou em governo monarchico, os imperadores arrogaram a si a dignidade do pontificado.

Depois do titulo de pontifice maximo, se declarava as vezes que os imperadores tinham sido investidos do poder tribunicio. (Vide *Tribuno*.)

Notemos que o poder tribunicio, quasi sempre o conferiam tambem os imperadores, aos que nomeavam cesares — isto é — seus herdeiros ou successores no imperio.

As vezes que os imperadores tinham sido consules, tambem era um titulo de gloria para elles, pelo que se declaravam nas inscripções. A dignidade de consul—a primeira da republica—era annual; mas ainda depois da queda do governo republicano, continuou a haver consules, e, muitas vezes, o imperador era um d'elles; e por isso vemos nas inscripções—*uma*, *duas*, *tres*, ou *quatro vezes consul*.

O anno consular, principiava no 1.º de janeiro, e terminava no dia 31 de dezembro. O anno dos tribunos, não tinha dia marcado: principiava no em que elle tomava posse, e terminava d'ahi a 365 dias.

Havia tres qualidades de consules. — Os que tomavam posse no 1.º de janeiro (que poderemos dizer — *effectivos*) —os que eram eleitos, e cujo governo principiava desde o

dia da morte ou renuncia de algum dos consules, dentro do anno do seu governo. Chamavam a estes, *consules suffectos* — e, finalmente, os que eram eleitos para o anno seguinte; porque a eleição se fazia alguns mezes antes de terminar o anno consular. Estes tinham o titulo de *consules designados.*

O imperador, Septimo Severo, introduziu mais, os *consules honorarios.*

Todos sabem que o imperador Caligula, filho de Germanico, e successor de Tiberio, fez consul um dos seus cavallos.

Caligula, dizia que o seu maior pesar era não ter o povo romano uma só cabeça, para a poder decepar de um só golpe! — Chéreas, tribuno das guardas pretorianas, livrou a terra, d'este monstro, no anno 51 de J.-C.

O titulo de *pae da patria*, era tambem dado aos imperadores, ainda mesmo aos Neros, Caligulas, Vitelios e outros que taes.

PONTIFICES ROMANOS — Vide vol. 4.º, pag. 284.

PONTÍDO, ou **RIO-SÊCCO** — Vide vol. 2.º, pag. 298, col. 1.ª (Na freguezia de *Cibões.*)

PONTÍDO (castello de) — Traz-os-Montes, no concelho de Villa-Pouca d'Aguiar.—Ainda ha vestigios d'esta fortaleza, que foi de grande nomeada, nos principios da nossa monarchia. Apenas d'ella nos restam alguns muros desmantellados. Vide *Castello* (S. Thomé do) e *Paço de Vilharigues.* Vide tambem *Lanhoso* e *Póvoa de Lanhoso.*

É uma construcção antiquissima, attribuida aos antigos lusitanos; mas ignora-se a data da sua fundação.

Em 1128 era senhor do *castello de Pontido* (ou, pelo menos, seu alcaide-mór) o ricohomem, D. Gonçalo de Souza, genro do grande Egas Moniz e senhor da *Terra de Souza.*

A este castello tambem se dava o nome de *castello d'Aguiar da Pena*, ou, simplesmente — *castello d'Aguiar.*

No 4.º volume das *Noites de Insomnia*, do sr. Camillo Castello-Branco, de cujas infatigaveis investigações tantas vezes (com auctorisação sua) me tenho aproveitado, extrahi o que se segue:

«Na *Vida de Santa Senhorinha*, por fr. Antonio Brandão, codice impresso nas *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, pelo padre Torquato Peixoto d'Azevedo, em «1692, se lê: [1]

Digo-vos, que, estando folgando em sua terra, um principe nobre e cavalleiro d'este reino, o qual era mui privado d'el-rei, D. Affonso, e havia nome, D. Gonçalo de Souza, mui poderoso e todo o conselho d'el-rei estava em elle. Estando, como disse, folgando, chegaram a elle mensageiros, dizendo, que os inimigos lhe corriam a terra, e que lhe tinham cercado o castello d'Aguiar. O qual logo chamou suas gentes, que poude haver, e foi-se, para haver de descercar o dito castello. E, chegando aonde jaz o corpo d'esta Santa (Santa Senhorinha) *lhe fez reverencia, e oração não lhe lembrou. E hindo ainda em vista da egreja, metade de um campo, esteve pegada a mulla em que hia o cavalleiro, a qual elle com esporas e pancadas não podia abalar, mas antes a mulla quedava mais rija; e pero se desceu d'ella e a não podia abalar: e, vendo elle isto, lembrou-lhe, como passára pela egreja da Santa* [2] *sem lhe pedir benção e mercê, e sem fazer oração; e por isso lhe detinha a mulla. E sofreando a mulla, para traz, para se tornar á egreja, a mulla logo tornou, e o cavalleiro fez sua oração, encommendando-se á Santa, e dés hi, fez seu caminho, e com suas companhas, descercou o seu castello, e correu depois os inimigos, e tornou a sua casa com victoria.*

«O chronista Brandão, por mal informa-

[1] Sirvo-me da cópia do sr. Camillo Castello-Branco, que lhe mudou a orthographia obsoleta, para que todos entendessem o portuguez d'aquelle tempo (XII seculo) em que está escripto o original.

[2] É a egreja, hoje matriz, de Santa Senhorinha, de Basto. Vide *Basto*, no vol. 1.º, pag. 347, col. 1.ª

«do, escreve que o *castello d'Aguiar da Pe-«na,* se avista com as montanhas de Barro-«so. Estas montanhas, distam seis leguas do «castello, e entre ellas e o valle em que negre-«ja a fortaleza gothica, estão os cabeços da «serra de Alfarella, e no horisonte mais ele-«vado, alveja Villa Pouca d'Aguiar. Accres-«centa que o castello é *crêspo de torres, ba-«luartes e cobêllos, e está fundado sobre a «corôa d'uma penha, talhada de uma parte «por natureza, que parece obra feita á mão, «etc.*

«Póde ser que no seculo XVII, quando «Brandão escrevia, permanecessem ainda as «torres e baluartes. O que ha vinte annos «parecia ter robustez para seculos, eram «quatro alterosas quadrellas de alvenaria, «ameiadas, com seus adarves, bastiões e ja-«nellas gothicas sem lavores.

«Recordo-me (o sr. Camillo Castello-Bran-«co) ter lido na *Nova Historia de Malta,* de «José Anastacio de Figueiredo, que o castel-«lo, no seculo XIII, pertencia á ordem hos-«pitaleira de S. João de Jerusalem; e cita «um aviso, que obriga os lavradores cir-«cumvisinhos a carregarem pedra para os «reparos.»

PONTIDO—Vide *Corveira,* no vol. 2.º, pag. 407, col. 2.ª

PONTOS DO DOURO—Os póvos das duas margens do Douro, dão o nome de *ponto*—e tambem *galleira*—ao sitio do rio em que a navegação se torna perigosa, em razão de correr a agua com vertiginosa rapidez, por entre rochedos.

Os minhotos chamam *arranhas,* ou *ranhas,* aos *pontos* do rio Minho — que são todavia muito menos perigosos do que os do Douro.

Note-se que ha *pontos* em que a navegação só é perigosa quando o rio leva muita agua; e outros (estes são em maior numero) no tempo da estiagem; porque então, apenas corre a agua por um estreito e tortuoso leito, em algumas partes, pouco mais largo do que o barco, de modo que, muitas vezes, por maior que seja a pratica e a cautella do arraes, o barco se despedaça contra as rochas basalticas que o ladeiam.[1]

Como o perigo varia, segundo o volume d'agua que o rio leva, poucos arraes se atrevem a governar os seus barcos nas descidas, sendo mais vulgar, encarregarem a direcção a uma especie de pilotos, muito praticos n'este rio, e aos quaes denominam *mestres.*

Ainda assim, são raros os *mestres* que servem para todo o rio. Ordinariamente, uns servem desde a Hespanha até á Régua, e outros d'aqui até ás *Pedras de Linhares,* que é o ultimo *ponto* inferior.

É tão perigosa esta navegação, que estes mesmos mestres não servem para todos os *pontos,* havendo-os especiaes, para alguns d'elles, como o da *Cachuxa* e outros.

Andar ao cambo, é alli a classica denominação da faina d'aquelles praticos, que, apenas largam um barco, vão logo tomar o governo do outro.

Os tripulantes dos barcos *rabellos,* variam de numero, segundo a lotação do vaso. Os maiores, que levam 80 pipas, teem 13 ou 14 marinheiros, que, nas descidas, vão todos agarrados, com unhas e dentes, á *espadella.*[2]

A descida é muito mais perigosa que a

[1] Note-se que os barcos *rabêllos* (os que navegam n'este rio) são pessimamente construidos. Além de feios e mal feitos, são de madeira muito delgada (até por lavrar) sem a minima solidez; de modo que facilmente se despedaçam contra os penedos.

Os barcos do Tejo e do Sado, apezar de terem de navegar em rios de facil precurso, e com margens e leito limpos de rochedos, são incomparavelmente mais solidos, de madeira reforçada, e cintados de grossas chapas de ferro.

Além d'isto, são elegantes, bem pintados, commodos e bonitos.

[2] Dão o nome de *espadella,* a um grande madeiro, em fórma de rêmo, ou pá, que lhe serve de leme. A velocidade da corrente é tal, que um leme vulgar, nada alli poderia fazer. Quasi á rê do barco, ha uma especie de varanda tôsca, a que chamam *apégáda,* e é sobre ella que os marinheiros seguram a *espadella.*

Diz-se que é d'esta *espadella*—que é uma especie de *rabo*—que a estes barcos vem a denominação de *rabellos,* cognome, ou alcunha, que se estendeu a todos os habitantes do Alto-Douro.

subida. Esta opera-se á vara, ao rêmo ou á vella; mas nos *pontos*, ou nos sitios onde a corrente é mais impetuosa, se não ha vento forte de feição, são os barcos levados á sirga, puchada por bois, se a margem é de areia, ou pelos marinheiros, se rochedos alcantilados ladeiam o rio.[1]

Ás vezes, rebenta a corda no meio do *ponto*, e o barco, levado para traz pela corrente, quasi sempre se despedaça contra as rochas.

Já se vê que uma viagem pelo Douro, sobretudo das *Pedras de Linhares* para cima, alem de perigosa, é, por demorada, enfadonha.

Quando o rio traz agua bastante, a viagem da Régua ao Porto (95 kilometros) faz-se em 10 ou 12 horas; mas vice-versa, leva ás vezes seis dias!

Estou com estas minuciosidades, porque a navegação do Douro é completamente diversa da dos outros rios de Portugal.

Concluido o caminho de ferro do Douro, é muito provavel que cesse quasi completamente a navegação d'este rio.

Hoje mesmo, quasi ninguem se aventura a fazer a viagem ascendente; pois até os proprios marinheiros fazem o trajecto por terra, deixando no seu barco apenas a tripulação indispensavel para o guiar.

Prestam, os marinheiros, a maior attenção á altura da agua, e conhecem pedra por pedra, todas as que difficultam a navegação, dando a cada uma seu nome especial.

Ainda os mestres e arraes, dividem a navegação do Douro em quatro secções, a que chamam *acêjos*.

Quando um barco (dos maiores) póde conduzir 80 pipas por uma d'estas secções, dão-lhe o nome de *acêjo*.

O 1.º *acêjo*, é desde a foz do rio até á Régua, e lhe dão o nome de *Agua da Régua*.

[1] Como o rio é sobremodo sinuoso, o vento que em uns sitios é favoravel, vem a ser contrario, ou nullo, em outros; por isso a vella só serve em uma pequena parte da navegação, quer seja ascendente, quer descendente.

O 2.º, é d'esta villa até ao *Penhão* (20 kilometros acima) chamado *Agua do Penhão*.

O 3.º, é do *Penhão* á foz do Tua. Chamam-lhe *Agua do Tua*.

O 4.º, é do Tua até á Hespanha. A este chamam *Fóra de Marcas*.

—

Póde dizer-se que, das *Pedras de Linhares* (vol. 4.º, pag. 98, col. 2.ª) para cima, todo o rio Douro é um *ponto*, pois em todo o seu precurso se teem despedaçado grande numero de barcos, e tem morrido muita gente; mas, limitar-me-hei a descrever aqui os

Pontos principaes do Douro

(Principiando pelo mais inferior—isto é, da sua foz para cima.)

1.º—*Pedras de Linhares*. (Sardoura, Castello de Paiva.)[1]

2.º—*Pedras da Rua*. (Fórnos, idem.)

3.º—*Carreiro de Cóvas*. (Sinfães.)

4.º—*Senhora da Cardia*. (Idem.)

5.º—*Ponto Novo* (Idem.)

6.º—*Tojal*. (Idem.)

7.º—*Escarnida*. Idem.

8.º—*Pôço da Parêde*. (Idem.)

Este ponto tem 5 kilometros de extenção.

E' de facil navegação em rio baixo; mas perigosissimo quando o Douro leva muita agua.

9.º—*Rápa*. (Rézende.)

10.º—*Górça*. (Idem.)

11.º—*Mancella*. (Idem.)

12.º—*Touro*. (Idem.)

É perigosissimo, se o rio leva muita agua.

13.º—*Bulla*. (Idem.)

É o ponto mais perigoso desde o Porto até á Regua.

Passando de certa marca, chama-se *Bulla em cabêça*.

Está então em tamanha ferocidade, que o barco que se atreve a afrontal-o, é irremediavelmente despedaçado.

Tem havido invernos, que só em um dia se teem aqui feito em hastilhas, sete barcos, dos de maior lotação.

[1] A primeira palavra do parenthesis, é a freguezia—a 2.ª é o concelho.

14.º—*Buraco.* (Idem.)

15.º—*Cadão.* (Idem.)

E' terrivelmente medonho em rio baixo. A agua, fórma aqui uma especie de catadupa, que cobre os barcos!

16.º—*Lovazim.* (Idem.)

17.º—*Figueira-Velha.* (Idem.)

18.º—*Canêdo.* (Idem.)

19.º—*Ripança.* (S. João de Fontoura — idem.)

20.º— *Loureiro.* (Barqueiros — Mezão-Frio.

21.º—*Piar* ou *Pilar.* (Barrô—Rezende.) Vide *Barrô*, vol. 1.º, pag. 341, col. 2.ª

22.º—*Gradins.* (Penajoia—Lamego.)

23.º—*Conde.* (Idem, idem.)

24.º—*Soromenha.* (Idem, idem.)

25.º—*Corvaceira.* (Idem, idem.)

26.º—*Póças.* (Jugueiros, Régua.)

27.º—*Ponte do Clerigo.* (Regua.)

28.º—*Junqueira.* (Idem.)

29.º—*Córgo.* (Valdigem, Lamego.)

30.º—*Bagaúste.* (Parada, Lamego.)

31.º—*Pedra Caldeira.* (Poiares, Regua.)

De verão, é um pôço d'agua placida, como a de um tanque; porém no inverno, é temivel.

32.º—*Cannaes.* (Idem, idem.)

33.º—*Fulgosa.* (Fulgosa, Armamar.)

34.º—*Tédo.* (Adorigo, Tabuaço.)

35.º—*S. Martinho.* (Cóvas do Douro—Provezende.)

36.º—*Lodinho.* (Idem, idem.)

37.º—*Moreirinha.* (Idem, idem.)

38.º—*Pégo da Lágea.* (Idem, idem.)

39.º—*Ferrão.* (Idem, idem.)

40.º—*Cannal da Moura.* (Idem, idem.)

41.º—*Olho de Cabra.* (Idem, idem.)

42.º—*Olho do Cu.* (Idem, idem.)

43.º—*Caxuxa.* (Idem, idem.)

E' um ponto quasi tão perigoso como o de *Bulla*, quando o rio leva grande volume d'agua.

44.º—*Chancelleiros.* (Idem, idem.)

45.º—*Oliveirinha.* (Vallença, Pesqueira.)

46.º—*Bucheiro.* (Idem, idem.)

47.º—*Cannaes.* (Idem, idem.)

48.º—*Machado.* (Ervedosa, Pesqueira.)

49.º—*Cerdeira.* (Idem, idem.)

50.º—*Carreiro dos Melões.* (Idem, idem.)

51.º—*Canáda.* (Idem, idem.)

52.º—*Meia Canáda.* (Idem, idem.)

Estes cinco pontos, formam a célebre *galleira da Arruêda.*

53.º—*Carrapata.* (Idem, idem.)

54.º—*Fréte.* (Idem, idem.)

55.º—*Róriz.* (Idem, idem.)

56.º—*Malvêdos.* (Castêdo, Pesqueira.)

57.º—*Loureiro.* (Idem, idem.)

58.º—*Rapa-Velha.* (Pesqueira, Pesqueira.)

59.º—*Colmaços.* (Idem, idem.)

60.º—*Valleira.* (Idem, idem.)

61.º—*Cachão.* (Idem, idem.)

Até 1780, era uma temerosa catadupa, perigosissima de transpor.

D. Maria I, mandou romper o enorme rochedo a picão, levando esta obra a concluir, mais de dois annos.

Mesmo assim, ainda é um ponto de grande perigo.

Foi n'este ponto que morreu afogado o benemerito barão de Forester, que tanto amou o Douro, e que n'elle veiu a achar a sua sepultura.

62.º—*Casarêlhos.* (Idem, idem.)

No verão deixa de ser *ponto*, formando um vasto e pacifico pégo; mas com o rio alto, é um dos mais perigosos.

63.º—*Ripança.* (Idem, idem.)

64.º—*São Xisto.* (Idem, idem.)

65.º—*Cannaes d'Arnozêllo.* (Idem, idem.)

66.º—*Cadão d'Arnozêllo.* (Idem, idem.)

67.º—*Cadãosinho.* (Idem, idem.)

68.º—*Arnozêllo.* (Idem, idem.)

E' só perigoso durante a estiagem.

69.º—*Téja.* (Idem, idem.)

70.º—*Azenhas da quinta das Figueiras.* (Idem, idem.)

71.º—*Azenhas da D. Anna.* (Idem, idem.)

72.º—*Varziella.* (Idem, idem.)

73.º—*Colleja.* (Idem, idem.)

74.º—*Lovazim.* (Idem, idem.)

75.º—*Azenhas do Raio.* (Idem, idem.)

76.º—*Salgueiral.* (Idem, idem.)

77.º—*Pôço Sayão.* (Idem, idem.)

Só é perigoso no inverno.

78.º—*Azenhas do Sabôr.* (Villariça, Moncorvo.)

79.º—*Azenhas do Pocinho.* (Idem, idem.)

80.º—*Azenhas da Barca da Torre de Moncorvo* (Idem, idem.)

81.º—*Pridas.* (Foz-Côa.)

82.º—*Azenhas do Côa.* (Idem.)

83.º—*Golleira da quinta das Tulhas.* (Idem.)

84.º—*Saraiva.* (Idem.)

85.º—*Urrôs.* (Idem.)

86.º—*Olha da Brulha.* (Idem.)

Passando a agua de certa altura, fórma um *redemoinho*, de muitos metros de diametro, digno de ver-se; mas barco que entre n'elle, difficilmente se salva.

87.º—*Calháu de São Cybrãa.* (Idem.)

88.º—*Azenhas do Serio.* (Barca d'Alva.)

Finda aqui o nosso Portugal, do lado esquerdo do Douro.

89.º—*Carriça.* (Freixo de Espada á Cinta.)

Na margem direita do rio, é territorio de Freixo de Espada á Cinta; e em frente, na margem opposta, é a povoação hespanhola de *Freixenêda.*

90.º—*Saltinho.* (Idem, idem.)

E' um *ponto* temeroso, e o termo da navegação do Douro, por terras de Portugal.

D'aqui para cima, ambas as margens são hespanholas.

—

Todo este artigo me foi generosamente offerecido pelo ex.mo sr. doutor, Pedro Augusto Ferreira, dignissimo abbade da freguezia de S. Pedro de Miragaia, do Porto, que tanto tem contribuido com os seus valiosissimos esclarecimentos para esta obra.

Receba este illustrado cavalheiro, os meus cordiaes agradecimentos.

Cumpre-me aqui declarar, que, todo o curiosissimo artigo concernente á cidade de *Pinhel*, e a maior parte do de *Poiares de Canellas*, são obra do mesmo sr. abbade; o que, por esquecimento, deixei de declarar nos logares competentes, e do que lhe peço desculpa.

—

Muitos cavalheiros, meus amigos, me teem fornecido preciosos apontamentos para esta obra—o que de todo o coração lhes agradeço; porém o sr. abbade de Miragaia, tem tomado tanto a peito este livro, como se fosse seu proprio, e muitos e curiosissimos artigos d'elle, são totalmente, ou na sua quasi totalidade, obra sua.

Para tão valiosos serviços, não ha palavras que possam exprimir o meu reconhecimento: só lhe direi que a minha gratidão será eterna, e que nunca me esquecerei da sua continua generosidade e acrisolado patriotismo.

PÓO—portuguez antigo — areia fina que se lança na escripta, para enxugar a tinta.

Em cada huum dia bem cêdo pola manhãa, vaa correger as ditas mezas e bancos de seus bancaaes e campainha e buceta de póo e tinta, como é de costume. Cod. Alf., L.º 1.º, tit. 18.

(Era uma das obrigações do porteiro da relação.)

PÓOS— portuguez antigo — especiarias, adubos, temperos, etc.

E porque se hum dia fingio que se queria partir, porque lhe não davam póos pera a cozinha, derão-lhe mil livras d'Affonsys. Doc. da camara do Porto, de 1436.

PÔPA (Nossa Senhora da Pôpa)—capella, na villa d'Alcochete.

(Vol. 1.º, pag. 77, col. 1.ª)

Havia n'esta villa uma antiga capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, dos Mattos.

Pelos annos de 1640, pouco depois da acclamação de D. João IV, houve no Tejo uma grande tempestade.

Estava então alli fundeada uma nau, denominada *Nossa Senhora da Conceição*, e com a força do temporal, se despegou da pôpa a imagem da padroeira, de estatura natural, servindo-lhe de peanha, um globo, firmado sobre uma serpente, e cercada (a Senhora) de anjos.

Todas estas differentes peças se separaram; porém o mar as levou pelo Tejo acima, arrojando-as á praia d'Alcochete, junto á referida capella, dos Mattos.

O povo, que se juntou logo, teve isto por milagre, e levou a Senhora, e mais accessorios, para a ermida, mandando-lhe depois fazer uma capella especial, onde collocaram tudo, da mesma fórma em que estava na

pôpa da nau, denominando-a *Nossa Senhora da Conceição da Pôpa*, tomando por ella grande devoção, e fazendo-lhe a sua festividade a 8 de dezembro de cada anno.

POPULAÇÃO DE PORTUGAL, E ILHAS ADJACENTES, NO ANNO DE 1871, E DAS ESCOLAS DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA ENTÃO EXISTENTES—Total dos fogos em todos os districtos do continente do reino e ilhas 1.117:952.

População em 1871 — sexo masculino 2.099:530.

Numero de concelhos e bairros, 292.

De freguezias, 3:960.

Escolas existentes em 31 de dezembro de 1870, sexo masculino 2:002, feminino 367.

Escolas creadas em 1873—do sexo masculino 20, do feminino 8.

Escolas em exercicio em 1870-71—do sexo masculino 1:885, do feminino 323..

Alumnos matriculados—do sexo masculino 90:997, do feminino 19:069.

Com frequencia regular—sexo masculino 53:133, feminino 11:028.

Promptos no fim do anno—sexo masculino 6:825, feminino 1:116.

Relação do numero de fogos para o das escolas, 471,9.

Relação da população para a frequencia das escolas—sexo masculino 39,5; feminino 205,7.

Superficie districtal em hectares 8.954:010.

Superficie media em hectares—por escolas masculinas 4:745,1; por escolas femininas 27:298,8.

PÓPULO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó (foi da mesma comarca, mas do concelho de Murça) 105 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 62 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé de altar.

N'esta freguezia ha a egreja de Nossa Senhora do Pópulo (que deu o nome á parochia.)

Foi primitivamente uma ermida, cuja data da fundação se ignora.

Em redor d'ella se foram construindo casas e assim se deu principio a esta freguezia.

Suppõe-se que a imagem da padroeira, foi feita na Italia, pela de Nossa Senhora do Pópulo, que se venera junto á *Porta Flaminia*, em Roma, no convento dos erimitas de Santo Agostinho, da congregação da Lombardia.

E' imagem de muita devoção dos povos d'estas terras, que lhe fazem varias romarias.

A sua confraria, tinha no seculo XVIII mais de 300 irmãos.

Junto á egreja se veem as ruinas de um antigo Castello, antigamente chamado *da Touca-rôta*, e que foi forte em outras eras.

A sua fundação se attribue aos antigos lusitanos, mais de 200 annos antes da era christan.

Ha ainda as ruinas de dois outros castellos mais pequenos, um chamado *Valle de Mel*, e outro de *Castorigo*.

PÓPULO (mosteiro do)—Vide *Braga*, vol. 1.º, pag. 435, col. 2.ª, no fim.

PÓPULO (Nossa Senhora do)—famosa capella, Traz-os-Montes, na freguezia, concelho, comarca e extramuros da villa de Chaves.

Foi fundada por um clerigo, cujo nome se ignora, que lhe deu principio pelos annos 1500.

Este padre esteve em Roma, e de lá trouxe a devoção a Nossa Senhora, sob esta invocação.

Teve uma grande irmandade, que foi approvada pelo ordinario, e logo aggregada á egreja de S. João de Latrão, de Roma, por um breve pontificio, que a tornou isenta da jurisdicção ordinaria, e sómente sujeita á Sé Apostolica.

No mesmo breve se lhe concede a faculdade de ter pia baptismal, isenta da jurisdicção do parocho.

Teve esta capella tres capellães, tendo ca-

da um a obrigação de dizer uma missa por semana, no altar da Senhora.

O referido breve isenta estes capellães da jurisdicção ordinaria, ficando só sujeitos á Santa Sé.

Em satisfação d'estes privilegios, pagava a irmandade, um arratel de cêra lavrada, annualmente, por feudo e reconhecimento, ao legado apostolico.

Andou muitos annos a administração d'esta ermida na casa dos morgados de Santa Catharina (Castros de Moraes) da villa de Chaves, que apresentavam os capellães.

A festividade da Senhora do Pópulo, faz-se a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

E' objecto de grande devoção dos povos d'estas terras, que lhe fazem varias romarias.

E' templo sagrado, como se vê das cruzes que estão esculpidas nas suas paredes.

PÓPULO (Nossa Senhora do)—imagem de muita devoção, que existiu em uma capella da portaria do collegio da Companhia de Jesus, da cidade de Bragança.

POR (*Pôr*)—portuguez antigo — consentir, outhorgar, declarar, dizer, etc.

POR (*Pôr*) **EM PÉS**—portuguez antigo—mostrar ser verdade o que se diz ou escreve.

E que o queriam poer em pées.

(Doc. de Tarouca, de 1270.)

Ainda hoje se diz, com a mesma significação:

Pôr em pés de verdade.

POR (*Pôr*) **TESTAÇÃO**—portuguez antigo—embargar, ou penhorar.

(Doc. do seculo XV.)

PORA (*Pôra*)—portuguez antigo—para.

(Doc. de Salzedas, de 1276.)

PORCALHO— portuguez antigo — leitão, porco pequeno.

PORCALHOTA—aldeia, Extremadura, na freguezia de Bemfica, concelho de Belem, comarca, districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 7 kilometros, ao N.

Ha aqui uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, da Lapa.

As casas d'esta aldeia estão quasi todas arruadas, ao longo da estrada, parte em sitio baixo e plano (a que chamam, por isso, *Porcalhota de Baixo*) e a outra parte, em terreno mais elevado, mas tambem plano—e é a *Porcalhota de Cima.*

Uma calçada, pouco ingreme, separa as duas partes da povoação.

A primeira, é uma das mais formosas situações dos suburbios de Lisboa.

Figure-se um extenso lanço de estrada a mac adam, de bastante largura, e em linha recta.

De um lado, adornam esta estrada lindas casas de campo, algumas de elegante e gracioso aspecto, que se vão alternando com os jardins e pomares que as dividem—aqui elevando-se e debruçando-se as arvores de cima dos muros, como para fazerem sombra aos viandantes; acolá, cahindo dos terrados e caramanchões, grinaldas de plantas trepadeiras e festões de flores, que o vento desprendeu e agita, embalsamando o espaço com seus aromas.

Do outro lado da estrada, se vê uma longa fileira de annosas e frondentes arvores, e campos vastissimos, que terminam em collinas, que emolduram este bello quadro; vendo-se alvejar por entre esses ferteis campos, varias quintas e granjas.

E' esta veiga atravessada por uma comprida galeria d'arcos, magnificamente construida, de excellente cantaria, e que fórma parte do magestoso aqueducto das *Aguas Livres.*

Por entre as quebradas da collina, se veem tambem graciosas casas de habitação, e no seu cume, uma bonita aldeiasinha, com suas casas brancas, avultando por entre ellas, o palacio torreado, dos srs. condes da Louzan.

E' a aldeia de *Damaia.*

—

D'entre as quintas e casas de campo que guarnecem a estrada, sobresahe em belleza e sumptuosidade, a residencia do sr. Luiz do Rêgo da Fonseca Magalhães, filho do célebre estadista, e grande orador parlamentar, Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Foi esta propriedade fundada, ou, pelo menos, ampliada e melhorada, pelo falleci-

do negociante da praça de Lisboa, Francisco Marques Torres.

Passando ao sr. Luiz do Rêgo, elle a transformou na magnifica vivenda que hoje admiramos.

A *Porcalhota de Cima*, é um sitio de saluberrimos ares, pois que, por todos os lados, é exposta aos ventos; mas não é tão bonita como a primeira Porcalhota descripta.

E' uma larga rua, que mais parece de cidade, do que de aldeia, ladeada de edificios —alguns de agradavel apparencia—mas sem jardins ou pomares que os alternem.

A melhor casa e a mais bella quinta d'esta povoação, pertence ao sr. José Maria da Silva.

Porcalhota, é portuguez antigo, diminutivo de *porcalha*—leitôa.

PORCARIÇA — O — portuguez antigo — guardadora de porcos.

Os nossos avós denominavam *alfeire*, ao rebanho, manada, fato, ou vara de qualquer qualidade de gado; e d'aqui *alfeireiro* ao seu pastor.

Mas, especialmente, chamavam *alfeire* ao logar onde se recolhiam os porcos; que era um recinto cercado de sébes e com uma ou mais cancellas.

Deriva-se do verbo arabe —*fazara*—que significa—cercar, apertar, fechar, etc.

D'aqui *alfeizar*—o páu que segura as armas da serra.

Item mandamos, que todolos porcariços que trouxerem porcos no campo, dem eles a seus senhores ou (os) *sinaes d'eles: e os que os trouxerem no sovral outro si, dem do alfeire recabedo, como se os trouxessem no cham. E os bácoros que trouxerem no sovral, dê D.* (500) *cabeças se ende* (d'ahi) *algums perdèrem, perdoenlhes ende XX* (20) *cabeças: e dos outros todos, dem ende recabedo a seus senhores.*

(Costumes e Posturas de Evora, de 1264.)

PORCARIÇA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 24 kilometros ao O. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757, tinha 340 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, annual, que tinha 180$000 reis.

Ha aqui fabricas de cortumes.

O nome d'esta freguezia vae explicado na palavra antecedente, pois é d'ella que provem a sua etymologia.

PÓRCAS—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros da Guarda, 295 ao E. de Lisboa.

Tem 150 fogos.

Em 1757, 97 fogos.

Orago, S. Silvestre, papa.

O cabido da Sé da Guarda, apresentava *in solidum* o prior, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

Ao S. e proximo ao logar, está uma pequena serra, ramo da Estrella

Nascem aqui aguas que tomam diversas direcções. Umas se vão juntar ao Zêzere, perto de Belmonte: outras, entram no Mondego, proximo á ponte da Misarella. Finalmente, outras vão engrossar a corrente do Côa.

Antes de se juntarem aos indicados rios, servem de motor a varias azenhas, e regam os terrenos por onde passam.

PORCHES—freguezia, Algarve, comarca de Silves, concelho e 6 kilometros a E. da Alagôa (foi até 1833 da comarca e concelho de Silves), 40 kilometros ao O. de Faro, 8 ao S. de Silves, 240 ao S. de Lisboa.

Tem 270 fogos.

Em 1757, tinha 177 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

O bispo apresentava o cura, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Foi villa e cabeça de um julgado; e teve um forte castello, do qual, D. Affonso III fez doação—com suas egrejas e outras terras e rendas, em Faro e outras partes do Algarve—em fevereiro de 1252, a D. Estevão Annes, seu chanceller.

D. Diniz I, lhe deu foral, em Lisboa, a 20 d'agosto de 1286.

(L.º 1.º de doações do rei D. Diniz, fl. 173, col. 1.ª)

D. Pedro I confirmou este foral, a fl. 21 do seu livro de confirmações.

O rei D. Fernando mandou unir o julgado de Porches ao termo de Silves, por carta regia, de 30 de janeiro de 1370.

Assim perdeu a sua autonomia e o titulo de villa.

A povoação é situada em um outeiro, sobre a estrada que vae da Lagoa para Albufeira.

Esta estrada passa mesmo no centro da aldeia, e por uma das suas ruas.

Ainda em 1755 era uma povoação grande e importante; mas, o terramoto do 1.º de novembro d'esse anno, lhe destruiu 238 casas e parte da egreja matriz, que, pouco depois, foi reparada.

A maior parte da freguezia está espalhada por casaes, entre vinhas, figueiraes, olivêdos, amendoeiras, alfarrobeiras e cearas de trigo e centeio.

A actual Porches, não é a permittiva povoação: esta ficava ao E., a 2 ½ kilometros de distancia, e 3 ao N. de Nossa Senhora da Rocha; no sitio ainda chamado *Porches Velho.*

Aqui é que existiu o castello, do qual apenas restam vestigios, assim como da antiga villa.

Teem-se aqui achado algumas sepulturas antigas, e alicerces de edificios.

Foi tambem a esta extincta povoação que se deu foral.

O chão onde existiu a antiga villa, está hoje occupado por arvoredo, que denota já seculos de edade.

Pelo S., confina com o mar, pela parte de Nossa Senhora da Rocha, ermida construida dentro da fortaleza que está em uma ponta de terra que se mette pelo mar, a uns 150 metros. Tanto a ermida como a fortaleza, soffreram tambem muito com o terramoto de 1755.

Faz-se aqui uma feira a 15 de agosto, havendo então grande romaria á Senhora.

Tem uma boa estrada para a capital do concelho.

—

A fortaleza onde está a capella de Nossa Senhora da Rocha, foi construida sobre um rochedo, d'onde vem o nome á senhora. A ermida, que é grande, conta alguns seculos de existencia, mas não se sabe quando nem por quem foi construida. É tradição que a imagem da padroeira foi achada sobre a rocha, onde logo se lhe construiu uma ermida, que mais tarde foi reedificada, ampliada, e erigida em matriz de uma parochia. Como porém ficasse na extremidade da freguezia, se construiu a actual matriz, pelos annos de 1560, ficando a antiga reduzida a capella, como hoje está.

Consta que a fortaleza foi mandada construir pelo rei D. Diniz, não só para defeza da capella, que já então existia, como para defender os povos d'estes sitios das frequentes entradas dos mouros africanos, que vinham aqui saquear e captivar.

A povoação de Porches, fica a 4 kilometros ao N. do Oceano, e pouco distante do pequeno cabo Carvoeiro, que fica a S.O.

Note-se que este *cabo carvoeiro*, não é o do mesmo nome, que está na peninsula de Peniche, e é muito mais notavel.

PORCO — freguezia, Beira-Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 10 kilometros da Guarda, 315 ao E, de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

O real padroado apresentava o prior, collado, que tinha 180$000 réis de rendimento. além do pé d'altar.

Fica sobre as margens do Mondego, que rega e fertiliza os seus campos.

PORDEUS, ou **POR DEUS** (barca de) — Beira-Alta e Traz-os-Montes.—Entre os concelhos de Lamego, ao S., e o de Mezão-Frio ao N., existe a barca de passagem assim chamada.

Esta barca, foi mandada fazer pelo conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, dando-lhe certas propriedades, para com os seus rendimentos se prover ao sallario dos barqueiros e aos reparos da barca; isto em 1097.

Por um documento que existe no mosteiro de freiras benedictinas da cidade do Porto, do mesmo anno de 1097, consta que a rainha D. Thereza *cotára* a Gonçalo Eriz, a quinta de *Osséloa* (hoje Ossella), e que de mão commum, estabeleceram uma albergaria em *Meigom-Frío* (Mezão-Frio) junto da mesma quinta, de cujo rendimento se satisfariam os encargos da dita albergaria.

A mesma rainha deu aos da comarca de Lamego, o rendimento do grande *Souto de Madõens* (como se vê na carta do rei D. Diniz, de 1301, que existe no archivo da Sé de Lamego); fez romper novas estradas, *por cima da sua ponte do Douro* [1] em direitura a Canavezes; e fundou as albergarias do Mollêdo, Amarante e Canavezes.

PORRAES—Vide *Murça*, no artigo—*aguas mineraes*—a pag. 592, col. 1.ª, do 5.º vol.

PORRAL—portuguez antigo—logar plantado de alhos-pôrros.

PORREGÊR — portuguez antigo — offerecer, apresentar, exhibir, etc.

PORREIRAS—vide *Parreiras*, no 6.º vol., a pag. 494, col. 2.ª

PORRÊTA—portuguez antigo — segundo Viterbo, significa alho-pôrro; mas o sr. J. Pedro Ribeiro diz que é mais provavel ser cebôlla. Vide *Entruviscada*.

PORTA-ÇARRADA — portuguez antigo — o mesmo que *camara cerrada*. Significava deixar, dar, testar, ou doar, tudo quanto estava das portas para dentro, sem exceptuar cousa alguma, por mais rica ou preciosa que fosse; e sem dar partilhas a ninguem, e sem se poder contestar semelhante doação, ainda que excedesse muito o valor da terça.

A *Ord.* do L.º 4.º, tit. 47, *in princ.*, prohibiu estas doações.

PORTA DA TRAIÇÃO—portuguez antigo, ainda hoje empregado algumas vezes, no mesmo sentido — *porta falsa*, que nas praças de guerra serve para por ella fugirem os sitiados, em caso de apuro.

PORTA DO CEU (Nossa Senhora da)—Vide *Loulé*, no 4.º vol., pag. 447, col. 2.ª

PORTÁDIGO ou **PORTÁTICO**—portuguez antigo—portagem (direito real) que se pagava dos generos que entravam nas cidades, villas, julgados, ou coutos, que tinham jurisdicções sobre si.

Se o genero não era destinado para ser alli vendido, mas sómente atravessava a terra, de passagem, não pagava portagem; mas sim *pastagem* (a que se chamava tambem *pedagio quasi à pedibus*) e era menor que o outro.

Os nossos reis, pelos foraes ou provisões, isentaram do tributo do portádigo ou portagem, as terras seguintes — Almeida, Almodóvar, Anciães, Arronches, Azinhoso, Barcellos, Beja, Bragança, Caminha, Campo-Maior, Cascaes, Castello-Mendo, Castello-Rodrigo, Castro-Laboreiro, Castro-Vicente, Cezimbra, Chaves, Covilhan, Elvas, Evora, Freixo-de-Espada á-Cinta, Fronteira, Gaia, Guarda, Guimarães, Jarmêllo, Lavar (ou Monte-Lavar — mas aqui, só os vendeiros gosavam este privilegio!), Marvão, Miranda do Douro, Mogadouro, Monçaraz, Monforte, Monforta-do-Rio-Livre, Monsanto, Monsão, Montalegre, Monte-Mór-Novo, Moudal, Moura, Odemira, Olivença, Pinhel, Ponte-do-Lima, Portalegre, Póvoa-de-Varzim, Prado (ou Ponte do Prado), Sabugal, Sortêlha, Vallença-do-Minho, Vianna-do-Minho, Villa-Nova-da-Cerveira, Villa-Viçosa, e Villar-Maior.

[1] Para evitarmos enfadonhas repetições, vide *Barqueiros*, a pag. 336, col. 1.ª, no fim, do 1.º volume — *Barrô*, a pag. 341, col. 2.ª do mesmo volume — e *Bernardo*, no mesmo volume, a pag. 390, col. 2.ª

O que fica dito no texto, é mais uma prova da existencia da ponte sobre o Douro, n'este sitio, em frente de *Barrô* (pouco abaixo do Bernardo) que por muitos tem sido impugnada.

PORTADÍGO—portuguez antigo—o mesmo que laudemio.

PORTAGEM—vide *Portádigo.*

PORTAGEM — serra, Alemtejo.—Vide no artigo *Aramenha*, vol. 1.º, pag. 228, col. 1.ª —e *Marvão* (serra), vol. 5.º, pag. 115, col. 2.ª

PORTAGEM—casa antiga e nobre, na cidade de Coimbra. Vide no artigo *Paço Vedro de Magalhães*, vol. 6.º, a pag. 392, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª, no principio.

PORTALECER—portuguez antigo—subir ao cume de um monte—apparecer no mais alto de uma portella—achar-se quasi de repente em alguma parte onde não se era esperado.

PORTALEGRE—cidade, Alemtejo, séde do bispado, e capital do concelho, comarca, e districto do seu nome, 15 kilometros ao O. da raia, 60 ao O.N.O. d'Elvas, 63 ao S. de Castello-Branco, 96 ao S.E. de Thomar, 140 ao S.E. de Leiria, 100 ao N.E. d'Evora, 190 ao S.E. de Lisboa.

Tem 1:650 fogos, em duas freguezias (Sé —Nossa Senhora da Assumpção, 780, com 3:120 almas=S. Lourenço, 850, com 3:400 almas—total, 6:520 almas). Tem estação telegraphica, e é a 28.ª do caminho de ferro de Leste.

Em 1757, tinha cinco freguezias, a saber:

1.ª—*Sé Cathedral.*—Era parochiada por dois curas, da apresentação da mitra, cada um com 90$000 réis de renda. Tinha então 663 fogos.

2.ª—*S. Thiago, apostolo.*—O parocho era prior, da apresentação do grão-prior do Crato, e tinha de renda, 170$000 réis.

Tinha 93 fogos.

3.ª—*S. Martinho, bispo*—O parocho era prior da mesma apresentação da antecedente, e tinha 130$000 réis de renda.

Tinha 78 fogos.

4.ª—*S. Lourenço, martyr.*—O parocho era vigario, da apresentação do rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordem. Tinha 60$000 rêis.

Tinha 820 fogos.

5.ª—*Santa Maria Magdalena.*—O parocho era prior, da apresentação do real padroado, e tinha de renda 150$000 réis.

Tinha 51 fogos.

Era pois o total dos fogos em 1757—1:705, com 6:820 almas.

Em 1857, foram supprimidas as freguezias de S. Martinho e de Santa Maria Magdalena, para no logar que occupava a primeira se estabelecer um mercado; e se construir um chafariz, no da segunda.

A freguezia de S. Thiago, foi tambem supprimida.

Em 1550, tinha ainda mais duas freguezias—*Santa Maria a Grande*, e *S. Vicente*, que foram então supprimidas, como adiante digo, na creação do bispado.

—

O districto administrativo de Portalegre, é composto de 15 concelhos, que são:

1.º—*Alter do Chão*, nos bispados d'Elvas e Portalegre, com 1:800 fogos.

2.º—*Arronches*, no bispado de Portalegre, com 800 fogos.

3.º—*Aviz*, no patriarchado (por ser do grão priorado do Crato) e no arcebispado d'Evora, com 1:500 fogos.

4.º—*Campo-Maior*, no bispado d'Elvas, com 1:400 fogos.

5.º—*Castello de Vide*, no bispado de Portalegre, com 1:800 fogos.

6.º—*Crato*, no patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato), com 1:300 fogos.

7.º—*Elvas*, no bispado d'Elvas, com 4:300 fogos.

8.º—*Fronteira*, na arcebispado d'Evora, e no bispado d'Elvas, com 2:300 fogos.

9.º—*Gavião*, no patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato) e no bispado de Portalegre, com 1:200 fogos.

10.º—*Marvão*, no bispado de Portalegre, com 1:000 fogos.

11.º—*Monforte*, nos bispados de Portalegre e Elvas, com 800 fogos.

12.º—*Niza*, no patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato) e bispado de Portalegre, com 2:400 fogos.

13.º—*Ponte de Sôr*, no arcebispado d'Evora e no bispado de Portalegre, com 900 fogos.

14.º—*Portalegre*, no bispado do seu nome, com 3:300 fogos.

15.º — *Souzel*, no arcebispado d'Evora, com 1:100 fogos.

Tem todo o districto administrativo, 25:900 fogos, com 103:600 almas.

—

A comarca de Portalegre, é composta dos quatro julgados seguintes—*Arronches* com 800 fogos — *Castello de Vide*, com 1:800 fogos — *Marvão*, com 1:000 fogos — *Portalegre*, com 3:300 fogos. — Total dos fogos da comarca, 6:900.

—

O concelho de Portalegre, é composto de dez freguezias, todas no bispado do mesmo nome. — São — Alagôa, Alegrête, Carreiras, Fortios, Reguengo, Ribeira de Niza, S. Julião, Urra, e as duas de Portalegre: todas com 3:300 fogos, e 13:200 almas.

—

Está esta cidade em 39º e 12′ de latitude e 13º e 52′ de longitude.— É situada no alto de um monte, fresco e delicioso, banhado por dez fontes, e cercado por uma alta e dilatada serra, chamada de Portalegre, ramo da Estrella (vide *Marvão*, serra) e dominando uma vasta e fertil planicie.

Os geographos antigos, não fallam da fundação d'esta cidade. O bispo, D. frei Amador Arraes, suppõe que foi edificada com os materiaes da antiga cidade de *Medobriga* (vide esta palavra), que, segundo este antiquario, havia sido fundada por Brigo, 4.º rei de Hespanha, 1:900 annos antes de Jesus-Christo, e que foi Lysias, filho (ou capitão) de Baccho, filho de Semêle, que aqui veiu ter, de edade avançada, pelos annos 1300 antes de J.-C.; e, achando o sitio a seu gôsto, edificou uma fortaleza e um templo, consagrado a Dionizio, ou Baccho, seu deus.

A fortaleza e o templo, eram no sitio onde hoje existe a ermida de S. Christovão, e ainda hoje se dá o nome de *ribeiro de Baccho*, a um arroyo que corre proximo da ermida; todavia, como Baccho era tambem uma divindade romana, não é isto prova de que a povoação tenha a remotissima antiguidade que alguns archeologos lhe querem dar. Em todo o caso, é cidade antiquissima, pois, com certeza, já existia no tempo dos roman qualquer que fosse o local da sua situação que, se não era o actual, era a pouca distancia.

Segundo outros, Lysias edificou esta fortaleza e templo perto de Marvão, e d'estes dois monumentos ainda se descobrem alguns vestigios.

Não se póde deslindar isto, sem se lerem os artigos de *Alter do Chão*, *Alter-Pedroso*, *Aramênha*, *Marvão* (villa), *Marvão* (serra), *Medobriga*, e *Merobriga;* os quaes aqui não resumo, para não haver repetições enfadonhas.

Diz-se que Lysias, fundando, reedificando ou mudando o sitio da antiga Medobriga, lhe mudou tambem o nome para o de *Amaya*, ou *Ameya;* o que se collige de um cippo romano (talvez pedestal de uma estatua) achado nos alicerces da ermida do Espirito Santo, que dizia:

IMP. CAE. L. AURELIO VERO
AUG. DIVI ANTONINI F.
PONT. MAX. CONS. II. TRIB.
POP. P. P. MUNICIP. AMMAIA.

(O municipio de Ammaia, erigiu esta memoria, ao imperador Cesar Lucio Aurelio Vero Augusto, filho de Antonino; pontifice maximo, consul duas vezes, tribuno da plebe, e pae da patria.)

Consta que o nome de *Amaya* provém de uma filha de Lysias, chamada *Maia*, e que tanto ella como seu pae, foram sepultados no tal templo (a que o padre Carvalho chama *pagode*). Os romanos lhe conservaram o nome de *Amaya*, ou *Ammœa*.

Estava Medobriga, ou Amaya, em ruinas e despovoada, em razão das continuas e encarniçadas guerras da edade média, no principio da nossa monarchia.

D. Affonso III, em 1259, a principiou a reedificar, no sitio onde estavam umas vendas, chamadas *Portêllos*, e suppõem alguns ser d'esta palavra, que se deriva Portalegre. Isto porém, não passa de tradição popular.

Consta que estas vendas estavam no sitio onde depois se edificou a ermida de S. Bartholomeu, e que, em redor d'ellas se foram

construindo casas, com os materiaes da antiga Ammaia.

Com o decurso do tempo, veio esta povoação a ter a mesma sorte de Medobriga e Ammaia.

Occupada alternativamente por mouros e christãos, soffrendo sempre os horrores de uma povoação conquistada, foi-se destruindo e abandonando por seus moradores.

Não se sabe se n'este doloroso periodo, havia conservado o seu antigo nome, ou se os arabes lhe deram outro.

D. Diniz lhe mandou fazer um robusto castello, pelos annos de 1290, fechando então a povoação com duas cêrcas de fortes muralhas, com 12 torres e 8 portas — chamadas — *da Deveza, Postigo, d'Alegrete, d'Elvas, d'Evora, do Espirito Santo, de S. Francisco,* e *do Bispo.*

O proprio rei D. Diniz, foi o primeiro que teve de experimentar contra si a fortaleza das fortificações que havia mandado construir.

Tendo seu irmão, o infante D. Affonso (senhor de Portalegre) levantado o pendão da revolta, a cidade seguiu o seu partido, e o rei lhe pôz cêrco, em maio de 1299, e durou até outubro, terminando por uma capitulação, que deu ao rei a posse da villa.[1]

Os dois irmãos fizeram as pazes; e, segundo o estipulado no auto d'ellas, Portalegre e Marvão (que tambem era do infante, e dista apenas 12 kilometros ao N. de Portalegre) ficaram pertencendo á corôa, recebendo D. Affonso, em troca, os castellos e villas de Cintra e Ourem.

O rei, para que se não désse outro conflicto como este, concedeu a Portalegre o privilegio de ser conservada como patrimonio real, para sempre. D. Affonso V, e, depois, seu filho, D. João II, confirmaram este privilegio.

No principio do XVI seculo, o rei D. Manuel, pretendeu dar o senhorio de Portalegre, ao seu aio e valido, D. Diogo da Silva de Menezes; mas os de Portalegre oppozeram tal resistencia, que o monarcha, depois de ter empregado, primeiro blandicias, depois ameaças de degredo e outros severos castigos, se viu obrigado a desistir da sua pretenção, contentando-se em fazer a D. Diogo, conde e alcaide-mór de Portalegre.

—

D. João III, obteve do papa Paulo III, a bulla de 1549, que creou o bispado de Portalegre, desmembrando-o da diocese da Guarda, e do arcebispado d'Evora, e n'esse mesmo anno foi elevada á cathegoria de Sé Cathedral, com o titulo de cidade.

A bulla de Paulo III, foi confirmada por outra, de Julio III, datada de 2 de abril de 1550. (Adiante dou mais amplos esclarecimentos a este respeito.)

O primeiro bispo d'esta diocese, foi D. Julião d'Alva, natural de Madrigalego (Castella), sacerdote de grandes virtudes e sciencia, pelo que era muito estimado de D. João III, e de sua mulher, a rainha D. Catharina.

—

Pela morte de Carlos II, de Hespanha (1700) apresentaram-se dois pretendentes, á corôa d'aquella nação — eram — Philippe, duque d'Anjou, e o archiduque Carlos d'Austria. O primeiro foi acclamado em Madrid, sob o nome de Philippe V, e Portugal, e toda a Europa—menos a Allemanha—o reconheceram como soberano de Castella; e no anno seguinte (1701) Portugal, Hespanha e França, fazem uma alliança offensiva e defensiva; mas, em 1703, todas as potencias que tinham reconhecido Philippe V, o desamparam, e entram na liga com o imperio germanico, reconhecendo, como rei de Hespanha, o archiduque d'Austria, sob o nome de Carlos III. Este apresenta-se em Lisboa, a bordo de uma esquadra ingleza e hollandeza, com um exercito, composto de 10:000 inglezes, que se uniram ao exercito portuguez.

D. Pedro II, de Portugal, entrega a regencia do reino a sua irman, D. Catharina, rainha de Inglaterra, viuva de Carlos II (a da Bemposta), e invade a Hespanha, á frente do exercito alliado.

O exercito hespanhol, põe cêrco a Porta-

[1] D. Affonso allegava que lhe pertencia a corôa, por ser filho legitimo, e D. Diniz, adulterino, por ter nascido em vida da condessa de Bolonha, primeira mulher de D. Affonso III.

legre, que se rende, a 8 de junho de 1704, mas foi pouco depois recuperada.

Em 1705, os alliados tomam Gibraltar, Vallença d'Alcantara, Albuquerque, Salvaterra e Sarça, e põem cêrco a Badajoz, mas teem de retirar com grandes perdas.

Ao mesmo tempo, o archiduque, com a sua esquadra, toma Barcellona e toda a Catalunha. Valencia, acclama-o rei de Hespanha.

O exercito portuguez entra victorioso em Madrid, a 2 de julho de 1706; mas, vendo-se isolado, marcha a unir-se em Vallencia, aos inglezes.

N'esse mesmo anno, morre em Lisboa, a 6 de dezembro, o rei D. Pedro II, succedendo-lhe seu filho, D. João V.

A guerra continúa, com fortuna varia. Os hespanhoes nos tomam a praça de Serpa. O marechal de Berwick, derrota o marquez de Minas, na batalha de Almanza (Castella-Nova), em 25 d'abril de 1707, ficando o exercito portuguez desbaratado. Perdemos doze regimentos, com suas bandeiras e material de guerra.

Pouco depois, os alliados são novamente vencidos por Berwick, junto á praça de Badajoz, na Extremadura hespanhola.

Em desforra d'estas derrotas, os alliados ganham a grande victoria de Zaragoça, contra o general Bay, e entram pela segunda vez em Madrid, em 1710.

A causa de Philippe V, julga-se então perdida; mas, Luiz XIV de França, [1] manda em seu soccorro, o duque de Vendome, com um formidavel exercito, e este ganha a victoria de Villa-Viciosa (Castella-Nova), que muda a face das cousas, a favor da causa dos Bourbons.

Em 1711, os hespanhoes põem cêrco á nossa praça de Campo-Maior; e sendo corajosamente repellidos todos os seus assaltos, vêem-se obrigados a retirar, no fim de 30 dias de ataques infructiferos.

O marechal de Villars, ganha uma grande victoria, em Denain (França), contra o principe Eugenio, e esta batalha preparou a paz de Utrecht.

Carlos III, abandona a sua causa na Hespanha, para hir occupar o throno imperial (11 de abril de 1713), e Philippe V é reconhecido rei de Hespanha.

Em vista dos artigos da *paz de Utrecht* (13 de fevereiro de 1715), cessou a guerra entre Portugal e Hespanha, entregando nós aos hespanhoes, as praças d'Albuquerque e Puebla, e os hespanhoes a Portugal, o castello de Noudar, a ilha de Verdejo e a colonia do Sacramento.

Assim terminou esta guerra, que durou 15 annos, e que tantas desgraças acarretou á Peninsula, e na qual Portugal se havia intromettido sem que da victoria do seu protegido houvesse de esperar a minima vantagem para o reino.

O Alemtejo, que pela sua posição geographica foi o que mais soffreu, tendo, por muitas vezes, de dar o campo de batalha, ficou livre d'este diuturno flagello, e poude respirar.

—

Portalegre tinha voto em côrtes, com assento no banco 4.º

Eram seus alcaides-móres, os Azevedos.

Tem por armas, duas torres da sua côr, em campo de prata, com o escudo coroado. Diz-se que as duas torres significam as que guardavam a porta da Deveza.

O sr. I. de Vilhena Barbosa, diz (*Cidades e villas*, pag. 149 do 2.º vol.) que D. Affonso III, quando a mandou povoar, em 1259, lhe deu foral de villa, com varios privilegios. [1] Franklim, porém, não falla em semelhante foral (provavelmente por esquecimen-

[1] Luiz XIV, filho de Luiz XIII, nasceu em 1638, subiu ao throno em 1643, da edade de 5 annos, e falleceu no 1.º de setembro de 1715, com 77 annos de edade, e 72 de reinado. Succedeu lhe seu neto, Luiz XV. Desde 1715 até 1723 (durante a menoridade de Luiz XV) foi o periodo da *regencia do duque de Orléans* (sobrinho de Luiz XIV), periodo famoso pelos despotismos e devassidões do regente e dos seus adeptos.

[1] Nas escripturas d'essa época (escríptas em latim) se dá a esta cidade, o nome de *Portus-Alacer* — que significa *Porto-Alegre*. Diz-se que *Portus* vem de um sitio chamado *Porto*, que fica entre a *Penha de S. Thomé* e *Cabeça de Mouro:* e que *Alacer*, vem da sua *alegre* situação.

to), e só do que lhe deu o rei D. Manuel, em Lisboa, a 29 de março de 1511, e que se acha transcripto no *Livro dos foraes novos do Alemtejo*, a fl. 69, col. 2.ª

—

O clima de Portalegre é muito saudavel e seu territorio muito fertil, em todos os generos do nosso clima.

—

A serra de Portalegre, é das mais altas de Portugal, e d'ella se descobrem varias povoações da Beira-Baixa e Alemtejo, e a serra da Estrella. É coberta de frondoso arvoredo e innumeras fontes, o que a torna summamente agradavel. Ha n'esta serra, minas de aguas-marinhas turquezas, amethistas, ferro e cobre.

O monte onde a cidade está fundada, é uma projecção da serra do seu nome, estendendo-se (a povoação) pela encosta do lado do N. De um lado, desce o monte suavemente, para um valle, fresco e ameno, regado por varias ribeiras, e povoado de arvores de differentes qualidades—do outro lado, precipita-se em barrancos e quebradas, de bastante profundidade, cobertos, em parte, por oliveiras e outras arvores.

Do lado do N. se vê uma vasta planicie, extensa deveza de castanheiros, e pomares de fructas diversas; alternando-se com bellas quintas, e muitas vinhas e cereaes, por entre o que se espraia a *ribeira de Niza*, que rega este valle.

N'esta serra nascem sete rios, e 211 fontes.

—

Suppõe-se com bons fundamentos, que os povos do Norte que invadiram a Lusitania em 405, arrazaram Ammeia, que ficou despovoada até ao XIII seculo; pois que nenhuma noticia ou menção se encontra d'ella, durante a longa dominação agarena (716 a 1170).

—

Portalegre é uma cidade muito industriosa. No meiado do seculo XVII, já possuia uma grande fabrica de tecidos de lan, que empregava innumeraveis braços, e cujos productos exportava para as principaes terras do reino; porque os seus pannos eram optimos, e d'elles se vestiam a maior parte dos portuguezes; porém as fabricas de Inglaterra, arremessando sobre Portugal navios e navios, carregados dos seus pannos, com os quaes os nossos não podiam competir em preço, nem em apparencia, deu um terrivel golpe na nossa industria.

Hoje está novamente desenvolvida e muito mais aperfeiçoada a industria dos tecidos de lan, pelo grande impulso e desenvolvimento que á sua fabrica teem dado os srs. *Larcher & Cunhado.*

Em dezembro de 1873, chegaram a Lisboa, vindas de França, 25 caixas de novos machinismos e teares á Jacquard, para a companhia nacional de lanificios, de Portalegre.

—

A agricultura, que se tem aqui aperfeiçoado muito n'estes ultimos tempos, é tambem uma das principaes (senão a principal) fontes de riqueza d'esta terra.

—

O caminho de ferro de Leste, que tem aqui a sua 28.ª estação, e que liga Portalegre com Lisboa, Madrid, e todas as mais povoações intermediarias, deu grande impulso ao commercio, industria e agricultura d'esta cidade, que é hoje uma das mais prosperas da provincia.

—

Ha tambem aqui muitas pedreiras, de optimo marmore.

Tem feira, de tres dias, que principia a 13 de setembro, e é sempre concorridissima. Teve tambem outra a 3 de maio, que já se não faz.

Tem um bom lyceu.

—

Ha em Portalegre muitos e bons edificios publicos e particulares; mas os melhores, são — a Sé Cathedral (de que adiante trato com mais individuação), o paço dos bispos, e a casa da camara.

Tambem merecem honrosa menção, o edificio da fabrica do sr. Larcher & Cunhado, o hospital da Misericordia, e os palacios dos srs. condes d'Avillêz,[1] e Caldeira Castello-Branco.

[1] O primeiro conde d'Avillêz, foi Jorge d'Avillêz Juzarte de Souza Tavares, que fôra

Dos edificios dos mosteiros (alguns muito notaveis) trato adiante.

—

No ponto mais alto da cidade, está o magestoso templo da Sé, com uma soberba frontaria, e 12 optimos altares. Foi edificado pelo primeiro bispo d'esta diocese, D. Julião d'Alva, no sitio onde estava a egreja matriz, de Santa Maria do Castello; mas a capella-mór, é obra do virtuoso prelado e escriptor elegante, *Dom frei Amador Arraes,* que foi o seu 3.º bispo. É, sem contestação, o edificio mais sumptuoso da cidade.

É de tres naves, sustentadas por columnas gothicas (que os modernos tiveram o pessimo gosto de besuntar de estuque, sarapintado, tirando-lhe toda a sua magestade primitiva).

A abobada, é de laçaria. A fachada actual, não é a primitiva: tem duas torres, e ornam-lhe a porta principal duas columnas de marmore.

No meio da capella-mór, está a sepultura do bispo D. Julião.

Tem esta Sé, cinco dignidades, seis conegos, seis meios conegos, capellães e mais empregados ecclesiasticos.

Rendia ao bispo (em 1600) oito mil ducados.

—

O sr. Rodrigues de Gusmão, illustrado e incansavel investigador das antiguidades da sua terra, publicou no *Archivo Pittoresco* artigos curiosissimos á cêrca de Portalegre, dos quaes faço aqui um resumo, no que respeita a esta Sé.

—

Era bispo da Guarda, o cardeal D. Affonso, filho do rei D. Manuel, e da rainha D. Maria, sua cunhada e segunda mulher; e era abbade de Alcobaça, D. Jorge de Mello —por cedencia que lhe havia feito D. Jorge da Costa (o famoso *cardeal de Alpedrinha.*)

A'quelle principe, havia mandado o papa Leão X, o capéllo de cardeal, em 1516, com o titulo de *bispo egitanense.*

O rei, querendo dar a seu filho um logar mais rendoso, e, então, de maior representação, instou com D. Jorge de Mello para que trocasse a abbadia d'Alcobaça pela mitra da Guarda, o que D. Jorge acceitou violentado; mas, nunca exerceu a nova dignidade, na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, então do bispado da Guarda, cidade onde nunca quiz entrar, dizendo:

«Não quero hir a terra onde matam os bispos.»

Effectivamente, tinha morrido assassinado, D. Alvaro de Chaves, seu predecessor.

Foi D. Jorge, bispo da Guarda, por espaço de 30 annos, residindo sempre em Portalegre, e d'aqui administrando o—então—vasto bispado, apezar de se lhe interpor o Tejo, que nas grandes invernadas, lhe cortava as communicações.

Falleceu D. Jorge de Mello a 5 d'agosto de 1548, e D. João III, reconhecendo que um só prelado era insufficiente para tamanha diocese, dividida pelo Tejo e outros rios, aproveitou a occasião da *sede vacante,* para impetrar do papa Paulo III, a creação do bispado de Portalegre, desmembrando-se do da Guarda, as terras transtaganas, e annexando-se-lhe outras, do arcebispado de Evora.

A bulla pontificia, foi expedida a 18 de agosto de 1549, quasi no fim do pontificado d'este papa, que morreu a 10 de novembro d'esse mesmo anno.

Houve porém alguns equivocos na exposição das *premissas,* que encontraram a execução da bulla, e para os esclarecer, recorreu de novo o rei ao pontifice Julio III (successor immediato de Paulo III) que, por bulla de 2 d'abril de 1550 (logo no principio do seu pontificado) dirimiu todas as duvidas.

Foram executores d'esta bulla, D. frei Jorge de S. Thiago, bispo d'Angra, e D. frei

feito visconde do Reguengo, no 1.º de dezembro de 1834 — e conde d'Avilléz, em 4 d'abril de 1838. Hoje é conde d'Avilléz (feito em 17 de junho de 1869) o sr. Jorge Sallema d'Avilléz. O 1.º conde d'Avilléz, fez grandes serviços á patria, durante a guerra da Peninsula.

Bernardo da Cruz, bispo das ilhas de S. Thomé e Principe—ambos dominicanos.

Ficou o novo bispado constituido com as seguintes povoações e seus termos:

Alegrête, Alpalhão, Arêz, Castello de Vide, Chancellaria, Lagomel (ou Longomel), Margem, Marvão, Montalvão, Niza, Ponte de Sôr, Portalegre, Póvoa e Meadas, e Villa Flôr; com varios logares de menos consideração, que ficam ao S. do Tejo, ficando este rio a servir de divisão entre os bispados da Guarda e Portalegre—e desmembrando-se do arcebispado d'Evora, para o novo, as villas e seus termos, de Arronches e Assumar.

Elevada Portalegre a séde de bispado, D. João III lhe deu ao mesmo tempo a cathegoria e privilegios de cidade.

—

O bispado de Portalegre é dos mais pequenos de Portugal, havendo em outras dioceses, vigariarias da vara, ou arciprestados com maior numero de parochias.

Comprehende apenas 35 freguezias, divididas em nove districtos (ou comarcas) ecclesiasticos—que são:

Alpalhão, 1—Arronches, 6—Assumar, 1—Castello de Vide, 4—Chancellaria, 2—Marvão, 3—Niza, 7—Ponte de Sôr, 1—Portalegre, 10.

—

Casára D. João III (5 de fevereiro de 1525) com D. Catharina, filha de D. Philippe I, de Castella (e da rainha, D. Joanna, filha dos reis catholicos) e irman do famoso imperador, Carlos V. [1]

No sequito da princeza, veiu para Portugal, entre outros varões notaveis, D. Julião d'Alva, que o rei fez seu confessor e esmoler-mór.

D. Julião d'Alva, tinha tambem concorrido muito para a creação do novo bispado, e a rainha pediu a seu marido, que o fizesse bispo de Portalegre, ao que o rei accedeu, nomeando-o, e sendo depois confirmado, e dando-lhe posse da mitra, em 1550, o notario apostolico, Sebastião d'Andrade.

D. Julião projectou logo fundar um templo digno de ser egreja cathedral, e de organizar o respectivo cabido.

Como o prelado não tinha meios, quiz aproveitar-se de parte da grande herança que deixára D. Jorge de Mello; porém as freiras bernardas impugnaram esta pretenção, que não chegou a realisar-se.

Existiam então em Portalegre trez templos parochiaes, notaveis pela sua antiguidade:

Santa Maria do Castello, da ordem de Aviz.

Santa Maria, a Grande, da ordem de Christo.

S. Vicente, da ordem de S. Thiago.

Tomou o bispo para cathedral, a egreja de Santa Maria do Castello, encorporando nas suas rendas—com permissão do rei, como grão-mestre das tres ordens militares—as das outras duas egrejas.

Como a egreja de Santa Maria do Castello, que era muito antiga, ameaçava ruina, foi precizo abandonal-a, depois de erigir uma nova cathedral, á qual lançou a 1.ª pedra, a 14 de maio de 1556, o proprio D. Julião d'Alva, dedicando-a a Nossa Senhora d'Assumpção (como todas as mais cathedraes do reino.)

Sobre a porta principal da egreja, se lê a inscripção seguinte, que commemora este facto.

COEPIT HOC TEMPLUM EXTRUI.
AN. DOMINI 1556.

Foi esta porta substituida por um magestoso pórtico, de columnas monolithicas, de marmore preto, mandado construir pelo bispo, D. Manuel Tavares, que em seguida á inscripção, accrescentou a seguinte:

[1] D'este matrimonio, nasceram (por ordem das idades) D. Affonso, D. Maria, D. Isabel, D. Brites, D. Manuel, D. Philippe e D. Diniz, que todos morreram em creanças—menos D. Maria, que casou com Philippe II, de Castella—e, finalmente, D. João, que morreu em 2 de janeiro de 1554, em vida de seu pae, succedendo a este, D. Sebastião I, filho posthumo de D. João, pois nasceu 18 dias depois da morte de seu pae.

D. João III, teve tambem um filho bastardo, que foi D. Duarte, arcebispo de Braga, e prior-mór de Santa Cruz de Coimbra.

INSTAURATUM POSTEA ANNO SALUTIS 1795.

—

Sendo D. Julião d'Alva feito bispo de Miranda (1557) por fallecimento do seu companheiro e amigo, D. Thoribio Lopes, lhe succedeu na mitra de Portalegre D. André de Noronha, que proseguiu nas obras da nova Sé, que seu successor, D. frei Amador Arraes, concluiu, mandando construir o retabulo da capella-mór, que intesta na abobada e no tecto, e delicadamente pintado e dourado, collocando n'elle a formosissima imagem de Nossa Senhora—e o retabulo da capella de Nossa Senhora do Carmo, que custou 3:000 crusados (1:200$000 réis,)

Deu ainda, 40$000 réis, para o retabulo da capella do Santissimo Sacramento e egual quantia para o da capella de S. Pedro.

A' sua custa se pintou e dourou a capella das chagas, e se lageou e ladrilhou todo o templo.

Mandou concluir a torre do relogio; mas foi o seu successor, D. Diogo Correia, que deu o relogio.

Foi tambem D. frei Amador Arraes, que construiu o paço episcopal e o seminario diocesano, e outras muitas obras de menos importancia.

Resgatou todos os seus diocesanos que tinham ficado captivos na Africa, na infeliz batalha de Alcacer-Quibir (4 d'agosto de 1578.)

Offereceu 5:000 crusados a D. Philippe II, para a *invencivel armada.* [1]

Vestiu todos os soldados que, para outra armada, se recrutaram na sua diocese, dando a cada um 1$000 réis.

Resignando, afinal, o bispado (1596) recolheu-se á sua querida cella, do collegio de Coimbra, e n'ella findou seus dias, sendo sepultado na capella-mór, que tinha erigido e dotado, sob uma campa raza, com esta simples inscripção:

S. DE D. F. AMADOR ARRAIZ, BISPO DE PORTO-ALEGRE, FEITURA DE EL-REI D. ANRIQUE, SEU ESMOLER-MÓR.
FOI O PRIMEIRO RELIGIOSO QUE PROFESSOU N'ESTE COLLEGIO.
FALLECEU A 1 DE AGOSTO DE 1600.

No dia 2 de fevereiro de 1853, foi arrombada esta sepultura, tirando-se d'ella as reliquias venerandas do santo e illustre prelado, para alli se depositar o cadaver de um *conselheiro* do seculo XIX.

Bradou-se contra esta escandalosissima profanação, e a ordem terceira da penitencia (á qual o templo pertence) fez desalojar o cadaver do tal *conselheiro*, e o tumulo só hoje guarda os ossos do bispo de Portalegre.

—

A Sé de Portalegre é de trez naves—como já disse—sendo a do centro guarnecida por um sumptuoso guarda-vento, mandado construir pelo bispo, D. Manuel Tavares Coutinho e Silva; estendendo-se sobre todas as tres naves, logo á entrada, um amplo côro, onde se vê o magnifico orgão, dado pelo bispo, D. João Mascarenhas (filho de Vasco Mascarenhas, conde de Obidos) conego e arcediago da Sé de Lisboa, deputado da Inquisição da côrte, sumilher da cortina, do rei D. Pedro II — e que depois foi bispo da Guarda, onde falleceu a 23 de janeiro de 1693.

O bispo, D. Manuel Tavares Coutinho e Silva, tinha sido lente da faculdade de canones, na universidade de Coimbra, freire conventual, da ordem de S. Thiago da Es-

[1] Philippe II, em um *rompante hespanhol*, projecta destruir a Inglaterra.

Reune em Lisboa uma armada de 120 náus, a que chamou invencivel.

Dirige-se esta esquadra (na verdade respeitavel) para o cannal da Mancha, onde foi destruida por uma horrorosa tempestade, em 27 de julho de 1588, tornando em *fumo* as *fumaças* castelhanas.

Quando Philippe teve noticia d'esta terrivel catastrophe, que anniquilou todos os seus planos, disse:

«Mandei combater os inglezes, e não os elementos.»

Portugal e Hespanha, perderam bastantes milhões de cruzados e alguns milhares de vidas, com esta louca tentativa do *Diabo do meio dia.*

pada, reitor do collegio dos militares, e conego da Sé da Guarda.

Foi um prelado generoso: deu á sua Sé, ricos paramentos e banquetas de prata; concluiu o claustro, principiado pelo seu predecessor, D. Alvaro Pires de Castro; fez a casa do cabido; ampliou o paço episcopal, e o seminario; edificou casa propria, para o cartorio da camara ecclesiastica, e fez ainda outras obras importantes.

Falleceu a 7 de abril de 1798.

—

O corpo da egreja da Sé, é esclarecido por 12 janellas circulares (seis de cada lado) alem das da frontaria.

O cruzeiro é esclarecido por duas altas janellas, além das da capella-mór e do zimborio; o que torna este templo um dos mais claros e alegres do reino.

Na capella-mór, estão sepultados, os bispos, D. Julião d'Alba, D. Diogo Correia (sobrinho do veneravel arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres) D. frei Domingos Barata, D. Manuel Lopes Simões, e D. Pedro de Mello Brito e Alvim (que nasceu na quinta das *Varandas*, junto a Coimbra, na mesma casa onde depois nasceu o illustre poeta, José Freire de Serpa Pimentel, já fallecido, e que foi feito visconde de Gouveia, em 31 de outubro de 1855.)

Todos estes bispos estão sepultados em jazigo commum, á excepção de D. Julião de Alba, que teve sepultura particular, com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ D. JULIÃO D'ALBA,
PRIMEIRO BISPO D'ESTA CIDADE,
CAPELLÃO-MÓR D'EL-REI D. SEBASTIÃO,
FEITURA DA RAINHA D. CATHARINA,
SUA AVÓ. [1]
FALLECEU A 13 DE FEVEREIRO DE 1570.

D. Julião fallecêra em Villa Franca (do bispado da Guarda) ordenando que o seu cadaver fosse sepultado na capella-mór da Sé de Portalegre, á qual deixou varios ornamentos, peças de muito valor, e muita fazenda para suffragios da sua alma.

[1] Do rei D. Sebastião.

Tambem n'esta egreja, a 4 de novembro de cada anno, ha sumptuosos suffragios por alma da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, que a esta Sé déra muitas reliquias, paramentos e muitas alfaias preciosas.

E' de elegante fabrica, a capella do Santissimo Sacramento, e notavel pelos seus primorosos balaustres de marmore.

N'ella jaz o bispo, D. Alvaro Pires de Castro e Noronha, 2.º filho de D. Luiz Alvares de Castro Athaide Noronha e Souza, 2.º marquez de Cascaes.

Nascêra a 26 d'abril de 1669 e falleceu a 27 de março de 1737.

Foi este prelado que edificou o magnifico Sanctuario do *Senhor do Bom Fim*, e principiou a sumptuosa obra, do claustro da Sé.

Jaz em sepultura raza, com a seguinte inscripção.

REGEM, CUI OMNIA VIVUNT,
VENITE, ADOREMOS.

—

A capella de S. Pedro, é das mais bem ornadas, e está resguardada por uma grade de ferro, egual á da capella do Santissimo.

Na parede, do lado da Epistola, está embutida uma lapide, de marmore branco, com moldura de marmore preto, com a seguinte inscripção:

ESTA CAPELLA E O PADROADO D'ELLA,
HE DE MARGARIDA DE VILLA-LOBOS,
E ISABEL DE OLIVEIRA, IRMÃS.
QUE A DOTARÃO, COM OBRIGAÇÃO
DE HUA MISSA QUOTIDIANA,
E UM ANNIVERSARIO CADA MEZ,
E UM OFFICIO DE NOVE LIÇÕES,
NO DIA DO FALLECIMENTO DE
CADA HUA, PARA SEMPRE.
OBRIGAÇÃO QUE TEM O REVERENDO
CABIDO D'ESTA SANTA SÉE.

—

Na parede do lado do Evangelho, no logar correspondente ao da lapide que fica

mencionada, está embutida outra egual na grandeza e materia, mas com o brazão d'armas, em baixo relêvo, dos Villas-Lobos, e Costas.

No pavimento da capella, entre as grades e os degraus do altar, estão duas campas de marmore, com brazões d'armas, semelhantes aos da parede, com as seguintes inscripções:

S. DE ISABEL DE OLIVEIRA,
QUE FALLECEU A 27 DE AGOSTO
DE 1635.

—

S. DE MARGARIDA DE VILLA-LOBOS,
QUE FALLECEU A 27 DE FEVEREIRO
DE 1645.

Na capella de Nossa Senhora do Carmo, está uma campa, de marmore, com o brazão d'armas dos Castellos-Brancos, e a inscripção:

JAZIGO QUE MANDOU FAZER
MENDO CALDEIRA PAES DE
CASTELLO-BRANCO, FIDALGO CAVALLEIRO,
PARA QUEM POSSUIR O MORGADO
DE SANTA IGNEZ, QUE EM GÔA
INSTITUIO NUNO VAZ DE CASTEL-BRANCO,
MOÇO FIDALGO, GENERAL DE MASCATE
E DE ORMÚS, E GOVERNADOR DA INDIA,
ONDE MORREU VEADOR DA REAL FAZENDA.
O QUAL SE PERMUTOU PARA ESTE REINO,
COM AS LICENÇAS REAES E PONTIFICIAS. ETC.

—

Na capella de S. Mauro, está uma campa de marmore, com o brazão d'armas dos Azevedos, com a inscripção:

AQUI JAZ O EX.mo E R.mo SNR.
D. FREI JOÃO DE AZEVEDO,
DA ORDEM DE S. BENTO DE AVIZ,
BISPO QUE FOI DESTE BISPADO
DE PORTALEGRE, ETC,
FALLECEU AOS 11 DE NOVEMBRO
DE 1765.

—

Muitas campas, com diversos brazões, lageam o pavimento das trez naves do templo: estão quasi todas com as inscripções apagadas pelo attrito dos pés; mas, ao cimo da nave lateral da direita, ha uma campa, de formoso marmore, que dá na vista, pelo seu primoroso brazão d'armas.

Cobre os restos mortaes de um nobilissimo cavalleiro, que se finou longe da patria, fiel a Deus e ao seu rei, então proscripto, como elle.

Eis a sua inscripção:

AQUI JAZ
O EX.mo
CARLOS GABRIEL HILLARIO
DORSAC,
MARQUEZ DE TERNAI,
BRIGADEIRO DOS EXERCITOS DE S. M. F.
NASCEU NO PALACIO DE TERNAI,
A III DE JULHO DE
MDCCCXIII.
FIEL A DEUS E AO SEU REI.

—

Em 1834, possuia esta cidade cinco mosteiros, a saber:

1.º—*Frades franciscanos*, fundado em sitio elevado, e na extremidade da cidade, e extramuros. É um bello edificio, e construido com magnificencia. Tem amplas officinas, altos dormitorios, boas cellas, templo espaçoso e boa cêrca, com muita e excellente agua. Parte, serve actualmente de quartel do destacamento militar, da guarnição; e parte é occupado por uma fabrica de rôlhas de cortiça, do subdito inglez, o sr. Jorge Robinson, que tambem aqui tem os depositos da materia prima da sua industria.

É um dos mais antigos mosteiros da provincia; mas não se sabe o anno da sua fundação; parece que foi entre os annos de 1230 a 1240.

Pretendem alguns, que foi fundado em 1265; mas parece mais provavel que o fosse na primeira data, reinando D. Sancho II, cujas armas se vêem ainda na capella-mór. O que é certo, é que D. Affonso III lhe deixou 50 libras no seu testamento, em 1279. D. Diniz, seu filho, tambem lhe deu uma avultada esmola. A egreja foi restaurada em 1719, e o mosteiro, em 1720. A egreja é das mais formosas da sua ordem. A architectura primitiva foi muito alterada com as novas construções, e depois da sahida dos religiosos, em 1834, foi tudo bastante devastado.

Era padroeiro da capella-mor, Gonçalo Rodrigues de Souza, que com seu pae, Ruy de Souza, se achou na famosa acção do *Palanque de Tanger*, em outubro de 1439; e acompanhou o conde, D. Duarte de Menezes, a Castella, por ordem do infante D. Pedro, regente (o d'Alfarrobeira), em soccorro do mestre d'Alcantara, contra os infantes de Aragão.

Foi commendador de Niza, Idanha, Alpalhão e Montalvão, da ordem de Christo: do conselho do rei D. Affonso V, e seu capitão de ginetes.

Na mesma capella-mór, estava o tumulo d'este leal portuguez e denodado capitão; mas foi profanado depois de 1834, e dispersados seus ossos venerandos.

Escapou —por milagre— á ferocidade dos vandalos do seculo XIX, o tumulo de Gaspar Fragoso, que se crê ser filho d'aquelle celebre Antonio Fragoso, cujas façanhas e gentilezas celebrou Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India*, tomo 1.º, p. 2.ª, pag. 883.

Está este monumento em uma capella do cruzeiro — hoje abandonada e sem culto — mettido na parede, sob uma abobada semicircular, á esquerda de quem entra. É um tumulo de bello marmore de Estremoz, de singela esculptura, tendo sobre elle, deitado, um guerreiro, completamente armado, á antiga, apoiando os pés contra um leão. Na rente do tumulo se lê (entalhado no marmore, como em uma tarja, cujas extremidades são sustentadas por dois anjos, em baixo relêvo):

S. DE GASPAR FRAGOSO
CAVAL.º FIDALGO DA CASA DEL REI N. S.,
PADROEIRO QVE FOI DESTA CAPELA. EM SVA
VIDA, MANDOV REPAIRAR E FAZER
ESTE RETAVOLO. MORREU, DIA S. FILIPE E SAT.º
1571.
REQUIESCAT IN PACE,
AMEN.

Existe ainda outro monumento sepulchral, resguardado por um estrado de madeira, que constitue o supedaneo do altar de Nossa Senhora da Piedade.

É uma formosa campa, de marmore, assente sobre tres leões, com o brazão das armas dos Souzas Tavares, primorosamente gravado. Diz a sua inscripção:

S. DE NVNO VAZ DE SOVZA TAVARES, QVE ACABOV SEVS DIAS,
O DERRADEIRO DOVTVBRO, ANO DE
1555.

Após esta inscripção, e como em sua continuação, se lê:

E QVE SERÁ
DE ANDRÉ DE SOVSA
SEV FILHO, E DE
SEVS HERDEIROS.
O QVAL MANDOV FAZER ESTA CAPELA, DE NOSSA S. DA PIEDADE.
A. D. 1567.

Era Nuno Vaz de Souza Tavares, filho de Gaspar Vaz do Peral e de D. Joanna de Souza; neto de Pedro Tavares, ultimo alcaidemór de Portalegre (da familia dos Tavares) e um dos principaes cabos de guerra, que capitaniaram a frota que foi á malograda empresa de Tanger, em 1434, [1] e de D. Isabel de Souza, filha de Gonçalo Rodrigues de Souza, que tambem teve uma parte importante n'essa desastrosa tentativa.

André de Souza Tavares, filho do antecedente, serviu na India, e foi commendador da ordem d'Aviz.

—

Á entrada do templo, mas fóra da porta, á direita de quem entra, está embebida na parede, uma lapide, com uma inscripção latina, em caracteres gothicos, ainda bem legiveis. Refere a noticia da doação de varias propriedades, feita por Pedro Eanes e sua mulher, Maria Domingues, para a fundação de um hospital, que servisse de asylo e soccorro aos pobres: do qual seriam administradores o guardião e religiosos d'este mos-

[1] Os infantes, D. Henrique e D. Fernando, foram para a Africa, no intento de conquistar Tanger. Em Ceuta, foram reduzidos á ultima extremidade, por um formidavel exercito de mouros. Os infantes, pedem uma suspensão d'armas; porém os inimigos exigem a praça de Ceuta. D. Fernando fica em refens, emquanto seu irmão vem ao reino propôr a convenção. As côrtes, reunidas em Leiria, em 1437, oppõe-se á entrega de Ceuta, e D. Fernando morre no captiveiro, e o seu cadaver volta á patria, em 1473, em troca de mouros captivos em Tanger e Arzilla, que D. Affonso V havia tomado aos mouros, em 1471.

teiro. Tem a era (de Cesar) de 1312, que vem a ser o anno 1274 de J.-C.

—

N'este convento residiu, nos ultimos tempos, fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete, tão conhecido, dentro e fóra de Portugal, pelo nome de padre José Ignacio Roquete, eminente sábio e litterato, que tantos serviços tem feito á patria com seus preciosos escriptos.

—

2.º — *Frades agostinhos* (eremitas descalços de Santo Agostinho), da invocação de Santa Maria; fundado em 1683.

Esta ordem teve principio em 2 d'abril de 1663, pela piedade da rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.

Occupa uma das extremidades da cidade, entre a porta d'Alegrete e a torre de Pecegueiro, com formosas e dilatadas vistas.

Ficou incompleto, mas, ainda assim, é um bom edificio, sendo notaveis os restos da sua egreja, que escaparam á furia dos vandalos modernos.

Hoje é um armazem de madeiras!

Os retabulos dos seus tres altares eram de preciosos marmores, com primorosas esculpturas.

Foram vendidos, depois de 1834, pela ridicula quantia de 57$600 réis (!) tendo custado alguns contos de reis.

O edificio do mosteiro, foi aproveitado para o estabelecimento de varias repartições publicas.

N'elle se estabeleceu a escola de instrucção primaria, a administração do concelho, a conservatoria, e repartição de fazenda, a estação telegraphica, o tribunal de justiça e a cadeia.

Tem um recinto ajardinado, com repucho e tanque no centro, que serve de passeio aos presos, quando se julga necessaria essa distracção.

—

3.º—*frades jesuitas* (collegio de S. Sebastião) edificado em 1605.

Era uma casa filial do collegio dos Jesuitas de Evora.

—

4.º—*freiras de Santa Clara* (franciscanas.)

E' um edificio de mesquinha apparencia, tendo só de notavel o claustro, que é uma formosa quadra, sustentada, em parte, por arcos ogivaes sobre delgados pilares, bello especimen da architéctura da época.

A egreja é tambem de singela fabrica e acanhada.

E' notavel este mosteiro, por ser fundado pela tristemente celebre rainha, D. Leonor Telles de Menezes, em 1376.[1]

E' este mosteiro o 2.º da sua ordem que se fundou no Alemtejo.

Tinha capacidade para 60 freiras.

Hoje poucas religiosas o habitam; porém agazalham algumas meninas pobres, que se empregam no serviço do coro, e outras mulheres desvalidas, que soccorrem como podem.

E' sua actual abbadessa, a sr.ª D. Constantina Dorothea de Carvalho Godinho, que tem 100 annos.

—

5.º—*freiras bernardas*—fundado por D. Jorge de Mello, bispo da Guarda, em 1572.

E' extramuros, e dedicado a Nossa Senhora da Conceição; em cuja capella jaz o fundador, em um tumulo sumptuoso.

N'este mosteiro falleceu a 7 de março de 1874, D. Francisca de Paula da Costa Murta, com 100 annos de idade.

Só ficaram duas freiras, ambas velhas, sendo uma d'ellas completamente cega.

—

Junto á cidade houve o *convento da Serra*, de monges benedictinos, fundado no 6.º ou 7.º seculo, e que os mouros destruiram no meiado do seculo 8.º

O mosteiro de Santo Antonio, foi vendido ao sr. Lecoq, industrial francez, em 1874, junto com a matta, a cerca e um pinhal.

—

As ruas d'esta cidade são em geral es-

[1] Esta senhora, tão formosa como nobre, e tão criminosa como infeliz, morreu desprezada até dos seus proprios amigos e parentes, em Tordesilhas, a 27 de abril de 1386.

treitas e turtuosas, e com maior ou menor declive; mas orladas de bastantes edificios bem construidos e de agradavel aspecto.

Ao N. fica um extenso rocio, onde esteve a antiga real fabrica de pannos.

—

Ha na cidade diversos chafarizes, com abundancia de excellente agua potavel.

—

Os arrabaldes da cidade são muito formosos e pittorescos, em razão dos accidentes do terreno, onde se alternam, hortas, vinhas, cearas e pomares, tudo regado por varias fontes e ribeiros, que fertilisando o solo, tornam o sitio fresco e ameno.

O seu termo (que se compõe de seis freguezias) é fertilissimo em todos os generos agricolas do nosso clima, e tem muitos e vastos montados, onde se criam muitas varas de porcos, e gados de toda a qualidade, que exporta; assim como grande quantidade de madeiras de castanho, para construcções.

As ribeiras que regam o seu termo, são:

Xever, Xévòra, Xeverête, Xóla e Niza.

Todas nascem na serra de Portalegre, e servem de motor a azenhas, moinhos e pisões.

Ha n'esta serra grande cópia e muita variedade de caça, grossa e miuda, e é abundantissima de aguas que regam e fertilizam os valles adjacentes.

—

A 5 kilometros ao E. da cidade, está a serra de S. Mamede, que tem nas suas faldas uma caverna, de 24 metros de circumferencia, onde, segundo a tradição, se reuniram os frades de todas as ordens (no seculo VIII) para decidirem o meio de evitar a expulsão que os ameaçava.

Em uma linda planicie d'esta serra, se vê a ermida do Santo que lhe dá o nome, habitada por dois anachoretas, que vivem das esmolas dos camponezes.

E' templo antiquissimo.

—

A correição de Portalegre, comprehendia esta cidade e 12 villas que eram:

Alegrête, Alpalhão, Arronches, Assumar' Aviz, Castello de Vide, Marvão, Meadas, Montalvão, Niza, Póvoa, e Villa-Flor.

Esta correição foi creada por D. João III, em 3 de janeiro de 1533.

—

Dentro do recinto das muralhas, nas ruas —*do Castello* e *dos Bésteiros*—foi a antiga residencia dos nobres de Portalegre, em casas de acanhadas proporções, muitas das quaes ainda hoje existem, mostrando-nos a simplicidade d'esses tempos.

Os melhores edificios da cidade, foram construidos no seculo XVIII, fóra dos muros, no sitio chamado *largo do Côrro*, um dos principaes da cidade.

São dos srs. condes d'Avillez, e Diogo da Fonseca Tavares Accioli Coutinho.

N'este se acha encorporada a casa onde residiu Iría Gonçalves do Carvalhal, mãe do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira; mas a sua primitiva architectura desappareceu na reconstrucção.

A esta senhora deu D. João I, por carta, feita em Portalegre, a 30 de julho da era de 1423 (19 de julho de 1385) poucas semanas depois da sua acclamação como rei de Portugal—os *quintos* de Portalegre e Alegrete, e fez outras mercês, em attenção aos immensos serviços de seu filho.

—

A povoação, que no seu principio se circumscrevia ao recinto dos seus muros, com o andar do tempo foi rompendo os antigos limites, e extra-muros se foram construindo varias ruas, parallelas ás muralhas, e a final, quando já escaceava o espaço, estendeu-se para o sitio onde se estabelecêra o hospital.

—

Misericordia

Já em 1501, havia em Portalegre, a *irmandade da misericordia*, que tinha a sua séde no antigo templo de São João Baptista, que fôra da ordem de S. Thiago.

Fundou-se o hospital, em umas casas da rua da Figueira; mas eram tão baixas e

acanhadas, que logo se viu não poder alli continuar, sem grandes inconvenientes.

Florescia n'esse tempo, a confraria do espirito Santo, em uma antiquissima ermida, a pouca distancia da povoação.

A ella estava annexa uma albergaria, para peregrinos.

Era o sitio ameno e sádio, desabafado, e lavado dos ares, por todos os lados; porque ainda então o não assoberbavam os edificios que depois se foram construindo, e hoje constituem o formoso arrabalde da cidade.

Pareceu ao provedor da Misericordia, Lopo Ribeiro, que era aqui o logar mais adequado para estabelecer o hospital; pelo que propoz aos respectivos mordomos, a reunião d'aquelles dois hospitaes, obrigando-se a Misericordia a dar pousada aos peregrinos, e alimentar e curar os enfermos pobres; ficando a confraria obrigada aos reparos do edificio e ao fornecimento das roupas necessarias.

Esta proposta, que era de reconhecida utilidade, foi acceite.

A confraria entregou 70 lençoes; muitos cobertores e mantas; a casa guarnecida e concertada; e um moio de renda, sobre a herdade da *Camareira*.

A Misericordia, além dos encargos mencionados, a que de bom grado se sujeitára, deu á confraria 70$000 réis, para a conclusão da obra.

—

Proximo á cidade, ha a fonte da Abrunheira, de agua mineralisada pelo gaz hydrogenio sulphurado.

Nasce tépida.

Não sei quaes são as suas qualidades therapeuticas, nem se é empregada como medicamento.

—

Tem Portalegre a honra de ser patria de varões que se tornaram illustres, pelas armas, pelas letras, ou pelas virtudes.

Mencionarei os de que tenho noticia.

—

D. Isidoro Tristão—da principal nobreza da provincia.

Foi conego da congregação de S. João Evangelista (loyo) e seu 4.º geral, e, depois, Dom abbade d'Alcobaça.

Era um varão insigne em letras e virtudes.

Por ordem especial do papa Innocencio VIII, foi reformador das duas sagradas religiões—benedictina e cisterciense—d'este reino.

Foi o promotor principal para a fundação da ordem de Nossa Senhora da Conceição (que instituiu a nossa portugueza D. Beatriz da Silva) e lhe deu as primeiras constituições.

Falleceu em 7 de maio de 1492.

—

Padre Agostinho de Portalegre — conego da mesma congregação, de S. João Evangelista.

Foi um varão justo, e insigne prégador apostolico.

Sendo a cidade do Porto invadida pelo flagello da peste, quando este santo ecclesiastico alli se achava, exercendo o seu ministerio apostolico—posto ser já de avançada edade, e doente, se dedicou á cura phisica e moral dos empestados, até que, com santa resignação, succumbiu ao mesmo flagello, no dia 11 de setembro, de 1493.

—

Jorge d'Avillez Juzarte de Souza Tavares, 1.º conde d'Avilléz, do qual já tratei.

—

O doutor João Juzarte da Fonseca, corregedor do civel da corte, do qual adiante trato.

—

Emilia Adelaide Pimentel, uma das nossas primeiras artistas dramaticas, da actualidade.

—

Filippe Folque.—Nasceu n'esta cidade, em 1801.

Sentou praça em 17 de novembro de 1817, com 16 annos; foi promovido a tenente, em 1833; a capitão, em 1834; a major, em 1837; a tenente-coronel, em 1847; a coronel, em 1851; a brigadeiro, em 1852, e a marechal de campo, em 1865.

Pertencia á arma de engenheria e estava collocado no estado maior general.

Era socio da academia das sciencias, conselheiro de estado effectivo, par do reino, director geral dos trabalhos geodesicos, doutor em mathematica, antigo lente da academia de marinha e lente jubilado da escola do exercito.

Foi professor de mathematica dos filhos da sr.ª D. Maria II, por quem era estimado.

Por muitos, longos e extraordinarios serviços, foram-lhe concedidas pelo governo portuguez a gran-cruz da ordem de S. Thiago do merito scientifico e litterario, e as commendas das ordens de S. Bento de Aviz e da Conceição; e dos governos extrangeiros recebeu tambem diversas e mui honrosas demonstrações de apreço e consideração, entre as quaes se contava a commenda de Legião de Honra de França.

Deixou varios escriptos, sendo os mais notaveis as *Memorias sobre os trabalhos geodesicos executados em Portugal, Diccionario do serviço dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino, Elementos de astronomia* e outros diversos estudos de mathematica.

Falleceu em Lisboa, a 27 de dezembro de 1874.

—

O padre Manuel d'Almeida, bacharel, formado em canones, pela universidade de Coimbra.

Foi o primeiro prior da Magdalena, depois que está egreja, deixando de ser apresentada pelos jesuitas (1759) o foi pela universidade.

Obteve o seu provimento, em 12 de maio de 1801.

Collou-se e tomou posse logo a 18.

Nasceu n'esta cidade, a 30 de julho de 1769.

Foi varão douto e recommendavel, pelas obras que publicou sobre economia politica, em tempo em que esta sciencia era ainda apenas conhecida em Portugal.

Falleceu a 19 de dezembro de 1833. Jaz na Sé Cathedral.

—

Na encosta da serra que fica ao O. de ortalegre, em sitio agreste e alcantilado, está a ermida de *Nossa Senhora da Penha*, edificada pelos annos de 1610, sendo bispo d'esta diocese, D. Diogo Correia.

Segundo a tradição—um santo anachoreta (do qual nunca se soube a patria, nem o nome) construiu n'este sitio (parece que por suas proprias mãos) uma edicula, onde collocou a imagem da Santissima Virgem.

Principiou o povo d'estes sitios a ter grande devoção com esta Senhora, pelo que, poucos annos depois, lhe mandaram fazer uma capella mais vasta e de boa architectura, toda de abobada, e muito bem ornada.

O dr. João Juzarte da Fonseca (progenitor dos condes d'Avillez, e que depois falleceu em Lisboa, onde era corregedor do civel da côrte) augmentou muito este Sanctuario, não só á custa da sua fazenda, como das esmolas, que obteve do povo.

Era tal o empenho d'este virtuoso magistrado e de sua muiher, para que as obras se concluissem com brevidade, que elles mesmos acarretavam agua para amassar a cal, e conduziam materiaes para a obra: exemplo que foi seguido por muitas donas e cavalheiros de Portalegre; assim como da gente do povo, e atê das creanças da escola.

Os pedreiros e mais operarios, davam em cada semana, um ou mais dias sem exigirem sallario; mas n'esses dias, o dr. Juzarte lhes dava almoço e jantar.

Foi d'este modo, que a capella e suas dependencias se acharam concluidas em 1635, sendo bispo d'esta diocese, D. João Mendes de Távora, que depois foi bispo de Coimbra.

Esta ermida está annexa á Sé, que recebe as offertas que os romeiros e devotos dão á Senhora.

O erimitão, fundador da primittiva capellinha, deu á padroeira a invocação de *Nossa Senhora da Penha de França*; porém, como o papa clemente VIII, tinha, por um breve, ordenado que em Portugal sómente podesse ter esta invocação a Senhora da Penha de Françá, de Lisboa, os irmãos d'esta Senhora se queixaram ao pontifice, allegando que, outras imagens da Senhora, com tal

invocação, diminuiam a devoção a esta, e o rendimento das esmollas e offertas (que era o principal motivo da sua queixa) o papa mandou um nuncio apostolico a Portalegre, intimar os mórdomos da nova capella, sob graves censuras, que mudassem a invocação da sua padroeira, que desde então ficou sendo só *da Penha*.

Pelos annos de 1675, o bispo, D. Ricardo Russel, deu esta ermida aos eremitas descalços de Santo Agostinho, tirando-os da casa de Santa Maria do Castello, para aqui fundarem o seu mosteiro.

Arrependido depois, buscou futeis pretextos, e lha tornou a tirar, depois dos padres terem feito bastantes despezas para aqui se acommodarem; tendo de tornar ás casas de Santa Maria, que eram suas, por compra.

—

Ha ainda n'esta cidade e seus arredores, mais oito capellas, publicas, além das particulares.

—

Egreja de Santa Maria Magdalena

Ainda em 1834 tinha esta cidade cinco freguezias, como fica dito no principio d'este artigo; e posto que então foram supprimidas as de S. Thiago, S. Martinho, e Santa Maria Magdalena, ainda se conservaram os templos, mais ou menos arruinados, até que em 1858, a camara municipal tomou conta das egrejas de S. Martinho e de Santa Maria Magdalena, para as arrazar, e estabelecer na área da primeira, uma praça d'hortaliça; e na da segunda, um chafariz.

Nos fins d'agosto de 1858, principiou a demolição da egreja de Santa Maria Magdalena, nao ficando d'ella mais do que o nome ao largo onde existiu.

Era a mais antiga parochia da cidade.

D. Affonso III, fez, em 1259, doação do padroado da egreja, ao mosteiro de São Jorge (conegos regrantes de Santo Agostinho—*crusios)* situado sobre a esquerda do Mondego, junto a Coimbra—*pera que rogassem a Deos pela vida de sua primeira filha, D. Branca.* [1]

E' esta infanta que o nosso Garrett immortaliza no seu primoroso poema *Dona Branca.*

—

O cardeal D. Henrique (depois rei) prior-mór e commendatario de Santa Cruz de Coimbra, deu o padroado da egreja de Santa Maria Magdalena, de Portalegre, aos jesuitas d'Evora, por breve do papa Pio V, de 20 de julho de 1564.

Expulsos os jesuitas de Portugal (1759) foi encorporado na côroa o padroado d'esta egreja, onde esteve até 4 de julho de 1774, fazendo então D. José I doação d'elle á universidade de Coimbra, que tomou posse no 1.º de abril de 1788.

O ultimo prior apresentado pelos jesuitas, d'Evora, foi o padre Manuel Jeronymo de Vellez.

E o 1.º apresentado pela universidade, foi o seu successor, o padre Manuel de Almeida.

Foi este o ultimo prior graduado que teve a egreja da Magdalena; porque, vagando ella, pela sua promoção a arcediago da Sé Cathedral, lhe succedeu o padre João Baptista de Carvalho Serra, que não tinha grau academico.

Foi o ultimo prior, porque em sua vida foi supprimida esta freguezia.

—

Teve esta egreja varios concertos e reedi-

[1] A infanta D. Branca, filha de D. Affonso III e de sua 2.ª mulher, D. Brites (filha de D. Affonso X, de Castella) nasceu a 28 de fevereiro de 1259, na (então) villa de Guimarães.

Foi senhora de Monte Mór Velho, de Campo Maior, e de outras terras.

Foi abbadessa do mosteiro de Lorvão, e era tão exemplarmente virtuosa, que foi feita abbadessa das *Huelgas*, de Burgos, que governavam doze mosteiros da sua ordem.

Falleceu n'esse mosteiro, não se sabe quando.

O sr. Varnhagen, secretario da legação do Brasil, em Madrid, visitou Burgos, em 1846, e viu, perfeitamente conservado, o tumulo da infanta D. Branca, abbadessa d'este mosteiro.

ficações, em uma das quaes se lhe virou a frente á rectaguarda.

A ultima restauração foi operada em 1732; ficando então o templo de fórma octogona, sendo então todo formado de abobada, com magestoso altar-mór e dois lateraes, de elegante fabrica.

Tinha torre, côro, duas sachristias e duas portas.

Sobre a principal, estava um quadro, de asulejo, que representava o orago.

Varias familias tinham seus jazigos n'esta egreja, sendo a principal d'ellas a dos Peixotos.

Em uma campa de marmore, com o brazão d'esta familia, primorosamente lavrado, se lia a seguinte inscripção:

SEPULTURA DE ANTONIO PEIXOTO ENSERRABODES, EM A QUAL TAMBEM ESTÃO SEPULTADOS, SEU NETO ANTONIO PEIXOTO DE BRITO, E SEU BISNETO, FRANCISCO DE BRITO ENSERRABODES, E SEUS HERDEIROS E DESCENDENTES.

—

As noticias sobre esta egreja, são extrahidas da *Brevissima noticia*, que sobre a mesma publicou em 1858, o nosso infatigavel investigador, o sr. F. A. Rodrigues de Gusmão.

Do mesmo senhor é a noticia que se segue, resumida da sua *Memoria dos alcaides-móres de Portalegre*, publicada em 1867.

—

Alcaides-móres de Portalegre

D. Affonso III, déra a seu filho, o infante D. Affonso [1] os senhorios de Portalegre, Marvão, Arronches e outras terras.

Este infante era casado com D. Violante, filha do infante D. Manuel (filho de D. Fernando, o *Santo*, de Castella e de D. Constança, filha de D. Jayme, rei d'Aragão.)

D'este casamento houve D. Affonso, que foi senhor de Leiria, e falleceu sem descendencia—e tres filhas—*D. Isabel*, casada com o infante D. João, *o Torto*, senhor de Biscaia, filho do infante D. João, que se intitulou rei de Leão, e morreu na Veiga de Granada, e D. Maria, sua mulher, filha do conde D. Lopo, senhor de Biscaia—*D. Constancia*, casada com D. Nuno Gonçalves de Lára, *o Bom*—e *D. Maria*, casada com D. Tello, neto do infante D. Affonso de Molina.

Pretendia o infante D. Affonso (o irmão do rei D. Diniz) dar a suas tres filhas, os senhorios de Portalegre, Marvão e Arronches; mas o rei não o consentiu, porque os maridos d'aquellas infanntas eram senhores poderosos estrangeiros, e aquelles dominios, não tornando a Portugal, diminuiam em muito as rendas do estado.

Junte-se a isto, que D. Affonso se inculcava por legitimo rei de Portugal, fundando-se em que D. Diniz era filho adulterino, por ter nascido em vida da condessa de Bolonha, primeira mulher de seu pae; o que se não dava com D. Affonso, que nascera depois da morte d'aquella infeliz princeza.

Foram estes os motivos da guerra civil, entre os dois irmãos, a qual terminou por intervenção da rainha Santa Isabel, como em outro logar fica dito.

O infante entregou as villas de Portalegre, Marvão e Arronches, com seus castellos e dependencias, a Ayres Cabral, *que os teve em fidelidade*, até que, em 1300, deu o rei a seu irmão, as villas de Cintra e Ourem, com outros *logares chãos* (não fortificados) na comarca de Lisboa.

Ayres Cabral, foi portanto, o primeiro alcaide-mór de Portalegre. [1]

[1] Nascido a 8 de fevereiro de 1263, e fallecido a 2 de novembro de 1312.

Foi sepultado no mosteiro de S. Domingos de Lisboa.

[1] Por alvará de 6 de novembro de 1769, foi extincto o officio d'alcaide-mór; e já o haviam sido os *alcaides das saccas*, de Vallença, e todos os mais alcaides-móres e pequenos, postos nos extremos do reino, com seus guardas e homens que os acompanhavam, por alvará de 3 de agosto de 1767. (*Reportorio geral; ou indece alphabetico, das*

Ayres Cabral (ascendente de Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brasil) foi senhor de Belmonte e alcaide-mór de Azurára. (Vide *Belmonte*, vol. 1.º, pag. 374, col. 2.ª)

Era filho de Pedro Annes Cabral (vassallo de D. Affonso III, e seu reposteiro-mór) e neto de Gil Alvares Cabral.

Casou com Catharina Annes do Loureiro, irman de João Annes do Loureiro, fundador da egreja de Silgueiros, junto a Vizeu.

Foi seu filho (entre outros) Alvaro Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda.

Não se sabe quem succedeu a Ayres Cabral, nem se acha memoria dos alcaides-móres de Portalegre, nos reinados de D. Affonso IV, nem de seu filho, D. Pedro I.

Frei Manuel dos Santos, diz que o rei D. Fernando I, deu, em Coimbra, a 24 de setembro da era de 1407 (13 de setembro de 1369 de Jesus Christo) o castello de Portalegre, a Vasco Martins (ou Vasco Rodrigues Leitão.)

A esta mercê, juntou o rei a doação dos direitos de Portalegre e Assumar, e a colheita e renda dos tabelliães, para as ter em tença, por carta, datada de Leiria, de 8 de novembro da era de 1410 (29 de outubro de 1372 de Jesus Christo.)

Por outra carta, dada em Santarem, a 13 d'abril da era de 1411 (2 d'abril de 1373 de Jesus Christo) lhe deu o mesmo rei, os reguengos de Perar e Cabeça Gorda, no termo de Monforte (do Alemtejo.)

Por outra carta escripta em Portalegre, e datada de 30 de maio da era de 1418 (19 de maio de 1380 de Jesus Christo) lhe fez, o mesmo rei, mercê de coutar a herdade da Silveira, no termo de Assumar.

D. João I, sendo ainda *defensor* do reino, lhe deu o senhorio de Albufeira (Algarve) por carta dada em Lisboa a 18 de agosto de 1422 (7 de agosto de 1384 de Jesus Christo) e no anno seguinte, a 3 de setembro (23 de agosto de Jesus Christo) lhe fez mercê de todos os *fructos novos* e direitos, com outras cousas, da alcaidária-mór de Caséve no termo de Santarem.

leis extravagantes de Portugal, etc., pelo desembargador, Manuel Fernandes Thomaz, tomo 1.º, pag. 35 e 36.)

Memoravel em nossos fastos é o brioso e rasgado patriotismo com que este Vasco Rodrigues Leitão, fallou a D. João I, de Castella, e a sua mulher, D. Beatriz (filha de D. Leonor Telles de Menezes) quando lhes foi apresentado, como prisioneiro, depois de uma batalha, entre a esquadra portugueza e castelhana.

O rei lhe perguntou, se na esquadra vinha Nuno Alvares Pereira, ao que o portuguez respondeu negativamente.

Então, chegou D. Beatriz, que conhecia Vasco Rodrigues Leitão, por ter sido creado de D. Fernando I de Portugal— e lhe disse:

Santa Maria! sois vós, Vasco Rodrigues?

Sim, senhora, lhe respondeu elle, e lhe foi beijar a mão.

Então o rei lhe disse:

Esse é bom beijar de mão. Vem com a lança em punho contra a rainha sua senhora, e beija-lhe a mão com escarneo! Havias mister que vos cortassem os beiços, e a lingua, pois sois contra a rainha cujo é o reino de direito.

Vasco Rodrigues, respondeu:

Não vol-o dizem a vós assim; mas que, entrando vós no reino antes do tempo que o contracto era pôsto, britastes as cousas contheudas, e perdestes o direito que n'elle havias—e nós fizemos o que devemos, em defender nossa terra, a quem d'esta guiza nol-a quer tomar.

E era assim.

A inhabilidade e o ardente

desejo do rei castelhano por deitar as garras a Portugal, fez precipitar os acontecimentos, e abriu os olhos a muitos portuguezes illudidos, sendo um d'elles, o proprio Vasco Rodrigues Leitão, que, sendo alcaide-mór de Santarem, havia feito todas as diligencias para que fosse acclamada rainha de Portugal a mulher do rei castelhano.

—

A Vasco Rodrigues Leitão, succedeu na alcaidaria-mór de Portalegre, *Vasco Pires de Camões*, nomeado por D. Fernando I, em 7 de junho de 1418 (28 de maio de 1380 de Jesus Christo.)

Vasco Pires de Camões, 3.º avô, por varonia, do grande Luiz de Camões, era um fidalgo gallêgo, que, com João Fernandes Andeiro e outros de Castella, se passou a este reino, no tempo do rei D. Fernando, com tenção de vingar a morte de D. Pedro, *o cruel*—a quem seguira—contra seu irmão e assassino, D. Henrique, o *bastardo* (depois 2.º do nome.)

D. Fernando I, que se julgava com direito ao throno de Castella, como bisneto de D. Sancho, *o bravo*, e néto da rainha D. Beatriz, filha d'este—por não haver ficado filho algum legitimo de D. Pedro, *o cruel*, para ter estes transfugas do seu partído, e para que elles chamassem outros, da mesma parcialidade, lhes deu ricas propriedades, boas rendas e muito dinheiro.

A Vasco Pires de Camões (muito acceito a D. Leonor Telles de Menezes, que o fez aio de D. Affonso, conde de Barcellos, seu sobrinho) deu o rei o senhorio do castello d'Alcanéde e das villas do Sardoal, Punhete (hoje Constancia) Marão e Amendoa; e depois, da *quinta do Judeu*, no termo de Santarem, e dos bens de Vasco Pires de Chão do Couce, que lhe haviam sido confiscados, por tomar o partido de D. Henrique II, de Castella.

Deu-lhe tambem depois, *a quinta de Gestaçô*, com outros casaes e herdades, em Evora Monte, Aviz e Estremoz, e que tinham sido da infanta D. Beatriz, então rainha de Castella.

Mais lhe deu umas terras, na villa de Monte Mór Novo, que tambem tinham sido de D. Beatriz.

Finalmente, coberto de honras e riquezas, pelos reis de Portugal, os atraiçoou mais de uma vez, e deu provas de um fidalgo sem brio, revoltando-se contra o seu bemfeitor (D. João I, de Portugal) quando era alcaide-mór de Alemquer, e faltando aos seus juramentos.

Para evitarmos uma extensa repetição, vide, no artigo *Alemquer*, vol. 1.º, pag. 99, col. 1.ª, no fim e seguintes.

Segundo uns, Vasco Pires de Camões, morreu na gloriosa batalha d'Aljubarrota, combatendo pelos Castelhanos—segundo outros, ficou prisioneiro.

O que é certo é que D. João I de Portugal, em castigo das suas traições e prejurios, lhe tirou tudo quanto D. Fernando I e D. Leonor Telles de Menezes lhe tinham dado, perdendo por isso todos os vassallos e fortalezas que tinha n'este reino, deixando-lhe sómente a clemencia do rei portuguez, as terras e herdades de Estremoz e Avis, e outros bens particulares que tinha em Alemquer e Lisboa, [1] do que seus descendentes instituiram depois, ricos morgados, principalmente, na cidade d'Evora e na villa d'Aviz, onde ás suas herdades se deu o titulo de *camoeiras* (de Camões.)

D. João I (sendo ainda mestre d'Aviz, e defensor e regedor do reino) deu, em Lisboa, a 15 de março de 1384, a Gil Affonso, seu creado, varios bens, que haviam sido de Vasco Pires de Camões.

E na mesma cidade, a 20 de maio do mesmo anno, deu a Alvaro Fernandes Rego, morador em Alemquer, umas casas em Lisboa, confiscadas ao mesmo Vasco Pires de Camões.

Este, tinha casado com uma filha de Gonçalo Tenreiro, ao qual D. Fernando I havia

[1] Dizem outros, que D. João I só *restituiu* isto aos filhos de Vasco Pires de Camões.

feito capitão-mór das armadas de Portugal, e o mestre d'Aviz lhe deu a capitania de Lisboa, o que tambem tudo perdeu, por seguir as partes de Castella, onde foi feito mestre da ordem de Christo (que era o mesmo que se fosse feito cousa nenhuma.)

Não se sabe se Vasco Pires de Camões tinha brazão d'armas, antes de vir para este reino; o que se sabe é ter cá adoptado por armas—em campo verde uma serpe d'ouro, entre dois penhascos.

Este Vasco Pires de Camões, é progenitor do actual sr. conde de Peniche e marquez d'Angeja, e de outros nobres fidalgos portuguezes.

—

A Vasco Pires de Camões, succedeu na alcaidaria-mór de Portalegre, *D. João Affonso Tello*, irmão de Martim Affonso Tello, pae da tristemente celebre, D. Leonor Telles de Menezes.

D. João Affonso Tello, foi grande valido de D. Pedro I, que o fez conde de Barcellos, com tão desusadas honras, como jámais se haviam feito a outro qualquer fidalgo d'este reino.

Foi tambem seu alferes-mór e mórdomo-mór.

Por fallecimento de D. Pedro I, foi grande privado de D. Fernando I, que o fez conde de Ourem, e lhe deu a jurisdicção civel e crime na sua honra de Bretiande, como já a tinha na de Canavezes.

—

A D João Affonso Tello, succedeu *D. Pedro Alvares Pereira* (filho de Alvaro Gonçalves Pereira), prior do Crato, e irmão do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira.

Este, estava então na comarca d'Entre Douro e Minho, onde recebeu ordem, de D. Fernando I, para vir juntar-se a seu irmão, em Portalegre, immediatamente, e onde logo chegou, com 25 homens d'armas e 30 homens de pé; partindo logo o prior do Crato com a sua hoste, contra o mestre de Santiago (castelhano), que de Badajoz—d'onde era fronteiro—sahira a saquear Veiros, Souzel e Cano, recolhendo-se com ricos despojos áquella praça, sem que alguem se oppozesse á sua marcha devastadora.

D. Pedro não passou d'Elvas, regressando d'alli a Portalegre, por saber que o infante D. João (filho de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I), que andava ao serviço de Castella, vinha em soccorro do mestre de S. Thiago, com muitos homens de cavallo e de pé.

Por esta mesma occasião, soube o rei D. Fernando (estando em Santarem), que em Castella se estava armando uma grande frota, para vir sobre Lisboa; pelo que, nomeou para defensor d'esta cidade, Gonçalo Mendes de Vasconcellos.

Com effeito, a 7 de março de 1372, chegou a Lisboa uma esquadra inimiga, composta de 80 velas e com muitos homens de guerra. Gonçalo Mendes de Vasconcellos não ousou impedir o desembarque, e o rei não se mexeu de Santarem, nem deu a menor providencia.[1]

Os castelhanos, não achando a minima opposição, saltaram em terra, e saquearam e incendiaram a cidade e seus arredores.

O rei, demittiu, por cobarde, a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, sendo substituido por D. Pedro Alvares Pereira, alcaide-mór de Portalegre e prior do Crato.

Fallecendo o imbecil D. Fernando (22 de outubro de 1383), D. Leonor Telles de Menezes, fez ao prior do Crato alcaide-mór de Portalegre; porém o povo o não quiz reconhecer como tal (por ser partidario decidido dos castelhanos), e pondo-lhe cêrco ao castello, lh'o tomou, depois de seis horas de combate.

Todos sabem que D. Pedro Alvares Pereira, contra todos os conselhos e diligencias de seu fidelissimo irmão, se bandeou com os inimigos da sua patria, vindo a morrer na batalha d'Aljubarrota, ao lado do rei castelhano, no dia 14 de agosto de 1385. (Vide 6.º vol., pag. 319, col. 2.ª)

—

Terminando a guerra com Castella, pelo tratado de paz, assignado na villa de Aython, a 31 de outubro (outros dizem 29 de novem-

[1] Só d'ahi a dez annos, é que D. Fernando se lembrou de fortificar Lisboa.

bro) de 1411, pelo qual o mestre de Aviz, já D. João I, é reconhecido rei legitimo de Portugal, proveu o monarcha, no emprego de alcalde-mór de Portalegre, a *Gonçalo Esteves de Tavares*, filho de Pedro Esteves de Tavares, descendente de D. Pedro Viegas de Tavares, que era senhor da Guarda, no reinado de D. Sancho I.

Este Gonçalo Esteves de Tavares, era casado com Leonor Rodrigues de Vasconcellos, e foram os instituidores do *morgado da Bouça*, em Terra de Tavares, e fundadores da egreja da *Corga*. (Vide *Córgas*, *Pico de Regalados*, e *Pindo*.

—

Succedeu-lhe, na alcaidaria-mór de Portalegre, seu filho, *Martim Gonçalves de Tavares*, que casou com D. Catharina da Nóbrega (senhora gallêga). Era tambem alcaide-mór d'Alegrete e Assumar.

A este succedeu seu filho, *Gonçalo Esteves de Tavares*, que tambem teve as outras alcaidarias de seu pae. Foi casado com D. Anna Diniz Malafaia.

Succedeu-lhe seu filho, *Pedro Tavares*, que á alcaidaria-mór de Portalegre reuniu as de Alegrete e Assumar.

Era casado com D. Isabel de Souza, filha de Gonçalo Rodrigues de Souza, do conselho de D. Affonso V, seu capitão de ginetes, e commendador de Niza, Alpalhão e Montalvão, na ordem de Christo.

Este Pedro Tavares, foi um dos principaes cabos de guerra que capitaneára a frota que foi á malograda empreza de Tanger, com os infantes D. Henrique e D Fernando, irmãos do rei D. Duarte, como já fica dito.

D. João II, tirou a Pedro Tavares as suas tres alcaidarias-móres, dando-lhe em troca (forçada) o logar de Mira e a dizima do pescado, das villas d'Aveiro e Esgueira.

Gonçalo Tavares, 2.º senhor de Mira (filho de Pedro Tavares), foi pae de Francisco de Souza Tavares, capitão-mór do mar da India e das fortalezas de Dio e Cananor.

Foi por este motivo que os Tavares se estabeleceram em Aveiro, pelos annos de 1500.

Francisco de Souza Tavares não teve filhos varões, foi sua filha e herdeira, D. Magdalena de Vilhena, casada em primeiras nupcias, com D. João de Portugal, que se julgou morto, na infeliz batalha d'Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578, pelo que D. Magdalena passou a segundas nupcias (em 1585 ou 1586) com Manuel de Souza Coutinho. [1]

O nosso Garrett immortalisou esta senhora, no seu esplendido drama—*Frei Luiz de Souza*.

> Todos sabem que, pelos annos de 1613, havendo noticia de que D. João de Portugal não morreu, mas ficou captivo na Africa, se separaram D. Magdalena e Manuel de Souza Coutinho. Ella foi morrer freira, no convento do Sacramento, de Lisboa; e elle professou no convento dominicano de Bemfica, a 8 de setembro de 1614, tomando o nome, hoje immortal, de *frei Luiz de Souza*, e n'este mosteiro falleceu, em maio de 1632. (Vide *Almada*, vol. 1.º, pag. 141, col. 1.ª, no fim — *Bemfica*, no mesmo vol., pag. 377, col. 2.ª—e *Santarem*.

Tirada a alcaidaria-mór de Portalegre, á familia Tavares, o rei (D. João II) a deu a *Sebastião Rodrigues da Gran*, dando-lhe tambem as de Alter-do-Chão e de Assumar.

Era este Sebastião, pae de Ruy Gomes da Gran, capitão de uma das naus, que, em 1526, D. João III mandou para a India.

> D. João V, tinha promettido o senhorio de Portalegre a D. Alvaro de Portugal (irmão do duque de Bragança), mas o principe—depois D. João II—se oppôz—por odio que já tinha á casa de Bragança—e disse a seu pae, que não convinha se désse uma praça da raia a um homem em quem não tinha confiança.
>
> D. Affonso V, deu então este senhorio a D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, com-

[1] Que nasceu em Santarem, em 1555.

mendador-mór de S. Thiago, alcaide-mór de Estremoz e Elvas, senhor de Vimieiro, Mortágua, Aveiro e outras terras, e capitão de Ceuta.[1]

O povo de Portalegre, fundado nos privilegios que lhe havia concedido o rei D. Diniz, em 1299 (de nunca esta povoação sahir da corôa), se oppoz energicamente a esta doação. O rei, depois de ameaças e castigos, teve de transigir com a justa pretenção do povo, ratificando-lhe os seus antigos privilegios, por carta, datada de Veiros, a 20 de março de 1460; declarando na mesma carta, que Portalegre já mais poderia ser dado — *nem a infante, nem a rico-homem, nem a rica-dona, mas ser d'el-rei e de seu filho primeiro, e herdeiro.*

—

Apezar dos privilegios dados a Portalegre pelo rei D. Diniz, e da confirmação d'elles por D. Affonso V; D. Manuel, em 1498, deu o senhorio d'esta (então) villa, a D. Diogo da Silva de Menezes; mas não teve effeito a doação, porque o povo se oppoz tenazmente, exhibindo os seus privilegios.

O rei indignou-se, mandando proceder contra os requerentes, castigando-os rigorosamente, com penas, degredos e emprasamentos.

Nada d'isto alterou o povo, que continuou na sua recusa, e o rei, para evitar sérias desordens, revogou por fim a doação, dando a D. Diogo o titulo de conde de Portalegre, um conto de réis em dinheiro, e a alcaidaria-mór do castello, *de juro e herdade*, na sua descendencia masculina, por alvará de 6 de fevereiro de 1498.

O senhorio de Portalegre continuou a ser da corôa.

D. Diogo da Silva de Menezes, 1.º conde e 1.º alcaide-mór, da casa dos Silvas, que teve Portalegre, era senhor de Gouveia, Celorico, S. Romão de Cêa, e outras terras da Beira-Baixa. Era mórdomo-mór do rei D. Manuel, seu escrivão da puridade, do seu conselho, e védor da real fazenda.

Era 4.º filho de Ayres Gomes da Silva, alcaide-mór de Campo-Maior e Ouguella, e de D. Isabel de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna e 1.º capitão de Ceuta. Era irmão do beato Amadeu, que na Italia fundou a ordem dos *amadeus*, e de D. Beatriz da Silva de Menezes, que instituiu em Castella a ordem da Conceição.

Tinha nascido (D. Diogo) em Ceuta, na Africa, e foi casado com D. Maria de Ayala, filha e herdeira de D. Diogo Garcia de Herrera, senhor das ilhas de Lancerote, Forte-Ventura e Goméra, nas Canárias (do que se intitulou rei), e de D. Maria Pedraça, sua mulher, que era a senhora d'estas ilhas.

Foi seu filho, D. Miguel da Silva de Menezes, bispo de Viseu, escrivão da puridade, de D. João III, e cardeal presbytero da Santa Egreja Romana.

Foi D. Diogo um dos mais distinctos e respeitaveis fidalgos da côrte, nos reinados de D. Affonso V, D. João II, e D. Manuel.

Achou-se, em 1464, no cêrco de Tanger, com o infante D. Fernando,[1] e sendo dos primeiros que escalaram as muralhas da praça, alli, com outros fidalgos, foi feito prisioneiro.

N'esta expedição, que foi a segunda contra as praças da Africa, perdeu D. Affonso V (irmão do infante D. Fernando) a flor do exercito portuguez.

[1] D. Sancho de Noronha, era filho de D. Affonso, conde de Gijon, e de D. Isabel, filha do rei D. Fernando, e irmão de D. Constança, duqueza de Bragança, mulher de D. Affonso, filho de D. João I. (Vide *Barcellos.*)

D. Sancho já era fronteiro-mór da comarca d'Entre o Tejo e Guadiana.

[1] Não se confunda com o infante D. Fernando, filho de D. João I, e irmão do rei D. Duarte. Este ficou em refens pela praça de Ceuta, em 1434, e morreu no captiveiro. O de que se falla no texto, era seu sobrinho, 5.º filho do rei D. Duarte, e foi duque de Viseu, 12.º grão-mestre da ordem de S. Thiago, e pae do rei D. Manuel. (Vol. 1.º, pag. 77, col. 2.ª)

D. Diogo, e a maior parte dos fidalgos e peões, foram remidos, e regressaram a Portugal.

Quando, em 1477, o mestre de S. Thiago, de Castella, entrou em Portugal, e se postou, com 2:000 lanças, na ribeira de Degébe, D. Diogo, por ordem de D. João II, ainda regente (que estava em Evora) fez retirar os castelhanos.

Em 1489, D. Diogo, por ordem de D. João II, confirmou, com Ruy de Souza e D. Affonso de Monroy, o tratado de paz, celebrado entre Ayres da Silva e o rei de Féz (Africa), pelo qual se permittiu aos portuguezes, cercados na Graciosa, sahirem com armas, artilheria e cavallos.

D. João II, deu a seu cunhado, D Manuel, duque de Beja, e seu successor, por aio, a D. Diogo—*por ser varão de nobre sangue e de muito bom aviso e saber, e de bom conselho:* e n'esta qualidade, acompanhou sempre a D. Manuel, emquanto duque e depois de rei.

Em todos os actos graves da côrte, sempre o 1.º conde de Portalegre teve um dos mais honrosos e distinctos logares.

Falleceu a 20 de fevereiro de 1504.

—

Foi 2.º conde e 2.º alcaide-mór (dos Silvas) de Portalegre, seu filho e herdeiro, D. João da Silva de Menezes, natural d'Evora, mórdomo-mór de D. João III. Casou, em janeiro de 1507, com D Maria de Menezes, filha de D. Alvaro de Portugal, 4.º filho de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, e de D. Philippa de Mello.

Foi seu filho:

D. Alvaro da Silva, 3.º conde e 3.º alcaide-mór de Portalegre (da casa dos Silvas), do conselho de estado, mórdomo-mór do rei D. Sebastião e do cardeal-rei. Casou com D. Philippa de Vilhena, sua prima germana, filha de D. Rodrigo de Mello, conde de Tentugal, e 1.º marquez de Ferreira.[1] Casou, em segundas nupcias, com D. Maria da Cunha, filha do famoso Nuno da Cunha, senhor de Gestaço e Panoias, e governador da India. D'esta não houve filhos. Da primeira mulher, teve:

D. João da Silva, seu unico filho, não chegou a herdar a casa dos Silvas, por fallecer em Coimbra, em fevereiro de 1573, sobrevivendo-lhe seu pae, que falleceu no 1.º de janeiro de 1580.

D. João foi casado com D. Luiza de Albuquerque, filha unica e herdeira de Antonio de Brito, governador das Molucas, da qual não teve filhos.

Casou, em segundas nupcias, com D. Maria da Silva, filha de D. Garcia de Almeida, commendador do Sebal, da ordem de Christo, e 1.º reitor da universidade de Coimbra. D. Maria da Silva, era dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III.

Foi sua filha, e herdeira, *D. Philippa da Silva*, que casou com *D. João da Silva*, o qual, por este casamento, ficou sendo 4.º conde e 4.º alcaide-mór (dos Silvas) de Portalegre.

Este D. João da Silva, era filho de D. Manrique da Silva, commendador da Guadalerça (Hespanha) na ordem de Calatráva, que foi mestre sala da imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V, e filha do nosso rei D. Manuel e de sua segunda mulher e cunhada, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos.

Foi mãe de D. João da Silva, D. Beatriz da Silveira, dama da imperatriz D. Isabel.

D. João da Silva, nasceu em Toledo, em 1528, e foi commendador de *Obrera* (Hespanha) da ordem de Calatráva, conde de Salinas, em Castella, e, como já disse, 4.º conde e 4.º alcaide-mór (dos Silvas) de Portalegre.

Foi embaixador do rei D. Philippe II, de Castella, a D. Sebastião de Portugal, ao qual seguiu na malograda expedição á Africa, ficando prisioneiro, na batalha d'Alcacer-Kibir.

Foi resgatado e regressou de Marrocos, representando n'essa infausta época para Portugal, um importante papel, como sectario decidido do usurpador Philippe II, que o fez marquez d'Alemquer e um dos governadores do reino, exercendo este cargo, desde 1593 até 1600. Serviu de mórdomo-mór do usurpador, na sua acclamação, em Thomar, a 19 de abril de 1581.

[1] O marquezado de Ferreira e o condado de Tentugal, estão hoje unidos ao ducado do Cadaval. Vide *Cadaval*.

Falleceu em Toledo, sua patria, em 1601. É geralmente tido como verdadeiro auctor da historia — *Dell'Unione del regno de Portugallo alla corona de Castiglia*, publicada sob o nome de Conestaggio.

—

Succedeu-lhe — D. Diogo da Silva de Menezes, duque de Francavilla, marquez de Alemquer, conde de Salinas e Ribadeu, 5.º conde e 5.º alcaide-mór de Portalegre (dos Silvas) mórdomo-mór de D. Philippe III, que o nomeou tambem um dos governadores d'este reino, com o titulo de *presidente do conselho da corôa de Portugal.*

Esteve D. Diogo desposado com D. Ignez da Silva, filha e herdeira do conde de Cifuentes, que falleceu antes de se effectuar o matrimonio.

D. Diogo não quiz casar com outra, e renunciou a sua grande casa, em seu irmão.

D. Manrique da Silva, que foi 11.º marquez de Gouveia, feito por D. Philippe IV, em 20 de janeiro, de 1625.

Foi 6.º conde e 6.º alcaide-mór de Portalegre, da casa dos Silvas.

Foi commendador d'Almada (da ordem de S. Thiago) presidente da mesa do desembargo do paço, gentil-homem da camara, do mesmo D. Philippe IV, e seu mordomo-mór.

Annuindo á revolução do 1.º de dezembro de 1640, D. João IV lhe conservou todas as honras e empregos que tivera durante a usurpação.

Morreu a 4 de dezembro de 1648.

Casou trez vezes: e de sua ultima mulher, D. Maria de Alencastre (filha de D. Alvaro de Alencastre, bisneto do nosso D. João II, e de sua sobrinha, D. Joanna de Alencastre, duques de Aveiro) teve seu filho e herdeiro:

D. João da Silva, 2.º marquez de Gouveia, *de juro e herdade, com tratamento de sobrinho*, por mercê de D. João IV, de 20 de maio de 1655—7.º conde e 7.º alcaide-mór de Portalegre (d'esta casa) senhor das villas de Celorico, S. Romão de Cêa, Moimenta, Valezim, Villa Nova, Nespereira da Serra, Nabainhos, Rio-Torto, Villa Cova de Coelheira, do reguengo de Torres Vedras, commendador de Santa Maria d'Almada (da ordem de S. Thiago) e das ilhas de S. Nicolau e S. Vicente, em Cabo Verde.

Testemunha dos desatinos d'el rei D. Affonso VI, escandalisado das insolencias dos seus validos, e sem consideração na côrte, se retirou para a sua villa de Gouveia, d'onde só regressou a Lisboa, depois da deposição d'aquelle monarcha.

D. Pedro II (ainda regente) o nomeou ministro plenipotenciario (por carta régia, de 4 de fevereiro de 1668) tendo por collegas, o duque de Cadaval e o marquez de Niza, para estipularem os artigos do tratado de paz, que se effectuou com Castella, em 13 de fevereiro do mesmo anno.

Em 1673, o mesmo infante regente, o mandou como embaixador a Carlos II, de Hespanha, para se effectuar o tratado da demarcação das colonias americanas, nas duas margens do Rio da Prata.

Casou com D. Maria Pimentel Pereira, filha de D. Manuel Pimentel e de D. Joanna Forjaz Pereira, 7.ºs condes da Feira.

Morrendo D. Maria sem filhos, casou, em segundas nupcias, com D. Luiza Maria de Menezes, irman de D. Antonio de Noronha, 1.º conde de Villa-Verde.

Tambem d'este casamento não houve filhos.

Morreu a 16 de março de 1686.

Foi seu irmão, D. frei Alvaro de São Bôa Ventura, bispo de Coimbra e conde d'Arganil, que tinha fallecido a 20 de janeiro de 1683.

Foi este o ultimo descendente, por varonia, da nobilissima e opulentissima casa dos condes e alcaides-móres de Portalegre, da qual foi herdeiro D. João Mascarenhas, 7.º conde de Santa Cruz e 4.º marquez de Gouveia, depois de ter estado 188 annos na casa dos Silvas.

D. João Mascarenhas, fugindo para o estrangeiro (pelos mativos que digo adiante, no ultimo conde de Portalegre, que foi mordomo-mór) cedeu todos os seus titulos, e honras, e toda a sua casa, em seu irmão.

D. José Mascarenhas, 8.º conde de Santa

Cruz, 5.º marquez de Gouveia, ultimo duque d'Aveiro, e senhor de toda a casa dos Silvas, morreu no cadafalso, depois de se lhe ter sequestrado tudo quanto possuia.

Para se evitarem fastidiosas repetições, e terminarmos o que diz respeito a esta casa, que foi a maior de Portugal, vide vol. 1.º, pag. 270, col. 1.ª, e seguintes, e *Chão-Salgado.*

—

Dezanove annos esteve Portalegre sem alcaide-mór.

O doutor João de Roxas e Azevedo, fidalgo da casa real, do conselho de D. Pedro II, seu secretario da assignatura, e das casas de Bragança e do Infantado, chanceller-mór do reino, desembargador do paço, enviado extraordinario á corte de Roma, e primeiro ministro reconhecido na Curia, depois da gloriosa acclamação de D. João IV—pediu ao rei uma alcaidaria-mór, para seu filho, Pedro de Roxas e Azevedo, e o monarcha lhe deu a alcaidaria-mór de Portalegre, por alvará de 23 de dezembro de 1700.

Foi pois:

Pedro de Roxas e Azevedo, alcaide-mór de Portalegre, e 1.º depois da extincção da casa dos Silvas.

Casou (em 1688) com D. Joanna Michaela de Távora e Menezes, filha de Manuel de Souza e Menezes, e de D. Margarida Christina de Souza e Vasconcellos.

Falleceu a 15 de março de 1745, na edade de 95 annos, deixando por sua herdeira, D. Caetana Rita Vicencia de Roxas e Azevedo, sua unica filha, casada com Luiz Thomaz de Carvalho e Vasconcellos, 8.º senhor da Trófa, Jalles e Alfarella de Jalles. Foi seu filho e herdeiro:

Bernardo de Lemos de Carvalho e Vasconcellos, alcaide-mór de Portalegre, por mercê de D. José I, de 9 de julho de 1757. (Bernardo de Lemos, nascêra a 12 de junho de 1727.)

Foi tambem senhor da Trófa, Jalles e Alfarella de Jalles, cuja mercê lhe foi dada na mesma carta régia que o fez alcaide-mór de Portalegre. [1]

—

A Bernardo de Lemos de Carvalho e Vasconcellos, succedeu:

Diogo Ignacio de Pina Manique, alcaide-mór de Portalegre, por mercê de D. Maria I, de 10 de setembro de 1798.

Era do conselho do principe regente (depois, D. João VI) fidalgo cavalleiro da casa real, chanceller-mór do reino, desembargador do paço, intendente geral da policia da corte e reino, commendador da Orada (da ordem de Christo) senhor donatario da villa de Manique do Intendente, padroeiro da egreja matriz de S. Pedro, da mesma villa, e das collegiadas da dita egreja, e da do Espirito Santo, de Castello de Vide.

Foi um dos mais integerrimos, illustrados, energicos e honestos magistrados que enobreceram Portugal, no fim do seculo XVIII e principio do presente.

[1] Era este Bernardo de Lemos, 4.º neto do famoso Duarte de Lemos, 5.º senhor de Trófa, amigo e leal companheiro de D. Antonio, prior do Crato.

Este nobre fidalgo, hindo em certa occasião a passar, a cavallo, a ponte de Coimbra, em occasião que D. Philippe II vinha tambem da parte opposta, para não tirar o chapeu a este usurpador, se precipitou e mais o cavallo, da ponte, sobre o Mondego.

Não morreu afogado, mas foi preso e condemnado á morte pelo usurpador.

Soror Maria da Visitação, freira da Annunciada, de Lisboa, tanto supplicou ao archiduque Alberto, governador de Portugal pelo usurpador, que foi perdoado.

(Esta soror Maria da Visitação—*a freira santa da Annunciada*—é a de que fallo extensamente, no 4.º vol., pag. 304, col 2.ª)

Este acto de verdadeira coragem, e de nobre patriotismo é d'aquelles de que Camões diz:

Digno feito, de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.

A casa dos Lemos, da Trófa, está actualmente, na sua maior parte, em poder da sr.ª condéssa da Ribeira e de seus irmãos—todos filhos e herdeiros de Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, da casa de Côvo, junto a Oliveira d'Azemeis.

Nasceu em Lisboa, aos 3 de outubro de 1733.

Era filho de Pedro Damião de Pina Manique e de sua mulher, D. Helena Ignacia de Faria.

Formado em direito pela universidade de Coimbra, principiou a sua vida de magistrado, pelo logar de juiz do crime, do bairro do Castello, de Lisboa, por D. José I.

O marquez do Pombal, conhecendo a aptidão e honradez de Manique, o encarregou por muitas vezes de commissões de confiança, que executou com approvação do 1.º ministro.

Serviu successivamente os cargos de corregedor do bairro d'Alfama, de desembargador da relação do Porto, da casa da Supplicação, dos aggravos, do paço, e, por fim, de chanceller-mór do reino e intendente geral da policia. [1]

São notorios os serviços que Diogo Ignacio de Pina Manique fez a Portugal, em todos os ramos de administração publica que estiveram a seu cargo; pelo que teve (e bem merecida) a amplissima confiança de D. José I, D. Maria I, e D. João VI, dos quaes recebeu as provas mais solemnes de consideração e estima.

Os que desejarem ver extensamente narrados todos os serviços d'este esclarecido magistrado, consultem a *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*—por Simão José da Luz Soriano, tom. 1.º e 2.º.

Falleceu no 1.º de julho de 1805.—Succedendo-lhe na alcaidaria-mór, seu filho.

—

Pedro Antonio de Pina Manique Nogueira Mattos d'Andrade, alcaide-mór de Portalegre.

Foi 1.º barão e 1.º visconde de Manique do Intendente, 5.º senhor do morgado de S. Joaquim, da villa de Coina, do conselho de sua magestade, deputado da mesa da consciencia e ordens, do conselho ultramarino e commendador da ordem de Christo.

Nascêu a 20 de setembro de 1773, e falleceu a 5 de fevereiro de 1839.

Por portaria de 15 de janeiro de 1814, assignada pelo ministro e secretario de estado, J. A. Salter de Mendonça, se ordenou que, sem embargo de lapso de tempo, se fizesse obra por outra, na qual se concediam a Diogo de Salles de Pina Manique Nogueira Mattos de Andrade, filho do antecedente, todas as gracas e mercês concedidas a seu avô e a seu pae; mas não chegou a ser alcaide-mór de Portalegre, por já estar supprimido este titulo quando falleceu seu pae.

Diogo de Salles de Pina Manique, etc., nasceu a 3 d'abril de 1809.

Casou a 14 de outubro de 1832, com D. Maria José da Madre de Deus de Souza Maldonado—e falleceu em Lisboa, de uma apoplexia fulminante, a 22 de dezembro de 1864, deixando successão.

—

Foi pois, Pedro Antonio de Pina Manique Nogueira Mattos d'Andrade, o ultimo alcaide-mór de Portalegre.

—

Condes de Portalegre que tiveram o cargo de mórdomos-móres.

No reinado de D. Manuel, entrou o cargo de mordomo-mór na casa dos Silvas, condes de Portalegre, pela fórma seguinte:

D. Diogo da Silva, 1.º conde de Portalegre.

Exerceu este cargo, no reinado de D. Manuel e parte do de D. João III.

D. João da Silva, 2.º conde de Portalegre—no reinado de D. João III.

D. Alvaro da Silva, 3.º conde de Portalegre—no reinado de D. Sebastião.

D. João da Silva, 4.º conde de Portalegre—em parte do reinado de D. Sebastião, no do cardeal-rei, e no de D. Philippe II.

[1] Em 25 de junho de 1760, creou D. José I, o officio de intendente geral da policia da corte e reino; sendo o desembargador Ignacio Ferreira Souto, o primeiro que exerceu este importantissimo cargo, e Manique, o segundo.

D. Diogo da Silva, 5.º conde de Portalegre—no reinado de D. Philippe III.

D. Manrique da Silva, 6.º conde de Portalegre, e 1.º marquez de Gouveia—nos reinados de D. Philippe IV, e D. João IV.

D. João da Silva, 7.º conde de Portalegre e 2.º marquez de Gouveia—nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II.

—

Fallecendo D. João da Silva (o antecedente) sem filho varão, succedeu-lhe no officio de mórdomo-mór (no reinado de D. Pedro II) D. João Mascarenhas, 5.º conde de Santa Cruz e 3.º marquez de Gouveia; por ser filho de D. Julianna de Lencastre, filha e herdeira do 1.º marquez de Gouveia e irman do ultimo possuidor.

No reinado de D. João V, foi seu mórdomo-mór, até 1722, D. Martinho Mascarenhas, 6.º conde de Santa Cruz, filho do 5.º conde do mesmo titulo e 3.º marquez de Gouveia.

Durante a sua menoridade, exerceu o seu emprego, D. Pedro Luiz de Menezes, marquez de Marialva.

Seguiu-se-lhe *D. João Mascarenhas* (filho de D. Martinho) 7.º conde de Santa Cruz, e 4.º marquez de Gouveia, que principiou no exercicio do cargo, ainda em vida de seu pae; mas, fugindo para o estrangeiro, com uma senhora casada, da villa d'Almada, abandonou o officio, e por fim, cedeu todos os seus bens, titulos e direitos, em seu irmão mais novo.

D. José Mascarenhas, infeliz duque d'Aveiro, que, com os seus, morreu entre supplicios incomportaveis, no caes de Belem, em 1759, perdendo todos os seus titulos, honras e riquezas. Vide *Chão Salgado*.

—

Cathalogo dos bispos de Portalegre desde 1550 até ao presente

1.º—D. Julião d'Alva, natural de Madrigalejo, no reino de Castella, d'onde veiu a Portugal em serviço da rainha D. Catharina.

El-rei D. João III fel-o seu capellão-mór; e mais tarde, tendo obtido da Santa Sé a erecção d'este bispado, o propoz para bispo d'elle, por conhecer as suas muitas virtudes, zelo da salvação das almas, muita prudencia, e consummada sciencia.

Foi confirmado pelo mesmo Santissimo Padre, Paulo III, e tomou posse do bispado em 16 de junho de 1550.

Com auctoridade e commissão apostolica creou os beneficios e prebendas da sua Sé.

Havendo não só alli, como em todo o reino, grande falta de quem curasse as almas, escolheu alguns jovens pobres, mas de habilidade, e á sua custa os mandou estudar, para assim acudir e remediar os grandes damnos que soffriam os seus subditos por falta de ministros competentemente habilitados.

Havendo seis annos que governava este bispado, foi trasladado para o de Miranda do Douro, onde pouco residiu; vindo ultimamente a fallecer em Villa Franca; e por disposição sua, foram seus restos mortaes conduzidos para a sua primeira Sé, onde jaz, em sepultura raza, na capella-mór do lado do Evangelho.

2.º—D. André de Noronha, filho de D. João de Noronha, e neto do segundo marquez de Villa Real, nomeado por el-rei D. Sebastião, e confirmado pelo papa Paulo IV: tomou posse a 17 de julho de 1560

Celebrou Synodo Diocesano; e depois de ter governado este bispado, vinte e dois annos, foi transferido para o de Placencia, no reino de Castella, onde falleceu a 3 d'agosto de 1589, sendo o seu corpo trasladado para Portugal, e sepultado em uma campa raza, na capella-mór do convento de Santo Antonio, extramuros de Portalegre.

3.º—D. frei Amador Arraes, natural de Beja, carmelita calçado, e doutor na sagrada theologia, pela universidade de Coimbra.

Depois de ter sido coadjutor do cardeal infante D. Henrique, quando este era arcebispo d'Evora, e seu esmoller-mór, depois de rei, foi nomeado por Philippe I, em 30 d'outubro de 1581, e confirmado pelo papa Gregorio VIII, tomando posse em 9 de janeiro de 1582.

Governou a diocese cerca de 15 annos, durante os quaes grangeou grande nome e reputação, não só pelas muitas e avultadissimas esmollas que distribuia, como pelas grandes e mui dispendiosas obras que mandou executar, como o grande retabulo da capella-mór, torre do relogio, paço episcopal, etc., etc., e depois resignou o bispado em 1596, recolhendo-se ao collegio da sua ordem, em Coimbra, onde falleceu no dia 1 d'agosto de 1600. [1]

4.º—D. Diogo Corrêa, natural de Braga (sobrinho do veneravel arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, que tambem foi seu mestre) trasladado da diocese de Ceuta (Africa) a instancias de Philippe II, pelo papa Clemente VIII.

Tomou posse a 19 de julho de 1598; e governou o bispado cêrca de 16 annos, tornando-se notavel pela sua muita caridade para com os pobres, com os quaes repartia tudo, sem exceptuar os seus proprios vestidos; e falleceu aos 9 de outubro de 1614, tendo 80 annos de idade.

Jaz em sepultura raza na capella-mór da Sé.

5.º—D. Rodrigo da Cunha, filho de D. Pedro da Cunha, senhor de Tábua, nomeado por Philippe II, e confirmado pelo papa Paulo V; tomou posse do bispado no dia 24 de setembro de 1615, e governou a diocese até 1619, em que foi transferido para a do Porto.

6.º—D. frei Lopo de Sequeira Pereira, prior-mór d'Aviz, nomeado bispo d'esta diocese por Philippe II, e confirmado pelo Summo Pontifice Paulo V, em 22 d'abril de 1619.

Como, em virtude de ordens superiores, tivesse que se demorar álgum tempo em Lisboa, no definitorio da sua ordem, com procuração sua, tomou posse da cadeira e piscopal, o dr. Domingos Dias de Mollêdo, conego e provisor do bispado, aos 10 d'agosto de 1619; verificando depois a sua entrada solemne no bispado em 31 de janeiro de 1620.

Governou esta diocese onze annos, sendo ao cabo d'elles transferido para o bispado Guarda.

7.º—D. João Mendes de Távora, filho de D. Luiz Alvares de Tavora, 1.º conde de S. João; nomeado por Philippe III, e confirmado pelo papa Urbano VIII, no anno de 1632. [1]

8.º—D. Bernardo d'Athaide, filho de D. Antonio d'Athaide, 1.º conde de Castro d'Aire, nomeado por Philippe III, confirmado pelo santo padre Urbano VIII; e depois trasladado para o bispado d'Astorga, em Castella. [2]

9.º—D. Ricardo Russel, inglez, nomeado por el-rei D. Pedro II, sendo confirmado pelo papa Clemente X, tomou posse da diocese em 17 de setembro de 1671.

10.º—D. João Mascarenhas, filho de D. Vasco de Mascarenhas, 1.º conde d'Óbidos, nomeado por el-rei D. Pedro II, e confirmado pelo papa Innocencio XI.

11.º—D. Antonio de Saldanha, filho de D. João de Saldanha, nomeado por el-rei D. Pedro II, sendo confirmado pelo papa Innocencio XII, tomou posse da cadeira episcopal no dia 24 de janeiro de 1694.

12.º—D. frei Domingos Barata, natural do logar da Arada, na serra da Estrella, religioso da ordem da Santissima Trindade, e lente na universidade de Coimbra; foi nomeado por el-rei D. João V, em 22 de fevereiro de 1707, e confirmado pelo santo padre Clemente XI.

13.º—D. Alvaro Pires de Castro, filho de

[1] Para succeder a este venerando prelado foi nomeado o deão da capella real, Lopo Soares d'Albergaria, que falleceu ainda antes de ser confirmado; e por morte d'este foi proposto D. frei Manuel de Gouvêa, bispo que então era de Angola, o qual tambem falleceu antes de verificada a sua trasladação d'aquella para esta diocese.

[1] Foi depois feito bispo de Coimbra, onde falleceu.

[2] Para succeder a este prelado foi nomeado, por el-rei D. João IV, D. Nicolau Monteiro, natural da cidade do Porto, o qual, mesmo na qualidade de bispo eleito, fez a esta diocese mui valiosos serviços, não chegando comtudo a ser confirmado n'ella, pelas duvidas que então havia na corte de Roma em confirmar bispos para Portugal. Mais tarde foi bispo do Porto.

D. Luiz Alvares de Noronha e Castro Athaide e Sousa, marquez de Cascaes, foi nomeado por el-rei D. João V, confirmado pelo santo padre Clemente XI, e tomou posse em 5 d'agosto de 1711.

14.º—D. Manuel Lopes Simões, natural de Cascaes, nomeado por el-rei D. João V, confirmado pelo papa Bento XIV, e tomou posse a 4 de março de 1741.

15.º—D. frei João d'Azevedo, freire da ordem d'Aviz, natural da cidade de Braga, lente na universidade de Coimbra, foi nomeado por el-rei D. João V, confirmado pelo papa Bento XIV, e tomou posse a 20 de outubro de 1748.

16.º—D. Jeronymo Rogado do Carvalha e Silva, natural da cidade da Guarda, o qual tendo sido nomeado por el-rei D. José I em 1766, só pôde obter a confirmação em 1770, em consequencia da ruptura que então havia, com a Santa Sé de Roma.

Tomou posse da diocese em 14 de outubro do dito anno de 1770; e tres annos depois foi trasladado para o bispado da Guarda, sua patria.

17.º—D. Pedro de Mello e Brito da Silveira Alvim, natural de Sinde, no bispado de Coimbra, o qual sendo nomeado por el-rei D. José I em 12 de julho de 1773, foi logo confirmado pelo santo padre Clemente XIV, e sagrado em 3 de outubro do mesmo anno.

18.º—D. frei Manuel Tavares Coutinho e Silva, natural da villa do Couto de Esteves, na diocese de Viseu, freire da ordem de S. Thiago, e lente na universidade de Coimbra, nomeado pela rainha a senhora D. Maria I em 1 de maio de 1788, confirmado pelo santissimo padre Pio VI, em 20 de julho d'esse mesmo anno, e sagrado em 13 de setembro seguinte, tomando logo posse do bispado em 27 do mesmo mez e anno.

19.º—D. José Valerio da Cruz, natural da Covilhan, na diocese da Guarda, congregado de S. Philippe Nery, na real casa das Necessidades, nomeado em 13 de junho de 1798, pelo principe regente D. João, confirmado pelo santissimo padre Pio VI, em 13 de novembro do mesmo anno, e sagrado em 24 de fevereiro do anno seguinte, tendo cinco dias antes da sua sagração tomado posse do bispado, por procuração, que deu ao Chantre da mesma Sé, João Gonçalves Branco.

20.º—D. José Francisco da Soledade Bravo, natural de Serpa, nomeado pelo sr. D. Miguel I em 29 de setembro de 1831, confirmado pelo santo padre Gregorio XVI em maio de 1832, sagrado em 10 de junho, e apossado em 21 do mesmo mez e anno.

Tendo este prelado fallecido em 10 de novembro de 1833, ficou a Sé vaga até ao presente, tendo o bispado, desde então, sido governado primeiramente por vigarios capitulares, nomeados pelo respectivo cabido, e depois, até hoje, por vigarios geraes, com toda a jurisdição ordinaria.

Como vigarios capitulares governaram a diocese:

O conego Diogo Francisco Fratel, natural de Portalegre, desde 12 de novembro de 1833 até 23 de maio de 1834.

O presbytero Joaquim Placido Galvão Palma, natural de Monsaraz, desde 31 de maio de 1834 até 25 de junho de 1836.

O presbytero João Lopo de Barros, natural de Sabrosa, até 11 de outubro de 1844.

Os vigarios geraes que tem governado a diocese com toda a jurisdição ordinaria, são os seguintes:

O presbytero José Joaquim dos Santos Pinheiro, natural de Castello de Vide, desde outubro de 1844 até maio de 1846.

O presbytero José de S. Boaventura Piteira, natural de Villa Viçosa, e egresso da ordem dos agostinhos descalços, desde maio de 1846 até fevereiro de 1855.

O presbytero Antonio de Santa Gertrudes Piteira, natural da mesma villa, e egresso da mesma ordem, desde fevereiro de 1855 até maio de 1856.

O conego Manuel Teixeira d'Aguiar, natural da Covilhan, desde 7 de junho de 1856, até ao presente.

—

Ao sr. dr. Joaquim d'Araujo Juzarte, natural de Portalegre, e actual administrador do concelho de Belem, deve a cidade de Portalegre relevantes serviços, dignos de serem registados n'este livro.

Aquelle cavalheiro e os srs. José Maria

Galvão Cid, e padres José Joaquim Richoso, e Antonio Chambell da Rosa, por iniciativa do sr. Juzarte, montaram á sua custa, uma typographia, e no sabbado, 15 de abril de 1865, sahiu a luz o primeiro numero da *Gazeta de Portalegre*, redigida por aquelles quatro cavalheiros.

Em 22 de setembro de 1853, já havia o sr. Juzarte, inaugurado n'esta cidade, o systhema Castilho, em uma aula nocturna, por elle mesmo dirigida; e dois annos depois, em ferias da universidade de Coimbra (que então frequentava) estabeleceu o curso diurno, fazendo o hymno dos alumnos, cuja letra foi publicada no *Almanach luso brazileiro*, de 1855.

Por occasião da febre amarella, juntando os seus bons desejos aos de seu irmão, o sr. Antonio Joaquim de Araujo Juzarte de Campos (hoje conservador privativo de Portalegre) promoveu uma valiosa subscripção para as familias das victimas do flagello; pelo que foram louvados em portaria do ministerio do reino, e em seguida, pela camara de Lisboa, condecorados com a respectiva insignia.

Sendo administrador d'Abrantes, foi agraciado com o grau de cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, pelos importantes serviços prestados, com risco de vida, na captura de grandes facinoras.

Pelos relevantes serviços prestados como administrador do concelho dos Olivaes, foi feito commendador da mesma ordem.

A' nobreza do seu nome e dos seus actos, junta o sr. Juzarte, uma rara modestia, a lhaneza de um verdadeiro portuguez, e todas as boas qualidades que o tornam respeitavel e geralmente estimado.

—

No dia 23 de novembro de 1875, houve n'esta cidade um terrivel sinistro.

Pelo uma hora da tarde d'esse dia, rebentou a caldeira da machina de vapor, da fabrica de lanificios da *Horta das Bolas*, dirigida pela sr. Ramiro Sanches Marçal.

Causou o desabamento da casa onde estava assente a machina, e outra, construida sobre ella—e a morte de dois operarios e uma mulher, e ficando gravemente feridos e mutilados, outros dois.

—

Condes d'Avillez

Já disse que o palacio dos srs. condes de Avillez, é um dos melhores edificios de Portalegre.

Tratarei aqui rapidamente d'esta familia.

A sr.ª condessa d'Avillez, D. Joaquina de Lencastre e Barros, nasceu a 29 de setembro de 1793.

Era filha de Rodrigo Barba Alardo de Pina, 11.º senhor do morgado da Romeira, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Leiria, tenente coronel de cavallaria, commendador de Christo—e de D. Maria Ignez de Lencastre e Barros.

Casou a 26 de janeiro de 1812, com seu primo, Jorge d'Avilez Juzarte de Souza Tavares, 1.º conde de Avilez, 1.º visconde do Reguengo, senhor dos morgados da Torre, seguengo de S. Gregorio e Casas Novas, par do reino, tenente coronel, vogal do supremo conselho de justiça militar, commendador de Christo e da Conceição, condecorado com a medalha do Bussaco, Fuentes de Honor, Victoria e Nive, cruz das 5 campanhas da guerra peninsular, estrella de ouro da guerra de Montevideu, medalha britannica de Nivelle e Nive, medalha hespanhola de Victoria, Pamplona e Orthez.

Jorge d'Avilez Juzarte de Souza Tavares, seu filho, 2.º conde d'Avilez, 2.º visconde do Reguengo, senhor dos morgados da Torre, reguengo e Casas Novas, par do reino, tenente graduado de infanteria, commendador d'Aviz, nasceu a 28 de maio de 1816, casou em primeiras nupcias, a 21 d'abril de 1841 com D. Maria Francisca Salema d'Aboim Villa Lobos, filha de João de Aboim Pereira Guerreiro e D. Marianna Rita de Aboim Villa Lobos, e em segundas nupcias, a 20 de dezembro de 1849, com D. Josefa Gonzales Peres, filha de D. Joaquim Gonzales e D. Joaquina Gonzales Peres.

Foi d'este enlace que nasceu em 31 de janeiro de 1852, na cidade de Portalegre, o

actual herdeiro do titulo d'aquella illustre familia.

O sr. Jorge de Avilez Juzarte de Souza Tavares, conde de Avilez, tem continuado em toda a sua vida, opulentissima de virtudes, de serviços e de feitos assignalados, as tradições herdadas, de sorte que, se não encontrára aberta ao nascer, uma historia já tão adiantada, elle só com os seus actos teria colhido tantos e tão viçosos louros, quantos lhe engrinaldaram o berço.

—

Emilia Adelaide Pimentel

Já disse que a cidade de Portalegre, tem a honra de contar em o numero de seus filhos, esta distincta actriz, que jámais esqueceu a sua patria.

Soube ella que n'esta cidade se projectavam obras, para ampliar o adro da ermida de Santa Anna, uma das mais bellas de Portelegre.

Presidia a uma commissão, para este fim eleita, o sr. conde d'Avilez, que para conseguir os meios necessarios, obtivera a concessão de fazer um bazar, que foi explendido.

Concorreram com valiosas prendas, não só as damas e cavalheiros de Portalegre, mas tambem varias senhoras de Lisboa e do Porto; incluindo-se em o numero dos offerentes, a sr.ª D. Maria Pia, o sr. D. Fernando, e a sr.ª condessa d'Edla, que concorreram com objectos de grande valia.

A sr.ª Emilia Adelaide, não só mandou varias prendas de muito bom gosto e valor; mas se offereceu a dar algumas recitas, cujo producto liquido fosse applicado áquellas obras.

Na carta que a este respeito escreveu ao sr. conde de Avilez, se lia:

«Sinto um prazer intimo, inefavel, em associar o meu nome, a um melhoramento da minha terra.»

Logo que a noticia da vinda de Emilia Adelaide se espalhou em Portalegre, as pessoas mais notaveis da cidade, inscreveram o seu nome, para todas as récitas que para tal fim tivessem de dar-se.

O estrepito dos foguetes que serpenteavam nos ares, pelas 7 horas da manhan do dia 4 de agosto de 1875, annunciava aos portalegrenses, que entrava na cidade a sua querida patricia.

Foi esperada fóra dos muros, pelo sr. conde d'Avilez e outros distinctos cavalheiros da cidade.

O theatro esteve completamente cheio, pelas principaes senhoras e cavalheiros da cidade e immediações, nas recitas que deu tão insigne actriz, e a receita deu um resultado superior a todas as esperanças.

—

Theatro Emilia das Neves

No dia 20 d'abril de 1876, foi inaugurado n'esta cidade, o theatro do sr. dr. Costa e Silva, levando-se o drama—*A mulher que deita cartas*, cuja protogonista foi a rainha da scena portugueza, Emilia das Neves e Souza, que, para esse fim, já se achava ha alguns dias em Portalegre.

A rogos do seu proprietario, Emilia das Neves deu o seu nome ao novo theatro, que é bonito, elegante, e as scenas muito bem pintadas, pelo sr. Casimiro Franco.

Quatro vezes (desde o dia 20 até ao dia 27) foi representado o drama, cuja receita era destinada ao asylo de Nossa Senhora da Conceição, da infancia desvalida.

E' escusado dizer que o theatro esteve sempre a transbordar, e que Emilia das Neves recebeu os freneticos applausos do costume, todas as vezes que em qualquer parte se apresenta em scena.

Depois do *prólogo*, appareceram no palco, as meninas do asylo e a sua direcção.

Uma d'ellas offereceu uma corôa de louro a Emilia das Neves, e outra um nitido exemplar, da poesia que celebrava esta festa de caridade, expressamente composta pelo sr. Rodrigues Cordeiro.

Distribuiram-se pelos espectadores, muitos exemplares da poesia, e uma das asyladas, em uma salva de prata, a distribuiu ás senhoras que estavam nos camarotes.

Distribuiu-se tambem um soneto acrosti-

co, feito pelo sr. Francisco Antonio Veiga.

No fim do espectaculo, era Emilia das Neves acompanhada até casa, por varios cavalheiros e uma banda de musica.

—

Sempre existiram, e ainda hoje residem em Portalegre, muitas familias de reconhecida nobreza. Mencionarei sómente as de que pude obter noticias:

Juzartes — Appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Pedro Juzarte, do qual se faz menção na Chronica de D. João II. — Suas armas são as mesmas dos *Zuzartes*, sómente com a differença das espadas serem todas em palla, com as pontas para baixo.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — em campo de púrpura, sete espadas de prata, com guarnições d'ouro, em palla, com as pontas para cima.

Reixa. — A familia d'este appellido veio de Hespanha. Ignora-se quem o trouxe a Portugal, mas acham-se familias nobres com elle em Portalegre, desde o seculo XVI. Trazem por armas (segundo fr. Manuel de Santo Antonio) — em campo de púrpura, seis reixas de prata, em duas pallas. Timbre, uma das reixas do escudo.

(Todos sabem que *reixa*, é a barra de ferro que prende o cadeado—e tambem a vara de pontas de ferro dentadas, que sustenta estendida a têa, no tear.)

Tavares. — Appellido nobre d'este reino. Procede de D. Pedro Viegas de Tavares, que foi senhor da cidade da Guarda, no reinado de D. Sancho I. — Albergaria, porém, a pag. 176, diz que esta familia procede de D. Estevão Peres de Tavares, 1.º alcaide-mór da cidade de Faro, depois que foi tomada por D. Affonso III.

Os Tavares foram muitos annos alcaides-móres de Portalegre, Assumar, e Alegrete, e senhores da villa de Mira.

Segundo Villas-Bôas, tomaram o appellido, do logar de Tavares, na comarca de Lamego — outros porém dizem que foi da povoação de Tavares, na comarca de Viseu.

Trazem por armas — em campo de ouro cinco estrellas de púrpura, de seis pontas— élmo d'aço, aberto, e por timbre, meio cavallo, de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis e freio d'ouro.

No livro da armaria da Torre do Tombo, a fl. 15, se lê—«Julga-se que as ganhára (as armas) Estevão Peres, quando se achou na tomada de Sevilha, e que d'este descende Estevão de Tavares, alcaide-mór de Portalegre, e teve por filho a Martim Gonçalves de Tavares.»

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — em campo azul, banda d'ouro, sahindo da bocca de dois tragantes, de verde, lampassados de púrpura. Timbre, meio leão azul.

Refoios. — Appellido nobre d'este reino. As familias d'este appellido, procedem de D. Mendo Affonso de Refoios, que o tomou do seu solar, na Torre de Refoios, e teve uma vasta descendencia. Floresceu no reinado de D. Affonso Henriques, e foi sepultado na capella-mór da egreja do mosteiro de Refoios do Lima, na provincia do Minho.

Os Refoios trazem por armas — em campo de prata, quatro coticas, de púrpura, em palla, e por timbre, duas pernas d'aguia, de ouro, em aspa, com uma das coticas do escudo nas garras, entre quatro plumas de púrpura.

Coutinho.—Appellido nobre em Portugal. Trazem por armas—em campo d'ouro, cinco estrellas de púrpura, de cinco pontas cada uma, postas em aspa. Timbre, um leopardo, de púrpura, com uma estrella d'ouro na espádua, armado de púrpura.

—

Havia ainda outros muitos appellidos nobres n'esta cidade e seu termo; porém, como de nenhum d'elles (nem mesmo dos que vão mencionados) recebi esclarecimentos, não os inclúo, por ignorar se ainda existem em Portalegre, ou se se extinguiram.

—

Em 14 de dezembro de 1870, foi feito visconde de Portalgre, o sr. Francisco da Fonseca Coutinho de Castro e Refoios.

PORTAROUCA — Vide *Bertarouca.*

PORTAS DA CRUZ — (Lisboa) na fregue-

zia de Santa Engracia,[1] antigo bairro d'Alfama—hoje, *bairro oriental.*—Estavam ao fundo da rua do Paraizo, no principio da rua dos Remedios, e pouco abaixo das celebres *obras de Santa Engracia.*

Em razão d'estas portas, se chamou antigamente á actual rua dos Remedios, *rua das portas da Cruz.*

Quando em 1721, frei Agostinho de Santa Maria, escrevia o 7.º volume do seu *Santuario Marianno,* ainda existiam estas portas, pois que, a pag. 68, diz:—«O santuario e a casa da Senhora do Paraizo, que vemos hoje situada *defronte das portas da Cruz,* e extramuros da antiga circumvalação da cidade de Lisboa, que está servindo hoje de parochia á freguezia de Santa Engracia, teve os seus principios em a freguezia de Santos o Velho (por distincção de outro novo templo que se lhe dedicou) na parte occidental da mesma cidade, perto do convento de Nossa Senhora dos Remedios, dos padres carmelitas descalços.»

«Depois se trasladou, ao sitio em que depois se edificou o mosteiro de Santos, por mandado d'el-rei D. João, o 2.º; e fez-se esta mudança, no anno de 1366, em 15 de agosto, com a sua confraria. Aqui preserverou, até que as freiras da ordem de S. Thiago, occuparam aquelle logar.»

«D'este sitio foi trasladada ultimamente, a Senhora do Paraizo, com a sua confraria, para o logar em que hoje é venerada (defronte das portas da Cruz), por Diogo Pereira, cavalleiro da ordem de S. Thiago; pondo-lhe a condição, de que não podessem os irmãos da sua irmandade passar o dominio d'esta egreja a outros possuidores.»

«Benzeu esta casa da Senhora (do Paraizo), o bispo de Fez (Africa), D. Belchior Beleago, no anno de 1562.»

«São os administradores d'esta ermida, os pescadores do alto, congregados em uma irmandade, e elles são os que servem e festejam a Senhora do Paraizo.»

A imagem da Senhora do Paraizo, é antiquissima; porque, era venerada havia muitos annos no bairro da Pampulha, d'onde foi mudada para o sitio onde se fez o convento novo das commendadeiras de Santos, em 1366, e já no sitio primitivo tinha irmandade, que a acompanhou para o novo.

O povo de Lisboa, e particularmente os navegantes e pescadores, tinham grande devoção a Nossa Senhora do Paraizo, e lhe faziam sumptuosas festas.

—

Ás portas da Cruz, era o antigo palacio dos Telles de Mello, que o possuiram até ha poucos annos.

A esta nobilissima familia, descendente do grande Affonso de Albuquerque (e, se me não engano, administradora de algum dos morgados d'elle, entre os quaes o da celebre *Casa dos bicos*) pertencia, quando, em 1834, cahiu a monarchia tradicional, o logar de secretario de guerra.

Esse cargo, creado dez dias depois da nossa gloriosa emancipação do jugo hespanhol, pertenceu anteriormente á familia dos Pereiras da Cunha, de que é chefe e representante o sr. Antonio Pereira da Cunha, e da qual já fallei largamente, tratando do senhorio da torre de Cunha (vide *Paredes de Coura,* vol. 6.º, pag. 484).

O primeiro, que o exerceu, em Portugal por decreto de 11 de dezembro de 1640, foi Antonio Pereira da Cunha, commendador na ordem de Christo, e do conselho d'el-rei D. João IV (e não D. João VI, como por um visivel êrro typographico, se disse a pag. 486 do citado 6.º vol., o que agora fica rectificado).

Além d'este, houve outros, da mesma familia, que tambem o exerceram, e que mereceram eguaes honras e mercês.

Foram Francisco Pereira da Cunha, no impedimento do qual, se concedeu, por decreto de 12 de julho de 1691, a serventia do cargo, a Antonio Pereira da Cunha, capitão de cavallos, na provincia do Alemtejo; e, finalmente, João Pereira da Cunha.

Este ultimo casou por duas vezes, e de

[1] Da qual serve actualmente de matriz a egreja do mosteiro dos frades *barbadinhos,* fundado em 1738. Foi para aqui mudada a parochia, em 1835. Até então, servia de matriz da freguezia de Santa Engracia, a egreja de Nossa Senhora do Paraizo, fundada em 1562.

ambas ellas, sem successão. A primeira com D. Cicilia de Portugal, filha de D. Pedro de Almeida (irmão legitimo do conde de Avintes) e de sua mulher D. Luiza de Portugal; e a segunda, com D. Anna Joaquina de Lencastre, filha dos viscondes da Asséca.

PORTEIRO-MÓR — O primeiro porteiro-mór de que ha noticia em documentos da monarchia portugueza, é *Pedro Pires*, no reinado de D. Sancho II.

E' mencionado no foral dos moradores de Santa Cruz, dado em junho de 1225. [1]

Em tempo de D. Affonso III, se faz menção, em alguns documentos, de *Pedro Annes*, e de *Martim Annes*, como porteiros-móres.

No reinado de D. Diniz, vemos varios individuos, designados como porteiros-móres.

Mem Rodrigues, em 11 de janeiro de 1280: o qual assigna com o titulo de *portarius maior*, em uma doação de D. Diniz, a sua irman, a infanta D. Branca.

(Esta senhora foi abbadessa de Lorvão, e depois, das Huelgas, de Burgos.)

Lourenço Escola, em 6 de fevereiro de 1286, figura como porteiro-mór, em uma carta de privilegios que o rei concedeu á cidade d'Evora.

Fernão Peres, em 21 de junho de 1309, o fez D. Diniz, seu porteiro-mór e seu *uchão*. (Vide esta palavra.)

No reinado de D. Affonso IV, *Fernão Paes*, *Domingos Paes*, *Estevão Esteves*, e *João Rodrigues*, exerceram o officio de porteiros-móres.

Não se encontra memoria alguma de porteiros-móres, nos reinados de D. Pedro I e de D. Fernando I.

No reinado de D. João I, vê-se que este monarcha, faz mercê de certas rendas e herdades, no *campo de Vallada*, a 15 de novembro de 1388, a Lourenço Eannes, seu porteiro-mór.

No reinado de D. Duarte, apontam algumas memorias, como porteiro-mór, a *Duarte Borges*; mas D. Luiz de Salazar, no 2.º tomo da *Casa de Silva*, só menciona este individuo, exercendo tal logar no reinado seguinte.

No reinado de D. Affonso V, foi porteiro-mór, o dito Duarte Borges; *Affonso de Miranda*, a quem o rei faz mercê de uma tença, em 21 de março de 1450, estando Evora; *Gonçalo Borges* (filho de Duarte Borges.)

Vê-se de um perdão, dado por este rei, a um seu creado, em Coimbra, a 5 de setembro de 1462.

Ainda era porteiro-mór em 1469.

Em outras memorias, se menciona *Garcia de Mello*, alcaide-mór de Serpa; e *Gabriel Gonçalves de Freitas*.

No reinado de D. João II, vemos como porteiro-mór, *Gomes Ferreira*: o que consta de uma carta, feita em Santarem, em dezembro de 1487.

Este Gomes Ferreira, era casado com D. Maior, filha da condessa de Caminha.

No reinado de D. Manuel, ainda exercia o logar, o mesmo Gomes Ferreira; o que se vê da carta de um officio, no julgado de Refojos, dado em Monte Mór Novo, a 14 de maio de 1496.

No mesmo reinado, foram porteiros-móres *Miguel Corte Real* e *Gaspar Gonçalves Riba Frias*; mas não se sabe os annos em que exerceram o officio.

Jôrge de Mello, nas folhas das *moradias*, em 1518 e 1519—*Diogo de Mello*, em 1521, ultimo d'este reinado, pois D. Manuel falleceu, em Lisboa, a 13 de dezembro, d'este ultimo anno.

Consta, por uma carta de tença, que o rei lhe manda pagar, estando em Lisboa, a 26 d'abril do mesmo anno de 1521.

No reinado de D. João III, foi porteiro-mór, *Christovão de Mello*, filho de Henrique de Mello, e neto de Garcia de Mello, alcaides-môres de Serpa.

Ha memorias d'este Christovão de Mello, no livro dos confessados, de 1539, 1540, e 1541.

Christovão de Mello, era primeiramente mestre-sala d'este monarcha, como consta de uma tença que o rei lhe deu, em 28 de março d'esse anno.

No mesmo reinado, apontam alguns ex-

[1] Havia tambem simples *porteiro*, inferior ao porteiro-mór.

ercendo o officio, a *João de Calatayude*; mas o que se sabe com certeza, é que, em 22 de julho de 1517, foi feito porteiro-mór do principe D. João (filho de D. Manuel) depois 3.º do nome.

E' pois provavel que continuasse a exercer o mesmo emprego, depois de D. João passar a rei.

Ainda n'este reinado se suppõe que foram porteiros-móres *Garcia de Mello* e *Diogo de Mello da Silva*; mas não ha certeza total d'esta circumstancia.

Desde este reinado, se ficou conservando o officio de porteiro-mór, nos descendentes de Christovão de Mello, na fórma seguinte:

João de Mello, no reinado de D. Sebastião.

Christovão de Mello (o 2.º) no mesmo reinado, no do cardeal-rei, e no de Philippe II.

João de Mello (2.º) que assistiu ao acto do juramento do principe Philippe (depois Philippe III) em 1583.

Luiz de Mello, e outro *Christovão de Mello*, durante a usurpação dos Philippes III e IV.

Luiz de Mello (2.º) no reinado de D. João IV.

Este porteiro-mór, falleceu sem descendentes.

Manuel de Mello (tio do antecedente, irmão segundo de Christovão de Mello.)

Alem de porteiro-mór, era tambem *capitão da guarda*, de D Pedro II, regedor da casa da supplicação, e prior do Crato.

Alvaro da Souza de Mello, filho primogenito de Manuel de Mello, no mesmo reinado de D. Pedro II.

Este Alvaro de Souza, preferiu o officio de porteiro-mór, ao de capitão da guarda; passando este emprego a D. João de Castro, sonhor de Róriz e almirante do reino, por ser filho de D. Francisca de Vilhena, prima germana do mesmo Alvaro de Souza.

Fallecendo Alvaro de Souza de Mello, em 1711, sem successão legitima, passou o officio a seu irmão *José de Mello de Souza*, que exerceu o officio ainda no resto do reinado de D. Pedro II, e no reinado de seu filho, D. João V.

Era tambem brigadeiro e coronel de um dos regimentos da corte.

O infante D. Luiz, duque de Beja, e filho do rei D. Manuel, teve por porteiro-mór, Pedro Botelho; do que ha memoria na chancellaria d'este principe, desde 1521 até 1528.

PORTÉL—villa, cabeça do concelho do seu nome, no bispado, districto administrativo, comarca e 36 kilometros ao S E. d'Evora, 26 ao N.E. de Cuba, 39 ao N.E. de Beja, 28 ao O. da raia, 145 ao S.E. de Lisboa.

Tem 510 fogos, em uma só freguezia.

Em 1757, tinha 509 fogos.

Orago, Santa Maria da Lagôa.

O commendador de Portél (duque de Bragança) apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo e 120 de cevada, de renda annual.

O concelho de Portél, é composto de dez freguezias, oito do arcebispado d'Evora, que são:

Alqueva, Amieira, Santa Anna, Atalaia, S. João Baptista, Monte de Trigo, Portél, e Vera Cruz.

No bispado de Beja:

S. Bartholomeu do Outeiro (ou Outeiro das Oriollas) e Oriolla; todas com 1:600 fogos.

Foi antigamente da comarca de Monçaraz.

—

E povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos arabes, com o mesmo nome que hoje tem, ou com o de *Murmellar*.

D. Affonso III, em premio dos grandes serviços que D. João Pires d'Aboim e seu filho, D. Pedro Annes d'Aboim, tinham feito a Portugal, na expulsão dos mouros, do Algarve (1248 a 1250) lhes deu o senhorio de Portél, em 1257, [1] e por isso se ficaram chamando *os de Portél*.

A povoação estava deserta e abandonada, e elles a povoaram, e lhe deram foral, da-

[1] Isto é o que dizem todos os escriptores; mas entendo que o rei só deu este senhorio ao pae, visto que só este e sua mulher (e não o filho) deram a terra o foral velho, como se vê do texto.

tado d'Evora, no 1.º de dezembro de 1262, e assignado por D. João Peres d'Aboim, e sua mulher, D. Marinha Affonso.

(Maço 11 de *Foraes antigos*, n.º 7.)

Este foral tinha todos os grandes privilegios do de Evora.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

(*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 70, col. 2.ª)

Trata-se tambem n'este foral, do Monte do Trigo e Odivellas.

Quasi todos os escriptores dizem que esta povoação foi *fundada* pelos dois cavalleiros nomeados, que eram ricos-homens, e senhores principaes d'aquelles tempos.

Em um antiquissimo manuscripto que possuo, e que trata de varias terras do Alemtejo, se diz, que Portél, estando abandonada pelos mouros, desde 1170, logo alguns christãos a povoaram, e que já no tempo em que o rei a deu *aos de Portel*, alli habitavam algumas familias portuguezas, em uma aldeia, chamada *Marmelal*, ou *Marmellar*.

E' de todo o ponto verosimil esta opinião.

O termo *povoar*, de que os antigos se serviam para significar o acto de *dar foral* a qualquer terra, tem causado grandes duvidas e confusões nos escriptores.

Póde pois muito bem ser que o termo *povoar*, referindo-se aos dois fidalgos, sómente indique que elles deram foral a Portél.

Mas não temos só a opinião do citado manuscripto: temos tambem a chronica de D. Affonso III, a qual, em resumo diz que—este monarcha deu licença, em 1257, ao concelho d'Evora, para que podesse dar ao seu vassallo, D. João *Pires* d'Aboim e a sua mulher, D. Marinha Affonso e a seus filhos, uma mui dilatada herdade—*onde já havia o mosteiro da Vera Cruz do Marmelar*—e logo, em 1258, lhe demarcou o concelho e o tomou por seu *visinho*.

E, em 1259, lhe concedeu o rei todo o direito espiritual e temporal, n'aquelle vasto territorio.

A 15 de outubro de 1259, o mandou coutar; concedendo-lhe então licença (a D. João) para na mesma herdade *fazer castello e fortaleza*, á qual, em 1270 [1] deu foral o mesmo D. João *Pires*, *pondo-lhe o nome de Portél*.

Aqui temos pois desfeitas todas as duvidas, e provado que D. João Peres (ou Pires) não foi o fundador e povoador da villa, que já estava fundada e edificada.

O que fez foi amplial-a, construir-lhe as fortificações e (talvez) mudar-lhe o nome.

Parece porém que o cinto de muralhas é obra do rei D. Diniz.

Até ao reinado de D. João I, era Portél uma povoação pequena e de pouca importancia; mas, assignando se a paz com Henrique III, de Castella, em 1393 (depois de 10 annos de guerra, que assolou Portugal e Hespanha) principiou para a nossa terra uma época de desenvolvimento e florescencia da agricultura, commercio e industria.

D. Nuno Alvares Pereira (o grande condestavel do reino, o valente e leal amigo e companheiro do *rei lavrador*) senhor de Portel, tomou a peito o desenvolvimento e prosperidade d'esta sua povoação.

Não havia senão uma parochia, da invocação da Vera-Cruz do Marmelar (e tambem de *Vera Cruz de Portél*) cuja egreja era a de um mosteiro de freires, da ordem de S. João de Jerusalem (Malta) principiada em 1268, por frei Affonso Pires Farinha, e concluida em 1271—o que consta de uma extensa inscripção, que existe nas trazeiras da egreja, e que Christovão Rodrigues Asinheiro cita na sua chronica, e Viterbo copia textualmente (o que eu não faço, porque apenas vem a dizer, em summa, a data da fundação e o nome do fundador.)

Este mosteiro era a cabeça da commenda de Portel, da ordem de Malta, e uma das mais rendosas do priorado do Crato; tanto

[1] A chronica diverge de Franklim em dois pontos—ainda que ambos pouco importantes.

Dá a D. João o sobrenome de *Pires*, e não de *Peres*, e ao foral, a data de 1270, em vez de 1262, que me parece mais verosimil—ou talvez que D João desse um outro foral a Portél, modificando o primeiro, em 1270.

que os seus commendadores se intitulavam *bailios de Portel.*

D. Nuno Alvares Pereira, fundou então a nova egreja matriz, que dedicou a Santa Maria, e reedificou e ampliou as fortificações.

A povoação, com os grandes privilegios do seu foral (que, como já disse, eram os d'Evora) e com os maiores ainda, de caseiros de Malta, tomou grande incremento.

Os duques de Bragança, que de D. Nuno herdaram o senhorio de Portél, fundaram, dentro do Castello, um vasto palacio (que ainda existe, posto que arruinado) onde vinham residir, com muita frequencia.

Mais tarde (1547) D. Theodozio I, 7.º duque de Bragança (pae de D. João I, avô de D. Theodosio II, e bisavô de D João II—o que foi rei, com o nome de D. João IV) fundou aqui dois mosteiros de frades, um de eremitas, da ordem de S. Paulo, outro de capuchos de S. Francisco (menores reformados, da provincia da Piedade)—o que tambem concorreu bastante para a prosperidade da villa, e para a sua importancia.

Dizem outros que o mosteiro dos paulistas foi fundado por D. Nuno Alvares Pereira, em 1420, e reedificado pelo referido duque de Bragança, quando fundou o de S. Francisco.

Em quanto os duques de Bragança tiveram a sua *côrte* na villa de Villa Viçosa (que dista 65 kilometros ao E. de Portél) prosperou esta villa, sob a protecção d'esta casa opulentissima, a cujo estado pertencia, chegando a ter então mais de mil fogos; mas elevado o ultimo duque de Bragança ao throno, não cuidaram os seus successores mais da sorte de Portel, que foi em constante decadencia, não só por esta circumstancia, mas, e principalmente, pelas cruas guerras dos 27 annos, que então se seguiram, e que assolaram a provincia do Alemtejo, mais do que nenhuma outra, por dar tantas vezes o campo de batalha.

—

Gosava esta villa a prerogativa de seus procuradores terem assento em cortes, no banco 15.º

Tem por armas:

Em campo de púrpura, sete torres, d'ouro—tres na linha superior; uma na 2.ª—duas na 3.ª—e uma na inferior.

Outros formam as torres em 3 pallas, tendo 3 as do centro, e duas as dos lados.

—

Tem casa da Misericordia, com soffrivel hospital—e as ermidas de Santo Antonio, Santo Estevão, e do Espirito Santo, todas dentro da povoação.

Fóra d'ella, tem as de S. Luiz, Nossa Senhora da Saude. Nossa Senhora da Serra, S. Pedro, S. Bento, S. Lourenço, S. Braz, Santa Catharina, S. Thiago, e S. Lazaro.

—

O castello, com a sua cêrca de muralhas está no ponto mais elevado da villa, tendo no seu recinto, além dos velhos paços ducaes, e outras casas, a sua torre de menagem, que se julga ser obra de D. Diniz.

A villa está situada em um alto, com extensas vistas, e clima saudavel. O seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas, e abunda em gado e caça, de toda a qualidade.

Proximo á villa, corre o rio *Degébe,* que morre na direita do Guadiana, a 12 kilometros de distancia.

Na *serra dos Velhascos,* districto da freguezia de Sant'Anna, termo de Portél, ha muita caça miuda (do chão e do ar) e tambem corças, veados e porcos montezes.

Vide *Vera Cruz do Marmelal.*

—

Em Portél ha uma feira annual, que principia no ultimo sabbado d'agosto, e dura tres dias; porém as feiras de Vera Cruz do Marmelal — que se fazem de 1 a 3 de maio — e a 14 de setembro, são mais concorridas.

—

Portél, significa *porto pequeno,* e tambem *entrada estreita.* Aqui é tomada a palavra na sua segunda accepção.

—

A *serra de Portél,* estende-se por espaço de 18 kilometros, até á villa da Vidigueira. N'esta serra, e a 3 kilometros da villa, está o Sanctuario de *Nossa Senhora da Serra,* cuja origem é a seguinte:

Pelos annos de 1600 vivia em Portél uma lavradora muito velha e rica, sem descen-

dentes. Quiz deixar tudo quanto tinha a Nossa Senhora; mas, como o não podesse fazer, sem risco de demandas, por parte de seus parentes colateraes, fez testamento, deixando por seu herdeiro universal, a D. Theodozio 2.º, duque de Bragança, e pae do rei D. João IV, com a obrigação de mandar construir n'este sitio (que ella indicára) uma capella, dedicada á Santissima Virgem, collocando-se no seu altar principal uma imagem da Senhora que a testadora tinha no seu oratorio.

O duque, acceitou a herança, e mandou logo edificar a ermida, com muita perfeição, e com um só altar, mas de boa esculptura e de talha dourada.

Tinha um eremitão, apresentado pelo parocho da villa, a cuja freguezia está annexa a ermida, por ser do padroado da casa de Bragança.

A festa da Senhora da Serra é feita no domingo da Santissima Trindade.

—

No dia 13 de agosto de 1720, com 52 annos de edade, falleceu no convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, o *padre-mestre, doutor, frei Francisco da Annunciação*, natural da villa de Portel.

Era religioso da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, e era conhecido em Lisboa pelo cognome de *Beatinho*. Foi um varão de notoria virtude e de reconhecida sciencia, tanto na theologia especulativa e moral, como na mystica, em que era eminente, e do que deixou testemunho em dois tomos que sobre esta materia escreveu e publicou, sob o titulo de *Vindicias da Virtude*.

Publicou ainda outras obras theologicas. Residiu quasi sempre em Coimbra, onde era geralmente respeitado e consultado.

—

Frei Lourenço de Portel, natural d'esta villa, onde nasceu em 1541 — religioso da ordem de S. Francisco, da provincia do Algarve. Foi leitor de theologia, guardião do convento da sua ordem, em Setubal, difinidor, e confessor do mosteiro da Madre de Deus (Xabregas) de Lisboa, e provincial da sua ordem.

Foi varão egregio em lettras e virtudes. São muito respeitadas e allegadas pelos doutos, as *Duvidas regulares*, que deixou impressas em dois tomos. Escreveu tambem dois tomos de *Casos de consciencia*, um de *Casos reservados*, outro sobre *Indulgencias*, outro dos *Tres votos solemnes*, outro de *Praticas espirituaes* (com uma elegante descripção do templo de Salomão), e, finalmente, outro, intitulado—*Epitome de Sanches*. Deixou promptos para entrarem no prelo, dois volumes de sermões, um em portuguez, dos santos da sua ordem — outro em latim, das *férias* da quaresma.

Publicou um elegante sermão, que prégou na Sé Cathedral de Lisboa, nas exequias do arcebispo da mesma cidade, D. Miguel de Castro.—Escreveu um doutissimo *Tratado sobre a Conceição da Santissima Virgem* — e outro sobre as virtudes da veneravel madre, *Maria das Chagas*, que está copiado no livro da fundação do mosteiro da Esperança, de Villa-Viçosa.

Falleceu no mosteiro de S. Francisco, de Xabregas, no dia 31 de agosto de 1641, com 100 annos de edade.

—

No mez de junho de 1875, foi registada na camara de Portel, uma mina de cobre— no mez de julho do mesmo anno, tres de cobre e outros metaes — em janeiro de 1876, tres de cobre — e, finalmente, em agosto do mesmo anno, mais quatro minas de cobre e outros metaes.

PORTELLA—portuguez antigo—diminutivo de *pôrto*: porta, caminho, ou estrada estreita e acanhada. Vide *Porto*.

(Não se confunda com *portêllo*, que tem outra significação.)

Tambem se dá o nome de *portella*, á entrada de qualquer estrada ou caminho.

Estas são as significações que á palavra dão todos os nossos diccionaristas. Eu porém, que tanto tenho viajado por este reino, e que conheço grande numero de aldeias e logares denominados *Portella*, ainda não achei sitio com este nome, senão em logares altos; o que me faz suppôr que portella, embora indique caminho estreito, se refere ao que está no alto de qualquer serra ou monte.

PORTELLA — freguezia, Minho, concelho

e 3 kilometros ao N. d'Amares, comarca e 5 kilometros ao E. de Villa-Verde (foi do concelho de Amares, comarca de Pico de Regalados), 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 52 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 160$000 rs. de rendimento, além dos benesses.

Tem uma capella publica, dedicada a Santa Martha.

Situada em terreno accidentado, nas faldas occidentaes do monte de S. Pedro Fins. O seu territorio é fertil em milho, centeio, trigo, feijão, laranja (muito boa) e vinho verde.

PORTELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 9 kilometros ao O. de Braga, 40 ao N. do Porto, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario, collado, de Santa Maria de Ferreiros, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

PORTELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados, cuja séde se mudou, em 1855, para Villa-Verde), 18 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Miguel de Carreiras, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fria e pouco fertil; mas cria bastante gado, principalmente miudo; pelo que se denomina vulgarmente—*Portella das Cabras.*

Fica proximo da raia da Galliza.

Antigamente era dos Castros, senhores d'Albergaria; depois passou para a casa de Bragança.

Foi concelho e tinha feira, nos primeiros domingos de cada mez.

Teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Santarem, a 19 de março de 1260. (*Liv. 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 93 v., col 2.ª) N'este foral se lhe dá o nome de *Portella de Leitões.*

Pertencia então ao vasto julgado de Vermoim.

PORTELLA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao S.E. de Penafiel, 30 ao N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa. (Fica perto da margem direita do rio Douro.)

Tem 230 [1] fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago, S. Payo, ou Pelagio, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de Gregorio Ferreira d'Éça (da casa de Cavalleiros) apresentavam o abbade, que tinha 400$000 rs. de rendimento.

N'esta freguezia foi o solar de um ramo da familia Éça, em uma torre, a qual ainda existe. Tem annexa a *quinta*, por isso chamada, *da Torre*, da qual adiante fallo mais detidamente.

Esta freguezia era um logar da de S. Vicente do Pinheiro, do mesmo concelho; da qual foi desmembrada, para formar parochia independente, no meiado do seculo XVII.— Tinha uma ermida de S. Payo, que foi então elevada a matriz.

Esta freguezia era o titulo dos antigos *condes de São-Payo.*

Os Éças, de S. Payo da Portella, traziam por armas—em campo de prata, as Quinas portuguezas, cercando o escudo um cordão

[1] Esta freguezia só tem 105 fogos *ecclesiasticos;* mas tem 230 civis, porque lhe está annexa, no administrativo, uma grande parte da freguezia de Santa Clara do Torrão, que vem a ser, os logares—do Areal, Jugueiros, Carvalho, Monte, Lapas, Granja, Penellas, Pégo-Negro, Conca, e Penso. Vide para este disparate, vol. 3.º, pag. 38, col. 1.ª, no principio.

de S. Francisco (amarello, com os nós de púrpura). Timbre, uma aguia, azul, com as azas abertas, armadas d'ouro, com um dos escudetes das Quinas no peito.

—

Quasi ao cimo de um monte d'esta freguezia, pertença da referida *quinta da Torre*,[1] e que fica 3 kilometros ao N. da povoação da *Rua* (*Entre os Rios*, na confluente do Tâmega com o Douro) ha um rochedo schistoso, por uma fenda do qual sáe cousa de meia telha d'agua crystalina e frigidissima, com um pronunciado cheiro a enxofre, que se sente a 12 ou 13 metros de distancia da nascente.

Na superficie d'esta agua, se junta (na bacia, formada do mesmo rochedo, onde cáe) uma crusta alvacenta e brilhante. Em todo o transito por onde corre para o Tâmega, deixa um precipitado de côr escura.

Se n'esta agua se mergulha papel pardo, faz-se negro, e depois de sêcco, arde como méchas de enxofre, e com o mesmo cheiro.

É abundante de gaz hydrogenio sulphurado, tão intimamente combinado, que, sem perda, em garrafas bem tapadas, conserva todas as suas qualidades mineraes e therapeuticas, por mezes e até por annos, sem a minima alteração.

Só em 1790 se principiou esta agua a usar como medicamento (interno) tirando os medicos do Porto, muitas vezes d'ella, vantagens que não tinham obtido de outras aguas mineraes de mais boa fama, pela sua efficacia.

Vê-se pois que as famosas aguas, geralmente (e erradamente) denominadas *d'Entre os Rios*, nascem na *quinta da Torre*, d'esta freguezia, e se deviam chamar *aguas de S. Payo da Portella;* e foi por essa razão que as não mencionei em Entre os Rios (o que foi notado por alguns que ignoram esta circumstancia).

Chamam-lhe d'Entre os Rios, por ser esta povoação muito mais antiga e conhecida, e porque a freguezia da Portella lhe fica proxima.

A nascente d'estas aguas, está a O. da casa, em uma tapada, que lhe fica fronteira, passando de permeio a estrada real.

A nascente está vedada por uma casinha, toda feita de pedra, e de fórma conica.

Foram analysadas na exposição universal de Paris, de 1867, e do respectivo relatorio consta que — são limpidas, com o gôsto e cheiro assás pronunciado das aguas sulphurosas, e deixando enxofre na sua passagem. Conteem por kilogramma 0 gr. 0018 de ácido sulphydrico, e 0. gr. 321 de elementos fixos, que consistem em sulphatos e chloruretos alcalinos, e saes calcareos e magnesianos.

Estas aguas são applicadas, com maravilhosos resultados, em varias doenças, sobre tudo em padecimentos do estomago.

São conhecidas, na medicina e no commercio, sob o nome de *aguas d'Entre os Rios* (como já disse) e se exportam constantemente em grande escala (engarrafadas) para todos os pontos de Portugal, e para o estrangeiro, principalmente para o Brasil.

Abaixo da juncção dos remanescentes d'estas aguas com as do Tâmega, são applicadas externamente (em banhos), que muita gente vae tomar no Tâmega, até á sua confluente com o Douro, na estação propria.

O territorio d'esta freguezia, é abundante em todos os generos agricolas do nosso clima. Cria e engorda muito gado bovino, que em grande escala exporta para a Inglaterra. Tem optimo peixe do Douro e do Tâmega. Ha grande cópia de caça miuda nos seus amplos montados.

—

No logar de Penso (*administrativamente*, d'esta freguezia; mas *ecclesiasticamente*, do Torrão, ou Entre os Rios!) teem os srs. Perrys, do Porto, uma bonita casa e optima quinta. Esta virtuosa familia costuma passar aqui, todos os annos, uma parte da estação calmosa.

[1] A quinta da Torre, era, até ha poucos annos, de frei João José Machado, conego de S. João Evangelista (loyo), do mosteiro de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*). Hoje pertence a um seu herdeiro, de Villa Nova de Famalicão. Esta propriedade está notavelmente descurada pelo seu actual possuidor, e a sua casa, acastellada, em ruinas. É ainda um edificio respeitavel, ficando apenas a uns 20 metros da estrada real.

É um contra-senso, pertencerem os logares mencionados na nota antecedente, á freguezia de Entre os Rios, cuja matriz, além de ficar na outra margem do Tâmega (direita), é tres vezes mais distante do que a de S. Payo da Portella.

Custa a crer, como no arredondamento de 1855 se deixasse ficar este aleijão geographico-administrativo.

—

Esta freguezia está situada em linda e aprasivel posição, na encosta do nascente, da serra de *Mousinho*, ficando ao N., a freguezia de S. Vicente do Pinheiro, e ao S. a de Santa Maria da Éja.

É atravessada pela estrada real de Guimarães a Entre os Rios.

A egreja matriz e a residencia parochial d'esta freguezia, estão optimamente collocadas, em posição elevada, mas amena, pittoresca e saudavel, dominando o formoso valle que se estende desde o alto de *Sete-Pedras*, até Entre os Rios, na extensão de 7 kilometros, e no fundo de cujo valle, serpeia o *ribeiro das Cabras*, que desagúa no Tâmega; passando tambem aqui a estrada real, de Penafiel a Entre os Rios.

Das janellas da residencia parochial, que ficam ao N. da egreja, e só separadas d'ella pelo adro, se vêem as egrejas matrizes, de S. Vicente do Pinheiro, de Valle-Pédre, d'Oldrões, da Caleça-Santa, e de Paredes.

—

A primitiva egreja matriz da Portella, era antiquissima, e tanto que se ignora a data da sua fundação. Era bastante acanhada. Em 1816, se fez a capella-mór, que é soffrivel. O corpo da egreja foi demolido, e acha-se actualmente (novembro de 1876) em construcção, com mais amplas dimensões. Tambem se anda edificando uma nova sachristia.

Esta obra é promovida pelo actual parocho, encommendado, que se não tem poupado a trabalhos e despezas, para levar por diante uma obra, que deveria ter sido feita em tempos mais propicios — isto é — antes que a descrença, a impiedade e a indifferença tivessem dado golpes tão profundos no catholicismo. Honra ao povo d'esta freguezia, que, ao passo que nas outras se destroem ou abandonam os templos, elle emprega sollicito parte dos seus haveres na construcção de uma nova egreja, que promette ficar uma das melhores da comarca.

Note-se que a freguezia *ecclesiastica* (a parte d'ella que só concorre para a construcção da egreja) é composta de pobres lavradores; mas no coração dos quaes os sentimentos religiosos de seus avós, ainda actuam poderosamente; pelo que não se poupam a sacrificios, para levarem á conclusão a sua egreja, e animados pelos conselhos do seu pastor, não trepidam ante qualquer contrariedade.

N'esta egreja está erecta, desde tempos remotissimos, uma confraria de Nossa Senhora das Neves, que conta perto de mil irmãos, e tem jubileu, a 4 e 5 de agosto, sendo a festa da Senhora, no dia 5, que é mesmo o de Nossa Senhora das Neves, e sempre concorridissima, por ser objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, em razão dos milagres que lhe attribuem, e pelo que a denominam vulgarmente—*Nossa Senhora dos Milagres*.

—

No logar de *Corveira*, d'esta freguezia, ha uma bonita e rendosissima quinta, com optima casa e jardins; matta, com passeios; bosques, pomares, etc., do sr. Gaspar Ferreira Baltar, rico proprietario e capitalista, d'aqui natural, e residente na cidade do Porto, onde é proprietario de uma boa typographia e do jornal politico (que n'ella se imprime) intitulado —*Primeiro de Janeiro*.

Este cavalheiro, que é geralmente estimado na freguezia, vem aqui passar, com a sua familia, uma grande parte do verão.

Esta quinta é atravessada pela estrada real de Guimarães a Entre-os-Rios.

—

Ao S. d'esta propriedade, no logar de *Verdeiros*, tambem da freguezia, ha uma grande quinta, cultivada por seis caseiros, com uma casa que denota muita antiguidade, da qual é proprietario, o sr. José Monteiro Guedes Nobre Mourão (da nobre casa d'Abragão), feito visconde de Bouvieiro, em 7 de maio de 1874.

Esta quinta, é tambem atravessada pela

estrada real, que atravessa a notavel quinta da *Torre*, que fica ao sul.

Ha ainda n'esta freguezia outras quintas e casas de campo, sendo as mais notaveis, além das já mencionadas, a célebre:

Quinta e casa de *Villa d'Uffa* (casa de campo d'Uffa), que, segundo a tradição, foi de uma senhora, chamada D. Uffa, que morava na freguezia de Canellas, na *quinta da Uffa*, sobre a margem direita do Douro, em frente das *Pedras de Linhares*, e é hoje propriedade do sr. Francisco do Valle Peixoto (o *Francisquinho da Uffa*). Vide *Bayão* e *Linhares* (pedras de).

—

A quinta do sr. Carlos José Moreira, no logar do *Bairro*, com boa capella, da invocação de Nossa Senhora da Victoria.

No mesmo logar do Bairro, a quinta do sr. doutor Albino Ferreira Baptista, de Cabeça Santa.

A quinta do *Casal da Avó*, com boa casa, mas arruinada, e uma capella, da qual apenas restam as paredes. Foi do sr. Manuel Pedro Guedes (filho da sr.ª condessa de Pangim), do Porto, e é hoje do sr. Agostinho Coelho de Souza e Sá, de Mezão-Frio.

—

Houve antigamente n'esta freguezia, sete capellas, das quaes apenas hoje existem tres, em bom estado, para o culto divino. São, as do sr. Carlos José Moreira no logar do *Bairro*—a do sr. visconde de Bouvieiro, em *Verdeiros*—e a do sr. Frederico Belleza de Vasconcellos, no logar da *Aldeia*.

Das outras quatro, apenas ha vestigios.

Segundo a tradição, ainda houve mais capellas, cujo sitio e época da sua fundação e demolição se ignoram hoje.

—

Tanto esta freguezia, como as de S. Vicente do Pinheiro, Valle-Pêdre e outras do concelho de Penafiel, teem optimos *passaes*, que eram sufficientes para com os seus rendimentos se sustentarem decentemente os seus respectivos parochos, ficando os freguezes aliviados da congrua ou *derrama;* mas, em nome da *liberdade*, já se acham inventariados, e não tardarão em ser vendidos em praça publica, ficando seus legitimos donos privados do que por uma posse diuturna e imprescriptivel, lhes pertencia. Vide *Passaes*.

PORTELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 36 kilometros ao N.O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis.

Era abbadia annexa ao mosteiro de Sabbadim; mas ordinariamente, eram os viscondes que apresentavam, pois tambem tinham mezes reservados, quando os abbades do mosteiro não renunciassem.

No monte do Crasto, abaixo da egreja matriz, ha vestigios de antiquissimas fortificações, que se suppõem obra romana.

PORTELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 48 kilometros ao N.O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 160 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 160.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa dos senhores de Regalados, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Foi do real padroado. O rei D. Diniz cedeu metade a D. João Fernandes Sotto-Maior, bispo de Tuy, em 1308. Parece que a outra metade já pertencia a este prelado.

Ultimamente, era esta egreja apresentada pelos Magalhães, de Braga.

PORTELLA—freguezia, Minho, extramuros da villa de Caminha. (Vol. 2.º, pag. 54, col. 1.ª)

Está ha muitos annos unida á de Villarêlho.

A egreja da Portelta, foi a matriz primitiva da villa de Caminha, e porisso ainda se lhe dá o nome de *Egreja Velha*—e este nome estende-se, vulgarmente, a toda a freguezia, que, officialmente, se denomina *Vil-*

larêlho e *Portella*, ou simplesmente *Villarêlho*.

E' n'esta freguezia o *pinhal do Camarido*, que é do estado.

(Vide Camarido.)

Segundo a tradição, junto á egreja matriz existiram uns paços, onde residia a princeza D. Urraca. (?)

E' certo que ainda alli ha uma fonte, denominada *da Urraça*.

Ha n'esta freguezia cinco capellas, que são:

Santo Antonio—mandada construir, em 1723, por Pedro da Rocha Pitta, na sua quinta de *Vallindo* (Valle-lindo) uma das melhores propriedades d'esta freguezia.

E' hoje do seu 2.º neto, o sr. doutor, Rodrigo de Castro Menezes Pitta, desembargador e par do reino.

Nossa Senhora da Graça—publica.

S. Sebastião—idem.

Nossa Senhora da Rocha—particular—do sr. doutor, Abilio Alvaro de Souza Rego.

S. Roque—esta foi a que deu o titulo aos barões de S. Roque (de Caminha) por a quinta annexa ter o nome do santo.

Havia antigamente outra capella, dedicada a Santo Antão, abbade.

Estava no alto do monte, e ao sitio onde existiu ainda se chama—*Chan de Santo Antão*.

Esta freguezia é cortada pela estrada districtal, de Caminha a Melgaço, por Paredes de Coura.

E' um bonito passeio para os habitantes da villa.

São formosissimas as vistas que se gozam de varios pontos d'esta freguezia.

D'elles se descobrem—a villa de Caminha, que lhe fica ao sopé, para O.N.O., assim como a foz do Minho, o forte da Insua, o môrro de Santa Tecla (Galliza) e o Occeano.

Ao N. se espraia o Minho, e se vê a aldeia da *Passagem*, na margem direita d'este rio.

Ao E., é limitada pelo rio Coura, cuja margem esquerda pertence a esta freguezia.

Pelo S., confina com a freguezia de Cristêllo—e pelo O., com o mar, sendo d'este lado cortada pela estrada real de 1.ª classe, de Lisboa para o norte, e pelo caminho de ferro do norte, em construcção.

Tambem d'aqui se vê, a formosa freguezia de Seixas e a bella ponte do Coura (quasi no confluente d'este rio com o Minho) que ficam a N.E.

O aqueducto das aguas para o chafariz da villa, vae d'esta freguezia.

—

Esta parochia, na sua maior parte, é composta de quintas e outras propriedades, de habitantes de Caminha; pelo que, em geral, os parochianos de Portella e Villarêlho, são pobres, por serem quasi todos caseiros.

Tambem é n'esta freguezia, a boa *quinta da Cósta*, hoje propriedade da sr.ª condessa da Ribeira e seus irmãos—e as quintas—do sr. dr. Abilio Alvaro de Souza Rego—da viuva de Bento Thomaz da Silva Coelho—da sr.ª baroneza de São Roque—do sr. José Elias, e outras.

A margem do Coura pertencente a esta freguezia, é muito formosa e bem cultivada.

E' terra fertil em todos os generos agricolas do nosso clima, e cria muito gado, de toda a qualidade, e caça.

Produz tambem bôas madeiras de castanho, carvalho e pinheiro.

O mar, e os rios Minho e Coura, a fornecem de muito, optimo e variado peixe; sendo o melhor, o salmão, a lampreia, o savel, a truta marisca, e o sôlho.

—

Ha em varios sitios, restos de fortificações antigas.

—

Para tudo o mais que aqui se não achar, vide *Villarêlho*, do concelho de Caminha.

PORTELLA—bonita aldeia, Douro, na freguezia de Santo Isidoro de Romariz, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. da Feira.

Tem uma antiquissima ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Portella*, á qual se faz uma festa annual que não tem dia certo.

No centro d'esta aldeia, ha uma casa, que hoje pertence a José Francisco dos Santos

(*o Cabo d'Aldeia*) pelo centro da qual era a divisão dos concelhos de Fermedo e da Feira.

No principio d'este seculo, era possuida por um tal *Portella*, culpado por certo crime, pelas justiças da Feira.

Quando as justiças d'este concelho vinham para o prender, passava, por d'entro da casa, para o E. d'ella, que era territorio do concelho de Fermedo, e de uma janella fazia *troça* aos beleguins, que não o podiam prender, por estar fóra da sua jurisdicção.

Como o Portella era turbulento, veiu tambem a estar culpado pelas justiças de Fermedo.

Quando os beleguins d'este concelho o vinham prender, passava-se para o lado O. da casa, e fazia-lhes como do E. havia feito dos da Feira.

Para o agarrarem, foi preciso reunirem-se os beleguin dos dois julgados.

Os tabelliães de Fermedo e da Feira, vinham fazer escripturas a esta casa, e cada um nas suas respectivas jurisdicções.

Ainda hoje acontece o mesmo, na aldeia da *Lagem*, freguezias de Gião, na comarca da Feira, e Louredo, comarca d'Arouca (antigo concelho de Fermedo.)

Vide *Inha*, rio—vol. 3.º, pag. 394, col. 1.ª e 2.ª

PORTELLA—aldeia, Beira Alta, freguezia de S. Cypriano.

(Vol. 2.º, pag. 462, col. 2.ª—a 2.ª freguezia d'este nome.)

Ha n'esta aldeia a capella de Nossa Senhora do O', ou da Expectação, pertencente ao arciprestado do *áro* (termo) de Viseu, d'onde dista 6 kilometros a O.

Está a capella edificada no cume de um monte, cercado de olivaes.

Teve principio pelos annos de 1600, e, segundo a tradição, foi fundada por uns cavalheiros nobres de Viseu, em cumprimento de certa promessa.

Creou-se uma irmandade da Senhora do O', cujos estatutos foram approvados em 1629.

A capella-mór está dividida do corpo da egreja, por um elegante arco, de pedra fina, muito bem lavrado.

E' um templo alegre e vasto, tendo o corpo da egreja 22 metros de comprido e 6,^{m}6 de largo.

Tem altar-mór e dois lateraes, um d'estes, dedicado ao Salvador do Mundo, outro a Santo Antonio de Lisboa.

No adro, está um formoso cruseiro, de pedra muito fina, com sua cúpula, assente sobre 4 columnas ou pilares.

A padroeira, é de pedra e de boa esculptura, com 0,^{m}66 de alto.

Tem ao collo o Menino Jesus, tomando um dos seios de sua Mãe, o que é um anachronismo, em vista da invocação da Senhora.

O povo de Viseu é das freguezias circumvisinhas, teem grande devoção á padroeira d'esta capella, e lhe fazem a festa a 18 de dezembro (dia de Nossa Senhora do O') que é sempre concorridissima, quando o tempo o permitte.

Antigamente não entrava para a irmandade d'esta Senhora, pessoa alguma sem que préviamente se lhe inquerisse, com toda a minuciosidade, a pureza do sangue.

Eram 150 irmãos, e 20 irmans, e não podiam ser mais.

Cada uma dá 4$000 réis de entrada.

Os irmãos eram de diversas freguezias, mas não podiam ser de mais de 6 kilometros de distancia, para facilmente assistirem ao serviço da Senhora.

Muitos irmãos deixaram a esta capella legados de muito valor.

Os irmaos, teem jubileu plenissimo quando entram, e tres officios quando fallecem.

Tambem tem jubileu plenissimo, no dia da festa da Senhora.

Vão aqui muitas procissões, sendo as principaes, as de—quinta feira santa, 19 de março (dia de S. José) dia de Santa Marinha, e finalmente, nas ladainhas de maio.

São todas muito concorridas.

PORTELLA (ponte da)—Douro, 3 kilometros ao E.S.E. de Coimbra, sobre o rio Mondego.

No dia 12 de julho de 1873 (sabbado) se

inaugurou esta bella ponte, que põe em communicação Coimbra com outras muitas povoações das duas Beiras, Extremadura, Douro, etc.

Serviu provisoriamente (em quanto se construiu a nova ponte de Coimbra—uns dois annos) para a communicação com as provincias do norte; assim como com Lisboa, Alemtejo e Algarve.

De Coimbra até esta ponte ha uma bella estrada a mac-adam, que é um formosissimo passeio.

Depois de feita a experiencia *estatica*, se procedeu á *dynamica*, a que assistiram os engenheiros (commissionados para isto pelo governo) os srs., José Victorino Damazio, Figueirêdo, e Adolpho Loureiro; e bem assim 28 alumnos da escola do exercito, que se destinavam á engenharia, com o seu respectivo repetidor.

Estas experiencias deram o melhor resultado, pois com a dynamica, apenas a extremidade N. da construcção abateu 3 e meio milimetros.

A concorrencia a este acto foi numerosissima.

Foi chefe e director das obras, o distincto engenheiro, Heitor de Macedo, que planeou a obra, desde a sua primeira pedra, até á sua conclusão.

E' feita de cantaria, ferro e madeira, segundo o systema allemão.

No leito do rio, ha tres pilares de cantaria, assentes sobre estacas; e em cada uma das margens um encontro, tambem de cantaria.

Sobre estas cinco bases, todas solidamente construidas, assentam quatro vergas de ferro, e quatro arcos, do mesmo metal, sustentando todos o taboleiro por onde passam os viajantes, que é de ferro e madeira.

O todo da ponte, não é elegante, mas solidissimo.

—

A Portella é um sitio muito formoso, e constitue o termo de um dos mais agradaveis passeios de Coimbra, sempre pela margem direita do Mondego, e com uma bella estrada a mac-adam.

O sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, tem na Portella grandes e valiosas propriedades, e uma grande quinta, com sumptuoso palacio, sobre a margem direita do Mondego.

Em fevereiro de 1876, foi á praça, a quinta do doutor Cachapuz, junto á ponte, mas na margem esquerda.

O sr. D. Luiz a comprou por 14:010$000 réis, e com esta acquisição, ficou com uma das melhores (senão a melhor) propriedades, dos arrabaldes de Coimbra, e mesmo do districto. [1]

O sr. D. Luiz, costuma vir passar o verão a este oasis de verdura, que possue todos os encantos da natureza, e todas as galas que o trabalho do homem lhe póde imprimir.

Esta propriedade é a admiração de quantos a visitam.

Arvores seculares, erguendo para o ceu seus ramos copados e alterosos; flores, cultivadas com esmero, espalham pelo ambiente seus aromas variados: no centro, um magestoso palacio, ornado de verdejantes trepadeiras.

Seu feliz proprietario, mandou construir, em março de 1876, uma *motta*, com a extenção de dois kilometros, para a defender da invasão das areias do Mondego.

Por essa mesma occasião, mandou construir uma magnifica estufa, onde já se admira uma grande variedade de flores e plantas, de grande merecimento.

E' o sr. D. Luiz representante de uma das mais nobres familias d'este reino, e na amenidade e lhaneza do seu trato se reconhece o typo do verdadeiro fidalgo portuguez.

Possuidor da maior casa d'este districto, emprega uma parte das suas riquezas em soccorrer os desvalidos, e a sua caridade é inexgotavel.

PORTELLA—sitio, Extremadura, á entrada de Leiria.

Em 2 de julho de 1808, os habitantes d'esta cidade, excitados por uma chusma de estudantes da universidade, e populares, que

[1] Junto á quinta chamada mesmo *do Cachapuz*, e apenas dividida d'ella pelo ribeiro *Ceira*, está tambem uma optima quinta, pertencente ao sr. Luiz Monteiro.

desciam de Coimbra, e pelo coronel, das milicias, fizeram uma espera aos francezes, de Junot, no alto da Portella, quando os invasores marchavam de Lisboa contra os alliados.

Os francezes, facilmente dispersaram aquelles portuguezes temerarios, indisciplinados e mal armados, fazendo horrorosa carnagem em cento e tantos que poderam agarrar.

Pouco tempo depois, pagaram estas atrocidades—Delaborde, que foi derrotado na *Roliça*, a 17 d'agosto, por Wellesley—e Junot, pelo mesmo general (Wellesley, depois, lord Wellington) no Vimieiro, a 21 do mesmo mez.

Estas duas derrotas, soffridas pelas hordas napoleonicas, deram em resultado a *convenção de Cintra*, a 30 d'agosto, e a expulsão dos francezes.

PORTELLA DA BOSTARANGA (ou da *Bostarenga*)—logar, Minho, na freguezia de S. Martinho de Coura, concelho de Coura. (Vide *Coura*.)

Na Portella da Bostaranga, existem vestigios de um forte, ainda chamado *crasto*, obra dos romanos, para defenderem este ponto, que, pela aspereza das grandes serras *d'Arga* e *Formigoso*, se tornava um passo quasi inaccessivel.

Poucos soldados bastavam para impedir o passo a um exercito, n'este desfiladeiro.

Tem aqui perto a sua origem o rio Coura, que desagúa no rio Minho, na villa de Caminha.

PORTELLA DA CÓRTE DAS VELHAS—Algarve.

Vide *Estombar* e *Fáro*.

PORTELLA DA GAIVA E RAMALHOSO—grandes minas de estanho, da *Companhia estanifera do Ramalhoso e Portella da Gaiva*, n'estes logares e no das *Aguas Ferreas*: tudo na provincia do Douro, concelho d'Amarante.

A lavra d'estas minas, que principiou com grande animação, e promettendo um brilhante futuro, teve a sorte de todas as minas exploradas por portuguezes — morreu, sem deixar outras memorias de si, senão o pranto dos accionistas, pelas libras que alli lhes gastaram inutilmente.

O *Diario do Governo*, de 19 de outubro de 1876, declarou perdidos os direitos, e julgadas abandonadas (por haver quasi dez annos que tinham cessado os trabalhos de lavra e exploração) não só as indicadas minas, como tambem as da *Companhia Esperança* (de estanho) das *Rhodas do Marão*, no mesmo concelho, de Amarante — e da *Companhia mineração Portuense* (Oporto mining company limited) á mina de chumbo, de *Sarradella*, no concelho da Penafiel.

—

E' o fim de todas as minas exploradas por portuguezes!

Só os estrangeiros sabem tirar grandes interesses das nossas minas: bem hajam elles.

Os phenicios, os carthaginezes, os romanos e os arabes, esgotaram as nossas mais ricas minas de ouro, prata e cobre, mas ainda deixaram muitas (d'estes metaes) que nos podiam dar optimos resultados; e não exploraram as nossas ricas minas d'estanho, chumbo, antimonio, carvão, plombagina (graphite) manganez, enxofre, phosphatos, etc.

Trez cousas actuam para *dar em pantana* (permitta-se-me esta expressão vulgar, mas expressiva) com as minas exploradas por portuguezes.

1.ª—a insufficiencia dos capitaes empregados na exploração; de modo que os directores, em vez de chamarem engenheiros habilitados, servem-se de praticos, que, em regra, só podem fazer alguma cousa nas minas onde aprenderam, pela rutina, quasi sempre defeituosa; e ignorando a necessidade de machinas e aparelhos indispensaveis (e o seu emprego) segundo os modernos systemas aperfeiçoados.

2.ª—pela mesma razão (de falta de capitaes) ou por ambição, mal entendida, querem, em pouco tempo, e com pouco dinheiro, tirar muito minerio; resultando d'aqui, fazer a exploração *pelos cabellos*, sem trabalhos em fórma, e nas condições exigidas pela sciencia, e por fim, *encravarem* as minas, tornando difficilima e dispendiosissima a sua lavra, para futuros emprehendedores.

3.ª—Os *estados maiores!*

Logo no principio de uma exploração, e quando o *engenheiro* bastava para dirigir os trabalhos, todos os accionistas querem, ou ser empregados, ou que seus filhos, parentes e adeherentes o sejam.

Fazem um director, ou administrador, um vice-director, um guarda-livros, caixeiros, olheiros, fiscaes, etc., etc., de modo que—no sabbado, as férias dos operarios *productores*, isto é, dos que trabalham—importam em 10 ou 12 mil réis—e as do estado-maior (quer dizer—os ociosos inuteis) em 100 ou 120 mil réis.

Todas estas trez especies de exploradores, não só prejudicam os accionistas que n'elles confiaram, senão tambem as minas, que desacreditam.

Os inglezes, que, em regra, são os estrangeiros mais inclinados á exploração de minas, são desconfiadissimos; pelo que, não compram minas, onde outros perderam o seu trabalho e o seu dinheiro, com receio de lhes acontecer o mesmo.

Não devemos esquecer umas certas *agencias* de compra e vendas de minas, ordinariamente compostas de individuos sem real, de precedentes pouco lisongeiros, e ignorantissimos na materia, *fingindo* que compram e que vendem minas, cujo mineral ignoram, e cujo fim principal é apanharem algum dinheiro aos incautos que n'elles confiam.

Estes taes, tambem concorrem, e muito, para o descredito das minas portuguezas.

PORTELLA DAS PÁDEIRAS—Extremadura, na freguezia do Salvador, da cidade, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. de Santarem.

Ha aqui uma ermida antiga, de bôa architectura, dedicada a *Nossa Senhora dos Anjos*.

Está edificada em sitio quasi plano e agradavel, cercada de arvores fructiferas e silvestres, e com uma fonte de excellente agua que réga o arvoredo.

A capella é vasta, mas tem só o altar principal, na capella-mór, e este tem um zimbório pyramidal, cercado de ameias.

As paredes interiores, são revestidas de bons azulejos, e a capella-mór é dividida do corpo da egreja, por grades de ébano, e da mesma madeira é o pulpito.

No adro está um alpendre, sustentado por columnas de pedra, obra moderna, com architrave e cimalha de cantaria.

A imagem da Senhora, é de pedra, e denota muita antiguidade; mas é de boa esculptura, e com 1,^{m}22 de alto.

Tem o Menino Jesus, feito na mesma pedra.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira, appareceu n'este mesmo sitio, o que parece confirmar uma edicula antiquissima, chamada *da Memoria;* e uma fonte, na horta, de fórma conica, com 8 metros d'alto, e de curiosa architectura, pela sua reconhecida antiguidade.

A edicula, fica a poucos metros da capella, e é como uma especie de guarita.

E' de fórma exagona, com trez entradas; mas só uma tem grades, e as outras foram tapadas de parede.

D'entro, está uma imagem (de madeira) de *Nossa Senhora da Piedade.*

Sabe se que a capella é antiga, e muito mais a edicula; mas ignoram-se as datas da sua construcção.

A horta e um olival contiguo, assim como varias propriedades, são pertenças da capella, e d'ellas é administrador o parocho do Salvador, de Santarem.

Ha aqui casa de residencia para um eremitão, que quasi sempre tem tido.

O povo de Santarem, é muito devoto da Senhora dos Anjos, assim como da Senhora da Piedade, da Portella das Pádeiras.

PORTELLA DE ORSEIRA—logar, Traz-os-Montes, na freguezia de Bobadella (vol. 1.º, pag. 404, col. 2.ª)

Proximo d'este logar, e perto e ao S. da estrada, existem vestigios de um grande aqueducto, que principiava em Bobadella, e passando pela antiga aldeia de *Payo Mantella*, entrava no territorio do de *Meixiede*, que confina com a Galliza.

D'alli vinha por uma varzea, chamada a *Campina*, até ao valle de Chaves.

Segundo a tradição, é obra do imperador Trajano, e feita pelo mesmo tempo em que

se construiu a ponte de Chaves—isto é—pelos annos 110 de Jesus Christo.

PORTELLA DE PENELLA (antigamente *Portella das Cabras*)—villa extincta, Minho, na antiga comarca de Pico de Regalados (hoje, de Villa Verde) e cabeça do concelho de Penella.

Vide vol. 6.º, pag. 615, col. 2.ª, a 2.ª *Penella*.

PORTELLA DE REBORDÊLLOS — logar, Traz-os-Montes, freguezia e concelho de Boticas.

(Vol. 1.º, pag. 424, col. 1.ª)

Passava por aqui a via militar dos romanos, que de Braga hia a Chaves e d'alli a Astorga.

Ainda no seculo passado aqui existiam dois marcos milliares, que foram então mudados para o logar de Campos, proximo ás Boticas; um era dedicado ao imperador Claudio, e dizia que d'alli a Braga, eram cinco leguas—do outro, que tinha 1^{m},10 d'alto e 2 metros de circumferencia e da inscripção, apenas se lia—XXXV—por que o resto estava partido.

Ainda no fim do seculo passado, restava grande numero de marcos milliares das vias militares construidas pelos romanos, de Braga a Astorga, por varias direcções.

A maior parte d'elles, foram destruidos pelo povo, e applicados a varias obras.

Dos que pude haver noticia, fiz menção nos logares onde foram assentes, ou encontrados.

PORTELLA DE VILLA FRANCA DAS NAVES—aldeia, Beira Baixa, na comarca e concelho de Trancoso.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Hade ser aqui a 3.ª secção do caminho de ferro da Beira Alta, tendo uma estação n'esta mesma freguezia.

—

O traçado do caminho de ferro da Beira Alta, adoptado pelo governo, tem uma grande quantidade de obras d'arte.

Só na 1.ª secção ha dez tunneis, na extensão total de 2:300 metros—em Povim, na Arregaça, em Chão do Bispo, em Peneirede, em Lorvão, em Albarqueira, e em Penacova: passando exactamente por baixo da povoação, em Raiva, em Cunhede e em Dão—e 22 viaductos, na extensão total de 2300^{m},02.

Na 2.ª e 4.ª secção não ha obras d'arte, na 3.ª ha dois viaductos, na extensão total de 266^{m},98; na 5.ª, tres, na extensão total de 356^{m},7.

A 1.ª secção, vae de Coimbra a Santa Comba-Dão.

A 2.ª, a Mangualde.

A 3.ª, á Portella de Villa Franca das Naves.

A 4.ª, a Villa Fernando.

A 5.ª, á fronteira.

As estações são 15, a saber:

Coimbra, Penacova, Mortagua, Santa Comba, Carregal do Sal, Nellas, Mangualde, Gouveia, Fornos, Celorico, Villa Franca das Naves, Guarda, Cerdeira, Freinêda e Villar Formoso.

Haverá, alem d'isso, duas paragens, em Canas de Senhorim e no Engenho Novo.

PORTELLA DO FOJO—freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros da Pampilhosa, comarca d'Arganil (foi da mesma comarca, mas do concelho supprimido d'Alvares) 40 kilometros ao S.E. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa.

Tem 210 fogos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

Situada em terreno montuoso (pelo que a este concelho, e aos supprimidos de Alvares e Fajão, se dá o nome de *concelhos da Serra*.)

E' terra muito fria e pouco fertil, por causa das neves que duram aqui a maior parte do anno.

Produz medianamente, vinho, azeite, milho e castanhas.

Fabricam se aqui bastantes bureis.

PORTELLA DO HOMEM—logar, Minho, na freguezia de Villarinho (S. Thomé) comarca e concelho de Villa Verde (antiga comarca e concelho de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Por este logar passa a linha divisoria entre a provincia do Minho e a de Galliza—isto é—entre Portugal e Hespanha.

Tambem por aqui passava uma das vias militares romanas, que de Braga hiam a Astorga.

Havia aqui innumeros marcos milliares, não só os que foram assentes pelos romanos, mas os que trouxeram de outras partes.

(Vide *Bouro*—mosteiro de—*Campo de Gerez*, *Geira*, *Homem* e *Lamas d'Homem.*)

Veem-se aqui os restos de uma trincheira, com sua contra escarpa, estendendo dois braços pela encosta da serra, construida no reinado de D. João I, e reedificada no de D. João IV, e na regencia de D. João, depois VI.

Ainda não ha muitos annos, que na *Casa da Guarda* (n'este logar) existiam algumas peças de artilheria—de ferro—que foram removidas para os paços do concelho.

Estas peças estavam aqui desde 1801.

Todos sabem que em 1801, Buonaparte fez alliança com Carlos IV, de Hespanha, para fazerem guerra á Gran-Bretanha.

Queria que Portugal entrasse na liga, e, como o principe regente se recusasse, nos declararam guerra (8 de março) e o ridiculo *Godoy* (feito *principe da paz*) invade o Alemtejo, com uma divisão de francezes e hespanhoes, e nos toma Olivença.

Durou pouco esta guerra, que terminou pelo tratado de paz, de Badajoz, feito a 6 de junho, ratificado por outro, feito a 29 de setembro do mesmo anno.

(Para evitarmos repetições, vide *Olivença*.)

—

Em 28 de março de 1801, veiu para aqui um destatamento de artilheria do Porto, commandado pelo sargento Agostinho Rodrigues, que depois foi quartel-mestre das milicias da Barca.

Esta força, e uma grande partida de ordenanças, se conservaram n'este ponto, até 20 d'agosto, reformando as antigas fortificações.

No alto da serra da Portella do Homem, no sitio denominado *Calvos*, estão uns pardieiros, restos de uma atalaia, aqui edificada por se descobrir grande extenção de territorio gallego.

—

Quem seguir a estrada da *Geira*, e, perto da Portella do Homem, tomar á direita, e seguir o curso do rio (Homem) encontra, na encosta que se dependura sobre a margem esquerda, um rochedo de grande altura, que, visto de certa distancia, apresenta a fórma de um castello.

Tem sua cortina ou muralha, lisa e perpendicular, com suas fendas symetricas e uns buracos, como séteiras.

No alto, tem uma especie de ameias salientes; rochedos semelhando adarves, e até outros, que de longe parecem sentinellas.

Está revestido de hêra e outras parietarias, o que lhe augmenta a sua alpestre poesia.

—

Disse que na Portella do Homem houve muitos marcos milliarios.

Hoje, os que ainda existem, estão quasi todos tombados, e só de cinco se podem ler as inscripções; porque dos outros, ou ellas estão voltadas para a terra, ou o tempo as desfez.

Tambem quasi todos estão partidos, não se podendo por isso saber a sua altura primittiva.

Deixando aquelles cujas inscripções desappareceram, eis o que se póde ler, dos restantes:

1.º

. . . . . .
. . . . . TRAIANO
. . . . . .
A BRAC. . . . . .
M. P. XXXIIII.

(Trajano. D'aqui a Braga, são 34:000 passos.)

Tem 2,m64 de alto, e o mesmo de circumferencia.

2.º

IMP. CAES. C. IVLIVS VERVS MAXI.
PIVS AVG. GERM. MAX. DAC.
SARM. MAX. PONT. MAX.
IMP VI. P. P. CŌS. PROCŌS.
ET C. IVLIVS VERVS MAX. NO-
BELISSIMVS CAES. GERM.
MAX. SARM. MAX. PRINCIPI
IVVENTVTIS FILIVS D. N. IMP.
C. IVLII VERII MAXIMINI
..... QVINTO.....
..... O. LEG. AVG. G.
.....

(O imperador Cesar Cayo Julio Vero, maximo, pio, augusto, germanico maximo, dácio, sarmatico maximo, pontifice maximo, imperador a sexta vez, pae da patria, consul, proconsul—E Cayo Julio Vero Maximino, nobilissimo cesar, germanico maximo, sarmatico maximo, principe da mocidade, filho do nosso senhor, o imperador, Cayo Julio Vero Maximino..... quinto..... legado dos imperadores.)

Tem 3m,11 de alto, e 2m,22 de circumferencia.

3.º

IMP. TITO CAESARE DIVI
VESP. F. VESPASIANO M.
PONT. MAX. TRIB. POT. IX.
IMP. XV. P. P. CŌS. VIII.
CAESARE DIVI VESP. S.... CŌS VII
CAIO CALPETANO RANTIO
QUIRINALE VALERIO
FESTO LEG. AVG. PRO PR.
VIA NOVA. A BRAC AVG.
M. P. XXXIIII.

(Dedicado ao imperador Tito Cesar Vespasiano, filho do divino Vespasiano, pontifice maximo: nove vezes investido do poder tribunicio, quinze vezes imperador, oito vezes consul, pae da patria. E a....Cesar, filho do divino Vespasiano.... sete vezes consul. Sendo superintendente da obra, Caio Calpetano Rancio, Quirinal, e Valerio Festo, legados de Augusto e propretores. D'aqui a Braga, pela nova estrada, são 34:000 passos.)

E' um pedaço de marco, com 1,m55 de de alto, e 1,m77 de grosso.

4.º

IMP. CAES. C. MESSIO
QVINTO TRAIANO
DECIO PIO FEL. AVG.
PONT. MAX. TRIB. POT.
PROCŌS. IIII. CŌS. III.
A BRAC. AVG.
XXXIIII.

(Ao imperador Cesar Caio Messio Quinto Trajano Decio, pio, feliz, augusto, pontifice maximo, investido do poder tribunicio, quatro vezês proconsul, tres vezes consul. D'aqui a Braga são 34:000 passos.)

Tem 3,m11 de alto, e 2,m99 de circumferencia.

5.º

IMP. CAES. DIVI SEVERI PII FIL.
DIVI MARCI ANTONINI NEP.
DIVI ANTONINI PII PRONEP.
DIVI ADRIANI ABNEP.
DIVI TRAIANI PART. ET DIVI
NERVAE ADNEP.
M. AVRELIO ANTONINO PIO III. FEL. AUG.
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO MAX.
PONT MAX.
TRIB. POT. XVII. IMP. III.
CŌS. IIII. P. P. PROCŌS.
A BRAC. AVG. M. P. XXXIIII

(Dedicado ao imperador Cesar, filho do divino Severo, pio, feliz. Neto do divino Marco Antonino, bisneto do divino Antonino Pio, terceiro neto do divino Adriano, quarto neto do divino Trajano, partico, e do divino Nerva Marco Aurelio Antonino Pio, feliz, augusto, partico maximo, britanico maximo, germanico maximo, pontifice maximo, dezessete vezes investido do poder tri-

bunicio, tres vezes imperador, quatro vezes consul, proconsul, e pae da patria. D'aqui a Braga, são 34:000 passos.)

—

Na freguezia do *Valle*, que é a primeira da Galliza, em frente da Portella do Homem, existe um marco milliario, partido em tres pedaços, os quaes teem letras gravadas, que se não podem ler.

Está no sitio chamado *Banhos*.

—

A pouca distancia d'este logar, é a povoação de *Lóbios*, notavel na historia portugueza, por ser por alli que os liberaes emigraram em 1828, e ainda mais, por ser por este mesmo sitio que o marechal Saldanha fugiu para a Galliza, em 1851

O duque de Saldanha, é demittido do cargo de mordomomór da casa real (fevereiro de 1850.)

Saldanha, pede a demissão de todos os seus cargos de commissão, por não querer servir com Antonio Bernardo da Costa Cabral (já feito conde de Thomar desde 8 de setembro de 1845.)

Treze mezes esteve Saldanha *amuado* com o governo dos Cabraes, até que a 7 de abril de 1851, se poz á frente de uma revolta, para derribar o ministerio cabralista.

O marechal sahiu de Lisboa n'aquelle dia, e foi a Mafra, para revoltar o regimento de infanteria n.º 7, mas só conseguiu levar alguns soldados.

O batalhão de caçadores n.º 1, que estava (como hoje) em Setubal, tomou o partido do Saldanha, e o mesmo exemplo seguiu caçadores 5, que estava então em Leiria.

O governo manda tropas contra o duque, que, não podendo augmentar o numero dos seus soldados, vae fugindo da perseguição das tropas do governo; mas vendo que lhe não podia escapar, abandona os dois batalhões, na Beira Alta, e, pela Portella do Homem, foge para a povoação gallega de Lóbios.

Saldanha a entrar na Galliza, e José da Silva Passos, José Victorino Damazio e outros, fazem a revolução, no Porto, a 24 de abril, com o batalhão de caçadores n.º 9 e infanteria n.º 2. [1]

O conde do Casal, general do Porto, pretende oppor-se á revolta; mas vendo-se abandonado, foge com as tropas que se conservaram fieis ao governo.

Os dois batalhões 1 e 5, vem juntar-se aos revoltosos do Porto.

Saldanha sabe d'esta revolta, e posto ter ella por chefes os homens do partido republicano, até então seus inimigos implacaveis, vôa ao Porto a tomar o commando dos revoltosos; para se aproveitar das *legitimas* consequencias.

—

Era commandante em chefe do exercito, o sr. D. Fernando Coburgo, que marchára de Lisboa para Coimbra; mas n'esta cidade, o general, Miguel Correia de Mesquita Pimentel (feito barão de Mesquita, em 17 de janeiro de 1843) deserta para o Porto com a sua brigada.

O sr. D. Fernando, vendo-se assim desamparado, foge para Lisboa, com as poucas

[1] O bravo e honrado coronel de infanteria n.º 2 (Cardoso) oppoz se á revolta; mas vendo que nada podia fazer contra os seus soldados, agarra-se ás bandeiras do regimento, não as querendo deixar levar pelos soldados, que o assassinam.

tropas que se lhe conservaram fieis

Chamaram a esta revolta—a *regeneração*—e os seus partidarios (hoje no poder) se denominaram *regeneradores*.

Saldanha, dá no Porto leis para todo o reino, e de Lisboa lhe mandam navios de guerra e transportes, buscal-o e ás suas tropas, que desembarcam triumphantes no Terreiro do Paço, no dia 13 de maio, fazendo marchar os corpos *em continencia*, pela frente do paço, e obrigando a rainha e o rei a hirem ao theatro de S. Carlos, onde n'essa noite soffreram alguns insultos e desgostos.

O conde de Thomar, fóge, pela segunda vez, para o estrangeiro.

Saldanha, toma conta do governo, em *dictadura*, e promulga uma prodigiosa quantidade de leis.

Proximo á Portella do Homem, estão as ruinas da antiquissima ermida de S. Miguel, ha tantos annos abandonada, que no seu ambito existe hoje um antigo e robusto carvalho.

Ainda hoje a este sitio se chama *curral de S. Miguel*.

Os povos de S. Payo da Carvalheira e de outros logares visinhos, vinham aqui em romarias, ladainhas e clamores, em maio, depois das sementeiras, para que o santo archanjo implorasse ao Todo Poderoso a fecundidade das suas terras.

Quando a capella se principiou a arruinar, o povo de *Villarinho da Furna* levou para a capella da sua aldeia a imagem de S. Miguel, e é alli que agora continúa a devoção do povo.

A' festa d'este archanjo chamam os *Lombados*, por ser assim denominado um bosque de castanheiros antiquissimos, que está sobre a vertente da margem esquerda do rio Homem, e onde os romeiros, dá volta fazem parada e *merendam*.

Todo o que por alli passar, n'essa occasião, é convidado para tomar parte no banquete.

Antigamente, o mórdomo da freguezia era obrigado a ter alli uns tantos almudes de vinho, para os festeiros.

O abbade e povo da freguezia da Carvalheira vão em um domingo, d'antemão aprazado, em clamor, á capella de Villarinho: dão tres voltas em redor d'ella, cantam a ladainha, e vão depois fazer a sua oração ao santo.

Todo o trajecto d'esta romaria, feito pelas ribas alpestres e pittorescas do Gerez, na mais bella estação do anno, é sobremodo deleitoso.

Em frente dos Lombados, para o lado do N., vê-se o sêrro do *Chão da Fonte*, ponto mais elevado da serra do Gerez, n'estes sitios.

Um pouco mais abaixo, os terrificos despenhadeiros da *Aguieira*, montanha talhada perpendicularmente na rocha viva, ao lado da qual salta um ribeiro, em vertiginosa catadupa.

Para a esquerda se descobrem mais de 45 kilometros de extensão, e duas serras parallelas (projecções do Gerez) cahindo em suave ondulação até ao Oceano.

A' direita, veem-se as cristas dentadas do Gerez; e ao fundo dos alcantis, refervendo por entre os rochedos, o sinuoso Homem, ainda n'essa quadra opulento das aguas que descem da serra.

Finda a merenda, levantam-se os romeiros, o parocho dá as graças, o mórdomo levanta a cruz, as raparigas põem á cabeça as canastras e açafates em que levaram os comestiveis, e os romeiros regressam aos seus lares, cantando as raparigas, em côro, aquellas singelas quadras, tão queridas do nosso povo, e em harmoniosas toadas tão sabidas pelas donzellas dos campos peninsulares.

Não ha memoria de uma unica embriaguez, de uma desordem — nem mesmo de um insulto, n'esta poetica *festa dos Lombados*.

Feliz o povo das nossas aldeias, no qual a luz da fé não pôde, nem jámais poderá ser apagada pela descrença dos *livres pensadores*.

Aquelle, acha na religião o balsamo consolador para todos os soffrimentos d'esta vida, e a doce esperança dos gosos eternos na outra—estes—os *espiritos fortes*—vivem sem fé—e morrem sem esperança.

—

Antigamente, dava-se á *Portella do Homem*, o titulo de *Praça d'Armas*, e para aqui vinham defender o ponto (já de si quasi inaccessivel) em tempo de guerra, os povos de differentes freguezias do Alto-Minho, pelo que tinham o privilegio de não dar soldados para o exercito, e outros mais. (Vide *Campo do Gerez*.)

PORTELLA SUZAN (isto é—*Portella de Cima*—vide *Jussãa*, vol. 3.º, pag. 430, col. 2.ª—e *Suzan*) [1]—freguezia, Minho; concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 30 kilomelros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago, o Salvador.

O D. abbade, benedictino, do mosteiro de Carvoeiro, apresentava *in solidum*, o vigario, que tinha 50$000 réis, e o pé d'altar.

Esta freguezia pertencia ao couto do referido mosteiro de Carvoeiro, cujo abbade tinha n'elle as jurisdicções espiritual e temporal.

(Para se evitarem repetições, vide *Carbona*, no vol. 2.º, pag. 104, col. 2.ª—e pag. 140, col. 1.ª, do mesmo volume.)

E' terra fertil.

Cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe do mar, que lhe fica a pouca distancia.

PORTÊLLO—freguezia extincta, Traz-os-Montes, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 70 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa.

Orago, S. Sebastião, martyr.

O reitor de Carragosa, apresentava o cura que tinha 8$500 réis de congrua, e o que rendia o pé d'altar.

Esta freguezia era tão pequena, que não tinha senão 14 fogos, pelo que, no principio d'este seculo, foi encorporada na de Carragosa.

(Vide *Carragosa*, no vol. 2.º, pag. 117, col. 1.ª)

PORTÊLLO (castello do)—Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre.

No sitio hoje denominado *Côtto de Sendim*, que é um môrro, entre as serras de *Larouco* e *Arandêllo*, distante um kilometro, ao N. do logar de Sendim, e 6 ao N.E. de Montalegre, e ao qual (môrro) o vulgo chama *Mitra de S. Thiago*, por causa da sua forma conica, houve em tempos remotos um formidavel castello, do qual ainda ha vestigios, por entre pedras soltas (provavelmente destroços dos seus materiaes) e mattos.

Em 1802, fazendo-se aqui escavações, se encontraram ossos, cáveiras, e algumas moedas romanas.

Eram encarregados da guarda d'este castello, os povos de Villar de Perdizes, Silveira, Santo André, Gralhas, Meixêdo, Padornêllos, Padroso e outros.

Esta fortaleza, era um ponto divisorio entre Portugal e Gallíza.

PORTÊLLO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Cambres, comarca, concelho, e 3 kilometros a N.O. de Lamego.

(Vide vol. 2.º, pag. 52, col. 2.ª)

Quando tratei da freguezia de Cambres, mencionei a *quinta da Corredoura* (dos srs. Perfeitos) que é n'este logar de Portêllo.

Esta propriedade porém, pela sua riquera e sumptuosidade, merece uma especial menção, pelo que lhe destino este artigo.

—

A quinta do sr. Antonio Perfeito Perei-

[1] Pretendem alguns, que antigamente se chamava *Portella da Suzana*, por ter pertencido (ou por aqui habitar) uma dona, d'este nome.

E' êrro crasso.

Nunca se chamou senão *Portella Suzan*, que significa *Portella de Cima;* por haver *Portella Juzan*, que quer dizer, *Portella de Baixo*.

ra Pinto Osorio, na aldeia da *Corredoura*, freguezia de Cambres a pouca distancia da egreja matriz, é indisputavelmente uma das mais formosas vivendas de Portugal.

Consta de um elegante palacio, com sua grande quinta ajardinada, e com uma extensa matta, só dividida da quinta por um ribeiro que desce d'Arões.

A entrada é por um terreiro, assombrado por 14 antiquissimas, frondosas e gigantescas arvores.

Ao centro está o grande portão da entrada, com o escudo das armas d'esta nobilissima familia.

A fachada tem seis grandes janellas no andar terreo, gradeadas de ferro, e sete no andar nobre, com sacadas do mesmo metal.

Ao sul, e pegado ao cunhal da casa, está um esbelto portão, de ferro, entre duas altas columnas de cantaria, rematadas por dois vazos de pedra, de primorosa esculptura.

Segue um gradeamento de ferro, assente em um sôcco de cantaria, vedando um recinto ajardinado.

Seguem-se as casas dos creados, e as cocheiras e cavallariças, e depois um portão que dá entrada para o pomar.

A fachada do S. (para o lado de Lamego) é tambem de muita elegancia, e será magestosa quando se concluir o grande terraço que anda em construcção.

Sobre a janella do centro, d'esta fachada, se lê a seguinte inscripção:

ANTONIO PERFEITO PEREIRA PINTO OSORIO,
MANDOU ACCRESCENTAR A ESTA FACHADA,
SETE PORTADAS, E FAZER A FRENTE
DA PARTE DO NASCENTE, E SEUS
INTERIORES, COOPERANDO PARA ISTO,
SEU IRMÃO, JOSÉ PERFEITO PEREIRA PINTO.
NO ANNO DE 1854.

A fachada do norte faz symetria com a do sul, e é a parte mais antiga do palacio.

O interior da casa está perfeitamente dividido; e o *salão d'honra*, é vasto, pois tem 11 metros de comprido, por 8 de largo.

Está mobilado com trastes antigos, de muito merecimento.

Tambem é digna de nota a *sala dos quadros*, ricamente adornada, contendo 16 bellos quadros mythologicos, e 3 de fructos e flores, todos de muito valor artistico.

Tem tambem um grande espelho, antigo, em rica moldura dourada; tres mesas de pau santo, com primorosos embutidos; sendo do mesmo páu, e tambem com embutidos, e estofadas de damasco, as cadeiras da sala.

Tem um optimo *piano forte*, e no centro do tecto, um magnifico lustre, com 14 lumes.

Junto a esta, está a *sala de visitas*, alcatifada com um luxuoso tapete.

As paredes são revestidas de bellas pinturas a oleo, sobre lona, em molduras douradas.

Tem um grande espelho, sobre uma mesa, de talha dourada, com uma bella pedra de rico marmore.

A mobilia é tambem de pau santo, com primorosos embutidos, de muito valor, não só pela sua perfeição, como pela sua muita antiguidade.

E' illuminada por um formoso lustre, de 15 lumes, e cinco bellas lustrinas de crystal, de tres lumes cada uma.

Sobre a *jardineira* do centro, e sobre duas meias commodas, eguaes ao resto da mobilia, se veem ricos vasos de porcelana dourada; e imagens de santos, de jaspe e outras materias, e dois bonitos oratorios, tudo de grande perfeição artistica.

Tem esta casa, muitos e vastos quartos e salas, tudo luxuosamente mobilado.

A *sala do fogão*, corresponde em magnificencia ao resto das divisões, e n'ella se admiram tres riquissimos quadros a oleo, em molduras douradas—um representa a Annunciação da Santissima Virgem—outro, a adoração dos anjos ao Menino Jesus—e o terceiro, a apresentação no templo.

A sua mobilia é tambem de muito valor, e de grande antiguidade.

E' illuminada por cinco formosos lustres, dourados, com duas serpentinas cada um.

O *refeitorio*, é tambem uma boa sala, illuminada por uma grande clara-boia, e bem mobilada.

Ha tambem uma outra sala, com 11,^{m}20 de comprido e 5,^{m}12 de largo, que é a actual *sala de jantar.*

Alem da mobilia propria d'estas salas, tem oitó bellissimos quadros a oleo, em molduras de encarnado e ouro, representando fructos e flores.

Admiram-se aqui duas mesas muito antigas, com bonitos folheados, e douraduras, sendo a sua superficie superior formada por primoroso mosaico.

Sobre cada uma d'estas mesas, estão collocados dois ricos espelhos de crystal, de fórma elyptica, em molduras de branco e ouro.

Sobre a mesa de jantar, *elastica*, está, pendente do tecto, um antiquissimo lustre de oito lumes; e nas cabeceiras da sala ha dois ricos *aparadores* envidraçados, com oito portas e oito gavetas.

Ha aqui dois riquissimos relogios de sala.

É grande, clara e muito aceiada a *cosinha velha*, com uma fonte de uma bica (torneira) sob a qual ha um tanque de marmore preto; porém é muito mais luxuosa a *cosinha nova*, com 9^{m},74 de comprido, e 4^{m},90 de largo. É toda de pedra de cantaria, e a chaminé de grande altura, assente em robustos pilares tambem de cantaria. Tem uma boa fonte, com seu tanque, e outro para lavar a louça. É perfeitamente illuminada.

Em um largo terreiro, que fica em frente da cosinha nova, ha duas fontes d'agua, cahindo em grandes tanques de pedra. No centro d'estas duas fontes, está a seguinte inscripção:

ANTONIO PERFEITO PEREIRA PINTO OSORIO,
MANDOU EXPLORAR E CANALISAR
A AGUA, QUE PRINCIPIOU A
CAHIR N'ESTE CHAFARIZ,
A 16 DE ABRIL DE 1873.

Ainda n'este pateo ha outro tanque mais pequeno, que serve para lavar roupa.

No centro do campo ajardinado que fica ao sul do palacio, ha uma formosa taça de pedra, de figura elyptica, com 13^{m},20 de comprido, por 6^{m},60 de largo, onde nadam formosos peixes, de côres variegadas.

A quinta tem umbrosas casas de fresco, bellos caramanchões, bonitas meias-laranjas, deliciosos hortos, e tudo quanto póde tornar uma estancia poetica, amena e agradavel. Em partes, tem bonitas poesias, escriptas a óleo, em taboletas de madeira, allusivas ao sitio onde estão collocadas, o que augmenta o encanto d'esta formosissima estancia.

—

Ao ex.^{mo} sr. Antonio Rodrigues da Fonceca, de Felgueiras, agradeço cordealmente a brilhante descripção, que, accedendo ao meu pedido, teve a bondade de me mandar, com respeito ao palacio e *quinta da Corredoura.* Peço-lhe porêm perdão, por me vêr obrigado a resumir tanto os seus esclarecimentos, dizendo sómente o essencial, para se poder fazer uma ideia aproximada do que é esta bella propriedade. O sr. Fonceca bem vê que, se de todas as quintas notaveis fizesse tão minuciosa descripção, tornar-se-hia esta obra interminavel.

A quinta do sr. Perfeito só se poderia descrever cabalmente em um livro especial; e, na verdade, era d'isso indisputavelmente merecedora.

—

Osorio, é um appellido nobre em Portugal. Veio d'Hespanha, procedendo de D. Gutierres Ozorio, pae de D. Osorio Cabreira, que veio povoar Portugal; mas não se sabe quando.

Passou segunda vez este appellido a Portugal, no tempo de D. João I, na pessoa de D. Martim Osorio, filho de D. Osorio Martins, da casa dos marquezes d'Astorga, que fez seu solar na villa de Trancoso. O seu brazão d'armas é o seguinte—em campo d'ouro, dois lobos, de púrpura, passantes, em palla—êlmo de prata, aberto, e por timbre, um dos lobos das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, banda de prata, entre dois lobos, do mesmo.

Outros—em campo d'ouro, dois ursos, de púrpura—e finalmente—ainda outros—em campo de púrpura, duas vaccas, d'ouro, passantes, em palla. Elmo de prata, aberto—e por timbre, uma das vaccas.

Para as armas dos *Pereiras* e dos *Pintos*, e sua ascendencia, vide *Feira.*

PORTIMÃO—rio, Algarve—tambem chamado *rio de Silves*. Atravessa a villa que lhe dá o nome, entrando ahi no mar. Vide *Mexilhoeira Pequena*, no 5.º vol., pag. 205, col. 1.ª—Vide tambem a villa seguinte.

PORTIMÃO ou VILLA NOVA DE PORTIMÃO [1]—villa, Algarve, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 8 kilometros a E. de Lagos, 12 kilometros ao O.S.O. de Silves, 60 ao O. de Faro, 85 ao O. de Tavira, 110 ao O. de Castro-Marim, 48 ao E. do Cabo de S. Vicente, 42 a E. de Sagres, 135 a S.E. de Sines, 9 ao O. d'Olhão, 180 ao S. de Setubal, 230 ao S. de Lisboa.

Tem 1:200 fogos (em uma só freguezia—Nossa Senhora da Conceição).

Em 1757 tinha 522 fogos.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Tem estação telegraphica.

O papa e o bispo, apresentavam alternadamente o prior, que tinha 138 alqueires de trigo, 57 almudes de vinho, 1$000 réis em dinheiro, e os benesses.

O concelho de Portimão, é composto de 3 freguezias, todas no bispado do Algarve, e com 2:800 fogos—são—Alvôr, Mexilhoeira, e Portimão.

Está em 37°, 9′ de latitude—e 3′ de longitude occidental.

Feira a 9, 10 e 11 de novembro; concedida por alvará de D. Affonso VI, de 3 de outubro de 1672.

Não tem brazão d'armas, e nunca teve foral. Teve juiz de fóra, creado em 16 de janeiro de 1773, por D. José I.

Tem uma escola de latim, e duas de primeiras lettras.

Não se póde fixar a época da primitiva fundação d'esta villa. Segundo a tradição, um individuo, de appellido *Portimão*, fundou aqui uma aldeia, a que deu o seu nome, no reinado de D. João I, ou no de seu filho, o rei D. Duarte; e para aqui se veiu estabelecer com a sua familia, empregando-se no exercicio da pesca do atum. O mar, porém, destruiu esta povoação, da qual apenas hoje ha vestigios, no sitio chamado *Portimões*. (Vide adiante.)

É certo que, quando D. Affonso V, em 1463, concedeu licença a 40 moradores *do logar de Portimão*, para fundarem a nova villa—como adiante digo mais circumstanciadamente—já existia uma povoação com o mesmo nome, visto que o rei lh'o dá, na sua carta d'alvará.

Mas a existencia da villa actual, não póde remontar-se além do referido anno de 1463, que é quando teve principio, por os habitantes da primitiva Portimão a abandonarem, em razão das frequentes invasões do Oceano, e vindo fundar a nova villa (a actual) no sitio até então chamado *Barrosa*.

Deu-se-lhe o nome de *Portimão* até 1773 e então, a 16 de janeiro, sendo elevada a cabeça de comarca, tornando-a independente da jurisdicção de Silves, D. José I lhe deu o fôro de villa, sob o nome de *Villa-Nova de Portimão;* entretanto, e por abreviatura, dá-se-lhe geralmente o nome de Portimão, e os seus habitantes se denominam *portimanenses*.

—

Ha grande divergencia entre os nossos escriptores, sobre o logar onde esteve fundada a famosa cidade romana, chamada *Portus Annibalis*. Pretendem alguns que fosse onde hoje está Alvôr—outros em Estombar; porém o maior numero sustenta (e julgo que com mais probabilidade) que foi junto á foz do rio Portimão.

Suppõe-se tambem, com bons fundamentos, que os phenicios aqui estabeleceram uma *estação naval*, ou *feitoria*.

Segundo os escriptores romanos, *Amilcar Barca* (general carthaginez, e pae do grande Annibal) fundou esta povoação, 551 annos antes de J.-C. (no anno 3453 do mundo) e lhe pôz o nome de *Barcina*, ou *Barcinia*—do appellido da sua familia.

Outros escriptores, porém, sustentam que Amilcar só reedificou e augmentou a povoa-

[1] Como esta villa é conhecida, tanto por *Villa Nova de Portimão*, como simplesmente por *Portimão*, e havendo em Portugal uma quantidade immensa de *Villas-Novas*, resolvi descrever esta povoação sob o nome da palavra indicadora, para evitar aos leitores o aborrecimento de lerem de uma vez tantas *Villas-Novas*.

ção phenicia, que existia desde o anno 3200 do mundo — isto é — 804 antes de J.-C.

Annibal Barca, a ampliou ainda, e construiu aqui um templo, pelos annos 520 antes de J.-C. — mudando-lhe então o nome, para o de *Portus Annibalis*. Diz-se que foi este general que lhe construiu as primeiras fortificações.

Os romanos a conquistaram aos carthaginezes, no anno 200 antes de J.-C., conservando-lhe o nome de Portus Annibalis.

Os arabes a conquistaram, no anno 715 de J.-C., e diz-se que lhe pozeram o nome de *Porcimunt*, o que acho inverosimil, porque, semelhante palavra não é árabe, e porque Portimão parece-me nome ou appellido gothico, concordando com o tal Portimão que deu o nome á aldeia que o mar destruiu.

Tambem e pelas mesmas razões, não me parece acceitavel a opinião dos que dizem que os árabes, na sua lingua de trapos, não podendo pronunciar Barcinia (ou *Barcinium*, como ainda querem outros) diziam Porcimunt, que por nenhum principio estava na indole da sua lingua—e mesmo porque, quando elles se apoderaram d'esta povoação, já havia 1235 annos que ella tinha deixado de chamar-se Barcinia, como já vimos.

Concluo de tudo quanto fica dito, que a povoação que o mar descobriu, pelo terramoto de 1755 (como adiante digo), era, com muita probabilidade, a famosa cidade de *Portus Annibalis*.

—

É Portimão uma grande, rica e bonita villa, situada sobre a margem direita do rio a que deu o nome (ou que d'elle o recebeu), a 1:500 metros a E. da sua foz, que é um braço de mar, com bastante largura e profundidade, cujas aguas salgadas se juntam aqui com as do rio, que vem da cidade de Silves (por isso se chama tambem *rio de Silves*), recebendo no seu curso o tributo de varios ribeiros e regatos, que descem da serra.

É um porto commercial importantissimo, e que em nossos dias tem prodigiosamente prosperado.

A sua barra é defendida por duas fortalezas—a de *Santa Catharina*, ao O.—e *S. João Baptista*, a E.— esta serve de *registo*, e tem duas baterias — a *Alta* e a *Baixa*. (Vide adiante.)

Este porto, é o melhor do Algarve, dando entrada a navios de todas as lotações, apezar de se ter bastantemente obstruido com areia.

Aqui embarcam todos os generos que exportam os concelhos de Monchique, Silves, Lagôa, Albufeira, parte do de Lagos, e outras povoações.

No tempo da *carregação* (de setembro a dezembro) concorrem aqui mais de 80 embarcações estrangeiras, a tomar carga de sal, fructas e outros generos; pelo que a sua alfandega rende mais de 100 contos de réis por anno.

Tem Misericordia, com hospital, mas o seu rendimento é insufficiente para o fim a que é destinado.

O hospital de S. Nicolau, é antiquissimo. Tinha 250$000 réis de rendimento annual; mas tanto *cuidado* tem havido, e tão *boas* administrações o teem gerido, que hoje está o rendimento reduzido a uns 75$000 réis!...

—

As duas fortalezas, apenas distam uma da outra uns 300 metros.

A barra é de areia, e, por isso, muito variavel.

A fortaleza de Santa Catharina está edificada sobre uma rocha escarpada, de bastante altura, que vae descendo por terrenos cultivados, até ás ruinas do mosteiro dos capuchos, onde o rio ainda tem fundo para fragatas e corvêtas.

Do lado da fortaleza de S. João, está a praia da *Angrinha*, com *sapaes* e fazendas ao lado, até *Ferragudo* (vol. 3.º, pag. 169, col. 1.ª), que fica na margem esquerda, em frente da villa; e n'esta praia *váram* os barcos de pesca.

A 1:500 metros, a E., é a bonita aldeia da *Mexilhoeira Pequena*, ou *Mexilhoeirinha*, da qual já tratei, no vol. 5.º, pag. 205, col. 1.ª, no fim.

A 9 kilometros ao N. da barra, está o *ilheu de Nossa Senhora do Rosario*, no qual des-

embarcaram os cruzados, e assentaram seus arraiaes, quando foram ajudar D. Sancho I a tomar Silves, em 1189.[1]

Este ilheu, é todo de penedia, com pouca terra. Tem apenas 50 metros de comprimento, e 15 de largura. Ao canal que fica entre o ilheu e a terra firme, dá-se o nome de *Barra de Silves*, ou de *Nossa Senhora do Rosario*. É o fim da serra da *Atalaia*, e fica no meio da barra, entre Ferragudo e o forte de S. João, e Portimão e o forte de Santa Catharina.

Todas as terras das duas margens do rio Portimão, são muito ferteis, formosas e bem cultivadas. As vinhas que por ellas se estendem, são de prodigiosa producção; e as cearas dão, regularmente, vinte sementes.

—

Entre a fortaleza de Santa Catharina e o extincto mosteiro dos capuchos, a pouca distancia, para o O., se encontram, perto da praia, no sitio dos *Portimões*, certas minas (galerias), e entre ellas restos de pias, de alvenaria, que são antigas salgadeiras. Houve aqui armação de atuns. A *dizima velha* dos atuns que aqui fossem pescados, foi dada, pelo rei D. Manuel, em 7 de julho de 1498, a D. Martinho de Castello-Branco, senhor donatario da villa. Esta doação foi confirmada por D. João III, em 7 de outubro de 1522.

Dizem alguns escriptores, que foi aqui o primeiro assento de Portimão. É certo que, em 1463, por carta de 4 d'agosto, concedeu D. Affonso V, a 40 moradores do logar de Portimão, *termo de Silves*, licença (e os privilegios que elles pediram) para fundarem uma povoação, *na foz da cidade de Silves, no sitio chamado a Barrosa, ordenando que d'alli em diante, se ficasse chamando, S. Lourenço da Barrosa.*

A convenção proposta pelos taes quarenta, tinha as condições e privilegios seguintes:

1.º—Dentro em dois annos, cada um seria obrigado a fazer alli uma casa para morar, sob pena de dois mil *reaes brancos*.

2.º—Que esta povoação nunca sahiria da corôa.

3.º—Isenção de quaesquer *pedidos* (tributos), salvo sizas, dizimas e portagens.

4.º—Não hirem á guerra, nem ás armadas, senão quando o rei fosse em pessoa.

5.º—Isenção de pagamento de *peitas*, *fintas*, *talhas*, e outros encargos e *servidões*, de Silves; salvo pontes, fontes, e calçadas.

6.º—Isenção de aposentadorias a fidalgos, que aqui não podiam tomar vinho, palha, bêstas, gado, etc., etc.

Estes privilegios, foram accrescentados com outros, a 25 de março e 8 de junho, de 1464 — e vinham a ser:

7.º—Que d'alli em diante, não morem no dito logar, fidalgos, cavalleiros, nem outras pessoas poderosas, nem tenham alli cásas, nem as façam, nem estejam no dito logar, mais do que o dia em que alli chegarem, e os tres seguintes—*E isto assi pela guiza do que está outorgado á cidade do Porto—e fazendo o contrario, pague, cada um, 500 corôas d'ouro, para a arca da piedade, por cada vez que contra isso for*, etc.—(Livro 8 do Guad., fl. 88.)

8.º—Que os moradores do dito logar, gozem da jurisdicção que por varias cartas foi concedida ao logar de Punhete. (Livro 4.º do Guad., fl. 29.)

9.º—Não serem os moradores d'este logar, póstos por bésteiros do conto. (Carta régia de 22 de dezembro, de 1485.)

Este privilegio, foi dado a requerimento da camara de Villa-Nova-de-Portimão.

—

A povoação onde hoje é a villa, já existia, pois a 24 de maio de 1466, deu D. Affonso V licença a Alvaro de Teives, para fazer uma barca de passagem, no rio do *logar de Por-*

[1] Mas, só dois annos conservámos, por então, esta praça; porque, estando o reino extenuado, pela fóme e peste que houve em 1191, o Miramolim de Marrocos, invadindo Portugal, reconquista, não só Silves, como todo o Algarve, e ainda parte do Alemtejo occidental.

Só em 9 de janeiro de 1242. D. Payo Peres Correia, mestre da ordem de S. Thiago, e fronteiro-mór do Algarve, resgata Silves, e pouco depois, Aljezur e Tavira; em 9 de março de 1249, Faro, e em 1250, com D. Affonso III, expulsam os mouros de todo o Algarve.

timão, e haver a sua renda. (L.º 3.º de Guad., fl. 34.)

Por carta de 10 d'abril de 1476, datada de Fáro, fez o mesmo rei doação de Villa-Nova de Portimão a Gonçalo Vaz de Castello-Branco, *da mesma sorte que a havia o almirante.* (L.º 6 de D. João II, fl. 130.) Isto, *em premio dos importantes serviços que havia feito ao reino, acompanhando-o* (ao rei) *na jornada de Samora* (Hespanha) *e achando-se com muita gente sua na batalha de Castro Queimado, na qual foi o primeiro que rompeu e derrotou os castelhanos.*

Para se saber a causa d'esta guerra, vide vol. 6.º, pag. 309, col. 2.ª—e no mesmo vol., pag. 397, col. 2.ª

Foi Gonçalo Vaz de Castello-Branco, 2.º senhor donatario d'esta villa, que a fortificou e mandou cingir de muralhas (parte das quaes ainda existem) com quatro portas — *da Senhora da Graça*, defendida pelo baluarte de Santa Barbara, em frente da barra — *da Ribeira*, junto ao rio, a S.E., defendida por duas torres—*a da Serra*, ao N., defendida por outras duas torres—e a *de S. João*, ao O., egualmente defendida por duas torres.

Tinham ainda estas muralhas tres *postigos*—o *dos Fumeiros*, a E.—o *de Santa Isabel*, ao S.—e o *da Egreja*, ao O.

N'estas portas e postigos, e na egreja matriz, estava entalhado, em pedra, um leão, com um élmo por cima. Dois J. J. nos cantos superiores, e dois B. B. nos inferiores, antigas armas dos Castellos-Brancos.

Hoje, as armas dos Castellos-Brancos, são — em campo azul, um leão d'ouro, rompente, armado de púrpura, e por timbre, o leão do escudo. São as armas dos marquezes de Bellas, condes de Pombeiro— e dos condes de Valladarés, cujo representante actual, é o sr. D. Francisco Antonio de Noronha Castello-Branco; mas esta familia, juntou ás suas armas, as dos Noronhas, e dos Menezes, de Tarouca. (Vide *Valladares*, do Minho.)

—

A favor de D. Martinho de Castello-Branco, neto de Gonçalo Vaz de Castello-Branco, foi esta villa erigida em condado, por el-rei D. Manuel, em 28 de maio de 1504.

A este 1.º conde de Villa Nova de Portimão, foi concedido o celebre direito de fazer alli uma *casa de alcouce!*

Por ser curiosissimo, transcrevo o *alvará* d'esta concessão — é o seguinte:

«Dom Manoel, pela graça de Deus, rei de «Portugal, etc., etc. — a quantos esta nossa «carta virem, fazemos saber que o conde de «Villa Nova, veador da nossa fazenda, nos «disse ora, que, porquanto na dita villa é «necessaria uma mancebia, e elle, *por bem «e honestidade* (!) *da boa visinhança dos mo«radores d'ella*, queria fazer, á sua custa, «em algum logar da dita villa, que para isso «seja mais conveniente, encostada ao muro, «para se n'ella recolherem as mancebas sol«teiras, e se apartarem de conversar com as «mulheres casadas, que vivem em sua hon«ra — lhe déssemos um logar para isso, e «houvessemos por bem, que ninguem a po«desse fazer, salvo esta. E visto por nós, seu «requerimento, por lhe fazermos mercê, nos «praz de lhe dar logar, como de feito, por «este damos, que elle faça a dita mancebia, «na dita villa: e outra pessoa alguma ao «diante a nom possa fazer n'ella — e tenha «e haja, para sempre, toda a renda d'ella. «E porém mandamos aos juizes e justiças «da dita villa, e a todos os outros officiaes «e pessoas a que o conhecimento d'esta per«tença, que lhe deixem fazer a dita mance«bia e ter e haver a renda d'ella, assi elle, «como todos os seus herdeiros, que depois «d'elle vierem, para sempre, como dito he. «E em caso que a dita villa venha a nós, e «aos nossos successores, todavia, elle e seus «herdeiros, hajam a renda sobredita; por«que assi é nossa mercêe. Dada em a nossa «villa de Almeirim, a seis dias de maio de «1517 — Jorge fernandes, o fez.» (L.º 7.º do Guad., fl. 205 v., na Torre do Tombo.)

—

O titulo de conde de Villa Nova de Porti-

mão (com privilegio de alcouceiro-mór perpétuo) findou em D. Gregorio Taumaturgo Castello-Branco, 3.º conde de Villa-Nova (e guarda-mór da pessoa de D. João IV), que morreu sem descendencia, passando esta casa para a familia Lencastro, por casamento de D. Magdalena de Vilhena, com D. Pedro de Lencastro, conde de Figueiró dos Vinhos.

—

Não tinha esta villa assento em côrtes, todavia, apparecem seus procuradores, offerecendo capitulos, nas de 1490, que foram attendidos. (Vol. 2.º, pag. 396, col. 2.ª, no fim.—São as côrtes d'Evora, convocadas por D. João II.)—N'estes artigos, queixavam-se os procuradores, que os mareantes se escusavam de todos os serviços do concelho.

Estes *capitulos* foram apresentados logo no principio das côrtes, que foi em 1488, e o alvará que lhes deferiu, é datado de 2 de janeiro de 1489.—Estas côrtes duraram dois annos.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, arrazou a egreja matriz e perto de 200 moradas de casas.

O mar entrou pelo rio, com espantosa furia, inundando grande espaço de terreno, por ambas as margens, elevando-se 13 metros acíma do solo, arrastando grandes pedras e mós de moinhos; e, na ressaca, arrazou a fortaleza de S. João Baptista, e acabou de arruinar o convento dos capuchos. Descobriu, na praia, as ruinas de uma antiquissima povoação, que não pôde ser examinada, porque logo tornou a ficar debaixo da agua. Ha todas as razões para acreditar que fosse a antiga cidade de Portus Annibalis.

Morreram seis pessoas esmagadas, e quarenta afogadas.

—

Hoje, tem bons edificios; boa egreja matriz, moderna e com tres formosas naves. Tem prior, dois beneficiados e um thesoureiro.

Tem um bom edificio, que foi collegio de jesuitas, com uma bonita egreja, e que depois de 1759, passou a ser dos *camillos*. Foi fundado em 1660, por Diogo Gonçalves, natural d'esta villa, o qual alli falleceu, de 73 annos de edade, a 16 de julho de 1664. Jaz em um tumulo, de pedra, na capella-mór, do lado do Evangelho.

É o melhor edificio da villa, e serve actualmente de casa da camara, tribunal das audiencias, e outras repartições publicas.

O mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, de frades capuchos, da provincia da Piedade, foi fundado em 1530, por Simão Correia, capitão d'Azamôr (Africa), em umas casas e quinta que aqui tinha.

Já estava arruinado; mas o terramoto de 1755 acabou de o arrazar. Um ribeiro que corre junto a este mosteiro, e pelo meio da cêrca, acabando nos baixos da fortaleza de Santa Catharina, na *Ponta da Areia*, fórma a peninsula de Portimão.

Eis a origem do mosteiro dos capuchos:

Tinham os religiosos da Piedade, um mosteiro na cidade de Fáro, então habitado por frades de exemplar virtude. D. João III, quiz que elles se encarregassem da direcção de um convento de freiras da sua ordem, que havia na mesma cidade. Os frades não quizeram acceitar o governo de mulheres, com receio de que, com o tempo, se viesse a relaxar a sua regra, ou houvesse algum escandalo; e por mais que o rei e sua mulher, a rainha D. Catharina, instassem com os frades, elles oppozeram uma tenaz resistencia.

Para se livrarem de novas instancias, offereceram ao rei o seu mosteiro, para o dar aos padres observantes da provincia do Algarve, e para que estes tomassem a seu cargo a direcção do mosteiro das freiras; mas largando aos capuchos um mosteiro que andavam a construir em Portimão. O rei acceitou a proposta, e, no anno de 1541, havida a licença do geral da ordem, se passaram os capuchos para esta villa, a tomar posse do seu novo mosteiro.

As obras d'elle, principiaram em 1530, em umas casas e quinta, que, como já disse, alli tinha Simão Correia, natural de *Tâbuas da Rainha*. Este Simão Correia, casou com D. Joanna de Faria, senhora nobilissima, e por isto o fez o rei D. Manuel, aio de sua filha, a infanta D. Beatriz, que casou

com o duque de Saboya, e onde Simão Correia a levou.

Esta D. Beatriz, duqueza de Saboya, é celebre, pelo profundo amor que inspirou ao nosso grande poeta, Bernardim Ribeiro, e pela formosa lenda a que deu assumpto. Vide *Torrão*, villa.

Depois de vir de Saboya, é que Simão Correia deu aos frades as casas que tinha junto ao rio, e que eram um pouco do sitio onde se construiu o mosteiro.

N'estas casas estiveram os frades observantes da provincia de Portugal (que então ainda tinham só esta provincia), desde 1530 até 1533, deixando-as então aos da provincia do Algarve, que n'esse anno se dividiu da provincia de Portugal. Foi com estes padres, que se fez a troca dos mosteiros, em 1540, por ordem de D. João III.

Os capuchos preferiram dar um mosteiro já concluido, em troca de umas casas onde de viveram incommodados, em quanto se não construiu o seu novo mosteitro (cujas obras principiaram em 1541) — a encarregar-se da espinhosa (e perigosa) tarefa de dirigirem mulheres.

Junto ás casas de Simão Correia, havia uma egreja, dedicada a Nossa Senhora da Esperança, ou já antiga, ou fundada por o mesmo Correia. Os frades demoliram as casas, para fazerem o mosteiro, mas não demoliram a egreja, que ficou sendo a dos religiosos.

Sobre as portas d'esta egreja, existiu uma pedra, de jaspe branco, onde estavam esculpidas as armas de Simão Correia.

Sendo a capella-mór acanhada, Balthazar de Mello da Cunha e sua mulher, D. Beatriz d'Almada, a mandaram demolir, e fazer mais ampla e com grande perfeição, á sua custa. D'estes fidalgos estava o escudo d'armas sobre o arco da capella-mór, e alli tiveram sepultura, com uma inscripção, declarando que, em 1585, falleceu D. Beatriz d'Almada, e que está n'aquelle tumulo, no qual já havia sido sepultado seu marido.

D. Beatriz deixou determinado no seu testamento, que n'esta sepultura se não enterrasse pessoa alguma, excepto um seu sobrinho, e seus descendentes — ou alguma pessoa tão notavel, que merecesse aquelle logar. Mandou a seus herdeiros que todos os annos dessem o que fosse preciso, para a fabrica da capella-mór, e azeite, vinho e hostias, para as missas que n'ella se dissessem. Foi este onus imposto no morgado, por ella instituido, e que depois possuiu Gaspar Sarria, pessoa principal d'esta villa.

Como os fundadores do mosteiro, e seus padroeiros, falleceram sem descendentes, deram os frades o padroado d'elle aos condes de Villa Nova, que foram sempre protectores sollicitos do mosteiro.

—

É formoso o sitio onde existiu este convento, e o rio banhava, nas suas enchentes, os muros da cêrca. Este rio era então navegavel, entrando n'elle embarcações de todos os lotes, fundeando mesmo em frente do mosteiro. Hoje está a sua foz obstruida com as areias.

A Senhora da Esperança era objecto de grande devoção dos povos da villa, principalmente dos navegantes e pescadores.

Tinha a egreja um alpendre, e n'elle foi sepultado fr. Antonio de Silves, que morreu victima da sua caridade; pois dedicando-se á cura dos impestados, morreu do flagello, segundo declarava uma inscripção que se lia na sua campa.

—

Ha duas bonitas lendas que respeitam a esta villa — são a de *D. Aldonça*, e a de *D. Branca*. Por serem extensas, não as copio. Podem vêr-se no *Romanceiro do Algarve*, do sr. Estacio da Veiga, a pag. 75, e 89.

—

Esta villa é muito falta d'agua. A pouca que tem, é de má qualidade, e de póços. Os ricos, mandam buscar agua para beberem, á *fonte do Gramacho*, que é soffrivel, e fica do outro lado do rio, perto de Silves!

—

Rica e importante pela fertilidade do seu territorio, ainda o é mais, pela pescaria e grande commercio de exportação.

Desde 1814 até 1834, foi quartel do regimento de cavallaria n.º 2.

Tem um bonito passeio publico, chamado *Atêrro do Caes*, feito ha poucos annos. É bastante concorrido, e já nas noites do verão de 1873 alli tocava, aos domingos e dias santos, uma philarmonica, no corêto para isso construido.

—

Tem esta villa a honra de ser patria do grande escriptor, Damião Antonio de Lemos Faria e Costa, que nasceu em 1715, e falleceu em 1770.

—

Tem um elegante theatro, denominado — *Circo Portimanense* — o theatro de S. Camillo — e um club, denominado *Gremio Familiar*.

Está a villa assente, parte em terreno plano e parte na encosta de uma collina, com ruas largas e direitas, terminando em dois bonitos arrabaldes, um do lado do mar, outro do lado da terra. É terra saudavel.

Além da fortaleza de Santa Catharina (registo) e da de S. João Baptista, são dependentes d'esta praça, os baluartes de *Nossa Senhora da Rocha* e do *Carvoeiro*.

O seu porto póde conter com segurança, 200 navios *d'alto bordo*, por ser abrigado de todos os ventos, menos do oeste.

D. José I, quiz dividir o Algarve em dois bispados, dando a esta villa a cathegoria de cidade, e fazendo-a cabeça da nova diocese. Chegou mesmo a nomear-lhe bispo, que foi D. João Teixeira de Carvalho (que depois foi bispo d'Elvas), mas o bispo do Algarve, tanto fez com o marquez do Pombal, que se não effectuou o projecto do rei.

—

Em 23 de agosto de 1873, uma das *artes* (rêdes de pesca) lançada proximo da praia da Rocha, arrastou, em vez de sardinha, que esperava, oitenta e tantos *roazes*, de cinco a seis metros de comprimento, cada um.

O *roaz*, é um cetaceo feroz e voracíssimo. Parece-se com a toninha, mas é mais corpulento. É o *delphinus orca*, de Lineu, o inimigo figadal do pacifico e indefezo atum.

Já tinha acabado a pescaria do atum, e os roazes vinham provavelmente em perseguição da sardinha; mas, levados pela sua glotoneria insaciavel, tanto se aproximaram da praia, que cahiram na rêde.

Foi um espectaculo curioso e original para os banhistas que estavam na praia.

—

N'esta villa falleceu, a 25 de maio de 1736, na edade de 78 annos, *Victoria Rodrigues*, mulher de Manuel Vaz, mareante. Nascêra (Victoria Rodrigues) em 19 de maio de 1658, e casou em 6 de setembro de 1677. Chegou a vêr 91 descendentes seus, entre filhos, netos e bisnetos. Teve 11 filhos, dos quaes casaram 9, que tiveram 56 filhos, d'estes só casaram 6, que tiveram 24 filhos.

Se casam todos os 56, não era preciso mais ninguem para povoar os sertões da Africa!

Quando morreu Victoria Rodrigues, deixou vivos, 8 filhos, 39 netos, e 24 bisnetos: os mais tinham já fallecido.

—

No dia 27 de dezembro de 1722, houve no Algarve um espantoso tremor de terra, que principiando no Cabo de S. Vicente, correu e se dilatou por toda a provincia. As povoações que mais soffreram, foram — esta villa, Albufeira, Loulé, Fáro e Tavira. Morreram muitas pessoas, e cahiram muitas egrejas, mosteiros, torres, muralhas e grande numero de edificios publicos e particulares. Foi n'este terramoto que o convento dos capuchos soffreu grande ruina, que o de 1755 completou.

—

Em junho de 1875, principiaram as obras da formosa *ponte do Vau*. Foi construida pela companhia *Fives-Lilles*, da qual era representante em Portugal, o distincto engenheiro, Mr. *Labille*.

—

Tem-se encontrado, na bacellada do sr. conselheiro Neves, na quinta de S. Francisco, em frente da cêrca do convento, sepulturas que remontam á época da dominação romana.

Por sobre os craneos, geralmente pequenos, acharam-se umas lousas de barro da espessura de quatro centimetros, de fórma quadrada, com rebordos em duas arestas parallelas.

N'algumas d'estas lousas se vê inscripta em cunhagem egual, a palavra *Juniorum*, que se lê perfeitamente.

Encontraram-se alguns vasos, de fórma das actuaes pequenas panellas, mas de um barro melhor amassado e mais bem cosido, e continham cada qual uma moeda, nas quaes nada se pôde perceber.

Foi encontrada uma machadinha, cuja superficie está completamente informe pela ferrugem.

Teve isto logar, em janeiro de 1876.

—

Os srs. Joaquim d'Almeida Negrão, Luiz de Mascarenhas, e N. Gomes, foram premiados, na exposição universal de Philadelphia, de 1876, pela excellencia dos figos sêccos que alli apresentaram.

PORTO — cidade, Douro, capital da provincia, e cabeça dos concelhos, comarcas, districto administrativo e bispado do seu nome — 6 kilometros a E. do mar, 36 a O. de Penafiel, 75 a O. de Lamego, 110 ao N. de Coimbra, 48 ao S.O. de Guimarães, 50 ao S.O. de Braga, 70 ao S. de Vianna do Minho, 95 ao O. da Régua, 315 ao N. de Lisboa.

Tem 22:000 fogos, 86:000 almas, em 12 freguezias (oito no Porto e quatro no termo).

É dividida em dois bairros administrativos — *Oriental* e *Occidental*.

O bairro oriental, tem na cidade as freguezias da Sé, Santo Ildefonso e Bomfim — e no termo — Campanhan, e Paranhos.

O bairro occidental, tem na cidade, as freguezias de Cedofeita, Massarellos, Miragaia, S. Nicolau, e Victoria — e no termo — S. João da Foz, e Lordêllo do Ouro.

Note-se porém que, com o desenvolvimento que esta cidade tem tomado em nossos dias, o seu *termo* está transformado em um arrabalde, e continuando n'este progresso, as quatro freguezias do termo, formarão, em muito pouco tempo, parte integrante da cidade.

Lordêllo, Campanhan e Paranhos, já communicam com o Porto, por bellas ruas, sem solucção de continuidade.

É quartel general da 3.ª divisão militar — Assento do tribunal da relação do D.º — quartel do batalhão de caçadores n.º 9 — dos regimentos de infanteria n.ºs 10 e 18 — e do corpo da guarda municipal. Tem estação telegraphica — e estação do caminho de ferro do Norte — provisoriamente — no logar das Devezas, em Villa Nova de Gaia — e logo que terminem as obras da ponte sobre o Douro, a sua estação principal será na Póvoa, de Campanhan. Já está concluida e funccionando para os caminhos de ferro do Minho e Douro.

Está em 41°, 8′ de latitude = e 12′ de longitude occidental.

O districto administrativo é composto de 18 concelhos, que são — Amarante, Bayão, Bouças, Felgueiras, Gondomár, Lousada, Maia, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Peredes, Penafiel, Santo Thyrso, Póvoa de Varzim, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaia, e os dois bairros do Porto.

—

Em 1757, tinha apenas 5 freguezias — porque as de Cedofeita, e Massarellos, ainda eram consideradas do termo.

Tambem ainda não existia a freguezia do Bomfim, que foi creada modernamente.

As cinco freguezias então consideradas de cidade, são:

Sé (Nossa Senhora da Assumpção). A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento annual, 500$000 réis. Tinha dois curas, da mesma apresentação, com 40$000 réis cada um.

Tinha 1:920 fogos.

Santo Ildefonso. — O thesoureiro-mór da Sé, apresentava o cura, que tinha 8$000 rs. de congrua e o pé d'altar.

Tinha 1:508 fogos.

S. Nicoláu. — A mitra apresentava o abbade (mas, em *sede vacante*, hia a concurso) e tinha 500$000 réis de rendimento.

Tinha 994 fogos.

Nossa Senhora da Victoria. — A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Tinha 914 fogos.

S. Pedro de Miragaia. — A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis de rendimento.

Tinha 491 fogos.

—

As freguezias que não eram consideradas da cidade, em 1757, eram:

S. Martinho (bispo) *de Cedofeita.*—O papa apresentava, *in solidum*, o prior, que tinha cinco mil cruzados (2:000$000 réis) de rendimento annual.

Tinha 505 fogos.

Nossa Senhora da Boa Viagem, de Massarellos. — O prior de Cedofeita, apresentava o cura, que tinha 60$000 rs. de rendimento.

Tinha 219 fogos.

Santa Maria (Nossa Senhora do Rosario) *de Campanhan.* — O ordinario, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Tinha 758 fogos.

S. Verissimo, de Paranhos.—O cabido da Sé do Porto, apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Tinha 272 fogos.

S. Martinho (bispo) *de Lordêllo do Ouro.*—O real padroado, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Tinha 280 fogos.

S. João Baptista, da Foz do Douro. — O D. abbade do mosteiro benedictino de Santo Thyrso, apresentava o vigario (que era sempre um monge do mesmo mosteiro). Tinha 150$000 réis de rendimento.

Tinha 625 fogos.

Vê-se pois que estas onze freguezias [1] tinham em 1757, 8:486 fogos—e que augmentaram no espaço de 119 annos, em 13:514 fogos—isto é—augmentou perto de 200 por cento da sua população, em pouco mais de um seculo!

É a prova mais evidente do espantoso desenvolvimento d'esta cidade.

Note-se que ainda em 1856, tinham estas 12 freguezias apenas 17:300 fogos. Em 20 annos, augmentaram em 4:700 fogos!

—

Pertencem ao arcebispado de Braga, os concelhos de —Amarante, Felgueiras, Lousada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Santo Thyrso, e Villa do Conde.

E ao bispado do Porto, os concelhos de—Amarante, Bayão, Bouças, Gaia, Gondomar, Lousada, Maia, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Porto, Santo Thyrso, Vallongo, e Villa do Conde.

NB. — Os concelhos que vão repetidos, teem freguezias no arcebispado de Braga, e no bispado do Porto. A villa de Amarante, é, parte do arcebispado, e parte do bispado.

—

Tem tres comarcas judiciaes (que no Porto — como em Lisboa — se denominam *varas*.

1.ª vara — *Santa Catharina* — tendo annexo o julgado de Gondomar.

2.ª—*Santo Ovidio*—tendo annexo os julgados de Gaia e Vallongo.

3.ª—*Cedofeita*—tendo annexos os julgados de Bouças e Maia.

—

O mais antigo foral do Porto, foi dado por D. Hugo, bispo d'esta cidade, a 14 de julho de 1123. (*Corpo chronologico*, parte 2.ª, maço 88, documento 9.)

No mesmo *Corpo chron.*, se acham juntas umas *Inquirições*, datadas de 25 de julho de 1339: e a concordata entre o bispo e o cabido da Sé, com Fernão de Pina, datada de 31 de março de 1511.

Ha tambem uma sentença de foral, de 6 de julho de 1543, á cêrca dos *direitos do pão*, entrado pela foz. Está no cartorio do cabido.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de junho de 1517. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 1, col. 1.ª)

—

Tinha voto em côrtes, com assento no 1.º banco.

Armas do Porto

Consta que o primeiro brazão d'armas do Porto, era—*uma cidade, de prata*, em campo azul, sobre um mar, de ondas verdes e douradas.

O segundo brazão, foi — Em campo azul, *Nossa Senhora de Vendome*, com o Menino

[1] N'este numero de fogos, vae incluida a nova freguezia do Bomfim, que foi feita, a maior parte, á custa da freguezia de Santo Ildefonso, e o resto, da da Sé.

Jesus nos braços, entre duas torres da sua côr, e com a legenda:

CIVITAS VIRGINIS.

Foi este o brazão d'armas do Porto, até 1834, sendo-lhe então mudado para o actual, que é—escudo esquartellado—no 1.º e 4.º, as armas de Portugal—e no 2.º e 3.º, as antigas armas da cidade; mas a Senhora, o Menino e as torres, tudo de prata. No centro do escudo, está um escudete de púrpura, tendo no centro um coração d'ouro.[1] O escudo é cercado pelo collar da ordem da Torre Espada, do qual pende o habito d'esta ordem. É encimado por uma corôa ducal. Timbre, um dragão verde, tendo no bico, a legenda:

INVICTA.

O sr. D. Pedro, duque de Bragança, é que lhe reformou assim estas armas, e mandou que o Porto se denominasse—*antiga, muito nobre e sempre leal e invicta cidade;* e determinou que o filho 2.º dos reis portuguezes se intitulasse *duque do Porto.*

O escudete do centro do escudo, foi accrescentado depois, porque o sr. D. Pedro legou o seu coração a esta cidade. (Está na capella-mór da capella real da Lapa, em um sarcophago de pedra.)

—

Quando a origem de uma povoação remonta aos tempos obscuros de uma antiguidade remotissima, o investigador que deseja ser exacto, topa com mil difficuldades, contradicções e fabulas quasi sempre inverosimeis. N'este caso está a cidade do Porto, e muitas outras da nossa peninsula.

A maior parte dos escriptores sustentam que a povoação de *Cále,* sobre a esquerda do Douro (em frente do palacio de crystal), é mais antiga do que o Porto; arrojando-se alguns a dizerem que foi seu fundador, *Gethalo,* rei de Athenas, que foi contemporaneo de Moysés!

Quando a historia de um povo é escripta com tantas contradicções, e se envolve em tradições mais ou menos inacreditaveis, deve o raciocinio e as averiguações do escriptor moderno, entrar por alguma cousa no exame d'essas contradicções, a vêr se póde levantar parte do veu que nos encobre a verdade. É o que vou fazer, sem que por isso pretenda impôr a minha opinião a pessoa alguma.

Todos sabem que Baccho, filho de Semele, á frente de uma expedição grega, invadiu a Lusitania, pelos annos de 1370 antes de Jesus-Christo, e que já aqui achou estabelecidos os *iberos,* povos da Assyria—isto é—babylonios.

É aos gregos que geralmente se attribue a fundação de *Cale;* mas custa a acreditar que—tendo elles um terreno muito mais adquado aos seus estabelecimentos, na margem direita do Douro, e na formosa planicie que estanceia desde a actual povoação da Foz, até muitas leguas ao norte, e que, de mais a mais, lhes ficava sobre a costa do mar, preferissem para a fundação da sua cidade, o pincaro de Gaia, cujo ingresso devia n'esses tempos ser quasi inaccessivel.

O argumento mais forte dos que pretendem ser Cale mais antiga do que o Porto, funda-se em que aquella era na extremidade septentrional da Lusitania, tendo por visinhos os *calaicos* (actuaes gallegos) povos turbulentos, e que a fortaleza de Cale era necessaria aos lusitanos, para conterem em respeito tão maus visinhos.—Resta *apenas* provar, se n'aquelles remotissimos tempos já havia as nações denominadas Lusitania e Galliza; o que será difficilimo, senão impossivel.

Demais, sabemos que no sexto seculo do christianismo, a povoação hoje chamada Porto, era importantissima, ao passo que pouco se fallava de Gaia ou Cale.

[1] O sr. Vilhena Barbosa, diz que o coração é púrpura; mas no *Livro dos brazões das cidades e villas de Portugal,* vem como se diz no texto.

Até ha um facto que leva a crêr que a povoação de Cale, era ao N. e não ao S. do Douro—é o seguinte—N'esse tempo, e ainda até ao seculo VIII, Cale (ou Portu-Cale) era no arcebispado de Braga, e o termo meridional do reino da Galliza, que terminava na margem direita do Douro—e Gaia pertencia ao bispado de Merida, e era na Lusitania. (Vide *Braga, Cale, Douro* e *Grijó.*)

As actas do concilio de Lugo, convocado por Theodomiro, rei dos suevos, no anno 568, marcam as parochias que pertenciam a cada bispado.

No *Canon* 3.º, diz (traducção)—«A egreja cathedral do Porto, que está edificada no castello novo dos suevos, tenha as egrejas que estão na sua comarca, que são—*Villa-Nova,*[1] *Betaonia, Verêa, Menturio, Torebia, Bramuste, Pongaoste, Lecombo, Nestes, Napoles, Curmano, Magneto, Leporeto, Melga, Tangobria, Villa-Gomedes,* e *Tarmata.* Além d'isto, os logares de *Lambrencio, Aliobrio, Valericia, Turlango, Ceres, Mendolas* e *Palencia,* que são 25 egrejas sujeitas a uma.»

O *Canon* 5.º, contém a divisão da cathedral de Coimbra, e diz—«A egreja colimbriense, tenha a mesma Coimbra, *Eminio. Selio, Rome, Insua—Antoana,* e *Portugal*—O CASTELLO ANTIGO DOS ROMANOS, que são sete egrejas sujeitas a uma.

Os que pretendem conciliar estas duas opiniões, dizem que a povoação da margem esquerda do rio, se denominava Cale, e a fronteira Portu-Cale, mas que aquella era mais antiga do que esta. Estes, teem a seu favor o nome de *Festabole,* dado ao Porto, que, segundo elles, é uma palavra germanica, que significa *Porto-Novo.*

Em todo o caso, não quero dizer que em frente de Cale houvesse uma cidade, nem mesmo uma povoação importante; mas alguma *feitoria* ou outro qualquer estabelecimento, onde se recolhessem os navegantes d'esses tempos; e mais tarde—talvez—algum castro romano.

Finalmente, para não fatigar o leitor, com hypotheses, dir-lhe-hei, em resumo, as diversas origens dadas a esta cidade, pelos varios escriptores que teem tratado da sua fundação.

1.ª

João Lesseo, bispo rossense, na Hibernia, na sua *Historia de Escocia,* (citado por frei Bernardo de Brito, na *Mon. Lus.*)—Diz ser *Gatello Cecropis,* filho de *Neolo,* 4.º rei dos gregos, casado com *Scota,* irmão de Pharaó, perseguidor dos israelitas, que fundou a povoação de Cale, pelos annos 1508 antes de Jesus Christo.

Fugindo ás *pragas do Egypto,* sahiu pelo Nylo, para o mar Jonio, e atravessando o Mediterraneo, se dirigiu com grande numero de gregos, para o Occeano Atlantico, vindo aportar ao Douro, desembarcando a pouco mais de meia legua da sua foz, ahi fundou uma povoação a que deu o nome de *Gatellia,* ou *Porto-Gatellio,* d'onde se derivou o nome de Portugal.

Esta fundação coincidiu com a sahida dos judeus, do Egypto—isto é—ha mais de 3200 annos.

D. frei Prudencio de Sandoval, nas suas *Antiguidades de Tuy,* assevera que este *Gatello,* foi o fundador do tal *Porto-Gatellio* e da cidade de Tuy.

2.ª

Floriam do Campo (Liv. 1.º, cap. 42) e com elle, frei Bernardo de Brito (*Mon. Lus.* L.º 1.º, cap. 19) diz que os primeiros fundadores de Gaia, foram os gregos, com Diomedes, rei de Etholia, e companheiro de Ulysses na guerra de Troya, o qual com (Diomedes) os seus, passaram á Italia, e d'alli a Hespanha, onde edificaram a cidade de *Tide,* ou *Tude,* hoje *Tuy* (em frente da nossa praça de Valença) sobre a direita do rio Minho. Diz Floriam, que lhe deram este nome, em memoria de *Tideo,* pae de Diomedes.[1]

[1] Esta *Villa-Nova,* não é a de Gaia, mas a povoação que se foi edificando fóra dos muros construidos pelos suevos, em redor da *Pena-Ventosa,* onde está a Sé, e onde elles tinham um castello—isto é—Villa Nova, ficava fóra do couto dos bispos do Porto, estendendo-se pelo dorso meridional do monte, até á *Lada,* ou margem do rio.

[1] A destruição de Troya, teve logar no anno 2820 do mundo, 431 antes da fundação de Roma, e 1184 antes do nascimento de Jesus Christo.

Foram os seus companheiros povoando as terras situadas entre o Douro e Minho, e passando para o S. do primeiro d'estes rios, fundaram uma povoação a que deram o nome de *Gráya*, ou *Grávia*, deduzindo o vocabulo de *Graius*, ou *Gravius;* e que depois se veio a chamar *Portus-Graius* — isto é — *Porto Grego*.

Note-se que no primeiro concilio bracharense, convocado em 459, Arisberto, que foi o 2.º bispo do Porto, se assigna Arisbertus, *Episcopus Portucalenses*, o que prova ser Portu-Cale, ao N. e não ao S. do Douro, visto pertencer ao arcebispado de Braga.

3.ª

Sustentam varios escriptores que a cidade do Porto foi fundada pelos gallos-celtas, que, vindo da Andaluzia, foram povoando todo o Riba-Tejo, Santarem, Thomar, Coimbra e Talabrica, até chegarem ao Douro, sobre a margem direita do qual, fundaram uma cidade a que chamaram *Portus-Gallus*, e que fortificaram convenientemente. Isto, pelos annos 296 antes de J. C.—e mais de oito seculos depois de fundada Gaia.

O que é certo, é que o *Itinerario* de Antonino Pio menciona a povoação de Cale, e não falla na cidade fronteira.

Dizem alguns, que quando se fez este *Itinerario*, não existia já a antiga cidade do norte do rio, por haver sido arrasada por Sertorio, o que não é verosimil.

4.ª

Rodrigo Mendes da Silva, esse portuguez degenerado (era de Celorico da Beira) que foi viver e morrer a Madrid, e foi chronista dos Philippes; e que, não se envergonhando de ser traidor á sua patria, teve vergonha de escrever na sua lingua materna—na sua *Poblacion general de España*, a fl. 118 v., depois de mencionar as opiniões que acabámos de ler, diz que—*a opinião mais seguida entre os doutos, é que os gallos-celtas francezes, fundaram a povoação de Gaia, pelos annos 296 antes de J. C. dando-lhe o nome de Porto-Gallo.* Isto é—confirma a 3.ª opinião.

5.ª

Na *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, por Agostinho Rebello da Costa, diz-se:

«Uns attribuem a sua fundação, áquelles «gregos da provincia de Thraia, que habi«tavam as margens do rio Axio, homens guer«reiros, e exercitados no valor militar, cha«mados *mygdones*.

«Dizem pois, que impellidos estes gregos «por uma furiosa tempestade, surgiram na «foz do rio Douro, e, subindo por elle, fo«ram ao logar chamado *Gaia*, [1] do qual pas«saram para a parte septentrional, onde edi«ficaram uma cidade, com o nome de *Lavra*, «que depois se chamou *Portucale* (Vide 4.º «vol. pag. 59, col 2.ª). Talvez que os *Chefes* «d'esta opinião, vendo que Ptolomeu, nas suas «*Cartas geographicas*, fixára a cidade de *La«vra* na mesma posição da cidade do Porto, «dessem causa á errada ideia que concebeu «uma grande parte do vulgo, de que a fre«guezia de S. Salvador de Lavra, cita na co«marca da Maia, tres leguas ao norte distan«te do Porto, fôra a primeira fundação d'esta «cidade.»

Continúa este escriptor, mencionando as opiniões que ficam descriptas, e dá a seguinte, que vem a ser a

6.ª

«Menelau, irmão de Agamenon e marido «Helena (que foi a desgraçada origem da to«tal destruição de Troia) desterrando-se da «sua patria, passara do Mediterraneo ao Oc«ceano, até á altura em que está a cidade «do Porto, que elle edificára, cercando-a de «elevados muros, e ornando-a com todos os «edificios necessarios a formarem a sua «grandeza.

«Os costumes e ritos de Lacedemonia, pra«ticados pelos portuguezes da provincia do «Minho, ainda até ao tempo de Strabo, são «os maiores fundamentos em que se firmam «os auctores d'esta opinião.»

1 Vê-se que já então existia a povoação de Cale, ou Gaia.

O mesmo escriptor menciona ainda outras opiniões, mais ou menos divergentes, «mais ou menos dignas de credito—e são—

7.ª

«Aos gallos-celtas a attribuem (a fundação «do Porto) aquelles que asseveram passarem «elles do Alemtejo para a Extremadura, em «companhia dos turdetanos, e que, depois «de conquistarem as provincias da Beira e «Minho, erigiram, para segurança e presi«dio das suas tropas, o *castello de Cale.* «D'aqui, dizem, se mudaram para a parte «septentrional do Douro, onde deram prin«cipio á cidade do Porto, com o nome de «*Portucale.*[1]

8.ª

«Dois auctores, ambos portuguezes, am«bos eruditos, e muito versados nos fastos «lusitanos (Mariz, *Dial. de Var. Hist.—Barr «Geogr. do Minho*) movidos de que, no cas«tello de Gaia se acharam algumas inscrip«pções lapidares, que faziam menção de Ju«lio Cesar ; e de que, tambem na cathedral «d'esta cidade, estavam umas letras grava«das em pedra, que diziam JULIUS, attribuem «a fundação d'aquelle castello e da cidade, «a este imperador.

«O bispo D. Rodrigo da Cunha, diz que a «palavra Cale fôra originaria dos romanos.

9.ª

«Que fôra *Calais*, filho de Bóreas, rei de «Thracia, argonauta celebradissimo na his«toria antiga, o conjectura o padre Novaes, «benedictino, em os seus manuscriptos.

«Diz elle. que este principe fundára mui«tas cidades, em diversos logares do mun«do, depois da conquista do decantado *vel«locino d'ouro*, da ilha de Colchos.

«Que, pela similhança do seu nome—*Ca«lais*—com o de *Cale*, era muito provavel «que désse principio a esta cidade. E, assim «como a Jason (continua este padre) se at«tribue a fundação do *Promontorio Easso*, «corrupto de *Jasso*—a Castor e Polus, a de «*Castropol*, nas Arturias, etc.—assim tam«bem é crivel, que a Calais se deva a fun«dação do Porto de Cale.

«A auctoridade de Raphael Volaterrano, «que, na volta de Calais á sua patria, o no«meia fundador da Cale, é para elle uma pro«va incontrastavel, e na qual funda a sua «opinião. (Novaes, *Anacr.*, hist.. cap. 9, «exam. 1.º)

10.ª

«Não satisfeito, o infatigavel antiquario, «Antonio de Cerqueira Pinto (*Proem. ao «Cat. dos bispos* do Porto, § 39) da muita an«tiguidade que todos os auctores, de que até «aqui fallei, dão a esta cidade, não duvida «remontar-lhe a origem, até um dos descen«dentes de Noé, que contempla seu genuino «e primordial fundador, etc.

—

Já se vê que, depois d'estas dez origens dadas á cidade do Porto, peccando todas por mais ou menos fabulosas e inadmissiveis, ficamos na mesma duvida que tinhamos antes de as lêr, quanto ao fundador e data da fundação do Porto.

Póde muito bem ser que aqui aportassem alguns navios gregos ou phenicios, por uma ou por differentes vezes, fazendo n'este sitio a sua residencia, mais ou menos demorada; porem, d'isto á fundação de *uma cidade, cercada de elevados muros, e ornada com todos os edificios necessarios a formarem a sua grandeza*, vae uma espantosa differença.

Deixemos pois esses tempos fabulosos, e vamos á historia romana, a unica que derrama luz mais clara sobre o acontecido na Europa desde o anno 600 antes de Jesus Christo, até ser aniquilado esse imperio collossal, cuja duração e omnipotencia, por alguns seculos se julgou eterna.

É provavel virmos a concluir que a fundação do Porto, não remonta além do 4.º ou 5.º seculo da era christan.

[1] Sendo assim, era a cidade do Porto só alguns, poucos, annos mais moderna do que a povoação de Cale ; e não 800 e tantos annos mais moderna, como pretendem alguns. No mesmo caso está a 8.ª opinião.

É esta a opinião dos escriptores mais conscienciosos e investigadores. [1]

—

Sabemos que pelos annos 196 antes de Jesus Christo, os romanos expulsaram os carthaginezes da nossa peninsula, dividindo-a em duas provincias—*Ulterior* (Andaluzia e Lusitania) e *Citerior* (que comprehendia o resto das Hespanhas).

Pelos annos 26 antes de Jesus Christo, Octaviano Cesar a dividiu em *Tarraconense, Bética e Lusitania.*

O imperador Adriano, pelos annos 130 de Jesus Christo, procedeu a novo *arredondamento*, dividindo a peninsula em cinco provincias—*Tarraconense, Carthaginense, Lusitania, Galliza, e Bética.*

O imperador Tito, filho de Vespasiano, sendo questor das Hespanhas o famoso Plinio (anno 75 de Jesus Christo), dividiu a Lusitania em tres comarcas—*Lerida, Beja, e Santarem.*

Constantino Magno, pelos annos 320 de Jesus Christo, dividiu as Hespanhas em seis provincias—as cinco já existentes, e a *Balearica*, composta das ilhas de *Mallorca, Minorca e Iviça.*

[1] Segundo Vaseu, Ambrosio de Moralas e outros, citados pelo bispo, D. Rodrigo da Cunha; pelos annos 40 de J. C., imperando Caligula, desembarcou na Lusitania o apostolo S. Thiago, prégando em Braga a religião christan, e fazendo bispo d'esta cidade a S. Pedro de Rates, e bispo do Porto, a S. Basilio, ambos seus discipulos; mas que a cidade do Porto não era a actual, porem Porto-Calle, ao S. do Douro. Dizem tambem que S. Basilio foi bispo de Braga, depois do martyrio de S. Pedro de Rates. Tudo isto se tem hoje por fabula, inventada pela imaginação de algum frade milagreiro, ou pela má interpretação do latim. O que parece certo, é que S. Basilio foi martyrisado em Placencia, com Santo Epitacio, primeiro bispo de Tuy (?) em 23 de maio, do anno 57. Note-se que, em um antiquissimo *Flos Sanctorum*, que existia no mosteiro d'Alcobaça, e que foi traduzido em portuguez, em 1443, por ordem de D. Fernando de Aguiar, esmoler-mór de D. Affonso V, fallando no martyrio de S. Basilio, lhe dá o titulo de bispo, mas não declara o bispado.

Se então, ou ainda depois, durante o dominio romano, existisse a cidade de Portucale, certamente Strabão, Ptolomeu, Plinio, Pomponio Mella, e outros geographos e historiadores latinos, que tanto fallaram das Hespanhas, deveriam registar a existencia de uma cidade, fundada sobre a margem direita do Douro, e proximo da sua foz, nos limites da provincia de Tarraconense.

Ptolomeu, fallando do rio Douro, diz apenas, que a sua barra está em 5°, e 20′ de longitude, e 41°, 50′ de latitude—e nem uma só palavra d'este geographo nos revela a existencia de Portucale.

Fallando elle e os outros escriptores referidos, de Braga, Guimarães, e outras povoações menos importantes, que estanceiam entre os rios Douro e Minho, não se póde attribuir a esquecimento *de todos*, o silencio que guardam quanto á existencia de Cale e Portucale.

Os imperadores romanos concederam varias preeminencias, e titulos honorificos a muitas cidades da Lusitania; só a cidade de Portucale foi esquecida!

Mais—Se a cidade de Portucale existia antes da era christã, como muitos pretendem, porque razão não teve bispos até ao quinto seculo do christianismo, tendo-os outras povoações que deviam ser de menos importancia, como *Eminium* (Agueda) *Egitania* (Idanha Velha) e outras?

Desde a instituição do christianismo em Portugal, logo a cidade de Braga, apemas oito leguas ao N. do Porto, teve por bispos, a S. Pedro de Rates, S. Basilio, S. Silvestre, etc—e porque não teve Portucale tambem os seus bispos, se era uma povoação da importancia que muitos lhe attribuem?

Qual é a razão porque o Itinerario de Antonino Pio, de Lisboa a Braga, é assim marcado—*Jerabrica* (Alemquer) *Scalabis* (Santarem) *Cellium* (*Ceice*) *Conimbrica* (Condeixa Velha) *Eminio* (Agueda) *Talabrica* (Aveiro) *Lancobrica* (Feira) *Cale* (Gaia) *Braccharа Augusta* (Braga)—e não falla em Portucale?—Provavelmente, porque ainda não existia.

(Note-se que o imperador Antonino Pio, successor de

Adriano, viveu entre os annos 120 e 162 de Jesus Christo).

Segundo Rebello, foi o pretor romano *Caio Lelio* que fundou o bairro de Gaia (onde hoje é Villa Nova de Gaia) para d'este sitio resistir ás forças de Viriato.

—

Já sabemos que o rio Douro era o termo meridional da Galliza, e se existisse a cidade de Portucale, não diria o bispo Idacio, na sua *Chronica*, que a cidade de Braga era a ultima da Galliza, para este lado—*Extremam Civitatem Gallaeciae.*

—

Para que a cidade do Porto se nobilite, não precisa de uma antiguidade mais que problematica; basta-lhe a verdadeira e incontestavel, que é de quinze seculos, aproximadamente.

Tratemos pois da sua fundação, desde que ha d'ella documentos e provas authenticas.

—

Nota-se que não quero dizer com isto, que, antes dos suevos, deixasse de existir aqui uma povoação, talvez algum arraial ou castro romano, mas de muito pouca importancia, visto que não mereceu ser mencionado por escriptor algum, como já vimos.

Estou mesmo convencido que o havia, pois que o citado bispo Idacio o menciona—*Ad Castrum quod Portucale appellatur*, etc.

Mas de um *castro* ou acampamento a uma cidade, vae muita differença.

—

Os barbaros do norte

Entre os annos 396 e 407, da Gothia, Suecia, Norwega, e outras terras septentrionaes, sahiram como uma *avalanche destruidora, os suevos, ostro-godos, wisigodos, vandalos, alanos, francos, burguinhões, selingos*, etc., em hordas inumeraveis, invadindo primeiro a Italia. Escalaram os muros de Roma, e roubando-lhe todas as suas riquezas, em um saque geral, foram talando os campos e devastando todas as cidades que acharam no seu transito. Passaram ás Gallias, onde muitos d'elles se deixaram ficar; e seguindo o resto, transposeram os Pyrenéus, assenhoriaram-se da Hespanha, e invadiram a Lusitania, terminando as suas correrias na Galliza, isto é, na extremidade da Peninsula.

A Europa espantada pelo numero prodigioso d'estas hordas indomitas, crueis e valorosas, não pôde resistir á torrente furiosa, que em breve dominou todos os povos septentrionaes.

O imperio romano, retalhado pelas guerras civis, suscitadas por differentes ambiciosos, que todos cubiçavam a purpura, e se intitulavam imperadores, não pôde de momento oppôr-se á marcha devastadora dos povos do norte. Honorio, que tinha fugido para Ravena, via os inglezes sublevados contra o imperio, em quanto os seus capitães, Marco e Graciano, se faziam acclamar imperadores, pelas tropas que lhes haviam sido confiadas (e que depois os assassinaram: quasi sempre o desgraçado fim dos agitadores das turbas).

Constancio, eleito imperador, passou ás Gallias, onde fez as pazes com os invasores.

Tentando porem libertar as Hespanhas, passou os Pyreneus, acompanhado de seu filho Constante e de numerosas tropas, ao passo que Dedimo e Viriniano, parentes de Honorio, marcharam da Lusitania, com o mesmo fim.

Mas o valor e a disciplina das legiões romanas, tiveram de ceder ao numero, e os barbaros ficaram senhores do paiz.

Entre os annos 409 a 413, estando os alanos e suevos senhores da Hespanha; os wandalos e selingos, que haviam ficado nas Gallias [1] os vieram reforçar.

[1] As Gallias não eram exactamente a actual França; mas comprehendiam um mais vasto territorio. Esta região principiava nos Pyreneus, com toda a costa do Mediterraneo, os Alpes, o Rhin (Rheno) até á costa do Occeano.

Os gaulezes, formavam uma especie de confederação, mas estavam divididos por tribus independentes, tendo cada uma seu chefe. Em caso de invasão estrangeira, reuniam-se para combater o inimigo commum; mas, passado o perigo, não poucas vezes sustentavam uns contra os outros, guerras encarniçadas.

Eram divididos em tres classes—guerreiros, sacerdotes (*druidas*) e escravos.

A policia, as leis, e a illustração romana, foram aniquiladas pela ferocidade d'estes barbaros, que obedeciam a chefes ou reis naturaes. *Gunderico*, era rei dos wandalos—*Hermenerico*, o era dos suevos—e *Resplandiano* dos alanos.

Os wandalos e selingos, se estabeleceram na Betica, cujo nome mudaram para Wandaluzia, hoje Andaluzia. Os alanos e suevos, occuparam a Lusitania e a Galliza, destruindo grande parte das suas povoações, e assassinando os seus antigos habitantes, que escapavam da fóme e da peste; de maneira que a Lusitania, a que alguns chegaram a dar mais de dez milhões de habitantes (o que aliás não parece muito crivel) ficou reduzida á decima parte.

Os invasores eram, na sua maior parte, hereges (arianos) e o resto idolatras; e o seu odio aos templos e ministros catholicos foi implacavel.

A amenidade do nosso clima, e a vida patriarchal dos lusitanos, foram pouco e pouco atenuando a ferocidade dos barbaros, cujo dominio, dentro em poucos annos, se tornou mais toleravel do que o dos romanos.

Ataces, successor de Resplandiano, procedeu, com os outros chefes, á demarcação dos limites da Peninsula, ficando elle com a maior parte da Lusitania e parte da provincia de Carthagena; estabelecendo a sua capital em *Mérida*.

Parte dos wandalos e selingos, estabeleceram-se na Andaluzia; o resto, com os suevos, dividiram entre si a Galliza, e a outra parte da Lusitania, que comprehendia todo o territorio desde Lisboa até ao rio Minho, pelo litoral; ficando a Andaluzia (Bética) aos wandalos e selingos, e a costa Lusitana, aos suevos.

A outra parte dos wandalos (que era a maior) ficou na Castella-Velha. Julga-se que as Asturias, Biscaia e uma parte da Galliza ainda ficaram obedientes ao imperio romano. (414 de Jesus Christo).

—

Ataces, rei dos alanos, declarou guerra a Hermenerico, rei dos suevos; a Gonderico, rei dos wandalos; e aos povos que estavam sôb o dominio do imperio.

Em 415, Constancio, illustre capitão romano, foi mandado pelo imperador Honorio, contra Alaulfo, rei dos godos, que occupava parte das Gallias. Constancio o expulsou d'aquelle paiz (a Gallia Narbonense), obrigando-o a entrar em Hespanha pelo Roussillon.

Os godos se estabeleceram na Catalunha, tomando Barcelona para sua capital.

Em 418, os alanos romperam de novo com os selingos e wandalos, emquanto os romanos, cólligados com os godos, tentavam sustentar na Peninsula o dominio do imperio.

Ataces foi morto e o seu exercito desbaratado, em uma grande batalha, dada junto a Merida (Extremadura hespanhola), e as tropas alanas, que escaparam, se retiraram para a Galliza e para as costas da Lusitania.

Walia, rei dos godos, continuou as guerras contra os wandalos e selingos da Andaluzia.

Gunderico, rei dos wandalos, augmentou as suas tropas; mas as guerras permanentes que os barbaros traziam uns contra os outros, deu ás Hespanhas uma época tristemente celebre, de feroz anarchia.

Hermenerico, rei dos suevos, que era o mais illustrado e politico, dos principes invasores, admittiu os lusitanos a todas as honras, deixando-lhes o livre exercicio da reli-

Cesar conquistou as Gallias, no anno 56 antes de Jesus Christo, e foi o seu primeiro historiador.

Os romanos, imposeram aos vencidos, as suas leis, usos e costumes; e, desde então, as Gallias constituiram parte do imperio, até á invasão dos barbaros, que occuparam a maior parte do paiz; estabelecendo-se os burguinhões, ao E.—os wisigodos, ao S.—e os francos ao N.—Os romanos ficaram circumscriptos ao centro das Gallias.

Os francos eram de origem germanica. Habitavam o paiz situado além do Rhin, e formavam muitas tribus, sendo a mais bellicosa a dos *salianos*, e era a ella que pertencia *Pharamond*, o primeiro rei dos francos que se estabeleceu nas Gallias, em 420.

Clodion, seu filho, lhe succedeu em 428, estendendo, por pouco tempo, os seus dominios até *Somme*.

Os francos mudaram o nome antiquissimo das Gallias, em França—isto é—*paiz dos francos*.

gião catholica, e em pouco tempo deixaram de haver conquistadores e conquistados.

Gunderico, rompeu a guerra contra Hermenerico (420), mas foi derrotado, e teve de fugir para as ilhas Baleares, onde, depois de refeito dos passados desastres, tornou a invadir a Andaluzia; mas de novo foi derrotado, junto a Sevilha, perdendo a vida n'esta batalha.

Succedeu-lhe seu irmão Genserico, que, receiando a perseguição de Theodoredo, rei dos godos, passou á Africa, com 80:000 wandalos e alguns alanos, unindo-se (em 427) ao conde Bonifacio, que se havia rebelado contra o imperador Honorio.

Valentiniano III, successor de Honorio, mandou um exercito romano para a Lusitania, sob o commando de Sebastião, na esperança de reconquistar este paiz; e, com effeito, recuperaram as suas duas principaes cidades, Merida (capital) e Lisboa.

Sebastião, orgulhoso com estas victorias, rebelou-se contra o imperador, e se acclamou rei; mas, as suas crueldades desgostaram os seus soldados, que o assassinaram.

Os alanos e suevos, recobraram então o que haviam perdido; e Hermenerico entregou o governo do reino a seu filho Rechila, que em 440 vence os romanos, commandados por Andelabo, em Xenil.

Os suevos e alanos ficam senhores das terras que até então haviam sido dos romanos.

Rechila, que era um guerreiro distincto, e um consummado politico, cedeu (441) as provincias de Carthagena e Carpetanea, aos romanos, para ficar pacifico senhor do resto.

Pela morte de Rechila, lhe succedeu seu filho Reciario, que, em 451, conseguiu acabar com o dominio romano nas Hespanhas; mas este triumpho, acarretou a sua desgraça; porque, soberbo com elle, declarou guerra a Theodorico, rei dos godos, que o derrotou, junto a Astorga.

Fugindo para o Porto, alli foi preso e mandado degolar, por ordem de Theodorico, em 456.

Os suevos, com estas derrotas, ficaram em um estado de anarchia, que degenerou em guerra civil, tendo cada partido, um rei á sua frente, que eram *Madras*, eleito pelo povo, e *Franta*, eleito pelos nobres; mas ambos reconheciam a supremacia dos godos, e ambos morreram em um combate—succedendo a Madras, seu filho *Rumismundo*, e a Franta, seu filho *Frumario;* porém, morrendo este, em 464, tornaram a unir-se os dois bandos, ficando Rumismundo unico rei dos suevos.

Já a esse tempo, quasi todos os suevos eram catholicos; mas, casando Rumismundo com uma filha de Theodorico, que era ariana, esta introduziu no reino a heresia de Ario, que durou cem annos.

Desde 490, até 549, é a *Historia dos Godos* bastante obscura, com respeito aos reis suevos: apenas vemos mencionados—como reis da Lusitania e Galliza—*Hermenerico, Rechila, Reciario, Madras, Franta*, e *Frumario*, intrusos—*Theodulo, Veremundo, Miro, Pharamiro, Rechila 2.º, Reciario 2.º*—incertos—até *Theodomiro*, de que adiante trato.

Em 549, era *Agila* rei dos godos. Os cordovezes o desbarataram, e elle teve de fugir para a Lusitania, d'onde marchou contra Atanagildo; mas, depois de varias derrotas, morreu na ultima batalha, que deu, junto a Sevilha, ficando Atanagildo unico rei dos godos das Hespanhas.

Em 558, foi Theodomiro acclamado rei dos suevos, e sendo ariano, abjurou esta heresia, em 560, fazendo-se catholico, acabando com o arianismo, em 564, e convocando, n'esse mesmo anno, um concilio catholico, em Braga.

Foi este rei o fundador da egreja de São Martinho de Cedofeita, d'esta cidade (Porto) em 559, e n'ella foi baptisado, com seu filho e successor, *Ariamiro*, depois de convertidos á fé catholica. (5.º vol., pag. 103, col. 1.ª, no fim, e seguintes.)

Theodomiro, falleceu em 570, succedendo-lhe seu filho Ariamiro, que foi um strenuo defensor e propagador da religião catholica.

Em 577, conquistou o Aragão e a Navarra; mas, *Leovigildo*, rei dos godos da Gallia Narbonesa, invadiu os seus estados, com um poderoso exercito, obrigando Ariamiro a acceitar uma paz desvantajosa.

Ariamiro morreu em 583, succedendo-lhe

nos reinos da Lusitania e Galliza, seu filho *Eburico*, ainda creança, e ao qual seu pae nomeára por tutor, o rei Leovegildo.

Endeca, senhor poderoso, e homem de grande ambição, teve manhas de se fazer acclamar rei pelos suevos, obrigando Eburico a *cortar o cabello*, e fazer-se monge benedictino, no mosteiro de Dume.

Pouco tempo se logrou o usurpador do fructo da sua perfidia; porque, logo em 585, Leovegildo, como tutor de Eburico, obrigou Endeca a fazer-se tambem monge em Dume, depois de lhe ter feito cortar o cabello.

Mas, Leovegildo, segundo o uso da maior parte dos *protectores*, deu por terminada a dynastia dos reis suevos, unindo o seu reino á monarchia gothica.

Até então, pertencêra a cidade do Porto ao reino dos suevos, e depois, passou a formar parte do grande reino gôdo.

—

Para não fatigar mais o leitor com a narração da serie dos reis gôdos, desde Leovegildo até ao ultimo—Roderigo—só mencionarei aquelles que teem de figurar, mais ou menos directamente, na historia do Porto.

—

Temos visto o que se ha dito sobre a fundação d'esta cidade, e, seguindo a opinião mais geralmente admittida, o *burgo do Porto* (depois chamado *Burgo-Velho*) foi principiado a edificar, pelos suevos, muito pouco tempo depois das *partilhas* da Peninsula—isto é—em 417.

O nome de *Festabole*, dado a esta povoação pelos seus fundadores, segundo pretendem alguns, não é ponto decidido pelos historiadores; assim como não está plenamente provada a sua etymologia—*Porto Novo*.

Se me fosse licite expôr a minha opinião, diria que os suevos desde logo lhe deram o nome de *Burgo do Porto*, que é o que se vê nos mais antigos documentos.

Entre a sua fundação, e a sua elevação a séde de um bispado catholico, medeiaram muito poucos annos.

—

Este Burgo comprehendia uma área limitadissima; o que ainda hoje se póde verificar pelos restos dos muros suevos que a circumscreviam, como passo a demonstrar pela

Circumvalação sueva.

Principiando ao N., na *Porta de Nossa Senhora da Vendome* (Vandoma) se dirigia em volta da egreja da Sé, até á *porta de Nossa Senhora das Verdades*. D'ahi virava para S.E., pelo O. das *Escadas das Verdades*, até ás *Escadas do Codeçal*, e esquina do actual *recolhimento do Ferro*.

Este lanço de muralha, ainda existe, em perfeito estado de conservação, com quasi todas as suas ameias: é de cantaria, sem cimento de qualidade alguma, e parecendo mais obra romana do que sueva. Serve de vedar ao publico a pequena cêrca do recolhimento.[1]

D'ahi descia pelas Escadas do Codeçal, até á margem do Douro, onde ainda hoje se vê, promettendo seculos de duração, a *Porta da Láda*, que fica por detraz de *Cima do Muro da Ribeira*, e perto da ermida de *Nossa Senhora da Láda*. D'aqui, cortava a muralha na direcção do O., até ao actual largo da Ribeira, onde consta que houve uma porta, chamada *da Villa*, junto da qual corria um ribeiro chamado tambem *da Villa*. A muralha fazia aqui angulo, e tomava a direcção de N.E., seguindo pelo lado do S. da actual rua dos Mercadores, até ás *Portas de Santa Anna*, d'onde, seguindo a mesma direcção

[1] Mas se o feroz Almançor, kalifa de Córdova, destruiu, em 825, a cidade do Porto, *não deixando pedra sobre pedra*, como dizem quasi todos os escriptores, não podem estes muros ser os primitivos; mas sim, os construidos pelos gascões, no anno 1000: entretanto, inclino-me a crer que, pelo menos se o lanço de muralha das Verdades, não é obra romana, pertence ás primeiras construcções dos suevos. A expressão—*não deixando pedra sobre pedra*—tão vulgar nos nossos antigos escriptores, era muitas vezes exaggerada, sempre que se tratava dos prejuizos causados pelos mouros. Nem me parece que Al-Mançor, que tomou o Porto por surpreza, tivesse tempo de concluir a obra da demolição, sem temor de lhe cahirem em cima, D. Affonso (*o Casto*) com o seu exercito.

de N.E., continuava pelo lado do S. da rua da Bainharia, até ás *Portas de S. Sebastião.*

D'este lanço de muralha, ainda existem alguns metros, com suas ameias, tudo bem conservado. Vê-se do largo da Sé, por entre uns telhados, logo abaixo do Aljube.

D'aqui, formando um Z ás avessas, hia fechar ás portas de Nossa Senhora de Vendome, onde principiou esta medição.

Comprehendia este circulo de muralhas, no seu recinto, as bitesgas e alfurjas a que hoje se dão os nomes de ruas—de Nossa Senhora de Agosto, de Pena-Ventosa, das Aldas, de S. Sebastião, de Traz—a travessa de Santa Anna—os largos do Açougue-Real, da Pena-Ventosa e do Collegio — e as escadas do Barrêdo — além de uns pequenos e immundos bêcos, na Ribeira.

Eis a primitiva *cidade* do Porto, que não era a decima parte da *Alfama*, a cidade árabe de Lisboa.

Foi isto que a rainha D. Thereza mandou coutar e deu em feudo ao bispo D. Hugo, como vamos vêr.

—

Dizem alguns escriptores, que os suevos já aqui acharam uma fortaleza romana, denominada *Castro da Pena-Ventosa;* o que nada tem de inverosimil—e alguns até sustentam que a primeira casa da rua da Pena Ventosa, hindo da das Aldas, está construida sobre um dos baluartes do castro romano—o que tambem póde ser verdade; [1] ainda que o padre Agostinho Rebello da Costa, diz que foram os suevos os seus fundadores (417) *os quaes, fugindo dos alanos, se refugiaram aqui, em um alto monte, ao N. do rio, edificando um castello, com largos e altos muros, e com habitações para as suas tropas. Deram-lhe o nome de Castrum-Novum, para o differençarem do castello de Gaia, que denominaram Castrum antiquum.*

Custa-me a crer que os suevos, inimigos implacaveis dos romanos, dessem um nome latino á sua fortaleza: inclino-me mais a acreditar que effectivamente já aqui existia um castello romano, que elles, porventura reedificaram e ampliaram, conservando-lhe o nome.

A *cidadella* d'este castello, ou a sua *torre de menagem*, era o templo da Sé, construido em fórma de fortaleza, com suas ameias e séteiras e com toda a robustez de uma *praça d'armas*, como era uso n'aquelle tempo.

—

Pouco nos instrue a historia, com respeito a esta cidade, desde que os godos se apoderaram d'ella.

Em 621, foi acclamado rei, Flavio Swintila, filho de Flavio Ricaredo I.—Continuou a guerra contra os romanos e vasconços, conseguindo expulsar os primeiros da Peninsula, sendo o primeiro rei christão que reinou em todas as Hespanhas.

Swintila, que fôra um principe virtuoso, e um valente general, nos primeiros annos do seu reinado; mudou todas as suas virtudes em vicios abominaveis, pelo que os seus vassallos, ajudados pelo rei de França, Dagoberto I, [1] o expulsaram do throno, em 631, acclamando o senhor godo, Sisinando. Swintila se retirou para a Galliza, onde morreu abandonado de todos, em 641.

Sisinando convocou o 4.º concilio, de Toledo (636), onde appareceram 72 bispos, e

[1] Estou convencido de que, d'esta casa até á parede E. do collegio dos *grillos* (hoje seminario diocesano) era a parte principal de uma antiquissima fortaleza, fechada por este lado (O.) por uma alta e robusta muralha, cuja maior parte ainda existe, desafiando o correr dos seculos, e fundada sobre enormes rochedos graniticos. Quem se der ao trabalho de examinar este lanço de muralha, subindo pelas escadas posteriormente praticadas n'elle, ficará sendo tambem da minha opinião.

[1] Dagoberto I, reinou desde 628 até 638. Foi no seu tempo que a auctoridade real principiou a enfraquecer na França. Os senhores poderosos, chamados *maires du palais*, tomaram uma grande influencia no governo, e se tornaram temiveis pela sua quasi omnipotencia. Cariberto, principe merovingiano, irmão de Dagoberto I, fundou na Aquitania, um estado independente, que seus descendentes conservaram, com o titulo de ducado, até 769, sendo então outra vez unida á França, por Carlos Magno (que reinou desde 768 até 814), depois de vencidos os aquitanos.

entre elles, os do Porto, Braga, Eminio, Egitania e Conimbriga.

Fallecendo o rei Sisinando, lhe succedeu seu irmão, Swintila (ou Chintila), que convocou o 5.º e 6.º concilio de Toledo, nos quaes se trataram materias importantes para o reino.

Swintila falleceu em 642, succedendo-lhe Tulga, e a este Chindaswindo (ou Cindaswindo) em 643. Este reformou as leis gothicas, e, em 649, convocou o 7.º concilio de Toledo.

Chindaswindo falleceu em 650, succedendo-lhe seu filho Receswindo, que reinou quasi 22 annos, de profunda paz, com o que muito prosperou o reino. Houve no seu tempo o 8.º, 9.º e 10.º concilios de Toledo, e um em Merida.

No ultimo anno d'este reinado (672) invadiram os gascões as costas da Lusitania, mas foram derrotados, e tiveram de fugir para a França.

N'este mesmo anno morreu Receswindo, ficando-lhe por unico herdeiro seu filho Theodofredo, de menor edade.

Não quizeram os godos para seu rei, em tempos tão revoltosos, uma creança; pelo que elegeram o famoso Wamba, que, em pouco tempo, conseguiu pacificar os seus estados. Convocou o 11.º concilio de Toledo (675) no qual se terminou a divisão dos bispados da Peninsula; ficando o do Porto com as freguezias que já declarei.

Por este tempo, uma grande esquadra de mouros africanos, invadiu uma grande parte do litoral da nossa provincia do Minho; porém Wamba os derrotou em terra, e seus navios foram incendiados; de modo que muito poucos podêram levar á Africa a noticia de tão grande derrota.

Dez annos apenas, durou o feliz reinado do santo Wamba, que abdicando em Ervigo (ou *Ervigio*) que tinha adoptado (682) se retirou a um mosteiro, onde falleceu.

Em 687 morreu Ervigo, succedendo-lhe no throno Egica, seu genro, e sobrinho de Wamba.

Por fallecimento de Egica, succedeu no throno seu filho Witiza (701) que foi um poço de vicios, permittindo a polygamia, negando a obediencia espiritual ao papa, e arrazando grande numero de fortalezas da Hespanha, por conselho do seu valido, o tristemente celebre, conde D. Julião (o pae da *Cava*) que já então tramava a traição que mais tarde levou a effeito contra a sua patria.

D. Rodrigo, e Acosta, filhos do principe Theodofredo, e descendentes do rei Cindaswindo, expulsaram do throno (707) a Witiza, e D. Rodrigo foi acclamado rei de todas as Hespanhas, com grande alegria dos povos; mas em breve se tornou quasi tão vicioso como o seu antecessor.

Julião, continuando com as suas machinações, induz o novo rei a continuar na demolição das fortalezas, sob pretexto de tirar á força aos senhores godos, que nem sempre obedeciam ás ordens do rei.

Aplanada, n'esta parte, a estrada da traição, o *pae da Cava*, passa a Ceuta (712) com sua filha, e ahi combina com os africanos a maneira mais facil da conquista da Peninsula.

Em 713, Tarif-Aben-Zarca, atravessa o estreito de Gibraltar, com um exercito de doze mil homens. Os godos, commandados pelo principe D. Sancho, lhe saem ao encontro; mas, tendo morrido este principe valoroso, logo no principio da batalha, as suas tropas desanimam e os mouros as desbaratam.

D. Rodrigo, que estava em Toledo, marcha com grande numero de gente para o norte da Hespanha, mas quando chega, já o conde Julião e os mouros tinham retirado para a Africa, carregados de ricos despojos.

D. Rodrigo trata então de se preparar para a resistencia de novas investidas, e principia a reconstrucção de algumas fortalezas, que elle e o seu antecessor haviam mandado demolir.

Os mouros, o conde Julião e o bispo Opas (seu irmão) não lhe dão tempo de se collocar na defensiva, e Tarif-Aben-Zarca, com um numerosissimo exercito [1] passa de novo á Hespanha, em 714.

D. Rodrigo se apressa em lhe sahir ao en-

[1] Vinha com tanta certeza da conquista, que já trazia uma multidão de mulheres, creanças e escravos, para povoar a Peninsula, e impôr-lhe a sua lei, religião e costumes.

contro, com um exercito tambem muito numeroso, mas composto, na sua maior parte, de gente bisonha, sem disciplina, e sem pratica militar.

O encontro teve logar nas margens do rio Guadalete: os godos, seguindo o exemplo do seu rei, que se batia com a maior bravura, fizeram prodigios de valor. A batalha durou oito dias, mas por fim os christãos foram completamente derrotados, e o rei, a grande custo se salvou, vestido de pastor, e veiu, segundo todas as provabilidades, terminar os seus dias á Lusitania. (Vide *Nazareth* e *Pederneira.*)

D'esta batalha escapou com vida, D. Pelayo, principe de sangue godo, que com alguns christãos, se refugiou nas cavernas, quasi inaccessiveis de Cova-Donga (Asturias) e ahi, pela sua bravura, pela sua constancia e pela sua intelligencia, conseguiu formar o nucleo d'esses exercitos, que no fim d'uma guerra titanica de 537 annos podéram expulsar da Lusitania (Algarve) os dominadores serracenos (em 1250) e no fim de 779 annos (1492) expulsaram da Hespanha (Granada) as ultimas hostes agarenas.

A onda mauritana em breve se espalhou pela Hespanha, e em 715 invadiu a Lusitania, pelo sul, cahindo em seu poder as fortes praças e castellos de Evora, Beja, Alcacer do Sal, no Alemtejo—Portimão e Silves, no Algarve—Idanha e outras, na Beira—e assim foram successivamente conquistando toda a Lusitania.

—

Não é meu proposito seguir a historia de Hespanha, senão na parte que interessa directamente a esta cidade; por isso, só direi que em 716 ainda ella se conservava em poder dos godos; mas então foi investida, e tomada d'assalto pelos mouros, commandados pelo emir, Abd-el-Azim.

Parece que os mouros se limitaram, por então, a saquear a cidade e a assassinar todos os seus habitantes que não podéram fugir—e que conservaram todas as suas fortificações.

Cento e quatro annos se conservaram os mouros senhores pacificos d'esta cidade,[1] até que, em 820, D. Affonso I, de Leão (o Catholico) a resgatou do poder dos infieis.

Pouco depois (824) Abd-el-Raman, kalifa de Córdova, pretendeu reconquistal-a; porém o conde Hermenegildo, governador do Porto, lhe sahiu ao encontro, junto ao logar onde hoje está a egreja matriz de Campanhã, no sitio onde corre um ribeiro, hoje chamado *Rio-Tinto* (cujo nome, se diz, tomou depois d'esta grande batalha, em razão do muito sangue que n'ella correu, *tingindo* o ribeiro, que levou as suas ondas ensanguentadas, até ao Douro), e os mouros foram completamente desbaratados, e o seu chefe morto.

Em 825, Al-Mançor, o grande, que succedêra no kalifado de Córdova, e se intitulára o *terror dos christãos*, ancioso por tomar a desforra, reuniu um grande, exercito, composto da flor das suas tropas e cahiu sobre a cidade do Porto, que depois de repetidos ataques tomou e destruiu, não deixando pedra sobre pedra.

Cento e cincoenta e sete annos esteve esta cidade deserta e abandonada, sem que os christãos a quizessem repovoar, receiando novas desgraças, até que em 982, reinando em Leão, nas Asturias, na Galliza e em Portugal, D. Ramiro III, fundeou no Douro uma esquadra de normandos e gascões, commandados por D. Moninho Viegas e seu irmão, D. Sisnando Viegas (que depois foi bispo do Porto) e por D. Nonego, bispo de Vendome (França), que andavam pelo litoral da Lusitania (já então chamada Portugal) procurando occasiões de se baterem contra os infieis.[2]

Alguns escriptores susten-

[1] Ha toda a provabilidade para acreditar que, já então, se chamava Porto, visto que os arabes lhe davam o nome de *Bortkl*, por não poderem pronunciar Porto.

[2] D. Sisnando, 15.º bispo do Porto, falleceu pelos annos de 1030. (Vide *Villa Bôa do Bispo.*)

Noto aos leitores, que não menciono no logar competente, as datas da eleição e fallecimento dos bispos do Porto, por hir a relação d'elles em § especial, para melhor ordem d'este artigo.

tam que D. Moninho e D. Sisnando eram lusitanos, filhos de conde D. Gonçalo Moniz, governador do Porto, Coimbra, Feira, e da maior parte da provincia d'Entre Douro e Minho; e que, vendo esta cidade assim destruida e abandonada, se foram pedir soccorro aos gascões, que n'esses tempos faziam profissão de nautas errantes, combatendo os mouros por mar e terra, e vivendo dos despojos tomados aos infieis. Que o bispo D. Nonego prégou uma especie de cruzada, promettendo fazer parte d'ella, e vir em soccorro dos christãos portuguezes, o que tudo se levou a effeito.

Que o cognome de *gasco* (gascão) dado a D. Moninho, foi por elle estar algum tempo na Gascunha—como nós hoje costumamos chamar *brasileiros*, aos portuguezes que residiram alguns annos no Brasil.

E' verosimil esta opinião, porque o appellido *Viegas*, parece mais gothico do que francez: e o prenome de *Dom*, dado por todos os escriptores aos dois irmãos, confirma esta opinião.

Bem sei que tambem se dá o prenome de *Dom*, a Nonego, bispo de Vendome; mas é isso naturalissimo, visto que todos os bispos e a maior parte dos abbades, já então, e desde muitos annos, usavam este tratamento, que era adoptado pelos clerigos estrangeiros que vinham exercer estes empregos, para a Peninsula.

Mas, quer fossem portuguezes (como me persuado) quer francezes, é certo que a estes dois irmãos, ao referido bispo de Vendome, e aos gascões e normandos que os acompanharam, deve o Porto a sua reedificação e repovoação.

—

Segundo a *Chronica dos conegos de Santo Agostinho* (Pag. 242, cap. 4.º).

«Os dois irmãos, D. Moninho Viegas e D. Sisnando, não eram gascões, mas portuguezes, e muito portuguezes—porque—

Reinando em Castella e Leão, D. Ramiro 3.º, em 982, e sendo senhor do Porto o conde D. Gonçalo Moniz, entrou pelas terras de Portugal o capitão mouro, Al-Mançor, com um poderoso exercito, e veiu pôr um apertado cêrco á cidade do Porto.

O conde e os portuguezes, resistiram por muito tempo, heroicamente; mas, faltando-lhes o sustento, e sendo tão poucos em numero, comparados com os mouros, e morto gloriosamente o conde, na entrada d'estes na cidade, tiveram de retirar.

Al-Mançor, em vingança da resistencia tenaz que lhe haviam feito os habitantes do Porto, reduziu a cidade a um montão de ruinas.

O bravo conde, que era senhor das terras, da Feira, Porto e quasi toda a provincia d'Entre-Douro-e-Minho, deixou dois filhos, já homens, herdeiros do seu extremado valor e das suas grandes riquezas, e que se chamavam, D. Moninho e D. Sisnando.

Vendo estes, que nas suas terras não havia gente bastante para d'ellas expulsarem os mouros, foram, por mar, á Gascunha, pedir soccorros, e breve de lá vieram, com uma po-

derosa armada, em que vinham muitos senhores francezes, mui esforçados capitães, e com elles, D. Nonego, bispo de Vendome. (Vide *Villa-Bôa do Bispo*).

Aportou esta armada na foz do Douro, em 984, e desembarcados no Porto, expulsaram os mouros, á força d'armas, e reedificaram e fortificaram a cidade.

Foram estes gascões que ordenaram, que, a *toda a terra de que se expulsassem os mouros, se desse o nome de Terra de Santa Maria*, denominação que hoje só conserva a *Terra da Feira.*

Diz-se que a Sé primitiva era na actual egreja matriz de S. Pedro de Miragaia (vide *Miragaia*) [1] mas, em 984, vendo que convinha ser a egreja cathedral, no centro da cidade, a fundaram (ou reedificaram) no sitio actual; mas, em fórma de castello, segundo o uso d'esse tempo: fazendo-se tambem mosteiro, para residencia do bispo e seus conegos, no sitio onde hoje é o paço episcopal.

Tomou conta da mitra, o referido D. Nonego, e para alli se transferiu com os padres francezes, que trouxe da Gascunha; ordenando outros, (1025) e vivendo todos em communidade, sob a regra de Santo Agostinho (cruzios) e comendo no refeitorio, até 1185, em que o bispo D. Martinho Pires, não só consentiu que os conegos vivessem em suas casas, e segundo as suas rendas, mas sim instituiu as dignidades de: *deão, chantre, mestre-escóla* e *thesoureiro mór.*

Extinguiu os arcediagados que havia, unindo-os á mesa episcopal e cabido.

Depois da extincção dos taes arcediagados, foram creados — o *arcediago do Porto*, pelo bispo D. João da Azambuja, em 1398, o *de Oliveira*, pelo bispo D. Luiz Pires, em 1455, e o *da Regua* pelo bispo D. João de Azevedo, em 1492. A dignidade de arcipreste foi creada pelo bispo D. Fr Balthasar Limpo, em 1541. (Vide adiante, onde trato da sé).

D. Nonego governou a diocese, quasi quarenta e um annos, desde 984 até 1025, e achando-se muito velho, convocou o clero, nobreza e povo, do Porto, e, por unanimidade, foi eleito seu successor, D. Sisnando Viegas, irmão de D. Moninho.

D. Sisnando era versado, não só nas armas, mas tambem nas lettras sagradas; porém, como não tinha ordens sacras, D. Nonego lhas conferiu e o sagrou bispo d Porto, no principio do anno 1026. [1]

Os conegos, vivèram, desde que houve bispos no Porto, em communidade, como outros quaesquer frades, e sob a regra de Santo Agostinho: até que, em 1186 (1148 de J. C.)

[1] Ha, porém, opiniões, aliás bem fundadas, sustentando que a primittiva Sé do Porto ioi construida, no 1.º seculo da era christã, na cidade (ou povoação) de Portugallo, ao S. do Douro, e no sitio da actual freguezia de Mafamude. (Vide *Portúgal*, villa.

[1] Quasi todos os escriptores dizem que D. Sisnando foi o 15.º bispo do Porto, e o 1.º da 2.ª serie.

O *Cathalogo dos bispos do Porto*, salta de D. Hermogio, 14.º, bispo, (912) a D. Sisnando, (15.º) sem fallar em D. Nonego.

Deixo á apreciação dos leitores este ponto contradictorio da historia ecclesiastica do Porto.

o bispo D. Hugo, dividiu as rendas em tres partes—uma para a Sé—outra para elle—e outra para os conegos, que, desde então, começaram a viver d'estas rendas, sob a denominação de *conegos seculares*, que adoptaram.»

D. Moninho e seu irmão trataram immediatamente de reconstruir as antigas fortificações do Porto, construindo quarteis para as suas tropas e habitações para os christãos que quizessem vir para aqui habitar, e reedificando a egreja cathedral, existindo ainda em grande parte, as obras mandadas por elles fazer n'esta egreja.

—

Esta posição era n'aquelle tempo formidavel; porque, do S., servia-lhe o Douro de fôsso, sendo desde o castello (que estava construido no sitio onde hoje se vê o paço episcopal) até ao rio uns penhascos ingremes e inaccessiveis. Do O. e N., tambem o monte era muito mais ingreme do que actualmente; porque onde hoje são as ruas da Bainharia, Ponte-nova, Souto, Flores, Mercadores, e becos immediatos, era um profundo valle, que as areias e enxurros, acarretados no inverno pelas torrentes, foram pouco e pouco entulhando.

A rua de S. João, mandada fazer por D. João I, pelos annos de 1390, está edificada sobre arcaria de pedra, um verdadeiro tunell, por onde passa o Rio da Villa. Era tão baixo este lugar que por elle entrava um braço do Douro.

A parte mais accessivel d'esta fortaleza, era pelo E., mas aqui era defendida por um forte castello, que estando muito arruinado, foi demolido, quando se deu principio ás obras do paço episcopal. Ao fundo do pateo d'este, ainda existe um lanço de muralha, bem conservado, prolongando-se pelo E., do largo do Collegio até á *rua das Aldas*. [1] Era este o famoso castello da *Pena-Ventosa*.

Alguns escriptores pretendem que a construcção primittiva d'esta fortaleza, remonta ao anno 2800 do mundo (1204 antes de J. C.) e é obra dos *graios*, ou gregos. Outros contentam-se em lhe dar por fundadores, os romanos, o que parece mais provavel; é certo, porém, que os suevos acharam tudo destruido.

Os povos do Porto, confiados n'esta optima posição, no seu castello, cercado de robustas e altas muralhas, guarnecidas de soberbas torres; e animados pelo seu numero, pois que das aldeias circumvisinhas se lhes tinham reunido muitos christãos, oppozeram aos mouros uma tenaz e heroica resistencia; mas os christãos tinham a bater-se contra Al-Mançor, chefe valorosissimo e muito habil, e contra soldados bravos, disciplinados, afeitos ás batalhas e ás victorias e alem de tudo isto, muito superiores em numero, pelo que tiveram de succumbir. Os vencedores trocidaram quantos christãos puderam agarrar; e quando não tinham mais vidas a exterminar, voltaram a sua sanha contra os edificios, não deixando pedra sobre pedra, segundo relatam os escriptores contemporaneos.

Só d'ahi a dez annos (que tanto durou o dominio do feroz Al-Mançor na provincia do Minho, cujas povoações quasi todas demoliu e incendiou, depois de as ter saqueado) é que as valentes hostes leonezas, em successivas e gloriosas batalhas, venceram os mouros, tendo Al-Mançor de fugir precipitadamente para Córdova, com as reliquias do seu exercito.

Note-se porém que o cinto de muralhas que fechava o Burgo do Porto, e que se chama vulgarmente *circumvalação sueva*, foi mandado construir por D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, entre os annos 1108 e 1110.

Antes d'este tempo só existia a fortaleza chamada *Castello*.

—

É difficil, senão impossivel, seguir em taes materias uma exacta chronologia, pelo que me vejo obrigado a fazer aqui as reflexões seguintes.

Todos os escriptores concordam em que a fortaleza e povoação romana de *Castrum-Novum*, depois chamada pelos suevos *Festabole* (Porto-Novo, ou Praia-Nova) era em

[1] *Alda* é nome proprio de mulher.

frente de *Porto-Calle*, e exactamente no sitio onde hoje existe a Sé e ruas circumferentes.

Todo o mundo sabe que este bairro, (a primittiva cidade do Porto) não fica *em frente* da antiga *Calle* (Gaia) que está a mais de 2 kil. ao O. S. O., mas sim *em frente* de *Paço de rei*, da *Serra do Pilar*, e de *Mafamude*.

É por esta circumstancia (além de outras) que eu me inclino a acreditar que existiu uma *cidade*, ou, pelo menos, uma povoação de alguma importancia, ahi por perto de Paço de Rei, com o nome de *Portugallo* e depois *Portucalle*. (Vide *Portugal*, villa).

—

Os suevos preferiram a margem direita, á esquerda do rio, e a povoação do Sul foi abandonada, para se reconstruir o antigo castello da Pena-Ventosa. [1]

O rei suevo, Hermenerico, depois de uma guerra de dois annos, com Ataces, rei dos alanos (414) fez com elle pazes, dando-lhe por esposa, sua filha Cindazunda, ou Cindaswinda (Vide *Coimbra*).

Vendo-se Hermenerico em paz com os alanos, tratou de construir no Porto, palacio para si e para a sua côrte, e quarteis para os seus soldados.

Os suevos eram christãos, mas herejes (arianos) e parece que foram elles que construiram, no sitio onde hoje está a Sé, um templo acastellado (como eram todos os que edificavam os barbaros das raças germanicas) que existiu até á invasão dos mouros; os quaes reduziram grande numero de templos christãos a mesquitas, arrasando o resto, ou dando-lhe diversas applicações.

—

As antigas fortificações se conservaram, com pequenas alterações, até que D. Affonso 4.º, em 1336, reparou o castello e deu principio ás muralhas de circumvalação, cuja obra continuou durante e reinado de D. Pedro 1.º; mas foi seu filho, D. Fernando 1.º, que lhe deu maior impulso, e a concluiu em 1776.

Eram estas muralhas de robusta cantaria, e guarnecidas de soberbas torres, tudo com ameias.

Esta circumvalação tinha muito maior ambito do que a anterior, pois, não só comprehendia a cidade antiga, mas tambem o *Burgo Novo a par do Porto*.

Consta que esta grande obra, custou, só ao rei D. Fernando, 30$000 réis; quantia tão importante n'aquelle tempo, que veiu de Lisboa para o Porto, escoltada por um regimento de cavallaria e outro de infanteria.

A circumvalação chamada de D. Fernando, principiava no *Postigo do Carvalho*, (que depois se chamou de *Santo Antonio do Penedo*, por causa de uma ermida d'este santo, que ahi se construiu—e por fim—*Porta do Sol*.

Esta porta, achando-se em estado de ruina, foi mandada demolir por D. João d'Almada e Mello, em 1774, e construida uma nova, d'architectura romana; á qual, por ter um sol esculpido sobre a inscripção, principiou o povo a chamar *Postigo* (ou *Porta*) *do Sol*.

No timpano d'esta nova porta, havia a seguinte inscripção:

SOL HUIC PORTAE
JOSEPHUS LUSITANO IMPERIO
JOANNES DE ALMADA E MELLO
PORTUCALENSE URBI FINITIMISQUE
PROVINCIIS AETERNUM
JUBAR GAUDIUM PERENNE

—

Estas portas, foram demolidas em 1875, para se ampliar o edificio da *Casa-Pia*. Foi um vandalismo quasi escusado, porque o edificio era bastante vasto, e o monumento (que em nada estorvava o

[1] Note-se porém, que ainda no seculo 11.º (no tempo do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza) existia á Povoação de *Portugal*, ahi por Mafamude. (Vide *Portugal*, villa).

transito publico, porque o vão do arco era amplo) pela sua elegancia, adornava o sitio, e era um padrão commemorativo do varão a quem o Porto tanto deve.

Continuemos a descrever a circumvalação do cinto de muralhas de D. Fernando.

Do Postigo do Carvalho [1] seguia para o N. E., por onde hoje é o palacio do governo civil (Casa-Pia) até ao local onde está o theatro de S. João. D'aqui, voltando para o N. O., no sitio onde está a capella de *Nossa Senhora da Batalha*, seguia até á actual rua de Cimo de Villa, onde tinha uma porta que deu o nome á rua. (Tambem se chamava *Porta da Batalha*). D'aqui, inclinando mais para o O., seguia pelo lado do S. da Calçada da Thereza e viella da Madeira, até á *Porta da Rua de Carros*.

Este lanço está perfeitamente conservado, e desafiando o correr dos seculos (se o camartello municipal o não destruir) com suas torres e ameias. Serve de vedar a cêrca das religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria.

A *Porta de Carros*, era defendida por duas alterosas torres, uma ao E., outra ao O.—Ainda existe a primeira. [2]

Note-se que do tempo de D. Fernando só aqui existia um *postigo*, que foi demolido em 1521, para, em seu logar, se construir uma porta mais ampla. Tinha esta a seguinte inscripção:

REGNANTE DIVO EMMANUELE
QUI PRIMUS PORTUGALIAE REGUM
AD MARE USQUE INDICUM
ET SCYPTUM LUSITANIAE
IMPERIUM PROPAGAVIT
APERTA FUIT HAEC PORTA,
SIMULQUE VIA,
QUAE HINCI IN SANCTI
DOMINICI TEMPLUM DUCIT
INDUSTRIA ANTONII CORREA
HUJUS PROVINCIAE CORRECTORIS.
1521. [1]

Da Porta de Carros, marchava a muralha, em linha recta, na direcção do O, pelo mosteiro dos conegos de S. João Evangelista (loyos) hoje transformado em riquissimos predios da sr.ª Viuva Cardoso, até ao principio do actual passeio publico da Cordoaria, onde havia um vasto olival; e tinha aqui uma porta, por isso chamada *do Olival*, da qual não ha vestigios mais do que o nome, que o sitio ainda conserva. [3]

Da porta do Olival, inclinava a linha de muralhas mais para S. O., pela parte do S. da actual *Rua do Calvario*, onde ainda existem lanços de muros e uma torre bem conservada.

Ao fundo da rua do Calvario, estava a *Porta das Virtudes*, que vinha a ser ao cimo da actual rua *de Bello-Monte*.

A circumvalação hia inclinando sempre para S. O., pelo lado do N. E. da actual *rua da Cordoaria Velha*, onde tambem ainda existem lanços de muralha, até ás *Portas de N. Sr.ª da Esperança*, ao cimo da rua d'este nome, e junto á capella da Senhora d'esta invocação.

Aqui mandou o rei D. Manoel, pelos annos de 1522, construir um baluarte, que ainda existe; e desde o qual a muralha seguia ainda mais inclinada a S. O., até á *Porta Nova*, ou, segundo outros, *Porta Nobre*.

[1] Outros dizem que se chamava *dos Carvalhos do Monte*, em razão de um souto que alli havia. Os que pretendem que se denominava *do Carvalho*, dizem que era em razão de um grande carvalho que estava proximo.

[2] Em 1529 cahiram 360 braças (800 metros) de muralha, entre esta porta e a do Olival. D. João III mandou reedificar isto, custando cada braça 800 réis.

[1] Esta porta foi demolida pelos annos de 1827; mas, ao sitio ainda se chama *Porta de Carros*.

[3] A cidade do Porto correu demanda contra os judeus sobre 200 maravidis de moeda antiga, que lhe deviam pela casa e chão compradas pelos mesmos judeus, n'este sitio. Foram condemnados ao pagamento. A cidade aforou-lhe então o campo do Olival (actual passeio da Cordoaria) por 200 maravidis de 27 soldos cada um.

D'aqui até ao fundo das escadas da Esnora era a *judiaria*. (Vide *Miragaia*).

Os judeus e moiros podiam exercer no Porto qualquer arte ou officio, menos a medicina. (Vide os annos 1417 e 1583).

Na circumvalação de D. Fernando, havia aqui um *postigo*, chamado *da Praia*, que o rei D. Manoel mandou demolir, em 1522, construindo, em seu logar, uma porta mais ampla. (É por isto que eu julgo que se ficou chamando *Porta Nova*, e não *Porta Nobre*.)

D. Manoel, na reconstrucção d'esta porta, tornou a mandar collocar sobre o arco, as armas de D. Fernando I, que estavam no postigo. Tinham 13 castellos.

Em 1872, foi demolida esta porta, para se construir a nova rua da Alfândega.

Em 29 de fevereiro de 1872, foi a pedra onde estão esculpidas as armas do rei D. Fernando, mudada para o museu Allen; e no mesmo dia tambem foram para o dito museu as armas do rei D. Manoel que estavam na porta do baluarte.

Tambem sobre esta porta se construiu uma casa para a guarda (que, quando foi demolida, servia de casa de inspecção sanitaria para as *toleradas*). Sobre a porta da entrada d'esta casa (para a qual se subia por uma escada de pedra que principiava em Cima do Muro) estavam as armas de Portugal, e por baixo d'ellas, a inscripção

GOVERNANDO AS ARMAS
D'ESTA CIDADE E SEU PARTIDO
O CORONEL, ANTONIO MONTEIRO D'ALMEIDA,
SE FEZ ESTA OBRA,
NO ANNO DE 1731

Estas armas e a inscripção, foram tambem, no mesmo dia, para o museu.

Tambem D. Manoel, e no mesmo anno, mandou aqui construir um baluarte, sobre o Douro, na extremidade occidental de *Cima do Muro*.

Sobre o arco da Porta Nova, estava uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Soccorro, templo de muito luxo, pela grande devoção que o povo tinha á sua padroeira, á qual faziam uma grande festa, na 1.ª oitava da Paschoa do Espirito Santo. Teve uma grande e rica irmandade.

Por esta porta, que era uma das principaes da cidade, costumavam fazer a sua entrada solemne, os bispos do Porto, quando tomavam posse do seu bispado; e os governadores da cidade, quando vinham occupar o seu emprego.

Da Porta-Nova, marchava a muralha sobre a margem direita do Douro (Cima do Muro) tendo n'este lanço tres *postigos*—o *dos Banhos*, o *do Pereira* e o *do Carvão*, ou *Linguêta;* até ao *Terreirinho*, proximo da antiga alfandega, onde havia outra porta chamada *Postigo do Terreirinho*, ou *da Alfandega*. Foi demolida em 1838, formando assim uma solucção de continuidade a rua de Cima do Muro. Seguia na mesma linha (de O. a E.) sempre sobre a margem do rio, até ao *Postigo do Peixe*, que existe no *Caes da Estiva*, ou da *Alfandega-Velha*, até ao largo da Ribeira, onde havia a principal porta da cidade, chamada *Porta da Ribeira*, que foi demolida, por ordem de D. João d'Almada e Mello, em 1774, para alargar a praça da Ribeira (que, apezar d'isto, ainda é sobremodo acanhada).

Continuava a muralha, com a mesma direcção, sobre a margem do rio, até ao fundo das *Escadas do Codeçal*, e se chamava *Cima do Muro da Lada*, e hoje, *Cima do Muro da Ribeira* (que vem a ser o mesmo).

Todo este lanço, desde o sitio onde existiu a Porta-Nova, até ás Escadas do Codeçal, está perfeitamente conservado, menos no Terreirinho e na Ribeira, onde, como fica dito, foi demolido para utilidade publica. Toda esta muralha da Ribeira, é formada sobre robustissima arcaria, e tem dois postigos. O caminho da Lada, ao redor do muro, foi mandado fazer pelo rei D. Fernando, quando se fez o cinto de muralhas.

Ao fundo das Escadas do Codeçal, e em frente da ponte pensil, fazia a muralha um angulo, onde tinha um cubêllo, que ainda

existe, e continuava na direcção do E., até á Porta do Sol, onde principia esta medição. Este lanço está perfeitamente conservado, assim como as suas trez torres, tudo com suas ameias, servindo a muralha para vedar a cêrca do mosteiro de religiosas franciscanas, de Santa Clara, e as torres de *miradouros* das mesmas freiras.

—

Esta muralha, toda de robusta cantaria, tinha 3:000 passos de extensão, com 30 pés de altura. Era guarnecida de parapeitos e ameias, e defendida por muitas torres quadradas, que excediam 11 pés a altura da muralha; mas as torres que defendiam as portas de Cimo de Villa e do Olival, excediam 30 pés a altura da cortina.

Quarenta annos se gastaram na construcção d'esta obra, pois, principiando em 1336, só se concluiu em 1376.

—

D. Affonso V de Leão, e D. Fernando I, em premio dos serviços prestados por D. Moninho, a esta cidade, e aos christãos dos arredores, lhe deram, para elle e seus successores, o titulo de *condes do Porto*, titulo que durou até 1093, anno em que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, tomaram posse de Portugal, que o pae d'esta, D. Affonso VI, rei de Lyão e Castella, lhes havia dado em dote.

—

D. Moninho Viegas (o Gasco) foi casado com D. Valida Tructesendes, e são estes os progenitores dos *Coelhos*, dos Vasconcellos (marquezes de Castello-Melhor) e de outras muitas familias das principaes d'este reino.

Foi seu filho D. Egas Moniz, o Gasco, que casou com D. Toda Hermigues.

Foi filho d'este D. Hermigio Viegas, casado com D. Ouroana.

Foi seu filho D. Moninho Hermiges, de qual foi filho o grande D. Egas Moniz, ricohomem, aio e amigo de D. Affonso Henriques, e descendente em linha recta de D. Moninho Viegas, o Gasco.

O *Catalogo e historia dos bispos do Porto*, por D. Rodrigo da Cunha, bispo da mesma diocese, diz que D. Moninho Viegas teve outro filho, chamado D. Garcia, que morreu em uma batalha, dada contra os moiros, em *Terras de Santa Maria*.

Diz o mesmo escriptor, que o intrepido D. Mem Moniz, que morreu atravessado na porta do N. do castello de S. Jorge de Lisboa, no dia 21 de outubro de 1147, era filho de D. Moninho Hermiges e de D. Ouroana, e portanto, irmão (e não o filho, como pretendem muitos) do grande Egas Moniz.

Todos estes cavalleiros foram governadores e naturaes do Porto, e bravos batalhadores, resgatando do poder dos moiros grande extensão de territorio ao N. do Douro, na antiga comarca de Guimarães; e ao S. do mesmo rio, desde Gaia até ao rio Antuan, dando a estes dois territorios a denominação de *Terras de Santa Maria*. Com o tempo, o territorio ao N. do Douro, se veiu a chamar *Terra de Guimarães*, e ao do S., *Terra da Feira;* mas este, conservou por muito mais tempo a sua antiga denominação, pois que, ainda até 1820, em todos os documentos officiaes se chamava *Terra de Santa Maria*.

Por tão assignalados feitos, foram os Gascos muito estimados, e obtiveram grandes honras e privilegios, (tanto para elles, como para a cidade) dos reis D. Affonso V [1] e D. Fernando I, de Lyão, o que tudo foi confirmado no fim do seculo XIV, por D. João I de Portugal, em premio dos revelantissimos serviços, prestados pelos portuenses, a favor da causa da independencia da patria.

Cuidou pois D. Moninho, como já disse, na reconstrucção d'esta cidade e suas fortificações, e o mesmo fizeram seus successores, cuidando ao mesmo tempo em atrahir para aqui grande numero de habitantes, de modo que, quando o conde D. Henrique tomou conta de Portugal, já elles não cabiam dentro dos muros da circumvalação e tinham principiado a formar extra-muros a povoa-

[1] Este soberano, sendo ferido por uma seta em um combate, junto a Viseu, veiu morrer a esta cidade, em 1207.

ção que pouco depois se veiu a chamar *Burgo Novo de a par do Porto,* e que tanto deu que fazer aos nossos primeiros reis. (Vide *Gaia*).

—

O conde D. Henrique e sua mulher trataram de aformosear esta cidade, construindo muitos edificios, sendo o principal, o magestoso templo da Sé, (em 1103) unico monumento que hoje existe d'esse tempo. [1]

—

O bispo D. Nonego havia trazido de França uma devotissima imagem de N. Sr.ª da Vendôme, que collocou em um nicho, sobre o arco aberto na muralha, ao N. E. da fortaleza, e que por isso, desde então, se ficou chamando *porta de N. Sr.ª da Vendôme.*

Esta porta, a que ultimamente se dava o nome de *Arco da Vendoma,* estava no fim da actual rua Chan, (antiga rua Chan das Eiras) á entrada do largo da Sé.

A rainha D. Thereza transformou o nicho da Senhora em uma formosa edicula.

Em 1840, a camara do Porto, sem a minima utilidade conhecida, entendeu, na sua *alta intelligencia,* dever arrazar este curiosissimo, e ainda solido monumento, por ventura o unico (além d'alguns lanços de muros) do tempo dos Gascos, e o arco da Vandoma desappareceu para sempre; mas já então não tinha senão o arco, o oratorio e pouco mais.

A porta principal da fortaleza sueva, era esta de Vandoma; tendo sobre ella, além da edicula da Senhora, duas alterosas torres, uma de cada lado da edicula, assentes sobre solidissimas muralhas.

É tambem d'este tempo a fundação da egreja matriz de Santa Eulalia de Vandoma, a uns 20 kilometros do Porto.

O conde D. Henrique e sua mulher, não se limitaram a construir varios edificios; confirmaram tambem e ampliaram os antigos privilegios, que seus successores egualmente confirmaram.

—

A 14 de julho do 1123 o bispo D. Hugo dá o primeiro foral ao burgo do Porto, que a rainha D. Theresa havia coutado. (Vide foraes do Porto).

Em 1200 houve um eclipse total n'este reino, que converteu em noite grande parte do dia. No mesmo anno houve uma grande fome em Portugal.

Em 1230 o rei D. Sancho II fundou o convento de S. Domingos, cuja egreja foi destruida depois de 1834, e o edificio do mosteiro arrazado, e o chão vendido a diversos particulares, encontrando-se hoje n'elle construidos sumptuosissimos predios, que formam o lado oriental da rua de Ferreira Borges, parte da rua de D. Fernando, e parte da nova rua em construcção no largo de S. Domingos.

O mesmo soberano, e no mesmo anno, fundou, fora dos muros da cidade, o convento dos frades franciscanos. Em 1404 D. João I o mudou para o sitio onde hoje ainda existe a sua magestosa egreja, reparada de novo, e a elegante capella dos terceiros de S. Francisco, de construcção moderna. O edificio do mosteiro está actualmente transformado em palacio da Bolsa, tribunal de commercio, com suas respectivas repartições, e séde dos bancos *União* e *Commercial.*

Em 1322, nas desavenças entre D. Diniz e seu filho D. Affonso, depois 4.º, lhe tomou este—entre outras povoações e castellos—o castello de Gaia e a cidade do Porto.

Feita a paz, por entremedio de Santa Isabel, ficou D. Affonso com o Porto, Coimbra e Monte-Mór-Velho.

Attribue-se a isto a consideração em que foi tido o Porto, por D. Affonso 4.º, depois de rei.

—

Em 1336, reinando D. Affonso IV, foram os arrabaldes do Porto devastados pelas tropas castelhanas, que sitiavam a cidade; mas que, afinal, tiveram de levantar o cerco, accomettidas por uma divisão organisada pelo bispo D. Vasco, que, á frente d'ella, as derrotou. Apesar d'esta acção, o bispo teve de fugir da cidade, em 1341, por se haver alborotado o povo e a camara, em razão do bispo lhes exigir certos direitos. O prelado

[1] Mas a capella-mor, é obra do bispo D. frei Gonçalo de Moraes, pelos annos 1602.

excommungou a cidade, mas não tornou a entrar n'ella.

Em 1350, vagando o bispado de Lisboa, foi feito bispo d'esta diocese.

—

1345—Funda-se o mosteiro de religiosas dominicas, de Corpus-Christi, em Villa Nova de Gaia. (Vide *Gaia*).

—

1355—Quando foi assassinada a infeliz D. Ignez de Castro, (a 7 de janeiro d'esse anno). o infante D. Pedro, abrazado em desejos de vingança, moveu crua guerra a seu pae, tomando-lhe varias povoações e castellos (tal e qual como o pae havia feito ao avô!)

Quiz tambem tomar o Porto, mas os seus habitantes, auxiliados por D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga (o que construiu o cinto de muralhas denominadas vulgarmente suevas) resistiram ás tropas do infante, até serem soccorridos pelo exercito real.

—

1359—(era de 1397) D. Pedro 1.°, mandou fazer uma torre no Bicalho, e outra fronteira, ao S. do Douro, (Gaia) para lançar uma cadeia de ferro de lado a lado, que impedisse a passagem a navios inimigos.

O povo de Gaia recusou fazer a torre no seu districto, dizendo que a cadeia de nada podia servir, para o que, fizessem a experiencia, antes de fazer a torre.

Com esta opposição, e achando-se razão aos de Gaia, não se levou a effeito a projectada obra.

—

1360—D. Pedro 1.°, deu n'esta cidade, onde então se achava, o escandalo de querer açoutar com um azorrague, e por suas proprias mãos, em uma sala do paço real (a actual alfandega velha) o bispo do Porto, D. Egidio, por terem dito ao rei, que o prelado tinha amores com uma mulher casada.

—

1369—D. Fernando 1.°, por tres vezes visitou esta cidade, sendo a primeira n'este anno; pretendendo aqui celebrar o seu casamento com D. Leonor Telles de Menezes, (mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro) mas, vendo o povo do Porto tão mal disposto para este casamento, como estava o de Lisboa, foi casar-se ao mosteiro de Leça de Bailio.

A ultima vez que o rei D. Fernando esteve no Porto, foi em 1372, anno em que nasceu a infanta D. Beatriz, que veiu a casar com D. João 1.° de Castella, e foi a causa de Portugal ter de sustentar dez annos de guerra com os castelhanos.

—

1385—É construido o bello claustro, de architectura gothica, da sé d'esta cidade.

—

1386—(2 de fevereiro) houve no Porto umas vodas reaes, com geral regosijo dos seus habitantes, e dos povos circumvisinhos. Foi n'esse dia que D. João 1.°, na egreja da Sé, recebeu por esposa, a D. Philippa d'Alencastre, filha de João de Gand, duque de Alencastre, e filho de Duarte 3.° de Inglaterra.

Recebeu-os, D. João, 3.° do nome, 37.° bispo do Porto, depois de obtida a dispensa de votos (do papa Urbano 6.°) porque o rei era professo na ordem militar de S. Bento de Aviz, e seu grão-mestre.

D. João 1.°, tinha 29 annos e D. Philippa 28. O rei sahiu montado em um formoso cavallo branco, vestido (o rei) de rica tela— e a rainha em um bizarro palafrem, da mesma côr, e ella esplendidamente vestida, e ambos com corôas d'ouro, ricamente esmaltadas de pedras preciosas. D. Lourenço, arcebispo de Braga, levou o palafrem de D. Philippa pela redea.

Concorreu a estas vodas, toda a nobreza d'este reino, e muita da Gran-Bretanha, que acompanhava o pae da noiva.

Houve um esplendissimo banquete, no qual tomaram parte todos os prelados e cavalleiros das duas nações.

O condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, serviu de mestre sala, pois era tão perito para ordenar os assentos na mesa, como os esquadrões, no campo da batalha.

Por muitos dias se continuaram no Porto, e por todas as terras do reino, luzidas festas, de justas e torneios, e muitas outras demonstrações d'alegria.

D. João 1.°, fez logo casa á rainha, e no-

meou para seu mordomo-mór ao mestre da ordem de Christo, D. Lopo de Sousa — para copeiro-mór, Gonçalo Vasques Coutinho — para reposteiro mór, Fernão Lopes d'Abreu: nomeando outros muitos cavalleiros e senhores da primeira nobreza, para o serviço da casa da rainha; á qual nomeou logo regente do reino, em quanto elle marchava com seu sogro para Castella.

—

O duque de Alencastre, teve de sua primeira mulher só duas filhas, D. Catharina, e a nossa rainha D. Philippa. Ficando viuvo, passou a segundas nupcias, com D. Constança, filha primogenita de D. Pedro 1.º (o cruel) de Castella, e herdeira legitima do throno, por não haver filho varão.

João de Gand, pretendeu, pelo seu casamento, a corôa de Castella. Alliou-se com o genro, trazendo a Portugal uma esquadra e tropas inglezas, ás quaes se juntaram as disponiveis de Portugal; porém, a maior parte dos castelhanos e leonezes, uniram-se a D. Henrique 2.º (irmão e assassino de D. Pedro 1.º, de Castella e Leão) e o duque d'Alencastre não conseguiu fazer-se acclamar rei.

D. Philippa, nasceu em 1359, e falleceu de peste, em Sacavem, a 18 de julho de 1415. (Vide *Sacavem*).

D. João 1.º e sua mulher, residiram por muito tempo no Porto, e então mandou aqui construir varios edificios, e fazer grandes melhoramentos, entre estes, a rua de S. João, e a rua dos Inglezes, cujo primeiro nome foi *Rua Nova de S. Nicolau.*

—

No mesmo anno de 1386 (7 de julho) D. João 1.º deu á cidade do Porto o julgado de Bouças, tirando-o a Fernando Affonso d'Abborim, a quem o rei D. Fernando o havia dado.

Depois, o mesmo D. Joao 1.º o deu ao condestavel, D. Nuno Alvares Pereira; mas a cidade do Porto oppoz-se a esta doação, e o condestavel cedeu-lhe o senhorio.

—

1390—Por este tempo, a cidade do Porto tinha apenas tres freguezias—Sé, S. Nicolau e Victoria—e estas mesmo, não tinham metade dos fogos que teem actualmente.

—

No mesmo anno, D. João 1.º dispensou com os clerigos casados, para que podessem ser mettidos nos pelouros de juizes e vereadores do Porto.

Clerigos casados, não quer dizer que n'esse tempo casassem os padres: casavam só os ordinandos, antes de terem ordens sacras (como hoje) e é d'estes que trata a dispensa.

Casando antes de terem ordens sacras, continuavam a ser admittidos ao serviço da egreja, com as suas vestes clericaes; mas perdiam muitissimos privilegios, que lhes dava o estado de solteiro.

No tempo de D. Affonso IV, os clerigos minoristas casavam clandestinamente: depois, se queriam tomar ordens sacras, negavam o casamento contrahido sem testemunhas.

—

Foi ainda no anno de 1390 que do Porto embarcaram para a Gran-Bretanha os famosos *doze de Inglaterra.* (Vol. 2.º, pag. 223, col. 2.ª—Vol. 6.º, pag. 606, col. 1.ª e seguintes).

Foi por este tempo que o rei ordenou aos seus creados, que, vindo ao Porto, não pousassem na *Rua das Eiras*, [1] nem na dos *Mercadores*, nem em *casa de homens honrados*, nem de mulheres viuvas, nem de casadas, que tivessem os maridos ausentes.

—

1394—(4 de março) nasce n'esta cidade,

[1] *Rua das Eiras*, ou da *Chan das Eiras*, é a actual *Rua-Chan.*

o famoso infante D. Henrique, 3.º filho de D. João I.—Nasceu no palacio real, da *Rua Nova de S. Nicolau*, hoje alfandega-velha, na rua dos Inglezes.

É á iniciativa d'este principe que devemos as grandes descobertas feitas pelos navegadores portuguezes, no seculo XV e seguintes. (Vide *Sagres*).

—

1404—N'este anno é mudado o mosteiro de S. Francisco, para o sitio onde existiu até 1834. Foi esta mudança feita por ordem de D. João I.

Tinha sido primeiramente fundado, em 1233, fóra dos muros da cidade.

A egreja acha-se luxuosamente restaurada, desde 1840, e o edificio do mosteiro foi transformado em palacio da *Bolsa* e tribunal do commercio.

—

1406—Construe-se no Porto uma casa da camara, de madeira. Custou 220:000 *dobras* de peça de panno.

—

1415—D. Joao I, com seus tres filhos (D. Duarte, que lhe succedeu no throno — D. Pedro, duque de Coimbra, o de Alfarrobeira, e D. Henríque, duque de Vizeu, o de Sagres) e com um luzido exercito, e uma grande armada, atravessa o Attlantico, e passando á Africa, conquista a cidade de Ceuta, em 14 de agosto d'este anno. Desde então, tomou o titulo de *rei de Portugal e dos Algarves, e senhor de Ceuta.*

O Porto concorreu para esta gloriosa empreza, com muitos navios, tropas e munições, tudo fornecido generosa e patrioticamente pelos portuenses.

Esta armada sahiu do Porto para Lisboa, sob as ordens do infante D. Henrique.

Os habitantes do Porto, para que a armada fosse abundantemente provida de viveres de bôa qualidade, mandaram para bordo toda a carne escolhida, reservando para se sustentarem, sómente as entranhas, cabeças e miudos das rezes.

Foi d'esta circumstancia que aos portuenses se poz a alcunha de *tripeiros*; poucos terão uma origem tão patriotica e gloriosa.

Então o matadouro era no sitio ainda hoje chamado—*largo do Açougue Real*—proximo e ao O. N. O. da Sé.

Depois, mudou-se para as Fontainhas, onde se construiu um edificio proprio, que, em 1873, foi ampliado, fazendo-se de dois pavimentos, e é hoje o *asylo da mendicidade.*

As *fressureiras* estabeleceram-se em um local que ficava entre o matadouro das Fontainhas e a porta do Carvalho, e que se chamou *Viella das Tripas.*

D. Francisco d'Almada melhorou bastante esta viella, impondo-lhe o nome de *Rua do Sol*, por ficar perto da Porta do Sol; mas custou muito a perder a antiga denominação, e ainda em 1832, muita gente do Porto ignorava onde era a rua do Sol, por quasi todos lhe chamarem viella das Tripas.

—

Foi tambem em 1415, que no Porto se lavraram as primeiras moedas de 10 réis, que houve n'este reino.

—

1416—D. João I, e sua mulher, a rainha D. Philippa, fundam o mosteiro de religiosas franciscanas, da invocação de Santa Clara, junto ás muralhas novas (de D. Fernando) no sitio chamado *Carvalhos do Monte*, e proximo ao *postigo do Carvalho* (ou *dos Carvalhos*).

Este convento chegou a ter 12 contos de réis de renda annual; e, em 1789, tinha 99 freiras professas, e, ao todo, 300 moradores.

O mosteiro era nos seus principios muito menos rico; porém, no decurso dos seculos XV e XVI, foram supprimidos muitos pequenos mosteiros de religiosas franciscanas, que havia por estes sitios, indo as freiras para o mosteiro de Santa Clara, do Porto, com todas as suas rendas e propriedades, o que muito augmentou as rendas do convento.

Entre os mosteiros então annexados a este de Santa Clara se contam—os de Espiunca, Mosteiro e Mosteirô (Canêdo) Sardoura (Paiva) e outros mais, que vão mencionados nas terras onde existiram.

Note-se que o mosteiro de Santa Clara, do Torrão, sobre a margem esquerda do Tâmega, na sua confluente com o Douro (margem direita) e que foi fundado em 1246, deve ser considerado como o primittivo convento de Santa Clara do Porto; porque D. João I e sua mulher, o mudaram para esta cidade, sendo para alli transferidas as religiosas no referido anno de 1416, com todas as suas propriedades e rendas, que ficaram pertencendo ao novo mosteiro.

O mosteiro de freiras franciscanas de Santa Clara do Torrão, foi fundado em 1264, por D. Chama Gomes, viuva de D. Rodrigo Frosio, da cidade do Porto.

As freiras de Santa Clara, do Porto, até 1500, recebiam *portagem* das mercadorias que passavam pelo rio Douro. N'este anno, foi-lhes caçado o direito, e em 1504, tornaram a recuperal-o, mas só pelo que dizia respeito ás mercadorias de Entre-Ambos os Rios (Torrão) por ser couto do mosteiro.

—

1417—(10 de setembro) O sino do relogio da cidade, estava antigamente na porta do Olival. D. João I, n'esta data, o mandou pôr na torre da Sé, para relogio, ficando a camara, o bispo e o cabido obrigados a pagarem, cada um, a terça parte das despezas. O bispo e o cabido, recusaram-se a pagar, por alguns annos, pelo que, durante este tempo, não tangeu o relogio.

O rei mandou que os dois terços se pagassem da dizima que o bispo e o cabido tinham na alfandega.

—

1425—Funda-se o mosteiro de conegos seculares, de S. João Evangelista (loyos) em Campanhan.

A egreja matriz da freguezia era a do mosteiro. Junto a ella havia uma albergaria, que se transformou em mosteiro, sustentado pelo bispo do Porto, D. Vasco; mas, sendo este nomeado arcebispo d'Evora, ficaram os religiosos sem amparo, pelo que se recolheram ao convento de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*).

O bispo do Porto, D. João d'Azevedo, lhe fez novo mosteiro, encostado aos muros da cidade (pela parte de dentro) em um sitio então chamado *Fonte d'Arca*, no anno de 1490, mandando-os vir de Villar.

N'este sitio de Villar havia uma capella de Nossa Senhora da Conceição, que era de Violante Affonso, viuva, e que a deu ao bispo com o chão adjacente, para a capella servir de egreja do novo mosteiro, e o chão, para se construir este. Na èrmida disse missa D. João de Azevedo, em 6 de novembro do dito anno de 1490, dia em que elle lançou a primeira pedra no fundamento do edificio. Era dia de S. Leonardo, eremita, cuja imagem se venerava na mesma ermida.

Concedeu o bispo, *in perpetuum*, 40 dias de indulgencias e perdão, a todas as pessoas que visitassem a Senhora da Consolação, em todos os sabbados do anno, e mandou que o novo mosteiro tomasse a invocação da mesma Senhora.

Annexou ao mosteiro nove egrejas, para que dos fructos d'ellas se sustentassem os religiosos; o que foi confirmado pelo papa Leão X.

A festa da padroeira, era a 18 de dezembro, dia da Expectação do parto da Santissima Virgem.

Teve uma rica irmandade, que consta ser a primeira que se instituiu n'esta cidade.

Chegou a ser o convento de frades mais rico do Porto, tendo uma renda superior a 20:000 cruzados (8 contos de réis).

A egreja foi arrazada depois de 1834, e o seu chão, e o edificio do mosteiro, vendidos. Tudo isto forma hoje uma vasta e rica propriedade da sr.ª viuva Cardozo, e é a casa de maior rendimento que tem a cidade.

A frente (N.) é para a Praça Nova, e confronta pelo O. com o *Largo dos Loyos*, e do E. com o largo de S. Bento (antiga Porta da rua de Carros).

—

1439—(18 de dezembro) O Pontifice, Eugenio IV, cria cardeal de São Chrisogono, ao

bispo do Porto, D. Antão Martins Chaves, natural d'esta cidade. Tinha sido deão em Evora.

Foi um varão doutissimo e magnanimo, prudente e de grande energia.

O rei D. Duarte o mandou ao Concilio de Basileia (ou Florentino) convocado no dito anno de 1439, pelo referido papa Eugenio IV, e ao qual assistiu o imperador João Paleologo. Tinha este concilio por objecto, a união das egrejas latina e grega.

Na companhia de D. Antão, foi o conde de Ourem, D. Affonso, sobrinho do rei.

Ambos estes portuguezes se distinguiram em Italia—o bispo, pela vastidão dos seus conhecimentos, e o conde pela magnificencia real com que se apresentou.

Este concilio teve principio em Basileia, e o papa rogou a D. Antão que fosse a Constantinopla pedir ao imperador que viesse á Italia, o que o nosso bispo conseguiu. Então o concilio foi transferido para Florença, e alli se effectuou a união (por poucos annos) das duas egrejas, latina e grega.

Achando-se o *hospital de Santo Antonio dos portuguezes*, em Roma, em grande estado de ruina, D. Antão o reedificou desde os fundamentos, ampliando-o, de modo a ficar em estado de receber todos os doentes e peregrinos de Portugal que a elle se quizessem recolher.

Mandou riquissimas alfaias á sua egreja do Porto. Deixou o castello e terras de Trigonia (Italia) á Basilica lateranense, depois de ter gastado na restauração e adornos do castello, mais de 200:000 cruzados (80:000$000 réis).

Falleceu em 11 de julho de 1447, cheio d'annos e virtudes.

Jaz em um sumptuoso mausoléu, por elle mesmo mandado construir, pouco tempo antes da sua morte, na mesma basilica de S. João de Latrão, na nave da Epistola.

—

1453—(8 de agosto) Chega a esta cidade o corpo de S. Pantaleão.

Tinha sido medico, e foi martyrisado na cidade de Nicomedia, sendo imperadores, Diocleciano e Maximiano, pelos annos de 320. O corpo do Santo foi levado a Constantinopla, onde esteve muitos annos, tido em grande veneração; até que, sendo esta cidade tomada por Mahomet, imperador dos turcos, alguns christãos metteram o cadaver em uma pequena embarcação, onde tambem se embarcaram; e, atravessando o mar do Levante e o Mediterraneo, passaram o estreito de Gibraltar, e vieram aportar a esta cidade, impellidos pelos ventos e pelas correntes.

Foram as santas reliquias depositadas na antiga egreja de S. Pedro de Miragaia, onde estiveram, até serem trasladadas para a Sé, e a cidade do Porto elegeu S. Pantaleão por seu padroeiro. [1]

Teve logar esta trasladação, em 12 de novembro do mesmo anno de 1453, [2] por ordem do bispo, D. Diogo de Sousa.

Ficou, porém, na egreja de Miragaia um braço do mesmo santo.

—

1488—(20 de agosto) É d'esta data o documento mais antigo que existe com respeito ao *recolhimento das velhas da Cordoaria.*

Sabe-se, porém, que foi originariamente na rua dos Mercadores—depois, em 1790, mudou-se para um barracão de madeira, na extremidade occidental da cerca do hospital de Santo Antonio (Misericordia).

O rei D. Manoel, por alvará de 18 de maio de 1521, tinha mandado que este estabelecimento de caridade fosse administrado pela Misericordia, o que até hoje se tem cumprido.

Em 1855, foram as velhas d'este recolhimento mudadas para o novo edificio construido na rua das Fontainhas (antiga *rua do Regato*). Este edificio é tambem hospital dos lazaros, lazaras, e de entrevados, mas

[1] Até então, e desde o tempo do bispo D. Nonego, o padroeiro da cidade do Porto foi S. Vicente, martyr.

[2] O *Anno Historico* (tomo 3.º, pag. 478, § 3.º) diz que a trasladação foi a 12 de dezembro de 1499. Julgo que é erro.

estão separados uns dos outros. (Vide os annos 1498 e 1558.)

—

1490—(Vide o anno 1425).

—

1496—(Vide privilegios).

—

1498—D'este anno é o documento mais antigo que se encontra no cartorio da Misericordia do Porto, com respeito ao hospital das entrevadas, das Fontainhas. Este documento, é um alvará do rei D. Manoel, incumbindo a Santa Casa, da administração d'este hospital.

—

1499—A rainha D. Leonor, viuva de D. João II, e irmã do rei D. Manoel (a fundadora do hospital das Caldas da Rainha) instituiu a irmandade da Misericordia, na capella de Nossa Senhora da Encarnação, no claustro da Sé. [1]

Conservou-se a irmandade n'esta capella, até ao anno de 1555, em que se mudou para a rua das Flores (actual egreja da Misericordia). (Vide o anno 1555).

—

1501—Funda-se (por carta regia de D. Manoel I, de 1499) o hospital da Misericordia do Porto, sobre as ruinas de uma antiga albergaria, denominada de *Roque Amador* (vulgò, *Reclamador*) na rua dos Caldeireiros. Deu-se a este estabelecimento a denominação de *hospital de D. Lôpo.*

(Vide os annos de 1584 e 1769).

—

1510—N'este anno houve uma demanda entre a cidade e Fernão Brandão, sobre a Portagem d'Avintes. Desistiu Brandão, dando-lhe a camara um terreno para casas e quintal, junto á rua de S. Miguel, e postigo pegado ao muro.

—

1513—D. João I tinha permittido aos moradores d'esta cidade, que n'ella podessem trazer porcos: (1416) mas D. Manoel I, n'este anno de 1513, annullou esse direito, impondo a multa de 500 réis, por cabeça, aos donos dos porcos encontrados na rua.

—

1515—Como os tanoeiros do Porto, fogueando nas *ruas da Ourivesaria e Banhos*, prejudicassem os visinhos, e fossem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, n'este anno, o terreno do *Postigo de João Paes*, que vae para o Muro, contra a rua da Ourivesaria, e ficaram foreiros á cidade.

—

1518—Nasce n'esta cidade o veneravel padre Agostinho da Trindade, conego da Sagrada Congregação de S. João Evangelista, (loyo). Foi varão de grande santidade, pelo que era respeitado e estimado dos maiores principes e senhores do seu tempo.

D. João III, e o cardeal D. Henrique, o procuravam muitas vezes, para com elle tomarem conselho. Em certa occasião o encontrou o rei, acarretando pedra para a fabrica da nova egreja de S. João de Xabregas (o *Beato*). D. João III, disse—«ajudemos este bom velho»—e o ajudou a levar a padiola das pedras.

Foi confessor do padre Antonio da Conceição (o *Beato Antonio*).

Compoz um excellente Ceremonial, de que a sua congregação usou muitos annos.

Falleceu a 25 de maio de 1693, com 85 annos de edade, e foi sepultado no convento do Beato.

—

1518—O rei D. Manoel dá principio á fundação do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria—de religiosas benedictinas—encostado ás muralhas da cidade, pela parte interior, e á porta de Carros.

D João III, filho de D. Manoel, conclue a obra do mosteiro, em 1528.

Para este mosteiro vieram as freiras agostinhas, de Rio-Tinto (Gondomar) com todas as suas rendas, em 1535, mudando então para a regra de S. Bento. (Vide *Moreira* e *Rio-Tinto.*)

No mesmo anno vieram para este mosteiro as freiras de Tuhias (Canavezes) Villa-Cóva e Tarouquella.

Esta egreja foi incendiada em 1783, e

[1] Á direita da capella de Athães, está uma porta, que conduz á capella da Senhora da Encarnação.

logo reedificada. A architectura (manuelina) primitiva, era de muito maior sumptuosidade do que a actual.

A egreja é de boas dimensões e de grande magnificencia; mas o exterior é de pessimo gosto, por ser uma mistura da antiga e moderna architectura.

Ainda tem cinco freiras.

Para este mosteiro vieram as freiras (franciscanas) de Monchique—d'esta cidade—em 1833, quando o governo liberal as mandou despejar o seu mosteiro, para o converter em arrecadação do material de guerra.

O edificio do mosteiro é vasto, está bem conservádo, e occupa uma extensa area, no centro da cidade.

Tinha este convento, até 1834, 12 contos de réis de renda annual.

—

1521—Segundo alguns escriptores—e entre elles, o esclarecido auctor dos *Portuguezes illustres*, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, nasceu na cidade do Porto o famoso Fernando de Magalhães.

Foi creado da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e depois, do rei D. Manoel, irmão da mesma senhora.

Em 1504 foi para a India, com o seu primeiro vice-rei, D. Francisco de Almeida (Vol. 4.º, pag. 321, col. 1.ª) e alli deu provas de grande valor; assim como na Africa, onde tambem se distinguiu em muitos combates contra os mouros e turcos.

Requereu ao rei D. Manoel um pequeno augmento na sua moradia, e como lhe fosse recusado, deixou Portugal e se poz ao serviço de Castella.

Quando para alli foi, já hia persuadido de que o plano de Christovão Colombo, de buscar pelo lado occidental um caminho para o Oriente, se podia realisar, navegando mais ao sul; conseguindo-se assim a posse das ilhas Molucas.

Offereceu-se Magalhães, a Carlos V, para levar a effeito esta empreza; e o imperador acceitou este offerecimento, e lhe deu uma esquadrilha, com a qual o nosso portuguez foi, em 10 de agosto de 1519, ousadamente, em demanda de mares desconhecidos.

Rodeando os mares da America meridional, entre a Patagonia e a Terra do Fogo [1] descobriu o canal que communica o Atlantico com o Mar Pacifico, ou Grande Oceano Austral, e por isso, ao mesmo canal se deu o nome, que ainda conserva, e que todos os geographos lhe dão, de *Estreito de Magalhães*. D'alli vogou para as Molucas; mas foi morto em um combate contra os habitantes das ilhas Philippinas, no dia 27 d'abril, d'este anno de 1521.

Foi Sebastião del Cano que aportou ás Molucas, regressando á Hespanha pelo Oriente (Oceania) concluindo assim uma viagem de circumnavegação em volta do mundo.

—

1523—Nasce n'esta cidade, frei Antonio de Madureira, religioso da ordem dos prégadores. Foi prior do convento de S. Domingos, de Lisboa, e de outros da mesma ordem. Foi um varão de muito saber e virtudes. Morreu em 24 de maio de 1638, com 115 annos de edade. Foi sepultado no mosteiro de S. Domingos de Lisboa, onde falleceu.

—

1530—D. João III manda construir a *Torre da Marca*, no sitio onde hoje se vê o palacio de Crystal. Foi demolida pelas balas de artilheria, do exercito realista, durante o cêrco do Porto (1832 a 1834) por haver aqui uma bateria liberal.

Havia n'este sitio um grande pinheiro, que servia de *marca* para guiar os navegantes, na entrada da barra do Douro. Alguem mal intencionado, descascou, de noute, este pinheiro, que, por isso, seccou; e desde então até se construir a *torre* que o substituiu, perderam-se muitos navios pela falta d'esta marca.

Em 1534, se tirou devaça, para se averiguar quem foi o descascador do pinheiro e o fez seccar; mas não se pôde saber.

—

N'este mesmo anno de 1530, se publicou uma provisão de D. João 3.º, segundo a qual, o que pescasse no lago da foz, á bocca da

[1] A Terra do Fogo, é uma ilha, e a extremidade meridional da America, cuja ponta fórma o Cabo de Horn, no Oceano Atlantico Austral.

barra, tinha um anno de degredo e perdimento de barco e redes.

—

1534—Por este tempo, as estalagens do Porto estavam quasi todas arruadas no largo de Nossa Senhora da Batalha, e pertenciam todas a Gaspar Coutinho, que as herdára de seus paes, e as transmittiu aos seus descendentes.

—

1536—Deu D. João 3.º o cargo de provedor sobre as náus do Porto, a João Rodrigues de Sá, e mandou á cidade que lhe obedecesse. O Porto não obedeceu, allegando que os seus privilegios eram offendidos. O rei, *reconsiderou*, e mandou-lh'os guardar.

—

1540—Funda-se o mosteiro da Serra do Pilar, de conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios.) A egreja ainda está bem conservada; mas o edificio do mosteiro está muito arruinado desde o cêrco do Porto (1832 a 1834) pelas balas do exercito realista. (Vide *Gaia* e *Grijó*.)

—

1545—Pedro da Cunha Coutinho e sua mulher, D. Brites de Vilhena, fundam o convento de Monchique, de freiras franciscanas. (Vide *Miragaia*.)

—

1546—Determinou-se n'este anno, que no Porto houvesse um mestre de grammatica, pago pela imposição do sal, com o ordenado de 10$000 réis annuaes. O primeiro mestre foi *Marcial de Gouveia*.

—

1555—Funda-se a egreja da Misericordia, na rua das Flores. É templo de modestas proporções, posto que muito decente. Tem lausperenne ás terças, quintas e sextas feiras. (Vide o anno 1449, e o artigo da Sé.)

—

1558—(29 de janeiro) É a data do mais antigo documento que se encontra com respeito ao hospital de lazaros e lazaras das Fontainhas. Este documento é uma justificação de certas reliquias, enviadas a Joanna Serrão, pela rainha da Bohemia.

Joanna Serrão, era mulher de João Domingues, cavallariço dos infantes de Castella. Para a capella que João Domingues edificava n'este hospital, é que aquella rainha mandou as reliquias.

Vê-se, pois, que este hospital já existia; mas ignora-se a época da sua fundação primitiva. O actual, foi construido em 1850. (Vide os annos 1488 e 1498.)

—

1560—O cardeal D. Henrique (depois rei) o bispo do Porto, D. Rodrigo Pinheiro e outros, fundam, na Ribeira, um collegio para os padres da *Companhia de Jesus*.

D. frei Luiz Alvares de Tavora, bailio de Leça, o mudou em 1577 para a rua das Aldas (hoje largo do Collegio) dando para esta obra, 30:000 crusados (12 contos de réis.) Foi sepultado na capella-mór da egreja.

Supprimida a ordem dos jesuitas (1759) passou a egreja, o mosteiro e todas as suas rendas, a serem propriedade da universidade de Coimbra, que vendeu a egreja e o mosteiro, aos frades *grillos* (gracianos) em 1780. É hoje seminario diocesano.

—

1569—(12 de outubro)—Falleceu na freguezia da Amora (vol. 1.º, pag. 201, col. 1.ª) e foi sepultado na capella-mór da egreja matriz, D. Belchior Belliago, natural do Porto.

Estudou na universidade de Pariz; leu na de Coimbra, humanidades, theologia e philosophia, com geral applauso (pelos seus muitos conhecimentos) de todos os sabios do seu tempo. Foi conego da Sé de Lisboa, e bispo titular de Fez (Africa) para fazer os pontificaes na egreja cathedral.

—

1569—Funda-se o mosteiro de *Valle de Piedade*, de religiosos franciscanos (antoninhos) da provincia da Soledade, ou reformados menores de S. Francisco.

Ao logar onde se fundou este mosteiro (que é em frente de Miragaia, na margem esquerda do Douro) se chamava até então *Valle de Amores*. Deu-se-lhe este nome, porque sendo um matagal, com arvores silvestres, era o álcouce dos moradores do Porto e Gaia. Os frades é que lhe mudaram o nome para o de *Valle de Piedade*.

Foi incendiado pelos liberaes, em 14 de dezembro de 1832, ficando a egreja comple-

tamente destruida, apesar de todos os esforços empregados pelos realistas, para apagarem o fogo. Apenas poderam salvar o Santissimo Sacramento e algumas imagens.

Foi vendido, depois de 1834, ao sr. Antonio José de Castro Silva, dando-se-lhe o titulo de *Barão de Valle de Amores*. O sr. Castro Silva não acceitou este titulo, em rasão das recordações que suggeria; mas acceitou o titulo de *visconde de Valle da Piedade*, em 11 de setembro de 1855.

—

1570—O rei D. Sebastião, mandou distribuir armas, do seu armazem, a todos os moradores do Porto, que as não tivessem; mas sendo elles obrigados a pagal-as.

—

1571—O mesmo rei D. Sebastião, deu ordem para que os habitantes do Porto, se exercitassem todos no jogo das armas, aos domingos e dias santificados.

—

1572—(10 de agosto)—Morre D. Rodrigo Pinheiro, bispo do Funchal (Ilha da Madeira) e depois do Porto. Foi eminente nas lettras humanas, e na philosophia e direito civil e canonico, recebendo em ambos o grau de doutor.

Fallava e escrevia a lingua latina, com singular elegancia e propriedade.

Foi este prelado que fez a *quinta de Santa Cruz*, a 9 kilometros ao N. do Porto, o sumptuoso palacio e ermidas que a enobrecem, e as muitas fontes que a regam, abundantes de excellente agua. Tinha frondoso arvoredo, e eram admiraveis os seus buxos, pela grossura a que attingiram.

É na freguezia chamada de Santa Cruz do Bispo. (Vol. 2.º, pag. 452, col. 1.ª. na ultima linha.)

Foi no tempo d'este prelado que os jesuitas se estabeleceram no Porto. D. Rodrigo Pinheiro tratou com a maior veneração a S. Francisco de Borja, que os acompanhava.

Tambem este bispo fez grandes obras na Sé Cathedral, e foi grande protector dos que se distinguiam pelo seu saber e virtudes.

—

1575—N'este anno, o rei D. Sebastião concedeu á cidade do Porto, que podesse dar o ordenado de vinte crusados (8$000 réis) annuaes, ao physico, Lôpo Dias.

—

1577—Muda-se para o actual seminario o collegio dos jesuitas, pela rasão seguinte:

Tornou a esta cidade (pela terceira vez) S. Francisco de Borja, sendo então commissario geral da Companhia de Jesus, em toda a Hespanha. Hospedou se no hospital da Misericordia, onde o bispo D. Rodrigo Pinheiro, e as principaes pessoas da cidade, o foram visitar, pedindo-lhe dois ou tres padres da sua ordem, para confessarem e prégarem, ao que o santo facilmente accedeu; sob a condição de darem a estes padres uma pequena casa com egreja ou ermida, em que elles administrassem os sacramentos da confissão e communhão, o que, pelos cidadãos, foi concedido com a mesma facilidade; porém, depois se arrependeram, com o fundamento de que a tal *pequena casa* podia passar a um grande collegio, com classes de estudos, aos quaes concorreriam muitas pessoas de fóra da cidade, e ficaria esta opprimida com tantos hospedes.

Tendo noticia d'isto, Henrique Nunes de Gouveia, cidadão de grande auctoridade, e grande amigo dos jesuitas, largou a casa em que morava, deixando n'ella levantado um altar, com o necessario para se dizer missa. Avisou a S. Francisco de Borja, que podia vir para esta casa, pois tinha a egreja feita e aposentos preparados.

O santo e os seus companheiros se introduziram de noite n'esta casa, e logo na manhã do dia seguinte, dedicado a S. Lourenço (10 de agosto de 1560—pelo que tomou a sua invocação) disse missa o Santo, e collocou o Santissimo Sacramento em um pequeno sacrario.

D'este modo, ficou a posse tomada, e se conservou, apesar das muitas difficuldades e diligencias que se fizeram para que ella se perdesse.

Assim começou a fundação do collegio da Companhia de Jesus, n'esta cidade, que n'este anno de 1577 se mudou para as Aldas. (Vide o anno de 1560.)

—

1580—(27 de setembro)—D. Antonio,

prior do Crato, chega a Villa-Nova-de-Gaia, á frente de uns 4:000 homens. Intimou a cidade para se render (porque já estava pelo usurpador, Philippe 2.º de Castella) mas não annuindo, foi atacada e tomada, com pouca resistencia, pelas tropas nacionaes.

O general castelhano, D. Sancho d'Avila, perseguia de perto os portuguezes, com tropas disciplinadas e affeitas ás guerras de Flandres e Catalunha, e além d'isso, muito superior em numero, pelo que D. Antonio teve de abandonar o Porto, poucos dias depois de ali ter entrado, fugindo para o Minho, e de lá para a França.

—

1581—(4 de fevereiro)—Philippe 2.º prohibe a circulação das moedas de D. Antonio, mandando recolher todas, sob graves penas, á casa da moeda. Poucos portuguezes, e com a maior cautella, as conservaram; e é por isso que as moedas d'este principe infeliz são hoje rarissimas.

—

No mesmo anno, o usurpador ordena á camara do Porto, que não assistissem á eleição dos procuradores ás côrtes de Thomar (19 de abril) os que tivessem seguido o partido do prior do Crato.

—

1582—D. João 1.º tinha concedido (1416) a esta cidade, ter feira franca, no primeiro dia de cada mez, com os privilegios e franquias da feira de Trancoso.

Eram obrigados os habitantes do termo e couto, a trazerem os mantimentos á cidade.

N'este anno de 1582, Philippe 2.º concedeu á cidade feira franca, todas as semanas.

—

1583 — Muda-se da Porta do Olival, para a torre da Sé, o *sino de correr*.

—

No mesmo anno principia a construir-se a cadeia da relação, no campo do Olival. (Vide anno 1647.)

—

1584—(29 de janeiro)—Fallece em Madrid, D. Lôpo d'Almeida. Legou todos os seus haveres á Santa Casa da Misericordia do Porto, sómente com o pequeno encargo annual de se vestirem cinco pobres, de vestidos completos, e de se lhes dar de jantar, com abundancia, no dia do anniversario do seu fallecimento, em honra e memoria das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

Foi por isto que vulgarmente se chamava a este estabelecimento—*Hospital de D. Lôpo.*

—

1585—(29 de dezembro)—É martyrisado em Colican (Asia) frei Paulo d'Azevedo, religioso franciscano, natural d'esta cidade. Foi um grande ministro do Evangelho. Reduziu á fé de Jesus Christo innumeraveis gentios, na ilha de Santa Cruz (tambem chamada Hespanhola) e em outras terras da India Occidental.

Muito tempo depois de morto, foi achado pelos hespanhoes, inteiro, incorrupto, e intacto das aves e féras; e assim foi sepultado.

—

1590 — Foram applicados 100 cruzados, dos crescimentos das cizas, para a creação dos engeitados, sob a vigilancia do provedor. Em 1592, deram-se 100$000 réis. A misericordia dava annualmente, 10$000 réis, para o mesmo fim. Em 1604, deu a cidade, para isto, 104$000 réis. Até 1595, era eleito em camara, um cidadão, a que se dava o nome de *pae dos meninos*, para tratar da creação dos engeitados. Depois nomeou-se um *mechanico* para este emprego, pago pelo senado.

—

N'este mesmo anno de 1590, se edificou a formosa capella de *Nossa Senhora da Batalha*, no largo do seu nome, na freguezia de Santo Ildefonso, junto ás muralhas da circumvalação, e fóra da *Porta do Cimo da Villa*, ou *da Batalha*.

É toda de cantaria, de excellente fabrica, e fechada de abobada.

A imagem da Padroeira, com outra de Nossa Senhora dos Remedios, estavam antigamente mettidas dentro de uma torre que defendia a referida porta do Cimo da Villa, sobre a qual estava a ermida; que, em rasão de ficar por baixo do muro da torre, era muito prejudicada pela humidade.

Balthazar Guedes, do Porto, e outros cidadãos, lhe construiram uma nova e mais

ampla capella, que é a que existe. É toda forrada de azulejos, internamente, e teve ricas alampadas, castiçaes e outras peças, tudo de prata, para serviço dos altares, que são tres — o principal, onde está a imagem da Padroeira—no do lado direito, a já referida, de Nossa Senhora dos Remedios; e no da esquerda, a de S. José, quasi de tamanho natural.

As imagens da Senhora da Batalha e a dos Remedios, são antiquissimas, de pedra, mas de menos má esculptura.

Diz-se que foram os *gascões* que, com a Senhora da Vandoma, trouxeram estas duas imagens; e que o titulo de Nossa Senhora da Batalha, lhe foi dado por uma batalha que houve n'este sitio, contra os moiros, e na qual os christãos ficaram vencedores, e os inimigos foram completamente derrotados.

—

1592 — Funda-se a egreja e mosteiro de religiosos eremitas de Santo Agostinho (gracianos) de S. João Novo, no antigo largo de Nossa Senhora da Esperança (hoje de S. João Novo) pegado á capella da mesma Senhora, e á muralha da cidade.

A egreja é sumptuosa e muito notavel interiormente, pela sua architectura. Tem lausperenne ás sextas feiras.

A egreja está ainda primorosamente conservada, e o edificio do mosteiro está occupado por todos os tribunaes e cartorios judiciaes, tanto civeis como crimes, praça de leilões, etc.

Desde 1832, serviu por muitos annos de hospital militar.

—

1595—Nasce no Porto, a famosissima D. Bernarda Ferreira de La-Cérda (cognominada a *Decima Muza.*)

Era filha de Ignacio Ferreira Leitão, chanceller-mór do reino, e de D. Paula de Sá Pereira.

D. Bernarda teve desde os seus verdes annos muita intelligencia e excessivo desejo de aprender. Chegou a ser singular em rhetorica, poesia, philosophia, mathematica e humanidades. Tocava magistralmente muitos instrumentos. Fallava latim, francez, hespanhol e italiano, com a maior facilidade e correcção; e comprehendia perfeitamente o grego e hebreu. Desenhava com muito gosto e perfeição.

Aos 18 annos compoz o 1.º tomo da *Hespanha libertada*, e tinha 24 quando concluiu o 2.º

É a auctora do formoso livro —*Saudades do Bussaco*, que se publicou em 1634. Compoz tambem um livro de comedias, e entre ellas a de Santo Eustaquio, a que deu o titulo de *El cazador del Cielo* — um livro de *Dialogos* — outro de *Poesias Varias* — fez os argumentos á *Malaca conquistada* (de Francisco de Sá de Menezes) — além de varias poesias soltas, feitas á gloriosa restauração de Portugal, e acclamação de D. João 4.º, em 1640.

Todas estas rarissimas prendas e a sua angelica formosura, não a faziam soberba, antes era sobremodo affavel, virtuosa e de grande piedade.

Foi ella que fundou o mosteiro das freiras carmelitas, de Gôa.

Casou com Fernão Correia de Sousa, fidalgo tambem ornado de grandes prendas.

Foi estimada e respeitada pelos maiores homens do seu tempo, tanto portuguezes como castelhanos.

Lôpo de la Veja Carpio e João Peres de Montalvão, lhe dedicaram livros.

Philippe 3.º a desejou para mestra de seus filhos; porém a nobre portugueza recusou servir o verdugo da sua patria.

Falleceu no 1.º de outubro de 1644.

Foi sepultada com seu marido, no mosteiro dos religiosos carmelitas descalços (*dos Remedios*) de Lisboa.

Na sua sepultura se gravou o seguinte *laconico* epitaphio:

FERNÃO CORREA DE SOUZA —
DONA BERNARDA FERREIRA DE LA-CERDA —
OFFERECEM AQUI, MORTOS, COTIDIANO
SACRIFICIO —
E ESPERAM O DIA DA IMMORTALIDADE —
NASCERÃO COM HONRA,
VIVERÃO COM APLAUSO,
MORRERÃO COM EXEMPLO.
FELICES SINGULARMENTE AMBOS —
ELLE, NA SORTE DE TÃO INSIGNE MULHER —
ELLA, NOS DOTES DE UMA ALMA TÃO SUBLIME —
QUE, SEM IGUAL, NA IDADE PREZENTE

VENCEU A FAMA DAS PASSADAS.
SUA ERUDIÇÃO, JUIZO, ENGENHO,
E A GRANDEZA DE SEU ESPIRITO,
CANTOU COM HEROICO ESTILLO —
ESPANHA LIBERTADA:
SUA PIEDADE E VIRTUDE
PARA COM DEOS,
DESPREZO E ESQUECIMENTO DO MUNDO,
REPETEM COM SAUDOSA E CELESTIAL
ARMONIA — OS ECCOS DA
SOLEDADE DO BUÇACO —
SEUS ESCRITOS, SÃO SEU RETRATO —
SUAS CINZAS, NOSSO DESENGANO —
FOI LAUREADA NO PARAIZO DO CÉO —
NO PRIMEIRO DE OUTUBRO DE
1644.

—

1597 — Vem de Paranhos para esta cidade a agua de tres fontes. O povo do Porto deu mil cruzados para a despeza do aqueducto.

—

No mesmo anno de 1597, os religiosos benedictinos fundam o mosteiro da sua ordem, proximo ás Portas do Olival, applicando-lhe parte das rendas do convento de S. João d'Alpendurada, da mesma ordem. (Vol. 1.º, pag. 160, col. 1.ª)

Dá-se-lhe regularmente o nome de *S. Bento da Victoria*, por ficar perto da egreja matriz de Nossa Senhora da Victoria.

Era o centro da antiga *Judiaria*. (Vide *Cinuna* e *Miragaia*.)

A egreja foi construida pelos judeus, e era a sua *synagoga*. Foi purificada, e reduzida a templo christão, n'este anno, e é um dos maiores e mais sumptuosos do Porto.

O mosteiro é quartel actual do batalhão de caçadores n.º 9. É tambem um grande edificio, com vastos dormitorios, mas está urgentemente reclamando grandes concertos.

—

1606 — (15 de outubro) — Nasce n'esta cidade, Antonio de Sousa de Macedo, filho de Gonçalo de Sousa de Macedo, contador-mór do reino, e de D. Margarida Moreira.

Era formado em direito, pela universidade de Coimbra.

Tendo apenas 17 annos (1623) escreveu, e foi impresso em Madrid, um livrinho de versos, que eram ao mesmo tempo, latinos, castelhanos e portuguezes, de muito engenho e paciencia. Eram os parabens a Philippe 4.º, por ter melhorado de uma doença.

Em 1628 escreveu, em hespanhol, as *Flores de Hespanha, excellencias de Portugal* — livro que, ainda que com grandes cautellas, mostra o patriotismo do auctor.

Depois escreveu, e mandou imprimir, grande numero de livros de poesia, historia, politica e direito civil.

As suas duas ultimas obras, foram o famoso *in-folio* que intitulou — *Eva e Ave, ou Maria triumphante*, obra de muito estudo e erudição, que teve immensa voga no seu tempo, da qual se fizeram diversas edições, e se encontra ainda hoje em grande numero de livrarias, publicas e particulares — e o *Dominio sobre a fortuna*, livro tambem de muito merecimento.

Era desembargador dos aggravos, na casa da supplicação, no 1.º de dezembro de 1640, e foi, n'essa conjunctura, um patriota decidido.

Em 1641, foi nomeado secretario da embaixada portugueza, em Londres, e depois (1651) embaixador em Hollanda.

Em ambos estes empregos, pugnou pela independencia da patria, em varias publicações de grande valor, escriptas, umas em latim, outras em hespanhol.

Regressando ao reino, foi feito secretario de estado, no reinado de D. Affonso 6.º, do qual foi amigo fiel.

Não querendo tomar parte na revolução palaciana, que tirou a este infeliz monarcha a esposa e o throno (23 de novembro de 1667) ficou mal visto do regente, depois, D. Pedro 2.º, que o demittiu de todos os seus cargos; pelo que se retirou á vida privada.

Morreu em Lisboa, no 1.º de novembro de 1682, e foi sepultado no mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, da ordem terceira de S. Francisco, em um nobre jazigo, ornado de muitas e elegantes inscripções. (Vide 4.º vol., pag. 260, col. 2.ª)

—

1608 — A cidade compra a casa onde se cunhava a moeda, para n'ella se vender o pão.

—

1611—Foi construida a alaméda da Porta do Olival (Cordoaria) á custa do imposto do vinho. Em frente do terreiro da relação, na muralha da cidade, se mandou abrir um postigo, no sitio onde depois, e por muitos annos, existiu um arruamento de barracas de madeira, onde se vendia carne de pôrco, gallinhas, fructas e outros generos.

Estas barracas foram demolidas quando se converteu o recolhimento do Anjo da Guarda, em mercado publico.

A alaméda era guardada por quatro homens, gratificados, cada um com 8$000 réis annuaes, tirados tambem do imposto do vinho.

N'esta alaméda se estabeleceram por muitos annos os cordoeiros, e foi por isso que se mudou o nome de *campo do Olival*, em *campo da Cordoaria*.

Tambem aqui existiu uma forca, onde se executavam os ladrões e facinorosos.

Só uma arvore existe d'esta alaméda; todas as outras foram arrancadas, para se fazer o vasto e formoso passeio publico, que agora ali existe.

—

1614—(Sexta feira, 9 de maio)—Entrou um hereje na Sé, e, arrombando a porta do sacrario, roubou um vaso de prata dourada, com cincoenta e tantas particulas consagradas. Houve em todo o reino grandes testemunhos de sentimento, por este desacato.

Nunca se pôde saber quem foi o criminoso.

—

1619—(5 de maio)—Lança-se a primeira pedra no mosteiro de religiosos carmelitas, no sitio então chamado *Campo do Olival* (Cordoaria.)

Foi feita esta obra á custa da camara e do povo da cidade.

Benzeu e lançou a primeira pedra, o bispo do Porto, D. Rodrigo da Cunha. Todas as obras ficaram concluidas em junho de 1628.

A fachada da egreja é de grande magnificencia, pela prodigalidade das esculpturas, e pela elegancia das estatuas que a decoram.

O interior da egreja é tambem de muito bom gôsto, sobretudo, a capella-mór, que é de uma riqueza surprehendente. D'esta egreja sáe, no domingo de passos, a sumptuosa procissão denominada do Carmo.

No edificio que defronta com a praça de Carlos Alberto (Feira das Caixas) está o rico hospital da ordem terceira do Carmo, no pavimento superior. Nos baixos, está a botica da ordem, e ricas lojas de commercio.

Unida á egreja do Carmo, está a capella dos terceiros da mesma ordem. (Vide o anno 1736.)

—

1620—Nasce n'esta cidade o padre Balthazar Guedes, sacerdote virtuosissimo e muito caritativo, principalmente para com os orphãos, com dois dos quaes andou por todo o reino, e das muitas esmolas que colheu, das suas missas, da herança que lhe deixou um tio, dos lucros que teve das impressões de alguns livros espirituaes, de franjas, vestimentas ecclesiasticas e frontaes d'altares que fazia, e de outras industrias licitas, fundou o *collegio de Nossa Senhora da Graça, de meninos orphãos*, do Porto, em 1651; tendo de arrostar contra as opposições e até injurias dos moradores da cidade, que não queriam a fundação d'este estabelecimento de caridade.

Redigiu os estatutos para o bom governo do collegio; e teve a satisfação de vêr sair d'elle, na sua vida, 39 alumnos para clerigos — 212 para frades — 8 mestres de theologia — 4 doutores — 2 qualificadores do Santo Officio — 1 bispo de Cochim, na India (o qual morreu em Gôa, no anno de 1691.)

Todos os domingos e dias santificados fazia praticas publicas, para instrucção e moralidade do povo.

Saia com os meninos pelas ruas da cidade, já a pedir esmolas para elles, já a buscar agua, que trazia ás costas. Com os orphãos ia aos hospitaes varrer as enfermarias e cuidar dos pobres, repartindo com elles as esmolas que se davam aos seus pupillos.

Creou no seu aposento dois engeitados — um de dois annos de edade, outro de nove mezes (este com leite de cabra.) Com as mãos trabalhava em franjas, e com o pé embalava a creança, cuidando de ambos, como o poderia fazer uma extremosa mãe.

Á sua caridade e diligencia deve a cidade do Porto a casa dos expostos.

Reedificou a egreja do hospital de S. Lazaro — instituiu tres confrarias; uma de clerigos, de S. Pedro; outra de clerigos de S. Philippe Nery; e outra de seculares, da Senhora da Bôa-Morte.

Escreveu, traduziu e fez imprimir alguns livrinhos uteis e devotos, e deixou outros manuscriptos.

Falleceu a 6 de outubro de 1693, com 73 annos de idade e 42 de governo do collegio dos meninos orphãos, onde foi sepultado.

O senado da camara lhe fez magnificas exequias, com assistencia de todas as ordens religiosas, ministros da relação, nobreza e grande multidão de povo. Prégou n'ellas o padre-mestre, Carlos de Santo Antonio, conego secular de S. João Evangelista, reitor do convento de Santo Eloy, do Porto. Foi tão bello este sermão, que se conservou o seu original, até 1834, na livraria do mosteiro de Xabregas, de Lisboa *(Beato)* que era da sua ordem.

Ainda existe este collegio; mas no edificio, que tem sido ampliado, com magestosa vastidão, está tambem a *academia polytechnica* — antiga *academia real de marinha e commercio, da cidade do Porto.*

—

1628 — N'este anno veiu ao Porto, Francisco de Lucena (vide *Lisboa*, no anno de 1643, a pag. 113, col. 1.ª, do 4.º vol.) por ordem de Philippe 4.º, de quem era ministro, impôr o celebre e extravagante *tributo das maçarocas.*

A camara annuiu; porém as mulheres do povo, principalmente as regateiras, percorrendo em tumulto as ruas da cidade, encontraram Lucena, no largo de S. Domingos, e correram sobre elle, descarregando lhe tão grande saraivada de pedras, que, se se não esconde no mosteiro de S. Domingos (hoje Banco Filial do Banco de Lisboa) certamente seria ignobilmente assassinado.

Não se julgando ainda seguro dentro do mosteiro, saltou o muro da cêrca (hoje rua do Ferreira Borges) passando-se para o convento de S. Francisco, cujos frades o disfarçaram, para passar o Douro, e foi ter ao mosteiro da Serra do Pilar, d'onde fugiu para Madrid, sem tornar ao Porto, por mais que o bispo (D. João de Valladares) e o senado, lhe dissessem que estava já tudo pacificado, e a tropa em armas.

O usurpador, a rogo de muitos fidalgos portuguezes, perdoou ás amotinadas.

—

1631 — Nasce n'esta cidade, o arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Sousa, filho do 2.º conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa. (Vide o anno de 1647, e 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª, no principio.)

—

1633 — Institue-se no Porto a ordem dos terceiros de S. Francisco, na egreja dos religiosos da mesma ordem.

Os terceiros fundaram capella propria, no terreno da actual, lançando-se-lhe a primeira pedra, no 1.º de fevereiro de 1643.

Esta capella, foi reformada duas vezes — sendo a ultima, a actual, que foi construida desde os fundamentos, em 1792; sendo sagrada em 19 de maio de 1805.

Em 1779, foi instituido o lausperenne ás quartas feiras.

Em 1734, se fundou o hospital d'esta ordem.

Em 1765, se construiu a enfermaria dos entrevados.

Em 1766, se estabeleceu a enfermaria dos incuraveis.

O rendimento d'esta ordem, é, actualmente, de 11:842$160 réis — sendo — rendimento certo, 7:142$160 réis—eventual, 4:700$000 réis.

O hospital é na rua da Ferraria, confrontando pelo S. E. com a nova rua de D. Fernando.

Já antes d'este hospital havia aqui um *albergue* para 12 entrevados ou cégos, que fossem irmãos.

Tem escólas de instrucção primaria (de ambos os sexos) para os filhos dos irmãos.

A capella actual tem uma elegantissima fachada, ornada com as estatuas da *Fé. Esperança* e *Caridade*; e no interior está com grande magnificencia, sendo um dos templos mais elegantes e formosos do reino.

São notaveis as *catacumbas*, onde se se-

pultavam os irmãos, cujas ossadas foram removidas para o cemiterio do *Prado do Repouso*, em uma divisão especial.

—

1639—(25 de setembro)—Lança-se a primeira pedra no hospital dos entrevados, na rua do Cimo da Villa.

1640—Feita em Lisboa a gloriosa acclamação de D. João 4.º, o grito de LIBERDADE repercutiu em todo o reino. As provincias do norte foram as primeiras que saccudiram o jugo dos oppressores, e o Porto em breve derrubou das suas fortalezas a bandeira dos leões, alçando em seu logar a das QUINAS, symbolo da nossa independencia.

O povo da cidade concorreu com soldados, navios e munições de toda a qualidade, para a luta homerica que se ia principiar. (Vide 4.º vol., pag. 386, col. 1.ª)

Teve o Porto a ventura de não vêr, no espaço de 27 annos, que tantos durou a guerra, aproximar-se o inimigo dos seus muros.

A mesma felicidade teve, nas guerras do século seguinte, entre Portugal e Hespanha.

—

1646—(15 de abril)—Instituição do hospital de Santo Antonio (Misericordia) cujos estatutos foram approvados, por alvará de D. João 4.º, em 17 de maio do mesmo anno.

—

1647—(27 de dezembro)—Morre em Madrid Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda.

Militou, com grande distincção, nas guerras de Flandres. Foi governador das armas e regedor das justiças da cidade do Porto, onde mandou construir o palacio da relação, e fez cessar muitos abusos, tanto no militar como no politico, que se davam n'esta cidade.

Foi homem de muito zelo e energia, fazendo apromptar em brevissimo tempo, n'este porto, 11 náus, para a feliz restauração da Bahia, que estava em poder dos hollandezes.

Os hollandezes tinham-nos tomado a Bahia, em 1624, mas logo no anno seguinte foram d'alli expulsos pelos portuguezes.

Em 1632, foi feito presidente do conselho da fazenda, de Philippe IV.

Era um bom genealogico e muito erudito nas historias sagrada e profana, sobre o que deixou escriptos de muito merecimento.

Morreu em Madrid, no dia, mez e anno declarados no principio d'este artigo. Foi depositado no convento das freiras trinas descalças d'aquella cidade, e depois, transferido para o mosteiro de Santa Catharina de Ribamar, de Lisboa (Oeiras)—e, por fim, para o sumptuoso mausoléu, que seu filho —o cardeal, D. Luiz de Sousa (Vol. 4.º, pag. 275, col. 2.ª, no principio, e o anno 1631 d'este artigo) capellão-mór e arcebispo de Lisboa, lhe fez erigir, no real mosteiro da Batalha.

—

1651—A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, passando pelo campo do Olival (Cordoaria) em 14 de novembro de 1150, cahiu do palafrem em que montava, sem ter a menor lesão, o que attribuiu á protecção da Santissima Virgem, de quem era muito devota.

Em memoria d'este acontecimento que a rainha julgou milagroso, mandou aqui edificar uma ermida, da invocação de Nossa Senhora da Graça, na qual deixou uma imagem (de jaspe) da Virgem, que sempre a acompanhava, e que ainda hoje existe em uma urna que está no throno da egreja.

O padre Balthazar Guedes, natural da freguezia de S. Nicolau, d'esta cidade (vide o anno 1620) fundou n'este anno de 1651 o collegio para meninos orphãos desvalidos, contiguo a esta ermida, que lhe ficou pertencendo; lançando a primeira pedra do collegio, em 21 de novembro d'este anno de 1651.

Seu irmão, Pantaleão da Cruz, mudo de nascimento, foi ao Brazil mais de uma vez sollicitar meios para esta obra, e de lá trouxe ricas madeiras e algum dinheiro.

As ordens religiosas hiam a este collegio procurar estudantes prendados em musica, para os seus mosteiros. Estimavam muito

os individuos que tinham aqui sido educados, e muitos d'elles vieram a occupar altos cargos nas religiões a que foram pertencer, chegando alguns a ser bispos. (N'este numero entra D. José de Jesus Maria Pinto, bispo de Lamego feito em 1821, que tinha sido conego regrante de Santo Agostinho (Cruzio).

Em 18 d'abril de 1848, falleceu Domingos Pereira de Carvalho (*o Romano*) professor de desenho historico da academia portuense de bellas artes, que foi creado n'este collegio; e tambem foram alumnos d'elle o padre João de Carvalho Peixoto, 1.º cantor da Sé de Lamego, que ainda vive — Libanio Constantino Alves do Valle, cirurgião-mór do exercito, que morreu em Lisboa, em 2 de septembro de 1850 com 51 annos de idade—João Guedes, conego da Sé de Lamego e examinador synodal do bispado, que falleceu em 1869.—Ainda vivem—um conego, os tres principaes cantores, e o mestre de ceremonias, da Sé do Porto—o calendarista d'este bispado e do do Algarve—o prior de S. Mamede, de Lisboa — o abbade de Santo Ildefonso, do Porto, e o de Vallongo, além d'outras pessoas notaveis.

Tinha o collegio sete patrimonios, para se ordenarem de ordens sacras os orphãos de melhor comportamento.

Depois da invasão franceza,em 1809, chegou este collegio a tão grande pobreza, que duas vezes na semana sahiam os meninos a pedir esmola pela cidade, para se sustentarem; mas em 1817, já tinham o precizo, sem necessitarem d'este recurso.

Presentemente, tem rendas proprias, para sustentar mais de 40 meninos; porêm, desde 1834 pouquissimos orphãos d'este estabelecimento se teem feito notaveis pelas letras ou pelas virtudes; devido, em grande parte, á pessima escolha dos reitores; pois só um dos patrimonios está provido desde essa epoca, estando os outros vagos.

Este collegio é administrado pela camara municipal, á qual o reitor dá contas todos os annos, em cumprimento do regio alvará de 30 de janeiro de 1651, outorgado por D. João IV.

(Vide o anno 1620.)

1660—Fundou-se á custa da camara e do povo do Porto a egreja e mosteiro dos *congregados*, junto á porta de Carros. É um templo sumptuosissimo, que pertenceu á congregação de S. Filippe Nery.

É n'esta egreja que se faz a riquissima solemnidade do *Stabat Mater*. Tem Lausperenne á sexta feira.

Os altares de N. Sr.ª das Dores e de Jesus Maria José, são verdadeiramente admiraveis.

Estão n'esta egreja os corpos de S. Clemente, S. Severino e Santo Eugenio.

É de abobada de estuque, de um trabalho primorosissimo.

O edificio do mosteiro e tudo quanto lhe pertencia (incluindo o celebre *monte dos Congregados*) foram vendidos depois de 1834. O que foi mosteiro, está hoje transformado em boas moradas de casas particulares. O monte dos Congregados, parte foi vendido, e parte, acha-se cortado pelas novas ruas *da Alegria* e *da Duqueza de Bragança*.

A nova rua *de Sá da Bandeira*, tambem foi aberta em terreno que foi d'estes padres.

Um becco que vae d'esta rua para a do Bispo (hoje rua de Dom Pedro) ainda conserva a denominação de *viella dos Congregados*.

(Vide anno 1620.)

—

1661.—Sendo regente do reino a rainha D. Luiza de Gusmão, na menoridade de D. Affonso VI, seu filho—se deu ordem a todos os magistrados, para que não despachassem requerimento algum, que não fosse escripto em papel sellado.

Em 4 de maio d'este anno, se revolucionou o povo da cidade, logo pela manhã, e foram tumultuosamente a casa dos seus procuradores, para que estes pedissem ao senado da camara, que supplicasse ao rei a revogação d'este tributo.

A camara, porem, não só os desattendeu mas até prendeu os procuradores — o que ainda mais enfureceu o povo, que gritava pelas ruas—*Viva El-Rei, e morram os traidores*.

Foram ao arco de S. Domingos, a casa do thesoureiro da cidade, apedrejando-lhe as ja-

nellas e obrigando-o a lançar á rua e alli queimaram todo o papel sellado que lá encontraram; e queimariam tambem a casa se lhe não acudissem os frades de S. Domingos. Depois, queriam tambem o papel sellado que estava em casa do recoveiro, na Rua Nova.

A casa do juiz da alfandega foi tambem arrombada, e despedaçados todos os seus moveis.

Obrigaram o corregedor da cidade a entregar-lhes a provisão regia que creou este tributo.

N'esta conjunctura, os conegos da Sé lembraram-se de sahir, com o SS. Sacramento, em procissão, a ver se aplacavam a furia do povo, mas nada conseguiram; e só terminou o tumulto com a soltura dos procuradores do povo.

A força militar do Minho, marchou contra a cidade, onde entrou a 17 de outubro, e o tributo foi então imposto sem resistencia.

Tirou se devassa, não resultando outro castigo aos sublevados, senão serem condemnados—a açoites, um mulato da Ribeira, e um marujo a cinco annos de degredo, para o Brasil.

—

1664.—Morre no seu mosteiro de Bemfica (religiosos benedictinos.—Vol. 1.º, pag. 377, col. 1.ª, no fim) Francisco de Sá e Menezes, natural da cidade do Porto, e foi sepultado n'este mosteiro.

Foi commendador da ordem de Christo, e depois de viuvo, se fez religioso benedictino, sob o nome de frei Francisco de Jesus.

É auctor da *Malaca conquistada*, um dos melhores poemas historicos portuguezes.

—

1672.—No Campo do Olival, e junto ao collegio dos meninos orphãos de Nossa Senhora de Graça, D. Helena Pereira da Maia, funda n'este anno o *recolhimento do Anjo da Guarda*, para dez donzellas orphãs, pobres, filhas de paes nobres d'esta cidade.

Foi demolido depois de 1834, e no logar que o occupava, está hoje o mercado, vulgarmente chamado *praça do Anjo*.

—

1679.—Funda-se o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) na freguezia de Santa Eulalia, de Oliveira do Douro, na margem esquerda d'este rio. (Vide vol. 5.º, pag. 274, col. 2.ª)

—

1685.—(1.º de outubro)—Funda-se no Porto a *roda dos expostos*, na rua dos Caldeireiros, contigua ao hospital de D. Lopo. Mudou-se depois para a rua dos Fogueteiros e por fim, para o largo da Cordoaria.

É administrada pela camara municipal

—

1704.—Funda a egreja e o mosteiro de religiosas carmelitas descalças, da invocação de S. José e Santa Thereza, no sitio então chamado *logar do Calvario*, o bispo do Porto, D. frei José de Saldanha. Ficava proximo, ao N., do recolhimento do Anjo da Guarda—e tambem proximo e ao N. E. do collegio da Graça.

Já nada existe da egreja, e muito pouco do mosteiro. Tudo foi demolido depois de 1834, e é a actual estação telegraphica.

Em 1865 veio para aqui a repartição da policia civil.

No interior do edificio ainda existem restos do antigo mosteiro.

—

1714.—(11 de agosto) Por um assento da relação do Porto, se ordena que a forca, que estava em *Mija-Velhas*[1] seja mudada para o caes da Ribeira.

(Vide os annos de 1725 e 1789.

—

1721.—(1.º de novembro)—Junto á egreja de S. Nicolau, pariu Maria Thereza, mulher de Jeronymo Francisco, ourives, tres creanças, vivas, de um parto, as quaes foram baptisadas no dia seguinte, com os nomes de

[1] A fonte de Mija-Velhas, é no largo do *Poço das Patas* (Hoje campo de 24 d'Agosto.) Faz-se aqui uma bôa feira de gado bovino, em todas as terças feiras e sabbados; e por isso se chama vulgarmente—*Campo da Feira do Gado*.

A agua da fonte de Mija Velhas é das melhores do Porto. Junto á fonte ha lavadouros publicos. Parece que antigamente a todo este campo se dava o nome de Mija-Velhas.

Josepha, Thereza e Anna. Passados dez dias pariu quarta creança.

É mais uma prova da possibilidade da superfectação.

—

1722—Funda o *recolhimento das orphans*, no largo de S. Lazaro (hoje passeio publico) o padre Manuel dos Passos Castro, thesoureiro da collegiada de Cedofeita.

É administrada pela mesa da Misericordia.

A capella d'este recolhimento, que é grande e bonita, é da invocação de Nossa Senhora da Esperança.

—

1725—(14 de junho)—Toma-se assento á cêrca das ruas por onde haviam de passar os padecentes, as quaes eram—Ferraria de Cima, Caldeireiros, Flores, S. Domingos, e S. João.

—

1727—(28 de dezembro) Houve n'esta cidade e no rio, repentinamente, um grande temporal, de vento e chuva, chegando o Douro até á porta travessa da egreja de S. Pedro de Miragaia, chegando-se de Cima do Muro com as mãos á agua. Os prejuizos em edificios, mobilias, fazendas e embarcações, subiu a alguns milhões de cruzados.

A corrente do Douro levou pela barra fóra dois navios portuguezes, que estavam com carga de fazendas para a Bahia, e alguns inglezes; além de muitos barcos miudos—que tudo se despedaçou contra os rochedos da costa.

Morreram cento e tantas pessoas afogadas.

Cahiu, em varias partes, a muralha da cidade.

—

1730—Funda-se, no campo da Cordoaria, o hospicio dos religiosos franciscanos, de Santo Antonio de Valle da Piedade, denominado—*hospicio de Santo Antonio da Cordoaria* — e depois — *capella dos Trinos, da Cordoaria.* (Vol. 5.º, pag. 281, col. 2.ª — a ultima linha.)

A capella foi vendida depois de 1834, e é hoje uma pádaria (ainda com as fórmas exteriores da ermida!) — O edificio se transformou em roda dos expostos.

Proximos, ficavam os antigos celleiros publicos, depois transformados em quartel da 1.ª companhia da *guarda real da policia do Porto*, e de alguma cavallaria do mesmo corpo.

Este quartel foi reduzido a cinzas, por um incendio, no dia 19 de março de 1832. Morreram n'elle sete pessoas e quinze cavallos. (Vol. 5.º, pag. 380, vol. 2.º — no § — *Praça do Peixe.*)

—

1732 — Assenta-se na Sé o altar do Santissimo Sacramento, com sua banqueta, tudo de prata, e de primoroso trabalho.

Para escapar á rapacidade das hordas do general francez Soult, diz-se que os conegos o mandaram cobrir com algumas camadas de gêsso.

—

No mesmo anno de 1732, principia, no alto da *calçada da Natividade* (hoje rua dos Clerigos) a construcção da egreja dos Clerigos, e em 1748, se principia a obra da formosissima *torre dos clerigos*, que foi concluida em 1763, sendo seu architecto, Nicolau Maroni, italiano.

Esta torre é a mais alta do reino, e das mais elegantes e notaveis da Europa; excedendo muito, em altura, as de Hamburgo, Bolonha, Ultrech, Riga e Bristol.

É toda de cantaria lavrada, e de solidissima construcção, assente em uma rocha, pelo que tem resistido a todos os temporaes e convulções do glôbo; apenas em 1834, um forte temporal destruiu uma pequena parte d'esta torre, que foi pouco depois concertada. Em 1862, uma faisca electrica lançou por terra o glôbo e a cruz, que logo foi reposta no seu logar. Hoje tem um conductor.

A sua altura, desde o nivel da rua até á base do glôbo de metal que a corôa, é de 337 $^1/_2$ palmos (75 metros.) Vê-se do mar, a 60 kilometros de distancia, servindo por isso de guia aos navegantes que demandam a barra do Porto.

Tem oito campanarios, com os seus com-

petentes sinos, pesando todos 7990,372 kilogrammas.

A egreja foi sagrada em 12 de dezembro de 1779, por D. frei João Raphael de Mendonça, bispo do Porto. É isenta da jurisdicção parochial, e tem lausperenne todos os sabbados, *in perpetuum*.

A tribuna é toda de bellissimo marmore, e custou mais de 50:000 cruzados (20 contos de réis.)

Sobre a porta lateral do norte, tem a seguinte inscripção:

HOC MIRUM ASSUMPTAE, QUOD
VIRGINIS ARA TUETUR
LARGA MANUS CLERI SURGERE FECIT OPUS
AMPLA DEAE SEDES PETROQUE
ATQUE AUCTA PHILIPPO
QUIDINI TRIGENINO NUMINE DIGNA COLI?

O culto divino é desempenhado por sacerdotes approvados em cantochão e ceremonias ecclesiasticas.

Para este fim possue a egreja preciosos ornamentos, e dois orgãos. As missas, nos dias solemnes e de guarda, dizem-se até ao meio dia.

Está aqui depositado o corpo de Santo Innocencio, martyr; e sobre o alto da tribuna, está erguida a rica imagem de Nossa Senhora da Assumpção, padroeira da egreja.

A administração da egreja dos Clerigos, está incumbida a uma corporação de clerigos e seculares, que são os que tratam da conservação da egreja e das despezas que se fazem com o antigo hospital dos clerigos pobres.

Da irmandade dos clerigos tem feito parte muitos prelados, entre elles, D. Thomaz de Almeida (da casa dos marquezes do Lavradio e condes dos Arcos e de Avintes) primeiro patriarcha de Lisboa (4.ª vol., pag. 276, col. 1.ª)—e D frei José Maria da Fonseca Evora, bispo do Porto.

—

1736—(13 de julho)—Institue-se a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo. Foi seu primeiro irmão; Thomaz Antonio de Sousa Cyrne, que pagou 800 réis pela sua entrada.

Em 26 de julho de 1737, foi eleita a primeira mesa d'esta ordem, sendo feito prior o dito Cyrne, e priora, D. Leonor Francisca d'Alpocinda e Silva.

Em 29 de agosto de 1756, foi lançada a primeira pedra da sua egreja, por mão do seu prior, D. João da Silva Ferreira, bispo de Tanger (Africa) deão de Villa-Viçosa, e governador apostolico do bispado do Porto.

Em 1770, querendo a irmandade (a exemplo da mesma ordem, em Lisboa) sahir com a sua procissão, requereu ao prelado diocesano, que lhe deferiu, sendo este despacho confirmado pelo papa Clemente XIV. A primeira procissão sahiu em 1772.

O mesmo pontifice, a requerimento da irmandade, e por breve de 9 de agosto de 1774, instituiu n'esta egreja o sagrado lausperenne, em todos os domingos do anno.

Em 6 de abril de 1791, se principiou a edificação do hospital da ordem; e, em 8 de fevereiro de 1801, teve logar a sua abertura publica.

Em 1804, se instituiram n'este hospital logares para os irmãos pobres, entrevados e incuraveis.

O rendimento annual d'esta ordem, é actualmente de uns 18:000$000 réis; pois o certo é de 3:933$475 réis, e o iventual, regula por 14:000$000 reis.

—

1737—(14 de outubro)—Morre no convento das religiosas franciscanas, de Santa Clara, d'esta cidade, a madre, Maria Victoria, natural da mesma cidade, com 136 annos de edade, pois nascera em 1601. Era de muito pequena estatura. Depois de ter cem annos, lhe cairam cinco dentes e lhe tornaram a nascer outros, e os conservou todos, e os cabellos sempre pretos; e o seu juizo perfeito, até morrer; sendo sempre, até pouco antes do seu fallecimento, rigida observante das obrigações do seu estado.

Viveu no reinado de seis monarchas—os Philippes 3.º e 4.º—D. João 4.º—D. Affonso 6.º—D. Pedro 2.º—e D. João 5.º

—

1738—Funda-se o hospicio do *Senhor de Além*. (A capella tinha sido fundada em

1140.) É sobre a margem esquerda do Douro, ao fundo da Serra do Pilar, e em frente da Ribeira.

Em 5 de março de 1739, tomaram posse da capella e do hospicio, cinco frades carmelitas calçados, os quaes estavam sempre no confessionario, desde o nascer do sol até ao meio dia.

Ainda existe a capella. O hospicio foi vendido depois de 1834, e é hoje uma fábrica de louça de faiança.

Como a capella fica apenas a uns dois metros acima do nivel do rio, e por isso é muitas vezes invadida pelas cheies, vae agora (1877) ser removida mais para cima, onde as enchentes a não possam attingir.

—

1740 — (23 de agosto) — Nasce no Porto, D. frei Joaquim de Santa Clara Brandão, arcebispo d'Evora.

Era conego benedictino e doutor em theologia, pela universidade de Coimbra.

Professára no mosteiro de Tibães, sendo geral frei Antonio de Santa Clara.

Em 24 de maio de 1766, tomou ordens de presbytero, em Coimbra, conferidas pelo bispo d'esta cidade, D. Miguel d'Annunciação.

Em 17 de julho de 1771, tomou grau de bacharel em theologia—e capéllo em 1778, quando já exercia o magisterio.

D. Maria 1.ª, por alvará de 17 de fevereiro de 1790, o nomeia prégador da real capella da Bemposta (Lisboa.)

Por carta régia, de 29 de dezembro de 1793, o principe regente (depois de D. João 6.º) o nomeia lente cathedratico de exegetica—e, em 15 de março de 1806, lente de prima, em theologia.

Foi D. frei Joaquim de Santa Clara, o que primeiro prégou, nas exequias do primeiro marquez de Pombal, na villa do seu titulo, quasi forçado pela auctoridade de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil, que devia a mitra ao marquez, e que veiu de Coimbra para esta villa, com muitos clerigos e com a musica da real capella da universidade e da Sé, logo que soube da morte do que fôra seu protector.

Este sermão desagradou á côrte de Roma, e o papa, Pio VII, pôz muita dúvida antes de o confirmar arcebispo d'Evora.

Em dezembro de 1814, foi eleito arcebispo; mas, tal foi a resistencia da curia para a sua confirmação, que só tomou posse da mitra em 3 de outubro de 1816, tendo sido sagrado em 21 de setembro d'este anno.

Fez a sua entrada solemne em Evora, a 6 de novembro de 1816, e n'esta cidade falleceu (desgostoso com a côrte e com a cúria romana) em 11 de janeiro de 1818.

Jaz no cruzeiro da Sé d'Evora, em sepultura rasa, com esta inscripção:

D. F. JOACHIMUS. S. CLARA. BRANDÃO.
EX. BENEDICTINA. FAMILIA
IN. CONIMBRICENSE. LYCEO
THEOLOGEAE. PRIMARIAE. CATHEDRAE
AD. VITAM SPLENDOR.
OCTOGENARIUS
HUJOS. METROPOLIS. ANTISTES.
VIRTUTIBUS. PLENUS.
AD. ANNUM. RAPTUS.
HIC. SITUS. EST.

Publicou algumas obras—entre ellas—o *Plano* e o *Regulamento dos estudos para a congregação de S. Bento.*

Fez algumas tentativas poeticas, já originaes, já traduzidas do grego e do latim; mas (diga-se a verdade) deu melhores provas de orador sagrado, do que de poeta harmonioso.

Foi seu vigario geral, D. Antonio Mauricio Ribeiro, bispo de Bugia.

—

1744—Nasce n'esta cidade, Thomaz Antonio Gonzaga, filho de João Bernardo Gonzaga (brasileiro) que depois de ser ouvidor do Porto, foi nomeado, em 1749, desembargador da relação da Bahia — então capital do Brasil—para onde o acompanhou seu filho.

Thomaz Antonio Gonzaga veiu para o reino, e formou-se em direito, na universidade de Coimbra.

Foi feito ouvidor de Villa Rica-d'Ouro-Preto (Minas Geraes, Brasil.)

Unindo se a alguns revolucionarios, e animado pela recente emancipação dos Estados Unidos da America, tomou parte em uma conspiração, que tinha por fim tornar em

republica independente a provincia de Minas-Geraes.

Foi por isso preso, julgado e condemnado a degredo perpétuo, para as Pedras d'Angôche (Africa) mas pôde obter commutação da sentença, em degredo por dez annos em Moçambique; para onde partiu em 1792, e alli casou e viveu 15 annos, e morreu em 1809.

Teve, em solteiro, amores com D. Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão, de Villa-Rica, e estes amores lhe inspiraram essa formosa collecção de *lyras* a que deu o titulo de *Marilia de Dirceu*, livro tão estimado e geralmente conhecido em Portugal e no Brasil, e que lhe deu a immortalidade.

—

1748—Vide o anno 1732.

—

1754—No inverno d'este anno, houve tanta chuva, que o Douro, subindo muito do seu nivel ordinario, alagou e arrasou grandes e ricos armazens de vinho, em Villa-Nova-de-Gaya. O mais prejudicado, entre os proprietarios d'armazens, foi D. José Vicente de Andrade Belleza, fidalgo da casa real, mestre de campo do terço de infanteria do Porto, e administrador dos vinculos de Valdigem e S. Lourenço, e vulgarmente chamado — *morgado do Terreirinho*, por morar no logar d'este nome, junto á egreja de Santa Marinha, matriz de Villa-Nova-de-Gaya.

Foi seu neto e successor nos morgados, Antonio Belleza d'Andrade, official do exercito realista, que, estando a servir de major do regimento de infanteria n.º 12, foi prisioneiro na batalha da Asseiceira, em 16 de maio de 1834, e solto, em Lisboa—segundo o estipulado na *convenção d'Evora-Monte*— em 11 de junho do mesmo anno.

Era homem de poucas lettras, mas um verdadeiro homem de bem, e o maior proprietario de Villa-Nova-de-Gaya. Suicidou-se em Mattosinhos, em 1870, deixando quatro filhas e dois filhos. (Vide 5.º vol., pag. 275, col. 2.ª)

—

1755—(7 de janeiro)—O missionario apostolico, padre Angelo de Sequeira, natural do Brasil, e muito devoto de Nossa Senhora da Lapa, lança a primeira pedra em uma capella, dedicada áquella Senhora, no sitio *do Sério*, á raiz de um monte, por onde passava (e passa) a estrada de Villa-Nova-de-Famalicão, Braga, Guimarães, Caminha, etc.

O terreno lhe foi dado por um devoto da Senhora, e a capella foi feita com o producto das esmolas do povo.

O virtuoso missionario pôz tão grande diligencia n'esta construcção, que já a 20 (no curtissimo espaço de 13 dias!) estava a ermida coberta.

Tinha 80 palmos de comprimento e 40 de largura.

Os portuenses começaram logo a ter tão grande devoção a Nossa Senhora da Lapa, que, fidalgos e fidalgas, dos principaes da cidade, mulheres de ministros, clerigos, frades, burguezes e povo, tudo concorreu, não só com esmolas e alfaias, para adorno do templosinho, mas até com o seu trabalho, conduzindo os precisos materiaes. O coronel, governador das armas, marchou com os regimentos da guarnição para o logar da obra, e todos n'ella tomaram parte, sendo elle o primeiro que lhes deu o exemplo.

Unido á egreja se construiu um confissionario publico, onde os peccadores hiam de noite fazer as suas confissões geraes, sem serem conhecidos.

Fez-se alli tambem uma roda, para por ella se restituir o dinheiro, ou objectos de oiro e prata, ou outras quaesquer coisas que tinham sido roubadas, sem se poderem reconhecer os restituidores.

Ainda junto ao confissionario se fez uma especie de albergaria, para n'ella se recolherem os penitentes que ali quizessem ficar.

Ornamentou-se a capella com grande magnificencia, e logo ao vigessimo dia n'ella se disse missa, com acompanhamento de orgão proprio.

A imagem da padroeira sahiu da egreja do mosteiro de freiras de Santa Clara, do Postigo do Sol, em magnifica procissão (a 10 de março do mesmo anno) á frente de mais tres andores, com S. João Marcos, S. Francisco, e Santa Clara.

Deu-se á padroeira o titulo de *Nossa Senhora da Lapa das Confissões.*

—

O magnifico templo que hoje existe, com privilegio de *capella-real*, não é a capella do padre Angelo; mas uma ampla e formosa egreja, cuja construcção principiou no começo d'este seculo, continuando ainda as obras exteriores.

Ainda que de singela architectura, é de muita elegancia, e o seu interior está ornado com magnificencia.

Na capella-mór d'esta egreja está o coração do sr. D. Pedro, duque de Bragança, por elle legado á cidade do Porto.

Sobre a porta principal da egreja, se lê a seguinte inscripção:

OMNIA PER MANUS MARIAE.

Tem uma rica irmandade, e junto á egreja está o lyceu de Nossa Senhora da Lapa, com alumnos internos e externos.

Tambem proximo ao templo, e ao NO. d'elle, está o magnifico e formoso cemiterio publico da Lapa — e ao SO. a alaméda do mesmo nome.

—

Por este tempo vivía no Porto, d'onde era natural, D. Isabel Maria Rita, que se tornou célebre pelo seu raro talento para a pintura, existindo ainda muitos quadros primorosos que são obra sua.

—

1755 — (14 de maio) — O papa Benedicto XIV, institue a ordem terceira da Santissima Trindade, do Porto; logo depois da suppressão (pelo mesmo pontifice) da ordem terceira de S. Domingos, em 15 de abril do mesmo anno, que se tinha fundado n'esta cidade, em 1671. A bulla de Benedicto (ou Bento) XIV, foi approvada por provisão régia de D. Maria 1.ª, a 15 de março de 1781.

A capella provisoria da Santissima Trindade, no largo hoje chamado *praça da Trindade*, e antigamente *largo do Laranjal*, era mais ao NE. da actual egreja, na esquina que faz frente para a travessa de Liceiras. Foi principiada em 14 de abril de 1804, e concluida no fim de outubro do mesmo anno.

Depois de construida a egreja, transformou-se a capella em cemiterio dos irmãos, até a prohibição dos cemiterios das ordens terceiras, em 1868.

Em 17 de abril de 1803, o bispo do Porto, D. Antonio de S. José e Castro, lançou a primeira pedra na nova egreja da Santissima Trindade; e, em 29 de maio de 1841, se abriu á veneração publica.

O regulamento temporal da ordem, são os *Estatutos*, approvados em sessão da mesa, junta e definitorio, em 2 de janeiro de 1830; e foram approvados pelo bispo d'esta diocese, D. João de Magalhães e Avellar, em 8 de maio do mesmo anno.

O lyceu d'esta ordem, foi instituido em 23 de novembro de 1857; e auctorisado por alvará do ministerio do reino de 20 de abril de 1861.

Consta das escólas de instrucção primaria e secundaria, piano, canto e prendas, proprias do sexo feminino. Em 1871, era frequentado por 106 meninos e 97 meninas, filhos dos irmãos pobres; mas recebe tambem alumnos estranhos á ordem, mediante a recompensa que se convenciona.

Tem um bom hospital, cuja fundação principiou em 6 de junho de 1852 — e uma botica annexa.

Tanto a egreja e hospital como todos os melhoramentos da ordem, muito devem ao sr. José Antonio de Sousa Básto, feito visconde da Trindade, em 10 de novembro de 1852.

Seu filho, o sr. José Antonio de Sousa Basto Junior (visconde da Trindade, José) recebeu este tituto, em 5 de junho de 1868.

A egreja da Santissima Trindade é actualmente a mais bella do Porto, não só pela sua elegante e bellissima esculptura exterior, e pela sua formosa torre dos sinos, com seu carrilhão (o primeiro que houve n'esta cidade) como pela sumptuosidade do seu in-

terior, e pela belleza das imagens que adornam os altares.

Tem lausperenne em todos os domingos do anno, instituido em 1814.

A capella-mór foi principiada em 1852.

A procissão da Santissima Trindade, que sáe no domingo proprio, é, sem contestação, a mais sumptuosa do reino; apesar de ter só cinco andores, que são — o da Santissima Trindade, o de S. João da Matta (fundador da ordem) o de S. Felix de Valois, o de Santa Izabel, rainha de Portugal, e o de Nossa Senhora das Dores.

É inexcedivel a riqueza d'estas imagens e dos seus andores. Duvido que na Europa catholica haja outros que os excedam em belleza e magestade.

—

1755—(1.º de novembro)—Horrivel terramoto, que causou grandes prejuisos e muitas perdas de vidas, principalmente em Lisboa e no Algarve. No Porto tambem fez bastantes estragos; porém muito menos do que em Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 114, col. 1.ª, no principio.)

—

1756—Vide o anno 1736.

—

1757 — (4 de fevereiro) — O marquez do Pombal cria a *Companhia geral de agricultura e commercio das vinhas do Alto Douro*, um dos meihores estabelecimentos da Europa.

No mesmo anno e no dia indicado, os inglezes promovem no Porto uma sublevação contra a dita *Companhia*. O governo manda tropas de Lisboa, que suffocam a revolta.

Vem ao Porto uma alçada, que condemna (no dia 12 de outubro) 283 pessoas a differentes penas (forca, açoites, galés, confiscação de bens, e degredo) e 17 creanças a palmatoadas.

—

Os grandes privilegios dados a esta companhia por D. José 1.º (ou pelo marquez do Pombal) principalmente o que lhe dava o *exclusivo* de vender na cidade e quatro leguas em redondo, todo o vinho (maduro) que consumisse o povo, desagradou aos taberneiros, que, demais a mais, influidos por alguns inglezes, negociantes de vinho, aggregaram a si muita gente das classes baixas, tanto homens como mulheres, e se reuniram no largo da Cordoaria, na manhã de 4 de fevereiro d'este anno, e d'alli se dirigiram ao largo de S. Domingos, onde morava o *juiz do povo*, ao qual, ainda que doente, obrigaram a entrar em uma cadeirinha, levando-o a casa do chanceller e regedor da justiça—gritando pelas ruas—*Viva o povo, e morra a Companhia!*

Os sinos da Sé e da Misericordia tocaram a rebate, e o chanceller, instado pelo povo, e, temendo maiores desgraças, teve de declarar livre a venda do vinho de ramo.

N'este comenos, da casa do procurador da companhia partiram dois tiros de bacamarte, contra alguns dos amotinados. O povo, ainda mais exacerbado com este facto, arrombou as portas da casa do procurador, e invadindo a, esmigalhou todos os moveis, calcando aos pés tudo o que era da companhia.

Pelas tres horas da tarde todo o povo se tinha pacificado.

Esta revolta, cujos auctores soffreram castigos muito mais sevéros do que o caso merecia, deu assumpto ao sr. Arnaldo Gama para o seu bellissimo romance historico, intitulado — *Um motim ha cem annos.*

—

1757—(23 de maio)—Nasce n'esta cidade o padre João Pedro Ribeiro, appellidado, com justiça, *o pae da diplomacia*, porque, na verdade, foi elle o fundador d'esta sciencia em Portugal.

Era doutor formado em canones, pela universidade de Coimbra, e foi lente de diplomatica, na mesma universidade, e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Estudou com afinco a historia da civilisação portugueza, indicando aos sabios futuros a senda a seguir para estudos mais profundos.

Deixou grande numero de *Memorias* e *Opusculos* de muito valor, concernentes a varias questões historicas.

As suas obras estão consignadas nas *Dissertações chronologicas e criticas, sobre a historia civil e ecclesiastica de Portugal.*

Falleceu tambem n'esta cidade, a 4 de janeiro de 1839, com quasi 82 annos de edade.

—

N'este mesmo anno de 1757, é transferido para o sitio actual (escadas do Codeçal) o *Recolhimento do Patrocinio da Mãe de Deus* — vulgarmente do *Ferro*. Tinha sido primittivamente fundado na Rua-Escura, com esmolas do povo.

—

1763—Vide o anno 1732.

—

1766—Nasce n'esta cidade o famoso pintor Francisco Vieira, geralmente conhecido por *Vieira Portuense*—para o distinguir do seu homonymo — *Vieira Lusitano*.

Seu pae era tambem um pintor distincto, e foi o que lhe deu as primeiras lições.

A Companhia dos vinhos do Alto Douro lhe deu uma pensão, para elle ir estudar a Roma, para onde partiu em 1789, e ali foi seu mestre Domingos Conti.

Esteve em Parma, em 1791, regressando a Roma em 1794, e em 1797 marchou para a Allemanha.

Regressando a Roma, tomou amisade com o famoso gravador Bartolozzi, que lhe gravou muitos dos seus quadros.

Em Roma fez pinturas de grande merecimento, entre ellas — *Viriato, O Descimento da Cruz*, e *Nossa Senhora da Piedade*, obras que lhe grangearam uma fama immortal.

Casou em Londres, com uma italiana, parenta de Bartolozzi, em 1802; e n'este mesmo anno foi nomeado director da academia do Porto, e, ainda n'esse mesmo anno, foi chamado a Lisboa, para, juntamente com Domingos Antonio de Sequeira, exercer o cargo de primeiro pintor da côrte.

Uma grave molestia de peito, causada pelo seu assiduo trabalho, o obriga a ir para a Ilha da Madeira; mas, longe de achar linitivo aos seus padecimentos, ali falleceu em 1805.

—

1769—Vide o anno 1501.

—

1770—(15 de julho)—Lança-se a primeira pedra do magestosissimo *hospital de Santo Antonio (Misericordia)* na parte occidental do actual passeio da Cordoaria. [1]

Este edificio, que excede em grandeza e magnificencia todos os do seu genero em Portugal, e que depois de concluido não terá certamente rival em toda a Europa, honra a cidade do Porto, que emprehendeu obra de tanto esplendor e utilidade.

Deve ter uma fórma quadrangular. As suas duas principaes fachadas, uma a E. (já concluida) e outra a O., terão de comprimento 783 palmos (174 metros.) Os lados, de N. e S., terão 805 palmos e meio (179 metros) ficando com 706 metros de circumferencia.

No centro terá um vasto pateo, cercado de galerias, e no meio d'elle ha de ser a egreja, que, se fôr conforme o risco, será magnifica, e a todos os respeitos digna do resto do edificio.

O hospital é de tres andares. Terá 159 salas e salões—142 enfermarias—97 latrinas —20:609 portas e janellas—28 estatuas (de 4 metros d'alto cada uma)—176 columnas (a maior parte d'ellas, de 9 metros) — 100 pyramides — 5:586 balaustres — 56 escadas principaes—e 3:000 degraus (além dos dos subterraneos.)

As paredes fundamentaes chegam a ter em partes, 11 metros de grosso.

O sr. desembargador, Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, sendo prior da Misericordia, cinco annos successivos, deu grande impulso a estas obras: honra seja a este prestante cidadão, que, não se poupando a fadigas, sacrificios e desgostos, tomou uma parte tão activa n'este melhoramento.

A fachada principal (E.) está concluida. O lado do N., que deita para o largo hoje chamado do Duque de Beja, anda em construcção, e n'elle se tem trabalhado com afinco, ha seis annos.

O mesmo desembargador fez publicar um *Regulamento*, para o hospital, que é um documento honrosissimo da sua energia, sollicitude e intelligencia.

O actual rendimento da Misericordia, é de

[1] Mas só em 19 de agosto de 1799 é que foram transferidos para elle os primeiros enfermos (mulheres) do antigo *hospital de D. Lôpo*. (Vide o anno de 1584.)

84:806$690 réis — sendo 71:806$690 réis o rendimento certo — e 13:000$000 réis o eventual.

(Vide 5.º vol., pag. 258, col. 1.ª—259, col. 1.ª—pag. 293, col. 1.ª—pag. 318, col. 1.ª, e o anno 1736.)

—

1775—O padre Geraldo Ferreira funda a capella e a *irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade.*

Depois, e pouco a pouco, se foram fazendo as enfermarias para os irmãos, e para os particulares que ali se quizerem tratar, por uma recompensa convencionada.

Tem tres enfermarias para homens e tres para mulheres.

Tem 12 quartos particulares, e uma magnifica sala para operações.

Dá aula gratuita de primeiras lettras, para os dois sexos, que é frequentada por umas 200 creanças.

Tem lausperenne ás quartas feiras.

—

1777 — A egreja (de tres naves) do mosteiro de S. Domingos, é completamente devorada por um terrivel incendio; mas foi logo reedificada pelos religiosos.

O mosteiro primittivo tinha sido fundado em 1239.

Durante o cêrco do Porto (1833) foi outra vez incendiada, e nunca mais se reedificou.

A cêrca e parte do edificio do mosteiro, foram, em 1867, vendidos a differentes particulares, e no resto do edificio está a *Caixa Filial do Banco de Lisboa.*

—

1779—Vide o anno de 1732.

—

1780 — Funda-se o *hospicio de religiosos carmelitas calçados*, da invocação de S. Francisco de Paula, em *Lórdêllo.* Foi feito á custa das esmolas do povo. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular.

—

1783—Funda-se a egreja e mosteiro dos menores *(antoninhos)* da provincia da Conceição. Depois de 1834, foi a egreja arrasada; e só d'ella resta a sumptuosa capella-mór, de formosa cantaria, mas destelhada e profanada.

O edificio do mosteiro é hoje occupado pelo atheneu portuense, academia das bellas artes, museu, e bibliotheca publica.

Dava-se a este mosteiro, vulgarmente, a denominação de—*convento de Santo Antonio da Cidade.*

—

O museu da academia das bellas artes, fundado em 1835, tem bastantes objectos de valor, entre elles a espada de D. Affonso Henriques.

> A espada, que é de ferro, e sem valor algum artistico, escapou e veiu para aqui, da egreja de Santa Cruz de Coimbra; mas a bainha, que tinha guarnições de prata, foi roubada, assim como a caixa, que era de muito valor; sendo substituida por outra que nada vale.

—

1785 — (22 de fevereiro) — Houve uma grande cheia no Douro, acompanhada de um horrivel cyclone do O., ao qual se seguiram mais alguns menos violentos, que causaram grandes estragos n'esta cidade.

Estavam então no rio 85 navios portuguezes e 33 estrangeiros; muitos dos quaes foram arrojados pela barra fóra, ou despedaçados contra as rochas das margens.

As aguas do Douro alagaram 18 ruas e mais de 1:000 casas.

—

1789—(14 de junho)—Um gallego assassinou sua ama, que era de Braga. Foi logo preso, e no dia 31 do mesmo mez (!) foi enforcado, no logar do delicto.

Armou-se a forca na noite de 30, á entrada da *rua nova da Neta* (viella da Neta) do lado do O., onde desembóca a rua do Bomjardim. A cabeça e as mãos do gallego ficaram pregadas na forca.

—

1791—Vide o anno de 1736.

—

1799—(4 de fevereiro) — [1] N'esta cidade na rua do Calvario, em uma boa casa, que tem agora os n.os 35, 37 e 39 — onde está hoje o consulado inglez — e que era então da freguezia de Santo Ildefonso, e actualmente pertence á de Miragaia—nasceu o famoso poeta contemporaneo, *João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett*, depois feito visconde d'Almeida Garrett.

Era filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, e de D. Anna Augusta d'Almeida Leitão.

Formou-se em direito, na universidade de Coimbra; tornando-se já ali conhecido pelas suas mimosas poesias.

Foi nomeado official da secretaria do reino, pelos liberaes, em 1820.

Emigrou para a Inglaterra depois da restauração de 1823, e d'ali foi para França, onde escreveu a *Dona Branca* e *Camões*, que o deram a conhecer como elegante escriptor.

Tornou para Inglaterra, onde publicou a *Adosinda*.

Tomou parte nas guerras civis de 1832 a 1834, pelo partido liberal (apesar da sua familia seguir toda opiniões realistas.)

Em 1834 foi encarregado de negocios na Belgica.

Regressando ao reino, continuou a publicar differentes obras, todas de grande merecimento.

Foi deputado, e um dos melhores oradores parlamentares — se não o melhor. Foi feito ministro em 1851.

Morreu em Lisboa, a 9 de dezembro de 1854, na rua de Santa Izabel.

Na casa onde falleceu, collocou-se uma inscripção commemorativa d'este facto.

Foi um dos mais elegantes e mimosos escriptores portuguezes do seculo 19.º, e quer em prosa, quer em verso, as suas obras hão de ser lidas sempre com o maior interesse; e o Porto terá sempre um justificado orgulho de ser a patria d'este illustre cidadão.

[1] O sr. Manuel Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 176) diz que foi em 1798; mas a inscripção, que está na casa onde nasceu, diz 1799.

Custa a comprehender como a cidade do Porto, sempre tão zelosa das suas glorias, ainda não se lembrasse de erigir uma estatua a este filho, que tanto a honra e enobrece.

Contentou-se em mandar collocar na frente da casa em que nasceu, uma lapide, de marmore, com a seguinte inscripção:

CASA ONDE NASCEU, AOS 4 DE FEVEREIRO
DE 1799, JOÃO BAPTISTA DA SILVA
LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT.
MANDOU GRAVAR Á MEMORIA DO
GRANDE POETA
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE,
EM 1864.

E, em um dos medalhões, pintados no tecto do theatro de S. João, um busto, que se sabe ser d'elle, por dizer — *Garrett*.

Mais brio tiveram os lisbonenses, que, em 1868, lhe collocaram um busto de marmore, no theatro normal. [1]

Além da *Dona Branca* e da *Adosinda*, escreveu e publicou — o *Romanceiro*, o *Alfageme de Santarem*, o *Arco de Sant'Anna*, o *Frei Luiz de Sousa*, o *Auto de Gil Vicente*, *D. Philippa de Vilhena*, a *Sobrinha do Marquez*, as *Folhas Cahidas*, e as *Viagens na Minha Terra* — obras de generos diversos, mas todas de inexcedivel elegancia, e grandissimo merecimento.

Não se livrou, porém, do ridiculo contagio do seculo. Depois de ter cruelmente fustigado os barões e viscondes de *fresca data* (sobre tudo, nas *Viagens na Minha Terra*) deixou-se tambem fazer visconde de si mesmo! — Mas, sequer ao menos, nem assim morreu o nome do *divino Garrett* (como muitos o denominam) o que de certo aconteceria se acceitasse o titulo de alguma al-

[1] Este busto, estava sobre um pedesta. (de tábuas!) no peristilo do theatro, mas foi d'alli tirado e não sei o que d'elle fizeram.

deiola, rua, quinta, santo, ribeiro, etc.— Este peccado, porém, foi o unico que commetteu contra o bom senso; e a posteridade lh'o perdoará, em attenção aos immensos serviços que fez ás lettras patrias.

—

No mesmo anno de 1799, a 9 de agosto, entram os primeiros enfermos em o novo hospital da Misericordia, da Cordoaria. (Vide o anno de 1770.)

—

Tambem n'este anno foi creado o tribunal do *Proto-medicato*, o *papel-moeda* e o *papel-sellado*.

—

1801—Vide o anno 1736.

—

1801—(30 de novembro)—Nasce n'esta cidade, José Ferreira Pinto Basto, que falleceu na sua quinta da Fója, em 26 de junho de 1875. (Vide vol. 5.º, pag. 523, col. 1.ª)

—

1803—Institue-se a *Academia Real de Marinha e Commercio, da Cidade do Porto*, com aulas de philosophia, mathematica, commercio, nautica, desenho, inglez e francez. (Vide o anno 1755.)

—

1804—Vide os annos de 1736 e 1755.

—

1806—(15 de agosto)—A communicação entre a cidade do Porto e Villa Nova de Gaia fazia-se antigamente por meio de barcas, de construcção adequada ao transporte das diversas mercadorias.

A instancias das auctoridades d'aquella cidade, o governo mandou construir uma ponte de madeira sobre barcas, ligadas com amarras de ferro; e abriu-se ao transito publico a 15 de agosto de 1806, dia de Nossa Senhora do Pilar, que se venera e festeja no templo da Serra do Pilar.

Esta ponte, porém, a 20 de março de 1809, por occasião da entrada do general Soult, no Porto, partiu-se e submergiu-se em parte no Douro, com 4:000 individuos que fugiam da cidade. Os primeiros que poderam então alcançar a praia de Villa-Nova, tinham deixado abertos os alçapões da ponte, para evitar a perseguição dos francezes, e os que lhes succederam ignoravam essa circumstancia.

Por isso todos os annos, a 29 de março, sáe em procissão a irmandade de S. José das Taipas, e acompanhada de muitos padres se dirige áquelle local, para suffragar pellas *Almas da ponte*.

—

Mais tarde, incendiada a ponte, construiu-se outra de melhor plano, e com mais solidez; mas, em consequencia das cheias periodicas do Douro, todos os annos tinha de ser desarmada mais de uma vez, para se evitar que a corrente a levasse; e ahi ficava interrompida a communicação entre as duas margens do rio.

Para evitar este mal, lembrou-se o governo de mandar construir uma ponte pensil.

—

Em 1837 fez o governo um contracto com o sr. Claranges Lucotte, para uma empreza de construcção da estrada de Lisboa ao Porto, e de uma ponte sobre o rio Douro, na cidade do Porto, segundo o systema de suspensão em ferro, etc. E esse contracto, approvado por carta de lei de 7 de abril, foi ratificado por escriptura de 5 de maio do mesmo anno.

A empreza Claranges Lucotte & C.ª, apresentou para as obras da ponte dois projectos, dos quaes nenhum foi levado á execução. O primeiro d'esses projectos, elaborado pelos engenheiros Mellet e Bigot, adaptava-se ao prolongamento da rua de S. João, do Porto, e á rua direita de Villa-Nova-de-Gaia.

Ouvido sobre o assumpto o fallecido inspector geral das obras publicas do reino, Luiz da Silva [1] Mousinho de Albuquerque, concordou em que a ponte seria construida pelo lado superior do local onde estava a outra, uns 80 metros.

—

A 2 de maio de 1841 foi lançada a primeira pedra; em 4 de janeiro de 1843, fez-se a primeira experiencia com pipas cheias de agua, enfileiradas aos lados, experiencia que durou dezeseis horas, sem que se notasse

[1] Aliás da Silveira.

a mais pequena alteração; e a 17 de fevereiro d'esse mesmo anno, foi a ponte aberta definitivamente ao serviço publico.

A ponte é de bella construcção e elegante perspectiva.

Eleva-se 10 metros sobre o rio, tem de comprimento 170m,14 e de largura 6m, com passeios aos lados, de largura de 1m cada um; e descança sobre quatro obeliscos de pedra, de 18m de áltura, dois de cada lado.

Sobre estes obeliscos, ligados superiormente por uma lamina de ferro, na qual se lê: «D. Maria II — 1842», e tudo tambem com pequenas laminas de ferro fundido, os nomes dos engenheiros e dos emprezarios, são coroados por capiteis de ordem dorica, em que descançam acroterios sustentando espheras de bronze de 1m,1 de diametro.

O pavimento da ponte está suspenso de oito amarras, quatro por banda, feitas com duzentos e vinte fios de ferro cada uma. Os fios não são torcidos, estendem-se inteiros de lado a lado, reunidos em fórma cylindrica, por ligaduras tambem de fio de ferro muito rijo. E essas amarras, passando por cima dos obeliscos, vão entrar em poços abertos verticalmente na rocha viva, com a profundidade de 8m do lado da cidade e de 14m do lado da villa. Cada amarra pésa seis mil kilogrammas.

As guardas dos lados são feitas de troncos quadrados de carvalho, de 1m,50 de comprimento, dispostas em cruz e solidamente pregadas ao solho da ponte.

O panorama que se gosa do meio da ponte, quer se olhe para o nascente, quer para o poente, é magnifico.

—

Como a construcção da ponte foi feita por uma companhia, esta percebia os rendimentos da ponte, que resultam do preço da passagem dos transportes, vehiculos. etc.

Os preços são de 5 réis cada pessoa; 20 réis cada cavallo; e 200 réis cada carruagem. (De noite é o dobro.)

O contrato terminou em 1876, tomando o governo conta da ponte.

—

(Extrahido do *Diario Illustrado.*)

—

1807—Vide o anno 1819.

—

1807—O commercio, a agricultura, a industria e as artes, prosperavam no Porto e seus arredores, e a actividade e amor ao trabalho, dos seus habitantes, a tinham tornado uma cidade florescentissima; mas a ambição, a prepotencia e a má fé de Napoleão I, lançaram Portugal em um abysmo de desgraças.

Buonaparte, e Carlos 4.º, de Hespanha, exigem que Portugal feche os seus portos aos inglezes; que lhes sequestre as suas propriedades, e os prenda. O governo do principe regente (depois D. João 6.º) consente na primeira condição, porém recusa annuir á segunda e terceira.

Napoleão e Carlos 4.º, assignam em 27 de outubro, o tratado secreto, de Fontainebleau, pelo qual excluiam do throno portuguez a casa de Bragança, e Portugal, do mappa das nações.

Junot, com 30:000 francezes, e 15:000 hespanhoes, invade Portugal, sem prévia declaração de guerra, e sob o pretexto de nos virem *libertar* do jugo britannico; mas só com o fim de nos reduzirem á nullidade, e de se apoderarem da familia real.

Junot chega á villa d'Abrantes, a 24 de novembro, e o principe regente, tendo noticia d'este escandaloso attentado contra o direito das gentes, e tendo o seu exercito em pessimo estado de organisação e força, toma a triste resolução de fugir para o Brasil, com toda a côrte, abandonando os portuguezes ás atrocidades inauditas das hordas napoleonicas. Em 26, nomeia uma coisa a que chamou *conselho da regencia*, para governar o reino durante a sua ausencia. Este conselho, que era composto de cinco membros, tomou conta do governo, logo no mesmo dia 26; mas, apenas governou tres dias; porque Junot, logo que chega, principia a legislar em nome de Buonaparte, sem fazer caso dos governadores.

A 27, embarca toda a familia real e a côrte, e a 29 sáe a barra de Lisboa—entrando n'esta cidade, e logo no dia 28, Junot e os seus esfarrapados e descalços soldados; de modo que o principe regente e os seus companhei-

ros na fuga, assistiram de bordo, á entrada *triumphal* dos soldados de Buonaparte. (Vide 4.º vol, pag. 115, col. 2.ª)

A esquadra que levou esta gente para o Brasil, constava de oito náus de guerra e varias outras embarcações de menor lote, que chegaram ao Rio de Janeiro, em cuja bahia quasi todas apodreceram.

Em 13 de dezembro, entra no Porto o capitão-general da Galliza, D. Francisco Taranco, com os 15:000 hespanhoes de que fallei, e n'este mesmo dia é arriada a bandeira portugueza em todos os castellos e estabelecimentos publicos, sendo substituida pelo ingnobil *Dindon*.[1]

Logo a 19 de dezembro, e por ordem de Junot, são sequestradas todas as propriedades, moveis e immoveis, dos inglezes.

A 22 do mesmo mez de dezembro, é *licenceado* o exercito portuguez.

—

1808—(1.º de fevereiro)—Junot organisa em Portugal uma *regencia* em nome de Buonaparte, que se intitula *Imperador dos francezes, rei de Italia e protector da confederação do Rheno, etc., etc.*

Junot fez-se presidente da tal regencia da qual nomeou *vogaes*, quatro... *portuguezes* —o conde da Ega, D. Francisco Raphael de Castro, o conde de S. Payo, e Pedro de Mello Breyner.

Esta *regencia*, estreia-se, logo no dia 1.º de fevereiro, publicando o *decreto* de Napoleão, que impõe a Portugal um tributo de *100 milhões de francos* (16:000 contos de réis — ou 40 milhões de cruzados!)

O exercito portuguez é desarmado e mandado para França.

Varios fidalgos são intimados para hirem tambem para França, e bastantes para lá marcharam expontaneamente a prestar homenagem a Napoleão!

«..... tambem dos portuguezes,
Alguns traidores, houve, algumas vezes.»

—

Buonaparte prende á traição o rei Carlos 4.º, e a familia real de Hespanha; pelo que, os hespanhoes se levantam contra os francezes, e D. Francisco Taranco, com a sua divisão, abandona o Porto em 6 de junho, e marcha para Castella, a unir-se ás tropas do seu paiz.

Logo a 18 de junho, os portuenses secundam o grito de liberdade dado pelos transmontanos, acclamando a autonomia e independencia de Portugal, a rainha, D. Maria I, e o principe regente, tomando armas contra os invasores da sua patria.

As águias de Bonaparte são arriadas das nossas fortalezas, e as sagradas *Quinas* de Portugal fluctuam ovantes, por quasi todo o reino.

A 19 do referido mez, fórma-se no Porto a *Junta suprema do governo do reino.*

O exercito portuguez reorganisa-se. Os inglezes vêm em nosso auxilio, e a *convenção de Cintra* (30 de agosto) obriga a sahir de Portugal o impio Junot e as suas hordas, carregados de roubos, e deixando este reino completamente devastado.

—

1809 — Quasi sete mezes esteve Portugal livre da oppressão, rapacidade e tyrannias dos escravos de Napoleão; mas este, desespedo pelo mau successo das suas armas, na Peninsula Iberica; manda Soult (que elle havia intitulado *duque de Dalmacia*) sobre Portugal, com um exercito de 30:000 homens.

Soult, depois de ter derrotado na Galliza, o exercito anglo-hispanico, e tomado Corunha, a 20 de janeiro, fazendo embarcar os inglezes (que perderam o seu general Moore) occupa a cidade de Tuy, em 20 de fevereiro. Atravessa o rio Minho, em frente da nossa praça de Vallença, e occupa Braga, a 20 de março.

—

O Porto estava defendido por 24:000 homens, commandados pelo seu bispo; mas a maior parte d'esta gente consistia em milicianos, ordenanças (guerrilhas) e voluntarios, todos sem instrucção militar, e quasi todos indisciplinados. Tambem havia 200 bôcas de fogo, mas pessimamente servidas. A cidade estava cercada por uma linha de

[1] *Dindon* (perú) é o nome que, por escarneo, se dava á aguia de Napoleão.

trincheiras, com alguns reductos, mas tudo feito á pressa, e, por consequencia, de quasi nenhum valor para a defeza; jámais, contra tropas acostumadas á guerra, bravas e rigorosamente disciplinadas.

Soult apresenta-se á frente da cidade, e dá o primeiro ataque no dia 27 de março, sendo rechaçado. O mesmo lhe acontece no dia seguinte; mas, no dia 29, a falta d'armas, a má direcção da defeza, e sobretudo, a falta de munições em muitos pontos, obriga os defensores da cidade a abandonarem as trincheiras, e a retirarem em desordem, para a margem esquerda do Douro, levantando o alçapão da ponte de barcas que dava ingresso á cidade.

A maior parte da população do Porto, abandonou a cidade, seguindo o caminho da tropa; mas, na precipitação da fuga, e ignorando que a ponte estava cortada, cahiu ao rio um grande numero de pessoas, de todos os sexos e idades, que se calcula em cinco mil.

Quarenta e cinco dias estiveram os francezes senhores do Porto, durante os quaes roubaram tudo a quanto poderam lançar as garras, tanto nas egrejas e mosteiros, como em outros edificios publicos e particulares.

O exercito luso-anglo, ás ordens do immortal Sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington) marcha sobre o Porto, d'onde expulsa os francezes, em 12 de maio.

Os alliados perseguem o inimigo, com tanto arrôjo, que a 17 d'este mez se viu Portugal, pela segunda vez, livre d'esta praga terrivel, qne nos deixou até 26 de agosto de 1810.

Foi n'este anno que D. Francisca Paula da Conceição Grelho e Sousa, mulher do dr. José Teixeira de Sousa, fundou o recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José, das *Meninas desamparadas, do Postigo do Sol.* (Vide 6.º vol. pag. 581, col. 1.ª)

—

1810—(19 de fevereiro)—O principe regente, assigna, no Rio de Janeiro, dois tratados de paz, alliança e commercio, com a Grã-Bretanha, que feriram mortalmente o commercio e a industria de todo o reino, em geral, e do Porto em particular.

N'este mesmo anno, de 1810, o general francez Massena invade Portugal, pelo Riba-Côa (Beira-Baixa) com um exercito de cento e vinte mil homens, e nos toma a praça de Almeida, cujas fortificações tinham voado, com a explosão do paiol da polvora, em 27 de agosto.

Estes invasores tiveram varias escaramuças com as nossas tropas; mas, em 26, 27 e 28 de setembro d'este anno de 1810, foram os francezes derrotados nas gloriosas batalhas do Bussaco; e, depois de varias alternativas — quasi sempre desastrosas para o inimigo — é Massena, e os seus, expulsos de Portugal, para sempre; entrando em territorio hespanhol, a 4 de abril.

N'esta campanha teve o Porto a ventura de escapar ás crueldades dos *jacobinos*, porque a guerra se localisou nas provincias do sul, do reino.

—

1816 — Principia a abertura da *rua* que vae da do Rosario a alamêda de Maçarellos. Chamou-se, até 1832, *Rua de D. Miguel Primeiro*, e depois *Rua da Restauração*; nome que ainda conserva.

—

1817—D. Antonio d'Amorim, manda construir, na *Praça-Nova*, hoje *Praça de D. Pedro* — os paços do senado da camara do Porto.

É um edificio bastante modesto, para a segunda capital do reino. Tem sobre o timpano a estatua, de pedra, de um guerreiro, representando o Porto. Tem na mão direita uma lança, e a esquerda descança sobre um escudo, com as armas da cidade.

Em 1868 a camara comprou uma grande casa, immediata, para ampliar o edificio; mas, até hoje, ainda não principiaram as obras.

No seu cartorio, ha documentos originaes do seculo XIII.

O seu livro das vereações, da era 1424 de Cesar (1390 de Jesus Christo) é de papel de algodão — o primeiro que se fabricou em Portugal, d'esta materia

—

1819—(2 de maio)—Abre-se o testamento *de mão commum*, feito por Francisco Anto-

nio Rebellier e por sua mulher, Ignacia Maria. e por esse testamento é fundado o *recolhimento de Nossa Senhora das Dores*, das viuvas pobres, hoje chamado—*do Camarão*, por ficar no largo d'este nome.

Os testadores lhe deram *regimento*; e entregaram a sua administração, á Santa Casa da Misericordia—e, se esta não quizesse acceitar — á ordem terceira de S. Francisco; depois, á ordem terceira do Carmo — e depois, á do Terço e Caridade.

Principiou este recolhimento, da seguinte maneira:

Os fundadores, com dinheiro seu, e com esmolas que sollicitaram, instituiram, em 1807, na viella então chamada *das Oliveiras* —e hoje—de *Nossa Senhora das Dores* (em attenção á padroeira da capella) um recolhimento, para viuvas, velhas e desamparadas, que não tivessem abrigo. Construiram um dormitorio, com 16 camas—uma sala, para refeitorio — e uma capella, para se dizer missa ás recolhidas.

Em 27 de maio de 1843, João Pereira Baptista Vieira Soares, então administrador do bairro de Santa Catharina, deu novo regimento a este instituto; mas, por alvará do governador civil, de 14 de outubro de 1867, foi novamente entregue a administração do recolhimento á Santa Casa.

As *velhas do Camarão* foram transferidas para o novo edificio, construido modernamente na rua d'antes chamada—*do Regato*, e hoje—*das Fontainhas*—onde tambem estão as *velhas da Cordoaria*, as *entrevadas*, os *lazaros* e as *lazaras;* mas tudo em casas separadas uma das outras por paredes divisorias.

O edificio do antigo recolhimento, é ao fundo do largo do Camarão, e á entrada da viella de Nossa Senhora das Dores. Fica na rectaguarda do *recolhimento das orphãs de S. Lazaro*, e proximo do passeio publico do mesmo nome.

Está hoje abandonado.

Em 1872, alguns especuladores, alugaram-o á Santa Casa, para n'elle estabelecerem uma casa de *bailes populares*; porém, o governador civil, não lhes deu a indispensavel licença, e continuou, portanto, a ficar deshabitado.

1820—(24 de agosto)—Tem logar no Porto a revolta que acclama a (futura) *constituição*, por isso chamada *de 1820*.

A guarnição militar da cidade constava dos — regimentos de artilheria n.º 4, dos de infanteria n.ºs 6 e 18, da *guarda real da policia do Porto* (que eram tres companhias de infanteria e uma de cavallaria) e dos regimentos de milicias do Porto e da Maia.

Estes corpos reuniram-se no vasto *Campo de Santo Ovidio* (ao qual, desde 1834, por este facto, se deu o nome de *Campo da Regeneração.*)

Formaram aqui, pelas cinco horas da manhã, e, depois de acclamarem a constituição, que se havia de fazer, ouviram missa, que lhes disse o capellão do regimento de artilheria n.º 4, em um altar, levantado no centro do campo.

Ao erguer a sagrada hostia, todos juraram, com grande enthusiasmo, defender a constituição proclamada, ao som de uma salva de 21 tiros de artilheria.

—

Os cidadãos que promoveram esta revolução, foram:

Manuel Fernandes Thomaz, desembargador da relação do Porto.

José Ferreira Borges, advogado.

José da Silva Carvalho, juiz dos orphãos do Porto.

João Ferreira Vianna, negociante.

Estes quatro individuos, tinham formado a associação de 22 de janeiro de 1818, já com o fim de proclamarem uma constituição. Depois, se lhes reuniram mais:

Duarte Leça, proprietario; em 10 de fevereiro de 1818.

José Maria Lopes Carneiro, proprietario; no mesmo dia.

José Gonçalves Santos Silva, negociante; em 3 de maio do mesmo anno.

José Pereira de Menezes, advogado; em 6 de julho do mesmo anno.

Francisco Gomes da Silva, medico do exercito; em 26 de maio de 1820.

João da Cunha Sotto-Maior, desembarga-

dor da relação do Porto, no mesmo dia, mez e anno.

José de Mello e Castro d'Abreu, coronel de milicias do Porto; em 5 de junho do mesmo anno.

José Antonio Xavier d'Araujo; em 22 do mesmo mez e anno.

Bernardo Correia de Castro Sepulveda, coronel do regimento de infanteria n.º 18, no mesmo dia.

Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento, tenente-coronel de infanteria n.º 6; no mesmo dia.

José Pereira da Silva Leite Berrêdo, tenente-coronel da guarda real da policia do Porto; no mesmo dia.

José de Sousa Pimentel de Faria, major do regimento de milicias do Porto; no mesmo dia.

José Pedro Cardoso da Silva, major do regimento de milicias da Maia; no mesmo dia.

Tiburcio Joaquim Barrêto Feio, ajudante do regimento de milicias da Maia; no mesmo dia.

—

Fórma-se no Porto uma commissão, denominada *Governo provisorio*, composta dos seguintes individuos:

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, coronel de milicias — presidente.

Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, coronel de infanteria — vice-presidente.

Membros

Bernardo Correia de Castro Sepulveda, coronel de infanteria.

Manoel Fernandes Thomaz, desembargador da relação do Porto.

João da Cunha Sotto-Maior, idem.

João Pedro d'Andrade Brederode, deão da Sé do Porto.

Pedro Leite de Mello, fidalgo da casa real.

Francisco de Sousa Cyrne de Madureira, idem.

Frei Francisco de Sousa, monge benedictino.

Francisco José de Barros Lima, negociante.

José Manoel de Sousa Ferreira Castro, proprietario.

Roque Ribeiro Abranches Castello Branco, proprietario.

José Joaquim Ferreira de Moura, bacharel em direito.

Secretarios

José da Silva Carvalho.
José Ferreira Borges.
Francisco Gomes da Silva.

—

Os militares que nas provincias annuiram logo á revolução, foram:

Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, (depois visconde do Peso da Regua) marechal, e governador das armas da provincia do Minho.

Antonio Lobo Teixeira de Barros, coronel de infanteria n.º 9.

Francisco Antonio Pamplona Moniz, coronel de caçadores n.º 11.

Antonio Barrêto Pinto Feio, tenente-coronel das milicias da Feira.

Além de outros mais de menor importancia politica.

—

As tropas da guarnição, assim como as do Minho, e Traz-os-Montes, annuem á revolução.

Pede-se a convocação das côrtes, o regresso de D. João 6.º (que ainda estava no Rio de Janeiro com a familia real) e a expulsão dos officiaes inglezes, do exercito portuguez.

A *regencia do reino* (em Lisboa) nomeada pelo rei—proclama ao povo, contra a revolução do Porto, e dá algumas outras—insignificantes—providencias.

As tropas revoltadas marcham sobre Lisboa. A *regencia*, manda o conde de Barbacena, com uma divisão, contra aquellas, mas não passou de Leiria; porque, tendo logar a revolução, em Lisboa, á 15 de setembro, no sentido da do Porto, as tropas do governo são mandadas recolher á capital.

A *regencia* é dissolvida, organisando-se em seu logar uma *Junta do governo do reino.*

São convocadas as côrtes dos Tres Estados do reino.

O *Governo provisorio*, do Porto, pretende dominar exclusivamente a situação: mas, por fim, veiu a um accordo com a *Junta do governo*, de Lisboa, e, no 1.º de outubro, de ambos estes corpos, se escolheram individuos para a formação da *Junta provisional do governo supremo do reino.*

Esta junta ficou composta de homens animados de bons desejos, e bons patriotas, mas não estavam á altura da missão espinhosa de que os encarregaram.

O conde de Palmella (depois marquez, e por fim duque do mesmo titulo) que foi por muitos annos a alma do partido liberal — dizia d'esta junta: «O que distingue esta revolução, como a mais asnatica de que se conserva memoria, é o não ter objecto algum, e limitar-se a tirar do governo tres ou quatro homens mediocres que n'elle se achavam, para os substituir por outros que taes, ou ainda peores.»

Todo o exercito portuguez annuiu de bom grado a esta resolução, para não ser governado por officiaes estrangeiros; pois que, desde o tempo do marechal Beresford, quasi todos os officiaes superiores do nosso exercito eram inglezes.[1]

A maior parte do povo portuguez, como o governo continuava a ser monarchico, na dynastia de Bragança—como os *Tres Estados* eram convocados, segundo a antiga pratica — como a religião catholica apostolica romana continuava a ser do estado—e, como esta revolução não teve perseguições, mortes e atrocidades, appendice desgraçado de quasi todas as convulções politicas—annuiu facilmente á mudança de cousas: apenas alguns nobres se recusavam a prestar juramento á constituição; mas dos titulares, que estavam em Portugal, só a não quizeram jurar, os condes de Palmella e de Linhares.

O marechal Beresford, vae ao Rio de Janeiro, na esperança de D. João 6.º annullar todos os actos praticados pela junta provisional do governo supremo do reino; mas é intimado pelo governo para não desembarcar; pelo que se dirige a Londres, sem voltar a Portugal.

Os officiaes inglezes são excluidos do exercito nacional.

O governo (a junta) adoptando como norma a constituição hespanhola de 1812, muda de programma, e em vez das *côrtes dos Tres Estados*, que havia promettido, ordena que se convoquem *côrtes geraes extraordinarias e constituintes*—as quaes se abrem, em Lisboa, a 26 de janeiro de 1821, assumindo poderes soberanos e denominando-se — *Soberano e augusto congresso nacional;* e, logo a 31, publicou um decreto para que o *poder executivo* fosse exercido pela *Regencia do reino, em nome d'el-rei, o sr. D. João 6.º*

O rei, os principes e a côrte, juraram, no Rio de Janeiro (26 de janeiro de 1821) a *constituição que as côrtes ainda hão de fazer*, em Lisboa!

No mesmo dia, o rei declara que regressa.

As côrtes mandam jurar as bazes da constituição, em 29 de março; mas o patriarcha recusa-se a prestar este juramento, pelo que é desterrado para o Bussaco, e de lá para França.

Este patriarcha, era D. frei Patricio da Silva, nascido na casa do *Camarnal*, da aldeia dos Pinheiros, actual freguezia de Marrazes, provincia de Leiria.

Foi o 7.º cardeal-patriarcha de Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 279, col. 1.º)

Em 21 de abril do mesmo anno de 1821, teve logar, no Rio de Janeiro, a revolução que pedia uma constituição similhante á hespanhola, de 1812.

Esta revolta foi principiada pela tropa

[1] Todos os generaes do nosso exercito, todos os commandantes dos corpos, e grande numero de officiaes, eram inglezes. Os portuguezes, ou estavam em commissões, ou ás ordens dos inglezes, ou em outros quaesquer empregos, sob especiosos motivos, que os separassem do exercito.

portugueza, do commando do brigadeiro *Carreti*.

D. João 6.º annuiu a esta revolta; mas, logo no dia seguinte (22 d'abril) ha uma contra-revolução, que annullou tudo o que se fizera na vespera. O rei annue a isto! (Estava por tudo!...)

N'este mesmo dia, o rei entrega o governo do Brasil ao sr. D. Pedro, com o titulo de *principe regente, e logar-tenente d'el-rei, no governo provisorio do reino do Brasil*— emquanto se não publicasse a constituição.

Nomeia, tambem n'esse dia, um ministerio, para governar com o principe; e, logo a 25, embarca com a familia real (menos o sr. D. Pedro e sua familia) e no dia 26 se faz de véla para Portugal, chegando a Lisboa a 3 de julho.

As côrtes prohibem o desembarque de alguns individuos do sequito do rei, sendo um d'elles o conde de Palmella.[1]

Logo no dia immediato (4 de julho) o rei, perante as côrtes, ratifica o juramento de fidelidade á constituição (que ainda estava por fazer!) e tomando conta do governo (do *poder moderador*) dissolve a regencia e fórma novo ministerio.

A 15 de setembro do mesmo anno (1821) o rei e os infantes vão ao Rocio, lançar a primeira pedra no monumento constitucional.

A provincia de S. Thomé e Principe (Africa) tinha proclamado *as bazes* da constituição, em 9 de julho; e a cidade de Gôa faz a mesma proclamação, a 16 de outubro.

O sr. D. Pedro, tendo grandes desintelligencias com o general, Jorge d'Avilez, pede (21 de setembro) licença ao rei e ás côrtes para regressar ao reino, demittindo-se da regencia do Brasil.

As côrtes dissolvem a regencia do Brasil (29 de setembro) mandando que o principe recolha ao reino, e nomeando, em logar da regencia, *governos provisorios*.

Em 9 de novembro, as côrtes annullam as promossões que o rei havia feito no exercito, em 24 de julho.

[1] A 10 de julho, permittiu-se o desembarque d'estes individuos, sob a condição de hirem residir a 20 leguas de Lisboa.

Em 24 de novembro, mandam-se tropas a reforçar as do Brasil—e, em 9 de dezembro, se mandam generaes, para o governo das armas das differentes provincias brasileiras.

N'esse mesmo dia (9 de dezembro) recebe o sr. D. Pedro o decreto das côrtes, que o manda recolher ao reino, e no dia seguinte, o principe escreve a seu pae, dizendo que *hia cumprir as ordens do soberano congresso*, e entregar o governo do Brasil; porém, a 9 de janeiro de 1822, muda de parecer, declarando que fica no Brasil, apesar das insistencias de Jorge d'Avillez, para que elle cumprisse as ordens do rei e das côrtes.

Os brasileiros oppõem-se á sahida do principe, havendo grandes tumultos e desgraças no Rio de Janeiro (11 e 12 de janeiro.) O sr. D. Pedro arma os brasileiros contra as tropas portuguezas, e manda intimar Jorge d'Avillez para ir com as suas tropas para a Praia-Grande, e d'alli os obriga a marcharem para o reino, o que fizeram a 15 de janeiro.

> Jorge d'Avillez portou-se, n'esta conjunctura, como um portuguez leal; mas faltou-lhe a energia — porque — com 4 mil homens do general Lecor, com os tres batalhões que estavam no Rio de Janeiro, com um que estava na Bahia, e com outro que estava em Pernambuco — tinha forças mais que sufficientes para conter em respeito os brasileiros.
>
> Mas tinha de ser. O Brasil havia de—mais dia, menos dia — saccudir a tutella da mãe patria; porque, na verdade, era quasi um contrasenso ser a *colonia* muito mais vasta e florescente do que a *metropole*.
>
> Nada mais digo a similhante respeito, para me não chamarem miguelista...

O que foi feito da constituição chamada *de 1820*, e das mais—vae nos annos competentes, no artigo Lisboa.

—

1822—(6 de março)—As *peças d'ouro*, que até então valiam 6$400 réis, passam a valer 7$500 réis.

—

Para o mais que pertencer á historia de Portugal, vide 4.º vol., pag. 116 e seguintes; porque, n'este logar, só escreverei o que se refere, com mais especialidade, á cidade do Porto.

—

1828—(22 de fevereiro)—O sr. D. Miguel desembarca em Lisboa, [1] e, em sessão real extraordinaria, presta o juramento prescripto na carta constitucional, a 26 do dito mez, tomando posse do governo, n'esse mesmo dia, e nomeando novo ministerio, que ficou assim constituido:

Ministro assistente ao despacho — Duque de Cadaval.

Reino—o desembargador, José Antonio de Oliveira Leite de Barros (depois feito conde de Basto, pelo sr. D. Miguel.)

Marinha e Ultramar — interinamente — o mesmo doutor, Leite de Barros.

Justiça—Luiz de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendonça.

Fazenda—conde da Louzã, D. Diogo.

Guerra—conde de Villa-Real.

Estrangeiros—interinamente, este conde.

A 3 de março do mesmo anno, o sr. D. Miguel recompõe o ministerio, entrando para a

Guerra—o conde de Rio-Pardo

Estrangeiros—(effectivo) o conde de Villa-Real.

No mesmo dia, refórma o conselho de estado, sendo nomeados para elle: o marquez de Bórba, D. Francisco Alexandre Lobo (bispo de Vizeu) e o principal Freire.

A 13 de março, são dissolvidas as côrtes, e é nomeada uma commissão, para propôr uma nova lei de eleições, segundo a carta, *mas guardando os usos e costumes da nação portugueza.*

[1] Tinha embarcado em Porthsmouth (Inglaterra) com destino a Portugal, em 9 de fevereiro.

O conde de Villa-Real, sáe do ministerio, e é substituido pelo visconde de Santarem.

Em 29 e 30 de março e 25 de abril, embarcam para a Grã-Bretanha as tropas inglezas, que sob o commando do general Clinton, tinham vindo, em 1826, para Portugal, em defeza da *carta* e da regencia da sr.ª infanta, D. Isabel Maria.

Tambem no dia 25 de abril, o sr. D. Miguel deixou de assignar os actos, em nome de seu irmão.

Os regimentos do *commercio*, atiradores e artilheiros nacionaes de Lisboa, são dissolvidos, a 14 de maio.

Revolução militar do Porto

A 16 de maio, d'este anno de 1828, teve logar n'esta cidade a revolta militar. Uma das causas d'ella, foram as *desligações* de muitos officiaes do exercito liberal, feitas pelo conde do Rio-Pardo, ministro da guerra.

(As *desligações* correspondiam, pouco mais ou menos, ao que hoje se denomina *disponibilidade.*)

Os revoltosos nomeiam uma

JUNTA PROVISORIA, DO PORTO, EM NOME DO SR. D. PEDRO IV

Alguns corpos das provincias do norte, annuem á revolução do Porto, e a *junta* organisa alguns batalhões.

O governo realista, reune tropas, chama ás armas todas as praças de pret que tinham recebido baixa desde 1820, e cria 52 batalhões de *voluntarios realistas.*

Em 28 de maio, um batalhão do regimento de infanteria n.º 20, que estava de guarnição em Tavira, annue á revolução do Porto, proclamando a carta constitucional.

No dia seguinte, faz o mesmo, em Almeida, o regimento de infanteria n.º 15.

Em 27, o general Palmeirim consegue que as praças de pret, do batalhão revolucionado, de infanteria n.º 2, abandonando os officiaes, torne a entrar na obediencia do governo do infante regente.

N'esse mesmo dia, na cidade de Angra (Ilha Terceira) as auctoridades, o batalhão de caçadores n.º 5 e o povo, acclamam rei de Portugal, o sr. D. Miguel.

—

As tropas liberaes deixam uma pequena guarnição no Porto, e avançam para Lisboa, fazendo a acclamação da carta, em Coimbra, Condeixa-Nova, Soure, e Pombal, parando n'esta ultima villa.

As tropas *realistas*[1] sáem da capital, em busca dos liberaes, e chegam a Leiria e Thomar.

Toda a costa, desde o Porto até á Fígueira, estava occupada pelos liberaes; porém, no interior, apenas tinham o terreno que pisavam, além da praça d'Almeida, que tambem tinha guarnição liberal.

Nas provincias do Minho e Traz-os-Montes, estava tudo pelo partido do sr. D. Miguel.

O general das armas, do partido do Porto, era Gabriel Antonio Franco de Castro (vide Riba de Ancora)—das do Minho, D. Alvaro da Costa e Souza de Macêdo (depois, conde da Madeira)—de Traz-os-Montes, Gaspar Teixeira (visconde do Peso da Régua)—da Beira-Alta, Agostinho Luiz da Fonseca — e da Beira-Baixa, o visconde de S. João da Pesqueira.

[1] Sublinhei a palavra *realista*, porque, toda a tropa que ficou obediente ao governo do sr. D. Miguel, fazia parte do exercito liberal até fevereiro d'este anno. O exercito realista (as tropas do marquez de Chaves) ainda estava emigrado, desde 7 de março de 1827, dia em que entravam em Hespanha, por Villarinho; regressando a Portugal, sómente em agosto de 1828.

O exercito (a divisão) do general Silveira (marquez de Chaves e conde de Amarante) compunha-se dos batalhões de caçadores 1, 4 e 7 — e dos regimentos de infanteria 5, 7 (quasi todo) 11, 14, 17, 19 (parte) e 24 — cavallaria 4 (parte) 9 e 12. — Além d'estes corpos, havia contingentes de quasi todos os outros, com os quaes, o marquez formou *batalhões provisorios*. Não havia regimento completo de artilheria; mas, umas poucas de baterias, formadas dos que tinham annuido, de todos os regimentos.

As milicias foram mandadas para sua casa.

Havia ainda uma *divisão ligeira*, no Minho e Traz-os-Montes, commandada pelo visconde de Santa Martha.

As tropas do Sul, denominadas *exercito de operações*, estavam sob as ordens do general Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, que commandava a vanguarda. A 1.ª divisão, era commandada pelo visconde de Souzel—a 2.ª, pelo conde da Alhandra—a 3.ª, pelo visconde de S. João da Pesqueira — e a 4.ª, pelo visconde do Peso-da-Régua.

Note-se que no exercito realista, só havia então, de 1.ª linha—infanteria n.º 8, 12 e 16 — um batalhão de infanteria n.º 9, parte do 21, e o regimento n.º 22—cavallaria n.º 6 e parte do n.º 9, além dos contingentes—parte de caçadores n.º 6, o batalhão n.º 8, e o 1.º e 2.º de *provisorios* (os chamados, das baixas).

A maior parte, pois, das tropas realistas, se compunha de milicias e voluntarios realistas, organisados á pressa.

—

O marquez de Palmella, os condes da Taipa, e de Villa-Flôr, os generaes Saldanha, Stubbs, e outros, que estavam emigrados em Inglaterra, desembarcam em Mattosinhos e chegam ao Porto, em auxilio dos liberaes.

—

O batalhão de caçadores n.º 5, conhecido por liberal, na restauração, fôra mandado para a Ilha-Terceira, em 1823, como deportado. Depois de fazer a acclamação do sr. D. Miguel, a 27 de maio, d'este anno de 1828 (como já disse) *reconsiderou*, e a 22 de junho, acclama a carta constitucional. Algumas das auctoridades que assignaram o *auto* de 27 de maio, assignaram o 22 de junho.

A Ilha da Madeira acclama tambem a carta constitucional.

—

O exercito liberal, sabendo da aproximação do realista, retira do Pombal, e occupa Condeixa-Nova e Coimbra.

As avançadas dos dois partidos encontram-

se na villa de Éga, onde ha uma escaramuça, no dia 23 de junho.

Na madrugada do dia seguinte, o general Póvoas ataca os liberaes, junto a Sernache, e estes retiram até á Cruz dos Moronços (vol. 2.ª, pag. 453, col. 2.ª) onde houve um renhido ataque.

Os liberaes retiram para Coimbra, onde se conservam até á noite de 25, fugindo então precipitadamente, em direcção ao Porto, abandonando muita da sua artilheria, armamento e munições de guerra.[1]

Na madrugada de 26, entra em Coimbra o exercito realista, mas sáe logo em perseguição dos liberaes.

Os generaes, Saldanha, Stubbs e conde de Villa-Flôr, tomam o commando das tropas liberaes.

O general Póvoas avança para o Norte. Os liberaes fazem-se fortes nas formidaveis posições do Marnel e Ponte do Vouga, depois de terem recebido reforços, do Porto. Póvoas os ataca, nos dias 28 e 29 de junho. Os liberaes sustentam o ataque do primeiro dia, mas, no segundo, são desalojados das suas terriveis posições, e retiram, tomando novas posições em Grijó, d'onde tambem foram desalojados, tendo de fugir para o Porto, ficando o seu dominio reduzido a esta cidade e arredores, e á praça d'Almeida, que de nada lhes servia, porque nunca poderam conseguir o pôr-se em communicação com ella, que estava cercada por forças contrarias.

—

Na noite de 2 para 3 de julho, Saldanha, Palmella, Villa-Flôr, Taipa, Stubbs, os membros da junta revolucionaria, e outros cabeças da revolta, mettem-se a bordo do vapor inglez *Belfast*, e fogem para Londres, abandonando as tropas que tinham instigado para se revoltarem.[2]

O exercito liberal, abandonado pelos seus chefes, sáe do Porto, na mesma noite, em direcção á Galliza.

A 3 de julho, o senado da camara do Porto manda participar ao general Póvoas, que a cidade estava abandonada pelos liberaes. Os realistas a occupam logo no mesmo dia 3, á vista do *Belfast*, que ainda não tinha sahido a barra.

É digno de notar-se que — sendo as forças realistas compostas, na sua maxima parte, de tropas irregulares, observaram, na entrada e occupação do Porto, a mais rigorosa disciplina, não havendo o mais leve desaguisado.

É por isso que a cidade, grata ao cavalheiroso comportamento do general Póvoas, lhe fez uma verdadeira ovação quando elle aqui entrou, a unir-se ás forças da junta, no principio de junho de 1847.

Os realistas (deixando guarnição no Porto) marcham para a provincia do Minho, em perseguição das tropas fugitivas, que marchavam na maior desordem, como era de esperar de soldados sem chefes; e, demais, já acossados pelas tropas realistas do Minho.

Todo o batalhão de caçadores n.º 6, commandado só por sargentos, e grande numero de praças de pret de outros corpos, apresentam-se aos realistas.

—

A guarnição da praça d'Almeida, que tinha acclamado o sr. D. Miguel, em março, acclama o sr. D. Pedro, em 27 de maio. Vendo perdidas as suas esperanças de triumpho, com a fugida dos seus generaes, e com a retirada das tropas da junta, torna a accla-

[1] Mas não deixaram os presos por *crimes politicos* (realistas) que levaram comsigo, ferindo e matando alguns pelo caminho. Entre o numero dos mortos, conta-se o padre Raymundo, velho septuagenario, que assassinaram na Mealhada. Tambem maltrataram muitos dos habitantes das povoações por onde passaram.

[2] Tal e qual como alguns officiaes da guarnição cartista do castello de Vianna do Minho, em maio de 1847 — como Sá da Bandeira (14 de junho do mesmo anno) em Setubal, abandonando os seus soldados, e fugindo para um navio inglez—e, finalmente, como o marechal Saldanha, em abril de 1854, abandonando os batalhões de caçadores 1 e 5, parte de infanteria 7 e alguns soldados de cavallaria, nas serras da Beira, e fugindo para Galliza, por Lobios. (Vide *Portella do Homem*.)

mar o sr. D. Miguel, em 6 de junho; porém, o general realista, Agostinho Luiz da Fonseca, commandante das forças sitiantes, regeitou esta segunda acclamação, admittindo-lhe sómente o render-se á discripção, para lhe aproveitar o indulto de 18 de junho; o que teve logar a 16 de julho. O governador da praça, era o brigadeiro *Mira*.

—

As tropas liberaes, depois de perderem mais de 5:000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros, desde o combate da Cruz dos Morouços, passam a Portella do Homem, em 9 de julho, e entram na Galliza, por Lóbios.

No dia seguinte, o general Bahia (visconde de S. João da Pesqueira) mandou os seus ajudantes d'ordens, com officios, ás auctoridades hespanholas, para que lhes fossem entregues todas as armas, munições e mais objectos militares dos fugitivos; mas, tendo grande parte d'estes inutilisado as suas armas, chegaram estas a Portugal em pessimo estado.

Ainda da Galliza, muitos officiaes e soldados liberaes regressaram á patria, para gosarem o indulto; porém, os mais compromettidos, embarcaram para as ilhas da Madeira e Terceira, e para França ou Inglaterra.

—

Em 14 de julho, o tristemente célebre José Antonio d'Oliveira Leite de Barros (futuro conde de Basto) ministro do reino, do sr. D. Miguel, nomeia uma alçada, para o Porto, com a incumbencia de julgar os liberaes mais compromettidos na revolta de 16 de maio.[1]

Leite de Barros, era um homem sanguinario. Sendo auditor-geral do exercito, na guerra da Peninsula, por pouco não o fuzilou todo!

O sr. D. Miguel nunca se devia lembrar de similhante individuo para tal emprego.

De mais a mais, os individuos que mais se tinham distinguido na revolta de maio, estavam em paizes estrangeiros, fóra do alcance das vinganças dos seus inimigos.

Em 23 de agosto, o sr. D. Miguel I, concede bandeiras de distincção ao batalhão de caçadores n.º 8 (depois, *regimento de caçadores da Beira-Baixa*, um dos corpos mais bravos e disciplinados do exercito realista)[1] —e ao *regimento* de milicias d'Aveiro, pelo seu valor, nas acções da Cruz dos Morouços, Marnel e Ponte do Vouga.

A bandeira dos caçadores tinha a legenda seguinte, extrahida dos *Lusiadas*:

VENCEREI, NÃO SÓ ESTES ADVERSARIOS,
MAS QUANTOS AO MEU REI FOREM CONTRARIOS

A das milicias, dizia (tambem versos de Camões)

E VEREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE,
SE SER DO MUNDO REI, SE DE TAL GENTE

—

Em 22 de agosto, o coronel (depois tenente general) José Antonio d'Azevedo e Lemos, desembarca na Ilha da Madeira, que faz entrar na obediencia ao partido realista.

O coronel Luiz Godinho Valdêz, governador liberal da ilha, fugiu para bordo de um navio inglez, hindo depois reunir-se ás tropas liberaes da Ilha Terceira. Tambem chegou depois ao posto de tenente general.

Foi tambem em agosto d'este anno, que a tropa realista, emigrada em Hespanha (a di-

[1] Mas todos os mais decretos d'esse tempo (dois de 18 e dois de 28 de agosto) com respeito a alçadas, em todo o reino, foram referendados pelo ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, Luiz de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendonça.

[1] Quando em 1834, o governo do sr. D. Miguel I decretou que, dos quatro regimentos de caçadores, se formassem 12 batalhões, — formou este regimento tres batalhões — sendo a 1.ª, 3.ª e 5.ª companhias (com bandeiras, estado-maior e musica) para formar caçadores n.º 3 — 2.ª, 4.ª e 6.ª, caçadores n.º 4 — e 7.ª e 8.ª, caçadores n.º 11. — O auctor d'esta obra, que era da 5.ª companhia, ficou pertencendo a caçadores n.º 3, até 16 de maio de 1834, dia em que ficou ferido e prisioneiro na *batalha da Aceisseira*.

visão do marquez de Chaves) regressou a Portugal, tomando o logar que lhe competia no exercito.

—

Duas fragatas brasileiras conduzem do Rio de Janeiro (d'onde sahiram a 5 de julho) com destino a Lisboa, a sr.ª D. Maria da Gloria, princeza do Grão-Pará (depois, rainha —segunda do nome) para casar com seu tio, o sr. D. Miguel I.

Os navios arribaram a Gibraltar (2 de setembro) onde estavam alguns emigrados liberaes, que conseguiram mudar o rumo (e o destino) da princeza, hindo para Londres, onde estavam os mais importantes personagens do partido liberal—em vez de vir para Lisboa.

Foi uma grande desgraça para Portugal, causada, não pela sr.ª D. Maria da Gloria—innocente creança de pouco mais de nove annos—[1] nem por seu pae, nem por seu tio; mas por quem desejava a guerra civil, que foi origem de tantos infortunios.

Se se effectuasse o casamento d'esta senhora com seu tio, findava o pretexto principal da guerra fratricida, e não se mancharia a historia nacional com as atrocidades commettidas por ambos os partidos, desde 1828... até hoje.

—

Em 27 de setembro, o sr. D. Pedro I, imperador do Brasil, e o seu governo, declaram ao encarregado dos negocios de Portugal, no Rio de Janeiro, para o fazer sciente ao ministro dos negocios estrangeiros da sua nação, que — *apesar das mudanças ultimamente occorridas em Portugal, as relações commerciaes e de mutuo interesse para ambos os paizes, continuavam, sem interrupção alguma, e que o mesmo encarregado seria admittido para tratar na côrte brasileira, de tudo quanto pertencesse áquellas relações, que subsistiriam na conformidade do tratado de 29 de agosto de 1825.*

—

Os liberaes da Ilha Terceira; e os emigrados que se lhes reunem, formam alli o

Governo provisorio, em nome da sr.ª D. Maria II

Mas, a população da ilha, sendo, na sua maxima parte, realista, armou guerrilhas contra os liberaes; o que deu causa ás maiores atrocidades d'estes, que chibatavam e assassinavam muitos paisanas, e lhes sequestravam as suas fazendas.

—

1829—(7 de maio)—Dia que marca uma das paginas mais negras da nossa historia.

Os juizes da alçada, de execranda memoria, por accordo de 9 de abril d'este anno, haviam condemnado dez liberaes a pena de morte, na forca (o que se executou na *Praça Nova*, do Porto—hoje *Praça de D. Pedro*—sendo-lhes depois cortadas as cabeças, que foram expostas, n'esta cidade, na Feira, em Aveiro, e em Coimbra) treze a degredo para a Africa e a India (sendo quatro, de mais baixa condição, condemnados a açoites, que soffreram a 16 de junho.)

Note-se que — algumas das testemunhas que mais depozeram contra estas infelizes victimas, se fizeram, depois de 1834, encarniçados liberaes, e foram os mais crueis perseguidores dos realistas.

Os dez desgraçados que n'este dia de eterno horror pagaram com a vida as suas convicções politicas (e alguns as inimisades particulares!) foram os seguintes:

Bernardo Francisco Pinheiro, capitão de ordenanças, natural do logar das Ayras, freguezia de S. Jorge, no concelho da Feira.

Clemente da Silva Mello Soares e Freitas, juiz de Fóra da Feira, natural d'Aveiro.

Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, desembargador da casa da Supplicação.

Francisco Silverio de Carvalho, fiscal dos tabacos, natural d'Aveiro.

Joaquim Manoel da Fonseca Lobo, tenente coronel do batalhão de caçadores n.º 11, natural do Porto.

Este homem nunca foi liberal. Quando cahiu a constitui-

[1] Tinha nascido a 4 de abril de 1819, e tinha então nove annos e cinco mezes.

ção, em 1823, era major de caçadores n.º 4; e tendo, no alto mar, e a bordo do *Grão-Canôa* (onde vinha o batalhão) noticia—por uma escuna portugueza—da acclamação de D. João 6.º, como rei absoluto, dá voz de preso (!) ao tenente coronel [1] e faz a acclamação, mandando calcar aos pés dos soldados, os laços azues e brancos e substituil-os pelos azues e encarnados. [2].

Tanto se não julgava cumplice, que nem quiz fugir para a Inglaterra, nem emigrar para a Galliza, com o seu batalhão, e se deixou ficar no Porto, onde foi preso, a 15 de dezembro de 1828. [3]

José Antonio de Oliveira da Silva Barros, empregado do tabaco, natural do Porto.

José Maria Martiniano da Fonseca, bacharel em direito, natural da Ilha da Madeira.

Manoel Luiz Nogueira, juiz de fóra de Aveiro, natural do Porto.

Victorio Telles de Medeiros, tenente coronel do regimento de milicias da Louzã, natural da freguezia de Ceira, concelho de Coimbra.

[1] Era José Julio de Carvalho, que, em 1829, foi julgado como ausente, sentençeado á morte, como se declara na relação competente.

[2] Foi uma pura comedia. A bordo não havia outros laços, nem sóla para se fazerem. Os laços liberaes, depois de calcados aos pés e *deshonrados*, se recolheram em baldes, e foram levados ao porão, onde a côr branca foi coberta como uma camada de *rôxo-rei*, e assim, com a *casaca virada*, tornaram a ser collocados nas barretinas!

[3] Consta-me que este desgraçado declarára no oratorio, que não morria por liberal, mas que merecia a morte, por ter commettido dois assassinos; e é certo que, estando caçadores 4 em Castro-Marim (1822) appareceu morto um *soldado-grave*, do batalhão, — e estando este em Tavira (1824) se achou assassinado um official inferior, de infanteria 14, e ambas estas mortes foram attribuidas a Fonseca Lobo, por causa de namoros.

Antonio Bernardo de Brito e Cunha, contador da real fazenda, natural do Porto.

—

Ainda, em 9 de outubro d'este anno de 1829, foram enforcados, na Praça-Nova, do Porto, dois infelizes—foram:

Clemente de Moraes Sarmento, sargento de caçadores n.º 10, natural de Aveiro.

João Ferreira da Silva Junior, filho familia, natural d'Albergaria-Velha.

—

Todas as sentenças d'estas 12 victimas, declaravam que — ficavam *exauctorados e privados de todas as honras, privilegios e dignidades de que gosavam, e condemnados a que, com baraço e pregão, fossem levados pelas ruas publicas do Porto, até ao largo da Praça-Nova, e na forca que na mesma se havia de levantar, morressem enforcados, sendo-lhes depois cortadas as cabeças, para se affixarem em um alto póste, nos logares do delicto.*

Foram tambem condemnados á confiscação de todos os seus bens.

—

Foi condemnado, (por sentença de 9 de julho de 1830) na confiscação de todos os seus bens, e em degredo perpetuo, para o presidio de Quelimane, com pena de morte, se voltasse ao reino; dando primeiro tres voltas em redor da forca, levantada na Praça-Nova (o que cumpriu em 25 de setembro do mesmo anno.)

Thiago Antonio Xavier d'Azevedo, proprietario, natural da freguezia de Guiães, concelho de Villa-Real.

—

Foram açoitados

João Antonio Teixeira Tórga, trabalhador, natural de Sanfins, concelho d'Alijó.

A sentença é de 9 de julho de 1830.—Em cumprimento d'ella, foi condemnado em degredo perpetuo, para a ilha de S. Thomé (Africa) com pena de morte, se voltasse a este reino; sendo primeiramente açoitado pelas ruas publicas da cidade do Porto, e

dando tres voltas á róda da forca, levantada na Praça-Nova, e confiscação de todos os seus bens.

Foi açoitado e deu as voltas em redor da forca, em 25 de setembro de 1830.

—

Luiz Luzano, caixeiro, natural da praça de Vallença.

A sentença é de 9 de abril de 1829.—Em cumprimento d'ella, foi a victima exautorada, sendo privada de todas as honras, privilegios e dignidades de que gosava; e condemnada a que, com baraço e pregão, fosse levada pelas ruas publicas da cidade do Porto, ao largo da Praça-Nova, onde, na forca, que ahi se havia de levantar, morresse enforcado, sendo-lhe depois cortada a cabeça, para ser exposta, por tres dias, em um alto póste, no logar do delicto; e, além d'isto, na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Esta sentença lhe foi intimada a 4 de maio, e subiu logo ao oratorio. No dia 6, por via de embargos, foi-lhe commutada aquella pena, na de açoites, pelas ruas publicas do Porto, e em trabalhos de galés, por toda a vida.

Foi açoitado no dia 16 de junho do mesmo anno de 1829.

—

Polycarpo José da Silva Pessoa, negociante, natural da freguezia de Lanhellas, concelho de Caminha.

A sentença é de 25 de novembro de 1829. Foi condemnado a ser açoitado pelas ruas publicas do Porto, e, depois, hir degredado por toda a vida, para Caconda (Africa) com pena de morte, se voltasse ao reino, e na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Foi açoitado em 3 de agosto de 1830.

—

Samuel Safarty, negociante, natural de Marrócos (Africa) e residente no Porto.

A sentença é de 9 de abril de 1829. Foi condemnado a ser açoitado pelas ruas publicas do Porto, em trabalhos nas galés, por toda a vida, e na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Foi açoitado em 16 de junho do mesmo anno.

—

Assistiram ás execuções de 7 de maio de 1829

Francisco Antonio de Abreu e Lima, corregedor d'Aveiro, natural da cidade de Vianna.

A sentença é de 9 de abril, do dito anno. Foi condemnado na exautoração, e privado de todas as honras, privilegios e dignidades de que gosava, e a que, com baraço e pregão, fosse levado pelas ruas publicas, do Porto, até ao largo da Praça-Nova, e na forca, que ahi se havia de levantar, morresse enforcado; sendo-lhe depois cortada a cabeça, para se affixar em um alto póste, no logar do delicto. Foi mais condemnado na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Foi-lhe intimada a sentença em 4 de maio, e subiu logo ao oratorio.

Em 6, por via de embargos, foi aliviado da pena de morte, e condemnado a hir assistir ás execuções que se haviam de fazer no dia 7; sendo depois degredado por toda a vida, para o presidio das Pedras-Negras (Africa) com pena de morte, se voltasse ao reino.

Foi assistir ás execuções do dia 7.

—

José Ferreira Pestana, ajudante do observatorio, natural de Coimbra.

A sentença é de 9 de abril. Foi condemnado a assistir ás execuções de 7 de maio, e, depois, degredado por toda a vida, para Angola, com pena de morte se voltasse ao reino, e no confisco e perdimento de todos os seus bens.

Foi assistir ás execuções do dia 7.

—

Manuel José Peixoto, cirurgião, natural de Oliveira d'Azemeis.

A sentença é de 9 de abril. Teve uma condemnação egual á antecedente, menos o degredo (tambem perpetuo) que foi para uma das possessões do Estado da India.

Assistiu ás execuções do dia 7.

—

Victorino José da Silva Teixeira de Quei-

roz, capitão do regimento de milicias de Penafiel, natural de Bayão.

A sentença é de 9 de abril de 1829. Teve uma condemnação egual ás antecedentes, sómente o degredo (perpetuo) foi para Benguella.

Assistiu ás execuções do dia 7.

—

Assistiram ás execuções
de 9 de outubro de 1829

Adriano Augusto da Silva Pereira, estudante, natural de Monção, morador em Valença do Minho.

A sentença é de 18 de setembro do dito anno. Teve uma condemnação egual ás antecedentes, sendo o degredo perpetuo para uma das possessões do Estado da India.

Assistiu ás duas execuções do dito dia 9.

—

José de Sousa Bandeira, escrivão do civel, natural de Guimarães.[1]

A sentença é de 18 de setembro do dito anno. Foi condemnado a assistir ás duas referidas execuções, e hir depois degredado por toda a vida para o presidio de *Pungo-Adongo* (Africa) com pena de morte, se voltasse a este reino; e na confiscação e perdimento de todos os seus bens.

Assistiu ás duas execuções do dia 9.

—

Foi condemnado a dar tres voltas
á roda da forca

Jeronymo Dias d'Azevedo, academico, natural de Podentes, concelho de Penella, comarca de Louzan.

A sentença é de 9 de julho de 1829. Foi condemnado na confiscação de todos os seus bens, e em degredo perpetuo para Benguella, com pena de morte se voltasse ao reino — dando primeiramente tres voltas em redor da forca da Praça-Nova.

[1] Depois de 1834, foi escrivão de uma das varas do Porto, e tornou-se celebre, como redactor do *Artilheiro*, do *Periodico dos Pobres*, e, por fim, como proprietario e redactor do *Braz Tizana*, jornaes todos publicados no Porto.

No dia 25 de setembro do dito anno, deu as voltas em roda da forca.

—

Foi condemnado a assistir
a uma execução
(mas não assistiu)

Manuel Teixeira Leonil, bacharel em leis, natural de Lamego.

A sentença é do 1.º de junho de 1829. Foi condemnado a hir, com baraço e pregão, assistir á execução de um liberal, que havia de ser enforcado na Praça-Nova, por sentença exarada no mesmo processo; e, depois, hir degredado, por toda a vida, para o presidio de Caconda (Africa) com pena de morte, se voltasse a este reino, e na confiscação de todos os seus bens.

Não assistiu á execução, porque o infeliz que havia de ser enforcado, embargou, conseguindo que a pena lhe fosse commutada em degredo perpetuo, para a Africa.

—

Note-se que muito poucas sentenças de degredo se cumpriram, estando os presos nas cadeias, d'onde sahiram, á medida que as terras onde estavam presos foram occupadas por forças liberaes.

—

Liberaes que foram sentenciados
á morte, e cuja pena se não cumpriu,
por estarem ausentes do reino

Marquez de Palmella, natural de Lisboa.

A sentença é de 21 de agosto de 1829.

(Foi seu defensor e curador nomeado, o bacharel Francisco Alves de Mattos.)

Foi exautorado e privado de todas as honras, privilegios e dignidades de que gosava n'este reino, do qual o haviam por desnaturalisado; foi comdemnado a que, com baraço e pregão, fosse conduzido pelas ruas publicas do Porto, até á Praça-Nova, e ahi, em um alto cadafalso, morresse de morte natural, de garrote. E, depois de lhe ser decepada a cabeça, que seria pregada em um alto póste, na estrada de Mattosinhos (onde tinha desembarcado) ficando exposta, até que o tempo a consumisse — *fosse o corpo, e o cadafalso, reduzidos, pelo fogo, a cinzas, que*

seriam lançadas ao mar, para que d'elle e de sua memoria, não houvesse mais noticia; e, além d'isto, na confiscação e perdimento de todos os seus bens. E, porque se achava ausente, foi pronunciado, e havido por banido, e se mandou ás justiças, que appellidassem contra elle toda a terra, para ser preso, ou para que, todo e qualquer do povo o podesse matar livremente, sabendo que era o proprio banido, e não sendo seu inimigo.

—

Conde de Sampaio (Manuel.)

A sentença é da mesma data da antecedente, e teve o mesmo defensor, e a mesma condemnação.

—

Conde da Taipa.

Teve o mesmo defensor, e a mesma sentença, datada do mesmo dia.

—

Conde de Villa-Flôr.

A sentença é da mesma data, e teve o mesmo defensor e egual condemnação.

—

D. Philippe de Sousa Holstein.

A sentença é da mesma data, teve o mesmo defensor e egual condemnação.

—

João Carlos de Saldahha de Oliveira Daun (depois duque de Saldanha.)

A mesma condemnação, por sentença de egual dia, e com o mesmo defensor.

—

Alexandre Marcellino de Maia e Brito, tenente coronel do regimento de infanteria n.º 6.

A sentença é de 18 de setembro de 1829, e foi seu defensor o bacharel, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

Teve a mesma condemnação, menos a cabeça espetada no poste da estrada de Mattosinhos.

—

Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, desembargador da relação do Porto, e natural d'esta cidade.

A sentença é de 25 de novembro de 1829, e foi seu defensor, o bacharel, Antonio Cyro Pinto Osorio.

Teve a mesma condemnação do antecedente.

—

Antonio Correia Leitão, major do regimento de infanteria n.º 18.

A sentença é de 18 de setembro de 1829, e foi seu defensor, o bacharel, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

Teve identica condemnação.

—

Antonio da Costa e Silva, major do regimento de artilheria n.º 4.

Sentença da mesma data, o mesmo defensor e a mesma condemnação do antecedente.

—

Antonio Hypolito da Costa, tenente general.

A sentença é de 25 de novembro de 1829. Foi seu defensor, o bacharel, Antonio Cyro Pinto Osorio.

A condemnação antecedente.

—

Antonio José da Silva Paulete, coronel de engenheiros.

A sentença é da mesma data, com o mesmo defensor, e a condemnação antecedente.

—

Barão de Rendufe, natural do Porto.

A sentença é de 21 de agosto de 1829.— Defensor, Francisco Alves de Mattos.

A mesma condemnação, sendo-lhe, de mais a mais, a cabeça espetada em um alto póste, na estrada de Mattosinhos, onde estaria até que o tempo a consumisse.

—

O barão de Rendufe, desforrou-se d'esta condemnação, *in mentem*, na sessão da camara dos deputados, de 28 de março de 1834, mandando para a mesa uma *proposta*, com dois artigos:

1.º—Para fazer applicar ao sr. D. Miguel I, as penas da Ord. do L. 5.º, tit. 6.º. como *traidor á nação* (1)

2.ª — Que o mesmo senhor, fosse desde logo privado da prestação de sessenta contos annuaes, estipulados na con-

venção d'Evora-Monte. (Prestação que nunca houve tenção de dar-lhe, pois, até o ministro, Agostinho José Freire, disse em plenas côrtes, que nunca houve tenção de se cumprirem as estipulações da tal convenção.)

—

Candido José Xavier, tenente coronel de caçadores.

A sentença é da mesma data antecedente, e teve o mesmo advogado, e a mesma condemnação.

—

Christiano Nicolau Copek, negociante, natural do Porto.

A sentença é de 25 de novembro do mesmo anno. Defensor, Antonio Cyro Pinto Osorio.

Teve a mesma sentença, menos o ter a cabeça exposta na estrada.

—

Duarte Guilherme Ferreira, coronel de artilheria n.º 4.

A sentença é de 18 de setembro do mesmo anno. Defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

Egual condemnação.

—

Francisco da Gama Lobo Botelho, coronel do regimento de cavallaria n.º 12.

A sentença é da mesmo data; teve egual defensor, e condemnação identica.

—

Francisco José Pereira, coronel de infanteria n.º 6.

A sentença é da mesma data; teve o mesmo defensor e egual condemnação.

—

Francisco de Paula d'Azeredo, marechal de campo, natural de Lamego. (Foi depois primeiro conde de Samodães.)

A sentença é de 21 de agosto do mesmo anno. Defensor, Francisco Alves de Mattos.

Identica condemnação, accrescendo mais ter a cabeça em um péste, na estrada de Mattosinhos, onde desembarcára, até que o tempo a consumisse.

—

Francisco de S. Payo, tenente do exercito.

Sentença da mesma data, e teve o mesmo defensor.

Egual comdemnação; mas a morte não seria de garrote, porém na forca, que se havia de levantar na Praça-Nova.

—

Francisco Saraiva da Costa Refoyos, brigadeiro, natural da Guarda.

A sentença é de 17 de dezembro de 1830.

Teve egual condemnação, menos a exposição da cabeça.

—

Francisco Zacharias Ferreira d'Araujo.

A sentença é de 21 de agosto de 1829, e foi seu defensor, Francisco Alves de Mattos.

A mesma condemnação, e mais com exposição da cabeça, na estrada de Mattosinhos. (Mas morria enforcado.)

—

Henrique da Silva da Fonseca, coronel de infanteria n.º 18.

A sentença é de 18 de setembro de 1829. —Defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

A mesma condemnação, menos a exposição da cabeça; mas morria garrotado.

—

João da Costa Xavier, capitão do exercito.

A sentença é de 21 de agosto do mesmo anno.—Defensor, Francisco Alves de Mattos.

A mesma condemnação, accrescendo a exposição da cabeça, na estrada de Mattosinhos, e ser enforcado.

—

Joaquim Antonio de Magalhães douctor em leis.

A sentença é de 25 de novembro de 1829. —Defensor, Antonio Cyro Pinto Osorio.

A mesma condemnação, menos a exposição da cabeça, e teria morte de garrote.

—

Joaquim José de Queiroz, desembargador da relação.

(Na carta d'editos, está *José Joaquim de Queiroz*, mas na relação, está Joaquim José de Queiroz).

A sentença é da mesma data do antecedente. O mesmo defensor.

Identica condemnação.

—

José Baptista da Silva Lopes, tenente coronel do regimento d'artilheria n.º 4.

A sentença é de 18 pe setembro de 1829. Defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

Egual sentença.

—

José de Barros e Abreu, tenente-coronel de cavallaria n.º 12.

A sentença é da mesma data, e teve o mesmo defensor.

Egual condemnação.

—

José Joaquim Gerardo de S. Payo, desembargador da relação do Porto, e natural da mesma cidade.

A sentença é de 25 de novembro do mesmo anno, de 1829. — Defensor, Antonio Cyro Pinto Osorio.

Egual condemnação.

—

José Julio de Carvalho, tenente-coronel de caçadores n.º 10.

A sentença é de 18 de setembro de 1829, e foi seu defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

A mesma condemnação.

—

José Maria de Sousa, capitão, commandante, de caçadores n.º 6.

A sentença é da mesma data, e teve o mesmo defensor.

Egual condemnação.

—

José Victorino Barreto Feio.

A sentença é de 21 de agosto do mesmo anno. Defensor, Francisco Alves de Mattos.

Egual condemnação; mas a morte seria na forca.

—

Manuel Alexandrino Pereira da Silva, major de infanteria n.º 18.

A sentença é de 18 de setembro. Defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

A mesma condemnação; porém a morte seria de garrote.

—

Manuel Anionio Vellez Caldeira, desembargador da relação do Porto, e natural da mesma cidade.

A sentença é de 25 de novembro. Defensor, Antonio Cyro Pinto Osorio.

A mesma condemnação.

—

D. Manuel da Camara, tenente de infanteria n.º 14, natural de Lisboa.

A sentença é de 21 de agosto de 1829. — Defensor, Francisco Alves de Mattos.

A mesma condemnação, mas accrescia ter a cabeça exposta na estrada de Mattosinhos.

—

Manuel Joaquim Barreto Praça, capitão de cavallaria.

Sentença da mesma data, e teve o mesmo defensor.

Identica condemnação, mas a morte seria na forca.

—

Manuel José Mendes, major do exercito.

A sentença é da mesma data, e com o mesmo defensor.

Identica condemnação.

—

Miguel Correia de Mesquita, major de caçadores n.º 11.

A sentença é de 18 de setembro. Defensor, Gaudencio Xavier de Carvalho e Silva.

A mesma condemnação, mas a morte seria de garrote, e sem exposição da cabeça na estrada de Mattosinhos.

—

Pedro Antonio Rebôcho, major de caçadores n.ª 10.

A sentença é da mesma data, e teve o mesmo defensor, e egual condemnação.

—

Rodrigo Pinto Pizarro, coronel de cavallaria; natural de Sabrosa, concelho de Villa-Real.

A sentença é de 21 de agosto, e foi seu defensor, Francisco Alves de Mattos.

A mesma sentença, mas aggravada com o

ser a morte na forca, e ter a cabeça em exposição na estrada de Mattosinhos.

—

Rodrigo Pinto Pizarro, foi um dos mais bravos officiaes do exercito portuguez, e um dos homens mais honrados, leaes e energicos do partido liberal.

Pertencendo, em 1830, ao partido da *opposição* (depois chamado *setembrista*, e por fim —*patuleia*) não quiz (por dissenções com o sr. D. Pedro, Villa-Flôr e outros) acompanhar o exercito liberal, na sua invasão de 8 de julho de 1832; deixando-se ficar em Paris, para onde tinha emigrado, e d'onde escreveu contra a regencia d'aquelle principe.

Só appareceu em Lisboa, depois de terminada a guerra civil.

O sr. D. Pedro, mandou-o prender (28 de junho de 1834) e, no acto da prisão, vociferou contra o principe e seus ministros.

Depois da morte do sr. D. Pedro, foi Pizarro eleito deputado, e depois ministro.

Em 22 de setembro de 1835, foi feito barão *da Ribeira da Sabrosa*. (Vide *Sabrosa*.)

—

Thomaz Guilherme Stubbs, tenente general.

A sentença é tambem de 21 de agosto, e foi seu defensor o mesmo do antecedente.

A mesma condemnação, mas a morte seria de garrote.

—

Thomaz Pinto Saavedra, tenente de cavallaria.

A sentença é da mesma data, e teve o mesmo advogado.

A mesma condemnação, porém a morte seria na forca.

—

Estas ridiculas sentenças, não foram mais do que um inutil e apparatoso acto de ferocidade, praticado pelos ministros que o toleraram.

As pessoas ausentes na Inglaterra, na França, na Italia, ou na Ilha-Terceira, estavam fóra do alcance da vindicta d'esta gente sanguinaria, que, não podendo perseguir de outro modo os seus inimigos politicos (e particulares...) se desforravam enchendo resmas e resmas de papel, com sentenças cruelissimas, que bem sabiam que jamais passariam do papel.

Não falta quem diga (e talvez com bons fundamentos) que as crueldades praticadas n'este tempo, foram promovidas unicamente para desacreditar o governo do Sr. D. Miguel.

O que é certo, é que eu conheci muitos individuos que, tendo sido cruelissimos perseguidores dos liberaes, desde 1828 até 1834, foram depois encarniçadissimos perseguidores e assassinos dos realistas.

Tambem não sei quantos ministros da truculenta alçada tinham ideias liberaes; mas conheci um (A. T. d'A. C.) que foi sempre liberal; e que mesmo depois de 1834, e estando reduzido a simples advogado d'aldeia, não occultava as suas ideias, e o seu ódio ao Sr. D. Miguel.

—

Devemos tambem notar, que os sanguinarios ministros que condemnaram á morte os 12 desgraçados que foram executados no Porto, escolheram talvez os que menos serviços tinham prestado á revolta de 16 de maio; não se importando com outros que se tinham distinguido n'esta revolta, tão desastrosa para os vencidos como para os vencedores—v. gr.—o brigadeiro, Luiz do Rego, foi para a praça d'Elvas, tendo a cidade por *menagem*.

Os brigadeiros Claudino e Pamplona Moniz, apenas estiveram presos, e o general Pamplona Rangel (visconde de Beire) nada teve que soffrer.

Poderia nomear um sem numero de individuos no mesmo caso, o que não faço, para não fazer este tristissimo artigo mais extenso.

Muitos me teem accusado de miguelista, só porque digo as verdades, e narro os factos como elles aconteceram; apezar de verem que, se divulgo os crimes praticados por liberaes, não encubro os que os realistas cometteram.

O *mote* d'esta obra é—

JUS SUUM CUIQUE TRIBUENS

—

As cabeças dos infelizes que foram executados em 9 de outubro, estiveram tres dias expostas na forca, segundo as sentenças, e ao 3.º, a Misericordia as tirou e mandou enterrar em sagrado.

—

Depois de 1834, os cadaveres das doze victimas, immoladas pelos ferozes ministros da alçada, foram recolhidos em um tumulo commum, que está no pateo da Misericordia (na rua das Flores) em frente da porta da entrada do pateo, e na frente do tumulo se lê a seguinte inscripção:

AQUI JAZEM
AS OSSADAS DOS MARTYRES DA PATRIA
QUE NO PATIBULO, EM PRAÇA PUBLICA,
TERMINARAM SEUS DIAS,
A 7 DE MAIO E 9 DE OUTUBRO
DE 1829.

Todos os annos, a 7 de maio, se fazem na na egreja da Misericordia, sufragios pelas almas d'estes 12 infelizes.

—

A alçada, condemnou:

A pena ultima, de garrote ou forca... 42

(Mas, como acabamos de ver, só 12 d'estas sentenças se executaram; os 30 restantes condemnados estiveram presos por diversas cadeias, onde alguns falleceram, e outros foram libertados pelos fins do anno de 1833, e até maio de 1834.)

A outras diversas penas..... 30

Absolveu, por sentença, ou por lhe approveitar o regio indulto..... 68

Mandou dizer de facto e direito, mas não consta que sentenciasse..... 23

Remetteu para juizos privilegiados.... 3

Mandou citar, para se defenderem, mas não houve mais procedimento.....1:930

Foram presos, em diversas terras do reino 1:474

Somma total de todos os individuos que estiveram presos por liberaes, incluindo os que foram executados.....1:640

—

A alçada condemnou, só por sentença de 9 de abril de 1829, a pena ultima, 23 liberaes, os 10 infelizes que foram justiçados em 7 de maio, e 13 aos quaes foi commutada a sentença, em degredo perpetuo, para diversas possessões portuguezas do Ultramar! Não tinham mãos a medir. [1]

—

O governo do sr. D. Miguel organisou uma expedição, para ir conquistar a Ilha Terceira. Os navios eram commandados pelo chefe d'esquadra, Rosa, e a tropa pelo, então coronel, José Antonio de Azevedo e Lemos.

Esta expedição sahiu de Lisboa a 16 de junho.

Era composta dos batalhões de caçadores n.º 1 e 11—dos regimentos d'infanteria n.º 7 e 16—artilheria, sapadores, etc.

Chegando á ilha de S. Miguel, recebeu ainda os segundos batalhões dos regimentos d'infanteria n.º 1, 13 e 20, e um parque d'artilheria.

A 11 d'agosto, pelas 11 horas e 45 minutos da manhã, fundeou a esquadra realista em frente da Villa da Praia, debaixo do fogo de 5 fortes e 3 baterias, não o podendo fazer calar completamente.

Pelas 4 horas da tarde, o bravo tenente-coronel Azevedo, á frente de 600 homens, salta em terra, levando os liberaes até aos seus intrincheiramentos. Ahi foram feridos mortalmente Azevedo e o major D. Gil Ean-

[1] Peço desculpa aos meus leitores pela extenção d'este artigo; (o da *alçada*) mas, a certeza de não se encontrar em livro nenhum (que eu saiba) a historia tristissima d'estas crueldades, narrada tão individualmente (pelo que tive immenso trabalho em a colligir) — e o desejo que tenho em mostrar a maior imparcialidade nas minhas narrações, me levaram a dar a esta materia mais amplidão do que tencionava.

nes da Costa e Sousa de Macedo (irmão do conde da Madeira e filhos dos condes de Mesquitella.)

A tropa, desanimada por este facto, e não tendo uma reserva, tratou de se abrigar dos fogos do inimigo, nos accidentes do terreno, onde os liberaes a foram procurar, matando uns e aprisionando outros, sem escapar um unico dos que desembarcaram, porque Rosa não quiz mandar as suas barcas e chalupas, recebel-os, o que muito bem podia fazer, ao abrigo da escuridão da noite; mas preferiu commetter a cobardia de abandonar aquelles desgraçados ao furor dos vencedores e fugindo com tal medo das aguas da ilha, que até mandou picar as amarras, sem ser perseguido por um unico navio liberal! Os realistas perderam n'esta sua mallograda empresa, 25 officiaes e 454 praças de pret, sendo a maior parte, prisioneiros.

—

A sr.ª D. Maria da Gloria, embarca em Portsmouth, para o Rio de Janeiro, com sua madrasta, a sr.ª D. Maria Amelia, imperatriz do Brasil, em 30 de agosto.

—

1830.—(16 d'abril) Nasce n'esta cidade, o sr. D. Americo Ferreira dos Santos Silva, actual bispo d'esta diocese.

Estudou em Paris as lettras profanas, no exemplarissimo collegio do celebre padre *Sacra-Familia*.

Concluiu os preparatorios, no Porto, sendo seu mestre, o padre Jeronymo da Costa Rosario, sacerdote tambem de comportamento exemplar.

Formou-se em theologia e recebeu capêllo, na universidade de Coimbra, em 1852, e quatro mezes depois, tomou ordens de presbytero.

Em 1853, já era professor de theologia, no seminario patriarchal de Santarem.

Foi a Roma com o cardeal-patriarcha, D. Guilherme, na qualidade de seu secretario, recebendo então o titulo de *monsenhor*, e o papa Pio IX o nomeou seu camarista secreto, supranumerario.

Em 1858, foi despachado conego capitular, da Sé Patriarchal de Lisboa, e pouco depois, reitor e commissario dos estudos, do districto de Santarem; logar de que pediu a sua exoneração, pelo seu máu estado de saude.

Desempenhou com sollicitude e intelligencia varias commissões, de que foi encarregado, inclusivamente a do governo do patriarchado, tendo por collegas outros dous conegos, durante a ausencia do prelado. Já então o sr. D. Americo era desembargador e juiz da relação ecclesiastica e curia patriarchal.

Em 1869, foi eleito por unanimidade, vigario-capitular do patriarchado, *sede vacante*, por fallecimento do cardeal patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues. (Vol. 4.º pag. 281, col. 2.ª, no fim.)

Exerceu este emprego até 18 de junho de 1871.

Em 23 de dezembro de 1869, foi eleito bispo do Porto, e confirmado pelo Summo Pontifice, Pio IX, em 26 de junho de 1871, sendo sagrado, em Lisboa, em setembro do mesmo anno.

É filho de um negociante dos principaes do Porto, e de uma senhora virtuosissima.

Seu pae, o sr. João Ferreira dos Santos Silva, foi feito 1.º barão de Santos, em 8 de abril de 1850. Teve egual titulo, seu irmão, o sr. João Ferreira dos Santos Silva Junior, em 12 de junho de 1860.

—

N'este mesmo anno de 1830, o Senhor D. Miguel I manda construir, em S. João da Foz do Douro, o asylo dos naufragos *(casa de salva-vidas)* que o governo liberal vendeu por 300$000 réis, em 1835 (tendo custado 6:400$000!)

Depois do horroroso naufragio do vapor *Porto* (29 de março de 1852) o governo *expropriou* esta casa, tendo de dar por ella, ao seu proprietario, 4:200$000 réis! (vol. 3.º pag. 222, col. 2.ª, no fim.)

—

No 1.º de julho d'este anno, a alçada condemna á pena de morte, na forca, a Ignacio Moniz, capitão de milicias de Guimarães, e a perdimento de todos os seus bens.

Moniz, prova com documentos authenticos, ser 28.º descendente do famoso D. Egas Moniz, aio de D. Affonso I (vide *Paço de Sou-*

za) e o sr. D. Miguel, por carta régia, de 16 do mesmo mez de julho, lhe commuta a pena, em degredo perpetuo para a Africa.

—

Dou principio á parte, para mim mais espinhosa, da historia moderna do Porto.

Posto que na confecção d'esta obra, todo o meu empenho seja dizer a verdade, *nua e crua*, seja a favor ou contra qualquer dos partidos politicos em que Portugal se divide ha 57 annos, tenho por muitas vezes, em periodicos liberaes, sido acoimado de *miguelista*.

É porque, os que dizem isto, *nunca leram senão pela sua cartilha*—isto é—julgam, sem ouvir as duas partes, por isso estranham de ouvir narrar os factos de diversa maneira, e como elles na verdade se passaram, e d'aqui nascem as suas queixas injustissimas.

Contarei, pois a historia do cêrco do Porto, desde 1832 a 1834, com rigorosa exactidão, e sem lhe juntar o menor commentario.[1]

—

As provincias brasileiras, do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Matto Grosso, S. Pedro do Sul e outras, tinham recebido os governadores nomeados pelas côrtes (liberaes) portuguezas; porém o Senhor D. Pedro, convoca uma *assembleia constituinte* (3 de junho de 1822) para o Brasil, em opposição á do *Reino Unido, de Portugal, Brasil e Algarve*.

A 24 e 25 de julho (de 1822) as côrtes decretam e o rei sancciona o decreto, que dá por nullos todos os actos do governo brasileiro; determinando que o sr. D. Pedro recolha a Lisboa, sob pena de incorrer nas penas prescriptas na constituição, para o rei ou seu successor, que sahir do reino, sem auctorisação das côrtes.

O sr. D. Pedro, em desforra d'este decreto, declara (1 de agosto de 1822) inimigas, as tropas portuguezas, mandando ás auctoridades brasileiras, *que lhes façam guerra de exterminio*.

[1] Principiarei por narrar, com rapidez, os factos principaes que precederam esta desgraçada guerra civil, para mais facilmente se conhecer a causa porque o sr. D. Pedro se pôz á frente dos liberaes.

A 6 de agosto, do mesmo anno, o sr. D. Pedro faz ás nações um manifesto contra Portugal, no qual (manifesto) era atrozmente calumniada e insultada a nação portugueza.

As côrtes publicam decretos sobre decretos, contra o sr. D. Pedro e os seus partidarios (de que elles não fazem caso nenhum) e alguns deputados fallam com a maior severidade contra o principe.

Em setembro (1822) chega ao Rio de Janeiro a brigada portugueza que hia render a de Avilez (que já tinha sido expulsa). O sr. D. Pedro, não lhe permittiu o desembarque; porém, mandou convidar as praças de pret, para ficarem no Brasil, sob promessa de lhes dar em pouco tempo as suas baixas, e terrenos para cultivarem.

Annuiram 590 a este convite; mas, sabendo que o sr. D. Pedro queria separar o Brasil de Portugal, arrependeram-se de terem acceitado. Então disseram-lhes que o intendente estava auctorisado a passar-lhes guias para o reino, pelo que elles foram todos para a porta d'aquelle magistrado, á espera das suas guias.

Foi então (30 de setembro e 1 de outubro) que o sr. D. Pedro mandou reunir as tropas brasileiras, e chibatar cruelmente, e na sua presença, os 590 portuguezes, morrendo muitos n'este supplicio.

Logo a 12 de outubro do mesmo anno, o sr. D. Pedro acclama a independencia do Brasil, e toma o titulo de *imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brasil*, e a Senhora Dona Maria da Gloria, o de *princeza imperial*, e é declarada, pela constituição brazileira, herdeira presumptiva da corôa do imperio; pelo que deixou o seu titulo de *princeza da Beira*. Nascendo o principe D. Pedro (depois II) muda o titulo para princeza do Grão-Pará, em 2 de dezembro.

As côrtes (portuguezas) continuavam á legislar para o Brasil, como se ainda fosse uma colonia portugueza, e a 17 de dezembro (de 1822) decretam uma *regencia*, para o Brasil!

O sr. D. Pedro, despica-se, decretando *carta de côrso* contra o pavilhão portuguez,

e contra as propriedades, publicas e particulares dos portuguezes, no Brasil e seus mares.

As côrtes declaram rebeldes as provincias brasileiras que obedeciam ao governo do sr. D. Pedro.

No principio do anno de 1823, o Maranhão e outras provincias brasileiras, juram a constituição portugueza e recusam receber ordens do Rio de Janeiro.

O general francez Labatour, ao serviço do sr. D. Pedro, manda fuzilar os soldados portuguezes, e muitos paizanos, chibatar outros, e encheu as enxovias brazileiras de portuguezes, fazendo-os soffrer a fome e outras crueldades.

O governo portuguez manda uma esquadra, composta da nau D. João VI, tres fragatas de guerra, e 22 vasos de differentes lotações (brigues, escunas, charruas e navios de transporte) com 12:000 homens de desembarque, para reconquistarem o Brasil.

Esta divisão embarcou em Lisboa a 7 de janeiro (de 1823) mas, em razão do temporal medonho e grande enchente que então houve, só pôde sahir a barra a 15 do mesmo mez, chegando á Bahia a 2 de abril.

As tropas brasileiras atacaram esta cidade, logo a 3 de maio, e foram rechaçadas, com grandes perdas. Renovaram o ataque a 3 de junho, com o mesmo successo.

Os chefes da expedição (Madeira e João Felix) não recebendo reforços nem mantimentos da metropole, e ainda menos do paiz, decidem, em conselho, retirar para Portugal, o que se faz, a 2 de julho.

A divisão portugueza soffreu grandes privações na Bahia, passando a farinha de páo e carne secca.

Cada *libra* de carne de vacca, custava 800 réis; de toucinho, 480; de farinha de pau, 400; d'arroz, 400. Uma gallinha custava 4$800 e 5$000 réis; um ovo, 100; uma libra de pão 600.

A náo *Cão*, a fragata *Dona Maria da Gloria*, e outros vasos de guerra brasileiros, perseguiram a nossa esquadra, durante os primeiros dias de viagem, e até ás alturas das Ilhas de Cabo-Verde, chegando a prisionar alguns navios mercantes, que abandonaram, depois de os ter desmastreado. Não prisionaram nenhum de guerra.

A nossa esquadra entra no porto de Lisboa, desde 2 até 13 de setembro.

Os generaes de mar e terra, são mettidos em conselho de guerra, por abandonarem a Bahia, tendo forças muito superiores ás do inimigo e muito melhor armadas e disciplinadas.

D. João VI manda uma deputação ao Brasil, com cartas ao sr. D. Pedro, a ver se o reduzia á obediencia. Esta deputação sahiu de Lisboa, a bordo do brigue de guerra, *Voador*, no dia 30 de julho, chegando ao Rio de Janeiro a 17 de setembro; mas o sr. D. Pedro não a quiz receber, nem abrir as cartas de seu pae, e o *Voador* foi julgado *boa prêza*, e ficou no Rio de Janeiro. O conde de Rio-Maior e os outros membros da deputação, a muito custo, poderam conseguir não serem julgados prisioneiros de guerra, e regressaram ao reino, em um paquete mercante.

As tropas portuguezas que estavam no Maranhão, regressam tambem a Portugal, no fim do anno 1823.

Depois de varias peripecias, que seria longo narrar, D. João VI reconhece a independencia do Brasil (reservando apenas para si o titulo de imperador, durante a sua vida) por uma carta de lei, de 21 de novembro de 1825—sem prévia auctorisação das côrtes geraes!

—

D. João VI, morre (*officialmente*) em Lisboa, a 10 de março de 1826. A 6 d'este mez se tinha publicado um decreto do mesmo monarcha, nomeando uma *regencia*, presidida pela sr.ª infanta D. Isabel Maria, para governar o reino, *até que o seu legitimo successor dê as convenientes providencias.*

Se D. João VI declarasse qual dos filhos lhe havia de succeder (ainda que isto tivesse seu tanto ou quanto de absolutismo e illegalidade) quantas desgraças se teriam evitado!...

Esta regencia era composta (além da infanta)—do cardeal-patriarcha de Lisboa (D. frei Patricio da Silva—Vol. IV, pag. 279, col. 1.ª)—do duque de Cadaval, do marquez de Vallada, e do conde dos Arcos.

A sr.ª D. Isabel Maria, em vista da *indifferença* dos membros da regencia, arroga a si o governo exclusivo do reino, sem os consultar.

Manda ao Rio de Janeiro uma deputação, composta do duque de Lafões, do arcebispo de Lacedemonia, e do desembargador Francisco Eleutherio de Faria e Mello, a dar parte ao sr. D. Pedro I, do fallecimento de seu pae. Esta deputação chega ao Rio de Janeiro, a 24 de abril de 1826.

O sr. D. Pedro, declara-se, logo no dia seguinte, rei de Portugal, sob o nome de D. Pedro IV; e a 29 outorga á nação portugueza uma carta constitucional. [1]

A 3 de maio, abdica (*condicionalmente*) a corôa de Portugal, na sr.ª Dona Maria da Gloria, com o nome de Dona Maria II.

A 30 de julho (1826) chega a Lisboa o inglez Stuard, trazendo a carta constitucional.

A regente duvida proclamar a carta, sem auctorisação dos Tres Estados.

O general Saldanha, governador das armas do Porto, insta e ameaça, para que a carta seja proclamada.

Com effeito, a 11 de julho, é o sr. D. Pedro acclamado rei de Portugal, sob o nome de D. Pedro IV, e proclamada a *carta constitucional da monarchia portugueza.*

Quando Stuard trouxe a carta, foi tambem portador do decreto do sr. D. Pedro, que confirmava a regencia em sua irmã—da noticia da abdicação do imperador, em sua filha; e de que elle *ordenava* o casamento d'esta com o sr. D. Miguel.

Dona Isabel Maria, *regente do reino, em nome do sr. D. Pedro IV*, manda prestar juramento á carta, em 31 de julho (1826).

Emquanto as coisas politicas assim corriam em Lisboa, na cidade de Bragança o povo e o regimento de infanteria n.º 24, tinham acclamado (a 26 de julho) o sr. infante, D. Miguel, como rei de Portugal, sob o nome de D. Miguel I.

No mesmo dia do juramento da carta (31 de julho) o povo de Villa-Viçosa, o regimento de cavallaria n.º 2, alli estacionado, e parte do regimento de milicias de Villa-Viçosa, tendo á sua frente, o brigadeiro Antonio Tavares Maggessi, acclamam tambem o sr. D. Miguel, como rei legitimo de Portugal.

Ainda no mesmo dia 31, o regimento de infanteria n.º 17, de quartel em Extremoz, e um parque de artilheria n.º 3, que tambem alli se achava, prestam de manhã o juramento da carta, e de tarde acclamam o sr. D. Miguel como rei legitimo.

Vendo os corpos revoltados que a maior parte do exercito se conservava obediente ao governo da regencia, emigram para a Hespanha, onde D. Fernando VII governava como rei absoluto.

Pouco depois d'estas revoltas (a 12 de setembro) o brigadeiro Bernardo da Silveira, á frente do regimento de infanteria n.º 11, acclama o sr. D. Miguel, na praça d'Almeida.

A 5 de outubro, o marquez de Chaves, com as tropas do seu commando, e o povo de Villa-Real de Traz-os-Montes, fazem a mesma acclamação.

O marquez de Angeja era governador das armas do Algarve, e tinha o seu quartel-general na cidade de Tavira, que era approça do regimento de infanteria n.º 14.

Este corpo, commandado pelo seu major Bernardino Coelho Soares de Moura, [1] e o regimento de milicias de Tavira, acclamam tambem o sr. D. Miguel, n'aquella cidade, a 8 de outubro. O marquez d'Angeja foi convidado por Soares de Moura, mas não quiz annuir á revolta.

No mesmo dia, pelas 11 horas da noute, na praça de Castro-Marim, o batalhão de caçadores n.º 4, commandado pelo seu tenente-coronel, José da Rosa e Sousa, faz a mesma acclamação, e marcha, na manhã do dia se-

[1] A carta constitucional foi redigida, (copiando das constituições francezas, inglezas e hespanholas) por um brasileiro, chamado Francisco Gomes, por alcunha o *Chalaça.*

[1] Era brigadeiro em 1834. A junta do Porto o fez marechal de campo e barão de Freiamunde.

guinte, para Tavira, a unir-se ao regimento n.º 14.

Em 1824, infanteria 14 estava em Lisboa, e caçadores n.º 4 foi de guarnição para Tavira, onde esteve desde 25 de julho d'esse anno, até 14 d'abril de 1825.

O regimento 14, era, na sua quasi totalidade, composto de gente de Tavira e seu termo. Os caçadores, durante os oito mezes e 20 dias que estiveram n'esta cidade, atrahiram contra si o odio implacavel do regimento (por causa de mulheres...) e andavam estes dois corpos a *ferro e fogo*; mas a 9 de julho de 1826, fizeram as pazes, e se tornaram amigos, e companheiros inseparaveis.

Os dois corpos de 1.ª linha, as ditas milicias, e o povo da cidade, fizeram a acclamação do sr. D. Miguel, no dia 9, com as maiores demonstrações de regosijo.

Logo no mesmo dia, marcham estas forças para Faro, contando que se lhes reuniria o regimento de artilheria n.º 2, que alli tinha a sua praça; mas este corpo, entrincheirou as avenidas da cidade, onde postou as suas peças, na intenção de resistir; porém, á aproximação dos realistas, evacuou a cidade, onde estes entraram, fizeram a acclamação, e alli se conservaram até ao dia 11.

N'este dia, marcharam para a praça d'Albufeira, na esperança de se lhes reunir o regimento de infanteria n.º 2; porém este fugiu á aproximação dos realistas.

Vendo José da Rosa e Sousa e Soares de Moura, que a maior parte das tropas do Algarve se conservavam obedientes ao governo de Lisboa, resolveram retirar para a Hespanha, e entraram na cidade de Ayâmonte (sobre a esquerda do Guadiana, e em frente de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio) a 20 de outubro.

—

O governo de Lisboa, manda o batalhão de caçadores n.º 7 reforçar a divisão de Traz-os-Montes; porém este corpo, chegando a Villa Pouca d'Aguiar, revolta-se tambem, (21 de outubro) acclamando o sr. D. Miguel.

Aos corpos completos que tinham feito a revolta realista, se uniram, em muitas localidades, varios contingentes de todas as armas; e tambem generaes, magistrados, capitães-móres, e officiaes de milicias e ordenanças.

Os realistas, contando com a protecção do governo hespanhol, logo que se revoltavam, entravam em Hespanha, para alli, a seu salvo, fazerem as juncções que julgavam necessarias.

As forças realistas do Algarve, Alemtejo, Beira Baixa e Traz-os Montes, faziam já um numero respeitavel; pelo que o governo de Lisboa pede á Inglaterra uma divisão auxiliar, e o governo britannico manda immediatamente pôr em *pé de guerra*, para vir em soccorro dos liberaes portuguezes, uma divisão de 10:000 homens escolhidos, promptos a embarcarem á primeira ordem.

—

O sr. D. Pedro, manda o barão de Villa-Sêcca a Vienna d'Austria, para exigir que o sr. D. Miguel prestasse juramento á carta constitucional, e para que auctorisasse o pedido de dispensa, para o seu casamento com sua sobrinha, a sr.ª Dona Maria da Gloria.

O sr. D. Miguel annuiu a tudo, e prestou o juramento exigido, e os esponsaes se celebraram em Vienna, a 29 de outubro de 1826.

Muito se tem fallado d'este facto, accusando o sr. D. Miguel de prejuro, o que é injustiça. Não o era, se dissessem que este principe fez um juramento *de alçapão*. Elle jurou a carta, é verdade; mas n'esse juramento declarou que o prestava, *sem prejuizo dos seus direitos e dos da nação portugueza*.

Além d'isso, fez logo um *protesto*, salvando os seus direitos; e este protesto foi archivado na chancellaria aus-

triaca, onde existe (ou deve existir).

Em todo o caso, deve confessar-se que os principes da casa de Bragança, não são os que mais se prendem com os seus juramentos; o que é facilimo de verificar, lendo a nossa historia, sobre tudo, a que se refere aos nossos dias.

—

As forças realistas do Algarve, entram em Portugal, por Barrancos (Alemtejo) em 4 de dezembro de 1826.

No dia 6, entram em Mourão, juntando-se ahi ao brigadeiro Maggessi, que tinha sido nomeado general do Alemtejo e Algarve, pelo marquez de Chaves.

Este general trazia comsigo os regimentos de infanteria 17 (2.º d'Elvas) de cavallaria n.º 2, 90 praças de cavallaria n.º 7, que tinha aprisionado em Villa Viçosa, e varios contingentes de diversos corpos, que se lhe tinham reunido.

Ao mesmo tempo, o marquez de Chaves entra por Traz-os-Montes, onde a maior parte das tropas, e quasi toda a população, se *pronunciam* pelo sr. D. Miguel.

A brigada de Maggessi, ao sahir da praça d'Arronches (10 de dezembro) é atacada pelo conde de Villa-Flor, com forças muito superiores, principalmente em artilheria, que foi a unica arma que fez fogo.

Os realistas retiram, sem perderem um só homem, para Hespanha, onde entram, no mesmo dia, pela Cortiçada.

No dia 18 entraram em Portugal, por Val-Verde, proximo ao Sabugal.

As forças do marquez de Chaves, e dos viscondes da Varzea e Molellos, avançam para a Beira.

Uma divisão ingleza, commandada pelo general Clinton, entra em Lisboa, no dia 24 de dezembro, em auxilio dos liberaes.

Nos dias 2 e 3 de janeiro de 1827, na *Ponte da Cabra* (perto de Villa-Mendo, na Beira-Baixa) houve duas acções entre os realistas do Maggessi e os liberaes de Claudino. Aquelles retiram para Infias, com algumas perdas.

Tendo as forças de Maggessi feito a sua juncção com as do marquez de Chaves, na Serra da Estrella, marcham para Coruche, (da Beira-Baixa) onde são atacados pela divisão de Villa-Flor, (9 de janeiro) a qual, depois de tres horas de fogo, obriga a retirar os realistas, para Trancoso, fazendo-lhes alguns prisioneiros.

Felizmente, os mortos e feridos, de ambas as partes, foram em numero diminuto.

Ainda então o odio entre os dois partidos não era tão encarniçado como o foi depois; pelo que a campanha de 1826 e 1827, ainda podia chamar-se *guerra de compadres*.

Os realistas entram em Hespanha, por Val-de-la Mula (Extremadura hespanhola) a 14 de janeiro, deixando em Almeida a sua guarnição, que, vendo-se abandonada, se entrega aos liberaes.

O marquez de Chaves, prenoita com as suas tropas, em Villas Buenas, no dia 16, e a 17, torna a entrar em Portugal, por Freixo de Espada á Cinta.

As tropas liberaes marcham para Traz-os-Montes e Minho. As realistas, marcham sobre o Porto, por Braga.

A divisão ingleza marcha para o norte, chegando a Coimbra.

Os realistas, desanimados com o auxilio inglez, e temendo ainda a vinda de outras divisões britannicas, são batidos em varios recontros, vendo-se obrigados a entrar mais uma vez em Hespanha, por Vilarinho, Abelano e Sant'Anna, a 7 de março, sendo desarmados, no dia seguinte, em Samil.

D'esta vez, não tornaram a fazer novas entradas em Portugal, e foram divididos em diversos *depositos*, e internados em varias provincias de Hespanha, d'onde só regressaram em julho e agosto de 1828.

Nem com a retirada das tropas do marquez de Chaves, para Hespanha, gozou Portugal pleno socego.

O regimento de artilheria n.º 3, e um batalhão de infanteria n.º 8, de guarnição á praça d'Elvas, unidos a muito povo da cidade, acclamam o sr. D. Miguel, a 29 e 30 d'abril.

O general Caula, ataca os revoltosos, com forças muito superiores, e, depois de muito fogo de fusilaria, cargas de cavallaria e descargas de metralha, domina a revolta, fazendo grande numero de mortos e feridos, e ficando o resto (muito poucos!) prisioneiros.

—

O sr. D. Pedro convida o seu irmão a hir ao Rio de Janeiro; mas este, temendo alguma traição, não vae.

O sr. D. Pedro (3 de julho de 1827) nomeia o sr. D. Miguel *seu* logar-tenente, em Portugal.

Não se entende muito bem isto! Desde 3 de maio de 1826, que a sr.ª D. Maria II era rainha de Portugal, pela abdicação expontanea de seu pae, que, desde então, não era mais do que imperador do Brasil. Não se póde saber quaes seriam as attribuições do sr. D. Miguel, como *logar-tenente*, em Portugal, de um monarcha estrangeiro.

A regente, demitte de ministro da guerra, o general Saldanha; o que dá origem a tumultos em Lisboa. O conde de Villa-Flor os domina pela força.

—

O sr. D. Miguel, que havia sahido de Vienna a 6 de dezembro de 1827, chega a Paris a 20, e a Londres a 30.

A 9 de fevereiro, de 1828, embarca em Portsmouth, e desembarca em Lisboa, a 22. (Vide vol. IV, pag. 116, col. 2.ª no fim e seguintes).

Já ficam referidos, nos annos competentes, os acontecimentos de 16 de maio, e as suas consequencias; portanto, tornemos a seguir a ordem chronologica, que o cêrco do Porto, e as causas porque o sr. D. Pedro veiu ao Porto, em 1832, nos fez transtornar.

1831—(7 d'abril)—Os brasileiros revoltados, expulsam do throne o sr. D. Pedro, tendo-o obrigado a abdicar em seu filho, o sr. D. Pedro II, actual imperador do Brasil.

O ex-imperador, seria de certo trucidado pelos revoltosos, se não foge para bordo da nau de guerra britannica, *Warspite*. Nomeou para tutor de seus filhos, *o seu melhor amigo*, José Bonifacio d'Andrade e Silva, porém os brasileiros annullaram esta nomeação.

Os liberaes da Ilha-Terceira, tomam a Ilha do Pico, a 22 de abril—a de S. Jorge, a 9 de maio; o Faial a 23 de junho; a Ilha de S. Miguel, e todo o archipelago açoriano, no 1.º d'agosto.

O sr. D. Pedro, unido aos emigrados liberaes que estavam em Inglaterra, e sob o titulo de *duque de Bragança e regente em nome da rainha*, pede protecção aos governos da França, Gran-Bretanha e Belgica, collocando-se á frente dos liberaes. Contrae emprestimos, hypothecando os bens do estado e os das ordens religiosas, e engaja navios e gente para invadir Portugal.

Em Dog-Island (*Ilha dos Cães*) reune-se o casco da divisão ingleza, que marchou para os Açôres. N'este archipelago se fazia tambem um grande recrutamento, com a possivel actividade.

Em Portugal, o governo realista cria um grande exercito, para resistir aos liberaes. Além das tropas de 1.ª linha, tinha 48 regimentos de milicias, e 52 batalhões de voluntarios-realistas, tudo na força de 80:000 homens. Isto, além das ordenanças.

1832—(2 de fevereiro)—O sr. D. Pedro publica um manifesto, no qual allega os direitos de sua filha ao throno de Portugal, e embarca em Belle-Isle, com direcção aos Açores, onde chega a 23, dissolvendo a *regencia* da Terceira (3 de março) assumindo elle a mesma regencia e a ditadura, e dando todo o impulso aos preparativos da expedição contra Portugal.

Era governador da ilha da Madeira, D. Alvaro da Costa e Sousa de Macedo (filho dos condes de Mesquitella) que o sr. D. Miguel fez conde da Madeira.

O sr. D. Pedro o convida a abandonar a causa realista, entregando-lhe a Madeira e Porto-Santo (*Ilhas Adjacentes*); porém D. Alvaro recusa energicamente (como havia feito

em 1822, em Montevideu, quando mesmo o sr. D. Pedro o tinha convidado para abandonar a causa da patria, para se unir á da independencia do Brasil, como fez o general Lecór.

D. Alvaro da Costa e Sousa de Macedo, era um dos melhores e mais fieis generaes do exercito realista, e desde que os liberaes se tinham feito fortes na Terceira, tratou da defeza da Madeira, pondo-a em estado de poder resistir vantajosamente aos mais rijos ataques.

O governo portuguez tinha-lhe mandado, em janeiro e fevereiro, dois reforços de tropas escolhidas, na força de 1:500 praças; munições de guerra, e officiaes para organisarem novos batalhões; de modo que, em março d'este anno, a guarnição da ilha constava de 4:000 homens de 1.ª linha, e egual numero de milicias e voluntarios realistas. Tinha tambem por si, a maior parte da população da ilha.

A recusa de D. Alvaro, causou grande desgosto e embaraço aos liberaes; pois que da Madeira podiam tirar grandes e valiosos recursos, tendo, além d'isso, mais a seu favor esta bella possessão da corôa portugueza.

O sr. D. Pedro, pois, tenta conquistar, á força d'armas, o archipelago da Madeira, mandando para elle a sua esquadra; porém o almirante Sartorius, que a commandava, vendo a conquista impraticavel, contentou-se em bloquear a Madeira, e tomar a ilha de Porto-Santo, a 29 de março.

Ninguem reconheceu este bloqueio, [1] e Sartorius retira d'estas aguas, a 29 de maio, depois de 55 dias de inutil bloqueio, fundeando nos Açores, e ficando adiado o projecto de conquistar a Madeira.

D. Alvaro mandou logo occupar a ilha de Porto-Santo.

—

O sr. D. Pedro embarca com as suas tropas, dando á vela, dos Açores, em direcção a Portugal. A sua esquadra, é, na quasi totalidade, tripulada por estrangeiros.

As tropas de desembarque, eram 4:500 portuguezes e 3:000 estrangeiros (inglezes, belgas, francezes, pólacos, etc.)

O exercito realista estava escallonado por todo o litoral portuguez. [1]

Em 30 de junho, o governo do sr. D. Miguel I, declara em estado de sitio todos os portos do reino, desde que a esquadra do sr. D. Pedro fosse d'elles vista.

O sr. D. Miguel, offerece tambem uma amnistia a todas as praças de pret do exercito liberal, que se apresentassem.

A 7 de julho, avista-se a esquadra liberal, nas aguas da Povoa de Varzim, Villa do Conde e Mattosinhos.

No dia seguinte, desembarcaram os liberaes, na pequena enseada denominada *Praia dos ladrões*, proximo a *Arenosa de Pampellido*. (Vide vol. 4.º, pag. 60, col. 1.ª)

O brigadeiro realista, José Cardoso de Carvalho (que em 6 de novembro de 1833 foi feito marechal de campo) era governador das armas do Minho, commandante da 3.ª brigada, da 4.ª divisão, e tinha o seu quartel-general em Villa do Conde, em cuja povoação estava estacionado o regimento de infanteria n.º 22, e alguns regimentos de milicias do Minho.

Bernardo de Sá Nogueira (depois marquez de Sá da Bandeira) vae, como parlamentario, por ordem do sr. D. Pedro, convidar

[1] Alguns navios de guerra e mercantes, dos Estados-Unidos, e da Dinamarca, entraram no Funchal, sem fazerem caso do bloqueio, e a ilha nunca teve falta de provisões.

[1] Primeiro êrro, e um dos maiores, dos generaes realistas. O que elles deviam fazer, era, ter em Lisboa e suas immediações, uma força de 20:000 homens—egual numero, no Porto, e quatro *columnas moveis*, de 10:000 homens, cada uma, em Vianna, Figueira, Setubal e Villa Nova de Portimão, promptas a acudirem logo, onde a sua presença fosse necessaria.

Se o sr. D. Pedro achasse o exercito portuguez n'esta disposição, é mais que provavel que não se atrevésse a arriscar o seu pequeno exercito em um desembarque; jámais, sendo os portuguezes que trazia, em grande parte, açorianos, gente em quem não depositava a maior confiança; suspeita justificada depois, visto que a maior parte dos açorianos se passaram para os contrarios, e passariam todos, se a sorte da guerra favorecesse mais os realistas.

José Cardoso, para se lhe unir; mas elle respondeu que só reconhecia o sr. D. Pedro, como um chefe de aventureiros, etc., e que, se elle lhe tornasse a mandar outro parlamentario, para o mesmo fim, o mandaria fusilar.

O general, visconde de Santa-Martha[1] commandante da 4.ª divisão do exercito realista, sahiu do Porto, no dia 8 pela manhã, em direcção a Arenosa de Pampellido, *com o regimento de Braga e um esquadrão de cavallaria de Chaves* (!!!) e poz-se a ver o desembarque, a distancia de tiro de canhão!

O visconde de Santa Martha, tinha uma

---

[1] Sem fazer a minima reflexão, ou o mais leve commentario, darei aqui a relação dos officiaes realistas, que se passaram para os liberaes, e ficaram ao seu serviço—pelo que foram excluidos das escalas, pelas ordens do exercito, n.º 139, de 21 de dezembro de 1833, e n.º 31, de 23 de março de 1834.

—

Tenentes generaes—João Manoel da Silva—Visconde de Beire—Barão d'Albufeira—Luiz do Rego Barreto.

O marechal de campo—José Osorio de Castro Cabral.

Brigadeiros—José Benedicto de Mello—Nuno Augusto de Brito Taborda—(Vide o 1.º vol., pag. 54, col. 1.ª)—João Vieira da Silva.

Engenheiros

Coroneis—João de Sousa Pacheco Leitão—José Maria das Neves Costa—Barão de Eschwege.

Tenentes coroneis—João José Ferreira de Souza—Lourenço Justiniano de Lima—José Bento de Souza Fava—Francisco Isidoro Lino.

Majores—Feliciano José Pereira da Silva—Joaquim Pedro Pinto de Souza—José Joaquim Pereira Martins—João Carlos Tann—Diogo Teive Vasconcellos Cabral—Manoel José Dias Cardozo—Miguel Joaquim Pires—José Mansos de Faria—Evaristo José Ferreira—José de Freitas Teixeira Spinola Castello Branco—Antonio José da Silva Costa.

Capitães—Luiz Antonio de Mesquita—Cypriano José Soares—Francisco de Paula Soares Pegado—José Simplicio d'Araujo e Souza—Caetano Alberto Maia—João Pereira Homem Telles.

Primeiros tenentes—Francisco Xavier Soares—João Lourenço Domingues—Francisco Ignacio Mendes—Firmino Lopes Moreira Freixo.

Segundos tenentes—Manoel Maria da Rocha—Antonio de Souza Menezes—Balbino Caetano de Carvalho e Mello—Eduardo José Xavier—Francisco Januario Cardozo—Manoel Vaz Parreiras—Vicente Pires da Gama.

Artilheria

O Coronel—Francisco Cypriano Pinto. (Vide *Albufeira*, vol. 1.º, pag. 54, col. 1.ª)

O tenente coronel—Antonio Joaquim da Gama Lobo.

Majores—João Alberto Coelho—João Justiniano da Silva—Manoel Ignacio Ferreira.

Capitães—Fortunato José Barreiros—Antonio José Peixoto—José Candido da Silva Montes—José Marcellino da Costa Monteiro—José de Souza e Andrade—José Silverio da Fonseca.

Primeiros tenentes—Geraldo Antonio da Cunha Saldanha—Duarte José Fava—Lourenço José Duarte—José Raymundo Danin—José de Figueiredo do Tojal—Mathias Valente do Couto—Ignacio José Perdigão—Antonio Vicente d'Abreu.

Segundos tenentes—João Manuel de Souza—Ayres Pinto de Souza Pinheiro.

Arsenal real do exercito

Tenente-coronel—José Joaquim Januario Lapa.

Capitão-quartel-mestre—João Martins.

Cavallaria

Tenentes-coroneis—Barão de Beduido—José de Sá Coutinho.

Majores—José Gabriel Dias Pereira—Antonio Agostinho Pereira de Lacerda—João Anselmo de Vasconcellos—Manoel Maria da Gama Lobo.

Capitães—Bento Gelazio de Brito Taborda—Antonio de Souza Mello Freire d'Alte—Antonio Joaquim Durão—Pedro Maria de Brito Taborda—Ricardo José Gomes—Francisco Maria de Lacerda—Antonio Maria Henriques de Souza—Diogo de Souza Folque—João Antonio Peixoto de Mendonça—José Jacob d'Abreu—Joaquim José Freire da Matta.

Tenentes—Rodrigo Affonso d'Atouguia—José Antonio de Oliveira—Filippe José de Carvalho—D. Pedro José de Lencastre—Diogo José Victor Galvão—José da Silva—João Maria Valente da Nóbrega Botelho—Antonio Manoel Ribeiro—Luiz Maria da Rocha Fontana.

divisão de quasi 15:000 homens, e portanto, o dobro das forças liberaes; mas, apesar d'isso, recolhe ao Porto e ordena a retirada, deixando em poder dos contrarios todo o

---

O quartel-mestre da guarda real da policia de Lisboa—João Pedro Eliseu.

Mais 17 alferes de cavallaria.

Cirurgiões-mores—Antonio Rodrigues Leitão—Bartholomeu Quintella.

Para não fazer esta nota ainda mais extensa, só d'aqui em diante, darei os nomes dos officiaes superiores—e apenas o numero dos outros.

Os que desejarem saber-lhes os nomes, consultem a *Lista Militar*, por J. P. C, publicada em 1856.

Infanteria

Tenentes-coroneis—Jacintho Carlos Mourão—Augusto Xavier Palmeirim. (Vide vol. 1.º, pag. 54, col. 1.ª).

Majores—D. José Maria Carlos de Noronha—José Joaquim Ferreira de Souza—José Justino Teixeira—Joaquim Antonio Severo—José Ignacio de Vasconcellos—Manoel Guedes de Quinhones.

E mais—20 capitães—10 tenentes—e 6 alferes.

Passaram-se para o exercito liberal, mas não me consta que ficassem ao seu serviço.

Tenentes-generaes—Visconde de Souzel—Vicente Antonio d'Oliveira—Marquez de Sabugosa—Luiz Ignacio Xavier Palmeirim—Conde da Alhandra..

Marechaes de campo—Marquez de Torres Novas—Romão d'Arriada—Carlos Frederico de Caula—Manoel Ribeiro d'Araujo—Verissimo Antonio Cardozo—Joaquim José Maria de Souza Tavares—Francisco Nunes d'Andrade.

Brigadeiros—Manoel José Xavier Palmeirim—Gonçalo Christovão Teixeira—D. João de Castello Branco—José Lanne—João Pigot—Thomaz Theotonio de Souza Pimentel.

Engenheiros

Francisco de Paula Travassos—Lourenço Homem da Cunha Eça—Manoel Joaquim Brandão de Souza—José Clemente dos Santos—Raymundo Peres Millão—Fulgencio Gomes dos Santos.

Tenentes-coroneis—Frederico Luiz Guilherme de Varnhagem—Pedro José Botelho de Gouveia—Joaquim Francisco Antonio de Souza—João Carlos de Miranda—Manoel Joaquim da Silva.

Majores—Joaquim Manoel Vidal—José da Silva dos Anjos—José Antonio Mourão.

E mais—6 capitães—4 primeiros-tenentes—e 1 segundo tenente.

Artilheria

Coronel—Pedro José de Santa Barbara.

Tenentes-coroneis—Joaquim Gregorio Alpoim—Diogo Antonio Guterres.

Majores—Theodoro José Duarte Querido—Francisco Manoel Ribeiro d'Araujo—José Maria Lopes.

E mais—8 capitães—e dois primeiros tenentes.

Cavallaria

Coronel—Paulo Lopes da Matta.

Tenentes-coroneis—Manoel Bernardo Aranha Cota Falcão—José Maria Ferreira Sarmento.

Majores—João Ferreira Machado—Francisco da Costa Damazo—José Pereira da Costa.

E mais 13 capitães—19 tenentes—28 alferes—2 cirurgiões-mores e um cirurgião ajudante.

Infanteria

Tenente-coronel—Lucas Antonio de Sá.

Majores—D. José de Mello e Faro—Antonio Manoel da Fonseca—Agostinho Vaz Carapinho—Valeriano Caldeira Telles—Antonio Jacintho Pereira de Mattos—José Antonio de Oliveira.

E mais 24 capitães—19 tenentes e 57 alferes.

Dois capitães quarteis mestres e dois tenentes-quarteis-mestres.

Não incluo grande numero de officiaes de diversas patentes, do Ultramar, que foram admittidos no exercito liberal.

—

Officiaes realistas que se apresentaram aos liberaes, antes da convenção de Evora-Monte.

Marechal do exercito—Conde de Barbacena.

Tenentes generaes—Vicente Antonio de Oliveira—Marquez de Sabugosa—Luiz Ignacio Xavier Palmeirim—Conde da Alhandra—Visconde do Peso da Régua—Visconde de S. João da Pesqueira—Romão d'Arriada—Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas—Visconde de Santa Martha.

Marechaes de campo—Antonio Feliciano Telles de Castro Aparicio—Manuel Pinto da

material de guerra que estava nas arrecadações, assim como as munições, que estavam nos paiões; toda a artilheria do castello da Foz, etc. etc.

Á meia noite do dia 8, fórma a tropa realista, em varios pontos da cidade, e n'essa mesma noite retira tudo precipitadamente, e na maior confusão, para Villa Nova de Gaia, como se sobre esta gente viesse um inimigo, dez vezes superior em forças.

O sr. D. Pedro e o seu exercito, entram na cidade abandonada, logo na manhã do dia 9, no meio dos maiores regosijos dos

---

Silveira—D. Ignacio de Castello Branco do Couto Munhós—Ayres Pinto de Sousa—Caetano Alberto de Sousa Canavarro. (Vide Pernes.)

Brigadeiros—João Vieira da Silva—D. João de Castello Branco—Agostinho José da Costa—Antonio José Ribeiro—Antonio Colmieiro de Moraes—Bernardino Mascarenhas da Rosa—Francisco Salasar Moscoso—João Pigot.

Coroneis—Balthasar de Sousa Botelho e Vasconcellos—Antonio da Silva Pinto—Antonio Joaquim de Figueiredo—Diogo de Lemos Pereira de Lacerda—Nicolau José Monteiro—João José Cortez Paim—Lourenço Antonio Falcão Encerrabodes—Francisco Pinto Henriques de Menezes—Ricardo Leão Martins—Mathias José de Almeida—José Pedro de Vasconcellos—João Francisco de Mattos—José Manuel d'Assiz—Paulo Lopes da Matta—Antonio Maria Macedo Tudella Forjaz—José da Silva Rodarte—Jeronymo de Gouveia Sarmento—Francisco d'Andrade Corvo de Camões—José Antonio d'Abreu—Antonio Pinto da Motta.

Tenentes coroneis—José Pedro de Mello—Jacintho Pimentel Moreira Freire—Domingos Antonio Gil—José Joaquim da Silva e Vasconcellos—José Maria de Macedo Gouveia e Vasconcellos—Joaquim Borges de Medeiros—Manoel Antonio d'Almeida—Ricardo José de Moraes—Anselmo José Ferraz—Bernardo da Silveira Azevedo—Antonio Luiz da Cunha—Joaquim José Bandeira.

Majores—Raymundo José Peres Millão—Bernardino Mascarenhas da Rosa—Joaquim Pessoa d'Amorim—Francisco Antonio de Figueiredo de Moraes Antas—José Leite de Sousa Pereira de Foyos—Vicente Paulo Justo Rufino Lopes Rêgo—Eleutherio José Martins Pestana—Domingos José da Silva—João da Veiga Leite—José Joaquim Ferreira de Sousa—João Chrysostomo da Silva Veloso—Salvador de Carvalho Assiz—Francisco Victorino de Vasconcellos—Manoel Alves Chaves—Francisco Xavier de Gouveia—João José de Abreu Machado—Joaquim Maria Beltrão—Evaristo Simpliciano—João Maria Pinto—Antonio Manoel Ludovice—Agostinho Vaz Carapinho—D. Manoel da Costa Sousa de Macedo—Manoel Bernardo de Macedo—Francisco Maria Rosado Meléllo—Francisco Luiz de Sousa—Antonio Guedes de Sousa—Manoel Guedes de Quinhones—Domingos José Teixeira—Salvador Ferreira Coelho—Manoel Antonio Regueiros—Francisco Antonio Jorge—José Homem Trigoso—Antonio José Soares—Casimiro Xavier d'Azevedo e Carvalho—João José de Lorena—Antonio Teixeira de Figueiredo—João Manoel de Morada—Bernardo Francisco d'Almeida—Manoel da Fonseca Soares—João Chrysostomo da Silva Veloso—André Lucio Soares Luna—Julio Antonio Telles Jordão—Thomé Ferreira Galhardo—E mais 53 capitães—15 tenentes e 8 alferes.

—

Officiaes do exercito realista, cujas patentes foram garantidas, ou que entraram no quadro effectivo do exercito liberal, POR ACÇÕES QUE, DURANTE A LUCTA, MERECERAM ESTA CLASSIFICAÇÃO.

Engenheiros

Coronel—José Antonio d'Abreu.

Artilheria

Tenente-coronel—Antonio Joaquim da Gama Lobo.

Cavallaria

Brigadeiro—José Urbano de Carvalho.

Coroneis—Joaquim Antonio de Moraes Palmeiro—Antonio Cardoso d'Albuquerque.

Tenentes-coroneis—Antonio Maria Henriques de Souza—José Joaquim da Silva e Vasconcellos.

Majores—José Maria Enchieta—D. Luiz Maria do Carvajal—José Maria Fraga—Manoel José Nobre.

E mais 10 capitães—8 tenentes e 5 alferes.

Infanteria

Brigadeiro—Rodrigo Luciano d'Abreu.

Coronel—Antonio Pedro Baptista.

Tenentes-coroneis—Manoel d'Abreu Madeira—José Jeronymo Gomes—Manoel Mauricio Gomes.

Majores—João Lampreia Sárria—Francisco Antonio Caldas.

E mais 1 capitão—6 tenentes e 5 alferes.

seus habitantes, cuja maior parte eram liberaes.

No dia 10, os realistas entreteem-se a fazer fogo de artilheria, sobre os navios da esquadra liberal, que tinham fundeado no rio Douro, n'esse mesmo dia, e que respondiam ao fogo do inimigo com os tiros das suas peças.

Os realistas tambem metralharam a cidade, e esta, do mesmo modo respondeu com a sua artilheria ligeira.

Na noite do mesmo dia 10, Santa Martha *fóge* (é o termo) para Grijó, e no dia seguinte, para Oliveira d'Azemeis, a 42 kilometros do Porto; abandonando a formidavel posição da *Serra do Pilar* (como havia abandonado o castello de S. João da Foz) ponto importantissimo, e sem a posse do qual era quasi impossivel a conservação dos liberaes no Porto.

O sr. D. Pedro, apenas entra na cidade, proclama á nação, allegando os direitos de sua augusta filha á corôa de Portugal.

Nos dias 10 e 11 de julho, o sr. D. Miguel I proclama ao povo portuguez e ao exercito, allegando egualmente os seus direitos ao throno.

Os soldados que tinham sido aprisionados nos Açôres, e que vinham no exercito liberal, assim como a maior parte dos recrutas feitos nos Açôres, principiam logo a desertar para o exercito realista.

—

Do Sul do reino, marcham tropas sobre o Porto.

Os generaes realistas, viscondes de Monte-Alegre e de S. João da Pesqueira, com milicias e voluntarios-realistas do Minho e Traz-os-Montes, aproximam-se do Porto, pelo lado do norte, em observação aos movimentos do exercito liberal.

A 4.ª divisão do exercito de operações, marcha para o norte do Douro.

O general Póvoas, marcha tambem para a frente, nos dias 15 e 16 de julho.

Os liberaes fazem uma sortida para o N. E. do Porto, a 18 de julho, e tem logar um combate, em Paredes, entre o batalhão de voluntarios realistas de Braga, commandado pelo coronel Leite Pereira — e um batalhão inglez, e outro de infanteria n.º 18, com duas peças de campanha, commandadas pelo coronel Hodges.

Os voluntarios realistas sustentaram, por algumas horas, com grande bravura, o fogo dos contrarios; mas, em razão de desegualdade de forças, retiraram, debaixo de fogo, para Penafiel. Alli se lhes uniram 300 ordenanças, e, depois de um vivo fogo, nas ruas da cidade, e tendo os realistas gastado todo o seu cartuxame, retiraram. Os inglezes deixaram nas ruas 40 e tantos mortos, antes de ficarem senhores da cidade, onde se demoraram 5 horas, entretendo-se em incendiar e reduzir a cinzas o mosteiro dos frades capuchos de Santo Antonio (Vol. 6.º, pag. 566, col. 1.ª, e pag. 574, col. 1.ª).

Vendo Hodges que não podia conservar-se tão isolado do exercito liberal, e que, de um momento para outro, podia ser envolvido por forças inimigas muito superiores, retira para o Porto.

—

Já a pag. 184, col. 1.ª d'este volume, na palavra *Ponte Ferreira*, tratei rapidamente das acções dos dias 22 e 23 de julho d'este anno de 1832; mas, n'este logar, darei mais alguns esclarecimentos curiosos.

Os liberaes atacam na Granja e em Ponte-Ferreira os realistas, no dia 22, com o maior denodo, sendo com o mesmo repellidos; e, depois de 10 horas de fogo, e de grandes perdas de parte a parte, ficam os beligerantes nas suas antecedentes posições.

O conde de Villa-Flor marcha, na noite de 22, para Ponte-Ferreira, com um reforço de 5:000 homens, para no dia seguinte continuar a batalha contra as tropas do visconde de Santa Martha.

O Porto ainda não estava fortificado, e tinha as suas linhas de defeza pouco guarnecidas; mas, apezar d'isso, Villa-Flor, para levar este reforço, tinha desguarnecido não só as posições em volta do Porto, mas até mesmo a da Serra do Pilar, e tanto receio teve de ser esta posição atacada e tomada pelo general realista Póvoas, que mandou cortar a ponte sobre o Douro.

Se Povoas, que tinha as suas tropas acampadas desde Grijó até aos Carvalhos (10 kil.

ao S. do Douro) atacasse com alguns corpos a Serra do Pilar, mandando o resto das suas forças para Ponte-Ferreira reforçar Santa Martha, terminava a guerra no dia 23 de julho; mas preferiu *ver os touros de palanque*. Só no dia 27 é que se dignou marchar sobre Villa Nova de Gaia!

Pelas 11 horas da manhã de 23, principia a batalha, que durou até ás 8 da noite.

De ambas as partes se combateu com o fervor mais encarniçado, e as perdas foram grandes, tanto dos realistas, como dos liberaes.

O resultado d'esta batalha foi retirarem os liberaes (alguns em grande desordem) para o Porto, e os realistas *fugirem* para Baltar, e de lá para Penafiel, tambem na maior desordem, chegando alguns até Villa-Mean, e outros até Amarante.

Ao passo que os realistas assim fugiam em desordem, sem que ninguem os perseguisse, um terror panico se tinha apoderado das poucas tropas que haviam ficado no Porto, e dos habitantes d'esta cidade: foi o caso—participaram a D. Thomaz Mascarenhas, governador militar da cidade, que os realistas haviam surprehendido, nos seus acampamentos, todas as forças liberaes, pondo-as em completa derrota, e que o sr. D. Pedro tinha fugido a toda a brida para Mattosinhos, d'onde embarcára para Inglaterra. Esta noticia espalhou-se no Porto com a rapidez do raio, e tudo ficou aterrado.

D. Thomaz Mascarenhas fez reunir na torre da Marca toda a tropa que havia no Porto, prompta a embarcar á primeira ordem, fazendo recolher aos navios surtos no Douro, as secretarias, archivos militares e muitas bagagens. Tambem alguns magistrados e empregados publicos fugiram para bordo, chegando alguns navios a sair a barra, rebocados por um vapor.

Pelas 7 horas do dia 24, publicou o sr. D. Pedro uma proclamação, declarando a falsidade de tal noticia, e o panico cessou.

Ainda hoje se ignora, tanto a razão porque os realistas fugiram no fim da acção de 23, como a origem do boato que aterrou os portuenses!

—

Duas escunas liberaes, ás ordens do almirante Sartorius, ameaçam a Figueira, a 2 de agosto; mas, tendo-se-lhes feito fogo do castello, por ordem do coronel realista, José Pedro de Mello, governador d'elle, retiraram.

Tambem fundearam em frente de Villa do Conde, chegando a deitar gente em terra; porém o fogo do seu castello os fez retirar. A mesma sorte teve a tentativa sobre Aveiro, e a segunda contra Villa do Conde.

O sr. D. Pedro, cujo plano era, com a victoria de Ponte-Ferreira, arremeçar os realistas para Traz-os-Montes; como os resultados não corresponderam ás suas esperanças, resolveu atacar o general Póvoas, nas suas posições, fazendo-o retirar para o sul.

Com este fim, o conde de Villa Flor sae do Porto, na noite de 6 de agosto, com as forças que julgou necessarias.

O brigadeiro realista, Caetano Alberto de Souza Canavarro, commandante da 1.ª brigada, que tinha as suas avançadas nos Carvalhos, dá parte ao Povoas (á 1 hora da manhã de 7) que aquellas tinham sido atacadas, e as fizera retirar sobre Grijó. D'aqui foram os realistas retirando (em ordem, e fazendo fogo) sobre o lugar das *Ayras*, ou *Souto-Redondo*, [1] onde estavam as reservas realistas.

Ao nascer o sol, os batalhões de voluntarios realistas de Mangualde e de Penafiel, e um meio esquadrão de cavallaria n.º 8 (Fundão) são atacados pelos atiradores liberaes, contra os quaes aquelles resistem, dando a cavallaria duas *cargas*, que os fez suspender o seu movimento para a frente, retirando os realistas, só ás 9 horas, por ordem de Póvoas.

As pequenas vantagens obtidas pelos liberaes, desde a uma hora do dia, e a successiva retirada dos contrarios, de todas as posições avançadas, animou tanto aquelles,

[1] A antiga estrada real, divide a aldeia de Souto-Redondo, da das Ayras. Esta pertence á freguezia de S. Jorge de Caldellas, e aquella á de S. João de Vêr, ambas no concelho da Feira: entretanto, estas duas povoações não formam verdadeiramente mais do que uma aldeia, e por isso se lhe dá indistinctamente já o nome de *Souto-Redondo*, já o das *Ayras*.

que julgaram certa a victoria, pelo que avançaram estouvadamente, ás 9 1/2 da manhã, e quasi em desordem, contra o grosso das tropas realistas, postadas em Souto Redondo.[1]

O regimento de infantaria de Bragança (n.º 24) commandado pelo coronel, Antonio José Doutel, estava formado ao fim do logar, do lado do sul, em columna de *grandes divisões*. Póvoas recommendou ao commandante, que, depois da ordem do brigadeiro Canavarro, só désse uma descarga, atacando logo o inimigo, á bayoneta.

Os liberaes tinham postado a sua artilheria em um monte, ao O. da aldeia, e a sua metralha e um nutrido fogo dos seus atiradores, fez bastantes baixas nos realistas; cujas tropas inactivas estavam desesperadas por não entrarem em acção.

Então Póvoas decidiu se a atacar. O regimento 24 dá uma terrivel descarga, quasi á *queima-roupa*, e, apoiado por um esquadrão de cavallaria n.º 8, commandado por José Urbano de Carvalho, dá uma horrorosa carga de bayoneta, contra a artilheria liberal, que lhe ficava em frente, tomando uma peça e um obúz.

A bravura e sangue frio do 24, e a rudez do seu ataque, aterrou os contrarios, pondo-os em completa derrota, e fazendo-os retirar sobre o Porto.

Toda a divisão realista os perseguiu até perto dos Carvalhos, causando-lhe perdas enormes, não só pelo fogo de fusilaria, como pelas repetidas cargas de cavallaria.

Dois homens e dois regimentos se cobriram n'este dia de uma gloria immorredoira—Foi, da parte dos realistas, o coronel Doutel, e o seu regimento de infanteria n.º 24, pelo rigor da sua disciplina, pela sua inimitavel coragem, e pelo seu imperturbavel sangue frio.

Porém o coronel Pacheco (um dos mais bravos officiaes do exercito liberal) e o seu regimento (infanteria n.º 10) renovaram n'este dia, tão infausto ás armas do sr. D. Pedro, as memorias gloriosas dos feitos militares que enobreceram as legiões romanas, excedendo, em sangue frio, coragem e abnegação, os feitos legendarios da *guarda-imperial* de Buonaparte.

No meio da desordem geral, que o panico tinha causado nas tropas de Villa-Flôr, só o regimento de infanteria n.º 10 conservou a mais rigorosa disciplina, retirando sempre na melhor ordem, apesar das repetidas cargas da cavallaria contraria, que o disimava, e Pacheco commandava com tanta presença de espirito, como o poderia fazer em uma parada.

Se não fosse a bravura e sangue frio do 10 de infanteria, que protegeu a retirada das outras tropas, poucas chegariam ao Porto.

> Este distinctissimo official (o coronel Pacheco) sendo chefe de estado-maior do general Stubbs, e depois de escapar nos mais sanguinolentos combates, veio a morrer em um miseravel reconhecimento, no sitio da *Ariosa* (arrabaldes do Porto) no dia 1.º de dezembro de 1833.

As perdas dos liberaes, em Souto-Redondo, foi immensa, tanto physica como moral. Além de mais de 300 prisioneiros e apresentados, tiveram mais de 600 mortos ou feridos; e a guarnição e povo do Porto ficaram aterrados com semelhante e tão inesperada derrota.

Se Póvoas se tivesse sabido aproveitar da victoria (ou, *se tivesse vontade d'isso*...) entraria no Porto, de envolta com os restos da divisão liberal; mas elle contentou-se com a *gloria* de vencer a batalha—triumpho que, em grande parte, deveu ao regimento n.º 24 e ao seu commandante—e, não só deixou os liberaes retirarem sem fogo, desde os Carvalhos, mas até mandou collocar n'esta povoação a maior parte da sua cavallaria, com as espadas desembainhadas, impedindo que a infanteria e os caçadores continuassem a perseguição do inimigo.

[1] Contavam tanto com a derrota dos realistas (ou talvez com a entrega de grande parte das suas tropas) que muitos traziam lenços azues e brancos, atados nas bayonetas, em *ar* de bandeiras, e vinham cantando o *hymno da rainha*, uns, outros o da *carta*.

O sr. D. Pedro, desenganado de que lhe tinham mentido os que na Inglaterra lhe tinham asseverado, que apenas desembarcasse em Portugal, se levantaria todo o reino em seu favor, trata de fortificar seriamente o Porto, e esperar os acontecimentos.

Os realistas continuam a agglomerar tropas em redor do Porto; mas a intriga lavra nos seus generaes.

O visconde do Peso da Régua (Gaspar Teixeira) é feito commandante em chefe do exercito de operações contra o Porto.

A 2.ª divisão realista, que estava nos Carvalhos (a 10 kilometros do Porto) avança sobre Villa-Nova-de-Gaia, e toma esta povoação, em 8 de setembro.

No mesmo dia, atacam a Serra do Pilar, mas são repellidos com grandes perdas. Distinguiu-se n'este ataque, o regimento de milicias de Tondella, que chegou a dar uma carga de bayoneta, já dentro da cêrca; mas perdeu muita gente, e teve o seu bravo coronel (Rodrigo de Sousa Tudella, denominado — o *fidalgo do Atalho* — proximo a Agueda) gravemente ferido.

No dia 10 (de setembro) uma força liberal do Porto, e a guarnição da Serra do Pilar, fazem uma sortida sobre Villa-Nova de Gaia; mas são repellidos. Os realistas os perseguem até á Serra do Pilar; porém são rechaçados.

No dia seguinte (11 de setembro) a esquadra realista estabeleceu o bloqueio do Porto, previamente annunciado ás nações estrangeiras, que o reconhecem. Esta esquadra compunha-se de uma náu, uma fragata, duas corvetas, dois brigues, e um vapor.

Era commandada pelo almirante João Felix Pereira de Campos [1] reconhecido como bom official de marinha, mas de sentimentos liberaes.

Os realistas construem baterias em redor do Porto, e as dos liberaes são ampliadas e reforçadas: isto dá em resultado ser metralhado o campo dos realistas, e a cidade, morrendo gente, e arrazando muitos edificios do Porto e de Villa-Nova.

Os liberaes fazem frequentes sortidas sobre o campo inimigo, sendo quasi sempre repellidos.

Gaspar Teixeira, ataca as linhas do norte do Porto, por tres pontos differentes (29 de setembro.) De ambos os lados se batem com encarniçamento.

O capitão Travassos, d'artilheria, chega a entrar na cidade com as suas peças; mas é morto, e a sua gente, desanimada, retira.

O regimento de milicias da Figueira, julgando que o 2.º batalhão do *novo regimento de infanteria de Lisboa* (que substituiu o n.º 4) era um batalhão francez, lhe deu uma descarga, que lhe matou 39 soldados e fez muitos feridos; o que causou grande confusão nos realistas.

Foi á voz de — «Estamos cortados pelos francezes!» — que as milicias fusilaram a infanteria.

O engano procedeu das barretinas á franceza que trazia o batalhão.

Custa a comprehender como se désse este engano. As taes barretinas do *novo padrão*, já eram usadas pelos regimentos de infanteria n.ºs 1, 7, 13 e 16 — todos os quatro regimentos de caçadores — do Alemtejo (n.º 1) da Beira-Alta (n.º 4) — do Minho (n.º 7) — e da Beira-Baixa (n.º 8) — e até já usavam d'estas barretinas os regimentos de milicias de Guimarães, Louzan e outros — e até o proprio da Figueira!

Este acontecimento prova a desordem e... desmazelo que reinava no exercito realista.

As forças que atacaram o Porto, andavam por 10:000 homens, dos quaes, perto de 2:000 morreram junto ás trincheiras. Os liberaes tambem tiveram grandes perdas.

Em todos os ataques ás linhas do Porto, ficavam os rea-

[1] O mesmo que, com o general Madeira, havia respondido a conselho de guerra, por abandonar a Bahia, em 1823.

listas com muito menos numero de mortos do que de feridos (como acontece em todas as batalhas) porém entre os liberaes dava-se o contrario—os mortos eram em maior numero do que os feridos, e estes, quasi todos gravemente; porque, estando a coberto pelas trincheiras, todos eram feridos da cinta para cima.

Finalmente, depois de 8 horas de fogo violentissimo, tanto de artilheria como de fuzil, os realistas retiram, sem terem conseguido mais do que morrerem e matarem.

—

O sr. D. Miguel I, nomeia (6 de outubro) o duque de Cadaval marechal do exercito e commandante em chefe de todas as tropas da capital e da provincia da Extremadura; assim como de todas as baterias das duas margens do Tejo, e das mais que faziam a defeza de Lisboa (Peniche, Ericeira, Cascaes, Setubal, etc.)

A esquadra realista, commandada por João Felix, tinha arribado a Vigo, por causa de um temporal. Sahiu d'este porto, a 10 de outubro, e no dia seguinte, pelas duas horas da manhã, encontra-se com a esquadra liberal, commandada por Sartorius, nas alturas das *Ilhas de Bayona.*

A esquadra liberal opéra a sua retirada, ás 4 da tarde.

A 14 de outubro, os realistas atacam furiosamente a Serra do Pilar, resistindo os liberaes com egual vigor; e, como estavam cobertos pelas suas trincheiras e baterias, fizeram grande destroço nos contrarios, matando e ferindo muitos distinctos officiaes e grande numero de praças de pret.

O bravissimo brigadeiro Peixoto, foi, n'esta acção, mortalmente ferido, morrendo no hospital de sangue, estabelecido no mosteiro de Grijó, no dia 16. Foi uma grande desgraça para os realistas—que retiram com grandes perdas.

—

O sr. D. Miguel I resolve vir collocar-se á frente do seu exercito de operações, sobre o Porto.

Sae de Lisboa a 16 de outubro, com suas irmãs, as infantas, D. Isabel Maria, e D. Maria da Assumpção. Entram a 20 em Coimbra, no meio de grande enthusiasmo e das maiores demonstrações de regosijo publico.

—

A 24 de outubro, os realistas, commandados pelo brigadeiro, João de Abreu Castello-Branco, dão outro ataque á Serra do Pilar; sendo, como das mais vezes, bravamente repellidos. Foi o ultimo ataque que deram a este ponto.

—

O visconde de Veiros (general Leite) é exonerado do governo das armas da Estremadura, mas nomeado marechal do exercito, em attenção aos grandes serviços prestados á patria. O visconde do Peso da Regua, é, no mesmo dia, exonerado de commandante em chefe do exercito de operações, contra o Porto, e vae occupar o governo do visconde de Veiros. O visconde de Santa Martha, é nomeado commandante em chefe do exercito de operações. Todas estas mudanças se effectuaram a 26 de outubro, dia em que o sr. D. Miguel I fazia 30 annos de edade.

A familia real sae de Coimbra a 29 de outubro, prenoitando n'esse dia em Agueda, e no dia 30, no palacete de Alexandre Luciano Soares de Albergaria, do *Buraco*, na freguezia do Couto de Cocujães—primo do auctor d'esta obra. (Vide vol. 1.º, pag. 504, col. 1.ª—e vol. 2.º, pag. 419, col. 1.ª)

O sr. D. Miguel I, atravessa rapidamente as posições do seu exercito, e entra em Braga, com as infantas, no 1.º de novembro.

A sahida da capital, foi um grande êrro do sr. D. Miguel, ou de quem o aconselhou; porém, uma vez que deu esse passo, tão deploravel para a sua causa, devia conservar-se á frente do exercito, do qual, para evitar as grandes intrigas que n'elle lavravam, se devia declarar commandante em chefe.

É preciso fallar claro a todos. Não me importa que os

liberaes me chamem miguelista; nem que os realistas digam que *já bebi agua... dos amores*—o que quero é dizer a verdade, seja a favor, ou contra quem fôr; e por isso, affirmo que—o Sr. D. Miguel I, NUNCA TOMOU A SERIO O OFFICIO DE REI.

Abandonou completamente as rédeas do governo, a ministros, aulicos e conselheiros—ou nescios, ou sanguinarios, ou traidores (quando não eram tudo junto!)

As suas occupações predilectas, eram os toiros, cavallos, caçadas, o *torno* [1] etc. etc.

Se os papeis se trocassem—isto é—se o sr. D. Pedro estivesse no logar de seu irmão, e este no d'aquelle, não teria existido a desgraçada guerra fratricida de 1832 a 1834.

O sr. D. Pedro, era um bom guerreiro, um optimo chefe, e um trabalhador infatigavel. De noite e de dia, examinava as suas baterias, percorria toda a sua linha de defeza; olhava a tudo, e a tudo providenciava—tomando por divisa—*vencer ou morrer*.

O sr. D. Miguel, longe de o imitar, veiu divertir-se para o Minho, e deixou hir tudo ao *Deus dará*.

Mas, se o sr. D. Miguel nutria o firme proposito de se deixar sempre illudir e atraiçoar, para que sustentou a guerra por dois annos, consentindo que os portuguezes se despedaçassem uns aos outros, e que Portugal fosse tão cruelmente devastado?

Se elle tinha tenção de se deixar vencer—praticaria um acto de virtude e patriotismo, se, logo que seu irmão entrou no Porto, proclamasse ao seu povo, dizendo — «Não quero ser vosso rei: prefiro ser um simples particular, e viver uma vida de divertimentos de toda a casta; por isso, unam-se ao meu augusto irmão, e reconheçam como rainha de Portugal, a sr.ª D. Maria II.

Quantas desgraças se evitavam, se elle assim obrasse?!

—

Continuemos com a historia do cêrco.

—

O Porto estava completamente e rigorosamente cercado. A tropa e o povo, soffriam grande falta de viveres. Os navios que se arrojavam a entrar a barra com mantimentos, eram mettidos a pique. Muitos sitiados (mesmo estrangeiros) por causa da fóme, passavam para os sitiantes.

Os liberaes continuavam as suas sortidas, no intuito de obter mantimentos, mas eram sempre repellidos, perdendo inutilmente officiaes e soldados.

O sr. D. Pedro não tinha dinheiro para a compra de munições, nem para pagamento dos soldos e prets aos estrangeiros—nem quem lh'o emprestasse; mas, em 10 de novembro, consegue que o barão de Quintella lhe adiante 2:500 contos de réis, pelo exclusivo do tabaco, por 12 annos.

—

Nos dois exercitos beligerantes, lavra a intriga entre os officiaes superiores, o que produz repetidas mudanças nos commandos das divisões e brigadas.

No exercito realista, o brigadeiro José Antonio d'Azevedo e Lemos toma o comman-

[1] *Quem sae aos seus, não degenera.* Seu bisavô, D. José I, abandonou o governo do reino, a Sebastião José de Carvalho e Mello, deixando-o fazer quanto quiz—isto é—muitas cousas optimas, muitas bôas, e muitas pessimas. A vida do rei, era estar ao torno, fazendo carapêtas, espiraes, bilros, piões, etc. etc.—por isso o povo dizia—«O marquez de Pombal, está no throno, e o rei está ao torno.»—O sr. D. Miguel tambem tinha *torno;* mas faltava-lhe um *marquez de Pombal.*

do da 3.ª divisão, e o tenente-general Sarmento, o do 4.ª—No exercito liberal, é tirado o commando ao conde de Villa-Flor; mas, em attenção aos seus muitos serviços á causa da carta, é feito duque da Terceira.

—

No dia 28 de novembro, os liberaes, em força de 6:000 homens, fazem uma sortida, sobre os acampamentos de Ramalde e Paranhos, que pertenciam á 2.ª e 4.ª divisões realistas; conseguindo incendiar algumas barracas; mas, o brigadeiro Telles Jordão, á frente de um esquadrão de cavallaria n.º 6 (*dragões de Chaves*) os obriga, com uma furiosissima carga, a retirar precipitadamente para a cidade.

—

Mais infelizes foram ainda os liberaes, em 17 de dezembro, na sortida ao Candal (Sul do Douro) apesar de bem deliniada, e de bem tomadas precauções.

Um batalhão inglez e outro francez, marcharam na noite de 16 para 17, em reforço da guarnição da Serra do Pilar, na intenção de protegerem a esquerda e centro dos atacantes.

O brigadeiro João Schwalbak (que em 23 de setembro de 1835, foi feito barão de Setubal, e em 13 de outubro de 1843, visconde do mesmo tilulo) commandante da *divisão ligeira*, passou com esta (em força superior a 3:000 homens) na madrugada de 17, o rio Douro, desembarcando em Valle de Piedade. Parte d'estas tropas chegaram a avançar até ao alto da Bandeira (ao cimo de Villa Nova) onde os caçadores liberaes do batalhão n.º 5, chegaram a misturar-se com o batalhão de voluntarios realistas de Villa-Flor, suppondo-os dos seus, porque o uniforme era egual. (Góla e canhões encarnados).

Outra secção dos liberaes avançou até ao Candal, na intenção de distrahir a attenção do inimigo, emquanto o resto das suas forças arrombava os armazens da *companhia*, para levarem para o Porto todo o vinho que podessem. Nada conseguiram.

O general Lemos os arrojou de Villa Nova, levando-os até á margem (esquerda).

Mais triste sorte experimentaram os que investiram pelo Candál.

Na quinta da Telheira estava acantonado o 2.º regimento de infanteria d'Elvas (n.º 17) o batalhão de voluntarios realistas da Covilhã e Fundão, e o regimento de melicias de Lamego.

No Candal, estava o batalhão de voluntarios realistas de Castello-Branco e Penamacôr, commandado pelo seu bravo tenente-coronel, José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz, e toda a brigada era commandada pelo brigadeiro Luiz Candido Tavares Osorio.

Estas tropas, que estavam todas debaixo de fórma, por ser a hora da *descuberta*, cahiram inopinadamente sobre os liberaes, arrojando-os até á beira do rio.

Os liberaes, ainda poderam encravar a artilheria do forte da *Aforada;* mas com a pressa, ficou tão mal encravada, que os realistas rapidamente a desencravaram, e logo fez fogo aos contrarios.

Os liberaes ainda resistiram por cousa de uma hora, na margem do rio, e, emquanto uns incendiavam o mosteiro — que ficou todo reduzido a cinzas — outros sustentavam o fogo, para protegerem a juncção dos que estavam nos armazens; mas, accomettidos encarniçadamente pela brigada de Luiz Candido, embarcaram tumultuosamente, depois de ficarem muitos mortos ou prisioneiros na praia, e morrendo ainda muito maior numero afogados no rio. [1]

N'esta desgraçada tentativa, perderam os liberaes uns 500 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

[1] Presenceou-se então um facto, que horrorisou não só os liberaes, mas os proprios realistas. As tropas de Schwalbach, cujos barcos tinham ido a pique, com as balas do inimigo, agarravam-se ás amarras de dois brigues de guerra inglezes, que estavam fundeados em frente de Valle de Piedade, para saltarem dentro dos navios e se salvarem de uma morte horrorosa; mas os inglezes os empurravam para o abysmo, tendo alguns mesmo a crueldade de lhes cortarem as mãos com os terçados de marinha.

N'este mesmo dia 17 de dezembro, o sr. D. Miguel I passou revista ás tropas realistas, acantonadas em redor do Porto, e no dia seguinte ás que guarneciam Villa Nova de Gaia.

No dia 19, foi visitar a fundição de ferro de Crestuma, e logo no dia seguinte tornou para Braga, que foi a *Cápua* d'este principe *sem cuidados*.

1833

Os chefes realistas, decidem reduzir o Porto pela fome; e, para isso, tratam de construir uma formidavel linha de baterias, desde S. Payo até Quebrantões; construindo mesmo uma bateria na extremidade N. do *Cabedello*, a tiro de pistola do castello de S. João da Foz.

Além d'isso, tinham uma esquadrilha de barcos, artilhados, em Avintes, para rondarem o rio.

D'este modo, muito poucos generos alimenticios entravam no Porto, e esses mesmos só com grande risco dos seus conductores.

Varios navios que se aventuravam a entrar a barra com mantimentos e outros generos, eram mettidos a pique, pela artilheria realista. Só em um dia, foram ao fundo, trez d'estes navios, com pequeno intervallo de tempo, de uns aos outros.

A fome, com todos os seus horrores, ameaçava os cercados.

As tropas estrangeiras, por falta de pagamentos, e pelo soffrimento de varias privações, estavam insubordinadas.

A causa liberal estava a ponto de soccumbir, não só pela fome, mas tambem pela desharmonia dos seus chefes, pela falta de dinheiro para se fazerem os recrutamentos no estrangeiro, e pelas continuas deserções para o campo inimigo.[1]

Os homens mais bem intencionados de ambos os partidos, e que previam que, se a guerra fosse terminada á força d'armas, Portugal se transformaria por algum tempo em um lago de sangue de seus filhos, tentaram uma convenção; e este projecto foi sincera e energicamente approvado e apoiado pelos inglezes.—As bases d'esta convenção eram: 1.ª, que o sr. D. Miguel I casaria com sua sobrinha—2.ª, que o sr. D. Pedro iria residir, por alguns annos, para Vienna d'Austria—3.ª, que os chefes principaes do exercito liberal, sairiam para fóra do reino, temporariamente—4.ª, que seriam garantidos os postos dados pelo sr. D. Pedro, e que entrariam nas fileiras do exercito realista, todos os officiaes do liberal que o requeressem.

Os francezes, porém, em ódio á Inglaterra, que patrocinava esta convenção, instigaram, com todas as suas forças, os liberaes á resistencia.

—

No dia 1.º de janeiro, d'este anno de 1833, conseguiu desembarcar (fóra da barra do Porto) o general francez João Baptista Polignac[1] com 118 recrutas belgas; mas 11 d'estas, vindo doentes com o *cholera-morbus*, o communicaram aos seus camaradas, e em breve á cidade e a todo o reino, morrendo d'este flagello muitos milhares de pessoas, de todos os sexos e edades.

No dia seguinte, desembarcou tambem, no mesmo sitio, o general Froment, com 150 recrutas francezes.

O sr. D. Pedro dá o commando em chefe do seu exercito a Polignac, com o posto de major general.

[1] Do exercito sitiante tambem desertavam para o Porto; mas, em muito menor numero.

[1] Este Polignac, é o valentão nosso conhecido (1.º vol., pag. 78, col. 2.ª) que, tendo fugido (junho de 1808) á vista das ordenanças de Thomar; depois, sob as ordens de Margeron, e na companhia do principe de Salm-Salm, atacaram com cavallaria e infanteria, o *cirio de N. Senhora da Ameixoeira* (a 4 de julho de 1808) junto á villa de Alcoentre, fazendo uma ignobil carnagem nos romeiros, e tomando-lhes as duas bandeiras da Senhora, que foram para o museu de artilheria de Paris, como tropheus de uma grande batalha e gloriosissima victoria, pois como tal foi publicada no *Monitor*, folha official franceza.

D'esta vez, Polignac não matou alguns velhos, mulheres e creanças pacificos e indefezos, ás cutiladas e fuzileria; mas muitos milhares de portuguezes com a peste de que foi portador.

O governo hespanhol obriga a sair de Vigo a esquadra de Sartorius; prohibindo que lhe vendessem viveres.

Sartorius, navegando para o sul, ataca, a 24 de janeiro, o castello do Queijo (proximo a Mattosinhos) e, depois de rijo fogo de parte a parte, teve de retirar.

No mesmo dia, sete batalhões e um esquadrão de lanceiros liberaes, fazem uma sortida por Lordéllo e Nevogilde, que não teve outro resultado senão derramar-se muito sangue de portuguezes.

> Já não eram as campanhas de 1823 (*guerra da poeira*) nem as de 1826 e 1827, nas quaes, cada bando, sem se esquecer do lêma da sua bandeira, lembrava-se que todos eram portuguezes. Agora estava tudo mudado!—Realistas e liberaes, eram duas hordas de canibaes, tratando de commetter toda a casta de atrocidades contra os do partido opposto!

Os marinheiros da esquadra liberal, revolucionam-se, por falta de pagamento: levam os navios para a ilha de Bayona, e d'ali, Sartorius exige que o sr. D. Pedro pague os soldos atrasados, para elle, officiaes e marinheiros; ameaçando-o de voltar para a Inglaterra e vender lá os navios, para pagamento dos soldos em divida.

No Porto, não era menor a insubordinação dos estrangeiros. Hodges e outros officiaes e soldados, de differentes nações, deixam o serviço do sr. D. Pedro, e abandonando o Porto, vão uns para a Inglaterra, e outros para os realistas.

O sr. D. Pedro, achando-se em tamanhos apuros, por falta de dinheiro, vê se obrigado a lançar um tributo de um milhão de cruzados á cidade do Porto.

—

O ministro da guerra, do sr. D. Miguel (conde de S. Lourenço) é feito general em chefe do exercito de operações (21 de fevereiro) sendo substituido na respectiva pasta, pelo conde de Barbacena, que era chefe do estado-maior general do exercito.

O conde de S. Lourenço resolve atacar o Porto, tanto pelo norte, como pelo sul, e a 4 de março teve lugar um rijo combate, no qual entrou tambem a esquadrilha de barcos, do Douro. Depois de um dia de sanguinolentos combates, em varios pontos, os realistas recolhem aos seus acampamentos, depois de abandonarem as posições que com tanta perda de vidas tinham conquistado.

—

O sr. D. Pedro dirige uma carta, occultamente, ao conde de S. Lourenço, convidando-o, sob grandes promessas de premios tentadores, a que tivesse com elle uma conferencia—o conde recusa.

A peste, a fome e a guerra, fazem horriveis destroços nos habitantes do Porto.

O sr. D. Pedro, vendo que Sartorius continuava na mesma insoburdinação e ameaças, demitte-o, a 13 de março, nomeando em seu logar o capitão Crosby; porém Sartorius recusa entregar o commando, sem que lhe pagassem o que lhe deviam, e aos seus.

O principe manda Crosby e Doyle á esquadra, com ordem de prender Sartorius, mas este; prende-os e mette-os no porão da fragata D. Maria II.

Na esquadra realista não corriam as coisas melhor a favor do sr. D. Miguel. O almirante, João Felix, é exonerado do commando, e nomeado major-general da armada e inspector do arsenal da marinha. O commando da esquadra foi dado ao chefe de divisão Aboim.[1]

A 24 de março, teve logar a acção chamada das *Antas*, na linha de defeza da cidade, e ao norte d'ella. O resultado foi (como o dos ataques antecedentes) correr muito sangue.

No dia seguinte, os liberaes fazem uma sortida sobre a bateria do Cabedéllo, mas são repellidos.

[1] Este Aboim foi sempre conhecido por liberal, e em breve se conheceu que o era. Foi um passo erradissimo (se não foi traição) entregar-lhe o commando da esquadra. João Felix tambem passava por liberal; mas era um caracter honradissimo, no qual se podia depositar plena confiança.

No dia 9 d'abril, os liberaes atacam e tomam a bateria do Covêllo. No dia seguinte, os realistas tentam reconquistar esta posição, porém foram repellidos.

O sr. D. Pedro manda expulsar do Porto, os velhos, as creanças e os estropiados. O sr. D. Miguel manda recolher as creanças no collegio dos jesuitas, de Coimbra — os que eram militares foram para veteranos, e aos mais, deu-se tambem abrigo e alimento.

—

O sr. D. Pedro não tinha consentido que o general Saldanha o acompanhasse para Portugal; porém, vendo a que ponto haviam chegado as intrigas no seu exercito, o chama e lhe dá o commando das suas tropas.

Sartorius declara que, se lhe não pagarem até ao fim d'abril, retira com a esquadra para Inglaterra.

Foi n'esta triste conjunctura, que o barão de Quintella faz ao sr. Pedro um novo emprestimo de 2:500 contos de réis, salvando d'este modo a causa liberal; mas, foi-lhe preciso recorrer tambem a emprestimos, para obter tão grande quantia.

Como depois de terminada a guerra, nem lhe deram o contrato do tabaco, como se havia estipulado, nem lhe pagaram, Quintella teve de pagar o capital e juros aos seus crédores, depois de uma diuturna demanda, em que o barão (já conde do Farrôbo) havia chamado inutilmente o governo á auctoria. Isto deu em resultado o desmoronamento total da casa Quintella, uma das maiores do reino.[1]

—

Os realistas construem o famoso *castello de Gaia*, no sitio onde consta ter existido um antiquissimo.

Era um ponto de grande perigo, e onde morreram muitos artilheiros e outra gente; mas d'onde se causaram grandes ruinas á cidade, desde o dia 14 de maio, em que a artilheria d'este castello principiou a vomitar os seus projectis contra o Porto.

—

A intriga continúa a lavrar entre os chefes realistas. O sr. D. Miguel resolve entregar o commando do exercito e da esquadra a officiaes estrangeiros. Convida o marechal-general, conde de Bourmont, para commandante em chefe do exercito de operações, e lord Eliote, para almirante da sua esquadra. Ambos acceitaram. Bourmont chega a Portugal, trazendo em sua companhia dois filhos, alguns generaes e outros officiaes francezes, de reconhecido merito.[1]

Eliote, ao qual tambem se havia encarregado da compra de tres vapores de guerra e do engajamento de officiaes, artilheiros e marinheiros, prepara-se para sair com os vapores que havia comprado, e com uns 600 homens de guarnição e tripulação.

—

O general Saldanha, tenta terminar a guerra sem mais derramamento de sangue. Combina uma conferencia com o general realista. José Antonio d'Azevedo e Lemos. O logar marcado para esta conferencia foi um dos brigues de guerra inglezes que estavam fundeados em frente do Valle de Piedade.

Com effeito, alli se juntaram, pela parte dos liberaes, Saldanha e outros chefes — e pela dos realistas, Lemos, o conde da Bahia (cunhado de Saldanha)—o brigadeiro, Luiz Candido Tavares Osorio—o tenente coronel dos voluntarios-realistas de Castello Branco e Penamacôr, José de Pina Machado de Moraes Borges Ferraz—e outros. Ainda até hoje se ignora do que se tratou e o que se

[1] Era voz publica, que o 1.º barão de Quintella, havia deixado a seu filho (o de que se falla no texto) 14 milhões de cruzados em predios, e egual quantia em numerario!

A historia d'estes emprestimos, e da ruina d'esta grande casa, não é para aqui. Dava assumpto para um grande livro. Foi um acto de ingratidão, dos maiores que se tem praticado desde que ha memorias escriptas!

[1] Foram, os tenentes-generaes — Barão de Clouet; Conde, Augusto de la Rochejaquelin; Reynaldo Macdonell; e o Conde de Almer —os marechaes de campo, Barão de Grival e Bourdais—os brigadeiros, Conde, Luiz de Bourmont; Spring; Barão de Feried; Visconde, de Tanneguy Duchastel; Brassaget; Granier; Conde de R. de Rochellines; e Henrique de Payseux — trez coroneis — 10 tenentes-coroneis — 10 majores — 24 capitães — 25 tenentes — 19 alferes — e mrs. Prunelle e Lebrun, medicos militares.

decidiu, não só na primeira conferencia, como em outras que a ella se seguiram. Provavelmente, nada se resolveu.

—

Saldanha deu melhor direcção aos negocios dos cercados. Logo que tomou conta do commando do exercito liberal, tratou de abrir uma communicação com o mar, por sitio menos arriscado do que a barra, escolhendo a praia em frente da Luz, o que foi de grande utilidade para os liberaes; cuja sorte alguma coisa melhorou.

—

O sr. D. Pedro pôde conseguir resgatar a sua esquadra, com o segundo emprestimo Quintella, e a entregou ao capitão inglez Napier, que trouxe da Gran-Bretanha alguns officiaes e soldados de marinha, e ao qual nomeou almirante.

—

Os liberaes projectam uma sortida contra o sul do reino. Os realistas sabem-o, e tratam de agglomerar, desde os Carvalhos até Santo Ouvidio (Gaia) um grande apparato de carros e bestas de transporte, para marcharem em perseguição dos contrarios; mas estes, baldam todos aquelles preparativos, embarcando 2:500 homens, sob as ordens de Villa-Flôr, levando em sua companhia o marquez de Palmella, como delegado do sr. D. Pedro, em materias civis.

Este embarque foi feito com muita difficuldade, e gastando-se alguns dias, terminando a 20 de julho.

O commandante em chefe do exercito realista sabe d'esta expedição, e manda para o sul uma columna da força de 2:000 homens, de todas as armas, sob as ordens do brigadeiro Nuno Augusto de Brito Taborda, tendo por chefe de estado-maior, o tenente coronel, Augusto Xavier Palmeirim, que foi mandado n'esta columna, mas com destino a servir na divisão do visconde de Mollelos.

Villa-Flor e a sua columna, desembarcam em Cacella (Algarve) a 24 de junho.

Para evitarmos repetições, vide 1.º vol., pag. 54, col. 1.ª — e vol. 4.º, pag. 117, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª

Consta ao sr. D. Miguel, que os liberaes tentam seduzir os officiaes da esquadra realista, para se passarem para aquelles; e, quando o não podessem conseguir, incendiar a esquadra, que estava fundeada no Tejo.

É certo que á náu D. João VI foi lançado fogo, mesmo no rio, e teria ardido, se um arrojado marinheiro mulato, com imminente perigo de vida, não descesse a apagar o fogo.

O sr. D. Miguel, para evitar este perigo, e para entregar o commando da esquadra a Eliote, manda sahir Aboim, com todos os navios sob as suas ordens, para as aguas de Villa do Conde. A esquadra sahe, no 1.º de julho; mas, em vez de se dirigir ao norte, segundo as ordens do rei, navega para o Algarve!

No dia 5 de julho encontra-se com a esquadra liberal, nas alturas do Cabo de S. Vicente.[1]

Principiou a batalha, alcançando Napier uma victoria facilima; aprisionando alguns navios, e outros se lhe entregaram, e tomaram o serviço do partido liberal.

É certo que entre os officiaes da esquadra realista e Napier tinham havido prévias combinações, aliás, não se atreveria este a atacar um inimigo, que lhe levava grande superioridade, tanto na qualidade dos navios, como na sua artilheria e guarnições.

Mais. — Napier sabia até quaes os navios que lhe resistiriam, e quaes os que se lhe haviam de entregar; e tanto que, não atacou a náu-almirante (a *D. João VI*) nem os outros navios, que, como aquelle, se lhe entregaram sem disparar nem um unico tiro,[2] e

[1] Os vapores de Napier estavam fundeados na bahia de Lagos; e quando o almirante os mandou chamar, recusaram os seus officiaes entrar em combate, sem que a cada vapor se dessem 2.000 libras; por isso se uniram muito tarde á respectiva esquadra.

[2] A náu *D. João VI*, arriou bandeira, logo

foi atacar a náu *Rainha de Portugal*, que resistiu, quasi só, contra toda a esquadra liberal.

Ninguem ignorava em Portugal, que a *brigada real da marinha*, era, na sua quasi totalidade, desaffecta á causa realista; e que, tanto officiaes como soldados, se passariam para o inimigo, logo que a occasião se lhes proporcionasse.

Finalmente, os liberaes obtiveram uma victoria facil, e importantissima, não só material, como moral; pois que causou geral desanimo nos servidores fieis do sr. D. Miguel.

Da esquadra realista apenas escaparam tres vasos—duas corvetas, que fugiram para Lisboa, e um brigue, que fugiu para a ilha da Madeira.

Todo o mundo reputou um acto de traição, a sahida da esquadra realista para as aguas do Algarve, em vez de hir para as do Minho, como lhe fôra ordenado pelo sr. D. Miguel. Se seguissem este rumo, em breves dias se lhes uniriam os tres vapores commandados por Eliote, e o valioso reforço de officiaes e marinheiros militares inglezes, com os quaes afoitamente podiam contar os realistas, e as cousas teriam mudado muito de figura.

—

A victoria do cabo de S. Vicente, foi um passo gigantesco em favor dos liberaes, que, não só ficaram exclusivamente senhores do mar, que dominavam com uma já poderosa esquadra, como porque poderam dispensar uma grande parte dos soldados de marinha, que tinham sido da esquadra realista, para reforçar a expedição de terra. Esta, já augmentada com os officiaes e soldados realistas que se lhe haviam apresentado no Algarve, marchava agora triumphante, em direcção a Lisboa, seguida parallelamente pela esquadra, prompta a dar-lhe protecção e acolheita, em caso de necessidade.

no principio do combate, e consta mesmo que fez alguns tiros contra a náu *Rainha*.

Emquanto as cousas assim corriam no sul, fundeava no porto de Vianna um dos vapores de Eliote, trazendo a seu bórdo o conde de Bourmont e outros officiaes francezes.

A 14 de julho, o conde de Barbacena, que era tenente-general, foi feito marechal do exercito; mas foi exonerado de chefe de estado-maior general, junto á pessoa do sr. D. Miguel, e substituido pelo conde de Bourmont, que foi então elevado ao posto de marechal-general do exercito.

O barão de Clouet foi feito commandante em chefe do exercito realista.

—

Deixemos os acontecimentos do sul, que, além de ficarem já rapidamente narrados, a pag. 54, col. 1.ª, e pag. 141, col. 2.ª, do 1.º vol.—col. 1.ª de pag. 24, do 2.º vol., e no artigo *Lisboa*, a pag. 117, col. 1.ª, do 4.º vol.—não dizem respeito á historia do cêrco do Porto.

—

Bourmont percorre as linhas de defeza da cidade, e manda-as atacar no dia 25 de julho.

O ataque principiou ás 6 horas da manhan e terminou ás 2 da tarde. Foi, como os antecedentes, pessimamente dirigido, pois tendo o general francez mais de 40.000 homens em volta do Porto, apenas atacou com 12.000, sendo grande parte d'elles milicias, voluntarios-realistas, e o regimento dos soldados com baixa, que haviam sido chamados ao serviço. [1]

Os liberaes tinham a sua linha guarnecida com 15.000 homens, protegidos com as suas fortificações e por grande numero de bôcas de fogo. Mesmo assim, differentes posições foram varias vezes tomadas, perdidas e retomadas; porém o resultado d'este encarniçado combate, foi correrem ondas de sangue portuguez, sendo as perdas dos realistas (que atacavam a peito descoberto) muito superior ás dos liberaes.

[1] O exercito deu-lhe o nome de *regimento dos boticarios*, por terem góla e canhões amarellos, que era o uniforme dos cirurgiões-móres, ajudantes de cirurgia, enfermeiros, etc.

N'este mesmo dia, 25 de julho, pelas 10 horas da noite, chega ao Porto um vapor inglez, trazendo a noticia da derrota e morte de Telles Jordão, na Cova da Piedade e em Cacilhas, a 23; e do abandono de Lisboa pelos realistas, e da entrada de Villa-Flor na capital, a 24.

O sr. D. Pedro, embarca logo no mesmo vapor, e sáe para Lisboa, no dia 26, chegando a esta cidade no dia 28.

N'este mesmo dia 28, chega a Villa do Conde o vapor de guerra inglez, *Lord das Ilhas* (um dos tres mandados comprar pelo sr. D. Miguel), trazendo a seu bordo Eliote e mais 15 officiaes francezes, para o exercito realista. (Ainda vinham a tempo!...)

—

Os generaes realistas reunem-se em conselho, e decidem mandar 25.000 homens sobre Lisboa, ficando ainda em volta do Porto uns 15.000.[1]

O sr. D. Miguel acorda momentaneamente do seu lethargo chronico, e encarrega o almirante Eliote de hir á Inglaterra comprar uma esquadra egual á do sr. D. Pedro. Eliote marchou logo para a sua patria, a tratar d'esta compra.

Mas o exercito liberal marchava de triumpho em triumpho. Na capital, áchava, não só o resto da esquadra realista, que tinha escapado do destroço do Cabo de S. Vicente, como immensos recursos de toda a qualidade; os arsenaes abundantemente providos de material de guerra; e grande reforço de gente com que augmentou as suas fileiras.

Ainda mais — lord Palmerston, tinha jurado que o sr. D. Miguel seria expulso do throno portuguez, logo que a occasião se lhe proporcionasse — e chegou essa occasião — foi a occupação de Lisboa pelos liberaes: por isso, o governo inglez reconhece a sr.ª D. Maria II, a 9 de agosto, e n'esse mesmo dia, entrega as suas credenciaes a lord William Russell, como embaixador da Gran-Bretanha, ao governo liberal.

Apezar de tudo isto, o general Córdova, embaixador hespanhol em Portugal, retira de Lisboa para Coimbra, onde estava a côrte do sr. D. Miguel.

—

As tropas realistas, desanimadas com tantas derrotas, principiam a desertar em grande numero—os milicianos e voluntarios realistas, para suas casas,[1] e os soldados de linha para o campo inimigo.

—

A 6 de agosto, tinham principiado a marchar sobre Lisboa parte das tropas realistas que cercavam o Porto, pelo sul do Douro — e a 9 marcharam, com o mesmo destino, parte das que estavam do lado do norte.

O conde de Almer, fica commandando o exercito de operações sobre o Porto. N'esta cidade ficára governando o general Saldanha.

O conde de Almer, vendo que, com as poucas tropas que tinha, não podia conservar um rigoroso cêrco, decide tomar posições mais á rectaguarda. Não querendo deixar em poder dos contrarios os grandes depositos de vinhos, da companhia do Alto-Douro, o sr. D. Miguel encarrega o duque de Lafões de propôr ao Saldanha, que o vinho sahisse francamente a barra do Porto, depois de ter sido vendido a um banqueiro inglez, ficando o dinheiro depositado na mão d'elle, até ao fim da guerra, para então ser entregue ao seu legitimo dono.

As conferencias do duque com Saldanha, duraram oito dias; mas este não annuiu á proposta. Então, o conde d'Almer manda destruir (a 17 de agosto) uma grande parte d'estes vinhos, que valiam muitas dezenas de contos de réis, porque eram todos de superior qualidade.

[1] Note-se que esta decisão não passava de uma patacoada; porque então, já nem 25.000 homens estavam em volta do Porto!—O general Lemos propôz que se destruissem todas as munições de guerra, que não fosse possivel conduzir; que se atirasse com toda a artilheria ao rio Douro; e, abandonando o cêrco do Porto, marchasse immediatamente todo o exercito sobre Lisboa, a marchas forçadas; mas esta proposta, que tambem já pouco valia, não teve mais quem a apoiasse.

[1] De alguns regimentos de milicias, apenas ficaram os officiaes, e não todos. Os voluntarios realistas ficaram reduzidos á quarta parte. Era a consequencia infalivel de tantas derrotas soffridas.

A 18 d'agosto, Saldanha ataca o general realista, Pantaleão, obrigando-o a levantar o cêrco pela parte do norte.

Os realistas tinham construido uma ponte de barcas, em Gramido, porém o barão de Clouet a tinha mandado desfazer.

O conde d'Almer quiz accudir ao general Pantaleão; mas, como já não havia a ponte, teve de ir passar a Arnellas, pelo que, só se reuniu a Pantaleão no dia 19, quando já de nada lhe podia valer. Os negocios realistas corriam sempre assim!...

O conde d'Almer, decidiu abandonar Villa Nova de Gaia, tomando posições mais á rectaguarda—isto é—estabelecendo uma linha muito mais vasta de assedio.[1]

Apenas este plano estava concebido, já Saldanha o sabia no Porto; pelo que, desguarnecendo as suas linhas do norte, manda reforçar a toda a pressa a posição da Serra do Pilar.

No dia 20 de agosto, quando os realistas principiavam o seu movimento de retirada, deu sobre elles inopinadamente a guarnição do Pilar, fazendo-lhes alguns mortos e feridos, e grande numero de prisioneiros. Muitos soldados realistas, desanimados com tantos e tão grandes revezes, apresentaram-se aos liberaes.

Grande parte da artilheria grossa que se retirava do sitio, cahiu tambem em poder das tropas do Porto.

Almer, toma posições em S. João da Madeira, Feira e Ovar.[2]

Os realistas que cercavam a cidade pelo norte, tambem alargaram o cêrco, tomando posições a uns 8 kilometros á rectaguarda —isto é—o assedio do Porto, em rigor, deixou de existir; e tanto que Saldanha, com a maior parte da sua tropa de linha, embarca para Lisboa, a 23 de agosto, deixando Stubbs com o commando das tropas restantes.

No dia 3 de setembro, os liberaes fazem uma sortida sobre Penafiel, sem outro resultado mais do que arranjarem alguns recrutas voluntarios.

No dia 4, fazem outra sortida sobre Villa do Conde, cujo resultado foi levarem para o Porto uns 200 prisioneiros, quasi todos pertencentes ao regimento de milicias d'esta villa.

—

A causa realista podia julgar-se perdida; mas, como a guerra promettia durar ainda muitos mezes, e causar grandes desgraças, tentou-se ainda uma vez pôr-lhe termo por meios diplomaticos.

A Inglaterra estava francamente interessada n'este resultado, e Napier, por ordem do seu governo, teve uma seguida correspondencia com o conde de Bourmont, nos dias 18, 19 e 20 de setembro.

Bourmont opinava judiciosamente pela acceitação das propostas da Inglaterra, que, no estado das cousas, eram sobremodo favoraveis aos realistas. Vinham estas a ser —1.º, o sr. D. Miguel casaria com sua sobrinha; mas sahiria temporariamente para o estrangeiro, com uma avultada pensão, até que o tempo fizesse esquecer mais alguns factos praticados durante o seu governo—2.º, ser-lhe-hia restituida a casa do infantado—3.º. todos os postos dados pelo sr. D. Pedro e pelo sr. D. Miguel ficavam garantidos.

Muitos fidalgos que estavam então ao lado do sr. D. Miguel (e alguns dos quaes, pouco tempo depois, passaram para o lado do sr. D. Pedro) oppozeram-se com todas as suas

[1] Os generaes francezes e inglezes ao serviço do sr. D. Miguel, nada cá vieram ensinar, nem fizeram cousa alguma digna de grandes elogios. Este novo *plano de campanha*, do conde d'Almer, não passou de um grande disparate. Pois, se o exercito realista, na força de mais de 50:000 homens, não conseguiu fechar hermeticamente o cêrco, n'uma area de 5 ou 6 kilometros quadrados, como queria Almer sustental-o com 15:000 homens, na de mais de 200?

[2] Quasi toda a tropa de linha realista, tinha marchado para Lisboa, pelo que a maior parte da gente do conde d'Almer pertencia aos corpos de milicias e voluntarios realistas.

forças a esta convenção, sob pretexto de não quererem a sahida do rei, e preferiram phrases violentas contra Bourmont e alguns outros generaes francezes.

Bourmont, justamente escandalisado com estas aggressões, pediu a sua demissão, que logo lhe foi concedida. O barão de Clouet e outros o imitaram, e sahiram immediatamente de Portugal.

—

A 22 de setembro, chega a Lisboa a sr.ª D. Maria II, e n'esse mesmo dia foi Saldanha elevado ao posto de marechal do exercito.

A 10 de outubro, o governo de Luiz Filippe reconhece a sr.ª D. Maria II, como rainha de Portugal.

—

O conde d'Almer, vendo que o Porto apenas tinha uma insufficiente guarnição, composta quasi exclusivamente de voluntarios, aperta mais o cêrco, na intenção de dar um ataque formal.

Almer, tinha o seu quartel-general em Baltar, mas as suas patrulhas vinham até junto ás linhas da cidade.

O sr. D. Pedro ordena terminantemente ao general Stubbs, que faça uma sortida contra os realistas.

Stubbs obedece, e no dia 31 de outubro, sahe com uma columna até Grijó; mas os realistas o obrigaram a retirar em debandada, perseguindo-o até aos Carvalhos—a 10 kilometros ao sul do Porto.

A 5 de novembro, Stubbs faz outra sortida, com uma columna de 2:000 homens e dois esquadrões de cavallaria, sobre S. Mamede de Infesta, 6 kilometros ao norte do Porto. O conde d'Almer lhe sahe ao encontro, e obriga a retirar precipitadamente para as trincheiras, deixando em poder dos realistas alguns prisioneiros, quasi todos officiaes.

Os realistas que estavam ao sul do Porto, approximam-se d'esta cidade, tomando posições nos Carvalhos, em 22 de novembro.

Stubbs, arguido pelos seus superiores de não ter alcançado uma unica victoria contra os realistas, tenta ainda uma ultima sortida, sobre Carvoeiro e Vallongo, mas nenhum resultado favoravel conseguiu.

O sr. D. Pedro, vendo a incapacidade de Stubbs, convida o conde de Villa Flôr para hir tomar o commando das tropas do Porto, mas o general recusa. O principe mandou então o general Torres—já então feito barão do Pico do Celleiro. Este chega ao Porto no fim de novembro, mas Stubbs não lhe quiz entregar o commando, e só o fez, depois de ordens terminantes do sr. D. Pedro.[1]

—

O conde d'Almer, que estava ainda senhor das provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beiras, procedeu a grandes recrutamentos, creando novos corpos de primeira linha, e organisando um regimento de lanceiros.

O seu exercito chegou a ponto de poder mandar para Santarem um reforço de 3:000 homens, de boas tropas.

Vendo-se com forças superiores ás do inimigo, approxima-se do Porto, chegando até á Areosa, no dia 1.º de dezembro. Stubbs lhe sahe ao encontro, e travou-se uma pequena ácção, que teve um fatal resultado para os liberaes, que então perderam um dos seus mais bravos officiaes, o coronel Pacheco. (Vide no anno 1832, o dia 7 de agosto.)

—

As propriedades dos realistas tinham sido sequestradas, no Porto. No dia 16 de dezembro, suspende-se a venda d'estas propriedades, e mandaram-se levantar alguns sequestros.

Quando, n'este dia, se levantava o sequestro ás propriedades do negociante Souto, a populaça faz um grande tumulto, e se dirigiu á casa da camara, na intenção de assassinar os membros da *commissão municipal*, que correram grande risco. O unico meio que se achou para apasiguar este tumulto, foi dissolver a commissão.

1834

Em Londres, os agentes do sr. D. Miguel

[1] Só lhe entregou o commando, a 18 de dezembro, e depois de reiteradas ordens. Mesmo assim, o sr. D. Pedro deu-lhe então o titulo de barão de Villa Nova de Gaia.

e do sr. D. Pedro, protegidos pelo governo inglez, tentam ainda uma fusão dynastica. O sr. D. Miguel casaria com sua sobrinha, e reinariam ambos. Todos os titulos e postos seriam reciprocamente reconhecidos, e estabelecer-se-hia o governo representativo.

O encarregado d'esta combinação, sahiu de Londres a 11 de fevereiro; mas, quando chegou a Lisboa, já se tinha dado a sanguinolenta batalha d'Almoster (18 de fevereiro) na qual a victoria se inclinou para os liberaes; pelo que estes não quizeram estar por nenhuma combinação, em que elles não dictassem exclusivamente as condições.

—

José Antonio de Azevedo e Lemos, que era general do Alemtejo, passa a commandante em chefe do exercito realista [1] e o conde d'Almer, a general do Alemtejo.

A sahida d'este official, eminentemente organisador, activo, intelligente e bravo, póde reputar-se como a aniquilação completa do cêrco do Porto. Demais a mais, pouco depois da sahida d'Almer, para o seu novo destino, foram tiradas duas brigadas para o sul, o que enfraqueceu muito a força dos sitiantes.

—

A 18 de março, publicam-se dois decretos—um exauctorando o sr. D. Miguel, de todas as honras devidas ao seu alto nascimento—e outro extinguindo a *casa do infantado*, sendo os seus bens julgados *fazenda nacional*.

—

Lord Howard, embaixador inglez, sahe de Lisboa para o Cartaxo, na intenção de tentar ainda uma combinação para terminar a guerra por meios pacificos; e para que, pelo menos officialmente, se não repetissem ás expressões offensivas, empregadas pelos liberaes, sempre que se tratava da augusta pessoa do sr. D. Miguel; e, finalmente, para que fosse annullado o decreto que extinguia a casa do infantado, que seria entregue ao sr. D. Miguel, a quem pertencia.

Apesar do apoio prestado pelos fidalgos liberaes, a esta combinação, o sr. D. Pedro e os exaltados se oppozeram a ella obstinadamente. [1]

Lord Howard, escreveu, do Cartaxo, uma carta particular ao conde de S. Lourenço, ministro da guerra do sr. D. Miguel, para darem principio ás combinações; porém o ministro recusou toda e qualquer communicação, que não fosse franca e official; ao que lord Howard annuiu promptamente, e logo a 22 de março, na Ponte da Asseca, houve uma conferencia entre o general Lemos e o ministro inglez. [2]

Lemos declarou, por si e em nome de todo o exercito realista, que recusava todo o tratado que tivesse por condição a sahida do sr. D. Miguel, de Portugal; [3] todavia, que

[1] Tinha sido demittido o conde de Bourmont; succedeu-lhe o imbecil Macdonell, que tambem foi demittido, e nomeado o general Póvoas, que foi substituido pelo general Lemos.

[1] O sr. D. Pedro assignára, sem hesitar, os dois decretos de 18 de março, nos quaes era atrozmente insultado seu augusto irmão, chamando-lhe *usurpador* e outros nomes injuriosos, que, por fim de contas, não só o offendiam a elle, mas a todos os membros da casa real de Bragança!

Deve confessar-se que o sr. D. Miguel, nem até então, nem depois, até á sua morte, consentiu em que na sua presença se tratassem com desconsideração, o sr. D. Pedro, ou a sr.ª D. Maria II—e elle mesmo, quando fallava d'elles, empregava sempre expressões de moderação e defferencia. Assim, o rei, honrando os seus parentes, honrava-se a elle mesmo.

[2] Com lord Howard, iam o marechal Saldanha, o almirante Parker e dois officiaes da marinha ingleza. Lemos levava os seus ajudantes d'ordens; mas todos se afastaram, ficando a tratar do negocio, sómente Howard e Lemos.

[3] O procedimento do general Lemos, n'esta conjunctura, se tinha muito de louvavel, bello e leal, nada tinha de humanitario, e o meio unico porque então se podia conseguir alguma combinação que terminasse a guerra, era a sahida do sr. D. Miguel.

A morte de Fernando VII, a expulsão de

marchava para Santarem, a dar parte a el-rei do occorrido, e lhe mandaria a decisão para o Cartaxo.

Com effeito, pouco depois, o conde de S. Lourenço officiou a Howard, dizendo-lhe que se não acceitava a proposta da sahida do sr. D. Miguel, sem que tambem sahisse do reino o sr. D. Pedro: que, ou sahiriam ambos, ou nenhum.

Assim terminou esta ultima tentativa de pacificação, que, em geral, tanto desagradava aos liberaes como aos realistas.

—

Em quanto duravam estas conferencias, a guerra continuava em todo o reino.

A guarnição do Porto, reforçada com alguns corpos que tinham vindo de Lisboa, sahiu da cidade, a 26 de março, sob o commando do barão do Pico do Celleiro, e foi bater o brigadeiro realista, Antonio Guedes de Quinhones, que commandava uma brigada que lhe confiara o marechal de campo José Cardozo de Carvalho, o qual, sabendo d'esta derrota, em Oliveira d'Azemeis, onde tinha então o seu quartel-general, marchou a toda a pressa para o norte do Douro, a tomar o commando das suas tropas; mas esta derrota desanimou muito os realistas.

A 3 de abril houve uma renhida acção, na Lixa, entre José Cardozo e o barão do Pico do Celleiro. Os realistas, depois de uma brava resistencia, tiveram de retirar para Amarante.

A 9 de abril, 3:000 hespanhoes (*christinos*) occupam Chaves e Mirandella.

Outras forças liberaes castelhanas, superiores a 25:000 homens, tendo por commandante em chefe o general Rodil; invadem as nossas provincias da Beira-Baixa, Alemtejo e Algarve, e, sem prévia declaração de guerra, manobram contra as tropas realistas.

O duque da Terceira avança para Traz-os-Montes, onde tambem opéra o general Avilez, com tropas portuguezas e hespanholas.

Os realistas abandonam, a 17 de abril, toda a margem direita do Douro, cujo rio atravessam na barca do Pocinho, tomando a direcção de Trancoso.

O general hespanhol, Rodil, occupa a cidade da Guarda, com 8:000 homens.

A praça d'Almeida, havia muito ameaçada pelos castelhanos, é abandonada pelo marechal de campo, Francisco Nunes d'Andrade.

N'esta praça estavam 800 presos liberaes (que para aqui tinham sido transferidos de outras cadeias) os quaes foram logo soltos, e tomaram as armas, sob o commando do coronel Valdez, e ficaram a fazer a guarnição da praça.

—

A 22 de Abril, assigna-se em Londres o *tratado da quadrupla alliança, offensiva e deffensiva*, entre os governos de Lisboa, Hespanha, França e Inglaterra, para serem expulsos, o sr. D. Miguel I, de Portugal, e D. Carlos V da Hespanha.

Carlos V, ainda estava em Portugal; mas os seus partidarios, já faziam a guerra, com vantagem, nas provincias septentrionaes da Hespanha.

O barão do Pico do Celleiro, sae do Porto, e occupa Souto-Redondo, Oliveira d'Azemeis, Feira e Ovar; porém o brigadeiro realista, Bernardino Coelho Soares de Moura, faz desalojar precipitadamente os liberaes, d'estas posições; mas, temendo a juncção d'elles com as tropas castelhanas, do barão de Carandolet, que estavam nas villas de Céa e Gouveia, retira para a Mealhada, na intenção de cobrir Coimbra.

Soares de Moura ainda tinha sob o seu commando uma forte brigada, composta dos batalhões de caçadores n.º 7 e 12—dos regimentos de infanteria n.º 11 e 12—varios contingentes de outros corpos de linha—dois esquadrões de cavallaria n.º 1—o esquadrão

Carlos X, e a queda do partido tory, foram tres golpes mortaes para o partido realista, que já não tinha remedio senão sujeitar-se á condição da sahida do rei, por mais ardua que ella lhe parecesse.

de cavallaria, da guarda real da policia do Porto—o batalhão de voluntarios realistas de Penafiel—e um parque de artilheria.

Finalmente, o Porto vê-se completamente livre do cêrco.

A ultima derrota dos realistas, nas planicies da Asseiceira, a 16 de maio, abreviou a conclusão d'esta guerra fratricida, que terminou pela convenção d'Evora-Monte, a 27 d'este mez.

Terminou a guerra, em que os generaes, á frente das suas tropas, se batiam em combates regulares, arma contra arma, peito contra peito, e nos quaes se morria matando; mas principiou a guerra dos assassinos, armados até aos dentes, contra homens pacificos e inermes, nos quaes aquelles praticavam atrocidades de toda a casta.

Era a sorte dos vencidos!—

Não pretendo com isto relembrar as scenas de canibalismo que ensanguentaram Portugal em 1834, 1835 e 1836. Não, porque estou convencido de que, se a victoria fosse dos realistas, as barbaridades praticadas contra os liberaes, não seriam nada inferiores ás que aquelles soffreram n'estes tres annos de aterradora recordação.

Já disse e repito—os realistas e os liberaes d'então, eram duas hordas de antropophagos—duas alcateias medonhas de tigres, hienas e chacaes, insaciaveis de sangue e de carnagem.

Felizmente, esses dias de horror já vão longe, e Deus queira que elles não voltem mais.

—

Volvamos á historia do Porto.

—

1837—(13 de janeiro)—Reforma do plano dos estudos, da academia polytechnica, da cidade do Porto, por Manoel da Silva Passos, então ministro do reino. No decreto que determina a reforma, dizia-se—

«Attendendo á necessidade de plantar no paiz sciencias industriaes, que differem muito dos estudos classicos e puramente scientificos, e até de estudos theoricos, contendo simplesmente a descripção das artes, e offerecendo para este fim a *populosa e rica cidade do Porto*, a localidade mais apropriada, por seu extenso commercio, e outras muitas circumstancias, podendo a *academia real de marinha e commercio* satisfazer, até certo ponto este importante objecto, logo que recêba uma organisação mais conveniente, etc., etc.»—

A academia real de marinha e commercio, da cidade do Porto, foi creada por alvará de 9 de fevereiro de 1803.

N'este alvará se determina a construcção de um edificio adequado, correndo, nos primeiros annos, a despeza, por conta de subsidios da camara, da companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto Douro, e do real do vinho (ao qual por isso se chamava *subsidio litterario*).—Vide os annos 1755 e 1803.

O edificio da academia, de vastas e sumptuosas proporções, ainda está incompleto, e tarde se concluirá, pois se tem de proceder a custosas expropriações da parte O. do edificio, que deve chegar, por este lado, até á *viella do Assis*, tendo de demolir-se todo o lado E. da rua, e ainda varias outras casas.

A fachada E. está concluida, e apenas metade da do S. (que é o frontespicio.)—Tambem está quasi concluida a fachada N.; mas nada ha feito da O.—Depois de concluida, fica esta uma das mais vastas e melhores, do seu genero, da Europa.

Muitas pessoas entendidas, teem notado a impropriedade da applicação que se tem dado aos baixos do edificio, occupados por lojas de louça ordinaria, tendas, pádarias, botiquins e tabernas; o que, na verdade, não é das cousas mais decentes.

No interior, ainda existe (sem ar e sem luz!) o antigo *collegio dos meninos orphãos*, e a egreja de Nossa Senhora da Graça, em estado de ruina.

Está tambem aqui actualmente, o *instituto industrial*, com uns 400 alumnos—e duas aulas da academia portuense de bellas artes (as de desenho e architectura).

A *eschola industrial portuense*, foi creada em 30 de dezembro de 1852, e se encorporou no edificio da academia;

porém este instituto só principiou a funccionar em 1854.

Na academia, professam-se actualmente os cursos seguintes—

Curso de engenheria, de pontes e calçadas.

Curso de minas.

Curso de agricultura.

Curso de commercio.

Curso de pilotos.

Curso preparatorio de engenheria militar.

Curso preparatorio da escola medico-cirurgica.

Curso complementar da academia de bellas artes.

Curso de veterinaria.

Curso de directores de fabricas.

Curso de conductores de pontes e calçadas.

Curso de machinistas.

Curso de telegraphistas.

Curso de mestres de officina.

Curso de mestres chymicos e tintureiros.

Curso de conductores de minas, e chefes mineiros.

—

O real do vinho, applicado para a construcção do edificio, foi lançado sómente por 10 annos. Era um real em cada quartilho de vinho, que se vendesse nos mezes de junho até novembro de cada anno, na cidade do Porto e em todo o districto em que a companhia dos vinhos do Alto Douro tinha o exclusivo da venda de vinho *maduro*.

A junta administrativa da companhia, encarregada da cobrança d'esta contribuição, foi-o tambem de mandar tirar a planta do edificio, a qual foi aprovada pelo governo, em 26 de setembro de 1807; mas as obras já tinham principiado em 1803.

Apesar de o imposto applicado para as obras, por dez annos, ter continuado a cobrar-se emquanto a companhia existiu, esta em 1825 representava que, para manutenção da academia e complemento da construcção do seu edificio, não bastavam os subsidios estabelecidos e que até áquella data havia a junta provido áquelles encargos á custa de sacrificios pecuniarios dos seus proprios fundos e de que ainda não estava indemnisada.

Esta representação deu logar a que por alvará de 16 de agosto d'esse anno fossem adoptadas diversas providencias reduzindo as despesas do pessoal da academia e ampliando a todos os mezes do anno o imposto estabelecido só para seis mezes.

Entretanto não se poude dar grande impulso ás obras.

Para as obras teem sido dados subsidios pelo governo; e comtudo não poderam ainda ser concluidas.

Ultimamente, o sr. deputado Antonio José Teixeira apresentou na camara um projecto de lei n'esse intuito.

Se fôr approvado, realisar-se-ha um emprestimo de 300:000$000 réis, que o governo amortisará annualmente; e dentro de pouco poderá estar concluido um edificio cuja construcção principiou ha tres quartos de seculo!

E concluido que seja, será destinado para a academia polytechnica, para o instituto industrial, para a academia das bellas artes e para a bibliotheca, e denominar-se-ha *Paços dos estudos do Porto*.

—

1842 (27 de janeiro)—O sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral (feito conde de Thomar, em 8 de setembro de 1845) faz n'esta cidade a revolta que restaurou a carta constitucional.

Foi tambem proclamada em Lisboa, a 7 de fevereiro, e restaurada a 10.

(Vide 4.º vol., pag. 118, col. 2.ª, no principio.)

—

1846 (maio)—Os povos do Minho, acabrunhados pelos grandes tributos que já pagavam, e ainda mais pelos que receavam vir a pagar, em vista do novo systema de lançamento de decima, inventado pelo ministerio cabralista, principia a juntar-se tumultuosamente em differentes pontos.

Um enterro na egreja da Póvoa de Lanhoso, foi o principio (ou o pretexto) da revolta á mão armada, que começou por mulheres!

D'aqui nasceu a guerra civil, chamada da *Maria da Fonte* ou da *Patuleia.*

O povo, nem sabia o que queria, nem tinha chefes. O grito heterogenio era—*Viva o povo!—Morram os Cabraes!*—No meio porém d'estes gritos, davam-se tambem vivas ao sr. D. Miguel I; á republica; ás leis de D. João VI; á sr.ª D. Maria II; aos capitães-móres, etc. etc.

O governo manda tropas sobre a provincia do Minho—e, em côrtes, apresentou uma proposta de lei que mandava fusilar todo aquelle que se achasse com armas na mão, contra o governo cabralista. Esta *proposta,* transformada em lei, foi approvada pelas duas camaras, *votando a favor alguns prelados!*

José Bernardo da Silva Cabral (feito conde de Cabral, em 24 de outubro de 1867) que era então ministro da justiça, foi mandado para o Porto, como *logar tenente da rainha,* e com amplos poderes; mas em breve teve de fugir, apupado pelo povo.

Em Lisboa, houve tambem revolta, no sentido da do Minho, a 11 de maio, morrendo ou sendo feridas, varias pessoas do povo.

Finalmente, o reino todo, como um só homem, annuiu aos revoltosos.

Os irmãos Cabraes, fugiram para o estrangeiro.

—

Os setembristas (os que tinham feito a revolta a 9 e 10 de setembro de 1836, em Lisboa, com a guarda nacional, e que tinham destruido a carta e acclamado a constituição de 1822) os setembristas, digo, tomam conta da situação.

O duque de Palmella é encarregado de formar um ministerio setembrista.

O conde das Antas foi mandado com tropas apasiguar o Minho.

Na noite de 6 para 7 de outubro, a côrte reagiu contra o governo existente, conseguindo derrubal-o, apparecendo na madrugada de 7, em armas, toda a guarnição de Lisboa, tendo á sua frente os dois marechaes, Saldanha e Terceira; e formando um ministerio cartista. A isto se chamou a *emboscada de 6 de outubro.*

O duque da Terceira é mandado ao Porto, pela rainha, como seu logar-tenente; mas, quando elle desembarcou, já na cidade se sabia da *emboscada.*

José da Silva Passos, que se pozera á testa dos populares, prende o duque e quasi todos os que o acompanhavam, mettendo-os no castello da Foz, d'onde depois foram transferidos para a cadeia da relação.

No Porto organisa-se a—

Junta provisoria do governo supremo do reino, em nome da nação e da rainha

As provincias do norte obedecem ao governo d'esta junta.

O então barão (e depois conde) do Casal, general das armas do Minho, marcha com as suas tropas contra o Porto, e, depois de andar alguns dias em volta da cidade (mas fóra do alcance da artilheria) foi accommettido pelo general da junta, Sá da Bandeira, e obrigado a fugir para Traz-os-Montes.

O Algarve declara-se a favor da junta, sahindo d'aquella provincia uma columna, ás ordens do brigadeiro Celestino Soares, para fazer a revolta no Alemtejo; porém o general Schwalbak (cartista) o derrota e põe em fuga junto á villa de Vianna, do Alemtejo.

O conde das Antas sae do Porto com uma forte columna, em direcção á capital, e toma posições em Santarem.

Saldanha (já então feito duque) sae de Lisboa ao seu encontro, e toma posições no Cartaxo.

Em Traz-os-Montes, Sá da Bandeira ataca o Casal em Valle-Paços (15 de novembro) mas, no principio da acção, os regimentos n.º 3 e 15, da junta, passam-se para os cartistas, tendo Sá da Bandeira de retirar para o Porto, pelo rio Douro.[1]

[1] Quando regressava ao Porto, foi atacado em Boaças, Ancêde e Portantigo, pelas guerrilhas do Macdonell, que dos rochedos das duas margens, faziam fogo para os barcos. Houve poucos mortos e feridos de parte a parte. O sr. Alberto Ferreira Pinto Basto, commandante do batalhão da Vista Alegre, perdeu dois cavallos, que cahiram em poder dos realistas. A guerrilha de Luiz do Amaral Semblam, desarmou uma grande parte

Casal, reforçado com os dois regimentos que se lhe tinham apresentado, torna a vir sobre o Porto, na esperança d'alli haver uma contra-revolução; mas como isto se não realisou, marcha a atacar os realistas que estavam em Braga, sob as ordens do imbecil general escocez Macdonell, e os faz fugir d'esta cidade, a 20 de dezembro.

Em diversos pontos do reino, se dão alguns combates entre cartistas e setembristas; sendo o principal, o de 22 de dezembro, dado pelo general Saldanha, contra o conde do Bomfim, em Torres-Vedras, no qual os setembristas foram completamente derrotados, cahindo em poder do inimigo grande numero de prisioneiros.

Tem dado muito que fallar a acção de Torres-Vedras; e ha quem diga que já então havia combinação entre os duque de Saldanha e o conde das Antas.

O que é certo, é que este, achando-se com grandes forças em Santarem, podia facilmente acudir ao conde do Bomfim, que, em logar de ficar vencido, seria o vencedor.

Note-se tambem que Saldanha, podendo aniquilar facilmente as tropas do Antas, desanimadas com a derrota dos seus em Torres-Vedras, as deixou ir muito do seu vagar e em paz, para o Porto (uma marcha de 225 kilometros) sem lhe dar um unico tiro!

(Mysterios historicos!...)

1847—Logo no principio d'este anno, a junta procura attrahir ao seu partido os realistas que estavam em armas; ao que Macdonell se oppoz obstinadamente.

Os realistas, afugentados de Braga pelo Casal, tinham retirado para Guimarães, e de lá para Amarante, onde se conservaram 23 dias. D'esta villa marcharam para Villa-Real,[1] e de lá para Chaves; mas tudo em completa desordem, pelo desmazello ou imbecilidade de Macdonell.

Os realistas estavam aquartellados em Villa Pouca d'Aguiar e povoações immediatas, sobre a estrada de Chaves.

Junto á aldeia de Sabroso, Macdonell, do mesmo batalhão. (18 de novembro). Já pela manhã tinha sido feito prisioneiro, em Boáças, o coronel de artilheria, da junta, Gromicho Couceiro (que depois foi ministro da guerra) com 36 soldados da guarda municipal, que do Porto hiam unir-se ás tropas de Sá da Bandeira, ignorando que ellas tinham sido batidas, o que só souberam em Boáças.

Foi n'este dia a primeira vez que os guerrilhas de Macdonell deram os primeiros tiros contra os liberaes.

Gromicho Couceiro foi apresentado ao Macdonell, pelo auctor d'esta obra. O general convidou o a ficar ao serviço do sr. D. Miguel, com o posto de brigadeiro, ao que elle se recusou. Foi então mandado em paz, para bordo, com a sua espada (que se lhe não havia tirado) e com os seus soldados, aos quaes apenas se haviam tirado as armas.

A musica da guerrilha intitulada *batalhão de voluntarios-realistas de Paiva e Fermedo,* apanhou n'esta occasião, uns 1:500 pares de sapatos aos setembristas, e com elles calçaram muitos guerrilhas, que hiam de tamancos.

Tambem cahiram algumas armas em poder dos realistas, e dois *cunhetes* de polvora.

Já pela manhã, o major realista Figueiredo, tinha feito algum fogo, na Régua, á gente do Sá da Bandeira.

Se o rio não levasse tanta agua, correndo os barcos, por isso, com grande velocidade, Sá da Bandeira mataria muitos realistas, mas é provavel que perdesse a maior parte das suas tropas.

Era notavel que Macdonell nunca quizesse fazer fogo ás tropas carlistas, mas só ás republicanas!—Dizia que estas não queriam rei nem Roque, ao passo que as outras, em todo o caso, eram monarchicas. Elle lá se entendia!...

[1] Os realistas sahiram d'Amarante, pelo meio dia de 20 de janeiro, tendo de atravessar o Marão, então coberto por uma camada de neve, de mais de 0,m70, por uma noite de escuro; sem capotes, sem guarda-fechos, sem nada. Parece impossivel como não ficaram quasi todos mortos pelo frio. Eram 2 horas da madrugada, quando chegaram á Campean (ainda na serra) onde passaram o resto da noite. O sr. D. Miguel (ou o sr. Antonio Ribeiro Saraiva) não podiam fazer uma escolha mais deploravel—Tudo tornava a correr para os realistas, como de 1832 a 1834.

com o seu *estado-maior*, sobe a um alto, d'onde vê perfeitamente, porque estavam muito perto, alguns soldados de cavallaria e muitos caçadores, da columna do general cartista Vinhaes.

Aconselhado e instado pelos seus, recusa retirar, obstinando-se em estar d'alli a ver os movimentos dos cartistas. Vendo a teima insensata do escocez, o seu sequito o vae pouco a pouco abandonando (os ultimos, já com bastante risco) e só fica o infeliz Rangel[1] que levou a sua abnegação até querer partilhar a sorte do general.

Alguns cavallarias do Vinhaes, chegam junto de Macdonell e Rangel, e os assassinaram cobardemente, roubando-lhe depois não só todo o dinheiro que lhes acharam, mas até despojando-os da roupa que traziam vestida: (1.º de fevereiro de 1847.)

A gente de Macdonell, sem ser perseguida, marcha pela Ponte de Cavez, para a Terra de Barroso, com direcção a Guimarães, unindo-se n'esta cidade ao brigadeiro Bernardino Coelho Soares de Moura, que já então tinha tomado o partido da junta do Porto, assim como Póvoas, Guedes e outros.[2]

A juncção dos realistas á causa da junta, deu grande força moral e material ao partido popular.

A junta tinha uma esquadrilha de vapores, superior á do governo de Lisboa. Além dos dois vapores que tinha levado para o Porto, o duque da Terceira, tinha aprisionado outro, varios navios do cruzeiro do Algarve, e tinha-se-lhe apresentado uma corveta.

Mandou pois, para o Algarve, por mar, uma divisão, sob o commando de Sá da Bandeira. Esta divisão marchou para o Alemtejo, onde se uniu ás tropas do conde de Mello, que estava em Evora; e com esta força, que era respeitavel, avançaram sobre Setubal.

N'esse tempo, Saldanha tinha estabelecido o seu quartel general em Oliveira d'Azemeis (42 kilometros ao Sul do Porto) não se atrevendo a avançar.

A 29 d'abril, ha uma revolta em Lisboa, a favor da junta, sendo soltos os presos do *Limoeiro*; porém foi suffocada pelas tropas da rainha.

Os cartistas, marcham sobre Setubal, tendo então logar (1 de maio) o combate do *Alto do Viso*, ao O. da mesma cidade.

O general da junta, barão d'Almargem, põe cêrco ao castello de Vianna. A sua guarnição sae de noite, pretendendo metter-se na praça de Valença, que se conservava fiel ao governo de Lisboa; porém, sendo esta manobra presentida por Almargem, a cêrca, cahindo quasi todos os officiaes e soldados (uns 300) em poder das tropas da junta.

O general Bernardino Coelho Soares de Moura, com o seu esquadrão de cavallaria; com outro de cavallaria n.º 1—com o regimento de infanteria n.º 9; voluntários de Vizeu e Cêa; 5.º da legião e outras tropas, persegue pela provincia de Traz-os-Montes, a columna do Vinhaes, que obriga a entrar em Hespanha, por Alcaniças, depois de lhe ter feito grande numero de prisioneiros.

Ao mesmo tempo, o general Póvoas obrigava o barão do Casal a passar precipitadamente para a margem esquerda do Douro (Beira-Alta) ficando assim as provincias do norte completamente livres das tropas da rainha.

O desenvolvimento que em Portugal tinha tomado a revolução, deu sérios cuidados ao governo de Lisboa, que reclamou a intervenção das potencias alliadas pelo tratado da *quadrupla alliança*, feito em 22 de abril de 1834; e, a 21 de maio assigna-se o *protocollo* para que a França, Hespanha e Inglaterra invadissem Portugal e restabelecessem o governo da sr.ª D. Maria II.

O conde das Antas, com uma divisão de tropas escolhidas, embarca no Porto (30 de maio) na intenção de se dirigir ao sul do reino; mas logo ao sahir da barra, pelas 5 horas da manhã do dia 31, a esquadra in-

[1] Pae do actual administrador do concelho do Cartaxo, o sr. João Augusto Ferreira Rangel de Sampaio.

[2] Em quanto Macdonell foi vivo, o Vinhaes andava sempre em volta das suas tropas, fingindo querer atacal-as; mas, assim que o escocez morreu, nunca mais se atreveu a aproximar-se dos realistas!—(Outro mysterio historico!...)

gleza e alguns navios de guerra hespanhoes e francezes, intimam o conde das Antas para se entregar com as tropas do seu commando, no momento em que os navios da junta levantavam ferro, em frente da barra do Porto.

Antas, rende-se immediatamente, e os inglezes levam os prisioneiros para a torre de S. Julião da Barra, onde entraram a 4 de junho. [1]

Os navios da junta, são entregues pelos inglezes, ao governo de Lisboa.

Um exercito hespanhol, de 25:000 homens, sob o commando do general Concha, avança sobre o Porto, ao passo que Saldanha avança sobre Villa Nova de Gaia.

A 14 de junho, o general Sá da Bandeira, que estava em Setubal, foge para bordo de um navio inglez, e as suas tropas, vendo-se assim abandonadas, debandam, cada um para sua parte.

A 25 de junho, Saldanha, com os regimentos de infanteria 16, granadeiros da rainha, caçadores n.º 1, e voluntarios cartistas de Midões (o batalhão do tristemente famoso *João Brandão*) atacam as posições de Villa Nova de Gaia, apenas defendidas por duas companhias (3.º e atiradores) do regimento de infanteria n.º 9 [2] que sustentou 12 horas de fogo, com a maior coragem e galhardia, não perdendo uma pollegada de terreno, pelo que foram justamente elogiados por todos os jornaes do Porto.

No dia 27 de junho, já depois de estabelecido o armisticio, algumas tropas cartistas pretenderam tomar á traição o forte de Gaia, mas foram bravamente rechaçaads pela guarnição, composta exclusivamente de voluntarios.

A causa popular devia forçosamente succumbir, em vista da poderosa intervenção estrangeira, e finalmente, a 30 de junho, se effectuou a celebre *convenção de Gramido*, assignada pelo general Cesar de Vasconcellos, por parte da junta; e Concha, por parte dos alliados. (Vide vol. 3.º, pag. 316, col. 2.ª)

Em cumprimento d'esta convenção, foi a cidade do Porto entregue aos hespanhoes, e desarmadas as tropas da junta.

O duque da Terceira e outros presos politicos, e prisioneiros de guerra, foram postos em liberdade, no dia 29 de junho.

Os prisioneiros da junta, que estavam no castello de S. Julião da Barra, foram soltos, nos dias 7, 8 e 9 de junho.

As cadeias de Lisboa estavam quasi atulhadas de presos *patuleias*, que tambem, em virtude da convenção, foram logo postos em liberdade.

—

Assim terminou a celebre campanha, denominada *Maria da Fonte*, ou da *Patuleia*.

Pensando bem, foi uma felicidade acabar assim. Se não ha intervenção estrangeira, o partido da junta vencia com toda a certeza; mas á sua victoria, seguir-se-hia, mais tarde ou mais cêdo, uma outra guerra entre realistas e setembristas, que lançaria o reino em novos horrores. Já isto mesmo receavam os homens prudentes d'estes dois partidos.

Devo aqui mencionar um facto digno de nota.

Durante o governo da junta no Porto, (um anno) se agglomeraram n'esta cidade, tropas de todas as provincias do reino, quasi todas compostas de corpos de voluntarios, organisados á pressa, ainda sem disciplina e insobordinados—e mesmo varias partidas de guerrilhas. Pois não houve em todo este tempo o mais pequeno desaguisado, um

[1] A resolução tomada pelo conde das Antas, de sahir do Porto, com tropas escolhidas, tendo fóra da barra uma forte esquadra inimiga, e a sua facil entrega, deu muito que fallar, e ainda hoje não se sabe bem como isso foi. (*Outro mysterio historico*...) Deve porém confessar-se que a entrega do Antas e da esquadrilha da junta, deu em resultado a breve terminação da luta; e portanto, o não derramar-se mais sangue portuguez.

[2] Este regimento, vulgarmente denominado do *Pópulo*, foi organisado por Macdonell, em Braga, no dia 1.º de dezembro de 1846, sob o titulo de *batalhão de infanteria de Braga*. Depois de unido á junta, esta o denominou *3.º regimento de fusileiros da liberdade*, e pouco depois, *regimento de infanteria n.º 9*. O auctor d'esta obra, foi capitão da companhia de atiradores d'este regimento, que era o maior da junta, pois tinha 900 e tantas praças.

unico roubo, a minima desordem. Nunca o Porto esteve mais socegado, nem em occasião de paz octaviana!

—

Concha e os seus castelhanos, entraram no Porto, no 1.º de julho, não permittindo que as tropas do Saldanha alli entrassem, sem terem sahido todos os soldados da junta—para se evitarem desordens; mas, apesar d'isso, muitos soldados da patuleia foram mortos ou feridos pelas tropas cartistas, no regresso a suas casas.

Os que retiraram para o sul, foi preciso serem escoltados por couraceiros hespanhoes, até passarem os acampamentos das tropas do Saldanha, em Villa Nova de Gaia.

Eram actos da mais ignobil cobardia. Áquelles que não poderam vencer em batalha leal, os assassinavam, depois de desarmados, e quando, em virtude de uma convenção, garantida por tres nações, regressavam pacificamente aos seus lares.

—

1849—O Saldanha, que não era amigo dos irmãos Cabraes, influe para que o conde de Thomar entre de novo no ministerio! Por essa occasião declarou o merechal, em pleno parlamento, que antes queria todos os Cabraes na camara dos deputados, do que um unico dos da junta do Porto.

Esta opinião, poucos mezes lhe durou, porque logo em fevereiro 1850, por influencia do conde de Thomar, é demittido do cargo de mórdomo-mór da casa real. Saldanha pede então a sua demissão de todos os cargos de commissão, por já não querer servir com os Cabraes.

Em 28 de julho, d'este anno de 1849, fallece no Porto (no palacio de Entre-Quintas) Carlos Alberto, rei da Sardenha e do Piemonte, na edade de 51 annos, pois tinha nascido em 28 de dezembro de 1798.

Viera residir para esta cidade, depois da derrota de Novára.

—

1850—O conde de Thomar manda publicar a famosa lei contra a liberdade da imprensa, conhecida pela alcunha expressiva de *Lei da rolhas*. (Nunca os jornaes da opposição fallaram tanto contra o governo, como em quanto durou esta lei.)

—

1851—(abril)—O duque de Saldanha põe-se á frente de uma revolta, para derribar o governo dos Cabraes, mas tem de fugir para a Galliza. (Vide *Portella do Homem*, a pag. 256, col. 1.ª, d'este vol.)

—

1852—(29 de março)—Horroroso naufragio do vapor Porto, ao entrar a barra, morrendo 60 pessoas afogadas. (Vide o vol. 3.º, pag. 223, col. 1.ª)

N'este mesmo anno, e por causa d'este naufragio, se instituiu a *real sociedade humanitaria*. (Idem.)

—

A 5 de julho d'este anno, publicou-se o *acto addicional á carta*.

—

1853—(4 de fevereiro)—Morre na ilha da Madeira, a princeza D. Maria Amelia, ultima filha do sr. D. Pedro, e de sua 2.ª mulher, a imperatriz Amelia.

—

A 7 de maio d'este anno teve logar a inauguração do caminho de ferro de Leste.

E a 15 de novembro, fallece de parto, em Lisboa, a sr.ª D. Maria II.

O filho morreu tambem.

N'este mesmo dia foi elevado ao throno, o sr. D. Pedro V, de sempre saudosa memoria. Tinha apenas 16 annos—pois nascera a 16 de setembro de 1837; pelo que foi seu pae nomeado regente do reino, durante a menoridade do rei.

—

1855—(16 de setembro) o sr. D. Pedro V toma conta do governo do reino.

—

1856—Invasão do terrivel flagello da *febre amarella*, no Porto, causando a morte de grande numero de seus habitantes.

O colera-morbus tinha invadido a capital e as provincias do sul, no principio d'este anno, depois, em 1857, se desenvolve tambem em Lisboa a

febre amarella, causando a morte a mais de 8:000 pessoas.

—

1858—(22 de fevereiro) É lançada a primeira pedra no *theatro Baquet*, assim chamado por o seu proprietario (que era um alfaiate hespanhol) se chamar Antonio Pereira Baquet.

No dia 13 de fevereiro de 1859, foi aberto ao publico, com um baile de mascaras.

A 1.ª ordem de camarotes fica ao nivel da rua, e á sala do espectaculo desce-se por duas escadas lateraes; é ella mui elegante e está adornada com bom gosto e aceio.

Do centro do tecto pende um magnifico lustre, que, reflectindo grande cópia de lumes nos crystaes que o guarnecem, illuminam largamente a sala, tornando-a sobre maneira vistosa.

Tem 82 camarotes distribuidos em 3 ordens; na frente dos da segunda léem-se os nomes de grande numero de dramaturgos, tanto estrangeiros como nacionaes, e de alguns *maestros*.

Pouco superior ao plano da sala está lançada uma espaçosa galeria, que muito concorre para realçar-lhe a belleza.

—

A fachada, cuja planta é obra do sr. Guilherme Correia, ainda que de architectura simples, tem um aspecto agradavel, sendo coroada por uma varanda de pedra, sobre a qual assentam quatro estátuas representando a Pintura, a Musica, a Comedia e as Artes.

Está situado na rua de Santo Antonio.

—

A 19 de maio d'este anno, casa o sr. D. Pedro V com a princeza Stephania de Sigmaringen.

—

1859 (17 de julho)—Morre a virtuosissima rainha D. Stephania, de uma angina, ou crup, deixando o esposo e todo o reino na maior consternação.

—

1861 (22 d'agosto)—O sr. D. Pedro V, e seu irmão o infante D. João, assistem n'esta cidade, *á exposição industrial portuense*.

—

A 30 d'agosto do mesmo anno, tem logar a inauguração do *Palacio de crystal* portuense.

A 3 de setembro do mesmo anno, o sr. D. Pedro V lançou a pedra fundamental d'este magestoso edificio.

Já em 1865 ali teve logar a grande festa da industria, com a *exposição internacional*.

O fundo social da empreza do palacio de crystal, foi de 250 contos, em acções de 100$000 réis cada uma.

Deliniou a planta do edificio, o architecto inglez, Sheilds, de Londres, e dirigiu as obras, o architecto portuense, Gustavo de Sousa. O architecto paisagista, allemão, Emilio David, fez o desenho do parque e dos jardins.

O palacio tem quatro frentes, medindo 110 metros de comprimento, e 72.m 34 de largura.

A cúpula que corre sobre a nave do centro, em toda a extensão do edificio, é de ferro e crystal.

A sua altura maxima, é de 18,m90.

O comprimento do salão central, é de 103 metros, com 24,m53 de largo.

Tem capacidade para receber mais de 10:000 pessoas.

As naves lateraes, teem de comprimento 48,m10; e de largura 8,m31. A sua altura é de 14,m32.

A frente principal do palacio, que olha para o N., e está em frente do jardim mais regular, é egual á da rectaguarda, que fica para o S., e defronta com o rio Douro.

Cada um dos quatro angulos é ornado de um elegante pavilhão.

Nos dois panos d'aquella frente, que se estendem para um e outro lado da nave central, incluindo os pavilhões, ha as seguintes salas e gabinetes—

A E., é o *salão dos concertos*, que foi transformado depois em theatro, denominado de *Gil Vicente:* havendo tambem d'este lado, gabinetes para senhoras e para homens.

No do O., está o salão do museu, e a galeria dos quadros.

As frentes do S., E. e O., teem muitas e grandes salas, sendo—duas de bilhar; uma de leitura; tres de jantar; c...

1.ª e 2.ª classe; gabinetes para descanço; e toucadores para senhoras.

No pavimento inferior estão, a cosinha, a dispensa, sala para creados, armazens e mais officinas.

As frentes e todas as mais paredes do palacio, são construidas de optimo granito.

A parte S. da nave central foi transformada em palco, ficando o resto da nave a servir de sala de espectaculos, e é a mais vasta do reino; correndo-lhe dos dois lados vastas galerias, em logar de camarotes.

Nos jardins, e a E. do palacio, está um amplo e formoso circo, construido de madeira, ferro e crystal. Em 1865, foi este edificio, e a parte dos jardins que o cercam, separados do resto dos terrenos pertencentes ao palacio, pela nova rua denominada do *Palacio de Crystal*, que communica a *rua do Triumpho* (antiga rua da Torre da Marca) com a rua da Restauração.

Ao O. do palacio, e a pouca distancia d'elle, se construiu um elegante chalet, todo de madeira; mas que já está bastante deteriorado.

Tanto do palacio como dos seus jardins, se gosa um formosissimo panorama, vendo-se parte da cidade, os montes e povoações do S. do rio, a sua barra, a bonita povoação de S. João da Foz, e uma vasta extensão do Oceano.

Tambem dentro dos jardins, e ao S. do palacio, está a capella onde esteve sepultado o ex-rei Carlos Alberto.

—

A 11 de novembro d'este anno, fallece o virtuoso monarcha, D. Pedro V, succedendo-lhe no throno, seu irmão, e actual rei, o sr. D. Luiz I.

—

1865—(15 de setembro)—Abertura da *exposição universal portuense*, estando presentes, o sr. D. Luiz I, a sr.ª D. Maria Pia, e o principe real, o sr. D. Carlos.

Em dezembro d'este mesmo anno, promulga-se a lei da liberdade dos vinhos, que deu grande impulso e prosperidade aos negociantes d'este genero.

—

1868—Prohibem-se no Porto os cemiterios das ordens terceiras, fazendo transferir as ossadas dos irmãos, para o cemiterio publico do *Prado do Repouso*.

No mesmo anno, a camara do Porto manda tirar todos os cruseiros que em grande numero se achavam pelas ruas da cidade.

O povo, apenas lhe constou esta decisão da camara, tinha protestado contra ella, e grande parte dos cruseiros foram á pressa restaurados, pintados e doirados de novo, a ver se assim escapavam. A camara, para evitar tumultos e desgostos, mandou remover quasi todos de noite.

Hoje veem-se ao norte de um jardim, que fôra cemiterio parochial, junto da egreja de Santo Ildefonso. Deve confessar-se que estão alli mais decentemente collocados, do que estavam pelas ruas.

—

1869—(10 de abril)—Assento da pedra fundamental do *mercado do peixe*, ao S. O. do jardim da Cordoaria (Vide o 5.º vol., pag. 280, col. 2.ª).

—

1870—(23 de setembro)—Pelas 3 horas da tarde, no hotel da Europa (largo da Batalha) o governador civil do districto, o sr. Jacintho Antonio Perdigão, joga o sopapo com o presidente da camara municipal da cidade, o sr. Francisco Pinto Bessa (que era tambem deputado).

Ficaram ambos esmurrados; mas, parece que o sr. Perdigão ficou mais ferido, pois se viu na necessidade de gritar por soccorro, e, accudindo-lhe os seus empregados e alguns municipaes, prenderam o sr. Bessa, mettendo-o na relação, onde pouco tempo esteve, por lhe valer o seu privilegio de deputado.

—

1873—(18 de abril)—Decreto para a organisação da *Companhia das aguas do Porto—limitada*, com o privilegio exclusivo da venda de agua, por espaço de NOVENTA E NOVE ANNOS.

Capital, 350:000 libras sterlinas (1:575 contos de réis) em 35:000 acções, de 10 libras (45$000 réis) cada uma.

Primeira emissão de 200:000 libras em 20:000 acções de 10 libras cada uma.

O juro de 6 por cento ao anno, seria pago em semestres sobre o capital recebido durante a construcção das obras.

DATAS DO PAGAMENTO.—Lib. 1.0.0 no acto da subscripção.—Lib. 3.0.0 no acto da ratificação.—Lib. 2.0.0 3 mezes depois da ratificação.—Lib. 2.0.0 6 mezes depois da ratificação.—Lib. 2.0.0 9 mezes depois da ratificação.—Somma Lib. 10.0 0.

Directores.—Sir Wilford Brett, K. C. M. G. —Director da Companhia das Aguas de Chelsea.

Vice-almirante, Sir Wiliam H. Hall K. C. B. —Director da Peninsular & Oriental Steam Navigation Company.

A. Pratt Bariow—Director da Companhia Real de Paquetes para o Brasil.

Roberto Reid—Director do Banco Industrial do Porto.

Joaquim Anselmo Afflalo—Dito.

Engenheiros.—Thomas Rumball, Esq. M. I. C. E. Londres.

William Lloyd, Esq M. I. C. E. Londres.

Banqueiros.—London & County Bank.

Banco Industrial do Porto.

Vogaes.—Snrs. Turquand, Youngs & C.ª —Tokenhouse Yard, Londres.

Secretario provisorio.—Sr. S. D. Beauclerk.

Escriptorio provisorio—4—Bishopsgate Street Within Londres.

Esta companhia estabelece-se no intuito de adquirir a valiosa concessão do privilegio de fornecer agua á cidade do Porto, durante um espaço de 99 annos, garantido pela municipalidade e confirmado pelo governo de S. M. F. por decreto de 18 de abril de 1873 e proceder aos trabalhos necessarios de combinação com os mesmos.

A cidade do Porto, com uma população de cerca de cem mil habitantes, occupando cerca de 20:000 casas, é hoje abastecida com a agua dos poços (esta agua dos poços geralmente não é boa para cosinhar) e com a agua das fontes publicas, que os aguadeiros vendem pouco mais ou menos por 20 réis, cada barril de 1 almude.

Este systema é incontestavelmente muito dispendioso, visto o abastecimento ser insufficiente, calculando 600 réis por cada metro cubico. O maximo preço fixado pela concessão é unicamente uma terça parte d'aquelle custo, isto é, 200 réis por metro cubico.

Segundo os termos da concessão, a companhia é obrigada a construir as obras necessarias para abastecer a cidade com 10:000 metros cubicos de agua, diarios, equivalentes a 4 almudes por habitante.

Está já assignado um contracto pelo sr. Leopoldo de La Vallée Poussin, de Paris, o contractador das obras para o abastecimento da agua nos suburbios de Paris, pelo qual elle se obriga a completar todas as obras dentro do praso fixado pela concessão, e a pagar todas as despezas feitas com a acquisição da concessão, assim como o juro sobre o capital recebido, á razão de 6 por cento ao anno durante a construcção dos mesmos trabalhos, pela quantia de lib. 285:000. Propõe-se fazer uma emissão de lib. 200:000, divididas em 20:000 acções de lib. 10 cada uma, para as quaes está aberta a subscripção, e uma quantia não excedente a lib. 110:000 por uma emissão de um limitado numero de obrigações que serão pagas por meio de um fundo de reserva.

Nenhumas acções ou obrigações serão emittidas além das acima mencionadas, salvo se os accionistas em assembléa geral resolverem o contrario.

A concessão garante á companhia os privilegios seguintes:

1.º O privilegio exclusivo por espaço de 99 annos, de introduzir e vender agua no Porto e minar para o abastecimento da cidade.

2.º O privilegio exclusivo de vender fóra do Porto a agua que a companhia possuir e introduzir por meio de canos.

3.º O direito de collocar canos nas ruas da cidade e estradas publicas, com a faculdade de fazer uso dos aqueductos existentes e effectuar as necessarias modificações.

4.º A abolição do privilegio dos aguadeiros, que não será concedido a ninguem logo que os canos da companhia estejam assentes e o serviço esteja estabelecido.

5.º O direito de obrigar os proprietarios do Porto, com determinadas excepções, a collocar á sua custa os canos de serviço

desde a base exterior das suas propriedades para o interior das mesmas.

6.º A maxima tarifa dos consumidores particulares, de 200 réis por metro cubico.

7.º O direito de importar livres de quaesquer direitos, todas as plantas, machinas e materiaes que forem necessarios para as mesmas obras.

8.º Os privilegios e direitos necessarios para a cobrança das taxas devidas á companhia pela agua fornecida, e para a protecção da sua propriedade.

A companhia fornecerá as aguas do rio Souza, distante cerca de 13 kilometros da cidade, de cuja nascente se póde obter um abundante fornecimento da mais pura agua, durante o anno.

Nos termos da concessão, depois de expirado o praso da mesma, que são 99 annos, as obras tornar-se-hão propriedade do governo de S. M., mas a camara municipal do Porto, depois de decorridos 45 annos, tem o direito de comprar as obras, pagando á companhia uma annuidade, durante o praso restante da concessão, igual á média do rendimento liquido da companhia durante os dez annos immediatamente anteriores.

Está calculado que a companhia no termo das suas obras começará a negociar com um liquido de lib. 38:000 por anno, d'onde se apurará um dividendo na razão de 13 p. c. por anno sobre as acções do capital emittido, depois de prover o juro e fundo de reserva das obrigações. O calculo d'esta quantia funda-se n'uma venda de 3:000 metros cubicos de agua por dia, isto é, 3 decimas partes da agua que a companhia póde fornecer pelas suas obras, (mas quando os habitantes realisam a conveniencia e economia de introduzir a agua em suas casas) póde fazer-se um augmento consideravel.

Admittindo que, só 13:000 casas das 20:000 existentes no Porto são fornecias pela companhia e que o consumo da agua, calculando 5 pessoas por cada casa, é só de 15 gallões diarios, o rendimento liquido da companhia subirá a lb. 56:000 por anno. Este consumo diario por pessoa, é menos de metade que o consumo de cada pessoa em Londres, Paris, Berlim e outras grandes cidades, não incluindo as fabricas e irrigações, etc. As obras estarão concluidas segundo o contracto, dentro do espaço de 2 annos depois da ratificação das acções.

A concessão, conforme foi publicada no *Diario do Governo*, com uma traducção official, junta com o contracto e copias do memorandum e estatutos da Companhia, pódem ver-se nos escriptorios da mesma.

Os pedidos para as acções serão feitos segundo a fórma annexa, acompanhada com a entrada de 1 lb. por acção.

O subscriptor a quem não couber acção alguma no rateio receberá a entrada sem abatimento algum, e se o subscriptor fizer maior numero de entradas do que o das acções que lhe couberem, ficará o excesso para ou por conta do pagamento do montante da ratificação.

Não tendo os subscriptores feito os pagamentos nas devidas datas, perderão o direito a todos os outros pagamentos que tiverem feito.

Para conveniencia dos accionistas portuguezes, haverá no Porto um registro para a transferencia de acções.

Os unicos contratos feitos pela companhia são os seguintes:

Um contracto em 16 de outubro de 1873 feito entre Eduardo Augusto Kopke, por parte dos concessionarios, e Alfredo Rumball, como depositario da Companhia.

Este contracto não traz despeza alguma á Companhia, sendo o custo da concessão incluido no seguinte:

Contracto datado de 15 de julho feito entre M. Leopold de la Vallée Poussin e a Companhia das Aguas do Porto.

—

Com todas estas vantagens, apesar da incontestavel utilidade que adviria ao Porto, se este emprehendimento se effectuasse; e apesar dos lucros tentadores que se esperavam da empreza; ainda até hoje esta nada tem feito, e no momento em que estou escrevendo (26 de abril de 1877) vejo dos jornaes, que a camara municipal do Porto, resolveu em sessão, representar ao governo, pedindo a rescisão do contrato com a com-

panhia das aguas d'esta cidade, por não haver probabilidade d'ella se organisar!

—

1874—(1 de março)—Inauguração e abertura ao publico, da nova praça do peixe, ao fundo do passeio publico da Cordoaria. (Vide 1869, 10 de abril).

—

A 12 de agosto do mesmo anno teve logar a inauguração da primeira linha do caminho de ferro americano, que liga a praça de Carlos Alberto (antiga *Feira das Caixas* ou *dos Ferradores*) á praça de Cadouços, na Foz.

—

A 27 de dezembro d'este anno, foi o dia da inauguração do *asylo das raparigas abandonadas*, na rua de Santo Ildefonso.

Esta casa é devida á iniciativa particular e sustentada á custa de esmolas dos bemfeitores.

Foi primeiramente destinada a receber as infelizes, privadas dos carinhos maternos, e as que, desviadas, por momentos, do caminho da honra, se mostravam sinceramente arrependidas.

Hoje, a nova direcção alterou o primitivo plano e fez d'ella um asylo destinado a preservar a infancia dos perigos e seducções que sempre se interpoem no caminho da mulher ao entrar na adolescencia, quando lhe falta o abrigo da familia.

Graças aos donativos da caridade particular e á boa vontade das pessoas que estão á frente de tão util estabelecimento, hoje accolhem-se sob aquelle tecto hospitaleiro, cincoenta creanças do seculo feminino, que, a par do alimento do corpo, recebem o pão do espirito. Sob as paredes da primitiva casa, de exiguas proporções, levantou-se um mais vasto edificio, construido de modo a satisfazer o fim a que é destinado.

Depois da ceremonia da benção da capella, feita pelo capellão do estabelecimento o sr. dr. José Correia Cardoso Monteiro, foi celebrada missa pelo mesmo ecclesiastico, a que assistiram, além das recolhidas e das respectivas mestras, a direcção, grande numero de senhoras e muitos cavalheiros.

Em seguida, o sr. João Luiz de Mello, presidente, leu um bem elaborado discurso em que fez a modesta historia d'aquelle estabelecimento, fallando em seguida o sr. Joaquim Ferreira Moutinho, um dos membros da commissão, que em um estylo brilhante mostrou a utilidade da instituição e fez um appello a todas as pessoas generosas para que concorram com seus donativos a dar maior desenvolvimento a tão grandioso pensamento.

Em seguida patenteou-se o edificio ao publico, sendo numeroso o concurso dos visitantes que durante o dia affluiram a contemplar aquella mansão de caridade.

—

1875—(25 d'Abril)—Pelas 2 horas da manhã, um terrivel incendio, reduziu a cinzas a antiga *casa dos vinte e quatro*. Ainda pertencia ao municipio portuense, que a trazia alugada ao sr. Francisco Gomes de Carvalho e á *Associação dos latoeiros*, que perdeu todo o seu archivo e mobilia.

Esta casa era na rua de S. Sebastião, mas o andar superior era no largo da Sé.

Foi a primeira casa da camara que teve o Porto. Vide adiante, a *capella de Nossa Senhora do Ferro*.

—

A 20 de maio d'este anno, teve logar no Porto a inauguração do caminho de ferro do Minho.

Suas Magestades e Altezas, chegaram á estação do Pinheiro, pelas 10 horas e um quarto da manhã, e o comboio real sahiu da cidade pelas 11 horas, depois da benção das locomotivas, lançada pelo Reverendissimo bispo da diocese.

A' sahida do comboio, houve enthusiasticos vivas, subiram ao ar grande quantidade de foguetes, salvou a fortaleza da Serra do Pilar, e as musicas regimentaes tocaram o hymno.

O comboio constava de sete locomotivas, que hiam todas adornadas de flôres e bandeiras.

As primeiras tres locomotivas se denominaram—*Porto, Braga e Ave*.

As carruagens são de novo modelo e muito commodas.

O comboio parou poucos instantes, nas

estações de *Ermesinde, Villa-Nova de Famalicão* (onde tomou agua) *Trofa* e *Nine*. Aqui foi grande a demora, porque se partiu uma peça de um *wagon*,, e foi preciso tiral-o do comboio, sendo transferidos os seus passageiros para os outros carros.

Em toda a parte o povo affluia em grande numero, e as estações estavam embandeiradas, havendo bandas de musica em todas ellas.

O comboio chegou a Braga pela uma hora da tarde.

A cidade estava toda embandeirada, e os seus habitantes manifestavam o maior regosijo. A chegada do comboio foi saudada com enthusiasticas acclamações, musicas e girandolas de foguetes.

A camara municipal, e as auctoridades civis e militares de Braga, receberam Suas Magestades e Altezas, na estação. A guarda d'honra foi feita pelo regimento de infanteria n.º 8, e por dois destacamentos de cavallaria n.º 6 e 7.

Na Sé metropolitana houve *Te-Deum*.

Foi um dia de verdadeira festa, tanto para os habitantes do Porto e Braga, como para os das estações intermediarias.

—

A 2 de julho d'este anno, morre na rua de D. Pedro (antiga *rua do Bispo*) José Marques Antunes, commerciante e capitalista d'esta cidade, natural da freguezia de S. Pedro de Merelim. (5.º vol., pag. 181, col. 1.ª)

Por testamento cerrado, feito a 27 de junho d'este mesmo anno, deixou ao *Collegio dos meninos orphãos*, 200$000 rs.

Ao dos *Desamparados*, egual quantia.

Ás *Ordens terceiras da Santissima Trindade, Nossa Senhora do Carmo*, e irmandade do *Terço e Caridade*, a cada uma 500$000 réis.

Ao *Asylo da Mendicidade*, 300$000 réis.

Ao *Hospital dos lazaros e lazaras*, 200$000 réis.

Ao dos *Entrevados*, 200$000 réis.

Ao *Recolhimento das velhas*, 200$000 réis.

A *12 raparigas orphãs* da freguezia de *Merelim*, 100$000 réis a cada uma.

A 12 viuvas pobres da mesma freguezia, a cada uma 50$000 réis.

Á *Junta de parochia* da mesma freguezia duas inscripções da junta do credito publico, do valor nominal de um conto de réis, para applicar os seus rendimentos em beneficio das escolas da freguezia; e quando a junta não der fiel cumprimento, passará o legado para o hospital de S. Marcos, de Braga.

Abençoada riqueza, quando o que a possue tão bem a sabe repartir.

—

A 5 de julho, pela hora e meia da manhã, um pavoroso incendio reduziu a cinzas o novo *theatro da Trindade*, cuja frente era para o pequeno *largo da Cancella-Velha*, e a rectaguarda para a *rua do Estevam*, proximo á egreja e largo da Trindade.

Só ficaram as paredes, sendo os prejuizos avaliados em uns 30 contos de réis. Estava seguro em 17 contos.

Houve suspeitas de ser lançado o fogo de proposito.

Era propriedade particular, que se tinha construido havia apenas um anno.

—

A 13 de julho, fallece n'esta cidade o commendador Manoel Francisco Duarte Cidade, solteiro, capitalista, morador na rua do Souto, da freguezia da Sé.

Por testamento cerrado, deixou os seguintes legados:

Á *Santa Casa da Misericordia*, dois contos de réis, para serem applicados ás obras do seu hospital.

Ás ordens da *Santissima Trindade, S. Francisco* e *Nossa Senhora do Carmo*, a cada uma dois contos de réis.

Á *Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade*, dois contos de réis.

Aos *Meninos orphãos* e aos *Desamparados*, a cada um 48$000 réis.

A cada um dos *Entrevados, entrevadas, lazaros e lazaras*, 1$000 réis.

Á *Irmandade de S. José das Taípas*, para ajuda de se mandarem doirar os seus altares, 400$000 réis.

Á *Crèche de S. Vicente de Paula*, 400$000 réis.

Ao *Asylo das raparigas abandonadas*, réis 200$000.

Ao *Asylo da Mendicidade*, 200$000 réis.

Ás *Meninas desamparadas do Postigo do Sol*, 100$000 réis.

Ao *Asylo de Villar*, 100$000 réis.

Á *Irmandade das almas de Santa Catharina* (para ajuda de doirar a capella-mór) 100$000 réis.

Ás *Recolhidas pobres, do Ferro*, 10$000 réis a cada uma.

Ás *Reclusas do Aljube*, 100$000 réis, repartidos egualmente por todas.

Aos *Entrevados e entrevadas da ordem terceira de S. Francisco*, entrando os familiares da casa, 1$000 réis a cada um.

Mil esmolas de mil réis cada uma, para 1:000 velhos e velhas, entrando n'este numero os de S. Cosme de Gondomar.

—

No dia 29 de julho, foi inaugurada n'esta cidade a primeira parte do *caminho de ferro do Douro*, comprehendida entre o Porto e Penafiel.

O ministro das obras publicas (então) o sr. Antonio Cardoso Avelino, representou o governo.

Houve as solemnidades, ceremonias e regosijos do costume, n'estas festas nacionaes.

—

Em 7 de outubro teve logar a inauguração do *caminho de ferro de via reduzida, do Porto á Póvoa de Varzim*, com estação principal na rua da *Boa-Vista*.

As estações intermediarias (contando do S. para o N.—isto é—do Porto á Póvoa)—são—*Nossa Senhora da Hora, Custôias, Crestins, Pedras-Rubras, Villar do Pinheiro, Modívas, Mindêllo, Azurára e Villa do Conde.*

Assistiram a esta solemnidade—os—então—presidente do conselho de ministros, sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello—ministro das obras publicas, o sr. Antonio Cardoso Avelino—o prelado da diocese, as principaes auctoridades, os convidados e grande numero de povo.

O rev.mo bispo conferiu a benção ás cinco locomotoras, denominadas—*Rio Douro, Rio Ave, Azurára, Pedras Rubras, Villa do Conde e Póvoa.*

As duas primeiras foram as destinadas a tirar os comboios n.º 1 e n.º 2.

Pelas 11 horas da manhã, ao som de musicas marciaes e muitas girandolas de foguetes, sahiu o comboio n.º 1, e ás 11 e um quarto, o n.º 2.

As estações de Pedras Rubras, Villa do Conde e Póvoa, estavam adornadas de festões de flôres e bandeiras, e em todas ellas havia bandas de musica; mas a que ostentava mais luxo era a ultima (a da Póvoa) onde o concurso e as manifestações de regosijo eram immensas.

A guarda de honra foi feita por um destacamento de infanteria 18, e outro de cavallaria n.º 6.

—

No dia 27 de novembro, falleceu n'esta cidade, José de Sousa Rocha.

Deixou os seguintes legados:

1:800$000 réis, para seis dotes de 300$000 réis cada um, a outras tantas raparigas pobres da freguezia de Campanhã.

100$000 réis, para serem divididos pelos pobres da freguezia de Villa-Garcia.

100$000 réis ao Asylo da Mendicidade.

200$000 réis ao collegio das orphãs de S. Lazaro.

200$000 réis ao seminario dos meninos orphãos de Campanhã.

100$000 réis ao Asylo das raparigas abandonadas.

100$000 réis aos Entrevados de Cimo-de-Villa.

100$000 réis aos Lazaros.

100$000 réis ás Lazaras e entrevadas.

50$000 réis ás Velhas da Cordoaria, no hospital dos Lazaros.

50$000 réis ás Viuvas pobres.

50$000 réis ás recolhidas do Ferro.

1:200$000 réis á ordem da Santissima Trindade, para obras do seu hospital.

1:000$000 réis para as obras da egreja de Campanhã.

4:000$000 réis á Santa Casa da Misericordia.

200$000 réis aos pobres da sua freguezia.

Além d'estes legados no Porto, deixou

para a cidade da Bahia (Brasil) mais os seguintes legados:

1:000$000 réis á Ordem da Santissima Trindade.

800$000 réis ao Collegio de S. Joaquim.

200$000 réis, ao Asylo da Mendicidade.

400$000 réis á Santa Casa da Misericordia.

100$000 réis ao Convento de S. Francisco.

—

1876—(22 de fevereiro)—Morre n'esta cidade, D. Margarida Augusta Teixeira de Aguilar. Era irmã de D. Josepha Adelaide, baroneza de Fornos d'Algodres—e de D. Maria do Carmo, 1.ª condessa de Samodães, casada com o 1.º conde, Francisco de Paula e Azeredo—e tia do actual sr. conde de Samodães.

Declarou no seu testamento, que queria se cumprisse a disposição da dita sua irmã, baroneza de Fornos d'Algodres, para que, logo depois do seu fallecimento, fossem entregues ao asylo da mendicidade, do Porto, seis contos de réis, em metal.

—

Em junho d'este anno, falleceu em Moimenta da Beira, Antonio Perfeito Pinto Osorio, viuvo de D. Antonia Guedes Cardozo, com a morte da qual ficou para sempre extincta a familia *Noronha, de Adebarros*, e a Santa Casa da Misericordia do Porto, herdeira de todos os haveres d'aquella antiga e rica familia, cuja nobreza remonta ao principio do XIV seculo.

Segundo a tradição e varias memorias, consta que o fôro de nobreza d'esta familia principiou pelo facto seguinte:

Em 1310, o rei D. Diniz viajava por esta parte da Beira-Alta.

Em uma calmosa tarde de junho, chegou o rei á aldeia de Adebarros, e foi pousar á casa do *tio Adão*, que era a melhor, e seu dono o mais rico da povoação. Este, vestido de burel e calçado de tamancos, recebeu o monarcha e o seu sequito, com a maior franqueza, desembaraço e cordialidade.

O rei pediu agua, e o lavrador se aprestou em lh'a trazer em uma taça de prata; mas o camarista de semana queria impedir o lavrador de fazer este serviço, que a pragmatica da côrte lhe vedava; porém o lavrador, com a auctoridade de dono da casa, e despresando a etiqueta, teimava em querer levar a agua ao rei.

D. Diniz, ouvindo a altercação, e sabendo a causa d'ella, ordenou que o lavrador o servisse, como desejava, e bebeu a agua com grande satisfação, porque, na verdade, a d'esta terra é a melhor das duas Beiras.

Depois de beber, perguntou ao lavrador: —«Desde quando és fidalgo?»—«Desde Adão, real senhor» respondeu o homem.» —«Então a vossa nobreza, é mais antiga do que a minha.»—«Não, real senhor, porque Adão sou eu.—»

O rei gostou muito d'esta *sahida*, e lhe deu, para elle e descendentes, o fôro de fidalgos da casa real; e desde então, até aos nossos dias, todos os primogenitos d'esta familia tiveram o nome de *Adão*.

—

Em 4 de julho principiaram n'esta cidade os trabalhos da rolagem do taboleiro da ponte, que se vae estabelecer para se terminar a linha de caminhos de ferro que desde Lisboa segue áquella cidade, findando em Campanhã.

Eram cêrca de 9 horas da manhã quando os trabalhos começaram, dirigidos pelo engenheiro da companhia, o sr. Pedro Lopes, e pelo sr. Joseph Collin, engenheiro da casa constructora, que é a dos senhores G. Eiffel & Companhia, de Paris.

O modo de conduzir a parte que se collocou para começo dos trabalhos, foi sem uso de machinas, mas feito com rolos movidos por meio de alavancas, cujo esforço era produzido pelo trabalho braçal.

O movimento da ponte foi feito empregando-se 4 rolos.

O avançamento era de 25 centimetros para cada movimento das alavancas, tendo-se avançado para fóra do encontro, o taboleiro que se achava construido 37,^{m}65 em quatro horas e um quarto de trabalho.

Chegou-se portanto e com felicidade ao pilar construido e que tem o numero 1 na margem esquerda do rio.

A ponte compõe-se de 5 pilares e 2 encon-

tros, na extensão de 352,m87 e é dividida em vãos, que regulam 37,m28; sendo os vãos que teem esta ultima extensão, supportados por um arco metallico de 160 metros de corda que abrange de uma a outra margem do rio, vindo appoiar-se em dois pilares de cantaria que se acham em construcção nas duas margens.

Os materiaes para a ponte metallica, são subidos por meio de um plano inclinado, estabelecido na encosta de Quebrantões, ligando o rio com a plata-forma de montagem.

O movimento é transmittido aos *wagonettes* por meio d'um cabo que se enrola n'um cabrestante movido por uma machina a vapor da força de 7 cavallos.

Esta machina foi importada de Paris do estabelecimento denominado «Société Centrale de construction de machines—á Patin —Seine.—Weiser & Richemond.» Gasta 26 kilogrammas de carvão por hora, trabalhando a toda a força.

É dirigida pelo intelligente machinista o sr. Eugene St. Martin.

Move, quer para a frente quer para a rectaguarda.

—

Em julho d'este anno, o sr. barão do Castello-de-Paiva, visitando o hospital, aulas e *asylo dos irmãos invalidos, da ordem terceira* de Nossa Senhora do Carmo, d'esta cidade, deu de esmola a esta ordem, 500$000 réis.

—

Em outubro, falleceu em Mattosinhos, Domingos Barbosa de Brito, que, por testamento feito em 16 de junho d'este mesmo anno, deixou:

A' Santa Casa da Misericordia, da villa dos Arcos de Valle de Vez, 2:000$000 réis.

A' egreja de S. João Baptista, de Parada (vol 6.º, pag. 445, col. 2.ª) terra da sua naturalidade, 2:000$000 réis, para melhoramentos da mesma egreja.

Aos pobres d'esta freguezia de Parada, 200$000 réis.

Para ser dividido em partes eguaes, pelos *asylos da infancia desvalida*, do Porto, 4:000$000 réis.

A' *ordem terceira do Carmo*, 1:000$000 rs.

A cada um dos irmãos pobres da mesma ordem, que no dia do fallecimento do testador estiverem em tratamento no hospital, e recolhidos no asylo, 9$000 réis.

A' irmandade do Senhor de Mattosinhos, para conservação do seu templo, 1:000$000 reis.

A' Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, 20:000$000 réis, com a obrigação de receber do seu testamenteiro n'aquella cidade, todos os remanescentes da herança, e dividil-os em partes eguaes, por 20 orphãs, pertencentes ao recolhimento da mesma Santa Casa; sendo a distribuição feita por sorteio, e estando presentes todas as recolhidas, e a quantia que pertencer a cada uma será depositada onde offerecer maior segurança, e vença juro, que será accumulado em épocas precisas, sendo entregue ás contempladas, no dia que sahirem do recolhimento, para casarem, ou occuparem alguma posição honesta.

A' Santa Casa da Misericordia, da Bahia. 20:000$000 réis.

A' Santa Casa da Misericordia, da cidade de Porto-Alegre (Brasil) 20:000$000 réis.

Para fazer parte do patrimonio do asylo dos inválidos da patria, do Rio de Janeiro, 20:000$000 réis.

Para as obras e conservação da egreja matriz, da cidade de Itajubá, na provincia de Minas-Geraes, 20:000$000 réis.

Para melhoramento e conservação do cemiterio publico d'esta mesma cidade de Itajubá, 5:000$000 réis.

—

Em 12 de dezembro, arrematou no ministerio da fazenda, o sr. João Augusto Pereira Pinto, por 3:452$000, 23:010 metros quadrados de terreno, da cêrca do mosteiro da Serra do Pilar, e por 2:001$000 réis, 23:250 metros quadrados de outro terreno da mesma cêrca.

O sr. Manoel Henriques Tavares Basto arrematou por 2:981$000 réis, 39:410 metros de um outro terreno da mesma cêrca.

O mesmo sr. Tavares Basto, arrematou mais, por 3:992$500 réis, 28:000 metros quadrados de outro terreno da mesma cêrca.

Veio pois a vender-se n'este dia, como *bens nacionaes*, terreno d'esta cêrca, na extensão de 113:670 metros quadrados, pela quantia de 12:425$500 réis.

—

No dia 20 de dezembro, cahiu na torre da egreja matriz, do Senhor do Bomfim, d'esta cidade, uma faisca electrica, que damnificou o relogio, quebrou a corda de um sino, derrubou os postes da linha telegraphica, e deteriorou a torre em algumas partes. Não houve desgraças pessoaes.

—

1877—(13 de janeiro)—Fallece na rua das Vallas, d'esta cidade, Domingos da Silva Ferreira...

Por testamento que havia feito, em 31 de outubro de 1873, deixou os seguintes legados:

A' confraria de S. Pedro, instituida na capella de Pedroiços, freguezia d'Aguas-Santas (Maia) uma inscripção de 1:000$000 réis.

A confraria de Santa Leonor, da mesma capella, uma inscripção de 1:000$000 réis.

A' confraria do S. S. Sacramento, d'Aguas-Santas, uma inscripção de 1:000$000 réis.

A' real irmandade da Lapa, tres inscripções de 1:000$000 réis cada uma, com a obrigação de olhar pela conservação da capella do testador, que está no cemitério da Lapa, e adornal-a nos dias de Nossa Senhora da Lapa e de S. João Baptista.

A' Santa Casa da Misericordia, do Porto, uma propriedade de casas; na rua Formosa, da mesma cidade, com os n.os 422 a 426, depois de cessar o uso fructo que lhe fica imposto.

Aos asylos da mendicidade, e das raparigas abandonadas, uma inscripção de réis 1:000$000, a cada um.

A 15 pobres, dos mais necessitados, da freguezia da sua naturalidade, 2$000 réis a cada um.

A 50 pobres dos mais necessitados, da freguezia de Aguas-Santas, 1$000 réis a cada um.

—

Em 20 de janeiro, officiou a *commissão central de soccorros aos inundados*, creada n'esta cidade, á junta de parochia de Miragaia, pedindo-lhe uma relação dos pobres que n'esta freguezia mais soffreram com as cheias do inverno d'este anno.

A junta precorreu todas as ruas, becos e travessas da parochia, e, depois de exactas averiguações, confeccionou duas listas, que enviou á commissão; comprehendendo, uma d'ellas, os nomes dos parochianos pobres, em numero de 45, cujas casas (lojas sómente) foram invadidas pelo Douro, computando os prejuizos na verba total de 695$000 réis. Na outra lista se indicavam os habitantes mais pobres da freguezia, quasi todos chefes de familia.

A commissão lhe mandou a quantia de réis 1:000$000 para ser distribuida pelos 45 individuos, comprehendidos na primeira lista, a quantia de 347$500 réis (metade dos prejuizos) e os restantes 652$500 réis, pelos pobres da segunda lista.

Vieram a ser contemplados, ao todo, 422 pobres.

O dignissimo abbade d'esta freguezia, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, é merecedor da gratidão dos seus parochianos e dos encomios de todas as pessoas de bem, porque, não só n'esta cidade, mas em todo o reino, foi o primeiro a abrir e promover subscripções, para soccorrer as victimas da cheia.

Invadidas as casas da sua freguezia, pela enchente do rio, immediatamente promoveu uma avultada subscripção, que elle mesmo logo distribuiu pelos mais necessitados.

O zêlo e caridade do sr. Abbade de Miragaia, n'esta conjunctura, provam quanto elle toma a sério os seus deveres de bom pastor, e justificam o amor e respeito que os seus parochianos lhe consagram.

—

Portas da Ribeira

D. João IV, em côrtes dos estados do reino, no anno de 1646, tomou Nossa Senhora da Conceição, por protectora de Portugal, o qual fez tributario, á mesma S. S. Virgem, em 50 crusados de ouro cada anno, applicados para a egreja de Nossa Senhora da

Conceição, de Villa-Viçosa, séde da ordem militar da mesma denominação.

Este monarcha e os seus successores, até D. João V, offereciam, por suas proprias mãos, a 8 de dezembro de cada anno, no dia em que a egreja celebra este augusto mysterio, este tributo.

O juramento competente se fez a 25 de março do mesmo anno, na capella-real dos paços da Ribeira, em Lisboa.

N'este juramento diz o monarcha, que elle e todos os seus vassallos seriam obrigados a defender a excellencia da Immaculada Conceição, expondo por ella as suas vidas e fazendas.

Mandou logo que a universidade de Coimbra e todo o corpo docente d'ella, fizessem egual juramento, o que se fez em 28 de julho do mesmo anno, sendo reitor, Manoel de Saldanha, que depois foi bispo de Coimbra.

Pouco depois, o reverando padre, frei Antonio das Chagas, cognominado o *Scoto Portuguez*, lente jubilado em theologia, e da ordem de S. Francisco, foi encarregado para compôr, em latim, uma inscripção, que patenteasse ás edades futuras, este preito e juramento, prestado á S. S. Virgem, para ser gravado em todas as portas de todas as cidades e villas do reino.

Frei Antonio das Chagas apresentou ao rei a exigida inscripção, que este approvou e mandou gravar onde havia determinado.

A primeira que se gravou no Porto, foi nas *portas da Ribeira*—como todas as mais que eram identicas, dizia:

A ETERNIT. SACR.
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONI MARIAE
JOANNES IV. PORTUGALIAE REX,
UNA CUM GENERALI COMITIIS,
SE & REGNA SUA
SUB ANNUO SENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT
ATQUE DEIPARAM IN IMPERII TUTELAREM ELECTAM,
ALABE ORIGINALI PRORSERVATAM PERPETUO DEFENSURUM
JURAMENTO FIRMARIT.
VIVERET UT PIETAS LUSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
EXARARI JUSSIT.
ANN CHRISTI M. L. C. LVI.
IMPERII SUI XVI.

—

Estatua equestre do sr. D. Pedro, na praça do seu nome

No largo até 1834 denominado *Praça Nova*, e hoje de D. Pedro, em frente da casa do senado da camara, foi lançada a primeira pedra d'este monumento, no dia 9 de julho de 1862.

Esta construcção foi dada por concurso, ao esculptor francez Mr. Anatole Calmells, residente em Lisboa.

Em um cofre de prata, juntamente com as moedas d'ouro, prata e cobre da época, foi guardado o aucto e a lamina commemorativa, com uma inscripção em latim, encomiando o principe e designando o dia da ceremonia.

Alguns mezes depois, principiou esta obra, que se concluiu no fim do anno de 1865.

O monumento tem 10 metros de altura, desde a superficie do terreno da praça, até á parte superior da cabeça da estatua, que é de bronze fundida, medindo d'altura incluindo o plintho, 4,^{m}70—e a parte architectonia 5,^{m}30.

Os baixos relevos são de marmore de Carrára e teem de altura 1,^{m}21—sobre 2,^{m}45 de comprimento.

Toda a obra de esculptnra e sua collocação, importaram em 21 contos de réis, segundo o contracto feito com o esculptor em 18 de dezembro de 1862.

A fundição da estatua foi feita por uma companhia de Bruxellas, por 48:000 francos (8:640$000 réis, calculando cada franco a 180 réis).

—

Memoria do sr. D. Pedro V, no largo da Batalha

Fica no centro arborisado do largo ou praça da Batalha, quasi em frente da capella de Nossa Senhora do mesmo titulo.

O monumento é construido de marmore, e de quatro faces, todas com inscripções—dizendo:

VISITA AO PORTO, QUANDO PRINCIPE,
EM 1852

VISITA Á EXPOSIÇÃO AGRICOLA,
EM 1860

—

VISITA A' EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL,
EM 1861

—

OS ARTISTAS PORTUENSES,
POR GRATIDÃO A D. PEDRO V,
EM 1862

—

Nos quatro angulos, estão as armas seguintes—as de Portugal—as de Bragança—as da cidade do Porto—as de Saxe-Coburgo-Gotha.

Na face que tem a 1.ª inscripção, estão em alto relevo, as Artes—na seguinte, a Religião—depois a Industria—e por fim a Agricultura.

A estatua (pedestre) do monarcha é de bronze e não prima pela perfeição da esculptura.

Tem de altura 2m,40, pesando 1:350 kilogrammas. O pedestal sobre que está collocada a estatua, tem d'altura, 2m,60. A altura total do monumento, desde a superficie do sólo, até á cabeça da estatua, é de 10 metros.

É resguardada inferiormente por uma formosa grade de ferro fundido (de fórma octogona, como o pedestal) e nas faces que correspondem ás alegorias do pedestal, tem quatro medalhões, com as seguintes legendas:

SOCIEDADE MADREPORA, DO RIO DE JANEIRO.
7 DE JUNHO DE 1863.

—

ARTISTAS PORTUGUEZES, NO RIO DE JANEIRO.
10 DE JUNHO DE 1863.

—

BAZAR PORTUENSE, NO JARDIM DE S. LAZARO.
30 DE AGOSTO DE 1862.

—

EMPREZA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES.
21 DE JUNHO DE 1863.

—

Estas inscripções commemoram os mais valiosos donativos para a construcção d'este monumento.

O sr. D. Fernando, pae do monarcha, havia sido convidado pela commissão, para vir inaugurar o monumento; porém elle não foi, fazendo-se representar pelo sr. general Simão de Calça e Pina, então visconde de Rilvas, e hoje conde do mesmo titulo. [1]

A inauguração estava annunciada para 7 de junho de 1862, mas só teve logar no dia 11, pelas 11 horas da manhã.

Depositou-se na base do monumento um cofre de zinco, contendo as moedas d'ouro e prata, cunhadas no reinado do sr. D. Pedro V, e uma lamina de prata, com esta inscripção:

PETRO V.
LUSITANIAE REGI
LUDOVICO I REGNANTE
SUB PATRIS AUSPICIIS
REGIS FERDINANDI II
ID GRATI ANIMI SIGNUM
CULTORES ARTIUM PORTUCALENSES
POSUERE
VII IDUS JUNII
ANNO DOMINI MDCCCLXII.

—

Memoria ao sr. D. Pedro V,
na rua de Fernandes Thomaz,
em frente da praça
do Bulhão

É uma columna bastante singela de granito, terminando por uma estrella de sete pontas.

No pedestal da columna estão escriptas as datas da visita do sr. D. Pedro V, ás fabricas de fundição e estamparia, da rua de Fernandes Thomaz, e que ficam em frente da columna, da parte opposta da praça do Bolhão.

—

O pedestal assenta sobre dois degraus, tambem de granito, e está resguardado por uma grade de ferro fundido.

O monumento tem d'altura, desde o solo até á extremidade superior da estrella, 7 metros.

A columna, a base e o capitel, é um monolitho.

Foi principiado a 23 de dezembro de 1861 (42 dias, apenas, depois da morte do rei!) e concluido e inaugurado em 9 de julho de

[1] Foi feito barão de Rilvas, em 5 de outubro de 1843—Visconde, a 15 de setembro de 1855—e conde, a 30 de setembro de 1862.

1862—no mesmo dia da inauguração da estatua equestre, do Sr. D. Pedro, na Praça Nova.

A pedra de que se fez a columna, custou na pedreira, 67$200 réis, e o carreto custou 230$000 réis. Gastaram-se 14 dias com a conducção, e foram precizas 20 juntas de bois, e mais de 40 pessoas, apezar de não estar a pedreira a mais de 2 kilometros.

Todo o monumento custou 1:200$000 réis.

Na face do pedestal, do lado do S. se lê:

TEVE PRINCIPIO EM 23 DE DEZEMBRO DE 1861:
CONCLUIU-SE EM 9 DE JULHO DE 1862.

Do lado do O. lê-se:

VISITOU A FABRICA DE FUNDIÇÃO
EM
22 DE NOVEMBRO DE 1860.

Do lado do E, diz:

VISITOU A FABRICA DE ESTAMPARIA
EM
28 DE AGOSTO DE 1861.

—

Na face do lado do N., que é a que defronta com as fabricas de fundição e estamparia, lê-se:

AO REI D. PEDRO QUINTO—MEMORANDO—
DA INDUSTRIA E ARTES PROTECTOR SUBIDO;
QU'AS VAIDADES DO SOLIO DESCURANDO,
TEVE UM THRONO D'AMOR NA PATRIA ERGUIDO;
QUE AS FABRICAS EM FRENTE VISITANDO
DA—ESTAMPA E FUNDIÇÃO—SALVOU DO OLVIDO...
ARTISTAS, A QUEM DEU FAVOR E ALENTO,
CONSAGRAM ESTE HUMILDE MONUMENTO!...

—

Se estes versos não primam pela harmonia, pela elevação dos pensamentos, nem mesmo pelo rigor da grammatica, é certo que manifestam os bons sentimentos e a gratidão dos artistas, que á custa de parte dos sallarios, tão amarguradamente ganhos, emprehenderam e effectuaram a construcção d'este tão humilde quanto sympathico monumento.

—

População da cidade do Porto, em abril de 1877 (Official)

Bairro occidental

Freguezias	Fogos	Habitantes
Cedofeita	3:330	16:043
Victoria	2:000	9:825
S. Nicoláu	1:440	5:900
Miragaya	1:208	4:430
Massarellos	1:202	4:090
Lórdêllo	850	5:000
Foz	1:180	4:855
	11:210	50:143

Bairro oriental

Sé	4:100	12:951
Santo Ildefonso	4:130	16:307
Bomfim	3:680	13:778
Campanhan	1:528	5:655
Paranhos	1:150	5:700
	14:580	54:391
	11:210	50:143
Total	25:790	104:534

—

Catalogo alphabetico de todos os periodicos, diarios e semanarios, politicos, religiosos, litterarios, instructivos, noticiosos, industriaes, commerciaes, artisticos, criticos, satyricos, burlescos, etc., que se têem publicado no Porto, desde o anno de 1820 até abril de 1877.[1]

Abelha (A), em 1856.
Actualidade (A), em 1874 (ainda existe).
Album de Bordados, de 1862 a 1863.
Album de caricaturas á penna, em 1874.
Album de musicas nacionaes, em 1858.
Album Theatral, em 1872.
Aldeão (O), em 1836.
Amigo do Povo (O), de 1860 a 1861.
Analysta Portuense (O), 1822.
Annaes da Sociedade Litteraria Portuense, de 1837 a 1839.
Annunciador (O), em 1851.

[1] Fiz todas as diligencias por obter informações com respeito a esta materia; mas, se deixar de mencionar alguns, peço desculpa aos meus leitores.

Annunciador (O), de 1872 a 1875.
Arauto Portuense (O), em 1832.
Archivo Commercial, de 1863 a 1864.
Archivo Juridico, desde 1860 (ainda existe).
Archivo Lusitano, em 1866.
Archivo Militar, em 1867.
Archivo Popular, de 1871 a 1874.
Aristarcho (O), em 1864.
Artilheiro (O), de 1835 a 1837.
Artista Portuense (O), em 1855.
Athleta (O), de 1838 a 1842.
Aurora (A), em 1832.
Aurora (A), em 1852.
Aurora (A), de 1867 a 1868.
Aurora Lusitana, em 1866.
Auxiliador (O), em 1839.
Bardo (O), de 1852 a 1855.
Bibliotheca das Damas, de 1842 a 1843.
Bibliotheca das Damas, 1852 a 1867.
Bibliotheca Recreativa, de 1864 a 1866.
Bicha (A), em 1869.
Bico de Gaz (O), em 1854.
Bisturi (O), em 1875.
Bocage, de 1865 a 1867.
Boletim de annuncios, em 1861.
Boletim Bibliographico, de 1863 a 1869.
Boletim Official, de 1826 a 1827.
Boletim Official do Porto, de 1844 a 1847.
Boletim de Pharmacia, em 1861.
Boletim de Pharmacia e sciencias accessorias, em 1857.
Boletim Telegraphico, em 1866.
Bombeiro (O), 1877.
Bom Senso (O), em 1873.
Borboleta (A), de 1826 a 1827.
Borboleta Duriense (A), de 1820 a 1823.
Bouquet, em 1875.
Brados Litterarios, anno de...
Braz Tizana (O), de 1851 a 1869.
Brio do Paiz (O), de 1870 a 1871.
Cabeças Fallantes (As), de 1869 a 1871.
Cabrion, em 1867.
Campainha do Diabo, de 1865 a 1866.
Carapuça (A), de 1851 a 1852.
Carta (A), em 1842.
Cartaz de annuncios, de 1867 a 1868.
Centro (O), em 1846.
Chicote (O), em 1858 (duvidoso).
Christianismo (O), de 1852 a 1853.
Chronica Constitucional do Porto (A), de 1832 a 1834.
Chronista (O), de 1851 a 1854.
Civilisador (O), de 1860 a 1862.
Clamor Militar (O), de 1866 a 1869.
Clamor do Povo (O), em 1871.
Clamor Publico (O), de 1856 a 1857.
Club (O), em 1874.
Coallisão (A), de 1843 a 1846.
Columna (A), de 1847 a 1848.
Columna de Pasquino (A), em 1824.
Commercio (O), de 1843 a 1844.
Commercio do Porto (O), de 1854 (ainda vive).
Concelho de Gaia, em 1873. (Findou em 1875).
Concordia (A), de 1853 a 1855.
Conservador (O), de 1858 a 1860.
Constitucional (O), em 1868.
Correio do Norte, de 1854 a 1855.
Correio do Porto, de 1820 a 1832.
Correio de Portugal, em 1864.
Cosmopolita (O), de 1843 a 1846.
Cruz (A), em 1853.
Cruz (A), de 1868 a 1869.
Cuco (O), em 1866.
Curioso (O), em 1846.
Defensor (O), de 1848 a 1850.
Defensor dos Artistas (O), de 1864 a 1865.
Defensor do Operario (O), em 1873.
Despertador Nacional (O), em 1821.
Despertador Typographico (O), em 1860.
Dez Reis (O), de 1866 a 1870.
Diabo a Quatro (O), de 1858 a 1860.
Diario de Annuncios, em 1846.
Diario Illustrado, em 1875 (duvidoso).
Diario Mercantil, de 1861 a 1873.
Diario Nacional, em 1820.
Diario de Noticias, em 1875.
Diario do Porto, de 1834 a 1835.
Diario do Porto, de 1865 a 1866.
Diario Portuense, em 1823.
Diario do Povo, em 1869.
Diario do Povo de Portugal e possessões, de 1859 a 1865.
Diario Progressista, em abril de 1876.
Diario da Tarde, de 1871 a 1874.
Direito (O), em 1851.
Direito (O), de 1857 (ainda vive).
Distracções Litterarias, em 1867.

Ecco (ou Echo) Artistico, em 1863.
Ecco dos Bailes, de 1856 a 1857.
Ecco dos Operarios, em 1850.
Ecco Popular, de 1846 a 1860.
Economista (O), em 1859.
Emancipação (Á), de 1863 a 1864.
Emâncipação da mulher, em 1868.
Esmeralda (A), de 1850 a 1851.
Espectador Portuense (O), de 1848 a 1849.
Espelho (O), de 1865 a 1866.
Esperança (A), em 1857.
Esperança (A), de 1865 a 1866.
Estrella do Norte, de 1846 a 1847.
Eurico, em 1871.
Facho Litterario (O), de 1864 a 1865.
Fama (A), em 1822.
Familia Catholica (A), de 1853 a 1854.
Fantasma, em 1869.
Flautista (O), em 1856.
Flautista (O), de 1864 a 1865.
Folha Commercial, de 1832 a 1835.
Folha Commercial de Annuncios, em 1869.
Gafanhotos (Os), em 1868.
Garrett, anno de...
Gazeta do Correio, em 1869.
Gazeta Democratica, em 1870.
Gazeta de Gaia, anno de...
Gazeta Homœpathica, de 1863 a 1867.
Gazeta Homœpathica Portuense, de 1853 a 1856.
Gazeta Litteraria do Porto, em 1868.
Gazeta Medica do Hospital Real do Porto, em 1859.
Gazeta Medica do Porto, de 1842 a 1853.
Gazeta Medica do Porto, de 1860 a 1861.
Gazeta do Norte, de 1870 a 1872.
Gazeta Official, em 1828.
Gazeta do Operario, em 1865.
Gazeta do Porto, em 1866.
Gazeta do Porto, em 1875.
Gazeta Portuense, em 1868.
Gazeta da Relação, de 1868 (ainda vive).
Gazeta dos Theatros, em 1863.
Genio Constitucional (O), em 1820.
Granada (A), de 1867 a 1868.
Gratis, de 1840 a 1841 e em outros annos.
Grinalda (A), de 1855 a 1871.
Grinalda de Euterpe, de 1874 a 1875.
Harpa, em 1875.
Harpa da Mocidade (A), em 1868.
Horisonte (O), em 1855 (duvidoso).
Igualdade (A), em 1863.
Imparcial (O), de 1826 a 1828.
Imparcial (O), de 1857 à 1858.
Imprensa (A), em 1859.
Independencia (A), em 1861.
Industrial (O), de 1850 a 1851.
Industrial Civilisador (O), de 1835 a 1836.
Industrial do Porto (O), em 1872.
Industrial Portuense (O), de 1845 a 1846.
Inferno (O), de 1868 a 1869.
Informador (O), em 1846.
Informador Commercial, em 1870.
Instructor Portuense (O), de 1844 a 1845.
Internacional (O), em 1870.
Jardim Portuense, de 1843 a 1844.
Jornal dos Artistas, em 1837.
Jornal Artistico Social, em 1875.
Jornal da Associação Industrial Portuense, de 1852 a 1865.
Jornal da Manhã, 1872 (ainda existe).
Jornal dos Avisos, em 1872.
Jornal de Horticultura Pratica, de 1870 (ainda vive).
Jornal do Norte, em 1860.
Jornal do Norte, de 1867 a 1868.
Jornal do Norte do Minho, Douro e Traz-os-Montes, em 1864.
Jornal de Noticias, de 1865 a 1866.
Jornal de Noticias, de 1866 a 1869.
Jornal do Porto (O), de 1852 (ainda existe).
Jornal do Povo (O), de 1848 a 1854.
Jornal da Sociedade Agricola do Porto, de 1856 a 1869.
Jornal da Tarde, em 1869.
Jornal da Tarde, de 1874 a 1875.
Justiça de 1858 a 1864.
Justiça em 1875.
Lamparina, em 1875.
Lampeão, em 1868.
Leviathan, anno de...
Liberal Portuense (O), em 1837.
Lidador (O), de 1854 a 1857.
Litterario (O), anno de...
Litteratura Popular, em 1849.
Luta (A), de 1874 a 1876 (continúa).
Luiz de Camões, de 1863 a 1865.
Lusitanain (em inglez), de 1844 a 1845.
Luso (O), em 1861.
Luz da Rasão, de 1867 a 1873.

Lyra (A), de 1863 a 1867.
Lyra da Mocidade, de 1848 a 1850.
Mensageiro do Coração de Jesus, de 1874 (ainda existe).
Mephistopheles, em 1865.
Mercurio (O), em 1857.
Metralhadora (A), em 1871.
Miscellanea Historica e Litteraria, em 1845.
Miscellanea Litteraria, de 1860 a 1861.
Miscellanea Musical, de 1854 a 1869.
Miscellanea Poetica, de 1850 a 1852.
Mocidade (A), em 1867.
Monarchia (A), de 1854 a 1857.
Monitor (O), de 1857 a 1858.
Monitor do Exercito (O), anno de...
Monitor de Portugal (O), em 1866.
Morcego (O), em 1867.
Mosaico (O), de 1865 a 1866.
Mundo Elegante (O), de 1858 a 1860.
Museu Portuense, de 1838 a 1839.
Nacional (O) de 1846 a 1870.
Noticiador (O), em 1841.
Noticiador Commercial Portuense, de 1836 a 1858.
Noticiador Pharmaceutico (O), em 1873.
Noticiador Portuense (O), em 1857.
Novidades (As), em 1871.
Observador (O), em 1867.
Observador Portuense (O), em 1826.
Oriente (O), de 1857 a 1859.
Palavra (A), de 1872 (ainda vive).
Palradores no Café (Os), de 1822 a 1823.
Paquete Commercial (O), em 1853.
Paquete Estrangeiro (O), em 1826.
Parvonia Illustrada, em 1875. (Ressuscitou em 1877).
Patria (A), de 1849 a 1850.
Patriota Portuense (O), de 1820 a 1821.
Pedro Quinto (O), em 1855.
Pêga (A), de 1848 a 1849.
Pelourinho (O), em 1863.
Pelourinho (O), de 1867 a 1868.
Peninsula (A), de 1852 a 1853.
Periodico Mercantil, de 1822 a 1832.
Periodico de Musica, em 1841.
Periodico dos Pobres no Porto, de 1834 a 1858.
Petisco (O), em 1866.
Philarmonico Portuense (O), em 1841.
Photographia para todos, em 1866.
Pirata (O), em 1840.
Pirata (O), de 1850 a 1851.
Pirolito (O), de 1854 a 1855.
Plateia (A), de 1875 (ainda vive).
Popular do Porto (O), de 1876 (continúa).
Porto (O), de 1874 (ainda vive).
Porto e a Carta (O), 1854 a 1862.
Porto Commercial (O), em 1858.
Porto Elegante (O), de 1865 a 1866.
Porto Illustrado (O), de 1863 a 1864.
Portuense (O), de 1836 a 1837.
Portuense (O), de 1853 a 1855.
Portugal (O), de 1851 a 1857.
Presente, o passado e o futuro (O), em 1836.
Previdente (A), de 1864 a 1870.
Primavera (A), de 1859 a 1860.
Primeiro de Janeiro (O), de 1861 (ainda existe).
Primeiro de Dezembro (O), de 1861 a 1864.
Progressista (O), 1846 a 1847.
Progresso Commercial (O), em 1873.
Progresso do Porto, de 1870 a 1871.
Purgatorio (O), de 1859 a 1864.
Puritano (O), de 1846 a 1848.
Pyrilampo (O), de 1867 a 1870.
Rainunculo (O), em 1860.
Raio (O), de 1861 a 1869.
Realista Portuense (O), em 1828.
Recreio Musical das Damas, de 1859 a 1861.
Regeneração de Portugal, em 1820.
Relampago (O), em 1862.
Repertorio comico, em 1849.
Repertorio dos Jovens Pianistas, em 1865.
Repertorio Litterario, de 1834 a 1835.
Republica (A), em 1873.
Respigador (O), em 1846.
Respigador Litterario (O), em 1848.
Restauração, de 1864 a 1865.
Revista Administrativa, de 1866 a 1867.
Revista Critica de Litteratura Moderna, em 1869.
Revista Estrangeira, de 1837 a 1838.
Revista Juridica, em 1836.
Revista de Jurisprudencia, de 1856 a 1860.
Revista Litteraria, de 1838 a 1846.
Revista de Pharmacia, de 1857 a 1872.
Revista da Semana, em 1875.
Revista Semanal, em 1870.
Revolução de Janeiro, em 1868.
Ronda (A), em 1869.

Rosa (A), de 1845 a 1846.
Rouxinol (O), de 1876 (continúa).
Salamalek (O), de 1869 a 1870.
Saudade (A), em 1867.
Seculo (O), em 1862.
Seculo (O), em 1864.
Semanario dos Filhos de Maria, de 1866 a 1869.
Sentinella da Liberdade, em 1837.
Sereno (O), em 1868.
Sol (O), de 1826 a 1828.
Sol Portuense (O), em 1833.
Solitario no seu gabinete (O), em 1826.
Sombra (A), em 1869.
Supplemento Burlesco ao Ecco Popular, em 1848.
Supplemento de Noticias, em 1868.
Tasso, de 1868 a 1870.
Tentativas Litterarias, de 1863 a 1864.
Terpsichore, em 1860.
Theatro e Bibliotheca Familiar, de 1850 a 1851.
Theatro Economico, de 1864 a 1868.
Theatro e Modas, 1877.
Thesoura Liberal, em 1873.
Torre de Babel, em 1836.
Trovador (O), de 1844 a 1848.
Trovão (O), em 1862.
União Artistica, em 1855.
Vampiro, em 1873.
Vedeta da Liberdade (A), de 1835 a 1840.
Velho Liberal Douro (O), 1826 a 1828.
Verdade (A), de 1855 a 1857.
Verdade (A), de 1871 a 1872.
Verdade (A), em 1873.
Vespa (A), em 1861.
Vinte e Sete de Janeiro (O), em 1842.
Violinista (O), de 1864 a 1865.
Visão (A), em 1868.
Voz do Douro (A), em 1870.
Voz da Liberdade (A), em 1863.
Voz do Operario (A), em 1853.
Voz do Povo (A), em 1870.

—

No catalogo, aponto o anno em que principiou e acabou o jornal, quando o sei com certeza. Alguns só duraram um anno, alguns mezes ou semanas.

Menciono tambem como jornaes diversos, aquelles que, supposto terem a mesma redacção e politica, mudaram de nome.

Alguns do mesmo nome, sahiram em differentes epochas, e por isso tambem os designo como differentes jornaes.

—

Desde o anno de 1820, tem-se publicado em Portugal, 1:700 e tantos periodicos!

Viella da Neta

Esta alfurja tortuosa e immunda, anda a demolir-se, construindo-se em seu logar uma bonita rua, que é o prolongamento da *rua do Sá da Bandeira* (aberta depois de 1834, em terreno dos padres congregados de S. Philippe Nery) e continúa com o mesmo nome.

Vem a principiar a rua do Sá da Bandeira, na praça de D. Pedro (antiga Praça-Nova das Hortas) e, atravessando a rua do Bomjardim, vae findar na *Rua Formosa.*

Em a nova rua, ha um *ramal*, á direita— vindo do Bomjardim, e na direcção E, que vae terminar na rua de Santa Catharina. A esta rua se deu em abril de 1877, a denominação de *rua de Passos Manoel.* (Parecia-me mais proprio chamar-se de *Passos José*, seu irmão, pois era este, e não aquelle, que aqui tinha a sua casa e aqui habitou.)

A casa da viella da Neta, em que estava collocado o oratorio de Nossa Senhora das Necessidades e Bom-Despacho, pertencia ao sr. Francisco Antonio da Cunha Magalhães.

A imagem foi alli collocada por um dos seus antepassados, quando construiram a casa, em 1752, e é o sr. Cunha Magalhães, exclusivamente (e na sua ausencia, um caseiro d'elle, que habitava a casa) que toma a seu cargo accender, todas as noites, uma alampada que alumia a santa imagem.

Em consequencia de ter de demolir-se a parte do predio em que se achava o oratorio, para a abertura da rua de Passos Manuel, trata o sr. Magalhães de remover o oratorio para logar conveniente.

—

Ruas novas em 1877

Por um edital de abril d'este anno, assignado pelo sr. Joaquim Taibner de Moraes,

secretario-geral, servindo de governador-civil do districto do Porto, serão dadas as seguintes denominações, a diversas ruas, em construcção n'esta cidade:

Rua do Principe Real — Vae do largo da Aguardente á Póvoa.

O largo onde esta rua termina, chamar-se-ha *largo da Póvoa.*

Rua Nova da Batalha — A que ha de seguir do largo da Batalha ás Fontainhas.

Rua do Palacio de Crystal — A que communica a da Restauração com a do Triumpho, pelo O. do quartel da Torre da Marca, e pelo E. dos jardins do Palacio de Crystal.

Praça da Boa-Vista—A rotunda que está na rua d'este mesmo nome.

Rua d'Agramonte — A que segue da rua da Boa-Vista, ao cemiterio d'Agramonte.

Rua das Pyramides — A que vae da rotunda da Boa-Vista, em direcção ás pyramides da Prelada.

Rua dos Francos—A que substitue a antiga viella dos Francos.

Rua das Vallas — A que substitue a antiga viella das Vallas.

Travessa da Boa-Vista — A que vae da rua da Boa-Vista, á estrada do Carvalhido, proximo da rua de Santa Isabel.

E as que já disse, abertas na antiga viella da Neta.

—

Ruas, travessas, beccos, largos, praças, alamêdas, caes, calçadas, passeios, etc., da cidade do Porto, em maio de 1877

Em 1877, tem esta cidade: 235 ruas — 93 travessas—10 calçadas—10 beccos—65 largos—9 campos—4 passeios publicos—3 alamêdas—4 caes—21 escadas—7 montes—14 praças e 41 viellas.

—

Feira de S. Lazaro

Esta feira, que de tempos immemoriaes se fazia no largo de S. Lazaro, tendo principio no *domingo de Lazaro*, e fim no de *Ramos*; se fez, desde 1836, em volta do muro do jardim que então aqui se construiu.[1]

Por ordem da camara municipal, de março de 1876, foi mudada esta feira, para o largo do *Poço das Patas*, hoje denominado *Campo 24 d'Agosto.*

—

Feira de creados

Ha no Porto duas feiras de creados e creadas, em cada anno. Os que se ajustam para os trabalhos do verão, fazem a sua feira em todas as terças feiras d'abril — e os que se ajustam para o inverno, nas terças feiras de novembro.

Esta feira fez-se de tempos immemoriaes, no largo da *Feira das Caixas*, ou *dos Ferradores* — hoje *praça de Carlos Alberto.*

Por determinação da camara municipal, de 1876, foi designada para logar d'esta feira, a *Rotunda* (agora chamada *Praça da Boa-Vista.*)

Na praça de Carlos Alberto, está o palacio, actualmente do sr. visconde da Trindade, e que, por muitos annos, foi propriedade dos srs. viscondes de Balsemão. Em quanto pertenceu a esta nobre familia, esteve aqui alguns annos a *hospedaria do Peixe*, a mais luxuosa do seu tempo, n'esta cidade. Foi n'ella que se hespedou o ex-rei Carlos Alberto, quando de Italia veiu residir para o Porto. (Vide o anno 1849.)

—

O homem-flauta

Pelos annos de 1852, nasceu n'esta cidade, Augusto Ferreira. É filho de outro Augusto Ferreira, actor, que foi, do theatro de S. João (o unico que então havia na cidade) e neto tambem de outro actor, Ferreira, por alcunha *o Pomada.*

Augusto Ferreira (filho) vádiava pelas

[1] O jardim de S. Lazaro foi principiado em 1831. Estiveram paradas as obras durante o cêrco, e só se concluiram em 1836. Hoje está transformado em passeio, mas pouco frequentado no verão, porque, sendo muito pequeno, e cercado de predios altos, por toda a parte, abafa-se alli com calor.

ruas do Porto (já orphão de pae e mãe) roto e descalço.

Na edade de 6 ou 7 annos, principiou a costumar-se a imitar, com os dedos, o som da flauta, e taes progressos veiu a fazer com esta sua habilidade, que illudia perfeitamente. Pelos annos de 1862, foi ter a Lisboa, e alli, sendo ouvido por algumas senhoras da alta aristocracia, lhe mandaram ensinar musica.

O sr. D. Thomaz de Mello, o escripturou, para com o *seu instrumento* (a bôca) hir dar alguns concertos nos paizes estrangeiros.

Partiram para Hespanha, onde não fizeram fortuna.

O sr. Mello, voltou a Portugal, e Ferreira foi ter á Inglaterra, onde deu muitos concertos. D'ahi marchou para a America do Sul, onde actualmente faz parte de uma companhia de notabilidades artisticas, e tem adquirido alguma fortuna.

Com a bôca e com os dez dedos das mãos, imita perfeitamente os sons da flauta, percorrendo com a maior facilidade todas as escalas, e desempenhando qualquer papel de musica de flauta que se lhe apresenta.

É uma verdadeira notabilidade.

—

Paço da Marqueza

Este edificio está situado ao fundo da rua de Cimo da Villa, e proximo á antiquissima rua *das Eiras*, ou *Chan das Eiras*, hoje Rua-Chan.

Foi construido pelos antigos condes de Mattosinhos (Sás e Menezes) dos quaes são hoje representantes, os filhos de D. José Maria da Piedade Alencastre, ultimo marquez d'Abrantes.

Dá-se-lhe o nome de *Paço da Marqueza*, por alli residir por alguns annos a penultima marqueza d'Abrantes (a que deu esta casa, por esmola, para n'ella se instituir o *recolhimento de Nossa Senhoras das Dores e S. José, de meninas desamparadas*—hoje estabelecido ao Postigo do Sol.)

A virtuosissima senhora, D. Francisca de Paula da Conceição Grelho e Sousa, mulher do doutôr corregedor, José Teixeira de Sousa (ambos fundadores d'este recolhimento) foi madrinha do baptismo, do nosso esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Sua mãe e suas tias maternas, foram educadas n'este recolhimento.

Para o mais que diz respeito ao Paço da Marqueza e ao recolhimento, vide vol. 6.º, pag. 581, col. 1.ª

Para os condes de Mattosinhos, vide o 5.º vol., pag. 142, col. 1.ª

—

Desordens entre os portuenses e os seus bispos

D. Martinho Rodrigues, que era thesoureiro da Sé do Porto, foi feito bispo d'esta diocese, em 1189, reinando em Portugal D. Sancho I.

Succedera a D. Martinho Pires, que passou a ser arcebispo de Braga.

D. Martinho Rodrigues, era ambicioso. Logo que foi sagrado bispo do Porto, não quiz estar pela divisão das rendas do bispado, feita pelo seu antecessor, com o cabido; mas queria dar aos conegos sómente o vestido, casa e sustento, para viverem em communidade como religiosos regulares.

O cabido citou o bispo, perante D. Martinho Pires, arcebispo de Braga (o mesmo que tinha feito a divisão das rendas) e este conseguiu harmonisar as partes, fazendo uma nova divisão das rendas do bispado, ficando uma terça parte para os conegos e duas para o bispo — designando as egrejas e terras que ficavam a cada parte.

A escriptura d'esta concordata, foi feita no dia 8 de outubro da era de 1238 (26 de setembro de 1200 de Jesus Christo) Foram presentes e assignaram, não só os conegos da Sé do Porto, mas tambem muitos das Sés de Braga e Coimbra, o arcebispo de Braga e o bispo do Porto.

D. Sancho I confirmou em D. Martinho Rodrigues as grandes doações feitas ao bispo do Porto, por seus predecessores; mas augmentando os privilegios e liberdades dos moradores da cidade, sendo um dos seus principaes privilegios, *não hirem á guerra, nem mesmo na companhia do rei, senão quando o reino fosse invadido pelos mouros.*

Investiu porém os bispos do Porto em tão

ampla auctoridade, que até os fez árbitros e juizes, nas causas entre o rei e povo da cidade.

Havendo dúvidas entre este bispo e os moradores da cidade, que pretendiam isentar-se da sujeição e vassallagem episcopal, allegando que o prelado lhes quebrava o foral que D. Hujo lhes fizera; D. Sancho I sentenciou que os *cidadãos e moradores* do Porto, eram *vassallos* do bispo, senhor da cidade, conforme a doação da sua avó (do rei) a rainha D. Thereza.

Tão grandes privilegios, concedidos aos bispos do Porto, desagradaram ao povo, que se não queria resignar a tão grande sujeição.

Os bispos, como *senhores da cidade do Porto*, arrecadavam os direitos, sobre todos os generos e mercadorias que entravam pela foz do Douro, e lançavam novos impostos sobre o povo.

Varias vezes se queixaram os portuenses, pela quebra dos seus antigos privilegios; mas vendo que era sempre baldadamente, o povo amotinado e furioso, accommetteu o paço episcopal, arrombando as suas portas, depois de uma debil resistencia, e invadindo-o, chegaram aos aposentos do bispo, e, depois de lhe lançarem em rosto, os vexames de que eram victimas, o prenderam no proprio paço, e assim se conservou por espaço de cinco mezes, até que, illudindo a vigilancia dos seus guardas, conseguiu fugir, embarcando para França (occultamente) e hindo apresentar-se ao papa Innocencio 3.º, a queixar-se dos seus rebeldes vassallos.

D. Martinho, bispo de Samóra (Hespanha) e Fernando, arcediago da mesma egreja, foram nomeados pelo papa, seus delegados e juizes n'esta causa, sentenciando afinal, a excommunhão-maior, e a serem havidos por infames, doze dos revoltosos que foram julgados mais criminosos; e além d'isso, a restituirem á egreja o valor dos damnos que lhe haviam causado.

O bispo, depois, ou movido pelos rógos d'alguem, ou para evitar maiores desgostos, pediu ao mesmo pontifice o perdão dos culpados. Innocencio 3.º, passou breve ao abbade e prior do mosteiro de Santo Thyrso, para serem absolvidos da excommunhão, dando-lhes uma penitencia saudavel.

O principio do episcopado de D. Martinho Rodrigues, foi infeliz, não só pelas desordens e tumultos com o povo, como porque n'esse tempo — ainda no reinado de D. Sancho I — houve tão grandes invernadas, e tão continuadas chuvas, que de todo se perderam as novidades. Depois, sobreveio tão grande sêcca, e calores tão excessivos, que causaram muitas doenças e mortes. Estas calamidades acarretaram a pós de si os terriveis flagellos da fome e da peste, que causaram uma horrivel mortandade em todo o reino.

—

Sendo rei de Portugal, D. Affonso IV, e bispo do Porto, D. Vasco Martins, houve novas desordens entre este prelado e os *seus vassallos*.

As causas d'estas desordens, eram, não só as exigencias do bispo, e os seus amplos poderes e privilegios, mas tambem a refórma dos pésos e medidas.

O povo debalde se queixou ao *seu senhor*, das novas vexações e da continuação das antigas; o prelado conservou-se inflexivel.

Então o povo revoltou-se, e armado cada portuense com a primeira arma a que podia lançar mão, foi o paço episcopal accommettido por grande multidão de gente da cidade e das aldeias suburbanas.

Os famulos do bispo defenderam corajosamente o paço; porém o prelado, que estava na egreja a assistir a uns officios funebres, fugiu a esconder-se em uma torre do antigo castello, que ainda se conservava em bom estado, junto á egreja, e assim se salvou de grandes insultos, e talvez mesmo da morte; porque a colera do povo mais se exacerbou com a resistencia dos familiares do bispo.

Conseguindo o povo, apesar da defeza tenaz, arrombar a porta do paço, o invadiram, assassinando dois famulos, e espancando outros.

Conhecendo que não podiam tomar de assalto a torre onde se tinha refugiado o bispo, decediram pôr-lhe cêrco, até que elle se

rendesse pela fome; mas, no dia seguinte, a rogos de algumas pessoas principaes da cidade, ás quaes o povo respeitava, desistiram do seu projecto e abandonaram a guarda da torre.

O bispo fugiu para Avinhão (França) onde então residiam os pontifices, e lá esteve nove annos, e a cidade interdita todo esse tempo.

Notemos que este bispo foi nomeado pelo papa, contra vontade de D. Affonso IV, que por isso nunca foi seu amigo, tendo já antes d'este facto, tido com elle varias contestações, e não empregando a minima diligencia por applacar estas desordens.

D. Vasco Martins, nunca mais tornou ao Porto, por ter sido nomeado bispo de Lisboa.

Succedeu-lhe na cadeira episcopal, D. Pedro Affonso, em 1343, e este prelado facilmente se harmonisou com o povo; mas estas pazes (ou treguas) pouco duraram.

Houve novo conflicto por causa do julgamento dos presos—primeiramente, entre a camara e o bispo, e pouco depois, entre este e o rei.

Queria o bispo que os criminosos fossem julgados pelos tribunaes ecclesiasticos, como *vassallos* do prelado—e a camara, que elles fossem entregues ás justiças d'el-rei.

Deu isto causa a grandes abusos e violencias, de parte a parte.

O bispo D. Pedro Affonso, querendo dar um caracter puramente ecclesiastico, aos crimes civis, convocou um synodo, na collegiada (então mosteiro) de Cedofeita, e alli se juntaram grande numero de abbades, seculares e regulares, e muitos clerigos e frades.

Todos resolveram unanimemente que o bispo recorresse ás censuras da egreja, contra todos os que a pretendessem esbulhar dos seus *privilegios e regalías.*

No dia seguinte, foram afixadas nas portas da Sé, as censuras ecclesiasticas, pelas quaes se lançava a excommunhão a D. Affonso IV, se dentro em quatro mezes não fizesse cumprir as prerogativas episcopaes, isto é, o poder temporal dos prelados.

O infante D. Pedro (depois 1.º do nome) filho do rei, veio ao Porto, e foi logo direito ao paço do bispo, e a este pediu que levantasse a excommunhão ao pae, e que desistisse das suas pretenções absurdas, que seriam causa de continuas e graves desordens; mas tudo isto foi dito com a maior moderação, constrangendo-se quanto pôde, este principe de genio violento.

Disse-lhe, por bôas maneiras, que, ainda que seu pae quizesse desistir dos seus direitos magestaticos, o povo do Porto jámais se sujeitaria a deixar perder os privilegios que os foraes, provisões, alvarás, e uma diuturna posse lhe tinham dado.

A nada o bispo se moveu; e o principe, não podendo mais conter-se, rompeu nos maiores insultos e ameaças contra o prelado, dando-lhe voz de preso, e obrigando-o a recolher-se a um quarto do paço episcopal, guardado por homens armados.

O bispo, temendo a colera de D. Pedro, enganou os seus guardas, e conseguiu fugir de noite, montado em um veloz cavallo, e na companhia de um só creado, tambem muito bem montado; e tanto correram, que no dia seguinte estavam na cidade gallega de Tuy, 225 kilometros ao N. do Porto; e d'alli tornou a excommungar o rei, o principe e a cidade do Porto.

De Tuy marchou para Bayona, e de lá para Avinhão (França) onde então estava o papa Clemente VI com a sua côrte, e ao qual fez as mais amargas queixas, contra o rei, contra o principe e contra os portuenses.

Parece que o papa poucas providencias deu, porque o bispo alli esteve desterrado, soffrendo grandes privações, porque o rei havia mandado confiscar todos os rendimentos da mitra.

Finalmente, a rogos do Pontifice, veio o rei a um accôrdo com o bispo (que por fim regressára ao reino) assentando se em que o rei, o prelado e a camara nomeassem árbitros, para decidirem sobre as suas contendas.

Mas a camara exigia que das rendas sequestradas, da mitra, se lhe dessem *trezentas vezes mil réis, e dez mil marcos de prata,* como indemnisação da injuria e dos

damnos que a cidade tinha soffrido com os interdictos—e muito custou a conseguir que a camara desistisse d'esta pretenção.

(Vide o anno 1360, a gag. 290, col. 1.ª d'este vol.)

Feitoria ingleza

Na extremidade S. E. da *Rua Nova dos Inglezes*, (antiga *Rua Nova de S. Nicolau*) com frente para a Rua Nova de S. João, se vê o vasto edificio, denominado *Feitoria ingleza*.

Aqui se reunem com frequencia os inglezes, e aqui teem dado, por muitas vezes, esplendidos bailes.

A primeira pedra d'este edificio, foi lançada em fevereiro de 1785.

A frente S. (Rua Nova dos Inglezes) tem de comprido 24m,20—e a da rua de S. João 30m,80: a sua altura é de 22 metros.

Pela parte da rua de S. João, tem cinco andares. Pela da rua dos Inglezes, assentam sobre sete arcos de cantaria lavrada, os seus quatro andares.

É notavel o jogo de escadas (todas de cantaria) que interiormente dão serviço para todos os andares, e sustentando-se sem auxilio de columnas, bases ou pedestaes; e de uma architectura particular, que as torna unicas no seu genero.

Contém este edificio grande numero de salas, gabinetes, quartos, etc., e a sala chamada do baile, é das mais vastas do Porto.

Esta casa custou 80 contos de réis.

—

Fortalezas e castellos da 3.ª divisão militar

Castello de S. João da Foz—fortaleza da Serra do Pilar—castello da cidade e barra d'Aveiro—castello de Mattosinhos—castello de Villa do Conde—castello da Povoa de Varzim.

—

A espada do rei D. Affonso Henriques

Em 20 de outubro de 1570, estando o rei D. Sebastião no templo de Santa Cruz de Coimbra (onde fôra assistir a um doutoramento) o prior do mosteiro de Santa Cruz, D. Lourenço Leite, lhe apresentou a espada de D. Affonso I, a qual estava sobre o seu mausoleu, e que o rei tomou e beijou com o maior respeito, dizendo para os fidalgos que o acompanhavam:—«Bom tempo, o em que se pelejava com espadas tão curtas. Esta é a espada que libertou Portugal do cruel jugo dos mouros; sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração.»—Restituindo-a ao D. Prior, lhe disse:—«Guardae, padre, esta espada; porque ainda me hei de valer d'ella contra os mouros da Africa.»—

Em 14 de março de 1578, escreveu o rei ao D. prior, pedindo-lhe (por emprestimo) a espada e o escudo do nosso primeiro rei, ao que o prelado logo annuiu, mandando-lh'a, depois de a mandar pulir e de lhe mandar fazer uma bainha de velludo, com ponteira e bocal de prata dourada, e uma caixa de ébano, com fechadura e chave, tambem de prata dourada, para guardar a espada.

Tambem mandou fazer uma caixa de ébano, para guardar o escudo.

Mandou tudo ao rei, pelo vigario do mosteiro de Santa Cruz, D. Jeronymo.

O rei, quando recebeu a espada e o escudo, prometteu, no caso de obter victoria dos mouros africanos, fazer canonisar D. Affonso Henriques, como o tinha pretendido seu avô, D. João III.

Quando a esquadra, que foi á infeliz jornada d'Africa, sahiu de Lisboa (24 de junho de 1578) foram no camarim real, a espada e o escudo de D. Affonso I; mas não sahiram de bordo—e quando o navio regressou a Lisboa, foi a espada entregue ao cardeal-rei, que logo a mandou, com o escudo, para S. Vicente de Fóra, e d'aqui as levou para Santa Cruz de Coimbra o conego regrante de Santo Agostinho, D. Francisco das Neves.

Passando por Santarem, na sua jornada para Coimbra, expoz D. Francisco a espada, na egreja de Santa Maria, e alli foi dada a beijar ás principaes pessoas da villa, e ao povo que se achou presente.

Em 1834, supprimidas as ordens religiosas, mandou o governo esta espada para o museu da Academia das Bellas-Artes, do

Porto (Atheneu portuense) onde ainda existe junto de varios quadros a oleo, que na sua maior parte foram de mosteiros então supprimidos.

Mas apenas alli existe a espada, que é toda de ferro, e de obra tosca.

A caixa d'ebano, com fechadura e chave de prata, foi substituida por uma outra de madeira ordinaria, pintada de preto; e a bainha de velludo, com guarnições de prata, foi tambem roubada.

Do escudo e da sua caixa, ninguem mais tornou a saber!

—

Julio Diniz

(*Joaquim Guilherme Gomes Coelho*)

Nasceu no Porto, a 14 de novembro de 1839. Era filho de José Joaquim Gomes Coelho e de D. Anna Gomes Coelho.

Foi por seu pae destinado a seguir os estudos superiores, revelando, desde os seus verdes annos, uma notavel intelligencia.

Em 1853,[1] quando frequentava o primeiro anno da Academia Polytechnica, tomou conhecimento e intima amisade com o infeliz poeta, Soares de Passos, e d'esta circumstancia lhe proveio o amor ás bellas lettras, do qual mais tarde deu tão incontestaveis testemunhos.

Mas a vida d'este mancebo derivou-se entre bastantes desgostos. Quando, em 1855 e 1856, frequentava botanica e zoologia, viu succumbir ao padecimento pulmonar — de que elle tambem devia ser victima, porque todos o haviam herdado de sua mãe — seus irmãos, José e Guilherme.

No seu segundo anno de curso medico, teve o primeiro ataque de hemoptyse, mas continuou nos seus estudos. Comtudo, esta doença hereditaria lhe encheu a alma d'aquella melancolia que se nota em muitas das suas obras, e principalmente nos seus versos.

Todos os annos foi premiado, porém o seu amor ao estudo não o impedia de cultivar a poesia, e em 1860 appareceram, no Semanario de Litteratura—a *Grinalda*—que então se publicava no Porto, os seus primeiros versos, sob o pseudonymo de Julio Diniz, nome que depois adoptou em todos os seus escriptos.

Em 1862, appareceram em folhetins do *Jornal do Porto*, os pequenos romances, intitulados: *O expolio do senhor Cypriano*, e as *Aprehenções de uma mãe*, assignados por Julio Diniz, que ninguem sabia quem era, além do sr. Antonio da Cruz Coutinho, proprietario do jornal, e muito poucas pessôas mais.

Em 1861, já graduado em medicina, escreveu o romance: *Uma familia ingleza*, que só passados alguns annos se publicou.

Homem extremamente sensivel, não exercia a clinica.

Em 1863, concorreu ao logar de demonstrador da secção medica, na escóla do Porto; mas um violento ataque da sua molestia, o obrigou a desistir do concurso.

Retirou se para a villa d'Ovar. para casa de uma sua tia, e alli principioú a escrever *As Pupillas do Senhor Reitor*.

Em 1864, sahiu em felhetins, a sua: *Uma flor d'entre o gêlo*; mas as *Pupillas* só principiaram a publicar-se em 1866.

Em julho de 1867, foi feito lente substituto da Escóla Medico-Cirurgica do Porto, e em agosto seguinte, foi feito secretario-bibliothecario da mesma escóla.

N'esse mesmo anno principiou a publicação das *Scenas da vida do Porto*, e em 1868, *A Morgadinha dos Canaviaes*.

N'este mesmo anno (a 25 de março) veiu a Lisboa assistir, incognito, na noite d'esse dia, á representação do drama: *As Pupillas do Senhor Reitor* (extrahido do seu romance, pelo sr. Ernesto Biester) no theatro da Trindade.

Apesar da sua cautella, foi reconhecido, vieram buscal-o á platéa, e teve de comparecer no palco, onde recebeu as mais lisongeiras provas de applauso, do publico lisbonense.

Porém a sua doença progredia, e, em novembro de 1868, a pneumo-hemorrhagia foi mais violenta do que nunca.

[1] Em 1852 e 1853, residiu na aldeia de Noêda, freguezia de Campanhã, com a familia de seu primo, o sr. José Joaquim Pinto Coelho.

Em janeiro de 1869, voltou a Lisboa, para passar o inverno, na esperança de encontrar algum allivio; mas, não sentindo melhoras, foi para a Ilha da Madeira, sahindo a barra do Tejo, a 5 de fevereiro.

Mas a molestia resistiu a todos os systemas therapeuticos, e debalde regressou á Madeira, em 1870 e 1871.

Em 1870 se publicaram os *Serões da Provincia.*

Foi nas tres épocas que esteve na Madeira, que escreveu o seu ultimo romance (em dois volumes) *Os fidalgos da casa mourisca.*

No regresso da sua terceira viagem á Madeira (maio de 1871) a doença attingiu um caracter assustador, e em junho, foi habitar com a familia do seu primo, para a rua do *Costa Cabral*, (Porto) na esperança de que a proximidade das arvores e dos campos, suspendesse os progressos da doença; mas, quando se julgava com alguns allivios, fallaceu pela 1 hora da manhã, do dia 12 de setembro de 1871.

As obras de Gomes Coelho, pertencem a um genero de litteratura novo em Portugal, e fazem lembrar as de Bernardim de S. Pierre. A par de uma simplicidade encantadora, revela-se muito estudo, grande conhecimento dos homens, e, sobre tudo, uma alma bem formada e um coração bondoso e summamente agradecido.

É purissimo o portuguez das suas obras.

Sobretudo, nas suas poesias, revela-se o desalento que lhe minava a existencia; mas, se esta circumstancia foi uma desgraça para elle e para os seus, talvez fosse uma ventura para as lettras portuguezas; porque, se Gomes Coelho fosse um homem sádio e robusto, quem sabe se em logar de uma vida sedentaria, e constantemente applicada á poesia e aos romances, se distrahiria em outras occupações, que nos privassem dos encantos das suas obras, tão justa e tão geralmente estimadas?

Choremos, porém, a perda de um genio, que se apagou na virente idade de 32 annos, e que no espaço da sua curta existencia, enobreceu o Porto que lhe deu o berço, e enriqueceu Portugal com os seus formosissimos escriptos.

O primeiro theatro lyrico do Porto

O theatro lyrico, foi inaugurado no Porto, em 15 de maio de 1762. Era no largo do Corpo da Guarda, que estava todo embandeirado, assim como a Rua-Chan. Foi um dia de festa para esta cidade, e foi a primeira companhia lyrica vinda a Portugal, que tal nome merecesse. [1]

Foi o benemerito João d'Almeida e Mello (pae do grande Francisco d'Almada) governador-general da provincia, e, em 1765, governador das justiças, presidente da camara municipal, e da administração da marinha, conselheiro do rei e tenente general dos seus

[1] Em 1690, por occasião do projectado casamento da princeza D. Isabel, filha de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, duqueza de Neumurs (que se não realisou, fallecendo a princeza, em 21 de outubro d'esse anno) estiveram em Lisboa cantores italianos, que vieram na comitiva do duque de Saboya; mas foram recebidos ás gargalhadas, quando os espectadores viram exprimir o amor, o odio, a dôr, a alegria e a tristeza, etc., etc., por desafinadas e inintelligiveis cantigas.

A esta meia duzia de histriões, nem se deve dar o nome de *companhia lyrica.*

Em 15 de junho de 1760, o marquez de Pombal (por motivos que não vem aqui a proposito) expulsou de Lisboa o nuncio apostolico. O papa, Clemente 13.º, pôz *interdicto* a Portugal, em 25 d'agosto do mesmo anno.

Em 1770, sendo pontifice Clemente 14.º (Ganganelli) abriu-se a communicação com a côrte de Roma. N'esse mesmo anno, appareceu em Lisboa a famosa *Zamperini* (veneziana) com a sua *troupe*, contratada pelo sr. Galli, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro da Curia romana, em Portugal.

Cantaram no theatro da rua dos Condes, então recem-fundado.

Os emprezarios não pagavam aos cantores italianos. Schiattini (o tenor) substituia as palavras do *libreto*, por outras, chorando miserias e pedindo que lhe pagassem.

Os emprezarios, offendidos, metteram-o no hospital dos doidos, e lá o hiam buscar, debaixo de prisão, para cantar, e finda a récita, o tornavam a metter no hospital.

Era então presidente da camara municipal de Lisboa, o conde d'Oeiras, filho do marquez do Pombal.

Já se vê, pois, que só oito annos depois do Porto, é que Lisboa teve theatro lyrico, propriamente dito.

exercitos, que dotou o Porto com este melhoramento civilisador.[1]

No principio, tinha o theatro apenas uma só vista—*sala-régia*—e n'ella corriam todas as peripecias do drama, sem se attender á verosimilhança—isto é—sem se importarem com a *unidade de logar*.

A primeira opera que se representou, tinha por titulo—*Il Trascurato* (O Descuidado) de Pergholesi.

No intrecho predominava o cómico.

A *prima-dona* chamava-se *Giuntini*.

O titulo, por extenso, do libreto, era—*Il trascurato, dramma grazioso per musica da rapresentarsi nel Teatro della molto illustre citá del Porto. Na officina do capitão, Manoel Pedroso, 1762.*

Foi dedicado a D. Anna Joaquina de Lencastre.

—

Para a biographia de João d'Almeida e Mello, vide *Homens illustres da cidade do Porto*—n'este artigo.

—

Quasi que era escusado dizer qne todos estes minuciosos e curiosissimos esclarecimentos, os extrahi das obras do sr. Camillo Castello Branco; que os achou na *Gazeta Litteraria*, fundada no Porto, pelo mesmo João d'Almada e Mello, em 1761, e redigida pelo elegante e intelligentissimo padre Francisco Bernardo de Lima, que se póde considerar o primeiro folhetinista portuguez. No logar competente tratarei d'este vulto litterario, do seculo 18.º

—

Theatros publicos actuaes do Porto

Theatro de S. João (theatro lyrico.)—Está na praça da Batalha.

Nada tem de notavel a sua fórma exterior, que é singela, nada tendo de esculptura, a não ser as armas portuguezas, da sua fachada principal, que olha para E.N.E.

Foi construido no reinado de D. Maria I, por diligencias do desembargador, corregedor e provedor, D. Francisco d'Almada e Mendonça, em 1798, sendo já principe regente[1] o futuro rei, D. João VI.

O seu interior, em fórma de ferradura, contém quatro ordens, cada uma com vinte camarotes, á excepção da primeira, que tem mais dois.

No centro da segunda, está a tribuna real.

A plateia superior tem 111 cadeiras, e a inferior, 220. As varandas teem 70 logares.

No pavimento correspondente á 2.ª ordem, e em frente da entrada para tribuna real, está um vasto salão, de fórma ovoide, ricamente decorado.

Tem um bom salão de pintura, soffriveis camarins, e as mais officinas proprias de um theatro de primeira ordem.

A sua planta foi feita pelo architecto italiano, Vicente Manzoneschi.

Este theatro é subsidiado pelo governo. Este subsidio tem variado de quantia, mas esta sempre diminuta, de modo que as emprezas, ou hão-de escripturar companhias de pouco merito artistico, ou fallir, como tem acontecido a muitas.

—

Theatro Baquet.—Já tratei d'elle, a pag. 372, anno 1858.

—

Theatro Circo (hoje denominado do *Principe Real*). É mais pequeno do que o antecedente, e lhe fica proximo, e na mesma rua.

A entrada principal, até hoje, é por umas escadas da referida rua, descendo a um vasto campo, onde se construiu o theatro. Concluida a nova rua do Sá da Bandeira (no sitio da antiga *viella da Neta*) e que anda em construcção (maio de 1877), deve ser a en-

[1] Foi o braço potente e a soberana vontade d'este esclarecido portuguez — um dos maiores vultos da sua época—que moveu a camara para contribuir com a maior parte das despezas, para a construcção do theatro.

Foi tambem coadjuvado n'este emprehendimento, pelo chanceller do governador das justiças, Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho—pelo *cabo-mór*, Miguel José de Moura — e pelo senhor de Quebrantões e *Gaya-Pequena*, Alvaro Leite Pereira.

[1] Em consequencia da *molestia mental* da rainha, seu filho, fez-se a si mesmo regente, em 1793, e o foi até 20 de março de 1816, dia em que a rainha falleceu, com 82 annos de edade, no Rio de Janeiro—e em que elle foi acclamado rei de Portugal.

trada d'este theatro pela tal rua do Sá da Bandeira.

Foi primeiramente construido de madeira, por D. José Toudon Ferrer Catalon, para a sua companhia equestre. Hoje está construido de pedra e cal, e, posto que pequeno, é interiormente bonito e está bem decorado.

—

Theatro da nave central do palacio de crystal.—Já fallei d'elle, quando tratei d'este palacio.

—

Theatro de Gil Vicente, na galeria E. do mesmo palacio.—Idem.

—

Theatro Circo, do palacio de crystal.—Idem.

—

Theatro das Variedades — construido ha annos. É de madeira, e nada tem de notavel.

Está dentro de um quintal, que formou parte da cêrca das freiras carmelitas. Tem a frente para a calçada das Carmelitas, ficando lhe ao E. o mercado dos *Ferros Velhos*.

No chão occupado agora por este theatro, construiram os irmãos *Dallots* um theatro-barracão, para saltimbancos, que foi incendiado. Tornaram os mesmos emprezarios a construir outro, que teve egual fim, durando pouco mais de um anno. Deus dê melhor sorte ao actual theatro. É theatro de declamação, e seu empresario, o sr. Francisco Alves Rente, primoroso e laureado violinista.

—

Theatro Minerva — na rua da Fabrica. É pequeno, mas bonito. Foi mandado fazer pelo sr. David de Castro, filho da sr.ª baroneza de Nevogilde.

—

Além d'estes theatros, que todos funccionam actualmente, havia o bonito

Theatro da Trindade, que apenas existiu um anno, e do qual já fallei a pag. 377, col. 2.ª

Na antiga *rua de Liceiras* (hoje de Camões), perto do campo de Santo Ovidio, houve o pequeno e insignificante *theatro Camões* ou *das Variedades*, em um armazem, propriedade d'um taberneiro gallego, conhecido pela denominação de—*André, da Cancella-Velha*.

Na rua de Santa Catharina, houve o *theatro de Santa Catharina*, o mais pequeno de todos.

Já não existe nenhum d'estes tres theatros.

Cemiterios publicos

Cemiterio da Lapa—o mais antigo do Porto.—Está ao N.O., e na rectaguarda da egreja da Lapa, e ao principio da antiga *rua do Sério* (hoje da Rainha), sendo a sua entrada pelo largo da Lapa.

Está bem situado, e dividido em tres nivelamentos ou socalcos. Posto ser o mais pequeno dos tres que primeiro aqui nomeio, é, por emquanto, o mais notavel de todos, pela sumptuosidade das suas *capellas*, e pela belleza de grande numero dos seus mausoleus.

Primeiramente, a sua entrada era por um portão de ferro, alinhada com as primeiras duas *capellas*, que ficavam uma a E., outra a O. do portão, mas d'este até ás capellas medeiava um muro de cantaria, com uma alta grade, de ferro.

Mais tarde, incluiram no cemiterio, uma porção de terreno que lhe ficava contiguo e ao S.O.—e, desfazendo-se a primittiva entrada, se mudou esta para o local onde hoje a vemos.

A inscripção que hoje está sobre o novo portão, é a mesma que estava sobre o antigo—diz:

EIS OSSOS CARCOMIDOS, CINZAS FRIAS,
EM QUE PARAM DA VIDA OS BREVES DIAS.
MORTAL, SE QUANTO VÊS TE NÃO ABALA,
OUVE A TREMENDA VOZ QUE ASSIM TE FALLA
—LEMBRA-TE, HOMEM, QUE ÉS PÓ, E QUE D'ESTA ARTE
EM PÓ, OU CEDO OU TARDE, HÁS-DE TORNAR-TE.

Sobre esta inscripção estão os emblemas da morte, e sobre elles, as armas da irmandade da Lapa.

N'este cemiterio repousam os restos mor-

taes de alguns varões illustres, que enobreceram a patria pelas armas, pelas lettras, ou pelas virtudes. Aqui estão tambem as cinzas do bravo *coronel Pacheco*, de quem fallo a pag. 350, col. 2.ª, d'este volume — e de José Ferreira Borges, auctor do *Codigo commercial portuguez*.

Nos mausoleus se lêem muitas inscripções funebres, exprimindo em elegante prosa, ou em formosos versos, a dôr e a saudade pelos que alli jazem. Devemos porém notar que alguns epitaphios alli se vêem, que, pela sua falta de senso commum, a camara—ou a irmandade da Lapa—ha muito devia ter feito desapparecer.

Para amostra, dou aqui a cópia fidelissima de um, que está no cemiterio de cima. (Este tem a circumstancia aggravante de estar no jazigo de um dos irmãos da Lapa, e portanto *official.*) Diz assim:

A MEMORIA DE D. CAETANA ROZA
D'OLIVEIRA BASTO MULHER DE
FRANCISCO NOGUEIRA BASTO, ETC., ETC.

D'ESTE MUNDO FUGIU PRA ETERNIDADE.
MINHA ESPOZA MUITO QUERIDA E AMADA.
DEIXOU-ME COM FILHOS CHEIOS DE SAUDADE.
LAGRIMAS CORRENDO D'AGUA ENVOLTADA. (!!!)

—

Cemiterio do Repouso—o segundo pela ordem de antiguidade.

O chão occupado por este cemiterio, pertencia á cêrca do antigo seminario episcopal, e servia de passeio aos alumnos, nas horas de recreio. Chamava-se o *Prado*.

A sua capella, de fórma oitavada, com o pavimento de marmore de cores, é a mesma do antigo seminario.

É vasto e bem situado, com duas estradas, uma ao N., que é a principal, e outra ao S.O.

Confronta pelo E., com a *quinta do Bispo* —pelo O., com a rua de S. Victor—pelo N. com a alaméda do Repouso e outras propriedades—e pelo S., com o edificio (em ruinas) do antigo seminario, e terrenos que lhe pertencem.

Admiram-se aqui magnificos mausoleus, alguns com elegantes inscripções; mas, como no antecedente, tambem se vêem epitaphios indignos de uma cidade tão nobre, rica e illustrada, como é a do Porto.

Eis tres specimens d'estes epitaphios:

Logo quasi á entrada da porta principal, e á esquerda de quem entra, está um formoso e elegante mausoleu, de fino marmore, desfeiado pelo seguinte disparate:

1.º

AQUI DESCANÇÃO OS RESTOS MORTAES
DE JOZE D'OLIVEIRA BASTOS, NEGOCIANTE
QUE FOI DA PRACA DO RIO DE
JANEIRO, NASSEU EM CABECEIRAS
D'BASTO EM 1 DE FEUEREIRO DE 1831
FALLECEU
NA MESMA TERRA EM 13 DE
7BR.º DE 1860 EM RECONHECIMENTO
D'AMISADE DE SEU JRMÃO
ANT.º JOZE D'OLIVEIRA BASTOS.
AQUI DESCANCA
A JNOCENTE ELIZIA FILHA D'ANTONIO
JOZE DE OLIVEIRA BASTOS, NASSEU
A 29 DE DEZEMBRO DE 1861
FALESSEU A 9 D'JULHO DE 1863.

2.º

A MEMORIA DE MARIA DA LUS
CARRAMILO VEIO AO MUNDO LAVARÇE
DO PECADO VOÃO AO CEU GOZAR
A GLORIA SEU AVO—M. P. N.

3.º

AQUI JAZ JOÃO. GUILHERME. BOCK FILHO DE
JOÃO. GUILHERME. BOCK E DE MARIA
ADELAIDE. DE MIRANDA. BOCK. NASSEU,
EN LISBOA A 2 DE JANEIRO
DE 1858. FALECEU. NESTA
CIDADE. A 20. DE DEZ: 1863
POR AMOR PATRENAL

MORESTEME NÓS BRACOS, NETO! QUERIDO.
QUANTAS DORES, MEIO PEITO TEM SENTIDO.
QUE LAGRIMAS, QUE SAUDADES TENHO SOFRIDO.
HE A PAIXÃO MAIS FORTE QUE TEM HAVIDO.

—

(A este respeito, Lisboa tambem não tem muito que rir. Vêem-se por aqui *letreiros* no mesmo gôsto.)

As camaras (pelo menos as das cidades principaes) deviam ter um individuo competente, encarregado de inspeccionar sobre esta materia, obrigando os donos de taboletas, ou de outras quaesquer inscripções

despropositadas, a fazel-as emendar convenientemente.

—

A cêrca em que está este cemiterio, pertencia á mitra, e formava parte da *quinta do Bispo* (vide esta palavra, no presente artigo), construida pelo bispo, D. frei Marcos de Lisboa. O bispo D. João de Mahalhães e Avellar, deu a parte que hoje é cemiterio, para recreio dos seminaristas.

Este cemiterio foi principiado em 1838, e benzido no 1.º de dezembro de 1839, pelo bispo eleito, D. frei Manuel de Santa Ignez, que está em um mausoleu do cemiterio da Lapa, e é dos monumentos funebres mais antigos d'elle.

—

Cemiterio d'Agramonte. — O mais vasto, mais moderno, e mais bem situado de todos. Está no sitio que lhe deu o nome, e ao O.N.O. da cidade, communicando com a rua da Boa-Vista (que lhe fica proxima e ao N.) por uma formosa avenida em construcção, chamada— *rua de Agramonte.*

Foi principiado pelos annos de 1840, para *cemiterio de irracionaes*: depois fez-se-lhe uma nova divisão, para os pobres que fallecessem no hospital da Misericordia. Por fim, transformou-se em cemiterio publico, como qualquer dos antecedentes, e já alli se vêem muitos e sumptuosos mausoleus.

A sua capella, de architectura gothica, foi principiada em 1870 ou 1871, e benzida a 15 de março de 1874. É elegante e formosissima. Contigua a ella, do lado do E., está a residencia do capellão, e do O. a dos hortelões, e outras officinas.

A camara tem comprado terrenos do lado do E., com os quaes tem ampliado o cemiterio, que é, sem contestação, o mais bello dos do Porto, e até dos de Lisboa, por ser todo perfeitamente plano, e regularmente ajardinado.

—

Cemiterio dos Inglezes. — Está situado no Campo-Pequeno, e, ainda que de área muito limitada, está formosamente arruado. Tem bastantes mausoleus, de simples fabrica, e com inscripções singelas, como convem n'estas construcções.

Cemiterio de Cedofeita. — Está contiguo á egreja de S. Martinho de Cedofeita. É pequeno, mas tem alguns jazigos elegantes, pertencentes a familias distinctas, entre os quaes se nota o dos srs. condes de Rézende. Tambem aqui jaz o sympathico romancista Gomes Coelho (*Julio Diniz*) e seu irmão, o distincto engenheiro, José Joaquim Gomes Coelho Junior. Na campa do primeiro se lê:

JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO
— JULIO DINIZ —
NASCEU NO PORTO, EM 14 DE NOVEMBRO
DE 1839.
FALLECEU EM 12 DE SETEMBRO DE
1871.

—

Cemiterio do Bomfim — contiguo e ao O. da egreja. É pequeno, mas em bonita situação, e está muito bem tratado. Tem alguns mausoleus elegantes.

—

Havia mais os cemiterios seguintes, pertencentes a ordens terceiras ou irmandades — *dos franciscanos* — *do Carmo* — *da Trindade* — *de Santo Ildefonso*—que já não existem desde 1866, porque a camara municipal os fez remover para os publicos, em cumprimento da portaria de 18 de abril de 1866.

Só ficaram existindo como taes, interinamente, os cemiterios de Cedofeita, e Bomfim; sendo as ossadas dos outros removidas para os do Repouso e Agramonte.

Asylo da mendicidade

Já a pag. 292, col. 2.ª, d'este vol., disse que o edificio onde actualmente está este asylo, foi originariamente construido para matadouro publico.

Depois serviu de *palacio da industria*, e n'elle se fizeram algumas exposições.

Por fim deu-se-lhe a actual applicação.

Em 1872, construiu-se-lhe um segundo andar, e a sua frontaria, que é simples, mas não falta de elegancia.

A primeira casa que serviu para n'ella se estabelecer o asylo da mendicidade, do Porto, foi a de Santo Antonio da Boa-Vista, junto ás Aguas-Férreas (da qual tratarei em outro paragrapho).

Foi fundado em 31 de julho de 1846, e ao barão da Nova Cintra, seu sollicito e dignissimo provedor, deve grande parte dos seus melhoramentos.

Felix Las-Cases dos Santos, feito visconde de Las-Cases, no 1.º d'agosto de 1872, e fallecido em janeiro de 1876, deixou por testamento (feito a 22 de outubro de 1875) determinado o seguinte:

Quer que os seus testamenteiros entreguem ao asylo portuense de mendicidade 21:000$000 rs., com diversos encargos e legados, satisfeitos os quaes deverá ficar para o asylo a quantia de 10:000$000 réis, com obrigação de todos os annos no dia anniversario do seu fallecimento dar um jantar mais variado aos seus asylados, podendo gastar-se a quantia de 50$000 rs.; e bem assim de distribuir no mesmo dia 100$000 rs. pelos asylados, e as sobras da verba destinada ao jantar, se as houver; devendo começar este encargo só depois da morte de sua mulher.

Deixa mais a cada asylado 1$000 rs. por uma só vez, que lhes serão entregues dentro d'um mez depois do seu fallecimento.

Destina 50$000 réis para se dar um jantar mais variado aos asylados, no dia em que lhes for distribuida a esmola.

Lega ao asylo de mendicidade o seu melhor retrato a oleo de tamanho natural.

—

Foi enviado pelo governo civil á administração do bairro oriental, competentemente approvado, o orçamento geral da receita e despeza do Asylo de Mendicidade, para o anno economico de 1876-1877.

A receita foi orçada em 8:820$070 réis, decompondo-se como se segue:

Certa—Subsidio a receber da Praça do Commercio do Porto, 2:000$000; juros de 89:000$000 réis em inscripções, 2:673$000 réis; juros de 10 apolices da divida publica do Brasil, 295$630 réis; juros de 39 acções po Banco Alliança, 163$800 réis.

Eventual—Rendimento de beneficios por espectaculos publicos 406$560 réis; das caxinças, como remuneração das cadeiras nos jardins publicos 430$100 réis; do trabalho dos asylados, e assistencia a funeraes, réis 452$000, e esmolas e legados dos bemfeitores 2:398$980 réis.

A despeza é orçada em quantia egual á receita.

—

Conventos de frades, existentes na cidade do Porto, antes da suppressão das ordens religiosas, em 1834.

Convento de S. Domingos—Foi este convento [1] o terceiro que a Ordem fundou em Portugal, a pedido e instancias do Prelado e cabido do Porto.

Reinava em Portugal, havia 14 annos, el-rei D. Sancho II, que, pela sua indolencia e falta de criterio, se deixára dominar por validos depravados e sem pudor, que o perderam desprestigiando-o completamente, transformando a nação inteira em um theatro de injustiças, arbitrariedades, devassidões e crimes de toda a ordem. Presidia então a Sé portuense o bispo D. Pedro Salvador, que tendo conhecimento do zelo, illustração e dedicação dos frades da Ordem de S. Domingos, dicta dos Prégadores, já então em grande numero na Hespanha, Italia e outras nações, e mesmo em Portugal, onde tinham já dois conventos (um em Monte-Grás, arrabalde de Santarem, d'onde tractavam os frades de transferir-se para dentro d'esta villa, como de Monte Junto, nas proximidades d'Alemquer, se transferiram para Monte-Grás, [2]—outro em Coimbra) lembrou-se de que estes frades com a prégação e humildade que tanto os distinguia e recommendava por aquelles tempos, muito poderiam ajudal-o a enfrear a immoralidade e excessos dos seus diocesanos; e communicando esta lembrança ao cabido, este louvou a idéa, e logo as-

[1] Chronica de S. Domingos por Fr. Luiz Cacegas, correcta e augmentada por Fr. Luiz de Sousa, 1.ª parte, liv. 3.º, pag. 283 e seguintes.

[2] (Vide *Monte-Junto*, a pag. 478, col. 2.ª *in fine*, do 5.º vol.)

sentaram em mandar um proprio ao capitulo provincial que a ordem devia reunir proximamente n'aquelle mesmo anno de 1237, na cidade de Burgos. Chegou a tempo o mensageiro, que foi muito bem recebido, e logo foi aberta e lida no deffinitorio, a mensagem do bispo e cabido, escripta em latim.

Respondeu o Deffinitorio annuindo, e logo mandou para o Porto dois religiosos — fr. Gualter e fr. Domingos Gallego, que foram recebidos com alvoroço. Immediatamente se lhes deu posse da egreja e cêrca promettidas, e começaram a prégar e confessar, ensinando, nas horas vagas, a doutrina christan, em casa e pelas ruas, tratando juntamente da construcção do mosteiro.

Não tardou muito que viessem outros frades unir-se áquelles dois, dando maior área á predica e doutrinamento na cidade e circumvisinhanças, e ganhando grande prestigio entre o povo que corria em tropel a auxilial-os na construcção do mosteiro, principalmente depois que o bispo concedeu por uma provisão, muitas graças e indulgencias a quem auxiliasse e protegesse os frades.

Daremos aqui textualmente aquella provisão, por ser um documento curioso para os tempos d'hoje, e interessantissimo para a historia das tormentas que em breve rebentaram: [1]

«Pedro, pola paciencia de Deos, Bispo do Porto, a todos os moradores deste nosso Bispado, assi Ecclesiasticos, como Seculares, saude, e acrecentamento em bem fazer. Sabereys que nós recolhemos nesta nossa Cidade para morarem nella, aos Frades Prégadores, com consintimento e gosto dos Conegos, e de todos os Cidadaons, tendo por certo que sua companhia he necessaria, e ha-de ser de proveito temporal, e espiritual para todos os moradores da cidade e Bispado. Pela qual rezão, visto como os Religiosos não possuem nenhuma cousa de proprio, nem podem compor sua Igreja, e fabricar as casas, de que tem necessidade, sem vossa e minha ajuda, rogamos-vos a todos, e em remissão de vossos peccados, vos encarregamos, que mostreis com elles facilidade, e devoção, assi em os ajudar a cortar, e ajuntar a madeyra, como no carreto da pedra necessaria para a obra, conforme aquillo: Pera si edifica, quem a Deos faz casa. E por tanto confiando nós plenissimamente na misericordia de Deos a todos aquelles que fielmente lhes acudirem no colher da madeyra, e carregar da pedra: ou lhes derem por si, ou por outrem, hum dia de trabalho na obra, concedemos quarenta dias de perdão das penitencias que lhe forem impostas. Dada no Porto a 6 de Março da era de 1276 (1238 de Christo). Valha por tempo de dois annos.»

Todos se apressaram a auxiliar os frades, e o proprio prelado lhes deu para alargamento da fabrica uns chãos contiguos, que eram propriedade sua; mas (diz a chronica) «ou fosse que o clero entrasse em ciumes das grossas esmolas que corrião ao convento, e julgasse de algumas que começaram a entrar por enterros, benesses e legados de testamentos (como na cidade ao tempo ainda havia apenas uma freguezia — a da Sé) que tudo o que hia para os frades, era como água furtada á herdade dos clerigos, ou fosse inveja... ou tudo junto» bispo e cabido, reconsiderando, embargaram as obras, e por um notario apostolico, o prelado os mandou intimar para que não mais prégassem, nem confessassem, nem celebrassem missa, nem outro qualquer officio divino.

Ficaram os bons dos frades solemnemente perplexos e de braços cruzados, mas o povo pronunciou-se por elles e correu com mais fervor a tratar da obra, como cousa sua, o que o prelado obviou de prompto, fulminando com censuras todos os que *dessem favor, ajuda ou conselho para continuação das obras!!...*

Instaram com o bispo e cabido, varias pessoas das mais auctorisadas do Porto, para que não hostilisassem os frades; secundaram o mesmo pedido a santa Rainha D. Mafalda, tia d'el-rei, ao tempo D. Sancho II, e o arcebispo de Braga D. Silvestre, mas nada conseguiram. Declararam os conegos insanavelmente nullas varias doações feitas por par-

[1] Aquella provisão foi publicada em latim, mas nós a damos em vulgar, como a traduziu Fr. Luiz de Sousa...
Chronica citada, pag. 289.

ticulares ao convento, de bens foreiros ao cabido, e rescindiram escripturas de vendas de terrenos feitas por elles aos frades.

Em tão grande aperto, dirigiram-se estes ao romano pontifice, então Gregorio IX, que proveu logo no caso, com um breve que dirigiu ao arcebispo de Braga, para que este fizesse saber ao bispo e cabido do Porto, que S. Santidade muito estranhava o seu procedimento, e lhe rogava e admoestava, com rigoroso preceito de santa obediencia, que deixassem os frades em paz, e levantassem dentro de 8 dias depois de feita esta intimação, o interdicto e mais censuras fulminadas contra os bemfeitores do convento, e não mais molestassem os frades, nem consentissem que alguem os molestasse; e que, quando o bispo e cabido reçalcitrassem, dava plenos poderes a elle arcebispo, para levantar as censuras impostas, sem appellação, e para, em nome da Santa Sé, reprimir qualquer nova aggressão contra os dictos frades. Dado em Anagnia aos 24 de Setembro de 1238.

Recebido o breve apostolico, ainda tentou o arcebispo congraçar amigavelmente com os frades o bispo e cabido, mas, o menos que estes pediam por ultimo era — *que os frades não dessem na sua egreja sepultura geral nem particular, nem recebessem offertas,* — o que visto pelo primaz, publicou o breve, e logo o bispo e cabido cederam, e não mais ousaram inquietar os frades. Por esta occasião, já no anno de 1293, el-rei D. Sancho II, por uma provisão, se declarou *auctor, fundador e padroeiro do dito Convento.*

Em virtude d'esta provisão e d'aquelle breve, subiu de ponto a consideração para com os frades, e as obras se desenvolveram como por encanto, povoando-se logo a casa de grande numero de frades, que não cessavam de prégar e doutrinar no convento, na cidade e fóra d'ella.

Passados 60 annos (em 13 de Setembro de 1300) confirmou D. Diniz, por outra provisão aquella de D. Sancho, e de novo declarou este convento do padroado real. «Pelo que (diz a provisão de D. Diniz) mando e defendo que ninguem ouse fazer mal ou força a este Mosteiro, nem a estes frades, nem suas e homens, nem a suas agoas, nem a cousa alguma que lhe pertença. E aquelle que tal fizer eu o considerarei meu inimigo, e pagará seis mil soldos, e em dobro o prejuizo causado ao Mosteiro.»

Viam-se tambem sobre o arco da capella-mór d'este mosteiro as espheras d'el-rei D. Manuel, o que tudo prova que esta casa era do padroado real; mas não ha memoria de que os nossos reis lhe dessem, como deram a outros muitos, rendas ou bens alguns da corôa; apenas a rainha Santa Mafalda, fundadora do mosteiro d'Arouca, deu ao bispo e cabido do Porto a egreja de Santa Cruz, que era do padroado d'esta rainha, nas margens do Leça, e isto em compensação das perdas e damnos que com o estabelecimento d'este mosteiro podessem soffrer o bispo e cabido, e para que não mais se repetissem querellas e aggravos similhantes.

Congraçou-se lealmente o bispo com os frades, e de seu perseguidor, se converteu em beifeitor, dando-lhes avultadas esmolas, e nomeadamente, em 1245, agua de herdades suas, para abastecimento do mosteiro. Deu-lhes tambem agua, Domingos Gonçalves Ferreira; e a melhor, os frades franciscanos, pela licença concedida pelos dominicos para a conduzirem atravez da cêrca d'estes.

Apenas terminaram as querellas movidas pelo bispo e cabido, mandaram os frades lagear a sua egreja, cravejando-a de sepulturas, que foram logo requeridas á competencia, e porque já não podiam satisfazer aos requerentes, o prior do convento, D. fr. Pedro Esteves, mandou levantar um grande alpendre, cobrindo o adro, que logo se encheu tambem de sepulturas, servindo ao mesmo tempo de recreio e praça ou casa de negocio, á imitação das grades da Sé em Sevilha. O alpendre de S. Domingos, por estar ao abrigo da chuva e sol, e por ser ponto muito central do cidade, e haver n'ella falta sensivel de edificios para repartições publicas (falta bem sensivel ainda hoje, 1877) serviu muitos annos de tribunal, e alli os juizes ouviam e despachavam as partes. Sobre o vão tomado pelo alpendre, se levantou mais tarde a fachada norte e principal do convento, unica parte que poude sal-

var-se á voracidade das chammas que consumiram todo o vasto edificio.

N'esta fachada do convento está montada a Caixa Filial do Banco de Portugal, e o vão restante, que era tomado pela cêrca, egreja e casas dos frades e dos extinctos terceiros dominicos, tendo passado para a fazenda, com a extincção dos conventos, em 1834, foi pelo governo cedido parte para a abertura da rua *Ferreira Borges*, e o restante dividido em lotes, e arrematado por diversos, para edificações particulares e casas bancarias, achando-se n'esta data (maio de 1877) já feitas, n'aquelle terreno, em seguida á Caixa Filial do Banco de Portugal, magnificas casas sobre a rua Ferreira Borges, e sobre a nova rua de S. Domingos.

—

Em 1448, se instituiu na egreja d'este convento, uma confraria com a invocação do *Senhor Jesus*, por causa da qual se suscitaram litigios impertinentes, que duraram seis annos; e que o chronista por prudencia calla, dizendo apenas que se houve por milagre, obterem os religiosos sentença favoravel. Menciona, em seguida, varias curas miraculosas, attribuidas á toalha que envolvia a imagem do Senhor Jesus, patrono d'aquella confraria, e que Maria Gonçalves foi uma das felizes creaturas curadas, no 1.º de janeiro de 1575, pela aproximação da toalha do Senhor.

Junto á egreja d'este convento, havia uma ermida antiquissima, para qual se subia por uma escadaria muito ingreme e de muitos degráus, e suppõe o chronista, ser esta a egreja que o bispo D. Pedro offerecia aos frades, na mensagem que mandou ao capitulo de Lugo, e n'aquella ermida, ou egreja velha, existiu muitos annos uma confraria, que n'ella instituiram os mercadores da cidade, por contracto feito com os frades, em 1556.

—

Entre os religiosos d'este convento, avultaram, além dos fundadores, fr. Gualter e fr. Domingos Gallego—o religioso fr. Domingos do Porto, natural d'esta cidade, pessoa de tanta illustração e virtude, que o papa Nicolau 3.º, o escolheu para seu penitenciario, em Roma, e no mesmo cargo o conservaram os papas Celestino 5.º e Bonifacio 8.º — e de Roma enviou, para este convento, sommas fortes, peças e alfayas ricas, sobresahindo um grande calix dourado, com lavores e esmeraldas, e um paramento de subido preço.

Foi tambem capellão do summo pontifice um outro religioso d'este convento, por nome fr. Alvaro do Porto.

A rainha, Santa Mafalda, fundadora do mosteiro d'Arouca, onde jaz sepultada, deixou em seu testamento, a este mosteiro de S. Domingos, uma notavel reliquia (do santo lenho) declarando que fôra de Santa Helena — outra de S. Braz — duzentos morabitinos e cem medidas do melhor pão do seu celleiro de Bouças, instituindo por seu testamenteiro a fr. Gualter, um dos dois primeiros frades que se albergaram n'esta casa.

—

De tempo immemorial, hia todos os dias um religioso d'este convento, á Sé, leccionar casos de consciencia, aos clerigos e seculares, e por este trabalho, davam os bispos ao convento uma esmola perpetua; e por commissão do inquisidor-geral, hia tambem um frade, d'este convento, visitar todos os navios estrangeiros, que ancoravam no Douro, principalmente os que vinham de terras suspeitas a heresia, para se evitar a entrada de livros impios.

—

Na egreja d'este convento, tinham carneiros e sepulturas distinctas, os Pachecos Pereiras (de Bello-Monte) do Porto, e alli foram sepultadas muitas pessoas d'esta familia. (Vide, n'este mesmo artigo, Pachecos Pereiras, do Porto.)

—

Havia tambem n'esta egreja, do lado do Evangelho, um rico tumulo de marmore branco, sustentado por quatro leões tambem de marmore, e n'este tumulo jazia o bispo do Porto, D. fr. Aleixo, que tinha sido d'esta ordem.

Não se sabe como desappareceu esta obra d'arte. Suppõe-se que foi roubada e vendida a estrangeiros!...

—

Este mosteiro foi em parte devorado por um incendio, em 1777, e durante o cêrco do Porto, em 1832, outro incendio maior, o devorou quasi todo, restando pouco mais do que a fachada do norte, alugada no 1.º de junho de 1834, pelo Banco de Portugal, para n'elle estabelecer, como estabeleceu, a sua Caixa Filial; e para o mesmo fim, comprou aquella parte do edificio, quando foi pelo governo posto em praça, com varios chãos, ao longo da rua Ferreira Borges, em 1865. Fez em seguida, o Banco de Portugal, obras importantes na casa que arrematou, e por essa occasião foi apagada uma inscripção latina, que estava na frente do edificio, e que em vulgar dizia:

ESTA ORDEM FUNDOU A EXPENSAS SUAS,
EM SAGRADO ATRIO, ESTE EDIFICIO, NOTAVEL
PELAS MARAVILHAS D'ARTE

Tambem foi apeado o emblema da ordem, que rematava e decorava a frente.

Nas escavações, feitas em 1866, no sitio do convento, achou-se uma pedra, de 2,m 42 de comprido, sobre 1,m32 de largura, e 0,m28 de espessura, com a inscripção seguinte:

S. DO LETTR.º FRANCISCO DE MATTOS,
CIDADÃO DESTA CIDADE,
E ADVOGADO DOS VINTE DA RELAÇÃO D'ELLA,
E DE SUA MULHER
LUIZA DE PAIVA SOARES,
E DE SEUS DESCENDENTES
E SUCCESSORES D'ESTA CAPELLA.
1660.

A fonte que hoje se vê no jardim publico de S. Lazaro, pertenceu a este convento, e d'elle foram tambem as mesas de marmore que estão no museu da Bibliotheca Publica.

Existiu e funccionou muitos annos, em capella e casas proprias, ao poente d'este convento, a Ordem Terceira de S. Domingos, que em consequencia das grandes questões, entre ella e os frades, foi supprimida pelo romano pontifice, mas logo no mesmo anno restaurada, como *Ordem da Santissima Trindade*, sem sujeição alguma aos frades; e como estes se houvessem assenhoreado da sua capella, depois da restauração, passou a dita ordem, provisoriamente, para a capella proxima de S. Chrispim, na Biquinha, e d'alli para a capella da Batalha, d'onde passaram para a capellinha do Senhor Jesus do Calvario Novo, na Cordoaria, e d'alli para o largo do Laranjal, onde levantaram a magestosa fabrica que alli se vê, e que deu á velha praça do Laranjal, o nome que hoje tem—*Praça da Trindade.*

—

Quando no artigo—*Porto*—tratar da freguezia de Santo Ildefonso, fallarei d'esta ordem, que, a todos os respeitos, é hoje uma das mais importantes do nosso paiz! (Vide a pag. 314, o anno 1777.)

—

(*Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia.*)

Convento de S. Francisco.—Quando a ordem de S. Francisco já florecia em diversas nações e tinha conventos em Coimbra e Guimarães, alguns moradores do Porto convidaram aquelles frades para levantarem casa n'esta cidade, e um velho, cujo nome se perdeu com o tempo, lhes deu para esse fim um terreno que possuia no sitio onde hoje está o palacio da Bolsa, e que então se denominava *Redondella*,—sitio n'aquelles tempos quasi deserto, nas faldas de um monte, que pela sua exposição se denominou *Bellomonte*, nome que ainda conserva uma rua proxima, hoje da freguezia de S. Nicolau.

Os frades acceitaram o donativo do chão, e trataram logo de fazer o mosteiro junto a uma pequena capella que ali já havia com a invocação de S. Miguel, assim como um pouco ao sul havia outra com a invocação de S. Nicolau, no sitio onde mais tarde se levantou a igreja de S. Nicolau, matriz d'esta parochia.

Foi em 1232 que os frades franciscanos deram principio ao seu mosteiro; mas, como não sollicitassem do prelado licença para a edificação, e em virtude dos velhos foraes da cidade, e da amplissima doação da sr.ª D. Thereza, ninguem podia construir casas, e menos ainda mosteiros, no Porto, sem licença dos prelados, logo os frades foram contrariados em nome da mitra, pelo deão e conegos, pois que o prelado, então D. Pe-

dro Salvador, havia ido a Roma, por causa das questões sobre o senhorio da cidade, que n'essa data rebentaram entre elle bispo e o rei D. Sancho II.

O deão e conegos foram ao local, certificar-se,—extranharam aos frades o menospreço dos direitos da egreja portuense, e embargaram as obras.

Não desistiram os frades do seu proposito, e como as obras continuassem, mandou o deão, como governador da diocese, na ausencia do bispo, os seus officiaes impedir as obras, com mão armada, havendo alguns excessos, e fugindo os frades para bordo de navios surtos no Douro.

Sollicitaram os frades a protecção d'el-rei (D. Sancho II) e este, mesmo para contrariar o bispo, com quem andava em luta, se declarou protector do convento, e ordenou a continuação das obras, dizendo que o couto dos bispos não passava do Rio da Villa, que era o Canal Maior mencionado na carta de doação de D. Thereza, e que por isso n'aquelle chão de Redondella, nenhuma jurisdicção tinham os bispos; em quanto que estes sustentavam que o Canal Maior era o ribeiro do Rio Frio, ou das Virtudes em Miragaya, e que por isso se estendia até ali a sua jurisdicção: e os frades fortes com o apoio d'el-rei e do pontifice, a quem se queixaram tambem, proseguiram com as obras, já quando havia regressado de Roma o bispo, o qual, apesar de tudo, renovou a suspensão ordenada pelo deão, na sua ausencia, e foi ainda mais longe:—fulminou excommunhão contra os frades recalcitrantes, ordenou-lhes que sahissem immediatamente da cidade, e que se queriam n'estas paragens mosteiro, o fizessem além do Douro nas terras d'el-rei, já que este tanto os protegia. E como os frades, escudados com a protecção regia e do pontifice, não cedessem á intimação do bispo, mandou este pelas suas justiças, expulsal-os violentamente. E d'esta vez, diz a Chronica, [1] subiram os excessos de ponto, por que alguns frades foram maltractados e feridos, e a casa em questão—saqueada e incendiada, e o doador do terreno—preso e posto a ferros!...

Os frades fugiram e se homisiaram em diversas casas de devotos que os protegiam, e que seguiam o partido d'el-rei contra o bispo, e não se dando por vencidos, fizeram vir de Guimarães S. Gualter, para ver se tornava o prelado mais benevolo, e o proprio rei lhe escreveu n'este sentido, mas o prelado não cedeu. Pela sua parte os frades dirigiram mais uma vez ao pontifice as suas queixas, e este escreveu (em 1237) aos bispos de Lamego e Viseu e ao arcebispo de Braga, para que instassem com o bispo do Porto em favor dos frades,—e o mesmo papa se dirigiu tambem directamente ao bispo e cabido do Porto, advogando a causa dos frades; mas o bispo e cabido não mudaram de resolução. Expediu o papa, no anno seguinte, outra bulla ao arcebispo, deão e chantre da Sé de Braga, para que, quando o bispo e cabido do Porto presistissem em estorvar a edificação do mosteiro, os constrangessem com censuras, auctorisando inclusivamente os commissionados para benzerem a primeira pedra da egreja, quando o bispo do Porto a isso se recusasse.

Ainda d'esta vez o bispo e cabido do Porto não cederam, e as obras permaneceram no mesmo estado.

Não desistindo os frades, e taxando de suspeitos na questão, os prelados portuguezes, fizeram com que o pontifice (Gregorio IX) commissionasse, como commissionou, o arcebispo de Compostella, a fim de vir ao Porto conciliar o bispo e cabido com os frades, isto por bulla de 17 de maio de 1241; mas como o papa fallecesse em agosto do mesmo anno, ficou a commissão suspensa.

Succedeu a Gregorio IX, Celestino IV, mas falleceu 18 dias depois de eleito, e a eleição do novo pontifice promettia grande demora, pelo que os frades succumbiram, e já se dispunham a sahir da cidade e fundar o mosteiro além do Douro, em Villa Nova de Gaya, como lhes ordenára o bispo; quando foi eleito pontifice, Innocencio IV, particularmente affecto aos franciscanos, e

[1] Historia Seraphica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco da provincia de Portugal, por Fr. Manuel da Esperança, tomo 1.º l. 4.º.

por isso logo expediu bullas tão terminantes ao bispo do Porto e arcebispo de Compostella, que o bispo e cabido do Porto, immediatamente cederam, e as obras da egreja e mosteiro proseguirám desafrontadamente desde aquella data—1244—no mesmo terreno em que os frades lhes haviam dado principio em 1233, pelo que, dizem os chronistas franciscanos, que esta sua casa é mais antiga do que a proxima, que os dominicos principiaram em 1237.

Este convento tomou o titulo de *real*, por ser em grande parte fundado por D. Sancho II, e ainda hoje (1877) na face da torre voltada ao sul, sobre os arcos por onde se entra por aquelle lado para a casa da Bolsa, se vê um brasão d'armas do tempo dos frades, com um escudete bipartido, tendo de um lado 5 vieiras, do outro 7 castellos e 5 chagas, e por timbre uma corôa de espinhos, com os emblemas d'esta Ordem—2 braços e uma cruz.

A primeira egreja foi substituida pela que ultimamente possuiram, e de que fallamos em seguida, citando textualmente a lisongeira apreciação do conde Raczynski. Para este templo, quando já se achava principiado, applicou el-rei D. Fernando os residuos dos testamentos do Porto, por carta de 7 de julho de 1383. Fallecendo D. Fernando, a rainha viuva, D. Leonor Telles de Menezes, estando em Alemquer, revogou aquella mercê; mas em 1457 já se achava concluido o mosteiro.

O mosteiro occupava a mesma área que hoje occupa o palacio da Bolsa. A sua entrada principal, era pelo lado sul, e a sua cêrca confinava com a dos frades de S. Domingos, pelo meio das quaes se abriu a rua Ferreira Borges, em 1842. Do lado da rua de D. Fernando, tinham os frades a cosinha, e para esta havia uma entrada pela rua da Ferraria. Ainda n'esta rua se vê nos baixos do hospital dos irmãos 3.os, a porta, quasi em frente da rua de S. João Novo.

Quando D. João I veiu de Lisboa celebrar no Porto os seus desposorios com a rainha D. Philippa, está, que já se achava no Porto, hospedada no paço episcopal, veiu até este mosteiro esperal-o, seguindo depois de uma breve entrevista para o paço,—ficando n'este mosteiro D. João I, pelo que ambos votaram sempre particular estima a este convento, e lhes fizeram grandes mercês, bem como o fizeram outros muitos reis seus successores.

Foi esta casa cabeça da Provincia com que ficaram em Portugal os claustraes, quando em 1517 se fez a separação. Elles fizeram cabeça n'este convento e os Observantes na de S. Francisco, em Lisboa. Foi tambem cabeça e titular da *Custodia*, que n'essa occasião os ditos claustraes fizeram, incorporada porém na sua mesma Provincia, e n'este estado se conservou até que em 1568 os claustraes se tornaram observantes, e a sua Provincia se extinguiu.

Na egreja d'este mosteiro se sepultaram muitos dos seus bemfeitores, e ali se veem ainda varios tumulos, com grandes inscripções, que não trasladamos para não tornarmos este artigo demasiado longo. Tambem havia ao sul d'esta egreja, um capella com a invocação de Santo Eloy, que foi demolida em 1870 quando se abriu a rua da nova alfandega, rua que ainda hoje (maio de 1877) não se acha concluida.

No vão que restou da capella de Santo Eloy se fez a sachristia actual; e no claustro do convento havia um alto e elegante chafariz de cantaria, que é o que actualmente se vê na Foz, junto á casa do Salva-Vidas, ao poente do Passeio Allegre.

Entre as muitas pessoas notaveis que floreceram n'este convento, menciona o chronista um frade leigo, por nome Fr. Onofre de Santo Antonio, a quem a santa obediencia punha azas nos pés para voar, indo assim por vezes, a pé, e em um dia, d'este convento de S. Francisco, do Porto a Condeixa, distante 120 kilometros. d'esta cidade, e sendo n'aquella data os caminhos quasi intransitaveis.

(Vide o anno 1404, a pag. 292.)

—

Doutor, *Pedro Augusto Ferreira*,
Abbade de Miragaia.

—

Convento do Carmo.—Vide o anno 1619, a pag. 302, col. 1.a, d'este volume.

Convento de S. Bento.—Vide o anno 1597, a pag. 301, col. 1.ª, d'este volume.

—

Convento de S. João Novo.—Vide o anno 1592, a pag. 300, col. 1.ª d'este volume.

—

Convento de Santo Antonio da Cidade.—Vide a pag. 314, d'este vol., o anno 1783.

Convento dos gracianos—(Grillos)—Vide a pag. 297, o anno 1560—e a pag. 298, o anno 1777.

Convento dos conegos seculares de S. João Evangelista—(*Loyos*)—Vide o anno 1425, a pag. 293.)

Congregados de S. Philippe Nery.—(*Congregados*). — Vide a pag. 305, o anno 1660.

Clerigos.—Vide a pag. 307, o anno 1732.

—

Houve no Porto, mas já estavam deshabitados, antes de 1834, os mosteiros de

Carmelitas, (frades) em Lordêllo—Vide a pag. 314, o anno de 1780.

Antoninhos da Cordoaria. — Vide a pag. 307, o anno de 1730.

Além de outros mosteiros e hospicios antiquissimos, supprimidos nos seculos 15.º e 16.º, e que vão nos logares competentes.

—

Mosteiros de frades, existentes em 1834, nos suburbios do Porto

Convento de Santo Antonio de Valle de Piedade. Vide a pag. 297, o anno de 1569 —Vide tambem *Gaia.*

Convento de conegos seculares, de S. João Evangelista (Loyos) de Oliveira do Douro. Vide a pag. 306, o anno de 1679.—Vide tambem *Oliveira do Douro*, a pag. 274, col. 2.ª do 6.º vol.

Convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (Cruzios) da Serra do Pilar. Vide a pag. 297, o anno de 1540.—Vide tambem *Gaia* e *Grijó*—e o anno 1876 (13 de dezembro) n'este volume.

—

Mosteiros de freiras ainda existentes no Porto

Convento de Santa Clara. — Vide a pag. 292, o anno 1416.

Convento de S. Bento da Ave-Maria.—Vide a pag. 295, o anno de 1518.

Em Villa Nova de Gaia, ainda tambem existe o

Convento de Corpus-Christi (dominicas.)—Vide a pag. 290, o anno 1345—*e Gaia.*

—

Foram supprimidos pelos liberaes, os dois mosteiros seguintes.

Convento de Franciscanas, de Monchique. Vide a pag. 297, o anno de 1545—e o artigo *Miragaia.*

Convento das Carmelitas. — Vide a pag. 306, o anno 1704.

—

Egrejas parochiaes

Sé.—(Vae um artigo especial).

Santo Ildefonso.—Situada na extremidade N. da praça da Batalha, subindo-se para a egreja por uma elegante escadaria, de cantaria lavrada.

A egreja, posto estar adornada com bastante magnificencia, nada tem de notavel, porém a capella-mór é admiravel, pela sua riqueza e sumptuosidade.

Em 1855, foi este templo restaurado, e as pinturas do tecto são de uma execução primorosissima. O painel do altar-mór, foi pintado em Paris, mas por Guilherme Correia, artista portuguez, que alli residia.

Tem lausperenne ás terças feiras.

—

S. Nicolau.—Vide no 6.º vol, pag. 41, col. 1.ª e seguintes.

—

Nossa Senhora da Victoria.—Está na extremidade S. da rua de S. Bento, e em frente da rua de S. Miguel.

É uma egreja bonita, ainda que de acanhadas proporções.

É templo antigo, mas posterior ao reinado de D. Manuel. O bispo do Porto, D. frei Antonio de Sousa, o mandou reedificar, entre os annos 1756 e 1766.

Havendo proximo, ao S., d'esta egreja, uma bateria liberal, tornou-se objectivo dos projectis das baterias realistas, que muito damnificaram a egreja, pelo que a parochia foi transferida, provisoriamente, para a proxima egreja do mosteiro dos monges benedictinos.

Em 1859, foi convenientemente reparada, e tornou para ella a parochia.

Este templo está edificado no centro do antigo bairro dos judeus. Vide no vol. 2.º, a palavra *Cinuna*, a pag. 307, col. 2.ª

—

S. Pedro de Miragaia. — Vide no 5.º vol., pag. 242, col. 1.ª, a palavra *Miragaia.*

—

S. Martinho de Cedofeita.—Vide no 5.º vol., pag. 103, col. 1.ª, a palavra *Martinho* (São) *de Cedofeita.*

—

Nossa Senhora da Bôa-Viagem.—Vide no 5.º vol., a pag. 8, col. 1.ª, a palavra *Maçarellos*—e no mesmo vol., a pag. 121, col. 1.ª, a palavra *Massarellos.*

—

Nossa Senhora do Rosario. — Vide o 2.º vol., pag. 58. col. 1.ª, a palavra *Campanhã.*

—

S. Verissimo.—Vide no 6.º vol., pag. 475, col. 1.ª, a palavra *Paranhos* (a 2.ª d'esta columna.)

—

Senhor do Bom-Fim.—Está na extremidade N. da rua do seu nome. Sóbe-se para este templo, por uma alta e boa escadaria, de pedra lavrada; porém não passa de uma capella. Do adro, pela sua muita elevação, se gosa um vasto e bello panorama.

Foi esta formosa e vasta capella edificada pelos devotos das visinhanças, pelos annos de 1760, sendo então estes sitios apenas habitados por familias pobres, em humildes casas, e pertenciam á freguezia de Santo Ildefonso. Hoje, a rua do Bom-Fim está orlada de elegantes edificios, pelo que é uma das boas da cidade.

Com o grande desenvolvimento da população, desmembrou-se ha uns 25 annos grande parte da freguezia de Santo Ildefonso, constituindo-se com essa parte, a nova freguezia do Bom-Fim.

Hoje trata-se de construir uma ampla e magnifica egreja, para matriz da parochia.

Os sinos da egreja, são afinados por musica.

No tempo do cêrco, houve aqui uma bateria liberal.

O sitio do Bom-Fim, é tristemente celebre nos annaes da nossa historia, pelo muito sangue portuguez que foi aqui derramado.

Em 29 de setembro de 1832, havendo os realistas principiado o combate na *quinta da China* (sobre a margem direita do Douro) o vieram aqui terminar, conseguindo tomar este ponto, depois de profiada resistencia, e de grande numero de mortos, de parte a parte; sendo superiores as perdas dos realistas, que foram obrigados a retirar debaixo do fogo do inimigo.

Estas scenas de carnagem se repetiram a 25 de julho de 1833, ficando o *campo do Fôjo*, hoje *praça das Flôres* (proximo e ao N.E. da egreja) juncado de cadavares de ambos os partidos.

Pelo valor com que se houve o general José Lucio Travassos Valdez, no primeiro d'estes ataques, foi feito barão do Bom-Fim, em 17 de setembro de 1835. Depois, (em 4 d'abril de 1838) foi feito conde do mesmo titulo.

—

S. João da Foz do Douro.—Vide 3.º vol. pag. 220, col. 2.ª, no fim.

—

S. Martinho de Lordêllo. — Vide *Lordêllo do Douro*, a pag. 439, col. 1.ª (no fim) do 4.º vol.

—

Egrejas não parochiaes

Capella real da Lapa.—Pag. 310, *in fine.*

—

Clerigos.—Pag. 307, col. 2.ª

—

Misericordia.—Pag. 295, col. 1.ª—297, col. 1.ª—299, col. 1.ª, fim—304, 1.ª—313, 1.ª, fim—316, 1.ª—e 336, 1.ª

—

Terceiros de S. Francisco.—Pag. 307, 2.ª

Nossa Senhora da Graça.—Pag. 304, 2.ª

—

S. José das Taipas.—Ao fundo do passeio da Cordoaria (ao S.O.) e ao cimo da rua do Calvario. É um templo bonito, mas sem cousa notavel.

Vê-se aqui um painel, commemorando a catastrophe do dia 29 de março de 1809—(Pag. 318, col. 2.ª) e todos os annos, no dia do anniversario d'esse horroroso acontecimento, se faz aqui uma solemnidade funebre, e vae uma procissão á Ribeira, ao logar onde está outro painel, representando o mesmo facto[1] e ali é resado um responso, pelas almas dos que falleceram afogados, quando fugiam dos *jacobinos*.

(Vide *rua das Taipas*).

—

Trindade.—Pag. 311, 1.ª, anno de 1755.

—

Congregados.—Pag. 305, 2.ª, pr., anno de 1660.

—

Nossa Senhora do Terço e Caridade.—314, 1.ª

—

Collegio (Grillos).—297, 2.ª

—

Santa Catharina.—Na rua do seu nome. É um bonito templo, edificado no principio do seculo XVIII, mas nada tem de notavel.

—

Terceiros do Carmo.—308, 1.ª, anno de 1736.

—

S. Bento da Victoria.—301, 1.ª

—

S. João Novo.—Vide a pag. 301, 1.ª col. —e *Mosteiro de S. Bento.*

Não incluo aqui, nem nas capellas, as egrejas dos recolhimentos, por hirem nos logares competentes.

[1] Ainda me lembra o primeiro quadro que foi aqui collocado (no muro da Ribeira) e que era uma optima pintura. Sendo porém *retocado* (melhor se diria *mascarrado*) é hoje uma detestavel pintura, indigna d'esta cidade.

Capellas publicas

Nossa Senhora d'Agosto.—(Nossa Senhora da Assumpção.) — Está na rua mesmo chamada *da Senhora d'Agosto*,[1] em frente da pórta principal da Sé.

A imagem da padroeira, é de pedra, com 1m,54 (7 palmos) de alto, e posto ser antiquissima, é de boa esculptura.

Segundo a tradição, esta imagem veiu da egreja do mosteiro de crusios, de Cárquere, no concelho de Rezende. (Vol. 2.º, pag. 116, col. 1.ª, no fim.)

Este mosteiro, segundo uns, tinha sido fundado pelo conde D. Henrique, em 1110; segundo outros, pela sua viuva, a rainha D. Thereza; mas, segundo a opinião mais seguida, foi fundada por D. Affonso Henriques, pelos annos de 1140, e o deu aos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) de Coimbra.

Não se sabe porque, os religiosos desampararam este mosteiro, que cahiu em ruinas, e a imagem da padroeira, pretende-se que seja a mesma de Nossa Senhora de Agosto.

Ainda que a imagem denota muita antiguidade, não póde ser a da padroeira de Cárquere, que era de madeira, com 0m,66 de alto, segundo se vê no *Sant. Marianno*, tomo 3.º, pag. 147, e tomo 5.º, pag. 89. — O que póde conceder-se, é que a imagem de Nossa Senhora d'Agosto, estaria na tal egreja, mas não era a padroeira.

(Vide — Rezende, onde serei mais explicito.)

Originariamente, estava esta capella no 1.º andar, ficando-lhe por baixo, os celleiros do cabido; porém, D. Rodrigo da Cunha, sendo bispo do Porto,[1] e attendendo aos rogos dos irmãos da Senhora, tirou d'alli os celleiros.

Então a irmandade, pelos annos de 1630, construiu uma bonita e ampla capella (no local da antiga) toda fechada de abobada de pedra.

[1] Chama-se d'Agosto, porque é a 15 d'este mez que se faz a sua festa.

[1] Passou a arcebispo de Braga, e por fim, de Lisboa. (Vol. 4.º, pag. 275, col. 1.ª) Era filho dos senhores de Tábua. Antes de ser bispo do Porto, tinha-o sido de Portalegre.

Antigamente eram os alfaiates que cuidavam do aceio e conservação do templo, e que faziam, com grande pompa, a festa da sua padroeira, e a de *S. Bom-Homem*, que tambem está na capella, e que os alfaiates tomaram por seu patrono.

Antigamente, em todos os sabbados do anno, costumava o cabido sahir em communidade, depois de vesperas, na cathedral, e hir em procissão, e o *preste* com capa de asperges, cantar a *magnificat*, á capella da Senhora d'Agosto.

O mesmo faziam nas oitavas da Assumpção da Senhora.

A primittiva capella era antiquissima, suppondo-se que fosse mandada edificar pela rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso I, ou pelo bispo D. Hugo.

—

Nossa Senhora das Verdades—ou *do Postigo*.[1] — Estava sobre uma das quatro portas da circumvalação, chamada sueva, e a sua padroeira era objecto de grande devoção do povo d'esta cidade.

Esta porta, ou *postigo*, denominada *das Verdades*, ficava á entrada das escadas do mesmo nome, e dava sahida para as escadas do Codeçal, Barrêdo, Ribeira, etc.

Demolida esta porta, o conego Nicolau de Parada, fez então, á sua custa, uma nova e bôa capella, em substituição da antiga edicula; para o que comprou umas casas que estavam proximo á porta da cidade.

A imagem é antiquissima—provavelmente tão antiga, como a primeira circumvalação da cidade, que foi feita pelo bispo D. Gonçalo Pereira (que depois foi arcebispo de Braga) desde 1108 até 1110.

É de pedra (a imagem) e com 0m,88 de alto, e de boa esculptura—attendendo á sua antiguidade.

—

Nossa Senhora da Natividade. — Capella antiquissima, que existiu até 1836, na Praça-Nova, do lado do O.

Por esta rasão, se chamava antigamente *calçada da Natividade* á actual rua dos Clerigos.[1]

A praça Nova estava, em grande parte, occupada com a que vulgarmente se chamava *Natividade*, que era uma vasta quadra, cercada de lojas de capella, *contrabandistas*, e outros generos, tendo no centro um terreiro.

No lado interior do N., havia uma fonte, que já estava sêca, muitos annos antes de tudo isto ser demolido.

Era n'esta quadra a capella de Nossa Senhora da Natividade, e tanto o templo como as lojas, denotavam muita antiguidade, e dizse que estas construcções tiveram principio no fim do seculo 14.º, reinando D. João I.

Não resta, pois, o minimo vestigio d'esta ermida, nem das lojas que a ladeavam.

—

Nossa Senhora do Ferro.—É antiquissima esta capella, e o foi da *casa dos meninos orphãos*, antes de Balthazar Guedes fundar o collegio dos meninos orphãos da Graça, para onde foram os do *Ferro*.

Parece que os orphãos poucos annos aqui estiveram, porque já lá não estavam quando falleceu um sacerdote que fundou esta casa.

Depois de sahirem os orphãos, se recolheram a esta casa, quatro *coreiros* (moços do côro) da Sé, que ajudavam ás missas, e aos outros serviços da egreja. Tinham um reitor que os governava.

Tambem estes *coreiros* aqui residiram pouco tempo, por não ter a casa rendas com que se podessem sustentar em communidade e recolhidos.

Sahidos os *coreiros*, foram aqui recolhidas

[1] Dava-se-lhe tambem o titulo de *Senhora do Postigo*, por ser primittivamente edificada sobre o postigo ou porta das Verdades.

[1] Desde a construcção da egreja dos Clerigos (1732) se principiou a chamar *calçada dos Clérigos*, nome que vulgarmente ainda se lhe dá.

Sendo governador-civil do Porto, o distincto poeta, já fallecido, José Freire de Serpa Pimentel (feito visconde de Gouveia, em 31 de outubro em 1855) mudou os nomes de varias *calçadas*, chamando-lhe *ruas*, e esta foi uma d'ellas. Tambem deu a algumas viellas, o nome de ruas.

Foi o mesmo visconde que *chrismou* então, varias ruas, viellas e praças. Vide *Campo dos Martyres da Patria*.

uma *beatas*, que viviam em grande pobreza ficando outra vez a casa abandonada, por fallecimento da ultima.

Deu-se á padroeira da capella, o titulo de *Nossa Senhora do Ferro*, porque na porta da capella (que era d'arco) teve antigamente um ferro atravessado de parte a parte, mandado alli pôr, por privilegio concedido á Senhora do Ferro, por um dos nossos primeiros reis (não se sabe qual.)

Consistia o privilegio d'este ferro, em que passando por aqui qualquer padecente [1] para hir ser executado na forca de *Mija-Velhas* (Poço das Patas) se conseguisse lançar a mão ao tal ferro, estava livre de morrer enforcado.

Para que os padecentes se não approveitassem d'este privilegio, tinham todos os beleguins da justiça, o cuidado de hirem ao lado do criminoso, da parte da porta da capella, de modo que rarissimos se podiam utilisar do privilegio.

A imagem da padroeira, era de pedra, e de estatura quasi natural; e era objecto de muita devoção do povo.

Tinha uma irmandade, que curava da conservação do culto divino, e lhe fazia uma grande festa, a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

—

Nossa Senhora da Batalha.—No largo da Batalha, ao O., e quasi em frente do monumento do sr. D. Pedro V.

Estava—com a imagem de Nossa Senhora dos Remedios — em uma edicula, sobre as portas de Cimo de Villa, d'onde foram mudadas para esta capella, que mandaram construir Balthazar Guedes e outros, em 1590; (vide este anno, a pag. 299, col. 2.ª. d'este volume.)

—

Nossa Senhora da Hora — ou *das Sete-Fontes.* — extramuros, e a N.O. da cidade, no sitio do *Carvalhido.*

É templo muito antigo, e, segundo a tradição, a imagem da Senhora foi trazida de terras mui distantes por um eremitão, que a collocou na ermida de S. Bartholomeu, que fica perto.

Passados tempos, os mercadores e navegantes, lhe fizeram capella propria, de bella cantaria lavrada, e de boas dimensões.

Tem uma rica irmandade, que lhe faz a festa (uma das maiores dos suburbios do Porto) em quinta feira da Ascenção do Senhor (quinta feira da Hora.)

N'este sitio se descobriu uma abundante fonte, de boa agua potavel, que foi recolhida em uma grande arca, sáe por sete bicas, lançando todas grande cópia d'agua, que pouco abaixo fórma um ribeiro, cujas aguas fazem, a pouca distancia, mover algumas rodas de moinhos.

É por isto que tambem se chama *Senhora das Sete-Fontes.*

Em volta da capella se vê uma formosa alamêda, que torna o sitio ameno e formoso no verão.

A imagem da Senhora, é de pedra, de bôa esculptura, e com 0m,66 de altura.

—

Nossa Senhora de Campanhan.—Extramuros, e ao E.N.E. do Porto.

Segundo a tradição, a origem d'esta Senhora é a seguinte:

Sendo governador da cidade do Porto o conde D. Hermenegildo, (824) veiu Abd-el-Raman, califa de Córdova, com grande exercito sobre a cidade do Porto. O conde e os portuensés, dêpois de uma defeza heroica, fizeram retirar os mouros, e foram sobre elles, até ao sitio onde hoje está a egreja de Campanhan, e por onde corre um ribeiro, e ahi os desbarataram completamente; sendo tanto o sangue dos mouros, que tingiu as aguas do ribeiro, que desde então se ficou chamando *Rio-Tinto.*

Diz ainda a mesma tradição, que no principio da batalha, fôra alli achada uma imagem da Senhora, cujo patrocinio os christãos invocaram, e a elle attribuiram esta brilhante victoria.

Tratou logo o conde de fazer construir uma ermida á Senhora (que, não se sabe porque, se chamou primeiro, *Nossa Senhora*

[1] N'esses tempos era aqui a cadeia publica, e proximo a ella, a casa da camara, que depois foi a *casa dos vinte e quatro*, (Vide 1875—25 de abril.)

da Entrega) e mais tarde se veiu a augmentar, formando-se uma vasta capella.

No reinado de D. Affonso Henriques, ou de seu filho, D. Sancho I, se transformou a capella em egreja, construindo-se junto d'ella um mosteiro de monges benedictinos,[1] que por falta de rendas (então) foi supprimido, passando a commendatarios, pois com as suas rendas se formou uma commenda de Christo, que rendia mais de 1:200$000 réis, e foi da casa dos Monteiros Pains.

Parece que a povoação de Campanhan é antiquissima; pois, sendo bispo do Porto, D. Pedro Senior (o terceiro do nome) alguns annos antes de 1169, fez doação da sua herdade de Campanhan, aos conegos da Sé do Porto. Tinha comprado esta propriedade, já depois de ser bispo.

D'esta doação consta que era então *villa*, a povoação de Campanhan.

> Na minha opinião, não quer isto dizer que Campanhan tivesse fôro de villa, ou que fosse litteralmente o a que nós hoje chamamos *villa;* mas sim, que aquella denominação vem do latim, e não significa senão — *casa de campo.*

Em 1229, sendo bispo do Porto, D. Julião, o primeiro d'este nome, lhe fizeram doação da egreja de Campanhan, Martinho, e Vicente, o soldado—que se suppõe serem os successores do fundador da segunda egreja; que já então era matriz da freguezia.

Em 1297, *D. Maria de Farelães*, doou ao bispo do Porto, D. Sancho, primo d'ella, o padroado da egreja de Campanhan, para a *egreja de Santa Maria da Sé*, do Porto, para o bispo e para o cabido.

Esta doação foi feita a 15 de janeiro da era de 1335 (4 de janeiro do anno de 1297 de Jesus Christo.)

Collige-se d'esta doação, que, ou se annullou a doação dos taes Martinho e Vicente, ou o padroado da egreja tinha tornado a poder de seculares, ou—o que é mais provavel — que os doadores eram compadroeiros.

Em 1298, D. Estevam Peres (filho de D. Pedro Homem) irmão do dito bispo D. Sancho—e seus sobrinhos, D. Pedro Homem, o Soldado — e D. Affonso Martins, clerigo — João Lourenço, soldado, da Croca, e sua sobrinha, Margarida Peres, fizeram doação ao mesmo bispo, do padroado da egreja de Campanhan.

Vê-se d'estas doações, que esta egreja tinha muitos padroeiros.

Em 1327, o bispo, D. João Gomes, apresentou na egreja de Campanhã, o padre, Pedro Lourenço, seu capellão.

Em 1425, o bispo, D. Vasco, *emprestou* esta egreja aos religiosos da congregação de S. João Evangelista, por comprazer ao bispo de Lamego, *Mestre João*, seu fundador.

Sendo o bispo, D. Vasco, mudado para Evora, falhou a protecção aos religiosos, que, por falta de rendimentos, abandonaram o mosteiro, e foram, em 1494, para o mosteiro de Villar de Frades. (Vide n'este vol., o anno 1425, na col. 1.ª, da pag. 293.)

Deixado este mosteiro, pelos frades loyos, se fez das suas rendas uma commenda da ordem de Christo.

Diz frei Agostinho de Santa Maria (Sant. Marian, tom. 5.º, pag. 35) que o primeiro vigario que teve esta egreja, depois de ser commenda, era um homem de pessimo procedimento, e que, *vivendo como bruto, assim morreu, e apparecia aos seus freguezes em fórma de bruto, e lhes causava graves damnos em suas cearas, vinhas e fazendas.*

O seu successor, um santo sacerdote, chamado Manuel Leal, esconjurou o tal bruto, e nunca mais foi vista similhante bêsta, nem tornou a destruir as plantações.

(São ainda palavras de frei Agostinho de Santa Maria.)

A festa principal da Senhora, é a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

É das maiores romarias dos suburbios do Porto, que n'este dia fica quasi despovoado. Além d'isto, concorre grande multidão de gente, de muitas leguas em redor.

Quando em Portugal havia verdadeira fé

[1] Outros dizem que de templarios; o que parece verosimil, por se fazer das suas rendas uma commenda da ordem de Christo, que foi (a ordem) a herdeira da do Templo.

na protecção de Deus, da SS. Virgem e dos santos, o povo d'esta freguezia, nas suas calamidades, recorria ao patrocinio da sua padroeira, que levavam em procissão á cidade. Hia primeiro ao mosteiro de Santa Clara, cujas religiosas vinham receber a Senhora á portaria, levando-a em procissão pelo seu claustro, d'onde sahia com muitas flores, brincos e outras joias, offerecidas pelas freiras. D'aqui hia á egreja da Sé, onde havia sermão, e os capellães se juntavam á procissão, que percorria toda a cidade, recolhendo por fim a Campanhan.

Para o mais que se deseje saber d'esta egreja, vide vol. II, pag. 58, col. 1.ª, no principio.

—

S. Roque.—Na praça semi-circular do mesmo nome, proximo ás antigas portas do Souto, onde em tempos antigos houve *emparedadas.*

Esta capella é de formosa cantaria, de abobada, e de fórma exagona, subindo-se para ella por uma bella escada, que lhe serve de base, por um e outro lado.

Consta que esta obra importou em mais de 24 contos de réis.

Eis a origem d'esta capella:

Em 1582, desenvolveu-se n'esta cidade (e em todo o reino) uma terrivel peste. Os portuenses tomaram n'esta triste conjunctura, a S. Roque, por seu advogado.

Construiram-lhe uma edicula, em frente da porta travessa da egreja da Sé, da qual (edicula) só existe a memoria, porque o terramoto de 1755 a destruiu.

Então os devotos resolveram edificar a actual, que se concluiu pelos annos de 1760.

Estava adornada com bastante magnificencia, e fazia-se, todos os annos, uma esplendida festa ao padroeiro, á custa dos mórdomos do Santo, e outra a S. Vicente.

A ultima festa que se fez a estes santos, foi em 22 e 23 de janeiro (sabbado e domingo) de 1876; porque esta capella vae a ser demolida, como adiante se dirá.

No largo inferior á capella, passa subterraneamente o *rio da Villa.* Antes de ser encanado, e quando ainda corria á superficie do terreno, havia aqui varios cortumes, e por isso, ainda a este sitio se chama *os Pelames.* Em volta dos pelames havia um grande souto de carvalhos, que deu o nome á *rua do Souto*, e a uma das portas da antiga circumvalação, denominada *sueva.*

Tambem por aqui algures, houve nos seculos XVI e XVII, *emparedadas.*

Segundo o plano da nova rua, denominada *Mousinho da Silveira*, são demolidos os repugnantemente celebres *alóques da Biquinha,* a rua da Biquinha, a viella do Anjo da Guarda, a capella de S. Roque, etc.—vindo a nova rua, desde o largo de S. Domingos até ao de S. Bento.

As imagens que pertencem á capella de S. Roque, são removidas para a egreja do Terço e Caridade, em Cimo da Villa.

O altar, os paramentos e o sino d'esta capella, foram dados pela camara, á nova capella de Santo Antonio, do largo da Aguardente.

Já que fallámos em *alóques da Biquinha*, direi, para ficar em memoria:—Estes *alóques*, são uns tanques quadrados, que estão nas duas margens do *rio da Villa,* e foram tambem antigos *pelames* (cortumes).

Depois de encanado o rio da Villa, deixaram de existir aqui os cortumes, e a camara arrendava os *alóques*, aos esterqueiros, para alli guardarem as immundicies colhidas pela cidade.

Quando ainda desde a Biquinha até ao largo de S. Roque (que tambem vae deixar de existir, como a capella do Santo) existiam muitos carvalhos, tudo se chamava *Souto.*

O nome de *Biquinha* provem-lhe de uma bica de agua mineral que alli rebenta, e fica por baixo do arco do viaducto da rua—viaducto e bica, que tambem vão deixar de existir, com a construcção da rua Mousinho da Silveira.

S. Chrispim—no largo do seu nome. (Este largo fez-se, demolindo todas as casas do lado do N., que faceavam com a antiga *rua do Arco de S. Domingos.)* Nada tem de notavel.

—

Nossa Senhora das Neves.—Estava sobre o arco de S. Domingos, e, sendo este demolido, deixou de existir a capella, que era antiquissima.

—

Santa Anna.—Estava sobre o arco de Santa Anna, ao fundo da rua da Bainharia. Foi este demolido, junto com a ermida, e d'isto, o unico vestigio que resta é o nome de Santa Anna, dado ainda á pequena travessa onde existiu, e um pequeno oratorio da mesma santa, embebido na parede do O.

É este arco celebre na litteratura portugueza, por dar o titulo ao formosissimo romance do visconde de Almeida Garrett—*O Arco de Santa Anna.*

—

Santo Antonio—no largo da Aguardente.—Em 1875, deliberaram varios devotos construir n'este formoso sitio uma capella, dedicado ao sympathico thaumaturgo portuguez, e, á sua custa, e de muitas esmolas que pediram, realisaram os seus louvaveis desejos. Lá se vê pois hoje a elegante capella, uma das mais bonitas do Porto.

O sr. José Antonio da Cunha Porto, e o sr. Narcizo José da Silva, são os devotos que mais se teem distinguido, pelo valor das suas offertas, para esta bella obra.

O sr. padre José Luiz do Valle, deu réis 95$000, para as mesmas obras.

Em junho de 1876, se fez aqui um *bazar* (leilão) que produziu 400$000 réis, para as despezas d'esta construcção.

Era tanto o gôsto com que os portuenses queriam augmentar o valor d'este leilão, que um par de castiçaes, foi 35 vezes arrematado, e outras tantas entregue para novos lanços.

Um objecto, offertado para o leilão, pela sr.ª D. Carolina Augusta da Costa Barbosa, esposa do sr. Arnaldo Ribeiro Barbosa, foi vendido por 51$000 réis.

Entre todos, porém, o que mais se distinguiu, pela sua devoção á nova capella, foi José Gomes Ferreira Carmo, negociante que foi d'esta cidade; o qual, fallecendo em julho de 1876, deixou para as obras d'esta capella, 1:500$000 réis.

Deixou tambem muitos legados de 200$000, 300$000, e 500$000 réis, a differentes estabelecimentos pios d'esta cidade, e 1:000$000 réis, para 5 dotes, de 200$000 réis, a 5 orphãs pobres da freguezia de Merelim, terra do nascimento do testador.

—

Senhor d'Alem—em frente da Ribeira, e na margem esquerda do Douro.

Vide n'este volume, a pag. 308, col. 2.ª, o anno 1738.

Quando a capella primitiva era no monte de S. Nicolau (hoje Serra do Pilar—vide *Grijó*)—houve n'ella *emparedadas.*

—

Bom Jesus de Bouças—ou *Senhor do Calvario-Novo.*—Era uma capella construida pelos frades da SS. Trindade, ao fundo da Cordoaria. Vide *Miragaia.*

—

As mais capellas publicas aqui não mencionadas, ou já estão descriptas na chronologia, ou vão nos estabelecimentos a que pertencem.

—

Roda dos expostos

A creação da roda dos expostos, data do 1.º de outubro de 1685. Foi originariamente na rua dos Caldeireiros, e ficava contigua ao *Hospital de D. Lopo.* Passou depois para uma casa da rua dos Fogueteiros (a 1.ª á esquerda de quem vem do passeio das Virtudes, e em frente da *praça do Peixe)* e, por fim, para a parte O. S. O. do passeio da Cordoaria, onde actualmente existe; e é administrada pela camara municipal. Vide a pag. 299, o anno 1590—e a pag. 306, o anno 1685.

Ao meu esclarecido collaborador, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia (Porto) devo o favor de me mandar um

mappa official impresso, que por curiosissimo transcrevo, e é o seguinte:

—

Rendimento da alfandega desde o anno economico de 1870-1871, até 1874-1875

1870-71	2.239:268$516
1871-72	2.544:352$165
1872-73	3.071:507$651
1873-74	3.571:876$875
1874-75	3.787:488$875
Somma	15.214:494$082

—

Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro

(Vide a pag. 312, o anno de 1757)

É esta a mais antiga companhia de commercio, hoje existente n'este reino; e a mais importante e grandiosa creação de Sebastião José de Carvalho e Mello, no reinado de el-rei D. José.

O progressivo descredito em que tinham cahido os vinhos do Douro; e a consequente decadencia a que estavam reduzidos o seu preço e a sua exportação—devido na maxima parte ao monopolio exercido de facto pela feitoria ingleza, existente na cidade do Porto—é que suscitaram o pensamento da fundação d'esta companhia.

A elevada e vasta intelligencia do preclaro ministro de el-rei D. José, comprehendeu perfeitamente a questão, e reconheceu a necessidade de garantir por meio de disposições legislativas adequadas, a pureza e a genuinidade dos vinhos do Douro.

A companhia geral da agricultura das vinhas do alto Douro, foi, por tanto; destinada a combater e a destruir o monopolio da feitoria ingleza; a soccorrer os lavradores do Douro na sua dispendiosa agricultura, com emprestimos feitos pelo moderado juro de 3 % ao anno; e a ser a barreira insuperavel de toda a adulteração das qualidades naturaes do vinho do Douro, por meio de uma fiscalisação rigorosa e de um commercio insuspeito, exercido com o vinho mais puro e genuino.

Foi pois a companhia instituida pelo alvará régio de 10 de setembro de 1756, que confirmou e auctorisou os seus estatutos, datados de 31 de agosto do mesmo anno, com o fundo de um milhão e duzentos mil cruzados (480:000$000 réis) dividido em 1:200 acções de 400$000 réis cada uma.

Este fundo, reconhecido depois insufficiente, foi accrescentado, por outro alvará, de 16 de dezembro de 1760, com mais seiscentos mil cruzados (240:000$000 réis) em 600 acções, de que se emittiram tão sómente quinhentos e vinte mil cruzados (208:000$000 réis), ficando assim definitivamente fixado o fundo da companhia, em 688:000$000 réis, dividido em 1:720 acções de 400$000 réis cada uma.

Para facilitar a emissão das acções, havia sido ordenado, pela carta régia de 27 de setembro de 1756, que quaesquer depositos, pios ou profanos, que costumavam dar dinheiro a juros, o emprestassem de preferencia e exclusivamente, a rasão de 5 % ao anno, ás pessoas que, possuindo bens de raiz sufficientes, mas não podendo dispor do numerario preciso, quizessem associar-se na companhia com uma ou mais acções, ficando, porém, em primeiro logar essa acção ou acções, e em segundo logar, aquelles bens de raiz (ainda os vinculados) especialmente hypothecados ao pagamento das quantias que as referidas pessoas recebessem.

Pelos seus Estatutos foi esta Companhia gerida nos trez primeiros annos da sua existencia, por uma junta, composta de um provedor e doze deputados, com a assistencia de seis conselheiros — todos nomeados pelo governo. As juntas subsequentes, eleitas pelos accionistas, que o fossem pelo menos com trez acções, compunham-se de um provedor, um vice-provedor, e sete deputados, possuidores, pelo menos, de 10 acções cada um.

O primeiro praso da duração da Companhia, foi por 20 annos — que tem sido successivamente prorogado até ao presente.

A Companhia estabeleceu n'aquelle anno de 1756, o seu escriptorio, ou como então se dizia, a sua casa de despacho, secretaria, contadoria e escriptorio, na rua Chan, da ci-

dade do Porto, nas casas que pertenciam a Manoel de Figueirôa Pinto. Depois mudou para as casas da rua das Flores, pertencentes ao mesmo Manoel de Figueirôa Pinto, a quem as tomou de arrendamento, até que as comprou aos seus herdeiros, no anno de 1805; e n'ellas tem permanecido até ao presente.

Compõe-se estas casas de um andar nobre para a sobredita rua das Flores—diversas salas interiores, e para a viella, hoje rua do Ferraz—lojas, capella, casa-forte e quintal. — Na mesma data comprou egualmente na viella do Ferraz, 4 pequenas casas contiguas, e um armazem na rua da Victoria.

O augmento successivo do commercio da Companhia, e as multiplicadas e importantes funcções de que se achava investida, tornaram-lhe indispensavel a acquisição de vastas e valiosas propriedades.

Em 1773, comprou e reedificou as casas nobres, e diversos cumes de armazens, lotados em 1:200 pipas, que possue na villa da Regoa, junto á margem do rio Douro.

Em 1782 mandou edificar as casas, e os armazens, lotados em 1:000 pipas, que possue no caes do Penhão; e pouco depois, os armazens da lotação de 500 pipas, que tem no caes do Túa.

Em 1779, comprou umas casas nobres, e outras denominadas o Torreão, além de 5 moradas de casas pequenas, em Villa Real de Santo Antonio, no Algarve, onde, para coadjuvar os desejos do governo, estabeleceu umas pescarías; para ás quaes tambem fez a acquisição de varias embarcações.

Em 1790, fundou uma importante fábrica de fundição e arcos de ferro, sobre o rio Uima, para o logar de Crestuma, a duas leguas do Porto (vol. 2.º, pag. 447, col. 1.ª), com casas espaçosas para habitação do director e principaes empregados da mesma fábrica.

Em 1800 comprou o terreno, e mandou construir um armazem, da lotação de 600 pipas, no caes de Vimieiro, na margem esquerda do Douro—fazendo edificar pelo mesmo tempo, a casa de registo do caes do Bernardo.

Em 1807, tendo já realisado, em varias datas, a compra de diversas casas e armazens na praia de Miragaia da cidade do Porto, comprou n'esta data, a porção principal d'elles; e de todos formou successivamente os que actualmente alli possue, lotados em mais de 4:000 pipas; os quaes, com a ampliação que se está realisando, poderão accommodar de 5 a 6:000 pipas.

Estes armazens possuem grandes salões, tanoarias, escriptorios, casa de alambiques, fabrica de vinagre, e abundante agua de bica.

Proximo a estes armazens, conserva ainda 7 pequenas moradas de casas, nas ruas de S. Pedro e Cidral.

No mesmo anno de 1807, realisou a compra de um armazem, que ha muito trazia arrendado, denominado do Lago, lotado em 1:300 pipas, em Villa Nova de Gaya, aonde estabeleceu as suas vastas e principaes tanoarias.

Em virtude do exclusivo que tinha para o fabrico da aguardente, possuia em varias provincias, 82 fabricas de distillação, das quaes 40 em edificios que para ellas fez edificar.

Mas não são unicamente os serviços prestados directamente pela Companhia que a tornaram distincta e benemerita; é á sua iniciativa e ao seu impulso, e aos adiantamentos de dinheiros que fazia ao governo, sempre que eram precisos, que o paiz deve importantes melhoramentos.

Em 1792 foi concluida a demolição começada em 1780, do famoso rochedo, que fazendo um cachão inaccessivel, impossibilitava absolutamente a navegação do Douro além de S. João da Pesqueira.

Foi debaixo da sua inspecção que se operaram diversos melhoramentos na barra do Douro, e que se construiu o caes que do Porto vae até S. João da Foz; que se fizeram as estradas na margem do mesmo rio — e a que vae do Porto á Villa da Regoa.

Foi ainda devida á sua iniciativa a fundação, em 1803, da antiga Academia Real da Marinha e Commercio da Cidade do Porto, de que a junta da Companhia foi nomeada inspectora; e por ultimo, em 1831, foi ainda ella que obteve do governo a fundação da

Real Casa do Asylo dos Naufragados, em S. João da Foz do Douro.

Este anno de 1831, foi o ultimo da grande prosperidade da Companhia, bem comprovada pelo valor mais que duplicado que as suas acções tinham então no mercado, pois que em 1832 teve principio a guerra dynastica, que tão grandes males causou ao paiz, em geral, e em particular á Companhia.

Além das exacções que os dois partidos lhe fizeram em generos e dinheiro — viu ella, em consequencia das imperiosas e inexoraveis exigencias da guerra, incendiado e derramado o maior e o mais valioso deposito dos seus vinhos, existentes nos armazens, que ellá quasi desde a sua instituição trazia arrendados aos herdeiros de Domingos Browne, em Villa Nova de Gaya.— Dezeseis mil pipas de vinho (algum antiquissimo) e quinze mil e duzentos cascos, foram presa das chammas no dia 16 de agosto de 1833! D'esta grande catastrophe apenas escaparam, por estarem em outros armazens, no Choupello, algumas especialidades de vinhos que ella possuia—taes como, os da sua instituição—os chamados do *Duque* — além de outros, tintos e brancos.

A importancia d'este immenso prejuizo, foi depois legalmente avaliado em réis 2.002:378$117.

E como se esta inaudita calamidade não devesse bastar por si só, para a completa ruina da Companhia, veiu ainda, apenas acabada a guerra civil, o decreto da dictadura, de 30 de maio de 1834, abolir completamente toda a legislação do Douro—e acabar com todas as prerogativas e attribuições da Companhia—extinguindo-a, forçada e intempestivamente, antes de findo o praso legal da sua ultima proroga, que só devia terminar em 31 de dezembro de 1836!

N'esta crise gravissima, a Companhia, nem succumbiu, nem desanimou. Averiguou com a possivel exactidão o estado verdadeiro em que se achava—e este era, na verdade, bem pouco lisongeiro.

Mais de 2:000 contos dos seus fundos aniquilados pelo incendio e derramamento dos seus vinhos; 1:230 contos de dividas dos governos d'este reino, sem probabilidade de serem tão cedo liquidadas, e menos integralmente pagas— 700 contos de dividas de particulares, no reino e no ultramar, de difficil e morosa cobrança umas, e inteiramente incobraveis outras—taes eram as principaes verbas do seu activo! E em frente d'este, um passivo de mais de 1:740 contos, com vencimento de juros, em letras a pagar, a maxima parte das quaes estava vencida, e o successivo vencimento das outras, muito proximo!

Haveria alguma outra casa commercial, companhia ou Banco, por poderoso que fosse, que, n'estas circumstancias, deixasse infallivelmente de fallir?

Não falliu, porém, a Companhia—tão poderosa era a sua constituição—tão collossaes os seus fundos—e tão robusto o seu credito!

Sob o nome de — *Companhia dos Vinhos do Porto*—que adoptou, resolveu continuar com o giro das suas operações, puramente commerciaes. — Formulou n'esta conformidade os seus novos estatutos, de 4 de novembro de 1834, em que prorogou por 12 annos o praso da sua duração—estabelecendo uma administração composta de um presidente e quatro administradores, possuidores pelo menos de cinco acções—e eleita de trez em trez annos.

Esta administração tratou desde logo, de reduzir ao strictamente indispensavel o numeroso pessoal da antiga Companhia—sollicitou e obteve moratorias dos seus credores, pagando-lhes parte dos juros vencidos, e passando-lhes letras a curtos prasos, pela outra parte.—Instou com o governo pelo pagamento de algumas verbas da sua divida, já liquidadas—e cobrou dos particulares todas as que pôde. — Confiou e esperou sobre tudo, que as funestas consequencias das medidas, tão irreflectidamente adoptadas, pelo decreto com força de lei de 30 de maio de 1834, não tardariam a manifestar-se —e lhe proporcionariam sem duvida um melhor futuro.

Em 1837, julgou dever fazer algumas pequenas alterações nos seus novos estatutos, substituindo-os pelos de 17 de novembro d'esse anno de 1837—em que reduziu a trez sómente, o numero dos seus administrado-

res, possuidores de uma ou mais acções, e egualmente eleitos triennalmente.

Depressa, porém, começaram a fazer-se sentir as consequencias previstas da extincção total do systema protector, operada pelo decreto de 30 de maio de 1834 — e para as atalhar e remediar foi promulgada a lei de 7 de abril de 1838 — que restabeleceu de novo, pelo praso de 20 annos, a antiga e extincta Companhia, e á qual confiou a execução das prescripções da mesma lei.

Estas prescripções, comtudo, inteiramente deficientes, e desacompanhadas de outras, não bastavam para restituir o commercio dos vinhos do Douro ao estado florescente em que elle se achava antes de 1834—e por isso, e a esse fim, foi promulgada a nova lei de 21 de abril de 1843, que ampliou e augmentou, com outras, aquellas prescripções.

Por esta ultima lei, de 21 de abril de 1843, a execução da qual foi tambem confiada á Companhia, se lhe impunham graves e diversos encargos, em compensação dos quaes se lhe concedeu um subsidio de 150:000$000 réis annuaes, pagos á Companhia durante os 14 annos que ainda restavam da sua ultima proroga.

Afim de poder habilitar-se com os fundos precisos para a gerencia d'esta lei, cuja acceitação julgou vantajosa, pactuou a Companhia com os seus credores a convenção de 21 de junho de 1843 — pela qual elles concordaram em receber titulos negociaveis, a praso de 14 annos, pelos seus capitaes; e letras pelos juros annuaes dos mesmos capitaes. Formulou, em conformidade com aquella lei e esta convenção, os seus estatutos, de 8 de agosto de 1843, em que estabeleceu uma direcção, composta de um presidente e quatro directores, proprietarios, pelo menos, de tres acções cada um — devendo, além d'isso, tres d'elles, reunirem a qualidade de credores da Companhia por quantia não inferior a 4:000$000 réis—eleita pelos accionistas, possuidores pelo menos de tres acções, de 3 em 3 annos.

Esta lei, porém, de 21 d'abril de 1843, bem como o contracto por ella estabelecido entre o Estado e a Companhia, que deviam durar até 1858, foram inopinadamente abolidos, pelo decreto com força de lei, de 11 de outubro de 1852—que dispensou a Companhia dos encargos da mesma lei, e lhe retirou o subsidio que, em compensação dos referidos encargos, lhe havia sido concedido.

Por esta quebra da fé publica, se viu, pela segunda vez, a Companhia collocada repentinamente nas mais difficeis circumstancias. Comtudo, fazendo proceder immediatamente a um rigoroso balanço do seu estado, convenceu os credores, que a esse fim fizera reunir, que podia perfeitamente cumprir pela sua parte, as obrigações que, para com elles, tinha contrahido pela convenção de 21 de junho de 1843—e assim foi resolvido que continuasse como casa simples e puramente commercial até o fim do praso da sua ultima proroga.

Em 1858, sollicitou e obteve, uma nova proroga por 20 annos—e procedeu, em harmonia com as novas circumstancias em que se achava, á formação de um novo estatuto, confirmado pelo alvará de 13 de março de 1858, estabelecendo uma direcção composta unicamente de um presidente e dois directores—e seus respectivos substitutos—proprietarios pelo menos de 3 acções—e eleita triennalmente pela assembleia geral dos accionistas, composta d'aquelles que o forem egualmente, por não menos de 3 acções.

Estes estatutos são os que actualmente a regem.

Finalmente, chegou o anno de 1861, em que a Companhia tendo, desde o de 1859, acabado de pagar integralmente a todos os seus credores, a sua enorme divida— pôde, pela primeira vez depois de 30 annos, realisar um primeiro dividendo aos seus accionistas, que durante este longo periodo, nada receberam, vendo consequentemente as suas acções, quasi sem valor algum no mercado.

Graças, pois, ás esclarecidas administrações que teem dirigido este estabelecimento —aos seus incessantes esforços — á tenacidade com que sempre luctaram, e venceram as mais pavorosas crises—a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, ahi está—bem contra a vontade dos seus eternos inimigos, que os tem tenacissimos, desde a sua instituição — e se ainda não tão

florescente como nos seus melhores tempos —ao menos livre inteiramente dos pesados encargos que a esmagavam — augmentando successiva e gradualmente os seus dividendos annuaes—a que corresponde o successivo e gradual augmento tambem do valor das suas acções — que hoje difficilmente se encontram á venda no mercado.

—

Exportação de vinhos pela barra do Porto, de 1865 a 1874

Na década de 1865 a 1874, inclusive, a exportação de vinhos pela barra do Porto foi a constante das seguintes cifras:

Anno de 1865.....	39:208	pipas
» » 1866.....	40:507	»
» » 1867.....	34:679	»
» » 1868.....	35:725	»
» » 1869.....	40:850	»
» » 1870.....	42:696	»
» » 1871.....	43:471	»
» » 1872.....	50:182	»
» » 1873.....	49:649	»
» » 1874.....	56:531	»
Somma.....	433:498	»

Temos, pois, o anno de 1874, como o de maior exportação de vinhos por esta barra, e muito sensivel é a differença entre esse anno e a de maior exportação dos anteriores.

Entre o de 1867, que foi o de menor cifra e aquelle de 1874, a differença é de 21:852 pipas a favor do segundo: entre o de maior exportação anterior (1872) a differença a favor de 1874, é ainda de 6:349 pipas; entre o de 1873 e o ultimo é ainda a differença favoravel a 1874 na cifra de 6:882 pipas.

De bom agouro são estes resultados para a prosperidade e riqueza publica e especialmente para os viticultores portuguezes.

Os centros que importaram principalmente os nossos vinhos, foram a Grã-Bretanha e o Brasil: aquella em 1873 importou 35:611 pipas; e em 1874, 35:753 pipas, mais 142; o Brasil em 1873 importou 9:955 pipas, e 15:668 em 1874, mais 5:713 pipas. Foi muito sensivel a differença e muito favoravel. O Brasil está sendo o principal mercado de nossos vinhos. É de crer, que, depois da ultima exposição em Londres, na Grã-Bretanha cresça o credito d'esse genero, que Portugal possue como poucos ou talvez nenhum paiz.

A exportação em 1873, para outros paizes além de Inglaterra e Brasil, foi de pipas 4:083, e de 5:110 em 1874.

—

Porto artificial ao sul da barra do Douro

Hoje (maio de 1877) que o sr. ministro das obras publicas, parece tomar a sério este emprehendimento importantissimo, para a prosperidade commercial do Porto, e para se evitarem os continuos naufragios e perdas de vidas, nas entradas e sahidas da perigosissima barra d'este rio, julgo a proposito referir uma conferencia que houve na rua dos Inglezes, no dia 21 de fevereiro de 1876.

Teve logar, em casa do sr. Eduardo Moser, para o fim de tomar conhecimento d'um projecto que elle lhe submetteu, d'um porto artificial ao sul da barra do Douro.

Achavam-se presentes as respectivas plantas do anteprojecto, nitidamente elaboradas, debaixo da direcção d'aquelle cavalheiro, por um habil engenheiro inglez.

Expostas com toda a lucidez, pelo seu auctor, as vantagens d'este porto, sobre todas as outras lembranças suggeridas por diversos engenheiros, e em differentes epochas, todos foram concordes em que a sua superioridade não admittia contestação, nem discussão, recebendo o sr. E. Moser inequivocas provas de approvação.

O porto projectado é, como já se disse, ao sul da barra, medindo de S. ao N. 1:600^{m}, começando a 220^{m} ao S. do cabedéllo, e estende-se até á praia de Lavadóres.

N'estes extremos tem dois paredões, em direcção, E—O com 460^{m} de comprido por 30 de largo; e em frente um talha-mar, em fórma de remate da letra T, com uma saliencia para o mar no centro, com 1600^{m} de comprido por 30 de largo no topo.

Do lado do N. e do S. fórma duas entradas com 385^{m} de vão, tendo 5 pharoes. Um no centro do talha-mar, um em cada uma das suas extremidades, e um em cada extremo dos paredões, de modo que mesmo de noite os navios podem entrar no porto de abrigo.

O fundo é todo d'areia, e livre de rochedos, tendo na baixa-mar de aguas vivas, e nas maiores marés, em grande parte do seu leito uma profundidade de 10^{m} a 14^{m},50.

Na entrada do sul, o fundo é de 7^{m} a 15^{m}, e na do norte, de 4^{m},50 a 7^{m},50 e já se vê muito maior com a amplitude das marés. Segue-se que os *maiores navios* poderão sempre entrar com qualquer vento, e achar um optimo ancoradouro.

O accesso ao porto projectado é, no entender dos maritimos, muito mais facil do que o seria ao de Leixões, por isso que ha mar franco, com muito fundo; livre de pedras, accrescendo haver uma pequena indentação, ou bahia, desde Lavadóres até Cortegaça, que poderia ser aproveitavel no caso de um navio, acossado pela violencia do tempo, precisar de fazer-se ao largo. N'aquelle sitio é grande o rolo do mar, mas não ha arrebentação, que possa envolver um navio e fazel-o desgovernar. Dentro do muro (em alicerces) chamado de D. Rosa, que data do tempo de Luiz Gomes de Carvalho, ou de Oudinot, projecta-se uma ampla doka. Tem ella de superficie mais de 10 hectares. Communica-se com o porto, por um canal com tres comportas, o qual tem 180 metros de extensão e 40 de largo. Tem 3 jetées, de 150 metros por 40, ás quaes podem simultaneamente atracar 50 grandes embarcações, para carregar ou descarregar a vapor.

Esta doka, em que, por meio das comportas, a agua sempre se conservará na altura de preamar, tem sahida para o Douro, por um canal identico ao maritimo, por onde poderão passar os navios para o rio, e vice-versa; mas que é calculado principalmente para o serviço de barcas de carga ou descarga, que d'alli podem dirigir-se para a alfandega, de que dista cerca de 3 kilometros sómente.

Ao norte d'esta doka, e com ella communicada, acha-se a doka secca. Tem 140 metros de comprido por 80 de largo; e é esgotada pela força combinada de vapor hydraulico. N'elle podem ser concertados, simultaneamente, dois navios, com 60 a 70 metros de quilha; ou maior numero, sendo menores, havendo espaço para mais duas dokas eguaes, se as necessidades da navegação tornarem conveniente essa construcção.

Finalmente corôa a belleza d'esta grandiosa invenção do sr. Moser, sendo notavel que antes a ninguem occorresse, uma via ferrea que, tendo seu *terminus* na doka, a liga assim com o porto artificial, e o Douro com a estação de Valladares, e portanto com todos os caminhos de ferro de Portugal e da Europa!

Tendo obtido estes importantes dados, do proprio iniciador d'este melhoramento, cujo alcance é immenso, apresentamol-os com a consciencia da sua execução.

A planta foi desenhada, depois de apurado estudo, pelo habil engenheiro inglez, mr. Trery, que na sua longa vida tem executado, com feliz successo, outras obras d'esta natureza.

O terreno, hoje pantanoso, que se conquista, e é aterrado, excede a 1.150:000 metros quadrados; e presta-se muito para edificações de toda a natureza, que virão a ser precisas, mesmo antes da conclusão da obra, que fazemos votos porque comece quanto antes, não só para engrandecimento d'esta cidade e de Villa Nova de Gaia, mas para bem das provincias do N. e de todo o paiz.

—

Pesca

No districto do Porto, no anno de 1875, empregaram-se 4:622 individuos, em 176 lanchas, 120 barcos, 104 sáveiros, e 283 botes, na industria da pesca.

O rendimento d'esta industria, foi de réis 298:825$704.

Rendeu, em direitos, para o estado—réis 13:348$330. [1]

[1] O imposto do pescado, na alfandega do

Mina de ferro

No dia 12 de junho de 1875, registou o sr. José Alves de Aguiar, na secretaria da camara municipal do Porto, uma mina de ferro e outros metaes, no pavimento da rua das Carvalheiras, junto á travessa de Santa Catharina.

—

Mina de mercurio

(AZOUGUE)

Na rua de Santo Antonio do Penêde, no chão onde está construido um grande predio, denominado *do Christovinho*, ha uma mina de mercurio.

Este predio foi principiado em 1828. Esteve muitos annos em paredes; depois, foi-se fazendo pouco a pouco, e só se concluiu em 1870.

—

Ponte do caminho de ferro, sobre o Douro, no Porto

A ponte sobre o Douro, destinada á passagem da linha ferrea do norte sobre este rio, será composta, segundo o projecto definitivo apresentado pela companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, de um arco central que abrange toda a largura do Douro, em frente do Seminario antigo, e dois viaductos lateraes, um de dois vãos de 37,^{m}37 de abertura cada um, do lado do Porto, e o outro do lado de Villa Nova de Gaya, de 3 vãos da mesma abertura.

O comprimento total da ponte, contado entre os encontros de alvenaria estabelecidos nas encostas, será de 352,^{m}87, a largura do taboleiro de 4,^{m}50 entre os parapeitos e a altura da parte superior dos carris, de 61,^{m}28, contada desde a linha do maior baixa-mar observado.

O arco central terá 160^{m} de cada lado e uma flexa de 37,^{m}50, contada do partir da linha que junta os pontos de apoio do arco. A altura do arco no feixo será de 10^{m}, e a distancia entre as testas do arco, de 3,^{m}99 na parte superior do feixo, e de 15,^{m} nas nascenças do arco.

O taboleiro, na parte central, é formado pelo proprio arco na extensão de 51,^{m}88, e lateralmente, por duas vigas de ferro em rotula, de 3,^{m}50 de altura e 57,^{m}50 de extensão.

Estas vigas assentam sobre dois pilares marginaes ao rio e sobre o arco directamente proximo ao feixo e por intermedio de dois pilares de ferro laminado.

Os viaductos lateraes são formados por duas vigas, rectas em rotula, de 3,^{m}50 de altura, tendo do lado do sul, a extensão de 111,^{m}36, apoiando-se em quatro pontos, de modo a ficar dividida em 3 vãos de 37,^{m}37 de abertura; a do lado do Porto, da extensão de 73,^{m}99, dividido em dois vãos, de 37,^{m}37 de abertura.

Os pontos de apoio d'estas vigas, que supportam o taboleiro, são formados por pilares de ferro batido, assentes e ligados a soccos de alvenaria e cantaria, estabelecidos em cada uma das margens, nos pontos em que vem apoiar-se o arco central, e nas encostas do Douro, nos pontos em que a divisão dos *trasnos* dos viaductos lateraes exigirem a sua collocação.

Os pilares marginaes ao rio, cujos soccos de alvenaria e cantaria formarão os encontros do grande arco, teem uma altura de 41,^{m}77, e serão formados por quatro peças de ferro forjado, ligadas transversalmente por cruzes de S. André, do mesmo metal, em toda a altura.

Os soccos dos pilares marginaes, terão a altura de 15^{m}, contada desde o nivel do maior baixa-mar observado, até á sua parte superior, onde assenta a parte metallica; de modo que a dita parte superior, se achará 2,^{m}50 acima da maior cheia observada no Douro, que foi em 28 de dezembro de 1860.

O taboleiro da ponte será inteiramente metallico e deverá ser formado de ferros *Zorés*.

Porto, e suas delegações, em janeiro, fevereiro, e março, d'este anno de 1877, foi de 3:167$284 réis.

Em egual periodo de 1876, foi de réis 2:809$883, havendo portanto, n'este anno, um augmento de 357$401 réis.

Todo o systema metallico, tanto no arco como nas vigas e pilares, acha-se perfeitamente ligado e estabelecido de modo a poder, não só resistir a todas as cargas dos maiores comboios que sobre a ponte poderão transitar, mas tambem a conservar toda a estabilidade para resistir aos temporaes, por maiores que sejam.

—

Aguas

MANANCIAES E CHAFARIZES, OU FONTES, QUE FORNECEM.

Nascente de Paranhos—fornece—fonte da Arca—fonte do Matadouro—fonte da Bica Velha—fonte da Falpêrra. (Vid. pag. 301, col. 1.ª)

Nascente de Salgueiros—fornece—fonte da Bôa-Vista—fonte de Cedofeita—chafariz do Campo Pequeno—fonte da rua do Triumpho (Torre da Marca)—fonte das Oliveiras—fonte da praça de Santa Thereza—fonte da relação—fonte da Fabrica do Tabaco (*Ferros-Velhos.*)

Esta agua, a das Fontainhas, a do Carvalhinho, a da Aguada, e a de Mija-Velhas, são as melhores do Porto.

Nascente do Campo Grande—fornece—fonte da rua do Meio—á esquina da rua de Santo Ildefonso—(no largo do Padrão)—fonte da rua das Fontainhas (antiga rua do Regato) logo á entrada N. da rua—fonte da Batalha—fonte da rua de Cima da Villa (ao fundo d'esta rua e da do Captivo)—fonte S. Sebastião.

Nascente de Liceiras ou *de Camões*—fornece—chafariz do largo do Laranjal[1]—fonte do Bomjardim, á esquina da rua do Sá da Bandeira—fonte da Praça-Nova—Paços do concelho e fonte do largo de S. Bento, ou da Feira.

Nascente da Povoa—fornece as duas fontes, da Rua Firmeza, e Praça do Bolhão.

Nascente da Cavâca—fornece as fontes da rua de Santo Ildefonso, e do passeio publico, de S. Lazaro.

As *arcas* que estão—uma no fim da rua do—*Moinho de Vento*
e outra no

Mercado do Anjo—fornecem—o chafariz do mercado do Anjo—A fonte que está contigua ao mesmo mercado, mas pela parte exterior, e do lado E.N.E.—fonte da Cordoaria—fonte das Taipas—fonte dos Banhos—fonte de S. Domingos[1] e fonte das Congostas.

A agua d'estas duas arcas, vem das nascentes de Paranhos e Salgueiros; e, alem das fontes mencionadas, fornece muitos estabelecimentos particulares.

Fontes fornecidas por nascentes privativas de cada uma d'ellas

Aguas Ferreas—Rua do Almada (duas)—

[1] Este *largo* (como outros mais do Porto, Lisboa e outras povoações do reino) não merece similhante nome. É o a que os inglezes chamam *square;* palavra que nós, na falta de termo proprio, devjamos adoptar. Os francezes, que tanto amor teem á sua lingua, julgando-a a mais perfeita do glôbo—e que tão diuturno ódio teem aos inglezes, já adoptaram para os seus pequenos largos ou praças, a denominação de *squares*; como para as vias ferreas adoptaram os termos inglezes de *wagon, tender, frugon,* etc., etc., por não terem outros que lhe correspondam.

A agua que brota actualmente do chafariz do *largo* do Laranjal, é a mesma de uma antiquissima fonte, que até ha poucos annos existiu na rua do Laranjal, no sitio onde ella faz um recante, mas ficava mesmo no meio da rua, em uma especie de pôço. para o qual se descia por alguns degráus.

Pela circumstancia de ficar assim escondida, lhe deu o povo, o nome de *fonte do olho do c...* Eu nunca lhe conheci outro.

A camara para acabar com este feio nome, e, ainda mais, pelo incommodo que causava aos transeuntes esta fonte, e pelo constante perigo em que os collocava, removeu-a mais para baixo, construindo um elegante chafariz, que fica em frente da rua da Cancella-Velha.

[1] Esta fonte, estava antigamente formando um chafariz, no centro do largo de S. Domingos, á entrada da rua das Flores.

Como este largo é pequeno e de grande concorrencia, para o desobstruir, a camara o mandou mudar, haverá uns 20 annos, para o sitio actual, em frente do edificio que foi mosteiro de S. Domingos.

Armenia—Bicas—Bom Successo—Rua de Santa Catharina (duas)[1]—Viella das Pombas (na mesma rua)—Carvalhinho (á beira do Douro)—Carvalhosa—Culher—Rua dos Fogueteiros (por baixo do viaducto)—Alamêda das Fontainhas—Fontinha (ao principio da rua das Carvalheiras—do lado do norte—e no fim da travessa da Fontinha)—Largo de Fradellos—Guindaes—Lapa (encostado ao muro da alamêda)—Malm'ajudas Mija Velhas—Praça Nova—Ribeira—Ribeirinho—S. João Novo—S. Pedro de Miragaia—largo de S. Roque—Villa Parda—Virtudes—Prado (duas—uma dentro do cemiterio, outra na parte exterior do muro do mesmo, na alamêda)—Fôjo—Bom Fim—Aguada (á beira do Douro e proximo á barreira. É abundantissima, e de optima qualidade. É d'ella que se proveem os navios, e por isso se chama da *Aguada*.)

—

Carreira de vapores no rio Douro

O sr. Luiz Lebois, formou uma companhia, para construcção de vapores, de pequena lotação, para fazerem carreiras entre S. João da Foz e Avintes (uns 13 kilometros de percurso) com estações intermediarias na Ribeira e em Campanhan de Baixo.

O sr. Lebois, pedira em 1875 licença, á camara, para construir quatro pontes-caes (nos pontos extremos e nos intermediarios) para atracação dos vapores. A camara, só em 23 d'abril de 1877 lhe concedeu a pedida licença, sob condição da companhia mandar construir, á sua custa, casas para a fiscalisação da alfandega; e d'esta se poder servir das mesmas pontes-caes, todas as vezes que isto lhe convenha. As pontes, ficam, para todos os effeitos, consideradas como obras accessorias da projectada carreira de vapores.

É mais um melhoramento, de grande utilidade, para o Porto.

[1] Uma d'ellas, é na parte da rua que antigamente se chamava *Rua Bella da Princeza*, e é a actual parte superior da rua de Santa Catharina—da travessa de Fradellos até ao largo da Aguardente.

Surdos mudos

Já na 2.ª columna, de paginas 640, do 6.º volume, disse que Jacob Rodrigues Pereira, natural de Peniche, foi o inventor do alphabeto dos surdos-mudos, depois aperfeiçoado pelo abbade L'Epée.

O sr. padre, Pedro Maria d'Aguilar, natural de Pinhel, que tantos e tão valiosos serviços tem prestado á humanidade enferma, com o collegio de instrucção de surdos mudos, que fundou na cidade de Guimarães, resolveu mudar este collegio para o Porto; mas pediu á camara d'esta cidade um subsidio, para pagamento da renda das casas. Os vereadores actuaes, a quem os portuenses já tanto devem, pela sollicitude que teem mostrado, e pelo desenvolvimento que teem dado a muitos melhoramentos, gostosamente accederam á justissima pretenção do benemerito sacerdote, e em abril de 1877, lhe arbitraram um subsidio de 450$000 réis annuaes.

É mais um estabelecimento de caridade com que o Porto vae ser dotado. Para a biographia do sr. padre Aguilar, vid. *Pinhel*.

—

Templos protestantes

Em 25 de março de 1877, se inaugurou no *largo do Coronel Pacheco* (vid. a pag. 350, o anno de 1832—7 d'agosto) que até 1834 se chamou *largo do Mirante*—um novo templo protestante, anglicano.

É o segundo que existe n'esta cidade. O primeiro, foi fundado, ha muitos annos, no largo do *Campo Pequeno*.

São frequentados pelas colonias ingleza e alleman, que alli vão fazer a *oração da tarde*, em todos os domingos e dias santificados.

—

Paços do senado da camara municipal

Já tractei d'este edificio, a pag. 319, col. 2.ª d'este vol.: agora accrescentarei mais,

O salão da entrada, está ornado de bons quadros, a óleo, e entre elles se veem os retratos de D. João VI; de seu filho, o sr. D. Pedro; da sr.ª D. Maria II; de sua madrasta' a ex-imperatriz, Amelia; do sr. D. Pedro V;

o do sr. D. Luiz I; e o de seu sogro, o ex-rei da Sardenha, Carlos Alberto. (Foi o filho d'este, que offereceu o retrato do pae, á cidade do Porto)

A' esquerda d'este salão, ha uma pequena sala, adornada tambem de bôas pinturas a óleo, sendo uma d'ellas, o retrato do sr. D. Luiz I—tendo á direita, a espada de seu avô, o sr. D. Pedro; a bandeira do extincto batalhão de voluntarios da rainha; e um quadro, com a medalha d'ouro, offerecida á cidade, pelos pares do reino. A' esquerda, o pavilhão da corvêta Amelia; e um quadro, contendo a culher, martello de prata, etc., commemorando a inauguração da pedra fundamental para o monumento da Praça Nova.

—

A sérenissima infanta, D. Isabel Maria

Esta senhora, foi prioreza perpetua, e sollicita bemfeitora da irmandade da Santissima Trindade, do Porto, desde 1852 a 1876 (anno em que falleceu.) Além das esmolas extraordinarias, dava 90$000 réis de *joia* em cada anno.

Quando esteve em Roma, obteve do papa Pio IX, duas reliquias para esta ordem—uma do *Santo Lenho*—e outra de *S. Miguel dos Santos*, para cuja imagem obteve indulgencias; e um ramo de flores, benzido pelo mesmo pontifice.

Por seu fallecimento, deixou ao hospital da ordem, 500$000 réis. (Vid. o anno de 1755—14 de maio—a pag. 311 d'este vol.)

—

Bolsa do Porto

O documento mais completo, que se encontra no cartorio da camara do Porto, a respeito da Bolsa do Commercio d'esta cidade [1] é o seguinte, que se acha no livro das Vereações de 1439-1449 fl. 40.

Para se entender bem o anno, em que foi tomado o accordão da camara, cumpre advertir que até o anno de Christo 1422 se contava entre nós pela era de Cesar. D. João I ordenou então por lei de 22 d'agosto d'aquelle anno, que se contasse d'alli por diante, pela data do nascimento de Jesus Christo. Ora, como a era de Cesar andava adiantada 38 annos, ao anno em que nasceu Jesus Christo, segue-se, como já tenho dito, que para reduzir aquella a este, é necessario diminuir-lhe 38 annos, isto é—fazer recuar trinta e oito annos menos 11 dias as datas marcadas pela era de Cesar. A lei de D. João I encontra-se na Ord. Affons. liv. IV, tit. 77.

O accordão da camara diz assim:

«E dispois destes 24 dias de janeiro da era de myl quatro centos e qorrenta anos (A. D. 1392) no moesteyro de sam domyngos, que está na cydade do porto, na crasta segunda do dito moesteyro, stando presentes.

«It. Lopo diaaz despinho, juiz por elrey na dita cidade, e gonçalo martins e afon anes, vereadores;—It. affom daniz, procurador do Porto;—It. afom de moreyra;—It. domingos anes da maya;—It. Joham gil—It. afom ruiz tendeiro;—It. gonçalo anes, dos banhos;—It. pero martys da pedra;—It. afom stevez;—It. afom anes, paateyro;—It. pero afom, de gaya;—It. Johã cibraaes;—It. Vasco gonçalivez;—It. gonçalo stevez.—

«E outros muytos homens bõos moradores e vesinhos da dita cidade, que ao dito logo quiserom vyr por pregom, que ffoi lançado pela dita cidade, que viessem todos ao dito logo, para acordarem estas cousas que sse adeante seguem, segundo deu ffé gonçalo pregoeiro, que deitára o dito pregom polla dita cidade, por mandado de dito juiz e vereadores. E logo o dito juiz e vereadores e homens bõos acordarom, e mandarom que sse ffizesse bolsa em a dita cidade para averem de pagar a diego affom, morador em a dita cidade, hua soma douro, que dezia que lhe custára hua letra de privilegio, que dezia que ouve delRey de Ingraterra, para que nõ pagassem outros direytos velhos, que soyam a paguarse nos ditos reynos de Ingraterra, segundo majs compridamente he contheudo na dita carta de privilegio, e para outras despezas necessarias, que compriam aos nabios e mercadores da dita cidade e commarcas, ssegundo ssoyam sseer ordinhadas em outro tempo; a qual bolsa hordinha-

[1] Mais uma vez aproveitamos o trabalho precioso de Arnaldo Gama—*Ultima Dona de S. Nicolau*—not. LXVI.

rom, e acordarom por esta guisa; que sse pague de toda mercadoria, que sse carregar em a dita cidade, a s. de cada hua tonellada sengella 10 libras, é de cada trouxel de pano que veer aa dita cydade vynte libras: e hordinharom e ffezerom logo, para ffretadores das naaos, gil vicente barbas e gonçalo annes dos banhos, vesinhos e moradores na dita cidade; ao qual gonçalo annes logo derom juramento dos avangelhos, que bem e djreitamente e sem malicia husassem do dito officio, e o dito gonçalo annes assy o prometteu de fazer; e logo pozerom por tesoureiro da dita bolsa, Johã pires barba mea, e por escrepvam della afom donis, sobrinho que foi de pero donis das botas, que presente estavam; a qual bolsa hordjnharom por prol communal da cidade e moradores della, e por carta delRey, que para esto foj dada, segundo sse adeante ssegue—

«A qual carta delRey era escripta em purgaminho de cojro, rubricada e sellada do sello pendente do dito senhor Rey, posto e colgado em ffita preta, da qual carta o theor tal he:—

«Dom Joham, polla graça de deus, Rey de portugal e do algarve: A vós, gonçalo annes carvalho, juiz por nós, na cjdade do porto, e a eutros quaesquer que esto ouverem de leer, a que esta carta ffor mostrada, saude. Sabede que o concelho e homens bõos dessa cidade, nos embiarom dizer que nos tempos dos Reis nossos antecesssres ouve na dita cidade, hordinhada bolsa de certos dinheiros, que sse lançavam e contavam nas abalias dos averes que sse hij carregavam em nabios para outras partes, e dos pannos que sse hij carregavom de rretorno, para sse pagar dello as despezas, que sse faziam, quando envyam para a costeira do mar sobre parte desses nabios e averes, que sse lhes alghum enbargo acontecia, assy como era em galiza e outrossy em Ingraterra, por costumes e em possiçoens novas, que lhes demandavam, e por outras caussas semelhantes, segundo sse sempre custumou de fazer; o qual dito dyreito sse non tirou nem rrecadou depois que nos ouvemos estes Reynos, por razom da guerra, e outras necessydades e embargos, que sse seguirôm; e que ora avendo por nosso serviço e prol e honrra da dita cidade, acordarom de sse renovar e poer em obra, e que, porquanto alghuns de fóra da dita cidade, que hij carregam, recusam de pagar em ello, e que nos pediam por mercee que lhes ouvessemos dello remedio; e nós, beendo o que pediam, Teemos por bom, e mandamosvos que façades logo chamar todos os desse concelho, ou a mayor parte delles, por pregom e sse todos, ou a mayor parte delles, disserem que é bem tirarse o dito djreito da bolsa, como sse sempre em tempo dos outros Reys sse hussou e custumou de fazer, que ssem embargo, cõstrangedes e mandades cõstranger, que paguem em ello, esses que em ello assy recusarem de pagar, e fazedelhes os cõstrangimentos, que para elle comprem, e sobre esto nom ponhades outro nenhu embargo em nenhua maneyra que sseia. Unde nom façades. Dante em Santarem 11 dias de julho. ElRey o mandou por Ruy Lourenço, dayam de coymbra, lecenceado em degredos, e por Johom affom, scollar em leis, sseu vassallo, ambos do seu desembargo. Vasco annes affez era de mjl e quatrocentos e trinta e cinco annos.»

São estes os documentos mais completos que se acham no cartorio da camara do Porto, a respeito da bolsa do commercio. Ha tambem alli varias disposições relativas á bolsa e tribunal do commercio, mas em um sem numero d'accordãos dispersos. A camara exercia grande influencia sobre a bolsa, por serem os juizes e vereadores, tirados, em grande parte, da classe commercial.

A casa da bolsa, esteve na então chamada rua Formosa, hoje rua dos Inglezes, como prova o documento seguinte, que se acha no liv. A, fl. 51, v.

«Dom João pella graça de Deus rej de portugal e do algarve, a voos juizes do porto, saude: sabede que por os procuradores desse concelho que veerom a estas cortes, que ora fazemos em esta cidade de lisboa (de 1412) nos foorom dados huns capitolos especiaes, antre os quaes som conteudos, com nossas respostas, estes que se seguem; nos enviastes dizer que em todos os lugares das provincias do mundo, onde ha mercadores, se

costumou e costuma terem hua casa por logea, em que fazem seus ajuntamentos, quando querem falar sobre alguas cousas, que pertencem a serviço do seu senhor, e apro de suas mercadorias, da qual cousa segue ao senhor da terra serviço e a elles proveito; e que por quanto em essa cidade não ha casa em que se possa fazer tal juntamento, e na rua fermosa dessa cidade, ha hua casa, sobre hum arco, que é tal, em que se não pode fazer casa de morada, por não ter loja, que nos pediades por merecê que vola mandassemos dar, e mandassemos ao veador da obra da dita rua, que fizesse fazer e ordenar a dita casa, para o que dito he. A isto respondemos que nos praz, e mandamos ao veador da dita obra, que faça fazer a ditta casa, em aquella guisa, que cumprir para o que o ditto he, e vola deixe... Dada em Lisboa quatorze dias de majo. ElRej o mandou, per Joanne afonso dalanquer, seu vassallo e veador da sua fazenda. João fernandes a fez, era de mil quatro centos e cincoenta annos. (A. D. 1412)»

—

Casa da Bolsa

«Dom Joham, pella graça de Deus, Rev de Portugal e do Algarve, Avós, Gonçallo Anes Carvalho, Juis por nós na Cidade do Porto, e a outros quaesquer, que esto ouverem de veer, a que esta Carta for mostrada, saude. Sabede que o Concelho, e homens boons dessa Çidade, nos enviarom dizer, que nos tempos dos Reys nossos anteçessores ouve na dita Çidade hordinada bolssa de çertos dinheiros, que sse lançavam, e contavam nas avalias dos averes, que sse hi carregavam em Navios pera outras partes, e dos panos, que sse hij carregavam de retorno, pera sse pagar delo as despezas, que sse faziam quando envyam per a costeira do mar saber parte deses navios, e averes, e se lhe alguum embargo acontecia, assy como ora em Galiza, e outro ssy em Ingraterra, por costumes, e empossiçoens novas, que lhes demandavam, e por outros caussos semelhantes, segundo sse sempre custumou de fazer: o qual dito direito sse nom tirou, nem rrecadou, depois que nós ouvemos estes Reiynos, por rezom da gnerra, e outras neçicydades, e enbargos, que sse seguirom, e que ora, entendendo por nosso serviço, e per prol e honra da dita Çidade, acordaram de sse renovar, e poer em obra, e que por quanto alghuuns de fora da dita Çidade, que hy carregam, recusam pagar em ello, e que nos pediam por merçee, que lhes ouvessemos a ello remedio. E nós veendo o que nos pediam, teemos por bem, e mandamos-vos, que ffaçades logo chamar todos os desse Conçelho, ou a mayor parte delles, per pergom, e sse todos, ou a mayor parte delles diserem que he bem tirar-se o dito direito da bolsa, como sse sempre em tempo dos outros Reys hussou, e custumou de fazer, que ssem outro enbargo constranjades, e mandades cõstranger, que paguem em ello esses, que em ello assy recusarem de pagar, e fazedelhes os cõstrangimentos, que entenderdes, que pera ello comprem, e sobresto nom ponhades outro nenhuum enbargo, em nenhuma maneira que seja. Unde al nom façades. Dante em Santarem, XI. dias de Julho. El Rey o mandou per Rui Lourenço Dayam de Coymbra, Leçençiado em Degredos, e per Joham Affonso, Scollar em Leis, sseu Vassallo, anbos do seu Desenbargo. Vasco Anes a ffez. Era de mil CCCCXXXV. annos.»

Cartorio da Camara do Porto, Liv. das Vereações da Era de 1439, fl. 41. [1]

—

Tribunal do Commercio

No palacio da Bolsa se acha montado o tribunal do commercio, cujo pessoal, em 1877, é o seguinte:

Juiz—Dr., José Pereira.

Secretario—Acacio Alfredo de Seabra.

Escrivão — João Carlos Pereira da Silva Lessa.

Dito — Antonio Soares Mascarenhas, que em rasão da sua decrepitude se acha legalmente substituido pelo

Escrivão ajudante—Henrique Cesar Ferreira Pinto.

[1] Conservei rigorosamente a ortographia dos documentos que acabaram de ler-se: apenas puz algumas virgulas, onde eram indispensaveis, para clareza do escripto.

Amanuense — Joaquim da Costa Correia.
Dito—José Antonio Dias.
Dito—David José da Silva e Sousa.
Dito—Antonio Joaquim Ferreira do Espirito Santo.
Dito—José Alexandrino Ferreira.

—

Ha tambem no palacio da Bolsa uma estação telegraphica, propriedade da Associação Commercial, e que põe a Bolsa em contacto com a barra e Foz do Douro.

—

Bancos do Porto

Brazilian and portugueze bank (limited) —Caixa filial do banco nacional ultramarino —Nacional — Commercial — Mercantil portuense — União — Commercio e industria — Caixa filial do banco de Portugal—Alliança —Providente—London & brazilian bank (limited)—Caixa filial do banco lusitano—Utilidade publica—Portuguez—Porto—Industrial.

—

Companhias commerciaes

Nova companhia, Utilidade Publica (no banco da mesma denominação)—Delegação da companhia geral do credito predial portuguez—De illuminação a gaz—Nova companhia de Viação Portuense—Sociedade do Palacio de crystal portuense—Sociedade agricola do Porto—Geral da agricultura dos vinhos do Alto Douro—Portugueza de mineração (delegação)—União (annexa ao banco União) —Providente (annexa ao banco Alliança.)

—

Companhias de seguros

Bonança—Douro—Equidade—Fidelidade Livrepool, London & Globe—Lloyd's—Indemnisadora—El Fenix Español—La Española—Norwich Union—Garantia — Phœnix— Segurança — Segurança Provinciana — Sun Fire Office—União—Arraes do Douro.

—

Caixas filiaes das sociedades hespanholas, de seguros de vidas

A Tutelar—A Nacional.

—

Estado financeiro dos bancos seguintes

1.º *Commercial.*—194 contos de notas, 279 em depositos á vista, 747 a prasos. Total 1:220 contos. Para lhe fazer face, capital de 1:840 contos, fundo de reserva 174, total 2:014 contos.

2.º *Mercantil.*—123 contos em notas; 261, depositos á vista; 563, a prazo; total 947, contos. Capital 1:600, fundo de reserva 100. Total 1:700.

3.º *União.*—219 contos em notas; 1:457, depositos á vista; 667, a prazo. Total 2:343. Capital 3:000, fundo de reserva 240. Total 3:240.

4.º *Alliança.*—309 contos em notas; 362, deposi tos á vista; 450, a prazo. Total 1:121. Capital 2:400. Fundo de reserva 140. Total 2:540.

5.º *Utilidade Publica.*—156 contos em notas; depositos á vista, 380; a prazo 829. Total 1:365 contos. Capital 1:800. Fundo de reserva 160. Total 1:960.

6.º *Portuguez.*—273 contos em depositos á vista; 1:067, a prazo; total 1:340. Capital 2:400; fundo de reserva 13. Total 2:413.

7.º *Banco do Porto.*—Depositos á vista, 70 contos; a prazo, 583. Total 653. Capital 1:000; Fundo de reserva, 5. Total 1:005.

8.º *Industrial.*—Depositos á vista 74 contos; a prazo, 205; total 279. Capital 996. Fundo, de reserva 3. Total 999.

9.º *Nacional.*—Depositos á vista, 93 contos; a prazo, 437. Total 530. Capital 1:898. Fundo de reserva 3. Total 1901.

10.º *Commercio e Industria.*—Depositos á vista, 49 contos; a prazo, 249. Total 298. Capital 1:993 contos.

Total dos fundos dos 10 bancos, em 1877 (em contos de réis)

1.º	2:010
2.º	1:700
3.º	3:240
4.º	2:540
5.º	1:960
6.º	2:413
7.º	1:005
8.º	999
9.º	1:901
10.º	1:993
Total geral	19:761

19.761:000$000 réis.

Associação commercial do Porto.

(*Palacio da Bolsa*)

I

Antes de 1834, o commercio do Porto não tinha representação collectiva. Havia, quando muito, cincoenta negociantes matriculados na Real Junta do Commercio; e se algum d'elles carecia de dirigir-se a el-rei, requeria individualmente.

Uma pequena parte d'estes negociantes matriculados, e d'outros que não o eram, quotisavam-se para custearem a despesa de periodicos e aluguer do andar terreo d'uma casa na rua dos Inglezes, onde se reuniam. A esta casa dava-se o nome de *Juntina*,[1] e servia tambem para leilões de mercadorias.

Decretado o codigo commercial, seguiu-se a instalação do tribunal do commercio de primeira instancia, e em dezembro de 1834, o juiz presidente e os jurados convidaram os principaes negociantes d'esta praça do Porto, tanto nacionaes como estrangeiros a uma reunião, na qual, demonstrando-lhe a necessidade de formarem uma associação para collectivamente pugnarem pelos interesses do commercio, lançaram os primeiros alicerces da associação que ora existe.

Foi nomeada uma commissão de cinco membros, a qual elaborou uns estatutos, com o modesto nome de *Regimento da Associação Commercial do Porto*; promoveu a sua approvação; instalou a sociedade, com duzentos e tantos membros, e em assembléa geral foi eleita a primeira direcção, a qual, apenas entrou no exercicio das suas funcções, trabalhou com tanto zelo e tino, que em breves annos conseguiu eleval'a, e adquirir-lhe a benevolencia e consideração dos altos poderes do Estado. Carecia porém a associação de casa propria e adequada, e logo as direcções tomaram para alvo dos seus esforços este ponto.

[1] Vid. art. *Nicolau* (*São*)—Porto—e para a parte historica «*Estudos historicos e archeologicos*» de Vilhena Barbosa.

II

Na tarde de 24 de julho de 1832, recolheu ao Porto a força do exercito liberal que na vespera havia dado a batalha de Ponte-Ferreira; e por volta da meia noite d'esse mesmo dia, as chammas devoravam o mosteiro de S. Francisco, quartel do batalhão de caçadores 5, desde a sua entrada n'esta cidade. Se o incendio foi intencional ou casua, ainda se ignora; o que é certo é que em poucas horas aquelle grandioso edificio ficou reduzido a um montão de ruinas, restando incolume apenas o magestoso templo.

N'este local tentou a associação levantar casa, e, como lhe faltassem os meios pecuniarios, reuniu a assembléa geral, em 6 de março de 1839, e n'ella foi apresentada, discutida e approvada uma tabella, na qual se marcava o imposto que deviam pagar os generos que se despachassem na alfandega do Porto, cujo producto seria applicado para as obras da Praça. Deve notar-se que a referida tabella foi approvada, não só pelos associados, mas tambem pelos negociantes estranhos á associação, havendo sido todos préviamente convidados a discutir e votar sobre o assumpto.

Não desanimaram as direcções d'essa época, perante os obstaculos que se oppunham ao seu desiderandum, e viram a final coroados os seus esforços, com a promulgação da Carta de Lei de 18 de junho de 1841 que approvou o imposto, e da de 19 do mesmo mez e anno, que concedeu á associação o edificio queimado, com a clausula de que daria casa para o tribunal do commercio e suas officinas.

Começaram logo as obras, pela remoção do entulho, com o que não pouco se dispendeu; e em 6 de outubro de 1842 se collocou a primeira pedra do Palacio da Bolsa.

Instalou-se provisoriamente o tribunal do commercio nos compartimentos que primeiramente se apromptaram, e em 7 de novembro de 1845 se installou em outra sala, provisoriamente tambem, a associação.

Com o andamento das obras, conheceu-se que ellas demandavam sommas muito superiores ás do primitivo orçamento, e que o im-

posto votado era insufficiente. Reuniram-se, pois, de novo os commerciantes do Porto, associados e não associados, e votaram um imposto mais forte, que foi approvado pela Carta de Lei de 16 de junho de 1848.

D'este modo ficou habilitada a associação para dar maior desenvolvimento ás obras, e já poderiam estar concluidas, e o commercio do Porto livre d'aquelle imposto, que voluntariamente se impoz, se ulteriores resoluções não desviassem quantias consideraveis, para fins, aliás justos, mas completamente estranhos áquelle para que o imposto fôra creado.

Até 31 de dezembro de 1875, saiu do cofre das obras a importante cifra de cento cincoenta e um conto de réis, que tanto sommam as quantias entregues á «Commissão Salva-Vidas», Asylo de Mendicidade e Camara municipal, pois pela carta de lei de 1 de setembro de 1869, está sujeito o imposto aos seguintes encargos: — Um conto de réis annual para o Salva-Vidas,—dois contos para o Asylo de Mendicidade,—e para a camara, ametade do que o imposto produzir, liquido!...

A importante associação commercial do Porto, sempre respeitadora das leis do paiz, tem sido um poderoso elemento d'ordem, e prestado relevantes serviços ao commercio, á agricultura, e ás artes;—dotou o Porto com um edificio monumental, o seu palacio da Bolsa, sem pedir um ceitil ao Estado; dando ainda quantias valiosas para fins a que o Estado deveria occorrer,—e a ella se devem finalmente grande numero de distinctos operarios, de que o nosso paiz tanto carecia, falho, como é, d'obras d'aquelle tomo, que são as escolas em que os grandes artistas praticamente se formam.

Concluiremos este artigo com o que sobre o assumpto escreveu o sr. J. de Vilhena Barbosa[1] um dos nossos mais benemeritos e mais illustres escriptores:

«Na reedificação d'esta cidade (Lisboa) depois do terramoto de 1755, o marquez do Pombal, destinou para o serviço da bolsa de commercio e reunião dos negociantes, a parte inferior do torreão oriental do Terreiro do Paço, que, por esse motivo, passou a denominar-se Praça do Commercio. Creados os tribunaes do commercio em 1834, foram estabelecer-se nos pavimentos superiores do mesmo torreão.

Com as obras emprehendidas ultimamente, para acabamento d'este torreão, e que se acham quasi terminadas, ficam o tribunal do commercio e a bolsa de Lisboa, decorosamente accommodados.

A sala do tribunal é vasta, muito alegre, e está ornamentada com riqueza e bom gosto.

«A cidade do Porto foi dotada, muito mais tarde, com este importante melhoramento, mas ficou bem compensada da tardança com a grandiosidade do seu edificio da bolsa. A este respeito, o Porto avantaja-se muito a Lisboa. O seu palacio da bolsa, que occupa todo o logar do antigo convento de S. Francisco e onde funcciona tambem o tribunal do commercio, é digno por sua vastidão, solidez de construcção, elegancia e nobreza de architectura, excellencia, formosura e riqueza de ornamentação de algumas das suas partes interiores, é digno, repito, não só da illustrada e opulenta corporação, que, por meio do tributo a que se sujeitou, tem levantado uma tão dispendiosa e perfeita obra, mas até de ornar e ennobrecer a capital de um grande estado.»

Doutor, *Pedro Augusto Ferreira*,
Abbade de Miragaia.

—

Descripção do Palacio da Bolsa, pertencente á Associação Commercial do Porto[1]

Este vasto edificio, uma das melhores construcções do Porto, está situado na parte baixa da cidade, occupando uma superficie de 3167 metros quadrados.

Pelo nascente, confronta com a rua de

[1] «*Estudos historicos e archeologicos*» tom. I pag. 161 e 162.

[1] Foi feito este trabalho por ordem da mesma Associação, pelo distincto engenheiro das obras, o sr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, expressamente para ser, como foi, dado, em principios do corrente anno de 1876, ao sr. dr. Pedro A. Ferreira.

Ferreira Borges, para onde tem a sua fachada principal; pelo norte, com a rua de D. Fernando, para onde está voltada a melhor das suas faces lateraes; pelo poente, com a cêrca dos terceiros franciscanos; e pelo sul, com a egreja do extincto convento de S. Francisco, para onde tem uma das suas entradas.

A fachada principal, de uma architectura muito elegante, subordinada á ordem dórica, tem 53m,68 de comprimento, e 19m,14 de altura, desde o patamar da escadaria que dá accesso ao grande átrio, até ao cimo do frontão. No centro d'esta fachada estão vasados tres grandes arcos de esquadria *rusticada*, os quaes dando accesso ao átrio que communica com o pavimento da rua, por uma escadaria, convenientemente decorada, sustentam uma columnata de ordem dórica, composta de quatro columnas, que apoiam o entablamento e tympano do frontão, coroado por uma torre circular da altura de 13m,86, e que tem em cada um dos quatro rumos um mostrador de relogio.

Por detraz da columnata que mede 7m,16, ha uma espaçosa varanda reentrante, a qual tem nas paredes do fundo e lateraes, cinco portas, adornadas com tympanos e molduras, e por cima d'estas, egual numero de janellas quadradas de peitoril, que dão luz para o segundo andar do edificio.

Nas abas d'esta fachada, ao nivel do pavimento terreo, ha 8 janellas de peitoril, e ao nivel do andar nobre, igual numero de janellas de sacada, coroadas com os respectivos tympanos, por cima dos quaes estão vasadas igual numero de janellas quadradas que dão luz para o segundo andar. Cada uma das abas é rematada por um pavilhão de canto, com duas janellas embutidas em arcada ao nivel do pavimento terreo, duas janellas de sacada com seus tympanos, ao nivel do andar nobre, e duas janellas quadradas de peitoril, ao nivel do segundo andar.

Na altura do pavimento terreo, são as paredes de esquadria rusticada, decoradas com pilastras de ordem dórica e de esquadria lisa até ao entablamento, que é coroado por uma balaustrada attica.

A fachada lateral, voltada para a rua de D. Fernando, é de uma architectura mais simples, mas muito elegante, e tem de comprimento 75m,50.

Ha no centro, um frontão de esquadria rusticada, vasado ao nivel do pavimento terreo por tres grandes portas arcadas, sobre as quaes assentam tres japellas de sacada ao nivel do andar nobre, decoradas convenientemente, e terminadas por egual numero de janellas de peitoril, ao nivel do segundo andar, tudo coroado pelo respectivo entablamento, tympanos e varandins.

Ao nivel do pavimento da rua e aos lados das portas arcadas, estão vasadas 16 janellas de grandes dimensões, com egual numero de janellas no sobresotam; ao nivel do andar nobre egualmente 16 janellas de sacada, com varanda de ferro, e o mesmo numero de janellas, no nivel do segundo andar.

A fachada do lado do poente, que faz frente para a rua da Ferraria, tem o comprimento de 16m,35. Ao nivel do pavimento terreo, tem 7 janellas de peitoril, tres das quaes são vasadas em um pequeno frontão que tem só a altura d'este pavimento; ao nivel do andar nobre tem tres janellas de sacada, sobre as quaes ha egual numero de janellas de peitoril, ao nivel do segundo andar, e toda esta fachada é egualmente coroada pelo respectivo entablamento e varandim.

A face voltada ao sul, e que confronta com a egreja do extincto mosteiro de S. Francisco, tem sómente na altura do pavimento terreo, tres portões d'entrada, que dão accesso ao átrio que communica com o pateo da mesma egreja.

No interior do edificio ha um grande pateo, de fórma quadrangular, vasado em toda a altura do mesmo edificio, e a descoberto; que dá luz para as faces interiores d'elle, cada uma das quaes tem 24m,30 de comprimento. Ao nivel do pavimento terreo, sete arcos de esquadria, de grandes dimensões, que abrangem toda a altura do mesmo pavimento, dão accesso a uma ampla e elegante galeria interior, coroada com abobada de penetração, a qual communica com todos os commodos d'este pavimento, e com os trez atrios das avenidas do edificio. Por uma

d'estas arcadas, ao nivel do andar nobre, ha egual numero de janellas de sacada, com varandas de pedra, e sobre ellas o mesmo numero de janellas de peitoril ao nivel do segundo andar.

Os trez arcos da entrada principal do edicio, que dão accesso á galeria do átrio, tem portadas de pau embutido, todas envidraçadas e com mata-juntas de mahogono, com ornatos de aprimorado gôsto, tendo o da porta do centro, em um escudo, os emblemas do commercio, em pau setim, sobre jacarandá. Pela parte interior da arcaria, teem as mesmas portadas mata-juntas de talha em pau rosa, mahogono, setim e jacarandá, no mesmo estylo.

Do lado esquerdo (sul) ha duas portas de vinhatico, com as almofadas das bandeiras de jacarandá, tendo no centro, em letras douradas, o rotulo — *Associação Commercial.*

Estas duas portas dão entrada para o gabinete de leitura, que mede 12m, 23 de comprimento, 7m,18 de largura e 7m,28 de altura. As paredes são de scariola imitando marmore, e o tecto é de estuque, com molduras lisas, com flores de gêsso no centro.

Ao fundo d'este gabinete (sul) ha uma porta que communica com a secretaria da Associação Commercial, a qual tem 9m,56 de comprimento, 7m,26 de largura e 4m,30 de altura.

Do lado direito (norte) dos trez arcos d'entrada, ha outras duas portas, em tudo eguaes ás do sul, que communicam com os commodos actualmente occupados pelo Banco União.

Contigua á secretaria, fica a antiga escada do extincto convento de S. Francisco, cujo átrio tem 8m,52 de comprimento por 8m,3 de largura. A sua caixa, tem a altura de 17m,10, e é desenvolvida em sete lanços da largura de 2m,15, tendo o primeiro e segundo, 5 degraus cada um, o terceiro dezesete, o quarto e quinto, quinze cada um, o sexto quatorze, e o setimo quinze. Esta escada dá communicação para as galerias do segundo e terceiro pavimento, e é toda construida de granito.

No segundo pavimento ha differentes salas, sendo a primeira (subindo por esta escada) o cartorio do tribunal do commercio com 9m,80 de comprimento, 7m,30 de largura e 4m,10 de altura; as paredes são de scariola imitando marmore, e o tecto de estuque com molduras lisas. Contigua a esta sala, está a secretaria do mesmo tribunal, e tem 7m,25 de comprimento, 6m,60 de largura e 4m,10 de altura. Segue depois o gabinete do juiz, com 7m,25 de comprimento, 5m,55 de largura e 4m,10 de altura. Junto a este gabinete, ha uma sala de espera, que communica com a galeria da fachada principal; em seguida uma outra que communica a varanda da fachada principal com a mesma galeria, e logo unida, uma terceira, que communica a dita galeria com o gabinete do presidente da Associação. Tem este gabinete 7m,20 de comprimento, 6m,10 de largura e 4m,10 de altura; as paredes são forradas de papel pintado, com ornatos dourados; o tecto é guarnecido de ornatos em gesso *renaissance*, e as padieiras das janellas, são apaineladas de madeira, com um medalhão de talha ao centro, sobre fundo carmezim.

Do lado do norte, ha uma porta com mata-juntas de castanho na sua bandeira, todo engrinaldado de folhas de carvalho, mimosamente desenvolvidas e muito bem executadas. Esta porta dá entrada para a nova sala das sessões da direcção da Associação Commercial, a qual tem o comprimento de 13m,05, largura 7m,25 e altura 4m,10. O tecto d'esta sala é no estylo *renaissance* e todo guarnecido de ornatos em gesso, de um bello effeito, pela sua boa disposição e optimo acabamento. As suas paredes são de estuque, imitando marmore, e as janellas teem nas suas bandeiras, mata-juntas douradas e pintadas a branco, e as padieiras almofadadas de madeira, com um medalhão de talha no centro sobre fundo carmezim.

Do lado do poente, ha duas portas, tambem com padieiras almofadadas e com o mesmo medalhão, e os mata-juntas egualmente de talha dourada e pintada a branco e carmezim. Uma d'estas portas dá sahida para a galeria e outra para a sala de espera, cujas paredes são forradas de papel de côr e dourado; o tecto é de estuque com moldu-

ras lisas, e mede 7m,75 de comprimento, 4m,55 de largura e 4m,10 de altura.

Ao lado d'esta sala, ha uma porta que dá accesso á sala das sessões ou das reuniões de companhias, e tem 15m,50 de comprimento, 7m,80 de largura e 4m, 10 de altura. O tecto é guarnecido com bellos ornatos em gêsso, allegorias e differentes datas; e as paredes são de scariola, imitando marmore.

Do lado do poente ha duas portas que dão accesso ao *salão de respeito*, o qual tem de comprimento 12m,10, largura 7m,80 e altura 8m,40. As paredes são de scariola, imitando marmore, e o tecto é pintado a fresco, no estylo romano, subordinado á ordem composita, tendo aos lados, differentes figuras allegoricas. Esta pintura torna-se notavel pela boa disposição da luz, que faz realçar os ornatos, de modo que parecem ornamentação em alto relevo. O tecto é guarnecido de almofadas com ornatos, tendo no centro um florão, e as paredes são guarnecidas com os retratos da Senhora D. Maria II, e dos Senhores D. Pedro I (do Brasil), D. Pedro V, D. Fernando e D. Luiz I. O pavimento d'esta sala é de mosaico de differentes qualidades de madeira, em fórma de xadrez, produzindo um lindo effeito, pela bôa disposição das cores, optima execução e embutido das madeiras.

Do lado do sul, ha duas portas que dão entrada para a galeria do átrio, e do lado do norte, tres janellas de sacada, tendo as ombreiras e padieiras almofadas, guarnecidas de talha, tudo pintado a branco e envernisado.

Outras duas portas dão accesso pelo lado poente ao grande salão de recepção, luxuosamente decorado, e que tem de comprimento 26m,20, de largura 13m,05 e 11m,77 de altura. A sua fórma é de um parallelogrammo com os angulos truncados, formando em cada um dos quatro angulos um oitavo. No seu pavimento ha uma columnata que supporta uma galeria que circuita todo o salão.

Esta galeria é formada por 16 elegantes arcos de 6m,50 de altura por 3m,75 de largura, e cada columna com o seu capitel d'altura de 4m,25. O pavimento da arcada tem um estrado de 19m,80 de comprimento e 2 metros de largura, todo de mosaico de jacarandá, pau setim, mahogono e platano do mais bello effeito. As entradas para as janellas e portas são rectangulares com os angulos superiores arredondados, e teem 4m,10 de altura por 2m,40 de largura. Em cada um dos quatro lados, norte, sul, leste e poente, ha cinco arcos, sendo dois conjugados em cada oitavo e um ao centro, sobre os quaes ha uma luneta do diametro de 3m,60 com vidros de cores, excepto nos quatro oitavos em que a luneta fica ao meio dos arcos conjugados.

O interior dos dois oitavos do lado noroeste e sudoeste são gabinetes, o primeiro dos quaes tem tres janellas de sacada, duas para o norte e uma para o poente, e o segundo duas janellas— uma para o poente e outra para o sul. O oitavo do lado sueste dá sahida para a escada nobre, e para a galeria, e o do lado nordeste para o salão de respeito. O pavimento do centro do salão é todo de madeira branca.

Sobre os arcos acima mencionados assenta a galeria do segundo pavimento, a qual tem 3m,40 de altura por 0,m2 de largura. É formada tambem por 16 columnas da mesma altura, em cujos capiteis assenta uma elegante e bem disposta cornija adornada com pendentes e coroada por uma cercadura destacada do tecto. Esta cornija, incluindo as duas cercaduras, mede 1m,60 de altura; o tecto é arcado, em ponto abatido, tendo dos lados norte e sul cinco lunetas com vidros de cores. O interior dos quatro oitavos d'esta galeria, são gabinetes, com as entradas em fórma de arco abatido, e cada um tem dois ventiladores oitavados, em fórma de pyras. O oitavo do lado sueste, dá sahida para uma pequena escada, que dá accesso para a galeria do segundo andar, tendo no centro do lado norte, um arco, e do lado sul outro egual, que dá sahida para uma escada, no interior de um gabinete, cujo comprimento é de 6m,20, largura 3m,85 e altura 5m,60, o qual tem duas portas, uma que dá accesso ao salão e outra á escada nobre.

O pavimento é de mosaico, em xadrez formado com madeiras de pau setim, jacaran-

dá, rosa, plátano e mahogono, produzindo um effeito muito agradavel. O pavimento dos degraus é muito elegante, pela sua simplicidade, tendo no centro um medalhão, guarnecido por uma lista, que fórma nos angulos uma grêga. As paredes são de scariola imitando marmore; e o tecto e a cúpula, guarnecidos com mimosos ornatos em gesso, de apurado gôsto e agradavel disposição.

A ornamentação de toda a grande sala e suas dependencias, é no estylo árabe. Paredes, tectos, cornija e arcaria, são guarnecidos de bellos arabescos em gesso, em alto relevo, dourados a ouro brunido e fosco, sobre fundo de côr com inscripções allusivas á fundadora, e os fechos dos arcos são ornamentados com as armas das nações com que Portugal tem commercio mais directo.

Todas as janellas, bandeiras, portas e sôccos, são egualmente guarnecidos com primorosos arabescos, e toda a ornamentação em geral é pintada a branco com folhagem e filetes dourados. Em cada entre-columnio da segunda galeria, ha um varandim de ferro, no mesmo estylo, pintado tambem a branco, com rosetas, molduras e filetes dourados, e todo coroado por um chapim de côr escarlate.

Do lado do poente, junto ao salão, está a escada nobre do edificio, de uma architectura subordinada á ordem composita. A sua caixa, em fórma quadrangular, com os quatro angulos truncados, formando oitavo, tem de comprimento 19^{m},85, de largura 12^{m},80 e de altura 28^{m},98 desde o pavimento até ao annel superior do zimborio, que é rematado por uma lanterna em arcaria, do comprimento de 7^{m},26—largura 4^{m},18—e altura 6^{m},60, coroada por uma elegante claraboia. Esta escada até ao nivel do andar nobre desenvolve-se em tres lanços, dos quaes o primeiro, ao centro, tem 3^{m},75 de largura e 18 degraus, e os dois lateraes com 24 degraus cada um, 2^{m},85 de largura, e trez patins triangulares.

Ao nivel do andar nobre, tem uma galeria, com 1^{m},50 de largura, e as paredes da caixa da escada até á parte superior da cornija, medem de altura 8^{m},20. Os seus angulos são decorados com vinte pilastras conjugadas, de ordem composita, tendo cada uma de altura, comprehendendo sôcco e capitel, 6^{m},45, e no centro, um medalhão, elegantemente adornado com os emblemas do commercio.

Do lado do poente tem trez janellas de sacada, do norte trez portas, e do sul outras trez, todas guarnecidas com elegantes e bem dispostos frontões, tudo de granito, muito bem ornamentado.

O zimborio tem 12 janellas de fórma elliptica, e o restante da sua superficie será ornamentado com altos relevos e pinturas a fresco, tudo subordinado ao estylo da sua architectura.

Do lado do nascente, ha trez arcos de 5^{m},05 de altura por 2^{m},60 de largura, guarnecidos, nas trez faces, com bem dispostos ornatos em alto relevo. Estes arcos dão accesso á galeria do andar nobre, cujo tecto é de abobada, d'arco pleno, guarnecido com lindos ornatos e figuras allegoricas. Nos topos d'esta galeria, do lado do norte, ha um arco de 5^{m},80 de altura, por 0^{m},3 de largura, que dá egualmente accesso á mesma galeria, e do lado sul ha um outro arco egual que dá accesso á galeria e ao tribunal do commercio.

O grande salão do tribunal do commercio, situado no lado sul, tem de comprimento 19^{m},10, largura 8^{m},15 e altura 15^{m},50 até ao annel elliptico vasado no tecto, no qual assentam oito columnas de 0^{m},2 de altura, que sustentam a cúpula. As paredes são de scariola imitando marmore; e o tecto e cúpula pintados a claro escuro, do mais bello effeito.

Logo contigua, do lado sul e poente, está a sala dos jurados, e mede 8^{m},65 de comprimento, 8^{m},15 de largura e 13^{m},70 de altura até ao annel do zimborio, de fórma circular, envidraçado e apoiado em 8 columnas de ordem dórica de 0^{m},5 de altura, terminando o zimborio por uma lanterna egualmente sustentada por 8 columnas de ordem jónica.

Em seguida, do lado poente, está o gabinete do juiz do mesmo tribunal, e tem 8^{m},85 de comprimento, 2^{m},85 de largura e 3^{m},95 de altura. As suas paredes são de scariola imi-

tando marmore, e o tecto de estuque, com molduras lisas.

Do mesmo lado segue a sala destinada para os sollicitadores e mais funccionarios, a qual tem 8m,95 de comprimento, 3m,45 de largura e 3m,95 de altura; as paredes são tambem de scariola imitando marmore e o tecto de estuque com molduras lisas.

As galerias do segundo andar tem cada uma 29m,90 de comprimento, 3m,70 de largura e 3m,70 de altura. Do lado do nascente, ha uma sala de 8m,80 de comprimento, 3m,70 de largura e 3m,70 de altura. O tecto, bem como as paredes, são de estuque com molduras lisas. Seguem-se duas salas de paredes lisas com tectos de estuque e molduras tambem lisas, medindo a primeira 7m,30 de comprimento, 6m,45 de largura e 3m,65 de altura, e a segunda 7m,20 de comprimento sobre 5m,60 de largura e 3m,60 de altura. Em seguida ha tres gabinetes, dois dos quaes teem uma janella de peitoril, para o lado interior da galeria da fachada principal, e o outro uma escada interior que dá accesso á torre do relogio, que corôa esta parte do edificio.

Do mesmo lado do nascente ha outra sala do comprimento de 9m,40, largura 7m,20 e altura 4m,10, com paredes lisas e tecto de estuque com molduras tambem lisas.

Do lado norte ha uma saleta de 7m,70 de comprimento, 4m,05 de largura e 3m,70 de altura, tambem com paredes lisas e tecto de estuque, com molduras lisas. A leste d'esta saleta, ha uma porta, que dá entrada para a sala de canto, no angulo nordeste do edificio, a qual tem 9m,65 de comprimento, sobre 7m,25 de largura e 3m,70 de altura, com paredes lisas e tecto de estuque, com molduras lisas.

Ao poente d'esta sala ha outra porta que communica com uma outra sala de 7m,70 de comprimento, 7m,60 de largura e 3m,70 de altura; e d'este mesmo lado uma outra sala de 7m,85 de comprimento, 7m,65 de largura e 3m,70 de altura. Todos estes commodos são destinados para escriptorios commerciaes.

Na galeria do lado sul, ha uma porta que dá entrada para uma sala de fábrica, que tem 8m,40 de comprimento, 0m,8 de largura e 4m,62 de altura. Á entrada d'esta sala, ha duas escadas, a do lado norte dá serventia para diversos quartos e para as 12 janellas ellipticas do zimborio da escada nobre, e a do lado sul para a cupula da sala dos jurados e zimborio do tribunal commercial.

As galerias do pateo interior teem cada uma 29m,90 de comprimento, 2m,56 de largura e 7m de altura. A do lado do nascente dá sahida para o átrio da entrada da rua do Ferreira Borges, para a escada interior do lado sul e para os aposentos actualmente occupados pelo Banco União, que ficam ao norte e leste. A do lado norte, dá sahida para o átrio da entrada da rua de D. Fernando e para os aposentos occupados pelo bancos Mercantil e União. A do lado sul, dá sahida para o telegrapho da Associação Commercial, que está no átrio da porta do edificio, voltada para o pateo da egreja de S. Francisco. Este átrio é formado por onze arcos; os tres primeiros junto á egreja, teem 5m,55 de altura por 2m,65 de largura, e os oito interiores, 5m,90 de altura por 2m,2 de largura, tendo os que ficam ao norte, portadas de vinhatico, envidraçadas, com matajuntas decorados com lindos ornatos de talha, em madeira de mahogono, jacarandá, pau rosa e setim.

N'esta mesma galeria, ha um gabinete e em seguida duas salas de paredes lisas e tectos de estuque, arcados com molduras simples, tendo a primeira 9m,55 de comprimento, 7m,90 de largura e 7m,70 de altura, e a segunda 7m,70 de comprimento, 7m,25 de largura e 3m,75 de altura.

O pavimento da primeira, é de madeira branca; o da segunda é ladrilhado em xadrez branco e vermelho. As guarnições das portas interiores são pintadas a branco e envernisadas—os soccos a fingir marmore, e as portas de differentes madeiras.

Estes aposentos são actualmente occupados pelo escriptorio do jogo de fundos.

—

É digna de especial menção a mesa que tem de servir na sala das sessões da direcção. Esta mesa tem 2m,64 de comprimento por 1m,32 de largura. É toda embutida de madeira de jacarandá, pau setim, rosa, ma-

hogono e plátano, produzindo bello effeito pela excellente execução e bôa harmonia e combinação das côres.

É incontestavelmente o objecto de madeira mais rico de Portugal! — Custa a comprehender, como houve um artista que a tanto talento e habilidade, podesse juntar tanta paciencia e perserverança.

As faces são guarnecidas com muito notaveis e delicadissimos ornatos de pau setim, jacarandá e rosa, tendo as mais compridas no centro emblemas do commercio, primorosamente esculpidos.

O mata-juntas da porta central do átrio da entrada, pela rua de D. Fernando, é tambem digno de notar-se, pela boa combinação dos ramos de parreira, todos vasados em alto relevo, e pela optima execução e correcção do desenho.

—

O risco das fachadas exteriores e da distribuição interna d'uma grande parte do edificio, é trabalho do architecto que foi do municipio portuense, Joaquim da Costa Lima, já fallecido. A construcção de grande parte do edificio, esteve a cargo do architecto, José Luiz Nogueira; e o restante do edificio, assim como a construcção da escada nobre e sua ornamentação, e decoração interna do grande salão de recepção, em estylo árabe, estão a cargo do distincto engenheiro civil, o sr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

—

No tecto da sala de sessões ou reuniões de Companhias se encontram as inscripções seguintes:

Monte-Pio Commercial—Banco Monetario —Companhia de Seguros—Empreza de Navegação — Sociedade Humanitaria — Sociedade Industrial — Sociedade Fabril— Sociedade Agricola—Feita no anno de 1857.

O Dr.—Pedro Augusto Ferreira
Abbade de Miragaia.

—

Consules estrangeiros no Porto

Austria (V. C.) [1]—Belgica (V. C.)—Brazil (C., e V. C.)—Confederação da Allemanha do Norte (C., A. C.)—Dinamarca (C.)—Estados Unidos da America (C., e V. C.) (Tem V. C. e A. C., na Foz; e V. C.,) em Leça da Palmeira, e Mattosinhos—França (C.) —Hespanha (C. e V. C.)—Grão-ducado de Hesse (C.)—Hollanda (Paizes Baixos) (V. C.) —Inglaterra (C.)—Italia (C., e V. C.)—Montevideu (C.)—Mexico (V. C.)—Confederação Argentina de Buenos Ayres (C., e V. C.)—Roma (V. C.)—Russia (V. C.)—Suecia e Noruega (V. C.)—Turquia (C.)—Venezuela (C.)

—

Quarteis militares

Quartel de Santo Ouvidio, no campo do mesmo nome (hoje *campo da Regeneração.*) —Foi sempre o quartel do 2.º regimento do Porto (n.º 18) que ainda alli se conserva.

É um vasto edificio, com capacidade para aquartelar 2:500 homens, quando as camas eram apenas uma estreita enxerga, sobre tarimbas geraes. Hoje, porém, que cada soldado tem uma cama de ferro, desviada um metro da immediata, apenas póde dar quartel a 1:300 ou 1:400 praças.

Foi construido em 1797 pelo famoso corregedor, Francisco d'Almada e Mendonça, no reinado de D. Maria I, sendo regente seu filho D. João VI.

Em frente do quartel (ao S.) é o vasto campo de Santo Ovidio, onde os corpos da guarnição fazem as suas paradas... e as suas revoltas.

Quartel da Torre da Marca, na rua antigamente chamada da Torre da Marca, e hoje do *Triumpho*, em frente do *palacio dos Carrancas*, que foi da sr.ª D. Carlota Rita Borges Moraes e Castro (filha de Manuel Mendes Moraes e Castro, feito barão de Nevogilde, em 10 de outubro de 1836) baroneza de Nevogilde desde 10 de novembro de 1852. Esta senhora vendeu o palacio e quinta annexa, ao sr. D. Pedro V, e ficando a seu pae, este deu a propriedade ao sr. D. Luiz I, que é seu actual possuidor.

O quartel da Torre da Marca, é de acanhadas dimensões, mas hoje bem arranjado.

Actualmente está-se dando maior amplitude a este quartel, do lado do O., fa-

[1] Abreviaturas — V. C., vice-consul — C., consul—A. C. agente consular.

ceando com a nova *rua do Palacio de Chrystal.*

Foi por muitos annos quartel do 1.º regimento de infanteria do Porto (n.º 6)—Depois d'este corpo hir para o Ultramar, veiu occupar o quartel o regimento de infanteria n.º 5, que alli esteve alguns annos. Por occasião da celebre revolução (de que ninguem deu fé senão o governo) e que o povo denominou a *pavorosa* (julho de 1870—Vid. 4.º vol., a pag. 122, col. 1.ª, no fim.) por occasião da tal *pavorosa*, repito, mandou o ministro da guerra effectuar uma *troca*, hindo para o quartel da Graça de Lisboa, o 5 de infanteria, e vir para o quartel da Torre da Marca, o 10 da mesma arma.

Este troca, que se disse ser apenas por um mez, ainda dura, e os dois corpos se conservam nos quarteis que os fizeram *trocar.*

Os que pretenderem mais amplas noticias sobre o quartel de infanteria 6, vejam no vol. 5.º, pag. 252, col. 1.ª

Quartel de caçadores n. 9, está no edificio que foi mosteiro de monges beneditinos, na rua de S. Bento da Victoria, ao S. da Relação. (Vid. pag. 301, col. 1.ª)

Quarteis da guarda municipal, (de cavallaria e infanteria) no mosteiro das religiosas carmelitas. (Vid. pag. 302, col. 1.ª, anno de 1619, e *Jardim Botanico*)

A guarda municipal, tem tambem dois barracões, fóra do postigo do Sol, um á esquerda, outro á direita, que ha muito deviam ter sido demolidos.

Em 1872 a 1873, se construiu um bello quartel, tambem para a guarda municipal, na rua de São Braz (entre o largo da Aguardente e a rua da Rainha.)

—

Em 1814, foram pelo marechal Beresford organisados os corpos da *Guarda Real de Policia*, de Lisboa e Porto.

Eram os dois corpos mais luxuosos de Portugal. A policia de Lisboa, tinha góla, canhões e vivos encarnados, e nas chapas das barretinas, as iniciaes—G. R. P.—(Guarda Real da Policia)—e e a do Porto, tinha góla do mesmo panno (azul escuro) e canhões e vivos encarnados, As chapas das barretinas tinham as iniciaes—G. R. P. P. (Guarda Real da Policia do Porto.)

Ambos os corpos tinham uma *casa* na góla, outra no canhão, e outra sobre elle. No peito tinham *casas* (vulgo *costellas*) que lh'o cobriam todo (porque cada *casa, alamar* ou *costella*, era formada de dois galões.)

Os galões dos soldados, cabos de esquadra, cornetas e tambores, eram de lan amarella. Os dos officiaes inferiores, musicos e officiaes, eram de ouro fino; de modo que, um furriel de policia, de grande uniforme, parecia um general. [1]

O pret e soldo d'estes corpos era o dobro do do exercito; e n'elles se não *sentava praça.* As praças de pret, eram escolhidas entre as mais aceiadas e bem comportadas do exercito, e os officiaes passavam para a policia, como premio do seu bom comportamento nos outros corpos do exercito, em que tinham servido.

Como a *Guarda Real da Policia* do Porto sahiu da cidade na noite de 8 para 9 de julho de 1832, os liberaes crearam um corpo que denominaram *Nocturnos*, para fazer a policia da cidade.

Em 1836, se dissolveu este corpo, sendo substituido pela *Guarda municipal.*

—

Recolhimentos

Velhas da Cordoaria—pag. 294, col. 2.ª

—

Orphans, de S. Lazaro—307, 1.ª (1722.)

—

Ferro—313, 1.ª

—

Postigo do Sol—319, 1.ª

—

Velhas do Camarão—319, 2.ª, in fine.

—

Havia o recolhimento do *An-*

[1] Era uma lei sobremaneira vexatoria. Um official inferior, não tinha differença do coronel, na riqueza do fardamento, que importava em 60 e tantos mil réis!

jo, no sitio onde hoje se vê o mercado do mesmo nome. Vid. a pag. 306, col. 1.ª (1672.)

—

Seminarios

Diocesano — no mosteiro dos *grillos*, que foi primeiramente *collegio* de jesuitas—pag. 297, col. 2.ª—298, 2.ª

(Vid. *Grillos* e *Jesuitas*.)

—

Dos meninos orphãos desamparados, de Campanhan—Vol. 2.º, pag. 60, col 2.ª

—

Hospicios

Dos expostos, na Cordoaria (Roda)—pag. 299, 2.ª, e 306, 2.ª

—

Havia mais:

Hospicio da Cordoaria (de religiosos franciscanos, de Val-de Piedade) pag. 307, 1.º, no fim.

—

Hospicio dos religiosos carmelitas, em Lordêllo—pag. 314, col. 1.ª

—

Hospicio do Senhor d'Alem—pag. 308, 2.ª no fim.

—

Ainda houve no Porto, mas já não existiam muito antes de 1834, outros hospicios, que, por falta de esclarecimentos, e por ser materia actualmente de pouca importancia, não menciono.

—

Créches

De S. Vicente de Paula—na rua do Almada.—Foi fundada por João Vicente Martins, em 21 de novembro de 1851.

Além d'esta, ha mais algumas, de menos importancia, sustentadas pela caridade publica.

—

Asylos

Da Mendicidade—pag. 399, col 2.ª

—

Das raparigas abandonadas—na rua de Santo Ildefonso (antiga *rua Direita*.)—Foi fundado em 1852, pelo sr. conde da Ponte sendo governador civil do Porto—na rua de Santa Catharina, e mudado em 1853, para o logar actual.

—

Da infancia desvalida—Fundado em 4 de abril de 1836, na rua das Oliveiras, por uma sociedade de bemfeitores, que com esmolas suas e pedidas, e com alguns legados, sustentam meninos e meninas. Este asylo está actualmente na rua de Cedofeita.

—

Humanitario, do barão de Nova Cintra[1]—Fundado pelo mesmo barão, em uma travessa que vae da *rua do Heroismo* (antiga *rua do Padrão*) á *quinta da China*.

A esta travessa se deu então o nome de *travessa do Barão da Nova Cintra*, e em maio de 1877 mandou a camara municipal, que se denominasse—*rua da Nova Cintra*.

É administrado pela Santa Casa. [2]

—

De Villar—Fundado e dirigido pelo sr. padre Ricardo Wanzeller, conego da Sé do Porto, e arcediago d'Oliveira do Douro.

—

Collegios

De Nossa Senhora da Graça—pag. 302, 2.ª, e 304, 2.ª

[1] José Joaquim Leite Guimarães (já fallecido) foi para o Brasil, onde enriqueceu pelo seu casamento. Regressando a Portugal, foi um cidadão muito caritativo, e pelos seus actos de phylantropia, foi feito barão de Nova Cintra, em 8 de abril de 1862, e visconde do mesmo titulo em 11 de dezembro de 1866.

[2] Este estabelecimento está dividido em quatro secções, pela fórma seguinte:

1.ª — *Asylo da infancia desvalida*—para n'elle serem recebidas, sustentadas, vestidas e educadas, as crianças, de ambos os sexos, abandonadas pelos paes—as crianças, filhas de paes que, pela sua extrema pobreza, as não possam criar e educar—e aquellas que, não sendo os paes pobres, as quizerem mandar educar n'este asylo, mediante uma pequena retribuição convencionada.

2.ª—N'esta secção, são recebidas, e diurnamente sustentadas e educadas, as crian-

Nossa Senhora da Boa Vista—na rua d'este nome.—Tem professores d'instrucção primaria, portuguez, francez, italiano, grego, allemão, inglez, e hespanhol; desenho, latim e latinidade, arithmetica, geographia, historia, oratoria, poetica e litteratura, physica, chymica, introducção á historia natural, musica, dança, esgrima, gymnastica, e photographia.

—

Instituto portuense—na rua do Bomjardim.—Tem professores nacionaes e estrangeiros, que ensinam os preparatorios para o accesso aos estudos superiores. Tem tambem aula de commercio.

Admitte alumnos internos e externos.

—

De S. Sebastião—na rua de S. Miguel—Tem professores de instrucção primaria, francez, inglez, allemão, hespanhol, latim e latinidade, commercio, geographia, chronologia e historia, mathematica elementar, introducção aos trez reinos da Natureza, portuguez, desenho de gravura e liniar, musica, dança e esgrima.

Admitte alumnos internos e externos.

—

De Nossa Senhora da Guia—na rua de Fernandes Thomaz—Tem professores de instrucção primaria, francez, inglez, latim e latinidade, geographia, historia, mathematica elementar, introducção aos tres reinos da Natureza, philosophia, litteratura, bellas artes, desenho, photographia, musica e dança.

—

De Nossa Senhora da Lapa—no largo da Lapa (por baixo—ao S.—da capella real da Lapa)—Ensinam-se todas as disciplinas que constituem o curso dos lyceus (e por isso se lhe dá o nome de *Lyceu da Lapa.*)

Admitte alumnos internos, semi-internos, e externos.

—

De Santo Antonio—na rua de Santo Antonio—Lecciona-se aqui, instrucção primaria e secundaria, e todos os preparatorios para a universidade; francez, inglez, allemão, e commercio.

—

De Santa Maria—na rua de Cedofeita—Ensina-se aqui, portuguez, francez, inglez, allemão, latim, grego, mathematica elementar, geographia, historia, introducção aos trez reinos da Natureza, escripturação commercial, e desenho.

—

Collegio Francez, e escóla commercial—na rua Formosa—Ensina-se n'este collegio todas as disciplinas que constituem o curso completo de lyceus.

Tem alumnos internos, semi-internos e externos.

—

De Entre-Quintas (*Collegio Inglez*)—na quinta de Entre-Quintas, e proximo (ao O. N. O. do Palacio de Chrystal.)—A instrucção geral d'este collegio, consta de todas as disciplinas que constituem o curso dos lyceus nacionaes de primeira classe, comprehendendo os preparatorios, para se matricular, o alumno, nos cursos superiores.

Tambem se ensina musica, dança, gymnastica e esgrima.

Tanto nas aulas, como na conversação familiar, fallam-se as linguas franceza, ingleza e alleman.

O subdito britanico, Alexandre Grant, proprietario e director d'este optimo collegio, falleceu ha poucos dias. Não sei se, por essa circumstancia,

ças da primeira infancia, cujos paes, pobres, pelas suas occupações, lhes não possam, durante o dia, dispensar os necessarios cuidados — isto é — esta segunda divisão, é uma *creche.*

3.ª—É uma secção destinada a recolher e educar raparigas, até á edade de 15 annos, que o abandono e a miseria levaram á perdição—para que aqui adquiram o habito do trabalho e dos bons costumes.

4.ª—É esta secção para a colheita de rapazes vadios, como taes julgados pelos tribunaes, e para aqui remettidos pelo governador civil.

Estas quatro secções estão completamente separadas e incommunicaveis entre si.

Annexa a este caritativo estabelecimento, está uma fabrica de fiação de sêdas, á qual o seu fundador deu grande desenvolvimento.

o collegio acabou, ou se ainda existe.

—

Inglez—para meninos e meninas—na rua da Piedade—directora Mistriss, Jones.

—

Da Alegria—na rua da Cedofeita.—Tem dois professores, habilitados para todas as aulas de preparatorios, para os cursos superiores, e para o commercio.

Tem professores indigenas, para ensinarem francez, inglez e allemão.

Tem alumnos internos, semi-internos e externos.

—

De Nossa Senhora dos Remedios—na rua das Flores.—Curso de instrucção primaria, portuguez, francez, inglez, latim e latinidade, commercio, desenho, e todas as disciplinas que constituem o curso dos lyceus.

Tem alumnos internos, semi-internos e externos.

—

Gymnasio Schmitz—na rua do Triumpho (antiga rua da Torre da Marca)—é um collegio para ensino de portuguez, allemão, inglez e francez, para meninos e meninas, internos e externos.

—

Inglez — na rua do Bomjardim. — Com alumnos internos, semi-internos e externos.

—

De S. Carlos—na rua dos Caldeireiros.—Tem professores de instrucção primaria e secundaria, e indigenas, para francez e inglez.

Tem alumnos internos semi-internos e externos.

—

Lyceus

Nacional—na rua de Santa Catharina.

—

Da Trindade—no edificio contiguo á egreja da S.S. Trindade—Vid. pag. 311, 1.ª

—

Particular—no largo do Coronel Pacheco (antigo largo do Mirante.)—Ensinam-se todas as disciplinas que constituem o curso dos lyceus, para o que tem professores portuguezes e estrangeiros, competentemente habilitados.

—

Da Lapa—Vide *Collegio da Lapa.*

—

Collegios de meninas

De Nossa Senhora do Soccôrro—na rua de São Miguel.—Instrucção primaria, piano e canto.

Tem alumnas internas e externas.

—

De Nossa Senhora da Paz—na rua Formosa.—As mesmas disciplinas do antecedente, e prendas.

—

De Santa Anna—na rua da Bandeirinha, —As mesmas disciplinas.

Tem alumnas internas, semi-internas e externas.

—

Das Inglezinhas — na rua Formosa — As mesmas disciplinas, e as linguas portugueza, ingleza, franceza, alleman e italiana.

Tem alumnas internas, semi-internas e externas.

—

Won Hafe—na rua de Cedofeita—Instrucção primaria, francez, inglez, allemão, geographia, historia, desenho e dança.

Tem alumnas internas, semi-internas e externas.

—

De Meninas—na rua do Laranjal.—Prendas proprias de senhora.

—

Central—de Nossa Senhora da Conceição —na rua de D. Pedro (antiga rua do Bispo.) —Ensinam o mesmo do antecedente, e tem alumnas internas, semi-internas e externas.

—

Allemão—na rua de Torrinha.—Ensina o mesmo do antecedente, e, como elle, recebe alumnas internas, semi-internas e externas.

—

Inglez—na rua da Picaria.—Portuguez, inglez e francez, e todas as mais prendas proprias de uma senhora.

—

Portuguez e Francez—na rua do Almada

—Portuguez, francez, inglez e italiano. Bordados de toda a qualidade, e mais prendas mulheris. Tem alumnas internas, semi-internas e externas.

—

Da Conceição de Maria—na travessa do Carmo.—Portuguez, francez e inglez—e todas as prendas proprias de uma senhora.

—

Francez—na rua da Picaria.—Todas as prendas que constituem a educação de uma bôa dona de casa.

—

Outros estabelecimentos publicos, de sciencias e bellas-artes.

Academia de marinha e commercio, da cidade do Porto—Pag. 316, 1.ª

—

Academia das bellas-artes—pag. 314, 2.ª

—

Academia polytechnica—pag. 365, 1.ª

—

Escóla industrial portuense—pag. 365, col. 2.ª—Tambem se denomina *Instituto industrial portuense.*

—

Escola medico-cirurgica—occupa, interinamente, um dos lados do hospital real de Santo Antonio (Misericordia)—(vide *Jardim botanico*)—O curso é de cinco annos, e tem dado em cirurgia operatoria, alumnos distinctissimos.

Tem uma bibliotheca com 5:500 volumes —uma bella colleção de caixas, que pertenceu ao conde da Barca, e grande porção de instrumentos de physica, com os quaes se fazem as observações meteorologicas.

O theatro anatomico, contem peças admiraveis. Tem 11 lentes, 4 substitutos, e 2 demonstradores.

A pharmacia d'este hospital é uma das melhores do reino.

(Vide 5.º vol., pag. 258, col. 1.ª—e 259, col. 1.ª no principio.)

—

Bibliothecas

No edificio do mosteiro de Santo Antonio da Cidade (a S. Lazaro) de religiosos capuchos, da provincia da Conceição (pag. 314, 1.ª, no fim) estão acommodadas—a Academia de bellas artes, o museu de pintura, (*Atheneu portuense*) e a bibliotheca publica.

O Atheneu foi instituido por decreto de 11 d'abril de 1833; porém, só em 1835, principiou a ser adornado com as pinturas e outros objectos que alli se veem. (Vide pag. 314, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª)—E só foi approvada a sua creação, na sessão das côrtes, de 26 de março de 1836.

Deve confessar-se que é um museu pobrissimo, tendo até bastantes objectos de insignificante valor artistico.

Todavia, existem alli alguns quadros de Sequeira e do Vieira, Portuense.

Aqui está a espada de D. Affonso I—a escrevaninha que o papa, Pio IV, deu a D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, pelo modo distincto com que se portou no concilio de Trento—o chapeu armado e o occulo de campanha, que o sr. D. Pedro usou, durante o cêrco do Porto—e um bom numero de quadros a óleo, quasi todos de grandes dimensões, que pertenceram a differentes ordens de religiosos. Estes quadros, são, pela maior parte, de um merecimento bastante mediocre, e alguns estão muito damnificados.

Os bons, os de grande valor artistico, e optimamente conservados, foram roubados em 1834, e adornam hoje os salões de alguns argentarios, que os compraram por preços ridiculos.

A Bibliotheca publica do Porto—foi creada por decreto de 9 de julho de 1833.

Com os livros que, na maior parte, constituem esta bibliotheca, aconteceu o mesmo que com os quadros. Os livros mais raros, e de grande valor, foram roubados em 1834, e para as bibliothecas publicas só veiu o refugo, ou um ou outro livro bom, que pôde escapar pela malha (talvez devido á ignorancia de quem roubou os que julgou melhores.) [1]

[1] Em regra, os que lançaram as garras aos livros dos frades, escolhiam os de melhor apparencia, por mais bem encadernados, deixando ficar o resto. Os ladrões mais

Contem pois esta bibliotheca, CEM MIL VOLUMES que pertenceram ás ordens religiosas, e setenta e tantos mil volumes e impressos.

Tem uns 1:200 manuscriptos, entre os quaes ha alguns de grande valor, especialmente os que vieram de Santa Cruz de Coimbra, e que são anteriores á descoberta da imprensa.

Tem além d'isto, 102 volumes impressos no seculo XV—isto é—logo depois da descoberta da imprensa, por Guttemberg.

Antes de 1833, não tinha o Porto uma bibliotheca publica. Luiz Maximo Alfredo Pinto de de Souza Coutinho, 2.º visconde de Balsemão, vendo esta miseria, na segunda capital do reino, teve a generosidade de franquear ao publico a sua grande e escolhida livraria, estabelecida no seu palacio da Feira das Caixas — ou Praça dos Ferradores (hoje, praça de Carlos Alberto — e o palacio, propriedade do sr. visconde da Trindade.)

—

Além da bibliotheca publica, de que acabei de tratar, ha ainda no Porto duas livrarias particulares, dignas de honrosa menção —são—

—

Bibliotheca Commercial, collocada no salão baixo do palacio da Bolsa.

Contém obras relativas ao commercio e á economia politica, e mappas e jornaes de todas as partes do mundo.

Pertence exclusivamente aos negociantes portuguezes e estrangeiros associados; mas, se um d'estes apresentar qualquer individuo estranho á corporação, é francamente recebido, e póde consultar os livros ou mappas que quizer.

—

Bibliotheca do Conde d'Azevedo.—Contém grande numero de livros escolhidos, e de muito merecimento.

perigosos foram os que tinham intelligencia sufficiente para conhecer os que eram bons ou maus.

Esta bella livraria, pertence hoje ao sr. conde de Samodães, por lh'a deixar em testamento o conde de Azevedo.

—

Bibliotheca da Escola Medico-Cirurgica— Vide o 5.º vol., pag. 258, col. 1.ª, e pag. 259, col. 1.ª, no principio.

—

Museus

Atheneu Portuense.— Pag. 314, col. 2.ª— e o artigo—*Bibliothecas.*

—

Museu Allen. — Vide o 5.º vol., pag. 252, col. 2.ª

—

Além d'estes dois museus, que são publicos, ha o

Museu Luso—particular—do sr. Augusto Luso da Silva, professor do Lyceu Nacional.

Está na casa d'este cavalheiro, na rua do Bomjardim. Aqui se admiram muitos exemplares zoologicos, botanicos, e numismographicos, assim como uma escolhida collecção de conchas, instrumentos de physica, etc.

O sr. Luso franqueia o seu bello museu, ás pessoas que lhe pedem este obsequio.

—

Alamédas

Das Virtudes — Situada entre a rua dos Fogueteiros, que lhe fica ao N. — e o local onde terminam as ruas, do Calvario, Bello-Monte e Cordoaria-Velha: no local onde existiu a antiga porta e torre das Virtudes.

N'este mesmo local, esteve durante o cêrco do Porto (1832 a 1834) uma bateria liberal, e n'elle se vê hoje um pateo ajardinado, e gradeado de ferro, do sr. Alexandre José de Oliveira Brandão.

Ainda ao O. N. O. da alaméda, no alto da quinta das Virtudes, esteve, pelo mesmo tempo, outra bateria liberal. (Vide 5.º vol., pag. 262, col. 2.ª)

Deu o nome a esta alaméda, a bella fonte de Nossa Senhora das Virtudes, que lhe fica na frente, em baixo, ao S. O.—e que antigamente se chamava *Fonte do Rio Frio.*

Para evitarmos repetições, vide pag. 300, col. 1.ª do 5.º vol.

Da Victoria—No centro da antiga *judiaria*. Está ao cimo da antiga calçada da *Esnóga*, e junto (ao S. O.) da egreja parochial, da Victoria.

É uma especie de terraço, amparado por um alto muro, da parte do sul, e d'este logar se vê o Douro, Villa Nova de Gaia, o bairro da Sé, e uma parte do da Ribeira.

Durante o cêrco do Porto, de 1832 a 1834, esteve aqui a *bateria da Victoria* (e este nome ainda conserva officialmente o sitio) o que causou bastantes damnos á egreja.

Ainda em 1846–1847, aqui se collocaram 3 ou 4 boccas de fogo, que não chegaram a exercer o seu mister devastador.

É muito pequena esta alamêda, com poucas arvores, e uma grade de ferro pelo N. e N. E.

—

Da Lapa — fica proxima, e ao S. O. da egreja de Nossa Senhora da Lapa. Está abrigada do N. pelas pedreiras do mesmo nome. Tem bonitas vistas, pela elevação em que está situada.

Faz-se aqui um grande arraial pela festividade de S. João, na egreja da Lapa, ao qual concorre, não só grande multidão de gente da cidade, como dos seus arredores.

—

Da Aguardente—no termo N. das ruas de Santa Catharina (a parte antigamente chamada *Rua Bella da Princeza)* e do Bomjardim. Ao N. d'esta alamêda, formando com ella angulo recto, principia a rua do Costa Cabral. Tambem pelo N., aqui desembocam as ruas *27 de Janeiro*, e a *das 12 Casas*.

É cercada pelo N., O. e S., de formosos predios, e pelo E. confronta com quintaes, onde em 1872, até 1874, houve uma praça de touros, construida de madeira.

Tambem está aqui, a nova e formosa capella de Santo Antonio.

—

Do Bomfim — subindo um elegante lanço de escadas de cantaria, em frente da egreja parochial, do Senhor do Bomfim, chega-se ao adro que cérca o templo. Este adro está arborisado, e d'elle, pela sua alta posição, se gosam bonitas e extensas vistas, pelo que é por muitos incluido no numero das alamêdas da cidade.

Houve aqui uma bateria, durante o cêrco do Porto, na guerra civil, de 1832–1834.

—

Do Prado do Repouso — fóra (ao N.) do portão principal do cemiterio do mesmo nome — e formando um largo, na rua do Heroismo (antiga rua do Padrão.) — Tem uma fonte, encostada ao muro do cemiterio, e alguns assentos de pedra.

—

Das Fontainhas — Do matadouro publico (hoje asylo da mendicidade) até á margem direita do Douro, ha um rapido declive, de mais de 80 metros de altura.

D. Francisco d'Almada e Mendonça, pelos annos de 1790, mandou aqui fazer um aterro, de uns 60 metros de largo, por 200 de comprido, resguardado por uma solida muralha, e lhe mandou plantar as arvores que constituem a actual alamêda. No paredão que fórma a extremidade S. da praça da Alegria (antiga feira dos porcos) e o principio da rua do Wellesley, e pela parte interior da alamêda — a meia distancia do seu primitivo comprimento, mandou Almada construir a *fonte das Fontainhas*, da qual brota uma das melhores aguas da cidade. Os remanescentes d'esta fonte, vão, por um aqueducto subterraneo, encher trez vastos tanques, encostados á muralha de suporte, do lado do sul, e que formam os lavadouros publicos.

As grades de ferro, e os dois portões do mesmo metal, que estão á entrada O. N. O. da alamêda, e que a podem fechar, sendo precizo, foram construidas em 1831.

Em 1871, a camára municipal, resolveu ampliar esta alamêda, prolongando-a para E. S. E., pela rua do Wellesley, o que effectuou.

É sitio muito concorrido em todo o anno. De inverno, porque a elevação do terreno do lado do N., o abriga dos ventos d'este quadrante—e de verão, pela agradavel sombra que as suas frondosas arvores projectam, e ainda mais, pela frescura e bondade da agua da sua fonte. Tem muitos bancos de pedra.

Da muralha do S., se vê o monte de S. Nicolau (serra de Quebrantões) as ruinas do mosteiro de cruzios, da serra do Pilar, parte da freguezia de Oliveira do Douro (ou dos Conegos) a nova ponte de ferro, em construcção, para o caminho de ferro do norte, e, finalmente, ao sopé, o rio Douro, ao fundo de alcantis quasi a prumo.

—

De Massarellos — Na margem direita do Douro, ao fundo da rua da Restauração (antiga rua de D. Miguel I) e na freguezia da Bôa-Viagem.

Tem alguns bancos de pedra, e pela sua extremidade S. passam os *carros americanos*, que transitam entre o Porto, Foz, e Mattosinhos.

A maior parte das suas arvores são de proporções gigantescas.

—

Passeios publicos

Cordoaria—Havia antigamente, no alto da calçada da Natividade (actual rua dos Clerigos) um vasto olival, que comprehendia todo o espaço contido entre a actual egreja dos Clerigos, extincto mosteiro de freiras carmelitas descalças, praça do Anjo, egrejas do Carmo (frades e terceiros) hospital da Misericordia, praça do peixe — até intestar na muralha de D. Fernando que corria desde a porta do Olival, por onde houve varias casas de madeira, até á egreja de S. José das Taipas, e lado E. da rua do Calvario.

Principiando a orlar-se de templos, mosteiros e casas particulares o campo do Olival, e tendo já poucas e rachiticas oliveiras, mandou a camara, em 1611, plantar aqui diversas especies d'arvores, formando com ellas uma vasta alamêda, que se continuou a chamar, *do Olival.*

Poucos annos depois, se mudou para esta alamêda a antiga cordoaria, que era encostada, externamente, á muralha da cidade, por baixo da porta das Virtudes, onde hoje se vê a rua, ainda chamada da *Cordoaria-Velha;* e então principiou a mudar-se o antigo nome de Campo do Olival, em campo da Cordoaria.

Em 4 de fevereiro de 1757, varios taberneiros, e muito povo, de ambos os sexos, se réuniram n'este campo, e alli fizeram a revolta contra a Companhia dos vinhos (pag. 312, col. 1.ª)

Os desgraçados que a alçada condemnou á pena de morte, foram executados no *logar do delicto* (aqui) por sentença de 12 de outubro do mesmo anno de 1757.

> Foi por isto que o fallecido visconde de Gouveia (o poeta, José Freire de Serpa Pimentel) teve o mau gosto de lhe mudar o nome de campo da Cordoaria, em *campo dos Martyres da Patria.*
>
> Abstrahindo do tal ou qual disparate da nova denominação, e do rigor excessivo das penas impostas aos desgraçados que terminaram aqui seus dias, no patibulo — devemos confessar que elles eram culpados, e que mereciam severo castigo, em vista da legislação então vigente; e que, posto os juizes da alçada lhe cominarem penas muito mais crueis do que as correspondentes aos seus delictos, nunca esses infelizes deviam ser classificados *martyres* (a não ser dos seus instinctos turbulentos.)
>
> O que é facto, é que o nome actual foi imposto ao campo da Cordoaria, e que promette continuar. [1]

Durante o cêrco do Porto, foram a maior parte d'estas arvores arrancadas para combustivel, e hoje só das plantadas em 1611, resta um *negrilho* (ulmus campestres) que cercaram de um assento de pedra. É uma bella e gigantesca arvore, promettendo du-

[1] Em 1831, ainda aqui se construiu uma forca, onde soffreram o ultimo supplicio, trez facinoras, que assassinaram uma familia— roubando-a em seguida— nos arrabaldes de Coimbra. Vi-os morrer. Dois hiam em cadeiras e já quasi mortos; mas o terceiro chorou muito, já na escada da forca, mostrando grande arrependimento.

rar ainda muitos seculos, sobre os seus 266 annos.

Já se vê que a tradição que corre no Porto, de que estas arvores foram plantadas em memoria dos que morreram aqui enforcados em 1757, não tem fundamento.

No campo da Cordoaria, fazia-se uma grande feira, que durava 8 dias, denominada de *S. Miguel*, por ser o seu principal dia, a 29 de setembro. Depois de construido o actual passeio, continuou a fazer-se em redor do muro d'elle, o que era sobremodo incommodo para os feirantes. A camara municipal, teve o bom gosto de a mudar em 1876, para a *Rotunda da Bôa-Vista*.

Em quanto durava a feira de quinquilherias, fructas (principalmente nózes) barracas de saltimbancos e de comidas (vulgo *fritadeiras)* havia tambem na parte N. O. do campo, em frente do hospital de Santo Antonio, feira de objectos e utensilios agricolas.

Pelos annos de 1862, resolveu a camara expulsar d'este campo os cordoeiros, o que levou a effeito, e mandou construir o vasto e bonito passeio publico que hoje alli se vê, e ao qual se dá o nome de *jardim da Cordoaria*.

Ha aqui musica aos domingos, dias santificados e quintas feiras.

—

S. Lazaro — A segunda capital do reino não tinha em 1830 um unico jardim publico. A camara municipal, resolveu então construir um. Tinha a Cordoaria, o largo da Aguardente, o campo do Cyrne, a cêrca do seminario (actual cemiterio do Prado do Repouso) e ainda outros largos, n'esse tempo despovoados, ou publicos, ou que podia expropriar, mas foi escolher o pequeno largo de S. Lazaro.

Principiaram n'esse anno as obras, mas tão vagarosamente, que ainda em 8 de julho de 1832, apenas estavam construidos os muros exteriores, sendo o centro, uma pedreira de granito.

Interromperam-se as obras durante a guerra civil (1832 a 1834) continuando em 1835.

Mais tarde, transformou-se o *jardim* em *passeio;* porém quer antes quer depois d'esta transformação, é de tão acanhadas proporções, que pouca gente o frequenta. Alem da sua pequenez, está por todos os lados cercado de casas altas, que não deixam correr o ar; a gente está alli, como no fundo de um pôço, e é insuportavel no verão; pelo que todos fogem para as Fontainhas ou para a Cordoaria.

—

Rail road americano

Uma grande parte das ruas do Porto, são actualmente percorridas por carros d'este systema de locomoção, que por uma quantia insignificantissima[1] conduzem os transeuntes aos differentes pontos da cidade.

A companhia dos carris de ferro americanos, do Porto, satisfazendo os desejos da maior parte dos habitantes da cidade, prolongou a linha, até á *Cruz das Regateiras*, 2 kil. ao N. do largo da Aguardente, e onde está o hospital dos alienados, instituido pelo benemerito conde de Ferreira. (Vide vol. 2.º, pag. 59, col. 1.ª)

Esta secção do rail-road, foi inaugurada, e aberta á viação publica, com o maior regosijo dos portuenses, no dia 13 de maio de 1877.

A primeira secção dos caminhos americanos do Porto, principiou da rua dos Inglezes até a S. João da Foz, principiando a funccionarem os carros em 1871.

—

Jardim Botanico

A cêrca do mosteiro dos frades carmelitas (pág. 302, col, 1.ª) foi dividida em tres partes—uma, deram-a para dependencia do quartel da guarda municipal—outra aos irmãos da terceira ordem do Carmo—e outra, finalmente, á escóla medico-cirurgica do Porto. Esta parte é a do O. da cêrca, em frente do largo do Duque de Beja (antiga *rua do*

[1] 40 réis dentro das barreiras, e 80 réis á Foz, ou á estação principal dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Paço) e a mais proxima do hospital da Misericordia.

O hospital já possuia aqui uma pequena tira de terreno, faceando com a travessa do Carregal, onde tinha algumas plantas; mas de muito pouco servia, pela exiguidade do chão.

Em 1864, principiaram as obras do jardim botanico, e da casa para os trabalhos e experiencias botanicas, e para guardar sementes, ferramentas, etc.

Plantaram-se ou semearam-se logo, varias plantas, que se poderam obter na cidade e nos seus arredores.

Em 1867, do jardim botanico da Ajuda (Belem) veiu para aqui uma collecção de 300 e tantas plantas, escolhidas pelo primeiro botanico do Porto, (n'esse tempo) Agostinho da Silva Vieira. (Vol. 5.º, pag. 258, col. 1.ª)

Do jardim botanico, de Coimbra, tambem para aqui vieram varias plantas e sementes —e de outras terras do reino, foram egualmente para aqui mandadas várias especies de estimação, que se poderam encontrar.

Anda em construcção (maio de 1877) uma vasta e bem collocada estufa, para as plantas exoticas.

Junto a este jardim, está o edificio destinado para escóla medico-cirurgica — que, provavelmente, ainda d'esta vez será *provisoria*, visto que, ou o theatro anatomico tem de ficar separado da escóla (no hospital—onde é actualmente) oú os cadaveres que tenham de ser *dissecados*, teem de atravessar a rua que divide o hospital, da escóla. Quando as obras do magestoso hospital se forem ampliando mais, é provavel que, havendo então maior numero de casas, para lá volte a escola.

(Para o mais que respeita á escóla medico-cirurgica portuense—vide vol. 5.º, pag. 259, col. 1.ª)

—

Hospitaes

Misericordia—pag. 313, 1.ª—316, 1.ª—(Vide infalivelmente o 5.º vol., pag. 258, col. 1.ª e seguintes—293, 1.ª, 314, 1.ª—316, 2.ª—318, 1.º—321, 1.ª)

Trindade—Vide pag. 311, col. 1.ª (1755—14 de maio) d'este volume.

—

Terceiros de S. Francisco—É um vasto edificio, com frente para a rua da Ferraria de Baixo, e para a nova rua de D. Fernando. Os irmãos são aqui optimamente tratados, e ha uma aula de instrucção primaria para os seus filhos. Foi aberto este hospital, em 1743.

—

Terceiros do Carmo — pag. 308, col. 1.ª (1736.)

—

Terço e Caridade—pag. 314, 1.ª (1775.)

—

D. Pedro V (militar)—Edificado na rua da Bôa-Vista, proximo e ao N. do cemiterio publico d'Agramonte.

Está construido e distribuido, segundo todas as regras modernas, de hygiene, e é vasto, claro, e optimamente arejado.

A sua situação, em uma vasta planicie, ao N.O. da cidade, é sobremodo apropriada ao mister a que o edificio foi destinado.

Foi lançada a primeira pedra, no dia 22 de abril de 1862. N'esta pedra se gravou a seguinte inscripção:

VALETUDINARIUM MILITARE SUB TITULO PETRI
QUINTI REGIS LUDOVICO I LUSITANIÆ IMPERANTE
ANNO MDCCCLXII
ERECTUM-HEC DOMUS HOSPITALES EX DECRETO XI
KAL. APRIL.
MDCCCLXII
AD POSTERIORUM MEMORIAM A PETRO V PRINCIPE
OPTIMO OB EJUS EXIMIAM SOLLICITUDINEM FAUSTIS
AUSPICIIS NOMEN ACCEPERUNT

O corpo principal do edificio, fica parallelo á rua, e separado d'ella por um terreiro de 18 metros de largo, que ha de ser parque.

Tem o edificio 98 metros de extensão, e está dividido em 3 corpos, fazendo o do centro resalto sobre os outros, tendo aquelle 32 metros e estes 33.

No primeiro pavimento, são as repartições, gabinetes, guardas, quartel dos facultativos, botica, e laboratorio chymico. No 2.º. são quartos para officiaes doentes, enfermarias

para os officiaes inferiores, capella, livraria, e casa das sessões da junta.

Da parte central do edificio, partem duas galerias de communicação, que ficam em direcção perpendicular á rua. São separadas uma da outra, por um espaço de 22 metros de largo, reservado para jardim interior do edificio. Dão estas galerias para quatro enfermarias, ficando duas de cada lado.

As enfermarias, são separadas entre si, e d'aquelle corpo do edificio, por espaços de 18,m5, tambem destinados para jardins.

Cada enfermaria póde receber 24 doentes, e todo o hospital, 300 ou mais.

No topo das galerias, ha umas pequenas enfermarias, para presos, sarnosos, e doentes de molestias contagiosas.

Tem cosinhas, lavadouros, theatro anatomico, dispensas, casas de banhos, casas para enfermeiros, latrinas, e mais officinas necessarias n'estes estabelecimentos.

O segundo pavimento, é exactamente dividido como o primeiro, porém as pequenas enfermarias dos topos, são para alienados, bexigosos, ophtalmicos, e para observações.

Em volta do edificio, se estendem os parques, communicando com os jardins.

Todas as obras foram executadas pelo distinctissimo engenheiro militar, o sr. Miguel Baptista Maciel, ao zêlo do qual se deve a perfeição e brevidade com que ellas se têem construido.

—

Lazaros e Lazaras—Vide a pag. 297, col. 1.ª (1558.)—Está na rua das Fontainhas, contiguo á cêrca do recolhimento das orphans S. Lazaro.

Estão tambem n'este edificio, as *velhas da Cordoaria*, as *velhas do Camarão*, os *entrevados* e *entrevadas*—mas todos em repartições separadas, e em todas ellas se nota extremo aceio e bôa ordem.

Actualmente (junho de 1877) existem aqui —25 lazaros, com o seu enfermeiro (ha trez vacaturas, pois o hospital é para 28 lazaros.)—23 lazaras, com a sua enfermeira, uma cosinheira e uma ajudante. (Ha n'esta enfermaria tres vacaturas.)—86 entrevadas [1] com a sua directora, e mais quatro encarregadas da administração e serviços domesticos.—60 velhas invalidas, incluindo a regente, a vice-regente, a cosinheira e a sua ajudante.

Este estabelecimento de caridade, está a cargo e sob a administração da *Santa Casa*.

Vide a pag. 291, col, 1.ª (1498) a pag. 304, col. 1.ª (1639) para os entrevados e entrevadas.—Para as *velhas da Camarão*, a pag. 219, col. 2.ª, no fim— e para as *velhas da Cordoaria*, a pag. 294, col. 2.ª

—

Entrevados—na rua de Cima de Villa. Foi lançada a primeira pedra a 25 de setembro de 1639.

È tambem administrado pela *Santa Casa*.

—

Enfermaria da Relação—no mesmo edificio, sustentada pela Misericordia.

—

Inglez—para marinheiros britannicos, na calçada de Monchique.

Vide o 5.º vol., pag. 280, col. 1.ª

—

Dos Naufragos—Vide pag. 337, col. 2.ª

—

Havia antigamente no Porto mais dois hospitaes, eram—

Senhor d'Alem—Vide pag. 308, col. 2.ª (1738.)

—

Espirito Santo—Vol. 5.º, pag. 287, col. 2.ª

—

Casa de Saude—estabelecida em 1868, na rua de S. Lazaro, pelo distincto medico, o sr. dr. Joaquim José Ferreira.

É um estabelecimento ordenado sob todas as regras hygienicas, com o mais esmerado aceio e commodidade, e os doentes confiados á incontestavel pericia do sr. dr. Ferreira, são aqui tratados com o maior carinho e desvelo.

[1] Houve antigamente uma albergaria denominada de *Santo Alifon* (Ildefonso) no largo da Batalha, contigua á egreja matriz de Santo Ildefonso. Passou depois a ser hospital de entrevadas, até que estas foram transferidas para a rua das Fontainhas.

Hospital dos alienados

Foi fundado no largo denominado *Cruz das Regateiras*, arrabalde e 2 kil. ao N. do Porto—estando em continua communicação com a cidade por carros americanos, desde 13 de maio de 1877.

Ha muitos annos que n'esta cidade era reclamada uma casa para hospital de alienados —e os que appareciam, ou vagueavam pelas ruas—se eram pobres—ou se recolhiam no hospital da Misericordia, se eram ricos—ou mandados para Rilhafolles, se eram bravos.

A Santa Casa, apesar dos seus grandes rendimentos, não podia custear a enorme despeza para semelhante hospital, não só pelo muito que dispende com o seu, e suas dependencias, como pelo que gasta com as grandes obras do seu magestoso edificio.

Se não apparecesse um homem verdadeiramente benemerito, e que hade sempre ser abençoado, não só pelos contemporaneos, mas tambem pelas gerações por vir, é provavel que o Porto, tarde ou nunca seria dotado com o hospital de alienados. Mas, a divina Providencia, fez immensamente rico ao conde de Ferreira (Vol. II, pag. 59, col. 1.ª—e, principalmente, no mesmo vol., pag. 60, col. 1.ª, no principio) que deixou mais de 200 contos de réis para a fundação d'este hospital.

O conde de Ferreira, falleceu no Porto, em 24 de março de 1866, e d'alli a mais de trez annos, ainda nem uma unica pedra se tinha lançado no edificio, nem em semelhante cousa se fallava.

Os portuenses increpavam severamente os trez testamenteiros do conde, aos quaes corria o dever de mandarem immediatamente proceder a uma obra de tão reconhecida utilidade, e de tamanha urgencia: não só pelo seu inqualificavel desmasello (dos testamenteiros) como pelo facto de conservarem improductivo um capital que já então devia ter rendido uns 50 contos de réis. — O 2.º e 3.º testamenteiro, tornavam a culpa ao 1.º, que era o sr. José Gaspar da Graça.

Os jornaes publicavam artigos fulminantes contra este capitalista, que os lia impassivel.

Os portuenses, vendo que o sr. Graça a nada se movia, reuniram-se em *meeting*, no dia 25 de julho de 1869, e o infeliz doutor, José Cardozo Vieira de Castro (vol. III, pag. 132, col. 1.ª — e vol. 6.º, pag. 393, col. 2.ª) distinguiu-se entre os outros oradores, pela logica virulenta do seu discurso contra os testamenteiros, principalmente contra o sr. Graça.

N'esta reunião, decidiu-se unanimemente, que se representasse ao governo, pedindo-lhe que obrigasse os testamenteiros a cumprirem religiosamente as disposições testamentarias do conde de Ferreira, principalmente na parte que respeitava á construcção do hospital dos alienados.

Não é da natureza d'esta obra, a narração de *certos factos*, que a poderiam transformar em estatua de Pasquino, pelo que só direi, que, para se levar a effeito a construcção d'este hospital, foi precizo uma demanda contra o sr. Graça; demanda que, ainda assim, foi bastante disputada pelo primeiro testamenteiro, que só á força, e depois de muitas chicanas, largou a testamentaria.

Finalmente, venceu a justiça e a moralidade, e hoje vê-se o hospital quasi concluido, e é, a todos os respeitos, muito superior ao de Rilhafolles, por ser aquelle edificado de proposito para o fim a que o seu benemerito fundador o applicára.

É administrado pela Misericordia.

—

Prisões

Relação — (Vide pag. 299, 1.ª e 304, 1.ª, 1647) — Foi o usurpador Philippe II, que mandou construir esta cadeia, cuja edificação principiou em 1583; porém era um edificio acanhado, e pouco passou dos alicerces.

Sendo regedor das justiças e governador

das armas do Porto, Diogo Lopes de Souza, 2.ª conde de Miranda [1], mandou concluir estas obras, pelos annos de 1630.

Era porém uma cadeia de exiguas dimensões, sem capacidade para a retenção dos criminosos do districto.

Sendo feito regedor das justiças, João d'Almada e Mello, demoliu a antiga cadeia, e lançou a primeira pedra no edificio actual, em janeiro de 1765. [2]

É um vasto edificio, de fórma triangular, completamente separado de outros edificios.

A fachada principal, é para a rua de S. Bento (S. E.) e tem um frontão adornado de estatuas de granito.—É d'este lado a entrada para as differentes secretarias e repartições da relação do districto. A entrada para as differentes prisões, é pela frente que deita para a Cordoaria (N.)— O lado do S. O. do edificio — de trez andares, como o resto — não tem entrada alguma. No angulo do N. E., ao cimo da rua da Ferraria de Cima (hoje Caldeireiros) e no fim septentrional da rua de S. Bento, não tem mais de 8 ou 9 metros de largo; mas parece que o architecto pretendeu fazer d'esta parte a frente principal do edificio, pois, tendo uma só, mas grande janella, está encimada com o escudo das armas de Portugal, entre dois tropheus, sendo o seu envasamento guarnecido por um chafariz de boa architectura.

Tem toda a casa, 103 janellas, e é construida de boa cantaria de granito, das pedreiras do Porto.

Até 1860, o lado do N. deitava para um bêcco, tendo na sua frente, uma fileira de casas de *taipa* e barracões, indignos de uma cidade, e que davam ao edificio um aspecto ainda mais funebre do que elle tem. Então a camara municipal expropriou e mandou demolir estes barracões, e actualmente, esta parte da casa deita para o formoso passeio da Cordoaria.

[1] Vide 4.º vol. pag. 275, col. 2.ª, pr. — e pag. 303 (1631) d'este volume.

[2] O edificio está concluido interiormente; porém, morrendo Almada, ficou — e ainda está—incompleta a cimalha do lado do norte, que confronta com o passeio da Cordoaria. Custou esta obra, 200 contos de réis, e levou a fazer, mais de 20 annos.

Todavia, as cadeias da relação do Porto, não passam de uns antros immundos, lugubres e doentios, improprios da illustração do seculo, e que se conservam em aterrador estacionamento, emquanto tudo o mais se melhora n'esta cidade, com rapidez maravilhosa.

—

Aljube.—Pequeno edificio, construido extramuros da circumvalação, mandado fazer por D. Gonçalo Pereira, bispo do Porto, mas encostado á muralha (da qual ainda aqui proximo existe um lanço, bem conservado.) Está logo abaixo da Sé, no principio da rua de S. Sebastião, e do chafariz do mesmo nome. Foi construido para prisão dos clerigos delinquentes. Depois que terminou o *fôro ecclesiastico*, ficou sendo cadeia publica, e n'ella se recolhiam as *toleradas* que infringiam os regulamentos sanitarios, e mais algumas criminosas que conseguiam poder para aqui vir, em vez de hirem para os medonhos covis da relação.

Desde 17 de abril de 1875, estabeleceu-se aqui o asylo dos rapazes vádios, que até então esteve na rua das Carvalheiras.

(Vide a palavra *Aljube*, a pag. 138, col. 1.ª, do 1.º vol.)

—

Calabouço do Carmo.—Dentro do quartel da guarda municipal, no edificio do mosteiro dos frades carmelitas. São n'elle recolhidos, provisoriamente, os embriagados ou os delinquentes, que são presos em flagrante.

—

Casa-Pia

É um grande edificio, mas de singela architectura, com a frente para a rua da Batalha, e a rectaguarda para a rua da Porta do Sol. Está separado do real theatro de S. João, pela rua do Captivo. Pelo O. estava a antiga porta (ou postigo) dos Carvalhos do Monte, ou de Santo Antonio do Penêdo, que depois se denominou *Postigo do Sol* (pag. 285, col. 2.ª)— Hoje que esta porta se acha demolida, está o edificio completamente separado de outros predios.

Foi construido no ultimo quartel do seculo XVIII, reinando D. Maria I, lançando-

se-lhe a primeira pedra, em 21 do junho de 1792, pelo benemerito provedor e regedor das justiças, Francisco d'Almada e Mendonça, para asylo dos orphãos abandonados e creanças pobres. Antes de 1832, no andar terreo eram prisões de recrutas e criminosos militares, e no 1.º e 2.º andar, havia differentes secretarias e repartições pertencentes á guarnição do Porto, e tambem aqui residiam alguns officiaes, solteiros, do corpo da guarda real da policia.

Depois de 1834, ainda por bastantes annos se conservaram as prisões militares, porém depois, foram arrancadas as grades de ferro das janellas, e o edificio convertido em casas da repartição da fazenda, pagadoria militar, quartel general, estação da telegraphia electrica, e todas as repartições do governo civil.

Como, apesar da sua vastidão, não tinha a capacidade sufficiente para accommodar tantas e tão differentes repartições; não se podendo ampliar senão para o O., e não merecendo as suas paredes, a confiança dos peritos, para supportarem o pezo de um 3.º andar, foi demolido o arco da Porta do Sol, estendendo-se para este lado o *accrescento* que se lhe fez.

Parte d'este edificio foi incendiado em 1847, mas logo reedificada em 1849.

Em frente d'este edificio está um casarão, que foi até 1832 casa dos leilões, e depois, cavallariça da guarda municipal.

Já ha muito que esta barraca, bem como a que lhe fica contigua, ao S. E., e outro barracão no largo da Policia (tambem cavallariças) deviam ser demolidas, por indecentes.

—

Fonte dos Ablativos, ou do Ribeirinho

Está na rua da Cedofeita (do lado E.) entre os actuaes numeros 672 e 674, e a pouca distancia do *Carvalhido*.

Denomina-se, dos *Ablativos*, por ter uma inscripção, com 24 ablativos.

Tambem se chama, *do Ribeirinho*, porque contiguo á fonte, ao N., passa o ribeiro que se fórma com diversas nascentes, nas faldas dos montes da *Lapa* e do *Captivo*.

Este ribeiro passa em *Salgueiros*, atravessa a *quinta do Mello* ou das *Aguas-Ferreas* (dos viscondes de Veiros) a rua de Cedofeita, e a ponte de Villar. Vae desaguar ao Douro, na praia de Massarellos.

Na confluente d'este ribeiro (denominado Ribeirinho) com o Douro, existiram as antigas marinhas de sal, de Massarellos. (Vide vol. V, pag. 8, col. 2.ª)

O chão das antigas marinhas, ou salinas, é a actual alamêda de Massarellos, casas da praia e quinta do sr. barão de Massarellos.

A agua da fonte dos Ablativos, nasce a poucos metros de distancia, ao N., junto da rua de Cedofeita, e é conduzida em alcatruzes de barro, porém grande parte d'ella anda... *extraviada*.

As suas vertentes pertencem á propriedade que lhe fica em frente, por compra feita á camara municipal, no principio d'este seculo, pelo negociante, Salvador José Braga, pae de Bernardino José Braga, e avô dos actuaes possuidores d'aquella formosa propriedade.

O actual chafariz, foi mandado fazer, em 1790, pelo chanceller e conselheiro, José Roberto Vidal da Gama, vice-presidente da relação do Porto. A sua agua é excellente para todos os usos domesticos, e muito abundante.

Antes de ser construida a fonte, andava a agua perdida pela rua abaixo, formando charcos incommodos e infectos.

A fabrica do chafariz, é simples, mas elegante, e de granito bem lavrado.

Tem de largo, na base, $4^m,40$, e termina em um globo, com ornatos de folhagem, com a altura de uns seis metros.

Toma grande parte do centro do obelisco, uma lapide, que resalta $0^m,8$, e tem de largo $1^m,10$, sobre $1^m,90$ de comprimento. É singella, e sem ornato algum, tendo gravada, em caracteres muito visiveis, a inscripção seguinte:

REFECTIS. ALIIS. ALIIS A FUNDAMENTIS.
EXCITATIS. PLATEIS LAPIDEIS AD FLUMINIS RIPAS. ACCERIBUS
AQUAEDUCTIBUS. FONTIBUS. QUEIS UBBIS. TANTILLUM
LABANS. ET INCOMMODA COMMODISSIMA. AC PULCHERRIMA.
REDDITA. FUIT QUAE. AD. HOC USQUE. TEMPORIS.
IMPURA. TERRA. QUE. DEPERDITA. SCATURIBAT. AQUA.
HIC. NOUM. OPERE. COLLECTA S. BURBANO AC. SITIENTI
POPULO. LIMPIDISSIMA. PROFLUIT. REGNANTE. MARIA. PRIMA
PIA. AUGUSTA. FELICI. CURANTE JUSEPHO. ROBERTO. VIDAL
A GAMA. REGIAE. MAGESTATIS. A CONSILIIS. PORTUGALENSI
CANCELARIO. JUSTITIAE PRAESIDIS VICEM.
GERENTE. A. D. CID ID CCLXXXX.

—

Esta inscripção, não é das mais faceis de traduzir (ao menos para mim, que sei pouco latim) e parece-me que tem duas ou trez palavras que não são latinas: entretanto, o sentido é este:

Com aprasimento de muitos, e desagrado de outros, foram reunidas as aguas que corriam sujas e desaproveitadas, pelas lages da rua, e pelas margens do ribeiro, formando charcos immundos, e difficultando a passagem dos transeuntes. Assim, as aguas, conduzidas para esta fonte, tornaram o sitio, até então, incommodo e sujo, em bello e commodissimo; e as aguas, agora limpidissimas, desalteram os suburbanos sequiosos.

Foi feita esta obra, no reinado da piedosa, feliz e augusta rainha, D. Maria I, por diligencias de José Roberto Vidal da Gama, dos conselhos de sua real magestade, chanceller portuense, servindo de presidente do tribunal de justiça; no anno de 1790.

Sobre a lapide que tem esta inscripção, se vê um escudete, bem cinzelado, com as armas do Porto, usadas até 1832.

O chafariz, está recuado do alinhamento d'este lado da rua, no centro de uma meia laranja, na qual ha assentos de pedra.

Na rectaguarda do chafariz, ha um pequeno espaço, sem resguardo algum na margem do ribeiro *(Ribeirinho)*—que até 1868 corria descoberto.—Este espaço, foi até este anno, do logradouro publico, e aqui se lavava roupa, e se dava de beber ao gado; porém então, sendo presidente da camara municipal, o sr. Alexandre Soares Pinto de Andrade, o mandou ajardinar, vedando-o com um muro de pedra, de um metro d'altura, com grades de ferro (terminando em pontas de lança) de 1m,15 de alto — mas, deixando ao meio do muro, uma pia, para n'ella beber o gado.

Pelos annos de 1865, o leito do *ribeirinho*, e uma parte do referido espaço, tinham sido unidos (não sei com que fundamento ou pretexto) ao quintal contiguo, do lado do norte.

—

Ainda a egreja de Cedofeita [1]

O conde Raczynski, na sua obra—*Les Arts en Portugal*—edição de Paris (1846) a pag. 380, fallando de Cedofeita, publica uma nota do sr. Alexandre Herculano, na qual diz este:—Que aquella celebre inscripção, é muito contestada;—que uns attribuem a fundação da egreja a Theodomiro, outros a *Bekiar;*—que se uns dizem que foram—as reliquias de S. Martinho de Tours, outros sustentam que foram do de Pannonia;—que uns dizem que foram collocadas as reliquias em Cedofeita, outros em Dume, no Minho;—que nos documentos do seculo XII (latinos) se denomina esta egreja — *Citofacta* — o que quer dizer—*feita recentemente*—e não— *em pouco tempo ou depressa*—como alguem traduziu; sendo esta a rasão de tudo o que em seguida se escreveu, com relação áquella egreja, reliquias, Theodomiro, etc., etc.

Que uma má interpretação do— Citofacta —compromettera a historia.

«O que é certo (textual) é que na epoca, a que se pretende remontar a fundação de Cedofeita, o Porto era apenas um *castrum* (pequeno logar fortificado) cuja existencia é muito duvidosa, antes do meiado do seculo

[1] Em uma obra tão extensa e complicada, como é esta, é impossivel, em uma 1.ª edição, seguir uma ordem perfeitamente regular, e dizer-se de uma vez, tudo quanto ha que dizer, sobre qualquer materia, por obter esclarecimentos, depois de estarem impressos os antecedentes.

Mas, o que agora parece confuso, intrincado, e difficil de encontrar, quando se deseje procurar, tornar-se ha facilimo, no fim do artigo *Porto*, que será seguido de um indece alphabetico, explicando todos os logares onde ha de ser encontrado tudo o que diz respeito a esta cidade.

Foi o mesmo no artigo *Lisboa*, que estava em egual caso.

V—e que em 572 era dependente do bispo de Magnetum (Meinedo).

«O Porto só, aproximadamente, em 585, principiou a ser séde de um bispado, aliás bem pequeno, pouco antes de ser destruido o reino suevo da Galliza, por *Lewd-Wighild* (Leovegildo) rei godo.

«Os mosteiros regulares principiaram nas Hespanhas só no meiado do seculo VI aproximadamente. Sabe-se os nomes dos primeiros mosteiros fundados em Portugal—foram Dume (aproximadamente em 560) e mais tarde — Tibães. Não ha indicio algum que nos leve a crer que o de Cedofeita existisse n'essa epoca.

«Como crer pois, que o rei suevo Theodomiro, fundasse em logar tão obscuro um mosteiro, sem se lembrar de fazer mosteiro algum em terras mais importantes? E isto não tendo ainda em consideração, que os suevos eram barbaros propriamente ditos, e que ignoravam o que deviam crer em materia de religião. Isto é, pelo menos, o que asseveram os bispos do primeiro concilio de Braga. Deveremos antes convencer-nos de que elles prefeririam transformar em templos, os edificios romanos, do que construir egrejas novas,—cousa que até muito provavelmente elles não saberiam fazer.

De resto, Gregorio de Tours dá a Theodomiro o nome de *Eurrarik;* de sorte que tudo, até o proprio nome do fundador de Cedofeita, é duvidoso.

«Vós dizeis, que algumas cornijas, etc. (da egreja de Cedofeita) parecem pertencer á epoca dos suevos ou godos. Para sustentar semelhante opinião seria necessario conhecer o typo da architectura gothica da Hespanha (gothica na stricta accepção da palavra) e eu não encontro em parte alguma este typo, a não ser na velha cathedral de Coimbra, e ainda mesmo com relação a esta, eu tenho minhas duvidas, pois n'esta cathedral o estylo originario desappareceu com as adicções e reconstrucções mais modernas. Posto que os visigodos eram relativamente mais civilisados, deviam nas suas construcções seguir de perto a architectura romana da decadencia, porque em tudo procuravam imitar os romanos, e até não escreviam senão em latim. É esta a minha opinião, que bem sei não é a opinião geral. E pelo que levo dito, é forçoso crer que os visigodos nas suas construcções prefeririam *le plin cintre á l'ogive qui se voit á Cedofeita.*

«Mas o que sobre tudo torna quasi impossivel a supposição de que a egreja de Cedofeita remonta aos tempos gothicos, são os successos politicos da epoca árabe.

«É inegavel que o norte do Douro nunca foi dominado pacificamente pelos mouros, mas elles repetiam as suas invasões na Galliza. Os limites da Galliza, ao sul, eram formados pelo Douro; e nas suas *gaswat* (assim denominavam elles as suas incursões) destruiam, saqueavam e incendiavam tudo, e por certo que não exceptuavam as egrejas. Os arabes eram muito tolerantes para com os christãos, que acceitavam o seu dominio, mas eram ao contrario nada tolerantes com relação aos christãos livres, seus inimigos. Sabemos mesmo, que o famoso *progressista Hadjeb*, de Cordova—*El-Mansur*—nas suas numerosas *gaswat* sobre o territorio christão, caprichava em destruir, incendiar e arrasar tudo.[1]

«Em 997, *El-Mansur*[2] fez uma expedição por terra e por mar, só com o fim de destruir a egreja de S. Thiago de Galliza. Os dois exercitos reuniram-se no Porto. Ora quem poderá crer que vindo os arabes de tão longe, para destruir uma egreja situada no interior do paiz, poupassem outra situada mesmo no ponto em que haviam desembarcado?

«Se ella existira, elles infallivelmente a deviam incendiar, ainda que não fosse senão para estimular o exercito.

«Peço-vos pois, que vos não illudaes com a barbara apparencia do desenho e detalhes,

[1] Vide a significação da palavra *gaswuat* (gazua) no vol. 3.º, pag. 262, col. 1.ª

[2] Almansur não é nome proprio, mas cognome. Varios chefes árabes foram cognominados *Almansur*, porém o mais celebre pelo seu valor e pela sua ferocidade, é o de que se trata no texto. No reino de Marrocos, tambem houve quatro soberanos assim cognominados. (Vide *Almançor* e *Mançôres.*)

nem com as grosserias das esculpturas, no estudo dos monumentos architectonicos. Isso não é o bastante para crermos que pertençam a uma epoca muito remota. Se existem na peninsula alguns monumentos dos tempos gothicos, devem ser mais regulares e menos grosseiros que os dos seculos IX, X, XI e XII (não fallo das construcções arabes, mas das feitas pelos christãos) porque a civilisação dos visigodos era um reflexo, posto que pallido, da civilisação romana; emquanto que o estado social asturiano, leonez e galliciano (gaulez?) embora posterior, era incomparavelmente mais barbaro.»

Vide vol. V, pag. 103, col. 1.ª e seguintes, e este volume, a pag. 277, col. 2.ª e seguintes.

—

Tributos que, segundo o foral do rei D. Manoel, pagavam os portuenses, aos seus bispos[1]

Culheres—Pagavam-se de todo o pão, farinha, nozes, castanhas e legumes, que de fóra (por terra, ou pelo Douro) viessem a vender ao Porto. Cada alqueire, pagava uma *culher*. Um alqueire eram 40 culheres.

Todos os tributos dos generos que vinham do interior do reino, se pagavam á porta da Sé, ao bispo e cabido, além da *portagem*.

Estes generos, eram vendidos em uma casa, para isso destinada, no largo da Sé. O que vendesse fóra d'esta casa, pagava 4 culheres por cada alqueire que vendesse.

—

Sacada. — Para se evitarem repetições, vide a palavra *Sacada*, no logar competente.

Os generos que entravam pela Foz do Douro, tambem pagavam culheres; mas estas eram mais pequenas (de 60 ao alqueire).[2]

[1] O foral de D. Manoel, ratificou em muitas cousas, o que a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso I, deu ao bispo D. Hugo.

[2] Os generos sujeitos a este tributo, que entravam pela barra, pagavam-o em Miragaia, junto a uma fonte, que por isso se ficou chamando *da Culher*.

Vinho de barcas.—Cada barco que na Ribeira vendesse vinho *encascado*, á prancha (quer viesse pelo Douro, quer pela barra) pagava 25 $^1/_2$ canadas; metade para o bispo, e metade para o *mórdomo de Villa Nova*.

—

Malla-Tosta.—Cada pessoa que carregasse vinho n'esta cidade, pagava 48 reaes por cada tonel — e de outras vasilhas, em proporção. Era metade para o rei, e metade para o bispo e cabido. Além d'este tributo, ainda o vinho pagava outro, chamado dos—

—

Milheiros — que era um por cento. Pagavam ainda á cidade, pela entrada n'ella, 30 reaes por cada pipa.

(Vide vol. V, pag. 42, col. 1.ª, a palavra *Malatosta.)*

—

Dizima.—Pagava-se ao rei, por os generos desembarcados, quer viessem do Douro, quer de fóra do reino.

Eram isentos da dizima — madeira, péz, breu, resina, vinho, *pelles cabrúas*, ou pescado secco, comprado fóra da barra; mas, pagavam á Sé, um por cento.

D'esta dizima, pagava o rei á Sé, 10 por cento. Chamava-se a isto—

—

Redizima.—Os bispos, recebiam a *redizima*, não só do que fica dito, mas tambem de tudo que pagava dizima ao rei.

Esta redizima, era dividida em trez partes, uma para o bispo, outra para o cabido, e outra para o mórdomo de Villa-Nova.

—

Pescado. — Todos os pescadores que morassem na cidade, e até Monchique, pagavam á Sé, a dizima do pescado que colhessem: e ao rei, a *dizina nova*, por contracto feito entre elles e o rei.

—

Dizima nova.—Pagavam os pescadores de outras freguezias, que não fosse a da Sé, ás egrejas de que eram freguezes; mas pagavam além d'isto, outra dizima nova ao rei.

—

Conducto. — Pagavam os que vendiam na cidade, peixe fresco. Era a decima parte do valor do peixe vendido.

Condado. — Além das duas dizimas, que pagavam os pescadores, pagavam mais o *condado*, nas terras em cujas aguas pescavam—aos senhores d'ellas. Eram *sacadas*; mas *avençavam-se* com os senhores, pagando-lhes uma determinada quantia, ao mez, ou ao anno. [1]

—

Náavão ou Nabo: — Vinha a ser de cada navio ou barco, um peixe. D'este tributo, que se pagava nos mais portos do reino, isentou o rei D. Manoel, os pescadores do Porto. [2]

—

Savares (redes de pescar saveis) e *Lampreieiros* (redes de pescar lampreias) cada uma, além da dizima, pagava ao bispo, o primeiro savel e a primeira lampreia que pescassem.

Não podiam ter *savares* nem *lampreeiros*, sem licença do mórdomo do bispo, ou dos seus rendeiros. Se lançassem as referidas redes, sem licença, pagavam este fôro no tresdobro.

—

Sôlho—de qualquer d'estes peixes que pescassem, davam metade ao bispo, e a outra metade, eram obrigados a vender lh'a — *a praser do vendedor* — tirando-se, antes da venda, o ventre para o pescador.

—

Açougagem—Pagava-se á Sé, de cada banco onde se vendia o peixe, 10 reaes por anno.

Mais pagava, cada regateira, ou outra qualquer pessoa que se sentasse a vender peixe, por cada dia, um ceitil. *Se se levantasse* e tornasse a sentar, pagava outro ceitil; mas levantando-se mais de duas vezes, não pagava mais nada.

Os carniceiros, ou outras quaesquer pessoas que vendessem carne em talhos, n'esta cidade, pagavam de cada boi ou vacca, 9 ceitis — do porco, 5 ceitis — e do carneiro ou cabra, 2 ceitis.

E os carniceiros, ou pessoas que as ditas carnes matarem para vender na çidade, e nom as venderam (venderão) nem cortaram (cortarão) em nenhu outro lugar nem açougue, Salvo no do castello que é da dita Igreja, sô pena de perderem as ditas carnes, que assy fóra cortarem ou venderem, para a dita Igreja. [1]

—

Pena de sangue—pagava-se por morte de homem, *de proposito*, ao bispo, 900 reaes. (No foral que D. Thereza deu ao bispo D. Hugo, a *pena de sangue* que se pagava ao prelado, eram 33 maravidís.

O mesmo se pagava ao bispo, de qualquer *bêsta ou alimaria* que matasse alguem; mas, se o dono do animal preferisse dar este ao bispo, não pagava os 900 reaes.

O assassino, além dos 900 reaes para o bispo, pagava por *pena d'arma*, ao alcaidemór do Porto, por seu alcaide pequeno, a arma com que comettêra o crime, sem mais outra pena ou castigo! [2]

—

Pena d'arma—E levará ho alcaide da dita cidade, de quem quer que tirar arma pera fazer mal com ella, duzentos Reaaes, E as armas—com estas decraraçoões—a saber que—quem apunhar arma, sem atirar, nam pagará pena; nem quem em reixa nova, com páao ou pedra fizer mal—nem moço de quinze annos pera baixo—nem molher de qualquer hydade—Nem quem, castigando sua molher, filhos e familliares, tirar sangue—nem quem, jugando as punhadas, sem armas, tirar sangue com bofetada ou punhada—nem quem, em defendimento de seu corpo, ou ápartar (a apartar) tirar armas, posto que com ellas tire sangue — nem escravo, de qualquer

[1] Vide a palavra *Condado*, a pag. 368, col. 1.ª do 2.º volume.

[2] Vide a palavra *Nabo*, a pag. 10, col. 2.ª do 6.º volume.

[1] Vê-se do periodo sublinhado, que já no reinado de D. Manoel, o açougue público do Porto, era no logar ainda hoje chamado *largo do Açougue Real*, a S. Sebastião; que era no centro do antigo castello.

Confirma se a opinião que expendi na columna 1.ª, de pag. 279, e nota respectiva; pois que o açougue público, ficava poucos metros ao E. da grande muralha O., do velho castello.

[2] E se fosse com um murro?—E se fosse com uma marrada?—Segundo o que se colligé do periodo seguinte, parece que não tinha o minimo castigo.

hydade, que com páao, ou pedra, ou aás punhadas, tirar sangue.

—

Pena de força — que se pagava em quasi todas as terras do reino—eram d'ella isento, os portuenses. Se alguem obrigasse um habitante d'esta cidade a pagar pena de força, e elle se queixasse d'esta exacção, o *forçador* era obrigado a restituir o que tinha recebido, e mais a pena de 108 reales.

—

Alcaidaria—E o dito Alcayde moor, nem seu Alcayde, nom levaram (levarão) *ninhus direitos, dos pescadores, nem dos pescados que vierem a vender á dita çidade, soomente das Ostras, das quaes levaram* (levarão) *hua soo canastra das comuas, sem cogullo, de cada navyo, ou barqua, que as vier vender. E, posto que muitos dias dure a venda das ditas ostras, nom levará a dita canastra mais de hua vez; nem outro direito.*

—

Gado do vento [1] — O gado do vento, era considerado direito real, e era pago á Sé.

Quando se achava qualquer rez perdida (gado do vento) andava um anno em pregão, e se dentro d'esse praso apparecia o dono, se lhe entregava. Quando não apparecia, era para o bispo.

Se alguem, achando uma rez ou bêsta perdida, não fosse, no praso de oito dias, dar parte ao escrivão dos direitos do gado do vento, era considerado e punido como ladrão.

—

Sal de Santa Maria — se chamava ao direito que pagava o sal que entrava pela barra. (Vide vol. 5.º, pag. 270, col. 2.ª

—

Portagem e passagem — (*Portagem* era o direito que pagavam os generos que entravam em qualquer povoação, para alli serem vendidos—*Passagem*, era o direito que pagavam os generos que só atravessavam uma povoação, para hirem a ser vendidos em outra. — Vide no 6.º vol., pag. 500, col. 1.ª e 2.ª)—Todas as pessoas de fóra da terra, que no Porto comprassem ou vendessem qualquer genero, pagavam ao bispo, um por cento. (Dez por mil, e por isso, tambem a este tributo se dava o nome de *milheiros.*)

Eram isentos do pagamento de portagem, os generos seguintes—pão cosido, queijadas, biscoitos, farellos, óvos, leite (e todos os seus productos), prata lavrada, vides (bacéllos) cannas, carqueija, tôjo, palha, vassouras, pedra, barro, lenha, herva, e os generos de toda a qualidade, vendidos para a armada real.

Tambem não pagavam portagem, nem passagem, os que vendiam os *fruytos dos seus bees* (bens) *movees*, ou de raiz, ou os que produziam as cousas que trouxessem arrendadas—nem os generos que eram dados em pagamento de suas tenças ou pensões—os que fizessem parte de dote para casamento —e os que se recebiam como mercês, ainda que os vendessem, no Porto, aos que por taes titulos os recebiam.

Mas, se levassem estas cousas para fóra da cidade, pagavam *passagem.*

A *passagem* pagava-se tambem, (metade para a egreja e metade para o mórdomo de Gaia) dos generos que passavam pela cidade. Vinha a ser—por cada carga, de bêsta muar, um real, de seis ceitis ao real (no foral de D. Thereza, este direito era de 6 ceitis, que vinha a ser o mesmo na apparencia, mas não na realidade, porque a moeda tinha já encarecido muito, durante o periodo de 400 annos, que tinham mêdeiado entre D. Thereza e o rei D. Manuel.) — De carga de *asno*, meio real (tres ceitis,)—por cada bôi, vacca, cabra, ovelha; e porco, um ceitil. O mesmo por bêsta descarregada (cavallar ou muar) se fosse macho, e sendo femea, 3 ceitis; mas, trazendo filho que mamasse, não pagava nada. [1]

—

Vinho—Do vinho que por terra entrasse

[1] Para se saber a que se chamava *gado do vento*, vide vol. 3.º, pag. 244, col. 1.ª

[1] As freiras de Santa Clara, até ao anno de 1500, recebiam portagem, das mercadorias que passavam pelo rio Douro. D. Manuel lhe cassou este privilegio; mas em 1504, tornaram a receber portagem, das mercadorias de Entre os Rios (Santa Clara do Torrão) que era couto do seu mosteiro.

n'esta cidade, pagava-se—de cada carrada, de 40 almudes, 6 canadas—e metade por pipa de 20 almudes—e o mais em proporção. Vindo em bêsta muar ou cavallar, pagava duas canadas, e em carga menor, canada e meia.

—

Castanhas e nozes—Por cada carga maior de nozes, ou de castanhas piladas, 6 reaes.

—

Panellas, louça de pau—(gamellas ou escudellas) *sal* e *pescado* (sêcco e fresco)—pagava—cada carga de panellas, ou louça de pau, uma peça=mas não das maiores d'esta louça.—Cada carga maior de sal, que sahisse do Porto, um real.=De *peixotas* (pescadas) seccas, um por cento. E todo o outro peixe, sêcco ou frêsco, por cada carga de bêsta cavallar ou muar, 8 ceitis, e por cada carga d'asno, 4 ceitis.

—

Priviligiados—Eram isentos d'estes tributos, os frades, as freiras, eremitães, clerigos (de ordens sacras ou menores) e beneficiados que viviam como clerigos, e que como taes eram havidos.

Eram isentos do pagamento da *portagem* e *passagem* (já desde o foral de D. Thereza) os *visinhos* (moradores) da cidade ou arrabaldes.

O povo de Gaia, era considerado *visinho* do Porto, para este privilegio.

Vide a palavra *Visinho*, no logar competente.

—

Os tabelliães—pagavam (tanto os judiciaes, como os de notas) 18:000 reaes, divididos por todos.

—

Todos estes tributos, ou direitos, que á primeira vista parecem excessivos, eram verdadeiramente insignificantissimos, comparados com os actuaes. Basta lermos com attenção o que fica dito, para nos convencermos d'esta verdade. O mais desagradavel, era a sua complicação, por serem *directos*.

Mas, se os portuenses estavam sujeitos ao pagamento de alguns d'estes tributos, tambem gosavam de muitos e grandes privilegios, como se verá no artigo seguinte.

Privilegios concedidos á cidade do Porto

Doação, feita ao mosteiro de Cedofeita, pelo rei suevo, Theodomiro, no anno 560.

(Vide 5.º vol., pag. 106, col. 2.ª)

—

Salvo conducto, dado ao mosteiro de Cedofeita, por Abd-el-Assis-Aben-Mahomet (mouro) senhor do Porto, em 755.

(Vide 5.º vol., pag. 106, col. 2.ª)

—

Doações, feitas por D. Affonso Henriques, e seus successores, ao mosteiro de Cedofeita.

(Vide 5.º vol., pag. 107, col. 1.ª e seguintes.)

—

Tinham os portuenses, os mesmos privilegios, isenções, graças, preeminencias e liberdades, dos *infanções da Terra da Feira*, e dos cidadãos de Lisboa—por carta régia de D. Affonso III, na era de 1299 (1261 de J. C.)—podendo, como elles trajar gallas de seda, bordadas a ouro ou prata; usar de armas, e de tudo o mais declarado na provisão, dada por D. João II, em Evora, no 1.º de junho de 1496, que confirmou a antecedente.

—

D. Diniz I, ordenou que do Porto fossem expulsos todos os fidalgos que se não applicassem ao commercio.

Esta determinação, foi confirmada por D. Affonso V, mandando que *nenhuma pessoa poderosa, se podesse demorar no Porto, mais de tres dias, sob pena de ser lançada fóra, por justiça.*

Por carta regia de D. Fernando I, datada de 3 de julho da era de Cesar 1406 (22 de junho de 1368 de J. C.) foi prohibida aos fidalgos, a residencia ou pousada, no Porto; fazendo assim cumprir as provisões e cartas de D. Affonso III e D. Diniz.

—

D. João I, por carta régia de 3 de março, da era de 1428 (20 de fevereiro de 1390 de J. C.) confirmou o uso determinado em vereação da camara—de não pousarem os fidalgos, dentro dos muros da cidade do Porto, ou n'ella comprarem casas e quintas: or-

denando que aquelles que as tivessem feito, as vendessem.

Outro sim ordenava a camara, que—quando os fidalgos passassem pelo Porto, só se demorassem o tempo strictamente necessario para os seus negocios urgentes, não podendo porem a sua demora exceder a tres dias.

O mesmo D. João I confirmou esta deliberação, ou *postura*, por carta régia de 23 de fevereiro do mesmo anno de 1390.

Mas, se algum fidalgo adoecesse, era-lhe permittido vir curar-se á cidade, se obtivesse para isso provisão régia.

—

Tambem D. João I mandou que o juiz da cidade fizesse correição contra os fidalgos, uma vez por mez.

—

Os fidalgos, vendo-se obrigados a venderem as suas propriedades, dentro dos muros do Porto, compraram terrenos e fizeram muitas casas e quintas nos seus arrabaldes; mas a cidade foi crescendo e ampliando-se, de modo que, com o tempo, um grande numero d'estas propriedades vieram a formar parte integrante da povoação.

Taes são as casas e quintas — dos srs. — Brandões (hoje marquezes de Manfalim e Terena) na Torre da Marca; João Pacheco Pereira, de Bello-Monte; condessa de Rézende; Bandeirinhas; Cyrnes, etc., etc.

—

Ainda no reinado de D. João I, nas côrtes de Coimbra (as setimas d'esta cidade) por deliberação da sessão de 12 de abril, da era de 1436 (1 de abril de 1398 de J. C.) se resolveu que—em razão dos sacrificios feitos pelos portuenses, para o levantamento do cêrco de Lisboa, em 1384, (vol. 4.º, pag. 110, col. 1.ª no fim) dando navios, gente e mantimentos; concorrendo tambem com gente, e armas, para a victoria de Trancoso e para a tomada de outras praças que ainda estavam pela voz de Castella (1388)—se conservassem á cidade do Porto os seus antigos privilegios—de não poderem morar no Porto, fidalgos ou pessoas poderosas, nem aqui terem propriedades—*por causa dos seus maus costumes.*

A carta regia de 22 de fevereiro, da era de 1454 (11 de fevereiro de 1416, de J. C.) manda guardar todos os antecedentes privilegios, comprehendendo ainda na prohibição de residirem no Porto—os mestres das ordens de S. Thiago, Christo, Aviz, e do Hospital; os commendadores d'estas ordens, e os frades conventuaes.

—

A cidade do Porto, concedeu a Fernão Coutinho, licença para viver nas suas casas de Monchique, 45 dias cada anno, repartidos em tres *temporadas*, de 15 dias cada uma.

—

Vindo Rodrigues Pereira, senhor da Feira, ao Porto, e demorando-se mais de tres dias, se juntou o povo, e lhe lançou fogo ás casas, havendo grande tumulto, muitos ferimentos e algumas mortes.

Pereira, queixou-se aos juizes e vereadores, *mas os criminosos foram absolvidos, por matarem e incendiarem, em defeza dos seus privilegios.*

—

Os portuenses tinham o privilegio de poder andar armados, por todo o reino.

—

As armas vindas para o Porto, não pagavam decima nem siza.

O rei D. Manoel, concedeu aos cidadãos do Porto, que andassem nos pelouros da governança, e cavalgassem mulas de sella e freio.

—

Os cidadãos do Porto, não podiam ser mettidos a tormentos, senão no caso em que o podiam ser os fidalgos.

—

Se fossem presos, recebiam homenagem como fidalgos.

—

Os seus caseiros, não podiam ser obrigados a hir á guerra.

—

Por carta régia de D. João I, não era permittido aos fidalgos e poderosos, da cidade do Porto, escolherem, na causa dos pobres, o

juizo do corregedor da comarca. Mas os pobres, podiam escolher esse juizo, se lhes conviesse.

—

Os vereadores da camara do Porto, apresentavam-se, com as suas insignias, na egreja da Sé, na vespera de Corpus Christi, e alli eram incensados, pelo bispo, ou por um dos seus conegos.

—

D. João I, concedeu ás mulheres do Porto o privilegio de não poderem ser presas por culpas dos maridos.

Por esse tempo, o mesmo D. João I, ordenou que ninguem podesse mendigar, sem licença da camara, sob pena de servirem um anno sem soldada.

—

Por provisão de D. João III, quem pescasse no lago da Foz, á bôca da barra, tinha um anno de degredo, e perdia os barcos e as rêdes.

—

Pela doação que a rainha D. Thereza fez ao bispo, D. Hugo, em 1120, tinha a *egreja da villa do Porto,* toda a jurisdicção, *alta e baixa, mero e mixto imperio e superioridade,* no civel e crime.

Os bispos, portanto, é que nomeavam o alcaide-mór da cidade, e como senhores donatarios d'ella, mandavam fazer os reparos das cadeias, e faziam os officiaes de justiça.

D. João I, em 13 de abril de 1406, comprou ao bispo D. Gil, o senhorio e jurisdições da cidade do Porto, pela renda annual de 3:000 libras.

O bispo D. Manoel, reduziu esta renda a 120 marcos de prata, a instancia do bispo D. Diogo de Sousa, ficando o Porto a pertencer á cidade.

Depois d'este contrato, em 1425, deu o rei (D. João I) a João Rodrigues de Sá (o das Gallés—Vide o vol. 6.º, pag. 558, col. 2.ª) o titulo de alcaide-mór do Porto, com os senhorios de Sevêr e Mattosinhos, *sem outro senhorio, nem dominio na cidade,* que ficou sendo da corôa.

—

O rei D. Affonso V, mandou se accrescentasse a *cadeia velha,* para o que se lançou certo tributo. Isto por carta régia de 16 de abril de 1490, que está no cartorio da camara, no *Livro antigo, do rei D. Affonso V,* a folhas 43.

—

O rei D. Manoel, revogou (1503) as anteriores provisões e cartas régias, que prohibiam a residencia dos fidalgos, no Porto; mandando que podessem hir novamente habitar na cidade, os filhos dos fidalgos que d'aqui tinham sahido; mas *sob condição de tornarem a ser expulsos, se a damnificassem.*

Permittiu então, a Pedro da Cunha, auctorisação para poder viver nas suas casas de Monchique. [1]

Parece que, ou os fidalgos abusaram da permissão que o rei lhes concedêra, ou que a sua residencia na cidade era origem de repetidas desordens, e emulações permanentes, porque o mesmo rei D. Manoel, por carta régia, de 17 de março de 1505, revogou a de 1503, restituindo á cidade todos os antigos privilegios.

N'esta carta se lê, que—não obstante ter já revogado a outras cidades do reino, similhante privilegio, contra os fidalgos, e determinado que, *nem os fidalgos enviados com algum cargo, podessem demorar-se no Porto, depois de cumprida a missão de que haviam sido encarregados.*

Declara, como exemplo, que—tratando o duque D. Affonso (irmão do rei D. Duarte)

[1] Supponho que estas casas são as que por muitos annos estiveram arrendadas á alfandega, para n'ellas estabelecerem os seus depositos, por não caber tudo na alfandega velha. São uns vastos armazens, dos quaes é hoje proprietario (por herança dos seus maiores) o sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, da villa de Provezende.

Mas não entendo muito bem estas tres linhas do texto!—O a que então se chamava *Monchique,* comprehendia toda a area onde hoje está o palacio e quinta da Bandeirinha, o Monte dos Judeus, mosteiro e cerca das freiras de Monchique, até aos referidos armazens—e, portanto—a mais de 400 metros fóra das muralhas da cidade, e, por consequencia, onde já os fidalgos podiam residir.

de construir casas no Porto, o não conseguira, pela recusa da camara, em vista dos seus privilegios.

Tambem declara a mesma carta, que estes privilegios, foram dados ao Porto, em attenção e como recompensa dos relevantes serviços que os seus habitantes haviam feito em várias épocas, aos reis e á patria.

—

Os vereadores, accordaram (em vista dos seus antigos privilegios e regalias, tantas vezes dados e confirmados pelas côrtes e pelos reis de Portugal) que—*se alguem alugasse ou vendesse casas a fidalgos, perdesse não só o preço d'ellas, mas todos os seus bens, para a cidade; e fosse posto fóra, perdendo tambem os compradores o preço das propriedades.*

—

Durante o reinado de D. João III, foram-se pouco a pouco relaxando os privilegios do Porto, principalmente, quanto á expulsão dos fidalgos, que, sob pretexto de terem empregos publicos, ou de serem negociantes, se foram subrepticiamente estabelecendo na cidade.

Esta relaxação progrediu nos ephemeros reinados de D. Sebastião, e D. Henrique (o cardeal rei) e quando Filippe II usurpou a corôa de Portugal, já no Porto residiam bastantes fidalgos, e muitos mais se vieram aqui estabelecer, durante esses nefastos 60 annos de terror e vexações de toda a casta.

Este usurpador, confirmando varios dos antigos privilegios do Porto, não falla na prohibição da residencia dos fidalgos n'esta cidade.

A constituição de 1820, acabou com varios privilegios, tanto no Porto, como nas outras terras do reino.

—

Dedicação dos portuenses a D. João I

Apenas o *mestre d'Aviz* foi acclamado pelo *povo* de Lisboa, e quasi simultaneamente per toda a nação, *regente e defensor do reino*, em 16 de dezembro de 1383, apezar da traiçoeira opposição da maior parte dos fidalgos portuguezes (que—diziam elles—não podiam nem deviam obedecer a um *bastardo*, filho de uma mulher do povo—) e do grande poder e mais ou menos bem fundadas pretenções, de D. João I, de Castella, casado com D. Beatriz, filha de D. Leonor Telles de Menezes; apenas, repito, o povo portuguez reconheceu por seu chefe o mestre d'Aviz, escreveu este a todas as camaras e pessoas poderosas, em quem confiava, dando-lhes parte da sua acclamação, em Lisboa, e de que um poderoso exercito castelhano se juntava nas fronteiras do reino visinho, para invadir Portugal.

Exortava o povo a que tomasse as armas, em defeza da patria em perigo, declarando-lhe que sempre o achariam á sua frente, para dar a vida em defeza da nossa independencia.

Apenas o mensageiro do *mestre* chegou ao Porto, com uma d'estas cartas—ou proclamações—e que o povo o soube, correu em massa e immediatamente para os paços do concelho, e alli, um dos vereadores lhe leu a mensagem de D. João.

Era isto quasi ao sól posto. O povo, em altos gritos, acclamou o *mestre*, como regente e defensor do reino.

Alguns, ou cobardes ou traidores, demonstraram hesitação, e fallaram no grande poder de Castella, e no triste estado em que D. Fernando, sua mulher, o conde Andeiro e outros, tinham deixado Portugal; mas estas *razões* não fizeram mais do que exaltar o patriotismo violento do povo, e elles tiveram de esconder-se ou transigir, para não serem trucidados.

O povo, quiz que o *alferes*, Alvaro da Veiga, levasse pela cidade a bandeira da camara, e animasse o resto do povo á revolta, e, como elle se recusasse, foi logo alli mesmo despedaçado pelos mais exaltados.

Com a noite, serenou alguma cousa o tumulto, porém na manhã seguinte, estava toda a cidade em plena revolta.

Os partidarios de D. Leonor Telles de Menezes e de seu genro, o rei de Castella, ou se esconderam ou fugiram.

A multidão esperava na praça ou campo do Olival (Cordoaria) a um nobre cavalleiro, chamado *Affonso Annes Paateiro* ou *Páteiro*, (vol. 6.º, pag. 507, col. 1.ª) esco-

lhido, por eleição popular, para levar a bandeira e dar as vozes da acclamação. Chega elle, montado em um formoso cavallo, ricamente ajaezado, e, fazendo ondular a bandeira do municipio, percorreu, seguido de grande multidão de povo de ambos os sexos e de diversas condições, todas as ruas da cidade, gritando — *Real! Real! Real! Pelo mestre de Aviz, regedor e defensor de Portugal*—a cujo brado respondia a multidão enthusiasmada.

Quando chegou ao largo da Sé (então muito mais amplo do que actualmente) tinha-se-lhe aggregado tanta gente, que enchendo a egreja e o largo, occupava ainda as ruas immediatas.

A egreja da Sé, que havia alguns annos estava fechada, por causa do interdicto, tinha aberto de par em par as suas portas aos populares.

Affonso Annes, apeando-se, subiu com mais alguns ás torres da egreja, onde collocou a bandeira, e todos os sinos principiaram a tocar em festivos repiques, annunciando á cidade a acclamação d'esse filho do povo, que foi um dos nossos mais bravos e mais sympathicos monarchas.

Todos os clerigos que acompanhavam o povo, disseram missa nas differentes capellas da Sé, as quaes o povo ouviu com a maior devoção, pedindo ao Altissimo a liberdade e salvação da patria.

Terminadas as missas, um religioso dominicano, subiu ao pulpito, e tomando por thema as palavras do psalmo—*Benedictus qui venit in nomine Domine*, com palavras eloquentissimas e commoventes, animou os portuenses, promettendo-lhes a protecção divina, e pedindo-lhes com lagrimas na voz, que se unissem em volta do mestre d'Aviz, symbolo da liberdade e independencia nacional.

Na egreja da Sé, que até então tinha estado interdicta, por causa das desavenças entre os bispos e o povo, não se tinham—havia muitos annos—enterrado os cadaveres dos christãos, fallecidos durante esse periodo.

Muitos do povo bradaram — *Vamos buscar os ossos dos nossos paes e parentes, que os bispos nos obrigaram a enterrar nos campos e nos mattos, e tratemos de os enterrar em sagrado.*

Isto foi estrepitosamente applaudido por todos, e esse dia foi exclusivamente empregado na remoção dos cadaveres para sepultura ecclesiastica, apezar de estar ainda em vigor o interdicto.

O bispo D. João (3.º do nome, e 37.º, na ordem dos prelados d'esta diocese) foi um leal portuguez, do que deu exuberantes provas em toda a sua vida.

Não se oppôz o illustre prelado ás patrioticas demonstrações do povo, que já muito o estimava pelas suas virtudes.

O povo e alguns nobres, trataram logo de armar-se convenientemente, para resistirem aos castelhanos.

D. João I, de Castella, invade Portugal, pelo Alemtejo, e vêm pôr cêrco a Lisboa, logo no mesmo anno de 1383; porém o mestre o investe com furor, obrigando-o a retirar para Santarem; mas, sendo reforçado, torna a sitiar Lisboa.

O Mestre manda ao Porto *Ruy Pereira* (tio do famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira) a pedir aos portuenses que o ajudassem n'esta conjunctura, com as gallés e navios que lhes fosse possivel; e que não dessem ouvidos, nem ás cartas que lhes dirigia D. Leonor Telles de Menezes, nem ás sugestões dos que os pretendiam fazer castelhanos.

Os portuenses, responderam a Ruy Pereira — *Dizei ao Mestre, que, ainda que elle não fôra filho conhecido de El-Rei D. Pedro, bastava o nome que tomou, de* defensor do reino, *para, só porisso, nos darmos por obrigados a servil'o, com fazendas e pessoas.*

O bispo, a camara e os principaes da cidade, reunidos no paço episcopal, trataram de procurar todos os meios de fazerem effectiva a sua promessa.

O prelado, gastou grossas quantias, na compra e aprovisionamento de varias gallés, e no pagamento ás suas guarnições; dando além d'isso á camara, 3:000 libras, para o mesmo fim. [1]

[1] Cada *libra*, valia então 36 reaes, e vinha a ser ao todo, a quantia de 108:000

A camara e o povo, rivalisavam em zelo e sollicitude, e uma formosa esquadra entra pela barra do Tejo, e derrota a castelhana. Esta, reforçada, ainda torna ao cêrco, porém teve de fugir para os seus portos, e D. João I (o castelhano) para Torres-Vedras, e d'alli para Castella.

Alguns fidalgos portuguezes, tentam assassinar o mestre (fevereiro de 1385) mas a conspiração é descoberta, e o principal traidor, *D. Garcia Valdez*, é queimado vivo, na praça de Lisboa.

As côrtes de Coimbra, declaram vago o throno portuguez (5 de abril de 1385) e acclamam como seu rei natural, o mestre de Aviz.

Distinguem-se n'estas côrtes — o famoso doutor, João das Regras (vol. 1.º, pag. 379, col. 2.ª) pelos seus brilhantes discursos, e pela força irresistivel da sua logica — e D. Nuno Alvares Pereira, pela coragem com que, em poucas, mas fumínantes

«....palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:»

sustentou o direito que os portuguezes tinham de eleger os seus monarchas, desde Ourique, e a obrigação que todos tinham de dar a vida em defeza da liberdade.

Os discursos d'estes dois vultos legendarios dos seculos XIV e XV, foram freneticamente apoiados por grande parte dos representantes da nação, e nomeadamente, por D. Lourenço, arcebispo de Braga—pelo nosso D. João, bispo do Porto — por D. João, bispo de Lisboa—D. Lourenço, bispo de Lamego—D. João, bispo d'Evora—D. frei Vasco, bispo da Guarda — o D. prior de Santa Cruz de Coimbra — o D. abbade de S. João d'Alpendurada — o abbade de Bustéllo (Penafiel)—e outros muitos ecclesiasticos—que todos se distinguiram n'esta conjunctura, pelo seu acrisolado patriotismo.

D. João I, expôz em côrtes os relevantes serviços que a cidade do Porto prestára contra os inimigos da patria, no cêrco de Lisboa, e em attenção a esses serviços, lhe ampliou muito o termo, incluindo n'elle os julgados de Bouças, Maia, Gaia, Penafiel, Souza, e Villa-Nova a par de Gaia.

Este bispo, D. João, o terceiro do nome, mostrou-se sempre um prelado virtuoso, um pastor sollicito, e um portuguez verdadeiro. É por isso que os portuenses o amavam entranhadamente, e que, quando elle deu principio á obra da claustra da Sé, lhe offereceu a camara, *mil pedras lavradas, em reconhecimento dos beneficios que d'elle tinha recebido.*

Finalmente, no serviço da sua egreja, da sua patria e dos seus diocesanos, gastou este santo prelado a vida, e eternisou a sua fama; e, fallecendo, cheio de annos e de bôas obras, deixou aos portuenses indelevel saudade.

Tambem merece, com a maior justiça, ser mencionado, n'este repositorio de noticias concernentes á nobre cidade do Porto, um dos seus mais prestantes cidadãos, do tempo de D. João I, foi — *João Ramalho*, cidadão honrado e rico, do Porto.

Foi nomeado, com outros cidadãos, para, sob a presidencia do bispo D. João, tratarem de tudo quanto entendessem dever praticar-se para defeza da nossa liberdade e independencia.

João Ramalho, não só mostrou o seu patriotismo nos conselhos, mas tambem a sua bravura nos combates. Vê-se da chronica de João I, que chegando a esquadra portuense á vista da castelhana, que estava bloqueando Lisboa, João Ramalho, em um pequeno batel, teve o arrojo de passar por entre os navios inimigos, e foi dar parte ao mestre de Aviz, da chegada da nossa armada; e, depois de combinar com elle o modo do ataque, com o mesmo desassombro tornou a atravessar a esquadra castelhana, e se foi unir aos seus.

—

D. João, depois de acclamado rei de Portugal, em uma carta em que menciona as cidades e villas que primeiro tomaram a vós por elle, nomeia em primeiro logar a cidade do Porto, dizendo:—*Os que confessaram commigo o papa Urbano, ser verdadeiro*

reaes, valiosissima para aquelle tempo, em que um alqueire de trigo custava 15 réis.

pastor da egreja; e o mestre, defensor e regedor d'estes reinos, foi a BOA E LEAL CIDADE DO PORTO, *que muito trabalhou commigo, n'este tão forte negocio, mostrando e ministrando grandes ajudas e despezas, por manter a verdade, que eu defendia.*

—

Vemos que D. João I, não se contentou com simples elogios aos portuenses, mas que traduziu em factos a sua estima e gratidão, nos grandes e innumeros privilegios, isenções, regalias e augmento que lhes concedeu.

Nunca tinha vindo ao Porto, que muito desejava conhecer pessoalmente, o que não tinha effectuado, por causa da constante guerra que sustentava contra os castelhanos.

As cortes de Coimbra, terminaram em abril de 1385, e logo em maio, o rei decidiu hir visitar o Porto, o que levou a effeito.

A cidade e Villa-Nova de Gaia, que, pela primeira vez, recebiam tão sympathico hospede, preparavam-se com tudo quanto podia dar a esta solemnidade o maior esplendor, e a mais inaudita magnificencia.

As ruas e as casas, foram transformadas em um vasto e odorifero jardim.

A entrada solemne fazia-se sempre, tanto para os reis como para os bispos, pela *porta de Miragaia* (porta Nova).

O rei ahi desembarcou de um luxuoso escaler, magnificamente adornado e embandeirado.

Desde a porta Nova, até á egreja da Sé, estavam as ruas alcatifadas de flores e verdura, e as portas e janellas embellezadas com cobertores, sanefas e cortinados, quaes mais ricos e vistosos, e com festões de flores, das mais bellas que seus moradores poderam haver. Algumas casas tinham as paredes todas cobertas de murta, ramos d'arvores e flores, e d'ellas sahiam festões, que, prendendo nos predios fronteiros, formavam *arcos triumphaes,* ou lindas abobadas de verdura.

Plantas e resinas odoriferas, ardiam em elegantes perfumadores, aromatisando o ambiente.

O bispo D. João, mandára adornar o paço episcopal (que ainda era o antigo mosteiro) com quantas gallas podéra encontrar.

A muralha (então ameiada) que desde o *Codeçal* vae pela margem do rio, até onde existiu a porta Nova, estava tambem coberta de plantas, ramos de louro e carvalho, flores e bandeiras.

Todas as gallés, caravellas, e mais barcos, surtos no Douro, estavam embandeirados, e adornados de flores e verdura.

Os marinheiros e pescadores, trajavam as suas melhores gallas, e estavam coroados de flores.

Entre estas embarcações, se distinguia um formoso batel, toldado de precioso damasco carmezim, e bordado e franjado d'ouro, com cortinas e almofadas da mesma côr e riqueza. O mastro e as cordas, estavam litteralmente cobertas de bandeiras e flamulas, que ondeavam galhardamente impellidas pela briza do oeste.

Por entre as bandeiras e as flores, se liam *motetes* e *divisas* alludindo aos brilhantes feitos do joven monarcha, libertador da patria.

Era o escaler ou *batel* real, em que D. João I havia de atravessar o rio, para fazer a sua entrada no Porto.

O concurso do povo, tanto da cidade, como de muitas leguas em redor, era immenso; occupando as janellas, atropelando-se nas ruas, e enchendo os barcos.

Era um brilhante dia de maio, do nosso formoso Portugal, e seriam 4 horas da tarde quando D. João I chegou a Villa Nova de Gaia, que estava tão adornada, vistosa e concorrida como a cidade.

O rei, sem a menor insignia de realeza, montava um bello e fogoso cavallo, e ia acompanhado por um pequeno numero de cavalleiros. Atravessou a villa, por entre a multidão, que freneticamente o saudava com estrondosas acclamações.

No rio, as embarcações formavam uma formosissima rua, e os *vivas* delirantes, tanto da villa, como dos barcos e da cidade, atroavam os ares.

Na praia de Miragaia, estava uma prancha ou estrado, ricamente alcatifado, para o desembarque do rei, e alli mesmo, a ca-

mara do Porto, e os seus principaes habitantes, com seus vestidos, bordados de ouro e prata, esperavam o soberano, ao qual, depois do comprimento então usado—*mantenha-vos Deus, senhor*—lhe beijaram a mão; e, praticada esta ceremonia, Affonso Annes Pateiro, alferes-mór da cidade, lhe apresentou o estandarte da camara, dirigindo-lhe estas solemnes palavras, que serão sempre um titulo de gloria para o Porto:

SENHOR! TOMAE ESTA INSIGNIA EM VOSSAS MÃOS, E POR ELLA NOS POMOS EM VOSSO PODER, E VOS FAZEMOS PREITO E MENAGEM, DE VOS SERVIR COM CORPOS E HAVERES, ATÉ DISPENDER AS VIDAS, POR HONRA DO REINO, E SERVIÇO VOSSO.

O rei, commovido com estas breves, mas nobilissimas palavras, respondeu tambem em poucas, dizendo:

Prometto dar a minha vida em defensa da nossa patria, e fazer mercês e justiça aos meus vassallos.

Dito isto, pegou na bandeira com ambas as mãos, em signal de reconhecimento, pelo preito e vassallagem espontanea dos portuenses.

Esta ceremonia (a da offerta da bandeira) era usada n'aquelles tempos, em eguaes circumstancias; mas tambem já se usava, em vez d'isso, apresentar as chaves da povoação. Depois, prevaleceu esta formalidade, cahindo aquella em desuso.

Apenas D. João I empunhára o estandarte da cidade, um dos vereadores da camara, bradou trez vezes: — *Viva el-rei D. João, viva!* — O que foi repetido por muitos milhares de vozes.

As trombetas, atabales e charamellas, atroavam o rio e a cidade.

Muitas *danças e folías*, se tinham *ensaiado* para este memoravel dia, e percorriam todas as praças e ruas.

As *invenções*, *cavalhadas* e mais exhibições do tempo, eram numerosissimas, porfiando todas as artes e officios, em se distinguirem com mais brilhantismo.

Representavam umas, guerreiros musulmanos e christãos, cobertos de brilhantes armaduras e reluzentes alfanges, espadas e montantes—outras, legiões romanas, ou gregas, de capacetes prateados, ornados de compridas plumas escarlates.

Pastores e pastoras, com trajos arcadicos, e coroados de flores—dragões, sereias, centauros, leões, ursos e outras alimarias (de lona ou papellão) mais ou menos mithologicas, mais ou menos bem imitadas, alternavam, em surprehendente confusão, o prestito real.

Os pastores e pastoras, hiam dançando, segurando cada par, pela extremidade, uma vara, em fórma de arco, coberta de fitas e flores, e fazendo tregeitos e meneios, mais ou menos decentes.

Os guerreiros, dançavam simulando combates, e batendo com as espadas, ou alfanges, nos pavezes dos contrarios, e andando sempre.

Os monstros, corriam, pulavam, e faziam mil esgares e momices, com que muito divertiam o povo.

Atraz d'estas exhibições, marchavam os *homens bôos*, e os vereadores e mais justiças e auctoridades, e por fim, o rei com os do seu sequito, todos a pé, e vagarosamente, por lhe custar a romper pela immensa *mó* do povo que obstruia as ruas do transito.

As musicas e acclamações, sobre tudo, desde a porta Nova até á cathedral, eram de ensurdecer. Das janellas, eram arremessadas pelas senhoras, sobre o rei e o seu acompanhamento, catadupas de flores, e chuva de trigo, milho, feijões e mais generos, como então se usava, em signal dos desejos de felicidade e abundancia de qualquer reinado.

O bispo D. João, vestido de pontifical, esperava o monarcha, á porta da egreja do mosteiro de S. Francisco, acompanhado do seu cabido, e da maior parte do clero da cidade, e d'alli tomaram parte no regio prestito, até ao paço episcopal, onde o rei foi recebido com as maiores demonstrações de regosijo, como já disse.

Poucos dias se demorou D. João I n'esta cidade, marchando para Guimarães, a encommendar-se a Nossa Senhora da Oliveira,

pedindo-lhe a sua protecção em favor do reino e da sua liberdade; mas tão penhorado ficou do brilhante acolhimento que lhe fizeram os portuenses, que escolheu a sua cidade, para n'ella vir receber-se com a virtuosa rainha, D. Philippa, como fica dito a pag. 290, col. 2.ª (1386) d'este volume.

Do patriotismo e abnegação heroica dos portuenses, e da origem da sua nobilissima alcunha de *tripeiros*, tratei a pag. 292, col. 1.ª (1415) e da gratidão do rei de *Boa Memoria*, para com a cidade do Porto, se trata em varias partes d'este artigo.

—

Sé Cathedral

Não é facil dizer a epoca certa da fundação d'este templo, nem fazer a descripção d'este venerando monumento, nos curtos limites de um diccionario geographico, que trata de todas as povoações portuguezas. Direi pois com a devida concizão, o que ha a um e outro respeito.

Pretendem alguns que esta egreja foi fundada por S. Basilio, que se diz ser discipulo do apostolo S. Thiago maior, e de S. Pedro de Rates, e que, sendo bispo de Braga (depois de o ser do Porto) foi martyrisado por ordem de Aloto, presidente de Hespanha, imperando o feroz Nero, em Placencia, a 23 de maio do anno 57 de J. C.—Julga-se porém, com bons fundamentos, que a egreja cathedral que S. Basilio edificou, não foi esta, mas a de S. Pedro de Miragaia. (Vide vol. 6.º, pag. 343, col. 1.ª—*Egreja parochial.)*

Tem-se pois como primeiro fundador da actual Sé, *Constancio*, quarto bispo do Porto, pelos annos 570 de J. C.

Sendo destruida pelos arabes, em 716, foi reedificada, entre os annos 982 e 1000 de J. C., pelo bispo, D. Nonego (ou por D. Sisnando, irmão de D. Mousinho Viegas, 15.º bispo do Porto—Vide pag. 281, col. 2.ª)

Ainda outros sustentam que a Sé construida por D. Nonego, ou por D. Sisnando, não era no local da existente, mas, no sitio onde depois se edificou o collegio dos jesuitas, e que agora é seminario diocesano; a qual foi ainda destruida pelos mouros, e que a rainha D. Thereza, e seu marido, o conde D. Henrique a reedificaram desde os fundamentos — ou, para melhor dizer — com os materiaes da antiga, construiram a actual, pelos annos 1108 ou 1109.[1]

Os successivos accrescentos e concertos que se lhe foram fazendo pelo tempo adiante, destoam completamente da sua primitiva architectura, o que faz um mau effeito.

No cartorio da Sé, ha documentos de muita valia, pela sua antiguidade, sendo o mais antigo de todos, um *Censual*, que principia por uma bulla do papa Paschoal II, expedida em 1115. Vê-se pois que existem documentos desde os primeiros annos da sua fundação, o que não acontece (que me conste) em outra alguma cathedral d'este reino.

O mesmo pontifice (Paschoal II) tinha feito bispo do Porto, a D. Hugo, francez de nação, e arcediago de S. Thiago de Compostella, e foi este prelado que pediu ao conde D. Henrique e a sua mulher, para que mandassem construir a egreja cathedral, ou reedificar a antiga.

A Sé construida por D. Sisnando (ou por D. Nonego) era de acanhadissimas proporções —como quasi todas as egrejas d'esse tempo — D. Sisnando, morreu em 1031, e desde então houve uma *séde vacante*, de 77 annos, até ao referido anno de 1108.

N'este periodo de 77 annos, apenas ha memoria de um D. Payo, que governou o bispado, como simples administrador.

O conde D. Henrique, morrendo em 1112 (quando sitiava a cidade de Astorga) não viu concluida a obra da Sé do Porto, pois só em 1120, sendo regente a rainha D. Thereza, é que alli se disse a primeira missa.

Foi a egreja dedicada a Santa Maria-Maior (Nossa Senhora da Assumpção) e sagrada pelo arcebispo de Toledo, D. Bernardo.

Foi a 18 de abril do anno de 1120, que D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques,

[1] A pag. 289, col. 1.ª, escapou o erro typographico, 1103, em vez de 1108.

(então de pouco mais de 11 annos, mas que a mãe o fazia assignar em quasi todos os documentos de maior importancia) fizeram carta de doação, a D. Hugo e seus successores, da cidade do Porto, com a jurisdicção espiritual e temporal, rendas e direitos d'ella.

Os grandes privilegios, liberalidades e regalias, de que D. Thereza, e depois, seu filho, D. Affonso I, e seu neto (da rainha) D. Sancho I, foram tão prodigos para com os bispos do Porto, foram a causa de conflictos deploraveis, entre os portuenses e os reis, contra os bispos; e de uma lucta continua e obstinada, nos trez seguintes reinados. (Vide *Gaia*. Vide tambem pag. 390, col. 2.ª, d'este volume.)

Quer a primitiva Sé fosse no sitio agora chamado *largo do Collegio*, quer no sitio onde hoje a vemos, é certo que D. Thereza e seu marido, demoliram a antiga, que era de acanhadas proporções, e construiram um templo vasto e magestoso, digno do Porto. É por isso que, com justa razão, se dá a estes principes o nome de *fundadores* da egreja cathedral, e não o de *reedificadores*.

Abrangia a nova obra, não só a egreja, com suas officinas, mas tambem o mosteiro, onde o bispo vivia juntamente com os conegos, em communidade e clausura, denominando-se estes *monachus* (monges) e não conegos. Vide pag. 283, col. 2.ª, no fim, e pag. 284, col. 1.ª, d'este volume.

—

Além do interior da egreja, das duas torres da frontaria, e dos dois *gigantes* que as fortificam, pouco mais resta hoje das obras de D. Thereza, de seu marido e de seu filho.

Parece-me que as duas serpentes que servem de parapeito ás escadas exteriores, da entrada da porta principal, tambem pertencem ás primeiras edificações.

Estas serpentes, estando bastante damnificadas, se concertaram em 1870.

Todas as mais obras d'esta cathedral e suas dependencias, se foram fazendo, por muitas vezes, em differentes épocas; o que é facil de conhecer, pela discordancia da architectura, que tanto destoa da original e respeitavel simplicidade.

O interior do templo, é bastante parecido com a Sé de Lisboa. É magnifico e de vastas proporções, com trez naves, divididas por uma arcaria de granito, tendo os capiteis, cornijas, guarnições e pedestaes, de marmore preto e roxo.

A capella-mór, é uma das melhores e a maior da Peninsula. A grade que a separa do corpo da egreja, é de bronze lavrado, com um corrimão de marmore preto.

O pavimento, é de marmore branco e vermelho, em xadrez.

Esta capella-mór, foi principiada em 1609, pelo bispo, D. frei Gonçalo de Moraes, sendo seu architecto, Valentim, discipulo do grande Miguel Angelo. Foi concluida em uma *séde vacante*, como consta da inscripção que está sobre a porta principal, e diz:

PRAE SULIS, HAUD DEXTRA,
SEDE VACANTE REVIXI;
DEXTRA, OPERI TANTO,
NUM FORET SATIS?

Esta inscripção parece refutar a outra que se vê no centro da longa fachada que olha para o N., e diz:

PERGE INTUS, QUIQUMQUE
FORIS SUSPENSUS ADHAERES;
NIL HIC, QUOD MIRUM EST,
SEDE VACANTE, VACAT.

Dos dois lados do altar-mór, estão os corpos de dois martyres — do lado do Evangelho, *S. Pacifico*—e do da Epistola, *Santo Aurelio*.

As roupas que vestem estes dois santos, são mais do que ridiculas—passam a indecentes.—Diz-se que um certo mórdomo (ou não sei que) lhes tirou os antigos galões d'ouro fino, guarnecidos de diamantes, substitnindo-os por galões de caixões de defuntos!

As paredes lateraes da egreja, estão abertas em altas e largas tribunas, que a inundam de luz.

A capella do SS. Sacramento, feita em

1792, tem um altar de prata, batida, assim como a banqueta, retabulo, sacrario, e todas as mais peças accessorias, tendo esculpidos, varios paços da Biblia.

Em 1808, os francezes roubaram a esta capella (vide pag. 319, col. 1.ª) quatro tocheiros, uma banqueta, quatro patriarchas, e seis alampadas, tudo de prata, e de primoroso lavor. Não roubaram todo o altar, por o julgarem de cobre prateado.

Tambem tenho ouvido dizer, que escapou de ser levado pelos francezes, porque um dos empregados da Sé teve a lembrança de dar sobre a prata, algumas camadas de gêsso.

Ainda outros dizem que um general francez, de bons sentimentos (elles tambem não haviam de ser todos ladrões) foi o que deu o conselho de se pintar com gêsso o altar.

Isto são tradições do povo, conservadas de paes a filhos, que não sei se teem fundamento. O que é certo, é que o altar escapou á rapacidade d'estes salteadores arregimentados.

Proximo ao altar do SS. Sacramento, está a imagem do *Senhor d'Alem*, que uns dizem ter sido achado em 1139, no sitio onde depois se construiu o convento de crusios, da serra do Pilar—outros que foi roubado pelo cabido, em uma noite em que da sua capella (ao S. e na margem esquerda do Douro, ao fundo da serra do Pilar) veio em procissão á Sé, em umas preces *ad petendum pluviam*. (Se assim foi, a capella é que ficou a *pedir chuva.)* É altar privilegiado; e por cima d'elle está um primoroso painel, representando Jesus Christo a entregar as chaves a S. Pedro.

Á esquerda do altar do SS. Sacramento, está o de Nossa Senhora da Silva, cuja imagem consta ter sido achada em um silvado, quando se abriram os alicerces para a continuação das obras, no reinado de D. Affonso I, sendo bispo do Porto, D. Hugo.

O que é certo, é ser uma imagem antiquissima, pois já existia no tempo da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, grande devota d'esta Senhora, deixando-lhe, por isso, por testamento, todas as suas joias, e os mais ricos vestidos da sua guarda-roupa.

A imagem é de pedra, e de alta estatura.

Manoel de Faria, na sua *Europa*, diz que esta imagem, antigamente era tôsca, e que depois, foi aperfeiçoada por um bom esculptor.

O padre-mestre, frei Luiz dos Anjos, no seu *Jardim de Portugal*, diz que — quando foi achada a imagem, estavam junto d'ella, dois *momos* de bronze, em fórma de grandes medalhões, tendo esculpidos, em relevo, cada um, um animal semelhante ao sapo, cujas figuras foram depois *retratadas*, e postas sobre a porta principal da mesma Sé.

Ha quem supponha que esta imagem não era mais do que uma estatua de alguma divindade, ou dama romana, que foi tomada por Nossa Senhora.

Não é impossivel, porque nós temos visto n'esta obra, tomarem-se os *deuses Terminos* (marcos divisorios de propriedades) por imagens da Virgem, e prestarem-se-lhe cultos.

O altar da Senhora da Silva, é privilegiado, e quem n'elle disser missa, tira uma alma de fogo do purgatorio. Tem ainda outras muitas indulgencias, nos dias das festividades da Senhora, e em outros do anno; tudo por bullas apostolicas, que se conservam no cartorio do cabido d'esta Sé.

Tem muitos legados, deixados pelos nossos antigos reis e rainhas, e por outras pessoas poderosas.

Foi este altar, um beneficio simples, sobre o qual houve renhidos pleitos com o cabido, que julgava pertencer-lhe.

Teve uma rica irmandade, composta dos mestres e officiaes de ferreiro, d'esta cidade, que curava da conservação e ornamento do altar, e da festa da Senhora.

Já em 1623, tinha trez grandes alampadas, alguns castiçaes e outras peças ricas, de

prata; sendo do mesmo metal as corôas da Senhora e do menino.

Teve capellão particular, da irmandade, para dizer as missas pelos irmãos vivos e defuntos. Antigamente, quando os homens não se envergonhavam de ser catholicos, em todos os domingos e dias santificados, assistiam os irmãos ás missas que se diziam n'este altar, todos com tochas accêzas. Por cima d'este altar, está um bello quadro, a óleo, representando a conversão de S. Paulo.

Com o mesmo titulo (de Nossa Senhora da Silva) administravam tambem os ferreiros, uma antiquissima albergarida, ou hospital de peregrinos, que dava a estes, trez dias de cama e sustento, com muito aceio e caridade.

Esta albergaria foi fundada pela referida rainha D. Mafalda, nossa primeira rainha, pelos annos 1150, na rua da Reboleira. Estando a albergaria arruinada, se mudou para o largo de S. João Novo, unindo-se-lhe as rendas de trez albergarias (Santa Catharina, S. Thiago e Senhora da Silva).

Com o correr dos annos, foi esta albergaria mudada para a rua da Ferraria de Cima (hoje dos *Caldeireiros)* e d'ella só existe uma formosa edicula, embutida em uma parede, mas construida com magnificencia, e coberta com um docel dourado. (Vide vol. 6.º, pag. 82, col. 1.ª e 2.ª)

Além dos altares referidos, ha mais 6 altares n'esta egreja — são os de — Nossa Senhora do Patrocinio, S. Thiago, S. Gonçalo d'Amarante, Santa Luzia (privilegiado), Jesus Maria José, e SS. Trindade.

N'este ultimo, está o corpo de S. Pantaleão, medico e martyr, padroeiro da cidade; que da egreja de Miragaia (onde esteve 46 annos) para aqui veio, em 12 de dezembro de 1499—e não a 12 de novembro de 1453, como por engano se disse, na col. 2.ª de pag. 204 d'este volume.

O rei D. Manoel, deu, para se depositarem as reliquias de S. Pantaleão, um rico cofre de prata, que foi roubado, depois de 1834.

Tinha muito que dizer sobre o roubo d'este cofre, o que não faço por *certas considerações*, sendo a principal, envolver n'este abominavel crime, pessoas de alta cathegoria, que se não pódem defender, por estarem já cobertas com a lousa do sepulchro.

Antes do roubo do cofre, se fazia com elle uma magnifica procissão — de sete em sete annos — que deixou de fazer-se desde o desacato.

Sabe-se, pelos breviarios e missaes, que a sagração d'esta egreja, teve logar, a 9 de setembro, mas não declâram o anno. É porém muito provavel que fosse em 1120, quando o templo se abriu á veneração dos fieis.

O claustro (ou *crasta)* foi mandado fazer pelo bispo, D. João, 3.º do nome, em 1385, e para ajuda da sua construcção, deu a camara do Porto, mil pedras de cantaria lavrada, como fica dito no artigo antecedente.

É formado de 304 columnas de pedra, tendo as paredes forradas de azulejos, com boas pinturas, contendo varias scenas do Velho Testamento.

A cada um dos quatro cantos, tem uma capella, e são—Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Expectação, Nossa Senhora da Esperança (dos morgados de appellido Brito e Cunha) e Nossa Senhora da Piedade, da casa de Athães.

A capella de Nossa Senhora da Saude, tambem na crasta, é tão antiga como a egreja, pois já existia no reinado de D. Affonso Henriques; sendo então esta Senhora objecto de grande veneração dos fieis.

Conta o padre, frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanctuario Marianno*, a pag. 9 do 5.º volume, o seguinte milagre, cuja memoria ainda se conserva por tradição entre os portuenses.

Trasladando o rei D. Affonso I, o corpo do martyr S. Vicente, do cabo do seu nome, no Algarve, para a Sé de Braga, em quanto se lhe preparava sepulchro na Sé de Lisboa, veio o santo desembarcar á cidade do Porto; e sendo o caixão que o conduzia tirado do navio e collocado sobre uma mula, esta, sem que pessoa alguma a guiasse, entrou na egreja da Sé, e se dirigiu á capella-mór, e, sem d'aqui dar mais um unico passo, se ajoelhou junto do altar, e logo que lhe tiraram

o caixão, alli mesmo se finou subitamente.

Foi isto, em 20 de fevereiro de 1176.

Por esta occasião, deu o rei um braço do Santo, á egreja da Sé do Porto, e foi logo collocado na capella de Nossa Senhora da Saude.

D. frei Marcos de Lisboa, sendo bispo do Porto, reedificou esta capella com grande sumptuosidade, em 1583, para alli ser sepultádo, e os mais prelados, seus successores.

O primeiro bispo que aqui se sepultou, foi D. Jeronymo de Menezes, seu successor.

O bispo, D. frei Gonçalo de Moraes, mandou fazer na mesma capella, um formoso carneiro, para n'elle se recolherem os ossos de todos os bispos, seus antecessores, que estavam enterrados em differentes logares da egreja, e elle se mandou enterrar tambem no mesmo carneiro.

Teve uma devota irmandade, que tratava da conservação e ornato da capella, e fazia uma solemne festividade á padroeira.

Ha ainda a capella de S. Vicente, com côro e orgam, onde esteve depositado o ex-rei da Sardenha, Carlos Alberto, desde o 1.º de agosto até 19 de setembro, de 1849.

Á direita da capella d'*Athães*, está uma porta, que conduz ao altar de Nossa Senhora da Encarnação, onde a rainha D. Leonor (fundadora do hospital das Caldas da Rainha e de muitas outras obras de caridade) mulher de D. João II, e irmã do rei D. Manoel, instituiu a *irmandade da Misericordia*, em 1499, a qual alli se conservou até 1555, anno em que se mudou para a sua egreja (actual) da rua das Flores. (Vide pag. 295, col. 1.ª, annos de 1499 e 1501.)

Adiante tratarei mais circumstanciadamente da capella de Athães.

A sacristia da Sé, é obra sumptuosa, com o pavimento de marmore roxo e cinzento, em xadrez. O tecto, é obra admiravel, com ricas pinturas *a fresco*, representando alguns passos da Sagrada Escriptura.

Nas paredes, estão dez quadros, a oleo, representando scenas da vida de Jesus Christo, desde os desposorios da SS. Virgem, até ás bodas de Caná.[1]

Tem tambem um bello Christo crucificado, e um painel de Nossa Senhora, que se attribue ao grande Raphael, e no qual se lê a inscripção:

QUI TE CREAVIT PARVULUM,
LACTENTE NUTRIS UBERE.

Por baixo d'este quadro, está um rico relogio; e todos os mais ornatos d'esta sacristia são de grande magnificencia.

No centro da sacristia, estão duas ricas mezas, de marmore, e em frente d'ellas, duas magestosas fontes (aos lados da porta da entrada) com formosas taças, em fórma de conchas, tudo de bello marmore.

Aos lados de cada uma das fontes, estão dois anjos, de madeira dourada, de boa esculptura, e cada par d'anjos, tem, um na mão direita, a inscripção — ANTE — e na esquerda—POST.

Admiram-se tambem aqui, riquissimos armarios de pau preto, com os gavetões marchetados de cobre dourado, onde se guardam os paramentos e outras roupas, pertencentes ao cabido.

—

Capella de Athães (ou *Atães.*) — A pag. 248, col. 1.ª do 1.º vol., disse que a quinta de Atães, formava o morgado d'este titulo. Não é assim. Esta quinta, era um prazo dos mórgados denominados de Atães, por aqui residirem a maior parte do tempo, mas não era vinculada.

Lourenço Homem Carneiro de Vasconcellos, fallecido em Lisboa, em 1842, era o senhor do morgado, que, por sua morte, passou ao herdeiro legal, Francisco da Cunha Leite Pereira de Mello e Vasconcellos, avô do actual possuidor das propriedades e rendas que formavam o vinculo, o sr. Jerony-

[1] São—1.º, o Casamento de Nossa Senhora — 2.º, a Annunciação — 3.º, a Visitação a Santa Isabel — 4.º, o Nascimento de Jesus Christo—5.º, a Circumcisão—6.º, a Adoração dos reis magos—7.º, a Apresentação no Templo—8.º, a Fugida para o Egypto — 9.º, o Menino entre os Doutores—10.º, as Bodas de Caná.

mo da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos, que é tambem o actual senhor da *capella de Atães*, no claustro da Sé.

O referido Lourenço Homem Carneiro de Vasconcellos, deixou por testamento, a Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, a quinta e prazo d'Atães, e nada mais.

Por morte de Alvaro Leite (junho de 1871) ficou esta quinta, a sua sobrinha, a sr.ª D. Maria Hellena Pereira de Mello e Alvim, actual representante dos Mellos e Alvins, senhores de Gaia e Monte Bello, por ser filha de Joaquim Leite Pereira de Mello, irmão de Alvaro Leite.

Os instituidores do vinculo chamado de Atães, foram os 7.os avós do sr. Jeronymo da Cunha Pimentel (seu actual possuidor, como fica dito) e eram, Diogo Homem Carneiro e sua mulher, D. Anna de Calvos, de quem Alvaro Leite nem era descendente.

A instituição d'este vinculo, foi no anno de 1622. (Vide n'este artigo—*Homens Carneiros de Vasconcellos.)*

—

Para a descripção do magestoso templo da Sé, e de todas as suas dependencias, seria preciso um grosso volume; por isso, limitar-me-hei apenas ao que fica dito, attendendo á natureza d'esta obra.

Está a cathedral situada em um dos mais elevados pontos da cidade, no centro do ambito occupado pelo antigo castello suevo (ou talvez romano, como já vimos) dominando toda a cidade, semelhante a um monarcha, que, sentado no seu throno, vê a seus pés, humildes e prostrados os seus vassallos; e, na verdade, era esta Sé, a senhora de toda a cidade, nos primeiros reinados da monarchia portugueza.

Abstrahindo da mistura heterogenea, das differentes ordens architectonicas, que cada monarcha ou prelado lhe quiz dar, nos successivos augmentos ou accessorios, e nos varios concertos e reedificações que tem tido ha sete seculos e meio—abstrahindo d'esta circumstancia, repito, devemos confessar que o conjuncto d'este monumento venerando, infunde respeito pela sua respeitavel vetustez e severa magestade.

—

Foi thesoureiro-mór d'esta Sé, o papa, João XXI, que governou a egreja de Deus, alguns mezes do anno 1276, até ao principio de 1277. (Vide 4.º vol., pag. 303, col. 2.ª

—

Teve esta egreja por prelados, varões eminentes pelas suas virtudes, saber e patriotismo. Entre elles mencionarei os seguintes:

D. João Esteves d'Azambuja—que depois foi feito cardeal, do titulo de *S. Pedro ad vincula*, e arcebispo de Lisboa. (Vide vol. 1.º, pag. 286, col. 1.ª, e vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª, pr.)

D. Antão Martins de Chaves—que depois foi feito cardeal, com o titulo de S. Chrisogono.

D. Affonso Pires—grande valido de D. Pedro I.

D. João, o 3.º do nome—do qual já tratei no presente artigo.

D. Gil Alma—(o Iris da Paz) que, em 1403, fez a suspirada composição, com D. João I, sobre as jurisdicções da egreja, e os privilegios da cidade.

D. Ayres de Sá—que morreu em 4 de agosto de 1578, na batalha de Alcacer-Quibir, combatendo heroicamente, ao lado de el-rei D. Sebastião.

D. João de Valladares—(o Moysés do seu povo) que conseguiu applacar as iras do usurpador, Filippe IV, em 1628, por causa do famoso *motim das maçarocas*. (Vide o vol. 5.º a pag. 76, col. 2.ª, pr.—e este vol., a pag. 303, col. 1.ª, anno de 1628.)

D. Nicolau Monteiro—que foi embaixador, por D. João IV, ao papa Urbano VIII, e foi tambem aio dos filhos d'este monarcha, e confessor de sua mulher, D. Luiza de Gusmão.

D. João de Souza (8.º do nome)—que foi doutor em canones, e deputado da Inquisição de Lisboa.

D. Thomaz d'Almeida—da casa dos condes de Avintes e dos Arcos (depois, marquezes do Lavradio) que depois foi cardeal, e primeiro patriarcha de Lisboa. Vide 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª)

D. frei. Raphael de Mendonça—mestre de theologia, na universidade de Coimbra, e prelado de grande saber e virtudes.

D. João de Magalhães e Avellar—varão doutissimo e de grandes virtudes, que occupava a cadeira episcopal, no reinado do sr. D. Miguel I.

—

O artigo do Porto, já vae bastante extenso, para os limites proprios de um diccionario; porém julgo não dever privar os portuenses, da leitura de trez documentos importantes e curiosissimos, do 12.º seculo; que, demais a mais, teem a vantagem de ser pouco extensos. São os seguintes:

Doação que da cidade do Porto fez a rainha D. Thereza, ao bispo Dom Hugo.
(Traducção)

Pela auctoridade dos nossos antepassados, queremos que, tudo o que mandarmos, seja firme e valioso, para sempre, e porisso o outorgamos por escripturas publicas e authenticas, para ficar em memoria, não só dos presentes, mas tambem dos que depois de nós vierem.

Pelo que, eu, a rainha D. Thereza, filha do glorioso imperador, Dom Affonso (VI)—e por honra e em louvor da bemaventurada Virgem Maria, e para remissão dos meus peccados, e redempção da minha alma e das de meus paes — faço testamento e carta de doação e confirmação, pela presente escriptura, á Sé do Porto, com exclusão de outro qualquer herdeiro, do meu burgo do Porto, sem obrigação de dar comedorias, ou outro qualquer alimento, a pessoa alguma, ainda que allegue titulo de meu herdeiro.

E lhe faço esta doação, com todas as rendas e achegas, e com a egreja de São Pedro (de Miragaia) e com a *Redondella, Tapada e Castello,* que em portuguez se chama *Luêda* (Noêda?) com todas as suas pertenças; e *Germalde* (que minha irman, a rainha D. Urraca, já tinha dado) e com todas as heranças reaes, que dentro do dito couto se contém.

Portanto, dôo as sobreditas heranças, e pesqueiras, a Santá Maria da Sé do Porto, e a D. Hugo, seu bispo, e aos successores d'este prelado; e o faço couto firmissimo, por seus termos—que são:

Por *Loeda,* e d'ahi pelo *ribeiro de Conairo,* que corre por junto do paço de Garcia Gonçalves—e d'ahi, pelas *Pedras Fixiles*—e d'ahi por *Parâmos,* até *Barêso*—e d'ahi, até a *Arca-Velha,* que está junto á fonte—e de ahi, até outra *Arca*—e d'ahi, pela *Pedra Furada*—e d'ahi, pelo monte, chamado *Pé de Mulla*—e d'ahi pelo *Monte-Captivo,* e onde parte Cedofeita com Geamalde — e d'ahi, á *Cortinha de Frades*—e d'ahi até ao *Canal-Maior,* assim como corre o rio Douro.

Do mesmo modo, qualquer direito, ou propriedade que tenho, ou dêva ter, dentro dos limites de *Bouças,* ou de *Santa Maria de Aguas-Santas,* ou de outras possessões reaes; pois de tudo faço doação e testamento, á egreja de Santa Maria da Sé do Porto, e a D. Hugo, bispo da dita Sé, para elle e seus successores: e por este instrumento o confirmo, para que o tenha e possua a dita egreja, para todo o sempre, até ao fim dos seculos.

E, se algum dos meus parentes, ou estranhos, tentar romper, tirar ou quebrantar este instrumento e carta de doação, ou couto, *primeiramente incorra na ira de Deus, e seja apartado e alheado, do Santissimo Corpo e Sangue, de Nosso Senhor Jesus Christo —e, não se emendando, tenha no inferno o mesmo logar que tem o traidor Judas Escariote:* e tudo o que contra esta doação pretender obrar, seja nullo e de nenhum valor, e em nada se torne; pagando alem d'isso, a pena de seis mil soldos, e um talento d'ouro—e esta seja para sempre firme e inviolavel.

Foi feita na era de 1158 (1120 de J. C.) e foi confirmada e sellada, no santo dia da Páschoa, aos 18 do mez d'abril, aos 15 dias da lua, anno da Encarnação de Nossa Senhora, de 1120, na indicação 2.ª, concorrente 4.ª, epacta nenhuma. No 6.º anno do pontificado de D. Hugo, bispo da dita egreja.

Eu, a rainha D. Thereza, filha do glorioso imperador, D. Affonso, confirmo e assigno esta carta ou encoutamento, com a minha propria mão, com consentimento de meu fi-

lho D. Affonso e de minhas filhas, D. Urraca e D. Sancha.

Foram testemunhas presentes, que tudo ouviram, Gomes Nunes—Mendo Veiga—Pedro Paes—Pelayo Paes—Egas Gondozendo—E eu D. Affonso, filho da rainha D. Thereza, o assigno e approvo.[1] E eu, D. Sancha, filha da rainha D. Thereza, o assigno e approvo. E eu, D. Urraca, filha da rainha D. Thereza, o assigno e approvo.—D. Hugo, bispo da dita egreja, da Sé do Porto, o assigno.—Hilario, arcediago da dita egreja, o assigno.—Froilão Almartins, o assigno.—Pelayo, clerigo de missa, o assigno.—Pedro, conego, subdiacono, o assigno.—Mendo, notario, o escrevi.

—

Foral que o bispo D. Hugo, deu á cidade do Porto

(Traducção)

Em nome da S.S. Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo. Aquillo que com firmeza e validade queremos fazer, o confirmamos por escripturas publicas; pelo que—eu, Hugo, por graça de Deus, bispo do Porto—ainda que indigno—faço saber, assim aos presentes, como aos futuros, que, não só com o consentimento dos nossos padres, mas, tambem por conselhos dos homens bons—Dôo aos habitantes do meu Burgo, do Porto, ou a qualquer pessoa que n'elle vier habitar, taes e tão bons fóros, como teem os de São Facundo—isto é—que, no dia da Ceia do Senhor, paga cada um, por uma casa qualquer, um soldo; e, aquelle que quizer fazer casa n'este Burgo, o meirinho dá villa, lhe dará para isso logar, e por isso, recêberá um soldo—e aquelle que quizer vender a sua casa, faça a venda a qualquer do Burgo, com audiencia e auctorisação do bispo, ou do seu meirinho.

E, se alguem, constrangido por necessidade grave, quizer sahir do Burgo, com licença do bispo e do seu meirinho, póde dar ou vender a sua casa; mas se o bispo ou o seu meirinho a quizer comprar, serão preferidos, dando o prêço em que os homens bons da villa a avaliarem.

O meirinho, não poderá penhorar, em moveis que qualquer pessoa do Burgo tenha em sua casa, quando fôra d'ella achar que penhorar. Nem poderá entrar em casa de pessoa alguma d'este Burgo, para fazer penhora, sem ser acompanhado por dois ou tres homens bons, da villa: e, se de outra sorte o fizer, pagará o dobro do valor do que violentamente tirar de casa, e perderá o officio de meirinho.

Qualquer que trouxer pão a esta villa, para vender, não paga porisso portagem alguma, e a medida do pão será uma só e egual, em toda a villa, tanto para comprar, como para vender.

O vinho, tambem terá uma sò medida, egual para todos; mas pagará portagem, como é foro. E, aquelle que vender ou comprar por outra medida que não seja a da villa, pagará cinco soldos.

Semelhantemente será medido o sal, por uma só medida.

De todas as *calumnias*[1] se pague a decima parte, excepto se fôr homicidio, rauso,[2]

[1] Tinha pouco mais de dez annos.

[1] N'aquelles tempos, a palavra *calumnia*, não tinha a significação que hoje tem; mas vinha a ser o mesmo que *côima*, ou um dos direitos annexos á corôa, que consistia em pertencerem ao fisco real, as penas ou multas de certos crimes graves. Escrevia-se então *calumpnias*.

O ladrão era obrigado, alem da restituição da cousa roubada, a pagar a *calumnia*. O roubado, recebia por inteiro o que o ladrão lhe tinha tirado; e, alem d'isso, a multa ou *calumnia* era dividida em sete partes—sendo seis d'ellas para o *rancoroso* (queixoso) e a setima para o *palacio* (camara) como representante do rei.

Em 1162, deu D. Affonso Henriques foral á villa de Mós, e n'elle diz—*Et nullo Pecto, nec nulla* Calumpnia *non intret ibi, nec meo Merino, nec Judice, nisi totum per Judicium de Alcaldes*: e em seguida, fallando dos furtos e roubos, diz—*De quocumque furto colligat suo Domino suo Cabdal, et partat illa* calumpnia, *et det Septima a Palatio, per manu de Alcaldes.*

Vide tambem o que digo sobre a significação de calumnia, nas palavras—*Prime, Villariça,* e *Viseu.*

[2] Vide *Rauso*, no logar competente.

ou offensa ao meirinho.—O que vender cavallo, pague um soldo—De uma égua, seis dinheiros—De jumento, quatro dinheiros—De bôi, dois dinheiros—De porco, um dinheiro—De carneiro, uma mealha. E se algum estranho matar vacca ou pôrco, pague os lombos. Se algum de fóra vender dois bragaes, não pague portagem—De uma *rapoza*, (certo vestido) um dinheiro, e de uma duzia, dois dinheiros—De uma saia, um dinheiro—De uma capa, dois dinheiros—De um manto, dois dinheiros—De uma *corda* de panno, dois dinheiros—De um capuz de fustão, dois dinheiros.

Aquelle que plantar vinha, fóra dos muros, nos logares que o meirinho lhe dér, pagará a quarta parte do vinho que ella produzir, ao celleiro da Sé do Porto. De quanto se trabalhar na vinha, depois que fôr plantada, não se pague senão o dizimo, pela sua alma, e até que a vinha produza vinho.

O que arrotear montes ou valles, pagué a 4.ª parte, e fique senhor da arroteia, perpetuamente.

O que não satisfizer o pagamento da portagem, incorra na inimisade do bispo, e pague o duplo.

O macho carregado, pagará dois dinheiros—Um podão, dois dinheiros.

Fazemos esta carta, para que Deus Omnipotente concêda á senhora D. Thereza, nossa rainha, a remissão de todos os seus peccados, e lhe dê a vida eterna, e a seus parentes e amigos; e a nós nos concêda a sua misericordia. Amen.

Qualquer que, de proposito, destruir esta nossa carta de constituição, e, depois de trez admoestações, recusar cumpril'a, em primeiro logar *incorra na ira de Deus, e tenha participação com Judas, traidor,* e tudo o que tentar, seja de nenhum effeito, e esta carta fique sempre firme.

Feita e dada, esta carta, aos 2 de julho, da era de 1161 (21 de junho do anno de 1123 de J. C.)—Eu, Hugo, bispo do Porto, robóro e confirmo—Viram e foram presentes—D. Tifardo, testemunha—Veremundo, testemunha—Pelagio, testemunha—Gonçalves, testemunha—Rodrigo, notario. Eu, João, bispo do Porto, robóro e confirmo, esta carta—Eu, Pedro, 1.º, bispo do Porto, robóro e confirmo esta carta—Eu, Pedro, 2.º, bispo do Porto, confirmo—Eu, Pedro, 3.º, bispo do Porto, robóro e confirmo esta carta.

Não vá alguem suppor que houve no Porto, simultaneamente, cinco bispos. Os quatro prelados que confirmaram o foral, são os successores de D. Hugo. O primeiro (D. João) foi o célebre *D. João Peculiar* (Ovelheiro) que de bispo do Porto, passou a arcebispo de Braga.

D. Pedro I, é *D. Pedro Rabaldis*, sobrinho de D. João Peculiar, que lhe succedeu na mitra do Porto.

D. Pedro II—successor d'este, é *D. Pedro Pitões*. A este succedeu D. Pedro III, denominado, *D. Pedro Senior*.

Estes prelados hiam confirmando, á medida que eram elevados ao episcopado.

—

Ampliação do couto do Porto, feita por D. Affonso Henriques, á Sé da mesma cidade.
(Traducção.)

Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, eu, o infante D. Affonso, filho do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza; e neto do rei D. Affonso, o Magno—e, por vontade de Deus, principe de Portugal, dôu e amplio, a vós, D. João (D. João Peculiar) bispo do Porto, e a todos os vossos successores, o couto que minha mãe fez á egreja de Santa Maria da Sé do Porto: sendo os limites do mesmo couto—Pela *Luêda*, até á *fonte do Conairo*; e d'ahi, á *Arca de Samigosa;* e d'ahi, á *Mâmoa Pedrosa*; e d'ahi, ás *Penhas da Regueira*; e d'ahi, á *Esperola*; e d'ahi, á *Mâmoa Furada;* e d'ahi, a *Sertagem*—ou *Sertã*; e d'ahi, aos *Sobreiros Munidos*; e d'ahi, á *Portella do Arrabalde*—assim como se divide pelo couto de Cedofeita; e d'ahi, a *Pé de Mulla*, e d'ahi, ao *Monte do Captivo*; e d'ahi, seguindo a divisão de Cedofeita com Germalde—e depois, pela *Cortinha dos Frades*;

e d'ahi, ao *Canal Maior*, assim como vae correndo para o Douro. Confirmo e amplio o referido couto, pelos ditos limites, assim a vós, mencionado bispo, como a vossos successores, para remedio da minha alma e das de meus paes, e pelo desejo de participar da patria celeste. Portanto, tende vós, e todos os vossos successores, firmemente e *in perpetuum*, o mesmo couto, firmissimamente inviolavel e inteiro, por todos os seculos. Se alguma pessoa, seja clerigo ou leigo, tentar invadir ou romper a ampliação d'este firmissimo couto, pagará a vós, ou a vossos successores, seis mil soldos, de bôa moeda, e o que for julgado. E esta minha escriptura haja de ter sempre validade. Feita esta carta de ampliação e firmeza, no mez de maio, da era de 1176 (1138 de J. C.) Eu, sobredito principe, D. Affonso, que dou esta carta de firmeza, a vós, D. João, bispo do Porto, e a vossos successores, a mandei fazer, e com a minha propria mão a confirmo, perante as testemunhas, que viram e foram presentes—Egas, mórdomo, confirmo—Garcia Mendes, alferes, confirmo—Fernando Pedro, confirmo—Lourenço, testemunha—Sanches, testemunha—Pedro, notario.

—

Paço episcopal

Está edificado na eminencia em que outrora existiu o vetusto castello de que já fallei a pag. 284, proximo e ao S. da Sé Cathedral.

Foi D. Nonego, bispo de Vandoma, e depois, do Porto—(ou segundo outros, D. Sesnando Viegas, irmão de D. Moninho Viegas) —que construiu (pelos annos de 1000 de J. C.) o primittivo paço episcopal, que não era mais do que um mosteiro, onde, até ao tempo do bispo D. Hugo, o prelado vivia com os seus *monges* (que depois se denominaram *conegos seculares*) em communidade, como verdadeiros religiosos, entrando todas as rendas do bispado, em um cofre commum.

O bispo, D. Martinho Pires, que morreu em 1191, a exemplo do arcebispo de Braga dividiu os rendimentos da egreja em trez partes eguaes—uma para o cabido, e duas para o bispo. Terminou a clausura d'estes conegos, que, passando a clerigos seculares, se foram viver, cada um onde quiz; e assim ficou o mosteiro a servir exclusivamente, de paço episcopal.

Martinho Pires, passou a arcebispo de Braga, succedendo-lhe na mitra do Porto, D. Martinho Rodrigues, em cujo pontificado houve as desordens que ficam rapidamente relatadas, a paginas 390, col. 2.ª, d'este volume.

Em 1385, ainda o paço dos bispos do Porto era o acanhado e singelo mosteiro de D. Sisnando, que já deveria ter soffrido varios concertos, visto ter perto de quatro seculos.

Sendo bispo do Porto, D. Luiz Pires, e estando o paço muito damnificado pelo tempo, o mandou reconstruir, entre os annos 1455 e 1460; approveitando a parte d'elle que estava mais bem conservada, e reparando o resto. Sobre a porta principal, mandou o bispo collocar uma pedra com o seu escudo d'armas, que eram barras vermelhas e pretas, atravessadas.

A D. Luiz Pires, succedeu D. João de Azevedo, em 1465, e foi este o 1.º bispo do Porto que colligiu livraria, composta, na sua maior parte, de manuscriptos, e já de alguns livros impressos, pois foi no seu tempo que se inventou a arte de Guttemberg.—Falleceu este prelado, em 1495, deixando a sua livraria aos seus successores, e foi ella o nucleo da bibliotheca episcopal, que os bispos seguintes, foram augmentando progressivamente.

—

Por fallecimento do bispo, D. Diogo da Costa, lhe succedeu seu irmão, D. Pedro da Costa (ambos sobrinhos do famoso cardeal, D. Jorge da Costa—vide *Alpedrinha* em 1508) apezar de D. Pedro não ter então mais de 22 annos de edade.

Logo em 1510, procedeu á demolição de tudo quanto restava do antigo mosteiro, substituindo-o por uma construcção mais decente e adequada para residencia de um prelado da segunda capital do reino.

D. Ayres da Silva, feito bispo do Porto, em 1573, fez muitas e valiosas obras no paço episcopal; e mais faria, se não morre, combatendo valorosamente, ao lado do rei

D. Sebastião, a 4 de agosto de 1578, na desgraçadissima batalha d'Alcacer-Quibir.

Dois annos depois (30 de septembro de 1580) D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, duque de Beja, filho do rei D. Manoel, e de sua segunda mulher, e cunhada, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, estabeleceu a sua *côrte* por alguns dias n'este paço.

D. Antonio, vencido, a 25 d'agosto, de 1580, na ponte de Alcantara (Lisboa) pelas tropas do usurpador, Filippe II, commandadas pelo duque d'Alba, fugiu para o norte, acompanhado de alguns cavalleiros e das poucas tropas que se lhe conservaram fieis. Chegou a Villa Nova de Gaia, a 29 de setembro d'esse anno de 1580.

N'esse mesmo dia, mandou ao Porto um emissario, para que a cidade se lhe entregasse; porém o bispo, D. Simão de Sá Pereira, o capitão-mór Pantaleão de Sá, e as principaes auctoridades e magistrados da cidade, a abandonaram, dando ordem á guarnição para resistir a D. Antonio.

O principe atacou a cidade, no dia seguinte (30) e facilmente a entrou, porque a resistencia foi quasi nulla.

Mas á sua entrada no Porto, foi recebido, não com hostilidade, porem com a mais desanimadora indifferença; porque os portuenses, temiam as vinganças crueis dos feroses castelhanos do duque d'Alba, que seguiam de perto esse punhado de leaes portuquezes, que, com a mais heroica abnegação, luctavam ainda contra o collosso castelhano, e contra a traição da maior parte dos fidalgos portuguezes.

Passados alguns dias de baldadas tentativas, para atrahir o povo do Porto á sua bandeira, teve ainda de fugir o desditoso D. Antonio, acompanhado de mui poucos cavalleiros, para o Alto-Minho, onde, depois de estar algum tempo escondido, pôde embarcar para França.

No dia seguinte ao da retida de D. Antonio, do Porto, entraram na cidade 6:000 castelhanos, commandados por D. Sancho d'Ávila, que tambem fez o seu quartel-general no paço do bispo.

O bispo do Porto (D. Simão de Sá) que estava em Tuy, na Galliza, apenas soube que D. Antonio tinha sahido do Porto, regressou á cidade; mas vendo que o general hespanhol lhe occupava o paço, foi residir para a casa da Misericordia, na rua das Flores, apezar de ter então o paço amplas accommodações; porém o bispo, que receára receber D. Antonio com as honras de rei, tambem não quiz misturar-se com os invasores da sua patria.

D. Simão de Sá, se não tinha a coragem de um guerreiro, tinha o patriotismo de um verdadeiro portuguez, e tanto o affligiram a escravidão e as desgraças da sua patria, que desde outubro de 1580, nunca mais tornou o ter saude, fallecendo no anno seguinte.

—

Em 1771, foi feito bispo do Porto, D. João Raphael de Mendonça, monge de S. Jeronymo, no mosteiro de Belem, lente de theologia, D. abbade geral da sua ordem, bispo de Pinhel e filho do 4.º conde de Valle de Reis.

D. João, nasceu em Lisboa, em 1717. Habituado ás pompas da côrte de D. João V— o *Magnifico* (ou, mais propriamente, o *Dissipador*) não julgou ainda o paço episcopal do Porto, digno de ser a residencia de um principe da egreja lusitana, descendente de uma das mais nobres familias de Portugal, e dos antigos soberanos da Biscaia, que já reinavam no seculo IX (vol. 4.º, pag. 449, col. 1.ª e 2.ª) resolveu demolir o antigo paço episcopal, construindo um novo, com a sumptuosidade d'aquella época, e em con-

formidade com os grandes rendimentos da mitra portuense.

Foi pois derrubado quasi todo o antigo paço, e no logar que occupava, se deu principio ao vasto e magestoso edificio que hoje admiramos.

Durante a vida d'este prelado, correram os trabalhos com a maior actividade, empregando-se n'elles grande numero de operarios, pois que D. João achou os cofres da mitra replectos de ouro e patra. Mas era tão colossal a obra, que, apezar do seu longo pontificado, apenas conseguiu concluir uma parte do edificio, onde falleceu; ficando o resto ainda em grande atrazo, e d'ahi em diante, foram progredindo as obras mui vagarosamente, até que por fim pararam de todo, ficando apenas concluida a frente principal (N.) e pouco mais de um terço das fachadas do S. e O.

A D. João Raphael de Mendonça, succedeu D. João de Magalhães e Avellar, durante o pontificado do qual, pouco progrediram as obras, em razão da guerra da Peninsula, e das convulsões politicas de Portugal.

—

Em 1808, foi o paço episcopal convertido em logar de conferencias patrioticas, e séde da *Junta do supremo governo do reino* (pag. 318, col 2.ª, pr.)

Esta revolta foi assim principiada:

No dia 18 de junho d'aquelle anno, já se achavam revolucionadas, contra o poder oppressor e voraz de Junot, muitos povos de Traz-os Montes, e alguns do Minho.

N'este dia, o governador *jacobino* do Porto, tratava de arranjar 2:000 rações, para a brigada franceza que se esperava. O povo, já farto de tantas e tão repetidas exacções, não pôde mais conter-se, e, após alguns brados de indignação, romperam freneticos vivas á familia real portugueza e á liberdade da patria; e todos correram a empunhar as armas que primeiro poderam encontrar, para se opporem á entrada de mais inimigos na cidade.

Os sinos de todas as egrejas e capellas, tocavam a rebate, sem descanço, e, em breve, toda a cidade estava em armas.

As portas das arrecadações militares, haviam sido arrombadas, e as armas, de todas as castas, que se tinham alli achado, foram distribuidas pelo povo.

Como por encanto, se organisaram corpos de voluntarios. Os milicianos correram á fórma; e os officiaes e soldados do exercito portuguez, que Junot havia *licenciado*, reuniram-se no campo de Santo Ovidio, formando um regimento *provisorio*. O pequeno numero de artilheiros que estavam no Porto, poderam haver algumas bocas de fogo, e as assestaram na Ribeira, em frente da ponte de barcas.

Formou-se a *junta*, que, no dia immediato (19) escolheu para casa das suas sessões, o paço dos bispos. Era composta de oito membros, e seu presidente, o bispo d'esta cidade, D. Antonio de S. José e Castro; que, n'esta conjunctura, tomou um papel importantissimo, sendo secundado energicamente pelos seus collegas; que todos desenvolveram a maior energia, para que a cidade se pozesse em bom estado de defeza.

Devemos porém confessar, que alguns do povo, levados por um excesso de patriotismo mal entendido, ou, para ser mais verdadeiro, arrastados pelo instincto de malvadez que quasi sempre, n'estas circumstancias, actúa nas massas populares, commetteram varios roubos, depredações, ferimentos e assassinatos, em pessoas ricas, sob o pretexto de serem jacobinos. A victima principal d'estes malvados, que assim deshonravam uma tão santa revolução, foi João da Cunha Porto-Carreiro *(o fidalgo da Bandeirinha)* além de mais algumas pessoas de menos importancia, quasi todos innocentes nos crimes que lhes attribuiam. (Vide o 6.º vol., pag. 267, col. 2.ª)

No meio d'estas scenas de horror, alguns portuenses se distinguiram, pela coragem e abnegação com que arrancaram das garras do povo furioso, varios infelizes, sentenciados a serem despedaçados. [1]

[1] Um meu tio materno *(tio avô)* chamado José Soares de Pinho Leal, riquissimo negociante de Cima do Muro, foi tirado do meio de uma turba-multa de esfarrapados e ferozes populares, (e já gravemente ferido) pela bravura (ou temeridade) de José Cardoso

Durante o cêrco do Porto, de 1832 a 1834, os liberaes construiram uma bateria, na extremidade S.O. do vasto páteo da entrada do paço, o que deu em resultado convergirem para este ponto os projectis vomitados pelas baterias realistas, e o edificio do paço soffreu muito.

O bispo eleito, D. frei Manoel de Santa Ignez, aqui habitou em quanto governou o bispado; mas nada reparou.

Succedeu-lhe o abbade de Fonte Bôa (vol. 3.º, pag. 208, col. 1.ª, no fim) D. Jeronymo da Costa Rebello *(o Canavêta)* que mandou concertar a parte destruida, e renovar as pinturas do interior.

Em 1870, ainda a parte superior do angulo S.O. do edificio, e que devia concluir a sua fachada principal, estava por fazer. Foi n'esse anno e no seguinte, que terminou esta obra, cuja lacuna, por tantos annos desfeiou este sumptuso palacio.

Como o edificio está construido no tope de um monte, e lhe segue o declive, do lado do sul, não conserva a mesma altura, nem egual numero de andares, nas suas quatro fachadas. A principal, virada para a entrada principal da Sé (N.) tem na sua frente, um vasto pateo quadrilongo, e o edificio tem por este lado, 280 palmos (62 metros) de comprimento, e 76 palmos (17 metros) de altura. O portão que dá entrada para o páteo, e para o edificio, tem 36 palmos (7 metros) de altura.

Para este lado (N.) o mais baixo do edificio, tem elle só dois andares, no 1.º, 12 janellas (seis de cada lado da porta) e no 2.º, 13 janellas.

Sobre a janella do centro, do 2.º andar, se vê uma *pedra d'armas*, com o brazão do fundador, D. João Raphael de Mendonça, que são as armas dos condes de Valle de Reis, cujo representante actual, é o sr. Pedro Agostinho de Mendonça Rólim de Moura Barreto, feito conde de Valle de Reis (o 10.º) em 24 de fevereiro de 1854. É filho do fallecido 1.º duque e 2.º marquez de Loulé, e da sr.ª infanta, D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI, e da rainha, D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança.

A fachada de O. S. O., tem 38 metros d'alto e quasi o mesmo de comprimento, com quatro andares (cada um com 12 janellas) além das lojas e subterraneos. Os andares baixos teem 28 janellas, vindo a ser, ao todo, as d'este lado, 76.

A fachada do S., em frente da qual está o jardim, tem 76 metros de comprimento, com 5 andares, tendo d'este lado 89 janellas.

Ha n'este edificio vastos salões, sendo em um d'elles a livraria; uma sumptuosa capella, e grande numero de salas e quartos.

A escada que conduz ao andar nobre, é a mais elegante e magestosa de todo o reino, e causa admiração a quantos nacionaes e estrangeiros visitam este paço.

A architectura do edificio é singela, porém de muita elegancia, e respeito.

Das suas janellas, principalmente das do O. S. O. e S., se goza um vastissimo e delicioso panorama. O mosteiro da Serra do Pilar, Villa Nova de Gaia, Gaia, Candal, rio Douro, pontes pensil e do caminho de ferro (em construcção) e grande parte da cidade, e arrabaldes, se descobrem d'aqui, causando prazer á vista, pela sua variedade e contrastes.

Finalmente, este palacio, não só é luxuosa residencia de um principe da egreja; mas é digno de ser a habitação de um soberano.

—

Por não hirem no logar competente, mencíono aqui mais as seguintes

Capellas

Nossa Senhora da Boa Hora, no largo de *Fradéllos*, em frente da fonte e lavadouros publicos de Fradéllos, e proximo (ao O.) da rua de Santa Catharina. É um bonito templo, e faz-se á sua padroeira uma boa festividade, no dia proprio.

Pereira de Vasconcellos, natural da villa de Sobrado, de Paiva, que, com imminente perigo de vida, pôde conseguir leval-o a casa. O unico crime do tal tio de minha mãe, era ter sido educado em Paris, e saber fallar francez!

Pinho Leal, em testemunho de gratidão para com Vasconcellos (que era filho de um boticario pobre) lhe deu por esposa uma sua sobrinha, por não ter filhas.

Tem uma irmandade, cujo rendimento anda por 280$000 réis annuaes.

Foi construida (ou reedificada) no principio do seculo XVIII.

Segundo a tradição, foi em tempos antigos, hospicio de monges bentos, que para aqui mandavam os seus doentes, por ser sitio saudavel, então nos arrabaldes da cidade. Diz-se que d'esta circumstancia lhe vem o nome de Fradéllos (que é o mesmo que *Fradinhos.)*

—

O *Sanctuario Marianno* não menciona esta capella.

—

Nosso Senhor da Boa Vista — no alto da *Pastelleira*, proximo ao Fôjo. É um bonito templo, collocado em uma eminencia, d'onde se gosam extensas e bonitas vistas. Está ornado internamente com muito aceio, e tem uma confraria que cuida da sua conservação e culto, e faz uma festa annual ao seu padroeiro.

—

Nossa Senhora da Lada.—Está encostada á muralha interior de Cima do Muro da Ribeira (antigamente *Lada)* e ao fundo das escadas do Codeçal. Da muralha se desce para esta capella (cujo telhado está quasi ao nivel do pavimento superior de Cima do Muro) por uma escada de pedra.

É templo muito antigo, e d'elle não pude obter mais esclarecimentos; porque tambem não vem no *Sanctuario Marianno.*

—

Nossa Senhora da Silva.—Vide o 6.º vol., pag. 82, col. 2.ª, e o altar do mesmo nome, na *Sé.*

—

Bom Jesus de Bouças—ou *Senhor do Calvario Novo.* — Já fallei d'esta capella, n'este volume, a pag. 414, 2.ª col. — Aqui ratifico um engano insignificante. Não foi fundada pelos frades trinos. Chamou-se dos *trinos da Cordoaria*, porque os terceiros d'esta ordem alli estiveram algum tempo.

Trato largamente d'esta capella, no 5.º vol., pag. 281, col. 2.ª, na ultima linha, e paginas seguintes.

A capella primitiva, por isso chamada depois, do *Senhor do Calvario Velho*, é que deu o nome á actual *rua do Calvario.*

—

Corpo Santo—5.º vol., pag. 121, 1.ª

—

Senhor dos Afflictos—(na cêrca do hospital da Misericordia) — 5.º vol., pag. 314, 1.ª

—

S. Nicolau—6.º vol., 44, 2.ª

—

Senhor da Saude—5.º vol., 317, 2.ª

—

Nossa Senhora do Soccôrro—5.º vol., 317, 1.ª, e 7.º, 286, 2.ª, no fim.

—

Nossa Senhora do Terreirinho—ou do *Terreiro da Alfandega Velha*—6.º vol.. pag. 45, 1.ª, no fim.

—

Nossa Senhora do Terço e Caridade — 314, 1.ª

—

Santo Antonio—na rua da Restauração—pag. 303, 2.ª

—

Nossa Senhora da Conceição, e Jesus, Maria e José—vol. 5.º, pag. 314, 1.ª

—

Santo Antonio—da Bandeirinha—vol. 5.º, pag. 314, 1.ª

—

Terceiros do Carmo—308, 1.ª, no fim.

—

Trinos da Cordoaria—É a mesma do Bom Jesus de Bouças, ou do Calvario.

—

Espirito Santo — 5.º vol., 279, 1.ª, no fim —287, 2.ª, e 313, 2.ª

—

Nossa Senhora da Lapa — (capella real) —310, 1.º, no fim.

—

Terceiros da S.S. Trindade — 311, 1.ª — (Vide *Bom Jesus de Bouças.)*

—

Nossa Senhora da Esperança — 307, 1.ª (1722).

—

Nossa Senhora da Vandoma—289, 1.ª

—

Nossa Senhora da Conceição, na Crasta—Vide *Sé*.

—

Nossa Senhora da Expectação, na Crasta—Vide *Sé*.

—

Nossa Senhora da Esperança — no largo de S. João Novo—vol. 5.º, 313, 2.ª

—

Nossa Senhora da Esperança—dos Britos e Cunhas—na Crasta. Vide *Sé*.

—

Nossa Senhora da Piedade—dos morgados d'Atães—(na Crasta) —Vide *Sé*.

—

S. Vicente, na Crasta—Vide *Sé*.

—

Nossa Senhora da Encarnação — (a primeira Misericordia do Porto) — Vide *egreja da Misericordia*, e *Sé*.

—

Nossa Senhora da Saude—Vide *Sé*.

—

Nossa Senhora do O— sobre as portas da Ribeira.

Já disse no logar competente, que em todas as portas abertas na muralha de circumvalação d'esta cidade, havia capellas, dedicadas á S.S. Virgem, sob diversas invocações. [1]

Na pag. 287, col. 2.ª, d'este volume. fallei na *porta da Ribeira*, que D. João de Almada e Mello, mandou demolir, com outras mais, em 1774, para ampliar os sitios em que ellas estavam.

Sobre esta porta, mas do lado da cidade (interior) existiu uma rica e bonita capella, das mais sumptuosas do Porto, dedicada a Nossa Senhora do O.

Para se saber a razão do titulo de Nossa Senhora do O, (que é o mesmo que *Expectação)* e quando se instituiu a sua festa, vide 6.º vol., pag. 184, col. 1.ª

Tinha uma grande irmandade, que se encarregava da conservação e aceio da capella, e de fazer á sua padroeira uma brilhante festividade, no dia 18 de dezembro.

Na rectaguarda da ermida, havia uma sacristia, onde se guardavam as alfaias e paramentos, e onde os padres se revestiam para dizer missa.

Esta capella foi construida ao mesmo tempo que a muralha, sendo reconstruida em 1650.

Diziam-se aqui, em todos os dias do anno, muitas missas, que o povo ouvia da *rua nova de S. João*. Tambem da mesma rua ouviam missa, os malfeitores que hiam ser executados na forca da Ribeira.

Além dos clerigos que alli queriam hir dizer missa, ou voluntariamente, ou encommendadas por algum devoto, ou em cumprimento de alguma promessa, tinha a ermida um capellão privativo, obrigado a dizer missa em todos os sabbados, domingos e dias santificados, pelas almas dos irmãos fallecidos.

A irmandade, acabou quando deixou de existir a porta e a capella.

—

Capella de Santo André—no logar do mesmo nome (antiga feira da herva) proximo e ao O. do passeio publico de S. Lazaro. Foi demolida ha uns 15 ou 16 annos, e d'ella só existe a memoria no referido largo, que ainda conserva o nome do santo.

—

Capella de Carlos Alberto —Vide 5.º vol., pag. 122, 1.ª e seguintes, e pag. 372, col. 2.ª d'este volume.

—

Capella de Santo Antonio do Penedo—Vide *palacio de Sebastião Correia*.

—

Capella do Senhor da Agonia—na Ramada-Alta. É um formoso templosinho, e todos os annos se faz uma esplendida festa ao seu padroeiro.

[1] Eram tempos felizes esses, de fé e religião. Não era só sobre as portas da cidade do Porto, que havia capellas consagradas à Virgem. Em quasi todas as portas de todas as praças do reino, havia capellas, oratorios, ou ediculas, pela maior parte, dedicadas a a Nossa Senhora e o resto, a differentes santos.

Ordens terceiras e outras irmandades existentes na cidade do Porto, em 1877

Irmandade dos Clerigos.

Terceiros de Nossa Senhora do Carmo.

Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade.

Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

—

Terceiros de S. Francisco—Junto ao mosteiro dos frades da Ordem Primeira de S. Francisco. Foi instituida esta Ordem, no anno de 1633, em uma capella dos claustros d'aquelle mosteiro, contigua á egreja; mas logo em 1634 os irmãos terceiros, improvisaram capella propria, no mesmo sitio da actual, e como era pouco sólida em breve se arruinou; pelo que trataram de a substituir por outra, cuja primeira pedra foi benzida pelo bispo D. Fernando, no dia 13 de maio de 1646.

A sua capella, ou egreja actual, feita sobre o chão onde esteve a anterior, foi principiada em 1792, e sagrada em 19 de maio de 1805, pelo bispo D. frei Antonio de S. José e Castro, havendo a Ordem dispendido com ella até áquella data 79:171$248 réis, —isto com o templo e com o cemiterio subterraneo, feito por baixo do mesmo templo, á imitação das famosas catacumbas de Roma.

Esta egreja é de granito finissimo, primorosamente trabalhado, e a frente é muito elegante, e decorada com 5 estatuas de muito merecimento artistico, representando as 3 no alto da frontaria. a Fé, Esperança e Caridade, e as 2 ao lado da porta de entrada, a Innocencia e a Humildade.

As decorações interiores de obra de talha e estuque, são mimosissimas, e os paineis dos altares lateraes, foram pintados por Vieira portuense. As imagens d'estes altares são tambem de bôa esculptura, e na sacristia, que é espaçosa, com muita luz, e que fica ao poente da egreja, ha tambem rica obra de talha em madeira.

As estatuas que decoram a frente d'esta egreja, bem como as lindas imagens dos 12 andores, que vão na procissão de Cinza, são obra do insigne estatuario portuense, João Joaquim Alão, morador que foi na rua do Pinheiro. D'aquellas 12 imagens deve exceptuar-se unicamente a de Christo. Esta veio de Roma.

O conde Raczynski [1] fallando d'este templo e do da Ordem Primeira diz:

«A egreja de S. Francisco, que foi fundada em 1325, tem um lindo portal gothico, mas parece-nos que não é todo da mesma época. Sempre anachronismos!

«É interiormente revestida de esculptura em madeira dourada, de uma riqueza e bellesa superiores a tudo o que n'este genero tenho visto em Portugal e *fóra de Portugal*. Este genero de esculptura em madeira, se denomina em Portugal—*obra de talha*. É do *rócócó*, de que eu gosto, posto não seja classico.

«Em uma pequena egreja visinha, dos Terceiros de S. Francisco, se vêem quatro paineis d'altar, de Vieira Portuense. Representam *Santa Margarida, confessando-se nos paroxismos da vida a um frade franciscano; —Nossa Senhora da Conceição;—Santa Isabel dando esmolas;*—e *S. Luiz, rei de França, orando*. Na minha opinião, o melhor d'estes quatro quadros, é o que mencionei primeiro, e o de menos merecimento é o que representa S. Luiz. Ainda não conheço bem o Vieira Portuense. No palacio da condessa da Anadia, em Lisboa, vi d'elle uma pintura no genero d'Albano, e o retrato da *condessa d'Athouguia*, que me fez recordar d'Angelica Kauffman; na casa do sr. Allen, no Porto, uma paizagem que eu diria ser de Pilman, e se assemelha tambem muito ás obras de Dietrich e Teniers. Nas quatro composições que citei, revelou o auctor bastante sensibilidade e profundo sentimento religioso. O colorido é fraco, mas harmonioso. O Vieira Lusitano possuia em mais alto grau o sentimento artistico, mas o Vieira Portuense, tinha tambem muito talento, e era um amavel pintor.»

Falla em seguida, o conde, d'outros monumentos artisticos do Porto, e particularmente do Museu Allen (hoje Museu Municipal) principiando por dizer, que Lisboa

[1] Les Arts en Portugal Paris. 1846. pag. 382 e seg.

não tinha uma collecção particular que podesse comparar-se com aquella.

Nos artigos, *Porto* e *Sé*, consignaremos a illustrada e insuspeita apreciação de Raczynski com relação a outras obras d'arte.

Volvendo ainda á egreja dos terceiros franciscanos, é forçoso confessarmos, que está hoje sortida de paramentos e alfaias como poucas, merecendo especial menção, uma custodia de prata dourada, pelo seu elegante desenho, grande formato e bom trabalho artistico, sendo o resplandor proporcionado, e por consequencia de vastas dimensões, com grande numero de pedras finas.

É tambem de muito preço e gosto, um grande diadêma de Nossa Senhora da Soledade, feito de prata dourada e cravejado de bons diamantes, — bem como um cinto da mesma Senhora.

É tambem notavel um grande resplandor de prata dourada, muito bem cinzelado, e pertencente á imagem de Christo que vae em um dos 12 andores na magestosa procissão de Cinza, de que logo fallaremos.

Tem tambem a ordem, 8 grandes jarras de prata, de muito merecimento, pertencentes aos andores do Senhor Jesus e de Nossa Senhora da Conceição, — e dois grandes calices de primeira ordem,—um de ouro e outro de prata dourada, com lavores—ambos volumosos, e que servem unicamente nos officios solemnes da Semana Santa.

Custaram tambem muitos contos de réis os paramentos ricos da ordem, e os mantos, tunicas e sanefas de gorgorão de seda, velludo e setim, com primorosos bordados a ouro, pertencentes aos andores que vão na procissão de Cinza.

Além da sua egreja propria, administra esta ordem o templo que foi dos frades, depois da extincção d'estes, e que lhe fica contiguo, e em um plano um pouco superior, voltado ao poente, em quanto que a egreja da ordem tem a frente voltada ao sul.

É este velho templo, um dos mais sumptuosos e mais caros do nosso paiz, formado de 3 naves, sobre dois renques de altas columnas, e quasi todo forrado, bem como as columnas, capella-mór e capellas e altares lateraes, com talha dourada, que hoje custaria centos de contos de réis, e tanto que o conde Raczynski, sempre avaro em dispensar louvores aos nossos monumentos artisticos, foi forçado a confessar que no artigo — *Decorações de talha em madeira* — foi este o primeiro templo que vira em Portugal e *fóra de Portugal*... Grande parte da talha foi feita pelo insigne artista Luiz Quiar. É porém para sentir que fossem expulsos os frades, sem levarem ao fim aquellas decorações, e que em seguida á extincção das ordens religiosas, um templo tão rico e venerando, fosse arvorado em armazem da alfandega, e entregue ao vandalismo dos carrejões *e mariolas, chegando o escandalo a ponto de transformarem em latrina, uma das capellas lateraes!!*...

É este o lugubre apanagio das guerras!...

Felizmente, aquelles escandalos em breve cessaram, e hoje este templo está limpo e decente, graças á superintendencia da ordem, auxiliada por varias confrarias e devoções erectas em diversos dos seus altares, e que n'elles fazem varias festividades, sendo a principal a dos Santos Martyres de Marrocos, e além d'esta as do Senhor das Chagas, Nossa Senhora da Conceição, e Santo Antonio; dito dos Tanoeiros, por confrarias proprias, — e a de Nossa Senhora da Soledade Gloriosa, pela Ordem Terceira, que faz mais no seu templo entre outras festividades, as seguintes: — de Santa Izabel, Nossa Senhora da Conceição, S. Francisco, Santo Antonio e Nossa Senhora das Dores, — as procissões de Cinza e da Paixão, e um anniversario ou officios solemnes todos os annos, a 2 de dezembro, por todos os irmãos da ordem.

A procissão de Cinza, é a unica d'este genero que ha muitos annos se faz no Porto, e uma das mais notaveis da cidade e do reino, pela rara perfeição artistica e subido preço dos seus 12 andores, e grande numero de anjinhos, que vão de permeio, termo medio 30, com varios emblemas — e por ser formada só por irmãos da ordem (uns 400 a 500) todos com os seus habitos e distinctivos proprios.

É tambem solemnissima a procissão do

Enterro, dita *da cidade*, e tanto que por uma portaria da rainha, a senhora D. Maria I, toda a divisão militar do Porto a acompanha em grande uniforme.

Esta procissão é precedida de outra que sahe na terça feira maior, ao toque d'Ave Maria, da egreja velha, com a Senhora da Soledade, para o convento de Santa Clara, entrando durante o transito, na egreja do convento da Ave Maria, ou das freiras benedictinas, onde se canta um solemne *miserere*; e na sexta feira santa, das 4 para as 5 horas da tarde, sahe a procissão da egreja de Santa Clara, com os dois unicos andores de Nossa Senhora da Soledade e do Senhor Morto,— varios penitentes debaixo de um e outro, sendo o prestito formado por muitos centos de irmãos terceiros com os seus habitos proprios. E depois de recolher á egreja da ordem, segue outra procissão pela travessa dos Mercadores e rua de Sant'Anna, com a imagem do Senhor Morto para a egreja de Santa Clara, porque pertence a este templo aquella imagem.

Esta procissão era feita pelos frades de S. Francisco e freiras da mesma ordem, do dito convento de Santa Clara; mas depois da extincção das ordens religiosas, tomou a Ordem Terceira aquella procissão a seu cargo.

Á direita da sua nova egreja, com a frente sobre o átrio d'esta, e em um pavimento immediatamente superior á sua sacristia, tem a ordem o seu cartorio e sala de sessões, uma das melhores e mais caras do Porto, com o tecto de madeira apainelado, boas guarnições e decorações de talha dourada, e no topo do salão um altar tambem de talha dourada e bellas imagens, e nas paredes da sala, grandes paineis, com retratos de bemfeitores da casa. Entre bemfeitores, foram insignes Manuel Ribeiro Poço; Manuel da Silva e Sousa; João Lopes da Cunha; cardeal patriarcha Manuel Bento Rodrigues; conde Ferreira; Balthazar José Martins; Manuel Francisco Duarte Cidade, além de outros que seria fastidioso enumerar.

Tem esta ordem um cemiterio privativo, desde 1870, no cemiterio municipal d'Agramonte. É vedado por um gradeamento e portão de ferro, e alli dá sepultura gratuita aos seus irmãos pobres, vendendo terreno para mausoleus e sepulturas distinctas, aos irmãos ricos.

Até 1866 eram os irmãos sepultados no cemiterio subterraneo da ordem, onde ha 5 altares, e n'elles se celebra. E antes de feito o cemiterio subterraneo eram os irmãos sepultados no claustro do convento da sua Ordem.

—

Os fundos d'esta ordem, consistem actualmente, em inscripções d'assentamento, dinheiros mutuados, acções de bancos e companhias e predios; sendo pelo ultimo orçamento de 1874 a 1875, o seu rendimento effectivo e eventual 14:156$360 réis, e a despeza egual, — em quanto que no anno de 1633 a 1634, data da instituição da ordem, foi a receita 14$713 réis e a despeza 29$990 réis; em 1639 a 1640, foi a receita 6$750 réis e a despeza 44$060 réis; e em 1645 a 1646, foi a receita 6$850 réis e a despeza 3$325 réis.

Extrahimos esta nota de um mappa curiosissimo, que existe no archivo da ordem, no qual se acha muito detalhadamente consignada a receita e despeza desde a sua instituição até 1805.

—

Conta esta ordem, na actualidade, seis mil novecentos e dois irmãos, que se reputam vivos, e só nos domingos e dias santos, em cumprimento de diversos legados, faz celebrar 455 missas annualmente, em differentes capellanias, mais 36 no dia de Natal e 188 por determinados bemfeitores, — isto além das 10 missas por cada um dos irmãos que fallece—e que montam aproximadamente a 1:000 missas por anno, dando actualmente 300 réis de esmola, por cada uma, celebrada em qualquer dia da semana, nos templos da ordem, e 1$000 a 1$300 réis de esmola pelas dos domingos e dias santificados.

—

Tem esta ordem um bom hospital proprio, na rua da Ferraria, em frente da rua de S. João Novo, e confinando ao sul com a rua de D. Fernando. Descreve, o todo, um vasto parallelogrammo, faceando com a rua, e além

dos armazens, que andam arrendados, tem 4 pavimentos, com grande numero de espaçosas janellas, pelas quaes recebe luz e ar do poente, nascente e sul. No 1.º pavimento estão montadas as escolas; no 2.º, as enfermarias e asylo para irmãos do sexo masculino; no 3.º, enfermarias e asylo para os irmãos do sexo feminino, e no ultimo pavimento quartos para doentes particulares.

Foi este hospital fundado aqui, por Manuel Ribeiro Poço e Manuel da Silva e Sousa, que generosamente o dotaram. Principiaram as obras em 1734, e foi aberto em 26 de maio de 1743.

O hospital antigo da ordem, esteve na rua do Reguinho, ao fundo d'esta rua da Ferraria, e era um simples recolhimento, só para irmãs terceiras pobres, sustentado por pessoas devotas. Foi principiado o edificio em 11 de agosto de 1686, e concluido a 19 de novembro do anno seguinte, e a 24 do mesmo mez se inaugurou com 2 recolhidas.

—

As escolas da ordem foram creadas em 1865, pelos benemeritos irmãos bemfeitores, conde de Ferreira e commendador Manuel Francisco Duarte Cidade, coadjuvados pela sr.ª D. Rita de Cassia Gomes Guimarães, com a cifra de 100$000 réis annuaes. N'ellas se ensina portuguez, segundo os ultimos regulamentos da instrucção publica, e são frequentadas actualmente por 214 alumnos, sendo 118 do sexo masculino e 96 do feminino. Nos ultimos 10 annos, os alumnos de ambos os sexos montaram a 1:800 — todos filhos de irmãos da ordem.

—

N'este mesmo hospital, se ministra todos os dias uma sôpa economica a todos os irmãos pobres que a requerem. Estão inscriptos actualmente 75, e nos ultimos 10 annos se ministrou a 750.

Esta sopa economica, foi instituida em 20 de fevereiro de 1856, para minorar as criticas circumstancias da pobreza, pois que o pão n'aquelle anno encareceu extraordinariamente ao norte do nosso paiz, e n'esta cidade do Porto chegou á enorme cifra de 1$500 réis o alqueire, o que determinou o motim popular de que fallamos n'este artigo, capitaneado pelo *Carcunda dos leilões*.

A mesa gerente d'esta ordem, creou pois n'aquelle anno esta sopa economica, desviando para ella certas sommas, e tencionava supprimil-a logo que passasse a crise; mas tão bem acceite foi por todos aquella instituição, que não mais se suspendeu, tornando-se permanente, tendo já hoje fundo proprio, na importancia de 4:000$000 réis, legados pela mesma protectora das aulas — a sr.ª D. Rita de Cassia Gomes Guimarães.

—

N'este hospital são recebidos e tratados gratuitamente todos os irmãos pobres, dando-se-lhes não só os remedios prescriptos pelos facultativos e aviados pela pharmacia, mas pagando-se-lhes banhos de mar, quentes ou frios, e banhos das caldas, nos termos de Vizella ou das Taipas, e leites de jumenta, segundo as prescripções dos facultativos da casa.

—

No edificio d'este hospital dá tambem a ordem, permanentemente, asylo a 48 irmãos pobres e entrevados d'ambos os sexos, — e isto em cumprimento de legados especiaes; e nos ultimos 10 annos, deu a ordem asylo a 480 d'aquelles infelizes, d'ambos os sexos. Data esta instituição de 22 de dezembro de 1765.

—

Ainda direi, que n'este hospital se celebram todos os domingos e dias santificados, duas missas, uma na enfermaria dos homens, e outra na das mulheres—em altares proprios.

—

N'esta repartição ha o seguinte pessoal: —1 capellão, 1 fiscal, 1 medico, 1 cirurgião, 1 enfermeiro, 1 ajudante, 1 enfermeira e 4 ajudantas, 2 cosinheiras, 1 roupeira e 1 creado.

E na secretaria da ordem, todo o pessoal se reduz a um cartorario (actualmente o sr. Saturnino Pinto d'Almeida, pessoa de merecimento) e 1 continuo...

Difficilmente se encontrará uma secretaria de egual importancia com um pessoal tão limitado!...

A mesa gerente da ordem, é constituida por 1 ministro ou presidente (hoje o sr. Antonio Domingos d'Oliveira Gama, tambem vereador, negociante e proprietario) — 1 vice-ministro (actualmente vago pelo fallecimento do commendador Manuel Duarte Cidade) — 1 secretario (hoje o sr. Antonio Gomes Moreira Junior, negociante e proprietario)—1 definidor ecclesiastico, e 7 definidores mais — além do capellão-mór, ou padre commissario da ordem.

Em quanto não foi extincta a Ordem Primeira de S. Francisco, o padre commissario d'esta ordem terceira, era sempre um frade d'aquella ordem, bem como havia sempre um frade com o titulo de visitador, encarregado de fiscalisar a administração d'esta ordem terceira.

—

Durante o cêrco do Porto (em 1832 a 1833) cahiram duas granadas no salão das sessões, e outra junto á porta principal da egreja da ordem, partindo apenas a pedra do átrio, onde bateu, e ferindo levemente as columnas da frente da egreja, cujos estragos se repararam de prompto; mas nas columnas, permanecem os vestigios dos ferimentos, feitos pelos estilhaços.

Nenhuma d'estas trez granadas, fez victimas, mas só a ultima faria com certeza muitas, se cahisse por occasião d'alguma festividade, ou da celebração das missas, nos dias santificados.

—

As quotas de entrada dos irmãos teem variado com os tempos, e hoje são as seguintes:

Pessoas de boa posição social, como titulares, negociantes, ecclesiasticos, proprietarios, etc., dão 16$000 réis—*sem annuaes;* e para pessoas de outras classes e menos teres, como artistas, serviçaes, etc., por isso que é com estes irmãos que a ordem mais dispende, a quota varia desde 19$200 a 36$000 réis.

E todo o irmão pobre que fallece, tem pela ordem, mortalha, caixão, sepultura e covato no cemiterio privativo da casa, um responso cantado por 5 padres, e 10 missas.

Dr. Pedro Augusto Ferreira.
Abbade de Miragaia

Bicas e poços

No Bairro Occidental da cidade do Porto em 1877

(Official)

Freguezia de S. Nicolau—tem—13 bicas, e 12 poços particulares.

Freguezia da Victoria— tem — 6 bicas, e 153 poços.

Freguezia de Miragaia—tem—55 bicas, e 105 poços.

Freguezia de Massarellos (ou *Bôa Viagem)* —tem—24 bicas, e 70 poços.

Freguezia de Lórdêllo do Ouro—tem—12 bicas, e 153 poços.

Freguezia de S. João da Foz do Douro — tem—5 bicas, e 132 poços.

Total—115 bicas, e 625 poços.

—

Procissões

Da SS. Trindade—A pag. 281, col. 2.ª, no fim, e seguintes, do 5.º volume, e na 1.ª col., da pag. 311 (1755) d'este vol. tratei da instituição d'esta ordem, e da sua primeira casa, no Porto.

Da procissão, tratei na 1.ª col. de pag. 312, d'este volume, mas, escapou aqui um êrro (ainda depois de emendado!)—vem a ser—o 5.º andor não é de Nossa Senhora das Dôres, *como alli disse o compositor*, mas o de Nossa Senhora dos Remedios.

Sahe no domingo da S.S. Trindade.

—

Procissão do Carmo—Consta de nove andores, são:

O Senhor no hórto.
O Senhor manietado.
O Senhor prêso á columna.
O Senhor na varanda de Pilatos.
O Senhor sentado na pedra-fria.
O Senhor dos passos.
O Senhor Jesus.
O Senhor morto.
Nossa Senhora das Dores.

Todas as capas das oito imagens de Nosso Senhor Jesus Christo, são de excellente velludo encarnado, bordadas a ouro fino—e

do mesmo estofo, côr e riqueza, são os pannos que cobrem os andores. Nos quatro angulos d'elles, assentam outras tantas jarras de prata, primorosamente lavradas, ornadas de formosos ramos artificiaes. Sahe da egreja do Carmo.

—

Procissão de Nossa Senhora do Terço e Caridade—Sahe da sua egreja, no ultimo domingo de junho.

Por emquanto só tem tres andores.

Annunciação de Nossa Senhora.

S.S. Trindade.

Assumpção de Nossa Senhora.

Os andores d'esta procissão, posto serem inferiores em numero, não o são em riqueza e sumptuosidade aos do Carmo.

—

Procissão de quarta feira de Cinza—sahe n'este dia da egreja de S. Francisco.

Consta de 12 andores—são os de:

Nossa Senhora da Conceição.

S. Francisco dos Bem-casados.

Santa Angela de Fulgino.

S. Roque, confessor.

Santa Rosa de Viterbo.

Santo Ivo, doutor.

Santa Margarida de Cortona.

S. Luiz, rei de França.

Santa Isabel, rainha de Hungria.

S. Carlos Borromeu.

Santa Isabel, rainha de Portugal.

Senhor Jesus.

Tanto as roupas das imagens, como as cobertas dos andores, são da maior magnificencia, e em nada inferiores ás dos antecedentes.

—

Procissão de Corpus Christi—Foi de grande sumptuosidade, porém, como a de Lisboa, tem decahido espantosamente a todos os respeitos. As *gualdrapas* dos cavallos, tanto de S. Jorge, como dos do seu *estado*, são as mesmas que serviam no reinado de D. José I e de sua filha e neto!—Ou esta procissão se devia fazer com a antiga magestade, ou supprimil-a para se evitarem as chufas que lhe fazem os inimigos do catholicismo.

A festa de Corpus Christi, foi instituida pelo papa Urbano IV, em 1264.

A primeira vez que esta procissão sahiu em Lisboa, foi em 1387, no reinado de João I, e por sua ordem.

Vide o que digo sobre a procissão do Corpo de Deus, na col. 1.ª de pag. 362, do 4.º volume.

—

Depois d'estas procissões, as mais decentes e respeitaveis do Porto, são a da *Paixão*, e a de *Passos*, de S. João Novo.

Ha ainda as da Victoria, Lapa, e de Nossa Senhora do Carmo.

Devemos confessar que, qualquer das quatro procissões aqui primeiramente mencionadas, só por si, tem mais riqueza, do que todas quantas se fazem em Lisboa. Duvido mesmo que em toda a christandade, (exceptuando Roma) se façam tão magestosas.

Os estrangeiros que as teem visto, ficam admirados, e confessam que são muito superiores ás dos seus paizes.

—

Cemiterio dos terceiros da S.S. Trindade

Occupa uma pequena parte do cemiterio de Agramonte, do qual está separado, e com capella privativa, que foi benzida, no dia 17 de maio (quinta feira) do presente anno de 1877, sendo officiante o sr. conego, e insigne professor, Antonio Roberto Jorge. Assistiu a mesa da irmandade, revestida com os habitos e insignias da ordem.

—

Tunnel de Villa Nova de Gaia

Fallei extensamente n'este tunnell, nas col. 1.ª e 2.ª de pag. 253, do 3.º volume. Agora direi mais o seguinte:

Este tunnell, construido pelo centro de uma vasta saibreira, onde se não encontrou a mais pequena rocha, alluiu na noite do dia 15 de maio de 1877, na extensão de 31 metros, e no sitio que fica proximo á rua do Arco dos Frades.

Não houve desgraça alguma pessoal, por

cahir de noite, e quando ninguem passava por estes sitios.

—

Temporal de novembro de 1875

As aguas do Douro invadiram as ruas da cidade baixa, causando graves prejuizos. O vento e a chuva torrencial, tambem causaram muitos damnos em outros sitios da cidade e seus arredores.

—

Pontes sobre o Douro, em frente do Porto

Ponte de barcas—(a primeira que teve o Porto.)—Vide vol.3.º, pag. 249, col. 1.ª, no principio—e vol. 6.º, pag. 68, 1.ª

—

Ponte pensil—Vide 6.º vol., pag. 66, col. 2.ª, e 7.º vol., pag. 316, col. 2.ª

—

Ponte do caminho de ferro do Norte—(em construcção)—Já fallei d'esta ponte, a pag. 421, col. 1.ª d'este volume. Aqui accrescentarei—que, esta obra, uma das mais notaveis do mundo, no seu genero, até hoje emprehendidas, foi deliniada pelo distincto engenheiro-constructor, da casa *Eiffel & C.ª*, o sr. Gerard Eiffel.

—

Ponte metalica—Está planeado mais um melhoramento (e aformoseamento, pois reune o util ao agradavel) para a nobre cidade do Porto. É uma *ponte metalica*, que se projecta construir sobre o rio Douro, proximo ao sitio onde existiu a ponte de barcas.

Em maio de 1877, terminaram os estudos de sondagem, tanto no rio, como nas suas margens. Os ultimos trabalhos, feitos nas *escadas da Rainha*, deram com rocha, a 13 palmos de profundidade; mas, na sondagem feita á entrada da rua de S. João, só se encontrou rocha firme, a 6 metros de profundidade. No sitio da *Barroca* (Villa Nova de Gaia) só se achou rocha firme, a 16 metros.

No leito do rio, não se encontrou rocha, mas sómente *calhaus rolados* (penedos errantes) sobre os quaes, segundo a opinião dos engenheiros que fizeram as sondagens, podem ser assentes os dois arcos que devem sustentar a ponte.

—

Collegio portuense

Em consequencia da grande multidão de apontamentos, que me foram precizos para escrever este artigo, escapou hir este collegio no logar competente.

Foi inaugurado este optimo estabelecimento de educação, no dia 22 de fevereiro de 1876, no edificio que foi mosteiro de freiras carmelitas, em frente do mercado do Anjo. (Vide pag. 306, 2.ª, e 407, 2.ª)

Está disposto e construido, segundo todas as indicações da sciencia. Os cursos estão completos, e espera-se que a educação dos alumnos d'esta casa, será esmeradissima.

Matricularam-se logo 13 alumnos internos e 225 externos.

—

Temporal de novembro de 1876

Ainda que este temporal não foi tão desastroso como alguns dos mencionados na col. 1.ª, de pag. 36, do 3.º vol.—como o de 28 de dezembro de 1727, descripto no mesmo vol., a pag. 248, col. 2.ª—como o de 1754, de que trata a pag. 310, col. 1.ª d'este vol. —nem, finalmente, como o de 22 de fevereiro de 1785, apontado na col. 2.ª, a pag. 314 d'este mesmo volume—ainda que fosse menos desastroso do que estes, repito, causou todavia importantissimos prejuizos. Houve desabamentos na rua de Monte-Bello, na viella da Neta (que ainda existia) e em outros muitos sitios. No cemiterio de Agramonte, quebraram-se arvores, cahiram alguns jazigos e houve outros damnos. O pavilhão da Boa-Vista, foi pelos ares. No Douro (no sitio de Campanhan) foram a pique quatro barcas, carregadas com carris de ferro, destinados á via ferrea do Douro. Foi ao fundo, outra barca carregada de sal. Garraram alguns navios, a água do Douro invadiu varias ruas da cidade baixa, estragando muitas fazendas e mobilias, e causando muita miseria nas classes pobres, ás quaes a cheia estragou os poucos, mas unicos haveres.

Accudiu-lhes porem a caridade publica, cujas esmolas atenuaram, em grande parte, as suas desgraças. (Vide pag. 381, col. 1.ª no fim, e col. 2.ª d'este volume.)

—

Francisco Guedes d'Azevedo

(LEGADOS)

Falleceu n'esta cidade, em maio de 1877, o caridoso Francisco Guedes d'Azevedo, deixando, por testamento, a differentes estabelecimentos pios, os legados seguintes:

Á Santa Casa da Misericordia, do Porto, 1:000$000 réis, em inscripções.

Ao recolhimento das raparigas abandonadas, 500$000 réis, em inscripções.

Ao asylo da mendicidade, 1:000$000 réis, em inscripções.

Ao collegio dos meninos orphãos, da Graça, 200$000 réis, em inscripções.

Ao seminario do Pinheiro, em Campanhan, 500$000 réis, em inscripções.

—

João Ferro de Lima

(LEGADOS)

Em 27 de maio de 1877, falleceu em Braga, João Ferro de Lima, natural do Porto, porem havia muitos annos residente em Braga. Deixou, por testamento, os seguintes legados:

Ao Bom Jesus do Monte, quatro contos de réis.

A Nossa Senhora das Dores, da egreja dos Congregados, dois contos de réis.

—

Fabricas, no Porto

De distilação e de cerveja	10
De asphalto	3
De elasticos para calçado	2
De sapatos de liga	2
De chapeus (de feltro, seda e castor)	22
De lumes de cêra, de isca, de pán, de cartão e de sóla	3
De botões de sêda, duraque, metal, etc.	4
Somma	46
Transporte	46
De tabacos { Delegação da companhia de Xabregas, com sede em Lisboa; Portuense; Lealdade; Bôa-Fé }	4
De sabão { Freixo (parada); Piedade; Rego-Lameiro; Camões }	4
De gomma *(polvilheiros)*	4
De camas de ferro	4
De cortumes	11
De objectos de chumbo, estanho e zinco (*picheleiros*)	11
De carruagens	3
De instrumentos nauticos	1
De tinturaria	17
De armas de fôgo	5
De objectos de latão e cobre (caldeireiros)	4
	4
De objectos de ferro (serralheiros e ferreiros)	24
De bandeiras e signaes, para embarcações	4
De rolhas (e depositos de cortiça para exportação)	6
De vidros, *Portuense* (em Villa Nova de Gaia)	1
De perfumarias	1
De louça	7
De cordas, cabos para navios, etc.	2
De fiação (de seda e algodão)	5
De tecidos de seda	13
De tecidos de seda e algodão	79
De torcer algodão	5
De lanificios (especialmente cobertores)	1
De estamparia	1
De oleados e transparentes	1
De galões d'ouro fino	1
De galões d'ouro falso (*palheta*)	7
De galões de sêda	11
De fitas, de todas as qualidades	9
De fita de nastro	3
De dôce (confeitarias)	17
De bolacha, de todas as qualidades	1
De pão de trigo	46
Somma	363

Transporte.....	363
De biscouto, para embarque.....	6
De massas e massinhas.....	4
De refinação de assucar.....	11
De pianos, orgãos e armoni-flutes....	5
De vellas de sébo.....	5
De lavagem de lan.....	4
Somma.....	398

A maior parte d'estas fabricas estão perfeitamente montadas, sendo muitas d'ellas movidas por vapor.

Por merecerem especial menção, separei as seguintes fabricas:

De estamparia e tecidos, do sr. Joaquim Antonio da Silva Guimarães, na rua do Fernandes Thomaz, em frente da praça do Bolhão—(vide pag. 383, col. 2.ª)

É uma das maiores e melhores do seu genero em Portugal, e fabricam-se alli tecidos de optima qualidade, e cores indeleveis, rivalisando muitos d'elles, com os melhores da Inglaterra e França.

De fundição de ferro, chumbo, etc., a vapor, na mesma rua, e contigua a antecedente. São seus proprietarios, os srs. *Basto e Irmão.*

Fazem-se aqui optimos artefactos de ferro, chumbo, estanho, zinco, etc., com admiravel perfeição, preferiveis aos estrangeiros, pela sua solidez.

Tem tambem uma machina de serrar madeira.

De fundição de ferro, a vapor, no Bicalho—do sr. Luiz Ferreira de Sousa Cruz. Fabrica excellentes obras de diversos metaes, distinguindo-se pela perfeição e solidez das suas machinas hydraulicas. (Vide 5.º vol., pag. 9, col. 1.ª

De fundição de ferro, a vapor, em Maçarellos.

É da *companhia Alliança.* Os seus artefactos são como os da fabrica antecedente. (5.º vol., pag. 122, col. 1.ª

São tambem dignas de especial mensão as fabricas de fundição—da *Arrábida*, da *rua da Restauração* e da *rua da Hora.* E a fabrica de fundição *Typographica Portuense*, estabelecida na rua do Almada.

De obras de metal, de todas as qualidades, na rua dos Bragas e pertencente á *Companhia Aurificia.* Vende tambem madeiras aparelhadas.

De chapeus, de seda, feltro e castor, do sr. Francisco Antonio da Costa Braga, na rua de Santo Antonio.

De chapeus, de seda, feltro e castor, propriedade da *Fabrica social*, no alto da Fontinha.

De fiação de sêda, trança, torçal, retroz e organzine, no *estabelecimento humanitario, do barão de Nova Cintra*, na rua d'este nome.

—

Em maio de 1877, principiaram as experiencias do machinismo, na *fabrica de fiação*, de Salgueiros. A força da machina de vapor, é de 150 cavallos.

A fabrica trabalha com 12:000 fusos, devendo, depois de completa, funccionar com com 30:000

Todo o machinismo, é do mais aperfeiçoado, havendo n'elle aparelhos, vistos pela primeira vez, em Portugal.

O edificio, construido expressamente para esta fabrica, tem todas as condições essenciaes para estabelecimentos d'esta natureza.

—

Vem pois a ser 404 as fabricas de differentes generos, actualmente estabelecidas no Porto—incluindo as 9 ultimas que menciono depois das 394.

—

Tinha muito desejo de mencionar os nomes dos fabricantes e mais industriaes que foram premiados na *Exposição Universal de Philadelphia*, em 1876; mas não o faço, com receio de fazer este artigo ainda mais longo: direi sómente, que, grande numero dos artefactos, produzidos pela maior parte d'estas fabricas, mereceram premios, ou *menções honrosas.*

—

Ha no Porto, além das fabricas de tecidos mencionadas, 2:300 teares simples, e 130 á

Jacquard, quasi todos no bairro oriental. Os teares de linho, em toda a cidade, andam por 1:600.

—

Assembléas do Porto

Club Portuense, na praça da Trindade (antigo *largo do Laranjal.)* Foi inaugurado a 2 de maio de 1857.

Occupa a parte septentrional do formoso palacete do sr. Antonio Bernardo Ferreira (*o Ferreirinha.*)

Está aberto todas as noites, e é muito frequentado. Dá bailes esplendidos.

Assembleia Portuense—na mesma praça da Trindade—Foi fundada em 1834; porém o vasto e luxuoso predio em que hoje está estabelecida, foi expressamente construido para esta assembleia, em 1859.

A mesma frequencia, e bailes tão sumptuosos, como do antecedente.

Sociedade philarmonica—na rua do Laranjal. Foi inaugurada a 13 de março de 1856. Dá optimos saráos, musicaes e dançantes.

Feitoria Ingleza—(vol. 6.º, pag. 60, 2.ª, e 7.º vol., pag. 393, 1.ª)—Ha tambem aqui uma assembleia, e dão-se magnificos bailes.

—

Aguas mineraes

Fonte das Aguas-férreas—no sitio mesmo chamado Aguas-Ferreas, proximo da rua da Boa-Vista.

Está a nascente ao fundo de um terreno ajardinado, murado, e fechado por um portão de ferro. Tem tambem algumas arvores, e assentos de pedra, para descanço dos doentes e dos visitantes.

—

Banhos antigos

Vide o volume 6.º, pag. 83, col. 1.ª

—

Estabelecimento de banhos

Ha um unico na cidade do Porto, estabelecido na rua de Santo Antonio, com entrada pela mesma rua, e pela calçada da Thereza (hoje rua da Madeira.) Tem banhos de agua doce, de agua salgada, de chuva e sulphureos.

—

Gazómetro

Na noite do dia em que o sr. D. Pedro V completava 18 annos de edade (16 de septembro de 1855) foi pela primeira vez illuminada a gaz, a cidade do Porto.

O gazometro foi construido sobre a margem direita do Douro, no sitio do Ouro; porém a *companhia portuense de illuminação a gaz*, projecta construir novo gazometro, em logar melhor escolhido, pois que o actual tem por varias vezes sido inundado pelas aguas do rio, em occasião de enchentes, causando graves prejuizos á empreza, e deixando os portuenses ás escuras; como aconteceu em novembro e dezembro de 1876, tendo a companhia de mandar collocar candieiros de petroline nas ruas principaes, em quanto não podia funccionar o gazometro.

—

Mercados permanentes

Do Anjo—no antigo campo do Olival, hoje passeio da Cordoaria. Foi construido em 1839, no chão onde até então existiu o edificio e pequena cêrca do *recolhimento do Anjo* (pag. 306, 1.ª—1672.)

Tem no centro, um chafariz, de optima agua.

Como este mercado é de mui acanhadas proporções, em vista do progressivo desenvolvimento da população da cidade; resolveu a camara municipal, construir um novo mercado, no campo que foi cêrca do mosteiro de freiras carmelitas, e que fica ao N. e proximo do mercado do Anjo. Este ficará, depois de construido o novo, sòmente para cereaes e farinhas, que actualmente se vendem na praça aberta, chamada porisso, *Feira da Farinha*, e hoje, praça dos Voluntarios da Rainha.

O novo mercado, será para fructas, hortaliças, flores, legumes, etc.

—

Do Peixe—Vide vol. 5.º, pag. 280, col. 2.ª

Das Fressureiras—Idem.

—

Do Bolhão—na praça do mesmo nome. Foi construido pelos annos de 1850. Tinha sido feira de carneiros, e depois de carvão.

É um mercado elegante, formando um quadrilongo, com casas de pedra, forradas de asulezo, todas do mesmo risco e grandeza, com a frente para o interior da praça, e tendo para o exterior, apenas uma janella (oculo) circular; mas só tem casas nos dois lados do E. e O. são todas cobertas de laminas de zinco, que, sobresahindo para o interior da praça, formam um coberto de 2 metros de largo.

Para o lado da rua do Fernandes Thomaz (N.) que fica em nivel superior uns 5 metros, tem uma abundante fonte, e um vasto tanque, mas já fóra das grades de ferro que fecham a praça por este lado. Pelo lado do S., tambem é fechado por grades de ferro.

Tem duas avenidas, uma ao sul, que é a principal, outra ao norte. São portões de ferro, no centro das grades, e que se fecham ao toque de recolher.

Consta dos mesmos generos que se vendem na praça do Anjo.

Em um arruamento do lado O., faceando com a rectaguarda da praça, é a feira permanente de louça ordinaria e outros objectos.

No arruamento de E., são lojas de adeleiros (*ferros velhos*) constituindo tambem um mercado permanente, de generos de todas as castas, de differentes materias, de varias proveniencias, hybridos e heterogeneos.

—

Dos Ferros-Velhos—encostado á parede E., do campo que foi cêrca das freiras carmelitas (o que está destinado para novo mercado.)

Consta dos mesmos e variadissimos objectos, que ás terças feiras se vendem na célebre *feira da Ladra*, no campo de Santa Anna, em Lisboa.

É porém permanente; mas muito mais concorrido ás terças feiras e sabbados—o que acontece a todos os mais estabelecimentos commerciaes do Porto.

Já ha muitos annos que a camara municipal projecta remover isto d'aqui; mas, ou a falta de sitio proprio, ou *certas influencias*, teem estorvado esta mudança, que era bem necessaria, visto que a feira de ferros velhos, farrapos, cacos, botas e sapatos, novos e velhos, etc., etc, torna aquella rua soberanamente triste e desagradavel.

—

Do pão—(de trigo e milho) na praça aberta de Santa Thereza.

De fructas—hortaliças e legumes, na Ribeira, mesmo sobre a margem direita do Douro.

—

Das fressureiras—pela parte interior dos arcos de Cima do Muro, da Ribeira, em um pequeno largo, no antiquissimo bairro do *Barrêdo*.

—

Do peixe—na Ribeira, tambem sobre a margem do rio. É pequeno e insignificante.

—

Até 1834, havia tambem um mercado diario de fructas, flores, hortaliças, legumes, etc., no largo da Batalha, desde o angulo que está ao N.O., e a pouca distancia do palacio do sr. Manuel Pedro Guedes (Pangim) até quasi á entrada da rua de Santo Ildefonso.

—

Tambem houve, até ha cousa de 12 ou 15 annos, *feira da herva*, no largo de Santo André, junto á capella do mesmo santo, que foi demolida, quando a feira da herva se mudou para o Bolhão.

—

Matadouro publico

Não consta, se nos primeiros tempos (o dos suevos) houve casa ou logar exclusivo para abater as rezes destinadas ao consumo da população. Suppõe-se que o gado era abatido mesmo no açougue, que primeiramente era perto da Sé, no centro do Burgo Velho, e no logar ainda hoje chamado, *largo do Açougue-Real*.

Depois, mudou-se para as Fontainhas, para o edificio hoje convertido (depois de grandes aperfeiçoamentos e ampliações) em asylo da mendicidade.

Em 1840, se construiu o actual matadouro, no sitio do *Monte-Pedral*, freguezia de Paranhos, suburbios e ao N.O. da cidade.

O sitio foi bem escolhido, mas o edificio, é, a todos os respeitos, muito inferior ao do matadouro publico de Lisboa, e a camara tem de gastar ainda uma grossa quantia, para que este edificio preencha os fins para que foi destinado.

—

Administração central do correio

Está na rua de S. Bento da Victoria, pouco acima da egreja matriz de Nossa Senhora da Victoria, e do mesmo lado, em frente do edificio que foi mosteiro de monges benedictinos.

—

Estação central telegraphica

Esteve primeiro na *Casa-Pia*; depois mudou-se para o edificio que foi mosteiro de freiras carmelitas. Actualmente está no palacio do sr. Manoel Pedro Guedes (arrendado) no largo da Batalha, em frente do Theatro de S. João (Theatro lyrico.)

—

A direcção das obras publicas—está tambem no edificio antecedente.

—

Palacio da Justiça

Está no edificio que foi mosteiro de frades, eremitas de Santo Agostinho (*gracianos*) vulgarmente chamado, de S. João Novo.

Durante o cêrco do Porto, e ainda muito depois, serviu de hospital militar.

Sendo ministro da justiça, o sr. Gaspar Pereira da Silva, mandou adaptar convenientemente este vasto edificio, para n'elle se acommodarem os tribunaes civis e criminaes, e os cartorios dos respectivos escrivães.

Foi inaugurado em 28 de maio de 1864. (Vide vol. 6.º, pag. 77, col. 2.ª, e 7.º, 300, 1.ª)

—

Tribunal da Relação

Vide pag. 299, 1.ª—304, 1.ª (1647) e pag. 447, 2.ª

Rua das Taipas

Deu-se-lhe este nome, porque, havendo uma grande peste, que matou grande numero de moradores d'esta rua, no fim do anno 1485, a camara a mandou *entaipar*, por accordam de 14 de janeiro de 1486.

—

Praça de touros da Aguardente

Foi construida no largo da Aguardente, em 1871. Era de madeira, e ficava dentro de um campo, do lado E. do largo, e proximo á nova rua do Principe Real.

Os portuenses, que tão repentinamente mostraram grande empenho em possuir um taurodromo, e vêr as corridas; ao fim de dois annos, já estavam aborrecidos d'isto a que em Lisboa se chama (por antiphrase?) *divertimento*, e o resultado foi, terem os cavalleiros, os capinhas, a sua *quadrilha*, e os pobres touros, de se darem em espectaculo, ás... tábuas dos camarotes e das trincheiras.

Ao fim de dois annos, foi a praça demolida.

> Devemos confessar que uma das razões que concorreram para a queda do tal *passatempo*, era serem os touros que hiam para o Porto, escolhidos... dos *peores*—isto é—alimarias pacificas e inoffensivas, que só á força de crueldades sahiam fóra do seu sério, e perdendo o bom humor, davam algum miseravel pulo.

—

Praça de touros da Bôa-Vista

Em um campo, juncto e ao N., da nova rua da Bôa-Vista, pouco ao O. do hospital militar de D. Pedro V, e em frente do cemiterio de Agramonte, se construiu pelo mesmo tempo, do antecedente; dos mesmos materieas, nas mesmas circumstancias, e com os *mesmissimos* resultados, um outro taurodromo.

Para em tudo e por tudo, ter egual sorte».

foi demolido ao mesmo tempo que o seu rival na especulação e na desgraça.

A catastrophe d'estas duas emprezas, nada depõe contra o bom gôsto e a humanidade dos portuenses.

—

Praça das Hortas ou Praça Nova das Hortas, hoje Praça de D. Pedro

Por occasião do casamento de D. João I, com a virtuosa D. Philippa d'Alencastre, filha de João de Gand (1387) estiveram os esposos por bastante tempo no Porto.

Ainda n'esse tempo era a cidade circumscripta pelo cinto de muralhas que o irmão e antecessor de D. João I, havia concluido. (Pag. 285, 1.ª)

Extramuros ainda então apenas havia algumas casas de campo. e varias aldeias que constituiam os arrabaldes do Porto.

Uma das entradas principaes d'esse tempo, do lado do N. da cidade, era o *Postigo dos Carros* [1] e fóra d'elle, o ambito hoje occupado pela extremidade S. da rua do Bom-Jardim (a parte antigamente chamada rua da Porta de Carros) o chão onde estão construidas a egreja e casas que foram dos *Nerys*, ou *Congregados*—e praça de D. Pedro —e extremidade S. da rua do Almada (a parte antigamente chamáda rua das Hortas) e a actual rua do Sá da Bandeira—este ambito, digo, que era uma planicie, estava occupado por muitas *hortas*, de diversos proprietarios, e porisso ao sitio se dava o nome de *Hortas*.

Ao N. d'estas hortas, em sitio um pouco mais elevado, havia uma fonte, e lavadouros publicos, no logar hoje occupado pela rua, porisso, ainda chamada dos *Lavadouros*.

Por entre as hortas havia uma estrada tortuosa e estreita, que se dirigia ao *postigo dos Carros*.

D. João I, mandou alargar e alinhar essa estrada, que se chamava mesmo *estrada das Hortas*

Foram-se povoando estes sitios, ficando apenas no centro, uma porção de hortas, onde depois se fez a *praça Nova das Hortas;* depois, chamada *praça Nova;* e por fim *praça de D. Pedro.*

Dentro d'esta praça, no canto do S. e O., é que existiu a pequena praça, ou mercado, da *Natividade*, que deu o primeiro nome á actual *rua dos Clerigos*, que primeiro se chamou, *calçada da Natividade* e depois, *calçada dos Clerigos.*

O visconde de Gouveia, sendo governador civil do Porto, chrismou varias ruas e praças, e declarando guerra a differentes *calçadas* e *travessas* (e até a alguns *bêcos!*) lhes deu o nome de *ruas.*

—

Porta e campo do Olival

E a entrada de D. Philippa d'Alencastre na cidade do Porto

Já disse que a porta por onde os monarchas, os bispos e outras auctoridades superiores, costumavam fazer as suas entradas solemnes, era a *porta de Miragaia*, que, depois de alargada pelo rei D. Manoel, se principiou a chamar *porta Nova.* [1]

Mas, como a noiva de D. João I vinha do norte, tinha que dar uma grandissima volta, por descidas ingremes e escabrosas; por isso se preferiu para a sua entrada solemne, a porta do Olival [2]

[1] Que o rei D. Manoel transformou em *porta* (pag. 286, 1.ª)

É aqui o unico logar em que posso fazer uma rectificação. Na 2.ª linha da col. 2.ª, de pag. 285, disse eu que esta cinta de muralhas foi concluida em 1376. O compositor, pôz 1776 (um anachronismo de 400 annos!) —Rogo aos meus leitores que emendem.

[1] Do facto de se fazerem por esta porta as entradas solemnes, é que muitos lhe dão o nome de *porta Nobre*, corrompendo o seu verdadeiro nome.

[2] Vinha do mosteiro benedictino, de Cella-Nova, junto ao rio Lima, na Galliza.

D. Rodrigo da Cunha, no *Catalogo dos Bispos do Porto*, diz que D. Philippa viera d'Evora para esta cidade; mas não é verdade.

Depois de tratado, entre D. João I, e João de Gand, duque de Lencastre, filho de Eduardo III, rei de Inglaterra, o casamento do nosso rei, com a filha do duque, separaram-se

Ainda havia outra razão para se dar preferencia á entrada por este sitio. Já disse, quanto era o amor e a dedicação de que os portuenses deram sempre provas, ao rei de *Bôa Memoria*; que a teve sempre, pelos serviços prestados á sua causa—que era a causa da patria—pelo que encheu de privilegios, honras e isenções, os habitantes do Porto. Visitou muitas vezes esta cidade, e escolheu-a para n'ella contrahir o seu casamento. (Pag. 290, 2.ª)

Já tambem dei uma pequena ideia do enthusiasmo e regosijo dos portuenses com estas vôdas.

O povo da cidade e arredores, e até de muitas povoações distantes, correu em cardumes para ver passar o prestito da sua nova rainha, e não havia extramuros, sitio algum que se podesse comparar em amplidão, ao *campo do Olival* [1] que, apesar d'isso, não pôde comportar tão grande multidão, que difficultou sobremodo a passagem do real prestito.

Ainda a aurora não tinha principiado a esclarecer o firmamento, já muitos milhares de pessoas, umas a cavallo, outras em carros luxuosamente toldados, outras a pé, e todos com as suas melhores gallas, tomavam logar no campo do Olival.

Entre esta multidão se distinguiam pela riqueza e elegancia de seus vestidos, muitas donas e donzellas, de Braga, Guimarães, Penafiel, Felgueiras; Aguiar de Sousa, Villa do Conde, e de outras povoações ao N. do Douro—bem como de Villa Nova de Gaia, Grijó, Feira, Ovar, e mais terras do S. do mesmo rio.

Estabeleceu-se alli um verdadeiro arraial, com barracas de bebidas, de doces, de *iscas*, etc.

A porta do Olival estava adornada com riquissimas cortinas de velludo, seda e damasco, e com festões de verdura e das flores que se poderam arranjar n'aquella estação.

A alta e ameiada torre quadrangular, que defendia a porta, estava do mesmo modo adornada.

O mais d'estas grandes festas, fica rapidamente mencionado, a pag. 72, col. 1.ª do 6.º volume; e na col. 2.ª de pag. 290 d'este.

Á porta do Olival, vieram esperar D. Philippa, o bispo do Porto, D. João (o 3.º do nome) com as suas vestes pontificaes, acompanhado do seu cabido, e de todos os clerigos da cidade. A camara, com a sua bandeira, e os *homens bôos*, do Porto e seu termo.

Atravessou a nova rainha e o seu sequito, toda a cidade, cujas ruas estavam brilhantemente ornadas, floridas e embandeiradas, e o pavimento alcatifado de verduras; por entre vivas acclamações, e debaixo de uma chuva de flores, que as senhoras lhe lançavam das janellas, e ao som estridente de todos os sinos da cidade [1] chegou á egreja da Sé, e, depois de alli fazer as suas orações, foi pousar no paço episcopal, que o bispo tinha feito adornar com a maior magnificencia.

D. João I, no dia seguinte ao da sua che-

os futuros genro e sogro, hindo este. com a sua familia e séquito, pousar ao convento de Cella-Nova, e d'alli é que mandou a filha para esta cidade.

D. João I, logo que soube da entrada de D. Philippa no Porto, marchou da cidade d'Evora, com D. Nuno Alvares Pereira, e outros, fazer a sua entrada, pela Porta de Miragaia, depois chamada *Porta Nova*, como já fica dito nos logares citados no texto, e foi com a sua escolta, alojar-se no mosteiro de São Francisco, onde tinha mandado préviamente preparar aposentadoria.

[1] O campo do Olival, comprehendia toda a vasta área onde hoje vemos—o palacio da Relação; o passeio da Cordoaria; a rua do Calvario; a alameda das Virtudes; a praça do peixe; o hospital da Misericordia, o edificio do mosteiro, hospital e egrejá do Carmo; a praça dos Ferradores (depois *feira das Caixas*, e por fim, *praça de Carlos Alberto*) —a feira da Farinha (hoje praça dos Voluntarios da Rainha) e praça de Santa Thereza; o pequeno largo do Moinho de Vento, e ruas adjacentes; o edificio que foi mosteiro de freiras carmelitas, até aos Ferroe-Velhos; a praça do Anjo; o vasto edificio da Academia; a egrejá dos clerigos; a parte superior das ruas da Conceição, de Trás dos Clerigos, e da Ferraria de Cima (hoje Caldeireiros.)

[1] O interdicto durava desde o reinado de D. Affonso IV, e continuou; porém o bispo, que, como já disse, era um varão de muita virtude, amigo sincero de D. João I, e um verdadeiro patriota, suspendêra o interdicto, durante as grandes festas d'este casamento.

gada, dirigiu-se, logo pela manhan, ao paço episcopal, visitar, sem apparato, a sua noiva, que, com as suas damas, com o bispo, e com alguns fidalgos inglezes, vieram receber o rei, á porta do paço.

Tanto o rei como D. Philippa, vestiam com a maior elegancia e riqueza.

Subiram a uma sala, luxuosamente adornada, na qual estava um estrado coberto de velludo, com duas cadeiras de espaldar, debaixo de um docel de brocado, agaloado e franjado de ouro fino.

Alli, os dois noivos, á vista dos fidalgos e fidalgas de Portugal e Inglaterra, que formavam o seu sequito, e do prelado e cabido, conversaram por largo espaço, até que, sendo meio dia, se retirou D. João, para jantar, e D. Philippa e suas damas, para fazerem o mesmo.

N'essa mesma tarde, se fez a troca dos presentes de noivado, os quaes, de parte a parte foram riquissimos, não só pela sua materia, como pelo seu trabalho primorosissimo.

Tendo D. João I, de hir a Guimarães, por causa da guerra com Castella, nomeou Gonçalo Pires, védor da futura rainha, encarregando-o que provesse a tudo, para que nada faltasse a D. Philippa e á sua côrte.

O rei, sahiu de Guimarães, em uma sexta feira, 1 de fevereiro de 1387, chegando ao Porto na madrugada do dia seguinte, e, nos seus aposentos, do mosteiro de S. Francisco, se vestiu á pressa, marchando com a sua côrte, para o paço episcopal, e d'alli foi para a egreja da Sé, com D. Philippa, sendo logo recebidos por esposos, pelo bispo, D. João, na presença de muitos fidalgos e senhoras, portuguezes e inglezes.

Apesar de ser este casamento feito pela manhã, e sem prévia noticia, o ajuntamento foi enorme.

Depois da solemnidade, a rainha, com as suas damas, se recolheu ao paço do bispo, e o rei ao mosteiro de S. Francisco, e logo n'essa mesma manhã, mandou expedir circulares ás camaras das cidades e villas do reino, aos bispos, aos magistrados, aos fidalgos principaes, e mais auctoridades, dando-lhes parte do seu casamento, convidando-os a assistirem ás suas bodas, na quinta feira seguinte (14 de fevereiro).

As explendidas festas d'este casamento, ficam rapidamente mencionadas, a pag. 290. col. 2.ª, d'este vol.—e a pag. 72, col. 1.ª, do 6.º vol.

—

Policia Civil do Porto

O corpo de policia civil do Porto, foi creado ao mesmo tempo que o de Lisboa, pela carta de lei, de 2 de julho de 1867, e regulamento de 14 de dezembro do mesmo anno.

—

Titulares com residencia permanente no Porto, em 1877

Marquezes de Monfalim, e de Terêna, no seu palacio (denominado *dos Brandões)* á Torre da Marca, n.º 7, em frente do palacio de Crystal. (Vide 6.º vol., pag. 695, col. 1.ª, e seguintes.)

—

Condessa d'Azevedo, viuva do 1.º visconde e do 1.º conde de Azevedo (Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca) no seu palacio de Santo Antonio do Penedo, n.º 62, junto ao sitio onde existiu a porta do Sol, e em frente do mosteiro de freiras de Santa Clara. (Vide adiante—*conde de Azevedo.)*

—

Condessa de Rézende, e viscondessa de Beire (a sr.ª D. Maria Hellena de Sousa Holstein— viuva— filha do visconde de Beire— general Pamplona—e sobrinha do fallecido duque de Palmella.) No seu palacio, do campo de Santo Ovidio, n.º 61, cuja quinta é a mais vasta que existe n'esta cidade.

O filho primogenito d'esta senhora, D. Luiz Manoel Benedicto da Natividade de Castro Pamplona de Sousa Holstein, foi feito conde de Rézende, *de juro e herdade*, em 19 de julho de 1866, e pouco depois, almirante do reino.

Por seu fallecimento (vide *Rézende)* foi feito conde, tambem de *juro e herdade* (abril de 1876) seu irmão immediato, o sr. D. Manoel Benedicto de Castro Pamplona de Sousa Holstein, que reside na ilha da Madeira, por

ter alli casado com a filha primogenita do sr. D. Antonio da Camara do Carvalhal Esmeraldo Athouguia Sá Machado, feito conde (2.º) do Carvalhal, em 3 de agosto de 1852. Era sobrinho do 1.º conde do Carvalhal (feito em 8 de setembro de 1835) João do Carvalhal.

—

Condessa da Lagoaça, na sua casa da rua da Alegria, n.º 62. É viuva de Antonio José Antunes Navarro, que foi feito 1.º visconde da Lagoaça, em 2 de novembro de 1859, e 1.º conde do mesmo titulo, em 31 de outubro de 1866.

O actual visconde da Lagoaça, é o sr. Julio de Castro Pereira, feito no 1.º de julho de 1867.

—

Conde de Samodães, na sua casa da rua do Sol (antiga *Viella das Tripas)* n.º 25.

É casado com a sr.ª D. Henriqueta Augusta Vieira de Magalhães, filha dos primeiros viscondes d'Alpendurada, e irmã da sr.ª viscondessa d'Alpendurada (Josephina).

Para evitarmos repetições, vide o vol. 3.º, pag. 285, col. 1.ª—onde vem noticias do sr. conde e da sua familia.

—

Visconde de Castello-Borges—na sua casa da rua do Almada, n.º 363. É o sr. José Borges Pinto de Carvalho de Affonseca, feito visconde, em 17 de junho de 1869.

—

Visconde de Castro Silva—na sua casa, que foi egreja e mosteiro de frades de Santo Antonio, de Valle de Piedade. É o sr. Antonio José de Castro Silva Junior—feito visconde (o 1.º) dos seus appellidos, em 13 de maio de 1851.

É filho do sr. Antonio José de Castro Silva, que foi feito visconde de Valle de Piedade, em 11 de setembro de 1855.

—

Visconde de Figueiredo—na sua casa da rua de Cedofeita, n.º 209. É o sr. Joaquim José de Figueiredo, feito visconde do seu appellido, (o 1.º) em 15 de dezembro de 1862.

—

Visconde de Francos—na sua casa, da rua de Santa Catharina, n.º 548. É o sr. José Henriques de Castro Sólla, que foi feito visconde (o 2.º) em 30 de abril de 1858.

É filho do sr. general, Fernando da Fonseca Mesquita e Sólla, que foi feito 1.º barão de Francos, em 20 de janeiro de 1847, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 30 de junho de 1854.

—

Visconde do Freixo—no palacio e quinta do mesmo nome, freguezia de Campanhan, suburbios do Porto. (Vide vol. 2.º. pag. 58, col. 2.ª—e vol, 3.º pag. 233, col. 1.ª)

É o sr. Antonio Affonso Vellado, feito barão de Freixo, em 26 de setembro de 1865, e visconde do mesmo titulo, em 17 de novembro de 1870.

—

Visconde de Fragozella—no seu palacio da rua Formosa, em frente da *Viella da Neta*. É o sr. José Pereira Loureiro, que obteve o titulo, em 25 de maio de 1870.

Este palacio foi mandado fazer pelo, então, rico negociante, o sr. Antonio Alves de Sousa Guimarães, feito barão do Bolhão, em 14 de agosto de 1851, e conde do mesmo titulo, em 9 de maio de 1855. Deu-se lhe o titulo *do Bolhão*, porque á rua onde está o palacio, se chamava antigamente do Bolhão, e n'ella fica a praça, ou mercado d'este mesmo nome.

É uma das mais luxuosas casas da cidade do Porto, com um grande quintal e jardim, que chega até á rua de Fernandes Thomaz, onde tem algumas casas. O seu fundador, gastou n'esta habitação principesca, mais de 70 contos de réis.

Tendo fallido, foi o palacio adjudicado ao seu maior crédor (o sr. visconde de Fragozélla) por 27 contos de réis, incluindo o jardim, quintal, e predios da rua de Fernandes Thomaz!

—

Visconde da Lagoaça (o 2.º) no seu palacio da rua de Santa Catharina, n.º 197. (Vide *Viscondessa da Lagoaça.)*

—

Visconde de Pereira Machado—no seu palacio da rua Formoza, n.º 121. É o sr. Gui-

lherme Augusto Machado Pereira, feito visconde (o 2.º) em 15 de dezembro de 1868.

É filho do sr. Guilherme Augusto Machado Pereira, que foi feito visconde (1.º) dos seus appellidos, em 18 de setembro de 1861.

Chamaram-lhe *visconde ás avessas*, porque na carta de mercê, erraram-lhe os appellidos, pondo *Pereira Machado*, em vez de *Machado Pereira*.

—

Visconde de S. João da Pesqueira, na sua casa da rua do Sol, n.º 6. — É filho do visconde do mesmo titulo (o tenente-general graduado—Vahia).

Este general distinguiu-se sempre, desde 1826, pela sua dedicação ao partido realista, e ao sr. D. Miguel I (que muito o estimava) até principios de 1834. Então, sendo governador da praça de Abrantes, officiou (16 de maio) ao ministro da guerra, do sr. D. Pedro, fazendo a sua submissão ao partido liberal, e reconhecendo como sua rainha, a sr.ª D. Maria da Gloria.

Em um segundo officio, de 20 de maio, dava parte, ao mesmo ministro, de ter feito n'esse dia a acclamação da sr.ª D. Maria II, em Abrantes.

N'este segundo officio, dizia: — «Estou reunindo forças dos apresentados e espero mais, a guerrilha do Madureira, para manter o socego publico.»—Mais adiante, dizia, no mesmo officio: — «Não se torna preciso que outros corpos venham occupar Abrantes, e se distraiam do principal fim, *a perseguição dos inimigos, e o seu total exterminio e destruição.*» (!)

—

Visconde da Silva Monteiro—na sua casa, do largo da Aguardente, n.º 18. — Vide 5.º vol., pag. 294, col. 1.ª—E' o sr. Antonio da Silva Monteiro, feito visconde dos seus appellidos, em 23 de junho de 1875, depois de publicado o 5.º volume; e é por isso que alli se lhe não dá o titulo.

—

Visconde da Trindade, no seu palacio da praça de Carlos Alberto, n.º 72.

Era o antigo palacio dos viscondes de Balsemão, e onde esteve alguns annos a celebre *hospedaria do Peixe*, onde veio apresentar-se o ex-rei Carlos Alberto, antes de hir para Entre-Quintas.

O sr. José Antonio de Sousa Basto, regressando do Brazil com grande riqueza, foi feito visconde da Trindade, em 10 de novembro de 1852.

É um cavalheiro de toda a consideração, e que a merece, não só pela sua affabilidade, como pelos relevantissimos serviços que tem prestado, como provedor da ordem terceira da S.S. Trindade. (Vide o vol. 5.º, pag. 281, col. 2.ª—ultima linha—e pag. seguintes—e n'este vol., a pag. 311, col. 1.ª (1755).

Seu filho, o sr. José Antonio de Sousa Basto Junior, foi tambem feito visconde do mesmo titulo, em 5 de junho de 1868.

—

Visconde de Valle de Piedade—na quinta do seu titulo, que foi mosteiro e cêrca dos frades franciscanos *(antoninhos)* da provincia da Soledade, ou reformados menores, de S. Francisco. (Vide vol. 3.º, pag. 252, col. 2.ª, e n'este vol., pag. 297, 2.ª, e 354, 2.ª)

Vide *Visconde de Castro Silva*.

—

Visconde de Villar Allen—na sua casa da rua da Bandeirinha, n.º 46.

É o prestantissimo cidadão, o sr. Alfredo Allen, que obteve o titulo, em 13 de janeiro de 1866. Vide o vol. 2.º, pag. 59, col. 1.ª

Os que pretenderem algumas rapidas noticias d'esta esclarecida familia, uma das mais distinctas do Porto, pelas suas inapreciaveis qualidades moraes e intelectuaes — vejam o 5.º vol., pag. 252, col. 2.ª, e seguintes.

—

Visconde de Villarinho de S. Romão — no seu palacio e quinta da rua do Carregal, n.º 65, junto á antiga rua do Paço, hoje largo do Duque de Beja, e em frente do jardim botanico.

É o sr. Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, feito visconde em 17 de setembro de 1835.

Era cavalheiro de muita probidade e grande intelligencia, e tio do actual sr. visconde de Villarinho de S. Romão. Foi (este) feito visconde do mesmo titulo (o 2.º) em 15 de dezembro de 1860, o sr. Alvaro Ferreira Girão.

É irmão do sr. Antonio Luiz Ferreira Girão, esclarecido lente de philosophia, na Academia Polytechnica do Porto, e tambem residente no palacio do Carregal. (Para tudo quanto pertence a esta nobilissima e antiga familia, vide vol. 5.º, pag. 267, col. 2.ª e seguintes.

—

Visconde de Alpendurada—na sua casa da rua do Sol, n.º 61. É o sr. João Baptista Pereira da Rocha, que obteve o titulo, em 9 de agosto de 1865.

É genro do 1.º visconde de Alpendurada, já fallecido.

Casou com a sr.ª D. Josephina Augusta Vieira de Magalhães, filha do 1.º visconde, e que foi feita viscondessa de Alpendurada, no mesmo dia que seu marido.

—

Viscondessa de Alpendurada (mãe) — na sua casa da rua de S. Luiz (junto á rua do Sol).—É viuva de Antonio Vieira de Magalhães, que foi feito 1.º barão de Alpendurada, em 13 de julho de 1848, e visconde do mesmo titulo, em 13 de maio de 1851.

É mãe da sr.ª condessa de Samodães, e da sr.ª viscondessa de Alpendurada (Josephina).

Foi 2.ª mulher do fallecido 1.º visconde, e só teve estas duas filhas; mas, o marido, teve da 1.ª mulher, duas filhas — a sr.ª D. Joaquina Vieira de Magalhães, hoje viuva do rico negociante de vinhos, Gaspar J. Borges de Castro, natural do logar Mâmoa, freguezia de Milheiros de Poiares—e a sr.ª D. Maria Adelaide Vieira de Magalhães, casada na Terra da Feira, em 2.ªs nupcias, com o sr. Francisco José da Silva Tavares, filho do fallecido general de brigada, do exercito realista, Victorino José da Silva Tavares, convencionado em Evora Monte — natural da casa de Fagilde, na freguezia de Canêdo, concelho da Feira. (Vide 2.º vol., pag. 86, col. 1.ª—vol. 3.º, pag. 133, col. 2.ª— e vol. 6.º, pag. 689, col. 2.ª, no fim, e seguintes.)

Teve, tambem do 1.º matrimonio, um filho, que é o sr. Antonio Vieira de Magalhães Junior, feito barão de Magalhães, em 13 de maio de 1854, e conde do mesmo titulo (do seu appellido) em 24 de maio de 1870.

Reside em Lisboa.

—

Barão de Ancêde—na sua casa da rua da Picaria, n.º 81. — É o sr. Henrique Soares d'Ancêde, que foi feito barão (o 2.º) d'este titulo; em 18 de abril, de 1845.

É filho de José Henrique Soares, feito 1.º barão d'Ancêde, em 7 de outubro de 1842. (Vide vol. 1.º, pag. 204, col. 1.ª)

—

Barão de Massarellos—no seu palacio da rua de Massarellos, n.º 58.

É o sr. Joaquim Augusto Kopke Severim de Sousa, que obteve o titulo, em 21 de 1847.

—

Barão de S. Lourenço — na sua casa da rua do Laranjal, n.º 79. — É o sr. Antonio Joaquim da Costa Carvalho, que obteve o titulo, em 5 de outubro de 1848.

—

Barão do Vallado—na sua quinta do Padrão, freguezia de Campanhan. É o sr. Raymundo Correia Pinto Tameirão, natural da casa e quinta do *Vallado*, freguezia de Espadanêdo, extincto concelho de S. Fins do Douro, hoje concelho e comarca de Sinfães.

A quinta do Vallado, proxima ao logar da villa, fica sobranceira ao rio Douro (margem esquerda) em sitio bastante elevado, e por isso, com extensas e bellas vistas. Fica quasi em frente do antiquissimo mosteiro d'Alpendurada, que foi de monges Benedictinos. (Vide o 1.º vol., pag. 160, col. 1.ª — e vol. 5.º, pag. 134, col. 2.ª)

Foi feito barão do Vallado (2.º) em 17 de setembro de 1851.

O 1.º barão do Vallado, foi Manoel Luiz Correia, feito em 21 de janeiro de 1837.

—

Barão do Vallado (Augusto)—na sua casa da rua de Santa Catharina, n.º 316.

É o sr. Augusto Correia Pinto Tameirão, filho do 2.º barão do Vallado, e obteve o titulo, em 9 de agosto de 1855.

—

Barão de Villalva — na sua casa, da rua de Traz da Casa Pia, n.º 6.

É o sr. Guilhermino Julio Teixeira de Moura, feito barão de Villalva Guimarães, em 14 de janeiro de 1864.

—

Baroneza do Corvo—na sua casa do Terreirinho, em Villa Nova de Gaia. É viuva do 1.º barão do Corvo, Manoel Alves Souto, que obteve o titulo, em 27 de julho de 1852.

A sr.ª baroneza, casou em segundas nupcias, com o sr. José Maria Soares d'Albergaria, da antiga e nobre casa de *Areias*, freguezia de Castellões, concelho de Cambra. É irmão da sr.ª viscondessa de Castro Silva.

—

Barão do Corvo — na sua casa de Villa Nova de Gaia. É o sr. Manoel Alves Souto, filho do sr. barão do Corvo, que tinha o mesmo nome, e da sr.ª baroneza antecedente. Obteve o titulo, em 28 de dezembro de 1871.

—

Baroneza de Fornellos — na sua casa do largo do Corpo da Guarda, n.º 4.

É viuva do 1.º barão de Fornellos, José Joaquim Pereira dos Santos, que obteve o titulo, em 15 de outubro de 1851—e mãe do 2.º barão de Fornellos, o sr. Fernando Maria Pereira dos Santos, que obteve o titulo, em 14 de janeiro de 1864.

—

Baroneza de Fornos d'Algodres — na sua casa da rua de Traz da Sé, n.º 37.—É viuva do 1.º (e unico, até agora) barão de Fornos d'Algodres, José Maria d'Albuquerque, que obteve o titulo, em 2 de julho de 1842.

Não se confunda esta familia com a dos condes de Fornos d'Algodres (Abreus Castellos Brancos). Vide n'este vol., pag. 15, col. 2.ª, no fim.

—

Baroneza de Lórdêllo — na sua casa de Villar. — É viuva de José da Fonseca, que sendo 1.º barão de Villar, feito em 10 de outubro de 1836, trocou o titulo, pelo de barão de Lórdêllo (1.º) em 20 de dezembro do mesmo anno de 1836.

Foi uma especie de contradança. Christiano Nicolau Kopke, fôra feito barão de Ramalde, em 7 de dezembro de 1836, e logo a 20, passou a ser barão de Villar, e o barão de Villar (por dois mezes e dez dias) passou a ser barão de Lórdêllo!

(Hoje o barão de Villar, é o sr. Nicolau Kopke, feito em 5 de outubro de 1846.)

—

Baroneza de Nevogilde — na sua casa da travessa da Fabrica, n.º 17. — É a sr.ª D. Carlota Rita Borges Moraes e Castro, que obteve o titulo, em 10 de novembro de 1852.

É viuva de Manoel Mendes Moraes e Castro, feito 1.º barão de Nevogilde (em duas vidas) no dia 10 de outubro de 1836.

Esta senhora, era a proprietaria do famoso *palacio dos Carrancas*, na rua dos Carrancas, ou da Torre da Marca (hoje rua do Triumpho). É hoje palacio real. — Vide vol. 5.º, pag. 263, col. 1.ª

—

Baroneza do Seixo — na sua casa da rua de Cedofeita, n.º 349.—É viuva do 1.º barão do seu titulo, e mãe do sr. Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos, feito barão do Seixo, em 19 de julho de 1845.

—

Palacios e quintas, no Porto

Palacio real—antigo palacio dos Carrancas. Vide o 5.º vol., pag. 263, col. 1.ª

—

Palacio dos Brandões, ou da *Torre da Marca*.—É propriedade dos srs. marquezes de Monfalim. Para evitarmos repetições, vide o 6.º vol., a pag. 694, col. 2.ª *(Pérre)*.

Está situado no largo da Torre da Marca, mesmo em frente dos jardins e palacio de Crystal.

Posto ser um bom edificio, nada tem de notavel, senão a sua torre ameiada, á qual chamam—de *Pedro Cem*.

(Vide o 5.º vol., a pag. 122, col. 2.ª e seguintes — e 6.º vol., pag. 46, col. 2.ª, e seguintes.)

Esta torre (se é verdade o que me informaram) não está no mesmo logar onde esteve primitivamente. Um dos antepassados dos srs. marquezes a mudou mais para o norte, conservando-lhe a sua antiga fórma, e com todos os seus materiaes. É toda de cantaria, e está na extremidade S. O. da rua do Principe, na rectaguarda (ao N.) do pa-

lacio, e é habitada pelos creados dos proprietarios.

—

Palacio dos viscondes da Trindade — na praça que primeiro se chamou *dos Ferradores*, depois, *Feira das Caixas*, e por fim, *praça de Carlos Alberto*.

(N'esta praça se faziam as feiras dos creados e creadas, até se mudar em 1876, para a Rotunda da Bôa-Vista.)

Este palacio é um bonito edificio, que o sr. visconde muito tem aformoseado, interna e externamente. Pela rectaguarda (já na rua das Oliveiras) tem um jardimzinho, cercado de grades de ferro.

Vide—*Visconde da Trindade*.

—

Palacio e quinta de Entre-Quintas—(Vide o 5.º vol., pag. 122, col. 2.ª)

—

Palacio de Christal — jardins, theatros, circo, etc.—(Vide o 5.º vol., pag. 122, 1.ª, e 7.º, pag. 372, 2.ª, pr.

—

Palacio e quinta de Villar—(Vide 5.º vol., pag. 122, 2.ª)

—

Casa e quinta do Bom-Successo—(Vide 5.º vol., pag. 122, 2.ª)

—

Casa e quinta da Pena—(Vide 5.º vol., pag. 122, 2.ª)

—

Paço (antigo) *da rua da Armenia*—Vol. 5.º, pag. 301, 2.ª

—

Palacio da camara municipal—ou *Paços do Senado*—Vide pag. 319, 2.ª, e 423, 2.ª

—

Paço (antigo) *dos reis de Portugal*—no Porto—6.º vol., pag. 60, col. 2.ª

—

Paço da Marqueza—Vol. 6.º, pag. 581, 1.ª —e 7.º 319, 1.ª—390, 1.º

—

Paço dos estudos—Vide pag. 366, col 2.ª

—

Paço do bispo—Vide pag. 284, 1.ª

—

Palacio da Justiça—Vide pag. 489, 1.ª

Palacio do visconde de Fragozélla—(Vide *Visconde de Fragozella.*)

—

Palacio do Ferreirinha—na praça da Trindade. É propriedade do sr. Antonio Bernardo Ferreira, filho do riquissimo capitalista, grande proprietario, e negociante, do mesmo nome, Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha, da Régua*) que se diz, ter deixado uma fortuna de 4:000 contos de reis. A sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, prima e viuva do *Ferreirinha*, passou a segundas nupcias, e está actualmente casada com o sr. Torres, tambem rico negociante de vinhos e proprietario.

Uma filha d'esta senhora, e de seu primeiro marido, é casada com o sr. Augusto Pedro de Mendonça Rolin de Moura Barreto, feito conde da Azambuja, *de juro e herdade*, em 3 de abril de 1860. É filho do fallecido 2.º marquez e 1.º duque de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis, 24.º senhor da Azambuja, 12.º senhor da Póvoa de Meadas, e 14.º senhor do morgado da Quarteira—e da serenissima infanta, D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI e da rainha (imperatriz-rainha) D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança. (Vide 4.º vol., pag. 449. col. 1.ª)

O palacete do sr. Antonio Bernardo Ferreira, é de uma architectura mui formosa e elegante, e está adornado interiormente com grande magnificencia. É um edificio vasto, podendo accommodar nas suas salas, além da familia do seu proprietario, o *club portuense*, que occupa a metade septentrional do palacio.

Vide *Assembleias do Porto*.

—

Palacio da Batalha—do sr. Manoel Pedro Guedes, filho do fallecido Manuel Guedes, e da senhora condessa de Pangim—no largo da Batalha, em frente do real theatro de S. João (lyrico) e da capella de Nossa Senhora da Batalha.

Posto que o seu exterior nada tenha de notavel, é internamente bem dividido, e luxuoso. A *sala do baile*, é—depois da da *feitoria ingleza*—a mais vasta do Porto.

Na rectaguarda do palacio (E.N.E) tem

um vasto e formoso jardim, confrontando com a rua de Entre-Parédes. [1]

Chamou-se por muitos annos, *palacio do José Anastacio*, por que foi este (que era tio do pae do sr. Manuel Pedro) o seu fundador.

Em julho de 1832, sahiu do Porto esta familia que era realista, e foi habitar a sua *quinta da Avellêda* (Vide 6.º vol., pag. 568, col. 2.ª—e 570, col. 1.ª)

Os liberaes tomaram conta d'este palacio e jardim, estabelecendo alli varias repartições, e até, fazendo n'elle residencia gratuita, alguns empregados.

Assim estiveram as cousas até 1842, anno em que foi restituido aos seus legitimos possuidores; porém no mais lamentavel estado de destruição, tendo Manuel Guedes de gastar alguns contos de réis para reparar tantos destroços.

Quando se rebaixou esta parte da praça da Batalha, para a erecção do monumento ao sr. D. Pedro V, ficou o palacio dois metros mais alto do que o pavimento da praça, dando a camara, por este prejuizo, ao dono do edificio, 800$000 réis.

Com este dinheiro, Manuel Guedes, rebaixou o pavimento inferior do edificio, até ao nivel da praça, o que deu muito mais elegancia e merecimento ao palacio, cujas lojas, cocheiras e mais officinas eram muito baixas, ficando as janellas, apenas uns 0,^{m}66 acima do nivel da praça, quando agora estão em conveniente altura.

Desde 1834, pouco tempo tem esta familia residido no seu palacio da Batalha; e, ultimamente, arrendou-o ao governo, por 1:200$000 réis annuaes, e n'elle se acham, como já disse, a *estação central telegraphica*, a *direcção das obras publicas* e outras repartições.

Em 10 de septembro de 1832, uma força liberal, commandada pelo intrepido Bernardo de Sá Nogueira (depois, marquez de Sá da Bandeira) sahe da fortaleza da serra do Pilar, e ataca os realistas aquartelados em Villa Nova de Gaia. Tomando-os de surpreza, conseguiu avançar até proximo da capella de Santo Ovidio; porém, ahi, cercado por fôrças superiores, e depois de uma tenaz resistencia, teve de retirar a passo accelerado para a fortaleza do Pilar, deixando no campo alguns mortos, feridos e prisioneiros. Os realistas seguiram-o até ao Pilar, porém alli tiveram a mesma sorte que os liberaes experimentaram na *Bandeira* [1]

Sá Nogueira foi n'essa investida gravemente ferido no braço direito, que lhe foi amputado n'este palacio, e enterrado no seu jardim, como já disse.

Nunca perdoou aos realistas o fazerem-o manêta, mostrando em diversas conjuncturas, o ódio implacavel que lhes teve até á morte.

O decreto de 13 de agosto de 1870 (durante a dictadura de Saldanha) manda dar um *subsidio* (!) aos officiaes de 1.ª linha, convencionados em Evora-Monte, depois de 36 annos de miseria, e de terem morrido—quasi todos de fome — nove decimas partes d'elles!

Porém a dictadura Saldanha, cahiu logo a 29 de agosto do mesmo anno, sendo nomeado novo ministerio, do qual foi feito presidente, ministro da guerra, e interinamente da marinha, o marquez de Sá da Bandeira. Este ministerio annullou varios decretos da dictadura, e approvou outros; mas o que dizia respeito aos officiaes d'Evora-Monte, votou-o ao mais completo desprezo, não o approvando, nem desapprovando; porém não lhe deu a minima execução: talvez se espere que morra o ultimo official *convencionado!...* [1]

Foi o marquez de Sá da Bandeira, que, mais do que ninguem, guerreou o decreto

[1] Debaixo de um cedro d'este jardim, foi enterrado, em 11 de septembro de 1832, o braço direito de Bernardo de Sá Nogueira. Vide adiante.

[1] A *Bandeira*, é um sitio pouco abaixo da capella de Santo Ovidio.

O sr. D. Pedro, em troca do braço direito, deu a Bernardo de Sá Nogueira, o titulo de barão de Sá da *Bandeira* (do tal sitio) em 4 d'abril de 1833. No 1.º de dezembro de 1834, foi feito visconde do mesmo titulo, e marquez, em 13 de fevereiro de 1864.

[1] Já então não existiam vivos, senão 114 officiaes a quem este decreto podesse aproveitar.

de 13 de agosto, com palavras sobremodo virulentas contra os officiaes contemplados. Olhava para o sitio onde tivera o braço direito, e o seu odio aos officiaes realistas, patenteava-se por discursos fulminantes!

—

Palacio Sandeman—na Cordoaria, contiguo á egreja de S. José das Taipas. Está em frente da relação, e alinhava com a fileira de casebres e barracas, que a camara expropriou e demoliu, como já fica dito.

Este palacio principiou a edificar-se em 1830, porém as obras marcharam tão vagarosamente, que em julho de 1832 ainda estava apenas em paredes. Pararam completamente durante o cêrco, e, ainda depois de 1834, estiveram alguns annos n'este estado, mas com algumas lojas de mercearia nos baixos: depois é que se concluiu. Posto ser de acanhadas proporções, é muito elegante e luxuoso, e o seu valor augmentou prodigiosamente desde que o largo da Cordoaria foi transformado em passeio publico.

—

Palacio do Campo Pequeno — do sr. Joaquim Pinto Leite (irmão do sr. visconde da Gandarinha).—Está separado do largo e da rua, por uma grade de ferro, e por um formoso jardim. É um bello edificio, esplendidamente decorado e mobilado; porém a sua fachada principal (S.) não tem elegancia, por lhe faltarem dois torreões nos angulos. Assim como está, parece um edificio truncado, ou por concluir.

Se o seu proprietario, que é homem rico e de muito bom gôsto, lhe mandar construir o que falta, fica o mais bello palacio do Porto.

—

Palacete da sr.ª condessa d'Azevedo.—Está ao cimo da rua de Santo Antonio do Penêdo, em frente do palacete chamado *de Sebastião Correia* (o marquez de Terena, fallecido) e do mosteiro de freiras de Santa Clara. Perto (ao S. E.) ficava a antiga *porta dos Carvalhos do Monte*, que, depois de reconstruida, por D. João d'Almáda, se chamou *Porta do Sol.* (Já fallei d'esta porta, que hoje não existe.)

É um bom edificio, mas nada tem de notavel.

O visconde de Azevedo (que poucos dias antes da sua morte tinha sido feito conde do mesmo titulo) tinha n'este palacio uma escolhida livraria, das melhores do Porto (particulares) que deixou, por testamento, ao sr. conde de Samodães. Não podia fazer melhor e mais acertada escolha.

—

Palacete de Sebastião Correia.—Em frente e ao O. do antecedente, no terreiro exterior do mosteiro de Santa Clara, a 8 ou 10 metros da muralha de D. Fernando—aqui ainda perfeitamente conservada. — Tem uma bonita capella, dedicada a Santo Antonio, que deu o nome á rua de Santo Antonio do Penêdo, e na frente d'ella um pequeno jardim, uns dois ou trez metros mais alto do que o nivel da rua e do terreiro.

—

Palacio e quinta da sr.ª condessa de Rézende—é a mais agradavel vivenda do Porto. Está entre o campo de Santo Ovidio, a rua da Boa-Vista e a rua de Cedofeita.

A entrada principal, é por um portão, coberto — ao O. do campo de Santo Ovidio — tendo aos lados, as cocheiras e cavallariças. O palacio, que é de construcção antiga, está pelo E. e O., entre jardins, sendo o do O., o mais vasto do Porto, porque é seguido de um formoso parque.

Segue-se a grande quinta (a maior do interior da cidade) com agua que lhe vem por um antigo aqueducto.

Esta bella e vasta propriedade, não foi construida pelos ascendentes dos condes de Rézende, nem pelos dos viscondes de Beire. Pertencia á nobilissima casa dos Figueirôas, cujas armas (cinco folhas de figueira) ainda se vêem no formoso—mas arruinado—pavilhão que dá entrada á quinta, pela rua de Cedofeita.

Os viscondes de Beire obtiveram isto, por herança que lhes deixaram os Figueirôas.

Ainda que o palacio esteja em um nivel muito mais baixo do que o do campo de Santo Ovidio, a ponto de nem d'elle se avistar, é todavia uma residencia sobremodo aprazivel, não só pela vista do jardim, parque e

campos, como pelas formosas vistas que tem para o S., S. E. e O., vendo-se por este ultimo lado, até uma vasta extensão do oceano atlantico.

Para o mais que diz respeito a esta familia, vide *Rézende.*

—

Palacio dos viscondes de Pereira Machado —com frente para a rua Formosa, e da Alegria. É um bello edificio, com um bonito pateo de entrada, e decorado e mobilado interiormente, com muito gosto e magnificencia.

—

Palacete da viuva Navarro — no lado sul da rua de Entre-Paredes. A sua fachada principal, é de grande custo e magnificencia, pelo aprimorado dos seus ornatos; porém o interior não corresponde ao luxo do frontespicio.

—

Palacio do sr. Antonio da Silva Monteiro — na rua da Restauração. — Vol. 5.º, pag. 194, col. 1.ª

—

Palacete do sr. Lima — no lado norte da rua dos Bragas. É uma construcção moderna, elegantissima e de grande magnificencia.

—

Palacete Barros-Lima—na rua de Barros-Lima. Foi ha poucos annos construido este elegantissimo predio, sem contestação, um dos mais esplendidos do Porto. Tem contigua, uma boa quinta, e um bello jardim.

—

Palacio do Cyrne—no lado sul do campo, hoje chamado *de 24 de agosto,* cujo primeiro nome foi *campo de Mija-Velhos,* e depois, *do Poço das Patas.*

É propriedade do sr. Francisco Diogo de Souza Cyrne de Madureira, cunhado da sr.ª condessa de Pangin.

É um magnifico edificio, tendo annexa uma vasta quinta, que parte pelo E., com a viella de Sacaes—pelo S., com a rua do Heroismo — pelo O., com a viella da Nóra—e pelo N., com a rua da Murta.

Nos primeiros estudos do caminho de ferro do norte, estava este campo marcado para n'elle se construir a estação principal dos caminhos de ferro do Douro e Minho.

—

Palacete do sr. Miguel Rangel — proximo do antecedente, no lado S. da rua da Murta, e na rectaguarda do edificio que foi mosteiro de Santo Antonio da Cidade, e onde hoje é a bibliotheca publica, o museu, academia das bellas artes, etc.

É edificio pequeno, mas elegante, tendo para o N. E., E., e S., um bom quintal, ajardinado, com seu miradouro.

—

Palacio da Bandeirinha, ou das Sereias— no sitio mesmo chamado Bandeirinha, no *monte dos Judeus.* É uma construcção antiga, mas de bastante elegancia, notavel por duas gigantescas sereias, que em alto relevo lhe ornam os lados da porta principal (e é por isso que muitos chamam a este edificio —*palacio das Sereias).*

Das suas janellas da frente, se gosam vastas e bonitas vistas, e fica-lhe ao sopé, a muitos metros de profundidade, a praia de Miragaia e a nova alfandega. Contigua ao palacio, e para o lado do norte, tem uma grande quinta, com seu jardim, cujo muro corre pela parte do O. N. O. da rua da Bandeirinha, e n'elle se admira um portão (que dá entrada para a quinta) ornado de esculpturas que mostram muita antiguidade.

Vide 5.º vol., pag. 271, col. 2.ª — e pag. 296, col. 1.ª, no fim, e seguintes. Vide tambem, adiante, *Cunhas Porto-Carreiros.*

—

Palacio da sr.ª viuva Fórbes — em frente e ao S. do edificio que foi mosteiro dos frades de Santo Antonio da cidade. Fica mesmo em frente da parte do mosteiro, onde está, no pavimento inferior, o museu, e no superior, a bibliotheca.

É talvez o mais bello edificio do Porto, e que custou á sua proprietaria, muitas dezenas de contos de réis.

Os dois lados da frente, são aformoseados por dois lindos jardins, defendidos, exteriormente, por altas grades de ferro.

As obras terminaram em 1873.

A quinta, que é grande, confronta pelo O.

com a rua de S. Victor, e pelo S., com a praça da Alegria (antiga *feira dos porcos).*

N'esta quinta se estabeleceu, pelos annos de 1840, uma especie de *pavilhão-Mabille*, com uma *montanha russa*, e varios jogos. Denominava-se isto—o *Tivoli portuense.*

Consta-me que a sr.ª viuva Fórbes vendeu, ha poucos dias, esta formosissima propriedade, por 70 contos de réis.

Para a familia *Fórbes*, ver no 5.º volume, a pag. 275, col. 1.ª

—

Palacio e quinta de Santo Antonio da Bôa-Vista, ou das Aguas-Férreas — do sr. José Leite de Sousa Mello da Cunha Sotto-Maior, filho do fallecido visconde de Veiros.

A sr.ª D. Maria Rita Leite de Sousa Freire Salema de Saldanha e Noronha, foi feita viscondessa de Veiros, em 8 de agosto de 1840.

O sr. João de Mello e Sousa da Cunha Sotto-Maior, foi feito visconde do mesmo titulo, em 7 de dezembro de 1842. (Vide *Veiros.)*

E' uma aprazivel vivenda, proximo ás *Aguas-Férreas*, e á rua da Boa-Vista.

Pertence a esta familia, desde 1760, sendo seu primeiro dono, José de Sousa Mello.

Em 1809, foi quartel general do governador das armas do Porto, o general inglez, Nicolau Trant.

Quando Trant sahiu do Porto, tornou para este palacio José de Sousa Mello, e n'elle residiu até julho de 1832, em que sahiu da cidade, e foi para a sua casa da Régua.

Os liberaes tomaram conta da propriedade, fazendo do edificio, paiol da polvora.

Mudado este, para o palacio da *quinta do Bispo* (contigua á *quinta da China*, que lhe fica a E., e ao antigo seminario, que lhe fica a O.) se estabeleceu no palacio das Aguas-Férreas o asylo da mendicidade, até 1845, em cujo anno tomou conta da propriedade e a veio habitar o visconde de Veiros.

Em 1855, se estabeleceu aqui o hospital dos atacados do cholera-morbus.

Em 1857, estabeleceu-se n'este palacio, o collegio de Nossa Senhora da Guia.

Desde 1861 até 1869, esteve aqui o hospital militar, transferido de S. João Novo; até que se mudou para o novo hospital militar, de D. Pedro V, que fica a uns 400 metros a O., na rua da Boa-Vista.

Em 1869, o arrendou o sr. Oswal Craufurd, consul da Inglaterra, no Porto, e n'elle reside actualmente.

—

Quinta e palacio do Bispo—sobre a margem direita do Douro, ao fundo do monte do seminario, e contigua ao cemiterio do Prado do Repouso.

No centro da quinta, está o palacio, que foi residencia dos bispos, no verão. Depois de 1834, mudou-se para aqui o paiol da polvora, tapando-se de pedra e cal as portas e janellas do palacio. Na frente d'este, que era para o rio (S.) estava um vasto e formoso jardim, 3 metros acima do nivel do terreno immediato.

Ao cimo da quinta havia um abundante e perenne manancial d'agua, que regava toda a quinta. Como o terreno d'esta era muito declivoso, descendo desde o muro sul do cemiterio até ao Douro, estava todo em sucalcos, e em grande parte coberto de frondosas laranjeiras, que foram todas arrancadas, no tempo em que a propriedade estava sob o dominio do ministerio da guerra, que foi mais de 30 annos. A quinta deixou de cultivar-se e estava a monte, e improductiva, em grande parte, produzindo apenas uns 4 ou 5 moios de milho.

Foi posta em praça esta propriedade, em 1869, e o barão da Nova Cintra a comprou por sete contos de réis; morrendo poucos mezes depois d'esta compra.

Foi de novo á praça, sendo então comprada pelo negociante da praça do Porto, Roriz, que falliu em 1876, com perto de um milhão de cruzados.

Actualmente está entregue á administração da *massa fallida.*

Roriz, tinha construido, ao fundo da quinta (S. O.) sobre a margem do Douro, uma bella fabrica de sabão, em um bom edificio, feito de novo, para este estabelecimento. Ainda funcciona.

—

Quinta da China — é contigua á antecedente, ficando-lhe ao E. — E' pois tambem sobre a margem direita do Douro, por onde tem uma entrada, ao sul.—A entrada principal é pelo N., ao fundo da estrada hoje chamada rua de *Nova Cintra.*

E' uma formosa propriedade, com uma vasta e bonita casa, jardim, hortas, pomares e campos. É tambem abundante de boa agua.

Era seu proprietario, o sr. Ferraz, que a deixou, por testamento, ao sr. Antonio Leite Ferraz Soares d'Albergaria, da casa das *Areias*, em Cambra. Este sr. a vendeu ao seu actual possuidor.

Por muitos annos, em quanto pertenceu ao sr. Ferraz (o testador) andava arrendada a um individuo, que a franqueava ao publico, porque tinha alli uma especie de casa de pasto, concorridissima por familias do Porto, principalmente aos domingos e dias santificados.

—

Palacio e quinta de Massareltos—propriedade do sr. Joaquim Augusto Kopke Severim de Sousa, feito barão de Massarellos, em 21 de maio de 1848. E' uma formosa vivenda, sobre a margem direita do Douro, junto á alamêda de Massarellos.

E' propriedade muito antiga, e era da corôa. Em 29 de dezembro de 1469, D. Affonso V deu esta propriedade, e o condado de Massarellos e S. João da Foz do Douro, *com outros Lugares que com elles soem andar, e a dizima de Crestumam* (Crestuma) a João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto — *com tanto que elle pague em cada hu anno á banca diniz de tres mil rreaes brancos, que ella de nós ha, de tença, em cada hu anno.*

—

Além das quintas aqui mencionadas, ha ainda, dentro da cidade, e nos seus arrabaldes, optimas quintas, sendo as principaes, a quinta *da Prelada*, no Carvalhido—a do *sr. Braga*, no largo do Mirante (hoje do Coronel Pacheco)—a do D. prior de Cedofeita, e outras.

—

A senhora condessa d'Edla

Foi esta cidade do Porto, a primeira povoação portugueza onde appareceu *M.elle Hensler*, em 1859. Veio como *prima dona* da companhia italiana, que n'esse inverno cantou no real theatro de S. João. Estreiou se em outubro, com *Il Saltimbanco*, de Paccini. Era tenor, Neri; baixo, Llorens; baritono, Vaucusi; prima dona comprimaria, Spech; regente, Reparaz; empresario, Lanovilla.

Em 1869, casou com o sr. D. Fernando Coburgo, e o irmão d'este, deu a sua cunhada o titulo de *condessa d'Edla.*

—

Judiaria

Já no 5.ª vol., a pag. 296, col. 1.ª, no fim, e seguintes, fallei do bairro dos judeus (judiaria) no Porto; aqui accrescento mais o seguinte:

O bairro primittivo dos judeus, no Porto, comprehendia, pouco mais ou menos, a área constante da medição que se segue. (Nomes actuaes.) — Principiando da praia de Miragaia, em frente da calçada de Monchique, subia por esta calçada (lado direito) até ao *palacio das Sereias* (no sitio ainda hoje chamado *Monte dos Judeus).* Seguia pelo lado direito da rua da Bandeirinha, até ao largo de Viriato, rua dos Fogueteiros, alamêda das Virtudes, rua da Cordoaria Velha, escadas da Esperança, até á porta Nova, onde terminava.

O cemiterio dos judeus, segundo se collige de um documento, datado de 22 de abril de 1452, que existe no cartorio da camara municipal, estava situado pela parte de baixo da alamêda das Virtudes, e, com pouca differença, no quintal que foi de Francisco da Rocha Soares, chegando até ás trazeiras da egreja de S. Pedro, terreno depois occupado com o edificio da grande fabrica de louça de faiança, que existiu aqui, e foi propriedade do dito Rocha Soares.

No reinado de D. João I, e pelos annos de 1400, pouco mais ou menos, viviam muitos judeus, fóra do seu bairro, e espalhados por differentes ruas da cidade, por não caberem na judiaria; porém isto dava origem a muitas injurias, doestos e vexações para os desgraçados judeus.

Aquelle monarcha, para evitar taes des-

aguizaados, mandou á camara, que dentro dos muros da cidade, marcasse logar para uma nova judiaria. A camara marcou-lhe o espaço que medeia entre o lado S. E. da rua do Caalvario, a intestar com a muralha da cidadee, que ainda existe (e que então estava construida de poucos annos) até á fonte da rua das Taipas; seguindo d'alli até á rua de Bello--Monte, pelo lado norte d'esta rua, até ás escadas da Esnóga (Sinagoga) e calçada da Viictoria, e parte O. da rua de S. Bento até á Relação, e parte S. do passeio da Cordoariza, a intestar com a porta do Olival, seguindlo pela parte interior da muralha, até onde principiou esta medição, no principio E., daa rua do Calvario.

A sua sinagoga, era onde hoje está a egreja do mosteiro de S. Bento da Victoria.

A camara aforou-lhes este terreno pelo fôro de pensão annual, perpetua, de *200 marauedis velhos, de 27 soldos o marauedi, de dinheiros portuguezes, de moeda antiga, que ora são chamados Alfonsis, ou de Barbudas, e de Graves, Fortes e Pilartes da moeda de Portugal, que foi feita em Lisboa, e na dita cidadle* (Porto) *por mandado de el-rei D. Fernandlo—convem a saber—Barbuda, por dois soldoos e quatro dinheiros, e Grave, por 14 dinheeiros —e Pilarte, por sete dinheiros —e Fortee, por dois soldos dos ditos dinheiros Alfonsiis.* (Vide *Soldo.)*

Como a colonia judaica fosse progredindo, e não coubesse no terreno que lhe foi marcado, pediram á camara, e ella concedeu-llhe, mais um espaço de terreno, do lado sul do campo do Olival (hoje passeio da Cordloaria) para alargarem a judiaria, mediantte o competente fôro.

—

A sr.ª baroneza de Nova Cintra

Esta senhora, offereceu (em junho de 1877) ao estabelecimento humanitario do barão de Nova Cintra, 500$000 réis — e ao recolhimento das orphans, de Nossa Senhora da Esperança (de S. Lazaro) 50$000 réis.

—

Tumultos á porta da Sé

Hla factos tão ignobeis, tão repugnantes, que a penna recusa-se a escrevel-os, e ainda menos a commental-os, por estarem abaixo de toda a critica, e causar nôjo tocar em materia tão ascorosa.

Estão n'este caso os tumultos que em frente da Sé cathedral do Porto, se teem effectuado em 1875, 1876 e 1877, por occasião de se solemnisarem os 48.º, 49.º e 50.º anniversarios da elevação ao pontificado, do S.S. Padre, Pio IX.

O artigo 6.º do titulo 1.º da *Carta Constitucional,* que é o codigo de leis actualmente em vigor, diz expressamente:

«A Religião Catholica Apostolica Romana, continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras Religiões serão permittidas *aos estrangeiros, com seu culto domestico, ou particular,* em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de templo.»

E' clarissimo que, em vista da lei, *todos os portuguezes,* teem restricta obrigação de acatar o Summo Pontifice, como chefe supremo da Egreja Catholica; assim como é evidentissimo e incontestavel que todas as auctoridades e magistrados d'este reino, teem rigorosa obrigação de fazer, por todos os meios legaes, ao seu alcance, manter e respeitar a Religião do Estado.

Infelizmente não acontece assim em Portugal, nação que tem a honra inapreciavel de se denominar FIDELISSIMA.

Vemos todos os dias, nos theatros, nos jornaes, e em actos publicos solemnes, a Sacrossanta religião que o Divino Martyr do Calvario nos outhorgou, á custa do seu sangue precioso—a religião seguida pela familia real portugueza, e pela quasi totalidade da nação, escarnecida, insultada e vilipendiada, muitas vezes, por aquelles mesmos que mais rigorosa obrigação tinham de a acatar e defender.

E quem promove esses escandalos?—Não é o povo portuguez, que, apesar de todas as diligencias dos impios, é, na maxima parte, catholico verdadeiro, seguindo as maximas religiosas que bebeu com o leite materno—são os pseudo-philosophos, os *livres pensadores,* os atheus, que não se pejam em servir-se dos meios mais ignobeis, para derribarem o monumento glorioso de quasi 19 seculos!

E que esperam estes homens, do povo desmoralisado e sem religião? — As scenas de Pariz, desde 1789 até 1800—repetidas em 1870 — e as de Alcoy, Carthagena e outras partes.

Desgraçados! —Arranquem a religião do coração do povo, e aguardem os resultados!...

Lembrem-se da sorte de Marat, Robespierre, Barrás, Philippe Egalité, e outros muitos e muitos promotores da *soberania do povo*, que foram victimas dos mesmos que haviam induzido ao roubo, ao incendio, á carnificina e a toda a sorte de immoralidades.

—

Devemos confessar que, em Lisboa, nunca se deram as scenas escandalosissimas, que algumas vezes se teem presenciado em Coimbra, e com aterradora frequencia no Porto —na *Cidade da Virgem!*

Em 1875, apenas o esclarecido prelado, o clero e o immenso concurso de povo christão, na egreja da Sé, acabava de dar graças ao Omnipotente, pelo XLVIII anniversario do S.S. Padre, Pio IX, ao pontificado—uns 15 ou 20 vadios (alguns de gravata!...) romperam em algazarras, chufas, doestos e motinada, contra o clero e os fieis. É verdade que a policia prendeu alguns; porém as *altas protecções* os fizeram pôr logo em liberdade; vindo para a rua fazer alarde das suas *façanhas* (quando deviam morrer de vergonha!) e renovar os insultos, as calumnias e os doestos, ainda com mais odio e desbragamento, fiados na impunidade!

—

Os mesmos escandalos, pela mesma occasião e no mesmo logar, se repetiram em 1876; mas, como alguns dos miseraveis de gravata que tinham capitaneado o tumulto do anno anterior, haviam sido mimoseados com algumas *espadeiradas*, pela policia, limitaram-se a pagar a alguns maltrapilhos, escolhidos entre os mais devassos, para hirem representar essas scenas escandalosissimas do largo da Sé.

—

Chegou o dia 3 de junho de 1877. O reverendo prelado, o clero, e grande multidão de fieis, distinguindo-se entre ella, muitas senhoras e cavalheiros de familias distinctas pela sua nobreza, pelas suas riquezas e pelo elevado da sua posição social, acabavam de dar graças ao Omnipotente, pela conservação da vida do Chefe da Egreja Catholica, e pelo quinquagessimo anniversario da sua subida ao pontificado.

Quando os fieis sahiam do templo, eram esperados á porta, por uns 25 a 30 esfarrapados, quo haviam sido préviamente e para isto recrutados (por dinheiro) nos mais asquerosos bordeis, e nas *tascas* mais ignobeis. Principia a musica a tocar o *hymno da carta* (da *carta*, que, como acabámos de ver, determina que a Religião do Estado seja a Catholica Apostolica Romana!...) e, em seguida, aquella alcateia de maltrapilhos, roucos pelo abuso do vinho, da aguardente e dos vicios mais nojentos, principia em berros destemperados, a dar vivas á carta, ao rei, e á *liberdade*[1] á REPUBLICA (!!!) e a Victor Manoel; misturados com *morras* ao S.S. Padre!

E a policia, esteve muda e quêda, presenceando tão grande algazarra, da qual bem devia prever os fins e o resultado; sem nem mesmo se importar com os vivas á republica, que significam a destituição (senão o exterminio) do rei e da familia real!

Certa da costumada impunidade, não se limitou a gaiatada a gritos atroadores, e, apenas retirou a guarda de honra (muito mais cêdo do que devia retirar!) os berros, os regougos, os huivos e a assuada, tomaram proporções assustadoras!

Os fieis que sahiam do templo, foram apupados, sendo as senhoras, cobarde e ignobilmente insultadas, chegando a infamia a ponto d'estes sevandijas metterem as suas caras avinhadas, patibulares e ascorosas, pelos postigos das carroagens, dirigindo ás senhoras toda a casta de obscenidades, que só de taes desgraçados se podem esperar.

[1] Á liberdade que elles mesmos estavam alli a desacreditar, e da qual davam uma bem triste amostra—a da liberdade sómente para o mal!—Quanto aos vivas á carta e ao rei, eram dados por escarneo, e com o intuito de se forrarem ás espadeiradas; porque esta casta de individuos, não tem lei, nem rei, nem Roque.

Ainda isto era pouco!—Esta gente, refugo de tudo quanto o Porto contém de mais hediondo e desprezivel, apertava os pacificos transeuntes, continuando com as suas berrarias, repetindo os vivas e os morras, chegando com os encebados e nojentos chapeus á cara das senhoras que hiam a pé, repetindo as obecenidades que tinham dirigido ás que hiam de trem, tendo um attencioso cavalheiro [1] de offerecer a sua carroagem a umas senhoras que no meio d'esta ralé, se viam accommettidas, tão desaforadamente.

No principio da rua Chan, em frente da casa do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte-Negro (o fidalgo da Boa-Vista, primo da sr.ª condessa de Rézende) espancaram um honrado industrial, que seria victima d'estes selvagens, senão foge para casa d'aquelle fidalgo, cujos creados tiveram de fechar e trancar a porta, contra a qual, investiram os borrachões, pretendendo arrombal-a!

Foi apenas então, que appareceu o sr. commissario geral, á frente de alguns policias civis, prendendo um dos mais furibundos amotinadores (que se disse ser o que feriu o industrial) mas, soltando-o logo!...

Fizeram despejar o centro da rua, podendo então passar a gente pacifica; porém a algazarra, os vivas e os morras, só terminaram pelas 2 1/2 horas da tarde!

Todos os jornaes cordatos, des diversos partidos, que se publicam no Porto, stigmatisaram, com termos mais ou menos vehementes, este acto de selvageria, improprio de uma cidade civilisada, composta, na sua maior parte, de cidadãos catholicos, que se prezam de ser habitantes da *cidade da Virgem*, e a 2.ª capital do reino.

Mas, se os desgraçados que commetteram taes iniquidades, porque os sentimentos da propria dignidade, e os instinctos do bem, já ha muito fugiram de suas almas depravadas, se estes desgraçados, repito, merecem a execração publica; ainda maior desprêzo merecem, e maior asco provocam os que os instigaram e seduziram, com dinheiro, para praticarem estes actos sem nome. E será com elles que pretendem destruir a Religião Catholica?—Quanto os céga o ódio!—Pois não se lembram que—vendo todos, que só a mais despresivel escória da sociedade se atreve a insultar as crenças sacrosantas de nossos paes—esses actos se tornam contraproducentes, e maior desprezo acarretam sobre si os inimigos do christianismo?

O que diriam os estrangeiros que n'essa occasião estavam no Porto, a respeito da civilisação e illustração d'esta cidade?

Pois o *baluarte da liberdade*, só o será para a liberdade de tal gente?

Pois os judeus, reunem-se nas suas sinagogas—os maçons, nas suas *lojas*—e os protestantes nos seus *templos*, [1] sem que ninguem se lembre de lá hir intrometter-se em taes *sessões*, e os catholicos, *que seguem a Religião do estado*, não podem dar graças a Deus pelos beneficios recebidos, ou recorrer á sua protecção divina, nas suas adversidades?!

Deus desengane estes cégos obstinados, até se convencerem de que, taes assuadas e ignominias, só servem para lhes acarretar o desprêzo publico, e para ainda mais radicar nos corações portuguezes o amor á Religião instituida pelo Martyr Divino, do Golgotha, á custa do seu sangue precioso!

—

Antonio Correia Megre

Se a cidade do Porto tem dado, como poucas, em todos os tempos, filhos que a honram e enobrecem, pelo seu amor da patria, pela sua intrepidez, pela sua intelligencia ou pelas suas virtudes, tambem, como quasi todos os grandes centros de população, tem produzido, algumas vezes, monstros que envergonham, não só a terra que lhes foi berço, mas até a propria humanidade, a cuja especie, por érro da natureza, pertenceram.

[1] O sr. conseiheiro, José Guilherme Pacheco. (Vide 6.º vol., pag. 481, col. 2.ª)

[1] Templos (como os protestantes lhe chamam!) que, segundo a carta, *não podem ter a fórma exterior de templo.* mas que, com cynico despréso da mesma carta, se vão construindo com a tal *fóvma exterior de templo*, sem que as auctoridades se importem com esta flagrante transgressão. (*De minimis non curat pretor.*)

Um d'estes tigres, nasceu em a nobre cidade do Porto, no principio d'este seculo—foi *Antonio Correia Megre*, nascido em 1809, e filho de José Correia Lopes.

Frequentava a universidade, em 1828, e foi um dos barbaros e cobardes assassinos e ladrões, dos lentes e conegos de Coimbra no logar do *Cartaxinho*, a 5 kilometros de Condeixa a Velha, em 18 de março de 1828. (Vide vol. 2.º, pag. 371, col. 2.ª)

Morreu, com mais oito companheiros no mesmo crime, enforcado no caes do Tojo em Lisboa, a 20 de junho do mesmo anno. Os outros, eram:

Bento Adjuto Soares Couceiro, estudante de Coimbra, filho de José Soares Couceiro, natural de Tentugal, da edade de 24 annos.

Delfino Antonio de Miranda e Mattos, estudante de Coimbra, filho de Manoel Antonio de Miranda Maciel, natural de Barcellos, da edade de 22 annos.

Domingos Joaquim dos Reis, estudante de de Coimbra, filho de Maximo José dos Reis, natural de Cintra, de 20 annos de edade.

Maximo José dos Reis, era era capitão-môr de Cintra. O reu era afilhado da sr.ª infanta D. Isabel Maria; mas esta circumstancia não obstou a que fosse castigado com todo o rigor da lei. Tambem ouvi dizer que o pae, pesava o filho a ouro, para lhe ser commutada a pena, na immediata.

Urbano de Figueiredo, estudante de Coimbra, filho de Henrique de Figueiredo Gomes Diniz, natural de Donas, bispado da Guarda, da edade de 22 annos.

Francisco do Amor Ferreira Rocha, estudante de Coimbra, filho de José Ferreira da Rocha, natural da cidade de Fáro, da edade de 24 annos.

Domingos Barata Delgado, estudante de Coimbra, filho de Gregorio José Delgado, natural do Pesinho, bispado da Guarda, de 22 annos de edade.

Carlos Lidóro de Sousa Pinto Bandeira, estudante de Coimbra, filho de Gregorio José de Sampaio, natural de Mancellos, arcebispado de Braga, de 22 annos de edade.

Manoel Innocencio d'Araujo Mancilha, estudante de Coimbra, filho de João Baptista d'Araujo, natural de Villa-Real. de Tras-os-Montes, da edade de 23 annos (segundo a sentença, mas de 26, segundo a certidão de edade, pois diz que nasceu em 1802.)

—

Suppõe-se que eram 13 os estudantes que commetteram este horroroso attentado; mas nunca se chegou a saber ao certo o seu numero. Eis ainda outro.

Antonio Maria Neves Carneiro, estudante do 2.º anno de mathematica, da universidade de Coimbra, casado com Thereza de Jesus Pereira, e filho do medico, Antonio das Neves Carneiro e de D. Jacintha Fortunata Rapoza—natural do Fundão (segundo a sentença—mas da villa de Góes, segundo outros) de 25 annos de edade.

Segundo as confissões de alguns dos seus cumplices, foi este o instigador e o chefe d'esta horda de scelerados, que pertenciam a uma sociedade secreta, denominada dos *divodignos*.[1] Foi o unico que morreu corajosamente, mas impenitente; todos ou outros, uns se mostravam arrependidos e outros negavam o crime, attribuindo-o a Neves Carneiro. Alguns hiam quasi sem alentos para o supplicio, sendo precizo leval-os em cadeiras.

Este Neves Carneiro, conseguiu fugir até á freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, do Paúl, no concelho da Covilhan, e d'alli, para casa de seu pae, que residia no Fundão, com uma grande porção de dinheiro que havia roubado aos lentes e conegos, assassinados, ou feridos no Cartaxinho.

Do Fundão, fugiu, com seu pae, para Zarza, na Extremadura hespanhola, e a 10 kilometros da raia; mas pôde ser prêso passados dois annos, e veio tambem a morrer enforcado, no caes do Tojo, em Lisboa, a 9 de julho de 1830.

Neves Carneiro, que, como estudante, era muito intelligente, já tinha sido riscado da universidade, em 1824, por causa das suas

[1] A *sociedade dos divodignos*, era numerosa, e foi seu presidente, Francisco Rodrigues Moacho, que morreu na Belgica, em 1866, em desterro voluntario.

ideias avançadissimas, e das suas intimas relações politicas com os dois irmãos Passos, José Maria Grande, e outros, dos principaes instigadores da revolução. Foi readmittido, em razão da amnistia de 5 de junho do mesmo anno.

Na collecção de formosissimos romances, do sr. Camillo Castello-Branco, que elle intitulou *Novellas do Minho*, vem um, sob a denominação de—*A viuva do enforcado*—em que se falla largamente de Neves Carneiro, que é o *enforcado*, e uma das principaes figuras d'este romance verdadeiro.

—

Francisco Sedano Bento de Mello, filho do medico das Caldas da Rainha, Valentim Sedano Bento de Mello, e um dos co-reus no crime do Cartaxinho, pôde fugir para o estrangeiro, e passar-se para a Terceira, onde sentou praça no batalhão de caçadores n.º 5, e n'ella veio para o Porto, em 9 de julho de 1832.

Durante o cêrco, foi promovido a alferes, e condecorado com o habito da Torre-Espada. Durante a revolução militar, denominada *dos Marechaes*, em 1837, foi feito commandante do batalhão academico, dissolvido em 1839, e falleceu em 1843.

Os liberaes verdadeiros—isto é—os liberaes sinceros e de bons sentimentos, negam que os 10 estudantes justiçados no caes do Tojo, pelos monstruosos crimes de assassinios, roubos e ferimentos, tenham sido considerados por outros muitos liberaes—mesmo dos mais altamente collocados—como *victimas innocentes* ou *martyres da liberdade*.

As honras e recompensas conferidas a Francisco Sedano Bento de Mello, são uma prova evidente (é bem triste!) de que a maxima parte do partido liberal não julgou criminosos os factos do Cartaxinho!

—

Joaquim José d'Azevedo e Silva (o Bexiga) foi outro dos co-reus no crime de 18 de março de 1828. Tinha então 21 annos; era natural de Lisboa, e muito rico. Pôde conseguir escapar, vestido de lavrador e chegar a Lisboa, onde se escondeu, em casa do consul da Dinamarca, que o passou para o estrangeiro, onde morreu.

—

Manoel do Nascimento, por alcunha, o *Frêsca Ribeira*, morreu, pelos annos de 1866, no hospital da Misericordia de Lagos. Tinha o rôsto desfigurado por varias cicatrizes, e vivia de concertar louça.

Era vós publica que *Manuel do Nascimento*, era um pseudonimo, e que este individuo fôra um dos assassinos do Cartaxinho. Elle mesmo o declarava quando se embriagava, dizendo que era estudante de theologia na universidade em 1828.

Ensinava philosophia, aos estudantes do lyceu de Beja; e fallava algumas linguas com muita correcção. [1]

—

Dois filhos do doutor Figueiredo, lente de medicina, e que foi o primeiro que cahiu, com um tiro na cabeça, eram tambem da tal *sociedade dos divodignos*, e sabendo a sorte que estava destinada a seu pae e companheiros, nada disseram!

Seguiram o curso academico e formaram-se; mas ambos tiveram má sorte. Um, morreu de uma apoplexia fulminante, sendo deputado, em plena sessão da camara, em S. Bento. O outro, suicidou-se na Allemanha, deitando-se a afogar.

[1] Segundo referem algumas testemunhas, foram 13 os que tomaram parte n'este crime. Se assim é (o que nunca se veio a saber com certeza, até hoje) ainda falta um, que se ignora quem seja; ainda que ha quem assevere que foi um dos filhos do doutor Figueiredo (dos quaes trato em seguida) ao qual *coube a sorte* na sociedade dos divodignos, e que acceitou a *missão*, sob a condição de não ser obrigado a ferir o pae. Note-se porem, que isto nunca se provou de um modo convincente.

Galeria de portuenses célebres, e dos individuos mencionados n'este artigo. [1]

João Ramalho—Vide pag. 460, col. 2.ª

—

João III, bispo do Porto—pag. 460, col. 2.ª

—

D. Antão Martins Chaves, bispo do Porto—pag. 293, col. 2.ª, fim.

—

Infante D. Henrique—Vide 6.º volume, pag. 63, col. 2.ª—e 7.º, pag. 291, col. 2.ª, no fim.

Para não fazer o artigo do Porto ainda mais extenso, vide *Sagres*, onde vae a biographia completa d'este infante.

—

Fernando de Magalhães—pag. 296, col. 1.ª

—

D. Belchior Beliago—pag. 297, col. 2.ª

—

D. Rodrigo Pinheiro, bispo do Porto—pag. 298, 1.ª

—

Padre Agostinho da Trindade—pag. 295, 2.ª col.

—

Frei Antonio de Madureira—pag. 296, 2.ª col.

—

Frei Paulo d'Azevedo, martyr—pag. 299, 2.ª col.

—

Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda—pag. 304, 1.ª col.

—

Francisco de Sá e Menezes, 1.º conde de Mattosinhos, e um dos cinco governadores do reino, pelo cardeal-rei.

Os actuaes representantes (por linha colateral) de Francisco de Sá e Menezes, conde de Mattosinhos, são os marquezes de Abrantes. Vide n'este artigo—*Paço da marqueza*, a pag. 219, 1.ª, e 390, 1.ª—e 6.º volume, pag. 581, 1.ª

A identidade dos nomes de dois portuenses, (ambos chamados, Francisco de Sá e Menezes) tem originado êrros e barafundas em muitos escriptores; são dois individuos distinctos, ainda que da mesma familia, como se vae ver.

O 1.º (e unico) conde de Mattosinhos, feito por Philippe II, em 1582—de que aqui trato, era filho de João Rodrigues de Sá, *o Velho*, e de D. Camilla de Noronha, filhá de D. Martinho de Castello-Branco, 1.º conde de Villa Nova de Portimão (feito por D. Manuel I, em 28 de maio de 1504.)

O conde de Mattosinhos, morreu sem geração, passando a sua casa, a seu sobrinho, João Rodrigues de Sá, casado com D. Luiza Rodrigues, e foi filho d'estes, D. João Rodrigues de Sá, ao qual D. Philippe III, fez conde de Penaguião. (Vide o 5.º vol., pag. 100, col. 2.ª)

O conde de Mattosinhos, morreu em 17 de março de 1585—isto é—79 annos antes do fallecimento do *segundo* Francisco de Sá e Menezes, que foi em 1664, com 60 annos de edade.

—

Francisco de Sá e Menezes ou *frei Francisco de Jesus*—Era filho de D. Francisco Menezes de Sá, 2.º conde de Penaguião (filho do 1.º conde d'este titulo) e irmão de D. João Rodrigues de Sá e Menezes, 3.º conde de Penaguião, e pae de um outro *Francisco de Sá e Menezes*, ao qual, D. Affonso VI, fez 1.º marquez de Fontes. (A casa dos marquezes de Fontes, está hoje reunida á dos marquezes d'Abrantes.)

Francisco de Sá e Menezes, ou *frei Francisco de Jesus*, é que foi poeta, e auctor do bello poema historico, *Malaca conquistada*, e de varias poesias. Vide a col. 1.ª de pag. 306 d'este vol.—anno de 1664.

Já se vê que este Francisco de Sá e Menezes, não foi condé de Mattosinhos, feito em 1582, nem podia ser governador do reino, feito pelo cardeal-rei, em 1580, pela simples rasão de nascer ainda d'ahi a 20 annos —em 1600.

[1] Procurei quanto possivel, collocar estes individuos chronologicamente; não só por ser mais curial, mas tambem para ninguem poder allegar preferencias.

Quando se não indicar o volume, é este —o 7.º

Vide *Anno Historico*, 1.º volume, pag. 350, § 2.º

—

D. Nicolau de Sousa Monteiro, bispo do Porto—Vide 6.º vol., pag. 64, col. 1.ª

—

D. Bernarda Ferreira de Lacerda—pag. 300, col. 1.ª—anno de 1595.

—

Antonio de Sousa de Macêdo—pag. 301, col. 1.ª

—

Padre Balthazar Guedes—pag. 302, col. 2.ª

Pantaleão da Cruz—irmão do padre Balthazar Guedes—Vol. 6.º, pag. 59, col. 2.ª

—

D. Luiz de Sousa, deão da Sé do Porto, e arcebispo e cardeal da Sé de Lisbôa. Tratei rapidamente d'este illustre portuense, no 4.º vol., pag. 275, principio—aqui serei mais extenso.

Nasceu n'esta cidade do Porto, a 16 de outubro de 1631.

Era filho de Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda (pag. 304, col. 1.ª, anno de 1647) e de sua mulher, D. Leonor de Mendonça.

Contava apenas nove annos, quando passou, em companhia de sua mãe, a Castella, Foi admittido no paço, no exercicio de *menino da rainha*, distincção que era conferida a todos os senhores da sua qualidade.

Alcançando licença de Philippe IV, voltou a Lisboa, onde estudou humanidades, em que foi perito. Por conselhos do principe D. Theodosio, com quem travára amigaveis relações, resolveu viajar pela Europa, a fim de se instruir com os homens mais celebres.

Saindo de Lisboa a 8 de fevereiro de 1615, foi abordada a nau em que hia, por um corsario francez, e conduzido a Villa Franca de Niza. Depois passou a Roma, onde se graduou doutor canonista. Por occasião de receber a noticia da morte de D. Theodosio, deixou-se dominar por uma tristeza tal, que esteve a ponto de professar no celebre convento da Cartuxa, o mais austero d'aquelle tempo. Assistiu em Roma até 7 de abril de 1655, em cujo anno foi investido no deado da cathedral do Porto.

Passou depois a Veneza; percorreu a Allemanha, Flandres, a Hollanda, a França, voltando a Portugal, em setembro de 1656. Foi eleito governador do bispado do Porto, sendo pela ausencia de seu irmão, o conde de Miranda, nomeado governador da relação e armas d'aquella cidade e seu districto. Foi capellão-mór do principe regente D. Pedro, depois rei, D. Pedro II.

Quatro annos depois, quando vagou a egreja metropolitana de Lisboa, foi pelo mesmo principe nomeado arcebispo. Instituio o jubileu do *sagrado lausperenne*.

Quando foi nomeado cardeal da egreja romana, perguntou-lhe D. Pedro II se não era incompativel a dignidade que acabava de receber com a de capellão-mór; ao que D. Luiz respondeu:

«Se a dignidade de cardeal me inhibisse «de continuar a servir a Vossa Magestade, «nunca a acceitaria.»

Possuia uma livraria de mais de 30:000 volumes. Foi provedor da santa casa da Misericordia do Porto. Enviou missionarios ás nossas provincias ultramarinas. Reedificou o paço archiepiscopal e o convento de Santa Catharina de Ribamar, da provincia da Arrabida. Erigiu no convento da Batalha um rico mausoleu, para o qual fez trasladar as cinzas de seu pae. Na Cartuxa de Laveiras, edificou uma cella, com rendimento para um monge. No deserto do Bussaco sustentava um eremita.

Pouco antes de fallecer, fez as suas disposições, nomeando seu testamenteiro o conde de Villa-Verde. Falleceu a 3 de janeiro de 1702, com 71 annos de edade. Está sepultado no pavimento da capella de Nossa Senhora da Piedade, da Terra Solta, que se acha na basilica de Santa Maria, para a qual tinha tribuna o seu palacio, em sepultura rasa, com a inscripção:

SUB TUUM PRÆSIDIUM

Por occasião do terremoto de 1755 caiu em ruinas esta capella.

—

Pedro Sem, Pedro-Cem, ou *Pedro d'Ossem* —5.º vol., pag. 122, 2.ª—6.º, pag. 46, 2.ª

—

D. Frei Joaquim de Santa Clara Brandão, arcebispo d'Evora — Pag. 309, 1.ª, anno de 1740.

—

D. João d'Almada e Mello — Pae de D. Francisco d'Almada e Mendonça — vol. 6.º, pag. 68, 1.ª, nota.

—

Dr. Thomaz Antonio Gonzaga—Pag. 309, 2.ª, anno de 1744.

—

Antonio Ribeiro dos Santos—(na Arcadia, *Elpino Duriense)*—vol. 5.º, pag. 9, col. 1.ª

—

Dr. João Pedro Ribeiro — Pag. 312, col. 2.ª, anno de 1757.

—

D. Francisco d'Almada e Mendonça—Vol. 5.º, pag. 300, col. 2.ª—e 6.º, 249, 1.ª, no fim.

—

Francisco Vieira (Vieira Portuense)—Pag. 313, 1.ª, anno de 1766.

—

João Pizarro da Cunha Porto-Carreiro— Vol. 5.º, pag. 271, 2.ª — Vide a genealogia *Cunhas Porto-Carreiros*, e a freguezia de Porto—Carreiro.

—

D. João Raphael de Mendonça, bispo do Porto.—Pag. 473, col. 2.ª

—

Bernardo de Sá Nogueira (marquez de Sá da Bandeira)—Pag. 498 col. 1.ª

—

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett (visconde d'Almeida Garrett).—Vol. 5.º, pag. 277, col. 1.ª—e este vol., pag. 315, col. 1.ª, no principio.

—

Antonio de Souza Lobo (o *Lobo da Reboleira)*—6.º vol., pag. 59, col. 2.ª

—

José Ferreira Pinto Basto—Pag. 316, col. 1.ª—1801.

—

Antonio Joaquim d'Oliveira Nascimento— Vol. 5.º, pag. 293, col. 2.ª

Visconde de Villarinho de S. Romão—Vol. 5.º, pag. 267, col. 2.ª

—

Antonio Correia Megre (um dos que assassinaram e roubaram os lentes e conegos, no Cartaxinho)—Pag. 505, col. 2.ª

—

João da Cunha Araujo Porto-Carreiro (o fidalgo da Bandeirinha) tenente-coronel do regimento de infanteria n.º 6 (1.º do Porto) assassinado pela plebe enfurecida.—5.º vol., pag. 271, col. 2.ª—Vide *Cunhas Porto-Carreiros*, nas genealogias dos fidalgos do Porto, n'este artigo.

—

Visconde de Macêdo Pinto —Vol. 5.º, pag. 269, col. 1.º

—

Manoel Maria da Costa Leite — Vol. 5.º, pag. 270, col. 1.ª

—

Dr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — Nasceu n'esta cidade, no 1.º de novembro de 1816.—É fidalgo da casa real; do conselho de sua magestade; bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra; socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; das duas de historia e da lingua, em Madrid; e de outras, em diversos paizes da Europa; grão-cruz, commendador e cavalleiro, de varias ordens; vogal effectivo da commissão permanente de geographia, no ministerio da marinha; deputado ás côrtes da nação portugueza, desde 1865; director geral da secretaria da camara dos deputados; socio effectivo da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, estabelecida na egreja gothica do Carmo, em Lisboa; auctor de differentes obras, de grande merecimento, escriptas em portuguez e francez; proprietario e 1.º redactor do periodico—*Jornal da Noite*—e um dos homens mais esclarecidos da actualidade.

Casou com D. Antonia Adelaide Vasques da Cunha Porto-Carreiro, da nobilissima familia da Bandeirinha *(palacio das Sereias)* d'esta cidade. [1]

[1] O sr. Teixeira de Vasconcellos, tambem

D'este consorcio, ha os filhos seguintes:

A sr.ª D. Maria Adelaide Teixeira de Vasconcellos Porto-Carreiro, que nasceu em 1836, na quinta de Coura, e casou com o sr. João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, fidalgo da casa real; commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa; bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra; senhor da casa de Villa Nova e de Beire, e, por differentes vezes, administrador do concelho de Paredes.

Teem já muitos filhos, sendo o primogenito, o sr. Manoel Correia Porto-Carreiro Teixeira de Vasconcellos.

Para a genealogia d'estes Correias, vide *Correias da Rua-Chan.*

—

Antonio da Silva Monteiro (visconde da Silva Monteiro) — Vol. 5.º, pag. 294, col. 1.ª — Depois de impresso e publicado o artigo de *Miragaia*, no 5.º volume, é que este senhor obteve o titulo de visconde, em 23 de junho de 1875. E' por esta razão que alli se lhe não dá ainda o titulo de visconde.

—

Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho—vol. 6.º, pag. 65, col. 2.ª

—

Luiz Pinto de Souza Pereira de Menezes, da casa do Cutéllo, freguezia de Miomães—bemfeitor da Santa Casa—vol. 5.º pag. 316, col. 1.ª

—

D. Camilla Ribeiro de Faria — Vol. 5.º, pag. 271, col. 2.ª

—

D. Americo Ferreira dos Santos Silva, actual bispo do Porto — Vol. 5.º, pag. 123, col. 1.ª—e 7.º, pag. 337, col. 1.ª

—

José Pereira da Costa Cardozo — Vol. 5.º, pag. 295, col. 2.ª

—

José Carlos Lopes Junior — Vol. 5.º, pag. 270, col. 1.ª

descende pela linha paterna, do tronco d'esta familia, como se verá na genealogia dos *Cunhas Porto-Carreiros.*

Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Julio Diniz)—Pag. 394, col. 1.ª

—

Augusto Ferreira (o *homem-flauta)*—Pag. 389, col. 2.ª

—

Francisco Guedes d'Azevedo — Pag. 485, col. 1.ª

—

João Ferro de Lima—Pag. 485, col. 1.ª

—

Além dos varões portuenses que illustraram a sua patria, e ficam mencionados, citarei mais os seguintes:

—

Vasco de Lobeira — auctor do famoso romance de cavallaria, intitulado *Amadis de Gaula.* Ao qual D. João I armou cavalleiro.

—

Frei Manoel da Esperança — auctor das *Historias—Seraphica e Sebastica.*

—

O *padre Simão de Vasconcellos*, jesuita — auctor das *Noticias do Brazil.*

—

Pedro d'Andrade Caminha, camarista do infante D. Duarte, e poeta muito estimado no seu tempo.

—

D. Francisco de Bragança, filho de D. Fulgencio, prior-mòr da collegiada de Guimarães, e neto de D. Jayme, 4.º duque de Bragança—auctor de varias obras. Foi alumno do real collegio de S. Paulo, em Coimbra, reformador da universidade, inquisidor da mesa grande, desembargador do paço, do conselho de estado. Foi, em 1589, nomeado, por Philippe II, patriarcha da India, o que não teve effeito, pela opposição dos bispos de Portugal, principalmente o arcebispo de Braga. Renunciou todos os seus altos cargos, e se retirou a uma sua quinta, nos suburbios de Coimbra, onde morreu santamente, em 31 de janeiro de 1634.

—

Frei José Mayne, franciscano, confessor de D. Pedro III, e auctor de varias obras, e colligiu, no mosteiro de Jesus, de Lisboa, o *museu maynense*, hoje incorporado no museu nacional.

Frei Luiz dos Anjos, frade graciano *(grillo)* escriptor publico de grande nomeada.

—

Manoel Domingos Vaya, que publicou uma obra sobre mathematica, de muito merecimento.

—

Frei Raphael da Purificação, franciscano. Fallava sete linguas, e era muito versado em varios ramos de sciencia. Escreveu uma *Encyclopedia*.

—

D. Henrique de Souza Tavares, alcaide-mór d'Arronches, 3.º conde de Miranda (do Côrvo) e feito, por D. Pedro II, 1.º marquez d'Arronches. E' progenitor dos duques de Cadaval, e Lafões. (Vide vol. 1.º, pag. 239, col. 1.ª—e vol. 5.º, pag. 325, col. 1.ª

A familia dos legitimos Souzas, é a mais nobre de Portugal. — Vide 4.º vol., pag. 12, col. 2.ª

—

José Ferreira Borges, auctor do *Codigo Commercial Portuguez*.

—

D. Maria Ferreira Borges, irman do antecedente, e senhora de uma variadissima instrucção, e primorosa esculptora, em gêsso.

—

Guilherme Braga, figura sympathica, e primorosissimo poeta; porém, levando uma vida tristemente bocaciana, que o matou na flôr da edade.

—

Antonio Coelho Lousada, outro poeta de muito merecimento, e bom romancista historico. Falleceu tambem na flôr da edade.

—

Antonio Augusto Soares de Passos, tambem mimosissimo poeta. Como os dois antecedentes, morreu tambem na primavera da vida.

—

Arnaldo Gama, romancista historico de grande merecimento. Os seus livros são muito estimados. Morreu quando tanto havia a esperar do seu formoso talento.

Ricardo Augusto Pereira Guimarães (vulgò, *Ricardo Guimarães)*—feito visconde de Benalcanfôr, em 14 de julho de 1870 — escriptor muito distincto, e que vive em Lisboa.

Ramalho Ortigão, o humoristico auctor dos folhetos denominados — *As Farpas*. — Obra de grande valia, lida e admirada por quantos presam os bons livros. E' uma vastissima collecção de folhetins, primorosamente escriptos, conservando uma graça puramente franceza, e que revelam muitos conhecimentos, e um estudo variadissimo.

—

Augusto Soromenho, tambem de uma grande intelligencia, e vastos conhecimentos em diversos ramos de litteratura, e bellas-artes.

—

Augusto Luzo da Silva—Pag. 441, col. 2.ª

—

Faustino Xavier de Novaes, que falleceu no Brasil. Era um poeta satyrico de uma graça inexcedivel — graça natural, pois que a sua educação litteraria havia sido bastante descurada. As suas satyras (todas em verso) denotavam grande conhecimento do viver da época actual; e, posto serem muito comparaveis ás de Nicolau Tolentino, são de maior merecimento, por não ser *poeta pedinchão;* visto que o Tolentino terminava quasi sempre por *chorar miserias* e pedir esmola.

Seu irmão, Miguel de Novaes, não fazendo fortuna no Porto, pelo seu officio de photographo, conseguiu ser empregado no consulado geral portuguez, do Rio de Janeiro, onde casou, em novembro de 1876, com a condessa de S. Mamede, viuva do conde do mesmo titulo.

—

D. Luiz Manoel Benedicto da Natividade de Castro Pamplona de Souza Holstein, almirante-mór do reino, e conde de Rézende, *de juro e herdade*, desde 19 de julho de 1866. Falleceu na flôr dos annos. Vide *Rézende*.

—

Roberto Guilherme Woodhouse — nasceu n'esta cidade, a 9 de setembro de 1828.

Era filho de um subdito britannico, de egual nome, e rico negociante; e de uma virtuosissima senhora portugueza, que lhe deu esmerada educação.

Foi um dos mais distinctos cidadãos do Porto, tanto pelas suas virtudes, como pela sua rara intelligencia.

Foi varias vezes condecorado com as medalhas das sociedades humanitarias, portugueza e ingleza, ganhas por actos de grande valor, na salvação de naufragos.

Tinha fôro de fidalgo cavalleiro da casa real, e era addido á embaixada portugueza, em Londres. Foi-lhe concedida a commenda de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa; porém recusou esta mercê.

Não querendo seguir a vida commercial, dedicou-se ás letras, para as quaes tinha grande aptidão e pronunciado gôsto. Cultivou com esmero as linguas vivas, e era optimo latinista. Amante decidido da litteratura, foi um estudante distincto; mas ainda foi mais distincto no estudo das sciencias naturaes e exactas, nas quaes se graduou, na universidade de Londres.

Tambem amou as bellas artes, e foi um dos melhores musicos do seu tempo, n'esta cidade, tocando com a maior perfeição varios instrumentos musicos, principalmente piano; era um bom compositor de musica, cujas composições ainda se tocam com grande honra do auctor, nas egrejas e salões aristocraticos.

Fez no seu gabinete profundos estudos theologicos, que o levaram ao convencimento de que a Religião Catholica era a unica verdadeira, e que mais convinha á dignidade do homem; pelo que abjurou o protestantismo, em que fôra educado, adoptando com a mais sincera convicção a Religião Catholica Apostolica Romana, na florente edade de 25 annos.

Sua mãe, que era fervente catholica, concorreu tambem para esta conversão; mas não encontrou grandes obstaculos, porque Woodhouse respeitára sempre em grau subido a religião materna, e até possuia um formoso crucifixo, que desde os seus verdes annos muito estimava.

Alguns annos depois da sua conversão, casou com a sr.ª D. Isabel Emilia, viscondessa de Balsemão, e irman do sr. visconde de S. João da Pesqueira.

Fundada a *Associação Catholica* d'esta cidade—para o que muito tinha concorrido, foi eleito seu primeiro presidente, em abril de 1872; sendo reeleito, em maio de 1873 — e não o continuou a ser, porque teve de hir residir para Coimbra, para acompanhar seus filhos, que hiam cursar os estudos da universidade.

Foi substituido, em junho de 1874, pelo conde de Rézende (irmão do actual).

Em julho do mesmo anno, foi eleito, por unanimidade, presidente honorario da mesma Associação, e seu socio benemerito, em attenção aos serviços relevantissimos que havia prestado á Religião e á Associação Catholica.

Quando, em julho de 1872, se fundou o jornal catholico—*A Palavra*—foi, por unanimidade, eleito presidente do corpo gerente do jornal, cargo que exerceu até á eleição de 1874.

Foi um dos mais activos collaboradores da *Palavra*, na qual publicou primorosos artigos, até quasi á sua morte, apesar de uma diuturna e dolorosa enfermidade. Todos os seus artigos eram assignados por um simples *W*.

Publicou tambem varios opusculos religiosos e scientificos, que são lidos com geral prazer.

Teve uma verdadeira *morte de justo*, sem agonia, depois de receber os Sacramentos da Egreja, e a benção do S.S. Padre, Pio IX, em abril de 1876.

Deixou dois filhos—um d'elles, distinctissimo alumno da faculdade de mathematica, na universidade.

—

Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca—1.º visconde d'Azevedo (feito em 19 de agosto de 1846) e 1.º conde do mesmo titulo, poucos dias antes da sua morte.

Nasceu em 21 de fevereiro de 1809, e falleceu, na sua casa de Santo Antonio do Penêdo, junto ao *Postigo do Sol*, d'esta cidade, polas 4 horas da tarde, de 25 de dezembro de 1876.

Era 29.º senhor donatario da villa e couto d'Azevedo, na provincia do Minho (vol. 1.º, pag. 291, col. 2.ª) Foi governador civil de Braga, em 1846; deputado ás côrtes em 1851; socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e vice-presidente da Associação Catholica do Porto.

Filho de Antonio Martinho Velho da Fonseca de Barbosa, fidalgo da casa real e senhor da casa do Paço solar de Marrancos; e de sua mulher D. Maria Emilia de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá, herdeira do senhorio de Azevedo, e das casas de Pouve, Paradella, Mazarefe, Castro e seus coutos e padroados. Pelo seu nascimento, o conde de Azevedo era das primeiras pessoas do reino a cuja fundação é anterior a familia de Azevedo.

Em 1828, tendo de edade 19 annos, foi procurador pela cidade de Braga aos Tres Estados, convocados em 1828, por ordem do Senhor D. Miguel, e durante a guerra civil foi nomeado coronel de voluntarios realistas. Depois recolheu-se á provincia do Minho, residindo ora em Braga, ora em Azevedo, afastado das lides politicas e entregue a estudos litterarios que muito presava.

Em 1845 porém, cooperou com o partido progressista, na campanha eleitoral, contra o ministerio, e em 1846, acceitou, no interesse da pacificação da provincia, o cargo de governador civil de Braga, adherindo ao movimento geral do reino, e acceitando com sinceridade e desinteresse as idéas liberaes então proclamadas. N'estas convicções firmes, porém moderadas, permaneceu sempre até á morte, sem exercer nenhumas funcções publicas senão as de deputado em 1851, e inteiramente dedicado ás letras.

Casára em 1827 com a sr.ª D. Maria José Carneiro da Gran Magriço, herdeira da muito nobre casa de Balazar, da qual não teve descendencia. A representação da familia do sr. conde d'Azevedo, passa á casa dos Falcões, de Braga, onde casou a irman d'elle, com Estevão Falcão Cotta Aranha e Menezes, fidalgo da casa real, já fallecido. A herança pertence por testamento á sr.ª D. Maria Candida Falcão, sobrinha do conde.

Tinha reunido uma preciosa livraria que deixou ao sr. conde de Samodães, e estava traduzindo o D. Quixote, de Cervantes, de que se publicaram no Porto alguns fasciculos. Correm impressas prosas e poesias do conde de Azevedo, que honram o seu nome litterario.

Era homem de bem, no mais amplo sentido d'esta denominação, de espirito benevolo e recto, e de raros dotes pessoaes.

—

O conde de Azevedo era o representante primogenito dos legitimos Azevedos.

A villa d'Azevedo, na freguezia da Lama, já era solar d'esta familia, no reinado de D. Affonso Henriques, sendo então senhor d'elle, D. Pedro Mendes d'Azevedo, 23.º avô do conde.

O couto d'Azevedo compunha-se de toda a freguezia de S. Salvador da Lama, e de alguns logares e aldeias, da freguezia de Santa Eulalia de Oliveira (que lhe ficam ao N.) e de outras aldeias ao E., pertencentes á freguezia de S. Romão da Ucha. No civel e no crime, era juiz, o do antigo concelho do Prado, que tinha jurisdicção no couto; pois que o juiz privativo d'elle (couto) só tinha jurisdicção municipal, e sobre coimas.

Pertencia esta villa e seu couto, á comarca e provedoria de Vianna do Lima. Hoje pertence á comarca e concelho de Barcellos, arcebispado e districto de Braga.

Para o mais que pertence a esta familia, vide *Carrazêdo de Bouro*, *Fiscal*, *João de Rei (S.)*, *Lama*, *Oliveira (Santa Eulalia)* do concelho de Barcellos, *Tapada*, e *Ucha*.

—

Antonio Pinheiro Caldas.—Nasceu n'esta cidade, em 12 de novembro de 1824, e n'ella falleceu, a 15 de junho de 1877.

Principiou a sua vida com um optimo *atelier* de alfaiate de *fato feito è por medida*, e loja de pannos.

Passados annos, falliu. Fez *concordata* com os crédores, e tornou a estabelecer-se (na rua do Bispo) mas, d'esta vez, com um estanco, dos mais luxuosos da cidade.

Nasceu poeta, e posto que as suas composições tinham pouca originalidade, revelavam muito sentimentalismo e bastante correcção; e viu a 2.ª edição das suas obras.

No physico, era um homem sympathico, e vestia no ultimo apuro. No moral, era um bello caracter, de trato affavel, e por isso muito estimado de quantos o conheciam.

Deu-se um facto com Pinheiro Caldas, que deu muito que fallar... e que rir.

Em umas eleições municipaes, sahíu eleito vereador, por grande numero de votos.

É preciso notar que seu pae, homem abonado e bom, lhe tinha dado uma esmerada educação; que se apresentava com a polidez mais perfeita; que era recebido com distincção nas melhores casas; e que acompanhava com os principaes cavalheiros do Porto, que o tratavam com a maior intimidade.

A maior parte dos que com elle sahiram eleitos vereadores, eram pessoas sahidas das ultimas camadas da sociedade, que tinham passado os primeiros annos da sua vida, de pé descalço, e eram quasi analphabetos.

Mas tinham enriquecido no Brasil (sabe Deus por que meios!...) e achavam-se feitos conselheiros, commendadores, ou barões.

Já se vê que não deviam ter por collega um *alfaiate*—muito embora esse alfaiate valesse mais do que trez quartas partes dos seus collegas.

Opposeram-se pois, obstinadamente, á eleição do Caldas. Este pugnou, com optimos fundamentos, por ella; porém os outros, tanto chicanaram, que o biennio passou em tricas, e obstaculos, e Caldas não se chegou a sentar na cadeira da edilidade!

Egualdade e fraternidade republicana!...

—

Ha actualmente no Porto, além dos já nomeados, muitos individuos distinctos pela vastidão dos seus conhecimentos, nos differentes ramos de litteratura e bellas artes, que seria longo enumerar; mas que, apesar d'isso, teriam aqui honrosa menção, se eu tivesse alguns apontamentos biographicos a seu respeito; porém, como os não tenho, peço-lhes desculpa d'esta omissão involuntaria.

—

Na bella arte da pintura, florescem actualmente no Porto, varios individuos, distinguinde-se entre elles, os srs.—*Francisco José de Rézende*, lente de desenho, na academia das bellas artes;—*Pinto Costa* (que tambem é esculptor)—*José Correia*—*Pirralho*—e outros.

—

Como musicos, são distinctissimos, os srs. — *Francisco de Sá e Noronha*[1] — *Augusto Marques Pinto* — *Nicolau Medina Ribas*, e *Francisco Alves Rente*, insignes violinistas —*Antonio José de Paiva* (o *Paivinha)*[2] que toca a maior parte dos instrumentos de musica conhecidos, e todos com perfeição—*Hypolito Medina Ribas*, primo do antecedente, e irmão de Nicolau Medina Ribas—*Miguel Angelo*—*José Candido*—*Silvestre*, e *Canêdo*, regentes de capellas, etc.

É tambem digno de menção muito especial, o sr. *Arthur Napoleão*, que, na edade de sete annos, fez a sua estreia publica, no theatro de S. João, revelando-se como um portento no piano.

Foi para o Rio de Janeiro, onde casou com uma menina rica, sob a condição (imposta pelo pae d'ella) de Arthur nunca mais tocar no theatro.

Reside actualmente no Rio de Janeiro, onde tem uma magnifica loja de pianos e outros instrumentos de musica.

Tem vindo a Portugal algumas vezes, e ainda ha muito poucos dias esteve em Lisboa.

—

Maria Mantella.—Nasceu n'esta cidade, e, segundo consta de antigos documentos, teve, de um só parto, sete filhos, que todos foram padres, e cada um edificou sua egreja, e foram as seguintes:—*Santa Maria de Moreira* (concelho de Celorico de Basto)—*Santa Maria de Galvão* (cuja freguezia foi supprimida ha muitos annos) — *Villar de Perdizes* (concelho de Montalegre) — *Santa Leocadia* (concelho de Chaves)—*Santa Maria de Melres* (concelho de Gondomar)—*a do mosteiro*

[1] É natural de Guimarães, porém reside ha muitos annos no Porto.

[2] É natural de Braga, mas reside no Porto desde 1847. Foi regente da musica do regimento de infanteria do Minho (do Macdonell) que, depois da união com a junta, se denominou infanteria n.º 9.

de Dôso—e metade da egreja de *Santa Maria Maior*, da villa de Chaves.

N'esta egreja foram sepultados todos os sete irmãos, juntamente com sua mãe. Na lapide que cobria a sua sepultura, se lia esta singella inscripção:

AQUI JAZ MARIA MANTELLA,
COM SEUS FILHOS EM REDOR D'ELLA

—

S. Rozendo, que, no baptismo, tomou o nome de *Rodezindo*, nasceu na aldeia de *Sallos*, junto á cidade do Porto.

—

Antonio Marques de Carvalho — Falleceu a 28 de junho de 1877. Tinha loja de cambista, na rua das Flores.

Por testamento, feito a 20 do mesmo mez e anno, deixou os legados seguintes:

Á ordem terceira da S.S. Trindade, do Porto, 10:000$000 réis, em inscripções de assentamento, para fundo do hospital.

Á mesma ordem, para fundo do seu lyceu, 4 acções do banco de Portugal, do valor nominal, de 500$000 réis cada uma.

—

Arco das Verdades e das Mentiras

Na extremidade S. da rua de Traz-da-Sé, está (como já disse a pag. 410, col. 2.ª) a capella de *Nossa Senhora dus Verdades*, com frente para mesma rua, tendo a parede do lado da Epistola, ao longo das escadas das Verdades.

Na esquina do muro da cêrca do Seminario, em frente da parede lateral da capella, está esta inscripção:

AQUI HAVIA UM ARCO MUITO
ARRUINADO, QUE MOSTRAVA
VESTIGIOS DA CIDADE ANTIGA.

Era o *arco das Verdades*, aberto nas primeiras muralhas da circumvalação, da cidade, feitas pelo bispo, D. Gonçalo Pereira, como fica dito a pag. 278, col. 1.ª, d'este volume.

O nome official d'este arco (em quanto existiu) era — *Arco de Nossa Senhora das Verdades*; porém o povo, dava-lhe o nome de *Arco das mentiras;* porque as casas proximas, que ainda existem nas escadas das Verdades, do lado do O., são um praso do proximo recolhimento do Ferro, em cujo archivo existe uma antiga escriptura, relativa ás ditas casas, dizendo que ellas eram sitas junto do *Arco das mentiras*.

Suppõe-se que se lhe mudou o nome primitivo, porque, sendo as casas das escadas, habitação de mulheres pobres, estas vinham para o *soalheiro* (as escadas são viradas ao E.) palestrear, e, como se costuma dizer — *enterrando vivos, e desenterrando mortos* — isto é — occupando-se em calumniar o proximo e murmurar das vidas alheias.

—

O homem salgado

Na viella do Cysne (que vae da Cancella-Velha ter ao cimo da rua do Laranjal, á esquina do palacio *Ferreirinha*, no largo da Trindade) appareceu, no dia 13 de março de 1825, um grande barril, fechado, exhalando muito mau cheiro. Duas meretrizes, das que já então costumavam habitar n'esta viella, foram as primeiras que na manhã d'esse dia viram o tal barril, e foram dar parte ao cabo de policia mais proximo, o qual veio com ellas, e, destapando o barril, n'elle acharam um homem, vestido, morto, e mettido em sal, com signaes evidentes de morte violenta.

Deu-se aviso á justiça, e o juiz do crime procedeu a auto de corpo de delicto, tirando-se o cadaver d'entre o sal, em completo estado de podridão e desfigurado. Vestia casaca, que parecia ter sido preta, tendo nos bolsos uma caixa de rapé, umas chaves pequenas em uma argola, e um lenço d'assoar. As calças eram de ganga amarella.

Dentro do sal, tambem se achou uma navalha e uma faca, ambas de ponta.

Entre a cabeça do cadaver e o tampo do barril, estavam alguns trapos, e entre elles, uma sacca de ter dinheiro, com capacidade para 200 moedas em prata, e com a firma S. & F.

Os peritos (cirurgiões) declararam que,

pelo estado de decomposição do cadaver, mostrava estar morto havia muito tempo.

Averiguou-se que este barril apparecêra em um armazem, da proxima rua do Laranjal, junto á *fonte do olho do*... propriedade (o armazem) de João Antonio Gomes de Castro [1] morador na praça das freiras de S. Bento; e que trazia de renda, Agostinho Luiz Ignacio.

Este armazem, tinha andado, por alguns annos, arrendado, ao rico negociante da praça do Porto, José Antonio d'Araujo e Silva, que n'elle tinha um deposito de vinhos e aguas-ardentes, e o tinha desoccupado em novembro de 1824.

Provou-se evidentemente, que, quando o Agostinho tomou conta do armazem, ainda lá achou uma pipa vasia, que comprou ao Silva, e um barril fechado, que este disse áquelle, pertencer a João Chrysostomo Ribeiro, que tinha sido seu caixeiro, e então se achava degredado por 10 annos, na Africa, pelo crime de ladrão; e que o barril continha presuntos, mas que, estando alli ha muito tempo, deviam estar podres, e que deitasse o barril fóra. Isto foi a 12—na vespera do apparecimento do barril na viella.

Agostinho, desejou ver se os presuntos ainda se poderiam aproveitar; e ajudado de sua mulher e uma creada, dá a primeira pancada no tampo do barril, e logo appareceram farrapos. e se desenvolveu um cheiro tão pestilente, que os trez fugiram.

Agostinho mandou parte do acontecido ao caixeiro do Silva, que respondeu que—deixasse estar o barril, que elle, de noite, com um gallego o vlria buscar, para deitar fóra —o que fez; mas, como o gallego não podesse só com o barril, chamou outro, e, por ordem do caixeiro (que lhe disse — e não mentia!—que era *carne podre)* o foram pôr na viella do Cysne.

Este crime fez grande sensação na cidade, e foi immensa a reunião de povo, no armazem e no sitio onde o cadaver fôra achado; sendo preciso toda a cautella e energia da guarda real da policia, para que Silva—indigitado por todos como assassino — não fosse despedaçado pelo povo.

Como o cadaver estava completamente desfigurado, pelo sal e pela decomposição, ninguem o conheceu. Disse-se primeiro, que era um bahiano rico, e depois, um sujeito de Pernambuco, tambem rico, e das relações do Silva; depois, finalmente, um sobrinho do mesmo Silva; porém, o que corria com mais insistencia, é que era o cadaver do cambista, José de Freitas Guimarães, homem bastante rico, ao qual Silva devia—*em segredo e sem titulo*—grande quantia de dinheiro, e que havia desapparecido (o cambista) em 9 de julho de 1822, sem que mais ninguem o visse, nem d'elle mais noticia tivesse.

Esta opinião, que era a geral, estava justificada, por se ter visto entrar para casa de Silva, no ultimo dia que foi visto no Porto; pelo seu desapparecimento, n'esse mesmo dia; pela roupa; pela marca da sacca que appareceu no barril—S. & F. *(Salgado e Freitas)* [1] e, sobretudo, pela fuga de Silva, apenas soube que foi achado o cadaver.

[1] Pae do sr. José Joaquim Gomes de Castro, feito visconde de Castro (em duas vidas) a 23 de dezembro de 1848; e conde do mesmo titulo, em 30 de setembro de 1862.

[1] José de Freitas Guimarães (o assassinado) era socio de Manoel Vaz Salgado, no negocio de cambio. (Mal diria o Freitas, que o verdadeiro *salgado* era elle, e não o socio!) Este, sendo chamado a juizo, para depôr, disse que o seu socio sahira de casa no dia 9 de julho de 1822, *com uma sacca de dinheiro*, e que nunca mais apparecêra. Que a sacca tinha a marca do costume (a que se achava no barril) e que a ultima vez que n'esse dia fôra visto, no tal dia 9 de julho, foi na direcção do armazem, onde se achou o barril. Declarou que Freitas vestia n'esse dia, casaco de estamenha *brançacente*, colete de panno preto, calça de linho, branco, ceroulas compridas, chapeu redondo, relogio e cadeia amarella.

Mas, comprado por Silva, ou pelos amigos d'este (ou, mais provavelmente, para não dar conta do expolio, aos herdeiros do seu socio) declarou que, por indagações que tinha feito, e cartas que tinha recebido do Rio de Janeiro, *colligia* que elle andava para o Rio Grande do Sul.

Esta miseravel historia só prova que Salgado era tão bom como Silva. As taes *cartas do Brasil*, foram juntas aos autos (a fl. 101 e 102) mas, nem estavam reconhecidas,

O presumido reu, que era muito rico, *comprou* algumas testemunhas, cujo depoimento, de pouco lhe serviu.

Freitas fugiu para Lisboa, onde esteve escondido, até que, á força de dinheiro, obteve uma d'essas barbaras *cartas de seguro*, que subtrahiam o maior criminoso á acção da justiça. (Vide vol. 2.º, pag. 415, col. 2.ª, no principio.)

Foi, por fim, sentenceado a 10 annos de degredo para Moçambique, a 600$000 réis para despezas da relação e custas; mas, no *desempate*, ficou a condemnação reduzida a 5 annos de degredo para Angola, um conto de réis para os parentes do morto, 600$000 réis para despezas da relação e custas.

Silva tinha feito toda a diligencia para attribuir o crime ao seu ex-caixeiro, que se não podia defender, por estar cumprindo o degredo na Africa, e sempre conseguiu ser apenas julgado cumplice, porque aliás, a sua sentença, segundo as leis d'aquelle tempo, seria a pena de morte.

Ainda á força de dinheiro, conseguiu um *alvará de fiança*, em 17 de outubro de 1825, para solto, poder embargar a sentença; porém este alvará foi annullado e o reu preso na Junqueira (Belem) em 11 de novembro, á ordem do barão de Renduffe, intendente geral da policia.

Logo a 16, marchou para a relação do Porto, acompanhado por um escrivão e uma escolta de cavallaria da guarda real da policia, de Lisboa, tudo á custa do reu.

Esteve preso na relação, até ao fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826.)

A politica muda. O barão de Reuduffe, é demittido; D. Izabel Maria, é regente e os protectores do reu, obtiveram d'ella, um novo alvará de fiança, e sahindo da cadeia, tratou do *recurso de revista*; mas, vendo que, apezar de se fazer um acerrimo liberal, não póde conseguir a annullação da sentença (que, se peccava, era por excesso de humanidade) fugiu para Pariz.

Em 1834, finda a guerra civil, e certo da impunidade, apresentou-se em Portugal, leva para o supremo tribunal o recurso de revista, em cuja petição, se inculca uma victima da liberdade, chamando ao sr. D. Miguel I, *usurpador*, *monstro*, etc. (como se o rei tivesse alguma culpa de elle ser assassino e ladrão! —e, apezar de todas as sentenças contra o criminoso, serem dadas quando o sr. D. Miguel estava em Vienna d'Austria, sem a minima gerencia nos negocios de Portugal, e muito menos nos processos crimes, por assassinatos, roubos, etc.)

Foi tão evidente a protecção dada pelos nossos juizes, ao reu, que estando os autos, com outros muitos mais papeis, em Lamego, alli os mandaram buscar, e, desde então, tudo lhe correu ás *mil maravilhas*, obtendo o *accordam*, que termina assim:

«Portanto e o mais dos autos, annullam, *na conformidade do § 4.º, do artigo 4.º, do decreto de 19 de maio de 1832*, todo o processado, e mandam que, pela fórma em que está (porque é impossivel fazer agora outro exacto) se instaure de novo o feito, para o que se remetterão os presentes autos, ao juiz de direito do districto de Cedofeita, da cidade do Porto. Lisboa, 22 de dezembro de 1835—Visconde de Laborim—Aguiar—Paiva Pereira—Fui presente, Felgueiras.»

Annullado o processo, nunca mais se instaurou outro, e o criminoso morreu descançado na sua cama. Nada porem lucrou com o *negocio*, porque, além dos grandes incommodos que soffreu, já em quanto andou homisiado e expatriado; já no tempo que esteve prêso—gastou em 7 annos e nove mezes que durou o processo, dez vezes mais dinheiro do que o que roubou á victima da sua criminosa ambição.

Assim terminou a historia do *homem salgado*, que tanto e por tanto tempo deu que fallar no Porto, e tornou celebre a torta, insignificante e immunda *viella do Cysne*.

nem tinham o carimbo do correio; pelo que, não provavam mais do que mais um crime de latrocinio, e de protecção criminosa ao reu, sobre o crime de assassinato e roubo. E, mesmo a carta que falla de Freitas, apenas diz que *informam* o signatario, que o Freitas andava navegando para o sul. A segunda carta, nada diz que se possa applicar á existencia real do Freitas, no Brasil.

Algumas familias nobres, residentes no Porto, em julho de 1877 [1]

1.º—*Cunhas Porto-Carreiros* [2]—D. Garcia Affonso Porto Carreiro, [3] rico-homem, do tempo de D. Ordonho III de Leão, descendia dos mesmos reis de Leão. Confirma-o o privilegio que D. Ordonho III, concedeu á egreja de S. Thiago de Compostella, em 1028. [4]

Ainda chegou a viver, no reinado de D. Fernando, *o Magno*. [5]

Casou, D. Garcia, com D. Estephania Mendes, senhora illustre, e foi seu filho

2.º—*D. Reymão Garcia Porto-Carreiro*—Acompanhou el-rei D. Affonso VI, de Castella, na tomada de Toledo, em 1085, e veio para Portugal, com o conde D. Henrique, que lhe deu a terra e concelho de Porto-Carreiro, onde estabeleceu a sua casa, solar dos *Porto-Carreiros*, [1] no logar chamado a *Torre*, onde, ainda em 1374, existia uma torre (que mais tarde foi demolida) na parochia de Santo André, de Villa-Bôa de Queires. [2]

Este D. Reymão, tomou parte em duas batalhas que contra os mouros deu D. Gonçalo Mendes da Maia—*o Lidador*—o que é confirmado por uma doação feita aos templarios em 1130.

Casou com D. Gontinha, filha de Nuno Paes, e não tiveram filhos varões, mas algumas filhas, sendo a primogenita

—

3.º—*D. Urraca Reymão Porto-Carreiro*—que herdou a casa de seus paes, no reinado de D. Affonso Henriques.

Casou com D. Henrique Fernandes Magro, filho de D. Fernando Affonso de Tolêdo, musárabe. (Um dos christãos que haviam ficado entre os mouros, quando se perdeu a Hespanha. Vide 5.º vol., pag. 434, col. 2.ª)

Entre outros filhos, tiveram

—

4.º—*D. João Henriques Porto-Carreiro*—que residiu na quinta do *Paço do Pombal*, na freguezia de Villa-Bôa de Queires, que então era do concelho de *Porto Carreiro*.

[1] As titulares vão nas terras dos seus titulos; e, as de que já fiz mensão, não se repetem aqui. Faltam n'este artigo algumas familias de *sangue azul*, porque não me foi possivel obter a seu respeito, esclarecimentos satisfatorios. A alguns cavalheiros residentes no Porto, pedi esclarecimentos genealogicos sobre as suas familias, e não m'os deram. Já se vê que a ommissão não foi por minha culpa; mas, apezar d'isso, peço desculpa aos meus leitores.

[2] Os apontamentos genealogicos d'esta nobilissima familia, foram dados ao meu generoso colaborador, o sr. dr.—Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, que teve a bondade de m'os remetter; mas, como alli ha cousas em que tenho minhas duvidas, copio textualmente, pondo as notas que me parecerem necessarias.

Tambem não escrevo *Portocarrero* (como está escripto nos apontamentos que deram ao sr. Abbade) porque não é palavra hespanhola, mas portugueza. Quando um membro d'esta familia passou para Castella, onde casou, e formou um outro ramo de Porto-Carreiros, é que *hespanholou* o appellido, escrevendo e pronunciando *Portocarrero*.

[3] Chamava-se sómente, D. Garcia Affonso. Se a terra de *Porto-Carreiro* foi dada ao filho, e elle tomou d'ella o appellido, como é costume na Peninsula, como podia o pae usar do nome da terra que nem conhecia?

[4] D. Ordonho III (filho de D. Ramiro II) reinou desde 950 até 955 da era christan. Foi um principe de grande valor e prudencia. Sujeitou os gallegos, que se haviam rebelado; entrou em Portugal, fazendo guerra aos mouros, e chegou até Lisboa, que occupou sem resistencia.

Mesmo que o tal 1028 seja a era de Cesar, vinha a ser o anno de J C. 990, e então, quem reinava, era D. Bermudo II (*o gotoso*) filho de D. Ordonho IV, tendo havido entre elle e D. Ordonho III, nada menos de tres reis—D. Sancho I, D. Ordonho IV, e D. Ramiro III.

[5] Tenho outra duvida—D. Fernando III, (o que juntou em si as corôas de Castella e Leão, e que foi cognominado *o Magno*) principiou a reinar em Leão, no anno 1037 de J C:—isto é—82 annos depois da morte de D. Ordonho III; pelo que me parece muito longa a vida de D. Garcia.

[1] O proprio texto nos convence de que D. Garcia não podia ter o appellido de *Porto-Carreiro*, visto que a terra d'este nome só foi dada a seu filho, depois de vir para Portugal, com o pae do nosso primeiro rei.

[2] A casa da Torre, ainda hoje é possuida pelos descendentes de D. Reymão Garcia de Porto-Carreiro. É caso raro em Portugal, a posse de uma propriedade, durante mais de sete seculos, na mesma familia.

Viveu nos reinados de D. Affonso Henriques, D. Sancho I, e D. Affonso II.

Casou com D. Mayor Viegas Coronel, filha de D. Egas Pires Coronel, e d'ella houve entre outros filhos—D. Pedro Annes Porto-Carreiro, que succedeu na casa de seus paes—D. Fernando Annes (*Fernandanes*, como então se dizia) Porto-Carreiro, que foi deão da Sé de Braga, e valido do rei D. Fernando, de Castella—e D. Lourenço Annes Porto Carreiro, do qual descenderam os marquezes de Villa-Real; os duques de Caminha; os condes de Tarouca; e os condes de Vianna, titulos hoje todos extinctos. (Vide 2.º vol., pag. 55, col. 1.ª e 2.ª—e pag. 57, col. 2.ª—Vide tambem 4.º vol., pag. 113, col. 1.ª)

—

5.º—*D. Pedro Annes Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes, na casa e quinta do Paço do Pombal, concelho de Porto Carreiro. Foi rico-homem, na côrte de D. Sancho II (*o Capêllo*) como se vê da doação que este rei fez, de Ayamonte, á ordem de S. Thiago, em 1240 [1]—e tambem serviu a D. Affonso III (*o Bolonhêz*) do qual foi reposteiro-mór, e o acompanhou, na conquista do Algarve.

Casou com D. Mayor Viegas, filha de D. Egas Viegas de Penagate, e de sua mulher, D. Sancha Mendes de Briteiros. Tiveram, além de outros filhos

—

6.º—*D. Fernão Pires Porto-Carreiro*—que succedeu a seu pae, na quinta do Paço do Pombal. Viveu nos reinados de D. Affonso III e D. Diniz.

Casou com D. Mayor Martins, filha de Martim Viegas e de sua mulher, D. Mayor Martins de Gaia de Baguim.

Foram estes que deram o nome de *Gaia* a um logar, da freguezia de Villa-Bôa de Queires, onde moravam. (Vide *Gaia*—a 1.ª—no vol. 3.º, a pag. 245.º)

Segundo diz o conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, tiveram tres filhos, todos com o mesmo nome e o mesmo appellido—que foram—D. Martim Affonso Porto-Carreiro—D. Martim Fernão Porto-Carreiro—e outro D. Martim Fernão Porto-Carreiro.

O primeiro D. Martim Affonso Porto-Carreiro, passou á Hespanha, onde, pelo seu grande valor e eminentes qualidades, foi muito estimado e respeitado. É d'este que descendem—os condes de Montijo; Medelim; Puebla del Maestro; Palma; Monclava, e Montalvim—e os marquezes de Vila Nueva del Fresno; d'Alcalá; Alamêda, e Barca-Rota; e os duques da Ossuna—todos grandes de Hespanha; muitos dos quaes se appellidam ainda hoje, Porto-Carreros. Descende d'este D. Martim Affonso, a condessa de Teba, D. Eugenia, viuva de Luiz Napoleão, que foi imperador dos francezes. [1]

O segundo D. Martim, succedeu a seus paes; e o 3.º, casou com D. Ignez, filha de D. Ignez, filha de Fernão Martins da Teixeira, e teve successão.

É d'este D. Martim Fernão Porto-Carreiro, que descende por seu pae, o nosso esclarecido academico, illustrado parlamentar e escriptor publico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Tambem descendem d'este mesmo D. Martim, muitas familias nobilissimas de Portugal.

—

7.º—*D. Martim Fernão Porto-Carreiro*—filho 2.º de D. Fernão Pires, succedeu a seu pae, na quinta do Paço do Pombal, em Villa-Bôa de Queires. Viveu no tempo de D. Diniz—o *Lavrador*.

[1] Este Ayamonte, não é a cidade andaluza, que está sobre a margem esquerda do Guadiana, em frente da nossa villa de Castro-Marim; mas a freguezia portugueza (alemtejana) hoje mais vulgarmente chamada *Vaiamonte*, no concelho e a 6 kilometros de Monforte. Vide 1.º vol., pag. 301, col. 2.º, no principio.

D. Sancho II, tomou esta terra aos mouros, no anno de 1240, dando-a logo a D. Payo Peres Correia, para a ordem de S. Thiago, de que era mestre, pelos grandes serviços que estes cavalleiros fizeram para o resgate de Portugal, do poder dos mouros.

[1] Por ser filha do conde de Montijo, é que a ex-imperatriz se appellida *Gusman de Porto-Carrero*. Os condes de Montijo, são os representantes do ramo primogenito dos Porto-Carreiros portuguezes, e na Hespanha é que alteraram o appellido para *Porto-Carrero*, como já disse.

Casou com D. Aldonça Vasques, filha de Vasco Martins da Granja, e de sua mulher, D. Sancha Gonçalves Peixoto, e foi seu filho

—

8.º *D. Gonçalo Martim Porto-Carreiro*—que succedeu na casa de seus paes, e viveu no reinado de D. Affonso IV.

Casou com D. Leonor Affonso, filha de D. João Affonso—filho bastardo do rei D. Diniz, senhor de Louzan, Arouca e outras terras.

Foi seu filho

—

9.º—*D. Vasco Martim Porto-Carreiro*—que herdou a casa de seus paes, e a quinta do Paço do Pombal. Viveu nos reinados de D. Pedro I e de seu filho, D. Fernando; acompanhando a este, quando foi tomar posse do reino de Galliza, em 1368, e quando ganharam Monte-Rey. [1]

Era vassallo do infante D. João, depois rei. (D. João I.)

Foi seu filho

—

10.º—*D. Martim Vaz Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes, na quinta do Paço do Pombal, e viveu no reinado de D. João I.

Foi seu filho

—

11.º—*Nuno Martim Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes, na quinta do Paço do Pombal, e por sua mulher, tornou a haver a quinta da Torre.

A casa da Torre, andava em outra linha da mesma familia—que era a primogenita—e d'essa linha descendia Gil Vasques da Cunha, alferes-mór de D. João I, e sogro de Nuno Martins. Foi assim que o solar dos Porto-Carreiros passou ao ramo segundo. Veio então tambem para o ramo segundo, álem da quinta da Torre, tudo o mais que o ramo primogenito tinha adquirido, que eram varias propriedades, no concelho de Porto-Carreiro, e o *paço de Monchique*, no Porto, que depois foi mosteiro de freiras franciscanas, e é hoje propriedade particular. (Vide 5.º vol., pag. 298, 1.ª—e 322, 2.ª—e n'este vol., pag. 297, 1.ª, e 407, 2.ª)

Viveu nos reinados de D. Affonso V, e D. João II.

Casou com *D. Maria da Cunha*, viuva de Fernão Martins Alcoforado, e filha de Gil Vasques da Cunha, alferes-mór de D. João I, e de sua mulher, D. Isabel Pereira, filha do prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Pereira, e irman do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Este Gil Vasques da Cunha, era senhor de Porto-Carreiro, Basto, Monte-Longo, Borba de Aguilhores, (Maia) Guilhofrei, Armamar, e outras muitas terras.

D. Maria da Cunha, herdára a grande casa de seus paes, por ter morrido sem successão, seu sobrinho, Pedro da Cunha Coutinho.

O paço de Monchique, tinha sido fundado em 1575, por D. Pedro da Cunha e sua mulher, D. Beatriz de Vilhena, que alli viveram, bem como Gil Vasques da Cunha, pae de D. Maria. Depois, esta familia o transformou em mosteiro, e o deu ás freiras franciscanas, como fica dito no 5.º vol., pag. 298, col. 1.ª

Nuno Martins e D. Maria da Cunha, tiveram um filho, que se chamou, João da Cunha Porto-Carreiro, e cinco filhas. O filho morreu sem successão, herdando a casa, a filha mais velha.

—

12.ª—*D. Guiumar da Cunha Porto-Car-*

[1] Fernando I, disputou a coroa de Castella, a D. Henrique II (irmão e assassino de D. Pedro, o *Cruel.*) Algumas cidades do reino visinho, chegaram a reconhecer como seu rei, a D. Fernando, que se tinha alliado com o rei de Aragão, e com o rei mouro de Granada; mas perdendo as esperanças, que os fidalgos amigos de D. Pedro o Cruel, e (por conseguinte, inimigos do rei fratrecida) lhe tinham dado, de unir as duas corôas, fez as pazes com o rei de Castella, cujo tratado foi assignado em Evora, a 31 de março de 1369.

reiro—que ficou senhora das quintas da Torre e do Paço do Pombal, os mais antigos solares d'esta esclarecida familia.

Casou com D. João Osorio, [1] commendatario do mosteiro de Paço de Sousa, filho do conde de Trastâmara, e marquez d'Astorga.

Não tiveram filhos varões; succedeu-lhe sua filha

—

13.ª—*D. Helena Osorio da Cunha Porto-Carreiro*—que possuiu as casas da Torre, Paço do Pombal, e mais senhorios de seus paes.

Casou com Alvaro Sanhudo, filho dos senhores da Silvan, junto a Coimbra, e tiveram, entre outros filhos—D. Guiumar (a successora) — D. Antonia da Cunha Sanhudo Osorio Porto Carreiro, e D. Isabel Cardim Sanhudo Osorio Porto-Carreiro, ambas freiras, no mosteiro de Santa Clara (franciscanas) d'Amarante.

Este mosteiro foi fundado pela rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, pelos annos de 1220; e reedificado e ampliado, em 1560, pelo conde do Redondo. Foi supprimido depois de 1834. (Vide vol. 1.º, pag. 190, col. 1.ª no principio.)

A estas duas freiras, coube, em partilha, a quinta do Paço, que venderam, em 1560, a Duarte Carneiro Rangel (ascendente dos viscondes de Beire — vide *Rézende*.) Veio pois a ser a herdeira do solar da Torre

—

14.ª—*D. Guiumar Osorio da Cunha Porto-Carreiro*—que casou com Jorge d'Oliveira Pinto, e tiveram—alem d'outros filhos—

—

15.º—*Manuel da Cunha Coutinho Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes na quinta e solar da Torre, e em todos os mais bens que a casa tinha no concelho de Porto-Carreiro.

[1] Nos documentos d'esta casa, vê-se este individuo denominado primeiramente, *Osouro*, ou *Osoiro*, ou *Osores*, e depois, *Osorio*. Era commendatario secular (não era clerigo nem frade) do referido mosteiro.

Viveu em Melres (5.º vol., pag. 175, col. 2.ª—e este a pag. 121, col. 2.ª, no fim) onde casou com D. Antonia Ferraz d'Araujo e Azevedo, e de sua mulher, D. Justa Vieira. Tiveram, entre outros filhos

16.º—*Manuel da Cunha Osorio Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes, no solar da Torre e mais senhorios.

Viveu tambem em Melres, e casou com D. Maria Ferraz, filha de Paulo Ferraz Homem, e de sua mulher D. Veronica Pinto, da quinta de Valle-Bom, de Castellões, a qual lhe foi dada em dote, com outros bens. Entre outros filhos, tiveram

—

17.º—*Manoel da Cunha Coutinho Porto-Carreiro*—que succedeu a seus paes, no solar da Torre, e mais propriedades.

Casou, por procuração, a 29 de junho de 1683, na egreja de Melres, com D. Maria Luiza de Alarcão, filha de João Correia Coutinho e de sua mulher, D. Joanna Viegas de Alarcão, moradores em Tarouca, proximo a Lamego—e tiveram, entre outros filhos

—

18.º—*João da Cunha Coutinho Osorio Porto-Carreiro*—que succedeu na casa de seus paes.

Casou com D. Victoria Joanna Brandão da Cunha, filha de Antonio Brandão de Macêdo e Mello [1] e de sua mulher, D. Guiumar Pinto Brandão da Cunha, da villa de Melres.

Viveram no Porto, no seu palacio da Bandeirinha, ou *das Serêias*.

Tiveram, alem d'outros filhos—Manoel da Cunha Osorio Porto-Carreiro—Francisco da Cunha Osorio Porto-Carreiro—Antonio da Cunha Porto-Carreiro, que foi freire da ordem de Christo, e viveu no mosteiro de Thomar—e D. Anna Luiza de Alarcão Porto-Carreiro. Succedeu na casa

[1] Progenitor de José da Cunha Brandão de Macedo e Mello, penultimo abbade de Fermêdo, o qual teve duas irmans, a quem, com demandas injustas, e por falta de protecção, tiraram tudo quanto lhes pertencia, pelo que vieram a morrer na miseria. O abbade teve grande numero de filhos e filhas, alguns dos quaes ainda vivem, em Fermêdo, com descendencia.

19.º—*Manuel da Cunha Osorio Porto-Carreiro.*—Morreu afogado, no rio Douro, hindo de Melres para o Porto, e não deixou successão. Herdou a casa, seu irmão

—

20.º—*Francisco da Cunha Osorio Porto-Carreiro*—que falleceu tambem sem successão.

Conta-se que Francisco da Cunha, todas as vezes que olhava para o rio Douro, dizia—*Ah! rio, rio!—que a meu irmão mataste a sêde, e a mim a fome e o frio.*

Herdou a casa, sua irman

—

21.º—*D. Anna Luiza da Cunha Osorio d'Alarcão Porto-Carreiro*—nascida a 27 de novembro de 1746, e fallecida a 6 de maio de 1801.

Casou com Philippe Carneiro de Faria Pereira Manso, capitão-mór da villa de Ourem, e senhor das casas da Parreira e Sorieira.

Ficando viuva, passou a segundas nupcias, com o doutor, Francisco Luiz de Brito Araujo e Castro, fidalgo da casa real, e senhor da casa e solar de Casal-Soeiro, na villa dos Arcos-de-Valle-de-Vez, e dos seus morgados. D'esta familia, como sua propria, trata o marquez de Monte-Bello, nas notas ao *Nobiliario* do conde D. Pedro. Esta senhora, ficando, pela 2.ª vez viuva, em 1793, casou em 3.ª nupcias, com José Candido de Pina e Mello, que foi juiz dos orphãos, no Porto, e que era fidalgo da casa real e coronel de milicias da Maia; e d'este matrimonio não teve filhos.

Teve varios filhos, do segundo matrimonio, entre elles, João da Cunha Araujo Porto-Carreiro (successor), D. Victoria Manoel, herdeira de seu pae, e D. Jeronyma Delfina da Cunha Porto-Carreiro, que casou com o desembargador, João Bernardo Cardoso da Costa—irmão do insigne jurisconsulto, José Vicente Ferreira Cardoso da Costa.

Este desembargador, João Bernardo Cardoso da Costa, foi assassinado pelos francezes, quando invadiram a cidade do Porto, em 29 de março de 1809.

Do casamento d'este desembargador, com D. Jeronyma Delfina, houve varios filhos, entre elles—João Cardoso da Cunha Araujo e Castro Porto-Carreiro, que nasceu no Porto, a 20 de outubro de 1792, e morreu em Lisboa, a 13 de janeiro de 1864.

Foi feito 1.º visconde de Porto-Carreiro, em 18 de agosto de 1855. Foi par do reino, conselheiro do supremo tribunal de justiça; e ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, desde 18 de abril a 26 de novembro de 1839.

Casou com sua prima co-irman, D. Hellena Cardoso Machado, administradora de differentes vinculos, e senhora de uma das primeiras casas da ilha de S. Miguel, nos Açôres.

Teve varios filhos—entre elles—João Cardoso da Cunha de Porto-Carreiro, par do reino, e 2.º visconde de Porto-Carreiro, feito em 10 de junho de 1867. (No decreto que lhe concede o titulo, dá-lhe o nome de João da Cunha Cardoso Osorio Ferraz Castro de Porto-Carreiro.)

22.º—*João da Cunha Araujo Porto-Carreiro*—filho primogenito de D. Anna Luiza da Cunha, e de seu segundo marido. Herdou a casa e solar da Torre e mais propriedades.

Casou em 3 de fevereiro de 1801, com D. Maria Rita de S. Payo (irman do 1.º visconde de Laborim) [1] da qual houve duas filhas—D. Maria do Carmo da Cunha Porto-Carreiro (successora)—e D. Maria Victoria da Cunha Porto-Carreiro.

João da Cunha, era fidalgo da casa real, 16.º senhor do solar da Torre, administrador do mórgado de Casal-Soeiro, e tenente coronel do 1.º regimento de infanteria do Porto (n.º 6.)

Nasceu a 22 de março de 1770, e foi as-

[1] O 1.º visconde de Laborim (pequena aldeia a 1 kil. ao sul de Villa Nova de Gaia) foi, José Joaquim Gerardo de Sampaio, feito no 1.º de outubro de 1815—O actual visconde de Laborim (2.º) é seu filho, o sr. José Joaquim Gerardo de Sampaio, feito em 22 de outubro de 1862.

sassinado pelo povo amotinado do Porto (a titulo de *jacobino*) junto ao *Padrão das Almas*, no dia 21 de março de 1809. (Vide 5.º vol., pag. 271, col. 2.ª)

—

D. Victoria Manoel, filha de D. Anna Luiza da Cunha, e de Francisco Luiz de Brito, foi a herdeira da casa de seu pae. Nasceu a 24 de dezembro de 1761, e falleceu a 17 de julho de 1817.

Tinha casado, a 8 de outubro de 1785, com Miguel Luiz da Silva d'Athaide, fidalgo da casa real, senhor da casa do Terreiro, de Leiria, donatario das barcas de Escaropim e Chamusca, e coronel de cavallaria.

Nasceram d'este casamento José da Silva Athaide, coronel das milicias de Leiria, que morreu na quinta da Parreira—D. Isabel de Athaide, e Luiz da Silva Athaide, successor da casa de seus paes—fidalgo da casa real, e coronel das milicias de Leiria. Nasceu a 28 de julho de 1786, e morreu a 20 de dezembro de 1823.

Casou a 15 de septembro de 1816, com D. Joaquina Rosa Quintella, nascida a 8 de novembro de 1793, e falleceu a 28 de julho de 1823. Era filha do 1.º barão de Quintella (pae do 1.º conde do Farrôbo.)

O pae instituiu um vinculo para ella, que passou aos successores.

Nasceram d'este casamento—Miguel Luiz da Silva Athaide, senhor da casa do Terreiro—que casou com D. Julia Pereira da Silva, filha de Joaquim Augusto Pereira da Silva (da casa dos Silvas da Fonseca (senhores da quinta da Gândara em Leiria, e de sua mulher, que é uma senhora, da familia Mascarenhas Neto. Teve um filho unico, que foi Luiz da Silva Athaide da Costa, bacharel formado em direito, senhor da casa do Ferreira; hoje casado e com filhos, que são:

Luiz da Silva Athaide—solteiro.

José da Silva Athaide, official de caçadores, solteiro.

Joaquim da Silva Athaide, que sentou praça em lanceiros, e falleceu.

João Carlos da Silva Athaide—que casou em Ourem, e teve uma filha, que é a sr.ª D. Maria Luiza da Silva Athaide. Casou com o sr. José de Faria e Pinho de Vasconcellos Soares d'Albergaria, 2.º barão do Salgueiro, feito em 17 de junho de 1869. Foi deputado, e secretario da camara dos deputados. Era filho do 1.º barão do Salgueiro, Manoel José de Pinho Soares d'Albergaria, que obteve o titulo, em 12 de dezembro de 1864.

A sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Athaide (tambem irman de Miguel Luiz da Silva Athaide) é viuva de Joaquim Soares d'Albergaria, da ilha de S. Miguel (Açôres.)

É seu filho, Alfredo d'Athaide Soares de Albergaria, que no dia 16 de junho d'este anno de 1877, casou com a sr.ª D. Laura de Sousa Magalhães.

—

D. Isabel d'Athaide (filha de D. Victoria Manoel e de Miguel Luiz da Silva Athaide) casou com Francisco do Canto e Castro Mascarenhas Pacheco e Sampaio, fidalgo da casa real, senhor dos *morgados dos Cantos*, na Ilha Terceira, e do cargo de provedor-mór das armadas—Tiveram a José do Canto, que morreu solteiro.

O sr. Miguel do Canto e Castro, fidalgo da casa real, par do reino, ex-governador civil do Porto, e grão-commendador de São Mauricio e São Lazaro, que vive solteiro.

O sr. Francisco do Canto e Castro, que casou no Porto, com a sr.ª D. Adelaide Lobo, e não tem filhos.

A sr.ª D. Maria Luiza de Athaide do Canto, solteira.

23.º—*D. Maria do Carmo da Cunha*—(filha de João da Cunha Araujo Porto-Carreiro, e de D. Maria Rita de Sampaio) nasceu a 20 de septembro de 1805, e morreu a 10 de dezembro de 1827.

Casou, em 1822, com Antonio de Souza Pereira Coutinho de Moraes Sarmento, fidalgo da casa real, coronel de melicias, 10.º senhor de prestimonio de Villar de Perdizes, e dos morgados de Golfeiras, Borba e outros.

D'este casamento, só houve um filho (João da Cunha) que morreu no Campo-Grande (junto a Lisbôa) em 1834.

Herdou a casa, sua irman

—

24.º—*D. Maria Victoria da Cunha Araujo Porto-Carreiro*—que foi a 19.ª senhora da casa e solar da Torre e dos mais bens de seu

pae. Era filha de João da Cunha Araujo Coutinho Porto-Carreiro e de D. Maria Rita de Sampaio.

Nasceu a 16 de agosto de 1809, e falleceu ha poucos annos.

Casou em 1835, com Gaspar Pinto de Magalhães Cardoso Pisarro, major do exercito, senhor da casa de Villar de Maçada, e sobrinho do célebre Rodrigo Pinto Pisarro, feito barão da Ribeira de Sabrosa, em 22 de septembro de 1835.

Teve os filhos seguintes:

O sr. João Pinto Pisarro, do qual adiante se trata.

A sr.ª D. Maria da Gloria Pinto Pisarro Porto-Carreiro, ainda solteira.

A sr.ª D. Maria Filomena Pinto Pisarro Porto-Carreiro, que casou na villa dos Arcos-de-Valle-de-Vez, com o sr. Gaspar d'Azevedo Araujo e Gama, fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, e representante de seu avô, o visconde de S. Payo dos Arcos. Tem successão.

O sr. Gaspar Pinto de Magalhães Cardoso Pisarro Porto-Carreiro, ainda solteiro.

Tambem são d'esta familia:

Joaquim de Brito d'Araujo Coutinho, fidalgo da casa real, commendador de Aviz, e marechal de campo do exercito.

Nasceu a 8 de septembro de 1775, e morreu, no Rio de Janeiro, a 7 de outubro de 1821, no estado de solteiro.

Antonio d'Araujo Vasques da Cunha Porto Carreiro, fidalgo da casa real, 1.º barão do Pombalinho (feito em 8 de maio de 1837) major de cavallaria, governador militar de Santarem. Nasceu no Porto, a 20 de abril de 1783, e morreu em Santarem.

Tinha casado com D. Rita Marianna Freire, viuva de Manoel Nunes Freire da Rocha, 1.º barão d'Almeirim, feito em 23 de outubro de 1837.

O barão do Pombalinho não teve filhos, e deixou a sua casa ao enteado, o 2.º barão de Almeirim, o sr. Manoel Nunes Bráamcamp Freire, feito 2.º barão d'Almeirim, em 10 de outubro de 1860.

D. Maria Jeronyma da Cunha e Castro Araujo Ferraz e Brito, senhora da quinta do Paço, de Valle-Pêdre, que herdou de sua mãe. Nasceu a 25 de outubro de 1779, e morreu a 4 d'abril de 1823.

Casou com Antonio Procópio de Pina e Mello Argolo de Queiroz, natural da Bahia, fidalgo da casa real, e da familia dos condes de *Passé* e de *Cujaiba*, no Brasil—Nasceu d'este casamento:

A sr.ª D. Anna, que casou com o sr. Francisco de Sousa Guedes da Gama, senhor da casa das Figueiras, no Minho, do qual teve diversos filhos que ainda estão solteiros.

A sr.ª D. Maria Mathilde, casada com José Pedro de Barbosa e Sousa Solano, já fallecido, que deixou successão.

D. Antonia Adelaide Vasques da Cunha Porto-Carreiro, que foi a 1.ª mulher do nosso esclarecido academico, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, fidalgo da casa real, do conselho de s. m., bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra; etc., etc. Vide *homens notaveis, naturaes do Porto.*

D'este consorcio nasceu a sr.ª D. Maria Adelaide Teixeira de Vasconcellos de Porto-Carreiro, que nasceu em 1836, na quinta de Coura. Casou com o sr. João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, senhor das casas de Villa Nova e de Beire e por diversas vezes, administrador do concelho de Paredes. Tem varios filhos, sendo primogenito, o sr. Manoel Correia de Porto-Careiro Teixeira de Vasconcellos.

—

25.º—*João Pinto Pisarro da Cunha Porto-Carreiro*—20.º senhor do solar da Torre, fidalgo da casa real. Nasceu no seu *palacio das Sereias*, na Bandeirinha, da cidade do Porto, em 16 de maio de 1844.

Casou, na egreja matriz de S. Pedro de Miragaia, da mesma cidade, a 20 d'abril de 1868, com a sr.ª D. Emilia Candida Miranda Costa, filha do capitalista, Manuel Joaquim d'Araujo e de sua mulher, D. Emilia Herminia d'Araujo Costa, moradores no largo do Viriato, da freguezia de Miragaia.

D'este casamento ha já dois filhos e tres filhas.

Vivem no seu palacio das Sereias.

—

Correias, da Rua-Chan, representados pelo sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte-Negro. [1]

Ao sahir da Rua Escura, para a Rua-Chan, e já n'esta ultima rua, com os numeros, de 15 a 21, está uma optima casa solarenga, com o brazão d'armas dos *Correias*, que é —em campo de púrpura, uma águia negra, tendo o corpo formado por um escudo, tambem de púrpura, com um tecido de correias d'ouro. [2]

É um dos bons edificios antigos do Porto, e restaurado pelos actuaes possuidores. No seu interior, se admiram quatro salas, pelos magnificos tectos, primorosamente esculpidos, e a obra de talha mais notavel da cidade.

É o solar dos Correias, uma das mais antigas familias d'este reino, pois que, D. Soeiro Paes Correia, foi o primeiro que tomou o appellido de *Correïa*, em memoria do facto seguinte:

Estando com a sua gente, cercado pelos mouros, em 1181, na villa de Monte-Mór-Velho—tiveram tão grande falta de mantimentos (por estarem desprevenidos) que se sustentaram alguns dias, com *correias* de couro crú, dos arreios dos seus cavallos.

Era senhor da casa de Farelães, d'onde procedem os senhores viscondes de Asseca.

Casou com D. Urraca Alvares, da qual teve:

—

1.º Paio Soares Correia, que casou com D. Gontinha, filha de D. Godinho Fafes, e teve:

—

2.º Pedro Paes Correia, que succedeu a seu pae, na casa de Farelães, e casou com sua prima, D. Dordia Pires d'Aguiar—viveu nos reinados de D. Sancho I e D. Affonso II—e teve:

—

3.º Gomes Correia, que viveu no tempo de D. Sancho II, D. Affonso III, e D. Diniz. Casou com D. Maria Annes, filha de D. João Pires Redondo, e de sua mulher, D. Gontinha; a qual, sendo já viuva, no anno de 1297, fez doação, a seu primo, D. Sancho, bispo do Porto, do padroado da egreja de Campanhan (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 107.)

Foi seu filho e herdeiro

—

4.º Vasco Correia, que foi alcaide-mór de Abrantes, no tempo de D. Affonso IV.

Casou com D. Leonor Mendes de Oliveira, filha de Mem Pires d'Oliveira, senhor do morgado de Oliveira. Teve:

—

5.º Affonso Vasques Correia, ao qual D. Pedro I confirmou a alcaidaria-mór d'Abrantes. [1] O rei D. Fernando lhe deu o senhorio de Gondomar, junto ao Porto, em 1380. D. João I confirmou esta doação, em 1388.

Casou com D. Thereza Martins, filha de Martim Annes de Porto-Carreiro, e 2.ª vez, com D. Beringella, (ou Berengaria) Pereira, filha de Ruy Pereira, *o Bravo*.—Teve:

—

6.º Alvaro Affonso Correia, que foi sepultado na egreja parochial de Santa Marinha, de Villa Nova de Gaia.

Foi sua filha e herdeira:

—

7.º D. Isabel Affonso Correia, que casou com Gonçalo Annes d'Azevedo, o qual viveu nos reinados de D. Duarte e D. Affonso V.—Teve por filha e herdeira:

—

8.º D. Ignez Correia d'Azevedo, que casou com Affonso Thomé Monteiro, fidalgo da

[1] Vide vol. 1.º, pag. 404, col. 2.ª — *Bôa-Vista.*

[2] Consta que foi n'esta casa que se hospedou D. Pedro I, quando veio ao Porto e quiz chicotar o bispo D. Egidio, em 1360 (pag. 290, 1.ª)—e quando prendeu o bispo D. Pedro Affonso, por ter excommungado o pae—D. Affonso IV—(pag. 392, 1.ª, fim.) Era então esta casa, de Vasco Correia, alcaide-mór d'Abrantes.

[1] Os Correias conservaram a alcaidaria-mór d'Abrantes, até ao reinado de D. João V, que deu esta villa, *de juro e herdade*, a D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, que já era alcaide-mór d'Abrantes. Este D. Rodrigo Annes, é o progenitor da nobilissima familia dos marquezes de Abrantes. (Vide o 1.º vol., pag. 16, col. 2.ª)

casa real, juiz ordinario e provedor dos hospitaes, feito pelo rei D. Manoel.

Foi D. Ignez e este seu marido, que vincularam esta casa da Rua-Chan (então chamada *Rua Chan das Eiras*) em 28 de março de 1528.

Foram tambem estes que construiram um carneiro, para si e seus herdeiros, no altar de Nossa Senhora da Silva, na egreja da Sé, d'esta cidade, instituindo uma capella (de missas) pelas suas almas e pelas dos seus ascendentes. (Vide pag. 476, col. 1.ª) Foi seu filho:

—

9.º Vicente Correia, fidalgo da casa real, que casou com D. Maria Paes, d'Orgens. Viveu no tempo dos reis, D. Manuel e D. João III.—Foi seu filho:

—

10.º Miguel Correia Pinto Monte-Negro, fidalgo da casa real. Vinculou a sua quinta das *Sete-Cepellas*, na fregaezia de Val-Bom, em frente de Avintes (vide *Sete-Capellas*) em 12 de outubro de 1554.

Casou com D. Veronica Pinto, filha de Diogo Dias Camêllo, e de sua mulher, D. Isabel Pinto, da casa de Balde.—Tiveram: [1]

—

11.º Paulo Correia Pinto Monte-Negro, fidalgo da casa real. Casou com D. Guiumar Vieira, da casa do Ribeiro, e tiveram:

—

12.º Pedro Correia Vieira Monte-Negro, fidalgo da casa real. Casou com sua prima, D. Guiumar da Fonseca, da casa de Ambões. —Tiveram:

—

13.º Paulo Correia da Fonseca Monte-Negro, fidalgo da casa real. Casou com D. Isabel de Barros Carneiro, irman do chanceller-mór do reino, o doutor, João Carneiro de Moraes, que instituiu o morgado de Santo Ovidio, na freguezia de Cedofeita, d'esta cidade do Porto—que é a a actual casa e quinta da sr.ª condessa de Rezende—Foi seu filho (de Paulo Correia e mulher)

—

14.º Pedro Correia d'Azevedo Monte-Negro, fidalgo da casa real. Casou com sua prima, D. Catharina Josepha Pinto d'Azevedo, herdeira da casa de seu pae, Fraucisco Correia Pinto d'Azevedo.—Tiveram:

—

15.º Paulo Correia Pinto d'Azevedo Monte-Negro, fidalgo da casa real. Casou com D. Antonia Vieira de Vasconcellos, filha de Domingos Vieira da Motta, e de sua mulher, D. Antonia d'Araujo Barrêto, da casa da Quintan, na freguezia de Soalhães. Tiveram:

—

16.º Pedro Correia Pinto d'Azevedo Monte-Negro, fidalgo da casa real. Morreu solteiro, sem descendencia. Herdou a casa, seu irmão:

—

17.º José Correia Pinto d'Azevedo Monte-Negro, fidalgo da casa real, e o ultimo representante, por varonia, d'esta familia, pois tambem morreu solteiro, sem descendencia legitima.

O vinculo passou para Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro da casa da Bôa-Vista, solar dos Montes-Negros, do Castello de Paiva. (1.º vol., pag. 404, col. 2.ª—*Bôa-Vista.*)

Os prazos e mais propriedades d'esta casa (fóra o vinculo) passaram para seu primo, pela parte materna, (de José Correia Pinto) Antonio de Vasconcellos, da casa da Quintan, de Soalhães.

—

18.º Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa real, senhor da grande casa vinculada, da Bôa-Vista, junto á villa de Sobrado, concelho do Castello de Paiva.

Era neto de Martinho José Pinto da Silva de Miranda, fidalgo da casa real, como consta do seu *filhamento*, de 18 de novembro de 1739—e de sua mulher, D. Isabel Clara de

[1] Alem de Paulo Correia, primogenito, e herdeiro, tiveram—Jorge Correia Pinto Monte-Negro, cavalleiro de Malta, e commendador de Barrô—Gonçalo Correia Pinto, que morreu na India—e a Vicente e a Salvador Correia Pinto, que ambos ficaram prisioneiros, na batalha de Alcacer-Quibir, e morreram no captiveiro em Africa.

A commenda de Barrô: passou depois para os Azevedos, descendentes da mesma familia. (Vol. 1.º, pag. 341, col. 2.ª)

Menezes Sotto-Maior Monte-Negro, filha de Bento Pereira de Sotto-Maior e Menezes, da casa da Barbeita, e sobrinha de Antonio Correia Monte-Negro, bailio de Leça, senhor de um magnifico palacio, na ilha de Malta, e embaixador de Portugal, em Roma.

Pertenceram aos descendentes d'esta senhora (D. Isabel Clara)—por acabarem os successores directos—os vinculos do *Paço d'Alvarenga—de Villa Nova de Tuhias das Sete Capellas=da Fervença* (em Sinfães)—e finalmente, este da *Rua-Chan.*

O referido Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, era filho de Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro (filho do referido Martinho José Pinto da Silva Miranda)—e foi seu filho:

—

19.º Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa real, como consta do seu *filhamento*, de 8 de maio de 1762.

Casou com D. Antonia Mathilde Ribeiro Pereira de Bulhões, herdeira da antiga casa dos Serrados, e do vinculo de Cabeção, e de toda a casa de seu pae, Caetano Manoel Pereira de Bulhões, com a condição de todos os seus herdeiros, se assignarem Ribeiros de Bulhões.

Condição que foi *esquecida*, pois que nenhum dos seus descendentes se assignou Ribeiro de Bulhões (nem ao menos seu filho primogenito!)

Estes Bulhões procedem do mesmo tronco de que descende o nosso popularissimo Santo Antonio de *Lisboa*, cuja familia residiu proximo á villa de Sobrado de Paiva, em umas casas de que ainda ha tenues vestigios. (Vide *Sobrado de Paiva.*)

A quinta da Bôa-Vista, solar d'estes Montes-Negros, é logo á sahida da villa do Sobrado—e a casa de Real, solar dos Pintos, fica a 2 kilometros ao O. de Sobrado.

De Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, e de sua mulher, D. Antonia Mathilde Ribeiro Pereira de Bulhões, nasceu:

—

20.º Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa real, como consta do seu *filhamento*, de 8 de agosto de 1782. Êra bacharel em direito—irmão de Caetano Pinto de Miranda Monte-Negro, governador da provincia do Pará (Brazil) do conselho da fazenda, de *capa e espada*, por carta régia, de 25 de janeiro de 1805. Foi, depois, ministro do sr. D. Pedro I, do Brazil, senador, e marquez da Praia-Grande. Hoje os seus descendentes, são condes da Praia-Grande. [1]

Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, casou com D. Marianna Pamplona Barrêto Tovar e Menezes, da casa de Santo Ovidio, do Porto, irman do tenente-general Pamplona (visconde de Beire) pae da actual senhora condessa de Rézende e viscondessa de Beire—de D. Juliana Pamplona, que casou, em Lisboa, com Geraldo José Braamcamp (ambos já fallecidos)—e de D. Emilia Maria Pamplona de Souza Holstein, casada com Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes (ambos tambem já fallecidos) e paes da actual sr.ª condessa da Ribeira-Grande, e de seus irmãos.

O visconde de Beire foi casado com D. Maria Helena de Sousa Holstein, irman do fallecido duque de Palmella, e tia dos actuaes duques de Palmella, marquezes de Sousa Holstein, e marquezes de Monfalim.

21.º Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, e sua mulher, D. Marianna Pamplona, tiveram dois filhos—D.

[1] Não se confunda com os viscondes da Praia-Grande, de Macau. Os do texto, são Mirandas Montes-Negros, do Brasil—e os viscondes, são outra familia e titulo portuguez. O actual visconde da Praia-Grande, de Macau, é o sr. Isidoro Francisco Guimarães, que obteve o titulo em 10 de dezembro de 1862.

Maria Christina Pamplona, que morreu solteira, e—

—

22.º Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa real, com exercicio no paço, por alvará de 21 de março de 1846. Foi cadete de cavallaria, e coronel de milicias. Serviu o partido liberal, durante o cêrco do Porto (1832 a 1834.) —Foi 12.º padroeiro da egreja de Real, e 10.º da de Lazarim—ambas no bispado de Lamego.

É o actual proprietario (e 11.º mórgado) da casa vinculada da Rua-Chan—e administrador dos outros seguintes morgados —9.º administrador do da quinta das Sete-Capellas, em Val-Bom — 8.º, do da quinta da Fervença, junto á egreja de Sinfães; instituido pelo doutor, Miguel de Vasconcellos de Mello, em 11 de julho de 1613 —8.º do de Tuhias; instituido pelo reverendo Belchior de Góes, em 20 de junho de 1644—6.º, do do Paço d'Alvarenga, instituido pelo capitão-mór d'Alvarenga e Cabril, Francisco Pereira de Vasconcellos, em 17 de agosto de 1648—7.º do de Santa Cruz; instituido por Jeronymo de Carvalho Coutinho, em 6 de junho de 1649—5.º, do de Vegide (em Paiva) instituido por Heitor Pinto de Miranda, em 27 de janeiro de 1700.

É tambem actual senhor da grande e bella quinta da Bôa-Vista, da freguezia de Santa Maria de Sobrado de Paiva, junto á villa Sobrado, da qual já fallei, no 1.º vol., pag. 404, col. 2.ª—Aquí accrescento mais—Esta quinta é uma das maiores e mais bonitas, da porção da Beira-Alta, que actualmente faz parte da provincia do Douro. Tem casas nobres, de grande amplidão, com uma bôa e bem ornada capella, da invocação de Santo Antonio; optimos celleiros, grandes adegas, excellentes lagares de pedra (mandado fazer pelo actual possuidor) e vastas cavallariças.

O portão que dá entrada para o vasto pateo que precede o edificio, é de grandes dimensões, e elegante architectura, tendo no timpano o brazão d'armas dos Monte-Negros, de que esta casa é solar, combinado com o de outras familias de que os actuaes descendem—e vem a ser—escudo esquartellado—no 1.º quartel, as armas dos Pintos (em campo de prata, 5 crescentes de púrpura, em aspa)—no 2.º, as dos Vasconcellos (em campo nêgro, 3 faxas, veiradas e contraveiradas de púrpura; e prata)—no 3.º as dos Mirandas; e no 4.º as dos Monte-Negros, como já ficam descriptas no 1.º vol. pag. 404, col. 2.ª—O timbre, é o dos Pintos —um leopardo, armado de púrpura, com um crescente na espádua.

—

Sobre a margem da estrada que passa em frente do referido portão, está um monumento antiquissimo, que o povo, guiado pela tradição, diz ser da época da do *Marmoiral*, e do de Santo Antonio do *Burgo*, e que foram feitos pelo mesmo tempo, para n'elles descançarem os restos mortaes da rainha Santa Mafalda (filha de D. Sancho I) quando veio de Castella, sepultar-se na egreja do real mosteiro d'Arouca. Esta tradicção já fica desmentida, no logar competente.

De mais a mais, sobre a *tampa* que cobre o logar onde devia existir a arca tumular de pedra, se vê grosseiramente esculpida uma espada, e umas garatujas que se assemelham a uma craz de Malta. Quanto a mim, é a sepultura de algum cavalleiro d'esta ordem, (ou do *mosteiro* do Crato, ou do de Leça do Báilio) pertencente a esta familia, e que se mandasse sepultar aqui.

Quando o sr. Bernardo Pinto fez varias obras n'este sitio, removeu este monumento para o logar onde hoje se vê; mas conservou-lhe cuidadosamente a sua antiga fórma, e todas as suas peças.

—

Esta quinta, já em 1793 rendia 1:400$000 réis; porém hoje, com os importantissimos augmentos, feitos pelo sr. Bernardo Pinto, deve render muito mais.

Esta quinta, com as de Vegide, Gondim, e Santa Cruz das Serradas, que todas teem capellas [1] a da Mouta e outras mais, hoje

[1] A capella de Vigide, de fórma circular, e de abobada, é um templosinho antiquissimo. O povo diz que foi mesquita de mouros, porém a sua construcção e esculpturas são obra evidentemente romana; pois todos sa-

alodiaes, que estão annexas á Bôa-Vista, occupam actualmente, mais de metade do terreno da freguezia de Sobrado da Paiva; e alem d'isto, ainda muitos lavradores da freguezia, são foreiros á casa da Bôa-Vista.

Na quinta ha frondosas arvores, de fructo e silvestres, sendo notavel um gigantesco carvalho, que, segundo as memorias da casa, tem mais de 500 annos.

Gosava esta quinta grandes privilegios, concedidos pelos Summos Pontifices e pelos reis de Portugal, e entre os membros d'esta antiga e esclarecida familia, se contam muitos cavalleiros de Malta; governadores e generaes, nas provincias do continente e ultramar; embaixadores em differentes côrtes estrangeiras; e alguns bispos.

—

Além da casa da Rua-Chan, e d'esta da Boa-Vista, possue o sr. Bernardo Pinto outras muitas e valiosas casas, com muitas rendas annexas, sendo as principaes, as do —Paço, d'Alvarenga; Sete-Capellas, em Val-Bom; Villa Nova de Tuhias; Real; Fervença, em Sinfães; etc., etc.

O sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, é casado com a sr.ª D. Anna Angelina Soaras, uma dama virtuosissima, muito mais nobre pelas suas obras, do que pelos seus pergaminhos; pois é um modelo das verdadeiras donas de casa, como hoje se vêem raramente; exemplarissima não só na educação de seus filhos, como nos continuados actos de verdadeira caridade christã que pratica. Sem orgulho, tão accessivel ao rico como ao pobre; ao fidalgo como ao plebeu, possue a estima, o respeito e o amor de quantos teem a ventura de lhe serem apresentados ou recommendados. Verdadeira dona portugueza, tão austera para comsigo, nos seus deveres de esposa, de mãe, e de administradora de casa opulenta, como fervorosa e sincera catholica, não ha desgraça que não remedeie; miseria que não soccorra; tribulação que não allivie.

Deus lhe tem premiado na terra as suas virtudes, vendo o fructo da sua maternal sollicitudo, na esmerada educação de seus filhos, que a adoram, e que são geralmente estimados pelas suas bellas qualidades.

São seus filhos, os trez seguintes cavalheiros:

1.º O sr. Albino Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra e administrador do concelho de Gaia. É casado com a sr.ª D. Julia de Sousa e Barros, dama tambem de esmeradissima educação e grandes virtudes; filha do sr. Ignacio José de Barros Leitão Carvalhosa (irmão do sr. visconde de Santarem) e da sr.ª D. Carlota Wanzeller, da nobre e virtuosa familia d'este appellido. Vive na quinta das Sete-Capellas, freguezia de Val-Bom, suburbios do Porto.

2.º O sr. Martinho Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro. Casou com a sr.ª D. Brites d'Arrochella Vieira d'Almeida, senhora, a todos os respeitos tão digna, como sua sogra e cunhada. É filha do par do reino, o sr. Nicolau da Arrochella Vieira de Almeida, feito conde da Arrochella (1.º) em 10 de novembro de 1852.

O sr. Martinho Pinto, tem o curso dos lyceus, e o superior d'agricultura.

3.º O sr. Pedro Augusto Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, que tambem tem o curso dos lyceus e o da escola do exercito. É tenente do exercito, e ajudante de campo do general, commandante da 3.ª divisão militar.

O sr. Bernardo Pinto, tem ainda um filho natural — o sr. Augusto Pinto de Miranda Monte-Negro, coronel do estado-maior de engenharia, distinctissimo official do exercito, um dos nossos melhores engenheiros,

bem que os árabes não usavam nos seus templos esculpturas representando entes da especie humana, e a cimalha d'esta capella está ornada de medalhões, com bustos de guerreiros romanos.

Talvez que depois os mouros a transformassem em mesquita; mas, se assim foi, conservaram-lhe a fórma e as esculpturas primittivas.

É porém certo que os mouros occuparam por muitos annos estes sitios, porque ainda existem por aqui muitos vestigios da sua residencia diuturna; sobre tudo no monte de *Corvíte*, onde ainda existem algumas sepulturas, de um *almocobar*. (Vide, vol. 1.º, pag. 151, col. 1.ª—e vol. 2.º, pag. 407, col. 2.ª)

e um perfeito cavalheiro. Foi o constructor do grande tunnell para o caminho de ferro do Norte, em Villa-Nova de Gaia. (Vide vol. 3.º, pag. 253, col. 1.ª e 2.ª—e este vol., a pag. 483, 2.ª)

O sr. Augusto, tinha ainda outro irmão (filho do mesmo pae e da mesma mãe) chamado Luiz Augusto Pinto de Miranda Monte-Negro, que morreu adolescente; mas que já promettia ser um digno filho de tal pae — isto é—um completo homem de bem.

Para os outros troncos d'onde procede esta familia, vide *Real, Sete-Capellas, Sinfães* e *Tuhias.*

—

Homens Carneiros de Vasconcellos

(Casa de Atães)

Por falta de informações competentes, deixei de completar o que respeita á familia de S. João Novo, e Campo-Bello, no artigo *Nicolau* (S.) 6.º vol., pag. 86, col. 1.ª, e pag. 89, col. 2.ª — Aqui concluo, em rapida descripção o mais que se desejar saber, principalmente pelo que respeita aos Homens Carneiros de Vasconcellos, da quinta de Atães.

—

Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, foi tambem herdeiro da casa de Atães, cuja familia e casa representa.

O vinculo, porém, d'esta familia (dos Homens Carneiros de Vasconcellos) passou para a casa e familia da *Calçada*, na villa de Provezende, como vou mostrar.

1.º—Nuno Homem.

2.º—José Nunes Homem, casado com D. Brites Mafalda.

3.º—Gonçalo Annes Homem, alcaide-mór de Vizeu.

4.º—Nuno Gonçalves Homem, alcaide-mór do castello de Trancoso, por mercê de D. Fernando, em 1397 (livro 1.º da chancellaria do mesmo rei, fl. 2 verso).

5.º—Fernando Nunes Homem.

6.º—Rodrigo Homem ou Rodrigo Fernandes Homem, commendador do casal, fidalgo da casa do infante D. Henrique. Foi um dos que assistiu ás côrtes de Coimbra, em que foi acclamado D. João I (livro 2.º da chancellaria do mesmo rei). Casou com D. Maria Borges, filha de Diogo de Mesquita Moutinho e de D. Ignez Borges.

7.º—Henrique (a Sedatura Lusitana, de Christovão Alão, diz *Diogo)* Homem Carneiro. Casou com D. Ignez de Azevedo, filha de Pedro Eannes, chanceller da correição de Entre-Douro e Minho.

8.º—Diogo Homem. Viveu na rua Nova (dos Inglezes) no Porto, por os annos de 1520. Foi casado com D. Isabel Carneiro, filha de Gil Carneiro e de sua mulher Leonor Eannes.

9.º—Henrique Homem Carneiro, fidalgo da casa real, procurador em côrtes, pelo Porto, e expressamente chamado, por carta do cardeal rei, na menoridade de D. Sebastião, em 6 de junho de 1565. Casou com D. Ignez Henriques, mas segundo Christovão Alão, foi com D. Brites da Costa, filha de Simão Vaz e sua mulher Helena da Costa, avós do grande bispo de Ugento, Agostinho Barbosa.

10.º—Pedro Homem Carneiro, instituidor do vinculo de Mousellos e de Villa-Verde, freguezia de Lourosa, conhecido impropriamente pelo nome de vinculo de Atães, pela residencia de seus administradores n'esta casa; o qual instituiu em 1662. Casou com D. Violante Alvellos, sem geração, e succedeu-lhe seu irmão, Diogo Homem Carneiro, fidalgo da casa real, provedor de artilheria, na jornada de Africa, em 1578, com D. Sebastião, onde ficou prisioneiro e captivo, e se resgatou á sua custa. Foi capitão de infanteria e depois capitão de mar e guerra, e cavalleiro do habito de Christo. Casou com D. Anna de Calvos, filha de Francisco (ou Lourenço Francisco) Vieira da Silva, fidalgo da casa real, e de D. Isabel de Calvos, da casa de Calvos e Cardozos, senhores da Honra de Veba.

11.º—Henrique Homem Carneiro, fidalgo da casa real. Casou com D. Maria Pereira de Vasconcellos, filha e herdeira de Antonio Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa real, neta de D. Maria Pereira de Vasconcellos e de Diogo Leite do Amaral, fidalgo da casa real e commendador de S. Pedro das Aguias;

bisneta de Jacome Rodrigues de Vasconcellos, senhor do couto de Sinfães e Alvarenga.

12.º—Diogo Homem Carneiro, solteiro e sem descendentes. Succedeu-lhe seu irmão Francisco Pereira de Vasconcellos, casado com D. Luiza Maria de Sousa Galhardo, filha e herdeira de Ignacio de Sousa e de D. Ursula Cortez, neta de Gaspar Gonçalves, do Porto: o qual serviu á sua custa, na armadá do general D. Jorge de Menezes, em tempo d'el-rei D. João III, hindo soccorrer Marzagão, em 1562, com uma nau e soldados á sua custa, pelo que Ruy de Sousa de Carvalho, alli o armou cavalleiro, dizendo-lhe n'aquelle acto, que «bem o merecia pela despeza de sua fazenda e risco de sua vida».

13.º—Diogo Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa real. Casou com D. Antonia Thereza de Mello de Affonseca e Sousa, de Refoios, filha de Diogo de Affonseca Coutinho, mestre de campo de Castello-Branco; neta de Bernardo de Affonseca, fidalgo da casa real e alcaide-mór de Abrantes; e de D. Marianna de Mello, filha de Lourenço de Azevedo de Vasconcellos, capitão-mór da villa de Mezão-Frio, e de D. Isabel de Mello Alvarenga, filha de Gonçalo Correia de Almeida e de D. Maria de Mello Alvarenga. Tiveram os dois seguintes filhos:

14.º—Lourenço Homem Carneiro, fidalgo da casa real, casado com D. Anna Felicissima Leite Pereira de Mello Alvim, filha de Diogo Leite Pereira de Mello e de sua mulher (vide tomo 6.º, pag. 91, n.º 9) sendo já viuva de Antonio da Cunha Pimentel, 2.º morgado da casa da Calçada em Provezende.

15.º—Francisco Homem Carneiro, fidalgo da casa real, casado com D. Joanna Antonia Saavedra, filha de José Pinto da Cunha Pimentel, da casa do Caes-Novo, em Massarellos, senhor e morgado da casa da Praça, em Provezende, e de sua mulher D. Clara Saavedra y Romay Themes de Boan.

16.º—Fernando Homem Carneiro de Vasconcellos e seus 4 irmãos, todos militares, no exercito sitiador, no cerco do Porto, e uma irmã. Elles chegaram a capitães, e Fernando foi coronel. Todos morreram solteiros sem geração.

Por morte de Fernando, a casa de Atães passou para Alvaro Leite Pereira de Mello Alvim, cujo avô, Francisco Antonio Leite Pereira de Mello, era irmão legitimo de D. Anna Felicissima, já dita, e avó de Fernando Homem.

14.º—Francisco Pereira de Vasconcellos, commendador de Beja, na ordem de Christo.

15.º—D. Anna Emerenciana Pereira de Vasconcellos, casada na casa da Calçada, em Provezende, com Luiz da Cunha Pimentel, 3.º morgadoda casa da Calçada.

16.º—Henrique da Cunha da Gama, 5.º morgado da Cálçada; herdou o vinculo chamado de Atães, do qual foi o 8.º morgado, e em cujo vinculo succedeu como 3.º neto de Diogo Pereira de Vasconcellos—o do n.º 13.º retro.

O vinculo foi subrogado por bens em Provezende.[1]

—

Pachecos Pereiras — 6.º volume, pag. 84, col. 1.ª

—

Leites Pereiras de Mello e Alvim— 6.º volume, pag. 86, col. 1.ª—e pag. 89, 2.ª

—

Cernaches—6.º volume, pag. 92, col. 2.ª

—

Távoras, de Campo Bello — 6.º volume, pag. 95, col. 1.ª

—

Noronhas—6.º vofume, pag. 95, col. 2.ª

—

Pintos da Cunha Saavedra (da casa e armazens do Caes Novo) — Por falta de especiaes noticias, deixei de fallar, quando, no 5.º volume, tratei da freguezia de Massarellos, tanto da casa do *Caes-Novo*, como da noblissima familia que a possue — o que agora faço.

—

A *casa do Caes-Novo*, pela sua solidez,

[1] Recebi estes apontamentos geologicos, tendo os numeros 14, 15 e 16, repetidos, em duas columnas parallelas; o que, nem se percebe muito bem, nem se podia imprimir como estava no original; por isso vão os que eram parallelos, no fim doe outros.

No artigo *Provezende*, serei mais claro — se podér.

vastas proporções e singular construcção, é uma das mais notaveis entre os edificios particulares do Porto.

É dividida em dois corpos — armazens, e casa de habitação.

Os armazens, de solidissima construcção, ainda que — por isso mesmo — de architectura pesada, teem trez andares, abobadados, sustentados por grande numero de columnas, de tão robusta construcção, que, por muitas vezes, em occasiões de grandes cheias, estiveram replectos de generos coloniaes, até quasi ao alto das abobadas, sem que as paredes e columnas soffressem o menor damno, com tão monstruoso peso.

Em vez de telhado, tem um vasto terraço asphaltado, que serve de passeio.

É situado mui proximo da nova alfandega, sobre o caes, em posição favoravel para os navios chegarem a terra, podendo ser carregados e descarregados por uma prancha.

Foi esta obra principiada por Pantaleão da Cunha Faria, em 1781, e concluida por seu sobrinho, José Pinto da Cunha Godinho, em 1798. Este alli armazenou os seus vinhos, até 1822.

Foram expressamente construidos por esta familia, para deposito dos famosos vinhos do Alto-Douro, pertencentes á *companhia*, creada pelo marquez do Pombal, em 1757.

O governo, não tendo armazens sufficientes para recother as fazendas de muitos navios, que affluiam a este porto, officiou á companhia dos vinhos, para que lhe cedesse estes armazens.

Tanto a direcção da companhia, como o proprietario do edificio, esquivaram-se quanto poderam, a cumprir a imperiosa vontade dos ministros, allegando todas as razões imaginaveis, sendo a principal d'ellas, o receio de que o excessivo e constante peso dos generos, arruinasse o edificio.

O governo porém, mandou despejar, *em 48 horas* (!) e desde então (1822) até 1872 foram estes armazens o principal deposito da alfandega do Porto, para os generos coloniaes e do Brasil.

Durante estes 50 annos da occupação do governo, eram estes armazens conhecidos pela denominação de *alfandega de Massarellos.*

A casa proxima, que fica perto do edificio que foi mosteiro das freiras franciscanas de Monchique, e construida por José Pinto da Cunha Pimentel, pelos annos de 1750, para sua residencia e de seus successores, é tambem um optimo edificio, e, como os armazens, está sobre o caes, em logar que então ainda era fóra das barreiras. (Estas são hoje na extremidade occidental da alamêda de Massarellos, onde foram as antigas salinas.)

—

Passemos agora á familia do *Caes Novo.*

—

Os Cunhas, d'esta casa, procedem dos Cunhas, senhores de Pombeiro [1] de cuja ascendencia apenas indicarei a successão dos seus inclitos varões; não só por economisar espaço, mas tambem porque é tão conhecida de todos, que não precisa de mais particularisada menção.

Em 1430, reinando D. João I, formou esta familia, na casa da Praça, em Provezende, um ramo separado do dos senhores de Pombeiro; fazendo aqui a sua residencia permanente, pelo espaço de 270 annos, até que, pelos annos de 1700, se estabeleceram na sua casa vincular de Villa-Real-de-Traz-os-Montes. Pelos annos de 1755, foram residir para a sua casa do Caes-Novo, em Massarellos, e, por vezes, na sua quinta do Fôjo (de Gaia) e em Provezende.

—

Origem d'esta familia, pelo seu principal appellido *(Cunha)*

—

1.º—D. Guterres, um dos principaes cavalheiros, que veio para Portugal, em 1093, com o conde D. Henrique, do qual foi conselheiro privado, — pelos muitos serviços que lhe fez, obteve muitas mercês.

[1] Todos sabem que a casa de Pombeiro (de Riba-Visella) hoje do concelho de Felgueiras, foi de D. Ioão Lourenço da Cunha, rico-homem do Minho, e 1.º (verdadeiramente, unico) marido da famosa D. Leonor Telles de Menezes, *casada* com o rei D. Fernando.

2.º—D. Payo Guterres, um dos principaes capitães de D. Affonso Henriques. Foi o 1.º que tomou o appellido de Cunha (4.º vol., pag. 364, col. 1.ª)

—

3.º—D. Fernão Paes, rico-homem, senhor de Tábua, padroeiro dos mosteiros de S. Simão da Junqueira, no concelho de Villa do Conde (vide vol. 3.º, pag. 428, col. 2.ª) Souto, Villela, etc.—Foi um dos capitães portuguezes que ajudou á conquista de Lisboa.

—

4.º—D. Lourenço Fernandes da Cunha, rico-homem, padroeiro do mosteiro de S. Simão da Junqueira, e senhor da casa solar de Cunha-a-Velha, em Terras de Coura.

—

6.º—Lourenço Martins da Cunha, que foi sepultado no mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, junto a Coimbra.

Este mosteiro, chamado de *S. Jorge a par de Coimbra*, era na fregnezia de Castello Viegas, concelho de Coimbra, e em 17 de agosto de 1568, no reinado de D. Sebastião, e por bulla do papa Pio V. foi unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

Tambem no mosteiro de S. Jorge, foi sepultado outro membro d'esta illustre familia (em 1389) chamado Vasco Pires da Cunha. Vide no 2.º vol., pag. 324, col. 2.ª, e as duas seguintes.

—

7.º—Martin Lourenço da Cunha, rico-homem, primeiro senhor de Pombeiro e de muitas outras terras. Foi um dos 40 fidalgos, que, no tratado feito entre D. Affonso IV, de Portugal, e D. Affonso XI, de Castella (1328) se escolheu, para a guarda dos castellos que haviam de ficar em refens.

N'este anno houve desintelligencias de familia, entre os reis de Portugal e Castella, chegando a recorrer ás armas, e havendo grandes perdas de parte a parte. O casamento do infante D. Pedro (depois primeiro) filho de D. Affonso IV *(o Bravo)* com D. Constança, filha do rei castelhano, terminou esta guerra.

D'este casamento nasceu o rei D. Fernando.

—

8.º—João Lourenço da Cunha, rico-homem, e segundo senhor de Pombeiro. Foi o primeiro (ou unico) marido de D. Leonor Telles de Menezes (ambos da primeira nobreza de Portugal) que *casou* com o rei D. Fernando. (Pag. 148, col. 1.ª)

João Lourenço da Cunha, justamente indignado contra D. Fernando I, que lhe havia roubado a esposa, foi para Castella, pondo-se ao serviço de D. Henrique II (irmão e assassino de D. Pedro I, de Castella, *o Cruel)*.

Nas guerras que o rei de Portugal, D. Fernando, moveu contra D. Henrique II, em 1369, allegando direitos á corôa de Castella, tomou João Lourenço o partido do castelhano. Esta guerra terminou pelo tratado d'Evora, de 31 de março d'esse anno.

Por morte de D. Henrique II, João Lourenço continuou a servir sob o reino de D. João I de Castella; mas, apenas morreu D. Fernando, veio logo para Portugal, tomando o partido do mestre d'Aviz, do qual foi um bravo e leal defensor.

9.º—Alvaro da Cunha, terceiro senhor de Pombeiro, um dos membros do estado da nobreza, nas côrtes de Coimbra, onde foi acclamado como rei natural e legitimo d'este reino, o joven mestre d'Aviz, sob o nome de D. João I, em 5 de abril de 1385.

Tinha assistido aos dois cêrcos que os castelhanos pozeram a Lisboa, em 1384, dando provas de coragem e fidelidade.

Depois do fallecimento de D. João I, de Portugal, serviu, João Lourenço da Cunha, a el-rei D. Affonso V, sendo seu embaixador

a Inglaterra, e exerceu outros elevados empregos, com acerto e dignidade.

—

Alvaro da Cunha, teve varios filhos, que formaram os troncos de familias illustres d'este reino, e que não sigo, por não serem ascendentes dos Cunhas, do Caes-Novo; e só tratarei do seu 4.º filho, que foi Diogo Alvares da Cunha. Era commendador de Castello-Novo (da ordem de Christo). Foi um dos capitães que ajudaram a tomar a praça africana de Ceuta, a D. João I, em 14 de agosto de 1415. Foi, por ordem do famoso infante D. Henrique (vide *Sagres)* ás ilhas Canárias, dispôr as cousas para as grandes descobertas, feitas pelos *creados* do infante.

Foi unica filha de Diogo Alvares da Cunha, D. Isabel da Cunha, que casou com Alvaro Vaz d'Almada, o famosissimo conde de Abranches (Normandia—França) e um dos DOZE DE INGLATERRA. Vide vol. 1.º, pag. 115, col. 2.ª—vol. 2.º, pag. 223, col. 2.ª e seguintes—e vol 6.º, pag. 606, col. 1.ª e seguintes.

São estes os troncos verdadeiros dos Cunhas, do Caes-Novo, e de Provezende. É n'esta villa, que, para não fazer este artigo ainda mais extenso, continuarei com a genealogia d'esta illustre familia, da qual é actualmente legitimo representante, o sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, sobrinho de Thomaz Pinto Saavedra, 1.º barão de Saavedra, feito em 11 de janeiro de 1843 — e primo do sr. Adolpho Pinto Saavedra, feito 2.º barão de Saavedra, em 8 de abril de 1869.

As armas dos Cunhas, são—em campo de ouro, 9 cunhas de ferro (azues) firmadas, em trez pallas, e as quinas de Portugal em uma orladura de prata.

O ramo principal d'esta familia, eram os condes de Povolide — titulo extincto. O 1.º conde de Povolide, foi Tristão da Cunha e Athaide, feito por D. João V, em 6 de janeiro de 1709.

O primeiro conde de Povolide, descendia do famoso Tristão da Cunha, que descobriu as ilhas do seu nome, e a de Madagascar (S. Lourenço) em 10 de julho de 1506: que, em 1507, na companhia do vice-rei, D. Francisco d'Almeida, do filho d'este, (D. Lourenço d'Almeida) e de Nuno da Cunha, queimaram 18 naus de Meca e Calecut, em Panane — e que, em 1514, foi mandado pelo rei D. Manoel, como embaixador, ao pontifice, Leão X, levando-lhe o presente mais bello e rico que até hoje tem visto o mundo.

—

Nevilles

Da quinta do Fôjo, proximo ao Candal—Gaia

Como em todos os *nobiliarios* inglezes, se encontra a genealogia d'esta familia, só farei um resumido extracto, tirado do *Sharp's Peerage*—edição de 1830.

Pelo que diz respeito ao ramo d'esta familia que veio para Portugal, fazendo assento na quinta do Fôjo, o que d'elle escrevo, foi extrahido de documentos authenticos, que existem em poder de seus actuaes representantes.

—

O appellido *Nevill*, ou, como modernamente se escreve—*Neville*—provém de Gilbert de Nevill, almirante de Guilherme, o *Conquistador*.

Isabel Nevill, bisneta de Gilbert, casou com Robert Fitz Mardred, bisneto, por varonia, do primeiro conde de Northumberland. Tiveram:

—

Geoffrey Nevill, que foi seu herdeiro, e teve:

—

Robert Neville, que herdou a casa de seu pae, e foi governador de Northam Werk. Era guarda-mattas-reaes, no norte de Kent. Teve:

—

Raph, primeiro barão Nevill, que teve:

—

Ralpha, segundo barão Nevill, que serviu differentes e importantes cargos do estado. Foi seu herdeiro:

—

John, terceiro barão Nevill, cavalleiro da ordem da jarreteira (liga).

Foi um bravo general, rendendo á obediencia do seu rei, 83 cidades, castellos e fortes.

Sua mulher, lady Elisabeth, foi herdeira do quarto lord Latimer. Tiveram:

—

Raph, primeiro conde de Westmorland, cavalleiro da ordem da jarreteira. Foi um dos que mais concorreu para a elevação de Henrique IV. — Foi conde-marechal de Inglaterra; e, de varios casamentos, teve 22 filhos, que todos casaram com senhoras da mais alta nobreza da Gran-Bretanha.

A sua primeira mulher, foi *Margarida*, filha do conde de Straford, cavalleiro da ordem da jarreteira — a segunda, foi *Jane*, filha de John de Gount (Gand) duque de Lencaster, terceiro filho de Edward III, de Inglaterra.

Ainda mais duas vezes se ligou com senhoras da familia real.

Da sua segunda mulher, procedem os condes de Abergavanny, e os barões do mesmo titulo. Foi seu herdeiro:

—

Edward, primeiro barão de Abergavanny, que se distinguiu sempre, pela sua dedicação á casa de York. Teve:

—

George, segundo barão de Abergavanny, que tambem foi partidario da casa de York, e feito cavalleiro, depois da batalha de Tewksbury. Teve:

—

Edward Neville, terceiro barão do mesmo titulo. Depois de ser grande valído da côrte, conspirou a favor do cardeal Pole, pelo que foi decapitado. Foi seu herdeiro:

—

Henry, quarto barão do mesmo titulo, teve uma filha (Mary de Neville) que foi sua herdeira, a qual, depois de grandes demandas com Edward, terceiro barão de Abergavanny, cedeu este baronato, em troca do de Dispencer. Succedeu no titulo de Abergavanny:

—

Edward, quinto barão d'este titulo. Succedeu-lhe:

—

Sir Christopher Neville, filho segundo, cavalleiro da jarreteira. Teve:

—

William Neville, filho segundo de Sir Christopher Neville. Foi general do exercito do *pretendente*, e, depois da derrota d'este, em 1714, viu-se obrigado a sahir do reino, e veio para o Porto.

Foi este William Neville, que deu principio á quinta do Fôjo, da qual foi primeiro senhor. Teve:

—

William Neville, gentleman, segundo senhor do Fôjo, cujo edificio e quinta, deixou quasi concluidos. Teve:

—

John Neville, terceiro senhor do Fôjo. Fôi seu herdeiro:

—

John Neville, solteiro, quarto senhor do Fôjo. Morrendo sem descendencia, succedeu-lhe sua irmã:

—

D. Josepha Neville, casada com José Pinto da Cunha Godinho, fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 10 de setembro de 1835 —bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, senhor da nobre e antiga casa da Praça, na villa de Provezende, das casas e armazens do Caes-Novo, em Massarellos, e de toda a mais casa de seus paes, como se dirá em *Provezende*, para onde remetto o leitor, para não fazer este artigo mais extenso.

Assim terminou em Portugal o appellido de *Neville*, depois que a casa do Fôjo se uniu á do Caes-Novo; e da qual é actual representante o sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, que reside na villa de Provezende; neto do referido José Pinto da Cunha Godinho e de D. Josepha Neville.

Para perpetua memoria da cousa, parece-me bem deixar aqui declaradas as peças de que se compõe o brazão d'armas dos Nevilles, como se acha desenhado na *Torre de Londres*—é:

Em campo de púrpura, duas bandas, de de prata, em áspa, tendo no centro (da áspa) uma rosa de purpura. Na parte inferior do escudo, uma fita com a legenda — TRANQUILUS SEMPER JUSTUS.

Com respeito a este appellido e suas armas, diz um pergaminho do seculo XV, em poder d'esta familia, o seguinte:

The above Arms Viz. Gules on Salture Argent a Rose of the First barbet and Seeded proper. And Crest Viz. In a Ducal Coronet Or A Bull's Head Argent Pied Sable Armed of the First— Belong to John Neville son of William Neville, second son of Christopher Neville Esq. second son of Edward Neville, fourth son to Ralph Neville Earl of Westmoreland: in the 4.º year of the Reign of Henry the VI Anno Domini 1426. Attested by us, etc., etc.

—

Todos os que teem lido a historia da Inglaterra, sabem da famosa *guerra das duas rozas*. Os partidarios do *pretendente* (o duque de York) adoptaram por emblema ou distinctivo, a *roza encarnada*; e os seus contrarios, a *roza branca*. É por isso que os Nevilles, partidarios dedicados da casa de York, tinha a roza encarnada nas suas armas.

—

O brazão dos Nevilles, desde a ligação d'esta familia com os Pintos da Cunha, acha-se construido da maneira seguinte:

Escudo esquartelládo—no 1.º quartel, as armas dos *Pintos* (escudo de prata, com cinco crescentes de púrpura, em aspa)—no 2.º, as dos *Cunhas* (em campo d'oiro, nove cunhas, de asul em tres pallas)—no 3.º, as dos Vasconcellos (em campo prêto, tres faxas, veiradas e contraveiradas de púrpura e prata)—no 4.º, as dos Nevilles, como ficam descriptas.

As dos Nevilles, eram encimadas por uma ceroa ducal (por descenderem da casa de *Gand*—duques de Lencaster) [1] e tinham por timbre, um touro preto, com as pontas douradas; mas as armas actuaes teem por timbre, o dos Vasconcellos, que é—um leão prêto, faxado das tres faxas das armas.

—

A quinta do Fôjo, tem a sua historia—eil'a:

Foi, como disse, fundada por William Neville, distincto general inglez, de uma das mais nobres familias de Inglaterra, que imigrou para Portugal, depois da derrota do duque de York, em 1714.

Durante o cêrco do Porto (1832 a 1834) foi quartel-general, do commandante em-chefe do exercito realista, estacionado ao sul do Douro.

Por esse tempo, se guardaram nos seus vastos armazens, alguns milhares de pipas de aguardente, dos depositos de Villa Nova de Gaia, para ficarem fóra do alcance da artilheria dos sitiados, apezar de não estarem a mais de dois kilometros, em linha recta, das baterias liberaes. (Tal era a força da artilheria d'aquelle tempo!)

Quando os cercados romperam as linhas, se dirigiram logo á quinta do Fôjo, e juncto a seus muros, jazem enterrados dois frades do convento de Valle da Piedade, que os liberaes acharam escondidos na casa d'esta quinta, e a soldadescá assassinou crivando-lhes os corpos de ballas, a titulo de serem frades de S. Francisco do Porto [1] que—segundo elles, soldados—tinham incendeado o seu mosteiro, na intenção de queimarem a tropa n'elle aquartellada. [2]

Os officiaes, tinham commettido a imprudencia de deixar vir na frente os sargentos e soldados, desordenadamente, e quando chegaram, mostraram-se muito pesarosos por este acontecimento; mas ninguem foi castigado.

A propria familia da casa—o morgado e uma sua irman—apesar de não serem realistas, mas, pelo simples facto de terem frades em sua casa, seriam tambem fuzilados, se seu irmão, Thomaz Pinto Saavedra, official de cavallaria do exercito liberal, e que estava no Porto, não vôa ao Fójo (logo que teve noticia do que se passava) e não tira

[1] Vê-se que esta familia procede da mesma casa d'onde provem a nossa rainha D. Philippa, mulher de D. João I, que era filha de João de Gand, duque de Lencastre.

[1] Não foi por serem frades do convento de S. Francisco; foi por serem religiosos. As duas ordens distinguiam-se perfeitamente—os de S. Francisco, tinham habito preto—e os de Valle de Piedade *(antoninhos)* o tinham côr de saragoça.

[2] A causa d'este incendio, ainda hoje é um mysterio. Se não foi casual (o que talvez seja mais provavel) ignora-se quem perpetrou este crime.

das garras d'aquelles carrascos, as victimas innocentes.

Este Thomaz Pinto Saavedra, era um dos que tinha sido sentenciado á forca, como liberal, por sentença de 21 de agosto de 1829. (Vide pag. 335, col. 1.ª, d'este volume.)

Em 11 de janeiro de 1843, sendo já general, foi feito 1.º barão de Saavedra. Era pae do sr. Adolpho Pinto Saavedra, actual (2.º) barão do mesmo titulo, feito em 8 de abril de 1869.

Em 1847, tambem esteve na quinta do Fôjo, o honradissimo coronel, José Maria de Magalhães, e o seu regimento—10 de infanteria—esperando o resultado da celebre *convenção de Gramido*, feita entre o general da juncta, Cesar de Vasconcellos, e o general castelhano, Concha, em 30 de junho d'aquelle anno: convenção que terminou a *guerra da Maria da Fonte*, ou da *Patuleia*.

A quinta do Fôjo, foi a primeira cortada, em Villa-Nova de Gaia, para por ella passar a via férrea, de Lisboa ao Porto.

—

Ha tambem no Porto, uma outra familia oriunda da Hollanda, tão nobre pela sua esclarecida e antiquissima ascendencia, como pelas suas virtudes, geralmente reconhecidas e louvadas—é a dos srs. Wanzellers.

Wanzeller, é um appellido nobre em Portugal, cuja familia é da provincia de Gualdrez, nos Paizes-Baixos, onde occupou os principaes cargos da cidade de Nimega.

Passou este appellido a Portugal, no reinado de D. Pedro II, na pessoa de Rolando Wanzeller, que foi em Lisboa, ministro residente, do rei da Prussia, e, naturalisando-se portuguez foi feito contador-mór d'este reino. Suas armas são—em campo de prata, trez merlos, de negro, armados d'ouro, em roquête, e entre elles, uma estrella de púrpura, de seis pontas. Timbre, um dos merlos das armas, com uma estrella no peito.[1]

[1] *Merlo*, é uma peça d'armario, que representa um *melro* negro, que antigamente se chamava *merlo*.

Varios estabelecimentos do Porto ainda não mencionados

Photographias—12.
Lithographias—10.
Typographias—27.
Caffés e bilhares—13.
Hospedarias—30.

—

Capella de Santo Antonio, do largo da Aguardente

Já a pag. 314, col. 1.ª, d'este volume, fallei d'esta capella, mas, já depois d'isso, ha mais que dizer, e é o seguinte:

No domingo, 17 de junho de 1877, o sr. conego honorario, doutor, João José de Vasconcellos, benzeu esta capella, sendo acompanhado n'este acto pelos reverendos, abbade da freguezia do Bom-Fim, capellão do regimento de infanteria n.º 18, e capellão da Misericordia.

Em seguida, o mesmo sr. doutor Vasconcellos, celebrou a missa, servindo-lhe de diacono e de subdiacono, os dois refferidos capellães—e de mestre de ceremonias, o abbade do Bom-Fim.

A missa foi acompanhada a orgam e vozes, pelos meninos orphãos, havendo no fim, um solemne *Te-Deum laudamus*.

Tem a capella cinco altares—altar-mór e quatro lateraes. No primeiro, se venera a imagem de Santo Antonio, padroeiro da capella—e nos outros—Santa Rita de Cássia; Santa Isabel, rainha de Portugal; Santa Luzia, virgem e martyr; e S. João Baptista.

O templo, esteve todo o dia exposto á veneração dos fieis, sendo constantemente numerosa a concorrencia.

—

Pavoroso incendio

Em a noite de 25 para 26 de junho de 1877, houve na *calçada das Freiras* em Villa-Nova-de-Gaia, um dos mais terriveis incendios de que esta cidade e seus suburbios tem sido victima.

Principiou pela meia noite, e só se extinguiu—por falta de materia—pelas 10 horas e meia da manhan de 26.

Foi nos tres grandes armazens do rico negociante allemão, o sr. F. M. Van der Niepoort & C.ª, morador na rua da Restauração, n.º 222.

Arderam umas 1:000 pipas de vinho e aguardente, que valiam aproximadamente 100:000$000 réis, não estando seguros senão em 60 contos, na companhia *Segurança*, onde tambem estavam seguros os edificios.

Muitos bombeiros ficaram, mais ou menos gravemente feridos; praticando alguns —e mesmo individuos estranhos á corporação—actos de heroismo e de grando abnegação.

A aguardente formava um rio pavoroso de chammas, que, correndo impetuoso pela calçada, que é muito ingreme, chegou até ao Douro. Algum material das bombas, foi consumido pelas chammas.

O mosteiro de freiras dominicas (de Corpus Christi) esteve em imminente perigo de ser tambem devorado pelo fogo.

Tudo quanto se pôde conseguir, depois de insano trabalho, foi localisar o incendio aos tres armazens.

—

Capella de Nossa Senhora da Saude, na rua do Heroismo

Esta bonita capella, posto ser construida em uma das ruas do Porto, é já no districto da freguezia de Campanhan.

Faz-se uma grande festa á sua padroeira, á custa dos mórdomos e devotos, no ultimo domingo de junho, havendo missa solemne, Senhor exposto, e sermão. Na vespera á noite, ha arraial, musica e fogo preso e do ar.

No dia da festa, tambem ha arraial.

Em 29 de junho de 1877; se fez a festa d'esta Senhora, sendo n'esse dia inaugurado o novo altar, de Santo Antonio, feito em cumprimento de um legado.

N'esse mesmo dia, foi exposta ao culto dos fieis, a nova imagem de S. Braz, de grande perfeição artistica, feita pelo distincto esculptor portuense, o sr. José Soares de Oliveira.

—

Capella do Senhor da Salvação

É no cemiterio publico de Agramonte, e está na divisão pertencente aos irmãos terceiros da ordem da SS. Trindade. É privativa da mesma ordem, e tem capellão nomeado pela mesa, com a obrigação de duas missas semanaes.

Foi construida em 1876.

—

Os bispos do Porto, naturaes d'esta cidade, já vão mencionados n'este artigo: os mais, vão nas terras da sua naturalidade.

—

Ainda o crime do Cartaxinho

Depois de composto e paginado o artigo correspondente a *Antonio Correia Megre* e seus cumplices, recebi mais as seguintes informações, com respeito ao crime do *Cartaxinho*.

O tal *Fresca-Ribeira*, que passa por ter sido um dos assassinos, era com certeza, natural de Serpa. O seu nome era Manoel do Nascimento Rebocho.

—

Alguns jornaes teem publicado que muitos cavalheiros meus amigos me deram apontamentos para este artigo.

Declaro, sem orgulho, que, além do meu generoso amigo e esclarecido colaborador, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, benemerito abbade de Miragaia, que teve o insano trabalho de escrever tudo o que vae com o seu nome no fim, *ninguem mais me deu a minima informação—nem mesmo aquelles a quem as pedi!—*

Foi pois, só á força de improbo trabalho, revolvendo uma multidão de livros e jornaes, politicos e litterarios—e *tambem bastantes cousas, porque as conheço, as examinava, e inquiria a sua historia, ás pessoas que julgava competentes*—que organizei este artigo, que offereço, como testemunho de gratidão aos portuenses, entre os quaes, tenho a honra de contar bastantes velhos e sinceros amigos.

INDICE ALPHABETICO

DO CONTHEUDO NO ARTIGO PORTO

A[1]

Abbades de Miragaia—5.º vol., pag. 246, col. 2.ª

Abbades de S. Nicolau—6.º vol., pag. 51, col. 1.ª

Ablativos—vide *Fonte dos ablativos*.

Academia das bellas artes—pag. 314, col. 2.ª

Academia polytechnica—pag. 365, col, 1.ª

Academia real de marinha e commercio—pag. 316, col. 1.ª

Acção—vide *Batalha*.

Acção das Antas—pag. 356, col. 2.ª

Acção de 29 de setembro de 1832—pag. 351, col. 2.ª

Acção de 25 de julho de 1833—pag. 359, col. 2.ª

Açoitados—pag. 329, col. 2.ª

Adro dos enforcados—5.º vol.. pag. 314, col. 1.ª

Affonso Annes Paateiro—pag. 458, col. 2.ª, no fim.

Agentes consulares—pag. 435, col. 1.ª

Agostinho da Trindade (padre)—pag. 295, col. 2.ª

Aguas—pag. 422, col. 1.ª

Aguas-Ferreas (quinta das)—pag. 501, col. 1.ª

Aguas thermaes—pag. 487, col. 1.ª

Alaméda da Aguardente—pag. 442, col. 1.ª

Alaméda do Bomfim—pag. 442, col. 1.ª

» da Cordoaria—pag. 302, col. 1.ª

» das Fontainhas—pag. 442, 2.ª

» da Lapa—pag. 442, col. 1.ª

» de Maçarellos—5.º vol., pag. 8, col. 2.ª—e 7.º, pag. 443, col, 1.ª

Alaméda do Repouso—pag. 442, col. 2.ª

» da Victoria—pag. 442, col. 1.ª

» das Virtudes—5.º vol., pag. 300, col. 1.ª—e 7.º, 441, col. 2.ª

—

Albergarias e hospitaes antigos—6.º vol., pag. 82, 1.ª

Albuquerques—5.º vol., pag. 272, col. 1.ª

Alçada—pag. 327, col. 1.ª

Alfandega de Maçarellos—5.º vol, pag. 8, col. 2.ª—e no 7.º, vêr *Cunhas Saavedras*, a pag. 532, col. 2.ª

Alfandega Nova—5.º vol·, pag. 304, col. 1.ª

Alfandega Velha—6.º vol., pag. 60, col. 2.ª

Alienados—2.º vol., pag. 59, col. 1.ª—(Vide *Hospital dos alienados*.)

Aljube—pag. 448, 2.ª—Vide *Prisões*.

Almas da Ponte—6.º vol., pag. 69, col. 1.ª

Almer (conde de)—pag. 360, col. 2.ª

[1] Quando se não indicar o numero do volume, entenda se que é este (o 7.º)

Os individuos que não forem achados n'este indice, procurem-se no § *Galeria de portuenses célebres*, a pag. 508, col. 1.ª e seguintes.

Altar de prata—pag. 307, col. 2.ª
Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim —Vide *Leites Pereiras de Mello.*
Americo (D.) Ferreira dos Santos Silva—(bispo do Porto)—5.º vol., 123, 1.ª —e 7.º 337, 1.ª
Ampliação do couto do Porto, feita aos bispos, por D. Affonso Henriques—5.º vol., pag. 107, col, 1.ª—7.º, 471, 2.ª, (Vide *Doação*, e *Doações.*)
Anjo (praça e recolhimento do)—pag. 306, col. 1.ª—e 487, 2.ª
Antão (D.)—pag. 293, col. 2.ª, fim.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos (Dr.)—pag. 510, col. 2.ª
Antonio Correia Mégre — 2.º vol., pag. 371, 2.ª—e 7.º, 505, 2.ª—e 539, 2.ª
Antonio de Madureira (frei)—pag. 296, col. 2.ª
Antonio Joaquim d'Oliveira Nascimento—5.º vol., pag. 293, col. 2.ª
Antonio Pinheiro Caldas—pag. 514, col. 2.ª
Antonio (D.) — prior do Crato — 2.º vol., pag. 442, col. 1.ª—3.º 248, 1.ª, fim—7.º, 298, 2.ª, fim.
Antonio Perfeito Pinto Osorio — pag. 379, col. 1.ª
Antonio Ribeiro dos Santos — *(Elpino Duriense)*—5.º vol., pag. 9, col. 1.ª
Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho —6.º vol., pag. 65, col. 2.ª
Antonio da Silva Monteiro—5.º vol., 294, col. 1.ª
Antonio de Sousa Lobo (o *Lobo da Reboleira*)—6.º vol., pag. 59, col. 2.ª
Antonio de Sousa de Macêdo—pag. 301, col. 1.ª
Arco das Verdades e das mentiras—pag. 476, col. 1.ª e 516, 1.ª
Armas do Porto—pag. 269, col. 2.ª
Assembleias do Porto—pag. 487, col. 1.ª
Associação commercial—pag. 428; col. 1.ª principio.
Asylo humanitario, do barão de Nova Cintra—pag. 437, col. 2.ª
Asylo da mendicidade pag. 399, col. 2.ª, e 437, 1.ª, fim.
Asylo da infancia desvalida—pag. 437, col. 2.ª
Asylo da infancia, de Villar — 5.º vol., pag. 122, col. 2.ª—7.º, 437, 2.ª
Asylo das raparigas abandonadas—pag. 376, col. 1.ª—e 437, 2.ª
Asylos—pag. 437, col. 1.ª

—

Ataques á Serra do Pilar — pag. 351, col. 1.ª—pag. 352, 1.ª—pag. 352, 2.ª
Atheneu—Vide *Museu.*
Augusto Ferreira *(o homem flauta)*—pag. 389, col. 2.ª
Augusto Luso da Silva—pag. 441, col. 2.ª
Ayres de Sá, bispo do Porto—pag. 468, col. 2.ª

B

Balthazar Guedes (padre) — pag. 302, col. 2.ª
Bancos—vol. 6.º, pag. 71, 2.ª—e 7.º, 427, col. 1.ª
Banhos (estabelecimento de)—pag. 487, col. 1.ª
Banhos antigos—6.º vol., pag. 83, col. 1.ª
Baroneza de Nova-Cintra — pag. 503, col. 1.ª
Barriêdo—6.º vol., pag. 59, col. 1.ª
Batalha de Ponte-Ferreira—pag. 348, col. 2.ª
Batalha de Souto-Redondo (Ayras)—pag. 349, col. 2.ª
Belchior Beliago (D.)—pag. 297, col. 2.ª
Bellezas—5.º vol., 275, col. 2.ª
Bernarda Ferreira de Lacerda (D.) — pag. 300, col. 1.ª
Bernardo de Sá Nogueira (marquez de Sá da Bandeira) — pag. 498, no fim, e nota.
Bicas e póços—pag. 482, col. 2.ª
Bibliothecas—pag. 440 col. 1.ª, fim.
Biographias—vide *Galería dos portuenses célebres*, a pag. 508, col. 1.ª, principio.
Bispo (quinta do)—pag. 501, col. 2.ª
Bôa Viagem (Maçarellos)—vide *Egreja da Bôa Viagem.*
Bôa Vista (quinta da)—pag. 501, col. 1.ª
Bolsa—pag. 424, col. 1.ª
Bom Successo (quinta do)—5.º vol., pag. 122, col. 1.ª
Borges (fonte do) — 5.º vol., pag. 304, col. 1.ª

Botequim do Pepino—6.º vol., pag. 61, col. 2.ª
Brazão d'armas—vide *Armas do Porto.*
Burgo-Velho a par do Porto—3.º vol., pag. 246, col. 1.ª, no fim, e seguintes.

C

Cáceres—5.º vol., pag. 274, col. 2.ª
Cadeias—vide *Prisões.*
Caffés e bilhares—pag. 538, col. 2.ª
Caixas filiaes—6.º vol., pag. 71, col. 2.ª—7.º vol.. pag., 427, col. 1.ª, fim.
Calabouço do Carmo—pag. 448, col. 2.ª
Camilla Ribeiro de Faria (D.)—5.º vol. pag. 271, col. 2.ª
Caminhos de ferro americanos — vide *Rail Road.*
Campanhan (egreja de)—pag. 411, col. 2.ª
Canal-maior—6.º vol., pag. 70, col. 1.ª

Capellas do Porto e suburbios

Particulares—5.º vol., pag. 313, col. 2.ª
Públicas—pag. 409, col. 2.ª
De Carlos Alberto—5.º vol., pag. 122, col. 1.ª—e 7.º, 372, 2.ª
Santa Anna—pag. 414, col. 1.ª
Santo André—pag. 477, col. 2.ª
Santo Antonio do Penêdo—vide *Palacio de Sebastião Correia.*
Santo Antonio, do largo da Aguardente—pag. 414, col. 1.ª—e 538, 2.ª
Santo Antonio, da rua da Restauração —pag. 303, col. 2.ª
Santo Antonio, da Bandeirinha — 5.º vol., pag. 314, col. 1.ª
Senhor da Salvação—pag. 539, col. 2.ª principio.
Senhor da Agonia—pag. 477, col. 2.ª
Senhor d'Álem—pag. 308, col. 2,ª, fim—e 414, 2.ª
Senhor dos Afflictos—(na cêrca do hospital da Misericordia—5.º vol., pag. 314, col. 1.ª
Senhor da Saude—5.º vol., pag. 317, col. 2.ª
Senhor da Bôa-Vista (á Pastelleira)—pag. 476, col. 1.ª
Bom Jesus de Bouças, ou Bom Jesus do Calvario Novo—5.º vol., 282, col. 2.ª—e 7.º 476, 1.ª
Corpo Santo—5.º vol., pag. 121, col. 1.ª
Espirito Santo—5.º vol., pag. 279, col. 1.ª fim—287, 2.ª—e 313, 2.ª—(tudo no 5.º vol.)
Nossa Senhora da Bôa Hora, em Fradêllos—pag. 475, col. 2.ª
Nossa Senhora da Hora (ou das *Sete-Fontes)* no Carvalhido—pag. 411, col. 1.ª
Nossa Senhora do Soccorro — 5.º vol., pag. 317, col. 1.ª—e 7.º, 286, no fim.
Nossa Senhora do Terreiro, da Alfandega (Velha)—6.º vol., pag. 45, col. 1.ª, no fim.
Nossa Senhora d'Agosto—5.º vol., pag. 284, 2.ª, no principio—e 7.º, 409, 2.ª
Nossa Senhora do Ferro—pag. 410, col. 2.ª
Nossa Senhora da Saude, na rua do Heroismo—pag. 539, col. 1.ª
Nossa Senhora da Batalha—pag. 299, col. 2.ª—e 411, 2.ª
Nossa Senhora do Ó—(que existiu sobre as *portas da Ribeira*)—pag. 477, col. 1.ª
Nossa Senhora da Natividade — (que existiu na Praça Nova das Hortas)—pag. 410, col. 1.ª
Nossa Senhora do Terço e Caridade—pag, 314, col. 1.ª
Nossa Senhora da Láda—pag. 476, col. 1.ª
Nossa Senhora das Verdades—pag. 410 col. 1.ª e 516, 1.ª
Nossa Senhora do Conceição, e Jesus, Maria, José—5.º vol., pag. 314, col. 1.ª
Nossa Senhora da Lapa—pag. 310, fim.
Nossa Senhora da Silva — (na rua da Ferraría de Cima—(hoje *Caldeireiros*)—6.º vol., pag. 82, col. 2.ª
Nossa Senhora da Silva, na Sé — pag. 476, col. 1,ª
Nossa Senhora da Piedade—(dos morgados d'Atães)—pag. 467, col. 2.ª
Nossa Senhora das Neves — pag. 414, col. 1.ª
Nossa Senhora da Vandoma—pag. 289, col. 1.ª
Nossa Senhora da Esperança—no largo de S. João Novo — 5.º vol., pag. 313, col. 2.ª

Nossa Senhora da Esperança—dos Britos e Cunhas—vide *Sé*.
Nossa Senhora da Esperança—do recolhimento de S. Lazaro—pag. 307, col. 1.ª (1722.)
N. Sr.ª da Conceição..
N. Sr.ª da Expectação
N. Sr.ª da Encarnação (primeira Misericordia)
N. Sr.ª da Saude.....
} Todas no claustro da Cathedral. Vide *Sé*.
Terceiros de S. Francisco=pag. 307, col. 2.ª, e 478, 1.ª
Terceiros do Carmo—pag. 308, col. 1.ª no fim.
Terceiros da S.S. Trindade — pag. 311, col. 1.ª
Terço e Caridade=pag 314, col. 1,ª
Trinos da Cordoaria—5.º vol., pag. 281, col. 2.ª
São Nicolau—6.º vol., pag. 44, col. 2.ª
São Roque—pag, 413, col. 1.ª
Carreiras de vapores no Douro—pag. 423, col. 1.ª
Casa da Bolsa=pag. 426, col. 1.ª
Casa da Camara—pag. 292, col. 1.ª
Casa do Caes-Novo, e armazens contiguos—pag. 532, col- 1.ª e seguintes.
Casa do Laranjo—6.º vol. pag. 61, col. 2.ª
Casa da moéda—6.º vol., pag. 60, col, 2.ª e 7.º, 292, 2.ª
Casa de Pedro-Cem—6.º vol. pag. 47, col. 2.ª
Casa-pia—pag. 448, col. 2.ª
Casa do Salva-vidas—pag. 337, col. 2.ª
Casa de Saude — do Dr. Ferreira — pag. 446, col. 2.ª
Casa dos Vinte e Quatro — pag. 376, col. 2.ª
Casamente de D. João I—6.º vol., pag. 72, col. 1.ª—e 7.º, 290, 2.ª
Castelhanos no Porto—3.º vol., pag. 248, col. 1.ª, fim—7.º, 318, 1.ª
Castello de Pena-Ventosa — pag. 279, col. 1.ª
Castello de Gaia—pag. 357, col. 1.ª
Castellos—Vide *Fortalezas* e *Castellos*,
Cedofeita—pag. 277, col. 2.ª
Cemiterio d'Agramonte — 5.º vol,, pag, 423, 1,ª, fim—e 7.º. 399, 1.ª—(Vide cemiterio dos terceiros da S.S. Trindade.)
Cemiterio do Bomfim—pag. 399, col. 2.ª
Cemiterio da Cedofeita—pag. 399, col. 2.ª
Cemiterio da Lapa—pag. 397, col. 2.ª
Cemiterio do Repouso—pag. 398, col. 1.ª
Cemiterio dos terceiros da S.S. Trindade—pag. 483, 2.ª
Cemiterio dos Inglezes—pag. 399, col. 1.ª
Cemiterio dos Judeus—5.º vol., pag. 296, col. 1.ª e seguintes—e 7.º, 502, 2.ª
Cemiterios publicos—pag. 397, col. 2.ª
Cêrca de D. Affonso IV—(D. Pedro I, e D. Fernando I)—pag. 285, col. 1.ª
Cêrca de D. Goaçalo Pereira—(chamada impropriamente, *cêrca sueva*)—pag. 278, col. 2.ª
Cêrco do Porto (1832-1834)—pag. 338, col. 1.ª, e seguintos.
Cernaches—6.º vol., pag. 92, col, 2.ª
Chafarizes—Vide *Aguas* e *Fontes*.
Cheias no Douro—3.º vol. pag. 36, col. 1.ª, e 248, 2.ª—6.º vol., 69, 1.ª—7.º vol., 310, 2.ª—e 314, 2.ª
China (quinta da) — pag. 502, col. 1.ª, principio.
Cholera-morbus—pag. 355, col. 2.ª
Clerigos (irmandade dos)—pag. 307, col. 2.ª (1732.)
Clubs—Vide *Assembleias*.

Collegios

Graça—pag. 302, col. 2.ª—e 304, 2.ª
Grillos—(seminario episcopal)—pag. 297, col. 2.ª—298, 2.ª (Vide *Grillos*, *Jesuitas*, e *Seminario episcopal*.)
De meninas—pag. 439, col. 2.ª
De meninos—pag. 437, col. 2.ª
Orphãos de Campanhan—Vide *Seminario dos meninos orphãos*.
Portuense — (nas Carmelitas) — pag. 484, col. 2.ª

—

Commercio do Porto (jornal) — 6,º vol., pag. 64, col. 2.ª—Vide *Julio Diniz*.

Companhias

Commerciaes—pag. 427, col. 1.ª
De Seguros—pag. 427, col. 1.ª
Dos Vinhos—pag. 312, col. 1.ª—e 415, 1.ª

Conde d'Almér—pag. 360, col. 2.ª
Conde d'Azevedo—pag. 513, col. 2.ª
Conde de Ferreira—2.º vol. pag. 59, col. 1,ª
Conde de Maçarellos — 5.º vol., pag. 8, col. 2.ª
Conde de Mattosinhos—pag. 508, col. 1.ª
Conde de Miranda — pag. 304, col. 1.ª (1647.)
Conde de Rezende—pau. 492, col. 2.ª
Conde de Samodães—pag. 493, col. 1.ª
Condessa d'Edla—pag 502, col. 1.ª
Para mais titulares, vide a pag. 492, col. 2.ª—(Titulares com residencia permanente, no Porto.)
Conferencias—(tentativas para terminar a guerra civil de 1832 a 1834—sem mais efusão de sangue)—pag. 357, col. 2.ª—e 363, 1.ª
Congregados—pag. 305, col. 2.ª, no principio.
Consules, vice-consules, e agentes consulares estrangeiros, no Porto — pag. 435, col. 1.ª, no fim.
Convento—Vide *Mosteiro.*
Conventos de Freiras—supprimidos pelos liberaes—pag. 407, col. 2.ª
Couventos—que existiam no Porto, antes da suppressão das ordens religiosas, em 1834—pag. 400, col. 2.ª
Conventos—que já estavam abandonados, antes da suppressão das ordens religiosas—pag. 407, col. 1.ª
Conventos—nos suburbios do Porto, existentes até 1834—pag. 407, col. 1.ª
Conventos de freiras—ainda existentes—pag. 407, col. 2.ª
Corpo da Guarda (largo do)—pag. 395, col. 2.ª
Corpus Christi—em S. Nicolau—6.º vol., pag. 50, col. 1,ª
Correias, da Rua-Chan—pag. 526, col. 1.ª, no principio.
Correio (administração central do)—pag. 489, col. 1.ª
Creches—pag. 437, col. 1.ª
Crime do Cartoxinho—2.º vol., pag. 371, col. 2.ª—7.º, 505, 2.ª—e 539, 2.ª
Culher (fonte da)—5.º vol., pag. 303, col. 1.ª—e 452, nota 2.ª
Cunhas Porto-Carreiros—pag. 519, col. 1.ª, principio.
Cunhas Saavedras—pag. 532, col. 1.ª

D

Dedicação dos portuenses a D. João I —pag. 458, col. 1.ª
Departamento maritimo do norte—6.º vol., pag. 71, col. 2 ª
Desacato na Sé—pag. 302, col. 1.ª
Desordens—entre os portuenses, e os seus bispos—pag. 390, col. 2.ª
Distruição dos vinhos da companhia—no abandono do cêrco—pag. 360, col. 2.ª
Diogo Lopes de Sousa—2.º conde de Miranda—pag. 304, col. 1.ª (1647.)
Direcção das obras publicas—pag. 498, col. 1,ª
Direitos—Vide *Tributos.*
Doação — feita ao mosteiro de Cedofeita, pelo rei suevo, Theodomiro, em 560—5.º vol., pag. 106, col. 2.ª
Doação—da rainha D. Thereza, á Sé do Porto—pag. 469, col. 1.ª
Doação—(confirmação e ampliação) do couto do Porto, aos seus bispos, por D. Affonso Henriques, e seus successores—5.º vol., pag. 107, col. 1.ª—e 7.º, 471, 2.ª
Doações—feitas por D. Affonso Henriques e seus successores, ao mosteiro de Cedofeita—5.º vol., pag. 107, col. 1.ª—e seguintes.
Domingos Barbosa de Brito—pag. 380, col, 1.ª
Douro (rio)—2.º vol., pag. 481, col. 1.ª—*Pontes* d'este rio — 6.º vol., pag. 484, col. 1.ª—Vide *Pontes sobre o Douro.*
Duque de Dalmacia (Soult)—3.º vol., pag. 249, col. 1.ª—7.º, 318, 2.ª

E

Egidio (D.)—bispo do Porto, e D. Pedro, depois I—pag. 290, col. 1.ª (1360.)
Egrejas matrizes—pag. 407, col. 2.ª
Egrejas não matrizes—pag. 408, col. 2.ª

Egrejas

Da Bôa-Viagem—5.º vol., pag. 121, col. 1.ª
Dos Clerigos—e sua torre—pag. 307, col. 2.ª

De Cedofeita—5.º vol., pag. 103, col. 1.ª, fim—e 7.º, 450, 2.ª
Da Lapa—pag. 310, col. 1.ª, fim.
De Maçarellos—5.º vol., pag. 8, col. 1.ª
De Miragaia—5.º vol. pag. 243, col. 1.ª
De SS. Nicolau—6.º vol., pag. 44, col. 1.ª
Da SS.S. Trindade—5.º vol., pag. 281, col. 2.ª, no fim—e 7.º, 311, 1.ª (1755.)
Eiffel—Vide *Gerard Eiffel.*
Elpino Duriense—5.º vol., pag. 9, col. 1.ª
Enchentes—Vide *Cheias no Douro.*
Entrevadas—pag. 295, col. 1.ª (1458.)
Entrevados—pag. 304, col. 1.ª (1639.)
Ermidas—Vide *Capellas.*
Escadas da Esnóga—Vide *Esnóga.*
Escóla industrial portuense—pag. 365, col. 2.ª
Escóla medico-cirurgica—5.º vol., pag. 259, col. 1.ª—e 7.º, 440, 1.ª
Escola polytechnica—pag. 365, col. 1.ª
Esnóga — Vide *Cinuna,* no 2.º vol., pag. 307, col. 2.ª—6.º vol., 58, 2.ª—Vide tambem—*Cemiterio dos judeus,* e *Judiaria.*
Espada de D. Affonso Henriques—pag. 393, col. 1.ª
Estabelecimentos publicos, de sciencias e bellas-artes—pag. 440, col. 1.ª
Estado financeiro dos Bancos do Porto, em 1877—pag. 427, col. 1.ª, fim.
Estátuas—Vide *Monumentos.*
Execuções (nos patibulos) — pag. 314, col. 2.ª—328, 2.ª—e 329, 2.ª
Estação central telegraphica—pag. 489, col. 1.ª
Estalagens do Porto—no reinado de D. João I—6.º vol., pag. 62, col. 2.ª
Exportação de vinhos—(de 1865 a 1874) —pag. 419, col. 1.ª
Expostos—Vide *Róda dos Expostos.*

F

Fábricas

De fiação, de Salgueiros—pag. 486, col. 2.ª
De estamparia e tecidos, do Bulhão—pag. 486, col. 1.ª
De fundição de ferro, chumbo, zinco, e outros metaes, no Bulhão—pag. 486, col. 1.ª
De fundição de ferro, no Bicalho—pag 486, col. 1.ª—e 5.º, 9, 1.ª
De fundição de ferro, em Maçarellos—pag. 486, col. 1.ª—e 5.º vol., 122, 1.ª
De varias obras metallicas—na rua dos Bragas (da *Companhia aurifícia*)—pag 486, col. 2.ª
Fábricas na freguezia de Miragaia—5.º vol., pag. 256, col. 2.ª
Fábricas no Porto—pag. 485, col. 1.ª—(Aqui se acharão as fábricas não especificadas no indice.)
Familias nobres — residentes no Porto. em 1877—pag. 519, col. 1.ª, principio.
Faustino Xavier de Novaes—pag. 512. col. 2.ª
Febre-amarella—pag. 371, col. 2.ª (1856.)

Feiras

De Criadas e criados—pag, 289, col. 2.ª
Feira-franca—pag. 299, col. 1.ª (1582.)
De S. Lazaro—pag. 389, col. 1.ª
Feitoria Ingleza—6 vol., pag. 60, col, 2.ª. —7.º, 393, 1.ª
Fernando de Magalhães—pag. 296, col. 1.ª
Ferros-Velhos (feira dos) = pag. 488, col. 1.ª
Festa de Corpus Christi—em S. Nicolau —6.º vol., pag. 50, col, 1.ª
Festa de S. Nicolau—6.º vol., pag. 49, col. 2.ª
Festas memoraveis—no Porto—6.º vol., pag. 72, col. 1.ª—7.º, 290, 2.ª
Fôjo (quinta do) — no Cadaval—pag. 535, col. 2.ª—e 537, 1.ª, fim.

Fontes

Fornecidas por nascentes privativas de cada uma d'ellas—pag. 422, col. 2.ª
Da Rata—5.º vol., pag. 304, col. 1.ª
Da Culher—5.º vol., pag. 303, col. 1.ª—7.º 452, 1.ª, nota. 2.ª
Das escadas da Bandeirinha—5.º vol., pag. 303, col. 2.ª
Antiga—da rua do Paço—5.º vol., pag. 303, col. 2.ª
Fontes—5.º vol., pag. 302, e seguintes—e 7.º, 422, 1.ª

Fonte do Olho do...—pag. 422, col. 1.ª, nota 1.ª (que segue para a col. 2.ª
Das Virtudes—5.º vol., pag. 302, col. 1.ª
De Miragaia—5.º vol., pag. 303, col. 2.ª
Da Torre da Marca—na rua do Triumpho —5.º vol., pag. 303, col. 2.ª
De S. Pedro—5.º vol., pag 303, col. 2.ª
Do Touro—5.º vol., pag. 303, col. 2.ª
Do Borges—5.º vol, pag. 304, col. 1.ª
Dos Ablativos—pag. 449, col. 1.ª
De Mija-Velhas—pag. 423, col. 1.ª

—

Foral do bispo D. Hugo, á cidade do Porto—pag. 470. col. 1.ª
Foral novo, do Porto—pag. 269. col 1.ª
Forbes (appellido)—5.º vol., pag. 275, col. 1.ª
Fôrca—6.º vol., pag. 69, col. 2.ª—e 7.º, 306, 2.ª (1714.)
Foi primeiro em *Mija-Velhas*; depois, na Ribeira; e por fim, na Cordoaria (menos a das victimas por *crimes politicos*, que era na Praça Nova.)
Fortalezas e Castellos — da 3.ª divisão militar—pag. 393, col. 1.ª
Freguezia de Cedofeita — (—sua antiga extensão)—5.º vol., pag. 109, col. 2.ª
Freguezia da Sé—6.º vol., pag. 42, col. 1.ª fim.
Frades—Vide *Mosteiros de Frades.*
Freiras—Vide *Mosteiros de Freiras.*
Francisco d'Almada e Mendonça—5.º vol., pag. 300, col. 2.ª—e 6.º vol., 249, 1.ª. fim.
Francisco Guedes d'Azevedo—pag. 485, col. 1.ª
Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca—1.º visconde e 1.º conde de Azevedo—pag. 513, col. 2.ª
Francisco da Rocha Soares — 5.º vol., pag. 275, col. 2.ª
Francisco de Sá e Menezes—1.º conde de Mattosinhos—pag. 508, col. 1.ª
Francisco de Bragança (D.)—pag. 511, pag. 2.ª
Francisco de Sá e Menezes—ou, frei Francisco de Jesus—pag. 306, col. 1.ª—e 508, 2.ª
Francisco Vieira (Vieira Portuense)—pag. 313, col. 1.ª
Fundição de Maçarellos—5.º vol., pag. 122, col. 1.ª
Fundição de Ouro—5.º vol., pag. 9. col. 1.ª
Fundições—Vide *Fábricas de fundição.*

G

Gaia—Vide 2.º vol., pag. 45, col. 1.ª—(*Cale.*)
Gaia—Vide *Villa-Bôa-de-Quires.*
Gaia—3.º vol., pag. 245, col. 2.ª (portuguez antigo.)
Gaia—ou *Villa Nova de Gaia*—3.º vol., pag. 245, col. 2.ª
Gaia—1.º vol., pag. 209, col. 1.ª, fim. (Zahara.)
Galeria de portuenses célebres—e dos individuos mencionados n'este artigo—pag. 508, col. 1.ª principio e seguintes.
Gamellas—6.º vol., pag. 83, col. 1.ª [1]
Garrett—(Visconde d'Almeida Garrett) — pag. 315, col. 1.ª
Gazómetro—pag. 487, col. 2.ª
General Póvoas—pag. 326, col. 2.ª
Gerard Eiffel—(constructor da ponte da 5.ª secção do caminho de ferro do Norte, sobre o Douro, no Porto.)—pag. 484, col. 1.ª—(Vide *Ponte do caminho de ferro, etc.*)
Graça — (Nossa Senhora da) — pag. 304-col. 2.ª
Guarda municipal—pag. 436, col. 2.ª
Guarda nocturna—(Vulgo—*nocturnos*)—Vide *Guarda municipal.*
Guarda real da policia do Porto—Vide *Guarda municipal*—e pag. 436, col. 1.ª, fim.

H

Henrique (D.) infante—pag. 291, col 2.ª, fim.
Hespanhoes no Porto—3.º vol., pag. 248, col. 1.ª, fim—7.º, 318, 1.ª

[1] Durante o cêrco do Porto (1832-1834) formou-se n'esta cidade, um batalhão de voluntarios, aos quaes—pela fórma das suas patronas—lhe dava o povo a alcunha de *Gamellas.*

Historia do Cêrco do Porto (1832-1834) pag. 338, col. 1.ª, e seguintes.
Homem-flauta—pag. 389, col. 2.ª
Homem pesado a prata—5.º vol., pag. 316, col. 1.ª
Homem salgado—pag. 516, col. 2.ª
Homens Carneiros de Vasconcellos—pag. 531, col. 1.ª
Hospedarias—pag. 538, col. 2.ª
Hospicio do Senhor d'Alem—pag. 308, col. 2.ª, fim.
Hospicio dos Carmelitas—em Lórdêllo—pag. 314, col. 1.ª
Hospicio da Cordoaria—pag. 307, col. 1.ª —(1730.)
Hospicio dos Expostos—pag. 308, col. 1.ª

Hospitaes

Do Terço e Caridade—pag. 314, col. 1.ª (1775)
Da Misericordia—2.º vol., pag. 59, col. 2.ª, fim.—5.º, 258, 1.ª—293, 1.ª—314, 1.ª—316, 1.ª—318, 1.ª—e 321, 1.ª—7.º vol., 295, 1.ª—297, 1.ª—299, 1.ª fim—304, 1.ª —313, 1.ª, fim—316, 1.ª—336, 1.ª—379, 1.ª—e 381, 1.ª
Dos Terceiros de S. Francisco—pag. 445, col. 2.ª
Dos Terceiros do Carmo—pag. 308, col. 1.ª (1736.)
De D. Pedro V (militar)—pag. 445, col. 2.ª
Inglez—5.º vol., pag. 280, col. 1.ª—e 7.º
Dos Alienados—2.º vol., pag. 59, col. 1.ª —7.º vol., 447, 1.ª
Da S.S. Trindade—pag. 311, (1755.)
Das Lazaras e Lazaros—pag. 297, col. 1.ª—e 446, 1.ª
Do Espirito Santo—5.º vol. pag. 287, col. 2.ª
Dos Naufragos—pag. 337, col. 2.ª (Vide *Salva-Vidas*—e *Foz* (S. João da.)
Hospitaes—pag. 445, col. 1.ª

I

Infanta, D. Isabel Maria—pag. 424, col. 1.ª
Infante, D. Henrique—filho de D. João I 6.º vol., pag. 59, col 2.ª—e 63, 2.ª—7.º vol., 291, 2.ª, fim. (Vide *Ságres*).
Incendio—Vide *Pavoroso incendio.*
Instituto Industrial—pag. 365, col. 2.ª
Intendencia da marinha—6.º vol., pag. 71, col. 2.ª
Irmandades—Vide *Terceiros.*

J

Jardim Botanico—pag. 444, col. 2.ª
Jardins—Vide *Passeios.*
Jesuitas—pag. 297, col. 2.ª
João XXI—papa—pag. 468, col. 2.ª. principio.
João Esteves da Azambuja (D.)—pag. 468, col. 2.ª
João de Valladares (D.)—pag. 468, col. 2.ª
João Raphael de Mendonça (D.)—pag. 473, col. 2.ª
João de Magalhães e Avellar (D.)—pag. 469, col. 1.ª. principio.
João d'Almada e Mello (D.)—6.º vol., pag. 58, col. 1.ª, nota—e 7.º, 285, 2.ª
João Ferro de Lima—pag. 485, col 1.ª
João Pizarro da Cunha Porto-Carreiro—5.º vol., pag. 271, col. 2.ª
João da Cunha Araujo Coutinho Porto-Carreiro—5.º vol., pag. 271, col. 2.ª —7.º vol., pag. 519, col. 1.ª principio.
João Ramalho—pag. 460, col. 2.ª
João Pedro Ribeiro—(padre)—pag. 312, col. 2.ª
Joaquim Guilherme Gomes Coelho—(Vide—*Julio Diniz.*)
Joaquim de Santa Clara Brandão (D.) —arcebispo d'Evora—pag. 309, col. 1.ª
José Ferreira Pinto Basto—pag. 316, col. 1.ª
José Pereira da Costa Cardoso—5.º vol., pag. 295, col. 2.ª
José de Sousa Rocha—pag, 378, col. 2.ª
José Carlos Lopes Junior—5.º vol., pag. 270, col. 1.ª
Jornal do Porto—(periodico)—6.º vol., pag. 65, col. 1.ª
Jornaes politicos e litterarios—publicados no Porto, desde 1820 até 1877—pag. 384, col. 2.ª
Judiaria—5.º vol., pag. 296, col. 1.ª—e 7.º vol., 502, 2.ª—Vide *Cinuna* (Esnóga ou Sinagoga)—2.º vol., 307, 2.ª

Julio Diniz—pag. 394, col. 1.ª
Junot—pag. 317, col. 2.ª—318, 2.ª
Junta suprema do governo do reino (1808)—pag. 318, col. 2.ª
Junta provisoria do governo do reino (1820)—pag. 320, col. 2.ª
Junta provisoria do governo do reino (1828)—pag. 324, col. 2.ª (É a junta revolucionaria de 16 de maio, que deu resultados tão desastrosos.)
Junta provisoria do governo supremo do reino (1846)—pag. 367, col. 2.ª
Juntina—6.º vol., pag. 48, col. 2.ª

L

Lapa—(egreja de Nossa Senhora da)—pag. 310, col. 1.ª fim.
Lazaras e Lazaros — pag. 297, col. 1.ª (1558.)—(Vide *Gafanha*, no 3.º vol., pag, 244, col. 1.ª—*Gafanhão*, *Gafanhoeira*, e Gafaria, 1.ª e 2.ª col. de pag. 245 do mesmo vol.—Vide tambem, *Porto-Brandão* (Lazarêto) e *Porto-de-Mós*.)
Leites Pereiras de Mello e Alvim—6.º vol., pag. 86, col. 1.ª—e 89, 2.ª—7.º, 467, 2.ª—Vide tambem *Atães*.
Livrarias—Vide *Bibliothecas*.
Lobo, da Reboleira — 6.º vol., pag. 59, col. 2.ª
Luctuosas—4.º vol., pag. 502, col. 1.ª——5.º vol., 104, 2.ª
Luiz de Sousa (D.)—4.º vol., pag. 275, col. 2.ª, principio.—7.º vol., 303, 2.ª—e 509, 1.ª
Luiz Pinto de Sousa Pereira de Menezes—5.º vol., pag. 316, col. 1.ª
Lyceus—pag. 439, col. 1.ª

M

Maçarocas—Vide *Motim das maçarocas*.
Macobria—pag. 308, col. 2.ª
Madre Maria Victoria—pag. 308, col. 2.ª (1737.)
Mananciaes, chafarizes, fontes — pag. 422, col. 1.ª
Manoel Maria da Costa Leite—5.º vol., pag. 270, col. 1.ª
Maria da Fonte (guerra da)—pag. 366, col. 2.ª
Maria Mantella—pag. 515, col. 2.ª
Marinhas de Maçarellos—5.º vol., pag. 8, col. 2.ª
Marquez de Sá da Bandeira—pag. 498, col. 1.ª, fim.
Martyres da patria—pag. 312, col. 1.ª
Masséna—pag. 319, col. 2.ª, principio.
Matadouro publico—pag. 488. col. 2.ª
Melchior—Vide *Belchior*.
Mellos—da Louzan—5.º vol., pag. 273, col. 2.ª
Memorias—Vide *Monumentos*.
Mercados permanentes—pag. 487, col. 2.ª
Mija-Velhas—pag. 423, col. 1.ª
Mina d'azougue—pag. 421, col. 1.ª
Mina de ferro—pag. 421, col. 1.ª
Misericordia—Vide *Hospital da Misericordia*.
Monte dos Judeus—6.º vol., pag. 58, col. 2.ª
Morgados d'Atães—pag. 467, col. 2.ª
Mortandade a bordo do vapor Porto—3.º vol., pag. 222, col. 2.ª fim—e 7.º vol., 371, 2.ª (1852.)
Morticinio de portuenses—6.º vol., pag. 69, col. 1,ª—7.º vol., 316, 1.ª—e 318, 2.ª

Mosteiros de frades

Carmelitas—pag. 302, col. 1.ª
Conegos regrantes de Santo Agostinho (*cruzios*) da Serra do Pilar.—6.º vol., pag. 22, col. 1.ª—e 7.º vol., 297, 1.ª
Conegos de S. João Evangelista (loyos)—do Porto—pag. 293, col. 1.ª
Conegos de S. João Evangelista (loyos)—de Oliveira do Douro—6.º vol., pag. 275, col. 2.ª—e 7.º, 306, 2.ª (1679.)
Congregados de S. Philippe Nery—(de Santo Antonio, da Porta de Carros)—pag. 305, col. 2.ª, principio. (1660.)
Dominicos—(ordem dos prégadores)—pag. 289, col. 2.ª—311, 1.ª—400, 2.ª
Eremitas de Santo Agostinho (gracianos)—vulgo—*Grillos, do Collegio*, a Santa Anna—pag. 297, col. 2.ª
Eremitas de Santo Agostinho (gracianos)—de S. João-Novo—6.º vol., pag. 77, col. 2.ª—7.º vol., 300, 1.ª

Franciscanos—pag. 289, col. 2.ª—292, 1.ª —404, 2.ª
Franciscanos—menores, da provincia da Conceição (antoninhos de Santo Antonio da Cidade)—a S. Lázaro—pag 314, col. 1.ª, fim.
Franciscanos—da provincia da Soledade, ou reformados menores, de São Francisco (antoninhos, de Valle-de-Piedade) —3.º vol., pag. 252, col. 2.ª—7.º vol., —297, 2.ª—354, 2.ª
Monges benedictinos—pag. 301, col. 1.ª [1]
Mosteiros—Vide *Hospicios.*

Mosteiros de freiras

Benedictinas—(S. Bento da Ave Maria)—pag. 295, col. 2.ª
Carmelitas—pag. 306, col. 2.ª—e 407, 2.ª
Dominicas (de Corpus Christi)—em Villa Nova de Gaia—3.º vol., 250, 2.ª—7.º vol., 290, 1.ª
Franciscanas—(de Santa Clara)—á *Porta do Sol*—pag. 292, col. 2.ª
Franciscanas — de Monchique — 5.º vol., pag. 298, col. 1.ª—e 322, 2.ª—7.º vol., 297, 1.ª—e 407, 2.ª
Mosteiros—Vide *Conventos*—pag. 400, col. 2.ª—407, 1.ª—e 407, 2.ª

Monumentos
(memorias)

Da Batalha—pag. 382, col. 2.ª
Do Bolhão—pag. 383, col. 2.ª
Da Praça-Nova—pag. 382, col. 2.ª

Motins

De 1474—(porque Ruy Pereira, senhor da Feira, sendo fidalgo, queria estar no Porto, mais de 3 dias) — 6.º vol., pag. 73, col. 2.ª
De 1628—contra o tributo das *maçarocas* —6.º vol., pag. 76, col. 2.ª — 7.º vol., 303, 1.ª
De 1661—(por causa do *papel sellado*)—pag. 305, col. 2.ª
De 1757—contra a *Companhia dos vinhos* —pag. 312, col. 1.ª—(1757.)
De 1836—*(motim dos marceneiros)* — 6.º vol. pag. 77, col. 1.ª
De 1856=*(motim do pão barato)*—6.º vol. pag. 77, col. 1.ª
De 1875—1876—e 1877—*(Motins do largo da Sé*—pag. 503, col. 1.ª
Motins—Vide *Desordens, Revoltas,* e *Tributos.*

—

Museu Allen—5.º vol., pag. 252, col. 2.ª—7.º vol., 441, 1.ª
Museu de S. Lazaro — (atheneu) — pag. 314, col. 1.ª, fim, e seguinte—e 441, 2.ª
Museu Luso—pag. 441, col. 2.ª
Museus—pag. 441, col. 2.ª
Musicos actuaes — no Porto — pag. 415, col. 2.ª

N

Nascentes

Arcas .....
Campo Grande..
Caváca .....
Liceiras .....
Paranhos .....
Póvoa .....
pag. 422, col. 1.ª e 2.ª

—

Natividade—Vide—*Praça-Nova.*
Naufragio do vapor «Porto» Vide *Morticinio.*
Nevilles—pag. 535, col. 2.ª
Nicolau (São)—(egreja e freguezia)—6.º vol., pag. 41, col. 1.ª e seguintes.
Nicolau de Sousa Monteiro (D.)—6.º vol. pag. 64, col. 1.ª—e 7.º vol., 468, 2.ª
Nocturnos—Vide *Guarda Municipal.*
Noronhas—6.º vol., pag. 95, col. 2.ª
Nossa Senhora de Campanhan—2.º vol., pag. 58, col. 1.ª—e 7.º, 411, 2.ª

[1] O primeiro convento d'esta ordem, foi fundado no *Monte-Cassino* (Italia) na era de Cesar 529 (491 de J. C.)

Tinham obrigação de ensinar primeiras lettras, latim, latinidade, theologia, etc.,—e de cultivar—por suas proprias mãos—as suas terras.

O

Ordens terceiras—pag. 478, col. 1.ª principio.
Orphans de S. Lazaro—pag. 307, col. 1.ª (1722.)
Orphãos—Vide *Graça.*
Orphãos de Campanhan—Vide *Seminarios*

P

Pachecos Pereiras — 6.º vol.. pag. 84,

Paços

Antigo dos reis de Portugal—no Porto —6.º vol., pag. 60, col. 2.ª
Dos Bispos—pag. 284, col. 1.ª—e 472, 1.ª
Do Bom-Successo — 5.º vol., pag. 122, col. 2.ª
Dos Estudos—pag. 366, col. 2.ª
Da Marqueza—6.º vol., pag. 581, col. 1.ª—e 7.º vol., 319, 1.ª—e 390, 1.ª
Da Rua da Arménia—5.º vol., pag. 301, col. 1.ª
Do Senado da Camara municipal—pag. 319, col. 2.ª—e 423, 2.ª

—

Painel das almas da ponte—6.º vol., pag. 69, col. 1.ª

Palacios

Da Batalha—(Pangim)—6.º vol., pag. 570, col. 1.ª—7.º vol., 497, 2.ª fim.
Da Bolsa—pag. 429, col. 2.ª
De Crystal—5.º vol., pag. 122, col. 1.ª—e 7.º vol., 372, 2.ª, principio.
Da Justiça—pag. 489, col. 1.ª
Do governo civil—Vide *Casa Pia.*
Dos marquezes de Monfalim — *(Brandões)*—á Torre da Marca—5.º vol., pag. 122, col. 2.ª
De Pedro Cem—6.º vol., pag. 47. col. 2,ª
Do rei — (Carrancas) — 5.º vol., pag. 263. col. 1.ª
De São João-Novo—(Mellos e Alvins)—6.º vol., pag. 86, col. 1.ª
Todos os mais palacios não especificados n'este indice—veja-se a pag. 496, col. 2.ª— PALACIOS E QUINTAS, NO PORTO.

—

Pantaleão (São) — patrono da cidade do Porto—pag. 294, col. 1.ª, fim.
(Vêr o que digo, n'este indice, na nota da *Sé Cathedral.*)
Pantaleão da Cruz—vol. 6.º, pag. 59, col. 2.ª
Paredão das Virtudes—5.º vol., pag. 300, col. 1.ª
Parto de quatro creanças—pag. 306, col. 2.ª, fim.

Passeios publicos

Da Cordoaria — pag. 312, col. 1.ª—e pag. 443, 1.ª

—

Patacão—6.º vol., pag. 505, col. 2.ª, e 506, 1.ª
Pataco—6.º vol., pag. 505, col. 2.ª—e 506, 1.ª [1]
Patriotismo dos portuenses—3.º vol., pag. 248, col. 1.ª—7.º vol., 458, 1.ª, fim, e seguintes. Vide *Tripeiros.*
Patuleia (guerra da)—pag. 366, col. 2.ª
Paulo d'Azevedo (frei)—pag. 299, col. 2.ª
Pavoroso incendio — em Villa Nova de Gaia—pag. 538, col. 2.ª
Pedro (D.)—depois rei, 1.º do nome—prende o bispo do Porto, D. Pedro Affonso, que não quiz levantar a excommunhão ao pae do infante (D. Affonso IV)—pag. 392, col. 1.ª. fim.
Pedro (D.) I, rei—quer chicotar o bispo, D. Egidio, accusado de adulterio—pag. 290, col. 1.ª (1360.)
Pedro Cem—Pedro Sem, ou Pedro d'Ossem—5.º vol., pag. 122, col. 2.ª—6.º vol., 46, 2.ª
Pelourinho — 5.º vol., pag. 266, col. 1.ª principio.
Pepino—Vide *Botequim do Pepino.*

[1] Durante o cêrco do Porto (1832 a 1834) formou-se n'esta cidade, um corpo de voluntarios, que, por ganhar 40 réis diarios, cada soldado, o povo lhe deu o titulo de *Batalhão do pataco.*

Periodicos—(politicos, burlescos, e litterarios) que tem havido no Porto, desde 1820, até 1877—pag. 384, col 2.ª
Pésca—pag. 420, col. 2.ª
Pharmacia da Misericordia — 5.º vol., pag. 258, col. 1.ª
Philippa d'Alencastre (D.)—mulher de D. João I—6.º vol., pag. 72, col. 1.ª—7.º vol., 290, 2.ª—e 490, 2.ª
Pilar (Serra do)—ataques á sua fortaleza —pag. 351, col. 1.ª—pag. 352, col. 1.ª—352, 2.ª—e 380, 2.ª
Pintos da Cunha Saavedra — do *Caes-Novo*—pag. 532, col. 3.ª
Policia—Vide *Guarda Municipal*, pag. 492, col. 2.ª
Policia Civil—pag. 492, col. 2.ª
Ponte de barcas, sobre o Douro — no Porto—3.º vol., pag. 249, col. 1.ª, principio—6.º vol., 68, 1.ª—7.º vol., 316, 1.ª
Ponte do caminho de ferro, sobre o Douro—no Porto—pag. 421, col. 1.ª—e 484, 1.ª
Ponte metalica, sobre o Douro—no Porto—pag. 484, col, 1.ª
Ponte pensil, sobre o Douro—no Porto —6.º vol., pag. 66, col. 2.ª—e 7.º vol., 316, 2.ª
Pontes sobre o Douro — em frente do Porto—pag. 484, col. 1.ª
Pontos no rio Douro—6.º vol., pag. 198, col. 2.ª
Porta de Carros—pag. 286, col. 1.ª
Porta do Carvalho—(Porta do Sol)—pag. 285, col. 2.ª
Porta Nova—e sua capella—5.º vol., pag. 317, col. 1.ª—7.º, 286, 2.ª fim.
Porta do Olival, e a entrada de D. Philippa (mulher de D. João I) na cidade do Porto—pag, 490, col. 2.ª
Porta da Ribeira—Vide *Capella de Nossa Senhora do Ó.*

Para as mais portas da cidade—Vide—*Cêrca de D. Gonçalo Pereira*, a pag. 284, col. 2.ª—*Cêrca de D. Affonso IV, de D. Pedro I, e de D. Fernando* I, a pag. 285, col. 1.ª

Porto artificial—ao S. da barra do Porto —pag. 419, col. 2.ª
Portuenses célebres—pag. 508, col. 1.ª, principio, e seguintes.
Postigo da fôrca—6.º vol., pag. 69, col 2.ª
Postigo do pelourinho—6.º vol., pag. 69, col. 2.ª

Para os mais postigos, vide as cêrcas, a pag. 284, col. 2.ª seguintes.

Póvoas (general) pag. 326, col. 2.ª
Praça Nova das Hortas—(hoje *Praça de D. Pedro*)—pag. 490, col. 1.ª
Praça do Anjo—pag. 306, col. 1.ª—e pag. 487, 2.ª
Praça do Bolhão—pag. 488, col. 1.ª
Praça do Peixe—5.º vol., pag. 280, col. 2.ª—Vide *Feiras*, a pag. 299, 1.ª—e *Mercados permanentes*—a pag. 487, 2.ª
Praça de touros, da Aguardente—pag. 489, col. 2.ª
Praça de touros, da Bôa-Vista — pag. 489, col. 2.ª
Primeiro theatro lyrico, do Porto—pag. 395, col. 2.ª
Prisões—Vide *Aljube, Calabouço do Carmo, Relação*—e pag. 447, col. 2.ª
Privilegios concedidos, por differentes monarchas á cidade do Porto—pag. 455, col. 2.ª, principio, e seguintes.

Procissões

Do Carmo—pag. 482, col. 2.ª
Da Cinza—pag. 483, col. 1.ª
De Corpus Christi—pag. 483, col. 1.ª
De Nossa Senhora do Terço e Caridade—pag. 483, col. 1.ª
Da S.S. Trindade—5.º vol., pag. 281, col. 2.ª, no fim—e 7.º vol., 312, 1.ª
Procissões no Porto—pag. 482, col. 2.ª

—

Proto-medicato—pag. 316, col. 1.ª

Q

Quadrupla alliança—pag. 364, col. 2.ª

Quarteis militares

De caçadores n.º 9 — pag. 436, col. 1.ª (Vide, a pag. 301, 1.ª—*Mosteiro de Monges benedictinos.*)

Da guarda municipal—pag. 436, col. 1.ª
De Santo Ovidio—pag. 435, col. 2.ª
Da Torre da Marca—5.º vol., pag. 252, col. 1.ª—7.º vol., 435, 2.ª
Quartel-general—no edificio do governo-civil—Vide *Casa-Pia.*

Quintas

Do bispo—pag. 501, col. 2.ª
Do Bom-Sucesso — (Vide *Bom-Sucesso,* quinta do)
Da China—pag. 502, col. 1.ª, principio.
Do Cyrne—pag. 500, col. 1.ª
Dos condes de Rezende—(tambem chamada — *quinta do Figueirôa,* ou *quinta do Pamplona*)—pag. 499, col. 2.ª [1]
Da Pena—5.º vol., pag. 122, col. 2.ª
De Santo Antonio da Bôa-Vista—(ou das Aguas-ferreas)—pag. 501, 1.ª
Das Virtudes—5.º vol., pag. 262, col. 2.ª—277, 1.ª, fim—e 314, 1.ª
Da viuva Forbes—pag. 500. col. 2.ª
Quintas—Vide *Palacios* e *Quintas.*

R

Rail-Road—5.º vol., pag. 123, col. 1.ª—7.º vol., 444, 2.ª
Rapazes vádios—Vide *Aljube.*
Rata (fonte da)—5.º vol., pag. 304, col. 1.ª
Real do vinho—pag. 366, col. 1.ª

Recolhimentos

Do Anjo da Guarda—pag. 306, col. 1.ª—
Do Camarão—(Velhas)—pag. 319, col. 2.ª, fim.
Do Ferro—pag. 313, col. 1.ª
Das orphans de S. Lazaro — pag. 307, col. 1.ª—(1722.)
Do Postigo do Sol—(*Nossa Senhora das Dores e S. José*)—pag. 319, col. 1.ª
Recolhimentos—pag. 436, col. 2.ª

—

Relação—pag. 299, col. 1.ª—304, 1.ª (1647) —e 447, 2.ª
Rendimento da alfandega—desde 1870, até 1875—pag. 401, col. 1.ª
Restauração (rua da)—pag. 319, col. 2.ª

Revoltas

De 1474—6.º vol., pag. 73, col. 2.ª
De 1628 — 6.º vol., pag. 76, col. 2.ª — 7.º vol., 303, 1.ª
De 1661—pag. 305, col. 2.ª
De 1757—pag. 312, col. 1.ª (1757.)
De 1808—pag. 318, col. 2.ª
De 1820—pag. 320, col. 2.ª
De 1828—pag. 324, col. 2.ª
De 1836—6.º vol., pag. 77, col. 1.ª
De 1846—pag. 366, col. 2.ª
De 1856—6.º vol. pag. 77, col. 1.ª
Vide *Desordens, Motins,* e *Tributos.*

—

Ribeirinho (fonte do) — Vide *Fonte dos Ablativos.*
Rio-Frio—6.º vol., pag. 63 e 70, col. 1.ª
Rio da Villa — 6.º vol., pag. 63, col. 1.ª, principio—e 70, 1.ª
Rocha Soares—(*Francisco da Rocha Soares*)—5.º vol., pag. 275, col. 2.ª
Roda dos Expostos—5.º vol., pag. 308, col. 1.ª—e 7.º vol. 299, col. 2.ª (1590)—e 306, 2.ª (1685)—e 414, 2.ª
Roberto Guilherme Woodhouse — pag. 512, col. 2.ª
Rodrigo Pinheiro (D.)—pag. 298, col. 1.ª

Ruas

De Christéllo—5.º vol., pag. 121, col. 2.ª
De D. Miguel I — Vide *Restauração* (*rua da.*)
Nova da Alfandega — 5.º vol., pag. 297, col. 2.ª—6.º vol., 41, 2.ª—e 58, 2.ª
Nova de S. João — 6.º vol., pag. 58, col. 1.ª—7.º vol., 291, 1.ª
Nova de S. Nicolau — (depois, *Rua Formosa,* e hoje, *Rua dos Inglezes*)—6.º vol., pag. 57, col. 2.ª
Das Taipas—pag. 489, col. 2.ª
Ruas da freguezia de S. Nicolau — 6.º vol., pag. 57, col. 2.ª

[1] Esta propriedade, foi vinculada por o Dr. João Carneiro de Moraes, chanceller-mór do reino. Vide a pag. 527, col. 2.ª, no principio.

Ruas Novas, abertas em 1877 — pag. 388, col. 2.ª
Ruas, travessas, bécos, calçadas, largos, praças, alamédas, caes, viellas, e passeios, em 1877—pag. 389, col. 1.ª

S

Salinas de Maçarellos—Vid *Marinhas.*
Salva-Vidas—3.º vol., pag. 222, col. 2.ª—7.º vol., pag. 337, col. 2.ª
Salvo-conducto—que Abd-el-Assis-Aben-Mahomet, senhor (mouro) do Porto, deu ao mosteiro da Cedofeita, em 755—5.º vol., pag. 106, col. 2.ª
Sé Cathedral — pag. 289, col. 1.ª—e 463, 1.ª [1]
Seminario diocesano—pag. 297, col. 2.ª (1560)—e 298, 2.ª (1577.)
Seminario dos meninos orphãos—do logar do Pinheiro, freguezia de Campanhan —2.º vol., pag. 60, col. 2.ª
Senhor d'Alem—pag. 308, col. 2.ª (1738.)
Senhor da Saude—5.º vol., pag. 317, col. 2.ª
Senhora da Misericordia—6.º vol., pag. 69, col. 2.ª
Sentenças da Alçada—pag. 330, col. 2.ª
Solignac — 1.º vol., pag. 78, col. 2.ª—7.º, 355, 2.ª [2]

Sortidas feitas pelos liberaes, durante o cêrco

A Villa Nova de Gaia—pag. 351, col. 1.ª
A Ramalde e Paranhos—pag. 354, col. 1.ª
Ao Candal, Villa Nova de Gaia, e Valle de Piedade—pag. 354, col. 1.ª
A Lórdêllo, e Nevogilde — pag. 356, col. 1.ª
Ao Cabedêllo—pag. 356, col. 2.ª, fim.
Ao Covêllo—pag. 357, col. 1.ª
Soult—(general francez)—3.º vol., pag. 249, col. 1.ª—7.º, 318, 2.ª
Surdos-mudos—pag. 423, col. 2.ª

T

Taipas—Vide *Rua das Taipas.*
Taranco—(general castelhano)—pag. 318, col. 1.ª
Templos protestantes—pag. 423, col. 2.ª

Temporaes

De 28 de dezembro de 1727—pag. 307, col. 1.ª
De novembro de 1875—pag. 484, col. 1.ª
De novembro e de 1876, e janeiro de 1877—pag. 381, col. 1.ª, no fim, e seguinte, e 484, 2.ª
Temporaes—Vide *Cheias.*

Terceiros, ou irmandades

Dê S. Francisco—pag. 303, col. 2.ª—478, 1.ª
Dos Clerigos—pag. 307, col. 2.ª (1732.)
Do Carmo—pag. 308, col. 1.ª (1736.)
Da S.S. Trindade — pag. 311, col. 1.ª (1755.)
Do Terço e Caridade—pag. 314, col. 1.ª

—

Távoras, de Campo-Bello—6.º vol., pag. 95, col. 1.ª
Terramoto—pag. 212, col. 2.ª
Theatro lyrico—(o primeiro) do Porto—pag. 395, col. 2.ª
Theatros—pag. 396, col. 1.ª
Thomaz d'Almeida (D.)—pag. 468, col. 2.ª
Thomaz Antonio Gonzaga — pag. 309, col. 2.ª
Titulares com residencia permanente no Porto em 1877—pag. 492, col. 2.ª
Torre dos Clerigos—pag. 307, col. 2.ª
Torre da Marca—pag. 296, col. 2.ª (1530.)
Torre de Pedro-Cem—5.º vol., pag. 122, col. 2.ª
Tribunal do commercio—pag. 426, col. 2.ª
Tribunal da relação—pag. 299, col. 1.ª—304, 1.ª (1647)—e 447, 2.ª

[1] A pag. 294, col. 1.ª, no fim, disse (por que assim o vi escripto) que o corpo de São Pantaleão foi para a Sé, a 12 de novembro de 1453. É êrro. Foi a 12 de dezembro, de 1499.

[2] Por causa da rapidez da revisão, escapou o nome d'este *heroe*, escripto com P *(Polignac)* quando devia ser *Solignac.*

Tributos

Das maçarocas—pag. 303, col. 1.ª
Do papel sellado—pag. 305, col. 2.ª
Segundo os foraes—pag. 452, col. 1.ª

—

Tripeiros—pag. 292, col. 1.ª
Tumultos á porta da Sé—pag. 503, col. 1.ª
Tumultos—Vide *Desordens, Motins, Revoltas, e Tributos.*
Tunnell do caminho de ferro—em Gaia—3.º vol., 253, col. 1.ª, e 2.ª—7.º vol., 483, 2.ª

V

Vapor Porto—(o seu naufragio)—Vide *Mortandade.*
Velhas do Camarão—pag. 219, col. 2.ª, fim.
Velhas da Cordoaria—pag. 294, col. 2.ª
Vice-consules estrangeiros—pag. 435, col. 1.ª
Vieira Portuense—(pintor)—pag. 313, col. 1.ª
Viella da Neta—pag. 388, col. 2.ª
Vinhos destruidos, no fim do cêrco—pag. 360, col. 2.ª
Virtudes—Vide *Fonte das—Paredão das—Passeio das—Quinta das—*
Visconde d'Almeida Garrett—5.º vol., pag. 277, col. 1.ª—7.º vol, 315, 1.ª
Visconde de Macedo Pinto—5.º vol., pag. 269, col. 1.ª
Visconde de Villarinho de São Romão—5.º vol., pag. 267, col. 2.ª

W

Wanzeller—pag. 538, col. 1.ª
Wellesley—pag. 319, col. 1.ª
Wellington—Vide *Wellesley.*

Z

Zahara—(Gaia-moura)—1.º vol., pag. 209, col. 1.ª, fim.

PORTO (Nossa Senhora do)—É um devoto templosinho, fóra da villa de Gouveia (B. B.) e na margem do rio *Mil*. Deu-se-lhe a invocação de *Nossa Senhora do Porto*, por ser edificado no sitio chamado o *Porto*, onde se passa este rio, em uma barca, de uma para a outra margem.

Este rio é bastante caudaloso no inverno, e a sua passagem offerece bastante perigo.

É templo tão antigo, que se ignora a data da sua fundação, e o nome do seu fundador.

É muito frequentado pelos habitantes da villa de Gouveia, e das povoações circumvisinhas. A sua festa, faz-se a 5 d'agosto—dia de Nossa Senhora das Neves—havendo então uma grande e concorridissima romaria.

—

PORTO (Nossa Senhora do) ou NOSSA SENHORA DO PORTO D'AVE—M.—Vasta e magnica egreja, elevada a cathegoria de CAPELLA-REAL, em 1873.

É no districto da freguezia de S. Miguel de Tahide, concelho da Póvoa de Lanhoso, a 15 kilometros ao N.E. de Braga, 50 ao N. do Porto, e 12 ao O. de Guimarães.

—

Este magestoso templo, está edificado na vertente de um formoso monte, com extensas e formosas vistas, que abrangem até ao Oceano, e tendo ao sopé uma extensa e fertil veiga, regada pelo rio *Ave*, em cujas margens, fica o Santuario, que é o mais célebre das provincias do norte, depois do *Bom Jesus do Monte*, em Braga.

Junto da egreja, ha varias casas e bonitas capellas, que lhe pertencem, assombradas de frondoso arvoredo.

Eis a origem d'este Santuario:

Em 1730, o padre visitador, examinando a egreja matriz da freguezia de S. Miguel de Tahide, viu na sachristia uma antiga imagem de Nossa Senhora do Rosario, em muito máu estado, e a mandou enterrar em sagrado, como é de costume, quando as santas imagens são disformes, ou estão damnificadas pelo tempo.

Francisco de Magalhães Machado, proprietario e mestre de primeiras lettras, da freguezia, e muito devoto da S.S. Virgem, pediu a imagem, e, sendo-lhe concedida, a levou para sua casa, onde a tinha com a maior decencia e devoção.

Diz a lenda, que, pouco tempo depois de estar a imagem em casa do Machado, hindo elle uma manhan fazer-lhe a oração matinal do costume, achou a perfeitissimamente encarnada, pintada e dourada, sem saber como, quando, nem por quem. Machado e outras pessoas, declararam, debaixo de juramento, que não mandaram fazer semelhante obra, nem sabiam quem, nem quando havia sido feita. Este documento (a declaração jurada) existe na camara ecclesiastica de Braga.

Tinha Machado a imagem em uma edicula, que adornava com as mais bonitas flores que podia haver,—estava no sitio da fonte que se vê ao lado da egreja, e alli levava todos os dias, Machado, os seus pequenos discipulos, a rogarem á Senhora que lhes desse intelligencia, bôa memoria, e todas as graças que costuma conceder aos seus protegidos, que são todos os que recorrem ao seu patrocinio valioso; de módo que as creanças, desde os seus verdes annos, se costumavam á devoção da SS. Virgem.

Alguns d'elles, cresceram, e foram homens; e como a patria lhes não promettia tão risonho futuro, como a America, foram procurar fortuna ás terras de Santa Cruz; mas, nem a 2:000 leguas de distancia perderam a devoção á Virgem da edicula, e principiaram a mandar-lhe uma parte do fructo das suas economias, para que ella lhes augmentasse a fortuna.

Em 1736, já havia uma bôa porção de dinheiro, vindo do Brasil, apezar de se ter gasto algum na conservação e adornos da ermidinha. Então projectou-se a construcção de um templo digno da Rainha dos Ceus, e se deu logo principio á obra, trabalhando-se com tanto fervor, que já em 1740 foi levada a santa imagem, com grande regosijo e sumptuosidade, para o formoso altar que lhe era destinado, na sua nova capella.

As promessas e offertas augmentavam progressivamente; e o arcebispo de Braga tomou posse do templo, para melhoral'o, em 1744.

Foi desde então, que, os prelados bracharenses, qual d'elles mais devotos de Nossa Senhora do Porto d'Ave, [1] deram grande desenvolvimento ás obras do Sanctuario.

Logo pouco tempo depois de 1744, lhe mandaram construir um edificio octógono, com um bello zimborio; capella-mór, com um formosissimo e rico altar de talha, primorosamente esculpido e dourado. Fez-se tambem uma vasta sachristia, cujo tecto se enriqueceu de bellas pinturas, a òleo, representando a SS. Virgem, cercada de formosos ornatos.

Construiu-se um camarim, ou sala, que ainda não está ornamentado.

Na egreja ha dois bons orgãos, guarnecidos de talha, e unidos ao córo, um de cada lado; (os francezes os despedaçaram em 20 de março de 1809, mas foram concertados, depois da expulsão d'estes vandalos do seculo XIX) e dois bellos pulpitos, adornados das tres *virtudes theologaes*, e de tres das *cardeaes*.

As paredes interiores do templo, estão revestidas de bellos asulejos, e a abobada é *apainelada*, contendo cada quadro uma pintura a óleo, e todos a *figuração* da ladainha.

No octógono, ha dois bellos altares—um do S.S. Sacramento, e outro de Santa Anna.

A fachada da egreja é ladeada por duas elegantes torres, com seus competentes sinós.

Da egreja até ao tópe da collina, ha um amplo *escadório*, ladeado por oito formosas capellinhas, no gôsto das do Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

A pouca distancia da egreja, ha um edificio, que foi recolhimento de beátas, de S. Francisco, as quaes se occupavam em ensinar meninas pobres, gratuitamente. Eram umas pobres devotas, que nos rudimentos da doutrina christan, nas prendas mulheris, em primeiras lettras e nos deveres de uma mulher catholica, educavam essas pobres creanças, que alli achavam a instrucção e os exemplos de virtude. Não era mosteiro, mas recolhimento de bôas donas e santas recolhidas; porém, como não era theatro, club, ou casa de jogo, foi abandonado, por falta de rendas e da protecção dos governos.

—

Capellas

No terreiro central, ha uma capella, ou oratorio, quadrada, sustentada por arcos, que engenhosamente divide trez lanços do monumental escadório. É decorada, a capella, com jarrões, e seis estatuas de granito, representando—David, Santa Anna, a S.S. Virgem, S. Gabriel, S. Zacharias, e S. Semião. No oratorio, está a imagem de J. C. crucificado, tendo despregado da cruz, o braço direito, e com elle abraça o patriarcha, S. Francisco.

As primeiras duas capellas, que depois se vêem—subindo o escadório—teem as seguintes inscripções:

A do lado direito, diz:

UNDE HOC MIHI
UT VENIAT MATER DOMINI MEI
AD ME?
LUC.
1.

—

A da esquerda, diz:

ECCE
ANCILA DOMINI, FIAT MIHI
SECUNDUM VERBUM
TUUM
S. C.
1.

—

Na rectaguarda da capella, acima do terreiro, uma bonita fonte, tem esta inscripção:

DEVIDA AOS GENEROSOS SERVIÇOS,
PRÊSTADOS NO RIO DE JANEIRO,
EM FAVOR D'ESTE SANCTUARIO,
PELO EX.mo COMMENDADOR,
JOÃO FERNANDES DE MATTOS,
DA FREGUEZIA DE AROSA.

—

[1] Desde que se construiu a capella primittiva (a 2.ª que já merecia este nome, visto que a 1.ª, não era mais que uma especie de nicho) perdeu a Senhora a sua invocação *do Rosario*, tomando o do logar onde se edificou o templo.

A 3.ª capella, tem esta inscripção:

POST. CONSUMMATI SUNT
DIES OCTO UT CIRCUMCIDERETUR PUER
VOCATUS EST NOMEN EJUS,
JESUS.
LUC.
C. 9.

—

A capella 4.ª—do lado direito, tem a inscripção:

INVENE—
RUNT MARIA
& JOSEPH & INFANTEM POSITUM
IN PRAESEPIO.
LUC. C. 9.

—

Inscripção da 5.ª capella:

INVENE—
RUNT PUER
CUM MARIA MATER EJUS
& PROCIDENTES ADURAVIT EUM.

—

A da 6.ª é:

TULERUNT
ILLUM JERUSALEM
UT SISTERENT EUM DOMINO.
LUC.
11.
22.

—

A da 7.ª, é:

ACCEPIT
PUERUM ET MATREM EJUS
NOCTI ET SECESSIT IN
AEGYPTUM.
MATH. 11., v. 14.

—

A da 8.ª, diz:

INVENERUNT
PUER IN TEMPLO, IN
MEDIO DOCTORUM, AUDI—
ENTE ILLOS & INTER—
ROGANTE EOS.
S. LUCAS
C. 2.º

—

Do *terreiro do fogo*, para o N., se avista, a través de copado arvorêdo, e vinhas, o elevado pico, denominado *serra do Pilar*, junto á Póvoa de Lanhoso.

(Fica quasi fronteiro ao alto monte de Nossa Senhora da Graça, em Celorico de Basto.)

A primeira capella, representa a *Annunciação*. O Padre-Eterno, que esta no centro, é uma estátua magestosa.

A segunda, representa a *Visitação*. Vêem-se as imagens da S.S. Virgem, e Santa Isabel, abraçando-se, e quatro anjos, dois tocando e dois em acção de cantar.

A terceira, representa o *Nascimento de J. C.* É um formosissimo persepe.

A quarta, representa a *Circumcisão*.

A quinta, representa a adoração dos *reis Magos*.

A sexta, representa a *Apresentação de J. C., no templo*.

A setima, representa, a *fugida para o Egypto*.

A oitava, representa *J. C. entre os doutores*.

Todas as figuras d'estas oito capellas, são de madeira, de tamanho natural, e admira-se a perfeição com que foram pintadas e douradas.

Não se sabe por quantos esculptores foram feitas tantas imagens e figuras, que constituem estas scenas do Novo Testamento: o que se sabe, porque se vê, é um constante e contínuo anachronismo nos trajes, que, na maior parte, são como se usavam no tempo dos artistas que as esculpiram.

—

Os edificios contiguos ao templo, servem de aposento aos numerosos romeiros, nos dias de festa.

Uma casa apalaçada, na avenida S., foi construida para collegio de instrucção primaria e secundaria, que foi regida pelo sr. dr. Valentim, natural de Guimarães. Sendo este cavalheiro nomeado delegado do procurador-regio, acabou o collegio.

Nas esquinas d'esta casa, se vêem esculpidos os brazões d'armas dos differentes arcebispos de Braga, que mandaram fazer obras n'este Sanctuario, e suas dependencias.

Quasi em frente, está outra casa, que serve para o quartel da tropa, que vem fazer a policia da romaria.

—

O terreno em que está construido o Sanctuario e as suas dependencias, é bastante

accidentado, e tem crescidos olivaes em redor.

Ao lado das escadas (ao fundo) está um bonito jardim, que fica entre duas escadarias, tendo no centro um repucho perenne.

Ha tambem aqui uma soffrivel hospedaria, construida em 1875.

—

Antes de subir as primeiras escadas do Sanctuario, e não longe do templo, está uma fonte perenne, de optima agua.

Tem esta inscripção, sobre a bica:

1864

ESTA FONTE E ESTRADA, SÃO DEVIDAS
Á PIEDADE E GENEROSA DEVOÇÃO,
DO ILL.mo SR. JOSÉ JOAQUIM GONÇALVES,
DA FREGUEZIA DE S. BARTHOLOMEU,
E DE SUA EX.ma ESPOSA.

Na segunda fonte, não ha inscripção: tem um leão de granito, a deitar agua em uma taça da mesma materia.

Sobre esta fonte, ha um pequeno jardim com um repucho.

Seguem para cima as escadarias. Da esquerda, ha uma fonte, onde se vê uma serpente de granito, a deitar agua; assim como a figura do sol, da bôca da qual, tambem sáe agua, para uma pia.

A pouca distancia do templo, está a casa de habitação de um proprietario, cognominado *capitão da Senhora do Porto*.

Perto d'esta casa, e nos arredores da egreja, ha mais granjas e casas de campo de differentes individuos.

—

A egreja é vasta, e bastante elevada, mas nota-se-lhe falta de luz, como nos templos antigos.

Tem altar-mór e quatro lateraes: estes tem, Santo Antonio, e Santo Affonso de Ligorio; Nossa Senhora do Alivio, e o SS. Coração de Maria; Nossa Senhora com o Medino; e o SS. Sacramento.

Do altar-mór, já fallei.

—

Depois da romaria do Bom Jesus do Monte, é esta (que se faz a 8 de setembro) a mais devota e concrioda do Minho: frazendo se aqui as festividades com a maior magnificencia.

—

Este Sanctuario, tem um capellão privativo, com residencia propria. O actual capellão, o reverendissimo sr. Caetano José da Cruz Barros, é um clerigo exemplar, muito devoto da Senhora, e zelosissimo no cumprimento dos seus deveres. A elle se deve o grande aceio em que está o templo, e muitos e valiosos melhoramentos.

Para afervorar a devoção dos povos, o sr. Barros, auxiliado por uma commissão, instituida no tempo da gerencia do seu antecessor—o padre Joaquim Baptista Vieira, fallecido ha annos—foi o que tentou e levou a effeito á construcção da hospedaria, estabelecimento que se tornava aqui de urgente necessidade.

Alem da bôa vontade do zeloso capellão, devo citar aqui os nomes dos benemeritos cavalheiros, que generosamente o secundaram, para a conclusão d'esta obra; são os srs.— commendador, João Fernandes de Mattos, natural da freguezia d'Arosa, residente no Brasil—Seraphim José Gonçalves Bastos (irmão do digno capellão) e sua sogra, a sr.a D. Leonor Maria da Costa Coutinho, ambos residentes na cidade de Rézende, do mesmo imperio. [1]—João Antonio de Mattos, natural da freguezia de Brunhaes (ou Abrunhaes)—Francisco José da Cruz, da mesma freguezia—Antonio Joaquim da Cruz, da freguezia de Fonte-Arcada, e outros.

Tambem os lavradores das freguezias de Tahide e circumvisinhas, teem prestado grandes serviços ao Sanctuario, já dando madeiras, já fazendo gratuitamente a conducção d'ellas, da pedra e dos outros materias necessarios.

—

O mesmo benemerito capellão, vendo que as figuras das capellas se achavam muito deterioradas, expôz a necessidade da sua restauração, a alguns seus amigos e parentes.

[1] É d'esta cidade que era marquez, o fallecido tio do sr. marquez de Penalva. Vide *Penalva*.

Entre elles, foi o sr. Bernardino José da Cruz, negociante, da cidade de Braga, o qual e sua digna esposa, se offereceram logo para pagarem todas as despezas com a pintura e douramento das figuras da capella da fugida de Nossa Senhora, pará o Egypto; e pediram aos seus amigos para se encarregarem do pagamento das despezas, para a renovação de outras.

Com effeito, o sr. commendador, Fulgencio José da Costa Guimarães, residente em Braga, encarregou-se do pagamento de toda a despeza, para a restauração da primeira capella (a da Annunciação) que incumbiu ao habil artista, o sr. Joaquim da Rocha. Tambem á sua custa, mandou reformar as imagens do oratorio, sobranceiro ao terreiro do centro. Este trabalho, foi por elle encarregado ao insigne artista, o sr. João Firmino Soares, bem conhecido na cidade de Braga, pelo primor das suas obras, n'este genero. [1]

Ainda aos desvelos do sr. capellão e do seu proximo parente, o referido sr. Bernardino José da Cruz, se deve a restauração das outras capellas, sollicitando de muitas almas piedosas, os sufficientes donativos para estas obras.

Tambem o sr. Gonçalves Bastos (irmão do capellão) e sua sogra, de que já fallei, mandaram restaurar á sua custa as duas capellas—da Visitação, e do Nascimento de J. C.

As figuras das trez capellas restantes, foram mandadas restaurar pelos sr. Bernardino Caetano d'Oliveira, natural de Refojos de Basto—Antonio Bernardino Pinto de Madureira—Gaspar José da Cunha—João Marcos d'Araujo Ribeiro—e Manoel Joaquim de Castro Loureiro, da cidade de Braga—e Antonio Joaquim da Costa, da quinta das Caldas das Taipas.

[1] É bem empregada a grande riqueza que Deus concedeu ao sr. Costa Guimarães, pelo optimo uso que d'ella faz. Tem feito valiosissimos donativos a differentes Sanctuarios; e a sua caridade é inexgotavel, em beneficio d'aquelles a quem a fortuna não favoreceu. O Todo Poderoso o premiará no outro mundo, de quantos beneficios tem feito n'este.

O sr. José Joaquim Gonçalves, natural da freguezia de S. Bartholomeu da Esperança, residente na cidade do Porto, tambem por muitas vezes tem contribuido com generosos donativos, para o progresso das obras d'este Sanctuario.

Alem das duas capellas mandadas renovar pelo sr. Fulgencio, todas as mais foram restauradas pelo habilissimo artista, de Braga, o sr. Joaquim do Nascimento Borges.

Na romaria de 1875, admirou se a nova capella do Nascimento da S.S. Virgem, capella que era há muito desejada pelos devotos da Senhora.

Fica proxima do templo.

Todas as figuras foram feitas em 1874, pelo insigne esculptor bracarense, o sr. José Alves Loroto; e, em 1875, pintadas pelo já referido pintor, o sr. João Firmino Soares, da mesma cidade.

—

No dia 26 de agosto de 1875, se realisou a inauguração da estrada, da Póvoa de Lanhoso, ao formoso logar do real Sanctuario da Senhora do Porto d'Ave.

Foi um dia de grande regosijo para os povos d'estas terras.

Nos trez dias de festa (6, 7 e 8 de setembro) costuma haver combois do caminho de ferro do Porto a Braga, a prêços reduzidos. Desde que se construiu esta linha ferrea, a concorrencia dos romeiros ao Porto d'Ave, tem augmentado prodigiosamente.

PORTO (S. João do)—Vide *Porto de Mós.*

PORTO (S. Martinho do)—Já tratei d'esta freguezia, no 5.º vol., a pag. 113, col. 2.ª—porém como depois d'isso ha mais que dizer, o ponho n'este logar.

São Martinho do Porto, é uma das povoações mais lindas e bem situadas da Extremadura, collocada na encosta de uma collina, ficando-lhe ao supé, a bahia, ou *porto*, que lhe deu o nome. As suas ruas, ainda que poucas, são de um extremo aceio, e as casas que as orlam, alvas de neve.

O extenso caes que fica ao norte da bahia, é o passeio favorito dos banhistas, que concorrem aqui, tanto portuguezes como hespanhoes.

Do alto do monte onde está a capella de

Santo Antonio, se avista uma grande extensão do oceano atlantico, e os ilheus das Berlengas. Á esquerda, se vê a bahia e a bonita povoação de S. Martinho, e mais ao longe, os feracissimos e formosos campos de Alfeizerão e Valle de Maceiras, cortados em grande parte pela estrada real, orlada de frondoso arvoredo (freixos, choupos e salgueiros) que fórma uma deliciosa abobada de verdura.

Fica proxima a bella quinta da Malasia, do sr. Antonio Coelho. As casas d'esta quinta estão no alto de uma collina, em sitio pittoresco, cercado de pequenos montes, em grande parte cultivados, e luxuriantes de vegetação, lembrando os formosos campos do Minho. Ao fundo corre uma pequena ribeira, que faz o sitio ainda mais ameno e agradavel.

—

Em 10 de março de 1876, o mar, sahindo fóra do seu leito, inundou a maior parte das casas da praia. Foi uma maré, como não ha memoria d'outra egual.

O mesmo aconteceu, n'esse mesmo dia, na costa de S. Jacintho, em Aveiro, e em outros logares do nosso litoral.

Em outubro do mesmo anno de 1876, falleceu em S. Martinho, o commendador José Bento da Silva, natural d'esta villa, que, por muitos annos havia residido no Pará—Brasil.

Deixou importantes legados, sendo os principaes—100$000 réis para serem distribuidos, com egualdade, por 100 pobres da freguezia—200$000 réis para serem distribuidos por 200 velhos pobres da freguezia, 1$000 réis a cada um—400$000 réis para 20 orphãos e viuvas, 20$000 réis a cada um —60$000 réis para missas—a dois rapazes pobres da freguezia, para seguirem qualquer carreira scientifica, 2:000$000 réis a cada um—para dote de 4 donzellas pobres, 400$000 réis para cada uma; 1:600$000 réis —para a construcção de um chafariz, na villa, 3:000$000 réis—para reparos e aformoseamento da egreja matriz, 3:000$000 réis —para edificar um collegio, para instrucção primaria e geographia, para ambos os sexos, 3:000$000 réis; e o capital preciso, para do rendimento se pagar aos professores, com a condição de ser directora, sua sobrinha, a sr.ª D. Maria do Livramento, á qual o benemerito testador havia mandado dar uma excellente educação.

O nome de José Bento da Silva, será, com justissima razão, abençoado para sempre, por pobres e ricos d'esta freguezia, e Deus lhe remunerará na outra vida, tantas e tão bôas obras que n'esta praticou, com verdadeira caridade christan.

—

Em janeiro de 1877, terminaram as obras de um elegante theatrinho, n'esta villa, que foi inaugurado logo a 2 de fevereiro, com as representações—da comedia em tres actos, *Um homem politico*—uma poesia, intitulada, *A Caridade*—e a comedia em um acto, *Tomar banhos para casar*. Foi tudo desempenhado por curiosos da villa, e o producto da recita, em beneficio das victimas das inundações de novembro e dezembro de 1876.

PORTO-BRANDÃO—Aldeia, Extremadura (ao S. do Tejo) na freguezia e 2 kil. ao N. de Caparica, concelho e 3 kil. ao O. de Almada.

Está formosamente situada em uma baixa, entre montes, a uns 500 metros ao E. do sitio onde existiu a torre de S. Sebastião (Torre-Velha) hoje occupado pelos vastos edificios do lazarêto. Fica a uns 1:600 metros ao E. da aldeia da Trafaria, da mesma parochia de Caparica; e em frente da formosa torre de S. Vicente, de Belem.

É uma pequena povoação, de fórma oblonga, ficando-lhe no centro, ao S., a antiga capella de Nossa Senhora do Bom-Successo, e ao N. um terreiro, onde se construem algumas embarcações miudas.

Tem algumas casas de bôa apparencia, e toda a população tem uns 80 fogos.

Ha aqui uma bôa fabrica de tijolo, no logar onde existiu um fortim, construido no reinado de D. João III, e do qual ainda ha vestigios.

A padroeira da ermida (Nossa Senhora do Bom-Successo) é objecto de muita devoção para o bom povo d'esta aldeia, que

todos os annos lhe faz uma esplendida festa, que dura tres dias.

Foram tambem os habitantes de Porto-Brandão, que á sua custa edificaram o templosinho, no seculo XVI.

O sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, tinha tambem particular devoção com Nossa Senhora do Bom-Successo, e todas as vezes que hia caçar á Lagôa, hia fazer oração á sua capella; e, em uma das occasiões que veio aqui, deu á Senhora um bello altar, de talha dourada, uma alampada de prata e dois ricos tocheiros; o que tudo é conservado com a maior veneração pelos mórdomos da Senhora, como reliquias commemorativas da bondade de um monarcha, que a morte tão cêdo roubou ao amor dos portuguezes de todos os partidos, que esqueciam *tudo*, para só se lembrarem de que D. Pedro V, era um dos mais virtuosos soberanos que teem reinado em Portugal.

Os habitantes d'esta aldeia, são, na sua maxima parte, catraieiros, e costumam tirar quotidianamente, do producto do seu labôr, um certo óbulo, que depositam no mealheiro, para ajuda da festa da sua padroeira e madrinha, e d'estas pequenas quantias, se juncta no fim do anno, uma quantia de 200$000 rs., pouco mais ou menos. É com este dinheiro e com as esmolas dos mórdomos e dos romeiros, que se occorre a todas as despezas da festividade, que consta do seguinte—no 1.º dia, ha ladainha—por vozes e instrumentos—á Senhora; arraial e fogueiras—no 2.º, missa cantada, sermão, procissão, illuminação, fogo de vistas, e arraial—e no 3.º, a repetição de tudo o que se fez no dia antecedente.

Tem aqui uma bonita quinta, o sr. barão d'Alcochête.

Proximo ao logar, ha uma nascente de aguas mineraes, denominada *Fonte-Santa*. Foi reconstruida pela camara municipal de Almada, no fim do anno de 1874.

—

Lazarêto

A uns 500 metros ao O. de Porto-Brandão, mandou D. João II, pelos annos de 1490, construir uma fortaleza, a que se deu o nome de *castello de Porto-Brandão*.

O rei D. Sebastião a reedificou, em 1570, dando-lhe então o nome de *Torre de S. Sebastião de Caparica*; porém o nome porque foi geralmente conhecida, nos nossos dias, em quanto existiu, era *Torre-Velha*.

Foi n'esta fortaleza, que se instituiu uma cousa a que se dava o nome de *lazarêto*, e que não era mais do que uns antros immundos, escuros e insalubres, onde os viajantes que alli eram obrigados a *quarentenar*, só achavam muralhas derrocadas, pessimos alojamentos e comida tambem pessima, mas por preços exhorbitantes.

O governo, attendendo ás repetidas e justissimas queixas dos quarentenarios, e escolhido, por pessoas competentes, sitio mais apropriado (que foi o monte sobranceiro ao velho castello) deu principio ao edeficio do novo lazaréto, em 1867—e em 1869, para alli foram transferidos os quarentenarios.

O nosso lazareto, posto que ainda está longe de preencher todos os fins a que se destina, é vasto, elegante e bem arejado. Quanto aos preços das comidas, continúa a mesma exhorbitancia; facto que está reclamando urgentes providencias.

Para as obras do novo lazareto, se demoliu a velha torre, e das antigas fortificações apenas restam alguns panos de muralha, ao lume d'agua; e o seu ambito, está hoje occupado pelos armazens e outras officinas do lazarêto.

Estão quasi concluidos (julho de 1877) mais dois vastos armazeas, pertencentes ao lazarêto, e que lhe ficam ao E.—Tem-se já gasto com esta construcção, mais de 20 contos de réis.

O temporal de novembro de 1876, causou alguns estragos no lazareto, cahindo uma parte do monte, de alguns milhares de metros cubicos de volume. Não houve desgraças pessoaes.

PORTOCALLE, ou **PORTUCALE**—Já na descripção da cidade do Porto, dei todas as origens e nomes antigos, que se dão áquella povoação. Aqui tratarei sómente da palavra *Portocalle*, e do que sobre ella ha a dizer. Peço desculpa de alguma repetição

indispensavel para intelligencia d'este artigo.

Ignora-se hoje, se o nome Portocalle foi dado á cidade do Porto, se a uma povoação que existiu onde hoje se vê a egreja de Mafamude (Villa Nova de Gaia) e chegava até á actual aldeia de Paço de Rei. Do que se não póde duvidar, é da existencia, n'este sitio, de uma povoação que ainda existia no principio do XII seculo, com o nome de *Portugal*, corrupção manifesta de *Portucalle*.

D. Jeronymo Contador de Argote, no seu livro *De antiquitatibus conventus bracarangustani*, tomo 4.º pag. 146 e seguintes, dá-nos amplas noticias d'esta povoação, ainda que julga que era no sitio da actual cidade do Porto, e o seu *Burgo-Velho*, hoje bairro da Sé.

Tratarei de resumir o que diz este escriptor curiosissimo.

Portocalle, era a cidade a que hoje chamamos *Porto*. [1] Os escriptores não concordam na época da sua fundação: eu tenho por certo que o foi pouco antes da ultima decadencia do imperio romano; ainda que não duvido que os romanos, em tempos mais antigos, construissem algum castello n'este ponto eminente ao rio Douro. [2]

Idacio, que é o primeiro escriptor em que lemos o nome d'esta povoação, não se atreve a chamar-lhe cidade, mas satisfaz-se com dar-lhe, umas vezes o nome de CASTELLO, *outras o de* LOGAR. [3]

As actas do concilio Lucense, *para differençar esta povoação, na margem direita do Douro, da outra em frente, na margem esquerda, chamam áquella* CASTELLO-NOVO, *e a esta,* CASTELLO-VELHO. [1]

O Castello-novo, foi pois construido pelos romanos, para oppor um obstaculo ás aggressões dos *bárbaros*, e para defender a passagem da Lusitania para a Galliza. (Todos sabem que o rio Douro, era, desde a sua foz, até perto de Freixo de Espada á Cinta, o que dividia a Lusitania—ao S.—da Galliza, ao N.)

Isaac Vossio, confunde os dois Portocalles, assim como confunde *Calle* (Gaia) com *Portocalle*, que lhe fica uns 4 kilometros a E.—Este historiador, que era estrangeiro, curava por informações, quando escrevia sobre geographia lusitana.

As chronicas árabes, dizem, que Abd-el-Azis, filho de Muça, e distincto general serraceno, conquistára a Lusitania, no anno da Egira 94 (717 de J. C.) e, passando o Douro, para N., conquistara o Porto, Braga, Tuy, Lugo, etc.

Por muito tempo fizeram os mouros guerra aos christãos, até que divididos (os mouros) entre si, com discordias intestinas [2] foram vencidos, e lançados fóra de toda a Gal-

[1] Do seguimento d'este artigo, veremos que quasi tudo quanto diz Argote, *quadra* melhor ao Portugal, povoação ao S. do Douro, do que ao Burgo-Velho do Porto.

[2] Esta opinião do sabio archeologo, confirma a minha, expendida no principio do meu artigo Porto. É muito provavel que os romanos edificassem um castello, ou *castrum* (o célebre castello de *Pena-Ventosa*) no bairro da Sé; mas não prova que lhe dessem o nome de Portucalle.

[3] Idacio viveu no 4.º seculo da era christan, e foi contemporaneo de S. Damazo, papa, lusitano (da cidade de Guimarães ou das suas immediações) que governou a egreja de Deus, desde o anno de 367 até 385. Tambem foi contemporaneo do imperador Theodosio, o Grande, que era tambem lusitano, natural da cidade de *Cauca* (vide 2.º vol., pag. 215, col. 2.ª) e que subiu ao throno imperial, no anno de J. C. 392; e por consequencia, quando o grande imperio romano estava a derrocar-se, e que poucos annos teve de existencia.

[1] Vê-se que ambas tinham o nome de Portocalle, e que a do sul do rio, era mais antiga, e ficava em frente do Porto primitivo, pelo que, não podia ser senão em Mafamude, ou suas immediações. (Vide *Mafamude*.)

[2] Em 739, os emires e al-kaides mouros, principiavam a sacudir o jugo dos kalifas, fazendo-se reconhecer reis, nos districtos dos seus emirados e alcaidarias.

O primeiro que se declarou independente, foi Al-Boacem-Iben-Alhamar, sobrinho de Tarif, e al-kaide de Coimbra.

Para que os christãos lhes não movessem guerras, estes régulos, deram alguma liberdade ao culto catholico, não só no interior dos templos, como exteriormente, em ladainhas, clamores e procissões—conservaram os frades e freiras, que tinham escapado em 716 e 717, nos seus mosteiros—e deixaram continuar no governo de muitas terras, va-

liza), no anno da Egira 133 (755 de J. C.) [1] e d'alli em diante, não receberam mais tributo algum, os mouros, dos povos da Galliza, porque os árabes foram expulsos de toda ella, n'aquelle anno; e os christãos tinham proclamado por seu rei, a D. Affonso I, *o Catholico*, bravo guerreiro, filho de D. Pedro, duque de Biscaia e Navarra, descendente do Santo rei Ricaredo.

D. Affonso I, acompanhado por seu irmão, D. Frucia, e á frente de um exercito asturiano, entra pela Galliza, e resgata do poder dos mouros, Braga, Chaves, Porto, Viseu, Agueda, Arouca, e outras terras; sem diminuir as suas tropas, antes augmentando-as com as dos senhores e condes gallegos, do norte do Douro; e com os lusitanos, do sul do rio, que de toda a parte voavam ao encontro dos seus libertadores.

A D. Affonso I, succedeu seu filho, D. Fruela I, que tambem ganhou muitas victorias na Galliza, sobre Omar, filho de Abd-el-Rahman, que se havia rebelado contra os kallifas de Córdova. [2]

Animado por tantas venturas, o monarcha asturiano, passa o Douro, na intenção de resgatar Coimbra, Lisboa e Setubal.

Ali-Aben-Tarif, lhe oppoz brava resistencia, em varios pontos; mas foi desbaratado em todos elles, deixando o campo livre aos christãos, que reconquistaram todas as terras da Lusitania, desde o Douro até ao Guadiana.

Em 765, suspeitando D. Fruela I, que seu irmão Wimarano lhe queria usurpar o throno, o assassinou. Desde então, os christãos perderam a amisade ao fratricida, e muitos senhores o abandonaram, recolhendo-se aos seus castellos, com os seus vassallos.

Ab-el-Raman, não perdeu a occasião, e em breve tempo, reconquistou Lisboa, Evora, Beja, Santarem, e todas as mais povoações do actual Alemtejo e Algarve, e uma bôa parte da Extremadura portugueza.

Aurelio, irmão de D. Fruela e de Wimarano, mandou assassinar o rei, em vingança da morte de Wimarano, e subiu ao throno em 766.

Para poder resistir aos partidarios de D. Fruela, se colligou com os mouros, fazendo-se tributario de Abd-el-Rahmon.

Morreu em 773, succedendo-lhe seu cunhado Silo, principe serraceno; mas que, depois de rei, se fez christão, e fazendo crua guerra aos mouros, os arrojou para Merida, na Extremadura hespanhola, e derrotou os gallegos, que se haviam rebelado, na batalha de *Cebreiro*, sujeitando-os de novo á sua obediencia.

Em 783, por morte de Silo, pertencia o throno a D. Affonso II, filho de D. Fruela; porém *Mauregato*—filho de D. Affonso I (*o Catholico*, e de uma escrava) usurpou a corôa a seu sobrinho, e occupou o throno, até 789.

Mas, não viveu socegado, porque os partidarios do rei legitimo, uns lhe não obedeciam, outros lhe faziam guerra. Então, Mauregato, para se sustentar no throno que usurpára, se ligou com os mouros, e se tornou tristemente célebre nas historias da Peninsula, pelo infame *tributo das cem donzellas* christans, que se obrigou a dar annualmente ao kalifa de Córdova. (Vide 3.º vol., pag. 193, col 2.ª)

rios condes e senhores christãos; tudo, mediante pesados tributos.

(Foi a estes christãos obedientes aos governos dos mouros, que se deu o nome de *musárabes*; tal era o famoso conde D. Sisnando, que muito depois foi governador de Coimbra, Arouca, Agueda, Gaia, e outras terras.

Não foi um passo politico. Se os árabes dessem plena liberdade religiosa e civil aos christãos, talvez que as duas raças se viessem, com o andar dos tempos, a fundir n'uma só, como aconteceu com os gôdos; mas os varios tributos, davam motivo a um ódio implacavel e constante, contra os oppressores.

[1] É difficil *combinar* os annos da Egira (era mahometana) com os do Nascimento de J. C.—Eu tenho contado até agora o anno 1.º da era mourisca, pelo anno de J. C. 622; mas outros dizem que a Egira começa no anno 617 de J. C.—Nem eu nem elles acertâmos exactamente. Póde calcular se a Egira entre os annos 615 e 624 de J. C.

[2] Na batalha de Pontumio (Galliza) desbaratou os mouros; e, aprisionando um filho de Omar, o degolou, mesmo no campo da batalha. A guerra entre mouros e christãos, era então uma guerra de exterminio

Morto Mauregato (789) subiu ao throno, D. Bermudo I,[1] que só pagou o tributo um anno; porque, no seguinte, atacou Abd-el-Rahman, junto a Aledo, e o derrotou completamente, livrando o reino de tão odioso tributo.

Durante todos estes acontecimentos, estava o Porto (quer Portocalle fosse ao N., quer ao S., do Douro) completamente deserto e abandonado, depois de ter sido arrasado por Al-Mançor, em 825, e assim esteve até 982, em que os gascões o reedificaram e repovoaram. (Vide pag. 281, col. 2.ª, d'este volume.)

—

Pelos annos de 995 de J. C., reinando D. Bermudo II *(o Gotoso)* na Lusitania, Leão, Asturias e Galliza; e em Córdova, o kalifa *Hiscen*; tinha este por valido, e era o verdadeiro governador do kalifado, Mohamet-Ibne-Aben Hamir, cognominado *Almançor* (o Victorioso.) Era um chefe valoroso, e destrissimo na arte militar.

Já antes d'este tempo, tinha invadido o reino de Leão, combatido os seus povos, conquistado Simancas, e vencido em batalha campal, ao rei D. Ramiro III; mas, assim que D. Bermudo II occupou o throno, repetiu o mouro as invasões, com mais frequencia, já fazendo entradas nas Castellas, já no Aragão. Abrazou os edificios, destruiu cidades e aldeias, tomou fortalezas e conquistou e devastou territorios. Finalmente, tendo vencido o rei D. Bermudo, em uma sanguinolenta batalha, e desbaratando lhe as suas tropas, cercou a cidade de Leão, e no fim de um anno de sitio, a entrou (no anno de 986, segundo a melhor opinião) e a destruiu.

Em 997, convidado, Almançor, pelo conde D. Rodrigo Velasques, e seu filho, D. Pelayo—ambos gallegos—[2] entrou pela Lusitania, e com summa rapidez, conquistou as duas Beiras, occupando Coimbra, Viseu, Lamego, Arouca e *Portocalle*; *e, passando o rio Douro* [1] *entrou na provincia d'Entre o Douro e Minho*, conquistando as cidades do *Porto*, Braga, Britonia, o Castello de Aguiar (ou Aguiar da Pena) e tudo, mais ou menos, roubou, destruiu e assolou.

Depois, passou o rio Minho, e conquistou a cidade de Tuy, incendiou mosteiros, egrejas, quintas e palacios, dos senhores de Galliza, chegando até Compostella, d'onde não passou, porque uma terrivel peste lhe disimou o exercito. Tratou então de retirar para Córdova; mas as suas tropas marchavam lentamente e em desordem, cahindo muitos soldados, mortos, ou doentes de peste, e o resto desanimado.

N'esta conjunctura, D. Bermudo—que então estava doente de gôta—mandou gente armada á ligeira, e prática do paiz e suas estradas, esperar os mouros nos desfiladeiros, ou cobertos com os rochedos e bosques, e alli os mataram em grande quantidade, e sem risco, até que unindo-se a esta gente, o conde, D. Forjaz de Vermuiz, o conde, D. García Fernandes, e o rei de Navarra, offereceram batalha campal a Almançor, no sitio de Alcatanasor (junto a Osma) e alli o feriram mortalmente, mataram o resto de suas tropas, e lhes tomaram todas as riquezas que haviam roubado.

Assim terminou esta guerra, que tantas desgraças trouxe a esta parte da Peninsula, e que foi a ultima façanha de Mohamet-Ibne-Aben-Hamir— *o Almançor*.

Trouxe para aqui este trecho da nossa historia, para provar que ao sul do rio Douro, e *em frente* do Porto, houve um castello, povoação ou cidade, chamada *Portocalle*. No artigo *Portugal*, (villa) serei mais extenso, e exhibirei outros documentos, do tempo do conde D. Henrique e de sua mulher, a rainha D. Thereza, para provar o mesmo.

PORTO D'ANNIBAL—Alg.—Rézende e outros escriptores, dizem que a antiga cidade

[1] D. Bermudo I, foi cognominado o *Diacono*, em razão das ordens que havia recebido antes de rei. Passado pouco tempo, movido de remorsos, desceu voluntariamente do throno, que entregou a D. Affonso II, a quem Mauregato o havia usurpado.

[2] D. Pelayo, era bispo de Compostella, e D. Bermudo o tinha expulsado da egreja, pelo seu máu procedimento.

[1] Já se vê que Portocalle ficava na provincia da Beira, e portanto, ao sul do rio Douro.

carthagineza de *Portus-Annibalis*, estava edificadda no local da actual Alvôr. Foi fundada pelo famoso capitão Annibal, que lhe deu o nome.

Outros sustentam que Porto d'Annibal era proximo e na praia da actual villa de Porttimão—e parece que tem mais fundamento esta opinião, em vista das ruinas que n'esste ultimo sitio teem apparecido em varias épocas.

Na costa algarvia, existiram muitas cidades,, fundadas pelos phenicios, carthaginezes e romanos—que o Oceano, crescendo n'essta parte do globo, sepultou nas suas ondas, como temos visto em varias partes d'esta obra.

É muito provavel que em Alvôr existisse uma cidade ou povoação qualquer, construiida pelos invasores, ou pelos cuneos (lusitanos do Algarve) mas não se segue que seja aqui incontestavelmente a velha cidade de Annibal. (Vide 1.º vol., pag. 185, col. 1.ª, no principio.)

Alvôr, está a 9 kilometros ao E. de Lagos (onde se diz que existiu a antiga *Lacobriga*) e 6 a O. de Portimão.

O que é certo, é que junto a Alvôr se encontram monumentos de fábrica púnica (carthagineza) o que prova que existiu n'este local uma cidade, fundada pelos annos do mundo 3150 (854 antes de J. C.)

—

Ainda outros archeologos e historiadores,, dizem que a famosa cidade algarvia de Porto-Annibal, existiu entre Lagos e Ságres, no local onde hoje se veem os fortes de *Nosssa Senhora da Guia*, Santo Ignacio do Aziivial, S. Luiz d'Almádena, e Nossa Senhora da Luz.

Todos os povos aqui nomeados, são na costa do Algarve.

PORTO CARREIRO.—Antiga villa e couto (exttinctos) na freguezia de Villa-Bôa-de-Quires, concelho e comarca do Marco de Canavezes, 50 kilometros ao N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa. Foi antigamente da comarca do Porto; depois, passou para a de Pemafiel, e por fim, para a do Marco de Canawezes.

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1513. (Liv. de foraes novos do Minho, fim 54, col. 2.ª)

Pertence tambem este foral, a *Bregão* (Abragão) e *Villa Boa de Queiriz* (Villa Boa de Quires).

Porto Carreiro, é um appellido nobre em Portugal, tomado d'esta villa, onde esta familia tinha o seu solar, na quinta *da Torre* e *Paço* de Porto-Carreiro.

As armas dos Portos Carreiros (sem mistura de outras) são—escudo, escaquetado de ouro e azul, de quatro peças em faxa e quatro em palla—Timbre, meio cavallo, d'ouro, com cabeçada e rédeas azues.—Villas-Boas, lhe dá, trez peças em faxa, e cinco em palla.

Os d'este appellido, que foram para Castella, usam ainda das mesmas armas, com pequena alteração.

Henriques, appellido tambem nobre em Portugal, é, como todos sabem, patronimico de *Henrique*. O primeiro que em documentos portuguezes se encontra, é D. Affonso Henriques, nosso primeiro rei.

Porém, o primeiro fidalgo d'este reino que usou d'este appellido, foi *D. Egas Henriques Porto-Carreiro*, rico-homem do tempo de D. Affonso III, e um bravo guerreiro, que obrou acções gloriosissimas nas varias expedições do seu tempo, contra os mouros, que ajudou a expulsar definitivamente do Algarve.

Este fidalgo trazia por armas—em campo de púrpura, um castello d'ouro, lavrado de negro — mantelete de prata, carregado de dois leões, de purpura, trepantes. Elmo de aço, aberto; e por timbre — o castello das armas, com um dos leões, sahindo da torre do centro.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, castello de ouro, lavrado de negro—mantelete de prata, carregado de dois leões de púrpura, trepantes. Orla de ouro, carregada de 8 escaques de veiros, de azul e prata. Elmo de aço aberto; e timbre, o mesmo das armas antecedentes.

O 1.º visconde de Porto-Carreiro, foi João Cardozo da Cunha Araujo Porto-Carreiro, feito em 18 de agosto dp 1855. — O 2.º visconde d'este titulo, foi o sr. João da Cunha

Cardozo Osorio Ferraz Castro Porto-Carreiro, feito em 10 de junho de 1867.

Vêr no artigo *Porto*, a familia — *Cunhas Porto-Carreiros*. Mas, quem desejar amplas noticias com respeito a esta nobilissima familia, veja a *Portugalia Monumenta*, do sr. Alexandre Herculano, a pag. 299, 308 e 339. Vide tambem — *Villa-Boa de Quires* — e a *Resenha das familias titulares*, pag. 161 e 162.

—

Além dos brazões d'armas d'esta familia, que ficam declarados, ha ainda outro, não menos nobre, e que nos recorda um facto historico, dos bons tempos do rei de *Boa-memoria*—é o seguinte:

Martim Vicente de Vasconcellos, um dos ascendentes dos actuaes marquezes de Castello Melhor, e de outras familias não menos illustres, estando na praça africana de Ceuta, viu cahir em uma emboscada de mouros, o seu capitão, o conde D. Pedro de Menezes. Vasconcellos, corre para junto de D. Pedro, e o arranca das garras dos inimigos, salvando-o no seu cavallo, trazendo-o são e salvo para Ceuta.

O conde, em reconhecimento d'esta acção valorosissima, lhe concedeu, que podesse usar de suas armas, misturadas com as da sua linhagem (Vasconcellos). — Martim Vicente, construiu então o seu escudo de armas, da maneira seguinte—escudo terceado, em palla — na 1.ª, as armas dos Vasconcellos—na 2.ª, de púrpura, dois lobos d'ouro, em palla (que eram as armas dos Villas-Lobos) e na 3.ª, escaquetada d'ouro e azul, de trez peças em faxa, e cinco em palla, que eram as da linhagem de sua mãe, da casa da Torre, de Porto-Carreiro.

É preciso notar que a familia Vasconcellos, e Villas-Lobos, pertencia ao mesmo tronco.

—

Ao ramo principal dos *Porto-Carreiros*, succederam, por varonia, os *Osorios;* depois os *Cunhas* (do alferes-mór de D. João I) e, por fim, os *Araujos*, *Britos e Castros*, dos Arcos; da casa de *Casal-Soeiro*, de que tanto falla (por ser da mesma familia) Felix Machado, marquez de Monte-Bello (descendente dos senhores d'Entre-Homem-e-Cávado, hoje representados pela nobilissima casa dos condes da Figueira) nas *Notas ao Nobiliario do conde D. Pedro.*

PORTO-CORVO — (Gruta de) — Extrem., na serra de Cintra. Esta serra contém varias curiosidades, mais ou menos notaveis. As *diversas grutas* que compõem a egreja, o refeitorio, e mais officinas do que foi mosteiro dos frades capuchos; as *duas lapas* da sua cêrca, uma subterranea, celebrada pela vida eremitica e penitente, que n'ella fez um religioso—e a outra, no dorso de um pincaro, d'onde se descobre um dilatado e formosissimo panorama, de campinas, montanhas, povoações e mar—vendo-se tambem as Berlengas, a *Pedra d'alvidrar* (6.º vol., pag. 519, col. 1.ª) a medonha caverna, chamada o *Fójo*, que se abre perto da *Pedra d'alvidrar*, com uma vasta bocca circular, na corôa de uma elevação de terreno, e que, rasgando as entranhas da terra, até grande profundidade, em fórma de funil, recebe no fundo, as aguas do oceano atlantico, que aqui chegam, na maré cheia, por canaes subterraneos, através dos rochedos; e que se julga, com bons fundamentos, ser a cratera de um vulcão extincto (talvez apagado pelas aguas do mar que o invadiram) — o monstruoso dolmen de *Andrénunes* (vide *Cintra*, serra e *Dolmen*)—tudo isto se torna summamente curioso, e digno da attenção dos visitantes da serra de Cintra.

A mais notavel curiosidade, porém, que existe n'esta montanha, é a

Gruta do Porto-Côrvo, que se vê nas vertentes da serra de Cintra, ao E., e a pequena distancia do mosteiro de Penha-Longa. É necessaria uma escada de mão, para entrar n'esta gruta, que se compõe de duas peças —a primeira, maior, e a 2.ª mais pequena, em communicação uma com outra, por uma especie de galeria, tão baixa, que só de rastos se póde atravessar. Ambas as grutas teem as paredes, abobadas e pavimentos, de tal sorte revestidas de crystalisações (stalactites e stalagmites) que offerecem um espectaculo maravilhoso e deslumbrante, vistas á luz de archotes, ou quando o sol, penetrando por uma fenda que se abre nas ro-

chas da abobada da primeira gruta, illumina e faz scintillar, como diamantes, os crystaes que guarnecem estas salas phantasticas.

Mas a gruta de Porto Côrvo, como as de Marvão e outras, tem sido em parte destruida pelo estupido vandalismo de alguns miseraveis especuladores. Muitas stalactites da abobada, e varias stalagmites do pavimento (as que se podem arrancar mais facilmente) teem sido roubadas, principalmente por visitantes inglezes.

Estas grutas foram descobertas no reinado de D. João III, por um religioso do mosteiro de Penha-Longa[1] que deu parte do achado, ao abbade. Este, que era homem intelligente e de bom gôsto, mandou logo collocar á entrada da gruta, uma porta de madeira, com a competente fechadura, cuja chave guardava, e esteve até 1834, em poder dos seus successores; mas era franqueada a todos os que quizessem ver esta curiosidade natural, guiados por um religioso, que, não só lhes explicava estas cousas, mas as guardava das devastações.

Expulsos os religiosos, dos seus mosteiros, arrombou-se a porta da gruta, e os vandalismos principiaram.

PORTO DA CARNE—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo e bispado da Guarda, d'onde dista 8 kilometros (ao N.) 300 a E. de Lisboa, 70 fogos. Orago, S. Pedro, apostolo.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

Fica nas margens do Mondego.

O Mondego, atravessa no concelho da Guarda (principiando do E.) as seguintes povoações—*Trinta, Villa-Soeiro, Misarella, Pero-Soares, Faia, Pôrco, Villa-Cortez, Ramalhosa,* e *Porto da Carne.*

Entra depois nos concelhos de *Celorico* e *Fornos;* e torna a penetrar, pelo O., nos concelhos de *Linhares* (Beira Baixa.—extincto) e *Gouveia.* Passa depois aos concelhos de *Cêa* e *Ervedal,* e sahindo d'este ultimo, entra no districto de Coimbra. Vide *Mondêgo.*

Um medonho temporal, e uma desastrosa cheia, nos dias 12 e 13 de novembro de 1876, causou immensos prejuizos em quasi todas as terras planas banhadas pelo Mondego, que ficaram inundadas e em grande parte arrazadas.

Os olivaes ficaram quasi totalmente destruidos; os moinhos e casas das duas margens, foram arrastadas, pela impetuosidade da corrente. Nunca as aguas d'este rio chegaram, que conste, a um ponto tão elevado. Os *engenhos* de tirar agua, ainda os mais sólidamente construidos, tiveram a mesma sorte das casas e moinhos.

Morreu muito gado afogado, e bastante gente. Só em um moinho, perto da Guarda, morreram sete pessoas.

O carro do correio, deixou de funccionar, entre a Guarda e Mangualde, por não poder passar a ponte do *Porto da Carne.*

Os póstes da linha telegraphica, soffreram uma completa derrota.

Se a inundação dura mais algum dia, ficariam totalmente destruidas muitas povoações.

PORTO D'EL-REI—aldeia, Extremadura, perto de Alcacer do Sal. Aqui se juntam os rios—*Damine, Xarrama* e *Sádo,* perdendo os dois primeiros, o nome, e prevalecendo só o terceiro. D'aqui para baixo, é o formoso rio Sádo, navegavel até á sua foz, em Setubal.

PORTO DE LAVOS—villa, Douro, comarca e concelho de Figueira da Foz, etc.

Já a pag. 58, col. 2.ª do 4.º volume, tratei d'esta povoação, sob o seu nome mais vulgar—LAVOS.—Aqui só accrescentarei:

A egreja matriz, foi mudada, do sitio do *Tojal,* para o povo de Santa Luzia, pelos annos de 1750.

A actual villa, que se mudou de *Lavos da Marinha* (depois, *Lávãos*) para o sitio onde hoje a vemos, é pouco habitada, pela sua insalubridade, mas a freguezia tem augmentado bastante de população; pois de 422 fogos que tinha em 1757, está agora em 1:100.

O vigario, foi, até 1834, da apresentação

[1] Este mosteiro foi edificado no tempo do rei D. Manoel. (Vol. 2.º, pag. 302, col. 1.ª)

da mitra (de Coimbra) e rendia uns 250$000 réis, esta vigariaria.

A proxima freguezia, de *Paião*, unica que com a de Lavos constituia o supprimido concelho, tambem tem progredido muito na sua população, pois tendo em 1757 apenas 75 fogos, conta hoje 1:200.

Projecta-se semear *penisco* e eucaliptus nos areaes d'esta costa, o que já ha muito se devia ter feito, para evitar a invasão das areias pela terra dentro, e os graves prejuizos que isto causa aos povos em geral, e aos proprietarios em *especial*.

PORTO DE MÓS [1] — villa, Extremadura, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, no districto administrativo, bispado, e 18 kilometros ao S. de Leiria—24, ao E. da Pederneira—6 ao S. da Batalha—40 ao O. de Thomar—50, ao O.N.O. de Santarem—120, ao N. de Lisboa—750 fogos, em duas freguezias (S. João Baptista, e S. Pedro, apóstolo.) Em 1757, tinha 465 fogos, como adiante se dirá.

O concelho de Porto de Mós é composto de onze freguezias, que são — *Alcaría, Alqueidão da Serra, Alvádos, Arrimal, Juncal, Mendiga, Minde, Mira, Sêrro-Ventoso*, e as duas da villa: todas com 2:500 fogos.

Em 1757, tinha tres freguezias:

Santa Maria (vulgarmente, *Nossa Senhora dos Murtinhos.*) A mitra apresentava o vigario, que tinha uns 60 mil réis de rendimento. Tinha 149 fogos.

S. João Baptista—O padroado real, apresentava o prior, e tinha uns 200$000 réis de rendimento. Tinha 235 fogos.

S. Pedro, apóstolo—A casa de Bragança, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento. Tinha 81 fogos.

Tem uma feira no domingo do Espirito Santo, que dura 3 dias—e outra a 13 de dezembro, que dura dois dias.

[1] Quasi toda a gente escreve *Porto de Móz*, o que é êrro. Móz, não é palavra portugueza (nem de outra qualquer lingua minha conhecida) mas o plural do substantivo *mó*. Deu o nome a esta villa, as muitas *mós*, de optima qualidade, que se extrahem das pedreiras d'estes sítios; e porisso, tem duas *mós* no seu brazão d'armas, como adiante se verá.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de julho de 1305. (*Livro 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, folhas 45, col. 1.ª, in fine.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 18 de fevereiro de 1515. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, folhas 161 verso, col. 1.ª)

Tinha voto em cortes, com assentö no banco 17.º

O seu brazão d'armas é—em campo de sangue, um castello de prata, com tres torres, vendo-se verdura sobre as duas lateraes. De cada um dos lados do castello, estão em baixo, e collocadas horisontalmente, uma mó de moinho, e sobre cada uma, um picapeixe, ou guarda rio (ave)—e por cima, uma estrella de cinco pontas, tudo de prata.

A sua alcaidaria-mór, andava na familia dos Mellos da Silva; e o senhorio, na casa de Bragança.

Em 12 de agosto de 1845, foi feito barão de Porto de Mós, Venancio Pinto do Rêgo Cezar Trigueiros.

Esta villa está situada na encosta occidental da serra de Minde; correndo-lhe ao O., os rios *Lerêna* (ou *Lêna*) e *do Alcaide*, muito abundantes de peixe, de varias qualidades. Suas margens são povoadas de frescas hortas, e ferteis pomares, que as fazem deliciosas. O nosso poeta, Francisco Rodrigues Lobo (vide *Leiria*) as celebrou em maviosos versos.

Segundo o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, teve esta povoação principio, em uma fortaleza construida pelos árabes, no seculo IX; porem ha motivo para suppor que já aqui existia uma povoação muito antiga, e, pelo menos, do tempo dos romanos: e, com toda a certeza houve povoações antiquissimas por estes sitios.

Na quinta de S. Payo, 10 kilometros ao O. da villa, ha evidentes vestigios de uma povoação de eras remotas. Tem-se aqui descoberto, em uma grande extensão de terrenos, muitos alicerces, sólidamente construidos, grandes telhas, ossos petrificados, amphoras, etc.—Algumas das paredes, teem 1^{m},10 de espessura, e são de uma sólida construcção. Achou-se tambem um cano, de ferro, corroido pelo fogo, muita *bôrra* de

ferro, e alguns montes de minerio do mesmo metal, que não chegou a hir ao fôrno; o que mostra ter aqui havido, em tempos remotos, uma grande fábrica de ferro.

—

Ainda n'este concelho ha bôas minas de ferro, carvão fossil, e varios metaes e metaloides.

No *Valle-Pequeno*, e na *Pia do Bicho*, ha uma, de ferro, da qual obteve a concessão provisoria, o sr. Arthur H. Ivens, negociante de Lisbôa, em outubro de 1875.

Em janeiro de 1876, foram manifestadas 5 minas de carvão fossil—uma de ferro, e outra de prata e cobre.

Em abril do mesmo anno, se manifestou — uma mina de prata e antimonio, carvão de pedra e outros metaes; situada no *Outeiro dos Fojos*, freguezia de S. João Baptista.

Em 7 de maio do mesmo anno, se manifestaram duas minas de carvão de pedra—uma na *Volta da Calle*, outra no *Campo de Alvados*.

Em 12 do mesmo mez e anno, outra de carvão, na *Volta da Calle*.

No dia 22 do mesmo mez e anno, outra de carvão, no *Campo d'Alvádos*.

Em 3 de junho do mesmo anno, duas de carvão, uma no *Zambujal d'Alcaria*, e outra, no *Lagoeiro*, tambem d'Alcaria.

Em 6 do mesmo mez e anno, trez de carvão e ferro—uma na *Portella da Mendiga*, outra nas *Varzeas*, freguezia de *Sêrro-Ventoso*, e outra nos Pragaes, limites da *Mendiga*. Estas foram manifestadas pelo mesmo sr. Ivens.

Em julho e agosto do mesmo anno, manifestaram-se mais—uma mina de ferro; 4 de carvão e ferro; e uma de prata, cobre, platina, e outros metaes.

Em outubro do mesmo anno, foram manifestadas, uma mina de prata, antimonio, carvão de pedra, e outros metaes—e outra de carvão de pedra.

Em março de 1877, appareceu outra mina de prata e ainda outra de carvão.

Em abril de 1877, obteve o referido sr. Ivens, a concessão definitiva de uma mina, de carvão e ferro, no *Cabeço do Veado*.

Todas estas minas são dentro dos limites d'este concelho de Porto de Mós.

—

Desde a ribeira d'esta quinta, até ao cimo do outeiro, onde está a eira, era tudo um vasto cemiterio, com mais de 200 metros de comprido, e pouco menos de largo. Tem sepulturas de duas classes—umas formadas de quatro paredes, de pedra toscamente aparelhada, e cobertas de lages, quasi todas inteiriças: outras, de quatro paredes de pedra, cobertas apenas de terra. Todas ellas tinham ossadas, ou petrificadas—ou que se transformavam em pó, ao contacto do ar.

Em uma d'ellas, se acharam uns grilhões de ferro, prendendo as pernas; mas em nenhuma se tem achado medalhas nem inscripções.

Ainda estão algumas intactas ao pé da eira da quinta, e a mesma eira foi construida sobre muitas.

O comprimento d'ellas, regula por 1m,54 a 2 metros (7 a 9 palmos.) Todas teem a *cabeceira* para o E.

Na extremidade S. d'estas ruinas, appareceu grande quantidade de moedas de prata, romanas. Foi talvez a maior e mais variada collecção de moedas romanas que se tem achado em Portugal, até aos nossos dias; quasi tudo *bigatus* e *quadrigatus*—(carros tirados por dois ou quatro cavallos.) São dos imperadores Marco Attilio Regulo, que foi consul, em 496 da fundação de Roma—257 antes de J. C., e de Fabio Maximo Serviliano, consul romano na Lusitania, pelos annos do mundo, 3860 (144 antes de J. C.) e foi um dos generaes romanos, derrotados pelo nosso grande Viriato (o antigo.)—Estas são as mais antigas—as mais modernas são de Aureliano, que reinou desde 270, de J. C., até 275. [1]

[1] No espaço d'estes 530 annos, raros foram os consules romanos que podessem *cunhar moeda*, das quaes se não achassem aqui algumas ou muitas.

As *sarrilhas* eram grosseiras, porem os cunhos de todas, eram perfeitissimos, e em bello estado de conservação.

As mais notaveis, era de—Marco Attilio Regulo, Quinto Fábio Maximo Serviliano, Sexto Pompeu, Julio Cesar, Marco Cicero,

Estas medalhas foram vendidas a diversas pessoas, mas quem comprou a maior porção, foi um ourives, que as derreteu!

Diz-se que, só um individuo de *Casaes-de-Mattos* (aldeia proxima) vendeu cêrca de 600, a um ourives do Porto (a *80 réis cada uma!*) na villa da Batalha, em uma feira que alli se faz, á 15 de agosto. Este dinheiro estava ao pé de uns alicerces.

A maior parte d'estas moedas, foram descobertas em 1855.

Perto d'estas ruinas, em um sitio chamado *Valle da Moita*, descobriu-se em 1859, um fôrno de cal, com grande porção d'ella, carvão e cinzas, tudo subterrado.

Perto do Juncal, nos sitios das *Barreiras-Caientas* e *Ribeiro do Andão*, em uma extensão talvez de 1:800 metros, ha tambem manifestos vestigios de uma antiquissima povoação. Tem aqui apparecido fragmentos de telha, tijolo, potes e outros vasos, tudo feito de barro vermelho; e instrumentos de ferro, completamente oxidados. Ainda aqui se não acharam inscripções nem medalhas.

Em 15 de maio de 1865, nas *Barreiras-Caientas*, em terra foreira a José Duarte, do Juncal, acharam-se muitos esqueletos humanos, a tres palmos de profundidade, envolvidos em uma camada de terra, que parece cal. Todos tinham as cabeças para E., tendo cada um, sua lage sobre a cáveira.

Um dos esqueletos, jazia em uma sepultura, aberta em uma rocha.

Os craneos d'estas ossadas, eram todos de extraordinaria grossura.

O sr. padre Antonio Pereira Louro, socio correspondente da real associação dos architetos civis e archeologos portuguezes, do Carmo, de Lisboa, mandou dois d'estes craneos, com outros ossos, ao esclarecido lente do Porto, o sr. Augusto Luso da Silva, que, depois de os ter na exposição internacional do mesmo anno de 1865, onde foram admirados pelos intendedores, os tem hoje no seu curioso museu.

Pouco desviados d'estes esqueletos, estavam trez, mas com as cabeças para o norte, que pareciam pertencer a uma época menos remota. Junto de um d'estes, estava uma grande espóra, que parecia ser dos cavalleiros denominados *cataphractos*, ou *couraceiros*, e uma espada, na bainha, tudo completamente oxidado. Junto a isto, estava uma pedra, que parecia de afiar navalhas de barba, furada nas extremidades.

Perto d'este cemiterio, achou-se um instrumento de pedra liós, nêgra, aguçada e amolada como o ferro de uma *plaina* de carpinteiro. Talvez fosse um instrumento da *edade de pedra*. Este objecto, e outros do mesmo genero que por aqui teem apparecido, estão hoje em poder do sr. José Francisco Barreiros Callado, que tambem possue uma porção das moedas romanas, achadas em S. Payo.

Ao O. do mesmo cemiterio, e a pouca distancia d'elle, achou-se um esqueleto, perfeitamente conservado, que jazia em uma sepultura, como as da primeira classe, achadas em S. Payo.

A um kilometro ao S., se descobriram mais quatro esqueletos semelhantes. Eram dois de homem e dois de mulher, com a singularidade de estarem aos *casaes*, os homens á direita das mulheres.

A uns 200 metros, ao N., em baixo, na ribeira, juncto da encosta, se descobriram outras muitas ossadas, todas com as cabeças para o oriente. Eram de differentes tamanhos.

Em frente d'estas ultimas sepulturas, junto da encosta, do lado direito da mesma ribeira, se achou uma prodigiosa quantidade de ossos, mas, tão corroidos, pela sua antiguidade, que se não podia distinguir, se eram de homens ou de animaes irracionaes. For-

Tito Gracco, Tiberio Sempronio, Marco Metello, Caio Mário, Quinto Sertorio, Pompeu Magno, Marco Cepio, Scipião Asiogenes, Scipião Africano, Emiliano, Marco Emilio Paulo, e Aureliano.

Alem das moedas d'estes illustres capitães, ainda muitas outras, de varios cidadãos romanos, de que falla a historia.

Não appareceu uma unica moeda gothica, o que induz a crer, com grandes visos de probabilidade, que esta povoação foi destruida no principio do seculo V, da era christan, pelas hordas indomaveis dos barbaros do norte (provavelmente, pelos alanos, que ficaram por estes sitios, até á sua total derrota, e fusão com os gôdos.)

mavam uma camada de 0m,66 de altura, na área de 144 metros quadrados.

No meio d'esta multidão de ossos, se erguia, muito bem aprumada, uma urna funeraria, de barro vermelho, de 0m,77 de alto, completamente cheia d'ossos. Ao pé, estava uma mó de moinho de mão, de 0m,66 de diametro. A urna, foi despedaçada pelos operarios, julgando acharem n'ella metaes preciosos.

Ao pé de tudo isto, descobriu-se uma calçada (a um metro de profundidade) optimamente conservada, e de pouco mais de dois metros de largura. Descobriram-se uns 60 metros de comprimento, na direcção N. S., parallela á ribeira, mas ainda continúa para as duas extremidades, até onde se ignora.

D'esta villa foi enviada para o museu archeologico de Lisboa, em agosto de 1875, uma lapide, com a data de 1091, muito bem conservada. É provavel que seja a era de Cesar, e vem a ser o anno de J. C. 1053, quando reinava em Castella, Leão, Galliza e Portugal, D. Fernando, o Magno. Se é o anno de J. C. (do que duvido) era do tempo de D. Affonso VI, pae da nossa rainha, D. Thereza, mulher do conde D. Henrique.

—

Deixando os tempos nebulosos antigos, dos quaes não temos noticias positivas, tratemos da historia de Porto de Mós, desde o seculo XII, do que temos muitas memorias escriptas.

Já disse que o castello d'esta villa foi construido pelos serracenos, no seculo IX (ainda que alguns escriptores pretendem ser obra dos romanos, o que nada tem de inverosimil.) Suppõe-se que a fortaleza é que deu origem á villa, que se foi edificando em volta das muralhas.

Submettido este paiz, e todo o reino, ao jugo dos árabes, em 716, esteve Porto de Mós 432 annos sob o poder dos mouros; até que, estando em Coimbra o nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques, resolveu tomar por surpreza o castello de Porto de Mós, que n'esse tempo era importantissimo, e seguro valhacoito dos mouros, que d'elle sahiam com frequencia a roubar e devastar as povoações christans.

O rei portuguez, reune uma lusida hoste, em 1148, e sem declarar a pessoa alguma o seu intento, sáe de Coimbra, e vem para o castello de Leiria.

Depois de dar descanço á sua gente, sáe de Leiria depois do sol-pôsto, chegando pelas 10 horas da noite em frente de Porto de Mós, no meio do maior silencio. Alli, depois de descançarem duas horas, dão inopinadamente o assalto; e, achando a guarnição desprevenida, facilmente se torna senhor da praça, degolando ou captivando todos os mouros.

Fez logo alcaide-mór de Porto de Mós, ao famoso D. Fuas Roupinho, ao qual entrega a fortaleza, e uma sufficiente guarnição.

Segundo alguns escriptores, era D. Fuas, filho natural de D. Affonso Henriques, e foi o 1.º almirante d'este reino, e o que depois obteve a primeira victoria naval de que reza a nossa historia moderna, derrotando a esquadra mourisca (1184) desde as aguas de Lisboa, até ao Algarve.

Morreu este grande vulto do seculo XII, em outra batalha naval, combatendo e vencendo os mouros.

Era a praça de Porto de Mós, de tanta importancia, e tão raivosos ficaram os árabes por a terem perdido, que o *rei* mouro da Extremadura hespanhola, *Gamir*, mandou *tocar a gazúa* (vide vol 3.º, pag. 262, col. 1.ª) e reunindo alguns *emires* e alcaides serracenos, veio pôr cêrco ao castello de Porto de Mós, em 1182.

Os portuguezes eram poucos em numero, mas valiam por muitos, não só pela sua coragem, mas, e principalmente, pelos exemplos de intrepidez que lhes dava o seu destemido alcaide.

Não lhes soffreu o animo, verem-se encurralados no castello, e uma noite, sahindo d'elle, deram sobre os mouros tanto de improviso, e com tal bravura, que os derrotaram completamente, captivando Gamir e os chefes que escaparam com vida, hindo-os

entregar a D. Affonso I, que estava em Coimbra.

O visconde de Castilho, nos nos seus formosissimos *Quadros Historicos*, traz os factos principaes da vida de D. Fuas Roupinho, com palavras que só elle sabia sentir e dizer.

(Vide *Nazareth.*)

Vendo-se os portuguezes desafrontados de mouros, agradados da belleza e fertilidade dos campos que cercavam o castello, e protegidos por este, foram construindo casas em volta, e bem depressa se formou a povoação.

D. Fuas Roupinho, tendo como refugio inexpugnavel (n'aquelle tempo) a praça d'esta villa, d'aqui movia crua guerra aos mouros das visinhanças, derrotando-os em contínuos combates e cruentas batalhas.

Morto gloriosamente este guerreiro legendario, e desaffrontados os mouros, de um inimigo tão temivel, repetiram os ataques a Porto de Mós, e tantos foram elles, e tão destruidores, que o castello e a povoação, se transformaram em um montão de ruinas, e tudo foi abandonado pelos christãos; estando dez annos completamente deserto.

Em 1200, porem, D. Sancho I, mandou reedificar e ampliar a fortaleza, e reconstruir e repovoar a villa; que desde então não tornou a cahir em poder dos mouros.

—

A situação d'esta villa, é summamente aprasivel, tendo parte das suas casas na raiz do monte, em logar plano, e o resto, subindo pela encosta, ao cimo da qual ainda existe, menos mal conservado, o seu vetusto e venerando castello. A villa foi cercada de muralhas, pelo rei D. Diniz, em 1300, mas está tudo isto em ruinas.

Tem Misericordia, com soffriveis rendimentos.

Tinha o mosteiro do *Bom Jesus*, de religiosos agostinhos descalços, fundado em 1676, por João da Fonseca Malho de Bivar, em uma sua quinta, nos subúrbios da villa, com obrigação de lhe darem sepultura na capella-mór, e de fazerem todos os annos um officio de corpo presente, pela sua alma e pelas de seus descendentes.

—

Foi esta villa um priorado da ordem de Christo, até que passou a vigariaria dos bispos, e D. Pedro de Castilho, bispo de Leiria, tomou conta d'ella, em 14 de julho de 1586. [1]

Havia então duas reitorias perpétuas, a de S. Pedro, e a de S. João, que tinham sido dois priorados com quasi 300 annos de existencia, e com seus beneficios, em cada uma das egrejas.

O prior, tinha um terço dos dizimos, os beneficiados outro, e o arcebispo de Lisboa outro. [2] Eram os priores que apresentavam os beneficiados das suas egrejas.

O marquez de Vallença, senhor d'esta villa, quando instituiu a collegiada de Ourem, extinguiu estes priorados, applicando a renda do de S. Pedro, á cadeira de chantre, e a de S. João, á do thesoureiro; e, no anno de 1457 (29 de outubro) creou vigarios perpétuos, collados pelo bispo da diocese.

Apresentaram os vigarios os beneficios que vagavam, até ao anno de 1555, no qual elles e o cabido da collegiada, desistiram d'este direito a favor de D. Theodosio I, duque de Bragança. Esta cedencia foi confirmada pelo pontifice, Paulo IV, em 26 de janeiro de 1556. Desde então, eram os duques de Bragança que apresentavam os vigarios e os beneficiados.

—

A egreja parochial, de S. Pedro, é muito antiga; porque sendo bispo de Lisboa, D. Matheus (4.º vol., pag, 269, col. 2.ª, no principio) e estando em França, com o papa Gregorio X, para assistir ao concilio de Leão (*Lugdunense II*, convocado para a união da egreja grega com a latina, em 1274) escreveu em 1275, sobre a instituição d'esta egreja de S. Pedro, como parochia já existente havia muitos annos.

[1] No mesmo dia, tomou o referido bispo, posse das villas de Ourem, e da de Aljubarrota (mas só a freguezia de S. Vicente.)

[2] Mas este 3.º, passou depois para o cabido de Leiria, quando se creou o bispado, em 1545.

O bispo D. Pedro de Castilho, a reedificou e concluiu a capella-mór, em 1590. É de abobada de pedraria lavrada, e tem retabulo dourado.

De cada lado do altar, estão as imagens, de S. Pedro (do lado do Evangelho) e S. Paulo (do lado da Epistola. Quando o bispo D. Pedro reconstruiu esta egreja, mandou derribar uma capella que n'ella estava, que era então de Isabel Correia, a qual, por auctorisação do mesmo prelado, mudou a ossada que alli estava, para o altar lateral, da parte do Evangelho. Em frente, fica o altar de Nossa Senhora dos Remedios.

É um formoso templo, com seu côro, sachristia, ádro e *taboleiro*, á porta principal.

No domingo de ramos, todos os clerigos da villa tinham obrigação de assistir na egreja de S. Pedro, á bençam dos ramos, por sentença que alcançou o vigario, Francisco do Valle.

O vigario e beneficiados residentes, com egual voto, apresentavam ecónomos nos beneficios dos ausentes; e curas, nos curatos que lhes pertenciam. O vigario só apresentava o da egreja principal.

Tinha a egreja um *prioste*, que tinha a chave do celleiro, assistia ás partilhas, entregava as terças, repartia as rendas das miuças e as outras da egreja; e repartia as *idas*, officios e missas. Tambem cobrava e repartia as *offertas*. Tinha de ordenado, um moio de trigo, annualmente.

O thesoureiro, da mesma apresentação, tinha egual renda á do prioste, e mais as vellas dos baptismos, e dinheiro que vae com ellas, e ainda mais 50 réis de cada officio.

Os beneficiados e o vigario, eram obrigados á fábrica d'esta egreja, e o cabido da collegiada, como proprietario da parochia. Na fabrica havia uma confraria de clerigos pobres.

Alem dos tres altares já mencionados, havia n'esta egreja, junto á porta travessa, da parte da Epistola, uma capella de abobada de pedra, da invocação de S. Sebastião, cuja imagem foi mandada fazer pelo bispo, D. Antonio Pinheiro.

Esta egreja, foi demolida em 1875, e mudada a séde da parochia para a egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos.

Na velha egreja de S. Pedro, estavam os ossos do bispo de Leiria, D. Antonio Pinheiro.

—

Ermidas d'esta parochia

Santa Luzia—está na varzea, junto á villa, e perto da estrada de Leiria. As offertas são do parocho, que, porisso, é obrigado á sua fábrica.

É muito antiga, porque, em 1556, foi dado ao vigario, e já então era antiga.

Santo Antonio—na villa. Foi feita á custa de esmolas dos devotos, e tem confraria, que da egreja se mudou para esta ermida.

São Sebastião—no logar das *Pedreiras*, construida no anno de 1602, e dotada por por um devoto, em 1604. N'este mesmo anno, a 25 de janeiro, se disse n'ella a primeira missa.

Santo Antonio—(outra) no logar do *Tojal de Cima*. Foi feita e dotada por um devoto, em 1615. No anno seguinte, se disse n'ella a primeira missa.

Santo Amaro—no logar da *Carrasqueira*. Foi feita pelos moradores d'este logar, para n'ella se lhes administrarem os sacramentos.

—

A egreja parochial, de S. João Baptista—era fabricada pelo vigario e beneficiados, e pelo cabido da collegiada. Tinha thesoureiro, com as mesmas *ordinarias* que tinha o de S. Pedro; e tambem teve *prióste*, com egual rendimento e obrigações, do da outra parochia, que se estende pelos *montes* em redor da villa. [1]

O parocho é obrigado a hir buscar os *Santos Oleos*, á Sé, e repartil-os pela egreja de S. Pedro, e annexas d'ambas.

A capella-mór, é de abobada de pedra, e

[1] N'esta egreja ha uma capella de S. Bartholomeu, que rendia para o vigario e beneficiadoos, 16 moios de pão, dois porcos, uma marran e uma gallinha; tudo imposto em uma fazenda, sita no campo de Santarem.

tem um altar, com as imagens de S. João Baptista e Nossa Senhora da Piedade.

Tem dois altares lateraes, no corpo da egreja. O do lado da Epistola, é dedicado a S. Lourenço, proto-martyr, e tem tambem a imagem de Santa Catharina. É padroeiro d'este altar, o mórgado d'Alviella, que paga em cada anno, 3$700 réis, que o instituidor estabeleceu de obrigação.

A Santa Catharina, se faz festa, no seu dia, á custa das moças dónzellas, da freguezia.

O altar do lado do Evangelho, é dedicado a S. Gregorio e a Santa Maria Magdalena.

Ha tambem n'esta egreja, a capella de S. Bartholomeu, do lado da Epistola, instituida por uns devotos inglezes. Tem tambem as imagens de S. Miguel e de S. Jorge.

—

Capellas d'esta freguezia

S. Miguel—no sito da *Costa*, ao pé da villa, junto ao caminho que vae para a *Pragosa*. É muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi edificada.

Santo Estevão—no logar de *Alqueidão da Serra* (que pertenceu a esta parochia, e hoje está independente.) É templo muito antigo; mas tambem se ignora a época da sua fundação.

Nossa Senhora dos Prazeres—no logar da *Alcaria*, feita e dotada por um devoto. Disse-se n'ella a primeira missa, em 1604.

Esta capella foi elevada a egreja matriz (em 1730) da parochia que então se creou com a antiga invocação da capella; desmembrando-se da freguezia de S. João Baptista.

Em 1867, se lhe fez uma torre, em logar do antigo campanario; e o côro foi feito em 1868.

Santo Antonio—no logar do *Azambujal* (da nova parochia d'Alcaria) construida por ordem do visitador, no anno de 1633, para n'ella se administrarem os sacramentos, pelo que os habitantes do logar, são obrigados á sua fábrica. [1]

—

Egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos—que foi parochial, e está actualmente n'ella a séde da parochia de S. Pedro.

Tambem foi priorado, com 6 beneficiados simples, até ao anno de 1520, em que falleceu o ultimo prior, extinguindo-se então o priorado, que ficou reduzido a commenda de Christo, e a um vigario perpétuo, por breve apostolico, do papa Leão X—mas, até 1570, não houve vigario, sendo a egreja parochiada por cura annual removivel. N'esse anno foi feito vigario (o 1.º) Christovam do Souto, que depois foi conego da Sé de Leiria, por troca que fez do beneficio.

Depois que a egreja pertenceu a commendadores, eram estes obrigados á fabrica da egreja, e a pagarem ao parocho, e mais empregados. Esta commenda apenas rendia, liquida, 80$000 réis.

O thesoureiro, e o prioste, tinham as mesmas obrigações e rendimentos, que as de S. Pedro e S. João.

A capella-môr, é de abobada de pedra, e no altar estão as imagens de Nossa Senhora do Rosario (padroeira) S. Francisco, e S. Jeronymo; e outra imagem mais pequena de Nossa Senhora do Rosario, que é a que vae nas procissões dos primeiros domingos de cada mez. Tem confraria da Senhora, instituida no 1.º de fevereiro de 1614, por um religioso dominico, a instancias da camara e povo da villa.

Sobre o Cruseiro da capella-mór, está um Crucifixo, juncto ao tecto, e, ao pé d'elle, as imagens de Nossa Senhora da Soledade, e São João Evangelista.

No corpo da egreja ha dois altares lateraes—o do lado do Evangelho, tem as imagens de Nossa Senhora da Conceição, e de Santo Antonio—que é o titular do altar.

O do lado da Epistola, tem as imagens de S. Braz, com o menino a quem fez o milagre da espinha—e as de Sant'Anna e Nossa

[1] Não longe da villa, está a capella de *S. Jorge da Charneca*, mandada fazer pelo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1390.

Senhora. No centro do altar, ha um sanctuario, com reliquias de S. Braz e d'outros muitos santos, que, segundo a tradição, foram trazidas de Mérida (Extremadura hespanhola) por um eremita, chamado *Romano*, companheiro, na desgraça, de D. Rodrigo, ultimo rei godo, em 714. Vide *Nazareth*.

Ainda da parte do Evangelho, está uma capellila de S. Francisco, instituida por Francisco d'Araujo e Athaide (da casa dos condes de Atouguia.) É de abobada, e tem a obrigação de 50 missas annuaes.

Em frente, está a capella, tambem de abobada, da S. S. Trindade; instituida por um devoto, cujos descendentes teem obrigação de dar, em cada anno, para a sua fábrica, 5$0000 réis.

Fóra da egreja, encostado á capella da S.S. Trindade, no logar chamado a *Quinta*, está o *moimento* de Fernando Affonso, que deixou á confraria do Espirito Santo, uma corôa, de prata, com obrigação de uma missa cantada, na 2.ª oitava do Espirito Santo.

Junto á porta principal da egreja, do lado de fóra, está outro *moimento*, de um sacerdote, cognominado *Páe-pobre*, que deixou umas casas, com obrigação de uma missa cantada, na 1.ª oitava da mesma festa.

Ha ainda outros dois *moimentos*, mas ninguem sabe de quem são, por não terem epitaphio. São semelhantes aos que estão encostados á parede da egreja de S. Thiago do Arrabalde da Ponte, em Leiria.

—

Capellas d'esta parochia

Santo Estevão das Vinhas—assim chamada, por estar no sitio das Vinhas. O commendador, era obrigado á sua fabrica. Tem confraria de defunctos, e *bôdo*, no segundo domingo de outubro.

São Payo—pôsto estar na freguezia do Juncal, pertence a esta egreja.

Esta ermida, está na quinta, que d'ella tomou o nome de São Payo. É muito antiga, pois já existia no seculo XII, com o nome de *Quinta do Andom*, como consta de documentos que existiram no cartorio do mosteiro d'Alcobaça, ao qual a quinta era foreira.

Existem aqui vestigios claros de uma antiquissima povoação romana, que se suppõe ter sido destruida pelos barbaros do Norte no principio do seculo V.

É por estes sitios que tem apparecido grande quantidade de moedas de prata, romanas, innumeras sepulturas, ossos calcinados ou petrificados, telhas, tijolos, e o mais em que já fallei.

A ermida tem confraria de defunctos, como a antecedente.

Santa Catharina—antigamente—e hoje= *Santa Martha*—no logar da Calvaria. A sua construcção primittiva, foi em 1612, com a invocação de Santa Catharina, e para administração dos sacramentos. Os moradores da Calvária e lemitrophes, são obrigados á sua fábrica.

Foi demolida e reedificada, em 1722, mudando-se-lhe então a padroeira, que ficou sendo Santa Martha.

O altar-mór, tem retabulo de madeira, camarim e throno, onde está a imagem da Santa. Tem dois altares lateraes—um dedicado a Santo Antonio de Lisboa (que tem um primoroso retabulo de marmore, de ordem composita) e o outro dedicado a S. Francisco de Borja.

Pouco abaixo do logar da Calvaria ha uma fonte, cuja agua é reputada como a melhor d'estes sitios. Foi mandada fazer, por frei Thomaz da Motta, frade da Batalha, em reconstrucção da antiga.

S. Jorge e Nossa Senhora da Victoria [1]—É na estrada antiga, de Lisboa a Leiria, 3 kilometros ao N.O. da villa da Batalha; mas dentro do districto d'esta parochia. Tinha eremitão, com a ordinaria de um moio de pão, que se lhe pagava do *Campo*, de Leiria. Tinha cuidado da limpeza e conservação do templo, e obrigação de ter alli sempre um cantaro d'agua, para desalterar os viajantes.

No dia de S. Jorge, hiam a esta ermida, em procissão, os moradores das villas de Porto de Mós, Aljubarrôta, e Batalha, com as

[1] Esta ermida já fica descripta. O *Couseiro* (do qual vou tirando estes apontamentos) repete-a. Eu faço o mesmo, por aqui ter mais algumas cousas dignas de notar.

respectivas camaras, parochos, beneficiados, e mais clerezia, bem como os religiosos do mosteiro dominico, da Batalha; havendo sermão e missa cantada.

Esta ermida, foi mandada fazer pelo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, como se diz na chronica de D. João I, em commemoração da gloriosa victoria d'Aljubarrota, em 14 de agosto de 1385.

Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 25 de agosto de 1392, e foi benzida pelo prior da egreja de S. Pedro, de Porto de Mós.

Os duques de Bragança, descendentes do santo condestavel, tiveram sempre cuidado de que não faltassem os clerigos de Porto de Mós e seu districto, tanto no dia do Santo, em que sae uma procissão, da egreja de S. Pedro, de Porto de Mós; como no da Assumpção de Nossa Senhora (em cujo dia sahia a procissão da S.S. Virgem,) da egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos,—e no dia de S. Thiago, no qual sahia outra procissão, da egreja de S. João Baptista.

A capella-mór d'esta ermida, é de abobada, e alem do seu altar, onde está a imagem da padroeira, tem dois lateraes, em um dos quaes está a imagem de S. Jorge, vestido de guerreiro, com sua armadura, imitando ferro, e montado em um cavallo branco: no outro está uma cruz.

Proximo da ermida, está uma fonte de agua clarissima e de optima qualidade, chamada—*Fonte d'El-Rei.*

A imagem da Senhora da Victoria, tambem é antiquissima, pois é a mesma que acompanhou o condestavel em todas as suas campanhas.

De uma inscripção que está na fachada do templo, á direita de quem entra, consta a data da sua fundação (1430 da era de Cesar, que é o anno 1392 de J. C.)—e a da sua conclusão, no anno seguinte.

Foi onde hoje existe a ermida que estava arvorada a bandeira do condestavel, durante a batalha d'Aljubarrota, e foi aqui onde mais sangue correu n'este dia. Assim o diz a mencionada inscripção e a chronica de D. João I.

Em 1834, foi expulso o eremitão, e não foi mais substituido. As procissões deixaram de fazer-se desde então, e os governos abandonaram de tal sorte este gloriosissimo monumento (que recordava as firmes crenças, e o valor sobrehumano dos nossos avós) que em pouco tempo, apenas d'elle restará um montão de ruinas.

—

Ignora-se a razão porque se chama á padroeira da egreja—*Nossa Senhora dos Murtinhos*; pretendem alguns, mas não provam, que a Senhora foi achada entre uns *murtaes*, onde os christãos a haviam escondido dos mouros, no principio do seculo VIII.

Era pintada em tábua; mas, em 1614, a confraria da Senhora mandou fazer uma imagem de *róca*, de 1,^{m}10 d'altura, que esteve alguns annos no altar-mór da sua egreja; mas, não se sabe porque, foi levada para a egreja de Albardos.

Depois, mandou-se fazer outra imagem, que não se sabe porque foi mudada para a egreja da Misericordia, depois de se fazer a actual, que está no altar mór, e é tambem de róca, e de 1,^{m}30 d'altura. Tem o Menino Jesus nos braços.

Foram padroeiros d'esta egreja, os Abreus; e foi o rei D. Sebastião que a reduziu a commenda.

Consta que as reliquias trazidas de Mérida, em 714, pelo monge Romano, e de que já fallei, foram postas n'esta egreja, por D. Fuas Roupinho.

Estas reliquias, são—um boccado do casco de S. Braz, que está em um relicario (em fórma de custodia) de prata dourada—um osso, de um dos 40 martyres — trez ossos pequenos, e um pedaço de vestido, que pertenceram a algumas das onze mil virgens—um pequeno osso, de S. Sebastião martyr—um osso pequeno de Santo Erasmo, bispo e martyr—pós dos ossos dos dez mil martyres — um relicario de prata, com reliquias, mas não se sabe a quem pertenceram—em um cofre de ferro pulido, um bocadinho de páu, que se suppõe ser do Santo Lenho—ainda mais dois ossos e outras reliquias, que tambem se ignora de que santo ou santos foram, porque não teem letreiro algum explicativo.

—

Consta que D. Fuas Roupinho, mandou construir na villa, pelos annos de 1184, uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, que depois foi reedificada e ampliada, e é a actual matriz de S. João, que já era parochial no XIV seculo.

A 10 de julho de 1432, se celebrou em Lisboa, uma escriptura publica, da qual copio estes periodos:

«Em esta cidade de Lisboa, e crasta da Sé, «se fez a presente escriptura, perante Christovam Annes, *bacharel em degredos*, [1] vi«gario geral, do honrado padre, o sr. D. João, «bispo da mesma cidade; [2] sendo o dito vi«gario geral, no dito logar, em audiencia; «ouvindo feitos e partes, perante nós, Pedro «Esteves, tabellião, por auctoridade de el«rei, em esta cidade—e testemunhas, adian«te escriptas—appareceram, Martim Affon«so, escolar em direito canonico, procura«dor da egreja de S. João, de Porto de Mós, «etc.—E mostrou um instrumento publico, «em que se continha, segundo em elle se «fazia menção, o theor do verdadeiro testa«mento de *João Miguens da Cré, sepultado «na mesma egreja de S. João de Porto de Mós.*» etc.

Eis aqui um trecho do testamento do tal *Cré.*

«Em nome de Deus, amen. Saibam quan«tos este testamento virem, e lei ouvirem, «que eu, *João Miguens da Cré*, temendo o «dia e hora da morte, que eu não sei quan«do virá, porém, faço e ordeno meu testa«mento, em minha saude, e com meu siso «comprido, á honra de Deus e da Virgem, «sua Madre, e do martyr S. Vicente, e do «anjo, São Miguel—em esta maneira.

«Lego minha sepultura, na capella de meu «padre, no chão, ante o altar d'essa capella «(Nossa Senhora da Piedade) em a egreja de «São João, de Porto de Mós; e *mando* (dei«xo, testo, dôo) a esta egreja, 50 libras, com «meu corpo, etc.»

Isto prova que já então esta egreja era parochia, e, porventura, bastante antiga.

—

No mesmo testamento, instituiu Cré, quatro capellas (de missas) na mesma capella da Senhora da Piedade — a primeira a S. Bartholomeu — a segunda, a Santa Maria Magdalena—a terceira, a S. Lourenço—e a quarta, a Nossa Senhora da Piedade — dizendo:

«Deixo todo o meu herdamento, que é em «Porto de Mós, e rogo a meu irmão, que «deixe ahi o seu, porque se mantenha, a ca«pellania, na dita capella de meu padre e «de minha madre; e pela minha alma, e pe«las de meus irmãos, e d'aquelles donde ve«nho—sob tal condição, que o prior e ra«çoeiros de S. João, tenham uma capella «para todo o sempre, que cante em esta ca«pella, pelas nossas almas, cada *de requiem*, «e pois, *de requiem*, em commemoração, dia «de Santa Maria, e saia cada dia, sobre os «moimentos de meu padre e de minha madre

[1] Havia antigamente, várias especies de *bachareis*. Alem dos *bachaleres* das cathedraes, a que hoje denominamos *beneficiados*, havia os *bachareis* das academias e universidades, que eram os individuos que já tinham o primeiro grau de qualquer faculdade.

Nas egrejas cathedraes, e até em muitos conventos, havia *bachareis*. ou *baccalarios*, que eram os conegos e monges mais novos.

Egualmente se dava este nome, aos militares (de qualquer ordem de cavallaria) de pouca edade, ou que não tinham posses para terem *pendão e caldeira*—isto é—sufficiente numero de vassallos, pagos e municiados á sua custa, para poderem arvorar bandeira independente, nas expedições militares.

A palavra *degrêdo*, era synonimo de *decreto;* porisso, *bacharel em degredos*, vinha a ser o que nós hoje chamamos *bacharel em direito*, ou *em leis.*

[2] A data d'esta escriptura, é da era de Cesar, que vinha a ser 29 de junho do anno de 1394 de J. C.

Este bispo, era D. João Annes, eleito em 1383. Foi o ultimo bispo e o primeiro arcebispo de Lisboa.

D João I, impetrou do papa, Bonifacio IX, auctorisação para que a Sé de Lisboa fosse elevada a metropolitana, deixando, portanto, de ser suffraganea da Cathedral de S Thiago de Compostella, como era desde 1199, e sendo só dependente da Sé apostolica. Sua Santidade assim o mandou, por bulla de 10 de dezembro do anno de 1394.

Bonifacio IX, governou a egreja de Deus, desde 1389, até 1404, anno em que falleceu. Foi o 201.º, na serie dos pontifices. (Vide 4.º vol., pag. 271, col. 2.ª)

«e meu, com cruz e com agua benta, e com «responso, e suas orações, etc.»

Depois, vae declarando o que deixa ás capellas, e diz:

«Item, os herdamentos que hei em Santa«rem, ordeno d'esta maneira—Deixo todo o «meu herdamento de Alpiarça, para uma «capellania—Item, a Matta, para outra ca«pellania—Item a Malva, para outra capel«lania.»

Manda que um dos capellães cante por elle, por el-rei D. Diniz, e pelos bispos, D. Domingos e D. Matheus, outra missa a Nossa Senhora.

Em 1530, estas quatro capellas (que na sua instituição, tinham grandes rendimentos) foram reduzidas a uma só, pelo arcebispo de Lisboa, o que foi confirmado pelo papa Clemente VII, a 18 de outubro de 1531. Esta reducção foi porque, a esse tempo, grande parte das fazendas e foros sujeitos aos legados, tinham sido usurpados, como acontece a outras muitas, em differentes partes. Apezar d'isto, ainda rendia esta capella, em 1710, mais de 15 moios de pão.

Este *João Miguens da Cré,* era pessoa muito illustre e de uma antiga familia da villa.

—

Da egreja de S. João e da de S. Pedro, desmembrou D. Affonso, conde de Ourem, e marquez de Vallença, em 1447, os priores com as suas terças, para formarem a collegiada que instituiu na villa de Ourem.

—

A imagem de Nossa Senhora da Piedade, é de pedra, está sentada, com J. C. morto no regaço, e n'esta posição tem 0m,66 de alto. Pela imperfeição da sua esculptura vê-se que é antiquissima; assim como a capella, que é de architectura gothica, e n'ella se veem os dois mausoleus, do pae e mãe do cavalleiro, João Miguens da Cré. Quando se fez a egreja, foi esta capella encorporada n'ella, ficando do lado esquerdo do corpo da egreja.

—

Ha na villa, duas fontes—uma junto ao castello, e outra, á entrada da povoação, contigua a uma bonita alamêda.

Egreja e hospital da Misericordia

Foi instituida a Misericordia d'esta villa em 1516, por alvará do rei D. Manoel. D. João III lhe confirmou os privilegios, em 1541.

Tem irmandade, com as prerogativas e obrigações das outras irmandades da mesma denominação.

Havia (e ainda ha, junto á Misericordia) n'esta villa uma ermida, de Santo Antonio, no Rocio, que era a de uma *gafaria.*

Sabemos que nos tempos antigos eram vulgarissimas as molestias cutaneas, chamadas *mal de S. Lazaro* (elephancia, lepra, gangrena-sêcca, etc.) porque este santo era leproso.

Eram numerosissimas as gafarias que havia n'este reino. Quasi todas as povoações de mais importancia, tinham fóra d'ellas, um hospital dos gafos ou lazaros.[1] a que tambem se dava o nome de *conventos,* ou *ordens de S. Lazaro,* que era o advogado contra estas molestias, e o patrono de taes estabelecimentos.

Ainda hoje vemos algumas gafarias, ou em ruinas ou applicadas a outros usos; e, onde já d'ellas não ha vestigios ainda o sitio onde estiveram conservam o nome de *Gafaria, Gafanha, Gafanhoeira, Gafeira,* etc.

No concelho de Castro-Daire, ha a freguezia do *Gafanhão* (que foi villa). Gafanhão, quer dizer homem gafo, como *gafanhôa,* significa a mulher que padece da mesma molestia.—3.º vol., pag. 245, col. 1.ª

[1] Dava-se tambem a estes estabelecimentos de caridade, o nome de *lazarêto* (hospital dos lazaros) e d'aqui provem o nome de lazarêto, dado ás casas onde são obrigados a quarentenar, os navegantes que vem de paizes onde ha molestias contagiosas.

Á falta de limpeza do corpo, e ao uso de roupas de lan, ou de pelles, junto á cutis, se attribue a frequencia d'esta ascorosa molestia dos nossos avós; assim como se attribue á limpeza, e ao uso da roupa de linho, e á importação e uso do assucar, a sua quasi extincção. E, na verdade, esta horrivel molestia, é hoje, felizmente, rarissima na Europa.

Vide *Queimadella* (S. Vicente.)

Como em Porto de Mós cessasse tambem esta molestia, foi annexada a sua gafaria, com os competentes rendimentos, ao hospital da Misericordia; mas conservou sempre o nome de *hospital de Santo André*. Tem uma confraria, cujos irmãos fabricam a capella, e festejam o santo, no seu dia. As *offertas* de ermida e as da Misericordia, eram de trez em trez annos, de cada uma das parochias da villa.

A egreja da Misericordia, é da invocação de Nossa Senhora (como são a maior parte d'estas egrejas.) — Tem contigua á egreja, uma bôa sachristia, e uma optima *casa do despacho*, casa de cartorio, e outra de celleiro.

Junto á casa do despacho, é que está o hospital que é terreo, mas soffrivel. No quintal, ou cêrca, do estabelecimento, está a casa de residencia do *hospitaleiro* (enfermeiro.)

O hospital de Santo André, com os sobejos das despezas dos gafos, creava os expostos: como as suas rendas se uniram ás da Misericordia, ficou esta com o mesmo encargo.

—

Tem pedreiras que produzem mármores dos mais bellos de Portugal, tão finos como os de Cintra e Extremôz.

Tambem aqui se fabricam muitas pederneiras, de optimo silex.

—

Até 1834, teve juiz de fóra, e duas companhias de ordenanças, na villa, e quatro no seu termo.

Foi alcaide-mór de Porto de Mós, Luiz de Mello da Silva, descendente de João Lourenço Ferreira, pae de Pedro Lourenço Ferreira, cognominado o *Mata-Judeus*, por assassinar alguns, da judiaria de Trancoso, que não queriam pagar certos tributos.

Casou com D. Antonia de Mello, filha bastarda de Martim Affonso de Mello. Foi seu filho:

Nuno de Mello de Faria, que na tomada de Alcacer-Ceguer (Africa) por D. Affonso V, em 1459, recebeu dezesete feridas.

Casou com D. Philippa da Silva, e teve:

João de Mello da Silva, que teve por filho (bastardo)

Antonio de Mello da Silva, instituidor do mórgado de Bucellas, em 1573.

Casou com D. Ignez Leitão, e foi seu filho:

Nuno de Mello da Silva, que casou com D. Barbara de Castro, filha de Pedro de Castro, alcaide-mór de Melgaço, e de D. Jeronyma da Maia. Foi seu filho:

Antonio de Mello da Silva, que casou com D. Anna de Mello, e foi seu filho:

Nuno de Mello da Silva, que casou com D. Maria Pitta, e foi seu filho:

Luiz de Mello, que casou com D. Maria Camilla de Lemos, e foi seu filho:

Luiz de Mello da Silva, que foi o referido alcaide-mór, Luiz de Mello da Silva, nomeado no principio d'este paragrapho.

—

É tradição que, em tempos que já lá vão ha muito, houve aqui um juiz de fóra, com grandes fumos de fidalgo; e sendo tratado por *V. M.ce* (como então se usava) em certa petição, a não despachou por querer *senhoria*.

O requerente, fez a seguinte *replica*:

Se a Deus se trata por *tu*,
E ao nosso rei, por *vós*,
Como quereis que vos tratem,
Juiz de Porto de Mós?

—

A pouca distancia d'esta villa, principia a serra do *Arrimal*, estendendo-se para o S., por espaço de 18 kilometros, até á *Venda da Costa*, onde termina.

N'esta serra, ha minas de prata, de ferro, e de carvão fossil—todas por explorar. Em 1740, tambem aqui se descobriu uma mina de azeviche.

—

Porto de Mós, desde o reinado de D. Sancho I—isto é—desde o principio do seculo XIII, foi augmentando a sua população, e progredindo, porque os seus habitantes se empregavam assiduamente em cultivar os seus ferteis campos; porém, desde o principio do seculo XVI, preferiram dedicar-se ás armas e ao commercio (desde que D. Vasco da Gama, descobriu o caminho para a India, por mar, em 1497—e desde que Pedro Alvares Cabral, descobriu o Brasil, em 1500) a cultivarem terras sobrecarregadas de pesadas rendas, para differentes commendas e fidalgos.

Por esta razão, a villa foi decahindo do seu antigo esplendor, e eram mais as casas em ruinas e desertas, do que as habitadas.

Ha alguns, annos porém, d'entre os entulhos, tem renascido novos edificios, e a actual prosperidade, relativa, d'esta povoação, promette continuar em progressivo augmento, e preparar um risonho provir a Porto de Mós, que se effectuará desde que se abrir um ramal de caminho de ferro, d'aqui até á estação de Torres-Novas, que é apenas uma distancia de 30 kilometros. Tambem fica só a 5 kilometros a E. da estrada real, de primeira classe, de Lisboa ao Porto, duas arterias por onde pode exportar, não só os generos agricolas excedentes ao consumo do povo, mas, e sobretudo, o producto das suas numerosas e abundantes minas de ferro e anthracite—mesmo que as de prata, pela sua pobresa, não mereçam os trabalhos e despezas da exploração e lavra.

—

A villa fica escondida pelo E., S. e O., entre varias serras que a cercam, ficando apenas descoberta pelo N., por onde se estende uma veiga fertilissima, até á villa da Batalha.

Sobre o vertice de um monte, sobranceiro á villa, se ostenta, desafiando o correr destruidor dos seculos, o seu vetusto e venerando castello, primittiva residencia do *rei* mouro, e depois, paço dos alcaides-móres.

São deliciosas as vistas que das suas muralhas se gosam, pelos seus contrastes. Em volta, e mais ou menos distantes, se veem montes alcantilados, serras e bosques. Ao sopé, a villa, com seus arrabaldes, povoados de arvoredos, hortas, quintas e pomares, e o rio, serpeando por entre formosos choupos, alamos e salgueiros: e ao N., a formosa veiga que já mencionei.

Logo á entrada da villa, pelo O., se veem as tristes e abandonadas ruinas do mosteiro do Bom-Jesus, de eremitas descalços, de Santo Agostinho; seguindo-se-lhe ruas estreitas e tortuosas, como todas as das povoações antigas, que se foram construindo pouco a pouco, e sem ordem.

O termo produz muita variedade de fructos; nos seus montes, ha muita caça, de varias especies, e os seus rios produzem algum peixe: vindo-lhe tambem da Pederneira, grande quantidade d'elle, chamado *da costa*.

No populoso logar chamado *Nossa Senhora d'Assumpção, de Minde*, fabricam-se grande cópia de pannos, grosseiros, de lan, que se exportam para varias partes.

É no districto d'este concelho, o famoso *Olho da Mira*. Vide 6.º vol., pag. 237, col. 1.ª

—

Entre os homens illustres, nascidos em Porto de Mós, citarei:

D. Antonio Pinheiro—Estudou as lettras sagradas e profanas, em Paris, onde foi lente de rhetorica. D. João III o mandou voltar ao reino, e o fez seu capellão, prégador, e mestre do principe D. João.

D. João, foi o unico filho de D. João III—Casou com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos V.—Morreu a 2 de janeiro de 1554, com 17 annos incompletos de edade. Dezoito dias depois, nasce seu filho, o malogrado rei D. Sebastião.

Depois, foi D. Antonio Pinheiro feito chronista-mór do reino, guarda-mór do archivo real, visitador e reformador da universida-

de de Coimbra, bispo de Miranda, e depois, de Leiria. Foi um eloquentissimo orador latino e portuguez; e nas maiores solemnidades reaes, religiosas e politicas, fez as orações, dez das quaes, foram impressas. Tambem escreveu algumas obras poeticas, portuguezas e latinas; excellentes commentarios e annotações a Marco Fabio Quintiliano, que foram impressas em Paris e em Veneza, em um livro *in fólio*, traduziu em portuguez o *Panegirico de Plinio a Trajano*, e na livraria da Cartuxa, d'Evora, existiu o seu original, até 1834, e do qual se extrahiram muitos exemplares.

Deixou manuscriptos—um *Tratado sobre os psalmos*—outro *Da eloquencia da lingua portugueza*—outro de *Cousas antigas de Portugal*—um tomo de *Sermões*, e outras obras.

Morreu em Lisbaa, a 9 de novembro de 1582, ou em janeiro de 1583.—Foi sepultado na capella de S. Sebastião, por elle edificada, na egreja de S. Pedro, de Porto de Mós.

Os que pretenderem mais amplas noticias d'este varão insigne, vejam a sua biographia, nos *Retratos e elogios dos varões e donas, que illustraram a nação portugueza.*

D. Fernando I, deu o senhorio de Porto de Mós, a D. Garcia Rodrigues Taborda. Era um fidalgo gallego, que tinha o seu solar, em S. Miguel de Taborda, junto á cidade de Tuy. Veio para Portugal com seu primo, o tristemente celebre, D. João Fernandes Andeiro, ao qual o mesmo monarcha—por influencia de D. Leonor Telles de Menezes—fez conde de Ourem. Taborda tambem foi feito, pelo mesmo monarcha, e pela mesma influencia, alcaide-mór de Leiria.

As armas dos Tabordas, são—em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes, de ouro, em aspa. Elmo de prata, e por timbre, uma asa de púrpura, levantada, carregada de uma caderna do escudo. Suppõe se que João Rodrigues Taborda, capitão de um navio, na tomada de Ceuta (Africa) foi o que obteve estas armas, por distincção n'essa conquista, que teve logar em 14 d'agosto de 1415.

No logar de Minde, d'este concelho, falleceu, em junho de 1876, Luciana Maria, de edade tão avançada, que ella mesma não sabia já quantos annos tinha. Casou em 1804, com José Pereira da Costa, de Minde.

Viveu nos sete seguintes reinados—D. José I—D. Maria I—regencia do principe do Brasil—reinado de D. João VI—regencia de D. Isabel Maria—reinado de D. Miguel I—de D. Maria II—regencia de D. Fernando—reinado de D. Pedro V—e de Luiz I.

Até á hora da morte, conservou todas as suas faculdades e sentidos, em perfeito estado. A sua occupação ordinaria, era fiar na roda. No anno antecedente, tinham morrido em Minde, nove velhas decrepitas, que Luciana Maria se lembrava perfeitamente de terem nascido.

—

Em maio de 1877, foi o concelho de Porto de Mós invadido por uma praga de rans e caracoes, que causaram grandes prejuizos aos agricultores.

—

PORTO DE MÓS—praia, Algarve—junto a Lagos.

PORTO DE MUGEM—hoje *Mugem*. Vide esta palavra.

PORTO DE OVELHA—(ou da *Ovelha*)—freguezia da Beira-Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi do extincto concelho de Castello-Mendo) 85 kilometros ao S. E. de Vizeu, 360 ao E. de Lisboa, 100 fogos—em 1757, tinha 57.—Orago Nossa Senhora da Expectação. Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O parocho era cura, collado, da apresentação do vigario de Leonil. Tinha 6$000 rs. de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está situada proximo do rio Côa, e é pouco fertil, em razão do seu clima excessivo.

PORTO DE REI—Aldeia, Beira-Alta, na freguezia de São João de Fontoura, comarca e concelho de Rézende. Está situada sobre a margem esquerda do rio Douro, e é terra de barqueiros. Proximo a Porto de Rei, é o ponto da *Ripança*. (6.º vol., pag. 199, col. 1.ª)

Em frente d'esta povoação, fica a aldeia e freguezia de Barqueiros, concelho de Me-

zão-Frio, patria do malogrado José Julio de Oliveira Pinto. (vol. 1.º, pag. 336, col. 2.ª, no fim.)

Entre *Barqueiros* e *Frende*, fica um dos túnneis do caminho de ferro do Douro.

PORTO DOS PINHEIROS—logar, Alemtejo, proximo á villa de Castello de Vide. Faz parte de uma coutada, chamada de *Alcogullo*, propriedade do sr. Lecocq, onde existem, mais ou menos desmantellados, cinco dolmens. Um d'elles, é no sitio do *Porto dos Pinheiros*, e está actualmente transformado em curral de porcos.

É um dos maiores de Portugal, pois a sua meza tem 3m,10 de comprido, 3m,5 de largo, e 0m,38 de espessura. Os esteios, 1.º, 2.º e 7.º conservam-se inteiros: ao 4.º, falta-lhe a parte superior—o 2.º e 5.º, faltam—e do 6.º, apenas existe a terça parte.

PORTO DO TEJO—aldeia, Beira-Baixa, na freguezia e concelho de Villa Velha do Rodam, comarca, bispado e districto de Castello-Branco.

É uma povoação importante, sobre a margem esquerda do Tejo. É terra fertil, mas falta d'agua potavel, tendo os seus moradores de a hir buscar á fonte da villa do Gavião, que fica a 2 kilometros de distancia; e mesmo assim, com difficuldade, pela grande concorrencia de povo a hir surtir-se a esta fonte.

Vide *Villa-Velha de Rodam*.

PORTO-MANSO—aldeia, Douro, na freguezia d'Ancêde, concelho e comarca de Bayão. Está situada sobre a margem direita do rio Douro, e, porisso, é terra de barqueiros.

É aqui a 4.ª secção do caminho de ferro do Douro.

Foi por estes sitios, que, em 18 de novembro de 1846, houve um tiroteio, entre os guerrilhas miguelistas do Macdonell, e as forças do Sá da Bandeira, que retiravam para o Porto, pelo rio, depois da derrota de Valle de Paços. (Vide a nota na col. 2.ª, de pag. 367, d'este volume.)

PORTO-NOVO—aldeia, Extremadura, pequeno porto de mar, na freguezia de S. Miguel do Vimeiro (ou Vimieiro) concelho da Lourinhan, comarca de Torres-Vedras.

É digna de menção especial, esta pequena povoação, porque, tendo os inglezes desembarcado nas Berlengas, em 18 de agosto de 1808, em soccorro de Portugal contra as hordas napoleonicas—os mareantes e pescadores de Peniche, apezar da forte guarnição franceza, que occupava esta praça, fugiram com todos os barcos que se achavam em estado de navegar, e foram para as Berlengas, d'onde transportaram os nossos alliados para o continente, desembarcando-os em *Porto-Novo*, para se reunirem ás forças nacionaes, d'esta parte da Extremadura.

Junot, marcha com uma forte divisão contra os alliados, mas é derrotado, mesmo no Vimeiro, a 21 do dito mez e anno; como Delaborde tinha sido derrotado na *Roliça* (24 kilometros ao N. do Vimeiro) pelos inglezes, desembarcados na Figueira da Foz, unidos ás tropas nacionaes da Beira, commandadas por Sir Arthur Wellesley, a 17, tambem d'este mez e anno.

Vide *Peniche*, *Roliça*, e *Vimeiro*.

PORTO-SALVO — (Nossa Senhora do) — Vide 4.º vol., pag. 22, col. 2.ª

Os que quizerem mais amplas noticias com respeito a esta Senhora, vejam o 6.º vol. do *Sanctuario Marianno*, pag. 463.

PORTO-SALVO—pequena, mas bonita povoação, Extremadura, na freguezia, concelho e 2 kilometros ao E. da villa d'Oeiras, situada sobre a margem direita do Tejo, em formosissima posição, ficando-lhe quasi em frente, a grande aldeia da *Trafaria*, e mesmo em frente, o *Torrão* e a *torre do Bugio*.

Toda esta margem do Tejo, desde Belem até S. Julião da Barra, é um dos mais bellos e pittorescos sitios de Portugal. Desde a praia do *Rastêllo* (Belem) até á ponte d'Algés, eram tres povoações distinctas, da freguezia de Belem — *Belem*, *Bom Successo*, e *Pedroiços*. Mas a povoação foi-se estendendo, e hoje, posto conservar as antigas denominações, não é mais do que uma rua continuada, tendo de um e outro lado, ricos e formosos palacios, optimas quintas, bellos jardins, e encantadoras casas de Campo.

O rail-road (caminho de ferro do systema americano) percorre esta linha de quarto em quarto de hora, todos os dias, desde a

Ponte d'Algês, até ás estações extremas de Lisboa. (Estação do caminho de ferro do nórte e leste—Passeio publico, do Rocio—e Largo do Intendente.)

Porem desde a primavera até fins de outubro, a concorrencia é espantosa, pois, não só affluem aqui as familias abastadas de Lisboa, a ares ou a banhos do mar; mas ainda, muitas das nossas provincias, e de varios pontos da Hespanha; o que tem elevado o prêço das rendas das casas, a uma cifra espantosa, em nada inferior aos alugueis dos predios, nas ruas principaes de Lisboa.

Já ficam descriptas no logar competente, as povoações de *Algés*, *Belem*, *Bom-Successo*, *Dá-Fundo*, e *Pedroiços*, pelo que, limitar-me-hei a descrever aqui rapidamente o que ha a dizer desde a ribeira d'Algés para O. (menos *Caxias*, *Laveiras*, *Oeiras*, e *Paço d'Arcos*, que já estão descriptos; e S. José e Santa Catharina de *Ribamar*, que virão na palavra *Ribamar*.)

—

A ribeira d'Algés divide o concelho de Belem, do de Oeiras, e a freguezia de Santa Maria de Belem, da de S. Romão de Carnaxide.

Pedroiços, termina pois na margem esquerda do Algés, por duas quintas—a do N., dos srs. duques do Cadaval, e a do S., do sr. Abreu. [1]

Na margem direita da ribeira, é a bonita povoação da *Ponte d'Algés*, até onde—por emquanto — chega o precurso dos carros americanos. [2]

O que deu o nome a esta povoação foi a ponte velha. É de um só arco, e de alvenaria. Sobre o parapeito do lado da terra (N.) tem um padrão, com as armas da cidade de Lisboa (uma náu)—e sobre o do lado do Tejo (S.) esta inscripção:

A CIDADE
MANDOU FA-
ZER ESTA
PONTE NO A-
NNO DE 1608.

Vê-se pois que esta ponte tem actualmente, nada menos de 269 annos. É construida de *alvenaria*, (como já disse) e por pedreiros analphabetos. Pois ha 5 ou 6 annos, homens da arte, com o curso completo de engenharia de pontes e calçadas, com os *precizos* instrumentos mathematicos, dos mais modernos e aperfeiçoados, e depois de *estudarem o traçado*, e *levantar a planta da obra* (quer dizer—depois de gastarem com os *estudos preliminares*, tanto dinheiro como custou a obra) construiram uma ponte, de *cantaria*, com guardas de ferro, a uns 20 metros abaixo da antiga, excedendo esta em belleza e magnificencia, e parecia tambem que em solidez; mas veio a cheia (ou cheias) de novembro de 1876, e levou-lhe os alicerces (!) do pegão do O.! — Andam agora a reconstruil-a. — A ponte velha, lá está, tão sólida como quando foi construida, e dando exclusivamente passagem segurissima, aos trens, cavalleiros e peões que precizam atravessar o rio. [1]

Na aldeia da *Ponte d'Algés*, mandou D.

[1] A quinta dos srs. duques do Cadaval, é vasta e muito accidentada. No tope de uma collina d'esta propriedade, que fica ao N.E. da Ponte d'Algés. se anda construindo uma fortaleza, denominada—*Forte do Duque* As obras d'este forte, ainda estão muito atrazadas, pois apenas se está procedendo aos desaterros para as casamatas.

Fica um kilometro ao N. do Tejo.

[2] *Ponte d'Algés*, está sobre a margem direita do Tejo—e *Algés*, é uma grande aldeia da mesma freguezia de Carnaxide, que fica ao N., em um alto, e a uns 1:200 metros de distancia do Tejo. Ao fundo (E.) d'Algés, nas margens da ribeira, ha bontas quintas, sendo a melhor e mais bella, a de *Santa Martha*.

[1] Factos identicos se teem dado em muitas outras pontes modernas, construidas *segundo todas* as regras architectonicas. Estas, teem sido desmanteladas pelas enchentes, ao cabo de 2 ou 3 annos de existencia, ao passo que as pontes de *Canavezes*, *Barcellos*, *Abbadim* (Ancora) *Mirandella*, *Silves*, *Tavira* e outras muitas cuja construcção é tão antiga, que se attribue aos romanos—e ainda maior numero, construidas pelos nossos primeiros réis, resistem firmes e impavidas, á violencia das mais furiosas torrentes.

Isto, não é offender os srs. *engenheiros de pontes e calçadas;* mas dizer verdades incontestaveis.

João IV, construir um forte, denominado de *Nossa Senhora da Conceição*, em 1649, sob a inspecção do conde de Cantanhede, então ministro da guerra. Este forte, que ainda estava muito bem conservado, foi vendido, depois de 1834, e sobre as suas muralhas (que ainda se conhecem) está hoje edificado um bonito predio, com seu jardimzinho, propriedade do sr. Gaspar Gomes dos Anjos, armador, residente no *Chiado*, em Lisboa. [1] O seu novo proprietario, ainda aqui conserva a imagem da antiga padroeira do forte, em um nicho, na fachada do edificio. É uma imagem de bella esculptura, com um metro d'alto.

Logo adiante d'esta casa, mas do lado opposto da estrada, anda em construcção uma sumptuosa e elegante casa, de um outro sr. Anjos, rico negociante e capitalista de Lisbôa, que tem aqui uma grande quinta.

A uns 200 metros ao O. d'este edificio, e sempre sobre a margem do Tejo, está uma casa, que foi hospicio dos frades de S. José de Ribamar. Foi vendida, como *bens nacionaes* (assim como o edificio do mosteiro principal e sua cêrca) e são hoje bellissimas propriedades, do sr. Eduardo Augusto da Silva Cabral, feito conde (2.º) de Cabral, no 1.º de abril de 1869. É filho do fallecido José Bernardo da Silva Cabral, feito 1.º conde de Cabral, em 24 de outubro de 1867—e sobrinho do sr. conde de Thomar, nosso embaixador, na côrte pontificia, e que, desde poucos dias está na sua casa, que foi mosteiro de Christo, em Thomar.

Pouco mais a cima (ao N.O.) é a pequena povoação de *S. José de Ribamar*, que tambem pertencia ao mosteiro d'este nome.

[1] Tambem não entendo muito bem a razão porque vendem, ou deixam cahir em ruinas essa linha de fortes, que bordavam as margens do Tejo, desde Beirólas, até S. Julião da Barra, mandados construir por D. João IV, e por seus filhos, D. Affonso VI, e D. Pedro II, e que faziam fogo mesmo ao *lume d'agua*, e vão gastar *rios de dinheiro*, em construir novas fortificações, a uma *respeitosa distancia* do Tejo! Será para collocar essas fortificações fóra do alcance da artilheria inimiga, e esta fóra do alcance da nossa?—Será um novo systema de baterias inoffensivas?—Parece que sim!...

Já a pag. 21 (col. 1.ª, no fim) fallei da *quinta da Piedade*, que é a maior parte d'esta povoação. Hoje, que mesmo n'ella resido, posso dar mais amplas informações a seu respeito.

Esta propriedade foi mandada fazer por D. José I, que vinha aqui muitas vezes. Depois, deu-a a um desembargador do paço, seu valido. Por morte d'este, ficou a um filho, que se recolheu ao mosteiro de S. José de Ribamar, e, por sua morte, lhe deixou a quinta de *Nossa Senhora da Piedade*. Os frades, não só conservaram, mas ainda melhoraram a quinta, e em um grande salão das casas, fizeram a sua livraria, cujos *lotes* ainda se conservam em muito bom estado; mas os livros desappareceram. Tanto o salão da livraria, como o resto das casas primittivas, estão a um metro de altura, da parte inferior, forradas de bellos asulejos, com primorosos desenhos colloridos, representando varias scenas de caça e pesca (hoje cobertos de papel pintado, ordinario!...)

Não é um palacio, mas uma vastissima e optima casa de campo. No seu interior, está a bonita capella de Nossa Senhora da Piedade, que dá o nome á quinta. É de abobada de estuque, com um só altar, onde se admira um bello retabulo da padroeira.

Esta propriedade, comprehendida na classe de *bens nacionaes*, foi vendida depois de 1834, em hasta publica, e a comprou João Manoel Soares da Cruz, casado com D. Candida Maria Rita dos Prazeres Sá e Cruz. Foram elles que augmentaram o predio, com outra bôa casa, porisso, denominada *nova*.

Fallecendo Soares da Cruz, sem filhos, ficou a sua viuva com esta quinta, onde residiu muitos annos (passando alguns do fim da sua vida, em estado de cegueira completa.) Por morte d'esta senhora, foi a quinta á praça, para com o producto da sua venda, se satisfazerem varios legados a parentes, e pessoas pobres, e um legado de quarenta contos, á viuva do sr. D. Miguel I, os quaes, o sr. conde da Redinha lhe foi levar á Allemanha.

Comprou-a (arrematou-a) em praça no dia 19 de agosto de 1875, o padre Antonio

Ferreira de Miranda, por 15:450$000 réis, e é o seu actual possuidor. Este sacerdote, naturalisou-se hespanhol, fez-se protestante, e está hoje casado, e com filhos e enteados. [1]

O sitio da quinta, é um dos mais bellos d'esta margem do Tejo, vendo-se d'aqui, a barra e uma bôa parte d'este rio, S. José e Santa Catharina de Ribamar, Oeiras, S. Julião da Barra, ao O., tudo na margem direita—e para Este, do mesmo lado, Ponte d'Algés, Pedroiços, Bom-Successo, torre de S. Vicente de Belem, a parte superior do Zimborio e torreões da Casa-pia (Jeronymos) e ainda a parte superior da Calçada da Ajuda.

Ao O.S.O., e a pouca distancia, vê-se, no meio das ondas, a *torre do Bugio*, e o seu pharol.

Da margem esquerda do Tejo, vê-se o pequeno povo do Torrão (perto da *costa de Caparica*) a grande aldeia da Trafaria, o Lazarêto, Porto Brandão, e parte da villa d'Almada.

A quinta é abundante d'aguas, pois, alem de um grande reservatorio e uma cisterna, tem duas noras, e um manancial d'agua perenne.

—

Hindo pela estrada marginal do Tejo, logo abaixo, e adiante do hospicio de S. José de Ribamar, está o mosteiro, hoje propriedade do referido sr. conde de Cabral, do qual tratarei em *Ribamar*. Seguem-se as bonitas povoações do *Dá-Fundo*, *Cruz-Quebrada*, *Gibálta*, [2] *Caxias*, *Paço d'Arcos*, *Oeiras*, e *S. Julião da Barra*.

Note-se que todas estas povoações, pela sua belleza e salubridade, e por serem estações de banhos do mar, estão, desde maio até outubro, replectas de familias de Lisboa e de outras muitas terras do reino e de Hespanha.

—

Tornemos a *Porto-Salvo*.

Logo adiante de *Caxias*, está o forte de *Nossa Senhora de Porto Salvo*, construido em 1649, pelo conde de Cantanhêde, por ordem de D. João IV, de quem era ministro da guerra. Está desartilhado, porem ainda conserva uma pequena guarnição de veteranos.

—

Capella de Nossa Senhora de Porto-Salvo

Fica a uns 3 kilometros ao E. da villa de Oeiras. O templo primittivo era muito antigo, ignorando-se a data da sua fundação (mas não remonta alem do seculo XVI.) Segundo a lenda, a origem d'elle foi a que se segue:

Vindo uma náu, da India para Portugal, encontrou tão furioso temporal no *Cabo da Boa-Esperança*, que a sua tripulação tinha quasi perdidas as esperanças de se salvar. N'esta afflicção, prometteram todos, se chegassem a salvamento, a Lisboa, edificarem uma ermida, dedicada á S.S. Virgem, sob o titulo de *Porto-Salvo*, no primeiro alto que

[1] No salão que foi livraria dos religiosos, fundou o tal Miranda, uma escola gratuita, protestante, que poucos mezes durou, porque, varias senhoras catholicas, congregadas em *associação protectora de escolas e asylos de rapazes pobres*, estabeleceram no logar da Ponte d'Algés, duas escolas, uma para meninos e outra para meninas, e immediatamente os paes dos discipulos da escola protestante, os mudaram para as catholicas, sem na outra ficar um unico. Era subsidiada pela propaganda protestante, que dava a Miranda, 100$000 réis annuaes, pela renda da casa, e pagava ao mestre.

[2] *Gibelta*, se não é corrupção de *jab*, *geb*, ou *gib* (monte) a que uniram o adjectivo portuguez *alta*—e vinha a ser *monte-alto*, é (e com mais probabilidade) corrupção de Gibraltar, pela tal ou qual semelhança, na sua posição, com aquella praça hespanhola, em poder dos inglezes, situada sobre o estreito do seu nome, que divide o Oceano Atlantico, do Mediterraneo, e a Europa da Africa.

No momento em que estou escrevendo (agosto de 1877) anda-se procedendo a estudos, para a construcção de um tunnell sub-marino, n'este estreito, que de Algeciras se dirija ao ponto mais proximo da costa africana.

Gibraltar, é corrupção de *Jab al-Tarik* (monte de Tarik.) Foi tomado por ser por aqui invadida a Hespanha, em 713 e 714, por *Tarik-Ben-Zarca (Tarik, filho da Azulada*—que era o appellido da sua famila)—famoso e cruel general africano, que derrotou Rodrigo, ultimo rei godo, e conquistou as Hespanhas.

descobrissem ao aproximar-se da costa de Portugal.

O tempo abonançou, e a tripulação chegou a Lisboa, sem soffrer outra tormenta.

Trataram todos logo de cumprir a promessa, e construiram a capella n'este sitio; que desde logo principiou a ser concorridissima, sobre tudo, pelos navegantes e suas familias, e a Senhora, objecto da sua particular devoção.

Até ha cousa de 50 annos, todos os navios de guerra que entravam ou sahiam a barra de Lisboa, ao passarem em frente da poetica capellinha, a salvavam com 21 tiros, como *preito e homenagem* á Virgem de Porto-Salvo.

Com o andar dos tempos, se arruinou a capella; pelo que, o capitão, Manoel de Carvalho (que falleceu em 1670, e era pae do padre Manoel Rodrigues Bacalháu, capellão da capella-real) a mandou demolir, reedificando-a desde os fundamentos, e ampliando-a, de modo a ficar um templo mais vasto, e muito lindo, todo interiormente revestido de bellos asulejos, e é de abobada. Tem um só altar.

Á porta da ermida, está um alpendre de cantaria muito elegante, e de formosa architectura, mandado fazer pelo mestre d'obras, Antonio João Valente Successo.

São muitos, e grandes, os milagres attribuidos á intercessão de Nossa Senhora de Porto-Salvo, e d'entre elles, só mencionarei o que deu origem á lenda ou romance seguinte:

É meia noite tangida,
E a Marqueza, inda a velar [1]
De joelhos lacriminosa
É d'est'arte o seu orar:

«Oh, Virgem de Porto-Salvo
Formosa Estrella do Mar,
Madrinha dos navegantes,
Ouve e attende o meu orar.

«Tenho um filho—um só!—ouvis?
Na moirama d'Alem-mar,
Captivo, arrastando ferros,
De maus tratos a finar.

«Preso em Alcacer-Quibir,
Ninguem o quiz resgatar!
Não permittaes, Virgem Santa,
Que eu fine aqui a chorar.

«Trazei-me a salvamento
O meu filho—e se voltar,
Eu vos prometto, Senhora,
Orar sempre até finar.»

Palavras não eram ditas,
Diz-lhe uma irman a chorar—
«Corramos a Porto-Salvo,
Vamos á Virgem orar.»—

Assim que foi alvorada,
Caminham a Ribamar,
E á Virgem de Porto-Salvo,
De joelhos vão orar.

Em quanto estavam na ermida,
Mui contrictas, a rezar,
Arma-se grande tormenta,
Lampos [1] e trovões, no ar.

Os raios cortam as nuvens,
A chuva é de alagar:
Não deixa as duas romeiras,
Para Lisboa voltar.

Ficaram na ermidinha,
Que era em deserto logar:
Eis que, lá por horas mortas,
Ouvem á porta *trupar*. [2]

«Abra, minha mãe—sou eu,
E tambem quero rezar,
Á Virgem do Porto-Salvo,
Já que assim me quiz salvar.

«O meu senhor me mandou,
Comprar peixe p'ra cear,

[1] Marqueza não era titulo, mas nome de baptismo. Chamava-se *Marqueza Cordovil*, e morava na freguezia de S. Miguel, do bairro d'Alfama.

[1] *Lampos* e *lampados*—portuguez antigo—*Relampagos*.

[2] *Trupar*—portuguez antigo—bater.

E no caminho, uma dama,
Me guiou a este logar.

«Era a Virgem—minha Mãe—
E eu ponho no seu altar,
Os grilhões que me prenderam,
Para o milagre lembrar.»

Oh Virgem de Porto-Salvo,
Candida Estrella do Mar,
Sois para sempre Madrinha,
Dos que andam a navegar.

—

Este romance foi copiado de um manuscripto bastante antigo, de certo, cópia de cópia, pois estava muito adulterado. *Endireitei-o* como pude, supprimindo duas estrophes, que se não entendiam, nem tinham concerto possivel.

No 2.º volume do *Sanctuario Marianno*, a pag. 22, vem este milagre, em prosa, pouco mais ou menos, como o rèlata o romance.

—

Tem esta Senhora, uma irmandade, quasi exclusivamente composta de marinheires e pescadores, que cuida do aceio e conservação do templo, e faz uma sumptuosa festa á Senhora, a 25 de julho.

Em 29 de fevereiro de 1872, foi feito visconde de Porto-Salvo, o sr. Henrique José da Costa.

—

O visconde de Porto-Salvo, acaba de fallecer em Italia. Estava fóra da patria, desde o emprestimo do Sr. D. Miguel I, contrahido em 1832. O visconde e seu irmão Heliodoro José da Costa, é que obtiveram este emprestimo.

Morrendo Heliodoro pelos annos de 1869, ficou seu herdeiro o visconde, que tendo outras avultadas heranças de diversos parentes, chegou a ter uma riqueza montante a 12 milhões de francos (2:160 contos de réis—avaliando o franco a 180 réis).

Fez testamento, em favor de seus tres sobrinhos, filhos do Sr. Vianna, e netos de José da Silva Carvalho, tocando por tanto a cada um 720 contos de réis.

O visconde, tinha uma quinta magnifica no lago de Como (Italia) e muitas propriedades n'aquelle reino. Em Milão, tinha um palacio luxuoso, e uma bella casa em Veneza.

Em Portugal, era dono do palacete da calçada dos Paulistas, que fica em frente da entrada do palacio do sr. conde de Mesquitella.

Um dos tres herdeiros, é estudante de direito, na universidade de Coimbra, e os outros dois são officiaes do exercito.

—

PORTOS DE MAR—no continente—principiando do norte para o sul.—(Os que levam o signal *, são os principaes.)

Minho

Caminha *—Vianna *—Espózende e Fão.

Douro

Póvoa de Varzim—Villa do Conde *—Porto *—Ovar—Aveiro *—Figueira e Buarcos *—Lávos.

Extremadura (ao N. do Tejo)

Vieira—Pataias—Nazareth—Pederneira—S. Martinho do Porto—Salir do Porto—Peniche—Ericeira—Cascaes *—Lisboa * [1]

Extremadura (ao S. do Tejo)

Cezimbra—Setubal *—Comporta—Sines.

Alemtejo

Villa Nova de Mil Fontes.

Algarve

Odesseixe — Arrifana — Villa do Bispo — Atalaia—Lagos *—Alvôr—Villa Nova de Portimão * — Ferragudo — Pêra — Albufeira—Quarteira—Fáro *—Olhão * — Fozêta— Ta-

[1] Não incluo aqui as muitas povoações das duas margens do Tejo, até Villa Velha de Rodam, que tambem se poderiam considerar portos de mar, por communicarem com elle, pelo Tejo.

vira—Cacella—Villa Real de Santo Antonio—Castro Marim.

Podem tambem considerar-se portos de mar algarvios—Alcoutim, Pomarão—e Mértola, que estão sobre a margem direita do Guadiana.

Ao todo, 46 portos de mar, entre grandes e pequenos; mas não conto muitas povoações da costa, ou porque estão na foz de pequenos rios, ou porque não podem ser classificados portos de mar, senão para barcos de pesca.

PORTOZÊLLO—logar, Douro, na comarca e concelho de Bayão. Ha aqui uma barca de passagem, para o logar e capella de S. Pedro da Ermida.

PORTOZÊLLO—freguezia, Minho, comarca, concelho, e districto, e 3 kilometros a E.N.E. de Vianna do Minho, arcebispado e 40 kilometros ao O. de Braga, 95 ao N. do Porto, 405 ao N. de Lisboa, 400 fogos; em 1757, 222.—Orago Santa Martha.

A mitra primacial apresentava o reitor, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Está esta freguezia situada sobre a margem direita do formosissimo Lima, em terreno accidentado, mas pittoresco, fertil e ameno, como é o das outras freguezias que estanceiam nas duas margens d'este rio. Produz todos os fructos do nosso clima, em grande abundancia; cria muito gado, de toda a qualidade—sobre tudo, bovino, que exporta—nos seus montes ha muita caça, de varias especies—e o rio e o mar, lhe dão saboroso peixe.

É n'esta freguezia, e apenas a 500 metros do rio, o formoso paço acastellado, do sr. Antonio Pereira da Cunha, de cuja familia (que tem o seu antiquissimo solar na torre e freguezia da Cunha, do concelho de Coura, do qual já tratei a pag. 484, do 6.º vol.—e em *Parêdes de Coura.*)

O edificio primitivo, séde de um antigo mórgado, já tinha sido renovado, em 1695, por D. Maria de Caldas, terceira avó, pela casa de Lobos, do mesmo sr. Pereira da Cunha.

Este, succedendo a seu pae na administração dos vinculos, em 1853, emprehendeu a reconstrucção em parte e a ampliação do notavel edificio, ao qual, menos exactamente informado sobre a época da sua fundação, alludi, de passagem, a pag. 92 do 4.º vol. (Vide *Lima.*)

Desde esse tempo, alli se tem feito, todos os annos, mais ou menos obras, as quaes, hoje, se podem dizer concluidas.

O castello de Portozêllo, não só realça pela elegancia da sua forma, como tambem se distingue pelo aprimorado dos seus ornatos e lavores em pedra, que podem fazer recordar os mais correctos modêlos d'arte n'este genero.

O sr. D. Antonio da Costa, visitou-o, e d'elle nos deixou uma descripção realmente encantadôra, em uma das paginas d'ouro, do seu festejado livro, que se intitula *No Minho*

Seja-nos concedida a permissão de trasladar para aqui alguns d'esses mimosos periodos.

Diz o illustre escriptor, a pag. 178:

«Fórma este (o castello) um grande quadrado, tendo em cada um dos cantos seu torreão.

«Do centro eleva-se uma torre elegante guardando a feição do castello, e tendo tambem, aos quatro cantos, quatro torreões mais pequenos. Saindo por uma porta do lado, fomos entrar pelo portal, atravessámos o fosso pela ponte levadiça, subimos por uma estrada de abobada, para o pateo, onde corre um chafariz; d'ahi entramos n'um segundo pateo, mais pequeno, com uma ampla escada de pedra, para a primeira sala, forrada e mobilada toda de carvalho e ornada com armas de caça e cabeças de veado. Uma arcada guarnecida de estatuas, conduz a um vasto salão com balcões sobre o parque; á direita, uma galeria, que dá communicação para a casa do jantar; á esquerda, salas e accommodações para hospedes. Uma das cousas mais notaveis são os arrendados, em finissimo granito antigo, de Affife, como actualmente é raro encontrar-se, por se haverem esgotado as melhores pedreiras.[1] Por

[1] Permitta o Sr. D. Antonio da Costa, que lhe diga, que—na *Gandara de Santo Isidro*

ultimo, subindo uma escada de caracol, chegamos ao cimo da torre completamente descoberta, ponto elevadissimo, d'onde se avista ao longe o Oceano; adiante da ponte, as planices verdejantes das margens do Lima, e nos extremos do horisonte as serras, que as nuvens, reflectindo o sol, tingiam de meias cores, panorama digno da habitação do mavioso poeta (o sr. Antonio Pereira da Cunha). Contemplava-se o esmorecer da tarde ao murmurio da natureza e ao entreouvirem-se as frescas vozes das donzellas, que indicavam os pontos mais bonitos dos arredores.»

Felizmente, a casa acastellada de Portozêllo, que acabamos de ver desenhada por tão primoroso pincil, não se acha deshabitada. Faz alli a sua residencia ordinaria o sr. Sebastião Pereira da Cunha, (primoroso poeta, já bem conhecido) casado com sua prima co-irman, a sr.ª D. Maria Amalia de Almada, filha dos srs. condes d'Almada.

—

Ha ainda n'esta freguezia outros edificios nobres; o que foi da familia dos *Trancas*, hoje extincta; o dos srs. Abreus e Lima, de Vianna, feitos, depois, viscondes da Carreira; [2] e o dos srs. Pintos Correias, antigos alcaides-móres de Caminha.

Os Pamplonas, do Porto, actualmente representados pela sr.ª condessa de Rézende, tambem tinham aqui uma quinta, que, ha tempos, venderam.

—

É muito populosa a parochia de Portozêllo. Tem casas de lavradores ricos, algumas ermidas bôas, e uma escola de instrucção primaria bastante concorrida, e que é subsidiada pelo Estado.

Esta freguezia, é composta de cinco aldeias—Samonde, Romé, Talharezes, São Martinho, e Portozêllo. Só esta ultima é banhada pelo rio Lima.

—

PORTOZELLO—rio—Minho.—Nasce nos montes que ficam ao N. da freguezia a que dá o nome (a antecedente) e desagúa na margem direita do Lima, no sitio mesmo chamado *Portozêllo*.—Portozéllo, segundo o antigo portuguez, significa—*Porto pequeno*—*Portinho*.

PORTUGAL—villa—Douro, ao S. e a 2 kilometros (pouco mais ou menos) da margem esquerda do rio Douro, na actual freguezia de S. Christovam de Mafamede, concelho de Gaia.

É incontestavel que mesmo em frente da primittiva cidade do Porto (o actual bairro da Sé) existiu em tempos antigos, uma povoação, mais ou menos importante, denominada *Portugal*—da qual poderia muito bem proceder o nome d'este reino.

Todos sabem que o reino da Galliza, e o antigo territorio pertencente ao arcebispado de Braga, terminavam, pelo S., na margem direita do Douro, sem que o prelado primacial tivesse *nem um palmo de terra*, ao S. d'este rio, pois que, todo o paiz que constitue os actuaes bispados de Coimbra e Aveiro, pertencia ao bispado de Mérida (antiga capital da Lusitania, hoje na Extremadura hespanhola) cuja diocese terminava na margem esquerda do Douro. (Vide *Grijó*.)

Nas actas do concilio de Lugo, convocado por Theodomiro, rei dos suevos, em 568, se designam as parochias pertencentes a cada bispado, e não se inclue nem só uma, ao S. do rio, pertencente ao do Porto.

No *Canon* 5.º do mesmo concilio, é clara e expressamente designada, como uma das pertencentes ao bispado de Coimbra, a pa-

uns 6 kilometros ao N. d'Affife, e uns 2 kilometros ao S. da villa de Caminha—varios rochedos que erriçam a costa, n'este sitio, são do mais bello e mais fino granito que tenho visto, e, na minha opinião, superior ao de Darque e ao de Affife. Do granito da Gandara, se andava a fazer em 1865, uma bellissima capella (na margem E. da estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao norte, no districto da freguezia do Mollêdo) cuja esculptura era tão mimosa e perfeita, como se fosse de finissimo marmore.

[2] No 1.º de dezembro de 1834, foi feito 1.º visconde da Carreira, Luiz Antonio de Abreu Lima.—A 19 de dezembro de 1842, foi feito 2.º visconde da Carreira, Diogo de Abreu Lima.—Em 18 de outubro de 1855, foi feito 3.º visconde do mesmo titulo (com grandeza) Luiz Bravo d'Abreu Lima—e em 20 d'agosto de 1862, foi feito 1.º conde do mesmo titulo, Luiz Antonio d'Abreu Lima.

rochia de PORTUGAL, O CASTELLO ANTIGO DOS ROMANOS, *que são sete egrejas sujeitas a uma.*

Segundo varios escriptores antigos—entre elles, *Vaseu* e *Ambrosio de Morales*—pelos annos 40 de J. C., imperando Caligula, foi feito bispo do Porto, S. Basilio; *porem que a cidade do Porto, não era a actual, mas a villa de Portucalle, ao S. do Douro;* povoação muito mais antiga do que aquella, que ainda então não existia. (Vide adiante.)

O bispo Idacio, falla em uma fortaleza, chamada *Portucalle (Ad Castrum quod Portucale appellatur)* construida pelos romanos, para defenderem aquelle territorio, das invasões dos *calaicos* (gallêgos.) Parece que se deve entender, que este castello, ou acampamento militar *(Castrum)* não era no paiz dos gallêgos.

Já disse, a pag. 284, col. 2.ª, no fim, d'este volume, que todos os escriptores concordam em que o castello e povoação romana de *Castrum Novum*, a que, depois, os suevos chamaram *Festabole, era em frente de Portucalle.* Já se vê que não pôde ser *Calle* (hoje Gaia) que estava em frente do sitio depois chamado *Torre da Marca* (sitio, então, completamente despovoado) e mais de 2 kilometros ao O.S.O. do bairro da *Sé.—(Castrum Novum.)*

É mais que provavel, que os romanos, passando o Douro, construissem uma outra fortificação ao N. do rio, e o seu mesmo nome romano, de Castrum Novum, nol'o prova.

Invadida a Lusitania pelos povos germanicos, os suevos, a quem coube em partilha este territorio, conservaram e reedificaram o Porto, abandonando o castello do Sul do rio; porém a povoação ainda ficou existindo, como veremos.

Na era de Cesar 912 (864 de J. C.) Ordonho II, de Leão, deu a D. Gomado, BISPO DE COIMBRA, A VILLA DE PORTUGAL, E SEU TERMO, EM FRENTE DA CIDADE DO PORTO.

Não me consta que por estes sitios haja o minimo vestigio de ruinas, de tão remotos tempos, pelo que devemos concluir duas cousas—1.ª, que não se póde assignar, com exactidão, o local onde existiu essa villa—2.ª, que ella, em todo o caso, era de pequeno ambito.

Talvez não contivesse mais do que a povoação fechada pelas muralhas da fortaleza romana—ou mesmo, é possivel que não fosse mais do que uma *casa de campo*, fortificada, como havia muitas n'esse tempo [1]

Todos sabem que, em todos os documentos, até ao reinado de D. Diniz, nunca se tomou *villa* senão como *herdade, granja*, ou *casal*—talvez do italiano—*Villa*—que significa propriamente *casa de campo*—e não por uma povoação maior do que qualquer aldeia, com senado, juiz, pelourinho, e os mais distinctivos de jurisdicção civil e criminal.

O *Calepino*, diz—na palavra *Villa—Domus in agro agri colendi, e fructuum condendorum, ant etiam habitationes causa constituta.*

Varro e Columella, dividem a *villa*, em *urbana, rustica*, e *fructuária.* A 1.ª, constava de uma casa vasta, elegante, e bem mobilada, onde residia o proprietario, permanente ou temporariamente.—A 2.ª, era apenas uma granja, cujas casas só serviam para habitação do colono e sua familia; tendo curraes, encerradouros (curraes abertos) palheiros, alpendres, cobertos, etc., para recolher animaes, generos, e instrumentos agricolas.—A 3.ª, era simplesmente composta de adegas e celleiros.

Ás villas mais pequenas se dava o nome *villula.*

Estaço e outros escriptores, dão á palavra *villa* a mesma significação; e o Direito civil assim tambem a classifica. Até o Evangelho de S. Matheus (22, 5.º) e o de S. Lucas (14, 18.º) dão o nome de *villa* a uma casa de campo ou herdade.

Só desde os fins do seculo 13.º, é que principia a apparecer a palavra *villa*, como sinonymo de *pequena cidade*—v. g.—*villa de Bragança, villa de Lamego, de Coimbra, da Guarda*, etc.

[1] A *historia* do tal S. Basilio, que foi bispo da *villa de Portugal*, no anno 40 de J. C., não passa de um *conto*, ou—o que talvez seja mais provavel—podia aqui viver algum tempo, e ser bispo, mas não d'esta villa; mesmo porque os antigos escriptores que tratam do seu martyrio, o denominam apenas—*o bispo S. Basilio*, sem dizerem qual era a sua diocese.

Desde o reinado de D. Affonso III, se deu o nome de villa, a uma aldeia grande, ou cabeça de concelho; e desde então, só se empregou a palavra *villa*, n'esta accepção.

Só na Peninsula hispanica, ha differença entre *villa* e *cidade*: nos outros paizes, ha só *cidades*—maiores ou menores—e *villa*, só designa *casa de campo*.

Não se perdeu, porém, completamente o termo, com a antiga significação, porque ainda hoje se diz—*estar em villagiatura*—por habitar no campo.

—

Já se vê que, em vista da carencia de vestigios, ou de *confrontações* antigas, é impossivel assignarmos o logar onde existiu a tal povoação de Portugal. Uns a collocam entre o logar de Santo Ovidio (hoje unido a Villa Nova de Gaia, pelo progressivo augmento das casas d'estas duas povoações) e a aldeia de Coimbrões. Outros dizem que existiu na aldeia hoje chamada *Paço de Rei*, proximo á Serra do Pilar. Ainda alguns, são de opinião que os arabes, occupando estes sitios, mudaram o nome de *Portugal* no de *Mafamude*. Vide 5.º vol., pag. 23, col. 1.ª.

O que é certo, é não haver noticia de tal villa, desde o tempo do conde D. Henrique. Ou tinha sido completamente destruida, com as guerras d'essa época e antecedentes; ou tinha mudado o nome.

Ainda por estes sitios e immediações, ha muitas familias, com o appellido de *Portugal*, que, segundo alguns, provêm da antiga villa.

Tambem alguns pretendem que o nome de Portugal, dado a todo o reino, procede da tal villa.

PORTUGAL — reino — Já a paginas 478, col. 2.ª, do 4.º volume sob o titulo de—LUSITANIA E PORTUGAL—tratei dos primeiros habitantes d'este paiz—da religião dos lusitanos—quando a Lusitania mudou o seu antigo nome para o actual—das praças de guerra do continente—das armas de Portugal—quarteis militares—origem dos appellidos—conventos—terrenos incultos—o que é uma cidade, villa, aldeia, etc.—Situação, limites, divisão, população, montanhas, planos, rios, lagos, cabos, portos de mar, ilhas, praças de guerra, minas, agricultura, industria e commercio, marinha, exercito, etc.—e limites das oito provincias.

Aqui direi mais alguma coisa concernente a este reino, que julgo não ser completamente inutil aos indoutos, para os quaes esta obra é especialmente escripta.

Brasão d'armas

É antiquissimo o uso de *armas*, como insignia de nobreza, pois, segundo os livros Santos, já as 12 tribus de Israel, levavam emblemas nas suas bandeiras, quando sahiram do Egypto.

Tambem dos mesmos livros consta que Assuero tinha sêllo d'armas no seu annel, o qual confiou ao seu valido, Aman.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que os assyrios foram os inventores d'este distinctivo de nobreza.

Com o decorrer dos tempos, se vieram a usar estas insignias, nas vestes ou cótas com que cobriam as armas, e nos pavezes, broqueis ou escudos. D'aqui se principiaram a chamar *escudos d'armas*.

Os primeiros que usaram estas pinturas em seus escudos, foram os soldados de *Caria*, para, na guerra, se differençarem as tribus.

Muitos dos heroes da antiguidade, depois das suas victorias, adoptaram armas commemorativas das façanhas que tinham obrado. Hercules, tomou por divisa, a maça, e a pelle do leão cleonio, que havia suffocado. —Ulysses, um golphinho—Cyro, um galgo, d'ouro—Osiris, um cão—Enéas, um leão, etc.

Pretendem alguns escriptores, que as primeiras armas que houve no mundo, foi uma águia negra, em campo d'ouro, que Jupiter mandou pôr nos seus pendões, quando fez guerra a seu pae, Saturno.

Estas insignias se vieram a tornar hereditarias, e os descendentes dos heroes as usavam por este motivo, quando as não podiam conseguir pelo seu valor, ou feitos gloriosos.

Os romanos, em quanto não obravam um feito assignalado, traziam os escudos em

branco; e foi dos romanos que os antigos portuguezes tomaram este uso, tanto para os homens, como para as cidades e villas.

O conde D. Henrique, trazia o seu escudo em branco, até que, depois da conquista da Terra-Santa, em que se achou, teve por armas, uma cruz encarnada (outros dizem azul) em campo branco.

Ás figuras que assim traziam nos escudos e nas bandeiras, chamavam *sinas*, ou *signaes*, e com o tempo se deu o nome de *sina*, á propria bandeira, ou pendão.

Tambem já os antigos usaram timbre sobre os brazões. Timbre, é uma figura qualquer, v. g., serpente, águia, leão, touro, etc. que assenta sobre a corôa, ou sobre o élmo, do qual está pendurado o escudo d'armas.

Diz-se que o primeiro que usou de timbre nas suas armas, foi Protheu, rei do Egypto, que o mandou pôr sobre os élmos, morriões, cellados, etc.

A palavra *timbre*, diriva-se de *à timore*, ou *à tremore*, que significa temor, ou tremor; porque os primeiros timbres eram figuras medonhas de animaes (muitas vezes impossiveis) que incutiam terror aos inimigos.

O timbre, é de maior excellencia, e denota maior nobreza do que as proprias armas; e tanto que, se um brazão não tem timbre, se diz *incompleto* — ou *escudo razo*.

Os reis godos, tinham escudo branco, dividido em quatro, por uma cruz de purpura; e parece que foi esse o brazão de D. Affonso Henriques, até á gloriosa victoria de Campo de Ourique (25 de julho de 1139) ainda que outros dizem, que até então, trouxera escudo em branco, o que não parece provavel. O seu timbre, continuou a ser a serpe dos godos.

Ainda outros escriptores, sustentam que, logo que foi jurado rei de Portugal, tomou para suas armas, e para as do reino—escudo de prata, e n'elle uma aspa, formada por um cordão de púrpura, com 4 escudetes de azul, tendo cada um, aos cantos da aspa, nove bezantes, em palla: sobre a aspa, uma cruz, formada pelo mesmo cordão, carregada de cinco escudetes azues, tendo dos lados, as pontas voltadas para o centro; e tendo cada escudete 13 bezantes de prata, em palla (cinco no centro, quatro superiores e quatro inferiores) cercado tudo pelo cordão, que lhe serve de órla, com 8 nós d'ouro, e outros tantos escudetes, em tudo eguaes aos primeiros, ficando 4 nós nos cantos, é os outros alternando com os escudetes.

Estas armas são bastante semelhantes ás actuaes dos *Éças*, ou *Déças*; menos o timbre, que no escudo d'esta familia, é uma aguia azul, com as azas abertas, armadas d'ouro, com um dos escudetes das armas, no peito.

D. Sancho I, fez algumas alterações n'estas armas, pois supprimiu os 8 escudetes da órla e os 4 da aspa, substituindo-os por outros tantos nós d'ouro.

D. Affonso II, adoptou o mesmo escudo d'armas; assim como seu filho, D. Sancho II.

D. Affonso III, usou das mesmas armas em quanto regente; porém em algumas moedas do seu reinado, se vêem 16 bezantes, em logar de 13. Depois de ser acclamado rei, por morte de seu irmão, e da conquista do Algarve (1250) reduziu os bezantes a 5, postos em áspa, e tirou o cordão, substituindo pela órla de purpura, carregada de 7 castellos d'ouro (vide 4.º vol., pag 485, col. 1.ª) depois, por 12, e, finalmente por 19, á medida que hia retomando castellos aos mouros.

D. Diniz, alterou o numero dos bezantes, pois nas moedas do seu tempo, se veem, umas vezes 10, outras, 11. O numero dos castellos, ficou reduzido a 12.

Tambem D. Affonso IV não usou um numero certo de castellos, vendo-se o seu escudo, já com 12, já com 14.

D. Pedro I, fixou em 12 o numero dos castellos, e em 15 o dos bezantes.

D. Fernando usou somente dos cinco bezantes, de prata, em aspa; mas ficaram os mesmos castellos do reinado de seu pae.

Até então, os escudos e escudetes, eram redondos e encimados por uma corôa aberta.

D. João I, compoz o seu escudo do modo seguinte—Ficaram os mesmos escudetes e bezantes, como no tempo de D. Affonso III e em escudo de prata, assentava sobre a cruz verde (de Aviz) *flordelisada* e firmada sobre

a órla encarnada do escudo, carregada de 10 castellos d'ouro, intercalados com as flores de liz da cruz. O escudo era cercado, exteriormente, com o *coronel* de duque; tendo por timbre, um dragão verde, ondeado de ouro.

Assim se conservou o escudo das armas dos nossos reis, e do reino, até D. João II, que lhe tirou a cruz de Aviz.

O rei D. Manoel usou das mesmas armas, augmentando-lhe a sua *divisa*, que era uma esphera armilar, e reduziu os castellos ao numero de sete. Note-se porém que esta alteração só se effectuou no principio do seculo XVI, pois até então, usou as armas de seu primo, cunhado e antecessor, D. João II. É por isso que se veem armas d'este soberano, formadas de differentes modos.

D. João III, mandou collocar na órla do escudo, outra vez os 14 castellos.

D. Sebastião I, usou já de 7, já de 14 castellos. Foi o 1.º rei que mandou fechar a corôa, que até então era aberta, em fórma de diadema (corôa ducal). Foi tambem este rei o que usou primeiro, n'este reino, do tratamento de *magestade*.

Seu tio e successor [1] o cardeal-rei, alterou as armas reaes, da fórma seguinte:—Os cinco escudetes, que até então eram em aspa, ficaram sendo em cruz, como hoje se usam; e os castellos ficaram reduzidos a 7; o que tambem ainda se usa.

Notemos que durante a usurpação dos trez Philippes, o escudo portuguez, deixou de existir como armas de nação livre, e foi collocado no centro das armas castelhanas.

Ainda hoje se vê em Portugal—em algumas fortalezas—o escudo d'este *interregno*, assim formado; e na Hespanha, em muitas partes.

D. João IV, adoptou as armas, taes como as mandou construir o cardeal-rei; e assim continuaram até D. João VI, que lhe accrescentou a esphera armilar, na qual assentava o escudo real. Era, como vimos, a divisa de D. Manuel.

[1] Tio de seu pae, pois que D. Henrique era irmão de D. João III, avô de D. Sebastião.

D. João V, D. José I e D. Maria I, tambem tinham mandado gravar no reverso das moedas cunhadas no seu tempo, a tal esphera armilar, que era (e ainda é) o escudo de armas do Brazil.

Desde que o Brazil foi declarado nação independente (21 de novembro de 1825) foi tirada do escudo portuguez a esphera, ficando as armas reaes construidas como hoje as vemos.

Os grandes ornatos, e a configuração mais ou menos imaginosa e arbitraria do escudo das armas de Portugal, como se desenhou no tempo de D. Maria I — os dois ramos (um de carvalho, symbolisando a força—outro de loureiro, symbolo da victoria) usados no reinado do Sr. D. Miguel I, e que se viam aos lados do escudo; bem como o *manto real*, com que se formou o fundo do escudo, no tempo da Sr.ª D. Maria II, e dos Srs. D. Pedro V, e D. Luiz I—e o accrescento de uma palma e um ramo de oliveira, de um lado—e uma palma e um ramo de carvalho, no outro, com que se mandou adornar o escudo, no tempo d'este actual monarcha; não passam de meros ornatos, que em nada alteram a construcção do escudo real, e que nenhuma lei auctorisou.

—

Côrtes dos tres Estados do reino (*Clero, nobreza e povo*)

Em um salão, ricamente decorado, se erguia na parte superior, um estrado, de 6 degraus, com 1m,54 (7 palmos) d'alto—e na inferior, encostados ás paredes, alguns bancos, e no meio, 36.

Junto d'estes bancos, estavam de pé, os procuradores, até que chegasse o rei, que vinha vestido de gala, de manto roçagante, empunhando um sceptro d'ouro, e seguran-

do-lhe a cauda do manto, o camarista-mór do reino.

O prestito real, seguia esta ordem:—Primeiramente, os porteiros, com suas maças de prata, e atraz d'elles, os titulares e grandes da côrte. Seguiam-se os reis d'armas, arautos e passavantes, com as suas cótas, onde se viam bordados os escudos d'armas das cidades e villas que cada um representava. Seguia-se o alferes-mór, com a bandeira real desenrolada=O condestavel, com o estoque levantado, e logo atraz d'elle, o rei.

Quando era acto de juramento, procediam a todos, os musicos, tangendo trombetas, atabales, e charamellas, e alguns menestreis ou trovadores; mas isto era só no 1.º dia da convocação.

Depois de se sentar o rei no seu throno, se sentavam os procuradores, nos bancos que lhes pertenciam.

A cadeira real, era o numero 1.º—o banco 2, era o do camarista-mór (que estava de pé, atraz do rei)—3.º, sello real, sobre uma almofada — 4.º, escrivão da puridade (que vinha a ser o mesmo que nas outras nações se chama guarda-sellos.)—5.º, guarda-mór da pessoa real (de pé) — 6.º, mórdomo-mór (de pé)—7.º, condestavel (de pé) — 8.º, aguazil e meirinho-mór (de pé) — 9.º, o prelado destinado para fazer a oração—10.º, duques, sentados em cadeiras razas, com almofadas de tercio-pêllo—11.º, presidente, regedor, da casa da Supplicação —12.º, chanceller-mór do reino—13.º, conselheiros, vedores da fazenda—14.º, desembargadores do paço — 15.º, chanceller-mór da Supplicação — 16.º, desembargador dos aggravos — 17.º, corregedores da côrte — 18.º, ouvidores do crime, da casa da Supplicação—19.º, ouvidores, ou desembargadores extravagantes, da mesma casa—20.º, marquezes, em cadeiras razas, com almofadas de tercio-pello, negro—21.º, condes — 22.º, conselheiros — 23.º, senhores donatarios — 24.º, alcaides-móres das cidades e villas— 25.º, bispos e mais prelados—26.º, reis d'armas—27.º, porteiros, com cannas e maças, todos de pé. [1]

[1] As convocações de cortes, que tem havido em Portugal, desde D. Affonso Henriques, até á actual legislatura (1877) ja ficam mencionadas, a pag. 391 col. 2.ª e seguintes do 2.º volume.

Bancos das cidades e villas

(*Ordem dos assentos*)

1.º, Lisboa—2.º, Evora,—3.º, Porto—4.º Coimbra — 5.º, Santarem — 6.º, Braga—7.º, Vizeu—8.º, Guarda—9.º, Tavira—10.º, Lamego—11.º, Silves—12.º, Elvas—13.º, Beja — 14.º, Leiria — 15.º, Faro—16.º, Lagos — 17.º, Guimarães—18.º, Extremoz—19.º, Olivença — 20.º, Monte-Mór-Novo — 21.º, Thomar—22.º, Bragança—23.º, Portalegre—24.º, Covilhã—25.º, Setubal — 26.º, Miranda, do Douro — 27.º, Villa-Real — 28.º, Vianna do Lima—29.º, Ponte de Lima—30.º, Moura— 31.º, Monte-Mór-Velho — 32.º, Alemquer — 33.º, Torres Novas—34.º, Cintra—35.º, Obidos—36.º, Alcacer do Sal—37.º, Almada— 38.º, Torres-Vedras—39.º, Niza—40.º, Castello-Branco — 41.º, Aveiro — 42.º, Sérpa — 43.º, Mourão — 44.º, Villa do Conde — 45.º Trancoso—46.º, Pinhel—47.º, Arronches— 48.º, Aviz—49.º, Abrantes—50.º, Loulé—51.º, Vallença, do Minho—52.º, Freixo de Espada á Cinta—53.º, Alter do Chão—54.º, Monsão—55.º, Alegrête—56.º, Penamacor—57.º, Castello de Vide—58.º, Castello-Rodrigo— 59.º, Marvão—60.º, Certan—61.º Monforte —62.º Fronteira—63.º, Cráto—64.º, Veiros —65.º, Campo-Maior—66.º, Castro-Marim— 67.º, Torre de Moncorvo—68.º, Caminha— 69.º, Palmella—70.º, Cabêço de Vide—71.º, Amarante—72.º, Coruche—73.º, Barcellos— 74.º, Garvão—75.º, Panoias—76.º, Ourem— 77.º, Albufeira—78.º, Ourique—79.º, Arrayolos—80.º, Bórba—81.º, Portél—82.º, Villa-Viçosa—83.º, Monçaraz—84.º, Atouguia— 85.º, Penella—86.º, S. Thiago—87.º, Villa Nova da Cerveira—88.º, Vianna do Alemtejo—.89º, Porto de Mós—90.º, Pombal—91.º Alvito—92.º, Mértola.

A differença que se nota entre esta numeração e a que se vê em cada cidade ou villa, é porque, aqui vae contada pela ordem dos assentos, e lá, pela numeração dos bancos.

A todos os procuradores chamava o rei, cada um de per si, por carta sua, para assistirem ás côrtes. Havendo impedimento, era nomeado um procurador substituto.

—

Superficie do reino de Portugal

Na interessante obra que o sr. Gerardo A. Perry acaba de publicar intitulada *Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias*, encontram-se as seguintes indicações:

Da superficie total do reino, 8:962:531 hectares, apenas 26:100 hectares são occupados por povoações; 29:094 são estradas; 91:335 são rios e ribeiros; 93:500 são cumiadas ou serranias, e 60:000 areaes. A superficie total dos territorios da nação é hoje 2.011:640 kilometros quadrados; chegou a ser de 10.000:000.

Dos actuaes 2.011:640 kilometros quadrados, 89:625 são o reino, 2:597 os Açores, 550 a Madeira; 2:929 Cabo Verde, 8:400 a Senegambia, 1:025 S. Thomé e Principe; 600:000 Angola; 1.284:000 Moçambique; 5:400 Goa; 80 Damão; 30 Diu; 4 Macau; e 17:400 Timor. A população urbana do reino calcula-a o auctor em 706:500 individuos, e a rural em 3.583:500, na relação de 1:970 por 10:000 habitantes. Na Inglaterra essa proporção é de 5:003 e na França de 2:316.

A duração média da vida nos differentes paizes, é o seguinte:

Noruega 48 annos, Suecia e Dinamarca 45, Belgica e Inglaterra 40, França 39, Hollanda 38, Prussia 36, Italia, Hespanha e Portugal 31.

—

Anno fatal para os titulares portuguezes

Durante o anno de 1875, falleceram em Portugal—1 duque—1 marquez—1 conde—2 condessas—11 viscondes—2 viscondessas—3 barões—4 baronezas.

(Apezar d'isto, ainda ficaram titulares, *para dár e vender*, e para exportação, em grande escala.)

Dioceses no continente portuguez

Numero de dioceses	Dioceses	Parochias	Fogos	Almas
1	Algarve	66	41:908	157:695
2	Aveiro	63	30:539	115:369
3	Beja	113	27:823	149:694
4	Braga (arcebispado)	1:263	212:831	856:657
5	Bragança	209	24:851	110:117
6	Castello-Branco	78	25:897	98:085
7	Coimbra	276	95:239	390:280
8	Elvas	37	9:709	35:119
9	Evora (arcebispado)	125	31:933	117:709
10	Guarda	182	33:776	133:140
11	Lamego	247	50:167	194:160
12	Leiria	50	18:994	73:498
13	Lisboa (patriarchado)	371	160:979	590:716
14	Pinhel	129	17:169	68:541
15	Portalegre	35	12:355	39:275
16	Porto	333	117:521	422:217
17	Viseu	204	51:151	208:187
	Somma	3:781	952:842	3:760:459

A conta dos fogos e das almas, é feita, em face da estatistica de 1876; mas, d'aqui á exactidão, vae muito, porque todos sabem o pouco escrupulo com que os parochos fazem os seus mappas da população.

No patriarchado de Lisboa, vão incluidos o grão-priorado do Crato, e a prelazia de Thomar, qui lhe estão annexas desde 1834.

Os mais esclarecimentos com respeito aos bispados, achar-se-hão sob a palavra BISPADO, a pag. 400, col. 1.ª, do 1.º volume.

—

Não julgo aqui mal cabida a conta da população de toda a terra, em 1876.—É a seguinte:

Europa, habitantes 382.972:600; Asia, 798.997:000 habitantes; Africa, 206.067:500 habitantes; America, 84.392:400 habitantes; Oceania, 4.563:500 habitantes. Total dos habitantes 1,396.843:000.

Superficie em kilometros quadrados—Europa, 9.904:940; Asia, 44.806:340; Africa, 29.938:666; Oceania, 8.870:555. Total em kilometros quadrados 134.836:242.

Numero de habitantes por kilometro quadrado. —Europa, 30,6; Asia, 17,8; Africa, 6,9; America, 2,0; Oceania, 0,5. Termo medio na terra, 10,4.

—

Soldado portuguez

O soldado portuguez, é o mais mal pago entre todos os soldados da Europa, pois apenas custa annualmente ao thesouro publico, 60$000 réis.

Em egual periodo, custa o soldado:

Austriaco, 102$600 réis—hespanhol, réis 139$500—dinamarquez, 158$400—italiano, 165$060 — o turco, 165$960 — o allemão, 175$500 — o belga, 188$460 — o francez, 210$960 — o russo, 216$360 — o inglez, 450$000 réis.

—

Portugal e os visitantes estrangeiros

A nação portugueza, que tão notavel se tornou em todos os tempos; já pela amenidade do seu clima, já pela fertilidade do seu solo abençoado; já pela riqueza de suas minas, de ouro, prata, e toda a qualidade de metaes e metaloides; já pela belleza dos seus marmores; já pela abundancia e variedade das suas argilas, competindo com as melhores dos outros paizes—e, finalmente, pelas virtudes dos seus numerosos santos—pela vasta sciencia de grande numero de seus escriptores—e pela intrepidez e dedicação de milhares de guerreiros famosos, e de navegadores célebres, que assombraram o mundo pelas suas façanhas legendarias; e que, de uma nação pequena e pouco populosa, fizeram um estado poderosissimo, asteando ovante a sagrada bandeira das Quinas, na Africa, na Asia, na America, e na Oceania, e que

«se mais mundos houvera, lá chegara»

apezar de todo este concurso de circumstancias, que se não acham reunidas em outro qualquer paiz do mundo, é a região mais ignorada do resto da Europa!

Temos com profusão, monumentos preceltas, gallos-celtas, phenicios, carthaginezes, romanos, gothicos e árabes; a maior parte d'elles ignorados pelos estrangeiros que nos visitam.

As *Illustrações*, ingleza, franceza, hespanhola e alleman, o *Magasin Pittoresque*, e outras mil publicações litterarias, e scientificas, que se publicam lá fóra, vem replectas de desenhos e descripções, de paizes, usos e costumes de todas as partes do mundo, e rarissimas vezes de cousas portuguezas.

Os *touristas* antigos e modernos, chegam a Portugal, dão uma ràpida vista de olhos a Lisboa, ao Porto, á Batalha, a Cintra, tudo isto em poucos dias; mas é quanto basta para se julgarem habilitados para escreverem de tudo e de todos.

Raros são os que nos fazem justiça, e innumeros os que nos tratam com desfavor, e até com desprezo.

Mas não desprezam o nosso ouro, a nossa prata, os nossos vinhos, e os nossos fructos; pois que, desde os phenicios, temos sido o El-Dorado de nuvens de harpias, que só trataram de enriquecer, despojando-nos de tudo.

Ainda por cima, vão para as suas terras dizendo mal de nós, da nossa *pobreza* e da nossa *selvageria*.

As tolices e os disparates fervilham quando tratam da nossa historia e da nossa geographia.

Uns fazem fundear uma temerosa esquadra, composta de varias náus, corvêtas e fragatas de guerra, nas *praias de Trancoso* (!!!) — Outros dizem que o nosso melhor poeta—*apesar de muito obscuro*, foi Camões, e que deu ao seu poema o titulo de Lusiadas—*porque elle se chamava Luiz!...*

E um livro, impresso em Lauzana, em 1775, e que tem por titulo—*État present du royaume de Portugal en l'année 1716*, a pag. 212, fallando da universidade de Coimbra, diz—(traducção)—«Esta universidade é frequentada por mais de 4:000 estudantes, que *passam a sua vida na dissipação e na ignorancia. A sua occupação principal, é fazer pequenos ponteiros de salgueiro, conhecidos na Hespanha e na Italia sob o nome de palitos.*

Lord Byron, que foi tratado em Portugal com os maiores considerações, não só pela nobreza de seus ascendentes, mas, e sobre tudo, por ser um dos maiores poetas do seu tempo; pagou-nos a carinhosa hospitalidade, hindo para a Inglaterra e para a Grecia, dizer de nós quantos disparates lhe vieram á cabeça, e pôr-nos pelas ruas da amargura! [1]

O nosso primeiro romancista, o sr. Camillo Castello-Branco, disse-me (em 24 de abril, d'este anno de 1877) que estava lendo um livro inglez, intitulado—*Fair Lusitania*, escripto por uma senhora. Entre outros disparates da tal *Miss*, ou *Lady*, lê-se isto, a proposito do *Caes do Sodré*.

Um dos estudantes que alli *devia* ser enforcado (por liberal) pôde fugir d'entre a escolta, e chegando ao Terreiro do Paço, *montado em um fogoso cavallo (!) que lhe proporcionaram os amigos*, alli deixou a alimaria, e fugiu. Um francez que apanhou o cavallo, esteve em risco de ser enforcado em logar do estudante! (O que ella nos não diz, é, se o cavallo tambem esteve para ser enforcado.)

Diz primeiro, que o fugitivo, era—*o marquez d'Avila (!!!)* mas depois, em *errata*, diz que era, *D. Augusto Soares Leal*, (por pouco que não era eu!...) *conde de Santa Quiteria*.

Todos sabem que nunca em Portugal houve *conde de Santa Quiteria*. A verdade é esta—José Antonio Soares Leal, da quinta do Carvalhal, na freguezia da *Espiçandeira*, concelho d'Alemquer, sendo-lhe offerecido o titulo de barão, não o quiz ser da sua quinta do Carvalhal, por já haver 20 annos que havia um conde do mesmo titulo. Tambem não quiz ser *barão da Espiçandeira*, que era um titulo bastante... estrambotico. Preferiu ser barão de Santa Quiteria (de Meca, freguezia á qual a da *Espiçandeira* está unida—vol. 3.º, pag. 60, col. 2.ª) e foi lhe dado o titulo, a 8 d'agosto de 1855. Em 6 de agosto de 1859, foi feito visconde (e não conde) do mesmo titulo.

Este visconde era rico e instruido. Andou sempre por embaixadas, como addido, e morreu, em 1875 (ou 1876) na Belgica, de um desastre. (Virando-se o trem em que regressava de um baile, quebrou uma perna, que se lhe gangrenou, e d'isso morreu.)

Ainda vive um irmão—o sr. A. Soares Leal, empregado no escriptorio da *companhia do Grão-Pará*.

Note-se que o visconde de Santa Quiteria nunca esteve preso por liberal (nem por outra causa, que eu saiba) e assim cáe por terra a historia do *padecente* que fugiu—do francez e do cavallo.

Para não fazer este artigo mais extenso,

[1] Lord Byron, nasceu em Londres, em 1789, e falleceu dos ferimentos recebidos em uma batalha, em Missolonghi (Grecia) em 1824, na edade de 37 annos, combatendo pela independencia e liberdade dos grêgos, aos quaes legou o seu coração. O mais, veio para Inglaterra, a bordo do *Florida*.

Como Nelson havia sido conduzido de Trafalgar, assim Byron veio mettido em um tonel de espirito de vinho.

Chegado o cadaver á Inglaterra, foi vendido o espirito de vinho da *conserva*, a libra sterlina cada canada, e, em poucos minutos, ficou o tonel completamente vazio.—Eram inglezes!...

dou, *para amostra*, apenas o que fica relatado. Por isto, se póde julgar de tudo o mais que de nós dizem os estrangeiros que cá vem, e aos quaes sempre costumámos tratar com a maxima benevolencia, e com a mais extremada cortezia.

PORTUGUEZ—moeda d'ouro portugueza. Parece que é dos primeiros tempos da nossa monarchia, visto que no reinado de D. Diniz, já havia *portuguezes velhos*, e *portuguezes novos*. O rei D. Manuel os fez lavrar de ouro finissimo, com o valor de 4$000 réis. Esta moeda, tinha de uma parte, a cruz da ordem de Christo, e a legenda—IN HOC SIGNO VIOCES—da outra, as armas reaes, com esta legenda por cima—PRIMUS EMANUEL R. P. A. C. V. A. D. G. — esta era sobre as armas, e queria dizer—*Rex Portugaliæ et Argarbii, citra, et ultra Africa dominus guineæ.*

Na parte inferior, tinha outra legenda, que dizia—C. C. N. E. A. P. I. —*(conquista, commercio e navegação, da Ethiopia, Arabia, Persia e India.)*

O mesmo soberano, mandou cunhar *portuguezes, de prata*, com o valor de 400 réis —*meios partuguezes*, valendo 200 réis—e *quartos de portuguezes*, valendo 100 réis. Todos tinham os mesmos cunhos e eguas legendas.

D'estes portuguezes é que nasceram os *cruzados velhos*, que são dos reinados de D. João IV, e D. Pedro II.

D. João III, tambem mandou cunhar *portuguezes*, com o mesmo valor, e pesando 10 oitavas, menos um quarto. Vide *Prêto.*

PORTUNHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede (foi da mesma comarca, mas do concelho de Ançan—supprimido) 15 kilometros ao O.N.O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 210 fogos, em 1757 —155.

Orago S. Julião—bispado e districto de Coimbra.

Os marquezes do Louriçal apresentavam o reitor, que tinha 30$000 réis de renda e o pé de altar.

Ha aqui dois mananciaes d'agua, dignos de nota—são:

Fonte d'Ançan—brota de um rochedo, em tão grande abundancia, que fórma logo uma copiosa ribeira, cujas aguas, ainda que salôbras (pelas materias calcareas que conteem) aproveitam á agricultura, e a 18 moinhos, e um lagar de azeite; isto só na pequena distancia da quinta do *Ról*, dos srs. Ferreiras Pintos Bastos, da Vista-Alegre. O doutor, F. da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio medicinal*, diz que estas aguas facilitam os partos, e curam a dôr de pedra.

Gruta de Portunhos—de um orificio insondavel, que existe no centro de uma extensa galeria subterranea, rebenta esta agua, que secca quasi todos os estios.

Suppõe-se ter a mesma origem da *Fonte d'Ançan*, e que só rebenta quando o canal subterraneo d'esta não póde conter toda a agua.

A ribeira formada por estes dois mananciaes; pelas aguas da *Pena*; pelos célebres *Olhos da Loureira* (proximos a Ançan) e pelas aguas de *Valle-Travêsso* (ou *Valla de Cavalleiros*) que ficam proximas, e ao O., da aldeia do *Carqueijo*, e ao S. de *Enxofães* —e, finalmente, do manancial mais consideravel, chamado *Olho de Mourêllos*, junto ao logar da *Ferraría*, que entra na tal ribeira, abaixo da *Mascarenha*, no sitio do *Parisol*, correndo do N. a S., vae desaguar na *Valla dos Fornos*, abaixo da aldeia de *Lava-Rabos*, no sitio chamado *Caldeirão.*

Já teem chegado barcos, carregados de sal, até á *quinta do Ról*, no centro da *Varzea de Ançan;* voltando para a Figueira, com 8 pipas de vinho.

Traz esta ribeira, algum peixe miudo (ruivacos [1] enguias, sôlhas, trutas, barbos, etc.)

Esta freguezia é muito bem situada, e em logar ameno, fertil e risonho. Produz muito bom vinho, e todos os fructos do paiz.

POSSACOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle de Paços (foi

[1] *Ruivacos*, são uns peixes semelhantes aos que no Algarve denominam *peixe-rei*. São do tamanho de camarões, e comem-se só cosidos em agua e sal. Se se lhes deitar azeite, ou outra especie de gordura, ninguem os come: só se lhes deita sumo de limão. Nas vallas de Angeja, são aos cardumes.

do mesmo concelho, mas da comarca de Chaves) 90 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 210 fogos.—Em 1757, tinha 85. —Orago, Nossa Senhora das Neves. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O vigario de S. Thiago da Ribeira de Alhariz, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 20$000 réis annuaes e o pé de altar.

Havia na aldeia de Possacos, na parede de uma eira, uma lapide romana, com esta inscripção, resto de um marco milliar—

D..... NACNO.....
MAC, NENTB.....
OP. INVIC, SEM.....
PANC,.....
BRN.....

POSTOS SEMAPHORICOS—Os postos semaphoricos, ou pharóes, são uma invenção antiquissima. Já os havia durante a guerra de Troia (que principiou 1194 annos antes de J. C.; e terminou d'ahi a 10 annos) pois Homero, na sua *Iliada*, allude aos *fogos* que serviam de guia aos navegantes nocturnos. O mais notavel d'esse tempo, foi o do promontorio Sigêu, no Archipélago grego.

Pelos annos 270 antes de J. C., Ptolomeu Philadelpho, mandou construir o famosissimo *pharol de Alexandria* [1] que foi classificado como uma das *sete maravilhas do mundo*.

Ptolomeu lhe mandou pôr esta inscripção:

PTOLOMEU PHILADELPHO,
AOS NUMES PROTECTORES,
EM BENEFICIO DOS NAUTAS,
OFEERECE.

O architecto, por nome Sostrato, gravou esta inscripção:

SOSTRATO, O GNIDIO,
FILHO DE DEXIFANES,
AOS NUMES PROTECTORES,
EM BENEFICIO DOS NAUTAS,
OFFERECE. [1]

Era uma das mais sumptuosos cidades do Egypto, o que ainda attestam as suas extensas e venerandas ruinas. Tem uma mesquita, adornada de 100 columnas monolythicas; um optimo canal de irrigação, construido por ordem de Mehemet-Ali. Ainda existe, a *columna de Pompeu*, monolytho de granito encarnado. Tem 38 metros de alto (114 pés, ou 171 palmos) e 3 de diametro. Tambem possuia a famosa *Agulha de Cleopatra*, outro monolytho de immenso valor archeologico, coberto de hieroglyphicos, pelos seus quatro lados. Os francezes *se apropriaram* d'este obelisco, collocando-o em uma praça de Paris,

As ruinas da velha Alexandria, occupam uma área de mais de 100 kilometros quadrados, e são magnificas.

Os francezes tomaram a actual Alexandria, em 1798, e os inglezes, em 1802; mas, no anno seguinte, foi restituida aos turcos. Hoje é governada por um vice-rei (kediva) suzerano da Porta.

Fica proxima do Mediterraneo, 300 kilometros ao N. do Cairo. Tem actualmente, uns 15:000 habitantes.

Os árabes lhe chamam *Iskenderieh*.

—

Todos sabem que na Italia, e sobre o Tenaro, ha uma cidade de Alexandria (vulgarmente, *Alexandria da Palha*.) É cidade episcopal, com uns 30:000 habitantes.

Nos Estados-Unidos da America, ha nada menos do que cinco cidades com o nome de Alexandria—1.ª (que tambem se chama *Bel-Aven*) porto da Virginia, a 12 kilometros de Washington — 2.ª, na Pennsylvania, estado de Huntingdon—3.ª, na Carolina—4.ª, no Ohio — 5.ª em New-Hampshire, estado de Grafton.

[1] Alexandria, é uma cidade maritima, capital do Baixo-Egypto, situada em uma das embocaduras do Nilo. Foi fundada por Alexandre Magno, 332 annos antes de J. C. Não só é celebrada pelo seu pharol. mas tambem pela sua bibliotheca de 700:000 volumes, colligida pelo mesmo Ptolomeu. No anno 707 da fundação de Roma (46 antes de J. C.) tendo o imperador Julio Cesar Augusto, mandado queimar a esquadra, pegou fogo na bibliotheca, que ardeu completamente.

No anno 260 de J. C., o imperador Aureliano a saqueou. Corroés II, a destruiu, em 611. Em 642. tornou a pertencer ao imperio do Oriente; mas poucos annos depois, tornou a cahir no poder dos árabes, que achando-a quasi arrasada, a reconstruiram em parte, porém não com a sua antiga magnificencia.

A cidade primittiva, era dividida em duas partes, pelo rio—uma denominava-se *Rhacotis*, e outra *Bruchion*.

[1] Não é preciso dizer que estas inscripções eram em egypcio.

Cobriu esta inscripção com uma camada de gêsso, imitando perfeitamente a pedra, e sobre esta camada é que gravou a primeira inscripção. Passados annos, cahiu o gêsso, e appareceu a segunda inscripção.

O tempo e as guerras destruiram este celebre monumento, e sobre as suas ruinas, e com os seus materiaes, construiram os turcos uma cidadella, á entrada do porto, no ilheu de *Pharo* (hoje *Pharion.*)

Este ilheu, onde existiu o *pharol de Alexandria*, communica com a cidade, por uma calçada, assente em estacaria, formando um isthmo artificial.

Os turcos construiram, no mesmo ilheu, um novo pharol, que, apezar de não ter mais da terça parte da altura do antigo, ainda se avista a 120 kilometros de distancia da terra!

—

Não consta que os lusitanos usassem de pharoes, na verdadeira acepção da palavra; porem tinham *almenáras*, que os substituiam, ainda que imperfeitamente. Depois, usaram de *fachos*, com mais perfeitas combinações. (Vide *Almenára*, a pag. 150, col. 1.ª do 1.º vol.—e *Facho*, a pag. 131, col. 1.ª, do 3.º volume.)

—

Actualmente, os principaes postos semaphoricos, no litoral portuguez, são onze:

1.º—*Nossa Senhora da Luz*—em S. João da Foz do Douro.

2.º—*Berlenga Grande*—em frente do Cabo Carvoeiro.

3.º—*Cabo Carvoeiro*—em Peniche.

4.º—*Cascaes.*

5.º—*Oitavos.*

6.º—*S. Julião da Barra.*

7.º—*Torre do Bogio.*

8.º—*Cabo da Roca.*

9.º—*Cabo do Espichel.*

10.º—*Santa Maria.*

11.º—*Cabo de S. Vicente.*

12.º—*Sagres.*

13.º—*Cabo de Santa Maria.*

POUSA—portuguez antigo—Estancia, residencia, aposentadoria, em que o cobrador dos fóros reaes devia *pousar*, estar ou residir; e ahi receber todo ou parte do seu sustento.—*Perguntados os homens mais vedros, onde havia de haver* pousa *o prestameiro, da terra?—se achou que elle não devia de pousar da granja do Mosteiro de Sam Oane da Pendorada, nem deve hi a filhar condoytò.* (Documento da Alpendurada, de 1285.)

POUSA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, arcebispado, districto administrativo, e 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos. Orago, Santa Christina.

O parocho, tinha 230$000 réis de congrua.

É terra fertil.

A etymologia antecedente.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem d'ella pude mais nada colher, alem do que fica dito.

POUSA-FLORES—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 7 kilometros ao S.O. de Figueiró dos Vinhos, bispado, e 42 kilometros ao S. de Coimbra, districto e 42 kilometros ao N.E. de Leiria, 160 ao N. de Lisboa—360 fogos—em 1757, tinha 246—Orago, Nossa Senhora das Neves.

A casa do infantado, donataria da freguezia, apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento, alem do pé d'altar.

Foi villa, cabeça de concelho, com camara, juizes e mais empregados. D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de novembro de 1514. *(Livro de foros novos da Extremadura*, pag. 158, fim, col. 2.ª)

Quando o padre Carvalho escreveu a sua *Chorographia Portugueza*, não tinha esta villa morador algum, *nem continha* outra cousa, alem do pelourinho, que estava entre a egreja e os paços do concelho.

O nome verdadeiro d'esta extincta villa, é Pousa-Fólles. No seculo 15.º, é que os seus habitantes, não achando bonito semelhante nome, o foram mudando subrepticiamente para *Pousa-Flores*, que é muito mais poetico. É certo que já o seu foral (de 1514) lhe dá o actual nome, mas o *Portugal Sacro e Profano*, ainda em 1757, lhe chama *Pousa-Folles.*

Note-se que *folles*, aqui, não significa folles de ferreiro, mas uma especie de ôdres, feitos

de pelles de carneiro ou cabrito, que para o norte, servem de saccos, para levarem os cereaes aos moinhos, e trazerem a farinha.

De *pousarem* n'este sitio os taes *folles*, quando hiam para o rio, ou d'elle regressavam, é que teve origem o nome primittivo d'esta freguezia, e das mais aldeias da mesma denominação.

O prestimonio d'esta freguezia, pagava annualmente ao parocho, 35$000 réis, 4 alqueires de trigo, 6 almudes de vinho, 6 arrateis de cêra—isto, álem do pé de altar. Tudo isto andava por os ditos 90$000 réis.

Tinha, até 1834, almoxarife, posto pela casa donataria, o qual recebia annualmente, para si, 2 moios de trigo, e 60 almudes de vinho.

O escrivão do almoxarifado d'esta villa, vencia por anno, 60 alqueires de trigo e 5$000 réis em dinheiro.

Teve capitão-mór, com duas companhias de ordenanças.

Todos os officios publicos eram dados pelo infante.

Esta villa, foi desde o seculo XIV, apanagio dos Noronhas, marquezes de Villa-Real. Sendo o ultimo marquez d'este titulo, degolado no Rocio de Lisboa, em 29 de agosto de 1641, por traidor á patria (bem como seu filho, o duque de Caminha; o conde de Armamar, e outros) passou esta casa a ser apanagio dos infantes, visto que D. João IV, com os bens sequestrados aos traidores, e com outras rendas, creou a *casa do infantado*, em favor de seu 2.º filho, D. Pedro, depois rei, 2.º do nome. Vide *Braga*, *Lisboa*, *Caminha* e *Villa-Real*, de Traz-os-Montes. Vide *Pousadouro*.

POUSA-FÓLLES DO BISPO — freguezia, Beira Baixa (no Riba-Côa)—comarca, concelho e 12 kilometros ao S.E. do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, concelho e 6 kilometros ao N.E. da Sortêlha) bispado, districto administrativo, e 18 kilometros ao S.O. da Guarda—240 fogos—em 1757, tinha 89 fogos. Orago, o Salvador.

A camara episcopal, da Sé da Guarda, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Na freguezia de Mançores, comarca, concelho, e 15 kilometros ao O. de Arouca, ha tambem uma aldeia chamada *Pousa-Fólles*.

Todas teem a mesma origem etymologica do verdadeiro nome de *Pousa-Fólles*.

POUSADA—aldeia, da freguezia de Penajoia, na comarca, concelho e bispado de Lamego. (Vide *Penajoia*.)

É uma bonita povoação, fertil e bem collocada, perto da margem esquerda do rio Douro. A principal casa d'esta aldeia, é a do sr. commendador, Francisco Magalhães da Fonseca.

POUSADA—é uma nobre e antiga casa, de um ramo dos Peixotos, em Guimarães. É um vinculo, instituido por Gonçalo Gonçalves Peixoto, conego na Sé de Braga, e na collegiada de N. Sr.ª da Oliveira, de Guimarães, abbade de Tellões e de Unhão, em 1222.

Gosou sempre, desde o seculo XIII, as honras de casa da primeira nobreza, de Guimarães.

POUSADA — freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto, e 8 kilometros ao N. de Braga, 369 ao N. de Lisboa, 150 fogos—em 1757, tinha 82—Orago S. Payo.

A mitra primacial apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e povoação antiquissima, com o nome de *Pausada* (que vem a ter a mesma significação do actual).

Aqui teve uma fazenda, *João Bonderiques* (o *Urbano*). Deu-a ao abbade *Suario*, para o seu mosteiro, de Santo Antonino, em 1085, no reinado de D. Affonso VI, de Leão e Castella, sogro do nosso conde D. Henrique.

Foi aqui o solar de Lopo Rodrigues de Cerveira, e que, segundo alguns, foi o que deu o nome á referida villa. Vide *Villa Nova da Cerveira*.

POUSADA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão (foi da comarca e concelho de Barcellos.) 12 kilometros ao O. de Braga, 372 ao N. de

Lisboa, 45 fogos—em 1757, tinha os mesmos 45.—Arcebispado e Districto administrativo de Braga—Orago S. Martinho, bispo.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis, e o pé de altar.

É terra fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Chama-se vulgarmente—*Pousada dos Saramagos.*

POUSADAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 72 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 16 fogos — em 1757, tinha 81 — Bispado e Districto de Bragança—Orago S. Pedro, apostolo.

O reitor de Mascarenhas, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, pela sua aridez e insalubridade, foi-se despovoando, a ponto de se reduzir á 5.ª parte da sua antiga população; nem havia clerigo que a quizesse parochiar, pelo que foi supprimida, encorporando-se na do Mascarenhas.

Ha em Portugal muitas aldeias com o nome de *Pousa*, *Pousada*, *Pousadella*, *Pousado* e *Pousadouro.*

POUSADE—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto, bispado e 12 kilometros da Guarda, 330 ao E. de Lisboa, 110 fogos—em 1757, 117—O. Santa Anna.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Fertil em cereaes, gado e caça.

POUSADEIRO—portuguez antigo—*assentista*—isto é—o que prepara o *assento*, pousada, aposentadoria, etc.—e não o que fornece a etape á tropa, que é o sentido em que depois se empregou a palavra assentista.—*E Martim Vasques, pousadeiro do conde.* (Testamento do conde D. Pedro, de 1350 — Documento de Tarouca.)

POUSADEIRO—portuguez antigo — Tambem se dava o nome de *pousadeiro*, ao zagal (ou principal pastor de um rebanho) que tinha a seu cargo escolher a mais commoda *ameijoada*, para o seu gado.

POUSADELLA — pequena aldeia, Minho, na freguezia de Monsul, concelho e comarca da Póvoa de Lanhoso. (*Vide Monsul*).

A freguezia de Monsul (e seus logares) foi couto dos condes de Unhão.

O juiz era feito annualmente, por eleição do povo, e á qual presidia o juiz do anno antecedente (*juiz velho*). Serviam os escrivães e juiz dos orphãos, do concelho da Ribeira de Soaz, e couto de Parada de Bouro.

Na milicia e fintas, andava com o concelho de S. João de Rei.

Os condes de Unhão, tinham aqui um paço, do qual apenas já só existiam as ruinas, e foi vendido ha poucos annos. Era edificio muito antigo.

Foi n'este paço que nasceu, e d'elle foi senhora, a celebre e formosissima Maria Paes Ribeira (*a Ribeirinha*) da familia dos senhores de Riba-Visella, e ricos-homens de Lanhoso.

Foi amante predilecta de D. Sancho I. Vide *Grijó*, e *João de Rei* (São)

Sempre tenho ouvido dizer, e lido, que Pousadella era na freguezia de *S. João de Rei*, e assim o disse no 3.º vol., pag. 414, col. 2.ª; porém o Rev.mo Sr. José dos Santos Moura, dignissimo e illustrado abbade da freguezia de Caires, que é proxima, diz que *Pousadella* é da freguezia de *Monsul.*

POUSADÍA—portuguez antigo—o mesmo que aposentadoria.

Os antigos padroeiros dos mosteiros, tinham (*e todos os seus descendentes!*) aposentadoria nos conventos que tinham fundado, ou para cuja fundação tinham contribuido, ou dado o chão.

Houve mosteiros que chegaram a ter mais de 200 d'estes *padroeiros*, que tinham alli pousada e sustento certo; de maneira que ás vezes, não chegavam todos os rendimentos da casa, para sustentar estes famintos ociosos, o que originava reiteradas reclamações ao rei e ás côrtes, que, por algumas vezes foram attendidas, parcialmente, até que pouco a pouco se extinguiram estas *pousadias* ou *aposentadorias.* Vide 3.º vol., pag. 325, col. 1.ª—e a palavra *Padroeiro*, no 6.º vol., pag. 409, col. 2.ª

O rei D. Diniz, por uma provisão de 23 de julho de 1299, prohibiu as pousadias nos

mosteiros de *donas d'ordem* (freiras) e as extorsões que lhes faziam os fidalgos, a titulo de descendentes dos padroeiros. Esta provisão era a approvação de uma bulla, do papa Bonifacio VIII, que, sob pena de excommunhão maior, mandava o mesmo. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1299.)

POUSADOURO—portuguez antigo, ainda muito usado. É o logar que fica no termo de qualquer subida, onde naturalmente descança, *pousando* o carrêto, o que vae carregado.

Esta palavra, é mais antiga do que a monarchia portugueza. É d'ella que provém o nome aos logares de *Pousa-folles*, *Pousa-flores*, *Pousa-teigas*, etc.

Ha muitas aldeias e sitios em Portugal com este nome.

No latim barbaro dos seculos XI e dos 3 seguintes, se dizia *pausatorium*.

POUSADOURO ou **POUSADOUROS**—Douro—Sitio, no alto do monte, mesmo chamado *do Pousadouro*, na freguezia de Santa Marinha de Propêço, comarca, concelho, e 6 kilometros ao O. d'Arouca, pouco ao O. da antiquissima ermida de S. Lourenço. Ha aqui algumas antas pre-celticas, e a pequena distancia, em baixo, ao N.O., ha outra monstruosa anta, ao S.E., e fóra do logar de Vergadellas.

Já se vê que este sitio é no cume de um monte. Fica a uns 40 kilometros a E. do mar; pois, apesar d'isso, existem por estes sitios camadas de conchas, *bivalves*, e *seixos rolados*, o que manifestamente indica ter este territorio existido muitos seculos sepultado sob as ondas do Oceano.

Mesmo todas as pedras que avultam á superficie d'este monte, são rolladas (*penedos errantes*) que evidenceiam ter andado, talvez milhares d'annos, arrastados pelas correntes submarinhas.

Vide *Arouca*.

POUSADOUROS—aldeia, Douro — patria do illustre padre, José Vicente Gomes de Moura. (É no concelho de Góes.)

Vide *Poiares*, da comarca da Louzan.

POUSOS—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto, bispado, e 3 kilometros de Leiria, 132 ao N. de Lisboa, 550 fogos—em 1757, tinha 525.—Orago N. Senhora do Desterro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé de altar.

Aqui falleceu, em fevereiro de 1875, Francisco Antonio dos Santos Laranjo, com 105 annos de edade.

A aldeia principal d'esta freguezia, junto da qual está a egreja, chamava-se *Pousadouros*, e era da antiga freguezia de Santo Estevão; e, sendo esta supprimida, passou para a de S. Pedro.

A egreja matriz, era uma ermida, da invocação de N. Sr.ª do Desterro, mandada construir pelo padre Antonio Vieira, beneficiado da Sé de Leiria, e a dotou com rendas para a sua fabrica, em 1636, e n'esse mesmo anno aqui se disse a primeira missa. Mas, o corpo, da egreja, só se concluiu em 1641. Deixou o fundador um capellão, com obrigação de missa quotidiana.

Esta ermida, foi elevada a cathegoria de egreja matriz, da freguezia de Pousos, por provisão do bispo de Leiria, D. Alvaro de Abranches, de 28 de dezembro de 1713, desmembrando-se da de S. Pedro.

É terra fertil em todos os generos do nosso paiz.

PÓVOA—Vide *Pédorido*.

PÓVOA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 60 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos—em 1757, tinha 117—Orago S. Miguel, archanjo. Arcebispado e districto de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes e azeite Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montados ha muita caça.

Foi do arcebispado d'Evora, até á creação do bispado de Beja.

PÓVOA—(fabrica de papel da)—Vide *Carregosa*.

PÓVOA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 9 kilometros ao N. de Miranda do Douro (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro)—465 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 61—Orago S. Sebastião, martyr. Bispado e districto de Bragança.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Junto á aldeia da Póvoa, a distancia de 2 kilometros, no alto de um monte, ha um templo dedicado a *Nossa Senhora do Nazo*[1] de construcção antiquissima, ignorando-se por quem e quando se edificou.

A Padroeira, é objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, que lhe fazem muitas romagens annualmente, todas muito concorridas.

Segundo a lenda—um homem d'aqui, estava captivo em Argel, e, em uma noite que implorava á SS. Virgem que o tirasse do captiveiro, appareceu na madrugada á porta d'este templo, ainda preso com os grilhões de ferro, que deixou por memoria, á Senhora.

Diz tambem a lenda, que este individuo se demorou alguns dias n'este logar, durante os quaes abriu um pôço, que, a pequena profundidade, deu optima agua, que corre perennemente, tanto de inverno como de verão; o que é uma providencia para o povo, porque a freguezia é muito falta d'agua, sendo a maior parte da que ha, de cisternas ou reservatorios, mais ou menos rusticos.

Diz o *Santuario Marianno* (tom. 5.º pag. 632) que *o pavimento da egreja, é formado de uma calçada, feita de ossos e pedras, artisticamente combinados, que a fazem curiosa e vistosa.*

Tem uma boa tribuna (ou côro) sustentado por columnas de pedra. A capella-mór, é fechada por grades, bem obradas.

É um templo vasto, pois tem 60 metros de comprido, e largura proporcionada.

Pertencem á Senhora, varias herdades, em diversos sitios, com os rendimentos das quaes, se custeava a despeza da fábrica, solemnidades religiosas e reparos da egreja.

A sua festa principal, é na 2.ª oitava da Paschoa da Ressurreição, e é sempre concorridissima.

Faz-se-lhe outra festa no dia da sua natividade (a 8 de setembro).

Antigamente, pesava-se aqui muita gente, a trigo ou centeio, que era dado á Senhora, em reconhecimento de beneficios recebidos. Isto constituia uma boa parte dos seus rendimentos.

Além das *missas votivas*, dizia-se aqui missa, em todos os sabbados do anno.

Costumavam aqui vir em cada anno, varias procissões e clamores, das freguezias limitrophes.

Nunca teve irmandade, mas uma confraria, que administrava os rendimentos, que eram empregados na fabrica da egreja, no culto Divino, e nos precizos reparos.

Pelos annos de 1710, se instituiu uma irmandade, dando cada irmão, meio alqueire de pão, por anno, tendo direito—depois da sua morte—a um officio de 9 lições—e outro geral, por todos os irmãos, vivos e defunctos, no oitavario de todos os Santos.

Tinha até 1834, um eremitão, apresentado pelo cabido de Miranda. Além da congrua (que era diminutissima) tinha casas para residencia.

PÓVOA—(vulgarmente, *Póvoa de Santa Iría*)—villa, Extrem., comarca e concelho de Villa Franca de Xira, no Riba-Tejo. Já está no 3.º vol., pag. 399, col. 2.ª, sob o titulo de *Iría* (Santa).

Aqui accrescento o que se segue.

As inundações de novembro e dezembro de 1876, causaram grandes prejuizos em todo o Riba-Tejo. N'esta freguezia, só o sr. João Ferrão, soffreu em differentes propriedades, um prejuizo, que foi calculado em 10 contos de réis!

—

A casa do *conde da Pôvoa* (avô da actual sr.ª duqueza de Palmella) foi a maior de Portugal, depois da dos duques do Cadaval (mas incluindo o que estes teem em França, que, em valor, eguala a que possuem n'este reino).[1]

Condes da Póvoa[2]

Henrique Teixeira de Sampaio, Senhor de

[1] *Nazo*, é o nome que tinha o logar onde se construiu o templo.

[1] A casa dos duques do Cadaval, rende 300 e tantos contos, annualmente; mas n'este reino só rende metade, o resto é na França. A casa do conde da Póvoa era só em Portugal, e rendia em cada anno mais de 200 contos.

[2] Estes condes da Póvoa nada teem de

Sampaio, em 22 de maio de 1816—barão de Teixeira, em 9 de maio de 1818—conde da Póvoa, em 3 de julho de 1823, par do reino, em 1826. Foi grão-cruz da Ordem de N. Sr.ª da Conceição, de Villa Viçosa, e commendador das ordens de Christo e Torre-espada. Conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do real erario, feito em 1823.

Nasceu em Angra (Ilha Terceira) a 30 de outubro de 1774, e falleceu em Lisboa, no seu palacio, da rua da Fabrica das Sêdas, a 27 de março de 1833.

(Adiante tratarei de seus paes e irmãos.)

—

Foi duas vezes casado.

A 1.ª, em 16 de fevereiro de 1804, com D. Marianna Slach, que nascera a 12 de maio de 1777, e falleceu a 15 de outubro de 1805. Era filha de Martim Slach e de D. Angelina Pelican. Não houve filhos d'este matrimonio.

A 2.ª, no 1.º de março de 1824, com D. Luiza Maria José Rita Balthazar de Noronha, que havia nascido a 28 de outubro de 1802.

Era filha dos primeiros condes de Peniche.

D'este matrimonio, teve um filho e uma filha, que foram

D. João Maria de Noronha Sampaio, que foi o 2.º conde da Póvoa, feito em 2 de agosto de 1834. Nasceu a 9 de janeiro de 1826, e morreu a 8 de julho de 1837.

D. Maria Luiza de Noronha Sampaio, depois marqueza do Fayal, que nasceu a 21 de abril de 1827, e falleceu a 21 de março, de 1861.

Casou com D. Domingos de Sousa Holstein, marquez do Fayal, conde do Calhariz, par do reino, etc.

D'este matrimonio nasceu a sr.ª D. Maria Luiza de Sousa Holstein, actual duqueza de Palmella, feito em 29 de setembro, de 1862.

Para evitarmos repetições, vide o 6.º vol., a pag. 436, col. 1.ª e seguintes, onde trato da nobilissima casa de Palmella, na qual se fundiu a dos condes da Póvoa.

O 1.º conde da Póvoa, deixou por sua morte, uma riqueza avaliada no inventario em 8:400 contos de réis, ou 21 milhões de crusados!—Só em um anno, segundo o mesmo inventario, rendeu 227:074$636 réis. A familia Teixeira de Sampaio, já em 1825 possuia em numerario, joias, bens de raiz, etc., mais de 20 milhões de crusados, e era então, a casa mais rica de Portugal. Foi o 1.º conde da Póvoa o fundador d'esta riqueza colossal, principiada em 1800. Deixou ricos e felizes todos os seus irmãos, e titulares alguns d'elles, como adiante veremos.

Paes e irmãos do conde da Póvoa

O 1.º conde da Póvoa era filho (do 2.º matrimonio) de Francisco José Teixeira de Sampaio, cavalleiro da Ordem de Christo, que tinha nascido em Lamego, e que falleceu em Angra, a 19 de janeiro, de 1810.

Tinha casado duas vezes

A 1.ª em Lisboa, com D. Maria Luiza — a 2.ª em Angra, no 1.º de março de 1773, com D. Eulalia Florianna Gualberta Carvão, que nascera a 14 de fevereiro de 1753, e falleceu a 29 de outubro de 1824. Era filha de Matheus José Carvão, e de D. Isabel, senhora ingleza.

Filhos do 1.º matrimonio

(*Irmãos do 1.º conde da Póvoa*)

1.º—Antonio Teixeira de Sampaio—commendador da Ordem de Christo, consul em Corck. Falleceu em Inglaterra. Tinha casado na Irlanda, com Francisca Greatriks. Deixou 8 filhos — D. Francisca, D. Luiza, D. Anna, D. Demitilda, D. Saly, Antonio, D. Maria, e Osborne.

2.º—João T. de Sampaio—nasceu a bordo do navio em que seus paes vinham da Ilha da Madeira, e falleceu em Angra (Terceira) a 22 de outubro de 1803. Tinha casado com D. Maria Luiza Borges, filha de Antonio Borges Teixeira. Deixou 3 filhos — Thomé, que nasceu a 17 de setembro de 1800—Fran-

commum com os antigos condes da Póvoa, que era uma familia antiquissima, e o seu condado era na Póvoa de Santo Adrião.

cisco, nascido a 27 de agosto, de 1802, e casou a 8 de agosto de 1835, com D. Maria do Carmo Leite—D. Maria T. de Sampaio, nascida em 1804, em Angra.

Filhos do 2.º matrimonio

1.º—D. Violante Teixeira de Sampaio, nascida a 7 de outubro de 1773, e casou com João Baptista Miguel Barthomin, subdito francez.

2.º Henrique Teixeira de Sampaio, *o 1.º conde da Póvoa.*

3.º—D. Marianna T. de Sampaio, nascida a 15 de fevereiro de 1778, e é fallecida.

4.º—D. Demitilda T. de Sampaio, nascida a 6 de março de 1779. Casou com o doutor, José Joaquim dos Reis—ambos já fallecidos.

5.º—Francisco T. de Sampaio, que falleceu em Londres, em 1836.

6.º—D. Anna, nascida a 5 de maio de 1780, e já falleceu.

7.º—D. Francisca T. de Sampaio, nascida a 12 de maio de 1782.

8.º—D. Maria T. de Sampaio, nascida a 6 de outubro de 1785. Casou com Bento de Bettencourt.

9.º—Luiz T. de Sampaio, nascido a 10 de janeiro de 1789. Casou a 4 de fevereiro de 1812, com D. Emilia Campos, filha de João Ferreira Campos, e de D. Victorina Le-Couvreur. Tem filhos. Foi feito 1.º visconde do Cartaxo, em 12 de junho de 1860. São seus filhos:

1.º—Luiz T. de Sampaio, nascido a 30 de janeiro de 1815.

2.º—Antonio T. de Sampaio, nascido a 6 de dezembro de 1816.

3.º—Francisco T. de Sampaio, nascido a 12 de dezembro de 1817.

4.º—Henrique T. de Sampaio, nascido a 18 de dezembro de 1818.

5.º—Alexandre T. de Sampaio, nascido a 19 de julho de 1821.

6.º—D. Emilia T. de Sampaio, nascida a 29 de julho de 1822.

7.º—Eduardo T. de Sampaio, nascido a 13 de setembro de 1833.

8.º—D. Christina Hellena Pitta de Sampaio, feita viscondessa do Cartaxo, em 20 de maio de 1865.—Nasceu a 23 de janeiro de 1835.

9.º—Augusto T. de Sampaio, nascido a 5 de julho de 1836.

10.º—Diniz T. de Sampaio, nascido a 13 de agosto de 1791.

10.º—Alexandre T. de Sampaio, nascido em 1793. Foi feito 1.º barão de Sampaio, em 8 de maio de 1858.

—

Os paes do conde da Póvoa, eram pouco abastados, mas, mesmo assim, deram a todos os seus filhos, uma excellente educação, em um collegio de Londres; e foi n'esta cidade que principiou a vida commercial, o 1.º conde da Póvoa, vindo depois estabelecer-se em Lisboa, onde em poucos annos alcançou uma riqueza enorme.

PÓVOA E MEADAS [1] — Villa, Alemtejo, concelho de Castello de Vide, comarca, districto administrativo, bispado e 24 kilometros de Portalegre, 180 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos—em 1757, tinha 161.—Orago Nossa Senhora da Graça.

A mitra apresentava o cura, que tinha, 40$000 réis e o pé d'altar.

Fica a 5 kilometros a O. de Meadas, antiga, freguezia que desde o principio do seculo 18.º está unida a esta da Póvoa, e por isso se lhe dá o nome de *Povoa e Meadas.*

A villa da Póvoa, fica entre Castello de Vide e Montalvão, a 6 kilometros da raia, e dividida, aqui, de Castella (Extremadura hespanhola) pelo rio Sevêr.

Está situada em uma planicie, fertil e agradavel. Nos seus montados se cria muito gado, de toda a qualidade.

D. Lopo, administrador do mosteiro de

[1] O primeiro nome que teve esta villa, foi *Póvoa de D. Martinho.* Adiante se dirá porque.

Folques, lhe deu foral, no mesmo mosteiro, em 2 de abril de 1424. (Gav. 15, maço 12, n.º 25.)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 29 de março de 1511. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 70, col. 1.ª)

Este foral serve tambem para Meadas.

É povoação muito antiga, e, pelo menos, dos primeiros tempos da nossa monarchia.

Os castelhanos a incendiaram, em 1706, arrazando as suas antigas fortificações, que já estavam muito arruinadas.

D. João V, a mandou reedificar, em 1720, mandando-lhe fazer uma cinta de muralhas, com seu castello e baluartes, hoje tudo arruinado.

Tem Misericordia.

Eram donatarios d'esta villa, os condes de Valle de Reis, cuja varonia é a seguinte:

D. Fernando Furtado, filho da rainha D. Urraca, e do conde D. Gomes Gonçalves, [1] foi feito rico-homem, por seu primo, o rei D. Affonso Henriques, que lhe deu o senhorio da honra de Pedroso, em Penafiel.

Casou com D. Guiomar Affonso, e d'elles procede a varonia, que se segue—*Ruy Furtado, Fernão Furtado, Affonso Furtado*, outro *Affonso Furtado, Nuno Furtado, Antonio de Mendonça, João de Mendonça, Nuno de Mendonça* (1.º conde de Valle de Reis, feito por D. Philippe IV, em 16 de agosto de 1628) *Lourenço de Mendonça* (2.º conde) *Nuno de Mendonça* (3.º) *Lourenço de Mendonça*, e *Nuno de Mendonça.* (Para o resto d'este *autem genuit*, vide *Loulé* e *Valle de Reis.*)

Meadas, tambem era commenda d'estes condes. (Vide *Meadas*, no 5.º vol., pag. 147, col. 1.ª)

O que veio a ser senhorio dos *Furtados de Mendonça*, foi um grande morgado, instituido por *D. Martinho Pires Valente*, (ascendente de D. Martinho Castello-Branco, 1.º conde de Villa Nova de Portimão, feito por D. Manoel I, em 28 de maio de 1504—(vide n'este vol., pag. 264, col. 2.ª, principio.)

Data do anno 1348 a instituição d'este vinculo, que foi confirmado por D. Affonso IV, n'esse mesmo anno, como consta de uma lapide que está levantada, na estrada, proximo ás ruinas do palacio dos condes.

Este vinculo, passou depois, por herança, aos condes de Villa Nova de Portimão.

Por o vinculo ser instituido por um D. Martinho, é que á povoação se deu primeiro o nome de *Póvoa de D. Martinho.*

Ha n'esta quinta, uma edicula, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, dentro de uma gruta ou lapa, artificiosamente obrada, de pedras tôscas, com uns 3,^{m}50 de comprido, 2 metros de largo, e 2,^{m}20 d'alto. A santa imagem, está de joelhos, com as mãos crusadas sobre o peito, olhando para a cruz, onde J. C. foi Crucificado. Está aos pés da Cruz, tendo de um lado, S. João Evangelista, e do outro, Santa Maria Magdalena, com uma amphora, imitando as que continham balsamos, para ungir os cadaveres. Junto d'estas imagens, está o corpo do Salvador, estendido sobre um rico leito, de tela bordada a ouro. De cada lado do Senhor morto, está um anjo, tendo cada um na mão direita, um castiçal de prata, com velas que se accendem em varios dias do anno, e em toda a semana santa.

Todas as imagens são da estatura regular de um homem, de pedra, e de bôa esculptura.

Segundo a tradição, esta devota ermida foi restaurada, quando D. Martinho reedificou e aformoseou a quinta, e a vinculou, mas, notando a perfeição da esculptura das imagens, parecem de construcção muita mais recente, talvez do principio do seculo 16.º; pois até alguns escriptores dizem que as imagens foram feitas por uns bons esculptores italianos, que vieram a Portugal no reinado de D. Manoel, e foram os que esculpiram as imagens, de pedra, da egreja de Santa Maria do Castello, da villa do Pombal, e varias outras, em Coimbra. Vide adiante.

Mais tarde, o conde de Figueiró—D. Luiz—que herdou esta quinta, e o condado de Villa Nova de Portimão, fez grandes melhoramentos na propriedade, e mandou cons-

[1] D Urraca era filha de D. Affonso VI de Leão, e, por consequencia irman da rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique. O conde D. Gomes, era um cavalleiro distincto do seculo 11.º, e rico-homem, em Traz-os-Montes.

truir uma nova egreja em substituição da gruta, mas com a sua morte e a de sua mulher, não se chegou a concluir a nova egreja.

D. Francisco de Castello-Branco Valente, porém, foi o que mais aformoseamentos fez n'esta quinta; e, aproveitando a abundancia d'agua, que havia aqui, mandou construir alguns vastos tanques, repuchos e cascatas; e varios nichos, em differentes partes, adornados com imagens de santos.

Uma lapide muito bem lavrada, e com as armas dos Castellos-Brancos, que se vê n'esta quinta, tem a seguinte inscripção:

ESTE ORATORIO DE NOSSA SENHORA
DA PIEDADE, COM TODO O MAIS
EDIFICIO D'ESTA QUINTA, MANDOU
FAZER D. FRANCISCO DE CASTELLO-
BRANCO VALENTE, CAMAREIRO-
MÓR DE EL-REI D. JOÃO, O III,
E SENHOR DE VILLA NOVA DE PORTIMÃO,
NO ANNO DE 1531.

—

Valente, é um appellido nobre em Portugal, tomado de alcunha, e tem a mesma origem de *Freitas*.

O primeiro individuo que usou do appellido Valente, é Abril Pires Valente, pae de D. Vicente Affonso Valente (ou Affonso Pires Valente) pae de D. Martinho Pires Valente, fundador d'este morgado; como consta de uma inscripção, que está em uma sepultura da capella-mór da egreja de S. Jorge, (Arrôios) em Lisboa.

As armas dos Valentes, são—em campo de púrpura, um leão d'ouro, faxado de 3 faxas azues — élmo d'aço, aberto, e por timbre, o mesmo leão.

Alguns d'este appellido, adornaram o seu escudo d'armas, com esta legenda: — *strenuus non indiget armis*. (O valente não preciza d'armas.)

Quando em 1874 se publicou o 4.º vol. d'esta obra, ainda vivia o penultimo duque de Loulé, pae da actual sr.ª duqueza do mesmo titulo, e dos srs. condes de Valle-de-Reis, e da Azambuja; porisso não tratei mais detalhadamente, d'este vulto contemporaneo, quando d'elle fallei na col. 1.ª, de pag. 449 do mesmo volume. Julgo ser aqui o logra proprio para o fazer, pedindo desculpa de umas pequenas repetições, indispensaveis para intelligencia d'este artigo.

Nuno José Sevéro de Mendonça Rolim de Moura Barrêto, nasceu em Lisboa, a 6 de novembro de 1804.

Casou no 1.º de dezembro de 1827, com a sr.ª infanta, D. Anna de Jesus Maria, que tinha nascido a 23 de dezembro de 1806. Era filha de D. João VI e da rainha, D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança. [1]

Este casamento causou profundo desgosto, não só á rainha, como a suas filhas, a princeza da Beira, a sr.ª D. Maria Thereza (casada em Hespanha) e ás sr.as infantas, D. Isabel Maria e D. Maria da Assumpção. A quem menos affligiu foi ao sr. D. Miguel, que estava então, em Vienna d'Austria; e até consta que elle dera o seu consentimento; o que não me parece provavel, porque, quando elle desembarcou em Lisboa (22 de fevereiro de 1828) o então marquez de Loulé e sua esposa, nunca mais appareceram em publico, e se homisiaram até poderem fugir para a Inglaterra.

Em setembro de 1876, mostraram-me uma casita, junto e ao O. das ruinas de *Troia*, em frente de Setubal, onde me disseram que residiram por alguns dias os nobres fugitivos, e que d'alli mesmo embarcaram para o estrangeiro. Esta casa fica a cousa de um kilometro da costa.

Quando o sr. D. Pedro foi expulso do Brasil, depois de ter abdicado, á força, em seu filho, o sr. D. Pedro II, actual imperador do Brasil (7 de abril de 1831) e que, depois de estar em França, e alli combinado com Luiz Philippe e seus ministros, o roubo de dez dos melhores navios da nossa marinha de guerra (11 de julho de 1830) da soltura de dois criminosos, que nascidos em França, tinham commettido o crime em Portugal, e, demais a mais, se tinham naturalisado portuguezes, e uma *indeminisação* para el-

[1] A sr.ª infanta, D. Anna de Jesus Maria, morreu em Roma, a 23 de junho de 1857.

les, de 140 contos de réis (!) [1] depois de estar em Paris, repito, foi para Inglaterra (levando a maior parte dos navios que nos havia roubado Roussin...) se lhe foi apresentar o marquez de Palmella. O sr. D. Pedro o tratou com a maior cordialidade, e o fez seu ajudante d'ordens.

O marquez seguiu pois seu cunhado para a Terceira, e d'alli para Portugal, seguindo sempre, até á sua morte, o partido liberal, do qual foi um dos mais nobres campeões.

Apezar d'isso, nem o sr. D. Pedro, nem a sr.ª D. Maria II, nem seus filhos, os srs. D. Pe-V, e D. Luiz I, quizeram jámais reconhecer e legalisar o casamento do marquez, apezar das suas reiteradas solicitações, e das de sua esposa.

—

O duque de Loulé, era filho de Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 1.º marquez de Loulé (feito em 9 de junho de 1799) 8.º conde de Valle de Reis, 23.º senhor da Azambuja, e da Póvoa e Meadas, 13.º senhor do morgado de Quarteira, gentil-homem da camara de D. João VI, e seu estribeiro-mór. Grão-cruz da ordem de Torre Espada, commendador da de Christo, cavalleiro da de S. João de Jerusalem, coronel de cavallaria (em cujo pôsto commandou um regimento, a favor de Buonaparte, contra a Russia, em 1812) ajudante da pessoa do infante (depois, o sr. D. Miguel I) commandante em chefe do exercito, em 1823. Succedeu a seu pae, em 4 de junho de 1799. Tinha nascido em 28 de agosto de 1780, e morreu, assassinado (nunca até hoje se soube por quem!) em Salvaterra de Magos, a 29 de fevereiro de 1824. [1]

Tinha casado em 28 de janeiro de 1799, com sua prima, D. Maria Margarida do Carmo de Menezes, que nascêra a 16 de junho de 1781. Era 2.ª filha do 5.º marquez de Marialva.

D'este casamento, houveram os filhos seguintes:

Nuno—o penultimo marquez de Loulé.

D. Maria Anna—que casou com o conde de Villa-Flor, depois duque da Terceira. Nasceu a 5 de dezembro de 1808, falleceu no 1.º de julho de 1866.

José—gentil-homem da camara de D. João VI, tenente de cavallaria, ajudante de campo do sr. D. Miguel I—quando este era ainda infante—e commandante em chefe (generalissimo) do exercito, em 1823.

O 1.º marquez de Loulé, possuia o condado de Valle de Reis, por ser descendente directo do 1.º conde d'este titulo, Nuno de Mendonça, feito por Philippe 4.º, em 16 de agosto de 1628.

[1] Este acto de verdadeira pirataria, praticado pelo almirante, barão de Roussin, por ordem de Luiz Philippe, indignou tudo quanto era verdadeiro portuguez, qualquer que fosse o seu partido politico, como depois aconteceu com a tristemente célebre questão do *Charles et George*.

O tenente coronel D. José Miguel de Noronha, preso na torre de S. Julião da Barra, onde estava cumprindo dois annos de prisão, a que o conselho de guerra o havia condemnado, por liberal, indignado, como nobilissimo fidalgo e bravo militar portuguez, da affronta injusta e sem nome que havia soffrido a bandeira das Quinas, por uma nação que se dizia amiga, offereceu-se ao sr. D. Miguel I, para tomar as armas, emquanto durasse a guerra (que se esperava) com a França, e, terminada a guerra. concluir o tempo que lhe faltasse de prisão. El-Rei apreciou tanto este acto de patriotismo, que o mandou soltar immediatamente, perdoando-lhe o resto do castigo, e mandando elogiar o seu nobre comportamento n'esta triste conjuntura.

Outros muitos liberaes, se offereceram ao serviço militar; e, se o governo realista se soubesse (ou quizesse...) aproveitar d'esta occasião propicia, talvez se tivesse mudado a face dos acontecimentos, que depois, tantas desgraças causaram, e tanto sangue portuguez fizeram derramar inutilmente.

[1] D. João VI, estava com a sua corte, no palacio real de Salvaterra de Magos, onde tencionava passar o carnaval d'esse anno. O sr. D. Miguel e os fidalgos, estiveram na noite de 28 para 29 de fevereiro, ensaiando uma comedia que deviam representar nos dias seguintes. Á sahida do theatro, em um corredor escuro, foi apunhalado, sendo o seu cadaver mutilado, e lançado no entulho do palacio velho. Sobre este mysterioso assassinato, direi o que poder averiguar, em *Salvaterra de Magos*, e serei imparcialissimo.

O senhorio da Azambuja, anda n'esta familia, desde janeiro de 1200. Vide *Azambuja*.

O morgado da Quarteira, desde 19 de setembro de 1413.

O senhorio da Póvoa e Meadas, desde o 1.º de junho de 1482.

O palacio principal d'esta nobilissima familia, era no largo da Graça, em frente (ao O.E.) da parede lateral da egreja do mosteiro dos eremitas de Santo Agostinho (gracianos.)

Este palacio, que era um dos melhores e mais vastos de Lisboa, foi devorado por um incendio, em 1819, ficando só as paredes, que são robustissimas, pois ainda estão optimamente conservadas, e nunca mais foi habitado por seus proprietarios, que desde então fixaram a sua residencia no palacio do pateo do Thorel, que tambem ardeu, transferindo-se d'ahi para Belem, pouco ao O. do mosteiro dos Jeronymos.

—

É tempo de fallarmos exclusivamente, do penultimo duque de Loulé.

Nuno José Sevéro de Mendonça Rolim de Moura Barreto, 1.º duque de Loulé, em 3 de outubro de 1862, 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis, 24.º senhor da Azambuja, 12.º senhor da Póvoa e Meadas, 14.º senhor do morgado da Quarteira, etc., etc. — era tenente-general, reformado, do exercito. Foi grão-cruz da ordem de Ernesto, o Pio, da Saxonia; commendador da ordem de Christo, e da de Torre-Espada; ajudante de ordens do sr. D. Miguel I (então infante) commandante em chefe do exercito, em 1823— par do reino em 1826; gentil-homem da camara, de D. João VI, e seu estribeiro-mór; capitão de cavallaria, e ajudante d'ordens do sr. D. Pedro, e seu ministro de estado, em 12 de janeiro de 1833; ministro da marinha, em 1835, e dos negocios estrangeiros, em 1836 deputado ás cortes, em 1837.

Apezar de pertencer a uma das mais nobres familias d'este reino, foi sempre inclinado ao partido democratico, tomando parte muito activa na revolução de 1846, e sendo a final, um dos signatarios da célebre *convenção de Gramido*, por parte da junta do Porto, em 30 de junho de 1847.

Foi feito ministro da marinha, em 1851, depois da revolta do Saldanha, e da segunda fugida dos irmãos Cabraes, para o estrangeiro.

Em 1856, cahiu o ministerio chamado da *regeneração* (o do Saldanha) subindo ao poder, o partido denominado *historico*, do qual era chefe o duque de Loulé, que foi feito presidente do conselho de ministros, e *chrismou* o seu partido, com a denominação de *progressista*. Cahiu este ministerio, sendo substituido pelo chamado da *colligação*, do qual foi presidente o duque da Terceira, que, morrendo pouco depois, *morreu* tambem logo o seu ministerio, tornando a subir ao poder o duque de Loulé, em 5 de julho de 1860, como presidente do ministerio *historico*.

Foi n'este periodo que teve logar o infausto e inesperado fallecimento, do sympathico rei o sr. D. Pedro V (em 11 de novembro de 1861.) As cruciantes saudades de uma esposa querida, os desenganos do mundo, e os profundos desgostos que os seus proprios amigos (fingidos) lhe causaram, mais do que as *febres paludosas*, terminaram a vida d'este santo monarcha, na florescente edade de 24 annos.

O povo de Lisboa, que adorava o joven soberano, attribue a sua morte ao veneno, e o nobre duque de Loulé foi injustamente accusado de tomar parte n'este supposto crime de regicidio, levado pela ambição de collocar no throno portuguez o seu filho primogenito, neto legitimo de D. João VI.

Esta calumnia foi facilmente destruida, como impropria do caracter, sempre nobre e sempre leal do illustre duque, e o seu credito de portuguez fidelissimo, em breve se rastabeleceu.

O partido do duque de Loulé, subiu ainda ao poder, mas já combinado com elementos heterogenios, e porisso chamado *partido da fusão*, que cahiu com a revolta chamada *janeirinha*, por ser feita em janeiro de 1868; porem o duque não tomou parte n'este ministerio; mas sim no de agosto de 1869, que a revolta de maio de 1870, lançou por terra.

—

Pelas 8 horas da noite do dia 22 de maio

de 1875 (um domingo) estando o duque no seu palacio de Belem, e tendo acabado de jantar, se despediu das senhoras da sua familia (que hiam para a festa do mez de Maria na egreja do mosteiro de freiras do Bom-Successo) e foi passear para o jardim.

Alli, sendo accomettido por uma forte pontada sobre o coração, se recolheu ao seu quarto, mandando chamar um medico, mas quando este chegou, achou-o morto, em consequencia da roptura de um aneurisma de que padecia.

—

O duque de Loulé, era um dos mais bellos e elegantes fidalgos do seu tempo, e a uma formosa apparencia, e a um porte gentilissimo, reunio uma educação esmeradissima, maneiras agradaveis, e uma grande affabilidade, pelo que era respeitado e sinceramente estimado de todos quantos o tratavam. Póde dizer-se afoitamente que era o typo mais verdadeiro do genuino fidalgo portuguez.

Teve cinco filhos—trez senhoras (*D. Anna*, que nasceu a 27 de dezembro de 1827—*D. Maria*, nascida a 26 de fevereiro de 1829—e *D. Maria Amelia*, que nasceu a 27 de Abril de 1832.)

D. Pedro Agostinho de Mendonça Rólim de Moura Barrêto—nascido a 7 de outubro de 1830, feito conde de Valle de Reis, em 24 de fevereiro de 1854, e 2.º duque de Loulé, de *juro e herdade*, em 3 de junho de 1875.

D. Augusto Pedro de Mendonça Rólim de Moura Barreto—que nasceu a 4 de agosto de 1835, e foi feito conde da Azambuja, de juro e herdade, em 3 de abril de 1860.

PÓVOA D'AGRAÇÕES — (provavelmente, corrupção de *Agros-Chãos*)—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do concelho de Carrazêdo de Monte-Negro)—90 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos—em 1757 tinha 81.—Orago, S. Bartholomeu, apostolo.—Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O prior de Santa Leocadia, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

PÓVOA D'ARNOSA, ou *d'Arenosa*—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Papizios (6.º vol., pag. 453, col. 2.ª) 25 kilometros ao S. de Viseu, 85 fogos.

Esta aldeia, está situada entre os rios Dão, e Mondego, em um valle muito ameno, assombrado de frondosos carvalhos, e com vastissimos olivaes, principalmente nas margens do Dão; e muitos pinhaes.

É terra muito abundante em cereaes, frutas, de toda a qualidade; e optimo vinho (branco e tinto) que exporta, em grande quantidade, para a Figueira da Foz, Ovar, e outras povoações da beira-mar.

Ha aqui duas bôas fábricas de aguardente, cujos productos tambem se exportam.

Estão aqui as capellas de Nossa Senhora da Guia, pertencente ao povo; e a de São Pedro, particular, da sr.ª D. Luiza Soares Velloso, sobrinha do conselheiro, o sr. Luiz Manoel Soares, lente de prima, e decano, que foi, da faculdade de theologia, na universidade de Coimbra, e muitos annos, seu vice-reitor.

Nas casas das sr.as D. Maria Leopoldina, e D. Maria dos Prazeres, ha um magnifico oratorio, ornado de bellas imagens de marfim, e primorosas pinturas, a óleo. Tem porta para a rua, d'onde grande parte do povo ouve missa, nos dias sanctificados. Foi mandado fazer por o avô d'aquellas duas senhoras, Francisco de Paula Cardoso Homem de Abreu, que foi senhor da casa de Santa Christina, em Viseu, e, por varonia dos Abreus, senhor da casa do Paço da Corredoura, em Villa Nova da Rainha, e da terça de Treixêdo, na comarca de Santa Comba Dão. (Esta casa está hoje possuida e representada pelos srs. condes da Graciosa.)

Francisco de Paula Cardoso Homem de Abreu, foi casado com D. Maria Rita de Mello Abreu Soares, filha segunda da antiga casa dos Mellos Abreus Soares, em Travanca de Tavares (que é ramo dos senhores de Mello, de Regalados, de Merufe, etc.. e dos senhores do Prado) e irman de D. Antonia Clara de Mello de Abreu Soares, mulher de João d'Abreu Castello-Branco, de Fornos de Algodres, pae do marechal de campo, do exercito realista, Nicolau d'Abreu Castello-Branco, já fallecido, e dos dois condes de Fornos d'Algodres (João Maria d'Abreu Cas-

tello Branco, juiz do supremo tribunal de justiça—e Alexandre d'Abreu Castello-Branco, que vive mesmo em Fornos d'Algodres. (Vide *Pico de Regalados.*)

De Francisco de Paula Cardoso Homem de Abreu, e de sua mulher, nasceram:

Manoel Nicolau Cardoso Abreu Magalhães, que succedeu nas casas de seu pae—e casou com D. Maria José de Mendonça Cisneiros Allemão, senhora das casas e vinculos de Travancinha, Tábua, Viseu e Gavinhos, e aqui viveu até á morte de sua mulher (1835) retirando-se então para esta aldeia da Póvoa d'Arnosa, fugido ás perseguições dos liberaes, e aqui falleceu, a 13 de setembro de 1869. Era um cavalheiro de vasta instrucção, bom, affavel, e muito caritativo. Ainda hoje os povos d'estes sitios lamentam a sua falta.

Sobreviveram-lhe cinco filhas, as senhoras:

1.ª—D. Maria Augusta de Mello Abreu (primogenita) que succedeu nos vinculos, e prasos de seus paes. Cosou com o sr. Manoel de Mendonça da Cunha Falcão e Távora, senhor dos vinculos e casa de Girabôlhos, no concelho de Céia.

2.ª—D. Maria Amelia de Mello Abreu, que casou com o sr. Francisco Alexandre Perestrêllo da Cunha Corte-Real, senhor do vinculo de *Papo de Perdiz*, e da antiga e legendaria casa de *Sub-Ripas*, em Coimbra.

3.ª—D. Maria Emilia de Mello Abreu, casada com seu segundo primo, o sr. conde de Fornos d'Algodres (Alexandre.)

4.ª—D. Maria Leopoldina de Mello Abreu Castello-Branco—e

5.ª—D. Maria dos Prazeres de Mello Abreu Castello-Branco—que ainda são solteiras, e vivem n'esta sua casa, da Póvoa d'Arenosa.

—

A sr.ª D. Maria dos Prazeres de Mello Abreu Soares, 2.ª filha de Francisco de Paula Cardozo Homem d'Abreu (tia dos filhos de Manoel Nicolau) casou em Papizios, com o sr. dr., Antonio José Cabral de Mello Pinto, que foi corregedor, na cidade de Beja. É seu filho:

O sr. dr., Nicolau Cabral de Mello Abreu Magalhães, casado com sua prima, a sr.ª D. Anna Fortunata Homem Pinto Boto Machado, filha do dr., José Homem de Figueiredo Leitão, fidalgo da casa-real, e de sua mulher, D. Josefa Pinto Boto Machado, da casa dos Botos Machados, da villa de Gouveia. Vivem na sua bella casa de Papizios, são possuidores de uma grande riqueza, e teem descendencia.

Tem esta familia, na egreja de Papizios, uma bôa capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com as armas dos Cabraes, Abreus e Mellos.

A egreja parochial da freguezia, é um dos melhores templos do bispado, não só pela sua grandeza, mas tambem pela sua altura e maximo aceio.

Foi reconstruida á custa dos seus abbades, que foram, até 1759, da apresentação dos jesuitas, e depois, passou o direito da apresentação para a universidade de Coimbra. Era dada a concurso, pelas faculdades de theologia e canones, alternativamente; e não podia hir ao concurso o clerigo que não fosse formado em qualquer d'estas faculdades.

Rendia esta abbadia, até 1834, annualmente, 6 a 8 mil crusados (2:400$000 réis, a 3:200$000 réis) pois recebia os dizimos d'esta freguezia e os de Pinheiro, Sobral e Ferreiros, onde apresentava os curas.

Foi abbade d'esta freguezia, o doutor, Bento José Henriques de Carvalho, que á sua custa formou e doutorou, na faculdade de canones, o doutor, Guilherme Henriques de Carvalho, que morreu cardeal patriarcha de Lisboa. (4.º vol., pag. 280, col. 2.ª)

PÓVOA DA ATALAIA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Alpedrinha)—60 kilometros da Guarda, e 240 ao E. de Lisboa, 130 fogos.—Orago, Santo Estevam, proto-martyr. Bispado e districto administractivo de Castello-Branco. (Foi antes de se crear este bispado—do da Guarda.)—Tinha em 1757, 62 fogos.

Os condes de Povolide apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil, cria muito gado, de toda a

qualidade, e nos seus montes, ha muita caça, grossa e miuda.

PÓVOA DE CERVÃES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 3 kilometros ao N. de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 110 fogos, em 1757, tinha 85.—Orago, S. João Baptista. Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de Cassurrães apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora das Cérvas*, ou *de Cervães*. Está situada sobre um monte, cultivado, em sitio fresco e delicioso, principalmente do S. e O., onde se veem muitas arvores, que produzem saborosos fructos. D'estes dois lados, fica em frente da serra da Estrella. Do lado de O., tem uma vasta e deliciosa vista, abrangendo muitas leguas de extensão, de montes e valles.

Segundo a tradição, dava-se antigamente a este monte (que é uma projecção da Estrella) o nome de *Monte das Cérvas*, por ser então um bosque onde havia muitos d'estes quadrupedes [1] assim como veados e outros animaes silvestres.

Segundo a lenda, foi no monte das Cérvas, que appareceu a imagem da Senhora, á qual, porisso, chamaram das Cérvas.

Apenas a santa imagem foi encontrada, lhe construiram uma capellinha, no sitio chamado *Valle de Cervães*, ou *Valle de Santa Maria*; porem como este sitio era n'esse tempo deserto, lhe construiram uma nova e mais vasta ermida, no sitio actual, para onde a Padroeira foi mudada, em 1660.

Do titulo da Senhora, é que veio o sobrenome á freguezia, que primeiramente só se denominava *Póvoa*.

A imagem é de pedra, e revela muita antiguidade, pela sua esculptura; mas, não se sabe quando appareceu, nem quando se lhe construiu a primeira capella.

Faz-se a festa da Padroeira, na segunda oitava depois da Paschoa, e é sempre grande a concorrencia dos romeiros.

[1] Segundo o antigo portuguez, *Cervan*, significa *terra das cérvas*.

Antigamente, era uma das mais sumptuosas festas d'estes sitios, tendo, tanto na vespera, como no dia, musica, sermão, missa cantada, etc. — e havendo muitas danças, comedias, e outros divertimentos no gôsto da época.

Vinham então aqui muitas procissões de varias freguezias, em visita á Senhora, á qual davam muitas offertas, em generos, gado e dinheiro, cujo producto era applicado para o culto, concertos, e embellezamento do templo.

Tambem se fez aqui antigamente, em todos os domingos de Ramos, uma esplendida procissão de Passos. Sahia da egreja parochial da freguezia de S. Thiago de Cassurrães.

Ha mais de 100 annos que deixou de fazer-se esta procissão.

—

Tambem, mesmo dentro do logar da Póvoa de Cervães, ha a bonita ermida de *Nossa Senhora dos Remedios*.

Eis a origem d'este templosinho:

Pelos fins do seculo 17.º, vivia n'esta aldeia da Póvoa—d'onde era natural—o padre Domingos Dias, que era muito devoto da S.S. Virgem, e porisso lhe construiu, á sua custa, esta capella, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios; cujas obras principiaram em 1670.

Por morte do fundador, concluiu as obras, seu sobrinho, o padre José de Moraes.

É imagem de muita devoção para os póvos d'estas terras.

PÓVOA DO CONCELHO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Viseu, 320 ao N.E. de Lisboa, 170 fogos—em 1757, tinha 72.—Orago Nossa Senhora da Graça — bispado de Pinhel (foi do bispado de Viseu) districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria de Guimarães (de Trancoso) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

PÓVOA DE CÓS — aldeia, Extremadura, na freguezia de Cós (2.º vol., pag. 408, col. 1.ª)

Fica esta aldeia distante 2 kilometros ao

S. da villa de Cós, nos antigos *coutos d'Alcobaça.*

Proximo (a uns 50 metros ao O.) junto de uma pequena collina, nasce, sobre fundo de areia, uma agua clara, sem cheiro, com sabôr lévemente ferruginoso, deixando na sua passagem um residuo amarello ócre.

Nasce na temperatura de 76.°, F, ou 19 e meio R.

Tinha em 1810 (e supponho que ainda não melhorou) uma barraca de madeira, construida sobre as ruinas de uma antiga casa, e de um muro que cercou o manancial.

Apesar da sua mineralisação, é perfeitamente potavel, e serve para cosinha e mais usos domesticos.

As qualidades chimicas e therapeuticas d'estas aguas mineraes, são semelhantes ás dos *Invêdros*, e de *Leiria.*

—

Pretendem alguns, que o nome da villa de *Cós*, é de origem grega—fundando-se em que:

Uma das ilhas Sporades, se chamou antigamente *Cós.* (Hoje denomina-se *Lango*, ou *Stanchio.*)

Fica perto das costas da Asia-Menor, entre os mares Egeu e Carpathio, á entrada do Golfo Ceramico, que antigamente separava a Dórida da Caria.

Cós, foi célebre, não só pela formosura da púrpura que se pescava nas suas águas, mas, e sobre tudo, por ser a patria de Apelles, fámosissimo esculptor da antiguidade—e de Hippocrates, tão illustre medico, que o cognominaram *Deus da medicina.*

PÓVOA D'EL-REI—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros ao S.E. de Viseu (a cujo bispado pertenceu antes de crear-se o de Pinhel) bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda—335 kilometros ao E. de Lisboa, 70 fogos—em 1757, tinha 57.—Orago, S. João Baptista.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, pois lhe foi dado foral, em 25 de maio de 1262, por D. Affonso III—(*Livro 46 de Tombos*, no armario 17, fl. 6 verso.)

Quando o rei D. Manoel fez a reforma dos foraes (a que chamamos *novos*) incluiu o foral da Póvoa de El-Rei, no de Nespereira, que foi dado em Lisboa, a 15 de abril de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 120, col. 1.ª)

Este foral pertence a trez povoações chamadas *Póvoa*—são—*Póvoa*, *Póvoa do Consul*, e *Póvoa d'El-Rei.*

Rectifico aqui um engano, que se vê a pag. 37 do 6.° vol.—O foral que alli digo, ser o de Nespereira, de Sinfães, é o de Nespereira, do concelho de Gouveia, na col. 2.ª da pag. antecedente.

PÓVOA DOS GALLEGOS—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, districto de Santarem, 90 kilometros ao N.E. de Lisboa, 130 fogos—em 1757, tinha 500 fogos.[1]—Orago, Nossa Senhora da Luz. Patriarchado de Lisboa.

O vigario do Salvador, de Santarem, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes.

PÓVOA DE LANHOSO—villa, Minho, capital da comarca e do concelho do seu nome, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 18 ao O. de Guimarães, e 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos—em 1757, tinha 300.—Orago, S, Thiago, apostolo Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis.

O concelho da Póvoa de Lanboso, é composto de 27 freguezias, todas no arcebispado de Braga—são:—Aguas-Santas, Brunhaes (ou Abrunhaes) Calvos, Campo, Cerzedéllo, Covellas, Esperança, Ferreiros, Fonte-Arcada, Frades, Friande, Gallégos, Garfe, Geraz (e sua annexa, Santa Tecla) Lourêdo, Monsul, Moure, Oliveira, Póvoa de Lanhoso Rendufinho. Santo Emilião, São João de Rei (e sua annexa—Ajude) Sobradéllo da Gom-

[1] Acho muita gente. Parece-me engano do *Portugal Sacro.* Talvez confundisse *almas* com *fogos.*

ma, Tahide, Travassos, Verim, e Vilella. Todas com 4:600 fogos.

A comarca é composta dos julgados da Póvoa de Lanhoso, e Vieira, ambos com 8:000 fogos.

É povoação muito antiga, mas não tanto como Lanhoso; e o foral que tem é o d'esta freguezia.

Achando-se deserta, o rei D. Diniz a povoou, em 1292.

N'esta freguezia, existe a famosa egreja de *Nossa Senhora do Pilar*, de construcção antiga, porem a imagem da Padroeira, foi alli collocada, em 1690, por André da Silva Machado, natural d'esta freguezia, mas negociante no Porto.

É a imagem uma copia fiel da que se venera na egreja do mosteiro crusio, da Serra do Pilar, de Villa Nova de Gaia; mas a festa não se lhe faz a 15 de agosto, como a da Serra, porem a 29 de junho. É uma romaria concorridissima; e, mesmo fóra do dia da sua festa, vão alli muitos romeiros e viajantes.

As muitas e valiosas offertas que a Senhora recebe, teem servido para augmentar a sumptuosidade do templo e suas dependencias.

Está este sanctuario collocado no alto de um monte, com formosas e dilatadas vistas, e pouco distante do famoso templo de *Nossa Senhora do Porto d'Ave*, que já fica descripto no logar competente.

—

Consta que a villa foi senhorio dos Osorios, e dos Fafes, pois eram estes os appellidos do *conde D. Pedro Serrazine, de Lanhoso*: cujo neto, D. Fafes Luz, tambem foi senhor de Lanhoso. Passou depois para o dominio dos Cunhas, e por fim, para o dos condes do Sabugal. O padre Carvalho, na sua *Corographia*, diz que as mulheres da Póvoa de Lanhoso, tinham, de muitos seculos, fama de formosas.

Entre o castello de Lanhoso e o de Vieira, existiu uma antiga fortaleza, chamada *castello da Pena-Mourinha*, do qual ainda ha vestigios. Ha aqui uma gruta, onde podem caber 1:000 homens.

Tudo o mais que se desejar saber, com respeito a esta povoação, veja-se no artigo *Lanhoso*, 4.º vol., pag. 47, col. 2.ª

O concelho da Póvoa de Lanhoso, produz annualmente, uns annos por outros, 3:200 pipas de vinho, verde, mas de optima qualidade. Já foi muito maior a producção de vinho n'este concelho, porém a *molestia dos castanheiros* (epiphibia) tem destruido a maior parte d'estas arvores, que eram onde se sustentavam a maior e melhor parte das videiras. As qualidades de vinho que se cultivam aqui, são—*vinhão, molar, borraçal, alvaróca*, e *mourisco*.

—

Em abril de 1875, falleceu n'esta freguezia, com 102 annos de edade, frei José Alves Vieira Lisbôa.

—

Em dezembro do mesmo anno de 1875, falleceu o abbade de Moure (d'este concelho) Antonio Joaquim Nunes d'Abreu, que instituiu por seu herdeiro universal, o hospital de S. Marcos, de Braga. A herança, depois de cumpridos varios legados, montou a 20 contos de réis.

—

Os temporaes de novembro e dezembro de 1876, causaram n'este concelho, um prejuizo, calculado em 16 contos de réis; e no de Vieira o de 8 contos.

O concelho de Braga, soffreu prejuizos, avaliados em réis 23:170$000.

—

Pela maior parte d'este concelho, passava o famoso aqueducto romano, que para Braga conduzia as aguas do rio Ave.

Alem de varios ribeiros e regatos anonymos, atravessam este concelho, os rios *Pontido, Áve*, e *Cávado*.

—

Vide *Catania*, a pag. 213, col. 1.ª, do 2.º volume.

PÓVOA DE MIDÕES — freguezia, Douro, comarca e concelho da Táboa (foi da comarca e concelho de Midões, até á sua suppressão, em consequencia dos grandes e repetidos crimes de roubo e assassinato, commettidos pelos Brandões e as suas hordas de canibaes)—54 kilometros de Coimbra, 225 ao

N. de Lisboa, 230 fogos—em 1757, tinha 104 fogos. Orago, Nossa Senhora da Graça.—Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario de Midões, apresentava o cura, que tinha 36$000 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra muito fertil.

O povo d'esta freguezia, construiu á sua custa uma formosa capella, dedicada a Santa Euphemia, concluindo-se a obra e havendo grande festividade, em 15 de setembro de 1875.

PÓVOA DE MILEU — logar, Beira Baixa, 1 kilometro a E. da cidade da Guarda, entre a aldeia da *Póvoa de Mileu* (*Milreu*, *Mirleu*, etc.) [1] e o sitio chamado *Castello-Velho*, está um templo antiquissimo, dedicado a *Nossa Senhora de Mileu*.

Quasi todos os escriptores sustentam que esta egreja é a mais antiga das duas Beiras, e que, já antes de 715, existia, e era antiga.

A imagem da Padroeira é a mesma que existia, quando os mouros invadiram Portugal, e tanto a santa imagem como o templo, se conservaram no mesmo pé, durante toda a dominação agarena; assim como não soffreu interrupção o culto divino; provavelmente, mediante certo tributo, como os árabes praticaram em muitas partes da Peninsula hispanica.

Esta egreja era do padroado real, e era o monarcha que apresentava o capellão-mór, que era beneficiado, e tinha aqui residencia permanente.

A Senhora de Mileu, é objecto de grande devoção, dos povos d'estes sitios, e quando em Portugal havia mais fé nas cousas de Deus, era este sanctuario concorridissimo, em todo o anno.

Tambem, desde tempos remotissimos, e até ao principio d'este seculo, os moradores das aldeias de *Arrifana*, *Gonçalo*, e *Bouças* (a 9 kilometros de distancia) vinham no dia do apparecimento do archanjo S. Miguel (8 de maio) por voto, em procissão, visitar a Senhora, mandando dizer muitas missas, e deixando muitas offertas.

Junto á egreja, mandou a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques (filha de Amadeu III, conde de Saboya, de Mauriana, e do Piemonte—fallecida em 1149) construir uma albergaria, para viajantes pobres.

Tambem proximo do templo houve algumas casas (nichos) de *emparedados*.

—

Junto a este templo, havia outro, tambem antiquissimo, dedicado a *Nossa Senhora da Consolação*, que era de grandes dimensões e magnificencia. Os mouros arrazaram este templo, em 716.

Consta que, com os materiaes d'esta egreja, mandou D. Sancho I, construir (em 1197) a fortaleza chamada *torre da Guarda* (ou *de Warda*, ou do *Garda*) depois conhecida sob o nome de *torre dos ferreiros*, e parte dos muros da cidade.

Em memoria de ser com a pedra do templo que se fez a torre, pagava a camara da cidade, por feudo, annualmente, um arratel de incenso, no dia de Corpus Christi.

Sendo verdade (como tudo induz a acreditar) que estes dois vastos e magnificos templos já existiam no tempo dos godos, devêmos conjecturar que n'este mesmo sitio existiu uma grande povoação, anterior ao dominio árabe, talvez mesmo do tempo dos romanos, pois não é crivel, que os christãos construissem dois templos tão dispendiosos, em um deserto, a grande distancia do povoado.

Alem d'isso, tem por aqui apparecido alguns vestigios de edificios antiquissimos.

D. Sancho I, achando a povoação completamente deserta e arrasada, aproveitou os seus materiaes para a construcção da nova Guarda. É porisso que, com justiça, se dá a este monarcha o titulo de fundador da cidade; e é ainda pelo mesmo motivo, que tão ráros vestigios se mostram da povoação primittiva. [1]

[1] Para a significação da palavra *Mileu* e suas variantes, vide o 5.º vol., pag. 260, col. 2.ª—As outras etymologias que lhe dão, por absurdas e disparatadas, não as menciono.

[1] Convencido de que aqui existiu uma povoação antiquissima, é que no 3.º vol., pag. 334, col. 1.ª, no principio, divergi da opinião da maior parte dos escriptores antigos,

A imagem de Nossa Senhora da Consolação, ficou sepultada sob as ruinas da sua egreja, e só foi achada pelos annos de 1240, no reinado de D. Sancho II, que lhe mandou construir um novo templo, dentro da cidade, o qual se concluiu em cinco annos, e serviu por muito tempo de egreja cathedral, e depois, de egreja da Misericordia.

Como as obras se concluiram com tão grande rapidez, não era possivel ficarem muito sólidas; e, com effeito, pouco mais de dois seculos depois, o templo ameaçava proxima ruina.

Foi então que o padre, Simão Antunes de Pina, prior de trez egrejas, e homem rico e devoto, mandou á sua custa, demolir a antiga egreja, reedificando-a desde os fundamentos.

Mandou no seu testamento, que o sepultassem na capella mór, onde já tinha mandado fazer o seu jazigo, do lado da Epistola, e assim se fez: sobre o seu mausoleu, se vê a sua imagem, feita de pedra, e vestido de sacerdote.

Continuou sendo casa da Misericordia.

A imagem da Senhora, é de pedra, e de estatura quasi natural, mas, como as mãos se partiram debaixo das ruinas da sua antiga egreja, se lhe fizeram outras, de madeira. A sua esculptura, revela grande antiguidade. Está dentro de um nicho monolithico, que é o mesmo em que estava na egreja primittiva, e dentro do qual foi achada.

PÓVOA DE MONTE-REAL—Vide *Monte-Real*, no 5.º vol., pag. 527, col. 2.ª

POVÓA DE PENELLA—villa e freguezia, Beira Alta, concelho do Penedôno, comarca de S. João da Pesqueira (foi do concelho de Trevões, comarca de Taboaço)—40 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos—em 1757 tinha 194.—Orago, Santa Margarida. Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O povo apresentava o vigario, perpétuo, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

e que, em vez de dizer que D. Sancho I, *construiu* esta cidade, em 1197, me limitei a dizer que a *reedificou;* o que me parece mais verdadeiro.

É terra fertil.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 44 verso, col. 2.ª)

N'este foral se lhe dá a denominação de *Póvoa de Méda de Mouros*.

PÓVOA DE RIO DE MOINHOS—villa, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo de Castello-Branco, 70 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 200 fogos—Em 1757, tinha 150.—Orago, S. Lourenço, protomartyr.

O commendador da commenda d'esta freguezia e o vigario de S. Vicente da Beira, apresentavam alternativa e annualmente o cura, que tinha 7$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Em uma alegre e deliciosa paizagem, na qual se alternam as vinhas e os pomares a um kilometro do logar da Póvoa de Rio de Moinhos, entre elle e o de Tinalhas, está edificada a antiquissima capella de *Nossa Senhora da Encarnação*, ignorando-se quando ou por quem foi fundada. Faz-se-lhe a sua festa na 2.ª oitava da Paschoa. Teve capellão e ermitão, apresentados pelo povo, que era o que fabricava o templo e cuidava do seu aceio e conservação. É uma romaria muito concorrida.

PÓVOA DE SANTO ADRIÃO—freguezia, Extremadura, (termo de Lisboa, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 9 kilometros ao E.N.E. de Lisboa, 100 fogos—em 1757, tinha 93.—Orago, Santo Adrião.

O povo apresentava o reitor, ao qual dava de vinho, 15$000 réis em dinheiro, e o pé de altar.

Tem feira de tres dias, a 10 d'agosto.

Chamava-se antigamente *Póvoa de Loures*, por ser uma aldeia d'esta freguezia, da qual foi desmembrada, no meiado do seculo 16.º, para formar freguezia independente.

Fica a 3 kilometros de Loures, e é terra fertil e bonita; havendo aqui varias quintas de bastante valor.

Teve condes, que eram uma antiga familia, differente da do conde da Póvoa, avô da sr.ª duqueza de Palmella.

Ha aqui uma bonita e antiga ermida, dedicada a Nossa Senhora do Bom-Successo.

Foi a 5.ª estação do caminho de ferro, do systema Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

Ao E. da povoação, passa um ribeiro, que vem de Odivellas, corre para Friellas, e vae desaguar ao rio de Sacavem, morrendo ambos, na margem direita do Tejo proximo á estação do caminho de ferro do norte e leste, em Sacavem.

(Vide *Mealhada*, no 5.º vol., pag. 153, col. 1.ª)

PÓVOA DE SANTA IRIA — Vide *Iria* (Santa).

PÓVOA DE VARZIM—villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, [1] 37 kilometros a O. de Braga, 33 ao N. do Porto, 43 ao O. de Guimarães, 40 ao S. de Vianna do Lima, 338 ao N. de Lisboa, 3:500 fogos—em 1757, tinha 545.—Orago, Nossa Senhora da Conceição. Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O cabido da Sé de Braga apresentava o reitor, que tinha 350$000 réis e o pé d'altar.

O concelho da Póvoa de Varzim, é formado pelas 10 freguezias seguintes :—Amorim, Argivae, Balazar, Beiriz, Estella, Laundos, Nabaes (ou Navaes) Póvoa de Varzim, Rates, e Terroso, todas com 5:600 fogos.

Tem estação telegraphica.

Fica na costa do Oceano Atlantico, em 41.º 22′ de lat., e 13′ de long. occid.

Tem um porto e uma enceada, onde antigamente entravam navios de todos os lotes, mas que ha muitos annos se acha obstruido pelas areias, dando apenas entrada a embarcações miudas.

Uma grande parte da população se emprega na industria da pesca, do que vivem exclusivamente: sendo os pescadores d'aqui, os mais audazes do norte, e tão corajosos como os de Olhão, no Algarve.

Posto ser uma povoação muito antiga, era pobre e insignificante, composta, na sua maior parte, por barracas e pequenas casas, terreas, de pescadores. A vulgarisação porem da móda dos banhos do mar, tem feito prosperar quasi rápidamente esta povoação, que está sendo uma das mais bellas do litoral portuguez. Tem já bôas hospedarias, cafés, (superiores em magnificencia, a muitos de Lisboa e Porto) optimos edificios particulares e bonitos passeios.

A concorrencia de banhistas, é aqui espantosa, vindo familias de muitas leguas de distancia.

A industria piscatoria tambem n'estes ultimos tempos se tem desenvolvido prodigiosamente. Em 11 de novembro de 1870, foi aqui pescado um peixe, que tinha 4 metros de comprido, e 2^{m},60 de grossura. Os pescadores lhe deram o nome de *peixe verde*, por lhe não saberem outro. Pesou 600 kilogrammas.

A bôcca tinha quasi um metro de comprimento. Tinha 6 ordens de barbatanas, e os olhos verdes. A sua *carne* era branca e saborosa.

Tem casa da Misericordia—moderna—feita pelo povo, concorrendo com uma avultadissima esmola para esta obra de caridade, o sr. commendador Castro. Só a despeza com o encanamento da agua que vem para o hospital, foi orçada—em 1870—em réis 4:700$000, dando o sr. Castro, metade d'esta quantia.

Foi senhora donataria d'esta villa, e d'outras muitas terras, D. Berengaria (ou Berengella) Vasques da Cunha (descendente do 1.º senhor da terra) que casou com Gonçalo Vasques d'Azevedo, bravo capitão de D. Affonso IV, e um dos heroes do Sallado. Era rico-homem, e foi o 6.º senhor d'Azevedo. (Vide 6.º vol., pag. 278, col. 1.ª)

Em 22 de agosto de 1873, se inaugurou aqui um bonito theatro, feito á custa de cinco individuos do Porto. É de madeira, mas elegante.

—

Ha no concelho, minas de ferro.

O sr. Manoel Fernandes da Silva Campos, foi feito barão da Póvoa de Varzim, em 18 de maio de 1868.

[1] Era apenas cabeça de concelho, da comarca de Villa do Conde, que lhe fica 4 kilometros ao S.; mas, em junho de 1875, foi creada a comarca da Póvoa de Varzim, separando-se o seu julgado da comarca de Villa do Conde.

O primeiro donatario que consta ter esta villa, foi D. Guterre, tronco d'estes Cunhas, e natural da Gascunha (França) que veio para Portugal, em 1093, com o conde D. Henrique.

Ignora-se a etymologia do sobre-nome d'esta povoação. Querem uns que seja corrupção de *Varzinha*, pois que está edificada em uma pequena varzea. Outros, julgando que com sonhadas origens nobilitavam a villa, dizem que lhe provem de *Cayo Varizinio*, consul romano, ao qual attribuem a sua fundação.

É certo que o primeiro assento da egreja de Argivae, foi no logar da Varzinha, e que á Póvoa se deu antigamente o nome de *Varazim de Jusão* (Varazim de Baixo.)

Tambem se ignora a época em que principiou a dar-se-lhe o nome actual. Vemos que em 1305 se chamava Varazim de Jusão; mas, o conde D. Pedro, no seu *Nobiliario*, dá-lhe o nome de Porto de Varazim.

Como tudo isto não passa de opiniões (pelo que respeita á etymología) aventuro tambem a minha humilissima opinião, que é a seguinte. Na Allemanha do Norte (Prussia) ha uma cidade, um rio e um cantão, chamados *Varzim* (onde o célebre principe de Bismark tem uma magnifica e rendosa quinta, e um sumptuosissimo palacio.) Podiam muito bem os povos germanicos (os *barbaros do norte*) dar a esta povoação o nome de Varzim.

Franklim, no seu livro de foraes, fez da *Póvoa de Varzim*, e de *Varzim de Jusão* (ou *Varazim de Jusão*, pois de ambos os modos se escrevia antigamente) duas povoações diversas, pois dizendo a pag. 154, que o rei D. Manoel deu, em Lisboa, foral á Póvoa de Varzim, a 25 de novembro de 1514 (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 55 verso, col. 1.ª)—a pag. 292, e incluido nas *terras que não obtiveram foral novo*, traz o foral velho de *Varzim do Jusão*, dado pelo rei D. Diniz, em Santarem, a 9 de março de 1308. (*Livro de Doações do rei D. Diniz*, fl. 45, col. 1.ª)

O padre Carvalho da Costa, diz que D. Diniz, deu este foral, em 1288, mas é érro.

Antes de lhe dar foral, já o rei D. Diniz, em 3 de janeiro de 1305, tinha feito doação d'esta villa, a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, que foi o fundador do mosteiro de religiosas de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde.

Este D. Affonso Sanches, era filho de D. Diniz, e de D. Aldonça Rodrigues Têlha (ou Sousa) e nasceu em 1289. Casou com D. Thereza Martins de Menezes, filha de D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque, conde de Barcellos, senhor d'Albuquerque e de Villa do Conde, e neta de D. Sancho IV de Castella.

D. Affonso Sanches e sua mulher, fizeram doação do senhorio da Póvoa de Varzim, ás referidas freiras, de Villa do Conde; mas, quando esta doação se annullou, em parte—como adiante direi—o senhorio tornou á côroa; ficando a pagar sómente ao mosteiro, como *reconhecimento*, 4$000 réis e um sôlho, dos melhores, em cada anno. [1]

Esta povoação foi uma aldeia da freguezia de Argivae, que lhe fica contigua, e d'ella se desmembrou, em 1625, tornando-se parochia independente.

Dizem alguns escriptores, que o brazão de armas da Póvoa de Varzim, é—em campo azul, um rosario branco, enfiado em cordão de púrpura, com uma cruz de ouro, servindo de haste a uma ancora de prata, tendo no circulo oval, do lado direito o *sol*, d'ouro; e ao esquerdo, a *lua*, de prata, encimados por uma corôa ducal. Serão, mas não me consta que na Torre do Tombo existam semelhantes armas, e o sr. I. de Vilhena Barbosa tambem as não traz nas suas *Cidades e Villas*, por não julgar esta povoação com direito de ter brazão d'armas. Todavia, assim se vêem pintadas no tecto da casa da camara, e no estandarte d'ella. Julga-se que eram as antigas de Villa do Conde.

[1] O sr. Brito Aranha, nas suas *Memorias Historico-Estatisticas*, a pag. 8, diz que as freiras ficaram recebendo 200 libras, e *todo o sôlho e peixe real que viesse á praia*. Parece-me muita cousa, a segunda parte d'este reconhecimonto.

Tanto o velho como o novo foral, concediam a esta villa muitos e grandes privilegios, que os successores do rei D. Manoel, confirmaram, e ainda ampliaram.

Um d'elles, foi a isenção de termo; o direito de recurso á corôa.

D. Maria I, a fez sede de um juiz de fóra, por provisão regia de 7 de fevereiro de 1782.

Esta villa, é hoje uma das mais bellas e populosas das que estanceiam entre o Douro e o Minho, offerecendo, de todos os pontos de que se avista, uma perspectiva muito agradavel; ainda que algumas das suas ruas (como todas as das povoações antigas) são bastante estreitas e tortuosas. Os seus arrabaldes são amenos e bastante ferteis; mas, o que—alem dos banhos—tem feito prosperar esta terra, é a pesca, que se faz em grande escala, e se exporta para o Porto, e para as trez provincias do norte do Douro.

Ha perto de 400 barcos de pesca, 19:000 redes, em effectivo serviço, e 300 linhas de anzoes. Só as redes, valem um milhão de crusados.

O numero das pessoas empregadas na pesca, anda por 2:600; não contando os negociantes de pescado, proprietarios dos barcos e das redes, e mais pessoas que vivem d'esta industria; que é a maior parte da população, pois só na feitura de barcos, redes e mais utensilios, se empregam mais de 7:000 pessoas.

O peixe mais estimado que se pesca n'esta costa, é—agulha, azevia, bonito, cachôrra, camarão, congro, corvina, enxóva, espada, gallo, lagôsta, linguado, mello, moreia, pescada, rei, roballo, rodovalho, ruivo, salmonete, sargo, savélha, sôlha, e tainha.

Alem d'estes, pesca-se tambem—airóga, alecrim, anjo, badéjo, bébado, boca-torta, bodião, bóga, bôto, brêta, bróta, bruxa, cabra, cação, cão, capatão, carangueija, carangueijo, cascárra, cavalla, chérne, chicharro, chôco, choupo, dentilha, fanéca, fanéco, ferrêta, gato, goraz, judeu, lavagante, litão, lixa, lulla, lullão, marachomba, maragóta, melga, navalheira, olho-branco, olho-verde, orelhão, páu, paxão, panadeira, papoula, patéllo, pôlvo, prégo, ráia, sant'antonio, sápo (ou tamboril) sardinha, serra, serrão, tonilha, tintureira, tremedeira (ou tremélga) urze, vesugo, e viúva.

—

A egreja matriz, é um formoso templo, de architectura toscana, de uma só nave; mas, apezar de não ser de proporções acanhadas, é hoje insufficiente para a população da villa, mesmo sem contar a *fluctuante*.

A primeira matriz, foi a actual egreja da Misericordia, que, posto ser pequena, é bonita e muito decente. Tem contiguo o hospital, um dos mais bellos edificios da villa, pela sua elegancia, posição e amplitude. Foi principiado em maio de 1825, mas só principiou a receber doentes, em junho de 1835.

A Misericordia d'esta villa, data, como a maior parte das d'este reino, dos fins do seculo 15.º, ou principio do 16.º

A egreja da Misericordia, esteve muitos annos servindo de matriz, e quando foi transferida para a egreja de Nossa Senhora da Conceição, a falta de rendimentos, pôz este estabelecimento na mais deploravel decadencia.

Então, uma piedosa mulher, chamada Maria Fernandes, do logar de Villa-Velha, deixou-lhe uma parte dos seus bens, para ser applicada na sustentação da irmandade da Misericordia. De accôrdo com o senado da camara, se organisou então, regularmente, a irmandade da Misericordia que, depois, veio a tomar posse da egreja, aggregando-se á irmandade dos Passos, cujos fundos se reuniram no mesmo cofre.

Contiguo á egreja, está o cemiterio da irmandade, com uma pequena ermida.

Tem seis vastas e aceiadas enfermarias, para ambos os sexos.

Quando se abriram os alicerces da Misericordia, se descobriram vestigios de uma antiquissima capella, que fôra dedicada ao apostolo S. Thiago.

—

A capella de Nossa Senhora das Dôres—de fórma exagona, é um lindo templo, construido no tópe de um monte, sobranceiro á villa, no mesmo logar onde havia uma pequena ermida, muito antiga, dedicada ao *Senhor Jesus do Monte*, com quem o povo tinha particular devoção.

Tem uma alta e elegante torre, que serve de balisa aos navegantes, e se avista do mar, a grande distancia.

Esta capella foi construida em 1768. Entre os seus mais desvelados fundadores, contam-se os padres, José Pedro Baptista, João Rodrigues de Sá Vieira, e Thomaz Rodrigues de Sá Vieira.

Tem irmandade, com estatutos approvados em 1769.

Tem um bom orgam.

—

A capella de S. Roque—é proxima da rua da Junqueira, e foi construida em 1596, por Diogo Peres de São Pedro, e sua mulher, Maria Fernandes de Faria, a qual ficando viuva, em 1627, vinculou os seus bens n'esta capella, passando assim aos seus descendentes.

—

A capella da Madre de Deus—adiante tratarei d'esta ermida.

—

A capella de Nossa Senhora de Belem—foi edificada em 1826, no logar da Gésteira, no mesmo sitio onde existia uma antiga ermida, que então se demoliu. Foi benzida no dia 13 de agosto do mesmo anno de 1826. Foi feita á custa das esmolas do povo da Gésteira.

—

Proximo ao mar, está a capella de *Nossa Senhora da Lapa*, que é tambem muito bonita. É isenta da jurisdicção parochial, por alvará régio, de D. Maria I, de 21 de fevereiro de 1791.

Foi fundada por uns missionarios hespanhoes, com esmolas do povo da villa, principalmente dos homens do mar. Lançou-se-lhe a primeira pedra, no dia 9 de dezembro de 1770—e foi benzida solemnemente, a 15 de agosto de 1772.

Os fundadores da capella fundaram uma irmandade, cujos estatutos foram confirmados, por D. Maria I, em alvará régio, de 1791, declarando-se n'este alvará, protectora d'esta irmandade.

A Senhora da Lapa é objecto de grande devoção, dos marinheiros e pescadores da villa, em especial, e de todo o povo em geral.

Foram os mórdomos da Senhora, que á custa da irmandade, mandaram construir, junto á capella, um pharol, de duas luzes, de petroline, com movimentos regulares, para o N. e S.—Este pharol não só serve de guia aos navegantes d'estas águas, mas, e principalmente aos pescadores, para lhes indicar a entrada do porto.

Ha tambem a *capella de S. José*, cujo padroeiro é objecto de grande devoção do povo, e, logo que o mar embravece, e os povenses estão fóra da barra, alli concorrem as familias dos pescadores a invocar o patrocinio do santo, para proteger a vida dos seus, contra a furia das ondas.

É o mais moderno templo d'esta villa, pois foi construido, pelos annos de 1848.

Está situada no largo de S. José, onde existiu a *rua da Areosa*, e proximo do paredão do caes.

É a renovação de outra muito antiga, que já havia, dedicada ao mesmo santo, e que existiu junto d'esta. Foi demolida, por ser pequena e estar arruinada, para se fazer a actual, mais vasta e elegante. Ainda não está completamente concluida.

—

Na rua da Praça, existe uma antiga capella, já profanada. Não se sabe por quem, nem quando foi construida. Os bens que constituiam o patrimonio d'esta capella, são actualmente possuidos pela sr.ª D. Joanna Carlota de Barbosa Leite Paulet.

—

Os paços do concelho, são um optimo edificio, e dos mais sumptuosos da villa. É tão vasto, que n'elle se accommodam, alem do tribunal das audiencias do juiz de direito, a casa das sessões da camara, e todas as suas dependencias; as repartições da administração do concelho, e a de fazenda.

Está situado este edificio em uma formosa praça, que, com justiça, se denomina—*do Almada*—no centro da villa, e é, sem contestação, um dos seus melhores edificios.

Foi fundado pelo grande D. Francisco de Almada e Mendonça, no reinado de D. Maria I, que decretou esta obra, por provisão

régia de 21 de fevereiro de 1791, obtida por diligencias d'este benemerito fidalgo portuguez.

Os antigos paços do concelho, eram muito pequenos, e estavam em máu estado. Tinham sido construidos em 1515.

Os paços actuaes, custaram 30 contos de réis, aproximadamente. O *andar nobre*, assenta sobre uma galeria de arcos, que lhe servem de vestibulo, dando entrada para todo o edificio.

Sobre o andar nobre, ha ainda umas *águas furtadas*, que mais propriamente podem denominar-se um *segundo andar*, com muitas divisões aproveitaveis.

Sobre a janella principal (central) do edificio, e levantadas na cimalha, estão as armas da nação portugueza, de um peso e volume monstruosos.

Alem das repartições que já disse estarem accommodadas n'esta casa, tambem se estabeleceu em uma das suas vastas salas, uma escola de instrucção primaria, para o sexo masculino.

N'esta mesma sala está um pequeno theatro, feito por alguns curiosos, com licença das auctoridades competentes.

Nos baixos, estão as cadeias publicas.

—

Para se fazer ideia do movimento commercial, só quanto a pescado, bastará dizer —o imposto annual para o estado, pelo peixe vendido na villa em 1876, rendeu réis 5:000$000.—Producto da venda de peixe, na villa 250:000$000.—Fóra da villa, desde o Porto até á Figueira, 180:000$000 réis.—Barricas de sardinhas exportadas annualmente para o Porto, 1:200.

Isto alem de uma quantidade fabulosa de peixe, sécco e salgado, que se exporta para as trez provincias do norte.

Cargas de peixe, exportadas para a mesma cidade, 3:000.

—

Calcula-se em 24 a 30 mil, as pessoas que concorrem em cada anno, a tomar banhos de mar, n'esta praia.

—

D. Guterre é o tronco da nobilissima familia dos Cunhas, e foi seu filho, D. Payo Guterres, o que primeiro tomou o appellido Cunha. (Vide 4.º vol., pag. 364, col 1.ª)

Em memoria do fundador d'esta esclarecida familia, os primogenitos dos condes da Cunha, recebem o nome de Guterre.

O sr. D. Guterre José Maria Vasques de Alvares do Bulhão da Cunha, foi feito conde da Cunha, de juro e herdade, em 19 de agosto de 1871.

Foram os primogenitos dos Cunhas, os senhores donatarios da Póvoa de Varzim, até ao reinado de D. Diniz.

—

D. Affonso Sanches e sua mulher, estabeleceram a sua residencia nos dominios que o rei lhes havia doado, e habitavam em Villa do Conde; porem, o conde D. Martim Gil e sua mulher, contestaram-lhes a posse, allegando que esta villa e seus dominios, lhes pertenciam, por herança legitima de seus antepassados. Deu isto causa a graves conflictos, que só terminaram por uma provisão régia, na qual D. Diniz validou a doação que fizéra a seu filho, impondo graves penas aos contraventores.

Foi por essa occasião, ou pouco depois [1] que a Póvoa obteve a cathegoria de villa.

D. Affonso Sanches, teve de sua mulher, trez filhos: dois morreram na infancia, e D. João Affonso, que foi o seu herdeiro, e senhor d'Albuquerque, Mèdellim, e outras terras. Foi alferes-mór do rei D. Affonso XI de Castella. Tinha casado com D. Isabel de Menezes, da qual não teve filhos, mas deixou muitos bastardos reconhecidos.

Este neto do rei D. Diniz, era cognominado *D. João do Ataúde*, porque na guerra, fazia conduzir a pós de si um ataúde, por cautella.

D. Affonso Sanches e sua mulher, tinham deixado por testamento, ás freiras de Villa do Conde, o seu castello, em que tinham vivido.

[1] É provavel que fosse em 9 de março de 1308, no foral.

Este documento é de 1318, uns 11 annos antes do fallecimento do testador.

Alem do castello e suas dependencias deixaram-lhe tambem varias terras e rendas, incluindo o senhorio da Póvoa de Varzim, com todas as suas jurisdicções, honras, isenções e privilegios, e o absurdo direito de sentencear sobre os pleitos civeis e crimes.

Póde bem imaginar-se que estes poderes ilimitados, nas mãos de mulheres reclusas, vinham verdadeiramente a ser exercidos por os procuradores do mosteiro, o que, pela falta de imparcialidade, era origem de graves injustiças, e queixas frequentes, sobre tudo, dos habitantes da Póvoa de Varzim, que foram os que mais soffreram; e vendo que as freiras não davam providencias, fizeram uns *artigos*, que entregaram ao rei D. Manoel. Foi então que este monarcha, dando o novo foral á Póvoa de Varzim, aboliu para sempre esses absurdos direitos de que as religiosas (ou, mais propriamente, seus delegados) tão máu uso haviam feito, por espaço de quasi 200 annos; e ficando o povo com o direito de eleger os seus magistrados, como já o tinham a maior parte das villas de mais importancia.

Constituida a Póvoa em municipio, com justiças e auctoridades proprias, e livre das antigas peias e dependencias, principiou a desenvolver-se e prosperar.

—

Já disse que a Póvoa se tornára freguezia independente, em 1625—direi agora como se operou a mudança.

Havia n'esta villa, uma bôa capella, dedicada á Santissima Virgem, sob a invocação da Madre de Deus.

Pelos annos de 1550, sendo governador do arcebispado de Braga, o doutor provisor, Antonio Velho, se lhe queixou o povo da villa, dos inconvenientes que lhe resultavam de não ter aqui sacrario, d'onde lhe fossem administrados os sacramentos, em um caso repentino, e de não terem um capellão, que lhe dissesse as missas nos dias santificados; allegando que, por muitas vezes, nem na villa havia missa no dia da Padroeira do logar, que, como vimos, era a Virgem Madre de Deus.

Antonio Velho, achando justo tal requerimento, lhe concedeu licença para fazer sacrario, e ter o Santissimo na referida capella; e capellão privativo, que lhe dissesse missa e administrasse os sacramentos.

A ermida da Madre de Deus na rua do seu nome, estava ao O. do adro da actual matriz, do qual a separava uma rua. Escolheu-se este templo, por ser o mais central que então havia.

Tinha sido fundada por o cavalleiro, João Martins, e sua mulher, Maria Affonso, em 1542.

Os seus actuaes possuidores, são—a filha mais velha do fallecido Gajo, a sr.ª D. Maria Christina Pereira Gajo de Noronha, casada com o sr. Manoel de Magalhães Araujo Pimentel.

Em 1625, obtiveram a separação definitiva da sua antiga parochia, constituindo freguezia independente, e mudando o nome do antigo orago, para Nossa Senhora da Conceição.

No principio do seculo XVIII, foi o sacrario transferido para a egreja da Misericordia, que então servia de matriz, e tinha sido restaurada havia poucos annos.

—

A villa está actualmente dividida em trez bairros, tendo cada um d'elles a denominação da egreja que se acha no seu ambito—e vem a ser—*bairro da Conceição, de S. José*, e da *Lapa*.

Foi esta divisão feita ha poucos annos, pelo administrador do concelho e camara municipal.

—

Nota-se que, apezar do prodigioso augmento d'esta população, em nossos dias, ainda aqui não haja mais do que trez escolas de instrucção primaria, duas do sexo masculino, e uma do feminino. (E ainda ha poucos annos, havia apenas uma d'estas escolas!)

A junta geral do districto do Porto, requereu instantemente ao governo, em 1864, a

creação de uma escola de pilotagem, servindo-se d'estes termos:

«Pede esta junta o estabelecimento de uma «escola de pilotagem, na Póvoa de Varzim, «terra que vive do mar, e quasi no mar. É «claro que n'esta escola, ãlem dos conhe«cimentos technicos, mais empiricos que «philosophicos, se devem dar as indispensa«veis noções de geographia commercial, or«ganisando-se os programmas, de modo que «esta escola não venha a parar em appara«tos scientificos, que são a morte dos esta«belecimentos d'esta ordem.»

Tão justa exigencia, como instante necessidade, não foi attendida!

—

As obras da actual egreja matriz, principiaram em 1743, a requerimento da camara, e por uma provisão régia, de D. João V, de 1736, na qual concedeu para isto, as sobras das sizas, e a contribuição de um real, em cada arratel de carne; e outro real em cada quartilho de vinho. Esta concessão durou até 1759.

Foi benzida, com grande pompa e geral regosijo, no dia 6 de janeiro de 1757.

O primeiro parocho d'esta freguezia, foi o padre José Carvalho da Cuuha, que muito tinha contribuido para o desenvolvimento d'estas obras, secundado por a maior parte do povo da villa; mas que não teve a satisfação de vêr a egreja concluida, por fallecer antes d'isso.

Succedeu-lhe o padre Diogo Ferreira, que foi o que officiou na solemnidade da inauguração da nova egreja.

O templo, é de ordem toscana, de uma só nave, claro, vasto e elegante, e está interiormente muito bem adornado.

Como este templo, em vista do grande desenvolvimento da população, e, sobre tudo, da multidão de banhistas que aqui concorrem, não tem a capacidade sufficiente para conter tão grande numero de catholicos, projecta-se construir um vasto e magestoso templo, dedicado a *Jesus, Maria, José.* Deus queira que este projecto se realise.

—

Para defender a enseada, ha uma fortaleza, construida no logar de um pequeno e antigo fortim, que se suppõe ter sido edificado pelos annos de 1400, reinando D. João I.

A fortaleza actual foi principiada em 1703, no reinado de D. Pedro II, a requerimento do capitão de ordenanças, da villa, João de Almeida Rego, e a instancias do governador das armas do districto do Porto, o mestre de campo Pedro de Vasconcellos e Souza, filho dos condes de Castello-Melhor; [1] mas. estando interrompidos os trabalhos das fortificações, por espaço de 35 annos, só se concluiram em 1738, no reinado de D. João V. ao qual o povo tinha requerido a conclusão das obras, pela falta de segurança do porto.

O rei mandou terminantemente se completasse a obra, sob a direcção do governador das armas do districto do Porto, que era então o tenente-general, D. Diogo de Souza, o qual, sobre a porta principal da fortaleza mandou *modestamente* gravar as suas armas (as dos Souzas) que ainda alli se vêem.

Foi inaugurada esta fortaleza, com as solemnidades do estylo, em 22 de outubro de 1740, dia em que D. João V completava 51 annos de edade.

O seu primeiro governador (interino) foi F. Felix Henriques da Veiga Leal, que foi nomeado effectivo, por D. José I, em 1752.

Tem a fortaleza, quatro baluartes, com suas cortinas. Os baluartes da *Conceição*, e de *S. Francisco de Borja*, teem a frente para o mar—e os de *S. José, S. Philippe e S. Diogo*, para a terra.

Está tudo desartilhado, e ameaçando proxima ruina, pela incuria de quem tinha a rigorosa obrigação de velar pela defeza das nossas costas: e, tem chegado a tal ponto o desprezo por estas fortificações, que se tem consentido a construcção de casas particulares, dentro das 40 braças (89 metros) marcados pelas leis militares, para *esplanada* das fortalezas.

Em varias praças de guerra se tem consentido o mesmo abuso, mas impõem aos donos das taes casas, a obrigação de

[1] Era então governador das armas da provincia do Minho, D. João de Souza, 2.º filho dos marquezes de Minas, e general de artilheria.

as demolirem á sua custa, em caso de guerra, sem poderem exigir indemnisações. É verdade que na maior parte, esta condição deixou de existir, por deixarem desmantelar completamente, ou por terem vendido essas fortificações.

Dentro da fortaleza, ha uma pequena ermida, edificada á custa do thesouro publico, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. É de abobada, de cantaria, com seu retabulo, de talha dourada, e sacrario.

Tambem aqui ha a imagem de Santa Barbara, virgem e martyr, padroeira dos artilheiros, e a imagem do Menino Jesus, com o coração na mão, patrono de uma grande irmandade, que existiu e chegou a ter mais de 2:000 irmãos, e que ha mais de 40 annos deixou de existir. Denominava-se *Irmandade do Santissimo Coração de Jesus*, e fazia-se a festa do seu Padroeiro, na dominga *extra octavam Corporis Christi*, havendo uma magestosa procissão, com muitos anjos, ricamente adornados, e salvando a fortaleza, á sua sahida.

Apezar de ter a cathegoria de capella-real, está muito arruinada, e nem d'ella já sáe a procissão do Corpo de Deus, como foi de costume, por muitos annos. Tambem já nem a Padroeira se festeja no seu dia (8 de dezembro.) Do mesmo modo deixou de haver lausperenne, em todos os quartos domingos de cada mez.

A fortaleza era defendida por 28 peças de artilheria. Tinha um governador, um capellão, um condestavel, um sargento, um cabo de esquadra e quinze soldados de artilheria. Esta era a sua guarnição permanente; mas alem d'ella, tinha um destacamento de quinze soldados de infanteria, commandados por um official inferior, tirados da guarnição do Porto, tendo cada destacamento o prazo de um mez para aqui fazer a guarnição. A sua *lotação*, porem, era de trinta homens de infanteria, em tempo de paz, e duzentos, em tempo de guerra.

Tem um quartel, que foi muito bom, para o governador, e o dos officiaes, officiaes inferiores e soldados.

Tem tambem uma casa da guarda, de abobada de pedra, e um calabouço immediato a ella.

Tem um bom armazem, para balas, e um paiol e ante-paiol, para a pólvora.

—

Foi feita a planta d'esta fortaleza, pelo sargento-mór, Sebastião de Souza, na presença do governador das armas do Porto, o dito Pedro de Vasconcellos, e do governador das do Minho, o referido D. João de Souza.

Houve contenda entre estes generaes, porque ambos queriam que a fortaleza ficasse dentro do seu districto; mas, o capitão das ordenanças, João d'Almeida Rêgo, se oppôz tenazmente, allegando que a terra sempre pertencêra ao *partido do Porto*, e que sempre assim o reconheceria, em quanto o rei não decretasse expressamente o contrario. Com effeito marcou-se a fortaleza, por ordem do general do Porto, mas só se deu principio á obra, em 1701, depois de se esperar por trez annos a régia resolução, que, afinal, determinou ficasse pertencendo ao partido do Porto.

Foi executada a obra, sob a intendencia de José Gameiro de Souza, sargento-mór de infanteria auxiliar, do partido do Porto, e alferes do regimento da mesma cidade.

Deu regimento para estas obras, D. Pedro II, no 1.º de setembro do dito anno de 1701, consignando para ellas, annualmente, dois mil crusados (800$000 réis) pagos pelo cofre da camara do Porto.

As obras continuaram até 1703, fazendo-se a sapata de toda a muralha, que ficou levantada do lado do baluarte de S. Philippe e S. Diogo, até ao de S. José, com altura de 13 até 17 palmos; porem o resto da circumvalação só chegou á altura de 5 palmos.

Na contra-muralha interior, fez-se só o lanço da cortina, entre os referidos baluartes, na altura correspondente á muralha.

Faltando o dinheiro, ficou a obra parada em 1703, porque a camara do Porto empregava o dinheiro na fortaleza de S. Francisco Xavier—vulgo, *castello do Queijo*—e na de *Nossa Senhora das Neves*—vulgo, *castello de Leça da Palmeira*—ou tambem, *castello de*

Mattosinhos, que se construiam simultaneamente.

A morte de Carlos II de Castella, (1700) originou a guerra civil n'aquelle reino. Philippe, duque de Anjou, e Carlos, archiduque d'Austria, eram, como pretendentes ao throno de S. Fernando, os chefes dos dois partidos que se debatiam encarniçadamente. O primeiro foi acclamado rei de Hespanha, em Madrid, com o nome de Philippe V.

Portugal o reconheceu logo como tal, e toda a Europa, menos a Allemanha, lhe seguiram o exemplo.

Portugal, Hespanha e França, fazem um tratado de alliança, offensiva e defensiva, em 1701; mas os ventos mudam, e todos os que haviam reconhecido Philippe V, o desamparam, entrando na liga com o imperio germanico (1703) e reconhecendo o archiduque, como rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III.

Este chega a Lisboa com uma esquadra ingleza e hollandeza, com dez mil homens de desembarque, e se uniram ao exercito portuguez.

D. Pedro II, entrega a regencia do reino a sua irman, a rainha D. Catharina (a da Bemposta) viuva de Carlos II, de Inglaterra, e invade a Hespanha com o archiduque.

N'esta desastrosa guerra, e com differentes alternativas, que não são para aqui, se passaram os annos de 1704, 1705 e 1706, até que, a 6 de dezembro d'este ultimo anno, morreu em Lisboa D. Pedro II.

Sóbe ao throno, seu filho, D. João V (que não tinha mais de 16 annos de edade) e a guerra continúa com o mesmo encarniçamento.

Philippe V, tinha por general em chefe do seu exercito, o famoso marechal de Brewick, que nos fez pagar cara nossa intervenção nos negocios alheios, tomando-nos varias praças, e derrotando-nos completamente, doze dos nossos melhores regimentos, na Castella Nova, em 25 de abril de 1707; e pouco depois, vencendo-nos tambem junto a Badajoz.

As tropas luso-anglas, e os parciaes do archiduque, tomam desfórra em Saragoça, aniquilando as tropas do general Bay, e entram, pela segunda vez, em Madrid.

O archiduque recebe um grande reforço de tropas francezas, commandadas pelo duque de Vendome, que derrota os alliados em Villa-Viçosa, da Castella-Nova, em 1710.

N'este comenos, morre o imperador da Allemanha, e Carlos abandona a causa dos alliados (em 11 d'abril de 1713) que até alli, tanto se tinham sacrificado por elle, e vae occupar o throno imperial, vago pela morte de seu irmão.

Finalmente, depois da perda de muitos milhares de vidas, de centenares de milhões, e de tantas terras devastadas, por causa de um capricho de D. Pedro II, continuado pelo adolescente D. João V, assigna-se entre Portugal e Hespanha, a 13 de fevereiro de 1715, o tratado de paz chamado de Utrecht, por ser assignado na cidade d'este nome, nos Paizes-Baixos.

Durante esta desgraçada guerra, veio para bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, da nobilissima casa dos condes dos Arcos, e de Avintes, e depois marquezes do Lavradio (4.º vol., pag. 276, col. 1.ª); tomou tambem conta do governo das armas do partido do Porto, como n'esses tempos frequentemente acontecia.

Em 1716, foi a Sé de Lisboa dividida em *Oriental* e *Occidental*, sendo esta ultima elevada a patriarchal, sendo seu primeiro cardeal patriarcha, o bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, que marchou para Lisboa, em 27 de junho d'esse anno.

Durante todo este longo periodo, estiveram interrompidos os trabalhos da fortaleza da Póvoa de Varzim.

No mesmo anno de 1716, tomou posse do governo das armas do partido do Porto, o tenente coronel, Bento Felix da Veiga, fidalgo da casa-real, e cavalleiro da ordem de Christo, que mandou logo continuar as obras de fortificação do *Queijo* e *Leça;* mas, como as da Póvoa estavam mais distantes, continuaram sem ter andamento.

Em 1720, foi feito governador militar do partido do Porto, o coronel, Antonio Monteiro d'Almeida—e em 15 d'abril de 1735, tornou a tomar posse d'este governo, Bento Felix da Veiga. As obras continuaram estacionarias.

Succedeu-lhe no governo das armas, em janeiro de 1736, D. Diogo de Sousa (pag. 304, col. 1.ª) que, em 1738, recebeu terminantes ordens de D. João V, para concluir as obras de fortificação da Póvoa. [1]

D. João de Souza, general do Minho, oppôz-se, como vimos, a que esta fortaleza ficasse pertencendo ao partido do Porto (e parece que tinha razão—e justiça) e foi seu filho, D. Diogo de Souza, que a concluiu, como governador militar do Porto.

É porisso que no magnifico portico da entrada da fortaleza, se vêem, por baixo das armas de Portugal, as dos Souzas. (Escudo esquartellado—no 1.º e 4º, as Quinas de Portugal, e no 2.º e 3.º, as armas de Leão. Timbre, um leão d'ouro.)

Estas armas eram tambem as dos marquezes de Minas, dos condes (depois marquezes) de Borba, e dos condes do Redondo.

O 1.º marquez de Minas, foi D. Francisco de Souza, feito por Philippe III, em 2 de janeiro de 1608.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que ja era conde de Borba) por D. João II, em 16 de março de 1486. (Vide *Redondo.*)

Em 15 de janeiro de 1842, foi feito marquez das Minas, D. Braz da Silveira—em 4 de janeiro de 1869, obteve o mesmo titulo, D. Pedro da Silveira e Lorena—e, em novembro de 1876, foi concedido o mesmo titulo, ao actual marquez, o sr. D. Alexandre da Silveira e Lorena.

Os escudos de Portugal e dos Souzas, foram collocados sobre a porta principal da fortaleza, em 22 de outubro de 1740, com grande solemnidade, por ser o 51.º anniversario de D. João V, sendo n'esse dia, como já disse, a inauguração da fortaleza.

Está optimamente collocada esta fortaleza (militarmente fallando) pois foi construida quasi no meio da enceada, em frente da barra, passando junto d'ella quem transitar do S. e E. para a praia chamada *Ribeira do Peixe*, onde desembarca a pescaria, tão proximo da fortaleza, que d'ella se vê perfeitamente a quantidade e qualidade do peixe que desembarca.

Já disse que no local occupado pela actual fortaleza, tinha havido um fortim muito antigo, que alguns suppoem ter sido mandado construir por D. João I. É certo que, antes de principiarem estas obras, se demoliu um forte, de alvenaria e terra, com duas peças de artilheria. Era superintendido pela camara da villa, que nomeava um *tenente* para seu governador, um *condestavel* e dois homens para o *fogo*—que correspondiam a artilheiros—tudo das ordenanças da localidade.

—

Hospital da Misericordia

Já todas as cidades, e grande parte das villas de Portugal, tinham, havia muitos annos (algumas mesmo alguns seculos) hospitaes da Misericordia, e ainda o não tinha esta villa, então já muito importante.

A camara, conscia da urgencia de um tal estabelecimento, requereu ao principe regente (depois D. João VI) a auctorisação para a fundação do hospital da Misericordia, para o tratamento dos doentes pobres da freguezia, o que foi concedido por provisão régia, de 11 de dezembro de 1804. Por despacho do corregedor da comarca do Porto, [1] de trez de janeiro de 1809, mandava ou-

[1] As obras recomeçaram a 13 de setembro d'esse mesmo anno de 1738, sob a intendencia do governador da fortaleza, Francisco Felix Henriques da Veiga Leal, que tinha sido nomeado interinamente em 13 de maio d'esse anno, e foi nomeado effectivo, por D. José I, em 28 de abril de 1752.

[1] Para intelligencia dos que o ignorarem, parece-me opportuno declarar, que, até 1834, a provincia d'Entre Douro e Minho, comprehendia o territorio que o seu proprio

vir a *camara, nobreza,* e *povo,* sobre a pretenção referida; o que se effectuou, em sessão de 23 de fevereiro de 1811—e alli se concordou em se contribuir com um real em cada arratel de carne, e outro real em cada quartilho de vinho, que se vendesse a retalho, na villa, applicados para as obras do hospital.

—

No anno de 1811, houve aqui uma horrorosa invernada, não deixando exercer o seu mister, os desgraçados pescadores. Como se isto fosse pouco, seguiu-se-lhe uma devastadora peste, que a muitos fulminava, deixando-os instantaneamente mortos, e levando familias inteiras.

Para os que ficavam apenas gravemente atacados, mas com vida, sollicitou a camara e obteve auctorisação, para estabelecer um hospital provisorio; e, como não tinha outra casa disponivel, transformou em enfermarias o 2.º andar do vasto edificio dos paços do concelho [1]

Vendo os vereadores, que era de urgente necessidade a fundação de um hospital permanente, requereram ao governo a competente auctorisação, que obtiveram, em 1819; mas só em 1826 é que se deu principio á obra, e isto por diligencias do benemerito povoense, José Antonio Alves Anjo, thesoureiro nomeado para receber as quantias destinadas á obra—e que ainda, á custa da sua fazenda, concorreu para que se levasse ao cabo este estabelecimento de caridade.

Tambem muito contribuiram para a fundação d'este hospital—João Francisco Nunes, e Bernardo José da Silva, que empregaram grande diligencia, e bastante do seu dinheiro.

Muitos habitantes da povoação, concorreram tambem com o seu óbolo, para a realisação d'este utilissimo estabelecimento.

O thesoureiro (Alves Anjo) recebeu, nos dias 19 e 20 de setembro de 1822, da mão de Miguel Francisco da Costa Calheiros, por ordem do cabido de Braga, a esmola de 400$000 réis, para as obras do hospital.

Concluiu-se a obra em 1835, sendo inaugurado o hospital, a 29 de junho d'esse anno, transferindo-se para elle os doentes que estavam no hospital provisorio.

Éra administrado pela irmandade da Misericordia, tendo por adjuntos, dois vereadores; mas, em 1867, quando se fizeram os estatutos—approvados por carta régia, de outubro d'esse anno—n'elles se mandou que a administração do hospital da Misericordia, pertencesse exclusivamente á irmandade.

Receando a camara a demora na redacção e approvação dos estatutos, sendo o hospital provisorio no centro da villa, e carecendo das condições essenciaes para edificios d'esta especie, determinou mandar fazer um albergue, fóra da villa, ao N. da ermida de Nossa Senhora das Dôres, proximo do local escolhido para o hospital definitivo.

Principiaram as obras do albergue, no dia 16 de setembro de 1822, lançando-se-lhe a 1.ª pedra, a 29 de outubro do mesmo anno.

Comprou-se a Manoel Gonçalves Manco, d'esta villa, por escriptura publica, de 30 de setembro de 1822, a terra demarcada para o novo edificio do hospital, depois de ter principiado a obra, mas com auctorisação do proprietario, que já tinha combinado a venda.

Continuaram as obras do albergue até á altura do pavimento do 1.º andar, mas não concluiram por falta de meios, e porque a

nome indicava; mas ao norte do Douro, havia uma circumscripção chamada *partido do Porto,* que abrangia tambem uma parte da Beira-Alta, ao S. do mesmo rio. É esta região e mais alguns concelhos que formam a actual provincia do Douro.

[1] A camara requereu ao corregedor do Porto, José Teixeira de Souza, o qual, em officio de 29 de julho de 1811, lhe respondeu que—consultando o chanceller, governador, Manoel Antonio da Fonseca Gouveia, e o contador da fazenda, Antonio Bernardo de Brito e Cunha, e em vista da approvação d'elles, ordenava ao juiz de fóra, da Póvoa, José Werneck Ribeiro de Aguilar, para que, ajudado pelos vereadores, lançasse mão dos dinheiros existentes no cofre das cizas, para serem applicados no aluguer de casas, e compra de camas, utensilios e remedios para os doentes pobres, atacados pela peste. Assim se cumpriu, e tudo depois foi approvado pelo rei. Abriu-se a enfermaria provisoria, a 13 de julho, recolhendo-se alli, sete mulheres e dois homens.

obra tinha sido embargada, e foi preciso disputar os embargos.

Assim estiveram as cousas, até que Rodrigo Cardoso Barbosa de Menezes, juiz de fóra, da Povoa, em 29 de abril de 1826, mandou terminantemente cumprir uma provisão de D. João VI, do 1.º do dito mez e anno, que, approvando a planta do hospital, e o logar escolhido, mandava proceder immediatamente á sua construcção: approvando tambem os estatutos do hospital, já redigidos.

A camara, para evitar questões judiciaes, dispendiosas e demoradas, desistiu da contestação dos embargos, á obra do albergue, e, no dia 1.º de maio de 1826, foi demarcar o terreno para o novo edificio, no local que a provisão regia designava, expropriando amigavelmente os terrenos precisos para as obras, que pertenciam a Manoel Gonçalves Manco, José Martins da Angra, Francisco Lopes Ramos, e João Gonçalves Pereira, todos da villa.

Logo no dia 22 de maio, se principiaram a abrir os alicerces, e a assentar as primeiras pedras.

Como porém os rendimentos não chegassem para custear as despezas da obra e do curativo dos enfermos, representou o procurador da villa, em nome de toda ella, á infanta regente, a Sr.ª D. Isabel Maria, esta falta de meios. A regente, obtidas as necessarias informações, expediu uma provisão, datada de 15 de novembro de 1826, mandando que se extraisse do cofre das sizas, a quantia de dois contos de réis para as obras do hospital.

Continuaram estas até 1828, mas achando-se o cofre da Misericordia outra vez exhausto, o procurador o representou ao Sr. D. Miguel I, que, por provisão de 30 de janeiro de 1829, mandou tambem dar para as obras, do mesmo cofre das sizas, outros dois contos de réis.

Apezar de todos estes donativos, como nas obras só era applicado o remanescente da despeza com os doentes, as obras tinham um desenvolvimento vagarosissimo.

Finalmente, a 29 de junho de 1835, estava concluida uma parte do hospital, e n'esse mesmo dia, foram para alli conduzidos os enfermos que estavam no hospital provisorio; porém só em 1869 se concluiram todas as obras. Este hospital é um dos melhores edificios da villa, em bom local, e onde os doentes são tratados com muita caridade e sollicitude.

Tinha seis enfermarias, espaçosas, bem ventiladas, e bastante aceadas, porém ha poucos annos, fez-se mais outra (a de S. João) á custa do caridoso bemfeitor, o sr. João Antunes Guimarães, da freguezia do Salvador de Donim, no concelho de Guimarães. Este benemerito cidadão, mandou tambem construir, á sua custa, e junto á enfermaria de S. João, uma sala, para enfermos particulares, que, pelo preço estabelecido no regulamento do hospital, alli quizessem ser tratados. Ainda deu o sr. Guimarães, ao hospital, 12 cadeiras de mogno; 12 camas de ferro; 12 biombos; 12 mesas de cabeceira; uma commoda, de mogno; 4 globos de vidro, para luzes, e um oratorio com crucifixo e 4 castiçaes grandes, de madeira.

—

Cemiterio publico

Foi concluido pela camara em 1868, e fica a E. do hospital da Misericordia, e d'elle separado, pela nova estrada que d'esta villa se dirige a Barcellos—em logar mal escolhido, pois fica muito perto da povoação, o que nada tem de hygienico para ella, e, sobre tudo, para o hospital, cujos doentes teem, de mais a mais, sempre diante dos olhos a triste mansão dos mortos.

Já no cemiterio ha mais de 20 mausoleus, uns de marmore, outros de granito, a maior parte de bella apparencia, e pertencendo a familias ricas da villa e immediações.

Tem tambem cinco marcos fontenarios, fornecidos pela agua do chafariz que lhe fica proximo.

Em frente da entrada do cemiterio, ha uma alameda, principiada pela camara, em 1866.

O primeiro cadaver sepultado n'este cemiterio (a 11 de setembro de 1866) foi o de José Antonio Fernandes Campos, proprietario, capitalista, e cavalleiro do habito de Christo.

Foi desde então que n'esta freguezia cessou o abuso pernicioso dos enterramentos nas egrejas, que por este motivo eram um foco de infecção.

—

Chafarizes publicos

Da praça de Nossa Senhora das Dores—da praça do Almada—do largo de S. Roque—e da rua do Bandeira.

Até 1852, apenas existia um só chafariz em toda a villa. As vereações seguintes, sollicitas no desempenho das attribuições do seu cargo, entre outros melhoramentos de reconhecida utilidade publica que effectuaram, foi um dos principaes, a construcção de mais trez chafarizes; que, ainda assim, não são sufficientes para occorrer ás necessidades da povoação, em vista do seu progressivo desenvolvimento.

—

Em um manuscripto do seculo XVIII, que existe em poder do sr. padre Sebastião de S. Luiz, d'esta villa, se diz, entre outras curiosidades, o seguinte:

«Ha n'esta villa, uma das melhores enceadas d'este reino. A natureza, por disposição do auctor d'ella, a formou; e se a arte, por mandado do rei e senhor, a aperfeiçoasse, seria uma maravilha da Europa.

«Forma-se esta enceada pela parte do N. ao N. O., por uma natural subsequente carreira de penedos, que teem várias denominações. Chamando-se, as qne topam na areia, *Pedra do canto dos barcos*, e seguem-se para o mar, a *Curva-grande*, e a *Curva-pequena*, que é a ultima que por esta parte fica descoberta, ao pé da bôca da entrada, a que os nacionaes chamam *barra*.

«Pela parte do S., tem outra similhante carreira, de salitrosos penedos, tambem variamente chamados—os primeiros do pé da areia, *Pedras do Cabedêllo*—e d'elles para o mar—*Mó-Velha*, e um grande lagêdo, chamado *Extra-mundos*, que fica alguma coisa para o S. da dita Mó-Velha, da qual até a Insua-pequena, sobredita, é a bôca chamada *barra*.

«Tem esta barra um baixo de pedras, chamadas *Leixão*, que nunca descobrem, e d'ellas para a dita Insua pequena, está um *caneiro*, ou *barrêta*, por onde algumas vezes, com o mar tranquillo, entram e saem os barcos, ou lanchas, d'este porto.

«Do dito baixo de Leixão, até á pedra da Mó-Velha, é a rigorosa e verdadeira barra da entrada, a qual tem de largo, 48 braças da marinha (uns 106 metros) e cinco de alto, sem baixo ou banco algum. Tem de alto a dita enceada, até ao meio, as mesmas cinco braças (11 metros) e ao terço da largura, contando da barra, faz 2 ½ braças, e vem diminuindo, até acabar na areia.

«Dentro da enceada ha umas pedras, chamadas *Caverneiras*, e logo ao pé, para o S., outras chamadas o *Seixo*.

«Ao pé da carreira de penedos que ficam da parte do N., se acham, seguindo mais pela areia, outros penedos, como—*Lagido*, *Lava-tripas*, *Furado pequeno*, *Furado-grande*, e as *Madres*, que são duas pedras, em uma das quaes—que é a da parte do S.—está uma marca, para signal de que alli acaba o termo d'esta villa, e com elle, a jurisdição do governo das armas e corregedoria da comarca do Porto. E na outra, que é do N., está a marca do termo de Barcellos, que alli principia, e com a sua comarca, o governo do general do Minho.

—

«N'esta enceada se fez a náu, da invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe*, que foi a náu de guerra, na recuperação de Pernambuco. [1]

[1] A cruelissima escravidão de 60 longos annos, a que nos levou a pusilanimidade do cardeal-rei, a cobardia de muitos portuguezes e a traição de muitos outros, nos acarretou toda a sorte de adversidades. Os inglezes, hollandezes e francezes, em guerra com a Hespanha, nos roubavam, no mar, os nossos navios, e, em terra, as nossas cidades e fortalezas. Os hollandezes nos tomam a Bahia, em 1624, mas foram d'alli expulsos, logo no anno seguinte. Em 1629, nos tomam Olinda (Pernambuco) apezar da heroica resistencia do grande Mathias d'Albuquerque. Em 1630, nos roubam a frota que vinha da China para Lisboa, e continuam as suas conquistas no Brasil.

Os Philippes abandonaram-nos completamente á nossa triste sorte, deixando que os inimigos de Castella, nos expoliassem da

«Na mesma enceada, entravam e saiam antigamente navios.»

—

O grande D. Francisco d'Almada e Mendonça, do qual tão largamente fallei no artigo Porto, depois de construir os magestosos paços da camara, projectou edificar aqui uma doca, para abrigo das embarcações, e no fim do seculo XVIII, chegou a construir um vasto paredão; porém, morrendo antes de terminarem estas obras de tão reconhecida e urgente necessidade, falleceu o benemerito Almada, e tudo assim ficou.

Sendo ministro das obras publicas o sr. João de Andrade Corvo, visitou esta villa em 1867, e prometteu concluir a doca, mas, até hoje, nada se fez.

Tambem o Sr. D. Luiz I fez, em pessoa, egual promessa aos pescadores da Póvoa, que ainda hoje esperam pelo cumprimento da palavra real.

Não ha, sequer ao menos, um guindaste a vapor, que prestaria grandes serviços, salvando as fazendas dos pescadores, recolhendo com rapidez os seus barcos, em dia de tempestade.

Este porto de abrigo, que ficaria tão bom, ou melhor do que o de Vigo, certamente aqui atrahiria grande numero de navios em ovações de temporaes, tão frequentes e temiveis n'estas costas, o que daria grande desenvolvimento e prosperidade á povoação.

Tambem os pescadores deixariam de ter o insano trabalho de conduzirem *ás costas*, os seus barcos, da terra para o mar, e vice-versa.

Sendo ministro da marinha, o sr. José da Silva Mendes Leal, mandou para aqui um barco salva-vidas, que grandes serviços tem prestado, salvando do furor das ondas, já um bom numero de naufragos.

O estado paga ao *patrão* d'este barco, 360 réis diarios; mas o patrão não embarca nunca: o seu emprego é um *beneficio simples*. Em caso de perigo, quem tripúla o barco, são os proprios pescadores, e gratuitamente.

—

Não ha na villa companhias de seguros, ou commerciaes; mas tem delegações e agencias—o *Banco-União*, do Porto; a *Agencia geral* de emprestimos hypotecarios, sobre o Banco da *companhia geral do credito predial portuguez*; a *companhia de seguros, Garantia* do Porto; e a *Companhia de seguros*; hespanhola, *El Fenix*.

Ha na villa o *Monte-pio da associação dos pescadores, artistas e agricultores, da Povoa de Varzim*, approvado por alvará de 10 de junho de 1863.

—

Povoenses illustres

D. Frei Manoel da Ressurreição, que foi bispo de S. Paulo, de cuja mitra tomou pos-

grande e melhor parte das nossas possessões ultramarinas, que tantos sacrificios e tantas vidas nos haviam custado. As tropas portuguezas, em vez de serem empregadas na defeza da patria, eram mandadas morrer nas guerras contra a França, Inglaterra, Flandres e Catalunha.

Vinte e cinco annos estiveram os hollandezes senhores de Pernambuco; mas, em 15 de janeiro de 1654, o intrepido Francisco Barreto e Menezes, com os seus portuguezes e muitos indios e pretos, dá um terrivel ataque á cidade do Recife (Pernambuco) sendo accommettidos com a melhor ordem, denodo e galhardia, todos os fortes, simultaneamente. Os hollandezes defendem-se com tenacidade, mas nada póde resistir á coragem indomavel de Barreto e dos seus, que em poucas horas se tornaram senhores de todas as obras de defeza, reduzindo o inimigo a defender-se nas ruas, onde no mesmo dia se viu obrigado a capitular. Era o ultimo baluarte dos hollandezes, que n'este dia glorioso, foram expulsos do Brasil, para sempre.

A náu *Nossa Senhora de Guadalupe*, e alguns outros navios de guerra portuguezes de menor porte, tomaram uma parte muito activa, e concorreram poderosamente para esta brilhante victoria, metralhando horrivelmente as baterias hollandezas.

O piloto-mór da armada real, que foi á restauração do Brazil, chamava-se *Antonio Cardia*, e era natural d'esta villa. Foi sepultado na egreja da Misericordia, no tempo que era matriz da freguezia.

Esta armada saiu de Lisboa, a 22 de novembro de 1644, sendo general das tropas, D. Manoel de Menezes.

Notemos para gloria da villa, que a náu foi construida á custa dos negociantes da Póvoa.

se, em 19 de março, de 1774, e falleceu a 21 de outubro de 1789.

Foi um varão tão venerando pelas suas virtudes, como pelo seu saber.

Foi o ultimo descendente da familia dos Cortezes, d'esta *villa*.

Diogo Dias de S. Pedro, commandante da referida náu, Nossa Senhora de Guadalupe, e irmão do piloto-mor, Antonio Cardia, em que já fallei.

Diogo Dias, além do grande valor, de que deu provas, portou-se com a maior bisarria, recusando as gratificações que o governo portuguez lhe queria dar, e até pagou da sua bolsa á tripulação da náu, sua companheira na gloriosa restauração do Brasil.

—

Luiz Antonio Pereira da Silva, que nasceu em 1808, e falleceu a 10 de fevereiro de 1862. Era bacharel em mathematica e philosophia, e formado em medicina, pela universidade de Coimbra. Foi provedor (o a que hoje se chama administrador do concelho) da Povoa de Varzim, em 1834—medico do hospital da Santissima Trindade, do Porto—secretario da sociedade agricola, da mesma cidade—lente da 2.ª cadeira de phisiologia, na escóla medico-cirurgica do Porto,—commissario dos estudos do districto—reitor do lyceu da mesma cidade—vogal do conselho do districto—e procurador á junta geral, pelos concelhos da Povoa de Varzim e Villa do Conde.

—

Tornaram-se tambem dignos de mensão honrosa, os filhos d'esta villa—Dr. João de Sousa Magalhães—Dr. Domingos Ribeiro Pontes—Dr. Antonio Dias Camêllo—Frei Manoel de Jesus Maria—João Bernardino Leite—D. Lourenço da Purificação e Antonio Baptista d'Almeida.

—

É tambem natural d'este concelho, nascido a 13 de agosto de 1827, na aldeia de *Avelo-Mar*, freguezia d'Amorim (vol. 1.º, pag. 202, col. 1.ª—e 279, col. 1.ª) o nosso mavioso poeta e esclarecido prosador, *Francisco Gomes d'Amorim*, auctor dos *Cantos matutinos, dos Ephemeros*, dos *Selvagens*, e de outras obras, em prosa e verso, de merecimento incontestavel. Foi discipulo querido, e amigo verdadeiro do visconde de Almeida Garrett, que acompanhou até aos ultimos momentos da vida.

De uma carta, datada de Lisboa, a 26 de julho de 1870, dirigida pelo sr. Gomes de Amorim, ao sr. *Pedro Wenceslau de Brito Aranha* (cujas *Memorias historico estatisticas*, de muito me teem servido na redacção d'este artigo) extrahi o seguinte:

Avelo-mar está á beira do Oceano, em formosa e extensa planicie, 3 kilometros ao N. da Povoa de Varzim. São ferteis os seus campos, cortados de muitos riachos, e povoados de numerosas fontes. O povo da freguezia é sóbrio, laborioso e de bons sentimentos.

Alguns habitantes da freguezia, se dedicam ao commercio, á pesca e á navegação; mas a maior parte, emprega-se na agricultura.

Avelo-mar, tem algumas casas de boa apparencia, um palacete, e uma capella, dedicada a *Nossa Senhora das Neves*. Ao N. da aldeia, em um areal, ha a capella de Santo André.

D. João I, fez conde d'Amorim, um fidalgo gallego, que lhe prestou grandes serviços. Parece que este individuo foi o que deu o nome á terra, pois tinha o appellido *d'Amorim*.

—

Em janeiro de 1875, foram concedidas, definitivamente, ao sr. Guilherme Dulheuer e outros, as minas de ferro—do logar da *Serra*—das *Almas da Serra de Rates*—da *Serra de Rates*—e da *Serra de S. Felix*, todas n'este concelho.

—

No mesmo mez e anno, foram registados, na camara municipal da Povoa de Varzim, as seguintes minas:—uma de ferro e outros metaes, por Manoel Antonio Martins, da freguezia de Terrozo, a qual é situada na encosta do *monte de S. Felix*, freguezia de Laundos.—Outra de carvão, ferro e outros metaes, por Manoel de Sousa Guerra, d'esta villa, a qual mina é situada na *Bouça de Ramos*, da mesma freguezia de Laundos.

—

No 1.º e djulho de 1875, houve grandes

festejos n'esta villa, por o seu julgado ser então elevado á cathegoria de comarca.

O sr. Manoel Luiz Monteiro Junior, compoz um hymno, para ser executado n'este dia, pela philarmonica da villa.

—

Mais um melhoramento se effectuou, em beneficio dos povos d'esta villa, e immediações—é o caminho de ferro que do Porto se dirige aqui, passando por Villa do Conde e mais povoações intermediarias.

Foi no domingo, 15 de agosto de 1875, que se realisou a experiencia, a que assistiu o sr. Cardozo Avelino, então ministro das obras publicas, os srs. secretario geral, servindo de governador civil [1] official maior do mesmo governo civil (Frederico Ancêda) director do caminho de ferro do Minho (Mattos) director das obras publicas (Victoria) juiz de direito (Vieira da Motta) e direcção, conselho fiscal e engenheiros encarregados da construcção d'esta linha

A estação do caminho de ferro da Povoa do Varzim, no Porto, é na Rotunda da rua da Bôa-Vista. [2] O comboio da experiencia, consistia em trez carruagens de 1.ª classe, e um *furgon*.

É de via estreita (systema pela primeira vez adoptado em Portugal).

Além da grande ponte em Villa do Conde, ha outra, de ferro, sobre o rio Leça, concluida na noite de 14 para 15, para no dia seguinte receber o comboio.

Contam-se tambem diversos pontões, e aterros, de bastante importancia.

Ha um bello lanço, em linha recta, na extenção de uns cinco kilometros.

Todas estas obras foram feitas no curto espaço de 11 mezes, vendo-se por isto que houve a maior actividade na construcção d'esta linha.

Os engenheiros encarregados das obras foram os srs. barão de Kessler, Hallicott, Antonio Vasco da Gama Braga, e Oliveira Martins.

[1] O sr. Joaquim Taibner de Moraes, natural da Marinha-Grande.

[2] Ao lado, fica tambem a estação da *companhia dos carris de ferro, do Porto* (Rail road americano).

Os trens são da mesma grandeza e systema dos do caminho americano, isto é, com logares de um lado e do outro, fazendo-se a entrada pelas portas situadas nas extremidades e não pelos lados, como nos dos caminhos de via larga. O serviço de revisão e fiscalisação, faz-se todo pelo interior, pois graças ás plata-fórmas que as carruagens tem e que quasi se unem umas ás outras, pode-se passar facilmente de um trem para outro e percorrel-os todos, sem haver o perigo e trabalho dos empregados fazerem esse serviço pelos estribos, como nas outras linhas. Abertas todas as portas, que são envidraçadas, de um comboyo de 10 ou 12 carruagens, o aspecto é como o de um grande corredor, que se póde percorrer, sem o menor perigo, de um extremo ao outro, mesmo quando o comboyo vá na sua maior velocidade. Além d'isso as carruagens são commodas e aceiadas, tendo a necessaria ventilação.

As estações, propriamente ditas, são no *Porto*, *Pedras Rubras*, *Villa do Conde* e *Povoa*, havendo além d'isso nas principaes freguezias e povoações, grande numero de apeadeiros, onde os passageiros pódem entrar ou sahir. Esses apeadeiros compõem-se apenas de uma pequena casa, devendo permanecer em alguns d'elles um guarda, e onde o movimento possa ser maior, um empregado de graduação superior.

A companhia, além de grande numero de carruagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e de carros para mercadorias, possue já ses machinas, sendo duas d'ellas do systema hoje mais aperfeiçoado e muito adoptado no Perú, em caminhos d'este genero. A grande vantagem d'estas machinas é ter duas caldeiras que pódem funccionar juntas ou separadamente, subirem com facilidade quaesquer rampas e darem facilmente volta nas curvas, por mais apertadas que sejam, graças ao systema da rodagem.

O sr. ministro das obras publicas, no exame a que procedeu tanto nos trabalhos da estação d'esta cidade, como nos da ponte do Ave, mostrou-se muito satisfeito, dispensando merecidos elogios á direcção e engenheiros da companhia.

—

Em 22 de setembro do mesmo anno de 1875, se fez uma nova experiencia, em toda a linha, com o respectivo material e machinas. A ponte de Villa do Conde (sobre o Ave) foi carregada com enorme quantidade de saccos d'areia, sem dar de si nem um milimetro.

Já se tinha experimentado a ponte sobre o rio Leça, que tem um vão de 16 metros de comprimento. Esta experiencia foi feita com duas machinas, levando cada uma 28 tonelladas de pêso.

Eis o precurso d'esta linha—*Porto* (estação da Boa-Vista) *Nossa Senhora da Hora, Custôias, Crestim, Pedras-Rubras, Villar do Pinheiro, Modivas, Mindêllo, Azurára, Villa do Conde, Povoa de Varzim.*

—

A inauguração d'este caminho de ferro, êffectuou-se a 6 de outubro de 1875, havendo em toda a linha, mas, principalmente em Villa do Conde e na Póvoa, as maiores demonstrações do mais sincero regosijo.

—

Em 22 e 23 de maio de 1875, as lanchas de pesca *Espirito-Santo*, e *Maria-José*, naufragaram á entrada da barra d'esta villa. Toda a tripulação das duas lanchas seria tragada pelas ondas enfurecidas, se 45 pescadores povenses, com imminente risco de vida, a não salvasse.

Em dezembro d'esse mesmo anno, todos estes 45 arrojados pescadores, foram justissimamente premiados com medalhas de prata, concedidas ao merito, philantropia e generosidade.

—

Em junho de 1876, a camara inaugurou a a abertura de uma nova rua, que do centro da villa vae ao bairro frequentado pelos banhistas. Deu-lhe o nome de—*rua de Freitas Soares*, cavalheiro que então era governador civil do Porto.

—

Em agosto de 1876, foi registado na camara d'esta villa o descobrimento de uma mina de ferro e manganez.

—

No dia 4 de septembro de 1876, inaugurou-se n'esta villa, o novo theatro, denominado *Sá da Bandeira*, com o drama *O cabo Simão*, representado por uma companhia hespanhola. O theatro é de madeira, e tem uma ordem de *frizas*, uma de camarotes e uma espaçosa plateia. Se a sorte correr favoravel á empreza, tenciona substituil o por outro de pedra e cal, e nas melhores condições.

O theatro que já existia, denomina-se de *Garrett*.

—

Ha na villa dous caffés, tão luxuosamente montados, que em nada invejam os melhores de Lisboa e Porto.[1]

Pena é que o execrando vicio do jogo tenha dominado todas as classes da sociedade, e que n'esta villa, mais do que em qualquer outra povoação do reino (principalmente durante a estação dos banhos) se tenha desenvolvido de uma maneira aterradora.

Muitos homens perdidos, veem para aqui, com o fim ostensivo de tomar banhos, mas só e exclusivamente para perderem ao jogo, quando seus paes e avós juntaram á força de suores, sacrificios e economias, para seus desgraçados herdeiros dissiparem em pouco tempo com este vicio ignobil.

Muitos tambem para aqui veem na estação propria, com o fim unico de roubarem os incautos, com o jogo da *rolêta*, *monte*, e outros semelhantes.

Custa a comprehender como as auctoridades locaes não põem cobro a esta escandalos a immoralidade que tantas familias arrasta á ruina, á devassidão, á miseria e ao crime!

—

O temporal de novembro e dezembro de 1876, tambem causou aqui grandes prejuizos. A agua invadiu muitas casas, principalmente na rua e praça do Almada, enchendo os seus moradores de consternação e causando-lhes damnos incalculaveis.

Na rua do Pelourinho, tambem a agua invadiu varias casas, sendo uma das que mais soffreu, a do sr. José do Valle, com loja de fa-

[1] Em todos os caffes, ha um compartimento, onde se jóga publicamente o *monte* ou a *rolêta*. Em um d'elles, fizeram a sala para a rolêta em um formoso pavilhão, no centro do jardim, para atrahirem ainda maior concorrencia!

zendas e mercearia, que teve o prejuizo de um conto de réis, aproximadamente.

—

A Póvoa de Varzim, é uma das mais bellas, prosperas e povoadas villas das tre-provincias do norte; e mesmo no resto de Portugal, poucas a excederão em formozura grandeza e prosperidade.

Honra aos filhos d'esta nobre terra, que á força de trabalho, intelligencia e patriotismo, a teem sabido elevar á cathegoria de uma das primeiras villas de Portugal, e muito superior, a todos os respeitos, a muitas cidades d'este reino.

—

A festa dos pescadores

Romaria que se faz todos os annos n'esta villa, e uma das mais originaes de quantas se fazem ali, e que não tem talvez egual no reino. Ácerca d'esta festa, dá o *Commercio do Porto* a seguinte noticia:

«Desde manhã não se via no mar uma só lancha de pesca, porque as diversas companhas, dando férias aos seus trabalhos, tinham reunido todos os barcos na praia, como que para assistirem á passagem da procissão que devia percorrer aquelle local.

Grande numero de barcos estavam adornados com bandeiras e canas verdes, mas a maior parte estremava-se pela originalidade do embandeiramento. Em vez de flamulas e galhardetes, viam-se presos ás cordas dos mastros muitos lenços de todas as côres, pertencentes ás familias dos aventurosos pescadores, e isto, que podia ser tomado por uma exquisitice burlesca, tem a nosso vêr uma significação tão logica como simpathica.

Os pescadores, collocando á prôa dos seus barcos apenas a bandeira nacional, empavezam-os não com pendões estrangeiros que nada significam em taes solemnidades religiosas, mas com objectos, que, pela sua natureza, lhes revivem na alma os mais santos affectos. São os lenços que velam os seios das mães ou das esposas, e que muitas vezes se agitam sob as palpitações angustiosas d'esses entes, na occasião em que o vendaval ameaça envolver na sua voragem medonha a fragil embarcação e as vidas de tantos chefes de familias; são os lenços com que os intrepidos tripulantes preservam, no mar, a cabeça, contra a impetuosidade do furacão. Está alli talvez a primeira prenda com que o rude namorado brindou a futura esposa, ou a primeira faxa em que foi envolto o filho estremecido.

Este costume, unico talvez em todas as povoações maritimas do reino, é poetico e bem significativo.

No peito de todos os pescadores via-se a medalha de prata de salvação, chegando alguns d'elles a ostentar duas e tres. Era a phalange heroica dos benemeritos da humanidade. Todos aquelles homens tinham praticado mais de um feito honroso de dedicação e de desinteresse, e salvado pelo menos uma vida. Aquellas medalhas não significavam o premio de um feito de armas no campo da bátalha, onde as vidas se dizimam, mas a recompensa de um acto de coragem e de abnegação, na amplidão do mar e entre a furia dos elementos, unicos inimigos d'esses supremos instantes, tendo tal acto por unico motor a salvação de um ente, prestes a desapparecer para sempre no seio das ondas. Todos aquelles homens por mais de uma vez, quando a tempestade brame e o mar se enraivece, se esqueceram do lar, da familia e da propria vida, para correrem, cégos do amor do proximo, aos gritos angustiosos das victimas de um naufragio, disputando com tenacidade uma existencia que a morte já opprime no amplexo tremendo! Coragem, intrepidez, abnegação, desinteresse, tudo estava representado n'aquelle punhado de homens, uns já encanecidos na vida do mar, outros ainda no mais pleno vigor da mocidade, mas todos heroes, todos dignos de admiração.

Fechavam este anno a intrepida phalange os dois benemeritos por excellencia, os que mais que todos se têem distinguido na occasião de perigo, os arraes os srs. José Martins Areias, por alcunha o *Sergio*, ostentando duas medalhas de salvação, e José Rodrigues Maia, mais conhecido pelo *Cégo do Maia*, que mostrava tres das mesmas medalhas. Estes dois heroes, já velhos, mas ainda vigorosos, têem assignalado a sua vida mari-

tima por innumeros actos de coragem, e era por isso mesmo que n'aquella festa de classe occupavam dois logares de honra.

—

No dia 18 de agosto de 1877, se inauguraram os trabalhos do prolongamento do caminho de ferro, d'esta villa á de Villa-Nova-de-Famalicão, na parte comprehendida entre a Póvoa e as Fontainhas. Esta secção méde aproximadamente 16 kilometros.

É mais um melhoramento de grande utilidade para os povos d'estes sitio.s

—

A rua principal da villa, é a da *Junqueira*, concorridissima, sobretudo, na estação dos banhos. Liga a praça do Almada, com a praia.

—

Sendo a maxima parte da gente do mar, d'esta villa, sobremodo pacifica, ha duas cousas em que o não são—é quando se lhes impõe um novo tributo—e quando se lhes pedem recrutas.

Varios motins têem aqui occorrido, por causa dos nóvos impostos, sendo um dos maiores, o que teve logar em 1846.

A camara estava reunida em vereação, tratando de lhes lançar um novo tributo. Foi isto sabido por alguns pescadores, que se dirigiram em tumulto á praça de Almada, arrancaram os fueiros dos carros que estavam no mercado, e assim armados, subiram á sala das sessões, e tudo quanto lá estava (administrador do concelho e seu escrivão, presidente e vereadores, policia, malsins, etc.) fizeram saltar pelas janellas, á rua.

No dia seguinte, chegou á villa um regimento, para suffocar o tumulto, mas os pescadores, apenas o souberam, arremeçaram os seus barcos ao mar, e por lá andaram muitos dias, sem darem noticias suas.

—

Para se subtrahirem ao recrutamento militar, usam de um estratagema muito simples.

Nem um unico poveiro se apresenta ás auctoridades, para se submetter ao serviço da armada, ou do exercito.

Tres ou quatro beleguins, acompanhados do escrivão respectivo, se apresentam no *bairro dos pescadores*.[1]

O que primeiro avista a caravana dos citotes, toca um apito, ou uma buzina, e é a voz de—*Alerta!* d'esta gente.

Se os pescadores estão no mar a essas horas, só apparecem mulheres; que todas declaram, com o maior desembaraço, que *nunca ouviram fallar nos nomes dos refractarios por quem se lhes pergunta.*

Quando acontece estarem os pescadores em terra, apparecem todos ás suas portas.[2]

«Todos têem os mesmos typos physionomicos — todos têem o mesmo vestuario—o grande gôrro, encarnado ou preto—a larga calça, e a camisa de *branqueta*, ou a camisolla justa, com um coração e uma cruz bordada no peito—e umas armas de Portugal, com a respectiva corôa, bordadas no braço direito.

Principia então o inquerito do refractario.

—Onde móra aqui, *João das Pragas*, filho de *José, o Russo*?

O primeiro dos pescadores a quem se dirige esta pergunta, retira o seu cachimbo de gêsso, do canto da bôca, e diz:

—O *João?*

—Sim, senhor.

—O João das Pragas?

—Sim, senhor.

—O filho do Russo?

—Sim, senhor.

—Conhecia muito bem. Esse rapaz morreu.

—Morreu? Mas do livro dos obitos da freguezia, não consta que elle tenha fallecido.

[1] Os pescadores da Póvoa, occupam uma especie de bairro á parte da villa, na praia, e ao S. do quebra-mar incompleto, e em tres ruas parallelas, formadas de casas baixas, ou abarracadas, e que não primam pelo aceio; vendo-se em quasi todas as portas e paredes d'estas casas, e pregadas nas paredes, *cações*, *polvos*, *pescadas*, e outros peixes *escallados*.

Como as ruas fórmam angulo com o mar, de todas ellas se vê o Oceano.

[2] D'aqui em diante, até ao fim d'este paragrapho, copio litteralmente o que diz o sr. Ramalho Ortigão, no seu curiosissimo livro —*As praias de Portugal*—pag. 58.

—Pois póde mandar *prantar* no livro, que morreu. A gente não estamos lá no livro, porque a gente, quando morremos, não morremos cá na freguezia. A gente morremos no mar.

—

Passa-se a interrogar o segundo poveiro, que dá exactamente a resposta que deu o primeiro.

O terceiro responde como o primeiro e o segundo, e assim por diante, successivamente, a mesma resposta invariavel, até não haver mais poveiros que inquirir.

Outro *refractario—Manoel Forte*, filho do *Joaquim da Rita*.

—Está intimado para declarar terminantemente, sob pena de cadeia, onde pára este mancebo.

—O Manoel?... O Manoel Forte?... O filho do Joaquim da Rita?... Conheci-o muito bem! Até parece que ainda o estou a vêr!... Esse rapaz está alli defronte.

—Onde?

—No fundo do mar.

—

É a evasiva consagrada, a resposta sabida e constante: todo o mancebo recenceado, morreu.

Diante das requisições da auctoridade, não ha entre os pescadores, inimigos, nem indifferentes—protegem-se todos dedicadamente, perante o inimigo commum. É uma alliança indissoluvel e invencivel. Todos os esforços são inuteis para a combater.

Violados no seu bairro, os pescadores fogem para a praia. Alli a perseguição é perigosissima para quem a intenta. Se um official de justiça ousasse apparecer na praia, seria infallivelmente morto debaixo da mais densa chuva de pedras, de fisgas, de harpões. Em ultimo recurso, embarcam. Assim, a Póvoa não dá um unico homem para o recrutamento maritimo.»

—

O pharol de que fallei, é sustentado pela bolsa particular dos pescadores! O governo recebe d'esta pobre gente, mais de seis contos de réis annualmente, e nem sequer se digna conceder-lhe uma luz que os livre de uma quasi inevitavel morte, em noite de temporal!

—

Não é o estado, nem a camara, nem a Misericordia, que soccorrem os naufragos! Os pescadores, impozeram a si mesmo, um outro tributo, que pagam á *Senhora da Assumpção*. É uma rêde de peixe annualmente, por cada lancha, que regula entre 600 e 700$000 réis, que a confraria dispende no pharol; nos estipendios aos tripulantes do salva-vidas; em ajudas de custo, para irem ao Porto curar as fracturas feitas com os trabalhos da pesca; na fabrica da capella da Senhora; e em seis missas resadas, pelas almas dos que morrem no mar.

Se ha saldo, reverte para o estado!...

PÓVOA-VELHA—aldeia, Beira-Baixa, na freguezia, concelho e 3 kilometros de Cêa, comarca de Goveia (Vol. 2.º, pag. 220, col. 2.ª).

Se é certo o que sustentam varios escriptores, nasceu n'esta aldeia, o famoso Viriato, o antigo. Eram estas terras habitadas pelos ferozes, mas intrépidos *pesures* ou *herminios* famosos companheiros e patricios de Viriato, e que tantas vezes derrotaram as valentes e disciplinadas legiões romanas; e Julio Cezar, sendo ainda pretor, só depois de muitas e cruelissimas batalhas, e de perder muitos milhares dos seus soldados, é que póde domar (mas nunca inteiramente) os arrojados habitantes dos Herminios.

Viriato—o herminio[1]

Nasceu na Serra da Estrella, então chamada *Montes Herminios Maiores* (para a dif-

[1] Digo *Viriato, o herminio*, para o differençar do seu homonymo Viriato, o extremenho. Este, viveu e se tornou notavel, uns 150 annos depois do primeiro, e entre os annos de 12 a 14 antes de Jesus Christo.—Era natural d'*Alfeizirão*, segundo uns, e de *Eburobriga*, segundo outros,—e talvez que ambas as opiniões sejam verdadeiras, porque não é impossivel que a antiga Eburobriga e a moderna Alfeizerão. sejam uma e a mesma cousa; ou, pelo menos, esta foi construida com os materiaes d'aquella.

O segundo Viriato, foi alliado dos romanos, e morreu na Italia, combatendo por elles.—Vol. 1.º pag. 116, col. 2.ª—e vol. 3.º, pag. 5.

ferençar dos *Montes Herminios Menores*, que é a actual *Serra de Marvão*, no Alemtejo) no paiz habitado por uma parte dos antigos lusitanos, denominados *pesures*.

Não se sabe com certeza o anno do nascimento de Viriato; póde porém assignar-se—sem grande perigo de errar—o anno de 3811 do mundo—193 antes de Jesus Christo.

Nada tambem se oppõe a acreditarmos que o seu nascimento fosse n'esta aldeia da Póvoa-Velha, porque, os antigos escriptores dizem que elle nascêra em Cêa ou nas suas immediações.

A sua primeira occupação foi de pastor de gado.

Para sabermos como este heroe legendario chegou de tão humilde posição, a ser um dos maiores homens do seu tempo, é precizo descrever, em rápidos traços, a historia d'esse tempo.

—

Os carthaginezes, tinham occupado—primeiro como commerciantes, e mais tarde, como dominadores—todo o litoral e ilhas da Peninsula Iberica e ainda parte do interior, vivendo em paz com os lusitanos, cujas riquezas agricolas e mineraes exploravam.

Pelos annos do mundo 3550 (454 antes de Jesus Christo) os turdetanos andaluzes, não se querendo sujeitar a certas extorções dos carthaginezes, lhe moveram guerra.

Annibal, o antigo (irmão de Sáfo) com um exercito africano e peninsular, pretende reduzil-os á obediencia; mas os lusitanos voam em soccorro dos turdetanos, as tropas carthaginezas são desbaratadas, e Annibal fica morto no campo da batalha.

Os carthaginezes, vendo que a disciplina das suas tropas nada podia contra o valor indomavel dos lusitanos, tratam de fazer com elles as pazes, e pelos annos do mundo 3580 (424 antes de Jesus Christo) já algumas legiões lusitanas atravessaram o Atlantico, e foram defender Carthago, contra os athenienses, agrigentinos e syracusanos.

No anno 408 antes de Jesus Christo, Bohodes, governador da Peninsula, pelos carthaginezes, e que devia grandes serviços aos lusitanos, se torna seu amigo verdadeiro, e protector leal.

Succedeu-lhe Maharbal, cujo governo foi tão benevolo para a Lusitania, como o havia sido o do seu antecessor.

No anno 321 antes de Jesus Christo, Alexandre Magno toma e arraza Tyro (na Phenicia) e os que escaparam, fogem para Carthago, e depois, muitos d'elles para a Lusitania, onde fundam povoações, e dão grande desenvolvimento á prosperidade do paiz.

No anno 254 antes de Jesus Christo, chega á Lusitania, o grande Amilcar Barca, general carthaginez, tão bravo como prudente. Para captar ainda mais a amisade dos lusitanos, casa com uma menina lisbonense, que foi mãe do famoso Annibal. [1]

Chega a occasião da primeira guerra punica. Carthago pede o soccorro dos lusitanos, e Amilcar, marcha com algumas legiões, contra os romanos, que por varias vezes vence na Sicilia. A intrepidez dos lusitanos, é pela primeira vez conhecida na Italia.

Mas os romanos, nada inferiores aos carthaginezes, em sciencia e disciplina militar, lhe eram muito superiores em força numerica, e estes foram vencidos.

O governo da republica, sabendo quanto Amilcar era estimado dos lusitanos, o torna a mandar, como seu governador. O general regressa á Peninsula, com sua mulher, com Annibal, e com os outros filhos que tinham nascido em Carthago—Asdrubal, Magon, e Hanon—e uma filha, que veio a ser mulher de seu primo, Asdrubal.

Em 230 antes de Jesus Christo, Amilcar marcha com tropas lusitanas, contra os povos do interior da Hespanha, que se tinham revoltado (por intrigas dos romanos) mas é morto, em uma batalha. Seu genro, Asdrubal, toma o commando dos lusitanos; mas pouco depois, é assassinado a punhaladas (anno 220 antes de Jesus Christo) parece que tambem por influencias romanas.

O joven Annibal, toma o commando dos lusitanos, pelos quaes era estimado, como seu patricio. Casou com uma senhora hes-

[1] Quando Amilcar hia com sua mulher para Carthago, lhes nasceu, na ilha *Fermentera* (uma das Baleares) seu filho Annibal.

panhola (de Castellon) e á frente dos seus lusitanos, sujeitou á sua obediencia, diversos povos da Hespanha, que se haviam revoltado; toma Tolêdo, e derrota cem mil homens que se lhe oppunham á passagem do Tejo.

Mancebo ardido, e, de mais a mais, orgulhoso das suas victorias, declara ás suas tropas, o seu intento de hir combater os romanos á propria Italia, e conquistar-lhes a sua capital!

Principia por sitiar a heroica cidade de Sagunto—alliada dos romanos—e, depois de um cêrco de oito mezes, durante o qual os sanguntinos deram provas da maior abnegação, e de uma intrepidez homerica, conquista e arraza a cidade.

Esta conquista, foi o pretexto que os romanos tomaram para a segunda guerra punica.

Annibal, com os seus lusitanos e outros peninsulares, atravessa a Hespanha, os Pyreneus e os Alpes, e faz tremer de susto a soberba Roma, que manda contra elle os seus melhores generaes, e as suas tropas mais valentes; que foram vencidos por varias vezes, e todos completamente derrotados na famosa batalha de Cannas, na Apulia.

Porem Annibal, longe de se saber aproveitar da victoria, marchando rápidamente sobre Roma, que aterrada, lhe abriria as portas, esquece-se nas *delicias da Cápua*, da sua gloria e da sua patria.

Em 212 antes de Jesus Christo, os romanos, tornados a si do espanto e terror que lhes incutíra a derrota de Cannas (a maior que haviam soffrido as águias romanas) mandou Cneio Scipião, com um formidavel exercito ás Hespanhas—já se sabe, proclamando aos peninsulares, que os vinham *libertar do jugo carthaginez, e que faziam guerra aos soldados da república e não aos indigenas.* (Systema depois seguido por quantas áves de rapina teem vindo, por arribação, á nossa terra.)

Asdrubal, se oppõe aos invasores, e, se por varias vezes foi vencido, tambem outras muitas foi vencedor.

Chega da Africa Magon, Hannon, e o principe Massinissa, e juntos com Asdrubal, atacam o consul romano, Cornelio Scipião, que morre na batalha, e as suas tropas são aniquiladas.

Cneio Scipião, irmão de Cornelio, é tambem desbaratado e morto, um mez depois de seu irmão, e os romanos perdem quasi tudo quanto tinham conquistado. N'esta segunda batalha, quem deu a victoria aos carthaginezes, foram as legiões lusitanas, e a cavallaria numida de Massinissa, então reputada pela melhor do mundo.

Os romanos, aterrados por tantos revezes, em breve pretendem desforrar-se.

Para isso, mandam á Hespanha, Claudio Nero, com um formidavel exercito, e com ordem de reorganizar os restos do antigo.

Logo na rectaguarda de Claudio Nero (209 antes de Jesus Christo) chega Publio Cornelio Scipião, e tomam muitas cidades.

Asdrubal, com algumas legiões de lusitanos, muitas de africanos, a temerosa cavallaria munida, e grande numero de elephantes de guerra, se oppõe á marcha victoriosa dos romanos, mas d'esta vez, o valor cede ao numero, e é tudo derrotado.

Marco Sileno, general de Scipião, derrota Hanon e os seus africanos, na Andaluzia, e depois Asdrubal, na Lusitania. Hanon fica prisioneiro dos romanos, e Asdrubal e Magon, fogem para Cadix.

Em 207, antes de Jesus Christo, Asdrubal, que marchava para a Italia, com um formidavel exercito, em soccorro de seu irmão, Annibal, é vencido e morto pelos consules, Claudio Nero, e Livio Salinator.

Magon, que recebe em Cadix a noticia d'esta derrota, embarca na esquadra carthagineza, e foge para a Africa, abandonando as Hespanhas, da qual ficaram senhores os romanos.

Em 200, antes de Jesus Christo, os romanos, unicos dominadores da Peninsula hispanica, a dividem em *Citerior* (o paiz que fica entre a margem direita do Ebro e os Pyreneos)—e *Ulterior* (a região comprehendida entre a esquerda do Ebro e o Oceano.)

Cada uma das duas provincias era governada por um pretor, um consul e um proconsul.

Os carthaginezes, diga-se em sua honra, não abusaram muito da simplicidade patriarchal dos antigos lusitanos. É verdade que extrahiam das suas minas, navios e navios de metaes preciozos, e mesmo cobre, estanho e chumbo (o que se prova pelas vastas obras subterraneas, que ainda hoje se encontram em muitos sitios d'este reino, do tempo dos carthaginezes, como se tem lido em varios logares d'esta obra) mas, essa exportação em grande escala, pouco ou nada impressionava os lusitanos de então, que empregavam indistinctamente nos seus instrumentos e utencilios, o ferro, o ouro e a prata.

Os nossos melhores fructos, a preciosa *gran de carrasco* (kermes) de que os carthaginezes faziam a sua púrpura mais bella; o nosso azeite, o nosso vinho, finalmente tudo quanto lhes agradava da Lusitania, que era muito e do melhor, o obtinham por trocas, quasi sempre cavilosas, deixando-nos artefactos e bugigangas de um valor duvidoso ou insignificante—(tal e qual como os portuguezes dos seculo 16.º e seguintes, faziam com os povos semi-selvagens, da Asia, Africa e America.)

Tambem muitos carthaginezes se tinham casado na Lusitania, ligando-se assim pelos laços da familia, com os povos indigenas.

Já se vê pois, que os carthaginezes tinham deixado indeleveis simpathias entre os lusitanos, e mesmo, grande numero d'aquelles, por cá tinham ficado, preferindo o clima delicioso e o terreno uberrimo da nossa terra, pelo clima ardente e solo ingrato da Africa.

—

A isto accresceu que os romanos, desde logo principiaram a mostrar o que eram e a que vieram, como depois e até aos nossos dias o teem feito todas as nuvens de harpias que em differentes épocas teem invadido Portugal. [1]

Os romanos, nunca foram pacificos senhores da Lusitania, que só dominaram pela força das suas numerosas legiões; porem os seus roubos e crueldades, irritaram de tal modo os lusitanos, que decidiram expulsar do seu paiz estas hordas de oppressores, ou, ao menos, venderem-lhes caras as suas vidas, e morrerem matando.

Sem chefes, sem organisação militar, sem disciplina, mesmo sem unidade; e armados apenas de toscas armas, o seu valor heroico, o seu amor da patria, da familia e da independencia, suppriram tudo quanto lhes faltava, e as aguias soberbas dos dominadores do mundo, por muitissimas vezes foram arrastadas pelo pó das batalhas; e suas hostes, armadas de ferro, e commandadas por chefes corajosos e instruidos na sciencia militar, frequentemente eram vencidas e aniquiladas, pelos lusitanos, vestidos de pelles, e escudados por brequeis de couro.

Generaes, victoriosos na Grecia, no Egypto, na Syria, e em outros paizes, combatendo contra inimigos intrépidos e bem disciplinados, viram na Lusitania seus louros secarem, e suas legiões serem derrotadas por homens a quem chamavam selvagens.

Debalde a republica envia contra os lusitanos, os seus melhores generaes—Marco, Elio, Cneio Sempronio, Marco Censorino, Scipião Nasica, Lucio Emilio Paulo, Cayo Catinio, Cayo Culfurnio Pison, Lucio Quincio Crispino, Publio Manlio, Lucio Posthu-

[1] Excluindo as primeiras raças que povoaram a Lusitania; tribus para nós completamente desconhecidas, e que se convencionou denominar *pre-celtas*, na falta de melhor denominação—excluindo esses povos, repito, que viviam em cavernas, e sem outras necessidades alem das absolutas para os *homens da natureza*—todos os mais que depois vieram—phenicios, carthaginezes, romanos, godos, normandos, gascões, mouros, francezes, etc., etc., não tiveram outro fim, senão explorar-nos, mais ou menos escandalosamente.

Ainda hoje vemos as nossas cidades replectas de estrangeiros dos quaes uma gran-parte chegam aqui famintos e andrajosos, e em poucos annos estão fartos, aceiados e alguns chegam a ser ricos. Nada d'isto é digno de espanto, mas o que nos desgosta sobremaneira, é estarem-nos estes adventicios sempre a elogiar a riqueza e a formosura das suas terras, e a illustração dos seus patricios—e a lamentarem a nossa pobreza, a nossa falta de civilisação, o nosso atrazo em tudo!—A nós que os tirámos da miseria e dos andrajos. E ainda por cima querem que lhes fiquemos muito obrigados.

mio, Tiberio Graccho, Marco Manilio, Terencio Varro, Lucio Mumio, Quinto Fulvio Nobilior, Marco Atilio, Servio Galba, e Locullo —se muitas vezes venceram os lusitanos, muitas mais por elles foram vencidos e derrotados.

Tinham porem os lusitanos contra si a desvantagem da sua bôa fé, e a confiança sómente na sua bravura e abnegação; e de combaterem contra inimigos que não trepidavam ante a perfidia, a traição e o punhal do assassino.

Era pelos annos 153 antes de Jesus Christo—Galba, desenganado de que jámais venceria os lusitanos pela força das suas armas, sem que ondas de sangue romano alagassem os montes e valles da Peninsula, chama os lusitanos a um convenio, e sob as mais lisongeiras promessas de paz e liberdade, atráe um grande numero (alguns dizem 9:000) completamente desarmados—dizendo que do mesmo modo hiam os romanos—a um valle, cercado de montanhas, e alli os manda degolar todos, sem escapar um unico, a esta ignobil carnificina.[1]

Os lusitanos, justamente enraivecidos á vista de uma tão infame traição, juraram vingar cruelmente a morte dos seus irmãos, e cumpriram o seu juramento.

É então que, pela primeira vez, nos apparece o vulto poeticamente legendario do grande *Viriato, o herminio.*

Simples pastor, combate como soldado, entre poucos milhares de lusitanos, que se atrevem a atacar o pretor, Caio Vetilio; mas, succumbindo ao numero espantosamente superior do inimigo, veem-se obrigados a fugir precipitadamente para um monte escarpado, composto de rochedos quasi perpendiculares, e de grutas e barrancos, quasi inaccessiveis, com uma subida de 3 kilometros, ao qual os romanos chamavam *Herminio-minor* (para o distinguir da serra da Estrella, a que elles chamavam *Herminius-maior*) e ao qual nós hoje damos o nome de *serra do Marvão.* Vide *Marvão,* villa, a pag. 114, col. 2.ª, do 5.º vol.—e *Marvão,* serra, col. 1.ª (no fim) de pag. 117, do mesmo volume.

Os lusitanos, em vista d'estes dois terriveis desastres, e vendo que por muitos inimigos que morressem em combate, nem por isso diminuia o seu numero, pois que o governo de Roma não cessava de arremeçar contra a Lusitania, legiões sobre legiões, estavam não só desanimados, mas até justamente aterrados.

Então, do meio dos grupos, se ergue a figura herculea de Viriato, e com palavras singelas, porem repassadas de amor da patria e da liberdade, os reanima, offerecendo-se para os conduzir aos combates e á victoria, e convidando-os a jurarem que, ou venceriam os romanos, ou morreriam todos, até ao ultimo, em defeza da patria.

As palavras de Viriato, e o juramento que todos corajosamente prestaram, fazem renascer nos corações d'estes heroes, os seus brios e intrepidez.

Viriato não poude reunir mais de 10:000 homens, numero insignificantissimo, comparado com o dos inimigos; mas, tinham jurado *vencer ou morrer,* e o seu juramento hade de cumprir-se.

As batalhas e as victorias dos lusitanos succedem-se umas ás outras. Os romanos reforçam as suas legiões, porem a fama das victorias de Viriato, tambem atráe ás suas hostes grande numero de novos e aguerridos batalhadores.

Viriato, vendo-se á frente de um já respeitavel numero de soldados, e de um bom corpo de cavallaria, vae atacar o pretor Marco Vetilio, junto a Tribola, e o derrota.[1]

[1] A republica romana *fingiu* desgostar-se d'esta traição de Galba, e devemos confessar, que muitos patricios a fulminaram violentamente; porem Galba não soffreu outro castigo mais, do que ser substituido por Marco Vetilio.

[1] O systema seguido por Viriato, e que tão bons resultados lhe deu sempre, era—com a mais ligeira da sua cavallaria, simulava um ataque aos romanos. Estes, vendo o pequeno numero dos inimigos, marchavam contra elles. Viriato fugia a toda a brida, seguido dos romanos; mas, em um desfiladeiro, onde o grande numero se tornava inutil, e que se achava guarnecido pelos lusitanos, o seu chefe volvia á rectaguarda, e a derrota dos romanos era certa.

Os romanos fogem a recolher-se aos muros de Tartesso. Cinco mil homens vão em seu soccorro, mas Viriato os cerca e aniquilla, morrendo todos no combate, sem que um unico podesse levar aos seus, a relação d'esta derrota.

O chefe lusitano, á frente de um já formidavel exercito, entra victorioso na Hespanha citerior, impondo grandes contribuições de guerra, a todas as povoações que obedeciam aos romanos.

O governo de Roma, aterrado com tantas e tão terriveis derrotas, continúa a mandar legiões sobre legiões para a Lusitania, mas soffrem crueis derrotas, porque o exercito lusitano é tambem reforçado, correndo de toda a parte, cavalleiros e peões a alistar-se sob os seus pendões victoriosos.

No anno 145, antes de Jesus Christo, Cayo Plaucio, e Claudio Unimano, são derrotados por Viriato. Cayo Negidio, corre com numerosos reforços, em soccorro dos seus, mas é completamente desbaratado, junto ás famosas *Cavas de Viriato*, proximo a Viseu. Lélio, Lucio Hostilio, Mancino, Quinto Pompeu, Quinto Fabio Maximo Serviliano, Micipsa, Quinto Servilio Scipião, etc. todos, mais ou menos, souberam o que era combater contra homens que defendiam a sua patria e as suas familias, e que tinham jurado morrer ou vencer. Até essa temerosa cavallaria munida—que se havia tornado alliada dos romanos—succumbiu aos golpes dos indomitos cavalleiros lusitanos.

O pretor Cayo Lelio, foi o menos infeliz dos generaes romanos, obtendo algumas ainda que insignificantes victorias, com as quaes Roma exultou, pois estava só costumada a derrotas sobre derrotas.

A republica romana, vendo que a Lusitania era o sepulchro das suas mais intrepidas legiões e dos seus melhores generaes, decide terminar a guerra, e manda Fábio Emiliano, com um reforço de 15:000 peões e 2:000 cavalleiros, reunir-se ás tropas de Cayo Lelio. Veriato vôa contra elles, e os desbarata, junto a Ossuna.

Fábio Emiliano junta os restos do seu exercito, e dá inopinadamente sobre os lusitanos, derrotando-os, junto a Beja; mas Viriato, pouco tempo lhe deu de cantar victoria. Reune novas tropas, e, seguindo os romanos, fica victorioso em varios recontros, obrigando o inimigo a encurralar-se em Córdova, e marcha victorioso até Granada e Murcia.

Os povos de Hespanha, enthusiasmados com as repetidas e brilhantes victorias de Viriato, lhe prodigalizaram dinheiro e toda a qualidade de munições, revoltando-se uma grande parte d'elles contra o dominio dos romanos.

Roma tenta o ultimo esforço, para recuperar o seu dominio na Peninsula hispanica, mandando os seus dois melhores generaes—Quinto Metello, contra os celtiberos, e Quinto Serviliano, contra os lusitanos.

Serviliano, duas vezes desbaratado pelos lusitanos, no anno 144 antes de Jesus-Christo, é constrangido a assignar um tratado, no qual reconhece a independencia da Lusitania, e a auctoridade de Viriato!

A republica romana, porem, não ratifica este tratado, e manda á Lusitania o general Scipião, com ordem de concluir a guerra a todo o trance.

Este romano, deshonrou para sempre o seu nome e a sua patria, pois, vendo que lhe era impossivel vencer em batalha leal, o heroico chefe lusitano, emprega o recurso dos cobardes—a traição—e compra trez estrangeiros, ao serviço de Viriato, que em uma noite do anno 144 antes de J.-C., o degolam na sua tenda.

Assim terminou, pela mais ignobil das perfidias, a vida gloriosa d'este chefe legendario, com certeza um dos maiores vultos que honram e enobrecem as brilhantes paginas da nossa historia. Mas, se Viriato soccumbiu ao punhal de cobardes traidores, o seu nome e a fama dos seus feitos portentosos, será indelevel, em quanto nos filhos d'esta terra palpitar um coração verdadeiramente portuguez.

—

No plató de um monte que fica junto a esta aldeia da *Póvoa-Velha*, está a poetica ermida de *Nossa Senhora do Pranto* (ou *da Piedade*, ou *do Pé da Cruz*) mas vulgarmente

denominada, *Nossa Senhora do Espinheiro.* Tem o Senhor morto nos braços.

É um templo tão antigo, que ninguem sabe a época da sua fundação. Apenas diz a lenda, que a imagem da Senhora foi achada sobre um espinheiro, e d'aqui lhe provem o titulo. Está sentada, e, n'esta posição, tem 1m,10 d'alto, vindo portanto a ser de estatura quasi regular. É de pedra e revela muita antiguidade.

O plató onde está a capella, é bastante espaçoso, e com extensos horisontes, pois d'aqui se descobre o rio Alva, que fica a mais de 6 kilometros de distancia; e terra de trez bispados (Coimbra, Viseu e Lamego) e, se não fosse uma serra que fica ao E., vêr-se-hia quasi todo o bispado da Guarda.

O templo é vasto, com cruseiro e corpo da egreja, tendo n'este dois altares lateraes. Na capella-mór, está o altar principal, e n'elle a imagem da padroeira.

Junto á egreja ha a residencia do eremitão (que já teve) e varias casas para abrigo dos romeiros, que concorrem de muitas leguas em redor, a visitar a Senhora.

Tem uma confraria, que cuida no aceio e conservação do templo, e faz a festa á padroeira.

POVOLÍDE—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 9 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 500 fogos—em 1757, tinha 44 fogos. [1] —Orago, S. Pedro, apostolo.

Os condes de Povolíde, senhores d'esta freguezia, apresentavam o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento. [2]

Foi villa, e D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de abril de 1513, (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 60, col. 1.ª)

O padre Carvalho, diz que D. Affonso III lhe deu foral, mas Franklim não o menciona.

O primeiro conde de Povolide, foi Tristão da Cunha e Athaide, feito por D. João V, em 6 de janeiro de 1709. Era descendente do famoso Tristão da Cunha, que descobriu as ilhas do seu nome e a de Madagascar (S. Lourenço) em 10 de julho de 1506—que em 1507, na companhia do vice-rei, D. Francisco d'Almeida, do filho d'este (D. Lourenço d'Almeida) e de Nuno da Cunha, queimaram 18 naus de Meca e de Calecut, em Panane—e que, em 1514, foi mandado pelo rei D. Manoel, como embaixador ao papa Leão X, levando-lhe o mais bello e rico presente que até hoje tem visto o mundo.

A ascendencia dos condes de Povolide é a seguinte:

D. Guterre, cavalleiro francez, natural da Gascunha, veio para Portugal em 1093 com o conde D. Henrique, e este, em paga dos serviços que d'elle recebêra, lhe deu varios senhorios e o prenome de, *dom.* Seu neto, D. Gomes Lourenço, foi padrinho do rei D. Diniz. O sexto administrador d'estes vinculos casou com D. Isabel Pereira, irman do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'este consorcio nasceu João Pereira Agostim da Cunha, um dos 12 celebrados cavalleiros d'Inglaterra, e Gil Vasques da Cunha (a que outros dão o nome de Martim Vasques da Cunha) que foi para Castella e lá casou com D. Brites, filha de D. João de Portugal, filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro. D'este infante procedem muitas e nobilissimas familias de Hespanha e Portugal.

O primeiro d'esta familia que tomou o appellido de Cunha, foi D. Payo Guterres, e lh'o deu D. Affonso Henriques, por occasião da tomada de Lisboa aos mouros (4.º vol., pag. 364, col. 1.ª)

Luiz José da Cunha Gran Athayde e Mello, 4.º conde e 11.º senhor de Povolide, foi commendador da ordem de Christo, tenente coronel ajudante d'ordens das armas da côrte e provincia da Estremadura. Succedeu a seu pae em 17 de Janeiro de 1792. Tinha nascido em 3 de setembro de 1778 e falleceu em 11 de julho de 1833.

Casou em 3 de fevereiro de 1813 com D. Maria Benedita Patrocinio de Castro, nascida a 14 de novembro de 1780. Era filha dos segundos condes de Rézende, D. José

[1] Parece-me engano do *Portugal Sacro*: não podia ter tão poucos fogos ha 120 annos.

[2] Os condes de Povolide, eram tambem senhores da villa (hoje despovoada) de *Castro-Verde* na serra da Estrella. Vide *Pinhanços*, no fim.

Luiz de Castro e Azevedo, 16.º almirante de Portugal, capitão da guarda real dos archeiros, gran-cruz da ordem de S. Bento d'Aviz, conselheiro de guerra, vice-rei do Brasil, e tenente general do exercito; que tinha nascido a 19 d'agosto de 1751, e falleceu em 23 de março de 1819—e da condeça D. Maria do Resgate de Noronha, nascida a 6 de outubro de 1749, e fallecida a 14 de julho de 1822.

Este 4.º conde e 11.º senhor de Povolide, teve os irmãos seguintes:

D. Barbara—dama da rainha D. Maria I, nascida a 10 de setembro de 1776.

D. Maria Helena—que depois foi condessa de Valladares, nascida a 29 de outubro de 1777.

Luiz José—que foi o 4.º conde, e morreu sem descendentes.

D. Ignez José—que foi marqueza de Torres Novas, nascida a 2 de dezembro de 1780.

Francisco—que succedeu na casa de seu irmão, e nasceu a 28 de abril de 1783, fallecendo em 1837.

Antonio—que foi conde de Cintra, nascido a 26 de outubro de 1784.

D. José Maria da Cunha—monsenhor da extincta patriarchal, enfermeiro-mór do hospital real de S. José, até 24 de julho de 1833. Tinha nascido a 17 de julho de 1787 e falleceu a 5 de agosto de 1867.

D. Miguel—tambem monsenhor da extincta patriarchal, e nascido a 23 de agosto de 1789.

João—veador da rainha D. Carlota Joaquina, commendador da ordem de Christo e major de cavallaria, que tinha nascido a 19 de novembro de 1790.

D. Constança—nascida a 19 de agosto de 1791, e fallecida a 9 de junho de 1806.

—

Foi 3.º conde de Povolide, e pae dos dez filhos mencionados—José da Cunha Gran Athayde e Mello, 10.º senhor da mesma villa, gentil-homem da camara de D. Maria I, gran cruz da ordem de Christo, governador e capitão-general de Pernambuco e Bahia, e presidente da camara de Lisboa. Succedeu a seu pae no dia 30 de janeiro de 1761, havendo nascido em 23 de junho de 1734, e falleceu a 17 de janeiro de 1792.

Casou em junho de 1775 com D. Maria da Silva, filha dos primeiros marquezes de Vagos, e sextos condes d'Aveiras, Francisco da Silva Tello de Menezes, gran cruz da ordem de Christo, conselheiro de guerra, general d'artilheria, governador das armas do norte e provincia da Extremadura, e de D. Barbara José da Gama, da familia dos marquezes de Niza.

O primeiro conde de Povolide, foi Tristão da Cunha e Athayde (descendente do famoso Tristão da Cunha, descobridor das ilhas do seu nome, como já disse) feito por D. João V, em 6 de janeiro de 1709.—Eram senhores de Povolide, por mercê de D. Affonso V, feita em 24 de julho de 1464.

São pois os condes de Povolide que formam o ramo principal, e por varonia, dos Cunhas, de Portugal.—O seu palacio, em Lisboa, era no largo da Annunciada.

Suas armas são—em campo d'ouro nove cunhas d'azul (de ferro) formadas e postas em trez palas, e as quinas de Portugal sobre uma orladura de prata.

Este titulo extinguiu-se pelo fallecimento do 6.º e ultimo conde—D. Francisco da Cunha e Athayde.

—

Ha n'esta freguezia a quinta de Villa Nova do Rego, pertencente a uma nobre familia d'esta provincia. É sua actual proprietaria a sr.ª D. Anna Leopoldina Carvalho e Albuquerque, da nobre casa da Villa da Egreja, viuva de Alexandre de Miranda Godinho, natural da villa d'Avó e residente n'esta quinta, que morreu na Figueira da Foz, achando-se ali a banhos com sua familia, em novembro de 1876.

POVOS—villa e freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 3 kilometros ao N. de Villa Franca de Xira (foi da comarca de Torres-Vedras)—3 kilometros ao S.O. da Castanheira — districto administrativo, patriarchado e 36 kilometros ao nordeste de Lisboa, 100 fogos, em 1757 tinha 53.—Orago, Nossa Senhora d'Assumpção.

A casa do infantado apresentava o prior

que tinha 600:000 réis de rendimento annual.

D. Sancho I, lhe deu foral em Lisboa, em janeiro de 1195, confirmado por D. Affonso II, em Santarem, em fevereiro de 1218—vide maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 30, verso, col. 2.ª—e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 6, col. 2.ª—(Ainda então existia o antigo castello.)

Veja-se tambem a sentença de 25 de janeiro de 1431, gaveta 3, maço 4, n.º 4.

D. Manoel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510. *Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 47, col. 2.ª)

—

Esta povoação está situada em uma bonita planicie sobre a margem direita do Tejo. Diz-se que foi fundada por Brigo, 4.º rei de Hespanha, 1898 annos antes de Jesus-Christo, com o nome de Jerabrica ou Hierabrica, ou Gerabrica. [1]

Tem por armas um castello da sua côr, debaixo d'uma oliveira verde. A oliveira allude á abundancia d'estas arvores no sitio, e o castello a ter sido fortificada.

Foi cidade muito florescente no tempo do imperador Augusto Cesar; os arabes a destruiram em 317, ficando de pé sómente a fortaleza. Esteve deserta até 1194, data em que D. Sancho I, a mandou povoar, dando-lhe foral com grandes privilegios.

Teve no tempo dos romanos um vasto e forte castello—segundo uns, fundado no alto, onde depois se construiu o palacio dos condes da Castanheira, e segundo outros no sitio onde depois se fundou o mosteiro de frades capuchos de Santo Antonio.

É terra muito abundante d'aguas, que a tornam muito fertil em cereaes, vinho, azeite, fructos e legumes. Cria bastante gado, nos seus montes ha muita caça, e o Tejo lhe fornece peixe.

É uma das povoações mais arborisadas d'esta margem, e está collocada entre as villas da Castanheira e Villa Franca.

Pelo meio da villa passa a estrada real de primeira classe de Lisboa para o Porto e provincias do norte, e ao sul da povoação, nos limites da freguezia, a linha ferrea do norte e leste.

—

É provavel que a antiguidade attribuida a esta villa não passe de uma fabula inventada por alguns sonhadores, do principio da nossa monarchia; é porem certo que já existia no tempo dos romanos e que foi povoação importante, como escala entre *Ulyssipo* (Lisboa) e *Scalabis* (Santarem.)

Julga-se que conservou o seu antigo nome, ainda depois de povoada pelos portuguezes, e que o actual lhe foi dado pelo povo, por ser habitada por francezes, inglezes e *povos* d'outras nações que tinham vindo ajudar D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa.

Por estes sitios tem apparecido em varias épocas sepulturas e medalhas romanas, o que prova que, ainda que não fosse aqui a Jerabrica, existiu no mesmo local uma povoação antiga, qualquer que fosse o seu nome.

—

O senhorio d'esta villa andou na familia dos condes da Castanheira até ao reinado de D. João IV, passando então para a casa do infantado.

Esta villa tem diminuido muito de população, pois ainda no principio do seculo 18.º contava 350 fogos.

Tem Misericordia e hospital, com poucos rendimentos.

Tanto na villa como nos seus arredores ha muitas fontes d'agua potavel e trez ermidas.

A povoação está quasi escondida por olivaes, pomares e arvores silvestres que a cercam.

Nas faldas dos montes, proximos da povoação, ha bonitas quintas com boas casas de campo.

Na coroa d'um d'estes montes está o templo do Senhor Jesus da Boa Morte (que foi a primeira matriz, com a invocação de *Santa Maria de Povos*.) É muito antigo mas da primeira edificação só existe a capella-mór, pois o corpo da egreja foi reconstruido nos

[1] Outros sustentam que Jerabrica é a actual Alemquer, o que julgo menos fundamentado.—(Vide *Alemquer*.)

principios d'este seculo, e foi então que se mudou a sua antiga invocação.

Segundo a tradição, este templo já existia antes da invasão dos mouros, em 716.

Um marco de pedra que se vê junto da egreja, com a cruz dos templarios e um *signo de Salomão*, toscamente esculpidos, e varias lapides sepulchraes que ali se descobriram, tendo por emblema a cruz e a espada dos cavalleiros do templo, attestam que a egreja foi fundada pelos templarios, ou lhes pertenceu. O terramoto do 1.º de Novembro de 1755 foi o que damnificou o corpo da egreja.

No mesmo monte, em frente da egreja, ha umas rochas, nas quaes ainda ha poucos annos se viam cavadas varias sepulturas, umas inteiras, outras arrombadas. Segundo o sr. I. V. Barbosa, eram phenicias ou romanas; mas parece-me mais provavel serem arabes, por que os phenicios e os romanos queimavam os cadaveres. Em 1839 se acharam em uma escavação, duas sepulturas intactas, com esqueletos dentro, e todos sabem que os arabes enterravam os cadaveres dos seus parentes: é verdade que em uma d'ellas se achou uma moeda romana, mas isto não prova que as sepulturas fossem do tempo d'estes dominadores do mundo. E se estes esqueletos datassem de tão remota antiguidade, por certo se desfariam ao contacto do ar athmospherico, o que não aconteceu.

Na outra sepultura se achou um pente que parecia de tartaruga, com vestigios de douramento.

—

O termo de Povos é tambem muito fertil.

—

A primeira matriz era (como disse) a egreja de *Santa Maria de Povos*, que está junto ao palacio dos antigos condes da Castanheira, e que se diz construida no reinado de D. Sancho I. Como a povoação se fosse estendendo para a planicie, e a egreja ficasse distante, se fez a nova matriz, na povoação, e é templo sumptuoso.

Por muitos annos foi a egreja matriz d'esta villa a parochial não só d'esta freguezia mas de muitas villas e povoações que depois se constituiram em freguezias indepentes, nas circumvisinhanças.

Os parochos d'esta villa gosaram antigamente de muitos e grandes privilegios, que por incuria perderam, e eram obrigados a hir todos os domingos e dias santificados dizer missa na primitiva egreja matriz.

—

Se esta povoação foi a antiga Jerabrica, por ella passavam duas vias militares romanas—uma de Lisboa a Merida, outra de Lisboa a Braga.

—

A ignorancia dos cabouqueiros destruiu varios monumentos dos templarios, que se achavam junto da velha matriz, reduzindo a alvenaria, para diversas construcções, as pedras que os formavam.

—

Ainda existem fóra da egreja, servindo de assento, restos d'uma campa onde se lê o seguinte:

AQUI JAZ MARIA PINTA
QUE FALLECEU..... DE....
1569.

—

A imagem do Senhor Jesus da Boa Morte, é objecto de grande devoção dos habitantes d'esta villa e de muitas povoações em redor. Festeja-se com grande pompa em maio, sendo uma das romarias mais concorridas do Riba-Tejo.

POYAR—portuguez antigo—subir, trepar, fazer poyo ou escalão de alguma cousa para tomar um posto ou logar mais eminente. «*Cortavão braços e mãos a todos aquelles, que viam travar nas bordas para* poyar *acima das gallés.*» Zurara, *Chronica do conde D. Pedro*, livro 1.º cap. 80.)

POYMENTO—portuguez antigo—posição, postura, acção de pôr alguma coisa. (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1380.)

POYO—portuguez antigo—na baixa latinidade se chamava *podium* ao monte, outeiro ou collina mais alta de qualquer localidade. D'aqui veio o nome a varios montes d'este reino.

Tambem, pela tal ou qual semelhança com um poyo, se dava ao pão de fórma pyrami-

dal o nome de *poya*. Este pão se pagava aos forneiros pela cozedura da fornada. Mais tarde se deu o nome de poya, a um bolo feito de trigo, ovos e manteiga. Tambem se dava o nome de *poyo*, nos mosteiros de S. Bernardo e S. Domingos — á casa que precedia o refeitorio, e á qual nos mosteiros das outras ordens se chamava, *de profundis*, por n'ella se rezar este psalmo, antes de entrarem para o refeitorio.

Ainda em muitas terras se denomina *forno da poya* aquelle em que os povos cozem o seu pão, mediante o pagamento de certas *poyas* na proporção da fornada.

PRAÇA—antigamente não tinha esta palavra a significação que hoje se lhe dá; queria dizer—*publica e claramente*.

Tambem significava dar praça ou campo para um combate.

PRAÇA DA PALHA — antigo sitio na Ribeira Velha, em Lisboa. É notavel porque, constando a D. João II, que n'esta praça vivia um cavalleiro que dava casa de jogo, com pregão de justiça lhe mandou lançar fogo, no dia primeiro de junho de 1490; como a casa era de tabique, ficou completamente reduzida a cinzas.

PRAÇAS DE GUERRA—Vide 4.º vol., pag. 481, col. 1.ª, e seguintes.

PRADO (Costa nova do)—já a paginas 411, col. 1.ª do 2.º vol., escrevi sobre esta povoação; mas como desde essa época teem occorrido factos que merecem ser mencionados, dal-os-hei aqui, como additamento.

Já disse que este sitio é muito formoso, e na verdade, d'elle se disfructa um lindissimo panorama. Veem-se muitas povoações, alvejando nas encostas. Ao sul se descobre uma bella cordilheira de penhascos e as serras da Louzan e do Bussaco. Para o norte se veem tambem alcantiladas serranias, sendo as principaes—o Caramullo, Bôlho, Talhadas e Camara; assim como a espaçosa ria, onde estão fundeados varios navios, e cortada em todas as direcções por barcos miudos, tendo as suas margens semeadas de montes piramidaes de sal cristalino.

Vê-se tambem uma vasta extensão do Oceano, a *Barra Nova*, aberta em 1808, com o dispendio de cento e tantos contos de réis —e o *forte da barra*, construido com a maior parte da cantaria e alvenaria da muralha da cidade, mandada fazer pelo infante D. Pedro (filho de D. João I, e tio e sogro de D. Affonso V) quando regente, entre os annos de 1440 e 1448.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Jacintho, de forma polygonal, e architectura singela, mas elegante. Para E. vêem-se as lindas margens da ria e os casaes da Gafanha, magnificas fazendas, onde pasta grande numero d'animaes de varias especies, alvejando por entre o arvoredo differentes casas de habitação. Mais alem se vê a capella de Nossa Senhora, mandada fazer por uma velha devota, chamada Joanna Gramatta. Tem capellão privativo.

No ultimo domingo de Setembro se faz aqui grande festa e romaria a Nossa Senhora da Saude, vindo todos os romeiros em barcos adornados de flores e bandeiras, o que dá um timbre particular a esta festividade.

Deve-se a construcção d'esta ermida á iniciativa do devoto padre, frei José da Paixão, já fallecido.

A primeira festa teve logar em 1837, e desde então se tem repetido todos os annos, havendo tambem grande arraial na vespera, queimando-se então muito fogo preso e solto.

A romagem dura trez dias, recebendo a Senhora, por essa occasião, muitas e valiosas offertas em dinheiro, cera, etc.

—

Tambem aqui se festeja com grande pompa a imagem de Santo Amaro, havendo na vespera grande arraial, queimando-se muito fogo d'artificio, subindo tambem ao ar balões aerostaticos, etc.

—

Em 18 de setembro de 1876, praticou-se n'esta povoação um acto de heroismo, muito digno de registar-se.

Na tarde d'esse dia, dirigindo-se para terra um barco de pesca, tripulado por 35 homens, com mar embravecido, e densa cerração que lhes não permittia vêr a costa, um medonho vagalhão cahe sobre o barco, alaga-o e lhe quebra o leme. O perigo era imminente, e os pobres nautas já não esperavam

salvação. Os companheiros que os aguardavam em terra, não lhes podiam valer, por que tambem corriam o perigo d'uma morte inevitavel.

As mulheres e os filhos dos pobres pescadores, tornavam o quadro mais lugubre, com gritos e prantos de ensurdecer. Por entre este clamor medonho, do meio d'aquella multidão desesperada, ao contemplar a tristesa do espectaculo, avança um homem, tendo na mão a extremidade de uma corda; todos os corações palpitam, apontando-o já como mais uma victima. Esse homem, pescador tambem, arremeça-se intrepidamente ás ondas furiosas, lucta com ellas, nadando, e consegue aproximar-se do barco. Falta vencer a difficuldade maior, que era prender o gancho da corda em uma argola que estava debaixo d'agua. O heroe não hesita, mergulha, engata o gancho, e assim salvou 36 vidas.

Chama-se este denodado homem, Antonio dos Santos da Renta.

Dá ainda maior realce a este acto d'abnegação e intrepidez, ser viuvo e pobrissimo, vivendo exclusivamente da vida de pescador, e pae de seis filhas, das quaes a mais velha apenas conta onze annos.

Foi a Providencia que o levou n'este momento áquellas praias, onde não tinha hido, havia mais de dez annos. Fôra ali n'esse dia para pedir a um cavalheiro, que estava a banhos, se interessasse pela admissão d'uma filha sua, no azylo de José Estevão.

Antonio dos Santos, foi agraciado com a medalha de prata, em outubro do mesmo anno, e o sr. Simeão Pinto de Mesquita, respeitavel cavalheiro, de Villa Verde, concelho de Louzada, mandou ao sr. Antonio Augusto de Souza Maia, proprietario do jornal *Districto d'Aveiro*, vinte e cinco mil réis para entregar a Antonio dos Santos—e a associação da instrucção popular de Coimbra, concedeu-lhe o diploma de socio benemerito.

—

Em setembro de 1836, as sr.as D. Maria Emilia de Moraes Sarmento, e sua nora, D. Adelaide de Moraes Sarmento, offereceram um manto, bordado a ouro, a Nossa Senhora da Saude, da Costa Nova do Prado. É objecto de grande riqueza e bordado com admiravel perfeição. Foi em cumprimento d'um voto, feito á Senhora, por haver concedido saude a um filho de D. Adelaide.

PRADO (vulgarmente *Ponte do Prado*)—villa, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados)—6 kilometros ao N.O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.—600 fogos, em duas freguezias (Santa Maria 400—S. Miguel 200)—arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor da freguezia de Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação) que tinha 160$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia tinha em 1757—226 fogos.

A freguezia de S. Miguel, era da mesma apresentação, e o abbade tinha 550$000 réis de rendimento annual. Em 1757 tinha 157 fogos. Vê-se pois que em 120 annos tem esta freguezia augmentado em população 217 fogos.

Esta villa era cabeça de um concelho muito antigo, com camara, paços do concelho, juiz e mais empregados, e pertenceu antigamente á comarca de Vianna. Este concelho foi supprimido em 24 de outubro de 1855. Tinha 2:200 fogos.

O abbade de S. Miguel apresentava o cura d'Atães, que era curato annexo.

—

Foram naturaes d'esta villa, Amaro de Barros, famoso cirurgião do seu tempo—e o padre João Rebello, da companhia de Jesus, que professou no collegio de Braga. Empregou a sua vida no pulpito e no confessionario, sugeitando-se constantemente ás mais austeras penitencias. Escrevia perfeitamente, existindo do seu punho a *Historia dos milagres do Rosario*—*Commentario á doutrina do padre Marcos Jorge*—*Vida de Christo*—e *Manual d'orações*, alem de outras obras de menos importancia.

Falleceu a 14 de junho de 1602.

—

Está esta villa situada na margem direita do rio Cávado, e junto de um regato que vem de Moure. Foi fundada (ou reedificada) por D. Affonso III que, segundo o padre Car-

valho, lhe deu foral em 1360, porem Franklin não faz menção d'este foral. Não tem foral novo.

Foi terra doentia e subjeita a febres intermittentes, em consequencia dos pantanos que n'ella havia, e que hoje estão quasi seccos, e a freguezia se tornou saudavel.

—

Pretendem alguns auctores, que esta povoação já existia no tempo dos romanos; e é certo que passava por aqui a via militar de Braga a Astorga.

A pouca distancia d'esta villa, e a 6 kilometros de Braga, se achou, pelos annos de 1730, parte de um marco milliar, com 1,m32 de alto, com os restos de uma inscripção, illegivel por falta de muitas letras. As que se podiam ler, diziam:

VI... AVG. E. DE
.... AVG. PONT.....
IMP. VIII. CONS.
POTEST.
GARAV. C.

É provavel que estas letras fossem erradamente copiadas: talvez fosse:

VESP. AVG. F. DE
AVG. PONT...
IMP. VIII. CONS....
POTEST.....
BRACAR.... G...

Assim apenas se pode traduzir — *Vespasiano Augusto, filho, pontifice... imperador, oito vezes consul do poder tribunicio. D'aqui a Braga... c...*

Este Vespasiano, devia ser Tito Augusto Vespasiano, filho de Vespasiano Augusto. Aquelle foi elevado a imperador, por morte de seu pae, no anno 75 da era christan.

Foi seu questor na Lusitania, o célebre naturalista Plinio.

Foi no tempo d'este imperador, que a Lusitania se dividiu em trez comarcas—Lerida, Beja e Santarem. Imperou até ao anno 81 de Jesus-Christo.

Este marco milliar era sem duvida pertencente á via militar que pela Ponte do Prado, hia a Ponte de Lima.

Pouco tempo depois, se achou outro marco milliar, em um regato, que passa ao lado da villa, e os pedreiros o tornaram a enterrar, no entulho da ponte que fizeram no mesmo regato.

Tanto na villa, como nos arredores, se teem descoberto muitos vestigios de ter aqui existido uma povoação romana, sendo—tijolos antiquissimos, sepulchros com vazos contendo cinzas, e outros objectos archeologicos.

Quando se abandonou a antiga matriz, se acharam no corpo da egreja algumas sepulturas, com ossadas humanas, e cáveiras, de individuos de grande corpulencia. Talvez fossem de cavalleiros do Templo, primeiros senhores d'esta egreja.

Passada a ponte, a via militar romana inclinava para O., até ao sitio, hoje chamado Tojadas: d'ahi por Freiriz, Portella e outros logares, proseguia, convergindo com a actual estrada de Ponte do Lima, e d'ahi se dirigia ao concelho de Coura, como se infere de dois marcos milliares que existem na egreja de S. Bartholomeu das Antas, os quaes foram para ahi transferidos, do alto do monte, por onde corria aquella via militar.

Uma d'ellas tem a seguinte inscripção:

D. N.
MAGNO
MAXENTIO
... IR. IMPERATORI
AVG.
P. T. C.
B. N. R. P. N.
XXXI.

isto é — *Ao nosso senhor, Magno Maxencio, irmão do imperador Augusto, nascido para bem da republica.*

A outra diz:

MAG.
FILIO
THEO...
NEPOS

Parece querer dizer:

O neto de Theodosio Magno dedicou esta memoria a seu pae.

Quando se reconstruiu a ponte de Prado,

pelos annos de 1710, foi encontrado um marco milliar, com esta inscripção:

IMP. CAESAR. DIV. F. AVG.
PONT. MAXIMUS IMP. XV. CONSUL.
XIII. TRIB. POTEST. XXXIV. PATER.
PATRIAE. BRAC.
I.I.I.I.

Quer dizer:—*O imperador Augusto Cesar, filho de divo Augusto, Pontifice Maximo, 15 vezes consul, 13 vezes tribuno e 34 vezes pae da patria. D'aqui a Braga 4:000 passos.*

Como se vê, esta inscripção não tem data, mas devia ser lavrada pelos annos *11* ou *12* de Jesus-Christo. (O imperador Augusto falleceu no anno 14 da era christan.)

Segundo a lenda, quando os reis de Leão o eram tambem de Portugal e Galliza, um d'elles (não se sabe qual) estando em Braga, se enamorou de uma illustre dona, chamada Branca Guterres da Silva, senhora da villa do Prado, e aqui residente. Como a ponte do Prado estivesse arruinada, o tal rei a mandou reedificar, para, sem obstaculos, poder a toda a hora visitar a dama dos seus pensamentos. Consta que d'este rei e de D. Branca, procede a illustre familia dos *Prados*, e que porisso traziam as mesmas armas que os Silvas, mudando sómente a côr do leão, em negro, para denotar que a escuridade da noite encobria estes amores.

O que é certo, é que em 1510 houve no Cávado uma grande cheia, que demoliu esta ponte, achando-se então, nas suas ruinas, uma pedra com esta inscripção:

BLANCA. ET BLANCAE. ET REX
LEGIONIS FECERUNT.

Esta pedra prova a verdade da tradição dos amores do tal rei leonez com D. Branca Guterres da Silva, principalmente se a primeira palavra da segunda linha estiver errada (como parece provavel) e for *Leonis* em vez de *legiones*.

—

Pretendem alguns escriptores que o eloquente e patriotico doutor João Affonso das Regras, era natural d'esta villa, porém o sr. Pinheiro Chagas, e outros, sustentam que era natural de Lisboa. (Vid. o 1.º vol., pag. 379, col. 2.ª)

—

O senhorio d'esta villa pertenceu a diversos fidalgos, até que D. João III o deu com o titulo de condado, a D. Pedro de Sousa, senhor de Beringel, alcaide mór de Béja e d'Alcacer do Sal, e capitão-mór d'Azamôr, em recompensa dos grandes serviços prestados nas guerras d'Africa.

D. Pedro de Sousa, descendia de D. Martim Affonso Chichôrro, filho bastardo de el-rei D. Affonso III e de D. Ignez Lourenço de Sousa, da nobilissima familia dos Sousas, d'onde procedem os condes do Prado e outras familias illustres d'este reino, varias vezes ligadas por casamentos com a familia real, e os seus primogenitos foram mais tarde elevados a condes de Miranda, marquezes d'Arronches e por fim duques de Lafões.

D. Francisco de Sousa, neto de D. Pedro de Sousa, e terceiro conde do Prado, foi feito marquez de Minas, por D. Pedro II.

O primeiro marquez de Minas, foi outro D. Francisco de Sousa (da mesma familia) feito por Philippe III, em 2 de janeiro de 1608.

—

A villa do Prado é uma povoação pequena e de pouco movimento commercial.

A primeira e então unica matriz d'esta villa foi a egreja de S. Thiago de Francellos, hoje capella particular.

Esta capella, de pobre e singular architectura, denota muita antiguidade. Está no ponto mais alto da freguezia, ao N., cercada de velhos e corpulentos carvalhos, e outras arvores.

Fazem-se aqui algumas festividades, por devoção de particulares, porque a ermida não tem rendas.

Já disse que a villa era pouco saudavel, em consequencia da grande abundancia d'aguas que alagavam os campos, mas davam-lhe ao mesmo tempo grande fertilidade, frescura e belleza, e por toda a parte, em redor da villa, se vê frondoso arvoredo (principalmente carvalhos e castanheiros) e prados sempre ver-

dejantes, semeados de flores e regados perennemente por innumeros mananciaes de agua. É a estes prados que a villa deve o seu nome.

O seu termo é abundante em cereaes, legumes, vinho verde, (que já exporta para o reino e fóra d'elle) fructas, linho e algum azeite. Cria-se por aqui muito gado de todas as especies, principalmente bovino, que se exporta para Inglaterra.

—

Esta parochia pertenceu, desde o principio da monarchia, á ordem do Templo, e quando o rei D. Diniz a supprimiu, em 1311, passaram a maior parte das suas casas e fóros para a nova ordem de Christo, por elle instituida em 1319; mas antes d'esse anno, o mesmo monarcha deu a freguezia de S. Thiago de Francellos, primeira matriz da villa, á Sé de Braga. Até 1834 teve dois juizes ordinarios, tres vereadores, procurador do concelho, juiz dos orphãos, meirinho, escrivão da camara e quatro tabelliães, tudo provido pelos seus condes. Tinha capitão-mór com quatro companhias d'ordenanças, e tem mercado de 15 em 15 dias, ás quintas feiras, e feira annual a 20 de janeiro (dia de S. Sebastião) no largo onde está a capella do Bom-Successo.

Ha, além d'isso, um mercado, em todas as sextas feiras da quaresma, denominado *feira da Farrapa.*

—

Entre os senhores d'esta villa, se contam os Sequeiras Soares Albergarias e Mellos, senhores da Torre e Solar do Outeiro de Pondras, d'este extincto concelho, e da Torre e Paço que na mesma parochia ainda conserva aquella familia.

Procedem de Fernão Soares d'Albergaria, filho de Fernão Gonçalves de Santar, a quem D. João I deu os senhorios do Barreiro, Cannas de Sabugosa, Senhorim e Santar. Casou com D. Catharina Orias Soares, filha de Diogo Soares d'Albergaria, senhor do morgado de S. Matheus, em Lisboa. que seus successores perderam por tomar o partido de Castella, em 1384.

Pelos Soares, procedem de Soeiro Gonçalves de Barbudo e de D. Thereza Pires de Novaes, senhores da Torre e Solar de Novaes, proximo á villa.

Estevão Soares de Mello, commetteu tantos e tão graves delictos, que D. João III lhe tirou todos os vinculos de seus ascendentes, em 1538, e os tribunaes o condemnaram a degredo perpetuo, em contemplação da nobreza de seus antepassados, e dos serviços que haviam prestado á patria; pois que entre os seus varios crimes, havia inclusivamente assassinatos. Foi então que o referido monarcha fez conde do Prado a D. Pedro de Sousa, como já fica dito.

—

Grandra diz que em 1146 Martim Dias de Prado, natural d'esta villa, se passára para D. Affonso 7.º, de Leão (primo de D. Affonso Henriques) e que d'elle procedem os Prados e Chichôrros.

O mesmo escriptor diz, que nos tempos antigos, o rio Cávado era muito mais piscoso do que actualmente, havendo lanços de 30 e 40 salmões; e que na antiguidade se extrahiam das suas margens areias d'ouro, jacinthos e ametistas.

—

Segundo os manuscriptos da Bibliotheca Palmella, o appellido Prado, muito nobre n'este reino, veiu da Galliza, tomado do senhorio do Prado, n'aquelle reino. Passou a Portugal no tempo dos nossos primeiros monarchas, como se collige das *Inquirições* do rei D. Diniz; e na egreja do mosteiro de S. Domingos (hoje matriz da parochia de Santa Justa e Rufina) em Lisboa, tem a capella dos Santos Reis, que é a cabeça do morgado que tinham em Portugal. Tambem alli tinham sepultura propria.

Frei Manuel de Santo Antonio, não diz quem foi o gallego que passou a Portugal com este appellido.

As armas dos Prados, sem mistura d'outras armas que depois lhe juntaram, por casamento, são—em campo d'ouro um pinheiro verde com pinhas de prata, e junto d'elle um leão, de negro, passante. Timbre o meio leão do escudo. Assim se acham no livro dos Reis d'Armas; porém, Antonio Soares d'Albergaria, a fl. 162, v., lhe dá por timbre — meia donzella vestida d'ouro.

Ha na ilha da Madeira uma familia do mesmo appellido, mas que julgo não ser da mesma procedencia, porque o seu brazão d'armas, incompleto, é — em escudo d'ouro uma facha de púrpura.

—

O Cávado lhe fornece lampreias, salmões, trutas, enguias, bogas e escalos.

As margens do rio, os campos e as collinas que o limitam, são abundantes de caça miuda, do chão e do ar.

A sua industria limita-se á fabricação de teias de linho, e grande quantidade de telha e louça ordinaria de barro, que exporta em grande quantidade, por que ha aqui muitas olarias.

A villa está em communicação com a margem esquerda, pela ponte de que já se fallou, toda feita de cantaria, e cuja primeira fundação se attribue aos romanos, o que é probabilissimo, visto passar por aqui a famosa via militar da *Geira*.

Esta ponte tem nove arcos, com a singularidade de serem os quatro do lado da villa ogivaes, e os restantes de volta redonda. (Vide adiante.)

Do rio Cávado já se tratou no logar competente, só aqui accrescentarei que a ponte mais celebre que atravessa este rio, é a de S. Thomé de Perozello, de doze arcos, construida origimaciamente pelos romanos. Dava passagem a uma das cinco vias militares de Braga a Astorga, e a d'esta localidade se dirigia á serra do Gerez, ligando a referida estrada da *Geira*.

Da formosa *ponte do Bico* já tratei no logar competente.

—

Fallando de D. Francisco de Sousa, terceiro conde do Prado e marquez de Minas, julgo aqui o logar proprio, não para fazer a biographia d'este bravo capitão e leal portuguez, mas para descrever algumas das suas principaes façanhas.

Sendo governador das armas da provincia do Minho, a defendeu heroicamente contra os castelhanos, apesar das forças de que dispunha serem muito inferiores ás do inimigo. Recuperou o castello de Lindoso — tomou o de Gayão (em frente de Villa Nova da Cerveira)—a villa gallega da Guardia, na costa e a 6 kilometros ao N. da foz do rio Minho. Fez repetidas entradas por Galliza, onde devastou e saqueou muitas villas e logares, dominando todo o campo do inimigo, impedindo-lhe todos os movimentos e obrigando o exercito hespanhol, commandado pelo condestavel de Castella, a retirar precipitadamente. Foi conselheiro d'estado, presidente do conselho ultramarino, e embaixador exatrordinario á côrte de Roma, onde foi admirada a sua magnificencia, mais propria de um grande principe, do que de um simples titular.

Falleceu em Lisboa, a 23 de julho de 1671, durante a regencia do infante D. Pedro, depois, rei, segundo do nome.

—

É actual conde do Prado, o sr. D. Nuno Maria da Silveira e Lorena, feito em 25 de julho de 1866.

—

A um kilometro da villa, está o grande logar da *Ponte*, povoado de bastantes casas, modernas, de bella apparencia, formando uma larga estrada-rua, e varias travessas.

Ha aqui um cruseiro, bastante alto, com a Imagem de Jesus-Christo crucificado, sob uma cúpula, sustentada por columnas.

Junto á ponte, está o edificio que foi collegio de Nossa Senhora da Conceição, com uma cêrca, e excellentes vistas. Só durou dois annos.

A pequena distancia está a bella casa dos srs. Souzas Limas, e os optimos predios urbanos dos srs.—Francisco Lopes Ferraz, e Thomaz Pereira d'Azevedo, e por elles habitados.

Ha aqui um importante estabelecimento commercial, da viuva, a sr.ª Tinôco, que é tambem delegação do correio, d'onde se distribue a correspondencia para a villa e para as freguezias seguintes: — Lage, Soutêllo, Moure, Atães, Oleiros, Cabanellas, Ucha, S. Payo, Freiriz e outras. D'aqui vae tambem o correio, em caixa, para a Ribeira de Penella.

Tambem aqui está uma bôa casa, pertencente ao sr. abbade de S. Romão da Ucha,

que tem na frente, um relogio, para regulamento dos visinhos e transeuntes.

Em seguida está o largo de S. Sebastião, que é uma alameda de corpolentos sobreiros (onde se faz a feira annual) e na estrada que corta este largo, se vê do lado esquerdo, vindo de Braga, uma excellente casa e quinta, com bello jardim, propriedade do bacharel em direito, o sr. Francisco Dias Lima. Tem n'esta casa uma pharmacia da qual fornece remedios gratuitos, aos seus amigos e aos pobres. O sr. Lima, estando já formado em direito, foi estudar pharmacia, e fazer exame d'esta sciencia, para conservar a botica, e fazer bem aos pobres.

Esta casa é notavel por ter na frontaria, uma estatua de S. Paulo, que alli collocou Paulo da Silva, quando mandou construir o edificio e a botica, em 1725. Esta botica foi n'outro tempo a melhor e de mais fama d'estas terras.

É um dos cavalheiros mais ricos, sympathicos e influentes do concelho.

Tem sido deputado, e foi, por muitos annos, administrador do concelho de Villa-Verde. É solteiro, e não tem parentes proximos.

Ha mais n'este largo as optimas casas dos srs., doutor Antonio Albino da Costa Macedo, actual juiz de direito da comarca dos Arcos de Valle de Vez—Francisco da Costa Faria, e viuva Tinôco.

Tambem foi o sr. dr. Dias Lima, e os srs. Antonio José de Souza Lima, e seu irmão, José Antonio Ferreira de Souza, que mandaram construir, á sua custa, o optimo cemiterio parochial (onde cada um d'elles já tem o seu jazigo) sendo a pedra conduzida pelos lavradores, gratuitamente. Depois de concluido o cemiterio, os seus fundadores entregaram-o á junta de parochia.

Este cemiterio, foi origem de graves desordens; porque o povo, só queria ser enterrado dentro da egreja, na fórma do antigo abuso.

No 1.º d'agosto de 1870, morrendo um individuo d'aqui, o povo não consentiu que fosse sepultado no cemiterio, e levou o cadaver (sem parocho nem clerigo) para a ermida de S. Thiago, de Francellos, onde o enterraram. Veio um destacamento de infanteria n.º 8, de Braga, para fazer exhumar o cadaver, e enterral-o no cemiterio; porem tocou-se a rebate n'esta e em outras freguezias, havendo fogo entre a tropa e o povo, morrendo no conflicto trez soldados e um paizano, e sendo feridos varios outros.

Veio então toda a força disponivel do 8, e só assim se conseguiu enterrar o cadaver no cemiterio; mas a tropa conservou-se aqui por muitos dias. Foi a maior desordem que houve na villa, depois de 1846, em cujo anno tambem se distinguiram estes povos, por serem dos primeiros que levantaram o grito da revolta da *Maria da Fonte*.

—

Tambem sobre a referida estrada, do lado opposto á casa do sr. Lima, está a capella de *Nossa Senhora do Bom-Successo*, edificada sobre um grande penhasco. É um templo elegante e aceiado, e tem uma grande e rica irmandade de clerigos, mas admittindo alguns seculares, denominada de *S. Pedro e Almas*.

A capella tem uma bôa torre, com dois sinos, e possue tambem ricas alfaias. Junto ao templo está a *casa dos mórdomos*, onde todos os annos se dá um lauto jantar aos irmãos, em cumprimento dos estatutos.

N'esta capella se faz, com bastante pompa, um anniversario, pelos irmãos fallecidos; e a 15 d'agosto, a grande festa de *Nossa Senhora da Assumpção*, em cumprimento de um legado. A irmandade tem um fundo, capitalisado, superior a 4:000$000 réis.

—

A villa propriamente dita (a que foi cabeça de julgado) tem descahido consideravelmente: apenas alli ha a egreja matriz, residencia do parocho, dois bons predios, um do sr. dr. Vasconcellos, actual administrador de Villa do Conde, e outro, do visconde da Torre, residente em Soutêllo. Este ultimo, tem o respectivo brazão d'armas. O resto das casas (umas 40) são de má apparencia, e habitadas por gente pobre. Dos antigos paços do concelho e cadeia só restam ruinas.

O que tem progredido e prosperado em nossos dias, é o bonito e grande logar da Ponte; e é porisso que a villa vae perdendo

o seu antigo nome, tomando o de *Ponte do Prado*, que quasi geralmente se lhe dá.

Está em construcção, e passa junto á egreja, uma estrada, que é ramal da que vae dos Arcos de Val-de-Vez para Braga, ligando Soutêllo a Barcellos.

Os irmãos da confraria do Coração de Jesus, sustentam aqui uma escola de meninas.

Á porta da egreja parochial, ha uma capella, onde está o Santissimo, e alli se faz uma grande festa todos os annos.

—

Descendo pela margem esquerda do Cávado, ha um passeio (alaméda) muito agradavel, ainda nas maiores estiagens, por ser quasi plano, e povoado de frondoso arvorêdo.

A dois kilometros de distancia está o palacête e quinta, que foi do sr. Bento Luiz Ferreira Carmo, negociante fallido, da praça do Porto. É uma das mais bellas e ricas propriedades da provincia, e tem um formoso jardim, ricas vinhas, de optima uva, e vastas latadas.

Ao fundo d'esta propriedade, está a magestosa fabrica de papel, de *Ruães*, cujos motores são o vapor e a agua do Cávado. Vide *Ruães*.

—

As freguezias que compunham o antigo concelho do Prado, foram distribuidas pelos concelhos de Braga, Barcellos e Villa-Verde.

—

As parochias da villa do Prado, confinam —de E. a N., com Soutêllo—de N. a O., com a Lage, e Oleiros—do O., com Cabanellas— e de E. a S., com o rio Cávado.

—

A egreja matriz, é de architectura singella, mas elegante. Tem o altar-mór, e 4 lateraes. O primeiro, está muito arruinado, mas anda-se tirando uma subscripção, para se construir uma nova tribuna.

O antigo campanario, foi arruinado por uma faisca electrica, mas fez-se-lhe outro novo, de construcção humilde e singela.

Tem quatro confrarias—o Santissimo, Nossa Senhora do Rosario, irmandade dos Santos Passos, e a associação do Sagrado Coração de Jesus.

Todas teem pequenos rendimentos, de modo que as solemnidades dos padroeiros, são feitas á custa dos mórdomos; mas com luxo, principalmente a dos Passos e sua procissão, que é uma das mais sumptuosas do Minho.

—

A villa, é separada do resto da freguezia, pelo ribeiro do seu nome, o qual correndo de norte a sul, vae alli proximo, morrer no Cávado. É atravessado (o ribeiro) por trez pontes de pedra, de bôa construcção.

—

Ao E. da villa, mas dentro d'ella, ha uma ermida, dedicada a Santo Antonio. Junto d'ella, ainda no principio d'este seculo existia uma torre, que foi dos donatarios da villa. Foi vendida, para demolir, sendo os seus materiaes empregados em paredes e comoros, em Cabanellas.

—

A capella de S. Bento, era do vinculo do actual sr. visconde da Torre (João Feio de Magalhães Coutinho, feito barão, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870.—Vide *Soutêllo*— de Villa-Verde.)

—

Tambem ainda alli existem as casas e propriedades de outro vinculo, do qual foi administrador, João Esteves Cerqueira de Amorim Barbosa, mórgado da Palmeira.

—

No arrabalde da villa, está a importante casa e quinta da *Palmeira*, do sr. Antonio da Gama Valle, filho do penultimo capitão-mór d'este concelho.

—

Ainda em 1875, estava na *Rua Direita*, o seu antigo pelourinho, que era formado por uma columna singela, de granito, tendo no tôpo, uma pedra quadrada em uma das suas faces, as armas portuguezas, na opposta as dos donatarios da villa—e do outro lado, uma esphera armilar. Esta pedra quadrada, tinha a cada canto, uma pyramide, e no centro, outra maior. Foi vendido e demolido (!) este pelourinho, mas o sr. dr. Lima, conservou a tal pedra, e vae collocal-a sobre um pedestal—no logar dos antigos paços do con-

celho—com uma inscripção, que declare a sua proveniencia.

—

A actual ponte do Prado, foi reconstruida em 1616, sendo seu constructor, Antonio de Castro, de Vianna: o que consta de uma inscripção, que ainda se póde ler, em volta do escudo das armas portuguezas, que está no centro da ponte.

Á esquerda d'este escudo, está outro, que foi picado, porisso, não se sabe a quem pertenceu.

A ponte, que é muito estreita, abaulada no meio, e não é em linha recta, o que muito a desfeia.

—

A estrada de Braga até ao Prado, é muito bonita, orlada alternativamente, de casas de campo (algumas de bella apparencia) e frondoso arvorêdo.

—

Alem das capellas já mencionadas, ha n'esta villa as de S. Gonçalo, e de Jesus, Maria e José. N'esta se festeja annualmente (em janeiro) S. Gonçalo d'Amarante.

—

Ha ainda no terreno d'esta villa, as quintas seguintes:

De *São Bento*, pertencente ao referido sr. visconde da Torre.

Do *Outeiro*, que foi do fallecido major, Gaspar Carneiro.

Do *Fayal*, dos herdeiros do fallecido primeiro visconde e primeiro conde d'Azevedo.

—

Em 5 de fevereiro de 1827, houve aqui uma acção, entre as tropas do general realista, marquez de Chaves, e os liberaes; felizmente correu pouco sangue, porque os realistas, desanimados por saberem que o general Clinton, ao serviço da infante regente (a sr.ª D. Isabel Maria) avançava com os seus inglezes, a marchas forçadas, de Lisboa para o N., e já tinha chegado a Coimbra, pouca resistencia offereceu, n'esta e em outras acções; resolvendo o marquez de Chaves, emigrar com os seus, para Hespanha, onde entrou a 8 de março.

—

Em 15 de abril de 1846, teve logar n'esta villa, o principio da revolta da *Maria da Fonte*, queimando-se n'esse dia as *papellêtas dos Cabraes* (papeis da decima) e os livros onde se haviam de lançar as pedidas declarações. A casa onde então estava a administração do concelho, chegou tambem a soffrer alguns prejuizos.

—

Tenho-me referido algumas vezes, n'este artigo, ao sr. doutor Lima; pelo que, julgo dever dar aqui alguns traços da vida d'este benemerito cidadão.

Francisco Dias Lima, nasceu n'esta villa, a 22 d'agosto de 1823, e formou-se em direito, pela universidade de Coimbra, em 1848.

Exerceu a advocacia no concelho do Prado, até á sua suppressão, em 1855 — foi administrador do concelho e juiz ordinario e sub-delegado do procurador régio da mesma villa. Foi, depois de 1855, substituto do juiz de direito da comarca de Villa-Verde [1] e, por varias vezes, administrador do novo concelho — procurador á junta geral do districto, conselheiro do mesmo; serviu de governador civil de Braga, e foi deputado da nação, na legislatura de 1868.

Já disse que, depois de formado em direito, estudou pharmacia e d'ella fez exame, só para favorecer a pobreza da sua terra, dando-lhes gratuitamente, todos os remedios de que precisava. É rico, solteiro, e sem herdeiros proximos, applicando os rendimentos da sua casa, em obras de caridade, pelo que é geralmente estimado e respeitado, e um dos cavalheiros mais influentes da comarca.

PRADO — Freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço. (Foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monção), 70 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 152.

Orago S. Lourenço. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Payo, apresentava o viga-

[1] A comarca de Villa-Verde, foi creada por decreto de 24 de outubro de 1855, ou, para melhor dizer, foi então para aqui transferida a antiquissima comarca do Pico-dos-Regalados.

rio, que tinha 30:000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tanto esta freguezia, como a de Remoães, eram filiaes da de S. Payo.

A renda era dividida em quatro partes eguaes — uma para o abbade d'esta ultima freguezia—outra, chamada *renda do casellio*, para a casa de Bragança, — as outras duas eram para a mesa archiepiscopal de Braga.

A infanta D. Urraca, filha de D. Fernando Magno, deu metade d'esta renda a D. Jorge, bispo de Tuy, em 1071. D. Onega Fernandes e seus filhos, Payo Dias e Argenta Dias, deram ao bispo D. Affonso a quarta parte, em 1118;—e finalmente, a rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, deram ao mesmo bispo, a quarta parte restante, em 1125.

É terra fertil em todos os fructos do paiz, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça.

PRADO (fabrica de papel do)—Vide *Thomar*.

PRADO DE GATÃO — Freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca de Miranda do Douro, districto administrativo e bispado de Bragança, 12 kilometros de Miranda e 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757—61 visinhos.

Orago Santa Isabel.

O reitor d'Angueira apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida, annexando-se á de Palaçoulo.

Tem foral novo, dado pelo rei D. Manuel, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 19, v., col. 2.ª)

PRADOS—Freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 290 a E. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 102.

Foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Linhares.

Orago de Nossa Senhora da Assumpção, bispado e districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o prior, que tinha réis 150$000 de rendimento annual.

É pouco fertil em cereaes e fructos, mas cria muito gado de toda a qualidade.

PRADOS — Aldeia da freguezia da Rua. (Vide Caria — a segunda.)

PRAGAL—Aldeia da freguezia e concelho d'Oeiras. Vide *Oeiras*.

Na estrada de Paço d'Arcos para Oeiras, ha uma fonte chamada do *Pragal*, a qual tem no remate da sua modesta architectura uma cruz de pedra.

É este um sitio ameno, fresco e salubre, e alli vem descançar os viandantes e desalterarem-se com a sua crystalina e optima agua.

Em julho de 1851, um pobre jornaleiro, na occasião em que se debruçava para beber na bica, lhe cahiu sobre a cabeça um dos braços da cruz, que o feriu mortalmente, vivendo poucas horas. Foi isto attribuido a castigo, porque o homem costumava rogar muitas pragas. Note-se, porém, que a fonte já tinha este nome ha muitos annos, corrupção de *Pragães* (chagas miseraveis, similhantes a uzagre, e que vão roendo as carnes.)

Parece que antigamente se attribuia á agua d'esta fonte a virtude de curar estas chagas.

Já se vê que é errada a etymologia que alguns lhe dão, dizendo que Pragal significa —sitio onde se rogam pragas. Vide *Terruge*.

Ha outro logar, denominado *Pragal*, proximo á Cova da Piedade, freguezia, concelho e comarca de Almada, ao S. do Tejo.

PRAGAMYO—Portuguez antigo — pergaminho.

PRAIA—Extremadura, aldeia, junto á Barquinha. É a 21.ª estação do caminho de ferro de Leste. Dista de Lisboa 104 kilometros, a E.

PRAIA DA SARDINHA—Vide Paço d'Arcos.

PRAIA DOS LADRÕES—Vide Lavre.

PRAIAS—(Estações de banhos mais concorridas no littoral portuguez.)—Principiando N. para o S.—Mollêdo, proximo e ao S. de Caminha,—Lagarteira, na freguezia de Gontinhães (vulgo—banhos de Ancora),—Apulia,—Póvoa de Varzim,—Villa do Conde,—Leça da Palmeira,— Mattosinhos,— S. João da Foz, (todas ao N. do Douro),—Lavadores, —Granja,— Espinho, — Furadouro, (junto d'Ovar), Torreira, — Costa Nova do Prado,

—Mira,—Figueira da Foz,—Vieira, Nazareth e Pederneira,—S. Martinho do Porto,—Peniche,— Santa Cruz, — Ericeira,— Cascaes, (todas entre o Tejo e o Douro)—Cezimbra, —Setubal, (entre o Tejo e o Sado),—Lagos, — Villa-Nova-de-Portimão e Ferragudo, — Albufeira,—Faro, Olhão Tavíra, e Villa-Real de Santo Antonio, (todas ao S. do Sado.)

Os demais esclarecimentos, relativos a estas praias, vão nos logares competentes.

PRANTEADEIRAS — CHORADEIRAS—ou **CARPIDEIRAS**—mulheres alugadas, a prêço estabelecido, e cuja obrigação era, estarem a chorar ao pé do defuncto, desde o seu fallecimento, até serem enterrados.

As pranteadeiras existiam na nossa peninsula desde o tempo dos antigos lusitanos.

No reinado de D. João I, o senado da camara de Lisboa, supprimiu as pranteadeiras, e, por essa occasião, outros abusos. Depois, foram pouco a pouco desapparecendo do resto de Portugal. Ainda porém ha pranteadeiras nas nossas ilhas de Cabo-Verde, e é uma das cousas indispensaveis em todos os actos funebres.

PRANTO — Aldeia, Douro, freguezia de Serro-Ventoso, comarca e concelho de Porto-de-Moz (antigamente concelho de Serro-Ventoso, termo de Monte-Mór-o-Velho, comarca de Coimbra, d'onde dista 30 kilometros a S.O.)

Junto ao logar da Azenha, nas faldas do Monte-Barril, nascem umas aguas thermaes que, por ficarem proximo á capella de Nossa Senhora do Pranto, (da qual adiante trato) se lhes deu o nome d'esta Senhora.

Pelos annos de 1700, rebentavam ao N. do Monte-Bicanho, no sitio hoje chamado—*Banhos-Velhos*; mas já em 1711, pela força das enchentes que trouxeram por consequencia alterações no solo, appareceram parte d'elles no sitio actual, e em 1716 appareceu ainda maior porção.

Estas aguas, com que os doentes tinham muita fé, passaram de moda, até que em 1764 principiaram de novo a ser frequentadas, construindo-se alli algumas casas de banhos com bastante regularidade; mas ainda d'esta vez tornaram a cahir em desuso, e já em 1810 estavam as casas a cahir em ruinas.

Tambem na raiz do referido Monte-Bicanho se encontram outras nascentes de agua da mesma qualidade, e em soffrivel quantidade, porém as camaras nunca cuidaram d'ellas; e aquellas pessoas que alli hiam tomar banhos, construiam barracas de ramos d'arvores.

O calor de todas estas nascentes, mesmo ao ar livre, é de 88 a 93 graus de F.—ou de 25 a 27 de R.

É a agua clara e transparente, com pouco cheiro a enxofre, sabôr desagradavel e algum tanto enjoativo. Recolhendo-se em um vidro limpo, este em pouco tempo se rodeia de bôlhas aerias, o que juntamente com o que se observa pelos reagentes, attesta que ella é levemente mineralisada pelo gaz *hydrogenio-sulphurado*, contendo diminutas porções de *carbonato-calcareo* e *muriato-calcareo* (soda.)

Tambem a estas aguas se dá o nome de *thermas da Azenha* — ou da *Vinha da Rainha*, por ficarem proximas d'estas povoações.

Capella de Nossa Senhora do Pranto

Davam antigamente o titulo de Nossa Senhora do Pranto, ás imagens que hoje chamamos—de Nossa Senhora da Piedade.

Fica a capella de que vamos tratar, entre as freguezias de Serro-Ventoso e Vinha da Rainha—12 kilometros ao S. de Monte-Mór-o-Velho. É templo muito antigo; foi reedificado pelos annos de 1656.

Está em ruinas.

PRANTO—(Nossa Senhora do)—logar da freguezia, proximo e ao S. da Chamusca, na margem esquerda do Tejo.

No alto do monte que tem o nome da mesma Senhora, existe uma antiquissima capella, da qual se ignora o nome do fundador e a data da fundação.

A imagem da padroeira é de pedra, de 1 metro de altura, e denota grande antiguidade. A capella é vasta e está bem adornada.

É objecto de grande veneração dos povos d'aquelles sitios.

PRANTO — (Nossa Senhora do)— famoso santuario na villa de Envendos. É templo

muito antigo, ignorando-se a data da sua fundação, e só se sabe que um fidalgo, e cavalleiro da ordem militar de Christo, de appellido *Lavado*, natural e morador na mesma villa, muito devoto de Nossa Senhora da Piedade, mandou fazer na cidade do Porto, uma imagem com esta invocação, e, apenas chegou á villa, tratou logo, o fidalgo, de lhe erigir um templo, onde com grande solemnidade collocou a santa imagem. Com o tempo, veio esta capella a arruinar-se, e então dois proprietarios da villa construiram á mesma Senhora, uma outra capella mais vasta e aceiada, e um pouco distante da primeira.

O primeiro titulo d'esta imagem foi—Nossa Senhora d'Alcolobre, e, segundo a tradição (que supponho errada, por que a imagem está sentada, tendo Jesus Christo morto, no regaço, e por tanto foi desde o seu principio—Nossa Senhora do Pranto—ou da Piedade)—segundo a tradição, repito, houve n'esta freguezia uma grande peste, que matava todos os dias grande numero de pessoas. N'esta grande afflicção corria o povo para a capella, e com gemidos e lagrimas imploravam á Senhora remedio para tão grande calamidade; e d'aqui principiou a chamar-se—Senhora do Pranto.

A imagem é de pedra, de boa esculptura, e quasi de tamanho natural, pois mesmo sentada tem um metro d'altura.

Foi em tempos antigos objecto de grande devoção dos povos d'esta villa e immediatos.

PRANTO (Nossa Senhora do)—na Beira Baixa, junto á villa das Cinco Villas (antigamente Cinco Villas da Reigada) e proximo ao famoso sanctuario de Nossa Senhora do Pereiro, para a parte do rio Côa.

É templo antiquissimo, e segundo a tradição foi primitivamente fundado sobre a margem do mesmo rio—e é certo que ainda no local onde, segundo se diz, existiu a antiga capella, se veem umas ruinas que comprovam a tradição.

As enchentes do Côa foram pouco e pouco demolindo esta ermida, até que um homem natural da villa, passando por ali, e temendo que a Senhora ficasse sepultada debaixo das ruinas, a levou ás costas para sua casa, e lhe construiu logo a ermida actual, e por sua morte deixou a Senhora herdeira de todos os seus bens.

Tambem se não sabe a data da construção da nova ermida, e só que é muito antiga.

PRANTÒ (Nossa Senhora do)—sanctuario fundado na freguezia de Nossa Senhora do Salto, antigo concelho de Barroso, e hoje comarca e concelho de Monte-Alegre.

Consta que esta freguezia já era muito antiga no tempo de D. Affonso Henriques. (Vide *Salto.*)

Tendo logar o interdicto, lançado pelo nuncio apostolico a Portugal, no mesmo reinado, e que durou trez annos, não se enterravam os mortos dentro das egrejas, pelo que os habitantes d'esta freguezia sepultavam os seus defuntos no adro d'esta capella, e ainda no meiado do seculo passado alli existiam sete moimentos que attestavam este facto.

Durante o interdicto não se exercia o culto divino na egreja matriz, pelo que se foi ella arruinando e enchendo de silvas.

Quando cessou a excommunhão, decidiu o povo transformar a capella em parochial, ficando ella servindo de capella-mór, e lhe fizeram um corpo de egreja; mas correram as obras com tanta morosidade que só se concluiram de todo no fim do seculo 17.º

Segundo a tradição e informações mandadas tirar por D. João de Sousa, arcebispo de Braga, foi um homem, natural do Salto de Barroso. residente no Brasil, que de lá mandou para Portugal a imagem de Nossa Senhora do Pranto.

Na pedra que servia de peanha á Senhora, se gravou a inscripção seguinte:—*Ó vós omnes qui tranzitis per viam, attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus.*

Já não existe a pedra, nem a inscripção.

Dá-se tambem a esta imagem o titulo de *Senhora do Pé da Cruz*, e antigamente se chamou tambem a *Senhora Estrangeira*, por ter vindo do Brasil.

É de pedra e de estatura pouco menos que

o natural, pois estando sentada com o filho no regaço, tem um metro d'altura.

Festeja-se a imagem da padroeira no dia 15 d'agosto, sendo antigamente levada em procissão, e pegando ao andor quatro homens dos mais valentes da freguezia; porem o visitador, receando alguma desgraça, em rasão do peso da imagem, prohibiu, em 1670, que ella sahisse em andor, mandando que se fizesse uma outra de madeira, com a mesma invocação, para as procissões.

N'essa mesma occasião, mandou tambem que se instituisse uma confraria, ou compromisso, que pouco depois foi approvado pelo ordinario.

Tambem á mesma Senhora se faz outra festividade a 25 de março, mas a principal é a de agosto, e na procissão d'esse dia costumavam hir, antigamente, muitas *invenções*, cavalhadas e danças, no estylo da época.

Foi abbadia muito rendosa até ao reinado de D. Pedro I, que a annexou a Santa Senhorinha de Basto, em 1360, ficando reduzida a simples vigairaria. (*Monarchia Lusitana*, tomo 4.º, livro 12, capitulo 27—D. Rodrigo da Cunha, *Historia de Braga*, parte 1.ª, capitulo 116.)

PRANTO (Nossa Senhora do)—Vide *Sabugosa*.

PRASMAR—portuguez antigo—vituperar, arguir, estranhar, reprehender, etc. D'aqui *prasmada*, abominavel, digna de vituperio.

Tambem se escrevia *prazmar* e *prazmada*.

PRASMO — portuguez antigo — mancha, culpa, defeito.

PRAZENTIM—portuguez antigo—*mercador prazenteiro*—significava, negociante estrangeiro.

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—capella construida junto á antiga casa de saude (Lazareto) nas terras d'Alcantara, e que hoje serve de ermida ao cemiterio do mesmo nome. (Vide 4.º vol., pag. 200, col. 1.ª)

O chão para esta capella, foi dado por Francisco Carneiro e sua mulher, D. Esperança de Menezes, condes da ilha do Principe.

O primeiro conde da ilha do Principe, foi Luiz Carneiro de Sousa, feito por Philippe IV em 4 de fevereiro de 1640.

O titulo de conde da ilha do Principe, foi trocado pelo de conde de Lumiares, por mercê de D. José I, feita a Carlos Carneiro de Sousa, em 29 de outubro de 1723. (Vide *Lumiares* e *Vimieiro*.)

Ficava então a ermida dentro da nova circumvalação da cidade, e visinha do palacio dos mesmos condes, que é onde depois esteve a casa da saude.

No principio d'esta capella, os condes só permittiam que o povo fosse visitar a Senhora, no domingo e segunda feira depois da oitava da paschoa. N'esta capella foi sepultado o padre frei Lucas da Ressurreição, eremita de Santo Agostinho (do convento da Graça, de Lisboa) o qual depois de assistir com a maior caridade aos empestados, recolhido na casa da saude durante trez annos, morreu da mesma peste, no de 1599, com opinião de santo.

Tambem pelo mesmo tempo, e da mesma peste, morreu o irmão leigo, frei Martinho, companheiro de frei Lucas, e aqui foi sepultado. Passados annos foram os seus cadaveres trasladados para o mosteiro da Graça.

Tinha ermitão privativo.

Segundo a lenda, em tempos, cuja data se ignora, appareceu a imagem da Senhora dos Prazeres, sobre uma fonte, que desde então se ficou chamando—*Fonte Santa*, a cuja agua se attribuem differentes virtudes therapeuticas.

Diz-se que os condes a levaram para casa, collocando-a no seu oratorio particular. Passado porem pouco tempo, os devotos lhe erigiram capella propria, marcando-lhe a sua festa para a segunda feira, depois da oitava da paschoa, havendo por essa occasião tambem grande feira, e tanto esta como a romaria foram sempre e continuam a ser muito concorridos.

A imagem da padroeira é de alabastro, porem as mãos são de madeira. Tem meio metro d'altura.

A procissão de Nossa Senhora dos Prazeres sae da egreja parochial de Santos-o-Ve-

lho, na segunda feira de paschoela, em cumprimento d'um voto que fizeram os moradores d'esta freguezia, por occasião da referida peste. Ao principio fazia-se de manhan, depois fez-se de tarde, havendo por essa occasião grande arraial e romaria.

Como desde 1835, se estabeleceu no terreno quo circumda a capella o *cemiterio publico Occidental* (ou *dos Prazeres*) ficando o templo no centro, por occasião da festa havia desordens, bebedeiras e outros escandalos, pelo que o eminentissimo cardeal patriarcha, prohibiu ha quatro annos o arraial mas a procissão continua e é muito concorrida.

Esta feira era adiante do cemiterio, e teve a sua origem com a procissão dos Prazeres.

Já se vê que por occasião da feira, havia muitas irreverencias n'este asylo dos mortos, nem diziam bem com o respeito devido ás cinzas dos que foram, as alegrias, e mesmo as inconveniencias dos feirantes.

A camara municipal de Lisboa, para evitar irreverencias e escandalos, mudou, em 1851, a feira dos Prazeres, para as Amoreiras; mas, ainda assim, continuaram as merendas e outros actos improprios do logar, até 1873, e foi então que o ex.mo cardeal patriarcha prohibiu o arraial.

Para o mais que diz respeito á feira das Amoreiras, vide 4.º vol., pag. 171, col. 2.ª

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—capella situada 3 kilometros ao N.O. da villa do Louriçal, e pertencente á sua freguezia, na comarca e concelho de Pombal.

Está o templo junto de uma matta, em sitio solitario, sobre a margem d'uma pequena ribeira, e junto ao logar de Aljazede [1] que foi uma grande quinta dos condes da Ericeira, e eram elles os padroeiros da capella, e os que cuidavam do seu culto, aceio e conservação.

O povo dos arredores tem muita devoção com esta Senhora, e no dia da sua festa havia antigamente grande feira e romaria, no domingo da paschoella.

[1] *Aljazede*, ou *Aljezída* é corrupção do arabe—*al-iazida*. É nome feminino de *jazido*, e significa—augmentador.

Esta feira foi depois transferida para a villa.

A uns cem metros da capella, se veem as ruinas d'uma torre ou casa forte, mandada fazer por D. Affonso Henriques, para alli descançar das fadigas da caça, que então era abundantissima por estes sitios.

Em frente d'esta torre ha outra, dentro da mesma matta, e sobre um cabeço, que era destinada ao filho do mesmo monarcha, o infante D. Sancho, depois primeiro do nome. Ainda ao sitio, onde estão as ruinas d'esta segunda torre, se dá o nome de *cabeço do Sancho*.

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—capella na freguezia d'Abravêzes, junto a Viseu, e hoje egreja matriz da freguezia.

Segundo a tradição, a origem d'esta capella é a seguinte:

Antonio Dias Ribeiro, christão novo, morador na aldeia de Repêzes, extra-muros da cidade. projectou fundar uma capella no logar d'Abravêzes, então da freguezia da Sé, e distante da cidade pouco mais de um kilometro para o norte; isto pelos annos de 1630. Escolheu para a fundação, o alto de um cabeço. Concluida a capella, mandou collocar no altar-mór a imagem de uma mulher com um menino na mão esquerda e um sceptro na direita, e com uma corôa na cabeça, e quando o povo presumia adorar a imagem da Santissima Virgem, não adorava senão a effigie da rainha Esther.

Parece que o fundador descobriu a alguem o seu segredo, por que o Santo Officio o mandou prender, e no tribunal confessou o reu a sua intenção.

A ermida foi edificada com a maior perfeição, e a capella-mór é toda de pedra de cantaria lavrada, e da mesma materia o pavimento; no meio do qual mandou o fundador fazer a sua sepultura, gravando n'ella o seu nome, que a Inquisição mandou depois picar. O mesmo tribunal deu a ermida ao familiar Francisco Ferrão de Castello Branco, natural de Viseu, dando-lhe tambem um predio n'esta cidade, que n'aquelle tempo se chamava—*casas do balcão*, na rua da Calçada.

Era a imagem da Senhora objecto de

grande devoção para os povos d'estes sitios, que pagavam ao capellão para alli dizer missa em todos os domingos e dias santificados.

Antigamente se lhe faziam trez romarias —uma nas oitavas da Paschoa, outra pelo Natal, e outra em dia de Santo Estevão, proto-Martyr.

O sitio onde está o templo é muito ameno, por estar cercado de muitos castanheiros, carvalhos e outras arvores de fructo e silvestres, e regado por muitas e crystalinas aguas, que dão grande fertilidade ao sitio. Tambem ali ha uma formosa alameda, pertença da capella.

Mais tarde, formando o logar d'Abravezes freguezia independente, se transformou esta capella em egreja matriz, ficando ella a servir de capella-mór, e construindo-se-lhe um corpo de egreja, com dois altares lateraes. (Vide *Moinhos do Pintor* e *Paschoal.*)

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—no antigo concelho d'Azurara, hoje comarca e concelho de Mangoalde, no arciprestado e áro deViseu, 12 kilometros ao E. d'esta cidade, está a freguezia de S. Vicente d'Alcafache (vol. 1.º, pag. 63, col. 1.ª)

Junto ao logar, em sitio frêsco e alegre, a que dão o nome de Tábua, está a capella de Nossa Senhora dos Prazeres, templo vasto, com capella-mór, corpo de egreja e dois altares lateraes, fazendo-se a sua festa na dominga *inalbis.*

Proximo á capella está um grande e frondoso carvalho, e junto d'elle, para o norte, uma abundante fonte d'optima agua. A E. se vê um formoso cruzeiro, de pedra de cantaria, com assentos em redor, para os romeiros que querem gozar a fresca sombra d'esta arvore.

A capella é muito antiga, mas não se sabe por quem, nem quando foi fundada; apenas se sabe que em 1663 se instituiu aqui uma irmandade, composta de 150 irmãos e 10 irmans, cujos estatutos foram approvados em 13 de novembro do mesmo anno, sendo governador, provisor e vigario geral d'este bispado, o doutor Feliciano d'Oliveira e Sousa, e bispo D. João de Mello, então ausente. O pontifice Clemente X, concedeu muitas graças e indulgencias a esta irmandade, ainda no mesmo anno.

Os irmãos admittidos eram d'esta freguezia e das de Fornos e Santar.

São propriedade d'esta capella, um prazo e alguns olivaes e fazendas, que, em tempos antigos, os devotos doaram á Senhora.

PRAZERES (Nossa Senhora dos) — Vide *Távora.*

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—capella hoje matriz da freguezia d'Alcaria, na comarca e concelho de Porto de Mós.

Já a pag. 70, col. 1.ª, do 1.º vol., tratei d'esta fregnezia. Aqui só accrescentarei:

A capella de Nossa Senhora dos Prazeres, foi feita e dotada por um devoto, dizendo-se alli a primeira missa em 1604.

Alcaria era uma aldeia da parochia de S. João Baptista de Porto de Mós, da qual foi desmembrada, constituindo freguezia independente, em 1730. Em 1867 se construiu a torre dos sinos, e o côro no anno seguinte.

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—egreja matriz da villa d'Aljubarrota.

A pag. 136, col. 1.ª do 1.º vol. tratei d'esta villa; aqui accrescentarei:

Posto que a povoação tenha duas freguezias—a de Nossa Senhora dos Prazeres e a de S. Vicente—só a primeira tem sacrario, e d'ella se administram os sacramentos ás duas freguezias; mas pelos seus respectivos parochos. (A de S. Vicente está fóra da villa, e esteve muitos annos unida á primeira, da qual foi desanexada por decreto de 10 de dezembro de 1855.)

A freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres tem actualmente 300 fogos, e em 1757, tinha 65.

O D. Abbade d'Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

A freguezia de S. Vicente tem 250 fogos, e em 1757 tinha 63. As collegiadas de S. Pedro e de Santa Maria, de Porto de Mós, apresentavam, alternadamente, o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento annual.

A freguezia dos Prazeres, tinha tambem um coadjutor, da apresentação annual do vigario—e tanto a collação do parocho, como a nomeação do coadjutor, eram confirma-

das pelo bispo de Leiria. Tinha tambem um thesoureiro, e a todos pagava o commendatario, que era o dito D. Abbade (ou geral) d'Alcobaça, das rendas que o mosteiro tinha n'esta villa. Cada um recebia annualmente o seguinte:—O vigario, 240 alqueires de trigo, 90 de cevada, 4 pipas de vinho môsto, 2 cantaros d'azeite e 3:028 réis em dinheiro. O coadjutor recebia, 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho mosto e 6:000 réis em dinheiro.

O thesoureiro tinha 30 alqueires de trigo, e um *quartão* de vinho mosto.

O vigario recebia alem d'isto as offertas e pé d'altar da parochial e das ermidas annexas, que, uns annos por outros, rendiam réis 30:000. Tinha o dizimo dos queijos e frangãos, que se vendiam na parochia, e possuia uns pardieiros, que foram a antiga residencia dos parochos, aos quaes, por isso, ainda se dá o nome de *vigairaria*.

Era tambem o mesmo D. Abbade obrigado á fabrica da egreja, e a tudo o mais necessario, assim como ao azeite para a lampada do Santissimo; por que tinha aqui duas partes dos dizimos de todos fructos e mais os *quartos*—e na de S. Vicente os *oitavos*.

—

Segundo a tradição, a egreja de Nossa Senhora dos Prazeres, é antiquissima; foi um grande priorado, e incluia as freguezias d'esta villa, e as d'Evora, d'Alcobaça, e Turquel. Foi collegiada, que se extinguiu, ficando reduzida a vigairaria, tornando-se independentes, por essa occasião, as villas d'Evora (d'Alcobaça) e Turquel, que tambem ficaram vigairarias.

Tem esta egreja duas sachristias boas, e um alto côro; sobre a porta principal, um campanario com dois sinos; a capella da pia baptismal fica perto da porta da entrada, ao lado do evangelho, e é de abobada, fechada com grades de ferro.

Tem um pequeno alpendre, e o adro é cercado de muro.

Ha n'esta egreja uma imagem da Senhora, de metal, que, segundo a tradição, foi achada fóra da villa, em 1168, pelo padre Affonso Pires, então cura.

—

Junto do altar de Santa Apolonia, está uma capella de abobada, instituida por Martim Palença, e n'ella ha dois mausoleus, um do instituidor, outro de sua mulher. Esta capella é dedicada ao Senhor Jesus.

—

Ha n'esta villa as seguintes ermidas ::

—

Na freguezia de S. Vicente

S. Vicente, o velho—á entrada da villa de Aljubarrota. Foi aqui a primittiva egreja matriz de S. Vicente, hoje a actual é denominada, S. Vicente, o novo.

Já era annexa (como depois foi a nova egreja) ás egrejas de Santa Maria e S. Pedro, de Porto de Mós.

Quando se projectou fazer a actual matriz, os beneficiados das duas egrejas de Porto de Mós, receando que lhe desanexassem das suas collegiadas esta nova egreja, impetraram e obtiveram, do papa, Martinho V, uma bulla (1429) que os manteve na antiga posse.

O povo da freguezia, vendo que com a edificação da nova egreja não se livravam da tutella dos taes beneficiados, abandonou o projecto da construcção da matriz, e foi conservando a primittiva. Esta, porem, que era antiquissima, foi cahindo em ruinas, e vindo aqui o visitador, a mandou demolir e edificar uma nova.

Esta ordem foi cumprida em 1549, arrazando-se o velho templo, e dando-se principio, no mesmo logar, á nova egreja, que hoje alli se vê.

Foi esta egreja feita á custa do vigario e dos beneficiados, das egrejas de São Pedro e de Santa Maria, de Porto de Mós, concorrendo tambem para as despezas, a commenda d'esta ultima villa. Todos estes, e o cabido da collegiada de Ourem, eram obrigados á fabrica tanto da capella-mór, como do corpo da egreja.

Tambem estava sentenciada a ser demolida a antiquissima ermida de S. Vicente, que estava proxima; porem o povo supplicou ao visitador que a não mandasse arrazar, ficando elle (o povo) obrigado á sua fá-

brica. O visitador exigiu uma escriptura publica, d'esta obrigação, que está no cartorio da freguezia de S. Pedro, de Porto de Mós.

Apezar das supplicas e da escriptura, os parochianos nunca trataram de reparar a ermida, que chegou ao maior estado de ruina, e, cértamente cahiria por terra, se o padre Fabião Amado, natural de Aljubarrota, e cura, por muitos annos, da freguezia de S. Vicente. a não mandasse reedificar, e adornar, pelos annos de 1600, dando-lhe por essa occasião as necessarias alfaias —e por sua morte, aqui foi sepultado, em cumprimento das suas ultimas disposições, e a esta ermida deixou varias rendas, com a obrigação de n'ella se dizerem annualmente, e *para sempre*, por sua alma um certo numero de missas.

—

Em S. Vicente, o velho, estava uma sepultura, onde repousavam os ossos de D. Usanda, e que foi transferida para a nova, como consta de uma inscripção, gravada na mesma sepultura.

Na capella da pia baptismal, está uma cruz de páu, como as de Calatrava (em Hespanha—e cá em Pertugal, de Aviz) que consta ser tomada aos castelhanos, na batalha que se deu proximo a esta villa, no memoravel dia 14 de agosto de 1385.

—

S. João Baptista—esta ermida está defronte da antecedente. Tem uma confraria, que obteve uma feira n'este mesmo sitio, no dia da festa da degolação do padroeiro (29 de agosto); mas, como os irmãos nunca pagaram as *annatas* [1] ao senhorio, este não deixou fazer a feira.

Esta confraria, chegou a ter mais de 200 confrades, que curavam do culto divino, das necessarias reparações da capella, e de fazer a festa principal, do padroeiro, a 24 de junho, dando então um grande *bôdo* aos pobres.

Esta ermida é muito formosa, e o seu altar é de pedra, perfeitamente lavrada. O tecto é de abobada, e tem um pulpito de pedra, e bôa sachristia. A egreja é toda ladrilhada de pedra.

—

Nossa Senhora das Arenas—no logar dos Chãos. Foi construida no anno de 1541, e se disse aqui a primeira missa, em 1542. Os moradores do logar, a mandaram fazer á custa, e se obrigaram á sua fábrica.

Tem sachristia, e um alpendre, sustentado por columnas.

—

Nossa Senhora da Graça—no logar da Attaija de Cima. [1] Foi mandada construir pelos moradores d'esta aldeia, que se obrigavam á sua fábrica.

—

S. Sebastião, martyr—no logar da Attaija de Baixo. Foi tambem construida pelos moradores d'este logar, que se obrigaram á sua fabrica. Tem uma confraria, que cura do culto divino, da conservação do templo, e da festa do padroeiro, dando n'esse dia *bôdo* aos pobres.

A imagem do padroeiro, é de pedra, e mostra muita antiguidade.

A capella é forrada e pintada; e toda ladrilhada de tijolo. Tem um alpendre, sustentado por columnas de pedra.

—

Santa Thereza—no sitio dos Casaes, logo adiante da Atttaija de Cima. A imagem da padroeira é de pedra, e denota muita antiguidade. Fazia-se-lhe antigamente uma grande romaria. Não tem corpo de egreja, nem sachristia, nem alpendre, nem campanario.

—

Todas estas capellas foram feitas para d'ellas se administrarem os sacramentos aos enfermos.

—

Na freguezia do Santa Maria

Santo Amaro—no logar do Carvalhal. Como a de Santa Thereza, não tem corpo de

[1] *Annata*, ou annasia—era o imposto ou tributo que annualmente se pagava ao senhor donatario da terra. Aqui, era o D. abbade de Alcobaça.

[1] Attaija, é mesmo a palavra árabe *attaja*. Significa—*a coroada*. Deriva-se do verbo *tanaja*—coroar.

egreja, nem sachristia, nem alpendre, nem sino. É ladrilhada de tijôlo.

—

S. Braz—no logar do *Pisso do-Soão.* [1]

Está nas mesmas condições da antecedente.

—

S. Pedro—no logar do Carrascal. Idem.

—

Todas estas ermidas foram feitas, e são fabricadas pelos moradores dos respectivos logares, aos quaes d'ellas se administram os sacramentos.

—

S. Romão—Esta capella fica em um sitio despovoado. Está nas mesmas condições das outras d'esta parochia, só tem a mais, um alpendre, sustentado por columnas de pedra.

Teve uma confraria, mas ha muitos annos que a não tem. Alguns devotos cuidam na sua conservação e aceio.

—

Misericordia—na praça da villa. É ladrilhada de pedra. Tem côro, sachristia, tribuna, casa do despacho, celleiro (por baixo da casa do despacho.) Tem uma casa com chaminé, feita para n'ella se curarem os *penitentes*, que hiam na procissão de quinta feira-santa, flagelando-se pelo caminho.

A irmandade da Misericordia d'esta villa, foi instituida em 1516.

Principiou com 100 irmãos, na fórma do seu compromisso.

Em 1572, o rei D. Sebastião lhes permittiu, por um alvará régio, augmentarem o numero dos irmãos, até 150. São admittidas pessoas das duas freguezias da villa, e das do termo.

Tem de renda—103 alqueires de trigo, deixados por pessoas devotas, com obrigação de algumas missas e anniversarios, 70 alqueires de trigo, e 10$000 réis em dinheiro (que pessoas devotas tinham deixado á ermida do Espirito-Santo, antes de ser Misericordia) e pouco mais.

O hospital, está junto á ermida, e é da invocação do Espirito-Santo. É pequeno e pobre, e, desde 1834, mais pobre ainda ficou; porque até então, o D. abbade d'Alcobaça, lhe dava por esmola, medico e remedios de botica, e agora não tem quem lhe dê isto.

É para os enfermos da terra. Aos passageiros, dava lenha, agua, sal, e azeite—e aos ecclesiasticos, cama e mais agazalho.

PRAZERES (Nossa Senhora dos)—freguezia, Alemtejo, no concelho e 8 kilometros de Monforte, comarca e 30 kilometro d'Elvas, 165 ao E. de Lisboa, 50 fogos—em 1757, tinha 56.—Orago Nossa Senhora dos Prazeres. Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o prior, que tinha 240 alqueires de trigo, de renda annual.

É terra fertilissima em cereaes. Produz algum azeite, fructas e legumes, e nos seus montes se cria bastante gado, de toda a qualidade, e ha muita caça.

PRAZINS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Guimarães —12 ao E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos, em 1757, tinha 66.—Orago Santa Eufemia. Districto administrativo e arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento annual.

O nome d'esta freguezia, é diminutivo de *prazo.* Prazim é o mesmo que *prazinho.*

Pertenceu até ao principio do seculo 17.º á freguezia seguinte, tornando-se então independente.

PRAZINS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros a O. de Guimarães, 12 ao E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos. — Orago, Santo Thyrso. — Districto administrativo e arcebispado de Braga.

Esta freguezia é contigua á antecedente, que d'esta se desmembrou, formando freguezia

[1] Este nome, parece-me provir da antiga *Picennia,* que depois se chamou *Lácio,* na Italia. Aos povos d'esta região, se dava o nome de *picennios,* ou *picios* (Vide 6.º vol., pag. 136.)—Soão, todos sabem que é o mesmo que *Oriente, leste, nascente,* ou *este.* Sendo assim, a tal palavrinha, significa—*Picios do Este.*

Talvez que no tempo dos romanos se viesse aqui estabelecer alguma cohorte, ou colonia de sabinos, que são os mesmos *picios.*

propria, no principio do seculo 17.º, como fica dito na freguezia de Santa Eufemia, de Prazins.

A mesma etymologia.

A mitra apresentava, *in solidun*, o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Quanto ás producções agricolas, está exactamente nas mesmas condições de Santa Eufemia.

PRÉCES (Nossa Senhora das) — Beira-Baixa, famoso Sanctuario, proximo a *Sernache do Bom-Jardim*, comarca, concelho e proximo da Certan, districto administrativo de Castello-Branco, no grão-priorado do Crato, actualmente annexo ao patriarchado. (Vol. 2.º, pag. 247, col. 2.ª, no fim)

Junto ao logar da Sernache do Bom-Jardim, está uma floresta, composta de castanheiros, pinheiros, sobreiros, *zezereiros*[1] e outras arvores silvestres. Era a propriedade de maior estimação do grão-prior do Crato e dos seus cavalleiros (de Malta) sendo, demais a mais, abundantissima de caça, grossa e miuda.

Fóra da povoação, e a pouca distancia d'esta e da floresta, está o templo de *Nossa Senhora das Préces*, cuja fundação remonta a tempos muito antigos, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. O que apenas se sabe, é que até ao meiado do seculo 16.º, se dava á padroeira o titulo de *Nossa Senhora do Seixo*.

Este templo, foi a primittiva matriz da freguezia da Sernache; porém o povo, querendo a egreja parochial dentro da povoação, com as devidas licenças do grão-prior, elevaram a matriz a egreja do Espirito-Santo, onde ainda está, e á qual está annexo o Sanctuario.

A imagem da padroeira, é de pedra, e muito antiga, mas de bôa esculptura, e de 0m,55 d'alto.

A sua festa principal (a 15 de agosto) é uma das mais concorridas romarias d'esta provincia; e desde então até aos fins de outubro, vem aqui muitos romeiros, visitar a Senhora e cumprir varias promessas, sendo o maior concurso aos sabbados.

—

PRÉCES (Nossa Senhora das) — Douro, notavel Sanctuario, na freguezia de S. Bartholomeu, da *Aldeia das Dés*, (antigamante chamada *Aldeia da Serra*) concelho de Oliveira-do-Hospital, comarca de Tábua, bispado e districto administrativo de Coimbra. (Foi do concelho de Avô, comarca de Midões, ambas supprimidas.)

No termo da villa d'Avô, cabeça de um antigo concelho, supprimido em 24 de outubro de 1855, e pertencente ao condado d'Arganil, dos bispos de Coimbra, e que foi da jurisdicção d'estes prelados, que eram seus alcaides-móres — no termo d'esta villa, repito, está a freguezia de S. Bartholomeu, da *Aldeia-das-Dés*. (Vol. 1.º, pag. 82, col. 2.ª)

No districto d'esta freguezia, está a serra, ou monte, do *Colcorinho*, (adiante darei a explicação d'esta palavra) e n'ella o magestoso Sanctuario de *Nossa Senhora das Préces*, um dos mais famosos das duas Beiras.[1]

A serra de Colcorinho, tem mais de 200 metros acima do nivel do mar, e como as cordilheiras e montes que a cercam, são de muito menor elevação, d'ella se goza um vastissimo horisonte, em todos os sentidos.

É susceptivel de cultura, por ter bôa terra vegetal e abundancia d'aguas, porém os povos da freguezia não colhem d'ella outros proventos mais do que grande quantidade

[1] Dá-se a estas arvores, o nome de *Zezereiros*, por povoarem quasi exclusivamente as duas margens do *Zêzere*, em uma grande extensão. São muito frondosos, e de folhas permanentes, sempre verdes; muito parecidos com os loureiros, tanto na folha, como na côr; mas de muito maior volume, pois são quasi do tamanho das nogueiras, no seu completo estado de desenvolvimento.

Em outras terras, se dá a estas arvores o nome de *azereiros*, ou *azareiros*. Dá uns cachos de flores brancas, muito odoriferas, e um fructo semelhante aos murtinhos. Diz-se que a sua flor, frita em azeite, tira a vermelhedão do rôsto, e cura as emicraneas.

Em parte alguma ha zezereiros tamanhos, como em Sernache do Bom-Jardim.

[1] Mas, todo o districto administrativo de Coimbra, faz hoje parte da nova provincia do *Douro*.

de carvão vegetal, que exportam para differentes terras, e cujo fabrico, é a principal occupação da maxima parte da gente da freguezia. Ha tambem aqui muita caça, de varias qualidades.

Ao fundo da serra, corre o rio Alva, entre abruptas penedias.

—

No alto d'esta serra, appareceu uma imagem da Santissima Virgem, á qual uns dão o nome de *Nossa Senhora do Colcorinho*, e outros (mais geralmente) *Nossa Senhora das Préces*.

Segundo a lenda, foi esta santa imagem achada por uns pastores, em tempos de que não ha memoria; e dando parte do achado, tratou logo o parocho e o povo de lhe fazer uma edicula, no proprio logar do seu apparecimento; mas, como este sitio era alcantilado e de difficilimo accesso, lhe fizeram nova capella, mais ampla e melhormente construida, em sitio de mais facil subida.

Principiou o povo a ter tão grande devoção com a Senhora das Préces, que passados annos, transformaram a segunda capella, em um vasto e sumptuoso templo, e é o actual. Tambem não consta em que annos se fizeram estas duas mudanças, ainda que a egreja, pela sua architectura, parece não remontar além do seculo 18.º

Este templo está proximo aos logares de *Valle de Maceira*, e *Pomares*, nas faldas da mesma serra, em sítio coberto de estêvas, urzes e outras plantas silvestres, mas apropriada para uma vasta edificação.

Todas as obras d'este magnifico Sanctuario, foram feitas com o producto de avultatadas esmolas e offertas, constantemente feitas á Senhora, que têem dado, não só para a construcção do templo e seus altares, como para alfaias e paramentos riquissimos; e para a edificação de differentes casas, para residencia do capellão e do eremitão, e para aposentadoria do grande numero de romeiros que concorrem aqui, em todas as estações do anno, principalmente no verão.

A imagem da Senhora, não tem mais de 0m,33 (palmo e meio) de alto, mas é de bôa esculptura.

Tanto a capella-mór, como o corpo da egreja, têem as paredes interiores revestidas de formosos azulejos.

Junto á casa da Senhora, ha varias capellinhas, representando differentes *passos* da paixão de Jesus Christo.

Tambem aqui se construiu um formoso chafariz, de cantaria, cuja agua é de optima qualidade.

Os grandes rendimentos (eventuaes) d'esta Senhora, se fossem bem administrados, chegariam, não só para custear as despezas do culto divino — ainda com grande esplendor — e para pagamento dos estipendios ao capellão e erimitão, como tambem para os concertos das obras existentes, e para fazer outras de novo, com a maxima sumptuosidade; porém, á época da *devoção*, succedeu a do *positivismo*, e ás necessidades do culto divino, succederam outras precizões.

As mesas administrativas d'este Sanctuario (com honrosas mas rarissimas excepções) têem cuidado mais dos seus interesses do que dos da Senhora, cujos rendimentos têem sido, em grande parte, absorvidos escandalosamente, em proveito de quem *mais do que ninguem* devia pugnar pela prosperidade do Sanctuario.

Têem sido tão pessimamente administradas as rendas da Senhora, que o sr. D. Manoel Correia de Bastos e Pina, virtuoso bispo de Coimbra, e conde d'Arganil, depois de uma visita pastoral que fez a esta freguezia, em 1875, manifestando as impressões que sentiu, ao vêr os monumentos de devoção, que a piedade dos fieis alli levantou a Nossa Senhora das Préces, lamenta sentidamente o pouco acerto e indisculpavel falta de gôsto que revelam algumas das obras que alli se tem feito, e termina por *lembrar ás auctoridades administrativas, a necessidade de accudirem quanto antes, com as providencias necessarias, sollicitando até uma lei especial, se tanto fôr preciso, para que o Sanctuario de Nossa Senhora das Préces, venha a ser, pela acertada applicação de suas esmolas, não só um monumento de religião e de piedade, senão tambem um padrão de honra e gloria, para toda a provincia da Beira.*

O que vae sublinhado, são as proprias palavras de um periodo da carta que o vene-

rando prelado escreveu ao seu cabido, no dito anno de 1875, depois de visitar este Sanctuario.

—

A paginas 284, col. 2.ª e seguintes, do 1.º vol., tratei da antiga villa de Avô; mas, como depois d'isso pude obter mais algumas noticias, de que não quero privar o leitor, com respeito a esta povoação; as dou n'este logar.

—

A villa d'Avô, está situada em um profundo, porém ameno valle, dividido em trez partes, pelo rio *Alva*, e pela ribeira de *Pomares*, mas ligadas por duas pontes — uma de pedra, de um só arco, mas alta e bem construida, sobre o Alva — e outra de madeira (n'outro tempo tambem de pedra, e denominada de Santo Antonio) junto da qual se confundem as duas correntes.

A villa, dista 9 kilometros de Oliveira-do-Hospital, e egual distancia de Côja e de Penalva d'Alva — 12 de Tábua—egual distancia de Midões—e 20 de Fajão, e de Loriga, e 3 de Gallizes.

Teve juiz ordinario (de vara branca) que era tambem juiz do crime, e dos orphãos.

Teve capitão-mór, e duas companhias de ordenanças.

É provavel que, se esta povoação não existia já no tempo dos romanos, foi edificada no dos godos, e, em todo o caso, é mais antiga do que a monarchia portugueza.

O seu primeiro foral, dado — como disse no vol. 1.º—por D. Sancho I, (no 1.º de maio de 1187) não existe no archivo da camara, por ter sido queimado.

D. Urraca Affonso, primeira donataria d'esta villa, filha bastarda de D. Affonso Henriques, foi casada com D. Pedro Affonso, neto do grande Egas Moniz — e, como não houve filhos d'este matrimonio, passou o senhorio para os bispos de Coimbra, e depois para a corôa.

No centro da povoação, está o seu desmantellado castello, conservando as suas ameias, apenas pelo N. e S.; parte da muralha do E.; e completamente arrazado pelo O.—da torre de menagem poucos vestigios existem. Esta fortaleza foi mandada construir pelo rei D. Diniz, entre os annos 1300 e 1310.

Houve aqui um mosteiro de templarios, do qual ha vestigios, nos cubiculos ou cellas, onde viveram os monges, proximo á capella, que é de architectura gothica.

A collegiada da egreja matriz, deixou de existir, desde a extincção dos dizimos.

Teve uma aula régia, de latim, que foi supprimida em 1834.

Já disse no 1.º vol., que era natural d'esta villa, *Braz Garcia Mascarenhas*, poeta distincto, que foi governador da praça d'Alfaiates (no Riba-Côa) e auctor do *Viriato tragico*.

A companhia de 150 homens, das principaes familias d'estas terras, que Mascarenhas organisou em 1640, para defender a sua patria, era toda de cavallaria; e pela sua bravura, durante a guerra da independencia, foi denominada *companhia de leões*.

No seu poema (canto 15.º, estancia 24, descreve assim, Mascarenhas, a sua terra natal—Avô:

«Os bosques em que está, vê, deleitosos;
A Ceres, loura; e a Flora, jardineira.
Vê nascer, entre os rios, caudalosos,
Nobre villa, em peninsula guerreira;
Que nos trez edificios sumptuosos—
Ponte, castello, egreja — honrando a Beira,
Enobrece Diniz, segundo Brigo,
Nono restaurador do reino antigo.»

—

O extincto concelho d'Avô, era, pelo N.N.O. e N., unido ao de Oliveira-do-Hospital—pelo N.E. e E., ao de Penalva d'Alva, (districto administrativo da Guarda)—pelo E.S.E. e S. E., e S.S.E. como o, tambem extincto, de Loriga (do mesmo districto administrativo da Guarda) — e com o da Covilhan (districto administrativo de Castello Branco) e Fajão —pelo S. e S.S.O., S.O. e O., com o supprimido de Côja, hoje comarca e concelho de Arganil — e pelo O., N.O. e N., como o de Tábua, e extincto de Midões.

—

Duas outras povoações ha bastante notaveis n'este extincto concelho — *Lourosa* (4.º vol., pag. 466, col. 1.ª) e *Villa Pouca da*

Beira; ambas de fundação antiquissima, e que foram capitaes de concelhos.

A egreja parochial de Lourosa, é antiquissima, e de architectura gothica, com dois campanarios.

Além do mosteiro do *Desagravo*, de freiras franciscanas, em Villa-Pouca-da-Beira, do qual tratarei no logar competente, e do templo de Nossa Senhora das Préces, de que fallo n'este artigo, ha ainda, dignos de menção, n'este extincto concelho:

A *Ponte das Trez Entradas*, entre Santa Ovaia e a Aldeia-das-Dés, no ponto onde se junta a ribeira do Alva com a de Loriga.

A serra de *Colcorinho* — em cujo ponto culminante está a capella de *Nossa Senhora das Necessidades*, pela parte inferior da qual, houve uma praça d'armas, e na qual assistia *Colcorinho*, o mais antigo general do Viriato, o herminio.[1]

Ainda ha restos evidentes d'esta praça d'armas. É uma muralha de fórma triangular, e cujas paredes, em partes, têem 2m,64 de espessura.

Mascarenhas, querendo perpetuar a tradição da existencia do tal *Colcorinho*, diz na estancia 41, do 4.º canto do seu poema:

«Colcorinho, o mais velho e mais sciente,
Que o nome a um monte deu, pouco distante
Do Herminio, e pouco menos levantado,
A elle por um C, de serra atado.»

—

A *serra do Açôr* (á qual tambem alguns denominam *d'Açô*, ou *Baçô*) que atravessa a estrada de Coimbra para a Covilhan.

—

A principal industria dos habitantes do antigo concelho d'Avô (bastante montanhoso) é a agricultura, exportando algum milho e pouco vinho.

Era porém susceptivel de grande incremento, pelas muitas ribeiras de que é cortado; não obstante correrem todas em profundos e apertados leitos, e são:

[1] É d'este famoso guerreiro lusitano, da edade média, que a *serra do Colcorinho* tomou o nome.

Ribeira do Piodão — que nasce perto do logar do mesmo nome, e desagúa junto de Vide, na ribeira de Loriga.

Regato da Aldeia-das-Dés — que tambem desagúa na ribeira de Loriga, acima da *ponte das Trez Entradas*.

Ribeira de Loriga—que nascendo proximo á villa de Loriga, desagúa no *Alva*, perto da mesma ponte das *Tres-Entradas*.

Ribeira de Moura — que nasce junto ao povo do mesmo nome, e desagúa na de Pomares, perto da foz do Moura.

Ribeira de Pomares — que nasce junto do logar de *Sobral-Magro*, e desagúa no *Pégo*, do rio Alva.

Rio Alva—que, nascendo na serra da Estrella, nos limites do concelho de *Manteigas*, toca nos de *Cêa*, e Loriga, junto á ermida de *Nossa Senhora do Desterro*. Atravessa os territorios de Sandomil e Penalva d'Alva, passando perto d'estas duas villas, e entra no districto administrativo de Coimbra, por este concelho d'Avô; percorrendo em seguida os de Côja, Arganil e Farinha-Pôdre, e desagúa no Mondego, 24 kilometros ao O. de Coimbra, e pouco abaixo da *Raiva*. (Vide vol. 1.º, pag. 168, col. 2.ª e seguintes.)

Ainda do rio Alva, diz Mascarenhas, no seu *Viriato tragico* (canto 4.º, estancia 90):

«Da altiva Estrella, nasce altivo infante,
Meu patrio Alva, corno d'Amalthea,
Que, em pomos e pescados abundante,
Mais copia cria do que tem de areia.
Em partes mudo, em partes retumbante,
De villa em villa, plácido passeia,
Que todas n'elle tem soberbas pontes,
Para quando, soberbo, investe os montes.»

PRECUDIR — portuguez antigo — açoitar, bater, castigar, ferir, etc.

PREGARÊTAS — portuguez antigo — freiras de S. Domingos (por serem da ordem dos prégadores.)

PREITAR — portuguez antigo—*pagar, pôr, satisfazer*, com direito e justiça.

Ainda hoje em varias provincias de Portugal, se empréga o verbo *prantar*, em vez de *pôr*, ou *pagar*. Já se vê que é corrupção de preitar.

PREITEGAR — portuguez antigo — fazer ajuste, pacto, concerto, etc.—Tambem se dizia *preitejar*, com a mesma significação.

O substantivo, era *preitezia*.

PREITO — portuguez antigo — pleito, demanda, contenda, etc.—(Documento das freiras bentas, do Porto, de 1288.)

PREITO—portuguez antigo—ajuste, convenção, contracto, composição de pagamento. (Documento das freiras bentas, do Porto, de 1359.)

No *Fuero juzgo*, se toma no mesmo sentido a palavra *pleito*, que hoje é exactamente o contrario de concordata, composição, pagamento, etc.

> Já no seculo 14.º, os lettrados costumavam, como hoje, *embrulhar* a mais simples questão do direito, tornando o pleito interminavel; por isso, D. Pedro I, de Portugal, por uma sua carta régia, mandou *que os lettrados e procuradores aprendessem outros officios em que podessem ganhar a vida; para fazer parar o processo infinito do pleito immortal.*
>
> Mathias, rei da Hungria, com pregão publico, mandou expulsar do seu reino todos os advogados, *e logo este ficou em paz e socegado!*

PREITO—portuguez antigo—ainda hoje usado. — Dizia-se *preito e menagem* (ou *homenagem.*)

Os que prestavam *preito e menagem*, tinham obrigação de servir o seu senhor, não só na guerra, mas tambem na paz; assistindo nos tribunaes, como asseçores, para julgarem e decidirem os pleitos e letigios.

PRELADA (quinta da) — junto ao Carvalhido, nos arrabaldes do Porto.

É uma bella, vasta e rica propriedade, com optima casa de residencia.

Pertence a uma das mais nobres familias do Porto, e é seu actual possuidor, o sr. D. Manoel de Noronha, vulgarmente denominado, *D. Manoel da Prelada.*

Esta familia procede do mesmo tronco d'onde descendem os antigos marquezes de Villa-Real—o primeiro, e ultimo, duque de Caminha—marquezes de Angeja—condes de Peniche, dos Arcos, e de Valladares—e outras muitas das mais illustres d'este reino.

Noronha, é um appellido nobre d'este reino. Veiu de Hespanha, tomado da villa de Noronha, nas Asturias. Trouxe-o para Portugal, D. Affonso Henriques, que foi conde de Noronha e *Gijon*. Era filho bastardo de D. Henrique II, de Castella (o que morreu assassinado por seu irmão bastardo, D. Pedro, *o cruel*, que lhe usurpou a coróa, e reinou, sob o nome de D. Pedro I. — Era contemporaneo do nosso D. Pedro I, *o justiceiro*, que alguns escriptores confundem com aquelle.)

D. Affonso Henriques de Noronha, foi casado com D. Isabel, filha bastarda de D. Fernando I, de Portugal.

Fez seu solar na villa de Óbidos (Extremadura portugueza.)

Foi seu filho primogenito, D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa. (Vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª, no fim.)

Os Noronhas têem brazão completo, e é: escudo aquartellado—no primeiro e quarto quartel, as armas de Portugal, com o filete da bastardia, em contrabanda—no segundo e terceiro, em campo de púrpura, castello d'ouro, mantelête de prata, carregado de dois leões, de púrpura, batalhantes — orla de 16 escaques, 8 de ouro, lizos, e 8 de veiros, de azul e prata—élmo de aço aberto—e timbre, meio leão das armas.

A segunda familia d'este appellido, procede do terceiro filho do referido D. Affonso Henriques de Noronha, e de D. Isabel.

Foi D. Fernando de Noronha, ao qual D. Affonso V fez conde de Villa-Real (de Traz-os-Montes.)—Casou com D. Brites de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, segundo conde de Vianna, e da casa d'este ficaram herdeiros aquelles, sob a condição de seus descendentes usarem do appellido e armas dos Menezes, pelo que se lhes alterou o escudo, ficando do modo seguinte: escudo terceado, em palla, e dividido em faxa, formando assim, seis partes — na primeira de ouro, um estóque de ferro (azul) em palla, entre quatro rodéllas, azues—na segunda, quarta

e sexta, de ouro, quatro pallas, de púrpura — na terceira e quinta, de ouro, dois lobos, de púrpura, em palla, e sobreposto, o escudète das armas dos Menezes, modernos.

A terceira familia d'este appellido, procede do quarto filho de D. Affonso Henriques e de D. Isabel—foi:

D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, que usou as armas dos Lencastres.

Tambem foi d'esta familia, D. Miguel de Noronha, conde de Linhares, cujos descendentes usam das armas dos Noronhas e Menezes.

Em nossos dias vêem-se as ârmas dos Noronhas compostas ainda de outros diversos modos, em razão da liga com outras familias.

—

PRÊMA—portuguez antigo—Vexame, angustia, dôr, trabalho, perca, afflicção. Vem do latim *premo*.

PRENHADA—Vide *São Pedro de France*.

PREPOSITO — portuguez antigo — era o nome que se dava n'este reino, aos porta-bandeiras, antes da invasão dos árabes. Os romanos lhe davam o nome de *signifer*. Desde o conde D. Henrique, até ao reinado do cardeal rei, se denominava *alferes-mór;* e depois, até hoje — *porta-bandeira*.

Depois se deu o nome de *proposito*, ao primeiro prelado (uma especie de geral) em um só mosteiro, egrejas, residencias e granjas d'elle dependentes.

PREREGALHA — portuguez antigo—supplica, petição, requerimento, instancia. etc.

PRESAMARCOS—póvos da raça celta, que habitavam junto de *Iria-Flavia*(hoje Padrão) na Galliza.

PRESIDIO — nome de muitas povoações, no tempo dos romanos. Mencionarei aqui as de que pude obter noticias.

Presidio, era o nome da actual freguezia de *Codeçoso do Arco*, annexa á do Ferral. (Vol. 2.º, pag. 313, col. 1.ª)

Era uma cidade, ou, pelo menos, uma povoação importante, fundada pelos romanos. Ficava sobre a via militar, que de Braga hia a Astorga, por Chaves. Segundo o itinerario de Antonino Pio, ficava entre *Salácia* (actual Salamonde) e *Caladuno* (actual Gralhas) a 6 leguas e meia de distancia de uma á outra.

N'esta povoação residia a cohorte que o imperador Tiberio mandou, pelos annos 24 de Jesus-Christo, de guarnição para esta parte da Lusitania.

Em Codeçoso do Arco, ainda no seculo 18.º existia um marco milliar, cuja inscripção dizia, que d'alli a *Aquas-Flavias* (Chaves) eram 42:000 passos, que vem a ser, 6 leguas e 460 passos—a distancia (com differença de 40 passos) que lhe dá o *Itinerario*. Ficava a 11 leguas de Braga.

—

Presidio—era uma povoação que ficava sobre outra das cinco vias militares romanas, de Braga a Astorga, atravessando a serra do Geréz (vide *Geira*.) Tambem é mencionada no referido *Itinerario*. Ficava entre *Nemetobriga* e *Salientes*, 27 leguas de Braga, e já na actual provincia de Galliza, mas então, da chancellaria de Braga.

—

Todos os logares a que nós hoje damos o nome de *Córtes* ou *Castros* — corrupção de *cohortes* e *Castrum*—tambem foram presidios, porque os romanos davam estes nomes aos logares fortificados, onde estabeleciam o quartel de uma cohorte ou legião.

Este presidio, servia-lhes para centro das suas operações guerreiras; para refugio, em caso de necessidade; para guardarem as suas munições; e, finalmente, para terem em segurança os seus prisioneiros de guerra. É talvez d'esta ultima circumstancia, que lhes vem o nome de presidios.

PRESOR—portuguez antigo—aquelle que resgatava certa porção de territorio, do poder dos mouros; porque *presar* era então synonimo de tomar á força d'armas.

O que fazia este serviço a Portugal, ficava senhor das terras que havia reconquistado, sem respeito algum aos antigos e legitimos possuidores, ou seus descendentes; pois que o *direito da guerra* lhe dava o de propriedade, segundo a legislação d'aquelles tempos.

Ao alvará, provisão, ou carta régia que confirmava a posse aos *presores*, se chamava *alvende*. Vide *Souzêllo*.

PRESTAMEIRO — portuguez antigo — dava-se este nome ao que tinha propriedades da corôa, consignadas para a sua congrua e sustentação, ou parte d'ella.

No foral de Bragança, dado em 1187, se diz—*Cavalario, que hi Aprestamo nom tover, nom peite Luitosa. E quem Aprestamo tover, e filhos ouver, nom peite Luitosa, nem tolliam a seus filhos o Apréstamo.*

Depois, se chamou prestameiro ao que tinha uma pensão sobre qualquer *prestimonio*, ou *aprestimo*, tirada de algum beneficio, com, ou sem obrigação de resar o officio divino.

Tambem se dava o nome de prestameiro, ao que recebia os fóros ou pensões dos prestamos, ou aprestamos.

PRÉSTAMO, APRÉSTAMO, PRÉSTEMO e (mais vulgarmente) **PRÉSTIMO**—era a consignação de certa quantidade de fructos ou dinheiro, imposta em alguma propriedade, e destinada para sustento de uma pessoa ou pessoas; ou a qualquer instituição de caridade; ou para qualquer obra, de utilidade publica.

A muitas propriedades sujeitas a esta pensão, se dava o nome de *Préstamo*, que ainda hoje se conservam.

Na jurisprudencia ecclesiastica, se dá o nome de *prestimonio* (o mesmo que *préstamo*) á porção tirada para sempre, dos rendimentos de um beneficio, para ser applicada a qualquer individuo, secular ou ecclesiastico; hospital, collegio, armadas contra os infieis, etc.

—

Vê-se do *Tombo do áro*, de Lamego, que o rei tinha alli muitos prestamos. No mesmo tombo (de 1346) a fl. 2, se diz—*O Alcaide do Castello de Lamego hade haver em cada hum anno, no tempo quando malhão os pães, de quantos Casaes El-Rei ha no Préstemo de Magueija, senhos feixes de colmo, de 6 colmejros o feixe, e senhos feixes de gésta negral grande, para colmarem as casas do Castello: Salvo de dous Casaes d'esse lugar, que são izentos; porque são Mordomos foreiros, e correm a terra por El-Rei, em cada um anno; e salvo dos Casaes da Matança, que dão colmo, e não dão gésta.*

Em muitos documentos, não só do principio da nossa monarchia, mas ainda muito anteriores a ella, se dá ao prestamo, o nome de *atondo*.

Na casa da *Penacha*, no bispado de Lugo, se achou um documento original, datado do 1.º de maio de 867 (no reinado de D. Affonso, o magno) e por elle consta que *Sabarico*, ultimo bispo de *Dume*, junto aos muros de Braga, vendo esta cidade e toda a sua diocese, destruida pelos serracenos, se dirigiu a Flaviano, bispo de Lugo e lhe pediu, em *prestamo, para seu vestido e sustento*, as egrejas que existiam no condado de Monte-Negro, desde o rio *Eume*, até ao rio *Euve*, e desde o nascimento do rio Minho, até á costa do mar; sob a condição de as possuir *só pelo tempo que fosse do agrado do Flaviano*—e que este ou seus successores, as poderiam rehaver quando quizessem, sem se poder allegar prescripção de 30 ou mais annos, e sem demanda judicial.

Ainda Sabarico (ou Savarico) se obrigou a hir todos os annos á cathedral de Lugo, com o clero e povo d'aquellas egrejas, no dia da Assumpção de Nossa Senhora, levando ao bispo a *reconhecença* de 100 congros, e assistindo, com cirios e oblações, áquella festa.

Sabarico, fez o seu assento em uma povoação, então chamada *Minduniêto*, e hoje *Mondonhêdo*, e alli exercia todas as funcções episcopaes.

Segundo a *Hespanha Sagrada*, foi d'este modo que teve principio o bispado de Mondonhêdo (Mondonêdo) transferindo-se para aqui o de Dume.

Sendo assim, do que não ha uma prova incontestavel, teve Dume trez bispos—S. Martinho, Rodezendo (ou Rozendo) e Sabarico. Veja-se o que digo no 2.º vol., a pag. 490, col. 1.ª

PRESTANÇA — portuguez antigo — fazer prestança, era o mesmo que tratar com carinho, sollicitude, etc.

PRESTE — portuguez antigo — sacerdote. É contracção de *presbyter*.—Tambem se dizia *prestes*.

PRESTIMO—portuguez antigo—o mesmo que *prestimonio*. Vide *Prestamo*.

PRESTIMO—freguezia, Douro, comarca, concelho e 15 kilometros a E. N. E. d'Agueda (foi da mesma comarca mas do concelho do Vouga) 54 kilometros ao N.O. de Coimbra, 30 ao N.E. d'Aveiro, 255 ao N, de Lisboa, 220 fogos, em 1757, tinha 116.—Orago S. Thiago, apostolo. Foi até 1774 do bispado de Coimbra, e desde então, é do bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O reitor de Vallongo do Vouga, apresentava o cura, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os fructos do nosso clima.

Foi villa, da provedoria d'Esgueira, e cabeça de couto, sendo seu donatario, em 1710, D. João de Mello (o da Boa-Vista) que o era egualmente da villa de Serem.

D. João de Mello, era commendador da ordem de Christo. Este senhorio e o de Serem, lhes trouxe em dote, sua mulher, D. Isabel Soares, filha de Miguel Soares de Vasconcellos, e de D. Maria Pacheco de Mello. Este D. João era da casa dos Mellos, senhores da Trofa e Eirol. Os actuaes representantes, por varonia, d'esta familia, são os filhos de Sebastião de Castro Lemos, da casa do Covo, junto a Oliveira d'Azemeis; que ainda aqui (Eirol e Trofa) possuem prazos, foros e propriedades.

—

Na aldeia dos *Ferreiros*, d'esta freguezia, está a antiga ermida de *Nossa Senhora das Neves*, cuja padroeira é festejada a 5 de agosto.

Tambem n'esta aldeia de Ferreiros, havia uma alta e antiga ponte, de um só arco, que ainda existia quando o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia. Foi destruida por uma enchente, no fim do seculo 18.º

Não se sabe quando nem por quem foi fundada; mas, com certeza já existia em 1562, pois d'esse anno é a data de um calix que foi offerecido a esta Senhora.

—

Na aldeia de *Cambra*, tambem d'esta parochia, está a capella de *Nossa Senhora de Nazareth*, cuja festa se faz a 15 d'agosto, e foi antigamente uma das maiores e mais sumptuosas d'estes sitios, hindo em visita á ermida, o parocho da freguezia, com o povo d'ella, em solemne procissão.

É templo muito antigo, mas tambem se ignora a data da sua fundação, e o nome do seu fundador.

A povoação está situada a 1:500 metros ao S.O. da margem esquerda do rio *Alfusqueiro* (vol. 1.º, pag. 119, col. 2.ª no fim.)

A 5 kilometros ao N. d'esta freguezia, nasce o Marnel (vide esta palavra.)—Depois de algumas voltas, passa um kilometro ao N. da Trofa, e entra no Vouga, com um curso de 15 kilometros.

PRÉSTIMO—aldeia, Extremadura, termo, concelho, comarca, e districto administrativo de Santarem. Nada tem de notavel (que eu saiba) senão ter sido couto, e ser terra fertil em cereaes e azeite, cujos generos exporta.

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 6 de fevereiro, de 1514. *(Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 88 verso, col. 1.ª)

Este foral serve tambem para — Cernada, Maçans, Macida, Póvoas-Novas, Soutella, Valle de Lodo, Villarinho, e Urgeira.

PRESURIA, ou **APRESURIA** — portuguez antigo — conquista, ou reivindicação, feita com mão armada. Entendia-se pela restauração das terras que se tiravam do poder dos mouros.

Tambem depois se dava o nome de *presuria*, á prêza d'agua, açude, motta, levada, etc.

PRETAROUCA, ou **PERTAROUCA**—Vide *Bertarouca*.

PRETO—portuguez antigo—era o nome que se dava ao real de cobre (*real preto.*)—Ao de prata, chamavam *real branco*. O real branco, valia seis ceitis. Dez pretos faziam um real branco.

Esta moeda é coeva da constituição da nossa monarchia.

Prêto, é tambem um appellido nobre em Portugal, procedente de alcunha. O primeiro que d'elle usou, foi Gonçalo Peres Preto, vassallo de D. João I. Os Pretos, de um ramo, usam das armas dos Negros: outros trazem por armas—em campo d'ouro, cinco coticas negras, em faxa—timbre, um braço negro, com um bastão de ouro na mão.

Parece que os appellidos *Prêto*, *Negra*, *Negraes*, *Negrão*, *Negreiro*, *Negrilho*, e *Negro*, procedem todos do mesmo tronco.

Os *Negras*, traziam por armas—em campo de prata, 3 flores de liz, azues, em roquête—chefe de púrpura, carregado de quatro *girões* [1] de prata.

Os *Negraes*, usavam das armas dos Negreiros.

Para armas dos *Negrões*, vide *Ancêde*.

Os *Negreiros*, traziam por armas—escudo esquartellado—o 1.º e 4.º quartel, coticado, em palla, de ouro e azul, de 6 peças—o 2.º e 3.º, escaquetado d'ouro e azul, de 6 peças em faxa e 6 em palla. Elmo de aço aberto: e por timbre, meio leão azul, carregado de 3 pallas d'ouro.

Os *Negrilhos*, traziam por armas — em campo azul, banda de púrpura, filetada de ouro, carregada de 6 cruzetas do mesmo, entre 4 flores de liz, de ouro, duas de cada lado.

Os *Negros* [2] usavam das armas dos Negreiros, porem o timbre era um braço negro, pegando em uma palla, ou bastão de ouro.

Note-se porem que os *Negronos*, não procedem de nenhum dos appellidos antecedentes. Foi um genovez, cujo nome se ignora, que o trouxe da Italia para Portugal.

Os Negronos tinham por armas—em campo de prata, 3 pallas de negro—élmo de aço aberto, timbre, meio leão d'ouro.

PRETOR—O mesmo que *alcaide-mór*. Era senhor absoluto dos castellos e terras que o rei lhe entregava, com poderes, não só militares, mas tambem civeis e crimes.

Podia nomear um *alcaide-menor*, que tinha obrigação de residir constantemente no castello da alcaidaria. (Vide *Travanca*—de Mangualde.)

PREZ—portuguez antigo—preço ou avaliação de qualquer cousa. Doc. do seculo 13.º

Era tambem synonimo de agilidade, presteza, desembaraço, rapidez, etc.

PRIA—antiga povoação da Lusitania, na chancellaria de Braga, quatro leguas adiante de *Aquas Celenas*. Ignora-se se deixou de existir, ou se tem hoje outro nome.

PRIGOM—portuguez antigo—prisão; mas *prigom de Deus*, significava doença grave, sem esperança de cura—«*Eu, Johão Duraens, jazendo na* prigom de Deos, *faço em esta guiza, minha manda.*» (Doc. da Sé de Lamego, de 1316.)

PRIMARIÇAS—portuguez antigo—as primeiras lampreias que se pescavam (Vide *Sevêr*, do Vouga.)

PRIME—aldeia, Beira Alta, comarca, concelho, districto administrativo, bispado, e 6 kilometros de Viseu.—É povoação muito antiga, pois já existia no reinado de D. Affonso Henriques.

D. Sancho I, doou a Martinho Salvador, e sua mulher, Sancha Pires, em 1207, a sua *quinta de Villa-Mean, junto a Prime, no termo de Viseu*. (Vide *Villa-Mean*, aldeia junto a Prime)

Foi feito primeiro barão de Prime, em 10 de maio de 1837, Luiz Loureiro de Queiroz Cardozo do Couto Leitão.

Em 19 de maio de 1860, foi feito barão do mesmo titulo, o sr. José Profirio de Campos Rebello. E, em 4 de maio de 1870, foi elevado a visconde do mesmo titulo.

Manoel de Loureiro de Queiroz Cardozo, senhor da casa de Prime, e capitão-mór de Viseu, nasceu a 31 de março de 1749, e falleceu a 2 de março de 1828. Era casado com D. Maria de Mesquita de Loureiro Souza Cardozo (fallecida a 6 de agosto de 1839) filha de Simão de Mesquita Cardozo do Amaral Loureiro Castello Branco, e de D. Sebastiana Joaquina Peregrina da Silva.

Tiveram seis filhos (Luiz, Gonçalo, D. Ma-

[1] *Girão de terra* (portuguez antigo) suppõe-se ser o a que nós hoje chamamos *leira*, ou *glêba*, talho, etc.—«*Item — um talhinho, feito com um girão.*» (Doc. de Grijó, do seculo 15.º)

Girom, ou *Jirom*, porem, não era a mesma cousa: significava a roda do vestido. «*De um pellote singello de girões, 20 réis, e singello sem girões, 15 réis.*» (*Livro Vermelho*, de D. Affonso V, n.º 51.)

[2] Alguns escriptores suppoem que os Negros não procedem dos Pretos, mas de *Cecilio Negro*, intrepido capitão dos lusitanos, que existiu entre os annos 40 e 20, antes de Jesus Christo, no tempo do imperador Augusto.

ria Rita, D. Maria Rufina, D. Sebastiana, e Francisco.)

O primeiro d'estes filhos (Luiz) é que foi feito primeiro barão de Prime. Era commendador da ordem de Christo, e foi administrador geral, interino, do districto de Viseu.

Nasceu a 20 de outubro de 1785, e succedeu na casa de seu pae, em 2 de março de 1828.

A quinta, ou viscondado, de Prime, é uma vasta e rica propriedade, com optima casa de residencia, e uma linda capella, dedicada a Nossa Senhora das Dores, á qual os proprietarios da quinta fazem uma sumptuosa festa, com grande arraial, no ultimo domingo d'abril.

PRIMEIRA FÉRIA—portuguez antigo—*Domingo.*

PRIMIÇERIO, ou **PRIMICLERO** — portuguez antigo—hoje diz-se—*chantre* (dignidade de uma Sé.) Chantre, é synonimo de *cantor.*

PRINCIPE—do latim *primum caput*, se disse *princeps*, de que os portuguezes fizeram *principe.* Aos imperadores de Roma, se principiou a dar este titulo, que depois se veio a estender a todos os reis, e mais tarde, aos seus primogenitos.

D. Affonso Henriques, antes de 1139, se intitulava, ora principe, ora infante, e em alguns documentos, *duque dos Portuguezes.*

É érro dizer que elle só se intitulou rei, depois de ser acclamado como tal, pelo exercito portuguez, nos campos de Ourique, em 25 de julho de 1139. Já no foral que deu a Penella (junto a Coimbra) em 1137, se diz rei; e do mesmo titulo usa em outros documentos anteriores áquelle dia glorioso.

Tambem antigamente se deu o titulo de principe, ao senhor de um vasto territorio ou comarca, no qual tinha poderes quasi magestaticos. Vinha a ser o mesmo que *rico-homem, potestade, maiorino,* ou *tenente.* (Vide *Salzêdas)*

PRINCIPE DA CURIA ou **MÓRDOMO DA CURIA** — corresponde ao actual *mórdomo-mór* do paço.

PRIOL e **PRIUL**—portuguez antigo—*prior.* —Temos na comarca de Pondá (India) uma povoação chamada *Priól.*

PRIORADO DO CRATO—Alemtejo.—A ordem de Malta ou de S. João de Jerusalem, é tão antiga em Portugal como a nossa monarchia.

Em 1099, Gerardo de Martigues, primeiro reitor de um hospital fundado annos antes em Jerusalem, separou-se dos religiosos de Santa Maria Latina, para formar ordem á parte, sob o nome de *Irmãos do hospital de S. João de Jerusalem.*

Divididos os hospitaleiros em tres classes—nobres, sacerdotes, e irmãos serventes, e perdida, para o dominio christão, a cidade santa, recolheram-se a S. João de Acre.

D'ahi foram estabelecer-se na ilha de Rhodes, até que Carlos V lhes concedeu a ilha de Malta.

Em Portugal a ordem, logo que foi admittida, constituiu-se em priorado separado, e os cavalleiros que d'elle tinham o governo, chamados primeiro *Priores do Hospital*, tiveram mais tarde o nome de *Priores do Crato.*

Em 1790, a rainha D. Maria I ordenou que a administração do grão-priorado do Crato ficasse para sempre unida e encorporada á casa do infantado.

O priorado de Portugal tinha vinte e cinco commendas, que rendiam 33:000$000 réis.

Os grão-mestres da ordem, eram, na maior parte, de França. Houve comtudo quatro portuguezes, D. Affonso de Portugal, filho natural de el-rei D. Affonso Henriques, D. Luiz Mendes de Vasconcellos, D. Antonio Manuel de Vilhena, e Manoel Pinto da Fonseca.

As commendas foram abolidas pelo § 3.º do decreto da extincção dos dizimos, de 30 de julho de 1832.

Todos os outros direitos, jurisdicções e regalias, foram extinctos por diversas disposições legislativas.

Vide *Crato*, para tudo o mais que se desejar saber com respeito a ordem de Malta.

PRISCOS—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos—em 1757, tinha 93.—Orago, S. Thiago, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

O abbade de Priscos, tornou-se célebre em 1846, por formar uma guerrilha realista, que se uniu ás tropas de Macdonell.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado, que exporta.

Foi senhor d'esta freguezia, D. Gomes Paes de Priscos, irmão do famoso mestre dos templarios, D. Gualdim Paes de Marecos, e filho de D. Payo Ramires e de D. Gertrudes Soares (da casa dos Correias, do Farelães.)

Em 13 de junho de 1852, Maria da Costa, mulher de Manoel Carneiro, d'esta freguezia, deu á luz, de um só parto, quatro creanças, dois varões e duas femeas, que todas foram baptisadas, mas tiveram poucas horas de vida.

—

No dia 12 de novembro de 1876, deu-se n'esta freguezia um facto digno de menção.

Ou por desarranjo mental, ou por um grande acto de desespero, um fogueteiro d'aqui, por alcunha *o Méchas*, disse, na tarde d'aquelle dia, á mulher e aos filhos, que sahissem de casa, porque estava resolvido a lançar fogo a quanta polvora havia n'ella.

A familia, e alguns visinhos, que accudiram aos seus gritos, agarraram-se ao alucinado fogueteiro, e por algum tempo poderam obstar a que elle effectuasse o seu intento.

Fingindo-se arrependido, disse que desistia do seu proposito; mas, apenas viu todos fóra de casa, pegou em um tição, e o atirou ao meio do monte de polvora (oito arrobas!) a qual fez tão grande explosão, que assustou toda a freguezia. A casa voou pelos ares; mas dando-se a circumstancia de ninguem ficar ferido.

O incendiario foi preso.

PRIZ (São)—freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle-de-Vez, 24 kilometros a O.N.O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 150 fogos—em 1757, tinha 103.—Orago, S. Thiago apostolo. (O seu primeiro orago, foi S. Priz, ou Prisco.) Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os senhores da Barca apresentavam o abbade, que tinha 480$000 réis de rendimento annual. [1]

É terra muito fertil.

Vulgarmente, dá-se a esta freguezia o nome de *Sanpriz*, e no foral de Nóbrega, se lhe dá o nome de *Sanprins*.

Ha n'esta freguezia, um alto monte, inaccessivel por um lado, e de difficil accesso pelos outros. Limita por esta parte, o concelho da Ponte da Barca.

Na corôa do monte, se veem as ruinas do famoso *castello da Nóbrega*, fundado no tempo do conde D. Henrique, ou no de seu filho D. Affonso I.

Segundo a tradição—D. Ourigo (ou Eurigo) cognominado—*o velho da Nóbrega*—era um fidalgo tão nobre pelo sangue, como distincto pelas acções de extremado valor que praticou contra os mouros. Foi elle o primeiro alcaide-mór do castello da Nóbrega, e d'elle procedem as illustres familias de appellido *Nóbrega*.

(Vide 6.º vol., pag. 102, col. 1.ª e 2.ª)

PROCISSÃO DOS FERROLHOS—Em 1599, grassou em Lisboa, e na maior parte do reino, uma terrivel peste.

O senado da camara de Lisboa, fez voto de levar todos os annos uma procissão, que, sahindo da egreja de Santo Antonio da Sé, pela meia noite, se dirigisse ao templo de Nossa Senhora da Penha de França, e, depois d'ahi haver missa cantada e sermão, regressasse ao amanhecer, á egreja d'onde sahira. A peste cessou, e logo no mesmo anno, a 5 d'agosto, se fez a primeira procissão.

[1] Rodrigo Fernandes, abbade d'esta freguezia, fez d'ella doação (12 de abril de 1190) ao convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) do logar do Crasto, de Villa Nova da Muhía; e n'elle professou. Vide *Crasto*, vol. 2.º, pag. 437, col. 1.ª, no fim, e seguintes.

O rapazio hia adiante da procissão, e batia em todos os *ferrôlhos* das portas, para acordar os que não estivessem a ellas, e d'isto se deu a esta solemnidade, o nome de *procissão dos ferrôlhos*, que sempre conservou, até ser, ha poucos annos, supprimida; porém a camara continua a cumprir, em parte, o antigo voto, fazendo todos os annos uma sumptuosa festividade a Nossa Senhora da Penha de França.

PROCONSUL—Durante a dominação romana, em quasi toda a Europa, e parte da Asia e Africa, havia duas qualidades de proconsul—um que era constitutivo, e fazia parte do imperio supremo dos imperadores, e este logar, antes de Marco Aurelio, só se dava aos collegas no imperio, e se deu a Néro, sendo cesar.

O outro proconsul não era perpetuo, e só tinha dominio fóra de Roma, e se dava muitas vezes, aos que eram puramente cesares, e em virtude do poder tribunicio.

PROEIRO, ou **PLOEIRO**—portuguez antigo—arraes. Tambem se chamava *alcaide do navio*.

PROENÇA A NOVA—villa, Beira Baixa, capital do concelho do seu nome, na comarca da Certan, grão-priorado, e 54 kilimetros do Crato, 180 ao S. E de Lisboa, 900 fogos em 1757, tinha 104 fogos.—Orago Nossa Senhora da Assumpção. Está, desde 1834, unida, no ecclesiastico, ao patriarchado de Lisboa, como todas as mais parochias do grão-priorado, e da prelazia de Thomar. Districto administrativo de Castello-Branco.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Cortiçada*, e era uma das 12 villas do grão-priorado. Depois se chamou *Villa Melhorada*, e desde o foral novo, que lhe mudou o nome, é que se ficou chamando *Proença a nova*.

O grão-prior do Crato, da ordem de Malta, apresentava o vigario, que tinha 180 alqueires de trigo, 150 de centeio, 4 cantaros de azeite, 40 almudes de vinho cru, e 8$000 réis em dinheiro—o que tudo andava por 200$000 réis.

Ainda que seja povoação mais moderna do que Proença a Velha, é todavia muito antiga.

O seu concelho é composto de 4 freguezias—Esteval, Peral, e Proença a Nova, no grão-priorado do Crato—e Sobreira-Formosa, no bispado de Castello-Branco — todas com 1100 fogos.

—

Tem feira a 24 de agosto, trez dias.

—

A egreja matriz, era collegiada, com lois beneficiados e um thesoureiro.

Tem Misericordia e hospital, com poucos rendimentos.

O seu primeiro foral, lhe foi dado em 26 de setembro de 1242. *(Livro segundo de doações de D. Affonso III*, [1] fl. 37.*)*

D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, S. 17 verso, col. 2.ª)

—

É terra muito fertil em todos os generos do nosso paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.

PROENÇA A VELHA—villa, Beira Baixa, comarca, concelho, e 13 kilometros ao N. de Idanha a Nova, 20 ao S. de Penamacor, 12 ao O. de Monsanto, 40 ao N.E. de Castello-Branco, 248 ao E. de Lisboa, 220 fogos—em 1757, tinha 163.—Orago, Nossa Senhora da Silva.—Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha de rendimento annual 80$000 réis, e o pé de altar.

É povoação muito antiga, e senão do tempo dos romanos, pelo menos do dos godos.

D. Sancho I a deu a D. Pedro Alvitis, mestre da ordem do templo, e aos seus *frades*,

[1] Se a data do foral velho, é a que lhe dá Franklim, não foi D. Affonso III, que lhe deu, mas seu irmão e antecessor, D. Sancho II, que reinou desde 1223 até 1245, anno em que foi expulso do throno, hindo morrer a Toledo, em 4 de junho de 1248, na edade de 46 annos, sem patria, sem corôa, e sem esposa.

O mesmo Franklim, tratando do foral de Proença a Velha, diz que o foral de Proença a Nova, foi dado pelo prior do Hospital, em março de 1244. Não sei quando fallou verdade.

que lhe deram foral, em abril de 1218. (Gaveta 11, maço 8, n.º 47.)

D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510 (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 25 verso, col. 1.ª)

Tanto no foral velho como no novo, foram dados a esta villa, todos os privilegios, isenções, foros, usos e costumes já concedidos a Idanha a nova.

Está esta freguezia situada em uma planicie, banhada do lado do N. pelo rio *Torto*, aqui atravessado por uma bôa ponte de pedra, muito antiga.

—

No termo d'esta villa, e a 3 kilometros de distancia, está a capella de *Nossa Senhora da Granja*, cuja imagem foi achada em uma granja que aqui havia, pertencente aos templarios.

Tanto a ermida, como a imagem da sua padroeira, são antiquissimas, mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

Foi este sanctuario muito concorrido, até 1311, em quanto esteve em poder dos cavalleiros do Templo, mas sendo esta ordem então supprida, só algum devoto cuidava da conservação da ermida, que, ainda assim era muito visitada, aos sabbados, por bastantes romeiros, até ao meiado do seculo 18.º—Hoje está em ruinas.

—

Proença, é um appellido nobre em Portugal. O primeiro que se acha com elle, é João de Proença, que foi sepultado na egreja da Sé, de Lisboa, e na sua sepultura se viam as armas seguintes: — escudo dividido em palla—na primeira, de púrpura, uma aguia negra, de duas cabeças; golada, armada, bicada e membrada [1] de ouro — na segunda, d'azul, cinco flores de liz, d'ouro, em aspa. Timbre, meia águia, de uma só cabeça, bicada de ouro.—Parece que o tronco d'esta familia veio de Provença (França) em vista das flores de liz de que usam.

—

No 1.º de julho de 1863, foi feito barão de Proença a Velha, o sr. José de Menezes Pitta de Castro, general de brigada, reformado, residente na villa de Penamacor. É irmão do sr. doutor, Rodrigo Pitta de Menezes e Castro, par do reino. (Vide *Caminha*.)

—

Em 8 de maio de 1866, foi feito visconde de Proença a Velha, o sr. Antonio de Gouveia Osorio de Vasconcellos.

—

O termo d'esta villa, é bastante fertil em todos os generos agricolas do nosso clima: cria muito gado de toda a qualidade, e os seus montes são muito abundantes de caça, grossa e miuda.

—

Não me consta que existam aqui vestigios de monumentos de outras éras; provavelmente, foram destruidos pelo povo ignorante, e por falta de cuidado das camaras.

PROFEITO — portuguez antigo. Proveito —(Doc. de 1285.)

PROL, **PROE** e **PROHE** — portuguez antigo—utilidade, conveniencia, proveito, etc.

PROL-FAÇA—portuguez antigo—que lhe preste, que lhe faça muito bom proveito, que seja para bem.

PROMESSA — portuguez antigo — certa pensão arbitraria que o colono ou emphyteuta promettia ao mórdomo do senhorio. Quasi sempre estas *promessas*, que eram voluntarias, se tornavam obrigatorias com o tempo.

PROPRIOS — certas rendas dos direitos reaes, no Algarve.

PROSTIMEIRA — portuguez antigo — fim, remate, termo da vida.

PRÓVA—portuguez antigo—purgação canonica, ou vulgar.

PRÓVA, ou **PÓVERA**—Minho, casa antiga e nobre, na villa da Barca (ou Ponte da Barca.)—Está hoje unida ás das *Chozas*, e *Sá*. Pertence á illustre familia dos Araujos e Azevedos.

Foi senhor da casa da *Próva*, Francisco

[1] Os que desejarem saber a significação de todos os termos da arte da armaria, podem recorrer á bibliotheca publica de Lisboa, onde acharão uma obra manuscripta, em 7 volumes de 4.º, intitulada *Thesouro heraldico de Portugal, ou tratado da armaria portugueza, e arte de brazonar os escudos dos reis e familias nobres d'este reino*, por Antonio José Vaz Velho.

Antonio d'Araujo e Azevedo, do conselho de el-rei, brigadeiro dos reaes exercitos, commendador da Ordem de Christo, fidalgo da casa-real e capitão general do archipelago dos Açores. Era irmão de Antonio d'Araujo e Azevedo, primeiro conde da Barca, ministro e secretario d'estado, embaixador plenipotenciario á côrte de França—e de João Antonio d'Araujo e Azevedo, commendador de S. Pedro do Sul, e conselheiro da fazenda. (Vide *Ponte da Barca.*)

PRÓVA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Villa Nova de Foz-Côa, concelho da Meda (foi da comarca e concelho da Meda) 48 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 120 fogos—em 1757, tinha, 106.—Orago, S. João Baptista.—Bispado de Lamego districto administrativo da Guarda.

O abbade de S. Pedro de Penedôno, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil em cereaes e fructos, mas abundante de gado e caça, de varias especies.

O nome d'esta freguezia, não vem de *Prova*, purgação, ou da palavra seguinte, mas é corrupção de *Póbra*, que no antigo portuguez era o mesmo que *Póvoa*—povoação.

PRÓVA DO FERRO-CALDO (ferro em braza)—**DA AGUA FRIA**—e da **AGUA QUENTE**—Desde tempos remotissimos, até ao seculo 14.º, a pessoa accusada de qualquer delicto, desafiava o seu accusador, para uma d'aquellas *provas*. Se o supposto criminoso sahia incolume da *próva*, era o accusador julgado calumniador; mas, se succumbia, era tido como culpado.

A *prova de ferro caldo*, consistia em levar um ferro nas mãos, até certa distancia, ou pôr os pés nus sobre elle, por tempo determinado, sem que isto lhe causasse o menor mal.

A *prova da agua fria*, era beber certa quantidade, sem depois se sentir incommodado—e, em fim—a *próva da agua quente*, consistia em metter uma, ou ambas as mãos em agua a ferver, sem se queimar.

Parece que antigamente se havia descoberto alguma preparação chimica que preservava a pelle do effeito do fogo, visto que tantos individuos se submetteram impunemente a esta prova. Ou então, tudo quanto vemos narrado por escriptores antigos, com respeito a semelhantes provas, não passa de patranhas — o que não é verosimil.

Tinham logar estas provas, quando era impossivel produzir testemunhas do facto criminoso.

Dava-se a esta prova o nome de *purgação canonica*, ou *purgação vulgar;* e mais commummente *juizo de Deus!*

Note-se porém, que esta prova só era admittida ás mulheres, aos velhos e ás creanças, que não podiam combater em duello; aos mais, as armas, em combate singular, é que decidiam a questão.

O *juizo de Deus*, ou a *purgação*, fazia prova plena em juizo para todos os effeitos.

Desde o seculo 8.º até ao 13.º, são infinitos os exemplos que se referem d'esta superstição.

Antes da prova, os que se offereciam a ella, jejuavam rigorosamente trez dias, e depois de confessados e sacramentados, é que *provavam.*

Tambem se faziam varias preces, bençãos, orações, exorcismos e aspersões, por um sacerdote; e antecipadamente, se marcava o peso do ferro, a distancia que com elle se devia precorrer, ou o tempo que os pés deviam estar sobre elle.

Se a prova era d'agua fria, a quantidade que devia ser bebida—e se era d'agua a ferver, o tempo que as mãos n'ella deviam estar.

—

Estava tão introduzido e tão generalisado este absurdo e barbaro costume em toda a Europa, que só á força de repetidas censuras a excommunhões dos papas e dos concilios, é que pôde acabar, e mesmo assim, levou muito tempo antes de se extinguir totalmente.

Com o *juizo de Deus*, pelo duello, deu-se o mesmo, porem esse nunca se pôde extinguir de todo, e ainda hoje se pratica o ana-

chronico disparate de entregar á sorte das armas (isto é—ao mais destro, ou mais feliz—que é sempre o vencedor) a vingança dos insultos (muitas vezes imaginarios) que nos fazem: porém isto não é ainda o mais absurdo do caso, mas o seguinte:—Um individuo vê-se ultrajado por outro, e desafia-o. O queixoso, morre, ou é ferido no combate, e, em qualquer d'estes casos, o offensor julga-se *desafrontado* (!) porque *apagou a nódoa da sua honra, no sangue do adversario!*—De modo que o infeliz que soccumbiu, ainda que a offensa que soffreu fosse das mais affrontosas, é o que não tinha razão; e o calumniador, o adultero, etc., fica tido por homem de bem, porque venceu!!! —É até onde póde chegar a cegueira.

A questão do duello, dava materia para um grande volume; porisso, fico por aqui; apenas direi que, em Portugal, ha muitos annos (felizmente) os duellos, com excepção de um (vol. 1.º, pag. 337, col. 1.ª principio) não teem passado de uma comedia, que enche de ridiculo eterno os protogonistas, e, muitas vezes, as proprias testemunhas.

—

Junto ao sepulchro de D. Garcia Martins, bailio de Leça, e grão-commendador de Malta nos cinco principaes reinos da peninsula (Portugal, Castella, Leão Navarra, e Aragão)[1] aconteceu, no seculo 15.º, o caso seguinte, relatado na *Historia de Malta.*

Um ferreiro, morador nas visinhanças do mosteiro, accusou sua esposa do crime de adulterio, com provas que pareciam plausiveis. A triste não podia provar, de um modo evidente, a sua innocencia. Então, em ultimo recurso, implora a protecção do santo D. Garcia, e fiada n'ella, põe um ferro de arado em braza, e com elle nas mãos foi orar a sua sepultura, sem que o contacto do ferro candente lhe causasse o minimo soffrimento. D'este modo foi por todos julgada como mulher honesta, e proclamada a sua innocencia. [1]

Muitos factos identicos, são referidos nas nossas historias, e custa a crer que todos sejam patranhas.

Frei Antonio Brandão, diz *(Monarchia Lusitania,* tom. 3.º) que no real mosteiro de Arouca se conserva a doação que D. Thereza Soares, fez áquelle mosteiro, em 1254, e n'ella (doação) se diz—que, desconfiando seu marido da honestidade de D. Thereza, e accusando-a de adulterio, ella não permittiu que seus parentes—que eram dos mais honrados de Riba-Douro—defendessem a sua innocencia, por *desafio,* mas quiz ella mesma proval-a pelo *ferro quente,* na cidade de Braga. O marido, satisfeito com esta *prova evidente,* se lhe lançou aos pés, mas ella lhe virou as costas, e acompanhada dos seus parentes, se recolheu ao mosteiro d'Arouca, onde acabou seus dias, na oração e penitencia, doando ao convento alguns de seus bens, e deixando o resto a tres filhas e um filho, que havia de seu marido.

Não cito mais factos d'esta natureza, para não fazer o artigo aborrecido, visto que todos veem a ser quasi identicos: sómente direi que, em muitos casos, os frades remiam da próva, mediante alguma doação ou esmola ao seu mosteiro.

Em 1083, se fez uma carta de venda ao mosteiro de S. João d'Alpendurada, e o preço da herdade vendida foram—trez quarteiros de milho, uma capa de burel, um ca-

[1] Este grande vulto da nossa historia, tinha tanto de extremado cavalleiro, como de perfeito religioso. Nasceu pelos annos de 1240, e falleceu, com opinião de santo, no seu mosteiro de Leça do Bailio—onde jaz, em nobre sepultura—no 1.º de janeiro de 1306.

Em 1598, abrindo-se a sua sepultura, foi seu corpo achado sem corrupção, vestido com todas as armas de cavalleiro de Malta, e com o manto militar da sua ordem, tudo incorrupto.

Na capella do grão-mestre, na ilha de Malta, se vê o retrato do heroe portuguez, entre os dos santos da ordem, e como tal é venerado.

[1] O ferro que justificou a supposta adultera, se conservou com todo o cuidado na egreja d'este mosteiro, de Leça, até 1834, em memoria de tão grande maravilha.

N'este caso, não diz a historia que precedessem as ceremonias prévias, de confissão, penitencia, obluções, etc.—Talvez a pressa de justificar-se não desse á mulher tempo para preliminares.

brito, *e o que o vendedor havia de pagar, por castrar um creado do mosteiro—e mais pelo perdão de uma* prova *que o vendedor tinha que fazer.*

O mesmo mosteiro houve, em 1127, outra herdade, pela remissão de uma *prova* a que o *vendedor* era obrigado.

Em outros mosteiros se effectuaram tambem estas *compras*, em troca da absolvição de provas de fogo e agua.

PROVEDOR DAS OBRAS—este officio, é moderno quanto ao nome, porem antigo quanto ao cargo.

No reinado de D. Diniz, havia o officio de *paceiro-mór*, que vinha a ser superintendente das fábricas dos paços e casas reaes, do reino. Em cada um dos paços, residia um paceiro, que os guardava. O paceiro-mór, governava sobre todos estes paceiros.

Depois se mudou o titulo de paceiro-mór, no de *veador mór das obras*, sendo o primeiro que teve esta denominação, Affonso Gonçalves, no reinado de D. João I.—Residia este veador-mór, no paço das *Alcaçovas*, no castello de S. Jorge, de Lisboa. (Estes paços foram a residencia dos reis portuguezes, desde D. Diniz até D. Manoel.)

O primeiro *regimento* dos veadores-móres das obras, foi dado por D. Philippe II, em 12 de novembro de 1585. Desde então por diante é que se mudou o titulo de *veador* em *provedor*.

Os que desejarem saber mais cabalmente o que diz respeito a esta materia, e quantos *veadores* e *provedores* houve em Portugal (e seus nomes) desde o reinado de D. Diniz, até ao de D. João III, vejam a *Geographia Historica*, de Luiz Caetano de Lima, tomo 1.º, pag. 497.

PROVENÇA—portuguez antigo—provincia, região, clima, diocese. (É do seculo 14.º)

Provença, era tambem synonimo de *providencia*. «*Estava conforme com a Provença de Deos.*» (Doc. de Tarouca.)

PROVEZA—portuguez antigo—pobreza, falta, mingua, indigencia, lazeira.

No foral que o rei D. Manoel deu á povoação de *Piconha*, junto a Chaves, em 18 de janeiro de 1515, se diz:—Todos os moradores da Piconha são obrigados a pagar, no fim de cada mez, ao alcaide, que estiver no seu castello, um pão de centeio, dos que cada um egualmente faz para sua casa—*o qual não pagarão os clerigos, nem as pessoas que não amaçarem pam, com proveza.* (Doc. da camara de Chaves.)

PROVEZENDE—villa, Traz-os-Montes, no concelho e 8 kilometros ao S. de Sabrosa, comarca, districto administrativo e 17 kilometros ao E. de Villa-Real (foi cabeça de um concelho, de mil fogos, da mesma comarca de Villa-Real) arcebispado e 93 kilometros ao N.E. de Braga, 22 ao N.E. da Régua, 28 ao N. de Lamego, 6 ao N. do rio Douro (foz do Pinhão) 9 ao S.O, de Favaios, 60 ao S. de Chaves, 125 ao O. de Miranda, 105 ao S.O. de Bragança, 105 ao E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa.—300 fogos, em 1757, tinha 160.

Orago, S. João Baptista.

A mesa archiepiscopal de Braga, apresentava o reitor, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

O padre Carvalho diz que D. Affonso III lhe deu foral, em 1270; porem Franklim, não traz foral algum d'esta villa, nem novo nem velho.

Foi couto da mitra de Braga, até 1834—e tinha sido antigamente *couto de homisiados*.

O primeiro orago d'esta freguezia, suppõe-se ter sido Santa Marinha (e não *Santa Maria*, como, por engano, diz o padre Carvalho.)

A villa está situada a meia encosta de uma montanha, em uma planicie formada por um degrau da mesma montanha, junto á raiz do picotto de S. Domingos, em clima temperado e saudavel.

É uma das povoações mais consideraveis do Alto-Douro, formada de um só grupo de casas arruadas, algumas apalaçadas ou espaçosas; outras de regular apparencia, porem a maior parte são de pobre e mesquinha construcção. As ruas são pouco limpas e mal alinhadas, mas ha n'ellas bastantes lojas de commercio, que, como em quasi to-

das as povoações ruraes, são simultaneamente, mercearias, lojas de capella, de pannos, de louça, de ferragens, etc., etc.

—

É incontestavel que esta povoação é muito antiga; mas, apezar disso, *nada absolutamente* achei em livro algum impresso, de quantos folheei. [1]

Ao favor de um amigo dedicado devo a leitura de um manuscripto precioso, escripto e illustrado pelo doutor Jeronymo da Cunha Freire Botelho, natural de Provezende, que á sua obra deu o titulo de *Enchyridion d'armaria e nobiliarchia.* É datado de 1720.

É d'este manuscripto que extrahi, em resumo, a maior parte d'este artigo.

—

Provezende é uma das mais antigas povoações d'este reino, e sabe-se, por documentos authenticos, que já existia no seculo 11.º, durante o reinado de D. Affonso VI de Leão, avô do nosso primeiro rei, e é muito provavel que já no tempo dos romanos, fosse uma povoação de tal ou qual importancia, da circumscripção da famosissima cidade de *Panoyas.*

É-me impossivel escrever chronologicamente este artigo, porque o doutor Freire Botelho, na sua obra, arremeça as datas, sem attenção alguma á sua chronologia; por isso, hirei resumindo como me for possivel, pedindo desculpa aos leitores, de quaesquer irregularidades na contextura d'este artigo.

—

Este povo, compunha-se originariamente, de trez pequenas aldeias, situadas ao fundo da montanha, em um lameirão, onde chamam *São Joannes,* ou *San Joanne,* nome do antigo povo, cujo padroeiro era o mesmo de hoje—*São João.*

—

A darmos credito á lenda, conservada de paes a filhos, o actual nome de *Provezende,* procede do facto seguinte:

Pelos fins do seculo 11.º, reinava em Toledo um mouro [1] chamado *Jahiah-al-Cader-Billah,* (?) que foi o quarto e ultimo rei árabe d'este reino; que D. Affonso VI recuperou em 1085, e não mais se perdeu.

Tinha Jahiah um irmão, chamado *Zaide* [2] que era *rei* (provavelmente alcaide) do logar e fortaleza de *Belchide* [3] no reino de Aragão.

Zaide, teve por inimigo *Atarte* (tambem não é nome arabe) proximo parente do, então, rei de Granada, e do qual ambos os contendores eram subditos.

Zaide, receando a influencia que Atarte

[1] Peço desculpa aos meus leitores pela extensão que vae ter este artigo; mas, não tive remedio senão ser alguma cousa diffuso, visto que em *livro nenhum* até hoje publicado, se acham noticias sobre a incontestavel antiguidade de Provezende; tratando alguns (principalmente Argote) com tanta miudeza e individuação da famosa *Terra de Panoyas,* de cuja circumscripção esta villa fazia parte.

[1] O reino de Toledo, foi resgatado do poder dos mouros (assim como uma grande parte de Portugal, desde o norte do reino até Coimbra) por D. Affonso III, de Leão (o *magno*) em 862; mas ainda depois, varias d'estas terras foram muitas vezes perdidas e recuperadas pelos christãos, até ao governo do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, sua mulher.

[2] Não póde ser. *Zaide, Zaida,* ou *Zeida,* é nome arabe de mulher—significa augmentadora. Deriva-se do verbo *zada,* accrescentar, augmentar, etc.

Ha uma freguezia n'esta provincia de Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncorvo, hoje chamada *Zedes,* cujo primeiro nome foi *Zeida,* variante de *Zaida.*

Zeida era filha de Al-Mucamus-Ben-Hamet, rei mouro de Sevilha. Converteu-se ao christianismo, foi baptisada com o nome de Maria, e casou com D. Affonso VI, de Castella (*Monarchia Lusitana,* tom. 3.º, pag. 28.)

A lenda pois, corrompe o nome do mouro, que devia ser *Zeidan,* que, como o feminino correspondente, significa *augmentador.*

Houve em Lamego um rei mouro chamado Zeidan.—«*El-Rei se fez na volta de Lamego, onde reinava Zeidan-Ben-Huin.*» (*Monarchia Lusitana,* tom. 2.º, pag. 386.)

[3] Não é palavra arabe. Talvez seja corrupção (ou erro de copia) de *Baleide,* substantivo arabe, diminutivo de *baladon,* villa; e vem a ser *villinha,* e tambem aldeiola.

No bispado de Coimbra, ha uma aldeia chamada *Baleide*—isto é—*Aldeiasinha.*

podesse ter sobre o monarcha granadino, e que d'ella lhe proviria alguma cruel vingança, fugiu para esta parte da Lusitania.

No monte, hoje chamado de S. Domingos, havia uma fortaleza romana, abandonada, e n'ella um templo, dedicado á deusa Diana.

Zaide, reconstruiu o castello, e converteu em mesquita do seu propheta, o templosinho de Dienna. [1]

Parece que já então por estas terras não havia mais mouros; porque os christãos, habitantes dos trez logares de S. Joanne, não quizeram ter Zaide e os seus por visinhos, e deram sobre a fortaleza mourisca, accommettendo-a pelo lado hoje chamado *monte da Torre* (em memoria de uma que alli fizeram os christãos.)

Depois de uma tenaz resistencia, foi o castello entrado, e todos os mouros degolados, á excepção de Zaide, que pôde fugir, a unhas de cavallo; mas, chegando a um sitio hoje chamado *Gache*, o cavallo tropeçou e ambos foram a terra, sendo o mouro assassinado pelos christãos que lhe hiam no encalço. Em quanto o feriam, exclamava o infeliz mouro—*Prove Zaide! Prove Zaide!*—

É d'estas palavras, que, segundo a lenda, se originou o nome de *Provezende!*

É uma das taes etymologias que nos impingiam certos sonhadores.

Provezende, ou Provezendo, é nome proprio de homem. Vemos muitos godos com o nome de Provezendo, Gozendo, Lovezendo, Rozendo, Gundezendo, etc. [2] sendo o nome patronimico, Provezendes, Gozendes, Lovezendes, etc.

Continúa a lenda referindo que o chefe d'esta empreza foi o famoso Gonçalo Mendes da Maia (o *Lidador*) e que obrou esta façanha em 29 de setembro de 1115, no tempo da regencia da rainha D. Thereza, durante a menoridade de seu filho. o principe D. Affonso Henriques, que tinha então cinco ou seis annos.

O *Lidador*, devia então ter 21 annos, pois nasceu em 1094. (Morreu em uma batalha contra os mouros, no Alemtejo, depois de os ter derrotado, em 1185, tendo 91 annos de edade.)

—

Ha uma variante d'esta lenda do tal *Zaide*, ainda conservada entre o povo. É a seguinte:

Os moradores de S. Joanne, tomaram o castello ao *rei* Zaide, fugindo este em direcção a *Valle Verde*, mas d'ahi não pôde fugir mais, porque o cavallo que montava, se enterrou n'aquelle terreno pantanoso, onde foi alcançado e morto, do modo que diz o manuscripto. [1]

Tambem, segundo a tradição, não foi tomada a fortaleza e morto Zaide, a 29 de setembro, mas sim a 8 de maio (dia da apparição de S. Miguel) estação em que ainda não estavam enchutos os paues da veiga de Valle-Verde. E que, a causa da mudança dos habitantes de S. Joanne para Provezende (o antigo Valle-Verde) foi o serem aquelles logares (de S. Joanne) accommettidos por

[1] Esta fortaleza era construida de alvenaria (schisto) sem cimento algum que a ligasse; e não chegou a concluir-se do lado do S.O.—As duas muralhas que a cercavam, são de mesmo chisto, tambem sem cimento, e cahindo, na sua maior parte, entulharam os fossos, dos quaes hoje apenas se descobrem poucos vestigios. Não tinha nada de granito, o que admira, porque a 5 kilometros, de bom caminho, ha d'elle bôas pedreiras, na serra da *Azinheira*. Esta circumstancia convence-me de que nunca isto foi fortaleza romana, aliás teria mais solida e luxuosa construcção.

[2] Note-se porem, que na egreja matriz de Nossa Senhora da Assumpção, da villa de Barcos, no concelho de Taboaço, comarca de Armamar, bispado de Lamego, em uma sepultura, se lê a seguinte inscripção—*Aqui jaz Patricio da Silva, de Provezaide, que falleceu em 20 de agosto da era de 1307 annos.* Esta sepultura está ao lado esquerdo da entrada da egreja, debaixo do coro. Na minha opinião, este epitaphio nada prova a favor de *Provezaide*, senão que, o que o dictou acreditava na lenda. Consta que este Patricio da Silva, foi dos primeiros povoadores do novo Provezende.

[1] A residencia de mouros por estas terras em 1115 não é inverosimil: ainda d'ahi a 45 annos foram elles definitivamente expulsos de Chaves (1160—vide *Chaves*.)

uma terrivel praga de formigas, que destruiam todos os fructos.

Então, viram-se na necessidade de abandonar os trez logarejos de S. Joanne, e de approveitar a pessima localidade do *Lameirão*, ao fundo da montanha, sitio *abafado*, sem boas terras cultivaveis, e falto d'aguas.

Aqui fundaram tres miseraveis aldeiolas, ás quaes deram o nome de S. Joanne, o mesmo nome dos que tinham abandonado; mas tambem se continuou a chamar até hoje—Lameirão.

Ainda ha pouco mais de cem annos, se viam n'este logar as ruinas de uma capella e de varias casas, o que tudo foi substituido por bellas vinhas, que produzem o mais precioso vinho do Alto-Douro.

—

Como o sitio onde estava a antiga fortaleza era mais espaçoso, alegre e sádio, do que o da ribeira de S. Joanne, mudaram para aqui a povoação, em 24 de junho da *era* de 1188, no reinado de D. Sancho I,[1] e desde então se deu a este sitio o nome de Provezende, continuando a ser orago, S. João Baptista.

—

A terra onde hoje vemos a villa, não foi povoada por christãos, logo depois da morte do tal (mythologico?) Zaide: ainda esteve deserta, por espaço de 73 annos, sem que os moradores do Lameirão fizessem a sua mudança *solemne*, ou por causa da demora na construcção das casas, ou da nova egreja matriz da nascente villa; vindo-se sómente a mudar para aqui o povo, em 24 de junho de 1188, dia escolhido, por ser o orago da antiga capella de S. Joanne, que ficou sendo o padroeiro da nova parochia, que substituiu a antiga, de Santa Marinha, talvez já então mosteiro dos templarios, e em cuja vetusta egreja ainda hoje se veem esculpidas as cruzes d'esta poderosa ordem, assim como a pia baptismal, deixando assim de ser egreja matriz, e ficando reduzida a capella.

Ignora-se o anno em que foi construida a primittiva egreja parochial de Provezende, mas é de suppor que fosse no fim do 12.º seculo, ou principio do 13.º

Este templo, por antigo, pequeno e arruinado, foi demolido, construindo-se em seu logar, em 1720, a actual egreja, vasta, e de boa construcção.

—

Não acredito que os christãos adoptassem para a nova povoação o nome de um inimigo (Zaide) que de certo tantas devastações teria praticado nas terras d'aquelles, e quando ainda estavam tão accezos os odios contra os sectarios do *propheta*; assim como não acredito na união *hybrida* de uma palavra portugueza *(prove)* com uma musulmana (*Zaide.)* O que é mais provavel, é que algum fidalgo ou homem notavel, chamado *Provezendo* (ou que tivesse o nome patronomico de *Provezendes*) desse o seu nome á nova povoação, por ter concorrido para a sua conquista, e ficasse senhor d'ella, *pelo direito da guerra* (isto é, pelo direito de *presor*) ou por ser um dos primeiros e mais notavel dos seus povoadores, ou, finalmente, porque D. Sancho I lhe desse este senhorio. Isto se algum senhor suevo ou godo d'este nome lh'o não tivesse imposto, muitos annos antes.

O tal *Enchyridion d'armaria* e *nobiliarchia*, de que fallo no principio d'este artigo, e que foi a unica luz que me guiou n'estas trevas, nem sempre me pôde servir de guia, porque contem algumas contradicções, bastantes anachronismos, e muitos absurdos, que diligenciei evitar, supprindo muitos factos alli dados como positivos, por meras conjecturas; sem pretender porem impor a pessoa alguma a minha humilissima opinião, que todavia procurei fundamentar, como me foi possivel.

—

[1] Aqui ha anachronismo. Se a era é de Cesar, vem a ser o anno 1150 de Jesus-Christo, e no reinado de D. Affonso Henriques.

O pouco cuidado dos nossos escriptores antigos, chamando era ao anno, e vice-versa, dá logar a estas duvidas e confuzões.

Consta que a capella de Santa Marinha (da qual adiante fallarei) foi egreja de um mosteiro de monges benedictinos, e n'ella tem os reis d'este reino, sepultura real, e jazigo; como consta da doação de D. Affonso III, que existe no archivo da Sé de Braga.

Depois, passou o mosteiro a ser de templarios—o que se prova, não só porque elles tiveram por muitos annos, e até 1311, o senhorio d'estas terras (vide *Poiares*, a pag. 116, col. 1.ª d'este volume) como pelas cruzes da sua ordem que ainda se veem na capella de Santa Marinha. Diz-se que estes cavalleiros mandavam aqui enterrar os defuntos da sua ordem, tanto os que falleciam aqui, como os que morriam em *Vallença*, e nos *Casaes*, que ficam em frente (ao S.) na margem opposta (esquerda) do rio Douro.

Tambem não falta quem diga, ter sido esta capella um templo, construido pelos romanos, e dedicado a uma das suas divindades, e que, depois, os godos purificaram, transformando-o em egreja christan: que os arabes o converteram em mesquita, e que, expulsos estes, tornou a ser templo catholico. Dizem que se teem encontrado em differentes épocas, sepulturas de todas estas datas, o que me parece mais que duvidoso.

A egreja (hoje capella) de Santa Marinha, é, na verdade, da architectura romana, porem de fabrica humilde e mesquinha, e sem o menor vestigio do luxo architectonico que os romanos empregavam nos seus templos.

Duas sepulturas, cavadas em pedras soltas, sem emblema ou inscripção alguma, que existem fóra da egreja, e do lado da capella-mór, tanto podem ser romanas, como arabes ou christans.

Ao lado direito da porta principal (da parte de fóra da egreja) está encostada á parede, uma pedra quadrada (especie de marco) com esta inscripção:

OS
TIVS

Seria o assento do *ostiario* (porteiro) do tempo dos monges, ou dos templarios?

Vê-se que foi egreja matriz, porque ainda tem pia baptismal, tambem, como a egreja, de tosca fabrica.

Esta egreja é que o padre Carvalho diz (erradamente) ser a matriz de Provezende; assim como erra o nome da padroeira, pois diz ser Santa Maria, em vez de Santa Marinha.

Devemos notar que a egreja de Santa Marinha, esteve sempre em logar deserto, sem que em volta, nem mesmo a pouca distancia d'ella, haja o minimo vestigio de povoação.

Não longe da egreja está a fonte do mesmo nome, com a data de 178. Se é a era de Cesar, vem a ser o anno 140 de Jesus-Christo, sendo imperador Adriano. Se é o anno de Jesus-Christo, é do tempo de Marco Aurelio.—Se é o anno da *Egyra*, vem a ser o anno 800 de Jesus-Christo, sendo rei D. Affonso, filho de D. Fruela I, contemporaneo de Carlos Magno. Vão lá adivinhar!

—

Castello de S. Domingos

Sobranceiro a Provezende, e á capella de Santa Marinha, está o picôtto, de fórma pyramidal, hoje chamado de S. Domingos—em razão da ermida d'este santo que depois alli se construiu.

Ainda aqui ha claros vestigios de uma antiquissima fortaleza, onde, diz a lenda, que Zaide se recolheu, reconstruindo-a. Constam estes vestigios, de uma duplice ordem de muralhas, pela maior parte, desmoronadas (da parte do N., estão tão arrazadas, que pouco se elevam acima do solo.) Estas muralhas são concentricas, conservando sempre a mesma distancia, de uma á outra.

O lado do N.—o mais accessivel da fortaleza—era defendido por alguns baluartes, de que ainda existem restos desmantellados.

Conserva o povo a tradição de que, desde este castello, fizeram os mouros uma galleria (ou tunnel!) que hia ter á fonte de Santa Marinha, e por alli levavam os seus cavallos a beber. (!)

Ainda outros avançam, que d'esta galleria hia um ramal ter ao sitio do *Côrvo*, onde ainda se vê uma pequena cavidade, quasi entupida, que, sem trabalhos de escavações, se não póde saber, se tem algum fundamen-

to a tradição (o que não é provavel) ou mesmo, se é obra da natureza ou da arte.

Dizem ainda que junto á esquina N. da capella de S. Domingos, está—entulhada—a abertura, ou entrada, da tal galeria, que ainda ha 50 annos estava desobstruida.

As escavações, feitas pelos crendeiros, em differentes épocas, n'este monte, em procura de *thesouros encantados*, teem causado mais destroços n'este curioso monomento archeologico, do que o correr de talvez mais de 10 seculos. Nem a pobre capella de São Domingos (que, segundo se vê de uma inscripção gravada na verga da porta principal, foi reconstruida, desde os fundamentos, em 1744) nem a capella, repito, tem escapado a este ambicioso e estupido vandalismo, pois a teem minado de tal sorte, que em breve estará transformada em um montão de ruinas.

—

Ao S.O., principia a subir o monte de S. Domingos, por um suave declive (a parte mais accessivel do picôtto) principiando a subida, no sitio dos *Fieis de Deus*, e d'ahi ao *monte da Torre*, que fica á raiz do morro. Do outro lado (N.) está o *cabeço das Picótas*. Pelas outras partes, é o monte formado por abruptas penedias, e quasi inaccessivel.

Diz-se que Zaide residiu n'esta fortaleza, por espaço de 35 annos, pouco mais ou menos.

Já se vê que tal fortaleza não servia aos mouros, senão de refugio, em caso de perigo, e para deposito das rapinas que faziam em terras de christãos; e nunca de residencia permanente, pois que o sitio, alem de frigidissimo no inverno, não tem agua, nem a menor vegetação; e mal poderiam os seus defensores resistir por muitos dias, a um cêrco em fórma.

Tambem dentro do ambito das muralhas, não ha vestigios de casas de habitação.

O terreno cultivado mais proximo do castello, é a veiga de Valle-Verde, hoje Provezende. Esta veiga é no centro atravessada por um caminho a que chamam o *Vallado*.

O ponto de juncção d'esta planicie com a base do picôtto, chama-se *Couço*.[1] O outeiro que a limita ao S.O., é chamado *o Barreiro*, e a extremidade S., tem o nome de *Sardoeira* e na sua ponta do N., toca com terras de *Maceira*, e esta com *Quintella*, que intesta com o *Barroqueiro*.[2]

Ao S.E., fica *Alvite*.

A costa, por baixo dos muros do castello (aó N. d'elle) chama-se de *Gache*. A serra em cujo extremo se ergue o picotto do castello, chama-se da *Cuca*, e n'ella ha um pequeno manancial d'agua, denominado *Fonte da Cabra*.

Os antigos portuguezes davam (em estylo chulo) o nome de *cuca*, á mulher mal procedida. Talvez, por qualquer circumstancia, d'isso provenha o nome a esta serra; muito mais por que *Fonte da Cabra*, póde muito bem ser corrupção de *Fonte da Caba*;[3]—e *Cabba*, é um adjectivo arabe, que vem a ser synonimo do portuguez *cuca*.

Não é provavel que uma residencia de apenas 30 a 35 annos deixasse n'esta terra, tantos vestigios da lingua arabe. Devemos

[1] *Couço*, é a palavra arabe *Cauçon*, que significa *arco*. Deriva-se do verbo *caça*—estender o arco.

Barreiro, póde ser corrupção de *Barrio*, adjectivo arabe, que significa campestre, aldean, ou dezerta. Tambem póde vir do portuguez *barrarios*, habitantes dos arrabaldes.

Sardoeira, ou *Sardoura*, é tambem palavra arabe, e significa *andar á roda*. É composta do verbo *sara* (andar) e de *doura*, *á roda*, ou *em redor*.

Vallado, póde ser corrupção de *Baladon*, que em arabe significava *terra pequena*. Tambem póde derivar-se de *al-balade*, que quer dizer, *logar habitado* e *murado*.

[2] O *Barroqueiro*, que é hoje uma vinha, era antigamente um logar humido e pedregoso, d'onde lhe veio o nome. No Algarve se diz *Barrocal*, e vem a ser o mesmo.

[3] Era facil esta corrupção, como em Lisboa, de *lada* (margem, ou lado) fizeram *ladra*, que tem uma significação completamente diversa. No Porto, onde o antigo portuguez se conserva mais puro, ainda se diz *Lada*, por synonimo de *ribeira*, ou margem de um rio.

concluir que antes do tal Zaide (em cuja lenda eu nada acredito) fizeram os arabes, por estes sitios, uma diuturna residencia.

—

Uma rua ao O. da villa de Provezende, chamava-se de *Cabo da Villa;* o que dá a entender que a povoação terminava aqui em outro tempo. No fim d'ella, é o largo da capella de S. Sebastião, e aqui principia o sitio chamado o *Barreiro;* mas o povo entendeu sempre (mesmo depois de crescer a povoação até ao sitio chamado *Monte da Forca*) [1] que o termo da villa era no fim da tal rua; e tanto assim, que—quando D. Frei Caetano Brandão (vide *Loureiro*) arcebispo de Braga, aqui veio, em 1795, todas as auctoridades e corporações o foram esperar ao largo da capella, no fim da rua do *Cabo da Villa*, como termo da povoação.

—

Doação do couto de Provezende, aos arcebispos de Braga

Nas *Inquirições*, de D. Affonso III, se lê o seguinte; *Petrus Mendes, Judex de Provezende, qui est de Archiepiscupo Bracharae, iuratus et interrogatus, si rex est patronus ipsius ecclesiae; dixit, quod non Interrogatus cuja est, dixit quod est de Sede Bracharae. Interrogatus und habuit illam, dixit, quod audivit dicere hominibus* qui sciebant, *quod una* germana *de comite domini Henrichi* [2] *dedit ipsam ecclesia, et ipsam villam, Sedis Bracharae.*

[1] A denominação de *Monte da Forca*, e *Cabeço das Picotas*, prova que aqui existiu um, ou mais, d'estes instrumentos de supplicio, e tambem emblema de autonomia municipal. Vide adiante.

[2] Se não ha êrro na cópia, o juiz de Provezende, ou sabia pouco da familia do conde D. Henrique, ou chamou irman (*germana*) a uma sua cunhada.

O conde D. Henrique, só teve quatro irmãos e *nenhuma irman*. Seu pae é que teve uma irman, chamada Constança, que em 1080 casou (em segundas nupcias, d'elle) com D. Affonso VI, de Leão, e trouxe para a Peninsula, seu sobrinho, o conde D. Henrique. Diz-se que foi esta senhora que doou á Sé de Braga, o couto de Provezende, do que duvido.

Isto é:

Pedro Mendes, juiz de Provezende, ajuramentado e interrogado, se o rei é o padroeiro d'esta egreja, respondeu que não. Perguntando-se-lhe de quem ella é, respondeu que da Sé de Braga. Perguntado d'onde a houve, respondeu que ouviu dizer a *homens que o sabiam*, que uma *irman do conde* D. Henrique, deu esta egreja e esta villa, á Sé de Braga.

Se o *depoimento* d'este juiz merece algum credito, é elle mais uma prova de que a primeira doadora d'este couto, não era tia, porém, cunhada do nosso D. Henrique, pois diz claramente a testemunha, que *uma irman do conde D. Henrique* (já disse que tomou cunhada por irman)—se ella fosse tia, devia dizer — *uma irman*

O conde D. Henrique, já era conde de Borgonha, por ser filho (o terceiro) de Henrique, duque de Borgonha, e da duqueza Sibylla, filha de Renato, conde de Borgonha, bisneto de Roberto I, rei de França, e terceiro neto de Hugo Capêto, tronco dos Capêtos, da França.

Mas, se o couto de Provezende, era dos *congregados* de Santa Marinha, e foram elles que o doaram á Sé, como foi D. Constança que o doou?

Estou convencido de que a senhora do couto de Provezende, era a *rainha* D. Urraca, filha legitima de D. Affonso VI, de Leão, Castella, Portugal, Galliza, etc.; e, portanto, irman da *rainha* D. Thereza, mulher do conde D. Henrique; o qual deu a esta sua cunhada, varias terras em Traz-os-Montes. D. Urraca foi casada com um conde e ricohomem transmontano, bravo capitão e amigo e companheiro do conde D. Henrique.

É pois mais que provavel que fosse esta senhora que doou o couto de Provezende á Sé de Braga, e que o tal juiz, em vez de lhe chamar cunhada, lhe chamou irman de D. Henrique.

Vimos muitos foraes dados pelo conde D. Henrique, pela rainha D. Thereza, e por D. Affonso Henriques, confirmados por esta rainha D. Urraca.

Veremos adiante, como o tal *Enchyridion* é desmentido, por um documento official, apresentado em certa demanda, por um advogado da mitra de Braga.

do duque D. Henrique — que era o pae, e não do conde, que era o filho.

Mas, ou a testemunha faltou á verdade, ou mente o documento de que adiante trato.

É esta a unica noticia que temos da primeira doação d'este couto, aos arcebispos de Braga; e a não serem as *Inquirições* a que mandou proceder D. Affonso III, n'esta terra (e na maior parte do reino) nem isto mesmo saberiamos hoje.

—

O rei D. Affonso Henriques, ou renovou ou confirmou a doação que—sua tia?—havia feito de Provezende á Sé de Braga, e a cópia d'ella existe no archivo archiepiscopal. D'ella temos noticia pelo facto seguinte:

Tinha este couto os grandes e absurdos privilegios de que gosavam todos ou outros do arcebispado, sendo um d'elles, o de *couto do reino*, ou *de homisiados*, podendo aqui recolher-se todos os facinorosos de outras terras, sem que dentro dos limites do couto podessem ser presos, *nem mesmo por ordem expressa do rei!*

O proprio monarcha não podia mandar *alçadas*, ou outra qualquer diligencia, por mais importante que fosse, a estes coutos, *nem elle mesmo n'elles podia entrar, sem primeiro obter licença do arcebispo* (vol. 1.º, pag. 447, col. 1.ª) sob pena dos anathemas comminados contra os violadores do terreno priviligiado.

—

Contra certos *fiadores* (?) do couto de Provezende e de S. Christovão, pertencente ao couto de Gouvães, se passou, em 1701, uma carta executoria, por divida, assignada pelo desembargador da relação do Porto, Jeronymo da Cunha Pimentel. Esta carta attentava contra as antigas e sempre respeitadas prerogativas da mitra; pelo que os executados recorreram para a relação ecclesiastica de Braga, por intermedio do ouvidor, que então andava em correição.

A mitra, fez a causa sua, e se preparou para defender energicamente as suas immunidades; porém foi vencida por uma sentença do desembargo do paço, sob fundamento de que—*por conveniencia do serviço publico, o privilegio mais recente dos desembargadores, preferia ao mais antigo da Sé primacial* — mas não foi impugnada a esta, a authenticidade dos documentos por ella apresentados, em defeza dos seus direitos.

Entre esses documentos, juntos aos autos, figurava a carta, pela qual D. Affonso I doou o couto de Provezende, á *congregação* da sua egreja (Santa Marinha) e cuja congregação — segundo refere o advogado da mitra—já então só constava de dois congregados, os quaes, de commum accordo, o deixaram, por testamento, á mitra primacial. Esta doação foi confirmada por aquelle monarcha, em Guimarães, que assignou a carta de confirmação, com todos os do seu conselho.[1]

Esta carta está escripta em latim, e d'ella só transcreve o advogado da mitra, nos autos, alguns trechos destacados (os que faziam mais conta aos interesses da Sé.)

Para não causar aborrecimento ao leitor, com a transcripção dos latinorios barbaros do seculo 12.ª, dou aqui a traducção de um dos paragraphos que julgo mais curioso—é o seguinte:

«Faço doação e concedo este couto, que agora erijo, e que parte pelo seus limites (designa-os) á Sé de Braga.

«Se algum homem vier, *quer seja eu*, ou pessoa do meu sangue, e queira entrar e violar o seu terreno, será obrigado a pagar 6:500 soldos (vide *Soldo)* por preceito real, tanto a vós (arcebispo) como aos vossos successores, e além d'isso, quanto prejuizo fizer, pagal-o-ha quadruplicadamente, e seja excommungado da Santa Madre Egreja, com Judas, o traidor, e seja castigado por sentença de anathema perpetuo, etc.»

[1] Este documento deita por terra o que a semelhante respeito diz o *Enchyridion*. Se a rainha D. Constança (ou sua enteada, a rainha D. Urraca) désse á Sé de Braga o couto de Provezende, cértamente ella não o largaria, e então, como é que o possuiam pacificamente os *congregados* de Santa Marinha, para o darem depois á mesma Sé?—Visto isto, o *juiz* tambem faltou á verdade no seu depoimento. Tudo são confusões!...

Esta doação é do anno 1128, primeiro do governo de D. Affonso Henriques, que a confirmou em Guimarães, em 1130.

—

É incontestavel que a povoação de Provezende é antiquissima, qualquer que fosse o seu primittivo nome, e, com certeza, já existia no tempo dos romanos, como provarei quando tratar mais extensamente da capella de Santa Marinha.

Em toda a *Terra de Panoyas*, ha bastos vestigios de uma diuturna occupação pelos guerreiros do Lacio, como mostrei na palavra *Panoyas*. Favaios, Sabrosa, Valle de Nogueiras (ou Vallongueiras) e outras povoações que, como Provezende, pertenciam á circumscripção da famosissima cidade de Panoyas, todas são d'esse tempo, ou talvez mesmo, sejam de fundação anterior aos romanos.

Vemos nos escriptores antigos, mencionadas muitas cidades, cuja situação actual ignoramos, ou por terem sido completamente arrazadas pelas guerras constantes e crueis da edade média, ou porque mudassem de nome.

Em muitissimas partes de Portugal (especiálmente no Minho, desde Ponte de Lima para o N.) vemos os tristes restos d'essas cidades que foram, e de muito poucas sabemos o nome que tiveram.

—

Marchando apenas em um terreno de hypotheses e conjecturas, pelo que diz respeito aos primeiros seculos do christianismo, poderia dizer que os romanos chamaram á esta terra *Provisolo*, que facilmente se corromperia em Provezende.

Sob os muros do castello de Lanhoso, e junto á villa de *Petralvire* (que se julga ser a actual Pedralva) corre um ribeiro, a que os romanos chamavam *Provisolo*, e não é inverosimil que tivessem uma povoação do mesmo nome.

Porém eu inclino-me mais a que o nome de Provezende, lhe foi imposto por algum senhor gôdo ou suevo, depois da expulsão dos romanos; ou — como já disse — por algum chefe portuguez, dos quaes d'aqui expulsaram os mouros.

Tendo nós um nome proprio—gôdo—que se continuou a usar ainda depois da instituição da monarchia portugueza, devemos preferil-o a outro qualquer, cuja etymologia seja, por assim dizer, *forçada* e inverosimil.

—

Como quer que fosse, e admittindo mesmo como verdadeira a existencia problematica do legendario Zaide, este chefe já achou construida e habitada, a povoação de Provezende (com este ou com outro nome) e não fez mais do que expulsar d'ella os christãos; e, como era diminuto o numero dos seus *vassallos*, a povoação esteve deserta, ou pouco menos, pelo espaço de trinta e cinco annos, tempo sufficiente para ella cahir em ruinas; muito mais, accrescendo outro maior praso (73 annos) que mediou entre a expulsão dos mouros, e a reoccupação dos christãos. Eis aqui porque nenhum dos edificios de Provezende nos revela a remota antiguidade da villa, que teve de ser reedificada desde os alicerces.

Note-se tambem que os trez logarejos de S. Joanne, para onde se recolheram os christãos, depois de expulsos pelos mouros, de Provezende, eram, ao que parece, humildes casinholas de schisto, para residencia transitoria, porisso que os christãos sempre viveram na esperança de expulsar d'alli os mouros, mais tarde ou mais cêdo. É porisso que das taes aldeolas não ha hoje o minimo vestigio.

—

Os arcebispos de Braga tinham n'este couto a jurisdicção civel, crime e orphanologica, com *mero e mixto imperio*, e eram portanto elles que nomeavam os juizes e mais empregados do couto; e nenhumas ordens — nem mesmo régias — eram aqui cumpridas, sem prévia auctoridade do prelado, e só o ouvidor podia entrar na terra, em acto de correição.

A ultima instancia de todos os pleitos, era a relação ecclesiastica de Braga.

Até 1834, tinha Provezende—juiz ordinario, do civil, crime e orphãos, que fazia uma

audiencia por semena—camara, almotaceis, alcaide, contador, distribuidor, procurador, capitão-mór, sargento-mór—com poder nos trez coutos de—Provezende, Gouvães, S. Mamede de Riba-Tua. Cada um d'estes coutos tinha uma companhia de ordenanças, com seus respectivos capitães.

A forca

Proximo ao sitio do Couço, existe um pedaço de terreno inculto, chamado *monte da forca*, por aqui ter existido uma, attestando que os arcebispos eram, no couto, *senhores de baraço e cutello*.

Diz-se que o unico delinquente que n'ella soffreu a *pena ultima*, foi um facinoroso, no seculo passado; mas isto não passa de tradição popular.

Esta forca constava de duas columnas de granito, atravessadas pela parte superior, por uma outra pedra (verga ou padieira) collocada horisontalmente.

Foi destruida depois de 1834, e os seus materiaes roubados.

—

Já disse que ao N. do monte de S. Domingos, ha um logar chamado *Cabêço das Picotas*. Este nome dá a entender que alli existiram *picotas* (vide *Pelourinho*) mas nenhum documento o attesta. É provavel que seja corrupção de *Cabêço dos Picôttos*, mesmo porque effectivamente ha alli dous picôttos, este e o outro ao S., que mudou de nome, desde que se fez a capella de S. Domingos, tomando o nome d'este santo.

Diz-se que o nome de *Monte da Torre*, dado a um sitio que fica ao S.O. do monte de S. Domingos, lhe provém de uma torre que alli construiram os christãos, para atacarem o castello mourisco. Será.

Antes de chegar ao Monte da Torre, ha outro sitio, chamado *Fieis de Deus*. (Vide esta palavra, no vol. 3.º, pag. 185, col. 2.ª)

Capella de Santa Marinha

Como o tal *Enchyridion*, que vou seguindo (no que me faz conta, isto é, no que julgo digno de credito) falla da mesma cousa em differentes partes, sem se importar com repetições, não tenho remedio senão tornar a fallar do que já mencionei, accrescentando-lhe o que ficou por dizer, evitando, porém, quanto possivel, aborrecidas repetições.

É por isto que aqui torno a fallar da ermida de Santa Marinha; mesmo porque o prometti quando d'ella tratei a primeira vez.

A pouca distancia da villa, em sitio êrmo, mas risonho, está a vetustissima capella, outr'ora egreja matriz, de Santa Marinha, cuja origem se perde na escuridão dos tempos.

É um dos monumentos mais curiosos da provincia, por ter atravessado intacto, tão grande numero de seculos, tantos dominadores, e tantas guerras devastadoras, sem soffrer a minima alteração no seu material, nem no seu culto.

O *Enchyridion* diz que esta egreja foi construida pelos romanos, para templo da sua deusa Diana, o que não é de todo inverosimil, em vista da sua architectura, de ordem romana; porêm em outro logar, diz o manuscripto, que a capella de Diana, era no monte de S. Domingos; mas d'esta não ha o minimo vestigio.

Já fallei em uma pedra que está do lado de fóra da egreja, com a inscripção—OSTIVS—e disse que podia ser contracção de *ostiario*—porteiro.

Outros porém são de opinião, que esta pedra fez parte de um marco milliario, da via militar, construida pelos romanos, entre Viseu e Chaves, e que passava a pouca distancia — e que o tal *ostivs*, ou está mal escripto, ou o tempo lhe apagou a primeira letra—h—e que era *Hostius*, nome proprio romano, d'onde deriva o diminutivo *Hostilio*.

Ainda outros suppõem que a tal palavra queria dizer *Hossios* ou *Ossios*, (dando ao t o som de ç—ou ss) — e que indicava que este logar era sagrado.

Este logar, segundo elles, era o templo de Diana, e um bosque immediato.[1]

[1] Para a significação da palavra *hossio*, *hesseos*, ou *hessenos*, vide o 6.º vol., pag. 297, col. 1.ª, no fim.

É certo que bouve aqui um bosque de corpulentos e antiquissimos castanheiros e outras arvores (que os taes dizem consagrado á deusa caçadora) e que foi arrancado, vendo-se agora em seu logar, formosas vinhas.

Da fonte de Santa Marinha, em que tambem já fallei, diz o esclarecido academico, o sr. visconde de Villarinho de São Romão, que a visitou antes da refórma, ou reconstrucção da arca, e que n'ella vira gravada, debaixo da bica, a era *primeira* de Cesar, isto é, o anno 3966 do mundo, ou 38 antes de Jesus Christo. — A pedra que tinha esta data, desappareceu com a reconstrucção.

O frequente apparecimento de moedas romanas, a um e dois kilometros d'esta egreja, é indicio certo de que os povos latinos por aqui residiram muito tempo.

Ha d'ellas um variado medalheiro, nas casas da *Calçada*, e do *Santo* d'esta villa; tanto das aqui achadas, como das provenientes de outros pontos das proximidades.

Entre as que foram achadas nos arredores de Santa Marinha, se vê uma de prata, de Trajano, com o pêso de trez grammas, e o diametro de um tostão actual.

Está muito bem conservada, tendo de um lado a effigie d'este imperador, cercada por esta legenda — CAES. NERVA TRAJAN. AVG. GERM. (Cesar Nerva Trajano Augusto Germanico.) — Do outro lado tem o busto da Victoria, coberta com um capacete, com uma palma na mão esquerda, e uma *patera* na direita, em acção de derramar o oleo sagrado, sobre uma ára. Em volta se lê—P. M. I. IMP. CÕS. IIII. P. P. (É o resto da legenda antecedente. Quer dizer — pontifice maximo, uma vez imperador, e quatro consul: pae da patria.)

Outra moeda de bronze, do tamanho de 10 de réis, com a effigie de um imperador, cercada pela legenda—AVGVSTV STI. CAESAR DIVI AUG. F. (Augusto Tiberio Cesar, filho do divino Augusto.) [1]—No verso, tem um touro, com um delta sobre as astes, com as letras —C. C. A.—(Collonia cesarea augusta — Saragoça, que era um municipio romano.) Esta moeda foi achada nas immediações de Villarinho de S. Romão, em 1877.

Tambem n'este anno, de 1877, appareceu outra medalha do mesmo metal e egual tamanho, a uns 50 metros da capella de Santa Marinha. Tem de um lado, um genio, nú, com uma corôa na mão esquerda, e na direita uma espada e uma cornucopia. É cercada pela legenda—GENIO POPULI ROMANI. Do outro lado, tem a effigie de um imperador, coroada de louro.

A legenda que a cerca, está tão apagada, que se não póde lêr.

Tem apparecido por estes sitios varias outras medalhas, romanas e árabes, que seria longo enumerar.

Em varias épocas, têem apparecido junto d'esta capella, differentes sepulturas, de fabrica singela e tôsca, que o povo ignaro tem despedaçado, para aproveitar em alvenaria. Ainda no principio d'este seculo alli existiam oito d'estas sepulturas, e pelos annos de 1840, o doutor Ribeiro (de quem adiante fallarei) descobriu mais duas no desaterro do largo, que são as unicas que alli existem. Não têem o minimo lavor, nem inscripção, e é uma pedra pouco mais que desbastada. Estavam cobertas com uma lagem de schisto, e continham cinzas ou ossos de tal sorte calcinados, que estavam transformados em terra.

Talvez fossem sepulturas christans, anteriores á invasão dos árabes.[1]

—

Já disse, quando fallei pela primeira vez n'esta capella, que consta ter sido primeira-

[1] Augusto morreu no anno 14.º, da era christã, na edade de 73 annos, succedendo-lhe Tiberio, que imperou até 41, succedendo-lhe Caligula.

[1] O segundo concilio bracharense, convocado no anno 563, prohibiu expressamente os enterramentos nas egrejas, mandando que elles se fizessem em volta das suas paredes exteriores.

Note-se que, quando esta capella foi de novo ladrilhada, não se achou dentro d'ella uma unica sepultura ou ossada—signall de que nunca se praticou alli o abuso de enterrar os cadaveres na casa da oração.

O antigo pavimento era de lagem de schisto, da localidade. O actual, é de lagem de granito.

mente a egreja de um mosteiro de monges benedictinos, e depois de templarios.

Não temos documento algum que nos prove a existencia do mosteiro da ordem de S. Bento, mas tambem nada contradiz esta tradição; e todos sabem que a religião benedictina foi a mais antiga de Portugal; e mesmo a de S. Bernardo, que d'ella é filha (ou uma refórma) data n'este reino, do anno 1130.

Quanto a ter sido mosteiro, ou hospicio de templarios, está attestado pelas cruzes da ordem, que ainda alli existem; e tambem por uma notavel coincidencia, que é:

O principal mosteiro dos cavalleiros do Templo, em Portugal, era no *castello de Céras*, a 12 kilometros de Thomar. (Vol. 2.º, pag. 241, col. 1.ª) Não longe de Céras, está o ribeiro das *Pias*, e perto da sua foz, o logar de *Pena da Águia* (ou *Penha da Águia.*) Pois da fonte de Santa Maria nasce o *ribeiro das Pias* (em vez de *ribeiro de Santa Martha*, como era natural.)

Proximo a Provezende ha um logar, ainda hoje chamado *Penha (Pena* ou *Pêra) da Águia.*

—

Os restos do mosteiro, ainda existiam junto á capella, em 1773, pois que dos livros das visitas da parochia, consta que n'esse anno, o visitador mandou demolir essas paredes desmantelladas, para com os seus materiaes se vedar o ádro; porém como elles se não gastavam todos na obra, ainda em 1834, alli existiam algumas ruinas, que já não eram mais que um montão de pedras.

—

Fóra da porta lateral da capella, ha um nicho, tendo por baixo uma lagem de pedra quadrada, sustentada por uma outra pedra perpendicular, tudo obra muito grosseira. Diz a tradição que aqui se dizia missa ao povo, quando não cabia na egreja; e que passando por estes sitios, D. Affonso Henriques, com as suas tropas, ouviram missa, dita n'este altar.

Diz-se que este facto teve logar no anno 1128, data em que elle coutou Provezende, e doou o couto á Sé bracharense;[1] e cuja doação confirmou em Guimarães, em 1130, como já vimos.

N'este anno, de 1130, morreu sua mãe, a rainha D. Thereza.

—

Parece que a vetusta egreja de Santa Marinha, era matriz, não só da freguezia de Provezende, mas tambem das actuaes de Gouvães, S. Thomé do Castello e outras do norte (margem direita) do Douro, mas até de algumas da Beira-Alta, na margem opposta; pois ha documentos que provam que os defunctos d'estas povoações vinham ser enterrados no adro d'esta egreja.

Tambem concorre para esta presumpção, o facto de estar em logar ermo e ter o tal altar exterior, onde se dizia missa em occasião de grande concorrencia, segundo reza a tradição.

Na freguezia de S. Christovão do Douro (vol. 2.º, pag. 296, col. 2.ª) ha um carreiro, por onde, segundo a tradição, vinham os defunctos do outro lado do Douro, enterrar-se aqui.

—

Quando D. Affonso Henriques coutou o territorio de Provezende, já elle tinha este nome, e os marcos do couto são exactamente os da actual freguezia, e é o que foi doado a Santa Marinha.

Suppõe-se que, quando se fez a primeira egreja na villa, não ficou logo sendo matriz, mas sim capella da povoação, sujeita á antiga matriz de Santa Marinha.

Quando a egreja da villa passou a ser matriz, é que se mudou o orago da freguezia, de Santa Marinha para S. João, que era o padroeiro da nova egreja.

—

O templo de Santa Marinha, tinha apenas o altar-mór, e a pia baptismal: nada mais. —Modernamente (desde o principio d'este

[1] Já em 1103, o conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, tinham estado no mosteiro de S. Pedro das Águias, que é proximo e quasi fronteiro a Santa Marinha, confirmando então os emprazamentos feitos áquelle mosteiro, pelos seus antecessores.

seculo) teem-se aqui feito os seguintes melhoramentos—abriram-se duas grandes frestas no corpo da egreja (que não tinha nenhumas)—abriu-se uma porta lateral, para o sul—e outra na capella-mór, para a moderna sachristia—construiram-se dois altares lateraes, onde só havia dois assentos de pedra—fez-se um pulpito, e um côro de madeira—reformou-se o pavimento, substituindo as lagens de schisto, por outras de granito. O altar-mór antigo, tambem foi substituido por um novo, de bôa talha. A fachada da egreja, que era singelissima, foi ornada com uma cornija de cantaria, tendo no meio uma cruz, e em cada angulo, uma pyramide, tudo de granito. Fóra da porta principal, se construiu uma bôa galilé.

Finalmente, esta egreja tem soffrido tantas e taes alterações, que só as paredes são as primittivas.

Ha aqui uma imagem do *Senhor Jesus Amortalhado,* que é objecto da maior devoção de todos os povos da freguezia e immediatas.

Esta imagem e a de Santa Marinha, eram as unicas que a egreja teve até ao principio d'este seculo.

—

O couto de Provezende, existiu até 1836, sendo então supprimido, como todos os mais. No mesmo anno, deixou de ser villa a povoação de Gouvães (que, como já vimos, tambem era couto) e foi unida a Provezende.

Em Gouvães ainda existe o pelourinho. Em 1874, cahiu com um temporal, mas o povo reconstruiu-o logo.

Só 17 annos foi Provezende cabeça de um concelho, com camara, juizes e mais auctoridades e empregados, segundo a moderna legislação: foi supprimido este concelho, e unido ao de Sabrosa (villa modernissima.) Porem o elegante e formoso pelourinho de Provezende, ainda existe de pé, memorando a antiga autonomia d'esta terra.

Pouco tempo durou o julgado de Sabrosa, pois tambem foi supprimido em 1876, hindo o seu cartorio do civel, crime e orfãos, para Villa-Real.

Os limites da freguezia de Provezende—são:—Ao N., a *Serra da Cuca*—ao N.C., o ribeiro da *Terra-Feita*—ao S.E., o rio *Pinhão*—ao S., S.O., e O., o ribeiro de *Fonão*, e a *Serra do Infantado*, que é o prolongamento do da Cuca.

—

O concelho de Provezende, era composto — da freguezia d'este nome — e das de S. Christovam do Douro (actualmente annexa áquella)—Goivães (e seu couto, com a povoação de Penhão [1] do outro lado do rio d'este nome—mas não a freguezia de Casal de Loivos, que, ainda que incluida no couto de Goivães, pertencia ao concelho de Favaios, hoje Alijó)—Cóvas do Douro—Gouvinhas—e Paredella de Guiães.

Pela novissima divisão, de 23 de dezembro de 1876, ficou Provezende cabeça de um julgado, composto das freguezias que formaram o seu concelho, e mais as de Villarinho de São Romão, e Celleirós de Panoyas.

Tem um tabellião de notas.

A freguezia de S. Christovão do Douro, foi mandada unir (mas não encorporar) á de Provezende, *até nova ordem*, porque nenhum clerigo queria hir para alli parochiar, pela exigua congrua de 100$000 réis, e o magro pé d'altar; porem o registo parochial continúa a ser feito em separado.

[1] O logar do *Penhão*, ou *Pinhão* na freguezia de Celleirós, vae em breve ser um dos pontos mais importantes da provincia, não só pela sua magnifica posição, como porque, segundo o ultimo traçado, vae ser uma estação do caminho de ferro do Douro, em construcção.

(Vide n'este vol., pag. 47, col. 2.ª)

Em setembro de 1877, foram declaradas urgentes as expropriações de diversos terrenos para a construcção do lanço da estrada districtal n.º 40, de Viseu á foz do Pinhão entre a Lameirinha da Rosa e a Ribeira de Cepães.

E' no caes do Pinhão que embarca o melhor vinho do paiz vinhateiro do Douro, distinguindo-se, pela sua superioridade, o de Provezende, particularmente o das vinhas de Santa Marinha.

Todas estas circumstancias hão de elevar a povoação do Pinhão a uma das primeiras das margens do Douro.

No mesmo caso de S. Christovão, estão as freguezias de Valle de Mendiz e Villarinho de Cótas.

Todas estas freguezias, que são muito pequenas, deveriam formar uma só, juntando-se-lhes a de Casal de Loivos e a aldeia do Pinhão, que é tudo contiguo. Só assim se acharia um clerigo que quizesse ser parocho.

O couto de Goivães, foi para a mitra, por troca que o arcebispo fez com D. Sancho II, em novembro de 1276, da era de Cesar, que é o anno 1238 de Jesus-Christo.

Já se vê que o couto de Provezende, é uns 140 annos mais antigo no senhorio de Braga, do que o de Goivães.

—

Nos livros antigos da parochia de Provezende, se falla, em quatro ou cinco partes, de uma casa chamada *o paço*, que existiu até ao meiado do seculo 17.º, sendo então demolida. É tradição popular que foi paço de D. Affonso Henriques, ou, pelo menos, que foi a casa onde se acolheu quando aqui esteve, e porisso lhe ficou o nome de paço.

Parece mais provavel que a denominação de *paço* lhe provenha de outra qualquer circumstancia, e que o principe se alojasse no mosteiro dos congregados de Santa Marinha, como era de uso n'esses tempos, e foi muito depois. Mesmo porque, é de presumir que, em premio do bom agazalho que os religiosos fizeram a D. Affonso Henriques e aos do seu sequito, lhes coutasse elle e lhes doasse a freguezia.

—

A junta geral do districto, creou uma feira (em março de 1875) no terreiro da capella de Santa Marinha; para ser feita por occasião da festa do Espirito Santo.

—

O sr. José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa, foi feito primeiro barão de Provezende, em 10 de janeiro de 1837.

Era 4.º senhor do morgado de S. José, de Sabrosa e commendador da ordem de Christo. Succedeu na casa de seu pae, a 25 de agosto de 1829. Nasceu a 3 de outubro de 1816. Era filho de:

Antonio Lobo Teixeira de Barros de Barbosa, 3.º senhor do morgado de S. José de Sabrosa e Provezende: fidalgo da casa real, commendador da ordem da Torre e Espada, cavalleiro de S. Bento d'Aviz, condecorado com a cruz d'ouro, da guerra peninsular, com a medalha de commando, na batalha do Bussaco, e por sua magestade catholica, com a de Victoria. Brigadeiro do exercito, e chefe de uma brigada de infanteria, desde 1818 até 1820. Governador das armas do Minho, Porto e Beira-Baixa, e commandante da força armada da capital, em 1827. Tinha succedido a seu pae, a 14 de agosto de 1809. Nascêra a 2 de dezembro de 1777, e falleceu a 25 de agosto de 1829. Tinha casado, a 27 de novembro de 1815, com D. Ignacia Delfina Candida Pereira Caldas, que havia nascido a 29 de setembro de 1749. Era filha de Gonçalo Pereira Caldas, senhor da casa de Sinde, em Mourão, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, governador das armas do Minho, tenente general do exercito, e fallecido a 26 de de setembro de 1809. Tinha casado com D. Ignacia Antonia Michaela de Castro Bacellar e Vasconcellos, que falleceu a 22 de novembro de 1815.

O pae do actual primeiro barão de Provezende, teve os filhos seguintes:

1.º—*José*, o barão.
2.º—*Gonçalo*, nasceu a 21 de fevereiro de 1818.
3.º—*Antonio*, nasceu a 19 de abril de 1819.
4.º—*D. Maria Antonia*, nasceu a 29 de abril de 1821.
5.º—*João*, nasceu a 11 de abril de 1822.
6.º—*D. Francisca Ignacia*, nasceu a 3 de outubro de 1823.
7.º—*D. Maria da Gloria*, nasceu a 6 de julho de 1828.
8.º—*Pedro*, nasceu a 25 de agosto de 1829.

—

A egreja matriz actual, é um bom templo, de uma só nave, que como já disse, foi principiado em 1721, e concluido, de paredes e telhados, em 1726, e interiormente em 1795.

Tem altar-mór e quatro lateraes, todos de talha dourada. O primeiro, segundo consta, foi feito á custa do arcebispo, cujos emblemas, com as armas de Portugal, rematam a tribuna.

Esta egreja occupa o mesmo local da antiga, que era muito mais pequena.

Ha n'esta egreja optimas alfaias e paramentos; e teve ricas alampadas, castiçaes, e outros utencilios de prata, que tudo foi roubado pelos francezes.

Já todo o serviço da antiga egreja era de prata, e depois de construida a nova, o numero d'estes objectos foi accrescentado.

De tudo isto, nada escapou á voracidade das hordas do reino *christianissimo*, senão uma grande cruz de prata, no gôsto bisantino, que alguem escondeu em uma sepultura.

—

Irmandades

Chegou a ter esta freguezia oito irmandades.

—

1.ª—*Santissimo Sacramento.* — Já existia em 1632. Em 1761, foram reformados seus estatutos, por clemente XIV—e, em 1772, Pio VI lhe concedeu muitas indulgencias. [1]

—

2.ª—*S. João Baptista*—Tambem já existia em 1632. Extinguiu-se por má administração, no fim do seculo 18.º

—

3.ª—*Coração de Jesus*—Tão antiga como as antecedentes. Tambem por falta de zello, foi extincta no principio d'este seculo.

[1] O manuscripto de que estou resumindo estas noticias, diz que em 1761, Clemente XII lhe approvou os estatutos. Não póde ser. Este pontifice governou a egreja de Deus, desde 1732 até 1740. Desde 1740, até 1758, foi papa, Bento XIV, e desde 1758 até 1769, Clemente XIV.—Se a approvação é de 1761, já se vê que foi do pontificado d'este ultimo. Estamos no mesmo caso com a data das indulgencias.—Diz o manuscripto, que foram concedidas em 1772, por Bento XIV.—É erro. Já vimos os annos do pontificado d'este papa. Se não ha erro nas datas, não foi Bento XIV, mas sim Pio VI, que governou a egreja de Deus, desde 1769, até 1775.

4.ª—*Nossa Senhora do Rosario*—Da mesma antiguidade das antecedentes. Estava instituida na velha egreja, em uma capella, do lado do Evangelho. Foram reformados os seus antigos estatutos, em 1644, e approvados, por breve do papa Urbano VIII, d'este mesmo anno, que foi o ultimo do seu pontificado.

Esta primeira irmandade deixou de existir, pela sua absurda organisação.

Um dos artigos dos estatutos, determinava que a irmandade fosse composta só de 25 confrades, *escolhidos d'entre as pessoas mais nobres da freguezia.* (!) De modo que, só entravam no ceu os parochianos de *sangue azul.* Já se vê que esta disposição desagradou á maxima parte da freguezia, que se queixou ao arcebispo, e o tal artigo foi derrogado, ficando *nobres* e *plebeus* com os mesmos direitos á salvação das suas almas.

Por mal de peccados, ficou de pé um outro artigo, ordenando que cada irmão mandasse dizer, á sua custa, uma missa por a alma de cada um que fallecesse.

Principiaram os irmãos plebeus a mão mandarem dizer as missas pelas almas dos irmãos fidalgos que hiam fallecendo, sob pretexto de que os seus herdeiros eram ricos, e podiam muito bem dizer essas missas á sua custa.

Os irmãos fidalgos, pagavam na mesma moeda, não mandando dizer as missas pelas almas dos plebeus; e uns e outros se olhavam de soslaio, dando isto o resultado que era de esperar—acabar a irmandade.

Passados annos, o doutor, padre José de Moraes Borges de Carvalho, da casa do Valle, obteve carta patente, datada de 15 de maio de 1761, sendo pontifice Clemente XIIII, para a reinstituição d'esta irmandade.

Desde então terminaram os conflictos entre os fidalgos e o povo, porque as missas ficaram a cargo do cofre da confraria.

—

5.ª—*Bemdictas Almas*—Foi instituida em 1736, pelo papa Clemente XII, que lhe concedeu muitas e grandes indulgencias. Seu successor, Benedicto XIV, lhe concedeu que as missas pelos irmãos defuntos, ditas em

qualquer altar da egreja, valessem como se se dissessem em altar privilegiado.

Foi erecta no altar de Nossa Senhora do Carmo.

—

6.ª—*Senhor dos Passos*—Em 1788, a requerimento da mesa das Almas, o arcebispo D. Gaspar, por alvará de 20 de fevereiro d'esse anno, approvou os estatutos; ficando esta irmandade e a das Almas, administradas pela mesma mesa.

—

7.ª—*Nossa Senhora das Dôres*—Eis a origem d'esta irmandade.—Estava perigosamente doente, e sem esperanças de vida, o corregedor e desembargador, Bento Borges da Cunha Botelho Correia do Amaral. Desesperado da medicina, recorre á protecção da Santissima Virgem, e recupera a saude. Em reconhecimento do favor recebido, mandou fazer, a Braga, uma bella imagem de Nossa Senhora das Dores, que se expôz á veneração dos fieis, na capella de Santa Catharina.

Bento Borges, era o unico e ultimo membro de uma illustre e rica familia, que n'elle se extinguiu; e era geralmente estimado do povo, pelas suas eminentes virtudes.

A nova imagem chegou á freguezia a 14 de junho, de 1772, sendo recebida com a maior pompa, e com geral regosijo, e tanto o corregedor como os outros habitantes da freguezia, fizeram á Senhora tão esplendidas festas, como aqui jámais se tinham visto.

A Senhora percorreu as ruas da villa, em um riquissimo andor, no meio de um enorme concurso de clerigos e povo, tanto da freguezia, como das circumvisinhas.

As festas duraram dez dias, havendo em todos elles, musica, illuminação, fogos de artificio, e todas as mais demonstrações de jubilo.

Reuniram-se as ordenanças dos tres coutos, e veio tropa de primeira linha, de Villa-Real, para se tornar este acto mais solemne, e dando descargas á entrada e sahida da procissão.

Projectou-se logo erigir uma irmandade á Senhora, trabalhando principalmente para isto, o reitor, encommendado, o dr. José Monteiro, da casa de Santa Catharina, fronteira ao lado sul da capella; o qual obteve de Roma, carta patente, do prior-geral, dos servitas, datada de 15 de novembro de 1772; ficando a irmandade constituida, em 30 de maio do anno seguinte.

—

8.ª—*Coração de Maria*—Foi fundada por diligencias e devoção de José Pinheiro de Azevedo Carvalho e Almeida, senhor da casa do *Santo;* e por carta de aggregação á de Nossa Senhora das Victorias, de Paris, assignada pelo seu fundador, o piedoso cura, padre Duffriche Dégenettes, em 23 de janeiro de 1855.

—

Capellas publicas

1.ª—*Santa Marinha*—Da qual já se tratou largamente.

—

2.ª—*Nossa Senhora da Fonte Santa*—A qual deve a sua origem ao seguinte facto:

Havia no sitio, uma pequena nascente onde principia o ribeiro do *Fontão*, o qual rebentava no interior de um denso silvado. Um pequeno que andava guardando gado, instigado pela sêde, penetrou como pôde até á nascente, e alli viu uma imagem da Santissima Virgem; de cujo achado deu parte ao povo, que logo alli erigiu á Senhora uma edicula, onde collocaram a santa imagem.

Á agua d'esta fonte se attribuem algumas virtudes therapeuticas, principalmente para a cura das intermitentes.

Houve n'este sitio um mercado mensal, que já existia em 1720; mas havendo quasi sempre n'elle graves desordens, se foi tornando diminutissimo o concurso do povo. Para que não acabasse de todo, foi mudado para dentro da villa; mas foi-se pouco a pouco despovoando, até que terminou antes do fim do seculo passado.

De 1850 a 1853, se fez aqui (na villa) um pequeno mercado semanal, que acabou, desde que a capital do concelho se mudou para Sabrosa.

—

3.ª—*São Domingos*—No tope do monte, e

que se diz ter sido mesquita de mouros. Está em ruinas, e a imagem do santo, que é de pedra, e muito tosca, mudou-se para a capella de S. Sebastião. Já no principio d'este artigo se fallou d'esta capella em varias partes.

—

4.ª—*São Sebastião* — (Tambem chamada do *Santo*, e do *Calvario*, por estar no largo onde termina a ultima estação da Via-Sacra. As cruzes d'esta Via-Sacra, foram todas feitas em 1733.)

Serviu de matriz, em quanto duraram as obras da nova egreja. Está em ruinas e a imagem da padroeira foi para o altar de S. Roque, da egreja matriz.

—

5.ª—*Santa Catharina*—(Hoje tambem chamada de *Nossa Senhora das Dôres*.)

É muito antiga, mas foi reconstruida em 1807, á custa dos devotos, e com uma avultada esmola deixada em testamento, por Bento Borges, de quem já fallei.

—

6.ª—*São Roque*—Ficava na rectaguarda da antiga matriz. Foi demolida, mas erigiram-lhe altar proprio na actual egreja, para onde foi transferida a imagem do padroeiro.

N'este altar, se acham tambem as imagens de S. Sebastião (como já disse, quando tratei da sua capella) e a do Coração de Jesus, tirada do seu altar proprio, para alli ser collocada a do Coração de Maria.

—

7.ª—*Senhor dos Afflictos* [1]—Parece muito antiga, mas não é, pois ainda não estava construida em 1720. Segundo a tradição, a origem d'esta capella, foi a seguinte:

Um individuo da familia a quem esta capella pertenceu, clerigo, ou minorista, assassinou um tio-avô, do actual sr. padre Bento Esteves Teixeira. O criminoso foi a Roma, onde se demorou bastante tempo, antes de obter absolvição. Prometteu, logo que regressasse á patria, fundar uma ermida ao Senhor dos Afflictos, o que cumpriu.

Domingos Lopes Monteiro, irmão do fundador, e fallecido em 1792, tinha doado, em vida, certos bens a esta capella; e por seu testamento lhe deixou uma vinha.

Parece que o irmão fundador, se chamava Antonio d'Andrade Rebello.

Tem a capella dois breves de indulgencias, concedidos por Pio VI, e publicados em 20 de julho de 1794.

A ermida está profanada, servindo de armazem, para utencilios domesticos e agricolas.

Mas ainda conserva todas as imagens, e facilmente se restituiria ao culto divino.

Em Domingos Lopes Monteiro, o tal seu irmão, e suas irmãs, D. Maria Engracia Rebello, e D. Catharina Victoria d'Andrade Rebello (que foi casada com o medico, José Teixeira Mourão, d'Alvações do Córgo)) todos fallecidos sem successão, terminou a familia da casa a que esta capella pertencia, passando os bens a herdeiros remotos, que venderam tudo, ha mais de 40 annos, e desde então nunca mais na capella se disse missa.

—

8.ª—*Santa Maria Magdalena*—Ao fim da rua de Santa Catharina. Era do povo, mas, como estivesse por concluir, o arcebispo deu-a a Antonio da Cunha Botelho, a cuja residencia estava contigua.

No logar onde existiu esta capella, está hoje um comprido armazem, e lagares de vinho, feitos por Gonçalo Borges Ferreira de Queiroz. Da capella, apenas existe um pequeno resto de parede, formando parte de um muro de vedação.

Houve em frente da capella, até ao principio d'este seculo, um cruzeiro de pedra, onde o povo, na sexta feira santa, hia fazer certas rezas. Por causa d'este cruzeiro, tomou o sitio, o nome de *Cruz da Magdalena*, nome que foi esquecido e já hoje ninguem lhe dá.

—

A residencia do parocho é um bom edificio, construido no fim do seculo passado, por diligencias do reitor Manuel José Guimarães Gomes, que governou esta egreja quasi 39 annos. Foi feito á custa do arcebispo de Braga, D. Gaspar, que dispendeu

[1] Esta capella não é publica, mas, como é de uso publico, vae incluida n'este logar.

na obra 1:600$000 réis. Até ahi o parocho vivia em casa alugada.

—

O cemiterio da freguezia é bom e está bem situado. Foi feito á custa do povo e da camara, e principiado em 1855, sepultando-se alli os cadaveres logo no anno seguinte.

—

Relação dos parochos collados d'esta freguezia desde que ha registos

Francisco Monteiro—Desde 1559 a 1629.

Francisco Pinto da Cunha (da casa da Praça)—Desde 1629 até 1663.

Antonio Pinto da Cunha (sobrinho do antecedente)—Desde 1663 até 1703.

José Pinto da Cunha (sobrinho do antecedente)—Desde 1703 a 1733.

Antonio Pinto da Cunha Pimentel Taveira (sobrinho do antecedente, da familia dos Taveiros de Villa Real, e hoje viscondes de Guiães)—Desde 1735 a 1737.

D. Manuel da Cruz Faria (da casa das Devezas, em Villa Nova de Gaia, pertencente á familia dos condes da Arrochella)—Desde 1738 a 1744.

Francisco Xavier Teixeira de Magalhães Lacerda—Desde 1745 a 1758.

Manuel José de Moura Negrão (d'Arouca) —Desde 1760 a 1768.

João Carlos d'Almeida e Sousa—Desde 1768 a 1772.

Manuel José Guimarães Gomes (de Braga, o que fez a casa da residencia)—Desde 1774 a 1813.

Thomaz José de Carvalho—Desde 1813 a 1818.

Domingos Alves da Silva—Desde 1818 a 1829.

Frei Manuel da Cunha Rego (frade franciscano, do mosteiro de Ferreirim, e natural de Constantim de Panoias)—Desde 1838 a 1846.

Antonio José Alvares de Castro (de Friões, junto a Chaves)—Desde 1849 a 1853.

Roberto Antonio da Silva (hoje prior da freguezia de S. Martinho d'Anta)—Desde 1855 a 1863.

Boaventura de Moraes Sarmento (de Parada de Penhão, actual parocho)—Desde 1863.

—

A villa ainda conserva o seu pelourinho, attestando aos vindouros a existencia da sua autonomia diuturna. É uma columna monolithica coroada por uma especie de gaiola e conservando ainda parte da antiga corrente de ferro, chumbada ao fundo da columna.

Foi construido em 1573. Está levemente inclinado, mas não ameaça proxima ruina.

—

Na mesma praça onde existe o pelourinho, ha um bom chafariz, adornado com as armas de Portugal e com as insignias archiepiscopaes. Foi construido em 1755.

—

Homens notaveis de Provezende

Nuno Gonçalves de Gusmão—Fidalgo da casa real, sobrinho do famoso cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa. Casou na casa da Praça d'esta villa, com D. Ignez da Cunha, da familia dos senhores de Pombeiro.

Acompanhou D. Affonso V na expedição de Arzilla (Africa) em 1471, na qualidade de commandante de uma das náos de guerra.

Distinguiu-se n'esta empresa, e o rei o armou cavalleiro mesmo na Affrica.

—

Paschoal da Cunha da Costa (filho do antecedente.)—Foi commendador de S. Martinho das Chans, na comarca de Lamego. Na capella-mór da egreja velha de Provezende, onde era o jazigo de sua familia, se via a seguinte inscripção:

AQUI JAZ PASCHOAL DA CUNHA DA COSTA FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, COMMENDADOR, E SOBRINHO DO CARDEAL D. JORGE DA COSTA.

—

Xisto da Cunha e Gusmão (irmão do antecedente)—Commendador do mosteiro de Santa Maria d'Oliveira, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) no termo de Barcellos.

—

Amaro Fernandes Godinho—Natural de Gafete, no priorado do Crato, e casado com

D. Maria da Cunha, herdeira da casa da Praça, d'esta villa.

Foi capitão de cavallos, durante a guerra da restauração, servindo nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II.

Foi um dos mais exforçados cavalleiros do seu tempo, militando por espaço de 26 annos.

Assistiu ao assalto e tomada de varias praças, entrou em oito combates principaes, matando em um d'elles o tenente general da cavallaria castelhana.

Foi tres vezes gravemente ferido, uma na garganta, outra n'uma perna e outra n'um braço.

D. Pedro II, sendo ainda regente, o fez cavalleiro professo da ordem de Christo, por alvará de 10 de setembro de 1670, promettendo-lhe para si e seu filho uma commenda da mesma ordem; promessa que foi cumprida por D. João V, a favor de seu filho, Leonardo, por alvará de 20 de junho de 1707. No mesmo alvará lhe concedeu outras mercês.

—

Jeronymo da Cunha Pimentel—Da casa da Calçada. Nasceu n'esta villa em 1650. Casou com D. Manuela d'Azevedo, e morreu no Porto, sem descendencia, em 1715.

Foi juiz de fóra da Villa de Castello Rodrigo, desembargador da relação da Bahia, e depois, da do Porto. Foi conservador dos inglezes e ouvidor do crime. Era formado em canones, fidalgo cavalleiro do habito de Christo, e *familiar do santo officio.*

Foi, por ordem do governo, a Angola, syndicar do procedimento do governador, Luiz Lobo da Silva, e a elle se deve o bom resultado da guerra com a rainha Ginga, a prisão do Joga Cacondá, em Benguella, a edificação dos presidios de Ambaca, Mochima e outros.

Fundou uma casa que, em bens de raiz, foi das maiores da provincia, e a vinculou em seu irmão, Luiz da Cunha Pimentel.

Edificou o palacete da Calçada, e por seu testamento obrigou o herdeiro a construir junto do mesmo edificio uma capella, dedicada a S. Jeronymo, á qual o vinculo ficaria unido, com a obrigação de um officio annual por alma do instituidor.

—

Francisco da Cunha Pimentel (irmão do antecedente.)—Distinguiu-se pela sua bravura e patriotismo, na guerra da restauração. Em 1657, reuniu a nobreza da provincia, e com ella esteve em Mirandella, fazendo grandes despezas á sua custa. Foi defender a praça de Chaves, e n'ella se conservou até ao fim da guerra.

—

Domingos Correia Pimentel (irmão dos antecedentes)—Foi capitão de infanteria durante a mesma guerra. Assistiu ao cerco do castello de Lapella, que ainda estava em poder dos castelhanos; entrou nos combates de Monte Labrujo e da Veiga da Matança.. Em 1663 acompanhou o conde do Prado na sua expedição á Galliza, onde assistiu ao ataque da villa de Forrinho e ao combate nos arrabaldes de Bayana. Ficou gravemente ferido em um ataque da praça de Almeidda, e depois, assistiu ao cêrco de Vallença, á batalha de Montes-Claros e outras.

—

João Correia da Cunha (tambem irrmão dos antecedentes)—Acompanhou seu irrmão Domingos, com o qual entrou em todas as acções em que elle tomou parte; mas ferido mortalmente, no cêrco da praça de Vallença, falleceu em poucos dias.

—

Bernardo Borges da Cunha (irmão dos antecedentes e seu companheiro d'armas.).) Ficou gravemente ferido no combate de Monte Labrujo.

Depois, como capitão-mór de Provezeende, continuou a prestar relevantes serviços em defeza da causa nacional.

—

Leonardo da Cunha Godinho—Morgado da casa da Praça, natural de Provezende, mas residindo na sua casa vincular de Villa-Real.

Era fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo, por alvará de D. Pedro II (ainda regente) de 7 de julho de 1682.

D. João V lhe tornou effectiva a tença de

200$000 réis (que fôra prom ettidaas eu p ae) por alvará de 20 de junho de 1707. Foi familiar privilegiado, e de numero, do santo officio.

Serviu voluntariamente, debaixo das ordens do conde de Alvôr, na guerra que então houve com a Hespanha, distinguindo-se pelo valor que sempre mostrou em todos os combates a que assistiu.

Nasceu n'esta villa a 5 de novembro de 1669 e falleceu na mesma villa em 4 de setembro de 1743. Foi sepultado na egreja matriz junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario.

—

Sebastião Pinto de Carvalho (irmão do antecedente)—Foi desembargador na relação ecclesiastica de Braga, e abbade resignatario da freguezia de S. Clemente de Basto.

Foi um varão respeitavel pela sua illustração e pela sua vida exemplar.

—

O Doutor Jeronymo da Cunha Freire Botelho—É o auctor do manuscripto intitulado *Enchyridion*, de que fallei no principio d'este artigo, e do qual extrahi grande parte das noticias pertencentes a esta villa.

A sua obra tem o merecimento de ser o unico repositorio de noticias sobre antiguidades d'esta villa; mas tem o defeito de estar eivada de amachronismos, algumas contradicções, e muittas repetições: parecendo mais a obra de um adolescente do que de um homem a quem a leitura das nossas cousas tenha dado mais reflexão e criterio. Com effeito, Botelho escreveu isto no seu ultimo anno de Coimbra. Nos factos acontecidos no seu tempo foi sempre verdadeiro, mas tinha o defeito de exagerar as formosuras, riquezas e antiguidades da sua terra.

—

José Pinto da Cunha Pimentel—Administrador do morgado da casa da Praça e dos outros vinculos que herdou de seus paes, e senhor de Francellos. Foi fidalgo da casa real, familiar do santo officio, cavalleiro professo da ordem de Christo, vereador da camara do Porto, deputado da companhia dos vinhos do alto Douro, na primeira meza fundadora da mesma companhia.

Construiu a casa do Caes-Novo, no Porto. (pag. 532, col. 2.ª, no fim, deste vol.)

—

José Pinheiro de Figueiredo (ou José Pinheiro Leite de Figueiredo) *Fontoura*—Era natural de Villa-Real, mas estabeleceu-se n'esta villa, onde foi um habil professor de humanidades, e ao qual muitos homens d'esta terra e immediatas, que depois se tornaram illustres, devem os conhecimentos que mais tarde os elevaram a empregos importantes na magistratura, na milicia e no sacerdocio.

Entre os seus discipulos se distinguiu o erudito academico, visconde de Villarinho de S. Romão.

—

José Pinto da Cunha Saavedra—Fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 25 de setembro de 1835. Sentou praça no regimento de cavallaria 6, depois foi tenente de voluntarios de Amarante: cadete, alferes e capitão da *Leal Legião Lusitana*, e commandante do 3.º batalhão da mesma. Fez toda a campanha Peninsular. Foi ajudante d'ordens dos generaes inglezes Wilson, Hamilton, Soulten e Lecór. Assistiu ás batalhas do Bussaco, esteve nas linhas de Lisboa, no cêrco, assalto e tomada de Badajoz, na batalha de Victoria (onde foi gravemente ferido, e esteve em risco de ser enterrado vivo por o julgarem morto.) Assistiu ás batalhas, dos Pyreneos, Nivelle, Toulouse, e á maior parte das que se deram durante esta campanha. Regressou a este reino, com a divisão portugueza, na qualidade de ajudante de ordens do general Lecór.

Foi condecorado pelo governo hespanhol, com as medalhas de Albuera e Victoria; pelos governos de Portugal e Inglaterra, com as dos Pyreneos e Nivelle; e pelo de França com a flôr de liz. Teve a medalha d'ouro, n.º 6, de distinção, de toda a campanha. Finda a guerra, ficou em Lisboa ás ordens do tenente general, Manuel de Brito Mousinho.

Foi commandante dos regimentos de infanteria 13 e 20, governador da praça de Abrantes, e governador militar interino da provincia da Beira Baixa.

Depois da acclamação da constituição, serviu algum tempo ás ordens do tenente general Pamplona (visconde de Beire.)

Não querendo tomar parte na guerra civil de 1820, pediu a sua reforma, que lhe foi concedida, no posto de coronel, por ordem do dia, de 22 de junho de 1821.

Retirou-se á sua casa do Caes-Novo (Porto) onde acabou os seus dias, sendo geralmente estimado e respeitado pelas suas bellas qualidades e pela sua tolerancia para com os homens de todos os partidos.

—

João Pinto Saavedra (irmão do antecedente.)—Sentou praça de cadete na Leal legião lusitana, e serviu a patria com lealdade e bravura, até que, na tomada de S. Sebastião da Biscaia, sendo ajudante d'ordens do tenente general Wilson, foi gravemente ferido, e chegando a sua casa, morreu, passados poucos dias, dos ferimentos, no posto de capitão.

—

Thomaz Pinto Saavedra (irmão dos antecedentes)—Fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, commendador das ordens da Conceição, Torre Espada e de Isabel a Catholica; marechal de campo, e primeiro barão de Saavedra.

Sentou praça de cadete no 2.º regimento de infanteria do Porto (n.º 18.) Em consequencia da sua pouca edade, só tomou parte na campanha da guerra peninsular nos annos de 1813 e 1814.

Seguindo o partido liberal, teve de emigrar em 1828, regressando a Portugal na expedição liberal, em 1832. Assistiu á maior parte das acções e combates do cêrco do Porto, e foi depois, por alguns annos, commandante da guarda municipal. Na guerra de 1846 foi ajudante d'ordens do marechal Saldanha e como tal entrou na acção de Torres-Vedras. Terminou a sua carreira militar como governador da torre de S. Julião da Barra, onde endoudeceu, indo fallecer a Villa Nova de Gaia em 1852.

—

João Teixeira Ribeiro—Bacharel em direito pela universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, e natural d'esta villa.

Tornou-se celebre, como administraddor do concelho de Sabrosa, por ser o terror dos ladrões e malfeitores, que perseguia tenaz e inflexivelmente, praticando muitas vezes não só actos de bravura, mas até de verdadeira temeridade: por isso durante os longos annos da sua administração, prestou relevantissimos serviços ao concelho, restituindo a segurança e o socego publico de que ainda goza.

Foi casado com D. Maria Augusta de Barros Nobrega, ultima representante (bastarda) da familia d'estes appellidos, e como não teve filhos, n'ella se extinguiu esta geração.

O doutor Ribeiro falleceu em 1865, e sua mulher em 1867.

—

Durante a guerra peninsular, muitos habitantes d'esta villa enobreceram pelos seus actos de bravura e patriotismo, tomando voluntariamente parte muito activa nos combates homericos que então se pelejaram contra as hordas sanguinarias de Bonaparte.

—

Casas da Praça, em Provezende, e do Caes-Novo, no Porto

A pag. 533, col. 2.ª d'este volume, tratei rapidamente da familia *Cunha Saavedra*, do Caes-Novo, que é a mesma da casa da Praça, em Provezende. Aqui darei a sua genealogia. [1]

[1] Cumpre-me fazer aqui algumas rectificações com respeito ao que disse d'esta familia, na casa do Caes-Novo.

1.º—Na nota de pag. 532, logo na 11.ª linha, onde se lê *geologicos*, deve lêr-se *genealogicos*.

Na col. 1.ª de pag. 535, e no 2.º periodo, que principia—*Foi unica filha de Diogo Alvares da Cunha, D. Isabel da Cunha, que casou com Alvaro Vaz*—o mais que se segue até ao fim do periodo deve ser inutilisado; por que este Alvaro Vaz, não foi o legendario Alvaro Vaz d'Almada, conde de Abranches, na Normandia.

Na col. 2.ª de pag. 537, onde se lê (no 2.º periodo)—*Por esse tempo, se guardaram nos seus vastos armazens, alguns milhares de pipas d'aguardente*—deve lêr-se—*Por esse*

Primeiramente tratei do appellido *Saavedra* ou *Sávedra*, escolhendo, por mais abreviada, a noticia que consta dos manuscriptos da bibliotheca Palmella.

Saavedra, ou Sávedra[1] appellido nobre em Portugal, cuja familia é de Hespanha, e o tomou do couto de Sávedra, no reino de Galliza. Passou a Portugal, na pessoa de D. Affonso Fernandes de Sávedra, que foi feito alcaide-mór da Covilhan, pelo rei D. Diniz, em 1290. D. Affonso Fernandes, estava ao serviço de Portugal, desde o reinado de D. Sancho II, e foi um dos cavalleiros que este monarcha deu em refens a D. João Nunes de Lara.[2] D'elle descendem muitas familias nobres em Hespanha e Portugal.

Fez o seu solar, na villa de Lumiares (antiga comarca de Lamego, e hoje comarca e concelho de Armamar) na Beira Alta.

As armas dos legitimos Sávedras, sem mistura de outras—como hoje se vê, em muitas, depois dos casamentos com pessoas de outros appellidos, o que tem alterado o brazão primittivo—são—em campo de prata, tres coticas, em faxa, xadrezadas d'ouro e púrpura, de tres ordens; sendo a do meio coberta de uma vergueta de ouro. Timbre, um leão, de prata, com as tres faxas do escudo.

—

Cunhas de Provezende

D. Isabel da Cunha—Filha unica de Diogo Alvares da Cunha, commendador de Castello-Novo, da ordem de Christo, casou com Alvaro Vaz;[1] e foi esta senhora que transmittiu aos seus descendentes, o appellido Cunha. Vide pag. 535, col. 1.ª, e a nota do principio d'este artigo.

D'este casamento, houve uma filha unica, que foi:

—

D. Ignez da Cunha—Senhora da casa da Praça. Casou com Nuno Gonçalves de Gusmão, fidalgo da casa real, filho de João Gonçalves de Gusmão e de D. Isabel da Costa, irman do famoso *cardeal de Alpedrinha*, D. Jorge da Costa, que então era arcebispo de Braga.

Nuno Gonçalves de Gusmão, veio para aqui homisiado (não consta porque crime) e seu tio, D. Jorge da Costa, lhe deu as rendas de S. Mamede de Riba Tua, Goivães e Provezende, que eram da mitra.

Acompanhou D. Affonso V, na expedição que foi á Africa, e conquistou Arzilla e Tanger, em 1471,[2] como capitão de uma das naus de guerra que foram a esta conquista. Com tanta bravura se houve Nuno Gonçalves, n'esta empreza, que o rei o armou ca-

---

[1] No antigo portuguez, para se pronunciar *á*—escrevia-se *aa*—e é porisso que quasi todos os individuos d'este appellido, escrevem *Saavedra;* todavia era mais orthographico escrever *Sávedra*, para evitar um archaismo escusado.

[2] Devia ser muito velho quando foi feito alcaïde mór da Covilhan; pois, deixando D. Sancho II de ser rei em 1246, mesmo d'esta data até á sua nomeação de alcaide-mór, tinham medeiado 44 annos.

Parece-me mais provavel que 1290 é a era de Cesar, que vem a ser o anno de 1252 de Jesus Christo, e que fosse D. Affonso III, e não seu filho, D. Diniz, que lhe desse aquelle emprego.

[1] José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, nos seus *Estudos biographicos*, diz que o marido de D. Isabel da Cunha, foi Fernão Vaz de Sequeira, e não Alvaro Vaz.

[2] Desde estas conquistas, D. Affonso V, tomou o titulo de—*rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa.*

Este titulo passou aos seus successores, que ainda o usam, juntando-lhe mais outros.

Tambem foram estas conquistas que deram a D. Affonso V, o cognome de *Africano.*

tempo se guardaram n'esta quinta, perto de 3:000 pipas de aguardente, etc.

Na mesma columna, e no 5.º periodo d'ella, onde se lê—*A propria familia da casa—o mórgado e sua irman—apezar de não serem realistas, mas, pelo simples facto de terem frades em sua casa, etc.*—deve lêr-se—*A propria familia da casa—o morgado e sua irman—por serem realistas, e por terem frades em sua casa, seriam tambem fusilados, se seu irmão, etc.*

Quando escrevi isto, estava mal informado. Todos os membros que compunham esta familia, pertenciam ao partido legitimista, menos Thomaz Pinto Saavedra, 1.º barão de Saavedra, que era o unico liberal; sendo até sentenciado pela alçada, (como ausente) á pena de fôrca. Vide pag. 335, col. 1.ª, no fim.

valleiro, mesmo na Africa, e o escolheu para seu especial privado, e viveu na côrte até á morte d'este monarcha, que teve logar no palacio de Cintra, em 28 de agosto de 1481. Veio então para a sua casa da Praça, em Provezende, onde falleceu, sendo enterrado na capella-mór da egreja matriz, no jazigo da familia de sua mulher, que ainda actualmente pertence á casa da Praça. Passados annos, foram seus ossos trasladados para Alpedrinha, d'onde era natural.

Nuno Gonçalves de Gusmão ainda vivia em 1517, pois n'esse anno, o arcebispo de Braga, D. Diogo de Souza, lhe fez um prazo na Penha d'Aguia, em Provezende.

Tiveram tres filhos—o primogenito (que é o do numero 3, e dois mais, que são:

Paschoal da Cunha da Costa—Commendador de S. Martinho das Chans, na comarca de Lamego. Foi sepultado em Provezende, no jazigo da sua familia, e na campa se lia:

AQUI PASCOAL D'CUNHA DA CUNHA
DA COSTA, FIDALGO DA CASA DE S. M.,
COMENDADOR E SOB.º DO CARDEAL
D. IORIE D'COSTA

Seguem se em linha recta:

Xisto da Cunha e Gusmão—Commendador do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, dos conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios) junto a Barcellos.

—

3.º—*Manuel Nunes da Cunha*—Fidalgo da casa real, senhor da casa de seus paes. Casou com D. Anna Pinto Pereira, filha de Gonçalo Pereira Pinto, senhor da casa do Arco, em Villa-Real, e da honra de Barbosa, a 4 kilometros de Penafiel.

Esta familia, *de Barbosa*, extinguiu-se, sem deixar descendentes, e, depois de grandes demandas, passou a sua casa para a corôa.

D. João I, deu esta casa aos Malafaias e Azevedos, que são seus actuaes possuidores.

Vide 1.º vol., pag. 3233, col. 1.ª, e *Canas e Rans*.

—

4.º—*Francisco Pinto da Cunha*—Fidalgo da casa real, herdeiro de seu pae, e senhor dos prazos de Casal de Loivos. Casou com D. Philippa de Carvalho, da casa do Poço, em Lamego (hoje representada pelo sr. Antonio de Carvalho Teixeira—vulgo, o *fidalgo do Poço*.)

—

5.º—*D. Isabel da Cunha da Costa*—Filha e herdeira dos antecedentes. Casou com Domingos Lopes, filho de Lourenço Pires, e de D. Isabel Rebello.

Lourenço Pires, acompanhou o rei DD. Sebastião, ás duas jornadas d'Africa, sendo na segunda (1578) capitão de uma das naus. Sabemos que na infeliz derrota de 4 d'agosto, a esquadra portugueza representou um triste papel, pois que, atterrados os officiaes e marinheiros, pela perda da acção, levantaram ferro, e fugiram para Portugal, em vez de esperarem pelos fugitivos e recolhel-os aos seus navios. Esta circumstancia deu causa a serem muitos centenares de portuguezes mortos ou captivos, que se podiam salvar, se a esquadra cumprisse o seu dever.

Por julgar o logar apropriado, mencionarei aqui algumas circumstancias d'esta batatalha, que não são muito conhecidas.

D. Sebastião havia nomeado general da armada, a D. Luiz d'Athaide, homem de bom conselho e muita circumspecção, e que sempre se havia opposto a esta temeraria empreza; mas, por isso mesmo, o rei o mandou por vice-rei para a India, e deu o commando a D. Diogo de Sousa.

A expedição compunha-se de 9:000 portuguezes, de todas as armas, onde entrava a flôr da aristocracia—3:000 allemães, commandados pelo coco-

ronel Amberg (que o principe d'Orange lhe mandára)—700 italianos, commandados pelo cavalleiro inglez Stukelei, militar esforçadissimo—2:000 castelhanos, capitaneados por D. Alonso de Aguilar, official de grande merecimento — e 500 voluntarios, de que era capitão, D. Christovão de Távoras, bravo militar, e grande privado de D. Sebastião.

A esquadra compunha-se de 55 navios de guerra, entre naus e galés, e grande numero de transportes, que eram perto de 900.

O rei embarcou a 24 de junho, do mesmo anno, com D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro; D. Theodosio e D. Jayme, filhos dos duques de Bragança; D. Antonio, prior do Crato; D. Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, D. Ayres da Silva, bispo do Porto; o conde do Vimioso; o embaixador de Castella, e muitos outros fidalgos, das casas mais illustres d'este reino.

A esquadra sahiu de Lisboa, com vento favoravel, chegando á bahia de Lagos, no Algarve, onde se demorou quatro dias. D'aqui navegou a Cadix, onde o duque de Medina-Sidonia, recebeu o rei portuguez, com grandes festas e distincções, por espaço de 8 dias.

Durante este tempo, não cessou o duque (por ordem de Philippe II) de procurar dissuadir D. Sebastião d'esta louca tentativa, mas tudo foi de balde; porque o rei, tendo recebido os soccorros que esperava, levantou ferro para Africa, desembarcando com alguma gente em frente de Tanger, depois de ter ordenado a D. Diogo de Souza, que o fosse esperar em Arzilla, desembarcando alli o resto das tropas, o que este general fez, estando por tres semanas á espera do rei.

D. Sebastião achou em Tanger 300 mouros e o Xarife Mahamet, que lhe deu em refens seu filho Mulei, de 12 annos de edade; o qual o rei enviou a Mazagão.

Molei Moluco, sabendo da chegada dos christãos a Arzilla, se poz em campo, com 60:000 cavallos, e 40:000 infantes.

Apezar de uma grave doença, Moluco foi direito aos portuguezes, e chegando a Alcacer-Kibir, se alojou junto ao váu de Luco, á vista dos christãos.

O Xarife oppoz-se fortemente a que se atacassem os mouros em tão formidaveis posições, e tão longe da esquadra. Demais, dizia elle, estando Molei quasi moribundo, era mais prudente esperar pela sua morte (que todos previam proxima) contando que, depois d'ella, a maior parte das tropas inimigas se passaria para elle.

Tudo foi debalde. D. Sebastião decidiu dar a batalha na manhã seguinte (4 d'agosto) e assim se cumpriu. O rei foi ferido em uma espadua, logo no principio da acção, mas o ferimento não o estorvou de combater com a maior intrepidez, tendo no decurso do dia, dois cavallos mortos debaixo de si.

O exercito portuguez, postado em posições escolhidas, pelo bravo capitão hespanhol, Aldana, e por outros chefes experimentados, estava em bôa

ordem, disposto em 3 linhas, sendo a primeira composta dos voluntarios; á sua direita estavam os allemães e os italianos. Na esquerda estavam os castelhanos; e os regimentos portuguezes formavam a segunda e terceira linha de batalha. A nossa cavallaria, na força de 1:500 homens, estava dividida em dois esquadrões; o da direita, commandado pelo duque d'Aveiro, acompanhado pelo Xarife e os seus mouros, nossos alliados—e o da esquerda (onde hia a bandeira real) estava sob as ordens do duque de Barcellos, filho primogenito do duque de Bragança, tendo a seu lado, D. Antonio, prior do Crato, e outros fidalgos de primeira nobreza.

D. Sebastião, no principio, andou sempre na frente.

Molei Moluco, tinha tambem as suas tropas formadas em 3 linhas—na primeira. estavam os mouros d'Andaluzia, ás ordens de tres capitães, que se tinham distinguido nas guerras de Granada.—A segunda linha era formada pelos *elches* (renegados)—e a terceira pelos africanos, de Fez, Marrocos, e Trudante.

Todas estas linhas formavam uma meia lua, tendo em cada extremidade 10:000 cavalleiros, e na rectaguarda, o resto da cavallaria.

Era evidentissimo que o plano do inimigo era involver o exercito portuguez, muito inferior em numero, como temos visto.

Apenas tomadas estas disposições, espalhou-se no exercito africano a noticia da morte de Molei, pelo que elle, apezar de estar nas vascas da agonia, sahiu da liteira e montou em um cavallo.

A acção principiou pelas 11 horas da manhan, rompendo o inimigo o fogo, mandando disparar contra os nossos toda a sua artilheria.

Os portuguezes fizeram o mesmo, e investiram contra os mouros, com a maior bravura.

O rei, já ferido, combatia com tamanha valentia, á frente dos voluntarios, e dos castelhanos, allemães e italianos, que romperam a primeira linha inimiga, pondo em desordem a segunda.

Moluco, vendo isto, quiz avançar contra os nossos, de alfange em punho, mas foi estorvado pelos seus, e com o esforço que fez, perdeu os sentidos, e cahiria do cavallo se lhe não acudissem, e o tornassem a metter na liteira, expirando poucos minutos depois, pondo o dedo na bôca, para recommendar segredo sobre á sua morte. Estava a seu lado um *elche*, chamado Hamet Taba, que, de vez em quando, corria as cortinas da liteira, fingindo receber ordens de Molei, que communicava aos outros chefes.

Entretanto, a cavallaria africana cercava os nossos por todas as partes.

O Xerife, querendo vadear o rio, morreu afogado n'elle.

A batalha estava perdida, apezar de todos os actos da mais espantosa coragem de que deram provas todas as tropas alliadas, e sobre tudo, as legiões allemans e italianas.

Ao lado de D. Sebastião morreram, D. Affonso de Aguilar, D. Gonçalo Chacon e o bravissimo capitão Aldana, todos

trez castelhanos, e outros muitos fidalgos portuguezes.

Dizem muitos, que o rei foi morto na batalha, depois de estar prisioneiro; mas o maior numero affirma que elle pôde fugir. Dizem estes, que Luiz de Brito, levando a bandeira real envolvida no corpo, encontrara D. Sebastião, que lhe disse *que a segurasse bem, e morressem ambos sobre ella.*

Luiz de Brito, ficou captivo, e disse sempre, que vira D. Sebastião fugir aos mouros. D. Luiz de Lima, disse que encontrára o rei, marchando contra o rio; e Manuel de Sousa, disse que o vira ainda alli vivo, finda a batalha.

Entre o grande numero de fidalgos mortos n'esta desastrosa batalha, que tão fataes consequencias trouxe a Portugal, e além dos já nomeados, se contam—o conde de Vimioso, D. Luiz Coutinho, D. Vasco da Gama, D. Affonso de Noronha, conde de Redondo, conde da Vidigueira, D. Jayme (filho do duque de Bragança) os bispos do Porto, e Coimbra. O duque de Barcellos (que tinha 12 annos de edade!)

D. Antonio, prior do Crato, com grande numero de fidalgos e populares, ficaram captivos.

Foram grandes e riquissimos os despojos do arraial portuguez, porque os fidalgos moços, levaram (bem fóra de proposito!) magnificos utencilios para o seu serviço.

Mesmo assim os africanos perderam 10.000 homens. Logo que foi publicada a noticia da morte de Molei Moluco, foi acclamado rei, mesmo no campo da batalha, seu irmão, Molei Hamet.

Não ha uma unica prova concludente da morte de D. Sebastião na batalha d'Alcacer-Kibir.

Diz-se que, pára evitar que o rei fosse seguido e aprisionado, Sebastião de Rézende apresentou a Hamet um cadaver, dizendo que era o do rei D. Sebastião; o que, com o mesmo fim, foi confirmado pelos outros fidalgos. O que é certo é que este cadaver estava tão desfigurado que era impossivel reconhecer-se; mas, mesmo assim, foi mandado a D. Philippe II, como sendo o verdadeiro.

O rei castelhano, acreditando—ou fingindo acreditar—na identidade do cadaver, lhe mandou fazer sumptuosas exequias, em Madrid, mandando-o depois para o jazigo real, de Belem, onde jaz; porem do mesmo epitaphio da sua sepultura, se vê que ninguem acreditou na identidade do cadaver, pois diz:

HIC JACET, SI VERA EST FAMA, SEBASTUS. ETC.

—

O prior do Crato nunca teve por certa a morte de D. Sebastião.

Todas estas dúvidas deram em resultado, apparecerem por aquelles tempos varios impostores, declarando cada um d'elles, ser o rei D. Sebastião. Os mais celebres, foram, um em Penamacor, outro na Ericeira, e até um locandeiro hespanhol pretendeu passar por D. Sebastião.

Não fallo no que appareceu na Italia, e que se disse ser um barqueiro, chamado Marco Tulio, porque esse, muito bôa gente diz ser o verdadeiro D.

Sebastião, e tanto que Philippe II não se atreveu a mandal-o enforcar, como fez aos outros.

Ainda hoje, depois de 300 annos, ha quem espere pela vinda de el-rei D. Sebastião; mas esta *seita* está actualmente reduzida a um diminutissimo numero de crendeiros.

—

O cardeal D. Henrique, irmão de D. João III, e tio do pae de D. Sebastião, recebeu a noticia da morte d'este, no mosteiro d'Alcobaça, de que era abbade,[1] e marchou logo para Lisboa; e no dia 22 de agosto, nos paços dos duques de Bragança, tomou o titulo de *protector*, e oito dias depois, o de rei.

A sua pusilanimidade causou a nossa desgraça e a escravidão de 60 desastrosos annos. (Vide vol. 1.º, pag. 149, col. 2.ª, no fim, e seguintes).

—

Tornemos a Lourenço Pires.

Depois que Philippe II se tornou usurpador da corôa portugueza, Lourenço Pires se fez seu partidario decidido, pelo que, esteve em risco de ser assassinado pelos populares do prior do Crato, e a sua casa foi por elles saqueada.

Philippe II o fez cavalleiro fidalgo, por alvará de 27 de julho de 1612, com tença e moradia; e por outro de 1615, lhe deu um officio, para o filho que quizesse nomear.

—

6.º—*D. Maria da Cunha*—Senhora e herdeira da casa de seus paes, por seu irmão ter seguido a vida ecclesiastica. Casou, em 1631, com Sebastião Pinto de Carvalho, 7.º filho dos primeiros morgados da Ribeira de Sabrosa. Foi senhor de todos os bens que sua mãe possuia em Villa Real e seu termo; e por esta geração, seus successores vieram a herdar o prazo de Francéllos, e outros casaes annexos.

—

7.º—*D. Bernarda da Cunha*—Que herdou a casa de seus paes, tambem por seu irmão querer seguir a vida ecclesiastica.

Foi esta senhora, que, com seu filho, o padre José Pinto da Cunha, instituiram o vinculo primordial, em 1709.

Tinha casado com o capitão de cavallaria, Amaro Fernandes Godinho, bravo official de D. João IV, de D. Affonso VI e de D. Pedro II, durante a guerra da restauração, assistindo aos assaltos e conquista de muitas praças; entrou em oito batalhas principaes, matando em uma d'ellas, á arma branca, o general da cavallaria castelhana. Ficou gravemente ferido em uma perna e na garganta, em um dos combates, e em todos se portou com o maior denodo.

—

8.º—*Leonardo da Cunha Godinho*—Morgado e senhor da casa de Francellos; fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, por alvará de 7 de julho de 1682.

Serviu na guerra da restauração, sob as ordens do conde d'Alvôr, que o distinguiu pela sua bravura. Foi familiar do numero, do *Santo Officio*, e morreu em 1743.

Tinha casado com D. Thomazia Josefa de Faria, filha do capitão Manuel de Freitas Faria, senhor da casa das *Devezas*, em Villa Nova de Gaia.[1]

D. Thomazia era tia do padre Manuel de Abreu, da quinta do Covello, junto ao Castello de Paiva; filho de Bernardino da Silva e Abreu e de D. Francisca Mauricia do Amaral.

Este padre, com trez companheiros, hindo prégar o Evangelho á China, foram martyrisados (degolados) em Tonkim, a 12 de janeiro de 1737.

[1] Era tambem arcebispo de Braga, 1.º arcebispo de Evora, prior de Santa Cruz de Coimbra, e commendatario de Alcobaça.

[1] Na matta pertencente a esta casa, está actualmente a estação do caminho de ferro do norte.

Do casamento de Leonardo da Cunha Godinho com D. Thomazia, não houve descendencia; herdou a casa José de Freitas Faria, que a deixou a sua mulher, D. Leonor,[1] a qual, por não ter filhos, a deixou a uma sobrinha, que casou com o negociante de vinhos, o sr. Antonio Joaquim Borges de Castro, hoje viuvo, e herdeiro de toda a casa de sua esposa, que assim ficou em *arvore estranha*.

Se a casa continuasse na familia, seria hoje do sr. conde da Arrochella, 3.º sobrinho de D. Thomazia.

A actual abbadessa do convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto, a sr.ª D. Ermelinda Dorothea de Freitas Faria, é filha de José de Freitas Faria, senhor da casa das Devezas, ha muito fallecido.

—

9.º—*José Pinto da Cunha Pimentel*—Fidalgo da casa real, cavalleiro professo na ordem de Christo, por alvará de 8 de junho de 1731; familiar do *Santo Officio*, vereador da camara do Porto, e deputado da primeira meza fundadora da companhia dos vinhos do Alto Douro; senhor dos vinculos de seus passados e do prazo de Francellos, e fundador da casa do *Caes Novo*, em Massarellos, no Porto.

Casou com D. Clara Saavedra y Romay, e foi seu filho

—

10.º—*José Pinto da Cunha Godinho*—Fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 10 de setembro de 1835; bacharel em direito, pela universidade de Coimbra, e senhor de toda a casa de seus ascendentes, menos o prazo de Francellos, que tocou á bisavó da actual senhora condessa de Vinhaes.

Foi capitão de uma companhia de cavallos, que levantou á sua custa: e, tendo ardido o quartel, sem escaparem os cavallos nem os arreios, foi a Hespanha fazer nova remonta.

[1] Por isso á quinta das Devezas se chamava tambem *quinta de D. Leonor*.

Serviu na guerra peninsular, assistindo ás batalhas do Bussaco e linhas de Lisboa, na qualidade de ajudante de campo dos generaes Hamilton e Trant.

Foi, no fim da guerra, reformado em major.

Casou com D. Josefa Neville, senhora da casa do Fôjo, e descendente de uma das mais nobres familias da Gran-Bretanha.

Herdou a casa, seu filho

—

11.º—*José Pinto da Cunha Saavedra*—Administrador dos vinculos de seus paes, e senhor de toda a casa.

Foi cavalleiro fidalgo da casa real, por alvará de 25 de setembro de 1835.

Sentou praça na *Leal Legião Lusitana*, fazendo toda a campanha da Peninsula, como ajudante d'ordens de varios generaes inglezes. Assistiu ás batalhas do Bussaco e linhas de Lisboa, assalto e tomada de Badajoz, batalhas de Victoria, Pyreneus, Nivelle, Hortez, Toulouse e outras, portando-se sempre como bravo e leal portuguez, pelo que foi condecorado com a medalha n.º 6.

Foi tenente coronel dos regimentos de infanteria n.ºs 13 e 20; governador militar da praça de Abrantes, e interino da provincia da Beira Baixa.

Não querendo tomar parte nas guerras civis que principiaram em 1820, pediu a sua reforma, que lhe foi dada, no posto de coronel, retirando-se para a sua casa do Caes Novo.

Falleceu em 19 de setembro de 1855, e jaz no carneiro de sua familia, na egreja do Corpo Santo, em Massarellos.

Não seguiu postos, não foi feito commendador, conselheiro ou visconde, porque não quiz manchar a sua espada (que tanto brilhou ao sol das batalhas, contra os inimigos da sua patria) no sangue dos seus camaradas; ainda que a sua inclinação era para o partido realista.

Casou com sua segunda prima, D. Maria Olympia Pinto da Cunha, senhora de esmeradissima educação e de rarissimas virtudes religiosas e domesticas, que falleceu a 6 de junho de 1838.

Teve dois irmãos, ambos tambem milita-

res da guerra peninsular. João Pinto da Cunha, que sentou praça na *Leal Legião Lusitana*, e fez toda a campanha, até á tomada de S. Sebastião, onde foi gravemente ferido. Foi ajudante de campo do general Wilson, e falleceu no posto de capitão. E Thomaz Pinto Saavedra, que era o mais novo dos irmãos. Foi fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, commendador das ordens da Torre Espada, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da de Izabel a Catholica. Commandou a guarda municipal do Porto, foi governador do castello de S. Julião da Barra, de Lisboa, e marechal de campo reformado.

Tinha feito parte da campanha peninsular em 1813 e 1814.

Sendo tenente de cavallaria, tomou parte na revolta de 16 de maio de 1828, pelo que teve de emigrar, sendo, no Porto, condemnado a pena ultima, pela *alçada*, de sanguinaria memoria. (Vide a col. 1.ª de pag. 335, d'este volume).

Regressou á patria na expedição do senhor D. Pedro, entrando no Porto a 9 de julho de 1832, e fazendo toda a guerra do cêrco d'esta cidade.

Foi feito barão de Saavedra, em 11 de janeiro de 1843, e falleceu, doido, em 1848. (É 2.º barão de Saavedra, seu filno, o sr. Adolpho Pinto Saavedra, feito em 8 de abril de 1869).

Nas guerras civis entre *cartistas* e *setembristas*, tomou o partido da *carta*, e assistiu á batalha de Torres Vedras, na qualidade de ajudante d'ordens do marechal Saldanha.

—

12.º—*José Augusto Pinto da Cunha Saavedra*—Filho de José Pinto da Cunha Saavedra e D. Maria Olympia Pinto da Cunha, é o actual senhor e ultimo morgado dos vinculos de seus paes.

É um dos cavalheiros mais nobres e illustrados da provincia de Traz-os-Montes, e geralmente estimado e respeitado, pela belleza do seu caracter e pelas raras prendas que o distinguem.

É casado com a sr.ª D. Joanna Pinheiro Leite Pereira, da illustre cas do Santo, em Provezende, dignissima esposa de tão eesclarecido cavalheiro.

Ha d'este matrimonio trez filhos, as sr.as D. Maria Olympia, D. Maria Emilia, e o sr. José Augusto.

Saavedra ou Sávedra, é appellido nobre d'este reino e veio de Hespanha, tomado do couto de Sávedra, no reino de Galliza. Veio para Portugal, na pessoa de D. Affonso Fernandes de Sávedra, alcaide-mór da Covillhan, feito pelo rei D. Diniz em 1290. De D. Affonso descendem muitas familias nobres de Portugal e Castella. O seu solar era na villa de Lumiares, no concelho de Armamar.

As armas dos Saavedras, são—em campo de prata, 3 coticas, em faxa, xadrezadas de púrpura e ouro, de tres ordens, sendo a do meio coberta de uma vergueta de ouro. Elmo de prata, aberto; e por timbre um leão de prata, com as tres faxas do escudo.

—

Ha actualmente n'esta villa, oito bacharreis formados pela universidade de Coimbra, mas a maior parte residem fóra. Teem d'aqui sahido varios deputados para differentes legislaturas, sendo o primeiro, Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva, ás côrtes de 1820.

Ha tambem em Provezende bastantes casas de reconhecida nobreza e antiguidade. (Vide *Sabrosa* e *São Joanne*).

Durante a guerra peninsular, muitos dos habitantes de Provezende tomaram as armas em defeza da sua patria e se distinguiram pela sua bravura e lealdade.

Os francezes roubaram aqui, como em quasi toda a parte, todos os objectos de prata—que eram muitos e de muito valor—pertencentes á egreja matriz.

—

Nas guerras civis desde 1820, que tanto sangue portuguez fizeram correr, e tantas desgraças causaram, a maior parte do povo d'estes sitios, mostrou-se inclinado ao partido realista.

Os habitantes de Alem-Penhão (Valle de Mendiz, Favaios, Sanfins e Cheires) que pendiam para o partido liberal, reuniram-se e vieram de improviso sobre esta villa, no dia 13 de fevereiro de 1827. O povo d'aqui, estava desprevenido, andando a maior parte

da gente occupada na lavoura. O capitão-mór, José Joaquim da Veiga Táveira, apenas pôde reunir um pequeno numero de homens, com os quaes resistiu arrojadamente aos invasores, matando e ferindo alguns. Os liberaes, receiando maior damno, retiraram, levando os seus mortos e feridos.

—

Durante a guerra civil de 1832 a 1834, pouca gente d'aqui tomou parte na contenda, pelo que não houve perseguições nem atrocidades a lamentar.

—

Na guerra civil de 1846 a 1847 (*Patuleia* ou *Maria da Fonte*) tambem os de Provezende não quizeram tomar parte; mas, apezar d'isso, e sob pretexto de que o administrador do concelho (patuleia) havia pretendido tomar em Penhão alguns barcos de cereaes que iam para as tropas da rainha, o feroz Marçal (Antonio) invadiu a villa com a sua quadrilha, composta, na maior parte, de assassinos e salteadores, e á qual havia promettido o saque e o incendio.

Por felicidade foi Marçal *aquartelar-se* para a casa do *Santo*, da sr.ª D. Augusta Carolina da Cunha e Gama Lobo, e esta senhora fez comprehender ao sanguinario chefe, que o povo de Provezénde nenhuma culpa tinha nos actos praticados por um só homem (o administrador) pois que, mesmo os que o acompanharam ao Penhão, foram obrigados pela auctoridade.

Custou muito a apaziguar o Marçal, pois que, tendo promettido aos seus um rendoso saque, queria cumprir a sua palavra; mesmo porque receiava a insubordinação e resistencia da sua horda, a qual, vendo desvaneccidas as suas esperanças de pilhagem, effectivamente vociferou e esteve a ponto de desobedecer ao chefe; que só conseguiu fazel-a retirar dizendo-lhe que tivera uma denuncia de que hia ser atacado por forças numerosas da Junta.

Os dois irmãos Marçaes (Manuel e Antonio) pela sua ferocidade, se haviam tornado o terror dos povos das duas margens do Douro, em cujo territorio commettiam toda a casta de atrocidades; porém chegou a occasião de receberem o castigo dos seus numerosos crimes, e ambos foram assassinados á traição.

—

Produz o territorio de Provezende, desde o vinho mais verde, até ao mais fino de Portugal, sendo o vinho branco d'aqui, superior ao melhor do Alto Douro, que é o mesmo que dizer—*o melhor do mundo.*

Tambem produz optimo azeite; e, se houvesse mais cuidado e intelligencia no seu fabrico, rivalisaria com o afamado azeite de Genova.

É abundante em batatas, de superior qualidade, e nos seus montes ha bastantes pinhaes.

Como a terra é pouco abundante de aguas para irrigação, produz poucos cereaes; mas ha muita e optima fructa e hortaliças.

—

A montanha em que assenta a povoação, é susceptivel de cultura. É formada de rocha sedimentar (schisto) pertencente ao periodo siluriano, como a maior parte do solo do Alto Douro.

—

A provincia de Traz-os-Montes é, por emquanto, a mais mal dotada de todo o reino, e Provezende não é uma excepção da regra. Ao que aqui se dá o nome de caminhos não é mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios; o que muito difficulta o transporte dos generos que exporta, e que constituem exclusivamente o seu commercio, hoje muito decadente por causa da invasão do *oidium tukeri*, do *philloxera vastatrix* e da *molestia das batatas.*

Tambem tem concorrido para a decadencia da antiga prosperidade d'esta terra, a elevação do preço de todos os generos que importa, e, principalmente os jornaes dos operarios, que é actualmente mais do dobro do que era ha 20 annos.

—

Não ha a mais rapida noticia da povoação de Provezende durante a dominação romana. O padre D. Jeronymo Contador d'Argote, que nas suas *Memorias para a historia ec-*

clesiastica do arcebispado de Braga, tanto e tão individualmente trata do vasto territorio de *Panoyas*, em cuja circumscripção se acha Provezende, nada diz com respeito a esta villa, durante o periodo romano; provavelmente pela ausencia de monumentos n'esta terra.

Tambem não sabemos o que era Provezende, ou se existia, no tempo dos godos, e o mesmo acontece com respeito á occupação agarena, se exceptuarmos a tal lenda de *Zaide*.[1]

A noticia mais antiga que existe de Provezende, é a doação d'este couto feita á Sé primacial de Braga, em 1080, e da qual já fallei.

Segundo a tradição (mas só a tradição) os arabes expulsaram os christãos do alto do monte (onde hoje é a villa) que então se chamava Valle Verde, para o sitio do *Lameirão*, onde edificaram trez miseraveis aldeolas, nas quaes residiram até que, em 1188, pela expulsão dos mouros, regressaram a Valle Verde; parece porém que deram ás trez aldeias, o nome de São Joanne, que até então tinha o actual Provezende, e que lhe foi restituido depois da expulsão dos mouros, ficando a denominar-se *São João de Provezende*. (Mas ignora-se se até então o orago da freguezia era S. João ou Santa Marinha).

Desde então até ao seculo XV, nada tambem se sabe de Provezende. Depois é que se vieram aqui estabelecer algumas familias nobres, de Villa Real, e a terra principiou a ter alguma importancia; mas, a maior parte dos bons edificios que hoje se vêem na villa, foram construidos no seculo passado e no principio d'este.

Foi então a egreja matriz construida com sumptuosidade, e dotada de ricos paramentos e alfaias. Erigiram-se sete ricas irmandades ou confrarias, chegando a haver na villa quarenta e tantos clerigos de missa, dos quaes alguns foram conegos, doutores em canones, geraes de ordens religiosas, etc.

[1] A lenda do *Probe Zaide* ou não passa de conto da carochinha, ou havia mais *Probes Zaides* em Portugal, que deram o seu nome a outras povoações.

Havia então tambem bastantes bachareis seculares, formados em direito; cavalleiros professos em diversas ordens; officiaes superiores de 1.ª e 2.ª linha; magistrados e outras pessoas qualificadas; os quaes davam grande importancia á povoação.

—

Por conveniencia de paginação e para terminar o 7.º volume, já por demais extenso, na palavra *São Joanne* mencionarei algumas familias nobres de Provezende, que não vão n'este artigo.

—

A um cavalheiro trasmontano, muito illustrado, e muito lido nas cousas da sua provincia, e ao qual me unem verdadeiros laços de sincera amizade, (e cujo nome não estou auctorisado a declarar, pela excessiva modestia do que o usa) devo, não só grande parte do que fica escripto sobre Provezende, como o obsequio de confiar-me varios documentos que me habilitaram a escrever este longo artigo. Receba elle os meus cordiaes agradecimentos e o protesto da minha eterna gratidão.

No mar de incertezas em que tenho navegado para levar a effeito esta obra, tenho supplicado a indispensavel coadjuvação de muitas pessoas que me podiam (e deviam) dar indispensaveis esclarecimentos com respeito ás localidades que lhes deram o berço; mas poucas se prestaram a fazer este serviço; e de entre estes se distinguiu o cavalheiro de que acima fallei, o qual, mais do que nenhum outro, me forneceu dados curiosissimos da sua terra. Honra lhe seja.

Por indicação do mesmo senhor, tenho de fazer algumas rectificações (das essenciaes, deixando de fazer outras por serem de pouca importancia, ou de meras conjecturas) ao que escrevi no fasciculo 125, são as seguintes:

A pag. 681, col. 1.ª—Os documentos por onde consta que esta povoação já existia no reinado de D. Affonso VI, de Leão, são as *Inquirições* de D. Affonso III, já referidas.

O *Enchyridion*, tantas vezes citado n'este

artigo, diz que Toledo pertencia ao reino de Granada: é êrro—pertencia ao kalifado de Córdova.

O mesmo *Enchyridion* (vide pag. 682, col. 1.ª) diz que no monte de S. Domingos houve uma fortaleza romana, e n'ella um templo dedicado a Diana. O cavalheiro a quem devo tantas informações, diz (e diz muito bem) que a fortaleza que existiu no tal monte, segundo se vê dos seus restos, foi construida de tosca alvenaria, e não póde ser obra senão dos arabes, ou dos antigos lusitanos, e não dos romanos, que construiam os seus castellos com toda a solidez e de boa cântaria. No ambito da antiga fortaleza, não ha o minimo vestigio de edificios (quanto mais de templo romano) e parece ser apenas uma construcção ligeira, para livrar os seus possuidores de alguma surpreza, e nunca para sustentar uma séria e prolongada resistencia. O templo de Diana, se existiu, é a actual egreja de Santa Marinha.

A paginas 691, col. 2.ª, mencionei a freguezia de *S. Thomé do Castello*—é erro—devia dizer—*S. Pedro de Celleirós de Panoyas, Villarinho de S. Romão* e outras mais em volta de Santa Marinha.

PROVEZENDE — aldeia da provincia do Douro, na freguezia de Rôssas, concelho de Arouca.

Attribue-se o seu nome a algum senhor godo assim chamado, que a possuiu ou n'ella habitou.

Ha aqui uma capella muito antiga, dedicada a S. João Baptista, ao qual se faz uma grande festa, no seu dia.

PROVINCIA—no antigo portuguez dizia-se *Provença*, significava provincia, região, clima, diocese. Tambem se entendia por *providencia*.

Nos escriptores antigos vê-se muitas vezes empregada a palavra *provincia*, para designar o territorio ou districto de uma cidade, ou de uma villa notavel; e tambem significava julgado, concelho, correição, etc., v. g. *Provincia de Braga, do Porto, de Lamego, de Vizeu, de Cêa, de Santa Maria* (Terra da Feira) etc.

N'estas *provincias* punham os reis um ministro de *maior alçada*, denominado *maiorino, juiz do rei, sobre justiça, vigario* ou *presidente*.

No seculo XV dava-se o nome de provincia a qualquer ermida, oratorio, capella, hospicio, ou recolhimento (de homens ou mulheres) *que faziam voto de profissão*. O rei D. Manuel isentou estas *provincias* do pagamento de portagem.

PROVINCIAS (d'este reino)—Vide 4.º vol., pag. 497, col. 2.ª, no fim.

PROVINCIAS ECCLESIASTICAS—as primeiras de que ha noticia na peninsula iberica, segundo o escriptor arabe, Rasis, e Mariana, *Historia de España*, livro 6.º, tit. 16, são as formadas pelo imperador Constantino Magno, pelos annos 360 de Jesus Christo.

Foram então as Hespanhas divididas em seis provincias ecclesiasticas, a saber: Narbona, Braga, Tarragona, Carthagena, Merida, e Sevilha.

A provincia bracharense comprehendia as cidades de *Brachara, Dumio, Portucale, Aurio, Oviedo, Astorga, Britonia, Iria, Aljubra*, e *Iffa*.

A de Merida, comprehendia as cidades de *Merida, Beja, Lisboa, Idanha, Coimbra, Lamego, Evora, Cauria*, e *Lampa*.

Note-se que as seis *provincias* eram metropolitanas (arcebispados) e as cidades que lhes pertenciam eram sédes de bispados suffraganeos (menos Brachara e Merida, que eram metropolitanas).

Esta divisão, porém, soffreu varias alterações, e no anno de 569, foram feitos suffraganeos de Braga, mais os bispados de Coimbra, Idanha, Lamego e outros; por disposição do concilio de Lugo.

Esta divisão durou até 675, em cujo anno, o rei godo, Wamba, convocou o 11.º concilio de Toledo, no qual se procedeu a nova divisão das provincias ecclesiasticas e dos bispados, que, com poucas alterações, durou até ao principio da monarchia portugueza. Actualmente ha tres provincias ecclesiasticas — o patriarchado de Lisboa, e os arcebispados de Braga e Evora.

Tambem constituiam provincia ecclesiastica, o grão-priorado do Crato, e a prelazia

de Thomar, que, desde 1834 foram unidas ao patriarchado; por isso elle comprehende actualmente uma grande parte da Extremadura, grande territorio do Alemtejo, e ainda parte da Beira Baixa.

—

Os que desejarem mais amplas noticias sobre esta materia, vejam no vol. 1.º d'esta obra, pag. 400, col. 1.ª, a palavra *Bispado*.

PROVINCO — portuguez antigo — parentella, linhagem, geração. *E se alguem do meu provinco, ou de estranio* (estranho) *esta mha* (minha) *manda* (testamento) *britar* (quebrar) etc. Doc. d'Alpendurada de 1285.

Hoje nas provincias do norte, dá se o nome de *provinco* ao rapaz travesso, inquieto e turbulento. É por esta razão, que as beatas dão ao diabo o nome de *Provinco*.

PROVISO — portuguez antigo — mofino, perverso, maldito, condemnado ao inferno. Hoje dizemos *réprobo, precito*.

PROVISOLO — rio do Minho, que corria pela raiz do monte Espino e Castello de Lanhoso, e junto á villa de *Petralvire* (Pedralva?) e á *d'Aliste* (vol. 1.º, pag. 134, col. 1.ª) que deu o seu nome ao antigo Provisolo, que depois se chamou Éste ou Déste, nome que ainda conserva.

Consta de documentos do archivo archiepiscopal de Braga, que no anno 990 de Jesus Christo, Froila e Vilia, venderam uma quinta na villa de Aliste, a Rebello e Fernanda. Onega, filha d'estes ultimos, vendeu a mesma propriedade no anno de 1033, á condessa D. Aragonta Arias, mulher de Pedro Lovezendes, para unirem a outras propriedades que já aqui possuiam desde 1018, e a outras que no mesmo sitio haviam comprado em 1020, a Gella e sua mulher Guerizenda, e a Eldevrêdo Sentas e a Estevam e seus filhos. Depois a condessa ainda aqui comprou outras propriedades aos Osorios.

A condessa D. Aragonta, sendo já viuva, doou á sé de Braga, em 1073, todas as propriedades que possuia em Aliste.

Tambem aqui tinham muitas fazendas, Pedro Osorio e sua mulher Loba Paes; mas a rainha D. Thereza lhas tirou e deu á sé de Braga, em 1127, por castigo de terem *violado e quebrado* o couto dos arcebispos.

Vê-se da doação de D. Aragonta, que a villa de Aliste ficava junto á egreja de S. Mamede.

É a actual egreja matriz da freguezia de S. Mamede d'Este, que fica 6 kilometros ao NE. de Braga. Vê-se, pois que esta freguezia tem mais de 800 annos, assim como a de S. Pedro d'Este, que d'ella foi desmembrada, e que constituiram a antiquissima villa de Aliste. Vide vol. 3.º, pag. 69, col. 1.ª

Tambem se diz que Éste ou Déste, é corrupção de *A Leste*, nome que se deu a este rio, por ficar ao NE. de Braga.

PROZÊLLO ou **PEROZÊLLO** — freguezia, Minho, na comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, concelho de Amares, d'onde dista 2 kilometros ao S. (foi até 24 de outubro de 1855 da comarca e concelho de Pico de Regalados). Arcebispado, districto administrativo e 10 kilometros ao N. de Braga. Dista 368 kilometros ao N. de Lisboa. Tem 135 fogos, em 1757 tinha 86.

Orago S. Thomé.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

A egreja matriz, construida no principio do presente seculo, é um magnifico templo. Foi restaurada e pintada em 1874 e 1875.

A antiga matriz era uns 150 metros ao S. da actual.

Ha n'esta freguezia trez capellas:

S. Miguel, a E. da matriz, e proximo á ponte denominada do *Porto*.

É tradição que foi antigamente egreja matriz. É publica.

Nossa Senhora do Livramento, na quinta da Levada. É particular.

Familia Sagrada, construida em 1766, na quinta das Bouças. É tambem particular.

—

Está esta freguezia situada em terreno muito pouco accidentado, na margem direita do Cávado, que lhe fica ao sul, e a faz abundante de optimo peixe.

Proximo a Prozêllo, é o Cávado atravessado por uma robusta e bem conservada ponte de cantaria, que tem mais de 1:800 annos, pois foi mandada construir pelo imperador Vespasiano, na famosa estrada da Geira, no anno 74 de Jesus Christo. (Vide *Geira*).

É terra fertil em todos os generos do paiz.

A quinta das Bouças, de que já fallei, com a sua boa casa, pertence ao sr. José Manuel Pinheiro d'Almeida.

A quinta da Levada, em que tambem já falli, e a quinta do Porto, com suas respectivas casas, de boa construcção, pertencem actualmente ao sr. Antonio de Amorim Soares de Azevedo, a quem foram doadas pela sr.ª D. Maria Adelaide Vasconcellos Maia, filha do doutor Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia, o qual vinha passar as ferias a estas quintas.

Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia, nasceu na cidade de Braga, a 15 de janeiro de 1750, e foi baptisado a 20 do dito mez e anno, na egreja parochial de S. João do Souto. Era filho do desembargador Jeronymo Coelho da Costa Maia, natural de Braga, e de sua mulher, D. Luiza Maria de Carvalho Araujo e Vasconcellos, senhora da casa de Prozêllo.

Descendia, pela parte paterna, da nobre familia dos Mayas, senhores da Trofa (no Minho) e por sua mãe, de Sebastião Antunes de Carvalho, fidalgo da côrte de D. Sebastião (do qual foi companheiro na desastrosa jornada de Alcacer Kibir) e de Alvaro Rodrigues Velloso e Vasconcellos, que foi vice-rei da India.

O referido Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia estudou preparatorios em um collegio de Braga, e matriculou-se em Coimbra, no anno de 1768, na faculdade de direito, que frequentou até ao terceiro anno; mas, tendo fallecido seu pae, preferiu formar-se em mathematica, tomando capello n'esta faculdade, em 24 de dezembro de 1777.

Em 26 de novembro de 1778, foi nomeado lente substituto, extraordinario, de mathematica, e em 1783, substituto ordinario, tomando posse em 27 de outubro de 1783.

Por carta regia de 1795, foi nomeado lente cathedratico da mesma faculdade, tomando posse a 2 de julho de 1795. Em 1801 foi feito lente proprietario da cadeira de astronomia, regendo no ultimo anno da sua vida, a cadeira de mechanica celeste, cuja sciencia andava então publicando em Paris o famoso Laplace.

Foi o doutor Maia um dos maiores ornamentos da universidade de Coimbra, merecendo ser nomeado socio da Academia das Sciencias, de Lisboa, e de varias sociedades litterarias estrangeiras.

Deixou varios escriptos de grande valia, que, pela sua nimia modestia, não publicou e ainda se conservam ineditos, em poder de seus herdeiros.

Era tambem cavalleiro professo na ordem militar de Christo, feito por D. Maria I.

Falleceu em Coimbra, sendo lente de prima, a 3 de maio de 1817, e foi sepultado na egreja de S. Bento. Na sua sepultura mandaram os seus discipulos gravar a seguinte inscripção:

VIRO CLARISSIMO
EMMAN. JOACH. COELIO COSTIO
VASCONCELL. MAIÆ.
BRACHARENSI
MILIT. CHR. EQUITI IN CONIMBR.
ACADEM. MATH. PROFES. PRIMAR.
PRIMOQUE APUD LUSITANOS
AB AN. MDCCCI
MECHANIC. COELESTIS ANTECESSOR
REG. SCIENT. ACAD. OLISIPON.
SOCIO MAGISTRO SUO DESIDERATISSIMO
PRIDIE CALEND. MAII
AN. DOM. MDCCCXVII.
SIBI EREPTO
IN AMOR. ET OBSERVANT.
MONUMENTUM DISCIPULI.

PROZÊLLO ou **PEROZÊLLO** — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 200 fogos, em 1757 tinha 89.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O visconde de Villa Nova da Cerveira (depois marquez de Ponte de Lima) apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

No altar de Jesus, da egreja matriz, ha reliquias de Santo Estevam, ás quaes o povo attribue a virtude de preservar da hydrophobia.

Antigamente, quando o povo d'aqui queria chuva, hia mergulhar a padroeira no rio.

Existe ainda n'esta freguezia a torre so-

larenga em que viveu D. Egas Paes, e n'ella entraram os Pachecos, senhores de metade dos Arcos, por esta parte; mas perderam este senhorio, e tudo o mais que tinham n'este reino, por passarem para o serviço de Castella.

Este senhorio foi depois dado aos viscondes de Villa Nova da Cerveira. O visconde D. Francisco de Lima, deu a torre de Prozêllo, com a sua quinta, a D. Isabel de Lima, sua meia irmã (filha de seu pae, o visconde D. João de Lima, e de D. Catharina de Mello) com o fôro annual de um ovo (!)

Esta senhora casou com D. Francisco de Herrera, fidalgo castelhano, e d'estes descende o sr. Damião Pereira da Silva, senhor da casa de Bretiandos, que ainda hoje paga o tal ovo aos descendentes dos viscondes.

PUÇAL ou **PUCAL**—portuguez antigo—medida de vinho, que constava de cinco almudes. Cada *quinal* (pipa) tinha cinco puçaes, isto é, vinte e cinco almudes.

Mas o puçal variava de capacidade, por causa da differença das medidas, na maior parte das terras, era de cinco almudes, mas em outras tinha oito, oito e meio, e nove.

Parece que os cestos de vendima chamados *puceiros*, trazem o seu nome de *puçal;* mas, como tambem se dá o nome de *almudeiros* aos *puceiros*, parece que n'estas terras o *puçal* só constava de um almude. (Vide Moio, Quinal, e Vendima).

PUCARIÇA—aldeia, Douro, na freguezia e concelho de Cantanhede, distando da villa d'este nome 1:500 metros. Tem 200 fogos.

É hoje uma povoação importante, pela sua industria no fabrico de couros.

Na mesma freguezia ha a povoação das *Arrótas*, com 90 fogos, que é um bairro da villa, pois apenas fica separado d'ella (ao NO.) pela egreja matriz e seu adro.

O solo d'estes logares—como o da maior parte da freguezia—é em geral, leve, frio e arenoso, pelo que precisa de muito adubo para produzir; todavia o concelho abunda em trigo e vinho, e tambem produz algum arroz.

Ha ainda por estes sitios muitos terrenos incultos, que podiam ser arroteados, o que tornaria a terra ainda mais fertil.

A palavra *Arrótas* é corrupção de *Arroteias*, terras de monte reduzidas á cultura.

PUDENTES—A pag. 113 d'este volume, tratando da villa de *Podentes*, disse que e nunca teve foral. Levou-me a este engano D. Franklin, porque escreveu *Pudentes*.

O rei D. Manuel deu foral, com o titulo de villa, a Podentes, ou Pudentes, em Lisboa, a 17 de fevereiro de 1514. *(Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 114, col. 2.ª)

PUCILGÃO—portuguez antigo—grande pocilga onde se chafurdam os porcos. Tambem curral d'estes e de outros animaes. Vide *Enxido*, a pag. 40 do 3.º volume.

PUGA—appellido nobre d'este reino. Veio de Galliza e tinha o seu solar em Orense.

Principiou por alcunha.

Passou a Portugal na pessoa de Gonçalo Annes de Puga, no reinado de D. João III. Os Pugas trazem por armas, em campo de púrpura, duas esporas de ouro em banda, e duas caldeiras de prata em contrabanda. Elmo de aço aberto, e por timbre um braço vestido de púrpura, com as duas esporas de ouro, do escudo, na mão.

Menciono este appellido, por ser pouco conhecido e me parecer que está extincto.

PUGNAR—portuguez antigo—castigar, punir. Vem do latino *punio*. Tambem *pelejar, combater*, pugnar, etc.

PULCECO, PULCEGO, PULVIGO, PUPLICHO e **PURVICO**—portuguez antigo—publico, patente, manifesto, evidente, etc. Doc. de Salzêdas, de 1285. Prazo do mesmo mosteiro, de 1310. Doc. de S. Pedro, de Coimbra, de 1340.

PUNAR e **PUNHAR**—portuguez antigo—fazer toda a diligencia por concluir com felicidade qualquer negocio.—*E esto* punade *ora vós de fazer... E vós, tanto que esto for feito*, punhade *loguo de cambharless esses casaes*. (Carta do rei D. Diniz, do anno de 1317. Doc. de Lorvão.)

PUNHE ou **VILLA DE PUNHE**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna do Castello, 30 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 300 fogos, em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Tibães, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil e saudavel. Peixe do Lima e do mar.

PUNHÊTE — aldeia, Douro, na freguezia de Alféna, no concelho de Vallongo, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 20 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra muito fertil, como são todas as dos arrabaldes do Porto. Vide *Alféna*.

Manuel da Silva Passos, talvez não soubesse da existencia d'esta aldeia com similhante nome (apezar de ter nascido perto d'aqui, na freguezia de Guifões, concelho de Bouças, vol. 3.º, pag. 347, col. 1.ª) aliás a *chrismaria*, quando foi ministro, como fez á villa do mesmo nome.

PUNHETE — villa, Extremadura, hoje denominada *Constancia*, ou *Villa Nova de Constancia*.

Esta villa já está descripta, a pag. 380 e seguintes, do 2.º volume; porém aqui tenho a accrescentar o seguinte:

Disse que me não constava que esta villa tivesse foral, porque Franklim não o traz; mas, de uns apontamentos que agora achei entre varios papeis, consta que o rei D. Sebastião, quando a fez villa, em 1578 (outros dizem que foi o cardeal-rei, em 1560, sendo regente, na menoridade d'aquelle soberano) lhe deu foral.

Inclino-me a que fosse D. Sebastião, porque os taes *apontamentos* dizem que a cathegoria de villa e o foral, foram dados a esta povoação por aquelle monarcha, a pedido de Simão Gomes (*o sapateiro santo*) do qual o rei foi grande amigo; e porque o mesmo diz o *Sanctuario Marianno*, tom. 3.º, pag. 138.

Esta villa, em quanto pertencia ao bispado da Guarda, era a primeira freguezia d'elle, pela parte do S.; porque, sendo o Zêzere o que a divide da prelazia de Thomar (hoje patriarchado) o Tejo a dividia do, então, arcebispado de Lisboa.

Havia aqui uma antiquissima ermida dedicada a Nossa Senhora dos Martyres, cuja padroeira era da particular devoção do povo da villa e immediações.

Era a ermida muito pequena, e, por velha, estava muito arruinada, pelo que o povo lhe construiu um sumptuoso templo, para onde conduziu a imagem da Senhora, em solemne e apparatosa procissão, collocando-a no altar-mór.

Segundo a lenda, a santa imagem fugiu na noite immediata para a sua antiga ermida, e o mesmo fez mais duas vezes, quando a levavam para o novo templo. O povo então, decidiu reedificar a velha ermida, e lá ficou a imagem da padroeira.

Passados alguns annos, os frades do Lorêto (capuchos de Santo Antonio) levaram, não se sabe porque titulo, a devota imagem da padroeira, para o seu mosteiro de Payo-Pelle.

Os povos da villa e seu termo, haviam posto na nova egreja uma bella imagem da Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora dos Martyres, como era a antiga; mas, com o tempo, lhe mudaram o titulo para Nossa Senhora dos Milagres, que ainda hoje conserva. É de pedra e de optima esculptura.

PURGANES ou **PURGANIS** — nome antigo da actual freguezia de *Burgães*, na provincia do Douro, comarca e concelho de S. Thyrso. (Vide vol. 1.º, pag. 505, col. 1.ª, principio).

É situada sobre a margem do rio Ave, e a ultima freguezia que o arcebispado de Braga tem para este lado (S.) porque logo a freguezia immediata é do bispado do Porto.

É parochia antiquissima, pois já existia no tempo do rei suevo Theodomiro, e d'ella se faz menção na divisão dos bispados, feita por este monarcha, no anno de 564, segundo relata a bulla do papa Paschoal II, dirigida a Mauricio, arcebispo de Braga, a 4 de dezembro de 1114.

É curiosa esta bulla, por demarcar os limites do arcebispado. Eis o periodo principal (traducção).

«Ordenamos que os confins da diocese se

conservem para sempre, a ti e a teus successores, da mesma fórma em que se fez a demarcação, no concilio dos bispos, no tempo do rei Miro: a qual demarcação é a seguinte: Da foz do rio Lima, pelo rio acima, até Lindozo, e d'alli á Portella do Homem e á Portella da Lavanca, e a Carragio, até Pedra-Fita; e d'alli ao monte Misero e a Colinaria, e ao pé dos montes Cespitaes, desde alli, pelas alturas dos montes, até a Bouça de Vaccas, e até ao Porto de Mireus; e, desde este Porto, pelo rio Estola, até ao rio Douro; e por este abaixo, até á foz do rio Córgo; e desde alli até ao monte Marão e ao castello de Villa-Chan, até á ponte velha do rio Tâmega, e pelo mesmo rio até ao rio Util, que agora se chama dos Odres; d'alli a Lumba, até ao porto de Burgães, e desde este porto, pelo rio Ave até ao mar.» etc.

PURIFICAÇÃO—Vide *Bucellas* e *Villa de Rei*, no concelho dos Olivaes.

PUSSACOS—Vide *Possacos*.

PUSSOS ou VILLA NOVA DE PUSSOS—villa, Extremadura, na comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho d'Alvaiázere, 40 kilometros ao S. de Coimbra, 160 ao N. de Lisboa, 360 fogos, em 1757, tinha 320 fogos. Orago, Santo Estevam.

Bispado de Coimbra e districto administrativo de Leiria.

Tambem se diz *Puços*.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis. Era commenda da ordem de Christo, por ter sido dos templarios.

Em 1231, o grão-mestre da ordem do Templo, deu a villa de *Puços* e a quinta do Pinheiro (em sua vida) a Maria Pires, viuva de Estevão Pires; ficando estas propriedades, por morte da usofructuaria, livres e desembargadas para o mosteiro (de Thomar). Maria Pires era *fratrissæ nostræ* (dos templarios).

Já se vê que é povoação muito antiga, e foi concelho, com camara e justiças proprias.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa a 15 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, pag. 146, col. 2.ª.

Este concelho foi supprimido ha muitos annos, e a villa está em grande decadencia apezar de seu territorio ser bastante fertil.

FIM DO SETIMO VOLUME

São 3 468

tem o Mapa

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia

67—Praça de D. Pedro—67

1878

A propriedade d'este DICCIONARIO, pertence a Henrique de Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
541
P65
1878
v. 8.

513—Typ. Editora, Rocio, 67—1878

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

Q

Q—como letra numeral, valia antigamente 500, e com um til, valia 500 000.

QABEÇA—portuguez antigo—cabêço, collina, côtto, monte isolado, sobre uma serra ou campina.

QAMPA—portuguez antigo—(tambem se escrevia *quampaa*, *quampam*, *quampa*, e *quampaa*)—campana, sineta, campainha.

QUA ou **CÁ**—portuguez antigo—porque.

QUADRA—freguezia, Traz-os Montes, na comarca e concelho de Vinhaes, 85 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 30 fogos, em 1757 tinha 21.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Santo André de Tiozêllo (ou Tuizêllo) apresentava o cura, que tinha réis 8$000 de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, unida á de Tiozêllo, no mesmo concelho.

QUADRAR—portuguez antigo—pertencer, competir.

QUADRATOS—vide *Regaço*.

QUADRAZAES—freguezia, Beira Baixa, proxima do rio Côa e da raia hespanhola, na comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao SE. de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 350 fogos, em 1757 tinha 190.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Foi antigamente do bispado de Lamego, e hoje é do de Pinh l, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Os *quadrazênhos* são muito turbulentos, e quasi todos vivem de contrabandear; acontecendo muitas vezes resistirem aos malsins, dando-lhes fogo, matando-os ou ferindo os; e até mesmo á tropa de linha que vae em soccorro dos empregados da alfandega.

O seu clima é excessivo, por isso pouco fertil.

QUADRELLA—portuguez antigo—era uma secção ou quadrilha de 20 homens, destinados a qualquer serviço. Tambem se dizia *vintena*.

Dizia-se *aquadrellar*, o acto de pôr em turmas ou quadrellas de 20, tanto com respeito a pessoas como a cousas.

Tambem se dava o nome de *quadrella* ao casal ou courella

Quadrella da muralha era a porção designada para ser vigiada e defendida por pessoas de uma determinada localidade, em occasião de guerra.

QUAER—portuguez antigo—cahir, incorrer em qualquer pena, ficar responsavel. *E por nom* quaer *nas peeas e nas maldiçoens.* (Doc. do mosteiro d'Alpendurada, de 1289).

QUAIRES—antigo nome da actual fregue-

zia de Caires, no concelho d'Amares. (Vol. 2.º, pag. 35).

QUAMANHO — portuguez antigo — qual, quanto, quão grande. Foi termo muito usado até ao seculo XIV. Vem do latim *quam magnus*, que os portuguezes pronunciavam *quam mânhos*.

QUADRAMOLLOS—mosteiro mui notavel da provincia do Douro, no concelho de Felgueiras (entre Amarante e Pombeiro) e na freguezia hoje chamada *Caramôs*, que é uma variante de Quadramollos, e corrupção de *Cara aos mouros*. (Vide *Caramól* e *Caramôs*, a pag. 100 do 2.º volume).

QUAREIRA—portuguez antigo—carreira, caminho onde não cabe mais do que um carro.

QUARQUERE ou **CÁRQUERE**—Já a pag. 116, col. 1.ª, do 2.º volume, tratei d'esta freguezia; mas, como depois d'isso pude obter mais informações com respeito a ella, e das quaes não quero privar os leitores, dou-as n'este logar.

Segundo o *Sant. Mar.*, tomo 3.º, pag. 147 e seguintes, a egreja e mosteiro de *Quarquere* (como antigamente se escrevia, e muitos ainda hoje escrevem) foram principiados em 1099, quando D. Affonso Henriques tinha 5 annos de idade, que foi quando a Senhora fez o milagre. Diz o auctor d'este livro que o infante nasceu em 1094; mas engana-se: elle nasceu em Guimarães, a 25 de julho de 1109, e, se tinha 5 annos quando se deu principio á obra, foi em 1114; porém parece mais provavel ter sido fundado o mosteiro por D. Affonso Henriques, pelos annos de 1129, como adiante se verá.

A egreja do mosteiro foi elevada a matriz da freguezia, e os religiosos, passados alguns annos, abandonaram o convento, não se sabe porque motivo, passando depois a commendatarios, sendo o primeiro e ultimo, D. Ambrosio, bispo de Lamego, por morte do qual, diz ainda o auctor do *Sant. Marianno*, o deu D. João III, em 1561, ao collegio dos jesuitas de Coimbra. É outro engano: D. João III falleceu em Lisboa, a 11 de junho de 1557, e em 1561, quem governava o reino era a rainha viuva, D. Catharina, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião; entregando a regencia a seu cunhado, o cardeal D. Henrique, em 1562. Foi pois o rei D. Sebastião que deu isto aos jesuitas, em 1570, como fica dito quando tratei d'esta freguezia, sob o nome de *Cárquere*.

Quanto ao apparecimento da imagem de Nossa Senhora de Cárquere, descreve o, com mais visos de verdade, o padre-mestre, frei Agostinho da Costa, religioso eremita de Santo Agostinho (graciano) lente de moral no seu mosteiro de Lamego, pela fórma seguinte:

Muitos annos depois de expulsos os mouros d'estes sitios, andando uns rapazes a atirar pedras a alguns castanheiros, para fazerem cahir as castanhas, um d'estes, que era muito velho, bojudo e ôco, quando as pedras lhe cahiam na concavidade, dava som como de sino. Foram dizer isto aos paes, que logo correram ao sitio, e trataram de arrancar o castanheiro, na esperança de descobrirem n'elle algum thesouro. Acharam com effeito um sino do pezo de 7 ou 8 quintaes (que depois serviu para a egreja) uma imagem da Santissima Virgem, feita de madeira, uma cruz de prata lavrada, de 1^{m},33 de altura, que depois serviu para ir nas procissões; uma caixa com reliquias, do Santo Lenho, de S. Braz, e de outros santos, todas separadas umas das outras, com as indicações competentes; e, finalmente, acharam um pergaminho que declarava que estas reliquias tinham sido alli escondidas, no anno em que os mouros invadiram esta terra.

O povo edificou logo uma capella para a Senhora, a cuja imagem entrou logo a consagrar uma grande devoção. [1]

Como D. Affonso Henriques nascera aleijado, *com os calcanhares pegados aos assentos*, Egas Moniz o levou ao altar da Senhora, collocando-o sobre elle, em quanto um padre dizia missa, finda a qual o menino se achou são e escorreito. Depois de rei, e lembrado do que devia a Nossa Senhora, fundou a egreja e mosteiro de cruzios, de Cárquere, fazendo o prior d'elle donatario da villa, e

[1] Segundo outros escriptores, a imagem foi levada para uma capella proxima, da invocação de Santa Cruz.

dando ao convento muitas rendas e privilegios.

Os frades vieram povoar o mosteiro, no dia 24 de fevereiro de 1131, recebendo o habito, D. Tello, com 12 companheiros, das mãos do bispo de Coimbra, D. Bernardo, (que n'esse tempo governava tambem os bispados de Lamego e Viseu).

Já em 1700 não havia do edificio do mosteiro senão o claustro, bastante arruinado, e a casa do capitulo, que era de abobada de pedra, *obra mosaica*, e dentro d'ella uma capellinha dos senhores (depois condes) de Rézende, que n'ella mandavam dizer uma missa quotidiana.

A egreja matriz de Cárquere, de architectura gothica, está collocada em um sitio muito aprazivel, e mostra grande antiguidade. Junto á egreja ainda existe um hospicio que foi dos jesuitas.

No dia da festa da Senhora (4.º domingo de maio) vem aqui 14 procissões de differentes freguezias, e grande concurso de povo, formando um formoso arraial, onde as *lavradeiras* ostentam as suas galas pittorescas.

Aqui vae outra versão, que, a alguns respeitos, varía completamente das antecedentes. A senhora que a apresenta é d'estes sitios e supponho-a bem informada; e o que diz é verosimil.

A sr.ª D. Maria do Pilar Bandeira Monteiro Osorio, diz no seu romance *Lagrimas e saudades*, pag. 99, que «a egreja de Carquere é tão antiga que se lhe ignora a data «da fundação: apenas se sabe, pelas inscri«pções gravadas nas paredes, e que hoje mal «se podem decifrar, pelo muito que estão «corroidas e gastas, e pela tradição, que foi «templo de Diana, no tempo dos romanos, e «mesquita durante a dominação sarracena: «depois, convento de monges negros, ou de «S. Bento, e por troca feita com os jesuitas, «estabeleceram estes alli um hospicio, do «qual curavam a freguezia, recebendo alli «muitas rendas, que tinham por aquelles «sitios.

«Quando a companhia de Jesus foi extin«cta, passou a egreja, com os foros não re«midos, para a universidade, que desde en«tão ficou apresentando o parocho, a quem «dava alguns benesses, e fazendo as despezas «do culto.

«A egreja é de construcção solida e pesa«da, e os seus dourados e lavores em ma«deira, são ricos.

«Da parte do Evangelho, tem um altar, «de architectura gothica, e n'elle a sepultu«ra de um bispo, cujo corpo se vê esculpi«do sobre a pedra que serve de meza ao al«tar. Este bispo e o altar, eram da casa da «Bebinha, cujo appellido era Calvos.

«Do mesmo lado fica o claustro, e ao lado «d'este, a capella chamada *dos Almirantes*, «que pertence aos condes de Rézende. N'es«ta capella, que ha muitos annos está des«moronada, vêem-se quatro tumulos de pe«dra tosca, inteiriços, e inteiriças são tam«bem as tampas que os cobrem. Na parede «fronteira a elles, estão os epitaphios, que, «por gastos, difficilmente se lêem.

«Do outro lado da egreja, está a casa cha«mada *da Alamosa*. É uma casa terrea, que «servia de deposito aos finados da *Alamosa*;[1] «que eram alli enterrados; porque, ainda «que aquella povoação (hoje freguezia) es«tava a mais de 10 leguas de distancia da «egreja de Carquere, era freguezia d'esta «egreja, e os seus mortos alli recebiam se«pultura.» Vide *Rézende*.

QUARTEIRA—aldeia, Algarve, pertencendo parte d'ella á freguezia de Loulé, d'onde dista 6 kilometros ao O., e outra parte á de Boliqueime, cuja egreja matriz fica a 3 kilometros de distancia, comarca e concelho de Loulé. Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Está situada na costa, e é na sua quasi totalidade composta de pescadores.

Foi antigamente uma povoação importantissima, pelo seu grande commercio, marinhas de sal, e pescarias: e até muitos escriptores asseveram que foi aqui a famosa cidade de *Carteia*[2] fundada pelos annos do

[1] Aliás *Lamosa*, no concelho de Sernancêlhe (ou Cernancêlhe), comarca de Moimenta da Beira.

[2] Estou convencido, em vista de tantas *Carteias* e *Citanias*, que vejo mencionadas pelos antigos geographos e historiadores,

mundo 3500 (504 antes de Jesus Chriso) pelos túrdulos ou pelos cúneos.

Esta Carteia foi invadida pelo mar, que actualmente occupa a maior parte do terreno em que estava fundada. O terremoto do 1.º de novembro de 1755, acabou de destruir o resto; e os seus habitantes, que escaparam a este medonho cataclysmo, foram construir as suas pobres cabanas de junco, a uns 300 metros do castello velho.

Depois foram se edificando algumas casas de pedra; e, além da magnifica casa dos *morgados da Quarteira* (Loulés) já tem alguns edificios soffriveis, e os banhistas que aqui concorrem no tempo proprio, teem feito prosperar bastante esta povoação.

Junto da praia, mas dentro do mar, ha vestigios de antiguidades; são construcções feitas com a celebre argamassa de que falla Plinio (*Hist Nat.*, liv. 30, cap. 14) e talvez que a torre hoje chamada da *Vigia*, seja a famosa torre que defendia a velha cidade.

O Oceano, no dia 1.º de novembro de 1755, entrou pela terra dentro 3 kilometros, matando 52 pessoas de ambos os sexos.

Corre por aqui a *ribeira da Quarteira*.[1] formada pelos ribeiros de *Tôr*, *Salir*, *Querença*, *Mercês* e outros, o que faz a terra fertilissima. É atravessada por uma boa ponte de pedra, na estrada de Albufeira para Faro. É de antiquissima construcção. Em uma das suas paredes está uma figueira, tambem muito antiga, que dá figos especialissimos.

Pouco abaixo d'esta ponte, no sitio do *Juncal*, nascem trez olhos d'agua, de grande profundidade, chamados *Mexugueira*, *Ulmo* e *Roballo*.

Diz-se que o gado que cae em qualquer d'estes olhos, se affoga immediatamente.

O distincto medico, o sr. Augusto Feio Soares de Azevedo, natural de Coimbra, e residente em Lagos, pediu, em junho de 1876, licença ao governo, para explorar as ostreiras naturaes que existem entre a Quarteira e o Cabo de Santa Maria.

A Quarteira tinha foral velho, dado pelo rei D. Diniz, em Alcobaça, a 15 de novembro de 1297. (*Livro IV de Doações do rei D. Diniz*, fl. 6, v., col. 1.ª, in fine).

Casa vinculada da Quarteira

O rei D. Diniz deu os terrenos que constituem o actual morgado da Quarteira, em 15 de novembro de 1297, e por aforamento (é o foral) a Martim Marchão (ou Merchão), com a obrigação de os povoar com cincoenta moradores.

Estas terras são fertilissimas, e os melões e melancias d'aqui, são de qualidade especial.

D. João I, mandou fazer n'estas terras os primeiros ensaios da plantação da canna de assucar.

Esta vastissima propriedade fica a 3 kilometros ao O. da povoação.

D. Affonso V deu a Nuno Barreto, morgado da Quarteira, por alvará de 3 de fevereiro de 1460, os direitos reaes do *Porto da Quarteira*.

No tempo das *almadravas*, se lançou n'este sitio, uma do atum, que deu grande resultado.

D. Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto, foi 1.º duque e 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis, 24.º senhor da Azambuja, 12.º senhor da Póvoa e Meadas, e 14.º senhor do morgado da Quarteira. (Vide *Loulé* e *Póvoa e Meadas*).

Cada cabana que se construe na Quarteira, paga de fôro ao morgado, 120 réis; e se fôr casa de pedra, paga 800 réis.

O sr. Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barreto, feito conde da Azambuja (de juro e herdade) em 3 de abril de 1860, é o 25.º senhor da Azambuja, e 15.º senhor do Quarteira.

(Vide 7.º volume, pag. 497, col. 2.ª—*Palacio do Ferreirinha*).

A propriedade da Quarteira, que já era uma das melhores da casa Loulé, tem expe-

que se dava n'esses tempos remotos o nome generico de *Carteia*, a povoação ou fortaleza situada no litoral; e de *Citania*, á que estava no interior. (Vide vol. 2.º, pag. 152, col. 1.ª no principio).

[1] O rio Quarteira nasce na serra do Caldeirão, e morre no mar, formando na sua embocadura o pequ no *Porto da Quarteira*, pouco distante de Silves. Vide *Berlengas*, *Carteia*, *Citania* e *Peniche*.

rimentado grandes melhoramentos desde que está em poder do actual possuidor; o qual, com a sr.ª condessa [1] vão alli passar algumas temporadas, no verão, conquistando pelas suas optimas qualidades, o amor dos seus numerosos caseiros, e o respeito e sympathia de todas as outras pessoas que são admittidas á sua presença.

—

No sitio chamado *Valle de Judío*, proximo da Quarteira, está, em uma bonita veiga, povoada de figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, a capella de Nossa Senhora do Bom Successo, construida em 1693, por iniciativa do beneficiado e thesoureiro da egreja matriz de S. Clemente, da villa de Loulé, o padre Diogo Fernandes Rasquinho.

A Senhora do Bom Successo é objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios.

QUARTEIS MILITARES — vide 4.º volume, pag. 485, col 2.ª

QUARTO DE CRUZADO—moeda de ouro, do tamanho de um vintem em prata, e com o valor de 100 réis. Foi mandada cunhar pelo rei D. Manuel, e trazia sempre na bolsa grande quantidade d'estes quartos, para dar esmolas aos pobres.

QUASA—portuguez antigo—casa. *E des hy a suso, como se vay áá quasa da Visiboha, e comoho vay áá carreira do Sabugal.* (Doc. do mosteiro de Tarouca, de 1278).

QUASAL—portuguez antigo—casal. (Doc. de Tarouca, de 1421).

QUATRO IRMÃOS—logar muito agradavel e pittoresco, Minho, nas faldas da serra da Falpêrra, na estrada de Guimarães para Braga.

Deu-se o nome de *Quatro irmãos*, a quatro penedos que parecem tampas de sepultura. Segundo a tradição, quatro irmãos, d'estes sitios, filhos de Maria do Canto, amavam uma formosa menina, sobrinha do abbade da freguezia. Ardendo em amor e ciume, os quatro irmãos reptaram-se para n'este logar decidirem á paulada, quem havia de casar com a rapariga. Trez ficaram logo mortos no campo, e o quarto, que ainda viveu algumas horas, é que contou tudo ao abbade, que os mandou enterrar no sitio da contenda, que se ficou denominando os *Quatro irmãos.*

QUATRO VINTENS—moeda de prata que fez cunhar D. João III, e, depois, D. Philippe II, com o valor de 80 réis. D Antonio, prior do Crato, acclamado pelo povo rei de Portugal, fez tambem cunhar d'estas moedas, e de cobre, do mesmo valor. As de prata, porém, eram mais pequenas do que as antecedentes.

QUEBRADA—portuguez antigo—enseada, pequeno golfo de abrigo para embarcações miudas. «Nom possam sser tomados em todolos portos e abras e quebradas e ancoraçooens de cada huum dos ditos Regnos e Senhorios.» (Côrtes de Lisboa, de 1380.—Doc. da camara do Porto).

Tambem se dava antigamente o nome de *quebrada*, á terra de pouco valor, ou a um casal insignificante. É por isso que ainda ha pelo reino bastantes aldeias com o nome de *Quebrada.* [1]

Á soldada que se pagava em pão, e que constava de dois pães por dia, se dava tambem o nome de *quebrada.*

QUEBRAR — portuguez antigo — cobrar, alcançar, adquirir, receber, reivindicar, etc.

QUEBRAR MOEDA ou **APAGAR MOEDA** — cunhar moeda do mesmo nome e valor, mas de menos pezo. Vide *Moeda.*

QUEBRANTÕES—aldeia e monte, Douro, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, concelho de Gaia, comarca do Porto.

[1] A sr.ª condessa da Azambuja, é filha do fallecido Antonio Bernardo Ferreira (*o Ferreirinha da Régua*) e da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, hoje casada com o sr. Torres; e irman do sr. Antonio Bernardo Ferreira (*o Ferreirinha*) residente no Porto.

[1] Mas só tinha o nome de quebrada, a propriedade de muito declive e pendurada sobre profundos valles, sobre rios, ou sobre o mar, e que era invadida pelas aguas.—*A nossa* quebrada, *que trouve Ghurgo* (Jorge) *Velho.... que amoredes per vossas pessoas, que fumegue* (que a habitei, cosinhando n'ella).—*Huum maravidi por dous congros que o dito Moesteiro avia de aver da dita quebrada.* (Doc. do mosteiro d'Alpendurada, de 1418) —*E que ponha no dito casal e quebrada, hua mea duzea de huliveiras.* (Doc. do convento de Bustéllo, proximo a Penafiel, de 1482.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O primeiro nome d'este monte foi o de S. Nicolau, depois, de Quebrantões, e hoje se chama Serra do Pilar. (Vide *Gaia, Pilar*, e 7.º volume, pag. 308, col. 2.ª, no fim, e pag. 414, col. 2.ª).

—

É em Quebrantões a quinta que foi de Antonio Teixeira Cabral, capitão mór de Villa Real de Traz-os-Montes, descendente de uma das mais nobres familias da provincia, e vulgarmente *Antonio Teixeira, de Mondrões*, por ter n'esta freguezia uma grande casa. (Vide *Mondrões*).

Foi casado com D. Carlota Canavarro, filha do tenente general Philippe de Sousa Canavarro.

Antonio Teixeira e toda a sua familia pertenceram sempre ao partido legitimista, porém sua irmã, D. Marianna Teixeira, casou com o infeliz desembargador da casa da Supplicação, Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, que, em 7 de maio de 1829 morreu enforcado no patibulo da Praça Nova, por liberal, com mais nove companheiros. (Vide 7.º volume, pag. 328, col. 2.ª). Teve geração.

É hoje possuidora das casas de Mondrões e Quebrantões, uma filha de Antonio Teixeira, casada com o herdeiro da nobilissima familia dos Cirnes, do Poço das Patas, no Porto, e senhores da honra de Gumiuhães.

—

No 7.º volume, pag. 308, col. 2.ª, no fim, tratei rapidamente da capella do *Senhor d'Alem*, reservando-me para n'este logar dar sobre a materia mais amplas informações.

Houve no monte de Quebrantões, um mosteiro de freiras da ordem de Santo Agostinho (gracianas) denominado de *S. Nicolau das Donas*, fundado pelo bispo do Porto, D. Pedro Rabaldes (ou Rabaldis) em 1140.

No alto do monte de Quebrantões havia uma ermida dedicada a S. Nicolau, no logar onde depois se construiu o mosteiro da *Serra do Pilar*, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios). Vide *Grijó*.

Junto d'esta ermida, se achou, no dito anno de 1140, um crucifixo, que foi levado para a ermida e principiou a ter logo com esta santa imagem, grande devoção o povo d'estes sitios.

D. Pedro Rabaldes, quiz aqui fundar um mosteiro de freiras, e como elle tinha sido frade cruzio, do convento de Grijó, quiz que o convento fosse de agostinhas.

Tratou logo de fazer o mosteiro de *indusas* (emparedadas) que ainda existia em 1300, extinguindo-se depois — não se sabe quando — e das suas rendas se fez um beneficio simples, que ainda existia em 1552, com o padroado da capella de S. Nicolau.

Quando os frades de Grijó fundaram o mosteiro da sua ordem (cruzios) da Serra do Pilar, taparam todo o monte de Quebrantões ou S. Nicolau, e, para não ficar dentro da cêrca a capella d'este santo, obtiveram licença do bispo do Porto, D. frei Balthazar Limpo, para a mudarem para a raiz do monte, á beira do rio Douro. Esta licença lhes foi concedida em 17 de junho de 1539.

Trataram logo os frades de fazer a capella, e em 24 de agosto de 1540 foram para ella mudadas as imagens do Senhor Crucificado, de S. Nicolau e de S. Bartholomeu.

A capella continuou a ter ainda por muito tempo a invocação de S. Nicolau, mas foi perdendo-a pouco e pouco, para tomar a de *Senhor d'Alem*.

Teve muitos annos uma rica confraria, e se lhe fazia uma sumptuosa festa a 24 de agosto.

Antigamente, quando havia falta de chuva, levavam o Senhor d'Além para a Sé, ou para a egreja matriz de S. Nicolau, e ahi estava até chover, fazendo-lhe preces, e, depois de chover, uma grande festa.

—

Proximo a Quebrantões é a quinta de *Maravidi* ou do *Marevidi*[1] da qual é actual possuidor, o sr. João Correia Pacheco Pe-

[1] Parece-me mais apropriado o nome de *Marevide*, do latino *mare vidi* (vêde o mar) porque effectivamente d'aqui se vê o mar.

Esta quinta fica entre as ruas da Bandeira e o logar da Barrosa, na freguezia de Gaia; mas uma boa parte d'ella, é na freguezia de Mafamude. A rua da Bandeira é foreira a esta quinta, que foi de João Pacheco Pereira (o celebre *manco de Gaia*) vereador

reira de Magalhães (volume 7.º, pag. 511, col. 1.ª e 525, col.ª 2.ª).

Na capella d'esta quinta foi sepultado o bravissimo brigadeiro Francisco Peixoto, que foi mortalmente ferido, á frente do regimento de caçadores da Beira Baixa (n.º 8) quando atacava a fortaleza da Serra do Pilar, em 14 de outubro de 1832 Falleceu d'ahi a dois dias, em casa de João Rodrigues da Cruz (*o Suzano*) na rua da Bandeira, onde estava de quartel, e que é proxima da quinta, a qual pertence ao sr. João Correia, por successão de seus antepassados, os *Correias Craesbeks.*

A familia Craesbek é oriunda da Allemanha. Pedro Craesbek, um dos principaes cavalheiros dos Estados de Brabante, retirou-se para Portugal em 1560, fugido á perseguição do feroz principe de Orange.

As armas dos Craesbeks, são—em campo azul, uma estrella de ouro, de seis pontas, e sobre ella um crescente de prata, com as pontas para cima; elmo de aço aberto, e por timbre, uma estrella de ouro como a das armas.

Pedro Craesbek, fundou em Lisboa a celebre officina typographica *craesbekiana*, cujos utencilios, á custa de grandes cabedaes, mandára vir da Allemanha, e que principiou a funccionar em 1590, sendo a mais afamada do seu tempo, e que durou n'esta familia até ao principio do seculo XVIII.

Faria e Sousa na 3.ª parte da sua *Europa Portugueza*, 1.ª edição, pag. 351, faz um grande elogio a esta typographia, mas nem todos os exemplares o trazem; porque, tendo D. João da Silva, marquez de Gouveia, certa queixa contra Antonio Craesbek de Mello, neto de Pedro Craesbek, em desforra, fez tirar dos ultimos livros o tal elogio.

Foi Pedro Craesbek proprietario da *imprensa real portugueza*, e D. Philippe II lhe concedeu a honra de cavalleiro da casa real, com as mesmas honras e privilegios que o rei D Manuel tinha concedido a Jacob Cromberger, que, por sua ordem tinha vindo da Allemanha; e isto por uma carta de privilegio e fidalguia, passada a 25 de setembro de 1617.

Casou Pedro Craesbek em Lisboa, com D. Suzana Domingues de Beja, filha de João Domingues de Beja, e de D. Catharina Gomes Pacheco; e d'este casamento nasceram além de outros—Lourenço Craesbek e Paulo Craesbek. O primeiro casou em Verride, com D. Maria de Ceiça, filha do doutor Antonio de Ceiça, corregedor de Torres Vedras, e de D Maria de Araujo.

Paulo Craesbek succedeu na typographia, e casou com D. Maria Torres Velloso, irman do padre João Vieira Velloso, instituidor do morgado da Patameira, e d'este matrimonio nasceu

Pedro Craesbek, capitão de mar e guerra, casado com D. Maria Garcez, da cidade do Porto, e tiveram:

D. Marianna Garcez Craesbek, que casou em Lisboa, com Manuel da Serra, familiar do Santo Officio, e natural da freguezia de Navió, no concelho de Ponte de Lima; que instituiu um morgado na terça de seus bens, o qual herdou seu filho, o doutor Francisco Xavier da Serra Craesbek.

no Porto, e juiz almotacé, bisavô do actual possuidor.

O officio de *almotacé* é muito antigo em Portugal, pois já existia no reinado de D. Diniz.

As suas obrigações e preeminencias se acham apontadas nas *Ord. do Reino*, liv. 1.º, tit. 18 e 67, § 14.

Competia-lhe prover de todos os mantimentos necessarios, os logares onde estivesse a côrte; e cuidar da conservação e reparos das pontes, calçadas e caminhos, que ficassem a cinco leguas de distancia do seu districto. (*Geographia Historica*, de Lima, tom. 1.º, pag. 328 e 524.

Um filho do *Manco de Gaia*, por nome Antonio Correia Pacheco Pereira, sentou praça de cadete, e morreu capitão de granadeiros, do 2.º regimento de infanteria do Porto (depois n.º 18) e fez a campanha de 1762 feita pela Inglaterra e Portugal contra a Hespanha e a França, por causa do celebre *pacto de familia*. Esta guerra terminou pelo tratado de paz entre as quatro nações, feito em 10 de fevereiro de 1763. Antonio Correia foi um militar muito distincto.

Antonio Craesbek de Mello, filho de Paulo Craesbek e de sua segunda mulher, D. Cecilia Soares, e cavalleiro de S. Thiago, succedeu na typographia e casa de seu pae.

Diogo Soares Craesbeck, ultimo filho de Paulo Craesbeck e da referida sua segunda mulher, casou no Porto, com D. Thereza de Sousa Ferreira, e foi procurador da camara d'esta cidade, em 1686, e escrivão da mesma em 1700 e 1701.

Entre outros filhos d'este casamento, houve D. Joanna Maria Craesbeck de Mello, que casou em S. Pedro do Sul, com Luiz Correia de Abreu, senhor do morgado e casa de Anciães, e filho do capitão-mór da dita villa, José Correia d'Abreu e de sua mulher D. Catharina de Vasconcellos. Foi sua undecima filha

D. Rosa Francisca Craesbeck de Mello, que casou com João Correia Pacheco Pereira *(o Manco de Gaia)* familiar do Santo Officio, vereador da camara do Porto, em 1724 e 1725, deputado do subsidio militar e guarda mór da saude. Exerceu todos estes cargos com o maior desinteresse e rectidão, sendo até severo em demasia, para os transgressores das leis, ou dos accordãos da camara, pelo que o seu nome se tornou proverbial, e ainda hoje se diz no Porto e Villa Nova de Gaia — *A justiça do Manco de Gaia te caia em casa!* — (Era manco desde muito novo, em consequencia de quebrar uma perna cahindo abaixo de um cavallo bravo). Morava no caes de Villa Nova de Gaia, em um palacete seu, que foi devorado por um incendio, em 1857, e está hoje reduzido a armazem de vinhos, do grande exportador, o sr. Antonio Ferreira Meneres, que comprou as ruínas e as reedificou.

Foi filho do Manco de Gaia, outro João Correia Pacheco Pereira, que sentou praça no 2.º regimento do Porto, em 15 de janeiro de 1756, e foi reformado em tenente coronel de infanteria, a 13 de março de 1806. Falleceu em 5 de agosto do mesmo anno, com 76 annos de idade, sendo sepultado na egreja do mosteiro de Valle de Piedade, hoje reduzida a armazem de vinhos.

Foi senhor da casa e quinta de Marevidi. Casou em Villa do Conde, com D. Clara Josefa Margarida de Noronha e Silva, filha de Manuel Alberto da Silva, familiar do Santo Officio, cavalleiro professo na ordem de Christo, sargento-mór da mesma villa.

D'este casamento houve muitos filhos, e entre elles, Manuel Correia Pacheco Pereira, senhor da quinta de Marevidi, e de muitos outros bens de seu pae. Sentou praça na artilheria do forte de Nossa Senhora das Neves, de Leça da Palmeira (ou Mattosinhos) em 16 de julho de 1792, e, sendo cadete, pediu e obteve baixa, em 1806.

Casou a 8 de maio de 1810, com D. Maria Benedicta de Moura Teixeira de Magalhães e Andrade, filha de Balthazar Luiz de Moura Magalhães, e de D Thereza Angelica Teixeira Falcão de Andrade, da casa de Fundo de Villa de Vides, na freguezia de Pedraça, concelho de Cabeceiras de Basto. Era sobrinha materna de Bernardo Teixeira Falcão de Andrade, capitão-mór de Basto, e de D. frei Paulo Teixeira, ultimo abbade geral do convento de bernardos de Alcobaça, e esmoler-mór de el rei. Falleceu em 1833.

Manuel Correia Pacheco Pereira e sua mulher D. Maria Benedicta, tiveram os filhos seguintes:

D. Francisca Felicidade Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida a 23 de janeiro de 1815 e que casou com seu primo, o sr. doutor Bernardo Teixeira de Moura Coutinho, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, fidalgo cavalleiro da casa real, com exercicio no paço, distincto advogado no Porto, e senhor das casas de seus maiores, de Fundo de Villa de Vides, Ossella, Telhado, Portella, Paços, e Abelheiro, na freguezia de Santa Maria de Canêdo, concelho de Celorico de Basto.

D. Ermelinda Engracia Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida a 17 de abril de 1818, casada com o sr. doutor Adriano de Magalhães Barbosa de Pinho, esclarecido advogado na cidade de Penafiel, dos quaes é filho o distincto doutor, o sr. Acacio de Magalhães Correia Barbosa.

D. Emilia Ephigenia Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 16 de setembro de 1819, que casou com o sr. Bento José

de Castro, da casa de Afreita, freguezia de Navogilde, no concelho de Lousada, e d'este casamento existem duas filhas, as sr.as D. Maria Maxima de Castro Correia, senhora da casa de seus paes, e D. Bernarda Bertolina de Castro Correia.

D. Rita Adelaide Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 2 de junho de 1829, e que vive na cidade do Porto, com sua irmã, D. Francisca Felicidade, empregando o seu tempo em actos de piedade e caridade, sem ostentação, segundo os preceitos do Evangelho.

D. Maria Alexandrina Correia Pacheco Pereira de Magalhães, nascida em 29 de janeiro de 1827, e vive na sua casa do Vallinho, freguezia de Beire, concelho de Paredes.

E os senhores

José Correia Pacheco Pereira de Magalhães, que nasceu a 5 de março de 1822 Falleceu quando frequentava o quinto anno de direito.

João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, que é o primogenito, e actualmente, por successão, herdeiro e senhor da referida quinta de Marevidi, proximo a Quebrantões, em cuja capella (da invocação de S. João Baptista) elle e todos os seus irmãos foram baptisados, e onde, como já disse, foi sepultado o valente e leal brigadeiro Francisco Peixoto.

Nasceu a 27 de setembro de 1811. Foi capitão da 4.ª companhia do regimento de milicias da Feira (do qual era coronel o honradissimo fidalgo, Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, senhor dos morgados de Campo Bello, Atães, S. João Novo, do Porto, Quebrantões e Gaia Pequena).

Durante a guerra fratricida de 1832 a 1834, fez toda a campanha no seu regimento até abril de 1834, passando então para a 1.ª companhia de granadeiros, do regimento de infanteria n.º 11, a qual commandou na batalha da Asseiceira, em 16 de maio d'esse anno; recebendo pelo seu exemplar comportamento n'esta acção, os elogios do seu coronel, João Antonio Apparicio.

Sempre fiel ao juramento que havia prestado, acompanhou as suas bandeiras até Evora, sendo um dos convencionados de Evora Monte.

Depois d'esta guerra, geralmente desastrosa, seguiu os estudos superiores, em Coimbra, formando-se em direito.

Foi juiz ordinario do julgado de Paredes, por espaço de cinco annos, pois para a sua casa do Barreiro, da freguezia da Magdalena, do concelho de Paredes, se haviam retirado seus paes e toda a sua familia, 15 dias antes do desembarque dos liberaes (em 8 de julho de 1832) e na casa do Barreiro reside desde então.

Até esse tempo residiam na quinta de Marevide.

Foi administrador do concelho de Paredes, desde 28 de julho de 1851, até ao 1.º de de setembro de 1863; sendo exonerado, a seu pedido, por *não querer ser juiz com taes mordomos...*

Não é preciso dizer que em todos estes cargos, foi sempre um magistrado exemplar e imparcialissimo, administrando justiça recta, tanto a gregos como a troyanos.

Dedicou-se então á advocacia, e sempre o seu escriptorio tem sido um dos mais concorridos de consultantes.

—

Casou em 21 de maio de 1854, com a senhora D. Maria Adelaide da Cunha Teixeira Vasconcellos Porto-Carreiro, nascida na casa de Coura, freguezia de Bitarães, em Paredes, a 12 de junho de 1837, e é virtuosissima filha do nosso esclarecido academico e conselheiro, o sr. doutor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. (Vide vol. 7.º, pag. 511 e 525).

D'este feliz consorcio ha actualmente dez filhos, todos nascidos na referida casa do Barreiro, e são, as senhoras:

1.º—*D. Maria Correia de Porto-Carreiro Craesbeck Pacheco Pereira*, nascida em 14 de abril de 1867, e está a educar-se no convento de Jesus, de Aveiro, o qual, desde o fallecimento da ultima freira, se conservou habitado pelas seculares e educandas, que, secundadas pelos principaes cavalheiros de Aveiro, e pelos jornaes da localidade, requereram e obtiveram a conservação do mostei-

ro e pequena cêrca, transformado hoje em collegio de educação de meninas internas.

Como o governo apenas lhes deu o edificio e a cêrca (e isso sabe Deus o que custou!...) aquellas virtuosas senhoras, que alli tinham vivido desde a infancia, não tinham outros meios de subsistencia, senão o pouco que podiam adquirir com o seu trabalho; por isso estabeleceram um collegio, em 1876, que é hoje um dos melhores—senão o melhor—do reino; pois que a directora (a sr.ª D. Leonor Angelica Cardoso de Lemos) que alli foi educada por uma sua tia freira, e alli vive ha mais de 30 annos, é uma perceptora sollicita, virtuosissima e de grande intelligencia e instrucção.

2.º—*D. Antonia Craesbeck de Porto-Carreiro Correia Pacheco Pereira*, nascida em 11 de março de 1869, e que está a educar no mesmo collegio de Jesus.

3.º—*D. Olinda Craesbeck Correia de Porto-Carreiro Pacheco Pereira*, que nasceu a 28 de outubro de 1875.

E os senhores:

4.º—*Manuel Correia de Porto-Carreiro Teixeira de Vasconcellos*, nascido em 11 de setembro de 1855. Frequenta os estudos de engenheria civil, na escola polytechnica.

5.º—*José Correia Pacheco Pereira Craesbeck de Porto Carreiro*, nascido em 12 de maio de 1857, e frequenta a universidade de Coimbra, na faculdade de direito.

6.º—*Antonio Correia Porto-Carreiro Teixeira de Vasconcellos*, que se destina á vida militar, e frequenta, para isso, a escola polytechnica de Lisboa. Nasceu em 20 de novembro de 1858.

7.º—*Abel Correia Pacheco Pereira*, nascido em 15 de julho de 1860. É inhabil para as lettras.

8.º—*Luiz Correia Craesbeck Pacheco Pereira de Porto-Carreiro*, nascido em 21 de novembro de 1861, e frequenta os preparatorios para estudos superiores.

9.º—*Francisco Correia Craesbeck Pacheco Pereira de Porto-Carreiro*, nascido em 31 de março de 1863, e frequenta os mesmos estudos de seu irmão Luiz.

10.º—*Antonio Craesbeck Correia Pacheco Pereira*, nascido em 7 de dezembro de 1872. (Dão tambem a este menino o nome de *Antonio da Trindade*, por ser afilhado do bispo de Lamego, o sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello).

—

Terminarei este artigo com um rasgo da mais acrisolada franqueza e lealdade, do sr. João Correia Pacheco Pereira de Magalhães, é o seguinte:

Quando foi nomeado administrador do concelho de Paredes, disse ao sr. D. Pedro da Costa Macedo, então governador civil do Porto—«É preciso que v. ex.ª saiba quem sou e d'onde venho, para se não enganar comigo: eu sou um official do exercito legitimista, convencionado em Evora Monte, e por nenhum motivo deixarei as convicções que mamei com o leite materno.»—O governador civil, que é tambem um cavalheiro honradissimo, respondeu-lhe:—«Agrada-me a sua declaração, que é um testemunho de lealdade e cavalheirismo; meu pae tambem foi realista e convencionado de Evora-Monte, e eu nem por isso deixo de cumprir rigorosamente os meus deveres, como magistrado superior do districto.»

Mesmo assim, o sr. João Correia soffreu alguns desgostos durante o tempo da sua administração, por ser trahido por alguns liberaes furibundos; porém os liberaes honrados e imparciaes fizeram-lhe sempre, e ainda fazem, a devida justiça.

—

Manuel Correia Pacheco Pereira (pae de todos estes filhos e avô d'estes dez netos) foi um dos mais perfeitos cavalheiros do seu tempo; austero no cumprimento dos seus deveres de cidadão e de pae de familia, antepunha a tudo as leis da honra e da probidade. Catholico puro, foi sempre um legitimista de antes quebrar que torcer, e honrando-se de o ser, tanto em particular como em publico; era inimigo declarado de todos os impios, mações e demagogi-

cos, com os quaes, por nenhum respeito transigia; mas sendo ao mesmo tempo tolerante para com os inimigos do seu partido, se eram homens honrados e catholicos. Deu a todos os seus filhos uma educação esmeradissima, incutindo-lhes nos corações os puros sentimentos que n'elle tanto resplandeciam, não só com a palavra, mas, e ainda mais, com o exemplo; achando em sua esposa um modelo de todas as virtudes religiosas e domesticas, o que muito contribuiu para que seus filhos e filhas sejam respeitados e admirados como dignos descendentes de tão virtuosos progenitores.

QUEIJADA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos (incluindo os da annexa).

Tinha em 1757, a freguezia da Queijada, 45 fogos, e a annexa 56—ambas—101.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna do Castello.

O antigo nome d'esta freguezia era *Queixada*, que vem a ser o mesmo que *Queijada*, porque os nossos avós diziam *queixo* em vez de *queijo*.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tem annexa a antiga freguezia de Boulhosa. (Vol 1.º, pag. 427, col. 1.ª, no fim).

Estas duas freguezias formavam antigamente um couto da ordem de Malta, do qual era senhor o commendador de Chavão, com jurisdição no civel.

No crime pertencia ao julgado de Albergaria. Denominava-se *couto de Queijada e Boulhosa*.

E' terra muito fertil, e atravessada pelo rio Ave e alguns ribeiros anonymos.

QUEIMADA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 12 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa.

160 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia é muito antiga, pois já existia em 1663 (vide *Cambres*) porém o *Portugal sacro e profano* não a traz.

A 2 kilometros d'esta povoação, nas faldas do *Monte Razo*, e no sitio denominado Santo Thyrso, em março de 1876, andando uns operarios a abrir uma valla, em terra do sr. José Antunes da Silva, proprietario, da freguezia de Queimadella, para a passagem de uma agua pertencente ao mesmo e ao sr padre Manuel Alves dos Anjos, parocho da freguezia de S. Romão de Armamar; appareceram, a mais de um metro de profundidade, uma mó de moinho de mão, uma porção de madeira lavrada, e algum carvão, denotando tudo isto muita antiguidade.

Na serra de S. Domingos da Queimada (ou São Domingos de Fontêllo) e mesmo junto á capella do santo que dá o nome á serra, tem apparecido muitas medalhas romanas, com os bustos e inscripções de varios imperadores.

Ha n'esta serra grande abundancia de granito, de qualidade superior para cantaria, o qual se exporta para Lamego, Régua e outras povoações ainda mais distantes.

Na Régua não ha outro granito, senão o que vae d'aqui; porque no territorio d'esta villa só se encontra schisto e quartzo.

Entre a Queimada e a serra de S. Domingos, está a formosa *Veiga de Naçarães* (que os antigos denominavam *de Nazarem*, derivado do arabe — *nasrani*) e n'esta veiga e nas freguezias da Queimada e Queimadella— a seguinte—é que se diz ter existido a primitiva cidade de Lamego, incendiada e arrazada pelas 14 legiões romanas; e que d'este facto provém o nome de Queimada e Queimadella.

Para evitarmos repetições, vide o primeiro *Fontêllo* e *Lamêgo*. [1]

A veiga é uma especie de plató, e, ainda que o solo é frio, é de um lindo aspecto, e de producções variadissimas, por estar muito bem cultivado. Vide *Naçarães*.

[1] Segundo alguns escriptores, Queimada é uma povoação toda construida de novo com o resto dos materiaes da antiga Lamego; e Queimadella que lhe fica ao S.O., foi reedificada na parte destruida, mas haviam escapado algumas casas ao incendio, por isso a esta se chamou assim, por não ter ardido totalmente.

Esta distincção etymologica tem seu tanto ou quanto de *conto de velha*.

Suppõe-se que a antiga Lamego seja uma cidade que Ptolomeu menciona na 2.ª Tabua da Europa, no cap 5°, e á qual dá o nome de *Lama*, e a assenta entre os povos *vetones;* ou então outra que denomina *Laconimurgum*, tambem no paiz dos vetones.

Diz se ter sido uma das grandes povoações da Peninsula.

QUEIMADELLA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 6 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade da Figueira apresentava o cura, que tinha 80$000 e o pé d'altar.

E', como a antecedente, freguezia muito antiga, e já existia antes da monarchia portugueza; mas o documento mais antigo que d'ella encontrei, foi um testamento de mão commum, feito entre Lourenço Pires e sua mulher, Marinh'Annes, no anno de 1314.

O marido diz—*Mando o meu pelote* (capa de pelles) *e a minha capa* (capa de panno, ou capote) *a João Joannes, de Queimadella.* — A mulher diz — *Mando o meu pelote a quem cante missas por mandado do capellão.* (Doc. de Lamego).

Para tudo o mais, vide *Queimada.*

QUEIMADELLA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fâfe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Braga) 24 kilometros ao E. N. E. de Braga (a cujo arcebispado e districto administrativo pertence) e 380 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 149 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 140$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

E' povoação muito antiga, provavelmente anterior á fundação da nossa monarchia.

Nas *Inquirições reaes,* mandadas fazer em 1310 pelo rei D Diniz (era então esta freguezia do julgado da Maia!) se mandou ficar como estava, a *Ferraria,* [1] que traziam *por Honrra, toda, os gafos de Alfena, por que tinha sido de D. João Peres da Maia.*

Vide *Alfêna.*

E' terra muito fertil, como são todas as d'estes sitios.

QUEIRAN—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vouzella, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros ao N. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel Archanjo.

Era commenda da casa das rainhas, as quaes apresentavam o abbade, que tinha réis 300$000 de rendimento annual.

E' freguezia muito antiga, pois nas Inquirições de D. Affonso III (1250) se menciona a freguezia de S. Miguel de Queiran como já existente em 1134.

N'essas Inquirições se diz que o logar de *Noumam* ou *Loumam* d'esta parochia fôra dado por D. Affonso Henriques n'esse anno de 1134 a Pelagio Vezoiz.

Em 1290, nas Inquirições do rei D. Diniz se achou que alli moravam doze homens, *foramontãos,* cujos casaes eram coutados. (Vide *Foramontãos*).

A dois kilometros da egreja matriz, está o logar de Igarei, onde ha uma capella dedicada a Nossa Senhora das Neves.

Segundo a lenda, a imagem d'esta Senho-

[1] A palavra *Ferraria,* aqui, não significa forja, ou qualquer officina de *ferreiro;* mas sim um campo que dá herva (prado ou lameiro).

Vem de *Ferran,* certo pasto verde para gado, cuja semente procede quasi sempre das limpaduras do trigo, centeio e cevada, por isto é que se dá o nome de *farragem* á mistura de cousas heterogeneas, amontoadas sem ordem alguma.

Em 1142, Simão Paes, deão da Sé de Vizeu, emprazou as suas herdades de Gouveia (então termo de Pinhel) na Beira Baixa, com o foro da sexta parte de todos os fructos (o que se chamava *dar de sesmaria*) *excepto versas* (hortaliças) *e porros* (alhos) *e fruytas das arvores.* Além d'isto, uma *Ochava* (oitavo, meia quarta) de trigo e outra de centeio, e que cada um dos moradores ou emphiteutas podessem fazer *a sua ferrãa de huma Ochava,* e não mais. *Suam ferraginem de singulis Ochavis, et non plus.* (Doc. da Sé de Vizeu, de 1142.)

Vide *Ferragial.*

ra appareceu em um monte proximo, aonde hoje existe uma cruz, para memoria, e por isso se chamou o monte de Santa Cruz.

Diz-se que, depois, a mesma imagem apparecêra junto á estrada real, e perto de Igarei.

O povo construiu logo n'aquelle sitio uma ermida, toda de cantaria lavrada, com 52 palmos de comprimento e 31 de largo, com um só altar, que é o da Senhora.

Esta imagem é formada de pedra fina e de excellente esculptura.

Festeja-se no dia de S. Lourenço com o evangelho das Neves, hindo a Senhora em procissão á egreja matriz.

Na mesma capella se festeja a imagem de Santo Antão, e tanto em uma como em outra festividade, recebe a Senhora varias offertas, que são applicadas para o culto divino e reparos da capella.

Os povos que concorrem para a festa, são os de Igarei, Queiram, Quintella, e ainda bastantes devotos das povoações visinhas e da cidade de Viseu.

Phenomeno

Nos archivos do governo civil de Viseu encontra-se o seguinte curioso documento:

Ex.mo sr.—Eu indo a Vasconha conduzir á sepultura o phenomeno da natureza, observei o seguinte:

E' monstro da natureza humana, tinha a cabeça de homem, da grandeza de uma bola de jogar, o craneo coberto de cabello bonito côr de castanha madura, o osso coronar um só, bem formado o rosto redondo, por baixo do dito osso tinha dois narizes bonitos e bem formados, no meio dos narizes tinha um olho com duas (a que se chamam) meninas para a parte de fóra do nariz direito, e do esquerdo tinha seu olho, bem formados, com pestanas e sobrancelhas; por baixo dos narizes tinha duas boccas, bem formadas; tinha um só queixo maxillar com uma só barba, duas orelhas no logar natural; bem parecido do rosto e só disforme pelos dois narizes, duas boccas e tres olhos; pescoço bem feito; de cada hombro saiam dois braços, dois virados para as costas e dois para a frente, cada um com duas canas, e cada mão com quatro dedos; tinha uma só envimia no meio do outro; até aos quadriz é um só corpo; de cada um saem duas pernas, duas do quadril direito, e duas do esquerdo; entre cada duas pernas tem um anus e uma parte pudenda feminina; as pernas cada uma tem duas tibias osseas, cada uma perna com seu pé, cada um com quatro dedos. — Nasceu vivo, durou quasi duas horas, abriu todos os olhos como as boccas, foi baptisado—*in periculo*—por Manuel Duarte.

E' o que pude colligir; hoje o mando enterrar, tendo esperado até agora a ver se alguem o queria remetter ao museu.—Deus guarde v. ex.ª, residencia de Quirã, 11 de abril de 1867.—Ex.mo sr administrador do concelho de Vouzella—Abbade José da Silva e Fonseca.

—

A esta freguezia se dava antigamente o nome de *Queiram*, e no foral que lhe deu D. Affonso III, em Santarem, no 1.º de dezembro de 1272 se lhe dá o nome de *Prado de Qeirã de Lafões* (Liv. 1.º de doações de D. Affonso III fl. 117 v., col. 1.ª no fim).

QUEIRAZ ou **QUIRAZ**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santa Maria de Gallégos apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Esta freguezia está annexa á de Roriz, no mesmo concelho de Barcellos.

E' terra fertil.

QUEIRAZ ou **QUIRAZ** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 85 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago, S. Pedro apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra apresentavam alternati-

vamente o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está annexa á de Villarinho, e por isso se chama officialmente—freguezia de Quiraz e Villarinho.

Antigamente pertenceu ao concelho de Santalha (hoje extincto) e á comarca de Bragança.

QUEIRIGA—freguezia, Beira Alta, concelho de Fráguas, comarca de Castro Daire, 18 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de Cotta apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

QUEIRIZ—freguezia, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algodres, comarca de Celorico da Beira, 42 kilometros ao S.E. de Viseu, 300 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago, Santa Agueda.

Bispado de Viseu districto administrativo da Guarda.

QUEIXO—portuguez antigo—queijo.

(Doc. do Mosteiro de Alpendurada de 1312).

QUELFES ou **QUELFEZ** — freguezia, Algarve.

Já está em *Guelfez*. (3.º vol., pag. 345, col. 1.ª).

Agora accrescento mais o seguinte:

Quelfes é o plural do adjectivo arabe *quelfe*—significa *malhado*. Deriva-se do verbo *cálefa*, ter a côr negra, misturada com manchas amarellas.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos annos de 1700, muito concorrida de romeiros no dia da sua festividade, 1.º domingo de outubro.

QUELHA DE GONTA—monte, Beira Alta, na freguezia de Riba-Feita, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Este monte, ou cabêço, fica a cavalleiro da aldeia de Lustosa, da mesma freguezia, e n'elle se construiu, em 1875, uma elegante e formosa capella, dedicada ao S.S. Nome de Jesus, por devoção e á custa do sr. Manuel Rodrigues de Carvalho Magalhães, do referido lugar de Lustosa.

Do sitio onde está edificada a capella, se avista uma grande extensão de territorio, e os edificios mais altos da cidade de Viseu.

—

Gonta, é nome proprio de homem.

No *Livro de Mumadona* se diz, que D. Flamula vendeu ao *abbade Gonta*, em 923, a sua aldeia de Quintanella, na comarca de Braga.

(Doc. do cartorio do arcebispado de Braga.)

QUÉLUZ—aldeia, Estremadura, na freguezia de Barcarena, concelho d'Oeiras, comarca, districto administrativo, patriarchado e 14 kilometros ao N.O. de Lisboa. Tem (a aldeia) 230 fogos.

E' situada em logar baixo, cercada de varios outeiros de pouca elevação, mas em sitio ameno, fertil e saudavel.

D. Chrystovão de Moura (tristemente celebre por ser traidor á patria, e por isso feito conde de Castello-Rodrigo, por Philippe II, em 1590, e depois marquez do mesmo titulo e *grande de Hespanha*, por Philippe III) tinha aqui uma grande quinta com sumptuosa casa de residencia, o que tudo foi sequestrado por ordem de D. João IV, em 1640.

(Vide Castello Rodrigo, Guarda, Lisboa—palacio de Corte Real—a pag. 125, e Moura). [1]

Além d'esta quinta, o mais, até á data da restauração, era apenas uma aldeia insignificante.

Em 1654, D. João IV fundou com a quinta dos Corte-Reaes e tudo mais que que elles possuiam n'este reino, bem como com os bens de todos os fidalgos que se tinham bandeado com os castelhanos, *a casa do infantado*, por alvará de 11 de agosto do mes-

[1] O sequestro foi feito ao 2.º marquez de Castello Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte-Real, filho do 1.º marquez, e que, como seu pae, era partidario dos Philippes.

mo anno de 1654. em favor do filho 2.º dos nossos reis, afim de estabelecer e formar uma segunda linha de successão.

O filho segundo de D. João IV foi o infante D. Theodosio, que falleceu de 17 annos de idade, antes da fundação da casa do infantado, pelo que passou esta ao 3.º filho, o infante D. Pedro, depois rei, 2.º do nome, e que foi o 1.º senhor da casa do infantado, a qual foi depois muito augmentada em rendimentos, honras e privilegios pelo fundador e seus successores.

O infante D. Pedro, em 1667, foi habitar o palacio de Quéluz, e alli urdiu a conspiração palaciana, que deu em resultado a fugida da rainha, D. Maria Francisca Isabel de Saboia, a 2 de novembro do mesmo anno, para o convento da Esperança, de Lisboa, e a abdicação forçada de D. Affonso VI, logo a 23 do mesmo mez.

D. Pedro, emquanto infante, e mesmo depois de rei, poucos melhoramentos fez no palacio de Quéluz.

Succedeu na casa do infantado seu filho segundo, o infante D. Francisco, que gostava muito do palacio de Queluz, e n'elle rezidia todos os annos pela estação calmosa; mas os habitantes da povoação gostavam pouco da residencia do infante em Quéluz, porque eram frequentes as suas travessuras alli, travessuras que muitas vezes se transformavam em crueldades.

Falleceu em 1742, e o povo acreditou que a alma do infante vagueava todas as noites em torno da quinta, em castigo dos seus peccados, e que esta punição só terminou cem annos depois da sua morte—isto é—em 1842.

O infante D. Francisco, foi senhor do palacio e quinta de Quéluz, por espaço de 35 annos, e bastantes melhoramentos fez n'esta propriedade.

Morreu solteiro, mas deixou um filho natural, reconhecido, que se chamou o *senhor D. João da Bemposta.*

Por morte de D. Francisco, houve demanda entre o infante D. Antonio, 3.º filho de D. Pedro II, e o infante D. Pedro, seu sobrinho (depois rei, 3.º de nome) por causa da successão na casa do infantado, sentenciando os juizes a favor de D. Pedro, que depois casou com sua sobrinha a rainha D. Maria I.

Foi D. Pedro, tanto no tempo de infante como depois de rei, que elevou o palacio e quinta de Quéluz ao grau de sumptuosidade em que hoje se acham, adquirindo, por compra, varias propriedades contiguas, para o alargamento da quinta, e encarregando o architecto Matheus Vicente de Oliveira, e o esculptor francez João Baptista Robillon, do risco e execução de um novo palacio e da planta e ornatos dos jardins e quinta.

Principiaram os trabalhos em junho de 1775, e progrediram até 25 de maio de 1786, dia em que falleceu D. Pedro III. Pararam os trabalhos, até que em 1794 D. Maria I mandou construir um novo corpo do palacio, onde rezidiu.

Tal era a magnificencia d'estas obras, que todos os grandes rendimentos da casa do infantado, apenas chegaram para se concluirem os jardins, sendo preciso que a rainha mandasse dar um grande subsidio, tirado do thesouro publico, para a continuação do palacio, que, mesmo assim, ficou incompleto.

Davam-se aqui, nos dias de S. João Baptista e S. Pedro, e nos anniversarios natalicios da familia real, as mais pomposas festas da nossa côrte, nos tempos modernos.

Sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes, se construiu um theatro, cuja abertura teve logar na noite de 17 de dezembro de 1778, e serviu para solemnisar o anniversario natalicio de D. Maria I. [1]

Em razão do incendio, que destruiu uma grande parte do palacio velho da Ajuda, foi a familia real habitar o palacio de Quéluz, desde os fins do seculo passado até 29 de novembro de 1807, dia em que a familia real fugiu para o Brazil; e no seu regresso (3 de julho de 1821) tornou a habitar o palacio de Quéluz. Pouco tempo depois, foi o rei com seus filhos e filhas mais velhas, habitar o palacio da Bemposta, em Lisboa, ficando em Quéluz sómente a rainha D. Carlota Joaqui-

[1] Tinha nascido a 17 de dezembro de 1734.

na, com a sua filha mais nova, a infanta D. Anna de Jesus Maria, depois duqueza de Loulé.

N'este palacio nasceram varios filhos de D. João VI e da *imperatriz-rainha* D. Carlota Joaquina; mencionarei os seguintes:

D. Pedro, primeiro imperador do Brazil, a 12 de outubro de 1798. (Falleceu no mesmo quarto onde havia nascido, a 24 de setembro de 1834).

D. Miguel I, a 26 de outubro de 1802. (Falleceu em Bromback, Allemanha, a 14 de novembro de 1865).

D. Maria Thereza, princeza da Beira, da qual adiante trato.

A infanta D. Izabel Maria, a 4 de julho de 1801, e fallecida no seu palacio de Bemfica, a 22 de abril de 1876.

Foi em uma das capellas d'este palacio, que, em 1827, se recebeu a infanta D. Anna de Jesus Maria com o marquez (depois duque) de Loulé, em presença da imperatriz-rainha, mãe da noiva.

Aqui falleceu, a 7 de janeiro de 1830, a imperatriz-rainha, D. Carlota Joaquina de Bourbon e Bragança.

O sr. D. Miguel I gostava muito d'este palacio, e n'elle residiu a maior parte do tempo, durante o periodo do seu reinado, com suas irmãs solteiras, D. Izabel Maria e D. Maria d'Assumpção (que falleceu em Santarem a 6 de janeiro de 1834).

O senhor D. Miguel, hia todas as quintas feiras de Quéluz a Lisboa, dar audiencia a todos os que a exigiam, no palacio das rainhas, tambem chamado da Bemposta, junto ao campo de Sant'Anna.

Com a sahida do senhor D. Miguel, com suas duas irmãs solteiras, para as provincias do norte, em 16 de outubro de 1832, ficou o palacio de Quéluz apenas occupado por algumas açafatas e creados antigos da casa real: só em 1834, para alli quiz ser conduzido, já quasi moribundo, o senhor D. Pedro de Bragança, que falleceu no dia acima mencionado.

Desde então, a familia dos nossos reis, só raras vezes, e por muito pouco tempo, tem residido no palacio de Quéluz, apezar de ser a mais bella das habitações reaes de Portugal.

Nos ultimos tempos, como a senhora D. Maria Pia gosta muito d'esta poetica vivenda, tem para aqui vindo passar parte dos verãos a familia real portugueza.

O palacio é composto de varios corpos, differentes nas alturas, uns recuados outros resaltando, cada um de diversa architectura, mas formando no todo uma agradavel e pittoresca perspectiva.

As suas salas são vastas, primorosamente adornadas, e deliciosamente situadas, cercadas de formosos jardins, e bellos laranjaes ajardinados, hortas e pomares amenissimos.

A sua architectura é, em quasi todas as partes, de um gosto primoroso, e as decorações dos aposentos, todas differentes, são de muito bom gosto e lindo effeito.

Treze salas são revestidas de magnificos espelhos, com riquissimos caixilhos de talha dourada, e os seus pavimentos, são, uns de marmore de côres, em formoso xadrez, outros de varias madeiras, tambem de côres, com formosos embutidos, variando de fórma em cada sala.

As maiores salas, em vastidão e riqueza, são a *sala das talhas* e a das *serenatas* Denomina-se assim a primeira d'estas salas, em razão das magnificas talhas do Japão que a adornam. Tem no topo dois thronos, com seus doceis sustentados por columnas oitavadas, guarnecidas de espelhos e dourados. Com espelhos do mesmo modo emoldurados, estão as portas e as paredes. O pavimento é de marmore azul e branco, em xadrez.

No tecto vê-se uma pintura, representando um grande concerto, no qual figura o rei D. José e a rainha D. Marianna Victoria; o famoso mestre de musica, David Peres, tocando cravo, ao lado do rei; a princeza D. Maria (depois rainha, primeira do nome) e as infantas D. Maria Francisca Benedicta (depois, princeza do Brazil) D. Marianna Josefa e D. Maria Dorothea, com papeis de musica nas mãos, em acção de cantarem; o infante D. Pedro (depois rei, terceiro do nome) regendo o concerto; e muitos fidalgos portuguezes.

Foi esta a sala destinada para os concertos da côrte, e n'ella se deram alguns esplendorosos; mas depois se transformou em sala

de beijamãos, e para dar audiencias solemnes aos embaixadores estrangeiros.

Ficou desde então servindo para sala dos concertos, a, por isso, denominada *das serenatas*, que é muito mais vasta e sumptuosa que a precedente. Todas as suas paredes e portas são revestidas, de alto a baixo, de magnificos espelhos, com molduras ricamente esculpidas e douradas.

Da sala das talhas segue para a direita uma galeria com varias salas mais pequenas, mas egualmente ricas, tendo o pavimento de lindos e variados mosaicos, de madeira de differentes côres, e nas paredes, formosos relevos dourados ou prateados, e grandes espelhos, tendo na extremidade inferior, formosas paizagens e varias figuras, primorosamente pintadas no vidro.[1]

No fim d'esta galeria, está o pavilhão onde nasceu e morreu o primeiro imperador do Brasil. Veem-se n'elle trez paineis, pintados a óleo, com os retratos, do principe D. Antonio (filho primogenito de D. João VI, e fallecido em creança), do principe D. Carlos (irmão de Fernando VII, e avô de Carlos VII) e da primeira mulher do mesmo principe e sua sobrinha, a infanta D. Maria Francisca, filha de D. João VI.

O palacio de Queluz é, exteriormente, todo construido de marmore, adornado de grande numero de columnas e pilastras, de ordem jonica e dorica; de balaustradas, estatuas, vazos e outros ornatos. No tympano, sobre a grande janella do centro, do referido pavilhão, está um bello baixo-relevo, representando uma festa de Bacho.

A principal capella do palacio, fica do lado opposto dos jardins, com porta para a rua. É vasta e luxuosa. O oratorio particular contém algumas obras d'arte, de muito valor, sendo as principaes, varios paineis de primorosa pintura e uma formosa columna de agatha, sustentando uma estatua de S. Pedro, de prata, cinzelada com grande correcção e belleza. (Foi presente, dado por Pio VII a D. João VI).

A quinta, pela sua vastidão e magnificencia, corresponde á riqueza do palacio, e é, sem contradicção, a mais bella e luxuosa, e uma das maiores de Portugal.

Os jardins são em grande numero, mas os principaes estendem-se diante das differentes fachadas do palacio, e são adornados de grande copia de estatuas e vazos de marmore; e de lagos de todos os tamanhos e feitios, com repuchos de formosa apparencia. Quem d'estes jardins sáe para o parque, vê dois altos pedestaes, servindo de baze a duas estatuas equestres, representando a Fama. São de marmore, e foram esculpidas por Manuel Alves, e Silvestre de Faria Lobo, pelo desenho do architecto francez Robillou, de que já fallei.

A quinta é no gosto italiano, cruzando, em todas as direcções, largas e compridas ruas, orladas de frondoso arvoredo; tendo tambem jardins, estatuas, lagos, viveiros, pomares de tangerineiras, ajardinados, cortados de bellos lagos, de marmore, imitando canaes; uma bella cascata; um jogo de bola, assombrado por arvores gigantescas; um jardim botanico (hoje muito descurado) com suas estufas; e, finalmente, o rio que atravessa a quinta, encanado, e guarnecido de assentos de pedra, de vazos e urnas, e sendo atravessados (os canaes) por duas formosas pontes, com suas *casas de regalo;* e tudo isto orlado de copado arvoredo.

Ao parque segue-se a tapada, separada d'elle por uma cêrca de muros. Tem bastos arvoredos, muitas e largas ruas, e é abundante em caça miuda.

Em uma das cincoenta salas do palacio, está cuidadosamente conservado, debaixo de um docel, e encerrado em cortinas de damasco encarnado, o retrato, em corpo inteiro, do sr. D. Miguel I. Este retrato foi tirado em Vienna d'Austria, na occasião do malogrado casamento d'aquelle principe, com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria da Gloria, depois rainha, segunda do nome; casamento que, se se effectuasse, evitaria o derramamento de muito sangue portuguez, e tantas e tão grandes desgraças a que deram causa os maus conselheiros do sr. D. Miguel.

Nos vastos jardins que circumdam o palacio, ha formosissimas flores, distinguindo-

[1] Treze salas d'este palacio, teem as paredes revestidas de magnificos espelhos.

se entre ellas, o bello *geranium do Cabo*, e soberbas magnolias.

Os maravilhosos e innumeros *jogos d'agua*, estão hoje muito mal tratados, e mais de quarenta annos de abandono, transformaram em vergonhosas ruinas esta rica propriedade, a mais bella do reino.[1]

Foi tambem n'este palacio que nasceu, a 29 de abril de 1793, D. Maria Thereza, princeza da Beira, filha primogenita de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, fallecida em Trieste (Illyria).

Casou em primeiras nupcias, com seu primo, o infante de Hespanha, D. Pedro Carlos, almirante da marinha portugueza, fallecido no Rio de Janeiro. D'este casamento nasceu um filho unico, o infante de Hespanha, D. Sebastião, tambem já fallecido, ao qual D. João VI conferiu as honras de infante de Portugal.

D. Maria Thereza, tendo ficado viuva de seu primeiro marido, casou passados muitos annos, com seu tio e cunhado, Carlos V, de Hespanha, viuvo da infanta portugueza, D. Maria Francisca.

—

Quéluz tem estação telegraphica com serviço permanente, em quanto alli está a familia real, e limitado, quando não reside aqui; e vae ter (julho de 1878) illuminação a petroleo, paga pela camara de Cintra, sendo os candieiros comprados pelos moradores da povoação.

Entre as varias casas de campo e formosas quintas de Quéluz, se distingue a residencia dos srs. marquezes do Pombal, construida pelos annos 1800, pelo segundo marquez, Henrique José de Carvalho e Mello, gentil-homem da camara da rainha.

A casa é pequena, e não se chegou a concluir, por causa da invasão de Junot, em 1807. É de regular architectura, e bem ornamentada, com bonitas salas, decoradas com ricos estuques. Está situada quasi em frente do palacio real, proxima á povoação e á alameda que do lado do sul conduz ao mesmo palacio real. Em volta da casa ha uma vasta planicie; mas sem jardins nem arvoredos, o que a torna monótona. O fundador tencionava plantal-os, mas a fugida para o Brazil, interrompeu todos os trabalhos. Hoje acha-se tambem abandonada esta vivenda e ameaçando proxima ruina nos estuques e madeiramentos, mas não nas paredes, que são de optima cantaria.

Ha tambem em Quéluz uma excellente hospedaria, denominada *Hotel União*.

—

Em 25 de abril de 1828, o senhor D. Pedro, duque de Bragança, fez 1.º barão de Quéluz, ao doutor Antonio Bartholomeu Pires, cirurgião da real camara, cavalleiro das ordens, da Corôa de ferro, na Italia; da Legião de honra, em França; e do Leão de Zeringe, na Baviera.

O barão tinha nascido a 3 de fevereiro de 1795, e era filho de Antonio Bartholomeu Pires, e de sua mulher D. Marianna Joaquina.

Teve duas irmans, D. Luiza Isabel e D. Maria Isabel.

O senhor D. Miguel I tambem deu o titulo de visconde de Quéluz, ao seu medico, e official-mór da sua casa.

O visconde de Quéluz, acompanhou sempre o senhor D. Miguel, desde 9 de maio de 1824, dia em que sahiu a barra de Lisboa, na sua estada em Vienna d'Austria, e até á sua chegada a Lisboa, em 22 de fevereiro de 1828.

Depois, desappareceu, e os liberaes inventaram que o senhor D. Miguel o tinha assassinado, ou mandado assassinar; mas, em 1834, quando o rei sahiu de Portugal, o visconde de Quéluz se lhe foi juntar em Roma; e este facto, fez aniquilar mais uma calumnia.

Disseram-me que o pae do visconde, era um rico pádeiro, do Campo de Sant'Anna, em Lisboa.

—

O aprazivel sitio de Quéluz está actualmente sendo muito concorrido, não só pelas muitas distracções que alli se encontram, como pelo notavel aceio do hotel *União*.

Quando a familia real não está em Quéluz, a quinta, matta e jardins são franqueados ao publico.

[1] Nos ultimos tempos, teem se feito nos edificios alguns reparos; mas ainda falta muito a fazer.

QUERENÇA — freguezia, Algarve, na comarca e concelho de Loulé, 18 kilometros de Faro, 235 ao S. de Lisboa, 238 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha de renda dez moios de pão.

Esta freguezia é espalhada por casaes, e em terreno aspero e barrocal.

Proximo da egreja parochial, está a aldeia de *Tór*, e n'ella a capella de Santa Rita de Cassia.

É terra muito abundante de fructa, principalmente de *ameixas reinóes*, com as quaes sustentam os porcos. Produz tambem muito linho e azeite.

Perto da serra do seu nome, ha uma mina de cobre, com vestigios de ter sido lavrada.

Pela freguezia correm duas ribeiras, pelo S. a das *Mercês;* e pelo O. a de *Benemola*, que, depois de unidas, tomam o nome de *ribeira de Tór*, a qual no inverno é caudalosissima, alagando as varzeas, arrancando e arrastando as arvores, na sua corrente impetuosa, e causando outros prejuizos. Tem uma grandiosa ponte de cantaria, muito antiga, de cinco arcos. Depois se junta a esta ribeira, a do *Algibre*[1], passa sob a ponte da Quarteira e desagúa no mar, junto á povoação d'este nome.

Na margem da ribeira Benemola, ha uma fonte (com vestigios de ser construida com magnificencia) que nasce debaixo de uma rocha gigantesca, com tamanha porção de agua e com tal violencia, que corta a ribeira (que já alli é bastante larga e de muita agua) e vae buscar a margem opposta. No verão, quando sécca a ribeira, só a agua da tal fonte dá para mover as mós de varias azenhas. Diz-se que esta agua tem a virtude de fazer expellir as sanguesugas que o gado bebe em outras fontes, pois a agua d'esta não as cria.

[1] Provavelmente corrupção da palavra árabe *Algezíra*, que significa *Ilha*. Ha na Hespanha, sobre o Mediterraneo, e perto de Gibraltar, uma cidade assim chamada.

Em março de 1754, morreu n'esta freguezia, um lavrador chamado Simão Gonçalves, morador no sitio da *Bascinha*, com 116 annos de idade, pois tinha nascido em 1638. Enviuvou aos 109 annos, ao fim de 50 annos de casado. Casou segunda vez, logo no mesmo anno, e no seguinte teve uma filha. Nunca se sangrou, nem tomou remedio algum de botica, e jámais consultou medico ou cirurgião. Pouco tempo antes de morrer, hia, a pé, ouvir missa á egreja, que é a distancia de 6 kilometros. Era muito trabalhador, optimo atirador, e de muita bondade e caridade. O seu sustento ordinario era pão com mel, legumes, coelhos e perdizes.

O territorio da freguezia é fertil em todas as producções agricolas do nosso clima, menos em trigo e cevada.

No arredondamento de 1836, se juntaram a esta freguezia mais as aldeias do *Barranco do Velho*, e do *Sêrro Alto*, que até então eram da freguezia de Salir.

Querença, no antigo portuguez, significava bem querer, amor, boa vontade, etc. Tambem diziam *querencia*.

QUERIMONIA ou **QUERIMA**—portuguez antigo—queixa ou querella que do juiz inferior se interpõe para o superior, ou para o soberano. Depois se deu a isto o nome de aggravo.

QUERQUENAE ou **AQUAE QUERQUENAE** —Vide *Querquenos*.

QUERQUENOS — povos da Lusitania, de cuja comarca era cabeça, a cidade de *Aquæ Querquenæ*, a 70 kilometros de Braga, para a parte da serra do Gerez. O nome d'esta cidade suppõe-se ser derivado do latino *quercus*, que significa o carvalho, por haver por estes sitios grandes mattas d'estas arvores.

Ignora-se o local onde existiu esta cidade, da qual fallam Plinio, Ptolomeu e Pomponio Mella. É provavel que fosse destruida pelos suevos, no seculo v, e que fosse em algum dos sitios onde ainda se veem varias ruinas, sobre as margens da famosa *Geira*. Vide esta palavra.

QUÉS—portuguez antigo—queres. Ainda hoje, na Terra da Feira, os rusticos dizem *qués*, por *queres*—*alfés*, por *alferes*—*palmás*, por *palmares*, etc.

QUINAL—portuguez antigo—25 almudes. Vide *Puçal.*

QUINDENIO — portuguez antigo — certa quantia de dinheiro que de 15 em 15 annos se pagava á curia romana, das egrejas annexas aos conventos dos religiosos. A universidade de Coimbra tambem pagava a Roma o *quindenio,* pelas rendas que os pontifices lhe annexaram.

QUINHENTOS RÉIS—antiga moeda d'este nome e valor. Parece ser a moeda de ouro de *cinco testões,* ou o *Meio Vicente,* do rei D. Sebastião, ou de D. João III.

QUIAIOS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz (foi da mesma comarca, mas do concelho de Maiorca, supprimido) 40 kilometros ao ONO. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 950 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Santa Cruz de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga e foi couto, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura,* fl. 95, v., col. 1.ª).

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. É n'esta freguezia a celebre *lagôa do Bom Successo.*

QUINCHÃES — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

QUINCHOSO—portuguez antigo—(ainda usado nas provincias do norte com a mesma significação). Vide *Chousa* e *Chousal.*

QUINGOSTA—Vide *Congôsta.*

QUINTA—antiga freguezia, Traz-os-Montes, ha muitos annos supprimida, a qual, com a de Aldeia Nova, tambem supprimida, estão unidas á freguezia da cidade de Miranda do Douro.

QUINTA DA AMOREIRA — grande propriedade, Alemtejo, que foi dos antigos condes de Santa Cruz, junto á villa de Monte-Mór-novo, e pertencente á freguezia de Nossa Senhora do Bispo, da mesma villa (e d'esta eram alcaides-móres os referidos condes). É uma propriedade muito antiga, pois já existia no reinado de D. João I. Tem grandes pomares e muito arvoredo.

Havia n'esta quinta uma antiquissima capella, em ruinas, não se sabendo a quem havia sido dedicada.

Pelos annos de 1687, estando os condes n'esta quinta, a condessa, D. Thereza Moscoso Osorio Mendonça Espinosa Gusmão Sandoval e Roxas (filha do marquez de Almoçan, primogenito da nobilissima casa de Altamira, em Hespanha) resolveu reedificar a capella, desde os fundamentos, mandando collocar no altar, a imagem de Nossa Senhora da Penha de França, que ficou sendo a padroeira da capella, e á qual se fazia uma grande festa, no dia da Assumpção (15 de agosto).

Antigamente havia aqui missa, em todos os domingos e dias sanctificados, paga pelos lavradores das immediações.

QUINTA DA BOA VISTA — grande propriedade, Extremadura, na freguezia de Nossa Senhora das Candeias (Purificação) de Alguber, concelho do Cadaval, comarca de Alemquer.

Patriarchado e districto adm. de Lisboa.

Esta quinta é o solar de um dos ramos da nobre familia dos Mellos, cujo morgado, n'esta quinta, foi instituido pelos annos de 1590, por Gião Fialho, capitão-mór de Ceuta, e commendador da ordem de Christo, e é hoje seu representante, o sr. José de Mello Correia Fialho Lobo da Silveira, cavalheiro muito bem quisto n'estes sitios, pela sua affabilidade e exemplar comportamento. (Vide volume 1.º, pag. 130, col. 1.ª).

QUINTA (ou **BANHOS**) **DA CAVACA** — Beira Baixa, no concelho de Aguiar da Beira, comarca de Trancoso.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Esta quinta foi de Diogo de Lemos, de Pena-Verde, fallecido em 1873, e tio do sr. José de Napoles Lemos Manuel, da illustre casa de Sarzêdo, e um dos mais ricos e esclarecidos proprietarios d'estes sitios.

Ha n'esta propriedade uma abundante nascente de agua mineral, que ainda (que me conste) não foi devidamente analysada, mas á qual já concorrem muitas pessoas que padecem de rheumatismo ou de molestias cutaneas, e que com os banhos da Cavaca teem obtido curas maravilhosas.

O sitio dos banhos é pittoresco e ameno, e a 3 kilometros passa a nova estrada de Castendo, a qual villa fica a 10 kilometros dos banhos, e onde já ha *char-à-bancs* para Viseu e outros pontos da Beira.

QUINTA DA FOZ—Extremadura (mas ao S. do Tejo) na freguezia e 3 kilometros da villa de Benavente, e junto á valla que desemboca no Tejo, está esta grande propriedade, que é muito antiga, e pertenceu aos condes da Castanheira. Ha n'ella uma ermida, tambem muito antiga, que foi primeiramente dedicada ao martyr S. Sebastião, e no tempo de D. João III se lhe mudou o padroeiro para Nossa Senhora da Esperança, ou Nossa Senhora das Préces, e vulgarmente Nossa Senhora da Foz. Tem trez altares.

Esta ermida foi reedificada por João do Quental, e a deixou por sua morte, bem como a casa e quinta da Foz, ao rei D. João III, que a deu a D. Antonio de Athaide, 1.º conde da Castanheira, que ficou, e seus descendentes, padroeiros da ermida, nomeando-lhe capellão, cuja congrua era paga pela real fazenda.

A festa da Senhora fazia-se na 2.ª oitava do Espirito Santo, e era concorridissima.

A quinta da Foz, passou depois para a casa dos marquezes de Cascaes. Tinha annos que dava ao dizimo 100 moios de pão!

(Vide volume 1.º, pag. 383, col. 2.ª).

QUINTA DAS AGUIAS — Beira Baixa, na freguezia de Sernache (ou Cernache) do Bom-Jardim. (Volume 2.º, pag. 247, col. 2.ª).

No artigo pertencente á villa da *Certan* (ou *Sertan*) a pag. 252, col. 1.ª do 2.º volume, disse que a *Quinta das Aguias* de hoje, é o que foi mosteiro de capuchos de Santo Antonio. Não é. O mosteiro de capuchos de Santo Antonio da Certan, é hoje propriedade da camara, e estão n'elle diversas repartições publicas.

O mosteiro da mesma ordem a que hoje se dá o nome de *Quinta das Aguias*[1] é outro, e fica a uns 7 kilometros do antecedente, e na freguezia de Cernache (como disse no logar citado do 2.º volume).

Um individuo da Roda, de Santa Apolonia, que enriqueceu no Pará, comprou o edificio do mosteiro e a sua cêrca, transformando isto em uma formosa vivenda, que hoje possuem seus herdeiros, porque o *brazileiro* é já fallecido.

Ao sr. Ivo Pedroso Barata dos Reis, illustrado cavalheiro e rico proprietario, da villa da Certan, primo dos srs. conde do Casal Ribeiro, e Carlos José Caldeira, devo o obsequio d'esta rectificação.

O sr. Barata publicou em 1874 uma *Descripção topographica da villa da Sertan*, offerecendo-me um exemplar, o que cordialmente lhe agradeço.

QUINTA DAS CANNAS—Douro, suburbios da cidade de Coimbra. É uma bella propriedade, e pittorescamente situada.

É d'esta propriedade que tomou o titulo o seu actual possuidor, o sr. D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva e Carvajal, feito visconde da Quinta das Cannas, em 25 de abril de 1865; e conde do mesmo titulo, em 14 de junho de 1870.

E' pertença d'esta quinta a famosa *Lapa dos Esteios*. (Vide 5.º volume, pag. 392, col. 1.ª, no principio).

QUINTA DAS LARANGEIRAS—Vide *Larangeiras*. (4.º volume, pag. 53, col. 2.ª).

QUINTA DE LAMPASAS ou **LAMPAZES**[2] —Traz-os-Montes, na freguezia de Bouçoães (volume 1.º, pag. 426, col. 1.ª).

N'esta quinta está o templo de Nossa Senhora da Ribeira (ou da Assumpção) que é

[1] Chama-se quinta das Aguias, pelas duas que tem sobre as hombreiras da porta principal.

[2] Parece-me que se devia escrever *Lampaso*, que é synonimo de *verbasco*, planta. Tambem póde vir de *Lampas*, que significa fructas novas, ou temporans.

a egreja matriz da freguezia, e de construcção muito antiga. A festa da padroeira é a 15 de agosto, e a ella concorrem os povos de Villartão, e de outros muitos logares circumferentes.

QUINTA DO CASTELLÓ—antiga e pequena freguezia, Traz-os-Montes. Foi supprimida ha muitos annos, e está encorporada na freguezia da Alfandega da Fé.

QUINTA DO COVÊLLO—grande propriedade, Beira Alta, na freguezia de France. (Volume 3.º, pag. 226, col. 2.ª).

Fica esta quinta 12 kilometros ao E. de Viseu, e no áro da mesma cidade. É a propriedade muito vasta e rendosa, povoada de muitos pomares e arvores silvestres, vastas terras de lavoura, com abundancia de agua, o que faz o sitio fertil e agradavel.

Tem um bom chafariz e alguns tanques, e uma espaçosa casa de habitação, com abegoarias e mais officinas. Tudo isto está bastante descurado, por ter andado ha muitos annos em poder de caseiros. A casa, sobretudo, está em grande ruina. A capella tambem carece de reparos, e ha mais de 30 annos que n'ella se não diz missa, por falta de paramentos, mas não está profanada.

São actuaes donos d'esta quinta, os filhos de Miguel Pinto Serpe; mas a maior parte pertence aos srs. doutor Valeriano e a seu irmão Francisco: aos outros irmãos pequena parte da quinta coube nas partilhas.

Quando a possuiam Valeriano Coelho de Sousa e sua mulher, D. Helena de Sá, edificaram n'esta quinta, em 1630, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Expectação, com sua tribuna, para d'ella ouvirem missa os senhores da casa. Esta ermida está unida e vinculada ás casas da quinta, cujos rendimentos e os de outras propriedades ficaram a seus successores, com a obrigação de terem um capellão que em todos os sabbados, domingos e dias sanctificados, dissesse missa ao povo; e tambem com obrigação dos reparos da capella, e de fazerem á senhora uma boa festa a 18 de dezembro de cada anno.

O primeiro successor de Valeriano Coelho, foi seu sobrinho, Francisco Serpe de Sousa, que annexou á casa da Senhora, outras fazendas, para que na capella se dissessem tambem missas em todas as sextas feiras do anno, ficando esta capella erecta em cabeça do vinculo.

É a ermida de muito boa fabrica, com uma linda capella-mór, com seu formoso altar, onde está a imagem da padroeira, de 1m,32 de alto. Tem mais as imagens de Nossa Senhora da Piedade e de S. João Evangelista; a de S. Valeriano, martyr, e a de Santa Helena, mãe do imperador Constantino Magno.

—

Em frente d'esta quinta (que tambem se chama *dos Serpes*, por pertencer aos fidalgos d'este appellido [1]) está um alto e alcantilado monte, e no seu cume existiu uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Pena*, ou *da Penha*. Era tão antiga esta ermida, que se ignorava a data da sua fundação.

Estando em ruinas, pelos annos de 1700, se mudou para a planicie ao fundo do monte, mas encostada aos rochedos. É fabricada pelos moradores do logar do Covêllo, que com esta santa imagem teem particular devoção.

Esta ermida é de fabrica muito modesta, e está sujeita á administração da junta de parochia respectiva. A festa da Senhora, se faz todos os annos, a 3 de maio, com arraial muito concorrido. Não tem outras rendas senão as offertas e esmolas dos fieis.

O campanario do sino está assente sobre umas rochas, nas quaes se vê gravada uma inscripção em caracteres desconhecidos.

QUINTA DO INFERNO—Extremadura, na ribeira de Alcantara, suburbios de Lisboa.

N'esta quinta se estabeleceu uma excellente fabrica de estamparia e tinturaria de algodões, propriedade dos srs. Fonseca & C.ª

Principiou a funccionar em uma segunda

[1] Serpe, foi um appellido nobre em Portugal, que deixou de usar-se, não sei por que. Descendem dos antigos Serpes, o sr. barão de Proença-Velha, general de brigada, e seu irmão o sr. doutor Rodrigo Pitta de Menezes e Castro, de Caminha, conselheiro do supremo tribunal de justiça e par do reino.

feira, 24 de agosto de 1874[1]. Os trabalhos foram dirigidos pelo mestre e gerente que foi da antiga fabrica da Cabrita, o sr. João Pedro Freire da Fonseca, e pelo sr. Manuel de Sá Pimentel Leão.

O motor, bomba e parte das machinas, foram feitos na fabrica dos srs. Philippe Linder & C.ª, de Lisboa, e o resto veio de Inglaterra.

Tem abundancia d'agua, pelo que, durante a estação invernosa, lhe serve de motor, uma roda hydraulica.

Em 3 de agosto de 1877, foram despachadas na alfandega de Lisboa, para esta fabrica, quatro caixas com machinas, cujos direitos importaram em 910$000 réis.

—

Diz-se que esta propriedade se chamou antigamente *Quinta das Cruzes*[2] e que, andando um dia por estes sitios á caça, o rei D. João VI, viu muitas cruzes, e perguntou aos que o acompanhavam: *Isto é algum cemiterio?*—respondeu um d'elles—*Não, real senhor, é a Quinta das Cruzes.*—O rei, alludindo á escabrosidade do terreno, disse —*Quinta do Inferno, lhe chamarei eu.*—E o nome lhe ficou até á actualidade.

Hoje não diria o rei similhante cousa, pois ha alli uma magnifica estrada de circumvalação.

—

Ha mais logares em Portugal com o nome de Inferno; o mais notavel, é na freguezia de Fornos, concelho do Castello de Paiva, e situado sobre a margem esquerda do Douro, em frente do *ponto* denominado *Pedras da Rua.*

N'esta aldeia do Inferno, tambem chamada Castello de Baixo, ha um dolmen, de construcção differente de todos os outros da Peninsula, e o mais moderno de todos, pois pertence á *idade do ferro.* Vide *Castello de Paiva.*

QUINTA DO MORANGAL—Douro, na freguezia de Espinhel, comarca e concelho de Agueda, bispado e districto administrativo de Aveiro.

É uma boa propriedade, instituida em morgado, por Francisco Pinto d'Almeida e sua mulher D. Leonor, em 1580. Para cabeça do vinculo, mandaram construir, pelo mesmo tempo, uma formosa capella, de bem lavrada cantaria, que dedicaram a Nossa Senhora da Esperança.

Passados annos, D. Christovam de Santa Maria, conego regrante de Santo Agostinho, do convento de Santa Cruz de Coimbra, e filho dos instituidores, adornou a capella com a máxima perfeição e sumptuosidade.

Os administradores d'este vinculo, tinham, pela instituição d'elle, obrigação, não só de repararem a capella, mas tambem de n'ella mandarem dizer quatro missas cada anno, pelas almas dos instituidores. Depois, o referido D. Christovam lhe impoz mais outra missa annual, por sua alma.

A missa principal era no dia de Nossa Senhora da Expectação (18 de dezembro). Era cantada, e esse dia era consagrado á festa da Senhora.

QUINTA DO OUTEIRO—era o antigo nome da actual villa e freguezia de S. Miguel do Outeiro, na comarca e concelho de Tondella. Vide *Miguel do Outeiro* (*S.*) e *Outeiro* (*S. Miguel do*).

Supponho que esta freguezia teve principio em uma quinta, que foi de Alexandre Falcão de Bulhões, e na qual ha uma capella dedicada a Nossa Senhora das Neves.

O territorio d'esta freguezia é muito abundante de aguas, mas excessivamente frio no inverno; todavia é clima muito saudavel, e

[1] Parece que similhante dia foi escolhido pelos proprietarios, para a abertura da fabrica! Sendo ella na *Quinta do Inferno*, devia principiar a trabalhar no dia em que o diabo anda á solta.

[2] O primeiro nome d'esta propriedade, foi *Quinta da Ribeira.* Quando em 25 de agosto de 1580, o duque d'Alba veio sobre Lisboa, com um exercito de 22:000 castelhanos, D. Antonio, prior do Crato, com 4:000 homens fieis e decididos, porém mal armados e indisciplinados, o veio esperar á ponte de Alcantara; mas foi facilmente derrotado, e teve de fugir. Os castelhanos fizeram uma horrivel matança nos portuguezes, sendo muitos dos mortos, enterrados n'esta quinta, a qual, das muitas cruzes que alli se collocaram então, tomou o nome de *Quinta das Cruzes*, que lhe durou por uns 240 annos, vindo-o a perder pelo motivo que se declara no texto.

tem aqui fallecido muitas pessoas de mais de cem annos de edade.

QUINTA DOS GASCOS ou **DOS CASCOS** [1] —Alemtejo, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade de Machêde, comarca, concelho e 12 kilometros a E. d'Evora.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Pelos annos 753, morreu o rei D. Affonso I, de Leão, *o Catholico* [2], succedendo-lhe seu filho, D. Fruela I.

Logo no principio do reinado d'este ultimo monarcha, Abd-el-Rhaman, kalifa de Cordova, invadiu e assolou a nossa provincia do Alemtejo, matando ou captivando grande numero de portuguezes, praticando toda a sorte de atrocidades, e tomando-nos Lisboa, Evora, Beja, Santarem, e todo o territorio desde o Tejo até ao cabo de S. Vicente.

Havia por esse tempo, na Lusitania, uma familia de nobres cavalleiros, appellidados *Gascos*, ou por serem naturaes da Gascunha (França), ou, o que é mais provavel, por terem fugido para aquella provincia, na antecedente invasão dos sarracenos, e d'onde depois regressaram á Lusitania, no reinado victorioso de D. Affonso, *o Catholico*, o qual com seu irmão, D. Frucia, resgatou muitas cidades do poder dos mouros. [3]

Os Gascos acompanharam o rei D. Fruella I na guerra contra Omar, filho de Abd-el-Rhaman, que se havia rebellado contra seu pae. Os christãos o derrotaram, assim como a Ali-Ben-Tarif, que se lhe oppoz, proximo a Setubal.

[1] Tambem alguns lhe dão o nome de *Quinta do Casco*.

[2] Cunhado e successor de D. Favilla, que morreu despedaçado por um urso, quando andava á caça. D. Affonso era filho de D. Pedro, duque de Biscaia e Nawarra, e descendente do santo rei Ricaredo.

[3] Segundo outros escriptores, eram *Cascos*, e não *Gascos*, os cavalleiros de que aqui trato, e eram uns fidalgos da cidade de Evora, que foram morgados da *Quinta dos Cascos*, á qual depois, por corrupção, se chamou *dos Gascos*.

É certo que em Evora houve uma nobre familia, appellidada os *Cascos*, que foram (e ainda hoje são, os seus herdeiros) senhores d'esta quinta, como adiante se verá.

A tres kilometros da *Venda das Brusseiras*, e no actual districto da freguezia de Nossa Senhora da Natividade de Machêde (que já então existia, pois foi creada em 672) [1] havia umas taes ou quaes obras de defeza, das quaes, ainda em 1750, se viam alguns restos, e uma torre arruinada. Aqui se fizeram fortes os christãos, e derrotaram os mouros.

Parece que os Gascos, ou Cascos, se distinguiram nas guerras d'aquelle tempo, pelo que D. Fruella lhes deu o senhorio da quinta que d'elles tomou o nome.

Em 1360, era senhor d'esta quinta, Gil Rodrigues de Vasconcellos, que, por provisão de D. Pedro I, a erigiu em morgado. Como não tivesse filhos legitimos, succedeu no vinculo, seu sobrinho, Gonçalo Casco, rico-homem no tempo de D. João I. De Gonçalo Casco, foi filho João Casco; d'este, Diogo Casco; e d'este, Antonio Casco. Este foi pae de Diogo Casco de Vasconcellos, pae de Ruy Mendes de Vasconcellos, que succedeu no morgado de Machêde. Ruy Mendes casou com D. Anna Manuel, filha de Gonçalves Gomes de Mello, e d'elles nasceu D. Agostinho Manuel de Vasconcellos, que morreu, por traidor á patria, degolado na praça do Rocio, de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1642, juntamente com o duque de Caminha, seu pae (o marquez de Villa Real) e o conde de Armamar.

—

Gil Rodrigues de Vasconcellos, instituidor d'este morgado, é que, tambem em 1360, mandou edificar, para cabeça do vinculo, uma capella da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, junto ás casas da quinta, e encostada ás ruinas da antiquissima torre de que acima fallei. (Outros pretendem que esta capella já existia desde o seculo VII, e que, estando arruinada, por velha, Gil Rodrigues sómente a reedificou).

Esta quinta está encravada na herdade

[1] Esta freguezia e a actual de S. Miguel de Machêde, formaram uma só parochia, erigida no tal anno de 672, e que durou até 1200, em cujo anno se desmembrou a de S. Miguel, formando freguezia independente. (Vide vol. 5.º, pag. 14, col. 1.ª)

do *Paço da Quinta*, e é seu actual possuidor, e ultimo morgado, o sr. Francisco de de Brito Casco Solys. Tem a quinta dos Gascos um grande lago. As casas estão desmanteladas.

Na capella de Nossa Senhora dos Remedios, ainda se diz missa; mas a sachristia e o côro estão em ruinas.

O dono d'estas herdades (são trez) mandou fazer varias obras n'ellas, ainda ha poucos annos, nas quaes gastou mais de dois contos de réis; mas não curou da capella.

O actual rendeiro da quinta, o sr. Manuel Perdigão Gallego, e mais outros devotos, é que em alguns annos, mandam, á sua custa, fazer uma festa á Senhora.

Estes sitios foram povoados desde os tempos pre-historicos, pois que no *Monte do Outeiro*, da freguezia de S. Miguel de Machêde, ainda existe um dolmen, e os restos de mais trez, nas immediações d'este monte.

O nosso distincto e estudioso archeologo, o sr. Gabriel Pereira, achou, no fim do anno de 1877, no monte do Outeiro (serra d'Ossa) tres dolmens, situados nas herdades da *Candieira*, das *Thesouras*, e das *Vidigueiras*. O primeiro está no meio do caminho que vae da villa do Redondo para o mosteiro de S. Paulo, a 200 metros á direita da estrada. O segundo fica no caminho da serra e campo da *Palhêta*, e no caminho de S. Miguel de Machêde. O terceiro está na parte murada da herdade das *Vidigueiras*.

Estão todos bastante arruinados.

O mais notavel é o *dolmen furado* da Candieira. Está entre um olival e um pinhal, a 300 metros da estrada; e é formado por seis grandes lages de schisto (que é a formação geologica d'estes sitios) tendo dois metros de altura. A lage do fundo, tem, a pouco mais de meia altura, uma abertura circular, feita com regularidade, e visivelmente artificial.

É o primeiro monumento megalithico que em Portugal se conhece com esta particularidade; e ignora-se o mister d'este buraco; todavia é de muita importancia para os estudos archeologicos.

QUINTA ROTA—Vide *Samouco*.

N. B. As mais quintas vão nas freguezias onde são situadas.

QUINTAN—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ermêllo), 65 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A causa do grande augmento de população, é porque está unida a esta, a extincta freguezia de Villa Cova.

O vigario de S. Miguel da Pena e o reitor de Torguêda apresentavam alternativamente o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Quintan, *Quintana* e *Quintãa*, no antigo portuguez significava *quinta*.

QUINTAN e **TOCHA** (ou **ATOCHA**)—freguezia, Douro, na comarca, concelho e proximo a Cantanhêde, 24 kilometros ao N. de Buarcos, 6 a E. do Oceano, 24 ao O. de Coimbra, e 210 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Orago S. João Baptista.[1]

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi do supprimido concelho de Cadima.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o parocho, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é officialmente conhecida pelo nome de *Tocha*, corrupção de Atocha; mas foram duas freguezias independentes, ambas dos cruzios de Coimbra: a da Quintan é muito mais antiga, pois que a da Tocha foi d'ella desmembrada no principio do seculo XVIII, ficando parochia independente. Hoje formam, outra vez, ambas, uma só freguezia. Nenhuma d'ellas vem no *Portugal Sacro e Profano*, provavelmente, por esquecimento, pois já existiam havia muitos annos antes da publicação d'este livro.

[1] S. João Baptista é o orago da freguezia da Quintan, e Nossa Senhora d'Atocha, o da freguezia da Tocha.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz.

Quintan, Quintãa, e *Quintana* é portuguez antigo, o mesmo que *Quinta*. *Quintanilha* é o seu diminutivo, isto é, *pequena quinta, qnintinha*.

Origem do nome de Atocha

A imagem de Nossa Senhora da Atocha, é copia fiel da que o apostolo S. Pedro mandou de Antiochia para Madrid, e está na egreja do mosteiro de S. Domingos da mesma capital.

Um fidalgo gallego, chamado João Garcia Bacellar, natural de Ponte-Vedra, residia na côrte de Hespanha, em casa de um seu tio conego, pelos annos de 1585. Era muito devoto da Senhora da Atocha, de Madrid, e, vendo-se certo dia em perigo imminente, prometteu á mesma Senhora, se o livrasse d'elle, de lhe mandar construir um templo, em logar êrmo. A senhora ouviu os seus rogos; mas, como João Garcia tinha então apenas dez annos, adiou o cumprimento do seu voto.

Morto o tio conego, foi Garcia para casa de um outro seu tio, homem riquissimo, que vivia em Portugal, na villa de Buarcos, casado, mas sem filhos. Tinha a mulher uma sobrinha, chamada Maria da Silveira Cardoso, que casou com Garcia, doando lhes os tios todos os seus haveres.

Pelos annos de 1610, vindo os noivos de Aveiro para Buarcos, passaram por uma dilatada planicie de campos e charnecas, chamadas então *Gandaras*, onde havia uma quinta dos cruzios, de Coimbra, denominada da *Fonte Quente* (em razão de haver n'ella uma nascente de aguas mineraes, tepidas) e junto á quinta, a casa de um lavrador, que foi o primeiro que reduziu parte d'esta planicie á cultura, por aforamento ao mosteiro de Santa Cruz, que era senhor d'estes terrenos, e onde hoje se estende a freguezia da Tocha.

João Garcia Bacellar, na intenção de cumprir a sua promessa, propoz ao lavrador o dar-lhe um casal que tinha na Cadima, de muito mais valor, por esta propriedade das Gandaras, o que o lavrador acceitou, depois de obtida a devida licença, dos conegos de Santa Cruz, aos quaes João Garcia aforou mais terrenos contiguos.[1]

Fez logo aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora d'Atocha, mandando fazer, em Madrid, a imagem, imitando a de lá.

Principiaram logo os povos d'estas redondezas a ter uma grande devoção a esta Senhora, pelo que era a sua ermida concorridissima.

O geral de Santa Cruz e os padres da sua congregação, tambem se tornaram muito devotos da Senhora d'Atocha, e resolveram transformar a ermida em um vasto e sumptuoso templo, o que levaram a effeito, lançando-lhe a primeira pedra, o geral, D. José, em 1661.

Construido o templo, quizeram os religiosos trazer para elle a imagem da capella, ao que se oppoz Maria da Silveira Cardoso, já então viuva de Garcia; e para que os cruzios lh'a não roubassem, se poz de guarda, com todos os seus creados e creadas, á capella.

Sendo geral de Santa Cruz, D. Luiz da Silveira, tio do conde d'Oriola e barão d'Alvito, offereceu á viuva, para que consentisse na mudança da Senhora, dois dotes de freira, para duas suas filhas; mas nem assim ella cedeu.

Passados tempos, casou uma das filhas, com Manuel Ribeiro da Silveira, natural de Aveiro. e que tinha em Santa Cruz de Coimbra muitos parentes, e um, a quem muito estimava, chamado D. Bernardo de Santa Maria, que depois foi bispo de S. Thomé e Principe, e outro que era seu cunhado.

Todos os padres se empenharam com o genro da viuva, para ella ceder, o que elle conseguiu, em 1670, indo a santa imagem em grande triumpho para a sua nova egreja, fazendo-se-lhe n'esse acto uma festa so-

[1] Este vasto territorio, foi dado ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, por D. Affonso Henriques, pelos annos de 1140.

O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, foi principiado por ordem do mesmo monarcha, em 1136, em memoria da grande victoria obtida pelos portuguezes, em 1134, contra Al-Bucaram, rei de Badajoz.

demnissima, á qual concorreram, além de todos os padres do mosteiro de Santa Cruz, com a sua capella de musica, os povos de muitas leguas em redor, em numero de mais de 20:000 pessoas.

A festa principal é a 2 de julho (dia da Visitação de Nossa Senhora) por ser o dia da dedicação do novo templo; havendo então antigamente aqui uma grande e concorridissima feira.

Vinham aqui muitos *círios* e grande numero de bandeiras, de diversas freguezias e havia cavalhadas, corridas de touros, e outros divertimentos proprios da época.

Este sitio, que, ha pouco mais de dois seculos, não era senão uma vasta charneca e matagaes, está hoje transformado em bellos e ferteis campos, hortas e pomares, povoado de varias aldeias, e clima muito saudavel. Tambem é abundante de peixe do mar, que, como já disse, fica apenas a 6 kilometros de distancia.

No dia da festa, recebiam-se muitas e avultadas esmolas, em dinheiro, cêra, gado e outros generos, que os cruzios applicavam para melhoramentos do templo.

A capella-mór, de fórma circular, é magestosa e sustentada sobre oito columnas de marmore. Foi feita á imitação de uma que está no claustro de Santa Cruz.

No centro da capella mór, está o altar principal, e n'elle a imagem da Senhora, em um throno quadrado, e sobre uma *charola*, de quatro columnas, de talha dourada, de modo que se vê a santa imagem de todos os lados da capella-mór.

—

A historia d'esta Senhora da Atocha, e da sua ermida e egreja, com todos os seus promenores, foi escripta pelas madres soror Isabel dos Seraphins, e soror Antonia de S. Francisco, filhas de João Garcia Bacellar e de Maria da Silveira Cardoso, as quaes o mosteiro de Santa Cruz dotou (em cumprimento da sua promessa, como fica dito) para entrarem no mosteiro de Tentugal; e foi publicada pelo padre D. Matheus de S. Thiago, conego de Santa Cruz, sobrinho das referidas religiosas, e neto dos fundadores da egreja.

—

A quinta que foi dos cruzios, doou-a o conego, D. Francisco Cardoso da Silveira, irmão das duas religiosas, e filho de João Garcia e mulher, a seu sobrinho (neto do dito João Garcia) Eusebio Ribeiro da Silveira, que a transmittiu aos seus successores.

QUINTAN DE PÊRO MARTINS—freguezia, Beira Baixa, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho e da comarca de Trancoso), 75 kilometros ao SE. de Lamêgo, e 360 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Foi do bispado de Lamego, e quando se creou o de Pinhel, ficou pertencendo a este.

Districto administrativo da Guarda.

O reitor de Penha d'Águia apresentava o cura, confirmado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

E' terra fertil em centeio, castanhas e linho; do mais, pouco.

Cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante em caça.

QUINTANELLA — portuguez antigo — Quintanella e Quintanilha, é diminutivo de Quintan, ou Quinta.

Na camara de Braga havia antigamente muitas *villas* (casas de campo) e aldeias d'este nome.

D. Flamula vendeu ao abbade Gonta, em 923, [1] o seu logar de Quintanella. (*Livro de Mumadona*, no cartorio da mitra de Braga.)

QUINTANILHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, districto administrativo e bispado de Bragança (foi do extincto concelho do Outeiro) 35 kilometros ao N. de

[1] A pag. 457 do vol. 6.º, col. 2.ª d'esta obra, tratando de *Parada de Gonta*, disse que se não sabia com certeza a etymologia da palavra Gonta.

Não sabe.

Póde ser corrupção *Gontra* (contracção de *Gontroide*—Gertrudes) mas, como se vê do *Livro de Mumadona*, póde tambem ser—e é o mais verosimil—nome proprio d'homem. Talvez que algum *Gonta*, fundasse esta Parada, ou fosse senhor d'ella, e lhe impozesse o seu nome.

Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

O augmento apparente da população, não é porque ella tenha crescido, mas sim porque se lhe annexou a pequena freguezia das Veigas, que tinha em 1757, 18 fogos.

O cabido da Sé de Bragança apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia das Veigas, tinha por orago, S. Vicente, martyr.

Era da mesma apresentação, e curato, com o mesmo rendimento do de Quintanilha.

Tanto uma como outra d'estas duas pequenas frguezias, são muito antigas.

Em um documento que existe no cartorio da mitra de Bragança, do tempo de D. Affonso IV (1340) se diz que o *mampastor* (vide *Mempastor*) que o mosteiro de *Moreirolla* punha nas aldeias de *Montezinhos*, e *Quintanilha*, conhecia tambem das causas crimes, juntamente com os juizes de Bragança.

Para o seu foral, e outras curiosidades, é preciso ver *Outeiro*, villa, Traz-os-Montes, no 6.º vol., pag. 358, col. 1.ª e seguintes.

E' na freguezia de Quintanilha, o sanctuario de *Nossa Senhora da Ribeira*, que já fica descripto na referida villa do Outeiro.

QUINTANS—aldeia, Douro, parte na freguezia e concelho d'Ilhavo, e parte na freguezia de Oliveirinha, concelho d'Aveiro; ambas na comarca, districto administrativo e bispado d'Aveiro. (Vide *Ilhavo* e *Oliveirinha*.

Os diversos governos dos nossos dias tem feito varios *arredondamentos*, mas, como n'estas operações só actuam os interesses do campanario, tem-se feito annexações e separações mais despropositadas do que as antigas; e as que havia de outros tempos, em condições impossiveis, deixaram se continuar. [1]

[1] Vide *Entre Ambos os Rios* (o 2.º)—e *Lourêdo*, a pag. 451, col. 2.ª, do 4.º volume.

O povo d'este logar tem por varias vezes requerido ao governo, para pertencer a uma só freguezia, do mesmo concelho.

Em 12 de septembro de 1855, a junta geral do districto, por proposta do governador civil d'então (o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto) reprezentou ao governo n'este sentido, mas foi o mesmo que nada.

Ha n'esta aldeia uma formosa capella dedicada ao apostolo S. Bartholomeu, construida em 1863.

Em 19 de maio de 1835, no sitio da *Praça da Palha*, se deu um facto, cuja recordação ainda hoje horrorisa os povos d'estes sitios —é o seguinte:

O capitão de ordenanças, Manuel Antonio Freire Craveiro, acompanhou o exercito realista até Evora. Fiado no estipulado na *convenção d'Evora Monte* (27 de maio de 1834) regressou a sua casa; mas, avisado de que o queriam prender, escondeu-se com seus filhos, em casa de seu compadre, Bento Fragoso. Este, violando as leis sagradas da hospitalidade, e esquecendo-se dos favores que havia recebido de seu compadre, foi denuncial-o a Aveiro.

Marchou logo d'alli uma força que, cercando a casa de Fragoso, prendeu o capitão e seus cinco filhos, e chegando ao sitio da Praça da Palha, assassinaram a todos com a mais cobarde e ignobil barbaridade!

Mas a divina providencia nem sempre guarda o castigo dos crimes para o outro mundo.

Um anno depois da traição, foi Fragoso tambem assassinado a tiro. *Talis vita, finis ita.*

QUINTANS—freguezia, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, comarca e concelho de Castello-Branco.

Esta parochia foi ha muitos annos suprimida, e está annexa á do *Salgueiro*, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e bispado.

QUINTAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, bispado, districto administrativo e 24 kilometros ao S.O. da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

O antigo nome d'ests freguezia é—*Quintas de São Bartholomeu.*

O vigario da villa de Touro, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O seu clima é excessivo, e por isso pouco fertil.

Muito gado e caça, e peixe do Côa.

QUINTAS—antiga freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Em 1757, tinha 16 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e unida á de Mirandella.

QUINTELLA — portuguez antigo—diminutivo de *quinta.* Significa, *pequena quinta, quintinha.*

QUINTELLA (Torre de)—Está esta muito antiga e nobre torre solarenga, na freguezia de São Romão de Nogueira, na comarca dos Arcos de Valle de Vez, concelho da Barca.

Foi o solar de um ramo dos Araujos.

E' hoje representante d'esta nobre familia, e dono da torre de Quintella, o sr. Antonio Pereira da Costa Lacerda.

Vide a 1.ª *Nogueira,* de pag. 104, col. 2.ª, do 6.º volume—e *Ponte do Lima.*

—

Quintella é um appellido nobre d'este reino, tomado da aldeia d'este nome.

O 1.º barão de Quintella, tirou brazão d'armas, em 12 de outubro de 1806— e é —em campo de púrpura, duas bandas d'escaques d'ouro, d'uma só ordem: êlmo d'aço, aberto. Não tem timbre.

O 1.º barão de quintella, foi Joaquim Pedro Quintella, senhor da villa do *Préstimo,* alcaide-mór de Sortêlha, do conselho da rainha, D. Maria I, conselheiro honorario da real fazenda, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da ordem de Christo, instituidor do morgado do Farrôbo (vol. 3.º, pag. 151, col. 1.ª, no fim) no valor de réis 424:317$687 (!) ao qual ainda depois uniu a terça.

Em março de 1782, succedeu na casa, a seu tio materno, o desembargador Luiz Rebello Quintella; e tambem herdou a casa de seus paes, Valente José Duarte Pereira, e D. Anna Joaquina Quintella.

O 1.º barão de Quintella, nasceu a 20 de agosto de 1748, e falleceu no 1.º de outubro de 1817.

Tinha casado, a 19 de novembro de 1801, com D. Maria Joaquina Xavier de Saldanha, filha de Joaquim Lobato d'Araujo e Costa (da casa de Juste, em Braga) e de D. Maria Leonor Xavier de Saldanha.

Tiveram um filho e uma filha:

Joaquim Pedro, que foi o 2.º barão de Quintella, e 1.º conde de Farrôbo.

D. Maria Gertrudes, nascida a 28 de maio de 1797. Foi condessa da Cunha, levando por dote, 240 contos de réis, que foram vinculados, por decreto de 8 de setembro de 1824.

O barão teve uma filha natural (D. Joaquina Rosa) que nasceu a 8 de novembro de 1793, e foi legitimada em julho de 1812.

Falleceu a 28 de julho de 1823.

Tinha casado, em 15 de setembro de 1816, com Luiz da Silva Athaide, fidalgo da casa real, coronel do regimento de milicias de Leiria, filho de Miguel Luiz da Silva d'Athaide e de D. Victoria Manoel Carneiro da Cunha Porto-Carreiro. (Vide *Pombalinho.*)

Esta senhora, quando casou, teve escriptura dotal, do 1.º d'agosto de 1816, pela qual levou um vinculo no valor de 48 contos de réis.

Seu marido falleceu a 20 de dezembro de 1823, pouco mais de 4 mezes depois de sua mulher.

—

O morgado de Quintella foi instituido a 23 de junho de 1801.

O senhorio da villa de Préstimo, foi-lhe dado a 13 de dezembro de 1802.

O baronato de Quintella, a 17 de agosto de 1805.

O condado de Farrobo (isto é—o titulo de conde de Farrobo) a 4 de abril de 1833.

—

O 2.º barão de Quintella, e 1.º conde do Farrobo, foi Joaquim Pedro Quintella do Farrobo.

Foi tambem o 2.º senhor da villa do Préstimo, alcaide-mór de Sortêlha, par do reino, grão-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, commendador de S. Thiago, cavalleiro da de Christo, coronel de milicias (de cavallaria), inspector geral dos theatros, vice-presidente do conservatorio real de Lisboa.

Nasceu em 11 de dezembro de 1801; succedeu a seu pae, no 1.º de outubro de 1817; casou a 19 de maio de 1819, com D. Marianna Carlota Lodi, dama da ordem de Santa Isabel, nascida a 3 de dezembro de 1798, e fallecida a 22 de julho de 1867.

D'este casamento houve 7 filhos.

1.º (por ordem de edades), *D. Maria Joaquina*, que nasceu a 20 de outubro de 1819.

2.º, *D. Maria Carlota*, nascida no 1.º de janeiro de 1821.

3.º, *D. Maria Magdalena*, nascida a 18 de abril de 1822.

4.º, *Joaquim Pedro Quintella do Farrobo* (actual, e 2.º, conde do Farrobo, feito em 18 de maio de 1848) nascido a 18 de maio de 1823.

5.º, *D. Marianna Hortensia*, nascida a 3 de maio de 1825.

6.º, *D. Maria Palmira*, nascida a 9 de julho de 1826.

7.º, *Francisco Jayme Quintella*, nascido a 22 de setembro de 1827.

—

O 1.º conde do Farrobo, casou em segundas nupcias, com mademoiselle Pinault (da qual já tinha filhos) em Lisboa, na freguezia da Encarnação, a 7 de fevereiro de 1869, e ainda vive esta senhora.

Elle falleceu, em Lisboa, a 24 de setembro de 1869.

—

Foi o 1.º conde do Farrobo um dos fidalgos que maiores serviços prestou á causa da liberdade, salvando-a, especialmente uma vez, quando as guarnições da esquadra constitucional se amotinaram por falta de pagamento das suas soldadas. [1]

Foi tambem um dos industriaes mais activos, animando a creação de muitas fabricas, que hoje prosperam e que devem a sua fundação á iniciativa do illustre finado.

O 1.º conde do Farrobo era conhecido egualmente como um dos homens de maior gosto pelas bellas artes, com as quaes consumiu grosso cabedal. Os bons artistas encontraram sempre no conde do Farrobo um protector incansavel e dedicado.

QUINTELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

[1] O premio que tirou dos enormes sacrificios que fez aos liberaes, foi dar cabo da sua casa, uma das maiores (senão a maior) do reino, e deixar seus filhos na pobreza.

Ha poucos dias, e passados 45 annos de reclamações e requerimentos (!) deram aos filhos, como por esmola, uma insignificante pensão!

O 1.º conde do Farrobo era em 1828 um grande realista; mas quando o governo do sr. D. Miguel publicou em 12 e 18 de novembro de 1831, o decreto do *emprestimo forçado*, em cumprimento do qual se pedia ao então barão de Quintella 20 contos de réis, a juro de 2 e meio por cento ao anno; ao que elle se negou, e pelo que foi exautorado de todas os suas honras e privilegios, se declarou liberal.

Quem lucrou com isto, foi o partido do sr. D. Pedro.

Se o barão de Quintella não mudasse de opinião, seria infalivel a perda dos liberaes, pois não tinham dinheiro, nem quem lh'o emprestasse, e o futuro conde do Farrobo lhes adiantou (pelo exclusivo do tabaco, por tempo de 12 annos) 2:500 contos de réis, em 10 de novembro de 1832.

Em abril de 1833, fez-lhes segundo emprestimo, de outros 2:500 contos. (Para evitarmos repetições, veja-se o que disse no 7.º volume, pag. 357, col. 1.ª, e sua nota.)

Os liberaes nem lhe deram o exclusivo do contracto do tabaco, nem lhe pagaram, nem acceitaram a auctoria na celebre e diuturna causa que ao conde propoz a sociedade Lino & Pimenta; e foi d'este modo que baqueou a enorme casa Farrobo.

O conde, em vista de tão negra ingratidão, entregou ao sr. D. Luiz I todos os titulos e condecorações que havia recebido dos liberaes, em 1867, e desde então protestou assignar-se simplesmente *barão de Quintella*, como seu pae.

Em 1757, tinha 40 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administratrativo de Bragança.

O reitor de Santa Marinha, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está ha muito tempo unida á de S. Julião de Paçô, no mesmo concelho.

QUINTELLA—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Villa-Marim, comarca, concelho, districto administrativo e proximo a Villa Real.

Existe aqui uma torre antiquissima, bastante arruinada.

Em um desenho da mesma torre, que se vê em um tombo, tambem muito antigo, se lê por baixo do desenho, esta decima:

Junto a Villa-Real
Se vê uma torre antiga,
Que contra a hoste inimiga
Fez um conde, Portugal
Com mil foros; para a qual
Dita torre de Quintella,
Ainda hoje toda aquella
Visinhança reconhece
Dos foros o tombo a este.
E d'esta maneira ella.

Os dois ultimos versos nem por isso se entendem lá muito bem.

Talves haja êrro de cópia.

QUINTELLA D'AZURÁRA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 104 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' terra pouco fertil, mas ha abundancia de gado e caça.

QUINTELLA DE CÊA—aldeia, Beira Baixa, na freguezia, comarca e concelho de Cêa, bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Ha n'esta povoação importantissimas fabricas de lanificios.

Em dezembro de 1874, foram despachadas na alfandega de Lisboa, 20 caixas com machinismo, para a fabrica da sr.ª viuva Montelano e Filhos, no valor de 1:700$000 réis.

A 5 de janeiro de 1875, foi despachada na mesma alfandega, uma machina completa para cardar e manufacturar lan, para a fábrica, tambem de lanificios, dos srs. Antonio Simões Pereira & C.ª

QUINTELLA DE LAMPAÇAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, districto administrativo e bispado de Bragança, 60 kilometros ao N. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e gosava dos grandes privilegios concedidos aos foreiros da casa de Bragança, donataria d'esta freguezia.

D. Affonso 3.º lhe deu foral, em Constantim de Panoyas, a 9 de julho de 1252.

(*L.º 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 50 v., e *L.º de foraes antigos de leitura nova*, fl. 118 v., col. 1.ª)

QUINTELLA DA LAPA—freguezia, Beira Alta, concelho de Cernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do concelho, supprimido, de Caria e Rua) 35 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor da villa de Rua, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento e o pé d'altar. (Vide *Lapa*, villa).

N'esta freguezia tem o seu nascimento o rio Vouga (o *Vacca* dos antigos.) Vide o 1.º *Pecegueiro*.

Esta freguezia está situada em parte da penhascosa e desabrida *Serra da Lapa*, de onde lhe vem o nome.

E' povoação antiquissima, pois já existia

em 1181, quando os dez filhos de D. Mayor Soares, doaram a sua mãe e a suas trez filhas, Dordia, Thereza, e Mayor, varias propriedades que tinham no bispado de Lamego, sendo incluidas n'estas, dois casaes na Quintella da Lapa.

Para evitarmos repetições, ver *Ferreira d'Aves*, vol. 3.º, a pag. 172, col. 2.ª, e pag. 173.

Nossa Senhora da Lapa

Está este famoso sanctuario edificado na serra do seu nome, e nos limites d'esta freguezia, e proximo ao logar de Quintella.

Foi um dos mais celebres e concorridos pelos nossos avós, tanto que d'elle tratam muitos escriptores destinctos, e entre elles, Jorge Cardozo (*Agiologio Lusitano*, tom. 1.º, pag. 474); Frei Bernardo de Brito (*Monarch. Lus.*, parte 2.ª, cap. 23); Frei Luiz dos Anjos (*Jardim de Portugal*, pag. 130); Antonio Leite (*Hist. de Nossa Senhora da Lapa*, livro 1.º, cap. 3); Frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tomo 3.º, pag. 155, e tomo 7.º, pag. 382.)

Resumindo o mais que me foi possivel, o que escreveram estes antiquarios, e deixando de mencionar differentes factos, maravilhosos, tratarei apenas do templo e da sua padroeira, e dos factos que com isto tenham relação.

D. Ramiro III, de Leão, foi acclamdo rei, por fallecimento de seu pae (D. Ordonho IV, que apenas reinou um anno, porque morreu em uma batalha contra os mouros, junto a Córdova) foi acclamado rei, repito, quando tinha apenas cinco annos de edade (967) e sua mãe tomou conta da regencia, durante a menoridade do filho.

Chegado á edade legal, D. Ramiro, tomou conta do governo dos seus estados, mas em breve teve contendas, que degeneraram em guerras, com seu primo, D. Bermudo (filho de D. Ordonho III) de Portugal e Galliza (depois, Bermudo II, cognominado *o Gotoso*) e com os condes d'estes dois reinos.

Para poder com mais vantagem combater os seus inimigos christãos, fez tréguas com o kalifa de Córdova, o grande capitão Al-Mançor, mas, como as não fez com o rei mouro de Sevilha, este invadiu a Lusitania (que já então se principiava a chamar Portugal) e assolou muitas povoações, não retirando para Andaluzia, senão quando as suas tropas foram atacadas por uma grande peste que as disimava (980).

As discordias continuaram com os portuguezes e gallegos, e Al-Mançor, em vista d'isto, quebrando as tréguas, invadiu Portugal (981) saqueando e assolando muitas povoações, sendo as principaes Coimbra, Porto, Braga, Vianna, e Britonia do Lima. Passou para o sul do rio Douro, e tomou Lamego, Viseu, e outras muitas povoações e castellos da provincia da Beira, destruindo os templos e mais casas de oração, e martyrisando quantos frades e freiras poderam haver ás mãos.

(Vide *Seixas*, do concelho de Villa Nova de Foz Côa.)

Depois de destruir todas as terras d'estes sitios, tomou o caminho de Trancoso, pelo alto da serra de *Pêra*, atravessando o logar onde hoje se vê a villa de Aguiar da Beira. Deu em um mosteiro de freiras, fundado junto ao logar de *Sermillo* (ou *Decermillo*) no sitio onde ainda existe a capella de *Nossa Senhora do Mosteiro*, assassinando ou captivando todas as religiosas, e suas creadas.

Segundo a tradição, alguns capitães e alcaides christãos, fizeram cara aos mouros em uma planicie, a que hoje se dá o nome de *Campo do Desbarate* ou da *Matança*, proximo ao logar do *Souto*, termo de villa de Aguiar, e, apezar da desigualdade do numero, e á custa de muitas vidas, foram os mouros derrotados, fugindo Al-Mançor, com os que poderam escapar, para o monte ou cabeço chamado de Al-Mançor.

Entretanto, a guerra continuava entre D. Ramiro e D. Ordonho, tendo os condes e senhores acclamado este ultimo, como rei de Portugal e Galliza.

N'esta desastrosa guerra morreu, tanto de um como de outro partido, a flor dos guerreiros christãos; e no ultimo combate, foi morto D. Ramiro III (985) o que poz termo á guerra.

Em 998, ainda o feroz Al-Mançor tornou a invadir a Galliza, mas o perigo commum fez unir os principaes christãos, e D. Bermudo II, com os condes D. Forjaz Vermuiz, e D. Garcia Fernandes, e outros senhores, offereceram batalha a Al-Mançor, nas planicies de *Alcantanaçor* (junto a Osma). Al-Mançor ficou mortalmente ferido, e o seu exercito foi completamente anniquilado.

Segundo os escriptores citados, e a tradição popular, algumas pessoas que poderam fugir a tempo, do mosteiro de Sermillo, levaram comsigo uma imagem da SS. Virgem, com quem tinham particular devoção, e a esconderam na serra, depois chamada da *Lapa*, entre quatro penedos, em forma de gruta, onde esteve por espaço de 515 annos (desde 983 até 1498.)

Uma menina, muda de nascimento, por nome Joanna, natural do logar de Quintella, andando na serra, a guardar o gado de seus paes, fei achar na tal gruta a imagem da Virgem (1498) e a metteu na cêsta onde guardava as maçarocas e o pão—porque a imagem tem apenas 0m,55 de altura.

Persuadia-se a creança que aquillo era uma boneca, e a despia e vestia muitas vezes ao dia, com as roupas que podia haver (a imagem é de roca) e a enfeitava com flores, tanto no monte como em casa, no que empregava todo o seu tempo.

A mãe, zangada por isto, tirou a imagem das mãos da filha, e hia deital-a ao fogo; mas foi tal a afflição da filha, que cobrou a falla, e em altos brados disse claramente —«*Tá* [1] *não faça isso!*»

A mãe ficou com os braços sêccos e paraliticos, e aos seus gritos e da filha, accudiu a visinhança, que, sabendo do caso, conduziram a santa imagem para a lapa onde apparecêra, e para onde a menina guiou aquella gente.

[1] *Tá*, portuguez antigo — significa — *suspenda! Tenha mão!*

Logo que a Senhora foi collocada no sitio onde tinha sido descoberta, recobrou a mãe de Joanna a saude.

Trataram logo os povos d'estes logares, de construir um altar á Senhora, dentro da mesma lapa, e lhe consagraram a mais fervorosa devoção.

Em breve a fama dos milagres de *Nossa Senhora da Lapa* (que assim se ficou denominando) attrahiu ao sitio, não só os povos da Beira, mas ainda os de todo o reino, e até da Castella-Velha, que é a provincia hespanhola que fica mais perto; tendo logar as continuas romarias, desde a Paschoa do Espirito Santo, até outubro de cada anno.

Com o producto das avultadas offerendas á Senhora, se lhe construiu um magestoso templo, conservando-se a lapa, no mesmo estado em que se viu em 1498, e fica na capella-mór, do lado da Epistola.

O altar do devotissimo *Menino Jesus da Lapa*, fica tambem encostado ás pedras que formam a capella da Senhora.

Em poucos annos se tornou o Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, não só o mais formoso da Beira, mas ainda de todo o reino.

Santo Ignacio de Loyola, instituiu a famosa *Companhia de Jesus*, em 1534, no reinado de D. João III, e este monarcha em breve admittiu esta ordem em Portugal, estabelecendo-lhe muitas rendas, para sustento da congregação, e para construcção das suas egrejas e collegios.

Como eram grandes os rendimentos do Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, os deu o rei aos jesuitas, com a obrigação de darem metade á universidade de Coimbra. Pelos annos de 1700, deram os padres da Companhia, junto ao Sanctuario, principio a um grande collegio, que não se chegou a concluir.

Pela extincção dos jesuitas (1759) ficaram todas as rendas para a universidade!

Entre os quadros e mais objectos, memorando os milagres da Senhora, se vê, pendurada de uma das traves de ferro da egreja, a pelle de um crocodilo, que um devoto, natural d'estes sitios, matou na India e offereceu á Senhora.

A descrença dos nossos dias, tem feito decahir muito a concorrencia de devotos ao templo de Nossa Senhora da Lapa, mas, se não é nem metade do que era ha um seculo, ainda esta egreja é uma das mais frequentadas da Beira.

QUINTIÃES on **QUINTÃES** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 104 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do O').

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do convento de Carvoeiro, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 100$000 réis, e o pé de altar.

E' n'esta freguezia a casa e torre solarenga de Aborim, na qual viveu Lourenço Gomes de Aborim, e que depois passou aos Barbosas.

Em 19 de maio de 1638, morreu na Bahia, o valoroso capitão, Sebastião do Souto, natural d'esta freguezia, e que no Brasil foi o terror dos hollandezes. Morreu em um combate contra elles, ferido mortalmente, com uma bala no peito, na noite que precedeu o referido dia; mas deixou bem vingada a sua morte, pois que n'esse e n'outros combates, assaltos e batalhas, havia morto ou aprisionado grande numero de inimigos.

É terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade. (Vide Rans).

QUINTIÃO — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Cambres, comarca, concelho e 3 kilometros ao NO. de Lamego.

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e tinha aqui varias propriedades Pedro Viegas, que, por consentimento de D. Affonso I, vendeu, em 1163, a D. Thereza Affonso. (Vide *Cambres*, a pag. 53 do 2.º volume, e *Magueija*, a pag. 34 do volume 5.º)

Esta povoação está situada em terreno aprazivel, fertil e saudavel, entre a antiga estrada de Lamego á Varosa (em frente da Régua) e a nova, ultimamente construida, como complemento da de Trancoso á Régua, pela margem esquerda do rio Varosa.

É n'esta aldeia a excellente casa e boa quinta, que foi do conselheiro Antonio José da Costa, rico proprietario e capitalista.

QUINTINO (São) — freguezia, Estremadura (Riba-Tejo) comarca de Villa Franca de Xira, concelho de Arruda dos Vinhos (foi do extincto concelho de Sobral de Monte Agraço, comarca de Alemquer), 30 kilometros ao ENE. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade e S. Quintino.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra patriarchal apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 réis.

Esta freguezia é de clima saudavel, por estar em um alto, e muito fertil.

A egreja matriz é um bom templo, mandado construir pelo rei D. Manuel, em 1520.

Ainda ha quatro ou cinco annos, aqui vivia (e não sei se ainda vive) Maria Joanna, que nascera em 1759. É avó da mulher do sr. Manuel Dias dos Reis, proprietario e negociante na villa da Alhandra.

QUINTOS — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e proximo de Beja, 70 kilometros ao O. d'Evora (a cujo arcebispado pertenceu), 155 ao S. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 203.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 540 alqueires de trigo, de renda annual.

É terra muito fertil em toda a qualidade de fructos do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

É aqui a 24.ª estação dos caminhos de ferro do sul e suéste, contando da estação do Barreiro, e comprehendendo as estações do ramal de Setubal.

Fica esta freguezia 6 kilometros ao O. do Guadiana, e 35 ao O. do rio Chança, que divide, n'estes sitios, Portugal da Hespanha. Antigamente eram os *Quintos* a ultima povoação de Portugal por este lado (hoje é Ficalho, ou Villa Verde de Ficalho) e por isso, quando os nossos paes se zangavam com alguem e o não queriam mandar para o inferno, diziam: *Vae para os Quintos*. Ainda

hoje nas provincias do norte se roga esta *praga*.

QUIRAZ—Vide *Queiraz*.

QUITERIA DE MÉCA (Santa)—Já a pag. 60, col. 2.ª, do 3.º volume fallei d'esta freguezia, sob a denominação de *Espiçandeira* e *Méca*. Aqui accrescento mais o seguinte:

Em 21 de outubro de 1873, falleceu em Santa Quiteria de Méca, Francisco Xavier de Lemos Castello Branco, filho dos viscondes do Real Agrado, e irmão do elegante prosador e mavioso poeta, o sr. João de Lemos Seixas Castello Branco. (Vide Real-Agrado.)

R

R—como letra numeral, valia antigamente 800, e com um til por cima, 80:000. Tambem valeu algum tempo 40. (Em um livro da Torre do Tombo, copiado em tempo do rei D. Duarte, 1433 a 1438, se vê escripto—*Era de* III'RV *annos*, por 1345—mas no original estava—E.MCCCXLV, como nós hoje escrevemos.

RABÁÇA—rio, Traz-os-Montes, que nasce na Galliza, e junto ao Ragua, entra no Túa. Vide *Ragua*.

Dá-se-lhe este nome, em razão das muitas *rabaças* (plantas aquaticas) que cria nas suas margens.

RABÁÇA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Jarméllo), 324 kilometros a E. de Lisboa, 37 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Maria de Jarméllo, apresentava o cura, que tinha 100 alqueires de centeio, 2 de trigo e 2 almudes de vinho.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e annexa á de Jarméllo.

RABAÇAL—freguezia, Beira Baixa. Foi antigamente do concelho supprimido de Marialva, comarca da Meda; depois, passou a ser do concelho da Meda, comarca de Villa Nova de Foscôa. Em 24 de outubro de 1855, passou para o concelho de Foscôa, e, finalmente, em 18 de dezembro de 1872, ficou pertencendo ao concelho da Meda, comarca de Foscôa, 60 kilometros ao SE. de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Paulo (a conversão de S. Paulo).

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O abbade de S. Thiago, de Marialva, apresentava o cura, que tinha 6$400 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Muito gado e caça.

Todos sabem que *rabaçal*, significa logar onde ha muitas *rabaças*. Vide *Rabaça*, rio[1].

RABAÇAL—villa, Douro, no concelho de Penella, comarca da Louzan (foi cabeça de um concelho, extincto por decreto de 6 de março de 1852),[2] 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 35 visinhos.[3]

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra, por concurso, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e já povoada no

[1] Na nossa Ilha da Madeira, ha tambem um rio chamado Rabaçal.

[2] Quando era cabeça de concelho, pertencia á comarca de Soure.

O primeiro nome d'esta villa foi *Ladeya*, ou *Ladéra*.

[3] Estou persuadido que é erro do *Portugal Sacro*. Esta villa era mais importante no meiado do seculo passado do que é hoje, pelo que não me parece provavel que ella tenha augmentado em população, mais de tres quartas partes.

tempo dos mouros, e ainda a pouca distancia da villa ha um logar chamado *Alcalamouque*, corrupção das palavras arabes *alcalá* (fortaleza ou castello) e *mocamo* (logar santo) e vem pois a significar *Castello da Mesquita*. Todavia, o mais antigo documento que achei d'esta villa, é de 1139. É uma doação que D. Affonso Henriques fez, em junho d'esse anno, ás *donas* (freiras) de Cellas, *a par da ponte de Coimbra*, de uma herdade no sitio da *Ladeya, quae vocatur Rabazal.*

Quando D. Affonso Henriques foi dar a gloriosa batalha do Campo d'Ourique (25 de julho de 1139) já Leiria, Ourem, Ega, Redinha, Soure, Pombal, Zêzere, Cardíga, Castello d'Almourol, Céra, Penella, esta villa do Rabaçal, e outras terras ao sul de Coimbra eram dominadas pelos portuguezes.

Em 1111, o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral á villa de Soure, o que prova que já este territorio tinha sido resgatado do poder dos mouros; mas, pela doação que a mesma D. Thereza fez, em 1128, da referida villa de Soure, aos cavalleiros do Templo, lhe dá *todas as terras entre Coimbra e Leiria, que então estavam despovoadas, porém ainda em poder dos mouros.*

D. Affonso Henriques tomou Leiria em 1135; Ourem em 1136, e em 1137 já deu foral á villa de Penella; portanto, é incontestavel que o Rabaçal foi resgatado em 1135.

O primeiro foral d'esta villa, foi-lhe dado pelos templarios, em 2 de maio de 1222. [1]

[1] Existem bullas dos papas Honorio III, Celestino IV, Alexandre IV e Urbano IV, que eximiam da sujeição episcopal as egrejas e castellos de Ega, Redinha e Pombal, que os templarios haviam construido.

Supprimida a ordem do Templo, foi o Rabaçal transformado em uma commenda da ordem de Christo, e dada aos condes e senhores de Tentugal (hoje duques do Cadaval) e era da correição do ouvidor de Tentugal, no tempo em que a villa possuia o magistrado d'esta denominação. Os condes de Tentugal, eram tambem senhores da Póvoa de Santa Christina, onde está o mosteiro que foi de franciscanos, fundado pelo leigo, frei João de Lamego, e com esmolas do infante D. Pedro, irmão do rei D. Duarte. Está impresso no tomo 1.º das *Dissertações chronologicas*, a pag. 271.

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 18 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 72, v. col. 1.ª)

—

A villa do Rabaçal está sobre a *estrada velha*, de Coimbra para Lisboa, estendendo-se por uma planicie amena e saudavel.

Ainda que os seus arrabaldes sejam muito pedregosos, são todavia bastante alegres e ferteis; e, como os terrenos d'esta freguezia e immediatas são calcarios, produzem grande colheita de cereaes e bom azeite. Tambem criam muito gado, e ha bastante caça. Optimos queijos.

Quando a villa do Rabaçal era cabeça de concelho, pertencia-lhe a villa do Pombalinho, que fica 7 kilometros ao sul, e cujo priorado era do padroado dos frades bernardos do mosteiro de Ceiça, antes de o ser da universidade.

Tambem aqui tinham muitos foros os condes d'Almada, descendentes de D. Antão de Almada, um dos heroes de 1640.

—

O concelho do Rabaçal era composto de cinco freguezias, com 1:200 fogos. Na sua suppressão passaram para o concelho de Soure, as freguezias de Pombalinho e Degracias, e para o de Condeixa, as d'Alvorge, Rabaçal e Zambujal. Por decreto de 27 de julho de 1853, passaram as freguezias de Alvorge e Rabaçal para o concelho de Penella.

Entre as freguezias que formaram o antigo concelho do Rabaçal, está encravada a de Tapeus, que era do concelho do Pombal, já no districto administrativo de Leiria; e que, depois de muitas representações, passou para a comarca e concelho de Soure, no districto administrativo de Coimbra.

Os moradores do Rabaçal, tinham antigamente o privilegio de não pagarem fintas, e seus gados podiam pastar livremente nas coutadas, sem serem obrigados a livramento ou coima, mas só pagavam o damno, se o houvesse.

RABAL—freguezia, Douro, concelho e comarca de Bragança, 54 kilometros ao N. de

Miranda do Douro, 500 ao N. de Lisboa, 86 fogos. Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil, mas cria bastante gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

RABALHA, RABHALVA e **RABEHABRA** —medida antiga, de solidos e liquidos, da cidade do Porto. Diz-se que tomou este nome, da freguezia de Ramalde (suburbios do Porto) onde primeiro foi usada. Acho mais provavel que se dissesse—*medida do arrabalde*, que simplificando-se e corrompendo-se, se chamou *rabalha*. Além d'isso, vê se em documentos do seculo XIV, que esta medida era usada em outras muitas terras do reino.

RABÁS ou **RABAZ** — portuguez antigo — ladrão. *Lobo rabaz*, vem do latino *lupus rapaz*. Ainda hoje temos o substantivo *rapacidade*, que é da mesma origem.

RABEL ou **RABIL**—portuguez antigo—o mesmo que *arrabil*, pequena rebeca, usada pelos pastores. Na nossa ilha da Boa-Vista (Cabo Verde) ha uma freguezia chamada Rabil, fica na costa.

RABÊLLO — nome que se dá aos barcos que navegam no Douro; em razão de terem, em vez de léme, uma monstruosa *espadella*, que é um madeiro em fórma de rêmo, quasi tão comprido como o mesmo barco.

Os lémes ordinarios nada fariam contra a corrente impetuosa d'este rio; e mesmo assim, nos *pontos*, é preciso que toda a tripulação (nos barcos maiores 14 e 16 homens) vá á espadella, e nem sempre evitam um naufragio, pois todos os annos se despedaçam muitos barcos contra os rochedos que erriçam o Douro.

Á ré d'estes barcos, ha uma especie de varanda (uns sete ou oito palmos mais alta do que o leito do barco) a que elles chamam *pégada*, d'onde sustentam a *espadella* e governam o barco.

Da configuração d'estes barcos, com a sua immensa espadella, em fórma de rabo, lhes veio o nome de *rabêllos*, que é como se dissesse *rabudos*.

O nome de rabêllos, foi, com o tempo, passando aos tripulantes, e por fim aos habitantes do Alto Douro.

Os barcos rabellos são os mais frageis e desgraciosos de Portugal; qualquer pancada os faz em pedaços. A madeira do fôrro não é lavrada nem pintada, e as tábuas, são apenas sobrepostas umas ás outras.

Por maiores que sejam, não teem senão uma vella, mas esta é de proporções enormes. Os maiores barcos podem trazer 80 pipas cheias.

Aos barcos do Douro que não teem *pégada* (mas todos teem espadella) dão o nome de *rodeiros*. Estes são mais pequenos, e, ordinariamente, servem para conduzir fructas, madeiras, carvão, lenha, carqueja, etc.

Os barcos do Tejo e do Sado, que navegam em rios sem pedras, são muito mais solidos, cintados com grossas chapas de ferro, e fortemente encavernados. Ao mesmo tempo são muito elegantes, pintados e aceiados. Os barqueiros é que não ficam a dever nada, quanto a grosseria, aos dos barcos rabêllos.

Em se concluindo o caminho de ferro do Douro, ninguem de certo se torna a querer arriscar aos perigos de uma viagem pelo rio, nem a mandar por elle as suas fazendas, para baixo ou para cima.

Vide *Rebêllo*.

RABUDOS — Os portuguezes chamavam aos castelhanos *rabudos;* e estes, em desforra, chamavam-nos *judios*. [1]

Dois fundamentos tiveram os portuguezes para a alcunha de rabudos que impozeram aos hespanhoes: o primeiro foi a balella que correu, de que a rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, nascera com rabo! [2]

Isto foi tão geralmente acreditado, que o nosso rei D. Sebastião, no 1.º de agosto de

[1] Os francezes tambem chamam *rabudos* aos inglezes: isto, tomado de uma palavra equivoca, que tanto póde significar *rabudo*, como *bizarro*, *guapo*, *gentil*, etc.

[2] D. Brites, descendia, por sua mãe, da nobilissima casa de Gusmão; e os hespanhoes diziam que muitos membros d'esta familia, nasciam com rabo! Foram pois os nossos visinhos que tiveram a culpa de lhe pôrmos a alcunha de rabudos.

1569, fez abrir todas as sepulturas dos reis que estão sepultados em Alcobaça, sob pretexto de ver o estado dos seus corpos, mas, na verdade, só para se desenganar se a rainha D. Brites era rabuda. Viu-se que era uma grande pêta. O segundo motivo foi por que a tal D. Brites foi que introduziu em Portugal a moda hespanhola das *cottas de rabo* ou *caudatas*, trajo só usado pelas mulheres da familia real e pelas grandes senhoras. Como D. Brites usava dos taes vestidos de cauda, e os portuguezes nunca tinham visto semelhante cousa, entraram a dizer que *a rainha tinha rabo;* e assim passou á posteridade o falso testemunho, transformando-se o *enfeite* em defeito natural. Hoje, todas as senhoras portuguezas são *rabudas;* e quanto maior fôr a cauda, mais elegancia significa.

Em alguns documentos antigos tambem se chamava *letra rabuda,* á gothica.

RACO—herdade, assim chamada, no Alemtejo, freguezia do Cercal, comarca e concelho de Odemira (vol. 2.º, pag. 241, col. 1.ª).

A herdade do Raco, fica a 3 kilometros da egreja do Cercal, e é situada á beira da estrada que da freguezia vae a Odemira. É hoje apenas uma granja (*monte,* como alli lhe chamam) de pouca importancia; mas, segundo a tradição, foi uma colonia importante fundada pelos phenicios, e depois habitada pelos carthaginezes, e pelos romanos, que exploravam aqui abundantes minas de cobre, ferro e outros metaes; o que se prova pela grande copia de escorias que se veem n'estas immediações, e demonstra que esses metaes eram aqui mesmo fundidos, para facilmente poderem ser transportados a outras localidades.

É um sitio ameno, aprazivel e fertil, povoado de frondosas arvores, principalmente vetustos e gigantescos castanheiros, alguns, talvez, contemporaneos dos romanos.

Por muitas vezes se teem aqui achado sepulturas, ossos humanos, armas, ferramentas e outros objectos antiquissimos, alguns cujo uso e utilidade actualmente se ignora, e todos grandemente oxidados.

Pelo grande numero de sepulturas que se teem encontrado, com seus *vasos lacrimatorios* (de barro, de vidro, e até de prata) candeias, amphoras, anneis, tijolos, telhas, bracelêtes, machados e ferros de lanças, de cobre e ferro, vê-se que era uma colonia muito populosa, e que os povos antigos aqui fizeram uma diuturna residencia.

O virtuoso e esclarecido bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, aqui mandou fazer algumas escavações, com bom resultado, e os objectos archeologicos então encontrados, se acham actualmente no museu de Evora.

Quem percorrer os arrabaldes do Raco, fica assombrado dos immensos trabalhos de exploração que se fizeram aqui, principalmente nas serras da *Mina,* e do *Rosalgar.* São obras verdadeiramente collossaes, e custa a comprehender como homens com tão poucos meios dynamicos, e só á força de braços, levassem ao cabo, trabalhos tão estupendos, e que só vendo-se se póde d'elles fazer idéa.

Os sêrros que cercam a herdade do Raco, estão todos minados, em differentes sentidos, assemelhando-se a cidades subterraneas.

É provavel que os arabes ampliassem as obras dos mineiros que os precederam.

RADAR ou **RODAR**—(a vinha) portuguez antigo — tambem se dizia *redrar* e *redar.* Era cavar a vinha segunda vez.

Hoje na Terra da Feira, em Arouca, Paiva e outras terras, dá-se á segunda sacha do milho, o nome de *arrendar,* evidentemente corrupção de *rodar.*

Vem do antigo portuguez *rédra,* que significava *defeza* (*redrar,* o mesmo que amparar, ou defender) e como na segunda cava se chegue a terra para o pé da videira (ou do milho) para o *defender* do sol, por isso se lhe chamou *redrar,* que se adulterou em *radar, rodar, redar,* e, por fim, em *arrendar.*

RAGUA—rio, Traz-os-Montes, que nasce na Galliza, e entra na direita do Tua (já unido ao Rabaça, da mesma procedencia) abaixo de Valle de Telhas. Vide *Rabaça,* rio.

RAIMONDA ou **REYMONDE** — freguezia, Douro, comarca de Lousada, (foi da comarca de Santo Thyrso), concelho de Paços de Ferreira, 25 kilometros ao NE. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É a mais rica e fertil freguezia do concelho.

Ha aqui uma capella publica, dedicada a Santo Amaro, e outra particular, da invocação de Jesus, Maria, José, na casa do Pinheiro, na aldeia de Parada.

N'esta aldeia de Parada, nasce um regato anonymo, que recebe em Sanguinhaes outro regato (que vem de ao pé da capella de Santo Amaro) formando então um ribeiro, que rega e moe, e vae juntar-se (proximo á quinta de Villar, freguezia de Paços de Ferreira, abaixo da ponte do Sobrão) a outro que vem de São Fins de Ferreira. Estes ribeiros reunidos, e juntos a outro que vem da freguezia de S. Pedro de Ferreira, formam o rio *Ferreira*.

Raymonda é nome de mulher (Raymunda); talvez que alguma assim chamada, fosse em tempos antigos, senhora d'esta freguezia, e lhe impozesse o seu nome.

RAIVA—portuguez antigo—infamia, labéu, aleive, nota, etc.

RAIVA — aldeia, Douro, na freguezia de Farinha Podre, no concelho de Pena Cova, comarca de Coimbra, d'onde esta aldeia dista 25 kilometros.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É situada á beira do Mondego, em logar bastante agradavel.

É o termo ordinario da navegação do Mondego, no estio; mas no inverno, em quanto ha abundancia de aguas, vão os barcos até á Foz Dão, e d'aqui, em carros ou em cargas se conduzem os objectos de commercio, até ao centro da Beira Baixa, ao O. e E. da serra da Estrella.

RAIVA—freguezia, Douro, concelho e 10 kilometros ao ONO. de Castello de Paiva (villa de Sobrado, que é a sua capital), comarca e 18 kilometros ao NO. de Arouca, 35 ao E. do Porto 315 ao N. de Lisboa 270 fogos.

Em 1757 tinha apenas 79 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.[1]

O real padroado apresentava o abbade, que tinha mais de 600$000 réis de rendimento. (Tinha sido primeiro dos marquezes de Marialva).

Está a freguezia situada na margem esquerda do Douro, do qual a egreja matriz dista apenas uns 250 metros.

É terreno muito accidentado, com montes de bastante elevação; mas em grande parte, povoados de arvores silvestres, e as suas encostas e valles são muito ferteis em todos os fructos do nosso paiz. O seu clima é sobremodo saudavel.

Tem seis capellas publicas: *S. Domingos*, na serra do seu nome; *S. Lourenço*, na aldeia de Fulgoso; *Nossa Senhora das Amoras*, na aldeia de Oliveira do Arda; uma na aldeia de Serradêllo, não sei de que santo; e outra na de Gondarem, dedicada a S. Lourenço; e uma particular, de Nossa Senhora, na casa do sr. Luiz Paulino Pereira Pinto d'Almeida, na aldeia de Midões. As duas ultimas são muito proximas do Douro.

A mais celebre é a da *Senhora das Amoras*. (Vide *Arda*).

É atravessada por varios ribeiros, e o rio Arda a divide, pelo O., da freguezia de Pédorido.

[1] É uma d'aquellas divisões absurdas e disparatadas que se observam em muitas terras de Portugal. Como vemos no texto, dista apenas 35 kilometros do Porto, viagem de tres ou quatro horas, pelo Douro, e pertence ao bispado de Lamego, que lhe fica 60 kilometros a E., e ao districto d'Aveiro, que lhe fica a 75 kilometros ao SO., não tendo para nenhuma d'estas duas cidades caminho de qualidade alguma; pois os a que se dá este nome, não são mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, atravessando ribeiros caudalosos (sem pontes) e montanhas e brejos! Além d'isso não tem esta freguezia nem todo o concelho e a comarca, negocios alguns a tratar em Lamego e Aveiro, senão os a que é obrigada pela sua dependencia civil, administrativa ou ecclesiastica; pois que todo o seu commercio se faz com a cidade do Porto, com a qual está em communicação constante.

Incontestavelmente é povoação muito antiga, e já habitada pelos povos pre-historicos, do que ha claros vestigios, em varias mâmoas, no *Monte Grande*, e proximas ao logar de Serradêllo.

Teem-se aqui achado objectos archeologicos, como mós para moer cereaes, manualmente, columnas toscas, fornos, etc.

Tambem é certo que, de tempos remotissimos se exploraram por estes sitios varias minas de metal, que se não esgotaram, pois ainda algumas estão em lavra. (Vide Midões, aldeia, Douro, n'esta freguezia).

Pelo sr. visconde de Freixo foi descoberta uma mina de chumbo, nos sitios da Ribeira da Lomba e Fontella, em março de 1871, e da qual obteve diploma de descobridor legal, em maio de 1873. Pelo mesmo tempo foi concedida outra de galena, ao sr. doutor Frederico Augusto Pereira Cabral de Vasconcellos, proximo á aldeia de Gondarem.

Em maio de 1877, foram considerados descobridores legaes das minas de chumbo argentifero do Baltidão e ribeiro da Gardunha (tudo n'esta freguezia) os srs. Miguel da Costa Faria e José Carneiro de Sampaio e Silva.

Ná aldeia de Fulgoso, passa a grande zona carbonifera de Pijão, que se explora no Fôjo e em Pédorido. Vide *Castello de Paiva*.

Ha em differentes partes d'esta freguezia *afloramentos* metallicos, e muitas nascentes de aguas ferruginosas, nenhuma das quaes foi ainda analysada.

RAMADA — Minho. Na cidade de Braga. Diogo Jácome, distincto fidalgo d'este reino, senhor da honra de Vimieiro, cavalleiro da casa real, etc., veio para Braga, em 1396, com o seu parente, o arcebispo D. Martim Affonso Pires da Charneca, que o fez alcaide-mór d'Ervêdo. Mandou-lhe, além d'isso, construir umas casas junto ao paço archiepiscopal, as quaes erigiu em honra, sob o titulo de *honra da Ramada*, e que foi o primeiro solar dos Avellares.

O arcebispo, D. Diogo de Sousa, em 10 de abril de 1509, por escriptura publica d'esta data, trocou a honra da Ramada, pelo casal d'Avellar. D'esta casa é actualmente representante, o sr. Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos.

RAMADA ou **RAMATA** — portuguez antigo — pesca que se fazia com ramos, lançando grande copia d'elles nos pégos mais profundos, para que o peixe, subindo das lapas e raizes, se acolhesse aos ramos, d'onde eram agarrados á mão.

RAMALDE — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 4 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 407 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As religiosas franciscanas do mosteiro de Santa Clara, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 180$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a famosa capella de *Nossa Senhora da Hora* ou das *Sete Fontes*, no sitio mesmo chamado Senhora da Hora, a cuja imagem se faz uma concorridissima romaria, em quinta feira da sua Ascenção.

Ha sempre comboyos a preços reduzidos, no dia d'esta romaria, pela companhia dos caminhos de ferro da Povoa de Varzim, que tem uma estação mesmo no logar da Senhora da Hora.

Fica perto do Carvalhido.

Para se evitarem repetições, vide vol. 7.º, pag. 411, col. 1.ª

Ramalde é uma vasta, formosa, rica, sâdia e fertil freguezia dos arrabaldes do Porto, e que muito tem prosperado n'estes ultimos tempos. Os habitantes da cidade aqui fazem frequentes excursões, principalmente no verão. Veem-se aqui muitas casas, de elegante apparencia; e as raparigas d'aqui *(ramaldeiras)* são justamente tidas como muito formosas; vestem-se com muita elegancia; são, em geral, muito bem feitas, e os seus trajes aldeãos são dos mais bonitos d'estes sitios.

Tenho corrido Portugal todo por muitas vezes, e em parte nenhuma vi aldeanas tão gentilmente vestidas como nos arrabaldes do Porto, tanto ao sul, como ao norte do Douro.

Ha tambem n'esta freguezia a capella de *Nossa Senhora do Porto*, na aldeia de Requezende, fazendo-se á Senhora, uma esplendida festa, a 15 de agosto de cada anno (dia da sua Assumpção).

Em 7 de dezembro de 1836, foi feito barão

de Ramalde, o sr. Christiano Nicolau Kopke.

Vide *Rabalha*.

RAMALHAL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 48 kilometros ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Lourenço.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Os beneficiados da collegiada de S. Miguel, de Torres Vedras, apresentavam o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil em cereaes, optimo vinho e algum azeite.

RAMALHÃO (quinta do) — Extremadura, em Cintra. Foi antigamente paço e parque real, construidos, o paço e a quinta, pela imperatriz-rainha, D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI. Foi esta propriedade julgada *bens nacionaes*, posta em praça, e arrematada pelo fallecido par do reino, José Isidoro Guedes, depois visconde de Valmor, que augmentou o palacio e a quinta, fazendo-lhe grandes melhoramentos. Hoje é da sua viuva.[1]

E' um passeio muito frequentado por todos os *touristes* que visitam Cintra, e que teem bom gosto; porque, na verdade, a propriedade do Ramalhão é uma formosissima vivenda.

Havia aqui, em uma capellinha, um santo, que o povo cria ser de carne e osso, e, é certo que, atravez da vidraça que o guardava, se via um formoso mancebo, que parecia estar dormindo. Diz-se, porém, que são os ossos de S. Bento, cobertos de cêra.

—

O congresso havia jurado a constituição, em 23 de setembro de 1822, e D. João VI e a côrte, no 1.º de outubro.

Convidada a rainha D. Carlota Joaquina para prestar o mesmo juramento, em 22 de novembro, recusa-se obstinadamente. As côrtes *exautoram* a rainha, e a mandam sahir do reino (4 de dezembro). D. João VI sancciona este decreto! Mas a rainha, não quiz obedecer a tão absurda sentença, allegando que estava doente. Foi então desterrada para a sua quinta do Ramalhão, onde seu filho, o senhor D. Miguel, a foi buscar, em junho de 1823, depois de ter facilmente vencido as tropas liberaes, em maio, na guerra chamada da *poeira*.[1]

Quando a *quadrupla alliança* obrigou a sahir de Portugal, pela convenção de Evora-Monte, o senhor D. Miguel I, tomou este principe, no estrangeiro, o titulo de conde do *Ramalhão*.

RAMALHEIRA—Vide *Eburobriga*.

RAMALHOSO—Vide *Portella da Gaiva* e *Ramalhoso*, a pag. 251, col. 1.ª do 7.º volume.

RAMAZÃO ou **RAMAZAM**—Nome das duas unicas festas de obrigação, que teem os que seguem a religião de Mafoma. São *moveis*, e no espaço de 33 annos, caem em todos os mezes do anno, porque é lunar o anno mussulmano. O primeiro ramazão, tem logar no dia primeiro da lua que segue á do ramazão —quaresma dos mahometanos. Esta festa, chamada *bairão*, dura trez dias, e assemelha-se á paschoa dos judeus, e ao nosso entrudo. Immolam cordeiros ou bois, e por isso lhe chamam tambem *aid el courban* (festa dos sacrificios). O *pequeno bairam* (aid saghir) tem logar no primeiro dia do mez de *chawal*, no fim dos jejuns do *ramazam*. Vide *Vairão*.

RAMELLA ou **REMELLA**—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca da Guarda,

[1] A sr.ª D. Amelia Augusta da Silva Lima, 1.ª viscondessa de Valmór, e irman do actual juiz de direito do Redondo, o sr. Bento José da Silva Lima, casou em segundas nupcias, com o sr. José Joaquim Pinto da Silva, da cidade do Porto.

José Isidoro Guedes, tinha sido feito visconde, em duas vidas, em 11 de março de 1867, e como morreu sem filhos legitimos, passou o titulo para seu sobrinho, o sr. Fausto de Queiroz Guedes, feito visconde de Valmór, em 26 de janeiro de 1870.

[1] Os portuguezes ainda n'esse tempo se não tinham transformado em duas alcateias de tigres, sedentos de sangue e carnagem, como foram desde 1828 até 1836; pelo que na *campanha* da restauração, não houve mortos nem feridos: o que ambos os partidos fizeram foi muito pó, e por isso se chamou á tal campanha, *guerra da poeira*.

d'onde dista 12 kilometros, e 300 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Pedro (vulgarmente *S. Pedro da Teixeira*).

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o prior, que tinha 70$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

Cereaes, fructas, legumes, gado e caça.

O nome d'esta freguezia é arabe, e a palavra *ramel*, que significa areal. (*Chronica do rei D. Manuel*, por Damião de Goes, parte IV, cap. 57, pag. 552).

RAMEZAL — Vide *Midões*, aldeia, Douro, na freguezia da Raiva, concelho do Castello de Paiva.

RAMIRÃO—Vide *Casal-Vasco* e *Ramirão*.

RAMIRES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi, até 24 de outubro de 1855, do concelho de Ferreiros de Tendaes, comarca de Rézende), 18 kilometros ao O. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 80 fogos. Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de Miumães apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga, e ainda aqui se veem os restos de um castello, que se diz ter sido construido pelos godos.

Ramires é nome patronimico, significa, filho ou descendente de *Ramiro*. (Vide, para o appellido Ramires, volume 1.º, pag. 133, col. 1.ª).

E' terra fertil. Bom azeite, e optimo vinho verde.

RANA ou **RANNA** — Vide *Domingos de Ranna (São)*.

RANCORA, RANCOURA ou **RANCURA** — portuguez antigo—querella ou queixa, dada ao juiz da terra, contra alguem.

RANDE—Vide *Milhundos*.

RANDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Barrosas), 36 kilometros ao NE. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O papa e a mitra, de Braga, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 270$000 de rendimento.

É terra fertil.

RANHADOS—villa, Beira Baixa, concelho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca e concelho da Meda, e em tempos mais antigos, foi da comarca de Lamego, e em 1810, era da comarca de Pinhel), 45 kilometros de Lamego, proximo a Penedôno, e 360 ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e situada em alto, onde existem as ruinas de um vetusto castello, cuja construcção se attribue aos godos.

O seu primeiro foral lhe foi dado pelo rei D. Diniz, em Coimbra, a 26 de julho de 1286. (*Livro 2. de Doações do rei D. Diniz*, fl. 123, v., col. 2.ª).

O rei D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 29 de novembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 31 v., col. 2.ª).

Era terra do infantado.

Perto da villa, ha as aguas mineraes, a que chamam as *Caldas*. São *sulphureas hepatisadas*, ou mineralisadas pelo *gaz hydrogenio sulphurado*, e da mesma composição chymica das de Alcafache, S. Gemil e outras. Teem (as de Ranhados) o grau de calor, de 100 a 103 F., ou 33 1/2 a 34 R.

Applicam-se com bom successo, internamente, ou em banhos (segundo a natureza das molestias) nas paralysias, rheumatismos, gôta, molestias cutaneas; e em todos os casos em que são uteis as aguas gazosas ou salinas.

E' terra fertil.

RANHADOS — villa, Beira Alta, comarca, concelho e proximo (ao sul) de Viseu, 285 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 pertencia á freguezia da Sé, de Viseu.

Orago Nossa Senhora da Ouvida.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque, quando esta obra foi publicada, ainda não existia como parochia independente.

No logar do Olival, ha uma formosa capella, dedicada a Santa Eufemia, á qual se faz uma grande festa em setembro, que é concorridissima, não só por famílias das aldeias visinhas, mas, e principalmente pelas de Viseu; recebendo a Santa, na vespera e no dia da festa, muitas e valiosas offertas.

No mesmo dia se faz egual festa á referida Santa, na egreja da freguezia, e como os mordomos de uma e outra solemnidade andam *picados*, capricham em ver qual das confrarias se distingue mais pelo esplendor da festa. Regularmente, a romaria da capella é mais concorrida.

Em ambas as partes ha musica e fogo preso, na vespera, e no dia; sermão, missa cantada, procissão, etc.[1]

A ermida de Santa Eufemia, fica a uns 800 metros ao E. da villa de Ranhados, e é bastante antiga, como adiante se verá.

Nossa Senhora da Ouvida (ou das *Neves*, ou do *Rosario*, como tambem a denominam) esteve primeiro na capella de Santa Eufemia, por tempo de mais de 40 annos.

Em 1629, se instituiu a irmandade de Nossa Senhora da Ouvida, approvada no mesmo anno pelo doutor provisor, Manuel Leitão, mestre-escola da cathedral de Viseu, e governador do bispado em *sede vacante*.

Augmentou a devoção á Senhora, e com ella o numero de irmãos; pelo que estes resolveram construir-lhe casa propria, mesmo no logar de Ranhados, o que se levou a effeito, em 1656, sendo juiz, o padre Antonio Rodrigues, natural de Ranhados e mestre de grammatica no seminario diocesano: e logo mesmo em 1656, foi transferida, em solemne procissão, a Senhora, para a sua nova egreja, hoje matriz da freguezia.

Este padre Antonio Rodrigues concorreu muito para a obra, não só com avultadas esmolas que deu do seu bolso, como das que agenciou pelos seus amigos e conhecidos.

Tambem foi o mesmo padre, que á sua custa comprou um chão a João de Carvalho, para n'elle se edificar a egreja e suas dependencias.

A irmandade, constava no principio do seculo passado de 160 irmãos, e 25 irmans, donzellas, ou viuvas honestas. Cada irmão solteiro, tinha por seu fallecimento, 60 missas; os casados 40; e as mulheres 20.

Tinha a irmandade um capellão, que era obrigado a dizer missa, todos os domingos e dias sanctificados, pelos moradores do logar, que eram os que lhe pagavam.

Tinha mais oito capellães, irmãos, para dizerem as missas pelos que morriam, pagas pela irmandade.

Os irmãos fallecidos tinham dois *anniversarios*, por todos; o primeiro, na 1.ª sexta feira da quaresma; e o segundo, na 1.ª sexta feira de setembro.

Os irmãos seculares, eram obrigados a rezarem um rosario por cada irmão que morria, e a acompanhal-o á sepultura, sob pena de meio tostão de multa. A mesma pena tinham, faltando no dia da festa, e o dobro, se faltassem aos anniversarios.

Para o governo da irmandade, havia um reitor, ou juiz; um escrivão; um thesoureiro; um apontador; um mordomo e quatro deputados, de eleição annual.

Os irmãos davam á entrada, 200 réis em dinheiro, e uma vella de cêra de meio arratel, e annualmente 120 réis.

—

No dia 8 de junho de 1876, falleceu no Rio de Janeiro (Brasil) o subdito portuguez Francisco Rodrigues Loureiro, natural d'esta freguezia, baptisado na egreja da Sé de Viseu, e casado com D. Bernardina de Senna Loureiro. Deixou uma fortuna superior a 500 contos de réis.

Deixou a seus paes, em quanto vivos, 700 réis diarios, e mais o rendimento de 10 contos de réis em apolices, para elles e para sua

[1] Tambem n'esta freguezia se faz todos os annos, a 24 de junho, uma esplendida festa a S. João Baptista, que é sempre concorridissima.

filha Maria, irman do testador, e por morte dos trez, ficam as apolices para os filhos do mesmo testador.

Deixou 500$000 réis, em moeda forte, para reparos e melhoramentos da egreja de Ranhados, e 50$000 réis para esmolas aos pobres.

Deus lhe dará no ceu, o premio d'estas boas obras.

—

Esta villa de Ranhados, é muito antiga, mas ignora-se a data da sua fundação, e a origem ou etymologia do seu nome.

No *Corpo chronologico*, parte 2.ª, maço 74, documento 48, existe a *Inquirição*, e auto, feito no 1.º de abril de 1518, para a instituição do seu foral, mas este não se chegou a expedir.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

RANHOADA—portuguez antigo—fressura de qualquer animal.

RANS — Douro. Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Cannas, e para não haverem repetições remetto o leitor para o volume 2.º, pag. 77, col. 1.ª. Aqui só accrescentarei mais:

Em um manuscripto, intitulado *Memorias genealogicas*, obra do doutor Manuel da Cunha Andrade e Sousa, se lê o seguinte:

«Além de outros logares, deu o rei D. Affonso III, de Leão [1], por motivo de serviços, a seu parente mui proximo, D. Hermenegildo, conde do Porto e de Tuy, o logar de Bordallo, em que está a honra de Barbosa, na era de 866. D'esta honra foram senhores seus descendentes até 1420, em cujo anno a comprou D. João de Azevedo, bispo do Porto, passando depois aos Azevedos Athaides, que hoje a conservam.

O conde D. Hermenigildo teve por filhos, D. Guterre Mendes Arias, conde do Herminio e Cella Nova, e governador do Porto, e de todo o territorio desde esta cidade até á da Guarda; isto, pelos annos 924.

De D. Hermenegildo foram filhos, o celebre S. Rozendo, bispo de Dume—D. Affonso Guterres — e D. Nuno Guterres, ambos condes de Cella Nova—Santa Adozinda, abbadessa — e D. Paterna.

De D. Nuno Guterres foram filhos, D. Sancho Nunes de Barbosa, que foi o primeiro que se appellidou *de Barbosa* — e o conde D. Gomes Nunes.

De D. Sancho Nunes de Barbosa foi filho D. Pedro Nunes de Barbosa, rico-homem de D. Affonso II. E foi filho d'este, D. Martim Pires de Barbosa, rico-homem de D. Affonso III, e que foi morto no logar de Marrancos, termo da *Portella das Cabras*, proximo á raia de Galliza. (Vide a segunda *Portella*, da col. 1.ª, de pag. 244, no 7.º volume).

A quinta de Marrancos era muito antiga n'esta familia, e por sentença do 1.º de abril de 1637, se julgou ser solar d'ella.

Foi filho de D. Martim Pires, e de sua mulher, D. Mór Ayres, Pedro Fernandes de Barbosa, vassallo de D. Affonso IV, e seu companheiro na gloriosa batalha do Sallado (30 de outubro de 1340).

Pedro Fernandes de Barbosa, casou com D. Châmoa (ou Chama) Martins, filha de Martim Martins de Aborim e de sua mulher D. Alda Esteves, senhora do couto de Brandára, e da casa de Aborim, onde fizeram seu solar.

[1] D. Affonso III, de Leão, foi com justiça cognominado *o Grande*. Alcançou assignaladas e gloriosas victorias contra os mouros. Desde que subiu ao throno, fortificou as praças mais importantes dos seus reinos. Em Portugal, reedificou os castellos de Braga, Chaves e Viseu; mas, quando os christãos, estavam occupados na reconstrucção d'esta ultima praça, foram inopinadamente atacados pelo kalifa de Cordova, que a tomou, depois de uma heroica resistencia; porém em breve D. Affonso *o Grande* entra em Portugal, resgata Viseu, e leva as suas armas gloriosas até Coimbra.

Construiu ou reedificou ainda mais castellos, deu uma nova e mais regular organisação ao paiz, edificou ou reconstruiu varios templos, entre elles, a famosissima Sé de Sevilha, essa obra maravilhosa que ainda hoje admiramos.

Cançado de guerras e de outros incommodos do seu reinado, dividiu os seus dominios pelos seus dois filhos, dando a D. Ordonho II, Portugal e Galliza, e a D. Garcia, Leão e Castella; terminando seus dias no remanso da paz.

A casa solarenga d'Aborim, é na freguezia de S. Martinho d'Aborim, então annexa á de Santa Maria de Quintiães; mas hoje independente, e da comarca e concelho de Barcellos.

D'este matrimonio foi filho, Gonçalo Fernandes de Barbosa, que herdou a casa de seus paes.

Foi um militar distincto pelo seu valor e patriotismo. Tomou o partido do Mestre de Aviz, ao qual se apresentou com 20 soldados de cavallo, armados á sua custa, e com elles combateu arrojadamente, na gloriosa batalha de Aljubarrota, em uma segunda feira, 14 de agosto de 1385.

Foi seu neto, Alvaro de Barbosa, que com sua mulher (d'este) D. Maria Gonçalves Maciel, instituiram o morgado d'Aborim, em 1472, 52 annos depois de vendida a antiga honra de Barbosa, em S. Miguel de Rans.

D'esta honra são hoje possuidores, os herdeiros (filhos) de D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia. Vide *Barbosa*, *Canas* e *Rans*.

RANNA—Vide *S. Domingos de Rana*.

RAPA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o prior, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Muito gado e caça; do mais, pouco.

RAPA VELHA—um dos *pontos do Douro* (7.º volume, pag. 199, col. 2.ª) [1].

Fica a 6 kilometros do logar de Linhares, termo da villa transmontana de Anciães. A uns 3 kilometros do dito logar, e a 15 metros do rio Douro, proximo do *Cachão da Rapa*, está um grande rochedo, que se despenha para o rio, e sobre o rochedo, um penedo de 6m,60 de alto, e da fórma de um tonel.

Tinha uma inscripção antiquissima, que, por gasta, se não póde ler.

Pelos annos de 1720, José Macedo Rosales, de S. João da Pesqueira, mandou seu irmão, Antonio Rosales de Carvalho, morador no logar de Nogarêlho, que fica proximo do referido penedo, que o fosse examinar. Eis, em resumo, o que informou Carvalho.

Entre o Cachão da Rapa e a Pesqueira do Marulho, no termo d'Anciães, comarca da Torre de Moncorvo, está um grande penedo, proximo da corrente do rio, mas onde não chegam as aguas d'elle.

Segundo a tradição, ao fundo d'este penedo havia uma entrada para uma gruta, cujo centro ainda ninguem se atreveu a investigar.

Diz-se que, querendo um clerigo de Linhares examinal-a, sahiu d'ella mudo, não tornando a recobrar a falla, e nem por escripto disse o que lá dentro viu.

Já se não vê a tal gruta, mas vê-se o sitio onde, pelos annos 1705, entraram uns desconhecidos, com picões, alavancas e outros instrumentos, e convidando operarios do logar de Nogarêllo (aos quaes pagaram generosamente) para os ajudar, romperam a gruta, e consta que levaram uma grande cruz de prata e outros objectos de valor.

Diz-se que no verão mana das fendas d'este rochedo um betume, semelhante a petroleo.

Ao fundo do penedo, da parte que olha para o Douro, existe um portal, que parece obra da natureza, e dá entrada para uma grande sala, com assentos em redor, e no meio uma grande meza, tudo de pedra. N'esta sala ha uma porta, que provavelmente conduz a outras interiores, que ninguem tem querido examinar.

Consta que o padre Domingos Mendes, na manhã de S. João, do anno de 1678, com sobrepeliz e estola, pretendeu penetrar n'estas concavidades, em busca de thesouros encantados; mas que, entrando na segunda sala, sentiu um chei-

[1] Não se confunda com o *ponto da Rapa*, que é muito mais abaixo, e em frente do concelho de Rézende.

ro tão pestilente, e teve tal medo, que fugiu tremendo, e ficou mentecapto o resto de seus dias, que foram poucos. Tambem se diz que pouco depois de sahir d'este antro, lhe cahiram todos os dentes.

Tudo isto consta de um relatorio que Antonio de Sousa Pinto e o reitor João Pinto de Moraes, mandaram á academia real das sciencias; mas parece-me que isto é outra versão da historia do *clerigo de Linhares*, contada por Antonio Rosales de Carvalho.

A esta penha ainda o povo chama *o penedo das letras*, alludindo á mencionada inscripção.

RAPOILA ou **RAPOULA**—freguezia, Beira Baixa, (no Riba-Côa), comarca e concelho do Sabugal, 24 kilometros ao SO. da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Castello Branco, que lhe fica 75 kilometros ao N.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Rapoila do Côa*.

O vigario de Santa Maria, da villa do Touro, apresentava o cura, que tinha 7$500 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Na margem O. do rio Côa, e á raiz de um pequeno monte, distante 3 kilometros da povoação, nascem trez mananciaes de agua sulphurea, cujo cheiro se conhece a mais de 60 metros de distancia. É limpida e transparente, e de sabor enjoativo e algum tanto amargo. Deposita na sua passagem um lodo amarellado, que, depois de secco e lançado no fogo, arde com chamma, espalhando um cheiro suffocante a enxofre. Nas nascentes, vêem-se estalar na superficie, muitos bolhões de gaz. A temperatura d'estas aguas, na nascente, é de 94 a 100 gr. F., ou $27\frac{3}{4}$ a $30\frac{1}{3}$ de R.

É mineralisada pelo gaz hydrogenio sulphurado, e contém substancias salinas, taes como muriatos de soda e calcareo, e algum de magnezia. Não tem ferro, nem outra alguma substancia metallica.

Dão a estas aguas o nome de *Caldas da Ribeira de Boi*.

Não ha aqui nenhuma commodidade para que os doentes possam tomar banhos. Apenas existe uma pequena pia de pedra, onde os pobres se banham, sem o minimo resguardo, pois nem uma insignificante choupana alli se vê.

RAPOZA—freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho de Almeirim, comarca da Chamusca, 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 18 ao SE. de Santarem, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo Antonio, de Lisboa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Os descendentes de Luiz Affonso de Mesquita, apresentavam o vigario, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Terra muito fertil em cereaes. Algum vinho e azeite.

RAPOZEIRA—freguezia, Algarve, concelho e 3 kilometros ao O. da Villa do Bispo, comarca de Lagos, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha trez moios de trigo de rendimento.

A esta freguezia está, ha muitos annos, unida a da *Carrapateira*. (Vol. 2.º, pag. 118, col. 1.ª).

Disse alli que o concelho de Villa do Bispo havia sido supprimido em 1855, é engano, ainda existe.

E' uma aldeia pequena e pobre.

Na manhã do dia 1.º de novembro de 1755, tinha 90 fogos, e d'ahi a poucos momentos apenas 13 casas ficaram de pé, pois que o terramoto d'esse dia, derrubou 77! D'ahi a dois annos, 49 casas haviam sido reconstruidas.

Esta freguezia está situada em um baixo,

bastante abafado, e cortado pela ribeira da Rapozeira, que morre no *barranco de Benaçoitão.*

Benaçoitão é corrupção do arabe *Ben-Zaatam*, (nome proprio de homem) significa *descendente de Zaatam.*

E' terra doentia, em razão das aguas estagnadas em que abunda.

Proximo da povoação, ha um antigo e bom chafariz, de pedra, onde a agua é em grande abundancia e de boa qualidade. Os seus remanescentes regam a *horta da Rapozeira.*

A egreja matriz é pequena mas bonita.

Esta freguezia, a da Carrapateira e a de Sagres, estiveram algum tempo unidas á da Villa do Bispo.

Como ha muitas aguas, o terreno da freguezia é muito fertil.

Entre a Rapozeira e a aldeia da Figueira está a egreja de Nossa Senhora de Guadalupe, muito antiga, e que consta ter sido dos templarios. Esta egreja e umas casas que lhe ficam proximas, nada soffreram com o referido terramoto, o que o povo attribuiu a milagre da Senhora.

RARÁPIA — antiga cidade da Lusitania. E' hoje a pequena villa do *Castello*, que foi capital do antigo concelho de Ferreira de Aves, hoje supprimido.

A pag. 171, col. 2.ª do 3.º volume, tratando de *Ferreira d'Aves*, disse que era povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos. Confirmando esta minha asserção, o rev.mo sr. Luiz Augusto da Fonseca Almeida e Campos, digno e illustrado abbade collado da freguezia do Castello de Ferreira d'Aves, teve a bondade de me mandar as seguintes informações, que eu cordealmente lhe agradeço.

Porque não farão o mesmo, todos os senhores parochos, a quem tão humilde e encarecidamente tenho pedido esclarecimentos sobre as suas parochias?

Pois deviam-o fazer; porque esta obra não é de um partido, é de todos os portuguezes, e já que quasi nenhumas camaras[1] se importaram com os *Annaes* dos seus respectivos municipios, que o governo tanto lhes recommendou, ao menos, era bom que tudo ficasse consignado no *Portugal Antigo e Moderno.*

Diz pois o referido sr. abbade de Ferreira d'Aves:

«Entre os rios Paiva e Vouga está situado o antigo concelho de Ferreira d'Aves, hoje supprimido, não ficando mais do que o seu nome na freguezia de Ferreira d'Aves.

Era capital do concelho, e o é hoje da freguezia, a villa do Castello, assim chamada, por constar que no tempo do famoso Viriato, o Herminio, havia n'ella um castello, cuja pedra serviu, passados seculos, para a construcção da actual egreja matriz. Assim o affirma Braz Garcia Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico*, canto 5.º.

N'essa epoca, tinha a villa do Castello o nome de *Rarápia*, com foros de cidade; o que o mesmo Braz Garcia assevera, dizendo que no ánno de 145, antes de Jesus Christo, ganhando Viriato a batalha por elle dada contra o pretor romano Cayo[2] fôra o bravo lusitano descançar e receber os parabens, para a sua cidade de Rarápia.

Este nome (Rarápia) se deriva do latino *Rara pietas*, alludindo á *rara piedade*, de Viriato, para com a deusa *Vaccuna*[3], celebrada por Ovidio, no livro 6.º dos seus *Fastos.*

Não se sabe quando esta antiquissima cidade perdeu o seu nome de Rarápia, talvez fosse no principio do seculo VIII, quando os mouros invadiram a Lusitania. É certo que

[1] Que me conste, só a camara de S. Thiago de Cacem, mandou escrever os seus *Annaes do Municipio*, pelo esclarecido sr. padre Antonio de Macedo e Silva.

[2] Mascarenhas commette aqui um pequeno anachronismo. Viriato venceu o pretor Cayo Plaucio, no anno do mundo 3852, que corresponde ao de 152 antes de Jesus Christo; e derrotou o pretor Cayo Negidio, no anno do mundo 3860, ou 144 antes de Jesus Christo.

[3] E, provavelmente, tambem ao deus dos lusitanos *Endovelico* (Cupido).

no anno 1200 de Jesus Christo, já tinha o nome de *Ferrária* (em portuguez, Ferreira) como consta do tombo das religiosas benedictinas, de Ferreira.

O mesmo nome se vê a fl. 46 v., do mesmo tombo, onde está copiado o testamento do 1.º bispo da Guarda, D. Martinho Paes, natural d'esta villa do Castello de Ferreira d'Aves, e fallecido em Roma, a 12 de novembro de 1228. N'este testamento se lê—*Boves quos hebeo in Ferrária.*

Ainda em 24 de fevereiro de 1284 conservava o nome de Ferrária, na occasião em que se procedeu á divisão das rendas, entre o bispo de Viseu, D. Nicolau, e seus conegos, ficando estes com a terça parte dos dizimos de Ferrária.

Plinio diz—*Ferraria dicitur a feracitate ferri.* Eis d'onde vem o nome de Ferreira (abundante de minas de ferro).

Esta freguezia confina ao E., com o concelho de Aguiar da Beira—ao S. com o de Satan (onde hoje pertence esta freguezia)—ao SO., com o de Viseu—e ao N., com o extincto concelho de Caria e Rua (ou Caria e Lapa).

A freguezia de Ferreira d'Aves, constando de varias povoações e quintas, contém 803 fogos, e 3:363 almas.

Foi senhor donatario d'este concelho, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, duque do Cadaval, conde de Tentugal e marquez de Ferreira; titulo este, que foi dado ao seu progenitor, D. Rodrigo de Mello, conde de Tentugal, por D. João III, em 1550. (Vide *Tentugal*).

Eram os marquezes de Ferreira os padroeiros da villa d'este nome.

O primeiro senhor de Ferreira d'Aves, foi Ruy Pires, cujo senhorio lhe deu a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, pelos annos de 1126. Foi Ruy Pires tambem o primeiro que usou do appellido de Ferreira.

D. Thereza lhe deu por armas—em campo verde, quatro faxas de ouro, e por timbre um abestruz, com uma ferradura de ouro no bico.

Ha em Ferreira dois mosteiros—o de freiras benedictinas, ainda povoado—e o de frades capuchos da Conceição, supprimido.»

Até aqui, o sr. abbade de Ferreira.

—

A pag. 171, col. 2.ª, do 3.º volume, disse eu que em frente de Ferreira, na margem esquerda do Vouga, ficava *Villa Rei.*

O referido sr. abbade, a quem devo as curiosas notícias de Rarápia, diz-me que não póde affirmar ou negar a existencia de tal Villa Rei; mas que lhe parece que nunca existiu alli povoação com tal nome.

O sr. Francisco Cabral Paes, da villa da Rua, diz-me tambem terminantemente, que tal povoação de Villa Rei, nunca existiu por estes sitios.

Os meus leitores teem visto a franqueza com que sempre tenho rectificado os erros, que más informações, ou enganos de escriptores antigos, me tem feito commetter; mas, n'este ponto, não dou a mão á palmatoria tão facilmente; porque, o que disse, foi fundado na auctoridade do nosso grande investigador, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, e em outros escriptores dignos de credito.

Os dois cavalheiros a que me refiro, teem razão. Não existe actualmente, em frente da freguezia de Ferreira d'Aves, povoação alguma com o nome de Villa Rei; mas isto não prova a sua não existencia em outras eras, ou que não se lhe tenha mudado o nome: o que prova é que nenhum dos contemporaneos tem noticia de haver na margem opposta do Vouga uma povoação chamada Villa Rei, que, ou deixou de existir, ou foi *chrismada.*

O que é certo, é que, em 1517, Villa Rei formava parte do concelho de Ferreira de Aves, e que o rei D. Manuel, constituiu dois concelhos independentes, um em Ferreira outro em Villa Rei. Já se vê que esta ultima villa ainda existia no principio do seculo XVI.

Diz o referido sr. abbade, que talvez seja erro de copia, e que chamaram Villa Rei a uma aldeia da freguezia de Ferreira, chamada *villa da Ribeira,* na margem direita do Vouga. Mas Viterbo diz positivamente que era uma villa (e não aldeia) *sobre a margem esquerda do Vouga.*

Notemos que Viterbo foi religioso capu-

cho, no convento de Ferreira; que aqui viveu muitos annos; aqui escreveu o seu *Elucidario* (onde falla na tal Villa Rei) e que, finalmente, aqui falleceu. Custa-me a acreditar que um escriptor tão escrupuloso, e sempre tão exacto, faltasse assim á verdade em uma cousa tão sua conhecida.

—

Actualmente, na margem esquerda do Vouga, em frente de Ferreira d'Aves, são as pequenas freguezias de Decermillo (ou Sermillo), Romans, Villa Longa [1], e Mioma, todas do concelho de Satan.

RASCAM—portuguez antigo—escudeiro, pagem, creado grave.

RASCAR—portuguez antigo—dar vozes, gritar sobre alguem, ou *aqui d'el-rei contra F.* Vide *Caritél.*

RASCOA—portuguez antigo—creada grave, aia de senhoras.

RÁSO—portuguez antigo—humilde, pobre, abatido, desherdado dos bens da fortuna, plebeu. D'aqui vem *soldado raso*, o posto mais inferior da milicia.

RASTÊLLO—nome antigo do local onde depois se construiu o famoso templo dos monges de S. Jeronymo, de Belem, e onde agora se admira, junto á egreja, e ao O. d'ella, o formosissimo edificio da *casa pia*, em construcção, e que, antes de poucos annos, será um dos mais bellos de Portugal. (Vide *Belem* e *Jeronymos.*)

Ao que disse de *Belem*, a pag. 368, col. 2.ª, do 1.º volume, e na palavra *Jeronymos*, na col. 2.ª da pag. 409, do 3.º volume, accrescento mais o seguinte:

—

O esclarecido archeologo e engenheiro civil, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, achou em março de 1875, occulto pelos degraus do pulpito moderno, e no pilar do cruzeiro da egreja de Belem, um medalhão com o busto de Boutaca, architecto d'este sumptuoso monumento.

O sr. Silva affirma que Boutaca era portuguez, apesar do seu nome hespanhol, ou italiano. Segundo o sr. Silva, este architecto militou na Africa, onde foi armado cavalleiro, em 1471, na praça d'Arzilla, pelo conde de Borba. Depois, estudou na Italia, e no seu regresso a Portugal, é que o rei D. Manuel o encarregou de construir a egreja e mosteiro de Belem. Que este monarcha premiou Boutaca, em 1505, com o fôro de fidalgo cavalleiro.

—

Fernão Lopes de Castanheda, natural de Santarem, e um dos companheiros de Vasco da Gama, principia assim a sua *Historia do descobrimento e conquista da India, pelos portuguezes:*

«Partimos do Rastello hum sabado, que eram oito dias do mez de julho, da dita era de 1497, nosso caminho, que Deos nosso Senhor leixe acabar em seu descanço. Amen.»

N'este mesmo dia, na ermida de Nossa Senhora do Rastéllo, fundação do immortal infante D. Henrique, se disse missa e fizeram orações, implorando á Santissima Virgem a sua protecção, para a feliz viagem e bom successo d'ella, no meio de um concurso enorme de povo, de todas as condições e gerarchias.

Animados com a esperança no patrocinio da Virgem dos Navegantes, se partiu o grande Vasco da Gama, acompanhado de seu irmão Paulo da Gama, de Nicolau Coelho, e outros intrepidos capitães, e nautas destemidos, no meio das orações, bençãos e lagrimas de muitos milhares de portuguezes que assistiam á partida.

Hiam aquelles novos argonautas emprehender a solução de um importantissimo problema geographico e maritimo, qual, a passagem do *Cabo das Tormentas* (desde então *Cabo da Boa Esperança*) que o audaz navegante Bartholomeu Dias suppunha impraticavel.

E Deus protegeu Vasco da Gama e os seus, que, não só passaram além do temivel promontorio, mas descobriram o caminho maritimo para esse Eldorado que se chama India, e deram depois ao reino de Portugal, por vassallos, trinta e seis soberanos asiaticos, alguns poderosissimos.

Vasco da Gama, dobrou o Cabo da Boa Esperança, a 20 de novembro, fazendo a sua entrada nos mares da India.

[1] Quem sabe se a actual *Villa Longa*, será a antiga *Villa Rei?*

A 10 de julho de 1499, chega a Lisboa a noticia da descoberta da India, e a 29 do mesmo mez, entra gloriosamente no Tejo o immortal Vasco da Gama, de volta da sua expedição, uma das maiores e mais audazes emprezas dos tempos modernos.

O rei premiou os portentosos serviços de Vasco da Gama, com o pronome de *Dom*, e com o habito de Christo, para elle e seus herdeiros! (Bons tempos eram esses, em que o *dom* e o habito de Christo se julgavam premio sufficiente para tão grandes façanhas...)

A viagem de Vasco da Gama deu tambem causa á descoberta das *Indias Occidentaes*, como antigamente se denominava a America; pois que, mandando o rei D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, com 13 naus, em demanda da India, em 1500, um furioso temporal o obrigou a correr para O., e assim descobriu as costas do Brasil, a 25 de abril; ao mesmo tempo em que um dos seus capitães (Gaspar Corte Real) descobre a *Terra Nova*.

N'este mesmo anno principia a fundação do mosteiro de Belem.

Em vista de tantas prosperidades, D. Manuel, em 1501, toma os titulos de *Senhor da Navegação, Conquista e Commercio, da Ethiopia, Arabia, Persia e India*.

N'esse mesmo anno de 1501, João dá Nova, indo em viagem para a India, descobre a ilha da Ascenção, e derrota a poderosa armada do rei de Calecut. Foi a primeira victoria naval dos portuguezes nos mares asiaticos.

No anno seguinte, 1502, D. Vasco da Gama, nomeado *grão-almirante*, torna á India, com uma esquadra de 20 naus. Derrota o rei de Quilôa, e faz tributarios de Portugal, varios reis indianos.

D. Vasco da Gama, chega ao Tejo, de volta da sua segunda viagem á India, no 1.º de setembro de 1503, trazendo o primeiro tributo que a Portugal pagaram os reis d'esta parte da Asia.

Na sua terceira viagem á India, o grande D. Vasco da Gama fallece em Cochim, em 1524; mas não morreu o seu nome glorioso, nem a fama dos seus feitos sobrehumanos.

Foi em cumprimento de uma promessa á Santissima Virgem, que o rei D. Manuel fundou o maravilhoso mosteiro dos Jeronymos, esse sumptuoso monumento que attesta á posteridade, o valor, a abnegação e o patriotismo dos nossos antepassados.

—

Foi ao real mosteiro de Belem, que o rei D. Manuel deu a famosa Biblia, em 7 volumes, manuscripto em pergaminho, com vinhetas e allegorias, primorosamente coloridas e douradas, e que é a nossa maior preciosidade bibliographica.

O impio Junot a roubou, em 1807, levando-a para a França, em setembro de 1808, junta a grande numero de outros objectos de grande valor, que havia roubado em Portugal. Só depois da restauração, é que, em 1816, se conseguiu que o rei Luiz XVIII, mandasse aos herdeiros de Junot entregar ao nosso embaixador, a Biblia (incompleta!) pelo *resgate* de 40:000 francos (7:600$000 réis) que tivemos de entregar aos possuidores do roubo!

Havia ainda na livraria d'este mosteiro, um riquissimo *Breviario*, por onde rezava a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e umas *Horas Canonicas*, pelas quaes se diz fazia a sua reza o malogrado rei D. Sebastião. Vide *Belem* e *Jeronymos*.

RATA (ponte da) — Douro, no concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 14 kilometros ao ESE. de Aveiro, está a freguezia de Eirol, sobre a margem esquerda do rio Vouga.

É n'esta freguezia e proximo da confluente do Agueda com o Vouga, que está a *ponte da Rata*, atravessando o primeiro d'estes dois rios.

Principiou a construir-se esta ponte, em 19 de maio de 1865, e concluiu-se a 18 de outubro de 1866. Custou 4:148$500 réis.

Fez o desenho e superintendeu n'esta obra, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, esclarecido director das obras publicas do districto de Aveiro.

RATES—villa, Minho, comarca, concelho e proximo da Póvoa de Varzim (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa do Conde) 6 kilometros ao S. de Barcellos, 20

ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis e o pé d'altar.

D. Manuel I lhe deu foral em Lisboa, a 4 de setembro de 1517. (*Liv. de foraes novos da Minho*, fl. 145, col. 1.ª. Veja-se a minuta para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 16).

Esta povoação é incontestavelmente de fundação antiquissima, e ha toda a probabilidade de ser anterior ao tempo dos romanos.

Foi muitas vezes arrazada e reconstruida durante as guerras diuturnas da edade média, e depois, tambem os gallegos mais de uma vez a destruiram.

Diz-se que o mar chegava antigamente até esta villa, por um esteiro ou canal; e é certo que d'elle ainda restam alguns vestigios.

E' d'aqui, segundo alguns escriptores, que lhe vem o nome de *Rates*, palavra latina, que significa *náus*, por chegarem aqui as do imperio romano.

Se dermos credito a todos os antigos escriptores, já antes do anno 45 de Jesus Christo, existia aqui uma egreja christan, que havia fundado S. Pedro de Rates, que se diz ter sido o primeiro christão, o primeiro bispo, e primeiro martyr da Europa.

S. Thiago Maior o converteu ao christianismo, e o sagrou bispo de Braga.

S. Pedro, sagrou depois Basilio, 1.º bispo do Porto; Epitanio, 1.º bispo de Tuy; e nomeou e sagrou ainda, os primeiros bispos de Lisboa, Coimbra, Iria-Flavia (hoje Padrão, na Galliza) Amphiloquia (hoje Orense, provincia d'este nome) e Eminio (Agueda.)

S. Pedro era natural de Rates,[1] e para aqui fugiu á perseguição que lhe faziam e a todos os christãos, os legados do truculento imperador Nero; e já esta povoação era de christãos.

Os romanos aqui o vieram achar, orando na sua egreja, onde o martyrisaram, no referido anno de 45, e arrazaram a egreja, ficando o corpo do Santo martyr sepultado sob as suas ruinas.

São Felix, primeiro eremita da christandade, o procurou passados dias, e o enterrou decentemente, até que foi trasladado para a Sé de Braga, onde jaz.

Consta que S. Pedro de Rates fundou aqui um mosteiro de anacoretas, que ainda existia em 716, sendo n'esse anno destruido pelos serracenos.

O conde D. Henrique o reedificou, pelos annos de 1100, pondo n'elle *monges da Charidade*, que mandou vir de França. [1]

Em 1152, D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques (avó da rainha Santa Mafalda, d'Arouca) mandou construir um sumptuoso tumulo a São Pedro de Rates; reedificou a egreja e augmentou o edificio do mosteiro, pondo n'elle 12 religiosos cruzios com seu prior, D. Pedro Fafez.

A virtuosa rainha doou a este mosteiro muitas e valiosas rendas; e seu marido coutou a freguezia, dando-lhe grandes privilegios.

(Já então não havia n'este mosteiro *frades da Charidade*, pois tinham regressado a França.)

Ainda em 1315, era mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) mas depois não ha mais noticias d'elle, senão que passou a commendatarios, e que, em 1566, foi unido, para sempre, ás commendas de Christo.

O 1.º prior secular, foi João de Souza, filho de Pedro de Souza de Seabra, que tem no Minho numerosa descendencia.

A 3 kilometros d'este mosteiro, ficava o da *Junqueira*, no concelho de Villa do Conde. (Vol. 3.º, pag. 427, col. 2.ª—a 3.ª *Junqueira*.)

No adro da egreja de Rates, ha muitas sepulturas antiquissimas; e na egreja estão

[1] Dizem alguns que S. Pedro de Rates era natural de Braga; mas é êrro; elle só alli foi bispo.

[1] Eram monges cluniacenses, do mosteiro da Charité, em Auxerre (França).

os corpos de São Felix, e de seu sobrinho.

Tambem aqui esteve o corpo de S. Pedro de Rates, até que o arcebispo, D. Frei Balthazar Limpo, o fez transferir para a Sé de Braga, ficando em Rates, um dente, um dêdo, e parte dos ossos do Santo.

A trasladação do corpo de S. Pedro de Rates, para a Sé de Braga, foi feita com a maior pompa e lusimento, e collocado em capella propria.

No seu tumulo se gravou a seguinte inscripção:

AQUI JAZ O CORPO DE SÃO PEDRO MARTIR,
DISCIPULO DO APOSTOLO SÃO THIAGO:
TRESLADADO DA EGREJA DE RATES,
POR DOM BALTHEZAR LIMPO,
ARCEBISPO DE BRAGA, A ESTA
SEPULTURA, QUE SE LHE FEZ
POR MAYOR VENERAÇÃO,
E POR SER O PRIMEIRO PRELADO
DESTA IGREJA. AOS 17 DE OUTUBRO DE 1552.

Consta que a povoção de Rates, já no tempo dos romanos, era composta de christãos, aos quaes os gentios chamavam *ratinhos*.

No anno 69 de Jesus Christo, Nero mandou Otho Sylvio por governador para as Hespanhas, como proconsul.

Era homem justiceiro, mas moderado, não perseguindo os christãos.

No anno 74, a Nero succedeu Vespaziano, um dos imperadores que mais beneficios fez á Lusitania, abrindo estradas, e construindo em muitas povoações magnificas obras.

O povo de Rates, e das outras povoações christans, poderam então prestar livre culto á sua religião.

Succedeu-lhe seu filho, Tito, que poz o celebre naturalista e geographo Plinio, por questor, nas Hespanhas.

Tambem n'este tempo, foram felizes os christãos; mas não assim durante o imperio do cruel Domiciano, em cujo tempo o sangue dos martyres inundou o solo da patria.

Felizmente, no anno 100, subiu Trajano ao throno do imperio, e foi amigo e protector dos lusitanos; bem como seu successor, Adriano, e depois d'este, Antonino Pio, e Marco Aurelio.

Foi durante este longo periodo, que a religião catholica se radicou e generalizou na Lusitania; mas ainda houve muitos martyres, no tempo dos imperadores Gallieno, Claudio, Aureliano; e muitos mais no tempo do cruel Diocleciano, que mandou governar as Hespanhas, o feroz Daciano.

Chegou finalmente o feliz tempo do primeiro imperador christão, Constantino Magno, e a religião christan foi acatada em todo o imperio. (306.)

O 1.º rei godo da Lusitania, foi Leovegildo, que era ariano; mas, fallecendo, em 586, lhe succedeu seu filho, Flavio Ricaredo, tambem ariano; mas tendo seu pae mandado martyrisar Santo Hermenegildo—filho de Leovegildo e irmão de Flavio Ricaredo — este se converteu ao catholicismo, a rogos de S. Leandro, bispo de Sevilha, e, o proprio rei, se fez missionario do seu povo.

Foi n'este reinado, e no anno de 590, que Santo Estevam foi abbade do mosteiro de Rates, e aqui falleceu.

Assistiu ao 3.º concilio de Toledo, no qual os godos abjuraram a heresia ariana.

Diz a lenda, que, quando morreu o santo abbade, se viram muitos anjos a levarem a alma do santo para o céu.

—

Proximo a esta, ha a freguezia de *Macieira de Rates*, no concelho de Barcellos, e da qual é orago Santo Adrião. (Vol. 5.º, pag. 14, col. 2.ª, a 2.ª *Macieira.*)

O antigo nome d'esta freguezia, era *Santo Adrião de Maceira.*

Era aqui o solar dos *Masseiras*, appellido antigo e nobre de Portugal, tomado da quinta da Maceira.

O 1.º que tomou este appellido, foi D. Lourenço Gomes Maceira (ou da Maceira) valoroso militar, do tempo de D. Affonso III.

Suas armas eram:

Escudo dividido em palla; na 1.ª, de prata, duas flores de liz, azues, em palla — na 2.ª, tambem de prata, meia aguia de púrpura, armada de negro.

Êlmo d'aço, aberto; e por timbre, uma

flor de liz, d'ouro, entre dois ramos de macieira, verdes, com maçans de prata.

—

Em agosto de 1876, o sr. Manuel Ferreira Serra, natural de Rates, e residente no Rio de Janeiro, offereceu ao governo portuguez um predio e seu terreno, que tinha n'esta freguezia de Rates, para o estabelecimento de uma escola, denominada *de Camões*, para a qual deixou um sufficiente legado. Antonio Joaquim Guimarães, tambem d'aqui natural, e fallecido na cidade de Porto-Alegre (Brasil) mandou que esta escóla fosse destinada ao ensino das linguas portugueza e franceza, e principios de agricultura.

Deixou rendas para a sustentação e vestuario de alguns alumnos internos.

—

Rates, vae ter um valioso melhoramento.

A companhia dos caminhos de ferro, de via reduzida, do Porto á Póvoa de Varzim, já procede activamente aos trabalhos do prolongamento da linha, da Póvoa a Villa Nova de Famalicão (e pretendem leval-a até Chaves, em Traz-os-Montes.)

O 1.º lanço, da Póvoa a Rates, está quasi concluido, e os outros em construcção.

—

O terreno d'esta freguezia, é muito fertil em todos os generos do nosso paiz, e o seu clima é saluberrimo, como em quasi toda a provincia do Minho, á qual, até 1834, esta freguezia pertencia (e todas as mais, até ao rio Douro.)

—

Terminarei este artigo. declarando qual a causa do martyrio de S. Pedro de Rates, segundo a tradição e memorias escriptas.

Havia por esses tempos, no territorio bracharense, um regulo gentio (provavelmente romano) que tinha uma filha, coberta de lepra.

O santo bispo a cura, por meio das suas orações, e ella e sua mãe, em vista de um milagre de tal natureza, se convertem á fé christan.

O régulo, enraivecido por isto, e esquecido do que devia ao santo, o manda assassinar, mesmo d'entro do templo, como já fica dito.

Um anachoreta christão, chamado Felix, e um seu sobrinho, tambem anachorêta, foram procurar o cadaver do santo, debaixo do entulho do templo, e o sepultaram em logar sagrado, até que, reconstruido o templo, para alli se recolheram os ossos de S. Pedro de Rates.

—

Ha muito quem negue a vinda do apostolo S. Thiago Maior, ás Hespanhas, pelos annos 40 de Jesus Christo, e, por consequencia, a conversão de S. Pedro de Rates, por aquelle santo; mas é esta a tradição immemorial nas Egrejas da Peninsula Iberica.

O padre Rivaux a confirma, no tomo 1.º da sua *Historia Ecclesiastica;* e outros escriptores, mesmo estrangeiros, sustentam a verdade d'esta peregrinação do santo apostolo.

O que é certo, é que S. Pedro de Rates, é contado como o primeiro prelado da diocese braccarense, e é n'esse facto que a Egreja de Braga fundamenta a sua primazia sobre todas as Egrejas peninsulares.

RATOEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e proximo de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 325 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os priores da collegiada de Celorico da Beira (o prior de Santa Maria, apresentava dois annos—o de S. Martinho, um anno) apresentavam o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É annexa a esta freguezia a de *Casas do Rio.*

(Vol. 2.º, pag. 145, col. 1.ª)

E' terra fertil em cereaes e legumes; gado e caça.

RATTON—appellido nobre em Portugal, cuja familia veio da cidade de Briançon, no Delphinado (França.)

Passou a Portugal, na pessoa de Jacques Ratton, que se estabeleceu em Lisboa, e teve de sua mulher, madame Francisca Rat-

ton (nascida Ballon) outro Jacques Ratton, o qual, casando com D. Anna Clamousse, filha de Bernardo Clamousse, consul de França na cidade do Porto, teve por filhos, Diogo Ratton Clamousse, e outros.

Suas armas são:

Em campo azul, chefe de prata, carregado de um rato negro, andante; contra-chefe de ondas, com um atum negro nadante.

Timbre, meio rato.

Este Diogo Ratton, foi o 1.º barão de Alcochete.

Foi 2.º barão do mesmo titulo, seu filho, o sr. Bernardo Daupiás, feito em 26 de maio de 1836 — e 3.º barão o sr. Jacome Leão Daupiás, feito em 17 de janeiro de 1840.

Em 18 de fevereiro de 1852, foi feito visconde de Alcochete, o 2.º barão, o sr. Bernardo Daupiás.

(Vide *Barroca d'Alva*, a pag. 342, col. 2.ª, no fim, e seguintes, do 1.º vol., onde trato mais detidamente d'esta familia.

RAUSADOR — ROUSADOR e **ROUÇOM** — portuguez antigo — o que rouba donzellas, para abusar violentamente da sua honestidade; ou o que violava as mulheres que encontrava em casa (d'ellas ou d'elles) contra sua vontade.

O foral da villa de Lourinhan, dado em 1218, por D. Affonso II, diz:

O rousador seja preso, e justiçado: se fogir, pague CCC (300) soldos ao Pretor, e avenha-se com os Pais, ou parentes da mulher.

No foral de Villa Verde dos Francos, no concelho de Alemquer, dado no mesmo anno de 1218, se determina que o matador pague 1:000 soldos, e, não os tendo, seja enforcado.

Egual pena impõe ao *roxo* (rousador.)

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se achou que a ordem do Hospital, tinha na freguezia de Santa Cruz, da Maia, seis casaes que lhe havia empenhado frei Adrião, o qual foi ter a um moinho e *forciavit ibi unam mulierem*, e o rico homem que então era senhor da Maia, *mandabat ei Raussum;* e para satisfação d'aquelle crime, contrahiu o referido empenho.

O crime de *rauso*, ou *rouço*, era antigamente punido com tanta severidade, que, o que o praticasse perdia o direito a qualquer doação que tivesse da corôa; não exceptuando d'esta pena, nem as mais poderosas ordens de cavallaria; o que consta da clausula de muitas d'essas doações.

D. Pedro I, andando á caça nos arredores de Lisboa, ouviu duas mulheres ralhando, e uma chamar a outra *rouçada*.

Inquerindo a causa d'este insulto, soube que ella havia sido *rouçada* pelo homem com quem casou.

Deu logo ordem para que o rausador fosse enforcado.

Debalde a mulher se lançou aos pés do rei, dizendo-lhe que, não só ella havia perdoado o crime, mas que até o criminoso o havia reparado pelo casamento. Nada lhe valeu, e o infeliz foi justiçado.

Isto não foi um acto de justiça, mas crueldade estupida e inaudita.

RAVÊNA—antiga cidade da Lusitania, que foi arrazada pelos árabes, no principio do 8.º seculo, e cujo assento hoje se não póde marcar com exactidão.

Dizem alguns que estava edificada a 2 kilometros de distancia da villa de Almendra, na Beira Baixa, concelho de Villa Nova de Foz-Côa, sobre um monte a que hoje dão o nome de *Calábre*.

Outros sustentam que a cidade de Ravêna, existiu no monte ainda chamado de *Ravena*, sobranceiro á aldeia de *Urrôs*, no concelho de Moncorvo, em Traz-os-Montes.

(Note-se que o monte *Calábre*, fica apenas a 5 kilometros do de Ravêna.)

Para não estarmos com repetições, vide *Almendra*, *Caliabria* e *Urrôs* (do concelho de Moncorvo.)

RAYA—portuguez antigo—rainha—Pronuncia-se *raía*.

RAZ—portuguez antigo—cabeça ou cabeceira.

É a palavra árabe—*Ráz*—da qual nós fizemos *rêz*.

Geralmente, significa cabeça; mas, quando se reffere a animaes, designa o numero singular de qualquer especie: v. gr.—um bôi, *ráz bacar*—um carneiro, *ráz ganam*—um cavallo, *ráz chail*.

É por isso que nós ainda hoje dizemos — *F. tem tantas cabeças de gado;* que é o mesmo que se dissessemos, *tantas rêzes.*

RAZA—formosa povoação, Douro, na freguezia e concelho de Villa Nova de Gaia.

O seu nome vem de que, antigamente, se chamava propriedade de *Raza e serrão,* aquella que só pagava fôro em annos alternados—isto é—um anno sim, outro não.

Proximo a esta povoação fica a de *Aforada* (por corrupção *Furada*) cujo nome talvez tivesse a mesma origem.

REAL—portuguez antigo — arraial, onde está o rei, o general, ou a bandeira real.

REAL—antiga moeda portugueza. [1]

Havia *reaes* de ouro, de prata e de cobre.

Os reaes d'ouro são do principio da monarchia, assim como as *mealhas d'ouro.*

O *real de prata,* foi cunhado no tempo de D. João I, e valia 20 reaes de cobre.

O rei D. Manuel mandou lavrar reaes de prata, do mesmo valor, porém de menos pêso; e de valor de 30 réis, que eram do peso dos de D. João I.

Os reaes de prata, de D. João III, valiam 40 réis.

No tempo de D. João IV tambem se lavraram reaes de prata, do valor de 40 reaes de cobre; mas muito inferiores no peso, aos antecedentes.

Estes ainda chegaram aos nossos dias, com o valor de 50 réis (meio tostão.)

No archivo da camara municipal do Porto, existe uma carta de D. João II, do anno de 1489, pela qual manda que o real de prata, seja de 20 réis, e o meio real, de 10 réis; e que, em cada marco de prata, haja 114 peças dos ditos reaes e 228 dos ditos meios reaes; e que fosse o preço do marco de prata 2$280 réis, *que é o preço de seis cruzados.*

Antes de D. Affonso V, tambem havia reaes com o valor de 3 1/2 libras, das antigas, que, sendo de 36 réis cada uma, vinham a valer 126 réis.

D'estes reaes se falla em uma carta de compra do cabido de Lamêgo, feita em 1454.

[1] Chamava-se real, por ter de um lado o escudo real das armas portuguezas.

Havia reaes *brancos* e *prêtos,* de cobre.

Os *brancos* foram mandados lavrar pelos reis, D. Duarte, e D. Affonso V. Chamavam-se *brancos,* por terem muita liga de prata. Os que se bateram antes de 1446, valiam 10 ceitis e trez quartos de ceitil. Foi subindo o valor d'estes reaes — sempre com o mesmo peso—até que no principio d'este seculo, já valiam 6 ceitis.

Era tanta a confusão por causa da alteração do valor da moeda, que nos contratos se estipulava o valor do real.

No cartorio da freguezia de S. Martinho, de Cintra, existe uma escriptura, feita a 2 de dezembro de 1464, pela qual, a collegiada deu de aforamento um terreno em Rio de Mógos, por 1$200 *réis brancos,* de 35 libras o real.

O *real preto,* assim chamado, por ser exclusivamente de cobre, foi mandado lavrar pelo rei D. Duarte, e 10 d'elles faziam um *real branco.*

Para evitar tanta confusão, desde D. João II até D. João III, se lavraram *reaes pretos* de 6 ceitis. Tinham de uma parte um R coroado, e da outra, o escudo do reino, com o nome do rei na orla.

D'esta moeda lavrou tambem o rei D. Sebastião, com o valor de 3 ceitis. Tinham de uma parte, um S coroado (Sebastianus) e da outra, um R, entre dois pontos, no alto, e a letra SEBASTIANUS Ius.

Este mesmo soberano mandou lavrar a moeda chamada *real e meio,* que valia 9 ceitis.

REAL — freguezia, Douro, comarca e 18 kilometros ao NO. de Arouca, concelho e 3 kilometros ao ONO. da villa de Sobrado, capital do concelho de Castello de Paiva, 50 kilometros ao O. de Lamego, 75 ao NE. de Aveiro, 36 ao E. do Porto, 6 ao S. do rio Douro, 315 ao N. de Lisboa; 240 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Marinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A casa dos fidalgos da Boa Vista, da villa de Sobrado (Pintos Mirandas Montenegros) apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a extincta villa de *Nojões*. (Vide 6.º volume, pag. 108, col. 2.ª).

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz.

Os Pintos, padroeiros da egreja de Santa Marinha, de Real

Já depois de tratar dos *Correias, da Rua Chan*, na col. 1.ª da pag. 526 do 7.º volume, perdeu esta nobilissima familia o seu chefe, e um dos filhos d'ella.

Falleceu a 9 de outubro de 1877, na sua casa da Boa Vista, em Paiva, o sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, fidalgo da casa real, com exercicio no paço. Tinha sido cadete de cavallaria, passando depois a coronel de milicias. Era o 12.º padroeiro da egreja de Real e da de Lazarim, no concelho de Tarouca, e ambas no bispado de Lamego. Foi 11.º administrador do vinculo da Rua Chan (Porto); 9.º do de Val Bom (vide *Sete Capellas*); 8.º do da Fervoença, em Sinfães; 8.º do de Tuhias; 6.º do de Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*); 7.º do de Santa Cruz; 5.º do de Vegide, ambos na freguezia de Sobrado de Paiva. Senhor da quinta da Boa Vista, solar d'esta familia.

E no dia 29 de julho do mesmo anno de 1877, tinha fallecido repentinamente, de uma aneurisma, andando a passear nos jardins do Palacio de Crystal portuense, e na edade de 27 annos, o sr. Pedro Augusto Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro.

Depois de concluir os estudos preparatorios, no lyceu do Porto, sentou praça em 22 de setembro de 1867 (tendo 17 annos de edade) no regimento de infanteria n.º 5. Fez depois *exame de madureza*, na universidade de Coimbra, logo a 11 de outubro, e no mez seguinte, matriculou-se na escola do exercito, sendo declarado primeiro sargento, aspirante a official, por ordem do exercito, de 15 de novembro do mesmo anno de 1867.

Em dezembro de 1869, terminou o curso de infanteria e cavallaria, e foi promovido a alferes graduado, a 19 de janeiro de 1870.

Pouco depois, foi escolhido pelo sr. conde de Torres Novas (o general José de Vasconcellos Correia, commandante da 3.ª divisão militar) para seu ajudante de campo; e o general o amava como se fosse seu pae.

Em 13 de agosto de 1872, foi promovido a alferes effectivo, e a tenente, em 28 de agosto de 1875.

Padecendo havia dois annos, da molestia de que falleceu, havia ido, em 1876, para a Italia, onde se demorou cinco mezes, parecendo gozar melhor saude no seu regresso a Portugal, mas, passados tres mezes, falleceu repentinamente, como já disse; e assim perdeu a patria um militar esclarecido e brioso, e os seus parentes, e todos quantos o conheciam, um amigo verdadeiro.

—

Fallei tambem no artigo *Correias da rua Chan*, do sr. Augusto Pinto de Miranda Montenegro, irmão do antecedente; aqui accrescento:

Este senhor é bacharel, formado em mathematica, major de engenheiros; condecorado com o habito de S. Bento de Aviz, pelos relevantes serviços feitos na provincia de Cabo Verde, como director das obras publicas; commendador da ordem de Christo; e fidalgo da casa real, com exercicio no paço. Tem, até hoje, sido deputado ás côrtes, em duas legislaturas.

—

Tratemos agora dos padroeiros da egreja de Santa Marinha, de Real.

A nobilissima familia dos Pintos, de Real, teve principio no conde *Dom Mendo de Sousa*, mordomo-mór de D. Sancho I, alcaide-mór de Lisboa, em 1186.

Casou com D. Maria Rodrigues, filha do conde D. Rodrigo Martins Osorio, senhor de Villa-Lobos, Cabreira, e Ribeira, e da condessa D. Maria Forjaz, filha de D. Forjaz Bermudes. Foi seu filho

2.º — *D. Garcia Mendes de Sousa*, por alcunha o *d'Eixo*, que succedeu na casa de seus paes, por ter fallecido, em 23 de fevereiro de 1237, seu irmão primogenito, D. Gonçalo Mendes de Sousa, mordomo-mór de D. Affonso II. D. Garcia casou com D. Elvira Gonçalves de Torombo, filha de D. Gonçalo de Torombo, e de sua mulher, D. Ximena Paes.

Foram seus filhos, D. Gonçalo Garcia de Sousa, alferes-mór de D. Affonso III, e

3.º — *D. João Garcia de Sousa, o Pinto*[1], que foi o primeiro d'este appellido. É este o tronco d'esta familia, dos Pintos de Real. Foi senhor da villa d'Alegrete, e casou com D. Urraca Fernandes, filha de D. Fernando Pires Pelegrin, bisneto do famoso D. Egas Moniz. Foi seu filho

4.º — *D. Elvira Annes Pinto*, que casou com D. Guterre Soares de Menezes, senhor de São Felices e Osa, e rico-homem. Foi seu filho

5.º—*Garcia Soares Pinto*, casado com D. Maria Gomes d'Abreu, e foi seu filho

6.º — *Vasco Garcia Pinto*, que casou com D. Urraca Vasques de Sousa, filha de Ruy Vasques de Sousa *(o de Panoyas)* neto do conde de Souzão. Foi seu filho

7.º — *Ayres Vaz Pinto*, casado com D. Constança Rodrigues Pereira, filha de Payo Rodrigues Pereira, conde da Feira, e foi seu filho

8.º—*Ruy Vasques* (ou *Vaz*) *Pinto*, senhor de Ferreiros de Tendaes e suas egrejas, de *juro e herdade*, com mero e mixto imperio; alcaide-mór da villa de Chaves, por D. Manuel I; senhor da quinta de Covellos; adiantado d'Entre Douro e Minho, e regedor das justiças. Este Ruy, era da familia dos *Pintos* de *Riba Bestança*.

Para evitarmos repetições; os que desejarem saber os grandes serviços que fez á patria, este Ruy Vasques (ou Vaz) Pinto, vejam o que escrevi na 2.ª col., de pag. 178, do 3.º volume.

Ruy Vasques Pinto, casou com D. Catharina Maria (ou Mecia) de Mello, filha de Martim Affonso de Mello, e de D. Brites de Souza, que foram o tronco dos Mellos. Foi seu filho

9.º — *Ayres Pinto de Mello*, que, por ser um fidalgo muito distincto, os parochianos da egreja de Real, lhe doaram, voluntariamente, o padroado d'ella. Casou com D. Branca Gil d'Almeida, filha de Lopo d'Almeida, 1.º conde de Abrantes. (Era irman de D. Jorge, bispo de Coimbra, e de D. Francisco de Almeida, o famoso vice-rei da India. Foi seu filho

10.º — *Fernão Pinto*, fidalgo escudeiro, e armado cavalleiro em Tanger (Africa) para onde tinha ido guerrear os mouros, com uma companhia de cavallos, pagos á sua custa. Casou com D. Beatriz Fernandes Andorinho, filha de Lopo Fernandes, fidalgo e estribeiro-mór do infante D. Fernando. Foi seu filho

11.º — *Fernão Lopes Pinto*, fidalgo caval-

[1] Pinto, principiou por alcunha; mas elle a adoptou como appellido honroso, pois procedia de ter sahido salpicado (pinto) de sangue em uma batalha contra os mouros do Alemtejo, na qual se havia distinguido como bravissimo militar. Isto, segundo Villas-Boas; mas, frei Manuel de Santo Antonio, ultimo reformador do *cartorio da nobreza*, diz que procede de Payo Soares Pinto, que viveu no tempo do conde D. Henrique, na quinta do Paço, da villa da Feira, e falleceu antes de 1126, em cujo anno, sua mulher, D. Mayor Mendes, vendeu a mesma quinta ao mosteiro dos cruzios, de Grijó.

Supponho ser engano do frade (pois, até ao seculo XIII, não vejo nenhum fidalgo de appellido Pinto) e que é certo o que diz Villas-Boas; mesmo porque concorda com os documentos existentes na casa dos Pintos, de Real.

Estes Pintos trazem por armas—em campo de prata, 5 crescentes de púrpura, em aspa. Elmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo de prata, armado de púrpura, com um crescente do escudo, na espadua.

Antonio Soares d'Albergaria, diz (fl. 164, v.) que o primeiro que se acha com o appellido de *Pinto*, é Garcia Soares Pinto (3.º neto do conde D. Mendo de Sousa) nas *Inquirições* do rei D. Diniz, em cujo tempo, tinha o titulo de *vassallo* do rei.

Os descendentes do conde D. Mendo de Souza, deixaram as armas dos Souzas, e os quarteis das Quinas, que alguns ainda trazem, e tomaram por armas (isto, segundo Albergaria) em campo de prata, 5 cadernas de crescentes de púrpura, em aspa; élmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, lampassado de púrpura. As cadernas de crescentes, são as ganhadas por um ascendente d'esta familia, na batalha de Mértola; e o leão do timbre, pelo sangue que herdaram do rei D. Ramiro, de Leão, seu progenitor.

Quanto a mim, o que ganhou as 5 cadernas de crescente, foi o mesmo D. João Garcia de Sousa (n.º 3).

leiro, que casou com D. Maria da Costa de Miranda, dama do paço, descendente dos Costas de Santarem e Thomar; e irman de Affonso Lopes da Costa, governador de Malaca. Foi seu filho

12.º — *Gaspar Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e casado com D. Lucrecia de Sampaio, da casa de Paços, em Pombeiro, filha de Gonçalo de Figueiredo, e de D. Francisca de Sampaio. Foi seu filho

13.º—*Heitor Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e veador da casa do infante D. Pedro. Casou com D. Anna Beliago Carneiro, filha de Gonçalo Carneiro Baldaia e de D. Guiomar Beliago. (Este Gonçalo Carneiro era lente de Coimbra, e, depois de viuvo, tomou ordens, e foi bispo do Porto. Foi filho de Heitor Pinto e sua mulher.

14.º — *Gaspar Pinto de Miranda*, que casou com D. Maria Ribeiro, sobrinha de D. João Ribeiro, bispo de Malaca, e filha de Antonio Gonçalves Ribeiro, e de D. Theodosia do Valle e Brito, irman de Manuel de Couros, commendador de Oleiros. Foi seu filho

15.º — *Pantaleão Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, e casado com sua prima, D. Marianna de Souza, filha de Fernão Ribeiro Soares de Miranda, e de D. Jeronyma da Silva. Foi seu filho

16.º — *Gonçalo Vaz Pinto de Miranda*, fidalgo da casa real, casado com D. Lourença Clara da Silva Baldaia, da casa de Canellas.

Foi condecorado com o habito de Christo, pelos serviços prestados contra os castelhanos, na guerra da restauração; e D. Pedro II lhe deu um *padrão* de 65$000 réis, por ter sustentado á sua custa, uma companhia de soldados, na dita guerra.

17.º—*Martinho José Pinto da Silva de Miranda*, fidalgo da casa real, casado com D. Maria Isabel Clara de Menezes Sotto Maior. Foi seu filho

18.º—*Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, fidalgo da casa real, etc. Foi seu filho

19.º — *Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc. Foi seu filho

20.ª—*Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc. [1]

Para evitarmos repetições escusadas, vide no artigo *Porto* os *Correias da Rua Chan* (na col. 1.ª da pag. 526 do 7.º volume) tudo o que diz respeito a estes quatro ultimos fidalgos.

Foi filho de Bernardo José Pinto

21.º—*Albino Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro*, etc. (Vide 7.º volume, pag. 530, col. 2.ª).

—

Supponho, com bons fundamentos, que o nome de *Real*, dado a esta freguezia, lhe provém de ter sido em outros tempos, um reguengo.

É povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos, do que ha claros vestigios. Até já era habitada nos tempos prehistoricos, como o provam os monumentos megalithicos que ainda por aqui existem.

Mesmo como parochia christan, tem com certeza mais de 800 annos.

Em 1061, reinando D. Fernando, *o Magno*, de Castella, Leão e Portugal, fez o presbytero Fromosindo Romariguiz, doação, a seu filho, o sacerdote Sandila, *de Baselicas et de omnia sua rem: et fuit ipso Fromosindo Presbitero Fraigenidi, et Barbadi et ex venerabilibus parentibus suis, et ganavit, et comparavit ereditates pro pretio, et scrituras in Villa* Rial, *territorium Enegia subtus mons Serra-Sicca, discorrentem rivulo Sardoura flumen Durio.* (As egrejas—*Baselicas*—que lhe doou foram as de S. Salvador, S. Pedro e Santa Christina).

Para se entender melhor esta doação, é preciso ver *Arêja*, no volume 1.º pag. 238 I, col. 1.ª

REAL — freguezia, Minho, concelho, comarca e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

[1] Do sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, só restam hoje vivos dois filhos legitimos: o sr. doutor Albino, que vem a ser o n.º 21, e seu digno irmão, o sr. Martinho Pinto; dos quaes já fallei no artigo *Porto—Correias da Rua Chan.*

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra e os monges benedictinos de Travanca, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima e foi *villa* (casa de campo) de um patricio romano residente em Braga. Dividia o termo de Braga do de Dume, no tempo do rei D. Affonso VI (*o Magno*) de Castella e Leão, pae da nossa rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique. Esta divisão foi feita pelos annos de 1080.

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz (1300) se acham duas *villas* ou aldeias com o nome de *Real*, ambas perto de Braga: uma denominada *Real Velho* (a que foi *villa* romana) na antiga freguezia de S. Fructuoso; outra chamada *Real Novo*, na freguezia de Semêlhe.

A quinta de Real Velho foi depois morgadia dos descendentes do nosso grande historiador João de Barros, que eram tambem morgados em Leiria.[1]

Real Novo pertencia a uma familia nobre e antiga, cuja casa está hoje unida á dos senhores Bandeiras, de Traz da Sé, da cidade do Porto. Á quinta do Real Novo se dá hoje o nome de *quinta do Paço*. (Vide *Semêlhe*).

Houve n'esta freguezia, um mosteiro de frades benedictinos, fundado pelos annos 690 de Jesus Christo, por S. Fructuoso (que supponho ser o primeiro padroeiro da freguezia). Na egreja do mosteiro existe a capella e sepultura do fundador, cujo cadaver aqui existiu por mais de 400 annos; mas, nos principios do seculo XII, o arcebispo de S. Thiago de Compostella, o furtou, levando-o para a sua Sé, onde está.

[1] Os morgados de Real Velho e Leiria tinham uma particularidade que não me consta haver em outro qualquer vinculo de Portugal. Se o administrador tinha dois filhos, cada um herdava um d'estes morgados; mas se tinha só um, ficava com ambos, e assim andavam unidos até haver dois filhos, para se separarem. Ainda mais: se faltava filho varão em um dos vinculos, herdava-o o administrador do outro, dando-o a seu filho segundo, se o tinha: e assim seguia sempre a linha com estas condições.

Esta capella foi um dos trez templos que os mouros deixaram aos christãos braccarenses, para o culto divino, mediante certo tributo; porém os monges abandonaram o mosteiro, que ficou deshabitado, e a cêrca abandonada até ao meiado do seculo XI, em que os arcebispos de Braga tomaram conta d'isto, e aqui fizeram uma bella casa e quinta de recreio; até que o arcebispo D. Diogo de Souza, deu o antigo mosteiro e suas dependencias, aos frades franciscanos da provincia da Piedade, que aqui se estabeleceram, até 1834.

Expulsos os religiosos, foram o edificio e cêrca vendidos, e é hoje uma boa propriedade particular.

O territorio d'esta freguezia é muito fertil em todos os generos agricolas do paiz.

REAL — freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo d'Amarante, 40 kilometros ao NE. de Braga, 50 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento. É terra fertil.

REAL—freguezia, Beira Alta, no concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, 20 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil, mas cria bastante gado e caça.

REAL — ribeiro, Douro, na freguezia de Laundos, concelho e comarca da Povoa de Varzim. Nas margens d'este ribeiro e no sitio da *Agua Ferrea*, da mesma freguezia, ha minas de ferro, manganez e antimonio. O sr. Francisco Pereira de Azevedo, do Porto, manifestou estas minas, na camara da Povoa, em 12 e 22 de novembro de 1873; mas estão abandonadas.

REAL AGRADO—no Pezo da Régua, Traz-os-Montes. Em 11 de junho de 1805, o principe regente (depois D. João VI) fez baroneza do Real Agrado, a D. Joanna Rita de Lacerda Castello Branco; e, em 13 de maio de 1810, lhe deu o titulo de viscondessa, com honras de grande. Era dama da ordem de Santa Isabel, açafata de D. Maria I, e dama da rainha D. Carlota Joaquina. Falleceu a 6 de março de 1822.

Succedeu-lhe nos titulos, e foi 2.º barão e 2.º visconde do Real Agrado, Ignacio Xavier de Seixas Lemos Castello Branco, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Torre Espada, condecorado com a cruz n.º 2, da guerra peninsular, e coronel do exercito. Nasceu em 21 de setembro de 1771, e casou em 7 de abril de 1812, com D. Maria do Carmo Vaz Pinto Guedes, que havia nascido a 2 de outubro de 1781. Era filha e herdeira de José Vaz Pinto Guedes, capitão-mór de Penaguião, e de sua mulher D. Josefa Candida da Silva.

D'este matrimonio nasceram quatro filhos.

1.º — *Francisco Xavier de Lemos Seixas Castello Branco*, feito alferes de cavallaria n.º 6, do exercito do senhor D. Miguel I, em 12 de março de 1834. Foi um dos officiaes realistas cujos postos foram garantidos pelos liberaes, *por acções que durante a lucta mereceram esta classificação.* Commendador da ordem de S. Thiago. Nasceu a 7 de setembro de 1814.

2.º — *José*, nascido a 30 de dezembro de 1815.

3.—*João de Lemos Seixas Castello Branco*, maviosissimo poeta, bem conhecido, e do qual já tratei n'esta obra. Nasceu a 6 de maio de 1819.

4.º—*D. Maria Luiza*, nascida a 2 de fevereiro de 1821.

Eram netos de Francisco Xavier de Seixas Lemos Castello Branco, irmão da 1.ª baroneza e 1.ª viscondessa do Real Agrado. Foi fidalgo da casa real, e commendador da ordem de S. Thiago.

Casou com D. Maria Josefa Pereira de Miranda, filha de Alexandre Pereira de Miranda, senhor da casa de Lourosa, e de D. Michaella Thereza Ferreira de Castro e Lima.

D'este casamento houve nove filhos:

1.º—*Antonio*, abbade de Sande.

2.º—*João*, conego da Sé de Braga.

3.º—*Francisco*, abbade de S. Miguel de Entre ambos os rios.

4.º—o monsenhor *D. Joaquim.*

5.º—*Domingos*, beneficiado.

6.º—*D. Lucia Bernarda.*

7.º—*Ignacio*, que foi o 2.º barão e o 2.º visconde do Real Agrado.

8.º—*D. Maria Jacintha.*

9.º—*D. Joanna Rita*, que foi açafata de D. Maria I, e depois esteve ao serviço da infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI.

Todos já são fallecidos.

REBENTINA ou **REBENTINHA** — portuguez antigo—ira, furor, raiva, etc. Na *Historia da fundação da egreja de S. Miguel, de Penaguião*, se lê: «Ouvindo esto D. Gomez, e os que hião com el, creceo-lhe a rebentina, e nom le catarom as Hordens.» Este documento é de 1191.

REBOLEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Viseu, 355 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O commendador de Sernancêlhe (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Muita caça.

Esta freguezia tinha os grandes privilegios dos *caseiros de Malta.*

REBOLOSA ou **ROBELOSA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, no Riba-Côa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar Maior) 120 kilometros ao SE. de Lamego, e 360 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego), districto administrativo da Guarda.

O vigario da villa d'Alfaiates, apresentava o cura, que tinha 35$000 réis e o pé de altar.

Terra fertil em trigo, centeio e gado; do mais pouco.

RÉBORA, RÓBORA, RÉVORA e **REVORAÇÃO**—portuguez antigo—offerta, mimo, presente, etc., que o comprador dava ao vendedor, e o doado ao doador, além do estipulado na escriptura. Tambem se dava *rébora* ao soberano, ou ao senhor da propriedade vendida, trocada, ou doada; e por isso se vê em quasi todos os documentos antigos, d'esta natureza, a dicção—*roboro et confirmo.*

A rébora consistia em cousas de pouco valor, com respeito aos bens de que tratava a escriptura. Era, um par de esporas, uns sapatos, um capote, uma saia, um podengo, um par de guantes (luvas), uma vacca, um porco, etc.

Tambem se dizia *rébora*, a maioridade de qualquer individuo; mas a idade não era a mesma em todos os documentos: em uns vê-se marcada a rébora, aos 13 annos, em outros aos 15, e em outros aos 18.

Quando se não designavam os annos da rébora, entendia-se o termo por *puberdade*, que era, como actualmente—nos homens, a idade de 14 annos, e nas mulheres a de 12. (*Cod. Alf.*, livro 4.º, tit. 38, § 4.º, e tit. 107, § 11).

REBORDAINHOS — freguezia, Traz-os-Montes, (foi villa) no concelho e comarca de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 7$500 réis de congrua e o pé de altar.

É terra pouco fertil e pobre. Gado e caça.

Foi aldeia da freguezia de Rebordãos.

REBORDÃOS—serra, Minho e Traz-os-Montes. (Vide *Medúlio*, monte, vol. 5.º, pag. 157, col. 1.ª).

REBORDÃOS—Vide *Rebordões*.

REBORDÃOS—villa, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 45 kilometros ao N. de Miranda, 465 ao N. de Lisboa (fica proximo á freguezia de Rebordainhos, que antigamente pertencia á parochia d'esta villa), 135 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, talvez do tempo dos romanos, e, com certeza, do tempo dos godos. D. Sancho I lhe deu foral em Coimbra, em novembro de 1208. (*Livro de doações de D. Affonso III*, fl. 61 v., e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 25, col. 2.ª).

D. Diniz, lhe deu outro foral, confirmando o antigo, e augmentando os seus privilegios, em Lisboa, a 18 de maio de 1285. (*Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei*, fl. 81 v.).

Esta freguezia tinha grandes privilegios, por ser da casa de Bragança.

Junto a esta villa está a serra ou monte da *Nogueira*, de bastante altura, e no seu cume existe a ermida de *Nossa Senhora da Serra* ou *da Natividade*, que poucas vezes se avista de longe, por estar quasi sempre envolta em nevoeiro. É templo de boa construcção, e antiquissimo, pois já existia no tempo dos godos, e foi reparado no tempo do conde D. Henrique. As festas da Senhora são no dia da sua Natividade, e a 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves. Esta é a principal.

Teve uma rica irmandade, e tem jubileu, por bullas apostolicas.

É um templo vasto, pois tem 40 metros de comprimento, e de trez naves, divididas por dez columnas de pedra, cinco de cada lado.

Antigamente, recebia a Senhora muitas e valiosas offertas, em dinheiro e generos, e muitos devotos se pezavam a trigo, em cumprimento de votos.

A 5 de agosto, fazia-se tambem uma grande feira.

Teve eremitão, presbytero, apresentado pelo abbade de Rebordãos.

Consta que perto da ermida houve um antiquissimo castello, que, estando arruinado, se aproveitaram os seus materiaes para a construcção da casa do eremitão.

REBORDÃOS ou **SOUTO DE REBORDÃOS**—Minho. Vide o segundo *Rebordões*.

REBORDECHÃO—Vide *Pedras Salgadas*. Antigamente tinha este logar o nome de *Revorêdo-Chão* e *Reverde-Chão*, e era um ca-

sal, ao qual D. Affonso III deu foral, em janeiro de 1255. (*Maço 9.º de foraes antigos*, n.º 8, fl. 16 v.).

REBORDÊLLO—aldeia, Douro, na freguezia de Canedo, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 20 kilometros ao ENE., 30 ao SE. do Porto, 5 ao S. do rio Douro, e 300 ao N. de Lisbôa, 16 fogos.

Era no seculo XIV da freguezia de *Parada do Monte*.

É terra muito pobre, pois que os seus moradores vivem quasi exclusivamente de fazer mólhos de carqueija, que vão vender á aldeia de Pé de Moura, sobre a margem esquerda do Douro, e é d'aqui conduzida para a cidade do Porto.

Ha aqui uma capella, pequena, de pouca valia, mas muito antiga, dedicada a Santa Barbara, virgem e martyr, á qual fazem uma festa (á custa de esmolas) na primeira oitava da Paschoa.

Esta aldeia está situada na encosta occidental da serra de Lavercos, no sitio denominado *monte da Ossa*.

Corre-lhe ao sopé o rio *Inha*, que a 3 kilometros de distancia, morre no rio Douro, no sitio chamado *Foz da Inha*.

Vide *Mosteirô do Ribeiro*, no 5.º volume, a pag. 560, col. 2.ª

REBORDÊLLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa a esta freguezia, a de Valle d'Arneiro.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra de clima excessivo, mas fertil em cereaes, fructas, legumes e hortaliças. Cria muito gado, e nos seus montes ha grande abundancia de caça.

É povoação muito antiga, e chamava-se *Revordêllo*.

REBORDÊLLO (antigamente *Revordêllo*) —freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 99 fogos.

Orago Nossa Senhora das Dores (antigamente Nossa Senhora das Neves).

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Arnoia (S. João do Érmo), apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta povoação pertenceu antigamente á comarca e concelho de Celorico de Basto.

É terra fertil. Bom vinho verde. Muito gado e caça.

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, a 16 de maio de 1258. (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 29, v., col. 1.ª, no principio).

REBORDÕES ou **REBORDÃOS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negréllos), 24 kilometros ao SE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O bailio de Leça, a mitra de Braga, e o D. abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Foi honra e villa.

Em 1226, era senhor d'esta villa, Gil Martins, filho de Martim Fernandes de Sá, e a deu n'esse anno aos monges bentos de Santo Thyrso.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

REBORDÓES ou **REBORDÃOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 24 kilometros a O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O D. abbade benedictino de S. Romão de Neiva, apresentava o vigario, que tinha réis 70$000 e o pé d'altar.

É terra fertilissima, situada proximo da margem esquerda do poetico rio Lima.

Na serra da *Nó*, limites d'esta freguezia, está o sumptuosissimo templo de Nossa Senhora da Boa Morte, do qual já tratei no volume 2.º, col. 1.ª, e volume 6.º, pag. 101, sob a palavra *Nó*, serra do Minho.

Junto ao templo da Senhora, ha vestigios de antigos edificios: dizem uns, que são os restos de uma fortaleza romana; outros sustentam, que são ruinas de um mosteiro de monges bentos.

Ao monte do *Nó*, chamavam tambem *serra de Rebordões*; e D. Ordonho II, rei de Oviêdo e Leão, e sua mulher, D. Elvira, na doação que fizeram da Correlhan, a S. Thiago de Compostella (Galliza) em 914, dão a este monte o nome de *Monte Nahor*, ou *Mayor*.

Já se vê que é povoação muito antiga. Vide o Rebordões seguinte.

REBORDÕES (Souto de) — antigamente *Souto de Robordãos*. (É a freguezia seguinte.)

Entre os termos da villa de Ponte do Lima, e freguezia da Correlhan, e extintos coutos da Queijada, Cabaços e Feitosa, estava o concelho do Souto de Rebordãos, ha muitos annos supprimido.

Era da corôa até ao tempo do rei D. Diniz.

Este monarcha o deu, pelos annos de 1310, a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, (o de Villa do Conde) e este vendeu o senhorio, a Gil Affonso de Magalhães, senhor da casa de Magalhães, Terra da Nóbrega, Morilhões, e Font'-Árcada, que tomou o titulo de donatario d'este concelho, e o possuiu e os seus descendentes, até que acabaram os *senhores donatarios*.

Rendia este senhorio, aos seus donatarios, 33$000 réis annuaes, que a camara do concelho recebia do povo, e entregava ao donatario.

O concelho era apenas composto de duas freguezias (e por isso, muitos lhe dão o titulo de *Souto*.)

Eram—S. Salvador do Souto (a seguinte) que em 1700 tinha 140 fogos—e Santa Maria de Rebordões (a antecedente) que no mesmo anno de 1700, tinha 100 fogos.

Nada menos de 7 foraes foram dados a este pequeno concelho.

1.º D. Affonso Henriques lhe deu o 1.º, sem data, que seu neto, D. Affonso II, confirmou em Santarem, a 3 de fevereiro de 1218.

2.º Dado por D. Sancho I, em 1196.

3.º Dado pelo mesmo soberano, em agosto de 1207. Este é datado de Correlhan.

4.º Dado por D. Affonso III (quando ainda regente) em março de 1247.

5.º Dado pelo mesmo monarcha, em Guimarães, a 27 de maio de 1258.

6.º Dado pelo mesmo D. Affonso III, em Leiria, a 8 de março de 1268.

7.º Dado tambem por D. Affonso III, em Lisboa, a 16 de septembro de 1270.

(Vide Franklim, pag. 287 e 288.)

Todos os foraes subsequentes, confirmavam os antecedentes, e lhes augmentavam os privilegios.

Vê-se que este concelho, ainda que pequeno, era de grande importancia no principio da nossa monarchia.

REBORDÕES ou **REBORDÃOS** antigamente denominada **SÃO SALVADOR DO SOUTO DE REBORDÃOS**—freguezia, Minho, na comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra primacial apresentava o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima, como todas as das margens do Lima, e suas proximidades.

Muito gado de toda a qualidade, e peixe do rio e do mar.

Esta freguezia era a séde do extincto concelho do Souto de Rebordãos.

Vide o *Rebordões* antecedente.

REBORDOSA — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Paredes (era do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel), 24 kilometros ao N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757, tinha 336 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento.

É uma das maiores e mais ricas freguezias do concelho; é terra fertil em todos os fructos do nosso clima.

Cria muito gado de toda a qualidade.

Aqui foi abbade, até 1834, o distincto orador sagrado, Alvito Buela Pereira de Miranda.

Era violentissimo nos seus sermões, sempre repletos de paixões politicas; e por isso foi, e ainda é, detestado pelos liberaes, que lhe votaram um ódio implacavel.

Era do mesmo módo furibundo nos seus escriptos; mas o homem imparcial deve confessar que este esclarecido ecclesiastico prophetisou, com a maior exactidão, o futuro do catholicismo, em Portugal.

Em certa occasião (1831) na egreja de Santo Ildefonso, no Porto, subiu ao pulpito, e antes de principiar o sermão, disse—*Se n'este templo está algum liberal, previno-o de que o meu discurso o hade fazer amarello.*

Isto ouvi eu; e confesso que é até onde póde chegar o rancor politico do ministro de uma religião toda de paz e caridade.

De mais — «Não é com vinagre que se apanham moscas.»

REBORÊDA ou **ROBORÊDO**—freguezia do Alto Minho, no concelho e 5 kilometros ao E.N.E. de Villa Nova da Cerveira, comarca, e 14 kilometros ao O. de Vallença, 60 kilometros ao O.N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago, S. João Baptista.

Tem ha muitos annos annexa a extincta freguezia de *Gontige*.

O real padroado, o morgado de Santo Antonio (na freguezia de Santa Martha, termo de Vianna) e o morgado da quinta da Graciosa, termo de Ponte de Lima, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

É uma das maiores, mais ricas e ferteis freguezias do concelho; e está formosamente estendida em uma vasta planicie sobre a margem esquerda do rio Minho, ficando-lhe em frente a Galliza (ao N.)

É atravessada pela estrada real de 1.ª classe, de Lisboa para o norte, concluida em 1866; e tambem pelo caminho de ferro do Minho, em construcção, o que, com certeza, augmentará a prosperidade d'esta freguezia e limitrophes.

Está n'esta freguezia a torre solarenga dos *Roborêdos* ou *Roboredas*, construida por Gonçalo Annes de Reborêdo.

Foi seu filho, João Gonçalves de Reboredo, que casou com D. Sancha Gonçalves de Barroso, e foram estes os progenitores dos Reboredos de Alcacer do Sal, Alter do Chão, Foz-Côa, Setubal, Torres Novas, etc.

Vê-se em papeis antigos, este appellido escripto de quatro modos diversos—*Rebolêda, Reborêdo, Roborêda, e Roborêdo.*

Nos manuscriptos da casa Palmella, que são os mais exactos em genealogias e appellidos, vem sempre escripto *Roborêdo.*

Para as suas armas, vide *Alcacer do Sal.*

O ramo principal d'esta familia, está hoje na Galliza, porque D. Garcia Ordonhes de Roborêdo, casou n'aquella provincia, e nunca mais voltou a Portugal. [1]

Hoje, esta familia, em Hespanha, é representada por D. Ignacio Pereira de Reborêdo, que foi official do exercito de Carlos VII.

Não se sabe se esta freguezia tomou o nome dos Reborêdos, ou se estes tomaram o appellido da freguezia onde tinham o seu solar; o que é certo, é que *Reborêdo*, ou *Roborêdo*, é nome proprio de homem.

É tambem n'esta freguezia a grande quinta da *Gandarélla*, da qual são actuaes possuidores, os filhos e herdeiros de Sebastião de Castro Lemos, da casa do Côvo, em Oliveira de Azemeis, e de sua mulher, D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Souza Hols-

[1] O conde D. Pedro, diz que os Reboredos da Galliza, procedem de Fernam Gonçalves, cavalleiro da Terra de Souza (hoje Paredes) e de sua mulher, D. Oxanea Dias d'Urrô.

tein, que era irman da senhora condessa de Rézende, mãe do sr. conde do mesmo titulo.

A quinta da Gandarélla, tambem tem uma torre desmantellada, e grandes casas, em ruinas.

Era do vinculo instituido por Diogo de Caldas Barbosa, abbade de Covas (collateral dos Castros do Côvo) o qual vinculo foi, depois de 1640, incorporado ao de Villa Nova da Cerveira; e é por isso que veio aos Castros, do Côvo, bem como as casas de Lapella, Táias, Lára, e Troporiz, que tambem eram do vinculo do abbade de Covas.

Tenho a notar aos meus leitores, que o que diz respeito á *torre dos Reboredos*, foi extrahido do *Diccionario abreviado*, etc., de José Avelino de Almeida, professor official de latim e latinidade, da villa de Valença do Minho.

Eu fui a Reboreda umas poucas de vezes, e não vi lá vestigios de outra torre, senão a da Gandarella.

Desconfio que o abbade de Covas, comprou o que aqui tinham os Reborêdos, e que a sua torre e a dos Castros, é uma e mesma cousa.

Esta freguezia é antiquissima, e pertenceu, até ao 15.º seculo, ao bispado de Tuy.

Diz-se até que existiu aqui uma cidade gothica, chamada *Gontige;* e é certo que ha bastantes vestigios de antigas construcções.

Vide *Gontige*.

(Gontige, é corrupção de *Gontiz,* nome patronimico, que significa, filho, ou da familia de Gonta).

REBORÊDO ou **ROBORÊDO** — montanha de bastante altura, Traz-os-Montes, proximo e da freguezia e concelho da villa da Torre de Moncorvo, e, em grande parte, povoada de arvores silvestres.

É abundantissima de minas de optimo ferro, superior em qualidade, e ainda mais em quantidade, ás minas de ferro da serra dos Monges.

Os sitios onde mais abunda o minerio, constituindo a maior parte do sólo, são:

Fragas dos apriscos, Alto do Chapeu, Barro Vermelho, e *Sobralhal;* todas nos limites da freguezia da Torre de Moncôrvo, e a do *Cabêço da Múa*, ja no districto da freguezia de Felgar, do mesmo concelho.

O sr. *Adolpho Leuschner*, allemão, e engenheiro de minas, foi reconhecido descobridor legal das minas de ferro do monte Reborêdo, em junho de 1876.

Pelo ministerio das obras publicas e minas, haviam sido encarregados os distinctos engenheiros de minas, os srs. João Ferreira Braga, e Pedro Victor da Costa Sequeira, de examinarem estes jazigos, e, segundo o seu relatorio, é necessario um capital de 700 contos de réis, a qualquer empreza que tente aproveitar devidamente o minerio d'este monte.

Na minha opinião (que pouco vale) ainda com 700 contos se não aufeririam todos os lucros que estes riquissimos jazigos pódem dar; porque as minas estão em muito más condições, a muitos respeitos;—1.º, porque o combustivel vegetal d'estes sitios (mesmo concedido que os seus donos o quizessem vender) em poucos mezes se esgotaria, e para vir de longe, não valia a pena—2.º, seria precizo tornar navegavel o rio Sabor, desde Reborêdo até ao Douro (ou até ao caminho de ferro do Douro, quando se construir—se construir—n'estas paragens) para o que ter-se-hiam de expropriar grande numero de mottas, madrías, levadas e açudes, o que montaria a muitos contos de réis —3.º, porque, ficando, como ficava, carissimo o combustivel vegetal, teria de vir o minerio em procura de carvão mineral, das minas de Paiva, ou São Pedro da Cóva, para a primeira fundição; e, ainda que o minerio dê (como se calcula) 50 por cento de ferro, sempre seria preciso o dobro da despeza da conducção, visto ser o dobro do pêso—4.º, o grande custo de boas estradas, em espiraes, ou lacêtes, desde a baze, até ao cume da montanha—5.º, finalmente, os grandes perigos de naufragios no Douro.

As minas de ferro, carvão, phosphato de cal, e outros mineraes baratos, para que

deem resultados animadores, dependem, entre outras condições, da sua situação topographica, proximo de caminhos de ferro, ou de rios navegaveis; de modo que, sem grandes sacrificios, possam hir procurar as industrias, e não estas procurar o mineral.

Em conclusão: só uma companhia poderosissima, e coadjuvada pelo governo, póde tirar das minas de ferro de Reborêdo, grandes e animadores resultados; e, ao mesmo tempo, trazer a riqueza e prosperidade ao concelho da Torre de Moncorvo e immediatos.

Vide *Reborêto.*

REBORÊTO ou **ROBORÊTO**—monte, Traz-os-Montes, a 18 kilometros ao S. de Moncorvo, junto ao logar d'*Urrôs*, e ao O. da egreja de Santo Apollinario.

A corôa d'este monte está cercada de fortes muralhas, em ruinas, e dentro do seu ambito, vestigios de alicerces de muitas casas, o que prova ter aqui existido uma grande povoação.

Do lado do norte, abaixo das referidas muralhas, e ao fundo de uns altos rochedos, está uma concavidade subterranea, chamada *Buraco dos mouros*, que é uma galeria, com sufficiente largura para 5 ou 6 pessoas a par.

Ainda não houve quem se atrevesse a chegar ao fim d'este antro.

Os que mais n'elle tem avançado, encontravam, de distancia em distancia, uma especie de salões, tudo manifestamente obra dos homens.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que sejam minas esgotadas, que os romanos lavraram no seu tempo.

Sabemos que o nosso povo attribue aos arabes todas as obras antigas, cuja origem desconhece; e é por isso que chamam a esta extença galeria, *Buraco dos mouros*; mas, é muito mais provavel que seja obra romana; não só porque esta provincia esteve muitos annos sob o dominio dos imperadores, como pela grandeza que elles costumavam empregar nas suas construcções: não assim os mouros, que construiam tudo, ou quasi tudo, mui tosca e passageiramente; nem elles estiveram n'esta provincia, tão pacificamente, e por tanto tempo, que podessem executar obra de tanto dispendio e tão grandiosa.

Ao contrario, sabemos que os romanos foram senhores pacificos da Peninsula hispanica, por espaço de quasi 500 annos, e que das Asturias e Galliza (em cuja circumscripção se comprehendia a actual provincia de Traz-os-Montes) extrahiram grande copia de ouro, prata e outros metaes.

Crê o povo da freguezia de *Urrôs*, e das immediatas, que as ruinas que se veem na corôa do monte, como já disse, são os restos da cidade romana de *Ravêna*, na qual foi martyrisado Santo Apollinario. Vide *Calabria*, *Ravêna* e *Urrôs*.

RÉÇA ou **RESSA** — portuguez antigo—o logar exposto ao sol, soalheiro.

Julgo que de *reça*, é que o nosso povo fez *restia* (uma restia do sol.)

Na minha opinião, tem a mesma origem as palavras *rocío* (antigamente *resaiu*) e *ressaio*, ou arressaio; porque nós damos o nome de *rocío*, á planicie mais ou menos vasta, desprovida de arvoredos que a abriguem dos ardores do sol; e de *arressaio*, á encosta ou monte nas mesmas condições.

Em frente de *Porto de Rei*, na freguezia de Barqueiros, no concelho de Mezão-Frio, comarca de Pezo da Régua, ha um areal, na margem direita do Douro, ao qual, pela sua exposição aos raios do sol, se dá o nome de *Réça*, e tambem o de *Passagem* (por ter alli existido a barca de passagem, chamada de *Por-Deus*, ou por uma capella dedicada ao *Senhor da Bôa Passagem*, que está em uma quinta, logo acima do areal da Réça.)

Logo acima d'este logar, está a freguezia de Frende, na comarca e concelho de Baião.

É em Frende (e não em *Trende* como lhe chamavam quasi todos os jornaes, tratando do assassinato de um homem) que se construiu um dos *tunneis* do caminho de ferro do Douro.

RECÁBDO ou **RECÁBITO**—portuguez antigo—recebimento solemne, de homem com mulher, em face da egreja, segundo os canones; porisso, á mulher assim casada se dava o nome de *recabedada*.

REÇAGA—portuguez antigo—rectaguarda (de um corpo de exercito.)

RECÁPITO — portuguez antigo — recado que se manda por algum mensageiro, a outra pessoa.

Ainda hoje se usa este termo na Italia, com a mesma significação.

RECARDÃES—villa, Douro, comarca, concelho e 1:500 metros ao S.O. d'Agueda, 18 kilometros a N.E. d'Aveiro, 40 ao N. de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

(Foi do bispado de Coimbra.)

O cabido da Sé apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil, e fica a 1:500 metros ao S. do rio Agueda (margem esquerda) 9 kilometroo a N.E. da estação do caminho de ferro do norte (Oliveira do Bairro.)

É povoação muito antiga, e o seu nome significa—*Terra dos Recáredos.*

O documento mais antigo que se encontra com respeito a esta villa, é do anno 1016, em que (segundo o *Livro Preto* da Sé de Coimbra) Resemundo Maureliz, doou ao mosteiro da Vaccariça (Mealhada) a aldeia de Recardães.

No archivo do mosteiro de Pedroso (10 kilometros ao S. do Porto) existia um inventario dos bens que tinha adquirido D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula [1] feito (o inventario) no anno de 1050 de Jesus Christo.

N'este inventario se menciona o mosteiro de *Sala*, o de *S. Julião*, metade do de *Cedarim* (Cedrim) e metade da egreja de Recardães.

Foi cabeça de concelho e da comarca, com *juiz de fóra*, camara, e mais empregados civeis e municipaes.

[1] Este D. Gonçalo era filho do conde D. Mendo Luci, ao qual D. Affonso V, de Leão, tinha feito governador d'estas terras, e tinha do dito rei, *regalengo, et condadu, et mandamenta in rripa Agata.*

D. Affonso V deu estes senhorios ao conde D. Mendo, quando residia (o rei) em Monte-Mór-Velho, sobre o Mondego.

Metade da freguezia d'Agueda, que fica na margem esquerda (S.) do rio d'este nome e á qual, parte, se dá o nome de *Sardão*, pertencia á comarca de Recardães: a outra metade, a villa d'Agueda, propriamente dita, era da comarca d'Aveiro.

Era no logar do Sardão que o juiz de fóra de Recardães fazia as suas audiencias; e ainda existe a casa da camara, hoje cadeia.

D. Affonso Henriques deu aos templarios o senhorio de Recardães, e elles aqui instituiram uma commenda.

Foram tambem estes cavalleiros que construiram a actual egreja, no reinado de D. Sancho I.

Foi commendador e senhor donatario de Recardães, D. Fernando (ou Fernão) Sanches, 3.º dos filhos naturaes do rei D. Diniz, nascido depois do rei estar casado com a rainha Santa Isabel, mas antes d'ella ter filhos.

É porisso que D. Fernando usava por brazão d'armas, o escudo real, com a *quebra* de adulterino.

D. Diniz amou muito este filho, e o encheu de dadivas e beneficios.

Em 1290, lhe doou os bens confiscados por dividas a Pedro Eannes, almoxarife de Lisboa; por carta régia, datada de Santarem, a 28 de fevereiro d'aquelle anno.

Sendo ainda muito creança, o entregou seu pae aos cuidados de D. João Simão, meirinho-mór da casa do rei, seu valido, e um dos nobres e instruidos fidalgos da sua côrte, ao qual nomeou tutor e administrador geral da casa de D. Fernando.

Era senhor da egreja de São Pedro de Tarouca, a qual deu ao mosteiro de Salzédas (por auctorisação paterna) em troca da egreja de Fonte-Arcada (hoje do concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira) por escriptura de 3 de agosto de 1297.

A propria rainha, Santa Isabel, amava muito a D. Fernando, pelo que o rei, por carta de 21 de janeiro de 1298, lh'o entregou juntamente com seus dois outros filhos bastardos, D. Affonso Sanches, e D. Pedro Affonso, *para serem todos tres por ella governados, ou dar-lhes tutores e curadores, quaes ella bem quizesse.*

Foi cancellario de D. Fernando, o abbade de S. Pedro das Aguias, D. João Eannes.

Foi este D. Fernando que concluiu as obras da egreja de S. Francisco, de Lamêgo, e construiu a sua antiga capella-mór, onde se mandou sepultar, mas isto não teve effeito, como adiante se verá.

Casou com D. Froilhe Annes de Briteiros, filha de D. João Rodrigues de Briteiros, rico-homem, e de D. Guiomar Gil de Soverosa, grandes fidalgos d'esses tempos. [1]

Esta D. Guiomar, era filha de D. Gil Vasques de Soverosa, rico-homem, que morreu na batalha de Gouveia, na guerra civil, entre alguns fidalgos portuguezes, a qual teve logar em 1277, no fim do reinado de D. Affonso III.

Não houve filhos d'este casamento.

Em 1294, seu pae, D. Diniz, lhe deu o senhorio de Recardães, e de outras terras do julgado do Vouga.

Em 1300 lhes deu tambem a herdade da *Orta de Nomão*, que fora d'Egas Mendes, escudeiro, sobrinho do bispo de Lamego.

Em 29 de agosto de 1303, lhe deu as *Lizirias dos Portos*, no termo de Santarem.

Em 1306, lhe deu o reguengo de Oliveira do Conde.

Foi em extremo liberal, particularmente com seus irmãos, e como não tinha filhos fez doação de muitas aldeias e rendas, em varias partes do reino, a seu irmão bastardo, D. João Affonso, por escriptura feita no mosteiro de S. Domingos das Donas (Santarem) em 31 de janeiro de 1323.

Pelo mesmo tempo, deu a seu irmão legitimo, D. Affonso (depois rei, 4.º do nome) todas as herdades que possuia no termo de Santarem. [2]

Em 13 de novembro de 1327, doou todos os bens que lhe restavam, ao mesmo D. Affonso, já então rei.

Pelos annos de 1329, estando na sua commenda de Recardães, aqui falleceu, no mez de julho.

Foi sepultado na capella de S. Cosme e S. Damião, da egreja de S. Domingos das Donas, em Santarem.

Instituio capella, com missa quotidiana, para o que deixou muita fazenda, para ser administrada pelo convento dominico.

Eram as propriedades de *Cabeça d'aguia* e cinco *hastins* [1] de terra, em *Vallada do Riba-Tejo*, que os frades dominicos depois trocaram por outros, no casal do *Paço do Telheiro*.

Seu sepulchro, é uma arca de pedra, de obra antiga, e está da parte do Evangelho, embutido na parede, com a sua estatua em vulto, feita da mesma pedra, e o seu brazão d'armas.

Teve uma inscripção, ha muitos annos illegivel, por gasta: depois se lhe gravou outra que diz:

SEPULTURA DE D. FERNANDO SANCHES,
FILHO D'EL-REI D. DINIZ.
TEM MISSA QUOTIDIANA.

No cartorio d'este mosteiro, entre muitos breves, de graças e privilegios, havia um que prohibia abrir-se esta sepultura, sem ordem da congregação dos cardeaes.

—

D. Diniz, teve só dois filhos legitimos—D. Affonso IV, que lhe succedeu na corôa, e D. Constança, que casou com D. Affonso IV, de Castella.

Teve 6 filhos bastardos:

1.º, *D. Affonso Sanches*, conde d'Albu-

[1] D. João Rodrigues de Briteiros, era filho de Ruy Gomes de Briteiros, rico-homem, e grande privado de D. Affonso III, e seu mordomo-mór; e de D. Elvira Annes, da casa de Amaia, filha de D. João Pires de Amaia, o que se achou na batalha da Varzea dos Cavalleiros (hoje comarca e concelho da Certan) em 1246, e matou sete leonezes, de sete lançadas; e de D. Guiomar Mendes, filha do conde D. Mendo.

[2] D. Affonso IV deu depois estas propriedades, a sua mulher, a rainha D. Brites, filha de D. Sancho IV, de Castella, que as deu ás capellas e hospital que instituiu na Sé de Lisboa (julgo que no edificio hoje *cadeia do Aljube*, junto da egreja cathedral.)

[1] *Hastim*, *astim* ou *astil*, era uma medida agraria usada no Riba-Tejo.

Tinha 25 *palmos craveiros* de largo, em toda a extensão do campo, vinha, predio, monte ou paúl.

No campo de Coimbra, diz-se *aguilhada*.

querque, e mordomo-mór de D. Affonso IV. [1]

2.º, *D. Pedro Affonso*, conde de Barcellos.

3.º, *D. Fernando Sanches*, senhor de Recardães.

4.º, *D. João Affonso*, alferes-mór, e progenitor dos Ponces, por casar com D. Joanna Ponce.

5.º, *D. Maria Affonso*, que casou com João de Lacerda.

6.º, *D. Maria Sanches*, que foi freira em Odivellas.

—

Pela suppressão da ordem do Templo (1311) ficou esta commenda pertencendo á corôa, até que, em 1319, foi, com tudo o mais que pertencêra aos templarios, para a ordem de Christo, que o rei D. Diniz então instituira.

Eram commendadores os duques d'Aveiro, que possuiram isto até 1759, em que, com a vida, no patibulo, perderam todos os bens para a corôa.

Os templarios deram o 1.º foral a Recardães, pelos annos de 1150; mas perdeu-se sem d'elle ficar cópia.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de março de 1516. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 218 v., col. 2.ª)

Este foral servia tambem para *Carvoeiro, Feiteira, Lombada, Paradella, Póvoa, Sayma, Troviscal*, e *Villa Nova*.

Em 20 de fevereiro de 1876, foi feito barão de Recardães, o sr. José Cerveira de Mello.

RECAREI — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 25 kilometros ao N.E. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Bom Despacho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem no *Diccionario Geographico*, do Flaviense.

E' terra fertil.

A egreja matriz, estava bastante arruinada, mas em novembro de 1876, o governo lhe mandou dar 500$000 réis, do dinheiro das bulas, para reparos.

E' n'esta freguezia a 4.ª estação do caminho de ferro do Douro (não contando a principal.)

Era natural d'esta freguezia, o infeliz doutor, Manuel Luiz Nogueira, juiz de fóra de Aveiro, enforcado, por liberal, com mais 9 companheiros, na Praça-Nova do Porto, em 7 de maio de 1829. [1]

Tambem se disse que era natural de *Baltar;* provavelmente, por ser terra mais conhecida, e proximo a Recarei, que lhe fica a S.O.

Vide a nota.

Ainda vivem na casa onde nasceu o doutor Nogueira, os sobrinhos, filhos de seu irmão José Luiz Nogueira, fallecido ha poucos annos.

Julgo que o nome d'esta freguezia, é corrupção de *Recaredo*, nome proprio de homem, que antigamente se pronunciava *Recarêdo*, e hoje se escreve e pronuncia *Ricardo*.

RECEANÇA — portuguez antigo — susto, mêdo, receio, temor, etc.

RECEÃO ou **RECIÃO**—aldeia, Douro, na freguezia de S. Martinho de Caramôs, comarca e concelho de Felgueiras.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Houve em Receão, o mosteiro de Santa Maria, de freiras (conegas) agostinhas, que

[1] D. Affonso Sanches, era filho de D. Aldonça Rodrigues Telha.

Casou com D. Thereza Martins, filha de D. João Affonso de Menezes, conde de Barcellos, e neta de D. Affonso IV, de Castella.

D. Affonso Sanches e sua mulher, foram senhores de Villa do Conde, e fundadores do mosteiro real de Santa Clara, de freiras franciscanas d'esta villa, em cuja egreja estão sepultados.

Vide *Villa do Conde*.

[1] A sentença diz que era natural do Porto, e eu assim o disse a pag. 329, col. 1.ª do 7.º vol.; mas o sr. doutor José Barbosa Leão, que é natural d'estes sitios, diz que o infeliz Nogueira era de Recarei.

ficava a 1:500 metros do de S. Martinho de Caramôs.

Foi fundado pelos annos de 1150, e D. Affonso Henriques o coutou, pelo mesmo tempo.

Em 1172, D. Vaasquida, abbadessa d'este mosteiro, poz demanda ao prior de Caramôs, D. Payo Fromarigues, para este lhe largar uma grande herdade, que fôra de D. Aragonta Mendes.

Não se sabe como, nem quando este mosteiro se extinguiu.

RECEÃO ou **RECIÃO** — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca e proximo (ao S.) de Lamego. Tinha 25 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, mas é celebre pelo que se segue:

Houve aqui o mosteiro de S. Lourenço, de freiras benedictinas, fundado por D. Dordia, mulher de D. Soeiro, por carta de testamento, feita em 1184, dotando-o com muitas rendas.

D. Affonso Henriques coutou o mosteiro no principio do anno de 1185[1], e o deu a Mendo Soares.

O rei D. Diniz, pelos annos de 1300, deu a estas freiras o fôro de fidalgas da casa real, para ellas e successoras; e D. Pedro, bispo de Lamego, lhes deu os dizimos da freguezia de Receão.

Quatro versões tenho encontrado com respeito ás religiosas d'este mosteiro.

1.ª — Segundo um documento que existe no archivo episcopal de Lamego, consta que em 1435, só existiam n'este mosteiro, D. Clara Fernandes, abbadessa, e mais duas freiras; e ellas mesmas pediram ao *Mestre João*, bispo de Lamego, que as mandasse para outro mosteiro da sua ordem, tomando conta d'este o mesmo prelado. Elle assim o fez, dando o mosteiro e cêrca aos conegos de S. João Evangelista (loyos) cuja ordem elle tinha fundado em Portugal.

—

2.ª—No 2.º volume do *Panorama*, pag. 67, col. 2.ª, no fim, se diz: — «Qual esta era (a immoralidade dos frades e freiras) se póde conhecer de um facto acontecido em Recião, no XV seculo. Era abbadessa d'este convento, uma certa Clara Fernandes, havendo no mosteiro mais duas freiras. Ligou-se a abbadessa com uma d'ellas, e disfarçadas com trajos de homem, mataram a outra. Clara Fernandes, passou a Santarem, onde casou; e, matando d'ahi a pouco o marido, invocou o seu fôro ecclesiastico, como abbadessa, e, sendo remettida ao bispo de Lamego, em cuja diocese ficava Recião, foi absolvida e restituida ao seu cargo.» [1]

—

3.ª—No 7.º volume do *Santuario Mariano*, a pag. 365, se lê o que passo a resumir, e é:

Proximo ao rio Varosa, e a pouca distancia de Lamego (cousa de um kilometro) em uma lapa, que estava ao pé de um grande carvalho, appareceu uma imagem da Santissima Virgem, á qual, um fidalgo asturiano mandou edificar uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Amparo, e vulgarmente, *do Carvalho*.

[1] D. Affonso Henriques morreu em Coimbra, a 6 de dezembro de 1185. Tinha nascido em Guimarães, a 25 de julho de 1109.

[1] É certo que, nos tempos antigos, havia mais desregramento nas ordens religiosas, do que depois do seculo XVI; porque os reis e os prelados fizeram todas as diligencias para pôr tudo em regra. Mas o que mais desacreditava os mosteiros do sexo feminino, era o facto de muitos d'elles não serem de freiras professas, mas de *beatas* que não proferiam voto algum. Estes eram os mais devassos, salvas honrosas excepções.

Tambem não era rigorosamente guardada a clausura, e as freiras (mesmo professas) sahiam quando queriam, com uma simples licença da respectiva abbadessa.

Outras freiras não tinham o minimo rendimento, vivendo do seu trabalho, o que era motivo de graves immoralidades.

No reinado de D. Diniz, requeriam as freiras, publicamente, ao rei, para que lhes legitimasse os filhos, declarando nas petições quem eram os paes, ainda que estes fossem clerigos seculares ou regulares.

Nas côrtes d'Evora (as segundas reunidas n'esta cidade) de 1391, ás quaes presidiu D. João I, os povos pediram ao rei que providenciasse sobre a desordem em que estavam os mosteiros de ambos os sexos, em Portugal.

Principiaram os povos d'este sitio a ter grande devoção com esta Senhora, e a darem-lhe muitas esmolas e valiosas offertas, unico rendimento da ermida.

Parece que esta capella estava em uma fazenda das freiras de Recião, e como o sitio era alegre e ameno, ellas mudaram para aqui o seu mosteiro; mas, passados poucos annos, mudaram de opinião, e se tornaram para o seu antigo mosteiro; vindo para o novo, os conegos de S. João Evangelista, que tambem não gostaram do sitio, e regressaram ao seu mosteiro, de Santa Cruz, em Lamego, passado pouco tempo.

A egreja da Senhora do Amparo, é vasta, e n'ella se enterravam os moradores do logar d'Alvellos, que era então uma parochia, filial da Sé de Lamego.

Os bispos applicaram para as obras da egreja da Senhora do Amparo, algumas fazendas e as terças de certas freguezias.

O fundador da egreja—o tal asturiano—havia mandado alli construir algumas casas para romeiros e para o eremitão, dando tambem a este duas cêrcas, para que elle dos seus rendimentos podesse viver.

Este templo está sobre um têso, d'onde se vê o rio Varosa, que lhe corre ao sopé.

Supponho que esta egreja foi matriz da freguezia de Receão, antes de se annexar á da Sé de Lamego; porque vejo em documentos antigos denominar-se *Santa Maria de Receão.*

—

4.ª—Vejamos agora o que diz, em resumo, frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (religioso franciscano do mosteiro de Ferreira d'Aves) no seu *Elucidario*, a pag. 299, col. 2.ª, da segunda edição.

De um instrumento, datado de 13 de setembro de 1458, que é do consentimento que deu o bispo de Lamego, D. João da Costa, para tornarem os conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) a povoar o mosteiro de Receão, em virtude de uma carta regia de D. Affonso V, no tal documento, repito, se leem varias *replicas e treplicas*, pelas quaes consta que—havendo o bispo, D. João da Costa, dito, que D. João de Chaves, seu antecessor, sem fórma alguma de direito, expulsára do seu mosteiro, as freiras de Receão, *o que fôra causa d'ellas abusarem de seus corpos, e causarem gravissimas desordens e escandalos;* elle, para dar cumprimento ás ordens do *legado á latere*, D. Alvaro, bispo de Silves, fizera restituir ao dito mosteiro, a sua abbadessa, D. Clara Fernandes, etc.

João d'Arruda e *João da Facha*, treplicando, disseram — que, quando o bispo de Viseu veio a este mosteiro de Receão, «achou «trez molheres, nom em habito, trajo, esta«do, nem vida de freiras, nem de religiosas, «mas de seculares, sem regra e ceremonias «d'ella, a saber—uma Clara Fernandes, que «nunca soube lêr, nem rezar, nem trouve «habito, cogulla, nem véo preto, nem fizera «em algum tempo profissom; a qual, pelo «senhor da terra,[1] e contra sua vontade, foi «posta em o dito mosteiro, em nome de ab«badessa, antes que ella fosse monja, ou to«masse habito, e fizesse profissom; mas, as«sim como entrou, assim viveo, sempre em «habito e actos de vida secular, dormindo «carnalmente com quem lhe apprazia, notó«riamente; especialmente com Alvaro de Al«vellos, de quem tinha filhos; e que usava «com elle tão parceiramente, como se fôra «sua molher.

«E outra, Maria Rodrigues, que nom me«nos o fazia com quem lhe apprazia, espe«cialmente com o abbade de Melcões,[2] de «quem assim tinha filhos e filhas, e tem hoje «em dia.

«E uma velha, irmã de Alvaro Gil, abba«de que foi de Barcos, á qual, as ditas Cla«ra Fernandes e Maria Rodrigues, em trajo «de homens, huma noite, com uma calça de «arêa, déram tantas calçadas, de que, segun«do fama, morreo.

«As quaes duas molheres, o dito senhor «bispo, por via de visitaçom, conselho, nem «amoestaçom, nunca pôde meter a Regla, «nem a vida de monjas. E, vendo-as incor«regiveis, mandou a Maria Rodrigues, ao

[1] Era o conde de Marialva, pae da tal Clara Fernandes, e governador da Beira, residente em Lamego.

[2] Melcões é uma freguezia proxima, hoje annexa a Cepões.

«mosteiro de Jacente, da ordem de S. Bento, «no arcebispado de Braga (*hoje Jazente*) on«de ainda agora vive: e a dita Clara Fer«nandes nom quizerom receber em mosteiro «algum da dita ordem, nem de outra algu«ma, por sua dissoluçom e má vida: e o dito «senhor bispo lhe assignou certa pensom e «mantimento, com condiçom que vivesse re«ligiosamente. E ella aceitou a dita Provi«som; mas logo, a poucos dias, tornou a usar «do seu costume, e dormir com quem lhe «apprazia; e especialmente com um guar«diom de São Francisco, da dita cidade, que «chamavom frei Rodrigo Tourinho (cujo fi«lho he um môço que a dita Clara Fernan«des ora tráz comsigo).

«E depois se partiu da dita cidade para «Santarem, e tomou hi marido. E, co viven«te, leixou aquelle, e foi casar com outro a «Lisboa, chamando-se leiga, e nom freira: «á qual o primeiro marido demandou e ven«ceu por molher, e está em posse dos bens «patrimoniaes d'ella, como seu marido.

«E o dito Senhor Bispo, poz suas Cartas «de Edicto, para reformar o dito mosteiro, «e nom acudio alguem da dita ordem, ho«mem nem molher, nem de outra alguma «aprovada Religiom, que para a dita casa e «mosteiro de Reciam quizesse vir morar, «nem manter; assi por ser muito pobre e «dilapidado, como por ser em máo logar, de «montanhas, só, entre serras. Pela qual ra«zom, o dito Senhor Bispo, d'acordo e con«selho de seu cabido, reduzio o dito mostei«ro em Igreja secular, sem cura. Em 29 de «dezembro de 1435 e a 3 de janeiro de 1436, «fez doaçom do dito mosteiro, aos conegos «seculares de S. Salvador, de Villar de Fra«des, que hoje dizemos loyos.

«E depois, foi tudo aprovado, ratificado, «e confirmado de certa sciencia, por Euge«nio IV, e depois, por Nicolau V.

«E nom houve hi mais freiras, nem mais «barregans, nem outras dissoluçoens, como «o dito Senhor Bispo diz, por dinigrar os «feitos do Bispo de Viseu, e dar evazom[1] a «seus feitos proprios, que fez, como se todo «o mundo espanta, etc.

«E protestão que não querem tomar pos«se do dito mosteiro, da mão do Senhor Bis«po, mas sim do corregedor, ou outro mi«nistro d'El-Rei.»

De tudo isto, e muito mais que do dito instrumento consta, deu fé o notario apostolico, Diogo Lourenço, conego da Sé de Lamego. (Doc. de Receão, que existia no cartorio do convento de Santa Cruz, da mesma cidade).

Para que algum impio se não aproveite do que fica dito, para argumento das suas diatribes contra as religiosas de outros mosteiros, note-se que a casa de Receão nunca foi mosteiro de freiras professas, mas sim uma especie de recolhimento, no qual as suas habitadoras não estavam sujeitas a voto ou regra alguma, como claramente se deduz do que diz Viterbo.

—

Tendo tantas vezes fallado em frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, n'esta obra, julgo a proposito dar aqui um resumo da sua vida e obras.

Primeiramente, rectifico um erro que más informações me fizeram commetter. Disse a pag. 172, col. 2.ª, do 3.º volume, que Viterbo nasceu pelos fins do seculo XVII, ou principio do XVIII. Não é exacto como vamos ver.

Na raiz oriental da penhascosa e desabrida serra da Lapa, em sitio ameno, e abundante de vinho, cereaes e deliciosas fructas, está a povoação e freguezia de Gradiz, do concelho de Aguiar da Beira, comarca de Trancoso.

N'esta aldeia, que fica proxima da margem esquerda do Távora, nasceu frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, a 13 de maio de 1744.

Professou no convento de menores reformados, da provincia da Conceição, de Portugal, a 7 de setembro de 1760.

Era vulgarmente conhecido pelo *padre Gradiz*.

Tinha uma memoria rara, e de tal retentiva, que bem se podia dizer que a sua cabeça era uma livraria. Quasi todo o seu tempo passava a ler, ou escrever; pelo que, em

[1] Evazom—portuguez antigo—desculpa, côr, ou pretexto com que se cobre ou pretende disfarçar um acto máu.

poucas materias scientificas era hospede; mas, a sua paixão dominante era a historia, e, sobre tudo, as inscripções e manuscriptos antigos, em cujas materias foi um mestre consummado, chegando onde ninguem havia chegado em Portugal, como o attestam os seus escriptos, e principalmente o seu *Elucidario*, obra merecidamente estimada pelos sabios nacionaes e estrangeiros.

Para a composição d'esta obra, viajou frei Joaquim por muitas partes do reino, indagando e examinando os monumentos romanos, gothicos e arabes, e esquadrinhando todos os manuscriptos antigos e raros; para o que estava munido de uma ordem regia.

As copias tiradas por elle, ficaram valendo como originaes, por uma provisão do rei.

Trabalhou muito na Torre do Tombo, cujo logar de guarda-mór lhe foi offerecido. Tambem se lhe offereceu um bispado, no ultramar; mas nada d'isto acceitou.

Além de um grandissimo numero de manuscriptos que mandou para a academia real das sciencias de Lisboa, da qual era correspondente, e do que trabalhou na chronica da sua provincia, compoz as obras seguintes:

Sermões apostolicos originaes. Porto, 1791, in-8.º, um volume.

Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram. Lisboa, 1798–1799, in-folio, dois volumes.

Diccionario portatil das palavras, termos e phrases, que antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram; resumido, correcto e addiccionado, etc. Coimbra, 1825, in-4.º, um volume. É posthumo.

Botica rural. Manuscripto.

Thesouro da misericordia divina e humana. Manuscripto.

Apparatus ad Universam theologiam. Manuscripto.

Companheiro fiel, etc. Manuscripto.

Compendio do diccionario de Moreri, com varias addicções e notas, etc. Manuscripto.

Resumo do viajante universal. Manuscripto.

Historia universal e chronologica da Egreja de Portugal.

Deixou ainda varias obras ineditas de menos importancia.

Nos ultimos annos da sua vida (estando no mosteiro da Fraga, em Ferreira d'Aves) foi accommettido de uma apoplexia, que, privando-o algum tanto do juizo, o obrigou a pôr termo aos seus trabalhos litterarios.

Falleceu no referido mosteiro da Fraga, em 13 de fevereiro de 1822; e foi sepultado entre a porta do capitulo e a que dá sahida para a portaria.

RECÊBEDO — portuguez antigo — recibo, resalva, quitação, etc. É do seculo XIII.

RECEBIMENTO—portuguez antigo—sala, quarto, aposento.

RECENDER—portuguez antigo—descender.

RECEZINHOS — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Penafiel (foi do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, comarca de Amarante), 40 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 209 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil. Muito gado.

A mitra e o D. abbade benedictino, no convento de Bostêllo (proximo a Penafiel) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

No alto do monte está a capella de Santa Cruz, e junto d'ella as ruinas de castellos antigos.

É n'esta freguezia a casa vinculada dos Ferreiras, morgado instituido por D. Mayor Lourenço, mulher de Lourenço Annes Redondo, hoje unido á casa de Cavalleiros. (Vide a freguezia seguinte).

Ha tambem a casa de Leiros, de Manuel de Sousa da Silva, descendente de Martim Gonçalves Alcoforado, ao qual D. João I deu o senhorio do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, em 1390.

RECEZINHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, (foi do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, comarca de Amarante), 48 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os morgados da casa de Cavalleiros, apresentavam o abdade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado.

—

A casa de Cavalleiros, é uma das mais illustres d'Entre Douro e Minho. É hoje do sr. D. Rodrigo José de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

É nobilissima a estirpe d'esta illustre casa, de fidalgos distinctos pela antiguidade da sua nobreza, e ainda mais pelos seus merecimentos.

Martim Ferreira foi um heroe do exercito portuguez, nas guerras contra Castella. Em um recontro, junto a Guimarães, no qual os castelhanos foram derrotados, recebeu uma cutilada no nariz e na face, pelo que se ficou cognominando *Martim Narizes*.

Tambem foram d'esta familia, frei Gualter Machado, e frei Martim Ferreira d'Eça, cavalleiros de S. João de Jerusalem; fidalgos distinctissimos, pelos seus grandes serviços á religião e á patria.

RECEZINHOS—Vide *Castellões de Recezinhos*.

RECHAN ou **RECHANO**—portuguez antigo — pequeno plano, no meio de uma portella ou viso. Uma especie de plató. *Rechan*, ainda se usa com a mesma significação.

RECIÃO—Vide *Receão*.

RECLAMADOR—Vide *Roque Amador*.

REÇOAR — portuguez antigo — livrar do captiveiro, resgatar, libertar, etc. (Doc. das freiras bentas, do Porto, de 1278).

D'aqui *reçaom*, por livramento, resgate, etc. É contracção de *redempção*.

Tambem se dizia *reçoar*, em vez de arrazoar, discorrer, etc.

RECONHECENÇA — portuguez antigo — reconhecimento, memoria, lembrança, agradecimento, etc.

Chamava-se *reconhecença*, á pensão ou tributo que se pagava aos bispos e seus cabidos, d'aquellas egrejas que elles tinham libertado do pagamento da *terça pontifical*. (Vide *Sazes*).

Em muitas freguezias do bispado do Porto, se dá o nome de *conhecença* (abreviatura de reconhecença) ao fôro de um alqueire de milho que paga cada homem casado, e meio alqueire cada solteiro, ou viuvo, annualmente, ao seu parocho. Em algumas freguezias, a conhecença é de alqueire e meio para os casados e tres quartas para solteiros e viuvos.

RECONTAMENTO — portuguez antigo — relação, exposição, relatorio, narração, etc., circumstanciada de qualquer facto. (Doc. da camara de Coimbra, de 1464).

RECORREIÇÃO — portuguez antigo—parochia ou freguezia. Tambem se dizia *recurreição*, *recorrício*, *collação*.

RECROBAR — portuguez antigo—plantar, cultivar, aproveitar, etc. (Prazo de Tarouca, de 1309).

Supponho que de *recrobar* se diz hoje, por corrupção, *decruar* ou *decroar*. É a primeira sacha do milho.

RECTIDÃO—portuguez antigo—a pertença ou dependencia de uma herdade, quinta, ou casal. *Villa Barriolos... et omnem meam* rectitudinem *de ipsa quintana*. (Doc. do Paço de Souza, de 1146 e 1165).

RECUDAR — portuguez antigo — recusar, negar-se á petição de alguem. (*Monarchia Lusitana*, tit. 5.º. liv. 16.º, cap. 56).

RECUDIR—portuguez antigo—sahir, vir a ser para o futuro. (Doc. de Moncorvo, de 1380).

RECUDIR — portuguez antigo — tornar a acudir, olhar para alguma parte.

RECURÇÃO — portuguez antigo — limite, termo, freguezia, territorio, circumscripção.

RÊDE — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Fontellas, comarca e concelho do Peso da Régua, d'onde dista 5 kilometros ao O., 90 ao E. do Porto, 600 ao NO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, proximo da margem direita do Douro.

Fica perto da Rêde, a aldeia das *Caldas*, da mesma freguezia de Fontellas, onde são as nascentes d'aguas mineraes, vulgarmente chamadas do Mollêdo. (Vide *Mollêdo*).

Pelo meio da aldeia das Caldas, passa a estrada real, do Porto á Régua, com diligencia diaria. Tambem lhe passa perto o caminho de ferro do Douro, em construcção.

De Lamego para o Mollêdo, ha uma estrada real, antiga, de 6 kilometros de comprimento; mas, por ser muito declivosa, foi substituida por outra, com declive muito suave, concluida em 1873. Mas esta tem quasi 15 kilometros de comprimento, por causa das muitas voltas que dá, nos valles do rio Varosa.

No Mollêdo ha hoje duas boas hospedarias; varias lojas de mercearia e de outros generos, bem sortidas; e casas sufficientes para habitação dos banhistas, que fazem aqui a sua residencia, por ser pequena a aldeia das Caldas, e não haver commodos sufficientes na Rêde.

Tambem no Mollêdo ha um palacete construido de novo, do sr. Francisco José da Silva Torres.

—

A antiga e nobre casa da Rêde, é o solar da familia Borges Cerqueiras Alpoins. É um vasto palacete, de architectura simples e severa, rodeado de uma extensissima matta, pomares, vinhedos e terras de lavoura, tudo de grande fertilidade, formando tudo uma magnifica e rendosa quinta.

É hoje representante d'esta illustre familia, e dono da casa, o sr. Francisco Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, moço fidalgo da casa real, com exercicio no paço. É este cavalheiro, o herdeiro e senhor dos prazos e vinculos de seu pae.

É casado com sua prima, a sr.ª D. Amancia Borges de Cerqueira Alpoim Cabral e Menezes, e tem successão.

É filha de José Maria Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, que foi tenente coronel de milicias, fidalgo da casa real, senhor do vinculo e prazo da Rêde, quinta do Miradouro, e dos morgados de Mollães, padroeiro da capella e sachristia do mosteiro de S. Francisco de Mezãofrio.

Seu irmão (tio do sr. Francisco Borges) João Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, foi brigadeiro de cavallaria,[1] chefe de estado-maior do general visconde do Pezo da Régua, no exercito realista, convencionado em Evora-Monte. Era commendador de Malta.

Casou, em 1817, com D. Maria Fortunata Teixeira da Cunha Pinto, da antiga casa da Boa Vista, em Celorico de Basto.[1]

Era avô do sr. Francisco Borges de Cerqueira Alpoim Cabral, Bernardo do Carmo Borges de Cerqueira Cabral e Queiroz, fidalgo da casa real, senhor dos prazos e vinculos mencionados, capitão-mór de Mezão frio e governador da praça de Villa Nova da Cerveira.

Foi casado com D. Maria Xavier Alpoim da Silva Menezes e Abreu, da antiga e nobilissima familia dos Alpoins, do Minho.

REDINHA—villa, Extremadura, comarca, concelho e 10 kilometros do Pombal, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 140 ao N. de Leiria, 155 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 420 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O rei (como grão-mestre da ordem de Christo) pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, com toda a probabilidade, do tempo dos romanos, se não anterior ao seu dominio. Consta que o seu primeiro nome foi *Rhoda*, palavra persa, que significa *jardim*. Depois, se chamou *Rodina*, e parece que os arabes lhe não mudaram o nome, porque ainda o conservava no principio do seculo XII.

O conde D. Henrique e os seus capitães, tinham conquistado aos mouros varias povoações e vastos territorios entre o Douro e o Mondego. Os mouros, temendo a vingança dos portuguezes, tinham abandonado todas as terras entre Coimbra e Leiria; mas os christãos ainda não tinham tomado posse d'ellas.

Em 1128, a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, deram aos templarios,

[1] Foi despachado tenente coronel, em 13 de abril de 1823; coronel, em 9 de julho de 1827; e brigadeiro, em 26 de outubro de 1832.

[1] Esta casa é hoje representada pelo sr. Manuel Osorio d'Aragão Magalhães Machuca (Osorios Aragões, de Lamego) primo co-irmão e cunhado do actual senhor da casa da Rêde.

todo este territorio abandonado; e elles construiram logo, ou reconstruiram, os castellos de Ega, Pombal e Redinha.

D. Gualdim Paes, grão-mestre da ordem do Templo e os seus *frades* (cavalleiros templarios) deram foral a esta villa—ainda então chamada *Rodina* — em junho de 1159. (Maço 3 de foraes antigos, n.º 1).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de dezembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 109, col. 2.ª).

Cumpre notar que os pontifices Honorio III (1216), Celestino IV (1241), Alexandre IV (1254) e Urbano IV (1261), por bullas apostolicas, eximiram da sujeição episcopal, as egrejas e castellos da Ega, Pombal e Redinha; confirmando pelas mesmas bullas, a doação de D. Thereza e de seu filho.

A primitiva cidade de Rhoda, não occupava exactamente o chão da actual villa. Estava fundada em uma varzea que fica ao NO., alem da ponte, e ha vestigios d'esta antiquissima povoação, a cujo sitio ainda se chama *Róda*.[1]

Parece que, mesmo quando existia a cidade, havia do outro lado do rio uma povoação mais pequena, á qual, por isso, se deu o nome de *Rodina*, e é a actual Redinha.

Fica entre o Pombal (ao S.) e Condeixa (ao N.) sobre a antiga estrada de Lisboa ao Porto.

Tem duas ribeiras, uma ao S. e outra ao N., que unidas formam o rio *Danços* ou *d'Anços*, que rega e fertilisa a povoação e seus arrabaldes. Nascem estas ribeiras a 3 kilometros da villa, ao sopé de uma serra, e junto á capella de S. Lourenço.

[1] Segundo alguns historiadores, a cidade de *Rhoda*, foi fundada pelos gregos, no anno 3640 do mundo, ou 364 annos antes de Jesus Christo. Destruida pelos alanos no seculo v, foi reedificada pelos godos, no seculo seguinte. Os arabes a arrazaram no seculo VIII, e não tornou a reedificar-se; mas fundou-se então a villa.

Ignora-se a etymologia do nome *Anços*. Segundo uns, é corrupção de *Ancho*—largo —porém outros querem que venha de *Andança*, que no antigo portuguez significava —dita, ventura, felicidade, fortuna, etc.

Á entrada da villa está uma boa ponte de pedra, muito antiga, e em bello sitio, e d'ella se goza uma deliciosa vista.

No alto da serra do *Poyo*, está uma capella de Nossa Senhora da Lapa, ou da Estrella, construida em uma grande gruta natural, e junto d'ella, algumas casas para os romeiros. Perto da capella ha ainda varias outras grutas. O sitio é de grande elevação e muito alcantilado.

Dentro da gruta que serve de capella, ha uma fonte, por traz do altar; e ao pé da mesma serra do Poyo ha uma lagôa que nunca sécca. Todo o mais resto da serra, é completamente árido e sêcco. A lagôa tem uns 20 metros de circumferencia.

A caverna que se transformou em templo, tem 14 metros de comprido, 9 de altura á entrada, e 2 de altura no fim. Tem de largura á entrada 4m,40, e 3m,50 no fim.

No meio do corpo da egreja se veem duas grandes sepulturas, mas não se sabe quem n'ellas foi sepultado.

A ermida foi reedificada pelos annos de 1670, á custa do padre João Ribeiro, natural da Redinha.

A imagem da padroeira é de marmore, e de um metro de altura, fóra a peanha, que é da mesma pedra (a imagem e a peanha são um monolitho). Na peanha estão esculpidas as armas dos Souzas.

Sobre a cabeça da Senhora se vê uma corôa, ainda feita da mesma pedra.

Teve eremitão, com casas de residencia e uma pequena cêrca; mas ha muitos annos que o não tem.

D. Alvaro de S. Boaventura, bispo de Coimbra, pretendeu fundar aqui um hospicio de anachoretas, mas não o levou a effeito, por que falleceu antes de principiar a obra.

—

Tambem no logar de *Jagardo*, d'esta freguezia, está a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, que foi de grande devoção dos povos d'estes sitios.

A primitiva ermida era muito acanhada e estava em ruinas, e, segundo a tradição, em um anno de grande sêcca, rebentou junto da ermida uma copiosa fonte, de optima agua potavel, á qual o povo attribuia a virtude de curar varias enfermidades.

O povo não deixou de attribuir a milagre o nascimento d'esta fonte n'aquelle anno, e a devoção á Senhora, que tinha diminuido muito, tornou a trazer a este sitio grande numero de romeiros, que se vinham curar dos seus achaques, com a agua milagrosa da fonte da Senhora.

Pelos annos de 1680 principiaram os devotos a construir um novo e vasto templo, para a Padroeira, e casas para o eremitão e romeiros, e, em 1690, já todas as obras estavam concluidas.

—

Na villa ha tambem a egreja da Misericordia, com sua irmandade.

Tem a egreja dos Terceiros, fundada em 1682.

—

Todos sabem que, pela suppressão da ordem do Templo, em 1311, passaram todos os seus bens para a ordem de Christo, e a Redinha foi feita commenda d'esta nova ordem.

Até 1834, o collegio dos cavalleiros de Christo, de Coimbra (vulgo collegio de Thomar, vol. 2.º, pag. 334, col. 2.ª) tinha pela parte de cima da villa, uma casa, muitas azenhas, um lagar e muitas fazendas, e, desde aqui até á villa de Soure, eram d'este collegio todos os moinhos e lagares; pois que os reis de Portugal lhe tinham concedido o privilegio exclusivo dos moinhos, azenhas e lagares d'estes sitios.

—

Foi na Redinha o solar dos *Prêtos*. Prêto é um appellido nobre d'este reino, procedido d'alcunha. O primeiro que usou d'este appellido, foi Gonçalo Pires Prêto, vassallo de D. João I.

Uns Prêtos usam do brazão dos *Negros*, outros porém trazem por armas—em campo de ouro, cinco coticas negras em faxa: êlmo de aço aberto; e por timbre, um braço negro, com um bastão de ouro na mão.

Condes da Redinha

Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez do Pombal, instituiu para seu filho segundo, José Francisco de Carvalho Mello e Daun[1] um morgado, do qual é cabeça a quinta de Montalvão, na freguezia dos Olivaes, proximo a Lisboa. Esta quinta é hoje dos srs. condes da Redinha. (Vol. 5.º, pag. 455, col. 1.ª).

Esta quinta havia dado D. José I ao marquez do Pombal, por carta regia de 19 de agosto de 1776, para fazer uma casa separada da do Pombal, no referido filho segundo, dando-lhe ao mesmo tempo o titulo de conde (1.º) da Redinha.

Henrique José de Carvalho e Mello, filho primogenito do 1.º marquez do Pombal, foi o 2.º marquez d'este titulo, 2.º conde de Oeiras, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz das ordens de Christo e Torre Espada, presidente da meza do desembargo do paço e da da consciencia e ordens, no Rio de Janeiro, onde morreu sem deixar filhos.

Herdou a casa e os titulos, seu irmão José, 1.º conde da Redinha, que ficou sendo 3.º conde de Oeiras e 3.º marquez do Pombal, commendador da ordem de S. Thiago, e correio *da primeira plana*, da côrte: nascido no 1.º de abril de 1753, e fallecido no 1.º de janeiro de 1821.

Sua mulher, depois de viuva, succedeu a sua tia, D. Luçia de Menezes, da casa de S. Thiago, no morgado que instituiu o immortal Affonso de Albuquerque; e a sua prima, a ultima marqueza de Minas, nos morgados d'esta casa.

D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, viuva do 1.º conde da Redinha, tinha nascido a 28 de novembro de 1754, e falleceu a 12 de setembro de 1837. Era primeira filha legitimada de Nuno Gaspar de Lo-

[1] Este filho do marquez do Pombal, casou em 24 de setembro de 1776, com D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, sobrinha do marquez de Tâvora; de maneira que os actuaes descendentes do 1.º marquez do Pombal, procedem do perseguidor e da victima!

rena, e de sua segunda mulher, D. Maria Ignacia da Silveira, filha de D. Bernardo José de Lorena e Silveira, 5.º conde de Sarzêdas.

Foram filhos do 1.º conde da Redinhà, e da referida sua mulher:

1.º — *Sebastião José de Carvalho e Mello Daun e Lorena*, 4.º conde de Oeiras, e 4.º marquez do Pombal.

2.º—*D. Maria Leonor Ernestina*, condessa de Rio Maior.

3.º—*D. Joanna Carolina.*

4.º — *Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena*, 3.º conde da Redinha, par do reino (em 1826) commendador da ordem de S. Thiago. Succedeu a seu pae, no condado e morgado que lhe anda annexo, no 1.º de janeiro de 1821. Tinha nascido a 15 de janeiro de 1795. Casou a 30 de agosto de 1815, com D. Maria Victoria de Sampaio, filha dos 1.ºs marquezes de Sampaio, nascida a 28 de março de 1798, e fallecida a 5 de julho de 1837.

D'este matrimonio houve seis filhos.

1.º — *Manuel Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, que foi 4.º conde da Redinha, e alferes de cavallaria. Nasceu a 20 de novembro de 1818, e falleceu a 29 de agosto de 1837, sem filhos.[1]

2.º — *D. Maria Ignez da Luz Carvalho Daun e Lorena*, nascida a 17 de fevereiro de 1821.[2]

3.º—O sr. *Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 11 de julho de 1822, e casado, a 12 de maio de 1843, com a sr.ª D. Maria Joanna Curvo Semedo Delgado da Silva.[1]

Este cavalheiro é o senhor e representante da casa dos condes da Redinha; mas, como pertence ao partido legitimista, não tem querido acceitar o titulo, nem a commenda de S. Thiago, dos governos liberaes. É por nascimento, o 5.º conde da Redinha.

4.º— O sr. *Francisco Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 14 de setembro de 1823.

Casou com sua prima co-irman, a sr.ª D. Maria Magdalena de Noronha, nascida a 10 de junho de 1819, e filha de D. José Maria Carlos de Noronha de Castilho Barreto, senhor de varios vinculos, e de sua tia materna (da sr.ª D. Maria Magdalena) a sr. D. Maria Ignez de Sampaio Mello e Castro. Ha duas filhas d'este matrimonio, a sr.ª D. Maria do Sacramento de Carvalho Daun e Lorena, nascida a 11 de janeiro de 1855; e a sr.ª D. Maria Victoria de Carvalho Daun e Lorena, nascida a 8 de março de 1858.

Tiveram tambem um menino, chamado Nuno, que morreu de poucos dias.

5.º — A sr.ª *D. Maria Francisca da Luz*

[1] Morreu na batalha do Chão da Feira (aldeia da Extremadura, proximo á villa da Batalha) servindo ás ordens do marechal Saldanha, contra o general, conde do Bomfim, chefe das tropas setembristas, na guerra chamada *dos marechaes*.

[2] Esta senhora, casou, em primeiras nupcias, com o doutor Antonio de Brito e Castro de Figueiredo Mello e Costa, de Coimbra. Foi uma das victimas dos ferozes estudantes que assassinaram e roubaram os lentes e conegos, no Cartaxinho, em 18 de março de 1828.

O doutor Mello e Costa só deixou de ser ferido, quando o julgaram morto; mas só estava gravissimamente ferido, e assim escapou. Esteve mezes em perigo de vida, e sarou, ficando todavia aleijado de um quadril. D'este casamento houve varios filhos, que morreram pequenos, e a sr.ª D. Maria Manuela de Brito, nascida a 9 de março de 1845, e que está casada com seu tio paterno, o sr. Luiz Maria, filho mais novo dos terceiros condes da Redinha.

A sr.ª D. Maria Ignez, depois de viuva do doutor Mello e Costa, casou com o sr. D. Salvador Manuel de Vilhena, representante da nobilissima casa vincular dos senhores de Pancas, e condes d'Alpedrinha, commendador da ordem de Christo, nascido a 26 de maio de 1830. É formado em direito, pela universidade de Coimbra, e, seguindo a vida da magistratura judicial, é actualmente juiz de direito da comarca de Reguengos, no Alemtejo, onde reside.

[1] É filha do desembargador da casa da Supplicação, o doutor Antonio Delgado da Silva, cavalleiro da ordem de Christo, e de sua mulher, a sr.ª D. Maria Amalia Ludovice Curvo Semêdo, e nascida a 12 de maio de 1826.

Não ha filhos d'este matrimonio.

Carvalho Daun e Lorena, nascida a 20 de novembro de 1824.

Esta senhora falleceu a 21 de setembro de 1847. Havia casado a 17 de junho de 1844, com seu primo co irmão (tambem já fallecido) Manuel Antonio de Sampaio Mello e Castro Albuquerque Mendonça Furtado Moniz e Torres de Lusignan, feito conde de Sampaio, no 1.º de dezembro de 1834, e marquez do mesmo titulo, em 17 de fevereiro de 1866.

D'este casamento houve dois filhos, o sr. Antonio Pedro de Sampaio Mello e Castro Albuquerque Mendonça Furtado Moniz e Torres de Lusignan, nascido a 29 de junho de 1845, e é o actual conde de Sampaio—e Nuno de Sampaio, etc., que falleceu de poucos dias.

6.º—O sr. *Luiz Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena*, nascido a 9 de maio de 1828.

Este senhor é o que (como já disse) está casado com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria Manuela de Brito, filha de sua irman, a sr.ª D. Maria Ignez, e do doutor Mello e Costa.

Esta esclarecida familia, reside parte do anno em Lisboa, e o resto, na sua deliciosa quinta da *Portella*, junto á nova ponte do mesmo nome, sobre o Mondego, proximo a Coimbra. (Vide vol. 7.º, pag. 250, col. 1.ª, no fim, e seguinte).

D'este casamento ainda não ha filhos.

—

Alem dos seis filhos já mencionados, dos terceiros condes da Redinha, ainda houve mais tres — *José* (que era o primogenito), *Sebastião* e *João*. O ultimo falleceu de 3 annos, e os outros dois, apenas viveram poucos dias.

—

O titulo de conde da Redinha, é hoje meramente honorario, pois que os condes nada possuem actualmente na villa do seu titulo. Quem ainda alli tem bastantes propriedades e rendas, são os srs. marquezes do Pombal.

O actual sr. conde da Redinha o que possue é o seu vinculo dos Olivaes, que é a quinta de *Montalvão*, a qual fica descripta no 6.º vol., pag. 248, col. 2.ª.

—

Massena, não se atrevendo a atacar as linhas de Torres Vedras, retira sobre o Pombal, mas os alliados o seguem e perseguem no Pombal, na Redinha, na Foz d'Arouce, e no Sabugal, obrigando os francezes a passarem o Côa, e entrar em Hespanha, a 4 de abril de 1811. O combate da Redinha, em que os nossos ficaram victoriosos, como em toda a parte, teve logar a 12 de março do dito anno de 1811.

—

Em 6 de janeiro de 1877, choveu tão copiosamente por estes sitios, que transformou os campos em vastas lagôas. Na villa do Pombal, arrastou ou desmantelou muitos muros, e na rua da Corredoura, da mesma villa, a agua rebentava por quasi todas as casas, convertendo-as em tanques. A cheia, arrastava na sua corrente impetuosa, arvores, cabanas, utencilios caseiros e varios animaes.

Na Redinha causou este temporal alguns contos de réis de prejuizo. As aguas inundaram varias casas, entrando tambem em um celleiro, d'onde levaram todos os cereaes e legumes que continha. A estrada d'esta villa para a do Louriçal, ficou em muitas partes intransitavel; e em varias localidades das visinhanças, cahiram muitas casas (que na maior parte, são construidas de barro), ficando seus habitantes reduzidos á miseria e sem abrigo.

—

Sepultura de Herodes

Ha duvidas sobre a localidade em que foi assassinado Herodes. Pretendem alguns que foi em Villa Velha do Rodam; porém segundo a opinião mais geralmente seguida, e a antiquissima e constante tradição, foi na cidade romana de Rhoda (e não na actual villa da Redinha, alegrem-se os seus moradores) que o regente da Baixa Galiléa, Herodes Antipa, veio terminar seus dias torpemente.

A semelhança dos antigos nomes de *Rodium* e *Rhoda*, é que deram causa á duvida; porque nem os da Redinha, nem os de Villa Velha querem a *honra* da tal façanha.

Frei Bernardo de Brito (*Monarchia Lusi-*

tana, 2.ª parte, cap. 3.º) diz que os rhodenses mataram á pedrada pelos annos 60 de Jesus Christo, o *rei* Herodes, em desforra de ter mandado degolar S. João Baptista.

Herodes Antipa II, que os historiadores intitulam rei de Jerusalem, mas que, da sentença que adiante se lê, consta que era *regente* da Baixa Galilea, foi filho de Herodes Antipa I, que tinha o mesmo emprego, pelo imperador Augusto, e que foi o que degolou os innocentes.

Herodes II, foi o que desprezou Jesus Christo, quando lhe foi remettido por Poncio Pilatos, e o que mandou degolar S. João Baptista, por exigencia de sua filha Herodias.

Era este malvado, assassino, ladrão, adultero e incestuoso, e tão dado aos prazeres mundanos, que, por um baile, prometteu, com juramento, metade do reino de Jerusalem.

Pouco depois da Paixão de Jesus Christo, accusado por seu irmão Agripa, foi desthronado pelo imperador Cayo Caligula, e desterrado para a cidade de Leão (França) com sua mulher e filha, ambas cognominadas Herodias.

De França, fugiu para Hespanha.

Dizem uns, que elle morreu miseravelmente em Lerida (Catalunha) e outros dizem que, vagueando de terra em terra, veio ter á Lusitania, e chegando a uma povoação chamada Rhoda (outros dizem Rodium, e aqui é que está a duvida) e alli, sendo conhecido, foi morto ás pedradas, pelo povo, arrastando-o depois para uma caverna que estava (e ainda está) á beira do rio, onde o arremeçaram, cobrindo-lhe o corpo com pedras.

O que é certo, é que, tanto em Villa Velha de Rodam, como na Redinha, se mostra uma caverna onde se diz que Herodes fôra precipitado.

Em Villa Velha, esta caverna fica na margem do Tejo, e a da Redinha, é na margem do Anços.

Tambem segundo a tradição, Herodias, filha de Herodes, querendo passar a vau o rio *Sicores* (hoje chamado *Segre*, em Lerida) [1] fiada em que, por ser inverno, e estar o rio muito gelado, poderia passar sobre elle, se quebrou o gelo sob os seus pés, e ella foi ao fundo, ficando só com a cabeça de fóra, tanto perneou, para sahir, que morreu degolada pelo gelo.

De tudo isto, o que é authentico é que Herodes fugiu com a sua familia, da cidade de Lyão, França, e atravessando os Pyreneus, vieram acabar os seus dias miseravelmente na Peninsula hispanica.

—

Tendo fallado de Herodes, julgo a proposito transcrever aqui a sentença pronunciada contra Jesus Christo.

Foi extrahida de uma cópia, escripta em pergaminho, e encontrada na cidade de Aquila (reino de Napoles) em 1580.

É' a seguinte:

No anno XIX de Tiberio Cesar, imperador romano, de todo o mundo, monarcha invencivel, na Olympiada CXXI, e Illiada XXIV, e na creação do mundo, segundo o numero e compartimento dos hebreus, quatro vezes mil cento e oitenta e sete, e da progenie do romano imperio, o anno LXXIII, e da libertação da servidão de Babylonia, o anno MCCVII, sendo governador da Judêa, Quinto Servio, sob o regimen e governo da cidade de Jerusalem, presidente gratissimo, Poncio Pilatos, regente da baixa Galilêa, Herodes Antipa; pontifice do summo sacerdocio, Caifaz, Alis Almael Magni do templo; Rohan Anchabel, Fanchino Centaurio, consules romanos, e da cidade Jerusalem Quinto Cornelio Sublime e Sexto Pompilio Rusto; no mez de Março, no dia 25 d'elle.

Eu Poncio Pilatos, aqui presidente do imperio romano, dentro do palacio da archiresidencia, julgo, condemno e sentenceio a morte, a Jesus, chamado da plebe, Christo Nazareno, e de patria galileo, homem sedicioso da lei de Moyses, contrario ao grande imperador Tiberio Cesar. Determino e pronuncio por esta, que a sua morte seja em

[1] Outros dizem que, temendo, com razão, ter a mesma affrontosa morte de seu pae, conseguiu fugir até perto de Leiria (sempre os nomes parecidos a causarem duvidas) e morreu no rio Liz.

cruz, fixado com cravos á usança dos réos, porque aqui, empregando e juntando muitos homens ricos e pobres, não cessou de promover tumultos em toda a Judêa, fingindo-se filho de Deus, rei de Israel, ameaçando-os com a ruina de Jerusalem e do sacro templo, negando o tributo a Cesar, tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triumpho, e com parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalem, e no sacro templo.

E mando que se leve pela cidade de Jerusalem a Jesus Christo ligado e açoutado, e que seja vestido de purpura e coroado de alguns espinhos, com a propria cruz nos hombros, para que seja exemplo a todos os malfeitores; e com elle quero que sejam levados dois ladrões homicidas; e sairão pela porta Jayarda, agora Antoniana, e que se leve Jesus ao publico Monte da Justiça, chamado Calvario, onde elle crucificado e morto, fique o corpo na cruz, como espectaculo a todos os malvados, e que sobre a cruz seja posto o titulo em tres linguas: hebraica, grega e latina (Jesus Nazarenus Rex Judeorum).

Mando outro sim que nenhum de qualquer estado ou qualidade se atreva temerariamente a impedir a tal justiça por mim ordenada, administrada e executada com todo o rigor; segundo os decretos e leis romanas e hebreas, sob pena de rebellião ao imperio romano.

Testemunhas da nossa sentença. Pelas doze tribus de Israel: Rabbaim Daniel, Rabbaim Joannim, Bonicar, Barbarsu, Ladi Petuculai.—Pelos phariseus: Bulia, Simeão, Ronol, Rabbani Mondrani, Boncurfossi—Pelos hebreus: Nitambera.—Pelo imperio e presidente de Roma: Lucio Sextilio, Amassio Chilio.

REDONDÊLLO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros ao N.E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

O seu clima é excessivo, mas saudavel.

Produz poucos cereaes e fructas, mas é abundante de gado e caça.

REDONDO—villa, Alemtejo, cabeça de concelho e de comarca (foi sempre capital de concelho, mas da comarca de Evora, e depois da de Monsaraz) 33 kilometros ao N.E. de Evora, 18 ao S. de Villa Viçosa, 150 ao S.E. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757, tinha 698 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispado e districto administrativo de Evora

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento, além do pé d'altar.

Tem uma bôa feira a 4 de outubro de cada anno.

O concelho do Redondo é composto de sete freguezias, todas no arcebispado d'Evora—são:

Adaval (ou Andaval), Freixo, Monte-Virgem, Montouto, Redondo, Santa Suzana, e Zambujal; todas com 1:650 fogos.

A comarca é composta de trez concelhos:

Alandroal, com 1:400 fogos.
Redondo, com 1:650 fogos.
Reguengos, com 1:950 fogos.
Total, 5:000 fogos.

A villa do Redondo está situada em uma planicie, junto á sèrra d'Ossa, e diz-se que o nome lhe proveio de um grande rochedo *redondo* (talvez alguma anta) que existio onde hoje se vê a egreja da Misericordia, e o seu hospital.

É terra múito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima; cria muito gado de toda a qualidade e é abundante de caça.

É povoação antiquissima, como adiante veremos.

D. Affonso III lhe deu foral, em 1250, mas Franklim não traz este foral.

D. Diniz I lhe deu outro foral, em Santarem, a 27 de abril de 1318 (*Livro 3.º de doações de D. Diniz*, fl. 118 v., col. 1.ª).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1516 (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 104, col. 2.ª)

Tinha um antiquissimo castello, cuja construcção se attribue aos romanos.

O rei D. Diniz o mandou reedificar, em 1312; mas está em ruinas.

No outeiro de S. Gens (serra d'Ossa) termo d'esta villa, existem os restos da *torre de vigia*, ou almenara, onde o famoso Viriato, herminio, e, depois d'elle, Sertorio, tinham as suas esculcas, para darem signal da aproximação dos romanos.

Tem um soffrivel theatro.

A plantação de vinhas, tem tido um extraordinario desenvolvimento, desde 1875 para cá, tendo-se plantado muitos milheiros de bacellos.

Os srs. Antonio Ruy Gomes, Francisco Augusto Ferreira, e José Geraldo Gomes, são os lavradores que mais alli se tem distinguido n'esta cultura.

A villa se tem tambem enriquecido com muitos melhoramentos, quasi todos devidos aos seus habitantes, porque são laboriosos, applicados, pacificos e emprehendedores.

Honra lhes seja.

N'este concelho ha minas de cobre.

Em abril de 1877, a sr.ª D. Amelia d'Almeida Matta, espoza do sr. Ignacio Maria do Monte, deu á luz quatro meninos, vivos, que foram baptisados.

—

No termo do Redondo, do lado do O., entre esta villa e a de Estremoz, e quasi a egual distancia de qualquer d'estas villas, está um cabeço, que antigamente se chamou *Monte do Trigo*, e que hoje se chama *Monte Virgem*, ou *Monte da Virgem*, por aqui se achar uma imagem da S.S. Virgem, em uma lamina de pedra, em relevo, contendo a adoração dos reis magos.

O povo lhe construiu logo alli uma ermida, e desde então o Monte do Trigo se ficou chamando Monte da Virgem.

Com esmolas e offertas á Senhora, se ampliou o templo, que se transformou em uma boa egreja, que os arcebispos d'Evora elevaram a matriz.

A primeira visita que n'ella se fez, foi em 1569. no tempo do arcebispo D. João de Mello.

Não se sabe em que anno foi construida a primitiva ermida; mas com certeza foi antes do reinado de D. João II (1481-1494) porque no pavimento se vê uma campa que diz—AQUI JAZ JOÃO GODINHO, HOMEM HONRADO D'EL-REI DOM JOÃO II.

A principal festa da Senhora, é no dia 6 de janeiro (Epiphania).

Os de Estremoz tambem aqui vinham fazer uma grande festa á Senhora, na dominga infra oitava da Natividade.

—

Fóra da villa do Redondo, mas a pouca distancia, está uma formosa egreja, construida no fim do seculo XVII, e dedicada a Nossa Senhora da Saude.

Segundo a tradição, a origem d'este templo é a seguinte:

Havia na villa um clerigo, chamado Manoel Simões, natural do termo d'Evora, e parocho do Redondo, que, hindo a Roma, trouxe de lá uma imagem da S.S. Virgem, de grande perfeição, e a tinha em sua casa, com o maior respeito.

Por morte do padre, o povo levou a imagem da Senhora para a ermida de S. Sebastião, que tambem fica fóra da villa, e aqui esteve até ao anno de 1658, em que se lhe construiu casa propria, que é uma vasta e bella egreja, para onde a santa imagem foi mudada em procissão, com grande magnificencia, havendo por essa occasião uma grande festa.

—

Ha aqui algumas bôas fabricas de panos.

Tinha um mosteiro de frades capuchos, da provincia da Piedade.

—

Disse que esta povoação era antiquissima, e é.

Já vimos que existia no tempo dos romanos, pois que o grande Viriato, o beirão, aqui fez o seu quartel general, provavelmente no castello, e que tinha a sua almenára no monte de São Gens.

Depois da sua morte, tambem aqui habitou o famoso Sertorio; mas isto ainda não é a prova da sua remota antiguidade, porém a existencia de monumentos megalithicos que se teem encontrado nas suas proximidades.

(Para evitarmos repetições, veja-se o final do artigo *Quinta dos Gascos*, n'este volume.)

Vê-se pois que os povos pre-celtas já habitavam estas paragens, muitos seculos antes do nascimento de Jesus Christo, deixando bastos vestigios da sua permanencia n'estes logares.

Condes do Redondo

Os condes do Redondo, os marquezes de Minas, e os marquezes de Bórba, são da mesma familia.

O 1.º conde do Redondo, foi D. Vasco Coutinho (que já era conde de Borba) feito por D. João II, em 16 de março de 1486.

O 1.º marquez de Minas, foi D. Francisco de Souza, por Philippe III, em 2 de janeiro de 1608.

Em 15 de janeiro de 1842, foi feito marquez do mesmo titulo, D. Braz da Silveira.

Em 4 de janeiro de 1869, teve este titulo, D. Pedro da Silveira e Lorena. E, finalmente, em novembro de 1876, foi feito marquez de Minas, o sr. D. Alexandre da Silveira e Lorena.

Os condes de Borba e do Redondo, passaram a ter o titulo de marquezes de Borba, em 15 de dezembro de 1811.

O segundo marquez de Borba, foi Fernando Maria de Souza Coutinho Castello-Bran- e Menezes, 14.º conde de Redondo, 12.º senhor de Gouveia de Riba Tamega (perto da villa de Amarante) [1], védor da casa real, par do reino, em 1826, grão cruz das ordens de S. Thiago e da Conceição, commendador da de Christo, tenente coronel de cavallaria, um dos governadores do reino, e presidente do real erario, em 1810.

Succedeu a seu pae, em 13 de outubro de 1813.

Tinha nascido a 25 de outubro de 1776, e morreu a 5 de março de 1834.

Tinha casado a 15 de maio de 1795, com D. Eugenia Manuel, dama da rainha D. Maria I, e das ordens de Santa Isabel e de S. João de Jerusalem, e era 1.ª filha dos 3.os marquezes de Tancos.

D'este casamento nasceram nove filhos:

1.º, *José Luiz Gonzaga de Sousa Coutinho Castello-Branco e Menezes*, 15.º conde do Redondo, 13.º senhor de Gouveia, védor da casa real, e alferes de cavallaria.

Succedeu a seu pae, no condado, a 5 de março de 1834.

Tinha nascido a 14 de outubro de 1797, e casado a 30 de maio de 1819, com D. Maria Luiza José da Costa, dama da ordem de S. João de Jerusalem, que tinha nascido a 26 d'agosto de 1800.

Era filha dos 6.es condes de Soure.

D'este casamento nasceram a sr.ª D. Marianna Luiza, a 18 de maio de 1821, e o sr. Fernando Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco e Menezes, a 10 de julho de 1835, e é o actual representante d'esta nobilissima familia; porque seu pae falleceu em 1863.

2.º, *Antonio de Souza Coutinho*, que foi conde-barão d'Alvito.

3.º, *João Luiz de Souza Coutinho Castello-Branco*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, nascido em 23 de junho de 1801, e fallecido no seu palacio de Santa Martha (Lisboa) a 2 de junho de 1867.

O *Diario Popular* (de Lisboa) de 4 de junho de 1867, publicou o seguinte necrologio:

«Na madrugada de domingo 2 do corrente, pelas 3 horas e meia, falleceu o ex.mo sr. João Luiz de Souza Coutinho Castello Branco, terceiro filho dos ex.mos marquezes de Borba, no palacio d'esta nobre familia, no largo de Santa Martha.

O fallecido havia nascido no dia 23 de junho do anno de 1801: foi um perfeito modelo das virtudes civicas, e religiosas de seus illustres antepassados, a cuja memoria soube prestar o maior respeito.

Seguiu o partido legitimista, sendo um dos honrados membros d'elle, respeitando todavia as opiniões adversas.

Soffreu, como bom christão que era, com a maior resignação a prolongada doença a que succumbiu, recebendo com grande pie-

[1] Os condes do Redondo, eram senhores de Gouveia de Riba-Tamega, desde 18 de agosto de 1473, por mercê de D. Affonso V.

dade e devoção os ultimos soccorros espirituaes, que já por mais de uma vez, durante a sua enfermidade, havia recebido.

Viveu christãmente, e assim morreu, repetindo elle mesmo com o venerando sacerdote, que o ajudava a passar a hora extrema, os respectivos Psalmos, e orações da agonia, entregando placida e tranquillamente a sua alma ao Creador.

Acompanhamos a nobre familia do fallecido na sua dôr e saudade, e rogando a Deus que se compadeça de sua alma, e prostrando-nos todos ante a Cruz da Redempção, digamos alli o *Requiem æternam dona eis Domine, Et lux perpetua luceat ei.*»

4.º, *D. Margarida*, condessa da Atalaia, nascida a 11 de janeiro de 1804.

5.º, *Duarte*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem; nascido a 17 de agosto de 1808 e fallecido em Santarem, a 20 de abril de 1834.

6.º, *Manuel*, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem; nascido a 25 de agosto de 1809.

7.º, *D. Francisca*, condessa da Lapa, nascida a 5 de abril de 1814.

8.º, *D. Maria Francisca*, condessa de Pombeiro (mãe do actual marquez de Bellas) nascida no 1.º d'abril de 1815.

9.º, *D. Maria de Jesus*, nascida a 27 de março de 1820. —

As armas d'estes titulares, são:

Escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, as quinas de Portugal, e no 2.º e 3.º as armas de Lyão. Timbre, um leão d'ouro.

Membros mais notaveis d'esta familia

D. Vasco Coutinho, conde de Borba, e 1.º conde do Redondo.

Foi capitão d'Arzilla (Africa) e um dos cavalleiros que mais se distinguiram, pelo seu valor e intelligencia, nas guerras contra os turcos.

D. João Coutinho, 2.º conde do Redondo, filho de D. Vasco Coutinho e de D. Catharina da Silva, foi um cavalleiro de estremado valor, de grande intelligencia, de uma bella figura, e agradavel tracto.

Foi muitos annos capitão d'Arzilla, em cujo governo succedêra a seu pae.

Defendeu aquella praça de todo o poder do rei de Fez, com inexcedivel bravura, e ainda hia provocar os mouros aos seus proprios acampamentos, ficando sempre victorioso, e tornando-se o terror dos inimigos das armas portuguezas.

Referindo-se a este heroe, disse o imperador Carlos V ao infante D. Luiz, duque de Beja, e filho do nosso rei D. Manuel.

«Quien tuviera aqui aora el conde de Redondo, con sus duzientos africanos!» tantos eram os portuguezes com que D. João Coutinho havia conseguido tantas e tão assignaladas victorias.

Sahindo da praça d'Arzilla, com 140 lanças, em 18 de junho de 1514, encontrou na *serra do Farrobo* (serra do Carneiro) uma grande partida de mouros, sendo 800 de cavallo, e muitos mais a pé, commandados pelo seu famoso alcaide *Loroz*.

Não se atterrou o magnanimo D. João Coutinho, com a desproporção do numero, dizendo aos portuguezes—«São Jorge, e a elles!»

Foi profiada e mortifera a peleja, mas os mouros tiveram de fugir, derrotados, deixando no campo 200 mortos, em cujo numero entraram muitos mouros dos principaes, com 41 captivos, entre elles o alcaide de Alcacer-Quibir, o adail de Molei-Nacer, dois Xeques [1] e outros nobres mouros.

[1] Xéque (*Xeche*) palavra arabe, é titulo de honra.

Significa homem de provecta edade, ancião de probidade, conselho, auctoridade, etc.

Entre os arabes do campo e os mouros da India, os xeques são governadores do territorio que comprehende uma tribu, cabilda, ou familia.

Entre os persas, dá-se ao imperador o nome de Xeque, que elles pronunciam *Xá* (Schah.)

Entre os godos ou saxonios, chamavam *Alderman*, ao mesmo a que os arabes dão o nome de xeque. (Os inglezes ainda usam este termo com a mesma significação.)

Xeque, corresponde ao latino *senator*, e ao portuguez, italiano, francez e hespanhol —*senhor*.

Ha tambem quem diga que *sir* (que os inglezes pronunciam *sar*) é corrupção de xeque, que no arabe moderno se pronuncia *xaque*; e é d'aqui que julgo vir *schah*.

Dos portuguezes poucos morreram, recolhendo á praça com valiosos despojos, incluindo 93 optimos cavallos, ricamente ajaezados.

Ao seu estremado valor, juntava a generosidade e bizarria de um verdadeiro fidalgo portuguez; basta para prova o exemplo seguinte:

Tinha captivo em Arzilla, como já disse, o nobre e velho alcaide d'Alcacer-Quibir, pae de uma formozissima menina.

Um joven e rico serraceno, pretendia casar com ella, e obteve em resposta que só casaria com elle, se conseguisse a liberdade do pae.

O mouro, monta um formoso cavallo, e dirigindo-se a Arzilla, lança-se aos pés do conde e, depois de declarar o amor que tinha á donzella, e a condição que elle propunha ao seu casamento, lhe disse:

«Sou tão nobre, como o alcaide que conservaes prisioneiro: elle é velho e pouco póde combater. Eu sou moço e não careço de robustez nem de coragem, pelo que as armas portuguezas pouco tem a receiar de um ancião, o que não acontece a meu respeito: pois bem, eu me declaro vosso captivo, e dae a liberdade ao pae d'aquella que amo mais do que a propria vida e a liberdade.»

D. João Coutinho ficou maravilhado de uma acção tão briosa, e de um affecto tão raro; e summamente enternecido respondeu ao mouro:

«Mancebo, o acto de dedicação e abnegação que praticaes, é proprio de um bizarro cavalleiro, e não se dirá que um capitão do rei de Portugal vos fica inferior em generosidade. Eu vos mando entregar o captivo, sem condições; levae-o e sede felizes.»

Mandou logo soltar o alcaide, deu-lhe um optimo cavallo, muitos e valiosos presentes, e acompanhou os mouros até fóra dos muros da praça.

—

No dia 1.º d'abril de 1520, se deu um facto nos arredores de Arzilla, que deu muito que rir, e foi divulgado em todas as nossas possessões da Africa, e em Portugal, em proza e verso, pelos litteratos do tempo.

Adoecera na praça um nobre cavalleiro, geralmente estimado por suas boas partes.

A molestia degenerára em pulmonar, e os medicos lhe receitaram caldo de kágados.

Resolveram-se 20 cavalleiros portuguezes, quasi todos nobres, a hir á pesca dos kágados, a uma ribeira que ficava a pouca distancia da praça.

Sahiram pois no dia referido, e, vendo o campo livre de mouros, marcharam descuidosamente para o rio.

Deixaram os cavallos a pastar em liberdade, e despindo-se, se deitaram á agua, uns a pescar os kágados, outros a banharem-se.

Quando mais entretidos andavam com o divertimento, veem-se cercados inopinadamente por um numeroso esquadrão de cavalleiros mouros, do exercito do rei de Fez.

Os christãos assim surprehendidos, apenas tiveram tempo de empunhar as lanças e montar a cavallo, nus como estavam, mas, com tal bravura se defenderam, que todos poderam recolher-se á praça, sem perda de um unico; deixando apenas por despojos da batalha, os seus vestidos, armas e escudos.

Quando esta cavalgada entrou em Arzilla, no *costume* de Adão e Eva, muito se riram todos, e o bravo capitão não foi o que menos graça lhes achou; e os mandou logo vestir á custa da fazenda, e lhe fez outras muitas mercês; ficando memoravel e muito celebrado este successo, entre mouros e christãos.

Depois de ter prestado relevantissimos serviços á religião e á patria, e achando-se doente por causa do clima africano, D. João Coutinho deu o governo da praça, a seu filho, D. Francisco Coutinho, que foi 3.º conde do Redondo, e regressou a Lisboa, onde foi geralmente estimado e respeitado pelo rei e pela côrte, sendo nomeado ministro e conselheiro d'estado.

Falleceu este benemerito portuguez, no dia 11 d'abril de 1542, com geral sentimento da nação, e particularmente de D. João III, que muito o estimava.

—

D Francisco Coutinho, 3.º conde do Re-

dondo, digno filho de tal pae, e tão bravo guerreiro nos campos de batalha, da Europa, Africa e Asia, como prudente e integerrimo magistrado, apezar do seu genio folgasão e engraçadissimo.

Estimava os homens de talento e os corajosos, qualquer que fosse a classe a que pertencessem, e por isso era geralmente bem quisto.

D. João III o fez vice-rei da India, e foi o segundo n'aquelle governo, que tomou da mão do grande D. Constantino de Bragança.

Conseguiu illustres victorias no Estreito, no Malabar e na ilha do Ceylão.

Celebrou pazes com o Çamorim, e fez outros muitos e valiosos serviços a Portugal e á India portugueza.

Estando um domingo de quaresma a ouvir missa na Sé de Gôa, prégou um frade franciscano, versando o sermão sobre as muitas injustiças que se praticavam na India.

Na semana seguinte, foram dois frades da mesma ordem do prégador, levar-lhe uma petição, requerendo uma cousa manifestamente injusta.

D. Francisco Coutinho poz por despacho —*Haja vista o padre pregador de domingo, e junta ao sermão, volte para defferir como fôr de justiça.*

Ordenando-lhe a rainha regente, D. Catharina, que não desse soldo aos soldados que hiam de novo para a India, senão passados seis mezes, respondeu:

«Esqueceu a Vossa Alteza declarar o que lhes farei se os achar furtando, porque—se dizem a Vossa Alteza, que d'estes se fazem cá homens, eu accrescento, que d'estes homens, sendo mal pagos, se fazem cá ladrões.»

Muitissimos ditos de infinita graça se contam d'este fidalgo, os quaes não menciono, por não enfadar mais o leitor.

Estando o conde do Redondo quasi no fim do trienio do seu vice-reinado, falleceu em Gôa, a 28 de fevereiro de 1564.

—

D. João de Souza, da casa dos senhores de Gouveia de Riba-Tamega, filho do 1.º conde do Redondo, e sobrinho do grande arcebispo d'Evora, D. Diogo de Souza, da mesma familia, bispo do Porto, arcebispo de Braga, e, por fim, 20.º e ultimo arcebispo de Lisboa.

Nasceu em Lisboa, no anno de 1647, e falleceu na mesma cidade, a 29 de septembro de 1710. [1]

Para evitarmos repetições, vide 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª

No 3.º vol. do *Anno Historico*, a pag. 107, vem uma extensa biographia d'este insigne prelado; mas diz que elle falleceu a 23 de janeiro de 1710.

Não pude saber qual d'estas duas datas é a verdadeira.

—

Ha mais noticias sobre os condes do Redondo, no 6.º vol., pag. 595, col. 1.ª

—

O actual representante d'esta esclarecida familia e dos marquezes de Borba, é o sr. D. Fernando Luiz de Souza, filho dos ultimos condes do Redondo, e que não tem querido acceitar o titulo, do governo liberal.

Este cavalheiro tem uma boa propriedade no termo de Bellas, chamada *quinta do Bom Jardim*, onde reside habitualmente apesar de ter o seu palacio de Santha Martha, um dos mais vastos e mais bem construidos de Lisboa.

É tão solida a sua fábrica, que o grande cataclismo do 1.º de novembro de 1755 não lhe causou o minimo prejuizo.

Contiguo ao palacio, tem uma extensa quinta, a maior de Lisboa.

—

Todos sabem que a nossa academia *das bellas artes*, está no velho e acanhado edificio que foi mosteiro de São Francisco da Cidade.

Quadros e desenhos de grande merecimento, estão alli amontoados, em tão má disposição, por falta de salas, que alguns já estão podres, ou muito damnificados.

O sr. marquez de Souza Holstein, esclarecido secretario da academia, com outros cavalheiros, a quem dôe ver as nossas cousas

[1] Foi sepultado no cemiterio dos pobres, na Sé de Lisboa, sem epitaphio algum, como tinha ordenado.

em tal abandono, depois de muitas investigações, acharam que o palacio dos condes do Redondo estava nas melhores condições para n'elle se estabelecer a academia, tendo, de mais a mais, a necessaria amplitude para alli se guardarem as innumeras lapides romanas e outros objectos archeologicos, que se encontram com profusão por todo o paiz (como temos visto n'esta obra) e que alli estariam ao abrigo de profanações, e constituiriam um museu archeologico de grande valor, para as artes e sciencias. [1]

Assim o decidiram os illustres engenheiros, os srs. marquez de Souza Holstein, Antonio Thomaz da Fonseca, José Antonio Gaspar, e Ricardo Julio Ferraz, commissionados para examinarem o palacio e quinta em questão.

A casa, que, como já disse, é vasta e de solidíssima construcção, tem quasi todos os madeiramentos de optimas arvores do Brazil, e, com mui pouca despeza, se prestava para o fim projectado, por consistir na sua maxima parte, em vastos salões.

Junto ao palacio ha um jardim de 500 e tantos metros de comprido, por 200 de largo, ao nivel do pavimento nobre (a casa é de dois andares) onde facilmente se podiam edificar novas salas, á medida que fossem sendo necessarias.

A quinta, tem 18 hectares de extensão, isto é—CENTO E OITENTA MIL METROS QUADRATOS.

O governo não quiz dar por tudo isto mais de 80 contos de reis, apezar dos engenheiros mencionados o avaliarem em muito mais.

Estes exames e avaliações foram feitos em maio de 1876, e até hoje nada se decidiu! Pois o governo fazia uma bella acquisição, porque alem de ter um optimo edificio para a academia das bellas artes, e museu archeologico, podia abrir novas ruas na quinta, e fazer quasi o dinheiro da compra, vendendo terreno a particulares, para novas habitações, tão necessarias em Lisboa.

—

Na villa do Redondo nasceu, em 1812, o sr. João Anastacio Rosa (vulgarmente, *Rosa pae*) distincto pintor e optimo actor dramatico.

Seus paes o destinavam para o estado ecclesiastico; mas como não tinha vocação para padre, quizeram que elle fosse medico.

Em 1828, porém, apparecendo no Redondo um pintor hespanhol, e vendo a propenção que Rosa tinha para o desenho, lhe deu algumas lições, admirando-se dos rapidos progressos do discipulo.

Seus paes o mandaram então para Lisboa cursar a aula regia de desenho, que nesse tempo era no Thesouro Velho.

Vendo a aptidão do alumno, o engenheiro director (general Rapozo) o mandou para o palacio da Ajuda, para praticar com o insigne pintor, João da Cunha Taborda, director dos trabalhos artisticos d'aquelle palacio, no reinado do sr. D. Miguel I.

Alli estudou com aproveitamento, até que, em 24 de julho de 1833, entrando os liberaes em Lisboa, sa alistou em um dos *batalhões moveis*, então creados pelo governo do duque de Bragança.

Finda a guerra de 1834, e parando as obras do palacio da Ajuda, Rosa viveu do officio de pintor, tirando retratos a oleo, no que foi e ainda e, muito perito.

Quando o visconde de Almeida Garrett tentou restaurar o theatro nacional, organizando a companhia do theatro dos Condes, foi nomeado director Emilio Doux, o qual annunciou que dava lições de declamação, n'aquelle theatro.

[1] Já temos um museu archeologico, estabelecido na egreja gothica do Carmo, devido á iniciativa e á dedicação do sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, coadjuvado por alguns membros da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes (a cujo numero me honro de pertencer) e já alli se admiram muitos objectos de grande merecimento; mas, uma associação particular, sem outros rendimentos alem da insignificante mensalidade de 500 réis que dá cada socio, tarde e mal póde attingir o grau de prosperidade de que é merecedor tão patriotico emprehendimento, emquanto o governo de Portugal se conservar—como até agora—em total e reprehensivel indifferença, para com objecto de tanta valia.

Rosa foi dos primeiros a acudir ao chamamento, e aqui temos um optimo pintor transformado em um dos melhores artistas dramaticos (em todos os generos) dos nossos dias.

Seus filhos, Augusto, e João, seguem as pizadas de seu digno pae, e são tambem dos mais eximios actores da scena portugueza.

—

Os condes do Redondo apresentavam as justiças do concelho, e os moradores lhe pagavam 6$300 réis de jugada, que eram 36 alqueires de cada moio que semeassem.

Tinham mais os oitavos do vinho e 50$000 réis de portagem.

(Vide *Valladeira.*)

REDONDOS—freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo da Figueira da Foz, 40 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 116 fogos.

Orago, a Vera Cruz.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

O logar de Redondos tinha foro de villa, e era concelho que se denominava de *Buarcos e Redondos*, até 12 de março de 1771, em que foi creada a comarca de Figueira da Foz do Mondego.

Redondos fica junto a Buarcos, e está nas mesmas condições.

Vide *Buarcos* e *Figueira da Foz.*

REDRUFE—casa vincular de um ramo dos Magalhães (os Magalhães de Redrufe) em Cabeceiras de Basto, na provincia do Minho, arcebispado e districto administrativo de Braga.

É seu actual representante o sr. José Falcão de Magalhães.

REFECE ou **ARFECE** — portuguez antigo —vil, baixo, zote, cousa ou pessoa de mui pouca valia.

Tambem se chama *refece* á moeda baixa no metal e no valor.

REFENAS—portuguez antigo—refens.

REFEREDIÇO, REFEREDOR ou **REFERTEIRO**—portuguez antigo—o que se arrepende de ter dado alguma cousa.

O que *referta*, lançando em rosto o bem que fez.

REFERTA—portuguez antigo—porfia de palavras, contenda, disputa.

REFERTAR — portuguez antigo—disputar, impugnar, não querer, pôr demanda, contrariar, impedir.

REFERTEIRA — portuguez antigo —mulher desdenhosa, esquiva, etc.

REFERTEIRO—portuguez antigo—teimoso, pertinaz, que se não convence da razão.

REFERTO—portuguez antigo—embaraço, contenda, opposição, contradicção, etc.

REFERTORIO—portuguez antigo—refeitorio.

REFESTÊLLO—portuguez antigo—(ainda usado na Terra da Feira), festa, *musicata* de rapazes, descante, etc.

REFIÃO — portuguez antigo—rufião.—É curioso o *Cod. Alf.*, no Liv. 3.º, tit. 15, § 17 e 18.—Diz, em resumo: Refião é *o que tem pubricamente mancêba na mancebia, pera a emparar e defender, por o guainho elicito que d'ella leva.*

Não gosava privilegio clerical, tanto na pessoa como nas suas cousas, o clerigo casado, que fôr—1.º, *carniceiro*, matando, esfolando, cortando, etc.—2.º, *taberneiro*—3.º, *refião*—4.º, *jogral* (o que tocava, por dinheiro, qualquer instrumento, sem ser em festas de egreja)—5.º, *tregeitador* (truão, bôbo, farcista, pantomineiro, etc.)—6.º, *goliardo* (o que come e bebe na taberna)—7.º, *bufam* (bufarinheiro.)

REFONTOURA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 35 kilemetros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757, tinha 156 fogos.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima, cria muito gado e é abundante de caça.

Era natural d'esta freguezia, D. Goldora Goldares de Refontoura, padroeira do mosteiro de Bustêllo, proximo a Penafiel.

D. Goldora teve de D. Gonçalo Mendes de Souza, a D. Elvira (outros dizem Marinha) que casou com Martim Pires d'Aguiar, e foram paes de Pedro Martins Alcoforado.

Foi por isto que os Alcoforados vieram a ser padroeiros do convento de Bustêllo.

REFOYOS, REFOIOS ou **REFOJOS**—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 40 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1757, tinha 414 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, triennal (que era um monge do mesmo convento) e tinha 50$000 réis de benesses.

É povoação muito antiga, e foi villa e couto, com a denominação de *Refoyos de Basto.*

Tem uma sentença de foral, dada pelo rei D. Diniz, em 14 de janeiro de 1307.

(*Gav.* 15, *maço* 8, *n.º* 24.)

El rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513.

(*Liv. de foraes novos do Minho*, fl. 49 v., col. 2.ª)

Fica esta freguezia situada perto da margem direita do Tâmega.

Tem festa e feira a 29 de setembro, dia do seu padroeiro. Dura trez dias.

Refoyos, é tambem um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de D. Mendo Affonso de Refoyos, tomado (o appellido) do senhorio da *Torre de Refoyos*, que é o seu solar, e teve numerosa descendencia.

Floresceu D. Mendo, no tempo de D. Affonso Henriques, e está sepultado na capella-mór da egreja do mosteiro de Refoyos do Lima.

Os Refoyos trazem por armas— em campo de prata, 4 coticas de púrpura, em palla. Timbre, duas pernas d'aguia, de ouro, em áspa, com uma das coticas nas garras, entre 4 plumas de púrpura.

(Vide *Refoyos do Lima.*)

—

É n'esta freguezia o sumptuoso mosteiro de monges benedictinos (cuja egreja serve de matriz da freguezia) fundado em 670, no reinado de Recesvindo, filho de Chindaswindo, por o rico-homem Hermigio Fafez. [1]

Mediante o tributo imposto, existiu este convento, praticando-se n'elle o culto catholico, em todo o tempo da dominação árabe, chegando a ter então 67 religiosos.

Em 1403, sendo rei de Portugal D. Diniz, passou a abbades commendatarios.

Pelos annos de 1525, D. João III o deu a seu filho bastardo, D. Duarte, arcebispo de Braga e prior-mór de Santa Cruz de Coimbra; e depois, a frei Diogo de Murça, [2] que obteve do papa Paulo III, pelos annos de 1549, um breve para se extinguir o convento, e fazer em Coimbra os collegios de S. Bento e S. Jeronymo; e do remanescente, outro, para 12 estudantes ecclesiasticos pobres.

Os monges, porém, oppozeram-se a este breve, e o convento não foi supprimido, mas ficou com 12 religiosos e um prior, sujeitos á reforma. [3]

Em 1570, entraram os abbades triennaes, pela reforma ordenada pelo papa Pio V.

O convento sustentava o collegio, alem dos dois de Coimbra.

Em Traz-os-Montes tinha muitas rendas, que dividia com a casa de Bragança, as quaes lhe foram doadas por Vasco Gonçal-

[1] Outros dizem que o seu fundador foi D. Gomes Soeiro.

É certo que o retrato de D. Gomes Soeiro está em um grande quadro, a oleo, no salão que foi do capitulo, com esta inscripção —D. GOMES SOEIRO, FUNDADOR D'ESTE MOSTEIRO, EM 670.

A ser isto verdade, não póde haver duvida que foi este o fundador.

[2] Este frei Diogo fez grandes obras no mosteiro e aqui falleceu.

[3] Tão boas razões apresentaram os monges, que o proprio D. frei Diogo de Murça, requereu ao pontifice a conservação do mosteiro, e foi o papa Paulo IV, que, em 1555, auctorisou a conservação do convento.

D. Diogo falleceu n'este mosteiro, em 1570, e foi sepultado na capélla-mór.

O seu retrato esteve até 1834 no collegio dos Jeronymos, de Coimbra.

ves Barroso, casado com D. Leonor d'Alvim, e n'este mosteiro foi sepultado.

D. Leonor, depois de viuva, casou com o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'este casamento nasceu D. Brites (ou Beatriz) Pereira, que casou com o infante D. Affonso, filho natural de D. João I, e de Ignez Fernandes Esteves, filha de Mem da Guarda, o *Barbadão*, e que foi (D. Affonso) o 1.º conde de Barcellos, e o 1.º duque de Bragança, e tronco da real casa de Bragança.

A egreja de S. Miguel de Refojos de Basto, e o seu mosteiro, é um dos mais importantes e dos mais sumptuosos monumentos da provincia do Minho, e mesmo em Lisboa, n'este genero, só lhe póde ser comparado o mosteiro do *Coração de Jesus* (Estrella) com o qual tem grande semelhança, na fachada da egreja e no magnifico zimborio.

Esta obra magestosa, foi concluida em 1690.

Em frente do mosteiro ha uma alamêda, e quasi no fim d'ella, um elegante e magnifico cruzeiro, construido em 1847.

Dão entrada para a alameda, trez largas ruas, atravessando-a em todo o seu comprimento, o pequeno rio Basto, bem canalisado; o qual entrava por baixo de uma pequena ponte para as terras que foram do mosteiro, e que hoje está substituida por uma nova e bôa ponte, que dá passagem á estrada de 2.ª classe ha pouco construida.

Ao lado da ponte, está a estatua de um miliciano, toscamente cinzelada, tendo no ventre a seguinte inscripção—PONTE DE S. MIGUEL DE REFOYOS, ANNO DE 1690.

Está o mosteiro situado no fundo da bacia de Cabeceiras de Basto.

Apezar das muitas rendas que se tiraram ao convento, para os trez collegios, como fica dito, ainda elle ficou muito rico, não só pelo grande numero de fóros que recebia, como pelas muitas propriedades que possuia em Barroso, e que lhe tinham sido doadas por Vasco Gonçalves Barroso, d'este concelho, primeiro marido de D. Leonor de Alvim.

Vasco Gonçalves Barroso, só deu aos monges a sua *meação*, e é por isso que a de sua mulher veio depois a ser da casa de Bragança.

Os monges mandavam para Coimbra 3:500 cruzados (1:400$000 réis) ficando para elles, só 300 cruzados, dos fóros e rendas; mas, com o direito de padroado de todas as egrejas annexas a este convento, e os seus dizimos, o que montava ainda a uma grande somma.

Tinham os monges um grande couto, com juiz no civel e orphãos, e mais empregados judiciaes e municipaes, da nomeação do D. abbade, que lhes deferia o juramento e assignava as suas cartas.

Ao mosteiro pertenciam todos os direitos reaes do couto, e as *penas* (multas) por transgressões de *posturas*.

O prelado do convento, era ouvidor nato do seu couto, tanto no civel, como no crime.

Este couto tinha sido comprado pelo abbade D. Bento Mendes, a D. Affonso Henriques, por 800 morabitinos, como consta de um quadro que representa o abbade entregando ao rei a quantia ajustada, e recebendo d'elle a carta de mercê, que é do theor seguinte (traducção do latim.)

Eu, Egregio D. Affonso, por amor de vós, Bento Mendes, que muito estimo, faço couto para o mosteiro de Refoyos, firme e valioso, por oitocentos morabitinos, que de vós recebi, e tudo quanto n'elle me pertence, dou por livre e absoluto, etc.

Este convento foi em varias epocas collegio da ordem, e em 1834 ainda tinha um abbade, um prior, 12 monges, e 25 creados.

Os fóros e dizimos d'este convento, rendiam annualmente, de 12 a 13 mil cruzados, e o mesmo rendiam os que foram para os trez collegios de Coimbra.

Tinha uma valiosissima livraria, que foi mandada para Braga, em 1838.

Alem dos livros roubados (e de certo, dos melhores) durante os quatro annos que o convento esteve abandonado, foi o resto tão mal acondiccionado, que muitos se perderam pelo caminho.

A fachada do mosteiro tem 5 janellas de peito e 8 de sacada.

No centro tinha as armas da ordem, que foram *picadas* em 1834!

Em continuação ao mosteiro, está a vasta e sumptuosa egreja, com seu grande portico, e para a qual se entra por um extenso pateo gradeado.

Tem duas elegantes torres, circumdadas de pyramides. Uma d'ellas tem bons sinos, sendo o maior, de uma optima composição metalica, e com excellente som.

A outra nunca teve sinos, e parte foi derrubada por um raio, em 1829; mas logo reedificada, por um mestre pedreiro, por alcunha o *Longuinhos* (por ser o constructor da estatua equestre de S. Longuinhos, no Bom Jesus do Monte, em Braga) que aqui mesmo morreu asfixiado, por ter dormido com um fogareiro acceso, dentro de uma das casas do mosteiro; tendo de concluir a obra da torre, um seu filho.

Entre as torres, está a elegante cruz de pedra, e no tympano, as armas da ordem.

Tambem entre as mesmas torres, está o altar do archanjo S. Miguel, tendo na frente uma varanda de 11 metros de extensão.

N'este altar se dizem missas, no dia da sua festa (29 de septembro) assistindo a ellas, da alameda fronteira, milhares de pessoas; porque, alem das da terra, concorrem os que vem á feira de S. Miguel, que fica proxima.

Por baixo d'este altar, e aos lados do portico, estão as estatuas de S. Bento e Santa Escolastica, admiraveis pela sua primorosa esculptura e naturalissima expressão.

O zimborio, que principia a 19 metros de altura, tem, na base, 36 metros de circumferencia, e é rodeado por uma varanda interior. Tem altura de 33 metros. Na base da cúpula, que é circumdada por outra varanda, mas exterior, tem as estatuas dos doze apostolos, de tamanho natural, e no remate a de S. Miguel, de 2^{m},64 de alto, e em volta ainda outra varanda.

O templo é de architectura composita, e em fórma de cruz, medindo 2:819 metros quadrados.

Tem um soberbo côro, com excellente orgão, tendo em frente, outro fingido, para symetria. Um d'elles é encimado pelas estatuas da *Fé, Esperança* e *Caridade;* o outro pelas da *Justiça, Fortaleza* e *Temperança.* Ambos são sustentados por feias cariatides, e medonhos minotauros. No centro da grade que o circumda, está uma grande cruz com a imagem de Jesus Christo crucificado, de tamanho natural, que é considerada como objecto rarissimo n'este genero.

Além do altar-mór, ha quatro lateraes, separados do corpo da egreja por uma magnifica grade de ébano. Tem tambem dois bellos pulpitos.

No corpo central, que fórma a cruz, tem, á direita, uma boa sachristia, e no fundo a capella do Santissimo Sacramento, de fórma circular. Tanto a capella-mór, como a do Santissimo, estão guardadas por grades de ébano. Da mesma preciosa madeira são as archibancadas, com suas estantes na frente, onde se sentava o cabido.

O altar-mór é magestoso, e tem um magnifico throno, sobre columnas douradas, tendo 16^{m},66 de altura; e, em dias de festa, é illuminado por 90 velas de cêra. Tem dos lados, em tamanho natural, as imagens de S. Bento, e sua irman Santa Escolastica, fundadores da ordem benedictina.

Tinha esta egreja, uma rica custodia de ouro, que pôde escapar á rapacidade franceza, mas não escapou á de portuguezes degenerados, que a roubaram em 1834. A que hoje tem, é de prata dourada, e foi offerecida á egreja, pelo fallecido bemfeitor, Joaquim José de Andrade Basto.

Tambem em 1834 roubaram um rico resplandor de Nossa Senhora.

Ainda em 27 de abril de 1878, appareceu roubada a Senhora das Dôres, d'esta egreja, levando-lhe os ladrões, pulseiras, anneis, cordões, e outros objectos de ouro e prata, no valor aproximado de réis 300$000.

No dia seguinte appareceram roubadas as almas que estão collocadas em cima da ponte chamada *Ponte Pé,* d'esta freguezia.

Todos os altares da egreja são de rica e

primorosa talha dourada, e as imagens que os adornam, são de grande magnificencia.

Na vasta sachristia que está contigua á capella-mór, ha dez formosos quadros, a oleo, representando a genealogia do povo de Deus, desde Adão até Jesus Christo.

Fóra d'esta sachristia ha um quadrilongo de 11m,75 de comprido, do qual se sobe, por oito degraus, para o grande pateo da escadaria. Esta é sustentada por um arco obliquo, de difficilima execução, o unico do seu genero, em Portugal, que causa admiração a quantos architectos o teem visto.

Os claustros formam uma vasta quadra, de 42 metros, e são sustentados por elegantes columnas de pedra, tendo no centro do pateo que circumdam, uma grande taça de granito. É por aqui a entrada para a parte do edificio onde estão estabelecidas as repartições publicas, e tambem para o côro e as torres.

Tem o mosteiro dois grandes salões, ampla casa de capitulo, com seu altar, a vasta sala que foi livraria dos frades, e muitas outras salas e quartos para hospedes.

No refeitorio dos hospedes ha um quadro representando os monges do Vaticano, á meza, com o patriarcha S. Bento, e n'ella o calix envenenado.

Este mosteiro e as suas cêrcas, foram vendidos em 1834, e os comprou, em praça publica, João Antonio Fernandes Basto, que falleceu em 24 de agosto de 1873. O actual proprietario, é o sr. Alexandre José Fernandes Basto, irmão do comprador.

Ao fundo da alamêda, em que já fallei, está o edificio que foi tribunal do couto de Refojos de Basto, com casa de audiencia e cadeia, tendo na fachada as armas de Portugal e as da ordem benedictina. Ardeu em 1853, mas foi logo reconstruido. Serve actualmente de hospedaria.

—

Pretendem alguns que *Basto* é corrupção de *Bástulos*, povos antigos, que fundaram aqui uma cidade, 500 annos antes de Jesus Christo.

O doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro Minho*, diz que *Celorico* é corrupção de *Celiobriga*, cidade fundada pelos povos *celerinos*, e diz que Ptolomeu dá a esta cidade o nome de *Celiobrico*.

O que é certo, é que, no monte de *Cêlhas*, perto de Curraes, se encontram vallas circulares, que parece terem sido rodeadas de muralhas, cujos materiaes teem sido aproveitados para construcção de muros e vallados. Tambem aqui teem apparecido diversas pedras semelhando campas de sepulturas; tanques, bacias e outros objectos, que denotam antiguidade remotissima.

Segundo a tradição, o rio de *Curraes*, cobriu uns tanques ou poços, onde os antigos tomavam banhos de aguas mineraes, que nasciam n'este sitio.

Junto ao tal rio, e proximo ao logar onde se diz que estavam as referidas thermas, ainda brotam de uma penha que está sobre o rio, aguas evidentemente sulphureas.

No monte chamado *Cividade*, proximo ao logar de Chacim, se veem restos desmantelados, de antiquissimas fortificações; tijolos, cavidades nos rochedos, e grandes pedregulhos esphericos (*penedos errantes*) collocados sobre outros mais pequenos. São antas pre-celtas.

Entre os diversos montes e outeiros d'este concelho, os mais notaveis são — *Nossa Senhora da Orada*, *Torrinheiros*, e o inaccessivel e medonho *Nariz do mundo*, na serra do *Batôco*. N'elles e entre outros menores, rebentam muitos mananciaes de agua, que formando varios ribeiros e arroios, regam e fertilisam differentes valles do concelho.

Os rios e ribeiros principaes d'este concelho, são—*Tâmega*, que aqui divide a provincia do Minho da de Traz-os-Montes; mas que não serve n'estes sitios para irrigação, por correr profundo e arrebatado, por entre penhascos.—O *Béssa*, famoso pela grandeza e boa qualidade das trutas que se criam nas suas aguas.

Os ribeiros chamados *Rio Douro*, *Rânha*, *Cabeceiras*, *Curraes* e *Seixo*, todos regam e moem, e todos morrem no Tâmega.

Ha n'este concelho a *ponte de Cavêz* sobre o Tâmega, a qual é, metade do Minho e metade de Traz-os-Montes. Tinha 5 arcos, 95 metros de comprimento, 5m,75 de largura, e

17m,50 de altura. Foi alargada, para dar passagem a estrada para Villa Pouca d'Aguiar, Chaves, Miranda, etc. (Vide vol. 2.º, pag. 217, col. 2.ª).

Ha tambem a ponte do *Pé*, sobre o ribeiro Cabeceiras; a do *Seixo*, sobre o mesmo ribeiro; a do *Arco*, e uma elegante e magnifica, novamente construida, tambem sobre o mesmo ribeiro, que dá passagem á estrada de Cavêz.

No concelho, ha varias nascentes de aguas mineraes, ferreas e sulphurosas, sendo as principaes, em *Curraes*, *Fundão*, *Lamas* e *Fontão*; quasi todas em completo abandono.

O territorio d'este concelho é fertil em optimo vinho verde, que exporta em grande quantidade, principalmente para o Porto, onde o *vinho de Basto* é muito estimado. Produz além d'isto, e em abundancia, todos os generos agricolas do nosso paiz; mel, cêra, cortiça, optima madeira de castanho e outros muitos generos. Cria muito gado, de toda a qualidade, tem vastos montados, com grande numero de arvores silvestres, de toda a qualidade; e produz e expprta magnifica madeira de castanho.

Tambem n'estes ultimos tempos se tem por aqui semeado vastos pinheiraes.

É terra muito povoada e bem cultivada, apezar da falta que se vae sentindo (aqui e em toda a provincia) de braços para a agricultura, pela progressiva emigração para o açougue das Terras de Santa Cruz.

O clima é ameno e saudavel; e abundantissimo de agua potavel, de optima qualidade.

REFOYOS ou **REFOJOS** (de *Riba d'Ave*) —freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 20 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 165 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de Miguel Brandão da Silva apresentavam o abbade, que tinha 1:000$000 réis de rendimento.

Foi villa e cabeça de concelho, com justiças proprias d'elle, sob o nome de *Refoyos da Maia*.

É povoação muito antiga. Tem uma sentença de foral, dada pelo rei D. Diniz, a 14 de janeiro de 1307. (Gaveta 15, maço 8, n.º 24).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 49, v., col. 2.ª).

Trata-se n'este foral das terras seguintes: *Agrella*, *Parada da Castanheira*, *S. Gião* e *Souto Longo*.

Na freguezia de S. Thomé, que era do julgado de Refoyos de Riba d'Ave[1] se achou, pelas Inquirições do rei D. Diniz (1310) que trez casaes eram *trazidos per onrra per o Espital e per Agoas Santas, per Encenssoria* (censo) *que lhe pagarom*, isto é, por censo que os donos dos trez casaes se obrigaram a pagar, a fim de serem *onrrados* e isentos do que deviam pagar á corôa.

Foram senhores d'este concelho os Pereiras Forjazes, condes da Feira. Manuel Pereira (com licença de D. João III) vendeu este senhorio a Manuel Cirne da Silva, e por extincção d'estes Cirnes, passou á corôa. D. Pedro II o vendeu a Roque Monteiro Paim.

Este concelho e o couto de Negréllos, foram supprimidos ha muitos annos, e unidos ao de Santo Thyrso.

O couto de Negréllos comprehendia duas freguezias — *S. Mamede* e *S. Thomé*.

É terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

REFOYOS ou **REFOJOS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa. Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia foi supprimida ha muitos annos, e encorporada na de S. Mamede, de Alimonde.

O abbade de Alimonde apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É da casa de Bragança.

[1] É a actual freguezia de Negréllos, comarca e concelho de Santo Thyrso.

REFOYOS ou **REFOJOS DO LIMA** — freguezia, Minho, comarca, concelho e 4 kilometros de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, de certo por esquecimento, pois é freguezia muito antiga.

Está esta freguezia sobre a margem direita do rio Lima, e é aqui o pégo chamado *Fonte da Brévia*, de bastante profundidade.

Grande mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios). Foi fundado por D. Affonso Ancemondes, intrepido capitão das hostes do conde D. Henrique, e seu amigo e inseparavel companheiro.

Morrendo o conde, em um recontro, quando sitiava a cidade de Astorga (1112) veio D. Affonso Ancemondes para a sua quinta e morgado de Refoyos do Lima, que é em um valle d'esta freguezia, e aqui viveu no castello e torre, chamados dos Malheiros, por depois pertencer aos cavalheiros d'este appellido, de Vianna do Lima.

D. Affonso Ancemondes, era rico-homem e um grande senhor em Portugal.

Apenas se estabeleceu definitivamente no seu solar, deu logo principio á egreja e mosteiro dos cruzios, dedicando-as á Santissima Virgem, e foi primeiro prior d'este convento, seu filho, D. Pero Mendes, que era arcediago da Sé de Tuy.

Principiou a obra no mesmo anno de 1112, e em 1120 tomaram os conegos posse d'elle.

Em 1124, vindo a este mosteiro o cardeal Jacintho, legado apostolico do papa Calixto II, nas Hespanhas, confirmou o fundador, por escriptura publica, a doação que havia feito ao convento, de todos os bens de raiz e foros que possuia em varias partes. Esta escriptura foi feita em 10 de novembro da era de Cesar 1162, que é o dito anno 1124 de Jesus Christo.

Esta escriptura está feita e assignada por D. Affonso Ancemondes, assignando-a tambem seu filho, D. Mendo Affonso, e suas filhas, D. Maria Affonso e D. Gelvira Affonso, e seus netos, D. Mendo Gelvires, D. Diogo Gelvires e D. Nuno Gelvires.

No mesmo anno de 1124, a rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, deram o titulo de conde de Refojos do Lima, a D. Mendo Affonso, filho de D. Affonso Ancemondes, dando-lhe o condado que D. Affonso Henriques já aqui possuia.

O conde D. Mendo casou com D. Gontina Paes, e, não tendo filhos d'este casamento, deram todo o seu condado e os paços em que viviam e onde morreram, em junho de 1140, ao mosteiro dos cruzios; sendo esta doação confirmada por D. Affonso I, em agosto do mesmo anno.

O paço d'estes fidalgos, estava junto ao mosteiro, no logar onde agora se vê a torre antiga, em frente (para o O.) do mosteiro, e que ainda muitos seculos depois se continuou a chamar *paço*. (É á tal torre, a que hoje se chama dos Malheiros).

Na carta pela qual D. Affonso Hedriques confirmou a doação do mosteiro e o coutou, se lê o seguinte (traducção do latim barbaro d'aquelle tempo): «O condado e couto «de Refojos, demarcado por seus termos, a «saber — pela portella de Nogueira, contra «Val de Vez — pela portella de S. Simão, «contra Ponte do Lima—e do Penêdo até á «insuella do meio do rio, com quanto den«tro d'estes termos tinha D. Mendo Affonso, «etc.»

Esta confirmação está assignada pelo rei, pelos grandes da sua côrte, pelo arcebispo de Braga, e pelos bispos de Tuy[1], Porto, Coimbra, Lamego e Viseu.

Outras muitas pessoas ricas, doaram boas propriedades e valiosas rendas a este mosteiro.

Foi o mosteiro primeiramente sujeito ao bispo de Tuy, em cuja diocese estava; mas o bispo d'esta cidade, D. Payo, o isentou da jurisdição episcopal, o que foi confirmado

[1] Por esta occasião, era de Portugal a cidade gallega de Tuy, a qual D. Affonso I tinha tomado a seu primo, o rei de Castella. Até então, o bispado de Tuy chegava á margem direita do rio Lima. (Vide Braga no logar competente). Tendo os dois primos feito as pazes, restituiram um ao outro o que lhe haviam tomado.

pelo cardeal Jacintho, legado apostolico, em 14 de novembro de 1154, segundo (e ultimo) do pontificado de Anastacio IV.

Esta isenção foi confirmada pelos papas Adrianno IV, em 1156; Alexandre III, em 1163; Innocencio IV, em 1250; Julio II, em 1508; e, finalmente, por S. Pio V, em 1565.

—

A capella de S. João Evangelista, no logar das Penas, d'esta freguezia, foi fundada por D. Gonçalo João, segundo prior do convento, em 1160, e junto á capella fez uma albergaria para agazalhar peregrinos e passageiros pobres.

N'esta capella e albergaria, viveu e morreu, o santo varão Romeu, natural de Italia. Este Romeu já aqui estava quando se principiou a construir a capella, pelo que é provavel que fallecesse antes do anno 1200. Foi sepultado na mesma capella; mas, em 1582, foram os seus ossos[1] mudados para a capella-mór da egreja do mosteiro, com este epitaphio:

ROMEUS HOC TUMULO TEGITUR
VIRTUTIBUS HEROS INCLYTUS;
AUSSONII GLORIA MAGNA SOLI.

(Aqui jaz, n'este tumulo, o famoso heroe em virtudes, Romeu, grande gloria de Ausonia, sua patria).

—

No mesmo anno de 1582, foram trasladados os ossos do conde D. Mendo Affonso (que estavam em uma arca embebida em uma das paredes da egreja velha) para a capella-mór, da egreja, do lado da Epistola, com esta inscripção:

HOC COMITES MENDI
REQUIESCUNT OSSA SEPULCHRO,
QUI TEMPLO HUIC OMNES
IPSE DIDICAVIT OPES.
OBIIT
ANNO DOMINI 1142.

[1] Parte dos seus ossos, porque a outra parte tinha sido roubada pelo povo, para reliquias, com que tinha grande devoção. Os frades, vendo esta pia profanação, e que em poucos annos não restaria um só osso do santo, os levaram para a egreja do mosteiro.

(N'esta sepultura descançam os ossos do conde D. Mendo, que doou a esta egreja *todas as suas riquezas*. Falleceu em 1142).

Ignora-se o caminho que levaram os ossos de D. Affonso Ancemondes.

—

Os priores do mosteiro, foram perpetuos, desde a fundação d'este, até 1564, em que se annexou ao de Santa Cruz, de Coimbra. O ultimo prior-mór perpetuo, de Refojos,[1] foi D. Julião d'Alva, que passou a bispo de Miranda; e o primeiro prior trienal, nomeado pela congregação de Santa Cruz de Coimbra, foi D. Theotonio de Mello, irmão do monteiro-mór de Ponte de Lima.

—

José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado de geographia*, diz que D. Mendo e sua mulher, como não tivessem filhos, doaram o condado ao convento, e de todos os seus bens, *só reservaram para si a torre e castello em que vivia seu pae, juntamente com o paço e alguns bens livres em volta d'elle, do que depois se compoz o morgado dos Ferreiras, de Guimarães, que lhes vem pelos Pereiras, de Bertiandos: o de Antonio Pereira Rego e o da Torre, que possuiu Diogo Malheiro.*

Estou persuadido que é engano: é certo que a torre dos Malheiros e o seu morgado passaram ao dominio de particulares; mas, provavelmente, muito depois de 1140, e por troca; compra, ou outro qualquer contracto cuja natureza ignoro. Fundo-me em que na inscripção tumular do conde D. Mendo se diz, que elle doara ao mosteiro *todas as suas riquezas* (qui templo huic *omnes* ipse didicavit opes.) Se elle lhes não tivesse dado *tudo*, certamente os frades não o diriam.

—

A torre dos Malheiros, ou do Paço, foi o solar dos Refoyos, descendentes por linha colateral, do conde D. Mendo.

Teve D. Mendo um filho bastardo, chamado Martim Garcia de Parada, e uma filha, tambem bastarda, que casou com Salvador

[1] O penultimo prior-mór, foi S. Carlos Borromeu. Passou o priorado a D. Julião d'Alva, pela renda annual de 500 cruzados (200$000 réis).

Gonçalves, filho de Gonçalo Dias, o *Cid*, senhor de Góes. D'estes filhos bastardos descendem os Farinhas, os Mouras, e outras familias nobres de Portugal e Galliza.

Quanto ao appellido de Refoyos, já fica mencionado no artigo *Refoyos de Bastos*, para onde remeto o leitor.

O dono actual da *quinta da Torre*, e o sr. dr. Antonio de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz, da villa de Ponte do Lima. A torre, que é muito alta, está perfeitamente conservada, porque o sr. Queiroz lhe mandou arrancar as heras que a cobriam quasi até ao cimo, lavar a pedra e tomar-lhe com cal todas as juntas, a fim de conservar este monumento historico. Os paços acastellados que cercavam a torre estão completamente desmantelados, e o sr. Queiroz vae mandal-os demolir, e no seu ambito fazer um terraço e jardins, que ficarão superiores á quinta, porque a torre está em uma eminencia no centro d'ella.

Os bens que os Malheiros aqui possuiram (os que reservaram da doação ao mosteiro) pertenciam, na sua maior parte, no meiado do seculo 17.º, a *Lopo Malheiro Barriga*, que os herdou de seu tio, Diogo Malheiro Marinho, e os constituiu (o *Barriga*) em vinculo, por escriptura de 29 de agosto de 1648.

Esteve o vinculo sempre n'esta familia até que a ultima descendente d'ella, D. Maria Antonia Malheiro d'Araujo Barriga, falleceu na sua casa e quinta da Ribeira, freguezia de Figueiredo, comarca e concelho d'Amares, no dia 3 de janeiro de 1875, instituindo por seu herdeiro universal, seu primo coirmão, o sr. Leonel d'Abreu Lima, solteiro, da casa do Ameal, freguezia de Meadella, concelho e proximo da cidade de Vianna.

Foi este cavalheiro, que, por escriptura publica de 30 de maio de 1876, doou a quinta da Torre e suas dependencias, ao actual possuidor, o sr. Queiroz.

—

Quando o convento se annexou ao de Santa Cruz, de Coimbra, estava a egreja e mosteiro, que ainda eram os primittivos, em grande ruina. Quizeram os frades mudal-o para Ponte do Lima; porem o povo d'esta villa se oppoz tenazmente, e o mosteiro foi reedificado onde estava.

No tempo do marquez do Pombal, vendeu-se o mosteiro, passando os frades para o convento do Mafra; mas D. Maria I, os tornou a pôr no seu antigo mosteiro.

Ha na egreja um espinho da corôa de Christo, que os frades eram obrigados a levar á Ponte do Lima no dia 3 de maio de cada anno.

—

Foi commendatario do couto de Refoyos do Lima, D. Rodrigo de Mello de Lima, filho 2.º de D. Leonel de Lima, 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira.

D. Rodrigo era tambem senhor da casa de Anquião, e a deu em dote a sua filha, D. Joanna de Mello, para casar com João Gomes de Abreu, filho, tambem segundo, de Leonel de Abreu, senhor de Regalados. D'elles procedem muitas familias nobres do Minho.

—

Tem annexa a freguezia de Santa Eulalia, que em 1757, tinha 90 fogos, e era apresentada pelo bailio de Leça. O reitor tinha 100$ réis de rendimento.

—

Não sabia o que era feito do mosteiro d'esta freguezia, nem o seu estado presente.

Vali-me do sr. dr. Custodio Maria Velloso, de Villa do Conde, que escreveu ao seu amigo e condiscipulo, o sr. dr. José Joaquim de Castro Feijó, de Ponte do Lima, e eis as informações que este cavalheiro se dignou dar-nos.

O corpo do edificio do mosteiro, conserva a primittiva architectura. Está ligado á egreja pelo que foi sala de visita dos conegos. A frontaria d'esta parte era irregular, destoando a parte que era interiormente occupada pela dita sala, do resto até á egreja. O proprietario actual, apeou parte da frontaria d'este lance, que liga o corpo principal do edificio, á egreja, e a mandou construir em symetria com a parte que constituia a fronteira da referida sala de visitas, e fez n'esta parte um optimo salão de baile.

No corpo do edificio, tem conservado todas as suas antigas divisões e repartimentos, limitando-se apenas aos precizos reparos.

Todo o edificio está muito bem conservado, e, em parte, muito melhorado.

O mosteiro e cêrca, assim como alguns campos da sua dependencia, foram vendidos pelo governo, depois de 1834. Comprou-os por 48 contos de réis, José Mendes Ribeiro, da cidade de Vianna. Tudo isto é actualmente propriedade de seu filho, o sr. Thomaz Mendes Norton, residente em Ponte do Lima.

A cêrca, que é hoje uma bella quinta, tambem está muito melhorada.

A egreja e sachristia pertencem á junta de parochia, de Refojos, por ser parochial, e a melhor do concelho. Está perfeitamente conservada, e com esmolas dos fieis, e com ajuda do cofre da bulla da Santa Cruzada, se construiu ha pouco tempo uma elegante torre para os sinos.

REFUGIDOS — aldeia, Extremadura, na freguezia de Cadafaes, comarca e concelho d'Alemquer (vol. 2.º, pag. 27, col. 1.ª) Tem 32 fogos.

A origem do nome d'esta aldeia, tem sido causa de varias contestações; mas é opinião mais corrente, que é porque para aqui se retiraram os mouros, depois de perderem o castello d'Alemquer.

A primeira noticia que se encontra d'esta povoação, refere-se aos grandes prejuizos que soffreu com as chuvas e o terramoto de 1435. Já então esta povoação era muito antiga, pois que os historiadores dizem que a cheia levou a azenha dos Refugidos *que se andava reedificando.* Ainda ha vestigios d'esta azenha, proximo á povoação.

Os francezes saquearam esta aldeia, em 1808, e assassinaram um lavrador, crivando-o de feridas, no sitio chamado *Pedra da Paciencia*, onde foi encontrado por seus filhos, depois da retirada dos invasores.

Foi natural d'esta aldeia, frei Manuel dos Refugidos, frade capucho, e prégador famoso, no reinado de D. João IV.

Refugido, é portuguez antigo—significa *refugiado.*

RÉGA—portuguez antigo — regra, ou instituto (de qualquer ordem monacal.)—*Mandou ao Moesteiro do Banho, que era da* Rega *de Santagostinho da sobrepeliza, etc.* (Documento da Sé de Viseu.)

REGADAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi da comarca de Celorico de Basto) 36 kilometros ao N. E. de Braga, 375 ao N, de Lisboa, 180 fogos. Em 1757, tinha 189.

Orago Santo Estevam.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do convento da Graça, em Braga, (Populo) apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis de pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

REGAENGO—Vide *Reguengo.*

REGALADOS—Vide *Pico de Regalados.*

REGALEIRA (quinta da)—Extremadura, na freguezia de Cintra.

Pertenceu antigamente a um padre, que lhe mandou pôr, na rua principal, as cruzes da *Via-Sacra*, as quaes ainda se veem por entre musgosos penedos, e arvores frondosas. É abundante de aguas crystalinas e frigidissimas. Tem uma rica e formosa cascata, e preciosos marmores. Os seus prados sempre verdes, e todas as mais formosuras da natureza e da arte, tornam esta quinta uma das mais bellas e agradaveis d'estes sitios.

Para o lado da estrada dos *Pisões*, tem um gigantesco castanheiro da India, uma das notabilidades de Cintra.

Em 7 de novembro de 1840, foi feita baroneza da Regaleira, a sr.ª D. Ermelinda Monteiro d'Almeida: e, em 15 d'abril de 1854, foi feita viscondessa do mesmo titulo; e, no mesmo dia feita baroneza da Regaleira, a sr.ª D. Maria Isabel Allen Palmeira.

Em 25 d'abril de 1854, foi feito barão do mesmo titulo, o sr. Paulo Allen de Moraes Palmeira.

REGALENGO—Vide *Reguengo.*

REGALINDO—Vide *Reguengo.*

REGANHO — portuguez antigo — Vento norte.

REGARDAR — portuguez antigo — talvez herdado dos gallos-celtas.—É gallicismo antiquissimo—significa, voltar os olhos; olhar para traz. É corrupção do francez *regarder.*

REGATO—ribeiro, Douro, na freguezia de Avô, comarca da Tábua, concelho d'Oliveira do Hospital.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Nasce junto á Aldeia das Dés (freguezia do mesmo concelho) e desagúa na ribeira de Loriga, acima da *Ponte das Tres Estradas*.

Já a pag. 284, col. 2.ª do 1.º vol., tratei da villa d'Avô; mas, como desde que escrevi aquelle artigo (1841) tem havido alterações na divisão territorial, direi aqui.

O concelho d'Avô, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

A villa não fica ao N., mas ao E. de Coimbra. É situada em um profundo e ameno valle, e é tripartida pelos rios Alva e Pomares. Alem da ponte de que fallei no 1.º vol., tem sobre o Pomares uma de madeira, chamada de *Santo Antonio*, que foi antigamente de pedra, e é na confluente dos dois rios.[1]

Dista a villa, 9 kilometros de Oliveira do Hospital, e fica a egual distancia das villas de Penalva d'Alva e de Côja: 12 da villa da Tábua; o mesmo de Midões e 21 de Fajão e de Loriga.

Teve capitão-mór, e juiz ordinario, com jurisdicção tanto no civil como no crime e orphãos. Tinha casa da camara, vereadores, etc.

Pela povoação de Gallizes, que dista 3 kilometros d'Avô, passa a estrada real de Coimbra e Lisboa para a cidade da Guarda, villas de Celorico da Beira, Almeida, etc.; de maneira que de Avô se póde hir por Coimbra para Lisboa ou directamente, separando-se da estrada de Coimbra na Venda Nova, junto a Santo André de Poyares.

O foral que D. Sancho I deu a Avô, é datado do 1.º de maio de 1187.

A D. Urraca Affonso, de que fallo no 1.º vol., filha bastarda de D. Affonso Henriques, foi casada com D. Pedro Affonso, neto do grande D. Egas Moniz. Supponho que não tiveram filhos, pois que o senhorio da villa passou para os bispos de Coimbra, que eram alcaides-móres d'ella.

[1] Em setembro de 1878, uma furiosa cheia destruiu esta ponte e outras mais d'estes sitios, e causou grandes prejuizos aos proprietarios de Avô e povoações limitrophes, arrazando-lhes algumas casas, muros e campos.

O seu desmantellado castello, foi redificado pelo rei D. Diniz.

Era a egreja, collegiada, a qual com a extincção dos dizimos, em 1834, deixou de existir. Tambem desde o mesmo anno deixou de haver aula de latim.

Houve n'esta villa um mosteiro de emplarios, do qual ainda ha vestigios: são os cubiculos ou cellas onde viviam os frades, e existem proximo á capella, que foi a egreja do mosteiro.

Braz Garcia Mascarenhas, de que fallo no 1.º vol., tratando d'Avô, foi, no tempo de D. João IV, governador da praça de Alfaiates, no Riba-Côa, então muito importante, por ser proxima da raia de Hespanha.

Os 150 homens com que se apresentou em defeza da patria, em 1640, eram de cavallaria, e pela bravura com que se portaram durante a guerra, foram cognominados os *leões da Beira*.

REGAVÃO — rio, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre. Tem a sua origem ao S. do logar de Codeçoso da Chan (freguezia de Meixêdo) e tomando uma direcção tortuosa, pelas planicies da freguezia da Chan, recebe pela margem direita, junto ao logar de Negrões, o ribeiro da Castanheira, e da esquerda, o riacho de Morgade. Tomando depois uma direcção quasi de E. a O., e tendo recebido varios ribeiros que se lhe juntam por ambas as margens, atravessa as freguezias de Villa da Ponte, e Pondras, abaixo da celebre e legendaria ponte da Misarella (vide *Misarella, ponte da*) depois de receber o rio da Ponte do Arco, a 6 kilometros da Misarella.

O seu curso é de 42 kilometros.

Rega, móe, e cria muito peixe miudo, de boa qualidade.

Alguns tambem dão ao Regavão o nome de *rio da Misarella*, e outros, *rio da Villa da Ponte*.

O valle cortado por este rio, principia em Codeçoso e finda nos despenhadeiros de Misarella.

É dominado (o valle) ao N., pela cordilheira que corre ao S. do Cávado, chamada *Peliteiros, Penedos de Santa Catharina*, etc., até á *Roca Ponteira*. Ao S., pela serra das

Alturas, desde Morgade até ao ribeiro da Ponte do Arco, e depois por um ramo da serra da Cabreira, que, aproximando se de outro ramo da referida cordilheira, fórma o pittoresco sitio da Misarella.

Ao N. do rio ficam as freguezias da Chan, Viade, Fervidellas, e Reigoso; e ao S. as de Morgade, Negrões, Villa da Ponte, Pondras, e Venda Nova.

No angulo formado pelos rios Cávado e Regavão, ficam as freguezias de Santa Marinha do Ferral, e Covéllo do Gerêz. (Vide *Montalegre.*)

REGEDOURA ou **NOGUEIRA DA REGEDOURA**—Esta freguezia já fica descripta com o 2.º nome, a pag. 108, col. 1.ª do 6.º volume, mas aproveito este logar para fazer uma rectificação.

Não é na freguezia da Regedoura, concelho da Feira, que se fabrica optima telha; mas na aldeia da Regedoura, freguezia de Vállega, concelho d'Ovar—a seguinte.

Tambem depois de publicado o artigo de Nogueira da Regedoura, tive noticia do facto notavel acontecido n'esta freguezia em 1873; é o seguinte:

Em 1847 nasceu n'esta freguezia uma creatura da especie humana. Foi baptizar-se á egreja matriz, e o parocho, que era velho e falto de vista, como alguem lhe dissesse que a creança era hermafrodita, a examinou, decidindo que era fêmea, e a baptisou, impondo-lhe o nome de Rosa.

Foi *esta* creada como pertencendo ao sexo feminino, e nas occupações proprias de uma menina; mas, chegando aos 16 annos, *deu taes mostras* de pertencer ao sexo barbado, que os paes a mandaram vestir de homem, e principiaram a dar-lhe o nome de Joaquim.

Tudo correu bem até 1871; mas n'esse anno a ex-Rosa namora-se de certa menina e pretende casar com ella, sob nome de Joaquim com que seus paes (d'elle) o tinham chrismado, *auctoritate qua fungor*. Era-lhe precisa a certidão de edade, mas era cousa que não havia no livro dos baptismos.

Expoz-se o caso ao doutor provisor, que, depois de *sério* exame, mandou que se lavrasse novo assento, dando ao bi-sexual o nome de Joaquim, e ao seu proprietario os foros de homem; mas não auctorisou o casamento sem que o nodente se submetesse a um exame, na escola medico-cirurgica do Porto, a qual decidiria sobre o sexo do pretendente.

Como tudo isto demandava despezas, e sobretudo demoras, a que os futuros noivos se não queriam sujeitar; foi elle viver maritalmente com a rapariga, para casa d'esta (setembro de 1873) e lá esperam a decisão dos homens competentes.

Regedoura, é portuguez antigo—significa *regedoría.* Os nossos avós diziam sempre *oura*, por *oría;* e isto ainda acontece em grande parte do Algarve.

Outro caso muito semelhante aconteceu na aldeia do Reguengo, freguezia de Guisande, do mesmo concelho da Feira. Vide o 1.º *Reguengo.*

REGEDOURA—aldeia, Douro, na freguezia de Vállega, comarca e concelho d'Ovar.

É celebre pela optima telha que aqui se fabríca, a melhor do reino. O barro para ella vem das proximidades da capella de Nossa Senhora d'Entr'aguas, Gondes, Ribeira de Mouro e outros sitios proximos.

Tambem na *Fontella*, aldeia da freguezia d'Avanca (e não de Pardilhó, como por mal informado disse no artigo d'esta freguezia) e que fica uns 6 kilometros a E. do Oceano, ha barro da mesma qualidade, com o qual se fabrica telha egual á da Regedoura, que fica apenas a 6 kilometros de Fontella, pelo que tanto faz (para a qualidade) dizer telha da Regedoura, como da Fontella, pois o barro é todo extrahido da mesma zona.

Nos sitios onde se extrahe o barro, tem por vezes apparecido restos de navios, enterrados na argilla.

REGEDOURO ou **RECIDOURO**—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, districto administractivo, arcebispado e 15 kilometros de Evora, 115 ao S.E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos.

Orago S. Braz.

A mitra apresentava o cura, que tinha de rendimento 390 alqueires de trigo, e 73 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e produz

algum azeite, e outros fructos. Gado e caça.

REGEITAR, ARREGEITAR e **REZEITAR** —portuguez antigo, ainda usado nas comarcas d'Arouca, Sinfães, e outras do norte do Douro—significa, *atirar*, *arremeçar*, *empurrar*, *impellir*, etc.

Gallicismo antiquissimo em Portugal, talvez herdado do gallo-celta. É corrupção do verbo francez *rejeter*, que tem a mesma significação.

De *rejeter* ainda nós fizemos o verbo *rejeitar*, que tambem significa (como no francez)—engeitar, recusar, lançar fóra, etc.

REGILDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, concelho de Barrosas) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado bovino, que exporta, sobre tudo, para Inglaterra.

RÊGINAL—portuguez antigo—Original.

REGNO—portuguez antigo—reino. Pronuncia-se *renho*.

RÊGO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 36 kilometros ao N.E. de Braga; 370 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 281 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino do convento de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e produz optimo vinho, denominado de Basto. Cria muito gado de toda a qualidade, que exporta, e nos seus montes ha muita caça.

Posto que o seu clima seja bastante excessivo, é muito saudavel.

Rêgo, é um appellido nobre em Portugal. Nos registos de D. Fernando I, se faz menção de Gonçalo Vasques do Rêgo, seu vassallo, ao qual deu uma quinta na Ribeira de Loures.

D. João I armou cavalleiro, na batalha de Aljubarrota, a Alvaro do Rêgo.

Parece que este appellido foi tomado da aldeia do Rêgo, na comarca de Guimarães.

Trazem por armas—em campo verde, banda de ondas d'azul e prata, carregada de 3 vieiras, de ouro, realçadas de negro: êlmo de aço, aberto; e por timbre, uma das vieiras do escudo, entre duas plumas de verde, guarnecidas d'ouro.

REGO DA MUATA—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho d'Alvaiázere, 48 kilometros ao S. de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa,

Em 1757, tinha 198 fogos: hoje, com a freguezia de Cabaços que lhe está annexa, conta 250 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

(Vide *Cabaços, ou Rêgo da Murta*, no 2.º vol., pag. 6, col. 1.ª—para evitarmos repetições).

Fica junto da ribeira da Murta, onde se vê um templo de tres naves, de construcção tão antiga, que se ignora quando foi fundado, e só se sabe que ainda existia em 1159.

Segundo a *Chronica dos religiosos dominicos*, por o nosso famoso classico, frei Luiz de Sousa, esta egreja era de um mosteiro da sua ordem, pois na parte 1.ª, livro 4.º, cap. 6.º, diz:—*Entre Leyria e o Beco, ha huma Igreja de tres naves, cercada de edificios arruinados, em que ainda hoje se enxergão sinaes de claustros, e officinas grandes. Chamão-lhe Mosteyro, e persevéra a tradição que foi nosso.*

Apesar do respeito devido a tão esclarecido escriptor, não me persuado que este mosteiro fosse da ordem dos prégadores, pela simples razão de ser instituida muitos annos depois de não existirem senão as ruinas do mosteiro. É mais provavel que fosse de templarios. É verdade que no altar-mór se vê a imagem do patriarcha S. Domingos, fundador da ordem dos prégadores, mas po-

dia alli ser collocada muitos seculos depois de já não existir o mosteiro.

Na doação que D. Affonso I fez aos cavalleiros do Templo, em 1159, se inclue o mosteiro do Régo da Murta. Vê se que já existia, e é provavel que fosse fundação dos monges benedictinos, e que estivesse abandonado pelos frades, fugidos ás crueldades dos mouros.

RÉGUA—villa, Traz-os-Montes, etc.

Posto que está villa já fique descripta a pag. 698, col. 1.ª, do 6.º vol., refiro-me alli mais ao *Pêso*, que lhe fica sobranceiro, e a cousa de um kilometro ao N., do que á villa da Régua, propriamente dita. É por isso que no artigo *Pêso da Régua*, remetti o leitor para este logar.

A Régua teve principio em 1700, na mesquinha choupana de um pobre pescador, por isso cognominado o *Cabana*.

Em 1790, a companhia dos vinhos aqui mandou construir os seus armazens, e tamanho desenvolvimento teve o commercio dos vinhos do Alto-Douro, que em 1820, o valor das vendas d'este genero, somava em perto de oito milhões de cruzados! Foi isto que fez prosperar, enriquecer, e dilatar-se a povoação até ao Pêso, de maneira que hoje formam as duas, uma só villa, unida e continua.

Tem um bom caes, feito pela companhia dos vinhos, e as casas são regulares e de boa apparencia, distinguindo-se as da companhia dos vinhos, a do sr. Osorio (proximo á egreja) e a dos viscondes do Real-Agrado. O palacio da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva de Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha*) e hoje casada em segundas nupcias, com o sr. Francisco José da Silva Torres, é um edificio vasto e muito elegante.

Nas suas proximidades, ha casas de campo de bella apparencia.

—

O conde D. Henrique e sua mulher, D. Thereza, deram a D. Hugo, seu companheiro, e bispo do Porto, muitas terras d'estes sitios, e metade do rendimento da barca da passagem.

Os bispos do Porto, fizeram d'este senhorio um couto, do qual tiveram a jurisdicção civil, até 1789.

Pela extincção do couto, foi a Régua (o Pêso da Régua, entende-se) elevada á cathegoria de capitania de ordenanças; e em 1835, á de cabeça de julgado e comarca.

O antiquissimo templo de S. Faustino, unico edificio que existia na Régua antes de 1700, e que era matriz do Pêso, estava já muito arruinado, e em 1734, uma grande cheia do Douro, arrazou-o. Hoje, no logar que elle occupava, está a capella de Nossa Senhora do Cruseiro.

Tem *praça* (mercádo) diario, onde se vendem legumes, pão, fructas, e outros generos; e uma feira mensal, muito concorrida.

Proximo á Régua, é o formoso *valle de Godim*, povoado de lindas casas e assombrado de frondoso arvoredo.

Os armazens da Régua, podem recolher 14:000 pipas de vinho, aguardente, geropiga e vinagre.

—

A Régua é patria do nosso distintissimo poeta, o sr. João de Lemos Seixas Castello-Branco, e de seus irmãos. Vide *Real-Agrado*.

Fundou-se aqui um hospital de caridade, cujos estatutos foram approvados pelo governo, em 5 d'agosto de 1873. O sr. Manuel Teixeira da Costa, de Covellinhas, deu para elle, 16 leitos de ferro, com os competentes enxergões, colchas e fronhas. Bem haja.

A inauguração d'este hospital, foi no dia 16 de novembro do dito anno (em um domingo.) Deram-lhe o titulo de *hospital de D. Luiz I.*

Foi um dia de grandes festas e geral regosijo para o povo da villa e immediações. Todas as despezas d'esta esplendida solemnidade foram á custa dos cavalheiros da direcção do hospital.

O sr. D. Luiz I, deu para as obras, 500$000 réis. A casa é elegante e de boas dimensões para o seu movimento.

Os bemfeitores que maiores esmolas deram para esta obra de caridade, alem do sr. D. Luiz, foram os srs. Joaquim de Almeida Soares, Francisco da Costa Guilherme, Manuel Teixeira da Costa, José Custodio Monteiro, e Manuel José d'Oliveira Lemos.

Este ultimo é o dono da casa do hospital, e a arrendou á commissão por 80$000 réis annuaes.

—

Em 24 de setembro de 1875, teve logar a inauguração do caminho de ferro, pelo systema americano, da Régua a Villa Real. Em razão dos accidentes do terreno, os carros eram tirados nas subidas, por bois. Não deu resultado: foi dinheiro perdido, pela *companhia transmontana*, que, todavia, merece elogios pela sua tentativa.

—

Em 5 de novembro de 1875, falleceu no Pêso da Régua, Francisco Guedes Leite, filho do ultimo capitão-mór d'esta villa, José Guedes Leite. Eram dois homens de bem, e porisso geralmente estimados e respeitados. Francisco Guedes Leite, deixou irmãos, e uma filha unica, a sr.ª D. Maria Bernarda Guedes Leite, a todos os respeitos dignissima descendente de tão nobres progenitores.

Leite, é um appellido nobre em Portugal. Foi tomado da alcunha imposta a Alvaro Pires, no reinado de D. Affonso IV.—As armas d'estes Leites, são—em campo verde, 3 flores de liz, d'ouro, em roquete—élmo d'aço, aberto, e por timbre, uma das flores de liz das armas.

Outros Leites, trazem as flores de liz em campo azul, e por timbre, uma pomba branca, com as azas abertas, e com um ramo de ouro no bico.

Outros usam as armas antecedentes, mas por timbre, a cruz dos Pereiras, entre duas flores de liz, d'ouro.

Os Leites Pereira, são um ramo dos Leites, que se aparentou com os Pereiras, do Porto.

Estes teem por armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas primeiras dos Leites, e no 2.º e 3.º, de púrpura, uma cruz de prata, floreada e vazia do campo: élmo d'aço, aberto, e por timbre—a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Ainda outros Leites Pereiras trazem—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º as armas primeiras dos Leites, e no 2.º e 3.º, de verde, cruz *potenteia*, de púrpura e vazia de prata. O mesmo élmo, e por timbre, a cruz das armas, entre duas flôres de liz, d'ouro.

—

Em janeiro de 1876, falleceu, na sua casa do Extremadouro, freguezia de Fontellas, proximo a esta villa, com 100 annos de edade, D. Maria Delfina da Cunha Leite Pereira de Vasconcellos, mãe do antigo deputado e governador civil, o sr. Antonio Felisberto da Silva e Cunha, e avó do sr. Eduardo Pinto da Silva e Cunha, empregado superior do ministerio do reino, e tambem antigo depudo. Eram bisnetos d'esta senhora, o sr. Jeronymo Pimentel, que tambem tem sido deputado, e o sr. Henrique da Cunha, secretario geral do governador civil d'Evora.

D. Maria Delfina, descendia, por seu pae, da illustre familia dos Cunhas, de Provezende, que hoje é representada pelo sr. Jeronymo Pimentel. Por sua mãe, descendia da nobilissima familia dos Leites Pereiras de Mello, de Campo-Bello, e dos Homens Carneiros de Vasconcellos, de Atães.

Era viuva de Luiz da Silva Pereira de Oliveira, socio da academia real das sciencias, corregedor de Miranda do Douro, e auctor da obra intitulada—PRIVILEGIOS DA NOBREZA E FIDALGUIA DE PORTUGAL, livro muito apreciado, e hoje ráro.

Deixou numerosa descendencia—filhos, netos, bisnetos, e terceiros netos, espalhados por quasi todas as provincias de Portugal, e até por paizes estrangeiros.

—

A Régua principiou a ser illuminada, com azeite de purgueira, em fevereiro de 1876.

—

Ha n'este concelho minas de ferro, chumbo, estanho, cobre e outros metaes.

—

Em dezembro de 1876, tendo a companhia transmontana liquidado, uma companhia suissa requereu ao governo portuguez, licença para ensaiar na linha americana, uma locomotiva a vapor, apropriada e fabricada para subir fortes rampas e pequenas curvas, descer, adiantar, retrogradar, e parar, com toda a facilidade. A experiencia deu soffrivel resultado; mas nunca mais se fallou em semelhante cousa, até 25 de julho de 1877.

N'este dia, a companhia transmontana fez nova experiencia com outra locomotiva a vapor, que andou 5 kilometros em 28 minutos, sem o minimo accidente desagradavel. Assistiu o director das obras publicas do districto, e grande concurso de povo.

A experiencia fez-se entre a Régua, e a povoação de S. Gonçalo de Lobrígos.

Ao sahir da estação da villa, ha uma subida, com curvas de pequeno raio, e rampas bastante fortes. A locomotiva subiu e desceu as rampas, e passou as curvas sem difficuldade, parando, avançando e retrogradando á vontade dos machinistas.

Deus dê coragem á companhia transmontana para levar a effeito um emprehendimento de incontestavel vantagem para os povos d'esta provincia.

—

Para se fazer uma ideia aproximada do valor da casa do famoso *Ferreirinha*, da Régua, julgo curioso resumir aqui o valor do que importaram as propriedades de seu filho, o sr. Antonio Bernardo Ferreira, na avaliação a que se procedeu no inventario, por fallecimento de sua esposa, D. Antonia Candida Ferreira, em setembro de 1877.— Eil-o:

Cinco moradas de casas na Régua.....	22:846$200
Uma casa terrea, no caes da mesma villa.....	1:039$600
Quatro armazens na mesma villa.....	6:608$800
A quinta das *Diabas* (!) nos limites da mesma villa....	12:422$000
A quinta o Vallado, em Villarinho de Freires.....	47:604$000
A quinta de Villa-Maior, em Lobrigos.....	28:194$000
A quinta do Rôdo, em S. José de Godim.....	42:844$000
A quinta Nova do Rôdo, na mesma freguezia de Godim.	4:780$000
Um campo no Rôdo, da mesma freguezia.....	240$000
A propriedade do Rechão de Cima, na ribeira do Rôdo, da mesma freguezia.....	270$000
A vinha dos Lameiros, na mesma freguezia.....	500$000
A vinha das Mirouços, na mesma freguezia.....	800$000
A quinta dos Vergonças, na freguezia de Lobrígos....	9:632$000
Monte e pinhaes do Maurinho, na freguezia do Loureiro.	3:002$900
Somma.....	180:283$500

Note-se que aqui não entram moveis nem semoventes, nem tudo quanto o sr. Antonio Bernado possue na cidade do Porto. E note-se, principalmente que a herança do Ferreirinha foi dividida pela sua viuva, pela sr.ª condessa da Azambuja, sua filha e pelo referido sr. Antonio Bernardo Ferreira.

—

A exportação dos vinhos do Alto Douro, pela Régua, para o Porto e de lá para todo o mundo, antes do *oidium* e do *philoxera*, valia, termo medio, SETE MIL CONTOS, annualmente.

Mas o Douro está ameaçado por estes dois flagelos, e se forem no espantoso progresso e horrivel desenvolvimento em que tem hido ha alguns annos, ai dos proprietarios do Alto Douro, que ficarão, na sua maior parte, reduzidos a uma espantosa miseria, que reflectirá terrivelmente no commercio e industria do Porto, aos quaes os vinhos do Douro davam um poderosissimo impulso.

Custodio José Vieira

N'esta villa nasceu, a 27 de março de 1822, filho de paes remediados de bens da fortuna, o sr. Custodio José Vieira.

Depois de fazer exame de preparatorios, matriculou-se no 1.º anno juridico, na universidade de Coimbra, em outubro de 1843.

Em 1846, tomou parte na guerra denominada *Maria da Fonte* ou *patuleia*, sendo um dos bravos defensores da causa popular. O general, Bernardo de Sá Nogueira, então visconde de Sá da Bandeira[1] nomeou-o *com-*

[1] Tinha sido feito barão de Sá da Bandeira, em 4 d'abril de 1833: visconde do mesmo titulo, no 1.º de dezembro de 1834. Foi feito marquez em 13 de fevereiro de 1864.

missario-civil de uma das tres circumscripções em que então dividiu o Algarve.

Terminada a guerra, pela intervenção estrangeira que produziu a *convenção de Gramido*, continuou os seus estudos, tomando o grau de bacharel em direito no anno de 1849.

Em 1848 estreou-se como jornalista, no jornal republicano o *Ecco popular*, de que era proprietario o livreiro já fallecido, José Lourenço de Sousa.[1]

Passou depois a ser um dos principaes redactores do *Nacional*, que seguia a mesma politica democratica do *Ecco popular*, e no qual tambem collaborava o então conego, sr. Antonio Alves Martins, hoje dignissimo bispo de Viseu.

Em quanto que nos jornaes defendia as ideias politicas que do coração tinha adoptado, se tornava celebre no foro, como um dos mais esclarecidos advogados do Porto, sobre tudo, em defesa de jornaes accusados por *abuso de liberdade de imprensa*, commovendo o auditorio com a vehemencia dos seus discursos, e com a energia da sua palavra auctorisada; o que lhe deu a bem merecida fama de um dos melhores jurisconsultos do paiz.

Como proprietario e redactor principal do jornal *O Portuense*, continuou sendo um infatigavel e incorruptivel campeão do partido popular, que o elegeu deputado, em 1867.

Em 1871, foi nomeado commissario geral dos estudos, e reitor do lyceu do Porto, logar que pouco tempo exerceu, porque pediu a sua exoneração, que lhe foi concedida.

Fallecendo em Lisboa o conselheiro Gonçalves de Freitas, director-geral das contribuições directas, foi este emprego offerecido ao sr. Custodio José Vieira, que o acceitou e está exercendo com a integridade propria do seu caracter austero e imparcialissimo.

Pouco depois, foi eleito deputado por Lisboa.

[1] Foi tambem n'este jornal que mais tarde se estreou o sr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, esclarecido lente da escola politechinca do Porto.

Como sr. doutor Custodio José Vieira occupa um logar tão elevado na sociedade, não quero que este artigo se attribua a lisonja; porisso terminarei dizendo—é um transmontano verdadeiro, que é o mesmo que dizer—um portuguez d'antes quebrar que torcer.

REGUDEIRO ou **REGODEIRO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca da Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Torre de Dona Chama) 70 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 10 fogos!

Orago Santo Amaro.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar (não chegando todo o seu rendimento annual a 12$000 réis!)

Esta *freguezia* foi, ha muitos annos, justamente supprimida, e encorporada á de S. Mamede de Guide,

REGUEIRA DE PONTES—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto, bispado, e 6 kilometros de Leiria, 138 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Junto ao logar de Regueira de Pontes, sobre a estrada de Leiria a Ortigosa, logo passando o rio, existia uma capella muito antiga, dedicada ao martyr S. Sebastião, com seu alpendre e sachristia. Foi reconstruida em 1713, fazendo-se-lhe uma outra sachristia, sendo n'esse mesmo anno elevada a parochia, dando-lhe o bispo de Leiria, uma pia baptismal, que havia sido da egreja de Nossa Senhora dos Anjos, da mesma cidade.

Ainda antes de ser egreja matriz, havia na capella uma confraria das almas, que no dia da sua festa dava um bodo aos pobres, que constava da carne de quatro bois, 5 almudes de vinho, 1$000 réis de pão cosido, e egual quantia em dinheiro. Este bodo cessou quando se reformaram os estatutos, em 1753.

O sino maior, foi fundido mesmo n'esta aldeia, em 1760, e custou 123$460 réis—e

o mais pequeno, em 1761, e custou 76$320 réis.

Como o templo fosse pequeno para matriz de uma freguezia, se construiu o actual, que é uma boa e vasta egreja. As obras principiaram om 1758; e o chão para a nova egreja foi comprado por 11$480 réis.

Concluiu-se o templo em 1795.

É terra fertil.

REGUENGA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 20 kilometros ao N. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 127 fogos.

Orago, Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento, alem do pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado de toda a qualidade.

Para a sua etymologia, vide *Reguengo*.

REGUENGO, REGAENDO, REGAENGO, REGALENGO, e **REGALINDO**—com todos estes nomes se distinguiam, desde o tempo dos reis das Asturias, todas as terras que eram patrimonio real, e que tinham hido á corôa por *direito de conquista*, confiscação, herança, escambo, etc., etc.

Varios soberanos doaram bens reguengos a egrejas, mosteiros e vassallos que queriam favorecer ou premiar.

Ás propriedades ruraes d'esta natureza, se dava tambem o nome de *reguengueiras*.

Tambem se denominavam reguengos, os fóros, direitos, ou regalias que em qualquer territorio, villa, cidade, concelho, ou couto, se pagávam á corôa; e era isto a que se chamava *direito real*.

REGUENGO—aldeia, Douro, na freguezia de Guizande, comarca, concelho e 8 kilometros ao N.E. da Feira.

Nasceu aqui um individuo da especie humana, considerado do sexo feminino, e baptisado com o nome de Anna. Quando já tinha 40 annos, querellou d'elle uma rapariga, pelo crime de tentativa de *rouço*.

Depois do competente exame, verificou-se que a *ré* era hermafrodita; mas, em vista dos depoimentos das testemunhas da accusação, decidiu-se que predominavam no *réu* as tendencias masculinas, e *foi declarado homem* por uma sentença, *sendo chrismado pelo agente do ministerio publico* com o nome de Antonio.

Pouco depois d'esta sentença, o tal *Anna-Antonio*, casou com uma rapariga da freguezia de Louredo, e ambos ainda vivem.

No mesmo concelho aconteceu outro facto egual. Vide a 1.ª *Regedoura*.

REGUENGO—freguezia, Extremadura, comarca de Porto de Mós, concelho da Batalha (foi da comarca e concelho de Leiria) 12 kilometros ao N.O. de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757, tinha 477.

Orago, Nossa Senhora dos Remedios.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 110$000 réis.

Reguengo é uma povoação antiquissima, e, segundo se collige de uma inscripção que está na capella da torre d'esta freguezia, já era povoada no tempo dos romanos. Eis a inscripção:

..... . ANN .....
LABERIA L. FMA.....
FILIA PIENTI.....

..... *annorum* ..... *Laberia, Lucti filia, ma* (ter) *pienti* (ssimae)

(A sua piedosissima filha, ... que morreu de .... annos .... mandou fazer este monumento, Laberica, filha de Lucio.)

Vê-se que esta inscripção está mutilada, e tem, alem d'isso, letras apagadas. Pela parte de cima devem faltar duas linhas—a primeira que costuma ser a dedicação aos *deuses manes* (D. M.) e a segunda, que devia conter o nome da fallecida.

Falta-lhe tambem a ultima linha usual nos monumentos funerarios dos romanos, que era S. T. T. L. (*sit tibi terra livis*—a terra te seja leve.)

Esta Laberia, filha de Lucio, era uma no-

bre romana, flaminia[1] de Evora e da provincia da Lusitania.

Parece que esta sacerdotisa foi celebre no seu tempo, porque Diogo Mendes de Vasconcellos, diz que na antiga egreja de Santo Estevam, de Leiria, estava embebida na parede do frontespicio esta inscripção:

LABERIAE L. F. GALLAE
FLAMINICAE EBORENSE.
FLAMINICAE PROV. LVSI-
TANIAE IMPENSAM FVNE-
RIS, LOCVM SEPVLTVRAE
ET STATVAN D. D. COLLI-
PFONECIVM DATANI L.
SVLPICIVS CLAVDIANVS.

Laberiae, Lucii filiae, Gallae, flaminicae eborense, flaminicae prov.nciae Lusitaniae inpensam funeris locum sepulturae et statuam. decreto decurionum collipponensium datam Lucius Sulpicius Claudianus.

(Lucio Sulpicio Claudiano, fez á sua custa o funeral, deu logar para a sepultura, e levantou esta estatua, que lhe foi concedida por decreto dos decuriões de Callipo (Leiria, *a velha*) a Laberia Galla, filha de Lucio, flaminia d'Evora e da provincia da Lusitania.

A primittiva egreja de Santo Estevam, foi demolida em 1507, e edificada a actual, e a lápide que continha a inscripção, desappareceu: provavelmente foi *aproveitada* para alvenaria da nova egreja.

Fallam d'esta inscripção, alem de Vasconcellos, já citado, frei Bernardo de Brito, o visconde de Paiva Manso, Gruter, Manoel de Faria e Sousa, Hubner, e o sr. Victorino da Silva Araujo, professor do lyceu de Leiria; mas todos com mais ou menos variantes.

Eu escolhi a que me pareceu mais correcta.

—

Mesmo como parochia catholica, esta freguezia é mais antiga do que o bispado de Leiria, pois foi creada por D. Pedro, bispo da Guarda e prior-mór do real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a requerimento dos povos do Reguengo, em 1512.

Esta freguezia e outras muitas do actual bispado de Leiria, formavam um *isento* de Santa Cruz.

D. Pedro deixou aos parochianos o direito da apresentação do cura, mas, das rendas do prior-mór, só tirariam para o paracho 2$500 réis cada anno; e ficariam com a obrigação da fabrica da egreja.

Até 1512, esta aldeia pertencia á freguezia de S. Martinho, e o povo da nova freguezia ficou obrigado a hir duas vezes no anno (nos dias do Corpo de Deus e de S. João Baptista) visitar a sua velha matriz.

Com a suppressão da freguezia de S. Martinho, cessou esta obrigação.

Quando se instituiu esta freguezia, combinaram os freguezes em dar ao parocho (que era o capellão da ermida erecta em matriz) de *ordinaria*, 80 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho môsto (depois, em logar do vinho, davam-lhe 25 alqueires de trigo) e os taes 2$500 réis do prior-mór. Tinha tambem o pé d'altar e as *offertas* (só da egreja parochial.) Tinha mais de *amemtas*, 25 alqueires de trigo, 17 perpetuos e 8 voluntarios, e outra amenta[1] de um alqueire de azeite, á safra.

[1] Os sacerdotes dos antigos romanos, chamavam-se *flamines*, e as sacerdotizas, *flaminias, flaminicas* ou *flaminicies*. Tinham obrigação de sustentar sem interrupção o *fogo sagrado*, e d'aqui lhe provem o nome. (Vide a 2.ª *Chellas*, vol. 2.º, pag. 287, col. 2.ª)

[1] A palavra *amentar* é uma das summamente elasticas do portuguez antigo.

1.º—É voz pastoril, e significa enfeitiçar ou encantar, chamando por canto, os lobos para destruirem os rebanhos do visinho. (*Magica carminè lupus convocare.*)

2.º—Amentar se dizia quando o gado andava alegre, saltando e rotouçando. Julga-se vir do latino *armentum*.

3.º—Trazer á lembrança, recordar, etc., *(quasi in mentem, seu memoriam revocare.)—Não me emente*—isto é—*não fallei em mim*, ou *não se lembre de mim.*

4.º—*Amentar*, ou *emmentar*, é o acto em que os parochos, ou seus curas, rezam, antes da missa convevtual, pelas almas dos defuntos cujos herdeiros lhe pagam as *emmentas*.

Pretendem alguns que emmenta é corrupção de *memenatar*,

Tudo isto é que o *Portuguez Sacro e Profano* avalia em 110$000 réis.

—

Quando se creou esta parochia, foi eleita por sua padroeira a Santissima Trindade; mas quando se construiu a egreja actual, mudou-se a invocação para Nossa Senhora dos Remedios.

—

Já disse que o capellão da antiga ermida foi o primeiro parocho da freguezia, e assim se continuou a denominar por muito tempo: depois é que se lhe deu o titulo de cura.

—

Quando se creou o bispado de Leiria, em 1545 (4.º vol., pag. 72, col. 1.º) os parochianos do Reguengo obtiveram um breve apostolico para que dos dizimos se pagasse a *ordinaria* ao capellão, obrigando-se elles a darem annualmente, um cirio, de uma libra de pêso, á egreja de S. Martinho, d'onde haviam sido desmembrados. O cirio era dado no domingo de Paschoa.

—

Principiou esta freguezia com 80 fogos, e d'ahi a 93 annos (1605) já contava 360.

—

No alto, sobranceiro á egreja parochial, está a ermida de *Nossa Senhora do Fetal*, ou *Feital*. A primittiva era antiquissima, e provem-lhe o nome, de ser a imagem da Senhora achada por uma pegureira, em uma feiteira (mouta de fectos) onde a ermida foi construida. Era apenas uma edicula e quasi debaixo do chão, pois se descia para ella, por tres degraus. Deu-se-lhe a invocação de Nossa Senhora da Fé; mas o publico sempre lhe ficou chamando Nossa Senhora do Fetal.

Como o povo dos arredores principiasse a ter muita devoção com esta Senhora, accudiram as esmolas e offertas em grande quantidade, e então se lhe construiu um bello templo, que é o actual, no anno de 1585, segundo se vê de uma inscripção, embebida na parede da egreja, que diz:

NO ANNO DE 1585
SE FEZ ESTA EGREJA
DE NOSSA SENHORA DO FETAL
COM AS ESMOLAS DOS FIEIS CHRISTÃOS
E SE VAY RENOVANDO
E SE VÃO FAZENDO OBRAS
COM AS DITAS ESMOLAS

O bispo e o cabido, buscaram um pretexto para lançarem mão das esmolas e offertas da Senhora, ficando obrigados á fábrica da capella, mas o povo, se a quer reparada, quando ella precisa de concertos, o tem feito á sua custa.

Tem uma confraria que no seculo 17.º chegou a ter 900 irmãos, tanto da freguezia como de outras, e até de fóra do bispado.

por se dizer no responso dos defuntos, *memento mei Deus*, etc.

Ementar ou *emmentar*, é ainda uma variante de amentar, e tem as seguintes significações:

1.ª—Escrever em livro ou em rol, o que se gasta, compra, vende, ou despendo; e ao tal livro ou rol se chamava *ementa*. (*Ordem.*, livro 1.º tit. 78, § 5.º)

2.ª—Ementa se chamava tambem ao livro em que se escreviam, em resumo, as cartas regias, doações, graças, mercês, etc. (*Cod. Alf.*, livro 1.º, tit. 10, § 1.º)

3.ª—*Ementar*—dizer em summa, recapitular, trazer á memoria as acções (boas ou más) de qualquer individuo.

4.ª—*Ementa* se chama o rol que os parochos teem na mão quando rezam pelas almas dos defuntos, e o vão lendo, para lhe não esquecer nenhum.

De *ementa* é que vem a palavra *ementairo* (inventario) portuguez antigo, ainda muito usado do nosso povo das aldeias. Significa *ementariação* (rol, indice, elencho, etc.) de todos os objectos que constituem uma herança.

As amentas ou ementas dos parochos, são de duas qualidades—uma obrigatoria, outra voluntaria. A primeira todos os herdeiros teem obrigação de pagar no primeiro anno do fallecimento do parente, e consta de um alqueire de trigo ou de milho, segundo o costume da parochia. A segunda (a voluntaria) é se o freguez se avem com o parocho por certa offerta annual, para lhe ementar *in perpetuum* (em quanto os herdeiros pagarem, bem entendido) as almas dos seus parentes fallecidos.—No primeiro caso, diz o parocho—*Pela alma de F., pater noster.*—No segundo, diz—*Pelas almas a que e obrigado F.* (o offerente) *pater noster.*)

A festa da Senhora faz-se no 1.º domingo de outubro, havendo na vespera e no dia não só uma concorridissima romagem, mas tambem uma boa feira. Havia tambem antigamente um grande bodo para os que d'elle se quizessem utilizar.

A ermida tem alpendre, 3 altares, sachristia, e casas para os romeiros.

Alem da confraria da Senhora, ha aqui outra do Espirito Santo.

Logo abaixo da ermida, na margem do caminho, ha um poço, e sobre elle, em um nicho de pedra, está a imagem de Nossa Senhora da Consolação. É advogada contra as verrugas.

—

Na serra que principia por cima do logar do Reguengo, a uns 6 kilometros de distancia da aldeia, está a ermida de S. Mamede. Faz-se-lhe a festa no domingo anterior ao dia de S. João Baptista, havendo tambem então, feira e bodo. Tem uma confraria, auctorisada por uma provisão régia.

Teem os povos d'aqui muita devoção com este santo; mandam-lhe dizer muitas missas, na roda do anno, e creem que elle lhes guarda os seus gados, que pascem na serra, dos lobos que alli ha.

—

Na aldeia da *Torre de Magueixa*, d'esta freguezia, ha uma ermida, dedicada a Santa Iria, a cuja fabrica são obrigados os moradores do logar.

Fica a 9 kilometros de Leiria.

Segundo a tradição, Santa Iria é natural d'este logar, e a capella foi construida nas casas em que ella nasceu.

A capella tem sachristia, e alpendre.

Ha n'esta capella uma confraria de defunctos, muito antiga. Tem bodo no 2.º domingo de outubro.

—

Diz-se que ao logar da Torre de Magueixa, se dava antigamente o nome de *Torre da Magacia*, que, no portuguez antigo, significa *Torre da Magia* ou *da Feitiçaria* por ter pertencido a um magico, ou feiticeiro. (!)

—

Junto ao logar de *Alcanada*[1] existia, de tempos immemoriaes, uma capellinha, dedicada a Santo Ilário.

Em 1567, foi demolida, e em seu logar se construiu a actual, dedicada ao Evangelista S. Matheus. Tem 30 alqueires de trigo de rendimento. No dia da festa, ha bodo aos pobres; e, alem da confraria do padroeiro, ha outra de defuntos.

—

No logar das Torrinhas, ou Piqueiral, ha a ermida de Santa Maria Magdalena, construida em 1600, por visitação, sendo bispo, D. Martim Affonso Mexia, para administrar os sacramentos aos povos d'estes logares; que são obrigados á fábrica, assim como os mais das outras aldeias que d'aqui são sacramentados.

—

Na aldeia de Valle-Magro, ha uma capella, de Santa Maria, construida tambem por visitação, no tempo do mesmo bispo, no anno de 1608. É tambem para administração dos sacramentos dos visinhos do logar e immediatos, que todos são obrigados á sua fabrica.

—

Havia ainda n'esta freguezia a ermida de S. José, no logar de Alqueidão da Serra. Em 1620, o bispo, D. Martim Affonso Mexia, erigiu a capella em egreja matriz, da freguezia de Alqueidão da Serra, que n'esse anno creou, desmembrando-se, com outras aldeias, da freguezia do Reguengo.

Foi arbitrado ao parocho (cura) o rendimento de 80 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho mosto, as offertas e o pé de altar. Os parochianos lhe deram casa para residencia, como se obrigaram, quando pediram ao prelado a creação da sua parochia. Principiou esta freguezia com 70 fogos: em 1757, ainda só tinha 73, e hoje tem 200. Dista 18 kilometros de Leiria.

Parte do logar d'Alqueidão da Serra, per-

[1] Alcanada, como Alcanêde, significa logar sombrio, ou temperado. Tambem significa homem pensador, prudente, reflectido, etc.—Deriva-se do verbo arabe *canata*, ser sombrio, temperado.

tence á freguezia de S. João, da villa de Porto de Mós (!) por sentença que obteve a casa de Bragança, contra o bispo, D. Diniz de Mello.

Ficou pertencendo a esta freguezia d'Alqueidão, a aldeia da Motta-Longa, onde ha uma capella dedicada a Santa Cattharina; feita tambem para administração dos sacramentos, e a cuja fabrica são obrigados os moradores do logar.

—

A palavra alquidão, deriva-se do árabe *alqueidam*, que significa *passos*, ou *passadas*. D'aqui vem o nome de Alqueidão que teem 29 aldeias, quasi todas na Extremadura. Propriamente significa—*terra medida a passos*.

De *alqueidam*, se deriva:

1.º—*Alquiar* (portuguez antigo, que depois se disse *alquilar*) e vem a ser—*ateigar*, dar de renda qualquer propriedade movel ou semovente. D'aqui, *alquilê*, o que aluga bêstas.

2.º—*Alquidar*, dar de renda a terra medida. É por isto que á propriedade que seu dono não cultivava, e costumava sempre trazer de rendas, se dava o nome de *alqueidão*.

A camara municipal de Lisboa, tinha vastas propriedades no Riba-Tejo, que lhe constituiam um dos seus principaes rendimentos, chamadas *Terras do Alqueidão*. Foram *desarmotisadas* pelo governo, em 1876—quer dizer—havendo uma banca-rôta, lá se vão os rendimentos das Terras do Alqueidão.

—

No 1.º de dezembro de 1834, foi feito visconde do Reguengo (mas não sei de qual Reguengo) o general, Jorge d'Avilez Juzarte —e em 4 de julho de 1870, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Jorge Frederico de Avilez.

—

Nasceu n'esta freguezia, soror *Maria do Rosario* (antes de ser freira, Maria Thereza Ignacia) religiosa do mosteiro do Sacramento, da cidade de Lisboa.

Foi por muitos annos considerada, como uma freira de grandes virtudes; mas isto não foi o sufficiente para escapar a graves accusações que d'ella fizeram á *Inquisição*. Foi enterrada nos medonhos carceres do *Santo Officio* (palacio dos estáos, onde hoje é o theatro normal) e taes tormentos fizeram soffrer á desgraçada, que a obrigaram a confessar tudo quanto os inquisidores quizeram, apezar de serem os mais ignobeis absurdos, que hoje nos fazem rir, mas que n'esse tempo causaram lagrimas de sangue e dores atrocissimas a milhares de victimas.

A sentença contem tão repugnantes immoralidades, termos tão improprios de um tribunal, que só a posso comparar ao indecentissimo processo da nullidade do matrimonio, da tristemente celebre duqueza de Nemours, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, contra D. Affonso VI.

Depois de muitos dias dos mais incomportaveis tormentos e das mais dolorosas torturas, obrigaram a confessar a desgraçada Maria do Rosario, que:

Na edade de sete annos lhe appareceu o demonio, em casa de um tio d'ella, parocho de uma freguezia de Evora, e que estabelecera com o demonio relações amorosas.

Quando a ré chegára aos 13 annos, de novo lhe appareceu o demonio, e com elle celebrou pacto expresso, por um escripto feito com o proprio sangue, tirado de um braço com um alfinete.

Pelos poderes que o demonio seu esposo lhe concêdera, fez feitiços a seu proprio pae, que d'isso falleceu, e a sua mãe, que morreu doida.

Concebeu sete filhos do mesmo demonio, com a singular circumstancia de que a gestação do féto nunca durara mais de tres mezes.

De um estudante a quem *apparecêra invisivelmente*, teve uma filha, que duas feiticeiras mataram sugando-lhe o sangue pela lingua.

Á sua parte matára cinco crianças, bebendo-lhes o sangue, e tomava-se de raiva quando as suas companheiras matavam alguma sem lhe darem noticia.

Sendo considerada por todos como *mulher de virtude*, fôra consultada por outra mulher que tinha o marido na India, e desejava saber d'elle. Maria do Rosario, á meia noite,

untou-se com unguento, e foi á India, pegou no homem, que estava dormindo, e n'essa mesma noite o trouxe a Lisboa, em uma embarcação, apresentando-o á mulher, que tomou o caso por milagre de Santo Antonio. A feiticeira, que não desejava alegrias a ninguem, pegou outra vez no homem e reconduziu-o á India na mesma noite.

Confessou tambem que, quando celebrara os desposorios com o demonio, este a levára a uma casa, onde elle se sentára n'um throno, rodeado de negros; que tambem alli havia frades com os seus capêllos; que a fizeram bailar com todos; e que seu *esposo* lhe offerecêra uma bebida *composta de lagartixas e outros bichos*; que ella bebêra por fineza, mas que ficara com o estomago anciado: que fizera varias viagens, em figura de gato e de corvo; que o demonio tomava muitas vezes a forma d'ella, para a substituir nas funcções da cosinha, e no toque dos sinos do convento, emquanto ella andava pelo mundo fazendo das suas; que o demonio a tinha visitado sete vezes, nos carceres do Santo Officio, para a consolar; e disse mais, que o numero das pessoas que se lembra de ter morto com feitiços chegaria a cento e trinta e sete.

—

O tribunal do Santo Officio, *em vista das explícitas confissões da ré*, diz no final da sentença que *deixa o rigor do direito e simplesmente lhe impõe a pena de hir a auto de fé, levando habito e carocha, e a ser reclusa perpetuamente nos carceres do Santo Officio, para salvação da sua alma.*

É notavel, esta piedade dos inquisidores! Se o menor dos crimes que a infeliz foi obrigada a confessar, fosse verosimil, era sufficiente para ella ser queimada; mas a Inquisição contentou-se com a pena de reclusão perpétua. Ella lá tinha as suas rasões, para nós impenetraveis...

REGUENGO—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros de Portalegre, 180 ao S.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 124 fogos.

Orago, S. Gregorio Magno.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de trigo de renda, e o pé de altar. É terra fertil.

REGUENGO—freguezia, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteira, 40 kilometros d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

A mitra apresentava o cura, que tinha 96 alqueires de trigo e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á de Alter do Chão, e por isso se diz—*Alter do Chão e Reguengo.*

REGUENGO D'ALCALÁ—Vide *Alcáçovas*, villa.

Alcalá, é palavra árabe, significa castello, ou fortaleza. Na Hespanha ha varias povoações com o nome d'*Alcalá*, e uma cidade na Castella-Nova.

Note-se que *alcalá*, como *alcásba* (que os árabes pronunciavam *alcáceba*) são synonimas, e ambas significam a mesma cousa.

—

Por não hir no logar competente, fallarei aqui dos condes das Alcáçovas.

O primeiro conde das Alcáçovas, foi D. Francisco de Salles Henriques Pereira de Faria Saldanha Vasconcellos de Lencastre (que era o 12.º senhor das Alcáçovas) feito no 1.º de dezembro de 1834. Era commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Torre Espada, e tenente do exercito liberal, perdendo um braço no cerco do Porto. Foi militar distincto.

Nasceu a 12 de dezembro de 1811, e succedeu na casa a seu avô materno, em 21 de fevereiro de 1822.

Era filho de D. Thereza Francisca de Paula, filha unica de D. Caetano Alberto Henriques Pereira de Faria Saldanha de Lencastre, 11.º senhor das Alcáçovas, fallecido a 21 de fevereiro de 1822, e de D. Maria Domingas de Castro.

D. Thereza Francisca de Paula, nasceu a 27 de fevereiro de 1788, e casou a 27 de fevereiro de 1808, com Luiz de Vasconcellos e Souza (segundo filho dos 2.ºs marquezes de Castello Melhor), do conselho de sua ma-

gestade, veador da infanta D. Isabel Maria (filha de D. João VI), par do reino, feito em 1835, capitão de infanteria, inspector geral do Terreiro, e nascido a 6 de fevereiro de 1791.

D. Thereza morreu a 2 de janeiro de 1821.

O 1.º conde das Alcáçovas, teve quatro irmãos:

1.º—*D. Marianna*, nascida a 8 de janeiro de 1814. Casou, a 20 d'agosto de 1837, com Carlos Leme Vieira Guedes, moço fidalgo, e administrador do morgado de Valle do Couto, em Mezão-frio.

2.º—*D. Leonor*, nascida a 20 d'agosto de 1818, e fallecida a 10 de fevereiro de 1836.

3.º—*D. Caetano de Lancastre*, nascido a 24 d'agosto de 1819, e foi o 2.º conde das Alcaçovas, feito em 22 de maio de 1840.

4.º—*D. Helena*, nascida a 31 de dezembro de 1820, e fallecida a 23 de janeiro de 1836.

O senhorio das Alcáçovas, foi dado a esta familia, por D. Duarte I, em 1439.

O seu palacio em Lisboa, é na rua da Cruz.

É 3.º conde das Alcáçovas, o sr. D. Luiz Henriquez de Faria Pereira e Lencastre.

—

Lencastre, é um appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se encontra, é D. João de Lencastre, feito marquez de Torres-Novas, por D. Manuel I, e 1.º duque de Aveiro, por D. João III, em 1547.

Era filho primogenito de D. Jorge, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II. [1]

As armas dos Lencastres são as mesmas de que usavam os duques de Aveiro — as armas de Portugal, com a quebra de bastardia, e por timbre, um pelicano.

REGUENGO DA CARVOEIRA — ou simplesmente *Carvoeira*. Já fica descripto sob esta ultima palavra, no 2.º vol., pag. 139, col. 1.ª; mas já não está annexa a Chileiros, como alli se diz.

REGUENGO-GRANDE — freguezia, Extremadura, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras, 60 kilometros ao N.O. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O sacro collegio patriarchal e o prior e beneficiados da egreja de Santa Maria d'Óbidos, apresentavam simultaneamente o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento e o pé de altar.

É terra fertilissima.

Perto d'esta freguezia passavam as famosas *linhas de Torres Vedras*, que tanto mêdo incutiram aos francezes.

REGUENGO DO RIBA-TEJO — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e comarca do Cartaxo (era do concelho da Azambuja, supprimido em 1876, e da comarca d'Alemquer), 60 kilometros ao N.E. de Lisboa, a cujo Patriarchado e districto administrativo pertence.

É n'este logar a *ponte do Reguengo*, onde está a 10.ª estação do caminho de ferro do norte e leste. (Vol. 7.º, pag. 184, col 1.ª)

Esta povoação soffreu gravissimos prejuizos com as inundações de novembro e dezembro de 1876; assim como as *terras do Alqueidão*, da camara municipal de Lisboa, que são n'estes limites.

A maior inundação, foi nos dias 6 e 7 d'aquelle ultimo mez, cobrindo os vastos campos do Reguengo e das terras immediatas. Tornou-se digno da gratidão geral d'estes povos, em tão terrivel conjunctura, o sr. José Vicente da Costa Junior, de Salvaterra de Magos, que, com imminente risco de vida, salvou varias pessoas, animaes e generos, em um barco seu, conduzindo tudo para Salvaterra, apezar da violencia da tempestade e do furor vertiginoso das ondas.

Vide *Riba-Tejo*.

REGUENGOS ou VILLA NOVA DE RE-

[1] D. João II fez todas as diligencias para que seu filho bastardo, D. Jorge, subisse ao throno, visto ter morrido seu unico filho legitimo, D. Affonso (da quéda de um cavallo, junto a Santarem, em 1491); mas sua mulher, a virtuosissima rainha D. Leonor, e a maior parte dos fidalgos, oppozeram-se tenazmente, á pretenção do monarcha, e succedeu-lhe na corôa seu primo e cunhado, D. Manuel, duque de Beja, natural de Alcochête, e filho do infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho do rei D. Duarte. D. Manuel era irmão da rainha D. Leonor.

GUENGOS—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca do Redondo, 35 kilometros d'Evora, 135 ao S.E. de Lisboa. Tem 600 fogos.

Em 1766, tinha 291 fogos.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra fertilissima. Muito gado, de toda a qualidade.

A freguezia dos Reguengos está situada entre campinas, pertencentes á casa de Bragança, da qual era *reguengo*, e d'ahi lhe vem o nome.

Pelos annos de 1680, 12 kilometros ao E. de Monsaraz, existia em um sitio solitario, porém ameno e fertil, uma antiga ermida, dedicada a Santo Antonio de Lisboa.[1] A belleza do logar, foi, pouco a pouco attrahindo para aqui desde aquelle anno, algumas familias, que construiram as suas casas em volta da ermida, e tanto foi crescendo a povoação, que, pelos annos de 1760, o povo requereu e obteve que a aldeia fosse elevada á cathegoria de parochia, quando o logar já era composto de uns 280 fogos. A capella de Santo Antonio ficou servindo de egreja matriz, para o que, passados poucos annos (1710) foi accrescentada, e, como ainda não tivesse a capacidade sufficiente, tornou a accrescentar-se; mas, apezar d'isso, ainda é acanhada para a população, em vista do desenvolvimento que esta tem tomado.

As casas são, pela maior parte, baixas, e as ruas summamente tortas, pela falta de cuidado que houve no seu alinhamento desde o principio, pois que cada um construia a sua casa onde melhor lhe parecia.

[1] É preciso notar que se em 1680 estava o sitio deserto, é porque tinha sido abandonado pelos seus habitantes, depois da destruição das suas casas, com as guerras continuas dos seculos VIII, IX e X, e ainda hoje ha vestigios de construcções antiquissimas. Isto já no principio do seculo XIII era reguengo, e como tal lhe deu foral, D. Sancho I, em 1205, como adiante veremos, e é provavel que já por estes sitios habitassem alguns *reguengueiros* (caseiros da corôa).

Este povo é sobremaneira industricso, e, além da agricultura, fabrica varios tecidos de lan, como saragoças, estamenhas, mantas, cobertores, e chapeus.

Foi esta povoação crescendo á custa da villa e praça de guerra de Monsaraz, pois que, estando esta construida em uma aspera eminencia, propria para uma fortaleza, não o era para as outras commodidades da vida; e a aldeia de Reguengos, em pouco tempo excedeu em importancia a antiga villa de Monsaraz, e isto foi causa da antipathia que por muitos annos existiu entre as duas povoações; antipathia que ainda não está completamente extincta.

O governo, em attenção ao desenvolvimento da nova povoação, mudou para aqui a séde do concelho de Monsaraz, por carta de lei, de 18 de abril de 1838; e por outra carta de lei, de 29 de fevereiro de 1840, foi elevada á cathegoria de villa, com o nome de Villa Nova de Reguengos. Notemos, porém, que já em 1205, o foral lhe dá o nome de Reguengo de Villa Nova, o que prova que já então, ou mais proximo ou mais distante da capella de Santo Antonio, existia uma tal ou qual povoação, ou, pelo menos, alguma herdade da corôa.

O concelho de Reguengos é composto de cinco freguezias, todas do arcebispado de Evora, e com 1:900 fogos. São—Campo, Caridade, Corval, Monsaraz, e Reguengos.

Tinha mais trez freguezias, do mesmo arcebispado, que passaram a formar o concelho de Mourão, e eram—São Braz da Granja, Nossa Senhora da Luz, e Mourão e S. Leonardo, annexas, todas com 920 fogos.

É povoação antiquissima. D. Sancho I lhe deu foral, em Coimbra, no 1.º de julho de 1205, e seu filho, D. Affonso II, o confirmou tambem em Coimbra, em novembro de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos, n.º 3, fl. 4 v., col. 1.ª*)

Não teve foral novo.

O nome que lhe dá o foral velho, é *Reguengo de Villa Nova.*

Diz-se que foi uma cidade romana, com o nome de *Ourégia*, ou *Turégia*. (Vide *Ourégia*, ou *Tourégia*, a pag. 311, col. 2.ª do 6.º vol.)

Em 1837 appareceu no logar do Monte da Azinheira, d'esta freguezia, em um curral de bôis (!) um tumulo romano (ao qual muitos dão o nome de *sarcophago*)[1] de marmore branco.

Estava tapado com tres lagens, collocadas sobre barras de ferro, chumbadas.

Tinha dentro um esqueleto, e á cabeceira, um *vaso lacrimatorio*, de vidro.

É monolithico (de uma só pedra) e está cavado em fórma de banheira, arredondado nas cabeceiras. Tem 1m,95 de comprido, pela parte superior, e 1m,80 pela inferior: 0m,65 de alto, e 0m,63 de largo.

É ornado, exteriormente, de baixos-relevos bem esculpidos, com um busto (tambem em baixo-relevo) de homem, com toga. Tem varias figuras d'homens, todas aladas, e uma junta de bôis, puchando a um arado, a cuja rabiça pega um mancebo que os guia. Tem as quatro estações, figuradas por outras tantas mulheres, com os attributos, ou emblemas, proprios.

Não tem inscripção, mas é de suppôr que o figurão que aqui jazia, viveu no primeiro ou segundo seculo do christianismo.

Esta preciosidade archeologica foi vendida pelo seu proprietario, á camara municipal do Porto, por 50 libras, e foi para o seu museu (Allen) em 1867, e alli se conserva.

—

Nas immediações do referido logar do Monte da Azinheira, appareceram outras muitas sepulturas, a maior parte de marmore branco, com ornatos de marmore preto, cobertas de tijolo e cada uma com seu esqueleto, e vaso lacrimatorio, de barro verde, vidrado.

Tudo foi destruido, sendo a pedra empregada (depois de partida!) em fazer paredes.

Tambem appareceram algumas urnas cinerarias, de barro, da capacidade de 40 a 48 litros; pedaços de chumbo, em barras e em tubos; e algumas moedas romanas, de prata.

—

Ha por estes sitios vestigios de uma antiquissima povoação, como pégões de arcos, aqueductos, galerias subterraneas, e abobadas, dentro das quaes estavam penduradas pequenas alampadas de barro (*terebratulas*); alicerces de edificios, mós de moinhos, tijolos, e outros objectos.

Pretendem alguns antiquarios, que são os restos da cidade romana *Turégia*, ou *Taurerégia;* mas, se esta povoação existiu, não se sabe ao certo qual foi a sua situação, apenas se sabe que era na actual provincia do Alemtejo. D'este logar a Evora, são 35 kilometros, e André de Rezende diz que Turégia ficava a 8 milhas d'Evora (isto é, 16 kilometros, pouco mais ou menos), na estrada d'esta cidade para Alcacer do Sal. (Vide 6.º vol., pag. 314, col. 1.ª)

Tambem no Monte da Azinheira se achou, no principio d'este seculo, uma lapide com uma inscripção latina (que não copio, por ser muito extença) do anno 593 de Roma.[1]

—

Para fugir a repetições, remetto o leitor que quizer saber tudo quanto de antigo diz respeito a Reguengos, aos artigos *Monsaraz* e *Ourega*.

—

REGUFE, ou **REGOUFE** — freguezia, que existiu na provincia do Minho, comarca e concelho de Barcellos. A egreja matriz era no sitio onde hoje se vêem os restos de uma capella. O orago d'esta freguezia, era o Salvador. Foi encorporada, ha mais de duzentos annos, á freguezia d'Alheira. Vide esta palavra.

REI—Tanto das *actas* braccarenses, como de quasi todos os documentos escriptos na baixa latinidade, consta que n'esses tempos se dava o titulo de rei a todos os grandes senhores. O mesmo se vê nas historias de

[1] Sarcophago, não é, como muitos affirmam, synonimo de tumulo, ou mausoleu. Significa litteralmente, *tumulo vazio*. Quando o individuo que se queria memorar, tinha sido sepultado nas ondas, ou que, por qualquer motivo, não se sabia do cadaver, se lhe erigia um sarcophago. Então no epitaphio não se escrevia H. S. E. (*hic sepultus est*), mas sim A. P. M. (*ad perpetuam memoriam*).

[1] Roma foi fundada no anno do mundo 3251, ou 753 antes do nascimento de J.-C., por consequencia, o anno 593 de Roma, corresponde ao anno do mundo 3844, que é o anno 160 antes de J.-C.

Aragão e Navarra, pois se dava o titulo de rei, ao senhor de qualquer territorio ou comarca.

Durante o dominio dos mouros na Peninsula hispanica, tambem elles tomavam este titulo, se possuiam qualquer cidade ou região. É por isso que vemos, *rei de Lamego, rei de Coimbra, rei de Santarem, rei de Badajoz, rei de Cintra*, etc., etc.

D. Fernando Magno, dando a seu filho, D. Garcia (1065), os condados de Portugal e Galliza, o infante tomou o titulo de rei.

As filhas dos monarchas de Hespanha e de Portugal, até ao seculo XIII, se denominavam rainhas.

Assim se assignava D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, e sua irman (d'ella) D. Urraca, senhora de uma pequena parte da provincia de Traz-os-Montes.

O primeiro rei de Portugal que foi ungido, foi D. Affonso V.

REI D'ARMAS — vide 3.º vol., pag. 372, col. 1.ª

REI (*S. João de Rei*) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Póvoa de Lanhoso. Já está sob a palavra *João de Rei* (S.), no 3.º vol., pag. 414, col. 2.ª

Está, ha muitos annos, annexa a esta freguezia a de S. Pedro da Ajuda, ou de Ajude.

—

Como o facto que vou referir, teve logar annos depois de publicado o 3.º volume, não tenho remedio senão relatal-o aqui.

Nasceu n'esta freguezia e aqui falleceu, em abril de 1877, Antonio Manuel da Costa.

Esteve muitos annos no Brazil, onde juntou bons cabedaes. Regressando á sua terra natal, ahi viveu e morreu na maior miseria, como se fosse um dos mais pobres da freguezia.

Pelo seu testamento, conheceu-se que deixou uma riqueza superior a oitenta contos de réis fortes, instituindo por seu herdeiro universal um irmão.

Deixou 70 contos de réis nominaes, em inscripções de assentamento, metade ao hospital de S. Marcos, em Braga, e outra metade ao sr. Pinto Leite, do Porto.

Deixou um conto de réis fortes, para ser distribuido pelos pobres da sua freguezia; mas esta *deixa* foi causa de uma renida questão.

Os pobres da freguezia de Ajuda, queriam ser contemplados, visto que a sua freguezia está annexa á de S. João de Rei; porém, os d'esta freguezia allegaram que Ajuda, continúa como curato separado, no qual são feitos todos os officios parochiaes, *desobriga*, etc., e que só no temporal está annexa, não tendo regedor nem junta de parochia, por não haver numero de fogos sufficientes para isso.

Por fim venceram os de S. João de Rei.

—

Tambem depois de estar publicado o 3.º volume, recebi os seguintes apontamentos, que teve a bondade de me mandar o reverendissimo sr. padre José Lopes d'Araujo e Silva, da freguezia de S. João de Rei, e que eu muito agradeço, porque, na verdade, são curiosissimos.

Peço desculpa de algumas pequenas mas inevitaveis repetições.

—

S. João de Rei foi povoado pelo conde D. Ozorio de Cabreira, filho de D. Sancho Velloso e de Moninha Forjaz, e descendente dos reis de Leão; D. Ozorio, veio em 1093, com o conde D. Henrique, para Portugal; povoou, e assenhoreou-se das terras de Cabreira e Ribeira, S. João de Rei, Berredo e Lanhoso, e fez o seu solar entre Homem e Cávado; perto d'Almares, na casa e torre dos Vasconcellos, da qual ainda ha muitos vestigios. Foi casado, segundo uns, com D. Sancha Moniz, e segundo outros, com D. Rufa Moniz, sua prima, e neta de D. Fernando Magno, primeiro rei de Castella e Leão.

Sendo, João Affonso de Beça, senhor de S. João de Rei, perdeu o senhorio d'esta terra e outras, por ser infiel a el-rei D. João I, e passou a Lopo Dias d'Azevedo, filho de Diogo Gonçalves d'Azevedo e de D. Aldonça Coelho, senhora de Terras de Bouro, e neta de Pedro Coelho, valido de D. Affonso IV, a quem D. Pedro I mandou tirar o coração,

pelo peito, em Santarem, estando ainda vivo.[1]

Lopo dias d'Azevedo, era decimo setimo neto de D. Arnaldo, natural d'Allemanha, da geração dos imperadores, que veio para Portugal em 1016, na armada dos normandos, e senhor do couto e casa de Azevedo e Castro, e de terras de Bouro, que por servir com muita satisfação e lealdade a el-rei D. João I, foi armado cavalleiro, pelas mãos do mesmo rei, na batalha d'Aljubarrota, a 14 d'agosto de 1385, e investido nos senhorios de S. João de Rei, Aguiar de Pena, e Jales em Traz-os-Montes, e nos direitos reaes da honra de Frazão, no termo do Porto.

S. João de Rei foi concelho, composto de quatro freguezias, abaixo mencionadas, com foral dado por el-rei D. Manuel a 25 de dezembro de 1514, com o nome de Sanhoane de Rei.

[1] Teve logar esta barbara vingança (mais do que justo castigo) em 1357, na praça, em frente do paço real, hoje chamado *largo de Cimo de villa.*

D. Pedro I, de Portugal, pactuára com seu sobrinho, D. Pedro, tambem 1.º (o Cruel) de Castella, de este lhe entregar Pedro Coelho, Diogo Lopes Pacheco e Alvaro Gonçalves—os tres asssassinos de D. Ignez de Castro—e o tio lhe entregar D. Pedro Nunes de Gusmão, adiantado-mór de Leão; D. Mem Rodrigues Tenorio; D. Fernando Gudiel de Toledo e D. Fortão Sanches Calderon (que foi o mesmo que entregal-os ao carrasco.) O rei castelhano não pôde entregar senão Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho, porque Diogo Lopes Pacheco conseguiu fugir para França, vestido de almocreve.

D. Pedro, apenas viu os dois assassinos, deu com um azurrague, que sempre trazia, em Pedro Coelho, que rompeu em publicas injurias contra o rei. Este disse então.—*Olá! trazei-me sebola e vinagre para este coelho.*

Os dois assassinos foram condemnados, sem fórma alguma de processo. A Coelho, foi-lhe arrancado o coração pelo peito, e a Gonçalves, pelas costas, sendo depois queimados na mesma praça, na presença do rei, que, emquanto os dois cadaveres eram queimados, estava elle jantando a uma janella.

Os fidalgos castelhanos que haviam sido entregues a D. Pedro Cruel, morreram tambem, no meio dos mais atrozes supplicios.

(Os que desejarem saber mais circumstanciadamente este facto, vejam o 3.º vol., pag. 250, col. 2.ª e seguintes.)

S. Pedro d'Ajude, ao norte de S. João de Rei, e banhado pela margem esquerda do Cávado, tinha 30 fogos, em 1850; sendo abbade José Carlos Pereira, annexou-a a S. João de Rei, que se achava vaga por fallecimento do abbade João José d'Araujo. Santa Maria de Verim, ao poente d'Ajude e sul do Cávado, tem 92 fogos, era commenda de Christo com a annexa de Friande: a sua egreja é muito antiga, foi mosteiro dos Templarios, e sagrada em 1131, pelo arcebispo D. Paio Mendes; o senhor do concelho, recebia o sexto dos fructos d'esta freguezia; tem em Pégo Negro, margens do Cávado, uma fonte sulfurea, e medicinal. S. Martinho de Monsul, ao sul de Verim e do Cávado, tem 164 fogos, o logar de Pousadella foi Couto da Marqueza de Niza, a cadeia e o pelourinho com a pedra d'armas, estão derribadas; o senhor da terra recebia o quinto dos fructos. S. João de Rei, ao nascente de Monsul, tem com a annexa d'Ajude 140 fogos; o senhor do concelho recebia o quarto dos fructos; a egreja d'esta freguezia dista de Braga 16 kilometros, d'ella se desfructa a ribeira do Cávado desde o Salgueiral até quasi á sua foz, que é em Fão. Os senhores d'esta terra perderam todos os foros e regalias que tinham, e os seus descendentes ainda aqui possuem algumas propriedades e uma casa em ruinas.

Produz em annos temperados, muito pão, bom vinho, muito azeite, laranja e mais fructas; caça de monte, coelho, lebre e perdiz; do rio, vogas, escalos, barbos, algumas trutas, e em alguns annos lamprêas e salmões.

Em 1836, reuniu-se este concelho ao da Povoa de Lanhoso, e por carta de lei, de 4 de julho de 1837, tornou a ser reintegrado, addicionando-se-lhe as sete freguezias seguintes: Santo André de Friande, que pertencia ao concelho da Ribeira de Sôas, tem 126 fogos, e é banhada pela margem esquerda do Cávado. As seguintes pertenciam á Povoa de Lanhoso: S. Martinho d'Aguas Santas, ao sul do Cávado, de 130 fogos, Santa Maria de Moure, ao sul de Aguas Santas, de 81 fogos; já não existe n'esta freguezia o celebre castanheiro, que dava um moio de castanhas, nem a vide que dava trinta almudes de vinho, como diz o padre Antonio de Carvalho

na sua Corographia, mas ainda hoje ha perto da egreja uma carvalha que dá quarenta alqueires de bolotas, ou oito centos litros pouco mais ou menos; S. Julião de Covellas ao sul de Moure, de 66 fogos; S. Martinho de Ferreiros, ao nascente de Covellas, de 98 fogos; ainda existe n'esta freguezia a casa e torre que foi solar dos Machados; Santo Estevão de Geraz e Santa Tecla, annexas, ao nascente de Ferreiros, de 154 fogos. Já não existe n'esta freguezia a torre de Berrêdo, solar dos Berrêdos, como diz o padre Carvalho.

REI SALVADOR — freguezia, Alemtejo, comarca d'Elvas, concelho de Monforte (em 24 de outubro de 1855 passou para o concelho da Fronteira, mas, em 18 de dezembro de 1872, tornou para o concelho de Monforte), 24 kilometros d'Elvas, 270 ao E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757, tinha 38 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o prior, collado, que tinha de rendimento (a que chamam *bôllo*) 180 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

REIGADA ou **ARREIGADA** [1] — villa, Beira Baixa, concelho a 12 kilometros ao N. de Almeida, comarca de Pinhel (foi da comarca do Sabugal) 12 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 110 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Districto administrativo da Guarda, patriarchado de Lisboa, por ser do grão-priorado do Crato.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, por esquecimento, pois é freguezia muito antiga.

É a melhor povoação do concelho, e está situada em uma fertil planicie.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519. (*Livro de foaes novos da Beira*, folha 157, col. 1.ª).

Tem foral novissimo, dado por D. João IV, em 1650, dando-lhe então o titulo de villa.

REIGADO ou **ARREIGADO**—portuguez antigo ainda muito usado.

O que está connaturalisado, firme, fixo estabelecido em alguma terra, tendo casa e familia.

Mando, que o Alcaide meor da Villa, seja vesinho, ou se faça vesinho arreigado, *com'é de costume.*

(Documento da camara secular de Coimbra, de 1331).

Guardem bem as Cidades e Villas, com homens jurados naturaes, ou moradores e reigados *na terra.*

(Codigo alf., liv. 1.º tit. 30, in princ).

Ao pé da letra, significa o que ganhou raizes, radicado.

REIGAMENTO ou **ARREIGAMENTO**—portuguez antigo, fiança ou abono de pessoa que estava *reigada* na terra.

Mando, que este arreigamento, *quando se ouver a fazer, que se faça nas naves* (embarcações) *que esteverem na agua, que tangerem o seu termho de villa Nova, ou Gaya. E este arreigamento se não deve fazer n'aquelles averes, cujos donos forem arreigados, por aver outros ffiadores.*

Assim o determinou D. Affonso IV, nas quartas côrtes de Santarem, de 1340. [1]

(Documento da camara do Porto).

REIGOSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 19 kilometros ao SO. de Montalegre (foi da mesma comarca, mas do supprimido, concelho de Ruivães) 51 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 68 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

[1] Esta villa já fica descripta, sob o nome de *Arreigada*, no 1.º vol, pag. 238 PP, col. 1.ª (a 2.ª Arreigada) mas aqui rectifico alguns êrros, causados pela posterior mudança de divisão administrativa, e augmento o mais que d'esta povoação vim a saber.

[1] Viterbo diz que estas côrtes foram convocadas por D. Affonso IV, em 1369. É erro, foram em 1340. Em 1369 já D. Pedro I reinava havia 12 annos, porque seu pae fallecêra em Lisboa, a 28 de maio de 1357. As ultimas côrtes a que presidiu D. Affonso IV, foram as quartas de Lisboa, convocadas em 1352. (Volume 2.º, pagina 393, col. 1.ª).

O abbade de S. Pedro do Covêllo do Gerêz, apresentava o vigario collado, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

Esta freguezia está situada em terreno levemente accidentado, na margem direita do Regavão, que lhe corre ao sul.

A egreja matriz, foi construida em 1614.

A parochia compõe-se de trez aldeias, Reigoso, séde da parochia; Ladrugães, e Curraes.

Tem duas capellas publicas — uma, dedicada a S. Lourenço, em Ladrugães — outra de S. Miguel, em Curraes.

Fica a freguezia, abrigada do norte, pela serra de Lamas, e é abundante d'aguas, o que a torna muito fertil em milho, centeio, batatas e feijões.

Antigamente produzia algum vinho verde; mas hoje não o ha n'esta terra.

Pelo centro da freguezia, passa a antiga estrada de Braga, para Montalegre.

Pelo E. da freguezia, corre o ribeiro de Vallongo, que nasce na serra da Lomba do Rêgo, proximo a Fervidellas, e morre, com 6 kilometros de curso, no Regavão.

Réga, móe, e traz algum peixe miudo.

REIGOSO — freguezia, Beira Alta, comarca de Vousella, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros ao N. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 69 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

É terra fertil, em gado e caça.

REIMBRAR — portuguez antigo, (tambem se dizia *remembrar* e *renembrar*) lembrar.

D'aqui *reimbrança*, recordação, lembrança.

Vem do verbo saxonio, *remember* (lembrar).

Os inglezes ainda teem o *remember*, com a mesma significação.

REIMONDA ou **REYMONDA** — já está sob a palavra *Raimondo*, aqui accrescento:

Reimondo, ou Reymondo, é appellido nobre em Portugal. Veio da Galliza, mas não se sabe quem o trouxe a este reino. O 1.º que se acha com este appellido, é João Reimondo, alcaide mór de Lisboa, que assistiu á doação que o rei D. Diniz fez da villa da Lourinhan, a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, conde de Albuquerque. (Vide *villa do Conde*).

As armas dos Reimondos, são — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, de azul, uma flor de liz, de prata — no 2.º e 3.º, do mesmo, uma arvore verde. Timbre, um peixe *(reimão)* de prata, com um ramo da arvore do escudo, na bocca.

REITOR — portuguez antigo, juiz árbitro.

Hoje dá-se o nome de reitor ao que rege a universidade, ou qualquer egreja.

Na cathegoria ecclesiastica, reitor é o logar intermediario entre o vigario e o abbade.

RELAMPADO ou **RELAMPADOS** — portuguez antigo — aliviado, abolido, relaxado, extincto.

Seria proveito áá vossa terra taaes degredos serem relampados.

(Côrtes de Leiria e Santarem, convocadas por D. Duarte I, em 1434.

Vide vol. 2.º, pag. 394, col. 2.ª

RELAÇOM — portuguez antigo. — *Casa da relaçom*, a que hoje chamamos casa da camara.

Fazer relaçom, era o mesmo que dizer — dar audiencia, fazer justiça ás partes.

RELEGADO — portuguez antigo — pegado, prêso, unido, aferrado.

Vem do latino *religatus*.

Não tem em ellas havenças, que os tenham relegados, e de ligeiro se vão, quando lhes praz.

(Documento da camara do Porto, de 1439.)

Relegado era synonimo de relego.

O vinho *relegado*, era o que se vendia no relêgo.

RELEGAGEM — portuguez antigo — certa pensão ou fôro que se pagava do vinho vendido por algum particular, emquanto durava o relêgo.

Era de 10 até 15 soldos por tonel.

(Documento da camara secular de Coimbra, de 1361).

Na cidade de Silves, se pagava de *relegagem*, por cada carga *cavallar*, um almude, e por carga *asnal*, meio almude.

(Documento da camara de Silves, de 1398).

RELÊGO — portuguez antigo — parece ser contracção, ou abreviatura, de *regalengo*.

Era um direito com que o soberano, ou seu donatario, podia livremente vender o vinho que nos seus *reguengos, coutos* ou *jugadas* se criava: e isso, em certos mezes, e por uns tantos dias, durante os quaes mais ninguem podia vender vinho sem se expor á pena de relegagem.

O tempo do relego, vinha marcado nos foraes, provisões, ou carta de mercê.

É por isto que tambem se dava o nome de relêgo, ao lagar, tulha, adega ou celleiro, em que o tal vinho se fazia e guardava.

RELÊGO — portuguez antigo — tambem se dava este nome ao a que nós hoje chamamos *relêvo*.

Huus castiçaes de prata, dourados, e lavrados de sinzel de meio relêgo.

(Documento de Alpendurada, de 1346).

RÊLHO — portuguez antigo — o fecho, ou fivelão com que se apertavam os cintos preciosos das senhoras portuguezas.

RELIGAS — portuguez antigo — reliquias de santos.

Mando as minhas religas, a minha filha, D. Berengueira.

(Documento de Almoster, do 1287).

RELIQUIAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Ourique) 105 kilometros ao O. d'Evora, 140 ao S. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 160 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

(Foi do arcebispado d'Evora, até á creação do de Béja).

A mitra apresentava o cura, que tinha 198 alqueires de trigo.

É terra fertilissima em cereaes. Muito gado e caça.

Em um domingo, 5 de septembro de 1875, pelas 9 horas da manhan, principiou um pavoroso indendio, na herdade do Valle da Casca, freguezia de S. Luiz, e propagou-se com tal velocidade, que, pouco depois, ardiam soberbas mattas, pertencentes ás freguezias do Salvador, e das Reliquias.

Causou enormes prejuizss aos seus proprietarios.

REM — portuguez antigo — cousa — vem do latino *rem*. Até ao seculo 11.º significava *as couzas* que qualquer possuia, tanto em moveis, como em imoveis ou semoventes.

Em 1061, reinando D. Fernando Magno, fez o presbytero Fromosinho Romariguiz, doação a seu filho, o padre Sandila — *de Baselicas, et omnia suo rem*, etc. — Desherdando o mesmo presbytero Fromosinho, a seu filho Fernando, por lhe ser desobediente, diz — *pra quo exivi meo filio Fernando, de meo praecepto, exhaeredavi eum de tota mea rem.* (Doc. d'Alpendurada, de 1062.)

REM — portuguez antigo — absolutamente nada, cousa nenhuma. Esta era a significação d'este vocabulo, nos documentos dos seculos 12.º, 13.º e 14.º Vem do francez *rien* (talvez já viesse dos gallos-celtas.) Os francezes modernos, para darem mais força á expressão, dizem *rien du tout*.

REMAESCER — portuguez antigo — ficar, restar. Vem do latino *remaneo*. (Doc. de Sarzedas, do anno de 1312).

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide 4.º vol., pag. 41, col. 1.ª — a 2.ª *Lamellas*.

Ao que então disse, tenho a accrescentar os successos posteriores.

Depois de 23 annos de assiduos trabalhos do ermitão José Lopes, para a conclusão do formoso templo de *Nossa Senhora dos Remedios da Divina Providencia*, na aldeia de Lamellas, freguezia, concelho e comarca de Castro Daire, e por ordem do sr. bispo de Lamego, foram, no sabbado de Ramos, 13 de abril de 1878, em visita ao novo templo, o arcipreste do districto, o reverendo sr. Antonio Bizarro, e o abbade da respectiva freguezia, o reverendo sr. João de Barros, com auctorisação para benzerem a egreja e ser admittida ao culto divino, se a achassem nas circumstancias.

Ficaram os dois ecclesiasticos maravilhados do que viram. O templo estava no maior aceio; o altar-mór de bella talha moderna, com o seu throno para a exposição do Santissimo, e n'elle uma rica banqueta nova, dourada, e mais quatro altares lateraes, com formosissimas imagens, e, alem disso, todos

os mais paramentos e alfaias necessarias, sendo alguns d'estes objectos de grande preço.

O sr. arcipreste, como visitador, marcou logo o dia 30 d'aquelle mez, para a benção do templo, e assim se effectuou.

Foi esse um dia do maior rigosijo para os fieis d'aquelles sitios, que todos concorreram a esta solemnidade. Todos os bemfeitores da obra e grande numero de senhoras e cavalheiros, das principaes familias de Castro Daire e outras povoações, se acharam presentes a este acto.

Os meninos de Baltar, Villa-Pouca, Santa Margarida, Farejinhas e Lamellas, préviamente ensaiados pelo digno capellão da nova egreja, entoaram alegres canticos a Nossa Senhora dos Remedios.

Houve missa cantada, em acção de graças, estreando-se então os riquissimos paramentos e frontal, houve um commovente sermão, e missas resadas, nos altares lateraes.

Todas as provincias de Portugal concorreram para esta obra, menos a do Algarve, onde José Lopes não foi, e assim um homem pobre e analphabeto, á força de incommodos, humiliações e perseverança, conseguiu levar ao cabo, com feliz exito, uma empreza a que outro qualquer, em melhores circumstancias, se não abalançaria.

A Santissima Virgem lhe pagará na gloria eterna os trabalhos a que elle se sujeitou n'esta vida, para lhe erigir um templo, digno da Rainha dos Anjos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide *Penichę*.

Depois de escripto o artigo d'esta villa e praça de guerra, teve alli logar o facto seguinte.

Em maio de 1877, deu á costa, no Cabo Carvoeiro, proximo ao templo de Nossa Senhora dos Remedios, um enorme spermacete, já sem cabeça, e ao qual o povo deu o nome de baleia. Foi vendido por 100$000 réis, para se lhe extrahir o azeite e a preciosa gordura, a que se dá o nome de spermaceie, materia bem conhecida.

Foi enorme o concurso de povo para vêr o monstruoso cetaceo.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Vide *Lamego*.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Sanctuario, na Extremadura, freguezia d'Alvega, concelho e 12 kilometros ao S. de Abrantes. (Vol. 1.º, pag. 176, col. 2.ª)

É um bom templo, com 9 metros de comprido, por 4 e meio de largo, todo revestido de azulejo, interiormente, no corpo da egreja, e tem mais a capella-mór, tambem azulejada, com 3,m70 de comprido, por 3 de largo. Tem altar-mór e dois lateraes: sachristia, de abobada, e alpendre.

Segundo a tradição, esta ermida foi egreja matriz de uma freguezia que já não existe, e á qual pertencia a actual villa do Sardoal. Tinha prior, que dizia missa e administrava os sacramentos aos freguezes, menos o do baptismo, que se hia administrar á ermida de S. Simão, que fica ao N. do Sardoal, e onde ainda existia em 1730, a pia baptismal.

(Para evitar repetições, vide *Sardoal*).

A festa da Senhora dos Remedios, de Alvega, costuma fazer-se a 15 d'agosto, e é concorridissima; porém a maior de que ha noticia, foi feita em agosto de 1877, sendo juiz (reitor) o sr. D. Miguel Pereira Coutinho, que então era deputado ás cortes, pelo circulo d'Abrantes.

Alem da devoção que os povos d'estas redondezas teem á Senhora dos Remedios, accrescia a circumstancia de haver a cumprir muitos votos que foram feitos pela occasião das inundações do inverno de 1876, invadindo o Tejo completamente o logar de Alvega, arrazando quatro casas, e causando outros grandes prejuizos, não havendo todavia desgraças pessoaes a lamentar.

Houve na vespera da festa, um esplendido fogo de artificio, musica e arraial, e no dia, missa cantada, sermão, *Te-Deum laudamus* (em acção de graças, por não morrer ninguem na inundação) e grande concurso de povo d'estes arredores, que correu a dar graças á Santissima Virgem pelos beneficios recebidos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Santuario, Beira Baixa, na freguezia d'Alfrivida, ou Alfrevida, no concelho de Villa Velha do

Rodam, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros de Castello-Branco.

Fica o templo da Senhora a pouca distancia da ribeira de Alfrivida, muito abundante de peixe, que lhe entra do rio Tejo, no qual, a pouca distancia, se vae metter.

Segundo a lenda, a imagem da Santissima Virgem appareceu no tronco de uma sobreira, que estava junto de uma fonte em terreno dos ascendentes de Manuel Brandão Castello-Branco, os quaes levaram para sua casa a santa imagem, em quanto se lhe não construiu ermida propria, para a obra da qual muito concorreram os mesmos, e todo o povo do logar.

Como a imagem apparecida é muito pequenina, pois só tem palmo e meio (0,^{m}33) d'alto, se mandou fazer outra da mesma invocação, para estar no altar-mór; de 1,^{m}10 d'alto, e de boa esculptura.

O templo é grande e bello; tem um espaçoso alpendre, com uma fonte, a cuja agua attribue o povo muitas virtudes therapeuticas.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — Sanctuario, Beira Baixa, na freguezia, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 2 kilometros da Guarda.

Está a egreja da Senhora dos Remedios na estrada que vae da cidade para a villa do Sabugal.

Foi fundada por Simão Antunes de Pina, prior de trez egrejas (S. Pedro de Jarmêllo, S. Pedro da Remolla, e S. Pedro da Cidade) clerigo de grandes virtudes e muito devoto da Santissima Virgem, e que vivia no meiado do seculo XVI.

Segundo a tradição, o motivo que levou o padre Simão a edificar este templo, e dedical-o a Nossa Senhora dos Remedios foi o seguinte:

O logar onde hoje vemos a egreja, era triste e solitario, e, nem pastores, nem caminhantes se atreviam a passar por alli de noite, porque lhes appareciam medonhos phantasmas que os aterravam, pois que as bruxas e duendes vinham qui fazer as suas reuniões (sabbaths) por ser uma encrusilhada das estradas que vem da Aldeia do Bispo, para a Povoa de Milleu, e da referida, para o Sabugal. Alem disso era o sitio um emaranhado mattagal, habitado por animaes ferozes de varias especies.

Feita a egreja, e destruidos os mattos a uma grande distancia em redor, ficou o sitio limpo e alegre, e nunca mais alli foram vistos os taes phantasmas.

Esta egreja pertence á freguezia da Sé, cujo parocho apresentava o capellão.

Instituiu-se logo uma irmandade, que mandava aqui, em todos os primeiros sabbados de cada mez, dizer uma missa pelas almas dos irmãos vivos e defuntos.

Conta a tradição, que no primeiro sabbado de agosto de 1696, estando o padre Francisco da Guerra, natural da cidade e capellão da Senhora, para dizer missa, viu-se que não havia agua. Um dos confrades da irmandade, que tinha uma enxada na mão, disse: —«Se a Senhora quizesse, bem podia fazer aqui rebentar uma fonte» e cavando no chão, logo á segunda cavadella nasceu um mananciaal de agua perenne, e é a que está no alpendre.

Tanto se propagou a devoção á Senhora, que concorriam a visital-a, não só os habitantes da cidade, mas os de muitas leguas de distancia, e trazendo-lhe grande parte dos romeiros, toda a qualidade de *ex-votos* e offertas.

Como o concurso dos romeiros crescia de anno para anno, se ampliou o templo, fazendo-se lhe uma nova capella-mór, de cantaria lavrada, e é hoje um bom templo, ainda bastante visitado dos fieis.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos)—Extremadura, no bairro d'Alfama, hoje denominado bairro oriental, na cidade de Lisboa.

Está esta egreja no principio da rua antigamente chamada das Portas da Cruz, e hoje, rua dos Remedios, na freguezia de Santo Estevam e perto das célebres *obras de Santa Engracia.*

Eis a origem d'esta egreja:

Pelos annos de 1470, ainda não havia em Lisboa hospital da Misericordia (que só foi principiado em 1492) e os pescadores do alto, com o fim de accudirem aos seus collegas enfermos, instituiram uma irmandade, denominada do Espirito Santo, e, como não tinham

casa propria, esteve a irmandade na egreja parochial de S. Miguel, de Alfama; mas só tinha por fim os suffragios dos irmãos fallecidos e o seu enterro em tumba propria.

Suscitando-se algumas duvidas e contendas com os clerigos, por causa de interesses insignificantes, decidiram construir egreja propria.

Escolheram o sitio, no logar onde acaba a rua da Regueira e principia a das Portas da Cruz, e alli construiram um bom templo (1581) de boa architectura e grande robustez, e o dedicaram ao Espirito Santo.

Bullas pontificaes approvaram os estatutos d'esta irmandade, e lhe concederam varios previlegios.

Foram continuando por muitos annos, com a sua tumba levantada, e coberta com um rico panno de velludo preto, com barra e cruz de brocado de ouro, franjado do mesmo, e uma riquissima cruz, com sua manga egual ao panno da tumba, e tudo com a divisa do Espirito Santo, que era uma pomba branca, cercada de um resplandor de ouro.

Enterravam não só os irmãos, mas tambem suas mulheres, filhos, creados e escravos, mandando-lhes fazer os suffragios dos estatutos, e tudo gratuitamente.

Á egreja annexaram um hospital de caridade, para os irmãos pobres, e aos que falleciam davam mortalha e sepultura, e mandavam-lhe dizer certo numero de missas.

Instituido o hospital da Misericordia na praça do Roçio (hospital de Todos os Santos) oppoz-se a direcção d'este hospital, a que irmandade do Espirito Santo enterrasse os seus defuntos com tumba levantada, e suscitou-se renhida demanda; porem sendo provedor do hospital de todos os Santos, Mathias d'Albuquerque, veio a um accôrdo com os pescadores, que, por escriptura publica, de 12 de agosto de 1602, se obrigaram a mandar enterrar sómente os irmãos, suas mulheres e filhos (em quanto estes estivessem debaixo do patrio poder) e mais ninguem.

Até aqui ainda se não falla de Nossa Senhora dos Remedios, pelo que o seu apparecimento parece ser posterior ao anno de 1602.

Na egreja do Espirito Santo, havia um poço, á entrada da porta principal, em um canto á esquerda.

Hindo um servente de pedreiro tirar agua do poço, veio no balde uma imagem da Santissima Virgem, o que causou grande surpreza e alegria aos officiaes da irmandade.

Foi tão grande a devoção que o povo principiou a ter com esta santa imagem (a que deu o titulo de Nossa Senhora dos Remedios) que pouco a pouco foi esquecendo a denominação do antigo padroeiro, e dando-se-lhe a dos Remedios; e mais tarde se deu o mesmo nome á rua onde a egreja está situada, nome que ainda hoje conserva.

A rua dos Remedios, principia pelo S.O., na Ribeira-Velha, no largo do chafariz de Dentro (mesmo junto ao chafariz) e finda na rua do Paraizo (vide *Portas da Cruz*).

A rua da Regueira, é a primeira á esquerda na rua dos Remedios, indo do lado do chafariz de Dentro, e finda no largo do Salvador, que pertence ás freguezias de S. Vicente de Fóra, S. Miguel, e Santo Estevam.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos)—santuario, na Extremadura, na freguezia da Espiçandeira. (Vol. 3.º, pag. 60, col. 2.ª)

A egreja de Nossa Senhora dos Remedios fica perto da aldeia da Espiçandeira, e, segundo as memorias escriptas no livro das visitas da freguezia, a sua origem é a seguinte:

Em 1410, andando Miguel, filho de Miguel Leitão, do logar da Bordalia, e Cosme, filho de Thomaz Gomes, do logar da Patacaria (ou Petacaria) ambos de menor edade, a brincar junto a uma fonte que está em um souto de arvores silvestres, proximo ao dito logar da Bordalia, acharam sobre a mesma fonte, uma imagem da Santissima Virgem, de 1,^{m}10 d'alto, e de uma perfeita esculptura,

Correram as duas creanças a dar parte do achado a seus paes e visinhos, os quaes, tendo o caso por milagroso, trataram logo

de construir uma ermida á Senhora, á qual deram a invocação dos Remedios, no mesmo logar da Bordalia, e logo appareceu um devoto que quiz ser eremitão da Senhora.

Toda a gente da freguezia e circumvisinhas, principiou logo a ter grande devoção com a Senhora, e lhe faziam muitas romagens e offertas.

Á agua da fonte onde a Senhora appareceu, attribuem a virtude de curar as febres intermitentes, molestia endemica d'estes sitios.

Faziam-se a esta Senhora duas grandes festas cada anno, uma a 11 d'agosto, e outra a 8 de setembro, ás quaes concorriam não só os povos da freguezia e immediatas, como das villas de Alemquer, Azambuja, Pontéve], e Santarem.

Parece que a razão porque se lhe fazia a primeira festa a 11 d'agosto, é por que n'esse dia é que foi achada pelos dois meninos.

REMEDIOS (Nossa Senhora dos) — santuario, Extremadura, na freguezia de S. Vicente do Paúl (6.º vol., pag. 507, col. 1.ª, ultima linha).

Esta egreja já fica descripta no mesmo 6.º vol., a pag. 688, col. 2.ª

—

Todos os mais santuarios de Nossa Senhora dos Remedios, vão nos logares onde estão situados.

REMÊLHE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos, comprehendendo a freguezia de Molde, annexa.

O orago da freguezia de Remelhe, é Santa Marinha, e o de Molde, é S. Thiago apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, de ambas as freguezias, que tinha de rendimento 55$000 réis e o pé d'altar.

REMELLA—Vide *Ramella*.

REMEMBRAR—portuguez antigo—Vide *Reimbrar*.

REMIMAR — portuguez antigo — remir, esgatar, perdoar. (Doc. d'Alpendurada, de 1286 e 1336.) Daqui, *remimento*, remissão, resgate, perdão, etc.

REMOÃES—freguezia, Alto-Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monção) 70 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 56 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Payo de Melgaço, apresentava o vigario, collado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo e pouco fertil.

REMOÉLLA—portuguez antigo — acinte, pirraça, desfeita, etc.

REMONDES ou **REIMONDES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 180 kilometros ao N.E. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 60 fogos.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

O nome d'esta freguezia significa — filho, ou da familia de *Reymondo* (Raymundo). Depois dizia-se *Raymundes*.

REMOUCO—ribeira, Douro, no concelho da Tábua. Nasce perto da aldeia de Ollar, e depois de tomar o nome de *Ribeira d'Ázere*, desagúa no Mondego.

RENDAR—portuguez antigo—pagar foros, pensões, ou rendas. É dos seculos 12.º, 13.º e 14.º

RENDER—portuguez antigo—pagar. *Até que rendamos a vós, a dita parte das erdades dobradas.* (Doc. da universidade, de 1323.)

RENDO—freguezia, Beira Baixa, (no Riba-Côa) comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 188 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O arcediágo do Côa (da Sé de Lamego, a cujo bispado pertenceu esta freguezia até á creação do de Pinhel) apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

RENDUDO—portuguez antigo—rendido.

RENDUFE—freguezia, Minho, comarca e 2 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 5 kilometros a O. d'Amares (até 1855, do mesmo concelho, mas da comarca do Pico de Regalados), 9 kilometros ao N.-O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 180 fogos.

Em 1757, tinha 186 fogos.

Orago Santo André, apostolo. Mas da freguezia primitiva (capella) era a Santissima Trindade.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O templo do extincto mosteiro benedictino serve de egreja parochial d'esta freguezia.

Foi villa e couto, com justiças proprias; mas nunca teve foral, velho ou movo.[1]

O D. abbade do mosteiro de Remdufe, apresentava o parocho, que era um monge do mosteiro, de nomeação triennal, e tinha 6$000 réis, de congrua, e o pé d'altar.

O nome de Rendufe, procede de D. Rendufo, marido de D. Acha, senhor d'este logar. Vide adiante.

A antiga egreja matriz era, segundo a tradição geral na freguezia, a pequena capella de S. Braz, com a denominação de Santissima Trindade da Capella, segundo Carvalho e o *Port. Sacro e Profano*, ou, segundo o documento seguinte, o Salvador da Capella.

No anno de 1596 passou a ser matriz d'esta freguezia a egreja do mosteiro, como consta do traslado d'uma escriptura, que se conserva no archivo parochial, celebrada entre os reverendos padres do mosteiro e os freguezes da Capella, cujo theor é o seguinte:—«Contracto dos muito reverendos padres do mosteiro de Rendufe e os freguezes da Capella.

«Em nome de Deus. Amen. Saibão quantos este instrumento de obrigaçam para sempre virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos noventa e seis annos, aos treze dias do mez de outubro do dito anno, em este mosteire de Santo André de Rendufe, que está sito em seu couto, deste concelho de Entre Homem e Cávado, na casa do capitulo do dicto mosteiro, estando em elle fazendo capitulo, por som de campa, tangida, segundo seu uzo e antigo costume, o muito reverendo padre frei Engenzo de San-Thiago, abbade do dito mosteiro, e o padre frei Urbano, prior, e frei Francisco das Chagas, e frei Anselmo da Conceição, e frei Felix, e frei Roberto, e frei Pedro, e frei João, e os mais padres abaixo assignados, todos monges e conventuaes do dicto mosteiro, e por elles foi dito perante mim taballiam e testemunhas, tudo ao diante nomeado, que a mayor parte dos freguezes da freguezia do Salvador da Capella, anexa ao dito seu mosteiro, tinhão dito e consentido que eram contentes que a dita freguezia da Capella, se tornasse a encorporar no dito mosteiro, como já em tempo antigo foi, por lhes parecer ser serviço de Nosso Senhor e proveito de suas almas, o que tinhão assignado em hum autho que disso fez Manoel Pereira, notário apostolico, feito no mesmo dia, o que fizeram assignaram com a condiçam que elle padre abbade e convento os desobrigasse de toda a fabrica da dita Igreja perpetuamente para sempre, e porque elles padres eram disso contentes se obrigaram em seus nomes e seu mosteiro e successores a fazerem sempre a dita fabrica e tudo o mais necessario para se administrar os Sanctissimos Sacramentos; e todas as obras que se em todo o tempo fizerem e mandarem fazer por vesitaçam e vesitaçoens e de outra qualquer maneira que seja necessario, porque elles padres desobrigam os freguezes disso e os querem ás suas custas fazerem sempre e lhes farão seu altar dentro do dito mosteiro em parte cómmoda.....[1] os cure como sempre foram curados e lhes mandarão tanger os sinos quando for necessario e aos defuntos de graça e os bancos e toda a fabrica para o

[1] O couto era só no civel, com juiz, eleito pelos monges. O D. abbade servia de ouvidor.

[1] Está uma palavra que se não póde lêr por estar o papel carcomido.

presente e futuro, de hoje para sempre, e que darão no dito mosteiro adro commodo onde se sepultem e que querendo qualquer dos dictos freguezes trazer os ossos de seus antepassados da dita Igreja ao mosteiro, lhes darão sepultura assim dentro no mosteiro como fora, assim como os tem na dita Igreja; finalmente estarão em sua freguezia no dicto mosteiro como sempre estiveram na Igreja sem fazerem os freguezes cousa alguma de fabrica, e que os freguezes terão suas confrarias livremente como sempre tiveram sem elles padres dominarem nellas, nem impedirem em cousa alguma e ficarem libertados de tudo ditado, para sempre; e assim o outorgaram e mandaram escrever, e obrigaram os bens e rendas do dicto seu mosteiro ao assim cumprir como se n'esta escriptura contem e eu taballiam como pessoa publica estipulante e acceitante o estipulei e acceitei em nome das partes, a que tocar possa, que presentes não estivessem, e pedir os instrumentos e os mandarem dar, e outorgaram estando a tudo presentes por testemunhas os senhores — Manuel Pereira, de Agro Longo — e Belchior Rebello, taballiam em Villa Cham — e Salvador Gonçalves, da Quintam, de Lago, deste couto; e eu Antonio Fernandes, taballiam, o escrevi.— Frei Engenzo de São Thiago—Frei Anselmo da Conceiçam—Fr. Urbano—Fr. Roberto da Assençam—Fr. Pedro de Guimaraens—Frei Felice—Frei Adriano—Frei Marco das Chagas—Frei Callistro de Faria—Belchior Rebello—Manoel Pereira—Da testemunha Salvador Gonçalves, uma cruz — Frei João de São Bento—Frei Bento.»

A egreja mencionada no documento supra e que principiou então a servir de matriz da freguezia, foi, segundo diz frei Leão de São Thomaz, edificada por Dom Henrique de Sousa, ultimo commendatario e um dos maiores bemfeitores do mosteiro, assim no espiritual, como no temporal; e estava construida (a egreja) onde esteve o lagar, que foi no meio do andar terreo do dormitorio, chamado o *Collegio.* [1]

Ha n'esta freguezia tres capellas—S Braz, antiga matriz, e Senhora das Neves, ão da freguezia; e S. Sebastião, pertencent á irmandade do Senhor dos Passos e S. Sebastião; tambem pertencem a esta irmandade as capellinhas dos Passos da Paixão d Nosso Senhor, existentes ao sul da cêrca o caminho por onde segue a procissão d Passos, que esta mesma irmandade faz o domingo da Paixão, de dois em dois anos, ou antes, um anno sim, outro não.

Foi couto, e compunha-se das freguezias de—Barreiros, Bico, Rendufe e Lago; n'elle apresentava o mosteiro um juiz para as causas civeis, e no crime do dito couto, conheciam as justiças do concelho de Entre Homem e Cávado (Amares).

Esta freguezia é situada em terreno plano, mas agradavel e fertil, principalmente nos fructos proprios do paiz. É banhada ao O. pelo rio Homem, que a separa da freguezia da Loureira; e cortada ao sul pela estrada districtal de Barcellos a Mont'alegre.

O templo, se não se recommenda por grandezas architectonicas, é notavel pelas suas proporções e solidez da construcção. A frontaria principal está virada ao poente e a capella mór ao oriente, conforme determinam a liturgia e constituições apostolicas.

Interiormente é de uma só nave e em fórma de cruz. Tem de comprimento, afóra as paredes, cuja espessura é $2^{m},25$, da porta principal até ao cruzeiro $24^{m},40$; do cruzeiro á grade da capella-mór $5^{m},10$; dita capella-mór $17^{m}.13$; o espaço que fica por de traz d'esta $3^{m},37$ e tem de largura o corpo da egreja $10^{m},15$; o cruzeiro $21,^{m}$; a capella mór $7^{m},90$; altura do pavimento ao tecto, que é de abo-

[1] Encontro a seguinte contradicção:—Fr. Leão de São Thomaz diz — Que Dom Henrique de Souza entrou no governo do mosteiro no anno de 1550, e que foi o ultimo commendatario; e que a 10 de setembro de 1570 foi nomeado por primeiro abbade o padre frei Placido de Villa-lobos: no cruzeiro da actual egreja está uma campa com a inscripção, que diz — Que D. Henrique de Souza falleceu a 3 de fevereiro de 1551. Se não ha contradicção — como pôde D. Henrique de Souza fazer tantos serviços ao mosteiro, dentro de um anno? Qual a razão porque o mosteiro esteve tanto tempo sem abbade?

Ou D. Henrique de Souza prestou estes serviços antes de ser commendatario? Vide a 14.ª inscripção.

bada de tijolo e volta quasi inteira, uns 16m. A capella mór tem menos altura, e tecto de estuque. O corpo da egreja tem uma porta e dois arcos de cada lado; as portas dão para os fundos das torres, onde ha duas capellas, dedicadas, a da esquerda de quem entra e direita da egreja, a Nossa Senhora da Soledade, e á da esquerda, ao Senhor dos Passos; e nos arcos quatro altares; o primeiro da esquerda, dedicado ao Santo Amaro; o segundo a Santa Escholastica, e tem gravada no arco do lado do Evangelho a seguinte inscripção:

J. P. BREVE DO
SS. P. PIO VI. PS.do
NO AN. DE 1779.
HE ESTE ALTAR
DE S.ta ESCOLAS-
TICA PREUILEGI
ADO IN PERPTU-
UM P.a TODOS OS
SACERDOTES RE-
GULARES E SECU-
LARES E SEM AL-
GUMA LEMITAÇÃO.

Os da direita da egreja são dedicados, o primeiro, hindo da porta principal, a S. Placido, e o segundo a S. João. Os supedaneos d'estes altares estão divididos do resto do pavimento por uma grade de pau.

Tem quatro frestas, duas de cada lado, porém, as do sul estão inutilisadas, por estarem tapadas com a abobada da escada do côro; tornando por isso o corpo da egreja bastante escuro.

Entre o corpo da egreja e o cruseiro tem dois pulpitos de madeira com talha dourada, para os quaes se entra do cruseiro por escadas de pedra, abertas no meio das paredes.

Nos intervallos das sanefas dos altares e pulpitos, logo por baixo da cornija da egreja, estão em peanhas, que sahem da parede, quatro imagens, de tamanho natural, de santos, pintadas de branco, sendo duas de cada lado.

O cruseiro conta dois altares, que são collacteraes da capella mór; o da parte da epistola dedicado ao Crucificado; e o do evangelho a Nossa Senhora do Rosario.

No topo do sul abre-se uma porta, que dá para os claustros e serve de porta travessa; e superior a esta porta está uma janella, que dá para o andar superior do claustro, da parte do nascente, e servia para os monges fazerem a visita ao SS. Sacramento.

No topo norte, abre-se a capella do SS. Sacramento. Ha aqui, cruseiro, sete campas; a 1.a (contando da capella do SS.), e a 7.a não teem inscripção; a 3.a tem, mas não se póde ler, por estar quasi apagada.

A 2.a tem a seguinte:

S.a DO COMEN
DATARIO D.
HENRIQUE DE
SOUSA FID.o DA
CAZA DE S.a MA-
G.de GR.de BEMEEI-
TOR DESTE MOS-
T.o MANDOV
REEDIFICAR
OP. P. FR. M.cl DOS
ANIOS D. ABB.e
DESTA CASA.
FALECEO O DI-
TO FI.do A 3 DE
FV.ro DE 1551

3.a ilegivel.

4.a

S.a DO M. R.
P. P. F. R.
ANT.o DE
S. BOAU.a D.
ABB.o DES-
TE MOST.ro
EALECEO
AOS 26 DE
IUNHO DE
1745

5.a

S.a DO R.mo. P.
P. GERAL
FR. THOMAS
DO SACRAM.lo
FALECEO
NO P.ro DE IU-
NHO DE
1747

6.ª

S. DO R.mo P. M. D.
FR. FERNANDO
DE JESUS M.ª J.e
2.ª VES GERAL
BENEDI-
CTINO
FALLECEO
AOS 18 DE JUNHO
DE
1773

Existe tambem no cruseiro um cofre ou arca de madeira, ignorando-se o que ella contem. Dizem conter este cofre as reliquias d'um santo, ou de pessoa com opinião de santo, que os monges d'este mosteiro furtaram aos monges d'Adaúfe.

A capella mór está separada do cruseiro por uma grade de pau, de simples, mas bonito feitio. Tem por cada lado tres grandes frestas envidraçadas, que lhe dão muita luz; a que está do lado da epistola, junto ao arco, serve de entrada para um coreto, onde está um pequeno orgão; e por baixo d'esta fresta está uma porta, que dá serventia para a sachristia; em frente d'esta porta está uma outra que não tem sahida exterior e serve sómente para fazer symetria a esta.

A tribuna, toda de talha muito bem trabalhada e com os pedestaes de pedra e dourada, é magestosa; o altar mór está separado da tribuna e tem um rico frontal de madeira; o sacrario, tambem dourado e muito bem trabalhado, está no fundo da tribuna atraz do altar. No centro da tribuna estão trez imagens de corpo inteiro e estatura natural, sendo a do centro de Santo André, apostolo, a do lado do evangelho, de S. Bento, e a do lado da epistola de S. Bernardo.

Abaixo dos degráus do presbyterio, estão duas ordens de assentos, para o clero; a ordem superior tem estantes.

A capella do SS. Sacramento, que separa do cruseiro uma balaustrada ou grade de pedra, é de abobada de pedra e fórma circular, cujo diametro é 7m,33. Tem altar, sacrario e tribuna, tudo de pedra, dentro d'um arco, aberto na parede. Tem duas grandes frestas, uma ao nascente e outra ao poente; e sobrepostas a estas outras duas, mais pequenas; e dentro do arco do altar tambem duas, as quaes todas dão bastante luz.

O pavimento é lageado, em fórma de xadrez, de marmore branco e preto. Tem seis seraphins de pedra e de estatura, pouco menos de natural, collocados, em pedestaes de pedra, dois aos lados da grade; dois aos lados do altar e os outros dois aos lados do arco do altar. Tem tambem quatro imagens, egualmente de pedra, e de tamanho natural, collocadas sobre peanhas, que resaltam da parede; uma de S. Pedro, á entrada da capella, do lado do evangelho, com a seguinte inscripção.

7.ª

HUM INDIGNO
PREL.o DESTE MOS-
TR.o P.los AN. CHRISTO
1777. MÃDOU FABRI-
CAR ESTA CAP.ª P.ª O SS. SA-
CRAM.to E SENDO SEG.da UEZ D.
ABB.e P.los AN. DE XPÕ. 1783
A. FES ADORNAR DE SUMP-
TUOSAS ALFAIAS E EN-
RIQUEGER DE INDUCG.as
DECLARADAS NAS AL-
MOFADAS CORRES-
PONDENTES.

Outra, Jesus Resuscitado, junto ao altar, e a inscripção.

8.ª

O SS. P.e PIO VI
CONC.do INDUEG.ca PLE.a
A TODO O FIEL XPÃO
Q. ARREPN.do CONFES.do E CO-
MG.ro UISITAR ESSA CAP.a
DESDE AS PR.as UESP.as ATE O
POR DO SOL NO DIA SEG.te RO-
GANDO A D.s P.la CONC.dia DOS PRINC-
CP.s XPAÕS EXTIRP.cão DAS HE-
RESIAS E EXALTA.cão DA ST.a M.e E-
GR.a EM CADA HU DOS DIAS E FES-
TAS Q. UAÕ NAS AL-
MOFADAS DO OU-
TRO LADO

A 3.ª Nossa Senhora da Conceição, junto ao altar do lado da epistola, e a inscripção seguinte:

9.ª

SAÕ OS DIAS
DE INDULGENCIAS
NESTA CAP.ª O DE REIS,
DOMINGO DE RAMOS,
O DA ASCENSÃO DO SNR.,
O CORPO DE D.ª, O DO
CORAÇÃO DE IESUS,
O DE S.to ANDRE APOST.º,
O DA COMEMORAÇÃO
DOS FIEIS DEFUNTOS,
PELOS QUAES SE PO-
DE APLICAR POR MODO
DE SUFERAGIO.

A 4.ª S. Paulo, junto á grade ou á entrada da capella do lado do epistola e a inscripção seguinte:

10.ª

A MESMA E PLE-
NR.ª INDULG.ª FOI CONC.da
NA FOR.ma JA EXPRESSA NAS
DUAS FESTAS DA IMACU-
LADA CONCEIÇÃO É ANUCI-
AÇÃO DA VIRGE MARIA MÃI
DE D.s SNRÃ NOSSA E NAS
OUTRAS SINCO FESTAS DA M.ª
SNRA. E EM CADA HUA
DELAS SINCO AN. E CINCO
QUARENTENAS DE PER-
DÃO. TODAS SAÕ IN-
DULG.as PERPT.as

Estas quatro inscripções estão gravadas na parede, de traz das imagens dos Santos.

O altar é sagrado, assim como toda a egreja.

Por cima da porta principal, do lado de dentro, se eleva o côro, que tem de comprimento 10m,15; e duas ordens de assentos, com 49 cadeiras, tendo a ordem superior 29 e a inferior 20; está ornado em toda a volta com quadros de madeira, guarnecidos de talha dourada, representando a vida de S. Bento; no centro está uma imagem de Jesus crucificado, de tamanho natural e de boa escultura. Tem muita luz, que lhe é fornecida por trez grandes frestas. Em dois accrescimos, que se seguem ao côro, como encostados ás paredes lateraes do templo, está, no do lado do norte, um grande e bom orgão, com caixa de talha, e no do lado do sul, uma caixa em tudo semelhante á outra, mas sem orgão.

A sachristia, sem cousa que mereça menção, está ao S. da capella mór e N. da escada de Santa Escholastica e tem de comprido 31m,05; e de largo 6m,56.

Entre a sachristia e capella mór ha um corredor lageado, com a mesma largura da sachristia e comprimento de 8m,86; tem duas portas, que abrem, uma para o claustro, e outra para a capella mór. A servidão para o coreto do orgão pequeno, que está na capella mór, é por este corredor.

Tem uma fonte com sua concha, onde os sacerdotes purificam as mãos antes e depois da celebração da missa; e ao sahir da porta da capella mór uma campa com a seguinte inscripção.

11.ª

S.a DO R.mo
P.e M.e O D.or
FR. PEDRO
DA ASCEN-
ÇÃO Q. FA-
LECEO AOS
26 DE IV-
LHO DE
1718.

A serventia que leva ao côro e torres, é por uma escada, ao sul da egreja, de boa pedra, com tres lanços; tendo o 1.º lanço 3 degraus; o 2.º 32 e 3.º 3; no cimo do segundo lanço tem uma porta que abre para o andar superior do claustro. Esta escada tem de largura 2m,87; e está coberta de abobada de tijolo, e tapada do sul por uma parede de altura, quasi da egreja, a qual parede facêa com a torre do sul e com o topo do cruseiro da egreja. A entrada para esta escada é pelo claustro, e por ella desciam os monges, que já não eram collegiaes, para a egreja.

No frontespicio da egreja não ha obra singular; e assim pela parte de cima se termina com um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura; e á base d'este triangulo, que é um frizo de pedra, liso, se seguem por baixo trez grandes frestas de fórma elliptica que dão luz para o côro da egreja. Depois

das ditas frestas, se veem trez nichos, ficando no do centro a imagem de Santo André; no do norte a de S. Bento, e no do sul a de Santa Escholastica. Estas imagens são de pedra e tamanho natural.

Logo pela parte inferior dos nichos, e por cima das padieiras da porta principal, estão gravadas em pedra, no centro, as armas da Ordem benedictina, e nos lados as duas inscripções seguintes:

No lado norte.

12.ª

O R.mo
P. P. IVBILA
DO FR. P.º DOS
MARTIRES SEN-
DO D. ABBADE
G.al LÃÇOV A I.a
PEDRA FVTAL [1]
DESTA IGRA. AOS
8 DE 7bro DE
1716.

No lado sul.

13.ª

VM
INDIGNO
FILHO DE S.
BT.º SEDO DÕ
ABB.e DEST MOS-
T.ro MÃDOV FA-
ZER ESTA IG.ra
A QVAL SE ACABOU
AOS 30 DE ABRIL DE
1719

Nos dois angulos da fachada da egreja, estão duas torres quadradas, de boa cantaria. Tem na base 5m,50, por lado e as cupulas são de tijolo. Foram construidas juntamente com a egreja.

A porta principal abre sobre o adro, lageado de boa pedra, o qual tem de comprimento 13.m, e de largura, medido de norte a sul, 25,m; é fechado por uma balaustrada de pedra, que tem 1,m d'altura. Do adro desce-se, por uma escada de cantaria, com quaro degraus, para um terreiro que tem a mesma largura do adro, e de comprimento de nascente a poente uns cento e tantos metros. O templo occupa o lado do E.; a parte do mosteiro, chamada galeria, occupa parte do lado S.; e os restantes lados são occupados por muros de propriedades, outr'ora pertencentes ao mosteiro. No lado norte está, em frente da galeria, mettida na parede da cêrca, uma linda fonte, com sua concha e tanque, e tem esculpidas em pedra as armas da Ordem, e gravada a era de 1742.

Alguns metros ao O. d'esta fonte, está a antiga casa das audiencias e cadeia do couto; hoje serve de sala da aula regia de instrucção primaria. Tem escada com patim para o terreiro. Quasi no fim d'este está um cruseiro, ordinario, de pedra.

D. Egas Paes de Penagate, começou a fundar este mosteiro alguns annos antes de 1100 da era vulgar; por que no anno de 1091, o abbade de Rendufe, foi um dos juizes árbitros n'uma questão, havida entre os monges de S. Pedro d'Arouca e uma senhora, chamada D. Godinha. A contenda versava sobre a pretenção de os monges lhe concederem o dito mosteiro, para n'elle recolher suas filhas e parentas, visto ser padroeira do mesmo.

Edificado o mosteiro em termos de ser habitado, foi D. Egas Paes pedir aos mosteiros de Adaúfe e das Montanhas de Nossa Senhora da Abbadia, monges para que habitassem o seu novo mosteiro. Do mosteiro de Adaúfe lhe deram cinco monges e da Abbadia tres, os quaes eram da mesma ordem de S. Bento.

D. Egas obrigou-se a dar o mosteiro concluido e provido com sustentação necessaria para os monges; mas occupado e enthusiasmado com amores illicitos com uma sua parenta em grau proximo, e por cujo respeito estava censurado pelo arcebispo, S. Geráldo, descuidou-se de satisfazer seu compromisso.

«N'este tempo, convidou o conde D. Henrique a S. Giraldo para que lhe dissesse missa de pontifical em uma festa, que fazia em Guimarães, onde se achavam reunidas as principaes pessoas do seu condado. Estando já o santo prelado revestido de todas as vestes pontificaes, subiu ao altar, e viran-

[1] Fundamental.

do-se para o povo, viu a D. Egas Paes, junto ao conde, disse com liberdade christan: — *Lancem fóra da egreja a Egas Paes, porque é peccador público e por tal está evitado* [1] *da egreja, como membro podre, e se assim o não fizerem, nem proseguirei com o sacrificio, nem vós ouvireis missa.* Soffreu D. Egas tão mal o dito, que confiado no valimento do principe, se attreveu a maltratar o santo, vomitando mais peçonha pela boca, do que lançaria de si uma vibora pisada. Finalmente foi tal a colera e paixão, de que se deixou vencer, que intentou affrontal-o com as mãos, e certamente o faria, se Deus Nosso Senhor não castigasse logo esta soberba, permittindo entrasse o demonio n'elle; o que fez o inimigo universal de nossas almas, atormentando lhe o corpo horrivelmente. Levaram-o então meio morto para fóra da egreja, e o santo arcebispo continuou com a missa, que tinha principiado, sem alteração alguma.

Acabada a missa, o conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, e os mais fidalgos, que alli se achavam, pediram humildemente ao santo, se compadecesse da miseria d'aquelle homem, e que rogasse a Deus por elle. S. Geraldo, tendo compaixão do miseravel, fez oração a Deus e logo o demonio deixou de o atormentar e cobrando o seu juizo perfeito, veio lançar-se aos pés do santo, pedindo-lhe perdão das affrontas que lhe dissera, e promettendo emenda de sua escandalosa vida, e mereceu, pelas lagrimas do arrependimento, ter uma venturosa morte, que adquiriu com obras santas e piedosas, sendo uma d'estas a conclusão e dotação d'este mosteiro. Aconteceu isto pelos annos de 1107 da era vulgar. E n'este mesmo anno começou a pagar sua pensão á Sé primaz de Braga, como tambem pagavam outros mosteiros mais antigos, assim consta do livro do archivo da Sé, chamado *Liber fidei*, no qual se lêem estas palavras:—*A Monasterio Rendufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno* MCVIII. *A Monasterio de Adaufe solvitur Ecclesiae Bracharensi, ab anno 1077. A Sancta Maria de Bouro olim Abbatia in montanis solvitur Ecclesiae Bracharensi ab anno 588.*»

E d'este anno por diante começou o mosteiro a crescer a olhos vistos, assim em rendas, como em monges.

O commendatario D. Henrique de Sousa, edificou a egreja anterior á actual, toda de cantaria, á sua custa, e comprou muitas casas para augmentar as rendas do convento.

Os nossos antigos reis honraram este mosteiro com mercês reaes, que lhe fizeram, e lhe deram a jurisdicção de quatro coutos. Eram o do mosteiro, que se compunha das freguezias de Barreiros, Bico, Capella, e hoje Rendufe, e Lago; o de S. Thiago de Sabariz, o de S. Pedro de Codeceda, e o de Santa Maria de Paredes Secas, hoje S. Miguel de Paredes Secas. [1]

O edificio do actual mosteiro é de fórma quadrangular, com tres dormitorios, um a E., outro ao S., outro a O., fechando o quadro, ao N., a egreja. Estes dormitorios constam de cellas, com janellas para a cêrca e corredores que se communicam uns com os outros e com o andar superior do claustro.

O dormitorio do E., unido á capella-mór pelo norte, tem de comprido 45,^{m}36, e de largo 5,^{m}56, sendo de corredor 2,^{m}63. No andar terreo está a sachristia, e no superior, pegado á capella-mór, a sala que foi a livraria. Tem ao S. uma sacada sobre a horta, e no centro uma escada de cantaria que dava serventia para a cêrca e claustro; e por ella desciam os collegiaes, quando iam para a egreja. Chama-se escada de Santa Escholastica.

É tradição que este dormitorio foi o mosteiro que D. Egas Paes mandou edificar; mas tem soffrido reformas.

O dormitorio do S., tem de comprido

[1] Excommungado.

[1] Dizem o padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, fls. 209 e 227, segunda edição, e fr. Leão de S. Thomaz, *Benedictina Lusitana*, pag. 329, tom. 2.º «Que estes dois coutos ultimos se perderam com o decorrer dos annos.» Se estes auctores fallaram verdade, então o mosteiro tornou a adquirir a regalia dos ditos coutos, pois em 1834 tinha ainda o referido mosteiro a jurisdicção dos mesmos.

31,m30, e de largo 8,m25; sendo de corredor 3,m60.

Diz fr. Leão de S. Thomaz, que foi edificado pelos annos de 1650 *e tantos*.

O dormitorio do O. tem de comprido, de norte a sul, 141m; e de largo 10,m60, sendo de corredor 3,m72. O andar inferior é de abobada de tijolo, e são n'elle o refeitorio, botica e outras officinas; tem uma porta que abre para o adro, e sobre a verga d'ella está a era de 1688. No andar superior tem sobre o adro duas portas com sacadas: muito proximo ao angulo externo S. e O., tem uma varanda coberta com grandes vistas, virada ao poente; a casa do capitulo é tambem n'este andar. É n'este lanço por uma escada de cantaria a entrada para todo o mosteiro. A serventia d'esta escada é pelo claustro. Este lanço foi reservado, quando ha poucos annos se vendeu o mosteiro, para residencia parochial.

Segue para E. em perfeito alinhamento pelo S. com os dormitorios do nascente e meio dia, um outro dormitorio chamado—*Collegio*; o qual tem de comprimento de E. a O. 44 metros e de largo 9,m55. Compõe-se d'um corredor pelo centro com a largura de 3,m88, e pelos lados de cellas, com janellas para a cêrca. Logo á entrada está, do lado do norte, a sala das aulas, e quasi no fim e do mesmo lado está o archivo, que é todo de pedra. Tem no fim, virada ao nascente, uma varanda coberta, medindo a mesma largura do dormitorio.

Este dormitorio era destinado sómente para os collegiaes, chamando-se por isso o *Collegio*.

Prolonga-se para O., faceando pelo norte com o dormitorio do poente, um outro lanço, chamado a *Galeria*, o qual tem de comprimento, de E. a O. 52,m76; e de largo 9,m55. Consta d'um corredor, medindo de largo 3,m88, com dez grandes janellas, para o norte, sobre o terreiro, e duas, para o poente, sobre o caminho; e oito salas com janellas, para o sul, sobre o pateo. No andar inferior, que é de abobada de tijolo, estão os celleiros.

Este lanço era designado para residencia do D. Abbade, recebedor e mestres jubilados.

A portaria principal do mosteiro é pelo terreiro junto ao adro, por baixo da sala da entrada da galeria.

Ao sul da galeria e ao O. do dormitorio do poente, está um quinteiro (pateo) circumdado pelo sul e poente de casas para caseiros; é tambem n'este quinteiro a cosinha do mosteiro, hoje do parocho.

O mosteiro e claustro tinham sido reformados, principalmente nos fórros, no primeiro quartel do seculo actual.

No centro do mosteiro está o claustro, que é quadrangular e mede de largura 3,m44; e de comprimento, nos lanços de E. O. 31,m68, e nos de N. e S. 31,m30.

O centro é occupado por um jardim, no meio do qual está um chafariz com taça e tanque.

O claustro tem dois andares. O terreo, muito bem ladrilhado de pedra, servia de cemiterio para os monges, que não tinham exercido o professorado ou cargo superior na ordem, porque estes eram enterrados no cruseiro da egreja, e os freguezes no corpo da mesma.

No lanço do norte, debaixo das escadas do coro, está, com porta para o claustro, uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Abbadia.[1]

O andar superior é construido sobre nove arcos de pedra, em cada lanço, abertos para o jardim e formados em dez columnas inteiriças de pedra, sendo duas meio embebidas nos pés direitos. No lanço E. ha, no angulo interior E.S., uma fonte com concha, de que se serviam os collegiaes; no topo norte abre para a egreja, em frente da capella do Santissimo Sacramento, uma janella destinada para os monges visitarem o Santissimo Sacramento. No peitoril d'esta janella está, para a parte do claustro, a seguinte inscripção:

[1] Sendo esta capella pequena, e tendo de madeira o soalho e altar e n'este uns farrapos de cortinas, apesar de lhe ter ardido a porta no dia 29 de julho de 1877, escapou de ser devorado pelo incendio. Este acontecimento causou admiração a muita gente, chegando a ser julgado por alguns miraculoso.

14.ª

ESTE M. (mosteiro) MÃDOV REEDIFICAR ODOARIO DE SOVSA, COMEDAT.º DELE, POR QUIR TODO POR TRA. ÃNO 1551. [1]

Communica este andar com todos os corredores dos dormitorios.

O mosteiro tem uma grande cêrca contigua, murada sobre si, de pedra, a qual tem dentro campos, hortas, pomares, uma deveza de muitas arvores e uma eira muito bem ladrilhada de pedra, cujo comprimento, (da eira) de N. a S. é 27m,70 e largura de E. a O. 23 metros.

O mosteiro, cêrca e outras propriedades rusticas foram julgados bens nacionaes e vendidos; a cêrca e propriedades rusticas logo depois da extincção das ordens religiosas, e o mosteiro ha poucos annos. Tudo isto, menos a egreja que é a matriz da freguezia, como já o era antes; um pequeno bocado da cêrca, deixado para passal do parocho, que foi vendido no dia 4 d'agosto de 1877, por 2:996$800 réis; o dormitorio do O. destinado para residencia parochial, e algumas outras propriedades, tudo isto digo, foi comprado pelo commendador Antonio Ignacio Marques, ex-official maior do governo civil de Braga.

É hoje o mosteiro e parte da cêrca de Antonio dos Santos d'Azevedo Magalhães, chefe de secção na direcção das obras publicas do mesmo districto. Tem-o como um dos herdeiros do finado commendador, de quem é genro.

No dia 29 de julho de 1877, pela volta das 9 para as 10 horas da noite, rebentou no andar superior da galeria, ao lado do poente, um violento incendio, que em menos de cinco horas reduziu a cinzas e a um montão de ruinas todo o mosteiro.[2]

Graças ao vigoroso e reforçado das paredes, ficou apenas salva das chammas a egreja, o celleiro, morada dos çaseiros, cosinha e os andares, que eram de abobada, demandando ainda assim concertos e reparos.

A galeria acabou de ser coberta em outubro do mesmo anno de 1877.

No dia 28 d'agosto de 1876 tinham-se reunido n'este mosteiro 32 sacerdotes, e ahi, debaixo da direcção dos reverendos João Baptista Melly e Francisco Pereira, fizeram por dez dias exercicios espirituaes. que concluiram com uma solemne festa, feita com toda a decencia e aparato religioso.

Quem presenciou, n'estes dez dias o estado de conservação em que ainda se achava o mosteiro, a caridade e humildade dos directores, a docilidade e obediencia dos exercitandos (uns parochos encanecidos e outros jovens levitas), o psalmodiar cadenciado do Officio Divino, o enthusiasmo e devoção dos fieis, quem presenciou tudo isto, repito, não póde deixar, ao contemplar um montão pavoroso de ruinas, de sentir uma viva saudade e verter copiosas lagrimas.

15.ª—Inscripção que está na fonte do terreiro, em frente da egreja do mosteiro:

EM LATICES PHEBI POTA
PERIGRI NE LI QUORES
EXILIVM AVXILII NIL
SIBI AVA RE TENET
1742
NIHIL SIBI.

—

Devo este curiosissimo artigo ao obsequio do esclarecido abbade de Caires, no concelho d'Amares, o reverendo sr. José dos Santos Moura.

—

Do precedente artigo vê-se a razão porque eu, no 2.º vol., pag. 99, col 1.ª, na primeira *Capella*, disse que não achava esta freguezia nos mappas modernos. O antigo nome d'esta freguezia, era *Capella de Rendufe*, e é a mencionada no logar citado.

—

O que se segue é transcripto de um impresso publicado pelo distinctissimo doutor, o sr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente de mathematica, no lyceu de Braga.

(Peço aos meus leitores desculpa de algumas pequenas, mas inevitaveis repetições, mas não podia—nem devia—cortar ou sup-

[1] A ultima palavra da 3.ª linha e as tres primeiras da quarta, não se entendem.

[2] O incendio foi casual; não obstante alguns jornaes dizerem o contrario.

primir uma unica palavra, escripta por escriptor de tão grande auctoridade.)

—

I—A umas duas leguas a norte de Braga, nos territorios denominados outr'ora *Entre Homem e Cávado*, edificou-se em tempos antiquissimos um mosteiro da Ordem de S. Bento,—religião entrada em nosso paiz nos annos de 537 da era vulgar, e inaugurada no mosteiro de Lorvão a umas duas leguas de Coimbra—mosteiro ao depois de religiosas da Ordem de S. Bernardo.

Foi este mosteito, o de Santo André de Rendufe, no concelho d'Amares na actualidade—concelho rural dos mais importantes do nosso districto de Braga.

II—Deu começo a este mosteiro D. Egas Paes de Penagate, fidalgo dos principaes então na côrte do nosso conde D. Henrique—tronco a que devemos os lineamentos da nossa autonomia nacional, e de quem temos a ossada veneranda na Sé cathedral bracarense.

Era D. Egas Paes o sogro do alferes-mór do conde D. Henrique, o aguerrido e denodado D. Fafes Luz, pae de D. Godinho Fafes, de quem a nossa villa de Fafe tomára o nome.

Teve logar este começo do mosteiro alguns annos antes de 1100 da era vulgar,—visto que no anno de 1091 fôra juiz árbitro um abbade do mosteiro de Rendufe, n'uma contenda entre os monges de S. Pedro d'Arouca — ao depois de religiosas da Ordem de S. Bernardo — e a padroeira então do mesmo mosteiro.

III—Chamava-se D. João este abbade; e foi companheiro seu na arbitragem, o abbade D. Pedro do mosteiro de S. João de Pendorada, com o senhor de Paço de Sousa, D. Egas Hermiges, fidalgo de nobilissima geração.

A fidalga padroeira era D. Godinha, avó de D. Egas Odoris:—e a contenda que ella suscitára, era a pretenção de lhe cederem os monges o convento, para recolhimento das filhas e parentas da mesma padroeira, dando-lhes esta em troca o mosteiro de S. Martinho de Cucujães.

IV—Edificado o mosteiro de Rendufe — em termos de ser habitado — foram tomar conta d'elle cinco religiosos do mosteiro de Santa Maria d'Adaúfe, e trez do mosteiro das Montanhas da Senhora da Abbadia.—Pediu estes monges a estes mosteiros o mesmo D. Egas Paes.

Eram da mesma Ordem de S. Bento ambos estes mosteiros, denominando-se ao depois mosteiro de Santa Maria de Bouro o ultimo d'elles.

V—Descuidou-se D. Egas Paes (embevecido em amores censuraveis com uma sua parenta em grau proximo) de continuar a edificação do mosteiro de Rendufe.

Aconteceu no entanto — no meio d'este decurso de tempo—que o arcebispo bracarense S. Geraldo, n'um dia de solemnidade na côrte vimaranense, do conde D. Henrique, o fizesse pôr fóra da egreja como excommungado, sob pena de não começar sem isso o sacrificio da missa.

Cahiu então em si D. Egas Paes; e reconciliado com o primaz das Hespanhas, a rogos e solicitações da mesma côrte, acabou e dotou galhardamente o mesmo mosteiro.

Teve isto logar nos annos de 1107 da era vulgar.

VI—A situação d'este mosteiro, comquanto em paragem um pouco baixa, é d'uma posição agradavel e prazenteira, como todas as situações campestres em montanhas do Minho.

O templo d'este mosteiro é digno da Ordem do patriarcha dos monges do Occidente, oriundo da antiquissima familia dos Anicios, de que fôra um dos membros o imperador romano Justiniano.

Edificou esta egreja o commendatario D. Henrique de Sousa, um dos maiores bemfeitores do mosteiro.[1]

VII—Honraram outr'ora os nossos reis o mosteiro de Rendufe, dando-lhe a regalia da jurisdicção de quatro coutos. — Eram o do mosteiro; o de S. Thiago de Sabariz, ao

[1] D. Henrique de Souza, varão de muita virtude, e grande caridade, foi assassinado á traição, por Francisco Machado, que o convidára para jogarem. A causa d'este crime foram ciumes, mas depois provou-se que D. Henrique estava innocente.

pé do Pico de Regalados; o de S. Pedro de Codecêda em terras então de Nóbrega, e depois de Ponte da Barca; e o de Santa Maria de Paredes Seccas, em terras de Santa Martha de Bouro, donde, segundo a tradição, era senhor D. Egas Paes.

Com o decorrer dos annos, perderam a dois d'estes coutos os religiosos, ficando apenas com o do mosteiro e o de Sabariz, até os ultimos tempos em que os tiveram. [1]

Teve isto logar em 1834, com a suppressão das ordens monasticas, ordenada então em decreto de 28 de maio, referendado pelo affamado estadista, Joaquim Antonio de Aguiar — filho da cidade de Coimbra.

VIII—Entre os abbades memoraveis d'este mosteiro — depois do começo da reformação do cardeal infante D. Henrique, em 1569, como legado da Sé Apostolica — occorrem-nos á lembrança quatro d'estes abbades triennaes.

Fr. Balthasar de Braga, oriundo da capital do Minho a que dá honra. — Deve-se-lhe a erecção do convento magnifico de Lisboa, delineado pelo insigne architecto Balthasar Alvares, e de que se lançára á terra a primeira pedra em 1598. — Deve-se-lhe egualmente a erecção do convento da Victoria, no Porto, não inferior ao de Lisboa na magestade da construcção. — Deve se-lhe a impressão das *Constituições dos Monges de S. Bento da Congregação de Portugal*, obra dada á luz, em Lisboa, em 1590, em 4.º, na officina typographica d'Antonio Alvares. — Deve-se-lhe emfim a impressão do *Breviarium Monasticum Reformatum secundum consuetudinem Monachorum Nigrorum Ordinis Sancti Benedicti Regnorum Portugalliae*, obra dada á luz em Coimbra, em 1607, em 4.º, na officina typographica de Diogo Gomes Loureiro.

Fr. Gonçalo de Moraes, oriundo de Villa-Franca de Lampazes, em Traz os-Montes, eleito ao depois bispo do Porto pelo rei D. Filippe II, com sagração em 1602, e a quem deve os comêços o mosteiro do Milagre em Santarem, com dadivas de rendas e esmolas durante o seu episcopado. — Foi eleito, em Tibães, em 1587.

[1] Além d'isto, tinham seis grandes quintas e innumeros campos.

Fr. Martinho Golias, eleito em 1599, oriundo de Guimarães. — Foi varão dos mais estimaveis então da Ordem Benedictina, e um dos filhos mais exalçadores do berço da monarchia, nas virtudes que o adornavam, aparentado com as familias mais illustres da nossa provincia do Minho.

Fr. João do Apocalipse, oriundo de Guimarães, como fr. Martinho Golias. — Foi eleito em 1608: — e fr. Gregorio Argaez, na *Perla de Cataluna*, pag. 458, § 134, o elogia sobremodo, qualificando-o n'estas poucas palavras: — *Talento cultivado con las letras y las virtudes.*

IX — Fr. Martinho Golias, nobilissimo no appellido, foi uma das vergonteas mais viçosas — uma das hastes mais floridas — da parentella do dr. Rui Gomes Golias, mestre-eschola da collegiada da Senhora da Oliveira, em Guimarães, e instituidor do morgado e capella do nome de Jesus, com tribuna para as suas casas nobres, na antiga rua dos Fornos, no berço da monarchia.

Fr. João do Apocalypse, prégador famigerado no seu tempo, deixou-nos em manuscripto a *Chronica da Religião de S. Bento de Portugal, e dos Reis em cujo tempo floresceu, e das fundações dos seus Mosteiros.*

Dividida em 10 livros, com 390 folhas ao todo, conservava-se respeitosamente no mosteiro de S. Salvador de Travanca, onde este monge antiquario exhalára a vida, em 22 de abril de 1632.

X — Com este mosteiro de Rendufe, conviveu outr'ora o nosso Francisco de Sá de Miranda, filho egregio de Coimbra, assistente então na proxima quinta da Tapada: — casa das mais illustres da nobiliarchia minhota, e onde elle exhalára os ultimos alentos, em 15 de março de 1558, retirado do bulicio do mundo desde muitos annos.

Com este mesmo mosteiro conviveu egualmente seu cunhado Manuel Machado d'Azevedo, senhor d'Entre Homem e Cávado, de quem nos escrevêra a vida o marquez de Montebello, Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, n'um volume raro — em que ha versos de correspondencia poetica entre estes dois engenhos seiscentistas.

Com este mosteiro, emfim, conviveu na

sua primeira quadra da vida, o nosso finado amigo D. João d'Azevedo Sá Coutinho, prosador e poeta de renome, uma das vergonteas mais egregias da casa e quinta da Tapada, e a quem Braga é devedora do seu primeiro periodico politico e litterario, em 1836 — *O Cidadão Philanthropo.*

XI — Em 1809, na invasão do nosso paiz pelo exercito francez do general Soult, ao mando de Napoleão, arvorou-se o mosteiro de Rendufe n'um castello fortificado.

Os monges e os collegiaes armaram-se em defeza da patria, fazendo causa commum com o povo das cercanias, e com as tropas a que se reuniram.

Abandonaram os exercicios religiosos; e adornados dos atavios militares, hostilisaram os nossos invasores com garbo e denodo.

XII—Depois da retirada do exercito francez, acolheram-se de novo ao mosteiro de Rendufe, assim os religiosos como os seus collegiaes.

Não foi no entanto possivel, nem á austeridade do prelado, nem á seriedade dos mestres, corrigir então os excessos dos collegiaes, e induzil-os a reatar o fio dos estudos, interompidos na occasião do seu alistamento patriotico.

Acostumados á vida soldadesca, não se reaccommodavam aos exercicios claustraes —preferindo aos aromas do incenso o cheiro da polvora, e o clangor das cornetas ás harmonias do orgão.

XIII — No meio d'este estado anarchico, surgiam conflictos graves a cada instante no mosteiro de Rendufe—appellidado então entre o povo o *castello dos tyrolezes.*

A obediencia monastica, desceu n'esses dias ao maximo do postergamento: — e o mosteiro teve de ser entrado á força — não sem resistencia—por tropas alli enviadas de Braga.

XIV—Sobre-sahiu n'esta lucta collegial, o nosso finado amigo Antonio do Carmo Velho de Barbosa, filho egregio de Barcellos, de quem soubemos estas especies, em nosso berço das Caldas de Vizella, estando alli a banhos este illustrado parocho de Leça do *Bailio.*

D'elle soubemos egualmente, que o fizeram andar de convento em convento com os companheiros, em castigo da turbulencia contra os superiores: — não sendo elle ainda assim dos mais punidos, graças á insinuação da palavra de que a natureza o dotára, aproveitada opportunamente em defeza propria.

Alguns dos collegiaes — sem egual compromettimento escholar—pagaram em rigoroso carcere o excesso da insubordinação.

XV—Convertido em propriedade particular este mosteiro de Rendufe—depois da regeneração politica de 1834, roborada então na batalha da Asseiceira, em 16 de maio — era hoje senhor d'elle o nosso amigo, Antonio dos Santos d'Azevedo Magalhães, chefe de secção, na direcção das obras publicas do nosso districto.

Tinha-o elle de seu, como um dos herdeiros do finado commendador Antonio Ignacio Marques, ex-official do governo civil de Braga, e proprietario dos mais abastados, mais trabalhadores, e mais economicos do nosso districto.

Fôra elle — sogro do nosso amigo — o que o arrematára primitivamente em praça publica.

XVI—No domingo preterito, 29 de julho, rebentou n'este mosteiro um incendio violento, com apparencias de não casual. — Irrompeu impetuoso na volta das 9 para as 10 horas da noite, com visos d'abafado até então.

Trabalharam debalde os povos da localidade, no affan de salvar das chammas o edificio incendiado.—Foram impotentes os seus braços — e infructuosa a sua dedicação — para sustar por um pouco sequer a intensidade do fogo.

O mosteiro abrasado — rúbido com o clarão das chammas — apparentava a erupção pavorosa d'um vulcão, no lance do seu maior afogueamento.

XVII—Na volta das 2 para as 3 horas da noite, partiram d'aqui, de Braga, para Rendufe, os bombeiros voluntarios, com outros collegas seus, dos municipaes.

Trabalharam com energia e coragem, auxiliados d'um sem numero de povo das cercanias. — Era tarde no entanto. — Não ha-

via heroismo proficuo em similhantes alturas.

Até o calor intensissimo—com o deslumbramento do clarão — oppunha resistencia aos soccorros.

XVIII — Das immensas casarias do mosteiro de Rendufe—augmentadas e melhoradas com o volver dos annos, e reformadas de todo no primeiro quartel do seculo actual — restam agora apenas as ruinas desoladoras.

Campus ubi Troja fuit—no dizer sentencioso do cantor augusto da ENEIDA — só os raios do sol aquecerão alli d'ora ávante, *ermos e solitarios*, os vestigios d'um passado memoravel.

Graças ao vigoroso e reforçado das paredes, ficou apenas salva das chammas a egreja—com o celleiro e a morada dos caseiros —demandando ainda assim concertos e reparos.

XIX—Deixando aqui bosquejada a historia do mosteiro de Rendufe, lembrar-nos-hemos sempre com saudade, que nas pedras d'aquellas ruinas—*tisnadas e resequidas*— muitas ha, que foram testemunhas d'asperrimas penitencias, dos que deixavam outr'ora o mundo pelo claustro.

Muitas ha, que presenciaram alli nos ministros do Christo—*com o volver incessante dos seculos* — muita vida de fé, apoiada na crença — muita vida d'esperança, confiada no galardão—muita vida de caridade, liberalisada na esmola.

XX—No meio do montão pavoroso de ruinas, muitas nos estão alli dizendo na mudez da contemplação, o que nos decanta assim na sua ARRABIDA o nosso *Alexandre Herculano*:

«Aqui veiu talvez buscar asylo
«Um poderoso, outr'ora anjo da terra,
«Despenhado nas trevas do infortunio!
«Aqui gemeu talvez o amor trahido,
«Ou pela morte convertido em cancro
«D'infernal desespêro! aqui soaram
«Do arrependido os ultimos gemidos,
«Depois da vida derramada em gôsos,
«Depois do gôso convertido em tédio!»

XXI—Resta-nos agora apenas—em meio das ruinas — a amplidão da egreja salva, para nos patentear ainda, nas suas campas, a morada extrema de muitos justos: — varões venerandos, que viveram n'aquelle mosteiro muita vida de contricção, especada na emenda — muita vida d'uncção, embevecida no Altissimo.

Braga, 1 d'agosto de 1877.

O professor do Lyceu Bracarense
Pereira Caldas.

—

É tradição que n'este mosteiro falleceu *D. Rendufo* (que deu o nome ao logar), casado com D. Acha, dos quaes foram filhos, D. Pedro Rendufes; D. Toda Rendufes, que casou com D. Martim Anião, alcaide-mór de Coimbra; D. Mór Rendufes, que casou com D. Fernão da Cunha. Parece que d'estes foi herdeiro, D. Egas Paes de Penagate.

—

Logo abaixo do mosteiro, está a *quinta da Regada*, que foi de Jácome Coelho. Produzia 600 alqueires de pão e 20 pipas de vinho.

Para as *Caldas de Rendufe*, vide *S. Thiago de Caldellas*, e vol. 2.º, pag. 43, col. 1.ª

—

Em 25 de outubro de 1824, foi feito primeiro barão de Rendufe, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro, commendador da ordem da Conceição, intendente geral da policia da corte e reino, em 1823, e conselheiro do conselho da fazenda e deputado ás côrtes, em 1834, e par do reino em 1835. Em 13 de outubro de 1852, foi feito 1.º conde de Rendufe, seu filho, o 2.º barão do mesmo titulo, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.

O 1.º barão de Rendufe, nasceu a 13 de maio de 1795. Era filho de Thomaz da Silva Ferraz, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, deputado da companhia do Alto-Douro, nascido a 8 d'abril de 1760, e fallecido a 13 de janeiro de 1833.

Tinha casado, no 1.º de setembro de 1787, com D. Anna Aurelia de Lima e Castro, nascida a 17 de julho de 1755, e era filha de Thomaz Antonio de Carvalho Lima e Castro, do conselho de D. Maria I, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo,

e desembargador do paço, e de sua mulher, D. Joanna Margarida Barbosa Correia.

O 1.º barão de Rendufe, teve tres irmãos, todos mais velhos do que elle:—1.º, Thomaz Antonio, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias, e recebedor-geral da fazenda, da provincia de Traz-os-Montes.—2.º, D. Maria Urbana.—3.º, D. Anna Augusta.

O 1.º barão de Rendufe, tornou-se célebre como deputado, nas côrtes abertas em 15 de agosto de 1834, pelos insultos que dirigiu ao sr. D. Miguel I, pintando-o como *o «maior monstro produzido desde a creação do mundo,* (!!!) *mil vezes peior do que Nero, Caligula,»* etc., etc.

Na sessão de 28 do dito mez, mandou para a mesa, uma proposta com dois artigos—1.º, para se applicarem ao sr. D. Miguel, as penas do livro 5.º, tit. 6.º das Ordenações (morte natural) *como traidor á patria.*—2.º, que desde logo fosse privado da prestação de 60 contos, estipulada na convenção de Evora-Monte (prestação que aliás nunca houve tenção de se lhe dar, como publicamente disse em côrtes, o tristemente celebre ministro, Agostinho José Freire.

Tambem na sessão antecedente, o deputado Sousa Azevedo, tinha proposto que fosse ratificado pelas côrtes, o decreto de 18 de março d'esse anno, que *exauctorou* o sr. D. Miguel, e que se declarasse que a sua sucessão, nunca podesse reinar em Portugal. (Este deputado foi um grande miguelista até 1829, mas *virou a casaca* por o não fazerem desembargador da casa da supplicação. Ha a este respeito um folheto muito interessante, publicado em 1842.) O deputado Silva Sanches, tambem pediu a pena de morte para o sr. D. Miguel, se voltasse a Portugal.

RENDUFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1756, tinha 80 fogos.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido de Guimarães apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Foi couto e villa, ha muitos annos supprimidos.

Pouco fertil; mas cria bastante gado de toda á qualidade.

RENDUFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 40 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 83 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcediago da Labruja (da Sé de Braga) apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Gado e caça.

No monte de Travanca, d'esta freguezia, se deu a grande batalha, em que D. Francisco de Sousa, conde do Prado, desbaratou o exercito castelhano, em 9 de agosto de 1663.

RENDUFINHO—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora da Misericordia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nasceu n'esta freguezia, e aqui falleceu no dia 23 de agosto de 1876, o doutor Francisco Hilario Teixeira de Brito, um dos ornamentos do fôro portuguez, cavalheiro de reconhecida probidade, e porisso estimado e respeitado de quantos o conheciam. Foi deputado ás cortes pelo partido legitimista, a que sempre pertenceu, em 1858, pela Póvoa de Lanhoso; mas não chegou a tomar assento na camara, por não querer prestar juramento.

Era casado com a sr.ª D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, irmã do sr. abbade, José Bento Vieira de Campos, a qual ainda vive. Teve dois filhos, os srs. doutores, Antonio Bernardino Ribeiro de Brito, e padre Francisco José Ribeiro Vieira de Brito.

O illustre finado deixou um irmão, o sr. padre José Narcizo Ribeiro de Souza e Brito.

RENGA ou **RENGUE**, e, por fim, **RENQUE** —portuguez antigo—fiada, corrente, fileira, carreira, etc.—Vem do francez *rang* que significa o mesmo.

RENHUÇAR ou **RENUNÇAR**—portuguez antigo—renunciar, largar, demittir de si, etc. *Relinquimus e renhuçamos quanto direito nós haviamos, etc.* (Doc. de Arnoia de 1299).—*Eu Polinhairo Steves, renunço o fôro que me nom possa a el chamar.* (Doc. de Moncorvo, de 1337.)

RÊO, RÊU, e **ARRÊO**—portuguez antigo—a fio, *de fio a pavio*, a seguir sem interrupção.

REPEENDIMENTO, e **RREPEENDIMENTO** —portuguez antigo—satisfação, paga, recompensa, etc.—*Dou a Maria Carvalho, a minha leira d'olival, em rrepeendimento dos peccados do meu filho.* (Doc. de S Christovam de Coimbra, de 1348.) Vem do latino *rependo.*

REPÊZES—aldeia, Beira Alta, na antiga freguezia de S. Martinho, extramuros e um dos curatos de Viseu, hoje freguezia de Santa Maria, da mesma cidade, d'onde dista apenas um kilometro.

Ha n'esta aldeia uma bonita capella, dedicada a Santa Eulalia, na qual se faz todos os annos uma concorrida festa ao nosso portuguez Santo Antonio, de Lisboa.

—

N'esta povoação nasceu, pelos fins do seculo 16.º, um *christão-novo*[1] chamado Antonio Dias Ribeiro.

Era muito devoto da Santissima Virgem, e, como era bastante rico, lhe mandou construir uma formosa capella, com a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, no logar de Abravezes, freguezia da Sé de Viseu, e proximo da mesma cidade.

Para evitarmos repetições, vide 7.º vol., pag. 660, col. 2.ª

REPOSTEIRO MÓR ou **REPOSITARIO-MÓR**—é um dos principaes *officios* da casa real portugueza.

Ha duvidas sobre a data d'estes grandes

[1] Em 1485, foram expulsos de Hespanha todos os judeus, que se espalharam por varias nações da Europa, vindo muitos d'elles para Portugal, onde os acolheu favoravelmente D. João II. Seu filho unico, D. Affonso, morre junto a Santarem, em 1491, da queda de um cavallo, deixando viuva e sem filhos, a sua joven esposa, a princesa D. Isabel, herdeira do throno de Castella.

Fallecido D. João II (25 de outubro de 1495) e não podendo elevar ao throno, seu filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, como muito pretendêra, foi acclamado rei, seu primo e cunhado, o duque de Beja, filho do infante D. Fernando, duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte.

D. Manuel contratou o casamento com a princesa D. Isabel (a viuva do principe D. Affonso) mas sob a condição de expulsar os judeus, e mouros, de Portugal, o que elle fez em 1497, com a ambição de vir a ser rei de Portugal e Hespanha; deixando sahir d'este reino as immensas riquezas dos expulsos. Ficou porem sem ellas e sem o throno de Hespanha (apesar de ser jurado rei d'este reino, em Toledo, a 28 d'abril de 1498) porque D. Isabel morreu de parto, em Zaragoça, e seu filho, *D. Miguel da Paz*, pouco lhe sobreviveu. D. Manuel casou em segundas nupcias com sua cunhada, a princesa D. Maria, irmã de D. Isabel, recebendo se em Alcer do Sal, em 1501. D'este casamento teve —D. João, depois rei, 3.º do nome; D. Isabel, que casou com o imperador Carlos V; D. Brites, que casou com o duque de Saboia; D. Luiz, duque de Beja; D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso, cardeal, D. Henrique, cardeal e rei; D. Duarte, duque de Guimarães, e D. Maria e D. Antonio, que morreram de pouca edade.

D. Manuel casou em terceiras nupcias, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella, da qual teve, D. Carlos que morreu de pouca edade, e D. Maria, que foi senhora de Viseu e Torres Vedras.

Não consta que este rei tivesse filhos bastardos.

Muitos mouros e judeus preferiram adoptar a religião catholica, a sahirem de Portugal. Aos que foram expulsos, se lhe tiraram os filhos menores de sete annos, que foram baptisados, e educados na religião christã. A estes e aos adultos convertidos se ficou chamando *christãos-novos*, e foram sempre olhados com despreso pelos *christãos-velhos*, e muitos d'elles morreram nos carceres da Inquisição, ou queimados em vida; porem a maior carnificina d'estes infelizes, foi em Lisboa, a 19 d'abril de 1506, em cujo dia foram assassinados (e muitos queimados vivos) 4:000 christãos novos. (4.º vol., pag. 111, col. 1.ª, e pag. 172, col. 2.ª, no fim.)

officiaes do paço. Frei Antonio Brandão diz que o officio de reposteiro-mór (*repositarius maior*) foi creado por D. Affonso II, em 1217, sendo o primeiro que o teve, Pedro Garcia. [1] No reinado de D. Sancho II, tinha este officio, um tal *Dominicus Scribanus Maius Repositarius*, que assignou como testemunha, o foral de Santa Cruz da Villariça, em 1225. (Doc. de Moncorvo.)

—

Em quanto em Portugal não houve camareiros móres, eram os reposteiros-móres que tinham este exercicio.

O emprego de reposteiro-mór, é o de descobrir a cadeira do rei, nas funcções publicas, e está junto d'ella, em quanto o monarcha se não levanta.

Pela Ord. do livro 3.º, tít. 4.º, tinham os reposteiros-móres os mesmos privilegios que os alferes-móres, etc.

No reinado de D. João III, entrou o officio de reposteiro-mór, na casa dos Távoras, na pessoa de Bernardim de Távora, 3.º filho de Alvaro Pires de Távora.

Por morte de Bernardim de Távora (neto do 1.º reposteiro-mór d'esta familia, de egual nome) e não tendo filho varão, herdou a casa, sua filha, D. Guiomar de Távora, casada, em segundas nupcias, com Luiz de Souza e Vasconcellos, 3.º conde de Castello-Melhor, que, em razão d'esta alliança, foi reposteiro-mór de D. Affonso VI, e assim passou o officio, para a casa de Castello-Melhor.

—

Não eram só os reis que tinham reposteiros-móres: da rainha D. Philippa, mulher de D. João I, foi reposteiro-mór, *Fernão Lopes de Avreu:* da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I d'Aragão e mulher do nosso rei D Duarte, foi reposteiro mór, *Vasco da Fonseca:* do infante D. Duarte, tinha sido reposteiro-mór, *Diogo Fernandes d'Almeida*, que continuou no mesmo emprego, depois de D. Duarte ser acclamado rei; do infante D. Fernando, irmão de D. Duarte, foi reposteiro mór, *Fernão Rodriyues.*

—

Entre os monges tambem havia o officio de *reposteiro*, que vinha a ser o mesmo que *vestiario.*

Segundo o *Cod. Alf.*, livro 2.º, tit. 43, o *reposteiro* vinha a ser o mesmo que *thesoureiro.*

REPRÊZA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi da mesma comarca, mas do concelho d'Arraiolos), 30 kilometros d'Evora, 90 ao S.E. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago Nossá Senhora da Purificação (vulgò *das Candeias*).

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha de rendimento, 540 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil, sobre tudo em cereaes.

REPREZA (quinta da)—Alemtejo, na freguezia de Orióla. Vide 6.º volume, pag. 293, col. 2.ª

REPROCHAR—portuguez antigo—reprehender, censurar, criticar, etc.—É gallicismo, que, apezar de tão escusado, foi muito usado em Portugal, n'outro tempo. Ainda hoje ha escriptores afrancezados que empregam este verbo inutilissimo.

REQUEÃO, ou **REQUIÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa.

Tem 300 fogos.

Em 1757, tinha 193 fogos.

Orago, S. Silvestre, papa.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Esta freguezia pertenceu ao antigo julgado de Vermuim, do qual era cabeça Villa Nova de Famalicão.

Diz-se que o nome d'esta freguezia pro-

[1] Mas, no codicilo de D. Sancho I, feito em 1181, e que se acha no cartorio da Sé de Viseu, se lê—*Tetum* repositum, *tam pānus, quam vasa argentea, et scudellas, et cultiares et quid in Reposito est*, etc.—o que parece demonstrar que já então havia reposteiro, visto que havia reposito.

vêm do substantivo latino *requie*, descanço: será.[1]

A situação desta freguezia é aprazivel, e o seu terreno é muito fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Tinha um mosteiro de frades cruzios, fundado no seculo XII, pelos templarios, e que, em 1319, passou para os cruzios.[2]

Em frente d'esta freguezia fica outro mosteiro, tambem de cruzios, de fundação muito antiga (1095) na freguezia de Landim (antigamente *Nandim*) do mesmo concelho. Vide *Landim* e *Nandim*.

Em 1418, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, converteu o mosteiro de Requião em egreja secular, por breve do papa Martinho V.

É n'esta freguezia a casa de Ninães, e n'ella nasceu, em 1782, D. João da Assumpção Carneiro, ultimo geral dos conegos regrantes, da congregação de Santo Agostinho, de Santa Cruz de Coimbra.[3]

Falleceu na sua casa de Ninães, em 18 de janeiro de 1873, com 90 annos de edade.

Foi em toda a sua vida um varão virtuosissimo. Tomou ordens de presbytero em 1805, e foi por trez triennios reconduzido no generalato da sua nobilissima ordem.

Decidido e exemplarissimo legitimista, foi de grande representação nos reinados dos srs. D. João VI, e D. Miguel I.

Foi sepultado no logar mais distincto do cemiterio de Requião, no dia 20 do dito mez e anno.

[1] É tradição que, quando se fundou o mosteiro, estava este sitio deshabitado, e que os frades, em vista da sua amenidade, lhe deram o nome de *Requie et folgança*, que degenerou em *Requião*. Póde ser.

[2] Mas a *Benedictina Lusitana* diz que, em 1176, o mosteiro era de monges bentos. Talvez dos templarios passasse aos bentos e depois aos cruzios.

[3] Não se confunda esta *casa de Ninães*, com o *paço de Ninães*, de que adiante fallo. A casa de Ninães é de abastados e honradissimos lavradores, e não de fidalgos. O avô de D. João da Assumpção Carneiro, teve dois filhos—Manuel Carneiro, a quem deu a casa da Ribeira, que é hoje de seu filho, o sr. Matheus Carneiro—e Antonio Carmeiro (pae de D. João) ao qual deu a casa de Ninães, que é a mais importante e rica do logar.

Os pobres, de quem era a Providencia, muitos annos chorarão a sua morte.

—

É da casa de Bragança.

—

Ha n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora da *Pedra leital* (pedra que causa leite!)

É um bom templo, com alpendre e sachristia; e tão antigo, que se não sabe quem foi o seu fundador.

Os povos d'estes sitios teem grande devoção com esta Senhora, e lhe fazem uma grande festa a 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves), que é sempre muito concorrida.

Antigamente, em todos os domingos e dias santificados hia o povo á capella rezar o terço; e era então a Senhora visitada por muitas romagens, não só dos habitantes d'estes sitios, mas até dos povos distantes.

Junto á ermida ha alguns gigantescos carvalhos, que se julgam tão antigos como a capella.

Tambem junto á ermida (á esquerda de quem entra) está um grande penedo, com umas cortaduras, que servem de escadas, abertas n'elle. Ao seu cume sobem as mulheres que teem falta de leite, e, depois de rezarem uma *Ave Maria*, beijam a pedra, crendo que, fazendo isto, lhes acode o leite.

Foi este penedo que deu o titulo á Senhora.

—

Existiu n'esta freguezia a casa do *Paço de Ninães* (ao qual José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado*, por engano, dá o nome de *Paço de Novaes*).

Esta nobre casa deu assumpto ao sr. Camillo Castello-Branco, para o seu formosissimo romance, que intitulou — O SENHOR DO PAÇO DE NINÃES.

Segundo o padre Carvalho (*Chorographia Portugueza*, pag. 327) a casa do Paço de Ninães, foi fundada por um tal Affonso Fernandes de Novaes, castelhano, senhor do castello de Novaes, em terra de Queiroga na Hespanha.

É por esta circumstancia que alguns es-

criptores se teem enganado, chamando ao Paço de Ninães, Paço de Novaes.

Novaes, é uma antiga freguezia d'este mesmo concelho, de que eram donatarias as freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde, e que hoje está unida á de Ruivães.

Talvez que esta freguezia, tomasse o nome, do tal Affonso Fernandes, e que este ou seus descendentes fossem senhores do que depois foi das referidas freiras; mas é mais provavel que o appellido pertença a outros Novaes, que o tomassem d'esta freguezia.

Diz o mesmo padre Carvalho, que o Paço de Ninães, é o solar dos Pimenteis, em Portugal; mas nos manuscriptos da casa Palmella, dá-se-lhe uma origem muito diversa.

Vidè no 1.º vol., pag. 384, col. 2.ª

Ainda ha poucos annos se viam restos do nobre paço de Ninães. Era um lanço de parede que donotava muita antiguidade, com suas séteiras e janellas ogivaes. Hoje já nada d'isto existe.

Ficava o paço de Ninães perto da actual casa dos srs. Carneiros, de Ninães.

O que foi da famila do paço de Ninães (ou pelo menos, o terreno em que foi o paço) é hoje do sr. Francisco Ignacio d'Aguiar Pimenta Carneiro, da casa da Verêia (vulgo Brêia) na freguezia de Vermoim.

O antigo paço de Ninães, pertence, ha muitos annos, á familia do sr. Pimenta Carneiro; mas, nem elle mesmo sabe porque titulo, pois que um incendio lhe devorou quasi todos os titulos da sua casa.

—

REQUEÃO (quintas de)—e *Torre de Vasconcellos*, Minho, proximo á villa d'Amares, no districto da freguezia de Ferreiros. É o mais antigo morgado que a nobilissima familia Vasconcellos possuiu em Portugal.

No 3.º vol., pag. 176, col. 2.ª, no fim, e seguinte, fallei na Torre de Vasconcellos: aqui serei mais explicito.

Tambem tenho d'aqui rectificar um êrro em que teem cahido muitos escriptores, e no qual eu tambem por culpa d'elles, cahi—é dizerem que Martim Moniz era filho de D. Egas Moniz (4.º vol., pag. 384, col. 2.ª)—o que não é verdade, pois apenas é da mesma familia, como adiante veremos.

Da Torre de Vasconcellos, apenas existem algumas paredes desmanteladas, e das *quintas de Requeão*, até o nome se perdeu, e suppõe-se que eram proximo ao terreno hoje chamado *as minas*.

A maior parte do que constituia o morgado dos Vasconcellos, n'esta freguezia, pertence actualmente aos srs. condes da Figueira, por herança dos *Machados*.

Muito perto d'estas minas, e ao N. E. d'ellas, existe a capella de Santa Luiza, de construcção antiquissima, e que se suppõe ter pertencido á familia Vasconcellos, e fazer parte da quinta da Torre. Hoje é publica.

Segundo a tradição, em uma noite, vespera de Natal, se juntaram na referida quinta, trez irmãos, da familia Vasconcellas, e todos tres bispos, que então sagraram a capella. É certo que sobre a porta, em uma lapide, se lê esta inscripção:

ESTA CAPELLA HE SAG-
RADA E SEGUNDA VES RE-
EDIFCADA, TEM RELIQUI-
AS, NO ALTAR, E INDULG.ª

Vamos ao Martim Moniz.

Nos *Retratos e elogios dos varões e donas*, se lê o que aqui digo em resumo. (Não cito as paginas, porque o livro não tem numeração.)

1147

D. Martim Moniz, cavalleiro nobilissimo, foi filho 2.º de D. Mousinho Ozorio de Cabreira, e Ribeira, conde d'estas terras, e de D. Maria Nunes, filha de D. Nuno Soares, fundador do mosteiro de Grijó.

Era neto do conde D. Ozorio de Cabreira e Ribeira [1] que veiu para Portugal com o conde D. Henrique, e ao qual serviu, nas guerras do seu tempo. Teve o seu domicilio na comarca de Vianna e foi casado com

[1] Este conde D. Ozorio, era filho do infante D. Velloso, que era filho incestuoso de D. Ramiro 3.º de Leão, e de sua irmã, D. Ermenezinda.

D. Rufa Moniz, filha de D. Mousinho Fernandes de Touro, e neto do rei D. Fernando, pae de D. Affonso o 6.º (ao qual chamaram imperador).

D. Martim Moniz, obrou prodigios de valor na memoravel batalha de Campo d'Ourique, em 25 de julho de 1139.

Alguns dos nossos historiadores o confundem com outro D. Martim Moniz, filho do grande D. Egas Moniz; mas advirta-se que este commandava a ala direita do exercito, com 2:000 infantes e 200 ginetes, na batatha d'Ourique, e n'ella morreu. Além d'isso, os da sua familia tomaram os appellidos de Coelhos e Viégas, que depois mudaram em Athaides; e o nosso D. Martim Moniz, veiu á tomada de Lisboa, oito annos depois, e os seus descendentes tomaram o appellido de Vasconcellos.

Foi casado com D. Theresa Affonso, filha bastarda do rei D. Affonso de Leão. O filho primogenito de D. Martim Moniz e de D. Thereza Affonso, foi D. Pedro Martim da Torre, rico-homem. Chamou-se da Torre por ser senhor da Torre de Vasconcellos, solar d'esta familia, e das *quintas de Requeão*, com 12 casaes, que eram honras de sua familia.

D. Pedro Martins, casou com D. Thereza Soares da Silva, filha de D. Soeiro Pires Escacha da Silva, [1] e de D. Froila Viegas, dos quaes nasceu D. João Pires' o primeiro que se appellidou de Vasconcellos, por ser senhor da Torre d'este nome, no reinado de D. Affonso 3.º

—

Todos sabem que o nosso D. Martim Moniz, atravessando-se na porta do N. do castello de Lisboa (a que fica para o lado do convento da Graça) franqueou a entrada aos portuguezes, como fica dito no logar citado do 1.º volume.

D. Affonso Henriques, em memoria d'este acto de coragem e abnegação, lhe mandou collocar o busto sobre a dita porta. Por baixo do busto se gravou, d'alli a 500 annos, a seguinte inscripção:

EL-REJ DÕ AFFONSO HENRIQUES
MANDOU AQUI COLOCAR ESTA
STATUA E CABEÇA DE PEDRA, EM
MEMORIA DA GLORIOSA MORTE
QUE DÕ MARTI MUNIZ,
PROGENITOR DA FAMILIA DOS
VASCONCELLOS, RECEBEU NESTA PORTA
QUANDO, ATRAVESSANDO-SE N'ELA
FRANQUEOU AOS SEUS A ENTRADA,
COM QUE SE GANHOU AOS MOUROS
ESTA CIDADE, NO ANNO DE 1147

—

JOÃO ROIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA,
CONDE DE CASTELMELHOR, SEU
DECIMO QUARTO NETO POR BARONIA,
FEZ AQUI PÔR ESTA INSCRIPÇÃO,
NO ANNO DE 1646.

—

Tudo quanto os Vasconcellos tinham em Amares, passou depois á corôa, e D. João 1.º o vendeu a Pedro Machado, que ficou sendo senhor d'Amares.

Este Pedro Machado é progenitor do sr. conde da Figueira, e é por isso que elle é o actual senhor da desmantelada Torre de Vasconcellos, e de tudo mais que pertence a esta familia, em Amares.

REQUEIXADA — portuguez antigo — acanhada, estreita, opprimida. Tambem significava deserta, despovoada. *Dizem, que a terra do dito logo* (logar) *he requeixada por tal guiza, que non ha hi homee, que aia* (tenha) *terra que avonde huma junta de bois a lavrar..... A minha terra fica por esta rrazom mays requeixada para os meos foros e direitos.* (Doc. da camara secular de Lamego, de 1352.)

Ainda hoje ha varias propriedades com o nome de Requeixadas, que lhe provem de terem sido antigamente em sitio despovoado.

REQUEIXADA (quinta da) — Extremadura, freguezia da Triana, em Alemquer. Esta quinta e a do *Contador*, formavam um vinculo, que em 1707 era administrado por D. Thomaz de Napoles Noronha e Veiga, descendente de Estefano de Napoles, filho do infante da Hungria e principe da Morêa, e neto de Carlos II, rei de Napoles, Hungria e Jerusalem. O representante d'esta nobre familia, é actualmente o sr. D. Thomaz de Napoles, feito 1.º visconde d'Alemquer,

[1] Supponho que foi este fidalgo que deu o nome á freguezia de Souropires, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel.

em 11 de dezembro de 1873. É filho do sr. Manoel Joaquim d'Almeida, feito 1.º barão d'Alemquer, em 3 de julho de 1862. O sr. D. Thomaz herdou estas quintas, por parte de sua mãe.

REQUEIXARÍA—portuguez antigo—o que pertence aos queijos e lacticinios (porque os nossos avós diziam *queixo* em vez de *queijo*.)—*Homeens de todolos Officios, asy como da mantearía, copa, reposte, requeixaría, erquitaría, e de forno*, etc. (Livro Vermelho do rei D. Affonso V, n.º 34.)

REQUEIXO — portuguez antigo — ainda muito usado nas provincias do norte. — Significa, acanhado, comprimido, oppresso, constrangido, etc. — Tambem significa deserto, despovoado —*Terra de requeixo* (terra deserta.)

REQUEIXO—freguezia (foi villa), Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 15 kilometros a E.S.E. de Aveiro, 45 ao N.O. de Coimbra (a cujo bispado pertenceu), 245 ao N. de Lisboa, 566 fogos.

Em 1757, tinha 624 fogos.

Orago S. Pelagio (S. Paio).

A casa de Bragança, a quem esta freguezia pertence, apresentava o prior, que tinha 850$000 réis de rendimento.

D. Manoel lhe deu foral e a fez villa, em Lisboa, a 2 de junho de 1516. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fol. 220, col. 1.ª)

Veja-se a minuta para este foral, na gav. 20, maço 12, n.º 12.

Esta minuta pertence tambem ao foral da villa d'Eixo.

Para a sua etymologia, vide *Requeixada* e o Requeixo antecedente.

Chamava-se antigamente *Requeixó de Riba Vouga*, e pertencia ao concelho d'Eixo, que foi supprimido.

Está esta freguezia situada junto á margem esquerda do Rio Agueda, e o seu terreno é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima; todavia já foi mais povoada, como vemos no principio d'este artigo; provavelmente pela sua pouca salubridade.

O marnel chamado *Pateira de Fermentéllos* (que tem 3 kilometros de comprido por 1 de largo) posto estar quasi todo na freguezia de Fermentéllos, banha tambem, em parte, as freguezias do Espinhel, Óis da Ribeira, e esta de Requeixo.

Estes terrenos são em grande parte invadidos pelas aguas da ribeira Cértima (ou Cértoma) que os atravessa, formando uma infinidade de ilhotas no *Paúl do Panno*, sob as quaes, e apenas coberta por uma delgada capa de terra, existe uma vasta turfeira, reduzida a vaza.

Ainda nos sitios mais enchutos, treme o chão com o attrito dos pés.

Em differentes logares ha poços cavados pela natureza, e de grande profundidade.

Diz-se que ha aqui galerias e cavernas subterraneas, occupadas pelas aguas estagnadas.

Estes terrenos podem comparar-se aos *bogs*, que estanceiam entre Carudulla e Ballinderry, na Irlanda.

Uma parte do pantano, produz arroz, o resto apenas produz uma infinidade de plantas aquaticas, que o povo aproveita para adubo das terras.

Tem sido por varias vezes lembrado o enxugamento d'este marnel, ou por um bom systema de drainagem, ou construindo um canal que communicasse a lagôa com a ria d'Aveiro, e que teria uns 85 kilometros de extensão; mas as despezas d'estas obras foram calculadas em um milhão de crusados, e o plano ficou no papel.

Este melhoramento, tornando melhores as condições de salubridade, dariam um juro vantajoso pelo capital empregado, pois transformariam em bellos e ferteis campos, o que hoje são terrenos doentios e quasi improductivos.

—

O logar de Requeixo, séde da freguezia, tem 116 fogos.

Foi couto, que, com o d'Eixo, foi doado por D. Pedro, conde de Barcellos, (o auctor do *Livro das linhagens*) filho bastardo do rei D. Diniz, ao mosteiro de Santo Thyrso. (*Ben. Lusit.*, edição de 1644, tom. 2.º, pag. 35, § 5.º)

O logar de Requeixo e todas as mais ter-

ras do antigo termo d'Eixo, são reguengas, e d'ellas foram donatarios os condes de Barcellos, e é por isso que vieram á casa de Bragança.

A egreja parochial é boa, porém mal situada, porque fica proxima á pateira de Fermentellos, e isolada da povoação, que fugiu d'aquelle logar, pela sua insalubridade, vindo, em 1774, a formar a povoação de S. Paio.

Tanto a estatua de S. Paio, que está no frontispicio da egreja, como algumas das imagens de santos que estão no seu interior, revelam muita antiguidade, pelo tosco da sua esculptura.

É a freguezia abundante de peixe, do rio Agueda, e do mar.

Na pateira tambem se pesca algum peixe, e enguias monstruosas.

São optimas as laranjas de Requeixo, sobretudo as do Carregal e Mamodeiro.

Na ultima divisão judicial (Lei de 16 de abril de 1875) ficou Requeixo sendo séde do juizo ordinario, composto das freguezias de Eixo, Eiról, Oliveirinha, Palhaço, Nariz e Requeixo.

N'esta divisão attendeu-se mais a influencias de campanario, do que á commodidade dos povos.

Notemos uma coincidencia — o rio *Féveros*, do Minho (vol. 3.º, pag. 181, col. 1.ª) passa pela povoação de Requeixo, que foi *villa* (casa de campo) e o Requeixo de que aqui trato, está na margem do Cértima, que antigamente se chamava tambem *Féveros*. Ainda ha outro ribeiro com o nome de Féveros, que divide a freguezia de Avintes da de Oliveira do Douro, no concelho de Gaia. (3.º vol., pag. 180, col. 2.ª no fim.)

Parece me que Féveros vem do portuguez antigo *febre*, que significava fraco. Nas côrtes do Porto, de 1373, convocadas por D. Fernando I, se diz—*E por a moeda que era febre, lhis nom acrescentaramos nas tenças*, etc. Moeda febre, queria dizer *moeda fraca*, que tinha liga, ou falta de peso legal.

—

No logar de Requeixo, ha uma capella, dedicada a Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias) da qual não pude obter informações.

—

Junto ao logar do Rêgo do Espinheiro, a 3 kilometros de Requeixo, está a ermida de Nossa Senhora dos Envendos, dentro dos limites da freguezia de Requeixo, mas pertence á egreja de S. Simão, de Oyan, do concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia. (Esta freguezia de Oyan, foi um curato annexo á freguezia de Espinhel.)

A ermida da Senhora é antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

A lenda da Senhora dos Envendos é muito extensa, direi aqui sómente o principal.

Appareceu em um sitio despovoado, entre uma mouta de carvalhos, estando dois sinos ao pé da imagem da Virgem. Foi achada por uma menina que andava a guardar cabras.

Ainda então não existia a freguezia de Oyan, que era uma aldeia da do Espinhel.

A menina deu parte do achado, e o parocho do Espinhel foi buscar a imagem para a sua egreja, em quanto se lhe não construiu casa propria, no logar do apparecimento, o que se levou logo a effeito.

Passados annos, e como a ermida estava em terreno pantanoso, proximo á pateira de Fermentellos, lhe construiram uma nova capella, no alto de um monte fronteiro.

Feita a nova ermida, levaram a Senhora e os sinos, em um barco, para ella, mas, ao atravessarem a lagôa, foi o barco ao fundo, com a imagem e os sinos.

Como a lagôa tem pouca altura, os tripulantes, tiraram a Senhora da agua, e depois de enchugar esta, e entendendo que a Senhora queria só estar na sua antiga ermida, a tornaram a conduzir para ella; menos os sinos, que não poderam tirar da lagôa; os quaes *ainda por muitos annos depois, se ouviram tocar debaixo da agua, em dia de S. João.*

Ainda ha vestigios de alicerces da capella do monte.

Esta capella (a nova) fica perto da quinta

do Morangal, na freguezia do Espinhel. (5.º vol., pag. 538, col. 1.ª, no fim.)

Quando se construiu a capella, era o sitio um deserto inculto e um denso matagal; mas em volta da ermida se foram construindo casas de habitação, e em poucos annos, estava creado o logar do Rêgo do Espinheiro, com mais de 30 fogos.

A festa da Senhora, é a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

Ha tambem n'esta capella uma antiquissima imagem (de pedra) de *Nossa Senhora das Febres* (nome talvez tomado de *Féveros*, antigo nome do rio Cértima, como fica dito.)

Em 1685, cahiu um raio mesmo por detraz do retabulo, mas não causou outro prejuizo na capella, senão fazer um buraco no forro, no sitio por onde entrou.

—

Em março de 1876, deu-se n'esta freguezia uma coincidencia notavel, que refiro por a julgar digna de menção.

Haviam aqui nascido duas creanças no mesmo mez, e sendo baptisadas no mesmo dia, a ambas pozeram o nome de Roza. Foram crescendo as duas moças, e ultimamente no dia em que uma era atacada pela molestia que alli grassa, cahiu a outra de cama á mesma hora.

Como o mal se lhes aggravasse, foram sacramentadas uma apoz outra, com differença de poucas horas; afinal morreram as infelizes Rosas no mesmo dia e quasi á mesma hora.

É natural d'esta villa, D. frei José da Assumpção, missionario apostolico, do seminario do Varatojo, nomeado bispo de Lamego em janeiro de 1833, e confirmado em consistorio de 23 de junho do mesmo anno, não chegando a receber as bullas, por causa da guerra civil d'esse tempo.

Poucos mezes administrou o bispado, mas, durante elles, mostrou que era um prelado de grande illustração e muitas virtudes.

Á aproximação das tropas liberaes de Lamego, fugiu, levando todas as pratas da egreja, que depositou nas mãos de D. Maria José Esteves, de Celorico da Beira, com expressa recommendação de só as entregar a elle ou ao seu legitimo successor no bispado; e com effeito, fallecendo D. frei José da Assumpção, e succedendo-lhe D. José de Moura Coutinho (Vide *Telhó*) aquella senhora lhe entregou tudo, sem a minima falta, em 1844.

D. frei José da Assumpção, falleceu nos arrabaldes de Lisboa, em 18 de outubro de 1841.

Escreveu e publicou (sem nome de auctor) as obras seguintes:

Defensor da Religião, em 3 volumes.
Palestras religiosas, em 4 volumes.
Homilias, 2 volumes.
Disputas, 6 volumes.
Cathecismo, 1 volume.

Além de outros muitos escriptos de menos vulto, tudo sobre assumptos religiosos.

REQUESTA — portuguez antigo — peleja, bulha, refrega, desafio, contenda, etc.—Vem do verbo *requestar*, pelejar, etc.

Hoje tem a palavra *requestar* outra significação — quer dizer — pretender, fazer diligencia por conseguir, namorar, etc.

REQUEZENDE — aldeia, Douro, na freguezia de Ramalde, concelho de Bouças, comarca do Porto.

É uma bonita povoação, nos suburbios do Porto.

Ha n'esta aldeia uma formosa capella, dedicada a *Nossa Senhora do Porto*, á qual se faz uma concorridissima festa, a 15 de agosto de cada anno, vindo romeiros, não só dos arredores, mas até, em grande numero, da cidade do Porto.

Requezende, é corrupção de *Requezendo*, nome proprio d'homem (gôdo) ou — e é o mais provavel—de *Requezendes*, patronímico de Requezendo.

REQUISIR—portuguez antigo—rogar, pedir, supplicar, etc.

RÉRIZ—villa, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a S.O. de Castro Daire (foi até 1834, cabeça de concelho, e sendo então supprimido, passou a formar parte do concelho do Sul. Sendo este supprimido em 1855, passou para o de Castro Daire) 30 kilometros ao N.O. de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Foram donatarios d'esta freguezia os *Castros das treze aruellas*, senhores de Rézende, representados actualmente pelo sr. conde de Rézende.

É povoação muito antiga. D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, e foro de villa, a 9 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fol. 77, col. 2.ª)

A antiga villa de Rériz, tinha em 1757, apenas 60 fogos, e o resto da freguezia 90.

Está situada ao fundo de um monte aspero, chamado Cabeçadas, ramo da serra do Gafanhão, que lhe fica proxima, ao norte.

Á raiz d'este monte, passa o rio Paiva, que divide, aqui, o bispado de Viseu do de Lamego; e tambem aqui se destaca a serra de Monte Muro, na direcção de E. a O.

No alto do monte, em um plató, está a antiquissima ermida de Nossa Senhora de Rhodes. Ao fundo lhe fica a povoação de Rériz, cuja egreja parochial está edificada em um têso, chamado serra do *Ladairo* [1] que corre para o S., por espaço de 24 kilometros, até á cordilheira de *Alcófra*—antigamente—*Alcuba*.

—

No alto pois da serra ou monte das Cabeçadas, fundou o celebre eremitão, Leovigildo (ou Vigildo) Pires de Almidra (ou d'Almeida) a capella de Nossa Senhora de Rhodes (a que alguns escriptores, dão erradamente o titulo de Nossa Senhora da Rosa.)

Não se sabe com certeza o anno em que Leovigildo construiu a capella, mas suppõe-se, com bons fundamentos, que foi em 1140, pouco depois da gloriosa batalha de Ourique, em 25 de julho de 1139.

O capitão, Diogo Ribeiro Pinto d'Almeida, na descripção que publicou da origem d'esta capella, dá a Leovigildo a seguinte ascendencia.

(Note-se porem que este escriptor é suspeito, por ser Almeida, e portanto pretender nobilitar o seu appellido, que aliás não precisa tão remota ascendencia para ser nobilissimo, pelas brilhantes acções praticadas pelos que em todos os tempos o teem usado.)

A familia dos Almeidas, teve principio em *Celocorio*, capitão romano, filho de Lucio Catilio Severo, (Lurio Caio Atilio) governador de Braga e ouvidor da Biscaia pelos romanos, e de Almidra Assenta. [1]

Os descendentes de *Celocorio* estabeleceram-se em Toledo, e d'elles procedia Epitacio de Almeida [2] que, com seus irmãos, vieram para Portugal, em 570, fugidos ás crueldades de Leovigildo, *rei gôdo herege, e de Ariamiro seu tio.* [3]

[1] Ladairo, portuguez antigo—significa—procissão, rogativa, clamôr, ladainhas, etc. —Deu-se lhe este nome, porque antigamente vinham aqui os povos em procissão, no mez de maio, fazerem os seus clamores, (ou *cramadouros*, como então se dizia.)

[1] O que aqui vão de patranhas!—Accrescentou a Lucio Caio Atilio, o appellido *Severo*, que elle nunca teve. Era governador da Lusitania e da Galliza. Os romanos nunca tiveram magistrados com a denominação de *ouvidores*, nem (que os tivessem) Lucio Caio o podia ser da Biscaia, que fica na extremidade opposta (septentrional) da Peninsula. Sua mulher chamava-se *Calcia Bruta*, e não *Almidra Assenta*, nem semelhantes nomes são romanos (nem de outra nação, que eu saiba.)

Este Lucio Caio Atilio e sua mulher, Calcia, são os paes das *nove irmãs*, santas de Braga. (Vol. 1.º, pag. 442, col. 2.ª)

O nome de Celocorio parece-me tão romano, como Almidra.

[2] Aqui encaixou o *Almeida*, que tambem nunca foi appellido romano: é o substantivo árabe *almeida*, que significa *mêza*. O appellido Almeida, foi usado 9 ou 10 seculos depois, tomado da nossa praça de Almeida, na Beira Baixa.

[3] Outra patranha!—Theodomiro, rei dos suevos, abjurou o arianismo em 564, e mais nenhum rei suevo ou godo tornou a ser herege. Ariamiro não era tio de Leovigildo, mas filho de Theodomiro e pae de Eburico, todos catholicos. Leovigildo, rei dos gôdos, só tomou conta do reino dos suevos em 585 (e não em 570) e não perseguiu os catholicos, porque tambem o era e muito.

Epitacio d'Almeida, fundou, junto ao rio Paiva, no bispado de Viseu, a *quinta de Rebello*, primeiro solar d'esta familia, e que fica a meia legua de Rériz, e n'ella viveu com seus irmãos.

Este Epitacio d'Almeida, casou com Leovigilda, sobrinha de Leovigildo, 15.º rei dos godos.[1]

Foi 4.º neto d'este Epitacio, outro Epitacio d'Almeida, que teve tres filhos, o primeiro dos quaes se chamou Leovigildo Pires de Almeida. Este, tendo 20 para 25 annos, doou, por carta de testamento, ao segundo irmão, a quinta de Rebello, da qual o doado tomou o appellido.[2]

Esta quinta é hoje (1700) possuida, por Christovam d Almeida, de S. Pedro do Sul.[3]

«Movido (Leovigildo—palavras textuaes) de huns grandes desejos da virtude, voltando as costas ao mundo, desterrando-se de sua patria, e da companhia de seus irmãos, se foy, pelos annos de 179,[4] a viver solitario em os campos de Ourique, junto a Castro Verde, onde fazia uma dura e aspera penitencia.»

«Aqui viveu sessenta annos, louvando a Deus, em santa contemplação, até ao tempo em que El-Rey D. Affonso Henriques foy buscar ao Rey Ismario, e aos outros quatro Reis Mouros, que o acompanhavão contra os christãos.»

Resumamos agora.

Foi este santo eremitão que, na vespera da batalha, se dirigiu á tenda de D. Affonso Henriques, animando-o e promettendo-lhe a victoria. Segundo a *Monarchia portugueza* (parte 3ª, Livro 10, cap. 2.º) foi João Fernandes de Sousa (fidalgo da casa de D. Affonso Henriques, descendente de D. Soeiro Belfaguer, tronco da illustre casa de Sousa) o introductor do eremitão, na tenda do principe.

Vencida a batalha, regressou Leovigildo a Rériz, e fundou logo a casa da Senhora de Rhodes.

Outros pretendem que Leovigildo não construiu de novo, mas reedificou a casa da Senhora, que seu quinto avô, o tal primeiro Epitamio de Almeida, havia fundado com o titulo de Nossa Senhora da Natividade.

Querem alguns, que o titulo de Rhodes seja corrupção de *Rhoda*, palavra persa, que significa *jardim* ou *paraizo*: outros porém dizem que é por ter a santa imagem vindo da ilha de Rhodes, mandada pelos cavalleiros de Rhodes, depois, chamados de Malta, uma das ordens militares creadas na Palestina, no principio do seculo 12.º, e cuja séde principal n'este reino era a villa do Crato.

N'esta ermida viveu Leovigildo trez annos, morrendo aos 90, em cheiro de santidade, no dia 17 de julho de 1143.

Foi sepultado junto á capella em frente do altar-mór.

Ainda aqui existe a irmandade de Nossa Senhora de Rhodes, por elle fundada. Possue ella uma rica bandeira, tendo no centro um primoroso retrato de Leovigildo, attribuido ao nosso *Grão Vasco*, que alguns pretendem ser natural da aldeia de *Mossão*, d'este concelho, o que não é provavel.

(Vide *Moinhos do Pintor*.)

Esta bandeira, que acompanha á sepultu-

[1] Então Leovigildo, *herege* (segundo o tal capitão) e perseguidor dos catholicos, deu a sobrinha em casamento a um dos seus perseguidos?

[2] Tambem isto não é liquido. Nos manuscriptos da livraria Palmella—quasi sempre exactissimos—diz se «*Rebêllo*, appellido nobre em Portugal, *cuja familia tem seu solar no couto de Rêbêllo* (*d'onde tomou o appellido*) *no concelho de* RORIZ, *na provincia do Minho, comarca da cidade de Porto*. (É a actual freguezia de Roriz comarca e concelho de Santo Thyrso.) *Mas, frei Manuel de Santo Antonio, diz que, na freguezia de S. Martinho, no bispado de Viseu*. O primeiro que usou d'este *appellido, foi Mem Rodrigues, senhor do dito couto, que o herdou de seu pae, Ruy Vasques, o qual vivia no reinado de D. Affonso III*. Os Rebellos trazem por armas, em campo azul, tres cotiças de ouro, em faxa, cada uma carregada de sua flôr de liz, de púrpura, ficando todas tres em banda. Elmo de prata, aberto; e por timbre, um leopardo d'ouro, armado de azul, com uma flôr de liz do escudo, na testa.

[3] Adiante tratarei d'esta quinta, para não interromper a *narrativa* do tal capitão.

[4] É manifesto erro typographico. Deve lêr-se 1709.

ra os irmãos defuntos, tem de um lado a imagem da Senhora, e do outro, a batalha de Ourique, entre dois rios, figurando o Cobres, e o Terges. De uma parte estão os christãos, e da outra, os cinco reis mouros. No centro Jesus Christo crucificado, e aos pés da cruz, D. Affonso Henriques, de joelhos.

Da boca de Jesus Christo sae esta legenda:—*Ego enim aedificator, et dissipator Imperiorum, et Regnorum sum: Velo enim in te, et, in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes: et ut agnoscant Successores tui Datorem Regni; et insigne tuum ex pretio quo ego numanum genusemi, et ex eo, quo ego à Judaeis emptus sum, compones: et erit mihi Regum sanctificatum, fide purum, et pietate dilectum.*

Junto ao rei, vê-se o escudo das cinco Quinas, e a um lado o eremitão, fallando a D. Affonso Henriques, da tenda, entre sombras.

(Ou a bandeira é muito grande, ou as figuras e as letras são muito pequenas, para caber tudo isto!)

Lucio Catilio d'Almeida, 3.º irmão de Leovigildo, foi um dos batalhadores de Ourique (já devia ser bem velho!) e consta que cortou a cabeça a Ismael, um dos *reis* mouros companheiros de Ismario. Cortaria.

Este Lucio Catilio, teve quatro filhos:

O 1.º chamava-se Leovigildo, (ou Iliovigildo ou Vigildo) d'Almeida—o 2.º foi monge de Cister, no mosteiro d'Alcobaça—o 3.º foi Rodrigo Pires d'Almeida, do qual procedem nobilissimas familias—o 4.º foi Fernão Alvares d'Almeida, tronco dos Almeidas, marquezes d'Abrantes.

Do 3.º filho, Rodrigo Pires d'Almeida, nasceu Gonçalo Annes d'Almeida, e d'este, Estevam Pires d'Almeida, que casou na freguezia do Gafanhão, na casa dos condes de Penella.

Este Estevam Pires d'Almeida, reedificou segunda vez a ermida de Nossa Senhora de Rhodes.

Dava-se uma singularidade n'esta ermida. A sua capella-mór estava dentro dos marcos da freguezia do Gafanhão, e o corpo da egreja, na de Réiriz, o que originou diversas contendas entre os respectivos abbades. Vieram por fim a um accordo, assentando que as offertas e mais direitos parochiaes fossem divididos entre ambos.

Eram elles que apresentavam o eremitão da capella, e a *provisão* era assignada pelos dois.

O templo é de boa fabrica, e a capella-mór tem seu arco cruseiro de pedra bem lavrada. É vasto o corpo da egreja, tendo uma boa sachristia, e uma galilé ou alpendre, assente sobre columnas de cantaria lavrada.

Em frente da porta travessa (que fica ao E.) está um carvalho gigantesco, e proximo, para o mesmo lado, uma boa fonte, construida de pedra de cantaria.

As casas que eram residencia do eremitão, ficam proximas á ermida.

A imagem da Senhora, é de marmore branco (pedra d'Ançan) de boa esculptura, com um metro de alto.

É a Senhora de Rhodes objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, e lhe fazem varias romarias pelo decurso do anno.

Teve uma rica irmandade, composta de 200 irmãos, 75 irmãs, e quantos clerigos n'ella quizessem entrar.

Tinham de suffragios, trez officios, de nove lições, assistidos por nove clerigos, alem de outras rezas particulares.

Cada anno se fazia um anniversario, por todos os irmãos defuntos, no primeiro sabbado da quaresma, ao qual eram obrigados a assistir todos os irmãos, com suas ópas brancas, e com murças. Havia, para os irmãos, indulgencia plenaria, por bullas apostolicas.

A festa principal da Senhora é no dia da sua Natividade (8 de setembro) havendo então jubileu.

Esta confraria era não só composta de irmãos das freguezias de Réiriz e Gafanhão, mas tambem dos das freguezias do Sul, S. Martinho das Moutas, Pepim, e Alva, todas do bispado de Viseu; e de Castro Daire, Pinheiro, e Parada d'Esther, no bispado de Lamego.

A procissão sae um anno da egreja de Réiriz (a um kilometro da ermida) e no outro, da egreja da aldeia de Grijó, freguezia do

Gafanhão, a egual distancia da ermida, para a parte do O.

—

A egreja parochial de Rériz, foi edificada pelos Castros das treze aruellas, senhores (hoje condes) de Rézende, os quaes tinham aqui uma antiquissima casa, que hoje é foreira á nobre familia dos Pintos Ribeiros, cujos ascendentes eram da familia do famoso dr. João Pinto Ribeiro, o heroe de 1640. (Vide 4.º vol., pag. 317, col. 2.ª, no fim.) Esta familia reside na casa do *Balcão*, d'esta freguezia.

Ainda existe, mas muito desfigurada, a casa que foi dos Castros, e que conserva ainda o nome de *Paço*.

A capella de S. Sebastião, hoje publica, tambem foi dos Castros, bem como um poço que ha no rio Paiva, chamado o *Pégo da Dona*.

Pelos annos de 1780, sendo abbade de Rériz o padre Agostinho, reformou a egreja matriz, á sua custa, e é o magestoso templo que hoje admiramos.

Fica em uma eminencia sobranceira á villa. A capella-mór é oitavada e termina em um zimborio, que foi primeiramente de vidro, mas depois foi coberto de chumbo, por causa dos temporaes.

Tinha ainda em 1852 casa da camara, cadeia e pelourinho, como memoria da antiga autonomia do concelho de Rériz, mas os *illustrados* camaristas de então, não o entenderam assim, e derribaram tudo!

—

É tambem n'esta freguezia a casa vincular, denominada de *S. José*, da qual é actual proprietario, o sr. José Maria Bandeira Monteiro Subágua, ou Subaga, da Granja.

O appellido *Bandeira* d'esta familia, procede de Gonçalo Pires Bandeira, o qual, na batalha de Tôro, resgatou a bandeira portugueza do poder dos castelhanos, arrancando-a das mãos do fidalgo hespanhol Sotto-Maior.

—

A distancia de um kilometro da villa de Rériz, está a nobilissima casa do *Testamento*, de cuja familia descendia o eremitão Leovigildo Pires d'Almeida.

Já a traz fica a sua genealogia.

Esta casa é hoje de um descendente de Rodrigo Pires d'Almeida, (3.º filho de Lucio Catilio, do qual já fallei) que é o sr. Antonio Maria d'Almeida Azevedo da Cunha e Vasconcellos, feito visconde de Rériz, em 18 de julho de 1866.

Tem o sr. visconde a honra insigne de ser descendente do famoso Duarte d'Almeida—*o Decepado*—alferes-mór de D. Affonso V, e um dos mais bravos guerreiros do seu tempo, e o qual, na batalha de Toro (Hespanha) dada em maio de 1476, tendo-lhe os castelhanos cortado a mão direita, empunhou a bandeira com a esquerda, e sendo-lhe tambem cortada esta, segurou a bandeira com os dentes; e d'aqui lhe veio a alcunha de *Decepado*. (Vide *Paços de Vilharigues*, 6.º vol., pag. 397, col. 2.ª; principio.)

—

A freguezia está situada em um valle, na margem esquerda do Paiva, cercada por quatro montanhas escarpadas. Junto á villa ha uma extensa veiga, cortada e regada pelo rio, que, correndo em quasi toda a parte precipitado por entre penedias, aqui corre placido e sereno, fertilisando os campos, que produzem muitos cereaes, vinho, legumes e, sobretudo, grande abundancia de linho, que se exporta transformado em finas teias, e constitue um dos rendosos commercios da freguezia.

Cria tambem muito gado, principalmente cabras e ovelhas, e os seus montes são abundantissimos de caça.

O rio fornece aos povos da freguezia optimo peixe, sobretudo saborosissimas trutas, que são das melhores e maiores do paiz.

As suas inguias tambem são excellentes, e tão grandes como lampreias.

—

Ha n'esta freguezia vestigios de construcções arabes, e na serra *das Almenáras*, e em outras muitas partes, ainda se vêem restos dos *telegraphos* de que usavam os antigos luzitanos.

(Vide *Almenára* e *Facho*.)

Ha tambem minas de ferro, que se não exploram.

RESAIU, REÇAIO e ARRESSAIO—portu-

guez antigo—Rocio. *Quomodo vadit pelo resaiu.* (Doc. de Tarouca, de 1203.

RESPONSO—portuguez antigo—resposta. Tambem diziam *responsom,* no mesmo sentido.

RESPONSOM—portuguez antigo—toda a qualidade de tributos, foros, pensões, etc,, que se pagavam ao rei ou aos direitos senhorios.

RETEAR—portuguez antigo—encurralar, obrigar a recolher, fechar, etc.

RÉTO—portuguez antigo—duello, desafio. Hoje dizemos *repto.*

RETORTA—freguezia, Douro, concelho e comarca e 1 kilometro ao E.N.E de Villa do Conde, 3 ao E.S.E. da Póvoa de Varzim, 25 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 46 fogos.

(Em 1500 tinha apenas seis fogos!)

Orago, Santa Maria, e antigamente, Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O parocho (abbade) obtinha o beneficio por concurso synodal, e tinha 300$000 réis de rendimento.

Ainda que a freguezia é pequena em população, é vasta em territorio.

Está situada sobre a margem esquerda do rio Ave, que a separa da freguezia de Fromariz [1] que lhe fica ao N., separando tambem o bispado do Porto do arcebispado de Braga.

A egreja matriz fica a poucos metros do rio, mettida entre arvoredos, na encosta de um monte, de pouca elevação.

É pequena, mas muito bonita e escrupulosamente tratada.

A primittiva egreja foi edificada em tempos de que não ha memoria, e tambem se não sabe com certeza quem foi o seu fundador.

Dizem uns, que foi edificada por um santo anachorêta; outros dizem, que, nos seus principios, era uma capella particular, pertencente a D. Soeiro Mendes da Maia, rico-homem do conde D. Henrique, que tinha aqui o seu solar. [1]

D. Soeiro Mendes era pae do conde D. Mendo Soares, e este, pae de Soeiro Mendes, o *Bom;* de D. Payo Mendes, arcebispo de Braga; e do grande Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador,* rico-homem, e adiantado (o 1.º que teve este titulo, em Portugal) de D. Affonso Henriques

(Vidè vol. 3.º, pag 347, col. 1.ª, e 2.ª—e 5.º vol., pag. 36, col. 1.ª, no principio).

O rei tinha feito fronteiro-mór do Alemtejo (*adiantado,* como então se dizia) ao seu velho amigo e fiel companheiro, Gonçalo Mendes da Maia, inimigo implacavel e vencedor constante das hostes agarenas, que tremiam só ao ouvir pronunciar o seu nome.

Em 4 d'abril de 1170 [2] e proximo á cidade de Beja, encontrou-se o Lidador com o

[1] Fromariz (vulgo *Formariz*) é corrupção de Frumarigues, filho ou da familia de Frumario.

[1] Terá a freguezia da Retorta a honra de ser a patria do inclito guerreiro, Gonçalo Mendes Maia, o *Lidador?* É verdade que isto só consta da tradição (que eu saiba) mas, na falta de outros documentos, tem ella grande valia

Todos os escriptores dizem que elle era natural da Maia (d'onde tomou o appellido).

A *Terra da Maia* comprehendia antigamente 44 freguezias, que formavam uma extensa comarca, que durou até 1834, e a freguezia da Retorta, e as circumvisinhas, eram da comarca e Terra da Maia.

Como os escriptores dizem apenas que o *Lidador* era da Maia, sem declararem de qual das 44 freguezias d'esta antiga circumscripção, póde muito bom ser d'esta. Mas o solar do Lidador era na freguezia de Guilhabreu (que tambem foi comarca da Maia, e hoje o é da de Villa do Conde.)

Guilhabreu fica a uns 10 kilometros ao S.E. da Retorta.

Podia muito bem ser o Lidador natural da Retorta, onde seu avô tinha o paço, o o solar d'elle (Lidador) ser em Guilhabreu.

Dizem uns que Guilhabreu é corrupção de *Gil Abreu,* outros pretendem que seja de *Guy de Abreu.*

[2] No logar citado, do 5.º vol., disse eu (guiado pelo que diz o sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres,* pag. 8) que foi em 1169. O sr. J. L. Carreira de Mello, na sua *Historia Chronologica,* pag. 73, diz que foi em 1185. E colho o meio termo, e sigo o *Ann. Historico*—tomo 1.º, pag. 429, que marca o anno 1170.

rei mouro Al-Boleimar [1] e, posto que os portuguezes fossem em numero muito mais inferior, offereceram bizarramente batalha aos mouros. Durou esta muitas horas, mas os portuguezes sairam victoriosos, ficando morto no campo, Al-Boleimar, e grande numero dos seus guerreiros.

Mal o lidador havia embainhado a espada, foi accommettido por Al Boacem, rei de Tanger [2] que vinha em soccorro de Al-Boleimar.

Foi casado com D. Leonor Viegas, filha do famosissimo Egas Moniz, e deixou descendencia, da qual procedem nobilissimas familias portuguezas e hespanholas.

Tudo o mais que diz respeito a D. Soeiro Mendes (o velho) e a seus descendentes, vae, em resumo, no logar citado do 6.º volume.

Se a egreja foi capella d'esta familia, é provavel que o seu paço fosse onde hoje é a residencia parochial

Não se sabe como depois passou este senhorio para as religiosas benedictinas do mosteiro da Ave Maria, do Porto.

—

Como a egreja antiga era muito pequena, em 1742 (segundo consta de uma inscripção que está sobre a porta travessa) foi reedificada e ampliada.

Tinha na frente um alpendre, que então se demoliu, occupando o corpo da egreja o logar que elle occupava.

Sobre a verga (ou padieira) da porta da sachristia, lê-se a seguinte inscripção:

O ABB. ANDRÉ DARAUIO SILVA
MANDOU FAZER AS ACHRISTIA NA [1]
ERA DE 1672 COM HUA MISA CAD-
A MES E HUA AMENTAL TODOS O-
S DOMINGOS POR SUA ALMA E
FICA O CAMPO DE TOUGUES [2]
DIZIMO A DEOS LINHARES. [3]

Logo abaixo da egreja, estão as azenhas da Retorta, que rendem 1:200 alqueires de milho por anno.

Eram antigamente pertença da egreja, e foram depois as que deram o titulo ao barão da Retorta, do qual adiante tratarei.

Hoje são propriedade da *Companhia industrial agricola portuense.* [4]

Diz-se que o nome de Retorta, vem a esta freguezia de duas grandes voltas que faz aqui o rio Ave.

Uns 6 ou 700 metros ao O. da egreja, é a estação do caminho de ferro do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalição

[1] Segundo diz o conde D. Pedro, este Al-Boleimar, era um dos homens de mais forças do seu tempo, cortando facilmente, com os seus pesados golpes, as mais fortes armaduras.

[2] Tinha vindo a Portugal, assegurar a villa de Mértola, de que era senhor, e com a qual se havia levantado um seu emir, ou alcaide.

A batalha foi terrivel; os portuguezes, apesar de extenuados do primeiro combate, ganharam novas forças, em vista do perigo. e á voz do seu intrepido chefe, arremeçando-se furiosamente contra os mouros, os derrotaram, escapando poucos. e entre elles Al-Boacem, que deveram a salvação á velocidade dos seus cavallos.

Mas esta victoria custou cara aos portuguezes!

Gonçalo Mendes da Maia, morreu no fim d'ella, coberto de feridas, e na edade de 95 annos.

(S. frei Francisco de Santa Maria não errou a data, o que quasi nunca lhe aconteceu, nascera o Lidador, em 1075).

[1] Queria dizer *a sachristia, na.*

[2] Tougues, é uma freguezia proxima, e do mesmo concelho.

[3] Não entendo. Supponho que queria dizer que o campo em Tougues se chamava dos *Linhares*; mas na escriptura de compra, diz-se *Linhaes.*

O abbade da Retorta, André d'Araujo e Silva, comprou em 11 de janeiro de 1664, a Maria Jorge, *a Polla*, solteira, por 26$000 réis, o campo dos Linhaes, na freguezia de Tougues, e o deu á sua egreja, com as condições da inscripção.

[4] Esta companhia anda construindo, em frente d'estas azenhas, na margem opposta do rio (direita) em terreno da freguezia de Fromariz, uma grande fábrica de fiação e tecidos d'algodão, e tambem fabrica de moagem (de que serão propulsores o vapor e a agua do Ave) no local onde havia umas antigas azenhas, que a companhia comprou, assim como os passaes da Retorta e outras propriedades.

(esta ultima parte ainda por concluir.) A estação é já na freguezia de Villa do Conde.

Barão da Retorta

Domingos Miguel da Cunha Velho Sotto-Maior d'Azevedo e Mello Távora d'Albergaria e Castro, moço fidalgo da casa real, com exercicio no paço, commendador das ordens de Christo e da Conceição; condecorado com a medalha militar da expedição a Pernambuco, em 1824, e com as honras de tenente-coronel.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de abril de 1806.

Casou em Portugal, com a sr.ª D. Anna Emilia de Castro Almeida Ferraz, que ainda vive, tendo d'este matrimonio 17 filhos, dos quaes são hoje vivos 13: Domingos, Miguel, Lourenço, José, Antonio, Fernando, Alberto, D. Maria, D. Julia Emilia, D. Anna, D. Julia, D. Felismina, e D. Joaquina, e 36 netos.

Quasi todos os filhos estão casados.

Foi commandante do batalhão movel de Barcellos, em 1847, e tinha sido almotacé da mesma villa, e feito barão (1.º) da Retorta, em 3 de novembro de 1853.

Seguiu sempre o partido liberal.

Falleceu em Braga, em 28 de outubro de 1877.

Era o mais rico proprietario de Villa do Conde, e um dos mais ricos proprietarios de Barcellos, e morreu pobre, *sem ter nada de seu* (!) em casa de seu filho, o sr. Lourenço da Cunha Velho Sotto Maior.

As azenhas da Retorta, que deram o titulo ao barão, pertenciam á egreja d'esta freguezia: metade era um prazo fateusim perpétuo dos antepassados do barão, e do qual pagavam 2 alqueires de trigo, 5 de milho, 20 de centeio e duas lampreias, fóra o dizimo.

A outra metade era prazo de vidas, do qual pagavam de renda á mesma egreja, 20 alqueires de pão meiado (milho e centeio).

Vieram á familia dos Velhos, de Villa do Conde, por uma renovação de emprazamento, feito pelo abbade da Retorta, André de Araujo e Silva, em 18 de outubro de 1641, a João Pires Velho e sua mulher Maria de Macedo.

Este emprazamento foi renovado em 12 de outubro de 1708, pelo abbade d'esta freguezia, Antonio Ferreira d'Avellar, em Manoel Luiz Velho de Macedo e sua mulher, D. Josefa Maria Luiza de Mello.

Era esta propriedade que constituia o baronato.

—

No cartorio d'esta egreja havia muitos livros e documentos antigos (provavelmente de grande valor historico) mas foram devorados por um incendio.

—

Agradeço ao rev.mo sr. José Antonio Ferreira Monteiro, actual abbade d'esta freguezia, a franqueza com que me mandou a minha casa todos os papeis que restam, e pelos quaes pude redigir o presente artigo.

RETOUÇAR — portuguez antigo — saltar, dançar, tripudiar, calcar. Ainda se usa nas provincias do norte.

RETRAER — portuguez antigo — arremedar, representar. (É d'Azinheiro.)

RETRAÇAR — portuguez antigo — agazalhar, dispor, preparar, etc.

RETRAHIR—portuguez antigo—tornar a tirar o que se tinha dado, ou não dar o que se tinha promettido.

Retrahir-se, tambem queria dizer — recolher-se, retirar-se, esconder-se, etc.

RETROITAR—portuguez antigo—contrariar, contradizer. Tambem averiguar a causa com maior exactidão. *Quero terlado* (traslado) *do dito processo, e da dita sentença, pera aver conselho, pera retroitar e empunar e poêr meu direito contra todo.* (Doc. do seculo XVI).

REVÉL — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Miguel de Trez-Minas, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Em um monte sobranceiro a esta aldeia, existem umas concavidades. Foram minas de estanho, provavelmente já exploradas pelos romanos.

Ainda ha vestigios de um assude, ou cano, por onde conduziam a agua do rio Ti-

nhella, tomada no logar de Tinhéllo de Cima, a uns 10 kilometros de distancia, attendendo ás repetidas voltas do cano, atravessando, por baixo do chão, um grande monte, no logar de Folhagosa.

Consta que estas minas tornaram a ser lavradas, pelos annos de 1584, por um hespanhol, natural de Madrid, chamado Fernando Annes, pae de Cosme Machado, e do qual procedem os Machados d'estes sitios.

REVELAR MULHER — portuguez antigo —conhecel-a carnalmente.

REVÊLHE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, bispado e districto de Bragança, 80 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 14 fogos.

Bispado e districto de Bragança.

O reitor de Fiozéllo apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta pequena freguezia foi supprimida, e incorporada á de Cabeça da Egreja, da mesma comarca, concelho, bispado e districto.

REVÊLHE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 370$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade. Caça.

REVÉLLES — freguezia, Douro, comarca de Monte-Mór Velho (foi da comarca de Soure, concelho extincto da Abrunheira) 30 kilometros ao O. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó (ou da Expectação, do Porto, ou da Esperança, pois com todos estes nomes é conhecido).

Bispado e districto de Coimbra.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 170$000 réis de rendimento.

É terra fertil, e freguezia muito antiga.

Em tempos remotos, pertenceu á freguezia de Nossa Senhora da Alcáçova, da villa de Monte Mór Velho.

A egreja matriz está situada no alto do monte, proximo á povoação de Revélles.

—

A capella dedicada antigamente a Nossa Senhora a Velha, e, depois, a Nossa Senhora da Saude, é antiquissima, e consta que foi a primeira matriz da freguezia. Está situada ao pé de um monte, e junto ao rio Mondêgo, a pouca distancia da quinta da Galêta, que foi dos jesuitas, de Coimbra.

Fica a ermida entre a freguezia de Revélles e a extincta de Peras-Alvas, e por isso tambem a denominam Senhora de Revélles, ou Senhora de Peras-Alvas.

Tambem fica perto da quinta da Alumieira, que foi dos conegos de Santa Cruz, de Coimbra, e não mui distante da villa de Buarcos.

A imagem é de pedra, e de boa esculptura, apezar da sua antiguidade. Tem um metro de altura.

A capella é de boa construcção e ampla: tem altar-mór, e dous lateraes; sachristia e grande átrio. Está cercada de alpendres em volta, sustentados por columnas de pedra.

Faz-se a sua festa em dia de Sant'Anna, mãe de Nossa Senhora (a 30 de julho.) O rei lhe concedeu uma feira franca de trez dias, por tempo de cinco annos, na occasião da festa; depois se lhe concedeu que fosse perpétua. Principiava no dia 26 de julho, mas já ha muitos annos que se não faz esta feira.

—

A nova matriz principiou a edificar-se em 1638, e continuaram as obras até 1640.

Com a restauração, se deu mais desenvolvimento ás obras e foi a egreja accrescentada. É um bom templo.

Do seu adro se vê o Oceano, a barra da Figueira, Buarcos, o rio Mondego e varias povoações. Vê-se do mar, a grande distancia.

REVERSO—portuguez antigo—a pessoa que se entrega a todos os vicios e immoralidades. *E sendo caso que esta Margarida*

seja desmanchada e reversa, que nom faça feitos de booa molher, etc. (Doc. de S. Pedro. de Coimbra, de 1529.)

REVINHADE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 30 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 70 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. Pedro de Torrados, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

RÉZENDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (era do mesmo concelho, mas da comarca de Vallença) 50 kilometros a N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Marinha, da Cunha, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Terra fertil em cereaes e algum vinho. Muito gado, de toda a qualidade, e grande abundancia de caça.

RÉZENDE — villa, Beira Alta, cabeça de concelho e comarca, 18 kilometros ao O. de Lamego,[1] 315 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757, tinha 649 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, e districto administrativo de Viseu.

O conde almirante (conde de Rézende) apresentava o abbade, que tinha 750$000 réis de rendimento.

O concelho de Rézende, é composto de 15 freguezias, todas no bispado de Lamego. São —Anreade, Barrô, Cárquere (ou Quarquere) Feirão, Felgueiras, Fontoura, Freigil, Miomães, Ovadas, Panchôrra, Páus, Rézende, S. Cypriano, S. Martinho de Mouros, e S. Romão—todos com 4:500 fogos.

A comarca é composta só do seu julgado.

Não tinha foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1514, (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 96 v., col. 2.ª)

—

O concelho de Rézende estende-se por um terreno bastante accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, subindo sempre para o S., até alguns montes e serras de diversas denominações. Tem bastantes valles, de pequenas dimensões, mas bastante ferteis, por serem regados por varios ribeiros que descem das alturas. Grande parte dos seus montes são arborisados, e offerecem, a quem navega pelo Douro, uma vista pittoresca.

—

Ha por estes sitios muitos vestigios de terem sido povoados desde tempos remotissimos, e uma anta que existe nas ruinas do castello de S. João, na freguezia de Miomães, prova que já aqui habitaram os povos celtas, ou pre-celtas. (Vide *Miomães*.)

Adiante darei noticia de outras antiguidades.

É provavel que este territorio se despovoasse com as contínuas e destruidoras guerras da edade media, e que assim o achassem os mouros quando, em 817, se apossaram das terras em redor de Lamego e até á margem esquerda do Douro. Por uns 200 annos, estiveram elles senhores d'este territorio, e, ou o deixaram despovoado no que depois constituiu o concelho de Rézende, ou apenas alli tiveram algumas quintas ou casas de campo.

—

O concelho de Rézende foi, até 24 de outubro de 1855, muito mais limitado do que hoje é, tendo apenas de comprido, pela margem do Douro (de E. a O.) 8 kilometros; e de largo (de N. a S.) 3 kilometros.

Então foram supprimidos no districto de Viseu seis concelhos—Mões, Leomil, Ferreiros de Tendaes, Trevões, São Fins, e S. Martinho de Mouros—ficando este ultimo encor-

[1] Fallo do centro do concelho, porque, da sua extremidade E., que é a freguezia de S. Martinho de Mouros, apenas dista de Lamego 6 kilometros.

porado no concelho de Rézende; bem como o d'Aregos, tambem supprimido.

Mas tiraram-lhe da comarca, o concelho de Sinfães, e o, então supprimido, de São Fins, para com elles e com o, tambem então supprimido, concelho de Ferreiros de Tendaes, formarem a nova comarca de Sinfães, tambem sobre a margem esquerda do Douro, e que termina, pelo O., com o rio Paiva, que divide o concelho de Sinfães do do Castello de Paiva.

O concelho de Rézende, tem agora 18 kilometros de comprido, de E. a O., sempre pela margem esquerda do Douro, na sua maior parte. É separado do concelho de Lamego (a E.) pelo desabrido monte das *Dornas* e pela frigida serra das *Meadas*, desde a Cavallar até á Mesquitella, e d'aqui até á Ribeira e Bernardo, á beira do Douro.

É separado do antigo concelho de Sinfães, pelo O., por o ribeiro de Cabrum, que desce da serra da Gralheira e desagúa no Douro, em Frieira, ou Rapa. Como o concelho de Sinfães foi accrescentado com o de São Fins, supprimido em 1855, ficou o actual concelho de Sinfães limitado ao O. pelo rio Paiva, que o separa, na sua maior parte, do concelho do Castello de Paiva, e o resto com o de Arouca (comprehendendo tambem o extincto concelho d'Alvarenga).

Pelo S., parte com o concelho de Castro Daire, desde a Cavallar até aos montes da Gralheira.

Pelo lado do N., todo o concelho é limitado pelo rio Douro.

O nome d'este concelho, procede do 1.º senhor christão que o povoou, D. Rosendo, ou Rausendo Ermiges, irmão de D. Thedon, e de D. Toda Alboazar Ramires, filhos de D. Ermigio (ou Hermigio) Godines, e de D. Dordia Ozores; netos de Alboazar Ramires e de D. Helena Godines; e bisnetos de D. Ramiro II, de Leão, e da formosa moura Zaira, da qual tenho fallado em varios logares d'este Diccionario. (Vide *Ancora*, rio.)

D. Rosendo Ermiges, vindo com seu irmão D. Thedon, para Portugal, pelos annos 1030, reinando em Leão D. Bermudo III; em Castella, D Sancho I; e na Navarra, D. Sancho III. Aqui os dois irmãos guerrearam os mouros, sem tréguas, e a sua gloriosa victoria dada nas margens do rio Távora (1037) os tornou senhores de todo o territorio que constitue o actual concelho de Rézende.

N'esse mesmo anno de 1037, havendo desavenças entre D. Bermudo III e seu cunhado D. Fernando, o Grande, de Castella, foi D. Bermudo morto, na batalha de Lantade, e, não tendo filhos, D. Fernando uniu os dois reinos de Castella e Leão, ficando Portugal formando parte d'este novo reino.

D. Fernando, o Grande, terminada a guerra com os leonezes, entrou em Portugal, tomando aos mouros as praças de Badajoz, Evora, Beja, Merida e Cêa. Marchando para o norte, tomou-lhes d'assalto, Viseu e Lamego. (Esta ultima era defendida por Zadão-Iben, que ficou tributario do rei christão.)

Consta que o rei de Leão deu a D. Rosendo todas as terras que elle havia conquistado aos mouros (ou, mais propriamente, resgatado) na margem esquerda do Douro.

D. Rosendo, agradado do sitio de Rézende, fundou a casa e quinta a que deu o seu nome, e que mais tarde se denominou *quinta do Paço*.

Em volta d'esta quinta, se foram pouco a pouco construindo diversas habitações e quintas, e assim se deu principio á povoação d'este territorio.

—

Constituido o reino de Portugal, em 1093, tratou o conde D. Henrique de alargar os seus limites, arrancando do poder dos mouros varias terras ao sul do Douro.

Em 1102, era rei de Lamego Echa-Martim, que, não só se negou a pagar o tributo a D. Henrique, mas ainda invadiu e saqueou algumas povoações christans.

Carregados de despojos, marchavam os mouros para Lamego; porém, a 50 kilometros de distancia, para O., D. Henrique e seu companheiro, o rico homem D. Egas Moniz, lhes sahiram ao encontro, junto á

villa d'Arouca, e os derrotaram, retomando-lhes todos os roubos e fazendo prisioneiro Echa-Martim. (Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º pag. 238 B B, e seguintes.)

Depois d'esta derrota, e ainda mais, por Echa Martim se fazer christão, o odiavam e desprezaram os seus vassallos, pelo que elle cedeu dos seus direitos e do seu pequeno reino ao conde D. Henrique, que deu a D. Egas Moniz os territorios de Lamego, Leomil, Salzêdas, e S. Martinho de Mouros, tudo a pouca distancia a E. de Rézende.

(Vidè *Cárquere Quarquere*).

—

Já disse que ha em Rézende vestigios de povoação celta, e, segundo a tradição, foi Carquere uma *cidade* (isto é, o centro de uma circumscripção) no tempo dos romanos, e que comprehendia o territorio que estanceia desde a *Devêza* [1] até á ponte de Carcavellos, e d'aqui até aos *Paços* e *matta dos padres*.

É certo que dentro d'este ambito teem apparecido, enterrados, caldeirões, culheres, varios instrumentos de ferro, pedras lavradas, tijolos, moedas de ouro, prata e cobre; e algumas de um metal desconhecido, de varios imperadores, até Constantino Magno.

Tambem em 1732, em uma escavação junto ao mosteiro de Cárquere, appareceu uma lapide com a figura de Diana, em baixo-relevo, de um metro de altura e 0,m 60 de largura, com a inscripção:

DIANA SACCELLO FLAVA
CARCAVELLUS F. A. B. XXV.

Esta lapide foi mandada collocar, pelo doutor Alexandre Pinto, no meior da parede da sua casa de Bêba.

Em outros sitios d'este concelho tem apparecido em differentes épocas, vestigios de povoações antiquissimas.

—

Passados uns 70 annos, os descendentes de D. Rosendo, mudaram o seu domicilio para Tàvora (d'onde lhes veiu o appellido) e a quinta do Paço—não se sabe porque titulo, ficou pertencendo a D. Egas Moniz, e é hoje propriedade dos Castros, senhores de Réiz, e condes de Rezende.

D. Egas Moniz foi senhor da Feira, Arouca, Cresconha (em S. Thiago de Piães) Rézende, Lamego, S. Martinho de Mouros, Leomil, Salzêdas, e varias terras ao norte do Douro.

Tudo isto consta de uma escriptura que existe no cartorio do mosteiro d'Arouca, feita na era de 1220 (1182 de Jesus Christo).

—

É certo que D. Affonso Henriques foi criado em Rézende, mas dizem uns que na quinta do Paço, outros que em Carquere, e outros que em S. Thiago de Piães.

Entendo que foi n'esta ultima freguezia, e na povoação de *Cresconha*.

(Vide vol. 7.º, pag. 8, col. 1,ª no fim e 2.ª).

Nas *Inquirições* de D. Affonso 3.º, se diz—(traducção) — *Viemos com os homens bõos* (louvados) *a este logar, e achamos que a quinta de Rézende* (a do Paço) *Mirão, Vinhós, Sinfães, Ossaes, Cimo de Rézende, Massas, Crujeiros, Tedões, Morganhos, Ferroz, Felgueiras, Minhães, Egreja de São Salvador, Chãos dos Paços, Veirós, Rendufe. São Semiliano, Paredes, Novaes, Tabuadêllo, Villa Garcia, Quintan, e Côrvo, todas estas villas são da honra de Rézende, que foi de D. Egas Moniz.*

Todas estas povoações são no antigo concelho de Rézende, que poucas mais comprehendia.

Vê-se que a cathegoria de *honra* é antiquissima em Rézende, por aqui ser creado D. Affonso I.

Nas *Inquirições reaes*, do rei D Diniz se lê—*Item, na freguezia de S. Thiago de Piães, a quinta que chamam Cresconha, que foi de D. Egas Moniz, e é povoada, que a viram as testemunhas sempre honrada desde que se recordam, e que ouviram dizer que o foi de mui longe, e que crearam alli D. Affonso o primeiro.*

—

Rézende não é uma villa propriamente dita, mas um aggregado de quintas, granjas e casaes.

[1] Já se vê que dou os nomes actuaes.

A casa da camara e cadeia, que estava na povoação de Vinhós, hoje é em S. Gens.

A egreja matriz está em uma elevação, entre as aldeias de Minhães, Ossaes, e Préstimo, e quasi no centro da freguezia. A sua capella-mór é de abobada, bem lavrada, e construida em 1634, á custa de D. João de Castro, ascendente dos condes de Rézende, para sepultura de seus paes, sua e de seus descendentes.

Tambem foi este D. João de Castro que mandou fazer um cruzeiro, para sepultura dos abbades, o que tudo consta de uma inscripção que está em uma lapide embebida na parede interior da capella, do lado do Evangelho, que diz:

D. JOÃO DE CASTRO, PADROEIRO
DESTA EGREJA, IN SOLIDUM,
SENHOR D'ESTE CONCELHO DE
REZENDE, E DOS DE PENELLA,
BEM VIVER, SUL, RERIZ,
E DAS HONRAS DE EIRÓS, GOZENDE,
RIBADELLAS, OU RIBELLAS, E
MONTAO, MANDOU FAZER
ESTA CAPELLA, PARA SEPULTURA
DE D. SIMÃO DE CASTRO E DE
D.ª MARGARIDA DE VASCONCELLOS,
SEUS PAES, E PARA ELLE E SEUS
DESCENDENTES,
E O CRUZEIRO, PARA SEPULTURA
DOS ABBADES SÓMENTE, POR
ESTAREM EXCLUIDOS DESTA
CAPELLA. ANNO DE 1634.

A egreja é vasta e bôa, mas esteve em pessimo estado de conservação, e em grande abandono, hoje está reparada convenientemente.

Havia n'esta egreja uma collegiada com quatro beneficiados, um com 80$000 réis de rendimento—outro com 132$000 réis—outro com 40$000 réis—e o ultimo, com réis 60$000.

Todos estes beneficios eram apresentados pelo abbade da freguezia, que tambem apresentava o cura de Felgueiras.

Tudo isto acabou, ha muitos annos.

—

Os dizimos d'esta freguezia, rendiam annualmente 1:500$000 réis, dos quaes tinham os condes 1:364$000 réis, e o abbade réis 135$500 réis.

Esta divisão foi feita por bullas apostolicas.

—

Ao N. de Rézende, e a pouco mais de um kilometro da margem esquerda do Douro, está o paço dos condes-almirantes (condes de Rézende) padroeiros da egreja.

É o paço que foi de D. Egas Moniz, e portanto antíquissimo, o que facilmente se vê da sua architectura e do miseravel estado de ruina em que se acha este venerando monumento, que tantas glorias nos recorda, e que era digno de melhor sorte.

É de vastas dimensões e não tem vestigios de ter em tempo algum, torre, ou outra qualquer obra de defesa.

Junto ao paço, e ao E., está a capella de Santo Antonio, tambem antiquissima.

Na frente do edificio ha uma avenida, murada dos dois lados, que vae até á estrada publica, e ao fundo da avenida, junto ás casas, se vêem os restos de um alto chafariz, de excellente construcção.

A casa está no centro da *quinta do Paço*, e esta é vasta e rendosa, constando de ferteis campinas, tendo annexa a *alagôa de D João*, na serra da Gralheira, alem de valiosos foros que lhe pagam os povos de Felgueiras e Veiros; mas perdeu um dos seus melhores rendimentos, que eram os dizimos.

—

Ao N.E. do paço, e a pequena distancia, fica a magestosa casa de *Ossaes de Baixo*, da qual é actual proprietaria, a familia do sr. José Joaquim Pereira dos Santos, natural d'esta casa, feito (1.º) barão de Fornéllos, em 15 de outubro de 1851, e fallecido em 1852.

Seu filho, o sr. Fernando Maria Pereira dos Santos, foi feito barão (2.º) do mesmo titulo, em 14 de janeiro de 1864.

N'esta quinta, tambem chamada de *Saes*, mandou construir a Sr.ª D. Maria José de Fornéllos, ajudada por sua irmã, a sr.ª D Virginia, em 1874, uma linda capella, dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, á qual, desde 1875, se faz uma sumptuosa festa.

O papa Pio IX, concedeu a esta capella, por breve apostolico, indulgencia plenaria,

para os que no dia da festa (15 de agosto) se confessarem e commungarem.

Os reverendissimos bispos do Porto e Lamego tambem concederam 40 dias de indulgencia, aos que visitarem a capella no dia da solemnidade da Senhora.

Deus não deixara sem premio a obra d'estas duas nobilissimas damas.

—

Ao E. do paço, está a excellente casa de *Villa Pouca*, que é um palacête no gosto moderno, e pertence ao sr. José Manuel Teixeira Pinto de Figueiredo, que aqui reside.

—

Um pouco acima da egreja matriz, está a nobre casa de *Cottas*, do sr. José Maria Cardoso Borges Coutinho, que a herdou dos seus parentes Borges.

Nasceu n'esta casa o celebre jurisconsulto, Manoel Borges Carneiro, escriptor de grande merito, e homem de bem.

Uniu-se aos revoltosos de 16 de maio de 1828, e não querendo fugir para a Inglaterra, como fizeram os mais espertos (os que tinham promovido a revolução) foi preso e morreu, n'esse mesmo anno, na cadeia do Limoeiro, em Lisboa.

—

A pouca distancia, e ao S. da casa de Cottas, está a antiga casa do *Préstimo*, ou Aprés-timo, propriedade das sr.as Albergarias, de Lamego.

Foi d'esta esclarecida familia, D. Francisco Gomes Monteiro, lente da universidade de Coimbra, e depois bispo de Vizeu.

Tambem foi d'esta familia, o virtuosissimo e caridoso padre Sebastião Pereira Monteiro, que morreu abbade da freguezia de Miumães.

—

Ao S.E. do paço, fica a antiga casa de *Massas* (vulgarmente chamada a *casa grande*, posto ser mais pequena do que as de Ossaes e Villa Pouca). Pertence á sr.a D. Maria Leonor, e a seu filho, o sr. Manoel Pereira.

—

Ao S. de Massas, mas em pequena distancia, está a casa da *Granja*, propriedade do sr. José Maria Bandeira Monteiro Subágua, do qual já fallei em *Rériz*, e para lá remetto o leitor.

—

É tambem em Rézende, a nobre casa do *Enxertado* (ou *Outeiro do Enxertado*) que foi da esclarecida familia dos Lemos.

É seu actual possuidor, o sr. Luiz Malheiro Peixoto Mello e Vasconcellos, feito barão de Castro Daire, em 23 de maio de 1840.

—

Alem das casas nobres que ficam mencionadas, ha ainda em Rézende outras muitas notaveis, não só pela grandeza dos edificios, como pela antiguidade e nobreza de suas familias; taes são—a da *Portella de S. Gens*, do sr. doutor Augusto de Sousa Pinto—a de *Ossaes de Cima* (ou *quinta das Vinhas*) a qual, segundo a tradição, é das mais antigas e nobres de Rézende—a *quinta de Safões*, dos srs. Sousas, da Lagariça—a casa de *Bêba*—a de *Semilião*—a *quinta do Matto*, dos srs. Cardosos—e a de *Paredes*, muito antiga.

Ainda ha n'este concelho outras casas dignas de nota, que não menciono, por não ter obtido os esclarecimentos que pedi.

—

Uma das melhores povoações do concelho é S. Gens, situada em uma planicie e constando de uma comprida rua, com alguns edificios bons.

É aqui que residem, o juiz de direito, o delegado, os trez escrivães de direito, e os officiaes de diligencias; e n'esta povoação se construin, em 1874, uma boa casa da camara, tribunal das audiencias e cadeia. Até então não havia para isto edificio proprio, era uma casa arrendada.

—

Feiras — Ha em Rézende as seguintes— em Vinhós, mercado, a 29 de cada mez, e feira annual, a 29 de setembro, e mercado a 7 de cada mez, e feira d'anno a 25 de julho, em S. Christovão.

—

O principal modo de vida d'estes povos, é a agricultura, mas tambem se fabricam muitos tamancos, pannos de linho, pentes (de canna) para teares, pão de trigo, doces de varias qualidades (sendo de grande fama, as

cavacas de Rézende) e outros objectos, que exportam em grande quantidade.

Ha tambem muitos negociantes de gado bovino.

Os que habitam proximo do rio Douro (Mirão, Loureiro, Riboura, e outros) empregam-se na navegação fluvial, conduzindo para o Porto os generos que sobejam do consumo; além de grande quantidade d'alqueires de trigo que se exportam por terra, para Lamego, Marco, Canavezes, Amarante, etc.

Pelo rio, o que mais exportam para o Porto, são castanhas, batatas, laranjas e outras frutas, e vinho.

—

Varios ribeiros regam e fertilizam este concelho, sendo o principal o *Côrvo*, que desce dos montes Coelhoso e S. Christovam e passando por entre as aldeias de Felgueiras e Veiroz, e por entre as freguezias de Rézende e Cárquere, morre na margem esquerda do Douro, na Foz do Mirão. É atravessado por tres pontes de pedra—a de Carcavellos (muito alta e robusta) a do Côrvo e a de Fornéllos. Suas aguas são tambem empregadas em fazerem mover as rodas de um lagar de azeite, e oito moinhos de cereaes.

—

Rézende é tambem um appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Martim Affonso de Bayão, que deixou o appellido da sua varonia (Bayão) por haver herdado o senhorio de Rézende, por sua mãe, D. Urraca Affonso. Suas armas, são — em campo d'ouro, duas cabras, de negro, gotadas d'ouro, passantes, em palla. Elmo d'aço aberto, e por timbre, uma das cabras. (Albergaria diz que as cabras são de vermelho, a que chama *esfolladas*.) Alguns Rézendes, continuaram a uzar das armas dos Bayões.

—

Consta que a primeira propriedade rural que os jesuitas tiveram em Portugal. foi na freguezia de Cárquere, d'este concelho.

—

Em março de 1875, falleceu na Régua, o doutor Alexandre Vieira Pinto, presidente da camara municipal da mesma villa, e natural de Rézende. Escreveu um pequeno livro sobre antiguidades de Rézende, que está inédito. Tem bastantes cousas aproveitaveis, que eu respiguei para este artigo.

—

Ha um barão de Rézende, feito em 21 de maio de 1844—é o sr. João Xavier de Moraes Rézende. Note-se, porém, que este cavalheiro é apenas barão do seu appellido, e nada tem com o concelho de Rézende.

—

Tivemos tambem um marquez de Rézende; mas este, como o barão, nada tem com o concelho d'este nome. Menciono-o aqui, por ser portuguez; por pertencer a uma das mais nobres familias d'este reino, e finalmente, por ser um homem de bem, e um escriptor distincto.

Uma rapida biographia do marquez de Rézende, se acha a pag. 588, col. 1.ª do 6.º volume, para onde remetto o leitor. Aqui só accrescentarei, que nasceu em Lisboa, a 22 de setembro de 1790, e falleceu na edade de 84 annos e cinco mezes.

—

Condes de Rézende

Os condes de Rézende, são os Castros legitimos, denominados os *Castros das treze*, por trazerem no seu escudo d'armas, em campo de prata, 13 aruellas azues, e por timbre, um leão de ouro.

Descendem de D. Fernando de Castro, conde de Castro Xerez e senhor de Lemos (Hespanha) e irmão da infeliz D. Ignez de Castro, mulher de D Pedro I. de Portugal. Note-se, porém, que D. Fernando, era filho legitimo e sua irmã, filha natural.

Os Castros, de Rézende, tiveram o titulo de *almirantes de Portugal*, em 23 de fevereiro de 1317—de *senhores de Penella*, em 28 d'abril de 1378—de *senhores de Bem-viver*, em 22 d'abril de 1424—de *morgados de Rézende*, em 5 de fevereiro de 1465.[1]

O 1.º conde, de Rézende, foi D. Antonio

[1] Esta familia teve tambem o senhorio da capitania dos Ilheus, e das villas de Camamú, Boupêba, Cayni, e Itaparica, e de mais 50 leguas de territorio, no estado (hoje imperio) do Brazil.

José de Castro, por mercê de D. José I, em 10 de junho de 1754.

Não deixou de si nota digna de menção, o 2.º conde de Rézende, que falleceu em Lisboa, no seu vasto palacio de Santa Clara,[1] em 23 de março de 1819

Foi 3.º conde de Rézende, D. Luiz Innocencio Benedicto de Castro, 13.º senhor de Penella, 14.º senhor de Bem-Viver, senhor do morgado de Rézende, 17.º almirante de Portugal, 7.º capitão da guarda real dos archeiros, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, governador da praça d'Abrantes. inspector das milicias do Alemtejo, e marechal de campo.

Nasceu em 5 de setembro de 1777; casou em 2 de março de 1813, com D. Maria José Emerenciana da Piedade Silveira, filha de D. Braz José Balthazar da Piedade e Silveira.

Succedeu a seu pae, em 23 de março de 1819, e falleceu a 7 de janeiro de 1824.

Foi 4.º conde de Rézende, D. Antonio Benedicto de Castro, filho unico do antecedente. Teve todos os senhorios e titulos de seu pae, e foi feito par do reino, em 1826, e porteiro-mór da casa real, no 1.º de dezembro de 1834.

Foi commendador da ordem de Christo, e 8.º capitão da guarda real d'archeiros.

Nasceu em 30 de novembro de 1821, e falleceu em 1865.

Tinha casado com a sr.ª D Maria Balbina Pamplona de Sousa Holstein, nascida a 20 d'agosto de 1819. Era filha de Manuel Pamplona Carneiro Rangel Velloso Barreto de Figueirôa, 1.º visconde e 12.º senhor de Beire, padroeiro de Santo André de Sobrado, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, tenente general do exercito, deputado ás cortes, em 1837, governador das armas do Porto, em 1823, e das do Alemtejo, em 1826.

Nasceu a 3 de outubro de 1774, e succedeu na casa de seu pae, em janeiro de 1815.

Casou em 22 d'abril de 1818, com D. Maria Helena de Sousa Holstein, 4.ª filha do conde de Palmella, D. Alexandre de Sousa Holstein, e de sua 2.ª mulher, D. Balbina de Sousa.

Falleceu (o visconde de Beire) em 12 de maio 1848. Tinha sido feito visconde, por D. João VI, em 3 de julho de 1824.

Teve quatro filhas.

1.ª *A sr.ª D. Maria Balbina Pamplona de Sousa Holstein*, que, como já disse, casou com o 4.º conde de Rézende, e ainda vive, no seu palacio do Campo de Santo Ovidio, no Porto.

2.ª *A sr.ª D. Henriqueta*, que nasceu a 21 de agosto de 1820, e morreu a 17 de julho de 1833.

3.ª *A sr.ª D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Sousa Holstein*, que nasceu em 19 de outubro de 1821, e falleceu em 31 de outubro de 1856. Tinha casado, em março de 1846, com Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, da casa do Covo, junto a Oliveira de Azemeis, do qual teve quatro filhos e quatro filhas. Uma d'estas (a 2.ª) é a actual senhora condessa da Ribeira, D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, e a 1.ª a sr.ª D. Maria Izabel de Castro P. de S. H., está casada com o sr. D. Manuel da Gama, filho do fallecido marquez de Niza.

4.ª *A sr.ª D. Julianna de C. P. de S. H.* nascida a 23 de outubro de 1822. Casou com Geraldo José Braamcamp (irmão do sr. Anselmo José Braamcamp) e morreu sem filhos. Seu marido tambem já falleceu.

—

O primeiro (e ultimo) visconde de Beire, era filho de José Pamplona Carneiro Rangel de Tovar, 11.º senhor de Beire. padroeiro de Santo André de Sobrado, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, major governador do *castello do Queijo* (junto a Mattosinhos.) Tinha succe-

[1] Este palacio, que era um dos maiores de Lisboa, fica perto (ao E.) das celebres *obras de Santa Engracia*, e da estação principal dos caminhos de ferro do norte e leste, que lhe fica logo abaixo, ao sul.

Esta ao fundo do largo de Santa Clara, e do novo mercado, construido em 1877.

O palacio está em grande abandono, e em parte destelhado: mas ainda está habitado por diversos inquilinos, na parte melhor conservada, onde tambem ha um pequeno theatro.

dido na casa, a seu irmão João Pamplona Carneiro Rangel. Morreu em janeiro de 1815.

Havia casado com D. Antonia Ignacia Barreto de Miranda, filha de Barnabé Velloso Barreto de Miranda, morgado de Santa Martha (junto a Vianna do Minho) fidalgo da casa real, e de sua mulher, D. Antonia Thereza Correia d'Araujo, senhora do morgado de Cabêda, na freguezia de Villar de Maçada, em Traz-os-Montes.

José Pamplona, teve seis filhos:

1.º—*D. Maria Amalia Pamplona*, que foi viscondessa de Canellas.

2.º—*Manuel*, (o visconde de Beire.)

3.º—*D. Marianna Pamplona*, que casou com o *fidalgo da Boa-Vista*, Martinho Pinto de Miranda Montenegro. (Vide no artigo *Porto, Correias, da Rua-Chan.*)

4.º—*João Pamplona*, que foi capitão de cavallaria da ordem de S. João de Jerusalem.

5.º—*D. Anna*, que morreu solteira.

6.º—*D. Joanna*, que casou com João Thomaz d'Araujo Rangel e Castro, senhor da casa de Franzeres (em Gondomar) fidalgo da casa real e alferes do regimento de infanteria n.º 6 (1.º do Porto.) Ficando viuva, casou com Manuel Velho.

—

Tornemos aos condes de Rézende.

Fallecendo o 4.º conde de Rézende, D. Antonio, foi feito conde (5.º) do mesmo titulo, de juro e herdade, em 19 de julho de 1866, seu filho primogenito, D. Luiz Manuel Benedicto da Natividade de Castro Pamplona de Souza Holstein, que nasceu a 24 de agosto de 1844.

Frequentou o curso da academia polytechnica da cidade do Porto, completando os seus estudos como um dos mais distinctos estudantes do seu tempo.

Apezar das verduras da mocidade, que o fizeram praticar bastantes actos menos reflectidos, induzido por más companhias, preferiu sempre os estudos aos prazeres, e, em quanto não soubesse perfeitamente a sua lição, não se entregava aos divertimentos.

Chegado aos 25 annos de edade, desligou-se completamente dos máus companheiros, e dedicou-se com fervor a ser um verdadeiro catholico, e um cidadão pacifico e exemplar.

Foi par do reino, como lhe pertencia por direito hereditario, e foi, pelo sr. D. Luiz I, nomeiado official-mór da casa real, e almirante honorario de Portugal.

Em 1874, foi eleito presidente da Associação Catholica, do Porto, defendendo-a brilhantemente na camara dos pares, das injustas e calumniosas imputações que lhe dirigira um outro par.

Falleceu em 23 de maio de 1875, tendo um passamento verdadeiramente christão e edificante, com todos os sacramentos da egreja.

Por fallecimento do 5.º conde de Rézende, succedeu no titulo, seu irmão, o sr. D Manuel Benedicto de Castro Pamplona de Sousa Holstein, feito conde de Rézende, de juro e herdade, em abril de 1876, e vem a ser o 6.º conde de Rézende.[1]

Em 22 de junho de 1876, casou, na cidade do Funchal (ilha da Madeira), com a sr.ª D. Mathilde da Camara Carvalhal, filha primogenita, e herdeira, do sr. D. Antonio da Camara do Carvalhal-Esmeraldo Atouguia de Sá Machado, 2.º conde do Carvalhal, feito em 3 de agosto de 1852, e filho do 1.º conde do mesmo titulo, João do Carvalhal, que tinha obtido o titulo em 8 de setembro de 1835.

O sr. conde de Rézende, já tem descencia.

Não se confunda o *conde do Carvalhal*, com o *conde de Carvalhaes*, que é d'outra familia.

O 1.º (e ultimo) conde de Carvalhaes, foi José Maria de Almada Castro de Noronha Lobo, 13.º senhor de Carvalhaes, Ilhavo, e Verdemilho. (Vide *Verdemilho.*)

—

Fallando n'este artigo, do titulo (hoje puramente honorifico) de *almirante de Portu-*

[1] Este cavalheiro porém, não póde ser por hereditariedade, par do reino, porque esta dignidade não se transmitte a collateraes, segundo a lei interpretativa, de 11 de abril de 1845.

gal, direi, em breve resumo, o que respeita a este titulo.

Póde dizer-se que o 1.º almirante d'este reino, foi o valorosissimo D. Fuas Roupinho. (Vide 7.º vol., pag. 571, col. 2.ª)

Em tempo do rei D. Diniz, foi almirante Manuel Passanha, fidalgo genovez, ao qual o rei deu o senhorio da villa de Pereira (no concelho de Monte Mór-Velho) e o 5.º das prezas que fizesse.

Parece que este cargo foi concedido hereditariamente, porque, a Manuel Passanha succedeu seu filho Carlos Passanha, que morreu sem successão, passando o titulo a seu irmão, Bartholomeu Passanha. Ainda este morreu sem filhos, e o titulo passou a outro irmão, chamado Lançarote Passanha. Foi o titulo continuando n'esta familia, até que passou para Lopo Vaz d'Azevedo, filho de Gonçalo Gomes d'Azevedo e de uma bisneta de Lançarote.

D'esta familia passou para D. Simão de Castro, senhor de Rézende e Rériz, por ter casado com D. Bernarda de Menezes, da familia Azevedo.

D. João de Castro, filho d'estes, herdou o almirantado.

Succedeu-lhe D. Francisco de Castro, e a este, seu 2.º filho, D. Luiz Innocencio de Castro, senhor de Rézende, Eiras, Ribadellas, Rériz, Gozende, Sul, Beneviver, metade da villa de Penella e seus padroados; e no Brasil, a capitania dos Ilheus, as villas de Camamu, Boupemba, Cayrú e Itaparica.

D. Luiz Innocencio de Castro, casou com D. Joanna de Lencastre, e d'ella teve D. Antonio José de Castro, que, como fica dito, foi o primeiro conde de Rézende, e almirante de Portugal.

—

Ainda em Portugal ha outro titulo, tambem honorifico, d'*almirante das Indias*. Foi conferido a D. Vasco da Gama, e anda nos seus descendentes, marquezes de Niza e condes da Vidigueira.

O ultimo que teve este titulo, foi D. Domingos Francisco Xavier da Gama Athaide Noronha Silveira e Sousa, que era marquez de Niza, desde 20 de junho de 1842, e fallecido ha poucos annos.

Hoje pertence este titulo a seu filho, o sr. conde da Vidigueira, quando o requerer; assim como o de almirante de Portugal ao novo conde de Rézende.

—

No quadro actual da marinha portugueza, não ha o posto de almirante, e só o de vice-almirante, e quatro contra-almirantes, antigos chefes de divisão.

É tal a decadencia da nossa marinha de guerra, que se torna escusada a nomeação de um official general para almirante, que vinha a ser tão inutil como um general de terra, sem ter exercito para commandar.

A nossa insignificante esquadra (numericamente fallando) nem ao menos chega para as indispensaveis estações do Ultramar, e serviço da costa.

RIA D'AVEIRO—Douro.—A ria d'Aveiro, é um lago immenso separado do oceano por uma longa trincheira d'areia na extensão de 35 kilometros. É na sua exploração que consiste a industria d'Aveiro: por toda ella estão espalhadas as marinhas, cujo numero passa de quatrocentas, divididas por innumeros canaes, a que se dá o nome de esteiros.

Entre ellas tambem se encontra não pequeno numero de ilhas, que produzem junco e bonho. N'uma d'estas ilhas, Sama, houve antigamente um lazareto para onde eram mandadas as pessoas que soffriam molestias contagiosas. Sobre esta mesma ilha houve tambem uma grande questão entre o duque d'Aveiro e a camara, dizendo aquelle que a ilha lhe pertencia: mas afinal o pleito foi decidido a favor da camara, que provou que desde tempos immemoriaes a ilha tinha aquelle destino, e que por isso era propriedade publica.

Não se sabe ao certo quando foram feitas as primeiras marinhas em Aveiro, mas por documentos authenticos prova-se que ellas são anteriores á fundação da monarchia. Julga-se que o fabrico do sal tivera principio entre nós, durante a dominação arabe. No foral que D. Manuel deu a Aveiro, em 4 d'agosto de 1515, se ordenava que o sal fosse medido, e julga-se que a primeira medida adoptada fôra a que denominavam *busio*.

Por accordam da camara, de 16 de julho de 1814, se ordenou que a medida do sal fosse o moio de 20 rasas, e não *o conto*, como até ahi.

O aspecto das marinhas com os seus montes de sal, é admiravel, e concorre immenso para que Aveiro seja mais risonho. É exacta e elegante a descripção que vamos apresentar, devida á penna d'um illustrado escriptor contemporaneo.

«Aveiro, visto de longe, diz elle, quasi a perder-se no horisonte, offerece um aspecto mui singular, que é difficil de esquecer, observado uma vez. As pyramides de sal que lhe ornam as lagôas, semelhando alvos monumentos mortuarios, destacam d'um terreno baixo e escuro, e apenas avivado com as fitas de prata de uma abundante ria que fertilisa o paiz, dão-lhe um tal colorido de melancholia e saudade que seus filhos consagram e que já são proverbiaes.[1]»

A ria é abundantissima em peixe, que presentemente está por um preço bastante elevado—tal é á exportação que tem logar com destino a Hespanha.

Ha muitos annos que na ria se estão commettendo abusos com relação á pesca, que se torna necessario cohibir o mais breve possivel—o «da pesca feita com redes de malha extremamente miuda, resulta que a maior parte do peixe não chega a desenvolver-se, e a outra parte, a que procura as aguas da ria em certas estações, não encontrando sustento no peixe miudo, emigra, escasseando assim a pesca na ria.»

O ex governador civil d'este districto, Guerra Quaresma, tentou remediar este mal, elaborando um regulamento sobre a pesca. Por edital do ex-secretario geral do governo civil, servindo de governador, Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, de 26 de maio de 1868, foi mandado pôr em pratica, mas segundo nos consta nunca chegou a ter execução.

Não é menos prejudicial a apanha do bribigão, porque sendo esta pesca feita com gadanhos de ferro, estes revolvem as areias, que depois, levadas pelas correntes, vão formar junto da barra grandes depositos denominados *restingas*, que continuamente a vão obstruindo.

Está tambem tendo grande importancia a apanha do *moliço*, «planta aquatica que continuamente se reproduz no fundo da ria e que se emprega no adubo das terras. Esta exploração torna a ria menos piscosa do que deveria ser, porque, de envolta com o *moliço*, é colhido muito peixe em embrião.»

O rendimento annual da ria é calculado em 365:000$000 réis.

Segundo se deprehende do *Elucidario*, de Viterbo, no tempo dos romanos ainda não existia o aggregado d'aguas que hoje forma a ria d'Aveiro.

Diz o citado auctor, que com o andar dos tempos a costa se entupio e alteou por causa das areias, e os rios estagnados, não só esterilisavam os campos, mas tambem fechavam a passagem dos caminhos, como succedeu com a *Estrada Romana* ou *Via Militar*, que sahindo de Condeixa a Velha atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra, e passando o Eminium, rio Agadão, cortava o Vouga, não distante de Talabriga, e d'aqui por entre Lacobriga, que Vasconcellos, na *Discript. Regn. Luzitan.*, diz ser a Villa da Feira, e o mar, se dirigia a Cale.

Em 1862, o governo encarregou o distincto engenheiro hydrographo, Antonio Maria dos Reis, de tirar a planta da bacia «hydrographica, que constitue o extenso ancoradouro do nosso porto e do immenso reservatorio d'aguas, cujas correntes carecem de ser reguladas convenientemente para não prejudicarem e antes favorecerem as condições da barra.»

Em 1868, achando se bastante adiantados os trabalhos hydrographicos, estando já em grande parte tirada a planta da ria, graças ao incançavel zelo e actividade do habil engenheiro Reis, foram os ditos trabalhos interrompidos, ficando assim por concluir uma obra que podia vir a ser de grande utilidade, para o melhoramento da barra.

A ria está em communicação com a cidade, por um braço canalisado, com um bello caes em ambas as margens.

[1] Sr. J. Horta, *Revista contemporanea*, pag. 438, vol. 1.º

Em 1680, por provisão de D. Pedro II, então regente, a camara foi auctorisada a lançar o imposto, por espaço de tres annos, de um real em cada quartilho de vinho tabernado, para poder occorrer ás despezas da reconstrucção do caes que n'esta época se achava bastante arruinado.

D. Maria I mandou tambem reedificar o caes, encarregando da inspecção da obra que teve principio em 31 d'agosto de 1780, o desembargador da Casa da Supplicação, Antonio Gravito Simões da Veiga.

Foi de pouca solidez esta nova construcção, porque era tal o seu estado de ruina em 1858, que o governo o mandou reformar completamente, principiando as obras a 26 d'abril do mesmo anno, e concluindo-se a 30 de setembro de 1872, elevando-se a despesa a 50:218$085 réis.

—

Este curiosissimo artigo, foi publicado em o n.º 183 do illustrado jornal *Districto de Aveiro*, pelo infatigavel investigador, o sr. João Augusto Marques Gomes, auctor das *Memorias d'Aveiro*, do *Districto d'Aveiro* (livro) e de outras publicações de muito merecimento.

RIBA, RRIBA, e **RIBADA** (em latim, *ripa*) —portuguez antigo—margem alcantilada ou sobranceira a qualquer rio, estrada ou povoação.

Em 897, Gondezindo fez uma notavel doação ao mosteiro de S. Salvador de Labra (hoje Lavra) *que, desde os tempos antigos, estava fundado* IN RIPA MARIS.

RIBA-CAVÁDA — logar, Traz-os-Montes, concelho e junto á villa da Torre de Moncorvo. Nada tem de notavel, senão haver aqui uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Esperança, cuja festa se faz no dia da Assumpção da Santissima Virgem. O povo dá a esta Senhora tambem o titulo de Nossa Senhora de Riba-Caváda.

RIBA-COA—Beira Baixa, antiquissima comarca, ha muitos annos supprimida, da qual a maior parte fórma a actual comarca do Sabugal.

Esta circumscripção pertenceu em tempos remotos ao bispado de Caliábria, passando depois de 716 para o de Ciudad Rodrigo, depois para o de Lamego; e desde 1774, pertenceu uma parte á diocese de Pinhel.

Estende-se este territorio pela margem direita do rio Côa, que o separa da Extremadura Hespanhola. (Vide *Caliabria*, *Pinhel* e *Sabugal*.)

Não sei porque rasão, os antigos chamavam ao territorio de Riba-Côa, *bispado novo*.

Foi pelos annos de 1400. sendo rei D. Diniz, pontifice Bonifacio IX, e bispo de Lamego, D. Gonçalo Gonçalves, que o districto de Riba-Côa se desmembrou de Ciudad Rodrigo, e passou para Lamego.

Ha pelos seus montes muitos vestigios de fortalezas e povoações, destruidas desde o principio do seculo 8.º até ao 12.º Ignora-se quem as fundou e o nome que tiveram.

—

Vide *Sabugal*, onde direi mais circumstanciadamente o que foi e o que é Riba-Côa.

RIBA DE ANCORA—freguezia, Minho, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto, e 12 kilometros ao N. de Vianna do Lima, 50 ao O. de Braga, a cujo arcebispado pertence, 410 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 152 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

A casa do infantado, donataria d'esta freguezia, apresentava o reitor, que tinha 230$ réis de rendimento.

Este senhorio tinha sido dos Noronhas, marquezes de Villa Real, e duques de Caminha, que o perderam, como tudo o mais que possuiam, e a vida, na praça do Rocio, em Lisboa, em 29 de agosto de 1644, sendo degolados, por traidores ao rei e á patria.

Os dizimos d'esta freguezia constituiam um prestimonio da ordem de Christo.

Está a freguezia situada em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Ancora, ficando-lhe contiguas, a O., as freguezias d'Ancora e Gontinhães, na costa do Oceano.

Ha n'esta freguezia a capella de *Jesus Maria José*, vulgarmente chamada *capella dos Pintos*, fundada em 1776, por Antonio Rodrigues de Oliveira, mas á custa de seu ir-

mão, o padre Sebastião Rodrigues de Oliveira, que depois foi reitor d'esta parochia. Tem varios privilegios e indulgencias, concedidos pelos summos pontifices e pelos arcebispos de Braga.

Um dos privilegios é poderem as pessoas da familia, baptizar-se, casar-se e enterrar-se n'ella.

Antonio Martins d'Oliveira, d'esta freguezia, deu á egreja matriz, alguns ricos paramentos e alfaias, e 600$000 réis em apolices do banco de Lisboa, para se fazer todos os annos a solemnidade da Semana Santa.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado bovino para exportação, nos seus montes ha muita caça, o rio Ancora lhe fornece algum peixe e é abundante do de agua salgada, pois que o mar lhe fica apenas a 2 kilometros de distancia.

É povoação antiquissima e já povoada desde o tempo das primeiras invasões dos celtas, perto de dez seculos antes do nascimento de Jesus Christo.

Se não ha monumentos de tão remota antiguidade (senão o dolmen de Gontinhães) ainda existem alguns nomes de logares que nos provam que aqui, em tempos pre historicos, existiram povos vindos da Asia: por exemplo, ha a aldeia do *Médo*. e o logar do *Sub-Médo*, a *Veiga de Sapôr* (parte d'esta já é na freguezia d'Ancora.)

Para evitarmos repetições, vide *Ancora*, rio; *Ancora*, freguezia; e *Gontinhães*.

—

Em 25 de novembro de 1876, houve por estes sitios tão grande temporal, que causou enormes prejuizos aos proprietarios.

Eis a avaliação d'estes prejuizos, mandada fazer pela administração do concelho de Caminha. (Official.)

Freguezias

Ancora	1:180$000
Arga	400$000
Argella	8:200$000
Azevedo	3:000$000
Cristêllo	169$900
Gontinhães	5:940$000
	18:889$900
Transporte	18:889$900
Gondar	2:856$800
Mollêdo	4:700$000
Orbacem	2:374$400
Riba d'Ancora	1:400$000
Venade	3:024$300
Villar de Mouros	1:147$000
Ville	880$000
Estrada municipal	42$000
Ponte sobre o Coura	1:100$000
Somma	36:414$400

A isto deve juntar-se a destruição da ponte nova (feita em 1857) sobre o rio Ancora, na estrada real de 1.ª classe de Lisboa para o norte, e que tinha custado ao estado réis 9:200$000—veio a sommar todo o prejuizo causado por este temporal, e o de 1866 na quantia de 45:614$400 réis.

—

Era natural d'esta freguezia, e aqui falleceu a 16 de fevereiro de 1877, Gabriel Antonio Franco de Castro, tenente coronel de artilheria, do exercito portuguez convencionado em Evora-Monte.

Tinha feito parte da expedição do Brasil e Montevideu, em 1817, tendo a condecoração da campanha de Montevideu.

Foi deputado ás côrtes, em 1849; vogal e presidente da junta geral do districto de Vianna e administrador do concelho de Caminha. Era um cavalheiro rico, intelligente, energico, e de grande probidade.

Era parente do general realista do mesmo nome (por alcunha *o Caréca*) que foi governador das armas do Porto, em 1828, e era tambem natural d'esta freguezia.

—

É tambem natural d'esta freguezia, o sr. commendador José Bento Ramos Pereira, rico proprietario e capitalista, e um dos mais nobres e philantropicos caracteres d'estas terras. Tem aqui uma formosa casa, onde reside no verão.

Fundou, quasi á sua custa, em 1867, uma boa casa para escola de instrucção primaria, casa para se leccionarem os alumnos, e para viver o professor, e, no pavimento terreo, uma sala, para as sessões da junta de parochia.

O sr. Ramos Pereira era de familia pobre, e adquiriu a sua bem empregada riqueza, no imperio do Brasil.

RIBA D'ÁVE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa. 240 fogos.

Em 1757, tinha 48 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis.

Foi n'esta freguezia o mais nobre solar de Portugal, fundado por D. Ruy Gonçalves Pereira (o primeiro d'este appellido), filho de D. Gonçalo Rodrigues de Palmira e de sua primeira mulher, D. Troyla, filha de D. Affonso, conde de Cella-Nova.

D. Ruy Gonçalves Pereira, um dos mais intrepidos guerreiros do seu tempo, nasceu em 1192, e foi um dos capitães mandados por D. Affonso II com um exercito, em soccorro de D. Affonso VIII, de Castella,[1] contra o poderoso Mahomet IV, que tentava conquistar as Hespanhas.

Taes actos de bravura praticou na famosissima batalha e gloriosa victoria de *Navas de Tolosa*, em 1212, que causou espanto a todo o exercito christão, muito mais, porque D. Ruy não tinha então mais de vinte annos.

É progenitor do famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, do qual procede a real familia de Bragança, o imperador do Brasil, e todos os reis christãos da Europa. (Vide *Feira*.)

RIBA D'AVE—Minho, comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negréllos).

Esta freguezia já fica descripta sob a palavra *Estevam de Riba d'Ave* (Santo), mas, como d'ahi a um anno aconteceu aqui uma grande catastrophe, passo a referil-a.

Na noite de sabbado de Alleluia (27 de março de 1875) para domingo de Paschoa, pela uma hora da madrugada, varios ranchos de rapazes, davam, com musica e descantes, as *boas festas*, ás portas dos seus amigos, lançando varios foguetes. Um d'estes, foi cahir sobre uma rima de lenha, que estava encostada á casa de Francisco Ribeiro, o qual tinha na mesma casa um grande deposito de polvora, em que negociava.

Ribeiro, presentindo o perigo, fugiu de casa com a sua familia, e poucos momentos depois, uma estrondosa detonação aterrou toda a gente das immediações. A casa voou pelos ares, hindo a pedra e os materiaes da armação, cahir a grandes distancias.

Ficaram partidos e carbonisados, uma mulla e um porco. A casa visinha foi tambem victima das chammas. As portas de muitas casas abriram-se de par em par, e foram despedaçados os vidros das janellas de quasi toda a povoação. Apezar de não haverem desgraças pessoaes, este incendio ainda é recordado com horror em toda a freguezia.

RIBA-D'ELLAS — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Lalim, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 6 a 8 kilometros de Lamego.

Junto a esta aldeia está a antiquissima capella de Nossa Senhora da Gloria, que se festeja a 2 de fevereiro, havendo então um grande jubileu, concedido pelo papa Gregorio XIII, pelos annos de 1575.

RIBA DE MOURO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Valladares), 60 kilometros ao N. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 504 fogos.[1]

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, donataria da freguezia, apresentava o reitor, que tinha 180$000 réis.

Era aqui o solar dos Quintellas (mas não dos Quintellas, hoje condes do Farrobo). A familia dos Quintellas d'esta freguezia, floresceu no reinado de D. Diniz. Hoje está extincta.

[1] Não foi só Portugal, todos os principes christãos da Peninsula se colligaram então contra os mouros.

[1] Parece-me muito fogo. É provavel que seja engano do *Portugal Sacro e Profano*.

O senhorio d'esta freguezia era dos marquezes de Villa Real, e foi um dos que passou a formar a casa do infantado. (Vide *Quéluz.*)

Os dizimos eram um prestimonio da ordem de Christo. Foi couto.

Segundo a tradição, era senhor de uma grande quinta n'esta ribeira, um mouro chamado Juzão. Perseguido pelos christãos, chegou ao sitio hoje chamado *Ponte do Mouro*, e alli saltou o rio a cavallo, promettendo a S. Thiago que, se o livrasse d'este perigo, se faria christão; e como escapou, se baptisou e fez christão.

Diz-se que é d'este facto que a freguezia tomou o nome de Riba de Mouro.

RIBA D'UL — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao N. de Oliveira d'Azemeis, 36 kilometros ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 200 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A esta freguezia dá-se geralmente o nome de *S. Thiago de Riba d'Ul*, ou simplesmente *S. Thiago.*

O reitor de Oliveira d'Azemeis, apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

É parochia muito antiga, e, segundo a tradição, houve aqui um mosteiro de freiras bentas, que foi destruido pelos mouros, em 718. Não ha vestigios d'elle. Diz-se que era na margem direita do rio Ul, que atravessa esta freguezia, e lhe dá o nome.[1]

As rendas d'este mosteiro, passaram depois para o mosteiro de monges da mesma ordem, na freguezia de Cucujães, immediata a esta.

Tambem passa n'esta freguezia, e aqui se junta ao Ul, o ribeiro de Cavalleiros, sobre o qual ha uma boa ponte, de cantaria, construida ha poucos annos, em substituição da antiga.

[1] O primeiro nome d'este rio, foi *Ral*, e ainda aqui perto ha a *ponte do Ral;* depois se chamou *Feirral*, e por fim *Ul.* Muda de nome em Estarreja, chamando-se *Autuan.* Vide esta palavra.

Foi junto a esta ponte (á primeira) que alguns individuos da Arrifana mataram dois officiaes francezes, em 1809, e cujo assassinato deu pretexto ao horroroso morticinio que os jacobinos fizeram na Arrifana. Vide *Arrifana* e *Madeira* (S. João da).

Ainda em 1870 appareceram n'este sitio (do ribeiro dos Cavalleiros) alguns ossos, que se suppõe serem dos taes officiaes.

No logar de Villa-Cóva, d'esta freguezia, ha vestigios de uma antiquissima torre, no sitio chamado ainda, por isso, a *Torre.*

Esta torre fica a E., e a um kilometro de distancia do *Castro Trancal*, na freguezia de São Martinho da Gandara. (Vide esta palavra, e *Cucujães.*)

Consta que a tal aldeia de Villa-Cóva, teve foro de villa, o que não é muito provavel.

Segundo a tradição, esta freguezia principiou a sua povoação por uma casa (que ainda existe) na aldeia do *Aido de Cima*, e a qual casa foi construida por um individuo que para aqui veio degredado.

RIBA-FEITA—freguezia, Beira-Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros de Viseu, 290 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 262 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Vide *Quelha de Gonta.*

É terra fertil. Gado e caça.

RIBAFRIA—aldeia, Extremadura, freguezia e concelho de Cintra, 30 kilometros ao N.O. de Lisboa. (Vide *Cintra.*)

Foi este logar que deu o appellido á nobre familia dos Ribafrias, que procede de Gaspar Rodrigues de Ribafria, natural d'esta aldeia. O rei D. Manuel o fez porteiro da camara, pelos serviços que lhe havia feito. D. João III o fez cavalleiro da ordem de Christo, alcaide-mór de Cintra, lhe deu solar em Ribafria, e carta de brazão d'armas, a 16 de setembro de 1541, que são — Em campo verde, torre de prata, lavrada de negro, aberta de azulejos de azul e ouro, sobre um contrachefe de ondas de azul e prata, entre duas estrellas de ouro, de 8 pontas, acan-

tonadas: êlmo de aço, aberto; e por timbre, um leopardo azul, armado d'ouro, com uma das estrellas do escudo na espádua.

—

São representantes d'esta familia, os condes de Penamacor.

O primeiro que obteve este titulo, foi Antonio de Saldanha Albuquerque de Castro Ribafria Pereira, feito em 17 de dezembro de 1844.

Seu filho, o sr. Antonio Correia de Saldanha Albuquerque de Castro Ribafria Pereira, é o segundo conde de Penamacor, feito em 6 de junho de 1864.

Este sympathico cavalheiro, na flor da edade, pois apenas conta 35 annos, aparentado com as mais distinctas familias de Portugal, jaz actualmente preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, sob a terrivel accusação de moedeiro falso.

Deus queira que se justifique plenamente, provando a calumnia de tal accusação, para honra dos seus nobilissimos appellidos, e para satisfação de sua esposa, filhos e parentes.

—

Disse, por mal informado, a pag. 422, col. 2.ª, do 6.º vol., que a Ribafria que deu o appellido aos condes de Penamacor, era na freguezia de Palha-Cana, concelho de Alemquer. Ha, é verdade, n'esta freguezia o logar de Ribafria, mas, como vimos no presente artigo, a Ribafria dos condes de Penamacor, é em Cintra.

RIBALDEIRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Torres-Vedras (foi da mesma comarca, mas do concelho de Ribaldeira, supprimido em 1855), 40 kilometros ao N.O. de Lisboa, 700 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A esta freguezia está unida a de *Dois Portos*, e é por isso que tambem se chama *Ribaldeira e Dois Portos*.

É sobre esta ultima denominação que vem no *Portugal Sacro e Profano*. Vide *Dois Portos*. [1]

—

Proximo á aldeia chamada *A dos Milheiros*, na parte da freguezia, que foi da de Dois Portos, está a capella de Nossa Senhora dos Milagres, ou da *Fonte Santa*.

Foi construida em 1578. É baixa, recebendo a sua capella-mór a luz por uma claraboia de ferro e vidro, e o corpo da egreja, pela porta e por duas janellas que estão aos lados d'ella. Não tem côro, por não ter altura sufficiente. Tem sachristia, ao E, e pegada a ella a casa do eremitão, e mais duas moradas de casas, onde habitam duas familias.

Tem um magnifico alpendre, ao S., com assentos de pedra, assim como os tem o muro do adro, do lado do E., que deita para umas pobres terras que dão ao eremitão, pelo trabalho de accender a alampada (que está a maior parte do tempo apagada, apezar de receber muitas esmolas e offertas de azeite!...)

Ha na ermida uma alampada, uma cruz, galhetas e prato, thuribulo e naveta, tudo de prata lavrada.

A Senhora tem uma corôa de ouro, que lhe deu, em 1873, o sr. Isidoro Francisco da Cruz, natural da aldeia de Alfeiria, e residente no Brasil.

O altar-mór é sustentado por columnas de marmore, feitas em espiral, e a imagem da Senhora está dentro de uma bonita maquineta envidraçada. O altar é uma urna de marmore com baixos-relevos de merecimento.

A parede da capella-mór, é revestida de excellentes azulejos, de primoroso desenho, representando varias scenas da vida da Senhora.

Consta que esta imagem não é a primittiva, mas sim uma que está na capella do sr.

[1] Por escriptura publica, de 14 de novembro de 1595, feita entre os moradores d'esta freguezia, e os beneficiados de Torres Vedras, se obrigaram aquelles a ter constantemente acceza a alampada do Santissimo Sacramento d'esta freguezia.

capitão, do logar da Ribeira de Maria Affonso, d'esta freguezia.

Pela roda do anno se dizem aqui muitas missas, em cumprimento de promessas, pois a Senhora é objecto de muita devoção, dos povos d'estes sitios.

A ermida tem bôas alfaias e ricos paramentos, dados pelos devotos da SS. Virgem.

Os moradores dos logares da Maceira, d'esta freguezia, e de Alfeiria, freguezia de Carmões, festejam a Senhora no ultimo domingo d'agosto, havendo um grande arraial, fogo preso e do ar, dois sermões, procissão, etc.

No dia 8 de setembro, ha a festa chamada *da casa* paga pelo cofre da Senhora.

Não tem cofraria.

Antigamente vinham aqui cirios de Lisboa, havendo então grandes festas e cavalhadas.

Tambem havia uma grande feira, que hoje está em muita decadencia, pois apenas consta de junco, tabuado, cebolas, cestos de vime, e louça ordinaria.

A capella fica em uma elevação, a 1:500 metros ao N. da villa de Sobral do Monte Agraço.

Ao fundo da costeira, do lado do E., ha um bom chafariz de cantaria, que é a *fonte Santa*, que a Senhora fez rebentar de um rochedo.

Do adro da capella se gosa um vasto e formoso panorama, e em dias claros, vê-se o Oceano, ao O.

Esta ermida é administrada por dois individuos (cunhados) do logar da Maceira, que desfructam algumas terras pertencentes á Senhora.

—

A maior parte d'estes esclarecimentos, devo-os á generosidade do sr. padre Venancio da Costa e Oliveira, da aldeia da Corujeira, freguezia de Carmões, ao qual dou os mais sinceros agradecimentos.

—

A origem d'esta capella e da sua invocação, consta da lenda seguinte:

Que formosa ermida é esta
Que alveja na cumiada?
N'ella a lua se reflecte,
N'ella o sol faz alvorada.

—É a VIRGEM DOS MILAGRES
Dos homens adevogada:
A Casta Pomba de Deus,
MARIA IMMAGULADA.

—Quem foi que fez n'este monte
Obra tão bem detalhada,
Que nos dá prazer á vista,
Que nos convida á orada?

—Foi o amor d'este povo
Á VIRGEM santa adorada,
Por lhe dar a *fonte Santa*,
A fonte santa chamada.

—Diz-me tu, oh pegureiro,
Como esta fonte foi nada:
Como se achou n'este monte
A fonte santa chamada?

—Era uma sésta d'agosto.
N'esta serra, que abrasava,
Um pastorinho innocente
Suas ovelhas guardava.

Morria o triste de sêde,
Com sêde o triste chorava.
Por ver que n'aquella serra
Nenhuma fonte encontrava.

Viu então formosa virgem
Que ao pastor se acercava,
E com maternal carinho
Estas palavras soltava

—Porque choras, meu menino?
Diz-me quem te maltratara?
—Tenho sêde, sem ter agua
Com que me desalterara.

—Vês aquella penedia
Tão ressequida e tisnada?
Vae lá, verás uma fonte
Com agua clara e nevada.—

Não cria o pastor, mas foi,
Porque a sêde o allucinava;
E logo, vendo uma fonte,
N'ella se desalterava.

Veio dar graças á Virgem
Que de tal sêde o livrava;
Mas, chegando ao seu rebanho
Já ELLA alli não estava!

Logo o povo d'estas terras
Este milagre notava,
E á SANTA VIRGEM MARIA
Esta ermida fabricava.

O menino pediu agua
ELLA uma fonte lhe dava:
A Fonte Santa da VIRGEM
Que até os peccados lava.

CASTA POMBA DO SENHOR,
MARIA IMMACULADA,
N'esta vida e mais na outra
Sede nossa adevogada.

RIBA-LONGA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anciães, comarca de Moncôrvo, 120 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757, tinha 51 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de S. Miguel de Linhares, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil, em razão do seu clima excessivo. Cria muito gado e é abundante de caça.

RIBA-LONGA—freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho d'Alijó (foi da comarca de Villa-Real, extincto concelho de Villar de Maçada), 96 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 49 fogos.

Orago, Santa Anna, mãe de Nossa Senhora.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de São Miguel de Trez Minas, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Bom vinho, gado e caça.

RIBAMÁ — pequeno rio, Beira-Alta, que morre no Vouga, perto de S. Pedro do Sul.

Provém o seu nome de correr por ingremes ribanceiras (*ribas*), entre Queiran e Ventosa. Rega os terrenos onde as suas margens são planas, e traz peixe miudo.

RIBAMAR (Santa Catharina)—aldeia, Extremadura, sobre a direita do Tejo, na freguezia de Carnaxide, concelho d'Oeiras, 11 kilometros ao O. de Lisboa.

Esta bonita povoação é vulgarmente conhecida sob o nome de *Dáfundo*, ainda que, verdadeiramente, Santa Catharina de Ribamar é o que foi mosteiro e cêrca dos frades arrabidos, hoje propriedade do sr. Fernando Palha, e fica sobre o Dáfundo. (Vide vol. 2.º, pag. 463, col. 1.ª)

No sitio onde hoje se vêem as ruinas da egreja e pequeno mosteiro dos frades arrabidos, existia uma antiquissima ermida, dedicada á virgem e martyr Santa Catharina, pertencente aos beneficiados da egreja de Santa Cruz do Castello, em Lisboa.

Na *Historia ecclesiastica de Lisboa*, diz o arcebispo d'esta cidade, D. Rodrigo da Cunha, que, quanto á antiguidade d'esta ermida, só se sabe que já existia em 1171, sendo então egreja parochial, que tinha por freguezes, não só os habitantes d'esta margem do Tejo, mas tambem os das actuaes freguezias de Bemfica, Campo-Grande (então *Alvaláde)*, Lumiar, e todas as aldeias intermediarias; sendo a 3.ª freguezia christan creada depois da tomada de Lisboa aos mouros, em 1147. (A primeira foi a Sé, e a segunda os Martyres.)

Com o andar dos tempos, e sendo o templo pequeno para matriz de uma vasta freguezia, ficando de mais a mais na extremidade d'ella, foi a parochia mudada pará a actual egreja de S. Romão de Carnaxide, ficando a antiga matriz annexa, como ermida, á collegiada de Santa Cruz do Castello, ficando o prior de Santa Cruz com o direito de apresentar o prior de Carnaxide.

—

A infanta D. Isabel, filha de D. Jayme, du-

que de Bragança, e viuva do infante D. Duarte, duque de Guimarães, filho do rei D. Manuel, emprehendeu fundar junto á ermida de Santa Catharina, um mosteiro de frades arrabidos, a ordem mais pobre e de maior penitencia e austeridade de vida que então havia em Portugal, e filial do famoso mosteiro da Arrabida, junto ao cabo do Espichel, proximo e ao O. de Setubal. (Vol. 1.º, pag. 238 K K, col. 2.ª)

Mandou D. Isabel, pelo infante D. Luiz, pedir ao prior e beneficiados de Santa Cruz do Castello, licença para a construcção do mosteiro, ao que elles annuiram, mediante a renda annual de 2:000 maravidis, do que se lavrou escriptura publica, que auctorisavam o arcebispo de Lisboa (D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 2.º filho de D. Affonso de Vasconcellos, 1.º conde de Penella) e o rei D. João III.

Sobre umas rochas, ao E. da *Cruz Quebrada*, e sobranceiras ao logar do Dáfundo (que então ainda não existia) fundou a piedosa infanta o pequenino mosteiro, no anno de 1551.

Foi a obra tão mal construida, que, pelos annos de 1590, foi preciso reedificar o mosteiro; mas, com tão máus materiaes, que, em 1625, se viram os religiosos obrigados a abandonal-o, por ameaçar imminente ruina.[1]

Esteve assim deshabitado e desmantelado, até que, em 1634, Diogo Lopes de Souza, 2.º conde de Miranda, edificou aos religiosos um novo mosteiro, proximo ao antigo; construindo n'elle o mesmo conde o seu jazigo e o de seus descendentes, que depois foram marquezes d'Arronches e, por fim, duques de Lafões.[2] Entre os membros d'esta familia que foram aqui sepultados, se acha o infante D. Miguel, filho legitimado de D. Pedro II, que foi casado (o infante) com D. Luiza Casimira de Souza, herdeira da casa dos marquezes de Arronches, e 1.ª duqueza de Lafões.

Depois de 1834, o mosteiro, abandonado pelos religiosos, tornou-se um montão de ruinas, que foram compradas por Estevam Palha de Faria Gião, e é hoje de seu filho, o sr. Fernando Palha, que o reuniu á sua bella quinta do Dáfundo. O que foi cêrca está muito aformoseado, mas do mosteiro não existem senão algumas paredes. (Vide *Dáfundo* e *Porto-Salvo.*)

—

Ao O. de Santa Catharina de Ribamar, e já proximo de Paço d'Arcos, está o forte de S. Pedro, bem conservado e com guarnição, estando actualmente estabelecido n'elle o deposito de torpêdos.

Sobre a porta principal (e unica) do forte, se vê esta inscripção:

REINANDO EL-REI NOSSO SENHOR,
D. JOÃO IV, SE FEZ ESTA OBRA,
POR MANDADO DO CONDE DE
CANTANHEDE, DOS SEUS CONSELHOS
DE ESTADO E GUERRA, E VEDOR
DA FAZENDA — NO ANNO DE
1649.

—

Viscondes de Ribamar

O primeiro visconde de Ribamar, foi João da Costa Carvalho, feito em 23 de agosto de 1864.

Nasceu em S. João da Foz do Douro, em 8 de março de 1790, e era filho de um pobre, mas honrado negociante, que morreu quando seu filho era ainda creança.

Foi para a cidade da Bahia, em 1804, e o primeiro logar que ahi obteve foi o de praticante, a bórdo do brigue *Paquête da Bahia.* Em 1810, era piloto da galéra *Flor de Pernambuco*, e em 1817, era capitão do brigue *Audaz*, que tinha 20 peças de artilheria e 120 pessoas de tripulação.

Por serviços importantes que Costa Carvalho prestou ao Brasil, como commandante do brigue *Audaz*, foi por carta régia de 3 de abril de 1819, feito capitão-tenente, cavalleiro do habito de Christo, e condecorado com a estrella d'ouro, da campanha de Montevideu.

Tornado o Brasil independente, veiu Cos-

[1] O convento de frades arrabidos da Boa-Viagem, foi construido para dar abrigo aos religiosos de Santa Catharina de Ribamar, antes que o conde de Miranda construisse o novo mosteiro. Para se evitarem repetições, vide *Boa-Viagem*, vol. 1.º, pag. 403, col. 1.ª, no fim.

[2] Vide no artigo *Porto*, anno de 1647, e pag. 508, col. 1.ª

ta Carvalho para Portugal, sahindo de Pernambuco em 2 de julho de 1823, e chegando a Lisboa no fim d'agosto.

O brigue *Audaz* deu baixa por desarmamento (era navio mercante, armado em guerra) e em agosto de 1824, foi feito commandante da charrua de guerra *Princeza-Real*, que tambem deu baixa em abril de 1826.

Finalmente, nas guerras civis de 1828, 1832 e 1834, seguiu o partido liberal, e chegou ao posto de contra-almirante, e ao titulo de visconde.

Tinha uma quinta em *Gibalta*, ao O. da Cruz-Quebrada, que è hoje dos seus herdeiros, e é d'ella que tomou o titulo, porque ainda aqui se chamava antigamente Ribamar. Esta quinta tem um bom palacio.

O primeiro visconde de Ribamar, foi um militar distincto e um perfeito cavalheiro.

—

Em 16 de maio de 1866, foi feita viscondessa de Ribamar, sua filha, a sr.ª D. Henriqueta da Costa Carvalho Talone: e no mesmo dia obteve egual titulo, seu marido, o sr. Frederico Carlos Agnello Talone, que é o actual visconde de Ribamar.

RIBAMAR (S. José)—aldeia, Extremadura, na mesma freguezia de Carnaxide, e egual distancia ao O. de Lisboa, ficando ao E. de Santa Catharina de Ribamar, e do Dafundo, e a distancia apenas de 250 metros d'estas duas povoações.

Foi o 4.º mosteiro da ordem da Arrabida, que se construiu em Portugal.

Foi fundado em 1559, por D. Francisco de Gusmão, e sua mulher, D. Joanna de Blasvelt—o 1.º, mordomo-mór da infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e a 2.ª, aia da mesma princeza.

Tanto a egreja como o mosteiro eram pequenos, e tão mal construidos, que logo em 1595 foi preciso reedifical-os. Ainda depois soffreram varias reconstrucções e bastantes melhoramentos.

Apezar de pequeno e pobre, teve este convento muitos privilegios e regalias.

O cardeal-rei, D. Henrique, mandou construir, junto á capella-mór da egreja, um edificio, com trez salas, e n'elle passava algumas temporadas, em convivencia com os monges.

A rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra, filha do nosso D. João IV, gostava muito de frequentar este mosteiro, e alli jantou varias vezes, pagando n'esse dia toda a despeza do mosteiro. (Esta senhora foi a fundadora do palacio da *Bemposta*, ou *das Rainhas*, em Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 131, col. 2.ª)

D. João V, veio por muitas vezes aqui assistir ás rezas do côro, pela manhan e á noite, em 1712, quando assistia no palacio dos duques de Cadaval, em Pedrouços, que é a uns 300 metros ao E. de S. José de Ribamar.

Além d'isso, todos os annos, no dia da festa de S. Francisco, hia jantar com os monges no refeitorio, não consentindo que n'essas occasiões fosse tratado senão como qualquer simples religioso.

A egreja possuia ricas alfaias; um quadro de S. José, que se dizia ser o verdadeiro retrato d'este santo, pintado por o evangelista S. Lucas; e varias joias de muito valor, dadivas da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e de outras princezas e fidalgas, que se encommendavam a S. José, para terem successão, e que davam ao mosteiro varias esmolas, depois de obtido o milagre.

Aqui foram sepultados os fundadores, e além d'elles—e apezar de terem jazigo proprio em outras egrejas—D. João de Portugal, bispo de Lamego; D. Maria de Azevedo, condessa do Vimioso; D. Miguel de Portugal e sua mulher, tambem condes do Vimioso; D. Maria de Lencastre, condessa de Castello-Melhor; D. Marianna de Vasconcellos, marqueza do mesmo titulo; D. Diogo da Silva, 6.º conde de Portalegre, e seu irmão, D. João da Silva, capellão-mór de D. Philippe IV, de Hespanha; Francisco de Tavora, conde d'Alvôr; D. Julianna de Noronha, condessa d'Aveiras; e outras muitas pessoas notaveis.

O mosteiro e a sua cêrca, bem arborisada, foram vendidos, logo depois da suppressão das ordens religiosas, e é hoje uma bellissima propriedade do sr. Eduardo Augusto da Silva Cabral, feito 2.º conde de Cabral,

no 1.º d'abril de 1869. É filho do fallecido José Bernardo da Silva Cabral, que foi feito 1.º conde de Cabral, em 24 de outubro de 1867.

O actual possuidor do mosteiro, tem aqui feito grandes melhoramentos, e construido varias casas que arrenda na estação dos banhos, vindo elle tambem com a sua familia aqui residir no verão. É uma habitação deliciosa, e com formosissimas vistas, como todas as povoações d'esta margem do Tejo, sobre tudo, desde a torre de Belem, até S. Julião da Barra.

Os srs. condes de Lumiares tinham uma propriedade junto e ao nascente da cêrca do mosteiro. O sr. conde de Cabral a comprou, em fevereiro de 1875, e é hoje uma bonita e grande casa, logo á entrada do portão de ferro, da quinta. E' tambem para alugar.

Ainda á entrada da quinta d'este lado (E.) em um terreno exterior, se vê um cruzeiro que foi do convento, e que o sr. conde de Cabral para aqui mandou remover do logar primittivo.

A pequena mas formosa egreja, está optimamente conservada e com muito acceio, isto devido aos sentimentos religiosos do sr. conde: e quando aqui reside, ha sempre missa, nos domingos e dias sanctificados.

Em frente d'esta quinta, ao S., em um terreno entre ella e a estrada real de Oeiras, mandou a repartição das obras publicas, construir um bonito jardim, que ainda mais valor dá á quinta.

Tambem proximo e ao S.O. da mesma quinta, existiu o forte de S. José de Ribamar, que foi arrasado depois de 1834, e já nem d'elle ha vestigios.

Ainda em frente da quinta, do lado do E., existiu o forte de Nossa Senhora da Conceição, que foi vendido, depois de 1834, e sobre as suas muralhas se construiu um predio, hoje do sr. Gaspar Gomes dos Anjos. (Vide *Pedroiços* e o 2.º *Porto-Salvo.*)

RIBAMAR (S. José) — Na villa da Póvoa de Varzim, ha tambem um sitio chamado *S. José de Ribamar.* Fica mesmo na praia dos banhos. O povo da villa, com esmolas suas, e com as sollicitadas aos banhistas, principiou em 1876 a construir aqui uma grande capella, dedicada á sagrada familia Jesus Maria José.

Já n'ella se diz missa (1878) e já tem altarmór e dois lateraes. Ainda anda em obras.

RIBA-PAIVA — Douro e Beira-Alta — dava-se em geral o nome de *Riba-Paiva,* ao territorio das duas margens do rio Paiva, que divide a provincia do Douro da Beira-Alta; mas em especial á freguezia de Santa Maria de Sardoura, que hoje está dividida em duas—Santa Maria, e S. Martinho—ambas no concelho do Castello de Paiva.

A freguezia de Sardoura, é uma das mais antigas de Portugal, e que já existia em 989, pois n'esse anno, fez Vimarêdo, abbade do mosteiro duplex, de S. Miguel de Riba-Paiva, proximo a Sardoura, *escambo* (troca) de uma propriedade por outra, a certo particular, *con consensum fratribus et sororibus nostris.* N'este escambo assignaram, com o titulo de *Deo-Vódas* (devotas) Ermilli Etuala, e Mara: e com o titulo de *sorores,* Aetina, Martina, Egila, Tederona, Iquila, e Amedrudia. (Doc. do real mosteiro d'Arouca.)

Este mosteiro de S. Miguel era da ordem benedictina.

Tambem no archivo do mesmo real mosteiro, se acha a doação da ermida de *S. João da Foz* (que depois foi do mosteiro de Santo Thyrso), feita por D. Affonso Henriques, em 1145, ao mosteiro de S. Miguel de Riba-Paiva. Vide *Rem.*

Já ha mais de 400 annos que não existe o mosteiro de S. Miguel de Riba-Paiva, nem d'elle resta o minimo vestigio, nem mesmo tradição, nem se sabe o sitio exacto em que estava fundado. Perguntei por isto a varias pessoas das mais velhas d'estes sitios, mas nada me souberam dizer. Só consta da sua existencia, pelos documentos do cartorio das freiras d'Arouca.

Sabe-se apenas que era perto de *Villa-Real* (a actual freguezia de Real, do concelho de Paiva) *territorium Enegia, subtus mons* Serra-Sicca, *discorrentem rivulo Sardoura.*

—

As duas freguezias de Sardoura, são com effeito nas margens do rio do seu nome, e

sobre a margem esquerda do Douro, onde desagúa—pouco acima de Linhares—o rio Sardoura, que apenas merece o nome de ribeiro.

RIBA-PENHÃO — freguezia de Traz-os-Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga, d'onde dista 100 kilometros, ao N. E., 365 ao norte de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 152.

Orago S. Lourenço, martyr.

A mesa archiepiscopal de Braga apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de renda.

Esta freguezia pertenceu ao extincto concelho de Villar de Maçada.

RIBAS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 195 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento.

É terra fertil: muito gado, caça, e peixe do Tâmega e de alguns ribeiros.

Houve n'esta freguezia um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), fundado por D. João Peculiar, arcebispo de Braga.

Principiaram as obras do mosteiro, em 1153, e, em 1160, tomou posse d'elle, o seu primeiro prior, D. Mendo, e seus frades.

Este D. Mendo foi sepultado na claustra, em uma arca de pedra, mettida na parede. Tem uma inscripção latina, que traduzida, diz — «*Aqui jaz D. Mendo, o 1.º prior que foi d'este mosteiro, o qual nunca deu um unico passo que não fosse em serviço de Deus. Falleceu a 2 de outubro da era de 1208.* (1170 de J. C.)

Em 1566 passou o mosteiro a poder de commendatarios, e o cardeal D. Henrique (depois rei) o uniu para sempre ás commendas de Christo.

A egreja do mosteiro é a matriz da freguezia, e parte do mosteiro é a residencia do parocho, o resto foi demolido.

RIBAS — aldeia, Douro, freguezia, concelho e proximo á villa de Ílhavo, comarca, bispado, districto e 5 kilometros ao S. O. de Aveiro.

É um logar fertil e bonito, e tem uma capella dedicada a Nossa Senhora do Rosario, á qual se faz annualmente uma grande festa, havendo arraial muito concorrido.

Ribas é tambem appellido nobre em Portugal, cuja familia veiu de Hespanha, que o tomou da villa de Ribas, junto á cidade de Ledesma, no reino de Leão. É antigo, porque já na batalha das Navas de Tolosa (1212) se achou com elle Salvador Gracia de Ribas, a quem D. Affonso IX armou cavalleiro. Consta que passaram a Portugal alguns individuos d'esta familia, que deram o seu appellido a uma aldeia da comarca de Guimarães.

Trazem por armas em campo de ouro, cruz azul, floreada; orla azul, carregada de sete flores de liz, de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre uma das flores de liz das armas.

RIBA-TUA — freguezia, Traz-os-Montes. Vide *Mamede de Riba-Tua* (*S.*)

RIBA-VISELLA — duas freguezias d'este nome, na provincia do Minho.

Vide *Visella.*

RIBEIRA—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde.

Esta freguezia já está em *Matheus da Ribeira* (*S.*)

RIBEIRA. Vide *Iria da Ribeira (Santa).*

Esta freguezia é a da Ribeira de Santarem. Vide esta palavra.

RIBEIRA (Nossa Senhora da). Sanctuario junto ao logar de Torrozêllo, na freguezia de Folhadosa, comarca e concelho de Cêa.

Está situado em um delicioso campo, proximo ao rio Alva, que lhe passa junto á egreja.

A imagem da padroeira appareceu a um pastor, surdo-mudo de nascimento, que desde então adquiriu o uso dos dois sentidos que lhe faltavam.

Este pastor era natural da Villa de Lourosa, e para lá levou a santa imagem; mas esta fugiu para o sitio onde tinha sido achada, que era o ôco de um sobreiro. Construiu-

lhe então o povo uma pequena e tosca ermida: porém, como fosse crescendo a devoção á Senhora, se lhe construiu uma vasta e boa capella, tendo contiguas umas casas para residencia de dois eremitães, e com uma boa cêrca para logradouro dos mesmos.

Este sanctuario fica perto das villas de Cêa e Bobadella.

RIBEIRA — appellido nobre d'este reino, cuja familia veiu de Hespanha, e tinha o seu solar na Galliza. Passou a Portugal, no reinado de D. Manuel, que o trouxe Ruy Dias da Ribeira. Este fidalgo foi alcaide-mór da villa da Amieira, na comarca da Certan, concelho de Oleiros, no Alemtejo.

Foi seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da fazenda de D. João III, que lhe deu brazão d'armas, na cidade de Evora, no 1.º de abril de 1526, composto do modo seguinte: — Em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado de ouro : chefe de ouro, carregado de trez estrellas, de purpura, de cinco pontas. Timbre, o leopardo do escudo, com uma das estrellas na espadua.

Os marquezes de Montemór-o-Velho, descendiam d'estes Ribeiras.

RIBEIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 250.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto de Vianna.

O morgado dos Pereiras, de Mazarefes, apresentava o abbade, que tinha 900$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os fructos do paiz, e cria muito gado que exporta.

Houve aqui um mosteiro de monges bentos, muito antigo, que passou a abbadia secular, do couto de Paradella, pertencente á casa dos Azevedos.

No logar de Fonte-Coberta, d'esta freguezia, é que existiu o mosteiro. Ainda alli existe a bonita e grande capella de *Nossa Senhora da Abbadia* (assim chamada em memoria do mosteiro), á qual se faz uma grande festa, no dia 15 de agosto de cada anno, e sempre concorridissima.

Em 985, reinando em Leão, D. Bermudo II, doou a D. Tello e sua mulher, D. Munia, os coutos de Mazarefes, Paradella, Crasto, Casaes de Freiriz, e Gimieira. Como não tiveram filhos, doaram os ditos coutos e o padroado d'esta egreja, e da de Mazarefes, ao mosteiro de S. Paio-Ante Altares, em Compostella, na Galliza.

Em 1574, o nosso rei D. Fernando, tirou esta doação ao D. abbade, por ter tomado o partido de D. Henrique II, de Castella, e emprazou tudo a Martim Mendes de Berrêdo, casado com D. Maria Pereira, filha de Ruy Pereira, senhor da Feira. D'este matrimonio não houve filhos, e ficando viuva D. Maria Pereira, e senhora dos coutos, os vendeu com tudo quanto lhes pertencia, ao seu parente, Diogo Pereira, para fundar o mosteiro de Jesus, em Aveiro.

Nos coutos, tinham a quarta parte de tudo, incluindo lenha e tojo : ninguem podia levantar casa de sobrado, sem licença dos senhores do couto.

No monte de Santa Catharina, d'esta freguezia, ha vestigios de povoação ou fortaleza muito antigas.

RIBEIRA. —Vide as trez freguezias de *S. João da Ribeira*, que estão na 1.ª col. da pag. 417, do 3.º vol.

RIBEIRA-BRANCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 120 kilometros ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Santarem.

O prior da freguezia de S. Pedro, de Torres Novas, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho.

É terra fertil.

RIBEIRA D'AGODIM — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de Leiria, 155 ao N. E. de Lisboa.

Tinha em 1757, 313 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

É actual freguezia dos *Milagres*, que fica descripta a pag. 220, col. 2.ª, do 5.º vol.

RIBEIRA DE ALHARIZ—Vide *Alhariz*.

RIBEIRA DE ALIJÓ — aldeia, Traz-os-

Montes, comarca, concelho e districto de Villa Real, no arcebispado de Braga.

Pertence á freguezia de Alijó.

Em 21 de novembro de 1867 foi feito visconde da Ribeira d'Alijó, o sr. Joaquim Pinto de Magalhães. Em 30 de abril de 1874 foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Antonio Julio de Castro Pinto de Magalhães, que falleceu em 5 de dezembro de 1875.

Em 16 de novembro de 1876, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. Roberto Augusto Pinto de Magalhães.

RIBEIRA-DE-BOI—Vide *Rapoila do Côa.*

RIBEIRA-DE-COZELHAS — Sitio formosissimo, proximo ao Mondego. Vide *Coimbra e Mondego.*

Ha aqui uma optima fabrica de sabão, da qual são proprietarios os srs. José Duarte Ariosa Junior, e Joaquim Maria de Almeida. Incendiou-se em maio de 1876, mas foi logo reconstruida a parte que ardeu.

RIBEIRA-DE-FORNOS—aldeia, Beira-Baixa, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

É uma veiga muito fertil, e que produz os fructos muito temporãos.

Ha aqui varias quintas, sendo a principal do sr. D. Joaquim de Azevedo Mello e Faro, da nobilissima casa do *Soenga.*

RIBEIRA-DE-FRADES—Vide *Nazareth.*

RIBEIRA-DE-FRÁGUAS—freguezia, Douro, concelho de Albergaria-Velha, comarca de Agueda (foi do concelho do Pinheiro da Bem-Posta, comarca de Estarreja), 60 kilometros ao N. de Coimbra, 270 ao N. de Lisboa, 210 fogos. Tinha, em 1757, 180 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Esta freguezia está situada 1:500 metros a E. da margem esquerda do Caima, e 9 a N. E. de Albergaria-Velha.

São n'esta freguezia as famosas minas do *Palhal* e de *Telhadella.*

As do Palhal foram descobertas por uns inglezes, em 1744.

Ha n'ellas vestigios de industria metallurgica, do tempo dos mouros, segundo a tradição.

Em 1769, uma grande cheia do rio Caima, as inundou, pelo que foram abandonadas.

Em 1776, foi construida a ponte de pedra da aldeia chamada *Ponte do Palhal,* que fica junto ás minas, e liga as duas margens do Caima.

José Ferreira Pinto Basto, da Vista Alegre, obteve os direitos de concessionario d'estas minas, em 3 de maio de 1859, e as passou á *Lusitanian Mining Company* (Companhia Lusitana de Mineração).

Produzem cobre, galena de chumbo, blenda, nickel e cobalto. Tambem produzem alguma prata, mas em diminuta quantidade.

O poço mestre, *Taylor's shaft,* é o mais fundo de Portugal, e provavelmente de toda a peninsula, pois tem 400 metros de profundidade. As galerias teem já uma extensão de quasi 13 kilometros.

Ha junto ás minas, casas de habitação, officinas para preparação e serragem de madeiras, casas para deposito de machinas, e outros edificios que transformaram um deserto em formosa povoação.

Consta que os exploradores do seculo passado, sómente cuidavam em extrahir minerio de prata.

As minas de *Telhadella,* ou *Talhadella,* tambem chamadas das *Voltas* e *Longas,* foram concedidas em 2 de abril de 1861, a Hermann Lourenço Fewerheerd.

Principiou a sua exploração em 1866, pela *Companhia de mineração de Talhadella,* á qual a vendeu o concessionario.

O capital social d'esta companhia é de 100 contos de réis.

Produzem cobre e alguma prata. Diz-se que tambem produzem algum ouro.

Nos sitios da *Matta de Santo Antonio* e do *Carvalho Cerquinho,* d'esta freguezia, ha tambem minas de ferro, e talvez que em tempos remotos, nas margens do Caima, ou nas suas proximidades, houvesse algum estabelecimento de fundição de ferro, e que d'ahi provenha á freguezia o nome de *Fráguas.*

Em junho de 1877, foi concedida a mina de ferro, do *Valle de Sobreira de Cima* e do *Valle da Figueira,* por tempo ilimitado, aos

srs. Francisco Ricardo Pereira Negrão e João Fortunato José de Almeida.

No logar de Talhadella, ha uma bonita ermida, dedicada a Santa Anna, á qual se faz uma grande festa no 1.º domingo depois do dia 25 de julho.

A seita protestante, tem feito alguns proselytos n'esta freguezia, protegida por os inglezes empregados nas minas, e apezar do disposto nos estatutos das mesmas.

Por differentes vezes, e com o maior desaforo, aqui teem prégado as heresias presbyterianas, um padre inglez, e o tristemente celebre apostata, padre Guilherme Dias, de Mezão-Frio.

Os estatutos, pelos quaes se rege o estabelecimento mineiro do Palhal, prohibem expressamente, que os seus empregados insultem a religião do estado, ou préguem doutrinas contrarias á mesma religião; e isto está em harmonia com o disposto nos artigos 130.º e seguintes do *Codigo Criminal Portuguez.*

O mesmo Codigo, no artigo 137.º, diz que, se o prégador fôr estrangeiro, será expulso do reino, e que—«Se algum portuguez, professando a religião do reino, apostatar ou renunciar publicamente, será condemnado á perda dos direitos politicos: E SE FÔR CLERIGO DE ORDENS SACRAS, SERÁ EXPULSO PARA SEMPRE DO REINO.»

Custa a crer, como as auctoridades d'estes sitios tenham consentido em semelhante desprezo das leis vigentes.

RIBEIRA-DE-LITEM—Vide *Litem.*

RIBEIRA-DE-NIZA—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto, bispado e 12 kilometros de Portalegre, 180 ao S. E. de Lisboa, 250 fogos. Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago Nossa Senhora da Esperança.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo de rendimento.

É terra fertil.

Existiu aqui o antiquissimo mosteiro da *Provença* (Providencia) de Valle de Flores, que foi de monges benedictinos, do qual apenas resta a tradição no povo, e a memoria nas chronicas da ordem. (*Thebaida Portugueza,* por frei Manuel de S. Caetano Damazio. tom. 2.º, pag. 369.)

Iria Gonçalves do Carvalhal, mãe do grande condestavel, D. Nuno Alves Pereira, deu a quinta chamada de frei Alvaro, e outras propriedades, a este mosteiro.

RIBEIRA-DO-OLIVAL—Vide o 2.º *Olival,* de pag. 251, do 6.º vol.

RIBEIRA-DO-OLIVAL—aldeia, Extremadura, na freguezia e 6 kilometros de Ourem, concelho de Villa Nova de Ourem.

É uma bonita aldeia, e muito bem situada.

Tem uma sumptuosa capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, fundada por Diogo da Praça.

É um templo espaçoso e de boa architectura, tendo as paredes interiores revestidas de bellos azulejos.

A capella-mór é apainelada, em quadros, tendo em cada um, os passos da vida de Nossa Senhora, pintados a oleo.

A imagem da padroeira, é de pedra, de 1 metro de alto, e tanto a Senhora, como o Menino Jesus, são de uma esculptura perfeitissima.

Disse-se a primeira missa em 1560.

Varios devotos deram á Senhora bastantes fóros e algumas fazendas, para com o seu rendimento occorrerem ás despezas da fábrica.

O mesmo Diogo da Praça, fundou junto á capella, um hospital ou albergaria, para peregrinos, doando-lhe para a sua sustentação, tudo quanto possuia; porém, com o decurso do tempo, se foram perdendo (ou roubando) as propriedades, até se perderem totalmente.

A egreja e suas dependencias passaram depois para o padroado da casa de Bragança, e até 1834 era o rei que apresentava o eremitão.

RIBEIRA-DE-PALHEIROS — aldeia, Extremadura, freguezia de S. Lourenço dos Francos, ou Myragaia, concelho da Lourinhan, comarca de Torres Vedras.

Ha n'este logar uma capella dedicada a Nossa Senhora da Piedade, de fundação muito antiga.

Os moradores da Lourinhan, quando ha falta de chuvas, levam a imagem da Senhora, em procissão, para a egreja matriz da

villa, e lhe fazem uma novena, para que a Senhora os favoreça nas suas calamidades.

Tambem no domingo da Paschoella, hia antigamente a irmandade da Misericordia, da Lourinhan, buscar a Senhora á sua ermida e a levavam em procissão para a egreja parochial, fazendo-lhe uma grande festa, a que assistiam todas as auctoridades da villa.

A festa principal se fez primeiramente a 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves), mas depois se mudou para o dia 25 de julho. Era sempre concorridissima.

RIBEIRA-DE-PENA — villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Villa-Pouca de Aguiar, 64 kilometros ao N. E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 860 fogos, em duas freguezias (Santa Marinha com 220 e o Salvador com 640).

Arcebispado de Braga.

Districto administrativo de Villa Real.

Em 1757, a freguezia de Santa Marinha tinha 120 fogos, e o reitor da freguezia de S. Thiago de Soutéllo de Aguiar, apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia do Salvador, em 1757, tinha 336 fogos, e a mitra apresentava o reitor, que tinha 28$000 réis de rendimento.

O concelho é composto de 6 freguezias, que são—Além-Tâmega, Alvadia, Cerva, Limões, e as duas de Ribeira de Pena.

Nunca teve foral velho ou novo.

Foi aqui o solar da antiquissima e nobre familia dos *Ribeiras, de Riba-Tâmega*, d'onde procedia a célebre e formosissima D. Maria Paes Ribeira (a *Ribeirinha*) amante de D. Sancho I.

Para este appellido, vide *Amieira*, villa do Alemtejo, *Cantanhede* e *Ribeira*, appellido nobre em Portugal.

Na freguezia do Salvador está a quinta da Olaria, que foi vinculada, e era de Balthazar Pereira da Silva; o morgado do Buxeiro, que foi de Francisco Leitão de Almeida; a quinta do Temporão, que foi de Ambrozio Gonçalves Penha; a quinta do Picanhol, de Francisco Pacheco de Andrade; e a quinta de Freúmes, de João de Valladares Vieira.

N'esta freguezia do Salvador se faz todos os annos, a 15 de agosto, uma grande festa a Nossa Senhora das Angustias, em despique á de Nossa Senhora da Guia, que se faz na freguezia de Santa Marinha, e que tambem é sumptuosa.

Este despique tem por vezes sido causa de grandes desordens.

Em 19 de fevereiro de 1851, foi feito 1.º barão de Ribeira-de-Pena, Francisco Xavier de Andrade e Almeida, já fallecido; e, em 27 de dezembro de 1867, foi feito barão do mesmo titulo, seu filho, o sr. Francisco Xavier de Andrade Valladares Aguiar.

Em 8 de julho de 1874, falleceu na sua casa de Santa Marinha, D. Maria Angelica Valladares, 1.ª baroneza de Ribeira-de-Pena, viuva do 1.º barão, e mãe do actual. Tinha nascido em 1807, e era filha de Manuel Thimotheo de Valladares Sousa Martins, e de D. Catharina Pacheco Valladares, da antiga e nobilissima casa da Senra de Baixo, d'este concelho.

RIBEIRA-DE-PERNES—freguezia, Extremadura, concelho, comarca e districto administrativo de Santarem, no patriarchado de Lisboa, d'onde dista 100 kilometros, ao N. E.

Em 1757, tinha 68 fogos. O seu orago é a Santa Cruz.

O vigario de Cazével apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo e 15$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Cazével. Vide esta palavra.

RIBEIRA-DOS-CARINHOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, districto administrativo e bispado da Guarda, 100 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Não pude obter mais informações com respeito a esta freguezia.

RIBEIRA-DO-OURO—hoje **OURO**—povoação situada sobre a direita do rio Douro, na freguezia de Lordéllo do Ouro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao O. do Porto, na provincia do Douro.

Foi antigamente do concelho denominado *Terra da Maia*.

A Terra da Maia, comprehendia antigamente todo o territorio que estanceava entre os rios Douro e Lima, e depois se circumscreveu ao que ficava entre o Douro e o Ave. É a esta região que os romanos denominavam cidade de Palancia, e depois os christãos, *Terra de Santa Maria*[1].

N'esta povoação está a capella de Nossa Senhora da Ajuda, construida, segundo alguns escriptores, no principio da nossa monarchia; mas o templo actual não revela tão grande antiguidade, attenta a perfeição da sua architectura, e provavelmente é reconstrucção da primittiva. (Vidè adiante). Tem capella-mór, com seu altar, e dois lateraes no corpo da egreja. Tem um bom côro, e um magestoso alpendre, ou átrio, sustentado por columnas de pedra.

No altar do lado do Evangelho, se vê uma perfeitissima imagem de Jesus Christo Crucificado, objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios. Consta que esta imagem foi trazida para Portugal pelos catholicos, fugidos á perseguição do hereje Henrique VIII.

Segundo a lenda, a imagem da padroeira appareceu em sonhos, a uma mulher casada, por nome Catharina Fernandes, ordenando-lhe que fosse a uma fonte, que fica junto da ermida, e que alli acharia a imagem da Senhora.

Esta mulher sahiu de Myragaia, onde morava, e dirigindo-se á indicada fonte, em companhia de Pedro, seu marido, viram uma pomba esvoaçando sobre um silvado, e entre elle a imagem da Santissima Virgem, que trouxeram para sua casa.

Trataram logo de construir um templo á Senhora, proximo ao logar do seu apparecimento; e como não tivessem dinheiro, venderam uma morada de casas que tinham no Porto, para as despezas da obra, dando á imagem o titulo de Nossa Senhora do Ó, por ser achada no dia da sua Espectação.

Continúa a lenda dizendo, que a santa imagem fugiu varias vezes para o silvado onde tinha sido descoberta, o que muito affligia os devotos consortes.

N'esta conjunctura viram entrar pela barra, nove embarcações inglezas.

As oito primeiras passaram o sitio da Ribeira do Ouro, sem obstaculo, porém a nona, alli parou, sem que podesse passar adiante.

Este navio trazia a imagem referida, de Christo crucificado, e os inglezes a foram collocar na ermida da Senhora, e assim conseguiram que o navio seguisse a sua viagem e que a imagem da Senhora não tornasse a fugir para o silvado[1].

A imagem que os inglezes trouxeram, tinha invocação de Nosso Senhor da Ajuda e por isso os devotos mudaram tambem a invocação da padroeira, em Nossa Senhora da Ajuda; mas a sua festa principal foi ainda por muito tempo, no dia de Nossa Senhora do Ó, a 18 de dezembro.

Além d'esta festa, os mórdomos que servem a Senhora lhe fazem outra festá na dominga infra oitava da sua Natividade, em setembro. Teve (e não sei se ainda tem) um ermitão que cuidava no aceio e limpeza do templo.

Tem uma irmandade, á qual o Papa Julio III, por bulla de 1540, concedeu muitas

[1] Todo o territorio das immediações da cidade do Porto, tanto ao N. como ao S., qne os christãos resgataram do poder dos mouros, nos seculos X e XI, foi chamado *Terra de Santa Maria*. Depois, só se ficou dando esta denominação ás terras que ficavam ao S. do rio, e ás quaes se chamou depois *Terra da Feira* (107 freguezias). Ás do N., se deu então o nome de *Terra da Maia*. Esta circumscripção ainda em 1834 comprehendia 44 freguezias, que foram distribuidas pelas *varas* do Porto, e comarcas de Villa do Conde e Santo Thyrso.

[1] Aqui a lenda commette um anachronismo dos seus 500 annos, ou então a capella não tem tão grande antiguidade, e os seus fundadores viveram no seculo XVII (que foi quando Henrique VIII, de Inglaterra, se declarou hereje e fóra da obediencia do Papa) e não nos primeiros seculos da monarchia.

É certo, porém, que a imagem de Jesus Christo crucificado, é mais moderna, na capella, do que a da Senhora.

graças e indulgencias, não só para os irmãos, mas tambem a todos os fieis que visitarem a casa da Senhora, no dia das suas festividades; e esta bulla foi confirmada e ampliada pelo bispo do Porto, D. Thomaz de Almeida.

RIBEIRA DE SABROSA — logar, Traz-os-Montes, na freguezia de Sabrosa, concelho, comarca, districto administrativo, e 5 kilometros de Villa-Real, arcebispado e 105 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, proximo das margens do rio Corgo, e d'uma quinta dos Pizarros. (Tem uma capella redonda, muito antiga.

Em 30 de outubro de 1541, deu o rei D. João III esta quinta, com o titulo de senhorio, a um ascendente dos Pizarros. Este senhorio foi instituido em morgado, no anno de 1598.

Em 22 de setembro de 1835, foi feito 1.º (e unico—até hoje) barão da Ribeira de Sabrosa), o distinctissimo e honradissimo militar, Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel de Almeida Carvalhaes, 8.º morgado do mesmo titulo, 9.º senhor de Monte de Calvos e Soutellinho do Mezio; commendador da ordem da Conceição, brigadeiro do exercito (general de brigada, como hoje se diz), commandante interino da 5.ª divisão militar, administrador (o mesmo que governador civil) do districto de Bragança, e deputado ás côrtes, em 1836 e 1837.

Nasceu na freguezia de Villar de Maçada, em 30 de março de 1788, e falleceu a 8 de março de 1841, sem deixar descendentes.

Era filho de Francisco Pinto de Almeida Carvalhaes, 8.º senhor de Monte de Calvos e Soutellinho do Mezio (no concelho de Villa Pouca d'Aguiar), 7.º morgado da Ribeira de Sabrosa; casado com D. Antonia Mauricia da Nóbrega Pizarro, filha de Luiz Alvares da Nóbrega Cão e Aboim, morgado da Ribeira de Cabril, e de D. Luiza Ignacia Xavier Táveira de Magalhães Pizarro.

Tiveram os paes do 1.º barão da Ribeira de Sabrosa, 11 filhos, que são:

1.º, *Antonio*, que foi tenente coronel do regimento de cavallaria n.º 12 (dragões de Chaves), e que morreu em vida de seus paes.

2.º, *D. Maria do Lorêto*, que casou com seu tio materno, Sebastião Maria da Nóbrega Pizarro, morgado da Ribeira de Cabril, fidalgo da casa real e commendador da ordem de Christo.

3.º, *D. Anna Carlota.*

4.º, *Rodrigo*, o 1.º barão da Ribeira de Sabrosa.

5.º, *Gaspar Pizarro*, que foi desembargador.

6.º, *D. Rita Julia.*

7.º, *Francisco Pizarro*, cavalleiro da ordem de Christo, tenente do regimento de infanteria n.º 15, que morreu em 1828.

8.º, *Fernando Pizarro.*

9.º, *D. Luiza Carolina.*

10.º *José Maria*, bacharel em leis.

11.º, *D. Marianna Augusta.*

A residencia d'esta familia é em Villar de Maçada.

Vidè *Sabrosa, Villar de Maçada*, e no 7.º vol., pag. 334, col. 2.ª, o ultimo periodo.

O barão da Ribeira de Sabrosa, era um dos homens mais honrados do seu tempo, não só do partido liberal, a que pertencia, mas tambem no partido realista não havia quem o excedesse em honradez, probidade, intrepidez e patriotismo.

RIBEIRA - DE - SANTAREM — formosa e grande povoação, Extremadura, sobre a margem direita de Tejo, na freguezia, concelho, comarca, districto administrativo e 1:500 metros ao S. E. de Santarem.

É aqui a 12.ª estação dos caminhos de ferro de norte e leste.

Foi antigamente freguezia, da invocação de Nossa Senhora da Encarnação do Alfange. É tambem em frente d'esta povoação, e no rio Tejo, o famoso *Padrão de Santa Iria*, e perto d'elle está uma ermida, dedicada á mesma santa.

Unida a esta ermida, está a capella de Nossa Senhora das Neves.

A ermida de Santa Iria, é muito antiga, mas não se sabe a data da sua fundação. Segundo a lenda, a imagem da santa, appareceu sobre um grande penedo que alli havia, e n'esse mesmo sitio se lhe edificou a ermida.

A capella de Nossa Senhora das Neves, é

muito mais moderna, e foi construida no meiado do XV seculo.

Antigamente, era famosa em toda a Extremadura, e em parte do Alemtejo, a festa que annualmente se fazia a Nossa Senhora das Neves, pela sua grandeza e sumptuosidade; havendo, além da festa da egreja e procissão, de grande magnificencia, comedias, danças, cavalhadas, corridas de touros e variadissimos fogos de artificio.

Esta devoção, porém, veiu de tal modo a esfriar, que por fim, nem uma missa se cantava á Senhora, no seu dia.

Passados annos, alguns barqueiros, desejando festejar a Senhora, mas tendo para isso pouco dinheiro, resolveram vender, para ajuda das despezas da festa, uns *atabales* que pertenciam á Senhora.

Levaram-os a Lisboa, e os venderam a um fundidor de sinos, chamado João Rodrigues Palavra, natural de Santarem, a quem declararam qual era a applicação que queriam dar ao producto d'esta venda.

O fundidor pagou, sem dizer mais nada aos barqueiros, e com o maior segredo encommendou o sermão e grande quantidade de fogo, para o dia da Senhora.

Mandou fazer um riquissimo vestido e manto para Nossa Senhora; um frontal para o seu altar, e paramentos para os padres; tudo da maior magnificencia.

Comprou uma alampada de prata, dois castiçaes do mesmo metal, e mais quatro de bronze; esteiras para o pavimento da capella, e tudo o mais que julgou indispensavel para que a festa da Senhora fosse n'esse anno da maior sumptuosidade.

Uma sua filha tambem deu á Senhora, e lhe poz ao peito, uma joia de muito valor.

Na vespera da festa, se apresentou João Rodrigues, com toda a sua familia no bairro do Alfange (hoje Ribeira), sem que ninguem o esperasse, e levando tudo quanto havia comprado para offerecer á Senhora.

Teve esta grande solemnidade logar no dia 5 de agosto de 1660.

João Rodrigues ficou servindo a Senhora, emquanto viveu, e á hora da morte, recommendou a seu filho, Lucas Rodrigues Palavra, que continuasse a servir a Senhora, e fizesse a mesma recommendação aos seus descendentes, o que elle cumpriu.

Este mesmo Lucas Rodrigues, mandou ampliar a capella e dourar o seu altar.

A Senhora teve no principio bastantes rendas proprias, porém já a este tempo se tinham perdido, por desleixo, ou criminalidade, de um prior da freguezia.

No pavimento da capella, está uma sepultura com a inscripção seguinte:

AQUI JAZ O MUYTO HONRADO
VASCO PASSANHA D'ALMEIDA,
CAVALLEIRO FIDALGO, DA CASA
DELREY DOM AFFONSO Vº,
CONTADOR MÓR QUE FOY, DA
CASA DE CEUTA, E DE LOGARES DA-
LEM. ESTA CAPELLA MANDOU FA-
ZER. FALECEU EM MAYO DE 1511
ANNOS.

E na mesma sepultura estão gravadas as armas dos Almeidas, compostas da maneira seguinte—escudo esquartellado; no primeiro e quarto, seis bezantes de prata, em campo de púrpura, entre uma doble cruz de ouro, e bordadura do mesmo—e no segundo e terceiro, em campo de prata, as armas dos Braganças.

É representante principal d'esta nobilissima familia, o sr. marquez da Fronteira, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, feito marquez de Alorna, em 22 de outubro de 1839.

Alorna, é uma cidade e praça da India Oriental, que o marquez de Castello-Novo tomou ao rajah de Bonsoló. O rei, por isso, lhe mudou o titulo do marquezado para Bonsoló.

O 1.º marquez d'Alorna, foi D. Pedro de Almeida Portugal, feito por D. João V, em 9 de novembro de 1748.

O marquez de Castello-Novo, era tambem conde d'Assumar.

O 1.º conde d'Assumar, foi D. Francisco de Mello, feito por D. Filippe IV, em 30 de março de 1636.

Tambem aqui havia a capella de S. Bartholomeu, que, segundo a tradição, foi dos cavalleiros da ordem de S. Miguel d'Ala, instituida por D. Affonso Henriques, em memoria de tomar Santarem em dia de S. Miguel.

RIBEIRA DE SERNADELLA — pequeno rio, Beira-Baixa.—Nasce na serra de Santa Quiteria, e recebendo alguns regatos, desagúa no rio Alva, depois de um curso de 5 kilometros.

RIBEIRA DE SOAZ — titulo legal de um antigo concelho do Minho, ao pé da serra do Gerez, e supprimido ha muitos annos.

Era da comarca da Povoa de Lanhoso.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de julho de 1515. (*Livro dos foraes novos do Minho, fl. 26 v., col. 1.ª*)

Este foral serve para as terras seguintes:

Aventosa, Berrezal, Caniçada, Cóva, Fornéllos, Fradéllos, Freande, Parada de Bouro, Portella, Pousadella, Soengas e Ventosa.

É terra fertil em cereaes, vinho, azeite, castanha, fructas, mel, cêra, gado, e grande quantidade de perdizes e coelhos.

Fica perto da raia da Galliza.

Vide *Caniçada e Soengas.*

RIBEIRA DE VIDE — aldeia, Alemtejo, freguezia, concelho e 6 kilometros ao N. da villa de Souzél, comarca da Fronteira, arcebispado de Evora, districto de Portalegre. Fica 5 kilometros a E. da villa de Aviz, e 6 a E. da villa do Carmo, 50 de Evora, e 120 ao S. E. de Lisboa.

É n'esta aldeia, a nascente de aguas mineraes, chamada *Fonte da Lagem,* no principio de um valle que fica na falda do monte da Lagem, e junto a uns rochedos de schisto, e á estrada que vae para o Ervedal.

Tem um poço, coberto de uma abobada de pedra tosca (do tal schisto).

A sua agua é clara, em tempo secco, e lactea quando chove. Não tem cheiro, e o seu sabor é levemente ácido, parecido com o de uma tenuissima dissolução de vitriolo em agua commum.

Não deixa sedimento nos sitios por onde passa, nem nas garrafas. Não tem porção alguma de ferro.

Diz-se que é remedio efficaz contra as lombrigas, em razão do gaz carbonico que contém, combinado com o carbonato

RIBEIRADOURA ou **RIBEIRA-D'-OURA**— valle, Traz-os-Montes, que dá o nome á freguezia d'Oura (6.º vol., pag. 311, col. 2.ª) e que o recebe do rio Oura, que aqui passa e desagúa na esquerda do rio Tâmega. O rio fica na extremidade d'este vasto e fertil valle, onde tambem estão as famosissimas aguas thermaes de *Vidago.*

Vidé esta palavra.

O vinho (verde) da Ribeiradoura, é um dos melhores do reino, na sua especie, e não inferior aos mais afamados vinhos verdes do Alto e Baixo Douro.

RIBEIRÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 24 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 118 fogos [1].

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto de Braga.

O papa, a mitra e os benedictinos de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

É n'esta freguezia a formosa ponte pensil da estrada do Porto para o norte, sobre o rio Ave, chamada *Ponte da Barca da Trófa.*

Na Trófa é a 4.ª estação do caminho de ferro do Minho.

RIBEIRADIO—freguezia, Beira-Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, 35 kilometros ao N. de Vizeu, 265 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1757, tinha 215 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia chamava-se antigamente *Ribeira de Diu,* e era do concelho extincto de Lafões.

É povoação muito antiga, e, segundo a

[1] Tinha mais 78 fogos, que eram meieiros com Santa Leocadia de Fradéllos: total 196.

tradição, já existia no tempo dos romanos, com o mesmo nome.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta; é abundante em madeiras e lenhas. Nos seus montes ha bastante caça.

O reitor d'esta freguezia, apresentava os curas das freguezias do Couto d'Esteves e Cedrim, ou Sedrim.

Proximo ao logar de Souto-Maior, d'esta freguezia, está o antiquissimo templo de *Nossa Senhora Dolorosa,* á qual o povo chama *Nossa Senhora de Lourosa.* Foi em tempos antigos, matriz d'esta freguezia, e das de Cedrim, e da villa de Couto d'Esteves. Ainda conserva a pia baptismal, para memoria.

Está a egreja edificada no plató de um monte de bastante elevação, ao qual (plató) dão o nome de *Adro da Senhora,* e está cercado de altos rochedos, que a distancia parecem uma fortaleza. Ao E. e S., ha umas altas serras, e ao O. corre o rio Vouga, aqui bastante largo e profundo, e com uma barca de passagem: ao N. fica a serra do *Arestal,* vulgarmente chamada do *Restal.*

D'este plató se vêem as freguezias de Roccas, Junqueira, Arões, Manhouse, S. João da Serra, e Arcozêllo; além das serras já ditas e outras.

A egreja é toda construida de pedra de cantaria lavrada, e denota grande antiguidade, mas não se sabe quando nem por quem foi edificada.

Como estivesse em mau estado, foi reedificada, principiando as obras em 1685, e concluindo-se todos os reparos, em 1688.

Tem capella-mór, com seu altar, e dois lateraes.

No altar-mór se vêem dois quadros a oleo, attribuidos ao Grão Vasco. Um, representa Nossa Senhora ao pé da Cruz, e o outro, S. João, evangelista.

A imagem da padroeira, é de pedra de Ançan, de 1^{m},10 de alto, cavada pelas costas. Apezar de muito antiga, é de boa esculptura, e, segundo a tradição, foi feita por um dos estatuarios do templo de Santa Cruz, de Coimbra.

A sua festa principal, é a 8 de setembro (Natividade de Nossa Senhora) e sempre concorridissima, não só por gente da freguezia, mas pela das circumvisinhas. Ha n'esse dia muitas missas, além da principal, procissão, sermão, fogo preso e do ar, etc.

Antigamente vinha aqui, no dia da festa da Senhora, uma procissão, da freguezia de Cedrim, trazendo-lhe valiosas offertas.

Ainda nos meiados do seculo passado aqui vinham n'este dia, povos de Aveiro, Esgueira e outras terras da Beira-mar, e até da cidade do Porto.

Um devoto, da villa de Tentugal (a 100 kilometros do templo) lhe offereceu uma rica alampada de prata.

Em tempos antigos, e além da festa principal, havia aqui muitas pelo decurso do anno, e nos trez sabbados, antecedentes ao dia 8 de setembro, se faziam *alvoradas* (vesperas) á noite, com muitas danças, musicas, luminarias e outros festejos; mas, como n'estas occasiões sempre se praticavam algumas irreverencias, as prohibiu, em 1686, o abbade, Luiz de Sampaio.

Por occasião da fome geral que houve n'este reino, em 1681, em razão da praga de lagartos e gafanhotos que destruiram as plantas e arvoredos, o povo d'esta freguezia levou da egreja matriz, em solemne procissão, a imagem de Jesus Christo crucificado, á capella da Senhora Dolorosa, invocando o seu patrocinio para que o flagello acabasse. Foram ouvidos os seus rogos, e a praga desappareceu.

Em memoria d'este beneficio, o povo prometteu hir todos os annos, no primeiro domingo de março, á capella da Senhora, levando a imagem do Crucificado em procissão, ou clamor, como então se dizia.

O inverno de 1706, antecipando-se, com chuvas e tempestades, apanhou os fructos por colher, deitando-os por terra, e, em pouco tempo, apodreciam n'ella.

O povo recorreu de novo á Santissima Virgem Dolorosa, hindo-a visitar com a mesma imagem de Jesus Christo.

No dia seguinte, cessou o vento e a chuva, e os lavradores poderam fazer as suas vindimas e colheitas.

Em memoria d'este milagre, o povo fez voto de levar o mesmo Senhor Crucificado em procissão á capella da Senhora, em todos os domingos de outubro.

Hoje todas estas devoções teem decahido muito do seu antigo esplendor; porém a devoção á *Senhora de Lourosa* não se extinguiu ainda totalmente no coração dos povos d'estas terras.

RIBEIRA-VELHA — logar, Beira-Alta, no extincto couto de S. Pedro das Aguias, que era dos religiosos da ordem de S. Bernardo, no bispado, e a 45 kilometros de Lamego, e hoje pertence á freguezia de Casaes, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, no districto de Viseu.

Existe aqui a egreja de Nossa Senhora da Annunciação, vulgarmente denominada *Senhora da Ribeira-Velha.*

Foi em tempos antigos matriz das aldeias de Vallença do Douro, Serzedinho, Casaes e outras, e ainda conserva a pia baptismal.

É um templo de boas dimensões, com capella-mór e seu altar, além de dois lateraes, no corpo da egreja.

A festa principal d'esta Senhora, é a 25 de março, e antigamente se fazia aqui n'esse dia uma grande feira, á qual concorriam povos não só das visinhanças, mas até de terras muito distantes.

Havia então, além de outros divertimentos do tempo, lucta de gladiadores, nús da cintura para cima, e untados de azeite, como os athletas romanos, e, como estes, obtinham premio os vencedores.

Esta egreja, segundo a tradição, já existia no tempo dos godos, e os mouros deixaram n'ella fazer todos os officios divinos, mediante certo tributo.

Fica junto aos alcantilados montes de Luena, e de S. Pedro das Aguias, e a pouca distancia do rio Torto.

Vide *Casaes,* na col. 1.ª, pag. 141, do 2.º vol.

RIBEIRA-VELHA — Vide *Lisboa.*

RIBEIRINHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Foi supprimida ha muitos annos, e está annexa á freguezia de Valle de Janeiro, no mesmo concelho.

RIBEIRINHA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flor (foi do extincto concelho da Torre de Dona Chama), comarca de Mirandella, arcebispado de Braga, districto de Bragança.

Foi supprimida ha muitos annos, e está annexa á freguezia de Villas-Boas, no mesmo concelho.

RIBEIRO — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Viveu n'esta aldeia, no primeiro quartel d'este seculo, Antonio Correia de Magalhães, professor de latim, que, á força de palmatoadas e puchadellas de orelhas, ensinou muitos discipulos, pelo que houve n'esta freguezia, por esse tempo, um numero extraordinario de padres e frades.

RIBEIRO (quinta do)—Douro, na freguezia de S. Lourenço do Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, bispado e districto do Porto, d'onde dista 40 kilometros a E. N. E.

Está esta quinta situada sobre a margem direita do rio Douro, e é o solar da antiga e nobre familia dos *Vieiras Cabraes,* pelo casamento de D. Brites Vieira, com Pedro Gonçalves Cabral, filho de D. Nicolau Martins Cabral, commendatario de Villa-Boa-do-Bispo, e irmão de Julio Geraldes, vassallo do rei D. Fernando I, ambos (os irmãos) sepultados em nobres mausoleus, na egreja de Villa-Boa-do-Bispo.

É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Carlos Leme Guedes, da quinta do Bairral, na extincta villa de Entre Ambos os Rios, freguezia de Santa Clara do Torrão, comarca e concelho de Penafiel, bispado, districto e 36 kilometros ao E. N. E. do Porto, sobre a direita dos rios Tamega e Douro.

Leme, é um appellido nobre em Portugal, e veiu de Flandres. Passou primeiro á Hespanha um membro d'esta familia, que fez seu assento na cidade de Burgos, na Castella-Velha, e d'ahi passou a Portugal, na pessoa de D. Martim Leme, no reinado de D. Affonso V, ao qual fez grandes serviços nas guerras da Africa. Em premio d'el-

les, o rei mandou reformar as suas antigas armas dos Lemes, que ficaram construidas do modo seguinte—em campo d'ouro, cinco merlêtas negras, em aspa: élmo d'aço aberto, e por timbre, uma aspa d'ouro, e no centro, uma das merlêtas do escudo.

Os descendentes de Manuel Leme, variaram o seu escudo, do modo seguinte — em campo de prata, tres merlêtas[1] negras, em roquête: élmo d'aço aberto, e por timbre, uma aspa de prata, com uma das merlêtas das armas, no centro.

Ainda outros Lemes usam, em vez de merlêtas, cinco passaros pardos, sem pés (mas com bicos) em aspa. Elmo e timbre, como dos primeiros Lemes.

As armas dos Vieiras, são—cinco vieiras (conchas) d'ouro, realçadas de negro em campo de púrpura. (Vide *Sabugosa*, nos seus marquezes).

Em *S. Lourenço do Douro* direi mais alguma coisa sobre a familia hoje representada pelo sr. Carlos Leme Guedes.

RIBEIRO DE FRADES—logar, Beira-Alta, na freguezia de Lourosa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 3 kilometros a E. de Viseu, e dentro do seu àro.

Além das capellas já mencionadas na ultima *Lourosa* (vol. 4.º, pag. 466, col. 1.ª, no fim), ha mais a seguinte:

Nossa Senhora do Ribeiro de Frades, edificada em uma muito antiga e nobre propriedade, chamada *Quinta dos Frades*, e proximo do ribeiro que deu o titulo à Senhora.

A capella denota grande antiguidade, mas não se sabe quando ou por quem foi construida.

A imagem da padroeira é tambem muito antiga, o que claramente demonstra a sua tosca esculptura.

Segundo a tradição, houve n'esta quinta um antiquissimo mosteiro de frades benedictinos, dedicado a Santa Clara, e a capella actual pertenceu a esse mosteiro, por isso ainda muitos lhe chamam capella de Santa Clara.

É certo que junto à ermida existem vestigios de um grande edificio, distinguindo-se ainda alicerces, pedaços de columnas e varias pedras lavradas, além de outros materiaes que os donos da quinta teem empregado em obras d'ella.

Junto à ermida existiu (e não sei se ainda existe) uma pedra de 2m,40 de comprido, cavada pela parte superior, em fórma de sepultura.

Alguns sustentam que o mosteiro não foi de frades benedictinos, mas de freiras franciscanas, das quaes foi matriarcha Santa Clara, visto que foi esta santa a padroeira do mosteiro; mas contra isto ha a ponderar, que a tradição diz que o mosteiro foi destruido pelos mouros, no seculo VIII, e ainda então não existia a ordem franciscana; e, de mais a mais, o nome de *Quinta dos Frades*, que sempre teve a referida propriedade.

Já em 1716 se queixava frei Agostinho de Santa Maria, do grande descuido que tinha nos reparos da ermida, o seu padroeiro, que era então, Antonio Coelho de Campos.

Antigamente hia todos os annos, na ultima oitava do Espirito Santo, uma procissão, da egreja matriz, visitar a ermida da Senhora, levando todos os sacerdotes que havia na parochia, e grande concurso de povo.

Não tinha dia certo para a sua festa, era marcado pelos devotos.

RIBEIRO DE POMBEIRO — pequeno rio, Douro. Nasce na serra de Santa Quiteria, junto ao logar do Salgueiral; passa junto a Pombeiro, e desagúa no rio Alva, no sitio chamado *Foz da Ribeira*. Cria barbos, bógas e algumas trutas.

Na mesma serra de Santa Quiteria, nasce a ribeira de Sarnadella, a qual, depois de receber no seu precurso alguns regatos, morre tambem no Alva, com 5 kilometros de curso.

RIBEIROS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães), 30 kilometros ao N. E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

[1] Merlêta, é um movel da armaria, que representa um pequeno melro, de perfil. Em alguns brazões se vê sem pés nem bico.

Em 1757, tinha 108 fogos.

Orogo, Santa Maria.

Arcebispado e districto de Braga.

As religiosas do mosteiro de Santa Clara (franciscanas) de Guimarães, apresentavam o vigario, collado, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

RIBOLHOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757, tinha 27 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Teve antigamente foro de villa e foi couto, mas nunca teve foral, novo ou velho.

RICHOSO ou **ROCHOSO**—freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, e 18 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 202 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O cabido da sé da Guarda apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

Segundo a tradição, o nome da aldeia de Richoso proveiu de um senhor d'ella muito demandista e turbulento, por isso cognominado o *Rixoso*. Conservou este nome (a povoação) até ao principio d'este seculo; mas desde então, o povo preferiu que a sua freguezia se denominasse *Rochoso*, e é como hoje se vê em documentos officiaes.

Junto á aldeia de Rochoso, mas já no districto da freguezia de Cerdeira, existe uma capella antiquissima, dedicada a *Nossa Senhora do Monte*.

A imagem da padroeira é notavel, por ser apenas um seixo rolado, de fórma oblonga, sem obra alguma d'arte, e cavado por um lado (onde lhe *fingiram* as costas) mas tambem obra da natureza.

A pedra é durissima, e n'ella adaptaram uma cabeça, braços e mãos, que tudo vestiram, e assim construiram uma imagem da Santissima Virgem! Tem 1^{m},10 de alto.

Apezar da imperfeição da sua esculptura, é objecto de muita devoção para os povos d'estes sitios, e lhe faziam antigamente, trez grandes festividades, havendo tambem em cada uma d'ellas uma boa feira, e todas muito concorridas. A 1.ª, era no dia de S. Bento (21 de março)—a 2.ª, a 15 de agosto, dia da Assumpção da Senhora—e a 3.ª, dia da sua Natividade, a 8 de setembro.

Tudo isto acabou.

Tinha um eremitão, apresentado pelo parocho de Cerdeira, para cuidar da conservação e asseio da ermida.

RICIÃO.—Vide *Recião*.

RICO-HOMEM—foi o titulo mais honorifico na nossa Peninsula, desde o tempo dos reis das Asturias.

Nas leis Affonsinas (parte 4.ª, tit. 25. leg. x), se diz — *Ricos omes, segundo costumbre de Espanha, son llamados los que en las otras tierras dizen Condes, o Barones.*

Eram os ricos-homens, mestres de campo, e generaes na guerra; e só elles podiam levantar gente d'armas e sustental-a, sem reconhecerem outra auctoridade senão a do rei, do qual haviam recebido o titulo, e os senhorios com que podessem sustental-o.

Eram do conselho do rei, e tinha grande peso o seu voto, tanto em cousas de paz, como nas da guerra.

Podiam ajudar, com seus vassallos, os reis de outra nação, quando a sua podia dispensar os seus serviços.

Só podiam hir á guerra, quando o monarcha fosse em pessoa.

Os seus vassallos gosavam os mais exorbitantes privilegios.

As mulheres dos ricos-homens, se chamavam *ricas-donas*, e logravam as preeminencias de condessas, e seus filhos eram infanções.

O *pendão* e a *caldeira*, eram o distinctivo dos ricos-homens, e por isso se denominavam *ricos-homens de pendão e caldeira*. Significava o pendão, que podiam levantar gente de guerra, e a caldeira, que a podiam sustentar e pagar-lhe.

Algumas vezes, quando o rei creava um

rico-homem, lhe dava logo o pendão e a caldeira, como insignias da sua auctoridade e preeminencia.

No seculo XV, se mudou o titulo de ricomem, no de conde, visconde, ou barão.

RIGO—port. ant.—rijo, forte, duro, etc.

RIMAR—port. ant.—decente, honesto, etc. — *Cá* (porque) *mais rimaria ao Fidalgo comprar 10 gibanetes pera quando cumprisse, que despender quanto háa em louçaynhas.* (Côrtes de Lisboa, de 1459.)

RIO-CABRÃO.—Vide *Cendufe.*

RIO-CALDO—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde (foi do concelho de Santa Martha de Bouro, comarca da Povoa de Lanhoso), 24 kilometros ao N. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757, tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 560$000 réis de rendimento annual.

Caldo, é portuguez antigo—significa *amarello.*

Junto á povoação de Rio-Caldo, existiu, segundo alguns, a antiga cidade de *Obobriga.* (Vide esta palavra).

Tambem alguns dão a esta *cidade morta,* o nome de *Abobriga* ou *Abobrica.*

É certo que esta cidade era na Galliza, e pertenceu á Mancellaria de Braga. (Plinio, livro 4.°, cap. 20) mas alguns pretendem que fosse no logar da actual Villa do Conde (Baudrand, *Lexicon geographico.*)

O *Agiologio Lusitano,* diz que existiu entre Lindoso e Manim, no sitio chamado *Calhas de Santa Eufemia,* junto á aldeia de Rio-Caldo.

Isaac Vassio. nas *Notas* ao livro 3.°, cap. 1.°, de Pomponio Mella, diz que *Abobrica* era na actual Corunha.

Segundo o latinorio de Mella, a que Vossio se atem, era com effeito no paiz dos artabros, hoje Corunha.

Eis a traducção :

«Nos Artabros está uma enseada, apertada na bôca, que recebe o mar, em dilatado ambito, e rodeia a cidade de Abobrica e as fozes de quatro rios.»

Na inscripção da ponte de Chaves, que copiei no logar competente, e que designa os povos que ajudaram á construcção d'esta obra, e que todos estanceavam a pouca distancia de Chaves, se designam os *aobrigenses,* que eram os habitantes de Abobriga.

D. Jeronymo Contador de Argote (Mem. do arceb. de Braga, tom. 1.°, pag. 376) pretende que esta cidade existiu onde hoje se vê Ribadavia, povoação da Galliza, não muito distante de Chaves.

Talvez que houvesse duas cidades, uma chamada *Obobriga,* e outra *Abobriga,* e que isto seja a causa da divergencia de opiniões dos escriptores.

Seja como fôr, o que é certo, é que nem em Rio-Caldo, nem nas suas proximidades, ha vestigios de semelhante cidade.

Entre esta freguezia e a da Ventosa, e sobre o rio Cávado, havia uma ponte, cuja construcção primittiva se attribue aos romanos, para seguimento da *estrada da Geira.* Foi reconstruida no reinado de D. João V; mas, estando em mau estado, foi reedificada, desde os fundamentos, em 1874. Chama-se mesmo a ponte de Rio-Caldo.

Vide *Villar da Veiga.*

RIO-COBRAL—rio, Beira-Baixa, tambem chamado *Levada.* É uma derivação do rio Alva, junto á ermida de Nossa Senhora do Desterro, a par de S. Romão, no concelho de Cêa.

Tem 27 kilometros de curso; passando pelos concelhos de Cêa, Sandomil (extincto) e Oliveira do Hospital.

Desagúa no rio Cêa, no *ponto dos Pisões,* já no extincto concelho do Ervedal (hoje de Oliveira do Hospital). Rega tambem as freguezias de Travanca e Lagares.

RIO-COVO — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 53 fogos.

Orago, Santa Eugenia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do mosteiro de conegos seculares, de S. João Evangelista (loyos) da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha 250$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Foi do antigo julgado de Vermoim.

Em junho de 1874, cahiu sobre esta freguezia uma *tromba d'agua*, que causou prejuizos superiores a 3 contos de réis.

O rio Cávado, que aqui passa, cresceu de tal modo, que um moleiro morreu afogado, apezar de ter subido para cima do telhado do moinho!

Tambem morreu bastante gado afogado.

RIO-COVO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 280 fogos.

Orago, Santa Eulalia (antigamente dizia-se Santa Olaia.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda dos templarios, e depois passou para a ordem de Christo.

Foi do antigo julgado de Vermoim.

Ha n'esta freguezia a capella de *Nossa Senhora das Aguas Santas*, titulo que lhe deram em razão de uma nascente de agua mineral que aqui ha, e que foi em tempo muito concorrida de pessoas que n'ella se vinham banhar, esperando achar remedio para as suas enfermidades.

Em tempos antigos, foram estas aguas ainda muito mais frequentadas, pois que, pelos annos de 1700, em uma excavação que se fez no sitio da nascente, se acharam soterrados varios tanques, proprios para n'elles se tomarem banhos.

Houve n'esta ermida uma confraria, toda composta de sacerdotes, instituida em tempos de que não ha memoria. Os seus estatutos foram reformados em 1641, e approvados pelo pontifice Urbano VIII.

Os irmãos lhe faziam a festa na 2.ª oitava da Paschoa, e era sempre muito concorrida.

RIO DE COUROS ou RIO DOS COUROS—freguezia, Extremadura, concelho de Villa Nova d'Ourem, comarca de Thomar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho d'Ourem), 30 kilometros de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 180 fogos.

Bispado de Leiria.

Districto administrativo de Santarem.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

O cabido da collegiada d'Ourem apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Deu-se a esta freguezia o nome de Rio de Couros, porque antigamente havia aqui muitos cortumes.

Foi annexa á freguezia de Freixianda; mas as offertas e oblações eram do extincto cabido (collegiada) d'Ourem.

Consta que existiu aqui uma cidade, ou grande povoação, cujo nome se ignora.

É certo que na egreja matriz se vêem algumas lapides romanas, cujas inscripções estão illegiveis, e com cujas pedras se construiu a egreja, que, antes de ser parochial, foi por muitos annos capella, dedicada a Nossa Senhora de Rio de Couros (ou *Radecouros*, como antigamente se dizia) e que por fim se mudou para Nossa Senhora da Natividade, que é a actual padroeira.

Fez-se-lhe sempre a festa principal a 8 de setembro, e havia então uma boa feira, que ha muito tempo se não faz.

Em excavações que se teem feito nas visinhanças da egreja, se tem achado ossos de homens de grande estatura; craneos em proporção, ainda com dentes; cippos; alicerces; pedaços de telhas, de 5 centimetros de espessura; e outros objectos, denotando todos grande antiguidade.

Na egreja existe uma arca de pedra com sua tampa. Segundo a lenda, era a prisão de um captivo christão d'esta terra, que a Senhora trouxe aqui na mesma arca, livrando-o do captiveiro.

Para evitarmos repetições, e para se comprehender bem este artigo, é preciso ver o ultimo periodo da col. 2.ª, pag. 324, do 6.º volume.

RIODÁDES ou RIO D'ÁDENS—Outros dizem *Rio d'Aves*, mas não me conformo, visto que aos adens (patos) se chamava antigamente *ádes* — freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho, e 22 kilometros de S. João da Pesqueira (foi da comarca de Taboaço, con-

celho de Trevões), 40 kilometros de Lamego, 10 de Moimenta da Beira e 320 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, e districto administrativo de Viseu.

O reitor de Paredes da Beira, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar. A congrua era paga pela Universidade.

Dava-se na apresentação dos curas d'esta freguezia uma singularidade digna de nota. Havia annos em que eram apresentados dois curas parochos, com eguaes honras, direitos, interesses e responsabilidade.

É reitoria desde 23 de janeiro de 1870, sendo em 1.º reitor, collado, o sr. padre Geminiano José Gomes, hoje abbade (tambem o 1.º) de S. Pedro de Páus.

É povoação muito antiga, e era solar de muitas familias illustres. Hoje, porém, só aqui reside a dos Azevedos, representada pelo sr. Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento.

A egreja matriz torna-se notavel pela sua pobreza e abandono. É talvez o templo parochial mais ordinario de Portugal! É muito antiga, pois do lado esquerdo da porta principal, na parte exterior, se vê a data de 1110, não se sabendo, se é a da sua fundação, se de alguma reconstrucção. Se fôr a era de Cesar, como é provavel, é o anno de 1072 de J. C.

A povoação principal é compacta, e situáda em logar ameno e com bonitas vistas, sendo o seu territorio muito fertil, por estar na margem direita do rio Távora. Vêem-se aqui arvores de prodigiosa grandeza, principalmente castanheiros, pereiras e marmelleiros.

Havia um freixo que media 5 metros de diametro no tronco: um rapaz, por brincadeira, o incendiou ha uns 10 ou 12 annos; era a maior arvore d'estes sitios.

A quinta do referido sr. Azevedo é notavel pela sua fertilidade: um só pé de trigo, deu em um anno 86 espigas, e outro pé de centeio 122!

Produz muito e bom vinho, azeite, linho, cereaes, legumes, fructas, etc.

Tem uma boa ponte de pedra, de um só arco, sobre o rio Távora, que liga esta freguezia com a de Sendim: é a mais alta que se vê sobre o Távora, nos 54 kilometros do seu curso.

No alto de um monte bastante elevado, está a capella de Nossa Senhora da Alegria, de muita antiguidade, e com formosas e dilatadas vistas.

Foi reparada, com as esmolas dos devotos, pedidas pelo reverendo parocho, em 1876.

A sua festa principal, é no dia da Ascenção de Nosso Senhor Jesus Christo, e é concorridissima, por ser a padroeira objecto de grande devoção para os povos d'esta freguezia e circumvisinhas.

Ha mercado em todos os 2.os domingos de cada mez, muito concorrido.

Ainda pelos annos de 1700 existiam aqui as seguintes familias de antiguidade e nobreza conhecida:

Guedes—cuja casa ainda existe, e mostra muita grandeza e antiguidade.

A ultima pessoa d'esta familia, foi a sr.ª D. Antonia, esposa do sr. Antonio Perfeito, de Cambres.

Leitões-Loureiros—hoje representados pelo sr. Antonio Velloso da Costa Aragão, do Minhocal.

Rebellos—hoje representados pela sr.ª D. Maria Feliciana Rebello de Faria, esposa (em 2.as nupcias) do sr. José de Lemos e Napoles.

A familia dos *Pimenteis Botelhos*, constitue hoje trez casas distinctas e muito illustres.

1.ª, a sr.ª D. Maria da Piedade Azevedo Menezes, viuva de Ayres de Sá Botelho.

2.ª, o sr. Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento (de quem já fallei) casado com a sr.ª D. Anna Amelia Pinto de Mesquita e Vasconcellos.

3.ª, o sr. desembargador, Salvador de Souza Rebello.

Ainda aqui existe a familia de Antonio Ferreira da Silva Santos, representada por seu filho unico, o sr. José Joaquim Affonso Ferreira da Silva Santos, casado com a sr.ª D. Maria da Estrella Pinto Saraiva de Meirelles Falcão e Aragão.

—

No Távora ha varias azenhas de moer cereaes, e nas suas levadas se cria bastante e optimo peixe.

—

Antigamente tinha Riodádes foro de villa, assim como Paredes da Beira, sua limitrophe, havendo em cada uma das freguezias egual numero de auctoridades, com poderes em tudo eguaes. Pertencia então á comarca de Trancoso.

Os dizimos d'esta freguezia pertenciam á universidade de Coimbra.

A parochia é formada unicamente pela povoação de Riodádes, e é corrente ser mais antiga do que a monarchia portugueza.

Foi resgatada do poder dos mouros, bem como todas as mais povoações e territorios immediatos, pelos tantas vezes citados n'esta obra, D. Thedou e D. Rauzendo.

A egreja matriz está no centro da povoação; mas é tradição que a primittiva foi um templo que existiu no sítio chamado hoje *o Santo*, a uns 250 metros da povoação actual, e no qual ha uma ermida, dedicada ao Salvador, que se diz ser a capella-mór da antiga matriz; revela grande antiguidade.

Então a freguezia era formada por varias quintas e casaes dispersos, do que ainda existem vestigios nos sitios hoje denominados *Ferrarías*, *Parada*, *Carrolas*, *Maria Diz*, *Maria Vaqueira*, *Pae Fernandes* (talvez corrupção de Payo Fernandes) e *Maria Martins*.

Fica nos limites d'esta parochia, parte do célebre *Valle dos Mil* (vide *Paredes da Beira*) onde se feriu uma batalha, na qual os mouros ficaram mortos aos milhares.

Tambem no districto d'esta freguezia é o *Valle de Mós*, onde se encontram sepulturas abertas na rocha, o que demonstra ter sido um almocabar (cemiterio) mourisco; e tanto em *Carapito*, como em *Roborêdo*, que ficam ao N.E. e proximo do Valle de Mós, se vêem ruinas de antiquissimas fortalezas.

—

Ha n'esta freguezia uma nascente d'aguas férreas, que já foram muito concorridas; dorém o dono da propriedade em que ella brotam, as inutilisa, misturando-as com outas, para irrigação.

Tem a parochia um cemiterio decente, com um bonito portão de ferro, feito em Adorigo, por o sr. Manoel Carlos Valente, artista de muito merecimento, e rico proprietario. É irmão do sr. Francisco Cardoso Valente, um dos mais acreditados negociantes da praça do Porto.

Proximo ao cemiterio parochial, ha um môrro chamado da *Atalaya*, que, segundo a tradição, foi uma almenára dos lusitanos.

—

Esta freguezia, pela fertilidade do seu terreno, podia ser uma das mais ricas do concelho, mas é pobre por duas razões:

1.ª, porque os maiores proprietarios dos terrenos são de fóra da terra;

2.ª, pela falta absoluta de estradas. D'aqui á villa da Régua são apenas 30 kilometros, e o transporte de um carro de bois, custa para lá, 4$500 réis, por que tem de hir a Moimenta da Beira e a Lamego, fazendo uma derrota de 55 kilometros!

—

Muitas das familias que tiveram os seus solares em Riodádes, e que aqui não menciono, vão nas terras onde hoje residem.

RIO DE FÓRNOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, mas da comarca de Bragança), 70 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757, tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Espectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Paçô apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no principio d'este seculo e está unida á de Valle de Janeiro, do mesmo concelho.

RIO DE GALINHAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extincta comarca e concelho de Soalhães), 35 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Tuhias apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

RIO DE LOBA—freguezia, Beira-Alta, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Viseu, 45 kilometros de Lamego, 75 de Pinhel, 90 ao S.E. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Orago, S. Simão.

Não vem no *Port, Sacro e Prof.*, nem pude d'esta freguezia ter outra noticia, senão que é terra fertil, e que cria muito gado.

RIO DE MEL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 48 kilometros de Viseu, 325 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757, tinha 136 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O abbade da freguezia de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

RIO DE MOINHOS — freguezia, Alemtejo, comarca e 12 kilometros de Extremoz, concelho de Borba, 40 kilometros de Evora, 145 a S.E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 194 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo, 50 de cevada e réis 50$000 em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes.

Em 10 de abril de 1867, foi feito barão de Rio de Moinhos (mas não sei de qual) o sr. Manoel Augusto de Almeida Vallejo.

Na herdade do Seixo, d'esta freguezia, ha uma mina de ferro, que promette ser abundante.

A 3:500 metros da villa de Borba, nos limites d'esta freguezia e da do Sobral, é a planicie de *Montes-Claros*, onde em 17 de junho de 1665 se deu a gloriosa batalha por isso chamada de Montes-Claros.

Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º, pag. 418, col. 2.ª—e 5.º vol., pag. 534, col. 2.ª

RIO DE MOINHOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757, tinha 266 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra e o mosteiro de monges benedictinos de Paço de Souza, apresentavam o reitor, que tinha 240$000 réis.

É terra muito fertil.

Os dizimos d'esta freguezia, eram para os Leites Pereiras, de Campo-Bello, como administradores da capella dos Reis, no convento de S. Francisco do Porto, com obrigação de casarem certo numero de orphans.

RIO DE MOINHOS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros da Guarda, 144 ao E. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757, tinha 256 fogos.

Orago, Santa Eufemia.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem. (Foi do bispado da Guarda.)

O vigario da freguezia de S. Vicente, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 120$000 réis.

É terra fertil.

RIO DE MOINHOS—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 160 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte do Lima) apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Metade d'esta freguezia e da sua annexa, S. Thomé d'Aguião, era um beneficio simples dos mesmos viscondes.

É n'esta freguezia a torre de Rio de Moinhos, com um casal annexo, que foi de Garcia Rodrigues de Caldas, do Paço de Vascões, e de sua mulher, D. Leonor de Souza.

Doaram-o a sua filha, D. Isabel Rodrigues de Caldas, casada na Galliza, na casa de Lira.

Ficando viuva e sem filhos, casou com João Rodrigues de Novaes e Ozores, fidalgo gallego, senhor dos coutos de Pedra-Furada, Souto-Nobre, Corcãos, Tinellas e Fiães, em cuja descendencia se continuou até á guerra dos 28 annos (1640 a 1668).

Então, Garcia Ozores Sotto-Maior e Lemos, conde de Amarante, e senhor d'aquella casa, o vendeu a Gonçalo de Mello e Lima, e é hoje de seus descendentes.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade, que exporta. Nos seus montes ha bastante caça.

Foi abbade d'esta freguezia, Antonio Damazo de Castro e Souza, que falleceu no 1.º de julho de 1876.

Nasceu em Lisboa, a 11 de dezembro de 1804, e era filho de Antonio Caetano de Castro, fidalgo da casa real, e de sua mulher, D. Ursula Thereza Rosa de Souza.

Foi Antonio Damazo de Castro e Souza (vulgo o *Abbade Castro*) academico honorario da academia das Bellas-Artes; socio do conservatorio real, de Lisboa; socio de merito, da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; commendador de numero, de Isabel a Catholica; grande official da ordem do Nicham, de Iftihar de Tunes; condecorado com os habitos de diversas ordens, civis e militares; adjunto do provedor da Santa Casa da Misericordia, de Lisboa, etc.

Compoz varias obras de grande valor litterario, e tidas em grande apreço pelos entendidos.

A todos estes dotes scientificos, reunia outros, não menos apreciaveis: era de uma extrema bondade de coração, amigo dedicado, affavel, modesto e caritativo, pelo que deixou perpétua saudade a quantos o conheciam.

RIO DE MOINHOS—freguezia, Beira-Alta, concelho de Satam, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757, tinha 230 fogos.

Orago, o archanjo S. Miguel.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa e cabeça de concelho.

D. Sancho II lhe deu foral, na Guarda, em 10 de julho de 1240. (Maço 12 dos *Foraes antigos.*)

O rei D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 6 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 68 v., col. 2.ª)

D. Sancho II, que estava na cidade da Guarda quando deu a esta povoação o foral velho, arrendou aos concelhos de *Zaatan* (hoje Satam) e de Rio de Moinhos, todas as suas *colheitas* (aposentadorias) por 225 maravidis novos.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado. Nos seus montes ha abundancia de caça.

Em 1876, descarregou uma furiosissima trovoada, acompanhada de vento e chuva torrencial, sobre as povoações de Luzinde, esta de Rio de Moinhos e circumvisinhas, que causou grandes estragos.

Pontões, açudes, moinhos, lagares de azeite, batataes, linhares e mais terras lavradias, ficaram destruidos e arrazados!

Ainda hoje é lembrado com horror este terrivel temporal, que reduziu muitos lavradores á miseria.

RIO DE MOURO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Orago, Nossa Senhora de Belem.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Não vem no *Port. Sacro e Profano.*

A egreja matriz é um formoso templo de trez naves. Tanto o altar-mór, como os dois lateraes, são de primorosa talha dourada.

Todas as santas imagens d'esta egreja, são de magnifica esculptura e foram encarnadas ainda ha cinco ou seis annos.

O retabulo do altar-mór, é uma pintura de grande merecimento.

Tudo aqui respira aceio e alegria.

Possue jarras lindissimas; castiçaes; algumas banquetas douradas e outras pratea-

das, e formosas maquinetas para resguardarem as imagens da humidade.

Na egreja matriz ha uma custodia de prata dourada, que em 1877 foi vendida, *por engano* (!) ao sr. visconde de Monserrate; porém, á força de reclamações tornou a vir da Inglaterra, para onde tinha hido. Esta custodia é um primor da arte de ourivesaria, e obra de grande merecimento.

Existiu aqui, por muitos annos, uma escola de instrucção primaria, protestante, fundada e regida por um padre hespanhol que para aqui veiu residir, o qual, para *casar* com uma mulher rica, d'esta freguezia, apostatára da religião catholica.

Como não havia outra escola, era esta concorrida por muitas creanças da localidade, ás quaes ensinavam doutrinas hereticas.

Uma associação de pessoas piedosas, projectou fundar aqui, uma escola catholica, para o que promoveu uma subscripção, alugou casa propria, nomeou professor e professora, pessoas sinceramente religiosas e de moral exemplar, para educarem as creanças de ambos os sexos.

Esta escola foi inaugurada no dia 19 de março de 1878, e, em pouco tempo, contou grande numero de discipulos, que fugiram da escola protestante.

O sr. Filippe José da Luz, rico proprietario e fabricante, d'esta freguezia, e fervoroso catholico, concorreu, mais do que outro qualquer, para se levar a effeito a obra d'esta benemerita empreza.

Deus lhe dará o premio dos seus louvaveis esforços e sacrificios.

Muitos catholicos sinceros, não reconhecem o grande mal que a seita protestante faz n'este reino, pelo facto do pequeno numero de pessoas que apostatam.

É um engano. É verdade que são poucos (felizmente!) os renegados até hoje, e esses pouca falta fazem ao christianismo, pelos seus pessimos precedentes; mas os propagadores da heresia, se não conseguem adeptos, semeiam nos corações da gente ignara, a indifferença e a descrença; e todos sabem que é melhor ter uma religião qualquer, do que não ter nenhuma.

Vidè *Ribeira de Fráguas.*

—

É n'esta freguezia a formosissima aldeia de *Albarraque*[1], povoação antiquissima, a 3 kilometros da de Rio de Mouro.

Ha em Albarraque uma nascente d'aguas ferreas, á qual se attribuem muitas virtudes therapeuticas.

Não só por esta circumstancia, mas para gozarem os ares puros e a amenidade d'este sitio, vem para aqui passar a estação calmosa muitas familias ricas de Lisboa.

N'esta aldeia está a formosissima capella de *Nosso Senhor dos Afflictos*, a cujo padroeiro se faz todos os annos uma festa sumptuosissima.

A sagrada imagem do Crucificado é de primorosa esculptura e de um valor artistico inexcedivel, e os povos d'estes sitios lhe consagram uma grande devoção.

RIO DE ONOR (ou de **HONOR**) — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 65 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 26.

Orago, S. João Baptista.

O reitor de Rabal, apresentava o cura, que tinha 6$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fria, pobre e pouco fertil. Fica perto da raia.

RIO DOS ODRES antigamente **RIO UTIL.** Serviu no tempo dos suevos de divisão das dioceses de Braga e Lugo.

Trata d'este pequeno ribeiro a *Divisão dos condados.*

RIO DE VIDE—freguezia, Douro, concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan (foi da mesma comarca, mas do extin-

[1] Albarraque é corrupção do substantivo árabe *albarrada*, que significa *vaso de flores*, nome que os mouros deram a este logar, pela sua belleza e amenidade.

Os arabes tambem escreviam *warrada*, que se póde traduzir pelo substantivo portuguez *rosario*, que, propriamente, significa vaso onde se mettem *rosas*. Deriva-se de wardou, *rosa*.

Depois, estendeu-se o nome ao vaso que continha, não só rosas, mas outras quaesquer flores.

cto concelho de Semíde), 15 kilometros a E. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757, tinha 78 fogos [1].

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da Foz de Arouce, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

RIO DOURO—freguezia, Minho, concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Celorico de Basto, 40 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 222 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade, benedictino, de S. Miguel de Refojos, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima. Muito gado e caça, e algum peixe do Tâmega, e de outros ribeiros.

Vidè *Cabeceiras de Basto.*

RIO FRIO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 35 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 99 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está annexa a esta freguezia, a de S. Vicente do Paço, que já fica descripta no logar competente.

São terras pobres e pouco ferteis, proximas da raia hespanhola.

Esta freguezia pertenceu ao extincto concelho do Outeiro.

Deve o seu nome ao pequeno Rio Frio, que a atravessa, e desagúa na margem esquerda do Sabôr.

Vidè o 2.º *Frio* ou *Rio-Frio.*

[1] Acho muito pouca gente. É provavelmente engano do *Port. Sacro e Prof.*

RIO-FRIO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 33 kilometros ao N. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 365 fogos. Em 1757, tinha 307 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O reitor, até 1834, era sempre um freire da ordem de Christo.

Foi mosteiro e commenda dos templarios até 1311, passando em 1319 para a ordem de Christo.

Foi aqui commendador, Payo Rodrigues d'Araujo, senhor das casas d'Araujo e Lobios, na Galliza, e das de S. Fins e Penojas, em Portugal.

Foi alcaide-mór de Lindoso, e guarda-mór de D. João I e de seu filho, o infante D. Henrique (o de Sagres).

Foi tambem commendador de Rio-Frio, seu filho, Rodrigo Alves d'Araujo, que foi sepultado na matriz d'esta freguezia, e tem numerosa descendencia, que são os Araujos de diversas casas nobres do Minho.

É povoação muito antiga, e já existia antes da monarchia portugueza.

Na aldeia do Enxerto, d'esta freguezia, houve uma torre, antigo solar de uma familia extincta.

Em 1679, era senhor d'esta torre, Balthazar de Araujo, que vendeu a pedra de que fôra construida, ao dr. Pedro Gomes Dantas, o qual com ella mandou fazer as casas, chamadas do Hospital, que passou á familia dos Caldas, de Vascões.

Ha aqui um penhasco a que chamam o *castello.* Segundo a tradição, houve n'este sítio uma fortaleza mourisca.

Junto ao penedo ainda existe uma gruta, a que chamam *lapa da moura*, por ter pertencido a uma árabe, senhora do tal castello.

RIO-LIVRE—concelho extincto, Traz-os-Montes, que depois se uniu ao tambem hoje extincto, de *Monforte do Rio Livre.*

É uma povoação antiquissima, pois já existiá no tempo dos romanos.

Teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, a 17 de junho de 1253. (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 16 in fine, e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 104 v., col. 1.ª, no principio.)

Para evitarmos repetições, vidè *Monforte do Rio Livre*.

RIO-MAIOR—villa, Extremadura, cabeça de concelho, na comarca e districto administrativo de Santarem, 85 kilometros ao NE. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757, tinha 632 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, tudo pago pela commenda.

Está situada junto do rio do mesmo nome, que, com 54 kilometros de curso, desagúa na margem direita do Tejo, quasi em frente de Salvaterra de Magos.

O concelho de Rio-Maior, é composto de sete freguezias, todas no patriarchado, e com uma população de 2:900 fogos. São—Alcobertas, Arruda dos Pisões, Azambujeira, Fráguas, Outeiro da Cortiçada, Ribeira, e Rio-Maior.

É povoação muito antiga: mas não tem foral, novo ou velho; pelo menos, Franklim não o traz.

A noticia mais antiga que encontro d'esta povoação, é uma venda feita por Pero Baragão e sua mulher, Sancha Soares, em 1177, aos templarios, da quinta parte que tinham no *poço e salinas de Rio-Maior*, cujo poço partia pelo E. com a *Albergaría do Rei*, pelo O. com D. Pardo e com a ordem do Hospital, pelo N. com marinhas da mesma ordem (*Espitalle*, se escrevia então), e pelo S. com marinhas do dito D. Pardo.

Já então as salinas de Rio-Maior eram exploradas, mas consta de memorias escriptas, que antes do seculo XII o tinham sido em muito maior escala.

Adiante fallarei sobre o estado actual d'estas marinhas.

Na aldeia da Azinheira, proxima á villa, e da sua freguezia, ha uma bonita capella, dedicada a Santo Antonio, e, perto d'ella, grandes pedreiras de optimo silex (pedreneira) que se extrahe em grande quantidade; e ainda em muito maior se tirava antes de haver armas de fulminantes.

Os povos da Azinheira, empregados na factura de pedreneiras, foram até 1834 isentos do recrutamento. Hoje, a maior extracção d'este producto, é para a Hespanha e Ultramar.

—

Rio-Maior nunca teve foro de villa, mas, sendo elevada a séde de concelho, por decreto de 6 de novembro de 1836, foi desde então considerada como tal.

A primittiva egreja matriz estava a uns 4 metros do antigo leito do rio, e a uns 50 da povoação.

Consta que havia sido feita pelos ascendentes do sr. marquez de Penalva, que eram commendadores da commenda de Nossa Senhora da Conceição, d'esta freguezia, com a obrigação dos reparos da mesma egreja; mas esta nunca se chegou a concluir.

Em 1810 principiou a arruinar-se, e d'ella apenas hoje restam as paredes e a torre, na qual ainda estão os sinos parochiaes.

Mudou-se a matriz para a pequena egreja do Espirito Santo, que pertence á irmandade da Misericordia, e é insufficiente para conter o povo d'esta grande povoação. É de simples architectura e tem altar-mór e quatro lateraes.

A requerimento do povo, foi, em 1875, ordenado, pelo ministerio das obras publicas, que se levantasse a planta para a nova egreja matriz.

Foi orçada a obra em 5 contos de réis, e os parochianos offereceram um conto.

Está marcado para local da nova egreja, o sitio onde existiu o castello mourisco de que já fallei; mas, sabe Deus quando ella se fará.

Capellas d'esta freguezia

Santo Antonio—no antigo hospicio de frades franciscanos.

Foi isto vendido depois de 1834, e a capella ficou profanada.

O seu altar era de primorosa talha dourada, e os azulejos que revestiam as paredes interiores, eram de notavel correcção de desenho.

S. Gregorio — ao E. da villa: d'ella só restam as ruinas.

S. *Miguel, archanjo*—no ponto mais elevado d'este sitio, e d'onde se gosa um magnifico panorama. Pertence á irmandade das almas.

S. Sebastião—em sitio alegre e espaçoso, e cujo padroeiro é objecto de grande devoção do povo.

Foi construida em 1569 e o alpendre feito em 1688.

Todas estas capellas são em Rio-Maior.

Santo Antonio — na aldeia da Azinheira. É publica, e festeja-se o padroeiro no seu dia.

Santo André — junto ao logar da Anteposta. A festa do padroeiro é no 1.º de janeiro de cada anno.

Tambem n'esta ermida se festeja Santo Antonio, no domingo anterior ao dia 13 de junho de cada anno.

S. Domingos e Santo Amaro — no logar da Asseiceira, a 5 kilometros da villa; publica—e cuja festa é em um dos domingos de outubro.

Desde este logar até á villa, ainda se vêem varios lanços de muros de supporte e outros vestigios, da antiga estrada militar, de Lisboa para Peniche, e que passava pela villa.

S. João Baptista — no logar da Fonte da Bica: é publica, e se festeja no seu dia.

Tambem n'esta capella se festejam todos os annos as imagens de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Nossa Senhora da Ajuda, Santo Antonio e S. Sebastião.

S. Payo—na quinta do mesmo nome, hoje propriedade do sr. Vicente Augusto de Araujo Camizão.

Antigamente, quando alguem tinha sesões, recorria a este santo, e hiam á sua capella em romaria, e alli comiam sopas de ovos!

Este costume acabou; mas ainda se faz uma festa annual ao padroeiro.

Nossa Senhora da Luz—em uma propriedade da sr.ª Viuva Caldas, de Santarem. A padroeira é objecto de grande devoção dos povos d'estes sitios, que lhe fazem uma esplendida festa, no dia designado pelos devotos.

Santa Anna — na serra das *Bôccas*. Está em ruinas.

Nossa Senhora de Nazareth — na antiga quinta do *Jogadouro*.

Tanto a capella como as casas da quinta, foram devoradas por um incendio, em 18 de janeiro de 1823.

Segundo a tradição, esta quinta já existia no tempo dos mouros, e o seu nome lhe provém de um jogo que elles aqui jogavam, com bolas e paus de ouro, ou dourados. É certo que ha uns 30 annos, em uma excavação que se fez n'esta propriedade, appareceram algumas pequenas barras de ouro, em fórma de disco.

Esta quinta é banhada pelo rio, e é circumdada de grandes arvores, que denotam muita antiguidade.

—

O hospicio de frades franciscanos (arrabidos) em que já fallei, foi fundado por uma D. Anna de tal, em 1763, segundo se lê em uma inscripção que ainda alli se vê, e diz — *Ædificata est aedicula Sacra Familia, 1763.*

A fundadora doou o hospicio aos franciscanos, com a obrigação de estabelecerem alli uma fabrica de bureis, para empregar as pessoas necessitadas d'esta povoação.

O edificio foi cedido á camara municipal, por um officio do governo civil de Santarem, em 1837, tomando a camara posse em 19 de fevereiro de 1838.

Estão n'elle estabelecidas as repartições publicas do concelho, camara, administração, repartição de fazenda, tribunal judicial, escola do sexo masculino.

Junto á capella de S. Miguel, já mencionada, existiu um pequeno castello, que se diz construido pelos mouros. Foi completamente demolido, e no chão que occupava se construiu uma escola de instrucção primaria, para ambos os sexos, com dois pavimentos, fundada pelo benemerito sr. João José da Costa, da quinta das Bastidas, pro-

ximo d'esta villa, que a offereceu á camara municipal. —

O rio que atravessa a povoação, e lhe dá o nome, nasce na grande serra das *Bôccas*. Ainda em 1870 brotava a agua por entre serros; hoje sae por orificios, abertos na muralha que cinge a estrada real que alli passa. É um dos sitios mais aprasiveis d'esta freguezia.

As nascentes são importantissimas, deslisando-se a alguma distancia por terreno alcantilado, mas depois entra nas ferteis veigas que circumdam as suas margens, até ao Tejo.

Segundo a tradição, parte d'esta agua era desviada, por meio de canalisação subterranea, da qual ainda restam vestigios, para uso de uma fabrica de fundição de metaes, no tempo dos árabes. Esta canalisação principiava (a julgar pelos vestigios) nas barreiras chamadas do *Tufo*, no sitio da *Buraca da moura*, e terminava no sitio das *Covas do Adro*, onde estava o tal estabelecimento metallurgico.

Em agosto de 1874, andando um lavrador a alqueivar a terra, na quinta das Bastidas [1] a um kiiometro da villa, sentiu que o dente do arado se lhe prendêra em uma grande pedra de marmore.

Deu parte d'isto ao dono da quinta, e, depois de algumas horas de trabalho, se descobriu um magnifico subterraneo, que d'esta propriedade se dirigia para o rio, passando pela quinta do *Jogo d'Ouro*. Julga-se que este subterraneo está em communicação com outros.

A tradição attribue esta obra aos mouros, mas, pela sua magnificencia e solidez, parece mais obra romana.

Hospital

Existe n'esta villa um pequeno hospital, fundado em 1619, que, segundo consta de documentos antigos, era administrado pelo hospital da Misericordia, de Santarem. Os moradores de Rio-Maior, pediram a D. José I, em 17 de janeiro de 1759, a creação de uma irmandade da Misericordia, para curar do edificio e do tratamento dos doentes pobres. O rei lh'o concedeu, por alvará de 18 de abril do mesmo anno, com obrigação de prestar contas annuaes ao provedor da camara de Santarem.

A construcção primittiva d'este estabelecimento de caridade, era acanhada e em más condições hygienicas; mas, em 1870, por donativos de bemfeitores, foi reconstruido, e actualmente é um edificio proprio para o fim a que é destinado; podendo accommodar até 30 enfermos que d'elle necessitem, na sua passagem para as Caldas da Rainha, que é para o que elle desde o principio se construiu.

Para custear as despezas do hospital, deixou a infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI, quando regente, e por alvará do anno de 1826, para a Misericordia, os rendimentos das irmandades do Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores, e S. Sebastião.

Estradas

Passava por esta villa a estrada real, de Lisboa ao Porto, mandada construir por D. Maria I, e n'ella se encontram algumas obras

[1] Ha muitos sitios em Portugal com o nome de *Bastida* (em algumas partes corrompido em *Vestida*) e é provavel que nem todos saibam a significação d'esta palavra.

Bastida, era uma torre de madeira, que egualava ou excedia a altura das muralhas da praça que se queria atacar, e para da tal torre atirarem os bésteiros.

Dava-se tambem o nome de bastidas, ás trincheiras ou palissadas, com que se defendiam as posições militares, ou mesmo qualquer povoação; e egual nome tinham todas e quaesquer obras de defeza.

Finalmente, tinham ainda o nome de bastida, a *balsa* ou jangada, de muitos páus, presos e ligados entre si. (*Vida de D. João I*, por Lopes, parte 1.ª, cap. 64.—*Damião de Góes*, fl. 70.

Julgo que herdamos esta palavra dos normandos, que diziam *bastille*, com a mesma significação.

Foi celebre a *Bastille* (bastilha) de Paris, fortaleza construida por Carlos V, rei de França, em 1369, para defender a cidade das invasões dos inglezes, e que depois foi convertida em prisão do estado. Os republicanos francezes a arrazaram, a 14 de julho de 1789.

d'arte de muita importancia, como as pontes da Asseiceira, e Fonte-Branca: havia tambem a da Amieira, que foi demolida. As outras ainda estão bem conservadas.

Ao sul da villa, foi construida, em 1870, por conta do governo, uma optima ponte de cantaria e alvenaria, sobre o rio. É municipal.

Actualmente, é atravessada pela estrada real em construcção, que hade ligar Santarem com a praça de Peniche, e com a que liga esta villa com a estação do caminho de ferro da Ponte de Sant'Anna.

É n'esta estrada a ponte de *Freiria*, cujo taboleiro foi lançado a 27 d'abril de 1876. Esta ponte está entre Rio-Maior e o Cartaxo.

Offereceu grandes obstacnlos a construcção dos fundamenios para os encontros.

A ponte é de ferro, e tem 40 metros de vão, e a viga é em treilli, com 4 metros de altura. A sua construcção foi dirigida pelo distictissimo engenheiro, o sr. Domingos da Apresentação Freire, que foi o auctor do projecto.

Foi construida pela acreditada casa *Fivès Lille*.

Ao acto do lançamento do taboleiro assistiram os administradores de Rio-Maior e Cartaxo, as camaras municipaes d'estes dois concelhos, o director das obras publicas do districto, os engenheiros da mesma direcção, mr. Labille (representante da empreza constructora Fives-Lille) e mais de 4:000 pessoas das visinhanças.

Durante a operação, tocaram as philarmonicas do Cartaxo e Rio-Maior, e houve differentes vivas.

A ponte é no sitio chamado *Porto da Freiria*.

Andam em construcção, a estrada de Rio-Maior a Alcobaça, e a da mesma villa a Torres Novas.

Ha tambem uma boa estrada municipal, nova, que vae d'aqui á aldeia das Alcobertas, na extensão de 3 kilometros.

Já se vê que este concelho não é dos mais mal dotados, quanto a viação publica.

—

Esta villa tem tido muito desenvolvimento; possue alguns bons predios, de construcção moderna; tem bons estabelecimentos commerciaes, cujo movimento é de bastante importancia.

Ao E. e S., estendem-se por mais de 12 kilometros, magnificos pinheiraes, cuja madeira, pela sua boa qualidade, tem prompta e vantajosa exportação para differentes localidades do districto e para Lisboa.

Ao O., existem inexgotaves pedreiras de cantaria e alvenaria, d'onde se extrahem e exportam grande numero de carradas de pedra, não só para differentes obras do concelho, como para outras localidades, algumas das quaes estão a mais de 30 kilometros de distancia.

Minas

Nas visinhanças d'esta villa, e dentro dos limites do seu concelho, ha minas de differentes metaes e metaloides. Os *aflor amentos* mais visiveis, são:

Pyrites de ferro, ao S. da villa, no sitio chamado Fonte-Rabaça. É de pouca importancia, apezar de conter alguma prata; mas, em tão diminuta quantidade, que não promette bom resultado a sua lavra.

Antracites (carvão mineral) existem minas em differentes partes do concelho, que se não exploram, por desmazello, ou por falta de capital.

Cobre, ao N. da villa, proximo ao logar da Fonte da Bica. Não se explora.

Enxofre, na serra da Senta. Tambem não se explora.

Chlorurêto de sodium, metaloide descoberto por Schéele, em 1771. É a mais importante de todas, e inexgotavel. É esta mina que dá origem ás famosas *marinhas de Rio-Maior*.

Em junho de 1875, manifestou o sr. Bernardino Arêde Soveral, na camara d'este concelho, uma *mina* de pedras lytographicas, com algum minerio de prata.

Aguas mineraes

Abundam por estes sitios as nascentes de optima agua-ferrea, mas, infelizmente, nenhuma aproveitada, pela incuria dos povos do municipio.

Ha tambem algumas nascentes de aguas sulphorosas; mas, nem estas, nem aquellas, foram ainda competentemente analysadas.

—

Ha tambem abundancia de boa agua potavel, e, em 1864, com um subsidio do governo, construiu a camara mais dois chafarizes.

—

Ha em Rio-Maior uma feira annual, nos dias 1, 2 e 3 de setembro, na qual se fazem importantes transações, principalmente em gados, madeiras, generos alimenticios e outros. Antigamente, fazia-se esta feira nos dias 15, 16 e 17 do mesmo mez: é concorridissima.

—

Proximo á aldeia da Fonte da Bica, é o sitio chamado *Valle das Laranjas*, pelas muitas e optimas que produz, e que são das melhores (senão as melhores) de todo o reino; pelo que dão em toda a parte muito mais dinheiro do que outras quaesquer. Em Lisboa são muito apreciadas.

—

O clima d'este concelho é um dos mais saudaveis da provincia.

—

Em 1876 construiu-se um theatro, a expensas da associação denominada—*Progresso dramatico rio-maiorense*.

Alem d'esta associação, ha mais as seguintes:

Gremio de instrucção e recreio rio-maiorense, estabelecida em um magnifico predio, no melhor sitio da villa, e formado pelas pessoas mais importantes do concelho, e de alguns cavalheiros dos immediatos.

Monte-Pio, ou *associação protectora rio-maiorense*, que fornece aos socios doentes, facultativo e medicamentos.

Centro promotor rio-maiorense, tem por fim, unir, para todo e qualquer objecto proveitoso ao concelho, os seus habitantes.

Estas duas ultimas associações, devem-se á iniciativa do sr. commendador, Vicente Augusto d'Araujo Camizão, abastado proprietario d'este concelho, e ex-delegado do thesouro em Santarem.

—

Ha n'esta villa algumas fabricas de cortumes.

—

Exporta madeiras, rezinas, sal, pedra de cantaria, pedreneiras, azeite, vinho, fructa e outros generos agricolas.

Quintas

Ha no concelho as seguintes:

S. Payo, do sr. Camizão, e da qual já fallei.

Quinta Nova e a *dos Figueiredos*, do sr. commendador Francisco Luiz dos Santos.

Assentiz e *Sanguinhal*, da viuva do commendador Freire.

Sobreiros, do sr. João da Maia Rosa.

Carvalhal, do sr. Francisco Ferreira Campos, cirurgião-mór militar.

Seabra, dos srs. viscondes da Bahia.

Bastidas, do sr. João José da Costa, d'esta villa, mas residente em Lisboa.

Alem de outras de menos importancia.

—

Ha no concelho 80 moinhos, para cereaes, alguns com duas, tres e quatro mós; e 73 lagares de azeite—servindo a todos de motor, a agua do rio.

Condes de Rio-Maior

O primeiro conde de Rio-Maior, foi feito pelo principe-regente, depois D. João VI, em 8 de janeiro de 1803. Era 16.º morgado do vinculo de Oliveira, instituido em 1262.

—

2.º—*Antonio de Saldanha d'Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 17.º morgado de Oliveira, gentil-homem da camara do rei D. João VI, grão-cruz das ordens de S. Thiago e Conceição, commendador da de Christo, embaixador extraordinario ao Brasil, em 1823, commissario-real para acompanhar o sr. D. Miguel I (quando ainda infante) em suas viagens, coronel do regimento de milicias dos voluntarios reaes de Lisboa (por elle creado.) Nasceu a 16 de novembro de 1776, e falleceu, em Vienna d'Austria, a 3 de março de 1825. Tinha casado, em 16 de novembro

de 1806, com sua prima, D. Maria Leonor Ernestina de Carvalho Daun e Lorena, filha dos terceiros marquezes de Pombal.

Foram seus filhos:

1.º—*D. Maria Francisca*, nascida a 21 de março de 1809.

2.º—*João*, que foi o 3.º conde.

3.º—*D. Maria Amelia*, nascida a 11 de janeiro de 1815, casou em 25 de fevereiro de 1835, com Luiz Carlos d'Abreu Bacellar Castello Branco, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, deputado da extincta junta do tabaco.

4.º—*Nuno*, nascido a 13 de maio de 1822.

5.º—*Luiz*, nascido a 30 de novembro de 1824 e fallecido a 12 de novembro de 1852.

—

3.º conde—*João de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 18.º morgado de Oliveira, par do reino em 1826, commendador da ordem de Christo, alferes do regimento de cavallaria de lanceiros, e ajudante de campo do conde de Villa-Flor.

Succedeu a seu pae, a 3 de março de 1825. Nasceu a 18 de setembro de 1811; casou a 22 de setembro de 1835, com D. Isabel de Sousa, nascida a 12 de julho de 1813, e era 1.ª filha dos condes de Villa-Real.

Teve dois filhos:

1.º—*Antonio*. o conde actual.

2.º—*D. Theresa*, nascida a 4 de setembro de 1837.

—

4.º conde—*Antonio de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa*, 19.º morgado de Oliveira, nascido em 8 de julho de 1836, e feito conde em 13 de agosto de 1853.

Reside no seu palacio do largo da Annunciada, em Lisboa.

—

A sr.ª condessa de Rio-Maior, é uma das damas mais caritativas d'este reino. Sempre coadjuvada por seu digno esposo, é o anjo da caridade de todos os desvalidos; e se vê á frente de todas as instituições que tenham por fim o interesse dos pobres.

Tem fundado escolas catholicas, para os dois sexos, em differentes localidades.

Obteve do governo a concessão do mosteiro das carmelitas, da rua Formosa (Lisboa) e alli fundou um asylo para cégas, que foi inaugurado em 16 de julho de 1878, com oito cegas, mas póde conter muito maior numero.

Se a sr.ª condessa não tivesse praticado anteriormente tantas obras piedosas, que exaltam o seu illustre nome, bastava esta para revelar a immensa bondade do seu coração, e para ser tão respeitada no mundo, como hade ser premiada na Bemaventurança.

A nobreza da sua alma bemfaseja, é muito superior á que herdou dos seus esclarecidos ascendentes.

Marinha de sal

A dois kilometros ao N. da villa, em um extenso valle, proximo ao logar da Fonte da Bica, está esta importantissima e juntamente famosa marinha, unica no seu genero na Peninsula Hispanica; pena é que não seja mais bem explorada.

No meio do terreno occupado pela marinha, está uma nascente inexgotavel, da qual nos mezes do estio se tira agua, *por meio de dois baldes* (!) de noite e de dia, e é conduzida, por ordem, a cada um dos depositos, ou compartimentos, feitos no sólo, com um metro de profundidade, e a que chamam *talhos*. Pertencem estes a diversos donos, e valem (segundo a distancia a que se acham da nascente) termo medio, cada talho 80$000 réis.

O sal aqui produzido, é superior em qualidade, e mais forte do que o sal marinho, ou commum.

Já vimos que, em 1177, era explorada esta marinha, e que já o havia sido em maior escala, em tempos muito anteriores.

Segundo a tradição, a marinha não era no sitio actual, mas uns 60 a 70 metros mais ao N., e a nascente tão pouco abundante que apenas dava para 6 talhos, e que fazer a 3 ou 4 homens; não chegando o sal que ella produzia, nem para o consumo das povoações circumvisinhas.

Uma pequena que andava na planicie (hoje local da marinha) apascentando uns jumentos, sabia que junto a uns juncos ha-

via uma nascente de agua, e como tivesse séde foi alli beber, mas notou que era excessivamente salgada.

Regressando a casa, deu parte d'esta circumstancia ao pae, que, junto com outros visinhos, se foram ao juncal, e alli abriram um poço, e quanto mais o profundavam, maior quantidade de clorurêto de sodium era expedida: mas a antiga nascente, secou.

Estes exploradores, trataram logo de fazer talhos, e a colher optimo sal, em bôa quantidade.

Foi-se desenvolvendo esta industria, e hoje ha, nada menos de 400 talhos, valendo cada um dos mais proximos da nascente 144$000 réis, e os mais remotos 14$400 reis.

O poço actual (d'onde brota a agua) tem 11 metros de profundidade, e 8 de circumferencia.

O sal, como o extrahido da agua do mar, forma-se por evaporação, e, quando o calor é mais intenso, está o sal prompto em quatro dias.

Dá-se ao producto d'estas marinhas, o nome de *sal espuma*. É mui claro, secco, e brilhante de tal maneira, que d'elle se formam bellissimas pyramides e varias outras figuras, como do assucar refinado *de lasca*, ou de pedra.

Excede tanto em qualidade o *sal commum* (marinho) que, para salgar carnes, basta metade da porção do extrahido da agua do mar.

É summamente saturado de muriato de sóda, purissimo, e sem mistura de muriatos calcareos e magnesianos, que se encontram nos outros saes communs, e que os tornam amargos e deliquescentes.

Saindo do logar d'esta marinha, está uma vasta planicie, cuja parte mais consideravel pertenceu aos monges bernardos de Alcobaça, e o resto a particulares. Aqui, no sitio chamado *Marinha Velha* (onde primeiramente se colheu sal) ainda nos estios se fórmam á periferia bellissimos crystaes de muriato de sóda.

N'este sitio, sobremaneira infertil, apparece com vigorosa vegetação, a *Salsola-Kali*, de Linneu, e algumas das outras plantas proprias das visinhanças do mar, e das cinzas das quaes se faz a *sóda* ou *barrilha*.

Gruta das Alcobertas

Esta maravilha da natureza, talvez sem rival na Europa, fica proximo á aldeia das Alcobertas.

Não posso dar d'ella melhor descripção, do que resumindo o que o sr. Bernardino Arede Soveral publicou no n.º 127 do *Diario Illustrado* de 4 de novembro de 1872.

Peço desculpa ao sr. Soveral por cortar as bellezas da dicção com que adornou o seu bello artigo, mas um diccionario, a não se descrever tudo sem *flores de rhetorica*, enfadaria os leitores, e augmentaria inconvenientemente o volume da obra.

Eis o resnmo da descripção do sr. Soveral:

«A dois kilometros da povoação, começa a levantar-se o dorso da serra: é ella toda cintada com fiadas de pedras, similhantes a extensissimos degráos de uma escada de gigantes, e de tal modo a prumo, que, apesar de galgarmos com ancia tão ingreme subida, gastámos n'esta tarefa quasi meia hora e quasi tambem as forças.

.....

.....

Accenderam-se portanto, e distribuiram-se os brandões de cera que levavamos. Bem depressa a luz do dia desappareceu, e esta especie de procissão caminhava á luz das tochas. Eramos ao todo 9 pessoas.

Tinhamos caminhado uns 15 a 20 metros, e a gruta já tinha uma capacidade de 3 metros de alto e 2 de largo: nas paredes d'ella começavam a apparecer camadas de diversas crystalisações, que similhavam um fôrro de musgo; mas tão branco e transparente, como se uma camada de neve, em manhã d'inverno, houvesse cahido por cima d'elle, conservando-lhe a fórme ramosa. Era lindo ver como as nossas luzes faziam refulgir uns reflexos cambiantes d'aquelles grumos apparentes de um orvalho gelado.

Tenho visto algumas das grutas que ha no paiz. Li na excellente obra de Adolphe Joanne (*Voyage illustrée dans les cinq par-*

ties du monde) as descripções de diversas grutas, e não encontrei alli, como na gruta que descrevo, tantas, tão variadas e tão imponentes crystalisações, em uma distancia de mais 300 passos, com abobadas de cinco a nove metros de altura, recamadas de estalagmites admiraveis pelo volume, pelas côres, pela transparencia e pelo brilho. É realmente surprehendente o ver como das paredes da galeria brotam umas crystalisações como se fosse vegetação de marmore e vidro, aflorando aquellas superficies perpendiculares; outras vezes, pousando aquelles ornatos sobre uns degraus que vão esconder-se nos franjados que pendem dos extremos da abobada: faz parecer que uma cascata acabava de se gelar n'aquelle momento.

A gruta das Alcobertas tem de extensão 210 metros: a galeria d'ella tem algumas curvas, e a não ser necessario subir e descer em trez logares, a 2 e 3 metros de altura, podia caminhar-se até ao fim em um plano quasi horisontal. Não é necessario descer a perigosas profundidades, como na famosa gruta das fadas, na cordilheira da Serane, onde Cimaroza, e Rossini, descendo ao abysmo do monte Tharene, e escutando os sons das harpas eolicas, recebiam, das correntes do vento, lições de harmonia. Esqueceu-me levar uma bussola para conhecer a direcção da galeria, mas pareceu-me que seguia o dorso da montanha, para o lado do Sul.

A gruta contém quatro grandes salões, o ultimo dos quaes, é colossal: em toda a galeria não ha o menor espaço de pedra nua; a abobada e lados d'ella, a não terem algumas agglomerações de crystal de rocha, podia dizer-se que eram completamente forradas de crystaes, de carbonato de cal, coloridos, brancos, opacos ou transparentes, e por isso, despertando sempre a curiosidade, pela variedade dos quadros que apresenta.

Em alguns dos intervallos dos quatro salões, ha umas curvas com uns porticos assimilhando diversas entradas para outras galerias. Apparecem alli, em um d'elles, uns cortinados, pendentes de uma especie de architrave, e assimilhando as pregas e apanhados de tecidos, encorpados, dando reflexos como se fossem bordados de lantejoulas. Em outros, nota-se a similhança de bambinellas, que ora se escondem para o centro de largas fendas cavadas nos flancos da rocha, cheias de sombras que resistem á força das nossas luzes; ora deixando apparecer na altura de 5 a 18 decimetros um agrupamento de columnas alvissimas, de diametro entre um e tres decimetros. Aquellas tapecerias consistem de uma lindissima aggregação de crystalisações calcareas, tão unidas e lizas, que o lapis mais experiente, não assombra com tanta suavidade, as voltas do encanudado de um formoso pavilhão. Ninguem dirá que teem a dureza da pedra, aquelles apanhados de pregas, de dois e trez metros de altura, coloridos diversamente por via das infiltrações de almagre, que alli ha em abundancia, e, mais ou menos saturados pela côr vermelha d'elle, formando um contraste admiravel sobre a brancura das columnas.

O primeiro salão que eu denominei—*dos orgãos*—é um dos que mais me encantou. Tem quasi cinco metros de alto, e quatro de largura: nos lados e frente levantam-se uns porticos em ogiva, de aberturas e ornatos diversos.

Notam-se alli desde a cupula até á base, ao lado esquerdo de quem vae, umas laminas separadas parallelamente por intervallos desde dois decimetros até dez centimetros, que se asaimilham a uns bastidores colossaes, de uma superficie aparentemente lapidada, e de uma espessura de 5 a 8 centimetros: póde introduzir-se por entre ellas um braço, e por isso collocámos algumas das nossas luzes na lombada, deixe-me assim dizer, d'aquelle enorme livro meio aberto; e que lindo effeito isto produzia! Alguns de aquelles diaphragmas, apesar de bem espessos, teem muita transparencia, e deixam coar, entre as luzes, uns reflexos açafroados, lindissimos.

Outros de maior espessura, e com aberturas eguaes, parecem os tubos perpendiculares de um magestoso orgam, e com a notavel circumstancia de que, batendo-lhe levemente, davam uns sons prolongados, e muito similhantes aos que são vibrados por um relogio em que a mola substituiu a campainha.

Entre este 1.º e o 2.º salão que eu denominei—das estatuas—é mister passar, subindo e depois descendo, por cima de um rochedo admiravel, e que mede apenas metro e meio de elevação.

Surprehendeu-me a quantidade de fulgor dos lampejos que se despediam da superficie d'este penhasco, quando se fazia oscillar diante d'elle uma luz. Aquella pedra tem uma superficie escura e aveludada; parece forrada de feltro, e sendo este comprimido pela mão, abate-se, e os lampejos desapparecem. Todavia creio que reapparecem; porque aquella pedra tem soffrido muitos attrictos, na passagem dos que visitam a gruta, e nós encontramol-a radiante dos seus crystaes, e tão brilhantes que pareciam milhões de pyrilampos a esvoaçar pelo meio das sombras.

A poucos passos do indicado penedo, encontra-se o 2.º salão—o das estatuas: elle tem um não sei que de triste. É um ambito curvo, de extensão aproximada a 11 metros, conservando uma largura de 5 metros, e 6 de altura. Ao approximar-nos d'este recinto, parece que do centro das sombras se levantam aqui e alem, umas estatuas, á altura de 1 metro e metro e meio.

Aquelles vultos são de uma apparencia tal, que é necessario vel-os de perto para crér que o cinzel do estatuario não andou por alli esboçando figuras humanas.

Aquellas estatuas, deixem-me assim chamar-lhes, estão em semi-circulo, e no eixo da curva, ha uns penhascos tambem cobertos de crystalisações; porém, com quanto muito resplandecentes, assentam n'uma superficie escura, e entre elles ha umas aberturas elipticas, que dão a apparencia de arcadas, além das quaes tudo são sombras.

Pareceu-nos este logar a parte central das abobadas subterraneas, proximas a Seringapatan, onde existem os mausoleos das dynastias musulmanas de outras eras.

O 3.º salão designei-o—A cathedral;—porque se assimilha ás ruinas de um templo grandioso, conservando-se ainda de pé uns restos surprehendentes que attestam a sua primeira magnitude.

O espaço é oblongo; tem 6 metros desde a base até á abobada, e na sua maior largura 5 metros.

De um lado vê-se uma rocha elevada, do volume e feição de um pulpito. As paredes, recamadas com innumeraveis crystalisações de uma belleza que não póde descrever-se, estão fendidas a prumo, assimilhando gradamentos meios destruidos.

A um dos lados vê-se uma saliencia na rocha, com uns córtes tão em esquadria que fazem parecer um altar, sobre o qual se alonga uma especie de docel, do qual pendem, á altura de 4 metros, umas curvas orladas de franjas, compostas de pequenos tubos, com a transparencia cambiante de madreperola, e terminadas por umas gotas d'agua, que de espaço a espaço descem a luzir até ao solo, constituindo uma perspectiva impossivel de pintar.

Dos outros lados d'este salão, pendem, junto á abobada, uns ornatos, como capiteis corinthios, com as suas folhas de acantho, e pousando sobre umas columnas, brancas como jaspe, parte das quaes parecem quebradas pelo meio, e parte veem-se estendidas entre pequenos montes de crystal de rocha.

Fazem lembrar aquellas esplendidas crystalisações, os delineamentos da architectura phoceana, similhante á que os Egypcios empregaram no templo de Karnac.

O 4.º e ultimo salão é enorme, e fechado por uma grande cupula de 6 metros de diametro, na altura de 9 metros!

Alli, o sr. Germano do Souto, nosso intrepido companheiro, subiu a um rochedo de 4 metros de altura, que está a um lado, e levantou a luz do seu brandão. A oscillação d'ella com as de todas as nossas tochas, formava um conjunto de reflexos tão bellos, que a mente mais opulenta de ficções grandiosas, por muito prevenida que estivesse, havia de extasiar-se alli, e conhecer que a descripção mais cheia de pompa, não ia além dos traços de uma miniatura imperfeita. Lembrei-me n'aquelle enorme subterraneo do infeliz Francisco I. Caldas, morto na Bolivia pelas commoções politicas, porque me veio á mente a descripção que elle faz da famosa caverna *Guaya Suma*, proximo ao gi-

gantesco Chimboraso, na cordilheira dos Andes.

N'este 4.º salão, ha, na sua maior altura, duas grandes aberturas ellipiticas, que indicam o seguimento de outras galerias.

Não fomos lá; porque não só faltava escada propria para hir áquella altura; mas tambem porque ninguem se afoitára ainda a hir além do ponto aonde nós fomos. Conta-se que um explorador ousado, quiz tentar a investigação do resto da gruta, mas ficou transido de terror, pelos precipicios que vira, e desistira do intento.

É possivel que seja isto verdade, e effectivamente quem intentar a exploração do resto da gruta, deve munir-se de cordas e bons companheiros, sondando com toda a cautella a solidez do fundo das galerias, e verificando de espaço a espaço se o ar é nocivo á respiração.

RIO-MÁU—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi do concelho de Penella, comarca de Pico de Regalados, extinctos) 25 kilometros ao N. de Braga, 385 ao N. de Lisboa 160 fogos.

Em 1757, tinha 102 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago, S. Martinho, bispo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 680$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Cria muito gado; é abundante de madeiras, e nos seus montes ha muita caça.

Esta freguezia é dividida da de Goães e Duas Egrejas pelo rio Neiva, que nasce na freguezia de Gondinhaços, tendo a sua origem nas vertentes do monte *Oural*.

RIO-MÁU—ribeiro, Douro, nasce na freguezia de Silva-Escura, concelho de Sevêr do Vouga. Passa junto das grandes minas do *Braçal*, e entra na direita do Vouga.

RIO-MÁU—ribeiro do Minho.—Nascia no Monte-Negro, e regava uma *villa* (casa de campo) tambem chamada Rio Máu, e passando junto á egreja do mosteiro de Santo Estevam, desaguava no rio Sanguinhêdo.

Este ribeiro mudou de nome, e ignora-se qual tem hoje.

Vem mencionado no livro *Fidei*, do cartorio do arcebispado de Braga.

Ha em Portugal varios ribeiros com o nome de Rio-Máu, mas não merecem menção n'esta obra, por serem de pouca importancia.

RIO-MÁU—bonita aldeia, Douro, na freguezia de Sebollido, concelho de Gondomar, comarca, districto, bispado e 32 kilometros a E. do Porto, sobre a direita do rio Douro.

Dá-lhe o nome um pequeno ribeiro que lhe passa ao O., e alli mesmo desagua no Douro.

Tinha uma pequena capella, dedicada a Santo Antonio, muito antiga. O sr. Amorim, natural d'esta aldeia, e que enriqueceu no Brasil, a reconstruiu á sua custa, em 1860, dando-lhe maiores proporções, e tornando-a uma magnifica ermida.

Faz-se uma grande festa ao seu padroeiro, no dia 13 de junho.

Esta aldeia fica em frente da povoação e freguezia de Pédorido, no concelho do Castello de Paiva (margem esquerda do Douro) e é no areal (*arinho*) de Pédorido que os de Rio-Mau vem fazer as suas grandes pescarias de deliciosos saveis e saborosissimas lampreias, no tempo proprio.

O rio Douro lhe produz ainda outras muitas variedades de peixe, de optimo sabor, principalmente trutas, que são das melhores do reino. Em 1846, vi uma que tinha trez palmos de comprimento! (0m,66.)

RIO-MÁU—freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros a N.E. de Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Póvoa de Varzim) 20 kilometros ao O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757, tinha 152 fogos.

Orago, S. Christovam.

Arcebispado de Braga, districto administractivo do Porto.

O prior de conegos regrantes (cruzios) de S. João da Junqueira, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a quinta de Várzea, que anda unida á de *Cavalleiros*, e das quaes é actual proprietario o sr. D. Rodrigo José

de Menezes, feito conde de Cavalleiros, em 17 de novembro de 1865.

A quinta fica perto da aldeia do Casal-Novo, na estrada de Braga á Póvoa de Varzim.

—

Esta freguezia fica perto da de Rates, e foi, em tempos antigos, da comarca de Barcellos.

Houve aquí um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) muito antigo. Ignora-se a data da sua fundação, mas sabe-se que ja existia em 1122, pois n'esse anno lhe doou D. Ouzenda Soares, filha de Soeiro Mendes[1] uma herdade que tinha junto ao rio Ave.

(Vide *Río Tinto*, o 1.º)

Em 1488, uniu o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, este mosteiro ao da Jungueira (que é a 3 kilometros de distancia) por breve do papa Martinho V.

Poucos annos depois, passou a abbadia secular, apresentada pelos cruzios de S. Simão da Junqueira.

É terra muito fertil. Gado, caça e peixe do rio Ave, que fica perto, e do mar.

—

Está a freguezia situada na margem direita do rio Éste (ou *Déste*) em um pequeno valle ao O. da serra de Rates (onde ha minas de ferro) a maior parte da qual, é dentro dos limites d'esta freguezia. Do alto d'esta serra se gosa um vasto e bello horisonte, vendo-se tambem uma grande extensão do Oceano Atlantico.

Parece que o nome d'esta freguezia procede do rio Éste, por ser n'estes sitios muito tortuoso; mas segundo a tradição, deu-se-lhe o nome de Rio-Máu, por que por baixo d'elle ha profundas cavernas e galerias, defendidas por dragões, serpentes e outros bixarocos medonhos, que guardam thesouros encantados, de grande valia.

A egreja matriz está situada quasi na extremidade S.O. da freguezia, em logar humido e acanhado: a sua architectura denota grande antiguidade. É toda de cantaria, e a abobada e pavimento da capella-mór, são de granito.

Ao lado do altar-mór, está uma inscripção que diz:

FOI FEITA ESTA EGREJA, EM 1135

mas esta inscripção é muito mais moderna do que o templo: foi copiada de umas inscripções que se acharam por detraz da tribuna, das quaes já pouco se podia ler. A mais bem conservada, ainda existe; mas não a psoso dar como é, por ter letras *dobradas*, e não haver hoje typos similhantes.

Depois de muito estudar esta inscripção pude conseguir lêr o seguinte:

IN ERA
D CXXX V
PERUS DE...
... DECANUS
... MOST.º P...[1]

O abbade do mosteiro da Junqueira, mandou reedificar esta egreja, no reinado de D. Pedro I (1357 a 1362) e foi então que se achou a lápide com a inscripção antecedente, e que se gravou em uma pedra da capella-mór a data da fundação da egreja, como atraz fica dito.

O povo acredita que esta egreja foi construida pelos mouros, para sua mesquita; mas ha uma circumstancia que destroe esta crença—qual é—os mouros não consentiam nos seus templos, ou mesquitas, figuras de homens ou animaes, e nos capiteis das columnas veem-se grupos de carrancas, bustos e cariatides, o que faz suppor que mais facilmente se póde attribuir esta construcção aos romanos do que aos mouros.

Accresce que, é facil de ver que o côro, pulpito e sachristia são mais modernos do que o resto do templo, e que no logar da actual tribuna houve uma ára, toda de pedra, que ainda existe na rectaguarda do altar-mór. Esta circumstancia e a solidez e

[1] Esta doação me confirma mais na opinião de que o famoso Gonçalo Mendes da Maia (o lidador) era natural da freguezia da *Retorta*, que fica perto d'esta, e sobre o Ave. (Vide *Guilhabreu* e *Retorta*.)

[1] *Purificavit*?—Já se vê que esta inscripção diz 635, e não 1135. Vide a nota da columna seguinte.

sumptuosidade (para aquelles tempos) do templo nos levou a acreditar que é obra romana.

É verdade que nas paredes se veem algumas cruzes, em relevo, e estatuas de bispos catholicos, mas isto não prova que o templo fosse originariamente romano. A minha opinião (que não obrigo ninguem a seguir) é que este templo foi originariamente romano. Em 635—que é a verdadeira data da inscripção, e não 1135, como entendeu quem poz a inscripção, no seculo 14.º—e nos reinados de Swintila e Sézinando[1] desappareceram da Peninsula os ultimos romanos. É pois muito provavel que este templo romano fosse purificado,[2] e convertido em egreja christan, em 635, e se considerasse esta data, como a da sua fundação. As cruzes e as estatuas dos bispos, podiam muito bem alli serem collocadas quando se reconstruiu a egreja, no reinado de D. Pedro I.

—

Os religiosos da Junqueira—freguezia visinha—mesmo depois do mosteiro de Rio-Mau ser reduzido a abbadia secular, sempre ficaram padroeiros d'elle, e aqui vinham algumas vezes cantar os officios divinos, e todos os annos receber os dizimos da freguezia, que eram d'elles.

—

A egreja tem a sufficiente capacidade para conter o povo da freguezia. A porta principal é para o lado do mar (O.) e está resguardada por um alpendre, ao lado do qual está um pequeno e tosco campanario, com um unico sino.

Tanto a porta principal da egreja, como as duas lateraes, são ornadas de columnas e arcos concentricos, de bôa esculptura.

Desde a sua primittiva construcção, tem soffrido varias reformas: a parte superior da fachada, foi reconstruida em 1742, segundo se vê de uma data alli gravada. Foi então que se demoliu o antigo campanario que alli havia, e se fez o actual.

Em 1854, quando se reformou a tribuna, appareceu, em pedaços, uma imagem do padroeiro, feita de pedra, e, provavelmente, a primeira que teve esta egreja. Foi collocada em um nicho, atraz da egreja.

Por esse mesmo tempo appareceu, enterrada no ádro, uma sepultura de pedra, de 1m,87 de comprido (oito e meio palmos) e já antes d'isso se tinham achado outras. Algumas foram destruidas, outras estão servindo de pias para lavar roupa, junto aos póços dos quintaes de alguns particulares.

Junto á egreja está a residencia parochial, e a tulha onde os frades da Junqueira recolhiam os dizimos d'esta freguezia e da dos Arcos, que é visinha.

—

A freguezia é cortada por uma nova estrada a mac-adam, perfeitamente conservada, que liga a povoação com Villa do Conde, Povoa de Varzim, e Villa-Nova de Famalicão. É muito concorrida, sobre tudo na época dos banhos do mar.

—

Desde agosto de 1875, tem caixa do correio, no logar da Estrada, para o transporte das cartas d'esta freguezia e circumvisinhas.

—

Dou os mais sinceros agradecimentos ao reverendo sr. padre Antonio Domingues Ferreira, d'esta freguezia, pelos curiosos apontamentos que se dignou mandar-me, os quaes me habilitaram a fazer este artigo mais completo.

RIO-MEÃO—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 23 kilometros ao S. do Porto, 295 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

[1] Swintila (Flavio Swintila) filho de Flavio Ricaredo I, rei dos gôdos, foi acclamado em 621. Era um intrepido guerreiro, e optimo general. Foi elle que *expulsou completamente os romanos da Peninsula* (note-se isto) e foi um dos melhores reis do seu tempo; porem as suas victorias, e prosperidades, o encheram de orgulho, e o transformaram em um abominavel vicioso; pelo que os gôdos o expulsaram do throno (com ajuda de Dagoberto, rei de França) em 636 (note-se ainda esta data) e acclamaram Sizinando, que convocou o 4.º concilio de Toledo, onde se acharam 72 bispos catholicos. Succedeu-lhe seu irmão, Chintila, que convocou o 5.º e 6.º concilio de Toledo.

(Swintila (o rei deposto) se retirou para á Galliza, onde ainda viveu 10 annos, completamente abandonado.

[2] E é provavelmente o que significa a ultima letra da inscripção, como já fica dito.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O commendador (da ordem de Malta) de Rio-Meão, apresentava o reitor, que tinha 115$000 réis.

Situada em terreno pouco accidentado e fertil, regado em parte pelo ribeiro do seu nome. Ha n'esta freguezia muitos pinheiraes, dos quaes se extrae muita madeira e lenha, que vae para o Porto e outras localidades.

Ha aqui um monstruoso pinheiro *manso* secular, que é uma maravilha do reino vegetal. O *pinheiro de Rio-Meão* é por isso famoso muitas leguas em redor.

Os povos d'esta freguezia tinham os grandes privilegios e isenções de *caseiros de Malta*, e entre as suas regalias avultavam as de não darem soldados, senão quando o rei em pessoa fosse á guerra; e de não poderem ser citados fóra do seu domicilio.

RIO MOURINHO—Vide o artigo—*Frades paulistas*—no 6.º vol., pag. 495, col. 1.ª

RIO-REAL—pequeno rio (ribeiro) Extremadura.—Passa junto e a E. da villa d'Obidos; na sua margem do N., e a uns 400 metros da ponte que o atravessa, ha uma nascente d'agua thermal *hydrogenio-sulphurada*. que rebenta em quantidade de duas ou trez *telhas*.

Antigamente nascia esta agua na base de um rochedo de marmore, que fica a E., entre este sitio e a famosa egreja do *Senhor da Pedra*; mas, seccando alli, foi rebentar um pouco mais acima, no sitio actual.

Esta agua, em tudo similhante á das Caldal da Rainha, é apenas menos pura. O seu grau de temperatura—ao sahir da nascente—é de 74° F., ou 18 1/2 R.—Póde ser applicada em banhos, ou internamente.

RIO-SÊCCO—freguezia, Beira Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 96 kilometros de Lamego, 350 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 147 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego) districto administrativo da Guarda.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia provem do pequeno rio que n'ella nasce.

(Vide *Rio-Sêcco*, rio.)

É povoação muito antiga. A primeira noticia que encontrei d'esta terra, foi uma *carta de povoação da herdade do Rio-Sêcco*, passada no anno de 1222, por D. Affonso II.

N'esta carta se estipula que—ausentando se algum dos povoadores, entregue o seu casal ao visinho mais proximo, que pagará o devido foro; e que o colono volte—*ad suum casale ad tres annos. Et si aliquis reliquerit suum casale, et non Saboraverit illud duos annos, in tertio perdat suam facturam.*

Esta freguezia está no termo da villa de Castello-Rodrigo. Em tempos antigos, foi da comarca de Pinhel; depois, passou para a de Trancoso, depois, para a do Sabugal, e por fim tornou para a de Pinhel.

Viscondes de Rio-Sêcco

O seu 1.º titulo foi o de *barão de Rio-Sêcco*, dado por D. João VI (no Brasil) em 12 de outubro de 1812.

O titulo de visconde, foi lhe dado pelo mesmo monarcha, ainda residente no Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1818.

—

O primeiro imperador do Brasil, lhe deu as *honras de grandeza*, em 9 de janeiro de 1827.

—

O 1.º barão e 1.º visconde do Rio-Sêcco, foi Joaquim José d'Azevedo, senhor da villa de Macahé (Brasil) alcaide-mór de Santos (Brasil) commendador das ordens de Christo, Conceição e Torre-Espada; escrivão dos *filhamentos*, thesoureiro da casa real e da real capella, almoxarife dos paços reaes, comprador das guardas-roupas do paço, da coroa e das cavallariças reaes, fiel do bolsinho, tudo durante a estada de D. João VI no Brasil; e depois—grande do imperio, primeiro marquez de Jundiahy, porteiro-mór do primeiro imperador do Brasil, e por este feito commendador das ordens da *Rosa* e do *Cruzeiro*.

Nasceu a 12 de setembro de 1761, e falleceu no Rio de Janeiro, a 7 d'abril de 1835. (Já se vé que não quiz regressar á patria com o seu rei, e que se fez brasileiro.)

Casou a 1.ª vez, em 17 de abril de 1787, com D. Maria Carlota Millard, que havia nascido em 1773, e morreu no Rio de Janeiro em 15 de abril de 1831—e a 2.ª vez, casou com D. Marianna da Cunha Pereira, filha dos primeiros marquezes de Inhambupe, no Brasil. D'este segundo matrimonio não teve filhos. Do primeiro teve cinco, que foram:

1.º—*Ignacio Bento*, que morreu no Rio de Janeiro.

2.º—*D. Maria Carlota*, que casou duas vezes e teve geração.

3.º—*João Carlos*, que foi o segundo visconde.

4.º—*D. Maria Zeferina*, viscondessa do Geraz de Lima, nascida a 26 de agosto de 1801.

5.º—*D. Maria Magdalena*, condessa da Éga, que nasceu a 25 de maio de 1805.

—

2.º visconde—João Carlos d'Azevedo, tambem 2.º barão do mesmo titulo, alcaide-mór d'Evora, commendador da ordem de Christo, nascido a 4 de novembro de 1790.

Casou a 20 de dezembro de 1818, com D. Maria Gertrudes Rosa Pereira Caldas Machado, nascida a 23 de fevereiro de 1799. Era filha de Antonio Francisco Machado, fidalgo da casa-real, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias—e de D. Anna Maria Cleofa Pereira Caldas.

Tiveram quatro filhos:

1.º—*D. Anna Carlota*, nascida a 16 de outubro de 1819.

2.º—*Joaquim*, 3.º visconde.

3.º—*Antonio Francisco d'Azevedo*, que nasceu a 17 de março de 1823.

4.º—*D. Maria Luiza*, nascida a 25 de agosto de 1825.

5.º—*João Carlos d'Azevedo*, nascido a 19 de fevereiro de 1828.

—

3.º visconde e 3.º barão de Rio-Sêcco—com honras de grandeza—Joaquim José de Azevedo, nascido a 30 de setembro de 1822, e feito visconde em 14 de maio de 1861.

Morreu repentinamente, estando no club Lisbonense, em 3 de agosto de 1876, de uma congestão cerebral.

Tinha casado, em 7 de junho de 1852, com a sr.ª D. Maria Gertrudes Machado, filha dos primeiros viscondes de Benagazil, que ainda vive. Deixou descendencia.

O visconde do Rio-Sêcco (o 3.º) era um cavalheiro de muita illustração, e um perfeito homem de bem; digno descendente dos seus esclarecidos antepassados, ainda era mais nobre pelas suas acções. Deixou indelevel saudade em quantos tiveram a honra de o conhecer e tratar.

RIO-SÊCCO—ribeiro, Beira Baixa.—Nasce na freguezia antecedente, e lhe dá o nome. Até ao sitio das Juntas, limite da Vermiosa, conserva o nome de Rio Sêcco e d'ahi em diante toma o de *Ribeira d'Aguiar*, até desaguar na margem esquerda do Douro, no sitio chamado *Calábre*, com 35 kilometros de curso.

Rega, móe e traz peixe miudo.

RIO-SÊCCO—Vide *Pontido*.

RIO-TINTO—freguezia (teve foro de villa) Douro, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros ao E.N.E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos.

Em 1757, tinha 610 fogos.

Orago, S. Christovam.

(Em 1700 pertencia á comarca de Pinhel.)

Os monges benedictinos, do Porto, apresentavam, *in solidum*, o vigario, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Houve aqui um mosteiro de freiras agostinhas (eremitas de Santo Agostinho, ou gracianos) fundado em 1062, por D. Diogo Tructezendes, e seus filhos, Tructezendo Dias, Gonçalo Dias, e Unisco Dias, que o dotaram com grandes rendas, e com o padroado de 12 egrejas.

Sendo abbadessa D. Hermezinda Guterres (1141) D. Affonso Henriques coutou o mosteiro e suas dependencias, pela quantia de 500 maravidis de ouro, que lhe deu a abbadessa.

Na freguezia de Moreira (da Maia) havia

um mosteiro de cruzios, que no seu principio era de frades e freiras; mas como esta circumstancia trazia comsigo muitos inconvenientes, foram as freiras mudadas para o mosteiro de Rio-Tinto, levando grande parte das rendas do de Moreira. (Para evitarmos repetições, vide *Moreira*, da Maia, no 5.º vol., pag. 544, col. 2.ª)

Em 1535 foram as freiras de Rio-Tinto, unidas ás de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, levando todas as suas propriedades e rendas, e mudando a regra agostiniana para a benedictina.[1]

O mosteiro de freiras bentas, do Porto, foi fundado pelo rei D. Manuel, em 1518. Seu filho, D. João III, concluiu a obra, em 1528. (Vide no 5.º vol., pag. 43, col. 1.ª, a palavra *Malhos*—e no 7.º vol., a col. 2.ª de pag. 295.

—

O nome d'esta freguezia, provem-lhe de um ribeiro que alli passa, denominado *Rio-Tinto*. (Para evitarmos repetições, os que desejarem saber a razão porque assim se chama o tal ribeiro, vejam o que digo no 2.º periodo da col. 1.ª de pag. 60, do 2.º vol.)

Vindo do real mosteiro d'Arouca, em romaria a Nossa Senhora da Silva, a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, aqui falleceu, no 1.º de maio de 1290.[2] Foi depois transferida para o seu mosteiro.

[1] A pag. 154, col. 1.ª d'este volume, tratando da freguezia da *Retorta*, disse eu que se não sabia como esta freguezia veio a pertencer as freiras benedictinas, do Porto. No texto deixo explicada a razão.

A freguezia da Retorta era em 1122, uma quinta da freguezia de Azuréra, pertencente a D. Ouzenda Soares, que a deu n'esse anno aos cruzios de Moreira, quando deu outra herdade aos cruzios, da Junqueira. Ambas estas propriedades eram na margem esquerda do Ave. (Vide o ultimo *Rio Máu*.)

A propriedade da Retorta foi uma das que em 1535 passou para o mosteiro do Porto.

[2] Alguns escriptores dizem que ella morreu em 2 de maio de 1250, o que é erro, porque a *Chronica de Cister* (que merece mais credito) designa positivamente a data do texto. Todos sabem que a Santa Roinha, foi para o seu mosteiro de Arouca, em 1220, e vivendo alli 70 annos, já se vê que falleceu em 1290.

(Vide o 1.º vol., pag. 238 F. F., col. 1.ª, no ultimo periodo e seguintes.)

—

Ha n'esta freguezia uma grande romaria, que se faz todos os annos a S. Bento no dia 11 de julho, e dura trez dias. Denomina-se *S. Bento das Pêras*.

Ha então comboios a preços reduzidos, porque em Rio-Tinto é a primeira estação dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

É uma festividade esplendida e concorridissima, vindo não só grande numero de habitantes do Porto, como de muitas leguas em redor.

Vide vol. 3.º, pag. 220 col. 1.ª, na palavra *Fosso*.

RIO-TINTO—freguezia, Minho, concelho de Espózende, comarca de Barcellos, 27 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 390$000 réis de rendimento.

Foi abbade d'esta freguezia, Joao Ignacio Magalhães Malheiro, que falleceu em Barcellinhos, no fim de setembro de 1876, com 103 annos de edade. Conservou o seu juizo até ao ultimo momento. Ainda no dia 7 do dito mez, tinha assignado, *sem oculos* (!) uma escriptura; e, até novembro de 1875, desempenhou perfeitamente todas as obrigações parochiaes do seu cargo.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade. Ha uma grande abundancia de sebolas, que exporta para differentes localidades.

Tomou o seu nome de um ribeiro, afluente do Cávado, que passa por esta freguezia, e que tem o seu nome.

Para se evitarem repetições, veja-se *Fonte-Bôa*

RIO-TORTO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros de Coimbra, 280 ao N.E. de Lisboa, 205 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, S. Domingos.

Bispado e districto administrativo da Guárda.

O prior de S. Julião, de Gouveia, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O seu primeiro orago foi Santa Maria.

É parochia muito antiga, mas o documento de data mais remota que encontro d'ella, é de 1269. N'este anno, o mosteiro de S. Pedro das Aguias, deu foral á villa de Vallença do Douro, dividindo a terra em 24 casaes. Os monges ficaram obrigados a darlhes clerigos que lhes dissessem missa de 15 em 15 dias, em *Santa Maria de Rio-Tôrto*, e n'esta mesma egreja lhes administrassem os sacramentos, trez vezes por anno.

É terra fertil.

RIO-TORTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes.

Vide *Miguel de Rio-Torto* (S.)

RIO-TORTO — freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Valle de Paços (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Chaves) 95 kilometros ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Está situada a freguezia perto do rio do seu nome, que morre na direita do Túa perto de Seixes.

RIOS—freguezia, Minho, comarca de Monsão, 60 kilometros ao N. de Braga, 455 ao N de Lisboa, 375 fogos.

Em 1757, tinha 390 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

A casa da Barbeita apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Não encontro esta freguezia nos mappas modernos.

RIPANÇA—*ponto*, no rio Douro, proximo do logar de Porto-de-Rei. Vide *Pontos no Douro.*

ROÃES—Vide *Ruães.*

ROALDE—grande fonte, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Martinho d'Anta. Dá origem ao rio Ceira, que entra pela margem direita do Douro, proximo de Galafúra.

ROBALLO ou **CELLA-NOVA** ou **NOSSA SENHORA DA ROSA**—logar, Extremadura (mas ao S. do Tejo) na freguezia de Caparica, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Almada.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Houve aqui um eremiterio, fundado por um santo varão, chamado Mendo Gomes, no reinado de D. João I, dando-lhe este rei o terreno para a edificação, em um sitio chamado o *Roballo*, ao qual o fundador mudou o nome para o de *Cella-Nova.* Foi isto em 1410.

Viveu Mendo Gomes, n'este hospicio, com mais alguns companheiros, por espaço de muitos annos, até que o entregou aos congregados da Serra d'Ossa (paulistas) para o virem habitar.

O fundador falleceu, com fama de santo, no mosteiro da Serra d'Ossa, em 1481.

Era este mosteiro situado entre dois montes, onde as aguas que se juntavam no inverno, corriam para o mar, por um esteiro, onde então chegava a maré.

Consta que no seculo 17.º deu á costa n'esta praia, e proximo á cêrca do mosteiro, uma náu genoveza, que se despedaçou. Entre os seus despojos, que o mar arrojou á praia, veio ter ao referido esteiro, um primoroso quadro a oleo, com a imagem de Nossa Senhora, sentada, tendo o Menino Jesus no braço esquerdo, e na mão direita uma rosa, que lhe offerece, e, de cada lado um anjo com um açafate de flores, que offerece á Senhora.

Sendo este quadro achado pelos frades, o levaram para a egreja do mosteiro. e, como não sabiam a invocação da Senhora, lhe chamaram *da Rosa.* D'esta maneira perdeu o mosteiro o seu segundo nome, como tinha perdido o primeiro, e se ficou chamando *convento da Rosa.*

No sitio onde o quadro foi achado, havia uma fonte, até então chamada *do Esteiro*, e que desde então se ficou denominando *Fonte*

Santa, e crê o povo que a sua agua sara muitas enfermidades, principalmente cutaneas.

Faziam os frades a esta Senhora uma grande festa, no dia da sua natividade (8 de setembro.)

Fica o mosteiro perto da costa do Oceano.

(Vide 2.º vol., pag. 98, col. 1.ª)

—

Roballo, é tambem um appellido nobre em Portugal, que tinha o seu solar na villa de Penamacôr, na Beira Baixa.—Trazem por armas—em campo azul, um roballo de prata, em banda, entre duas estrellas d'ouro.

É brazão incompleto.

ROBURÊDA—Vide *Reborêda.*

ROBORÊDO—Vide *Reborêdo.*

RÓCA—Vide *Cabo da Roca* e *Cintra.*

ROCA-AMADOR ou **ROQUE-AMADOR**, ou **RECLAMADOR**—A religião ou instituto de Roca Amador, de irmãos hospitaleiros, foi antigamente celebre e muito caritativa em Portugal, em quanto as Misericordias se não instituiram; e muitos hospitaes de Roca-Amador, foram o principio ou origem das Misericordias.

Os escriptores não são concordes na etymologia d'esta palavra (e porisso se escrevia e pronunciava de diversos modos) a mais verdadeira parece ser a que lhe dá Viterbo (tom. 2.º, pag., 193, col. 2.ª da 2.ª edição.)

Segundo este escriptor—*Santo Amador*, é natural de Narbona (França) e passou os ultimos annos da sua vida, em um altissimo rochedo, separado o commercio dos homens; dando-se depois ao tal rochedo o nome de *Roca-Amador*. A sua sepultura e despojos mortaes, foram achados em 1166, junto á rocha.

Erigiu-se logo alli uma egreja, com o titulo de *Santa Maria de Roca Amador*, e junto d'ella um famoso hospital, para enfermos pobres, o qual era servido por varões cheios de abnegação e piedade.

Os povos das visinhanças deram muitas offertas, esmolas e valiosas doações de propriedades e rendas, a este estabelecimento; mas os abbades em cujo districto ficava, se apropriaram de tudo, e o hospital nunca passou do que foi na sua fundação.

Todavia, o caritativo Amador prestou um grande serviço á humanidade, porque o instituto de *Roca-Amador* se estendeu em breve por toda a Peninsula, e por outros reinos da Europa, sobre o titulo de *eremitas de Nossa Senhora de Roca de Amador.*

Entrou este instituto em Portugal, no anno de 1189, trazido pelos cruzados que ajudaram D. Sancho I a resgatar a cidade de Silves do poder dos mouros.[1]

Em 1193, fez D. Sancho I doação a esta ordem, da villa de *Sósa*, junto ao mar (a velha, e que já não existe, por estar coberta com as areias do mar) proximo de Vagos, hoje na comarca, districto administrativo e bispado d'Aveiro.

Na Sósa (ou Sóza) estabeleceu a ordem a sua capital, e d'alli se difundiram pelos hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, Leiria, Torres-Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego, e outras povoações.

Estes religiosos guardavam a regra de Santo Agostinho, e foram muito respeitados dos povos, emquanto não decahiram da antiga observancia; porém, com o tempo, curando mais dos seus interesses, do que da fiel administração dos hospitaes a seu cargo, D. Affonso V, por auctoridade do papa Pio II, em 1459, fez a egreja de Sóza (que então se chamava *Santa Maria da Roca de Amador*), commenda da ordem de S. Thiago; e assim se extinguiu este, já então inutil instituto.

Foi substituido pelos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) que, até á sua suppressão, em 1834, exerceram com o maior desinteresse, e com verdadeira cari-

[1] Mas tornou a perder-se, logo em 1191, porque o Miramolim de Marrocos, invadiu n'esse anno o reino de Portugal com um poderoso exercito, e achando-se o reino opprimido por uma grande fome. e uma terrivel peste, lhe foi fácil tornar a apoderar-se de todas as povoações do Algarve que estavam em nosso poder.

Foi só em 9 janeiro de 1242, no reinado de D. Sancho II, que o famoso fronteiro-mór do Algarve, D. Payo Peres Correia, reconquistou Silves, que, desde então, não tornou a sahir do dominio portuguez.

dade evangelica, o emprego de hospitaleiros [1].

Emquanto a ordem de Roca-Amador cumpriu, com integridade, a sua regra, foi geralmente respeitada, e os nossos reis, particularmente D. Affonso II, em 1221; a rainha Santa Isabel, em 1327, lhe doaram muitas e valiosas rendas e propriedades; e o mesmo faziam muitos particulares, de modo que chegou a possuir grandes riquezas, que, na sua suppressão, algumas passaram para commendadores, e a maior parte para as differentes Misericordias do reino.

Eis a razão porque vemos em tantas terras de Portugal, logares com o nome, mais ou menos adulterado, de Roca-Amador.

ROCA DA PONTEIRA.—Vidè *Ponteira.*

ROCAMONDO — freguezia, Beira-Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O prior d'Alvendre, apresentava o cura, que tinha 4$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo; terra pouco fertil e pobre. Bastante gado miudo, e nos seus montes abundancia de caça grossa e miuda.

Dá-se tambem a esta freguezia o nome de *Rocamundo;* e parece que isto procede dos rochedos em que abundam estes sitios, e sobretudo, de um monstruoso penedo que existe em um monte da freguezia.

ROÇAS ou **ROSSAS** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao O.S.O. d'Arouca, bispado e 54 kilometros ao O. de Lamego, districto administrativo e 60 kilometros ao N.E. de Aveiro, 55 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Os commendadores de Rôças, da ordem de Malta (Vilhenas), apresentavam o vigario, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

[1] O povo, por isto, lhes dava a alcunha de *seringas;* o que os não deshonrava, antes ennobrecia, pois significava a caridade com que cumpriam a regra do seu instituto.

É povoação muito antiga, pois a povoou Odorio Espinel, ou Espinhel, na era 1100 (1062 de Jesus Christo.) Depois, fez doação (o mesmo Odorio) das terras de Rôças, a Salvador Peres. (*Brito*, l. 7.º, c. 25.) A darmos credito á data que se lê sobre a verga da porta principal da pequena egreja matriz, foi esta fundada na era de 1111, que é o anno 1073 de Jesus Christo; o que é muito verosimil, porque, em 1280, mandou a santa rainha Mafalda, construir na serra da Freita, *freguezia de Rôças*, uma albergaria para peregrinos que d'ella se quizessem aproveitar. (Perto d'esta albergaria, está actualmente um marco geodesico, ou trigonometrico; e na propria casa da albergaria, existiu um telegrapho do systema antigo.)

Vidè 3.º vol, pag. 230, col. 1.ª, pr.

É terra muito fertil, e produz optimo vinho verde.

Fica sobre a margem esquerda do rio Arda; e é atravessada pela nova estrada, de Arouca a Oliveira de Azemeis.

Ainda existe a casa vincular dos commendadores de Rôças, da qual é hoje proprietario, um descendente dos Vilhenas, que é o sr. Virgolino de Quadros (se acaso ainda vive, porque foi ha mais de 25 annos para Moçambique, empregado, e não se tornou a saber d'elle.)

Para as armas dos *Quadros*, vidè *Couto d'Esteves.*

ROÇAS ou **ROSSAS** — freguezia, Minho, no concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso, 30 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 418.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa dos Abreus, de Regalados, e os duques de Souto-Maior (Hespanha), apresentavam alternativamente o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento. Era um dos melhores beneficios do arcebispado.

Foi couto. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de outubro de 1514. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 124, col. 2.ª)

Este foral serve para Aldeia de Ladrões,

Bairral, Bairro, Celleiro, Covéllo, e Lamêdo.

É terra muito fertil. Grande abundancia de gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha caça grossa e miuda.

Foi senhor d'esta freguezia, Fernão de Souza Botelho, casado com D. Ignez de Sotto-Maior, que era viuva de Lopo Gomes de Abreu, senhor de Regalados e Valladares, filho do 1.º visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Leonel de Lima.

Depois, passou este senhorio para a corôa.

Houve aqui um antiquissimo mosteiro de monges benedictinos, que, em 1195, foi doado por frei João Paes, ao arcebispo de Braga, D. Martinho, e depois foi para os Abreus de Regalados.

Ainda aqui existe a *torre do Bairro*, com seu carcere, edificio muito antigo, e que foi solar do dito Fernão de Souza Botelho.

No logar da Lama, d'esta freguezia, ha outra torre, que foi de Antonio Machado Coelho, e pertence hoje aos seus descendentes.

ROÇAS ou ROUÇAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Melgaço (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Monsão), 80 kilometros ao N. de Braga, 450 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 88 fogos.

Orago, Santa Marinha (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Nossa Senhora dos Anjos.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo e 75 kilometros ao N. E. de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

A padroeira d'esta freguezia, é uma das *nove irmans* bracharenses, filhas de Lucio Caio Atilio.

Vidè *Braga*.

Esta parochia foi primeiramente padroado da antiga e nobre familia dos senhores do paço de Rôças, que era n'esta freguezia, mas que ha alguns seculos pertence à de S. Payo, contigua a esta.

Ainda se vêem as ruinas de uma antiquissima casa, chamada o *Paço*, solidamente construida, e, em parte, ainda habitada. O logar em que está, chama-se mesmo *Paço*, nome tomado da dita casa.

O padroado passou depois para Manoel Pereira (o *Mil-Homens*) da villa de Monsão, e o solar para os Castros, de Mélgaço. Por fim, passou o padroado para os arcebispos de Braga.

O territorio d'esta freguezia, tem 7 kilometros de comprido, por 5 de largo, estendendo-se desde a encosta O. da serra de *Pernidêllo*, até junto ás muralhas da villa de Melgaço, pertencendo ainda á freguezia de Rôças, as primeiras casas da villa.

Ainda que em terreno muito accidentado, os seus valles são fertilissimos, e o vinho que produz é de optima qualidade, principalmente o dos sitios das *Barreiras* e *Valle de Cavalleiros*, em nada inferior ao excellente vinho de Monsão.

É n'esta freguezia a grande quinta que foi do mosteiro de Fiães, d'este concelho, e que, ficando sobranceira á villa, é uma bellissima vivenda. É hoje propriedade particular do sr. dr. José Joaquim Gomes.

A egreja matriz é das maiores, não só da comarca, mas do districto administrativo. O zêlo do reverendo abbade actual, e a devoção e religiosidade dos parochianos, tem convergido para que este templo esteja ornado com a maior magnificencia.

Estes melhoramentos principiaram em 1864.

Tem altar-mór e quatro lateraes, todos ricamente adornados, e as santas imagens que os decoram, são de excellente esculptura, sendo notavel a de Nossa Senhora da Soledade, de tamanho quasi natural, e offerecida á freguezia pela benemerita familia Salgado, aqui residente.

A sua torre dos sinos, é bastante alta, e tem dois bons sinos. O coro é bom, e tem um pequeno orgão.

Tem optimas alfaias e paramentos, para o culto divino, tudo feito ha poucos annos. No tecto da egreja ha boas pinturas, representando os apostolos e os evangelistas; e a Fé, Esperança e Caridade.

Na parede exterior da capella-mór, está embutida uma lapide, com esta inscripção:

BLAZIUS D'ANDRADA DA GAMA, ABBAS, IN UTROQUE JURE LAUREATUS, A FUNDAMENTIS EREXIT. MDCLXXXX.

Collige-se d'esta inscripção que o templo foi fundado em 1690, á custa do benemerito abbade da freguezia, Braz d'Andrada da Gama.

Está construida em um formoso sitio, pela sua posição elevada, e com dilatados horisontes.

A festa da padroeira, faz-se a 18 de julho (que é o seu dia.) É uma romaria concorridissima, vindo gente até da Galliza, em grande numero, com offertas, para que Santa Marinha os cure, ou preserve de sesões.

O logar presta-se maravilhosamente para a romaria, porque é um vasto terreiro, o maior que se vê na provincia, em frente das egrejas, depois do de Fiães.

Fica ao S. da egreja, e é assombrado por gigantescos e vetustos castanheiros, contemporaneos do primittivo templo.

A residencia parochial foi reconstruida em 1870, desde os alicerces.

É um edificio no gosto moderno, commodo e decente; e feito á custa dos parochianos, que da melhor vontade, e por amor ao seu digno parocho, se prestaram a esta não pequena despeza.

Ha n'esta freguezia seis capellas, que são:

1.ª, *Santa Rita*, na aldeia de Villela, com missa em todos os domingos e dias sanctificados. É publica.

2.ª, *Nossa Senhora da Conceição*, no *Côtto do Preto*. Tem uma bem esculpida *pedra de armas*, da ordem da Conceição, sobre a porta principal. É particular.

2.ª, *Santo Antonio*, no logar da Córga. É particular.

4.ª, *Nossa Senhora das Dores*, no logar de Cavalleiros, com missa em todos os domingos e dias santos. É publica.

5.ª, *S. João Baptista*, no logar do Fêxo. É particular.

6.ª, *Nossa Senhora da Graça*, a poucos metros de distancia da antecedente, e que é a melhor de todas, tanto pela sua posição eminente á villa, como pela magnifica pedra de cantaria de que é construida. (Do monte onde está a capella, é que sahe o finissimo granito para as construcções de todos os edificios d'estes arredores.)

O *Sanctuario Marianno*, vol. 4.º, pag. 254, diz o seguinte:

«Em um eminente monte, sobranceiro á praça de Melgaço, no districto da freguezia de Santa Marinha, do logar de Rouças, sitio, ainda que alto, muito agradavel e delicioso, não só pela variedade do horisonte (porque d'elle se descobre muita parte do reino de Galliza, pela corrente do rio Minho acima, e todas as terras do termo de Melgaço, Valladares, Monsão, e das mais que correm em frente do mesmo caudaloso Minho) mas, pela frescura dos arvoredos e pomares que d'aquelle alto sitio se estão avistando, se vê o Santuario de Nossa Senhora da Graça.»

Foi este Santuario construido em 1594, por o abbade d'esta freguezia, Tristão de Castro, em cumprimento de um voto que havia feito a Nossa Senhora, pelo motivo seguinte:

Vindo o tal abbade, da villa de Melgaço, sendo já alta noite, para sua casa, ao passar no sitio onde hoje está a capella da Senhora, então coberto de mattos e arvoredos, lhe appareceu um monstruoso phantasma, que não só o assustou a elle, mas até ao cavallo em que vinha montado, que saltou desatinadamente por aquelles escuros e profundos barrancos.

Foi então que o abbade prometteu á Senhora, se o livrasse de tão grande perigo, construir-lhe alli mesmo uma ermida, o que cumpriu, sem demora.

Tambem antigamente chamavam á padroeira da ermida, *Nossa Senhora da Carvalheira*, porque assim era denominado o sitio onde está a capella.

Para custeamento do culto e conservação do templo, deu o abbade á Senhora algumas fazendas, e instituiu uma capella, para que o capellão d'ella fosse obrigado a dizer missa no altar-mór, em todos os dias das differentes festividades da Senhora.

—

Antigamente, em todos os domingos e

dias santos do anno, vinham visitar a Senhora, numerosos romeiros de muitas leguas em redor, tanto portuguezes como gallegos, mas a sua festa principal é em um domingo de julho. É esplendida e concorridissima.

A capella é particular.

—

Á padroeira d'esta ermida se attribuem muitos milagres; mencionarei apenas um reputado como tal, por prender com a nossa historia.

Pelos annos de 1660, durante a guerra da Restauração, hindo Gregorio Vaz, natural d'esta freguezia, e soldado do exercito portuguez, com mais dois camaradas, reconhecer os movimentos do exercito castelhano, que se achava acampado nos Arcos (Galliza), cahiram todos trez em poder do inimigo.

Gregorio Vaz, invocou o patrocinio de Nossa Senhora da Graça, e prometteu-lhe, se o livrasse da morte, de ser eremitão da sua capella, e de a servir toda a vida.

Filippe IV, mandava enforcar todos os prisioneiros que cahiam nas garras dos seus soldados, e os nossos trez portuguezes tiveram a mesma sorte.

Gregorio foi o ultimo a ser enforcado, mas a corda partiu se e o desgraçado cahiu no chão, sem sentidos, e com a garganta horrivelmente ferida.

Foi julgado morto, e, como os seus camaradas, foi abandonado aos pés da forca; mas, quando no dia seguinte vieram os frades franciscanos para lhes darem sepultura, acharam Gregorio sentado, encostado a uma mão, e tendo na outra umas contas.

Os frades tambem eram castelhanos, e portanto, tão inimigos dos portuguezes como as tropas do neto do *Diabo do Meio Dia*, e, em vez de terem caridade com tão grande infeliz, o entregaram ao carrasco, que lhe deu duas lançadas, que o atravessaram do peito ás costas.

Os frades o levaram a enterrar; mas, pelo caminho, viram que elle dava ainda signaes de vida. D'esta vez, emfim, attribuiram o caso a milagre, e o curaram.

Fc depois remettido para Corunha (então capital da Galliza), e mettido em um carcere.

Filippe IV teve noticia d'este facto, e attribuindo-o tambem a milagre, fez o milagre (ainda maior) de o mandar soltar, e deixar vir em paz para Portugal.

Gregorio cumpriu o voto e foi viver para junto da ermida da Senhora, como seu eremitão, mudando o nome para *Gregorio da Graça*, e alli falleceu de avançada edade, pois ainda vivia em 1712, quando frei Agostinho de Santa Maria publicou o 4.º volume do seu *Santuario Mariano*. Ainda então conservava as cicatrizes das feridas.

Isto consta de documentos que existem na secretaria das *Mercês*, e de um alvará, assignado por D. Pedro II, e pelo qual o rei mandou dar a Gregorio da Graça um tostão por dia, para seu sustento.

—

Nasceu n'esta freguezia, o padre Manoel Alves Salgado, que, emquanto estudante, foi o mais perito caçador do Minho.

Foi famulo do infante D. Gaspar, arcebispo de Braga [1], filho natural reconhecido de D. João V, e depois secretario da camara ecclesiastica do arcebispado, no tempo do mesmo principe.

Era o padre Manoel Alves Salgado, um ecclesiastico exemplar, e muito intelligente, sabendo reunir ao rigoroso cumprimento dos deveres do seu então importantissimo cargo, a maior modestia e affabilidade.

Era summamente caridoso, pelo que a sua morte foi sinceramente chorada pelos desvalidos a quem a sua beneficencia jámais deixára de soccorrer.

Por sua morte, nomeou sua herdeira, sua sobrinha, a sr.ª D. Thereza Alves Salgado, da cidade de Braga, hoje representada por suas duas filhas, as sr.ªs morgadas do Carvalhal, da mesma cidade.

—

Ao reverendissimo sr. José Manoel Alves Salgado de Castro, que, por varias vezes, se tem dignado mandar-me valiosos e curiosis-

[1] Um dos trez *meninos de Palha-Vã*. (Vide 6.º vol., pag. 424, col. 1.ª, no fim, e seguintes.)

simos apontamentos, para varias povoações do Minho; e que teve a bondade de me mandar bastantes sobre esta freguezia, agradeço tanta generosidade.

Se todos os homens illustrados das provincias fizessem como o sr. padre Salgado, sahiria esta obra mais completa e perfeita.

ROÇAS ou **SANTA COMBA** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 41 fogos.

Orago, Santa Comba.

O reitor de S. Nicolau, de Salsas, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

RÓCAS ou **RÓCCAS** — freguezia, Douro, concelho e 5 kilometros ao N.E. de Sevêr do Vouga, comarca d'Agueda, 55 kilometros ao O. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 259 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

O abbade de Santa Maria de Sevêr do Vouga, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e, até 1834, pertenceu ao extincto concelho de Couto de Esteves (d'onde era natural o 18.º bispo do Porto, como adiante direi)

Em terra de Sevêr, havia em dezembro de 1180[1] uma herdade, chamada da *Róca*, ou da *Rocha*, á qual D. Affonso Henriques deu n'esse anno, o nome de villa (casa de campo?) em uma sentença sobre um pleito que havia, entre a Sé de Viseu e o mosteiro de Sevêr; mandando que seis casaes da *villa* da Rocha, ficassem para a cathedral de Viseu, e outros seis para o dito mosteiro e para outras pessoas.

A freguezia do Couto de Esteves, formou antigamente com esta, uma só parochia, e, como n'aquella não fallei no 18.º bispo do Porto, o menciono n'este logar.

[1] É a era 1218 de Cesar, que vem a ser 1180 de Jesus Christo.

Na freguezia pois do Couto de Esteves nasceu o famoso D. Pedro Rabaldes (1.º do nome) 18.º bispo do Porto, successor e sobrinho do não menos famoso, D. João Peculiar[1]. D. Pedro já era arcediago da Sé do Porto, feito por seu tio.

Em 12 de outubro de 1138, *o infante D. Affonso* (D. Affonso Henriques) *neto do imperador de Hespanha e filho do consul, D. Henrique e da Raynha D. Tareja, princepe da provincia de Portugal, confirmou o couto de Crestuma, ao Bispo D. Pedro Rabaldis e seus successores, que a Rainha D. Tareja tinha dado ao Bispo D. Hugo.* (*Catalogo dos bispos do Porto*, parte 2.ª, pag. 28.)

D. Affonso Henriques era particular amigo de D. Pedro Rabaldes, e no tempo d'este prelado fez varias doações á Sé do Porto; entre ellas—a *herdade e casal de Loriz*, que depois coutou, sendo bispo do Porto, D. Martinho—*o couto e mosteiro de S. João de Valerio* (hoje S. João de Vêr) na Terra da Feira, com todos os seus passaes, fóros e rendas — no mesmo anno (1141) — *metade da dizima de todas as barcas que viessem das partes de França, á cidade do Porto* (mas o bispo e cabido, deram ao rei, por esta doação, 100 maravidís de ouro.)

Em 1144, deu D. Pedro Rabaldes, licença a Hero Calvo, Soeyro Pelayo, Payo Pires e seus successores, para viverem e morrerem no *couto da Régua*, que a rainha D. Thereza déra ao bispo D. Hugo; com a condição de que elles e herdeiros lhe pagariam o sexto

[1] D. João Peculiar (o *Ovelheiro*), que foi um dos primeiros conegos regrantes de Santa Cruz, de Coimbra. Era francez de nação e veiu para Portugal, para mestre-escola da Sé de Coimbra. Elle e D. Tello, arcediago da mesma Sé, e outros varões, illustres por nobreza de sangue, por sciencia e virtudes, foram os fundadores do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, no sitio onde hoje está.

D. João Peculiar, foi depois para o mosteiro de Grijó, da mesma ordem (cruzio) e d'alli foi para bispo do Porto, e passados dois annos e meio, foi feito arcebispo de Braga, e successor do arcebispo D. Pelagio, ou Payo.

Foi D. João 37 annos e meio arcebispo de Braga, fallecendo no 1.º de dezembro de 1177 (era de 1215.)

do pão, o quinto do vinho, e outras miuças.

D. Pedro Rabaldes, falleceu no Porto, em 29 de junho de 1145.

ROCHA — serra, Douro, no extincto concelho de Fajão, hoje concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil, bispado e districto administrativo de Coimbra.

Este concelho é o mais montanhoso do districto administrativo, e póde dizer-se que consta de uma serie não interrompida, de altos montes e profundos valles.

Uma das principaes e alcantiladissimas serras d'esta região, é a da Rocha. Principia no sitio denominado *Aguas de Ceira* (tambem chamado *Serra da Cebola* e *Serra Amarella.*)

Segue, quasi sempre na direcção de S.O., pelos concelhos da Pampilhosa, Góes, Álvares (este ultimo supprimido) e outras terras, até Figueiró dos Vinhos, no comprimento de 60 kilometros.

O seu ponto culminante chama-se *Picôto:* fica proximo a Figueiró.

Divide-se a serra da Rocha, em varios ramos (que todos tomam nomes differentes) para os lados da Covilhan, Fundão e outros; dos quaes devo especialisar o *Ladeira* (vidè esta palavra) ao E., que, correndo coroado de broncas penedias, abate de repente no sitio do Amieiral, para dar passagem ao rio Zêzere, apparecendo na mesma altura, do outro lado do rio.

É tambem muito notavel o monte chamado Penedos de Fajão—ramo da Rocha—ao O., pelas grandes massas de rochedos, de marmore, nús e escarpados, que vão precipitar-se repentinamente sobre o rio Ceira. (Vidè *Penedos de Fajão* e *Sarzêdas.*)

Rocha é tambem um appellido nobre em Portugal. Vidè *Guimarães.*

ROCHA DO CONDE D'OBIDOS —Vidè 4.º vol., pag. 136, col. 1.ª

ROCHA DOS SOUDOS—sêrro, Algarve, na freguezia e a 1 kilometro ao N. da povoação d'Alte, comarca e concelho de Loulé.

Do alto d'este sêrro se gosa um vasto panorama, vendo-se a cidade de Lagos, que fica a 50 kilometros de distancia. Serve de guia aos navegantes d'estes mares. Vidè *Alte.*

ROCHOSO.—Vidè *Richoso.*

ROCINAL—portuguez antigo—a carga de um rocim ou cavallo pequeno.

Nos foraes antigos se distinguem as cargas dos machos e cavallos, das dos rocins e asnos, sendo a *portagem* dos primeiros, o dobro da dos segundos.

A carga *rocinal* e *asnar* (de burro) pagava a mesma portagem.

ROCIO DE LISBOA—(Praça do Rocio, hoje denominada *Praça de D. Pedro*).

Além do que fica dito com respeito a esta praça, no 4.º vol., pag. 125, 164, 172 e 379, accrescento aqui mais o seguinte.

Por baixo do Hospital Real de Todos os Santos, que existiu n'esta praça, havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Amparo (que deu o nome á rua do Amparo e rua Nova do Amparo).

Era a padroeira objecto de grande devoção do povo de Lisboa, e todas as noites, ás Ave-Marias, se lhe rezava o terço, ao qual assistia o capellão, que dava no fim a beijar ao povo, a corôa da Senhora.

A imagem era de roca, de 0m,77 (trez palmos e meio) de altura.

Estava em um camarim, envidraçado, no meio de um retabulo, construido de marmore azul e encarnado, de boa esculptura, e collocada sobre um globo, tambem de marmore, cercada de anjos e seraphins.

Esta capella era frequentemente visitada pelas principaes damas da côrte, que, além das offertas que davam á Senhora, tinham por devoção, fazer as camas dos enfermos, dar-lhes esmolas e doces.

O famoso cardeal da Cunha, hia visitar a ermida em todos os sabbados do anno.

Tinha a Senhora um capellão, que dizia missa na ermida, todos os dias.

Esta capella (das missas) instituiram, Domingos de Basto Figueirôa, e sua mulher, D. Barbara Antunes Brandôa, em 1625, que (em cumprimento de suas disposições testamentarias) foram sepultados n'esta ermida. Doaram á Senhora duas moradas de casas, que então rendiam 83$448 réis, o que prova serem boas propriedades.

D'esta renda se dariam ao capellão *(que havia de ser natural da villa de Amarante*

63$000 réis, e o resto para os entrevados do hospital annexo.

Domingos de Basto Figueirôa falleceu em 2 de maio de 1653.

A origem d'esta ermida, foi uma albergaria, para acolheita dos peregrinos, aos quaes se dava casa, cama, agua e luz. Tinha 40 leitos, 20 para cada sexo, separados uns dos outros. Tinha dois hospitaleiros, um homem para os do seu sexo, e uma mulher para o feminino.

D. João II, mandou construir o sumptuoso Hospital Real de Todos os Santos, sobre 35 magestosos arcos de cantaria, e occupando toda a frente E. do Rocio, e sob esta vasta galeria havia umas 200 lojas de capellista, onde se vendiam varias quinquilherias.

—

Um devoto, havia instituido por herdeira de toda a sua fazenda, a Misericordia de Lisboa, e entre varias alfaias e peças preciosas lhe deixou a imagem de Nossa Senhora do Amparo, para a qual os irmãos da Misericordia mandaram construir a ermida, annexando-lhe uma enfermaria para entrevados, que primeiro estava no claustro do hospital, e ficava por baixo da egreja, onde depois foi o celleiro e despensa, e d'aqui é que foi mudado para sob os arcos do rocio. Ainda antes do incendio que destruiu o hospital, e ao lado da porta do referido celleiro, se via uma lapide com esta inscripção:

ESTA ENFERMARIA DOS INCURAVEIS
CONSERTARÃO OS IRMÃOS A SUA CUSTA,
E NA MISERICORDIA OS PROVERÃO
DO NECESSARIO, EM ABRIL DE 1565

Segundo uma outra inscripção que estava nos azulejos da ermida, os entrevados foram mudados para a antiga albergaria (que então se extinguiu) em 1583.

ROCIO DO SUL DO TEJO ou **ROCIO DE ABRANTES** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Abrantes, 170 kilometros ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, por que ainda não existia quando se publicou esta obra.

Esta freguezia era na provincia da Beira Baixa, mas, pela nova divisão, ficou pertencendo á Extremadura, apezar de ficar ao S. do Tejo, e sobre a sua margem esquerda.

Fica em frente da villa de Abrantes.

No dia 6 de dezembro de 1876, subiu o Tejo a tal altura, que causou espanto ás pessoas mais antigas do Rocio e da villa de Abrantes. Do lado do sul, chegou ao *Fôjo*, e do norte, á ponta do rio Pombal, attingindo mais 1,^{m}75 do que a grande cheia de 18 de fevereiro de 1855. Não houve predio no Rocio, por mais elevado que estivesse, que não tivesse, pelo menos, sete palmos d'agua; o que fez cahir muitas casas.

Muitas familias fugiram para Abrantes, e outras para o Tramagal.

No quartel de S. Domingos (Abrantes) foram recolhidas 60 e tantas pessoas, ás quaes os camaristas mandaram dar dois ranchos por dia.

O Tejo chegou quasi ao leito da ponte, e abateu uma grande parte do seu aterro, do lado do Norte. Algumas casas do Rocio, ficaram completamente debaixo d'agua.

Pelo rio abaixo, viam-se boiando, carros, bois, madeiras, etc.

A estação do caminho de ferro e os vastos campos do sul e norte foram totalmente inundados.

Os prejuizos foram incalculaveis, ficando muitas familias reduzidas á mais lamentavel miseria.

Esta povoação é muito moderna, o seu estado era prospero, e tinha-se desenvolvido espantosamente.

RÓDA ou **RHODA**—substantivo persa, que os árabes adoptaram e o transmittiram aos luzitanos—significa *jardim*, e tambem *paraizo*.

Em Portugal ha varios logares com esta denominação. Vide *Redinha* e *Villa Velha do Rodam*.

RÓDA—rio, Douro, no extincto concelho d'Álvares, hoje concelho de Góes, comarca d'Arganil.

Nasce nas *Pedras do Lumiar*, e desagúa na ribeira de Unháes, 3 kilometros abaixo da mesma villa de Unháes.

Dão-se tambem a este rio os nomes de *Ribeira da Velha* e *Rio Sinhel.*

Todo o territorio que formava o antigo concelho d'Álvares, é montuoso, e porisso, tanto a elle, como aos concelhos de Fajão (extincto) e Pampilhosa, se dá vnlgarmente o nome de *concelhos da Serra.* (Vide a 1.ª *Rocha.*)

Alem do rio da *Roda,* são estes concelhos atravessados por mais os seguintes:

Ribeira da Foz—Nasce na serra de Entre-Capéllos[1] e desagúa na ribeira de Unhaes, junto ao povo porisso chamado *Foz.*

Ribeira de Amioso Fundeiro—Nasce nas faldas da serra de Trevim, e desagúa tambem na ribeira de Unhães, na foz do Amioso, 4 kilometros abaixo do logar onde desagúa o antecedente.

Ribeira do Méga (ou d'Oméga) — Nasce nas faldas da mesma serra, e desagúa na mesma ribeira, uns 5 kilometros abaixo da antecedente.

Rios Unhaes, e *Zêzere* de que fallarei no logar competente.

Todas estas ribeiras criam barbos, bogas, trutas, enguias, e outro peixe miudo; e todos estes peixes são muito saborosos, por serem de corrente precipitada as aguas em que se criam.

RÓDA—quinta, Minho, na freguezia de Lanhellas, concelho, comarca e 4 kilometros ao N.E. de Caminha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta propriedade fica proxima á egreja matriz, e pouco distante da margem esquerda do rio Minho. Foi do desembargador José Manuel d'Amorim Guerreiro, filho do ministro de estado José Antonio Guerreiro: hoje é dos seus herdeiros. Vide a 1.ª *Róda.*

RÓDA—casa antiga e nobre, Minho, na freguezia e concelho da Ponte da Barca, comarca de Valle de Vez.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

D'esta casa foram modernamente senhores—Rodrigo Antonio da Costa Pereira de Gouveia, mestre de campo dos auxiliares (milicias) governador da praça de Melgaço, e fidalgo da casa real; e Gaspar José da Costa Pereira de Gouveia, alcaide-mór de Ervêdo, cavalleiro da ordem de Christo, e fidalgo da casa real.

É actual representante d'esta esclarecida familia, a sr.ª D. Guiomar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho.

Vide a 1.ª *Róda.*

RODAGEM — grande e excellente quinta, Douro, na freguezia de *Pombeiro de Riba Visella,* concelho e comarca de Felgueiras.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era a cêrca do mosteiro dos monges benedictinos de Pombeiro. (Vide *Pombeiro de Riba Visella.*)

Fica proximo á estrada da Rodagem, que vae da villa de Felgueiras para Guimarães.

Depois de 1834, foi vendida a Antonio Pereira Leite Guimarães.

É toda cercada de alto muro, e compõe-se de muitos campos de terra lavradia, mattos, e a tapada de Santa Cruz, casas de vivenda, grande parte do edificio do mosteiro e outros para caseiros. Grande encanamento d'aguas, das quaes é muito abundante, com um grande e magnifico chafariz.

É uma das melhores propriedades d'estes contornos.

RODAM—Vide *Villa Velha do Rodam.*

RODAS DO MARÃO — Vide *Portella da Gaiva.*

RODÊLLA—ribeiro, Douro. Nasce na freguezia da Cadima, comarca e concelho de Cantanhêde, bispado e districto administrativo de Coimbra; e morre na celebre ribeira da Fervança.

Ainda n'esta freguezia nascem os ribeiros da *Lagôa-Sêcca, Moita, Olho,* e *Aljuriça.*

ROGE—freguezia, Douro, concelho e 1:500 metros ao E. de Macieira de Cambra, comarca e 8 kilometros ao N.E. de Oliveira d'Azemeis (era do mesmo concelho, mas até 1855, da comarca d'Arouca) 70 kilometros ao N.

[1] A serra de *Entre-Capéllos,* fica ao E. da villa d'Alvares. É bastante alta e de difficil transito, está ao N. de outra serra, chamada *Pedras do Lumiar,* de clima frigidissimo e na qual tem morrido muita gente *afogada* em neve.

de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa, 415 fogos.

Em 1757, tinha 119 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento.

O terreno d'esta freguezia, como o da maior parte do concelho de Cambra, é fertilissimo em todos os generos agricolas; cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta, e nos montes visinhos ha abundancia de caça.

É regada por varios ribeiros, confluentes do Cambra, e este do Caima, que desagúa na esquerda do Vouga, pouco acima de Serem. Criam peixe miudo.

O Cambra atravessa o formoso e feracissimo valle de Cambra, e muitos já aqui lhe dão o nome de *Caima*. (Eu julgo que Caima é corrupção de Cambra, como Cambra é corrupção de Coimbra. (Vide *Cambra* e *Macieira de Cambra*.)

A egreja parochial, ainda que antiquissima, é um bello e magestoso templo, de excellente e sólida construcção, e está luxuosamente decorado; o que é devido á religiosidade d'este povo, e á sollicitude do seu actual prior, o reverendo sr. Manuel Tavares d'Amorim, cavalheiro de muita illustração, zeloso no cumprimento dos seus deveres, e um dos melhores oradores sagrados d'estes sitios.

Faz-se n'esta egreja, em todos os annos, uma esplendida festa á nossa tão popular rainha Santa Isabel.

No alto d'um monte d'esta freguezia, alveja a formosa capella de Nossa Senhora do Destino, á qual se faz todos os annos uma brilhante festa, e concorridissima romaria.

O panorama que se gosa do terreiro d'esta ermida, é vasto e encantador.

—

Esta freguezia é uma das mais ricas do concelho, e tem prosperado muito em nossos dias, como se póde ver do augmento da sua população, pois que, sendo em 1757 apenas de 119 fogos, está hoje elevada quasi ao tresdobro.

—

Não sei se *Rôge* é corrupção de *Rojas*, o que sei é que, em 1525, veio a Portugal, como dama da rainha D. Catharina (filha de D. Philippe I, de Hespanha, e mulher do nosso D. João III) uma senhora castelhana, por nome, D. Catharina de *Rojas*. Esta senhora, casou n'este reino, com Diogo Soares d'Albergaria, do qual houve successão.

N'esta freguezia ainda existe a casa dos Soares d'Albergaria (descendentes de Diogo Soares d'Albergaria) da qual é actual representante, o sr. dr. Alexandre Celestino Soares d'Albergaria (vide *Buraco*)—e na proxima freguezia de Castellões, d'este concelho, a casa de Areias, da qual é hoje proprietario, por herança de seus paes, o sr. dr. Antonio Soares Leite Ferraz de Albergaria. (Vide *Castellões*—a 2.ª de pag. 198, col. 2.ª, do 2.º volume.)

Ainda n'este concelho ha outras familias d'appellido Soares d'Albergaria, e muitas mais do appellido Soares *sem Albergaria* que é provavel descenderem (por linha legitima ou bastarda) do referido Diogo Soares de Albergaria.

ROIOS ou ARROIOS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella. Vide—2.º *Arroios*, do 1.º vol., pag. 238 verso, col. 1.ª

D. Affonso III deu foral, com o titulo de de villa, a esta povoação, em Guimarães, a 2 d'abril de 1258. (*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 126 verso, col. 1.ª)

RÓL—grande quinta, Douro, na margem da ribeira d'Ançan, e no centro da *Varzea d'Ançan*. É dos srs. Ferreiras Pintos Bastos, da Vista-Alegre.

Para evitarmos repetições, vide *Portunhos*.

RÓL—Vide *Ponte do Ról*.

ROLIÇA—freguezia, Extremadura, concelho d'Obidos, comarca e 18 kilometros ao O. das Caldas da Rainha, 54 kilometros ao N.O. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757, tinha 338 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Os beneficiados de S. Pedro, d'Obidos,

apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de ceveda, um tonel de vinho, e 4$000 réis de congrua.

É terra muito fertil, em todos os generos agricolas do paiz.

—

É glorioso para esta freguezia, em particular, e para a nação em geral, o dia 17 de agosto de 1808, no qual, o exercito luso-britanico obteve a primeira victoria contra as hordas de salteadores jacobinos, do infame Junot.

Os francezes eram inferiores em numero aos alliados, mas as suas quasi inaccessiveis posições suppriam-lhes muito a inferioridade do numero.

Era cabecilha do inimigo, o malvado Laborde, e chefe dos alliados, o immortal sir Arthur Willesley (depois lord Willington, conde do Vimeiro, marquez de Torres-Vedras, e duque de Wellington.)

Os jacobinos tiveram mais de 500 mortos e feridos.

Note-se que o exercito portuguez era composto, na sua quasi totalidade, de soldados bisonhos, feitos á pressa, e que entravam em fogo pela primeira vez, e de milicias e paisanos, mal armados, e que tambem nunca tinham assistido a qualquer combate.

Os soldados inglezes, tambem quasi todos, era a primeira vez que tomavam parte em uma batalha.

Apezar d'estas circumstancias desfavoraveis, era um quadro arrebatador, ver a bravura, sangue-frio e disciplina, com que os intrépidos alliados, e estes destemidos galuchos atacaram á *bayoneta callada*, e tomaram as alcantiladas posições do inimigo.

Esta batalha foi o preludio da do Vimeiro, dada logo a 21 d'agosto, e que ambas foram a causa da expulsão do rapinante Junot e dos seus *camaradas*.

Esta gloriosa acção foi dada nos limites da *Roliça*, da *Columbeira*, e da *Azambujeira dos Carros*.

(Vide *Óbidos*, *Tavarêde* e *Vimeiro*.)

O general Loison, que estava em Abrantes, marchou sobre Otta e Alcoentre, para se unir a Laborde, e, perdendo a batalha da Roliça, retirou para Torres-Vedras, para se unir ás tropas de Junot, que vinham de Lisboa.

Em quanto Junot occupava Torres-Vedras, sir Arthur Willesley marchava pelo caminho da Lourinhan, com o fim de aproximar-se da costa, para estar protegido pela esquadra ingleza, que andava nas aguas de Peniche e Ericeira, tendo a sua maior parte fundeada em frente da Atalaya.

—

Nasceu na Roliça, a esposa do sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. conde de Casal Ribeiro) que falleceu, na sua casa de Chellas, freguezia do Beato, a 29 de abril de 1877. Foi uma dama virtuosissima, e de exemplar caridade.

Deixou 100$000 réis para os pobres da freguezia do Beato, e 50$000 para os da Roliça: 450$000 réis ao asylo dos cegos, de Castello de Vide; e alguns legados de 50$000 réis a estabelecimentos de benficencia, tudo na importancia de 2:000$000 réis, incluindo os legados a parentes pobres.

Deixou dois filhos.

ROMANS—freguezia, Beira Alta, concelho de Satam, comarca e 24 kilometros ao E. de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Valle.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano* (não sei com que fundamento) dá a esta freguezia o nome de ROMARIZ.

Pertence ao antigo concelho de Gulfar. (Vide *Pinheiro d'Aguiar*.) Fica sobre a margem esquerda do rio Vouga, em frente de Ferreira d'Aves.

Ha n'esta freguezia um alcantilado monte, chamado o *Barrocal*. Entre uns altos e escabrosos rochedos, está a capella de *Nossa Senhora das Romans* ou *do Barrocal*[1] tendo

[1] A verdadeira invocação da padroeira, é Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias, mas o povo dá-lhe vulgarmente o titulo referido no texto.

ao lado do norte, um pequeno valle, regado por uma fonte de crystalinas e frescas aguas.

Varios caminhos, todos pedregosos, vão dar á capella, e um d'elles é o do povo do Carvalhal, para a matriz; que passa mesmo junto da ermida. Ao E. d'esta, se veem umas casas terreas, residencia do eremitão, com uma horta e pomar contiguo, murados, e sobre um despenhadeiro.

O templosinho é bonito, e todo construido de pedra de cantaria.

Ignora-se quando foi construido o primittivo: o actual, é uma reconstrucção desde os alicerces, feita por ordem do bispo de Viseu, D. João de Mello.

Tem em volta uma *sapata* ou banquêta para commodidade dos romeiros. Tambem sollicitou para esta capella um grande legado que deixára Manuel de Figueiredo, fallecido na povoação de *Mariquita* (Castella) e natural do logar de Decermillo, ou Sermillo, então concelho de Gulfar, freguezia annexa a esta de Romans. Este homem era muito rico, e não tinha herdeiros forçados; pelo que, por testamento, deixou a maior parte dos seus haveres, para que com elles se fundasse um mosteiro de monges benedictinos.

As riquezas do testador estavam porem nas garras dos castelhanos, e não era facil arrancar d'ellas a herança. Apenas, depois de muitas diligencias do bispo, e contestações dos castelhanos, se poude cobrar o sufficiente para reconstruir a ermida, e comprar alguma fazenda, que rendia annualmente 50$000 réis, com o que D. João de Mello instituiu uma capella de missas, a pequena congrüa do eremitão, a sufficiente renda, para custeio dos reparos e conservação da ermida, e os paramentos necessarios para o culto divino.

São administradores da ermida, os provisores do bispo de Viseu. O eremitão era até 1834 apresentado pelo parocho da freguezia, e confirmado pelo bispo.

As esmolas são para o eremitão.

A imagem da Senhora é de pedra d'Ançan e tem 0^{m},77 de alto: é de boa esculptura, e a festa se lhe faz no seu dia proprio, que é a 2 de fevereiro.

ROMÃO—portuguez antigo—romano (de Roma.)

ROMÃO (S) — monte, Douro, nos limites das freguezias de Eiriz, e S. Pedro Fins de Ferreira, no concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Fica este monte 3 kilometros ao S. dos rios Ave e Visella. Tem bastante altura, e deve o seu nome a uma ermida de S. Romão, que alli existiu, e da qual ainda ha vestigios. Corre o monte de N. a S., e pela sua posição elevada, se descobre d'elle um vasto horisonte.

No seu cume ha um plató, onde existiu uma antiquissima cidade, ou povoação, e a cujo sitio dá o povo o nome de *Cidade Velha*. Era esta cercada de um bom muro, com uns 1:500 metros de circumferencia, e de 1,^{m}54 de espessura, e ainda no principio d'este seculo conservava a altura de 0,^{m}66.

No seu ambito ha ruinas de pequenas casas, e vestigios de ruas, estreitas e ladrilhadas. No centro ha uma elevação, cercada de outro muro da mesma grossura do antecedente, e dentro do seu ambito, se veem ruinas de algumas casas maiores, e de um castello, ou fortaleza, de fórma circular, e de boa cantaria. (É outra *Citania*.)

Fóra do cinto de muros exteriores, a uns 400 metros de distancia, ao N. e ao S., se veem vistigios de trincheiras.

Em um valle proximo, se descobriu, no principio do seculo passado, uma grande cova, tapada com uma pedra redonda, com um orificio quadrado. A cova é fechada de abobada, de optima cantaria, e tem grande profundidade.

Perto d'esta cova, está um penedo gigantesco, tendo no centro um grande buraco, redondo, tambem muito fundo.

A uns 1:200 metros ao E. da *Cidade Velha*, ha um penedo redondo, que tem gravada a seguinte inscripção:

COS. NE. AE.
P. S.

Esta fica ao lado do E., e no lado op-

posto, ha outra, da qual apenas póde lêr-se:

FIDV..... PIC.

No centro das ruinas da tal cidade, se achou tambem no principio do seculo passado, a estatua de uma mulher, com uma roca na cinta. O povo a quebrou, por entender que era um idolo pagão!

Pela solidez e perfeição dos muros, casas e castello, suppõe-se ser isto tudo construcção romana.

ROMÃO (S.)—aldeia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. É a 3.ª estação do caminho de ferro do Minho, e fica entre as estações da Trófa, e Ermezinde.

ROMÃO (S.)—Vide *Nogueira*, do concelho da Barca, e a 2.ª Quintella.

ROMÃO (S.)—aldeia, Douro, no concelho de Vagos, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao S O. d'Aveiro, 40 ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa.

É povoação muito antiga, e já existia no tempo do conde D. Henrique, pae de D. Affonso I.

Era uma parochia cujo orago foi S. Romão, e os cruzios de Grijó apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Pertencia então (como todo o bispado de Aveiro) á diocese de Coimbra.

D. Sancho I deu o senhorio d'esta freguezia, a D. João Fernandes; e D. Fernando João, filho d'este, doou o senhorio ao santuario de Nossa Senhora de Vagos, em 1202. Depois, passou o santuario e o senhorio de S. Romão, para o mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de Grijó.

A povoação de S. Romão, foi villa e couto, ao qual o rei D. Sancho I deu foral, em 1190, quando a deu a D. João Fernandes.

ROMÃO (S.) (de Dadim)—Vide *Nogueiró e Dadim*.

ROMÃO (S.) (de Cêa)—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 5 kilometros ao S, de Cêa (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Gouveia) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 265 ao E.N.E. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 380 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Soccorro.[1]

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que que tinha 460$000 réis de rendimento.

Foi villa e couto, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 24 de janeiro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 137, col. 2.ª)

Está esta freguezia situada nas faldas da serra da Estrella, e passa-lhe pelo meio, o rio Alva, aqui atravessado por uma boa ponte de pedra, chamada *ponte do Peramal*. Mais abaixo ha outra ponte, tambem de pedra, chamada *Ponte d'Alem-d'Alva*.

É terra fertil,

Grande abundancia de gado, principalmente miudo, muita caça, grossa e miuda, e peixe do rio.

Ha aqui duas boas fabricas de tecidos de lan, produzindo pannos de varias qualidades, e cujo propulsor é a agua do rio.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Cabeça de Romão*.

O rei D. Manuel, deu o senhorio d'esta villa ao 1.º conde de Portalegre, D. Diogo da Silva; mas depois tornou para a coroa.

—

A extincta villa de S. Romão de Cêa, fica entre as, tambem extinctas, villas de Mello e Santa Marinha.

Ao N.E. da povoação, está a serra do mesmo nome da freguezia, e n'ella, a uns 500 metros do logar, está um nicho aberto na rocha, no qual, segundo a lenda, appareceu uma imagem de Nossa Senhora. Mais adiante, cerca de 15 metros, está outro nicho, em outra penha, onde se diz appareceêra uma imagem do Menino Jesus. Ainda mais adiante uns 100 metros (no sitio onde hoje está a capella) é fama ter apparecido uma imagem de S. José.

Esta ermida fica a uns 20 metros da margem do Alva, e a 3 kilometros para N.E. do povo de S. Romão. Foi construida logo depois da apparição das santas imagens, e pelos annos de 1650, e posto que seja dedicada

[1] O seu primeiro orago foi S. Romão.

á *Sagrada Familia*, se deu á padroeira o titulo de *Nossa Senhora do Desterro*, alludindo á sua fugida para o Egypto.

Em poucos annos se tornou a capella de *Nossa Senhora do Desterro*, um dos mais famosos sanctuarios da Beira Baixa, e, com as offertas, esmolas e doações dos fieis, não só se aformoseou o templo, como tambem se construiram casas e cêrca para residencia do eremitão, e para abrigo e hospedagem dos romeiros.

Está a egreja em logar solitario, mas alegre e ameno no verão. O parocho da freguezia, é que apresentava o eremitão.

Alem do templo da Senhora, se teem construido varias capellinhas, um bom chafariz e uma boa ponte de pedra, sobre o Alva.

A romaria de Nossa Senhora do Desterro, é uma das mais concorridas da provincia.

Vide *Cêa*, principalmente a 2.ª col. de pag. 222, do 2.º volume.

ROMÃO (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Môr-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Arraiolos), 35 kilometros de Evora, 90 ao S.E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 66 fogos.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 62 de cevada.

No districto d'esta freguezia, é a 11.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste, officialmente denominada de Monte-Mór-Novo.

É terra muito fertil em cereaes.

ROMÃO (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Extremoz, concelho de Villa Viçosa, 54 kilometros de Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 79.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 90 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes.

ROMÃO (S.) — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Rézende—foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lamego, d'onde dista 12 kilometros ao O.N.O., 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos.

Orago, S. Romão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Anriade, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

ROMÃO (S.)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 16 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, no principio d'este seculo, e unida á confinante.

ROMÃO DE NEIVA (S.)—Vidè *Neiva*.

ROMÃO.—Vidè *Poço Romão*.

ROMÃO (S.)—pequeno rio, Extremadura, que dá origem ao Sádo. Vidè esta palavra.

ROMÃO (S.)—Vidè *Sádam* (*S. Romão do*.)

ROMÃO (S.)—Vidè *Coronado* (*S. Romão de*.)

ROMÃO (S.)—pequeno rio, Douro, na freguezia de S. Romão de Coronado (a antecedente) da qual toma o nome, e morre no Ave, depois de um pequeno curso.

ROMÃO (S.)—logar, Alemtejo, na freguezia e concelho de Alvito, comarca de Cuba.

Vidè o 3.º *Alvito*.

Fica junto e ao S. de Alvito, 4 kilometros de Villa Nova da Baronia, 5 de Vianna do Alemtejo, 4 de Villa-Ruiva, e 5 de Villalva.

Foi n'este logar o primittivo assento da actual villa de Alvito, da qual o 1.º nome foi *Villa Nova de Alvito*, e é como vem designado nos foraes.

Ainda existe a antiga egreja matriz, dedicada a S. Romão (cujo padroeiro deu o primeiro nome á freguezia) e está hoje reduzida a capella, da invocação de Nossa Senhora da Graça.

O parocho da freguezia de S. Romão, e depois o de Alvito, foi, até 1834, um frade do mosteiro da Santissima Trindade, de Santarem, apresentado pelo ministro do mesmo mosteiro, que era commendador d'esta egreja.

O parocho tinha 300$000 réis de rendimento annual.

—

A villa, quando era em S. Romão, prolongava-se até á *horta das Adegas*, onde existiu o palacio de Estevam Annes, e no quintal d'elle havia uma tão grande parreira, que chegava á egreja matriz (S. Romão).

A abobada d'este palacio abateu em 1872, e o resto do edificio foi demolido.

A primeira fonte da villa de S. Romão, foi na horta das Adegas.

Com o correr dos tempos, foi-se a povoação estendendo para o lado de Santo Antonio, ao norte.

Ainda aqui não parou a povoação, e se foi povoando o terreno, sempre na direcção do norte, até ao sitio da villa actual.

Ainda ao sul da capella de Santo Antonio, se vêem muitos alicerces de casas, no sitio onde hoje são os ferragiaes.

Tem, por varias vezes, n'estes contornos apparecido esqueletos humanos, completos e bem conservados; e quando se abriram as covas, para plantar amoreiras, no rocio de S. Sebastião (onde está a capella d'este santo) acharam alli grande quantidade de ossos, que se julga serem dos habitantes da villa (então florescente cidade romana, cujo nome se ignora) assassinados pelos barbaros do norte, no principio do seculo v, e que arrazaram a povoação.

De quasi todos os pontos de Alvito, se vêem as ruinas do castello de Villa-Ruiva.

—

O outeiro de S. Miguel, junto á villa, é de de bastante elevação, e do seu topo se vê Beja, Cuba, Farinho, Villa Ruiva, Villalva, Portel, Agua de Peixes, Ferreira, Alfundão, Beringel, Villa Nova da Baronia e Odivellas.

Houve n'este monte a ermida de S. Miguel, archanjo (que lhe deu o nome) a qual foi vendida e profanada. É hoje um moinho de vento!

Principia n'este monte, a serra de Muxagata, e n'ella e no monte, ha varios moinhos de vento.

A parte da serra de Muxagata, que pertencia á freguezia de Alvito, foi aforada, em courellas, aos seus moradores, em 1863, e acha-se hoje cultivada, produzindo trigo, batatas, cevada, vinho, azeite e outros fructos.

A outra parte da serra, pertencente á freguezia de Villa da Baronia, tambem foi aforada, em 1874.

Tanto o logar de S. Romão, como a villa de Alvito, são muito saudaveis; e tanto que, havendo nas freguezias circumferentes uma epidemia de variola (bexigas) que durou muito tempo, e fez bastantes victimas, aqui, rarissimas pessoas foram atacadas, e nenhuma falleceu.

A planicie em que está fundada a villa, é em sitio elevado, e é essa a causa da sua salubridade.

Está cercada de olivaes, principalmente ao N., onde o olival chega até Vianna.

O rio Odivellas, que rega esta freguezia, nasce nas immediações de Portel, sendo até Oriolla um pequeno ribeiro. Principia aqui a engrossar, e passa por Villalva, Villa-Ruiva, Alvito o Odivellas, e desagúa no Sádo.

As suas aguas fazem mover as rodas de muitos moinhos e lagares de azeite. Traz peixe.

—

Em 1875, fechou-se a opulenta fonte da praça de Alvito, conduzindo-se a sua agua, por um aqueducto subterraneo, para as novas fontes e tanques publicos; hindo os seus remanescentes desaguar no rio Odivellas, depois de servirem de motores a nove azenhas e regarem varias hortas.

Além d'este aqueducto, mandou a camara construir um amplo canal, para dar vazão á agua no inverno, porque então, é em tão grande quantidade, que, antes d'esta obra, eram frequentes as inundações na villa. Este cano conduz a agua ao ribeiro das *Graves*, que morre no Odivellas. É todo de robusta cantaria.

O largo da Trindade, foi todo plantado de amoreiras, em 1863.

A estação do caminho de ferro, fica a 1 kilometro da villa, e ha para ella uma boa estrada moderna, á mac-adam. É um bonito passeio.

O cemiterio foi feito á custa da camara, em 1855, e dentro d'elle está a capella do *Senhor das Almas*, que é a antiga ermida de Nossa Senhora dos Martyres. É fechado por um portão de ferro.

Junto á egreja da Misericordia, está a capella de Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias.)

No largo de Santo Antonio, está a egreja do mesmo santo, que foi de um mosteiro de frades capuchos antoninhos, supprimido muitos annos antes de 1834.

Junto á egreja existe um ferragial, que ainda conserva o nome de *Cerca de Santo Antonio*, e era a do mosteiro. Proximo está um lagar de azeite.

O edificio do mosteiro, estando em ruinas, foi demolido pelos annos de 1790.

Ha na villa dez lagares de azeite.

No centro da villa, é o largo do Relogio, onde está a casa da camara, com todas as accommodações para as sessões municipaes, administração do concelho, repartição de fazenda e cadeia.

N'este mesmo edificio está a bibliotheca publica municipal, que já conta uma boa porção de livros, e a camara emprega em cada anno uma verba de 100$000 réis, para hir augmentando a livraria.

No andar terreo, se vende a carne e o peixe.

N'esta casa da camara existe, bem conservado, o brazão de armas da villa, que é um touro louro em campo de púrpura, com uma aranha no focinho. Segundo a tradição popular, o touro que deu causa a estas armas, fugiu para um vasto silvado, e de lá sahiu, com uma grande aranha no focinho. Quando se deu este caso, ainda a villa era em S. Romão.

Note-se porém que as armas *officiaes* da villa, se vêem em todos os livros desenhadas de outra maneira.

Vidé no vol. 1.º, pag. 182, col. 2.ª, a ultima linha.

Para se evitarem repetições, é preciso ver o 2.º *Alvito*, na 2.ª col. de pag. 180, do 1.º volume.

ROMÃO (S.) (de Briteiros) — monte, do Minho, nas freguezias de Santo Estevam e Nossa Senhora dá Piedade, de Briteiros, comarca e concelho de Guimarães.

Já nas duas mencionadas freguezias, e na palavra *Citania* (vol. 2.º, pag. 308, col. 2.ª) fallei da hoje famosa cidade a que se dá o nome (quanto a mim generico) de Citania; mas depois da publicação do 2.º volume, o sr. dr. Francisco Martins Sarmento, de Guimarães (dono da quinta de Briteiros, a 3 kilometros das *Taipas*, e da maior parte do monte de S. Romão), levado pelo simples amor da sciencia, tem, á sua custa, feito grandes excavações e descobertas no referido monte, com o que tem prestado um relevantissimo serviço á archeologia [1].

É por isso que eu aqui torno a fallar na *cidade morta* do monte de S. Romão.

Em primeiro logar, vejamos, em resumo, o que diz D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica de Braga*, tomo 2.º, pag. 457:

(Este livro foi publicado em 1734.)

A legua e meia (9 kilometros) ao O. de Guimarães, e a mesma distancia ao N.E. de Braga, no alto de um monte, junto ao rio Ave, 3 kilometros a E. da estrada que conduz de uma a outra d'estas cidades, estão umas ruinas a que o povo dá o nome de Citania.

Segundo alguns historiadores, são os restos da cidade romana de *Cinania* [2].

O monte de S. Romão, é bastante alto e muito despenhado do lado do E., S. e O. Pelo N., communica com outros de inferior altura.

[1] O mesmo esclarecido cavalheiro, tem feito, tambem á sua custa, grandes excavações e valiosissimas descobertas no monte de *Sabroso*, que fica proximo ao de S. Romão. Vidé *Sabroso de Briteiros*.

[2] Ptolomeu diz que o *Avus* (Ave) corre á vista da cidade de *Cinania*. Ou houve uma cidade chamada *Citania* e outra *Cinania*, ou Ptolomeu lhe adulterou o nome.

Do E. (do lado do Ave) se subia por uma calçada, muito larga e ainda hoje pouco damnificada, e coberta de matto, que hia até ao alto do monte, e ahi o rodeava.

Pelo norte se veem vestigios de dois baluartes de fórma circular. Junto d'um d'elles, se vêem vestigios de outra calçada, que subia da parte do O., e dá indicio de ter sido estrada coberta.

A povoação era no alto do monte, onde ha vestigios de casas, pela maior parte, redondas, e construidas de pedras miudas.

As ruas eram estreitas, *não cabendo mais de duas pessoas a par* (!): só uma, que corre de E. a O., e atravessa toda a povoação, tem largura para quatro pessoas em linha.

Ao S., está uma casa, que é a maior, e se acha ainda com paredes de dois ou tres palmos. Parece ter sido templo, e affirmou um individuo, que, pelos annos de 1700, se lhe viam arcos subterraneos, os quaes, um chantre de Braga, desfez, para levar as pedras melhores para uma sua quinta; entre as quaes foi uma de marmore, da qual adiante se trata.

As ruinas da povoação estão cingidas por uma muralha de 2,^{m}20 de largo, e n'ella um portal da mesma largura. D'esta muralha, até outra que fica mais abaixo, ha a distancia de 30 metros. Ainda a 111 metros de distancia ha outra muralha, todas da espessura da primeira.

Segundo as informações de um archeologo que visitou estas ruinas, do lado do S. e O., por ser o monte despenhado, só tinha uma muralha; mas do N., por onde se communica com outros montes mais baixos, tinha, na parte mais fraca, cinco, e no resto quatro, com bastidas, entre uma e outra muralha.

Eram obra muito bem acabada, e até, em partes, romperam os rochedos a picão, com incrivel trabalho.

Entre diversas pedras aqui encontradas, se achou uma, no sitio onde existiu um templo pagão, ou ermida catholica com esta inscripção:

XHVCVO

Foi por essa occasião que se achou a celebrada *Pedra formosa*. O chantre da Sé de Braga, Ignacio de Carvalho, abbade de Santo Estevam de Briteiros, a mandou remover para o sitio chamado o *Poço da Olla*, onde esteve até ao anno de 1718, sendo então levada por 11 juntas de bois, para o adro da dita egreja de Santo Estevam.

Tem esta pedra 2,^{m}64 de largura, 2,^{m}42 de alto, e 0,^{m}44 de espessura. Do lado da frente tem diversos desenhos, de fórmas extravagantes. (Vide *Briteiros*, Santo Estevam.)

Esta pedra está outra vez no seu primittivo logar, por diligencias do sr. dr. Sarmento.

Achou-se outra pedra, quadrada, com o lavor de um laço muito usado entre os romanos. Outra, tambem quadrada, tendo gravadas varias figuras, entre ellas, a de um satyro, nú, com uma tocha na mão, e por traz d'elle outro, tambem nú, com os braços estendidos.

O doutor Barros, nas suas *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, diz que houve em Citania, um moimento muito velho, que constava ser a sepultura do rei Wamba. [1]

Conclue Argote que houve aqui povoação romana, que ainda existia no tempo dos suevos, dos godos e dos mouros.

—

Ainda no livro 5.º (2.ª edição) de *Antiquitatibus conventus bracarangustani*, a pag. 166, diz o padre Argote, em summa, o que segue:

Quasi todos os nossos geographos e historiadores asseveram que, em um monte que fica entre Braga e Guimarães, existiu a antiquissima cidade de *Cinania*, que já era illustre pela intrepidez de seus habitantes, antes da expedição do consul Decio Junio Bruto,

[1] Não foi sepultura do rei Wamba, mas de um santo abbade, do mesmo nome, que talvez fosse parocho de uma freguezia do arcebispado de Braga, chamada *Citania* ou *Gitania*, da qual falla o concilio lucense, convocado por Theodomiro, rei dos suevos, em 568, e portanto 114 annos depois que o rei Wamba abdicou a coroa, em Ervigo, (682) que havia adoptado.

Este abbade Wamba era o de um antigo mosteiro benedictino, cuja egreja é a actual matriz de Santa Leocadia de *Briteiros*. (Vide 1.º vol. pag. 491, col. 2.ª, no principio.)

contra os lusitanos, no anno 135 antes de Jesus Christo. (Vide 4.º vol., pag. 93, col. 2.ª)

Pondo Bruto um apertado cêrco á cidade de Cinania, e vendo que a não podia tomar, mandou dizer aos cercados, que por certa quantia, levantava o sitio e os deixava em liberdade. Os lusitanos responderam, que *os seus antepassados lhes não deixaram ouro para comprar a liberdade, mas ferro para a defender.*

—

Até aqui Argote. Vejamos agora o que o benemerito sr. dr Francisco Martins Sarmento tem descoberto até á actualidade (1879.)

—

Até dezembro de 1876, se tinham descoberto muitas casas circulares, talvez obra dos antigos lusitanos. Teem uma só porta, alta, por onde se trepava por degraus moveis.

Foram achadas algumas esculpturas, com inscripções que fazem recordar o typo das antigas esculpturas celticas-irlandezas.

Fragmentos de alampadas; amphoras de barro saburtino; uma grande pedra, de 3 metros de comprido por trez de largo, coberta de lavores similhantes aos da *edade de ferro*, as ultimas dos tempos pre-historicos.

Tem-se descoberto muralhas de 3 e 4 metros de espessura.

As casas que teem apparecido, são umas circulares, e outras quadrangulares, já encostadas a outras, já separadas por um intervallo de 0,m45. Estão todas em um certo alinhamento, e separadas por estreitas ruas, calçadas com lages de granito.

No alto da povoação houve uma pequena praça.

Todas as figuras e ornatos que teem apparecido, são pre-romanas, segundo demonstra o estylo e a execução, e tudo indica que a arte da esculptura ainda estava na infancia, e o carcomido das pedras mostra evidentemente a sua muita antiguidade.

Appareceram tambem muitas pedras com cruzes, gravadas de varias fórmas, mas, só uma d'ellas se parece com o symbolo do christianismo: esta porem, parece ser de época mais moderna do que as outras.

Apparecem duas ordens de inscripções.

Sobre alguns fragmentos de barro, e, no que parece ser padieira de uma porta, vê-se o nome *Camal*, que parece celta, mas escripto em caracteres romanos. [1]

Tem apparecido varias inscripções, com caracteres desconhecidos (por emquanto) mas os alphabetos n'ellas empregados, é provavel que sejam manifestamente os greco-italiotas.

Acharam-se fragmentos de diversos vasos que parecem romanos, e até em muitos se lê o nome do oleiro que os fabricou; mas outros são tão toscos, que parecem mais antigos. Uns são fabricados do celebre *barro saguntino*, outros de uma argilla grossa e mal preparada.

Tem-se tambem encontrado as costumadas *fuzaiolas*, cujo destino é por ora tão disputado, mas que parece haverem sido de uso muito geral em todas as épocas antigas pois não ha excavação em que não appareçam

Pela diminuta quantidade de telhas (fragmentos) que se tem encontrado, suppõe-se que as casas eram cobertas de côlmo, e só os beiraes de telha. [2]

[1] É provavel que, se esta palavra não é de origem lusitana, a herdassemos dos celtas. O que é certo é que, no portuguez antigo, *camal*, *camalho*, e *bacinête*, era o morrião ou chapeu de ferro, de aço, ou de cobre, com que os antigos guerreiros defendiam a cabeça, dos golpes do inimigo. Ainda no principio do 15.º seculo se dava o nome de camal (camaal) a esta parte da armadura.

Propriamente queria dizer *babeira*. D. João I, mandou dizer aos povos de Frexo de Espada á Cinta, em 1410, que escolhessem—*ou ter as Cotas, ou peças com bacinetes de Camaaes, ou de babeira, e com avambraços*, (bésta de garrucha) *ou ter as sôlhas* (especie de cótas. guarnecidas de laminas de aço, do feitio de sôlhas, peixe) *e gorgelim* (depois disse-se *gorjal* ou *gorgueira*—era a peça da armadura que defendia o pescôço) *qual antes quizessem, tal tenhão.* (Doc. da Camara de Freixo de Espada á Cinta, de 1410.)

[2] Talvez fossem, na maxima parte, feitas de abobada, em vista da grande quantidade de pedra faceada que apparece; e eis a razão de se acharem tão poucos fragmentos de telha.

Acham-se muitas mós e *andadeiras*, o que prova que este povo fazia uso diario do pão.

Os objectos de metal encontrados, são em pequena quantidade, e tão oxidados, que não é facil determinar-lhes as fórmas. Pela mesma razão se não póde verificar evidentemente, a materia de que foram construidos, mas parecem de cobre e ferro.

As moedas apparecidas, tambem são poucas e todas celtibericas; duas, porem, teem a palavra *Augusto*.

Em agosto ou setembro de 1876, descobriram-se 17 sepulturas, formadas de pedras pequenas, e contendo vestigios d'ossos, misturados com terra, cacos e carvão, e fragmentos de diversos metaes. Todas foram achadas no sitio da primittiva capella de S. Romão, da qual ainda ha vestigios. Duas estão mesmo dentro do ambito da capella, o que faz suppor que são de uma epoca mais moderna, e jazigo de christãos: talvez do tempo dos suevos. Trez ou quatro sepulturas, são de grandes dimensões: as outras são pequenas, sendo as maiores de um metro de comprido.

Em vista da robustez e espessura das muralhas do N., é de suppor que esta cidade tivesse muitos seculos de duração; porque não se faziam tão solidas construcções para uma residencia ephemera. O mesmo attesta a boa construcção das casas, e o calcetamento das praças e ruas.

Tem-se achado fragmentos de vidro, e escorias de forja, e alguns, poucos, objectos de prata; cobre e prata, com esmalte; e ouro, com liga de cobre.

—

Ignora-se quem foram os fundadores, e quem os destruidores d'esta povoação; o que se conhece é que não foi o correr dos seculos, mas a mão do homem, que a destruiu.

É provavel porem que os seus fundadores fossem os gallos-celtas (ou *gallici*) que deram o nome á Galliza.

Esta Citania estava no districto da tribu tamacana (vide Canavezes) uma das que ajudou a construir a ponte de Chaves.

Segundo alguns archeologos, o nome proprio d'esta cidade (circumscripção) era *Briteiros* e dizia-se a *citania de Briteiros*. ou *citania dos Briteiros*, dando-se aos povos d'estes sitios o nome de *briteiros*, nome que ainda conservam as freguezias de Santo Estevam, Santa Leocadia, e S. Salvador, todas n'esta localidade e contiguas umas ás outras. Será assim, mas briteiros parece-me palavra muito moderna.

—

Já em 1873 disse, a pag. 309, col. 2.ª, do 2.º volume, que, em vista do numero de cidades da Peninsula chamadas *Citania*, me parecia que este nome não era proprio mas generico. Tive a satisfação de ver que, em 1877, o fallecido academico, marquez de Souza Holstein, e o sr. Simão Rodrigues Ferreira [1] foram da minha opinião.

Desde o Estreito de Gibraltar, até á nossa actual Extremadura, houve no litoral varias cidades com o nome de *Carteia*, o que me faz suppor que esta palavra era termo generico, e significava *cidade maritima*. (Vide *Carteia*, *Peniche*—a pag. 619, col. 1.ª do 6.º volume—e *Meridiano*.

No interior do reino, houve tambem varias *Citanias*—lembram-me as seguintes—1.ª, esta de que estamos tratando—2.ª, a de *Róriz*—3.ª, a do monte da *Saia*—4.ª, a de *Bayão*.

Estou pois convencido, que, assim como *carteia* significa *cidade maritima*. *citania* queria dizer *cidada de interior*.

—

Tambem ha duvidas quanto á etymologia da palavra *citania*.

Do que fica dito se collige que esta povoação foi fundada nos tempos pre-historicos, que continuou por toda a época dos antigos Insitanos e gallos-celtas, e que floresceu no tempo dos romanos, depois de pacificos senhores da Lusitania. Mas quem a destruiu? —Talvez os suevos, vandalos e wisigodos, no seculo quinto.

Entre os gallos-celtas, *citan*, significava cidade ou povoação, como *tan* era synonimo de paiz, ou região. Nas ilhas britanicas, *cy-*

[1] Recommendo aos meus leitores o folheto publicado por este esclarecido cavalheiro, em junho de 1877, na typographia do *Commercio do Porto*. É um estudo muito interessante e curiosissimo.

tian tinha a mesma significação (e talvez fossem os bretões inglezes que introduziram o termo nas Gallias, quando, atravessando o cannal da Mancha, se foram estabelecer na Armorica, cujo nome mudaram em Bretanha. (Vide *Druidas.*)

Da palavra *tan*, se fez *tania* e é d'estes dois termos provavelmente que se deriva—*Indostan, Turkestan*, etc., e, *Lusitania, Pensilvania, Marcomania, Sarmania, etc.*

—

Porei aqui termo a este artigo, apezar de haver sobre o que fica dito materia para um grosso volume; mas se as pessoas dadas aos estudos archeologicos se deleitavam com elles, as mais—e são a maior parte—acham-os sobremaneira enfadonhos e soporificos.

ROMÃO (S.) DE ARMAMAR—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lamego—12 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Romão.[1]

O povo apresentava o cura, que tinha 24$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Está esta freguezia situada entre as de S. Thiago, que lhe fica a E., e a de Tões, que fica a O.

É composta de quatro aldeias:

Travasso, em uma eminencia, e onde está a capella do Espirito Santo, e no dia da sua festividade, vem alli os parochos de algumas freguezias, em clamor, com as cruzes levantadas, e se reune então um grande arraial.

Alcouce,[2] e aqui está a capella de S. Gonçalo.

Passos, existe aqui a capella de Nossa Senhora da Boa-Morte, na qual ha—entre outras—tres admiraveis imagens—a da padroeira—a do Senhor da Agonia—e a de S. João Baptista.

S. Romão, onde está a capella de Nossa Senhora do Direito, vulgarmente denominada *Senhora da Costa*, por estar em um serro.

Junto d'esta capella, e em sitio arejado e salubre, é que foi construido o cemiterio parochial, bastante espaçoso, e com extensas vistas para o E., O., e N.

Ha n'esta freguezia, uma pia usança, similhante á da Lourinhan (4.º vol., pag. 463) e é—quando se precisa de sol, é o padroeiro da freguezia conduzido em procissão á capella da Costa, e alli fica até cessar a chuva; e quando esta é continuada, tornam a levar o santo para a capella até vir tempo de sol.

É opinião de muitos dos meus leitores, que sou um segundo frei Bernardo de Brito, semeando milagres n'esta obra, com a maior prodigalidade. É engano. Creio firmemente que *a Deus nada é impossivel*; mas, nem os milagres que refiro, os dou como taes, nem obrigo pessoa alguma a crer n'elles; mesmo porque não são *pontos de fé*. Relato esses *factos*, e nada mais.

Aqui vão pois dois *factos* acontecidos n'esta capella de Nossa Senhora da Costa.

A sêcca esterilisadora do anno do 1874, aterrou a maior parte do povo portuguez, principalmente os lavradores.

Os parochianos de S. Romão de Armamar, recorreram—na fórma do costume—á sua antiga devoção. No dia 1.º de setembro d'esse anno, levaram o seu padroeiro, em procissão, á capella da Senhora da Costa, e logo no dia 3 choveu abundantemente. No dia 4, continuou a estiagem.

Na terça feira, 15 de agosto de 1876 (o ultimo anno de sêcca geral n'este reino, no periodo de tres annos) tambem o povo da freguezia levou o padroeiro á capella da Se-

[1] O padroeiro é advogado contra a hydrophobia, e a sua festa é a 9 d'agosto.

O povo tambem recorre á sua intercessão, para a cura das sesões, e para afastar as trovoadas: e quando as ha, collocam o santo entre duas vellas, á porta da egreja, crendo que, assim, a trovoada desapparece.

[2] O verdadeiro nome d'esta aldeia, é *Alcouço*, que no portuguez antigo significa *sul*, ou *que está do lado do sul.*

Alcouce, é corrupção de *Alcouço.*

Portanto o nome da povoação não é synonimo de prostibulo, mas de cousa que está do lado do meio-dia. (Documentos dos seculos XIV e XV.)

nhora, no meio de um calor intensissimo, e sem haver o menor indicio de chuva.

No dia seguinte, appareceram algumas nuvens, e no dia 17 choveu torrencialmente por estes sitios, e o calor diminuiu.

—

A egreja matriz está na aldeia de S. Romão.

Estava muito arruinada, mas o reverendo parocho actual, o sr. Manuel Alves dos Reis, presidente da junta de parochia, e os membros, os srs. doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, e padre Antonio Augusto Pinto de Carvalho, com o maior zello e sollicitude, mandaram reparar o templo convenientemente, e está hoje no maximo aceio. Os mesmos cavalheiros lhe compraram ricos paramentos e alfaias.

A sachristia é magnifica, tanto pela sua amplidão e altura, como pela abundancia de luz; e, sobretudo, pelas primorosas molduras e relevos das madeiras qne a revestem nas paredes interiores do lado do norte, onde ha um nicho em que está collocado um Crucifixo, de excellente esculptura.

Andando em visita, o bispo de Lamego, D. João Antonio Binet Pinto, affirmou que em todo o bispado, não achara em nenhuma freguezia rural uma sachristia que egualasse esta.

As pinturas do tecto da egreja, são tambem primorosas, e as *sybillas* que adornam a capella-mór, são geralmente admiradas, não só pela sua perfeição, como pela antiguidade que revelam.

Com effeito—esta freguezia é muito antiga. De uma renhida demanda que houve no seculo 17.º, sobre a *quinta do Ribeiro do Sobrado*, hoje propriedade da sr.ª D. Mathilde Aurora de Souza, d'esta freguezia, se occupa *Pegas Forense*, no tomo 2.º, pag. 759. Viveu então n'esta quinta, um famoso *licenceado*, por nome Duarte Rodrigues.

—

A freguezia está situada na encosta E. e N. de uma doce elevação, donde se descobre um vasto horisonte, que abrange parte da Beira-Alta, até ao rio Douro, e Traz-os-Montes, até muito além de Villa-Real.

O seu territorio é fertil em milho, centeio. cevada, batatas, feijões, vinho, hortaliças, muita e saborosissima fructa, e alguma castanha.

Tem seis fontes publicas—são—fonte do Santo, Enxertado, Fontainha, da Catharina, dos Pas-os, e do Travasso. Cinco reservatorios publicos, cujas aguas são distribuidas no verão, para rega de muitos predios rusticos, por um repartidor nomeado para cada um dos reservatorios, pela respectiva camara.

Estes reservatorios se denominam — Enxertado, Tapar, Extremadouro, Ameal de Cima, e Ameal de Baixo.

Houve tambem um bom manancial d'aguas ferreas, excellentes para os padecimentos do estomago, porem o dono do terreno onde ellas brotavam, fazendo n'elle algumas obras, as deixou subterradas.

Ha nos limites d'esta freguezia algumas minas de metal, e uma de phosphoreto, que foi lavrada pelo subdito hespanhol, Diogo Peres Paulino, mas acha-se abandonada desde 1875.

É tambem aqui a fertil e importante quinta do *Malheiro* ou *Pontinha*, da qual foi proprietario, o sr. padre Manuel Caetano Soeiro, um dos mais instruidos ecclesiasticos d'estes sitios, e hoje a possue seu sobrinho, o sr. padre Manuel Antonio Soeiro d'Albuquerque.

—

Nasceu n'esta freguezia o padre *Domingos das Neves* (tio de Luiz das Neves Pinto Gomes, de quem adiante fallo) celebre pela sua vasta intelligencia, e pelas suas numerosas poesias. Foi um dos melhores poetas repentistas do seu tempo.

Encetou brilhantemente a carreira universitaria, em Coimbra, chegando a matricular-se no 3.º anno de direito; mas, abusando do seu muito saber, cahiu na tentação de fazer exames preparatorios em nome e por conta de outros estudantes. Descoberta a fraude, teve de fugir de Coimbra, sem concluir a sua formatura, e foi residir para Lisboa, onde frequentava a sociedade mais escolhida, na qual era apreciado pelo seu ameno trato, variada instrucção e estro poetico.

Na capital o cognominaram o *poeta-gallê-*

go, por ser do norte do reino. Regressando a esta freguezia, aqui falleceu, no 1.º de março de 1785. A vasta collecção das suas poesias desencaminhou-se.

Conta-se que, dando-se-lhe, em uma sociedade aristocratica da capital, o mote — *A mais formosa que Deus* (de proposito para o atrapalhar), elle o glosou de repente do modo seguinte:

De uma certa romaria,
Entre duas damas vim;
Uma feia me par'cia
E a outra um seraphim.
Vendo-as eu taes assim,
Sós, e sem amantes seus,
Lhes perguntei:—Anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?
Disse a feia, que o peccado;
A mais formosa, que Deus.

—

Em 6 de fevereiro de 1803, falleceu n'esta freguezia, o mórgado, José de Carvalho, na edade de 117 annos, conservando até ao ultimo momento todas as suas faculdades intellectuaes.

—

José Pinto d'Azevedo, era um mórgado d'esta freguezia, e pessoa de muita nobreza. O parocho d'então, era homem de genio irascivel, e tendo certas desavenças com o mórgado, receando a sua vindicta, abandonou a freguezia e fugiu para a sua terra.

O povo estimava o parocho, e reunindo-se, no dia 21 de abril de 1793, marchou para a terra do parocho, na intenção de o trazer para a freguezia; mas, no caminho, lhe sahiu o mórgado, ao encontro, armado de uma espingarda, e perguntando onde hia toda aquella gente, um da turba lhe fallou inconvenientemente, e o morgado o matou com um tiro. O povo então, exasperado, matou o assassino, á paulada.

Ambos os mortos foram enterrados no dia seguinte; ficando 18 pessoas culpadas. Ainda hoje é aqui este facto recordado com horror.

—

Esta freguezia em 1811 foi saqueada pelas hostes francezas, soffrendo graves damnos. Foi até isso consignado nos livros da Irmandade das Almas, como consta das duas actas seguintes:

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1812, aos nove dias do mez de fevereiro, n'esta egreja parochial de São Romão, aonde se achavam juntos a meza e irmãos da Irmandade das Almas d'esta freguezia, e por elles e com parecer de todos assentaram uniformemente, que visto terem os francezes no saque, que deram a esta egreja, rasgado e destruido os moveis e alfaias pertencentes á mesma Irmandade, e achando-se esta sem fundo algum, com que possa reparar esta perda e comprar outros etc..... o que visto por todos, e como não resta meio algum de poder subsistir por máis tempo esta Irmandade, se desse por extintincta, fazendo-se para isso requerimento ao dr. provedor d'esta Comarca, e entregando os livros pertencentes á mesma Irmandade a quem por elle for mandado, e de quem esperavam assim o haver por bem, etc..... e fiz este termo que todos assignaram.»

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de 1817, aos 13 dias do mez de junho, n'esta egreja parochial de S. Romão, aonde haviam sido convocados, e se acham juntos o juiz, mordomos, e mais officiaes da Irmandade das Almas d'esta freguezia, afim de darem cumprimento ao que determina o dr. provedor d'esta comarca, e examinando os moveis, alfaias e ornamentos que possuia esta Irmandade, se achou, que todos haviam sido roubados, rasgados e estragados pelos soldados francezes, quando invadiram e saquearam a egreja e toda a freguezia, e que por isso e desde então ficou privada dos moveis, alfaias e ornamentos que possuia, sem que haja cousa alguma que possa descrever-se.»

A Irmandade acima alludida, achando-se já erecta na egreja matriz d'esta freguezia, foi approvada pelo Santo Padre Paulo V, por breve de 1616, no qual concedeu grandes privilegios e vantagens á mesma, taes como indulgencia plenaria aos irmãos no dia da sua entrada, confessando-se e commungando; e outro tanto no dia de S. Romão, bem como outras graças e indulgencias nos dia

de S. Pedro e S. Paulo, de Santo Antonio, de S. Francisco, e de Nossa Senhora dos Prazeres.

Apesar das deliberações supra, a Irmandade subsiste ainda hoje em estado, se não florescente, muito soffrivel.

—

O periodo decorrido de 1834 a 1838, foi de devastação e de terror para a Beira Alta: quadrilhas arregimentadas assaltavam á viva força, de noite, as casas, ao principio dos miguelistas, e mais tarde de quaesquer cidadãos opulentos, fosse qual fosse a sua politica; tendo quasi sempre passado os dias em orgias e bachanaes, ora aqui, ora alli, com a maior publicidade; e felizes os que não eram assassinados, como o foram barbaramente o dezembargador Rodrigo Sarmento de Vasconcellos e Castro, o ex-magistrado Antonio Vaz Borges de Medeiros, a bondade personalisada, e o misero frei Pedro, a quem no convento de Salzedas crivaram de facadas, até que expirou, pedindo-lhe de cada uma d'ellas o seu dinheiro, que elle não tinha!

Foi então que n'esta freguezia se deu uma sanguinolenta scena, no dia 8 de maio de 1838, que hoje faz ainda estremecer de horror os poucos vivos d'essa geração que a presencearam. Fixou aqui a sua residencia um dos chefes da quadrilha, ave de arribação vinda da provincia de Traz-os-Montes, e vivia em Santo Adrião outro chefe, conhecido pelo nome de José Teixeira, o *Cavallaria*, de execranda memoria, que a outros crimes incriveis, juntára o de matar e enterrar elle proprio, apenas nascidos, os filhos havidos de coito incestuoso com sua propria irman, e que mais tarde pagou com a vida, assassinado com um tiro por um soldado da guarda nacional, quando, na qualidade de capitão, lhe passava revista. [1]

Entre os dois chefes occorreram divergencias na partilha de um rico e avultado roubo, e o Cavallaria protestou vingar-se. Mandou pois vir de noite a sitio despovoado e medonho, entre S. Cosmado e Contim, o seu collega, a pretexto de effectuar-se o roubo de um grande proprietario ainda hoje existente, e quando este ia chegando com a sua gente, foi recebido por uma descarga de fuzilaria, que lhe matou trez homens, e elle mesmo ficou mal ferido; e fugindo atravez de uma serra, foi parar a S. Romão, tendo recebido no caminho seis novos tiros. Pediu confissão, e quando proximo a receber o Sagrado Viatico, foi assaltado por o tal Cavallaria e outras pessoas, que lhe vinham no encalço, e lhe dispararam (*horresco referens*) varios tiros, alguns já depois de morto, com uma crueldade injustificavel.

Este acontecimento foi o principio da dissolução da quadrilha d'aquelles canibaes, porque as auctoridades, adquirindo alguma força moral, prenderam uns e processaram outros, e os povos fizeram em muitos justiça por suas mãos. O certo é que algum tempo depois a quadrilha pertencia á historia, e encher-se-hiam volumes das suas atrocidades, se alguem se desse ao trabalho de escrevel-os.

—

Para o monte de *Misarella*, d'esta freguezia, vide vol. 5.º, pag. 338, col. 1.ª (a 2.ª Misarella).

—

Na aldeia de S. Romão, d'esta freguezia, nasceu, em 28 de fevereiro de 1815, o sr. doutor, João Maria Mergulhão Neves Cabral. Foram seus paes, Luiz das Neves Pinto Gomes, cavalheiro geralmente estimado, e de grande talento e instrucção; exercendo com honra e probidade varios empregos publicos, judiciaes e administrativos, e D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão, da familia dos Mergulhões, de Moimenta da Beira.

Casou em 18 de outubro de 1838, com a sr.ª D. Maria Maximina das Neves Pereira

[1] O bandido não morreu logo, apezar da bala lhe entrar por um hombro e chegar quasi ao outro. Como não houvesse maca, o levaram em um esquife, para o hospital de Lamego. No meio do caminho, escorregando os conductores, cahiu o malvado por uns barrancos a baixo; mas ainda assim, não morreu! Chegou ao hospital, e, quando se julgava quasi curado, falleceu de repente. Suspeitou-se que foi envenenado, com o receio — aliás bem fundado—de que, se aquella féra se apanhasse outra vez em liberdade, assassinasse varias pessoas.

da Gama, nascida em 1800, e fallecida em 1867. Era filha de Alexandre das Neves Carvalho, e neta de Antonio Pereira Pinto de Souza Velloso, fidalgo cavalleiro da casa real, cujo fôro foi renovado por D. Maria I, em seu filho, Luiz Pereira Pinto de Souza Azevedo e Gama. (Torre do Tombo, L.º 26 das mercês, a folhas 309 v.)

Matriculou-se na faculdade de direito, da universidade de Coimbra, em outubro de de 1839, e formou-se em 1844.

Foi laureado em todos os annos, com premio pecuniario e obteve informações distinctas.

O sr. dr. Mergulhão, é um dos advogados mais distinctos da Beira, mas só advoga no seu escriptorio, tendo numerosissima clientella.

É tambem um escriptor distinctissimo, e primoroso poeta. Tem escripto muito, sobre varios pontos de direito, na *Revista de Legislação*, na *Gazeta dos Tribunaes*, no *Jornal de Jurisprudencia*, e em outros periodicos de direito publico; e semanarios de litteratura e recreio.

Para não enfadar o leitor, só aqui transcreverei trez das suas composições poeticas, curiosissimas, pela difficuldade da sua metrificação, pois se lêem em portuguez e em latim, dando sempre o mesmo sentido em ambas as linguas.

A Portugal

SONETO

Preclarissima és tu, patria formosa,
Conservando valores eminentes,
Submissas contemplando externas gentes,
Venerando-te, Lysia tam famosa.

Tu fulges tam, quam stiva rosa!
Recordando heróes dignos, valentes,
Erige, constitue áras decentes,
Sacros cultus tu praesta gloriosa.

Ingentes glorias lusas tu diffunde,
Assidua sparge, narra, fama clara,
Triumphos memorando tam constantes.

Hostes suas terrificas confunde,
Demonstrando, quem és, victoria rara
Contra lusos belligeros, ovantes!

Á Santissima Virgem

OITAVA

Humanas TUAS gentes protegendo,
Purissima te exaltas, oh MARIA;
Satanicas insidias removendo,
Demonstras, quam TU és benigna, e pia.
Nós, miseros, presiste defendendo
Ah! de luciferina turba impia;
Supplices, oh MARIA, te rogamus,
Ante áras sacrosantas te adoramus.

—

A D. Vasco da Gama

OITAVA

Tu, africanas terras circumdando,
Asiaticas plagas manifestas;
Neptuninos furores superando,
Domas hostes indomitas, infestas.
Catholicas doctrinas propagando,
Depuras gentes rudes, inhonestas.
Ah! inclitos heróes excedes, *Gama*;
Tam eminentes glorias canta, oh Fama.

—

O sr. dr. Mergulhão, vive na sua formosissima casa, da aldeia de S. Romão, com sua filha solteira, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Mergulhão Cabral Macedo e Gama; e com suas irmans, tambem solteiras, as sr.as D. Maria, D. Fortunata e D. Quiteria: quatro senhoras das mais virtuosas da provincia, e que passam o seu tempo em obras de caridade e devoção.

—

Do sr. dr. Mergulhão e de sua fallecida esposa foi filho:

O dr., Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, que nasceu em 7 de maio de 1843.

Formou-se em direito, pela universidade de Coimbra, em 1871.

Foi tambem premiado em todos os annos do seu curso, e obteve tambem informações distinctas.

Como seu pae, publicou varios artigos de incontestavel merecimento, nos diversos periodicos de direito publico, e em varios semanarios de instrucção e recreio.

Aos seus vastos conhecimentos em varios

ramos de litteratura, alliava o comportamento mais exemplar, não parecendo homem d'esta época.

Na florescente edade de 33 annos (4 de junho de 1876) foi arrebatado pela morte este esperançoso mancebo, meu verdadeiro amigo, ao qual e a seu esclarecido pae muito deve esta obra, pelos muitos e preciosos esclarecimentos com que a teem dotado.

Todos quantos conheceram este, tão illustrado como sympathico mancebo, o amavam, e sentirão por elle uma perpetua saudade.

Tanto o pae como o filho, pertenceram sempre ao partido legitimista, que sobremodo se honrava de contar no seu grémio, dois varões de tão raras e tão apreciaveis qualidades.

Não podendo dar ao sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, outro testemunho da minha indelevel gratidão, transcrevo aqui o que, sobre o fallecimento do seu sempre chorado filho, disseram dois jornaes auctorisados.

Varios outros jornaes das differentes fracções politicas em que hoje está dividida a familia portugueza, noticiaram o fallecimento do dr. Acacio Mergulhão, mostrando todos o maior pezar por esta morte prematura, e fazendo a devida justiça ao illustre fallecido.

Eis a cópia do que com respeito a este lamentavel acontecimento dizem os dois jornaes a que acima me refiro.

Correio da Tarde

N.º 1202, de 12 de junho de 1876.

«Associamo-nos ao nosso amigo Ayres de Mendonça B. Faro e Lencastre, nos sentimentos que manifesta pela morte do seu parente, e nosso commum amigo, o ex.mo sr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, e nos pesames que dá ao pae do finado, o ex.mo sr. João Maria Mergulhão.

«Deus, Senhor Nosso, piamente o cremos, terá dado logar entre os escolhidos á alma do amigo, cuja falta sentimos; esta crença deve ser grande consolação para parentes e amigos.

«Eis o que sobre este triste successo escreve o nosso amigo Ayres de Mendonça:

—

Á memoria de ex.mo Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama.

O dia 4 de junho, foi de profunda dôr e consternação para meu primo João Maria Mergulhão, e para toda a sua ex.ma familia, parentes e amigos.

N'este dia, pela uma hora da madrugada, preparado com os Sacramentos, deixava este mundo para receber o premio dos justos, seu filho o ex.mo Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama.

Dotado de bellissimas qualidades moraes, era exemplo vivo de solida religião, piedade, doçura, e pureza inalteravel de costumes: fructos estes, provenientes da frequencia dos Sacramentos, com que se fortalecia aquella candida alma, ardendo sempre em vivissimas chammas de divino amor.

Quem se chega á Fonte da vida encontrará a verdadeira vida; e que o illustre finado a encontrou, piamente o cremos pelas suas obras.

Aqui o apresentamos como modelo do bom christão, do bom filho, e bom irmão: como servo fiel de Jesus-Christo que não desperdiçou os talentos que de seu Creador recebêra.

Era bacharel formado em Direito, pela Universidade de Coimbra, cursando aquella faculdade com grande distincção, na qual foi considerado com os primeiros premios.

Escreveu sobre jurisprudencia na Revista de Legislação de Coimbra, mostrando cabalmente que aquella sciencia lhe era familiar.

Publicou varios artigos nos jornaes o *Bem Publico* e o *Direito*, manifestando tanto o seu grande talento, como a sua applicação e amor das lettras.

No seu trato familiar era agradavel, suave, e cheio de modestia.

Contava apenas 33 annos de edade. Mas a sua hora tinha chegado, porque o Eterno queria premiar suas virtudes, podendo applicar-se-lhe «*me expectant justi donec et ibuas mihi*».

A seu ex.mo pae e familia damos os nossos sentidos pezames, tomando parte nas suas penas como christão, parente e amigo.

Pedimos um P. N. e uma A. M. por sua alma.

S. C., 6 de junho de 1876.

A. de Mendonça B. Faro e Lencastre.

—

A Palavra

N.º 1157, de 13 de junho de 1876.

O ex.mo sr. dr. Accacio Mergulhão

«Uma grande perda acaba de soffrer a comarca de Armamar e a nação portugueza. No dia 4 do corrente finou se na sua casa de S. Romão d'Armamar o sr. Accacio Mergulhão Cabral, bacharel formado em direito, distinctissimo advogado e socio da Associação Catholica estabelecida n'esta cidade.

Era o illustre finado, filho do ex.mo sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, nosso amigo, um dos maiores ornamentos do fôro portuguez.

Havia poucos annos que o mallogrado mancebo concluira a sua formatura na Universidade de Coimbra, com uma distincção pouco vulgar, juntando á excepcional illustração as qualidades moraes mais apreciaveis e a modestia mais exemplar. Bem quizera a faculdade de direito e o corpo docente, que o talentoso bacharel tomasse a resolução de acceitar os louros do doutoramento, mas o seu amor de familia, a dedicação filial, e o desejo do retiro, o afastaram das gloriosas lides academicas, para ir entregar-se, no remanso do gabinete, ao árduo mister de aconselhar e dirigir os litigantes, nos enredados desvios dos tribunaes.

Dedicando-se a esta nobilissima e difficil profissão, a que tantos se consagram, mas em que poucos, pouquissimos, alcançam merecida reputação, o sr. Accacio Mergulhão contemplava um perfeito modelo no respeitavel jurisconsulto, que elle tivera a fortuna de ter por pae. Modelo é elle de virtude, probidade, sciencia e lealdade; não é facil imital-o, mas impossivel excedel-o.

O grande nome, que o sr. dr. Mergulhão tem no paiz inteiro, é a justa recompensa do grande saber, alliado ás mais alevantadas virtudes, como homem e patrono. Quem tem a fortuna de conhecel-o sabe que n'esse homem respeitavel só ha honradez e inconcussa lealdade. O advogado é um confessor, a quem o cliente confia com toda a segurança os seus segredos, a sua honra, a sua vida e a sua fortuna.

Tudo quanto é caro ao homem póde depositar-se confiadamente ao venerando jurisconsulto, que se chama João Maria Mergulhão, typo modelado no antigo, gloria do fôro e do paiz.

Seu filho, dirigido desde os seus primeiros annos por tão habil mestre, foi para a Universidade, sabendo mais do que costumam saber os seus alumnos mais distinctos, quando terminam seus estudos, e aos seus vastos e precoces conhecimentos, additava a joia inestimavel de solida educação religiosa e moral.

Voltando á casa paterna, depois de continuos triumphos academicos, o novel jurisconsulto auxiliou seu pae na tarefa forense e, como era de esperar, imitou em tudo o nobre modelo, que sempre tivera presente, egualou-o, e, quem sabe... talvez o excedesse ou excederia na amplidão do talento, no grandioso dos conhecimentos, no vigor da dialectica, na harmonia da dicção. — Os dois jurisconsultos eram procurados por clientes de todos os logares de Portugal, e mal podiam satisfazer ás consultas, que lhes enderessavam e ás questões, que tratavam.

Obtiveram victorias assignaladas em luctas, onde os contendores oppostos, tinham por patronos as primeiras notabilidades juridicas, e a protecção de notabilidades politicas. Contra os esforços da sciencia e das influencias, pelejava ovante a argumentação cerrada e vigorosa dos dois Mergulhões, pae e filho, a cujo saber e consciencia vergava a fronte a imparcialidade da justiça.

Estes dois sabios, na sua modestissima aldeia, situada na collina, que, partindo da serra de S. Domingos, circumda com a de Nossa Senhora da Piedade, a bacia do rio Temilobos, não aspiravam a cousa alguma que não fosse o estudo consciencioso da

sciencia juridica e a servir com lisura christan áquelles que recorriam ao seu valioso auxilio. Primeiro como mestre e depois como collega, o pae discutia com o filho, os pontos e questões mais delicadas e apuravam o que havia de favoravel e adverso, nas differentes hypotheses, que lhes eram submettidas.

Nem um nem o outro pleiteavam cargos da magistratura judicial ou administrativa, não solicitavam o mandato popular legislativo ou a investidura real do pariato, não pretendiam commendas, cartas de conselho, ou titulos.

E comtudo, quanto eram merecedores de todas as honras e distincções, com que os cidadãos e o soberano costumam ou deviam costumar recompensar as virtudes civicas e a sciencia verdadeira!

O sr. dr. Mergulhão, pae, não quiz nunca ser mais do que advogado, na plenitude de independencia, que lhe assegura o saber, a consciencia e a fortuna. O sr. dr. Mergulhão, filho, nunca teve outro modelo senão o pae, e não queria mais do que continuar as suas honrosas tradições. E bastava. Ainda na flor dos annos, aprouve á Divina Providencia chamar á mansão dos justos, a alma do sr. Accacio Mergulhão. Adoremos os seus decretos, mas não nos impeça a resignação christan, que choremos a perda, que soffre o pae desconsolado, a familia extremosa, os seus amigos e admiradores, a sciencia e o fôro portuguez.

O extincto jurisconsulto, desdenhando a jactancia balofa da falsa sciencia, saturado ao contrario da verdadeira, foi sempre visitado das sanctas inspirações da religião catholica, que confessou sempre em todas as épocas da sua vida, já nos estudos preparatorios, nas aulas de Lamego, já nos bancos da Universidade, já no officio de advogado, já nos seus actos publicos e particulares, seguindo escrupulosamente os preceitos d'esta religião divina.

A Associação Catholica d'esta cidade tinha a honra de contal-o no numero dos seus associados, como se gloria de contar muitos dos melhores e mais illustrados filhos d'esta terra, abençoada pela Virgem Mãe de Deus.

É mais uma perda, que a Associação soffre n'este anno de 1876, em que do seu seio teem desapparecido tantos membros illustres, a quem esperamos que a Misericordia Divina haverá destinado o unico galardão inestimavel, que o homem póde desejar como termo do seu afanoso lidar.

Rogamos aos nossos leitores que não deixem de suffragar a alma do finado, e d'aqui mandamos sentidos pezames ao desditoso pae, nosso velho amigo, que tivemos a fortuna de conhecer pela primeira vez, quando elle, quintanista laureado, dava a protecção ao novato inexperiente que se acercava do liminar do templo das sciencias, e que hoje se assigna

Conde de Samodães.

—

Parochos d'esta freguezia

Esta freguezia ha tido desde 1784, a que abrangem os livros parochiaes, os seguintes parochos:

1.º — Padre *Domingos das Neves Pinto*, o celebre poeta e litterato, de que já se fallou n'este artigo, era parocho n'esta freguezia no S. João de 1784, e falleceu na mesma em o 1.º de março de 1785.

2.º — Padre *Luiz Amado Feio de Aguiar*, succedeu áquelle no dito anno de 1784, e funccionou até ao fim do anno ecclesiastico (24 de junho seguinte).

3.º—Padre *Christovam José da Cunha*, serviu de parocho desde 1785 a 1787.

4.º — Padre *Joaquim Pereira*, de 1787 a 1788.

5.º — Padre *Manuel Teixeira de Queiroz*, de 1788 a 1790.

6.º — Padre *Manuel Caetano Pinto Cardoso*, de 1790 a 1791.

7.º — Padre *Joaquim Pereira da Silva*, natural da freguezia de Mondim, de 1791 a 1793.

8.º — Padre *Nuno Pinto da Silva*, natural d'esta freguezia de S. Romão, de 1793 a 1794.

9.º — Padre *José Homem de Sousa Mello*, natural da freguezia de S. Pedro do Sul, de 1794 a 1796.

10.º — Padre *Antonio Pinto Cardoso da*

Fonseca, natural da freguezia de Tões, de 1796 até 24 de fevereiro de 1807, em que falleceu n'esta freguezia de S. Romão.

11.º — Padre *Nuno Pinto da Silva* (pela segunda vez), desde fevereiro de 1807 até ao S. João de 1810. Era bastante instruido, orador sagrado, e homem muito valente, fallecendo mais tarde na mesma freguezia de S. Romão.

12.º — Padre *Manuel Gomes de Carvalho*, natural da freguezia de Poiares, de Traz-os-Montes, desde 1810 até 1813. Mais tarde collou-se com o titulo de abbade, na freguezia da Queimada, onde falleceu.

13.º — Padre *João Hyppolito do Amaral*, de 1813 até 1814.

14.º—Padre *Antonio Rodrigues Pinto*, natural da freguezia de Sande, concelho de Lamego, de 1814 a 1817. Foi depois abbade collado na freguezia das Chãs de Tavares, em que se finou: era um sacerdote de vasta instrucção, e a sua conversação sempre amena e eloquente.

15.º — Padre *Manuel Cardoso dos Santos*, natural da freguezia de Queimadella e ahi fallecido, desde 1817 até 1820.

16.º — Padre *Luiz Antonio de Carvalho*, natural d'esta freguezia de S. Romão, desde 1820 até 1823. Morreu na freguezia da Queimada, onde era encommendado: tinha perfeito conhecimento da lingua latina, que professou com grandes creditos.

17.º — Padre *José Antonio de Figueiredo*, natural da freguezia da Coriscada, desde 1823 até 1827, e fallecido em Armamar.

18.º — Padre *Antonio Rodrigues Pereira*, natural da freguezia da Figueira, concelho de Lamego, e ahi depois fallecido, desde 1827 até 1828.

19.º—Padre *Antonio Ferreira de Gouveia*, natural da freguezia da Queimada, desde 1828 até 1833, e falleceu em Armamar.

20.º — Padre *José d'Oliveira Pinto*, natural d'Armamar, e hoje alli residenie, desde 1833 até 1856.

21.º — Padre *Paulino Mendes*, desde 1856 até 19 de outubro de 1857, em que morreu n'esta mesma freguezia. Foi exposto na roda da villa de Armamar, e começou por aprendiz de sapateiro, mas não tendo vocação para officios mechanicos, largou a tripeça, e obtendo ser sacristão da egreja da mesma villa, passava o tempo a orar, ajudar ás missas, velar pela limpeza da egreja, e em todas as obras de piedade para que se lhe offerecia ensejo. Conhecidas as suas virtudes, o padre José Dias de Carvalho Coutinho, excellente professor particular de latim, fallecido ha poucos annos, encarregou-se de ensinal-o gratuitamente, e quando habilitado para fazer o exame, varios cavalheiros do concelho de Armamar, se quotisaram para o sustentar em Lamego durante a frequencia dos estudos maiores, e para lhe fazerem patrimonio ecclesiastico. Ordenando-se, não enganou a espectativa publica, tornando-se um presbytero de bastante instrucção, exemplarissimo, verdadeiro apóstolo, que nunca a mais ligeira nodoa manchou. Morreu alfim a morte do justo, passando por santo, e até se lhe attribuem milagres, sendo um muito evidente, e cujas testemunhas estão vivas, a cura repentina de uma hydropisia que se desenvolveu e progredia rápidamente em uma senhora, a despeito dos esforços da medicina.

22.º—Padre *Antonio Augusto*, natural d'esta freguezia de S. Romão, e hoje residente em Armamar, succedeu áquelle e serviu até 1860.

23.º—Padre *José Antonio da Veiga Seixas Cabral*, natural de Armamar e alli fallecido, serviu desde 1860 a 1861.

24.º — Padre *Antonio da Costa Telles de Macedo*, natural de Santo Aleixo, freguezia de Varzea de Abrunhaes, e hoje alli residente, serviu desde 1861 até 1864.

25.º — Padre *Joaquim Leite Laranjo*, da freguezia da Ucanha, hoje arcipreste d'aquelle districto e residente na sua quinta de Abbadia Velha, serviu desde 1864 a 1865.

26.º — Succedeu-lhe o actual parocho, o rev.mo sr. *Manuel Alves dos Reis*, de que acima se fallou, que principiou a funccionar em 1865.

ROMARIGÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Vallença), 40 kilometros ao N.O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 109 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de S. Payo d'Agua-Longa, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia significa — *terra dos Romariguez*, appellido de familia.

(Vide *Agua-Longa*, vol. 1.º, pag. 31, col. 1.ª, no principio.)

—

É povoação antiquissima, provavelmente do tempo dos romanos, e, com toda a certeza, do tempo dos gôdos, e foi uma cidade, com o nome de *Labruja*.

No archivo da Sé de Braga, existe um códice, contendo a divisão que D. Fernando, *o Magno*, rei de Leão e Castella, fez dos condados de Entre o Douro e Minho, em 1026,[1] e tratando do primeiro condado, diz:—(traducção)

«O primeiro condado principia no logar de *Cabêça do Minho*, onde o rio d'este nome entra no mar[2] e o rio *Froilano*[3] entra no rio Minho. D'alli, pela costa do mar, vae correndo até á foz e *Cabeça do Rio Lima*[4], e d'alli, pelo rio acima até *Brítinia*, onde antes foi *Britonia*.[5] Depois, até *Pena Maior, sobre a antiga cidade de Labruja, que agora se chama Romariganes*. Desde alli, pelo termo do rio Froilano, até ao *Castello Pequeno de Tuy, que se chama Vallença;*[1] e desde alli, pela corrente do Minho, onde começamos. O qual termo pertencia antigamente á cidade de Britonia,[2] que jaz destruida, e agora pertence, parte á cabeça do Moinho, parte ao Castello de Cerveira,[3] e parte ao logar de Limia,[4] excepto o grande couto que os reis deram antigamente ao mosteiro Maximo, situado no monte altissimo, chamado *Arga*,[5] etc.

—

Ha n'esta freguezia um monte, ainda hoje chamado *da Cidade*, ou *Penedo do Curral das Eguas*, que mostra vestigios de uma grande fortaleza com trez linhas de muralhas e outros tantos fossos; estradas cobertas, e no centro um castello. Segundo a tradição, foram os mouros que destruiram esta cidade ou fortaleza, em 716.

Seria aqui a tal cidade de Labruja?

Na *Portella da Labruja*, tambem ha vestigios de uma grande praça ou fortaleza, a que o povo dá o nome de *Cidade Murada*.

Posto que de clima excessivo, esta freguezia, como a de Agua-Longa, sua visinha, é muito saudavel, havendo aqui bastantes pessoas de edade muito avançada, e de perfeita saude e grande robustez.

É terra muito fertil, como todas as d'estes sitios; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus vastos montes, ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Para a etymologia, vide a freguezia seguinte.

ROMARIZ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 11 kilometros ao N.E. da Feira (foi até 24 de outubro de 1855 do concelho e 3 kilometros ao O. de Fermedo, comarca d'Arouca), 25 kilometros ao S. do Porto, 12 ao S.O. do rio Douro, 10 ao N.O. de Oliveira d'Azemeis, 42 ao N. de Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 400 fogos (incluindo a sua annexa).

[1] Aqui ha anachronismo por força. Desde o anno 1000 até 1027, foi rei de Leão e Castella, D. Affonso IV, filho de D. Bermudo II (*o Gotoso*) e succedeu-lhe seu filho, D. Bermudo III.—Fazendo-lhe guerra, seu cunhado, D. Fernando o Magno, aquelle morreu da batalha de Lantade, e, não deixando filhos, herdou a corôa de Leão o rei de Castella, D. Affonso Magno (1037) unindo então os reinos de Castella e Leão.

[2] Hoje a villa de Caminha.

[3] O actual rio Coura. (Vide 2.º vol., pag. 413, col. 1.ª, no principio.)

[4] Hoje a cidade de Vianna.

[5] Vide *Bertiande*, vol. 1.º, pag. 391, col. 1.ª — *Bertiandos*, pag. 392, col. 1.ª — *Britonia*, pag. 493, col 2.ª — e *Britonia do Lima*, na mesma pagina e columna. Esta ultima Britonia já existia no anno 55 de J.-C., imperando Néro. Vide ainda no 1.º vol., pag. 495, col. 2.ª

[1] A nossa actual praça de Vallença do Minho.

[2] Britonia do Lima.

[3] Hoje Villa Nova da Cerveira.

[4] Ponte do Lima.

[5] Vide o ultimo periodo da col. 1.ª, a pag. 238 M, do 1.º vol.

Em 1757, tinha 200 fogos, e Duas Egrejas, 32.

Orago, Santo Isidoro.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O papa, a mitra, e o collegio da Graça de Coimbra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

Os dizimos d'esta freguezia, eram do mosteiro de frades gracianos (eremitas calçados, de Santo Agostinho) da cidade do Porto.

Em 1835, foi annexada a esta freguezia, a de S. Silvestre de Duas-Egrejas, curato apresentado pelo abbade de S. Jorge de Caldellos, tendo o cura 20$000 réis e o pé de altar. (Vide vol. 2.º, pag. 487, col. 1.ª)

É povoação muito antiga, e com toda a certeza ja era povoada nos tempos pre-historicos. (Vide *Castro* ou *Crastro*, monte, Douro, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª)

Segundo uns, o nome d'esta freguezia é romano [1] e, segundo outros, é corrupcão de *carn*; pois que o primeiro nome d'esta freguezia foi *Crasto*. [2] Na minha opinião, Romariz é nome muito mais moderno, procedente de álgum nobre gôdo, que foi senhor d'esta freguezia.

Vemos nas nossas chronicas antigas, alguns appellidos de *Romariz* e *Romarigues*, talvez patronimico de *Romão*. Em 1037, vê-se que o conde *D. Rodrigo Romariz*, ajudado pelos antigos dinamarquezes (nórmandos) venceu no castello da Pena, os vascões, da Galliza. (Vide *Laudomanes*.)

Quando tratei do monte do *Castro*, ou *Crasto*, disse que existem alli varios carns, uma mâmoa, e outros muitos vestigios de uma não pequena povoação; o que prova plenamente que este territorio é habitado ha mais de 3000 annos.

Ao fundo do monte do Castro, junto ao logar do mesmo nome, foi construido o cemiterio parochial, ha dois ou trez annos.

Ao S.E. da egreja matriz, está o monte do Pinheiro, já na freguezia de Cesár, onde tambem ha vestigios de construcções celtas ou pre-celtas.

Ao S.O. da freguezia, e contigua a ella, está a de Milheiroz de Poyares, do mesmo concelho, e ao logar d'esta freguezia mais proximo de Romariz, está uma aldeia chamada *Mâmoa*, por alli ter existido uma, da qual ainda ha vestigios.

Proximo ao logar do Castro, d'esta freguezia de Romariz, está a aldeia de *Fafião*, e, como todos sabem, Fafião é nome proprio de homem, gôdo.

Ha tambem n'esta parochia, a aldeia de *Goím*, corrupção do baixo-latim *gruguum* substantivo onomatopaico, que significa tromba ou focinho de porco. Mesmo que seja corrupção de *Guinde*, substantivo que significava, *vaso de bocca larga*, feito de couro, páu ou metal, em todo o caso é nome muito antigo.

—

Pela extremidade O. d'esta freguezia, passa uma zona ou veia, de dois ou trez metros de largo, de bôas pedras de amolar.

A sua direcção é de N. a S.—Vem da freguezia de Nogueira, concelho d'Oliveira de Azemeis, e vae (segundo me informam) terminar ao Cabedêllo, na foz do rio Douro.

Esta freguezia, é separada da sua annexa, que lhe fica ao N. e N.E., pela pequena serra denominada *Monte de Mó*, da qual se extrahem bôas mós de moinhos, de granito prophoroide. Só servem para môer milho.

Esta freguezia é, na sua maior parte, situada em um valle fertilissimo, regado por varios ribeiros anonymos, e cercado por todos os lados, de montes, que a abrigam da maior furia dos ventos.

Cria muito gado bovino, do qual exporta para Inglaterra uma grande parte.

A egreja matriz é de uma architectura simples e desengraçada, mas denota muita antiguidade. Interiormente, está bem adornada, graças ao zello e sollicitude do seu actual e digno abbade, o sr. João Soares d'Azevedo,

[1] É certo que o nome *Castro*, dado ao monte d'esta freguezia, que fica sobranceiro e ao N.O. da egreja, se não vem de *carn* (vide esta palavra) é romano. Accresce que a freguezia que lhe fica contigua, ao S., se chama *Cesár*.

[2] Ainda conserva o nome de *Crasto* a aldeia onde está a egreja parochial.

que é tambem vigario da vara do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira.

Em volta da egreja, ha um espaçoso adro, que é cercado por uma grande alameda, povoada de corpolentos carvalhos e castanheiros.

N'esta egreja se faz, no 4.º domingo de junho, uma grande festa a Nossa Senhora dos Remedios, concorrida por grande numero de romeiros, de algumas leguas em redor.

Capellas d'esta freguezia

1.ª—*S. Thiago*, na aldeia de Villa-Nova.

A festa do padroeiro faz-se-lhe no seu dia (25 de julho.)

2.ª—*Santo Antonio*, na aldeia de Fafião.

3.ª—*Nossa Senhora da Portella*, no logar da Portella.

4.ª—*Santo Antonio*, no logar de Goim.

5.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*, no logar de Romariz.

Todas são publicas; e, á excepção da segunda, que foi construida pelos annos de 1855,[1] todas as outras são muito antigas.

A de Nossa Senhora dos Remedios, é grande e de bôa architectura.

Segundo a tradição, foi a matriz primittiva da freguezia.

6.ª—*Santo Antonio*, no logar do Carvalhal, construida em 1837.

É particular.

—

É natural d'esta freguezia, *João d'Almeida Romariz*, fallecido em Villa Nova de Gaia, no anno de 1835.

Póde, e deve, considerar-se este caridoso bemfeitor, como fundador do *Asylo da mendicidade portuense*, pois, no seu testamento, ordenava que o remanescente da sua heranca (que foram 6:500$000 réis) fosse applicado á creação de um asylo para mendigos.

Por decreto de 18 de maio de 1838, foi creado este asylo, e lhe foi dado o seu regulamento, em 31 de julho de 1846.

Foi grandioso o pensamento do testador, e, sendo então presidente da camara municipal do Porto, o famoso tribuno popular, José da Silva Passos, empregou este benemerito cidadão, a maior sollicitude para levar a effeito o cumprimento da ultima vontade de João d'Almeida Romariz.

O 1.º provedor, foi o barão de Nova Cintra, e o 2.º, o visconde de Lascasas, ambos grandes bemfeitores do estabelecimento.

Vide 7.º vol., pag. 399.

ROMARIZ—Vide *Romans*,

ROMARIZ—Formoso palacete, e grande quinta, Douro, na freguezia de Meinêdo, concelho de Lousada. (5.º vol., pag. 160, col. 1.ª)

Antonio de Mendonça, senhor da quinta da Capella, em Agilde, e de outras muitas quintas e propriedades, morreu sem descendencia, deixando tudo quanto possuia, a seu irmão, frei José de Mendonça, monge da ordem de S. Bernardo. Este, por sua morte, e não tendo senão parentes remotos, deixou todos os seus haveres ao dr. Antonio Pinto Coelho Soares de Moura, da casa da Lousa, na freguezia de Santa Marinha de Lodares, e irmão do bravo general realista, Bernardino Coelho Soares de Moura.

O dr. Soares de Moura, ficou com uma casa que lhe rendia annualmente 300 carros de pão (12:000 alqueires!)

Tendo uma filha então já casada, na casa de Cabanellas, deu a sua casa de Segude, a seu filho mais novo, o sr. dr. Francisco Pinto Coelho Soares de Moura; e a de Lama, ao filho mais velho, o sr. dr. Antonio Manuel Pinto Coelho Soares de Moura.

É pois actual proprietario, por herança paterna, da quinta de Romariz, o referido sr. dr. Francisco Pinto.

É uma propriedade das melhores e mais rendosas d'estes sitios, e seu dono a tem augmentado com valiosissimas obras, sendo a principal, a abertura de uma mina que produz grande abundancia d'agua, a qual fez conduzir para a quinta, por cannos de granito, na extensão de 1:200 metros.

Passa junto á quinta, um ribeiro, no qual

[1] Foi seu fundador o fallecido abbade, Domingos José de Pinho e Sousa do Amaral, da Murtosa, da Arrifana, irmão do sr. Francisco Maria de Sousa Brandão, coronel do estado-maior de engenharia.

tem o proprietario d'ella, alguns moinhos. Este ribeiro, atravessa as propriedades annexas á quinta, e toda a sua agua, de verão e de inverno, pertence exclusivamente á mesma quinta de Romariz.

ROMEIRA—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Santarem, 90 ao N.E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 70 fogos.

Orago S. Braz.

Patriarchado de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

—

Ha n'esta freguezia, um vinculo, que D. Affonso V deu, em 12 de maio de 1442, a Fernão Rodrigues Mendo, descendente de D. Payo Mogudo de Sandim, casado com D. *Barba*, filha de Ruy Garcia de Villa-Maior, descendente de D. Ordonho—o *Cego*—filho de D. Ramiro II, rei de Leão, e da rainha D. Thereza.

São estes os progenitores dos Barbas Correias Alardos, familias nobilissimas d'este reino.

Ruy Barba Correia Alardo, filho de Pedro Barba Alardo e de D. Ignez de Mesquita, casou em Santarem, com D. Mecia Dias Girão, e foi seu filho (entre outros) Ruy Barba Correia, um dos poucos fidalgos portuguezes que tomou o partido de D. Antonio, prior do Crato, em 1580, pelo que D. Philippe II lhe tirou todas as *honras*, privilegios e mercês da corôa: mas não lhe pôde tirar a honra de ser um verdadeiro portuguez, e corajoso patriota.

ROMEIRA—quinta e magnifica fábrica de lanificios, na freguezia, comarca, concelho e proximo da villa d'Alemquer.

Foi esta fabrica construida no local onde havia uma antiga azenha, já chamada da *Romeira*.

Esta azenha foi mandada fazer por Lourenço Martins, instituidor do mórgado de Santa Catharina, por licença especial do rei D. Diniz, passada em 1303.

Pertenceu ao antigo vinculo, até 1758, sendo então desannexada d'elle.

Era em 1868 do sr. José da Costa, que então a vendeu ao sr. Francisco José Lopes, fundador da fabrica.

Principiaram as obras no fim do anno de 1870, e foi inaugurada a fabrica, em 29 de setembro de 1872, havendo grande regosijo na villa, festa na proxima egreja de Santa Catharina, e um lauto jantar, de 135 talheres, no edificio da fabrica.

O plano da casa foi traçado pelo engenheiro francez, Philippe Linder.

O edificio custou uns 60 contos de réis.

O motor da fabrica é a agua do rio.

Não se confunda esta fabrica, com a outra d'esta freguezia, mencionada a pag. 108, col. 2.ª, do 1.º volume.

ROMEIRA DE BAIXO—aldeia, Extremadura, no caminho que vae de Villa-Longa (hoje Via-Longa) para Bucellas, ambas estas freguezias no concelho dos Olivaes, proximo a Lisboa.

Ha aqui uma grande quinta, que foi dos marquezes de Arronches, e depois duques de Lafões.

Tem uma antiga capella, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. Vide *Vallada*.

Esta quinta é na freguezia de Via-Longa.

ROMEIRA DE CIMA—aldeia, Extremadura, na mesma freguezia de Via-Longa, concelho dos Olivaes.

Proximo a aldeia da Verdélha, e a 6 kilometros de Bucellas, está a grande quinta da *Romeira de Cima*, que é dos herdeiros do fallecido marquez de Castello-Melhor.

Dentro d'esta quinta, está a bonita capella de Nossa Senhora das Virtudes, que é bastante antiga.

Era senhorio directo d'esta quinta, o mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, que a trazia dividida em casaes.

Em 1505, emprazou esta propriedade a Antonio Carneiro e sua mulher, D. Brites d'Alcáçova.

Foi 2.ª vida n'este prazo, Antonio Carneiro. Em 1561, sua filha, D. Elvira d'Alcáçova, casou com D. Bernardim de Távora, e por sua morte, ficou este prazo a sua neta, D. Maria de Távora, filha d'Alvaro Pires de Távora e de D. Isabel de Mello.

Antonio Carneiro, a quem

foi emprazada esta quinta, era pae de D. Pedro d'Alcaçova Carneiro, conde de Idanha, e fundador do mosteiro de Casa-Nova, e da quinta da Verdêlha, em 1546.

ROMEU — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho e proximo dos Cortiços — extinctos) 60 kilometros de Miranda do Douro, 40 da Torre de Moncorvo, 10 de Mirandella, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 44 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.[1]

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mascarenhas, apresentava o cura, confirmado, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Romeu foi até ao meiado do seculo 18.º uma aldeia da freguezia de Mascarenhas, sendo então desmembrada, para formar um curato independente. Tanto a freguezia de Mascarenhas como esta, eram dos cavalleiros de S. João de Jerusalem (Malta) pelo que tinham grandes privilegios e isenções.

No alto de um monte, que é parte d'esta freguezia e parte da de Mirandella, está a capella de Nossa Senhora de Jerusalem (á qual o povo tambem chama Nossa Senhora de S. Marcos) fundada pelos cavalleiros de Malta, pelos annos de 1500.

A capella-mór, da primittiva ermida, ficava em terreno do termo de Mirandella, e o corpo da egreja, no termo de Mascarenhas (na parte que hoje é de Romeu) pelo que os dois parochos—de Mirandella e Mascarenhas —ambos queriam as offertas e esmolas que os fieis davam á Senhora.

Os de Mascarenhas, para evitarem uma renhida demanda entre os dois parochos, demoliram a capella em construcção, e a edificaram toda em terreno da sua freguezia, que era da jurisdicção do *isento* da ordem de Malta, quando o resto do monte era dentro dos limites do arcebispado de Braga.

A imagem da padroeira, é de roca, e tem 1,m32 d'alto.

A sua festa, é a 8 de setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora.

Na encosta N. d'este monte, e a 200 metros abaixo da capella, está uma cêrca, que pertencia ao eremitão, que n'ella tinha a sua horta e pomar, e no centro ha uma fonte perenne, de optima agua potavel.

RONCÃO—ribeiro, Traz os-Montes, nasce em Favaios, e entra na direita do Douro, na Foz do Roncão. O vinho do Baixo Roncão, é classificado como dos melhores do *Paiz do Vinho*, do Alto Douro.

RONFE—freguezia (villa extincta) Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 10 kilometros a O.—egual distancia a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 194 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

ROQUE-AMADOR, ROCA-AMADOR, e RECLAMADOR — Já na palavra *Roca-Amador* tratei do instituto que tinha esta denominação; aqui direi mais.

A capella de Nossa Senhora da Silva, na rua dos Caldeireiros (antiga rua da Ferraria de Cima) do Porto, foi a de uma albergaria de Roque-Amador, fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, e avó da rainha Santa Mafalda. Vide 7.º vol., pag. 465, col 1.ª, no fim e seguintes.

Ainda no meu tempo de rapaz, os velhos davam a esta albergaria de Nossa Senhora da Silva, o nome de hospital de *Roque-Amador*.

Vide *Torres Vedras*.

ROQUE ANNES — quinta, Extremadura, na freguezia da Alhandra.

[1] O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o orago é Nossa Senhora da Assumpção, o que é erro. Nossa Senhora da Assumpção é o orago da freguezia de Mascarenhas, e quando Romeu se desmembrou d'aquella freguezia, tomou para sua padroeira, Nossa Senhora da Annunciação. Ambos os parochos d'estas freguezias, eram antigamente freires de Malta.

Os cardeaes-patriarchas de Lisboa, eram senhores donatarios da villa da Alhandra.

D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, filho do conde d'Avintes, e irmão do primeiro marquez do Lavradio (vide 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) vendo que o hospital da Misericordia da Alhandra, estava no maior estado de pobreza e abandono[1] comprou, pelos annos de 1720, a quinta de Roque Annes, e a deu aos pobres da Alhandra. Esta quinta rende annualmente 80$000 réis, e é o unico rendimento que tem o hospital, que teria acabado de todo, se a nobre e caridoza senhora marqueza da Bemposta Sub-Serra, não tivesse dado muitas esmolas a este hospital, abonando-lhe, além d'isso, uma prestação mensal de 6$000 réis.

A mesma senhora pediu ao sr. Antonio da Costa Paiva, (feito barão do Castello de Paiva, em 5 d'abril de 1854) uma esmola para este estabelecimento, e elle lhe legou para depois da sua morte—uma inscripção de 500$000 réis.

Mais nenhuma alma caridosa se lembrou ainda de dotar o estabelecimento com qual quer legado.

Antigamente promoveram-se grandes touradas, brilhantes bazares, e varios espectaculos theatraes, em beneficio do hospital, hoje apenas, lá de longe a longe, se dá alguma recita no theatro, cujo producto liquido é applicado á conservação d'este estabelecimento, que, apezar de tudo, se acha nas mais deploraveis condições.

ROQUEL—cidade romana, que se diz ter existido na Extremadura portugueza.

Vide *Ourem* e *Villa Nova de Ourem.*

RÓRIZ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negrellos) 24 kilometros ao N. do Porto, a mesma distancia ao S. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1757, tinha 214 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa e cabeça de concelho, supprimido ha muitos annos. Nunca porém teve foral régio, antigo nem moderno.

Foi o solar dos Rebellos.

Rebello, é um appellido nobre em Portugal, cuja familia tinha o seu solar no couto de Rebello, concelho de Roriz, então comarca do Porto[1].

O primeiro que usou este appellido foi Mem Rodrigues Rebello (e não Martim Rodrigues de Rebello, como querem alguns) tomado d'este logar, de Rebello, e senhor do couto d'este nome, o qual couto herdou de seu pae, Ruy Vasques, no reinado de D. Affonso III.

Nuno de Rebello, foi alcaide-mór de Santarem.

As armas dos Rebellos, são — em campo azul, trez cotias de ouro, em faxa, cada uma carregada de sua flor de liz, de púrpura, ficando todas trez em banda. Elmo de prata, aberto, e por timbre, um leopardo, de ouro, armado d'azul, com uma das flores de liz do escudo na testa.

Mosteiro de Róriz

Houve n'esta freguezia um mosteiro de monges benedictinos, antiquissimo. Não se sabe quando nem por quem foi fundado, mas sabe-se que já existia em 887, reinando em Leão, Portugal e Galliza, D. Affonso, o *Magno*, que n'esse anno o deu á condessa Muma Dona. (Vide *Guimarães.*)

Parece que este mosteiro passou a com-

[1] Maria Annes, uma santa mulher da Alhandra, fundára, em tempos antigos, um hospital para pobres. Com o andar do tempo, foram-se desencaminhando (roubando) as rendas d'este piedoso estabelecimento, que em 1591, estava reduzido a uma simples albergaria. Pelos annos de 1720, é que D. Thomaz d'Almeida restaurou este hospital, como se diz no texto. Vide *Alhandra.*

[1] Frei Manuel de Santo Antonio diz que o solar dos Rebellos é na freguezia de S. Martinho do bispado de Viseu, o que é erro. Elle confunde *Réiz* (S. Martinho de) na Beira Alta, com este *Róriz*, antiga provincia do Minho, hoje do Douro.

mendatarios, e por fim, tornou á corôa, por que D. Affonso Henriques, em 20 d'abril de 1173, o deu aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios.)

Em 1492, D. João II, por auctoridade do pontifice Innocencio VIII, e do arcebispo de Braga, fez d'este mosteiro uma commenda.

Em 1560, falleceu, sem successão, o ultimo commendatario, tornando o mosteiro á corôa; e, n'esse mesmo anno, o cardeal D. Henrique (depois rei) pediu á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, que este mosteiro e suas dependencias e rendas, fossem dados aos jesuitas, do collegio de S. Paulo, de Braga; ao que a rainha annuiu.

Pela suppressão da Companhia de Jesus (1759) passou o mosteiro de Róriz para a universidade de Coimbra, que o vendeu. É seu actual proprietario, o sr. Manuel Marinho Falcão de Castro, filho do fallecido primeiro visconde de Róriz.

A egreja, porém, continuou a ser a matriz da freguezia, que nunca teve outra, que conste.

—

Entre as varias propriedades d'este mosteiro, havia uma em Canavezes, de Biba-Tâmega, que o prior, cruzio, emprazou em 1214.

—

Em um cabeço d'esta freguezia, chamado *Monte do Facho*, ou *Eira Mura*, ha umas vastas ruinas, que, segundo a tradição popular, são os restos da antiga cidade de *Sanoana*. Pretendem uns, que esta palavra é corrupção de *Citania*, e outros que é de *Sanhoane*. Parece mais provavel esta ultima versão. Vide *Sanhoane*.

Estas ruinas são muito semelhantes ás da Citania de Briteiros, e demonstram ser da mesma época.

As casas eram aqui circulares, ovaes, semi-circulares e quadrangulares, como em Citania: trez ou quatro muralhas de circumvalação, completas, circuitavam, com diversos intervallos, a povoação. As calçadas, principaes pelo lado do sul, davam ingresso para esta povoação.

Em diversos penedos existem pias quadrangulares, abertas por mão de homem, e em algumas, buracos como que destinados ao eixo de mós, e por este polidos; ha um penedo levantado e a prumo que os visinhos chamam da *Pata do cavallo*, junto do qual se tem feito grandes excavações em busca de thesouros que o povo alli crê existentes; proxima fica a eira dos Mouros, largo espaço, cujo pavimento era todo forrado de pedra de esquadria, em grande porção já levada d'alli para diversas obras pelos moradores das freguezias em volta.

No cimo e ponto mais elevado da povoação, existem grandes penedos, e uma como anta informe, cujo appoio de um lado já está tombado. Ao lado norte d'esses penedos, em plano um pouco inferior, ha outros penedos, em que se vêem abertas pequenas pias circulares, e por cima d'ellas se acha a pedra rasgada em dois sitios, como que á feição do corpo de ovelha ou carneiro, e de novilho, ou rezes de egual corpolencia; as pedras empregadas na construcção, são pequenas, e em geral quadrangulares ou triangulares, em fiadas alternadas de umas a outras; descoberta uma das casas circulares, mediu de diametro no vasio 4,^{m}55, d'altura de parede, desde o lastro soalhado, exteriormente, de pedra (talvez rua) até á superficie do solo 0,^{m}85, e de espessura da mesma parede 0,^{m}33: as maiores pedras empregadas n'essa casa não hiam a mais de 0,30 por 0,25; appareceram nas excavações d'aquella casa e em outras na chamada *Eira dos Mouros*, muitos fragmentos de tijolo e objetos de barro, sendo o tijolo todo cosido ao sol, e de diversas qualidades de barro, mais ou menos grosseiro, e formando como em bicas ou calles, mas chatas, e um d'elles tinha uma roseta, como que marca d'olaria; tambem appareceu uma pedra de amolar, fragmentos e escorias de ferro, pequenos pedaços de lousa. Na parte inferior da chamada *Eira dos Mouros*, informam os visinhos do monte, que havia, outr'ora, uma pia de pedra, aonde vinham ter umas calles tambem de pedra, o que faz suppor, visto apparecerem no sitio fragmentos de carvão e como que pregos de ferro, ter sido ahi al-

guma olaria, sendo aquella eira destinada á secca e cosimento, ao sol, dos seus productos.

Appareceram, ha annos, na base do monte, duas pequenas hachas de bronze, de que é actual possuidor o sr. Domingos José dos Santos Ferreira, negociante em Barcellos.

—

É terra abundante de boas aguas e muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho (verde, mas de boa qualidade.)

Tem fama a laranja de Róriz, principalmente a dos pomares do mosteiro e do Monte-Sô.

Os pomares d'esta ultima casa, continham ainda em 1853, umas 500 laranjeiras, plantadas em 1755. Teem seccado, em grande parte, mas o seu possuidor tem tido o cuidado de fazer novas plantações.

Ha tambem no districto d'esta freguezia grande variedade de plantas medicinaes.

No outono, apparecem nos montes e outros logares incultos, grande quantidade de açafrão (*crosus autumnalis*, de Linn. e Brotero) que quasi ninguem aproveita.

—

Tinha esta freguezia trez irmandades—Santissimo Sacramento, Nossa Senhora do Rosario, e S. Pedro—mas, ha poucos annos, foram as duas ultimas incorporadas na primeira.

Teve ainda a irmandade das Almas, que acabou, pouco depois de 1820.

—

A caritativa sr.ª D. Michelina Julia de Jesus Gouveia de Azevedo, rege gratuitamente uma escola particular do sexo feminino.

—

Passa por esta freguezia um ribeiro que tem varios nomes, segundo os sitios por onde passa. Chamam-lhe *ribeiro de Fôjo*, *de S. Miguel*, *da Audiencia* e *dos Asnos*. Réga, móe, e traz algumas enguias e trutas.

Nasce no logar do Bustêllo (de S. Fins de Ferreira) e morre na margem esquerda do Visella, abaixo da aldeia do Monte, na freguezia de S. Martinho do Campo.

Passa por aqui a nova estrada, a macadam, que liga o concelho de Santo Thyrso com o de Paços de Ferreira.

—

A egreja matriz, de architectura gothica, é um bom templo, de uma só nave e bastante espaçoso, e muito alto.

Era o do mosteiro dos cruzios. A porta principal é ampla e magestosa; as hombreiras são formadas por cinco columnas, das quaes, a primeira, terceira e quinta, são mais grossas, e a segunda e quarta mais delgadas. A primeira, terceira e quinta, são ornadas de flóres e conchas, em relevo, e com ornatos nos capiteis, e terminam todas com uma cabeça de touro.—A segunda e quarta, são lizas.

Sobre estas dez columnas se apoia o arco, em ogiva, com ornatos em relevo. *Tudo isto foi ha poucos annos bezuntado com uma grossa mão de cal!* Esta porta e a claraboia são soberbas. A cimalha lateral, é assente em varias figuras de phantasia.

O arco cruzeiro, é de architectura moderna, e assenta sobre dois bellos pilares de cantaria, muito bem lavrados. Está ladeado por dois bustos muito antigos, representando um mouro e uma moura.

A capella-mór é de abobada de pedra, muito bem conservada.

Fóra da egreja, e debaixo de um portico, está um antigo tumulo, com o brazão d'armas dos Mascarenhas e dos Silveiras Lobos; mas não se sabe quem alli está sepultado.

Na parede exterior da egreja estão duas inscripções, ambas illegiveis, uma por que a lapide foi partida, e o que resta não faz sentido; outra, por estar quasi toda apagada pelo tempo. A primeira é em antigo normando—a segunda em latim.

Na capella-mór, e junto aos degraus do altar, estava a sepultura de João Fernandes Farto, commendador dos mosteiros de Villarinho e do d'esta freguezia. Era de pedra preta, e tinha uma cercadura de latão, de um decimetro de largo, e com uma inscripção. O actual reitor, o sr. *Antonio Julio Gonçalves*, de Murça, mandou demolir este monumento, vendeu o latão da cercadura, e fez collocar a lousa debaixo da pia da agua benta! No logar da antiga sepultura, mandou pôr uma lagem tosca, na qual *fez gra-*

var o seu nome (!) em caracteres ainda mais toscos, *ad aeternam memoriam.*

Capellas

1.ª — *Santa Maria de Negréllos,* que foi egreja matriz da freguezia assim denominada e que se annexou a esta, no tempo dos jesuitas. (Vidé 6.º vol., pag. 30, col 1.ª) É publica.

2.ª, 3.ª e 4.ª—no logar do Calvario.

5.ª—Na casa da *Singevêrga;* particular.

6.ª—Na casa de *Cabreira*; particular.

7.ª e 8.ª—Nas casas de S. Miguel, e de S. João (no logar d'este nome) ha as capellas d'estes santos, ambas em ruinas.

Na aldeia de Virães, d'esta freguezia houve antigamente uma egreja parochial, que era a matriz de uma freguezia ha muitos annos extincta, denominada S. Payo de Virães. Compunha-se só de duas aldeias, Soutêllo, que passou para a freguezia de S. Thomé de Negrellos; e Virães, que passou para esta de Róriz.

—

Em 17 de fevereiro de 1853, foi feito primeiro visconde de Róriz, Antonio Marinho Falcão de Castro Moraes, ja fallecido.

Era filho de Manuel Marinho Falcão de Castro Moraes, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Conceição, conselheiro de estado, e do rei. Tinha sido juiz de fóra em Guimarães, desembargador da relação do Porto, e ministro da justiça, em 1823.

Veio casar na casa do Mosteiro, e aqui falleceu, em 7 de fevereiro de 1831.

Está sepultado na capella-mór da egreja matriz, e na mesma estão sepultados seus filhos—Sebastião Marinho Falcão de Castro Moraes, desembargador da relação do Porto; e o primeiro (e ultimo) visconde de Róriz.

Couto de Róriz

«Declaração do couto de Róriz — pertencente antigamente aos padres cruziós, depois aos da Companhia, é hoje se acha incorporado na corôa. Consta do Tombo, feito «em 1543, pelo D. Prior do mesmo mosteiro.

«*Item*—Tem este mosteiro, couto e jurisdição, no civil sómente—e o prior do mosteiro, com homens bons, do couto, põem «cada um anno, juiz, porteiro, jurados, e «outros officios, como se contem no privilegio e doação do mosteiro.

«O qual couto está por marcos e divisões, «e começa uma divisão, sob a *Portella,* sobre a egreja de S. Mamede, (de Negréllos) «por um padrão que está direito, qual é a «pedra em cima cavada, com a figura de «certan—e d'ahi corre direito ao rio Visella, «sob o logar a que chamam *Agrêllo,* no qual «logar está um padrão alçado, que tem signal «de cruz, em cima—e para a parte do couto, «signal de chave—e d'ahi, corre pelo monte «de *Virães,* e d'ahi á *Portella de Covêllo,* «onde está uma pedra, a qual tem signal de «letra—e d'ahi corre ao *Fôjo* onde está outro padrão alevantado, que tem em cima «outro signal de chave—e d'ahi ao monte de «*Penouços,* e d'alli direito á *ermida S. Cibrão,* assim como verte a agua contra o rio «Visella, e d'alli a S. Mamede, onde começa «a divisão.

«E o juiz do couto, ouve todos os feitos «civeis, e d'elle appellam para o prior, e do «prior para el-rei. E os aggravos d'ante o «juiz, ao corregedor da comarca, etc.»

RÓRIZ—freguezia, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Chaves (era da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre.) Vide *Castanheira e Róriz,* a pag. 165, col. 1.ª do 2.º volume.

RÓRIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho e 7 kilometros de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos,

Em 1757, tinha 134 fogos.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Arcecispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

A esta freguezia está annexa a de Queiroz (Vide n'este vol., pag. 17, col. 2.ª, o 1.º *Queiroz*) e por isso se lhe dá o nome de *Róriz e Queiroz,* ou de *Queiroz e Róriz.*

É terra fertil.

ROSA—Vidé *Roballo.*

ROSA (mosteiro da)—Extremadura, Lisboa.—Alem do que disse a pag. 239, col. 1.ª, do 4.º vol., accrescento aqui mais o seguinte:

—

Luiz de Brito, fundador do mosteiro, era casado em segundas nupcias, com D. Joanna de Athaide, filha do senhor de Pena-Cova, e esta senhora tambem concorreu muito para esta fundação, pois, como não tinha filhos, deu toda a sua fazenda, que era muita e de grande valor.

É proximo e ao O. do castello de S. Jorge, em sitio muito elevado, d'onde se goza a vista da maior parte de Lisboa e do Tejo.

Principiou a fundação, em 29 de novembro de 1519, com auctoridade do rei D. Manuel—que tambem contribuiu muito para esta obra—sendo juiz apostolico, o doutor Braz Neto, que depois foi bispo de Cabo-Verde, e que assistiu ao lançamento da primeira pedra, por ordem do papa Leão X.

Principiou o convento com treze religiosas, e era da invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Foi incendiado em 1670, o que causou grandes prejuizos, pois só o da sachristia foi avaliado em 40:000 crusados (16 contos de réis.) Foi logo reedificado.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo. Comarca e concelho d'Almodóvar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Mértola) 105 kilometros ao O. d'Evora, 135 ao S. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757, tinha 96 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo, 30 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho do Alandroal (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Estremoz) 30 kilometros d'Elvas, 150 ao E. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado d'Elvas, districto administrativo d'Evora.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, e 120 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e nos mais generos agricolas.

ROSARIO (Nossa Senhora do)—freguezia, Alemtejo, concelho d'Arronches, comarca de Portalegre, d'onde dista 24 kilometros, 180 ao S.E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

ROSAS—antigo nome da actual freguezia de Rôças, na comarca e concelho d'Arouca. Douro.

Foi commenda da ordem de Malta.

Esta povoação foi fundada em 1100, por *Odorio Espinel*, ou *Espinhel*, que a doou depois, a *Salvador Peres*. Vidé *Rôças de Arouca*.

ROSMANINHAL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi da mesma comarca, mas do concelho de Salvaterra do Extremo) 240 kilometros ao E. de Lisboa, e 35 da Guarda, 400 fogos.

Em 1757, tinha 214 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa, cabeça de concelho, ao qual o rei D. Manuel deu foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 26 verso, col. 1.ª)

Tem minas d'ouro, que se não exploram.

Era commenda da ordem de Christo, e eram seus commendadores e alcaides móros, os marquezes da Fronteira, condes da Torre, e de Assumar, e marquezes d'Alorna, cuja casa está actualmente representada pelo sr. D. José Transimundo Mascarenhas Barreto, marquez da Fronteira, mas que se assigna marquez de Alorna, titulo que lhe foi dado, em 22 de outubro de 1839.

Este cavalheiro, é 7.º marquez da Fronteira, 5.º marquez d'Alorna, 8.º conde da Torre, e 7.º conde d'Assumar. (Alorna é uma cidade da India Oriental, que foi do rajah de Bonsoló, e ao qual a tomou D. Pedro de Almeida Portugal, marquez de Castello Novo e conde d'Assumar; pelo que, D. João V lhe deu o titulo de marquez d'Alorna, em 9 de novembro de 1748.)

Alem da commenda do Rosmaninhal, tinham os senhores d'esta casa, mais cinco commendas, todas da ordem de Christo:

O 1.º conde d'Assumar, foi D. Francisco de Mello, feito por D. Philippe IV, em 30 de março de 1636.

O 1.º marquez da Fronteira, foi D. João Mascarenhas, 2.º conde da Torre. (Para evitarmos repetições, vidé 3.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

A esta familia, uma das mais nobres de Portugal, pertenciam tambem os marquezes de Gouveia (depois duques de Aveiro) os condes d'Alva, os condes de Coculim (villa indiana, na comarca de Salsete) os condes de Sandomil, e os de Portalegre; além de outras esclarecidas familias, do appellido Mascarenhas. Tambem eram d'esta familia os marquezes de Castello-Novo.

D. João Mascarenhas, 1.º marquez e senhor da Fronteira, e 2.º conde da Torre, foi mestre de campo-general do exercito portuguez da provincia do Minho, durante a guerra da Restauração, mestre de campo-general da cavallaria, da provincia do Alemtejo; mestre de campo-general, junto á pessoa do rei, na corte e provincia da Extremadura; governador das armas de Cascaes e Setubal; gentil-homem da camara de D. Pedro II (quando principe regente) do seu conselho de estado e guerra, védor da fazenda, e grão-prior do Crato. Foi dos mais bravos e leaes militares do seu tempo e grande valído do rei. Falleceu em 16 de setembro de 1681, na florescente edade de 48 annos, pois havia nascido em 18 de julho de 1633.

Foi este fidalgo o fundador da sumptuosissima quinta e magestoso palacio dos srs. marquezes d'Abrantes, em Bemfica. (Vol. 1.º, pag. 378, col. 1.ª)

Este palacio e o seu jardim e quinta, são uma das mais bellas vivendas de Portugal, e fica a 6 kilometros de Lisboa, na encosta da serra de Monsanto, do lado de Bemfica.

Chamava-se a este sitio, *Morgado-novo*, e eram terras dos Mascarenhas.

A casa está guarnecida de azulejos, onde estão pintadas todas as batalhas em que tomaram parte os membros d'esta familia, notando-se a batalha do Ameixial, onde se vê o fundador do palacio e quinta, batendo-se corpo a corpo com D. João d'Austria.

Entre os retratos dos antepassados do actual marquez de Fronteira, existentes n'este palacio, se veem os da marqueza de Távora, D. Leonor de Távora, degolada e queimada no caes de Belem, em 13 de janeiro de 1759; o de D. Magdalena de Vilhena; o de D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India; e dois do marquez d'Alorna, um tirado antes de entrar para os carceres da Junqueira, e outro tirado quando saiu de lá, no fim de 18 annos (em 1777, pelo fallecimento de D. José I.)

Este palacio foi construido pelos annos 1680, porem a sua capella é muito antiga, e foi reedificada em 1580.

Na sala chamada *das batalhas*, e que agora serve de sala de jantar, se veem os bustos de varios fidalgos d'esta familia, entre elles:

D. Fernão Martins Mascarenhas, chefe da casa dos Mascarenhas, senhor da casa de Lavre, commendador de Mértola e de Almodóvar, alcaide-mór de Monte-Mór Novo e de Alcacer do Sal, e capitão de ginetes de D. João II, e de D. Manuel.

D. Manuel Mascarenhas (o *Espada Cortadora*) um dos principaes que tomaram Azamôr, em 1515, e que morreu governador de Arzilla (Africa.)

D. Fernando Mascarenhas, morto na batalha d'Alcacer-Kibir, em 4 de agosto de 1578.

D. Manuel Mascarenhas, gravemente ferido e captivo, na mesma batalha.

D. Fernando Mascarenhas, 1.º conde da Torre, governador de Ceuta e Tanger.

D. Francisco Mascarenhas. 1.º conde de Coculim (villa na comarca de Salsete, na India) feito por D. Pedro II. em 3 de junho de 1676.

Tambem aqui estão os bustos do 2.º, 3.º, 4.º e 5.º marquezes de Fronteira.

Em um dos lados d'esta sala, vê-se em alto relevo, e do tamanho natural, o 1.º marquez da Fronteira, a cavallo, e com o uniforme de marechal.

Tem por baixo uma extensa inscripção, designando todos os postos e dignidades do marquez.

Em um dos maiores tanques do jardim, está uma varanda, e n'ella, em bonitos nichos, estão os bustos—em marmore de Carrára—de todos os reis de Portugal, desde D. Affonso Henriques, até D. João VI.

—

Rosmaninhal, foi praça d'armas, com seu castello e muralhas com seus competentes revelins, e barbacans.

Já disse que eram alcaides móres d'este castello os marquezes da Fronteira.

Está situada sobre a margem do Tejo, na confluente do rio Elga, com aquelle, porisso chamada *Foz do Elga.*

Das suas antigas fortificações apenas restam alguns muros desmantelados.

ROSSAS—Vidé *Rôças.*

ROTELLA—portuguez antigo—rompimento, força, rotura, violencia, etc.—No foral da villa de Linhares (Beira Baixa) dado por D. Affonso I, em 1169, se lê—*De rotêla de sua casa cum lanzas* (lanças) *et scutos,* (escudos) da *sua porta a denlro, pectet* (peite, ou pague de peita) *ccc* (300) *soldos.*

ROTORÍA ou **ROTURA**—portuguez antigo—rompimento de terra (arroteia) que transforma em campos os terrenos bravios. Em Arouca, ainda a arroteia se dá o nome de *rómpida.*

RÓTULO—portuguez antigo—rôlo de pergaminho, ou de outra qualquer materia, em que se escreviam os livros, e o qual se enrolava em um cylindro, para se não engelhar. A este modo de escrever, se chamava *escrever em bandeira.*

ROUBA ou **ROUBADIA**—portuguez antigo—roubo ou furto. (Doc. de Vairão, de 1304.)

ROUBADO (Senhor)—Vidé *Carriche.*

ROUÇAS—Vidé *Rôças.*

ROUSADA, ROUXADA e **ROUZADA**—portuguez antigo—mulher violada. Vide *Rausador.* Andando D. Pedro I á caça em Bemfica (termo de Lisboa) onde tinha um palacio e quinta, ouviu chamar uma mulher a outra, *Maria Rouçada.* Perguntando a razão de tal alcunha, soube que a mulher havia sido violada por o homem que depois foi seu marido. (Para evitarmos repetições, vide n'este volume, pag. 58, col. 2.ª)

ROUSADOR, ROUSAR, ROUSO, ROUXADA. ROUXO, ROUZADA e **ROXO**—portuguez antigo—era o mesmo que—*rausar, rauso, rausso, rauxada, etc.*

ROVINA—Vidé *Ruvina.*

ROZEM—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco Canavezes (foi da comarca e concelho de Soalhães) 48 kilometros ao N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 47 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertil em todos os generos agricolas.

Gado, e peixe do Tâmega, e de alguns ribeiros anonymos.

RUA (pedras da)—Vidé *Pedras da Rua* e *Pontos do Douro.*

RUA—villa, Beira Alta, concelho de Sernancélhe, comarca e 6 kilometros de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757, tinha 140 fogos.

Orago, S. Pelagio.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O padroado real, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Esta villa, como a de Caria (vol. 2.º, pag. 108, col. 1.ª e seguintes), é povoação antiquissima, e foi a capital do concelho de *Caria e Rua,* supprimido em 1854, e encorporado no de Sernancélhe.

Está situada em uma fertil e vasta bacia, cercada de varios outeiros de pouca elevação, uns plantados de vinha e outros povoados de differentes arvores, formando um risonho e aprazivel quadro durante a primavera e estio. Ao longe se avistam altas serranias, que a neve cobre no inverno.

É este valle feracissimo em todos os fructos, especialmente em vinho, milho e trigo.

A villa é cortada pela estrada que de Trancosó conduz a Lamego.

Ha aqui uma optima fábrica de fiação de sêda, pertencente aos industriaes, os srs. Francisco Cabral Paes e Filhos.

Os productos d'esta fabrica se teem exportado para diversos paizes, onde são muito apreciados, e os seus proprietarios teem obtido varios premios, nas exposições a que teem concorrido. Adiante fallo mais detidamente d'esta fábrica.

—

Segundo a tradição, a 500 metros da villa, no sitio chamado *São João*, houve uma grande povoação, ou cidade, chamada *Arrochella* ou *Rochella*,[1] da qual ainda existem vestigios (alicerces de muros, tijolos grossissimos, e outros objectos), todos denotando grande antiguidade.

Em 1872, um proprietario d'estes terrenos, achou em uma vinha, grande quantidade de moedas de cobre, pesando todas uns 6 kilogrammas. Muitas d'estas medalhas, são do tempo dos romanos, outras ainda anteriores ao seu dominio na Peninsula. Umas que se encontraram entre seis grossos tijolos, foram offerecidas á camara municipal do Porto, que as teve em grande aprêço, e as mandou collocar no seu museu. Algumas estavam tão oxidadas, que eram completamente ilegiveis. Os seis tijolos onde haviam sido guardadas, estavam dispostos em fórma de caixa (fundo, tampa, e os quatro lados). Uma boa parte d'ellas (medalhas) ainda estavam bem conservadas.

No mesmo sitio teem apparecido varias sepulturas de pedra, muito bem trabalhadas.

—

No fim de janeiro de 1877, um jornaleiro que andava plantando videiras, achou a um metro de profundidade, um vaso de barro, coberto com uma pedra, e dentro d'elle, alguns bocados de prata, em bruto, e do peso de 2 1/2 kilogrammas, e entre a prata, algumas moedas romanas, do mesmo metal.

—

Entre o grande numero de medalhas que aqui se teem encontrado, apparecem em maior numero as romanas e arabes; mas tambem se encontram duas que julgo serem do seculo XI (entre 1037 e 1067) e de D. Affonso o Magno.

O senhor Francisco Cabral Paes, teve a generosidade de me mandar 36 d'estas medalhas, sendo uma d'ellas de prata, que eu offereci ao museu archeologico do Carmo, em Lisboa, onde agora existem.

Examinei estas medalhas, e eis o que pude averiguar — as de cobre:

Gothicas? — duas — em uma, de um lado, um homem com uma especie de turbante na cabeça, e virada para elle, uma mulher, ambos de pé, e entre elles um M. — A outra tem de um lado uma mulher, com um ramo ou palma, na mão, e da legenda só se lê VICTO; e no reverso, o busto de um guerreiro, e só se póde lêr GRATIA.

Leonezas? — duas, tendo de um lado dois guerreiros, de pé, virados um para o outro, e entre elles uma estante, ou pyra. Em uma, a legenda desappareceu, na outra apenas se póde lêr ONS TERTIUS. Será D. Affonso III (*o Grande?*)

Romanas — de varios imperadores, 18.

Arabes — 13.

E uma arabe, de prata.

—

A antiga villa de Caria, hoje aldeia, andou até 1854 unida a esta da Rua, para todos os effeitos judiciaes, administrativos e municipaes. Caria, fica 2 kilometros ao S.O. da Rua, 5 ao S. de Moimenta da Beira e 5 ao N. do famoso Sanctuario de Nossa Senhora da Lapa (vide *Quintella da Lapa.*)

Em todos os documentos antigos, quando se trata d'estas terras, se diz sempre — *Caria e Rua* — e ambas contam egual antiguidade, e o que se diz de uma, póde applicar se á

[1] *Rochella*, significa *pequena rocha.*

outra: é por isso que eu trato aqui de factos respeitantes a ambas.[1]

—

Em 18 de maio de 1878, em um monte, entre Rua e Caria, andando uns operarios á demolir os restos de um antigo muro, acharam nos alicerces uma grande quantidade de moedas de prata (umas 400) de 20 diversos typos, mas todas romanas, e do valor (com referencia ao seu pêso) de 150 a 250 réis cada uma.

As mais notaveis d'estas moedas, são — uma, que tem de um lado, o busto de uma mulher, coroada por um diadêma, e por baixo—XXXVIII. No reverso, tem um cavalleiro, correndo a toda a brida, e por baixo a legenda L. PISUFRUGI. D'este typo, acharam-se quatro moedas, mas tendo cada uma diversa inicial, e só uma tem a era de XXXIX.

Uma, tambem com busto de mulher, tendo na frente uma espiga de trigo, e a legenda D. METELL, e por baixo um arado. No reverso, tem um gladiador, e por baixo L. F. G. F. G.

Grande numero, tendo de um lado, um elephante e por baixo a legenda CAESAR; e no outro, uma espada, um facho e um machado.

Outras teem um busto de homem, e no reverso, um homem, de corpo inteiro, com capacete de plumas, e empunhando uma espada. Está sentado sobre um globo, e tem por baixo ROMA N. FABI.

Para não fatigar o leitor, não menciono expressamente mais d'estas medalhas.

—

Em 1868, no monte *dos Cabaços*, um caçador, ao tirar musgo de um rochedo, achou uma moeda de ouro, que vendeu a pêso, ao sr. visconde de Moimenta da Beira.

Tem de um lado, uma cruz, suspensa por um collar, e por baixo a legenda, bastante apagada, que parece ser *Coifo, Goifo*, ou *Coiko*, VIII. — Do outro lado, tem um homem com a cabeça cingida por uma fita, com borlas nas extremidades. Suppõe-se que seja uma moeda do baixo-imperio, das mandadas cunhar por Constantino Magno, o 1.º imperador christão de Roma. Outros pretendem que seja gothica.

—

Ha na villa da Rua, um mosteiro que foi de frades franciscanos, fundado em 1443.— Só uma pequena parte do edificio se acha em bom estado de conservação, o resto está desmantelado. A egreja, porém, está muito bem conservada, devido ao zêlo dos irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco, que se estabeleceu n'este templo.

—

Havia outro, de frades bernardos, que nas suas proprias casas, no logar de *Tabosa*, fundou D. Maria Pereira, viuva de Paulo Homem Telles, tenente-general e governador da Beira.

—

Fabrica de fiação de séda

DOS SRS. FRANCISCO CABRAL PAES E FILHOS

Portugal foi por muitos annos quasi completamente desconhecido no estrangeiro, em relação á materia prima da industria da séda. A magnifica raça de *casullo amarello* portuguez, em maior ou menor quantidade, era empregada (ou melhor diria, perdida) toda no fabrico de retroz. Nenhuns, ou muito poucos tecidos se fabricavam, pela falta de fiações nacionaes, que se assemelhassem ás estrangeiras, em perfeição nos productos

[1] Note-se que havia trez *Carías* — *Caría-Velha*, da qual adiante trato — *Caría Suzan* (Caria de Cima) que é a actual Caría, onde primeiramente esteve a casa da camara, e era a capital do concelho — e *Caría Juzan* (Caria de Baixo) que é a actual villa da Rua, para onde depois se transferiu a capital do concelho, até 1854, assim como a casa da camara, pelourinho, justiças, etc.

Um kilometro ao N. de Caría, existem as ruinas da *Caría-Velha*, vendo-se no centro d'ella os restos do seu vetusto castello, ao qual hoje o povo dá o nome de *Casa do Pastor*. Fica isto na orla de um bosque, na encosta do monte que pertence ao sr. José de Lemos de Napoles, e faz parte da sua quinta, chamada *Boa-Vista*; porque os antepassados d'este cavalheiro, compraram aquellas ruinas e parte do bosque, aos jesuitas.

Dentro do recinto d'estas ruinas, se descobriram, em 1867 ou 1868, varias sepulturas, abertas a picão, na rocha granitica, e dentro d'ellas, ossadas humanas, menos mal conservadas.

e, ainda hoje, não teriamos dado um passo, se um acaso não viesse a isso impelir-nos: foi o seguinte: — Desde 1863 até 1872, deu no *sirgo* estrangeiro uma doença que o matava quasi todo, causando immensos estragos na sericultura.

Então os estrangeiros, sem terem sementes isentas da molestia, tiveram de hir procural-as a outros paizes, onde ella não existia. Hespanhoes, italianos e francezes, vieram em grande numero comprar-nos a semente do sirgo, em vista dos optimos resultados colhidos d'ella. O casullo triplicou então de valor e as sementes eram vendidas por alto preço.

Em vista d'esta vantagem, tomou grande desenvolvimento na Beira-Alta, a criação do bixo da sêda. Só os srs. Cabral Paes e Filhos, exportavam annualmente 250 a 300 kilogrammas de semente.

As prosperidades duraram apenas nove annos, porque, em 1872, tambem o sirgo portuguez foi atacado da molestia, o que afugentou a concorrencia estrangeira.

Os illustrados industriaes de quem estou tratando, entenderam que os seus casullos deviam ser empregados mais proficuamente do que outr'ora; e, relacionados com muitos sericultores estrangeiros que visitaram a sua fabrica durante a epidemia do sirgo, principiaram a exportar em grande escala os productos da sua fabrica de fiação de sêda, que, não só foram elogiados e muito apreciados lá fóra, mas obtiveram menção honrosa nas exposições de Londres e Paris, e foram recompensados com a medalha d'honra, e com a 1.ª medalha de prata, nas ultimas exposições agricolas e nacionaes de Lisboa; e nas duas de sericultura do Porto, em concurso ao 1.º premio pecuniario.

Em 1869, os srs. Cabral Paes e Filhos, augmentaram o seu estabelecimento, e a sua fabrica de fiação de sêda, tendo de instruir n'esta industria, os vinte e tantos operarios que empregaram n'ella.

O motor é a braço, e o systema de fiação, o italiano. Produz 600 kilogrammas de sêda em rama, annualmente.

—

As pessoas que desejarem mais amplas noticias d'esta povoação, vejam *Caria*, a pag. 108, col. 1.ª do 2.º volume.

—

RUA, é um appellido nobre d'este reino, e cuja familia é oriunda das Asturias. Um membro d'esta familia casou com uma senhora da casa de Athouguia. Depois, D. Ignez Martins da Rua, filha d'Alvaro Annes da Rua (escudeiro do infante D. Fernando, pae do rei D. Manoel), casou com Luiz d'Athouguia, seu parente. As primeiras armas d'esta familia, eram, em campo azul, trez flores, de ouro, com tulipas raiadas de púrpura: élmo de aço aberto, e por timbre, um leão d'ouro. A Francisco Martins Rua, da cidade do Porto, sendo feitor de Portugal em Flandres, lhe deu o imperador Carlos V, novo brazão d'armas, o que foi confirmado pelo nosso D. João III.—São agora—em campo d'ouro, 6 rosas de púrpura, em duas pallas, folhagem verde, e no meio do *chefe*, uma flor de liz azul. Elmo e timbre como os antigos.

—

Martins Ruas, da villa de Caminha, talvez descendente d'estes Ruas, foi auctor de um livro que elle denominou *A Pedreida*, e disse ser um *poema epico*. (!) É uma das obras mais celebres do seculo XIX, e rival do famoso *Diccionario da lingua portugueza*, do padre Bernardo de Lima Bacellar, e publicado em 1783.

RUA—Vide 3.º vol., pag. 212, col. 1.ª, periodo 2.º

RUÃES — aldeia, Minho, na freguezia de S. Payo de Merelim, no antigo couto de Tibães, supprimido (Vide *Tibães*), concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Em 25 de setembro de 1872, foi feito visconde de Ruães, o negociante da praça do Porto (hoje fallido) Bento Luiz Ferreira Carmo, casado, em 16 de fevereiro de 1876, com a sr.ª D. Anna Carolina Jacome de Souza Pereira de Vasconcellos, na nobre casa dos Avellares, em Braga.

Passa aqui o rio Cávado, e aquelle negociante fundou n'este logar, e em uma quinta sua, proximo da Ponte do Prado, em 1870, uma grande fabrica de papel. Depois, passou esta fabrica a ser propriedade de uma

companhia, sendo o fundador e seu sobrinho, Eduardo Luiz Ferreira Carmo, os principaes accionistas.

O propulsor mechanico é o vapor, e a agua do rio.

A fabrica foi muito augmentada e melhorada, sob a direcção do distincto engenheiro Thomaz Smith. Fizeram-se os ensaios em 30 de janeiro de 1876.

Foi inaugurada, em 25 d'abril de 1877, depois da benção religiosa do ritual, feita pelo rev.mo abbade de Tibães (Merelim).

A machina a vapor, é da força de 100 cavallos, e a *turbina*, movida pela agua do Cávado, é da força de 50.

Os seus productos são dos melhores do paiz, na sua especie, e rivalisam com o melhor papel que vem do estrangeiro.

A fábrica está excellentemente montada, e as machinas foram construidas no acreditado estabelecimento dos srs. *Easton & Andreson*, de Londres.

O mestre da fabrica, é o sr. *Benjamim Peake*, inglez.

O pessoal da fabrica, na sua inauguração, era de 40 homens e 60 mulheres.

—

O sitio é alegre, bonito e sádio, ficando-lhe perto povoações que lhe podem consumir grande quantidade de papel, principalmente Porto e Braga. Tem excellentes estradas para diversos centros, para onde póde fazer exportação em grande escala, ficando, de mais a mais, a pequena distancia do caminho de ferro do Minho.

—

Pois com todas estas condições de prosperidade, teve a sorte de quasi todas as nossas grandes emprezas industriaes, falliu! — Devia ao sr. José Pereira Loureiro (visconde de Fragozella, desde 25 de maio de 1870), 70 contos de réis, que lhe não poude pagar. O sr. visconde demandou a companhia, e fez-lhe penhora na fabrica, e todas as suas dependencias, sendo tudo avaliado em réis 60:655$080 (!).

Foi posta em praça, no dia 27 de outubro de 1878, e arrematada pela quantia de cincoenta contos e trezentos mil réis, pelo sr. Alberto de Oliveira, como representante de uma sociedade de parceria.

Consta que esta sociedade é constituida por cavalheiros emprehendedores e grandes capitalistas. Deus queira que este patriotico estabelecimento caia em poder de industriaes mais felizes do que os antecedentes, e attinja o grau de prosperidade de que é merecedor.

RUÃO—portuguez antigo—o que vive na cidade ou villa, onde as casas estão *arruadas*. Vinha a ser o meio termo, entre os fidalgos e os peões. Hoje diz-se *burguez*.

RUBIÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Valença), 40 kilometros ao N. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 150 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, collado, que tinha trezentos mil réis.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa vinculada, das *Antas*, da qual é actual proprietario, o sr. Francisco José Dantas Montenegro. (Vide vol. 3.º pag. 212, col. 1.ª, periodo 2.º)

A aldeia das *Antas*, foi villa, e solar dos Antas, descendentes de Francisco Soares de Novaes.

Antas ou *Dantas*, é um appellido nobre em Portugal, que já existia no principio do seculo XIII.

Pelos annos de 1230, os creados da rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (a de Arouca), causavam grandes damnos na albergaria do Monte Fuste, ou Monforte, que então era de Estevam Vasques d'Antas, vendo se este obrigado a reunir os seus creados e familiares, a correr aquelles.

Queixou-se Estevam Vasques, a D. Sancho II (*o Capêllo*) e foram feitas as pazes com a rainha, Santa Mafalda, os Antas, e os creados de ambas as partes, assistindo D. Rodrigo Gil, prior da ordem de Malta, no dia 29 de junho de 1243.

Segundo antigos documentos que existem na casa das Antas, tinham os senhores do vinculo, um paço acastellado, com suas torres, o que tudo foi arrazado pelos leonezes, em 1129.[1]

Lopo Dantas (*o romano*) construiu a capella de S. Bartholomeu, em 1592, gastando muita da sua fazenda com esta fundação, e com a creação de trez capellanias, para cada capellão dizer uma missa em todos os dias do anno. Tambem dava muitas esmolas aos peregrinos que hiam em romaria a S. Thiago de Compostella.

No alpendre em frente da porta principal da capella, estão servindo de columnas, seis marcos milliares romanos, com inscripções, mas tão apagadas, que se não podem lêr. São todas monolithicas, e vieram de *Cossourado*, por onde passava uma das cinco vias militares romanas, mandadas construir pelo imperador Vespasiano, e que de Braga hiam a Astorga.

No mesmo alpendre estão trez sepulturas—são do dito Lopo Dantas, de seu pae e de seus irmãos.

Frei Belchior Dantas, dominicano, era d'esta familia, e morreu na ilha de Solôr (Oceania) com fama de Santo.

RUIDADES —Vide *Rio d'Ádes*.

RUILHE—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga (foi da comarca e concelho de Barcellos), 360 kilometros ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 75 fogos.

Orago, S. Payo.

Os condes de Redondo (depois marquezes de Bórba) apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis.

Esta freguezia e a de Cunha, eram obrigadas a varrerem as praças e talhos de Guimarães, nove vezes em cada anno. (Vide *Barcellos*, a 1.ª *Cunha*, e *Guimarães*.)

É terra fertil.

RUIVÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 108 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os condes de Villa Nova apresentavam o abbade, *in solidum*, que tinha 430$000 réis de rendimento.

A esta freguezia está annexa a de Novaes, e por isso se diz *Ruivães e Novaes*.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Ha n'esta freguezia trez casas que foram vinculadas, e todas procedem da familia que foi senhora do paço, torre e honra de Novaes. Ha ainda outra casa antiga e nobre, com uma torre, que foi de Matheus Mendes de Carvalho; e na aldeia de Rebordéllo, está a casa de Manoel Correia de Lacérda, senhor de Frolães.

RUIVÃES — villa, Minho, no concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso (foi villa e cabeça de concelho, da comarca de Montalegre, em Traz-os-Montes), 60 kilometros ao N. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 305 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Veade, apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia compõe se das nove povoações seguintes:—*Ruivães* (séde da parochia), *Espindo, Frades, Zebral, Quintan, Valle, Santa Leocadia, Botica*, e *Soutêllo*. As cinco ultimas aldeias, formavam uma das *sete honras de Barroso*.

Era da casa de Bragança, cujo ouvidor entrava n'ella em correição, assim como o provedor da comarca de Guimarães.

Até 1834, foi concelho, pertencente a Traz-os-Montes, o qual se compunha d'esta freguezia e da de Campos, e das aldeias de *Fa-*

[1] Alguns fidalgos gallegos, haviam offerecido a D. Affonso Henriques, o reino de Galliza, offerta que o principe portuguez acceitou, o que deu causa á guerra com D. Affonso VII, rei de Leão, e primo de D. Affonso Henriques. Os leonezes foram derrotados nas batalhas de *Cerneja*, e dos *Arcos de Valle de Vez*. O arcebispo de Braga, interveiu na contenda, e conseguiu que os dois primos fizessem as pazes, terminando a guerra, pelo tratado de Tuy, em 1129.

fião, Pincães (que no espiritual pertenciam á freguezia de Cabril), *Caniçô* e *Linharêlhos* (que, no espiritual, pertenciam á freguezia de Salto).

Tinha um capitão-mór, com duas companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão, dois alferes, dois sargentos, e quatro cabos.

Este concelho dava recrutas para os regimentos—12 de infanteria, 6 e 9 de cavallaria, e milicias de Chaves.

Em 1836, era da comarca de Chaves.

Em 1842, compunha-se o concelho de Ruivães (que era tambem julgado) das dez freguezias seguintes:—*Ruivães, Cabril, Covêllo do Gerez, Reigoso, Pondras, Villa da Ponte, Venda Nova, Salto, Campos*, e *Ferral*, todas com 1:103 fogos.

Foi este concelho supprimido em 1853, e as freguezias que o constituiam passaram a formar parte do concelho de Montalegre, menos as de Ruivães, e Campos, que se uniram ao concelho e julgado de Vieira, da comarca da Póvoa de Lanhoso, no Minho.

A freguezia de Ruivães, é situada em terreno muito accidentado, e limitada ao N. pelos rios Cávado, e Regavão; ao S., pela serra da Cabreira; e ao O. pelo rio Saltadouro.

Ao O., e proximo a esta villa, ha uma boa ponte de cantaria, de um só arco, lançada sobre o Saltadouro, e por ella passa a antiga estrada de Braga para Chaves. D'esta ponte á villa, ha uma extensa e ingreme calçada.

Pelo centro da freguezia, passava uma das cinco vias militares romanas. Esta hia de Braga a Chaves e Astorga.

Junto á aldeia da Botica, de Ruivães, foram achados no seculo passado, dois marcos milliares romanos, pertencentes á referida estrada. Em um, a inscripção estava completamente ilegivel, e no outro, apenas se podia ler:

..... TRAJANUS
.....
..... XLIII. M. P.

Ruivães era a ultima villa da provincia de Traz-os-Montes, para o lado do O., e distante 60 kilometros de Chaves, e 36 de Monte-Alegre—tudo para o O.

O rio Regavão, divide por este lado, a provincia de Traz-os-Montes, da do Minho.

Fica proxima a famosa ponte da *Misarella*, da qual tratei no logar competente. Vidè *Regavão*.

—

Em 9 de setembro de 1836, a guarda nacional, de Lisboa, revolta se, e deita por terra a *carta*, substituindo-a pela constituição de 1822.

A 4 de novembro, ha uma reacção para restabelecer a carta, porem os revoltosos triumpham logo no dia seguinte, e o ministro da sr.ª D. Maria II, (Agostinho José Freire) é assassinado pelos populares, na Pampulha.

Em julho de 1837, os marechaes Terceira e Saldanha, do partido da côrte, á frente de alguns corpos de linha, emprehendem restabelecer a carta, mas, em 27 de agosto, o conde do Bomfim, general dos populares, bate os dois marechaes no Chão da Feira, junto á villa da Batalha, na Extremadura, obrigando os cartistas a retirarem para as provincias do norte.

O barão de Leiria, cartista, consegue revoltar o batalhão de caçadores n.º 4, na Ponte da Barca. A estes se reuniram alguns *voluntarios da rainha*, que estavam em Braga e uma pequena parte de infanteria n.º 9; mas, o barão d'Almargem os persegue até os encurralar na praça de Vallença, do Minho.

Emquanto estas desordens occorriam em Portugal, na Hespanha o general carlista Zariategui, obriga a abandonar precipitadamente as posições do Ebro, a *divisão auxiliar portugueza*, commandada pelo então visconde das Antas, que teve de fugir até Portugal, entrando por Traz-os-Montes.

Parte das tropas (uns 1:000 homens) do Antas, toma o partido da côrte, e se reunem ás forças do barão de Leiria, e o resto—uns 2:000 homens, ficam ao serviço dos setembristas, com o general que os trouxe da Hespanha.

Em 18 de setembro (ainda de 1837) dá-se

a *batalha de Ruivães* (n'esta freguezia) e os cartistas são derrotados.

No dia seguinte, termina a guerra civil, pela *convenção de Chaves*, feita entre os generaes, Antas, Terceira e Saldanha. Os dois ultimos, e outros cartistas mais compromettidos, fogem para o estrangeiro.

RUIVÓS ou **RUIVOZ** — freguezia, Beira Baixa, na comarca e concelho do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar-Maior) 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 305 ao E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757, tinha 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Neves, e S. João Baptista.

Bispado de Pinhe (foi do bispado de Lamego) e districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

É no Riba-Côa, e foi das povoações do bispado da Ciudad Rodrigo, que a rainha Santa Isabel trouxe para Portugal em dote, no anno de 1282.

É povoação antiquissima, já povoada pelos povos pré-celtas, o que evidentemente provam cinco dolmens que existiam nas proximidades da capella de S. Paulo, d'esta freguezia, e que ainda em 1756 estavam em soffrivel estado de conservação. (Vidé *Sabugal.*)

A esta freguezia esteve annexa a de Valle d'Eguas, no mesmo concelho.

Barão de Ruivoz

Em 28 de setembro de 1835, foi feito primeiro (e até hoje unico) barão de Ruivoz, Francisco Saraiva da Costa Refoyos, do conselho de sua magestade; commendador das ordens de S. Bento; d'Aviz, e de Nossa Senhora da Conceição, de Villa-Viçosa; cavalleiro da da Torre Espada; marechal de campo. Foi governador militar de Santarem, e das armas do partido do Porto: general commandante do exercito liberal, em 1828; perfeito da provincia dos Açores (archipelago dos Açores) e encarregado da auctoriadgdeeral militar da mesma provincia; perfeito da provincia do Minho, e deputado ás côrtes de 1834 e 1835.

Nasceu a 4 de outubro de 1779.

Era o sexto e ultimo filho de Pedro Saraiva da Costa Pereira Refoyos, 10.º senhor do do padroado da egreja de S. Thiago Maior, de Villa Garcia (no concelho da Guarda) senhor do morgado annexo de varios outros, em Ruivoz, Sabugal, Cima-Côa; dos de Vella, e dos Pinheiros, em Castello-Branco.

E de sua mulher, D. Maria Antonia d'Almeida Amado e Menezes, filha de Isidoro de Almeida Amado Sá e Menezes, senhor do morgado do Terrenho, e do couto da Quinta de Matta-Má, capitão-mór de Moreira, na comarca de Trancoso; e de sua mulher, D. Rosa Umbelina de Loureiro e Vasconcellos.

Irmãos do barão de Ruivoz

1.º—*Mendo*, do qual trato adiante.

2.º—*Joaquim*, que foi desembargador da casa da supplicação. Nasceu a 23 de outubro de 1770, e morreu a 6 de agosto de 1833.

3.º—*José*, tenente do regimento de cavallaria d'Almeida, que falleceu em 1804.

4.º—*D. Rita*, moça do côro, do real mosteiro da Encarnação (de Lisboa) da ordem de S. Bento d'Aviz. (As commendadeiras da Encarnação.) Morreu a 19 de fevereiro de 1837.

5.º—*Pedro*, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação; e que nasceu a 23 de agosto de 1777, e casou, em 8 de setembro de 1832, com D. Gertrudes Magna Garcez Freire, viuva, filha de Manuel Figueira Freire, e de D. Escolastica Rosa Garcez, sobrinha e herdeira de Manuel Ferreira Garcez.

Esta senhora, ficando viuva d'este segundo marido (que morreu em 28 de novembro de 1846) tornou a casar, em terceiras nupcias, e falleceu a 29 de abril de 1855.

6.º—*Francisco*, o barão de Ruivoz.

— . . . .

Mendo, irmão primogenito do barão, foi 11.º senhor do padrordo de Villa Garcia, e dos morgados annexos, e outros que possuira seu pae. Era fidalgo da casa real; ca-

valleiro da ordem de Christo; superintendente das caudelarias da comarca da Guarda. Nasceu em 1769, e morreu a 29 de agosto de 1820. Casou com D. Luiza Alexandrina de Mello Mascarenhas, açafata de D. Maria I. Era filha de Antonio Mascarenhas de Mello Figueiredo, senhor de um morgado em Santarem; fidalgo da casa real; estribeiro menor do infante D. Manuel; e tenente coronel do regimento da primeira Armada—e de sua segunda mulher e sobrinha, D. Genoveva Francisca Maria Mascarenhas e Mello, dona da camara da rainha D. Marianna Victoria, mulher de D. José I.

Deixou seis filhos:

1.º—*João*, 12.º senhor do padroado da egreja de Villa Garcia, etc.—cavalleiro da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias da Guarda. Casou com D. Josepha Ludovina Saraiva de Souza Coutinho, primeira filha e herdeira de Bento de Souza Coutinho, senhor do morgado de Ortigal, no termo da Covilhan, fidalgo da casa reál, cavalleiro da ordem de Christo—e de sua mulher, D. Caetana Benedicta Saraiva Sampaio. D'este casamento houve só uma filha, D. Maria Antonia, nascida a 8 de abril de 1811.

2.º—*Antonio*, bacharel em leis, nascido a 24 de agosto de 1795.

3.º—*Pedro*, bacharel em leis, nascido a 23 de maio de 1798.

4.º—*D. Maria Augusta*, nascida a 4 de julho de 1801. Casou a 5 de maio de 1824, com Antonio Camello Fortes de Pina, senhor do morgado de S. Domingos, da villa de Algodres, fidalgo da casa real; do conselho de sua magestade; commendador da ordem de Christo; lente cathedratico, jubilado, da universidade de Coimbra; membro do supremo tribunal de justiça. Nasceu a 14 de março de 1770. Era filho de Antonio Camello Fortes, capitão-mór da villa d'Algodres, e de D. Josepha Maria de Pina Osorio.

5.º—*D. Marianna do Carmo*, nascida a 2 de janeiro de 1803.

6.º—*D. Genoveva*, nascida a 25 de julho de 1805.

RUIVÓS ou **RUIVOZ**—freguezia, Minho, no concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis.

É povoação muito antiga, pois já na era de 1086 (1048 de Jesus Christo) o bispo de Braga, D. Pedro, tinha aqui uma fazenda, que n'esse anno emprazou a Anagildo Fromarigues.

Chamava-se então *Ruviólos* ou *Ruivólos* [1].

É n'esta freguezia, a antiga e nobre casa de *Real*, onde viveram Gil de Cerqueira e sua mulher, Margarida Martins Velho, progenitores de Leonel d'Abreu Figueira, que deixaram muitos descendentes, ligados com familias muito nobres do Minho.

É terra fertil. Muito gado e caça.

RUNA—freguezia, comarca, concelho e 7 kilometros ao S.E. de Torres-Vedras, 42 kilometros ao N.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 116 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha 150$000 réis.

Feira a 29 de setembro.

No 1.º de novembro de 1810, houve aqui um pequeno combate, entre os alliados e o exercito francez, commandado por Massena, e logo a 14, este retira para Santarem, não se atrevendo a atacar as famosas *linhas de Lisboa*.

Em 1877, no alto do monte que está entre a povoação de Runa e a villa da Alhandra, se collocou, sob a direcção do distincto general de brigada, o sr. Joaquim da Costa Cascaes (o que fez tambem o monumento do Bussaco, que um raio destruiu) um elegante padrão, memorando a retirada dos francezes.

[1] Julgo que já então tinha o actual nome, que, na baixa latinidade, se escrevia *Ruivôlos*.

—

Houve na Lusitania uma antiquissima cidade chamada *Runa*.

Segundo uns, era n'esta freguezia, outros porém, pretendem que era no sitio da actual villa da Aljubarrôta. Vide *Ourem*.

—

Asylo e hospital dos invalidos militares, de Runa

A princeza D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, e irman de D. Maria I, casou com seu sobrinho, o principe do Brasil, D. José, filho d'aquella rainha, fallecido na flor da edade, em 1788, deixando uma saudade indelevel, não só a sua esposa, e a seus paes, mas até a toda a nação portugueza, que fundava grandes esperanças no joven principe.

Sua esposa dedicou-se a obras de caridade, em favor dos pobres e desvalidos.

Vendo que em Portugal não havia um unico estabelecimento para abrigo dos militares, que mutilados nas batalhas, ou envelhecidos no serviço da patria, podessem terminar seus dias, sem esmolarem ou morrerem na miseria, resolveu fundar um hospital e asylo para os invalidos do exercito.

A rainha sua irman, lhe offereceu para o novo estabelecimento, a quinta real da Luz, onde actualmente está o collegio militar; porem a princeza julgou o sitio acanhado, e sabendo que junto a Runa tinham os frades bernardos, de Alcobaça, uma propriedade denominada *quinta d'Alcobaça*, [1] que era muito vasta, obteve que elles lh'a vendessem, em 11 de agosto de 1790, comprando tambem, pouco depois, varias propriedades proximas, e a quinta de S. Miguel, na freguezia de Enxára do Bispo, comarca e concelho de Mafra, o que tudo custou uns 40 contos de réis.

Principiaram as obras do asylo, no dia 18 de junho de 1792, [2] com mais de 300 operarios, entre pedreiros e serventes.

[1] Por esta razão, ainda o povo d'estes sitios dá ao asylo o nome de *Alcobaça*.

[2] A nobilissima resolução da caridosa princeza, foi confirmada por decreto de 25 de julho de 1802, e alvará de 27 do mesmo mez e anno.

Quando a familia real fugiu para o Brasil (29 de novembro de 1807) já estava construida a maior parte do edificio, e, mesmo do Brasil, mandou a santa fundadora, por muitas vezes, grandes quantias para continuação das obras, além dos rendimentos da sua casa, que todos eram n'ellas empregados.

Quando a familia real regressou a este reino, em 1821, estavam as obras quasi concluidas, e tanta sollicitude empregou a princeza, que no dia do seu anniversario natalicio, 25 de julho de 1827 [1] se inaugurou o asylo, com 16 militares invalidos—um primeiro tenente de artilheria, trez sargentos e 12 cabos, anspeçadas, e soldados.

A fundadora presidiu à todas as ceremonias da inauguração, com o maior prazer, e com grande benevolencia e caridade, serviu ella mesma os primeiros pratos aos asylados. O resto foi servido pelo seu mordomomór, o marquez do Lavradio e pelos creados da casa real.

Gastou na construcção do edificio e magestosa capella, seus ornamentos e alfaias, mais de 600 contos de réis.

Reservou parte do edificio para a sua habitação e o resto, para os invalidos, e para os necessarios empregados, e quartel para tropa.

Os rendimentos applicados pela fundadora para o costeamento das despezas com os invalidos e indispensaveis empregados, e com os reparos do magestoso edificio, podiam dar asylo a mais de 120 militares velhos ou estropiados; porem o decreto que extinguiu as commendas, cerceou notavelmente as rendas do asylo, que consistiam no seguinte:

A commenda de S. Thiago de Beduido, (Estarreja) que a obteve em troca de 8 contos de réis de tença, que a fundadora recebia, pela folha da alfandega grande, de Lisboa, contrato confirmado pelo alvará de 19 de janeiro de 1826.

Uma apolice, com o vencimento de 5 por cento, do capital de 26 contos de réis.

[1] A fundadora havia nascido em 25 de julho de 1746, e fazia n'esse dia, 81 annos de edade.

Um titulo de divida publica, do capital de 11:999$960 réis.

Duas acções da companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto-Douro, no valor de 800$000 réis.

As quintas de Alcobaça (Runa) Amora (no concelho do Seixal) Enxára do Bispo, e propriedades annexas, que então produziam um rendimento annual de 900$000 réis.

E varias dividas activas; das quaes, uma grande parte se perdeu.

Actualmente o seu rendimento, anda por 9:000$000 réis, e a despeza por 8:000$000 réis, porque apenas dá abrigo, sustento e vestuario, a uns 50 asylados.

—

A fundadora, falleceu em 18 de agosto de 1829, com 83 annos de edade, declarando seu universal herdeiro, o asylo de Runa.

O testamento foi confirmado pelo sr. D. Miguel I, que fez passar a administração das rendas, para um conselho administrativo, o qual, e todo o estabelecimento, é superentendido pelo ministerio da guerra, em cumprimento da ultima vontade da doadora.

—

Dá entrada ao edificio, uma comprida rua, no topo da qual se vê um largo ajardinado, onde se levanta, com um kilometro de frente, sobre 61 de fundo, a magestosa fabrica, que tem, ao todo, 400 casas recebendo luz por 365 janellas.

A egreja, é de architectura romana, em fórma de cruz, com o throno ao centro do cruzeiro, e é construida de bello marmore de varias côres, avultando o preto, extrahido das pedreiras de *Pêro Nêgro*, que ficam proximas á Sapataria, no concelho da Arruda, comarca de Villa Franca de Xira.

As quatro estatuas que defrontam com os quatro angulos do throno, são de bellissimo marmore de Carrára, assim como as do vestibulo, aos lados da porta principal. A sua execução artistica é de grande primor; e bem assim o grupo da Gloria, tambem de marmore, que corôa a cimalha da capella, ao fundo.

Encerra ainda esta egreja outros objectos artisticos de grande merecimento, como o busto do pontifice Leão XII, de marmore de Carrára; um quadro, a oleo, de S. Jeronymo; ricas alfaias e magnificos paramentos. A custodia, de prata dourada, cravejada de uma infinidade de pedras preciosas, e de mais de um metro de altura, é um objecto de grande valor e gôsto artistico.

—

Todos os annos se celebra n'este asylo, com grande esplendor, o anniversario da sua inauguração, ao qual chamam *festa da princeza*; assim como o anniversario do fallecimento da santa fundadora.

—

A festa da inauguração principiou em vida da princeza, e então, pelo meio dia, os religiosos da communidade de S. Pedro de Alcantara, de Lisboa, e os musicos da capella-real, celebraram uma missa solemne, na capella do asylo, á qual assistiu a fundadora, a sua côrte, os asylados, e centenares de fieis, da freguezia e arredores.

Na ultima solemnidade a que assistiu a piedosa princeza, dirigindo-se aos asylados, proferiu ella as celestiaes palavras, cujo écco parece escutar-se ainda nas vastas abobadas do grandioso edificio:

Estimo ter podido concluir o asylo que mandei construir para descançardes dos vossos honrosos trabalhos: em recompensa, só vos peço, a paz e o temor de Deus.

—

Ainda hoje é lembrada, e o será sempre, esta virtuosissima princeza, que fallava com a maior franqueza e benevolencia aos seus asylados, tratando-os sempre por filhos.

Quando passeiava pelos arredores do asylo, toda a gente ajoelhava com respeito e affecto, serena e humilde, como diante de uma santa missionaria do Omnipotente. Ella levantava-os sorrindo carinhosamente, beijava as creanças, e dirigia a todos meigas palavras, que os enchiam de consolação.

—

No dia 24 de julho de 1877, inaugurou-se em Runa um bonito theatro.

—

O sr. João Gualberto de Barros e Cunha, actual deputado e que já foi ministro das

obras publicas, tem aqui uma bella casa e bonita quinta.

—

Runa tambem soffreu muito com as inundações de 1876-1877. No dia 6 de janeiro d'este ultimo anno, o rio Sizandro, sahindo do seu leito, alagou os campos das suas margens, e a cheia tornou-se assustadora n'esta freguezia, assim como nos logares do Furadouro (ou Aforadouro) Ribaldeira, Maxial, e outros.

RUPÍA ou **ROPÍA** — moeda do Grão-Mogól, que tem curso forçado na India portugueza. Antigamente, valia 400 réis, hoje vale mil réis.

RUVÍNA ou **ROVÍNA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757, tinha 41 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario (foi primeiramente o Espirito Santo.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O reitor de Nossa Senhora da Conceição do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre. Clima excessivo. Cria bastante gado.

S

S. — Antigamente valia — 1.º, 7, e depois 70—com um til, valia 70:000.

SÁ—portuguez antigo—*sua*—tambem se escrevia ssa, e saa.

SÁ—rio, Douro, na Terra da Feira. Nasce de varios arroyos, no concelho da Feira, e depois de atravessar diversas freguezias, tomando os nomes das povoações por onde passa, desagúa na esquerda do Douro, em Crestuma, depois de um curso de 20 kilometros.

SÁ—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Maria d'Alvóra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis, e o pé d'altar.

SÁ — freguezia, Minho, comarca e concelho deMonção (foi da mesma comarca mas do extincto concelho de Valladares) 65 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757, tinha 94 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcipreste da collegiada de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 17$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi n'esta freguezia o solar dos *Cãos*, a cuja familia pertencia Diogo Cão da Nóbrega, descobridor de Angola e Congo, em 1485, e um dos creados do conde D. Henríque (o de Sagres.) Diogo Cão, levantou um padrão na foz do rio Zaire e outro no Cabo do Padrão, alem do reino do Congo.

Foi seu filho, Pedro Cão da Nóbrega, que foi alferes (porta-bandeira) de D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India, em 1505.

Suppõe-se que esta familia se uniu á dos Noronhas, marquezes de Villa-Real.

(Vide no artigo *Sabrosa*, a biographia do 13.º homem notavel, *Affonso Botelho de Sampaio e Souza.*)

As propriedades que a familia Cão teve n'esta freguezia, foram divididas por diversos lavradores.

SÁ—aldeia, Minho, termo de Guimarães;

e appellido nobre em Portugal, cuja familia procede de Payo Rodrigues de Sá, que vivia pelos annos de 1300 (reinando D. Diniz) no concelho de Lafões, hoje comarca de Visella, na Beira Alta.

Foi seu filho, D. João Affonso de Sá, vassallo de D. Affonso IV e de D. Pedro I.

O verdadeiro solar dos Sás, era n'esta aldeia, á qual deram o nome, ou d'ella tomaram o appellido.

Muitas familias nobres, da provincia do Minho, e da cidade de Coimbra, que teem o appellido Sá, descendem de D. João Affonso de Sá.

Os Sás, trazem por armas—escudo xadrezado de azul e prata, de 6 peças em faxa e 7 em palla; escudo de prata, aberto, e por timbre, um búfalo negro, xadreado de prata e azul, armado do mesmo, com uma argola de ouro nas ventas.

SÁ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757, tinha 126 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Annunciação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis—isto é—tinha metade dos dizimos da freguezia, e a outra metade constituia um beneficio simples, dado tambem pela mitra.

Esta egreja, com metade da de Afife, foi dada por D. Affonso III, á Sé de Tuy, pelos annos de 1260, em troca da da Ariosa, junto a Vianna.

É terra fertil.

Gado, caça, e peixe do rio Lima e do mar.

SÁ—aldeia, Minho, freguezia de Covide, que foi da extincta comarca de Pico de Regalados. É hoje no concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde. (Vide 3.º vol., pag. 431, col 1.ª)

Quando tratei da freguezia de Covide, disse que no logar da Egreja estava um cruseiro, assente sobre um padrão romano, cuja inscripção não podia lêr-se, por estar enterrada.

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memorias do arcebispado de Braga*) diz que este padrão (marco milliar) se achou enterrado em uma horta, d'esta aldeia de Sá, e que a sua inscripção é a seguinte:

IMP. CAE...
C. MES. QUINTO
TRAIANO DECIO
INVICTO PIO FEL. AVG.
PONT. MAX. T. P.
PROCOS IIII
CÕS. II. P. P.
A BRAC. MIL.
P. XXV.

(Ao imperador, Cesar Cayo Messio, quinto Trajano, Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, Tribuno do povo. Proconsul a 4.ª vez, Consul 2.ª, Pae da Patria. D'aqui a Braga 25 mil passos.)

No tempo dos romanos, existiu aqui uma grande povoação, que alguns pretendem ser a cidade de *Calcedonia* (vidé Covide) e da qual tem apparecido muitos vestigios.

Passava por estes sitios a famosa via militar dos romanos, chamada da *Geira* (vide esta palavra) e por varias vezes se teem aqui achado marcos milliares romanos.

Em uma pequena volta que faz a via militar romana, no sitio onde se dividem os termos do logar de Covide e do Campo, havia um outro marco milliar, hoje tambem transformado em pedestal de um cruseiro. Tinha esta inscripção:

IMP. CAES.
C. MISSO. TRA.
DACO. NUTO.
PIO. FEL. AVG.
PONT. MAX. TR. P.
PC. IIII. C II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII

(Esta columna foi dedicada ao imperador Cesar Cayo Messio Trajano Decio, Invicto, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, Tribuno do Povo, Proconsul a 4.ª vez, consul a 2.ª, Pae da Patria. D'aqui a Braga, são 27:000 passos.)

Do sitio onde havia grande numero de marcos milliares, ao qual, porisso, se ficou

chamando *Leira dos Padrões*, foram arrancados dois, que foram para a egreja de S. João, e na reedificação d'ella, os quadraram, tirando-lhe a sua forma primittiva (redonda) desapparecendo as inscripções.

Em 1736, andando uns trabalhadores roçando matto, junto á referida via militar da Geira, acharam o resto de um marco milar, com o final da respectiva inscripção.

A BRACARA AVG.
XXVIII.

Proximo a esta pedra, se achou tambem então, outro marco milliar de 3m,25 de comprido, e 2,m65 de circumferencia com esta inscripção:

D. N.
.... C... I.... ARI.
BIM..... AT.
SEMPER AVG.
MAXIMO
MAGNENTI.....
TERRA. MAR.
VICTORI. P. RO. V.
DEDICAVIT
Q. MORI.

(Quinto Mario (?) dedicou esta memoria, a nosso senhor... sempre Augusto Maximo Magnencio, vencedor por mar e terra, do povo romano.)

—

Ha ainda por estes sitios outras muitas columnas que foram marcos milliares, com as inscripções mais ou menos legiveis. Não as menciono, para não enfadar o leitor, e tambem porque bastantes já ficaram mencionadas nas freguezias onde existem, ou foram achadas.

SÁ—aldeia, Douro, freguezia de Esgueira, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo (ao N.) d'Aveiro.

Fica esta povoação entre a villa d'Esgueira, que lhe fica ao N., e a cidade de Aveiro, que lhe fica ao S.

Ha aqui o convento de Sá, de freiras ranciscanas, fundado em 1644. (Vidé *Aveiro*.)

Suppõe-se que o primeiro nome d'esta povoação, foi *Sala*, e que houve aqui um antiquissimo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento; porque, em um inventario que existiu no mosteiro de Pedroso (de Villa Nova de Gaia) feito em 1050, se diz (traducção)—Bens que adquiriu D. Gonçalo e sua mulher, D. Flamula.—O mosteiro *Sála*, e o de S. Julião (junto á foz do Mondego) e metade do *Cedarim* (Cedrim) e metade da egreja de Recardães, etc.

—

Ha tambem no logar de Sá, a antiquissima capella de Nossa Senhora da Alegria, cuja data da fundação e o nome do fundador se ignora. É um templo bonito, e amplo, com altar-mór e dois lateraes. Tem na frente, um bom alpendre.

A sua festa, é a 15 de agosto, e muito concorrida.

Tambem se faz, n'esta capella, todos os annos, uma boa festa, ao martyr S. Sebastião, á qual concorrem muitas familias de Aveiro e de outras localidades. Julga-se que esta ermida, é o templo mais antigo, não só da cidade, como de outras terras em redor.

No largo, em frente da capella, está um cruseiro, construido pelos irmãos da confraria da Senhora, em 1556.

A cruz sustenta-se sobre quatro columnas de marmore, e é coberta por uma cúpula, de fórma pyramidal.

Como o sitio onde está fundada a capella é alguma cousa elevado, d'alli se vê o Oceano, e os navios que sulcam estes mares.

Os pescadores d'estes sitios, teem muita devoção com Nossa Senhora da Alegria, e no seculo 16.º se obrigaram por voto, a serem seus feudatarios perpetuos, dando-lhe a quarta parte das suas pescarias, que era applicada para a festa, e para obras e alfaias da capella.

Os pescadores d'Aveiro e Esgueira, sustentavam, alem das despezas da ermida, um hospital para os seus doentes, na rua de Villa-Nova; mas este já não existe.

—

Segundo o *Santuario Marianno* (4.º vol., pag. 424) esta povoação constituia ainda em 1712, uma freguezia independente, tendo por padroeira *Santa Maria de Sá*, e esta egreja, com o seu padroado, deram os seus proprietarios, ao rei D. Diniz. Era egreja muito antiga.

SÁ (Santa Maria de)—antiga freguezia, Beira Baixa, no então julgado—hoje comarca e concelho de Cêa. Esta freguezia ainda existia em 1700, e não sei quando foi supprimida.

Sá, foi villa e couto. D. Affonso III lhe deu foral, em Lamego, a 6 de agosto de 1254. (*L.º 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 5, col. 2.ª)

Não teve foral novo.

—

D. Soeiro Raymundo, ricò-homem, e alferes-mór de D. Affonso II, foi o fundador da actual villa de Mello, nas faldas da Serra da Estrella (Beira Baixa) em 1204 (vidé 4.º vol., pag. 173, col. 1.ª) e foi tambem o fundador da ermida de *Nossa Senhora do Couto*, que, em 1539, D. Mem Soares d'Alvim, seu descendente, demoliu, fazendo em seu logar a egreja do mosteiro de freiras agostinhas, junto á villa de Mello.

De D. Soeiro Raymundo, foi neto, D. Mem Soares de Mello (o primeiro que tomou o appellido de *Mello*) e que casou com D. Thereza Affonso Gata, filha do rico-homem, D. Affonso Pires Gato.

D. Gonçalo de Sá, senhor e primeiro povoador da villa do seu appellido, fallecendo solteiro e sem filhos, deixou a casa e solar de Sá, a sua sobrinha, a referida D. Thereza Affonso Gata.

Foi neto da Gata e de D. Mem Soares de Mello, D. Martim Affonso de Mello, rico-homem de Portugal, e senhor de Cêa, Gouveia, Linhares, e Celorico, tudo na Beira Baixa, e nas proximidades da Serra da Estrella.

Foi este fidalgo tambem senhor da villa de Mello, que seu avô havia fundado, junto á mesma serra da Estrella, e foi no seu tempo que Mello se elevou a cathegoria de villa, e teve brazão d'armas, tudo por ordem de D. Affonso III.

De D. Mem Soares e da Gata, procediam os condes de Olivença, de Assumar, e de S. Lourenço (estes ultimos, depois, marquezes de Sabugosa) e procedem os condes de Tentugal e marquezes de Ferreira, que são hoje os duques do Cadaval (vidé *Tentugal*) e outras muitas familias nobilissimas d'este reino; porém, o ramo primogenito é hoje representado pelos condes de Mello, senhores d'esta villa, desde 12 d'abril de 1373[1].

—

O 1.º conde de Mello foi Luiz Francisco Soares de Mello da Silva Breyner Souza Tavares de Moura, par do reino, em 1835, official da ordem da Torre e Espada, cavalleiro das de Christo e Conceição, e general de brigada. Foi feito conde, em 24 de janeiro de 1835. Falleceu em 12 de novembro de 1865. Tinha nascido a 23 de setembro de 1801.

—

Em 20 d'abril de 1866, foi feita condessa de Mello (segunda) a sr.ª D. Thereza Francisca de Mello da Silva Breyner de Souza Tavares de Moura, neta do primeiro conde.

O primeiro conde de Mello, succedeu na casa a sua mãe, em 20 de março de 1821. Casou, em 18 de fevereiro de 1835, com D. Frederica Xavier Botelho (nascida a 28 de julho de 1812) filha de Sebastião Xavier Botelho e de D. Thereza Maria Antonia Alvares Fernandes de Carvalho.

Foi filho unico d'este matrimonio, Pedro Francisco Soares de Mello, etc., nascido a 25 de agosto de 1836, e que morreu em vida de seu pae. É sua filha, a actual condessa.

O primeiro conde de Mello, pertenceu sempre ao partido liberal, e distinguiu-se na defeza das linhas do Porto, em 1832 e 1833.

Durante a guerra de 1846 e 1847, tomou o partido da causa popular, á qual fez bastantes serviços.

Era filho de D. Anna Rufina Soares de Mello Souza Tavares e Moura, 18.ª senhora de Mello, filha unica de Estevam Soares de Mello, e de D. Thomazia Rita de Souza Lemos Alvim e Menezes, e que casou (D. Anna Rufina) em 4 de outubro de 1793, com Pe-

[1] O senhorio de Mello, data de 1204 (anno da fundação e povoação da villa) porem o alvará mais antigo que se encontra na Torre do Tombo, com respeito a este senhorio, foi passado por D. Fernando I, em 12 de abril de 1373, a favor de D. Mem Soares de Mello, que, como os seus ascendentes, desde 1204, se intitulavam senhores de Mello.

O palacio que os condes de Mello teem em Lisboa, é á Cova da Moura.

dro de Mello Breyner, senhor da Trófa, conselheiro de estado, commendador da ordem de Christo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario a Roma e Pariz.

Quando Junot se lembrou de crear em Lisboa uma *regencia* em nome de Buonaparte (1.º de fevereiro de 1808) escolheu para ella quatro *portuguezes* (!!!)—CONDE DA EGA—D. FRANCISCO RAPHAEL DE CASTRO—CONDE DE SAMPAIO—e PEDRO DE MELLO BREYNER. (Ponho os nomes d'estes homens em versaletes, *ad perpetuam rei memoriam.*) Junot fez-se presidente d'esta *regencia*, que logo no mesmo dia, 1.º de fevereiro, gostosamente tomaram posse dos seus logares, e o seu primeiro acto, foi um decreto, ainda no tal dia 1.º de fevereiro, impondo a Portugal a contribuição de CEM MILHÕES DE FRANCOS, (!) que vem a ser 45 milhões de crusados, calculando o franco a 180 réis. (Um franco, são 20 *sous*, ou 160 réis, mas, por causa do cambio, paga-se cá por 180.)

«Dizei-lhe que tambem dos portuguezes,
.....»

Foi ministro d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, em 1827 (durante a regencia da sr.ª infanta D. Isabel Maria.)

Morreu na torre de S. Julião da Barra, de Lisboa, a 29 de dezembro de 1830. Foi 6.º filho de Francisco de Mello e de D. Isabel de Menezes Breyner, condessa de Ficalho.

Para as armas dos Mellos, vidé *Guimarães*, no logar competente.[1]

SÁ—aldeia, Douro, na freguezia de Santa Eulalia, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. d'Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É povoação antiquissima e foi villa : o seu primeiro nome foi *Sala*. Em 6 de abril de 1129, fez D. Affonso Henriques doação a D. Monio, das villas de *Sála* (esta) e *Saéla* (hoje a aldeia de Cella, proxima e ao O. d'esta, e da freguezia de Varzea, do mesmo concelho) no valle de Arouca.

—

Ha mais em Portugal varias povoações com o nome de *Sá*, mas—que me conste—nada teem de notavel, que mereça mencionar-se.

SAÃ — portuguez antigo — som, voz, estrondo, etc.—*Chamados a capitulo per saã de campaã tanjuda.* (Doc. da Torre do Tombo, de 1350.)

SAAR—portuguez antigo—curar, sarar.

SABACHEIRA — freguezia, Extremadura comarca e concelho de Thomar (foi da mesma comarca, mas do concelho, extincto, d'Ourem) 12 kilometros de Thomar, 135 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757, tinha 220 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

É na prelazia de Thomar, actualmente annexa ao patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

A meza da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda de Christo.

É terra fertil, e produz trigo, centeio, milho e feijões, duas vezes no anno.

SABADÊLHE ou **SEBADÊLHA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca de S. João da Pesqueira, e do extincto concelho de Freixo de Numão) 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

[1] Não sei que caminho levou semelhante villa de Sá! O sr. doutor, Pedro Augusto Ferreira, illustrado abbade de Miragaia, no Porto, ao qual tanto deve esta obra, escreveu para Cêa, para Gouveia e para Coimbra (cartorio episcopal) a amigos seus, e nenhum lhe soube dar noticias da *villa de Sá, no termo de Cêa.* Ou deixou de existir, ou mudou de nome; entretanto, custa a crer, como, apenas no espaço de 178 annos, se perdesse a memoria da existencia d'esta povoação, ou da sua *chrisma.*

Estou convencido que é a actual freguezia de Santa Marinha, povoação antiquissima, a 4 kilometros de Cêa (e que tambem foi villa) e já fica descripta no 5.º vol., e é a 2.ª *Santa Marinha*, da col. 1.ª da pag. 74.—Podia muito bem ser que por erro de cópia, mudassem *Marinha* em *Maria*. Mas, Santa Marinha de Sá, é que já se não chama.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis.

Dá-se a esta freguezia a denominação de *Sabadêlha do Freixo de Numão.*

É situada em planicie, muito fertil e alegre.

Ha aqui uma boa feira, no dia do padroeiro da freguezia (10 de agosto.)

—

O *Portugal Sacro e Profano,* que tem o costume de diminuir muito os rendimentos dos parochos, diz que o vigario tinha 80$000 réis; porem a verdade é—que a Universidade de Coimbra lhe pagava 80$000 réis de congrua, e que os outros rendimentos parochiaes, andavam annualmente por 170$000 réis—total, 250$000 réis.

—

Estando a torre dos sinos muito arruinada, cahiu com o terremoto de 1755, sobre a frontaria da egreja, demolindo grande parte d'ella, tendo de ser levado o Santissimo Sacramento para a capella de Santo Antonio, em quanto duraram os concertos da egreja.

Era então parocho, Miguel Jeronymo, irmão do desembargador José Antonio Donas Boto Pinto, e ambos muito zelozos pela conservação e aceio do templo, e como elle não estava em boas condições de segurança, sollicitaram da universidade (que recebia a terça dos dizimos da freguezia) a reconstrucção de toda a egreja; mas, como a universidade só era obrigada á conservação da capella-mór e sachristia, só pagou a despeza da reedificação d'estas duas obras. O corpo da egreja ainda até hoje se não reconstruiu; pelo que teve de se fechar o arco cruzeiro, e benzida a capella-mór, serve de egreja parochial.

É tradição que esta egreja foi construida em substituição da de S. Pedro, extra-muros de Numão, e que os dizimos dos novaes, e só, como pensão, se deviam á universidade, dos fructos das terras já antes rôtas e fabricadas—os dizimos—isto é—a terça da freguezia, na qual as outras terças eram do cabido e chantre de Lamego.

Ha n'esta freguezia as capellas de—*Nossa Senhora da Piedade,* com seu alpendre—*S. Sebastião*—e *Santo Antonio.* Esta ultima pertence aos herdeiros do referido parocho, Miguel Jeronymo, e do desembargador seu irmão.

Ha n'esta freguezia grande abundancia de azeite, vinho, pão, melões excellentes, muita fructa, gado e caça.

SABADÊLHE ou **SEBADÊLHE**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Lamego, 380 ao N. Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Santa Margarida. (o *Portugal Sacro e Profano,* diz que é Santa Maria Magdalena, e, com effeito, era o antigo orago.)

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Para distinguir esta freguezia da antecedente, se lhe dá vulgarmente o nome de *Sebadêlhe da Serra.*

O commendador de Cernacelhe, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Era commenda de Malta, e tinha grandes privilegios, como todas as terras que pertenciam a esta ordem.

É povoação muito antiga, e D. Affonso II lhe deu foral, no Guardão (concelho de Tondella) em fevereiro de 1220.

Não tem foral novo.

É terra fertil em cereaes e castanhas.

Ha n'esta freguezia as capellas publicas de S. Sebastião e Santo Antonio, e uma particular, no logar da Cunha.

SABADIM—freguezia, Minho, concelho e comarca dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757, tinha 215 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (marquezes de Ponte do Lima) apresentavam, *in solidum,* o abbade, que tinha 600$ réis de rendimento.

É povoação muito antiga, da qual se ignora o primeiro nome.

O que tem, lhe foi posto pelos árabes, no seculo 8.º, e se conserva com pequena corrupção.

Sabe-Eddim é nome proprio de homem (árabe) que significa—*leão da fé*, ou *da religião*. É composto de *sábe* (o leão) do artigo *al*, e de *din*, religião.

Houve aqui um mosteiro de templarios, que depois passou para os benedictinos. No seculo 15.º passou a commendatarios, que foram os Limas, viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Hoje não ha vestigios d'este mosteiro, e apenas consta por tradição que a egreja matriz é a que foi do convento, e que a residencia parochial é parte d'elle.

O arcebispo de Braga, pretendeu o padroado da egreja, e houve demanda, que os viscondes venceram.

Os abbades de Sabadim, apresentavam os curas da Portella e de Padroso; depois, o direito da apresentação da Portella passou para a mitra, e o de Padroso para os ditos viscondes.

Foi antigamente senhor d'esta freguezia, D. Nuno Sella, natural de Villa-Nova da Muhia, que era tambem padroeiro de outras egrejas. Era ainda senhor da casa solar de Giella, que havia fundado um D. abbade benedictino d'este mosteiro, o qual fundou tambem a capella de Nossa Senhora da Conceição, na villa dos Arcos de Valle de Vez, a qual depois passou para os Caldas, e por fim, para os Pereiras Lobatos.

SABARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 39 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, collado, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto extinctos, cujo senhorio teve Pedro Fernandes de Cambra, e lhe veio por sua mulher, D. Maria Ourigues da Nóbrega, filha de D. Ourigo (ou Eurico) da Nóbrega, o *Velho*.

Seus descendentes trocaram o senhorio d'este couto, por uma quinta e casaes junto a Braga, com os frades de Rendufe.

Os abbades de Rendufe, senhores d'este couto, eram os seus ouvidores, e a elle vinham em correição com um escrivão da comarca de Pico de Regalados.

Os dizimos d'esta freguezia, eram—metade para os arcebispos e a outra metade para os abbades de S. Vicente do Bico.

Houve n'esta freguezia um antiquissimo castello, com sua torre, do qual foi senhor, Martim Guimarães, e passou o senhorio a sua filha D. Ignez Guimarães, mulher de Pero d'Araujo; e d'elles procedem os Pereiras, os Lagos, e os Araujos, de Braga.

—

É povoação antiquissima, e aqui teve uma herdade, Froila Cresconis, e a doou ao bispo D. Pedro, e á Sé de Braga, em 1078. Em 1099, a mesma Sé, deu, por emprazamento, a villa de Sabariz, a Payo Cresconis (filho de Froila) e a sua mulher D. Flamula.

—

Ha em Portugal varias aldeias com o nome de Sabariz, mas nenhuma tem cousa notavel.

SABOIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Odemira (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Ourique) 130 kilometros da cidade d'Evora, 180 ao S.E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757, tinha 256 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo.

É terra muito fertil.

SABOR—rio, Traz-os-Montes.—Nasce na Gallıza, passa perto de Bragança, e desagúa na direita do Douro, na foz do Sabôr, 8 kilometros ao S.O. de Moncorvo, depois de um curso de 130 kilometros.

Ao fundo do *Valle de Villariça*, do lado do N., se ergue a serra de Bornes, antigamente chamada Monte-Mel, que está 1:202 metros acima do nivel do mar. (Esta altitude é tomada do ponto onde existe uma pyramide geodesica.)

Em uma das gargantas d'este monte, junto á aldeia da Burga, nasce a ribeira da Villariça, que atravessa, serpenteando, todo o

formoso e feracissimo Valle de Villariça, entrando no rio Sabôr, proximo da sua foz.

Vidé *Villariça.*

SABROSA—Vidé *Trápa* (Santa Cruz da).

SABROSA—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa-Real (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Alijó) 90 kilometros ao E.N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757, tinha 176 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Santa Maria de Paços (freguezia distante 2 kilometros) apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis e o pé de altar e permicias.

Este concelho foi creado por decreto de 6 de novembro de 1836.

Em 31 de dezembro de 1853, foi supprimido o antigo concelho de Provezende (6 kilometros ao S. de Sabrosa) e annexado a este. (O concelho de Provezende abrangia tambem as freguezias que constituiram antigamente o supprimido concelho de Gouvães do Douro.)

Por decreto de 24 de outubro de 1855, foram mais encorporadas no concelho de Sabrosa, as freguezias de S. Lourenço de Riba-Penhão, e a de Parada de Riba-Penhão, que até então haviam pertencido ao extincto concelho de Villar de Maçada, na comarca d'Alijó. (Mas, em 1861, perdeu a pequena, mas importantissima povoação do Penhão, que, por estar na outra margem do rio d'este nome (a margem esquerda) foi annexada ao concelho d'Alijó, que fica d'aquelle lado.

Actualmente, a aldeia de Penhão é o ponto commercial mais importante de Traz-os-Montes, depois da Régua (apezar de ter, por ora, menos de 40 fogos) por ser a estação da via ferrea do Douro mais central da outr'ora riquisstma região vinhateira do Alto-Douro.

Em 1876, foi supprimido o julgado de Sabrosa, mas ficou o concelho.

Actualmente, é este concelho composto de 15 freguezias, todas no arcebispado de Braga — são — Anta, Celleiroz, Covas do Douro, Gouvães do Douro, Gouvinhas, Parada de Penhão, Paradella de Guiães, Paços, Provezende, Riba-Penhão (S. Lourenço) Sabrosa, S. Christovam, Souto Maior, Torre do Penhão, e Villarinho de S. Romão—todas com 3:500 fogos.

—

Sabrosa está situada em um degráu que alli fórma a serra da Azinheira, e a meia altura d'esta montanha, junto ás ábas de um outeiro escalvado e esteril, de rocha granitica; porém, o terreno em que assenta a villa é de formação schistosa, pertencente ao periodo siluriano.

O seu clima é temperado, e as aguas são aqui excellentes.

Esta freguezia, é abundante em *saborosas* frutas, do que alguns sonhadores de etymologias pretendem derivar o nome da povoação; e isto deu causa ás engraçadas armas que modernamente lhe foram concedidas.

Nunca teve foral, antigo nem moderno.

A egreja parochial, é um bom templo, de uma só nave, e tem as irmandades do *Coração de Jesus*, com estatutos desde 20 de agosto de 1773, e a de *Nossa Senhora do Rosario*, com estatutos approvados em 17 de julho de 1795. Esta tem um bom rendimento.

A egreja matriz primittiva, era pequena e muito antiga: foi demolida no seculo passado e construida a actual. Havia n'aquella um altar (capella) que pertencia ao vinculo do famoso navegádor, Fernando de Magalhães. Tinha um legado pio, destinado para soccorrer os pobres mais necessitados da freguezia. Ainda existe este legado, no novo altar do Coração de Jesus, que foi do referido vinculo.

—

Ainda que, segundo a tradição, esta villa seja muito antiga, nenhum monumento aqui existe que nos prove uma remota antiguidade. Os edificios mais antigos, remontam, quando muito, aos principios do 16.º seculo.

Consta que os primeiros habitadores de Sabrosa, vieram da pequena aldeia da *Sancha*, situada no fundo da montanha, e perto do rio Penhão; mas não se sabe em que

época teve logar esta transferencia, se acaso existiu.

É certo que no fundo da precipitada ladeira da serra, em cuja encosta está a villa, existe a pequena aldeia da Sancha, e sobranceiro a ella, estava o antiquissimo castello da *Sancha*, totalmente fóra da vista da villa actual, e na aresta oriental da *serra do Criveiro*, nome pomposo que se dá a um outeiro granitico, esteril e alcantilado, ao longo de cuja base se estende a deliciosa veiga de Sabrosa, quasi toda occupada por esta povoação.

O castello era pequeno, e foi construido sobre uma saliencia do môrro do Criveiro. Pelos dois lados mais accessiveis, tinha uma muralha de granito, grosseiramente trabalhado, sem cimento algum, e por fóra d'ella, o respectivo fosso.

Pela parte de baixo, tinha duas ordens de muralhas, sem fossos.

Ainda no principio d'este seculo, tinham as paredes do castello, 2, 3, e algumas 4 metros de altura, e no centro, os restos de uma pequena torre circular, tendo ainda em parte 2,^{m}20 d'altura. Tinha 5 metros de diametro. Parece mais uma atalaya dos antigos lusitanos, ou dos romanos, do que obra dos mouros.

Dizem alguns velhos d'esta terra, que, sobre a pequena e completamente destruida parte do castello, havia uma inscripção em caracteres para elles desconhecidos; e em letras romanas, a palavra PARALIO, seguida de outras ilegiveis. Com effeito, os latinos davam o nome de *paralios*, aos povos que habitavam nas margens dos rios, e é provavel que a ultima letra (o S) estivesse apagada, e que a palavra fosse *paralios*.

Paralio, que se declina *paralii, paraliorum* no singular, significa certa especie de papoula, flôr.

A camara de Sabrosa, quando pediu á sr.ª D. Maria II, que concedesse brazão d'armas ao concelho, foi buscar a origem do seu nome, adjectivo *saborosus* (que aliás não é latino) e, com effeito, obteve para a terra umas armas allusivas a esta exquisita derivação.

Parece mais verosimil que Sabrosa venha do adjectivo latino *sabulosus*, que significava areiento ou *saibroso*—a que os latinos davam o nome de *sabulum*, ou *terra sabulosa* (a mudança de L em R, é muito vulgar nas nossas provincias do norte) e, na verdade, este territorio é *saibrento*, e de areias grossas.

Tornemos ao castello.

Esta pequena fortaleza, é de fórma quasi triangular, tendo em um dos angulos, no seu ponto mais elevado, e era no vértice d'este angulo a porta, cuja entrada se acha obstruida; e a acanhada embocadura de uma cisterna, que descia, por degraus, o môrro da fortaleza.

Esta cisterna, poço, ou galeria, é entre a muralha e o fosso, de maneira que em tempo de guerra, era vedada esta serventia, aos defensores do castello. Quando a entrada d'este poço estava menos entupida, alguns homens corajosos desceram até bastante profundidade, mas não conseguiram chegar ao fim, porque a accumulação dos gazes, lhes abafava a respiração, e apagava as luzes.

É tradição que no fundo do poço ha uma galeria, que communicava esta fortaleza com o fronteiro *castello de Cheires*, o que não é facil acreditar, porque, de uma a outra fortaleza, medeiam dois kilómetros, e o solo é todo constituido de rocha granitica, tendo de descer a uma profundidade de 600 metros, para ahi passarem por um tunnell ou galeria, por baixo do rio, e de novo subir outro tanto, para chegarem ao castello de Cheires.

Tudo leva a crer que a primittiva Sabrosa (formada de pobres cabanas) era situada ao N. e E. do tal castello da Sancha, sob as suas muralhas, e no ponto quasi opposto ao logar onde está a actual Sabrosa.

Nas pedras faceadas de que o castello foi construido, veem-se umas garatujas, abertas a cinzel, que mais parecem signaes dos pedreiros que as lavraram, do que letras.

Estes signaes, acham-se em muitas construcções romanas e árabes.

Em volta do castello viam-se restos da antiga povoação, isto é, paredes toscamente construidas, formando pequenos casebres.

Em uma escavação feita perto d'este logar, foi achada uma antiga forja de ferreiro, ainda com alguns instrumentos d'este officio, bem conservados, e um tubo de barro, que parece ter servido para conduzir agua para a officina.

Um pouco mais distante, se acharam vestigios de sepulturas antiquissimas.

Os restos do castello e dos casebres, desappareceram ha cinco ou seis annos, porque os seus materiaes foram applicados para calçar as ruas da villa. Ha dois ou trez seculos, que a maior parte das casas de Sabrosa, teem sido feitas com os restos venerandos de construcções antigas.

Durante o dominio dos romanos, pertenceu Sabrosa á circumscripção da famosa cidade de Panoyas, dentro de cujo áro se achava, e que muito mais tarde devia formar parte da primittiva freguezia de Santa Marinha de Provezende, visto que a antiquissima freguezia de S. Lourenço de Riba-Penhão, era cabeça de todos os povos que demoravam ao N. de Sabrosa, os quaes, até 1834, pagavam *um vintem de reconhecimento*, por cada fogo, ao parocho da sua antiga matriz—Santa Marinha.

—

Ao fundo da montanha do lado da Sancha, está a antiga quinta da *Ribeira de Sabrosa*, que produz optimo vinho, e é da illustre familia dos Pintos Pimenteis, de Villar de Maçada, e que deu o titulo ao barão *Ribeira de Sabrosa*. (Vidé esta palavra.)

Brasão d'armas de Sabrosa, concedidas em 12 de maio de 1837

São—escudo partido em faxa—na 1.ª, em campo de prata, um chafariz, lançando agua —na 2.ª, uma arvore com seus fructos pendentes, tudo allusivo ás boas aguas e *saborosas* fructas. Timbre, um braço, empunhando uma espada, alludindo aos *serviços de muitos militares seus naturaes*, (?) *em pró da independencia nacional*—diz isto o decreto que concedeu as armas.

Se ter bôas aguas e boa fructa, e ser patria de alguns militares valentes, é motivo para ter brazão d'armas, centenares de povoações portuguezas que as não teem, as deviam ter, com direitos eguaes, e até maiores, do que Sabrosa.

—

A moderna poveação de Sabrosa, tem tido varias familias illustres, como são a dos *Teixeiras Lobos*, hoje (pelos lados paterno e materno) ramo da casa do morgado de Ribeira de Sabrosa.

A dos *Azeredos*, quasi extincta, e que ja aqui não reside.

A dos *Barros Lobos*, hoje barões de Provezende.

A dos *Pereiras de Magalhães*, representantes do vinculo instituido na casa da *Pereira*, pelo famoso navegador, Fernando de Magalhães, descobridor do estreito do seu appellido, na extremidade da America do Sul.

A dos *Canavarros*, e outras.

Homens notaveis de Sabrosa n'estes ultimos seculos

CASA DA PEREIRA

1.º—O licenceado, *André da Silva Coelho* (6.º sobrinho do famoso descobridor do estreito de Magalhães) freire conventual da ordem de S. Thiago, de Palmella, que foi alumno do real collegio dos militares de Coimbra; superior do convento de Palmella, com as vezes de prior-mór; conego e monsenhor da Patriarchal, de Lisboa; do conselho de sua magestade.

2.º—*Luiz Pereira da Silva*, sobrinho do antecedente, prelado mitrado da Patriarchal de Lisboa e freire conventual do mosteiro de Palmella.

3.º—O doutor, *Manuel José Pereira da Silva* (9.º sobrinho do grande Fernando de Magalhães) juiz de fóra da villa da Barca, e desembargador no Rio de Janeiro.

4.º—*Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães*, (irmão do antecedente) morgado da Pereira, cavalleiro da ordem de S. Thiago, encarregado de uma missão secreta pelo governo de Cas-

tella, junto do de Portugal, para as pazes entre as duas nações. [1]

Reclamou do governo hespanhol, o cumprimento do tratado feito com seu 9.º tio, Fernando de Magalhães, como herdeiro do vinculo d'este, e seu unico e legitimo representante; porém morrendo da queda de um cavallo, nada obteve.

5.º—*Antonio Pinto Alvares Pereira*, brigadeiro (hoje diz-se general de brigada.) Fez a campanha peninsular, e foi governador militar da praça de Marvão, pelos liberaes. Foi deputado, em 1834, e morreu no anno seguinte. Teve a medalha de ouro, de toda a campanha peninsular, e outras condecorações.

6.º—*João Pinto Alvares Pereira*, fez toda a campanha peninsular, no posto de capitão de cavallaria. Ficando prisioneiro dos francezes, teve a habilidade de poder fugir lhe, com toda a sua companhia, sem perder um unico soldado, vindo reunir-se ao exercito alliado.

Em 1823, acompanhou o sr. D. Miguel a Villa-Franca de Xira, fazendo então a pequena campanha, denominada *guerra da poeira*. Falleceu em 1828, no posto de coronel de cavallaria de Chaves.

CASA DOS AZEREDOS

7.º—*José d'Azeredo Pinto*, coronel, e um dos commandantes da expedição realista que foi contra a ilha terceira, em 1829.[2]

Morreu á frente dos seus soldados, no dia 11 de agosto de 1829, junto á Villa da Praia, depois de ter combatido intrepidamente.

8.º—*Luiz d'Azeredo Pinto* (irmão do antecedente) serviu sempre a causa legitimista, e sendo brigadeiro, sob as ordens de D. Alvaro da Costa, conde da Madeira, defendeu esta ilha, até 1834, emigrando então para Roma.

CASA DA CAPELLA

9.º—*Francisco Teixeira Lobo*, brigadeiro de cavallaria. Fez a campanha peninsular, até á tomada da praça de S. Sebastião, da Biscaya.

10.º—*Francisco Teixeira Lobo* (irmão bastardo do antecedente.) Fez tambem a campanha peninsular, e morreu no posto de brigadeiro.

CASA DOS BARROS LOBOS

11.º—*Antonio Teixeira de Barros de Barbosa*, brigadeiro de infanteria. Fez toda a campanha peninsular, sendo-lhe conferida a medalha d'ouro. Foi cavalleiro professo nas ordens de Christo, e S. Bento d'Aviz, e commendador da de Torre e Espada.

Era pae do 1.º barão de Provezende, José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa. (Vide 7.º vol., pag. 693, col. 1.ª, no fim.)

O 1.º barão de Provezende, falleceu a 2 de janeiro de 1879.

CASA DOS CANAVARROS

12.º—*Philippe de Sousa Canavarro*, fez a campanha peninsular, levantando á sua custa uma companhia de cavallaria. Foi tenente general e governador das armas do Porto.

13.º—*Affonso Botelho de Sampaio e Souza*, fidalgo cavalleiro da casa real; 7.º senhor do morgado e casa de Paços, junto a Sabrosa 8.º administrador do vinculo instituido em Provezende, por Diogo Cão da Nóbrega (o morgado de S. Thiago); 6.º administrador do morgado de Nossa Senhora da Piedade, com capella na egreja matriz de Provezende,

[1] Já se vê que este individo se tinha passado para o serviço dos castelhanos.

[2] A expedição era commandada pelo entao coronel, José Antonio d'Azevedo Lemos, Sahiu de Lisboa a 16 de junho de 1829. Era composta de caçadores n.º 1 e 11, e de infanteria n.º 7 e 16; artilheria, sapadores, etc.—Na ilha de S. Miguel, recebeu mais, os segundos batalhões dos regimentos n.º 1, 13 e 20 de infanteria, e alguma artilheria. O commandante, era o chefe de esquadra, Rosa. Os realistas, tentaram o desembarque a 11 de agosto, na Villa da Praia, mas foram repellidos. com grandes perdas, fallecendo os bravissimos, D. Gil Eannes da Costa (irmão do conde da Madeira) então major, e José d'Azeredo Pinto, de quem se trata no texto. Os realistas tiveram de retirar para Lisboa. D'esta expedição havia muito que dizer mas não é este o logar proprio.

instituido por Matheus Frois; 5.º senhor do legado e capella de Nossa Senhora da Branca, d'esta mesma villa. Era 9.º neto do grande navegador e descobridor, o dito Diogo Cão da Nóbrega, e 13.º neto de Affonso Botelho, o *Velho*. 1.º alcaide-mór de Villa-Real de Traz os-Montes, feito pelo rei D. Diniz.

Nasceu em Sabrosa, no anno de 1792. Fez toda a campanha da Peninsula, portando-se sempre como bravo militar.

Serviu sempre na arma de caçadores, e sendo tenente coronel graduado, do batalhão de caçadores 7, do exercito realista, foi demittido, por decreto de 7 de julho de 1831.

Foi depois inspector das estradas do Douro, conseguindo, com os proventos d'este emprego, resgatar a sua casa, que estava empenhadissima.

Foi duas vezes deputado ás côrtes, e n'ellas se mostrou decidido campeão das medidas restritivas, e dos privilegios do Alto-Douro.

Tambem trabalhou para que aos seus antigos camaradas, os officiaes do exercito portuguez convencionado em Evora Monte, em 27 de maio de 1834, se garantissem os postos, segundo o estipulado na mesma convenção; mas nada obteve.

Pelo decreto de maio de 1851, promulgado durante a dictadura Saldanha, recebeu o soldo correspondente ao posto que tinha ao tempo da morte de D. João VI—que era o de capitão—como os outros officiaes legitimistas nas mesmas circumstancias; e, como todos os mais que tinham já em 1826 direito a reforma com o soldo do posto immediatamente superior, por diuturnidade de serviço, foi considerado depois major, com o soldo respectivo, pela tabella de 1814.

Mas nunca mudou de opinião politica, sendo sempre um realista puro, confessando-o francamente; e mandando por muitas vezes, presentes dos seus vinhos mais finos ao sr, D. Miguel I, para a Allemanha, e o rei lh'os acceitava reconhecido, por serem productos da patria que tanto amára (e que tão mal soubera governar!)

Affonso Botelho foi, antes de tudo, um verdadeiro homem de bem:

Falleceu no Porto, em 1867, e foi sepultado no cemiterio do *Prado do Repouso*.

—

Alem dos 13 cavalheiros que ficam mencionados, outros muitos individuos de Sabrosa se tornaram notaveis pelas suas virtudes, e nas armas e nas lettras, cuja enumeração seria longa e enfadonha.

Fernando de Magalhães

No 7.º vol., pag. 296, col. 1.ª disse eu, que —*segundo alguns escriptores*, tinha nascido na cidade do Porto, este navegador famoso, e n'aquelle logar dei uma rapida biographia d'este esclarecido portuguez.

A um meu respeitavel amigo, e incansavel investigador, ao qual muito deve esta obra, devo amplas noticias sobre a naturalidade de Magalhães, e as vou aqui dar em resumo, como o pede um diccionario. A modestia d'este cavalheiro, priva-me do prazer de publicar o seu nome, o que muito me custa.

—

Se não ha certeza, ha toda a probabilidade para crermos que Fernando de Magalhães nasceu na sua casa solar da *Pereira*, de Sabrosa, ainda que uns o fazem natural do Porto, outros de Figueiró dos Vinhos, e, finalmente, ainda outros, de diversas localidades.[1]

A causa d'esta confusão, é porque, no principio do seculo 16.º houve varios individuos d'este mesmo nome, e, pelo menos alguns, da mesma familia de Fernando de Magalhães, como se póde ver em differentes nobiliarios.

Investigações feitas modernamente em

[1] Frei Francisco de Santa Maria, conego secular, chronista, e geral da Congregação de S. João Evangelista (loyos) lente jubilado, de theologia, qualificador do Santo Officio, examinador das trez ordens militares, e provedor do hospital real das Caldas da Rainha; é um dos nossos mais acautelados, e por isso dos mais veridicos escriptores. No seu *Anno Historico* (tomo 1.º, pag. 522) tratando longamente de Fernando de Magalhães, e não sabendo com certeza d'onde elle era natural, não diz nada a este respeito.

face de documentos authenticos, põe fóra de toda a duvida, que, se elle não foi de Sabrosa, pelo menos alli tinha, *com toda a certeza*, a sua casa, e a sua unica familia, que foi herdeira e representante do seu nome e administradora do vinculo por elle instituido, na *casa da Pereira*, d'esta villa.

O grande nobiliario do *Casal do Paço*, manuscripto da bibliotheca publica do Porto (tom. 7.º, pag. 189) diz—que—Lopo Rodrigues, foi para a villa de Figueiró dos Vinhos, ser tutor dos filhos do senhor de Figueiró, e de Pedrogam-Grande, os quaes eram sobrinhos de D. Isabel de Souza, mulher de seu tio, João de Magalhães, senhor da Barca. [1]

Lopo Rodrigues, teve de sua mulher, oito filhos (quatro de cada sexo) tendo o mais velho, por nome, Fernando de Magalhães, como seu avô paterno. Note-se porem, que, *nenhuma das irmans d'este Fernando, se chamava Thereza.*

Gajo, no seu extenso nobiliario, existente no archivo da Misericordia de Barcellos (tomo 23.º, letra M, § 27) conforma-se com o manuscripto do Casal do Paço, mas aponta mais trez individuos da familia Magalhães, todos chamados Fernando de Magalhães, cada um dos quaes tem passado por descobridor do estreito do mesmo nome.

O arcebispo de Braga (primeiramente, bispo do Porto) Dom Rodrigo da Cunha, auctor do *Cathalogo dos bispos do Porto*, e que attentamente estudou a questão, fundando-se em que, do inventario de Fernando de Magalhães, diz que constava que elle vivera na ilha da Madeira, e é de parecer, que é filho de Lopo Rodrigues, o tal tutor de Figueiró dos Vinhos.

Ainda o mesmo Gajo nota, que um dos trez mencionados Fernandos de Magalhães, era *senhor do vinculo de Merilheias, o qual perdeu, por se passar para o serviço de Castella.*

O sábio Muñós, diz que elle fizera um outro testamento, em 24 d'agosto de 1519, e que n'elle se declarava *Vicino de Oporto*, de onde collige que elle devia ser natural d'esta cidade, e accrescenta que, por este testamento, instituiu por herdeiro, seu irmão Diogo de Souza (ou de Magalhães, segundo Gajo) no caso que fallecesse o filho que havia tido de sua mulher, D. Beatriz Barbosa, realisando-se esta ultima hypothese.

Finalmente, de antigos documentos consta haver nada menos de seis Fernandes de Magalhães, em differentes terras do reino, alguns d'elles militares, e fazendo parte das nossas expedições á Africa e á India; mas, o que é certo, é que de nenhum d'elles ha noticias tão authenticas e positivas como do da casa da Pereira, de Sabrosa.

—

O sr. dr. Alexandre Manoel Alvares Pereira de Aragão, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, natural de Parada do Pennhão, d'este concelho de Sabrosa, e hoje residente em Villa Flor (onde casou com uma senhora, sobrinha do fallecido general, Antonio Pinto de Seixas Pereira de Lemos, feito 1.º (e unico) visconde de Lemos, em 29 de março de 1854) é actualmente o unico representante legitimo da casa e familia de Fernando de Magalhães.

Possue o sr. dr. Alexandre Manoel, dois documentos, que derramam a luz mais clara, sobre esta questão.

O 1.º d'elles é o testamento do proprio Fernando de Magalhães, feito em Belem, nas notas do tabellião, Domingos Martins, a 17 de dezembro de 1504, trez mezes antes da sua partida para a India, com o 1.º vice-rei d'ella, D. Francisco d'Almeida. [1]

N'aquelle testamento institue por seus unicos herdeiros, *sua irman D. Thereza de Magalhães*, seu marido, João da Silva Telles, e ao filho d'estes, Luiz Telles da Silva; sem mencionar n'este documento, qualquer outro seu irmão ou irman.

De todos os seus bens, que elle mesmo declara serem poucos, instituiu pelo testa-

[1] D. Isabel de Souza, era filha de Ruy Vaz Ribeiro de Vasconcellos, senhor de Figueiró dos Vinhos, e Pedrogam-Grande. Vidé *Ponte da Barca*, e tambem *Paço Vedro de Magalhães.*

[1] D. Francisco d'Almeida sahiu de Lisboa para a India, a 25 de março de 1505.

mento, um vinculo, em favor da referida sua irmã, marido e filho, na casa da Pereira, de Sabrosa, e na sua pequena quinta da *Souta*, junto a esta villa, e sobranceira ao *Valle da Porca*, com o encargo de 12 missas annuaes, unindo tudo ao seu altar do Senhor Jesus, da egreja matriz (a antiga) de Sabrosa.

Ora, se elle chama para lhe succeder no vinculo, uma irmã, é de crer que não tinha irmãos, porque, se os tivesse, não legaria o morgado a fêmea, contra o uso geral d'aquelles tempos.

O outro documento que possue o sr. dr. Aragão, é um testamento, feito por Francisco da Silva Telles, filho do já referido Luiz da Silva Telles.

Este documento não deixa a mais pequena duvida de que o Fernando de Magalhães que descobriu o estreito do seu nome, é este de Sabrosa e não outro.

O testador, dominado pelo mêdo que ainda tinha ás iras do rei D. Manuel, legadas aos seus successores, contra a sua familia, exprime-se da maneira mais interessante, e deixa transparecer o terror de que estava possuido, querendo fazer acreditar ás justiças de el-rei, que elle desapprova tambem o procedimento de seu tio, Fernando de Magalhães.

Dá muita luz á questão, o seguinte periodo do tal testamento.

«...mandando a todos os meus descen«dentes e herdeiros que na *minha casa da «Pereira, em Sabrosa*, não ponham armas, «nem outro brazão, porque quero que, em «todo o tempo se *conservem picadas e ra«sas, da mesma maneira que as mandou pôr «o nosso senhor e rei, pelo delicto de Fernan«do de Magalhães*, de se passar a Castella, «em desserviço d'este reino, a descobrir no«vas terras, onde morreu em desagrado do «nosso rei; [1] e, como elle *era irmão de mi«nha avó, D. Thereza de Magalhães*, se man«daram picar as armas, por cujo motivo de «vergonha, me passei a viver no Maranhão, «onde agora me acho, ao tempo do outhor«gamento d'este meu testamento. E faço es«ta declaração, para que aos meus vindou«ros, fique por exemplo, não só os castigos «do senhor rei, mas os do Ceu, que fez que «meu dito tio, Fernando de Magalhães, ir«mão de minha avó, morresse tão desastra«damente, como dizem que morreu, em uma «ilha chamada *Maltan*, ás mãos de herejes [1], «ou, melhor, de seus peccados, atravessa«do por uma lança. E cuidem todos os meus «descendentes e herdeiros, em servir os seus «principes, se querem a minha benção, que «lhes negaria, se soubesse que haviam de «ter tão baixos sentimentos, e tão ruinosos «para as familias, como tem sido para mim «e meu pae, que deixámos a nossa patria, «por vergonha, e mêdo que se levantassem «os visinhos contra nós, pois, com justiça, «não podiam soffrer quem hia contra Por«tugal, que é sua patria, *servir castelhanos, «nossos inimigos naturaes*, etc.»

Este testamento, foi feito no Maranhão, nas notas do tabellião Damião Carneiro, a 3 d'abril de 1580.

O brazão d'armas da casa da Pereira, ainda está picado e arrazado, tal como o mandou o rei D. Manuel.

O sr. dr. Aragão, ainda possue outros documentos, pelos quaes se prova a identidade d'este Fernando de Magalhães, e que elle era da nobilissima familia do appellido Magalhães, appellido que elle proprio, em seu testamento, diz—com referencia ás suas armas—ser dos mais distinctos, antigos e nobres d'este reino, pedindo que juntem ás suas armas, a dos Magalhães.

Foi ainda o mêdo que obrigou esta familia a deixar o illustre appellido de Magalhães.

Na *Nouvelle biographie general*, editada por Mr. M. Fermin Didot Freres, sob a direcção do doutor Hoefer, vem uma extensa bio-

[1] Nenhum rei portuguez teve melhores ministros e mais bravos generaes, do que D. Manuel, e nenhum dos nossos monarchas foi tão ingrato, castigando muitos que devia premiar.

Se elle fosse tão sollicito em dar o premio áquelles que tanto lh'o mereceram, como em castigar Fernando de Magalhães, que uma ingratidão do rei lançára no serviço de Castella, mais bem mereceria da patria e da posteridade.

[1] O testador queria dizer idolatras.

graphia de Fernando de Magalhães, e se menciona o seu testamento.

Segundo a tradição, quando constou que Fernando de Magalhães se passou para o serviço de Castella, o povo de Sabrosa fez toda a qualidade de insultos a seus sobrinhos, chegando até a correl-os á pedra; e por isso, viram-se elles obrígados a fugir para o Maranhão, ainda n'esse tempo quasi todo despovoado; e não quizeram pedir ao monarcha hespanhol o cumprimento do que tinha promettido a seu tio.

A sua casa de Sabrosa, abandonada por elles, cahiu, como é facil de suppor, no maior estado de ruina, e quando regressaram á patria, nem se animaram a voltar para a sua terra natal, hindo, ao que parece, residir para Fáfe.

Só nos fins do seculo 18.º, é que seus descendentes se animaram a usar do appellido de Magalhães.

Em 1795, Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães, avô do sr. dr. Aragão, requereu, na qualidade de unico herdeiro de Fernando de Magalhães, ao governo castelhano, o titulo de *adelantado*, e uma indemnisação, pela vintena, das terras e rendimentos promettidos ao fundador da sua casa; mas nada conseguiu.

O antigo vinculo instituido por Fernando de Magalhães, está hoje em poder de pessoas estranhas a esta familia, porque a mãe do sr. dr. Aragão, o vendeu e deixou partir.

As armas da casa de Pereira, picadas por ordem do rei D. Manuel, foram apeadas na reconstrucção da casa, e servem hoje de cunhal em um dos angulos d'ella.

—

Successores latteraes de Fernando de Magalhães

1.º *D. Thereza de Magalhães*, irman de Fernando de Magalhães, sua unica herdeira, e 1.ª morgada do vinculo instituido, na casa da Pereira, em Sabrosa.

Casou com João Telles da Silva, fidalgo da casa real—tiveram.

2.º *Luiz Telles da Silva*, fidalgo da casa real, o que fugiu para o Maranhão.

Casou com D. Rosa de Castro e Vasconcellos—e tiveram:

3.º *Francisco Telles da Silva*, fidalgo da casa real, casado com D. Maria Moreira.

Tiveram:

4.º *Antonio da Silva (de Magalhães?) Faria*, fidalgo da casa real.

Casou com D. Francisca Pereira da Silva.

Tiveram:

5.º *Gonçalo Alvares Moreira Telles*, que casou com D. Maria Marinha.

6.º *D. Maria Moreira*, que casou com Francisco da Silva Pinheiro de Faria, de Royos (ou Arroyos) junto a Villa Real, de Traz-os-Montes.

Tiveram:

7.º *Manuel Alvares Coelho de Faria*, que casou com D. Anna Maria Pereira, de Donêllo.

Tiveram:

8.º *D. Caetana Rosaura Pereira Coelho da Silva*, que casou com Luiz Ribeiro Valente Castello Branco.

9.º—*D. Quiteria Joaquina Pereira Coelho da Silva*, que casou com o doutor Amaro Pereira d'Aguiar, juiz de fóra de Villa Pouca d'Aguiar.

Tiveram:

10.º *Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello-Branco Magalhães*, do qual já fallei, no capitulo *Homens notaveis de Sabrosa.*

Casou a 1.ª vez, com a herdeira unica da casa e vinculos dos Cunhas Amaraes, de Provezende e Villa Real, e senhora de mais cinco differentes vinculos. Teve d'ella duas filhas que falleceram de tenra idade.

Casou segunda vez, com D. Petronilla Lopes de Aboim e Cuña de Sande Soares Carreto, filha de D. Eugenio José Lopes de Aboim e Cuña, e sobrinha do tristemente celebre Godoi, ao qual o rei de Castella deu o titulo de *principe da Paz.*

Tiveram:

11.º *D. Petronilha Laura Alvares Pereira de Magalhães*, ultima senhora da casa da Pereira.

Casou com o marechal de campo, Manuel

Antonio Ferreira d'Aragão, de Villar-Chão, proximo de Alfandega da Fé, morgado e senhor da casa de seus paes.

Tiveram:

12.º—*O dr. Alexandre Manuel Alvares Pereira de Aragão*, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, actual representante da casa de Fernando de Magalhães.

Casou em Villa Flôr, com a sr.ª D. Felicidade Amelia Pinto Lemos, sobrinha do fallecido general visconde de Lemos, do qual já fallei.

Ha d'este matrimonio, até hoje, dois filhos e duas filhas, todos menores.

—

É irmã de Francisco Teixeira Lobo—o morgado da Capella—a ex.ma sr.ª D. Maria das Dores Teixeira da Gama Lobo, casada com o sr. José Cypriano da Costa Godolphin, que nasceu em Marvilla, a 3 de novembro de 1843.

Costa Godolphin tem sido redactor e collaborador de muitos jornaes e muitos dos seus escriptos teem sido transcriptos e traduzidos, principalmente nos jornaes hespanhoes e da America.

D. Luiz Vidard, escrevendo-lhe a biographia na *Illustracion* de Madrid, compara algumas das suas poesias com as odes do celebre poeta Manzoni.

Tem prestado muitos serviços á instrucção popular e ás associações, sendo por isso socio honorario de grande numero d'ellas.

É socio effectivo da Sociedade de Geographia e da dos Archeologos Portuguezes, e vice-presidente do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

O governo de Hespanha agraciou-o com a commenda de Izabel a Catholica.

Tem publicado varias obras; entre ellas citaremos:

Versos, dois volumes.

Lendas arabes;

Sepulchro em Perrho, poemeto traduzido do verso sueco;

Visita a Madrid;

Paginas soltas;

A Associação, historia e desenvolvimento das associações portuguezas;

Lendas escandinavas, e varios opusculos, como O *Celibato clerical*, *A Religião dos padres*, *A instrucção*, *Monumento a Camões*, *Portugal e Hespanha*, etc.

Em Portugal, como diz na *Evolução* o sr. Consiglieri Pedroso, lente do curso superior de letras, *sabemos apenas de tres dos nossos homens de letras, que tenham conhecimento de algumas das linguas escandinavas, ou que se entreguem ao estudo das suas respectivas litteraturas. O primeiro é o sr. Latino Coelho, o segundo o sr. Costa Godolphin e o terceiro o sr. Gonçalves Vianna.*

As tres bibliothecas populares, do Centro Promotor, Gremio e Civilisação Popular, foram organisadas por Costa Godolphin.

É filho de José Cabral da Cunha Godolphin, official convencionado em Evora Monte, do exercito do Sr. D. Miguel I, fidalgo da casa real por succeesão de seus maiores, e de D. Maria Izabel da Costa Freire, filha de Manuel Cypriano da Costa, poeta distincto, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Ordem da Conceição, official maior do antigo senado de Lisboa, secretario da casa de Bragança. Foi homem muito importante na sua épocha pelo seu elevado talento: era filho do distincto poeta da Arcadia, Jeronymo Martins da Costa, o *Cassidro*.

Costa Godolphin descende de Lord Godolphin, que foi thesoureiro-mór de Inglaterra, e ministro no tempo da rainha Anna.

O escriptor inglez Anisworth escreveu o seguinte a seu respeito:

«O porte de Godolphin, sem ser altivo era frio. Odiava de tal modo a lisonja, que chegava a não gostar da simples polidez, preferindo muitas vezes os modos rudes, que tomava por sinceridade.

«O rosto bastante trigueiro e as sobrancelhas fartas augmentavam-lhe a dureza da physionomia. A estatura era menor que mediana, e ainda que contava mais de sessenta annos, parecia tão forte no moral como no physico.

«Godolphin foi um dos melhores, senão o maior ministro que dirigira os negocios politicos da Inglaterra.

«Quando o posto eminente que occupava lhe foi offerecido, recusou-o, cheio de modestia; Marlborough, porém, obrigou-o a acceital-o, declarando que, se os subsidios não fossem regulados por Goodolphin, renunciaria o commando do exercito.

«Sob a administração d'este financeiro os rendimentos do estado augmentaram tanto, apesar das dividas contrahidas pela nação, que os fundos publicos davam cinco por cento.

«Este homem fazia-se notavel tambem por uma probidade incorruptivel na administração do thesouro, que lhe fôra confiado, e ninguem se atreveu a accusal-o de venalidade na nomeação dos logares.

«Foi visconde de Rialton e conde de Godolphin; morreu em 1710. Seu filho mais velho foi casado com a filha do principe e duque de Marlborough.»

—

Ha no concelho de Sabrosa varias minas de differentes metaes, porém estão por explorar.

Em janeiro de 1873, o sr. Ladislau Zarzichi, obteve concessão definitiva de trez minas de chumbo, nos sitios da *Machucha, Agua-Alta* e *Valle de Maceira*, todas n'este concelho.

—

Como no 7.º vol., a pag. 296, col. 1.ª, dei apenas em rapido esbôço a biographia de Fernando de Magalhães, copiarei aqui o que diz frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, tomo 1.º, pag. 522.—É o seguinte:

«Fernando de Magalhães, portuguez por nascimento e castelhano por eleição, foi cavalleiro do habito de S. Thiago, e nobre em sangue e em valor: serviu, com grande reputação, em Africa, depois na India. Acompanhou o famoso Albuquerque, na conquista de Maláca, e em outras grandes emprezas d'aquelle tempo. Fez-se singularmente pratico na arte de navegar, e no conhecimento das alturas e demarcações dos portos e terras orientaes.

Voltando a Portugal, pretendeu de el rei D. Manuel que lhe quizesse accrescentar a moradia, mercê proporcionada á sua qualidade, e inferior aos seus merecimentos; mas negou-lha el-rei, ou porque o pretendente lhe não cahiu em graça, ou sugerido de ministros que dormindo no ócio da côrte, não sabem estimar os disvelos e perigos da campanha, e, como querem tudo para si, não soffrem as vantagens dos outros.

Pouco importava a negativa, quanto á utilidade, muito porém, quanto á graduação da nobreza com que vinha a topar a pretenção, mais em honra que em interesse: e como o Magalhães era summamente elevado e brioso, resentiu-se summamente e dispôz vingar-se de modo que reconhecessem, el-rei e os ministros, quanto era em prejuizo do bem commum, desattender ás pretenções dos vassallos benemeritos.

Passou-se a Castella e lá se desnaturalisou de Portugal, com publicas e solemnes demonstrações, e, tomada esta salva, para se furtar ao labéu de traidor, se offereceu ao imperador Carlos V, promettendo-lhe descubrir um novo caminho para as Molucas, que facilitaria aos hespanhoes aquella navegação e conquista, que, de muitos tempos, deviam tocar-lhe.

Acceitou o imperador a offerta e lhe mandou dar cinco navios, com 250 homens, e com elles partiu de Carthagena, no anno de 1519.

Começou ao mesmo tempo em Portugal a ouvir se o nome de Magalhães, carregado de infinitos oprobrios e injurias, por esta acção, e depois o calumniaram gravemente gravissimos escriptores. Seria com muito zello, mas não sabemos se com egual justiça.

Justo é que os vassallos soffram os descuidos dos principes, mas tambem é injusto que os principes desattendam totalmente aos merecimentos e serviços dos vassallos. Servem estes pelo premio, e o principe que nega o premio a quem o merece, nega o de que é devedor. Se querem amor e fidelidade nos subditos, fujam de lhe apurarem a paciencia, e muito mais, de lhe offenderem a reputação.

Muito longe de ouvir as invectivas que corriam contra a sua pessoa, em Portugal, proseguia o Magalhães a sua viagem, e pas-

sado o Rio de Janeiro, na Nova Lusitania, começaram a recrescer os trabalhos, de modo, ou tão sem elle, que já se faziam insoffriveis aos companheiros.

Eram rigorosos por extremo os frios de aquelles novos climas: sentia-se já falta de mantimentos, picavam as enfermidades; com o que tudo se encaminhava a uma total desconfiança de algum bom successo, produzindo estas experiencias e considerações, uma tão grave comoção nos animos, que passou a declarado tumulto, intentando alguns tirar-lhe a vida; mas elle os previniu com prompta e destemida resolução, e, presos os cabeças, os mandou enforcar e fazer em quartos, com o que os mais se acommodaram obedientes.

Invernaram em um cabo, promontorio não conhecido até então, onde descobriram homens de estatura agigantada, que excedia de doze palmos; de côr alva e bem parecidos; mas de lingua que se não entendeu.

Passaram depois a outro cabo, a que chamaram das Virgens, por ser visto no dia das Onze-mil; e adiante, descobriram o estreito que buscavam, com uma legua de largo correndo de uma e outra parte, elevadas montanhas, já de aspera penedia, já de frondosos arvoredos; e no cume d'ellas appareciam outras de neve, que alli se conserva todo o anno.

Navegaram 50 leguas por esta estreiteza, até que foram dar em outra maior, que os fez entrar em considerações sobre o proseguir a viagem: prevaleceu, contra o parecer de todos, o voto do capitão, e prosseguindo, desembocaram nos mares do poente, deixando o Magalhães o seu nome apropriado áquelle estreito, com que um e outro serão conhecidos e nomeados, em quanto a memoria dos homens permanecer sobre a terra.

Acharam n'aquelle mar, varias ilhas habitadas de gentios, cada uma com seu rei, todos pobres e de condição branda e flexivel.

Na ilha chamada *Subo*, converteu o Magalhães, ao rei, e a mais de 800 pessoas, e os baptizou.

Andava o mesmo rei de guerra com outro seu visinho, contra o qual se valeu dos nossos, que o ajudaram e venceram duas victorias; mas, em terceiro encontro, ajustados já, occultamente, os dois reis, em offensa dos estrangeiros, mataram a maior parte, e entre elles, a Fernando de Magalhães, n'este dia (27 d'abril) anno de 1521.

Os que estavam nos navios (já estes não eram mais que trez, por se haver perdido um e fugido outro) queimaram outro, obrigados da falta de gente que o podesse marear, navegaram, vencendo grandes trabalhos e perigos, até ás Molucas, a que chegaram finalmente, e alli ficou outro navio destroçado.

Restou o navio, ou náu *Victoria*, á qual, com mysterio, se déra este nome, porque venceu a mais dilatada, a mais nova e a mais perigosa navegação, de quantas referem e encarecem as historias. D'ella e só d'ella, se disse que—*Totum circundedit orbem*—porque deu uma volta inteira a todo o globo da terra, e depois de navegar QUATORZE MIL LEGUAS aportou felizmente em Hespanha.»

SABRÓSA—Vide *Sobrósa*.

SABRÓSO—logar, Beira Alta, na freguezia de Barcos, comarca d'Armamar, concelho de Taboaço.

Fica quasi em frente de Sabrosa (a antecedente) mas na outra margem do Douro (esquerda, ou do sul.) Está aqui a antiquissima ermida de Nossa Senhora de Sabroso, e que foi a primittiva egreja matriz da freguezia de *Barcos*.

(Vidé o vol. 1.º, a pag. 334, col. 2.ª)

Fica esta ermida sobranceira ao rio Tédo, na sua margem direita, e 1 kilometro ao N.E. da villa de Barcos, a cuja freguezia pertence,

É toda construida de granito, e ainda n'ella se celebram os officios divinos. A capella-mór, parece mais antiga do que o corpo da egreja. As paredes são lizas, com frestas estreitissimas, tendo uma cornija ou cimalha, com *cachôrros* salientes, e figuras em alto relêvo, representando cabeças de animaes, e de homens, e outros objectos; porém, as paredes do corpo da egreja, são lizas. Diz-se que a capella-mór foi construida no seculo 12.º

Ainda conserva a pia baptismal.

Vinham a esta egreja, em dias determidos, e desde tempos remotissimos, varias romarias, clamores e ladainhas, de muitas freguezias em redor, e de algumas bem distantes, até mesmo da margem direita do Douro (Traz-os-Montes.)

Tambem aqui foram sepultadas, em eras remotas, pessoas illustres, de povoações muito distantes—de Donêllo, Provezende, e outras de Traz-os-Montes.

Ainda em 1869, se viam em redor da ermida, muitas sepulturas, com tampas de pedra, e n'ellas gravados diversos emblemas da primeira nobresa, como pendões. caldeiras, lanças, cruzes (de diversos estylos) e outros objectos.

Hoje, de tão venerandos monumentos, apenas restam alguns bocados, servindo de alvenaria, em uma tosca parede do adro: tudo o mais foi roubado, e se empregou em paredes e vallados, das aldeias proximas.

Desde tempos de que não ha memoria, se faz aqui uma feira, nos principios de junho.

A distancia de uns 60 metros d'esta ermida está um môrro de granito, do qual se descobre um vasto horisonte, e um panorama surprehendente.

Veem-se n'esta penedia, vestigios de antiquissimas fortificações, e ha aqui uma fenda ou caverna, hoje quasi toda obstruida, que, segundo a lenda, era uma estrada coberta, dos mouros.

Perto d'este môrro, ha uma capellinha, dedicada ao apostolo S. Pedro, tambem muito antiga. Foi reedificada em 1866, achando-se então—nas escavações que se fizeram no seu pequeno adro—algumas amphoras e moedas romanas.

Ao sopé da encosta do morro, na margem direita do rio Tédo, e junto á ponte de Santo Adrião (vide *Adrião*) se encontrou, ha annos, outra galeria, ou *tunnell*, cuja construcção o povo attribue aos mouros.

Por estes sitios, se encontram com frequencia sepulturas abertas a picão, nas rochas, e vestigios de construcções antiquissimas, taes como o castello da freguezia de Pinheiros, que é limitrophe, o monte do Crasto, em Goujoim, etc.

A villa de Barcos é muito antiga, e tem familias nobres, entre as quaes se distingue a familia Magalhães. Extinguiram-se outras familias antigas, entre ellas a dos Heredias.

Barcos já foi cabeça de concelho e de comarca, passando a séde d'esta para Taboaço, e d'aqui para Armamar.

Não tinha foral velho ou novo.

—

Barões de Sabroso

João Infante de Lacerda (pae do primeiro e do segundo barão de Sabroso) foi fidalgo da casa real e coronel de milicias. Nasceu a 13 de julho de 1770. Casou a 8 de dezembro de 1790, com D. Felicia Joanna de Frias de Macedo de Souza Tavares, filha e herdeira de Thomaz de Souza da Costa de Aguiar, e de D. Anna Julianna Joaquina de Sequeira da Gama.

Foram seus filhos:

1.º—*D. Maria Carlota*, açafata da rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, com exercicio no quarto de Sua Magestade, quando princeza da Beira. Nasçeu em 4 de novembro de 1791, e casou, a 12 de fevereiro de 1822, com Alexandre de Magalhães Coutinho, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo e major do exercito.

2.º—*Simão*, do qual adiante trato.

3.º—*Carlos*, idem.

4.º—*D. Maria Amalia*, açafata da mesma rainha D. Carlota Joaquina.

5.º—*Francisco Infante de Lacerda*, capitão de cavallaria, nascido a 3 de dezembro de 1800. Casou, a 9 de novembro de 1834, com D. Maria Emilia Teixeira Gravito, filha de Francisco Manuel Gravito da Veiga Lima, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação (Vide 7.º vol., pag. 328. col. 2.ª) e de D. Marianna Teixeira Pinto d'Azevedo Cabral.

6.º—*D. Maria da Conceição*, nascida a 18 de novembro de 1810.

1.º Barão

Carlos Infante de Lacerda de Sousa Tavares, 3.º filho de João Infante de Lacerda, nasceu a 18 de dezembro de 1796, e morreu em Paris a 22 de setembro de 1830.

Foi commendador da ordem de Christo, cavalleiro das da Torre e Espada, e da Legião d'Honra em França.

Era coronel de cavallaria, governador da Torre do Outão.

Foi um militar distincto na guerra peninsular e na do Rio da Prata (America).

Foi ajudante de ordens do general Sebastião Pinto, e em 1828 emigrou com o general Saldanha para França, por não poderem entrar na Ilha Terceira, por os estorvar o cruzeiro inglez (Vide na 2.ª *Saldanha*, a biographia do general d'este appellido).

Foi feito barão em 26 de outubro de 1823.

2.º Barão

Simão Infante de Lacerda de Sousa Tavares, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro das de S. Bento de Aviz, e Torre Espada; governador da India, e brigadeiro do exercito. Succedeu a seu irmão no titulo a 10 de fevereiro de 1835.

Nascera a 4 de novembro ne 1793, e casou duas vezes—a primeira a 10 de fevereiro de 1823, com D. Maria Antonia de Magalhães Pizarro (açafata da rainha D. Carlota Joaquina). Havia nascido a 11 de novembro de 1797, e falleceu a 24 de julho de 1835. Casou segunda vez a 7 de agosto de 1837, com D. Maria Thereza de Mello, viuva de D. Manuel da Camara (Ponta Delgada)

Nascera a 8 de novembro de 1795, e era filha dos segundos marquezes de Sabugosa.

Só teve filhos do matrimonio, e foram:

1.º—*João*, do qual adiante trato.

2.º—*João Maria Infante de Lacerda*, nascido a 10 de junho de 1824.

3.º—*Antonio Infante de Lacerda*, nasceu a 26 de outubro de 1825.

3.º Barão

João Infante de Lacerda Sousa Tavares Pizarro, nascido a 16 de março de 1823.

Foi feito barão em 30 de abril de 1858.

SABRÓSO — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de *Vereia de Bornes*, concelho e 9 kilometros ao N.E. de Villa-Pouca-d'Aguiar.

Esta pequena povoação tornou se notavel, pelo facto seguinte:

> Peço desculpa por ser alguma cousa difuzo, mas, anda tão deturpada a nossa historia contemporanea, que me vejo obrigado a tratar este ponto mais circumstanciadamente.
>
> Serei, n'esta narração, imparcialissimo, e nada direi que não seja da mais exacta verdade.

Em maio de 1846, varias freguezias da provincia do Minho, revoltam-se contra o governo do ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral, que havia sido feito conde de Thomar, em 8 de setembro de 1845.

Em breve, ou, para melhor dizer, com a rapidez do raio, a revolução se estendeu por ambas as provincias do norte, e pelo resto de Portugal.

O povo, principalmente do Minho e Traz-os-Montes, proclamava, na sua maxima parte, o sr. D. Miguel I.—Tambem não faltava quem proclamasse a republica, mas era geral o grito de *viva o povo! Morram os Cabraes!* [1]

Os partidos realista e septembrista trataram cada um de guiar para o seu lado os insurreccionados; porém muitos realistas, julgando a *fructa ainda muito verde*, tomaram o partido da junta do Porto.

Antonio Ribeiro Saraiva, animava de Londres os realistas, e o proprio Sr. D. Miguel se tinha transferido para aquella cidade, com o fim de estar mais proximo dos revoltosos

[1] Já tenho dito e repetido—fóra do diccionario, sou legitimista, mas n'esta obra, sou apenas catholico e portuguez — nada menos e nada mais: quem julgar o contrario, engana-se. Se algumas vezes errar, quando tratar de cousas politicas contemporaneas, não é por vontade, mas por más informações. N'este artigo porem, não me engano, porque acompanhava o Macdonell, na qualidade de capitão de atiradores do regimento de infanteria de Braga (vulgo —*regimento do Populo*) e que depois da liga com os da junta do Porto, se denominou, primeiro, *terceiro regimento de fusileiros da liberdade*, e depois—*infanteria n.º 9*.

Já se vê que *conto o que presenciei*.

e poder reunir-se mais facilmente a'elles, se as cousas corressem favoraveis aos realistas.

Em Portugal tinham se organisado clandestinamente commissões, em muitas localidades, a favor do Sr. D. Miguel, e os *esqueletos* dos batalhões estavam formados em agosto de 1846.

Ribeiro Saraiva convidára o general escocez, Reynaldo Macdonnell (Mac-Donald) para se pôr á testa do movimento realista, ao que elle logo annuiu.

Mas os realistas principiaram desde logo a ser atraiçoados, e tanto os principaes partidarios da Sr.ª D. Maria II, como os membros da junta do Porto, sabiam tanto (ou talvez mais) do que se hia passando entre os realistas, do que estes mesmos.

Os cabralistas mandaram para Londres as suas instrucções ao general Saldanha, que tinha fugido para lá, e estou inteiramente convencido que elle se colligou com Macdonell, para que a revolução tivesse o fim que teve em 1847.

O que é certissimo é que Saldanha e Macdonnell sahiram de Londres no mesmo vapor inglez, com direcção a Portugal.

Saldanha receiou desembarcar em qualquer ponto do litoral portuguez, e foi desembarcar em Gibraltar, vindo por terra para Lisboa (disfarçado não sei em quê) para fazer a emboscada de 6 de outubro.

Macdonnell já tinha desembarcado no Porto, com passaporte passado em outro nome, 5 ou 6 de agosto de 1846, *e foi para casa do consul inglez*, onde esteve alguns dias.

Os realistas souberam logo da chegada do seu futuro general; mas, antes d'elles, já o sabiam os chefes do partido cabralista.

Macdonnell deixou-se estar no Porto, muito descançado, sem cuidar de cousa nenhuma que respeitasse ao fim para que vinha, e só a poder de muitas instancias sahiu do Porto para a quinta de Linhares (sobre a margem esquerda do Douro, na freguezia de Sardoura, concelho de Castello de Paiva, a 35 kilometros do Porto) a 6 de setembro.

Em Linhares tratava só de ler o *The Tablet* e outros jornaes britannicos; de comer bem, e *beber melhor* (como bom inglez) e de dormir.

Todo o mundo sabía onde elle estava, e nada era mais facil á junta do Porto, do que mandal-o prender; mas não o fez, porque suppunha, do interesse do seu partido, que os realistas se posessem em campo, para que, sahindo-lhes as cousas adversas, se reunissem aos republicanos, como se realisou.

Por mais que fosse instado para proclamar o Sr. D. Miguel, se recusava sempre a isso, allegando que *só elle sabia* quando era occasião propria. (Na minha opinião, esperava pela *emboscada* de 6 de outubro.)

Só a 14 de novembro é que deu ordem para se fazer a acclamação na villa de Sobrado, capital do concelho de Castello de Paiva.

Rodrigo de Sousa Tondella (o fidâlgo do Atalho) tinha a sua gente prompta em Agueda e suas immediações—o major Vasconcellos, em Aveiro—João d'Albuquerque (o fidalgo da Insua) nas proximidades de Viseu—os Bandeiras, em Estarreja—Antonio de Castro Corte-Real (tio de José Luciano de Castro), na Feira—Sebastião de Castro e seu irmão, Antonio Carlos de Castro (os fidalgos do Côvo) em Oliveira de Azemeis.—Estes eram os que estavam mais proximo de Linhares; e do mesmo modo havia forças clandestinamente angariadas e que estavam promptas á primeira voz, ao S. e ao N. do Douro; porém Macdonell, não deu parte do dia da revolta, senão ao commandante do batalhão denominado *voluntarios realistas de Paiva*, que foi o unico que fez a acclamação. Este batalhão, *sahiu á rua*, com a força de 470 homens, só das primeiras 4 companhias (duas de Paiva 1.ª e 2.ª—a 3.ª de Melres—e a 4.ª de Fermêdo) porque a 5.ª e 6.ª, que deviam ser de Canêdo e Grijó, não se formaram, porque se não apresentaram senão trez individuos, que deviam ser officiaes, para ambas as companhias, e um *soldado* de cada uma! [1] Depois é que se organisaram com gente que se foi apresentando.

[1] Bernardo José da Silva Tavares (filho do brigadeiro Tavares, de quem tenho de fallar) estava nomeado capitão da 5.ª, e não poude reunir mais do que um alferes e um soldado.—Um funileiro, de appellido Freitas, de

Este punhado de gente sahiu de Paiva a 16, e a 18 estavamos em Buaças, quando passou pelo rio abaixo o general Sá da Bandeira, com a sua gente em 13 barcos, na retirada da derrota de Valle de Paços. Houve então ao longo do rio, um tiroteio entre realistas e septembristas, do qual apenas resultaram—um guerrilha realista morto; e um capitão e trez guerrilhas prisioneiros.[1] Nos patuleias houve alguns feridos, mas nenhum morto. Como Sá da Bandeira tinha mandado por terra—pela margem esquerda do rio—o batalhão nacional da Vista Alegre, commandado por Alberto Ferreira Pinto Basto, cahiu todo—que era muito pequeno—em poder de uma guerrilha miguelista que, mesmo sem ordem de ninguem, se tinha levantado em Nespereira, e era commandada pelo capitão-mór, Luiz do Amaral Semblano. Os da Vista Alegre foram todos desarmados e mandados para suas casas.

Tambem antes do tiroteio, tinham sido em Buaças aprisionadas 36 praças da guarda municipal do Porto, que hiam reunir-se ao Sá da Bandeira, commandadas por um coronel de artilheria. Foram desarmados (menos o coronel) e deixados hir em paz. Como alli lhe dissemos que as tropas da junta tinham sido derrotadas em Valle de Paços, por causa da traição de alguns corpos, voltaram para o Porto.

Tambem então os realistas tomaram aos da junta 2:500 pares de sapatos, que vinham de Villa Real, por terra, pela margem direita do Douro.

Foi uma providencia para os realistas, porque os seus guerrilhas, hiam uns de sapatos, outros de chinellos, e a maior parte, de tamancos.

Grijó, nomeado capitão da 6.ª, e que tinha certificado que á sua parte levaria mais de 300 homens, apresentou-se só com um, que, logo em Marco de Canavezes, foi expulso por ladrão!

[1] O aprisionamento d'estes quatro guerrilhas teve sua graça. Elles estavam n'uma enseada, gritando para os dos barcos—«Á terra! Á terra!»—Um barco de patuleias obedeceu; mas, chegando a terra, e vendo só quatro paizanos, agarraram-os e os levaram no mesmo barco para o Porto.

Apesar dos realistas sahirem de Paiva só com 470 homens, chegaram, no mesmo dia 18, ao Marco de Canavezes, com perto de 2:500, porque logo na margem direita do Douro, se lhes reuniu a gente de Bayão, Bem-Viver, e outras localidades.

D'aqui marchámos para Braga, por Guimarães, mas tudo na maior desordem, e apesar d'isso, a força hia sempre crescendo, e, se tivessemos armas, polvora, e que lhes dar a comer, quando chegámos a Braga, levariamos 10 ou 12 mil homens.

A derrota que soffreram os realistas em Braga, pelas tropas do Casal, a 20 de dezembro de 1846; e a sua inqualificavel retirada para Guimarães, e de lá para Amarante, onde estiveram 23 dias, sem nada fazerem, é de todos bem conhecida, nem eu quero enfadar os leitores com a narração circumstanciada d'esta marcha.[1]

[1] Sempre aqui contarei uma anecdota, que é de muito poucos conhecida.

Nós retirámos (melhor diria—*fugimos desordenadamente*) de Braga para o Carvalho d'Este, e de lá para a Senhora do Porto d'Ave. D'aqui é que marchámos no dia 22 para Guimarães,

Chegados a esta cidade, alli nos deixámos ficar, tão descuidados e descançados, como se todo o reino estivesse em profunda paz. Não tinhamos um posto avançado para o lado de Braga (O.) nem sequer um piquete na frente: apenas tinhamos alguma gente em trez pontos, á entrada da cidade.

Eu estava vendo quando uma bella manhã eramos suprehendidos inopinadamente pelas tropas do Casal, e feitos todos em postas.

Uma noite em que eu estava de *official superior*, chamei um sargento e cinco soldados da minha companhia, nos quaes tinha plena confiança, e com cujo silencio contava, e guiados por um realista de Guimarães sahimos da cidade, pelas 11 horas de uma noite escurissima, e fomos dar trez descargas, uma a cada um dos taes nossos piquetes. Feito isto, recolhemos pelo mesmo caminho, e fui dar ordem ao *supporte* (que estava na casa da camara) para se pôr em armas, mandando a corneta tocar a reunir, por todos os cantos da cidade.

Fui dar parte do occorrido ao Macdonell, que estava aquartellado em casa do conde da Azenha, dizendo-lhe que já trez dos nossos piquetes tinham sido atacados pelos cabraes. Só assim, e ainda á força de instan-

Talvez publique, em livro, toda a historia d'essa revolta miguelista, que tão desfigurada tem andado até hoje.

Finalmente, a 20 de janeiro de 1847, deu Macdonnell ordem para marcharmos sobre Villa Real.

Sahimos de Amarante muito tarde, pelo que tivemos de passar o Marão de noite e com neve de 0m,60 de alto, chegando á Campean pelas duas horas da noite!

No dia seguinte marchámos para Villa Real, na força de 1:200 homens.

Mas já então estavam em armas na provincia do Minho, mais de nove ou dez mil homens, que alli tinham ficado.

O celebre *padre Casimiro*, tinha uma força de quatro a cinco mil homens (grande parte d'elles cobertos de *palhoças*, e todos mal armados e peor disciplinados).—O *abbade de Priscos*, commandava outra guerrilha—O *Padre Manoel das Agras* tinha levantado outra—O *brigadeiro Luiz Leite* tinha reunido uma força superior a mil homens—O *coronel Francisco d'Abreu* estava nas proximidades de Vianna, á frente de uns 300 ou 400 homens—E finalmente o *marechal Bernardino Coelho Soares de Moura* (que depois a junta fez barão de Freiamunde) estava em Penafiel com uns 600 ou 700 homens, sendo 60 de bons soldados de cavallaria, perfeitamente armados, e optimamente montados.

Este nunca quiz obedecer ao Macdonell; e teve juizo.

Porém o Macdonell não quiz levar para Traz os Montes mais do que os taes 1:200 homens—*elle lá se entendia.*

Emquanto estivemos em Villa Real, andava o Vinhaes, com uns 500 homens, pelos arredores da Villa, sem se atrever a atacarnos.[1]

Os povos d'estes sitios queriam que Macdonell lhes desse pelo menos 200 homens do meu regimento, compromettendo-se a derrotarem completamente as forças do Vinhaes; mas elle recusou-se obstinadamente a esta exigencia

Por fim, contentavam se em lhes darem algumas centenas de maços de cartuxos; mas elle nem a isto annuiu. Deram-se-lhes apenas 50 ou 60 maços sem que o general soubesse.

Em 30 de janeiro, resolveu o Macdonell marchar sobre Chaves, com o fim — dizia elle—de tomarmos posse da praça, que só tinha de guarnição alguns veteranos, e apoderarmos-nos de grande numero de armas, mochilas, cantis e outros petrechos de guerra, que o 13 de infanteria havia deixado no castello.[1]

Pelas 11 horas da escurissima noite de 30 para 31 de janeiro, sahimos de Villa Real, debaixo de um temporal desfeito, de chuva e vento, não tendo os infelizes soldados, capotes nem patronas, nem guardas-fechos, nem ao menos bornaes.

Alagados em agua, foram ficando pelas aldeias que estanciavam pelo caminho, de maneira que quando Macdonell chegou no dia 31 a Villa Pouca de Aguiar, não levava 400 homens.

O resto foi-se-lhe reunindo aos grupos, cada um por sua vez. Todos alli chegaram sobremodo cançados, molhados e mortos de fome.

Vinhaes, sabendo logo da retirada dos realistas, marchou em seu seguimento, mas entretendo-se os seus soldados, durante a marcha, a praticarem as atrocidades do costume.

Em Villa-Sêcca, assassinaram o desgraça-

cias, é que o homem se resolveu a retirar á meia noite, e na maior desordem, na fórma do costume.

O que é certo é que na madrugada do dia seguinte, entraram as tropas do Casal em Guimarães.

Vejam do que nós escapámos!...

[1] As forças de Vinhaes eram compostas de contingentes de caçadores 3, infanteria 3 e 15, um pequeno batalhão de empregados fiscaes, e uns 40 cavallos (quasi todos estropiados) de cavallaria n.º 7.

[1] Era a unica cousa em que o escocez não mentia. Com effeito, em abril, a brigada de Soares de Moura (da qual eu commandava então a guarda avançada) alli foi encontrar, dentro de uma cisterna enxuta, grande quantidade de utensilios mititares, e até a espada que tinha sido do general Macdonelt, que Soares de Moura me deu.

do e velho Pacheco, que tinha sido official convencionado em Evora-Monte. Em Zimão, na Gralheira e em Villa Pouca de Aguiar, tambem acutilaram algumas pessoas; e até algumas mulheres e creanças!

Os realistas haviam passado a noite de 31 em Villa Pouca: mas na manhan do dia seguinte, ouve-se o grito aterrador de—*Os Cabraes!*—Foge tudo, na maior desordem, na direcção de Chaves, mas a uns 9 ou 10 kilometros da villa, mudou de *rumo*, torcendo para Ribeira de Pena.

Macdonell, chegando a um cabeço, chamado *Tapada do Ervedeiro*, na descida da serra do Mação, proximo á aldeia de S. Payo, freguezia de Villa Pouca de Aguiar, apeia-se e põe-se com o oculo a observar os movimentos do inimigo, que se descobria perfeitamente em uma planicie á nossa rectaguarda.

Ao lado do Macdonell estava o seu *estado maior*, que se compunha dos seguintes individuos:—Victorino José da Silva Tavares, brigadeiro, servindo de quartel-mestre-general; Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes, commandante do pequeno batalhão de voluntarios realistas de Estarreja—seu irmão, Antonio Carlos de Castro (os fidalgos do Côvo)—José Maria d'Abreu, irmão do coronel Francisco de Abreu (de quem já fallei) ajudante d'ordens do general—Manoel Negrão (filho do desembargador Negrão) ajudante d'ordens—e Ferreira Rangel (*o escrivão fidalgo*) idem—todos montados.

As forças realistas já hiam longe, e toda esta gente—que, como se vê, era a principal—estava separada da sua tropa.

Debalde expunham ao escocez o perigo em que estavam, elle teimava em conservar-se no mesmo sitio, e respondia—«Eu sei o que faço.»—

Talvez não soubesse muito bem, porque nunca sahia do seu quarto de cama, sem ter bebido uma boa porção de aguardente.

Os cabralistas avançavam sempre, e quando o sequito do Macdonnell viu que elles estavam apenas a alguns passos de distancia, fugiram a toda a brida.

Antonio Carlos de Castro, que ainda se demorou alguns momentos, a ver se convencia o general a retirar, deveu á velocidade do seu cavallo, escapar a uma morte tão horrivel como ingloria.

Só o infeliz Ferreira Rangel, levado de uma mal entendida quanto mal empregada abnegação, dissera aos que lhe pediam que fugisse—«Hei de morrer onde morrer o meu general.»—

Um sargento e trez soldados de cavallaria, cabralistas, são os primeiros que chegam ao pé do Macdonell, e este offerece a sua espada ao sargento, que lhe responde com uma cutilada. O general diz-lhe:—«Oh, eu sou o general Macdonell.»—Outra cutilada.—«Eu quero fallar ao general Vinhaes.»—Uma estocada, que o mata.

O desgraçado Rangel ainda se defendeu por alguns momentos, mas o que podia fazer um velho,[1] contra quatro cavallarias e elle apeado? Teve a sorte do Macdonell.

O sargento, occupou-se logo em saquear o general, roubando-lhe 33 peças, em ouro, que tinha recebido em Amarante, e o mais que já trazia; o collete, que era bordado a ouro, e as esporas, que eram de prata. (São os prós dos carrascos.) Os trez soldados lhe roubaram o resto, assim como ao Rangel, deixando-os a ambos apenas em camisa e seroilas.

O povo os enterrou (diz-se que por ordem de Vinhaes) na ermida de Santo Amaro, da aldeia de Sabroso, a 9 kilometros de Villa Pouca, e da freguezia da Varêia de Bórnes, concelho de Villa Pouca. (Em Sabroso ainda ha outra capella, da invocação de Nossa Senhora do Lorêto, particular.)

Assim terminou a existencia, um homem que, se não fosse traidor nem bebado, talvez n'aquella conjunctura tivesse feito alguma cousa a favor do partido legitimista, pe-

[1] Macdonell tinha quasi 80 annos e Rangel, 60. Estes dois assassinatos foram pois estupidamente cobardes e infames. Só cabralistas seriam capazes de praticar um acto tão deshonroso para um militar portuguez! Quanto mais, era evidentissimo que o escocez se queria entregar, visto estarem conseguidos os fins a que veio—a intervenção estrangeira.

lo menos, obter uma capitulação vantajosa para os realistas. [1]

O sequito do general, foi reunir-se á força, que esperava na Ribeira de Pena, e o Vinhaes não se atreveu a atacar ali os realistas, apezar de estarem bem proximos, e ainda no concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Da Ribeira de Pena, marchou a força para Cavêz (concelho de Cabeceiras de Basto) e d'alli se foi reunir ao general Soares de Moura, que estava em Guimarães, e já tinha feito a juncção com as tropas republicanas.

Assim acabou a revolta míguelista de 1846, tão mal principiada, como pessimamente dirigida; porém o fim do Saldanha e dos cabralistas estava conseguido—era a intervenção da Hespanha, França e Inglaterra, allegando para o conseguirem, que os revoltosos tentavam collocar no throno o monarcha exilado.

SABROSO—monte, Minho, proximo e em frente de Citania de Briteiros.

(Vide *Briteiros*, *Citania*, e *Romão de Briteiros* (São)—Fica a 3 kilometros das Taypas.

O sr. doutor Francisco Martins Sarmento, de Guimarães, do qual já mais de uma vez tenho fallado com louvor, n'esta obra, não satisfeito com os incommodos pessoaes, e com os sacrificios pecuniarios a que o tem levado o seu amor pela archeologia, mandou tambem, em setembro de 1877, principiar as escavações n'este monte de Sabroso, onde ha muitos e claros vestigios de uma povoação destruida, e que existiu em eras remotissimas.

O sr. Sarmento, tem aqui achado monumentos que parecem ainda mais antigos do que os achados no monte de S. Romão de Briteiros (a *Citania* de que tanto se tem fallado.)

Eis o final de uma carta que este incansavel investigador escreveu, em 1878, ao sr. Manuel Maria Rodrigues:

«O typo das construcções de Sabroso é em geral o da Citania, mas ha aqui suas differenças.

«As casas circulares, por exemplo, algumas são cercadas até certa altura por outra parede circular, só com a face para fóra e que não sei para que serviam, porque não reforçam de certo as paredes principaes da casa.

«Mesmo no planalto, algumas casas estão soterradas 2 e meio a 3 metros. Em uma escavou-se até á profundidade de quasi 3 metros, encontrando-se sempre carvão, fragmentos de ossos e de louça, sem chegar ao fim.

«Para o anno escavarei mais fundo.

«O carvão e ossos são abundantissimos, mas os fragmentos dos ossos, infelizmente, são miudissimos.

«Faz reflectir o seguinte: em Sabroso não encontrei ainda, nem fragmentos de telha, nem de amphoras, nem de louça vermelha, nem de vidro, e, cousa não menos digna de notar, quasi toda a ornamentação da louça é differente da da Citania.

«Objectos de bronze encontrei, no pouco tempo que escavei, um terço dos que tenho reunido na Citania.

«Entre elles figura um bracelête de estylo celtico, se não nos enganam os especialistas, um broche tambem curioso e uma agulha do tamanho e fórma das nossas agulhas albardeiras. Do mais, fibulas, alfinetes e outros fragmentos inclassificaveis.

«A muralha não é destacada como as da Citania; é como um muro de supporte ao planalto, onde ficava o forte da povoação. Julguei que seria de pouca altura e mandei descobrir um lanço d'ella. Appareceu-me uma muralha, que na parte conservada tem $3^{m},34$ de altura; mas se a completarmos até onde ella ia primitivamente, como o mostra a fieira de pedras que fórma a aresta da planura, temos $5^{m},10$ e de largura $4^{m},50$!

«Ao pé da muralha, a escavação deu muito caco, muito carvão, objectos de bronze e de ferro, que parecem accusar ainda um feitio de armas, e um pequeno machado de pedra polida, esverdeada.

«Este machado, da fórma muito conheci

[1] Foi a primeira vez que se viu morrer ferido, o general de uma força qualquer, sem ser ferido ou prisioneiro um só dos seus soldados.

da dos Machados de silex, parece pelas suas pequenas dimensões não ser uma arma, mas um amuleto, ou um objecto pertencente ao culto.

«Lembrarei que na Citania, tenho uma cabeça de boi, de pedra, e um focinho do mesmo animal. A cabeça, na parte posterior, mostra evidentemente que encaixava em um corpo, que ha muito anno, de certo, foi feito pedaços.

«Fui ver uma pedra que pertenceu a Sabroso e hoje está em casa de um lavrador. Tem 2,06 de largo e 0,92 de alto. Ao centro vê-se um sulco, com o rebaixe de 0m,02; e dos lados, em direcção ao mesmo sulco, outros dois com o rebaixe, começando (de dentro para fóra) n'uma pollegada e acabando em zero.

«Esta pedra estava, dizem, sustentada por duas outras cylindricas, uma das quaes vi. Tem de alto 0,35, e de diametro 0,16. Apezar das differenças que existem n'ella, não me sahe da ideia que esta pedra tinha uma applicação identica á da *Pedra Formosa*.

«Existe ainda um pedreiro que a viu no sitio em que se achava. Hei-de chamal-o e tractar de saber ao certo o local que ella occupou, para o explorar cuidadosamente.

É possivel que em Sabroso esteja a chave de muitos enigmas da Citania. Para o anno vou atacal-o com coragem. A illustre camara vimaranense já me deu ampla licença para escavar o morro e marcar alguns penedos, onde, como na Citania, estão gravados circulos concentricos e outros signaes, salvando-os dos montantes e dos lavradores visinhos, que já não levaram pouco ladrilho e pedraria.

«Ora aqui tem o meu amigo o que me deu este anno a archeologia. Pouco é, mas se só bastasse dar duas cavadellas para encontrar thesouros, quem não entraria n'esta faina? Seu, etc.—*F. Martins Sarmento.*

SABUDO—portuguez antigo, *sabido.*

SABUGA — famosa fonte, Extremadura, junto á villa de Cintra.

A sua architectura nada tem de notavel, mas é afamada pela salubridade e frescura da sua agua, que é sempre fria de neve, mesmo ao meio dia, nos dias mais calmosos de verão.

—

Vem aqui a *talho de fouce*, responder a um anonymo, que ha poucos dias me escreveu uma carta muito delicada, fazendo grandes elogios a esta obra, mas accusando-me de mencionar cousas de pouca valia, deixando no esquecimento outras mais importantes.

Como o anonymo é sobremodo cortez na sua queixa, respondo-lhe:—Tem razão; mas eu não sou Deus, nem o diabo. Escrevo de tudo quanto vejo que póde dar algum interesse á obra; mas só d'aquillo de que posso obter informações, ou que vou examinar com os meus proprios olhos. Não adivinho: se tivesse esse condão, muito mais perfeita seria esta obra, porque todo o meu desejo é que ella satisfaça os meus leitores, e que eu cumpra o que lhes prometti nos prospectos.

Tenho feito todas as diligencias para isso, e, se o não tenho conseguido, a culpa, em grande parte, cabe a muitas pessoas a quem me tenho dirigido, a pedir informações, e que me não dão resposta.

N'este numero (com magua o digo), entram muitos reverendos parochos, que se teem recusado, tacitamente, a satisfazer aos pedidos que com toda a humildade lhes tenho feito, e que mostram bem pouco amor ás cousas da sua freguezia, pois nem se dignam responder ás minhas cartas. Deixal-os.

SABUGAL—villa, Beira Baixa, cabeça da comarca e do concelho do seu nome, 120 kilometros ao S.E. de Lamego, 30 da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 350 fogos.

Em 1757, tinha 248.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esta villa é composta de duas freguezias, hoje unidas:

São João Baptista, que é a actual matriz.

Em 1757, tinha 123 fogos.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

Nossa Senhora do Castello, que em 1757, tinha 125 fogos.

Tambem era abbadia da mitra, e o abbade tinha 150$000 réis.

O concelho do Sabugal, é composto de 44 freguezias, sendo 29 no bispado de Pinhel, que são:

Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia da Ribeira, Aldeia Velha, Alfaiates, Bismulla, Badamallos (ou Badamalhos), Bemdada, Cerdeira, Foyos, Forcalhos, Lageosa, Malhada Sôrda, Miusella, Nave, Nave d'Aver, Parada, Porto d'Ovelha, Quadrazaes, Rendo, Rebolosa, Ruivoz, Sabugal, Souto, Valle de Espinho, Villa Bôa, Villar Maior, Valle de Eguas e Valle Longo.

No bispado da Guarda 15, que são:

Aguas Bellas, Castelleiro, Lomba, Malcata, Moita, Pena Lobo, Pousa Folles, Quintas, Rapoula do Côa, Ruvina, Santo Estevão, Seixo do Côa, Sortêlha, Urgeira, e Villa do Touro.

Todas com 7:800 fogos.

Este concelho tinha ainda mais 13 freguezias, todas do bispado de Pinhel, que pertencem agora ao concelho d Almeida.

São:

Ade, Aldeia Nova, Amoreira, Azenhal, Cabreira, Castello Mendo, Freixo, Leomil, Monte Perobolso, Mesquitella, Mido, Pêva, e Senouras.

(É preciso ver *Castello Mendo*, por causa das freguezias que foram para o concelho d'Almeida.)

A comarca do Sabugal é composta só do seu julgado.

Está a villa edificada em uma planicie, proximo ao Rio Côa, que a rega pelo sul.

É a principal povoação do districto denominado *Riba Côa*, ficando a distancia de 6 kilometros da villa de Sortêlha, 60 ao S.E. de Castello Branco, e 18 ao N.E. da raia de Hespanha.

Era uma das povoações que em 1282 passaram para a corôa de Portugal, como dote da rainha Santa Isabel, filha de D. Pedro III, rei de Aragão, e mulher do nosso rei D. Diniz.

Fazia até então parte da Estremadura hespanhola, e pertencia ao bispado da Ciudad de Rodrigo.

Segundo a maior parte dos escriptores, foi fundada por Affonso X de Leão, em 1220, dando lhe o nome de Sabugal, pelos muitos sabugueiros que aqui havia.

É porisso que as suas armas são:

Em campo azul, um sabugueiro da sua côr, tendo á esquerda uma chave d'ouro, alludindo ao seu castello.

Estas armas lhe foram dadas pelo rei D. Diniz.

Esta villa é celebre pelos muitos factos historicos n'ella occorridos—mencionarei os principaes.

Em 1224, aqui assentaram pazes, estando prezentes, D. Sancho II, de Portugal, e D. Fernando III, de Castella.

Em 1287, tambem tiveram uma entrevista no Sabugal, o nosso rei D. Diniz, e D. Sancho, o *Bravo*, rei de Castella.

Em 1328, ajustado o casamento da nossa infanta D. Maria, filha primogenita de D. Affonso IV, e da rainha D. Brites (filha de D. Sancho IV, de Castella) com o rei D. Affonso XI, de Castella, sahiu a noiva de Coimbra, acompanhada por seus paes, e pela rainha Santa Isabel, sua avó.

Chegou a real comittiva ao Sabugal, e ahi se demorou alguns dias, para receber a infanta D. Leonor, irmã do rei castelhano, que veiu com um brilhante séquito, para visitar a Rainha Santa, que era tambem sua avó, e os reis portuguezes, seus proximos parentes.

Houve por esta occasião muitas e luzidas festas, em obsequio dos reaes hospedes, que d'aqui partiram para a villa d'Alfaiates, proximo da fronteira da Extremadura, que então pertencia aos reis de Leão, e a essa villa chegou D. Affonso XI, e se celebrou na egreja matriz o ajustado casamento.

Estas festas e alegrias, duraram bem pouco tempo; porque ainda no mesmo anno de 1328, houve guerra entre Portugal e Castella, havendo grandes perdas de parte a parte. Terminou esta campanha pelo casamento do infante D. Pe-

dro, filho de D. Affonso IV, com a infante D. Constança, filha do infante D. João Manoel, ainda em 1328.

D. Constança morreu em 1345.

—

O rei D. Diniz, logo que recebeu as povoações leonezas que sua mulher lhe trouxe em dote, tratou de fortificar todas as que julgou serem pontos mais importantes, em caso de guerra com leonezes ou mouros.

Pelos annos de 1296, mandou construir o forte castello de Sabugal, e no centro d'elle a torre de menagem, de grande altura, e de fórma pentágona, e no fecho da sua mais alta abobada, mandou collocar as armas de Portugal, e por baixo d'ellas, esta inscripção:

ESTA FEZ EL-REI D. DINIZ,
QUE ACABOU TUDO O QUE QUIZ;
E QUEM DINHEIRO TIVER,
FARA' TUDO O QUE QUIZER.

É tambem alludindo á fórma estrambotica d'esta torre, que em quasi todo o reino se canta esta quadra:

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal,
Senão junto ao rio Côa,
Na villa do Sabugal.

Tambem foi o rei D. Diniz que deu foral a esta villa, estando elle em Trancoso, a 10 de novembro de 1296.

(*Livro 2.º das Doaçõss do rei D. Diniz*, fl. 128, col. 1.ª)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1515.

(*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 127, col. 2.ª)

Este foral é tambem o de Forcalhos, e Souto da Silva.

Como quasi todas as nossas povoações da raia, Sabugal foi *couto do reino.*

(Vide o 1.º *Couto,* no vol. 2.º, pag. 415, col. 1.ª)

Grande feira a 25 de julho.

Misericordia e hospital.

Ainda que de clima excessivo, é terra saudavel, e muito fertil em todos os generos agricolas do paiz.

Muito gado, de todas as qualidades, cêra e mel; caça grossa e miuda, e peixe do Côa.

—

O primeiro senhor d'esta villa, foi o infante D. Pedro, filho do rei D. Affonso, o *Sabio*, de Leão.

Depois, foi senhor do Sabugal, o infante D. Fernando, filho do nosso rei D. Manuel.

O 1.º conde do Sabugal, foi D. Duarte de Castello Branco, feito por D. Philippe II, em 20 de fevereiro de 1582.

(Vide adiante, onde trato dos condes de Obidos, Palma e Sabugal.)

—

Em 1708, era senhor do Sabugal, D. Fernando Martins Mascarenhas, que procede de Estevam Rodrigues Mascarenhas, primeiro povoador, e senhor de Mascarenhas, em Traz-os-Montes, no reinado de D. Sancho I.

É progenitor dos condes d'Obidos e Sabugal.

—

Os romanos davam ao rio Côa, o nome de *Cuda*, e porisso aos povos que estanceavam na sua margem esquerda, denominavam *cudanos*, e aos da direita, *transcudanos*.

Frei Bernardo de Brito (*Geographia Lusitana*) diz que as aguas do Côa, são excellentes para tingir lans e caldear o ferro; mas que são pezadas para beber, e de má digestão; que causam tristeza e dores de cabeça e do ventre; que fazem obtuzo o intendimento; e que offendem o rosto aos que se lavarem com ellas.

Apezar d'estes inconvenientes (dado serem verdadeiros) o Côa rega e fertiliza os campos das suas margens, fazendo-os produzir, com abundancia, cereaes, fructos (especialmente castanhas) linho e optimas pastagens, onde se cria e engorda muito gado de toda a qualidade.

(Vide *Côa*, vol. 2.º, pag. 311, col. 1.ª)

—

Na serra da *Marvana*, por cima de *Valle*

Bolido, e em frente de Quadrazaes, nasce o rio *Baságueda*.

(Vide esta palavra).

—

O general francez Massena, tendo recebido um reforço de 30:000 homens, nem assim tenta forçar as *linhas de Lisboa*, e retira a 5 de março de 1811.

O marechal inglez Beresford, com uma divisão de portuguezes e inglezes, segue o inimigo, e o ataca no Pombal, Redinha e Foz d'Arouce.

Massena marcha sempre em retirada, mas os portuguezes o continuam a seguir, e a 3 d'abril o atacam nas planicies do Sabugal, obrigando-o a fugir para a Extremadura hespanhola, no dia seguinte.

—

No tempo de D. Pedro I, era senhor d'um grande olival, no termo d'esta villa, um tal D. Alvaro, que tomou o appellido, da terra do seu senhorio.

É pois este D. Alvaro do Olival, o progenitor das familias que teem o seu appellido.

As armas dos *Olivaes*, são:

Em campo de prata, duas oliveiras da sua côr, em faxa, com azeitonas d'ouro: êlmo de aço, aberto; e por timbre, uma das oliveiras do escudo.

—

Para não fazer este artigo ainda mais extenso, vide *Sacaparte*.

—

Ha n'este concelho, minas de mercurio, cobre, ferro e outros metaes.

—

Nos limites do logar de Ruivoz, termo d'esta villa, e junto a uma *anta*, foram, em 1756, achados, pelo padre José Gaspar Simões, varios machados de pedra (amphibole cinzenta e verde) e facas de silex (pederneira) que estão no museu archeologico d'Evora.

Isto prova que estes sitios são habitados desde os tempos da *edade de pedra*, ou prehistoricos.

—

A villa do Sabugal, é considerada como cabeça do territorio denominado *Riba-Côa* ou *Cima-Côa*, que pertencendo até 1400 ao bispado da Cidade de Rodrigo (Extremadura hespanhola, e antigo reino de Leão) se lhe deu, quando vieram para Portugal varias das suas povoações, o titulo de *Bispado novo*. [1]

(Vide adiante, onde trato de *Riba-Côa*.)

Este territorio, quando ficou sendo portuguez em toda a sua extensão, foi unido ao bispado de Lamego; mas depois, foi dividido pelos trez bispados, de Lamego, Guarda, e Pinhel.

Como praça de guerra fronteira, foi importantissima até ao seculo 17.º, tendo sempre um governador militar (além do alcaide-mór) e uma boa guarnição de tropa.

O Sabugal, exultou com a mudança de nacionalidade, e tanto que, ainda no reinado de D. Diniz, se formou aqui uma companhia de cavalleiros, como ordem militar, na qual entravam todos os moradores da villa e seu termo, que podiam ter cavallo, e se obrigava cada um a pagar uma libra áquelle a quem morresse o cavallo; e o que crescia, se guardava no deposito da companhia para os seus gastos communs; isto sob pena de 50 libras, ao que faltasse, e com poder executivo para o seu mórdomo cobrar o imposto, passados 15 dias.

Condes do Sabugal, [2] de Obidos e da Palma, com honras de parentes

(*Foram tambem condes d'Azinhoso*)

Ja no artigo *Obidos*, e a pag. 186, col. 2.ª, do 6.º volume, tratei dos condes d'Obidos da Palma e do Sabugal, que hoje são representados pelo sr. conde do Sabugal.

Aqui direi mais apenas o seguinte:

A este ramo da familia Mascarenhas (que era tambem a dos duques de Aveiro e mar-

[1] Deu-se-lhe o nome de *Bispado Novo*, depois que a maior parte das freguezias de Riba-Côa, passaram a formar o bispado de Pinhel, creado em 1774.

[2] Aos condes do Sabugal dá-se vulgarmente a denominação de condes-meirinhos-móres. Veja se no 5.º vol., pag. 162, col. 1.ª, onde se dá a razão porque a estes condes se dá o nome de condes-meirinhos-m óres.

quezes de Gouveia) foi dada, por D. João III, em 27 d'abril de 1523, a alcaidaria-mór de Óbidos; e pelo mesmo monarcha, logo no dia seguinte, a alcaidaria-mór de Selir. O titulo de meirinho-mór, pelo mesmo D. João III, em 13 de junho de 1536. O titulo de conde do Sabugal foi dado por D. Philippe II, a 20 de fevereiro de 1582. O titulo de conde de Palma, foi dado por D. Philippe IV, a 30 de março de 1624.—Dom Vasco Mascarenhas, foi feito conde d'Obidos, por D. Phippe IV, em 22 de dezembro de 1636.

D. Brites Mascarenhas, filha e herdeira de D. João Mascarenhas, 2.º conde de Palma, e 3.º conde do Sabugal, casou com D. Fernão Martins Mascarenhas, conde d'Obidos, e assim se uniram, até hoje, os trez condados.

O 1.º conde d'Obidos era tambem alcaide-mór da villa d'este nome.

Em 8 de fevereiro de 1839, foi feita condesa do Sabugal, Obidos, e Palma, a sr.ª D. Eugenia d'Assis Mascarenhas.

Em 14 d'agosto de 1839, foi feito conde dos mesmos trez condados, o sr. D. Pedro de Souza Coutinho.

Em 27 de setembro de 1859, teve os mesmos titulos, de juro e herdade, o sr. D. Manuel d'Assis Mascarenhas de Souza Coutinho.

Em 28 de fevereiro de 1867, foi feito conde dos trez condados, de juro e herdade, o sr. D. Luiz d'Assis Mascarenhas.

Para as armas d'esta familia, e para o mais que d'ella se quizer saber, vide *Obidos*. Vide tambem *Meirinho-mór*.

José Alexandre de Campos e Almeida

Nasceu n'esta villa, em 17 de novembro de 1794. Fez os seus primeiros estudos, em casa de seu avô, que era capitão-mór do Sabugal.

Matriculou-se em direito, na universidade de Coimbra, em outubro de 1812.

Foi um dos estudantes mais distinctos do seu tempo, sendo-lhe conferido em todos os annos, menos no 4.º, o premio pecuniario.

O desejo de instruir-se e a sua inclinação para as sciencias naturaes, o levou tambem a matricular-se no 1.º anno philosophico, que combinou com o juridico, e obteve egualmente o premio pecuniario em todos os annos, o qual com a maior caridade cedeu para o resgate dos portuguezes captivos em Argel. Obtido o grau de doutor (de capêllo) foi pouco depois habilitado oppositor ás cadeiras da faculdade de direito.

Seguiu sempre a politica liberal, e em 12 de maio de 1834 foi nomeado vice-reitor da universidade.

Foi deputado ás côrtes, desde 1834, até 1842, fazendo-se notar pela sua vasta erudicção e louvavel independencia.

Redigiu um plano para reforma dos estudos, que foi plenamente approvado pelos decretos de 15 e 17 de novembro e 5 de dezembro de 1836, e que seria de grande vantagem para a instrucção geral, se não fosse depois, em grande parte, mutilado.

Foi presidente da camara dos deputados, desde 3 de junho até 10 de agosto de 1837, sendo n'este dia nomeado ministro e secretario de estado dos negocios ecclesiasticos e da justiça, logar que exerceu com grande inteligencia e honradez.

Exonerado em 1842, foi para a universidade, reger a cadeira de economia politica, disciplina que havia creado, e que era inteiramente nova entre nós, desempenhando-se d'esta disciplina, com geral applauso.

Em 1823, havia sido preso por causa das suas opiniões politicas, e remettido para o Limoeiro, sendo poucos dias depois, posto em liberdade.

Tomando parte na revolta de 16 de maio de 1828, esteve preso na cadeia d'Almeida, até 1834.

Em 1845, tornou a ser preso, por ordem do governo cabralista, sendo barbaramente tratado, a bórdo da fragata *Diana*, e soffreria os horrores do brigue *Audaz*, se um acaso providencial não houvesse demorado a sua viagem, da Figueira para Lisboa.

Esteve preso até julho de 1847, sendo então solto, em consequencia da convenção de Gramido.

Vendo a má direcção que levavam os negocios politicos, retirou-se á sua casa de Villar Torpim, d'onde não tornou a sahir,

fallecendo a 21 de novembro de 1850, depois de longos e dolorosos padecimentos, exacerbados pelo muito que soffreu quando foi preso em 1847, pois, estando doente de cama, foi d'ella barbaramente arrancado, no rigor do inverno, e conduzido pela serra da Estrella (então coberta de neve) e d'alli para Viseu, Oliveira de Azemeis, Coimbra, Figueira, e por mar para Lisboa; de modo que a sua morte foi causada pelas crueldades que sobre elle haviam exercido os que desde 1820 até 1842 haviam seguido a sua politica.

Felizmente para elle, morreu como bom christão e fervoroso catholico, pois pediu e recebeu os sacramentos da egreja, com a maior contrição, no dia 18, trez dias antes do seu fallecimento.

Pouco antes da sua morte, deu as ordens que julgou convenientes, com respeito ao seu funeral, que, em vista das suas ultimas disposições, foi destituido de toda a pompa.

Sepultou-se a 23, no cemiterio publico da freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres, de Villar Torpim.

Foi do conselho de Sua Magestade; ministro e secretario de estado honorario; commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; lente cathedratico da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, membro honorario da sociedade pharmaceutica e da academia de bellas artes. Tinha casado em 8 de julho de 1843, com D. Josefa Marianna de Campos e Almeida, sua prima, senhora de rara coragem, grandes virtudes e dedicação sublime, que o acompanhou sempre e lhe serviu de anjo tutelar durante a injusta e brutal perseguição que soffreu desde fevereiro até julho de 1847.

A maior prova da honradez e probidade de José Alexandre de Campos, é que, tendo exercido tão altos e importantes cargos, não deixou á sua viuva e a suas quatro filhas (a mais velha das quaes não tinha ainda completado seis annos á morte de seu pae) senão o patrimonio que herdára, e esse mesmo bem mal reparado. Deixou-lhes, porém, uma herança de mais valia, que foi um nome sem mancha.

Era seu irmão o dr. Pedro Balthazar de Campos, que fallecendo em Pinhel, em 1870, e não tendo herdeiros forçados, legou tudo quanto possuia a sua sobrinha, a Sr.ª D. Marianna, filha segunda de José Alexandre de Campos, a qual casou com o sr. dr. Joaquim Simões Ferreira, de Coimbra, cavalheiro de muita illustração, que fixou em Pinhel a sua residencia, para melhor poder dirigir os negocios da grande casa de sua esposa. (Vide *Pinhel.*)

—

José Alexandre de Campos deixou impressos os seguinte livros:

Os acontecimentos de março, na capital, considerados nas suas causas e effeitos.

Memoria dedicada aos amigos da revolução de septembro. Esta publicação não tem nome de auctor, mais foi-lhe sempre attribuida, e como obra sua a trazem Figaniere na *Bibliotheca historica*, e Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario bibliographico.*

Dos numerosos discursos que pronunciou na camara electiva, apenas se imprimiram em separado:

Discursos de S. Ex.ª o Sr. José Alexandre de Campos, deputado pela Guarda, recitados nas sessões de 27 e 30 de agosto de 1841, contra a decima dos fundos publicos. Lisboa, na typographia de José Baptista Morando, 1841. É em 8.º e consta apenas de 24 paginas.

(Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto.)

—

Riba Côa

As freguezias que estanceiam dentro da circumscripção denominada *Riba Côa* ou *Cima-Côa*, e ás quaes se deu antigamente o nome de *Bispado novo*, foram até 1400 do bispado de Cidade de Rodrigo, na Extremadura hespanhola, e no reino de Leão.

É uma lingua de terra entre o Côa e o Agueda[1] na sua embocadura no Douro, ten-

[1] Não é o rio Águeda da provincia do Douro, que nasce em Campia, e desagua no Vouga, junto á ponte de Almear; mas sim outro Agueda, da Beira Baixa, que divide Portugal de Castella, e morre na esquerda

do 90 kilometros de comprido do N. ao S., e 24 de E. a O. na sua maior largura.

É limitado ao O. pelo Côa, e a E., é dividido pela Extremadura hespanhola, subindo pelo Agueda até ao rio Tourões, perto de Villar-Maior.

Ao E. confina com o bispado de Cidade de Rodrigo; ao N., pelo Douro, com o arcebispado de Braga; ao O., com o bispado de Lamego; e ao S. e O. com os de Viseu, Guarda e Castello Branco.

Os povos que habitavam esta região eram denominados transcudanos, no tempo dos romanos, e a sua capital era a famosa cidade de Caliábria, da qual ainda ha vestigios no termo de Almendra. (Vide *Caliabria* e *Urrôs*.)

Segundo a tradição e memorias escriptas, Caliabria era séde do bispado do seu nome, cujos bispos, fugidos dos mouros, foram para a provincia de Traz os Montes, onde fundáram o bispado de Miranda, hoje de Bragança; porém o districto de Riba-Côa, ficou pertencendo desde o seculo XI ao bispado de Cidade de Rodrigo, e só no reinado do nosso D. João I, se conseguiu desannexal-o de lá, por breve do pontifice Bonifacio IX.

Desde então ficou pertencendo ao bispado de Lamego, até ao reinado de D. José I. Estando interrompida a communicação com a corte de Roma, desde 25 de março de 1760 [1] se abriram as communicações em 1770, sendo então creados, por breve do papa Clemente XIV, os bispados de Pinhel e Miranda, o ephemero de Penafiel, e restaurado o de Beja.

No anno seguinte, e por breve do mesmo papa, foi creado o bispado de Castello Branco.

Foi pois em 1770, que do bispado de Lamego sahiram a maior parte das parochias do districto de Riba-Côa.

—

O territorio de Riba-Côa, comprehende 60 freguezias, que são:

do Douro, no logar de S. Martinho, freguezia de Escalhão.

[1] Em vista d'esta interrupção, o conde de Oeiras (depois, 1.º marquez do Pombal) mandou sahir de Lisboa o nuncio apostolico, em 15 de junho de 1760.

1.ª—*Aldeia do Bispo* (do bispado de Pinhel) [1] situada em uma planicie, cercada de montes, a 3 kilometros da nascente do rio Lageosa.

Esta freguezia, pouco mais produz do que centeio.

Tem a capella de Santo Antão, abbade.

2.ª—*Aldeia da Ponte*, tambem em planicie, e do mesmo bispado de Pinhel.

A egreja matriz é de trez naves.

Tem as ermidas de Santa Barbara, S. Braz, S. Sebastião, Santa Catharina, e a de Jesus Christo Crucificado.

O rio Lezirom a réga e fertilisa.

É terra saudavel.

3.ª—*Aldeia da Ribeíra*, do mesmo bispado, situada em um alto, d'onde se descobre a cidade da Guarda, e Villar Maior.

É fertil em cereaes, e são excellentes os seus queijos de ovelha e de cabra, das quaes aqui ha grandes rebanhos.

4.ª—*Aldeia Velha*, do mesmo bispado, e foi commenda de Malta.

Egreja matriz de trez naves.

Ha no logar a ermida de Nossa Senhora da Estrella, e fóra d'elle a de Jesus Christo Crucificado.

É terra fertil e cria muito gado.

O rio Côa e um ribeiro anonymo regam esta freguezia.

5.ª—*Alfaiates*, villa acastellada e murada (tudo em mau estado) e foi praça d'armas.

É do mesmo bispado.

Foi dos condes de S. Vicente, mas voltou á corôa.

Nasceram n'esta freguezia:

Ruy Tavares de Brito, cavalleiro de Christo, capitão de cavallos.

Foi um valoroso militar na Africa, e na guerra da acclamação.

Seu filho, *Gaspar Tavares de Brito*, foi mestre de campo, no reinado de D. João IV, e militar muito distincto.

Gaspar de Távora e Brito, filho de *João Martins de Távora*, e governador de Benguella, ambos intrepidos guerreiros.

[1] Os bispados de Pinhel e de Aveiro foram creados em 1774, por breve do mesmo pontifice, Clemente XIV.

Antonio de Távora, sargento-mór de batalha, em Flandres.

Bernardino (ou Bernardim) *de Távora*, capitão de infanteria, e sargento-mór de Setubal.

Outro *Bernardino le Távora*, inquisidor apostolico em Lisboa.

6.ª—*Algodres*, do mesmo bispado.

Terra muito fertil.

Tem uma atalaya no meio da povoação e um reducto junto á egreja.

Ha n'esta freguezia varias ermidas, sendo as principaes, Santa Cruz e Santa Barbara.

7.ª—*Almeida*, praça d'armas, que foi cabeça de toda a provincia da Beira, no militar.

É do mesmo bispado.

Foi da casa do infantado. Fica a 2 kilometros do rio Côa.

8.ª—*Almendra*, do mesmo bispado.

Situada em um extenso valle, a 12 kilometros de Castello Rodrigo, e 12 de Villa Nova de Foz-Côa.

Era dos condes (depois marquezes) de Castello Melhor, por ser commenda de Christo, que era d'elles.

Tem as capellas de Nossa Senhora do Campo, Nossa Senhora do Soccorro, de São Pedro, e de S. Sebastião.

Terra fertil, e cria muito gado.

Tem uma antiga fortaleza, e d'entro d'ella, a praça, o pelourinho, a casa da camara e cadeia, e a torre do relogio.

Pretendem alguns que foi aqui a cidade de Ravêna, na qual foi martyrisado Santo Apolinario, bispo; não o de Ravena, na Italia, cuja festa é a 23 de julho, mas o que foi bispo de Caliabria, cuja festa é a 13 de agosto, e do qual os restos mortaes estão na freguezia de Urrôs.

9.ª—*Almofala*, do mesmo bispado, situada em um valle, a 3 kilometros do rio Águeda.

Terra fertil.

Tem as capellas de Santa Martha, dentro da povoação, e fóra d'ella as do Senhor Crucificado, S. Sebastião e Santa Barbara. Santa Maria Magdalena, na quinta do Colmeal; e a de Santo André.

É terra fertil em cereaes.

O rio Agueda divide aqui Portugal de Castella.

Produz este rio alguns saveis e lampreias, e peixo miudo.

10.ª—*Badamalhos* ou *Badamallos*, do mesmo bispado.

Situada em alto, a 3 kilometros do Côa, e fertil.

No meio do povo tem os restos de um reducto.

11.ª—*Bendada*, do mesmo bispado. É no termo da Reigada.

12.ª—*Bismulla* ou *Pisnulla*, do mesmo bispado.

Tem as ermidas de Santo André e Santa Barbara.

Tem os restos de um reducto, que cercava a egreja matriz, e os de uma atalaya.

Terra fertil; muitas ovelhas, cabras e porcos.

É regada pelo rio Souto.

13.ª—*Castello Bom*, villa do mesmo bispado. Fica a 12 kilometros de Almeida, em um alto, d'onde se avista esta praça.

É cercada de muralhas, que foram muito fortes, mas que estão desmanteladas.

No centro estão os restos do castello, do qual foram alcaides-móres os viscondes de Villa Nova da Cerveira, marquezes de Ponte de Lima.

Fóra da circumvallação ha as ermidas de Santa Martinha, Santa Maria Magdalena, e S. Sebastião.

Ainda existe a torre de menagem, que depois serviu de cadeia.

É terra bastante fertil.

O Côa divide o termo d'esta villa do de Castello Mendo.

14.ª—*Castello-Melhor*, villa, do mesmo bispado.

O seu terreno parte com o de Villa Nova de Foz-Côa.

A villa está situada em um baixo, porém o castello, que lhe dá o nome, está no alto de um monte, com dilatadas vistas.

(Do alto da serra de Castello-Melhor se descobrem territorios de sete bispados.)

Ha n'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora das Eiras, Santa Barbara, e S. Ga-

briel Archanjo. (Vide 2.º vol. pag. 180, col. 2.ª)

Marquezes de Castello-Melhor

O *primeiro conde de Castello-Melhor* foi Ruy Mendes de Vasconcellos, feito por D. Philippe III, em 21 de março de 1611, segundo D. Antonio Caetano de Sousa—*Memomorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, pag. 345. [1]

Ruy Mendes de Vasconcellos tinha herdado de seus maiores o emprego de *reposteiro-mór* dado por D. João I, em 27 de abril de 1421—o senhorio da villa da Calhêta (na ilha da Madeira) dado por D. Affonso V em 25 de novembro de 1451—e o senhorio de Castello-Melhor, por mercê do mesmo D. Affonso V, a 16 de agosto de 1478.

Foi tambem mórdomo-mór da rainha D. Margarida d'Austria, filha de Carlos de Austria, irmão do imperador Fernando II, e mulher de D. Philippe III. (Isto mais confirma a verdade de que foi este usurpador que lhe deu o titulo de conde.)

O 2.º *conde* foi D. João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, por ter casado com D. Marianna de Lencastre e Vasconcellos, herdeira de seu irmão, o conde da Calhêta, e filha de Simão Gonçalves da Camara, 3.º conde da Calhêta, e 7.º capitão donatario da ilha da Madeira, casado com a condessa D. Maria de Menezes, filha e herdeira do 1.º conde de Castello-Melhor.

O *3.º conde* foi Luiz de Vasconcellos e Sousa.

O *4.º conde* foi José de Vasconcellos e Sousa Caminha Camara Faro e Veiga, reposteiro-mór, senhor donatario da capitania do Funchal (Madeira) e da de Santa Maria; senhor das villas de Ponta do Sol, Camara de Lobos e Calhêta—tudo na mesma ilha—e das Ilhas Desertas, em frente da Madeira e da ilha de Porto Santo, n'este archipelago. Em Portugal era senhor donatario das villas de Almendra, Castello Melhor, Valhêlhas, Gonçalo e Famalicão (da Beira Baixa), senhor dos morgados da Moura Santa, Tajujes e Ronafe; senhor donatario das Saboarias de Coimbra, Thomar e Esgueira; e das comarcas de Lamego, Viseu, Guarda e Pinhel; e das conquistas do Ultramar; alcaide-mór das villas de Pombal, Penamacor, e Salvaterra do Extrêmo; commendador do Pombal, Redinha, Fachal, e Salvaterra do Extremo, todas da ordem de Christo.

5.º conde, Luiz de Vasconcellos e Sousa, irmão do antecedente. (Vide 2.º vol., pag. 180, col. 2.ª—4.º vol. pag. 136, col. 2.ª—e 7.º vol. pag. 140, col. 1.ª)

O condado de Castello-Melhor foi elevado ao titulo de marquezado, por D. José I, em 4 de septembro de 1765.

O ultimo marquez de Castello-Melhor foi João de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Fáro e Veiga, feito em 6 de abril de 1859 (de juro e herdade).

Morreu em Lisboa, em 1878, no estado de solteiro.

—

15.ª—*Castello Rodrigo*—do mesmo bispado. (Vide vol. 2.º, pag. 186, col. 2.ª)

16.ª—*Cinco-Villas*—villa, no territorio do mesmo bispado, mas isenta, por pertencer á prelazia de Thomar, annexa ao patriarchado de Lisboa. (Vide 2.º vol.. pag. 300, col. 2.ª)

Egreja matriz de trez naves. Ha n'esta freguezia as capellas de Nossa Senhora do Pranto, S. Sebastião, e S. Julião do Pereiro, onde, segundo a *Monarchia Lusitana* de Fr. Antonio Brandão (tom. 3.º, L.º X.º, cap. 37) se fundou a ordem militar de *S. Julião do Pereiro*, quando o Riba-Côa era ainda do reino de Leão, e estava fronteira a terra de mouros.

Esta ordem foi fundada em 1155, por D. Soeiro, natural de Salamanca (a 60 kilometros de Cinco-Villas) e outros cavalleiros, os quaes vieram procurar o eremita Amando a esta capella de S. Julião do Pereiro, com o qual se congregaram, formando a nova or-

[1] Na *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, pag. 69, diz-se que o primeiro conde de Castello-Melhor, foi feito em 20 de agosto de 1576. Portanto, não foi feito por D. Philippe III, mas por el-rei D. Sebastião. É engano: e até D. Antonio Caetano de Sousa diz que a carta de mercê foi passada em Madrid. Quanto mais, Ruy Mendes de Vasconcellos foi mórdomo-mór da mulher de Philippe III, e valido d'este.

dem que tinha por fim a guerra contra os mouros.

Amando, transformado de eremita em capitão, tomou a seu cargo á defeza do castello das Cinco-Villas, no qual obrou proezas de grande valor.

O bispo de Salamanca, D. Ordonho, approvou esta milicia, e, em 1183, o papa Lucio III a confirmou. O superior era denominado *mestre*, como nas outras ordens militares.

O rei D. Affonso IX, de Leão, tomou aos mouros a praça de Alcantara, e a deu á ordem de Calatrava, que a cedeu á de S. Julião do Pereiro.

Quando o Riba-Côa passou para a corôa portugueza, em 1282, a ordem militar de S. Julião do Pereiro se mudou para Alcántara, unindo-se á de Calatrava, cujo grão mestrado se encorporou na corôa de Castella. Ainda existem vestigios do mosteiro que foi berço e cabeça da ordem de S.Julião do Pereiro, junto á capella do mesmo santo.

Este mosteiro e sua capella tinham sido fundados pelos templarios.

17.ª—*Colmeal*, do bispado de Pinhel.

É a terra das cebolas e dos pimentos.

18.ª—*Escalhão*, do mesmo bispado. Situada em planicie.

D. João IV a fez villa e lhe deu foral *novissimo*.

Foi villa acastellada, e ainda existem as ruinas da sua fortaleza.

19.ª—*Escarigo*, do mesmo bispado.

20.ª—*Figueira de Castello-Rodrigo*, do mesmo bispado.

Fica junto da villa de Castello-Rodrigo, e é na Figueira que se fazem as feiras e mercados da villa, por ser melhor sitio.

É terra fertil. Ha optimos queijos e abundancia de caça.

21.ª—*Fojos do Côa*, do mesmo bispado.

22.ª—*Forcalhos*, no termo d'Alfaiates, do mesmo bispado.

23.ª—*Freinêda*, no termo de Castello-Bom, do mesmo bispado.

24.ª—*Freixêda do Torrão*, no termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

25.ª—*Junça*, termo de Almeida, do mesmo bispado. Perto da povoação está a grande capella de Nossa Senhora do Mosteiro, junto da qual ha vestigios de um antigo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento.

26.ª—*Lageosa*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado.

27.ª—*Luzellos*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

28.ª—*Malhada Sôrda*, termo de Villar-Maior, do mesmo bispado. Mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho (*grillos*).

29.ª—*Malpartida*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

30.ª—*Matta de Lobos*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

Foi até 1834 commenda da ordem de Christo, que recebia os dizimos.

Aqui nasceu o dr. João Bernardo Falcão de Mendonça, desembargador do paço, fidalgo da casa real, e filho de José Freire Falcão de Mendonça, cavalleiro da ordem de Christo, e desembargador da mesa da consciencia e ordens.

31.ª—*Nave de Aver*, do mesmo bispado.

32.ª—*Nave Redonda*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

33.ª—*Nave do Sabugal*, no termo d'esta villa, do mesmo bispado.

34.ª—*Naves*, termo de Castello Bom, do mesmo bispado.

35.ª—*Pena d'Aguia* ou *Penha d'Aguia*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

36.ª—*Pôço Velho*, termo de Castello-Bom, do mesmo bispado.

37.ª—*Quadrazaes*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

38.ª—*Quintan de Pero Martins*, termo de Castello-Rodrigo, do mesmo bispado.

39.ª—*Ráza*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado, 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa.

Tinha duas capellas. Falla d'esta freguezia o padre Carvalho na sua *Chorographia*, porém já não existe ha mais de 100 annos.

Tinha em 1750 80 fogos.[1]

40.ª—*Rebolosa*, termo d'Alfaiates, do mesmo bispado.

42.ª—*Reigada*, ou *Arreigada*, villa do mesmo bispado.

[1] Supponho que esta freguezia é a que se chama *Rendo*.

42.ª—*Rendo*, no termo do Sabugal, do mesmo bispado.

43.ª—*Rio Sêcco*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

44.ª—*Rovina*, *Ruvina* ou *Ruivinha*, termo do Sabugal, do mesmo bispado.

45.ª—*Ruivoz*, do mesmo termo e bispado.

46.ª—*Sabugal* (Santa Maria do Castello).

47.ª—*Sabugal* (S. João Baptista).

48.ª—*Souto*, no mesmo termo e bispado.

49.ª – *Valle de Coelha*, villa.

50.ª—*Valle de Affonsinho*, termo de Castello-Rodrigo.

51.ª—*Valle de Espinho*, termo do Sabugal.

52.ª—*Valle das Eguas*, idem.

53.ª *Vallongo* ou *Valle-Longo*. idem.

54.ª—*Valle de la Mulla*, termo de Almeida.

55.ª—*Vermiosa*, termo de Castello-Rodrigo.

56.ª—*Villa-Bôa*, termo do Sabugal.

57.ª—*Villar d'Amargo*, termo de Castello-Rodrigo.

58.ª—*Villar Formoso*, termo de Castello-Bom.

59.ª—*Villar-Maior*, villa.

60.ª—*Villar Torpim*, termo de Castello-Rodrigo.

—

SABUGO—aldeia, Extremadura, na freguezia de Almargem do Bispo, concelho de Cintra, 22 kilometros ao NO. de Lisboa, e 7 de Bellas, 108 fogos, em duas aldeias (Sabugo de Cima e Sabugo de Baixo).

Passa lhe pelo meio a estrada real de Lisboa a Mafra.

A um kilometro de distancia está a bonita ermida de Nossa Senhora da Piedade, onde ha missa todos os domingos e dias santificados, e grande festa annual á Padroeira e a S. Sebastião, com um concorrido arraial, tudo á custa dos habitantes do Sabugo.

Segundo a tradição, esta ermida foi fundada em cumprimento do voto que fez um maritimo, que, vendo-se em perigo, no alto mar, prometteu fazer uma capella dedicada á Senhora da Piedade, no primeiro monte que visse em terras de Portugal.

O povo d'esta aldeia, emprega se quasi exclusivamente na agricultura, e é trabalhador e de bons costumes.

É uma povoação bonita e muito saudavel e a sua agua é talvez a melhor de todo o concelho de Cintra.

Tem uma boa pharmacia, mas o cirurgião mais proximo móra na villa de Cintra, pelo que o boticario faz as suas vezes.

Pouca gente d'aqui sabe ler, porque a escola de instrucção primaria é na povoação de Almargem, a uns 5 kilometros de distancia.

Tem um talho e carne de vacca, nas terças e sabbados.

Vem para aqui passar os mezes da estação calmosa algumas familias de Lisboa, e entre ellas o actor querido das nossas platéas, Raymundo de Queiroz Sarmento e os seus.

SABUGOSA—villa, Beira Alta, na comarca e concelho de Tondella (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de S. Miguel do Outeiro) 15 kilometros ao S. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1133 D. Affonso Henriques coutou para o mosteiro de Lorvão, o de *Sperandei*, com a villa do mesmo nome *Sabugosa*, *Treixêdo* e *Midões*.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 115 vs. col. 1.ª) Este foral serve tambem para *Minhólos* e *Póvoa do Carregueiro*.

Quando se coutou e deu esta freguezia aos frades de Lorvão, em 1133, era padroeiro d'ella S. Mamede, e a matriz na aldeia que ainda conserva o nome do seu primittivo padroeiro. Ainda existe este templo, que não passa de uma ermida, onde apenas cabem 40 pessoas.

Ainda em um dos cunhaes d'esta ermida se conserva desde a data do foral a medida

do *guorazel*[1] que o que matava porco tinha de dar ao mosteiro de Lorvão.

Segundo a tal medida, esta peça de carne devia ter—«cinco palmos *largos*, da parte de cima—quatro palmos e tres dedos *largos* da parte de baixo—um palmo *largo*, de alto. Os cinco palmos são da parte da barriga; ficando a parte mais curta da suan.»

Deve, porém, confessar-se que, com o tempo, os frades se limitaram a exigir apenas aquillo a que hoje se dá o nome de *corasil*—o rabo e um palmo do espinhaço, de 4 dedos de largo.

O foral diz assim:

«Pagam mais quaesquer moradores nos «Logares das Sabugosas, se matarem por«co macho, um guorazel, a saber: Cortado »ho porco pollo meyo, e fendido, toma se «d'ametade d'aquelle porco, huum peda«ço, contra o rabo, d'onde tomam uma «medida de couto: (é a tal que está no cu«nhal da capella) e d'alli correm contra as «costas, até chegarem na segunda costa, con«tando a *mendinha* (primeira costella pos«terior) e cortam por aquelle direito da «*medida grande e pequena*, a cordel, direito; «e d'aquillo chamam Guorazel. A qual mar«ca fica demarcada na parede da Igreja do «seu Lugar, a que chamam S. Mamede. *E «por ella mandamos que todallas da Comar«ca se julguem.* De porca femea não se paga «*Gorazyl*, que aqui chamam *Gorázel*, nem «outro fôro, salvo se a porca fôr capada na «cama; porque, se depois a caparem, não se «pagará *Guazel* (cada vez escreve esta pala«vra de diverso modo) déla: e da capada na «cama pagarão como de porco.»

É muito provavel que os povos d'aqui não cahissem em matar porcos nem *porcas capadas na cama*, preferindo matar porcas capadas *no tarde*, para se eximirem de dar quasi metade aos frades.

[1] *Guorázel*, portuguez antigo—hoje diz-se *corasel* ou *corasil*. É o rabo do porco e a extremidade posterior da espinha dorsal, com o seu competente toucinho; mas para os frades de Lorvão, o *guorazel*, abrangia uma grande parte do porco, como se vê do texto.

—

Acabámos de ver que, segundo o foral, a egreja da freguezia, em 1514 era a de S. Mamede, no logar d'este nome. Vejamos agora o que diz o *Sanctuario Mariano* vol. 5.º pag. 414.

«A villa de Sabugosa, que dista da cida«de de Viseu quasi tres leguas para a par«te do meio dia, é antiga, mas, em seus prin«cipios, devia ser muito limitada, e devia ter «muito poucos visinhos; e assim, tinham a «sua parochia em um logar distante um «quarto de legua, a que ainda hoje cha«mam *Canas de Sabugosa*,[1] que lhe fica «tambem quasi ao sul, e cuja matriz se «intitula Santa Maria de Canas.[2]

«Na villa tinham uma ermida, dedicada «a Nossa Senhora do Pranto,[3] com a qual «todo aquelle districto havia mui grande de«voção.

«Cresceu a villa em moradores, e, levan«do estes agramente o trabalho de hir a Ca«nas, principalmente no inverno, a satisfa«zer o preceito da missa, em que lhes era «forçoso passar um rio, que no inverno é «caudalosissimo, fizeram seus requerimen«tos ao bispo diocesano, e conseguiram que «a casa da Senhora do Pranto se erigisse «em parochia, ficando os moradores obri«gados a satisfazer ao seu novo parocho o «trabalho e a assistencia. Dizem que foi is«to pelos annos de 1580, pouco mais ou «menos.

«Quanto aos principios da primeira casa «de Nossa Senhora do Pranto, não ha (por

[1] Canas de Sabugosa ainda existe e é uma freguezia do mesmo concelho de Tondella. (2.º vol. pag. 77, col. 2.ª)

[2] A sua primeira padroeira foi Nossa Senhora da Assumpção: (Santa Maria de Canas) hoje, é Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias.

[3] Hoje diz-se Nossa Senhora da Piedade. D'esta obra, não se falla na egreja de S. Mamede!—O foral e todos os livros antigos dão a esta freguezia o nome de *Sabugosas*. Seria uma Sabugosa onde hoje é a actual villa, e fosse sua Padroeira Nossa Senhora do Pranto; e outra na aldeia de S. Mamede, tendo este Santo por padroeiro? É o que parece mais provavel.

«ser antiquissima) quem possa dizer d'ella «alguma cousa.

«Conseguindo os moradores da villa de «Sabugosa a licença de levantarem nova pa«rochia, edificaram de novo, *a fundamentis*, «um templo capaz para o seu povo, e fize«ram-lhe a porta para a parte occidental; «mas, como pelas costas lhe ficava a estra«da real, que vae para a cidade de Coim«bra, a mudaram logo para a parte do «oriente.

«Este novo templo dedicaram á mesma «Senhora do Pranto, querendo que ella fos«se, como havia sido até alli, a sua prote«ctora e padroeira, que não era justo dei«xarem de a acceitar por tal.»

A imagem da primittiva padroeira é de barro, e de uns 70 centimetros de alto, com seu filho morto nos braços, e, apesar de antiquissima, é de optima esculptura.

Pelos annos de 1660, mandaram fazer nma nova imagem da padroeira, e a collocaram no altar-mór, pondo a antiga na sachristia, onde se acha.

Construida a nova egreja, instituiram n'ella uma irmandade, cujos estatutos foram confirmados depois, pelo doutor provisor do bispado, *in sede vacante*, a 22 de fevereiro de 1651.

Diz Frei Agostinho de Santa Maria, que já antes da confirmação, pelo provisor, o papa Urbano VIII, por bulla de 5 de maio de 1649, havia concedido grandes indulgencias aos membros d'esta irmandade.

Frei Agostinho, quasi sempre tão bem informado e verdadeiro, errou aqui (ou o fizeram errar) porque Urbano VIII, foi eleito papa, em 1623, e falleceu em 1644.

Em 1649, já era papa o seu successor, Innocencio X.

—

Condes (hoje marquezes) *de Sabugosa*

1.º conde — *Vasco Fernandes Cesar de Menezes*. Sendo vice rei do Estado do Brasil, em 1729, o secretario de estado, Diogo de Mendonça Corte-Real, lhe participou que D. João V lhe havia dado o titulo de conde de Sabugosa (a elle Vasco) e que logo podia assignar-se conde, sem embargo de não ter ainda a carta, que se lhe passou a 19 de septembro d'esse mesmo anno de 1729.[1]

Por herança de seus maiores, era Vasco Fernandes Cesar de Menezes, alcaide-mór de Alemquer e outros castellos, desde 11 de maio de 1499—alferes-mór, desde 23 de julho de 1664. A varonia d'esta casa, é *Cesar*.

Procede de *Pedro Pires Cesar*, cidadão de Leiria, e que já anda nomeado no foral que D. Sancho I deu a esta cidade, em 13 de abril de 1195.

Sabe-se que ainda vivia em 1219.

Foi seu 3.º neto, *João Cesar*, nobre fidalgo, natural da mesma cidade de Leiria, e n'ella vereador da camara, do qual D. João I fazia grande conceito, e n'elle tinha plena confiança, pois o occupou nas *Inquirições reaes* sobre honras, e em outras que mandou fazer em Alem-Douro, em 1301.

D'este procede *Vasco Fernandes Cesar* que serviu em Africa, no reinado de D. Manuel, e foi capitão de Çafim, e que depois, sendo capitão de uma galé, ou fusta, com ella desbaratou seis chavecos de mouros.

Quando regressou a Portugal, já tinha morrido o rei D. Manuel, e seu filho, D. João III, lhe accrescentou o seu brazão de armas com seis galés, em memoria da sua façanha na Africa.

O mesmo soberano o nomeou provedor dos Armazens, em 1531, e no mesmo anno o fez commendador de Lomar, da ordem de Christo.

Foi seu filho, *Luiz Cesar de Menezes*, commendador de S. Pedro de Lomar, e guarda-mór das naus da India, e depois provedor dos Armazens, e alcaide-mór de Alemquer.

Foi seu filho:

Vasco Fernandes Cesar, do conselho d'elrei, provedor dos Armazens e armadas d'este reino, general da artilheria, alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. Pedro de Lomar, e de S. João do Rio Frio, tambem da ordem de Christo.

[1] Na *Resenha das familias titulares, do reino de Portugal*, diz-se (pag. 196) que o titulo de conde, data de 26 de junho de 1640. Se assim é, este titulo não foi confirmado por D. João IV, depois da restauração do 1.º de dezembro d'esse anno.

Falleceu em 24 de dezembro de 1640.

Tinha casado com D. Anna de Menezes (filha de D. Manuel Pereira, filho e herdeiro de D. Diogo Pereira, 4.º conde da Feira) a qual tinha fallecido em 16 de dezembro de 1638.

Filhos d'este matrimonio:

1.º—*Luiz Cesar de Menezes*, que lhe succedeu, e do qual adiante trato;

2.º—*Manuel Pereira Cesar*, que nasceu em 1631, e, passando a servir na India, lá falleceu.

3.º—*Pedro Cesar de Menezes*, commendador de S. Salvador do Minho, da ordem de Christo, governador e capitão-general de Angola, do conselho de guerra. Falleceu em 1666.

Tinha casado com sua sobrinha, D. Guiomar Henriques, filha de seu irmão, Luiz Cesar, e tiveram D. Vicencia Luiza Henriques, que casou com seu primo, D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, conde da Feira, e não tiveram filhos.

4.º—*Sebastião Cesar de Menezes*, que foi deputado do Santo Officio, em Coimbra, e na mesma cidade inquisidor geral, arcediago da Sé de Lisboa, desembargador do paço, deputado da junta dos Tres Estados, bispo eleito do Porto e de Coimbra, arcebispo eleito de Lisboa, embaixador a França, inquisidor geral, e do conselho de estado.

Morreu no Porto, em 29 de janeiro de 1670.

5.º—*Diogo Cesar*, religioso franciscano, da provincia de Xabregas, da qual foi provincial.

6.º—*D. Cecilia de Menezes*, mulher de D. Pedro de Castello-Branco, 1.º conde de Pombeiro.

7.º—*D. Joanna da Silva*, mulher de D. Alvaro Coutinho, commendador e alcaide de Almourol.

—

D. Luiz de Menezes, filho primogenito de Vasco Fernandes Cesar, foi alcaide-mór de Alemquer, commendador de Lomar e de Rio-Frio, provedor dos Armazens e armadas, officio que largou pelo de alferes-mór do reino. Morreu a 12 de agosto de 1666.

Tinha casado com D. Vicencia Henriques, filha de Manuel de Mello, monteiro-mór do reino, e de D. Guiomar Henriques, filha de Pedro da Cunha, senhor de Gestaçô e Panoias.

Foram seus filhos:

1.º—*Vasco Fernandes Cesar de Menezes*, do qual adiante trato.

2.º—*Francisco Cesar*, conego e arcediago da Sé de Lisboa.

3.º—*Pedro Cesar de Menezes*, que na guerra da acclamação foi general de cavallaria, das provincias do Minho e Traz-os-Montes, e mestre de campo general. Serviu com grande reputação de valente, durante esta guerra; e sendo mandado pelo regente (depois D. Pedro II) por governador e capitão general do reino de Angola, morreu no naufragio que padeceu o seu navio em 1674.

—

Vasco Fernandes Cesar de Menezes, não succedeu na casa, por morrer em vida de seu pae (em 1658).

Casara com D. Maria Magdalena de Lencastre, filha de D. João Mascarenhas, 3.º conde de Santa Cruz, e tiveram um unico filho, que foi

Luiz Cesar de Menezes, que succedeu a seu avô na casa.

Foi alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. João de Rio Frio, e de S. Pedro de Lomar, alferes-mór do reino, governador do Rio de Janeiro, capitão-general de Angola, e depois da Bahia, d'onde voltou em 1710, e falleceu a 20 de fevereiro de 1720.

Tinha casado com D. Marianna de Lencastre, filha de Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche.

Foram seus filhos:

O 1.º conde de Sabugosa

1.º—*Vasco Fernandes Cesar de Menezes*, do qual adiante se tracta.

2.º—*Rodrigo Cesar de Menezes*, brigadeiro de infanteria, e depois, governador da capitania de S. Paulo (Brazil) e, no seu districto, descobriu as *minas de Cuyabá*.

Voltando ao reino, foi nomeado governador e capitão general d'Angola.

Foi depois (1735) feito general de batalha.

Falleceu em 1738.

3.º — *D. Ignez de Lencastre*, mulher de Diogo Correia de Sá, 3.º visconde da Asseca.

4.º—*José Cesar de Menezes*, prior da collegiada de Cedofeita (Porto) e principal da Sé de Lisboa.

5.º — *D. Maria d'Alemcastre*, mulher de João Pedro Soares da Veiga Avellar Táveira e Noronha, provedor da alfandega de Lisboa.

Esta senhora, casou a 31 de janeiro de 1698, e no mesmo dia adoeceu de bexigas, morrendo logo a 13 de fevereiro!

6.º—*D. Joanna Bernarda de Noronha*, mulher de João de Saldanha da Gama, senhor da villa de Assequins, commendador da ordem de Christo, gentil homem da camara do infante D. Antonio.

7.º—*João Cesar*, monge de Cister (bernardo) e mestre de theologia na sua ordem.

—

Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1.º conde de Sabugosa, nasceu a 16 de outubro de 1673.

Foi alferes-mór do reino, alcaide-mór de Alemquer, commendador de S. João de Rio-Frio, e de S. Pedro de Lomar.

Foi mestre de campo do terço da armada, e, depois, general de batalha, e vice-rei da India, e por fim, vice-rei do Brasil.

Morreu em 24 de outubro de 1741.

Tinha casado em 1696, com D. Julianna de Lencastre, filha de D. João Mascarenhas, conde de Santa Cruz, mórdomo-mór de D. Pedro II.

Foram seus filhos:

1.º—*Luiz Cesar de Menezes*, do qual adiante se trata.

2.º—*D. Thereza Ignacia de Moscoso*, dama do paço, mulher de D. Henrique da Costa, 4.º conde de Soure.

3.º—*João Carlos Cesar de Moscoso*, deão da Sé de Lisboa e depois principal da mesma.

4.º—*D. Marianna Rosa de Lencastre*, mulher de Rodrigo de Mello da Silva, conde de S. Lourenço.

5.º—*Pedro Cesar de Menezes*, que morreu solteiro, na edade de 35 annos.

6.º—*Joaquim Cesar de Menezes*, que morreu na edade de 3 annos.

7.º—*D. Ignez Brazia de Gusmão*.

8.º—*D. Francisca Policena*, freira do convento da Annunciada, em Lisboa.

—

Luiz Cesar de Menezes, 2.º conde de Sabugosa, nascido a 27 de agosto de 1698, herdeiro da casa de seu pae.

Foi veador da casa da rainha, D. Marianna d'Austria (filha do imperador Leopoldo I, mulher de D. João V); capitão de cavallos; academico, e censor da academia real, deputado da junta dos Tres Estados, e gentilhomem da camara de D. José I (quando ainda principe do Brasil) feito em 13 de agosto de 1730.

Casou, em 16 de outubro de 1728, com D. Anna Mascarenhas, dama do paço, filha de D. Fernão Martins Mascarenhas, 2.º conde d'Obidos, meirinho-mór do reino, e de sua mulher, D. Brites Mascarenhas da Costa, condessa do Sabugal.

Foram seus filhos:

1.º—*D. Maria Thereza d'Assis Mascarenhas*, nascida a 31 d'agosto de 1729, e fallecida a 25 de outubro de 1742.

2.º—*Vasco José Cesar de Menezes*, que nasceu a 27 de fevereiro de 1731, e falleceu a 26 de janeiro de 1749.

3.º—*Fernando José Cesar de Menezes*, que nasceu a 7 de setembro de 1733, e morreu de tenra edade.

—

Não deixando herdeiros Luiz Cesar de Menezes, 2.º conde de Sabugosa, passou a casa a sua irmã:

D. Marianna Rosa de Lencastre, 3.ª condessa de Sabugosa, 6.ª condessa de S. Lourenço, por casar com Rodrigo de Mello e Silva, 6.º conde de S. Lourenço.

Nasceu (a condessa) em 18 de dezembro de 1700, e falleceu a 10 de novembro de 1748.

Nasceu d'este matrimonio:

Marquezes de Sabugosa

Antonio Maria de Mello da Silva Cesar e Menezes, 4.º conde e 1.º marquez de Sabugosa, 7.º conde de S. Lourenço, 9.º alcaide-mór d'Elvas, 7.º alferes-mór do reino, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de S. Bento d'Aviz, commendador da de Christo, e conselheiro de guerra.

Nasceu a 31 de janeiro de 1743, e morreu a 4 de junho de 1805.

Casou a primeira vez, em 1760, com D. Joaquina José Bento Maria de Menezes, 2.ª filha dos 4.ºs marquezes de Marialva — e a 2.ª, com D. Anna Francisca de Souza (dama da rainha D. Maria I) filha dos 5.ºs condes de Villa-Flor, Antonio Francisco de Paula Manuel de Souza e Menezes, e de D. Joanna Maria Josefa Manuel de Mendonça, sua tia (do marido) e dama da rainha D. Marianna d'Austria.

D. Anna Francisca de Souza, tambem era viuva de D. João de Mello Homem.

Filhos do 1.º matrimonio:

1.º—*D. Anna Rosa*, que casou com o conde de Barbacêna.

2.º—*D. Maria José*, nascida a 25 de julho de 1762, e morreu a 18 de abril de 1794.

Foi casada com D. João Manuel da Costa, da casa dos condes de Carvalhaes:

3.º — *José Antonio*, do qual adiante se trata.

4.º—*Manuel José*, que foi conego da patriarchal.

5.º—*D. Joaquina Maria*, condessa de Sampaio.

6.º—*D. Helena Gertrudes*, viscondessa da Asseca.

7.º — *João José*, cavalleiro de S. João de Jerusalem, official de cavallaria.

8.º — *Pedro José*, que morreu de pouca edade.

9.º — *D. Marianna Delfina*, condessa de Soure.

10.º—*D. Isabel Fausta*, condessa de São Vicente.

Ficando viuva, casou 2.ª vez, em 11 de novembro de 1816, com D. José Fernando de Menezes Cabral Brito d'Alarcão Freire d'Andrade, senhor de um morgado em Coruche, do Alemtejo.

11.º — *D. Margarida Domingos*, condessa de Carvalhaes.

12.º—*D. Maria das Dores*, condessa de Barbacêna.

Filhos do 2.º matrimonio:

13.º—*D. Maria José*, condessa de Villa-Flor (depois, duqueza da Terceira).

14.º—*Antonio*, official de cavallaria.

—

2.º marquez de Sabugosa, José Antonio de Mello da Silva Cesar e Menezes, 8.º conde de S. Lourenço, 10.º alcaide-mór d'Elvas, 8.º alferes-mór, par do reino em 1826, gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, commendador da de Torre Espada, tenente-general, conselheiro de guerra, presidente do conselho ultramarino, deputado da junta dos Trez Estados, governador e capitão general dos Açores.

Succedeu a seu pae em 4 de junho de 1805.

Tinha nascido a 19 de novembro de 1763, e casado, a 12 de fevereiro de 1793, com D. Leonor Maria José de Sampaio, fallecida em 28 de fevereiro de 1816, e 1.ª filha dos 1.ºs condes de Sampaio.

Foram seus filhos:

1.º—*Antonio José de Mello Silva Cesar de Menezes*, de quem adiante se trata.

2.º—*D. Maria Thereza*, casada com D. Manuel Maria da Camara, coronel de cavallaria, e vice-rei da India, do qual teve 5 filhos e seis filhas. [1]

Casou 2.ª vez, com o barão de Sabroso. (Vidè *Sabroso*).

3.º—*José*, gentil-homem da camara de D.

[1] D. Manuel Maria da Camara, era 3.º filho de D. Luiz Antonio José Maria da Camara, 6.º conde da Ribeira Grande, que foi casado tres vezes, e D. Manuel Maria, era filho do 3.º matrimonio, e sua mãe, era, D. Francisca Telles da Silva, 7.ª filha dos 2.ºs marquezes de Penalva.

A 1.ª filha (do 2.º matrimonio, pois do 1.º não houve filhos) do 6.º conde da Ribeira-Grande, foi a 1.ª marqueza de Ponta Delgada, D. Leonor da Camara, fallecida em 27 de março de 1850.

João VI, commendador da ordem de Christo, e official de cavallaria, nascido a 23 de abril de 1800, e já fallecido.

—

Antonio José de Mello Silva Cesar de Menezes, herdou a casa e os titulos de seu pae, e foi 3.º *marquez de Sabugosa*, e 9.º conde de S. Lourenço.

Nasceu em 17 de novembro de 1794.

Foi tenente general do exercito realista que depois convencionou em Evora-Monte, mas tinha sido demittido pela ordem do exercito (do sr. D. Miguel I) n.º 130, de 21 de dezembro de 1833, por se ter apresentado aos liberaes, antes da convenção.

—

É actual marquez de Sabugosa (desde 30 de abril de 1852) o sr. Antonio Maria José de Mello Silva Cesar de Menezes, que herdou a casa e titulos de seu pae.

—

As armas dos marquezes de Sabugosa, são:

Escudo esquartelado — no 1.º quartel, 6 fustas, em agua, em duas pallas, com ramos d'ouro, e cada um com dois pendões de púrpura, um na prôa, outro na pôpa — no 2.º, cinco vieiras de ouro, realçadas de negro, em campo de púrpura—no 3.º, as armas dos Mascarenhas (trez faxas d'ouro, em campo de púrpura)—e no 4.º, a dos Alencastres (as de Portugal, com a quebra de bastardia)— Por timbre, uma das fustas do escudo.

(Já fica dito porque razão se augmentou o escudo dos Cesares, com as seis fustas).

—

O sr. Antonio Vasco de Mello, filho primogenito do actual sr. marquez de Sabugosa, é bacharel em direito, pela universidade de Coimbra, e casado com a sr.ª D. Marianna das Dôres de Mello, feita condessa de Murça, no 1.º de março de 1871.

Já tem filhos.

—

Em outubro de 1875, o governo effectuou a compra dos raros e riquissimos manuscriptos que possuíra a casa dos condes de S. Lourenço, da qual é hoje representante, a sr.ª condessa de S. Lourenço, e o sr. marquez de Sabugosa seu filho.

São 897 documentos, e todos elles de grande valor como subsidio para a historia politica.

Fazem parte da collecção 64 cartas de D. João de Castro e authographos das seguintes notabilidades — conde da Castanheira, D. Jeronymo Ozorio, o chronista João de Barros, André de Rezende, D. João de Mascarenhas, Martim Affonso de Souza, D. Alvaro de Castro, D. Aleixo de Menezes, Antonio Moniz Barreto, Antonio Pinheiro, D. Estevão da Gama, Henrique de Souza Chichorro, D. Jeronymo de Menezes, Lourenço Pires de Tavora, Luiz Falcão, etc.

Tambem se encontram n'esta preciosa collecção os documentos relativos ás côrtes de Torres Novas, reunidas em 1438, para prover ao governo do reino por morte de D. Duarte: documentos anthenticos que tiram as duvidas que existiam ácerca d'aquellas côrtes, como succede com as de Lamego.

Embora a colleção estivesse avaliada no inventario em 4:500$000 réis, o sr. marquez de Sabugosa preferiu cedel-a ao governo portuguez, mais barata ainda, a vendel-a no estrangeiro por quantia superior, que de certo alcançaria.

É digno de louvor e honroso o seu procedimento.

—

Sabugosa 17 de setembro de 1855.

Chegaram hontem á noite a esta villa, onde se demoram alguns dias, os honrados cavalheiros Antonio Correia da Silva, José Correia d'Oliveira, Antonio Correia de Oliveira e a mais familia.

Os srs. Correias foram e tem sido sempre muito bem recebidos n'esta terra, onde são admirados, e com razão, pela sua rara philantropia e piedade, e eu faltaria a um dever, tornando-me digno de censura, se em nome de toda esta freguezia, não viesse d'este tribunal agradecer-lhes, conforme m'o permitte o meu acanhado talento, tantos e tão grandes beneficios que suas senhorias tem feito a esta freguezia.

Aborreço a lisonja, e não intento tecer elogios, porque conheço a minha insufficien-

cia, e com grande sacrificio me arrojo a manifestar a minha ignorancia do idioma patrio, mas a isto me obriga não tanto a gratidão, como o desejo de expôr aos olhos de todos, acções que podem servir de norma e incitamento á pratica da virtude, e que não devem ficar no esquecimento.

Os srs Correias, são naturaes de Sabugosa; porem, amigos do trabalho e dotados de um genio emprehendedor, resolveram viajar, invocando o auxilio da Senhora do Pranto; e o sr. Antonio Correia da Silva, foi para Lisboa, e seus sobrinhos, os srs. José Correia de Oliveira e Antonio Correia de Oliveira, emigraram, cêrca do anno 1850, para o Pará, d'onde regressaram em 1873 para Lisboa, onde actualmente todos residem.

Em acção de graças a Nossa Senhora do Pranto, por terem chegado ao reino a salvamento, e por terem sido felizes nos seus negocios, aquelles rarissimos e generosos, homens protestam, não obstante terem filhos, ceder de grande parte da sua fortuna a favor dos pobres e obras pias.

Eis, além d'outros que omitto, alguns exemplos.

O sr. Antonio Correia da Silva, mandou dar nova fórma e encarnar a imagem da dita Senhora do Pranto, presenteando-a com um riquissimo andor, brilhantemente dourado, e suas respectivas andas ou muletas; e agora n'esta visita, trouxe para a egreja da mesma Senhora, uma pia baptismal de marmore, tão bem exarada que até não está em proporção com a egreja.

Não posso dizer o valor dos objectos, porque os doadores não o dizem e aborrecem quem lh'o pergunta ou os elogia.

O sr. Antonio Correia de Oliveira, constando-lhe que esta egreja estava quasi em ruinas, supplicou e poude mover a junta de parochia a reedifical-a, offerecendo a quantia de 150$000 réis, para aproveitar a qual esmola é que a obra se fez; e deu mais um vestido de seda para o Menino Jesus.

O sr. José Correia de Oliveira presenteou a mesma Senhora com uma capa que se sabe custou 48$000 réis e com uma riquissima corôa de prata; deu mais para uso d'esta egreja uma umbella, que é avaliada em 50$000 réis; e trouxe finalmente agora uma capa para a Senhora do Rozario, que ainda não vi, mas que deve ser tambem rica.

É tambem digna de mensão uma estrondosa festividade, que a expensas suas mandou fazer este senhor, no dia 9 de agosto de 1874, á mesma Senhora do Pranto, mandando-me distribuir pelos pobres d'esta villa a quantia de 7$000 réis, além d'outras avultadas esmolas que elle mesmo deu a alguns necessitados, etc.

Ahi ficam descarnadamente e sem commentarios, porque d'elles não carecem, descriptas algumas acções que enobrecem os illustrissimos senhores Correias.

Bem hajam, pois, suas senhorias, mil vezes bem hajam, e Deus seja servido conservar largos annos taes homens, para exemplo sobre a terra, porque o Ceu de certo lhes pertence.

Padre João Luiz Parreira.
(Extrahido da *Atalaia*, de Viseu.)

—

SABUGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Gouveia) 80 kilometros a E.N.E. de Coimbra, 310 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Clima excessivo, mas saudavel. Fertil em cereaes. Muito gado miudo, e grande abundancia de caça grossa e miuda.

SACA—portuguez antigo (é arabe)—dava-se este nome ao direito que se pagava das fazendas ou generos que hiam por mar para o estrangeiro.

Dava-se o mesmo nome á licença para transportar cousas para fóra do reino. *Eramos requeridos dos nossos naturaes, e de outros estrangeiros. que lhe hovessemos de dar* saca *de pam e de gaados, pera fóra dos nossos Regnos.* (Cod. Alf., 2.° 5.°, tit. 48, § 3.°)

D'aqui vinha *sacar*, que significava—levar qualquer cousa de uma para outra parte.

No estylo figurado, significava *proferir muitas mentiras*. Hoje o povo diz *despejar o sacco* das mentiras, com a mesma significação.

Com o andar do tempo veio a dar-se o nome de *sacada*, á contribuição, finta, fôro, renda, ou tributo; e ainda se chama *sacador* ao que se occupa na cobrança d'estas cousas.

Teverom per ben de alcançarem fintas e sacada, *pelo termho da Villa de Viseu, no anno de 1336, em que cason com D. Constança, o infante D. Pedro.* (Doc. de Maceira dão.)

As sacadas não eram porém eguaes em toda a parte: regulava o antigo costume da terra.

Eram isentos de sacadas todos os logares, aldeias, casaes e herdades, das egrejas, ou dos mosteiros, e todos os reguengos que pagavam fôro á corôa.

Os povos da freguezia de *Agro-Chão* (Traz os Montes), concelho de Vinhaes, eram, por antigo privilegio, e por consentimento da cidade de Bragança (a cuja comarca então pertenciam) isentos do pagamento de sacadas, *em remuneração de grandes serviços que em tempo de suas aperturas* (da cidade) *lhe fizeram.*

Como a maior parte dos tributos e contribuições se pagavam no fim de junho, tambem em muitas partes se dava aos *sacadores* o nome de *sanhoaneiros*, e depois *sanjoaneiros*, e ás rendas que então se pagavam —*sanjoaneiras*.

SACAPARTE (Nossa Senhora de)—Grande e antiquissimo templo do Riba-Côa, (Beira Baixa) na freguezia e a 3 kilometros da villa de Alfaiates, comarca e concelho do Sabugal, antigo bispado de Cidade de Rodrigo, depois de Lamego, e desde 1774, do de Pinhel.

Fica perto da villa do Sabugal e da freguezia de Aldeia da Ponte (tambem do concelho do Sabugal).

Está entre a villa de Alfaiates e a raia hespanhola, d'onde dista tambem 3 kilometros. Está a egreja situada em uma vasta planicie, onde não ha outros edificios ou habitações além do templo, residencia do eremitão e casas para abrigo dos romeiros.

Segundo o padre Vasconcellos, na *Descripção do reino de Portugal* (pag. 539, n.º 16) e a *Monarchia Lusitana* (5.ª parte L.º 16, cap. 51), esta egreja foi construida no tempo dos gôdos, e n'ella se celebraram os officios divinos em todo o tempo do dominio mourisco, mediante certo tributo.

Não se sabe qual foi a primeira invocação d'esta Senhora, e para explicarmos a actual, temos que hir consultar a Historia.

Havia nos primeiros annos do seculo XIV, na Castella Velha, um fidalgo poderosissimo, chamado D. Alvaro Nunes de Lára, senhor da cidade de Lára, na Castella Velha.

Era rei de Castella, D. Sancho, o *Bravo*, (filho de D. Affonso, o Sabio) que não podia tolerar a soberba d'este fidalgo arrogante. Principiou com elle as hostilidades, sitiando-lhe o pae (D. João Nunes de Lara) na cidade de Albarrazim. [1]

D. Luiz, ajudado com tropas do rei de Navarra e de algumas do de França, rompeu a guerra contra D. Sancho; e, como Portugal era o valhacouto de todos os descontentes leonezes, castelhanos e mais hespanhoes, localisou-se esta guerra no territorio do Riba-Côa, onde os castelhanos praticaram grandes roubos e destruições, sem que o nosso rei D. Diniz podesse então atalhar tantas desgraças.

Com os Láras vinha tambem o infante portuguez D. Affonso, filho segundo do nosso rei D. Affonso III, trazendo em sua companhia, Fernão Soares e Sentil Soares, nobres fidalgos, filhos de Soeiro Gonçalves de Barrundo, e irmãos de Payo Soares, mórdomo mór do mesmo infante. [2]

[1] A cidade de Albarrazim, era uma das do senhorio da nobilissima familia dos Laras. D. Sancho, o Bravo, ajudado por D. Pedro, rei de Aragão, tinha tomado esta cidade aos seus senhores, dous annos antes, dando-a a seu filho, o infante D. Fernando; mas os Láras a reconquistaram pouco depois.

[2] D. Affonso III, casado com a condessa de Bolonha, annullou, *auctoritate qua fungor*, este casamento, e casou com D. Brites, filha de D. Affonso X, rei de Leão. A condessa de Bolonha não teve filhos, e o primogenito de D. Brites, foi D. Diniz, que nasceu ainda em vida da condessa de Bolonha. D. Affonso, e seu segundo filho, nasceu depois da

Os dous partidos vieram ás mãos, dando-se uma furiosa batalha junto á villa de Alfaiates, na qual o partido dos Laras foi vencido, ficando muitos mortos no campo, sendo d'este numero Fernão Soares e seu irmão Sentil Soares. [1]

Até aqui a historia.

Segundo a lenda—vendo-se os povos da villa (então praça de guerra) de Alfaiates em risco de serem tomados por um ou outro dos partidos contendores, recorreram ao patrocinio de Nossa Senhora *Sáca-os á parte*, como quem diz—*tira-os para longe de nós;* e os castelhanos não atacaram a villa.

D'aqui se originou dar-se á Senhora o titulo de *Sacaparte*.

(É uma etymologia, como qualquer outra.)

—

No reinado de D. Diniz, era esta capella pequena e estava, por velha, muito arruinada; e como o rei vinha aqui frequentes vezes fazer grandes caçadas, pois havia por estas charnecas, grande abundancia de veados, corças, ursos, javalis, e outra caça, passava muitas vezes, por junto da capella, e, vendo-a n'aquelle estado, a mandou reedificar, desde os fundamentos, dando-lhe muito maior amplitude; por isso alguns escriptores o dão como fundador d'este sanctuario. As suas armas se vêem ainda no alto do retabulo do altar-mór. [1]

Emquanto a villa de Alfaiates foi cabeça de concelho, era a sua camara que administrava esta egreja, e nomeava eremitão e mórdomo.

O sitio onde está o templo, ainda que deserto, é agradavel e abundante de optima agua potavel, que brota de uma boa fonte, e com um tanque para beber o gado. (Alem do poço que está dentro do templo, e a cuja agua o povo attribue virtudes milagrosas.)

Junto á egreja ha uma grande albergaria para os romeiros, a qual antigamente tinha muitas camas no primeiro andar, e nos baixos cavallariças para bêstas e gado.

Em 1726, se juntaram n'esta egreja alguns devotos, sacerdotes e seculares, quinze ao todo, e fundaram um mosteiro de frades *agonisantes*, da invocação de Nossa Senhora de Sacaparte; tendo por missão confessarem, prégarem, e resarem em côro.

No reinado de D. João V, se aggregaram á ordem de S. Camillo de Lellis, de clerigos regulares, para soccorro temporal e espiritual dos enfermos.

Desde D. Diniz foram os reis de Portugal, padroeiros d'esta egreja.

Na camara de Alfaiates, existia uma sentença dada por Philippe III a favor dos vereadores, contra o bispo de Lamego (a cujo bispado então este territorio pertencia) da qual transcrevo o seguinte:

«Dom Philippe, por graça de Deus, etc.—«A vós, Bispo da cidade e bispado de La«mego, etc..... Nossa Senhora de Sacapar«te, que foy instituida por El Rey Dom Di«niz, que está no Ceo, *cuja immediata pro-*

morte de Mathilde, e fundava os seus direitos á corôa de Portugal, dizendo que era filho legitimo e D. Diniz adulterino. Isto deu em resultado grandes desordens e guerras, que muito prejudicaram o reino e que só a prudencia da rainha santa Izabel contribuiu a terminarem.

[1] D. Alvaro Nunes de Lara pôde escapar da batalha, e pôr-se ao serviço do nosso rei D. Diniz, que o recebeu com grandes distincções, e lhe fez muitas honras.

Veio D. Alvaro a ser o tronco dos Laras portuguezes, cujas armas são:

Em campo de púrpura, duas caldeiras em palla (distincção dos rico-homens) xadrezadas de ouro e negro, com oito cabeças de serpe, verdes, salpicadas de ouro, quatro em cada pegado das azas da caldeira, duas para dentro e duas para fóra.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo de prata, duas caldeiras negras, em palla, com bocaes de ouro e azas levantadas. Tanto um como outro escudo, teem élmo de prata, aberto e por timbre, meio galgo, de prata, malhado de negro, com colleira de púrpura, guarnecida de ouro.

Foi D. Affonso II (o *Gordo*), de Castella, que deu estas armas ao conde D. Alvaro Nunes de Lara, pela sua bravura na batalha das Navas de Tolosa, a 16 de junho de 1212. (Vide *Navas.*)

[1] O povo de Alfaiates diz que esta reedificação foi feita pelo rei, em cumprimento da promessa que fez á Senhora, quando, em uma caçada se viu só, e accommettido por um grande urso (outros dizem javali) e em perigo de vida.

«*tecção era sua, e dos Reys passados, e mi-*
«*nha*; sempre servida e administrada por
«pessoas leygas... e como se mostra estar
«em posse immemorial de alevantar hum
«Altar portatil na Igreja de Nossa Senhora
«de Sacparte, onde põem uma Imagem do
«Menino Jesus; e as offertas que no dito al-
«tar se offerecem, serem para a fábrica da
«dita Igreja, para o que tem mordomos el-
«leytos em Camara, etc. Porto, 14 de Junho
«de 1603.—O doutor, *Gonçalo de Faria e*
«*Andrada.*»

—

A egreja tem capella-mór, com o seu altar, e dous lateraes no corpo da egreja, todos de bôa talha dourada. Em 1710, estantando o forro da capella-mór em mau estado, se lhe construiu um novo, com grande magnificencia, e que custou 300$000 réis.

Tem a egreja uma porta principal e duas lateraes, e um bom alpendre em volta, como o de Nossa Senhora da Nazareth, da Pederneira.

É a Senhora de Sacaparte objecto da veneração de todos os póvos da Beira Baixa e da Extremadura hespanhola (vindo antigamente ás suas romarias gente da Serra da Gata, de Cidade de Rodrigo, Cória, e campos de Aragão) e do Riba-Côa, vinham os povos do Sabugal, Villar-Maior, Castello-Mendo, Aldeia da Ponte, Castello-Bom, Castello-Branco, e outras muitas povoações, quasi todos acompanhados dos seus respectivos parochos.

Tinha a Senhora varias fazendas, que alguns fieis lhe haviam doado, para com os seus rendimentos se occorrer ás despezas do culto; porém a sua receita principal consiste em esmolas e offertas dos romeiros que aqui concorriam em tão grande cópia, que, segundo a opinião de alguns, se podia construir uma egreja de prata.

Quando a villa de Castello-Mendo era capital do concelho do seu nome, fazia todos os annos uma visita á Senhora, que constava dos membros da camara, encorporados, todos montados, e muitos cavalleiros e peões, de ambos os sexos, todos vestidos de gala—isto na primeira segunda-feira, oitava da Paschoa da Resurreição.

Concorria n'esse dia muita gente dos arredores, e ainda de povoações muito distantes, formando um immenso e vistoso arraial.

Havia n'esse dia missa cantada, sermão, musica, fogo de artificio, e antigamente, jogos de cannas, cavalhadas e outros divertimentos.

No sequito dos de Castello-Mendo, vinham 18 homens, nús, da cintura para cima, trazendo cada um d'elles um grande cirio, correspondente ás principaes 18 povoações do concelho. Cada um dos cirios pesava 140 arrateis (!) e eram offerecidos á Senhora.

A esta festividade presidia o parocho de Castello-Mendo.

Tambem em todos os sabbados da quaresma era aqui grande o concurso de povo, havendo sempre sermão, missa e ladainha.

—

Segundo a lenda, a festa dos 18 cirios teve a origem seguinte:

Em tempos de que não ha memoria, apparecia por estas terras um terrivel urso, que não só devastava os campos e destruia os fructos, como matava todas as pessoas que encontrava.

N'estes apertos, recorreram á Senhora, que os livrou do monstro, e em acção de graças lhe fizeram esta grande festa.

—

Tambem no vasto terreiro que fica em volta do templo, houve antigamente trez grandes feiras, que coincidiam com as trez festas principaes, que eram: Annunciação, Assumpção e Natividade, e todas grandemente concorridas.

—

Desejando dar aos meus leitores noticias exactas sobre o estado actual d'este famoso sanctuario do Riba Côa, escrevi uma carta muito humilde ao sr. presidente da camara do Sabugal, pedindo-lhe, como um grande obsequio, me dissesse em que estado se achava o templo, e se ainda a elle concorriam, como em outro tempo, as romarias da Beira Baixa e de Castella.

Sua excellencia, julgando que responder a um obscuro e humilde escriptor publico, seria descer da posição olympica a que o

guindaram os cabos de policia da sua terra, não se dignou responder-me! Muito obrigado, sr. presidente da camara do Sabugal: fez VOSSA EXCELLENCIA muito bem!

Tenho encontrado tantos d'estes!...

SACARÍA—portuguez antigo—vem de *saca*—dava-se o nome de *sacaría* ao imposto que o povo pagava para a corôa.

D. João I disse que era seu desejo *fazer a cidade de Lisboa franca e livre de* sacarias *de alguns direitos de pequena condição, que os Reys em ella avião, de guiza que todos vevessem sem refezes sogeições, usando livremente do que houvessem*..... ..... *Entonces, lhes quitou estes custumes e direitos que haviam em usança pagar e eram—Relêgo, Jugadas de pam e de vinho, Mórdomado, Anadarias, Açougagem, Selarío, Mealharía, Londos e Alcavala. E que todolos vezinhos da Cidade e seu termo, não pagassem nenhum direito, de todalas mercadorias que levassem ou trouxessem, assi pera seus mantimentos, como pera vender. E deste lhe mandoú fazer escrituras, as mais fortes, etc* (Lopes, *Chronica de El-Rey D. João I*, parte 1.ª, cap. 154.)

SACAVEM—freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao E., 330 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

A casa de Bragança apresentava o prior, que tinha 240$000 réis.

Está a povoação poeticamente situada nas margens do rio Friellas, e proximo á sua confluencia com a margem direita do Tejo.

Sacavem é incontestavelmente uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos.

Por aqui passava uma das trez vias militares romanas (a que hia mais pelo N.) que de Lisboa se dirigia a Mérida, então capital da Lusitania, e hoje da Extremadura hespanhola.

Esta estrada sahia da parte oriental de Lisboa, passando por Chellas (parece que por junto do mosteiro das freiras) e era ahi o primeiro marco milliar

Dirigia-se a Sacavem, atravessando ahi o Friellas, por uma ponte, da qual ainda em 1670 se viam algumas ruinas.

D'aqui hia a Alvérca, onde tambem existia um marco milliar.

Torcia alguma cousa para o N. do Tejo, e passava por Alemquer, onde ainda existem claros vestigios d'esta estrada, e havia um marco milliar, dedicado ao imperador Trajano.

A primeira estação d'esta via, era em *Scalabicastrum* (Santarem), e ha todas as razões para crer que ahi atravessava o Tejo por uma ponte, da qual ha muitos annos não restam os menores vestigios.

D'alli se dirigia a Almeirim e Alpiarça, tomando o rumo de S. E., e hia passar a Alter do Chão, etc.

Como nas terras por onde passava esta estrada, fiz d'isso menção, e para se evitarem repetições, para lá remetto o leitor.

—

No livro intitulado *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, escripto pelo capitão Luiz Marinho d'Azevedo, natural da mesma cidade, e a pag. 234, se lê o seguinte:

«Logo que os mouros, senhores dos logares visinhos de Lisboa, entenderam que estava cercada, temendo que, se a cidade se perdesse, havia el-rei D. Affonso de destruil os; intentaram soccorrêl-a, para o que juntaram 5:000 de cavallo, das villas de Thomar, Torres-Novas, Alemquer, e Obulos (Obidos), parecendo lhe, que á ligeira, se poderiam metter dentro da cidade.

«Teve el-rei aviso do designio dos mouros, a tempo, e mandou 1:500 dos nossos, que lhe fossem impedir o passo, na passagem da ponte de Sacavem, *de que ainda permanecem os primeiros arcos* e alicerces de outros.

«Chegaram os nossos ao alto do logar de Sacavem, em que *havia um castello que estava pelos mouros*, e á vista d'elles commetteram os que acabaram de *passar a ponte* animosamente; e como eram os con-

«trarios mais em numero, esteve algum es-«paço duvidosa a victoria, porque os mouros «pelejavam valentemente, com mortes e fe-«rimentos de alguns dos nossos, os quaes, «animando-se mais, com um espirito sobre-«natural que lhes sobreveio, fizeram perder «aos infieis os brios, e voltando estes as costas, «como não podiam caber pela ponte, uns se «afogaram no rio, e outros foram mortos a «ferro, chegando uns e outros a 3:000.

«Chegou a soccorrer os mouros *Bezci «Zaide*, alcaide do castello (de Sacavem) «que vendo os seus desbaratados, se reco-«lheu a elle, e sendo cercado pelos nossos, «lh'o entregou logo, não podendo defen-«der-se.

«Affirmaram os que se acharam na bata-«lha, ver, no maior trance d'ella, muitos «homens estrangeiros não conhecidos, que «os ajudaram, ao tempo que imploravam o «favor da VIRGEM MARIA, Senhora nossa, á «qual el-rei D. Affonso attribuiu tão mila-«groso successo, mandando logo edificar em «seu louvor uma ermida, de que o mouro «Zaide foi o primeiro eremitão, convertido «por uma visão maravilhosa que teve antes «que a batalha se começasse.

«Havia tradição confusa d'este successo, «em tempo d'el-rei D. Sebastião, o qual, de-«sejando ter d'elle mais inteira noticia, man-«dou por um desembargador, tirar infor-«mação, no anno de 1577, e achou um livro «antigo na egreja do logar, em que se con-«tinha toda esta relação, a qual, com a er-«mida antiga, fundada por el-rei D. Affon-«so, que ainda permanecia, e a fama que «corria entre os moradores do logar, con-«firmou a memoria do livro.

«Esta quiz perpetuar Miguel de Moura, «secretario e valido de el rei D Sebastião, «pedindo-lhe o logar da ermida, para fundar «n'elle um mosteiro de religiosas; e sendo «lhe por elle concedido, o edificou, no lo-«gar da batalha [1] com o titulo de Nossa Se-«nhora dos Martyres, em memoria dos que «n'ella morreram, pelejando; para o que «foram religiosas do convento da Madre de «Deus d'esta cidade, que o fundaram, de-«baixo da regra de Santa Clara (francisca-«nas) imitando bem, com tal filiação as gran-«des virtudes, clausura, e religião do seu «instituto, que é dos mais notaveis que tem «a christandade, e de cuja recollecção trata-«remos na terceira parte d'esta obra.»

—

Ainda aqui existem os restos de uma antiga torre.

—

No reinado de D. Sancho I (1191) foram as prebendas da egreja parochial, incluidas na divisão feita para atalhar as contendas entre o prelado de Lisboa e o seu cabido.

Tinha então esta freguezia 900 fogos.

A primittiva egreja parochial estava no actual largo da Saude, mas foi totalmente destruida pelo terramoto do primeiro de novembro de 1755, e não tornou a reedificar se.

Era collegiada.

Desde então ficou servindo de matriz a capella de Nossa Senhora da Victoria, até que, em 11 de abril de 1853, a requerimento da junta de parochia, passou, por concessão do fallecido patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, para a egreja do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição dos Martyres.

A actual freguezia de S. João da Talha, era uma aldeia d'esta parochia, e d'ella foi desmembrada em 1388, e ficou formando freguezia independente.

Camarate era tambem uma povoação d'esta parochia, da qual se separou, para constituir freguezia independente, a 9 de junho de 1511.

—

Ha em Sacavem uma praça de touros, principiada em 1875 e inaugurada em 16 de maio d'esse mesmo anno, por occasião da feira do Espirito Santo

É propriedade dos srs. Francisco da Silva Almeida Pontes, e João Lamreano Duarte.

Está construida na margem direita do rio, junto á estrada que conduz á estação do caminho de ferro, e proximo á mesma estação (que é a 3.ª do caminho de ferro do norte e leste, e que tem aqui uma bonita ponte de ferro de trez arcos).

[1] Não é preciso dizer aos leitores, que esta batalha teve logar em 1147.

Quando aqui ha touradas, e tambem nas festas de Nossa Senhora da Saude, ha sempre bilhetes de caminho de ferro a preços reduzidos.

—

Ha em Sacavem, grandes armazens para deposito de vinhos.

—

Tem trez feiras annuaes, a primeira no domingo do Espirito Santo; a segunda, a 14 de agosto; e a terceira, a 14 de septembro.

Duram trez dias cada uma.

—

Estando, no anno de 1415, o rei D. João I e sua virtuosissima esposa, a rainha D. Philippa, e a sua familia em Sacavem, lhe chegou a noticia de que uma terrivel peste se tinha desenvolvido em Lisboa e seus arredores.

O rei sahiu immediatamente com a familia real para Odivellas; mas, apenas lá chegou, foi a rainha atacada, logo a 8 de julho, fallecendo a 18, com 56 annos de edade, pois tinha nascido em 1359.

Foi casada 28 annos.

—

Foi natural de Sacavem o padre Balthazar Barreira, da Companhia de Jesus.

Foi um sollicito evangelisador no reino de Angola, e muito contribuiu para a conservação d'aquelle estado, pelos sabios conselhos que deu ao governador Paulo Dias de Novaes, e pelo animo e coragem que inspirou aos portuguezes.

Depois de aqui passar quatorze annos, empregados na conversão de grande numero de gentios, passou com o mesmo fim, a Cabo-Verde, Guiné e Serra-Leôa, convertendo e baptisando, em todas estas terras, muitos reis, chefes e gentios, e edificando grande numero de egrejas.

Tinha nascido em 1538; foi 56 annos padre da companhia, e falleceu em Cabo-Verde, a 4 de junho de 1612, com 74 annos de edade.

Foi sepultado com as maiores honras, e com geral sentimento e perda para o reino de Angola.

Capellas d'esta freguezia

1.ª—*Nossa Senhora da Saude*, e que primeiro foi da invocação de Santo André.

Pertence á junta de parochia.

Em 1599 houve n'este reino uma grande peste, que causou muitas victimas.

Em Sacavem eram tantos os mortos, que já na egreja não havia logar onde se enterrassem.

Junto á egreja havia uma capella dedicada ao apostolo Santo André, e que havia sido, em tempos, a ermida de uma albergaria para passageiros pobres, e depois o foi de uma gafaria.

Resolveu o parocho que os defunctos fossem enterrados n'esta ermida, e logo ao abrir a primeira cova, se achou uma imagem da Santissima Virgem, de bôa esculptura, em marmore, o que muito alegrou o povo da freguezia, o qual tratou logo de collocar a santa imagem em um andor, e leval-a em procissão em volta da freguezia.

Consta que logo cessou a peste, pelo que deram á Senhora o titulo da Saude, collocando-a no altar da ermida, que desde então se ficou denominando Nossa Senhora da Saude.

Pelos annos de 1700, estando o templo em mau estado, por ser muito antigo, o povo á sua custa o demoliu, construindo uma outra capella, com a mesma invocação. Em quanto duraram as obras, estiveram as santas imagens na capella da quinta dos viscondes de Barbacêna.

Foi restaurada a ultima vez em 1872, com as esmolas que a junta de parochia sollicitou e obteve.

Faz-se-lhe em todos os annos uma pomposa festa, no primeiro domingo de setembro, que é sempre concorridissima, porque os povos da freguezia e circumvisinhas teem grande devoção com esta Senhora.

—

2.ª—*Nossa Senhora da Conceição* na quinta das Prêtas. É particular, e pertence aos herdeiros de Geraldo José Braancamp.

3.ª—*Santo Antonio*, na quinta de Santo Antonio da Sena, pertencente ao sr. dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.

4.ª—*Nossa Senhora da Piedade*, na quinta do Patrimonio. Pertence ao sr. José Romão Zuniga.

5.ª—*Nossa Senhora da Purificação*, na quinta da Victoria. É do sr. José Augusto Braancamp.

6.ª—*Nossa Senhora dos Anjos*, na quinta dos Anjos (vulgarmente chamada *quinta do Romão José*). Pertence á sr.ª D. Maria Joanna Pereira Guião.

7.ª—*Nossa Senhora dos Milagres*, na quinta de S. José. É do sr. Francisco dos Santos Silveira.

8.ª—*S. Francisco*, edificada no largo da Saude, em 1766. Estando em ruinas, foi demolida em 1876. Durou exactamente um seculo. Era publica.

9.ª—*S. Roque*, na quinta do Rio. Era particular, e está em ruinas. Pertence aos herdeiros do ultimo conde de Barbacêna.

10.ª—*Nossa Senhora da Victoria*, na estrada de Sacavem. É publica, e serviu de matriz, desde 1755 até 1863. Fica á entrada da povoação, do lado do O.

É templo antiquissimo, e ha toda a probabilidade para crer que já existia no tempo dos godos.

Parece que os mouros deixaram n'elle praticar os officios divinos, mediante um certo tributo, como fizeram em outras partes; pois quando D. Affonso Henriques cercava Lisboa, em 1147, estava a capella aberta ao culto, e se dava á sua padroeira o titulo de Nossa Senhora dos Prazeres, que o rei lhe mudou para o de Senhora da Victoria, desde que os portuguezes ganharam junto ao rio de Sacavem, aquella que fica referida.

Estando muito arruinada, foi demolida, pelos annos de 1690, e reconstruida de novo a capella-mór, á custa de esmolas do povo, e com uma avultada offerta dada pelo desembargador, José Galvão de Lacerda; e o corpo da egreja, á custa de D. Pedro II.

É uma bonita capella, muito clara, e revestida interiormente de azulejos.

No altar-mór está tambem a imagem de S. Francisco, que a irmandade dos terceiros alli mandou collocar, e do outro lado a de S. Caetano.

A sua festa é na primeira oitava do Espirito Santo, com grande arraial e feira, muito concorridos.

11.ª—*Espirito Santo.*

12.ª—*Madre de Deus*, na quinta da Francêlha.

13.ª—*S. Sebastião*, na quinta do Visconde, particular.

14.ª—*S. José*, tambem particular.

—

Quintas d'esta freguezia

1.ª—*de S. João* (vulgo, *do Marchante*)—do sr. visconde da Vargem da Ordem.

2.ª—*da Condessa*—do sr. conde de Penamacor.

3.ª—*do Francêlho de Cima*—do sr. J. Campello Trigueiro Martell.

4.ª—*do Francelho de Baixo*—do sr. José de Sá Nogueira.

5.ª—*da Vargem*—do sr. João Nunes Manso.

6.ª—*das Prêtas*—do sr. Anselmo José Braamcamp.

7.ª—*da Serra de Cima*—do mesmo.

8.ª—*da Victoria*—do sr. José Augusto Braamcamp.

—

Geraldo José Braamcamp, fallecendo em 1876 (em janeiro ou fevereiro) instituiu seu irmão, o sr. José Augusto Braamcamp, seu herdeiro e testamenteiro, de todos os seus bens, com obrigação de nunca alienar esta quinta para fóra da familia; pedindo-lhe que a deixe, por sua morte, a seu sobrinho, o sr. Anselmo, irmão do sr. barão de Almeirim.

Legou á congregação da Caridade, da freguezia de S. Mamede, de Lisboa, cinco contos de réis, em inscripções; e egual quantia a uma senhora que estava em sua casa; outra egual quantia ao sr. Soares.

Deixou ao caseiro da quinta de Sacavem um conto de réis em dinheiro; e ao seu criado de quarto e ao cosinheiro (do testador) 450$000 réis a cada um.

Geraldo José Braamcamp era viuvo de D. Juliana Maria de Sousa Holstein, irmã da sr.ª condessa de Rézende, e tia da sr.ª

condessa da Ribeira. Não houve filhos d'este casamento.

—

9.ª—*do Carmo*—do mesmo.

10.ª—*de Santo Antonio da Serra*—do sr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.

11.ª—*da Serra de Báixo*—do sr. Antonio Dias de Sousa.

12.ª—*do Meirinho*—do sr. José Romão Zuniga.

13.ª—*do Patrimonio*—do mesmo.

14.ª—*dos Assequins*—do mesmo.

15.ª—*da Nora-Alta*—do mesmo.

16.ª—*do Nuno*—do mesmo.

17.ª—*do Roldão*—do mesmo.

18.ª—*da Chouriça*—do mesmo.

19.ª—*dos Almosteis*—do mesmo.

20.ª—*do Mercador*—do sr. Pedro Dias de Sousa.

21.ª—*do Casquilho*—da sr.ª D. Maria José Pinto Basto.

22.ª—*do Ferro*—do sr. visconde dos Olivaes.

23.ª—*do Cangalheiro*—do mesmo.

24.ª—*Quinta Velha*—dos herdeiros do visconde de Benagazil.

25.ª—*do Pinheiro*—dos mesmos.

26.ª—*do Prior Velho*—do sr. Manuel Joaquim da Silva.

27.ª—*do Coelho*—do sr. visconde de Pereira.

28.ª—*das Areias*—dos herdeiros do visconde do Rio-Sêcco.

29.ª—*do Azeiteiro*—dos mesmos.

30.ª—*Quinta Nova*—da sr.ª D. Marianna Herculano de Oliveira.

31.ª—*da Cêrca*—da sr.ª D. Maria Angelica Villar Miranda Osorio.

32.ª—*de S. José*—do sr. Francisco dos Santos Silveira.

33.ª—*da Fonte*—da sr.ª D. Marianna Emilia Nogueira.

34.ª—*da Horta do Meio*—do sr. José Augusto Braamcamp. (Este senhor paga do seu bolso a educação de 12 meninas, nas escolas particulares.)

35.ª—*da Manteiga*—do sr. Francisco Soares da Motta.

36.ª—*dos Anjos*—da sr.ª D. Maria Joanna Pereira Guião.

37.ª—*do Côvo*—do sr. Francisco Luiz Coelho.

38.ª—*da Calçada*—do sr. Manoel Joaquim da Silva.

39.ª—*da Fonte Pêrra*—da sr.ª D. Julia Maximiana Duarte.

40.ª—*do Fonseca*—do sr. Silvestre dos Santos Ferreira.

41.ª—*do Rio*—dos herdeiros do conde de Barbacêna.

42.ª—*da Torre Vedra*—do sr. Diogo de Sousa Mello.

43.ª—*da Queimada*—do sr. visconde de Moléllos.

44.ª—*das Pinheiras*—do sr. Augusto Frederico Ethur.

45.ª—*do Aranha*—do sr. visconde de Ouguella.

46.ª—*do Casalinho*—do sr. Augusto Frederico Ethur.

—

Casaes

1.º—*do Môcho*—do sr. Antonio Maia de Campos.

2.º—*da Figueira*—do sr. João Francisco Villão.

3.º—*Casalinho do Areeiro*—do sr. Manuel Joaquim da Silva.

—

Montes

1.º—*de Cintra*—onde se está construindo uma fortificação. O seu reducto fica em boa posição, tendo por fosso o rio Friellas, batendo a linha ferrea e o valle, e cruzando o fogo com o reducto que deve construir-se no alto da Malvazia. Tem dirigido estes trabalhos o sr. capitão Eugenio de Azevedo.

2.º—*do Convento.*

2.º—*do Casal do Môcho.*

—

Lezirias

1.ª—da Quinta Velha.=2.ª—do Pinheiro.=3.ª—do Lourenço.=4.ª—do Homem.=5.ª—das Penicheiras.=6.ª—da Queimada.=7.ª—do Aranha.=8.ª—da Quintinha.=9.ª—da Bôcca do Rio.=10.ª—do Visconde do Rio Sêcco.=11.ª—do Moinho.=12.ª—do Vermelho.

Fábricas

1.ª—*de Chitas*, na quinta das Penicheiras, do sr. Augusto Frederico Ethur.

2.ª—*de louça ingleza*, na quinta do Aranha, do sr. João Houssos.

É a unica fabrica de faiança fina que, por emquanto, existe em Portugal, rivalisando os seus productos com os melhores do mesmo genero que nos vem de fóra.

Os differentes objectos aqui fabricados teem obtido premios e mençoes honrosas, nas exposições portuguezas e estrangeiras.

3.ª—*de limpeza d'ossos e derretimento de gordúras*, proxima á estação, do sr. Eduardo da Costa Casinha.

4.ª—*de fundição de ferro*, do sr. Theotonio José Xavier.

5.ª—*de chitas*, do sr. Daniel Dias de Sousa.

—

Ha em Sacavem—9 ruas—4 travessas—7 bêccos—6 calçadas—18 largos—22 azinhagas—4 arcos—uma ponte de ferro—uma de madeira (construida em 1841, em substituição da antiga ponte de barcas) tem recebedor e ajudante, para cobrarem os direitos de portagem—ha só uma fonte publica.

—

Mosteiro de freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Conceição, de Sacavem

O convento de Nossa Senhora da Conceição dos Martyres, em Sacavem, começou a a edificar-se em 1577, anno em que el-rei D. Sebastião fez mercê da ermida que estava no logar em que agora existe a egreja do convento.

A doação é datada de Salvaterra, aos 7 de dezembro do dito anno.

Foi Gregorio XIII, quem por breve de 14 de junho do mesmo anno concedeu a Miguel de Moura e sua mulher D. Brites [1] da Costa, a fundação á sua custa, do convento, concedendo lhe o padroado, e auctorisação para trazer do da Madre de Deus, as religiosas que lhes parecessem, e para com os padres fr. Damião da Torre e fr. Alvaro d'Oliveira, fazerem os estatutos, para o convento gosar todos os privilegios dos da 1.ª regra de Santa Clara.

O cardeal-rei, por carta de 27 de janeiro de 1580, datada de Almeirim, mandou dar execução ao breve.

Vieram as religiosas (8) em 13 de outubro de 1581, sendo a 1.ª abbadeça (que já o era na Madre de Deus, de Xabregas) soror Vicencia de Jesus, e 2.ª, soror Leonor, mãe da fundadora, que exerceu o cargo 7 annos, até ao seu fallecimento.

—

Miguel de Moura, em 21 de julho de 1584, doou, em Sacavem, o padroado e casas de residencia, ao convento, servindo estas, por seu fallecimento, para residencia do physico e sangrador.

Fez a escriptura o tabellião Antonio Serrão.

Esta doação foi approvada e confirmada por Philippe II, em carta regia de 16 de novembro do mesmo anno.

Só este convento, d'entre os da 1.ª regra d'este reino, era vigariaria, e n'elle havia mais religiosas do que em todos os da provincia do Algarve.

A pedra fundamental do convento foi lançada em 13 de dezembro de 1577.

A 1.ª pedra para a egreja, foi em 1 de setembro de 1596 (domingo).

Officiou o patriarcha de Jerusalem, vice-legado de Sua Santidade, acompanhado de seus ministros, padre S. Francisco, e os do convento pegado, cujo vigario era confessor.

Houve grande pompa n'esta festividade. Miguel de Moura era acompanhado do conde de Penaguião, camareiro-mór do rei, do conde de Tarouca e outras pessoas notaveis.

Junto ao convento (a pouco mais de 1 metro de distancia) havia um outro de frades, sendo 1 o vigario, e os restantes para missas no convento e serviço das religiosas (assim diz a instituição).

[1] No testamento da fundadora, vê-se *Breatiz*, e o mesmo se vê, na inscripção da sua sepultura no côro. Lá estão ambos os fundadores.

Em todos os mais documentos, está *Brites*.

(Brites, Breatiz, e Beatriz, era tudo o mesmo nome, escripto de módo diverso.)

Por fim chamou-se a este convento «hospedaria», e hoje serve para aquartelamento da força d'engenheiros que trabalha nas novas fortificações.

—

D. Sebastião, em 26 de junho de 1578, concedeu a este convento tantas esmolas quantas ao de Xabregas.

D. Philippe II, em 3 de março de 1582, concedeu-lhe:

Pela fazenda real:

500$000 réis annuaes.

Pela obra pia:

10 arrobas de assucar.

O mesmo D. Sebastião (confirmado por D. Philippe II).

Pela alfandega de Lisboa:

3 arrobas de cêra, 1 pipa de vinho, 1 pipa de vinagre, 1 pipa de azeite, 4 quintaes d'arroz, 2 quintaes de amendoas, 6 peças de figos, 6 arrobas de passas d'uvas, 50 varas de Ruão, 24 moios de trigo, 10 moios de cevada, 150 pannos de palha, 8 moios de milho, 40 alqueires de grão, e mais 5 arrobas de cêra.

Em 1834, o rendimento d'este mosteiro, era de 2:875$700 réis.

Em 27 de julho de 1598 concedeu-se a soror Maria do Espirito Santo, emquanto viveu, 50$000 réis annuaes.

Em 4 de novembro de 1593, Filippe II tomou o mosteiro para sempre em sua real protecção, favor e amparo e de todos os reis seus successores.

D. João IV, em 5 de setembro de 1650, concedeu pelo almoxarifado do reguengo de Sacavem, moio e meio de sal.

D. Philippe II, concedeu ao mosteiro «comprar toda a carne, pescado, gallinhas, frangãos, ovos e tudo quanto precisar, pagando pelo preço da terra, e mandou os almotacés e mais justiças fizessem logo dar estas cousas primeiro que a outras pessoas, levando assignado da abbadessa, assim em Lisboa como em Sacavem, e o que não cumprisse esta determinação, pagaria de pena 2$000 réis para os captivos.»

—

É tradição que a pia baptismal, existente na egreja, era a cúpula de um mirante, pertencente ao mouro, governador do castello que ali existiu, onde houve a referida acção.

O que é certo é ser uma obra de grande merecimento artistico.

—

Por decreto de 24 de maio de 1877, foi o edificio entregue, em 28, ao ministro da guerra, com exclusão da egreja, côro e algumas casas contiguas, precizas á junta de parochia e irmandade do Santissimo.

—

Sobre a fundação do mosteiro de Sacavem, lê-se na chronica de D. Henrique, sobre a vida de Miguel de Moura, por elle escripta, o seguinte:

(Miguel de Moura, no 2.º § d'estas suas breves e singelas memorias diz que fôra baptisado na egreja dos Martyres, *tão antiga* como a d'este mosteiro e da mesma invocação, e fundada pela mesma causa, «onde espero em Deus ser enterrado.)

«El-rei D. Sebastião partiu de Lisboa aos «11 de dezembro de 1576, a visitar em ro«maria o famoso sanctuario de Nossa Se«nhora de Guadalupe, em Hespanha, d'onde «recolheu á capital d'estes reinos em 13 de «janeiro segu.nte: n'esta jornada entrou em «sua comitiva Miguel de Moura.»

Este Miguel de Moura teve a singular vantagem de servir sob as ordens de cinco soberanos, successivamente reinantes, em graves crises politicas, pelo que attento o seu caracter, teve de todos muita consideração. Feito por D. João III, moço fidalgo e escrivão de sua fazenda, serviu como escrivão da Puridade em tempo de D. Sebastião, que tambem confiava n'elle, e que não poucos segredos lhe depositava.

«Dois dias depois da partida d'El-rei, ateou-se subita e imprevistamente um horroroso incendio nos armazens de deposito, sitos á Pampulha, especie de alfandega onde entravam generos e mercadorias estrangeiras.

Teve a sua origem em pegar o fogo n'uns 146 barris de polvora, de 3 quintaes cada

um; a explosão foi terrivel, o estampido medonho, e as consequencias inevitaveis devastaram boa parte da cidade. Nas casas do provedor, Luiz Cesar, em logar eminente e sobranceiro ao Tejo, residia então Brites da Costa, mulher de Miguel de Moura, que aos primeiros echos da calamidade, prostrou se de joelhos, com sua familia, ante a imagem de Nossa Senhora da Conceição: mas o edificio de sua morada foi um dos que mais padeceram, ficando convertido n'um montão de ruinas, nas quaes Brites ficou soterrada, e d'onde foi a custo tirada, gravemente ferida.

Á noticia d'este acontecimento quiz Moura retroceder, mas não lh'o concedeu El-rei. Recolhido á patria, o que não tardou, fez voto de erigir um templo e mosteiro de religiosas da invocação da Mãe de Deus, para commemoração do milagroso livramento de sua mulher, e em testemunho de gratidão aos beneficios divinos.

Tal foi o motivo da fundação do convento das religiosas franciscanas de Sacavem.

No sitio em que este existe, havia uma ermida intitulada de Nossa Senhora dos Martyres, mandada construir primittivamente por D. Affonso Henriques, quando estava sobre Lisboa, em memoria de uma peleja em que alli ficára vencedor dos infieis; porquanto, tendo os mouros de Thomar, Torres Novas, Alemquer, Obidos e outras povoações da Extremadura, noticias de que os seus compatriotas de Lisboa se achavam muito apertados com o sitio posto pelos christãos, acudiram em seu auxilio com 5:000 combatentes, pela maior parte de cavallo.

D. Affonso, querendo cortar o soccorro, mandou contra elle a diminuta força de 1:500 de cavallo e alguns peões; mas bastaram estes para de todo desbaratar aquella gente, que já tinha passado o braço do Tejo, em Sacavem.

O alcaide mouro do castello da eminencia fronteira, Bezai ou Baffay Zaide, vendo o destroço dos seus, não só se entregou, mas converteu-se á fé de Christo, e foi o primeiro eremita do oratorio de Nossa Senhora dos Martyres que El-rei fez erigir.

Como Miguel de Moura possuia uma quinta junto da ermida, por ser esta do padroado regio, a pediu a D. Sebastião, para alli fundar o mosteiro e cumprir o seu voto.

Mandou El-rei averiguar da veracidade da origem da ermida um ministro desembargador, o qual não só a confirmou com a tradição local; mas, o que é mais importante, com um documento que achou no registo da antiquissima parochia de Sacavem, e que passou para o alvará da concessão feita a Miguel de Moura, dado em Salvaterra aos 8 de dezembro de 1577, o mesmo anno de que data a fundação do convento.

Morto Miguel de Moura, sua mulher se recolheu ao convento, cujas fundadoras foram do da Madre de Deus, ficando o de Sacavem com a denominação de Nossa Senhora dos Martyres e Conceição, commemorando a um tempo a antiga ermida e a imagem da Virgem, com que Brites se abraçou no grande perigo, que deixamos relatado.»

—

Em 1863 só existia uma freira n'este mosteiro.

Sendo intimada para sahir para outro mosteiro, recusou; mas vendo que, mais dia menos dia, a punham á força na rua, tratou de vender quadros, alfaias, e tudo o mais que lhe podia dar dinheiro.

Em fevereiro de 1877, procedeu-se a inventario dos objectos d'este mosteiro, porque a freira de que tratei foi transferida, a seu pedido, para o convento de Sant'Anna, de Lisboa.

—

Consta que tem havido cinco pontes no rio de Sacavem:—a 1.ª construida pelos romanos, da qual ainda existiam vestigios no tempo em que Miguel Leitão de Andrade escreveu a sua *Miscellanea*, em 1629.

A 2.ª, de barcas, foi inventada pelo infeliz mathematico Bento de Moura, e já existia quando João Baptista de Castro publicou o seu *Mappa de Portugal*, em 1745, e portanto é mais antiga do que a ponte de barcas sobre o Douro, em frente do Porto.

3.ª toda de madeira, que foi queimada pelos realistas, em 12 de outubro de 1833, quando retiraram de Lisboa para Santarem.

4.ª, a bella ponte de cantaria e ferro, feita em 1842 (que ainda existe) sobre quatro pégões, com um rodizio no centro, para passagem dos barcos.

O arco é de ferro, fundido nas officinas do Arsenal Real do Exercito, e tem 18 metros de comprimento, e uma curvatura de dois metros no centro. Pesa 1:425 kilogrammas.

A 5.ª, do caminho de ferro. Veio já feita de Inglaterra, e foi assente pelo engenheiro Black.

—

As feiras fazem-se em uma vasta planicie junto ao rio.

—

O rio de Sacavem é navegavel até Santo Antão do Tojal, mas só com as marés.

—

Tem-se por muitas vezes, particularmente nos reinados de D. João IV, e de seu filho, D. Affonso VI, aventado a idéa de communicar o rio Friellas com o Oceano Atlantico, hindo o rio desembocar ao Baleal, proximo á praça de Peniche, e formar assim uma boa linha de defeza da capital, e promovendo ao mesmo tempo um grande melhoramento para os povos das duas margens do rio, e das suas immediações; mas tudo tem ficado em projectos, como a maior parte das bôas lembranças d'esta terra.

—

Em 15 de septembro de 1875, principiaram a ser collocados na estrada de Sacavem, os candieiros para a illuminação pública.

—

Em 16 de dezembro de 1741 falleceu em Sacavem, Anna da Silva, da freguezia dos Olivaes, na edade de 115 annos, pois tinha nascido em janeiro de 1626.

Foi casada duas vezes, tendo muitos filhos de ambos os casamentos, e deixando numerosa descendencia. Nunca foi sangrada nem purgada.

Dois annos antes de morrer, foi, a pé, visitar o Senhor da Pedra, e regressou a sua casa tambem a pé.

Conservou tão boa memoria até ao fim da sua vida, que referia minuciosamente tudo quanto succedeu no dia da acclamação de D. João IV, em Lisboa, onde ella então residia.

Serviu, por devoção, 25 annos, os pobres do hospital de Sacavem, com grande zêlo e caridade.

Foi sepultada na egreja matriz d'esta freguezia.

—

Depois que cahiu a ponte romana até se fazer a primeira ponte de barcas, passava-se o rio em uma barca, cuja portagem era dos duques de Bragança, que a traziam arrendada por 300$000 réis annuaes.

Primeiramente rendia 12$000 réis por anno, e pagava cada cavalleiro, ou bésta de carga, 3 réis.

Depois os duques elevaram as portagens, pagando cada peão (que até ahi nada pagava) 5 réis, cada cavalleiro ou bésta de carga 20 réis, e cada carro 40 réis.

Foi aqui estaleiro em tempos antigos, e n'elle se construiram, ou querenaram varios navios, e até náus de guerra.

—

Em 30 de julho de 1874, foi feito visconde de Sacavem, o sr. José Joaquim Pinto da Silva, casado com a sr.ª D. Amelia Augusta da Silva Lima, viuva do 1.º visconde de Valmór, José Isidoro Guedes, que tinha obtido o titulo, em 11 de março de 1867.

O sr. visconde de Sacavem, é natural do Porto, e filho de outro José Joaquim Pinto da Silva, negociante de sola na mesma cidade do Porto, e que falliu com 360 contos de réis.

A sr.ª viscondessa é natural de Lamego, filha de Bento José da Silva Lima, que foi n'esta cidade negociante de pannos, e, fallindo, foi depois escrivão do juizo de direito da mesma cidade.

É irman do sr. doutor Bento José da Silva Lima, actual juiz de direito da comarca do Redondo.

—

Ao sr. Francisco Augusto Cordeiro da Camara Leme, e ao sr. Henrique d'Azevedo Queiroga, devo o obsequio de muitos esclarecimentos com respeito a Sacavem, e a outras povoações do concelho dos Olivaes.

A estes dois cavalheiros dou os meus mais cordiaes agradecimentos.

SACCO DE TERRA—portuguez antigo, ainda usado na Estremadura e Beira—é o terreno que póde levar seis alqueires de semeadura. No Ribatejo dá-se o nome de môio de terra á porção de campo, ou leziria, que se semeia com moio e meio (90 alqueires) ou 15 saccos de 6 alqueires.

SACCOMARDO — portuguez antigo — saqueador, ladrão.

SACCOM DE CASAS—portuguez antigo—fileira de varias casas, grandes e pequenas, altas e baixas em qualquer rua.

Tambem certo numero, de pardieiros, mais ou menos alinhados..

É d'aqui que vem janellas, ou portas, de saccada.

SACCOIAS—freguezia, Traz os Montes, bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 6 kilometros ao E. do Bragança, 60 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 53 fogos, mas depois chegou apenas a 35.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O abbade de Meixêdo apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexa á de Meixêdo, que lhe fica 6 kilometros a O., e d'onde havia sido antigamente desmembrada.

Segundo a lenda, no 1.º de dezembro de 1640 (dia da 1.ª acclamação de D. João IV) tocaram (repicaram) os sinos da egreja, sem que pessoa alguma os tangesse. Este milagre foi authenticado pelo cabido da sé de Miranda, *in sede vacante;* e constando isto á rainha, D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, mandou á padroeira da freguezia uns riquissimos vestidos de tela branca.

No dia 15 de agosto, que é a festa principal da Senhora, havia aqui antigamente um concorridissimo arraial.

A egreja matriz fica fóra do logar, pelo que o Santissimo está em uma capella dentro d'elle.

A egreja é antiquissima, e segundo a tradição, foi construida no tempo dos gôdos, sendo depois mesquita mourisca.

Esta freguezia, como a de Meixêdo e circumferentes, são da casa de Bragança.

SACOTO e **ASINHAL**—appellido nobre em Portugal, como se vê dos manuscriptos de frei Manuel de Santo Antonio.

O seu primeiro brazão d'armas foi—em campo de ouro, trez estrellas, de púrpura, de oito pontas, postas em cruz: élmo de aço aberto; e por timbre meia onça da sua côr, com uma das estrellas do escudo na espádua.

No reinado de D. João II, se fez muito conhecido Gonçalo Mendes Sacôto, adaíl-mór d'este reino,[1] o qual militou nas guerras da Africa, e alli, sendo capitão de Çafim, desbaratou cinco alcaides mouros.

Em premio d'este feito lhe deu o rei D. Manuel (além de outras mercês) novo brazão de armas, que foi—em campo de púrpura, cinco pendões azues, em aspa, com empunhadura de ouro, tendo cada um, um crescente de prata. Timbre e élmo os antigos.

Ao mesmo Gonçalo Mendes Sacôto, pelos grandes serviços que fez em Tanger e Azamôr (Africa) alcançando grandes victorias contra os mouros, deu o rei D. João III um accrescentamento ás suas armas, a saber—ao escudo primeiro accrescentou um chefe de ouro, carregado de quatro cabeças de mouros, toucadas, de azul e prata, e cortadas em sangue. Timbre um braço armado de ouro, com uma das cabeças do escudo pendurada da mão pelo turbante.

Assim o refere Montarroyo, que copiou a carta de mercê, passada a 19 de julho de 1538.

Outros Sacôtos trazem por armas—em campo azul, cinco estrellas de ouro, de oito pontas; e o mesmo timbre e escudo.

Depois que os Sacôtos se enlaçaram com os Azinhaes, composeram as suas armas da seguinte fórma—escudo esquartelado; no 1.º e 4.º, as armas dos Azinhaes, que são—em

[1] *Adaíl* é corrupção da palavra arabe *addalil.* O seu dever era ensinar o caminho, guiar, dirigir as tropas. Na Africa tinha tambem as attribuições de governar os *almocadens*, *almogavares*, e mais gente que fazia correrias no campo inimigo (*Asia Portugueza*, tom. 3.º pag. 191.)

campo de prata, uma azinheira da sua côr; e no 2.º e 3.º, ás primeiras dos Sacôtos: o mesmo élmo, e por timbre a azinheira.

SAÇOM — portuguez antigo — occasião, tempo proprio e opportuno, estação, etc.

Hoje diz-se *sasão*.

SACRAMENTAES—portuguez antigo—dizia-se vulgarmente, *conjuradores sacramentaes* — eram 12 homens que nos juizos feudaes, juravam com o litigante, ser verdade o que elle dizia.

SACRAMOR — portuguez antigo — nome proprio de homem.

SADÃO—vide *Mamede do Sadão* (São.)

SADÃO—vide *Margarida do Sadão* (Santa.)

Esta freguezia fica descripta a pag. 70, col. 1.ª do 5.º vol.

Aqui accrescento:—Fica 18 kilometros ao S.O. d'Alcacer do Sal, ao S. do logar do Torrão, e entre os rios *Sádo* e *Xarrâma*.

Existiram na egreja d'esta freguezia, seis inscripções, uma d'ellas christan, do anno 682, pela qual se vê que esta egreja foi originariamente dedicada aos martyres, São Justo, e São Pastor, que foram muito reverenciados em toda a Peninsula.

Dizia:

HVNC. DENIQVE. EDIFI-
CIUM SANCTORVM NO-
MINE CEPTVM IVSTI ET
PASTORIS MARTIRVM
QVORVM CONSTAT ESSE
SACRATVM CONSV-
MATVM EST OC OPVS
ERA DCCXX.

(*Anno 682 de Jesus Christo.*)

As outras eram romanas:

1.ª

IOVI. O. M.
FLAVIA. L. F. RVFINA
EMERITENSIS. FLA-
MINICA. PROVINC.
LVSITANIAE. ITEM. COL.
EMERITENSIS. PERPET.
ET MVNICIPI. SALACIEN.

2.ª

FORTVNAE. OBSEQUIEN-
TI. SACRVM
FLAVIA MODESTINA
PERP. EIVS. ANTISTES
EX VOLVNTATE. TEREN-
LI AEMILIANI. VIRI
SVI. IN. PRAEDIO
A PATRE. FL. MODESTO
SALACIENSI. SIBI
RELICTO. A. L. F.

3.ª

SERGIVS TERENTIVS
SERG. F. AEMILIANVS.
CENTVR. EMER. VIX. N. LXX.
ORDIN. DVX. SVB.
L. POSTVMIO. MODES-
TINA. MARITO.
MERENTISSIMO.
P. H. S. E. S. T. T. L.

4.ª

L. RVBRIVS.
PRISCINVS.
ANN. XXVI.
H. S. E.

5.ª

É uma lapide sepulchral, cuja inscripção o tempo apagou.

—

Conferindo o contheudo n'estas inscripções com outras que foram achadas em Alcacer do Sal, e que D. frei Manuel do Cenaculo levou para Beja, ficamos crendo que a antiga cidade de *Salácia*, foi originariamente fundada proximo da egreja matriz d'esta freguezia de Santa Margarida do Sadão.

O que é incontestavel, é que por esta freguezia passava uma via militar romana que de Lisboa hia a Ossonoba (Fáro); pois teem por estes sitios apparecido, em varias épocas, marcos milliares romanos.

SADÃO ou **SÃO ROMÃO DO SADÃO**—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca, concelho e proximo a Alcacer do Sal, arcebispado e 54 kilometros a O. d'Evora, districto administrativo e 90 kilometros ao S.E. de Lisboa

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 290 fogos.

Orago, S. Romão.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens (por ser commenda da ordem de S. Thiago) apresentava o capellão, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil, mas doentia.

SÁDO, SADÃO ou **SADAM**—rio do Algarve, Alemtejo e Extremadura.

Nasce na serra de Monchique (Algarve) da juncção de trez rios—*Damine*, *Xarrama* e *Sádo*—que se reunem no logar de *Porto d'El-Rei* (Extremadura).

Suas aguas conteem grande porção de hydro-chlorato de sodium (sal commum.)

Corre ao N., até perto de Alcacer do Sal, e voltando depois ao O., vai formar a grande e salifera *Ria de Setubal*, tendo em frente d'esta cidade, 5 kilometros de largura.

Suas margens são cobertas de salinas abundantissimas, desde Alcacer do Sal, até proximo de Setubal (53 kilometros).

Recebe mais 12 rios menores, por ambas as suas margens, e em todo o seu precurso, que é de 155 kilometros—sendo navegavel, 75. (Vide *Alcacer do Sal* e *Setubal*.)

O Sado, tem tido varios nomes.

No tempo dos romanos, se chamava *Calipus*, ou *Calipolis*, ou *Kallipus*, e depois *Salacia*.

Os arabes lhe chamaram primeiramente *Xatêr*, *Xatuêr* ou *Xantêr*, como quem diz —*rio do piloto*—Outros dizem que elles lhe davam o nome de *Chetawir*, que vinha a ser —*rio do prudente*, *perito* ou *sabio*.

Por fim lhe deram o nome que ainda conserva—*Sádo*—que significa *feliz*, *rico*, *abundante*.

(Vide no artigo *Algarve*, o 1.º periodo de pag. 125, col. 1.ª do 1.º vol.)

Vê-se pois que é êrro, inveterado, escrever *Sadão* ou *Sádam*.

—

Em maio de 1878, foi feito *visconde do rio Sádo*, o sr. doutor, Augusto Correia Godinho Ferreira da Costa, irmão do sr. José Correia Godinho da Costa, feito visconde de Correia Godinho, em 11 d'agosto de 1864.

—

Foram enormes os prejuizos causados nas marinhas de sal, d'este rio, pelos furiosos temporaes de dezembro de 1876, e janeiro de 1877.

Houve proprietarios que perderam quas todo o sal, e que se viram obrigados a importantes despendios pela damnificação das marinhas, algumas, ainda mesmo reparadas, não produziram sal em abundancia nos annos seguintes, pelo deslocamento do solo e por terem os alagamentos cheios de agua doce.

Os prejuizos foram calculados em mais de 50:000$000 réis, pois só a perda de sal se elevou a 60:000 moios.

Os alludidos proprietarios, cujos lucros tinham sido insignificantes nos ultimos annos, pela carestia dos jornaes, que elevaram a muito o custo do fabrico do sal, e ainda pelo preço por que este era vendido, descendo a 700 e 600 réis o moio, pagando todavia a contribuição respectiva ao duplo d'aquelle valor, viram-se dobradamente aggravados.

Alguns deixaram perder as marinhas, por falta de meios para occorrerem ao dispendio necessario para as reconstruir, pois ficaram arrazadas.

O damno a que nos referimos constituiu uma verdadeira calamidade para Setubal, cujo commercio quasi exclusivamente é o do sal.

—

A casa de Bragança, tem na margem direita do Sádo, e a 20 kilometros d'Alcacer do Sal, a valiosissima propriedade, denominada—*Herdade do Pinheiro*, com uma superficie de 5:266 hectares, e que vale mais de quarenta contos de réis.

Na margem do rio, tem cinco portos, um dos quaes, dá accesso a vapores de pequenas dimensões.

N'esta propriedade ha já hoje 28 colonias, e este numero póde facilmente elevar-se a 100.

O arvoredo occupa uma extensão de 486 hectares, contendo 127:395 arvores, das quaes 94:950 pinheiros mansos, 12:600 pi-

nheiros bravos, 18:224 sobreiros e o resto de diversas arvores.

O resto da propriedade, divide-se do seguinte modo:

3;781 hectares de charnecas incultas, 516 parceis, 340 cultura de cereaes, 55 arroz. 37 paúes, 2 vinhedo, 3 terras que foram maninhas.

SAÉLLA — aldeia, Douro, do valle de Arouca.

Vide no 2.º vol., pag. 231, col. 1.ª, a 3.ª *Cella.*

Julgo mais etymologico que o nome d'esta aldeia se escrevesse *Sella.*

SAFÁRA—freguezia, Alemtejo, na comarca e concelho de Moura, 70 kilometros ao S.O. d'Evora, 175 ao S.E. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757, tinha 192 fogos.

Orago, Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de milho, 120 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

Fica proximo da raia hespanhola, e é terra fertil em cereaes, e abundante de gado de toda a qualidade e caça.

É mesmo a palavra arabe, sem corrupção —*safára*—que significa *campina.*

Foi para esta freguezia mudada a alfandega de Serpa.

(Para evitarmos repetições, vide *Serpa*, onde se trata d'esta mudança.)

Por carta de lei de 24 de maio de 1878, foi a séde do juizo ordinario da freguezia de Santo Aleixo, mudada para Safára.

SAFÍRA ou **SAPHIRA**—freguezia, Alemtejo, na comarca e concelho de Monte-Mór Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiólos) 40 kilometros d'Evora, 65 ao S.E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de trigo.

É terra fertil em cereaes.

Muito gado, e alguma caça.

O seu nome vem do hebraico—*saphir*—especie de pedra preciosa.

SAFURDÃO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Viseu, e 365 ao E.N.E. de Lisboa.

Em 1757, tinha 55 fogos.

Orago, Santo Antão.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O abbade do Lamegal (de cuja freguezia havia sido desmembrado) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Está outra vez, e ha muitos annos, unida á do Lamegal, d'onde havia sahido.

SAGAÇARÍA—portuguez antigo—sagacidade, ardil, finura, etc.

Nenhum avisamento antigo podia ser egual ás sagaçarias *d'este novo guerreiro.* (Lopes, *Vida de D. João I*, parte 2.ª, cap. 192.)

Vem do latino *sagire*, que significa ter bom fáro.

D'aqui se disse—*sagaz*, no adjectivo, e *sagaçaria* no substantivo.

SAGEIRA e **SAGÊZA**—portuguez antigo—sabedoria.

Do francez *sagesse*—que significa o mesmo.

SAGES—portuguez antigo—sabio, honesto, prudente, virtuoso.

Como fosse demanda antre o honrado Baron, e Sages, *D. Gonçalo Steves, Dayão de Lamego, de huma parte, e o Vigario e outros Raçoeiros d'Almacave da outra, etc.* (Doc. da Sé de Lamego, de 1337.)

Vem do adjectivo francez—*Sage*—que tem a mesma significação.

Esta palavra foi, provavelmente, introduzida em Portugal pelos nórmandos, ou gascões, no seculo X, ou pelos francezes que vieram ajudar D. Affonso Henriques, na tomada de Lisboa, em 1147, e por cá ficaram.

SÁGO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Monsão, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 81 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado, e depois os jesuitas, apresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Cria porém bastante gado, e nos seus montes ha muita caça.

SÁGRES—villa, Algarve, na comarca de Lagos, concelho da Villa do Bispo, 75 kilometros de Faro, 225 ao S. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 49 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

O seu primeiro titulo, era o de capellão da guarnição.

O seu nome é corrupção do arabe—*sacron*—certa qualidade de peça de artilheria.

É praça maritima, em fórma de peninsula, murada para o lado de terra, com seus revelins, em cujo recinto apenas encerra as casas do governador, as que foram residencia do infante D. Henrique, os quarteis da guarnição e a egreja matriz da freguezia, que foi construida em 1519, quando esta parochia se desmembrou da da Villa do Bispo.

Esta freguezia é quasi toda espalhada por casaes, fóra da praça, e esta fica 6 kilometros a E. do Cabo de S. Vicente, sobre uma ponta de grandes rochedos, com a altura de 440 metros acima do nivel do mar. (1)

Tem duas bahias, uma a E. e outra a O. da ponta que entra muito pelo mar dentro; e ambas dão seguro abrigo ás embarcações que não podem montar o Cabo.

Foi fundada (com mais probabilidade reedificada) em 1419, pelo famoso infante D Henrique, duque de Viseu (5.º filho de D. João I e da rainha D Philippa), que lhe deu o nome de *Terça Naval* (vide *Tercêna*) ou *Villa do Infante*, ou *Villa Nova do Infante*, pois por todos estes nomes era conhecida. [1]

Por alvará de 2 de junho de 1461, se deu aos seus moradores o privilegio de não pagarem meia siza do que comprassem ou vendessem.

Este alvará foi confirmado por D. Affonso V, em 14 de março de 1461, e depois, por D. João II, em 13 de agosto de 1486.

N'esta villa assentou o infante a sua residencia, para dirigir as descobertas que no seu tempo se fizeram no Ultramar.

Foi este infante, que em Sagres fundou o 1.º observatorio astronomico que viu Portugal—e talvez a Europa—e no seu mesmo palacio, estabeleceu escolas de mathematica, nautica, geographia, astronomia, cosmographia, e commercio, para as quaes convidou, com bons partidos, varios sabios, portuguezes e estrangeiros: tudo á custa do infante, assim como tercenas, casas, fortes, etc.

N'estas escolas se formaram os nossos melhores navegadores d'aquelle tempo, e até muitos estrangeiros, que vieram aqui estudar, pela fama dos mestres que as dirigiam.

Do porto de Sagres fez o infante sahir os argonautas ousados, que transpondo os limites do *Cabo Não*, na costa occidental da Africa, na latitude de 28°, 38'—e na longitude occid. de 2°, e 49'.

Deu-se-lhe o nome de *Cabo Não*, porque, segundo o que até então se dizia, d'elle ávante não se passava.

[1] D. João I, teve sete filhos legitimos:

1.º, *D. Branca*, que morreu de tenra edade.

2.º, *D. Affonso*, que tambem morreu creança.

3.º, *D. Duarte*, que lhe succedeu na corôa.

4.º, *D. Pedro* (o d'Alfarrobeira) duque de Coimbra.

5.º, D Henrique.

6.º, *D Isabel*, duqueza de Borgonha, mulher de Philippe III *o Bom*.

7.º, *D. Fernando*, mestre d'Aviz, que morreu captivo em Africa.

Teve tambem dois filhos bastardos:

D. Affonso, conde de Barcellos, tronco da casa de Bragança.

D. Brites, que casou com o conde d'Arondel.

O infante morreu em Sagres, a 13 de novembro de 1460, com 66 annos de edade, e foi sepultado na matriz de Lâgos.

Em 1461, seu irmão, o infante D. Fernando, o fez transferir para o real jazigo da Batalha, onde jaz.

Foi muito povoada esta villa, mas hoje nada existe da sua antiga grandeza, senão as casas, aliás ordinarias, onde consta que morava o infante.

Em novembro de 1839, se collocaram n'esta casa, duas lapides de marmore, embutidas na parede.

Cada uma d'estas lapides tem 1,^{m}25 d'alto e 1,^{m}15 de largo.

Em uma estão gravadas as armas do infante (que são as de Portugal) tendo por timbre a cabeça de uma serpente alada, com a legenda—TALENT DE BIEN FAIRE—de que o infante usava.

Do lado esquerdo, vê-se um globo terrestre, e do direito um navio á vela.

Foi esculpida por Manuel Simões.

A lapide da direita, tem uma inscripção laudatoria, narrando os relevantes serviços que á patria, ás sciencias mathematicas e á navegação, fez o esclarecido infante.

Não a copio aqui por ser muito extensa.

Já está quasi ilegivel, pela má qualidade da pedra.

—

Em 25 de maio de 1587, uma esquadra ingleza, commandada pelo feroz vice-almirante, Francisco Drake, deitou aqui gente em terra, que incendiou a villa depois de a ter saqueado.

Depois, foram fazer o mesmo ao convento do Cabo, d'onde fugiram os religiosos para Lagos, e alli estiveram 12 annos, até que em 1606 Philippe III o mandou reedificar e tornaram para elle os frades.

Drake, commandava trinta navios de guerra.

As disputas eram entre os inglezes e castelhanos, mas nós é que pagavamos as differenças.

O *valentão* britannico virou a sua sanha contra povos innocentes e indefezos, e que nenhuma culpa tinham nas desavenças da Hespanha contra a Inglaterra.

Alem de tudo quanto os trez Philippes e os seus sequazes nos roubaram, e de todas as crueldades que praticaram durante aquelles terriveis e ominosos 60 annos, ainda por cima tivemos de aguentar com o rancor e injustas vinganças das nações com que os Philippes estavam em guerra!

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, tambem n'esta povoação, como em todo o Algarve, causou grandes estragos, arrazando a maior parte das muralhas, que eram de cantaria, com mais de uma braça de grosso, cahindo toda a entrada da porta da praça, apezar de ser obra fortissima.

A egreja matriz, que estava a E., e era de abobada de pedra, ficou fendida; foram a terra as casas do governador e os quarteis da guarnição, bem como a residencia do parocho.

Cahiu ao mar toda a bateria do E., e uma peça, de bronze, de calibre 18, que alli estava.

Muitas casas que havia proximo da praça, foram arrazadas.

A fortaleza da *Baleeira*, ficou raza, e na do *Beliche*, que fica 1:500 metros ao O., rachou a ermida e os quarteis, mas as muralhas pouco soffreram.

O Occeano recuou 3 kilometros, deixando em secco enceadas onde podiam ancorar naus; depois avançou para terra, com tal violencia, que, pelo lado do N., montou rochedos da altura de 130 metros, deitando dentro da praça grande quantidade de peixe.

Entrou pela praia do *Murtinhal*, fronteira, a E., mais de 3 kilometros pela terra dentro, arrancando vinhas e deixando, ao recuar, a terra alastrada de peixe de varias qualidades e grandes penedos (um de mais de 300 arrobas!) com muitos mariscos pegados a elles.

Por trez vezes repetiu o mesmo fluxo e refluxo, sendo maior o primeiro.

No sitio de *Vallongo*, a 3 kilometros da villa, ha uma fonte, que ficou sêcca.

No mosteiro do Cabo de São Vicente, abriu toda a abobada da egreja, e cahiram duas abobadas das cellas dos frades, e as dos corredores ficaram muito arruinadas.

Os muros da fortaleza, que cercam o mosteiro, nada soffreram!

O mar, tambem aqui recuou 3 kilometros, deixando completamente em sêcco um sitio que tem 80 palmos de fundo.

Depois, cresceu com tanta furia, que chegou ao nivel da rocha e muralhas da fortaleza do Beliche, que tem 300 palmos de altura!

Trez foram tambem os fluxos e refluxos do mar, como em toda a costa algarvia.

Seis kilometros ao N. da praça, rebentou uma fonte d'agua salgada.

Com todos estes horrores, houve, ao menos, a fortuna de não morrer ninguem, o que parece milagre.

—

O termo d'esta villa, que tem 9 kilometros de comprido, e 3 de largo, comprehende algumas terras ferteis, e nos areaes, junto á praça, ha vinhas que dão bom vinho *palhête*.

O espaço até ao Cabo de S. Vicente, é pedregoso, árido, e açoitado do vento em todas as estações; mas ha por aqui muita caça miuda.

O peixe que se pesca nas suas rochas, é saborosissimo, assim como os mariscos, especialmente os percêves e as lagostas.

Na ponta da terra que entra no mar, tambem se cria alguma caça, de sabor delicado.

Tem varias furnas, por onde o mar entra.

Quando está bom tempo, vão a estas furnas os pescadores de polvos e outros mariscos; porém quando o mar está bravo, o estrondo que faz por ellas dentro, é medonho.

O embarque e desembarque, faz-se na praia da bahia do E., ou, quando o mar está bom, saltando (com risco) das lanchas para uns penedos, no sitio das *Pôças*, onde ha muito fundo.

Todo o terreno d'estes arredores, é cheio de rochas calcareas, e no sitio da Baleeira, ha uma camada abundantissima de argilla, esverdeada, contendo bastante micca, que se funde com facilidade, e serve para fazer garrafas, botijas e outros objectos grosseiros, em fornos proprios.

Ha aqui abundancia de lenha.

—

O Promontorio de Sagres, fórma uma peninsula — chamada *a Ponta*—de 4:500 palmos de comprido (1:000 metros), por 2:000 de largo (445 metros).

É todo composto de um descarnado rochedo, em quasi toda a parte minado pelo mar.

No termo da villa, ha finissima plombagina (*graphites*)—ardozias escuras, amarellas, e ondeadas, muito duras, e susceptiveis de polimento—e muito e optimo gêsso (sulphato de cal.)

Dá-se tambem por estas terras, muito assafrão ordinario (ao qual chamam aqui *açaflor*) sóda, baga de zimbro, gran de carrasco (*kermes*) e urzella; tudo sem cultura, isto é — espontaneamente.

—

Sagres fica em 37° de latitude, e 11° 45' de longitude.

—

É á iniciativa do infante D. Henrique que se deve a descoberta das ilhas da Madeira, Porto-Santo e Desertas; a das nove ilhas dos Açôres; e a costa occidental da Africa, na extensão de 370 leguas, desde o *Cabo Bojador*, até á *Serra Leôa*.

—

A cidade do Porto, tem a gloria de ser patria do infante D. Henrique, pois que nasceu nos paços reaes d'esta cidade, na *Rua Nova de S. Nicolau* (hoje Rua dos Inglezes) e onde está a *Alfandega velha*, [1] a 4 de março de 1394.

—

Os principaes navegadores, do tempo do infante, foram *João Gonçalves Zarco*, *Tristão Vaz Teixeira*, *Bartholomeu Perestrêllo*, e *Gil Eanes*.

[1] Pretendem alguns que elle nasceu no paço episcopal, mas parece mais provavel que nascesse nos paços da Rua Nova.

A 1.ª descoberta, foi a da ilha de *Porto Santo*, em 1418; e a *Madeira*, em 1419.

—

Era D. Henrique, duque de Viseu; mestre da ordem de Christo; cavalleiro da ordem da Jarreteira (em Inglaterra) general das armas nas costas da Africa; fronteiro-mór de Leiria, e senhor da Covilhan, Lagos e Sâgres.

Todas as suas rendas—que eram enormes—as empregava não só em edificios necessarios em Sagres, como em compra de navios; soldo aos marinheiros e officiaes de bórdo; premios aos benemeritos; e esmolas aos infelizes.

Tambem foi D. Henrique o fundador da capella de *Nossa Senhora do Rastêllo*, d'onde, em 1497, partiu para a descoberta do caminho da India, pelo Cabo da Boa Esperança, o famoso D. Vasco da Gama. (Vide *Niza* e *Vidigueira*.)

Quando o rei D. Manuel mandou construir o sumptuoso e venerando templo dos Jeronymos, de Belem, no local da capella da Senhora do Rastêllo, mandou collocar, para memoria, o busto do infante sobre a columna que divide a porta latteral do templo.

—

Muitos escriptores dizem que D. Henrique foi o fundador de Sâgres. Não é exacto.

Esta villa é povoação antiquissima, talvez mesmo anterior ao dominio dos romanos.

Os árabes lhe mudaram o nome para *Chak-Rack* (que, segundo alguns, quer dizer—*Ilha dos Rochedos*) mudando-lh'o ainda depois para *Sacron* [1] que se corrompeu em Sâgres.

[1] Sigo o que dizem escriptores de muito credito; mas, com sua licença, não me conformo com semelhante etymologia.

É verdade que frei João de Souza, nos seus *Vestigios da lingua arabica, em Portugal*, diz, a pag. 142, que *sacron* significa uma especie de peça de artilheria: mas, como podiam os mouros dar semelhante nome a Sagres, se só passados 135 annos depois da sua completa expulsão do Algarve, é que cá appareceram, pela 1.ª vez, peças de artilheria?

Entendo que Sagres é corrupção de *Chak-Rach* e não de *Sacron*; mesmo porque era mais facil a corrupção.

O infante, pois, só a reedificou.

—

Tudo é pouco, quanto se diga em louvor do benemerito infante D. Henrique, a quem tanto deve Portugal, porisso, aqui transcrevo um artigo, publicado em o n.º 1974, do *Jornal da Noite*, de 14 de julho de 1877.

É o seguinte:

A escola de Sagres e as tradições do infante D. Henrique, pelo sr. marquez de Sousa Holstein.

Conferencia feita na Academia Real das Sciencias de Lisboa, em a noite de 14 de junho (de 1877.)

«Coubera ao sr. marquez de Souza o honroso encargo de encetar a serie de conferencias instituidas pela Academia Real das Sciencias ácerca dos descobrimentos e colonisações dos portuguezes na Africa.

Da segunda d'estas conferencias já n'este logar nos occupámos largamente e com devido louvor.

O volver d'olhos retrospectivo que hoje relanceamos sobre a primeira conferencia é um pouco tardío.

A demora porém que puzemos na menção do trabalho do primeiro conferente, de modo nenhum importa a mais leve sombra de desconsideração, nem para o prelector, nem para a sua obra.

Diversas circumstancias, que fôra longo enumerar aqui, determinaram a preferencia dada á prelecção do sr. Pinheiro Chagas.

Tal preferencia, quaesquer que fossem as razões que a motivassem, nunca poderia offender o sr. marquez de Souza, a quem nos ligam laços de boa amizade.

Dadas estas explicações, aliás desnecessarias, entramos em materia.

O objecto da prelecção foi com muito acerto escolhido.

N'uma serie de conferencias ácerca da influencia tão proveitosa e potente, outr'ora exercida na Africa pela exuberancia da nossa actividade nacional, fôra imperdoavel falta esquecer o grande infante.

A natureza dos serviços prestados á patria pelo immortal Regedor e Governador da Ordem de Christus, com os quaes se avantajou a não poucos dos melhores, e presidiu gloriosamente a todos, dava-lhe indiscutivel direito a occupar na serie, o primeiro logar, a ser o objecto da primeira conferencia.

Assim o entendeu o sr. marquez de Souza e comnosco o sentirão de certo todos.

Tinha porém o assumpto não vulgares difficuldades. Era já de si origem de não poucas a sua propria grandeza.

Ácerca d'elle escreveu o sr. Major um livro volumoso, sem lograr no seu proprio sentir, exhaurir o assumpto.

Na Torre do Tombo suppõe o escriptor inglez acharem-se vastos e importantes subsidios para o conhecimento da vida e feitos do illustre Duque de Viseu e o accesso a tão precioso thesouro achava-se-lhe naturalmente defezo.

A escassez das noticias que nas nossas chronicas e documentos impressos encontra o historiador do Infante centuplica essas difficuldades.

Temos na conferencia a imagem inteira e banhada de luz do glorioso infante? A deficiencia relativa da sua obra reconheceu-a o prelector com louvavel franqueza.

Na escassez das informações encontra em parte e fundamenta a sua justificação. O infante D. Henrique, observa o illustrado prelector, não tem mesmo uma lenda.

A estranheza d'este facto affigura-se-lhe, e justamente, enorme.

«Tem-n'a seus irmãos D. Pedro e D. Fernando; tem-n'a o grande condestavel; teve-a depois D. Sebastião; tiveram-n'a muitas outras figuras, cértamente menos poeticas do que a do illustre solitario de Sagres; só elle ficou esquecido.»

Mais longe escreve o esclarecido prelector com o mesmo acerto:

«Não foi mais feliz com a historia severa e conscienciosa, o nosso grande infante. Ainda não mereceu em Portugal as honras de uma monographia completa.»

É deveras para lamentar que ainda depois da prelecção que actualmente nos occupa e apezar dos seus meritos, a ultima phrase continue igualmente verdadeira.

Para este resultado contribuiram largamente as difficuldades a que acima alludimos.

Sobrevieram outras porém que enleiavam cada vez mais, e ainda mal, as intenções e esforços do esclarecido conferente.

De duas origens diversas derivam ellas. O sentimento vivo no esclarecido prelector; e as condições do publico, ao qual principalmente se destinava a conferencia, afastou-o talvez das investigações longas e minuciosas nos velhos documentos, sepultados nas sombras e no silencio sagrado do nosso grande archivo nacional, ao qual só com a nossa ausencia pertinaz significamos o profundo respeito que nos merece.

As datas rectificadas, os factos averiguados cuidadosamente, as circumstancias d'elles ou restabelecidas, ou substituidas, ou rigorosamente e por seguro exame eliminadas, as lacunas preenchidas com zelo e criterio, aconselhavam o illustre prelector a escrever a monographia que falta, a pagar ao infante a divida sagrada que a inexplicavel indifferença de Portugal, conserva injustamente e ha tanto tempo em aberto.

Para sermos justos, precisamos accrescentar que a estreiteza do tempo com que, segundo a sua propria declaração, teve que luctar o auctor da conferencia, desviou-o de mais longas e eruditas investigações.

Felizmente porém para a sua conferencia e para nós, o sr. marquez de Souza, não se sentiu tomado do sagrado terror que incute a Torre do Tombo como se fosse as *rupes rabidae delubra Sibyllae.*

Na obra do esclarecido conferente, encontramos os vestigios de rapidas mas não estereis indagações.

Na propria modestia, encontrou o prelector uma segunda origem de difficuldades. Julgou-se falho em parte de recursos para arcar com a empreza.

Receiou de si. Imitando uma phrase de Littrè, poderiamos dizer-lhe que nos importa não ter em nós excessiva confiança, mas trabalhar como se tal confiança nos animasse.

Apezar de tudo, a obra sahiu ao prelector crêdora dos nossos elogios.

Lição abundante e selecta das fontes impressas, tanto nacionaes como estrangeiras, correcta disposição dos elementos apurados na estructura da obra, fórma elegante e elevada muitas vezes, tersa, e attrahente sempre, comprehensão exacta da importancia da materia, e aquelle amor estremecido, sem o qual as obras mais estudadas não interessam o leitor, são qualidades que não faltam á prelecção que nos occupa e lhe grangearam applausos.

Ás indagações do sr. marquez de Souza sômos devedores de um documento precioso.

O testamento do illustre infante, nunca d'antes, ao que parece, havia sido publicado.

Teve o prelector a boa inspiração de nol-o dar na integra n'uma nota.

Da intelligencia penetrante do grande homem, do seu saber dilatado e profundo, quanto o soffriam os preconceitos scientificos, os methodos deficientes, os systemas defeituosos do tempo, da sua energia indomita e fecunda, da sua perseverança inflexivel, que havia de produzir no futuro, resultados superiores aos que antevia o seu genio, presentimos, se nos não é dado ainda medir, o alcance.

Os seus feitos, os seus habitos, a sua influencia nos successos e nos homens do seu tempo denunciam-nol'o descommunalmente grande; o seu testamento, escripto sobre o tumulo que tinha de fechar-se sobre tantas grandezas feitas por um só homem, e lhe havia de dar o ultimo e o primeiro descanço, revela-nol'o excepcionalmente bom.

É o espelho sincero e fiel onde vem reflectir-se suavemente as suas virtudes domesticas.

Amamol-o depois de havel-o admirado.

Grande homem e grande crente, falla a linguagem sublime da verdade, ante as mysteriosas e incommensuraveis grandezas da morte.

Modestia nobre e varonil que tão deliciosamente contrasta com os explendores do seu engenho e do seu caracter, é a primeira virtude que transluz no documento, onde se lê a sua derradeira vontade.

Quer que o «seu corpo seja chãmente levado ao moimento que lhe está destinado no mosteiro de Santa Maria da Victoria, onde jaz el-rei seu senhor e padre e n'elle seja soterrado chãmente e sem dó que manda por elle não façam.»

Nas dividas que os seus vastos emprehendimentos poderam originar, pensa a casta exacção da seu caracter e determina que de suas rendas sejam pagas escrupulosamente, se poder ser que em sua vida as não haja satisfeito.

Aquellas de que o constituiu crédor a vastidão do seu engenho, dos seus commettimentos, desvanecem-se ante as suggestões de uma gratidão excessiva.

As copiosas rendas que usufruia, não eram aos seus olhos, retribuição justissima de serviços enormes: eram simples mercê.

Ao grande homem que tanto havia feito, parecia-lhe haver feito pouco.

Assim é que pede a el-rei, por mercê, que elle queira ser seu testamenteiro, pois d'el-rei é todo o de que faz testamento.

Os seus serviços affiguram-se-lhe já bem pagos.

Julga-se mesmo obrigado á restituição, quem tanto do seu e de si havia dado ao rei, á patria, á humanidade.

Ao infante D. Fernando, resalva o seu carinho de pae estremecido uma parte de seus bens; a el-rei deixa por herdeiro de tudo que lhe pertencia á hora da sua morte, assim de raiz como de movel.

Antevê logo depois a delicadeza do seu animo, em seu senhor e rei, a possivel resolução de recompensar no filho, os serviços do pae e agradece-lh'o, mas só rapido e de fugida, como receiando com o agradecimento, suggerir a idéa do galardão.

Mas o grande infante não é só pae.

O homem de estado, prudente, assiste, moderando-as, ás manifestações do affecto paternal.

O seu zelo patriotico, previne el-rei contra as possibilidades d'uma generosidade excessiva, vedando-lhe que dê ao infante D. Fernando, Lagos, a Ilha da Madeira e as ou-

tras cousas, que elle deseja fiquem para a sua corôa e a de seus successores.

Os seus servidores leaes e dedicados não podiam ficar e não ficaram esquecidos.

A el-rei, e ao infante seu filho pede que os recebam em seu serviço.

A recommendação que d'elles faz é bem digna do seu caracter e do seu coração.

«E a Deus louvores, taes são que haverão por bem empregada a mercê que lhes fizerem.»

Doce e commovedor elogio!

Para os companheiros dos seus trabalhos, para os desvelados servidores do infante, deviam ser, e foram de certo, estas palavras escriptas em tão solemne documento a mais invejada e grata recompensa.

Em conclusão, preferiamos em vez de um elogio uma monographia do infante.

A conferencia do sr. marquez de Souza, tal qual é não deixa de ser um bom serviço, e um trabalho que lhe faz honra.

—

Os que pretenderem mais amplas noticias do infante D. Henrique, vejam os *Retratos de Varões e Donas*, a pag. 61.

SAGUÃO ou **XAGUÃO**—é voz corrupta do substantivo árabe *shanon*. Significa pateo destelhado, no interior das casas, e para onde correm as aguas da chuva.

SAIBO—portuguez antigo—sábio, douto.

SAIBADE—portuguez antigo—cura (de qualquer doença).

SAINHAS ou **SAINHAS**—praia, Extremadura, junto e ao O. da torre de *S. Julião da Barra* (Lisboa).

Ha aqui um jasigo de pedras lithographicas, descoberto pelo sr. Jorge Freire da Silva, em maio de 1877.

SAIO—portuguez antigo—(tambem se escrevia *sayo* e *saya*). Vem do latino *sagum*.

Era vestidura militar, curta, quadrada, de panno grosseiro, e com abas ou quartos.

O *saynho* era um gibão redondo e sem abas.

O *sayo de malha* era a peça do vestido dos guerreiros, que descia da cintura até aos joelhos, e feita de escamas, ou rede de ferro, para defender o ventre.

As mulheres tambem usavam de *sayos* ou *sainhos*, que depois se chamaram *albornozes*, *roupões*, *saltimbarcas* e *bájûs*.[1]

A este vestido se veio por fim a chamar *mantéu*, trajo ainda usado pelas nossas arraianas do Traz os Montes, e pelas gallegas do campo. É um panno que se enrola em volta da cinta, preso por uma fita grosseira, ou por botões ou colchetes, e serve de *saîa*, palavra derivada do antigo *sayo*.

SAIONIZIO—estipendio ou gajes que se davam antigamente aos alcaides, beleguins, esbirros, ou carrascos; e que depois se denominou *salario de mão posta*, que era a paga de amarrarem os criminosos. (Doc. de Paço de Sousa, de 1103.)

SAL—portuguez antigo—sahir (d'este mundo), morrer. Vem de *salir*, fallecer.

E se se Paay (Payo) *Martinz ante sal ca eu* (morrer primeiro do que eu). Doc. de Alpendurada de 1292.

SAL-FINTO—portuguez antigo—*sal coalhado*, segundo Viterbo—mas, *sal por junto*, segundo J. P. Ribeiro; e esta opinião parece-me mais verosimil.

SÁLA—portuguez antigo—salva, de qualquer metal.

SÁLA ou **SÁLLA**—cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho, da qual ainda ha vestigios, no sitio hoje chamado *Sá*, na freguezia do Couto, concelho de Santo Thyrso.

Já no vol. 2.º, pag. 416, col. 1.ª, no ultimo *Couto*, e no vol. 5.º, pag. 471, col. 1.ª na palavra *Monte Córdova*, tratei d'esta cidade: aqui darei mais as seguintes noticias, que são interessantes.

A D. Ramiro II succedêra seu filho, D. Ordonho III, que foi um sabio e intrepido guerreiro.

No anno 933, Abd-el-Rahman,[2] kalifa de Córdova[3] invade o reino de Castella com um grande exercito; porém, D. Ordonho e o poderoso conde, D. Fernando Gonçalves,

[1] *Bájû* é corrupção do francez *abat-jour*.

[2] Ab-el-Rahman é nome proprio árabe—significa—*Servo do Misericordioso*.

[3] *Kalifa*, *Chalifa*, ou *Khalifah*, é a auctoridade suprema de uma nação árabe. Significa *successor* ou *herdeiro* (de Mafôma).

senhor da Catalunha, o vencem e derrotam na batalha de Osma.

O kalifa vae á Africa buscar novos reforços, e juntando-os aos arabes castelhanos, fórma um grande exercito, com que, no mesmo anno, torna a invadir a Castella, e de novo é derrotado na famosa batalha de Clavijo.

D. Ordonho não descançou sobre os louros da victoria, mas atravessou a Lusitania (que já então se principiava a chamar Portugal) chegando até Lisboa, que tomou e saqueou.

Voltando para a sua côrte de Leão, poucos annos sobreviveu a tantas e tão assignaladas victorias.

Foi este rei que doou a aldeia de Moreira (da Maia) ao mosteiro de *Vimarães*—a actual cidade de Guimarães.

A D. Ordonbo III succedeu seu irmão, D. Sancho I, que, por ser hydropico, foi cognominado *o Gôrdo;* mas este rei não convinha aos senhores de Leão, que capitaneados pelo conde D. Fernando Gonçalves, o expulsaram do throno, e obrigaram a fugir para a Navarra, cujo rei era seu parente, que o aconselhou para que fosse a Córdova, consultar os medicos arabes, que gosavam de grande fama.

Foi, e Abd-el-Rabman o tratou com a maior distincção, convocando os medicos mais celebres de Córdova, que curaram completamente o rei christão.

Não se limitou a isto a generosidade de Abd-el-Rahman, porque até lhe deu um exercito árabe, com o qual D. Sancho recuperou os reinos de Leão e Galliza.

D. Ordonho IV, filho de D. Affonso IV, *o Monge*, que reinava havia apenas um anno, foi morto em uma batalha, em 960.

No ultimo anno do reinado de D. Sancho, se rebellou contra elle a Galliza, (que então chegava ainda até á margem direita do Douro), porém o rei reprimiu esta revolta.

Os condes da provincia de Entre Douro e Minho, passaram com as suas tropas para o sul do Douro, e se uniram ao conde D. Gonçalo, e juntos intentáram a guerra contra D. Sancho. Chegando, porém, á margem esquerda do Douro, se reconciliaram com o rei, e assentaram pazes, que foram juradas por este e pelos condes.

O perfido conde D. Gonçalo, convidando o monarcha para um jantar, lhe offereceu um bello fructo, mas envenenado. O rei, apenas o comeu, sentiu grandes ancias, e voltou para Leão; mas, chegando á margem esquerda do rio Minho, morreu do veneno, no anno 967.

Os condes do Minho não foram conniventes no crime, e declararam D. Gonçalo cavalleiro aleivoso e desleal.

O conde D. Froila de Vermoim, em nome de todos, se offereceu para sustentar no campo esta declaração, e desafiou a D. Gonçalo, que acceitou, e se apresentou na VILLA DE SALAS, *junto* á cidade do Porto, e ahi foi vencido por D. Froila.

SÁLA ou **SALAS**—(Para evitarmos repetições, vidè vol. 5.º, pag. 471, col. 1.ª)

Na cidade de *Sála* ou *Sálas* era o solar do conde D. Guterres Arias e de sua mulher a condessa D. Aldara, senhora virtuosissima. Já fica dito, no artigo *Monte Córdova*, o que ha a respeito do nascimento de seu filho primogenito, *S. Rosendo* ou *Rodesendo*, que veio a ser bispo de Dume (proximo a Braga) no seculo X.

Foi depois bispo de S. Thiago de Compostella (Galliza). Perseguido pelos gallegos, que o odiavam por não ser do seu paiz, fugiu para Portugal, onde veio fundar o mosteiro de Cella Nova, com as rendas que herdára de seus paes.

N'este mosteiro professou o santo, sob a regra de S. Bento, e foi o seu primeiro abbade.

Foi um varão virtuosissimo, e a providencia dos desgraçados ou afflictos d'aquelles sitios.

Morreu de uma edade muito avançada, no principio do seculo XI.

SÁLA—Vidè *Sá*.

SALÁCIA ou **SALÁRIA**—consta que foi uma cidade romana, nas margens do Sádo, no sitio onde hoje existe a villa de *Alcacer do Sal*. Vidè esta palavra.

Pelos annos 305 de Jesus Christo, sendo imperador o cruel Diocleciano, e pretor na Lusitania o sanguinario Daciano, houve um

concilio em Hespanha (parece que na cidade de Granada) no qual se achou o bispo de Salácia (ou Salária) S. Januario.

Disse a pag. 57, col. 1.ª do 1.º volume, que este sancto prelado e seus trez companheiros—os padres, *Felix*, *Septimo* e *Fortunato*—foram aqui martyrisados pelos romanos, a 7 de janeiro d'aquelle anno.

Outros escriptores, porém, affirmam, que não querendo S. Januario adorar os idolos dos romanos, nem entregar os livros sagrados, foi martyrisado com os ditos seus companheiros, na cidade de *Heracléa*.

O que é certo é que estes quatro martyres morreram pela fé de Jesus Christo.

Vê-se, pois, que muitos seculos antes de Portugal se tornar famoso pelas suas homericas façanhas e pelas suas portentosas descobertas e navegações, já era celebre, por ter no Ceu grande numero de martyres e confessores, primicias da sua firme e inabalavel crença na Santa Religião Catholica Apostolica Romana.

—

Depois de impresso e publicado o primeiro volume d'esta obra, deu-se aqui um facto, de cujo conhecimento não quero privar os meus leitores, por ser interessante, e o menciono n'este logar.

Ainda em Portugal se não tinha achado a *necropole*[1] de uma grande povoação ou cidade: apenas tinham apparecido em muitos logares sepulturas romanas, em maior ou menor numero.

Em maio de 1873, porém, na propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil, querendo este cavalheiro nivelar o terreno de um antigo olival, em sitio apropriado para uma eira, descobriu, apenas na profundidade de palmo e meio (0m,33) freios de ferro e folhas de espadas, algumas com punhos de bronze cinzelado; fibulas de bronze; vasos lacrimatorios; alampadas mortuarias, de barro; moedas romanas e outros objectos; entre elles um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido, de rara perfeição.

Tambem se acharam quatro urnas de diversos tamanhos, no estylo etrusco, contendo cinzas.

Junto d'estas urnas, foi achada uma moeda romana do imperador Claudio, e isto indica que taes objectos são da sua época.

Os trabalhadores quebraram duas d'estas urnas ao tempo da cava.

A maior que escapou, e que está muito bem conservada, demonstra que foi feita em allusão ás ceremonias funebres usadas pelos povos da Etruria.

Na face principal está representada uma mulher, segurando um braseiro, ou perfumador, tendo de cada lado um mancebo, empunhando um grande espeto, em acção de assar carne, allusivo á refeição que tinha logar nas suas ceremonias funebres. Por detraz d'elles, vê-se um velho, com a mão esquerda sobre o coração, indicando com a mão direita uma arvore, da qual um homem arranca uma folha.

Do outro lado da urna se descobre o contorno de trez figuras, todas trez nuas, duas com capacetes na cabeça, e outra com ella descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo na extremidade da espinha dorsal. Entre ellas, ha uma mulher, sustentando na mão esquerda um escudo oval, em acção de querer separar os combatentes.

O achado d'estas antigualhas é curiosissimo, e dá assumpto para um sério estudo dos archeologos.

(Vide *Alcacer do Sal*, *Necropolis* e *Sadão*.)

SALÁCIA—Vide *Salamonde*.

SALAMONDE—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 30 kilometros ao N. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 135 fogos. Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago, S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 440$000 réis de rendimento annual.

[1] *Necropole* ou *necropolis* é uma palavra grega, composta de *necros* (mortos) e *polis* (cidade). Vem pois a significar *cidade dos mortos*, isto é, *cemiterio*.

Os romanos adoptaram dos gregos esta e outras muitas palavras, como adoptaram as suas mythologicas divindades.

É uma freguezia grande, rica e abundante de todos os generos agricolas, assim como de gado, caça e peixe (do Cávado, pois está situada perto da margem esquerda d'este rio).

É povoação antiquissima, e foi uma cidade com o nome de SALÁCIA, e ficava sobre a via militar romana, que de Braga sahia para *Aquas Flavias* (Chaves).

Não ha outras noticias d'esta cidade, senão por vir mencionada no *Itinerario* de Antonino Pio.

Foi abbade d'esta freguezia o celebre Antonio José de Mesquita Pimentel. Tomou posse em 8 de junho de 1781.

Depois de alguns annos de parocho, renunciou o beneficio em seu sobrinho, Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel; mas ainda continuou a curar a parochia emquanto viveu; fallecendo, de avançada edade, em 21 de septembro de 1821, com 80 annos e 40 de parocho.

Era bacharel formado em canones pela universidade de Coimbra, e desembargador da relação ecclesiastica de Braga.

Nascêra na freguezia de Sambade (Traz os Montes) pelos annos de 1741.

Tornou-se célebre por ser o auctor da *Cartilha da doutrina christan*, o livro mais popular de quantos existem, e do qual se teem feito innumeraveis edições.

Depois da *Cartilha do Padre Ignacio* (Ignacio Martins, jesuita) a *Cartilha* do abbade de Salamonde é a obra mais classica, no seu genero. Não ha menino de escola que a não tenha.

Este interessante livrinho está hoje muito accrescentado; e todos os annos se faz uma ou duas edições d'elle, em vista da sua grande extracção.

Contém em resumo toda a doutrina christan, com as suas explicações, por um methodo clarissimo, com muitas devoções.

O abbade Pimentel é tambem auctor de outro livro, publicado em 1793, intitulado *Soccorro de moribundos*.

—

Esta freguezia é notavel, por ser sobremaneira montanhosa e cheia de precipicios, e pelo grande numero dos seus pequenos valles.

Em 15 de março de 1809, houve aqui um pequeno combate, entre as tropas portuguezas e as do general francez Soult, que vinha da Galliza.

Os portuguezes, que eram muito poucos, tiveram de retirar, e Soult marchou para a frente, entrando em Braga logo a 20, e no Porto a 29.

Wellesley, com o exercito alliado, expulsa Soult do Porto, em 12 de maio do mesmo anno, e vindo em perseguição dos francezes, ainda aqui lhes offereceu batalha, no dia 17, que elles não acceitaram, e depois de trocados alguns tiros, entre o nosso regimento de infanteria 10 e o inimigo, este fugiu para a Galliza, onde entrou no mesmo dia 17.

SALANIANA — antiga cidade da Lusitania, que hoje não existe.

Ficava a pouco mais de 5 leguas ao N. E. de Braga, sobre uma das 5 vias militares romanas, que d'esta cidade hia a Astorga. É provavel que fosse situada onde hoje está a aldeia das *Travessas*, ou na de *Moimenta* (freguezia) vide a 1.ª *Moimenta*.

Segundo o *Itinerario d'Antonino*, d'esta cidade a Braga, eram 21:000 passos e estava na 3.ª via militar. (*Geira*).

Não ha vestigios de similhante cidade, e nenhum escriptor antigo ou moderno falla d'ella, senão o Itinerario d'Antonino Pio.

SALÇAS—vide *Salsas*.

SALCELLAS—vide *Salsedas*.

SALDANHA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro (foi da mesma comarca, mas do concelho do Vimioso) 24 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Em 1757, tinha 50.

Orago, S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

Cria bastante gado, e nos seus montes ha muita caça.

SALDANHA — freguezia de Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da comarca e concelho de Chacim, supprimida em 1855) 140 kilometros ao N. E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa.

Tem 105 fogos.

Em 1757, tinha 42.

Orago, S. Martinho, bispo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castro-Vicente, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Saldanha—é um appellido nobre em Portugal. Para evitarmos repetições, vide no 5.º vol., pag, 48, col. 1.ª

No logar sitado vem alterados os nomes dos srs. doutores Saldanhas; deve lêr-se — Manuel Baptista Camossa Nunes de Saldanha, e João Camossa Nunes de Saldanha.

—

Marechal Saldanha

João Carlos Saldanha Oliveira e Daun, par do reino em 1835. ministro e secretario de estado honorario, grão-cruz das ordens de Christo, Torre e Espada, e da de S Fernando em Hespanha. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da de S. João de Jerusalem; condecorado com varias cruzes e medalhas da campanha da guerra peninsular, tanto por D. João VI, como pelos reis de Hespanha e Inglaterra; condecorado com a Estrella d'ouro, pela republica argentina.

Foi deputado ás cortes, em 1834, conselheiro de estado, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra e presidente do conselho de ministros, em 1835, em 1851 e em 1870. (Vide adiante.)

Sentou praça de cadete, no regimento de infanteria n.º 1, em 1805, e logo n'esse mesmo anno foi feito alferes, tenente e capitão.

Fez com distincção as campanhas da Peninsula. Passando ao Brasil, foi commandante de um regimento da divisão de *voluntarios reaes d'el-rei*, na campanha do Rio da Prata, em 1817. Pouco depois, foi feito capitão-general do Rio Grande do Sul, onde se conservou fiel á patria, quando o Brasil se tornou independente.

Tornando a Portugal, em 1822, foi um grande amigo de senhor infante D. Miguel (depois rei) como adiante se verá; mas, em 1826, mudando de opinião politica, fez-se liberal.

Sendo general das armas no Porto, fez com que fosse proclamada a *Carta Constitucional*, e o sr. D. Pedro, em 11 de julho de 1826.

Na guerra civil de 1826 e 1829, entre os liberaes e os realistas, pouco se distinguiu Saldanha: apenas marchou para o Algarve, para suffocar a revolta miguelista[1] mas, o regimento de infanteria 14, (que estava em Tavira) o batalhão de caçadores n.º 4 (que estava em Castro-Marim) e algumas praças de infanteria n.º 2, artilheria n.º 2, e cavallaria n.º 2, (que estavam no Algarve) e que tinham tomado parte na revolta, sabendo que Saldanha vinha contra elles, com uma divisão de 8:000 homens, atravessaram o Guadiana, no dia 20 de outubro de 1826, e passaram-se para a fronteira cidade de Ayamonte, na Andaluzia.

Saldanha, nada mais teve de fazer, senão reintegrar as auctoridades liberaes.

A senhora infanta, D. Isabel Maria, regente do reino, tinha-o feito seu ministro da guerra; mas como elle queria mandar mais do que a infanta, esta o demittiu, a 20 de julho de 1827.

Os seus amigos, pedem tumultuosamente a sua reintegração, e ha grandes desordens em Lisboa, mas o general conde de Villa Flôr, em quatro dias (24 a 27 de julho) á força d'armas, faz restabelecer a ordem.

Á chegada do senhor D. Miguel a Lisboa (22 de fevereiro de 1828) Saldanha teve de emigrar para o estrangeiro, em março do mesmo anno.

Em 16 de maio, teve logar a revolução liberal do Porto. Saldanha, que estava na Inglaterra, vem logo para o Porto, com os generaes, conde de Villa-Flôr, Stubbs, e com

[1] Tinham os realistas feito a revolução, a favor do senhor D. Miguel, em 8 de outubro do mesmo anno de 1826.

o marquez de Palmella, e outros, a bordo do vapor inglez Belfast.

O general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, derrota os liberaes, levando-os de vencida, desde a Cruz dos Merouços até ao Porto.

Então, Saldanha, Villa-Flor, Palmella e todos os chefes principaes da revolução, os membros da junta, e as pessoas que tinham tomado parte mais activa na revolta, fogem, na noite de 2 para 3 de julho, para bordo do mesmo navio Belfást, e vão para a Inglaterra, abandonando as tropas que n'elles tinham confiado, e que tanto se tinham compromettido.

Em 1829, hindo para a Ilha Terceira, com um reforço para os liberaes, foi-lhe prohibido o desembarque pelo cruzeiro inglez, e retirou para França.

O senhor D. Pedro, nunca perdoára a Saldanha, a sua fidelidade á patria, em 1822, e o não querer annuir á revolta para a independencia do Brasil; por isso, não consentiu que elle o acompanhasse a Portugal, em julho de 1832; mas, vendo-se em grandes apuros, no cêrco do Porto, o mandou chamar, e o general entrou n'esta cidade, no dia 25 de janeiro de 1833, e o sr. D. Pedro o fez, pouco depois, major general, e seu chefe de estado-maior.

Sustentou com bravura o ataque dos realistas ao castello da Foz do Douro, em 4 de março de 1833; e no dia 25 de julho do mesmo anno, o ataque que o conde de Bourmont deu á cidade.

Tendo o sr. D. Pedro embarcado para Lisboa, em um vapor inglez, a 26 de julho, chega á capital no dia 28.

Saldanha fica governando o Porto, e, a 18 d'agosto, faz levantar o sitio, pelo lado do norte.

O conde de Almer, general francez, realista, abandona tambem o sitio do sul, em 20 de agosto.

Saldanha, vendo a cidade descercada, embarca para Lisboa, onde se une aos liberaes, e commandou por bastante tempo o exercito de observações.

No dia 11 de novembro (1833) com uma força de 4:000 homens, vem sobre Pernes, que estava pouco defendida; põe em fuga os realistas, destroe os moinhos, e inutilisa todas as farinhas destinadas ao exercito realista.

Da carnificina de Leiria, e das batalhas de Almoster e Pernes, fallo adiante.

—

SALDANHA, foi feito conde de Saldanha[1] em 14 de janeiro de 1833—marquez do mesmo titulo, em 27 de maio de 1834—duque, de juro e herdade, em 8 de maio de 1855; e teve as honras de *duque-parente*, em outubro de 1862.

Em 9 e 10 de setembro de 1836, a guarda nacional de Lisboa, revolta-se, e annulla a *carta constitucional*, substituindo-a pela constituição de 1822, que a sr.ª D. Maria II é obrigada a jurar, na casa da camara.

A 4 de novembro tentam os do partido da côrte, restabelecer a *carta*.

A rainha tinha-se retirado para o palacio de Belem, e hindo conferenciar com ella, o seu ministro, Agostinho José Freire, foi assassinado á Pampulha, no mesmo dia 4.

Os inglezes, chegaram a desembarcar tropas, em Belem, para auxiliar os cartistas; mas, á vista do grande numero de revoltosos, tornaram a embarcar.

Muitos soldados da marinha e de outros corpos, que em Belem se tinham conservado fieis á sr.ª D. Maria, foram mortos, e no dia seguinte (5) a revolução triumphava em em toda a parte, e obrigava a rainha a ratificar, na casa da camara, o juramento que havía feito em setembro.

—

Em julho de 1837, os marechaes, Saldanha e Villa-Flor, á frente de alguns corpos do exercito, proclamam a carta; mas o general, José Lucio Travassos Valdez (já feito barão do Bomfim, desde 17 de setembro de 1835, e que foi feito conde do mesmo titulo, em 4 de abril de 1838) bate os dois marechaes, no *Chão da Feira*, proximo á villa da Batalha, na Extremadura, em 27 de agosto do

[1] Mas do seu appellido, e não de qualquer das duas freguezias do seu titulo, onde nunca teve cousa alguma.

mesmo anno, obrigando-os a fugir para as provincias do norte.

O barão de Leiria, [1] consegue revoltar o batalhão de caçadores n.º 4 (que estava na villa da Ponte da Barca) a favor da carta, e se lhe juntam alguns *voluntarios da rainha*, que estavam em Braga, e uns poucos de soldados de infanteria n.º 9.

O general Marianno José Barroso (que tinha sido feito barão d'Almargem, em 23 de setembro de 1835) persegue o barão de Leiria, e o obriga a encurralar-se na praça de Vallença.

As forças cartistas, conseguem reunir-se, mas o general, visconde das Antas [2] os derrota em Ruivães (Traz-os-Montes) em 18 de setembro de 1837, o que obriga os cartistas a capitularem, logo a 19 (*convenção de Chaves.*) Saldanha, Villa-Flor e outros, fogem para o estrangeiro.

—

Em 1846, Saldanha, á frente das tropas cartistas, derrota as tropas setembristas da divisão commandada pelo conde de Bomfim, a 23 de dezembro, em Torres Vedras, ficando prisioneiras quasi todas as tropas.

Apezar de todos os elogios que a Saldanha teem feito os liberaes, e das centenas de contos com que o gratificaram; apezar mesmo da sua incontestavel bravura, é certissimo que, em toda a sua vida, só alcançou duas victorias decisivas—a de Pernes, contra os realistas, a 30 de janeiro de 1834 (vide *Pernes)* e esta de Torres Vedras, contra os setembristas.

Dão-lhe o cognome de *heroe d'Almoster*, mas o que é verdade, é que a 18 de fevereiro de 1834, na batalha das pontes de *Santa Maria*, do *Celleiro* e da *Assêca* (chamada *batalha de Almoster*) Saldanha nada mais fez do que conservar as suas posições, e repellir os realistas, mas sem ganhar sequer um palmo de terreno.

Os realistas soffreram grandes perdas, è verdade [1] e dois brigadeiros (Santa Clara e Brassaget) ficaram mortos no campo; mas as dos liberaes não foram menores, tendo grande numero de officiaes mortos, e entre elles, o intrépido coronel Miranda.

—

A famosa *victoria de Leiria*, não foi mais do que uma ignobil carnificina, em que os liberaes já mais deviam fallar, porque foi um acto mais proprio de canibaes, do que de militares portuguezes, quasi sempre tão bravos no combate, como bizarros e generosos, na victoria. [2]

[1] José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, foi feito barão de Leiria, no 1.º de outubro de 1835, e visconde do mesmo titulo, em 20 de outubro de 1862.

[2] Francisco Xavier da Silva Pereira, foi feito barão das Antas (logar dos arrabaldes do Porto) em 17 de setembro de 1835—visconde do mesmo titulo, em 10 de outubro de 1836—e conde, a 4 d'abril, de 1838. Morreu em 20 de maio de 1852.

[1] Só o meu regimento (caçadares da Beira Baixa, ou n.º 8) perdeu, entre mortos, feridos e prisioneiros (d'estes muito poucos) mais de 200 homens, incluindo o nosso commandante, o bravissimo tenente coronel *Feirão*. Só de officiaes inferiores, tivemos 16 fóra do combate!

[2] O coronel Pitta Osorio (realista) tinha em Leiria apenas uns 1:800 homens, quasi todos milicianos e voluntarios realistas, e um esquadrão de cavallaria n.º 1—Saldanha, trazia 4:500 infantes, trez regimentos de cavallaria e seis peças de artilheria. Os realistas, em vista da sua inferioridade numerica, abandonaram a cidade, retirando pela estrada dos Machados. A cavallaria liberal, corre sobre elles, e não dá quartel. O *philantropico* Saldanha, na parte que deu ao ministro da guerra diz:—*Eu e todo o meu estado-maior, temos as espadas, até aos copos, tingidas no sangue dos rebeldes* (!)—Devia dizer—*no sangue de portuguezes, que sem resistencia, procuravam na fuga a sua salvação.*

Tambem os liberaes, não dizem que Saldanha foi um grande realista, e que, em 27 de maio de 1823, se foi apresentar (na companhia de D. Thomaz d'Assis Mascarenhas) ao Sr. D. Miguel I, (então infante) no campo do Quadro (Santarem) e que estes dous fidalgos ajudaram a deitar abaixo a constituição de 1820; tornando-se, d'ahi a trez annos, inimigos encarniçados dos realistas.

Saldanha, depois de ter tão poderosamente cooperado para que os irmãos Cabraes, tornassem ao poder, teve o devido premio, pois em fevereiro de 1850, foi demittido de mordomo-mór da casa real.

Escandalisado por tão grande ingratidão da côrte, a favor da qual tanto tinha lidado, e varias vezes arriscado a vida, pede a demissão de todos os seus cargos de commissão, e se declara inimigo do conde de Thomar.

D'ahi a pouco mais de um anno, revolta-se contra o governo dos Cabraes, sahindo de Lisboa a 7 d'abril de 1851, foi a Mafra, na intenção de revoltar o regimento de infanteria n.º 7; mas apenas alguns soldados tomaram o seu partido. Tambem se lhe uniram, os batalhões, de caçadores n.º 1, que estava em Setubal, e n.º 5, que estava em Leiria.

Perseguido pelas tropas do governo, foge para a Beira, e vendo a sua causa perdida, abandona os dous batalhões que n'elle tinham confiado, e foge para Lóbios (Galliza) deixando a sua gente exposta ás iras dos Cabraes.

Felizmente para o Saldanha, José da Silva Passos, José Victorino Damasio e outros, conseguem, no Porto, revoltar o batalhão de caçadores n.º 9, e o regimento de infanteria n.º 2. [1]

[1] O coronel Cardoso, commandante d'este regimento, não queria deixar levar as bandeiras, e, agarrado a ellas, foi assassinado pelos soldados.

Morreu cumprindo o seu dever, como militar brioso que era.

O conde do Casal, [1] general e governador militar do Porto, foge da cidade, com a tropa que o quiz acompanhar, em 24 de abril.

O general, barão de Mesquita [2] que estava em Coimbra, com o sr. D. Fernando Coburgo (commandante em chefe do exercito) abandona-o, desertando para o Porto com a sua brigada, composta dos regimentos de lanceiros da rainha, granadeiros da rainha, infanteria n.º 1, e uma companhia de infanteria 16. (O sr. D. Fernando, teve de retirar para Lisboa)

Os dous batalhões de caçadores, 1 e 5, marcham para o Porto, a unir-se aos revoltosos.

Saldanha, tendo noticia do triumpho da revolução no Porto, sae da Galliza, e vem-se reunir aos revoltosos, até então seus inimigos.

O conde de Thomar, havia tornado para ministro, em 1849, por influencia do Saldanha, o qual tinha declarado em cortes, que, *antes queria todos os Cabraes na camara dos deputados, do que um só da junta do Porto* (Tempora mutantus, et nos mutamur in illi!...)

Sandanha foi para Lisboa como *triumphador*, fazendo a sua *entrada solemne* na capital (desembarcando na Praça do Commercio) a 13 de maio, e foi com as suas tropas, passar em continencia, em frente do palacio real, mais como affronta á rainha, do que como acto de submissão. N'essa mesma noite, a sr.ª D. Maria II e o sr. D. Fernando, soffreram insultos no theatro de S. Carlos.

O conde de Thomar, foge, pela segunda vez, para o estrangeiro, e Saldanha, tomando conta do governo, como dictador, promulga grande numero de leis. [3]

[1] José de Barros e Abreu, foi feito barão do Casal, no 1.º de dezembro de 1836—e conde do mesmo titulo, em 20 de janeiro de 1847.

[2] Miguel Correia de Mesquita Pimentel, foi feito barão de Mesquita (do seu appellido) em 17 de janeiro de 1848.

[3] Uma d'estas leis (a de 23 de outubro de 1851) determina que aos officiaes convencionados em Evora Monte, se désse o soldo

Já do Porto elle principiou *a dar leis* para Lisboa, e foi *por sua ordem*, que alguns navios de guerra, e transportes, o foram buscar ao Porto e ás suas tropas.

Finalmente, depois de varios acontecimentos que seria enfadonho mencionar, termina a primeira dictadura de Saldanha, e assim vae passando o tempo, até á sua

Segunda dictadura

Na madrugada de 19 de maio de 1870, o velho marechal Saldanha, á frente do batalhão de caçadores n.º 5, e do regimento de infanteria n.º 7, proclama a queda do ministerio Loulé. Só a guarda municipal, alguma artilheria e um esquadrão de lanceiros, deixou de unir-se logo aos revoltosos.

Saldanha, dirige-se com a força que angariára, ao palacio da Ajuda, onde uma bateria do 3 de artilheria, lhe faz fogo, que é correspondido pelos caçadores revoltados; mas a resistencia durou poucos minutos, e os artilheiros rendem-se, ficando apenas mortos uns 5, e igual numero de feridos.

Varias balas dos caçadores, esmigalharam as vidraças do paço e lhe furaram os estuques, passando uma balla (segundo se disse) a poucas pollegadas da cabeça do sr. D. Luiz, que, tendo recolhido depois da meia noite, do theatro, se levantára assustadissimo, poucos momentos depois (2 da manhã) porque acordára ao estrondo dos tiros.

O ministerio quer conservar-se a todo o transe, não lhe importando que para isso corra a jorros o sangue de portuguezes—e todos liberaes!

O ministro da guerra (Lobo d'Avila) dá ordens e contra ordens, de minuto a minuto.

O rei estava aterrado. Não quer guerra, não quer sangue, e está por tudo o que quizer Saldanha. Manda chamar o duque de Loulé, para se lavrar o decreto da demissão dos ministros, mas o duque se recusa terminantemente a referendar tal decreto, dizendo ao sr. D. Luiz, que *o governo tem força sufficiente para debelar os revoltosos, que vão ser immediatamente aniquilados;* mas, vendo que o rei se obstina em não querer guerra, diz-lhe que *se avenha como poder*, e vae reunir-se aos seus collegas, para envidarem todos os meios de suffocar a revolta.[1]

O visconde de S. Thiago, general da 1.ª divisão, que se tinha conservado no seu posto, marcha com a força que estava fiel ao governo, em direcção da Ajuda, mas, chegando á Tapada, encontra uma ordenança, com ordem do sr. D. Luiz, para retrogradar.

Finalmente, o rei assigna o decreto da demissão do ministerio, e o Saldanha fica senhor da situação, e dictador. Elle, a quem a edade provecta deveria ter feito mais cauto, prudente e reflectido, principia a sua dictadura, não só promulgando uma aluvião de decretos, na fórma do seu louvavel costume;[2] exercendo vingança; e dando premios, segundo a sua vontade, soberana. As exonerações, demissões, substituições, nomeações e reintegrações eram ás dezenas em cada dia!

correspondente aos postos que tinham ao tempo da morte de D. João VI.

Foi meia justiça, porque os officiaes que tinham os seus postos dados pelo sr. D. Miguel I, *e que lhes tinham sido garantidos na convenção*, ficaram injustissimamente excluidos do beneficio d'esta lei.

[1] Ainda na vespera da revolta, os ministros tinham feito a mesma declaração e as mesmas ameaças, nas duas casas do parlamento.

[2] Decretos de que pouco depois ninguem fez caso, apezar de estarem sanccionados pelo rei. Nem se quer houve por elles a consideração de os annullar por um decreto posterior.

Um d'estes decretos, (o de 13 de agosto) determinava que aos officiaes do exercito realista, não contemplados no decreto de 1851, fosse pago o soldo que se lhes havia garantido por um tratado solemne, celebrado entre as quatro nações da alliança; mas, apezar de então só existirem 114 officiaes (dos 4:000 e tantos que convencionaram!) a quem este decreto podesse aproveitar, teve elle a mesma sorte dos outros.

Tambem choveram titulos e commendas, a quem lhe pareceu.[1]

Saldanha, convida o illustrado e patriota bispo de Vizeu (o sr. Antonio Alves Martins) para fazer parte do ministerio. O digno prelado responde, que *só acceita se lhe der para collegas, homens que estejam á altura da sua missão, em circumstancias tão criticas;* mas, como o marechal quer sómente impôr os seus amigos, o esclarecido prelado recusa.

A 25 de maio, constitue-se o novo ministerio, do qual Saldanha se faz presidente, e ministro da guerra e estrangeiros—fazendo, *José Dias Ferreira* — reino; *Antonio Rodrigues Sampaio* (que era seu inimigo encarniçado, ha mais de 30 annos!...)—obras publicas; o novo *marquez d'Angeja*[2]—marinha, *D. Antonio da Costa* (sobrinho do Saldanha).

Deve confessar-se que este ministerio, hybrido e heterogenio, desagradou quasi geralmente; e não poucas pessoas o alcunharam de *iberico*, o que não passava de calumnia.

As cortes são adiadas, até 20 de junho; mas, no principio d'este mez, é prorogado o adiamento, até 31 de outubro.

José Dias Ferreira, que veiu a ter nada menos de trez pastas, cede uma a Antonio Vieira de Magalhães Junior (filho do visconde da Alpendurada) que era barão de Magalhães desde 13 de maio de 1854, e tinha sido feito conde do mesmo titulo, pelo Saldanha, tambem a 24 de maio d'este anno de 1870.

Não convindo a Saldanha, nem á maior parte dos seus collegas, a camaradagem com o marquez d'Angeja, para se descartarem d'elle, o fazem nosso embaixador em Bruxellas.

Saldanha, tem uma parentella numerosissima, e, ainda por cima, de cada canto lhe surgem parentes improvisados, que o marechal emprega, invadindo com elles, todas as repartições publicas.

O descredito do governo, pelos seus actos irreflectidos, se vae propagando por todo o reino, e, quanto ao credito financeiro, nem o tem em Portugal, nem lá fóra. As inscripções, que achou cotádas ao par, chegaram a 27! Todos temiam uma imminente e desastrosa bancarrota.

O marquez de Sá da Bandeira, e outros cavalheiros prudentes, tanto instaram com o rei, expondo-lhe o risco em que estava a patria, que elle resolve-se a demittir semelhante ministerio, a 29 de agosto, e se ficou denominando o periodo antecedente o *governo dos 100 dias*, que tantos esteve d'esta vez o Saldanha no poder.

Ha toda a probabilidade para acreditar' que o novo ministerio já estava combinado antecipadamente, porque, apenas nomeado, entraram logo os ministros nos seus logares.

Ficou assim constituido—presidente, guerra, e interinamente da marinha, *Sá da Bandeira* (octogenario, surdo, trôpego e manêta!)—reino e instrucção publica, *bispo de Viseu*—fazenda, estrangeiros e justiça, *marquez d'Avila* (hoje duque do mesmo titulo) —obras publicas, *Carlos Bento da Silva*.

Bastou a nomeação d'este ministerio, para as inscripções subirem logo a 32.

—

O governo, para se descartar de Saldanha, o conspirador sempiterno, o faz nosso embaixador em Londres, onde fallece, com mais de 80 annos de edade, pois havia nascido a 17 de novembro de 1790.[1]

[1] Logo a 24 de maio, o sr. D. Caetano de Almeida e Noronha Portugal Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, que era conde de Peniche, foi feito marquez de Angeja, em duas vidas: e no dia seguinte foi feito visconde Castilho, o grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho.

[2] Este cavalheiro, um dos mais nobres fidalgos do reino, havia tomado parte na revolta, e metteu-se no Castello de S. Jorge, com uma força de populares (a que o povo principiou a dar o nome de *penicheiros*) e alli esperou o resultado da marcha do Saldanha, ao palacio da Ajuda.

[1] Era tão temido dos nossos governos, que quando lhes pedia dinheiro—alem de tudo quanto recebia pelos seus numerosos empregos—e elles lho não davam, ameaçava-os de vir para Portugal.

Não era preciso mais nada, para que logo lhe mandassem quanto elle queria. Saldanha, que sabia o meio de obter dinheiro de prompto, não se descuidava em o empregar.

—

Foi casado duas vezes (da segunda vez, em Londres, com uma senhora Ingleza, quando já era octogenario) e d'esta não teve filhos. Da sua 1.ª mulher, teve trez filhos — Augusto Carlos de Saldanha d'Oliveira Daun, conde d'Almoster, que nasceu a 26 de dezembro de 1822—João Carlos, nascido a 20 de novembro de 1825 e D. Eugenia, nascida a 25 de maio de 1831. (Vide *Tavarêde.*)

—

O duque de Sáldanha, era 9.º filho de João de Saldanha Oliveira e Sousa, 1.º conde de Rio Maior;[1] 16.º senhor do morgado de Oliveira, gentil-homem da camara da rainha, D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, conselheiro de estado, presidente do Terreiro Publico; e que nasceu a 22 de maio de 1746, e morreu a 26 de janeiro de 1804.

Casou em 1774, com D. Maria Amalia de Carvalho e Daun (nascida a 15 d'agosto de 1756, e fallecida a 16 de setembro de 1812) 3.ª filha dos 1.ºs condes de Oeiras, e 1.ºs marquezes do Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, e D. Leonor Ernestina de Daun, camarista da rainha D. Marianna d'Austria, mulher de D. José I, e nascida em Vienna d'Austria.

Filhos d'este matrimonio

1.º — *D. Maria Constança,* condessa da Ponte.

2.º—*Antonio,* 2.º conde de Rio Maior.

3.º *José Sebastião,* senhor de Pancas, por casar com sua prima, D. Maria Leonor Carolina Manuel de Vilhena da Costa Freire Martins da Fonseca, senhora de Pancas, cujo morgado herdou de D. Francisco Xavier da Costa Noronha. Era filha de D. Christovão Manuel Vilhena, e de D. Maria Francisca Xavier Eva Anselma de Daun, irmã da 1.ª condessa de Rio Maior.

4.º—*D. Marianna,* mulher de seu primo, D. Luiz Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, senhor da quinta da Torre (solar dos Vasconcellos) em S. Martinho de Ferreiros. (Vide *Ferreiros,* no vol. 3.º, pag. 176, col. 2.ª — e *Requeão,* n'este vol., pag. 144, col. 1.ª) 10.º senhor d'Entre Homem e Cávado, é do morgado de Mendonça Ave Maria, e alcaide-mór de Mourão.

5.º—*D. Maria Ignacia,* condessa de Mesquitella.

6.º—*D. Anna Isabel,* viscondessa da Bahia.

7.º — *D. Francisca de Paula,* mulher de D. Fernando Antonio d'Almeída e Silva Sanches de Baena Jaques Farinha de Sousa e Vasconcellos, trinchante-mór da casa real, senhor dos morgados de Oliveira dos Arcos e de Linhares.

8.º — *D. Leonor Ernestina,* marqueza do Pombal.

9.º—*João Carlos,* (o duque de Saldanha).

10.º—*D. Maria Joanna,* mulher de Miguel Paes do Amaral de Almeida Quifel Barberino, 3.º senhor da Abronhosa e Villa-Mendo, e 11.º senhor da casa de Mangualde.

11.º—*Francisco,* commendador da ordem de Christo, cavalleiro de S. João de Jerusalem—diplomatico.

12.—*Domingos,* do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Torre e Espada, e governador d'Angola, onde morreu, a 3 de setembro de 1800.

SALÉSIAS—(freiras) mosteiro, Extremadura. na freguezia e concelho de Belem, comarca, patriarchado. districto administrativo, e 6 kilometros ao O. de Lisboa.

Está fundado na rua das *Salesias,* que vae do *Altinho,* onde termina a rua da Junqueira, e começa a rua Nova da Junqueira, e vae ter á rua dos Quarteis, á Boa Hora, na Ajuda.

Está o mosteiro cercado de renques de frondosas oliveiras, e n'elle vivem as sempre exemplarissimas religiosas, da ordem de S. Francisco de Salles, e da invocação da *Visitação de Nossa Senhora.*

N'este mosteiro são educadas, com o maior esmero e sollicitude, meninas de todo o reino, e ainda do estrangeiro, aqui attrahidas pela optima fama de que gosa esta excellente casa de educação, e d'aqui sahem perfeitissimas donas de casa, tão instruidas nas cousas da terra, como nas do Ceu.

[1] Vide n'este vol., pag. 202, col. 2.ª

O edificio é vasto e distribuido segundo todas as regras da hygiene. As suas cêrcas estão povoadas de frondosos arvoredos, perfeitamente tratados.

O templo foi concluido pelo zelo do esclarecido orador sagrado, o padre A. R. dos Anjos Beirão. É vasto e bello, em fórma de cruz, com um elevado zimborio, que dá uma luz clarissima á egreja.

Véem-se alli bons quadros, e na sachristia é objecto de justa admiração, um grande e primorosissimo, representando o Senhor Morto, junto a Nossa Senhora da Soledade, e entre S. João Evangelista e Santa Maria Magdalena.

São de muito gôsto e grande preço, todos os utencilios do culto divino, principalmente os ricos paramentos, todos primorosamente bordados no mosteiro.

São directores espirituaes do convento, os benemeritos e bemquistos padres, Joaquim Moreira S. da Cunha, e Luiz B. da L. Pacheco, proprietario da *Livraria Catholica* (á praça do Rocio) director e principal redactor das *Leituras Populares*.

O mosteiro foi fundado pelo virtuoso e esclarecido, padre Theodoro d'Almeida, famoso auctor das *Recreações Philosophicas*, do *Feliz Independente*, e de outros livros de grande merecimento.

O padre Theodoro tambem ajudou o padre Carvalho, na fundação do seminario dos orphãos.

O mosteiro das Salésias, foi destinado pelo seu fundador, para educação de meninas, e para aqui vieram, do mosteiro de Annecy, da Saboya (onde se conservam as reliquias de S. Francisco de Salles) as primeiras religiosas da ordem do mesmo santo, em 1714, sendo recebidas com grande solemnidade.

SALÉMA—corrupção da palavra arabe *salama*. — É a saudação, ou comprimento de uso entre os árabes.—*Os mais lhe vieram fazer a sua* Sálema, *que é como entre nós beijar as mãos aos reis, em reconhecimento de senhorio.* (Barros, *Década* 4.ª, fl. 415.) Tambem diziam *salamalek*.

Salema, é tambem um appellido nobre em Portugal, e mais antigo do que a nossa monarchia.

Em 1193, era vassallo de D. Sancho I, Pêro Saléma, O solar d'esta familia, é na herdade denomidada Saléma, no Alemtejo.

O seu brazão d'armas, é—em campo verde, um castello d'ouro, coberto do mesmo, lavrado, com portes e frestas de negro: orla azul, carregada de sete salémas (peixes bem conhecidos) de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre, o castello do escudo.

Outros Salémas, trazem por armas — em campo de púrpuras 5 achas d'armas, de ouro, em àspa; e o mesmo êlmo e timbre. (É d'esta ultima maneira que se acha na livraria da casa Palmella.)

Vide no 1.º vol., o ultimo *Bairros* da col. 1.ª col., pag. 309.

SALGADÊLLA—sitio da Beira Baixa (Riba-Côa.) No 2.º vol., pag. 187, col. 2.ª, no fim, mencionei a batalha que teve logar junto á villa de *Castello-Rodrigo*, e no sitio que, desde então, se ficou chamando *Salgadélla*; aqui darei mais desenvolvidos pormenores sobre esta batalha, tão gloriosa para os portuguezes.

Esta batalha, foi dada a 7 de julho de 1664, e não de 1544, como, por êrro typographico, se disse no logar citado.

O duque de Ossuna, capitão-general da Castella-Vella, para se vingar das repetidas derrotas que tinham soffrido as tropas do seu commando, marchou a 3 de julho do referido anno de 1664, sobre a nossa praça de Castello-Rodrigo, com 4:000 infantes, 600 a 700 cavallos, e nove peças de artilheria grossa e quatro petardos (e não 91, como, por êrro typographico, se disse no 2.º vol.) e muitos carros, com o trem e munições correspondentes.

Vinha tão certo da victoria, que já trazia frades, para occuparem o visinho mosteiro de Santa Maria d'Aguiar; e justiças, para deixar na villa.

A guarnição da praça, constava apenas de 150 homens, mas eram commandados pelo intrepido mestre de campo, Antonio Ferreira Ferrão, governador do castello.

Achava-se então no Alemtejo, o conde de S. João, governador das armas de Traz-os-Montes, e Affonso Furtado do Rio Castro e Mendonça, governador das armas do partido

de Penamacôr; que, unidos ás tropas do grande marquez de Marialva, tinham tomado a praça hespanhola, de Valença de Alcantara, no mez antecedente.

Apenas souberam que o duque de Ossuna se dirigia a Castello Rodrigo, voaram em soccorro da praça ameaçada; mas foram antecipados pelo valoroso Pedro Jacques de Magalhães, governador das armas do partido d'Almeida, que se achava mais proximo de Castello-Rodrigo.

Em 2 dias, pôde Magalhães reunir 2:500 infantes e 500 cavallos, e como sabia que os castelhanos que tinham hido em soccorro de Valença d'Alcantara, haviam chegado a Ciudad Rodrigo, para se unirem ás de Ossuna, e que Castello-Rodrigo se não podia sustentar por muitos dias, contra tão grandes forças, pela vetustez e ruina das suas obras de defeza, e pelo pequeno numero de seus defensores, que, de mais a mais, apenas tinham duas pequenas peças de campanha; não esperou por mais reforços, e fiado na sua intrepidez, e na bravura dos portuguezes que commandava, sahiu de Almeida, a 6, pelas 4 horas da tarde, e na madrugada do dia seguinte, chegou, sem ser presentido pelos castelhanos, á serra da *Marófa*, proxima da nossa praça, na occasião que Ossuna lhe dava um furioso assalto, chegando a tomar uma barbacan, mas sendo bizarramente repellido pela guarnição, que lhe matou e feriu muita gente.

(N'este assalto e nos anteriores, perderam os castelhanos, 200 homens.)

Ao romper do sol, viu Ossuna as tropas de Magalhães a pouca distancia das suas, e se poz em defeza, no campo que havia entrincheirado á pressa, com molhos de trigo, e mandou disparar toda a sua artilheria, contra os nossos.

Mandou logo Magalhães, o tenente general, D. Antonio Maldonado, commandante da cavallaria, contra os castelhanos, e tão galhardamente os carregou, que antes de chegar Magalhães, já D. Antonio levava o inimigo de vencida, e lhe tinha tomado uma peça e varias carretas. Os castelhanos, passaram um pequeno ribeiro que alli ha, e formaram em batalha, no lado opposto.

Receberam os portuguezes com uma descarga geral, á *queima-roupa*; mas os nossos, apanhando os inimigos com as armas descarregadas, cahiram sobre elles com tal furia, que immediatamente os pozeram em vergonhosa debandada, acutilando-os sem piedade, e perseguindo-os até ao rio Agueda, (da Beira Baixa).

Foram degolados, 1:200 infantes, e ficaram prisioneiros 1:800, cahindo, como em uma rêde, toda a infanteria.

Da cavallaria, ficaram mortos, ou prisioneiros, 330, recolhendo-se logo no campo da batalha, 200 cavallos, e apanhando-se-lhes dispersos, nos dias seguintes, mais 130.

Ficaram mortos na acção, quatro mestres de campo; D. João Giron, filho do duque de Ossuna, e capitão da sua guarda; e alguns outros capitães, sargentos-móres, e varios fidalgos de Salamanca e d'outras terras.

Toda a artilheria ficou em poder dos portuguezes. (Eram 9 peças e 4 petardos, como já disse.)

Perderam toda a bagagem, incluindo a recamara e secretaria do duque, que fugiu com uma carapuça na cabeça (e depois, vestido de frade) deixando a um ajudante, o bastão e o chapeu, adornado de grandes plumas; largando tambem o cavallo, para mais facilmente poder escapar, e fugindo por uma ladeira, até ao rio Agueda, corrido á pedra, pelos lavradores d'aquelles sitios.

Assim, a pé, correu até ao castello de S. Felices, d'onde seguiu, deitado em uma carroça, até Ciudad Rodrigo, onde chegou morto de fome, moido, e coberto de poeira.

Foi esta a 7.ª derrota que soffreu, até áquella data, durante a guerra da restauração.[1]

Distinguiram-se n'este glorioso feito d'armas, além de Pedro Jaques de Magalhães, e D. Antonio Maldonado, mais os seguintes guerreiros:

Manuel Ferreira Rebello, mestre de campo—Antonio Velloso de Figueiredo, mestre de campo—os capitães de cavallaria, Paulo

[1] A 1.ª, foi em Niza—a 2.ª, em Elvas—a 3.ª em S. Miguel, sobre Badajoz—a 4.ª, nas linhas de Elvas—a 5.ª, em Escalhão—e a 6.ª, em Almeida.

Homem Telles, Antonio Ferrão de Castello-Branco, João Soares d'Almeida, Christovão Correia Freire, e Martim Affonso de Mello —o sargento-mór, José de Figueiredo da Silveira—o governador da comarca de Pinhel, Alvaro Saraiva da Gama — o alcaide-mór de Castello-Mendo, Francisco Coelho Osorio—e o sargento-môr, Antonio de Figueiredo.

Na defeza da praça, cobriram-se de gloria, o governador, Antonio Ferreira Ferrão —o sargento-mór, João da Fonseca—e o capitão, João Gomes.

—

Os principaes prisioneiros castelhanos, foram:

D. Antonio Isaque, tenente general de cavallaria, cavalleiro da Ordem de S. Thiago —D. João de Chaves Maldonado, capitão de cavallaria—D. Antonio Colmenaso, sargento mór, e governador de Abbadengo—D. Christovão Honorato, sargento-mór—18 capitães, 3 tenentes, 24 alferes de infanteria, e 4 de cavallaria, 15 sargentos, e 1:800 soldados.

Ficaram em nosso poder:

Canhões pedreiros de calibre 36.....	1
Meios canhões pedreiros de calibre 24..	1
Quartos canhões de calibre 12.....	2
Meias columbrinas de calibre 8.....	2
Meios *sagres* de calibre 5.....	3
Petardos.....	4
Bôcas de fogo.....	13

Era toda a artilheria dos castelhanos.

Mais lhe tomámos:

9 Cucharras, com soquêtes—um sacatrapo—10 reparos — 8 armões — um carro de matto—1 cabrilha—4 calabres grandes—2 calábres pequenos—800 balas de artilheria —6 cunhetes com balas miudas—20 arrobas de cordas! (para que quereriam elles tanta córda?)—250 marretas—9 arrobas de polvora (a outra ardeu por desastre) — 4 arrobas de pregadura grossa—100 carrêtas grandes, com munições e petrechos de guerra—400 carrêtas com bagagens e mantimentos—1:000 bois—150 cavalgaduras de carga—6 carroças de fidalgos, entre ellas, a do duque—muita prata do serviço d'este—toda a sua recamara, com muito bons vestidos, que os soldados repartiram entre si —a secretaria do duque, com muitas cartas de Philippe, 4.º. de seu filho, D. João d'Austria, de varios ministros, e outros individuos.

D. Affonso VI estava na quinta d'Alcantara, quando chegou a Lisboa, Henrique Jaques de Magalhães, filho de Pedro Jaques de Magalhães, no dia 13 do dito mez de julho, com a parte official d'esta derrota monumental dos castelhanos; o que deu causa a grandes festas publicas, na capital e em todo o reino, que duraram muitos dias.

Na parte que ao rei deu d'esta batalha, o grande Magalhães, lhe recommendava os cabos de guerra que mais se distinguiram, e para elle, apenas *pedia duas das peças de artilheria, tomadas ao inimigo*, como memoria de tão glorioso feito d'armas.

(Vide o *Mercurio Portuguez*, de julho de 1664, no *Portugal Restaurado*. O *Mercurio*, era a gazeta official do tempo da guerra da independencia.)

Não assistiu a esta batalha, D. João d'Austria, como, por mal informado, disse em *Castello-Rodrigo*. D. João d'Austria, estava então em Badajoz ou immediações.

A *Cruz de Pedro Jaques*, padrão commemorativo d'esta victoria, fica a 5 kilometros da villa de Castello-Rodrigo; 8 ao O. do rio Agueda; 2 ao S. da povoação e freguezia de *Matta de Lobos*, e dentro dos limites d'esta parochia; e 3 ao E. do mosteiro de Santa Maria d'Aguiar.

No pedestal da *Cruz de Pedro Jaques*, se gravou uma inscripção, commemorando esta batalha. Por extensa, e por ser o resumo do que fica dito, não a copio.

Esta derrota, a das *linhas d'Elvas*, em 14 de janeiro de 1659, e a do *Ameixial*, a 8 de junho de 1663, foram as maiores que os castelhanos soffreram durante os quasi 28 annos que durou a guerra da restauração.

O Dr.—*Pedro Augusto Ferreira.*
abbade de Miragaia.

SALGUEIRAES—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira (foi da mesma comarca, mas do concelho de Li-

nhares) 105 kilometros ao E. de Coimbra, 300 ao E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 76.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior da villa de Linhares, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Clima excessivo e pouco fertil. Muito gado e caça. Fabricam-se aqui optimos queijos.

SALGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca, districto administrativo e bispado, e 6 kilometros de Castello-Branco. 35 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 310 fogos.

Em 1757, tinha 170.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 170$000 réis.

É terra fertil. Gado e caça.

SALGUEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 75 kilometros da Guarda, 220 ao E. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 37.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario da freguezia de S. Bartholomeu da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 250$000 réis, e o pé de altar.

É terra fertil. Grande abundancia de gado e caça.

A esta freguezia está annexa a das Quintans, e por isso se diz vulgarmente *Salgueiro e Quintans*.

SALHARIZ—Vide *Selhariz*.

SÁLIA—rio, Minho,—Vide *Sêlho*.

SALINAS—é um appellido nobre em Portugal: veio de Hespanha, tomado da villa de Salinas, na Guipuscoa. Não se sabe quem o trouxe a Portugal. O seu brazão d'armas, é —em campo de prata, uma asna de purpura firmada, entre 3 flores de liz do mesmo —êlmo d'aço, aberto; e por timbre o pescoço e cabeça de um unicornio, da sua côr, com a ponta de prata.

SALIR ou **SELIR**—freguezia, Algarve, na comarca e concelho de Loulé, 24 kilometros de Faro, 225 ao S. de Lisboa.

Tem 800 fogos.

Em 1757, tinha 514.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 720 alqueires de trigo, de renda por anno.

É uma grande povoação, e antiquissima. Foi villa, no tempo dos mouros, e praça fortificada. Ainda conserva as ruinas do seu vetusto castello, a uns 250 metros ao N. O. da povoação. Esta é situada sobre uma collina.

Com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, cahiram 40 moradas de casas; mas só morreu uma menina, ainda de peito.

A egreja é pequena para o tamanho da freguezia, e nada tem de notavel.

O territorio da freguezia, fica entre dous ramos da serra do Algarve, tendo cada um d'elles, 18 kilometros de comprido.

É terra fertilissima, e são famosos os seus vinhos, chamados d'Alicante; produz optima laranja, que exporta para Inglaterra.

Fabrica-se aqui muita aguardente de medronhos; e ha vastos montados, onde se criam muitos porcos, e são abundantes de caça.

A uns 200 metros da povoação, corre a ribeira de Salir, que réga, móe, e traz algum peixe. Junto á aldeia de Tôr, toma este nome.

Pela lei de 7 de abril de 1838, perdia, para o Ameixial, os dez *Valles de Luiz Néto*—os oito *Valles da Rosa*—os dous das *Cortiçadas*—os 6 da *Ameixieira*—e os cinco das *Fornalhas*. Para Querença, perdia os *Valles do Barranco do Velho*, e os do *Sêrro Alto*.

Esta lei não teve effeito.

Seis kilometros ao N. de Salir, está a montanha da *Rocha da Pena*, cortada perpendicularmente, com 3 kilometros de extensão; a qual, pelo referido terramoto, ficou rachada em varias partes, e lançou penedos, de prodigiosa grandeza, a grandes distancias.

Só é accessivel ás aguias, buffos, e griffos, que fazem bastantes estragos no gado miu-

do. No seu cume, ha um profundissimo lagar.

Trez kilometros ao O. d'esta serra, ha outra, chamada *Peninha*, e na raiz d'ambas ha nascentes d'aguas ferreas.

Salir é uma palavra portugueza muito antiga: significa—*morrer. E se se Paay* (Payo) *Martinz ante sal ca eu per morte* (se morrer antes de mim.) Doc. de Alpendurada, de 1292.—*Sal*, tambem era synonimo de sahir, ou de *sahimento*. Ainda hoje empregamos este ultimo substantivo, para designarmos o acompanhamento de um enterro.

SALIR DO PORTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha (foi da comarca d'Alcobaça, concelho extincto de S. Martinho do Porto), 100 kilometros ao N. O. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O prior de S. Pedro, d'Óbidos, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 50 almudes de vinho.

Fica a 3 kilometros ao S. de S. Martinho do Porto, e por isso, ainda alguns chamam á barra de S. Martinho—*barra de Salir*.

É terra fertil.

Foi villa e cabeça de concelho (couto d'Alcobaça) com juiz ordinario, capitão-mór e uma companhia de ordenanças.

Dizem alguns, que teve foral velho, dado por D. Sancho I, o que é duvidoso.

O antigo nome d'esta freguezia, era *Salir da Foz*, e é o nome que tem no foral que lhe deu o rei D. Manuel, em Lisboa, a 10 de março de 1515. (*L. 1.º dos foraes novos da Extremadura*, fl. 139, col. 2.ª)

É terra abundante de peixe do mar, que lhe fica a 3 kilometros ao N. O.

Esta povoação é antiquissima, e ficava a pouca distancia da famosa cidade da antiga Lusitania chamada *Eburobriga*. (Vide *Alfeizirão*, *Evora d'Alcobaça*, *Eburobriga*, e vide tambem o Salir seguinte.)

Para a etymologia, vide o 1.º *Salir*.

SALIR DOS MATTOS—ou *Salir do Matto*—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 105 kilometros a N. O. de Lisboa, e 5 do Salir antecedente.

Tem 360 fogos.

Em 1757, tinha 221.

Orago, Santo Antonio, patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O abbade geral do mosteiro de religiosos bernardos d'Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis, e o pé d'altar.

Como o Salir antecedente, é povoação antiquissima, e foi villa e cabeça do concelho do seu nome (couto de Alcobaça) e tinha juiz ordinario, apresentado pelo D. abbade de Alcobaça.

D. Manuel I, lhe deu foral, em Lisboa; no 1.º de outubro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 132 col. 1.ª). N'este foral se lhe dá o nome de *Salir do Matto*.

Ficava tambem, como o antecedente, proximo da cidade de *Eburobriga*, e da villa de Alcobaça. (Vide *Alfeizirão*, *Eburobriga*, e *Evora d'Alcobaça*).

—

Que esta povoação foi habitada pelos romanos, o prova uma lápide, mencionada por o doutor allemão, Emilio Hubner, nas suas «Noticias archeologicas de Portugal» pag. 56.

Eis a inscripção da lápide:

D. M. S.
SOLPICIAE C. OL.
SIPONĒSI AN.
XXXV CALLECVS
R... SL... VXORI
P... P... C.

É pois um monumento sepulchral, e quer dizer—*Dedicado aos deuses manes. Aqui jaz Sulpicia, natural de Colippo* (Leiria) *irman de Calleco, a qual falleceu na edade de* 35 *annos.*

As tres letras da ultima linha, talvez signifiquem *Pientissimae Poni Curavit.*

Calleco, parece ser lusitano, e era duunviro, provavelmente do municipio de Eburobriga.

Em Alfeizirão, se teem descoberto varias lápides, com inscripções romanas, e entre ellas, a seguinte:

SVLPICIAE.
L. F. AVITAE.
EX. T. SVO. Q.
SERVILIVS.
AVITVS HER.
G. SERVILI.
LAVRI PATRIS.
SVIF... C.

Parece que é a sepultura de uma Sulpicia, que, por testamento, deixou encarregado do seu funeral a seu parente Servilio Avito.

Póde muito bem ser que esta Sulpicia fosse irman, ou da familia Sulpicia da inscripção achada em Salir dos Mattos; e talvez ambas da cidade de Calippo, onde a familia Avito foi muito considerada, e á qual familia ambas as Sulpicias pertenciam.

(Para a etymologia, vide o primeiro *Salir*.)

SALLAMONDE—Vide *Salamonde*.

SALOIO—o habitante dos arredores de Lisboa. Julga-se geralmente que a etymologia d'esta palavra vem do árabe *çála* ou *saláh*, que significa, oração, rogativa ou deprecação.

Deriva-se do verbo *sálla*, orar, rezar, deprecar.

A *çala* era rezada pelos mouros, cinco vezes por dia:—1.ª ao romper d'alva, e se chamava *salat el sobbi*, que significava *oração da madrugada*.—2.ª ao meio-dia, e se chamava *salat el dôhri*, oração do meio-dia.—3.ª ás 4 horas da tarde, e se chamava *salat el arsi*, oração da tarde.—4.ª ao sol-posto, e se chamava *salat el megreb*, oração do sol-posto.—5.ª ás oito ou nove horas da noite, e se chamava *salat el dxé*, oração da noite.

De fazerem a *çala*, se deu aos mouros o nome de *salôios*.

Quando D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros, em 1147, não os quiz, nem aos judeus, misturados com os christãos, para evitar continuas rixas e desordens, nas quaes os mouros e judeus ficavam sempre mal.

Aos judeus foi designado para a sua habitação o bairro da Ribeira-Velha, que por isso se ficou chamando *Judiaria*.

(Para evitar repetições, vide *Judiaria*, a pag. 421 do 3.º vol.—no artigo *Lisbôa*, 4.º vol., pag. 172, col. 2.ª—e no mesmo artigo *Casa dos Bicos*—e a pag. 170, col. 1.ª *Villa Nova de Gibraltar*.)

Aos mouros foi marcado o terreno que principiava fóra do *Arco do Marquez de Alegrete* (actual largo da Mouraria) e comprehendia as actuaes ruas da *Mouraria*, *Cavalleiros*, *Capellão*, *Amendoeira*, e todas as travessas e bêccos immediatos.

A este sitio ainda se continua a chamar *bairro da Mouraria*.

Os mouros se foram convertendo pouco a pouco ao christianismo, e se ligaram com familias christans, o que lhes facultou poderem estender-se pelos arredores de Lisboa, fóra dos limites primeiramente marcados.

Muitos physionomistas julgam ainda perceber nas caras dos salôios o que quer que seja do typo árabe.

Deixem-nos confessar que, se os saloios se parecem com os mouros, estes não eram de certo nenhuns Adonis, nem Apollos de Bélvedere; nem as salôias Venus ou Junos.

Julga-se que tambem da palavra *çala* vem o nome de *çalaya*, tributo que pagavam do pão cosido, os padeiros salôios, e que depois se estendeu a todos os padeiros, quer do termo, quer de Lisboa.

Çala Ben Çala (Saléh Bed Saléh) é nome proprio de homem, árabe. Significa—*Justo filho de Justo*.—Deriva-se do verbo *salêha*, ser justo, perfeito, completo.

SALRÊU—freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao S. de Estarreja, 18 kilometros ao N. de Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1757 tinha 701 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

A abbadessa do mosteiro de Lorvão (de freiras bernardas) apresentava o prior, que tinha 2:400$000 réis de rendimento annual.

Situada em terreno levemente accidentado e fertilissimo. Cria muito gado, de toda a qualidade, e a *ria* e o mar lhe dão abundancia de peixe.

Tem uma vasta e sumptuosa egreja ma-

triz, de 3 naves, optimos passaes e boa casa de residencia parochial.

A egreja foi restaurada em 1878, obtendo-se do governo um subsidio de 600$000 réis.

Foi aqui prior o sr. Dr. Antonio Ayres Tavares de Pinho, actual prior da freguezia de Santa Justa e Rufina, de Lisboa, e desembargador da Curia Patriarchal. É um cavalheiro de muita illustração e do mais exemplar comportamento; pelo que é geralmente respeitado e estimado.

Diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia portugueza*, que havia aqui muitas familias nobres.

A maior parte dos habitantes d'esta freguezia são lavradores, e muitos d'elles ricos proprietarios.

A grande quantidade de *seixos rolados* que se encontram aqui e nas freguezias limitrophes, provam que o Oceano occupou por muitos seculos este territorio.

No logar de S. Martinho, desta parochia, se construiu, em 1871, uma bonita ermida, dedicada a Nossa Senhora das Dores.

É de bella architectura, e as pinturas interiores são primorosas.

Foi feita por devoção e á custa do sr. Elisiario Antonio de Sousa, proprietario d'esta freguezia. Faz-se a festa á Senhora, no primeiro domingo depois da festa de S. Payo da Torreira, e é sempre concorridissima.

No alto de um cabeço está a capella de *Nossa Senhora do Monte*. É tambem um formoso templo, de bella cantaria, e muito antigo; mas não pude saber quando e por quem foi construido. É grande e tem capella-mór com seu altar, e dois no corpo da egreja.

No terreiro que circumda a capella, ha algumas oliveiras, e d'aqui se gosam bonitas e dilatadas vistas.

A imagem da padroeira é de marmore, de boa esculptura e de um metro de alto. A sua festa é feita no dia da Assumpção, e é sempre muito concorrida.

Ainda pelo decurso do anno vem aqui muitos fieis visitar a Senhora.

Tem uma boa confraria, que cuida na conservação e aceio do templo e lhe faz a festa.

—

Em abril de 1876, morreu aqui Joaquim Milina, na edade de 102 annos.

Foi soldado, e fez toda a campanha da guerra peninsular, e, quando já não podia trabalhar, mendigava, para não morrer de fome. É o premio que os governos portuguezes dão a quem os serve, e é balda velha.

No mesmo anno de 1876, foi esta freguezia invadida por uma temerosa praga de gafanhotos, que devastava tudo.

No dia 10 de julho, pelas 6 horas da manhan, juntaram-se o regedor da parochia, com seus cabos de policia, e muitos lavradores, e dando caça aos gafanhotos, encheram grande numero de canastras d'estes insectos damninhos.

Onde causaram maiores prejuizos foi nas lavouras dos *Ternos da Gandara*, devorando a terça parte das searas. Deixavam-se apanhar facilmente.

Esta lavoura tem trez kilometros de comprido, e outro tanto de largo; a maior parte pertence a esta freguezia, e o resto é já no concelho de Albergaria-Velha.

—

No *Districto d'Aveiro* n.º 731, de 17 de fevereiro de 1879, lê-se o seguinte:

Cartas de Estarreja

«Fomos admirar os effeitos da cheia do rio Antuan; e são realmente grandes!

No caminho de ferro, entre Salreu e Estarreja, são importantes os estragos. Admira como a força da corrente fosse capaz de arrastar comsigo obras que se julgavam tão solidas.

Os prejuizos que a cheia da noite do dia 9 para o dia 10 do corrente causou em parte do nosso districto, pódem ser calculados em mais de quatrocentos contos!

Ul, freguezia do concelho d'Oliveira d'Azemeis, ficou sem todos os seus moinhos, que eram muitos e importantes; e no rio Câima foram tambem grandes os prejuizos. Pontes, aqueductos, casas, açudes, tudo foi arrastado atraz de si.

Era tal o estrondo que a agua fazia no rio Antuan, que muitas pessoas se levantaram de

noite, julgando presencear o diluvio universal!

Na segunda-feira de manhan, viam-se aqui e alem, envolvidas na corrente impetuosa, madeiras, e algumas de grandes dimensões, caixas, soalhos, moégas, médas de palha e animaes mortos. Felizmente não ha a lamentar muitas vidas, porque apenas nos consta o serem uma ou duas as pessoas que morreram afogadas.

As aguas agglomeraram-se junto á ponte do caminho de ferro, e como esta não poude dar vasão áquellas, em vista talvez das madeiras que alli se juntaram, subiram acima da linha, arruinando-a desde o kilometro 286,600 a 287,200; seiscentos metros de extensão.

O pégão da ponte, do lado do norte, desabou completamente, arrastando comsigo parte da ponte de ferro, levando-a a uma distancia talvez de duzentos metros.

Do lado do sul da ponte, ha um rombo consideravel. Os rails, como estavam ligados uns aos outros, ficaram suspensos como uns esqueletos. Pareciam uma cousa phantastica, como se o Deus das trevas tivesse tomado alli sua parte importante.

As providencias que as circumstancias reclamavam, não se fizeram esperar por parte da companhia. Só em Estarreja trabalharam aproximadamente cem pessoas. A estes trabalhos presidiu o ex.mo sr. Espergueira, com os srs. Macgherman, chefe da via e obras; chefe de secção ajudante, Villaça, e com o activo capataz Nunes.

Nos rombos que houve entre Ovar e a Granja, tambem se trabalhou activamente, sendo estes trabalhos dirigidos pelo engenheiro chefe de secção, Gil.

Se o tempo o permittir, talvez que dentro em cinco ou seis dias possam vir os comboios do Porto a Estarreja. Sabemos que quando, porém, aqui chegarem, a companhia estabelece diligencias entre Estarreja e Salreu, visto que o comboyo ascendente chega até alli, e isto tão sômente emquanto se não faz a ponte provisoria sobre o Antuan, que póde levar trez semanas a um mez, para se concluir.

A companhia merece louvores pelas providencias e actividade que empregou; porque d'esta maneira harmonisa os seus interesses com os interesses do publico.

O serviço do correio, como já devem saber, entre o Porto e Estarreja, é feito por terra.

—Na estrada districtal de Estarreja a Albergaria, distante da de ferro trezentos metros, pouco mais ou menos, fez tambem a cheia alguns estragos, porque, subindo acima do seu leito talvez metro e meio, destruiu metade d'ella.

Não ha memoria d'uma cheia assim. Foi imponente. Do mais que souber escreverei. —*Um lavrador.*»

Como o actual sr. prior de Santa Justa, de quem já fallei, foi, como então disse, muitos annos prior de Salreu, escrevi-lhe, a pedir por muito favor, alguns esclarecimentos com respeito á sua antiga parochia, pois, sendo um cavalheiro de tanta illustração, muito hade saber d'aquella terra. Sua Ex.ª anda, porém, tão azafamado a *encabrestar os padres do patriarchado* (expressão d'elle) com o seu famoso *Regulamento*, que nem resposta se dignou dar-me! Talvez julgasse descer da sua alta dignidade, correspondendo-se com um obscuro e humilde escriptor publico. Muito obrigado, sr. prior.

SALSAS—freguezia, Traz os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, e bispado de Bragança (foi do concelho de Izêda, comarca de Chacim—extinctos) 45 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 180.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Nicolau.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

Clima excessivo, mas saudavel e fertil.

Muito gado e caça.

SALSELLAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi da comarca de Chacim, concelho de Izêda—extinctos), 30 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa. Tem 165 fogos.

Em 1757, tinha 60.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade do Valle da Porca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Clima excessivo, mas saudavel e fertil.

Gado e caça.

Salsella, é o mesmo que *Salsa pequena*.

Esta freguezia foi desmembrada da antecedente, com a qual confina ha mais de 200 annos.

SALTADOURO — rio, Minho.—Nasce nas vertentes septentrionaes da serra da Cabreira, no concelho de Vieira.

Despenha-se apertado por entre alcantilados rochedos, formando bellas cascatas e muitas cachoeiras. Morre, com 9 kilometros de curso, no rio Cávado.

Nas suas escarpadas margens, criam-se frondosos castanheiros, oliveiras, e arvores silvestres.

É atravessado por duas pontes muito conhecidas — a de Ruivães e do Saltadouro: esta é construida a uns 500 metros de distancia da confluencia d'este rio com o Cávado. Foi reconstruida no principio d'este seculo, e tem de altura, na estiagem, desde a superficie da agua até ao pavimeuto, 8^{m},5, e de comprimento 22^{m},5.—Tem um só arco, e guardas de cantaria.

Fica esta ponte, a 3 kilometros ao N. E. da povoação de Salamonde. O primeiro kilometro de estrada, da ponte a Salamonde, é um atalho ingreme, subindo sempre em curvas de pequeno raio, ou ziguezagues; á direita do viandante, ha uma encosta escarpadissima, e ao fundo um precipicio.

Dá-se a este sitio a denominação de *Voltas do Saltadouro*.

Este rio, serviu antigamente de divisão das provincias do Minho e Traz-os-Montes; era esta divisão, entre o Cávado e o Tâmega, da fórma seguinte:

Subia pelo rio Saltadouro até ao cume da serra da Cabreira, pelo regato da *Ribeira da Lagem*, até á *Cruz*, e d'ahi ao *Marco do Touro*, pela *Portella-Velha*, onde ainda existe o marco da divisão: d'alli, passava ao *Lodeiro d'Arque*, onde tem tambem um marco, a 50 metros da povoação: passa ao *Marco do Carvalho* e subia a serra da *Seixa*, onde tem outro marco; e d'ahi subia ao *Valle d'Arca*, onde tambem existe um marco; e d'ahi passava aos *Pontões*, onde se reune o rio *Beça*, com o de *Covas*, e d'ahi pelo *rio das Mestras*, até desaguar no Tâmega.

SALTEAR — portuguez antigo—guerrear. No tempo de Viriato, o herminio, dava se o titulo de *latro*, ao que depois se chamou *adiantado*, e por fim, *fronteiro*.

Na Hspanha ha uma nobre familia de appellido *Ladrão* (Ladron.)

Junto á *praça de Cima*, em Lamego, em um quintal que foi dos Duartes, existiu uma inscripção romana, dedicada a *Porcio Latro*, e se faz menção de uma familia dos *Ladrões*, e de outros appellidos hespanhoes.

No tempo dos romanos, se dava o nome *Laterones*, á guarda nobre do imperador; e os membros d'ella eram tão considerados, que até tinham talher á mesa d'elle; por isso tambem se chamavam *bucellarios*. Era uma especie d'archeiros.

Vemos pois que, ser *ladrão* é titulo de nobreza, não só dos nossos tempos, mas dos antigos.

(Aviso aos advogados que tiverem de defender algum reu, por crime de injuria, comprehendido nos artigos 407 e 410 do *Codigo Penal*.)

SALTEIRO—portuguez antigo—*psalterio*. —Em um testamento que existia na livraria do Mosteiro de Maceiradão, de 1331, se lê— *Mando resar sobre mim, dous salteiros*.

Psalterio se denominam os 150 psalmos de David—os 7 psalmos penitenciaes, com as suas ladainhas—e tambem o rosario da Santissima Virgem, que consta de 150 *Ave-Marias*.

Psalterio, é tambem um instrumento musico, de cordas.

SALTINHO—Vide o 1.º *Poiares*, e *Pontos no Douro* (n.º 90, que é o ultimo.)

SALTO—portuguez antigo—cêrro, outeiro, ou outro qualquer logar eminente, povoado de arvoredo.

SALTO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 24 kilometros ao S. de Montalegre (foi desde 1841 até 1853, da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ruivães) 58 kilometros ao N. E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 400 fogos.

Em 1757, tinha 200.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Até ao reinado de D. Pedro I, era da coroa. Este monarcha a annexou á abbadia de Santa Senhorinha de Basto, cujo abbade apresentava o reitor de Salto. Depois, passou a ser da casa de Bragança, e commenda de D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, que apresentava o reitor, e este tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Para evitarmos repetições, é preciso ver a palavra *Pranto*, no 7.º vol., pag. 658, columna 2.ª

Ha n'esta freguezia o monte chamado *Lamas de Milhoso*, que está quasi sempre coberto de neve, no inverno, e n'elle teem morrido algumas pessoas geladas.

Em 16 de março de 1809, houve aqui um pequeno combate, entre alguns soldados portuguezes, e os do general Soult, quando invadiu este reino.

Esta freguezia é muito antiga. Existia, segundo consta, com o titulo—*Ad Saltum*—no tempo que os suevos occupavam o norte de Portugal. Tambem consta, que em um livro antigo, impresso em Hollanda, ha uma estampa, em que está o logar de Salto com a sua egreja e toda a freguezia, estendida entre dois rios; assim como a freguezia da Villa da Ponte.

Em um documento do seculo XIII se lê: A rainha D. Thereza, deu á egreja de Santa Maria de Salto, no julgado de Barroso, uma herdade, da qual a dita egreja recebe o terrádigo e el-rei as direituras.

Emquanto á egreja matriz, vid. vol. 7.º, pag. 658.

O Sacrario da Egreja de Salto foi posto, em 1606, á custa dos devotos freguezes, que davam dois almudes de azeite; e o commendador dava um, que consignou na renda em 1686.

No altar mór se acha a Senhora do Pranto. Os devotos mandaram fazer uma imagem, que está dentro do nicho e um calix dourado, em 1520. As casas da residencia parochial, foram reformadas e augmentadas pelo reitor Affonso Annes, da casa da Corujeira, do logar de Carvalho, d'esta freguezia.

No paredão do ádro da egreja matriz, estão sete moimentos, ou sepulturas antigas de pedra bem lavrada. Datam, pelo menos, do anno de 1300, segundo consta d'uma memoria escripta em letra gothica muito antiga.

No chão do mesmo adro, veem-se outras muitas sepulturas rasas, da notavel grandeza de 12 palmos.

A mais famosa é uma que tem os marcos das cabeceiras lavrados e distantes um do outro 18 palmos. Dizem ser d'um *gigante* que houve na Revoreda. Será do celebre *Muxa?* (Vide adiante.)

Compõe-se esta freguezia de 19 povoações, a saber: Salto, séde da parochia, Cerdeira, Pomar da Rainha, Pereira, Amêar, Linharelhos, Caniçó, Paredes, Carvalho, Amial, Bagulhão, Lodeiro d'Arque, Ceara, Córva, Beçôs. Virandellos (povoação moderna), Taboadella, Póvoa e Revoreda.

Em 1836 ainda pertenciam, para os effeitos civeis, ao concelho de Basto—Serra com 5 fogos; Beçós, com 16: Carvalhal, com 10; Lodeiro d'Arque, com 4; e ao concelho de Ruivães, Caniçó, com 20; e Linharellos, com 16 fogos.

Ha n'esta freguezia quatorze capellas publicas e trez particulares e são:

S. Thiago, na povoação de Caniçó; *Santa Comba*, em Linharelhos; *Santa Maria Magdalena*, em Corva; *Santa Quiteria*, em Amial; *S. Bento*, em Lodeiro d'Arque; *Nossa Senhora das Neves*, em Bagulhão; *Santo Antonio*, no Carvalho; *Santa Barbara*, em Beçós; S. *Gonçalo*, na Serra; *S. Fructuoso*, em Taboadella; *S. João*, na Revoreda; *S. Pedro*, na Póvoa; *Santo Antonio*, em Pereira; *S. Martinho*, em Amear. As particulares são—*S. José*, em Pomar de Rainha, pertencente a familia de José Alves Pereira, *S Domingos*, em Paredes, edificada pelos annos de 1723, por mandado de Domingos Alvares, da casa d'Agrez, do mesmo logar, e *Senhor dos Afflictos*, na serra da Cabreira, e pertence ao reverendo Domingos José Alvares Barroso.

Esta freguezia é, sem duvida, a mais dis-

persa e uma das mais populosas da comarca.

Apesar das suas 19 povoações se acharem situadas entre ramos destacados das trez serras Alturas, Cabreira, Gondiães ou Seixa, não é accidentado de mais seu terreno. Produz centeio e muita batata, e em muitas povoações bastante milho e feijão. Cria muitos e bons gados, em rasão das abundantes pastagens, principalmente vaccum, sendo o d'esta freguezia o melhor de Barroso, de maior corpo e melhormente formado. A vitella d'esta freguezia é muito estimada e afamada pelo seu bom gosto e excellente qualidade.

Em abril de 1878, o intendente de pecuaria do districto de Braga, comprou a José Gonçalves Pereira, do logar de Bagulhão, duas toiras, pelo preço de 72$000 réis cada uma; as quaes foram mandadas pelo nosso governo para a exposição universal de Pariz; e uma obteve o 3.º premio.

Por esta occasião, o mesmo intendente, comprou á sr.ª D. Julia Ferreira Caldas, do logar de Villarinho de Negrões (Montalegre) uma junta de bezerros, por 135$000 réis, que foram tambem para a exposição de Paris.

Ha n'esta freguezia trez pisões de mantas de lan, onde se fabricam annualmente mais de 1:500 mantas, que vão para a feira de S. Miguel, em Basto.

—

No dia 15 d'agosto, solemnisa-se o orago d'esta freguezia, sob a invocação de Nossa Senhora do Pranto, e apesar de não ser festejada com aquelle esplendor, com que era ha annos, todavia affluem alli, no proprio dia, muitos romeiros. Nota-se porem a falta d'estes, principalmente desde que deixou de haver fogo d'artificio. A causa da falta d'elle agora, foi communicar no dia 15 de agosto de 1844, um foguete, o fogo a uma porção de palha de centeio, e d'esta passar ás casas, ficando toda a povoação de Salto reduzida a cinzas.

Além d'esta festa, ha uma outra, com caracter especial. É a de S. Sebastião, feita expontaneamente a expensas de devotos, que para a mesma concorrem com suas esmolas. Ha missa cantada e sermão; e depois, a distribuição do carôlo, a qual é feita pelos juizes da festa a todos os romeiros ricos e pobres, que, postos em circulo, em um grande campo, recebem o *carôlo*, a que attribuem grande virtude. Em alguns annos o numero dos romeiros excede a oito centos.

O carôlo é uma fatia de pão, feito de milho e centeio, que os juizes da festa recebem no peditorio, que fazem na freguezia.

No logar da Córva, ha uma casa apalaçada, que foi do, ha pouco, fallecido, Braz Antonio Pereira, e actualmente pertence, por título de herança, á sr.ª D. Emilia Pereira de Barros, sobrinha d'aquelle.

Esta casa, mandada fazer pelo reverendo Antonio Fernandes Pereira, reitor de Mouçós, com o producto dos vinhos da quinta da Retorta, em Villarinho dos Freires, no Douro, é a unica peça de architectura civil, existente em Barroso, digna de mensão.

Proximo ás povoações de Bagulhão, Póvoa e Taboadella, nasce um riacho, que, tendo percorrido, na direcção de E. a O., dentro dos limites da freguezia, uns oito kilometros e engrossando com alguns ribeiros, sob a ponte do Arco, cujo nome toma, acaba, com o curso de doze kilometros, no Regavão seis kilometros acima da ponte da Misarella

Cria peixe. Réga e móe.

Esta freguezia é atravessada de sul a norte por uma estrada transversal, antigo systema, que de Cabeceiras de Basto segue para Mont'alegre e Galliza.

—

Pelo norte d'esta freguezia, passava uma das mais antigas vias romanas, que decorriam da Chancellaria de Braga para *Aquas Flavias*, hoje Chaves[1]. A direcção d'esta estrada, ou antes via, segundo a tradição e alguns poucos vestigios, ainda existentes, era Zebral de Ruivães, Amear, Beserelho, Co-

[1] Segundo o *Itinerario* de Antonino Pio, quatro estradas militares romanas sahiam de *Bracara-Augusta* (Braga) para *Asturica* (Astorga.) A 1.ª, esta de que se falla no texto, por *Aquas-Flavias* (Chaves.) A 2.ª, a maritima (em parte) por Fão. A 3.ª, a da *Geira*, pelo Gerêz. E a 4.ª, por *Limia* (Ponte do Lima.)

vello do Monte, Ailhó, hoje Atilhó, Quintas, Boticas de Barroso, Casas Novas, Chaves.

—

Antes de existir a ponte de Cavêz, a estrada de Braga para Traz-os-Montes, vinha de Casares, a Lodeiro d'Arque, Beçós, Fonte-Fria, Lomba da Cerva (assim chamada em razão d'uma grande Cerva, que uns caçadores ali apanharam,) passava pelo teso de Mesouquinhas, Filgueira, rio de Covas, por baixo do logar d'Alijó, ao rio de Canedo, por baixo do logar de Veral; atravessava o rio Tâmega, para Parada de Monteiros, no concelho d'Aguiar.

Ainda existem muitos vestigios d'esta estrada. Consta que perto de Fonte-Fria existiam duas casas que davam estalagem; em uma d'ellas se recolhiam muitos salteadores; e n'outra vivia uma mulher, que tinha uma filha; desconfiando a mãe que a filha lhe tinha roubado algum dinheiro, veiu correndo apoz ella até ao sitio, chamado Portella da Estafa, onde lhe deu uma grande *estafa* de pancadas; motivo porque assim se ficou chamando o local.

A filha, muito apaixonada, por estar innocente no crime que lhe era imputado, e vendo-se tão mal tratada por sua mãe, retirou-se a um córrego, e alli se enforcou em uma arvore. Passados alguns dias a mãe procurando a filha e encontrando-a enforcada, se enforcou tambem na mesma arvore.

Córrego ficou chamando-se *das Enforcadas.*

Tinha antigamente esta freguezia, feira nos dias 27 de cada mez; agora tem feira annual, mas pouco concorrida, nos dias 30 e 31 de outubro e 1.º de novembro.

Confina pelo sul e poente com a provincia do Minho; e por esta freguezia passa a linha divisoria das duas provincias. Vide *Saltadouro.*

—

Houve n'esta freguezia dois parochos, dignos de especial mensão—foram:

1.º *O reverendo João Baptista*, natural do logar de Salto, reitor d'esta freguezia pelos annos de 1600. Era muito exforçado e mau, pelo que chegou a commetter muitos e varios crimes. Veiu de Braga, para o prender, uma *alçada dobrada*, em uma quinta feira santa, e chegando na occasião em que estavam cantando no côro, o officio divino, teve o reitor noticia secreta; deixou no côro um leigo vestido com a sua roupa e sahiu coberto com um gabão de burel, atado com um cingidouro de palha. Da mesma maneira sahiu o seu coadjutor o *reverevdo Antonio Pires*, natural da Revoreda. Era de eguaes costumes e sentimentos aos do reitor.

Em seguida foram ambos maltratar e desbaratar os criados e cavalgaduras, dos da alçada, que estavam no cruzeiro.

Cortaram as orelhas e arreios ás cavalgaduras, deixando-as em tão mau estado, que os cavalleiros retiraram a pé para Braga; e trez criados ficaram mortos no caminho.

Resultou d'isto, nunca mais ser procurado, nem novamente processado, ficando livre dos crimes passados.

Foi capellão d'um arcebispo de Braga.

2.º *O reverendo Gonçalo Barroso Pereira.* natural da Ceara, foi ordenado de presbytero, em Lisboa, pelo bispo de Targa.

Foi vigario de S. Pedro do Couto de Dornellas, por espaço de quinze annos, e depois, reitor d'esta freguezia de Salto, por trinta e cinco annos.

Era abundante de palavras e dotado de grande talento.

Foi notario apostolico, commissario, visitador e muito instruido em diversas disciplinas e sciencias, chegando a ser mestre em algumas, por muitos annos. Era o pae caritativo dos pobres, allivio dos atribulados, columna forte dos parentes e amigos, valente defensor da sua terra natal; bem disposto, robusto e esforçado.

Teve grandes differenças e desintelligencias com o arcipreste de Barroso, Francisco Palhares de Castro, natural de Monção, findando a causa a favor d'elle reitor. Tambem teve com outros visitadores varias altercações e algumas bulhas.

Tirou, em virtude de duas sentenças que alcançou, o lançamento d'éguas, que sua magestade mandava lançar a todo o concelho de Barroso. Estas sentenças foram guardadas por mais de trinta annos; ainda em 1722

eram observadas. Fez á sua custa esta mercê ao concelho de Mont'alegre.

Fez riscar, por ordem d'el-rei, um capitulo, feito pelo juiz de fóra de Mont'alegre, e pela câmara da mesma villa, no qual se determinava «Que não servisse cargo nobre, de vereador, almotacel etc., homem algum do concelho; e no caso que algum quizesse servir, daria quarenta mil réis ou faria á sua custa as Endoenças na villa, e que sómente seriam de fóra da villa os procuradores e recebedores.» Tudo isto fez annular e riscar pelos annos de 1697.

Sustentou uma grande demanda, que houve entre os moradores d'alguns logares da freguezia de Salto e os do concelho de Ruivães. A demanda originou-se pela causa seguinte: os habitantes d'alguns logares, da freguezia de Salto, traziam antigamente no monte, ou antes na serra da Cabreira, muitos bois e eguas de criação e alguns até traziam os porcos; e sempre foram senhores d'estes montados. Os moradores do concelho de Ruivães, porque queriam prohibir esta posse, levavam e encurralavam todos os gados e bêstas, que no monte achavam, no curral da villa de Ruivães, e depois quem queria tirar o seu gado, pagava por cada cabeça 600 réis, ou o que a camara determinava. Moveram se duvidas e principiou-se uma grande demanda, que durou desde 1680 até 1695, contra o morgado de Ruivães, Gervasio da Pena, e contra todo o concelho de Ruivães, que por final sentença da Relação do Porto, foram excluidos de todo o direito que pretendiam ter ao dito monte, pagaram todas as custas, e ouviram contra si a brava sentença, sem appellação, e sob pena de condemnações e asperos degredos para as ilhas maritimas.

Fez conservar o direito e costume de pastarem promiscuamente os gados grossos e miudos, dos moradores da Ceara, com os dos logares de Carvalho, Beçós e outros; e tirou uma provisão real para poderem pastar os da Ceara, até ás paredes dos contrarios; e tambem obteve duas sentenças, da Relação do Porto, a favor dos moradores da Ceara: isto pelos annos de 1691.

Conseguiu, por ordem de sua magestade, expulsar da Relação de Braga, dois desembargadores—Manuel Dias Vidal e o Castello Branco—por serem contrarios a seu primo, o reverendo João Barroso de Carvalho, abbade de Souzella, em uma demanda, que corria na dita Relação. Esta demissão fez grande abalo e causou grande sentimento na Relação, pois os ditos desembargadores eram magnates do arcebispo D. João de Sousa.

Os desembargadores metteram-se religiosos.

Revolveu a Relação e tribunal do civel, do Porto, de tal maneira, que fez embargar e annullar uma sentença de forca, já julgada e sellada na Junta, contra um Lourenço, do logar de Covello do Monte, freguezia de Cerdêdo, o qual tinha feito uma morte, e que merecia ser castigado com mil forcas.

Deu-se volta a esta sentença, em vinte e nove dias, e foi commutada a pena de morte em degredo perpétuo, para a ilha de S. Thomé, mas se voltasse a este reino, morresse morte natural.

Ainda lhe fez outro favor, que foi ir a sentença a registar na ilha de S. Thomé, e o reu para casa de seu filho Aleixo, que residia no Brasil. Pelos annos de 1697, voltou ao reino, e foi-se accommodar ou recolher a Rio Caldo, em casa d'um filho, que alli estava casado. Mandou pedir ao reitor, licença para o visitar, mas o reitor não lh'a concedeu e respondeu: Que não desejava vêl-o nem saber onde estava.

Quando o reitor se mudou do Couto para Salto, queria deixar n'aquella freguezia, o reverendo Antonio Barroso, o Cabeçudo, porém não o quizerrm acceitar, do que resultaram grandes demandas, que não tiveram fim. Vieram da Ceara ao Couto mais de 40 homens da freguezia de Salto; os do Couto fugiram e não tornaram.

Teve dois filhos—Antonio Barroso de Carvalho, que casou em Braga e teve um filho, capitão de Malta, e outro letrado e casado no Porto; e Manuel Pereira, que foi para a India, onde casou muito rico e nobremente; foi eleito governador da praça Callao do Lima, e duas filhas—Ignez, que casou no logar de Gondiães, e Isabel, que casou no logar de Bagulhão.

Foi sepultado na egreja de Salto, em fevereiro de 1705, tendo 75 annos de edade.

Teve muitos parentes ecclesiasticos, abbades, religiosos, e seculares formados e ministros; homens notaveis nas letras e santidade; entre outros: o reverendo Geraldo Pereira, beneficiado; o reverendo João Barroso Pereira, seu tio, abbade de Parada d'Outeiro; o reverendo João Barroso Pereira, seu primo, prior da Ceara; o reverendo João Barroso, seu irmão, vigario da Ponteira; o reverendo João Barroso de Carvalho, seu primo, famoso nas lettras, abbade de Souzella; o reverendo João Barroso Pereira, natural de Caniçó, famoso nas lettras, reitor da Torre de Moncorvo, depois abbade de Castello Branco, onde foi sepultado em 1722; o reverendo Pedro Barroso de Macedo, filho do capitão mór de Caniçô; Gervasio Barroso, reitor, por mais de trinta annos, em S. Thiago d'Adeganha; o padre mestre fr. João, da ordem de S. Domingos, de Villa Real; fr. João de Baroso, guardião de S. Francisco; e outros muitos, simples sacerdotes; o dr. Geraldo Pereira, juiz de fóra, da villa de Trancoso, depois corregedor de Lagos, no Algarve e em Coimbra, e eleito desembargador do Porto: foi sepultado pelos annos de 1717; e Alexandre Pereira, filho do anterior, foi corregedor de Lamego, e cavalleiro do habito de Christo.

Farei aqui menção d'alguns individuos, notaveis, d'esta freguezia e que existiram de 1600 em diante.

Bacharel, Antonio Pereira Barroso, natural do logar de Salto, foi ministro:

Bacharel, Antonio Pereira Barroso, filho do anterior, natural do mesmo logar, foi lente em Coimbra.

Bacharel, Affonso Pereira, natural do mesmo logar, foi vigario em S. Lourenço de Dorrães, termo de Barcellos.

Bacharel, Antonio Barroso, por alcunha o *Arigas*, tambem natural de Salto, abbade de S. Martinho do Campo, termo de Barcellos.

Bacharel, Diogo Gonçalves Pereira, ainda natural de Salto, beneficiado e abbade de S. Pero Fins de Támél, termo de Barcellos.

Bacharel, Gonçalo Pereira, irmão do anterior, abbade de S. Thiago de Cerdédo, termo de Mont'alegre. Estes quatro individuos eram da familia dos *Borralheiros* e nascidos na casa de Baixo, dos annos de 1600 em diante.

Bacharel, Balthazar Pereira Barroso, natural de Salto, formado em direito canonico e civil: defendeu theses em 22 de julho de 1726, ficando approvado — nemine discrepante — foi prégador, advogado e reitor, na villa de Mont'alegre — 1727 a 1754.

Bacharel, Bento Pereira Barroso, natural do mesmo logar, advogado, e reitor em Mourilhe em 1819; depois reitor em Mont'alegre. Era um outro Corrêa Telles, que as partes iam consultar de muito longe. Existia, ha pouco tempo, um velho da freguezia de Villa Cova e Banhos (Santa Maria), que de Barcellos foi lá consultal-o, e dizia: Que o achára de polainas ao lume e alli mesmo respondêra á consulta.

Padre, Domingos Barroso Pereira, filho de Antonio Barroso, natural do logar de Salto, foi sepultado em Coimbra, em 1720, cursando direiro canonico.

Bacharel, João Barroso Pereira, irmão do anterior, cavalleiro do habito de Christo, juiz de fóra, da villa da Torre de Moncorvo, ouvidor e auditor de guerra, em 1727, na praça de Margão (India), cargo que exerceu por trez annos; foi eleito syndico de Cabo Verde; e, em 1730, provedor de Evora, com capello de desembargador.

Bacharel, João Pereira Barroso, natural do mesmo logar, desembargador no Porto

Bacharel, Antonio Joaquim Gonçalves Pereira, nasceu no logar de Salto, a 9 d'agosto, de 1823, concluiu a sua formatura em direito, na universidade de Coimbra, no anno de 1850.

Foi nomeado, no 1.º de março de 1854, administrador do concelho de Mont'alegre, cargo que exerceu com honradez e probidade, por espaço de onze annos consecutivos, com intervallo d'um anno, do decimo para o undecimo.

Foi procurador da Casa de Bragança, em Chaves, desde 1868 até 1872. Actualmente exerce a profissão de advogado, com grande fama e boa reputação, nos auditorios d'aquella villa.

Bacharel, Antonio Alves de Sousa, natural do logar de Paredes; foi advogado e reitor d'esta freguezia por quarenta annos.

Antonio Alves Barroso, natural do mesmo logar de Paredes, bacharel em medicina.

Bacharel em canones, Antonio Gonçalves Pereira, natural do logar de Pereira, foi prégador e advogado em Mont'alegre por cincoenta annos.

O *reverendo Antonio Barroso*, natural do mesmo logar de Pereira, ordenado em Roma. Antes de ir para Roma, matou, na freguezia da Venda Nova, dois individuos irmãos, da familia dos Bahias, e quando chegou a Roma já havia feito mais cinco mortes. O papa deu-lhe por penitencia que andasse n'aquella curia sete annos; passados os quaes é que foi ordenado; e chegando á terra natal, foi morto, na Villa da Ponte, pelos netos dos Bahias.

Padre Manuel Francisco Domingos dos Milagres, Mont'alegre, natural de Amear, frade capucho, foi guardião no mosteiro de Chaves e no Porto, pelos annos de 1697 a 1724.

André Paulo Gonçalves de Sá, natural da Revoreda. Está cursando, em 1879, o segundo anno da Academia Polytechnica do Porto.

Militares

Gabriel Pereira Diodares, natural d'Amear, soldado famoso, foi mestre de campo na praça de Tanger, e obteve por seus serviços o habito de Christo.

Teve um irmão alferes de infanteria.

Affonso Pereira, filho de João Gonçalves e da familia dos Coelhos, natural da Cerdeira, foi alferes de cavallaria, em Chaves, pelos annos de 1727 a 1730.

Teve um irmão, que, em Minas Geraes, foi capitão da mesma arma.

Na Revoreda houve um famigerado soldado, valente (e companheiro do conde de S. João, Luiz Alvares Tavora) conhecido pela alcunha de *Muxa*, que fez grandes proezas nas guerras de 1660.

Affonso Dias Pereira, natural da Revoreda: passou a Minas Geraes, e ahi exerceu o posto de capitão (por Carta Patente de 5 de maio de 1760), da companhia d'Ordenanças a pé, da freguezia de S. José da Barra, termo da cidade de Marianna.

Foi cavalleiro de Christo, com tença de 12$000 réis (Alvará de 27 d'agosto de 1760). Professou em Villa Rica a 15 de janeiro de 1761. Serviu com muita honra (como consta de certidão authentica e legal de 16 de janeiro de 1801) desde 1772 até 1800, de thesoureiro geral dos rendimentos da coroa, na capitania de Minas Geraes.

Foi promovido, por Carta Patente de 11 d'abril de 1780, ao posto de coronel do primeiro regimento de cavallaria auxiliar de Villa Rica, no qual posto serviu com actividade, honra e zelo (são as proprias expressões com que o honrou o capitão general, Luiz da Cunha e Menezes, que servia em 1788); e foi finalmente reformado no mesmo posto, por decreto de 20 de novembro de 1800, com todas as honras, privilegios, isenções e liberdades.

Gervasio Barroso, natural de Caniçô, da casa do Rio, foi pelos annos de 1635 capitão-mór no concelho de Ruivães; e serviu el-rei com cavallos e armas suas por vinte e oito annos.

Teve um filho, chamado Gaspar de Macedo, que foi sargento-mór em Ruivães.

Estes dois individuos eram parentes do celebre reitor, Gonçalo Barroso Pereira.

—

N'esta freguezia ha muitas familias, que fundadas ou escudadas em um documento, extrahido em 1730, d'uma memoria, escripta em pergaminho, com letra gothica e antiga, blasonam e ufanam-se de ser oriundas de estirpe fidalga.

Lê-se no tal manuscripto:

«Pelos annos de 1260, havia n'esta freguezia, quatro familias illustres, mui apotentadas, chamadas ricos-homens.

Foram valentes e esforçados soldados nas guerras do Minho e da Beira.

Em certos dias faziam escaramuças e outros divertimentos, então usados; mas, especialmente, o jogo da barra era o mais frequente, por cuja razão havia muitos desafios e, por vezes, mortes ou, pelo menos, muita pancadaria. Em dias de festa jogavam a es-

pada e, ás vezes, com duas. Iam em ranchos á feira de S. Miguel em Basto; e todos temiam estas familias, por serem valentes.

Pelo decorrer dos tempos foram procurar outras terras e cidades, de sorte que em 1312 muitas tinham abandonado suas casas n'esta freguezia.

Aos descendentes d'estas familias se pagavam foros e actualmente ainda se pagam alguns.

Os Barrosos enxertam-se em Vasco de Alvim Barroso e D. Maria Mendes Petite, cuja geneologia é a seguinte:

Vasco d'Alvim Barroso, grande cabo de guerra, adiantado nas guerras do Minho e Beira, homem rico, senhor da casa de Pedraça e de muitas terras: Revoreda, Taboadella e Povoa, a que chamam Quinta de Barroso, onde tinha seu paço e capella de S. João, junto á fonte: casou com D. Maria Mendes Petite, filha de D. Soeiro Mendes, senhor da Terra da Feira, adiantado e valido dos reis, grande cabo de guerra, e de D. Maria Sapata, sobrinha de D. Mayor Mendes Petite, abbadessa de Santo Thyrso.

Tiveram, segundo se lê em alguns manuscriptos existentes n'esta freguezia de Salto, dois filhos: D. Francisco Barroso e Sousa, primeiro conde de Basto e D. Leonor de Alvim[1]. Morreu Vasco de Alvim Barroso, e sua mulher D. Maria Mendes Petite passou a segundas nupcias com Joaquim Gonçalves Barroso, da Póvoa, homem muito agigantado, valente soldado, adiantado nas guerras do Minho, onde morreu, estando casado havia nove annos.[2]

D. Maria Mendes Petite, sentiu tanto esta segunda viuvez, por causa do muito amor que tinha a seu marido, do qual não houve filhos, que resolveu deixar Barroso e recolher-se a um convento, o que só pôde effectuar passados oito annos, porque depois de ter mandado compôr suas casas e estando proxima a partir, foi obrigada a demorar-se o tempo indispensavel para juntar a sua gente para a guerra, no caso de que houvesse perigo. Para este fim mandou collocar um facho no alto da serra da Seixa, para que se tocasse uma busina (corno de boi) no alto d'um monte ao nascente da Revoreda, que ainda hoje conserva o nome de *Corno da Revoreda*. É tradição que a tal busina se ouvia na distancia de trez leguas.

Arrendadas suas quintas e concluidos todos os seus negocios, partiu para a cidade do Porto, onde deu principio ao mosteiro de S. Domingos, de Villa Nova de Gaya, com invocação de Corpus Christi; o qual se fez todo á sua custa. Dotou-lhe as quintas de Barroso, que ainda hoje lhe pagam foros.

Jaz alli sepultada e oi padroeira do mesmo mosteiro.

A fundação do dito mosteiro foi pelos annos de 1340 a 1348, reinando D. Affonso IV, que lhe deu licença para tal fim.

D. Maria Mendes Petite, vivia de verão na Revoreda e no inverno em Pedraça.

—

D. Leonor de Alvim, filha, segundo uns, neta, segundo outros, de D. Maria Mendes Petite, casou com Vasco Gonçalves Barroso cavalleiro de grande qualidade.

Tinham seu solar, com sua grande torre, em Pedraça, onde viviam de inverno, e de verão viviam na Revoreda, onde tinham suas casas junto á fonte.

Morreu Vasco Gonçalves Barroso, não tendo havido filhos, e deixou a sua meação aos frades de Refojos de Basto, onde está sepultado; e d'aqui proveiu a commenda de Canêdo e suas annexas ou filiaes.

A viuva, D. Leonor de Alvim, casou com o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e d'este casamento nasceu D. Brites Pereira, unica herdeira, que depois casou com D. Affonso, filho natural de D. João I; e foi o primeiro conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, tronco da casa reinante de Portugal.

Consta que, quando D. Nuno se retirou para Bragança, escolhêra n'esta freguezia Salto, ou antes na povoação de Revoreda, doze homens agigantados, que muito estimava, e os levara comsigo; e que todos elles o acompanharam nas jornadas de Lisboa. D'es-

[1] Isto está em contradicção com o que dizem Carvalho e Pinho Leal, quando tratam de Villa Nova de Gaia.

[2] Temos a mesma contradição: ou D. Maria Mendes Petite seria casada trez vezes?

tes só voltou á sua terra natal, Francisco Delgado, da Póvoa, por haver quebrado uma perna n'uma escaramuça.

Com a retirada de D. Nuno, ficou a casa da Pedraça deserta; o que apressou a sua ruina; e pelo andar do tempo os moradores visinhos, foram se aproveitando da pedra para novas casas; e da pedra da torre se fez a ponte do Arco de Baúlhe.

—

D. Francisco Barroso e Sousa, primeiro conde de Basto, homem muito esforçado e corajoso, de estatura fóra da marca, e grande atirador de barra, morreu arrebentado por uma ilharga, a atirar a barra, afim de ganhar ou ficar vencedor dos Pereiras, da Taipa.

Outros dizem que morreu em consequencia d'uma arma lhe arrebentar nas mãos.

Sua familia, muito estimada e nobre, teve uma grande contenda, por causa d'este desastre, com a familia dos Pereiras, no campo do Sêcco, ou campo da Feira, em Basto, que tomaria proporções assustadoras, senão interviessem os religiosos do mosteiro; e só quando viram que um d'estes se aproximava d'elles contendores, é que suspenderam as hostilidades e largaram as armas.

N'esta occasião os Barrosos se abraçaram com a cruz e diziam que eram amigos de Christo.

Desde esta data, acabaram as pendencias entre estas duas casas; e os Barrosos e Pereiras se congraçaram e uniram por casamentos. Razão porque as armas dos Pereiras andam unidas ás dos Barrosos.

A cruz das armas dos Pereiras é allegoria da que foi mettida no meio d'elles, na occasião da contenda.

—

Valerio Lopes de Carvalho, casado na casa do Espirito Santo, da cidade de Lamego, foi senhor de grandes rendas, no logar de Salto, ou perto, no sitio chamado Oliveira, onde tinha suas fazendas e quintas: e ahi morreu.

Doou parte d'estas rendas aos religiosos de S. Jeronymo, de Coimbra, dos quaes era padroeiro, e vendeu os restantes foros a Antonio José Dias, da Revoreda, por quatorze mil cruzados.

Os Lopes d'esta freguezia, procedem d'este fidalgo.

—

Francisco Gonçalves Pereira teve seus paços nos campos de Oliveira, em Salto,[1] e era senhor de todos os dizimos d'esta freguezia. Tambem foi senhor da illustre casa e mórgado da Taipa, em Basto.

Foi perseguidor da casa de S. Miguel, de Refojos, e por esta causa se originou uma renhida pendencia com os Barrosos, que eram protectores da dita casa.

Na Taipa, era senhor de grandes palacios, e por seu fallecimento, ficou sua mulher herdeira d'elles, mas, segundo a tradição, ella morreu coberta de bichos e os palacios se foram arruinando.

—

Gil Pereira de Alacassus, fidalgo cavalleiro, do habito de Christo, solteiro, furtou da côrte uma nobre senhora, chamada Sophia de Alvim, e com ella se aposentou em Cristello, limites da Ceara. Alli teve seus paços, e mandou fazer uma capella, dedicada a Santa Sophia, com terreiro, onde corria cavallos e fazia escaramuças. Tinha tambem uma fonte, chamada da Carvalhinha, da qual bebeu Santa Senhorinha e a benzeu.

Teve egualmente casas e aposentos, com terreiro de passear cavallos, na portella do Outeiral; e casas e jardim na Revoreda, onde chamam o *Paço*, e aqui viveu com sua familia, mais de doze annos. Actualmente, apenas se vêem os vestigios de seus palacios e o terreiro, onde faziam escaramuças.

Foi valente e esforçado nas guerras do Minho e Beira e cognominado o *Cortez*.

Tinha dois capellães, que o acompanhavam sempre e se chamavam: Affonso Annes, *o Mimoso*, e Pedro Gomes Barroso. Este ultimo, foi bispo de Lisboa, Coimbra e Sevilha, n'esta ultima cidade falleceu em 1374, com 80 annos de edade.

Sua esposa (de Gil Pereira) a nobre Sophia, não viveu na companhia d'elle mais de sete annos e dois mezes; e foi sepultada em

[1] Se os campos de Oliveira só tiveram um possuidor, de certo foi este, e não Valerio Lopes de Carvalho.

um dos jazigos, que estão em volta do adro da egreja matriz d'esta freguezia.

Tiveram trez filhos, cujos nomes são:

Organtino das Montanhas, Henrique de Seixas, e padre João de Christo e Alvim.

Organtino das Montanhas, foi um valoroso guerreiro; e depois de enfadado do trato militar, professou n'um convento de Castella, chamado Malahor. Sabia muitas linguas: caldêa, hebraica, siriaca e arabica. Passou ao Oriente, soffrendo grandes trabalhos pela fé de Christo, foi operario da vinha do Senhor. Morreu na Syria com opinião de santo. Assistiram sobre sua sepultura trez aves brancas, fazendo suas musicas ao Eterno, e desappareceram, passados trez dias.

Henrique de Seixas, religioso de S. Bento em Bastos, foi escriptor e prégador.

Padre João de Christo, o mais novo, foi grande atirador de barra e grande esgrimidor, chegando, por vezes, a ter desafios com senhores de alto poder. Foi o causador da contenda em que aconteceu o desastre ao conde de Basto.»

Em um documento que existe no cartorio da camara de Cabeceiras de Basto, refere-se outra legenda relativamente a este individuo, e é a seguinte:

Gil Pereira, cavalleiro professo do habito de Christo, natural de Belem ou cercanias, condemnado á pena de dez annos de degredo, foi enviado á camara de Basto, e juntamente uma ordem, para que a referida camara lhe assignasse a serra mais alta que houvesse no seu districto, para na mesma passar os dez annos de degredo, em que tinha sido condemnado.

A camara, em cumprimento do que lhe era ordenado, designou-lhe um sitio, por baixo da serra da Seixa, a que hoje chamam Cristello, onde passou dez annos e sete mezes; e alli teve capella, dedicada a Santa Sophia, e passeio para correr cavallos.

Este cavalleiro empregava seus criados na cultura da terra, e parecendo-lhe que o sitio, onde actualmente está o logar da Ceara, era melhor, mandou cultival-o e lhe chamava *as Cearas* e d'aqui deriva o nome da povoação.

Tinha aposento, cêrca e outras propriedades no local, a que ainda chamam Paço, e para aqui vinha um rego d'agua do ribeiro, a que chamam a Melra, cujos vestigios ainda existem. Tinha, no Outeiral, umas pias para lavar roupa e beberem os cavallos, mós de moinhos de mão, e engenho de mostarda.

Feita pela camara a devida participação do cumprimento do degredo, mandou el-rei, que Gil Pereira se recolhesse a Thomar. Partiu do logar do Outeiral, com grande receio de ser mal recebido por el-rei (no que se não enganou) acompanhado de alguns familiares, e deixando outros para cultivarem as suas terras.

Tendo chegado a Thomar, foi posto, por ordem de el-rei, em custodia, até se juntarem os Estados do reino.

Vendo Gil Pereira o que se passava, lhe pesou muito ter deixado suas brenhas e mattos, já muito bem cultivados, e parecendo-lhe que passaria alli muito bem o resto da sua vida, tentou pôr-se a caminho; porém, um seu tio, frade, sahiu-lhe ao encontro e levou-o para o convento de Belem. Obedeceu, com grande repugnancia, aos desejos do tio.

Gil Pereira doou ao convento de Belem, um foro, das terras, que lhe tinham pertencido. Este foro, a principio não era certo, e pagaram por muito tempo como senso e sem praso, e ultimamente foram obrigados a fazêr praso, como consta, segundo tradição, do tombo velho do referido convento.

Álguns dos individuos que acompanharam a Gil Pereira, quando se foi apresentar a el-rei, voltaram para Basto.

Martin Agno de Alcassus, casado com Marinha Affonso, foi, depois de Gil Pereira, o primeiro habitante, casado, do logar da Ceara.

Teve um filho chamado Martin Agno da Charneca, que, depois de cansado da vida militar, tomou o habito de S. Bento, no mosteiro de Basto, em 1312.

—

Consta que a aldeia de Salto já era habitada no tempo dos mouros.

—

Egualmente consta, que no cume do Crasto tiveram os mouros uma cidade bem mu-

rada, d'onde sahiam a roubar os lavradores; e que na Portella de Coartas, tinham o seu passeio, e alli jogavam os torneios e faziam escaramuças.

—

N'uma d'estas occasiões, um capitão, chamado Lux Fafes (ou *Fafes Luz*) sahindo d'uma emboscada, onde espreitava opportunidade, cahiu, com uma grande manga de soldados, sobre os mouros, quebrou-lhes as Coartas de pau (?) (d'isto proveio o nome do local), então muito usadas, desbaratou-os e matou muitos, que foram inteirados em um córrego, a que ainda hoje por isso chamam *da Paixão.*

—

O reverendo João Barroso Pereira, da casa de Alcassús, do logar da Ceara, filho de Gervasio Barroso e de Maria Pereira, nascido em 1682, ordenado presbytero em 1709, fez um caderno, muito curioso e com muito boa letra, das cousas notaveis d'esta freguezia, copiado, em grande parte, de bons auctores, cujas obras lhe confiava um seu tio, que era bibliotecario no mosteiro de S. Miguel, em Refojos de Basto.

Foi d'este caderno que extrahi os apontamentos d'este artigo, cuja veracidade, na maior parte, não garanto.

—

Assevero que n'esta freguezia tem havido muitos ecclesiasticos, e grande numero d'elles foram abbades, reitores e vigarios. Talvez se possa dizer que é a freguezia sertaneja, onde houve mais padres e doutores.

José dos Santos Moura (abbade de Caires).

SALTO — logar, Douro, na freguezia de S. Romão, de Aguiar de Sousa, comarca e concelho de Paredes.

(Vide no 1.º vol., pag 39, col. 2.ª)

A uns 6 kilometros da aldeia de Aguiar de Souza, está a serra do mesmo nome, a qual corre de N. a S., mas é cortada pela corrente do Souza, que aqui se despenha com medonho fragor, precipitando-se em um temeroso abysmo.

No alto, é tão estreita a quebrada do rio, apenas tem uns 3 metros. A este sitio á o nome de *Salto.*

No plató que fica ao S., está a capella de *Nossa Senhora do Salto.*

Eis a lenda d'esta Senhora:

Abaixo do templo, está um penhasco, entre castanheiros e matto, e n'elle (penhasco) se vê uma lapa ou gruta, onde umas pastorinhas das aldeias de Alvares, e Senande, que por alli apascentavam os seus gados, acharam uma imagem da Virgem.

O povo lhe construiu, junto ao rochedo, uma ermida; e, de uma fonte, proxima, manava, não só agua, mas tambem vinho, azeite e vinagre, para os operarios, em quanto duraram as obras; e o rio os fornecia abundantemente de peixe.

O apparecimento da Senhora, foi em dia da Ascenção de Christo, e por isso se faz n'esse dia a festa da padroeira.

Perto da ermida, existem as ruinas de uma pequena casa, onde consta ter passado os ultimos annos da sua vida, uma devota da padroeira (esta é de pedra de Ançan, e tem 0m,60 de alto.) A romaria que se faz á Senhora do Salto, costuma ser muito concorrida.

—

Ha n'esta freguezia minas de antimonio, das quaes foram considerados descobridores legaes, em maio de 1876, Miguel da Costa Faria, e José Carneiro de Sampaio.

SALTO DA SARDINHA—famosa cachoeira do rio Douro, logo acima da Barca d'Alva, onde termina a subida dos barcos.

SALTO DO PASTOR—outra cachoeira do Douro, tambem de grande celebridade. O *Salto do Pastor*, é formado por dous enormes rochedos. Diz-se que tem este nome, porque um pastor o transpoz de um *salto*, salvando o rio a uma altura vertiginosa, e passando assim, de Portugal para Castella.

Fica este *Salto*, proximo da cidade de Miranda.

SALUQUIA—nome proprio de mulher árabe. Significa *engenhosa.*

Houve uma moura d'este nome, filha de Bu-Hassun, senhor de muitas terras no Alemtejo. Saluquia, foi *alcaidessa* do castello de Moura, e é d'ella que se julga proceder o actual nome da villa. Vide *Moura.*

SALVADA—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, bispado

proximo de Beja, e 75 kilometros a O. de Evora, 140 ao S. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1757, tinga 265.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 420 alqueires de trigo, de renda annual.

Em outubro de 1874, andando um trabalhador a desaterrar o pavimento de uma casa, achou, a um metro de profundidade, uma panella cheia de moedas árabes, perfeitamente conservadas.

SALVADOR—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha a Nova, concelho de Penamacor (foi da mesma comarca, mas do concelho de Monsanto—extincto) 50 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa.

Tem 190 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

Nenhuma freguezia do Salvador, vem no *Portugal Sacro e Profano*! Esqueceu.

Ha n'esta freguezia a grande quinta do *Cerrado*, que foi dos condes de Belmonte, e é mesmo n'esta quinta que está a egreja matriz.

Segundo a tradição, a imagem da padroeira appareceu no concavo de uma oliveira, e por isso se lhe deu tal invocação.

Por estar em propriedade dos condes de Belmonte, ficaram estes com o padroado da egreja.

Quasi todos os moradores da freguezia eram caseiros d'estes condes.

É templo muito antigo, e estando em ruinas, foi a Senhora transferida para a egreja de Santa Maria Magdalena, matriz da freguezia da Aldeia de João Pires, que era então annexa a esta, e o templo da Senhora da Oliveira foi demolido, para se construir o actual, e n'aquella egreja esteve a Santa imagem alguns annos, porque os condes se recusaram a reconstruir a egreja que seus ascendentes haviam fundado.

Os parochianos, em vista de tão injusta recusa, tiveram de construir a egreja á sua custa, mas não no local primitivo, porém em uma elevação proxima.

Sendo bispo da Guarda (a cuja diocese pertenceu antigamente esta parochia) D. Rodrigo de Moura Telles, em visita ao bispado, achou a imagem da padroeira em tal estado, que a mandou enterrar e fazer outra nova.

SALVADOR—capella, Douro, na freguezia de Villa-Côa do Bispo, comarca e concelho do Marco de Canavezes.

O bispo do Porto, D. Sisnando, irmão de D. Moninho Viegas, resignou o bispado, e foi viver no mosteiro de Villa Bôa, que o dito seu irmão havia fundado.

Costumava o santo bispo, ir todas as sextas feiras dizer missa á capella do Salvador, que estava em um monte, no alto da freguezia. Sabendo isto os mouros, que estavam na margem opposta do Douro (esquerda) em *Maurilhe* (hoje Mourilhe) *e S. Martinho de Mouros*, passaram o rio de noite, e foram assassinar ás lançadas o bispo, quando elle dizia missa na referida capella.

Os christãos o sepultaram em uma arca de pedra, no mesmo logar onde foi morto, e por baixo do supedaneo do altar.

Foi o 1.º bispo que n'esta diocese se enterrou dentro de um templo.

Na sua sepultura se gravou a seguinte inscripção:

III KAL. FEBRUARI
OBIT IN DOMINO, D. SESNANDUS,
EPISCOPUS PORTUC.
A MAURORUM TELIS CONFRIXUS,
DUM SACRUM FACERET.
ERA MLXIII.

(Aos 30 de janeiro de 1063, o bispo do Porto, D. Sesnando, foi assassinado ás lançadas, pelos mouros, quando celebrava o santo sacrificio da missa.)

SALVADOR—quinta, Beira Baixa, nos arredores de Viseu. Vide *Pinhanços*, vol. 7.º, pag. 46, col. 1.ª

SALVADOR — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 1 kilometro ao S. de Viseu.

Tem 350 fogos.

Orago. Nossa Senhora das Neves.

Dá-se a esta freguezia o nome de *Salvador*, porque principiou por uma ermida dedicada ao *Salvador do Mundo*, mandada con-

struir por um fidalgo, cujos descendentes vivem hoje em S. Pedro do Sul.

Esta ermida está em um sitio delicioso e fresco, cercado de vinhas, e pomares de boa fructa, proximo ao rio Pavia. Ha tambem junto á ermida uma abundante fonte de excellente agua potavel.

Está em terreno que pertencia ao fundador, o qual tinha por estes sitios muitas e valiosas propriedades.

Em volta da ermida se foram construindo algumas moradas de casas, até chegar a ser uma vasta aldeia, que tomou o nome do padroeiro da ermida.

Esta é bonita, e tem 16 metros de comprido, por 6 de largo, no corpo da egreja, e a capella mór tem 7 metros de comprido e 5 de largo. Tem altar-mór e dous lateraes, todos de talha dourada.

No altar-mor, está a imagem do Salvador, e nos lateraes, estão—em um, Nossa Senhora das Neves, e em outro, Santo Antonio.

Por morte do fundador, os seus herdeiros trataram sómente de desfructar os rendimentos das propriedades, e nada quizeram saber da capella, apezar de estarem aquellas encabeçadas e vinculadas n'esta,[1] nem cuidaram em satisfazer os encargos de missas, a que eram obrigados pela instituição do vinculo.

Com o tempo, e falta de reparos, se foi arruinando o corpo da egreja, e chegou a cahir a capella-mór.

Os habitantes da povoação do Salvador, decidiram reedificar a ermida, e na reconstrucção, lançaram fóra o escudo de armas do fundador, e a capella ficou desde então, e sem a minima opposição do successores do fundador, sendo do dominio do publico.

Instituiu-se uma grande irmandade a Nossa Senhora das Neves (que ja tinha uma confraria) para cuidar da conservação e aceio do seu altar, e para lhe fazer a festa, a 5 de agosto de cada anno; mas como n'este dia se fazia tambem a festa de Nossa Senhora das Neves, de Ranhados, que é proxima, se mudou o dia para o da Natividade da Senhora.

O bispo de Viseu, D. Diniz de Mello, confirmou os estatutos da Senhora das Neves, em 1638.

Os irmãos mandaram, depois d'isto, fazer outra imagem da sua padroeira, que collocaram no altar-mór.

A irmandade foi instituida com 100 irmãos seculares e 12 sacerdotes, mas depois, o numero, tanto d'aquelles como d'estes, foi muito augmentado. Tinha tambem 26 irmans, donzellas.

Como a nova imagem de Nossa Senhora das Neves foi collocada junto á do antigo padroeiro, se ficou denominando Nossa Senhora do Salvador.

Em 1646, o pontifice Alexandre VII[1] concedeu á irmandade, uma bulla perpétua com muitas e grandes indulgencias.

Constituida a aldeia do Salvador em parochia independente, desmembrando-se da da Sé de Viseu, foi a capella elevada a matriz da nova freguezia, e ficou sendo sua padroeira, Nossa Senhora das Neves.

SALVADOR DO ADRO (São) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 60 kilometros de Miranda, 400 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, S. Salvador.

Bispado e districto administractivo de Bragança.

O rei D. Diniz deu foral á aldeia do Picanal, na freguezia de *S. Salvador da Pena*, (julgo que é esta) em Lisboa, a 11 de novembro de 1290. (Gavêta 11, maço 11, n.º 36, § 47.)

Não pude obter mais noticias d'esta freguezia. Escrevi ao parocho, que se não dignou responder-me!

SALVADOR DO BURGO—freguezia, Dou-

[1] Este vinculo passou depois a Diogo de Barros, de S. Pedro do Sul.

[1] Estou resumindo estas noticias do *Sanctuario Marianno* (vol. 5.º, pag. 317) mas aqui ha um anachronismo. Alexandre VII, não era papa em 1646. Innocencio X foi feito papa em 1644, e governou a Egreja de Deus até 1655, e, fallecendo n'este anno, lhe succedeu Alexandre VII. É provavel que a bulla fosse expedida em 1656.

ro, no concelho e comarca, e 2 kilometros ao S.O. da villa d'Arouca, e no seu formoso valle, 11 kilometros ao S. E. do Castello de Paiva, 14 ao S. E. do rio Douro, 50 ao O. de Lamego, 75 ao N. E. de Aveiro, 50 ao S. E. do Porto, 280 ao N. de Lisboa.

Tem 285 fogos.

Em 1757, tinha 222.

Orago, o Santissimo Sacramento.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A abbadessa do real mosteiro de freiras bernardas, de Arouca, apresentava o abbade, collado, que tinha 200$000 réis e o pé de altar.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente a denominação de *Salvador*, porque o seu padroeiro, até ao fim do seculo passado, foi o Salvador do Mundo.

Officialmente, dá-se-lhe o nome de *freguezia do Burgo*; porem o Burgo é uma pequena villa, que foi cabeça do concelho do seu nome, hoje supprimido, e nunca foi freguezia, mas sempre pertenceu á do Salvador.

A egreja matriz, é um templo antiquissimo, mas está bem conservado, em consequencia das varias reconstrucções que tem recebido, feitas á custa das freiras de Arouca, que recebiam dous terços dos dizimos. Fica em uma elevação, d'onde se descobre a maior parte do bello e fresquissimo *valle d'Arouca*.

É terra muito fertil e cria muito gado de toda a qualidade. O rio Arda, e um ribeiro, que nasce na Forcada, atravessam e fertilizam a freguezia; fazem mover as rodas de alguns moinhos, e trazem peixe miudo.

É composta dos logares do Burgo, Eiras, Eiriz, Sóto (ou Sótam) Milhaço, Mouta, Malarézes, Aido, Frága, Corujeira, Pisão, Devezas, Espinhaço de Cão, Pimenta, Villa-Nova e Santo Antonio do Burgo.

A egreja parochial está em sitio dezerto, não tendo junto a ella senão a residencia parochial.

Os dizimos do pão, vinho, azeite, e sanjoaneira, eram divididos em trez partes, duas para as freiras, e uma para o abbade.

Ha n'esta freguezia as capellas, do Espirito Santo, S. Domingos, Santo Aleixo, Santo Antonio, e o oratorio de Eiriz, fundado por D. Antonia Maria Michaella, e pertence hoje ao sr. Jeronymo Leite Cabral Castello-Branco. Vide *Arouca*, e *Villa Mean do Burgo*.

O bispo de Lamego, D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcellos, assignou, em 1514, um pergaminho, que se guarda authentico, no cartorio do mosteiro d'Arouca, pelo qual consta que, a instancias da abbadessa, D. Melicia de Mello, se uniram ao mosteiro as egrejas, do *Salvador*, e *Santa Eulalia*, no valle de Arouca; com auctorisação do arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida, seu metropolitano, concedida a 15 de junho de 1513.

SALVADOR DA BARREIRA—ermida, na freguezia de *Nossa Senhora da Luz, de Maceira*, comarca, concelho, districto administractivo e bispado de Leiria.

Foi construida pelos moradores da aldeia da Barreira, em 1534, ficando os mesmos obrigados á sua fábrica, como consta de uma escriptura que está no cartorio do cabido de Leiria.

Foi o infante D. Henrique (depois cardeal rei) que, sendo prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e a requerimento de João Vicente, da Barreira, deu licença para se levantar o altar, com obrigação do requerente dar um calix de prata, para a ermida.

Em 1602, o bispo de Leiria, D. Pedro de Castilho, fez mudar a capella, que estava onde hoje se vê o alpendre, para o local em que agora existe.

SALVADOR DE CERVÃES—freguezia, Minho.—Vide *Cervães*.

SALVADOR DE LÁVRA—Vide *Lávra*.

SALVADOR DO MONDEGO——antiga freguezia, Douro, que foi ha muitos annos supprimida, e está hoje annexa á de Monte-Mór-Velho.

SALVADOR DO MUNDO.—Cachão extinto, Beira Alta, e Traz-os Montes, que se chamou tambem, *Cachão do Salvador da Pesqueira*, na freguezia, concelho e comarca de S. João da Pesqueira.

Tambem se lhe dá o nome de *Cachão da Valleira*, ou da *Pesqueira*, mas o ponto da *Valleira*, é o immediatamente inferior e na mesma freguezia.

No 1.º vol., pag. 60, col. 2.ª, mencionei o *ponto do Cachão*, que é o 61.º dos *pontos* do rio Douro. Aqui darei sobre elle mais algumas informações, por ser o logar proprio.

Fica este ponto, 120 kilometres ao N. E. da cidade do Porto, e proximo á ermida do Salvador do Mundo, á qual deve o seu nome, e era inaccessivel antes de serem rompidos a fogo e a picão, os penedos que formavam um temeroso cachão, ou catadupa.

A junta da *companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro*, obteve de D. Maria I, em 1779, a auctorisação necessaria para cobrarem 40 réis em pipa de vinho e outros liquidos, que fossem transportados pelo rio Douro, até ao Porto, sendo o producto d'esta contribuição applicado ás obras do mesmo rio.

Dez annos levou a romper o rochedo enorme que interrompia a navegação, e, em 1792, ja os barcos passavam este temivel ponto, que, mesmo assim, não é isento de perigos.

Ao sopé do rochedo da margem esquerda, mas na altura de 247 palmos (54 metros) acima do nivel do rio, e em logar inaccessivel, e portanto não se póde ler de parte alguma, está gravada a seguinte inscripção, na propria rocha, e em letras de bronze:

IMPERANDO D. MARIA I,ª
SE DEMOLIU O FAMOSO ROCHEDO
QUE, FAZENDO AQUI UM CACHÃO
INACCESSIVEL, IMPOSSIBILITAVA
A NAVEGAÇÃO DESDE O SEU PRINCIPIO
E DOS SECULOS DUROU A OBRA, DE
1780 A 1792.

É este ponto, o limite do *Douro superior*, e é sobremodo temeroso. Amontoados de enormes rochedos ladeiam a estreita garganta que dá perigosa passagem aos barcos, e é preciza toda a pericia dos barqueiros para que se transponha esta medonha galeria.

Se um barco se despedaçar aqui, de encontro á penedia, a morte dos tripulantes e passageiros, é quasi certa, porque as ribas são perpendiculares, sem que á raiz tenham o mais estreito carreiro, ou espaço sufficiente em que os naufragos se possam sustentar, em quanto esperam por soccorro.

—

Á entrada d'esta garganta, e no vertice de um sêrro de medonha altura, alveja o templosinho do *Salvador do Mundo*, que dá o nome ao sêrro e ao *ponto*.

É o padroeiro d'esta ermida, muito venerado por estes sitios, e sobre tudo pelos que navegam este rio. Os barqueiros descobrem-se, com a maior devoção, e se encommendam ao Salvador do Mundo, para que os deixe passar a salvamento, e guardam um profundo silencio durante esta passagem.

Segundo diz D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias de Braga*, já no tempo de D. João III, se fizeram tentativas, para destruir este obstaculo invencivel; e no reinado de D. Pedro II, aqui veio, por ordem d'este monarcha, Miguel de Lascal, para fazer os necessarios estudos, e este distincto engenheiro, no seu relatorio, disse que o emprehendimento, posto offerecer bastantes difficuldades, não era impossivel; mas nada mais por então se fez.

D. João V, encarregou dos mesmos estudos, Bento de Moura Aragão, que disse o mesmo que havia dito Lascal; mas as obras não se principiaram, por não haver quem se quizesse arriscar a trabalhar em tão perigoso sitio.

Finalmente, no reinado de D. Maria I (como já disse) deu-se principio a tão grande empreza, em 1780, sendo a direcção das obras confiada ao padre Antonio Manuel Camêllo, da Pesqueira, homem energico, e de grande habilidade, mas pouco habilitado para esta obra, por falta dos indispensaveis conhecimentos theoricos que ella exigia.

Oito annos depois de principiada a obra, veio da Italia, o engenheiro hydraulico, José Maria Yola, para o coadjuvar, e, desde então, os trabalhos se fizeram com a maior regularidade, e, a 22 de outubro de 1789, subiu e desceu n'este sitio, o primeiro barco, sem perigo; porem as obras só se concluiram em 1792.

No anno seguinte, o engenheiro das estradas do Douro, José Auffoliener, na companhia de dous deputados da companhia dos vinhos, embarcou na Barca d'Alva, e desceu o rio, até passar o cachão do Salva-

dor do Mundo, e attestou que era possivel tornar o rio navegavel, desde a fronteira hespanhola até á barra do Porto.

O alvará do 1.º de setembro de 1807, auctorisou o capitão-mór de Moncorvo, João Carlos de Oliveira Pimentel, [1] a formar uma companhia, por acções, para levar a effeito tão gigantesco quanto util emprehendimento.

Mas, a invasão de Junot obstou á formação da companhia, porém o concessionario não abandonou a empreza, e ao mesmo tempo que tomava parte activa na guerra contra os francezes, alcançou ter, em 1809, prompta a navegação, até á Foz do Sabor; e em 1811, até á Barca d'Alva, servindo então já esta via fluvial, para facilitar o fornecimento dos exercitos alliados.

Foi isto de grande vantagem, não só para Traz-os-Montes e Beira Alta, mas até para os hespanhoes, e principalmente para os que navegam desde Salamanca a Zamora.

—

Apezar do rompimento do cachão do Salvador do Mundo, ou da Valleira, a passagem d'este ponto, que é facil e sem risco nas aguas baixas, se torna perigosissima, e por vezes impraticavel nas enchentes do rio, por causa da sua corrente impetuosissima a que a estreiteza do rio obriga as aguas que aqui refervem com fragor medonho, aterrando o navegante, por mais intrépido que elle seja.

Por muitas vezes, enormes rochedos se desprendem d'estas ribas alcantiladas, e precipitando-se no rio, criam n'este logar novos perigos á navegação, e teem causado bastantes naufragios, e a morte de muitas pessoas, sendo uma d'ellas, o barão de Forester, como já disse a pag. 199, col. 2.ª, do 7.º volume.

Entre as rochas do *Cachão*, do lado do N. (Traz-os-Montes) na margem direita, e proximo do rio, está o enorme *Penêdo das letras*. Vide *Rapa-Velha*.

SALVADOR DO MUNDO—Vide no 2.º vol. pag. 343, col. 2.ª, a 5.ª freguezia antiga de Coimbra. Aqui só accrescentarei o seguinte:

A freguezia—hoje supprimida—do *Salvador do Mundo*, é uma das mais antigas de Coimbra, como fica dito no logar acima citado.

A capella de que alli fallo, mandada fazer por *Guiomar de Sá*, é dedicada á *Santissima Virgem Mãe de Deus*, cuja imagem é de marmore, e de estatura agigantada.

Segundo a tradição, uma senhora, chamada Marianna de Sá, ascendente dos fidalgos Sás, da Anadia, foi quem mandou fazer esta imagem, e uma sua filha ou neta, a tal Guiomar de Sá, lhe construiu a capella, na referida egreja, e doou para a sua conservação e aceio, muitas fazendas, ficando a fundadora com o padroado da capella; porem os seus herdeiros negaram-se a dar os rendimentos das terras, pelo que o prior da freguezia moveu contra elles demanda, no fim do seculo XVII.

A Senhora, Mãe de Deus, era objecto de grande devoção dos moradores de Coimbra, em tempos antigos, principalmente dos estudantes da universidade, que a Ella recorriam, para serem felizes nos seus exames.

SALVATERRA DE MAGOS—villa, Extremadura (mas ao S. do Tejo) cabeça do concelho do seu nome, comarca e 6 kilometros a N. E. de Benavente, 60 kilometros ao E. S. E. de Lisboa.

Tem 650 fogos.

Em 1757, tinha 453.

Orago, S Paulo, apostolo. Patriarchado de Lisboa, districto administractivo de Santarem.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 60 alqueires de trigo, e 70$000 réis em dinheiro.

O concelho de Salvaterra de Magos, é composto só da freguezia d'este nome e da de Muge.

[1] Avô paterno do sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, feito visconde (2.º) de Villa-Maior, em 15 de julho de 1861.

Este cavalheiro, é o auctor do formosissimo e curiosissimo livro, a que deu o titulo de DOURO ILLUSTRADO, uma das mais elegantes obras litteraria, do ultimo quartel do seculo XIX, impressa com o maximo luxo e enriquecida de muitas e bellas gravuras. É, mais do que um livro, um album primoroso, para adornar as mezas das salas luxuosas.

Tem 1:000 fogos.

Está situada em uma vasta e fertil planicie, entre o Tejo (margem esquerda) e o *Sorraia*. Gado, caça, e peixe, do Tejo, do Sorraia e do mar.

Foi antigamente da comarca de Santarem.

Tem alguns palacios de boa architectura; porem quasi todos em mau estado.

Foi fundada por el rei D. Diniz, em 1295, e a egreja parochial, pelo bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, em 1296.

O seu primeiro foral, tem os privilegios do de Santarem, mas não tem data; porem foi-lhe dado por D. Diniz. Este mesmo monarcha, lhe deu outro foral, em Coimbra, no 1.º de junho de 1295. *L.* 2.º *das Doações de D. Diniz*, fl. 104, col. 2.ª

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1517. *L. de foraes novos do Alemtejo*, fl. 108 v., col. 1.ª

Tem uma grande coutada, da casa real, com um bom palacio, fundado em 1514, por o infante D. Luiz, duque de Beja, filho do rei D. Manuel e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos D. Fernando e D. Izabel, que era viuva do infante D. Affonso, filho de D. João II (e que seria rei, se não morresse, da queda de um cavallo, junto a Santarem, em 1491, na vida de seu pae.)

Na tapada, faziam os nossos reis frequentes e grandes caçadas—hoje está muito deteriorada.

D. Pedro II, accrescentou este palacio e mandou fazer bellos jardins, pelos annos de 1690. Hoje está em bastante ruina.

Tem um paúl, chamado dos *Magos* (o que deu o sobrenome á villa) que D. João IV mandou abrir, pelos annos de 1650.

O rei D. Diniz fez doação d'esta villa ao referido bispo, D. João Martins de Soalhães, para elle e seus successores, logo em 1295.

Tem Misericordia e hospital.

Os primeiros donatarios d'esta villa, foram os condes da Atalaya, e a deram ao dito infante D. Luiz, recebendo em troca, a villa da Asseiceira e outros logares.

Aqui é a luxuosa casa de campo, que foi de Garcia de Mello, monteiro-mór do reino.

Está a freguezia na confluente do Sorraia com o Tejo.

—

Morte do 1.º marquez de Loulé

Na noite de 28 para 29 de fevereiro de 1824, deu-se em Salvaterra um facto naturalissimo, que os liberaes aproveitaram afanosos, para desacreditar o sr. D. Miguel I—então infante—e, como lhes foi impossivel convencer o publico, conseguiram, pelos meios mais torpes, tornar o caso obscuro, para que a calumnia não fosse completamente destruida.

Na referida noite, houve um ensaio, no theatro do paço real, ao qual assistiram muitas pessoas da côrte, e entre ellas, o marquez de Loulé, que se retirou antes de terminar o ensaio.

O edificio do palacio, já então principiava a arruinar-se. O marquez, tomou por um corredor que não estava illuminado, e foi a uma antiga porta que foi construida para dar entrada a uma sala que já não existia, e estava transformada em saguão, e, por conseguinte, a porta estava servindo de janella *rasgada*.

O marquez, ou por conhecer pouco esta parte do edificio, ou (o mais provavel) por esquecimento, foi andando, e, como a janella não tinha grades, cahiu sobre uma pilha de entulho, que estava no saguão, e morreu da quéda.

Quando na manhã de 29[1] appareceu o cadaver do marquez, ninguem se lembrou de que fosse assassinado por ordem do sr. D. Miguel; mas é certo que, como Loulé se tinha posto ao serviço de Buonaparte, contra Portugal, desde 1807 até 1815[2] e ainda ti-

[1] Sempre será bom notar aos meus leitores, que o anno de 1824 foi bissexto.

[2] D. Agostinho Domingos José de Mendonça, marquez de Loulé, e pae do 1.º duque do mesmo titulo, foi condemnado á morte, e exautorado de todos os seus titulos, honras e privilegios, por traidor á patria, por sentença de 11 de novembro de 1811, sendo o seu maior crime, vir em 1810 contra Portugal, no exercito de Massena.

O marquez, tinha muitos parentes e amigos, na corte de D. João VI. Este monarcha

nha por isso alguns inimigos, e bastantes pessoas de boa fé, attribuiram a morte a vingança de algum patriota exaltado; chegando mesmo a dizer-se que o marquez *foi abafado com uma manta de campino, para não gritar, e ferido com uma choupa, que entrando pelo ceu da bocca, lhe sahiu pela nuca!* [1]

O integerrimo magistrado, doutor Torres, corregedor da comarca, procedeu logo a auto de exame e corpo de delicto, no cadaver, e os dous cirurgiões, e as testemunhas do auto, declararam n'elle, *que o marquez não tinha o mais leve signal de ferimento ou contusão.*

Mas o ministro da justiça, Lacerda, inimigo implacavel do sr. D. Miguel, queria por força attribuir a um crime, a morte do marquez, e imputal-a ao principe.

Chamou o corregedor e exigiu que elle substituisse o auto de corpo de delicto, por outro dictado por elle, e com as testemunhas indicadas por Lacerda; mas o honrado corregedor, recusou-se obstinadamente a tão grande infamia.

Lacerda, para que o facto ficasse pelo menos duvidoso, sumiu o auto, que nunca mais appareceu.

Os inimigos do sr. D. Miguel I, não se contentando em exagerar-lhe os defeitos, lhe teem assacado todas as especies de calumnias, mas ainda nenhum se lembrou — que me conste—de o chamar hypocrita ou desleal; portanto, se o sr. D. Miguel tivesse parte, directa ou indirecta, na morte do marquez, não continuaria conservando na sua intimidade os filhos d'elle: nem os filhos, que eram uns perfeitos homens de bem, continuariam a ser amigos do assassino de seu pae.

Ainda mais, o sr. D. Miguel, foi sempre verdadeiro amigo do marquez, que nunca lhe deu o mais leve motivo de desagrado; continuou a ser o inseparavel companheiro de seus filhos, e esta affeição durou até aos ultimos momentos do sr. D. Miguel.

Foi ainda este principe, que, no dia seguinte ao da morte do marquez, apresentou ao rei seu pae, o filho primogenito d'aquelle [1], (D. Nuno José Severo de Mendonça Rôlim de Moura Barreto, desde então 2.º marquez de Loulé, 9.º conde de Valle de Reis etc., etc.) e D. José Maria de Mendonça, filho natural do 1.º marquez de Loulé, e de madame Bruni.

Levou-os para a sua companhia, e toda a gente de Lisboa viu os trez, passeiarem de trem ou a cavallo, como intimos amigos.

Quando as intrigas palacianas obrigaram D. João VI a mandar viajar o sr. D. Miguel, com a obrigação de fixar a sua residencia em Vienna d'Austria, para onde embarcou a 9 de maio do mesmo anno de 1824, um dos camaristas que o principe escolheu, foi o referido D. José Maria de Mendonça.

Nem o 1.º duque de Loulé, nem um só de seus filhos, se lembraram já mais de attribuir ao sr. D. Miguel a morte do marquez, e foram sempre dos que mais concorreram com avultados subsidios, para a sustentação do sr. D. Miguel, depois que a *quadrupla alliança* o obrigou a deixar o throno e a patria.

Vemos hoje o nobilissimo conde de Azambuja e sua virtuosa esposa, assistirem ás festas de familia, de seu primo germano, o sr. D. Miguel II, e serem dedicados amigos d'este principe, o que muito os honra, tratando-os com a familiaridade e franqueza, propria de pessoas da sua familia.

Sendo, como incontestavelmente são, todos os filhos do 1.º duque de Loulé, cava-

estava muito indignado contra o marquez, porem os amigos d'este, conhecendo o caracter bondoso do soberano, o induziram a um passeio, pelos arredores do Rio de Janeiro, e, tendo preparado uma emboscada, d'ella sahiu Loulé, que, ajoelhando aos pés de D João VI, com as lagrimas nos olhos, lhe pediu perdão. O rei, não só lhe perdoou e lhe restituiu todas as honras e titulos, mas até o fez seu camarista e valido.

[1] Então se não queriam que elle gritasse, e o tinham *abafado* com uma manta, como lhe atinaram com a bocca, para lhe dar a *choupada*, e como é que elle *se pôz a geito*, com a bocca aberta (e sem gritar!...) para o ferirem alli?—Que disparate!

[1] Que depois foi 1.º duque de Loulé, e casou no 1.º de dezembro de 1827, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, filha de D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina, assistindo esta senhora, ao casamento.

lheiros da mais rigorosa delicadeza, em pontos do honra, a sua amisade sincera e leal ao principe proscripto, é, quanto a mim, uma prova irrefragavel de que o 1.º marquez de Loulé morreu de um desastre, e não de morte violenta.

Argumentam os liberaes com o decreto de 24 de junho de 1825, assignado por D. João VI, no qual, entre outras culpas imaginarias, assacadas ao sr. D. Miguel, vem tambem a *historia* do assassinato do marquez de Loulé; mas todos sabem que o rei, cercado de inimigos de seu filho segundo, sem o ter a seu lado, para o proteger, e, de mais a mais, de animo extremamente indeciso e pusilanime, o que queria era que os seus ministros o deixassem em paz, e assignava quanto elles quizessem (e isto, suppondo que a assignatura do monarcha fosse verdadeira.)

Tambem elle tinha assignado o decreto de 30 de maio de 1823, que accusava o sr. D. Miguel de rebelde e inimigo do rei, e logo em junho, por outro decreto, faz os maiores elogios á sua dedicação e fidelidade, e o nomeia commandante em chefe do exercito.

Note-se que o sr. D. Miguel II, tem tratado os filhos do 1.º duque de Loulé, com todas as attenções e preferencias, como seus proximos parentes, e que, nem o sr. D. Pedro, quando regente, nem sua filha, nem seus netos, quizeram reconhecer o casamento d'aquelle fidalgo, com a infanta D. Anna de Jesus Maria, apezar das instancias feitas pelo duque, e dos serviços que sempre prestou á causa liberal.

—

Ninguem póde alcunhar de suspeito, o doutor A. da Silva Gaio, pois que é inimigo implacavel do sr. D. Miguel I; e, apezar d'isso, no seu *Mário* (tomo 2.º pag. 166 e seguintes, da 2.ª edição) depois de *pesar* todos os argumentos pró e contra, termina assim a narração da morte do marquez de Loulé.

Posso dizer, com socêgo de consciencia, que estou convencido de que o infante (o sr. D. Miguel I) *o não mandou perpetrar.* (O assassinato do marquez.)

Uma tourada em Salvaterra de Magos

Havia antigamente em Salvaterra grandes e esplendidas touradas, *divertimentos* a que os nossos reis eram muito inclinados.

D. José I, que se dobrava a tudo quanto queria o marquez do Pombal, nunca transigiu com elle quanto ás corridas de touros, com que Pombal embirrava.

Em 1762, houve uma grande tourada em Salvaterra. Um dos mais destros cavalleiros d'aquelle tempo, era o conde dos Arcos, filho e discipulo do marquez de Marialva, o mais famoso cavalleiro da Peninsula.

Sahiu do curro um touro preto, tão temivel, que nenhum cavalleiro se atreveu afrontar-lhe as iras, senão o conde dos Arcos, que lhe metteu um ferro. O touro, furioso, investe com o cavallo do conde, que cahe na arena, arrastando comsigo o conde, que, ferido em uma perna, se não pôde levantar. O touro o arremeça aos ares, e esperando-o com as armas, na queda, o esmagou depois com as patas.

Esta desgraça aterrou o monarcha e todos os espectadores.

O marquez de Marialva, tinha setenta annos, mas desceu com a velocidade de um mancebo, os degraus do amphitheatro, para vingar a morte do filho querido, ou morrer com elle.

Um camarista o intima, por ordem do rei, para que não desça á arena, accrescentando —«Sua magestade entende que o dia já foi bastante desgraçado, e não quer perder n'elle dous vassallos.»

Marialva respondeu.

—«El-rei manda nos vivos, e eu vou morrer. Aquelle (apontando para o cadaver do conde dos Arcos) é o corpo de meu filho.

Está alli! Sua magestade póde tudo, menos deshonrar os cabellos brancos do creado que o serve ha tantos annos. Deixe-me passar, e diga isto a el rei.

O rei amava o marquez (que era seu estribeiro-mór) pelas suas virtudes e pela sua lealdade nunca desmentida, e a resposta do ancião o petrificou.

Quando o marquez pisava a praça, com a coragem e sangue frio de um verdadeiro fi-

dalgo, todos os espectadores se levantaram por um impulso instantaneo, e com os olhos arrazados de lagrimas.

O marquez ajoelhou junto do cadaver do filho, e o beijou na fronte. Desabrochou-lhe o talim e cingiu-o: levantou do chão a espada de dous gumes, passou a capa no braço e cobriu-se; e, collocado no meio da praça, esperou o touro a pé firme.

O animal o investe, cégo e irado, mas o marquez com a maior destreza lhe evita a pancada.

Em fim, depois de um combate de alguns momentos, a espada do marquez se embebe até aos cópos, na nuca do touro, que dando um temeroso bramido, cáe morto aos pés do vencedor, que então abraçou o corpo do filho, cobrindo-o de beijos.

O rei, virando-se, viu de pé, coberto de pó, como quem vinha de grande jornada, o rosto severo do marquez do Pombal, que lhe disse:—«Temos guerra com a Hespanha, senhor. É inevitavel. Vossa magestade não póde consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassallos.»

D. José, reconhecendo a justiça d'estas palavras, respondeu: —«Foi a ultima corrida, marquez. A morte do conde dos Arcos, acabou os touros reaes, emquanto eu reinar.»

«Assim o espero da sabedoria de vossa magestade (disse Pombal.) Não ha tanta gente nos seus reinos, que possa dar-se um homem, por um touro. Vossa magestade auctorisa-me a hir em seu nome consolar o marquez de Marialva?»—«Vá! É pae. Sabe o que ha de dizer-lhe?»—«O mesmo que elle me diria a mim, se o meu Henrique estivesse como está o conde dos Arcos.

Pombal chegou á praça, e, como era mais alto do que o marquez, o levantou nos braços, e, com voz meiga e triste, lhe disse: — Senhor marquez, os portuguezes como v. ex.ª, são para darem exemplos de grandeza d'alma, e não para os receberem. Tinha um filho, e Deus levou-lho. Altos juizos Seus. A Hespanha declara-nos guerra, e El rei, meu amo e meu senhor, precisa do conselho e da espada de v. ex.ª

D. José cumpriu a palavra dada ao seu primeiro ministro, e no seu reinado, não houve mais touradas em Salvaterra.

Recommendo aos meus leitores o bello livro do fallecido escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, intitulado *Contos e lendas;* e cujo ultimo *conto* é —*Ultima corrida de touros, em Salvaterra*.

Foi d'elle que resumi o que deixo escripto com respeito á morte do conde de Arcos.

—

Os constantes e diuturnos temporaes do inverno de 1876 para 1877, foram terriveis para muitas povoações de Portugal, e principalmente para as das margens do Téjo.

Em Salvaterra, a enchente chegou até ao meio da rua de S. Paulo, invadiu a egreja da Misericordia, e muitas casas.

—

É sempre com o maior prazer, que menciono n'esta obra as acções dignas de memoria, praticadas por benemeritos filhos d'esta nossa terra.

Por isso copio do n.º 3:591 do *Diario Popular*, de 15 de dezembro de 1876, o que se segue.

Peço desculpa aos meus leitores, da extenção do artigo, mas nada lhe pude resumir.

Eil-o:

«Agora que as communicações se acham restabelecidas, vão-se recebendo informações mais completas ácerca das peripecias e dos desastres das ultimas cheias.

Eis o que temos de Salvaterra:

No dia 6 e noite de 7 do corrente, no dia 7 e noite de 7 para 8 até ás 5 horas da manhã, d'este ultimo dia, foi a maior força e o maior perigo da enchente, envolvendo as povoações do Reguengo, Vallada, Alqueidão, etc.

Ás 5 horas da madrugada de 8, começou a vasante da cheia e o maior perigo ia passando.

No dia 6 de madrugada todos os maritimos de Salvaterra, com excepção dos de um barco, se pozeram ás ordens do sr. José Vicente da Costa, proprietario e negociante em Salvaterra.

Este cavalheiro e seu filho, o sr. José Vicente da Costa Junior, prestaram valiosos serviços, como se vae ver da narração.

O sr. José Vicente da Costa, mandou logo partir um barco para Vallada, com ordem de salvar, primeiro gente e depois gado e cereaes, no que muito se lidou e com bom exito.

Ás 10 horas, todo o campo era um mar, o vento soprava rijo e chovia a torrentes.

Queria partir o barco do João d'Azambuja, mas só tinha dois homens.

O sr. José Vicente da Costa, á vista do povo accummulado no caes, offerecia tudo para apparecerem mais tripulantes, mas ninguem se movia. Então o sr. José Vicente da Costa Junior saltou para dentro do barco, despiu-se, descalçou-se e foi servindo como maritimo.

Com este auxilio o barco largou, e uma hora depois chegava ao Alqueidão, não sem ter corrido perigo de sossobrar ao desembocar da valla de Salvaterra no Tejo.

O barco destinado pelo sr. José Vicente a soccorrer o Alqueidão, largou ferro na Tapada. Então o sr. José Vicente da Costa Junior, encostado a um pau com que ia sondando o terreno inundado, mettendo-se na agua e no lodo, foi até o povo de Reguengo, avisar de que em breve chegaria em seu soccorro outro barco mandado de Salvaterra por seu pae. Aquella pobre gente chorava e abraçava o excellente rapaz, que com perigo de vida ia levar-lhe palavras de esperança.

Infelizmente a cheia crescia e o barco annunciado não podéra ainda chegar.

Um homem chamado José Zêco, apontava chorando para o celleiro onde tinha 4 moios de trigo, unicos haveres da sua pobre familia, e que a agua começava a invadir.

O sr. José Vicente da Costa Junior, correu ao barco e a muito custo conseguiu arranjar sacos para 3 moios de trigo.

Ensacou-se rapidamente o cereal, e, quando acabou esta faina, alagou-se todo o celleiro.

N'este ponto começaram novas tribulações, porque a gente do Reguengo queria o barco para salval-a e ao mesmo tempo era necessario accudir ao Alqueidão.

O barco vindo de Salvaterra, não podia transpor a Tapada, nem os do Alqueidão podiam refugiar-se n'ella por falta de lanchas.

Infelizmente no Reguengo só havia duas lanchinhas, que andavam atarefadas em tirar mobilia das casas alagadas e aluidas. A final o sr. José Vicente da Costa Junior conseguiu arranjar uma lancha, e metteu-se n'ella, levando comsigo um homem que no Alqueidão tinha a mulher.

O fragil barco partiu ao longo da Tapada, e luctou duas horas contra o mar, a agua que se despenhava da Tapada e o vento. A final os valentes tripulantes conseguiram pôr a lancha sobre a Tapada, d'onde já se ouvia o choro da gente refugiada na casa do Alqueidão.

Envolvidos pela agua, derrubados muitas vezes, ora nadando, ora agarrando-se ás oliveiras, conseguiram o srs. José Vicente da Costa e seu companheiro chegar á casa do Alqueidão, onde foram recebidos com incrivel alvoroço.

O sr. José Vicente do Costa, trouxe d'alli 3 barcadas de gente, que foi largar sobre a Tapada, rodeada d'agua, e onde só havia a largura livre de 3 palmos.

Na 1.ª barcada vieram mulheres. Na casa só ficaram o administrador, que protestava não largal-a em quanto não abatesse, dous guardadores e uma irman do administrador.

No sobrado da casa, estavam 100 moios de trigo, que o administrador para alli mandára transportar.

O rio enchia mais, chovia a cantaros, e o vento era bastante forte.

N'este apuro o sr. José Vicente da Costa Jurior, transportou para o barco a gente que estava sobre a Tapada, e navegou para o Reguengo.

No caminho avistou um barco com bandeira de soccorro. Era o barco do Côdea, que o sr. José Vicente da Costa mandára de Salvaterra para Vallada.

O barco, atulhado de gente e trigo, encalhára n'um comoro e estava em perigo de sossobrar.

O sr. José Vicente da Costa Junior, ali-

viou-o de 8 moios de trigo, com o que conseguiu safar se.

Depois dirigiu-se o sr. José Vicente para o Reguengo, e acabou de carregar o barco com gente d'aquella terra, e mandou-a para Salvaterra, d'onde a esse tempo já tinham chegado mais dois barcos com saccos para 50 moios, destinados ao trigo de Joaquim Martins, que tinha o celleiro um metro fóra d'agua.

O sr. José Vicente entendeu melhor não seguir exactamente as ordens de seu pae, e deu 40 moios de saccos a Pedro Gaspar, que tinha 50 moios de trigo só 0m,01 fóra da agua. Os restantes 10 moios de saccos foram distribuidos pelos pobres para salvarem os seus cereaes.

Finalmente ainda chegou mais um barco mandado pelo sr. José Vicente da Costa Senior, que tambem enviára já trez para Vallada.

A agua ameaçava rebentar a tapada que protege o Reguengo.

Os dois barcos que ficaram no Reguengo, passaram alli a noite, e deram abrigo ao povo que receava ficar nas casas.

A bordo de um d'elles, uma mulher deu á luz uma creança.

Os vapores do governo chegaram no dia 8 de manhã, depois de passado o maior perigo, que foi nos dia 6 e 7. Estes vapores podiam acudir a Vallada, que fica á beira do Tejo, porem não ao Reguengo, que está assente no meio do campo.

Alem do que fica dito, o sr. José Vicente da Costa tem trabalhado dia e noite, obrigando a partir os barqueiros, que temiam o tempo e a força da corrente.

Nos seus celleiros tem abrigado mais de 500 moios de cereaes de diversos.

Mandou 200 pães para o Reguengo, farinha e milho para Vallada, e de accordo com o sr. João Luiz Neto e outros cavalheiros de Salvaterra, deu abrigo á gente fugida de Vallada, Reguengo e Alqueidão.

Durante o maior perigo não se arredou do caes de Salvaterra, ora fazendo partir os barcos, ora desamarrando-os com as suas proprias mãos, ora apressando o carregamento de 30 carros que tinha juntado para a descarga rapida dos barcos, afim d'estes poderem de novo partir em soccorro dos inundados.

O sr. José Vicente da Costa Junior, esteve dous dias sem comer, e quatro dormindo encharcado dentro dos barcos atulhados de gente e gado.

No dia 9 foi dentro d'uma lanchinha de dous palmos de largo, a Vallada, prevenir os lavradores de que na bocca da valla de Salvaterra estavam cinco barcos para os soccorrer, mas que não podiam navegar por falta de vento.

D'allii partiu na fragil casca de noz, para bordo do *Pescador*, cujo mestre mostrou o maior zelo, guiou o navio até á bocca da valla, e uma hora depois estava com os barcos em Vallada.

Finalmente, no dia 11, pedindo-lhe um pobre singeleiro que salvasse a sua junta de bois que morria de fome na tapada, foi n'um barco buscal-a.

O sr. José Vicente da Costa e seu filho, teem na sua consciencia, nas bençãos dos povos de Vallada, Reguengo, Porto de Muge e Alqueidão, a melhor recompensa dos relevantes serviços, que com perigo de vida e prejuiso da sua fazenda prestaram.

Mas aos poderes publicos cabe o dever de lhes darem uma manifestação de reconhecimento nacional por tantas vidas e tantos haveres dedicadamente arrancados á furia dos elementos.

—

No *Correio da Tarde*, n.º 1:588, de 9 de janeiro de 1877, se lê o seguinte:

«Transcrevemos, com a devida venia, de um collega da capital, parte de uma correspondencia de Salvaterra, que manifesta bem ao vivo o estado actual dos campos por alli.

«Á casa de Cadaval teem-lhe morrido, segundo me consta, quarenta e tantas cabeças de gado cavallar, e note-se que esta casa, sendo a mais opulenta do districto, não lhe faltam pastagens e recursos; mas as melhores estão todas inundadas, restando lhe apenas aremeiros e charnecas onde necessariamente os animaes comem muita areia junta

com a pouca herva que apanham, e d'aqui lhe sobrevem dôres que os matam em poucas horas.

«E não é só a este lavrador que isto acontece; está acontecendo a quasi todos.

«Em resumo, temos os gados em parte cançados, os pastos a acabarem-se e as terras cheias de agua; de modo que as que se poderem tapar só em fim de fevereiro ou março podem ser fabricadas!

«Os cofres abertos para receberem as collectas e nem ao menos nos concedem a moratoria, com que o thesouro pouco perdia.

«E ainda mesmo que não nos concedam a moratoria, de certo as contribuições não podem entrar todas no cofre até fevereiro, porque ainda que penhorem e façam quanta tyrannia lhes parecer, de certo que emquanto não chegar a colheita, não ha-de estar feita a arrecadação.»

—

Em setembro de 1877, foram arrematados, na repartição de fazenda do districto de Lisboa, os bens pertencentes á extincta commenda de Salvaterra de Magos, da qual foi ultimo administrador, o sr. conde da Ribeira Grande, do concelho de Salvaterra.

—

Em 1379, renova-se a guerra com Castella.

O principe de Cambridge, vem com um exercito inglez, em soccorro de Portugal, e justo a casar com a infanta D. Beatriz, *filha* de D. Fernando I, e de D. Leonor Telles de Menezes.

Esta guerra, desastrosa para ambos os paizes, continuou até 1382.

D. Fernando, de Portugal, e D. João I de Castella, estavam entre Elvas e Badajoz, decididos a darem batalha; mas vieram a concertos, e a 2 de abril d'este anno, foi assignado o tratado de Salvaterra de Magos, segundo o qual, o rei castelhano casou com a dita D. Beatriz, e a guerra terminou.

O principe de Cambridge, foi para Inglaterra com as suas tropas, com razão, despeitado pela falta de palavra, do rei portuguez.

Este casamento violava o determinado nas côrtes de Lamégo, e por causa d'elle, perderiamos então a nossa authonomia, se não fosse a bravura do joven Mestre de Aviz, e a intrepidez e lealdade do ainda mais joven[1] D. Nuno Alvares Pereira, e da fidelidade e coragem dos portuguezes, pela causa da patria.

O casamento do rei castelhano com D. Beatriz, realisou-se a 14 de maio de 1383.

—

, *Magos*, é—com pequena corrupção—a palavra persa, *Majus*, que significa *philosopho*.

A religião, ou seita, dos magos (que adoravam o fogo) foi introduzida na Persia e na Chaldeia, por Zoroastes ou Zoroasto, e durou 400 annos.

Omar III, kalifa dos árabes, a extinguiu.

Gerardo João Vossio, porém, deriva a palavra *mago*, do hebraico *mahgin*, do verbo *haja*, que significa *buscar*, *examinar*.

Talvez que o sobrenome de Salvaterra, não procêda nem do persa, nem do chaldeu; mas do antigo portuguez *mógo*, que significa *marco*, que divide uma propriedade ou territorio, da confinante. Acho isto mais verosimil.

SALVATERRA DO EXTRÊMO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova (foi cabeça do concelho do seu nome, e da mesma comarca) 85 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa. 300 fogos.

Em 1757, tinha 114 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado, districto administrativo e 25 kilometros a E. de Castello Branco.

(Foi do bispado da Guarda.)

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

[1] D. João I (o Mestre de Aviz) tinha em 1383, 25 annos, pois nascêra a 11 de abril de 1358—D. Nuno, tinha apenas 23 annos; mas n'estes dois heroes, a bravura suppria a edade.

Dá-se a esta villa o nome de Salvaterra do Extrêmo, não só para a distinguir da antecedente, mas porque, com effeito, está sobre a margem direita do rio Elgas, que a separa da Hespanha.

Ainda nos fins do seculo passado, havia um curato chamado *Monfortinho*, contiguo a esta freguezia.

Era uma pequena aldeia de 5 fogos.

Foi annexa a esta.

Vide *Monfortinho*.

Fica Salvaterra a 6 kilometros da villa de Sarça, na Extremadura hespanhola.

O seu concelho, que foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855, tinha 1:000 fogos.

Tem misericordia, e é terra fertil, ainda que de clima excessivo.

Foi praça de guerra, cercada de muralhas, com seu castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1290.

Já se vê que está tudo desmantelado.

A nascente l'aguas mineraes, chamada *Fonte Santa*, fica perto da villa, e no districto da supprimida freguezia de Monfortinho, onde já fica mencionada.

—

D. Sancho II lhe deu foral, na Guarda, a 2 de maio de 1229.

(*Maço 3 de foraes antigos* n.º 4—e no *Livro 1.º de Doações*, do rei D. Diniz, fl. 76, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

(*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 27 v., col. 2.ª)

—

Em 24 de julho de 1810, houve aqui um pequeno combate, entre as tropas portuguezas, e as francezas de Massena.

—

Em junho de 1876, foram estas terras invadidas por uma nuvem de gafanhotos, que fizeram grandes devastações nos campos e pomares.

Para se fazer ideia aproximada da grande quantidade de gafanhotos que assolaram estas terras, basta dizer, que, no dia 2 de junho, 30 pessoas, em 45 minutos, apanharam 60 alqueires d'elles!

Não foi só aqui a invasão d'estes terriveis insectos: quasi todo o districto administrativo foi invadido, vendo se o general da divisão obrigado a empregar 200 soldados no seu exterminio.

Nos concelhos d'Elvas, Salvaterra do Extremo (hoje Idanha Nova) e Figueira de Castello Rodrigo, foram então apanhados 44:400 kilogrammas de gafanhotos!

Veiu esta praga, da Extremadura hespanhola (e que cousa bôa nos virá de Hespanha). Os castelhanos lhe chamam *langostas*.

—

Ainda no dia 21 de maio de 1877, tornaram os campos, e até mesmo as terras incultas, de Salvaterra de Magos, Figueira de Castello Rodrigo, Escarrigo, Almofalla, Matta de Lobos, e outras freguezias d'esta região, a ser invadidas por outra praga de gafanhotos; porém a freguezia que mais soffreu, foi esta de Salvaterra do Extremo.

No referido dia 21, foram apanhados 1:291 kilogrammas d'estes insectos — no dia seguinte, 2:208 e meio kilogrammas—e no dia 23, 2:232 e meio kilogrammas.

Foram pagos aos apanhadores, a razão de 40 réis o kilogramma, o que somou em 229$280 réis, pois o total da apanha, foi de 5:732 kilogrammas pagos.

Alem d'isto, foram apanhados gratuitamente, pelos lavradores da freguezia, 2:000 kilogrammas, o que faz a totalidade de 7:732 kilogrammas.

—

Os gafanhotos

Pertencem, provavelmente, os que invadiram o nosso paiz, á especie *Grillus migratorius*, de Linneu, *La Sauterelle de passage*, de Cuvier.

Foi encontrada esta especie por Barrow, no sul d'America, cobrindo um espaço de duas milhas quadradas, e é mencionada por um correspondente de Kirby, e Spence, o qual em Mahrata, região da India, viu uma columna de gafanhotos de quinhentas milhas de extensão, que obscureciam o sol, como se houvera um eclipse.

O habito d'estes insectos é voarem n'uma

columna extensa e cerrada, abaixando-se á terra para se alimentarem, ou cahindo exhaustos de forças.

No mar, formam um arraial immenso, fluctuante, elevando-se em montões, formados pelos esorços dos mais fortes para cavalgarem sobre os mais fracos.

Diz João de Barros, no livro terceiro da segunda Década, capitulo quarto, que com as trovoadas de Guiné, se criam tantos gafanhotos, que cobrem o céo, e abrazam a terra por onde passam; que no interior da Africa algumas vezes se veem nuvens de gafanhotos, que cobrem o espaço de quasi oito leguas de caminho.

Em algumas nações, em pousando os gafanhotos, os matam, e seccos ao sol, em grandes medões, os guardam para mantimento, e que n'aquelles desertos, não chovendo outro manná áquella triste gente, tem por grande praga a falta d'esta praga.

Diz o mesmo João de Barros, que passando uns capitães, por umas povoações alem da cidade de Dabul, pelo rio acima, acharam muitas jarras cheias de gafanhotos em conserva, como vianda muito estimada dos mouros, que se leva como mercadoria do Estreito de Meca para fôra.

Na *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, diz o padre Manuel Godinho, descrevendo Baçorá, no capitulo XVI:

«Tem esta cidade muitas ruas cobertas por cima ao modo turquesco, nas quaes estão as tendas dos officiaes e lojas de mercadores.

Na sua praça foi a primeira vez que vi vender gafanhotos, e tambem vi que se levavam ás rebatinhas; cosem-nos em agua e sal, e não lhes botam fóra mais que as azas e os pés: quando navegam, levam-nos por mantimento, seccos em jarras.

Eu os comi, e achei serem muito bons para quem não tem outra cousa, como S. João Baptista não tinha no deserto.»

Diz Cuvier, que a especie *Gryllus migratorius* é originaria da Tartaria, e arriba, algumas vezes, em columnas innumeraveis, aos paizes orientaes da Europa, como Polonia, Hungria, e até mesmo á Allemanha.

SALZÊDAS—freguezia, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Mondim da Beira, 10 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Orago, o SS. Nome de Jesus.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque em 1757 ainda não era freguezia, mas pertencia á chamada *Burgo de Salzêdas*, que tinha então 70 fogos.

O D. abbade do mosteiro de Salzêdas, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

É povoação antiquissima, e foi couto.

Tem um foral velho, sem data, que se acha na Torre do Tombo, na Gavêta 9.ª, maço 10, n.º 27, fl. 1, no principio.

Sabe se apenas que esta carta de foral, é do principio da monarchia, e lhe dá o nome de *Salzêda*, e é este o que se vê em todos os documentos antigos.

Em 1152, D. Affonso Henriques, fez doação do couto de *Argeriz* (que depois foi de Salzêdas) a Fernandus Cativus, *curiae dapifer* (mordomo-mór da casa real.)

Em 1155, fez o mesmo D. Affonso Henriques, doação de todos os direitos reaes de varias terras, ao mosteiro de Salzedas.

Em 1164, D. Mendo, bispo de Lamego, por escriptura publica, fez renuncia dos direitos episcopaes do couto de Salzêdas, ao mosteiro d'esta freguezia.

Sendo já abbade de Salzêdas, D. João Nunes, em 1155, entregou D. Thereza Affonso, mulher de D. Egas Moniz, este mosteiro a frei *João Cirita*, e a todos os seus frades que alli quizessem viver, segundo a regra de S. Bento.

Frei João Cirita, morreu no mosteiro de S. Christovão de Alafões, e no seu tumulo está a seguinte inscripção:

JOANNES ABBAS CIRIT.
REXIT MONASTERIUM S. JOANNIS,
S. CHRISTOPHORI, SALZEDAE, S. PETRI.
CLARUS VITA, CLARUS MERITIS,
CLARUS MIRACULIS, CLARET IN COELIS.
OBIIT X KAL. JANUARIJ
E MCCII. [1]

[1] Anno de Jesus Christo, 117

Em 1203, Miguel Mendes, e sua mulher, Tóda Paes, *para remedio de suas almas*, deram ao mosteiro de Salzedas, uma *pitança* annual, em dia de S. Martinho, a saber — *LXX peisotas* (pescadas) *C* (100) *et panibus* (*et fiant tali mensura, idest, est faciant V* (5) *panes ex una taliga*): *una reste de allia: una alqueire de manteiga: C.* (100) *ova. Et post obitum nostrum filij nostri supradictum Censum persolvant Fratribus Salzedae. Et hoc relinquimus eis. unde illum Censum habeant, idelicet, illum campum, etc.*

(Livro das doações do mosteiro de Salzedas.)

Do mesmo livro de doações consta que, em 1209, D. Elvira Égas (ou Viegas) doou a este mosteiro, quatro casaes em Breteande, para que, todos os annos—*Ex fructu ipsorum Casalium Diem meum Anniversarium faciat Prior Salzedae Refectorium Monachorum, et Conversorum sufficientissimè.*

Esta mesma D. Elvira, deixou outros casaes que tinha em Canellas do Douro, junto a Luzim, a este mosteiro, applicados só para os usos da cosinha; declarando, que estariam sempre na administração do *cellareiro*, sem que os abbades os podessem applicar para outra cousa.

Em 1227, *Fernão Pires Ferreiro*, e sua mulher, D. Agueda, deixaram ao mosteiro, a pitança de *17 teigas de pam cosido, 20 peixotas, e dois mòdios de vinho.*

D. *Châmoa* (Chama, e tambem—em latim —Flamula) Gomes, deixou no seu testamento, feito em 1258, varias rendas a este mosteiro.

Eis uma verba do tal testamento—*Se quizer ser Zaadona* (senhora, livre, fôrra, ingenua) *Christiana, que a baptizem, e lhe dem de vestir, e lhe fação bem.*

Referia-se esta clausula, a Elvira Vasques, uma menina moura, que fôra escrava de D. Chámoa, e que ella *forrava* no seu testamento que ainda em 1834 existia, no cartorio do mosteiro.

Menciono estas doações por serem das mais antigas e curiosas, pelos termos de que se servem os doadores; mas, depois d'isto, muitas e valiosas doações foram feitas ao mosteiro; porém o que se não sabe é quem hoje cumpre os bens d'alma, por essas doações impostas aos frades, e que elles sempre cumpriram religiosamente...

Este mosteiro era o maior e o mais rico de monges portuguezes, depois do de Alcobaça.

Constava de quatro dormitorios, formando um quadrado, tendo no centro um jardim (talvez o melhor da provincia) com um bello chafariz, no meio de um vasto e formoso tanque.

Os claustros eram de abobada, tendo por cima um eirado descoberto, e por baixo, as sepulturas dos frades.

Havia outro claustro para o S., com varandas de madeira, destinado para os hospedes.

Tinha botica, celleiros, tulha, cosinhas e mais officinas, assim como vastas cavallariças.

Este edificio venerando, está desmantellado, excepto o dormitorio que fica por cima da sachristia da egreja, os claustros e varandas, e a casa do celléiro, na qual vivem os herdeiros do comprador d'esta casa e cêrcas.

Do vasto e formoso jardim, já nem vestigios ha.

A egreja está menos mal reparada, por que é—já desde o tempo dos frades—matriz da freguezia.

E' um magestoso templo, como não ha muitos no reino, construido em fórma de cruz, com trez altas e amplas naves.

Tem 14 altares, ou capellas, alem do altar-mór, que é elegante e bem esclarecido, tendo capacidade para 60 lumes.

O retabulo do camarim, representando a Assumpção de Nossa Senhora, e attribuido a Paschoal, é uma obra prima de pintura.

Ainda existe na capella-mór, o coro dos frades, com duas ordens de cadeiras, de optimo pau sancto, e excellentemente lavradas.

Andava em construcção o frontespicio da egreja, quando Junot invadiu Portugal, em

1807; pelo que as obras pararam, e nunca mais, até hoje, se concluiu.

As cercas do mosteiro que foram vendidas depois de 1834, são duas, e muito ferteis, por serem regadas por um ribeiro, o qual tambem faz mover as rodas de alguns moinhos, e um lagar de azeite.

—

No territorio da freguezia, viviam os senhores; mas no couto (que era o mosteiro, jardim e cêrcas) só viviam os monges e os seus creados e operarios.

Os monges viviam do seu trabalho, cavando, lavrando, semeando e fazendo todos os mais serviços agricolas, como consta das suas chronicas.

Fóra d'estes trabalhos, entregavam-se ao retiro do mundo, á oração e penitencia, e nunca comiam carne.

O D. abbade do mosteiro, apresentava o parocho d'esta freguezia, e os de Ucanha, Villa Chan de Cangueiros, Simbres, e Granja Nova, tendo em todas estas freguezias jurisdicção ordinaria.

—

Antes de ser elevada a matriz a egreja do mosteiro, a egreja parochial era uma capella, dedicada ao Santissimo Nome de Jesus, e tinha um só altar.

As aldeias d'esta freguezia são:

Meixêdo, Cortegado, Murganheira, Burgo (o mosteiro) e Villa Pouca.

Ha n'esta freguezia, as capellas, do *Salvador, Santa Barbara, São Martinho, Santa Luzia, Santo André, Santo Antonio*, e *Espirito Santo.*

Esta freguezia é muito abundante em trigo, milho, painço, centeio, azeite, vinho e castanhas.

Cria muito gado, e nos seus montes ha boa quantidade de lebres, coelhos, e perdizes.

O rio *Tôrno*, banha esta freguezia, correndo de E. a O.

—

Foi D. Fernando, D. abbade do mosteiro de Salzêdas, que, em 1427, construiu, á custa da ordem, a ponte de cantaria sobre o Varosa, e a torre á entrada da villa de Ucanha.

Alem de D. Vasco Coutinho, conde de Marialva, e *mariscal do reino*, e de sua viuva, D. Maria de Souza, aqui foi sepultado, D. João Coutinho Gomes, tambem conde de Marialva, valente batalhador, que foi feito em postas, pelos mouros, na tomada de Arzilla, na Africa, em 1460.

N'esta infeliz guerra, o rei (D. Affonso V) perde a flor do exercito portuguez.

O mosteiro de Salzêdas, é quasi contiguo ao de S. João de Tarouca, da mesma ordem, e eram filiaes do de Claraval.

E' natural d'esta freguezia, o sr. Silvestre d'Aguiar Bizarro, distincto professor de musica, residente no Porto, onde rege a 1.ª musica de capella, d'esta cidade.

E' um perfeito homem de bem, e cavalheiro geralmente bemquisto, pelas suas apreciaveis qualidades.

—

Tudo o mais que se não achar n'este artigo, com respeito a Salzêdas, deve procurar-se no artigo *Burgo* e *Salzêdas*, vol. 1.º, pag. 506, col. 1.ª

SAMAIÕES e **OUTEIRO JUSÃO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao N.E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa.

Tem 140 fogos.

Em 1757, tinha 96 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O vigario, collado, do Salvador, de Villar de Nantes, apresentava o vigario, *ad nutum* que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Vide *Outeiro Jusão.*

SAMÃO e **GONDIÃES**—freguezia, Minho. Vide *Gondiães e Samão.*

SAMARITANA — vide *Beato* e *Xabrégas.*

SAMBADE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho d'Alfandega da Fé (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 120 kilometros ao N. E. de Braga, 410 ao N. de Lisboa.

Tem 280 fogos.

Em 1757, tinha 313 fogos. [1]

[1] Sambade tem actualmente 205 fogos, *Co-*

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 110$000 réis e o pé d'altar.

Vide *Salamonde.*

A esta freguezia estão annexas as de *Covéllas* e *Villa Nova.*

Foi abbade d'esta freguezia, *Manuel de Souza Moreira*, academico de numero, da academia real de historia.

Era natural do Mogadouro, e falleceu aqui em Sambade, em 1722.

Escreveu o—*Theatro historico, genealogico y panegyrico: erigido a la immortalidad de la Excellentissima casa de Sousa. Dedicale al Ex.mo Sr. Carlos José de Ligne, marquez de Arronches, Senescal de Hoynaut, principe del S. R. S. del consejo de Su Magestad. Paris, en la enprenta real, por Juan Anisson.* 1694, *fol. maximo.*

Como se vê, é livro escripto em castelhano, e nitidamente impresso, com um bellissimo ante-rosto gravado, e muitas estampas e vinhetas, bem gravadas, e adornando todo o livro.

Está esta freguezia vistosamente situada na vertente austral da bem conhecida serra do Monte-Mel ou serra de Bornes, distante de Mirandella, 18 kilometros.

É terra fria, porem mui saudavel e fertillissima: produz abundantemente bom vinho, saborosa batata e castanha, trigo, centeio, milho, feijão e toda a casta de hortaliça, fructas saborosissimas, optima carne de porco, seda, lã, gado de toda a especie, e muitas outras producções, em que não é tão farta, mas sufficientes para os proprios habitantes.

Sambade, era outr'ora bastante notavel pelas fabricas de lan que sustentava, cujo producto tinha, pelas differentes terras, tal estimação e importancia, que chegou a acarretar para Sambade copiosas sommas de dinheiro, e de que proveio a riqueza de muitas familias, cujas casas, ainda que quasi desmoronadas, hoje recordam a sua opulencia passada.

Depois, desde os fins do seculo VIII, Sambade começou a sentir, com pezar, a sua decadencia; ainda que hoje é a principal povoação do concelho d'Alfandega da Fé e que bem se póde dizer que a dita villa é sustentada com os productos d'aquella freguezia, e lhe fornece a feira que alli se faz aos 17 de cada mez, com batata, castanha, centeio, porcos, etc.

Ainda que o solo de Sambade, é improprio para azeite, com tudo, muitas familias o colhem, não só para seu gasto mas para negocio; porque possuem na Villariça grandes casaes ou quintas, com ricos olivaes.

Nos tempos em que Sambade se mostrava soberba com a sua sufficiente riqueza, fazia divulgar tambem a sua subida instrucção pelos seus contornos; pois que ainda hoje os seus moradores mais antigos recordam com dôr as pessoas respeitaveis de todos os estados; mas o que mais avultava ainda era o clero, que, segundo se diz, o numero de padres (de missa) era de 18, afora menoristas, todos naturaes d'alli; e o que lhes facilitava a sciencia ou ordenação, eram dous ou trez padres que alli havia, que ensinavam latim, logica, e moral, cujas aulas eram numerosamente frequentadas, não só pelos estudantes de Sambade, mas de muitas freguezias, e até algumas muito distantes.

Hoje porém decaiu em tudo: antigamente havia alli um reitor ou abbade e dous curas, alem de todos os outros padres acima mencionados, hoje existe sómente um abbade. Antigamente havia, alem das aulas acima ditas, mais duas de instrucção primaria, hoje ha uma que, apezar de ser regia, desgraçadamente é frequentada por dez a quinze alumnos.

Foi Sambade tambem uma das povoações que, em 1834, supportou as iras e crueldades do partido liberal, chegando no dia 15 de maio do dito anno, algumas pessoas nobres da freguezia a serem victimas do seu cobiçoso furor, depois de lhe serem rouba-

véllas, annexa, 35, e *Villa Nova*, 40; total 280.

Não sei a causa porque Sambade diminuiu desde 1757, nada menos de 108 fogos.

Talvez fosse engano do *Portugal Sacro e Profano*, e não tivesse, quando elle se publicou, tão grande numero de fogos.

das as suas joias e mais objectos de valor.

Ha em Sambade uma grandiosa casa da residencia, onde está o abbade, á qual se junta um rico pomar; porém, hoje está quasi arruinada.

Proximo da residencia acha-se a magnifica egreja, cujo exterior, tanto em extensão como em obra de arte, se póde sem receio comparar a qualquer das das nossas cidades; esta obra é admirada pelos viajantes que a vêem.

O granito dos seus cunhaes e cornijas é primorosamente lavrado; apresenta uma elegante torre com trez grandes sinos, assim como uma bôa sacristia, a qual tem sido admirada pelos seus visitantes. Tem cinco ricos altares, nos quaes se acham grandes imagens.

A egreja que agora existe, não é a primitiva, pois que esta era muito mais pequena. O que admira é, como em tempos tão modernos se alli fez tal obra; pois que, segundo a era que se acha na porta lateral da sachristia, esta egreja ainda foi acabada em 1798.

É tradição assente aqui, que—«andando a fazer-se as escavações para os alicerces da nova egreja, se encontrára no logar em que existia a velha, um corpo de mulher (diz-se que era d'uma moça, que tinha sido sepultada havia já muitos annos, e a qual fora morta por um seu irmão), e depois de vestida novamente com outros vestidos, foi mettida n'um caixão de pau, forrado de seda, e mettido em um outro de latão, e este ainda dentro d'um de granito, e o depositaram depois n'um tumulo, que para isso foi destinado, ao lado direito da capella-mór da nova egreja.

Depois (porque hoje já alli não existe nada, senão o caixão e uma lapide lavrada em cima, mas sem inscripção alguma) esta santa (nome que lhe deram logo) foi roubada (o que se não sabe é para onde).»

Não sabemos com certeza se isto aconteceria; o que se sabe é, que ainda ha pouco tempo, o povo mettia rosarios ou outra qualquer cousa n'um fenda que existe no tumulo, e tirando-os, a fé lhes dizia que ficavam bentos.

Diz-se tambem haver reliquias da dita santa.

Ha em Sambade, além da egreja parochial, mais trez capellas: a primeira é dedicada a Nossa Senhora do Rosario, com um rico altar dourado, porém de muita antiguidade.

A segunda, dedicada a Santo Antonio, é a que hoje se acha mais velha.

E a terceira, dedicada a S. Sebastião, é ainda moderna, foi reedificada nos annos de 1867–1868–1869, sobre as ruinas d'uma outra antiquissima capella dedicada ao mesmo santo.

Alem d'isso, ha em cada uma das annexas uma capella: em Villa Nova ha uma dedicada a S. Roque, tambem muito antiga; e em Covellas, ha uma grande capella, com a dedicação de Nossa Senhora das Neves; esta é ainda moderna, mas já não é a primitiva.

Ha n'esta capella um tronco d'uma arvore (mas já mui pequeno), que, segundo a tradição, — existia já, quando se começaram os alicerces para a primitiva capella; e que o motivo de se alli levantar a mesma foi, porque appareceu Nossa Senhora sobre o tronco da mesma arvore, entre um circulo de neve, cujo espaço era o que devia occupar a capella que a mesma Senhora queria que alli se lhe edificasse.

O que é certo, é que ainda hoje os fieis que visitam a dita capella, levam uma porçãosinha de páu do dito tronco para suas casas, como reliquia.

Sabe-se tambem que depois que se levantou a capella á Senhora, no logar marcado, ella começou a fazer muitos milagres; e tempo depois, o producto d'essas esmolas deu para se lhe augmentar mais a capella, que é a que agora existe.

A actual imagem da Senhora, é uma das mais perfeitas de Portugal, que tem sido admirada por differentes esculptores e pintores.

É esta imagem, nas occasiões d'alguma calamidade, o alvo das supplicas e promessas de todos aquelles povos.

E quando a falta d'agua se faz sentir, trata-se de leval-a em procissão para a egreja da freguezia, para alli lhe pedir soccorros por meio de novena; então é que aqui os

sambadenses anciosamente visitam com respeito e veneração a santa imagem.

A Senhora conserva-se depois aqui, até ao dia da sua festa (5 d'agosto), dia em que os sambadenses, auxiliados tambem pelas freguezias circumvisinhas, fazem á sua protectora, uma esplendida festa, pelo beneficio recebido (pois que acabada a novena, estes povos são quasi sempre attendidos).

No dia da festa, conduzem, á sua verdadeira casa, a imagem da Senhora, em uma pomposa procissão, com lindos andores, não só da mesma freguezia de Sambade, mas das freguezias visinhas; e apezar da distancia e aspereza do caminho, todos os fieis acompanham alegres aquella procissão.

Era Sambade reitoria, mas ha annos foi elevada a abbadia, por determinação do sr. arcebispo de Braga, D. José (actual) na pessoa do reverendo José Manuel Cordeiro, que ha vinte annos exerce aqui este santo lugar, tornando-se digno de estima dos seus parochianos.

É natural da Alfandega da Fé, e pertencente á familia dos Cordeiros.

A capella de S. Sebastião, foi reedificada a expensas de alguns devotos da freguezia, e aos esforços do reverendo parocho.

SAMBARCO—portuguez antigo—chinéllo, sapato velho.

SAMBENÍTO — habito de penitencia que os inquisidores obrigavam a vestir aos penitentes convencidos de heresia.

É corrupção de *sacco bento* (ou *benito.*)

Os castelhanos lhe chamavam tambem *Zamarra.*

Já desde o tempo dos hebreus se chamava *sacco* ao vestido de penitencia, e era vulgar dizer-se—*andar vestido de sacco.*

Até ao seculo XIII, o vestido de sacco era benzido, e por isso se lhe chamava *benito.*

Consistia o sam-benito, em uma tunica semelhante a uma abbatina; mas de côr amarella, com figuras de diabos, pintados de negro.

SAM-CERIZ (ou *São Cyríaco*)—villa e freguezia extincta, Traz-os-Montes, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Bragança, a cuja freguezia hoje pertence, 40 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 25 fogos.

Orago, S. Cyriaco.

A mitra apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem se escrevia *Sanseriz*, e é o nome que lhe dão os foraes.

É povoação antiquissima.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de junho de 1285.

(*L.º 1.º dos foraes do rei D. Diniz*, fl. 140, col. 2.ª)

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, sem data.

(*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 73, col. 2.ª)

Este foral remette-se ao foral de Miranda, que foi dado em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Foi cabeça do concelho, com casa da camara, vereadores, juiz, escrivão e mais officiaes de justiça.

Ainda não ha muitos annos, que na casa da camara d'esta antiga villa, existia um freio com o qual se castigavam as *mulheres bravas, maldizentes* ou *mexeriqueiras.*

Tinha *lingua* para a bocca, argola para o queixo de baixo, *cambas*, para pôr sobre o nariz; tudo de ferro.

Tinha tambem cabeçada, com *sobre-testa* (testeira) para prender o freio á cabeça, com uma fivella que fechava para traz; e redeas.

O mesmo instrumento havia nas camaras de Murça, Mós, e outras de Traz-os Montes, e para o mesmo fim.

Os taes freios desappareceram de todo em 1834.

SAMEICE ou **ÇAMEIÇA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da comarca de Gouveia, concelho, extincto, do Ervedal) 60 kilometros a E.N.E. de Coimbra, 275 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 122 fogos.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O rei, pelo trihunal da mesa da conscien.

cia, apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Clima excessivo, mas terra fertil.

Muito gado, de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia, é corrupção do árabe *Xameiça*, que significa, *logar descoberto e exposto ao sol.*

SAMEIRO — freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Manteigas (foi do mesmo concelho, mas da comarca da Guarda) 30 kilometros da Guarda, 305 ao E. de Lisboa.

Tem 220 fogos.

Em 1757, tinha 41 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador da Covilhan (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis, e o pé d'altar.

Terra abundante de castanhas e batatas, do mais, pouco.

Gado e muita caça.

Clima excessivo.

SAMEIRO—monte, Beira Baixa, na freguezia antecedente, e á qual dá o nome.

É um ramo da Serra da Estrella.

SAMEIRO—monte, Minho, na freguezia de Espinho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 3 kilometros ao N.E. de Braga, e 2 ao S. do Bom Jesus do Monte.

É fragoso e ingreme, mas revestido de permanente verdura.

Do seu cume se descobrem sete *Sanctuarios*, todos dedicados á Santissima Virgem —as cidades de *Braga*, *Vianna* e *Guimarães*, e as villas de *Barcellos* e *Espozende*, *Santo Thyrso*, *Villa do Conde* — o *Alto do Morangueiro*, na serra do Gerêz—a *egreja da Lapa*, do Porto—grande numero de freguezias — e uma vasta extensão do *Oceano Atlantico.*

A' custa dos fieis, se construiu aqui um monumento, dedicado á *Purissima Conceição da Santissima Virgem*, lançando-se-lhe a 1.ª pedra, a 14 de junho de 1863, dia anniversario d'aquelle em que, no anno de 1637, se jurou em Braga, em synodo, celebrado pelo arcebispo, D. Sebastião de Mattos e Noronha[1] a crença da Immaculada Conceição de Maria Santissima.

A imagem, de marmore, da Senhora, collocada no monumento, chegou a Braga a 6 de agosto de 1869, foi benzida solemnemente, pelo arcebispo, D. José Joaquim d'Azevedo e Moura (já fallecido) a 29 do mesmo mez, depois de estar collocada no seu logar, desde o dia 12.

A imagem, fóra o globo e a base, tem 3^{m},10 d'altura.

Foi feita por Emygdio Carlos Amattuci, do Porto (já fallecido) o qual, tendo ajustado a sua esculptura em 1864, só a deu concluida em julho de 1869.

Ainda á custa dos fieis, anda em construcção uma formosissima egreja, tambem dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Principiaram as obras, em 31 de agosto de 1863, mas teem sido morosas, por falta de meios.

As paredes já teem 3,^{m}50 de alto, mas, segundo o risco, a sua altura será de 14 metros, por 5,^{m}55 de largo, e 8 de fundo.

Representa uma cruz romana, e commemora o concilio ecumenico do Vaticano.

A formosissima imagem de Nossa Senhora da Conceição, que hade hir para esta capella, chegou a Braga no dia 7 de agosto de 1878.

Em quanto não vae para o seu destino, está exposta no templo de Nossa Senhora do Populo, que foi de religiosos agostinhos calçados (gracianos) no Campo da Vinha.

A imagem foi esculpida em Roma (de proposito para esta capella) por Eugenio Maccagnani.

De Sameiro vae uma optima estrada para o famosissimo Sanctuario do Bom Jesus do Monte, a qual é um formosissimo passeio.

A commissão encarregada de promover os donativos para estas obras, é composta de cavalheiros da maior probidade, e que tem empregado toda a sua sollicitude para que ellas se concluam.

Na exploração dos terrenos d'este monte,

[1] Vide 1.º vol., pag. 445, col. 1.ª, o ultimo periodo.

se descobriram magnificas nascentes de optima agua potavel, que, além de darem muito mais valor ao sitio, podem abastecer Braga, com muito pouca despeza.

—

Alem da freguezia de *Sameiro*, e dos montes do mesmo nome, ha ainda em Portugal a aldeia de Sameiro, na freguezia de Canêdo, concelho da Feira, e outros logares tambem assim chamados.

Por mais que procurei, não acho a significação d'esta palavra.

Talvez seja corrupção de *Sameice*, que significa logar descoberto, exposto ao sol, circumstancia que effectivamente se dá em todos os sitios designados com o nome de Sameiro.

Tambem tenho notado que ha algumas freguezias e varias aldeias com o nome de *Bornes*.

Todos sabem que *borne*, é a parte do tronco da arvore, que está entre a casca e o *cérne*. Ora, *borne* e *samo*, são synonimos.

Nas provincias do norte, para designarem um objecto no singular, juntam ao positivo a terminação *eiro* ou *eira* — vgr.— cabêllo, *cabelleiro*—grão, *graeiro*—um grão de centeio, *centieiro*—um grão de milho, *milheiro* —palha, *palheiro*—etc.

Quem sabe se de *samo* fizeram *Sameiro?*

Todavia, parece-me mais plausivel que Sameiro seja corrupção de Sameice.

SAMÉL—aldeia, Douro, na freguezia de Mamarroza, concelho de Oliveira do Bairro, comarca da Anadia.

Na antiga estrada real, de Coimbra para Aveiro, entre esta aldeia e a da Mamarroza, situadas ambas em um delicioso valle, está o templo de *Nossa Senhora dos Banhos*, objecto de muita devoção dos povos da Bairrada, que lhe fazem muitas romarias.

A egreja é muito linda.

Tem capella-mór, fechada por grades de ferro.

Em volta do templo ha uns alpendres, onde se compõem as procissões, que d'alli fazem a sua entrada.

Antigamente vinham aqui muitos cirios.

É egreja bastante antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

O nome de Senhora dos Banhos, provem-lhe de que, mesmo debaixo do altar-mór, nasce uma fonte de agua á qual se attribuem grandes virtudes therapeuticas.

Corre por um aqueducto, para um tanque que está dentro de uma casa, fóra da egreja, e alli vão tomar banhos muitas pessoas, na esperança de acharem cura, ou allivio aos seus padecimentos.

Nunca (que me conste) foram estas aguas analysadas scientificamente; mas supponho que são sulphuricas, visto haver por estes sitios, minas de carvão fossil, contendo bastante quantidade de enxofre.

SÁMIL — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo a Bragança, 480 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem 85 fogos.

Em 1757, tinha 65 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O prior de Santa Maria de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Terra pouco fertil.

Gado e caça.

SAMODÃES ou **SAMUDÃES**—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 10 kilometros ao N. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa.

Tem 170 fogos.

Em 1757, tinha 105 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O D. abbade cisteriense (bernardo) do mosteiro de S. João de Tarouca, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Fica esta freguezia sobre a margem esquerda do Douro, e é situada em uma aprazivel elevação.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

Nos seus montes ha bastante caça miuda, e o Douro a fornece de optimo peixe, principalmente de excellentes lampreias e saborosos saveis.

No tempo do exclusivo da companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Dou-

ro, era esta freguezia comprehendida na demarcação dos *vinhos de feitoria*, sujeitos á inspecção da mesma companhia.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 26 de julho de 1514.

(*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 97, col. 1.ª)

Era reguengo, e sempre pertenceu ao termo e jurisdicção de Lamego.

É povoação muito antiga, e foi das que D. Thedon e D. Rousendo resgataram do poder dos mouros, no seculo XI. Chamava-se então *Çamudaens*, ou *Zamudães*.

O documento mais antigo que encontrei d'esta freguezia, é uma carta de doação que D. Affonso Henriques fez, em 1133, a Mendo Viegas, da povoação de *Çamudaens, com todos os seus logares e termos, assim como partia com Pena-Judéa* (hoje Penajoia) *Avões, Paço*, e outras terras.

Era do padroado real, em 1258. Contava então 25 casaes, que davam ao rei, no 1.º de maio, oito varas de bragal e outros foros.

Ha n'esta freguezia as capellas de *Nossa Senhora da Graça* — *S. Sebastião*—uma em *Angorez*—outra no meio das vinhas—outra de Antonio de Azevedo (hoje do sr. conde de Samodães) outra de Simão Pereira—outra de Joaquim Cardoso—e, finalmente, outra de Manuel Teixeira—ao todo oito capellas.

É na freguezia de Samodães, a grande e bellissima *quinta do Mourão*, 3 kilometros ao O. da Régua, e sobre a margem esquerda do Douro, na extremidade oriental da freguezia, ficando-lhe Cambres a E., e Penajoia ao O.

Produz optimo vinho de embarque, muita fructa de boa qualidade, excellente laranja, e abundancia de cereaes, legumes e hortaliças.

Tem um vasto jardim, cercado por uma grade de ferro, e o palacio d'esta quinta é de grande magnificencia: d'elle e do jardim se gozam lindas vistas.

É seu actual possuidor, o sr. Bernardo Pereira Leitão, fidalgo da casa real, e residente na cidade do Porto.

—

Ainda existe n'esta freguezia, a casa onde nasceu o 1.º conde de Samodães.

Foi fundada em 1679, e era vinculada, desde 1639, sendo instituidor d'este morgado, o licenciado, padre Miguel de Carvalho, que o fez em favor de Belchior Botêlho, da villa de Mondim, com a obrigação de casar com D. Brites de Carvalho, irman do instituidor.

Em 1695, falleceu na cidade de Viseu, sua neta, D. Maria de Magalhães, e o vinculo de Mondim passou para a casa de Farelães (hoje conde de Cavalleiros.—Vide Rio-Mau, do concelho de Villa do Conde.)

O vinculo de Samodães, passou para Manuel Teixeira de Carvalho, primo de D. Maria de Magalhães, por ser filho de André Teixeira de Carvalho, irmão de D. Brites de Carvalho, de quem já fallei.

Este Manuel Teixeira de Carvalho, foi bisavô do 1.º conde de Samodães.

Francisco de Paula de Azeredo Teixeira de Carvalho, foi feito visconde de Samodães, em 20 de maio de 1835.

Foi feito conde do mesmo titulo, em 23 de julho de 1842.

Seu filho, o sr. Francisco de Azeredo Teixeira d'Aguilar, foi feito visconde de Samodães, em 28 de fevereiro de 1840—e conde do mesmo titulo, no 1.º de março de 1849.

Para o mais que se desejar saber d'esta esclarecida familia, veja-se *Gojim* ou *Gogim*, no 3.º vol., pag 284, col 2.ª

SAMÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa-Flor, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Orago, S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

Entre esta freguezia e a de Candoso, no sitio dos Barreiros, houve, durante a guerra da restauração, uma grande batalha entre portuguezes e castelhanos, sendo estes derrotados.

Em memoria d'esta batalha, se ficou chamando a uma fonte que alli ha, *a fonte de Mil-Almas*, que tantos foram os inimigos que alli ficaram mortos.

SAMÕES—antiga freguezia, Traz-os-Montes, ha muitos annos supprimida, e annexa á da villa de Chaves, que fica proxima.

Tinha por padroeira, Nossa Senhora do Ó.

Ha n'esta aldeia, uma boa quinta, pertencente aos herdeiros de João Baptista de Carvalho.

N'esta quinta fundou Balthazar de Carvalho, em 1670, uma bonita capella, dedicada a *Nossa Senhora das Necessidades*, para cabeça de um vinculo, que n'esse mesmo anno instituiu.

A imagem da padroeira, posto ser de barro, é de boa esculptura, e tem um metro de alto.

A sua festa, é a 2 de julho, dia da Visitação de Nossa Senhora; é feita á custa dos mórdomos, e das esmolas e offertas que se fazem á Senhora.

SAMÓRA CORREIA[1] — villa e freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca, concelho e 17 kilometros de Benavente, 45 kilometros ao E. S. E. de Lisboa.

Tem 500 fogos.

Em 1757, tinha 280.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

É no patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro de renda por anno.

Está esta freguezia bellamente situada em uma vasta planicie, sobre a margem esquerda do Tejo.

É fertillissima em todos os generos agricolas do paiz e cria muito gado—e tambem touros bravos, para as corridas — tem mattas, que produzem muita lenha, e criam muita caça.

É abundante de peixe do Tejo, e cria muitos porcos, que exporta.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Santarem, a 13 de abril de 1510. (*L. de foraes novos do Alemtejo*, fl. 79, col 2.ª)

Foi collegiada (priorado) com dous beneficiados, da ordem de S. Thiago, de Palmella, da qual era commenda.

Tem Misericordia e hospital, e teve até 1834, uma companhia de ordenanças, com os respectivos officiaes.

—

Junto ao porto onde fundeiam os barcos, está a capella de *Nossa Senhora de Guadalupe*, que fica a 3 kilometros de distancia da villa, e jundo a uma grande quinta que foi dos condes de Sarzêdas.

É templo antigo, mas não se sabe o anno em que foi construido; porém devia ser no 3.º quartel do seculo XVI.

Em 1632, estando muito arruinado, se reconstruiu, e pelos annos de 1700 se lhe fez uma rica tribuna, de talha dourada.

Teem os povos do Riba-Tejo, muita devoção com esta Senhora, e lhe fazem varias romarias. Antigamente eram estas concorridissimas dos habitantes das duas margens do Tejo que lhe ficavam em redor, e até por muitas familias de Lisboa.

—

É povoação muito antiga, e foi dos duques d'Aveiro, que tinham por estas terras, e em Setubal, Palmella, Azeitão, e até ás praias do mar, muitas quintas, herdades e fóros, que tudo perderam, com a vida, em 1759, como em varias partes d'esta obra tenho referido.

Dom Jorge de Alemcastre, 2.º duque de Aveiro, casou com D. Magdalena Giron (filha dos duques de Ossuna, condes de Dureña) pelos annos de 1560. Vivia esta familia muito descontente, por não ter filhos, e prometteu a Nossa Senhora de Guadalupe, de lhe mandar construir uma capella, se tivesse geração. Como lhe nasceu uma filha, cumpriu o voto.

Foi esta filha, D. Juliana, que herdou a casa de seus paes, e casou com D. Alvaro de Alemcastre, seu primo, filho de D. Affonso de Alemcastre, irmão do 2.º duque, e foram, esta senhora e seu marido, os 3.ºs duques d'Aveiro.

D'este matrimonio, nasceu D. Jorge de Alemcastre, que foi o 1.º duque de Torres-Novas, feito por D. Philippe III, e não che-

[1] Antigamente escrevia-se *Çamora*, e é assim que está no foral.

gou a ser duque d'Aveiro, por morrer antes de seu pae.

D. Jorge, casou duas vezes — da primeira mulher, que morreu pouco depois de casada, não teve filhos; — casou segunda vez, com D. Anna Maria Manrique de Lára, filha do duque de Maquêda (Hespanha), D. Nicolau de Cardenas Manrique de Lára.

D'este casamento nasceram—D. Raymundo, que deixou o reino, como moço imprudente, e perdeu a sua casa; — D. João, duque de Maquêda, que morreu solteiro, — e D. Maria de Guadalupe, que foi para Castella, e lá casou com o duque dos Arcos.

A dita duqueza d'Aveiro, D. Magdalena Giron, mandou construir a formosa capella da Senhora de Guadalupe, em terreno do seu ducado, e junto a um excellente palacio que alli tinha; mas que em 1700 já estava em ruinas.

O templo é bastante grande, com capella-mór e seu altar, e no corpo da egreja ha dois altares lateraes. Tem um bonito alpendre, com um grande átrio, e ao pé, as casas para residencia do eremitão, que foi apresentado pelos duques até 1759, e desde então pelo parocho da freguezia.

Tudo estava construido com magnificencia, e a duqueza e seus successores, dotaram a capella com ricos paramentos e alfaias.

—

Os temporaes do inverno de 1876 para 1877, causaram muitos prejuizos n'este concelho.— Na *Varzea de Samóra Correia*, subiram as aguas a grande altura, e cobriram a grande estrada que a atravessa.

No viaducto, as *bermas* (sapatas) e taludes do aterro, do lado de juzante, foram levados pela cheia; e nos aterros junto das obras d'arte, houve grandes rasgões, interrompendo-se a viação.

A villa ficou incommunicavel com a capital do concelho. Esta inundação causou grande miseria nos habitantes pobres da freguezia.

SAMORINHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho de Carrazêda de Anciães, 140 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757, tinha 23 fogos.

Orago, a Santa Cruz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Anceães, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil. Cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de caça, grossa e miuda.

SAMOUCO—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca d'Aldeia Gallega do Riba Tejo, concelho de Alcochête, 18 kilometros ao S.E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 80 fogos.

Orago, S. Braz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento, 210 alqueires de trigo, 90 de cevada e 12$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi desmembrada da de Alcochête, para formar parochia independente, no seculo XVI.

Foi, como Alcochête, commenda da ordem de S. Thiago de Palmella, de *pleno jure*.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, principalmente em cereaes: cria muito gado, e é abundante de peixe do Tejo (em cuja margem esquerda está situada) e do mar.

Ha n'esta freguezia uma boa propriedade, dos condes de S. Vicente, chamada *Quinta Rôta*, onde esta nobilissima familia costuma vir passar a estação calmosa.

Tem uma linda capella, dedicada á Santissima Virgem, e que os seus proprietarios conservam com todo o aceio.

A *Quinta Rôta*, foi feita em 1693, pelo cardeal-regedor, Dom João Nuno da Cunha.

Foi vinculada em 1780.

Andou muitos annos fóra d'esta familia, mas foi reivindicada em 1870.

Na *Ribeira de Samouco*, ha varias marinhas, quasi todas pertencentes ao hospital real de S. José, de Lisboa.

Em 18 de julho de 1877, todas estas marinhas foram *desamortisadas*, e postas em praça publica, *pelo rendimento de cinco an-*

nos!—isto é—pela quarta parte do seu valor.

Felizmente subiram muito, porque, sendo o valor da lista, a quantia de 2:117$000 réis, foram vendidas por 9:384$550 réis.

A maior parte d'estas marinhas, estão em terreno da freguezia de São João Baptista, d'Alcochête.

SAMPRIZ ou **SÃO PRIZ** ou **SÃO PRISCO**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Valle de Vez, concelho de Ponte da Barca.

Esta freguezia já fica descripta na palavra PRIZ, 7.º volume, pag. 675, ultima linha da 1.ª columna. Aqui accrescento mais.

Foi do real padroado, passando depois para os cruzios de Villa Nova da Muhia, e, por fim, para os senhores de Barca.

O *castello da Nóbrega,* d'esta freguezia, era a cabeça do julgado (quando Sampriz era villa) e n'elle se faziam as audiencias, e as sessões da camara. Depois, a séde do concelho se mudou para a villa da Barca.

É povoação antiquissima, e até alguns pretendem que foi fundada por Brigo, 4.º rei de Hespanha, que lhe deu o nome de *Nóbriga,* ou *Anobriga.* (Vide *Nóbrega,* no 6.º vol., pag. 102, col. 1.ª)

Um viajante (*touriste*) vendo as ruinas d'este vetusto castello, lhe mandou gravar em uma das suas pedras, estas quadras:

Nunca ninguem me venceu,
Nem creio que me fez guerra,
Senão um raio do ceu,
Que atirou comigo a terra.

Deram-me a um certo homem
Com bôas rendas no fim;
Mas, os senhores que as comem
Nada se lembram de mim.

Ha n'esta freguezia a irmandade da Santissima Trindade, erecta ha poucos annos.

O actual arcebispo primaz (o sr. Dom José) por despacho de 26 d'abril de 1864, auctorisa a entrar para esta irmandade, todas as pessoas do arcebispado que o exigirem; podendo os parochos das freguezias dos pretendentes, tomar-lhes os nomes, e requisitarem dos mesarios, em Sampriz, as cartas-patentes respectivas.

SAMUEL—freguezia (foi villa), Douro, na comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Soure (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho da Abrunheira), 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 525 fogos.

Em 1757, tinha 504 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (Candeias).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O D. abbade cisterciense do mosteiro de Ceiça, apresentava o vigario, *ad nutum,* que tinha 140$000 réis e o pé d'altar.

Tem annexa, *Urmar,* e por isso se diz vulgarmente—*Samuel e Urmar.*

Urmar tambem foi villa, e teve, em tempos antigos, um castello, que depois se converteu em hospicio do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra.

Eram estas duas freguezias (Samuel e Urmar) da casa dos duques d'Aveiro, que lhe deram foral em 1714. D'ahi a 45 annos, pela extincção do ducado d'Aveiro, passaram para a corôa.

É terra muito fertil. Peixe do Mondego e caça.

Para evitarmos repetições, vide *Verride.*

SANCHE — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante. Esta freguezia já fica descripta na palavra *Isidóro* (Santo).

SANCHES—appellido nobre em Portugal, e patronimico de Sancho. Esta familia tem a sua origem em Hespanha. Durante o reinado de D. João III, passaram a este reino, trez irmãos, d'este appellido. Albergaria, não declara os seus nomes (fl. 189 v.) e é por isso que ha differentes brazões d'armas d'este appellido. Frei Manoel de Santo Antonio, diz que vira, em livros antigos, dos reis d'armas d'este reino, os brazões dos Sanches. O 1.º brazão, é o dos Sanches de Ciudad Rodrigo (Hespanha) e é — em campo de prata, uma torre de negro, sahindo do alto d'ella um braço, com uma espada azul, em acção de descarregar o golpe, e, arrimada á torre, uma escada da sua côr. Timbre, o braço com a espada. Villas-Bôas, lhe dá uma estrella no chefe.

O 2.º brazão d'este appellido, é — escudo

dividido em palla—no 1.º, de púrpura, uma torre de prata, com porta e frestas d'azul. Na 2.ª ordem, de púrpura, um pendão, ou bandeira, com hastea e lança de ouro, que aponta para a direita do escudo, e por baixo do pendão, uma caldeira, do mesmo metal. Timbre, um braço, armado de prata, com o pendão na mão, e este, cheio de bandas de ouro e púrpura. Assim as achou frei Manoel de Santo Antonio, na *carta de brazão* que passou o rei d'armas, João de Hespanha, no reinado de Philippe II, a Diogo Mendes de Brito, em 23 de julho de 1590.

O 3.º escudo dos Sanches, cujo brazão foi passado pelo rei d'armas, Pedro de Souza, é—escudo dividido em palla—na 1.ª, d'azul, sete estrellas d'ouro, de 8 pontas, em 3 pallas — na 2.ª, tambem d'azul, banda de púrpura, perfilada d'ouro, entre duas flores de liz, do mesmo. Timbre, uma das estrellas do escudo.

O 4.º brazão d'este appellido, segundo consta da carta de brazão que o rei d'armas, Francisco Gonçalves Correia, passou a Bernardo Sanches Pereira, em 15 de junho de 1683, é — ao escudo antecedente, acrescentou uma orla de púrpura, carregada de 8 áspas de ouro, como a orla das armas dos Azevedos. Timbre, uma áspa do escudo, carregada de uma estrella azul.

Outra familia d'este appellido (segundo diz Villas Bôas, no capitulo 44, a pag. 329) traz por armas o 4.º brazão — que é — em campo azul, um gallo de prata, picando uma espiga de trigo. (Na livraria Palmella, este gallo é de côr parda, com crista e barbas de púrpura, tendo á direita um mólho de trigo, com espigas de ouro, pendendo para a parte do gallo, tudo sobre contra-chefe estreito, de terra, da sua côr.

Em 10 de fevereiro de 1869, foi feito visconde de Sanches de Baena, em duas vidas, o sr. Augusto Romano Sanches de Baena Farinha.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (antigá comarca e concelho de Pico dos Regalados), 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757, tinha 126 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes ha caça grossa e miuda.

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Babo*, corrupção de *Babon*, substantivo árabe que significa *porta;* assim como *babe* significa *portinha*.

Já se vê que é povoação antiquissima, e muito anterior á fundação da nossa monarchia.

Sande, é corrupção do substantivo hebraico—*Sandel*—especie de calçado usado pelos antigos, e que nós corrompemos em *Sandalhas*. Vê-se pois que, mesmo o nome actual d'esta freguezia e das outras assim chamadas, é muito antigo.

É n'esta freguezia, a casa da Penha, que foi de Bento da Silva Menezes, e passou a seu cunhado, Lourenço de Souza.

Consta que n'esta freguezia era o verdadeiro solar dos *Barros*, que foram, em tempos antigos, padroeiros d'esta egreja.

SANDE—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 3 kilometros ao N.O. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos. (Em 1531, tinha apenas 56 fogos.)

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João Baptista, de Avões, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de renda.

Foi villa, e ainda conserva a cadeia e o pelourinho.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de maio de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 71 v, col. 2.ª)

Foi cabeça de concelho, com justiças proprias, vereadores, e mais empregados municipaes. Foi ha muitos annos supprimido.

O documento mais antigo que achei d'esta freguezia, é um prazo, feito pelo bispo de Lamego, D. Egas Paes, e seu cabido em 1251, a João Pires, e sua mulher, Ouroana Egas, do *casal do Lagêdo*, da freguezia de Sande.

Depois se acha (doc. de Tarouca) uma car-

ta de *escambo*, do rei D. Díniz, feita em 1306, pela qual, dá ao mosteiro de Tarouca, a *villa de Sande*, e outros bens, pela terça parte da villa (hoje cidade) de Aveiro, que até então era do dito mosteiro.

Está esta freguezia situada em terreno aprazivel, e fertil em cereaes, muito bôa fructa, optimo vinho de embarque, e muito azeite. Fica sobre a margem esquerda do rio *Varosa*.

A egreja matriz, é um bom templo, e mostra muita antiguidade.

Ha n'esta freguezia uma capella publica, dedicada a Santa Luzia, que se festeja a 13 de dezembro, havendo sempre um arraial muito concorrido de romeiros.

Ha mais duas capellas particulares, onde se celebram os officios divinos — uma pertence ao sr. doutor, José de Beires, de quem adiante trato—e outra, ao sr. doutor, Antonio Rodrigues Pinto.

Atravessa esta povoação, a nova estrada, á mac adam, de Lamego á Régua.

Tem duas escolas régias de instrucção primaria, uma para cada sexo.

Ha aqui optimas propriedades, sendo uma das principaes, a *quinta de Sequeiros*, dos srs. viscondes d'Alpendurada, João Baptista Pereira da Rocha, e D. Josephina Augusta Vieira de Magalhães, filha do 1.º visconde d'Alpendurada. Esta senhora e seu marido, obtiveram o titulo, em 9 de agosto de 1865.

(Antonio Vieira de Magalhães, 1.º visconde d'Alpendurada, foi feito barão d'este titulo, em 13 de julho de 1848, e visconde, em 13 de maio de 1851. Foi seu filho, o sr. Antonio Vieira de Magalhães Junior, feito barão de Magalhães, em 13 de maio de 1854, e conde do mesmo titulo, em 24 de maio de 1870, e n'este mesmo anno feito ministro da fazenda, pela dictadura Saldanha.)

A senhora D. Henriqueta Augusta Vieira de Magalhães, condessa de Samodães, é irman da senhora viscondessa d'Alpendurado, Josephina.

—

Para os marquezes de Sande (titulo hoje extincto) vide vol. 7.º, pag. 162, col. 1.ª, no fim, e seguinte; e col. 1.ª de pag. 163. Os marquezes de Sande, eram condes da Ponte, villa da Beira Alta. (Vide os logares citados.)

—

Em 1668, o conde de Mesquitella, D. Rodrigo de Castro, mandou matar o marquez de Sande, Francisco de Mello. O conde, em consequencia d'este assassinato, foi degredado para a India, por toda a vida, com a notificação de que—*vindo a Portugal, morreria de morte natural, e seus bens seriam confiscados para a corôa.*

O conde sahiu de Lisboa para a India, a 2 de abril de 1671. Não se dando bem em Gôa, foi para Roma, e lá morreu.

—

Na antiga villa de Sande, nasceu a 23 de março de 1825, o sr. doutor, José de Beires. É filho dos senhores Justo de Beires e D. Mafalda Maria Pereira, ambos já fallecidos.

É filho dos mesmos paes, o sr. doutor, *Manoel de Beires*, que foi delegado do procurador regio em Mangualde, onde tambem foi administrador do concelho. Tambem foi administrador dos concelhos de Castro Daire, e depois de Vouzella. Hoje, é juiz de direito da comarca de Mangualde.

Se os senhores José e Manoel de Beires, não contam nos seus antepassados, fidalgos de antiga nobreza hereditaria, contam com justo orgulho, filhos do povo, nobilitados pelo seu amor e dedicação ao trabalho honrado, e que, por elle, chegaram a obter alguma fortuna, adquirida com o suor do rosto, e não legado de ociosos, que nada fizeram para a gozarem, porque nasceram ricos.

O sr. doutor José de Beires, formou-se em direito, pela universidade de Coimbra, em 1852. Foi advogado e depois administrador do concelho de Lamego, em 1856. Foi secretario geral do governo civil de Viseu, em 1861. Teve depois o mesmo emprego, em Villa Real. Foi nomeado governador civil d'Aveiro, em 1868. Passou a exercer o mesmo cargo, em Fáro, e por fim, em Portalegre. Em 1878, foi exonerado d'aquelle cargo, para exercer outro superior, em uma das repartições do ministerio da marinha.

Em todos estes importantissimos empregos, que não sollicitou, e que só deve aos incontestaveis merecimentos, tem sido o sr.

José de Beires, um magistrado exemplarissimo, pelo que é geralmente estimado e respeitado.

—

Tambem é natural d'esta villa, o sr. doutor, Antonio Rodrigues Pinto, actual juiz de direito. É filho de outro do mesmo nome, que foi capitão de milicias, ambos cavalheiros distinctissimos, pelas suas bellas qualidades. O sr. doutor Rodrigues Pinto, é o mais rico proprietario d'esta freguezia.

—

Sande, é tambem um appellido nobre, em Portugal, cuja familia é de Hespanha, e tem o seu solar no castello de Sande (Galliza). [1] Não se sabe (dizem os manuscriptos da casa Palmella) quem o trouxe a este reino, mas já no reinado de D. Diniz, foi notavel por seu valor, Fernão de Sande, que tinha o seu solar na *quinta de Sande*, comarca de Guimarães — Suas armas, são — em campo de púrpura, leão d'ouro, armado de prata, lampassado de azul, entre quatro flores de liz, d'ouro, postas em cruz: élmo de prata, aberto; e por timbre, meio leão de púrpura, com uma das flores de liz do escudo, na cabeça.

Segundo outra opinião, o primeiro Sande que veio para Portugal, foi Lopo Affonso de Sande, no reinado de D. João I; o que consta de um brazão d'armas, concedido pelo rei D. Manoel, em fevereiro de 1513, a Francisco de Sande, 3.º neto do dito Lopo Affonso de Sande.

Esta familia se estabeleceu na provincia do Minho, onde reedificou o mosteiro de São Martinho de Sande, de monges benedictinos, nove kilometros ao O. de Guimarães, e do qual trato no artigo seguinte.

Julga-se porem que este *Lopo Affonso de Sande*, é descendente de *Fernão de Sande*, que primeiro nomeei, porque as suas armas são as mesmas que já descrevi.

Outros Sandes, trazem por armas — em campo d'ouro, uma águia nêgra, e na orla, um cordão pardo.

Outros do mesmo appellido, uzam do brazão, seguinte—em campo de prata, águia nêgra, e de roda, do escudo, seis estandartes e seis bandeiras. Estas armas, são as principaes, por serem as dos Sandes da Galliza, progenitores dos de Portugal.

Ha actualmente n'este reino, muitas familias nobres; de appellido Sande, todas descendentes do mesmo tronco; mas que teem composto as suas armas, com as de outras familias com que se ligaram.

—

Para a etymologia, vide o Sande antecedente.

SANDE—freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 7 ao N.E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757, tinha 187 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima.

Muito gado e caça.

Como já fica dito no artigo antecedente, houve aqui um mosteiro de monges benedictinos de fundação antiquissima. Em 1596 ou 1597, o arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Castro, deu este mosteiro aos eremitas de Santo Agostinho, do convento do Pópulo, em Braga, e estes, passado pouco tempo, o reduziram a abbadia secular. Foi depois commenda da Ordem de Christo.

Julga-se que estava abandonado, quando passou aos agostinhos, e supponho que os frades do Pópulo tambem nunca o habitaram. Ignora-se a data da fundação d'este mosteiro, mas sabe-se que já existia no seculo v. É perto da serra da Falpêrra.

Em 3 de março de 668, falleceu aqui o abbade d'este mosteiro, de benedictinos, o famoso Receswinto, varão esclarecido. Foi insigne poeta e orador, como o testemunham as cartas que escreveu a Santo Ildefonso, cheias de piedade e erudição; e o elegante poema que compoz, em louvor de Santa

[1] O appellido de Sande, ainda se conserva na actual provincia de Orense (Cella-Nova) antiga Galliza, e ao seu solar ainda se chama o *castello de Sande*. Os marquezes de Valle de Fontes, na Extremadura hespanhola, pertencem a esta familia.

Engracia, e seus 18 companheiros no martyrio.

O abbade Receswindo, assistio ao X concilio, de Toledo, convocado pelo rei Receswindo, pelos annos de 660, tendo por companheiro, o abbade Wámba, tambem benedictino, do mosteiro de Santa Leocadia de Briteiros. Ambos estes abbades, morreram com fama de santos. (Vide *Idanha Velha.*)

No 1.º vol. do seu *Anno Historico* (pag, 95) diz Frei Francisco de Santa Maria, que o rei Wamba, falleceu *a 20 de janeiro de 672;* e no 3.º vol. (pag. 71) diz que elle foi ungido rei, com grande pompa, na cidade de Toledo, *a 19 de setembro de 672* (!)—«*Aliquando dormitat Homerus.*»

Tornemos ao abbade Receswindo.

O arcebispo de Braga, Liuba, foi que o mandou, como seu procurador, e como grande theologo e orador insigne, ao referido concilio de Toledo,[1] onde se distinguiu pela sua eloquencia e profundo saber.

—

Em abril de 1877, a sr.ª D. Maria Alexandrina Vieira Marques, offereceu ao governo, uma casa, para escola de instrucção primaria, n'esta freguezia.

Esta casa, é no sitio das *Gaias*, e foi avaliada em 1:600$000 réis.

A junta de parochia, fornece a mobília, e os utencilios necessarios, e offereceu 40$000 réis, para as despezas da inauguração.

São insufficientes os maiores elogios que se façam a esta caritativa senhora; e a benemerita junta de parochia tambem se tornou digna da gratidão publica.

—

Em 9 de agosto de 1823, D. João VI, fez barão de Sande, a João de Campos Navarro, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, medico da real camara, physico-mór do reino, lente jubilado de medicina.

Foi deputado pela universidade de Coimbra, para o acto da coroação de D. João VI.

Casou com D. Maria Leonor Cabral de Aragão Calmou, filha de Francisco Xavier Cabral da Silva, do conselho de D. Maria I, commendador da ordem de Christo, do conselho da fazenda no Rio de Janeiro, e de D. Anna Romana de Aragão Calmou, 1.ª baroneza e 1.ª condessa de Itapagipe (Brasil), e dama da imperatriz do Brasil. Acompanhou a sr.ª D. Maria da Gloria, na sua viagem á Europa, em 1828. Já ambas falleceram, e até agora não foi renovado o titulo.

Tiveram quatro filhos—1.º, D. Anna Luiza—2.º, D. Maria Carlota—3.º, D. Maria Joanna—4.º, Sebastião de Campos Navarro.

O 1.º (e unico, até hoje) barão de Sande, era filho do doutor, Sebastião Navarro de Andrade, que foi medico em Guimarães, e de D. Anna Luiza de Campos Pereira.

Estes tiveram 9 filhos.

1.º—*João* (o que foi barão de Sande.)

2.º—*Joaquim Navarro d'Andrade*, do conselho de D. João VI, commendador da ordem de Christo, lente jubilado, de medicina, director litterario da *academia real de marinha e commercio, da cidade do Porto,* e deputado ás cortes em 1821.

3.º—*Luiz Thomaz,* do conselho de sua magestade, commendador da ordem de Christo, e bacharel em direito.

4.º—*Antonio,* que foi abbade em Gondarem.

5.º—*José*, que foi desembargador da casa da supplicação.

6.º—*Rodrigo*, 1.º barão de Villa-Sêcca. (Vide esta palavra.) Todos fallecidos.

7.º—*Sebastião,* lente jubilado de philosophia, em Coimbra, e que casou na Bahia e lá morreu.

8.º—*Jacintho,* cavalleiro da ordem de Christo e conego da Sé de Lisboa. Fallecido.

9.º—*Vicente*, 1.º barão de *Inhomerim* (Brasil) commendador da ordem de Christo, medico da camara, e casado com D. Maria Joaquina Vianna.

—

Para a etymologia, vide o 1.º *Sande.*

[1] Alguns escriptores dizem que este concilio foi o XIV, e não o X.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 9 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757, tinha 113 fogos.

Orago S. Clemente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Martinho de Sande (a freguezia antecedente) apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 6 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Martinho de Sande, no mesmo concelho, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de rendimento.

Terra fertil.

Gado e caça.

—

Para a etymologia, vide o 1.º Sande.

—

Estas trez ultimas freguezias (S. Martinho, S. Clemente e S. Lourenço) formaram até ao seculo 16.º, uma só parochia. Depois dividiram-se em trez curatos (depois vigariarias) filiaes da de S. Martinho, e é por isso que o reitor d'esta, apresentava os parochos das outras duas.

SANDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver) 50 kilometros ao N. E. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis.

É terra muito fertil.

Muito gado de toda a qualidade.

É povoação muito antiga. Já em 1277, era abbadia, pois n'esse anno, o abbade d'esta freguezia, appellou do bispo do Porto, D. Vicente, por aqui ter instituido um beneficiado.

Doc. d'Alpendurada, do referido anno.

Para a etymologia, vide o 1.º Sande.

SANDE ou VILLA NOVA DE SANDE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757, tinha 62 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Abbadia).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

É terra fertil, e povoação muito antiga.

—

Ha ainda em Portugal algumas aldeias com o nome de Sande, mas não são parochias, nem teem cousa digna de nota.

SANDIÃES ou SANDEÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 85 fogos.

Orago, S. Mamède.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Terra fertil.

Muito gado e caça, peixe do rio Lima, e do mar.

SANDIM—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 20 kilometros ao S. E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação.)

As religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, apresentavam o reitor (hoje abbade) que tinha 240$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima, e uma das maiores, mais bonitas e mais ricas freguezias do concelho.

Nos nossos dias, tem prosperado muitissimo, com o dinheiro vindo do Brasil.

É no districto da antiga *Terra da Feira*.

SANDIM, ou **SENDIM**—freguezia, Douro, na comarca e concelho de Felgueiras, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 30 kilometros ao N. E. de Braga, 120 ao N. E. de Guimarães, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 230 fogos.

Em 1757, tinha 187 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra primacial, e o D. abbade, benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e povoação muito antiga.

É certo que por estes sitios se tem achado em varias épocas, vestigios de edificios, que denotam ser construcções de eras muito remotas.

Ha aqui uma torre, de que foi senhor, Gonçalo Lopes de Carvalho, e que pertenceu aos antigos senhores dos coutos de Negrellos e Abbadim. É solar dos Sandins, d'onde sahiram os senhores de Riba-Viséllа.

Segundo alguns escriptores, ainda nos primeiros seculos do christianismo existiu n'este logar, a antiquissima cidade de *Aufragia*, da qual foi governador, Lenciano. Seus paços estavam ao sopé do monte Columbino (em portuguez, Pombeiro, ou dos pombos) e é a actual rica e grande *quinta de Cirgude*, á qual estão annexas muitas rendas, e uma extensa matta.

Aufragia, foi arrazada pelos mouros, no principio do 8.º seculo.

(Para evitarmos repetições, vide *Aufragia* e o 1.º *Pombeiro*.)

Na *Vida e martyrio da insigne virgem e martyr prodigiosa, Santa Quiteria*, escripta pelo doutor, frei José de Santa Maria, D. abbade geral da ordem benedictina, publicada em 1722, a pag. 37, diz—«não mui distante d'ella (a ermida de S. Pedro, da qual fallei em *Pombeiro*) está o *Valle da Aufragia*, porque é tradição muito commum, e com ella não faltam opiniões que digam que aquelle delicioso Valle, que cérca este monte (Columbino, ou Pombeiro) pelas partes do Nascente, até ás do Norte, *começando na freguezia de Sandim*, e acabando em *Tarêja*, foi o *Valle da Aufragia*, porque n'elle esteve situado, no principio de Christandade, esta cidade (Aufrágia) como assim absolutamente o diz; um gravissimo, ainda que moderno auctor, [1] na sua *Chorographia portugueza*, descrevendo o concelho de Felgueiras e as suas freguezias, chegando á de *Sandim*, diz estas formaes palavras—*N'esta freguezia, em um bello valle, esteve no tempo da primittiva egreja, a cidade de Eufrazia, de que foi regulo, Lenciano, cujos paços estão ao pé do Monte-Columbino, que, supposto ella pereceu, na invasão dos mouros, de que só ficaram memorias e ha vestigios; permaneceu, entre tantos tormentos, esta régia casa e a sua grande torre, para vir a ser, não cova de coelhos, mas morada e solar, dos senhores d'este appellido (Coelhos) a qual se chama Cergude, etc.*»

É tradição que na quinta de Cergude, ou Sergude, viveu o grande Egas Moniz. [2]

No reinado de D. Sebastião, herdaram esta quinta, por casamento, Martim Teixeira de Azevedo (tronco dos Teixeiras) casado com D. Maria de Mello Coelho, filha de Gonçalo Coelho da Silva, o homem da mais agigantada estatura e das mais herculeas forças do seu tempo.

O actual solar dos Teixeiras Coelhos, é na Teixeira.

SANDIM—Vide *Sendin* e *Sindim*.

SANDOMIL—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 10 kilometros de Cêa (foi da comarca de Gouveia, concelho, extincto, de Sandomil), 75 kilometros ao E.N.E. de Coimbra, 240 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 132 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

[1] Refere-se á *Chorographia* do padre Antonio Carvalho da Costa, tomo 1.º, cap. 23, pag. 121.

[2] Parece-me que, quem foi senhor d'esta quinta, não foi o famoso aio de D Affonso Henriques, mas seu sobrinho, o poeta, Egas Moniz Coelho, progenitor d'estes Coelhos, de Cergude.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o prior, que tinha 350$000 réis.

É povoação muito antiga, e foi um concelho com 1:100 fogos. Tinha casa da camara, vereadores e mais justiças, cadeia e pelourinho. Foi supprimido em janeiro de 1856.

O pelourinho foi demolido em 1876. Onde existiu a casa da camara, se construiu — com os seus materiaes — uma escola de instrucção primaria.

Foi senhora donataria d'esta villa, D. Urraca Fernandes, que lhe deu o seu primeiro foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 80, col. 1.ª)

É terra fertil. Grande abundancia de gado, de toda a qualidade, e muita caça, grossa e miuda.

Produz milho, vinho, azeite, legumes, e fructa de varias qualidades, que amadurece muito cedo; pelo que se vende por preços vantajosos, para diversas localidades.

D. João V, fez conde de Sandomil, em 12 de março de 1732, a Pedro Mascarenhas. Este titulo está hoje extincto.

Os condes de Sandomil, pertenciam a uma das mais nobres familias de Portugal; pois era a mesma dos duques d'Aveiro; marquezes de Fronteira; marquezes de Gouveia; marquezes d'Alorna; condes da Torre; condes de Assumar; condes d'Alva; e condes de Cuculim.

Os condes de Sandomil, traziam por armas — trez faxas, d'ouro, em campo de púrpura. Timbre, um leão de púrpura, armado e lampassado de ouro.

Actualmente, o unico edificio d'esta villa que tem brazão d'armas, é a casa do sr. Joaquim Manoel da Silveira Castello-Branco.

Esta freguezia é formada pelas seguintes povoações — a villa, *Côrgas*, *Furtado*, e *Cabeça d'Eiras*.

As freguezias limitrophes, são — *Folhadosa*, *Torrozêllo*, *Villa-Cova da Coelheira*, *Vallezim*, *Sezes da Beira*, *São Gião*, *Penalva d'Alva*, e *Lagos da Beira*.

Consta que foi natural de Sandomil, D. frei Bartholomeu dos Martyres, bispo no Ultramar, e que morreu no principio d'este seculo.

A 2 kilometros da villa, passa a nova estrada de Coimbra a Celorico da Beira.

Residem na villa, trez bachareis, um formado em theologia, outro em direito, e outro em medicina: além d'outros que estão fóra da terra.

Os francezes, incendiaram aqui trez moradas de casas, em 1810.

Onze pessoas d'esta villa foram culpadas por causa da revolta de 16 de maio de 1828.

Em 2 de junho de 1847, uma força de infanteria cabralista fuzilou aqui cinco individuos, por serem patuleias!

Fica a 15 kilometros da villa de Gouveia.

A egreja matriz foi incendiada pelos annos de 1760, e não se reconstruiu.

Serve desde então de matriz a capella que está no centro da villa.

Ha n'esta freguezia, mais as capellas de *Nossa Senhora da Esperança*, *S. João Baptista*, *S. Sebastião*, *Senhora das Preces*, *Senhora da Piedade*, *S. Cosme*, *Senhora da Espectação*, e *Santo Antonio*.

É cabeça do arciprestado de Sandomil.

Tem direcção do correio, e uma aula de preparatorios (particular).

Apezar de tudo quanto fica dito, não tem esta povoação prosperado, o que era de esperar, do concurso de circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento.

—

Em 1691, nasceu n'esta villa, *Maria do Sacramento*, filha de paes nobres. Na edade de 15 annos, entrou para o mosteiro de freiras franciscanas (de Santa Clara) da villa de Vinhó, na comarca e concelho de Gouveia, onde professou, e alli viveu 32 annos, sendo uma religiosa exemplarissima, e um compendio de todas as virtudes christans. Morreu, com fama de santa, a 2 d'agosto de 1738.

O povo de Vinhó tem grande devoção com esta freira, á qual attribue muitos milagres.

SANFINS—Vide *São-Fins*.

SANGALHA—portuguez antigo—*medida sangalha*, era de sólidos e liquidos.

SANGALHO—portuguez antigo.—Medida de pão que constava de cinco selamins, se-

gundo documentos dos cruzios de Grijó, e da Serra do Pilar (Gaia).

SANGALHOS — villa, Douro, na comarca, concelho e 7 kilometros a N.N.O. da Anadia (foi da mesma comarca, mas do concelho de S. Lourenço do Bairro), 15 kilometros ao S. d'Aveiro, 30 ao N.O. de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757, tinha 580 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro de freiras franciscanas, de Santa Clara, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia, provêm-lhe das medidas (*sangalhos*) que os seus moradores pagavam ás religiosas, padroeiras da egreja.

—

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, a 20 d'agosto de 1514. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 101, col. 1.ª)

Este foral, serve tambem para—*Amoreira da Gandura, Fogueira, Paraimo, Peregal, Póvoa da Cortiça, Sá*, e *São João*.

—

É povoação muito antiga, e, com toda a certeza, já existia no tempo dos gôdos; pois no anno de 1040, os frades do mosteiro da Vaccariça (Mealhada) fizeram uma justificação, pela qual provaram, que já antes da invasão dos mouros, em Portugal (716) lhe pertenciam as seguintes povoações, com suas egrejas:

Monçárros, Villar de Coreixa, Barrô, Sangalhos, Morangaus (Morangal?), *Tamengos, Hortã, Vêntôsã, Cepinã*, ê outras mais.

D. Fernando III (o Magno) que tinha resgatado Coimbra e o seu territorio, do poder dos mouros, em 1037, confirmou as doações que os reis gôdos haviam feito aos frades da Vaccariça, e lhes deu as indicadas freguezias.

—

Fica esta parochia, 6 kilometros a E. da margem esquerda do Cértoma, e 4 kilometros a S.E. da estação do caminho de ferro, de Oliveira do Bairro.

Ha n'esta freguezia vastos pantanos, que se semeiam d'arroz, o que torna a terra insalubre.

—

A cheia, causada pelos temporaes do inverno de 1876, destruiu a ponte de *Portouro*, sobre o Cértoma, e que dava passagem d'esta freguezia para a de Oliveira do Bairro.

Nasceu, e ainda vive, aqui uma mulher, em 1772; tem portanto actualmente (1879) nada menos de 107 annos. Conserva todas as suas faculdades moraes, e ainda faz alguns serviços caseiros.

Ha no logar da Amoreira, d'esta freguezia, uma lindissima capella, dedicada ao Santissimo e Immaculado Coração de Maria, tendo uma archiconfraria, que todos os annos faz uma esplendida festa á sua Padroeira, que dura trez dias, durante os quaes são feitas muitas offertas á Senhora.

Faz-se n'esta freguezia, uma esplendida festa a Santa Eufemia.

Ha tambem aqui a nobre e antiga familia dos srs. Brancos de Mello, filhos do fallecido Antonio Maximo Branco de Mello.

—

Segundo o jornal *Campeão das Provincias*, que se publica em Aveiro, um grão de trigo, nascido por acaso, na cova arrazada, de uma videira que se tinha *mergulhado*, em um sólo argiloso, do districto d'esta freguezia, produziu, em junho de 1878, TRINTA E NOVE espigas de trigo, com 40 grãos (termo médio) cada uma, total 1:560 sementes!

SANGUÊDO, ou **TERREIRO** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao N.N.E. da Feira.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Guêdo* (S.) no 3.º vol., pag. 344, col. 2.ª; mas aqui tenho a accrescentar:

O primeiro nome d'esta freguezia, foi *Sanganhêdo*, ou *Sangunhedo*.

É povoação antiquissima, pois, segundo os documentos que existiram no mosteiro de Pedroso (freguezia, no concelho de Gaia) sabemos que:

Gondezindo, filho d'Ero, e sua mulher, Enderquina Pala, filha do capitão, Mendo Guterres, tiveram (Gondezindo e Pala) quatro

filhos: — *Soeiro, Ermesinda, Adosinda,* e *Froila.*

No dia 9 das kalendas de março, da era de Cesar 935 (27 de fevereiro do anno 897 de J.-C.), o dito Gondezindo e sua mulher, doaram ao mosteiro de monges e monjas, da ordem de S. Bento, do Salvador, de Labra (o Salvador é ainda o padroeiro da freguezia de *Lavra*, no concelho de Bouças) junto á praia do mar (*fundato ab antiquo in ripa maris*) e pouco ao N. de Mattosinhos, os trez mosteiros da mesma ordem, e tambem dobrados, que haviam fundado, e eram:

1.º—*S. Miguel, d'Azevedo* (hoje ainda esta aldeia conserva o nome official de *Azevedo*, mas denomina-se vulgarmente, *Azeveduce*, na freguezia de S. Jorge de Caldellas, do concelho da Feira — para a distinguir de outra do mesmo nome, a 4 kilometros ao N.E. d'esta, e na freguezia de Gião, do mesmo concelho. D'este mosteiro de S. Miguel, de Azevedo, não existe o minimo vestigio.

(Vide *Azevêdo, aldeia*, vol. 1.º, pag. 292, col. 2.ª, no fim.)

2.º—São Christovam de Sanganhêdo, *onde já havia uma antiga egreja de Santa Eulalia, entre Douro e Vouga.* (Santa Eulalia, é ainda actualmente a padroeira da freguezia de Sanguêdo. Vê-se portanto que esta parochia já existia antes da invasão dos mouros na Lusitania, em 716.)

Ainda existem vestigios d'este antiquissimo mosteiro, junto á egreja; e formava parte d'elle, a actual residencia do parocho — já se sabe, muitas vezes reconstruida.

3.º—*S. Pedro, de Dide, entre o Douro e Tâmega.* (?) Esta doação foi feita, sendo abbade do mosteiro de Lavra, *D. Desterigo*, e com a condição de ser n'este mosteiro religiosa, sua filha, *D. Froila*, á qual deram tambem os doadores, *100 escravos, para que a servissem em sua vida, e por sua morte, ficassem forros, bem como suas mulheres, filhos, e netos.* «Et non habeant licentiam ex genere meo acrepantandi[1] illos, pro servitio.»

[1] Quer dizer—E não terão licença de tratar com rigor os escravos, por causa do trabalho. *Acrepantar*, era um verbo do antigo portuguez, e significava, *subjugar, obrigar ao trabalho, tratar com rigôr*, etc.

Todos estes trez mosteiros foram fundados em quintas dos doadores.

—

Ainda na mesma data, Gondezindo e sua mulher, doaram tambem ao mosteiro de Lavra (*no qual sua filha Adosinda se havia feito religiosa*), entre outros muitos bens, os padroados das seguintes egrejas:

1.ª—*Santa Eulalia, de Gondomar.*

2.ª—*São Pedro, de Kauso.* (?)

3.ª—*São Martinho, de Vallongo.* (Hoje, São Martinho do Campo, no concelho de Vallongo, comarca do Porto.)

A doação foi feita—«*ad Fratres, el Sorores, qui ibi sunt avitantes, vel qui ibidem Dominus super duxerint, et in vita Sancta perceberint*, sub manus de ipsa Abba, et de ipsa filia mea, *jam superius nominatis.*»

Protestaram os doadores, que era sua suprema vontade, que, **em nenhum tempo, e sob qualquer pretexto, se possam estes bens vender, dar, doar, ou por outro qualquer modo alienar do dito mosteiro,** etc.

—

Na primeira doação que fica referida, onde se inclue o mosteiro de *Sanganhedo*, declaram os doadores, que sua filha Froila, nascera tão aleijada e contrafeita, que se não podia sentar; o que atribuiam a castigo das suas culpas (d'elles doadores). E para que Deus lhes perdoasse, libertaram todos os seus escravos, e separaram a quinta parte de todos os seus bens, que eram immensos, e com ella fundaram e largamente dotaram os trez mosteiros benedictinos, duplex, da primeira doação, e que n'ella doaram ao mosteiro de Lavra, do qual era então abbadessa, D. Gelvira.

A D. Adosinda deram tambem 100 escravos fôrros, d'ambos os sexos, para a servirem emquanto ella vivesse.

Esta mesma senhora, depois da morte de sua mãe, fundou com varias herdades do seu dote, o mosteiro de *S. Martinho, d'Avintes*, sobre a margem esquerda do Douro, e á 3 kilometros ao E. do Porto; ao qual seu pae doou o senhorio da mesma villa d'Avintes.

Estas escripturas de doação acham-se, originaes, no archivo da universidade de Coimbra.

SANGUINHÊDA — aldeia, Douro, na comarca e concelho da Tábua (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Midões—e antes d'isso tinha sido do concelho de Farinha Podre) 35 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa. Tem 100 fogos.

Esta povoação, que é muito antiga, foi villa, e hoje nem freguezia é, pois está ha muitos annos annexa á da *Carapinha*. (Vide esta palavra.)

Foi antigamente cabeça de concelho, com justiças proprias.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de novembro de 1513. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 57 v., col 2.ª)

Esta povoação tem decahido muito da sua antiga importancia.

Para a etymologia de *Sanguinhêda* e *Sanguinhêdo*, vide o ultimo periodo do 3.º *Sanguinhêdo*.

SANGUINHÊDO—aldeia, Traz os Montes, na freguezia de Codeçoso do Arco, comarca e concelho de Montalegre (foi do concelho das Boticas da mesma comarca).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A freguezia de Codeçoso do Arco está ha muitos annos annexa á de Santa Marinha do Ferral.

Pela aldeia de Sanguinhêdo passava uma das quatro vias militares, romanas, que de Braga hiam a Astorga.

Ainda no fim do seculo passado, existia aqui um marco milliar, dedicado ao imperador Claudio.

Estava servindo de hombreira da porta de um curral. (!)

Tinha esta inscripção:

CLAUDIUS CAESAR
AUG. GERMANICUS
PONT. MAX IMP.
V. CŌS. III TRIB.
POT. III. P. P. BRAC.
AUG. XXXV.

(O imperador Claudio Cesar Augusto, germanico, Pontifice Maximo, imperador cinco vezes, e trez vezes investido do poder tribunicio; mandou concertar este caminho. D'aqui a Brachara Augusta, são 35:000 passos.)

Vê-se da inscripção, que esta via militar foi reparada no anno 43 de J. C.; pois que era então Claudio, pela 3.ª vez do poder tribunicio, em 41.

Sendo imperador Trajano, mandou reparar esta estrada, no anno 103 de J. C., desde Braga até diante d'esta aldeia de *Sanguinhêda*.

O doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre o Douro e Minho*, menciona dous marcos milliares d'esta estrada, que provam aquella data, pois que Trajano, teve a 7.ª vez o poder tribunicio, desde outubro de 103, até 104.

Um d'estes marcos estava no logar da *Pastoria*, a 6 kilometros de Chaves, e dizia—

IMP. CAESAR
DIVI NERVAE
F. AUG. GERM. MAX.
TRIB. POT. VII. IMP. IV.
AQUIS FLAVIS
M. P. IV.

(Dedicado ao imperador, Cesar, filho do divo Nerva Augusto, Germanico, Maximo, do poder tribunicio sete vezes, imperador a 4.ª D'aqui a Braga são 4:000 passos.)

Junto a *Sanguinhêdo*, e na mesma freguezia, estava outro marco, que dizia—

IMP. CAES. DIVI
NERVAE F. NERVAE
TRAIANO AUG. GER.
DACICO. PONT. MAX.
TRIB. POT. VII. IMP. IV.
AQUIS FLAVIS M. P. XLII.

(Dedicado ao imperador Cesar Nerva Trajano, filho de divo Nerva, Augusto, Germanico, Dacico, Pontifice Maximo, do poder tribunicio sete vezes, e a 4.ª vez imperador. D'aqui a Chaves, são 42.000 passos)

No anno 16 de J. C., o mesmo Trajano mandou concertar esta estrada, segundo consta de outro marco milliar que existiu proximo da povoação das Boticas e tinha esta inscripção—

IMP. CAES. TRAIANUS
AUG P. M. TR. POD. XX.
REFICIT AQUIS FLAVIS
M. P. XLIII

(O imperador Cesar Trajano Augusto, Pontifice Maximo, do poder tribunicio 20 vezes, reformou esta estrada. D'aqui a Chaves, são 43:000 passos:)

Consta tambem, que esta mesma estrada se reconstruiu no tempo do imperador Adriano, principiando as obras em agosto do anno 136.

Prova-se isto, por um marco milliar que existe no cemiterio do hospital real, de Chaves, e diz—

IMP. CAES. TRAIANUS
ADRIANUS AUG.
P. M. F. POT. XX REFE-
CII. AQUIS FLAVIS
M. P. II.

(O imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, Pontifice Maximo, do podor tribunicio 20 vezes, mandou reparar esta estrada. D'aqui a Chaves, são 2:000 passos.) Vem a ser 3 kilometros.

—

Ainda por estes sitios teem apparecido outros *padrões* (marcos milliares) que não menciono, para não enfadar o leitor.

—

Sanguinhêdo, é uma povoação antiquissima, e foi freguezia independente, com 60 fogos; mas supprimiu-se ha muitos annos, unindo-se á de Codeçoso do Arco.

D. Sancho II, (o Capêllo) achando-a abandonada, a mandou povoar, em 1223.

É terra fertil em pão, vinho, e cria muito gado, de toda a qualidade.

É abundante de caça.

SANGUINHÊDO, ou **SANGUINÊDO** — rio do Minho.

Diversas doações, do tempo da anarchia, mencionam este rio, e dizem que corria por baixo do *Monte de Santo Adrião*, a par da *villa de Lagenas*, e junto á *villa de Guadinales*, por baixo do *monte Barriello*.

Vem a ser o rio que passa pela villa de Regalados, e que hoje se chama *Cabariz*. Passa por uma rendosa propriedade que ainda conserva o antigo nome d'este rio (*quinta de Sanguinêdo*).

Desagúa no rio Homem, pouco antes d'este se juntar ao Cávado.

SANGUINHÊDO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de S. Pedro de Cotta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 16 kilometros ao N. O. de Viseu. (Foi do extincto concelho de Mões, comarca de Castro-Daire.) Vide 2.º vol., pag. 411, col. 1.ª

Proximo á aldeia de Sanguinhêdo está a capella de *Nossa Senhora do Freixo*, de construcção antiquissima.

Ao sitio onde está construida esta capella, dá o povo o nome de *Terra de Santa Maria*.

Não se sabe porque deram a esta senhora o titulo de Santa Maria do Freixo, pois que, nem n'aquelle logar, nem por aquelles arredores, ha freixos.

O templo está em uma cova, e para se entrar n'elle, é preciso descer bastantes degraus. Tem uns 7 metros de comprido, por 2,^{m}50 de largo, no corpo da egreja. A capella-mór, tem 4 metros de comprido e 3,^{m}50 de largo. O arco que divide a capella-mór, do corpo da egreja, é muito mais moderno do que esta, pois foi construido em 1549, segundo se vê da data, gravada em um dos pés direitos d'elle.

Os povos d'estes sitios teem muita devoção com esta Senhora, e antigamente vinham aqui muitas procissões pelo decurso do anno. No dia da Ascenção do Senhor, vinha a de S. Pedro de Cotta, com o seu parocho e freguezes—Vinha a de S. Sebastião de Queiriga, que se juntava com a de Cotta—Na quinta feira santa, vinha a da freguezia da Ermida. Alem d'estes dias, ainda vinham aqui outras procissões e romarias.

Não tem irmandade, porem mórdomos annuaes, que lhe fazem a festa, e cuidam da conservação e reparos da ermida, á custa de esmolas e offertas dos fieis.

—

Alem d'estes trez logares com o nome de Sanguinhêdo, e do de Sanguinhêda, ha ainda outras aldeias em Portugal com a mesma denominação.

Ou elle se deriva de *sanguinho*, tambem

chamada *Sempre-noiva*, que é uma planta rasteira e medicinal, bem conhecida—ou de *Sanguinho* ou (*Sanguinheiro*) arvore silvestre, muito vulgar nas nossas mattas incultas.

SANGUINHEIRA — aldeia, Alemtejo, na freguezia da Amieira, concelho de Portél. (Vide vol. 1.º, pag. 199, col. 1.ª, a 2.ª *Amieira.*)

Fica esta aldeia proxima e ao N. da villa da Amieira, depois de se passar uma pequena ponte de pedra, sobre o ribeiro da Amieira.

No alto de um outeiro, povoado de oliveiras, está a antiquissima ermida de *Nossa Senhora da Sanguinheira*, que, segundo a tradição, foi no tempo dos romanos, um templo dedicado á deusa *Lucina*, invocada pelos idolatras, nos partos difficeis de suas mulheres. [1]

A capella-mór da ermida, é fechada de abobada de pedra.

Alem do altar-mór, tem dois lateraes, no corpo da egreja; e tanto esta como aquella, foram antigamente revestidas interiormente de azulejos.

Para a porta principal, se sóbe por quatro degráus, e se entra em um átrio, tão antigo como o templo.

Já em 1711 se queixava frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom, 3.º, pag. 430) que a devoção a esta Senhora, estava *muito fria*.

Tinha um unico sino, que os castelhanos roubaram no seculo XVII.º, durante a guerra da independencia.

[1] Parece-me que não passa de uma fabula, e que se diz isto por causa do titulo da Senhora (*Sanguinheira*) e porque ainda hoje esta Senhora é invocada pelos fieis, quando suas mulheres estão com as dores da maternidade.

Tambem dizem que se deu esta invocação á Senhora, por ser advogada das mulheres n'aquellas occasiões; quando tal denominação só procede de estar a ermida em sitio onde antigamente havia *sanguinheiros* (ou *sanguinheiras*—Vide o 3.º *Sanguinhêdo*, no fim.)

A verdadeira invocação da padroeira, é *Nossa Senhora da Natividade*, e tanto que a festa se faz no seu dia proprio, a 8 de setembro.

Tinha esta ermida muitas propriedades e rendas, annexas a uma capella, cabeça do vinculo, cujo administrador era obrigado á fabrica e despezas da casa da Senhora, e de mais trez ermidas—a do Salvador, a do Espirito Santo, e a de Santo André.

Estas propriedades e foros, vieram depois á corôa, e D. João IV, deu tudo (1642), á Santa casa da Misericordia, da Amieira, que era pobre; com a condição de fazer a festa á Senhora, ficar obrigada aos reparos do templo, e mandar n'elle dizer duas missas cada semana.

Muitas d'estas rendas, foram..... *perdidas*, e a Misericordia abandonou a capella

A imagem primittiva da Padroeira, tão antiga como a capella [1] estava tão mal feita, que foi mandada enterrar pelo visitador, e a actual foi esculpturada pelos annos de 1686.

Ainda no seculo passado vinham em cada anno trez procissões a esta capella—a 1.ª, no domingo do Espirito Santo—a 2.ª, na quinta feira de Corpus Christi—e a 3.ª, no dia 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora.

Para cada uma d'estas procissões, tinha a Misericorda da villa da Amieira, obrigação de dar 60 cirios, pela instituição do vinculo de que já fallei.

—

Por não ter ido no logar competente, direi aqui o seguinte.

Na villa da Amieira, nasceu o feroz *Francisco de Mattos Lobo*, a 2 de julho de 1814. Era filho de José Pedro de Mattos Conde, e de D. Maria Vicencia.

Destinado por seus paes á vida ecclesiastica, foi mandado, em 1829, para o Seminario de Sernache do Bom Jardim, onde estudou grammatica latina, rhetorica e philosophia, e se distinguiu, mais do que pela sua applicação, pelo seu genio turbulento e pouco religioso.

Fechado o Seminario, em 1834, regressou

[1] Alguem pretende que era a propria estatua de Lucina, transformada na santa imagem, depois, pelos christãos. Seria.

Mattos Lobo a casa de seus paes, e foi desde então que deu largas ás suas paixões. Filiou-se no partido liberal, a que tambem pertencia seu pae, e nas desordens e tumultos entre a villa da Amieira e a do Gavião [1] fez-se cabeça de motim, e tornou-se tão saliente pelo seu mau procedimento, que até seu pae o reprehendia por muitas vezes, agourando-lhe mau fim.

Para não cançar o leitor com a historia d'este scelerado, tão geralmente conhecida, direi apenas:

—

Consta que, ainda estudante, em Sernache do Bom-Jardim, roubára o relogio, d'ouro, a um seu condiscipulo. Que a um tio, que fôra capitão-mór da villa de Mação, roubára um faqueiro de prata. E, finalmente, que assassinára um pobre soldado do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

Seu pae, viu-se obrigado a expulsal-o de casa, pelo seu pessimo comportamento, e pela falta de respeito com que tratava os auctores de seus dias.

—

Tinha vindo para Lisboa, sua prima, D. Adelaide, viuva do pianista, João Evangelista Pereira da Costa, natural de Proença Nova (BB) fallecido em Calais (França) em 1832.

Viera esta senhora, sob o pretexto de educar seus dois filhos; porem mais ainda, por conselho do primo de seu marido, o padre João Pereira, para se subtrahir ás indignas perseguições de Mattos Lobo.

Assentou a sua residencia em uma casa de trez andares, na rua de S. Paulo n.º 5, com frente tambem para a rua Nova do Carvalho, e junto ao arco grande, da rua do Alecrim.

Mattos Lobo, soube d'esta fuga, e marchou para Lisboa, em perseguição da sua victima, que, ou com vontade, ou sem ella, e temendo algum escandalo, teve de o receber em sua casa.

—

Vivia D. Adelaide, com sua filha Julia, menina de 17 annos; seu filho Emygdio Pereira da Costa, de 11 annos; e uma creada.

Pelas 11 horas da noite de 25 para 26 de julho de 1841, o filho de um negociante que morava na casa fronteira, viu um homem passear no quarto da menina Julia, e uma cadellinha d'esta ladrar-lhe freneticamente, e o homem pegar n'ella e arremeçal-a pela janella.

Fez-lhe isto grande impressão, e deu parte a uma patrulha.

Esta, e outras auctoridades, suppondo algum crime, se dirigiram á casa de D. Adelaide, e, como estivesse fechada e trancada por dentro, teve de servir-se de uma escada e entrar por uma janella, o capitão *Barrote*, da guarda municipal, que abriu a porta aos mais.

Examinada a casa, foram achar estendidas em um grupo, e alagadas em sangue, a dona da casa, seu filho e a creada, todos mortos!

Ouvindo suspiros afflictivos em um quarto distante, foram dar com a menina, ferida, com 17 punhaladas, e com o punhal do assassino, que, atravessando-lhe o ventre, foi cravar-se na espinha dorsal!

Esta menina ainda vivia, e conservava toda a lucidez de espirito. Interrogada pelas auctoridades, declarou que o assassino de todas estas quatro victimas, fôra seu primo Francisco de Mattos Lobo.

Esta desgraçada menina ainda viveu até ás 10 horas do dia seguinte, e repetiu a sua declaração, perante as auctoridades civis e administrativas.

Perguntando-lhe estas, se o roubo seria o motivo d'estes crimes, respondeu que não sabia; mas indicou os logares onde sua mãe guardava as pratas da casa, e pediu que fossem ver se lá estavam. Nada faltava.

Como tivesse dito que seu primo ainda estava n'aquella casa, foi procurado por toda a parte, mas não appareceu.

[1] Depois de 1834, os de Gavião queriam que o concelho da Amieira fosse supprimido, e encorporado ao seu; o que conseguiram, mas por pouco tempo; porque, é verdade que o concelho deixou de existir, mas passou a fazer parte do de Portel.

Estas rivalidades, deram causa a grandes motins.

Perguntaram-lhe se sabia onde elle morava, e respondeu que na rua de S. Bento, n.º 4, 1.º andar.

O capitão Barrote, mandou immediatamente um alferes com quatro soldados, proceder á prizão. Foram achar o monstro muito descançado em sua casa; e, tendo chegado n'aquelle momento, apenas tivera tempo de tirar o casaco, e estava em mangas de camiza, e com a maior desfaçatez e serenidade.

O alferes perguntou-lhe:

—É o sr. Francisco de Mattos Lobo?

Respondeu orgulhosamente:

—Eu mesmo.

—O senhor acaba de assassinar uma familia inteira.

—É mentira. *Em casa não ha ninguem que possa provar isso* (!!!) [1]

—Engana-se. Sua prima Julia, ainda não morreu.

O malvado perturbou-se, mas, tomando logo o seu descarado sangue-frio, respondeu muito admirado:

—*Pois ella ainda está viva?*

—Está viva e declarou tudo.

Mattos Lobo, encolheu os hombros, e não respondeu.

O alferes disse-lhe:

—Vista o casaco e acompanhe-me.

Lobo, queria mudar de roupa, mas o alferes, vendo-lhe as calças, o colête e as mãos manchadas de sangue, não consentiu.

Ao pôr o chapeu na cabeça, cahiu d'elle um rôlo de papeis e, entre elles, trez acções do banco commercial do Porto, tudo pertencente a D. Adelaide. O official, apoderou-se immediatamente d'estes papeis.

O assassino, estava tão desorientado quando acabou de commetter tantos e tão grandes crimes, que não reflectiu que fazia um roubo inutil, pois que todos estes papeis não lhe serviam de mais nada senão para a sua condemnação.

A entrada d'este malvado na casa das suas victimas, causou um terror geral.

Mattos Lobo, era corpulento, muito trigueiro, grande bôca, beiços grossos, olhos ferozes e feições pronunciadas. Era o typo completo de um assassino.

O capitão Barrote, disse-lhe:

—Vossê é o Francisco de Mattos Lobo?

O malvado, em vez de responder á pergunta, disse descaradamente:

—*Eu não matei ninguem.*

Foi levado á presença dos cadaveres de D. Adelaide, do filho e da creada.

O assassino, metteu as mãos debaixo dos braços, e poz-se a olhar para as victimas com a maior indifferença.

Foi depois levado ao quarto da menina, que ainda vivia. Ella, apenas o viu, disse, com voz já muito debil:—É elle, é o mesmo Mattos Lobo, que nos matou.

Elle respondeu descaradamente:—É mentira.

O official, ao vêr-lhe as mãos ensanguentadas, perguntou-lhe: — Que é isso? — Elle respondeu com a maior indifferença: — É sangue.

Interrogado sobre os motivos que o levaram a perpetrar tantos crimes, respondeu que D. Adelaide queria que elle casasse com a menina Julia, e como elle se recusasse a isso, ella (D. Adelaide) e a criada se lançaram a elle, armadas de facas, e então teve de fugir pela janella que dava para o arco.

—Então porque não gritou?

—Porque não queria que me imputassem estas mortes. (!)

O desgraçado contradizia-se em todas as suas respostas.

D. Julia, disse aos circumstantes, que Mattos Lobo raras vezes hia áquella casa, e que tal casamento jámais havia sido fallado, nem pensado.

D'alli foi conduzido ao Carmo, e lá confessou que tinha assassinado, *por ciumes* (!) toda aquella gente.

O monstro, não satisfeito de ter roubado

[1] Não é preciso dizer aos meus leitores, que não estou a fazer um romance, mas a escrever um diccionario. Tudo quanto digo d'esta damnada fera, é da mais rigorosa verdade, e foi plenamente provado nos autos.

a vida a quatro innocentes, quiz tambem roubar-lhes a honra!

Todavia, apezar da prova incontestavel do roubo, negou-o sempre, dizendo que as trez acções, as havia recebido á conta do dote para o seu casamento com D. Julia!

Depois de não ter negado o crime, inventou outra mentira.—Disse que na casa havia um hospede, que teve desordem com a familia, e a assassinou. Elle acudiu ao barulho, mas, como visse todos mortos, fugiu, para *evitar incommodos.*

—Então porque tem vossê as mãos e a roupa manchadas de sangue?—Não sei.

As calças estavam tão manchadas de sangue, no sitio dos joelhos, que tinha repassado as seroulas, e até chegado á pelle: signal evidente de que elle tinha ajoelhado sobre alguma das victimas, para a acabar.

— Quem era esse hospede que matou as quatro pessoas?

— Não o conheço: só sei que é da provincia.

Pelas 3 horas da manhan, tornaram a leval o á casa onde perpetrára os crimes, para se formar o auto de exame e corpo de delicto.

D'este exame, viu-se que, D. Julia tinha 17 punhaladas; Julio, 14; e D. Adelaide e a creada, mais de 30! O punhal com que foram feitos os ferimentos, era uma especie de faca de matto, grosseiramente fabricada, e de 0m,33 de comprido.

A infeliz menina, ainda teve forças para repetir tudo quanto já tinha dito.

Então o scelerado virou-se para ella, e disse-lhe: — *A prima bem sabe porque isso foi.* (!)

Quando o malvado foi d'alli removido de novo para o Carmo, já era dia claro, e já muita gente sabia do acontecido, e se tinha agglomerado á porta onde tivera logar a tragedia; e se não fosse a grande força da guarda municipal que o escoltava, seria despedaçado pelo povo.

Na tarde do mesmo dia 26 de julho, foi o reu conduzido, no meio de uma grande força de infanteria e cavallaria, para a cadeia do Limoeiro, e, pelo trajecto, grande trabalho teve a tropa para livrar o malvado do justo rancor do povo lisbonense.

Durante os oito mezes e 20 dias que esteve no Limoeiro, conservou-se quasi sempre com a maior audacia e sangue-frio, negando obstinadamente os crimes. Escreveu varios artigos para os jornaes, pretendendo justificar-se, mas cahindo sempre nas mais absurdas contradicções. N'estas correspondencias, e mesmo em cartas particulares, insultava os juizes, os empregados da cadeia, e sobretudo os medicos.

Quando os remorsos o accommettiam com mais violencia (se é que póde ter alguns remorsos uma alma tão depravada) tentava suicidar-se; pelo que foi preciso vestir-lhe o colete de força. Sendo, na 1.ª instancia, sentenciado a pena ultima, appellou para a relação, e não conseguindo annullar o processo, recorreu de revista, para o supremo tribunal de justiça, mas não teve provimento (4 de março de 1842).

Foi então que, perdendo toda a esperança de escapar a uma morte infamante, pelos crimes de assassino e ladrão, perdeu o seu orgulho, e deixou de comer, no proposito de morrer de fóme; pelo que foi preciso deitarem-lhe, á força, o caldo de gallinha por um funil.

Custa a crer, mas é verdade — este homem, apezar dos seus monstruosos crimes, teve muitos protectores, e foi isso a causa de o seu processo levar quasi nove mezes a terminar.[1]

Foram tambem estes protectores que tentaram (mas, por fortuna, inutilmente) obter do *poder moderador* a commutação da pena.

O assassino estava então desanimado. Já não era o insolente orgulhoso, que insultava a todos: tornára-se humilde para com os seus guardas, até á mais nojenta baixeza.

Foi por este tempo (27 de janeiro de 1842) que Antonio Bernardo da Costa Cabral (ho-

[1] A audiencia do julgamento, foi logo a 30 d'agosto, 35 dias depois do crime; porém os recursos entretiveram quasi oito mezes!

je marquez de Thomar) fez a revolta do Porto, restaurando a *carta constitucional.*

Os amigos de Mattos Lobo, deram-lhe esperanças de escapar á forca, em vista da nova phase politica, e elle tornou a ser o reu altivo, motejador e impertinente; mas, pouco lhe durou este periodo de mal fundadas esperanças. A mudança de politica nada influiu no seu destino fatal.

A desesperação apossou se novamente d'esta alma depravada. Só lhe ficou a impenitencia, e a falta completa de arrependimento.

Negava-se obstinadamente a ouvir os clerigos destinados ao soccorro espiritual dos condemnados: só quiz ter a seu lado, o seu antigo amigo, o prior de Marvão.

Este padre, tinha estado prezo alguns annos, por varios crimes.

Em 1834, fez como outros muitos—disse que estava preso por liberal, e foi solto.

Era homem turbulento, vingativo e rancoroso.

Ainda depois de posto em liberdade, continuou, a seu pedido, a ficar sendo capellão do Limoeiro.

Era só d'este padre que Lobo queria ouvir missa, e era só a elle que se confessava.

Entre estes dous homens, havia um laço mysterioso de união, que ficou para sempre ignorado.

Até 25 de março escreveu cartas a differentes conhecidos, e *artigos*, quasi todos inconvenientes e agressivos, para os jornaes.

Finalmente, a 14 de abril, pelo meio dia, foi-lhe lida a sentença que o condemnava á morte. O reu, que havia sempre mostrado a maior insolencia, e o mais ignobil descaramento, desmaiou, e esteve muito tempo sem sentidos.

Foi logo conduzido ao oratorio, e só então se resolveu a que o prior dos Martyres o ouvisse de confissão; mas este recusou-se, respondendo que isso competia ao prior de Marvão, ao qual até alli se tinha confessado.

O padre Gregorio de Salles Pinto, que estava no oratorio, empregou todos os seus recursos oratorios, na conversão do reu, e conseguiu o.

O thesoureiro dos Martyres, que era amigo, ou, pelo menos, conhecido de Mattos Lobo, instou com elle, para que fizesse uma publica confissão do seu crime.

O reu consentiu, e pediu ao padre Salles que a escrevesse, e assignou-a.

Pelas 11 horas do dia 15 de abril de 1842, sahiu do oratorio, para o patibulo, em uma cadeirinha, em razão do seu estado de abatimento.

Ao meio dia, chegou ao sitio onde tinha commettido os crimes, e onde devia dar trez voltas, em cumprimento da sentença.

O padre thesoureiro dos Martyres (José dos Santos Silva) de uma das janellas da casa de D. Adelaide, fez uma commovente *prática* allusiva ao crime, e leu a declaração que o reu havia assignado no oratorio, confessando que fôra elle o *unico auctor d'aquellas mortes, repentina e inevitavelmente arrebatado por circumstancias graves do momento, e por força de uma cega e louca paixão, originada de muito antes, mas que tocára então o seu termo, sem ideia alguma de roubo.*»

O reu ouviu tudo isto com a maior impassibilidade, e completamente aniquilado.

O seu rosto causava pavor a toda a gente, e uma escuma sanguinolenta sahia de seus grossos labios.

Chegado o funebre préstito ao caes do Tôjo (á Bôa Vista)[1] foi o reu entregue ao carrasco,

[1] Em Lisboa havia então dois logares denominados *Caes do Tôjo;* o primeiro, era no sitio hoje occupado pela estação principal dos caminhos de ferro do norte e leste, e era ahi que estava uma força permanente, onde eram suppliciados os assassinos e ladrões. Este logar porém, é no districto da freguezia de Santa Engracia, e como o dia 15 de abril, é santificado alli, por ser o da padroeira, foi Mattos Lobo enforcado á Bôa Vista.

O segundo, que ainda existe com o mesmo nome, apezar das grandes alterações que no sitio se fizeram, com o formoso *atêrro da Bôa-Vista*, é perto e a E. da *Rocha do Conde d'Obidos*, no districto da freguezia de Santos-o-Velho.

Ambos estes logares são á beira do Tejo, um (o 1.º) no bairro oriental; e outro (o 2.º) no occidental, de Lisboa.

que teve de o subir em braços pela escada do patibulo.

O prior de Marvão, disse debaixo.—*Filho, dize de todo o teu coração: Virgem Maria, encaminha a minha alma...* Não pôde dizer mais, porque cahiu morto, com uma apoplexia fulminante.

Muitos dos espectadores dizem que, quando Mattos Lobo viu cahir morto o seu antigo amigo, olhára, para o cadaver, com um pronunciado gesto de satisfação. Porque?—Ninguem o soube.

Para terminar esta horrivel historia, direi, que o reu morreu enforcado, e a justiça dos homens foi cumprida.

—

Na mesma tarde do supplicio, os lentes da escola medico-cirurgica de Lisboa, os doutores, Francisco Martins Polido, e João José de Simas, tomaram conta do cadaver do supplicado, para no seu craneo fazerem experiencias phrenologicas; as quaes se verificaram nos dias 17 e 18, no theatro anatomico do hospital real de S. José onde ainda existe a cáveira.

O exame demonstrou que a organisação da cabeça de Mattos Lobo, affirmava os caracteres proprios dos facinorosos, e a propensão para a *destructividade*, ao passo que as secções correspondentes ás faculdades moraes e intellectuaes, eram diminutissimas; d'onde se mostrava que os bons sentimentos e a intelligencia, deviam ter n'este facinora, um mui pequeno desenvolvimento: o que estava provado pelos factos, em vista dos insignificantes resultados dos seus trabalhos intellectuaes.

SANGUNHEDO — aldeia, Traz-os-Montes, concelho das Boticas, comarca e 18 kilometros ao S. de Montalegre, e na freguezia do Salvador de Eiró. (Vide *Eiró*)

Ao meu esclarecido amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, dignissimo Abbade de Caires, e que tantos e tão relevantes serviços tem feito ao *Portugal Antigo e Moderno*, devo os apontamentos que constituem este artigo.

A freguezia de Eiró, está situada na margem direita do rio Térva; e na parte E. da serra de Leiranco, em uma baixa e amena planicie. Era commenda da ordem de Christo, e seus commendadores, os marquezes de Marialva.

Compõe-se de trez povoações—*Eiró*, séde da parochia — *Boticas*, capital do concelho d'este nome, e *Sangunhedo*.

Os commendadores, recebiam os dizimos d'esta freguezia e da de Santa Maria da Granja, que era da mesma commenda.

A egreja matriz da freguezia, é muito antiga, e foi reedificada om 1817. O vigario, principiou a ter o titulo de reitor em 1837.

A freguezia está abrigada do N. e N. O., pela serra de Leiranco, e como é abundante d'aguas, o seu sólo é fertilissimo, em centeio, milho, legumes, hortaliças, vinho (verde) excellente fructa, e optima castanha.

Eiró e Sangunhedo, eram *casaes cerrados*.

Pelo centro da freguezia corre (de N. a S.) um ribeiro, que tem duas origens—uma ao N., no sitio do *Fontão*, e por isso, chamado ribeiro do Fontão — outra, ao O., junto ás povoações de *Seirães* e *Quintas*, chamado, *ribeiro de Ladrêdo*, ou *Córgo da Ribeira*. Juntam-se abaixo da villa das *Boticas*, e com 5 kilometros de curso, logo abaixo da ponte de Requeixo, mas ainda na freguezia de Eiró, no sitio da *Palla*, na direita do *Térva*, que corre ao S. da freguezia.

O ribeiro de que fallei, tem duas pontes —uma junto á povoação de Sangunhedo— outra nas Boticas — e um pontão, na confluencia dos dous ribeiros. Regam, móem, e criam algum peixe miudo.

A freguezia, é atravessada por uma estrada real, antiga, que de Chaves vae a Braga, passando pelo centro da villa das Boticas,[1] sendo aqui cortada por outra estrada, tambem antiga, que de Villa-Real se dirige a Montalegre, e d'aqui á Galliza, na direcção de S. E. a N. O.

São ambas muito frequentadas.

Tambem pela villa das Boticas, passava uma das quatro vias militares romanas que de Braga hiam a Astorga, por Chaves.

Segundo o novo *traçado*, ainda ao N. de

[1] A esta nova villa, dá-se vulgarmente a denominação de *Boticas de Barroso*.

Eiró, ha de passar a nova estrada em construcção, de Braga a Chaves; e pelo meio das Boticas, a estrada districtal, de Montalegre a Villa-Real.

Nas Boticas, ha duas escolas de instrucção primaria, uma para cada sexo, e duas feiras (mercados) a 5 e 20 de cada mez. Foram creadas em 1787.

Capellas na freguezia de Eiró

1.ª *Santo Aleixo* — em Sangunhedo, pertencente aos moradores da aldeia.

2.ª *Nossa Senhora das Necessidades*—na aldeia de Eiró. E particular, e foi mandada construir, por Lazaro Vieira de Carvalho, juiz dos orphãos em Montalegre. Pertence hoje (1879) ao sr. Antonio Joaquim Aunes, da mesma aldeia.

3.ª *S. Francisco* — no centro da villa das Boticas. Foi fundada por João Baptista de Queiroga, juiz de fóra, de Braga. E particular, e pertence, actualmente, aos herdeiros de José Maria da Silveira, residentes em Braga.

—

Era natural das Boticas, o bacharel, fundador da ermida de S. Francisco, que falleceu no principio d'este seculo.

Foi juiz de fóra, em Braga; corregedor, em Santarem; ouvidor em Chaves. Foi sogro do doutor Francisco Antonio de Sousa da Silveira, natural de Braga, fidalgo da casa real (em 1783) e desembargador do paço.

Teve este trez filhos, todos nascidos nas Boticas, e que tiveram o foro de fidalgos da casa real, eram Antonio da Silveira, José Maria da Silveira, e Joaquim Alberto da Silveira.

—

Em Sangunhedo, nasceu o bacharel João Monteiro de Miranda advogado, e que vivia em 1813. É bisavô materno do sr. Augusto Xavier Teixeira, filho do sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira e de D. Leonor Xavier Monteiro de Miranda.

O sr. Augusto, nasceu em Sangunhedo, a 25 de setembro de 1855.

Estudou preparatorios em Braga, obtendo em seus exames, varias distincções. Matriculou-se, na universidade de Coimbra, nas faculdades de mathematica e philosophia, em 1872. Sentou praça, em 28 de julho de 1874, no regimento de artilheria n.º 1, em Lisboa, e foi feito alferes alumno, em 1 de agosto do mesmo anno. Matriculou se na escola do exercito, em novembro de 1876, concluindo o curso em 1878. Obteve seis premios na universidade de Coimbra, e no 1.º e 2.º annos da escola do exercito.

—

Tambem em Sangunhedo, nasceu, no 1.º de janeiro de 1851, o sr. Abel Xavier Teixeira de Magalhães, filho natural do dito sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira, e Maria Joaquina Rodrigues, solteira.

Frequenta actualmente o 3.º anno de direito, na universidade de Coimbra.

—

O sr. Manuel Joaquim Xavier Teixeira, pae dos dois cavalheiros antecedentes, é natural da villa de Montalegre, é um distincto facultativo, do partido da camara das Boticas, e formou-se na escola medico cirurgica de Lisboa.

É hoje administrador d'este concelho. É geralmente estimado e respeitado, pela sua affabilidade e honradez.

SANHOANE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 30 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 55.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre. Muito gado e caça,

Para a etymologia, vide o ultimo *Sanhoane*.

SANHOANE—Vide *Pinheiro de Sanhoane*.

SANHOANE — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca do Peso da Regua, 84 kilometros ao N. E, do Porto, 13 kilometros ao O. da Regua, 360 ao N. de Lisboa.

Como esta freguezia está ha muitos annos unida á de *Medim*, vide esta palavra.

Houve na freguezia de Sanhoâne, antes de estar unida á de Medim, um antiquissimo mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, que no seculo XV foi unido ao de S. João de Tarouca. (Vide esta palavra.)

N'este mosteiro de Tarouca, havia um testamento, feito em 1335, no qual o testador declara dever ao *mosteiro de Sanhoane*, 10 *libras que me emprestaram para minha soterraçom.* (Soterraçom, é portuguez antigo —significa *enterro*, e tambem *funeral.*)

—

Os antigos portuguezes diziam *Sanhoâne*, por *S. João.* Depois, disseram *S. Joanne.* O nosso Camões ainda diz nos *Lusiadas, Joanne* em vez de *João.*

SANJOMIL—Vide *Jomil* (*São.*)

SANJURGE, ou S. Jurge—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 80 fogos.

Em 1757, tinha 66.

Orago, Santa Clara, virgem.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de Bobabella, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fria, pouco fertil e pobre.

Esta freguezia esteve algum tempo annexa á do *Outeiro Sêcco.*

Os antigos portuguezes, em vez de *Jorge*, diziam *Jurgo*, e depois, *Jurge.*

O nome d'esta freguezia, procede de ser S. Jorge o seu primeiro orago.

SANOM—portuguez antigo—*senão.*

SANOMEDE—portuguez antigo, *S. Mamede.*

SANTA ANNA—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa. (Vide 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª, no fim).

Orago, Santa Anna.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 40 de cevada.

Em 1757. tinha 37 fogos.

SANTA ANNA—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, arcebispado, districto administrativo e 35 kilometros, de Evora, 120 ao S. E. de Lisboa.

Tem 130 fogos.

Em 1757, tinha 80.

Orago, Santa Anna.

Foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Monçaraz.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É terra muito fertil.

Esta freguezia já fica descripta no 1.º vol. pag. 217, col. 2.ª (a penultima *Anna* (*Santa.*)

Repito-a aqui, para rectificar um pequeno êrro do 1.º volume.

Na *Serra dos Velhascos*, d'esta freguezia, ha grande abundancia de caça miuda, rasteira e do ar, e tambem corças, veados e javalis.

SANTA ANNA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros da Guarda, 295 ao E. de Lisboa.

Tem 90 fogos.

Em 1757, tinha 64.

Orago, Santa Anna.

O prior de Ramella, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra de clima excessivo, e pouco fertil.

Muito gado miudo e caça.

(Vide 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª—a segunda *Anna* (*Santa.*) Esta freguezia repete-se, pelo mesmo motivo da antecedente.

SANTA ANNA—(Estação do caminho de ferro do N. e L.) Vide a primeira *Anna* (*Santa*) no 1.º vol., pag. 217, col. 2.ª

SANTA ANNA DA SERRA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Ourique (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Almodóvar).

Orago, Santa Anna.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 330 alqueires de pão meiado.

(Vide *Anna da Serra* (*Santa*) no 1.º vol., pag. 218, co. 1.ª)

SANTA ANNA DE CAMBAS—Vide a segunda *Cambas.*

SANTA ANNA DO CAMPO—Vide *Anna do Campo (Santa*).

Pela suppressão da comarca de Arraiolos, ficou a freguezia pertencendo ao concelho

d'este nome, mas á comarca de Monte-Mór-o-Novo.

SANTA ANNA DO MATTO — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo). Vide *Matto e S. Torquato.*

SANTA BARBARA—serra, Traz os-Montes.—Já está descripta na col. 1.ª pag. 322, do 1.º vol. (É a 3.ª *Barbara (Santa.)*

Aqui darei a *parte official* da batalha que alli teve logar, a 13 de março de 1823 (e não a 10 d'abril, como por mal informado disse no 1.º volume.)

Devo a posse d'estes documentos, ainda ao meu illustrado amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires, no concelho de Amares.

—

Eis a copia textual da parte, dada pelo brigadeiro, Francisco Antonio Pamplona Moniz, que commandava as tropas liberaes, na ausencia de Luiz do Rêgo.

—

«Tenho tanta honra, como desventura em participar a v. ex.ª, para conhecimento de sua magestade, que no dia 13 do corrente das 6 para as 7 horas da manhã, foi atacada a divisão do meu commando, que se compunha dos batalhões de caçadores n.ºs 7, 9, 10, 11 e uma porção de infanteria n.º 21, o que fazia, pouco mais ou menos, uma força de novecentos combatentes, e se achavam aquartelados o batalhão n.º 7, em Ventuseles, n.ºs 9 e 10 em Bedoal, e o batalhão n.º 11 e infanteria n.º 21 em Pereira de Sellão, e tudo ficou prisioneiro depois de trez horas de fogo, o que não succederia, apezar das forças com que fui atacado, constarem dos regimentos de cavallaria n.º 6, 12 e trez esquadrões do 9.º regimento de infanteria n.º 24, o batalhão n.º 12 de infanteria, o regimento de Melicias de Chaves, parte da de Villa Real, e immensos paizanos armados, se o major Lima, commandante de caçadores n.º 7, cumprisse com a ordem, que lhe dei na vespera, diante da officialidade do seu commando, mostrando as posições, que devia tomar, quando fosse atacado, o que repeti ao ajudante na manhã do ataque, quando me veiu participar de mando do dito major, que estava a ser atacado por instantes, por que as tropas inimigas marchavam para esse fim, participação que haveria meia hora antes me tinha mandado dizer por um sargento, em consequencia do que mandei tocar immediatamente a assemblea, e mandei o commandante do batalhão n.º 10 postar á esquerda do batalhão n.º 7, communicando-se com elle, ordenando que logo que fosse forçado se retirasse para a forte e eminente posição da capella de Santa Barbara, onde se deviam reunir todos os corpos, á medida que fossem obrigados a ceder as primeiras posições; e depois de acabar de postar o batalhão de caçadores n.º 9, a esquerda do 10, communicando com elle para cobrir o flanco esquerdo, e retirar-se para a dita capella, quando fosse forçado, passei a ver se o batalhão de caçadores n.º 11 e infanteria n.º 21, que se achava á rectaguarda no Povo de Pereira de Sellão, tinham tomado as posições do flanco direito, que lhe tinha mandado, que era o batalhão n.º 11, a direita de caçadores n.º 7, e infanteria n.º 21 á direita em communicação com os caçadores n.º 11, e assim esperava defender a posição por todo aquelle dia ou pelo tempo, que fosse preciso até que chegasse a divisão do general Rego, que se achava a pouco mais de trez leguas, em Villa Real, e para onde o dito general marchou da mesma posição, com toda a brevidade, a buscal-a depois de ter assistido um pequeno espaço de tempo ao fogo, e até ter suposto, quando me veio a participação de que o inimigo avançava, que seria a cobrir o movimento de retirada para Bragança, porque assim constava, e chegando ao flanco direito vi que o batalhão n.º 11 e infanteria n.º 21 estavam sustentando a posição com um vivissimo fogo, e estando quasi a ser tomada a posição de infanteria n.º 21, esta com uma descarga, seguida de um bote de baioneta, arrojou o inimigo da posição, continuando estes dois corpos a sustentar o flanco direito na minha presença, e de repente sentindo sobre mim um vivo fogo cruzado da capella de Santa Barbara (posição que tinha escolhido para sustentar com toda a divisão depois que fossem forçados os primeiros pontos, em que me podia conservar até que

fosse obrigado pela fome), vejo que o inimigo se tinha apoderado d'aquelle importante ponto, por causa, como depois o soube, e que é constante por toda a divisão, e até pelo mesmo inimigo, o commandante de caçadores n.º 7, não ter tomado a posição que lhe ordenei, e em seu logar formar em ordem estendida, sem reserva, na frente do povo de Ventuzelos, em um terreno de planicie, e por isso cedeu aquelle bravo batalhão á carga, que a cavallaria lhe deu, ficando todo prisioneiro, á excepção do commandante, que a pés de cavallo abandonou o batalhão, deixando-o entregue á sua sorte, e, se em logar de tomar a fuga, vem ter comigo ao fogo, dar-me parte do aprisionamento do seu batalhão, eu ainda tinha tempo de penetrar na capella primeiro que o inimigo, porque estava o batalhão n.º 11, a pequena distancia d'ella e segundo me consta o dito commandante, quando passou pelas bagagens, que iam em marcha para a rectaguarda, ainda o fogo durou por mais de duas horas depois que elle passou, e por isto se viram os batalhões n.º 9 e 10, forçados por toda a parte, e retirando-se quasi juntos com o inimigo, por não poderem retirar para a capella que se achava tomada pela falta de obstáculo, que acharam no batalhão n.º 7, que foi o ponto por onde os inimigos penetraram, porem a falta veiu do commandante do batalhão, não tomar a posição, e não dos soldados e muito menos dos officiaes benemeritos, que eram dignos de melhor sorte; e d'esta forma e por toda a parte os inimigos, gritando:

Viva o rei e o nosso foro, camaradas não façam fogo, atirem para o ar, que todos sómos portuguezes.

E desgraçadamente vi que varios soldados assim o faziam, até que recorri ao ultimo recurso, mandando armar bayoneta, e tocar todas as cornetas, que alli se achavam, avançar, gritando lhes:

Viva a constituição! soldados, avança, avança, a victoria é nossa!

Porem a maior parte não correspondeu ao meu desejo, apezar do exforço que tambem faziam os officiaes, que alli se achavam, que em geral se portaram bravamente em todos os sitios, em que me achei, mas nos soldados não se via aquelle encarniçamento que os fez formidaveis aos francezes, e até a maior parte se podia salvar de prisioneiros se fizessem por isso, porém, immensos, com a maior facilidade largaram as armas e começaram a abraçar-se e dár vivas ao rei, estando intimamente persuadido que se fossem inimigas tropas estrangeiras, que a acção não se perderia, ao menos teria sido mais sanguinolenta e não seria nem metade da divisão prisioneira, assim vendo tudo perdido, sem lhe poder dar remedio, tratei de salvar a infanteria n.º 21, que só se achava formada regularmente e seu numero, n'aquella occasião, pouco excederia de cem combatentes de bayoneta.

Então fiz uma retirada sobre o flanco direito, desviando-me dos caminhos por causa da cavallaria, que ia por toda a parte, até que o inimigo conhecendo a minha retirada, flanquearam com a cavallaria, por toda a parte, na direcção em que eu ia, ja por todos os lados cercado de cavallaria e até já de infanteria subindo pela montanha em que me achava.

Assim, em nada a minha consciencia me remorceia de ter faltado ao meu dever de commandante e soldado.

Em minha infelicidade tenho a consolação, que os inimigos olham para mim com respeito e consideração no meu estado de prisioneiro, e da divisão que commandei ainda nem um só individuo me arguiu ou ralhou de que eu fosse a causa da perda da acção, antes tenho d'elles recebido todas as provas de amor, sentindo a benemerita officialidade mais a minha desgraça, que elles a sua, e que não só com a divisão, mas até com o inimigo hei de provar em conselho de guerra, que desde já peço para me justificar perante a nação, esperando que até então suspendam qualquer juizo menos favoravel que de mim façam.

Chaves, 14 de março de 1823.

Ill.mo e ex.mo sr. Manuel Gonçalves de Miranda, Francisco Antonio Pamplona Moniz.»

Conforme com uma copia (existente em meu poder), extrahida pelo medico, José dos Santos Dias, de Montalegre.

Mais. Em um folheto, impresso em 1823, e intitulado *Memoria e exposição authentica da conducta civil e militar de Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, visconde de Montalegre, desde 1821 até 1823*, lê-se a paginas 4: «e o dito visconde de Montalegre foi de proposito por Guimarães, em novembro do dito anno, quando fez a sua jornada para a provincia de Traz-os-Montes, convidar e consertar com seu primo o general Gaspar Teixeira de Magalhães, hoje visconde de Peso da Régua, que igualmente ambos se deram as mãos a entrar na dita combinação; bem como depois o communicou tambem aos dois capitães de cavallaria em Chaves, Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes, seu sobrinho, do 6.º regimento de cavallaria, (morto em o dia 13 de março na acção de Santa Barbara) e, em Villar d'Ossos, casa do mesmo visconde.»

Lê-se a paginas 8: «Na sempre gloriosa acção de Santa Barbara, em o memoravel dia 13 de março, á testa do regimento de cavallaria n.º 6 do seu immediato commando, e que fazia a vanguarda da columna da esquerda da cavallaria, commandada pelo general Gaspar Teixeira de Magalhães Lacerda, que a elle se lhe havia reunido em Villa Real, atacou o visconde de Montalegre, com os seus esquadrões, n'aquella acção tão denodadamente, que ás repetidas cargas dos mesmos esquadrões se deve inteiramente o vencimento d'aquella grande batalha cuja cobriu de uma gloria immortal a divisão Transmontana, por destruir, derrotar e aprisionar completamente de um golpe, e em poucas horas, a melhor divisão de tropas Ligeiras que tem havido jámais em Portugal, cujo combate deverá ter um bem distincto logar nos fastos da nossa historia portugueza.»

Esta memoria é assignada por differentes officiaes militares.

SANTA BARBARA. Vide no 1.º vol., *Barbara (Santa)* para todas as freguezias d'esta denominação.

SANTA BARBARA DOS PADRÕES. Vide *Padrões*.

SANTA CATHARINA. Vide a primeira *Catharina (Santa)*.

SANTA CATHARINA. Vide *Fonte do Bispo*.

SANTA CATHARINA. Vide *Riba-Mar*. (Santa Catharina).

SANTA CATHARINA (capella) Vide *Catharina (oratorio de Santa)*.

SANTA CATHARINA DE AZOIA. Esta freguezia da Extremadura, fica a 6 kilometros de Leiria, e já está descripta no 1.º vol., pag. 298, col. 2.ª (a 1.ª d'esta columna.) Aqui acrescento.

Disse no 1.º volume, que esta freguezia era *uma das mais antigas da comarca;* porem isto só se entende quanto á egreja, e não á parochia.

Na aldeia de Azôia, havia uma antiquissima ermida dedicada a Santa Catharina, virgem e martyr. Um devoto, d'esta aldeia, chamado *João Luiz*, deixou a esta ermida tudo quanto tinha, para que com os rendimentos se occorresse á conservação e aceio do templo, e para que no dia da padroeira, houvesse missa cantada e sermão.

A imagem da Santa, está dentro de um nicho de marmore, e junto d'elle uma lapide com esta inscripção.

ESTA OBRA FEZ FERNÃO VAQUEIRO,
POR SUA DEVOÇÃO QUE TINHA
A' BEM-AVENTURADA
SANTA CATHARINA

Este nicho, denota muita antiguidade.

—

Azôia, era uma povoação pertencente á freguezia de S. Pedro de Leiria, e o bispo d'esta diocese, D. Alvaro de Abranches, a erigiu em parochia independente, em 1713. Para isto, tinha mandado demolir a antiga capella, e erigir de novo a egreja actual, que tem 22,^{m}50 de comprido, por 8 de largo e 8 d'alto.

A capella-mór é de abobada e alem do seu altar, ha mais dois lateraes, no corpo da egreja.

Em 1810, os francezes, de Massena, fizeram d'esta egreja cavallariça, construindo em cada uma das paredes lateraes, uma linha de mangedouras!

Da casa do baptisterio, fizeram dispensa. Queimaram tudo quanto na egreja havia que fosse de madeira, menos as portas.

Quando estes malvados fugiram, como a

egreja estava destruida e profanada, e o povo (que tinha fugido todo) regressou a suas casas, collocaram o Santissimo Sacramento, na capella de *Alcugulhe*, e alli se confessavam e ouviam missa, mas os baptisados eram feitos na egreja matriz de Parceiros.

Em 1813, construiram um altar provisorio, e uma nova pia baptismal.

Os parochianos, foram, pouco a pouco, reconstruindo a egreja e fazendo novos altares, até que, em 1822, veio para elle o SS. e ficou restituida a todos os officios divinos.

Tem esta freguezia duas confrarias—a do SS., cujos estatutos (*compromisso*) foram approvados pelo provisor João Henrique dos Reis, em 1744. Governava então a diocese de Leiria, o bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação—e a confraria das Almas, cujo compromisso foi approvado em 1822.

A imagem de Nossa Senhora da Piedade que está no altar lateral, da parte do Evangelho, foi achada por uns trabalhadores, sob as ruinas de uma antiquissima ermida de S. João, na *Ribeira de Valle Gracioso*, á qual propriedade se dá hoje o nome de Quinta de S. João. É na freguezia da villa da Batalha.

Esta imagem é de primorosa esculptura.

Tambem ha muitos annos, e quando ainda a capella de Santa Catharina não era egreja matriz, e uns 500 metros ao N. E. da aldeia de Azôia, e na encruzilhada de um caminho, foi achada a imagem do apostolo S. Thomé, que está na egreja.

Em memoria d'este achado, se erigiu no sitio onde foi feito, um cruzeiro, que se ficou chamando *Cruz de S. Thomé*. D'este cruzeiro só hoje existe parte do pedestal.

Nas vinhas que ha, entre Alcugulhe e Valle do Horto, está uma cruz, de marmore branco, de 2 metros d'alto, em um pedestal de alvenaria. É dedicada a S. Silvestre, papa, e lê-se no pedestal:

ESTA CRUZ FEZ UM DEVOTO
DE S. SILVESTRE. 1670.
CONTINUANDO O SANTO A TIRAR
AS SEEÕES, SE POZ A 3.ª CRUZ,
EM 1793

Em 1829, andando o dono da vinha mais proxima a este cruzeiro, cavando-a, achou uma sepultura de pedra, contendo ossos humanos. Denotava muita antiguidade.

Ha n'esta freguezia duas capellas publicas, que são:

Santo Antonio de Lisboa, na aldeia de *Alcugulhe*.

É a ermida mais vasta e sumptuosa do bispado. Tem 22 metros de comprido, por 8 de largo e 9 $^1/_2$ d'alto. A capella-mór, é de abobada de pedra, e o pavimento do templo é todo de bellas lageas de marmore. Tanto o altar-mór, como os dois lateraes, no corpo da egreja, são de primorosa talha, dourada.

Não se sabe o anno em que foi construida esta capella, mas já existia em 1712. Em 1785 lhe fizeram uma bellissima fachada.

Foi seu fundador Jacome Leite, solteiro, natural da villa de Aljubarrôta, o qual comprou não só o *chão* da capella, mas tambem varias fazendas em redor, fazendo de tudo uma boa quinta, que é hoje dos herdeiros do conego, Ignacio dos Santos.

N'esta quinta residiu o fundador, por alguns annos.

Principiou a construir uma capella, só para elle e para a sua familia, porem, sabendo depois, que não podia prohibir o povo de lá hir á missa, e não querendo que a quinta fosse devassada, desmanchou o que estava feito, e mudou a capella para o sitio actual, que era terreno aberto.

Quando Jacome Leite falleceu, deixou todos os bens, ou grande parte d'elles, ao hospital da Misericordia, de Leiria, com a obrigação d'este hospital pagar a um capellão, que dissesse missa n'esta capella, á hora que o povo quizesse.

Quando o bispo, D. Manuel d'Aguiar, fez o novo hospital, determinou que a Santa Casa pagasse a um capellão para dizer missas na capella, mas só nos domingos e dias santificados.

A Misericordia, cumpriu isto até 1854.

O povo d'Azôia, reclamou energicamente o cumprimento d'esta clausula, e obrigou os mórdomos da Santa Casa a cumpril-a. Em 1866, porem, declararam os mórdomos formalmente que não pagavam mais ao capellão, e assim o fizeram!

—

Nossa Senhora da Saude — no valle do Hôrto.

Tem 17 metros de comprido, por 7 de largo, e 7 d'alto. Tem um só altar.

José Rodrigues, em cumprimento de um voto, e ajudado tambem com esmolas do povo, construiu uma edicula á Senhora, em 1752; porem, concorrendo aqui os fieis, e dando valiosas esmolas, se fez a actual capella, com mais amplas dimenções.

O povo de Valle do Hôrto, tinha instituido uma confraria de defuntos, muito antes de existir a capella, e celebravam as suas sessões, e guardavam os utensilios e arranjos necessarios, em uma casa que construiram junto e ao S. do logar. Feita a capella, para alli mudarem a confraria, com auctorisação do provisor, João Henrique dos Reis, sendo bispo de Leiria, D. João de Nossa Senhora da Porta. Tem um compromisso approvado em 1761, pelo provisor, Pedro Paulo de Barros Pereira, sendo bispo d'esta diocese, D. frei Miguel de Bulhões e Sousa.

Disse a pag. 298, col. 2.ª do 1.º vol., que o parocho tinha 60$000 réis de rendimento e é o que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano* (que tem o costume de diminuir muito o rendimento dos parochos) mas a renda exacta do parocho d'esta frequezia, foi até 1834, a seguinte—53 alqueires de trigo, 20 de cevada, uma pipa de vinho, e 15$000 réis em dinheiro, pago pelos dizimos.

O povo dava, no dia de Todos os Santos, o que queria em generos, e regulava isso por 50 alqueires de milho. Tambem pelo Natal e pela Paschoa, cada chefe de familia dava em dinheiro, a esmola que queria. Tinha alem d'isto o pé de altar. Andava tudo por 100$000 réis.

—

SANTA CATHARINA—freguezia, Estremadura, na comarca e concelho das Caldas da Rainha. Vide 2.º vol., pag. 213, col. 1.ª—*Catharina (Santa)*.

Nos logares da *Portella* e da *Granja Nova*, ambos d'esta freguezia, ha, em cada um d'elles, uma mina de carvão fossil. Ambas estas minas foram registadas, em dezembro de 1876.

—

SANTA CATHARINA (*Nossa Senhora da Penha*)—serra, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros a E. de Guimarães, 20 ao N. E. de Braga.

Tomou este nome, de uma antiquissima capella da virgem e martyr, Santa Catharina, cujas ruinas ainda existem no alto da serra, junto a uma pyramide geodesica. [1] Em volta d'esta ermida, veem-se muitos milhares de carradas de pedra de alvenaria, prova de que houve aqui, em tempos remotissimos, uma não pequena povoação, e provavelmente uma das muitas *cidades mortas* que abundavam entre o Douro e o Minho, e cujo nome e as tradições foram esquecidas pelo correr de muitos seculos.

Varios sucalcos e alicerces de muros, provam tambem que parte d'este terreno foi cultivado.

A padroeira d'esta ermida, tem a sua lenda, conservada, de paes a filhos, entre o povo do Minho: eil-a.

—

Poucos metros ao S. da ermida, existe um grupo de penêdos, e a um d'elles, que tem uma concavidade, chama o povo, *Cama de Santa Catharina*, por ser alli que, segundo a lenda, a santa passava as noites, em oração.

A santa virgem Catharina, pastoreava por

[1] É escandaloso o abandono em que está este templosinho, pois a padroeira tem uma irmandade com bastantes rendimentos, que são distrahidos, ninguem sabe em que; deixando os irmãos desmantelar a capella, veneranda pela sua antiguidade, e pela tradição que lhe anda ligada.

Nos primeiros tempos, era a capella fabricada pelos religiosos jeronimos do mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. (Vide 3.º vol., pag. 358, col. 1.ª)

Os monges apresentavam aqui um eremitão, e tratavam do culto divino e dos reparos da ermida.

Mesmo assim ainda se lhe faz uma grande romaria, no dia de S Thiago, apóstolo (25 de julho) para o que vão buscar, na vespera, a imagem da Santa, e a trazem para a capella, cujas paredes (que não tem mais nada) são adornadas de colchas e flores. Chamam a esta romaria—não sei porque—*a Ronda*.

estes sitios desertos, numerosss rebanhos, sendo ao mesmo tempo, uma atalaya vigilante dos christãos, contra os serracenos.

Em certa noite, viu a Santa, que uma grande partida de mouros, com fachos accesos, descia a serra, em direcção a Guimarães, cujos habitantes descuidados dormiam a somno solto.

Era materialmente impossivel, avisal os a tempo, da iminencia do perigo.

Então a santa recorre a um estratagema —áta velas accesas, nas pontas das cabras, e as faz descer a montanha.

Os mouros, já perto das portas de Guimarães, vendo á sua rectaguarda descer aquella multidão de luzes, suppõem ser um exercito de christãos, que marcha em soccorro da villa, fogem em desordem, e deixam os christãos em paz.

Bem vemos que esta lenda pecca bastante por inverosimil; porque seria difficil—senão impossivel—poder arranjar Santa Catharina tão grande numero de velas, n'aquelle deserto. Mesmo que em logar de velas, fossem fachos de palha, em quanto a santa os fazia e accendia, tinham os mouros tempo de sobejo para assassinar ou captivar tudo, na villa; mas, o nosso bom povo, tem uma fé entranhada n'estas piedosas lendas, que são completamente inoffensivas, e é bem melhor crer n'ellas, do que ser falto de religião e obstinadamente incredulo.

Nossa Senhora do Carmo, da Pénha

Este famosissimo Sanctuario da provincia do Minho, fica, como já disse, a 3 kilometros ao E. de Guimarães, na serra de Santa Catharina, a mais bella e pittoresca da provincia. Até ao meio da sua encosta, é cultivada, em sucalcos ou comoros, que a certa distancia se assemelham a uma escada gigantesca, e é povoada de formosas granjas e casas de campo.

Do meio até ao alto, desapparece a vegetação opulenta da base, e o monte é formado de varios outeirinhos, ou cabeços, até quasi ao seu cume, que consta apenas de fragas escalvadas e penêdos gigantescos, amontoados uns sobre os outros, formando grupos fantasticos, imitando as ruinas magestosas de vastas fortalezas, ou de palacios e templos em ruinas.

Por entre essa agglomeração de rochedos, se veem grutas extensas, e sinuosas cavernas, algumas de grande profundidade.

O panorama que se gosa d'estas altiras, é encantador e surprehendente.

Em baixo, em um valle, cercado de varios outeiros, senta-se a vetusta cidade de Guimarães, orgulhosa de suas tradições e da sua historia, e coroada com os restos venerandos do alcaçar do conde D. Henrique, onde nasceu o primeiro e um dos maiores —senão o maior—dos nossos reis; esse vulto legendario, que, com o seu pesado e temivel montante, á custa do seu sangue e de quasi sessenta annos de continuo batalhar, nos deu uma patria e a liberdade.

Do alto da serra, e formando parte d'ella, se vê, ao S., no alto de um cabeço, a poetica ermida de S. Roque, cercada de frondoso arvoredo. Junto a esta ermida foram sepultadas muitas victimas de uma horrorosa peste que devastou esta terra, desde os annos 1507 até 1509.

É um sitio summamente aprasivel, e no centro das sepulturas, fundou um piedoso eremitão, uma pequena casa terrea, para agasalhar os aldeãos das visinhanças, e lhes ensinar a doutrina christan, e as maximas do catholicismo.

Por morte d'este eremitão, vieram para aqui viver dois clerigos seculares, que fundaram uma capellinha dedicada ao *Bom Jesus do Calvario*, e n'ella diziam missa todos os dias.

Os visinhos arroteiaram parte d'este terreno, reduzindo-o á cultura, plantando muitas arvores, e semearam grande quantidade de flores.

Um dos dois padres, chamado Francisco Ferreira, que era bom esculptor, fez varias imagens de santos, que collocou em diversos pontos d'aquelle bosque, o qual é regado por uma fonte perenne, de agua crystalina, e em um nicho de murta, junto da fonte, se via a imagem de Jesus Christo Crucificado, e a seus pés, chorando, Santa Maria Magdalena.

Em outra parte, se via a imagem do apostolo S. Pedro, chorando lagrimas de arrependimento, por ter negado tres vezes, o seu Divino Mestre. (As lagrimas é a agua verdadeira, que a fonte lhe ministra.) E tinha uma inscripção, que dizia—*Non sum Petrus, sed miser senex.*

No centro de um outro grupo de copadas arvores, estava a imagem de S. Jeronymo, tendo na mão esquerda um Crucifixo, e na direita, uma pedra, com que batia no peito, e com a inscripção—*Tibi soli peccavi.*

O Divino Pastor, via-se dormindo, sobre uma cama de flores naturaes, e a inscripção —*Ego dormio, et cor meum vigilat.*

«Todo este sitio de santidade, é cercado de paredes, e pelas partes, do norte, nascente e poente, é a parede interlaçada de capellinhas, em que se manifestam os *Passos da Paixão de Christo*, do Horto até ao Calvario, as quaes teem as portas para dentro da cêrca, e para fóra as janellas, com grades de ferro, para que o povo possa fazer a sua oração.»

«De tudo isto, resta hoje (1873) apenas a capella do Bom Jesus do Calvario, alem da de S. Roque, e poucos vestigios mais, do que já fôra.»

«Mais alem, para o occidente, estendem-se as campinas de S. Miguel de Creixomil, amplas e viçosas, semeadas de casas de campo e palacetes, com a sua egreja parochial, a alvejar, no meio d'aquelle mar de verdura.»

«Depois, são collinas e montes de bellos e variadissimos contornos; depois, ermidas e egrejas, pontes e estradas, fontes, rios, bosques e campos, que formam um panorama surprehendente, que deleita docemente, os olhos e o espirito.»

«Alguns passos mais, e vencida a crista da montanha, veremos rasgar-se diante de nós, horisontes ainda mais espaçosos, e quadros mais bellos e variados.»

«É no cimo da *Penha!*»

«Chegados aqui, vemo-nos collocados no centro de uma bacia enorme, cujas orlas são formadas ao nascente, por montanhas elevadissimas, que se destacam em magestoso amphitheatro, prolongando-se ainda para além das raias d'esta provincia; ao norte, além de outras, pelas cordilheiras do Geréz, notaveis pela belleza e novidade de sua vegetação, e pela caça brava, sempre abundante n'aquellas paragens; ao sul, pela serra do Marão; sendo fechada ao poente, pelo Atlantico, que se avista, como largas fitas de prata, nas alturas de Mattosinhos, Villa do conde, Póvoa de Varzim, e Vianna do Castello.

«Dentro d'esta circumferencia, de grande extensão de kilometros, pousam e avistam-se d'aqui, as villas de Margaride, Santo Thyrso, Villa-Nova de Famalicão, e Fâfe, perfeitamente destacadas, com as suas casarias brancas e espaçoso hospital geral.»

«Depois, descobrem-se as povoações da Lixa, Caldas de Visella e das Taipas, etc.»

«Além de muitos e importantes monumentos e grande numero de ermidas, que seria longo enumerar, vê-se ainda d'aqui (ao NO.) o mosteiro que foi de monges varatojanos, na serra da Falpêrra, adiante da egreja de Santa Maria Magdalena; e mais alem, a estatua collossal e o monumento da *Santissima Virgem, do monte Sameiro*, levantado na extremidade do concelho de Guimarães, e proximo ao famosissimo *Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, em Braga.

«Mais proximo á Serra de Santa Catharina (ao N. E.) no centro de uma ribeira, coberta de esplendida vegetação, levanta-se a arrojada maça architectonica, do famoso Sanctuario de S. Torquato, ainda por concluir, mas tendo as obras já em grande desenvolvimento, e que é visitado por grande numero de romeiros, principalmente, no mez de julho.

«N'aquella cinta de montanhas, descobre-se, ao norte, o Sanctuario de *Nossa Senhora do Pilar*, e para o sul, o de *Santa Quiteria*, em Pombeiro, ambos com as suas capellinhas brancas, a mostrarem-se por entre os arvoredos.»

Local e gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha

Penedos descommunaes, amontuados ao acaso, como se a mão de gigante monstruoso para alli os arremeçasse, formam uma

pyramide bizarra e ameaçadora. Outros, caprichosamente encostados, formam porticos magestosos, ou arcadas informes.

Mais adiante, outros penedos, alinhados como as antas de Carnac, formam uma immensa galeria.

Sob estes penhascos, ha vastos subterraneos, e grutas admiraveis.

Descendo uma extensa fraga, cortada nos passos menos accessiveis, por toscos degraus, abertos a picão, na rocha, chega-se á *Fonte de Santa Catharina*, cujas aguas limpidas e salutiferas rebentam de uns alterosos penhascos, e, seguindo ávante, chega-se á *Gruta do Sino*, que é uma garganta estreita, mas extensa, aberta entre altissimos penedos.

Dá-se-lhe este nome, porque, ao fundo, e á esquerda d'ella, ha um penedo, que ferido por outra pedra, produz o som, semelhante ao de um sino.

Passando alem da pyramide geodesica de que já fallei, e depois de um longo plano, chega-se á *Gruta-Ermida*, coberta de enormes penedias, cortadas por numerosas cavernas, que se communicam subterraneamente, formando um labyrinto de difficil percurso.

Por baixo d'esta penedia, abre-se uma grande caverna, formada por dois penedos collocados perpendicularmente, e por outro collocado sobre elles, formando lhe o tecto. O pavimento é formado por uma enorme lagem.

Á entrada, do lado esquerdo, ha outra caverna, que desce em linha quasi regular até grande distancia para o norte.

No fundo da entrada principal, ha ainda outra gruta, espaçosa e alta, que depois se bifurca, tomando uma a direcção do O., e outra, que, tomando a direcção do E., dá sahida a estas informes galerias. O tecto de todas ellas, é formado de grandes penedos, sendo alguns alli collocados artificialmente.

Como esta penedia era inaccessivel por todos os lados, fizeram os antigos, uma escada de pedra, de onze degraus, que fica ao sul, e pela qual se sóbe para um pavimento quasi regular, que, na frente, dá entrada para o hospicio, e pela esquerda dá passagem para a *Gruta-Ermida*, por um estreito corredor, ao fundo do qual, se abre, em rocha viva, uma grutasinha artificial, forrada de cortiça e musgo, e n'ella está a imagem de Santo Elias, monge carmelitano, docemente adormecido.

D'aqui, por entre dous grandes penedos qne se fecham em abobada, sobem-se por uma escada tosca e estreita, 18 degraus,— chega-se a um segundo pavimento, formando um terraço de 15 metros de comprido, por 12 de largo, plantado de flores, em taboleiros de buxo.

Ao N. d'este *jardim suspenso* , sobem-se mais 7 degraus, para se chegar ao *Terraço da Bandeira*, menos espaçoso que o antecedente, porem mais regular.

Subindo mais algumas escadas, e parte do costado de um penedo altissimo, chega-se á *Cruz Alta*, o ponto culminante d'estes alcantis.

Pelo que já fica dito, póde fazer-se uma ideia, ainda que muito inferior á realidade, do imponente panorama que d'aqui se desfructa.

Da *Cruz-Alta*, desce-se por uma escada de 21 degraus, ao *Terraço da Ermida*, e d'este para a capella, ainda se desce outra escada de seis degraus.

A *Gruta-Ermida*, é composta principalmente, de dous grandes penedos, formando-lhe um d'elles, a parede do lado da Epistola, e o outro, o tecto, e as paredes da sachristia, do lado do Evangelho. Entre esta e o corpo da egreja, se construiu uma parede de estuque, não só para maior commodidade dos actos religiosos, como tambem para dar ao recinto mais alguma regularidade.

N'esta parede ha dous nichos, tendo um a imagem de *Nossa Senhora da Oliveira*, e o outro, a de *Nossa Senhora do Rosario*, e se levanta um dos altares lateraes, de talha muito antiga, com suas columnas torcidas, cobertas de varios ornatos.

É dedicado a *S. José*, padroeiro da egreja. O altar que lhe fica em frente, tambem do mesmo gosto, é dedicado a *S. Simão Stok*, patriarcha da ordem do Carmo.

Á esquerda d'este altar, está o pulpito, e

á direita um banco, onde o celebrante e os acólitos tomam assento, nos dias solemnes.

O altar principal, onde está a imagem de *Nossa Senhora do Carmo da Penha*, e unico onde se diz missa, é de talha dourada, moderno, e de elegante e bonito gosto.

Por baixo do pavimento da ermida, ha uma profunda loja, para a qual se desce por uma escada de pedra. Este subterraneo, recebe a luz por uma janella, com caixilhos de chumbo, com vidros. Por baixo, ha ainda uma outra furna, escura e profunda, que se dilata pelo centro da penedia circumferente.

A ermida, tem, desde a porta da entrada até ao altar-mór, 8 metros de comprido, e de largo, de um ao outro altar lateral, 8^{m},80, sendo a media da altura, 3^{m},20.

—

O hospicio, ou casa da Senhora, está collocado sobre este montão de rochedos, para o lado do E.—Compõe-se de cosinha, dispensa, uma sala e dous quartos, tudo com communicação para um corredor que dá serventia para um terraço, plantado de arbustos e trepadeiras.

Sahindo d'esta casa,, e descendo a escada da entrada principal, para E., e já fóra do grande grupo de rochedos que ficam descriptos, está um enorme penêdo, para o qual se sobe por degraus abertos a picão no mesmo.

A superficie é cavada naturalmente, em fórma de bacia. É um reservatorio das aguas da chuva, e que tem servido muito para as obras de pedreiro e caiador que alli se tem feito.

Este penedo, é escavado na sua parte inferior, e fórma uma grande loja, que foi alargada artificialmente, e se lhe fez uma porta de entrada, e uma pequena janella. A esta concavidade se dá o nome de *Gruta-Verde*, por ter as paredes interiores revestidas de um mimosissimo musgo, semelhando velludo verde.

Abaixo d'esta gruta, ao E., a meia encosta, ha outra caverna muito regular, formada por um grande penedo, que veio pousar sobre dous que o sustentam, em fórma de columnas. Pretendem alguns que isto seja uma anta, construida por esses povos desconhecidos, e a que se convencionou chamar préceltas, por se ignorar o seu verdadeiro nome.

Ao fundo d'esta gruta, ha ainda outro penedo, que lhe fórma parede por este lado. D'elle rebenta um arroio de crystalinas aguas, quando as chuvas são muito continuadas.

Ha ainda por todo este monte, muitos outros penedos, grutas e furnas, tudo de fórmas variadas e curiosas, cuja descripção seria enfadonha, por extensa.

Todos os penedos são mais ou menos espherico, mostrando evidentemente que por muitos seculos andaram percorrendo esta parte da terra, impellidos pelas aguas do Oceano, até que este, abandonando uma grande parte da Europa occidental, os deixou ficar onde hoje os vemos.

Os geologos, dão a isto o nome de *penedos errantes*. Distinguem-se das outras rochas, pela ausencia absoluta de arestas.

São vulgares estes *penedos errantes*, na Peninsula hispanica; mas, onde os tenho visto em maior abundancia, é nos concelhos de Arouca, Castello de Paiva, Sinfães e Castro Daire.

Acham-se em muito maior quantidade, nos altos ou nas encostas dos montes, que nos valles.

As celebres *Pedras de Linhares*, no rio Douro. a 35 kilometros ao E.N.E. do Porto, e as *Pedras da Rua*, no mesmo rio, e uns 3 kilometros mais acima, são *Penedos errantes*.

Origem da Gruta-Ermida e hospicio de Nossa Senhora do Carmo da Penha

Poucas noticias ha sobre a origem da Gruta-Ermida, e do hospicio. O primeiro escriptor que se occupou d'isto, foi frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuario Mariano*, tom. 4.º, pag. 302.

Mas este livro foi publicado em 1712, e desde então, grandes alterações tem aqui havido.

Depois d'este escriptor, mais nenhum se occupou d'esta notabilissima ermida, até que, em 1873, o sr. padre Antonio José Ferreira Caldas, publicou um curiosissimo li-

vrinho, ao qual deu o titulo de — LOCAL E GRUTA-ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA PENHA, NA SERRA DE SANTA CATHARINA, CERCANIAS DE GUIMARÃES.

É d'este livrinho, primorosamente escripto, e que o seu auctor teve a bondade de me offerecer, que eu resumi tudo quanto n'este artigo fica dito.

O *Santuario Mariano*, diz, no logar citado, e em resumo, o seguinte:

Um devoto e virtuoso ermitão, chamado Guilherme, natural de uma aldeia proxima a Roma, sahiu da Italia, e depois de ter percorrido varias terras da Europa, atravessou a Hespanha até á Galliza, entrando em Portugal pela nossa praça de Vallença.

Foi percorrendo as montanhas da poetica provincia de Entre Douro e Minho, a ver se encontrava um retiro, onde, longe dos homens, podesse terminar os seus dias na oração e penitencia.

Achou este sitio apropriado ao seu intento, e se recolheu a uma das innumeraveis cavernas d'esta serra.

Quando ja aqui estava havia bastante tempo, foi visto por um caçador, que, vendo aquelle homem de grandes barbas, e com um habito para elle desconhecido, fugiu aterrado, julgando-o um ser fantastico ou diabolico.

Deu parte d'esta apparição aos outros caçadores seus companheiros, que animados pelo numero, se atreveram a hir *requerer* o eremita, como se fosse *alma do outro mundo.*

Aos *exorcismos* que lhe faziam, respondia o bom do eremitão em italiano, lingua totalmente desconhecida dos caçadores, que ainda mais se assustaram, fugindo para Guimarães, onde contaram o succedido.

A justiça da terra, acompanhada de grande numero de curiosos, se foi á serra ter com Guilherme, e lhe perguntou quem era, e o que fazia entre aquelles penhascos.

O pobre asceta, lá foi respondendo por mimica, como pôde, e conseguiu fazer-se entender. Como lhe não acharam armas, e viram que era um homem pacifico e penitente, o deixaram.

Isto aconteceu em setembro de 1702.

Como vivia e do que se sustentava o pobre eremita, não o diz o *Santuario Mariano.* Só diz que elle mandára a Braga, fazer uma imagem da Santissima Virgem, e a collocou em um altarzinho que fez, na lapa que agora se vê por baixo da ermida, e a qual já descrevi.

O povo dos arredores, principiou a venerar o eremitão, como santo, e a ter grande devoção com a santa imagem, dando-lhe muitas esmolas, fazendo-lhe muitas offertas, e designando-a pela invocação de *Nossa Senhora da Penha.*

Frei Agostinho de Santa Maria, depois de descrever esta parte da montanha, no estado em que tudo estava no seu tempo, continúa:

«É de saber que esta casa, hoje da Senhora, era uma furna, ou lapa, como ainda é ao presente; porque do mesmo penhasco e rochedo são formadas as paredes e o tecto. E porque o districto era apertado e estreito, lhe fez o eremitão, em ordem a o alargar, algumas minas, e com o fogo, fez mais espaçoso o logar. E, como o rochedo era altissimo, fez o eremitão que no alto d'elle se mettessem algumas traves (porque então, não chegariam os seus cabedaes a lhe formar alguns arcos de tijolo; ou porque este não o haveria, o que se poderá fazer, pelo tempo adiante).»

«N'aquelle vão, e sobre aquellas traves, que *assoalhou* muito bem, dispoz a casa e ermida da Senhora, e para ella, depois de composta e aceiada, ainda que pobremente, se trasladou a imagem da Virgem Nossa Senhora, do seu primeiro logar, ou lapinha em que o eremitão a havia posto. N'esta nova casa, lhe levantou um altar, adornado com papeis pintados, e, supposto que tudo está ainda muito pobre, ainda assim, o aceio e a fervorosa devoção do eremita, faz que tudo se estime e louve, como precioso; e espera que venha a crescer muito aquelle limitado logar, em um grande e devoto edificio.»

Devemos dar credito a tudo quanto diz frei Agostinho de Santa Maria, visto ser contemporaneo dos acontecimentos que relata.

—

É tradição constante, que o hospicio da Penha, foi construido mais tarde, pelos re-

ligiosos carmelitas calçados, e aqui viviam sempre alguns noviços, em companhia de um monge professo, que se intitulava *presidente*, d'esta pequenina communidade.

Não se sabe, porém, o anno em que os carmelitas construiram este hospicio, em um dos cunhaes do qual, ainda se vê esculpido o emblema da sua ordem: o que se sabe é que já existia em 1766.[1]

Residiram aqui, até á suppressão das ordens religiosas em Portugal, ou até muito pouco antes d'esse acontecimento, pois ainda ha muita gente em Guimarães, que se lembra de os ver aqui.

—

Não se sabe quando falleceu o virtuoso cenobita, fundador da *gruta-ermida*. Á porta da sachristia d'ella, vê-se uma pequena cavidade quadrilonga, forrada de tijolos, em fórma de sepultura. Diz-se que foi aqui sepultado o santo Guilherme, pelos frades carmelitas. Hoje está esta sepultura cheia de terra, e não se sabe onde foram parar os os sos do pobre italiano.

—

Em 1870, alguns, poucos, devotos, decidiram levantar o culto da Virgem da Penha, e aformosear e engrandecer a ermida e seus arredores.

Recorreram á piedade das senhoras vimaranenses, as quaes concorreram com valiosos donativos e mimosas prendas, que, vendidas em leilão, produziram os meios sufficientes para que, logo no primeiro anno, se realisassem bastantes melhoramentos.

A 23 de julho de 1871, dia designado para a romagem á Senhora, alguns milhares de fieis subiram á serra, e ficaram satisfeitos por ver como os seus donativos tinham sido conscienciosamente empregados.

A gruta ermida, tem agora um aspecto inteiramente novo. Todo o seu recinto foi cuidadosamente reformado e retocado. Todas as imagens antigas, foram encarnadas, e se adquiriram outras novas. As alfaias e mais objectos do culto, são em numero sufficiente e bôas.

Os terraços foram aplanados, e n'elles collocadas mesas de pedra (lousa) e plantados de buxo, trepadeiras e flores.

Construiu-se um novo *Passo*, elegante e magestoso, dedicado á *Assumpção da Virgem*, que foi benzido solemnemente, no referido dia 23 de julho, na presença de grande numero de romeiros.

Em 1872, os mesmos e outros devotos, á custa de muito trabalho e sacrificios, repararam a casa do hospicio da Senhora, e mandaram estudar por um engenheiro habilitado, o nivelamento das aguas, que sahindo da *Fonte de Santa Catharina*, devem ser convenientemente canalisadas para o sitio da *Penha;* e ao mesmo tempo marcou o logar onde se devem construir seis novos *Passos*.

Instituiu-se a irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, com os competentes estatutos, approvados por alvará de 23 de março de 1872.

N'este mesmo anno se principiou e concluiu o 2.º *Passo*, que foi solemnemente benzido a 21 de julho d'esse anno. É dedicado a Nossa Senhora da Annunciação.

Em uma pittoresca gruta, sob um lindo grupo de penedos, foi collocada uma imagem de S. Francisco Xavier, o famoso missionario da India.

Esta imagem, que é de primorosa esculptura, foi offerecida á mesa da irmandade, por um devoto, de Guimarães.

Trata-se da completa reforma do hospicio, e da acquisição dos terrenos necessarios, para edificação de novos *Passos;* tem-se arborisado os que já eram da Senhora, e vae abrir-se uma estrada, que, seguindo de Guimarães, pela de Fâfe, até a freguezia de São Romão, córte aqui, pelo *Senhor dos Serodios*, em direcção á *Penha*, para onde depois se póde hir de carroagem.

Muitos naturaes da provincia do Minho, que estão no Brasil, teem concorrido para estas obras, com valiosas somnas.

Muitos fieis, além de avultadas esmolas,

[1] Em 29 de novembro de 1766, casou, na freguezia de S. João Baptista, de *Pencêllo*, Domingos Machado, com Joanna Maria. Entre outras testemunhas, se vê que o foram tambem, o *padre Joaquim de Santo Elias, presidente d'este hospicio*, e seu creado, João de Carvalho.

O livro onde está este assento de casamento, ainda existe em *Pencêllo*.

teem offerecido á Senhora, varios objectos para o culto divino e outros variados donativos. Muitos devotos se teem offerecido para trabalharem gratuitamente n'estas obras.

—

Além da romaria annual, que se faz no 1.º domingo depois do dia de Nossa Senhora do Carmo, uma das mais bellas e concorridas romagens d'estes arredores, vêem-se em todo o decurso do anno, muitos fieis, subindo estas penedias, em visita á Senhora.

Muitas familias de Guimarães, vão alli passar os domingos e dias sanctificados; e varios individuos tratam de adquirir terrenos n'esta serra, para n'elles construirem *chalets*, e casas de recreio, attrahidos do pittoresco e vistoso do sitio, e na bem fundada esperança de que este Sanctuario venha a ser um dos primeiros da provincia, collocado, como está, em uma serra, a que, sem contradicção, se póde dar o nome de *Cintra do Norte*.

SANTA CATHARINA DA SERRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Leiria.

Esta freguezia já está descripta, a pag. 215, col. 1.ª, do 2.º volume. Aqui accrescento mais:

Esta parochia foi creada em 1549, por D. frei Braz de Barros, primeiro bispo de Leiria, religioso da ordem de S. Jeronymo, varão de grandes virtudes, que foi reformador dos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e que persuadiu a D. João III que impetrasse do pontifice, a desmembração das rendas do mosteiro de Santa Cruz, para a universidade de Coimbra.

O bispado de Leiria, foi creado por D. João III, em 1545 (no mesmo anno em que foi creado o de Miranda, hoje Bragança) e confirmado pelo papa Paulo III.

Em 1553, D. frei Braz, resignou, e foi viver para Lisboa, á espera das bullas da confirmação. De Lisboa, recolheu ao mosteiro do *Matto*, da mesma ordem de S. Jeronymo, e d'alli passou para o de *Penha-Longa*, da mesma ordem, fundado no alto da serra de Cintra, e ahi falleceu, sendo sepultado no claustro do mosteiro.

Quando se criou esta freguezia, constava apenas de 30 fogos.

A egreja matriz, está longe do povoado.

Tem altar-mór, e trez lateraes, no corpo da egreja. Era uma antiga capella, dedicada á actual padroeira (Santa Catharina)

Ha n'esta freguezia trez capellas publicas —são—1.ª, *S. Guilherme*, no logar de *Pedróme* (contracção de Pedro-Homem.) Faz-se-lhe uma grande romagem, por ser advogado contra as febres intermitentes.

Tinha eremitão, mas já ha muitos annos que o não tem.

2.ª *S. Miguel, archanjo*—no logar de *Valle do Summo*, feita em 1610.

3.ª *Santa Martha*—no logar da *Loureira*, tambem feita em 1610.

Os moradores dos logares onde estão estas capellas, são obrigados á sua fábrica.

Em todas trez se administram os sacramentos ao povo.

SANTA CHRISTINA—aldeia, Douro, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade, de Luso, concelho da Mealhada, comarca da Anadia, bispado de Coimbra, districto administratico de Aveiro.

Junto a esta aldeia ha uma abundante mina de optimo carvão fossil.

Uma companhia ingleza registou esta mina, e tem principiado a exploração em grande escala. Vae abrir um caminho de ferro, do systema americano, para ligar a mina com a estação do caminho de ferro do norte, na Mealhada.

SANTA CHRISTINA DO COUTO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Santo Thyrso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Negréllos) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Orago, Santa Christina.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia ainda não existia em 1757: era uma aldeia da freguezia de S. Miguel do Couto, e curato da de Monte-Córdova, cujo reitor aqui apresentava o cura. Tinham

então a freguezia de S. Miguel, e a actual de Santa Christina, apenas 52 fogos.

Foi antigamente esta freguezia (ainda unida á de S. Miguel) da comarca e termo do Porto: depois é que passou a formar parte do concelho de Negrellos.

Vide o ultimo *Couto*, col. 1.ª da pag. 416 do 2.º volume. Vide tambem *Monte-Córdova*, e a 2.ª *Sala*.

SANTA CLARA—freguezia, Douro, no concelho de Coimbra. Vide *Clara* (*Santa*) no 2.º vol., pag. 309. col. 2.ª, a ultima linha.

SANTA CLARA A NOVA. — Vide *Clara Nova* (*Santa.*)

SANTA CLARA A VELHA. — Vide *Clara Velha* (*Santa.*)

SANTA COMBA. — Vide *Roças ou Santa Comba.*

SANTA COMBA. — Vide no 2.º volume, desde pag. 363, todas as *Combas* (*Santas.*)

SANTA COMBA—serra, Traz os Montes. —Vide *Lamas d'Orelhão.*

SANTA COMBA DE BASTO—mosteiro antiquissimo, Minho, na freguezia de S. Miguel de Refojos de Basto. (Vide o 1.º *Refoyos.*)

Este mosteiro, era de freiras benedictinas, e foi fundado no 6.º ou 7.º seculo christão.

Dizem alguns escriptores, que este mosteiro foi de vestaes, no tempo dos romanos[1] e que, expulsos estes da Lusitania, esteve o mosteiro abandonado uns cento e tantos annos, até que se purificou, transformando-se em convento de monjas beneditinas.

Ignora-se quando deixou de existir este convento, mas é certo que já estava abandonado no principio da nossa monarchia.

Suppõem alguns, que Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadindo a Lusitania, em 985, destruindo muitas povoações e assassinando todos os christãos que pôde agarrar[1] veio a este mosteiro, onde assassinou todas as religiosas, e *Santa Comba*, sua abbadessa, desmantelando a egreja e o mosteiro[2].

Isto não está satisfatoriamente provado (vide a nota) mas é certo que este mosteiro deixou de existir ha mais de oito seculos.

Tudo nos leva a crer que existiu n'este logar, ou muito proximo, uma povoação romana, com fôro de *municipio*, e não é pois inverosimil que existisse aqui o tal mosteiro de vestaes.

Em 1805, frei Bento de Santa Gertrudes, monge do convento beneditino d'esta freguezia, achou nas ruinas do mosteiro de Santa Comba, uma inscripção romana, que copiou e mandou para a Academia real da historia, e é a seguinte:

.....CAES. M.
..... TONIO
.....RDIANO
....G. PIO. P. P.
.....CRATVM
.....R. M. VAL
.....RVM. ET.
.....VAL. PRO
.....LINVM. E
.....PRAEF

O doutor Emilio Hubner (*Noticias ar-*

[1] *Vesta*, divindade mythologica, era, segundo a Fábula, filha de Saturno e de Ops, ou Cybele. Tinha dous templos em Roma; Rómulo, fundou um d'elles, e Numa Pompilio o outro. Numa consagrou-lhe sete virgens, denominadas *vestaes*, que eram obrigadas á mais rigorosa castidade, e que conservavam o *fogo sagrado*, perpetuamente accêso no templo. Este fogo era renovado todos os annos, nas kalendas de março, pela acção dos raios do sol. Se as vestaes faltavam ao seu dever, com respeito a estes dous pontos, eram enterradas vivas.

Em *Chellas* (freguezia do Beato, termo de Lisboa) houve outro mosteiro de *vestaes*. (Vide 2.º vol., pag. 287, col. 2.ª, no fim.)

[1] Foi n'este anno de 985, que Braga, Lamego, Viseu, Coimbra e outras povoações fortificadas, cahiram em poder do feroz Al-Mançor, que as arrasou e incendiou.

[2] A *Monarchia Lusitana*, diz que este mosteiro era proximo a Lamego: talvez fundasse esta asserção em que n'este mesmo anno de 985, Al-Mançor assassinou todas as freiras do mosteiro de *Sismiro* (junto a Trancoso) e lhe destruiu o mosteiro, como fez a outros muitos.

Isto concorda com o que deixo dito no penultimo periodo, col. 2.ª, de pag. 364 do 2.º vol. Note-se porem que o martyrio d'esta Santa Comba (Dão) e das suas freiras, teve logar a 19 de fevereiro de 982, e portanto, mais de 3 annos antes do martyrio de Santa Comba, de Basto. Deixo estes mysterios historicos para serem explicados por individuos mais competentes do que eu.

cheologicas de Portugal. pag. 81) completa do modo seguinte esta inscripção :

IMP. CAES. M.
ANTONIO
GORDIANO
AVG. PIO. P. P.
CONSECRATVM
PER M. VAL
CARVM. ET.
M. VAL PRO
CVLINVM. E
IVS. PRAEF.

Termino este artigo, observando aos meus leitores que—se não está provado o martyrio de Santa Comba, n'este mosteiro, mas sim no de Santa Comba Dão; está plenamente provado que existia aqui um mosteiro de monjas benedictinas.

Ha porem uma circumstancia em ambos estes mosteiros de Santa Comba, que não comprehendo. Pois, se desde o martyrio d'estas duas Combas, os seus mosteiros deixaram de existir, como é que já em 982, ou 985, tinham a invocação de *Santa Comba*? Quem havia canonisado estas duas santas abbadessas, mesmo antes da sua morte, para as fazer padroeiras dos seus conventos?

Quem escreve das nossas cousas antigas, quantos mais livros consulta, quanto mais enleado se vê muitas vezes!

SANTA COMBA DÃO.—Esta villa, já está descripta a pag. 364, col. 2.ª, do 2.º volume. Os compositores, por um d'aquelles enganos vulgares em obras de grande extensão, não paginaram duas columnas ou *graneis*, o que me obrigou a fazer uma repetição, a pag. 464, col 1.ª, do mesmo 2.º volume, sob a palavra *Dão*. (É preciso ver tambem *Santa Comba de Basto*—a antecedente.)

Em junho de 1876, se abriu n'esta villa, uma estação telegraphica, de serviço limitado.

SANTA COMBINHA. — Vide *Combinha (Santa.)*

SANTA CRUZ.—Vejam-se as *Cruzes*, que principiam a pag. 451, col. 1.ª do 2.º vol.

SANTA CRUZ DA BATALHA.—Esta villa e freguezia, já fica descripta a pag. 348, col. 2.ª (no fim) e seguintes do 1.º volume. Aqui accrescento mais.

O concelho da Batalha, pertence actualmente á comarca de Porto de Moz.

O julgado da Batalha, foi supprimido por decreto de 23 de dezembro de 1873, sendo annexado ao de Porto de Moz.

Affonso Domingues, constructor do sumptuosissimo mosteiro dominicano, d'esta villa, era natural de Lisboa, nascido e baptisado na freguezia da Magdalena.

D. João I, querendo levantar este edificio, no mesmo sitio onde teve logar a batalha, ou proximo a elle, comprou a Egas Coelho e sua mãe, Maria Fernandes de Meira, a *quinta do Pinhal*: o que consta da carta de doação que fez ao mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, em Coimbra, a 14 de janeiro da era de 1436 (3 de janeiro de 1398 de Jesus Christo.)

A tal quinta, abrangia o logar onde está o mosteiro, parte da cerca actual, e alguns terrenos, onde se fizeram as necessarias officinas, para os differentes artistas que trabalhavam na obra, e foram as casas d'estas officinas que deram principio á villa.

—

Foi a Batalha elevada a parochia independente, em 14 de setembro de 1512, pelo bispo da Guarda, D. Pedro, que era D. prior-mór de Santa Cruz de Coimbra. E como o dia da creação da parochia, era o da *Exaltação da Santa Cruz*, ficou sendo padroeira, e é dia santo de guarda na freguezia.

Como consta de uma inscripção que está na porta principal da egreja matriz, debaixo das armas do rei D. Manuel, foi elle que mandou construir este templo, em 1532[1], ficando os freguezes obrigados á fabrica do corpo da egreja, e os bispos de Leiria, á da capella-mór, que é de abobada.

O parocho, como disse no 1.º volume, era apresentado pelo bispo, que, até 1834, lhe dava de *ordinaria*, annualmente, 40 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho, e 8$000 réis em dinheiro, o que tudo regulava por

[1] D. Manuel, determinou no seu testamento, que, á custa da sua herança, se construisse esta egreja; mas, só dez annos depois da sua morte (elle falleceu a 13 de dezembro, de 1521) é que a obra se concluiu.

50$000 réis, alem do pé de altar. Não tem casa de residedcia.

—

No altar da Santissima Trindade, se instituiu uma irmandade do mesmo titulo.

Como em Leiria, pelas festas do Espirito Santo, havia aqui, no domingo da Santissima Trindade, corridas de touros, e bôdo aos pobres e romeiros.

As rendas d'esta irmandade, são apenas as esmolas e offertas. É muito antiga, e já em 1536, se mandou que não comprassem touros bravos, para o referido bôdo, mas sim rezes mansas.

—

Ha n'esta villa da Batalha, um hospital, proxímo da egreja parochial, e junto da ermida de Nossa Senhora da Victoria.

Tem de renda annual, uns 30$000 réis, e obrigação de dar agasalho a pobres e peregrinos.

Tem tumba, confrades e um provedor, que acompanha os defunctos, com vestes da Misericordia, e vara preta. Tem mais, um escrivão, um mórdomo, um andador, e um coveiro.

É uma instituição muito antiga, e ainda conserva o seu compromisso, feito em 1427.

O bispo D. Diniz de Mello, lhe quiz ordenar a irmandade da Misericordia, mas nunca os moradores da villa se concordaram para este fim.

—

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

1.ª *Nossa Senhora da Conceição*—abaixo do logar das Brancas, junto á estrada que vae para Porto de Môz, e no mesmo sitio onde existiu outra muito antiga, da mesmo invocação. Sempre teve confraria e compromisso.

Tem de renda annual, 3$230 réis, em dinheiro, oito alqueires de trigo, e algumas missas de obrigação.

A ermida é de abobada, e tem um só altar, a sachristia e um sino pequeno.

2.ª *Santo Antão, abbade*—junto ao logar da *Faniqueira*,

É antiquissima. Tem confraria, mas não tem rendas.

3.ª *S. Bento*—no logar da Cividade, tambem muito antiga.

Tem sachristia e um alpendre, feito em 1582. Tem uma confraria de defunctos, da albergaria do Aforadouro, a qual tinha compromisso e obrigações, como a da Torre, e ainda conserva o tombo, em pergaminho, feito em 1513.

A casa d'esta albergaria, está proxima ao ribeiro de S. Bento.

4.ª *Senhor Jesus*—no logar da Golpelheira. Estão aqui instituidas duas capellas de missas; uma por Diogo Frade, com obrigação de 20 missas cada anno, e o possuidor da fazenda obrigado á fabrica da ermida. A outra capella tem a obrigação de 50 missas em cada anno.

Foi instituida por Pedro Gomes, escrivão da chancellaria do reino, que foi o fundador d'esta ermida.

Não tem sachristia, nem alpendre.

5.ª *Santa Maria Magdalena*—por cima da villa, e na estrada que vae para a *Boutaca*.[1]

Foi construida em 1572, e dotada por um devoto, sendo bispo D. frei Gaspar do Casal.

6.ª *Nossa Senhora da Consolação*—no logar da Canoeira. Tem obrigação de 15 missas annuaes, por uma capella que instituiu em vinculo, Matheus Trigueiros.

As fazendas obrigadas a estas missas, e tambem á fabrica da ermida, são sitas no mesmo logar da Canoeira.

7.ª *S. João Baptista*—logo abaixo do dito logar da Canoeira. Tem confraria, e á fabrica da ermida, são obrigados os moinhos que foram de D. Maria de Sousa, do Arrabalde da Ponte, (Leiria) e os herdeiros de João Rodrigues, da Canoeira.

8.ª *Santo Antonio de Lisboa*—no logar de Bico-Sachos. Foi fundada por o padre Jeronymo Ribeiro, em 1625.

9.ª *S. Sebastião, martyr*—no logar do Freixo. É antiquissima; não tem rendas, e está em ruinas.

[1] Deu-se o nome de *Boutaca* a esta aldeia, por aqui ter vivido alguns annos, empregado nas obras do mosteiro, o famoso Boutaca, architecto do templo e mosteiro dos Jeronimos, de Belem.

10.ª *Santo Antonio de Lisboa* — no logar da Rebolaria. Tem sacramento, e o povo do logar é obrigado á sua fabrica.

Foi feita em 1643.

11.ª *Nossa Senhora da Victoria* – da qual adiante trato mais detidamente.

Salinas da Batalha

No 1.º vol. pag. 486, col. 2.ª, sob a palavra *Brancas*, disse que havia aqui vestigios de salinas, ou marinhas de sal, e que *tinha cessado esta exploração, pelos pesados tributos que lhe impoz a camara de Leiria*; porem no *Couseiro* (pag. 114) impresso em 1868, se lê:

«Alem da villa da Batalha, e da ermida da Conceição, defronte do logar das Brancas, do rio para alem, estão as salinas *em que se faz sal, o melhor do reino*. Corre a agua por um cano de pau de pinho, porque só este se conserva, e no principio lhe pozeram um de ferro, por onde sahisse a agua, a qual o consumiu brevemente.

Cáe a agua em um poço, o qual nunca se enche; mas, em chegando a agua ao nivel, não passa para cima.»

«Não ha noticia d'onde nasce esta agua, e o sitio dista trez leguas, ou quasi, do mar.»

«Do poço, tiram a agua com caldeirões de pau, e por *cáes* (calles) a vão repartindo por *talhos* que estão feitos, em que se coalha, e é cousa para ver, quando estão com agua e com o sal.

«Os ditos *talhos*, são de pessoas particulares. Os officiaes da camara, vão todos os annos visitar e devassar, e tem um sacco de sal grosso e um alqueire do fino, cada um, de *ordinaria*.»

«No mesmo caminho, que vae para Porto de Móz, estão outros olhos de agua salgada, mas não se aproveitam, por terem misturada agua doce.»

«Paga-se o dizimo do sal, como das mais novidades.»

«El-rei D. Sancho, mandou, por uma provisão sua, que do seu sal se pagasse dizimo; cuja cópia authentica, está no livro intitulado *Das cartas e papeis, pertencentes ao bispado*, (de Leiria) a folhas 80, v.»

«Este rei, foi o segundo do nome, e que começou a reinar, no anno de 1223.»

Vide n'este 8.º vol., a pag. 203, col. 2.ª, onde trato das salinas de Rio Maior.

Estas salinas, ficam 40 kilometros ao S. E. das da Batalha, e provavelmente são derivadas da mesma nascente.

Notemos que o tal livro a que me refiro, intitulado—*O couseiro, ou memorias do bispado de Leiria*, foi escripto nos principios do seculo XVII, um por clerigo, regular ou secular, cujo nome se ignora. Sabe-se apenas que o auctor existia no anno de 1605, porque, no cap. 5.º diz:—*Em meu tempo, no anno de 1605, etc.*—e do capitulo 10.º consta que ainda vivia em 1657.

Era varão de grande importancia no seu tempo, pois do capitulo 148.º, consta que foi árbitro, entre os bispos, D. Pedro Barbosa d'Eça, e D. Diniz de Mello, na contenda que entre si tiveram, por causa de umas contas.

Como já disse, foi publicado em 1868, e anotado pelo cardeal, D. frei Francisco de S. Luiz, e por *um ecclesiastico do mesmo bispado de Leiria*, que se não nomeia.

Ermida de Nossa Senhora da Victoria

Quando D. João I deu principio ao grandioso mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, da Batalha, mandou fazer junto a elle, uma ermida da mesma invocação, para que o grande numero de pedreiros, cabouqueiros e servidores, não tivessem de ir á missa, ás egrejas de Porto de Móz, que fica a 9 kilometros de distancia.

Esta ermida communica com o mosteiro, por uma porta interior.

No tempo dos frades, todos os dias se dizia missa n'esta ermida.

Tem trez altares—no principal, e em um retabulo de marmore, está a imagem da padroeira. Os lateraes, são—um de S. Jorge, e o outro de S. Domingos.

Antigamente eram enterrados n'esta ermida, a maior parte dos habitantes da villa.

Várzea

Várzea é o nome de uma grande quinta,

proxima ao Valle do Hôrto, e que é pertença do mesmo mosteiro. Tem campos de terra lavradia, moinhos, e um lagar de azeite.

É um logar muito aprasivel no verão, e aqui vinham passar as férias e *aliviações*, os frades do mosteiro, e para isso, tinha o edificio, cellas e outras officinas.

A quinta é abundante d'aguas, e dentro d'ella está a ermida de S. Gonçalo.

Residia aqui sempre, um religioso da ordem, *leigo*, ou *converso*, para ter cuidado no amanho das terras, na administração dos moinhos e lagar, e na cobrança das rendas.

SANTA CRUZ DO MARMELLAL (ou **VERA CRUZ DO**) — aldeia, Alemtejo, no termo e concelho de Portel.

Ha aqui um rico templo e um bom palacio, que foi dos bailios da ordem de Malta.

Fazem-se n'esta aldeia duas grandes feiras annuaes, uma no 1.º de maio, e outra a 14 de setembro.

Além d'estas, faz-se, mesmo em Portel, uma concorridissima feira, que principia no ultimo sabbado d'agosto.

SANTA CRUZ DA VILLARIÇA — antiga villa, Traz-os-Montes, junto á ponte do Sabôr.

Entre os rios Douro e Sabôr, havia no principio do seculo XII, uma villa, denominada *Santa Cruz da Villariça*, que foi arrasada então pelos mouros.

D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a reedificou em 1040.

Fica a 5 kilometros da actual villa da Torre de Moncorvo.

A villa de Santa Cruz, além de ser doentia e falta d'aguas, era aberta, pelo que os seus habitantes a foram pouco a pouco abandonando, para hirem residir na nova povoação da Torre de Moncorvo, que, além de estar em melhores condições de salubridade e fertilidade, tinha uma fortaleza que a protegia.

D. Affonso II, a 8 dos *idos* de junho, da era de 1263 (29 de maio de 1225 de J. C.) mudou para a Torre de Moncorvo, a villa de Santa Cruz, com o seu foral e todos os seus privilegios.

Santa Cruz, completamente abandonada, cahiu em ruinas, e d'ella apenas restam vestigios de antigas muralhas, restos da egreja (á qual hoje dão o nome de *Derroída*) e de algumas casas de habitação.

É preciso vêr, no 5.º vol., pag. 382, col. 1.ª—Vide tambem *Sabôr* e *Villariça*.

SANTA EUFEMIA—formosa capella, Extremadura, na serra de Cintra, onde se faz em setembro uma devota e muito concorrida romaria.

O sitio é summamente pittoresco.—Vide *Cintra*.

SANTA EUFEMIA—Vide *Sorval*.

SANTA EUFEMIA — Vide *Eufemia* (Santa) no 3.º vol., pag. 87, col. 1.ª (a 2.ª *Eufemia*). Alli disse, por mal informado, que o logar de *Touris* era na freguezia de Real, quando pertence á de S. Pedro do Paraizo, que é contigua. No mais está certo.

SANTA EUFEMIA—Vide *Eufemia*, ou *Euphemia*, vol. 3.º, pag. 87, col. 2.ª, no principio.

SANTA EUGENIA—Vide *Eugenia* (*Santa*).

SANTA EULALIA (castello de)—Vide 5.º vol., pag. 513, col. 1.ª—e a 1.ª *Santa Valha*.

SANTA EULALIA — Beira-Alta. — Vide *Couto de Baixo*.

SANTA EULALIA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. Vide *Arnôzo* (o 2.º) e *Mosteiro de Arnoso*.

Ha n'este concelho trez freguezias d'*Arnôzo* — Nossa Senhora da Conceição, Santa Eulalia, e o Salvador. Esta ultima, está ha mais de 100 annos annexa á de Santa Eulalia. A extincta freguezia do Salvador, chamava-se antigamente *Mosteiro d'Arnôzo*, e ainda alguns chamam á freguezia de Santa Eulalia, *Mosteiro de Arnôzo*.

SANTA EULALIA— freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Em 1757, tinha 90 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O bailio de Léça (*Léça do Bailio*), da ordem de Malta, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está ha muitos annos an-

nexa á de *Refojos do Lima.* (Vide esta palavra.)

SANTA EULALIA—freguezia, Douro, na comarca e concelho d'Arouca.

Já fica descripta no 3.º vol., pag. 87, col. 2.ª—Aqui accrescento:

O orago da freguezia, é *Santa Eulalia de Mérida.*

Ha n'esta freguezia, sete capellas — a de *Santo Antonio do Burgo*, de que já tratei; *Nossa Senhora do Monte*; *S. Mamede; Santo André*, e *S. João Baptista* — todas publicas —e *Nossa Senhora da Conceição*, e o *Senhor d'Ámilo;* particulares.

O sitio onde está a capella de S. João Baptista (a aldeia de *Vallinhas*) é um alto cabêço, coberto de arvoredo. Foi aqui que Éxa Martim julgou pôr em segurança, sua mulher e as bagagens, quando principiou a batalha contra D. Affonso Henriques; mas lá foi D. Egas Moniz, e aprisionou tudo. Vide *Arouca.*

SANTA EULALIA DE CONSTANCE—Vide *Eulalia de Constance* (*Santa*) e *Marco de Canavezes.*

SANTA EULALIA DE OLIVEIRA—Vide *Oliveira do Douro.* 6.º vol., pag. 274, col. 2.ª

SANTA EULALIA—para todas as mais Santas d'este nome, vide *Eulalia* (*Santa*).

SANTA IRÍA—Vide *Iría* (*Santa*).

SANTA IRÍA—Vide *Iría* (*Santa*) e *Ribeiro de Santarem*

SANTA IRÍA—Vide *Iría* (*Santa*) ou *Póvoa de Santa Iria.*

SANTA ISABEL—freguezia, Extremadura, extramuros de Lisboa, e na sua comarca, districto e patriarchado, mas no concelho de Belem. Tem 150 fogos. Vide *Belem*, e *Lisboa.*

SANTA JUSTA—Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Justa* (*Santa*).

SANTA LEOCADIA—Vide *Leocadia* (*Santa*).

SANTA LUCRECIA—Vide *Lucrecia* (*Santa*).

SANTA LUZÍA—monte, Minho, na freguezia de Areosa, concelho, comarca e districto de Vianna. (Vide *Afife.*)—Tambem a este monte se dá o nome de *Cividade.*

Nas palavras *Afife* e *Britonia*, mencionei este monte, que fica 4 kilometros ao N.N.O. da cidade de Vianna; mas, depois de publicado o 1.º volume d'esta obra, tem-se aqui feito varias escavações, e como é um objecto de grande importancia archeologica, darei d'ellas algumas resumidas noticias.

—

Como já disse no logar competente, existiu aqui (segundo varios escriptores dignos de credito) uma antiquissima cidade romana, da qual ainda restam claros vestigios; porém já antes dos romanos, aqui existiu uma povoação—provavelmente celta — cujo nome tambem se ignora, e da qual se encontram muitos vestigios.

Todo o povo d'estes arredores sabia, por tradição constante, de paes a filhos, que n'este monte existia uma *grande cidade*, e por isso ainda a este monte denominam *Cividade;* mas, como depois se construiu aqui uma ermida dedicada a *Santa Luzia*, se foi, pouco a pouco, perdendo a antiga denominação, que foi substituida pela da Santa.

Como o nosso povo attribue aos árabes todas as construcções de remota antiguidade, dizia que esta cidade fôra edificada pelos mouros.

—

É o monte de Santa Luzia, uma projecção da grande serra d'Arga, que, com bons fundamentos, se suppõe ser o *Medulio*, dos romanos. (Vide *Arga* e *Medulio.*)

Segundo a divisão dos condados d'Entre o Douro e Minho, feita no reinado de D. Fernando Magno, de Castella e Leão, pelos annos de 1026 (vide 1.º vol., pag. 494, col. 1.ª) esta povoação e outras muitas de que ha vestigios em varias partes da referida serra d'Arga, estava dentro da circumscripção da famosa cidade de Britonia.

A *Chronicá do rei D. Affonso, o Sabio, de Leão* (2.ª parte, cap. 51) diz que—Theodomiro, rei dos Suevos (564 a 570) fez a divisão dos bispados de Galliza; e, tratando dos bispados de Tuy (vide *Braga*) diz a

paginas 194, col. 1.ª, no principio — *El Obispado de Tuy, tenga, desde esse lugar, em todas las Iglesias en derredor, Fasta Correlli, Tolvenga, Ludapara: esta es Espaga, Aynome, Sagrica, el Vilione, Çabda, y todo lo al que y es pertenece al Obispado de Bretonica. El Obispado de Bretonica, tenga las Iglesias que en derredor della son, entre los Bretenes deso uno con el gran Monasterio fasta el rio de Oca.*

Vê-se pois d'esta divisão, que o bispado de Britonia confinava com o de Tuy, e este incluia todo o territorio d'entre o Lima e Minho, e portanto, a serra d'Arga.

É provavel que uma das povoações nomeadas n'aquella divisão, seja a que existiu no monte de Santa Luzia, nenhuma das quaes já hoje existe, ou, pelo menos, mudou de nome, ignorando-se a qual das actuaes pertence o antigo.

—

Em 1857, visitei esta *povoação morta*, e em 1865, não só tornei a este monte, como percorri varios pontos da serra d'Arga, onde me disseram que havia restos de *cidades mouriscas*. Vi, é verdade, bastantes vestigios de construcções antiquissimas, porém, para poder dar aos meus leitores alguma noticia mais circumstanciada, era preciso que eu dispozesse de muito tempo e de muito dinheiro; e ambas as cousas me faltavam. Mesmo assim, do pouco que examinei, dou noticia, em varios logares d'esta obra, segundo os nomes antigos ou modernos, com que são designadas as localidades onde existem esses vestigios.

—

O desmazêlo dos nossos governos, de todos os tempos, junto ao das auctoridades d'estes sitios, deixaram em completo abandono, e sem a minima investigação, esses restos de povoações construidas por os povos desconhecidos, que nos precederam, na Lusitania.

—

O monte de *Santa Luzia*, fica 680 metros acima do nivel do mar.

É encantador o vasto panorama que se gosa do seu cume; já vendo-se ao sopé, a formosa cidade de Vianna, e as pittorescas aldeias que, por entre frondoso arvoredo, povoam as duas margens do Lima, tudo ao S. e S.E., já a sequencia interminavel de povoações, templos, campos, bosques e granjas, que orlam a estrada real, que de Vianna vae a Caminha, na direcção N., e que d'alli, fazendo um angulo obtuzo, segue a direcção N.E., para Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção, Melgaço, etc.[1] — Tambem d'este ponto se avista, ao O., uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

Em 11 de abril de 1877, o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, esclarecido presidente da *real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes* (a cujo numero tenho a honra de pertencer), subiu ao cume do monte de Santa Luzia, e n'elle achou grande numero de ruinas, de casas circulares, já rentes com o nivel do solo. Facilmente obteve licença da camara de Vianna, para fazer escavações, e, coadjuvado pelos srs. Francisco Camacho, e Miguel de Souza, que lhe arranjaram alguns operarios, principiou o desentulho de algumas ruas, que estavam apenas cobertas de terra, da altura de $0^m,62$, desobstruindo-se tambem o recinto de algumas *casas* irregulares, umas com o diametro de $5^m,25$, outras com $3^m,82$; e cujas paredes tinham a espessura de $0^m,38$, formadas de duas ordens de pedras quasi cubicas, de $0^m,18$, por $0^m,21$, sem nenhuma argamaça.

Tambem appareceram algumas *casas* de fórma oval, mas em pequeno numero.

As muralhas que circumdavam estas construcções, ainda em alguns sitios conservam a altura de um metro.

Nem todas as casas estão dentro do recinto das muralhas, algumas d'ellas se veem *ex-*

[1] Ainda ao O. da estrada real de 1.ª classe, de que fallo no texto, segue a mesma direcção, e parallelamente, o caminho de ferro do Minho, que já chega (junho de 1879) á freguezia de Segadães (ou Cristello-Côvo), 3 kilometros ao O. da praça de Vallença.

tra-muros, dos lados do O. e N., dispostas irregularmente.

A grande extensão occupada por estas ruinas, não só indica o augmento progressivo da população primittiva, mas tambem que, não receiando já hostilidades, aproveitavam os terrenos mais bem situados, e proximos da primeira fundação, para os habitar.

Só achou duas *casas* de fórma quadrada, sendo uma d'ellas circumdada por uma parede de 100 metros de cada lado.

Dentro d'este quadrado, achou o sr. Possidonio, cinco *casas* circulares, com a entrada para o E.

O lugar em que estão estas construcções, é o que domina a foz do Lima, e a actual cidade de Vianna.

Dentro da casa mais pequena, achou duas medalhas, uma de bronze, outra de cobre.

N'uma d'ellas, está bem visivel uma efigie, com a corôa raiada.

Junto a uns penedos, com varios riscos, feitos a picão, em fórma de cruzes, está um *men-hir* (anta) de uns cinco metros de altura, tendo sobre a face do S., tambem gravada, a fórma de uma cruz.

A pouca distancia d'este monumento megalithico, vê-se outro, formando um *croulech* (dolmen) composto de seis pedras.

—

Apezar da incontestavel competencia do sr. Possidonio, na materia, estou persuadido que as construcções a que elle chama *casas*, pertencem á mesma época dos *men-hires* e *cronlechs*, e são *carns*, isto é, tambem monumentos megalithicos, construidos pelos celtas, ou pre-celtas.

Não tinha noticia da existencia de um dolmen n'este sitio, mas de outro, ainda hoje perfeitamente conservado, 10 kilometros ao N. do monte de Santa Luzia, e na freguezia de Gontinhães, que vi e desenhei, em 1857.

(Vide *Ancora*—rio e freguezia—e *Gontinhães*.)

Os padres Carvalho e Cardoso, nas suas *Chorographias*, não se occupam de monumentos pre-celtas; e D. J. Contador de Argote, nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, diz que na provincia de Entre-Douro e Minho, não existem dolmens (porque não tem noticia d'estes dois.)

Ora, eu, que percorri, por espaço de *treze* mezes, a cordilheira, que partindo do monte de Santa Luzia, e correndo de S. a N., abriga, pelo E., as freguezias de Ariosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Mollêdo, Christêllo, Portella (ou Villarêlho) até á villa de Caminha, e que examinei detidamente tudo quanto por alli havia que me parecesse digno de nota, encontrei — principalmente nas freguezias do Mollêdo e Christêllo—grande numero de *carns*, a que o povo d'estes sitios chama *cerrados dos mouros*; e que, pela sua singela construcção, demonstra mais antiguidade do que os do monte de Santa Luzia; mas evidentemente nunca podiam ser *casas* de habitação, pois não são mais do que recintos, de differentes fórmas e tamanhos, fechados por uma linha de pedras (de granito ou schisto) *espetados* perpendicularmente—alguns perfeitamente conservados—e que bem deixam ver que nunca tiveram, nem podiam ter mais altura.

(Para evitarmos repetições, vide, além de *Ancora*, *Christêllo*, 2.º vol., pag. 111, col. 1.ª, 449, col. 1.ª—e 5.º vol., pag. 371, col. 1.ª)

As *casas* do monte de Santa Luzia, quanto a mim, são *carns* mais modernos, e de melhor construcção; provavelmente, da mesma época dos do monte do *Crasto*, na freguezia de Romariz, na comarca da Feira.

(Vide *Castro* ou *Crasto*, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª)

Notemos tambem, que em todo o litoral, desde Vianna até Caminha (ao qual os nossos antigos chamavam a *Marinha d'Ancora*) ha muitos e claros vestigios de monumentos de remotissima antiguidade, não só em construcções, como até nos nomes de differentes localidades, como *Sapôr*, *Médo*, etc., e mais modernos, mas tambem anteriores á nossa monarchia, como *Valle d'Azares*, *Batalhoz*, e outros, que ficam mencionados nos logares acima citados; o que prova que estes sitios foram incontestavelmente habitados, desde tempos remotissimos, por povos, cuja denominação hoje ignoramos.

—

Continuemos com as descobertas do sr. Possidonio.

Dentro d'estas construcções, encontrou varios fragmentos de objectos de barro, de differentes qualidades, feitios e cores, sendo o barro misturado com mica, materia abundante n'estes sitios.

Estes objectos (louça) foram feitos ao torno, e, pela perfeição dos filetes e gommos, que ornam o exterior, demonstram que o povo que o construiu, estava bastante adiantado em civilisação. [1]

Os *adôbos* são quadrados, tendo a côr muito rubra, e todos mostram um rebordo, no qual ha um entalhe, para sobrepôr á junta e ficarem mais unidos.

Teem som metalico, e foram encontrados no centro das casas, e de um dos lados, teem ferrugem.

Achou carvao vegetal, ferro e cobre, sem se poder sober a que objectos pertenceram.

Encontrou «em poucas casas, couceiras, com encaixe circular, no qual girava a porta, e outra pedra, com rebaixe para bater, *d'época mais recente,* [2] *porque, pela maneira como se mostra ter sido feita a construcção antiga das casas, não podiam estas ter portas nem janellas.*» [3]

Não encontrou ossos humanos, nem de qualquer animal irracional, n'estas escavações.

Pela tal ou qual perfeição das pedras faceadas d'estas ruinas, é certo que já pertencem á *edade do ferro.*

As construcções, de differentes fórmas e tamanhos. são em numero de 1:600, pouco mais ou menos, abrangendo um espaço de quasi dois kilometros de comprimento e um de largo.

Os lavradores d'estes sitios, teem d'aqui tirado grande numero de carradas de pedra, para vedarem as suas tapadas.

Diz o sr. Possidonio: —«Em vista d'esta importantissima descoberta, *ou se verifique ou não, ser este o sitio da antiga Britonia,* etc.»

Não é, não senhor. Posto que hoje se não saiba com certeza a situação exacta da antiga Britonnia, sabe-se todavia que era sobre uma das margens do rio Lima (ou talvez sobre ambas.)

Vide *Britonia do Lima.*

No reinado de D. Fernando, de Leão (1026) se procedeu á divisão do *condado* d'Entre o Douro e Minho, e n'esta divisão se lê:

(Traducção.)—«Principia (o condado) no lugar, cabeça (foz) do Minho, onde o tal rio entra no mar, e o rio Froylano (hoje Coura) entra no Minho (Caminha.) *D'alli vae correndo pela costa do mar até á foz e cabeça do rio Lima* (hoje Vianna) *e d'alli, pelo mesmo rio Lima acima,* ATÉ BRITINIA, ONDE ANTES FOI BRITONIA, etc.

(Vide no 1.º vol., pag. 494 e seguintes.)

—

Pelos annos 970 de J. C., o feroz Abou-Amer, cognominado *o Almançor,* vendo os christãos entretidos com as guerras reciprocas, entre D. Bermudo II, rei da Galliza e Asturias, e seu primo, D. Ramiro III, rei de Leão, invadiu a Lusitania, pondo tudo a ferro e fogo, e, chegando a Britonia, os seus moradores lhe resistiram tenazmente, sendo esta cidade a que mais heroica resistencia lhe oppoz; mas, por fim, teve de ceder á enorme desproporção do numero.

Os mouros, furiosos, arrazaram de tal modo a cidade, que nem d'ella hoje restam vestigios.

«A maior parte dos britonenses, foram mortos ou captivos, e os que poderam escapar, foram estabelecer-se em um alto mon-

[1] Talvez que estes artefactos de barro, fossem fabricados pelos povoadores da primitiva Vianna, que era aqui.

[2] Estamos no mesmo caso da nota antecedente.

[3] Nenhum *carn* tinha porta, ou *cortadura* para entrada, nem d'ella precisavam, saltando-se por cima, visto que a sua maior altura (nos mais modernos) nunca excedia a 0,^{m}88.

Os mais antigos, nem tinham as pedras unidas, pelo que, pelos espaços entre uma e outra pedra, collocada perpendicularmente, com a maior facilidade se podia entrar e sahir.

São estas as taes construcções a que o povo d'estes sitios chama *cerrados dos mouros.*

te, na costa do Oceano Atlantico, 4 kilometros ao N. N. O. da foz do Lima, e 2 ao E. do mar, *no sitio onde hoje existe a capella de Santa Luzia, e ahi edificaram uma povoação, a que deram o nome de Vianna.*» [1]

«Passados annos, e expulsos os mouros de toda a Lusitania, foram os povos da primitiva Vianna, pouco a pouco, estabelecendo-se na planicie que fica ao sopé do monte, do lado do S., proximo á foz do Lima, e sobre a margem direita d'este rio; e se foi despovoando a antiga Vianna, por ser o sitio d'ella, escabroso e esteril.»

«Assim lançaram os fundamentos á moderna cidade de Vianna, *e da velha, apenas restam ruinas.*»

«Em 1258, passando o nosso D. Affonso III, pela velha Vianna, e vendo o estado de abandono em que estava, e a impropriedade de tão inhospito sitio, para uma povoação, a mandou remover, para o sitio da actual Vianna, *aproveitando muitos materiaes da antiga*», etc.

Em Vianna, serei mais explicito.

—

Ao meio da encosta do monte, do lado do S., existe uma mina (que o povo diz construida pelos mouros) para a qual ainda se distinguem as rampas, bem traçadas, do lado do O., e é a unica nascente d'agua d'este monte.

O sr. Possidonio propoz á camara de Vianna as providencias necessarias, para obstar á total destruição d'estas antiguidades; sendo attendido pelo presidente, o sr. Antonio Pinto d'Araujo Correia, que concordou em hir ver estas ruinas, com o sr. Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, então governador civil de Vianna, e outros cavalheiros da cidade.

Com effeito, no dia 17 d'abril (do dito anno de 1877) sahiram todos, com o sr. Possidonio, em direcção ao monte de Santa Luzia, onde examinaram tudo o que era digno de exame, e resolveram estacionar alli um guarda, para que o povo não continuasse a destruir aquillo.

—

A camara continuou as escavações, dirigidas pelo sr. Felgueiras, director do collegio viannense; e n'ellas se acharam varias moedas de prata e cobre, alguns *penates*, e muitas outras preciosidades archeologicas.

Nomeou-se uma commissão, presidida pelo sr. Antonio Pinto d'Araujo, para dirigir os trabalhos de exploração, que principiaram logo em 2 de junho, e para a camara foi remettido um grande numero de moedas e medalhas, algumas em bom estado de conservação, e perfeitamente legiveis, e outros objectos que alli se hiam achando.

No principio de julho, já estavam a descoberto, treze *casas* (ou cousa que o parece) d'este monte.

—

Ha aqui vestigios de trez differentes épocas, entre as quaes medeiaram alguns seculos.

A 1.ª, pertence incontestavelmente aos tempos pre-historicos.

A 2.ª, com toda a probabilidade, aos romanos.

(Nem é de suppor que elles deixassem ao abandono, um ponto de tanta importancia militar.)

A 3.ª, com toda a certeza, é dos seculos X, XI, XII e XIII — isto é — do tempo da primitiva Vianna: (como era de esperar) ha d'este tempo mais numerosos vestigios.

—

Quando descrever a cidade de Vianna, direi o mais de que tiver noticia, com respeito ás ruinas do monte de Santa Luzia.

SANTA LUZIA—Vide *Luzia* (*Santa.*)

SANTA MARGARIDA (Lapa de)—Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca, concelho, freguezia, e 4 kilometros ao O. de Setubal.

Quasi á raiz da famosa serra da Arrabida, que fórma o cabo do Espichel—e *Promontorio barbarico* dos antigos (vide *Arrabida*) proximo á foz do Sado, e do *porto semaphorico*, no sitio onde o mar furioso arremeça as suas ondas espumantes sobre alcan-

[1] Mas este sitio já havia sido povoado em tempos remotos, por os celtas, ou outros povos, cujo nome hoje ignoramos, e talvez que depois, pelos romanos; como se póde colligir pelos vestigios de trez épocas diversas, que aqui se teem descoberto.

tilados rochedos, está uma gruta, obra da natureza, á qual se dá o nome de *Lapa de Santa Catharina*, virgem e martyr.

Segundo a tradição, a imagem d'esta santa, está aqui desde uma época remotissima.

Tem a gruta mais de 22 metros de comprimento.

A sua largura varia muito, em razão de varias outras grutas mais pequenas que se communicam com a principal; pelo que, em partes, vem a ter mais de 40 metros de largo.

Póde conter mais de 400 pessoas, e dentro rebenta uma fonte, de optima agua potavel, que nunca secca, ainda nas maiores estiagens.

O tecto está ornado de formosissimas stalactites, as quaes, vistas á luz de archotes, produzem um effeito surprehendente.

Tem uma grande rotura, por onde lhe entra o ar e a luz, e por onde tambem muitas vezes entra o mar. Á esquerda, fica a entrada da gruta.

Do alto da serra, para a lapa, desce-se por uma calçada, hoje em bastante ruina, que consta ter sido feita por um eremitão da santa.

Esta calçada vem ter a uma rocha em que bate o mar.

Tomando-se á direitá, chega se a uma varanda com assentos e parapeitos, que é o adro da ermida da gruta, descendo-se ainda para ella, 12 largos degraus.

A capella é quadrada, e se lhe fez um tecto, forrado e telhado, por causa da agua que cáe pelos intervallos ou fisgas do rochedo superior.

Tem um só altar, tendo no centro a imagem de *Nossa Senhora da Salvação*, com uma gallé na mão direita, e o Menino Jesus na esquerda.

Á direita da Senhora, está a imagem de Santa Margarida, padroeira da ermida, e á esquerda, a imagem de Santo Antonio.

Todos os marinheiros e pescadores teem grande devoção com a Senhora da Salvação.

Segundo a lenda, que é muito verosimil, fugindo um barco de christãos a um corsario mourisco, se refugiou n'este sitio.

Os mouros o perseguiram até aqui; mas, encalhando o seu barco, todos foram agarrados pela gente da terra.

É por isto, que se collocou uma gallé na mão da Senhora.

Antigamente, quando em Portugal havia mais religião e temor de Deus, todos os homens do mar, de Setubal, se encarregavam da conservação e culto d'esta ermida, e faziam á Senhora da Salvação uma grande festa annual.

Até 1834, sempre aqui houve eremitas, a maior parte clerigos, que residiam em umas casas á maneira de recolhimento, com sua cêrca, tudo feito á custa dos duques d'Aveiro, que possuem por estes sitios muitas e grandes propriedades, e immensas rendas; e eram senhores de toda a serra da Arrabida.

(Vide *Arrabida*, *Azeitão*, *Setubal*, *Villa Fresca de Azeitão*, e *Villa Nogueira*.)

—

A pouca distancia da *Lapa de Santa Margarida*, na quebrada que a serra da Arrabida faz para o O., está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, fundada por D. Magdalena Girão, duqueza d'Aveiro, filha dos duques de Ossuna (vide *Samôra-Correia*) a qual para que se soubesse que a fundação era de uma hespanhola, deu á Senhora o titulo *Del Carmen*.

É um templo vasto, tendo o corpo da egreja mais de 14 metros de comprido, além da capella-mór.

Sobre o arco cruzeiro, foram collocadas as armas dos duques d'Aveiro.

Tem só o altar-mór.

No centro está a imagem da padroeira, tendo á direita a da *Senhora da Pinha*, e á esquerda a do Menino Jesus.

Antigamente era esta capella muito concorrida, pelos povos de Azeitão, Cezimbra, Palmella, Setubal e outros, que lhe faziam grandes romarias, havendo em algumas d'ellas, além das missas cantadas, sermões, musica, fogo preso e do ar; tambem comedias, entremezes e bailes; mas, como n'isto se praticavam muitas vezes, actos menos honestos, o cabido de Lisboa, em *séde vacante*, prohibiu as comedias e bailes, em 1714, sob

pena de excommunhão-maior, por uma pastoral que mandou pregar na porta da egreja da Senhora.

A irmandade da padroeira, mandou fazer algumas casas, junto á ermida, para commodo e recolhimento dos irmãos e dos romeiros.

Sobre a verga de uma das portas d'estas casas se lê:

ESTAS CASAS MANDOU FAZER
A IRMANDADE DE SETUBAL,
E SE ACABOU A OBRA NO ANNO
DE 1611.

Até 1834, tinha esta capella um eremitão, com boas casas de residencia e sua cêrca, murada, contigua á egreja; e um capellão, que aqui dizia missa aos domingos e dias sanctificados.

A ambos dava uma *ordinaria*, a casa dos duques de Aveiro, até 1759.

A imagem de Nossa Senhora da Pinha, foi mandada fazer e collocar n'este templo, por D. Maria de Fáro, duqueza do Cadaval.

Tudo isto se vê actualmente no mais completo abandono.

(Vide *Arrabida* e *Setubal.*)

SANTA MARGARIDA DA SERRA — Vide *Margarida da Serra* (*Santa.*)

SANTA MARIA ALTA—portuguez antigo —hoje diz-se *Nossa Senhora do Pilar.*

SANTA MARIA D'ANTE NATAL—portuguez antigo — hoje diz se — *Nossa Senhora do Ó*, ou da Expectação.

SANTA MARIA DAS JUNIAS—vide *Pitões.*

SANTA MARIA DE MEINÊDO — esta freguezia do Douro, já fica descripta a pagina 160, col. 1.ª, do 5.º volume; porém, como depois pude obter curiosissimos apontamentos, de que não quero privar o leitor, os ponho aqui.

Esta freguezia foi sempre em *Terras de Lousada*, mas pertencia, no principio do seculo XVIII, á camara de Penafiel do Souza, que lhe fica 6 kilometros ao sul.

Em 572 de J. C. (sendo rei dos soevos, Ariamiro, filho de Theodomiro) era Meinêdo uma cidade episcopal, já com o nome de *Santa Maria de Magneto*, que se corrompeu em *Meinêdo;* mas durou pouco tempo este bispado, tendo só um bispo, que foi Santo Thyrso, o qual foi morto ás pedradas, pelo povo de Arrifana do Souza (hoje Penafiel) o qual ainda então era idolatra.

Ariamiro supprimiu então este bispado, unindo-o ao do Porto.

(Vide 5.º vol., pag. 160, col. 2.ª)

A invocação da padroeira, é Nossa Senhora do Pilar, antigamente *Santa Maria Alta.*

Era esta imagem de estatura agigantada e de pedra, e, em 1686, pretendendo os mordomos fazer-lhe novo retabulo, de talha dourada, como a imagem, além de muito grande, era muito antiga, e de esculptura pouco correcta, a quizeram enterrar, ao que o povo se oppoz obstinadamente, pelo que os mórdomos, que já a tinham tirado do altar-mór, onde estava, a collocaram em um dos altares lateraes.

Segundo a tradição, dava-se a esta Senhora a denominação de Santa Maria Alta, pela sua elevada altura.

Hoje a padroeira é Nossa Senhora das Neves.

Mas o primeiro padroeiro d'esta egreja, depois de Meinêdo ser elevado a parochia, foi Santo Thyrso, o tal bispo de quem já fallei, e cujo corpo está em uma capella abobadada, da parte do Evangelho, na egreja matriz d'esta freguezia.

Não se sabe quando Meinêdo mudou de padroeiro, mas, em 1553, ainda era Santo Thyrso, como consta do Tombo da egreja e couto de Meinêdo, feito a 18 de dezembro d'esse anno, que dá á freguezia a denominação de *Santo Thyrso de Meinêdo,* e declara ser arcediagado, do bispado do Porto.

(*Cathalogo dos bispos do Porto,* pelo bispo D. Rodrigo da Cunha, parte 2.ª, pag. 216.)

—

Nos seculos passados, tinha o povo d'esta provincia, tanta devoção a Santo Thyrso, que varias freguezias o tomaram para seu padroeiro.

O mosteiro de *Santo Thyrso de Riba de Ave* (de monges benedictinos) tomou a invocação d'este santo—não sendo seu padroei-

ro — por uma reliquia d'elle que poderam obter.

A egreja matriz de Meinêdo, foi primitivamente a de um antiquissimo mosteiro benedictino.

O corpo do Santo, está, na referida capella, em uma sepultura raza, sob o altar, no qual está a imagem d'elle, em vulto.

Os povos d'estes logares, quando padecem qualquer molestia, tomam terra da sepultura do santo, e misturando-a com agua, a bebem, crendo que com este remedio saram, o que muitas vezes acontece, tal é a fé que depositam n'este singular remedio.

Segundo o *Sanctuario Marianno*, tomo 5.º, pag. 40, já em 572 era padroeira de Meinêdo, *Nossa Senhora Alta*, e sustenta—contra o que diz D. Rodrigo da Cunha—que Santo Thyrso nunca foi padroeiro d'esta freguezia.

Tambem o padre Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza*, não diz que Santo Thyrso foi bispo de Meinêdo, nem martyrisado pelos da Arrifana do Souza, mas diz que o conde *Fonsa* (abreviatura de Fonseca) trouxera as reliquias d'este santo — natural de Toledo — da cidade de Constantinopla, no anno 600, onde padecêra martyrio, no tempo do imperador Décio.

A opinião mais seguida, porém, é que Santo Thyrso foi martyrisado pelos romanos, na cidade de *Apollonia*, na Thracia, em 28 de janeiro do anno 284, como já fica dito em Meinêdo.

O que é certo, é que a sua festa se faz a 28 de fevereiro.

SANTA MARIA DE NOGUEIRA -- Já está descripta no 6.º vol., pag. 104, col. 1.ª—a ultima *Nogueira* d'esta columna: aqui accrescento mais·

Pelo O. d'esta freguezia, corre o ribeiro *Almoróde*, que tem dois nascimentos—um na aldeia de Paredes, freguezia de S. Pedro de Avioso — outro na freguezia de Silva-Escura.

Juntam-se acima da ponte d'Almoróde, proximo a Nogueira, tomando então o nome d'Almoróde, que perde, mettendo-se no rio Leça, na freguezia de São Faustino, de Guifões.

Até á ponte d'Almoróde é denominado *Rio Calqueiros*, em razão de passar por uma aldeia d'este nome, na freguezia de Godim. Em Nogueira tambem lhe chamam *Rio da Pena*, nome de uma aldeia d'esta freguezia de Nogueira, e onde tem uma ponte, de pedra.

Diz o povo d'estes sitios, que o nome d'este rio, lhe provem da ponte de Almoróde, em Nogueira, onde ha uns moinhos pertencentes a um lavrador, de alcunha *Almoróde*, corrupção (segundo o povo) de *Ambrozio*, (!) nome antigo do primeiro dono d'estes moinhos.

Na minha opinião, Almoróde, é corrupção do substantivo árabe—*al-modde*—medida de cereaes, correspondente ao nosso alqueire, e que os portuguezes tambem corromperam em *almude*. (Os arabes pronunciavam *almôde*, e era facil a corrupção.) O almude veiu depois—e até aos nossos dias— a ser medida de liquidos.

O Almoróde, corre de N. a S., por espaço de 10 kilometros. Nas suas aguas se criam saborosas trutas, barbos, bógas, e algumas eirozes.

—

Desde 1869, faz-se na freguezia de Nogueira a procissão dos *Passos*, no domingo 3.º da quaresma. Para esse fim, se construiram, no caminho que conduz ao Calvario, varias capellas, representando alguns factos da *Paixão* de Christo. São cinco—1.º, *o Hôrto*—2.º, *a Prisão*—3.º, *o Senhor preso á columna*—4.º, *a coroação de espinhos*—5.º, *o Senhor no pretorio*. No Calvario ha uma outra capella, que é a da *Crucifixão*.

Todos as cinco capellas são uniformes, de bella architectura, e as figuras, em vulto, de tamanho natural; obra admiravel, e que póde competir com as melhores d'este genero, de qualquer cidade ou povoação notavel.

Tudo isto foi feito por donativos voluntarios dos moradores da freguezia.

Importou cada capella, fóra as imagens, em 100$000 réis, e as imagens, cada uma em 200$000 réis.

A capella do Calvario, que é maior, custou 150$000 réis.

Toda a pedra d'estas obras, foi extrahida

das pedreiras de Nogueira, e é um granito de optima qualidade.

—

Anda em construcção, e está quasi concluida, uma estrada á mac-adam, desde a freguezia de Nogueira, até S. Mamede de Infesta; e liga com a estrada do Porto a Braga. Atravessa as freguezias de Milheiroz da Maia, Silva-Escura, e S. Mamede de Coronado, todas ao N. de Nogueira. Termina na 3.ª estação do caminho de ferro do Minho, em S. Romão.

—

Todos os annos se faz n'esta freguezia uma esplendida festa a S. Bartholomeu, no dia proprio (24 de agosto) havendo concorridissimo arraial.

O orago da freguezia, é Nossa Senhora do Ó, cuja festa se faz a 18 de dezembro.

SANTA MARIA DA OLIVEIRA—Vide *Guimarães*, e *Oliveira* (*Santa Maria da*) no 6.º vol., pag. 255, col. 1.ª, pr.

SANTA MARIA DE OLIVEIRA—Já está descripta, sob a palavra *Oliveira*, no 6.º vol., pag. 265, col. 1.ª, pr.

Aqui accrescento mais, o que o meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, se dignou mandar-me, com respeito a esta freguezia.

—

Tem um pequeno passal e casa de residencia, que foram doados á freguezia em 1695, pelo abbade Francisco Gonçalves Cardoso.

Esta freguezia é limitada ao nascente pela de Fontellas, ao poente pelo ribeiro Sermanha, linha divisoria entre esta freguezia e a de Cidadelhe,—ao sul pelo Douro, e ao norte pela freguezia de Cediéllos e pelo monte Mourinho.

O seu solo é muito fertil e todo bem cultivado. A sua producção dominante é vinho, bom para o *baixo-Corgo;*—e tambem produz baga de sabugueiro, azeite, fructa e legumes.

A egreja matriz é um bom templo. Tem o tecto forrado de castanho com molduras em relevo, e todas douradas. Foi esta obra feita em 1763, sendo abbade, Antonio Alberto da Torre, da nobre casa das Torres, que contribuiu com valiosos donativos. El-Rei D. João v deu 600$000 réis, e o restante foi dado pela confraria e por diversos parochianos.

Desde 1695 até 1797 houve 3 abbades dignissimos. O 1.º foi Francisco Gonçalves Cardoso, que, alem d'outros beneficios relevantes prestados a esta parochia, a dotou com o passal e residencia;—o 2.º foi o mencionado Antonio Alberto, da casa das Torres, que regularisou a escripturação, creou quatro irmandades, promoveu a sua dotação, fez obras importantes na igreja e deu-lhe um orgam, sinos, etc.—O 3.º foi José Barbosa d'Albuquerque, que por escripturas feitas no Porto em 1790, 1792 e 1796, depositou na irmandade dos Clerigos a quantia de 7:200$000 réis, para com o seu rendimento se celebrar perpetuamente na egreja matriz d'esta parochia um officio de oito padres com obrigação de missa, todos os annos, pela alma dos seus freguezes, e se dar por occasião da festividade da padroeira, no dia 15 de agosto, a esmola de 2$400 a cada um de 25 parochianos pobres, de differentes estados e edades, que provem boa moral, etc.

Alem d'isto dotou a egreja com as alfaias seguintes: um calix grande de prata, com molduras abertas a buril, patena e colher, —uma caldeira grande com hyssope,—uma bacia e um jarro,—um par de galhetas,—2 thuribulos, 2 navetas e 2 colheres,—um vaso grande para as communhões,—2 chaves para o sacrario, sendo uma muito rica e enfeitada, com caixa propria,—uma ambula grande para os Santos Oleos,—uma dita mais pequena para a Extrema-Uncção,—4 calices com patenas e colheres, —um ostensorio (custodia) grande que mede quasi 4 palmos de altura, com um circulo de pedras vermelhas finas, rosas de pingos d'agua, luneta *toda de diamantes*, em uma caixa forrada por dentro de velludo vermelho, com duas almofadas de damasco de seda da mesma côr, e por fóra coberta de marroquim.

Todas estas alfaias são de prata e quasi todas douradas e lavradas.

Deu ainda mais para a egreja—um paramento branco de seda e capa d'asperges, tudo bordado,—um outro tambem de seda com capa d'asperges, de côr roxa, egualmente bor-

dado,—outro de velludo preto superior, com capa, etc., e guarnições de galão d'ouro fino;—um palio com 6 varas, — uma umbella, —um pano para o pulpito,—e um pavilhão para o sacrario, tudo de seda branca, bordada—um outro pavilhão roxo para o sacrario—6 lanternas de folha, e varas, tudo dourado. E deixou rendimentos consignados para a limpesa das alfaias e concerto dos paramentos, com a expressa condição de se não emprestarem para outra freguezia.

Em 1808, por ordem de um general francez, foram entregues ao juiz de fóra de Mezão-Frio—1 caldeirinha, 1 jarro e bacia, 1 thuribulo e naveta, 2 galhetas e 2 cruzes, tudo de prata, pesando 19 1/2 arrateis—salvando-se a custo o restante!...

—

Esta freguezia conta actualmente 180 fogos, com 700 habitantes, e a mortalidade é, termo medio, 18 a 20 fallecimentos por anno.

O seu clima é temperado e saudavel.

Ha n'esta freguezia 8 capellas que são—da Senhora da Esperança,—do Rosario (em ruinas),—Familia Sagrada,—S. José,—Santa Barbara,—Senhora da Livração,—Santa Anna,—e Senhora da Piedade, com uma riquissima imagem da Virgem.

—

Os habitantes d'esta parochia eram obrigados a ir a Mezão-Frio comprar a carne nos talhos da villa, o que lhes era altamente incommodo, e por isso requereram privilegio para terem açougue proprio, o que lhes foi concedido em 28 de dezembro de 1583, por Philippe II, de Hespanha, de execranda memoria.

—

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, e tem grandes proprietarios e bons edificios, avultando entre elles a elegante casa das Torres, toda de bôa cantaria, com duas torres, um corpo central e dous lateraes, e dous espaçosos terreiros. É seu actual possuidor o sr. Eduardo Affonso de Faria Girão.

Depois do vistoso palacete das torres é digna de menção a casa dos herdeiros de José Borges de Carvalho.

São tambem espaçosas as casas do sr. doutor José Januario d'Almeida Borges, distincto jurisconsulto, e a do sr. Luiz Pereira da Fonseca, lente jubilado da eschola medico-cirurgica do Porto, grande proprietario e pessoa de merecimento, natural d'esta freguezia.

—

Ainda pelo meiado d'este seculo havia n'esta parochia 7 presbyteros e 7 bachareis e doutores,—hoje, apesar do progresso, tem esta freguezia apenas um presbytero—o reverendo parocho, Domingos d'Almeida Pinheiro,—e um bacharel formado em direito, que é o mencionado doutor José Januario de Almeida Borges. O lente jubilado Luiz Pereira da Fonseca reside no Porto.

—

Terminaremos este artigo consignando um dos maiores disparates da nossa divisão parochial.

Indo de Mezão-Frio para a Régua, a primeira freguezia que se encontra é a de Villa Marim; segue-se a de Cidadelhe, e depois a de Oliveira, sendo estas ultimas divididas pelo Sermanha, ribeiro d'alguma força e que corre por um valle fundo e medonho, como na Ponte Cavallar e em Nostim, limitte de Cediéllos, e mesmo debaixo da povoação d'Oliveira, ha sobre este ribeiro uns penedos colossaes, escalvados e nus onde (diz a lenda) os demonios fazem audiencia á meia noite!

É o Sermanha difficil de transpor, e tanto que na confluencia com o Douro tem uma respeitavel ponte de pedra, que na linha ferrea marginal em construcção, vae ser substituida por outra, considerada uma das primeiras obras d'arte d'esta linha.

É pois o Sermanha a divisão natural d'esta freguezia d'Oliveira e effectivamente a limita a oeste, desde Cediellos até ao Douro, e vae pela margem do Douro até ás Caldas do Mollêdo, comprehendendo ainda n'estas Caldas, os *Quarteis amarellos*, e todos os banhos (da Estrada, da Lameira e da margem do rio)—mas o pequeno povoado do Granjão (onde avulta a casa do barão d'este titulo) na margem esquerda do Sermanha, não pertence a esta freguezia d'Oliveira, nem á de Cidadelhe, na outra margem do ribeiro, mas

é de *Villa-Marim, contigua a Mezão-Frio.*

Desce a freguezia de Villamarim até ao Douro e vae pela margem d'este rio, com uma pequenissima nesga de terra, isolando o logar de Cidadelhe, buscar o Granjão, alem do Sermanha!

Não se acredita facilmente.

—E ainda para cumulo do escandalo, a estrada de Oliveira para as Caldas do Mollêdo, que em parte, como dissemos, pertencem a Oliveira, atravessa o Granjão, e por consequencia terreno de Villa-Marim!...

—

(O doutor Pedro Augusto Ferreira—Abbade de Miragaia.)

SANTA MARIA DO PEREIRO—templo anquissimo, Beira Baixa, pertencente á freguezia da villa de Cinco-Villas. (Vide *Cinco-Villas*, e no 8.º vol., pag. 297, col. 2.ª, a repetição da mesma palavra.)

Fica o templo de Santa Maria do Pereiro, a pouca distancia da villa de Castello Rodrigo, na antiga comarca do Riba-Côa (hoje Sabugal). É uma egreja vasta e muito formosa, posto ser muito antiga, o que facilmente se conhece pela sua architectura.

Não sei com que fundamento, dá o povo d'aqui, o nome de *Santa Maria do Pereiro*, á padroeira d'esta egreja; e tambem alguns a denominam, *Egreja das Santas Reliquias.*

Ninguem sabe a data da construcção d'este templo, e só que é antiquissimo.

Segundo a tradição constante, houve n'este sitio, em tempos remotos, uma grande povoação, que foi abandonada e cahiu em ruinas.

Suppõe-se que foi em 1193, anno em que uma grande peste assolou estes sitios. Consta que a gente da antiga povoação (chamada *Pereiro*) fugiu d'aqui, indo residir para uma, então pequena, povoação, que é a actual Cinco-Villas, e fica perto do templo da Senhora.

Tambem é tradição que o primeiro nome de Cinco-Villas, era *Villa-Nova*, e que, refugiando-se aqui os moradores de quatro povoações, no tal anno de 1193, ficou, desde então, com a denominação actual.

Todavia, foi sempre povoação de pouca importancia, pois nunca teve foral, velho ou novo, e se regia pelo da villa de Fontenares á qual o rei D. Manoel deu foral, em Evora, a 15 de novembro de 1519.[1]

—

Esta villa de Fontenares, foi arrazada pelos castelhanos, durante a guerra da restauração (1640–1668) e d'ella apenas hoje restam poucos vestigios.

Nos livros mais antigos, que tratam de Cinco-Villas, se lhe dá o nome de *Cinco-Villas-da-Reigada.*

A freguezia (e antiga villa) da Reigada—ou *Arreigada*, nome que lhe dá o foral—fica proxima á de Cinco-Villas, e esta era dependente d'aquella. O rei D. Manoel, deu foral á Reigada, tambem em Evora, e no mesmo dia, mez e anno, em que o deu a Fontenares.

—

O padre Antonio de Vasconcellos, na sua *Descripção do reino de Portugal*, diz que a imagem da Senhora do Pereiro, e as santas reliquias que se veneram no seu templo, foram achadas no mesmo logar, enterradas pelos christãos, quando os mouros invadiram a Lusitania, em 716.

Não se sabe quando tudo isto foi descoberto, mas é certo que foi ha bastantes seculos.

—

Junto ao templo de Nossa Senhora do Pereiro, fica outro, ao S., e a uns 60 metros de distancia, dedicado a S. Julião, e consta que foi a matriz primittiva da freguezia do Pereiro. É tambem templo vasto e antiquissimo, e pertenceu á ordem de Christo. (Vide 8.º vol., pag. 297, col. 2.ª—e *S. Julião do Pereiro.*

—

Consta que a egreja de Nossa Senhora do Pereiro, o foi de um mosteiro de templarios, o que é muito provavel, visto que em 1319, passou esta freguezia e immediatas a forma-

[1] É provavel que os templarios, antigos donatarios de Cinco-Villas, lhe dessem foral, ou, depois d'elles, seus *herdeiros*, os cavalleiros da ordem de Christo; mas Franklim não o traz. Foi, até 1834, commenda da ordem de Christo.

rem uma commenda da ordem de Christo, na qual se *fundiu* a do Templo.

A imagem da Senhora (de 0,m30 d'alto) tem o Menino Jesus no braço esquerdo, e com a mão direita lhe está offerecendo um pômo; e é por isso que se lhe deu (não se sabe porque) o titulo do *Pereiro*.

SANTA MARINHA DE CÊA—villa, Beira Baixa.—Vide *Marinha (Santa)* no 5.º vol., pag. 74, col. 1.ª, a 2.ª Marinha.

SANTA MARINHA DO FERRAL—Esta freguezia ja está descripta com o nome de *Ferral*, no 3.º vol., pag. 169, col. 2.ª

Como o meu esclarecido amigo, o reverendissimo sr. José dos Santos Moura, digno abbade de Caires, se dignou dar-me mais esclarecimentos de muita valia, com respeito a esta parochia, os ponho n'este logar.

Fica esta freguezia, 22 kilometros ao O da villa de Montalegre, a cujo concelho e comarca pertence. Desde 1841 até 1853, era da mesma comarca, mas do concelho de Ruivães.

—

Consta por tradição, que até ao anno de 1452, era padroeiro d'esta freguezia S. João, com a denominação de *Misarêlla*; e que a egreja matriz existia, no monte superior á ponte, e que n'esta egreja, de que ainda se encontram vestigios, se enterravam tambem os freguezes das annexas, Contim, Villa da Ponte, e Venda Nova.

A residencia parochial era no logar de Ferral.

Um morgado da casa da Poça, do logar de Santa Marinha, tinha uma capella, junto á casa, dedicada a Santa Marinha martyr, que ficou sendo, desde 1452, a padroeira da freguezia, em cumprimento da comminação, feita com o mórgado, que deu o terreno necessario para a nova egreja matriz, e ficar a mesma dentro do praso da casa da Poça. A capella-mór foi reedificada em 1725. A residencia parochial foi tambem, depois de muito tempo, mudada, pelo abbade José da Rosa Magalhães, natural de Villa-Real, para o mesmo logar de Santa Marinha, e fica, distante da egreja matriz uns 400 metros, no cume do logar, separada de visinhos e com caminho muito ingreme.

Era abbadia da Serenissima casa de Bragança e rendia em dizimos, primicias e são-joanneira, juntamente com as annexas ou filiaes, Villa da Ponte, Venda-Nova e metade de Contim, 1:030$000, e destes pagava, em virtude de uma Bulla pontificia, do Santo Padre, Benedicto XIV, datada de 5 das Kalendas de agosto de 1747, as quartas-nonas para a Patriarchal e as congruas dos parochos das annexas.

O abbade d'esta freguezia apresentava os parochos de Contim, Venda Nova e Villa da Ponte.

Tem esta freguezia cinco capellas publicas, dedicadas—a S. Thiago, na povoação de Sanzello—a Santo Antonio, em Nogueiró—a Nossa Senhora da Assumpção, em Viveiro—ao Bom Jesus, no Ferral—e á SS. Trindade, em Sichós.

Compõe-se de oito povoações — Sanzello; Nogueiró; Santa Marinha, séde da parochia; Ferral; Viveiro; Pardieiro; Villa Nova; e Sichós.

Está situada, em terreno accidentado, no angulo formado pela confluencia dos rios Regavão e Cávado. É, quasi, no seu vertice a legendaria ponte da Misarélla, obra de El-Rei D. Manoel, por alvará de 5 de setembro de 1514.

O seu solo, em rasão da sua baixa situação e exposição meridional, é muito fertil: produz centeio, milho, feijão, batatas, vinho verde, algum azeite e muita castanha.

Correm, na direcção de E. a O., ao norte o rio Cávado; ao sul o Regavão; e pelo centro, a estrada do antigo systema, de Mont'alegre a Braga.

São naturaes d'esta freguezia:

Manoel Antonio Alvares Pereira, nascido na casa do Principe, de Ferral, aos 17 de junho de 1793. Estudou preparatorios em Braga e Coimbra, tomou o grau de bacharel, na faculdade de Canones e Leis em 1821, e acabou a formatura em 1822, obtendo as competentes cartas, com boas informações, n'esse mesmo anno, e habilitado para os logares de lettras e magistratura.

Foi advogado em Braga por quatro annos —1823, 1824, 1825, 1826—e n'este ultimo anno foi a Lisboa, onde se habilitou para

advogar na côrte e casa da supplicação. Foi por algum tempo, vigario geral de Chaves.

Foi vigario geral do arcebispado, desde 18 de abril de 1834, até ao seu fallecimento. Abbade de Amares em 1827; de Vieira em 21 de novembro de 1849, e de Priscos em 26 de setembro de 1855.

Foi governador do arcebispado, na ausencia do sr. D. Pedro Paulo, desde 19 de agosto de 1845, até abril de 1846. Examinador Synodal desde 1843 até á morte. Professor de Direito Canonico, no Seminario Diocesano, por muitos annos. Falleceu no 1.º de dezembro de 1866 e jaz sepultado na egreja de Santa Cruz, de Braga.

Desempenhou estes honrosos cargos com muita dignidade e aptidão.

Era amigo verdadeiro, leal e sincero; affavel, discreto, lhano e agradavel em tudo e para tudo; atrahia a estima e respeito de todos quantos o conheciam.

Era apaixonadissimo por Barroso, a ponto de, em todas as suas conversações, fallar no *meu Barroso*.

—

Frei Manuel de Aguiar, nasceu em Sichós, aos 25 de março de 1776, foi ordenado em Evora, a expensas d'um lavrador do Gavião, com quem, depois, teve uma desintelligencia, perto da cidade de Evora. Consta que falleceu no Alemtejo.

O logar de Sichós, foi incendiado, pelo exercito francez, no dia 16 de maio de 1809.

Por engano diz-se a pag. 313, do 2.º vol., e pa. 169 do 3.º vol., que a freguezia de Codeçoso do Arco, hoje venda Nova, está ha muitos annos annexa a esta, Ferral; mas não é assim; Codeçoso do Arco, ou *Venda Nova*, era annexa ou antes filial de Ferral; e conserva-se separada.

—

SANTA MARTHA—monte, Minho, sobranceiro ao da Magdalena, na serra da *Falpêrra*, antigamente denominada *Monte-Maior*. (Vide esta palavra.) O monte de Santa Martha, está 562 metros e 53 centimetros acima do nivel do mar, no sitio onde foi collocada uma pyramide geodesica (ou marco trigonometrico.)

D'este ponto se descobre um vasto e deleitoso panorama.

Fica sobre o rio Éste, ou Déste.

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memorias de Braga*, tom. 4.º, pag. 305) diz—«S. Martha, monte, sobre o rio Déste, e *Villa-Egican*, (?) e sobre o rio *Cantabrion*, (?) e *Villa*, e sobre Villar de Cérvos, e Lodomar, e o rio Cantabrion; segundo consta de diversas Doações, que existem no livro *Fidei*, algumas, do tempo da Anarchia. Hoje conserva o mesmo nome, que lhe provem de uma Capella que alli está, de Santa Martha.»

Está aqui a ermida de Santa Martha, que dá o nome ao monte, e á qual se faz uma grande romaria, no mez de julho; mas quasi todos os annos ha n'ella grandes desordens e pancadaria.

Muitos dos habitantes d'estes arredores, aguardam o dia d'este arraial, para se vingarem de seus inimigos, pelo que, é de costume hir sempre fazer a policia do logar, um forte destacamento de infanteria 8, estacionada em Braga, commandado por um capitão, e coadjuvado por uma força de cavallaria, que nem sempre obstam a que muitos dos romeiros regressem a suas casas com as cabeças rachadas.

A causa principal das desordens, é a grande quantidade de pipas de vinho, que na vespera e no dia da festa, se esgotam aqui.

(Vide *Falpêrra* e *Monte-Maior*.)

—

SANTA MARTHA—Vide *Portozêllo*.

SANTA MARTHA—Vide *Martha* (*Santa*).

SANTA MARTHA DA MONTANHA—Vide *Marta da Montanha* (*Santa*).

SANTA MARTHA DE BOURO—Vide *Bouro* (*Santa Martha de*).

SANTA MARTHA DE PENAGUIÃO — Vide *Martha de Penaguião* (*Santa*).

Segundo a tradição, foram os irmãos, D. Thédo e D. Rausendo, que expulsaram d'aqui os mouros, pelos annos de 1030. Quando os christãos se viram senhores d'estas terras, collocaram a bandeira dos Albuazares (a de D. Thedo) no alto de um penhasco, e d'aqui procede o nome da villa = *penaguião*.—Procederá.

—

Em 3 de julho de 1823, D. João VI, fez 1.º visconde de Santa Martha (de Penaguião) a Manoel Gregorio de Souza Pereira de Sampayo, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria, na extincta *primeira plana da côrte*, deputado da companhia do Alto-Douro. Era filho natural, e foi legitimado a 17 de março de 1774. (Tinha nascido a 29 de novembro de 1766.)

Casou, a 8 de setembro de 1790, com D. Antonia Victorina Teixeira de Magalhães e Lacerda, 5.ª filha de Antonio Teixeira de Magalhães e Lacerda, senhor da casa da *Calçada*, em Villa Real (vide *Villa Real* de Trazos-Montes), e de D. Anna Thereza Pereira Pinto de Azevedo Souto-Maior.

Era filho de José de Souza Pereira Guedes Vahia de Sampayo, senhor da casa de Santa Martha de Penaguião, mestre de campo, do terço auxiliar de Chaves; casado com D. Joaquina Angelica de Menezes e Vilhena, filha de Sebastião Guedes Cardoso de Carvalho, senhor da casa de Adebarros, fidalgo da casa real, e capitão-mór de Caria, e de D. Cecilia Joaquina Guedes Viçoso Pereira Coutinho de Vilhena.

Do casamento de José de Sousa Guedes Vahia de Sampayo, só houve uma filha, chamada D. Helena Pereira Pinto Osôres.

Já disse que o 1.º visconde de Santa Martha era filho natural, legitimado. Foram seus filhos, *José* e *Antonio*.

José de Souza Pereira de Sampayo, o 1.º filho, foi 2.º visconde de Santa Martha, commendador das ordens de Christo e Torre-Espada, cavalleiro da Legião d'Honra (em França), condecorado com a medalha da campanha da guerra peninsular, pelos relevantes serviços que então prestou. Fez parte da expedição de Pernambuco (1817), como major de um dos batalhões da divisão dos *voluntarios leaes d'el-rei;* foi sub-chefe do estado-maior, do sr. infante D. Miguel (depois 1.º do nome) quando general em chefe do exercito (*generalissimo*) em 1823; governador das armas do Minho, em 1824; e tenente-general graduado, do exercito realista, feito em 26 de outubro de 1832; mas foi expulso do mesmo exercito, por se ter apresentado aos liberaes, antes da convenção d'Evora-Monte.

Nasceu a 3 de junho de 1791.

—

Antonio José de Souza Pereira de Sampayo, irmão do antecedente, nasceu a 14 de agosto de 1806. Foi tenente de cavallaria n.º 8, do exercito realista, feito em 7 de fevereiro de 1834.

Tinha casado, em 4 de março de 1830, com D. Henriqueta Emilia de Souza Moraes Pizarro, 2.ª filha de Francisco Homem de Magalhães Pizarro, e de D. Antonia Adelaide de Moraes Sarmento Pereira Pinto, da casa dos viscondes de Bóbeda.

D'este casamento nasceram trez filhos — *Manoel, José* e *Joaquim*.

—

O titulo de visconde de Santa Martha, está actualmente extincto.

SANTA OVAIA—Vide *Ovaia* (*Santa*).

SANTA OVAIA DE BAIXO—logar, Beira-Alta, na freguezia de Canas (ou Cannas) de Sabugosa, comarca e concelho de Tondella. Vide *Canas de Sabugosa*.

N'esta freguezia ha o logar de *Santa Ovaia de Baixo*, e ao E. d'elle, está o Sanctuario de Nossa Senhora da Expectação (ou do Ó) vulgarmente chamado *Nossa Senhora da Rua Fria*, por ter aqui havido uma antiquissima povoação denominada *Rua-Fria*, e da qual apenas restam tenues vestigios.

A construcção do templo da Senhora, revela muita antiguidade, mas ignora-se a data da sua fundação. Consta porém que é mais antigo do que a egreja matriz da freguezia.

Em 1691, fazendo-se uma escavação, fóra da porta principal do Sanctuario, se acharam, a pouca profundidade, duas sepulturas, de pedra d'Ançan, tendo uma d'ellas ainda alguns ossos humanos, de individuo de estatura agigantada. Eram compostos de duas pedras cada um—a inferior cavada ao geito do cadaver, e a superior, que era a tampa. Não tinham inscripção alguma.

Ainda ao N. do templo, da parte de fóra da capella-mór, se acharam pouco depois, e tambem enterradas, outras sepulturas semelhantes.

Pretendem alguns, que existiu n'este si-

tio um antiquissimo mosteiro de monjas benedictinas, que os mouros arrazaram no seculo IX. — Outros, porém, sustentam (com mais probabilidade) que foi de templarios, e que as sepulturas pertencem a cavalleiros d'esta ordem.

Note-se que o sitio é sobremodo *frio*, e que a distancia de uns 20 metros ao E. do templo, está uma fonte publica, de aguas crystalinas, que conservam a sua frescura, ainda na quadra da maior estiagem. É um manancial abundantissimo e perenne, do qual não só bebe o povo da freguezia, mas ainda serve para regar e fertilizar as fazendas adjacentes. Fica perto da estrada publica.

Ao N. e S. do templo, se vêem extensos arvoredos silvestres, sendo algumas das arvores de excessiva grandeza.

Ao E., ha excellentes terras cultivadas, que a sobredita fonte, e outras que vem do N., regam e tornam ferteis.

Ao O. fica a aldeia de Santa Ovaia de Baixo, cercada de campos, vinhas, hortas e pomares.

—

Sabemos pela historia, que, nos annos de 742 e 743, o rei D. Affonso, o Catholico,[1] acompanhado de seu irmão, D. Frucia, e com um bom exercito de christãos, entrou pelo N. da Lusitania, resgatando do poder musulmano, Braga, Chaves, Viseu, e outras muitas povoações d'entre o Douro e Mondêgo, achando-as quasi todas em ruinas, principalmente Braga e Viseu.

Pouco tempo, porém, estiveram estas terras livres dos inimigos da Cruz, porque um grande exercito de mouros, commandados por Omar, filho de Abd-el-Rahman, tornou a assolar toda a região resgatada por D. Affonso.

Passados tempos (824), sendo alcaide de Viseu, o mouro Rages, D. Ramiro I (filho de D. Bermudo I) tornou a reconquistar a maior parte do territorio perdido; mas, achando a cidade de Viseu em misero estado, a acabou de destruir, e a abandonou.

D. Sebastião, bispo de Salamanca, repovoou a cidade, pelos annos de 840.

Subindo ao throno D. Affonso o Magno, em 862, tratou logo de reconstruir as obras de defeza, de Braga, Chaves, Viseu e outras; e, quando os christãos estavam occupados na reedificação de Viseu, invadiu a Lusitania, Abd-Alá, irmão do kalifa de Córdova, com um grande exercito, e retomou Salamanca, Viseu e outras terras, pelos annos de 875.

Os mouros, apenas estiveram senhores de Viseu 39 dias, porque D. Affonso Magno lhe tomou a cidade de assalto, morrendo na tomada da cidade, a maior parte dos inimigos.

Na menoridade de D. Ramiro III (967) Al-Mançor, kalifa de Côrdova, tornou a invadir a Lusitania (que já, havia mais de 30 annos, se principiava a chamar *Portugal*), assolando toda a provincia da Beirà, e retomou Viseu, que esteve em poder dos mouros, por espaço de 71 annos.

Emquanto os netos de Alboazar Ramires resgatavam do poder dos mouros varias terras sobre a margem esquerda do Douro, entre os rios Varósa e Paiva, derrotando completamente os mouros em uma grande batalha, dada nas margens do Távora (1038) o rei D. Fernando Magno (que se denominou imperador) resgatou Viseu do poder dos infieis, e esta cidade ficou desde então e para sempre, livre das suas correrias.

D. Fernando Magno, tendo desavenças com seu cunhado, o rei D. Bermudo III, de Leão, morrendo este, em 1037, na batalha de Lantade; e, não tendo filhos, lhe tomou posse da corôa, D. Fernando, que ficou sendo rei de Castella e Leão, tomando o titulo de imperador.

—

Com estas repetidas invasões dos serracenos, se destruiram e arrazaram muitas povoações da Beira-Alta, de tal maneira, que hoje, nem d'ellas ha vestigios.

[1] D. Affonso, era filho de D. Pedro, duque de Byscaia e Navarra, descendente do santo rei, Ricaredo, e cunhado (D. Affonso) do rei D. Favila, que tinha morrido em 739, despedaçado pelas garras de um urso, quando andava á caça.

É pois muito provavel, que uma das povoações destruidas, fosse no sitio do templo da Senhora da Expectação, e tivesse o nome de *Rua-Fria.*

O nome de *Santa Ovaia de Baixo,* que se dá á povoação proxima, faz-nos suppôr que ao que se chamou depois *Rua-Fria,* se désse antigamente o nome de *Santa Ovaia de Cima.*

—

A imagem da padroeira do templo, é de pedra d'Ançan, e denota muita antiguidade. Tem 0m,66 d'alto.

Tem romaria no seu dia proprio, que é a 18 de dezembro.

Tem uma antiga irmandade, instituida com 74 irmãos. Segundo os seus estatutos, cada irmão, padre ou solteiro, que fallece, tem 34 missas. Se é casado, tem 17, e a mulher outras 17.

Tinha tambem 30 irmans (solteiras ou viuvas) que, por seu fallecimento, tinha cada uma 30 missas.

Além d'isto, no 1.º sabbado da quaresma, havia um anniversario, pelas almas de todos os irmãos fallecidos, e cada irmão era obrigado a rezar um rosario quando morria algum confrade, e outro no dia do anniversario.

Tinha a irmandade um capellão, que era obrigado a dizer 20 missas, pelas almas dos irmãos vivos, e pelos bemfeitores da irmandade, em differentes dias do anno.

—

Ainda no principio d'este seculo se faziam á Senhora, trez procissões em cada anno — a 1.ª, na quarta feira das *rogações* — a 2.ª, dia de Santa Maria Magdalena (22 de julho) e a 3.ª, a 18 de dezembro.

Antigamente, concorriam aqui muitas romarias, pelo decurso do anno; mas as principaes, e mais concorridas, eram—desde 17 até 25 de dezembro—e, de 20 a 25 de março. Esta era a maior.

Pelo meiado do seculo XVII, foi reedificado e alargado o templo, que ficou com o corpo da egreja de 11 metros de comprido e 4m,40 de largo; e a capella-mór, 4 metros de comprido, por os mesmos de largo. O fôrro, tânto da capella-mór, como do corpo da egreja, foi feito á custa de um devoto, do logar de Santa Ovaia.

SANTA QUITERIA DE MÉCA — Já tratei d'esta freguezia, nas palavras —*Espiçandeira* e *Méca.* Na palavra *Remedios* (a 8.ª d'este nome), 8.º vol., pag. 125, col. 2.ª, tratei do Sanctuario da Senhora d'esta invocação, na mesma freguezia.

Depois, deu-se outro facto, de cuja noticia não devo privar os meus leitores, e é o seguinte:

José Antonio Soares Leal (irmão de Augusto Soares Leal, empregado no escriptorio da *companhia do Grão-Pará,* e dono da quinta do *Carvalhal,* na freguezia da *Espiçandeira,* annexa á de Santa Quiteria de Méca—3.º vol., pag. 62, col. 1.ª) queria ser barão; mas, provavelmente, com aspirações a titulo mais elevado. Não quiz ser *barão do Carvalhal,* porque já havia um conde d'este titulo.[1] Tambem não quiz ser *barão da Espiçandeira,* que era um titulo bastante..... *esquizito.*[2] Foi pois, em 8 de agosto de 1855, feito *barão de Santa Quiteria* (de Méca)—e, em 6 d'agosto de 1859, foi feito visconde do mesmo titulo.

Em 14 de junho de 1878, foi agraciada com o titulo de viscondessa de Santa Quiteria, a sr.ª D. Maria Soares Leal (filha do 1.º visconde d'este titulo), permittindo-se que seu mari-

[1] Hoje já ha 2.º — Em 8 de setembro de 1835, foi feito conde do Carvalhal, João do Carvalhal, da ilha da Madeira. Em 3 d'agosto de 1852, obteve o mesmo titulo, o sr. D. Antonio da Camara do Carvalhal Esmeraldo Athouguia Sá Machado, tambem da ilha da Madeira, filho do 1.º conde, e sogro do actual conde de Rézende, o sr. D. Manoel Benedicto de Castro Pamplona de Souza Holstein, que obteve o titulo em abril de 1876, por morte de seu irmão primogenito. (Vide *Rézende.*)

[2] Com o sr. José Cordeiro Feio, aconteceu um caso semelhante. Elle queria ser visconde. Tem uma propriedade nos arrabaldes de Setubal (ao E. e sobre a margem direita do Sádo) chamada *Quinta da Parvoice.* Ser *visconde da Parvoice,* era um titulo.... triste: preferiu ser *visconde das Fontainhas,* que é outro sitio de Setubal, onde elle não tem nada.

do, o sr. Carlos Wachs, capitão chefe de esquadrão, do 2.º regimento de dragões, de Bade, use do mesmo titulo, em sua vida.

Tornemos a José Antonio Soares Leal, 1.º barão e 1.º visconde de Santa Quiteria:

A formosa Lusitania, livro escripto em inglez por Catharina Carlota, Lady Jackson (e traduzido, prefaciado e anotado pelo nosso esclarecido escriptor publico, o sr. Camillo Castello-Branco, o mais fecundo e o primeiro dos romancistas portuguezes) se tem muitas cousas *bonitas*, e merecidos elogios a Portugal e aos seus filhos, é inegavel que traz tambem graves inexactidões, muitas apreciações erroneas e apaixonadas, e bastantes disparates, que o illustre traductor corrige, em notas tão sensatas como espirituosas.

Em muitas partes do famoso livro, patenteia a auctora, um odio implacavel ao sr. D. Miguel I; já pelas calumnias que os emigrados propalaram pela França, Inglaterra e outros paizes, desde 1828 até 1834, e ainda depois, por muitas vezes; já pelos cicerones de que se serviu em Portugal, que lhe *embutiram* toda a casta de patranhas, que ella *engulia* com a maior facilidade, e escreveu e publicou, com a mais britanica semceremonia.

Uma d'estas patranhas allude ao 1.º visconde de Santa Quiteria, e lê-se a pag. 173 e seguintes da *Formosa Lusitania*.

Para conhecermos quantos despropositos impingiu aos seus leitores a crédula Lady, dou primeiro, em rapidos traços, a biographia do heroe d'aquelle *conto da carochinha*.

José Antonio Soares Leal, nasceu na quinta do Carvalhal, freguezia da Espiçandeira, concelho de Alemquer, pelos annos de 1804. Sentou praça de cadete, no regimento de infanteria n.º 4 (supponho que em 1824) e tomou parte na revolta d'este corpo, a 21 de agosto de 1831, que foi dominada no curto espaço de tres horas. [1]

José Augusto Soares Leal, poude esconder-se e fugir (diz-se que vestido de mulher) para bordo de um navio inglez, no qual foi para Londres, e d'alli para a Terceira, d'on-

[1] Os liberaes que estavam em Lisboa—fiados na protecção da esquadra franceza, do almirande Russin (composta de 6 naus, 3 fragatas e 3 corvetas) que tinha entrado no Tejo a 11 de julho do mesmo anno de 1831, e que nos roubou a nossa esquadra—conseguiram revoltar contra o governo do sr. D. Miguel, a maior parte do referido regimento, que principiou o grito de alarme, pelas 10 horas da noite, no quartel, assassinando alli mesmo, o capitão Victoria, e ferindo outros officiaes, sargentos e soldados, que não quizeram annuir á revolta.

Um official do regimento, correu a Valle de Pereiro, dar parte do occorrido, ao commandante de infanteria n.º 16, e, depois, a outros corpos da guarnição da capital.

Pelas 10 horas e meia, o regimento n.º 4, commandado por um official *desligado*, que nem pertencia a este corpo, sahiu do quartel, levando, á força, alguns dos seus officiaes.

Dirigiram-se a Valle de Pereiro, na intenção de attrahir ao seu partido o 16; mas, como este se poz em defeza, fechando as portas, e decidido a fazer fogo, os revoltosos tomaram a direcção da rua de S. Bento. Chegando ao arco, em frente do mosteiro (hoje *palacio das cortes*) já ahi acharam a 10.ª companhia da *guarda real da policia*, e o regimento de milicias de Lisboa Occidental, que os não deixaram avançar. Retiraram então na direcção da praça do Rocio, onde chegaram pela meia noite, assassinando pelas ruas do transito, o conde de S. Martinho (major da guarda real da policia) e outros individuos.

Do lado O. do Rocio, estava já postada a maior parte da policia, que deu uma descarga, *á queima roupa*, no regimento 4, o qual, perdendo a coragem, se poz em fuga, e perseguidos os revoltosos, pela policia e pelo regimento 16.º que accudiu ao sitio, foram sendo agarrados pelas ruas por onde fugiram, e outros se foram apresentar a differentes quarteis militares.

Nuno Augusto de Brito Taborda, (que em 1833 se entregou aos liberaes) commandante do regimento revoltado, estava no largo da Boa-Morte, com as praças que não tinham annuido á revolta, e alli recebeu os officiaes e soldados que tinham sido levados á força pelos seus camaradas. Finalmente pelas duas horas da manhan, toda a capital estava em paz.

Devemos confessar que esta revolta foi uma verdadeira traição á patria. O insulto e roubo escandaloso que então soffreu Portugal, não foi só um attentado contra o go-

de regressou para o reino, em julho de 1832. Fez a campanha até 1834, entrando depois na vida diplomatica.

Sendo nosso embaixadar na Austria [1] e voltando de um baile, em Baden-Baden, se lhe virou o trem, quebrando o visconde uma perna, por mais de uma parte. Não querendo que lh'a amputassem, lhe sobreveiu um tétano, de que falleceu.

Era bastante rico, e de varia instrucção; mas soffrivelmente tagarella, e gostava de pregar a sua pêta.

Seria elle que contou á Lady, a historia que ella nos impingiu?—Eil-a—segundo a traducção do sr. Camillo Castello-Branco; mas os sublinhados são meus.

«O caes de Sodré—palco do ultimo acto da *tyrania e crueldade miguelista.*

.....

Foi a execução de oito ou nove mancebos estudantes de Coimbra, *e officiaes que alli estavam aquartellados.* (!!!) Accusados como *suspeitos* (este sublinhado é do sr. Camillo Castello Branco) de conspirarem para a queda do *execrando D. Miguel* (!!!) Foram agarrados e presos, e *como traidores,* sentenciados á morte, e suas cabeças expostas em *espeques,* no caes de Sodré.» (!)

«D. Miguel (o Senhor) affizera a plebe de Lisboa a tão horrorosa scena; ainda assim, *a desventura d'aquelles mancebos excitou muita compaixão.*» (!!!)

«Os amigos de um d'elles, *Dom* (?) José Augusto Leal, *conde* de Santa Quiteria, *par do reino* (?) *sobornaram parte das guardas e quadrilheiros que escoltavam os presos, para o deixarem escapulir-se, ao que estes prometteram acceder, se possivel fosse, na occasião em que a chegada dos reus promovesse confuso tumulto.* Devia fazer-se a execução ao *pôr do sol;* (!) porem, quando os padecentes eram levados, *um d'elles desapareceu.* (!) Favorecidos pelo *lusco-fusco do rapido crepusculo d'aquella latitude,* (!) os amigos do conde, contavam facilitar-lhe ensejo de fugir despercebido. Tinham-lhe na passagem, um cavallo prestes; mas, apenas elle metteu pé no estribo, avisaram-o logo as vigias, que uma patrulha de cavallaria lhe hia na pista. Elle cravou esporas no cavallo; e, como quem foge á morte, despediu a galope, *pela rua do Ouro,* conseguiu distanciar-se logo dos perseguidores, *entrou no Rocio* [1]—*n'aquelle tempo, escuro e solitario* como as ruas circumvisinhas, *temivel depois que anoitecia, e mui diversa praça do que é hoje* (?) [2]—e, em vez de proseguir para diante, desandou por uma das ruas lateraes, e entrando na dos Fanqueiros, *foi dar á praça do Commercio.* [3] O *conde,* vendo que, ao

verno realista, foi-o contra todos os portuguezes. Muitos liberaes verdadeiros (entre elles, o coronel D. José Miguel de Noronha, que, de mais a mais, estava preso por liberal, na Torre de S. Julião da Barra) se offereceram para servir no exercito real, contra os inimigos da patria. O sr. D. Miguel, apreciou devidamente este acto de patriotismo, mandando immediatamente pôr em liberdade o coronel Noronha, mais nobre por esta acção de um verdadeiro fidalgo portuguez, do que pelos seus illustres e antigos pergaminhos.

Tristissimos foram os resultados d'esta revolta infeliz. No dia 10, de setembro, foram fuzilados 18 revoltosos, junto ao quartel de Campo d'Ourique (Lisboa). No dia 24, e no mesmo logar, foram fusilados mais 24. O conselho de guerra condemnou a serem fusilados mais 30; mas, como no dia 26 de outubro fazia 29 annos o sr. D. Miguel, lhes perdoou, por decreto d'este dia, e a pena foi commutada na immediata.

Não se derramou mais sangue, por causa d'esta revolta.

[1] Isto segundo diz o sr. Camillo Castello Branco. O meu fallecido amigo e bem conhecido academico, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, disse-me que quando morreu (1875 ou 1876) o visconde, estava addido á embaixada da Belgica.

[1] Mesmo assim era esperto! Fugia para aquelle *deserto,* que foi e ha de ser sempre, o *coração* da cidade.

[2] A praça do Rocio, em 1831, era a mesmissima cousa que é hoje, com a differença apenas, do *palacio dos Estaus* estar agora substituido pelo *theatro Agrião.*

[3] O que aqui vão de desconchavos! —O *conde* (feito pela auctora) fugiu do caes do Sodré (de certo pela rua do Arsenal—nem tinha outra) e veiu ter ao *Terreiro do Paço;* correu pela rua do Ouro, *desandou por uma das ruas* lateraes (a travessa de S. Domingos, ou a rua da Bitesga? —(não ha outras para aquelle lado) *e entrando na dos Fanqueiros, foi dar á Praça do commercio* (Ter-

menos por instantes, desorientára (a lady é que estava *desorientada* quando escreveu isto) os perseguidores, desmontou de um salto, *prendeu o cavallo ás grades da estatua de D. José* (havia de ser a sentinella do monumento que o ajudou a prender alli o cavallo) *desembaraçou-se do boldrié e da espada que levava comsigo* (então elle vinha a fugir da forca, ou de alguma parada?) trocou a jaqueta por um capote e um lenço de cabeça que um amigo lhe havia mettido debaixo do braço (esqueceu-lhe a saia) desatou a fugir, a pé, e vingou metter-se em refugio seguro.»

«N'este comenos, um mancebo francez, *segundo dizem*, atravessando a Praça, deu tento do cavallo que saltava e escouceava para se desprender (eu já nem sublinho) e dirigindo-se para elle, reparou no cinturão e na roupa que o outro deixára. (Não me diga a sr.ª Jackson que o *conde e par do reino*—feito por ella—levava muita pressa, e corria *como quem foge á morte*, visto que teve tempo de largar as armas, despir-se e vestir-se, n'aquelle *êrmo* do Terreiro do Paço, e áquellas horas.) Apanhou o boldrié; e, quando o joven francez estava a examinal-o *á frouxa luz do lampeão* (o diabo do homem até era capaz de *ver estrellas ao meio dia!*) eis que chegam os soldados que perseguiam o fugitivo (não haviam de vir muito suados) e o filam. Debalde protestava elle que não era a pessoa que buscavam, que não era portuguez, e que não estava desfarçado, como elles affirmavam. *Cingiram-n'o com o boldrié que elle tinha nas mãos;* (nem elle podia ser enforcado sem hir bem armado) e, como acontecesse *estar-lhe á medida da cintura* (então era boldrié, talim, ou cinturão?) concluiram *evidentemente* que era elle.[1] Levaram-o ao local do patibulo. Ahi, rogos e supplicas, valeram-lhe tanto como os homens da justiça, *cujo cargo era completar o numero dos sentenciados* (isto era o cúmulo do disparate, se não fosse o supra summum do ridiculo!) como tinham valido com os soldados que o prenderam. *Elles eram responsaveis por um certo numero de padecentes; se um dos reus se tinha safado estava alli outro que o substituisse, e em circumstancias que o condemnavam.* (Oh, meu Deus! Que ficarão dizendo dos portuguezes, os que lá por fóra lerem semelhante.... monstruosidade?!) *Foi portanto degolado* (está feito, ao menos não o enforcaram)[2] protestando até morrer, a sua innocencia, e que não tivera parte no crime que lhe imputavam e do qual não tinha noticia.»

«.....»

«Elle (*o conde e par*) falleceu ha um ou dois annos sómente. O amigo que me referiu esta historia da fuga, *ouviu-a da propria boca do fugitivo.*»

É certo que o visconde de Santa Quiteria gostava de contar patranhas; mas não acredito que elle se atrevesse a forjar uma tão monstruosa.

«O sr. Camillo Castello Branco, em uma nota (pag. 175) diz:

«Quem seria o amigo que abusou da cre-

reiro do Paço)—isto é—fez uma *rodiosca* e foi ter ao mesmo sitio da partida!—A mulher está muito atrazada na typographia de Lisboa!—Alem de todas estas patranhas, notemos tambem que os taes estudantes não foram enforcados no caes de Codré, mas no *caes do Tojo*, (o oriental) e então ainda a rodiosca do *conde* vinha a ser maior e mais desparatada!

O *lusco-fusco* da lady eram (como diz, e diz bem, o esclarecido traductor, *entre as tres e quatro horas de um clarissimo dia de junho.*

[1] Como em nossos dias muita cousa tem mudado de nome, não sei qual dão agora aos diversos utencilios militares.

No tempo em que eu servi (e portanto em 1831, época da tal historieta) a peça de que estava suspensa a bayoneta dos caçadores, se chamava *cinturão*—á que prendia a bayoneta das praças de pret, de infanteria, se dava o nome de *boldrié*—á dos porta-bandeiras, se chamava *talabarte*—e á que prendia as espadas dos officiaes, *talim*.

O *talabarte* e o *boldrié*, como se punha em diagonal (ao *tira-collo*) servia a toda a gente, não assim o *talim* e o *cinturão*, que era preciso acertar pela grossura da cinta do individuo.

[2] O que ella nos não diz, é onde o carrasco foi desencantar o cutello para o *degolamento*. Seria com a espada com que os soldados o armaram no Terreiro do Paço, ou construiram alli, á pressa uma guilhotina?

dulidade infantil d'esta historiadora? Ou quem seria aquelle *conde de Santa Quiteria*, par do reino, que contou ao amigo de lady Jackson, uma historia tão verdadeira como o seu condado?! Convem saber que o conde fugitivo, primeiramente, no livro d'esta dama, chamava-se *conde de Avila de T., par do reino*, e assim figura no texto; mas a auctora, *melhor informada*, escreveu uma errata que diz:

«*Conde d'Avila T., leia, D. José Augusto Leal, conde de Santa Quiteria.*

«Isto peorou a verosimilhança do conto; mas salvou o sr. conde de Avila, hoje marquez [1] e presidente de ministros, de figurar tão deploravelmente no cannibalismo dos estudantes, que por justas causas foram enforcados, no caes do Tojo, e não do Sodré, como diz a auctora, em 20 de junho de 1828.»

«.....»

«Como este academico, *conde e par do reino*, mal poderia pertencer a uma conjuração de homicidas, com seu tanto de salteadores de bahús, a ingleza conta-nos que os estudantes foram condemnados méramente como *suspeitos* de attentarem contra o *usurpador* (este sublinhado é meu) e arranja o *fusco e rapido crepusculo da nossa latitude*, para desculpar a cegueira da escolta, tendo sido aliás os reus justiçados entre as 3 e 4 horas de um clarissimo dia de junho.»

«E o francez que foi enforcado em logar do estudante (*degolado*, diz o texto: *beheaded*) simplesmente porque o boldrié lhe servia, e porque era precizo enforcar um determinado numero de sujeitos?»

«Contam-se lá fóra coisas de Portugal, que elevam a um gráu chrystalino de tolice, as pessoas que as escrevem.»

—

Vide vol. 2.º, pag. 371, col. 2.ª, e 7.º, pag. 505, col. 2.ª, e 539, col. 2.ª

[1] Agora duque. Mesmo quando a auctora escreveu o livro, já era marquez. Foi feito conde, em 13 de fevereiro de 1864, e marquez, em 24 de maio de 1870, sendo dictador o marechal de Saldanha.

—

Peço perdão aos meus leitores por ser tão difuzo com respeito ao visconde de Santa Quiteria; mas, nem todos possuem a *Formosa Lusitania*, e eu desejo dar as informações mais verdadeiras, com respeito aos factos da nossa historia (principalmente da contemporanea) e mostrar como os estrangeiros os descrevem, adulterando-os, já por má vontade que nos teem, já pelos informadores, muitos dos quaes os iliudem de proposito, para depois os escarnecerem.

SANTA SENHORINHA DE BASTO—Esta freguezia já está em *Basto* (*Santa Senhorinha*) aqui accrescento mais:

Na egreja matriz está a seguinte inscripção.

.....MP. CAES
.....HADR-
....ANTONINO
AVG. PIO
.....FVRNIVM
.....PROCVL
...T. A VEGETI
.....
.....

Hubner (*Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 80) completa-a assim:

IMP. CAES.
T. AELIO HADR-
IANO ANTONINO
AVG PIO
PER T. FVRNIVM
M. F. GAL. PROCVL.
VM ET A. VEGETI
UM... F. GAL....
.....

SANTA SOPHIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiolos) 18 kilometros d'Evora, 100 ao S.E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 79 fogos.

Orago, Santa Sophia.

Arcebispado e districto administrativo de Évora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, e 121 de cevada.

É terra fertilissima em cereaes; cria mui-

to gado, produz bastante azeite, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

SANTA SUZANA — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho do Redondo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Monçaraz) 18 kilometros d'Evora, 75 ao S.E. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 110 fogos.

Orago, Santa Suzana.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

Fertil em cereaes, gado e caça.

SANTA SUZANA—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 40 kilometros ao O. d'Evora, 65 ao S.E. de Lisboa.

Tem 110 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Santa Suzana.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

O rei, pelo tribunal da meza da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, azeite, vinho, gado e caça.

No logar da *Córte do Pereira*, d'esta freguezia, ha uma mina de zinco argentifero, da qual foi reconhecido proprietario legal, em 10 de janeiro de 1877, Mr. Charles Hyne.

SANTA TECLA—freguezia, Minho—Vide *Basto* (*Santa Tecla.*)

SANTA TECLA DO GERAZ—freguezia antiquissima, ha muitos annos unida á de Santo Estevam do Geraz.—Vide *Geraz* (*Santo Estevão*) e *Geraz* (*Santa Tecla.*)

SANTA VALHA ou **SANTA EULALIA** — antiquissimo castello, Douro, que deixou de existir ha muitos annos.

Foi n'este castello que o fallecido Luiz Augusto Rebello da Silva, fez representar as scenas mais interessantes do seu bello romance—*Odio velho não cança*—(Vide *Monte-Mór-Velho*, 5.º vol, pag 513, col. 1.ª)

SANTA VALHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 90 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 115 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha um conto de reis de rendimento annual.

(Santa Valha, e depois Santa Claia, é portuguez antigo: hoje dizemos Santa Eulalia.)

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil e saudavel, e abundante de aguas.

Cria muito gado de toda a qualidade, e ha por aqui muita caça grossa e miuda.

Fica proximo da raia hespanhola.

SANTA VICTORIA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Beja, 65 kilometros ao O. d'Evora, 125 ao S. de Lisboa.

Tem 200 fogos.

Em 1757, tinha 101 fogos.

Orago, Santa Victoria.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 210 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Terra muito fertil em cereaes e azeite.

Muito gado e caça.

SANTA VICTORIA—Vide o 3.º *Ameixal ou Ameixial*, vol. 1.º, pag. 194, col. 2.ª, no fim.

SANTAGÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde (foi da mesma comarca, mas do concelho da Povoa de Varzim) 35 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 25 fogos.

Em 1757, tinha 15 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

As religiosas benedictinas, do mosteiro de Vairão, apresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar

É terra fertil, e fica perto do rio Ave.

Foi do condado de D. Payo de Bagunte, um dos sete condes enganados por D. Mem Soares de Novellas, sendo todos sete assas-

sinados, e foram sepultados em S. Pedro de Atei.

O antigo nome d'esta pequena freguezia era *Santiagões*, e assim está escripto no *Portugal Sacro e Profano*.

Segundo a tradição, viveram aqui dois irmãos, de appellido *São-Thiago*, tão ricos como turbulentos, despotas e amigos do alheio; por isso conhecidos pela alcunha de *Santiagões*, e foi d'elles que a freguezia tomou o nome que tem.

Diz-se que antes d'isso se chamava *Cividade*.

Parece que o antigo povo d'esta freguezia formava a companhia, ou quadrilha dos taes dois irmãos.

O que é certo é ainda hoje por estes sitios haver um anexim que diz—*Santagões, 15 freguezes e 16 ladrões*.

(Visto isso, tambem o vigario entrava na conta.)

Hoje é a freguezia composta de lavradores pacificos e de bons costumes.

O monte da Cividade, foi uma grande povoação em tempos remotissimos.

É muito alto, e d'elle se descobre um vasto panorama, e grande extensão do mar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexa á de Bagunte.

Vide esta palavra.

SANTALHA—villa, Traz os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 80 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa. Tem 160 fogos.

Em 1757, tinha 60 fogos.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis e o pé de altar.

O nome d'esta villa é tambem corrupção de *Santa Eulalia*.

Foi capital do antigo concelho da Lomba, ao qual o rei D. Diniz deu foral, em Lisboa, no 1.º de fevereiro de 1311.

(*Gaveta* 15, *maço* 3, *n.º* 10—e *Livro* 4.º *de Doações do rei D. Diniz*, fl. 57 v., col. 2.ª)

O mesmo D. Diniz lhe deu outro foral confirmando e ampliando o 1.º, em Lisboa, a 22 de agosto de 1324.

(*Livro* 4 *de Doações do rei D Diniz*, fl. 101 v., col. 1.ª, *in fine*.)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

(*Livro de foraes novos de Traz os Montes*, fl. 9 v., col. 1.ª)

A esta freguezia estão annexas ha muitos annos as de *Contins*, *Penso* e *Seixas*.

SANTÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Lousada) 35 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Tem 120 fogos.

Em 1757, tinha 100 fogos.

Orago, Santo Adrião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era commenda da ordem de Malta, e o commendador apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

É terra fertil, e cria muito gado.

—

É n'esta freguezia a nobre e antiga *casa de Santão*, da qual é hoje representante, o sr. Gaspar Lobo de Souza Machado e Couros.

Foram senhores d'esta casa Simão Lobo de Souza Machado Pereira, cavalleiro da ordem de Christo, familiar do santo officio; e seu neto, Simão Lobo de Souza Machado e Couros, tenente-coronel de milicias, fidalgo da casa real, e casado com D. Rita Bernardina de Moraes e Castro, açafata honoraria, filha de Bernardo de Moraes Madureira, fidalgo de antigo Solar, e de sua mulher, D. Maria José Correia de Moraes e Castro, dona da camara de D. Carlota Joaquina (mulher de D. João VI) quando ainda era princeza do Brasil.

SANTAR—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa.

Tem 60 fogos.

Em 1757, tinha 55 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Candeias (Purificação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era commenda da ordem de Malta, e o commendador de Távora, apresentava o vigario, collado, que tinha 115$000 réis e o pé de altar. É terra muito fertil, bonita e saudavel, proximo do rio Vez.

Metade dos dizimos d'esta freguezia eram da egreja de Paçô, no mesmo concelho, cujo vigario era obrigado a administrar os sacramentos aos povos de Santar.

—

Segundo a tradição, a infanta D. Urraca, filha de D. Ordonho II, de Leão, quiz (pelos annos de 915) fundar um mosteiro de monjas benedictinas, na freguezia de Outeiro Maior (hoje concelho de Villa do Conde) mas como o não podesse fazer, pela razão que fica dito em *Ermêllo* (vol. 3.º, pag. 46, col. 1.ª, no fim) chegando a este sitio com as suas companheiras, que, com ella, queriam ser religiosas; e vindo muito cançadas, lhes disse—*sentar*—e d'esta palavra se deriva o nome d'esta freguezia. Derivará.

—

A egreja matriz primitiva, era sagrada e antiquissima, mas foi demolida no seculo XVII, e sendo reedificada, perdeu o privilegio da sagração.

SANTAR—freguezia, Beira Alta, no concelho de Nellas, comarca de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Senhorim) 12 kilometros de Viseu, e 240 ao N. de Lisboa.

Orago, São Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 380$000 réis de rendimento.

N'esta freguezia nasceu, em 1808, Francisco Coelho do Amaral, pertencente a uma das mais illustres familias da Beira-Alta.

Ainda muito joven, e quando cursava as aulas da universidade de Coimbra, sentou praça em artilheria.

Tomando parte na revolta de 16 de maio de 1828, ficou prisioneiro das tropas realistas, e esteve até 1834 nas cadeias de Estremoz e Abrantes.

Regressando a Santar, no fim da guerra civil, organisou e commandou uma companhia a que deu o titulo de *guarda nacional*.

No concelho de Nellas, foi juiz ordinario, presidente da camara e administrador do concelho, exercendo todos estes cargos com honra e desinteresse.

Foi tambem constantemente provedor da misericordia de Santar.

No tempo dos Cabraes, tomou o partido do povo, e parte activa na revolta de 1846; sendo pelo ministro da fazenda, da junta do Porto, feito thesoureiro pagador do districto administrativo de Viseu.

Formando-se por este tempo dois batalhões populares, em Viseu, foi um denominado *batalhão movel de Viseu*, do qual foi commandante o intrepido Jayme Garcia Mascarenhas—e outro denominado *batalhão provisorio*, e cujo commando foi dado a Francisco Coelho do Amaral.

Na batalha de Torres-Vedras (22 de dezembro de 1846) ficou prisioneiro a maior parte do *batalhão movel de Viseu*, e o seu destemido commandante, depois de ter obrado prodigios de valor.

Os que escaparam d'este batalhão, se uniram ao *provisorio*.

Coelho do Amaral, com o seu batalhão, fez a campanha da serra da Estrella, sob as ordens do general realista, Póvoas, e pela sua bravura, foi feito, pela Junta, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição.

O seu batalhão, que era um dos melhores da Junta, pelo aceio, valor e disciplina, marchou para Traz-os-Montes, com o 5.º *da Legião*, um meio esquadrão (de cavallaria) n.º 1, e outros corpos, em perseguição do general Simão da Costa Pessoa, já feito visconde de Vinhaes[1] e assistiu aos ataques e tomada de Mirandella (abril de 1847) sob as ordens do general realista, Bernardino Coelho Soares de Moura, que chegára a Mirandella com o regimento de infanteria n.º 9 (que tinha sido do Macdonell) e meio esquadrão de cavallaria; o que deu em resultado, a fugida de Vinhaes e dos seus pa-

[1] Tinha sido feito barão de Vinhaes, em 17 de junho de 1840.

Visconde do mesmo titulo, a 2 de janeiro de 1847—e foi feito conde, a 17 de junho de 1862.

ra a Galliza, sendo perseguidos até á raia, pelas tropas da Junta. [1]

A Junta, condecorou Coelho do Amaral, com o grau de official da ordem da Torre Espada, pela distincção com que se houve n'esta campanha.

Foi eleito deputado em differentes legislaturas, e vice-presidente da camara dos deputados.

Foi convidado pelo sr. bispo actual de Viseu, para aceitar uma pasta no seu ministerio, o que recusou, bem como recusou o pariato, que pelo mesmo prelado lhe foi offerecido, declarando que — *não trocava a procuração do povo, pela farda do ministro nem pelos arminhos do par.*

Terminou seus dias, na edade de 68 annos, em casa de seu genro, o sr. doutor José Caetano Henrique dos Reis, na villa de Cannas de Senhorim, em 7 de outubro de 1876.

—

Mórgado dos Lemos, em Santar

Foi instituido por D. Joanna de Sampaio do Amaral, viuva de João d'Almeida Castello-Branco, capitão-mór do concelho de Senhorim, e filha de Domingos Sampaio do Amaral, capitão-mór do mesmo concelho, e de sua mulher, D. Maria Coelho de Sá. (Seu marido era filho de Manuel Fernandes de Figueiredo, e de sua mulher, D. Antonia de Almeida Castello-Branco.)

Á instituidora succedeu seu filho, Manuel de Almeida Castello-Branco, e a este, sua irman, D. Maria Josefa Luiza d'Almeida Castello-Branco, mulher de Diogo Lopes de Souza d'Alvim, 18.º senhor da casa e terras de Bordonhos, e seus padroados.

(Vide *Bordonhos, Torre d'Alvim e Trófa*, do Douro.)

É hoje dono d'esta casa e representante d'esta nobilissima familia, o sr. Ruy Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, residente n'esta casa de Santar, e um dos mais respeitaveis fidalgos da provincia.

O sr. Ruy Lopes, é neto materno de José de Souza de Menezes Almeida e Vasconcellos, casado com D. Maria Rita de Mello Vilhena e Castro.

Esta Senhora, era irman de D. Maria Isabel de Mello Vilhena e Castro (ambas da nobilissima casa de Figueiredo das Donas) e mulher de seu primo, Gaspar Maria de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, capitão do segundo regimento de infanteria do Porto (18.)

Este Gaspar Maria, era o 6.º, de 22 irmãos (!) pela ordem das edades, porém, fallecendo sem filhos, seus irmãos, Duarte, Antonio, e Ignacio, e sendo os dois immediatos cavalleiros professos da ordem de Malta, que não podiam succeder em vinculos, veio o 6.º filho a herdar toda a grande casa de seus paes.

Teve Gaspar Maria só dois filhos; o sr. Antonio Carlos de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, que foi capitão do batalhão de caçadores n.º 7 (feito em 24 de janeiro de 1834) convencionado em Evora-Monte, e que ainda vive, solteiro, na sua casa do *Côvo* (junto a Oliveira de Azemeis) e Sebastião de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, que, sentando praça, de cadete, em cavallaria, passou depois a coronel de milicias, do exercito realista; e já é fallecido.

Casou com D. Emilia Maria Antonia Pamplona de Souza Holstein, filha do fallecido tenente general Pamplona (visconde de Beire) e de sua mulher — tambem já fallecida —D. Maria Helena de Souza Holstein, irman do 1.º duque de Palmella.

Sebastião de Castro e sua mulher, tiveram 8 filhos:

Gaspar Maria, hoje casado e com filhos.

Manoel Maria, Antonio Maria, e José Maria, solteiros.

D. Maria Isabel, casada com D. Manoel de Niza.

D. Maria Helena, hoje condessa da Ribeira.

D. Anna Maria, e D. Maria da Conceição, ainda solteiras.

[1] N'esta campanha, fomos companheiros d'armas, pois que o batalhão de Viseu fez brigada com o meu regimento (o de infanteria n.º 9).

—

Vê-se pois que o sr. Ruy Lopes, é segundo primo d'estes oito irmãos.

Além d'este proximo parentesco, ainda o sr. Ruy Lopes é parente dos referidos oito irmãos, pelo lado paterno, em razão do casamento de duas senhoras, filhas de seu 4.º avô, Bernardo de Carvalho Lemos, 8.º senhor de Trófa (a do concelho d'Agueda) e irmans de seu 3.º avô, Luiz Thomaz de Carvalho Lemos, 9.º senhor de Trófa.

Uma d'estas duas senhoras, casou na casa dos Castros, de Villa Nova de Cerveira, e outra, na dos Magalhães, do Côvo; casas que depois, por casamentos, se fundiram em uma só, que é a actual do *Côvo*.

—

Além do senhorio da Trófa, possuiam os antepassados do sr. Ruy Lopes, na mesma freguezia, varios bens alodiaes, que foram repartidos por seus descendentes, pelo que, a casa do Côvo, ainda alli tem bastantes rendas; assim como o sr. Ruy Lopes, que tambem ainda alli possue as ruinas do antigo palacio, solar dos Lemos, cujo herdeiro, em linha recta masculina, é este cavalheiro, sobrinho da actual senhora marqueza da Bemposta—Sub Serra.

(Vide *Alhandra*, *Roque-Annes*, *Torre de Alvim*, *Várzea*, *e Villarêlho*.)

—

Dos ditos, Manoel Fernandes de Figueiredo, e mulher, D. Antonia de Almeida Castello-Branco, paes do referido João d'Almeida Castello-Branco, procedem tambem, *Antonio de Abreu da Gama*, senhor da casa de Cannas de Senhorim; e por linha de varão, a casa de Midões (*Ribeiros Abranches Castellos Brancos*) representada actualmente pelo conselheiro, Cesar Ribeiro Abranches Castello Branco, fidalgo da casa real, dignissimo presidente da relação do Porto, feito 2.º visconde de Midões, em 21 de julho de 1870, e que é filho de Roque Ribeiro de Abranches Castello-Branco, que foi par do reino desde 1834, e senhor da casa de Midões, em que succedeu a seu pae (fallecido) a 12 de julho de 1783.

Roque Ribeiro tinha sido feito 1.º visconde de Midões (com grandeza) em 23 de outubro de 1837.

SANTAREM—sitio, Traz os-Montes, proximo ás aldeias de *Valle d'Egua*, *Zêbras*, e *Cabeça do Seixo*, no concelho e 20 kilometros de Chaves.

No sitio de Santarem, existem muitas ruinas de uma antiquissima e vasta povoação, de mais de 2 kilometros de circumferencia.

Ainda aqui se vê um arco, menos mal conservado, e uma torre, com grandes vestigios de edificios sumptuosos, com todos os signaes de obras romanas.

—

Em varios sitios, nas immediações de Chaves, se veem muitos vestigios de povoações antiquissimas, que todas, ou quasi todas, denotam ser obra dos romanos.

Vão nos logares competentes.

Aqui só tratarei de duas *cidades* ou *povoações mortas*, que ficam perto das de Santarem.

—

No logar de *Curalha*, a 7 kilometros de Chaves, existem as ruinas de uma povoação, com sua cêrca de muralhas, e dentro d'ella, alicerces de diversos edificios.

Ainda se lhe dá o nome de *Castro da Curalha*.

Diz o povo, que foi *povoação de mouros*.

Consta que a este castro, vae ter uma estrada subterranea, bastante larga, que ainda ninguem se atreveu a examinar.

Tem principio em uma gruta, na margem opposta do rio Tâmega, em um logar chamado *Bóbeda*, e, a uns 10 ou 12 metros, principia a descer, enterrando-se por um monte que cáe sobre o mesmo rio, e, passando por baixo d'este (que corre aqui entre penhascos) vae ter—segundo crê o povo d'aqui—ao tal castro. Se assim é (o que custa a crer...) deve tambem ser obra romana, e foi de grande despeza.

—

Entre uma montanha, chamada *Cóta de Mayros*, no termo de Monforte do Rio Livre, e o logar de Villa Frade, existem as ruinas de outra grande povoação, com parte de seus muros ainda de pé. Vide *Villa*

Frade, Villa Nova do Monte, Villarandêllo, e *Villas-Bôas.*

—

O artigo que segue, é offerecido ao ex.mo sr. Guilherme de Azevedo, esclarecido filho de Santarem, em testemunho de sincera amisade.

SANTAREM—cidade, Extremadura, capital do concelho, comarca e districto administrativo do seu nome, no patriarchado e 84 kilometros ao N. E. de Lisboa.

Tem actualmente trez freguezias (não contando com a de *Santa Iria*, ou *Ribeira de Santarem*—antigamente, *Ribeira do Alfange* —Vide *Iria* (*Santa*) a 2.ª col. do 3.º vol., pag. 3:9, col. 2.ª, e *Ribeira de Santarem.)*

As freguezias da cidade, propriamente dita, são—*Nossa Senhora de Marvilla*, com 600 fogos—*S. Nicolau*, com 450 — e o *Salvador*, com 500—total, 1:550 fogos, e 6:200 almas.

Antigamente, tinha 13 freguezias, que eram:

1.ª *Santa Maria de Alcáçova*——cujo parocho era prior, da apresentação do real padroado, e tinha de rendimento 250$000 réis.

Em 1768, tinha 200 fogos.

2.ª *Nossa Senhora de Marvilla*—apresentada pela mitra patriarchal.

O prior tinha 500$000 réis de rendimento.

Em 1768, tinha 285 fogos.

Em 24 d'agosto de 1876, o governo concedeu 300$000 réis para reparos d'esta egreja.

3.ª *Santa Cruz* — O parocho tinha réis 160$000. Era vigario, collado, apresentado pela collegiada de Santa Maria d'Alcáçova.

Em 1768, tinha 153 fogos.

4.ª *Santa Iria*—O parocho era vigario, da mesma apresentação. Tinha 180$000 réis.

Em 1768, tinha 381 fogos.

(É a actual freguezia da Ribeira de Santarem, que é um arrabalde da cidade.)

5.ª *O Salvador*—A casa das rainhas apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada, dous cantaros de azeite e duas pipas de vinho.

Em 1768, tinha 481 fogos.

É hoje um dos melhores templos da cidade.

6.ª *S. Julião* — A abbadessa do mosteiro cisterciense de Odivellas, apresentava o prior que tinha 350$000 réis.

Em 1768, tinha 210 fogos.

7.ª *S. Matheus* — Os duques do Cadaval apresentavam o prior, que tinha 500$000 réis.

Em 1768, tinha 7 fogos!

8.ª *S. Nicolau* — Os beneficiados e capellães d'esta egreja, apresentavam o prior, que era collado pelo ordinario, e tinha de renda, 500$000.

Em 1768, tinha 425 fogos.

9.ª *S. João do Alfange*—A collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

Em 1768, tinha 130 fogos.

10.ª *Santo Estevam* ou *Santo-Milagre*—A casa das rainhas, apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

Em 1768, tinha 130 fogos.

11.ª *S. Martinho*—A mitra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

Em 1768, tinha 60 fogos.

12.ª *S. Lourenço*—da mesma apresentação. O prior tinha 300$000 réis.

Em 1768, tinha 28 fogos.

13.ª *S. Thiago*—O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis.

Em 1768, tinha 17 fogos.

Vinham pois a ter as freguezias da cidade (então villa) 2:507 fogos; mas abatendo 381 da freguezia de Santa Iria (Ribeira) vinha a ter 2:126, mais 576 fogos (2:300 almas) do que actualmente! — É o resultado da extincção das ordens religiosas.

—

O concelho de Santarem, é composto de 28 freguezias, que são — *Abetureiras*, com 320 fogos—*Abraan*, 206—*Achête*, 310—*Alcanhões*, 270—*Alcanêde*, 590—*Almostér*, 390 —*Ameaes de Baixo*, 170,—*Arneiro dos Milhariços*, 160 — *Azinhaga*, 220 — *Azôia de Baixo*, 100—*Azôia de Cima*, 114—*Cazével*,

140—*Louriceira*, 80—*Malhou*, 130—*Paúl*, 300 — *Pérnes*, 200—*Pomballinho*, 150—*Póvoa dos Gallegos*, 100 — *Ribeira*, 420 — *Romeira*, 120 — *Marvilla*, 600 — *S. Nicolau*. 450 — *O Salvador*, 500 — (estas trez são as da cidade) *Tremez*, 200 — *Vaqueiros*, 70 — *Valle*, 160 — *Valle de Figueira*, 160 — *Várzea*, 220. — Todas com 6:850 fogos, ou 27:400 almas.

—

A comarca de Santarem, é composta do seu julgado e do de Rio-Maior, com 2:900 fogos. Total, 9:750 fogos.

—

O districto administrativo, comprehende 18 concelhos, que são: — Abrantes, Almeirim, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constancia, Coruche (do Alemtejo), Ferreira do Zêzere, Gollegan, Mação, Rio-Maior, Salvaterra de Magos, Santarem, Sardoal, Thomar, Torres Novas, Villa Nova da Barquinha, e Villa Nova de Ourem.

Todos com 135 freguezias, e 45:000 fogos, ou 180:000 almas.

—

Pertence ao districto da 1.ª divisão militar, e é quartel de infanteria n.º 4 e artilheria n.º 3.

Tem estação telegraphica; e é a 12.ª estação do caminho de ferro do norte, no bairro da Ribeira (Vide *Iria* (Santa) e *Ribeira de Santarem*.)

Tem um grande mercado no 2.º domingo de cada mez, e feiras annuaes pela Paschoella e a 11 de outubro.

Por onze vezes [1] aqui teve logar a convocação das *cortes dos trez estados*, como adiante se verá.

—

Foraes de Santarem.—O primeiro lhe foi dado em 13 de novembro de 1095 (Livro preto, da cathedral de Coimbra, a fl. 10.)

O 2.º por D. Affonso Henriques, em Coimbra, no mez de maio de 1179. *Maço 3 de foraes antigos*, n.º 2 e 3. Foi confirmado por D. Affonso II, em Santarem, a 8 d'abril de 1214. (*Maço 3 de foraes antigos, n.º* 3.) Segunda vez confirmado e ampliado pelo mesmo soberano, em Coimbra, a 12 de novembro de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl. 4 v., col. 2.ª) Este foral acha-se impresso, com os *costumes*, no tomo 4.º de *Ineditos de historia portugueza*, pag. 531.

Tem uma *sentença de foral*, datada de 25 de maio de 1444. (*Corpo chronologico, parte* 2.ª, *maço* 1.º doc. 2.º) Tem outra *sentença de foral*, dada a favor de Santarem, contra o marquez de Villa Real. (Gaveta 3.ª, maço 3, n.º 13.)

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Almeirim, no 1.º de fevereiro de 1506. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 16 v., col. 2.ª)

—

Foi por muitas vezes côrte dos nossos reis, até 1834, e todos a distinguiram muito; e aqui viveram alguns, grande parte do seu reinado, nos paços reaes da Alcáçova, mandados fazer por D. Affonso I, junto á capella real da mesma denominação, reedificada pelos cavalleiros do Templo, sobre as ruinas de um templo romano.

D. Affonso I, desde 8 de maio de 1147, dia em que conquistou Santarem, até ao fim do seu reinado, enriqueceu esta povoação, não só com grandes privilegios, mas tambem com magestosos edificios.

O rei e os seus guerreiros, entraram em Santarem pela *porta de Atamárma* e perpetuou esta victoria, instituindo a ordem de *S. Miguel d'Ala*, e fundando o magestoso mosteiro cisterciense, de Alcobaça.

Para a palavra *Atamárma* vide o 1.º vol., pag. 251 col. 2.ª

D. Pedro I, reconstruiu os paços de Alcáçova.

D. Manuel I, tambem aqui fundou magnificos templos, fontes, calçadas, a famosa *torre das Cabaças*, a ponte da Asseca, e outros edificios.

—

Teve muitos palacios de titulares e outros

[1] A carta de lei, de 24 de dezembro de 1868, que lhe restitue a sua antiquissima cathegoria de cidade, diz que se convocaram aqui *doze* vezes cortes. Julgo ser erro typographico, porque eu não acho senão *onze*.

fidalgos, sendo os principaes, os dos duques de Bragança e os dos condes de Aveiras, da Palma, de Tarouca e de Unhão.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco primeiro, ao lado de Lisboa, Porto, Evora, Coimbra, e Elvas.

—

Até ao fim do seculo XVIII, foi Santarem governada pelo senado da camara, e por um vigario-geral, com jurisdicção, tanto no temporal, como no espiritual. O governo do rei, não podia intervir nos negocios municipaes, senão depois de concluidos, e para acudir-lhes com dinheiros do thesouro publico. Isto, em vista dos seus antigos privilegios, sempre religiosamente respeitados pelos nossos monarchas.

—

Houve em Santarem muitas *emparedadas*, sendo as de maior fama de santidade, *Maria Domingues, D. Gontina, D. Maria Bernardes, Elvira Paes, e Elvira Durôa.*

—

O seu escudo d'armas, é—em campo azul, um castello de prata, com trez torres, sobre um rio, tendo o castello, sobre a porta, as armas de Portugal.

—

A alcaidaria-mór de Santarem, andava na casa dos condes de Assumar, depois, marquezes de Alorna e da Fronteira.

—

É cabeça do vicariato-geral, e assento do seminario patriarchal.

—

Santarem, é tambem um appellido nobre em Portugal. Procede de *João Guilherme de Santarem* (que tomou este appellido, por ser d'aqui natural) no reinado de D. Diniz; porém, D. João I, é que armou cavalleiro, a *João Affonso de Santarem*, na batalha de Aljubarrôta, em 14 d'agosto de 1385. O mesmo soberano lhe deu por armas—escudo esquartellado: no 1.º e 4.º, de negro, um leão de prata, armado de púrpura—no 2.º e 3.º, do mesmo, trez coticas de ouro, em palla—élmo d'aço aberto; e por timbre, o leão das armas, com uma cotica de púrpura, no costado.

Este João Affonso de Santarem, foi sepultado na egreja de S. Nicolau, da villa do seu nascimento, na capella de Jesus Christo, em um rico mausoleu, que ainda existe. Foi este fidalgo que instituiu o *hospital de Jesus Christo*, em 1426.

Foi 3.º neto de João Guilherme de Santarem, João Affonso de Santarem (outro) que usava de brazão d'armas differente — era — escudo dividido em palla — na 1.ª, de negro, um leão de prata, armado de púrpura—na 2.ª, do mesmo, trez coticas de ouro, em palla — élmo d'aço aberto; e por timbre — o leão das armas, com uma das coticas do escudo, na espadua.

Julga-se que foram estas as primitivas armas dos *Santarens.*

—

Fica esta cidade, quasi no centro da provincia da Extremadura. A sua parte principal, está assente no alto de um monte, que, do lado do éste, é cortado quasi perpendicularmente sobre o valle. Ao fundo está o antigo *bairro do Alfange* (antigo *Alhanse*) e mais alem o da *Ribeira*, onde é a estação do caminho de ferro do norte.[1]

A cidade é dividida em trez bairros — *Marvilla* (antigamente *Maravilhas*) *Ribeira*, e *Alfange*. Marvilla, occupa a parte superior (o plató) do monte. — Ainda aqui se veem alguns lanços de muralhas ameiadas, e algumas das suas antigas torres, cubêllos e barbacans. Tinha cinco portas—da *Atamárma* (vide esta palavra) que ainda existe—a *de Leiria*, que foi arrazada—e a *de Mansos*, que ainda se conserva — a do *Sol*, actual-

[1] *Alhanse* pronunciava-se com o h *aspirado*, e, como nós transformámos em F aquella letra, diziamos *Alfanse*, que facilmente se corrompeu em *Alfange*.

mente tapada a pedra e cal[1]—e a *de Santhiago.*

Tinha tambem varios *postigos*, alguns dos quaes ainda existem.

No ponto mais elevado da povoação, e sobranceiro ao Tejo, está a antiga cidadella da *Alcáçova*, com a sua cêrca de muralhas, portas e postigos. Teve antigamente uma ponte levadiça, á entrada da porta principal.

Dentro d'esta cidadella, estavam os paços reaes, por isso chamados da Alcáçova. Ainda aqui se veem muitos vestigios de edificios antigos, e entre elles, uma porta, de bellissima architectura gothica.

—

No bairro de Marvilla (a parte principal e mais nobre da cidade) estão os seus melhores edificios, e os monumentos mais respeitaveis da sua historia.

Os bairros do Alfange e da Ribeira, estendem se pela margem direita do Tejo e pelo declive da encosta, orlando as calçadas que sobem para Marvilla: sendo a mais notavel a da Atamárma, que vae ter á fonte e á porta do mesmo nome, por onde entrou D. Affonso Henriques, com a maior parte da sua hoste, quando, em 8 de maio de 1147, conquistou esta praça.

Estes dois bairros, são tambem antiquissimos, e foram egualmente cercados de muralhas, guarnecidas de torres, das quaes ainda ha muitos vestigios. Ha n'elles grande movimento commercial e industrial, por que são o deposito de todos os generos que a cidade importa e exporta, pelo Tejo, de que estão proximos.

—

O seu principal edificio religioso, e um dos mais antigos, é a *real collegiada de Santa Maria de Alcáçova*, fundada pelos templarios (que ajudaram D. Affonso I a conquistar Santarem) dentro da antiga cidadella de que tomou o nome, e ficava contigua aos paços dos nossos antigos réis, servindo-lhes de capella-real, para o que havia uma communicação interior. Ainda conserva o titulo de capella-real.

Esta collegiada foi instituida pelos annos de 1282, reinando D. Diniz, com 17 cónegos, 4 meios cónegos e trez *dignidades* (chantre, mestre-escola, e thesoureiro.) A egreja é de trez naves, e pequena. Exteriormente, nada conserva da sua architectura primittiva. No interior, apezar das repetidas reconstrucções (a maior das quaes, principiou em 1715 e terminou em 1724) ainda conserva bem visiveis alguns restos, que denotam muita antiguidade.

Na capella-mór d'esta egreja, do lado do Evangelho, está um tumulo de mármore, embebido na parede, onde foi sepultado D. Rodrigo Affonso, prior d'esta egreja, conego de Santa Cruz de Coimbra, e filho bastardo de D. Affonso III.

Alem d'esta, ha outras sepulturas de pessoas, mais ou menos notaveis.

No adro, estão dois cippos, com inscripções romanas, que dizem (traducção) uma —*Memoria, dedicada aos deuses dos mortos. Aqui está sepultado, Marco Antonio, natural de Lisboa, filho de Marco Lobo, da tribu Galéria*—a outra diz—*Memoria dedicada aos deuses dos finados. Aqui jaz, Quinto Antonio, militar, filho de Cayo, perfeito, natural de Lisboa.*

—

A collegiada de Santa Maria de Marvilla (antigamente, *das Maravilhas*) tambem foi instituida durante o reinado de D. Affonso Henriques. A sua egreja (parochial) é uma das mais bellas e vastas da cidade. É de trez naves, sustentadas por altas e elegantes columnas jonicas. Tem sido tambem por varias vezes reconstruida. O rei D. Manoel, reedificou *á fundamentis*, a capella-mór, e ampliou o corpo da egreja. A sua porta principal, é de architectura gothica, e adornada de primorosos lavores. (Vide o anno 1244.)

—

A egreja de *Santo Estevam* (mais conhecida pela denominação de *Santo Milagre*, e que foi matriz da freguezia do seu nome) foi fundada no seculo XII, e sagrada em 1241.

[1] Esta porta, dá sobre um medonho despenhadeiro (o de que já fallei) e durante o dominio dos arabes, eram d'aqui precipitados os reus de crimes graves, que mereciam a morte.

Quando chegavam ao fundo, hiam reduzidos a uma massa informe.

Não é tão vasta como a de Alcáçova; mas é tambem de trez naves, sustentadas por columnas de architetura toscana. Em quatro paineis, no corpo da egreja, está representada a historia do *Santo Milagre*. No 1.º vê se a mulher que commetteu o sacrilegio, recebendo a communhão—No 2.º, vae ella em caminho de sua casa, levando escondida a sagrada particula—No 3.º, se vê a arca onde guardou a hostia, cercada de anjos e resplendores—No 4.º, se representa a procissão com que foi levada a hostia para a egreja de Santo Estevam, d'onde tinha sido ministrada. (Vide o anno 1226; e no 4.º vol., artigo *Lisboa*—o *Homem das botas*.)

—

A egreja parochial de *S. Nicolau*, é tambem de trez naves.

A primittiva foi devorada por um incendio, em 1613.

—

A egreja parochial do *Salvador*, é uma das mais vastas e formosas da cidade.

Todas estas trez egrejas estão no bairro de Marvilla.

—

Alem d'estas egrejas, ha ainda algumas que foram antigas matrizes, e grande numero de capellas.

Um dos mais famosos e venerandos templos de Santarem, era o de *S. João d'Alporão*. Foi templo romano, dedicado a Julio Cesar, depois, mesquita dos árabes, e por fim templo christão. (Vide o anno 49, antes de J. C.)

Julga-se que os mouros chamavam *torre do Alcorão* [1] a uma que estava ao lado d'este templo, e Alcorão, se corrompeu em Alporão.

A egreja de S. João d'Alporão, tão veneranda pela sua remotissima antiguidade (tem nada menos de 1:928 annos!) foi transformada em um reles *theatro*, depois de 1834.

Actualmente anda a reparar-se, para se estabelecer alli o museu archeologico do districto. Valha-nos isso!...

(Vide adiante, onde trato d'este museu.)

—

Até ao principio do seculo XV, houve em Santarem grande numero de hospitaes, para pobres, que, em 1426, Dom João II, annexou ao de Jesus Christo, fundada por *D. João Affonso de Santarem*, no reinado de D. João I.

—

A torre do relogio *(torre das Cabaças)* é um monumento notavel.

—

Santarem, tinha jurisdicção sobre 16 villas, e grande numero de freguezias.

Sobre a *porta de Mansos*, havia uma torre quadrada, onde o tribunal da relação fazia as suas sessões; mudado este para Lisboa, ficou a torre, por muitos annos, servindo de casa da camara.

Foi mandada edificar pelo rei D. Manoel. Tem 22 metros de altura, e é rematada por uma cúpula, sobre a qual está um grande sino, sustentado por 4 robustos varões de ferro. É o sino das horas, e a sua voz é repercutida por sete bilhas quebradas, presas a varões de ferro. (Diz o povo que representam os 7 vereadores da camara—representarão.) É d'estas bilhas que á torre provem o nome de *Cabaças*.

—

A mais alta torre que havia em Santarem, era a *torre do Bufo;* que se suppõe ser construcção romana, ou pelo menos, árabe. Era na Alcáçova. Foi demolida em 1640, para com os seus materiaes se reconstruirem as muralhas da praça.

—

Tambem na Alcáçova existia a *torre Al-*

[1] É a palavra arabe *Al-koran*. Significa *livro por excellencia* (como entre christãos e judeus — *Biblia*.) Deriva-se do verbo *cará* (lêr, colligir escriptos.) O Alcorão, dos mahometanos, por muito tempo andou disperso por differentes sectarios, em capitulos e rapsodias, e só depois de tudo reunido em um livro, é que se lhe deu este nome. É uma mistura de christianismo, judaismo e paganismo, a que juntaram outras doutrinas de Mahomet.

Alcorão, tambem significa logar eminente. —*O adail, andou com elle a braços, e o lançou do Alcorão abaixo, o por ser muito alto, se fez em pedaços. (Chronica d'el rei D. Manoel*, por Damião de Góes, parte 4.ª, capitulo 39.)

barran (tão antiga como a do Bufo, e que teve a mesma sorte.)

—

As ruas de Santarem, como as de todas as povoações antigas, são estreitas, tortas, immundas e mal calçadas; mas tem algumas praças alegres e espaçosas, e quasi todas arborisadas modernamente.

—

Em *Fóra de Villa* (sitio assim chamado, por ficar extra-muros) ha um bonito passeio publico, arborisado, com alegrêtes, e assentos de pedra. É ali que se fazem as feiras e mercados da cidade. Hoje denomina-se *Campo de Sá da Bandeira.*

—

A praça onde está a casa da camara, e a egreja de Santa Maria de Marvilla, foi o antigo *tabolado* de Santarem. Aqui se faziam justas, torneios, jogos de cannas, e corridas de touros.

—

O *terreiro da Piedade*, chamava-se antigamente, *terreiro do Paço*, por estar em frente de um dos trez palacios que os nossos reis tinham em Santarem. Foi no chão d'este paço que se construiu depois o collegio dos jesuitas, hoje o seminario patriarchal.

—

O palacio dos condes de Unhão, que, por extincção d'esta familia, passou aos marquezes de Niza, foi comprado pelo patriarcha D. Guilherme I, que o reconstruiu, e é hoje o *palacio* patriarchal.

—

Ha em Santarem, um theatro, uma praça de touros, e uma casa de assembleia.

Tem varias fontes, mas nenhuma digna de mensão, pela sua architectura.

—

Judiaria—Vide adiante—*Ermida de Santo Ildefonso.*

—

Todo o territorio comprehendido no districto administrativo de Santarem, é, em geral, fertilissimo, sobre tudo em cereaes, vinho, azeite, legumes, hortaliças e fructas.

São famosos, pela sua vastidão e antiguidade, os *olivaes de Santarem.*

Os que lhe ficam ao S.O. e O., foram muito damnificados, tanto pelos realistas, como pelos liberaes, desde outubro de 1833, até maio de 1834.

Consta que, em tempos antigos, exportavam annualmente, termo medio, 3:000 pipas de azeite.

É tambem celebre, o *Campo da Gollegan*, vasta planicie que lhe fica ao N.E., com mais de 20 kilometros de comprido, por 6 a 8 de largo, toda cultivada, comprehendendo olivaes, vinhas, cearas, hortas e pomares, e que o Tejo banha pelo sul.

Os mouros lhe chamavam *Valle de Assacaia*, palavra árabe, que significa *Valle dos Regatos.*

Ainda nos arrabaldes de Santarem, ha um sitio chamado *Assacaia.* É n'elle que se vê a estação do caminho de ferro.

Os árabes tambem diziam *Acequiat*, vem do verbo *sacá*, regar. D'aqui vem o substantivo do antigo portuguez, *acequia.* Hoje dizse—*motta, madria, açúde, levada*, etc.—No Minho tambem se lhe dá o nome de *Naceiro.*

Assacaia, ou *Acequia*, tambem significa, valla para irrigação. *Antes de chegarem, haviam de passar muitas acequias.* (*Chronica de El-Rei D. Manoel*, por Damião de Góes, parte 3.ª, capitulo 74.)

—

O Tejo e o mar, abastecem Santarem e a maior parte do seu districto, de optimo peixe, de varias qualidades.

—

O clima de Santarem é bastante saudavel e muito mais o seria, se houvesse mais cuidado da sua limpeza.

—

Militarmente fallando, é Santarem um ponto importantissimo, e, se fosse convenientemente fortificado, bem como Palmella, Almada, Torres Vedras, Peniche e a Ericeira, a cidade de Lisboa e a sua barra, tornar-se-hia quasi inconquistavel, depois de construidas as obras de defeza indicadas por Sá da Bandeira.

—

De quasi todos os pontos do bairro de Marvilla se gozam magnificas e extensas vistas, sobre tudo, do alto de São Bento, da

Porta do Sol, da torre do seminario, e do *monte dos Cravos*.

Alem dos Campos da Gollegan, e de vastissimos olivedos, vê-se o curso do Tejo, em muitos kilometros de extensão; as villas de Almeirim, Muge, Salvaterra de Magos, Benavente e Coruche (do Alemtejo) e os logares de Vallada, Porto de Muge, e muitos outros.

Ao sul do Tejo, se veem vastos pinhaes, e longas cordilheiras de serras, e ao fundo, os bairros da Ribeira do Alfange, e mais além, o bonito arrabalde, que ainda conserva o nome árabe de *Assacaias*, e o das *Omnias*, estendendo-se pela margem direita do Tejo. Tambem se vê uma grande extensão da via ferrea.

Nos arrabaldes da cidade, ha muitas, ricas, extensas e magnificas quintas, todas muito ferteis.

Nos seus campos se cria toda a qualidade de gado, principalmente cavallar, que exporta em grande escala. [1]

Tambem são abundantes de caça, e, no inverno, acode muita, de arribação, ás lesirias, de que se fazem grandes e divertidas caçadas.

—

A cidade está ligada com Lisboa, Coimbra, Porto, Elvas, Badajoz, e outras muitissimas povoações intermediarias, pelo caminho de ferro do norte e leste.

—

Os homens notaveis nascidos em Santarem, vão mencionados nas annos competentes.

[1] Os antigos diziam que os cavallos dos campos de Santarem—eram — como os de Cintra—filhos de Vento; para exprimirem a prodigiosa velocidade da sua carreira. Com effeito, os antigos cavallos de uma grande parte da Lusitania, eram de finissima raça, e, eguaes, senão superiores aos da Arabia (os famosos *bereberes*) e aos melhores da Numidia. Os romanos e outros invasores de Portugal, nos roubaram os melhores, e a raça apurada, chegou quasi a extinguir-se. Hoje alguns creadores teem-se esmerado em aperfeiçoar a raça cavallar, distinguindo-se entre todos, o sr. Carlos Relvas, da Gollegan, que tem uma das melhores caudelarias de Portugal.

—

No livro 3.º, pag. 22, da *Fundação, antiguidades e grandezas, da mui insigne cidade de Lisboa*, pelo capitão, Luiz Marinho de Azevedo, se diz que na *Porta do Pão* (Ribeira) em Santarem, existiu a seguinte inscripção

D. M. S,
JULI. MARC. FAN. (?) XXVIII.
JUL. PATERNA. MATER.
FILIAE. PIENTISSIMAE,
OLISIPONENSI. ARAM.
POSUIT.
H. S. E.

(Consagrada aos deuses manes. Aqui está sepultada Julia Marcos, de 28 annos, natural de Lisboa. Sua mãe, Julia Paterna, dedicou esta ára, a sua piedosissima filha.)

—

O sabio doutor allemão, *Hubner*, varias vezes citado n'esta obra, diz que de Santarem sahia uma via militar dos romanos, em direcção á costa; provavelmente por Monte-Junto, talvez nas alturas da villa das Caldas-da-Rainha. «O que é certo (diz elle) é que na fertil região da costa, entre Peniche e Leiria, se encontram numerosos vestigios de colonias romanas.»

Calçadas

Eis os nomes das nove calçadas por onde se sobe para Santarem.

1.ª — *Atamarma*: nome que procede de uma fonte que alli ha, onde termina; tendo principiado na Ribeira.

2.ª—*Santa Clara:* Principia na Ribeira e termina no mosteiro de Santa Clara, e no de frades de S. Francisco.

3.ª — *S. Thiago:* Está actualmente quasi intransitavel. Principia junto da egreja de Santa Iria, na Ribeira, e acaba na *Porta da Alcáçova*.

4.ª—*Alfange:* Principia no bairro d'este nome, ao S. da cidade. Os arabes lhe chamavam *Alhanse*, que significa *cóbra*, pelas voltas que dá até ao alto. O mesmo nome davam ao valle hoje chamado do Alfange. Termina no adro do mosteiro dos agostinhos.

5.ª—*Nossa Senhora da Vallada*: Tambem

chamada das *Omnias*, e da *Madre de Deus*. Principia nas Omnias, (margem do Tejo) e termina na rua do Pereiro. Viterbo suppõe que *Omnias* é corrupção de *almuinhas*; mas outros pretendem que venha do latim *Omnia*, por haver n'aquelle sitio varias hortas e pomares, que dão *toda* a qualidade de fructas, de optimo gosto.

6.ª — *Junqueira*: Tambem principia nas Omnias, vae a S. Lazaro, e d'ahi, dobrando ao N.E., entra na cidade pela *porta de Mansos*.

7.ª — *Do Sitio*, ou das *Pedreiras*: É a estrada de Lisboa, e termina junto do hospital civil, que foi mosteiro de S. Francisco. (Este mosteiro foi fundado em um logar, chamado antigamente, *Sitio da Magdalena*.

8.ª — *S. Domingos*: Termina no mosteiro de frades dominicos.

9.ª—*Nossa Senhora do Monte*.

Estas trez ultimas sobem do N. e O., e todas vem de profundos valles.

—

Portas

Eram oito. Eis os seus nomes.

1.ª—*Alamarma*, no alto da calçada do seu nome. (Sobre esta porta foi construida a ermida de Nossa Senhora da Victoria, por entrar por aqui D. Affonso I, quando tomou Santarem.)

2.ª—*Leiria*, junto da egreja de Nossa Senhora da Piedade. Vide egreja de *Nossa Senhora da Trindade*, e mosteiro de agostinhos descalços.

3.ª—*Mansos*. Onde em uma ermidinha está a Senhora do Bom Successo. É por isto que a esta porta se chama hoje—*Arco do Bom-Successo*.

4.ª—*Vallada*, ou da *Madre de Deus*. (Por ter em cima a ermida d'esta Senhora) As capellas que estavam sobre estas quatro portas, foram mandadas construir por D. Affonso I.

5.ª—*S. Thiago*. Junto á porta do antigo castello de Alcáçova.

6.ª—*Sol*. Esta era mesmo no castello e ficava sobre o despenhadeiro perpendicular ao Tejo. (A *Alhafa*, dos mouros.)

É a esta porta (pelo S.) que vem ter a calçada do Alfange.

7.ª—*Alfange*. (Antigamente *Alhanse*.)

8.ª *S. Gens*. — Deu se-lhe este nome por que por ella entrou S. Gens, a prégar o Evangelho, aos santarenos. Outros, porém, dizem que o nome lhe provem de ser aqui martyrisado aquelle santo, pelos romanos.

Ignora-se o nome que tinha no tempo dos romanos e depois, no dos arabes.

9.ª *Postigo de D. Margarida*.—Fica ao O. —Tambem se ignora o nome primitivo d'esta porta; e é mesmo provavel que os romanos lhe dessem um, e os mouros outro.

O moderno foi-lhe dado, porque junto a ella havia umas casas. ou palacio, onde por muitos annos residiu D. Margarida, mulher de D. Martinho Affonso de Castro. vice rei da India, e mãe de D. Francisca de Távora e Castro, mulher de Fernão Telles de Menezes da Silveira, 1.º conde de Unhão.

—

Todas estas portas foram construidas pelos romanos, e depois, os godos as guarneceram de fortes baluartes e cubêllos.

—

Sómente as quatro primeiras tinham ermidas.

—

Santarem foi sempre da coroa. Foi o 1.º assento do tribunal da relação e casa do civel, d'este reino. Foi côrte por muitos annos, de varios dos nossos reis, que lhe concederam muitos e grandes privilegios.

Até 1834, era o senado da camara municipal composto de trez vereadores, um procurador do concelho, dous misteres, um alferes,[1] um escrivão, um thesoureiro, um sindico, dous almotacés com seus escrivães (um do bairro de Marvilla e outro do da Ribeira) um agente, um pagem, e um portachaves.

Tinha *casa dos vinte e quatro*, com juiz do povo, escrivão e um almotacé da limpeza.

»Na praça da villa, existem (1740) as casas do senado da camara, com uma vistosa galeria, de janellas de sacada, com grades de ferro. No ultimo andar de cima, para on-

[1] O alferes tinha assento no senado, em cadeira de espalda; era chanceller e guarda-sellos da camara, e levava a bandeira municipal, nos actos solemnes.

de se sobe da grande sala em que o juiz de fóra faz a sua audiencia, tem trez formosas salas, cuja sahida faz uma bem lançada escada de pedraria lavrada—a 1.ª, é a sala onde estão os porteiros e pagens—na 2.ª, está a meza dos senadores, e ahi tem uma bem armada *capella de Nossà Senhora, onde se diz missa todos os dias em que ha despacho* —e logo mais para dentro está uma grande casa, na qual existe o cartorio, ou archivo, onde se depositam todas as cousas pertencentes a esta villa, assim antigas como modernas. Por baixo logo d'estas casas da camara, ficam as dos *contos,* em que tem tribunal o provedor das lezirias, com a mesma grandeza, e janellas que as de cima. E por baixo d'esta dos contos, ficam as cadeias dos presos, que são, duas dos homens e uma das mulheres, todas com muita fortaleza de grades, e bem fechadas; com um carcereiro, o qual se obriga a dar conta de todas as pessoas prisioneiras que lhe entregam.»

«Contiguos a estas cadeias, estão os açougues, onde se vende carne e peixe, e no meio da escada em que se sóbe da praça para o dito senado, fica uma casa com sua janella de grades, sacada, que é onde os almotacés, em certos dias, fazem as suas audiencias. Defronte, na mesma praça, está o aljube, onde se mettem os presos que pertencem ao ecclesiastico, tendo por cima, o vigario geral, o seu tribunal, em que faz audiencia.»

«Tem esta villa, um desembargador juiz do tombo das terras da corôa, e um procurador da mesma coroa real, que ambos são ministros de béca, com seu escrivão.»

«Tem provedor da camara, com um escrivão, um meirinho, um contador, e um *inqueredor*, que, além das villas d'esta comarca, entra em correcção, na villa de Torres-Novas e seu termo, que é dos duques de Aveiro. E, alem do Tejo, na villa de Muge, que é dos duques do Cadaval; e na villa de Coruche» (do Alemtejo).

«Tem juiz de fóra, com alçada e dez escrivães do civel e crime, um distribuidor, cinco *inqueredores,* dous alcaides (que nomeia o alcaide-mór d'esta villa, e os confirma o senado da camara) dous *escrivães das armas,* um das execuções, com seu ajudante; cinco tabelliães, dous escrivães das cizas (um da repartição de Marvilla, outro da Ribeira) um escrivão do real d'agua, e um fiel das appellações.

«Tem juiz de fóra, dos orphãos, com alçada, o qual tem quatro escrivães do juizo, dous repartidores, dous avaliadores do concelho, um curador geral dos orphãos, um inqueredor e um distribuidor.»

«Ha n'esta terra um provedor das lezirias, o qual tem jurisdição, desde a villa de Abrantes, até á villa de Cascaes, com dous escrivães (um das lezirias, outro das jugadas) um procurador da fazenda, e um meirinho geral das Vallas. Tem quatro almoxarifes; um das jugadas, com seu escrivão, e porteiro, cujo almoxarifado se divide em cinco ramos, e cada um d'estes tem seu escrivão, carreteiro e medidor; e um d'estes ramos, por ser maior que os outros, tem dous escrivães. O almoxarife, tem um medidor-geral, de todos os celleiros, para pagamento das tenças e ordinarias que d'este almoxarifado se pagam.»

«Almoxarife do Paul da Asseca, com seu escrivão, carreteiro, medidor, e meirinho.»

«Almoxarife das Barrocas da Rainha, com seu escrivão e meirinho.»

«Almoxarife das cizas, com seu escrivão e dous thesoureiros.»

«Um almoxarife da portagem, que é da casa do infantado, com trez escrivães, um n'esta villa, outro em Porto de Muge, e outro na villa da Gollegan.

«Um almoxarife das quintas, reguengo da Tojosa, e jugadas de Casével, com dous escrivães, do que é donatario, o conde de Tarouca.»

«Provedor, e guarda-mór da saude, com seu escrivão, e meirinho.»

«Juiz das imposições e aposentadorias, com dous escrivães e um porteiro.»

«É d'esta villa de Santarem alcaide-mór, o conde de Assumar, onde tem seu mordomo; e quando o dito alcaide-mór assiste n'esta villa, é capitão-mór d'ella.»

«Tem sargento-mór da camara, com um ajudante, e manda 32 companhias—7 dentro d'esta villa, e 25 pela comarca.»

«Tem mestre de campo dos auxiliares, com seu sargento-mór, e ajudante; cujo dominio tem 10 companhias.»

«Ha n'esta villa, mamposteiro-mór dos captivos, com escrivão e procurador.»

«Ha tambem juiz das coutadas, mattas e montarias, da repartição d'esta villa, com seu escrivão e meirinho.»

«Monteiro-mór, com 24 monteiros da guarda das mattas da banda do norte.»

«Dous superintendentes das caudelarias —um da repartição da Serra, outro do Campo; cada um d'elles com seu escrivão.»

No ecclesiastico tem:

«Um vigario-geral, com jurisdição, tanto no temporal, como no espiritual; juiz dos residuos e casamentos; chanceller, e promotor, um escrivão da camara, 4 escrivães do juizo, inqueredor, distribuidor, contador, meirinho-geral, escrivão dos depositos e causas matrimoniaes, thesoureiro dos depositos, chancellaria, e solicitador.»

Ah!=Até que emfim!...

Juntando toda esta gente, aos parochos, cónegos, beneficiados, sachristães, sineiros, coveiros, organistas, etc., das 13 freguezias; aos frades, leigos, donatos, familiares e creados dos 11 conventos; ás freiras, seculares, educandas e creadas, de trez conventos; aos empregados dos diversos hospitaes; e ainda por cima, ao grande numero de fidalgos, camaristas, porteiros da canna, archeiros, familiares, creados e lacaios da casa real, quando a corte estava em Santarem, parece impossivel caber lá tanta gente!

—

Periodicos que me consta terem sido publicados em Santarem:

Congresso Litterario..... *1856*
O Scalabitano..... *1857*
Aurora de Santarem..... *1866*
O Alfageme..... *1871*
Aurora do Tejo..... *1878*

—

O rei D. Manuel, fundou em Santarem uma grande fabrica d'armas.

—

Termo de Santarem

Tanquinhos, aldeia.

Azinhaga, freguezia, com Misericordia e um hospital, e cinco ermidas — (Espirito Santo, S. José, S. João, S. Sebastião, e Santa Catharina.)

Pombal, freguezia, cuja padroeira é Santa Cruz. (É a actual freguezia de *Pomballinho*, concelho de Santarem.)

Valle de Figueira, freguezia, com um mosteiro de frades arrábidos. (Vide *Valle de Figueira*.)

Alcanhões, freguezia.

Pôvoa de Gallegos, freguezia.

S. Vicente do Paúl, freguezia, com as suas aldeias de—*Tojosa, Corredoura, Carpinteiros, Martinhaes, Reguengo d'Alviella*, e *Arressaio*.

Vaqueiros, freguezia.

Casével, freguezia.

Ribeira de Pérnes, freguezia (hoje *Pernes*) com a sua ermida de Santo Antonio, e com as seguintes aldeias—*Outeiro, Chan de Cima* (com uma ermida) *Chan-de Baixo, Póvoa das Mós* (com as suas ermidas, de S. Bento e S. Miguel) *Aldeia da Mouta* (com a sua ermida da Senhora da Conceição) *Malhô* (ao pé da Serra de Santa Martha) *Arneiro das Milhariças* (hoje freguezia) *S. Lourenço* (hoje freguezia) com a sua ermida de S. Lourenço.

Espirito Santo (hoje freguezia) *Ameaes de Baixo*, com a sua ermida de S. Gens, *Louriceira* (hoje freguezia) com as suas ermidas de S. Vicente e Nossa Senhora da Purificação—esta, na Quinta dos Olhos d'agua.

Axête, freguezia, com as suas aldeias de —*Fonte da Pedra, Cumeeiras, Verdêlho, A do Vagar*, e *A de D. Fernando*.

Tremez, freguezia.

Santos, aldeia.

Azôia de Cima, freguezia.

Azôia de Baixo, freguezia. (Foi n'esta freguezia, a *Quinta de Valle de Lobos*, que morreu o primoroso escriptor, *Alexandre Herculano*. Vide, *Valle de Lôbos*.

Romeira, freguezia.

Abetureiras, freguezia — com as suas aldeias de *Villa-Nova-da-Babéca, Mouçarrias, Povoa-do-Baixinho, Vidigan, Soydos, Lamarosa, Joanninho, Albergaria, Póvoa do Conde, Povoa de Trez*, e *Porto da Oliveira*.

Rio-Maior, villa e freguezia, com as suas aldeias de—*Ribeira, Serra, Traz da Serra*, e *Marinhas*.

São João da Ribeira, freguezia, com as suas aldeias de — *Marmelleira, Malaqueijo, Arouquellas*, e *Assentiz*.

Almostér, freguezia, com o seu real mosteiro, de freiras bernardas, e com as seguintes aldeias — *Freiria, Atalaya, Alfôbres de Mel, Póvoa, Isenta, Pimenteira, Almedelim, Mata-Quatro, Casal do Paúl, Louriceira, Villa Nova do Couto* (com a sua ermida de Santa Victoria) *Outeiro, Alfonsomel, Valle do Gago, Albergaria* (com a sua ermida de Santa Catharina) *Bom-Palreu, Chuchêm* (com a sua ermida tambem de Santa Catharina) *Casaes da Charneca, Bairro-Falcão* (com a sua ermida de Santo Amaro).

Arrifana, freguezia com as suas 8 ermidas, e as aldeias de—*Alcoentrinho, Villa Nova de São Pedro, Póvoa do Sobral, Moccessa, Fonte-Nova, Carvalho, Foupineira, Ventosa, Calla, Barran, Lapa, Casaes de Alcoentrinho, Outeiro, Carrascal, Torre, Baraçal*, e os casaes da *Macusso*, e *Eireira*.

Varzea, freguezia com mais duas aldeias, que são—*Outeiro*, e *Villa-Gateira*.

Valle, freguezia.

Arruda dos Pisões, freguezia.

Ribeira da Cortiçada, freguezia, com as suas aldeias do *Outeiro*, e *Correias*.

Vallada, freguezia com a aldeia de *Porto de Muge*, e esta com a sua capella de S. João Baptista.

Pontível, freguezia.

Cartaxo, villa e freguezia, com as suas ermidas do Espirito-Santo, São Pedro, São Gens, e o mosteiro de frades franciscanos, da provincia de Portugal.

—

São do termo de Santarem, ao S. do Tejo:

Valle de Cavallos, freguezia, (hoje do concelho da Chamusca.)

Alpiaça, freguezia (hoje do concelho d'Almeirim.)

Pinheiro, freguezia (hoje chama-se Pinheiro-Grande, e é do concelho da Chamusca.)

Souto, freguezia extincta.

Rapoza, freguezia (hoje do concelho d'Almeirim.)

Santa Martha, freguezia extincta.

Monsão, freguezia extincta.

—

Pertenciam a jurisdicção do civel, e comarca de Santarem, as 14 villas seguintes

Azambuja, Aveiras de Cima, Aveiras de Baixo, Torres-Novas, Gollegan, Alcanêde, Azambujeira, Alcoentre, Almeirim (ao S. do Tejo) *Salvaterra de Magos* (ao S. do Tejo) *Mugem* (ao S. do Tejo) *Montargil* (ao S. do Tejo) *Érra* (ao S. do Tejo) *Lamarosa das Enguias* (ao S. do Tejo).

—

Barca da passagem

Em quanto se não conclue a magestosa ponte sobre o Tejo, traz a camara de Santarem arrendada a barca da passagem, por dois contos de réis annuaes.

A scena dos embarques e desembarques é excessivamente pittoresca. Em dia de grande concorrencia, ha quasi sempre desordens sérias, e muita pancada. Os barqueiros raras vezes deixam de apanhar, como supplemento á sua modica remuneração, alguns murros e pauladas, do que elles se vingam, fazendo esperar os passageiros, uma hora e mais, á *torreira do sol*, nos areaes do sul, ou obrigando-os a estarem entre a estação do caminho de ferro e o Tejo, o mesmo tempo á espera que os barqueiros se dignem largar da margem opposta.

—

Museu districtal de Santarem

Foi creado por alvará de 16 de fevereiro de 1876.

A honra da iniciativa d'este estabelecimento, cabe ao então governador civil do districto, o sr. conselheiro, José Ferreira da Cunha e Sousa, natural de Aveiro e hoje aposentado.

Pelo referido alvará, foi creado um *museu archeologico*, e uma *exposição permanente dos productos industriaes* do disiricto.

No mesmo dia da data do alvará, foi nomeiada uma commissão, que logo no dia seguinte deu principio aos trabalhos de que foi incumbida.

A 17 de março, tinha ella concluido e approvado o seu regulamento organico, que foi logo sanccionado pelo digno governador civil.

As resoluções a que a benemerita commissão chegou, resumem-se no seguinte programma de trabalhos:

1.º) Colleccionar todos os objectos notaveis pelo valor artistico ou pela incontestavel antiguidade.

2.º) Expor permanentemente os productos de todos os ramos de industria do districto de Santarem, comprehendendo materias primas, suas transformações e processos relativos;

a.) Fazel-os conhecidos dentro e fóra do paiz.

b.) Incitar por meio de concurso os industriaes e productores ao aperfeiçoamento d'elles.

c) Expôr em collecções os productos dos demais districtos do reino, e os dos reinos estrangeiros, obtidos por troca, compra ou outro qualquer meio.

3.) Vigiar pela conservação dos monumentos e objectos d'arte que existirem no districto.

4.) Promover pesquizas archeologicas e realisal-as todas as vezes que possa.

5.) Fazer acquisição de machinas, instrumentos aperfeiçoados, sementes, plantas, modelos, etc., etc., logo que tenha meios pecuniarios.

6.) Mandar fazer estudos sobre diversos productos.

7.) Encarregar-se, mediante certos requisitos, da venda de objectos que qualquer productor ou industrial tiver exposto com aquelle fim.

—

A commissão, para ampliar a esphera da sua acção, resolveu nomear representantes seus, nos conselhos de districto, apesar dos *auxiliares natos* (administradores de concelho e presidentes das camaras municipaes) que o documento constitutivo da sua existencia determina.

Esses membros correspondentes teem a seu cargo:

1.º) Coadjuvar a mesma commissão, empregando os meios ao seu alcance para que os concelhos de districto não deixem de estar representados, nas diversas secções do museu, por collecções de amostras dos productos das industrias que n'elles se exercerem, já enviando officialmente as amostras que forem colligindo, já solicitando-as dos productores e industriaes que as remettam, e já fazendo-lhes ver as vantagens que das suas remessas poderão auferir.

2.) Communicar á commissão o apparecimento de qualquer objecto de valor artistico, ou archeologico, e procurar desde logo a sua acquisição para o museu.

3.º) Velar que nos seus respectivos concelhos não sejam damnificados e destruidos os monumentos d'arte que n'elles existam, representando á commissão sobre as providencias que entenderem precisas para a restauração, guarda e conservação dos mesmos monumentos.

4.º) Prestar todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos pelos productores.

5.º) Informar sobre todos os objectos e assumptos que forem de interesse para o museu.

6.º) Enviar informações circumstanciadas ácerca de qualquer aperfeiçoamento de industria local ou de introducção de nova industria.

7.º) Remetter relatorios e descripções dos monumentos archeologicos e trabalhos artisticos de que tiverem conhecimento e existirem nas respectivas localidades.

8.º) Encarregar-se de promover a organisação de collecções para os concursos e exposições temporarias.

Vejamos agora as condições economicas do novo museu.

O magistrado que o creara, providenciou tambem ácerca dos meios. A junta geral do districto deu um preclaro testemunho da sua intelligencia e do seu alto patriotismo, votando—a primeira no nosso paiz!—um subsidio annual ao museu:

Em 1876–77 de 486$300.

Em 1877–78 de 500$000.

A maior parte d'esta somma, foi absorvida pela restauração da séde definitiva do museu: a veneranda egreja de S. João de Alporão

da antiga ordem militar de S. João do Hospital de Jesusalem (depois: ordem de Malta) monumento que data dos primeiros tempos da monarchia e que ameaçava imminente ruina. Tinham ali estabelecido um miseravel theatro construido em 1849 por concessão provisoria do governo (!!) e que ia dando cabo da egreja, como o theatro de D. Luiz em Coimbra deu cabo (1860) da historica egreja de S. Christovam, de Coimbra, irman, pelo estylo (romanico-byzantino) da de Santarem.

O governo remediou o mal com a concessão definitiva da egreja ao museu, a 1 de julho de 1876; dez dias depois a commissão tomava posse do edificio. Procedeu-se a uma restauração piedosa e artistica do monumento, respeitando todas as suas feições caracteristicas. Os trabalhos começaram a 16 de abril de 1877 e proseguem ainda.

Os trabalhos de restauração emprehendidos no futuro edificio do museu tiveram por fim: 1.º garantir a segurança material do edificio; 2.º restituir-lhe quanto possivel a sua antiga feição architectonica; 3.º adaptal-o convenientemente ao fim a que se destina, sem proceder a sensiveis alterações. Os habeis operarios da localidade, srs. Jeronymo Jorê e José da Piedade, pae e filho, deram conta da tarefa, merecendo elogio da parte da commissão. Em resultado d'estes trabalhos, desatterrou-se o portico de entrada até á sua base; nivelou-se o pavimento interno, que, por sua anterior desegualdade de superficie, estava incapaz de servir; lageou-se a maior parte d'esse pavimento. Na capella-mór substituiram algumas peças lavradas, por as pedras antigas estarem damnificadas, e desobstruiram a capella dos sobrepostos de alvenaria que escondiam e deturpavam as fórmas organicas da construcção; principiaram-se os concertos das frestas externas que dão luz á dita capella, etc., etc.; as modestas sommas dispendidas chegaram ainda para apparelhar varias peças necessarias em reparos ulteriores.

A commissão propõe ainda as seguintes obras, que demandarão sommas mais consideraveis.

Restauração do portico principal; construcção da parte arruinada dos olhaes do frontespicio o do arco cruzeiro; substituição dos fragmentos destruidos das cimalhas; revestimento de algumas partes mais deterioradas das paredes externas, com a competente enxilharia.

Feito isto, pensa a commissão que estarão terminados os reparos; mas, mesmo antes, poderá transferir para ali o museu, sem perigo algum, fazendo as seguintes restaurações:

Rematar as obras do pavimento, da capella-mór e das frestas.

Cobrir exteriormente as abobadas, de modo a evitar a infiltração das aguas pluviaes.

Converter o portico lateral em janella, reabrir em frente d'esta uma outra para dar passagem á luz que escasseia.

Guarnecer essas janellas, os olhaes e as frestas de caixilhos de vidro, para obstar á entrada das chuvas, dos animaes, etc.

Concluidos estes trabalhos seria ainda preciso:

Collocar rêdes de ferro de resguardo, onde fôr necessario, para proteger os objectos expostos.

Construir os aparadores e estantes para elles.

É evidente que a dotação do museu terá de ser augmentada, logo que elle esteja installado definitivamente, e comece a fazer acquisição por compra. Até hoje os objectos teem sido collocados provisoriamente n'uma sala do paço municipal, cedida pela camara de Santarem, que significou d'este modo o alto apreço em que tem os esforços da commissão e os serviços da junta geral do districto.

Esse pequeno nucleo de museu, devido ao concurso, todo voluntario e patriotico, dos habitantes mais graduados do districto, é já digno de attenção.

Dos objectos adquiridos por diligencia da commissão, mencionaremos os restos de um precioso tumulo existente em uma parede do convento de S. Domingos (ha pouco demolido em Santarem), o qual se suppõe ser de D. João de Lacerda, casado com D. Maria Affonso, filha natural de el-rei D. Diniz; um precioso peitoril de janella, de pedra la-

vrada, do mesmo convento; as curiosas goteiras da antiga torre da egreja de Marvilla; differentes brazões de armas lavradas em pedra; varios fragmentos de esculptura ornamental em pedra; diversos exemplares de azulejos antigos de relevo e lisos; alguns padrões das antigas medidas dos concelhos de Santarem e Alcanêde; apreciaveis fragmentos de ceramica antiga, tijolos, telhas e manilhas, encontradas em antigas construcções, etc.

Dos objectos alcançados por offerta, ha a mencionar: a lapide sepulchral de D. Lopo de Sousa Coutinho, nascido em Santarem e pae do celebre escriptor frei Luiz de Sousa: dadiva do ex.mo sr. conego Joaquim Maria de Sousa, que a encontrára n'uma velha parede de sua casa, junto á egreja do Salvador.

Posteriormente o museu adquiriu mais umas curiosas pedras sepulchraes encontradas em 1873 n'um terreno da freguezia das *Olarias* do concelho de Torres Novas, quando o preparavam para cemiterio; uns troços de pedra a que os habitantes da povoação de *Rio Fundeiro* (freguezia de Aguas-Bellas, concelho de Ferreira do Zezere) prestavam culto e denominavam S. Silvestre (como consta de documento authentico em poder da commissão); e um exemplar da gravura, já rara, a *sopa economica*, doada ao museu pelo padre José Corino Ribeiro, já fallecido.

«Maior seria ainda a importancia d'aquellas antigualhas e mais proficuo resultado houvera já obtido o museu districtal, se lh'o não obstasse a pouca capacidade da casa onde este *provisoriamente* se tem conservado. É por esta causa que a commissão não pôde ainda adicionar ao *museu archeologico*, além de outras antiguidades que por mandado da competente auctoridade foram guardadas em logar seguro,—os mausoleus da illustre familia d'Ocem (e entre elles o de Martim d'Ocem, conselheiro e chancellermór de el-rei D. João I) os quaes sendo removidos do convento de S. Domingos, foram depositados na egreja de Nossa Senhora da Piedade; assim como tambem pelo mesmo motivo, ainda lhe não foi possivel—em desempenho de um dos seus mais importantes fins—o fazer conhecidos convenientemente pela *exposição permanente*, alguns exemplares de novas machinas, para o que já a fabrica constructora de instrumentes agricolas de Howard de Londres se propoz a concorrer com diversos productos da sua industria.

A digna commissão tambem já encetou praticamente esta segunda parte do seu programma.

A 26 de abril de 1876 expedia uma circular, na qual, fazendo conhecida a sua instituição, fins e utilidade, convidava os productores do mesmo districto a apresentarem ali amostras dos seus productos agricolas e fabris.

Posto que nem todos respondessem, uma grande parte dos convidados accendeu promptamente.

Vinte e trez dias depois, já o museu districtal inaugurava a sua primeira exposição de productos naturaes.

Os srs. administradores dos concelhos de Almeirim, Barquinha, Mação e Thomar, merecem especial elogio pelo auxilio que prestaram á commissão.

Se a ajuda efficaz de todos os interessados continuar, como é natural esperar, podemos contar em poucos annos com um museu que marcará uma era nova na historia das collecções do paiz, dedicadas á instrucção geral.

A benemerita commissão desdobra uma perspectiva que illumina a vista de luz nova e conforta o coração.

«Será assim que na *sociedade archeologica*, não só se poderão reunir as preciosidades artisticas, que se teem accumulado no periodo d'alguns seculos, nos conventos d'Almostér, de Santa Clara, e das Donas de S. Domingos, e que pela suppressão mais ou menos proxima d'esses conventos, é de justiça que se recolham na dita secção — mas tambem se conseguirá juntar na mesma, as demais antiguidades e obras d'arte que existem em abandono por todo o districto, ou que n'elle se descuram com o correr dos tempos.»

«Será assim tambem que pela *exposição permanente* se poderá alcançar, tanto na re-

presentação verdadeira das materias primas creadas no districto, e dos productos devidos ao trabalho dos seus habitantes, como o conhecimento dos novos inventos, ou aperfeiçoamentos introduzidos pela sciencia no campo da industria agricola, ou fabril.»

A commissão diz afinal:

«Se os resultados obtidos, estão por emquanto longe do que ha a esperar-se, como a commissão é a primeira a reconhecel-o, são todavia um auspicioso começo que aconselha a promover o seu proseguimento.»

São mais do que isso, dizemos nós; são um alto exemplo dado a todo o paiz, dado inclusive á capital do reino, que soffreu que o *Museu Fradesso da Silveira* fosse desfeito, vandalisado.

E com tudo, esse homem que nos prestou como commissario[1] regio os maiores serviços em Vienna de Austria (1873) reuniu-o á custa da sua vida, á custa de um improbo trabalho (na Austria, na Belgica, em França) que o levou poucas semanas depois á sepultura; elle chegou a Lisboa com o museu, mas chegou quasi moribundo para se deitar na cama, de onde não se levantou mais.

Abriram o museu no arsenal da marinha e expulsaram-o d'alli, apenas o generoso fundador fechára os olhos, desfazendo-o, dividindo e lançando o resto n'um *bric â-brac*.

E todavia, esse *museu Fradesso da Silveira*, representava, assim como a secção industrial do museu de Santarem, uma ideia eminentemente pratica e fecunda.

Isto não é vergonha; é simplesmente infamia.[2]

Em face de uma scena d'estas na capital, não havemos de admirar a constancia e a fé de uma pequena cidade da provincia?

«Não desconhece a commissão que para o conseguir se exige, alem do emprego dos meios já indicados, o dispendio de sommas de algum valor; porem entende a mesma, que uma tal exigencia não deve servir de obstaculo para se continuar um emprehendimento, que ennobrece este districto, um dos mais importantes do reino por sua riqueza e illustração.»

Isto não é enthusiasmo cheio de illusões; é a consciencia da difficuldade bem sentida, bem pezada, e do outro lado a nobre e tenaz coragem de quem quer vencer.

Estes factos que expomos, imparcialmente, sem outro impulso que não seja a nossa profunda sympathia pela ideia tão bem iniciada—porque não temos a honra de conhecer nenhum dos cavalheiros iniciadores[1]—estes factos consummados dão ao *Museu Districtal de Santarem* o direito de reclamar todas as reliquias que estão dentro dos limites do districto.

«É de justiça que se recolham na dita secção,» diz a commissão; é *de toda a justiça*, accrescentaremos nós.

A capital teve ha quatorze annos quem lhe lembrasse o que devia fazer.

O sr. Julio Cesar d'Andrade, propoz então (1865) á direcção da *Sociedade Promotora de Bellas Artes* a organisação de uma exposição de bellas artes, applicadas a industria[2].

«O conselho tomando na devida consideração esta proposta, julgou que ella deveria ser discutida pela assembléa geral, porque até certo ponto modifica o espirito dos nossos estatutos.»

Isto imprimia-se a 18 de agosto de 1865[3]

Pois a proposta nem sequer foi discutida! Em compensação a Sociedade teve tempo para fazer seis ou sete alterações dos estatutos, que transformaram completamente o caracter d'ella, como foi, por exemplo, a admissão de artistas estrangeiros á distribuição dos premios da loteria que, segundo o

[1] O imperador d'Austria despediu-se de elle n'uma carta que era acompanhada de uma grão-cruz austriaca.

[2] Aos que desejarem discutir comnosco a respeito do rigor do termo empregado podemos apresentar provas—preto sobre branco—em como elle podia e devia ser mais forte.

[1] O proprio *Relatorio* de que nos servimos foi nos emprestado.

[2] É portanto ao sr. Andrade que cabe a honra de ter sido, entre nós, o primeiro que acertou no verdadeiro alvo, *Suum cuique*.

[3] *Relatorio e contas* da Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal no anno de 1864–1865.

Lisboa, 1865. Pag. 12.

estatuto primitivo, devia beneficiar exclusivamente artistas do paiz! Que admira que logo depois apparecessem 25 quadros de artistas estrangeiros na exposição [1] da Sociedade, em 1866?

Não é agora a occasião de analysar a influencia que a *Sociedade Promotora de Bellas Artes* exerceu sobre o movimento artistico do paiz, mas desde já affiançaremos, que o publico se illudiu completamente, a respeito do alcance de similhante instituição, desde o principio, e que os corpos gerentes mesmo não tinham, nem um fim determinado pratico, um programma claro, uma distincção das necessidades locaes e do paiz, em geral, em materia d'arte.

Fallamos depois de uma analyse miuda, laboriosa, de dez *Relatorios e contas*, e onze *Catalogos* de exposições; é o que se vê, depois de uma comparação rigorosa das ideias ahi expendidas, a qual nos revelou as contradições mais singulares e a falta de toda e qualquer norma de conducta, nos corpos gerentes que se succederam de 1861 até 1875.

A ideia fecunda está, portanto, em Santarem e não em Lisboa.

Que as outras cidades da provincia imitem o exemplo dado pela sua irman; que Coimbra, Braga, Evora, [2] Guimarães, e Vizeu, que todas as cidades eminentemente historicas sigam o mesmo caminho; é o que sinceramente desejamos.

Então e só então, depois de terem feito fallar os factos consummados, depois dos municipios terem creado e dotado convenientemente os seus museus districtaes, então e só então, repetimos, terão um argumento irrespondivel para reclamar a posse dos objectos que a força de lei secular fôr arrancando ás trevas dos conventos, onde nos consta andarem já aves de rapina, fazendo gordas prêzas.

[1] Sociedade Promotora das Bellas Artes. Catalogo da *Quinta exposição*.
Lisboa, 1866, 8.º

[2] Em Evora existe o *Museu Cenaculo*, de archeologia, devido á iniciativa do sr. A. F. Simões, mas hoje pouco menos que abandonado (v. o *Relatorio* de 1869.)

Para acabar condignamente esta noticia, inscrevemos no fim os nomes dos cavalheiros que formam a commissão organisadora do museu districtal de Santarem. O seu maior elogio é a sua obra.

Fundador—O sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa.

Vice-presidente—Visconde de Atouguia.

Thesoureiro—Silverio Alves da Cunha.

Vogaes—Jacintho d'Almeida de Sousa Falcão, Antonio Lourenço da Silveira, João Peixoto da Silva, João Fagundo da Silva, Francisco José do Nascimento Moura, Alexandre Marques Sampaio, José Xavier da Silva.

Secretario (relator)—João Manuel de Carvalho.

Joaquim de Vasconcellos.

(Extrahido da *Actualidade*, de 14 de março de 1879.)

—

Santarem, é, indisputavelmente, uma das mais antigas e nobres povoações da Lusitania.

Quando a fundação e a historia de uma cidade, se perde na noite dos tempos, está sempre envolvida em fabulas e maravilhas, mais ou menos inverosimeis, e Santarem não podia ser a excepção d'esta regra geral; e o individuo que tiver de escrever a sua historia, hade forçosamente vêr-se na necessidade de seguir os livros antigos, e dar á povoação a origem que elles lhe deram, por mais inacreditaveis que ella lhe pareça.

Muitos escriptores teem tratado de Santarem, distinguindo-se entre elles, o padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, natural d'esta cidade, e conego secular de S. João Evangelista (loyo) com a sua *Historia de Santarem edificada*, em dois grossos volumes, publicados em 1740.

—

De todos os livros que consultei, que foi um grande numero, extrahi o que se segue.

Entendi que, para maior clareza, e mais facil comprehenção do leitor, era mais curial descrever os factos principaes, pela ordem das datas. É o que faço.

HISTORIA CHRONOLOGICA DE SANTAREM

Annos antes de Jesus Christo

1372 (anno 2632 do mundo.)

Bacho, filho de Semele, á frente de uma numerosa legião de gregos, entra na Lusitania, pouco depois do fallecimento de *Sic-Ulo*, filho de *Luso*, e que, segundo varios auctores, foi o XX e ultimo rei indigena.

Não entrou em *som de guerra;* tratou leal e generosamente os lusitanos, que acceitaram para seu rei, o grego *Lysias.*

A este, seguiu-se *Lycinio-Caco*, e a este *Gergoris*, ou *Gorgoris*, filho de *Palatuo.*[1]

Diz-se que Gergoris, foi cognominado, *o Melicola*, por ser o primeiro que soube extrahir o mel, dos favos das abelhas. Seria.

Segundo Manuel de Faria e Sousa (*Epitome de las historias*, pag. 15.) Gergores (a que elle dá o nome de *Gorgoris*) reinou 77 annos na Lusitania.

1215 (anno 2789 do mundo) e no reinado de Gergoris, *Ulysses*, rei de Itaca,[2] entrou no Tejo, com alguns navios, guarnecidos de tropas gregas, que andavam divagando (pirateando) pelos mares Mediterraneo e Atlantico, depois da tomada e destruição de Troya.

Gergoris, com um numeroso exercito de lusitanos, se dirige a Lisboa, para atacar Ulysses, mas este astucioso grego, em vez de tentar uma resistencia que lhe seria fatal, em vista da inferioridade numerica dos seus soldados, propoz a paz aos lusitanos, dando ao seu rei, muitos e valiosos presentes; pelo que Gergoris se tornou seu verdadeiro amigo, deixando-o pacifico senhor de Lisboa e do seu districto.

Ulysses, fundou um sumptuoso templo a Minerva, mandou erguer e reforçar os muros de circumvalação, construir fortissimas torres, e outros edificios, no proposito de fixar a sua residencia em Lisboa. Mudou o nome da cidade, que era *Elisa*, para *Ulyssea.*

Hoje, muitos escriptores de boa nota, negam obstinadamente a vinda do marido de Penélope, á Lusitania; porém, todos os escriptores antigos o affirmam. Todavia, o nome de *Elisa* (que se pronunciava *Elissa*) é tão parecido com Ulyssea, que a gente fica em duvida com respeito a esta *chrisma.*

Em factos de tão grande antiguidade, havemos de resignar-nos a escrever o que dizem os antigos, visto não termos provas em contrario.

Segundo o auctor da *Historia de Santarem edificada*, Ulysses seduziu *Calipso*, filha de Gergoris, e d'esta união nasceu ABIDIS, ou *Abidos.*

Gergoris, furioso contra Ulysses, o foi atacar a Ulyssea, mas o grego não esperou os lusitanos, e, embarcando com a maior parte dos seus, fugiu para o *Levante* (mar Jonico) e nunca mais cá tornou.

Calipso ficou em Ulyssea com o resto dos gregos. Gergoris os atacou e venceu; e, agarrando ABIDIS, o mandou lançar a uma caverna que havia entre penhascos, para ser devorado pelas féras. Depois, mudando de parecer, mandou metter o menino em uma *cesta* e deital-o ao Tejo.

A maré, trouxe-o pelo rio acima, até umas brenhas que serviam de covil a uma cérva, e esta amamentou a creança.

Diz-se que ABIDIS foi creado em um sitio escabroso, entre *Alcáçovas* e o *Pereiro* (Santarem.)

Alguns dizem que não foi uma *cèrva*, mas uma *lôba* que o creou.

[1] Gergoris, na antiga lingua peninsular, significa *braza* ou *chamma.*

[2] Pequena ilha do mar Jonico, hoje chamada *Val di Compari.* (Vide no 6.º vol., pag. 123.)

Segundo outros, ha aqui um anachronismo de 31 annos, ou então Ulysses andou todo este tempo *pirateando* por esses mares; porque a guerra de Troya terminou no anno do mundo 2820—431 antes da fundação de Roma, e 1184 antes do Nascimento de Jesus Christo.

O que nenhum escriptor nos diz (que eu saiba) é como o pequeno se arranjava no inverno, ou se a cérva (ou a lóba) o vestia...

Cresceu o joven principe, e se foi creando por aquelles desertos, dormindo nas suas cavernas, e fugindo dos caçadores (unica gente que por alli apparecia.)

Um dia, porém, pôde ser apanhado e o levaram, como uma raridade, á presença de Calipso, que, por certos signaes que o menino tinha, o reconheceu pelo filho que lhe havia sido roubado, e o conservou junto de si.

Faria e Sousa, na obra já citada (parte 1.ª, cap. 2.º, pag. 15) conta isto com algumas variantes: diz elle (traducção):

Os gregos, abusando da generosidade dos lusitanos, corriam os seus mares pirateando, pelo que, os lusitanos lhes fizeram guerra, expulsando-os quasi todos.

(Parece-me que isto tem mais geito.)

Ao mesmo tempo que Ulysses fugia pela foz do Tejo, entrava pela do Minho, Diómedes, rei de Etholia (outro grego que tambem regressava da guerra de Troya) e fundou *Tide*, ou *Tude*) do nome de seu pae (ou de seu filho, *Tideo*), que é a actual cidade gallega de Tuy, em frente da nossa praça de Vallença. (Vide 7.º vol., pag. 271, col. 2.ª)

Tornemos a Gergoris, segundo Faria e Sousa.

«*Uma hija suya* (de Gergoris) *se hizo preñada de un galan que seguia sus amores* (*de su propio padre, dize algun autor*) *porque luego que nació un nino deste parto*» etc.

Faria e Sousa, conta a mesma historia da gruta, e da cêsta —que chegou—

«*junto á la villa de Santarem y fue hallado en la playa, adonde una cierva le dio leche, y con esta piedad, nombro al logar, que le llamo del propio niño, llamado Abidis, llamandose Escalabis, casi esca Abidis.*»

«*De la madre silvestre heredó la ligereza con que vagava por aquellos montes, com admiracion de los caçadores, quando, encontrandole, advertian que era hombre en la fórma, y en las acciones fiera.*»

Tendo Gergoris noticia de tão estranho caso, sem imaginar que o menino selvagem podia ser seu neto, mandou que lhe armassem laços, e, caçando-o, o trouxeram ao rei, que, *por notorias señales, vino á conocerlo.*

Tomou grande affeição ao menino, e o domesticou, dando-lhe aios e mestres que o tornaram illustre em varias artes.

Fundou Abides a cidade de *Astigi*, que passados tempos se chamou *Ezija*; e a de *Asturica* (á qual deu este nome por estar na margem do rio *Astura*, confluente do Douro) e é hoje *Astórga*.

Até aqui, Faria e Sousa.

—

Gergoris, não tendo outra filha, reconheceu Abidis, por seu succesor, e este chegou a ser um grande rei, governando toda a Peninsula.

No meio das suas grandezas e sumptuosidades, nunca se esqueceu das brenhas incultas onde passou os primeiros annos da sua infancia, e decidiu fazer d'aquelles covis de féras, uma cidade magnifica, e capital do seu reino.

Mandou pois construir uma formosa povoação, que cercou de muros com suas torres, e lhe deu o nome de *Esca-Abidis*, que significa *sustento* ou *manjar*, *de Abidis*.

Principiou esta fundação, no anno do mundo 2863, 1141 annos antes de Jesus Christo.

—

Foi Abidis, um rei sábio, amou a justiça, era liberal, e por isso foi amado dos seus povos.

Tão intelligente para os negocios, como bravo na guerra, venceu muitas batalhas contra os seus inimigos.

Foi 26.º rei de todas as Hespanhas, por successão continuada desde *Tubal*. Reinou 35 annos.

—

Eis, segundo a lenda, a origem da cidade de Santarem, nobilissima pela sua muita antiguidade (qualquer que ella seja) pelos seus venerandos monumentos, e pelos factos importantissimos da nossa historia, que tiveram logar aqui, desde que ha documentos escriptos.

Mesmo a fabula que envolve a sua remo-

tissima origem, é uma prova da mais incontestavel antiguidade.

Morto Abidis, esteve a Lusitania quasi despovoada e sem rei, por espaço de 146 annos, em razão da sêcca que principiou no anno 3009 do mundo.

(A *Historia de Santarem* diz que o interregno foi de 447 annos, mas de certo é êrro typographico.)

—

995—da creação do mundo, 3009.

Uma sêcca de vinte e seis annos esterilisou o solo das Hespanhas, e muitas familias se viram obrigadas a emigrar para paizes estrangeiros.

Quando terminou a calamidade, os lusitanos regressaram á sua patria, trazendo comsigo um grande numero de gallos-celtas, que augmentaram muito a população.

A fama da fertilidade e salubridade do nosso clima, atrahiu outros povos das Gallias, e atraz d'elles gregos e chaldeus; mas Santarem esteve sempre possuida pelos lusitanos.

—

954—da creação do mundo, 3050.

Chegada dos phenicios á Peninsula—Santarem conserva-se em poder dos seus naturaes.

—

592—da creação do mundo, 3412.

Os carthaginezes invadiram o litoral da Lusitania, tratando bem os seus povos, e Santarem continúa sendo dos descendentes dos seus fundadores.

—

Terminam os tempos *pre-historicos.*

—

308—da creação do mundo 3696.

Os celtas apossam-se de Santarem, mas sem guerra, e ligam-se por casamentos com os lusitanos.

—

230—da creação do mundo 3774.

Época do famoso *Viriato, o antigo,* que se suppõe ser de *Eborobriga,* hoje Extramadura portugueza. (Para evitarmos repetições, vide *Alfeigirão,* e *Eburobrigá.*)

—

212—da creação do mundo 3792.

Os romanos na Peninsula Iberica.

—

200—da creação do mundo 3804.

O senado romano, divide a nossa Peninsula em duas provincias—*Citerior,* desde a direita do Ebro até aos Pyreneus—*Ulterior,* desde a esquerda do Ebro até ao mar.

—

153—da creação do mundo 3851.

Época do famosissimo *Viriato,* o *herminio.*

Vide *Póvoa-Velha.*

Até este tempo, Santarem conservou o seu primitivo nome de *Escalabis.*

—

84—da creação do mundo 3920.

Época do grande Sertorio. Vide *Evora.*

—

63—da creação do mundo 3941.

Os romanos tornam-se finalmente senhores da Lusitania, depois de uma guerra de 149 annos!

Foi n'este anno que Julio Cesar, veio por questor de Tuberon, para a Lusitania, que alagou em sangue dos seus naturaes, e só quando não existiam senão velhos, mulheres e creanças, é que se julgou seguro o dominio dos romanos.

—

49—da creação do mundo, 3955.

Julio Cesar, em guerra com os filhos de Pompeu, que se tinham feito fortes na Lusitania, receiou entrar n'este paiz, lembrando-se das crueldades que n'elle tinha praticado como questor; mas era homem de bom senso, e sobremaneira astucioso, pelo que, para atrahir os lusitanos ao seu partido, fez com elles uma paz honrosa, em Beja—que, por isso, se ficou chamando *Paz-Julia.*

D'aqui marchou para Evora, á qual honrou com o titulo de *municipio do antigo direito latino.* Esta cidade, em reconhecimento d'este beneficio, tomou o nome de *Liberalitos Julia.*

Os romanos, tinham edificado, ou o que é mais provavel, reconstruido as velhas fortificações de Santarem, pondo-lhe o nome de *Scalabi-Castro,* e dando-lhe os privilegios de *colonia romana,* e depois, constituindo-a *municipio do antigo direito latino.*

Julio Cesar elevou Santarem a séde de um dos quatro *conventos juridicos* em que foi dividida a Lusitania, e abrangendo esta, todo o territorio das actuaes provincias das duas Beiras, Extremadura, e ainda parte da Extremadura hespanhola.

Os santarenos, reconhecidos, lhe edificaram um templo famoso, que veio a ser mesquita de mouros, e que depois os christãos purificaram, e D. Affonso Henriques deu aos templarios. É a egreja de S. João d'Alporão.

Tinha este templo romano uma varanda, da qual se leu ao povo o celebre edicto de Augusto—*ut adscriberetur universus orbis*—quando nasceu Jesus Christo.

A camara mandou demolir esta varanda, em 1799. (Já então havia vereadores *muito illustrados!*) [1]

Os romanos construiram magestosos edificios e uma sumptuosissima ponte de cantaria, sobre o Tejo, em frente de Santarem, na via militar que de Lisboa hia a Merida, então capital da Lusitania.

Foi então que Santarem attingiu o supremo gráu de importancia e grandeza, tornando-se uma das trez cidades principaes da Lusitania (Lisboa, Braga e Santarem.)

—

42—da creação do mundo, 3962.

Época do famoso *Octavio Augusto*, um dos melhores imperadores romanos. Repartiu a Lusitania em quatro chancellarias, que foram, *Merida*, *Beja*, *Braga*, e *Santarem*. Estas cidades lhe erigiram magnificas estatuas.

Estas chancellarias procederam, por ordem de Augusto, ao recenceamento da população da Lusitania, e consta que deu em resultado, quasi SEIS MILHÕES (!) de chefes de familia, ou perto de VINTE E QUATRO MILHÕES de almas!

Parece isto inacreditavel, e talvez que haja *cifra de mais;* mas, devemos notar que durante o dominio dos romanos, grande numero de italianos, e outros povos, se vieram estabelecer na Lusitania.

—

Quatrocentos cincoenta e oito annos durou a dominação romana na Peninsula, e, devemos confessar que—se esta sujeição custou rios de sangue aos lusitanos, e tambem não pouco aos romanos, estes, senhores pacificos do paiz, o elevaram a um grau supremo de prosperidade, e transformaram os semi selvagens lusitanos, em homens civilisados.

Ainda hoje admiramos grande numero de monumentos que, desafiando o longo correr dos seculos, existem de pé, attestando a magnificencia e sollicitude dos dominadores.

—

Estamos chegados ao anno do mundo 4004, 753 da fundação de Roma, que foi no anno 3251 do mundo.

Annos de Jesus Christo

1—Imperava Octavio Augusto, e reinava uma paz universal, [1] e eram pretores na Lusitania, *Quadrato*, e *Tito Fluvio Claudiano*.

É o anno 1.º do nascimento do REDEMPTOR.

14—Morte de Augusto, succedendo-lhe Tiberio. Para proconsul da Lusitania veiu *Vibio Seréno*.

41—Suppõe-se que n'este anno foi, pela primeira vez, prégado o Evangelho na Lusitania, pelo apostolo, S. Thiago-Maior.

Imperava o ferocissimo *Néro*, que foi um cruel perseguidor dos christãos; mas os da Lusitania foram tratados com menos crueldade, porque tinham por pro-consul, o humano *Otho Silvio*.

74—Imperio de Vespasiano, que muitos

[1] D. Maria I, era esperada em Santarem, e para que o coche real podesse passar á larga, pela rua contigua ao edificio, é que a camara praticou este vandalismo estupido.

D'esta varanda, que era uma especie de pulpito, é que se publicavam ao povo, todos os editos provenientes de Roma, ou dos consules, pretores e perfeitos das provincias conquistadas; e parece que, depois, os árabes tambem d'aqui *apregoavam gazua* (chamavam os seus á guerra.)

[1] Ainda hoje, quando queremos significar uma longa paz, dizemos—*uma paz octaviana*.

beneficios fez á Lusitania, construindo obras magnificas, soberbas pontes, e optimas estradas.

Succede-lhe seu filho Tito Vespasiano, e veio para questor da Lusitania, o grande escriptor *Plinio*.

Foi então a Lusitania dividida em trez *comarcas*, *Lérida*, *Beja* e *Santarem*.

Já então havia na Lusitania grande numero de *municipios romanos*, muitas *colonias*, e uma numerosissima população.

114—Época do immortal *Trajano* (hespanhol, natural da Cidade de Córdova) que grandes beneficios fez á Lusitania.

162—Succedeu-lhe *Adriano*, que tambem favoreceu a Lusitania.

A este succedeu *Antonino Pio*. D'este imperador só consta que fez (ou mandou fazer) o celebre *Itinerario* do seu nome.

Passemos em claro um espaço de 144 annos, no qual, por muitas vezes o sangue dos martyres alagou o sólo da patria, como se tem lido em muitas partes d'esta obra; e cheguemos ao tempo feliz do primeiro imperador christão, (306) *Constantino Magno*, filho de *Santa Helena*, que deu a paz á Egreja Catholica.

277 (18 de março)—S. Narciso, martyr, natural de Santarem.

(Vide *Santos portuguezes*.)

392—Roma contou este anno, no numero dos seus imperadores, um dos mais notaveis pelas suas virtudes e illustração : foi *Theodosio o Grande*, lusitano, natural da cidade de *Cauca*, situada entre Braga e Vallença. (Vide *Cauca*, e *Cossourado*, do concelho de Coura)

Depois da morte de Theodosio o Grande, o imperio romano foi dividido em dois—*Oriental*, e *Occidental*. Foi o principio da decadencia d'este vasto imperio, que já então contava 1145 annos.

Invasão dos povos do norte

Em 395, hordas innumeraveis de povos do Norte, invadiram as Gallias—hoje França—onde ficaram os *ostrogodos*.

Os *wissigôdos*, *wandalos*, *suevos*, *alanos*, *selingos*, e outros barbaros, vindos das selvas e montanhas da Gothia, Suecia, Norwega e Germania, passaram os Pyreneus, invadindo a nossa Peninsula, e assolando e destruindo, a ferro e fogo, tudo quanto acharam na sua passagem devastadora.

Chegaram á Lusitania, em 405. Os primeiros annos do seu dominio, foi uma verdadeira época de terror! Além dos lusitanos que morreram ás mãos d'estes ferozes invasores, tambem por esse tempo houve uma terrivel fome, á qual succedeu uma peste exterminadora, que causou a morte a muitos milhares (alguns dizem *milhões*) de pessoas, das nossas provincias.

Nas partilhas que entre si fizeram os barbaros, pertenceu aos alanos esta parte da Lusitania.

Os alanos e suevos, debalde tentaram tomar Santarem, cujo povo lhes oppôz sempre a mais tenaz resistencia, e só foi conquistada em 418.

Senhores da cidade, os barbaros arrazaram quasi tudo quanto lhe podesse recordar o dominio dos romanos, e foi então que os seus mais nobres e sumptuosos edificios deixaram de existir.

Até o seu nome romano foi proscripto, restituindo-lhe o antigo de *Escalabis*.

A amenidade do clima, a fertilidade do sólo, e os costumes patriarchaes dos lusitanos, foram pouco a pouco domesticando os barbaros, de maneira que, pelos annos de 414, já o seu dominio era preferido ao dos romanos.

Quando o rei godo Eurico veiu á Lusitania, pelos annos 500, já os barbaros e os aborigenes formavam um só povo.

Estes invasores eram, pela maior parte, hereges, arianos, e o resto idólatras.

No principio da sua occupação, destruiram indistinctamente todos os templos, quer fossem catholicos, quer romanos; mas, com o tempo, se foram convertendo ao catholicismo; até que, em 558, foi feito rei dos suevos, Theodomiro, que, sendo ariano, se converteu ao christianismo catholico, em 564.

Em 585, Leovigildo, rei dos godos da Gallia Narbonense, usurpou o throno de Eburico, filho de Ariamiro, rei da Lusitania e da Galliza, e ficou senhor de toda a Peninsula.

Para seu maior descanço, fez cortar o cabello a Eburico, obrigando-o a ser monge do mosteiro de Dume, no Minho; e a mesma sorte teve Endeca, o qual, como Eburico, era creança quando falleceu Ariamiro, que lhe havia usurpado os seus estados, que Leovigildo lhe tirou em proveito proprio.

Leovigildo, era ariano, e foi um feroz perseguidor dos catholicos, principalmente dos bispos, e dos principaes varões, notaveis em lettras e virtudes.

Em 586, falleceu Leovigildo, e lhe succedeu seu filho; *Flavio Ricaredo*, que, convertido por seu irmão, Santo Hermenegildo, abjurou o arianismo, e em poucos annos deixou de existir esta seita.

—

631 — (6 de maio) S. João Godo, natural de Santarem. Vide Santos Portuguezes.

—

Foi no 2.º quartel do seculo VII (631 ou 632 de J. C.) que em Nabancia (hoje Thomar) teve logar o martyrio de *Santa Iria*, ou *Irêne*, ou *Eréa*. Era filha de Ermigio, e Eugenia, e sobrinha do abbade, Célio. Seu assassino, foi Tribaldo (ou Theobaldo) filho de Castinaldo e Cácia.

Segundo a lenda, o corpo da Santa Virgem, sendo lançado ao rio Nabão, este o lançou no Zêzere, e este no Tejo, onde os anjos lhe construiram um bello sepulchro, no meio do rio, em frente de Santarem, cuja povoação tomou, pouco depois, o nome de *Santa Irêne*, que se corrompeu no actual.

Onde existiu o tumulo da Santa, mandou depois a rainha Santa Izabel, mulher de D. Diniz, erigir um padrão, que ainda existe.

653—O rei godo *Receswintho*, que era catholico, tomou aos alanos a cidade de Santarem, e lhe mudou então o nome para *Santa Irêne*, que facilmente se corrompeu no actual. Vide a 2.ª *Iria* (Santa) *Nabancia*, e *Ribeira de Santarem*.

—

Novo periodo de calamidades esperava esta povoação!

Destruido o exercito dos gôdos, em 713, na desastrosa batalha de Guadalete, e morto, ou perdido o seu rei (vide *Pederneira*) pelo exercito mouro-africano de Tarif-Aben-Zarca, ajudado pelos traidores, conde Julião, e seu irmão o bispo Ópas, deixou de existir o imperio dos gôdos, succedendo-lhe a terrivel dominação dos árabes, que lhe chamaram *Chantarin* ou *Chantireyn*.

Estes, tomaram de assalto a cidade de Santarem, em 715, assassinando ou captivando os seus moradores.

Trinta e oito annos estiveram os mouros senhores de Santarem.

Pela morte de D. Affonso, o Catholico, rei de Oviédo, lhe succedeu seu filho, D. Fruela I, illustre guerreiro, que logo no principio do seu reinado, ganhou na Galliza grandes victorias sobre os árabes, commandados por Omar, filho de Abd-el-Rahman, kalifa de Córdova; e entrando na Lusitania, derrotou Ali-Aben-Tarif, resgatando (753) toda a Extremadura (a nossa) e o Algarve.

Em 760, Abd el-Rahman, tornou a conquistar Lisboa, Evora, Beja, Santarem, todo o Alemtejo, e o reino do Algarve.

Foi por este tempo, que Aben-Cri, senhor de Santarem, reconstruiu e ampliou as fortificações romanas d'esta praça.

Por morte do rei D. Affonso, o Casto, lhe succedeu D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I. O novo rei, foi um militar distincto, e, depois de dominar a rebelião do conde Nepociano, nas Asturias, e derrotar os normandos, na Galliza, foi o seu reino invadido pelos mouros, porque o rei se tinha negado a pagar-lhes o infame tributo das *cem donzellas*. (Vide vol. 3.º, pag. 193, col. 2.ª) D. Ramiro ataca os mouros (824) obrigando Al-Hamar, rei mouro de Coimbra, a fazer-se tributario dos christãos; e tomando-lhes Santarem, e outras povoações da nossa Extremadura.

Vinte e seis annos depois (850) tornou Santarem a cahir em poder dos mouros, commandados por Mahomet, rei de Córdova, e a dominaram por espaço de *cem annos*, até que, D. Ordonho III, filho de D. Ramiro II, lh'a tomou, em 950.

1067—D. Fernando o Magno, por sua mor-

te, dividiu as Hespanhas pelos seus trez filhos—A *D. Sancho*, deu a Castella—a *D. Affonso*, Leão—e a *D. Garcia*, Portugal e Galliza.

Esta divisão não agradou aos dous primeiros, que qualquer d'elles queria para si sómente, o imperio das Hespanhas.

D. Garcia, tinha um valido, chamado *Verna*, que o fez commetter algumas crueldades, o que causou o descontentamento dos principaes senhores portuguezes e gallegos.

O conde, D. Rodrigo Dias, assassina Verna, mesmo na presença do rei, no paço de Coimbra.

D. Sancho e D. Affonso, irmãos de D. Garcia, mandam contra elle os condes castelhanos, D. Nuno de Lára, e D. Garcia de Cabras.

O conde D. Rodrigo Dias, e seus irmãos, D. Pedro e D. Vermuiz, portuguezes, derrotam os castelhanos (1070) na famosa batalha *d'Agua de Maias*, e os obrigam a retirar para Castella.

1071—D. Sancho, reune um grande exercito e vem sobre Coimbra.

D. Garcia foge para Santarem, porém ahi o foi atacar D. Sancho, e depois de uma sanguinolenta batalha, este ficou prisioneiro, mas, podendo fugir, continuou a batalha. N'este comenos, chega ao campo castelhano, D. Ruy Dias de Bivar (o Cid) famoso guerreiro d'aquelle tempo, com um grande reforço de tropas, e a victoria pendeu para os castelhanos.

D. Garcia ficou prisioneiro, e seu irmão, depois de lhe mandar arrancar os olhos (!) o mandou encerrar em uma prisão do *Castilho de Luna*, villa do reino de Leão, e que hoje é a nossa villa de *Alfaiates*, no Riba-Côa. (Vide *Alfaiates* e *Sabugal*.)

N'esta prisão terminou seus dias o infeliz principe.

D. Sancho ficou então (1071) rei de Portugal, Castella e Galliza.

Pouco tempo porem durou a usurpação de D. Sancho, porque logo em 1072, estando a cercar sua irman, D. Urraca, em Zamora (á qual tambem queria usurpar a herança paterna) foi morto, em um dos ataques que deu á cidade.

Seu irmão D. Affonso VI, ficou unico senhor de Portugal, Castella, Leão e Galliza, tomando o titulo de imperador.

Emquanto durou esta guerra fratricida, os mouros tornaram a apossar-se de Santarem.

1093—(21 d'abril) D. Affonso VI, expulsa os mouros de Santarem; e antes e depois, de outras povoações da Extremadura portugueza.

Foi n'este anno que elle, resgatando do poder dos mouros varias povoações em redor de Santarem, até *Almourol*, *Céra* e Zêzere, lhes arrazou todos os seus castellos e muralhas; o que só d'ahi a quasi um seculo foi reconstruido pelo famoso *D. Gualdim Paes*, mestre do Templo.

N'este mesmo anno de 1093, deu D. Affonso VI, o reino de Portugal, e tudo quanto se podesse resgatar do poder dos mouros, até á margem direita do Guadiana, a sua filha, D. Thereza e marido, o conde D. Henrique.

1095—(13 de novembro) 1.º foral de Santarem, dado pelo conde D. Henrique e sua mulher.

Suppõe-se que n'este anno, os templarios principiaram a fundação da egreja de Santa Maria d'Alcáçova, ou, pelo menos, n'estes 16 annos em que os portuguezes estiveram de posse de Santarem.

Dizem outros que já no local havia um templo romano, que os arabes converteram em mesquita, e que os cavalleiros do Templo demoliram, para com os seus materiaes edificarem a nova egreja catholica. Vide o anno 1154.

1110—Cyro, rei arabe, poz a Santarem um apertado cêrco, e, depois de uma defeza heroica, a praça rendeu-se pela falta de mantimentos.

1147—(8 de maio) D. Affonso Henriques, toma aos mouros, por surpreza, a formidavel praça de Santarem.

Teem havido duvidas sobre a data (o dia) da tomada de Santarem por D. Affonso I.

Dizem uns, sem sombra de fundamento plausivel, que foi a *15 de março*. Outros, susten-

tam que foi a *29 de setembro.* Estes fundam-se em que a praça foi tomada em *dia de S. Miguel.* Os antigos escriptores, pela falta de explicação, deram causa a este anachronismo. Santarem foi então tomada no *dia da Apparição de S. Miguel,* que é a *8 de maio,* como todos sabem.

Ha TODA A CERTEZA de que este feito militar, occorreu a 8 de maio.

1.º—Porque, por muitos seculos, no *dia oito de maio,* hia o senado da camara, com uma procissão, á ermida de S. Miguel (fundada na Alcáçova, por D. Affonso I) dar graças pela milagrosa tomada de Santarem.

—

2.º—Porque no frontispicio da mesma ermida, se collocou uma estatua de D. Affonso Henriques, toscamente cinzellada, e feita no reinado do mesmo soberano, em cujo pedestal se gravou a seguinte inscripção:

EL-REI DOM AFFONSO HENRIQUES
QUE ESTA TERRA TOMOU AOS MOUROS
EM DIA DE S. MIGUEL
OITO DE MAIO DE 1147

—

3.º—Porque se sabe que D. Affonso I partiu de Coimbra em uma 2.ª feira, 3 de maio (de 1147) e foi dormir á povoação de *Alfafar.*

Na 3.ª feira, 4—dormiu em *Dornellas.*

Na 4.ª feira, 5—em *Aldeia das Pêgas.*

Na 5.ª feira, 6—na serra de *Albardos.* (Vide esta palavra e *Alcobaça.*)

Na 6.ª feira, 7 — foi ter á *matta de Pernes,* onde esteve até á noite, marchando então para os *olivaes* de Santarem.

Pelas 2 horas da manhã de sabbado, 8.º, atacou e tomou Santarem.

4.º — Todos sabem que D. Affonso I, vendo que os mouros estavam aterrados com a perda inesperada da formidavel praça de Santarem, tida por inconquistavel, não os deixou tornar a si do susto, e marchou sobre Lisboa, que tomou a *25 de outubro* do mesmo anno, depois de um assedio de *cinco mezes,* que é exactamente o tempo que vae de maio a outubro.

Vide Memorias historicas da insigne collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem, por Luiz Duarte Villela da Silva—Lisboa, 1817.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*), tomo 2.º, pag. 235, col. 2.ª da 2.ª edição) diz—como se fosse cousa incontestada, que D. Affonso I tomou Santarem, a 15 de março de 1147.

Julgo que a razão porque fixa esta data com tanta certeza, é fundar-se em uma doação (em latim) que o rei fez aos templarios de *omni Ecclesiastico Sanctae Herenae, etc. — Facta Karta mense Aprilis.* E. M. C. L. XXX. V.—que vem a ser o anno de J. C. 1147. Mas, todos sabem que em abril d'este anno estava o rei em Coimbra, e alli se conservou até 3 de maio, como claramente vemos em Duarte Nunes de Leão (*Chron. do rei D. Affonso Henriques,* fl. 39.)

(É este acreditado escriptor que menciona o itinerario de D. Affonso I, desde Coimbra até Santarem e que affirma ter esta praça cahido em po-

der do rei portuguez, a 8 de maio de 1147.)

A *carta* de que acima fallei, póde ser apocripha; póde estar alterada na data, por êrro de cópia; e póde facilmente ser que o *Sanctae Herenae* se refira ao castello de *Céras*, junto ao *Nabão* e á cidade de Nabancia, patria e logar do martyrio de Santa Irene.

Na minha humilde opinião, semelhante *carta*, pelas razões apontadas, nada prova contra a geral opinião de que Santarem foi conquistada a 8 de maio, e não em outro qualquer dia.

Os que desejarem mais amplas informações com respeito a este ponto, vejam a *Historia de Santarem edificada*, do padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, tomo 2.º, pag. 30 e seguintes.

Foi para commemorar esta victoria, que o rei fundou a ermida de S. Miguel, archanjo, da qual adiante fallarei.

—

Deve ficar em memoria, tudo o que precedeu a este feito d'armas, um dos mais audazes e gloriosos d'aquelle tempo. Eis pois, em poucas palavras, a historia da tomada de Santarem, por D. Affonso I.

—

Resgatada definitivamente Leiria do poder agareno, em 1145, [1] ainda os mouros, possuiam na Extremadura portugueza, as duas fortissimas praças de Santarem e Lisboa, alem d'outras menos importantes.

Os mouros de Santarem, faziam repetidas entradas nas terras dos christãos, roubando-as, e fazendo captivos.

O animo guerreiro e impetuoso do rei, exasperava-se com estas desgraças, e, apesar das poucas forças de que podia dispôr, para empreza tão arrojada, reune, em Coimbra, os do seu conselho, e propõe-lhes a tentiva de arrancar Santarem do poder dos arabes. Os conselheiros, e os mais intrepidos militares, aterrados com a grandeza do commetimento, lhe observaram que—eram poucos para combater tão grande numero de inimigos, não só abrigados por formidaveis obras de defeza, como protegidos pelo poderoso rei de Sevilha (do qual era a praça de Santarem) e dos outros chefes mouros da parte occidental da Extremadura, do Algarve, e da Hespanha.

Eram verdades tão geralmente conhecidas, que D. Affonso fingiu-se vencido, e pareceu dar de mão á empreza, e deixou passar alguns dias sem fallar mais em similhante assumpto.

Entre os seus guerreiros, havia um que o rei muito estimava, não só por ser neto do grande D. Egas Moniz, como pelo seu valor, astucia, sciencia militar, e por ser homem de grande segredo—era *D. Mem Moniz de Gondar*.

Combinou com elle secretamente, que fosse a Santarem, assentar pazes com o seu alcaide, *Auzecri*, e que, com este pretexto, examinasse com a possivel minuciosidade, os sitios mais fortes e mais fracos da villa.

Cumpriu Mem Moniz a commissão de que fôra encarregado, e regressando a Coimbra, deu conta ao rei de tudo o que fez e examinou, accrescentando que se offerecia para ser elle o primeiro que arvorasse a bandeira real, sobre os muros da praça, e despedaçar as suas portas, para dar entrada aos portuguezes.

Exaltado D. Affonso com o discurso de Mem Moniz, reuniu os seus mais bravos guerreiros, e todos os templarios que estavam em Coimbra, e com elles marchou na direcção da Extremadura, sem que pessoa alguma (alem de Mem Moniz) soubesse dos seus projectos.

Sahiu, como vimos, no dia 3 de maio, seguindo sempre por *caminhos travessos*, o itinerario já descripto.

No dia seguinte, se lhe reuniu em Dor-

[1] D. Affonso I tinha tomado Leiria, aos mouros, em 1135; porém, Ismario, aproveitando se da ausencia do rei portuguez, que andava em guerra com o de Leão, invade a Extremadura portugueza, e retoma Leiria, em 1140.

nellas, seu irmão bastardo, D. Pedro Affonso (que o rei tinha mandado chamar ao Minho) com alguma gente.

Só aqui é que D. Affonso deu parte do seu projecto ao dito seu irmão e aos fidalgos da sua côrte, que não tiveram remedio senão aproval-o.

De Dornellas mandou Martim Mohab, com dois companheiros, a Santarem, dar parte ao alcaide, que estavam *levantadas as pazes*, e declarando-lhe guerra passados trez dias, como então era do estylo.

No dia 6, pelas 10 horas da noite, sahiu da serra d'Albardos, [1] e, por caminhos não trilhados, andou toda a noite, até chegar na madrugada a uma matta, no alto do monte de Pernes, a uns 18 kilometros de Santarem.

Foi n'este logar que o rei declarou o fim da sua empreza, a toda a sua gente, fazendo-lhe ao mesmo tempo uma extensa pratica, para os animar. [2]

Todos se prestaram animosos a satisfazer os desejos do rei, mas pediram lhe com grandes instancias, que se não aventurasse a um perigo tão grande, no qual, não só arriscava a sua vida, como a independencia da patria. Que lhes desse por chefe, a seu irmão D. Pedro Affonso, que elles juravam seguir todas as suas instrucções, e, ou tomarem Santarem, ou morrerem todos na empreza.

O rei, com sentidas palavras lhes agradeceu tanta dedicação, mas respondeu que, tinha decidido, ou tomar a praça ou morrer na acção.

Tudo se preparou do melhor modo que foi possivel, para o emprehendimento, e o rei mandou alli mesmo fazer doze escadas, para assaltar as muralhas, e mandou que se escolhessem 120 soldados, dez para cada escada, e que o primeiro que subisse, arvorasse a bandeira portugueza, para animar os de fóra, e aterrar os mouros.

Todas as bagagens e quasi todos os creados, ficaram escondidos na matta de Pernes.

—

No principio da noite de 7 para 8, sahiram de Pernes, todos acavallo, e chegaram pela meia noite a uns olivaes, a que então se dava o nome de *Valle de Moirol* (ou *Almorol*) depois, *Valle da Inveja*, e a que hoje chamam *Santa Catharina dos Olivaes* (onde depois fundou o mosteiro de *terceiros arrabidos*—Vide adiante, o 11.º e ultimo mosteiro de frades.)

N'este olival deixaram todos os cavallos (para que se lhe não ouvisse o tropel) entregues a alguns creados, que para isso levaram, e se aproximaram de Santarem (eram 250 homens!) pelo lado do N., parando nas hortas da *Assacaia*. ao sopé do monte, onde depois se construiu o mosteiro de monges benedictinos.

D'alli ouviram as vozes de *a-lérta*, dadas pelas sentinellas mouriscas, collocadas sobre as muralhas.

Foi n'este comenos, que no ar foi vista uma *brilhante estrella* (provavelmente um *bólido*) caminhando vagarosamente para o N.O, deixando um rasto luminoso, e se perdeu de vista, para o lado do mar. [1]

D. Affonso I, ou por convicção propria, ou por astucia, aproveitou este apparecimento para dizer aos seus — *Avante meus filhos e companheiros! Não temam os inimigos: a victoria é nossa; aquelle signal do Ceu nol-o certifica!*

[1] Foi d'esta serra que, segundo dizem os livros dos monges de S. Bernardo, D. Affonso Henriques fez voto de fundar um mosteiro d'esta ordem, e dar-lhe tudo quanto d'aqui se vê até ao mar Vide *Albardos* e *Alcobaça*.

[2] Esta *pratica*, que occupa 2 1/2 paginas *in folium*, póde ver-se na *Historia de Santarem edificada*, tomo 1.º, pag. 38 e seguintes, onde vem por extenso.

[1] Dizem as chronicas do tempo, que na 4.ª feira, 5 (trez dias antes da tomada de Santarem) e dia em que se *quebraram as pazes* pelo meio dia, viram os mouros da villa, um espantoso cometa, *semelhando uma horrendissima serpente, formada á feição de um touro, lançando, desde a cabeça até ao fim da cauda, lavaredas de ardente fogo, tão medonhas e tristes, que causou grande pasmo aos mouros de Santarem, quebrando-lhes os animos de atemorisados, porque os mais sabios d'elles, em seus agouros, fizeram d'aquillo prognostico de que teria aquella terra novo rei, que a havia de governar com outras leis*, etc.—(*Hist. de Santarem*, tomo 1.º pag. 44.)

—

No *quarto d'alva*, sahiram os portuguezes d'aquelle sitio, a pé, pelo olival de *Montiraz*, descendo ao valle que fica entre a calçada de Santa Clara e a da Atamarma, subindo com o maior silencio, e levando na frente, por guia, Mem Moniz, que sabia todas as disposições do sitio, e seguido logo pelo rei.

Porem os mouros, depois da sahida de Mem Moniz (no dia 5) tinham construido uma especie de palanque, e n'elle collocado duas sentinellas avançadas, que então conversavam uma com a outra, para se despertarem. Pouco depois, passou a ronda pelo alto das muralhas, recommendando vigilancia.

Os portuguezes se tinham deitado, para não serem percebidos, entre uma ceára de pão que alli havia, até que, não ouvindo mais vozes, supposeram os mouros descuidados ou adormecidos.

D. Affonso tinha dividido os seus em duas secções, a 1.ª commandada por elle em pessoa, e a 2.ª por seu irmão D. Pedro Affonso. (Vide 4.º vol., pag. 363, col. 1.ª)

D. Mem Moniz, marchou então com alguns soldados, e se dirigiu á *porta de Al-Cudia*,[1] e trepando ao telhado da casa de um oleiro, que estava encostada ao muro, alli collocou uma das 12 escadas; mas esta, ficando mal segura, cahiu sobre o telhado com grande estrondo, que, felizmente, não foi ouvido pelos mouros.

Um dos soldados, mancebo robustissimo, por appellido *Mogeime*, segurou então a escada sobre os hombros, e por ella subiu D. Mem Moniz, e a segurou, atando-a a uma das ameias da muralha, collocando em outra a bandeira portugueza.

Estando já sobre a muralha Mem Moniz e mais dois soldados, acordaram as duas sentinellas que alli havia, e uma perguntou — *quem vem lá?* — Mem Moniz lhe respondeu em árabe—*é a ronda, falla baixo* — e chegando ao mouro, lhe cortou a cabeça; porem o outro principiou a gritar—*Nasrani! Nasrani!* [1]—A ronda mourisca accudiu ao sitio a toda a pressa, e travou-se dura peleja.

D. Mem Moniz gritou então—*São Thiago! Aos mouros! Morram os infieis! Rapazes, coragem, que el-rei ahi vem em nosso auxilio!*

D. Affonso gritava de baixo — *Coragem, meus filhos! Matem esses pêrros, inimigos da Fé! Cortae sem piedade, que aqui está o vosso rei e companheiro! Virgem Maria soccorrei os que combatem por vós.*

A confusão foi indescriptivel! Os gritos dos mouros, os lamentos dos feridos, e as vozes dos christãos, tornavam a scena horrorosa.

Já trez escadas estavam encostadas ao muro e por ellas subiam mais portuguezes, que feriam os mouros, sem descanço.

O rei mandou seu irmão, D. Pedro Affonso, com alguns portuguezes, para o lado do O., atacar a porta de Leiria; e a *Gonçalo Gonçalves*, com outros, para a esquerda, atacar a porta de Atamarma; e como julgasse este ponto de maior perigo, para alli foi tambem, com os poucos que tinha a seu lado.

D. Mem Moniz, vendo que os seus se hiam sustentando, apezar da enorme desproporção do numero, marchou com cinco companheiros, para a porta de Atamarma, na intenção de, arrombando-a, dar entrada ao rei. Chegando ao logar do seu destino, com um machado arrombou a porta, por onde logo D. Affonso entrou.[2]

A primeira cousa que o rei fez, apenas se

[1] O padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, diz que esta porta era entre a da *Atamarma* e a *subida das Figueiras*, junto onde no seu tempo (1740) havia a casa de João Palha Botelho, na *Mouraria*.

[1] *Nazarenos! Nazarenos!*—Nome com que os árabes designavam os christãos, por seguirem a religião de Jesus Nazareno. Elles pronunciavam—*nacerani*.

[2] Foi por esta acção, que o rei mandou que Mem Moniz e todos os seus descendentes, usassem do appellido de *Machado*. (Vide o 3.º *Gondar*, e no 6.º volume, pag. 36, col. 1.ª, o appellido *Machado*.)

D. Mem Moniz (ou D. Mendo Moniz) como já disse, era um dos principaes fidalgos d'aquelle tempo, neto do famoso D. Egas Moniz, e rico-homem do Minho.

Alguns escriptores lhe chamam D. Mem Moniz *de Gondares*, e outros *de Gondarei*, quando é certo que elle era senhor de *Gondar*, freguezia do Minho, na comarca e concelho de Guimarães.

viu dentro das portas, foi ajoelhar, e dar graças ao Altissimo; depois, desembainhando o montante, disse para os que o acompanhavam—*Eia, portuguezes! Não fique um só mouro com vida! Tendes á frente o vosso rei, companheiro, e testemunha de vossa coragem. Aos mouros!*

O rei se dirigiu á praça da villa, onde se ouviam grandes gritos, e alli encontrou seu irmão, D. Pedro Affonso, e Gonçalo Gonçalvas de Coimbra, que, tendo entrado pela porta de Leiria, faziam nos mouros horrivel carnificina, que o rei e os que com elle vinham ainda augmentaram.

D. Affonso, que tinha então 37 annos e pouco mais de 2 mezes (nascêra a 25 de julho de 1109) distinguiu-se de todos, pela intrepidez, e pelos terriveis golpes do seu pesado montante.

Os mouros principaes, vendo a praça perdida, fugiram para a torre do *Alfange* (Alhanse) a mais forte da praça, na esperança de escaparem alli ao furor dos portuguezes, e esperarem soccorro do rei de Sevilha; mas D. Affonso I; D. Pedro Affonso; Gonçalo Gonçalves; D. Pedro Paes, seu alferes-mór; D. Gonçalo de Sousa, e outros, entraram na fortaleza, de envolta com os mouros, e os acutilavam sem dó.

Eram porem os inimigos em tão grande quantidade, e defendiam-se com tanta desesperação, que o rei estáva em grande perigo. Foi então que Lourenço Viegas, com um bom troço de soldados, acudiu a este ponto, e os mouros foram todos passados ao fio da espada.

Ao mesmo tempo, D. Mem Moniz, com 60 soldados, percorria todas as ruas da villa, degolando quantos mouros encontrava, qualquer que fosse o seu sexo ou edade.

Muitos, cegos de terror, se despedaçavam, cahindo da *Alhafa*. [1]

Auzecri (ou Aben-Zecri) o alcaide de Santarem, e alguns, poucos, poderam escapar á carnagem, fugindo para Sevilha, a *unhas de cavallo*, levando ao seu rei Al-Bujaque, a infausta noticia da perda de Santarem.

De memorias antigas, consta que o alcaide e os seus, fugiram pela *porta de Santo Estevão*, que, porisso, se ficou desde então chamando *Postigo da Carreira*.

Assim cahiu Santarem para sempre, em poder dos portuguezes.

D. Affonso I deu aos templarios, em premio da sua bravura, na tomada d'esta praça, todo o ecclesiastico de Santarem.

—

Na frente da egreja de Santa Maria d'Alcáçova, se gravou a seguinte inscripção :

ANNO AB INCARNATIONE MCLIV AB URBE ISTE CAPTA VII. REGNANTE D. ALFONSO REGE COMITIS HENRICI FILIO. ET UXORE EJUS REGINA MACHALDA: [1] HAEC ECCLESIA FUNDATA EST IN HONOREM S. MARIA VIRGINIS, MATRIS CHRISTI, A MILITIBUS TEMPLI E HIEROSOLOMITANI, JUSSO MAGISTRI UGONIS: PETRO ARNALDO AEDIFICI CURAN GERENTE. ANIMAE EORUM REQUIESCANT IN PACE. AMEN.

1154—Sendo mestre da ordem do Templo, *D. Hugo*, francez, se concluiram, n'este anno, as obras da egreja e casa de Santa Maria da Alcáçova.

D. Hugo, deu a superintendencia d'estas obras, a *D. Frei Pedro Arnaldo*, cavalleiro templario, natural de Santarem, commendador da mesma villa.

D. Pedro principiou logo a receber n'esta casa, muitos confrades, familiares e tercei-

[1] *Alhafa*, é corrupção do substantivo árabe *al-chafa*, que significa temor, ou cousa que causa mêdo. Deriva se do verbo *chafa* —ter mêdo, receiar, temer, etc.—Traduzido em portuguez, quer dizer — despenhadeiro, precipicio, etc.—segundo alguns escriptores, os arabes davam a toda a povoação o nome de *Al chafa*.

Á principal avenida de Santarem, e que da margem do Tejo subia, pela Alhafa, até á Alcáçova, chamavam os mouros—*Alhanse* (*Al-anse*) a Cobra—pelos muitos zigues-zagues, ou *tacêtes*. que a calçada fazia até chegar á porta da Alcaçova.

Era d'esta porta que os mouros precipitavam os seus criminosos, que morriam despedaçados na queda.—Vide *Portas de Santarem*.

[1] D'esta inscripção, e de outras mais, vê-se que nos primeiros seculos da nossa monarchia ainda se usava o h *aspirado* dos árabes, até mesmo escrevendo em latim; pois aqui temos *Mahalda*. Como não aspiravamos o h, e o substituimos por f, lia-se *Mafalda*, como hoje.

ros, os quaes fizeram largas doações á commenda.[1]

1157 (julho)—D. Affonso I deu tambem aos templarios, oito moinhos, na ribeira do Alviella, declarando-se na carta de doação, que metade do rendimento dos taes moinhos seria para a corôa. Concedeu tambem muitas honras, privilegios e isenções ás pessoas dos *cavalleiros do Espital* (templarios) de todo o reino.

1159 (fevereiro)—D. Affonso Henriques, deu aos templarios, em troca do ecclesiastico de Santarem, o castello de *Céra* (vide esta palavra) com todos os seus termos, para que tudo possuissem e povoassem, elles e seus successores.

D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa[2] depois de resgatada pelos portuguezes (25 de outubro de 1147) oppoz-se (em 1149) a que os templarios fossem senhores das egrejas que no tempo dos gôdos tinham sido do bispado de Lisboa, e houve uma renhida demanda que chegou a hir a Roma. O rei, para pôr termo á contenda (e porque o papa tinha decidido a favor da mitra) deu aos templarios a terra *Nullius* de Cera (hoje Thomar) cedendo o bispo, por si e seus successores, todo e qualquer direito que podesse ter, de presente ou de futuro, nas egrejas que já estivessem construidas, ou se viessem a construir n'aquelle vasto territorio.

675 annos existiram as cousas n'este estado, e se conservou este *isento* ou *nullius diocese*; guardando todos os nossos reis até ao sr. D. Miguel I, inclusive, o determinado por D. Affonso I. Todos sabem que, sendo supprimida a ordem dos templarios, por D. Diniz (em cumprimento da bulla do papa Clemente V) aquelle rei previdente—e matreiro, creou a ordem de Christo, em 1319, para não vêr sahir para Roma as immensas riquezas dos templarios, como o pontifice pretendia.

A nova ordem de cavallaria, *herdou* tudo quanto era da ordem extincta, assim como todas as suas honras, isenções e privilegios, o que foi confirmado por bulla do papa João XXII.[1]

Os templarios, sendo seu grão-mestre o famoso D. Gualdim Paes, constituiram o seu convento de Thomar, capital da ordem, e a mesma cathegoria continuou a ter pelos cavalleiros de Christo, desde 1319 até 1834, sob a denominação de *Prelasia de Thomar*, hoje annexa ao patriarchado.

Em resultado d'esta concordata, logo D. Gilberto e os seus conegos, renunciaram a todos os direitos episcopaes que tinham, ou podessem vir a ter—assim na egreja de S.

[1] Este D. frei Pedro Arnaldo, foi feito mestre da ordem do Templo, em toda a Peninsula, a 5 de abril de 1158.

Foi seu successor no mestrado da ordem, em Portugal (julho de 1157) o famoso *D. Gualdim Paes*.

[2] D. Gilberto era um prelado virtuosissimo, nascido em Inglaterra. Veio na esquadra dos cruzados, que tão a proposito arribou ás praias de Lisboa, quando D Affonso I cercava esta cidade, e que tanto concorreram para a sua conquista O rei nomeou a D. Gilberto, bispo de Lisboa, o que foi confirmado pelo papa Engenio III. Foi sagrado pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar.

Os crusados d'esta expedição, ficaram quasi todos em Portugal, dando-lhes D. Affonso I muitas villas e terras na Extremadura e no Alemtejo.

[1] Não se achando nos templarios portuguezes, nem um só dos grandes crimes atribuidos aos das outras nações, grande parte d'aquelles foram depois incorporados na ordem de Christo, da qual ficaram fazendo parte; pelo que podemos dizer que a ordem do Templo em Portugal, em vez de ser *supprimida*, foi *chrismada*.

Thiago, *fundada na planicie e rechan, ou assento da villa de Santarem*, como em todas as outras já edificadas, ou que de futuro se edificassem no termo de Céra, pagando cada uma d'estas egrejas, annualmente, á mitra lisbonense, *cinco soldos, de reconhecimento*

O mesmo lhe ficou pagando a egreja de S. Thiago, de Santarem, que desde logo foi curada por um sacerdote, freire da ordem do templo, o qual, primeiramente se chamou *capellão*, e depois *prior*.

O prior de S. Thiago, era como bispo da sua egreja, que foi a primeira *collegiada insigne* da ordem, a qual, em 1585, foi elevada a commenda da ordem de Christo.

Os que desejarem saber isto detalhadamente, vejam a citada *Historia de Santarem*, no tomo 1.º, pag, 73 e seguintes, e *Elucidario*, de Viterbo, tomo 2.º, pag. 235 e seguintes (da 2.ª edição.)

1170—Vide—1255 (22 de junho.)

1179 (maio)—2.º foral de Santarem.

1181 (8 de maio—Al-Baraque (ou Al-Bojaque[1] rei mouro de Sevilha, sabendo que D. Affonso Henriques, além de ter quasi 72 annos, estava aleijado de uma perna, não podendo montar a cavallo, e que, de mais a mais, estava em Santarem com pouca gente de guerra, juntou um grande numero de tropas andaluzas, e de mouros africanos, e atravessando o Guadiana, invadiu Portugal, pelo Alemtejo, na intenção de tomar Santarem, e alli captivar o rei portuguez.

As terras por onde passaram os mouros, ficaram devastadas, pois que tudo levaram a ferro e fogo, saqueando os povos, e assassinando todos os christãos que podiam agarrar.

Chegados a Santarem, lhe põem um apertado cêrco, estabelecendo os seus arraiaes a pouca distancia da villa, no referido dia 8 de maio.

D. Affonso Henriques, mandou o destemido capitão Lourenço Viegas (filho d'Egas Moniz) com 190 de cavallo e 1:800 infantes, ao encontro do inimigo. Lourenço Viegas sae da praça, e ataca os mouros em um sitio que então se chamava *Rocio d'Alvisquer*, e depois se chamou *Valladinhos*.

Antes de sahir da villa, tinha Lourenço Viegas dito a seu irmão, o famoso Mem Moniz, que, se o visse em perigo, lhe accudisse com a gente de cavallo que podesse reunir.

Foi tão inesperado e tão terrivel a accommettida dos portuguezes, que os mouros, julgando que o seu rei vinha sobre elles com todas as suas forças, fugiram desordenadamente, deixando muitos mortos e feridos no campo, e sendo perseguidos pelos portuguezes.

Mas Al-Bujaque era um guerreiro corajoso, e vendo o pequeno numero dos christãos, fez parar as suas tropas, e arguindo-as de cobardes, as obrigou a voltar a cara ao inimigo, e elle mesmo deu o exemplo, mettendo-se intrepidamente por entre as fileiras dos portuguezes, e obrigando-os a retirar: todavia, segundo as historias do tempo, os portuguezes, matando grande numero de mouros, *não perderam um unico soldado*, e levaram 22 mouros captivos.

Ao entrar Lourenço Viegas em Santarem, encontrou-se com seu irmão, que marchava em seu soccorro, com um esquadrão de gentis e valentes cavalleiros.

Como eram moços e ardidos, tornaram a sahir; porém os mouros não esperaram combate. Os dois irmãos estiveram no campo todo o resto do dia, e só de noite entraram em Santarem, onde o rei os recebeu de braços abertos, nomeiando logo Lourenço Viegas, mestre de campo general do exercito.

No dia seguinte (9) appareceu Al Bujaque com o seu exercito, acampado em uns olivaes e pomares fronteiros ao Tejo, destruindo todas as arvores, para construir bastidas, que o livrassem de qualquer surpreza.

[1] Nenhum d'estes nomes é árabe. Nos apontamentos de um frade meu parente, se dá ao tal rei o nome de *Al-Ben-Jacoub* Este sim que é árabe, e quer dizer—*O Filho de Jacob*. Os portuguezes, fizeram de Jacob—*Iágo*—e depois *Thiago*. Os francezes, inglezes e allemães, de Jacob fizeram *Jaques*. Assim ficava sendo o nome do mouro *Albenjaque*, (*Al-Ben Jaque*) que facilmente se corormpia em *Albojaque*.

N'essa mesma noite, deram os portuguezes sobre os inimigos, matando e captivando muitos, e tomando-lhes umas poucas de bandeiras.

Estas perdas, porem, pouca faltas faziam aos mouros, em vista do seu grande numero, e porisso, D. Affonso Henriques temia dar uma batalha campal, que podia trazer funestas consequencias.

Estava D. Affonso indeciso e receioso, quando lhe chegou a noticia de que seu genro, D. Affonso, rei de Leão (casado com sua filha, D. Urraca) invadira Portugal, pelo norte, em direcção ao Porto; e suppondo que elle faria juncção com os mouros, resolveu-se a dar batalha. [1]

Disposto tudo para a grande batalha, mandou o rei abrir as portas da praça, para darem sahida ás suas tropas.

Lourenço Viegas, commandava a vanguarda, e seu irmão, Mem Moniz, o grosso do pequeno exercito.

Na rectaguarda, hia o rei, armado com todas as armas, em um carro, tirado por dous fogosos cavallos, e acompanhado pelos seus melhores cavalleiros, e principal nobreza do reino.

Se o ataque foi terrivel, a defeza foi obstinada, e, segundo as chronicas, foi esta uma das maiores e mais sanguinolentas batalhas da Peninsula no XII seculo.

Al-Bujaque, que, apezar da superioridade numerica das suas tropas, via a batalha duvidosa, accudiu com os mais bravos cavalleiros da sua guarda.

[1] Todos sabem que, quando D. Affonso I acabou de tomar Badajoz aos mouros (1175) foi accommettido pelo rei de Leão, e vindo-o esperar fôra das portas da praça, entalou uma perna no ferrolho de uma porta d'ella, quebrando-a (a perna) pelo que ficou prisioneiro do genro. Para escapar das garras dos leonezes, prometteu ao seu rei, hir ás côrtes do seu reino, e reconhecer-se seu vassallo, *logo que, são da perna fracturada, podesse montar a cavallo.* Para ter um pretexto de faltar—sem deshonra—á sua palavra, nunca mais em sua vida montou a cavallo. D'aqui se originou uma guerra, que só terminou, entregando D. Affonso Henriques, ao genro, as praças conquistadas na Hespanha aos mouros e leonezes.

D. Affonso Henriques, vendo os seus em perigo, saltou fóra do carro, e se dirigiu para o logar onde o ataque era mais encarniçado.

Estava ahi a bandeira real, e o alferesmór tinha sido morto pelos mouros.

O rei os ataca furioso: os fidalgos da sua guarda, vendo-o a pé, saltaram fóra dos cavallos, e a seu lado despedaçaram quantos inimigos os cercavam.

Finalmente, os mouros fogem em todas as direcções, espavoridos; Al-Bujaque pôde salvar-se a *unhas de cavallo*, deixando no campo muitas centenas de mortos, feridos e captivos; todas as suas bagagens, que eram muitas e valiosas, e tudo quanto os seus tinham roubado no Alemtejo.

Tambem este dia era o 34.º anniversario da tomada de Santarem.

—

O rei de Leão não tinha vindo a Portugal na intenção de fazer a guerra ao sogro, mas para o soccorrer contra os mouros [1] e, sabendo que estes tinham sido desbaratados, mandou seus embaixadores dar os parabens ao sogro, por tão assignalada victoria.

D. Affonso I presenteou generosamente os embaixadores do genro, e agradecendo a este as *suas boas intenções*, lhe mandou a tenda da campanha, do rei mouro, que era riquissima, e alguns dos mais formosos cavallos que tinha tomado aos mouros.

—

1185 (24 de junho a 2 de julho) — Al-Bujaque não podia resignar-se á perda da fortissima praça de Santarem, e desejava ardentemente uma desforra da derrota que tinha soffrido, a 8 de maio de 1181, em frente dos seus muros. Mandou pedir auxilio a Joseph-Aben-Jacob, o *miramulim* [2] de Marrocos.

[1] Este ponto da nossa historia não está sufficientemente resolvido. Alguns escriptores dizem que a tenção do leonez era apossar-se de Portugal, em quanto D. Affonso Henriques se via a braços com tão grande poder de mouros; e que mudou de opinião, vendo os portuguezes livres dos inimigos, por uma victoria tão gloriosa. Isto é o mais provavel.

[2] Miramulim, é corrupção de *Emir-el Mu-*

Este, atravessa o Atlantico, com um numeroso exercito e reunindo se aos andaluzes d'Al-Bojaque e a mais 12 reis, ou emires, tornaram a invadir Portugal pelo sul, passando o Tejo a 24 de julho (*Chronica de D. Affonso Henriques*, por Duarte Nunes de Leão, pag. 53) e n'este mesmo dia, tomaram de assalto, saquearam e arrazaram, o castello de Torres-Novas. (*Monarch. Luzitana*, por frei Antonio Brandão, p. 3.ª, livro 11, pag. 262) [1]

Parece que os mouros se demoraram por estes sitios, para reunir as differentes columnas que vinham chegando da Andaluzia, até ao dia 4 de julho, que era uma 2.ª feira, e então levantaram o campo.

O seu itinerario foi—Alcanéna, Bugalhos, Vaqueiros, Pérnes, Povoa dos Gallegos, Valle de Figueira, Alcanhões e Santarem.

No dia 4 (2.ª feira) acamparam em um monte, então chamado *Pompeyo* e hoje *Alpompe*—na 3.ª feira, 5, em um logar chamado então *Redinha*, (que depois se chamou *Barrócas da Redinha*, e que o vulgo denomina *Barrócas da Rainha*) na actual freguezia de S. Domingos de Valle de Figueira, concelho de Santarem — na 4.ª feira, 6, na *Horta da Lagôa*, actual freguezia d'Alcanhões, do concelho e a uns 6 kilometros de Santarem.

Aqui esperaram um dia (7) que se reunisse o resto da gente. Na 6.ª feira, 8, acamparam em frente de Santarem.

Os dias 9 e 10, foram empregados, pelos mouros, nos preparativos do ataque, e pelos christãos, em augmentar as obras de defeza.

O infante D. Sancho (depois 1.º do nome) estava na praça com pouca gente de guerra, mas escolhida.

Mandou arrazar algumas casas que estavam fóra dos muros, e que podiam servir ao assalto que esperava.

Entrincheirou o melhor que pôde as portas que offereciam menos resistencia, e construiu alguns palanques, d'onde os soldados não só podessem offender o inimigo, mas tambem observar os seus movimentos.

No dia 11 (2.ª feira) teve logar o primeiro ataque, furioso da parte dos mouros, e heroicamente repellido pelos portuguezes.

Nos dias 12, 13, 14 e 15, repetiram-se os assaltos, e D. Sancho, combatia como um leão, escolhendo sempre os logares de maior perigo.

Os mortos e feridos eram muitos de parte a parte, porém os mouros, que combatiam a peito descoberto, soffreram perdas muito maiores.

Apezar, d'isso, no 5.º dia do ataque (15) os mouros se apoderaram de um dos fortes palanques, á custa de muitas vidas dos seus e de não poucas dos nossos, ficando aqui ferido o infante.

Este, vendo tão grande estrago nos seus, e que a grande mortandade dos inimigos não lhes diminuia a coragem, nem era sensivel, em vista do seu grande numero, julgou a praça perdida, e estava a ponto de mandar retirar para a cidadella de Alcaçova, e alli, ou esperarem soccorro, ou venderem caras as vidas.

Mas D. Affonso Henriques, que tinha sido avisado em Coimbra, do perigo em que estava seu filho, os mais portuguezes e a praça, reune toda a gente que pode, e, apezar dos seus 76 annos, vôa em soccorro de San-

menim. É o titulo que os kalifas árabes juntavam ao seu nome proprio, e ainda hoje usam este titulo, os imperadores de Marrocos. *Emir-el-Mumenim*, significa *chefe dos crentes*.

Os árabes chamam aos seus principes, commandantes, ou governadores—*Mir*. *Emir* significa — *principe por exellencia*, e não qualquer chefe subalterno (como *Mir Ossem*, *Mir Mahomed-Zaman*, etc.)—O *el* anteposto aos cognomes, indicava singularidade; mas, supprimiam *el*, em quasi todos os nomes (não assim em *Al Maçor*, *Al-Iskander*,) Vide *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, por frei João de Sousa, nos logares competentes.

[1] Não faço estas citações para ostentar de erudito; mas porque nem todos os escriptores são concordes n'estas datas, e eu desejo que se saiba onde fui buscar as noticias historicas que dou. Ainda ha outra razão —

Tenho extrahido noticias, não só de escriptores contemporaneos, mas de obras publicadas ha 200 e 300 annos, e que ninguem até agora contradisse, e passaram em julgado. Pois apezar d'isto, tenho sido arguido por *alguns*... de inexacto!—Deixal-os.

tarem, onde chegou na manhan de sabbado, 16.

Era tal o terror que o nome do rei portuguez infundia nos agarenos, que abandonaram inopinadamente o cêrco, retirando, pelos olivaes, para o sitio denominado *Monte do Abbade* [1]; porém o rei em um carro, e seu filho montado em um cavallo de batalha, levando em sua companhia os principaes senhores portuguezes, com um bom numero de infantes, alli foram perseguir os mouros, fazendo n'elles uma horrivel carnificina.

D. Sancho feriu mortalmente o Miramolim, que morreu ao passar o Tejo; alguns dos reis e muitos dos principaes chefes africanos e andaluzes, alli pereceram, e a maior parte dos seus soldados, além de grande numero de captivos.

Os mouros perderam todas as suas bagagens e trem de guerra, achando-se no seu acampamento grandes riquezas, tanto em ouro e prata, como em outras preciosidades.

Ficaram em nosso poder, quasi todos os cavallos e camêllos, e uma enorme quantidade de armas e bandeiras.

Parece que o ferimento do infante não foi de muita gravidade, porque elle, com parte do exercito, perseguiu os mouros até ao centro da Andaluzia, matando muitos, captivando outros, e saqueando e incendiando muitas das povoações, recolheu a Portugal com muitos e ricos despojos.

Foi este o ultimo ataque que os mouros tentaram para recuperar a praça de Santarem.

—

Nem todos os chronistas estão concordes nas datas d'esta guerra.

Faria e Souza, no seu *Epitome de las historias portuguezas*, pag. 179, diz que foi em 1185.—Duarte Nunes de Leão, na *Chronica do rei D. Affonso Henriques*, pag. 53, diz que foi em 1184.

Uns dizem que o desbarate do Monte do Abbade, foi no domingo, 10 de julho; outros que foi no sabbado seguinte, 16.

[1] O Monte do Abbade, fica a 2 kilometros de Santarem.

Eu adoptei a opinião mais seguida, e mais verosimil.

—

D. Affonso Henriques, em memoria d'esta e d'outras muitas batalhas que ganhou aos mouros, edificou 150 egrejas.

1207 (1.º de março).—Morre em Santarem, *D. frei Affonso de Portugal*, filho bastardo, de D. Affonso Henriques, e grão-mestre da ordem de S. João de Jerusalem (Malta.)—Foi um varão notavel pelo seu valor e pelas suas extremadas virtudes. Sepultou-se na egreja de S. João do Alporão.

1211—D. Affonso II, funda o mosteiro de frades de S. Domingos.

1214—(8 d'abril)—3.º foral de Santarem

1217—(12 de novembro)—4.º foral de Santarem, confirmando o antecedente, e ampliando-o.

1218—D. Affonso II, funda o real mosteiro de frades da SS. Trindade.

Foi o 1.º d'esta ordem, em Portugal. O povo de Santarem, tambem concorreu com avultadas esmolas para esta obra.

D. João III reedificou o mosteiro, que ficou o mais sumptuoso da villa, pelos annos de 1560.

1226 [1]—*Santo Milagre*. Na *rua das Esteiras*, freguezia de Santo Estevam, d'esta villa, vivia uma mulher do povo (ninguem lhe diz o nome, que eu saiba) cujo marido a tratava com desprezo e crueldade.

Attribuia a mulher isto a amores adulteros, e tendo uma comadre judia, com fama de bruxa, lhe contou a sua vida.

A bruxa disse-lhe.—«Se queres recobrar o amor do teu marido, vae commungar á

[1] Não ha certeza do anno, e ignora se o dia em que teve logar o facto de que vou tratar n'este artigo. Uns dizem que foi em 1226, reinando em Portugal, D. Sancho II. —Outros pretendem que foi em 1247, durante a regencia do conde de Bolonha (depois—em 1248—D. Affonso III). — Outros, finalmente, dizem que foi em 1266, quando o conde de Bolonha era já rei de Portugal, por morte de seu irmão.

O padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos (*Historia de Santarem edificada*, tomo 1.º, pag. 237), assevera que este *milagre* teve logar em 1247, e adduz fundamentos muito attendiveis.

egreja de Santo Estevam, e sem que sejas vista, tira a hostia da bocca, embrulha-a em uma *beatinha* (lenço) e traz-m'a; e eu te prometto trazer teu marido a bom caminho.»

A mulher foi á egreja, e fez o que lhe foi mandado.

Quando regressou de Santo Estevam para casa da judia, ao passar por uma travessa, que depois se tapou, onde se vê (ou via) na parede que faz frente á *rua do Milagre*, uma cruz de azulejo, muito antiga, e junto da qual esteve uma pintura (que já em 1740 mal se percebia) representando o sacrilegio, viu o povo, que da beatilha corria sangue, e perguntaram á mulher, se hia ferida. Ella não respondeu, mas, arrependendo-se do que praticára, mudou de rumo, e fugiu para sua casa, guardando a sagrada particula em uma arca, que havia no quarto onde dormiam, ella e o marido. Acordou este (que de nada sabia) e viu a casa *cheia de uma luz brilhante, e sentiu um cheiro suavissimo.* Observou que aquelles resplendores sahiam da arca, e perguntou á mulher, o que tinha alli guardado.[1]

A mulher, contou-lhe tudo.

Assim que amanheceu, foi o homem á egreja de Santo Estevam, dar parte ao parocho, do que tinha acontecido.

Logo os padres e muita gente da freguezia, foram a casa da mulher, e levaram para a egreja de Santo Estevam, envolta na mesma beatilha, a hostia sagrada, em solemne procissão.

A particula foi mettida em uma custodia, porem, passados alguns annos se achou dentro de uma ambula de crystal, *fabricada pelos anjos.*

Mas não tardaram as dúvidas e demandas, para se saber em qual das egrejas da villa se havia de guardar o *Santo Milagre.*

A esse tempo, só havia em Santarem dous mosteiros de frades—dominicos, e menores, e ambos elles pretendiam ter direito a possuir a reliquia.

O parocho da egreja de Marvilla, allegava que a sua egreja, além de ser a matriz das outras, era a mais vasta e sumptuosa, e que era lá que devia estar.

Nem deixaram de allegar o mesmo direito o prior e *conegos* da collegiada de Alcáçova, visto a sua egreja ter o privilegio de capella real.

O parocho e povo da freguezia de Santo Estevam, alegavam que a hostia era sua, pois tinha sahido da sua egreja. E venceram; mas, para que os frades de S. Domingos não ficassem completamente desconsolados, se lhe deu a beatilha, que elles guardaram em um caixilho de crystal.

—

A uns 20 metros ao N. da porta da egreja de Santo Estevam, tinha uma boa morada de casas, Francisco Homem de Magalhães, e n'ellas uma ermida particular antiga, dedicada a Nossa Senhora do Monserrate. No alpendre d'esta ermida, mandou seu proprietario collocar um quadro, com o retrato da mulher sacrilega e da judia, com a seguinte inscripção:

NO LOGAR EM QUE ESTÁ ESTA ERMIDA,
SE VIU O SANGUE NA BEATILHA
EM QUE A MULHER TRAZIA
A PARTICULA QUE HOJE HE
VENERADA PELO
SANTISSIMO MILAGRE.
REFORMOU ESTA ERMIDA
THOMAZ HOMEM DE MAGALHÃES

Do lado exterior da parede, sobranceira á rua publica, foi collocada a cruz de azulejo de que já fallei.

—

A casa da rua das Esteiras, onde viveu a mulher do sacrilegio, se foi arruinando com o tempo, e passados mais de 400 annos, estava convertida em um miseravel pardieiro deshabitado. Então (1654) o medico, Manuel dos Reis Tavares e sua mulher, mandaram alli construir, á sua custa, uma bonita capella, toda de abobada de tijolo, tendo no retabulo do altar-mór uma boa pintura, representando o milagre.

[1] Bem sei que muitos me vão accusar de *milagreiro, retrogrado, etc.*, por espalhar por esta obra tantos *milagres.* Se lerem com reflexão, hão de ver que eu não affirmo nada d'isto. Pódem acreditar nos taes milagres, ou escarnecêl-os; mas sempre queria que me dissessem o que de mim diriam e o que me fariam os santarenos, se eu n'este artigo não fallasse no seu *Santo Milagre.*

O fundador da ermida e sua mulher, Margarida Cesar de Almeida, instituiram aqui uma capella de missas, em 1684, ditas em todas as segundas, quintas e sextas feiras do anno.

Em 1740, era administrador d'esta capella, Manuel da Fonseca, morador no logar da *Corticada*, termo de Santarem.

N'esta ermida, junto ao altar, do lado da Epistola, se fez um arco na parede, e no seu vão se construiu um tumulo de marmore, sobre dous leões do mesmo, tendo na frente da arca, esta inscripção:

D'ESTA CASA ONDE DEUS FEZ
O SANTISSIMO MILAGRE,
ANNO 1266, FIZERAM
EGREJA, O LICENCEADO
MANUEL DOS REIS TAVARES
E MARGARIDA CESAR DE ALMEIDA
E A DOTARAM, E JAZEM DEBAIXO
DO ALTAR D'ELLA

(Segundo esta inscripção, o milagre, como vemos, succedeu em 1266, o que todavia não é ponto decidido.)

—

O que ninguem diz—que eu saiba—é se as duas mulheres que com o sacrilegio deram causa á existencia do *Santo Milagre*, foram castigadas, e a qualidade do castigo que soffreram.

Se já houvesse Inquisição, bem horrivel seria o seu fim.

—

O *Santo Milagre*, deu ainda causa á engraçadissima *historia do homem das botas*, acontecida em Lisboa, a 2 de dezembro de 1811. (Vide 4.º vol., pag. 362, col. 2.ª)

—

1232—(29 de janeiro)—N'este dia, morre, no convento de S. Domingos, de Santarem, o famoso bispo de Lisboa, D. Soeiro Gomes, varão tão respeitavel por suas lettras e virtudes, como celebre pela sua bravura nos combates.

Foi elle que resgatou do poder dos mouros, a notavel e antiquissima villa d'Alcacer de Sal.

Resignando o seu bispado, tomou o habito dominicano, no mosteiro d'esta villa, em cuja egreja foi sepultado.

1236 – (11 de maio)—Morre em Santarem o virtuoso *Mendo Affonso*, cavalleiro templario, e foi sepultado na egreja de Santa Maria d'Alcaçova. Era um varão caridosissimo, pelo que no epitaphio da sua sepultura se lia—*Mendo Affonso, cavalleiro do Templo, pae dos orfãos, amparo das viuvas, soccorro dos peregrinos, e singular defensor da fé.*

1240—Fundação do mosteiro *das donas* (dominicanas) á custa de *Elvira Duranda.*

Foi depois mudado para o sitio actual por *D. Estevainha Peres de Casével.*

(Vide *Mosteiros de Santarem* para tudo que diz respeito a este e todos os mais conventos, de ambos os sexos, d'esta cidade.)

1241—Sagração da egreja de Santo Estevam (ou Santo Milagre.)

1242—D. Sancho II, funda o mosteiro de frades franciscanos.

D. Fernando I, o reconstruiu e augmentou.

1244 — (novembro) D. Ayres (ou Arias) Vaz (ou Vasques) funda a collegiada de Marvilla. (Vide 4.º vol., pag. 269, col. 1.ª)

1254—D. Affonso III, dá 5.º foral a Santarem, confirmando o antigo, e augmentando-lhe os privilegios.

1255—(22 de junho)—Falleceu o veneravel *frei Pedro Fernandes Gallêgo*, natural de Santarem.

Era filho de pessoas nobres, mas ainda foi mais nobre pelas suas virtudes.

Tomou o habito de frade dominicano, no mosteiro de Nossa Senhora das Neves, da serra de Monte-Junto, termo de Alemquer, que foi o 1.º convento d'esta ordem, que houve em Portugal, e que depois se mudou para Santarem.—«Alli deu principio a uma vida mais de anjo do que de homem: negou-se a todo o mundo e a si proprio, para se dar inteiramente a Deus.» — Contra sua vontade, mas por obediencia, foi estudar as sagradas lettras, e leu depois theologia em varios conventos da sua ordem.

Escreveu com grande erudição a *Vida do patriarcha S. Domingos*, e foi muito estimado pelo seu patricio *São frei Gil*, seu prelado.

Mandado para o convento de Samora, que se tinha fundado havia pouco tempo, alli

falleceu no dia referido, com fama de santo, e com 85 annos de edade, pois tinha nascido em 1170.

1259—O mesmo D. Affonso III, funda o mosteiro de Santa Clara (freiras franciscanas.) Outros dizem que foi em 1272.

1262—(12 de janeiro)—Morre o *beato frei Pedro*, natural de Santarem.

Era filho de pessoas nobres, que o educaram no santo temor de Deus, e desde creança foi um compendio de virtudes, brilhando sobre todas, a mansidão e a caridade. Estudou latim, logica e philosophia, e por fim medicina, em cuja sciencia se graduou, tornando-se um dos melhores medicos do seu tempo.

Desenganado das vaidades do mundo, se metteu frade no mosteiro de S. Domingos, da sua patria, não deixando de curar, pelo amor de Deus, os enfermos pobres e desvalidos. Foi contemporaneo de São frei Gil, que muito o estimava pela sua humildade, sciencia e virtude.

Depois de uma prolongada e dolorosa doença, soffrida com a mais exemplar resignação, falleceu na enfermaria do seu mosteiro, no dia indicado.

1263—Primeiras côrtes, em Santarem (as 4.as de Portugal.)

No mesmo anno teve logar a fundação da *casa do noviciado*, do mosteiro dos frades de S. Francisco.

No mesmo anno de 1263, morreu o *beato frei Domingos do Cuvo*, natural de Santarem.

Foi um varão de muito saber e virtudes, e eloquente orador sagrado. Professando no convento dominicano de Monte-Junto, termo do Alemquer, foi o fundador do da sua ordem, (frades) em Santarem, e n'este mosteiro falleceu e foi sepultado, com geral fama de santo, depois de uma longa vida passada no exercicio de todas as virtudes christans.

1265—(14 de maio)—Morre no seu convento de S. Domingos, de Santarem, *São frei Gil*, um dos mais virtuosos frades da sua ordem.

Nasceu na *quinta da Cavallaria*, proximo (ao O.) da villa de Vouzella, capital do concelho e comarca do mesmo nome (então comarca de Lafões) no anno de 1185. Era filho de D. Ruy Paes de Valladares, um dos principaes fidalgos do seu tempo, do conselho de D. Sancho I e seu mordomo-mór, e alcaide-mór do castello e cidade de Coimbra —e de sua mulher, D. Thereza Gil d'Almeida, filha de Fernão Martins d'Almeida, senhor da quinta da Cavallaria, e descendente tambem de uma familia muito nobre e antiga.

D'esta D. Thereza Gil, procede tambem o famosissimo Duarte d'Almeida, *o Decepado* (6.º vol., pag. 398, col. 2.ª)

É 12.ª neta de Duarte d'Almeida, a senhora D. Eugenia d'Aguilar e Almeida Monroy e Mello Azambuja e Menezes, actual marqueza de Penalva. (6.º vol., pag. 587, col. 2.ª)

Gil Rodrigues de Valladares, foi desde os seus tenros annos muito inclinado ás lettras, pelo que seus paes o mandaram para o convento de Santa Cruz, de Coimbra, estudar grammatica latina e philosophia, estudando tambem, por curiosidade, medicina.

A côrte estava então em Coimbra, e foi tal a fama da vasta intelligencia do estudante, que chegou aos ouvidos de D. Sancho I, o qual, como estimava muito a D. Ruy Paes, deu ao filho d'este, trez canonicatos, em Braga, Coimbra e Guarda; o priorado de Santa Iria, na Ribeira de Santarem; e o de Coruche, do Alemtejo. Depois o fez arcediago da 3.ª cadeira da Sé de Lisboa, e thesoureiro da de Coimbra.

Vendo-se Gil, na flor da edade, com tão grandes rendimentos, e em plena liberdade, se entregou a toda a qualidade de vicios e paixões; não abandonando todavia completamente o seu amor aos estudos, sendo ao da medicina a que principalmente se dedicou. Vendo que em Portugal não havia quem estivesse habilitado para lhe ensinar tudo quanto desejava saber n'esta sciencia, resolveu hir estudar á universidade de Paris, a mais afamada d'esse tempo.

Nos primeiros dias da sua jornada de Portugal para França, teve um companheiro, a quem muito se afeiçoou. [1] Este, com boas

[1] Os seus antigos biographos pretendem que

palavras e fortes argumentos o desviou da sua tenção, dizendo-lhe, entre outras cousas, que a vida do medico é uma das mais tristes e espinhosas, lidando continuamente com agonias, dôres, lagrimas, chagas e mortes. Que era mais gloriosa, facil e agradavel a vida do nigromante.

Gil, tomou o perfido conselho do seu companheiro, e, em vez de seguir a estrada de Paris, marcharam para Toledo, onde era a academia dos magicos.

(Transcrevo um trecho da *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 81.)

«Junto áquella cidade de Tolêdo, em um tenebroso valle sombrio, se divisavam duas profundas e cavernosas covas, dentro das quaes estavam as luciferinas aulas d'áquella infernal academia, onde o principe das trevas, ditando a postilla, lia a seus discipulos a arte de nigromancia.»

«Admittido Gil com muita brevidade, áquelle infernal consorcio, sairam logo d'alli, com grande festejo e alaridos, os miseraveis discipulos que lá estavam, mandados pelo seu mestre, a receber o novo discipulo, levando-o com grande alegria e afagos, á presença de Lucifer, que estava sentado na pestifera cadeira magistral.» [1]

Resumamos o que diz o padre Vasconcellos.

Tão ardentemente se applicou Gil Rodrigues de Valladares, á sciencia de nigromancia, que em sete annos se graduou mestre d'ella, e hindo para Paris, principiou logo a dar provas «do maior homem que tinha o mundo, na faculdade de medicina, com as curas pasmosas que fazia.»

Rico, e ganhando muito dinheiro, deu largas a todos os vicios, ainda os mais torpes, e assim continuou por alguns annos, até que um dia (deixamos de parte os avisos *sobrenaturaes* que recebeu) arrependido, foi-se ás *postillas* e livros de magia, e queimou tudo.

Sahiu de França, no proposito de se metter frade em um dos mosteiros mais rigorosos de Hespanha.

Chegando a Palencia, viu que os frades dominicanos andavam atarefados com a construcção de um pequeno mosteiro. Reparou na grande humildade com que trabalhavam na edificação, e a caridade que exerciam com os desvalidos. Pediu ao prior que o admitisse na sua ordem, o que facilmente lhe foi concedido; e, tomando o habito, se cingiu logo com uma cinta de ferro, que fechou com um cadeiado, lançando a chave d'este ao rio, para que nunca mais podese abrir o cilicio. Passado o anno de noviciado, professou em 1221, e foi mandado pelo beato frei Soeiro, para o convento da sua ordem, de Santarem.

Alli continuou uma vida de oração continua e de asperas penitencias; e, como o prior conhecesse em frei Gil uma aptidão extraordinoria para as sciencias, o mandou estudar theologia á universidade de Paris, onde foi recebido cordialmente pelo geral da sua ordem, São Jordão, (successor de São Domingos, no generalato) em vista de uma carta de D. Sancho I, que o recommendava instantemente.

Teve frei Gil por condiscipulo, o beato Umberto de Romanis, que depois veiu a ser 5.º geral da ordem dominicana, e que muito amou o frade portuguez.

Graduado doutor em theologia e feito mestre da ordem, regressou ao seu mosteiro de Santarem, ahi foi mestre dos seus confrades e foi o 1.º *leitor* que a ordem de S. Domingos teve em toda a Hespanha, n'esta faculdade.

Foi tambem um distinctissimo orador sagrado, e um insigne missionario apostolico, prégando o Evangelho por muitas terras, tanto com a palavra como com o exemplo.

Fallecendo frei Soeiro Gomes, 1.º provincial de toda a Hespanha, foi Gil eleito em capitulo geral, provincial, por unanimidade

era o diabo em pessoa, com a figura humana de um bello mancebo; e dizem a verdade. Um mau companheiro, se não é o proprio diabo, ainda é peor do que elle; e torna-se mais perigoso, se possue uma phisionomia agradavel e sympathica.

[1] Isto escrevia com toda a seriedade, e como se fallassem da cousa mais natural d'este mundo, o reverendo padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, conego secular de S. João Evangelista (loyo) definidor da sua congregação, e natural de Santarem, no anno de 1740!

de votos, e foi um dos mais sabios e virtuosos prelados da sua ordem.

Passados annos, e querendo frei Gil tornar á sua vida de mortificação e isolamento, pediu a resignação ao papa, que lhe foi dada. succedendo-lhe o virtuoso frei Pedro de Osca; mas fallecendo este d'ahi a pouco tempo, tornou frei Gil a ser unanimente eleito, e no provincialato terminou seus dias, em quinta feira da Ascenção do Senhor, a 14 de maio de 1265, com 80 annos de edade, sendo sepultado no cemiterio do mosteiro.

Passados seis annos, sua prima, D. Joanna Dias, senhora de Atouguia, mulher de D. Fernando Fernandes Cogominho, senhor de Chaves, e alcaide-mór de Coimbra, lhe mandou fazer uma bôa capella e n'ella um mausoleu, na egreja do mosteiro do santo, para onde o seu cadaver (que foi achado incorrupto) foi transferido, com magnificas exequias, a que assistiram as pessoas principaes da villa, e quasi todo o povo.

—

Vide adiante, quando fallo do mosteiro de Santa Clara (freiras franciscanas) o que diz o visconde d'Almeida Garrett, com respeito aos ossos de São frei Gil.

—

1266—Vide o anno de 1226.

1270—(19 de fevereiro)—Morre o grande servo de Deus, *frei Antonio de Santarem*, natural da terra do seu appellido.

Era filho de pessoas nobres, e namorando-se de uma donzella tambem nobre e muito formosa, como elle nada devesse á formosura, lhe disse ella—«Lava-te muito bem no rio Jordão, e depois serás meu marido.» —Elle acceitou a condição, e marchou para a Syria, lavou-se nas aguas do Jordão, e trouxe d'ellas um vaso, e attestados provando a sua peregrinação. A donzella cumpriu a promessa, casando com elle, porém, poucos mezes depois, falleceu. Antonio, desgostoso por esta morte prematura, abandonou patria, honras e riquezas, e se foi para Castella, e alli se metteu frade franciscano, applicando-se de coração aos estudos ecclesiasticos, vindo a ser um grande sabio, e um consumado prégador.

De Castella veio para o mosteiro franciscano da sua patria, onde, cheio de annos e de virtudes, morreu no indicado dia, sendo sepultado na magestosa capella das almas, da egreja do seu mosteiro, sob o altar do SS. Sacramento.

Durante a maior parte da sua vida, e depois da sua morte, foi geralmente reputado por santo.

—

1272—Vide o anno 1259.

1275—(10 de janeiro) — Morre o grande capitão, *D. Payo Peres Correia*, natural de Santarem.

Dizem muitos escriptores, e com elles o nosso esclarecido academico contemporaneo, o sr. Manoel Pinheiro Chagas, que o famosissimo XVI grão-mestre da ordem de S. Thiago, *Dom Payo Peres Correia*, o conquistador do Algarve, é natural da cidade d'Evora. (Vide 3.º vol., pag. 112, col. 2.ª) Outros porém sustentam que este intrepido guerreiro, nasceu em Santarem, no principio do seculo XIII.

Estou persuadido que este heroe nasceu em Santarem. Assim o affirma o arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, na sua *Hist. eccles. de Lx.ª*, pag. 851—e o padre Vasconcellos, na sua *Hist. de Santarem*, tomo 2.º, pag. 436. Ambos estes escriptores dão por cousa sem duvida, que o fallecimento de D. Payo foi a 10 de janeiro (e não a 10 ou 11 de fevereiro, como outros dizem) de 1275.

Ainda mais.

No mesmo logar, da *Hist. de Santarem*, diz-se que, alem do que afirma D. Rodrigo da Cunha, é tradição constante em Santarem, que D. Payo Peres Correia foi «nascido e creado n'esta nossa villa de Santarem, e nós nella temos viva tradição, que nascêra e morára na freguezia de S. Thiago, nas casas que hoje (1740) são residencia dos vigarios da parochial egreja de Santa Iria, as quaes conservam ainda hoje um torreão, que denota grande antiguidade.»

O que é certissimo, é que *D. Payo Soares Correia*, senhor da *honra de Farelães*, uma das mais nobres e antigas casas do Minho, foi pae de D. Soeiro Paes Correia, pae de D. Pedro (ou Pêro) Peres Correia; e d'este, e de sua mulher e prima, D. Dórdia (ou

Dórdes) Peres d'Aguilar, nasceram varios filhos e entre elles, o grande *D. Payo Peres Correia.* (Vide 6.º vol, pag. 695, col. 2.ª — e 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª e seguintes.)

Não pude achar memoria do anno do seu nascimento, mas devia ser entre os annos 1195 e 1205.

Tambem é incerto o logar onde falleceu. O sr. Pinheiro Chagas (*Port. Illustres*, pag. 11) não o declara. Alguns escriptores, dizem que elle morreu em *Uclés* (Hespanha) a 11 de fevereiro de 1275. (Vide o logar citado, do 3.º vol.)—Outros dizem que morreu em Portugal (mas não dizem em que logar) a 10 de fevereiro do mesmo anno de 1275. (Frei Francisco de Santa Maria—*Anno Hist.* tomo 1.º, pag. 180.) Em uns apontamentos que eu tenho, mas que me não lembra já de onde os extrahi, diz-se tambem que elle morreu no tal dia 10 de janeiro, *em uma batalha contra os mouros, na Serra Morsna* (Hespanha) e que foi aqui que elle fez *parar o sol*: e que em memoria d'este milagre, se erigiu no proprio logar da batalha, um templo dedicado a *Santa Maria Tem-Tu-Dia*, que foram as palavras pronunciadas por elle, para fazer *parar o sol*, e que alli jaz sepultado.

No logar citado do *Anno Historico*, diz que o *milagre* da *paragem do sol*, foi na batalha de *Lerena* (Hespanha) e que na mesma occasião, tendo os seus muita sêde, espetou a lança em um rochedo, e d'elle brotou logo uma copiosa fonte de agua potavel, com que todos se desalteraram.

Abstrahindo dos milagres que a pia crença dos nossos antepassados fazia figurar com tanta frequencia, em todas as difficeis conjuncturas, é certo que D. Payo Peres Correia, foi um guerreiro legendario, e o mais valente batalhador do seu tempo.

Ainda adolescente, alistou-se na ordem de S. Thiago da Espada, da qual foi eleito grão-mestre, em 1242, e, no mesmo anno, commendador de Alcacer do Sal. (Vide *Evora*, no logar citado do 3.º volume.)

Os seus feitos militares principiaram no reinado de D. Sancho II, ajudando a conquistar aos mouros, Cacella e Ayamonte, em 1240.

Em 9 de janeiro de 1242, resgatou a praça e cidade de Silves, do poder dos serracenos.

Em quanto Affonso Peres Farinha, mestre da ordem do Hospital, no mesmo anno de 1242, expulsava os árabes, de Arronches, Juromenha, Serpa, Moura, Mértola e outras povoações que os mouros ainda conservavam no Alemtejo, o nosso D. Payo os hia expulsando de Aljezur, e de varias outras povoações.

A sua principal façanha d'este anno, foi a tomada de Tavira, a 11 de junho. Eis o que deu motivo a esta gloriosa conquista.

Havia tréguas entre os christãos e mouros. No dia 10 de junho, *D. Pedro Rodrigues*, commendador-mór da ordem de S. Thiago; *Mem do Valle; Damião Vaz; Alvaro Garcia; Estevam Vasques; e Valerio da Hora*, pediram licença a D. Payo, para hirem moutear.

Negou-lh'a o chefe; mas, tanto instaram, que por fim lh'a concedeu.

Fiados nas tréguas, entraram em Tavira, o que os mouros tomaram como provocação e, juntando-se grande numero d'elles, atacaram os portuguezes, que tiveram de fugir para o alto de um monte, ao O. da cidade, defendendo-se alli, com a maior intrepidez.

Segundo alguns escriptores, os seis cavalleiros, vendo-se assim traiçoeiramente agredidos por tão grande numero de mouros, resolveram que um d'elles (cavalleiros) fosse dar parte ao grão-mestre; porem como nenhum queria abandonar os companheiros em tão grande perigo, foi decidido que seria tirado á sorte o que devia marchar. Assim se fez, e o designado, pôde atravessar a toda a brida por entre os mouros, e levar a noticia a D. Payo.

N'esta occasião, passava por aquelle sitio um rico mercador portuguez, chamado *Garcia Rodrigues*, com algumas cargas de fazenda, e, sabendo do aperto em que estavam os seis cavalleiros christãos, entregou as cargas aos creados, mandando-os retirar, e elle com a espada em punho, e por entre os mouros, se foi reunir aos cavalleiros.

Durou este prodigioso combate muitas horas; mas, depois de terem sido mortos mui-

tos dos inimigos, os christãos foram todos assassinados.

Quando D. Payo teve noticia do perigo em que estavam os seus cavalleiros, que eram os mais bravos do seu pequeno exercito, cheio de furor, em vista da traição cobarde dos mouros, voou com a sua gente sobre Tavira, na esperança de ainda chegar a tempo de salvar os portuguezes.

D. Payo e os seus soldados, entraram na cidade, não como valentes guerreiros, mas como leões furiosos, e achando os mouros espalhados pelas ruas cantando victoria, com grande alegria pela sua *façanha*, fizeram n'elles horrivel matança, não perdoando a sexo nem edade, fugindo espavoridos os poucos que poderam escapar.

Assim ficou Tavira livre do dominio mourisco.

Em 1218, D. Payo e Martim Fernandes, são mandados com um exercito a Castella, para auxiliar os hespanhoes na guerra contra os mouros, e ajudar a tomar a estes a famosa cidade de Sevilha.

Martim Fernandes fica governador da cidade conquistada, e D. Payo, volta a Portugal, com as suas tropas.

Em 9 de março de 1249, em companhia de D. Affonso III (o Bolonhez) toma aos mouros, a cidade de Faro.

Finalmente, em 1250, expulsa os mouros dos seus derradeiros asylos no Algarve, e assim Portugal ficou para sempre livre dos mouros.

Em 1253, D. Affonso III, de Portugal, levando em sua companhia D. Payo e outros bravos capitães, e um exercito escolhido, passam o Guadiana, e toma aos mouros varias praças e castellos da Andaluzia.

Em 1248, São Luiz, rei de França (Luiz IX) dá principio á 6.ª crusada, embarcando para o Egypto, e toma aos musulmanos a forte praça de Damietta; mas foi derrotado na batalha de *Massoure*, ficando prisioneiro com a maior parte dos seus cavalleiros.

Na Europa organisa-se outra crusada para livrar o rei de França do poder dos infieis, e o grande D. Payo Peres Correia, é escolhido para commandar a vanguarda.

Entre tanto, São Luiz recupera a liberdade, entregando aos musulmanos a praça de Damietta, e a cruzada não se effectuou. [1]

Ainda depois, D. Payo se tornou celebre no Oriente, como um dos mais bravos guerreiros do seu tempo, quando foi em soccorro de Balduino de Flandres, imperador de Constantinopla, contra os gregos.

Tudo o mais que diz respeito a este heroe portuguez, achar-se-ha nos logares d'esta obra, que ficam citados no presente artigo.

—

1280—Vide 1240.

1290—A rainha Santa Isabel, funda o mosteiro das freiras capuchas do Senhor dos Innocentes.

1294—(25 de março)—El Rei D. Diniz, faz doação á villa de Santarem, do *Paúl de Magos*. Assignou a doação tambem o vereador d'esta villa, Estevam Peres Lobato.

1300—*O milagre de Jesus Christo Crucificado*.

No reinado de D. Diniz, um fidalgo de Santarem, namorou se de uma rapariga do campo, que conduzia muitas vezes o seu rebanho para as visinhanças de uma ermida, dedicada a Jesus Christo Crucificado.

Não podendo elle seduzir a donzella por outro modo, lhe jurou perante a santa imada ermida, que casaria com ella; porem, depois de a haver seduzido, não cuidou em cumprir o seu sagrado juramento.

Ella o demandou em juizo, porem elle negou obstinadamente que tivesse feito tal juramento. A seduzida, não tendo testemunhas nem outra esperança de ver reparada a sua falta por meio do casamento, se dirigiu a 11 de abril, com muita gente á ermida, e pediu ao Senhor que désse um signal da verdade do que ella allegava.

O Senhor, despegou da cruz, um dos bra-

[1] São Luiz, ainda emprehendeu uma 7.ª, e ultima, cruzada, em 1270, contra o parecer dos seus conselheiros.

Desembarca no costa da Africa, e põe cerco a Tunis; mas uma terrivel peste lhe dizima as suas tropas, e elle mesmo é atacado, morrendo sob os muros da praça que sitiava. A Egreja Catholica, o incluiu no numero dos seus santos; e a Historia o colloca no cathalogo dos maiores reis da Europa.

ços (que ainda assim está.) (Vide o anno 1571.)

A' vista de tal milagre, o seductor, convertido, casou com a pastora.

1314—(Vide 1324.)

1319—(18 de novembro)—Teve logar em Santarem o acto solemne, da acceitação da bulla do pontifice João XXII, que confirmou a instituição da ordem de Christo, successora da do Templo, e sua herdeira, na maior parte dos seus edificios, quintas, e mais propriedades, rendas, fóros e privilegios.

Foi uma ceremonia de grande magnificencia, assistindo o rei D. Diniz, a familia real, toda a côrte, e as pessoas mais qualificadas da villa, quer pela sua nobreza, quer pela sua illustração.

Esta búlla foi lida em todas as parochias de Portugal, causando geral regosijo, em rasão das enormes riquezas dos templarios não passarem para a Curia romana, como pretendia o papa Clemente V, allegando direitos imaginarios, á herança da ordem do Templo, que se extinguira em 1311.

Oito annos lidou o rei D. Diniz para conseguir este resultado; descobrindo, por fim, o meio de subtrahir ás pretenções romanas, os bens da ordem supprimida, creando a de Christo. Vide *Alemquer*.

1323—Por uma carta do rei D. Diniz, dada n'este anno, e em cumprimento do disposto no foral de Santarem, se determinava o seguinte:

Quando a alguma mulher casada, fosse applicado o castigo de açoites, lh'os daria em casa, seu marido, na presença da justiça, e *tamanhos como os costumava dar o alvazil. E, se o marido assim os não désse, a justiça lh'os daria a elle.* (!)

—

Na mesma carta, ordenou, que — toda a madeira que da Galliza passasse para Lisboa, pagasse dizimo em Santarem.

Os generos que de Lisboa vinham para Santarem não pagavam portagem.

1324—(20 de outubro) —[1] O rei D. Diniz e sua mulher, Santa Isabel, desceram ao Tejo, acompanhados de toda a côrte (que então estava em Santarem) para verem o tumulo de *Santa Iria* (ou *Irêne*) *fabricado por mãos de anjos*, e que o rio occultava desde tempos remotissimos. «Eis que, de repente, se abre o caudaloso rio, formando uma espaçosa rua, tão nova como aprasivel, offerecendo aos reis e aos cortezãos, o passo franco e livre. Pasmaram todos, com razão, e ficaram não só admirados, mas attonitos; porem, reconhecendo o favor divino, entraram por entre muros de prata, pizando areias d'ouro, a venerar a sagrada urna.» etc. e continúa —«Levantou-se alli mesmo promptamente, por ordem de El-Rei, um padrão, para nova e perpétua memoria do logar e do milagre. E, voltando todos ás margens do rio, uniu este, as correntes divididas, e correu, cobrindo como d'antes, o sagrado e preciosissimo thesouro.»

Os atheus, podem rir-se d'estas cousas. Eu não me rio—respeito e admiro as firmes e inabalaveis crenças dos portuguezes de outras eras. Seriam crendeiros; mas é mil vezes peior o septicismo do seculo XIX.

1325—(7 de janeiro)—Morreu em Santarem o grande rei D. Diniz, com 63 annos de edade. Tinha nascido em Lisboa, a 9 de outubro de 1261. Reinou 46 annos.

Casára, em 1282, com Santa Isabel, infanta aragoneza, filha de D. Pedro 3.º, rei d'Aragão, e que trouxe em dote a maior parte do territorio chamado *Riba-Côa*. Foi canonisada pelo papa Urbano VIII.

Para os filhos (legitimos e bastardos) de D. Diniz, vide n'este vol., pag. 72, col. 2.ª

Para o mais velho dos filhos bastardos (*D. Affonso Sanches, conde de Albuquerque*) vide *Villa do Conde*.

D. Diniz, foi sepultado no mosteiro de Odivellas. (Vide esta palavra.)

No mesmo anno de 1325, e logo a 9 de ja-

[1] Extráio esta noticia, do *Anno Historico*, vol. 3.º, pag. 189—mas advirto os meus leitores que aqui ha um anachronismo evidentissimo. D. Philippa, morreu de péste, em Odivellas, a 18 de julho de 1415—e portanto, oito annos e 3 mezes antes. O livro não tem *erratas*, mas aquillo é de certo erro typographico: havia de ser 1314. Alem d'isso, o autor do *Anno Historico*, não dá como certa, mas como supposta, esta data.

neiro, foi coroado em Santarem, D. Affonso IV, filho de D. Diniz.

1331—2.as côrtes de Santarem. (As 11.as de Portugal.)

1334—3.as côrtes de Santarem. (As 12.as de Portugal.)

D. Affonso IV, tentou casar seu filho, o infante D. Pedro (depois 1.º do nome) com D. Constança, filha de D. João Manoel, senhor de Escalona, marquez de Vilhena e duque de Penafiel; que era um dos vassallos mais poderosos da Hespanha.

Convocou para isso as côrtes de Santarem, n'este anno de 1334; mas, reflectindo que o rei de Castella faria grande opposição a este casamento, não o propoz ás côrtes. Só no fim d'esse anno, estando o rei em Alemquer, alli fez reunir o seu conselho d'estado, ao qual expoz o seu projecto do casamento do filho, o que foi approvado; mas só se realisou, *por palavras de presente*, no anno de 1336, na villa de Castillos, em Hespanha.

D. Affonso XI, rei de Castella, casado com D. Maria, filha mais velha do nosso D. Affonso IV, e da rainha D. Brites, filha de D. Sancho IV, de Castella [1] oppoz-se tenazmente a este casamento, e não consentiu que a noiva viesse para Portugal.

D. Affonso IV, com o fim de tirar á força, do poder castelhano, a noiva de seu filho, declara guerra ao genro, a qual foi desastrosa para ambos os paizes.

O papa, Clemente VI, e o rei de França, Philippe VI (*o Volois*) [2] intervieram na contenda, e conseguiram que o rei castelhano deixasse sahir D. Constança (junho de 1339) e a guerra terminou.

Em agosto do mesmo anno, entrou a infanta em Lisboa, trazendo, entre outras damas da sua comittiva, a bella e infeliz D. Ignez de Castro.

Em 7 de julho de 1340, fez D. Affonso IV, uma carta d'arrhas (por seu secretario, Pero Esteves, de Santarem) a sua nora, dando-

[1] D. Affonso IV, teve da rainha sua mulher, sete filhos que foram — por ordem de edade—1.º, a dita rainha, *D. Maria*—2.º, *D. Affonso*—3.º *D. Diniz*, que ambos morreram creanças—4.º, *D. Pedro*, que foi o herdeiro da corôa—5.º, *D. Isabel*—6.º, *D. João*, que morreram de pouca edade—7.º, *D. Leonor*, que foi 2.ª mulher de D. Pedro IV, de Castella.

Não me consta que tivesse filhos bastardos.

D. Affonso XI de Castella, foi o Henrique VIII, do seculo XIV (Vide vol. 3.º, pag. 104, col. 1.ª, nota.)

[2] Carlos IV (*o Bello*) reinou em França, desde 1322 até 1328. Era 3.º filho de Philippe *o Bello*, e succedeu a seu irmão Philippe V (*o Longo*). Carlos IV morreu sem deixar filhos varões, e n'elle se extinguiu o 1.º ramo dos *Capêtos*. Segundo a *lei sálica*, succedeu-lhe no throno, Philippe de Valois (Philippe VI) neto de Philippe III (o *Atrevido*—le Hardi) e sobrinho de Philippe o Bello.

Foi no reinado de Philippe de Valois (1328–1350) que na *batalha de Crécy* (1346) ganha contra aquelle monarcha, por Eduardo III, rei de Inglaterra, se viu e ouviu pela 1.ª vez, na Europa, a artilheria. N'esta batalha morreu quasi toda a nobresa de França. Logo no anno seguinte, a cidade de Calais cahiu em poder dos inglezes. Philippe de Valois, morreu em 1350. Succedeu-lhe João I (o *Bom*) que na batalha de Poitiers ficou prisioneiro do principe de Galles, filho do dito Eduardo III, ficando o exercito francez quasi completamente aniquilado.

Os meus leitores, teem ouvido por muitas vezes fallar nas *Vesperas Sicilianas*, e a maior parte d'elles teem ouvido cantar a bella opera do mesmo titulo, musica de Guiuseppe Verdi, letra de Scribe e de Duveyrier; mas talvez nem todos saibam que foi um facto verdadeiro. Isto não pertence á nossa historia, mas só o dou como curiosidade, com que os leitores nada perdem. Eis pois o que foram as taes *Vesperas*.

Reinando em França, Philippe III (o *Atrevido*) avô (como vimos) de Philippe de Valois (1270–1285) é que tiveram logar as *Vesperas*.

Carlos d'Anju, irmão de Luiz IX (S. Luiz) tinha conquistado o reino de Napoles. O jugo dos francezes tornou-se intoleravel aos sicilianos, e no mesmo dia, (1282) a hora de *vesperas*, todos os francezes foram degolados, em Palermo. Pedro III, rei d'Aragão, não foi estranho a esta horrivel carnificina. Philippe III, por isso lhe declarou guerra, porem cahiu doente, e morreu em Perpinhão. N'este reinado a *Navarra*, a *Brie* e a *Champanhe* foram encorporadas ao reino de França.

A opera *Vesperas Sicilianas*, é uma das melhores de Verdi. Cantou-se com grande successo, em Lisboa e no Porto, pela ultima vez, em 1858. Parece que *perdeu de moda*.

lhe varias terras e foros, e a villa d'Alemquer, com todas as suas aldeias, termos, rendas, jurisdicções, direitos reaes, e pertenças, por toda a vida.

D. Constança morreu em Santarem a 13 de novembro de 1345.

D. Pedro, teve d'este casamento, trez filhos—*D. Maria*, que casou com o infante D. Fernando, filho de D. Affonso IV, de Aragão —*D. Luiz*, que morreu de pouca edade—e *D. Fernando*, que lhe succedeu na coroa.

De sua 2.ª mulher, D. Ignez de Castro, teve quatro filhos—*D. Affonso*, que morreu de pouca edade — *D. João*, que casou, em 1.as nupcias, com D. Maria Telles de Menezes, viuva de D. Alvaro Dias de Sousa (do qual teve, D. Lopo Dias de Sousa, 8.º mestre da ordem de Christo—Vide vol. 2.º, pag. 322, col. 1.ª, dia 28 de novembro de 1377.)—Casou 2.ª vez (D. João) em Castella, com uma filha bastarda de D. Henrique II—e *D. Brites*, que casou com D. Sancho d'Albuquerque, filho bastardo de D. Affonso XI.

D. Pedro teve um filho bastardo, que foi o famosissimo *Mestre d'Aviz*, depois, D. João I, de Portugal (o *de Boa-Memoria.*)

1340 — 4.as côrtes de Santarem. (As 14.as d'este reino.)

A 30 de outubro d'este anno de 1340, teve logar a gloriosissima *batalha do Salado.*

(Vide o 3.º vol., pag. 104, col. 1.ª)

1345—(13 de novembro)—Morre em Santarem, a infanta D. Constança, 1.ª mulher do infante D. Pedro, depois 1.º do nome. (Vide o anno de 1334.)

1355—Nasceu em Santarem, Pedro Eannes Lobato. (O rei D. Duarte, nas Instrucções que deu ao infante D. Henrique, seu irmão, para a conquista de Tanger, lhe dá o nome de *Pere Eannes Lobato.*)

Foi Pedro Eannes, um dos principaes fidalgos do seu tempo, gozando de grande importancia e auctoridade, nos reinados de D. Fernando, D. João I, D. Duarte e D. Affonso V.

Era filho primogenito de Estevam Lobato, guarda-roupa de D. Pedro I, desde o tempo de infante, e que se acha assignado no *instrumento de testemunhas*, que, para prova da validade do casamento com D. Ignez de Castro, fez publicar em Coimbra, em 1360, o mesmo D. Pedro I.

Francisco José da Serra Craesbek, no Catalogo dos regedores da casa do civel, lhe dá erradamente o nome de D. Vasco Lobato, quando é certo que este fidalgo gallego—senhor do couto de Melon—veio para Portugal, no reinado de D. Sancho II, ou D. Affonso III. —Os seus descendentes, conservam, por varonia, a posse da quinta de *Cheira-Ventos*, no termo da villa d'Almada.

D. Vasco, casou com *D. Maria Sarrassa*, filha de D. João Peres (ou Pires) Sarrassa. D'este matrimonio nasceu *Estevam Peres Lobato* (vide o anno 1294 —25 de março.)

Este Estevam Peres Lobato, assignou com outros seus collegas, commendadores da ordem de S. Thiago, o consentimento do contrato que o rei D. Diniz fez com a dita ordem, largando-lhe as villas de Almodóvar e Ourique, e varias terras, no Alemtejo, pela villa d'Almada, em frente de Lisboa, no fim do anno de 1297.

Duarte Nunes Leal (*Chronica* do rei D. Diniz, pag. 260 verso) lhe dá o titulo de commendador de Cabrella (villa do Alemtejo, no concelho de Arraiolos.)

De Estevam Peres Lobato, foi filho, Pero Esteves, natural de Santarem. (Vide o anno 1319—18 de novembro.) Foi Pero Esteves, secretario de D. Affonso IV, como consta da carta d'arrhas que este monarcha fez, em 7 de julho de 1340, á infanta D. Constança (filha de D. João Manuel, infante de Hespanha) casada com o in-

fante D. Pedro, depois 1.º do nome.

Tambem foi (Pero Esteves) védor da casa de D. Pedro, conde de Barcellos. Casou com Margarida Eannes, dos quaes foi filho, o pae do nosso Pedro Eannes Lobato.

Já no reinado de D. Fernando era muito considerado, o nosso Pedro Eannes, sendo um dos fidalgos nomeados para vassallo do conde de Barcellos, D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes (e não *creado*, como lhe chama, sem fundamento, José Soares da Silva, *Memorias d'El-Rei D. João I*, tomo 1.º)

Foi um dos fidalgos mais leaes de D. João I, ao qual fez assignalados serviços, mesmo em quanto este era simplesmente mestre d'Aviz.

Vendo os escandalos da rainha, offereceu-se ao *Mestre*—primeiro, em Rio-Maior, e depois em Lisboa—para assassinar João Fernandes Andeiro, o que D. João recusou.

Teve por irmãos—*Estevam Eannes Lobato*, e *João Lobato*. e com elles veio ao cêrco de Lisboa, em 1384.

Na memoravel batalha d'Aljubarrôta, foi (antes d'ella principiar) armado cavalleiro, pelo proprio rei, e n'esse glorioso dia, se distinguiu pela sua bravura, combatendo sempre ao lado do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, sob cuja bandeira militou sempre.

Quando o condestavel passou ao Alemtejo, pediu conselheiros para os negocios da guerra contra os castelhanos. Os cavalleiros do partido de Lisboa, conhecedores da intelligencia, valor e fidelidade de Pedro Eannes, o escolheram e a João Vasques d'Almada, e Affonso Pires da Charneca, para esta commissão importantissima.

Distinguiu-se na tomada de Ceuta (14 de agosto de 1415) como capitão de uma das naus portuguezas.

Na jornada de Tanger, fez grandes serviços, pelos seus profundos conhecimentos na arte da guerra, e offereceu ao rei D. Duarte, um livro, que o monarcha approvou, e deu ao infante D. Henrique, seu irmão (o de Sagres) aconselhando-o que lêsse sempre por elle, para o bom successo d'esta empreza.

O seu merecimento nas lettras, egualava as suas prendas como militar, sendo tambem experimentado na pratica do foro e na politica da côrte.

D. João I o fez seu védor da fazenda, e quando este soberano creou a *casa do civel*, o nomeiou primeiro regedor. [1]

Pelos seus relevantes serivços, lhe deu D. João I, o rendimento dos banhos da cidade de Lisboa, junto ao chafariz d'El-Rei (o que era n'esse tempo cousa muito importante.) Nomeiou-o seu vassallo; e, pouco tempo depois, lhe deu os direitos da Mouraria, da mesma cidade.

Depois, o rei D. Duarte o nomeiou seu conselheiro, e o mandou por embaixador a Castella.

Na menoridade de D. Affonso V, foi eleito, pelas côrtes (celebradas em Torres Novas, em 10 de novembro de 1439) para ser um dos fidalgos assistentes ao conselho da regencia da rainha D. Leonor, e do infante D. Pedro, tio do rei.

Casou com D. Catharina Eannes, filha de Estevam Eannes, e d'ella teve, *João Lobato*, que casou com D. Violante de Brito Fogaça, filha de Diogo Fogaça, commendador de Canha e Cabrella—*Ruy Lobato*, chanceller-mór do reino, em tempo de D. Manuel I—*D. Isabel Lobato*, mulher de Affonso Pereira, reposteiro-mór—e *D. Maria Eannes Lobato*, mulher de João Gallego de Andrade.

Teve (em sua vida sómente) os direitos da villa d'Almada, que lhe deu o condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, quando repartiu os bens por seus capitães e soldados: e, quando o mesmo D. Nuno fundou a quinta de *Corroios* (que depois foi dos frades carmelitanos de Lisboa) fez Pedro Eannes Lobato outra quinta, visinha da de Corrôios, no sitio de *Cheira-Ventos*, freguezia da Amóra, a qual passou aos seus descendentes.

[1] E não *governador*, como escreveu Faria e Souza; pois este titulo, foi dado depois, por distincção do regedor da casa da supplicação, a D. Gonçalo Vaz de Castello-Branco. Nem tambem regedor da casa da supplicação, como entendeu José Soares da Silva.

Falleceu em Lisboa, de edade muito avançada, e foi sepultado na egreja parochial de S. Mamede (a que o terramoto de 1755 arrazou) em um tumulo de pedra lavrada, que estava na capella do Espirito Santo.

Ainda em 1817, existia o retrato d'este esclarecido portuguez, em casa de seu descendente, João Lobato Q. de Faria Barroso, desembargador do bairro do Mocambo, em Lisboa.

Este retrato foi mandado tirar pelo proprio Pedro Ennes Lobato, e é decorado com as armas dos Lobatos, que são—Em campo de púrpura, trez castellos de prata, em roquête, com portas e frestas de negro. Orla d'ouro, carregada de oito lobos negros, passantes: élmo cerrado, e por timbre, um dos castellos das armas, com um dos lobos das mesmas, a sahir-lhe por cima.

1357—(18 de janeiro)—D. Pedro I (na praça de Santarem) manda matar barbaramente, a *Alvaro Gonçalves* e a *Pedro Coelho*—assassinos de D. Ignez de Castro. A Alvaro Gonçalves, lhe foi arrancado o coração pelas costas; e a Pedro Coelho, pelo peito.

O outro assassino de D. Ignez de Castro, (*Diogo Lopes Pacheco*) pôde fugir da Hespanha, para a França, e assim escapou a uma morte cruelissima.

Este supplicio teve logar em frente do paço real d'Alcáçova. Os dois desgraçados (ainda que cobardes criminosos) soffreram primeiro, alli mesmo, os mais atrozes tormentos, antes de lhes arrancarem o coração. Pedro Coelho, em quanto duraram os tormentos, vingava-se em dirigir ao rei — que de uma das janellas do paço assistia a isto — insultos e ameaças. D. Pedro I ria-se, e só respondeu — «Arranjem o fogo e o molho, para assar este coelho.»

D. Pedro I, tinha feito com seu sobrinho, D. Pedro I (*o Crú*) de Castella, o *tratado* de lhe entregar, D. Pedro Nunes de Gusmão, Mem Rodrigues Tenorio, Fernando Gudiel de Tolêdo, e Fortão Sanches Calderon (que tambem foram barbaramente mandados assassinar por D. Pedro Crú.)

O rei castelhano, em *troca* d'estes fidalgos, entregou ao tio os dous assassinos de D. Ignez de Castro.

Quando D. Pedro Cru, mandou prender os trez portuguezes, tinha sahido Diogo Lopes Pacheco para a caça. O rei mandou pôr guardas a todas as portas, para não sahir ninguem que levasse noticia a Pacheco; mas, um mendigo, de que as guardas não fizeram caso (ou que pudéra sahir antes d'ellas serem collocadas) lhe levou a noticia, e Pacheco pôde fugir para França, vestido de almocreve. (Vide *Ferreira d'Aves*, e 3.º vol., pag. 250, col. 2.ª)

1359—N'este anno (pouco mais ou menos) nasceu n'esta villa, *João Affonso de Santarem*, fidalgo da casa real, do conselho de D. João I.—Foi casado com D. Iria Affonso, dama da primeira nobreza de Portugal.

Acompanhou o dito monarcha, nas guerras que, depois da morte de D. Fernando, tiveram logar contra D. João I de Portugal e D. João I de Castella, e fez relevantes serviços ao rei e á patria, não só arriscando a sua vida nos combates, como abonando dinheiro para as despezas da guerra, e ajudando o seu principe com armas e cavallos, comprados á sua custa, chegando o seu patriotismo a ponto de vender para isto as suas propriedades.

No fim da campanha, se recolheu João Affonso a Santarem, pobre dos bens da fortuna, porem rico de serviços.

D. João I, para de alguma sorte o indemnisar das perdidas propriedades, lhe deu varios bens, sequestrados a individuos d'esta villa, por terem seguido o partido de Castella.

Parece que João Affonso não julgou lá muito bem adquiridas estas propriedades, porque, em 16 de dezembro de 1426, fez testamento e as doou para a creação do *hospital de Jesus*, de Santarem.

Eis o principio do testamento.

«Mando que n'estas minhas casas novas, se faça um hospital, pela minha alma, de meu pae e mãe, e pela de minha mulher, D. Iria Affonso, e por todos aquelles por quem sou obrigado rogar a Deus; o qual hospital seja chamado de *Jesus Christo*, etc.» (Não é preciso dizer aos meus leitores, que isto é a *traducção* do portuguez do seculo XIV.)

D. João I confirmou esta doação, em 1431.

O hospital de *Jesus Christo*, era na freguezia de S. Nicolau, que foi onde nasceu e foi baptisado o seu fundador.

N'esta egreja de S. Nicolau, á direita de quem entra, mandou o testador fazer uma capella, onde fez construir a sua sepultura, de marmore, não consentindo que n'ella fossem gravadas as suas armas, nem inscripção alguma, mas sómente o *SS. Nome de Jesus*.

Na mesma capella foram sepultados seus paes e sua mulher.

(Para o mais que diz respeito a João Affonso, vide *Hospitaes de Santarem*.)

1360—Os nossos reis, desde D. Affonso I, até D. Affonso IV, tinham o seu thesouro de ouro e prata, guardado na torre *Albarran*, á porta do castello de Lisboa. O guardião dos frades de S. Francisco, o prior do mosteiro de S. Domingos, e um dos beneficiados da Sé, tinham cada um uma chave da torre.

No castello de Santarem, havia, para o mesmo fim, outra torre, onde chegou a juntar-se tão grande quantidade d'ouro e prata, tanto em barras, como em moeda e joias, que se chegou a receiar que a torre não podesse aguentar tão grande peso.

Depositos semelhantes, havia no Porto, em Coimbra, e em outras povoações.

D. Pedro I, ainda n'este anno de 1360, mandou guardar na torre de Santarem, alguma prata, e, se não augmentou os thesouros que lhe haviam legado seus maiores, tambem de todas essas enormes riquezas, nunca tirou *nem um seitil*, legando tudo a seu filho, D. Fernando I, que, com o seu pessimo governo, tudo malbaratou, e ainda morreu cheio de dividas!

1373— (19 de março) O rei D. Henrique II, de Castella, entra em Portugal, saqueando todos os povos por onde passa, sem que D. Fernando I, tratasse de lhe oppor a menor resistencia. Os castelhanos entram em Lisboa, e a saqueiam e incendeiam. D. Fernando estava muito descançado em Santarem.

O papa Gregorio XI, intervem, e os dous monarchas, depois de terem uma conferencia no Tejo, em frente de Santarem, estando presente o legado apostolico (D. Guido de Bolonha, cardeal e bispo do Porto) fazem a *paz de Santarem*, que terminou esta guerra tão desastrosa para Portugal, em 19 de março do mesmo anno.

Quando os bergantins reaes se hiam aproximando, disse o rei castelhano para os seus, indicando o bergantim de D. Fernando — *Hermoso rey, hermosa barca, hermoso arraes!* (Suppõe-se que é d'este dito, que procede o appellido *Arraes*.)—E dirigindo ao rei portuguez, lhe disse—*Dios os mantenga, señor que mucho me aptase el veros; por ser la cosa que mas deseava.*

D. Fernando I, regressando a Santarem, dizia que vinha muito *henriquenho*. (Henriquenho era o nome que em Castella se dava aos que seguiam o partido de D. Henrique II, nas guerras civis que no seu tempo devastaram a Hespanha.)

1376—D. Affonso Tello de Menezes, conde de Ourem (tio de D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro, com o qual se descasou, para *casar* com D. Fernando I) funda —o conde de Ourem—o mosteiro de frades eremitas de Santo Agostinho.

(Vide o anno 1437.)

1382—D. Fernando I, reedifica e amplia as fortificações de Santarem.

1383—(22 de outubro)—Morre em Lisboa, na edade de 38 annos (tinha nascido em 31 de outubro de 1344) D. Fernando I, e foi sepultado na egreja do mosteiro de S. Francisco, em Santarem.

O seu mausoleu, de optimo marmore branco, com primorosos altos relevos (para aquelle tempo) esculpidos em todo elle, foi profanado pelos francezes, e bastante deteriorado, em 1834, por wandalos portuguezes!—Está hoje no mu-

seu archeologico do Carmo em Lisboa.

Dona Beatriz, filha de D. Leonor Telles de Menezes, e (*muito duvidosamente*) de D. Fernando I, tinha casado, da edade de 12 annos, com D. João I, de Castella, a 14 de maio do mesmo anno de 1383.

D. Leonor tivèra, na *constancia do matrimonio* com D. Fernando, a D. Pedro e D. Affonso, que ambos morreram creanças, e cuja paternidade—como a de D. Beatriz—o povo (com bons fundamentos) attribuia ao gallego João Fernandes, que D. Leonor tinha feito conde de Ourem.

D. Fernando teve uma filha bastarda—D. Isabel, que casou com D. Affonso, conde de Gijon, filho, tambem bastardo, de D. Henrique II, de Castella.

D. Affonso e D. Isabel, são o tronco dos *Noronhas*.

D. Fernando nomeara D. Beatriz, para lhe succeder na corôa, e D. Leonor Telles, para regente, e esta o foi *45 dias;* mas, n'este pouco tempo, praticou toda a qualidade de desvarios, pois quem governava o reino era o *seu* conde gallêgo; o que augmentou o odio que os portuguezes já tinham a ambos.

D. Diniz e D. João, filhos de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, tinham sido banidos do reino, por terem tomado o partido de D. Henrique II de Castella, nas guerras contra Portugal.

Alguns fidalgos portuguezes, prudentes, ou traidores, pediram a D. João I de Castella, que nomeiasse D. João, mestre de Aviz (filho bastardo de D. Pedro I, e de Thereza Lourenço, mulher do povo) regente de Portugal, até que o rei castelhano tivesse um filho em edade de reinar em Portugal. D. João I, recusou.

O povo portuguez—*com exclusão de bastantes fidalgos*—amava o mestre de Aviz, e fundava n'elle todas as suas esperanças de independencia.

D. João, sabendo isto, dirige-se ao paço real, da *Moeda Nova*, onde estava D. Leonor e Andeiro (6 de dezembro de 1383) e assassina este com uma punhalada.

Para evitarmos repetições, vide o que a este respeito digo no 6.º vol., pag. 332, col. 1.ª e seguintes.

—

Os habitantes de Santarem foram, quasi sempre, os da vanguarda, em todas as épocas em que era preciso o sangue dos portuguez-s, para defeza da patria.

Em 1383, foi a primeira povoação de Portugal—depois de Lisboa — que acclamou o nosso D. João I—*apezar de alguns fidalgos da villa pretenderem estorvar a revolução, por se terem vendido aos castelhanos.*

1384 (12 de janeiro).—D. João I, de Castella, e sua mulher, D. Beatriz, sahiram de Hespanha com um bom exercito, na firme tenção de destruirem os partidarios do Mestre d'Aviz, e, por consequencia, a nossa independencia.

Fizeram a sua *entrada solemne* em Santarem, e n'este dia, foi alli acclamada *(pelos castelhanos e alguns fidalgos da villa)* Dona Beatriz, rainha de Portugal.

Os castelhanos marcham sobre Lisboa, mas são batidos.

Retiram para Santarem, onde, passados poucos dias, chegou a noticia da derrota monumental que os castelhanos soffreram na batalha dos Atoleiros, a 29 de janeiro d'este anno.

O general que n'esta batalha commandava os castelhanos, era o traidor Pedro Alvares Pereira, e o que commandava os portuguezes, era seu irmão, o famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira!

Vide *Atoleiros*.

O rei castelhano, desesperado com esta derrota, reune um grande exercito, e com elle torna a cahir sobre Lisboa, ao mesmo tempo que uma sua esquadra entra no Tejo. Derrotado em ambas as partes, retira para Torres-Vedras, e de lá para a Hespanha.

(Vide 4.º vol., pag. 110, col. 1.ª, no fim.)

—

Durante esta guerra, soffreu Santarem

muitas vexações, sob o dominio dos castelhanos, até á segunda retirada de Lisboa.

1385—D. João I, de Portugal, estabelece em Santarem o tribunal da *Relação e casa do Cível*. Depois, a pedido das côrtes, foi mudado para Lisboa.

1390 (3 de outubro.) — É baptisado na egreja de Santa Maria d'Alcáçova, o infante D. Affonso, filho primogenito de D. João I e da rainha D. Philippa. Tinha nascido poucos dias antes.

Foi jurado successor dos reinos de Portugal e Algarves.

Foram seus procuradores, dados pelo rei, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e D. Lopo Dias de Sousa, mestre da ordem de Christo.

O infante, nos poucos annos que viveu, mostrava já um animo intrepido.

Os seus jogos e recreações, eram, brincar com armas e outros petrechos de guerra, que ornavam os paços dos reis portuguezes.

Morreu a 22 de dezembro de 1400, com dez annos e quasi cinco mezes de idade, em Braga, onde então estava a corte; sendo sepultado na sé da mesma cidade, e depois, mudado para um magnifico mausoleu, que de Flandres lhe mandou sua irman, a infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha.

1394—4.as côrtes de Santarem. (As 14.as de Portugal.)

1400 (13 de janeiro.) — Nasce nos paços reaes da Alcáçova, o infante D. João III, condestavel de Portugal, 10.º administrador e governador (grão mestre) da ordem de S. Thiago, e 7.º filho de D. João I e da rainha D. Philippa de Lencastre, filha de D. João, duque de Lencastre (Inglaterra) e neta de Duarte III, rei da Gran-Bretanha.

O infante D. João, era irmão do *Infante Santo*, D. Fernando.

(Vide o anno de 1402.)

Foi D. João, um principe prudentissimo, de singular benignidade, decidido patriota, e muito religioso.

Já desde creança, mostrou tão boas qualidades, que era extremosamente amado, não só por seus paes e irmãos, mas tambem por todos os portuguezes.

Como na expedição para a conquista de Ceuta tinha apenas 13 annos, não quiz seu pae que o acompanhasse á Africa, ficando com seu irmão D. Fernando—de 11 annos de edade — entregue a D. Fernando Rodrigues de Sequeira, grão-mestre da ordem de Aviz, regente do reino, durante a ausencia do monarcha.

Em 1418, os reis de Fez e Granada, e outros chefes mouros, accommetteram furiosamente a praça de Ceuta, de que era governador, o infante D. Henrique (o de Sagres) tambem irmão de D. João.

Este foi mandado por seu pae, em soccorro da praça, com uma boa esquadra e gente de desembarque.

Não teve porem occasião—por esta vez—de mostrar o seu valor, porque os mouros, em vista do soccorro vindo de Portugal, abandonaram o cêrco.

Em 1424, casou com a infanta D. Isabel, sua sobrinha, filha de seu irmão D. Affonso, conde de Barcellos, e tronco da casa de Bragança, da qual foi 1.º duque—e de sua mulher, a condessa D. Brites (ou Beatriz) Pereira—1.ª mulher de D. Affonso—filha unica do condestavel, D. Nuno Alvares Pereira. (Este D. Affonso, era filho bastardo de D. João I.)

O sogro de D. João, lhe deu o reguengo e logar de Collares (Extremadura) hoje villa, do concelho de Cintra; o que o rei confirmou a 4 de novembro do mesmo anno de 1424.

Deu-lhe tambem, *para sempre, a quinta de Bellas*, com seus paços, terras, direitos, fôros, tributos e padroádo da egreja, por carta feita em Coimbra, a 11 de novembro do mesmo anno.

Esta quinta de Bellas, pertence hoje aos marquezes do mesmo titulo, e condes de Pombeiro.

(Vide *Bellas* e *Collares*.)

Teve D. João, d'este casamento, um filho e trez filhas—*D. Diogo*, que succedeu na casa e dignidades de seu pae, e foi 4.º condestavel de Portugal, e 11.º grão-mestre da ordem de S. Thiago, e falleceu de pouca edade, em 1443—*D. Isabel*, rainha de Castella, 2.ª mulher do rei D. João II, com o qual casou em agosto de 1447, e foi mãe da famosa D. Isabel, mulher de D. Fernando (os *reis catholicos*)—*D. Brites* que, tambem em 1447,

casou com seu primo co-irmão, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, e 5.º filho do rei D. Duarte. Foi mãe do rei D. Manuel.—*D. Philippa*, senhora da villa d'Almada, que foi uma das mais virtuosas damas do seu tempo, e morreu solteira.

—

No conselho que o rei D. Duarte, seu irmão, convocou para emprehender a tomada de Tanger, foi o infante D. João de voto que se não tentasse, por então, aquella empreza.

Depois, nas côrtes de Leiria (1437) foi um dos que votou com mais tenacidade, porque se entregasse aos mouros, a praça de Ceuta, para resgatar seu irmão, o santo infante D. Fernando; mas, prevaleceu o voto contrario.

Então, o infante D. João, desgostoso, se retirou para Alcacer do Sal, onde estava sua mulher.

Alli adoeceu gravemente, pelo que, não se lhe deu parte da morte do rei seu irmão, a qual teve logar, a 9 de setembro de 1438; nem pôde assistir ás côrtes de Torres-Novas (1438.)

Nas divisões, parcialidades e desordens, por causa da regencia do reino, durante a menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho, aconselhou o infante D. Pedro (o de Alfarrobeira) para que acceitasse a regencia, como o mais velho de todos os irmãos, pelo que lhe pertencia, de direito.

Sendo chamado, da villa de Alcochête—onde então se achava—pelos moradores de Lisboa, com geral contentamento, concorreu para que a regencia fosse dada ao infante D. Pedro, despresando as propostas que lhe fizeram para acceitar aquella regencia.

Até a rainha D. Leonor lhe mandou offerecer, por D. Affonso de Cascaes, alcaidemór do castello de Lisboa, a corôa de Portugal, para seu filho, o que elle tambem recusou.

Voltando para Alcacer do Sal, tornou a adoecer, e ahi falleceu, a 18 de outubro de 1442, com geral sentimento de todo o reino, especialmente do infante D. Pedro, que adoeceu de pura mágua, e esteve em perigo de vida.

Seu cadaver foi levado para o real mosteiro da Batalha, e sepultado em um tumulo egual aos de seus irmãos, e na mesma capella.

No seu tumulo se pôz, por diviza, ramos estendidos, com fructos que parecem medronhos, e por entre elles, umas bolsas, ao uso antigo, e trez vieiras (conchas) sobre cada bolsa, allusivas á sua ordem de S. Thiago, e com o distico—JE AY BIEN RAIZON.

—

1402 (29 de septembro.) — Nasce em Santarem, o infante D. Fernando, (o infante Santo) 8.º filho de D. João I e da rainha D. Philippa de Lencastre e grão-mestre da ordem d'Aviz.

Eis o que d'este virtuoso infante, diz o sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes illustres*, a pag. 25.

«Educado com extremos de affecto, porque pareceu ao principio debil e de pouca vida, nem por isso foram menos perfeitos e cultivados, o seu espirito e o seu caracter.

Ardentemente religioso, mas sem demasias supersticiosas; amando a sua patria, mas não folgando de derramar sangue, para augmentar a sua gloria: mais por cumprir um dever que a opinião da época impunha aos principes, do que para ceifar louros, que o não tentavam, promoveu a expedição de Tanger e instou com seu irmão, el-rei D. Duarte, para que lhe consentisse tomar parte n'ella.

A expedição foi desgraçada; o exercito commandado pelos dous infantes, D. Henrique e D. Fernando, viu-se obrigado a capitular com os mouros (1434) e a condição da retirada dos portuguezes, a são e salvo, foi a entrega de Ceuta, ficando como penhor do cumprimento da promessa, o infante D. Fernando, que a nossa historia, com razão, proclama — *Infante Santo*, ou o *Principe Constante*.

Repugnava aos portuguezes a entrega de Ceuta, e D. Fernando foi o primeiro a aconselhar que não se largasse a conquista de D. João I, e a offerecer-se como a victima expiatoria d'este prejurio.

Então, nas trevas do carcere em que os mouros o mergulharam, resplandeceram, co-

mo as estrellas no veu da noite as virtudes do Infante Santo.

Soffreu com heroica paciencia, os maus tratos, e os insultos dos mouros, e morreu, em fim, a 5 de junho de 1443.

Repousa de certo diante de Deus, este principe, cuja resignação angelica, perfuma com fragrancias de virtude a historia portugueza.»

Quarenta annos estiveram os ossos de D. Fernando em poder dos mouros, e só em 1473, vieram para Portugal, em troca de alguns mouros que estavam captivos dos portuguezes.

D. João I, com os seus dous filhos mais velhos, tinha conquistado Ceuta aos mouros, a 14 de agosto de 1415, pelo que tomou o titulo de *rei de Portugal e dos Algarves, e senhor de Ceuta.*

Em 1437, as côrtes reunidas em Leiria, annullam a convenção feita para a entrega de Ceuta. Os infantes, irmãos de D. Fernando, e este mesmo, são da opinião das côrtes: só o rei D. Duarte (tambem irmão do captivo e que muito o amava) era de voto que se entregasse a praça de Ceuta; mas prevaleceu a decisão das côrtes. [1]

1406—5.as côrtes de Santarem. (As 37.as de Portugal.)

1410—Funda-se em Santarem um mosteiro de conegos de Santo Antão, que, depois, passou a ser de jesuitas. Era em Marvilla, extramuros, junto aos paços reaes, onde existe a ermida de Santo Antão.

(Vide Lisboa, no logar competente, e adiante, nos annos 1550 e 1621.)

1418—6.as côrtes de Santarem. (As 44.as de Portugal.)

1419 (7 d'agosto.)—Fallece em Roma, D. *frei Sebastião de Menezes*, filho de paes nobilissimos, do seu appellido, moradores em Lisboa, mas que residiam a maior parte do tempo em Santarem, onde tinham muitas propriedades, e por isso aqui nasceu e se creou D. Sebastião de Menezes.

Depois de seguir os estudos ecclesiasticos professou no convento da SS. Trindade e redempção dos captivos, de Santarem.

D'aqui foi transferido para o convento da sua ordem, em Lisboa, e como então alli estivesse a universidade (por a ter para lá mudado o rei D. Fernando) n'ella se matriculou e formou na sagrada theologia; obtendo tambem o gráu de doutor na mesma faculdade, pela universidade de Paris, quando foi mandado áquella côrte, por negocios da sua ordem.

Alli foi coadjutor do doutor frei Thomaz Loquet, ministro geral da familia trinitaria, e esmoler do rei de França (como *de jure* o eram todos os geraes d'esta ordem) em cujo emprego deu provas de grandes talentos e virtudes.

Regressando a Portugal, foi honrado com a confiança e respeito da familia real e da côrte.

D. João I o nomeou por duas vezes seu embaixador—a 1.a, a Carlos VI, rei de França—e a 2.a, ao papa João XXIII, que na egreja de S. Thomaz de Formis, do convento da SS. Trindade, o sagrou arcebispo de Carthago, e patriarcha da Africa.

Pretendendo regressar a Portugal, adoeceu gravemente, fallecendo no dia indicado, com geral sentimento do papa e da curia romana.

Foi sepultado na capella-mór da egreja de S. Thomaz de Formis.

Na sua campa se gravou uma longa inscripção latina, que não copio, para não enfadar os leitores, e porque não é mais do que

[1] D. João I e D. Philippa, tiveram oito filhos—(por ordem das edades)—*D. Branca*, e *D. Affonso*, que morreram creanças — *D. Duarte*, que succedeu na corôa—*D. Pedro*, duque de Coimbra (o d'Alfarrobeira) — *D. Henrique*, duque de Viseu (o de Sagres)—*D. Isabel*, duqueza de Borgonha, mulher de Philippe II, o Bom (de Borgonha)—*D. João*, mestre de S. Thiago (o nosso santareno)—e *D. Fernando*, mestre d'Aviz (o que morreu captivo em Africa.)

O rei teve dous filhos bastardos.

D. Affonso, conde de Barcellos, tronco da casa de Bragança—e *D. Brites*, que casou em Inglaterra, com o conde de Arrundel.

o resumo da sua vida, como fica descripto.

(Vide *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 470, onde vem a inscripção por extenso.)

1426—João Affonso de Santarem, do conselho de D. João I, funda o *hospital de Jesus Christo.*

Depois, D. João II, annexou a este, um grande numero de estabelecimentos de caridade que havia em Santarem.

Na egreja d'este hospital, ha uma sepultura com este epitaphio:

SEPULTURA DE PEDRO ESCURO,
DO CONSELHO DE EL-REI D. AFFONSO
HENRIQUES, A QUEM O DITO
SENHOR, PARA TOMAR ESTA
VILLA AOS MOIROS, ENCARRE-
GOU A PORTA DE VALLADA,
PELA QUAL ENTROU, E POR
MEMORIA, SE MANDOU EN-
TERRAR JUNTO D'ELLA; E DEPOIS
POR HAVER INSTITUIDO O HOS-
PITAL DO RECLAMADOR, E PAL-
MEIRO, MANDOU EL-REI D.
MANUEL, TRASLADAR SEUS OSSOS
A ESTA EGREJA, ONDE TEM
MISSA QUOTIDIANA.

—

Segundo a tradição, a causa porque *Pedro Escuro* se mandou enterrar, junto á porta de Vallada, foi a seguinte:

Estando este guerreiro portuguez já senhor da tal porta de Vallada, pretendeu um agigantado mouro fugir por ella, o que conseguiu, depois de uma furiosa lucta com Pedro Escuro.

Vendo-se o mouro já salvo, virou-se para o portuguez, e lhe disse que se haviam de tornar a encontrar.

Escuro respondeu-lhe—*Hiredes e viredes ê aquí me acharedes, morto ou vivo.*

O mouro não voltou durante a vida do *Escuro* (do nome, mas esclarecido nas obras) e o bravo guerreiro, em cumprimento da sua palavra, se mandou alli enterrar.

—

O hospital de Jesus Christo, foi mudado, em 1835, para o mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, e os ossos de Pedro Escuro, foram removidos para a capella-mór da egreja do novo edificio do hospital, por diligencias do reverendo João Antonio Pereira, prior da freguezia de S. Nicolau, de Santarem.

1430—7.as cortes de Santarem. (46.as de Portugal.)

1434 — 8.as cortes de Santarem. (47.as de Portugal.) Publicação da famosa *Lei mental.*

Estas côrtes principiaram em Leiria, mas, como então alli se desenvolveu uma epidemia, foram transferidas para Santarem.

1437 (22 de septembro.)—Morre em Ceuta, na Africa, o grande *D. Pedro de Menezes*, 2.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte, e primeiro governador da praça de Ceuta, que defendeu heroicamente contra os mouros, por espaço de 22 annos, derrotando-os muitas vezes, por mar e por terra.

Foi depositado na Sé de Ceuta (que tinha sido *mesquita-maior* dos mouros) e depois, sua filha, D. Leonor, o fez transladar para a egreja do mosteiro dos Agostinhos, (que seu avô havia fundado) pondo-lhe sobre a sepultura, uma singela lapide, com uma extensa inscripção, que ainda ha poucos annos se via.

D. Pedro de Menezes, era neto de D. Affonso Tello de Menezes, conde de Ourem, e de D. Guiomar Ferreira, bisneta do rei D. Sancho de Castella—filho de D. João Affonso Tello de Menezes, 1.º conde de Vianna, senhor de Penella, Miranda, Alvito e Villa-Nova—sobrinho da rainha D. Leonor Telles de Menezes—e pae do famosissimo D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, que morreu na Africa, em uma batalha contra os mouros.

(Vide adiante o anno 1464, e depois onde trato dos mosteiros de Santarem. Vide tambem *Vianna* do Minho, e *Villa-Real* de Traz-os-Montes.)

Tendo D. João I tomado a praça de Ceuta (14 de agosto de 1415) e constando a D. Pedro de Menezes (que havia ajudado ao assalto, apezar de ser ainda adolescente) que não havia quem quizesse ficar por governador da praça, disse ao rei.—*Eu só com este páu, sou capaz de defender Ceuta, de todo o poder dos mouros.*

O rei gostou d'aquelle desembaraço, e lhe entregou o governo da cidade conquistada,

e o brioso mancebo cumpriu a sua palavra.

O páu de zambugeiro, que D. Pedro tinha na mão, quando se offereceu para defender a praça, ficou vinculado aos seus successores no governo de Ceuta, e se lhes entregava, quando tomavam posse.

É por isto que Camões disse na sua primeira *Egloga*:

«Emquanto do seguro azambugeiro.»
«Nos pastores de Luso houver cajados.»

D. Pedro, casou quatro vezes, e deixou nobilissima e numerosa descendencia.

1438—Morre em Santarem muita gente, da peste que n'este anno assolou todo o reino, e fez muitos milhares de victimas.

1439—Nas côrtes convocadas n'este anno em Lisboa, se concedeu que n'esta cidade não houvesse *aposentadorias*, e que se fizesse *Estáos* e casas em que os reis e as suas cortes se podessem alojar.

Depois se concedeu o mesmo privilegio a SANTAREM, *Evora*, *Setubal*, e outras cidades.

Por este grande beneficio, que livrava os moradores de Lisboa de muitos incommodos e despezas, quizeram erigir sobre a porta do paço dos Estáos, uma estatua ao infante D. Pedro, regente durante a menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V; mas o infante se oppoz a isto, dizendo —*Se lá pozerdes a minha imagem, virá tempo que vós mesmos á pedrada a derribareis e lhe tirareis os olhos.*

D. Pedro preadivinhou a sorte que lhe estava destinada, em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449.

1444—6.º foral de Santarem.

1451—9.as cortes de Santarem. (57.as de Portugal.)

1464 (20 de janeiro.)—Morte gloriosa de um dos mais nobres filhos de Santarem—*D. Duarte de Menezes.*

—

Era filho natural de D. Pedro de Menezes, 1.º capitão de Ceuta, e de Izabel Domingueis (a *Bechigueira*) moça de sangue nobre, e da camara da 1.ª mulher do mesmo D. Pedro.

(Vide anno 1437.)

Era (D. Duarte) neto paterno, do conde D. João Affonso Tello, e bisneto do conde de Ourem (por onde descendia dos reis de Castella.)

Não contava ainda dez annos, quando seu pae lhe deu casa.

(Tinha nascido em 1414, e foi legitimado em 15 de março de 1424.)

Foi um dos homens mais bellos do seu tempo.

Seu pae destinava-o ao estado ecclesiastico; mas descobrindo no filho mais inclinação para a guerra do que para a Egreja, o mandou buscar a Portugal, e em Ceuta o exercitou na arte da sua predilecção.

No dia 5 de janeiro de 1430, tendo apenas 15 annos de edade, mostrou tanta bravura em um ataque contra os mouros, e os accommetteu com tão grande ousadia, que seu pae, mesmo no campo da batalha, e á vista do inimigo, o armou cavalleiro.

Em um recontro contra os mouros africanos, livrou da morte a seu cunhado, D. Fernando de Noronha, que estava envolvido por 400 de cavallo e 1:000 infantes.

Por muitas vezes derrotou os mouros, principalmente em quanto seu pae esteve em Lisboa, e D. Duarte ficou governando a praça de Ceuta.

Na jornada de Tanger (1437) assistiu em logar de seu pae, que estava doente, hindo por alferes-mór (porta-bandeira) dos infantes, D. Henrique e D. Fernando, e com a sua gente foi sobre Tetuão, que tomou, saqueou e incendiou.

Foi n'esta conjunctura chamado a Ceuta, para assistir aos ultimos momentos de D. Pedro de Menezes, seu pae, que mandou sepultar na Sé d'aquella cidade, em julho de 1438.

Veio a Lisboa, com sua irman, D. Leonor, e aqui chegou com quatro dias de viagem, sendo recebido com grandes festas.

O rei estava então em Aviz, por causa da peste que grassava em Lisboa, e D. Duarte

se lhe foi alli apresentar, recebendo do monarcha as maiores honras e distincções, e sendo nomeado membro do seu conselho, mercê então rarissima, e só concedida por grandes serviços á patria, ou a pessoas da mais alta nobreza.

Deu-lhe tambem o rei, o logar de seu alferes-mór, que exercêra D. Pedro de Menezes.

Fel-o alcaide-mór e fronteiro-mór, do castello de Béja, com todas as rendas, foros, honras, e privilegios inherentes a este posto.

Casou com D. Isabel de Mello, filha de Martin Affonso de Mello, e viuva de João Rodrigues Coutinho, da qual teve só uma filha, por nome D. Maria de Menezes, que veio a casar com D. João de Castro, filho e herdeiro de D. Alvaro de Castro, conde de Monsanto.

Ficando viuvo, casou com D. Isabel de Castro, da mesma casa de Monsanto, filha de D. Fernando de Castro, e neta de D. Pedro de Castro, filho segundo de D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, conde de Arraiolos, 1.º condestavel de Portugal, e irmão de D. Ignez de Castro, 1.ª muiher de D. Pedro I.

D'este casamento, houve — *Henrique de Menezes*, que lhe succedeu na casa e titulos — D. *Garcia de Menezes*, que foi bispo de Evora e da Guarda, tão bravo pelos seus feitos d'armas, como distincto nas lettras—*D. Fernando de Menezes*, esforçadissimo guerreiro— *D. João de Menezes*, que foi prior do Crato e 1.º conde de Tarouca —e *D. Leonor de Menezes*, religiosa no convento de Jesus, em Aveiro, companheira inseparavel da Santa Infanta D. Joanna.

Ainda teve de sua 2.ª mulher alguns filhos, que morreram creanças.

Quando ainda era solteiro, teve um filho natural, *Pedro de Menezes*, que legitimou em Extremoz, a 6 d'agosto de 1444.

Por morte do rei D. Duarte, foi nomeado general, pelo infante regente, D. Pedro, duque de Coimbra.

Hindo por embaixador a Castella, D. João II o tratou com grandes distincções e familiaridade, e o fez seu conselheiro.

Ainda então durava a conquista de Granada.

D. Duarte pediu ao rei hespanhol para servir n'aquella guerra, o que lhe foi concedido logo, sendo promovido a *adelantado* (fronteiro-mór) e durante trez annos fez alli relevantissimos serviços.

Regressando a Portugal, acompanhou D. Affonso V a Alcacer Ceguer, onde excedeu em prudencia e bravura, os maiores capitães portuguezes.

Tomada a praça, o rei o nomeou governador d'ella, e como tal praticou acções de valor, dignas de eterna memoria, tornando-se o terror dos infieis.

Em abril de 1460, foi chamado a Portugal, sendo recebido por D. Affonso V, com grandes distincções.

Passando a Santarem, foi ahi feito conde de Vianna, por carta de 6 de julho do mesmo anno, e herdeiro de seu pae.

Tornando para o seu governo, logo poucas semanas depois, no primeiro recontro que teve com os mouros de Tanger, degolou mais de 700, e incendiou quatro ricas povoações—*Palmera, Ceta, Aamar, e Leonçar.*

Depois de tantos e tão assignalados serviços, morreu despedaçado pelos mouros, como já se disse.

Sua segunda esposa, estava em Alcacer do Sal, quando teve noticia da morte do marido, e foi com seus filhos para Santarem, onde logo mandou construir-lhe o sumptuoso mausoleu, que fica mencionado.

D. Duarte morreu de 50 annos, pois tinha nascido em 1414.

—

Para os mais monumentos que existem n'esta egreja, veja-se onde trato dos conventos de Santarem (n'este artigo) o *mosteiro de religiosos de S. Francisco.*

D. Affonso V, com uma esquadra de 220 vélas, e um exercito composto da flor dos seus guerreiros—entre os quaes se contavam, o infante D. Henrique; seu sobrinho, o infante D. Fernando, e os grandes d'este reino—passa á Africa, e depois de uma tenaz resistencia, toma aos mouros, a fórte praça de *Alcacer-Seguer*, em 1459.[1]

[1] Foi para as despezas d'esta expedição, que D. Affonso V mandou cunhar a moeda

Entregou o rei o governo da praça, ao famoso *D. Duarte de Menezes*, 3.º conde de Vianna (pae do não menos famoso D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora — vide anno 1484.)

D. Duarte de Menezes, durante os cinco annos que governou a praça africana, ganhou innumeras batalhas contra os mouros, dos quaes era o terror.

Defendeu heroicamente a praça, em dous cêrcos que, com poderosos exercitos, lhe poz o rei de Fez.

Depois de outras muitas acções da maior intrepidez, morreu como bravissimo guerreiro e leal portuguez, n'este dia (20 de janeiro de 1464) na serra de *Bonacofú*, para salvar a vida a D. Affonso V.[1]

Os mouros lhe fizeram o corpo em tão miudos pedaços, que o maior que depois se achou, foi um dedo!

Sua mulher, a condessa, D. Izabel de Castro, não pôde obter dos restos de seu marido, senão o tal *dêdo*.

Mesmo assim, mandou construir a seu marido, em uma das capellas da egreja do mosteiro de frades de S. Francisco de Santarem, um masgestoso mausoleu de architectura gothica, uma das mais primorosas obras d'este genero, em Portugal, e n'elle foi guardado o dedo.

Sobre o mausoleu, se vê, deitada, a estatua do conde, em vulto.

Tem este notavel monumento, a seguinte inscripção:

MEMORIA DE D. DUARTE DE MENEZES
TERCEIRO CONDE DE VIANNA, TRONCO
DOS CONDES DE TAROUCA, PRIMEIRO
CAPITÃO DE ALCACER-SEGUER, EM AFRICA,
QUE COM QUINHENTOS SOLDADOS DE-
FENDEU ESTA PRAÇA, CONTRA CEM-
MIL MOUROS, COM OS QUAES TEVE
MUITOS ENCONTROS, FICANDO N'ELLES
COM GRANDE HONRA E GLORIA. MORREU NA
SERRA DE BONACOFÚ, POR SALVAR A
VIDA DO SEU REI, D. AFFONSO, O QUINTO.

1468—10.as cortes de Santarem. (65.as de Portugal.)

1470 (6 de janeiro.)—Diz-se a 1.ª missa, na egreja do collegio dos frades terceiros de S. Francisco, que D. Affonso V havia fundado, no anno antecedente.

É no sitio chamado *Valle de Moyrol*, ou Al-Moyrol, no bairro da *Ribeira*, a 3 kilometros de Santarem.

1470—Suppõe-se que foi n'este anno, que em Santarem nasceu o famosissimo DUARTE PACHECO PEREIRA, com razão cognominado o *Achilles Lusitano*.

Seus rasgos de valor sobrenatural, transpõem a ráia do maravilhoso, e as façanhas portentosas que obrou, desde 1505, na India, com um punhado de portuguezes contra exercitos numerosissimos e aguerridos, tornam Duarte Pacheco um vulto legendario; e as suas espantosas victorias fizeram o nome portuguez temido e respeitado em toda a Asia, para onde partiu, nas primeiras esquadras que foram á sua conquista.

Em 1504, foi em soccorro do nosso alliado, o rajah de Cochim, contra o soberano (çamori) de Calecut, que atacára aquelle com um exercito de 50:000 homens, e grande numero de elephantes de guerra.

O rajah, tinha apenas 20:000 combatentes, e Duarte Pacheco só tinha 150 soldados, uma pequena náu e duas caravellas.

Com tão diminuto numero, foi Pacheco esperar o inimigo, á margem de um rio, que divide o reino de Cochim do de Calecut.

denominada *cruzado*, que chegou aos nossos dias.

Depois da tomada de Alcacer-Seguer, instituiu a ordem de Torre Espada, para honrar os que mais se distinguiram n'esta campanha.

Foi tambem então que se principiou a intitular—*Rei de Portugal e Algarves, d'Aquem e de Alem, senhor de Alcacer-Seguer, etc.*

[1] D. Affonso V, invadiu segunda vez a Africa, em 1464; mas foi infeliz n'esta empreza, na qual perde a maior e a melhor parte das suas tropas.

Não desanimou, porém, com esta catastrophe.

Em 1471, emprehende terceira expedição, e toma então aos mouros africanos, as cidades e praças d'Arzilla e Tanger.

Voltando a Portugal, é recebido com grandes festas, como os antigos *triumphadores* romanos.

O povo o cognominou—*O Africano* — e D. Affonso tomou os titulos de *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa.*

No dia 18 de março, pretendendo os d'este ultimo reino passar o rio, acharam nos portuguezes uma furiosa resistencia, por espaço de muitas horas, tendo por fim de retirar, deixando 180 mortos no campo, e levando muito maior número de feridos.

Os portuguezes não tiveram nenhum morto, e apenas trez ficaram feridos!

Note-se que muito poucos dos nossos alliados combateram, porque a maior parte fugiram no maior ardor da batalha.

Reforçado o exercito do *Çamori*, veio logo a 25 de março contra o rajah, que atacou por mar e terra. Sahiu-lhe ao encontro o heroe santareno, com os seus 150 soldados, tambem por mar e terra, e com elles derrotou os contrarios, fazendo-lhes mais de 650 mortos, e 800 feridos. Mas Pacheco viu-se em grande perigo, porque os alliados, como da primeira vez, o abandonaram quando a batalha estava mais encarniçada, e porque lhe faltou a polvora.

Apezar de tudo, as tropas do Çamori, retiraram para um palmar, onde, cercado dos seus, foi cahir uma bala da nossa artilheria, que lhe matou nove, mesmo a seu lado.

Pouco depois, uma terrivel peste lhe matou 6:000 soldados.

Os seus feiticeiros (brahmanes) lhe haviam prognosticado a victoria, e elle, em desforra, os queria mandar matar, ao que elles se esquivaram, dizendo que aquellas derrotas foram um castigo dos seus deuses, por elle não ter cumprido o voto que havia feito de lhes edificar um pagóde.

O Çamori, d'esesperado por tão repetidas derrotas, reune um formidavel exercito, grande numero de elephantes de guerra, e uma poderosa esquadra, tendo parte dos seus navios uns castellos de madeira, de nova invenção, guarnecidos por numerosas tropas.

Com este temeroso apparato, investiu os portuguezes a 5 de maio (dia da Ascenção de J. C.) do mesmo anno; mas, como nos combates antecedentes, a sorte lhe foi adversa, perdendo 5:000 homens, que succumbiram ao ferro portuguez, e mais 13:000 que morreram da peste.

Então o Çamori, desanimado por tantas derrotas e desgraças, deixou o throno, e foi terminar seus dias, fazendo penitencia, em um deserto, por conselho dos seus brahmanes.

A fama de tão inauditas façanhas precedeu em Portugal o regresso do intrepido santareno, onde elle chegou no principio de julho do mesmo anno.

Em acção de graças por tão assignaladas victorias, se fez em Lisboa, no dia 26 de julho de 1505, uma solemnissima procissão, em tudo semelhante á que então se costumava fazer em dia de Corpus Christi.

O rei D. Manuel, levou n'ella, a seu lado, desde a Sé, até á egreja de S. Domingos, a Duarte Pacheco Pereira.

Prégou um commovente sermão, allusivo ás milagrosas victorias dos portuguezes, na Africa e na India, o sábio D. Diogo Ortiz, bispo de Viseu.

A ultima victoria d'este guerreiro illustre e tão brilhante como as antecedentes, teve logar a 18 de janeiro de 1509.

Infestava as costas de Portugal, um celebre corsario francez, chamado Mondragon, com quatro fragatas, tendo feito grandes roubos e depredações.

O rei D. Manuel, mandou Duarte Pacheco, com quatro vasos de guerra, em busca de Mondragon, que foi encontrado pelo bravo santareno, nas alturas do *Cabo de Finis Terrae*.

O combate principiou furiosissimo de ambas as partes.

Uma das fragatas francezas, foi mettida a pique, rendidas as outras trez, e prisioneiras todas suas guarnições, inclusivamente o chefe dos piratas, entrando Pacheco victorioso em Lisboa, a 20 de janeiro, com as prezas que havia feito.

D. Manuel, o mais feliz e o mais ingrato dos reis portuguezes, dando ouvidos ás intrigas de invejosos, mandou prender Pacheco, e carregal-o de ferros.

Facil foi a este illustre capitão, justificar-se, e obter a liberdade; mas D. Manuel, nem se lembrou de o vingar de seus detractores, nem de o premiar pelos seus incomparaveis serviços á patria, vindo Pacheco, passados poucos annos, a morrer pobre, obscuro e

esquecido, no hospital da Misericordia de Lisboa.

O legendario *Achilles Luzitano*, era tão intrépido guerreiro, como primoroso cultor das lettras.

Escreveu um livro, que denominou *Esmeralda de situ orbis*, que ainda se conserva inedito na bibliotheca publica de Lisboa.

Não foi só o rei que pagou com escandalosa ingratidão a este famosissimo guerreiro, a propria terra onde teve o berço, o votou ao mais triste esquecimento, e hoje a maior parte dos habitantes de Santarem, nem sabem que existiu Duarte Pacheco Pereira!

1483—11.as cortes de Santarem. (74.as do reino.) Foram as ultimas que se convocaram para Santarem.

1484 (31 d'agosto.)—Morre em uma cisterna sêcca, do castello de Palmella, D. Garcia de Menezes, natural de Santarem, e filho de D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, e de sua segunda mulher, D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro.

D. Garcia de Menezes, estudou humanidades, na universidade de Paris, onde se distinguiu pela sua applicação e intelligencia.

Percorreu diversas côrtes da Europa, estudando differentes linguas.

Assistiu á batalha de Odigebe-Alcame; e foi em soccorro de D. Beatriz Pacheco, condessa de Medellim, contra as tropas do mestre de S. Thiago, na campanha de Merida.

Foi por general de uma armada, á Italia, contra os turcos, quando estes tinham tomado a cidade de Otranto.

Regressando a Portugal, adoptou a vida ecclesiastica, e D. Affonso V, o fez bispo de Evora, em 1471; mas, nem por isso deixou de ser um brávo guerreiro.

D. Affonso V, ficando viuvo de sua mulher e prima, D. Isabel, filha do infante D. Pedro, duque de Viseu (o de Alfarrobeira) [1] contrata o casamento com sua sobrinha, a princeza D. Joanna, herdeira da coroa de Castella, [1] e para sustentar o direito da sua noiva, invade aquelle reino (1473) com um exercito de 20:000 homens, hindo logo na sua rectaguarda, com outro exercito, seu filho, o infante D. João (depois o 2.º do nome.)

Com este foi o bispo D. Garcia de Menezes, e seu irmão, D. João de Menezes, prior do Crato, e, depois, 1.º conde de Tarouca.

Chegando e Placencia, recebe-se com D. Joanna, e toma o titulo de *rei de Portugal e Castella*.

De Placencia passa a Tôro, que o havia acclamado. D'aqui marcha para Zamóra, á qual põe um apertado cêrco; mas chega o rei de Aragão, D. Fernando V, com um exercito formidavel, e entre Zamóra e Tôro, se dá a furiosa batalha que tomou o nome de esta ultima cidade, em maio de 1476.

Todos sabem os resultados d'esta batalha, em que ambos os partidos foram simultaneamente vencedores e vencidos.

Teve esta batalha de notavel, que, emquanto, de um lado, D. Affonso V era derrotado, do outro, seu filho, levava os castelhanos de vencida; para o que muito contribuiram os dous irmãos Menezes.

O bispo D. Garcia, depois de fazer grandes serviços á sua patria, como doutor, como militar, e como prelado, morreu por *traidor!*

Eis em resumo, a historia d'esta traição.

D. Diogo, duque de Viseu, senhor de Beja, e de outras muitas terras de Portugal, filho primogenito do infante D. Fernando e da infanta D. Beatriz, primo co-irmão e cunhado de D. João II, resentido por alguns

[1] D. Affonso V, casou com sua prima, em 6 de maio de 1448. D. Isabel, morreu (suppõe-se que envenenada) a 2 de dezembro de 1455.

[1] D. Isabel, irman de D. Henrique IV, de Castella, tinha casado com D. Fernando V, rei de Aragão.

Eram tios de D. Joanna.

Os dous esposos castelhanos, propalaram em toda a Hespanha, a calumnia de que D. Joanna não era filha de D. Henrique IV.—e assim reuniram as duas coroas (Castella e Leão.) São estes, os famosos reis os *catholicos*, Fernando e Isabel, e foram elles que conquistaram o reino de Granada, unica terra que ainda os mouros possuiam na Peninsula hispanica.

(Vide o anno 1530.)

desfavores e desconsiderações d'este soberano, e guiado por maus conselheiros, fez-se chefe de uma conspiração, em que entraram, o dito D. Garcia; D. Fernando de Menezes, seu irmão; Fernão da Silveira, filho do barão de Alvito; D. Guterres Coutinho, filho do marechal D. Alvaro de Athaide e irmão do conde de Atouguia; seu filho, D. Pedro de Athaide; D. Lôpo de Albuquerque, conde de Penamacor; o irmão d'este, D. Pedro de Albuquerque, alcaide-mór do Sabugal, e outros.

Segundo a voz publica, o fim d'esta conspiração, era assassinar o rei, prender seu filho unico, D. Affonso (vide o anno 1491) e acclamar o duque de Viseu rei de Portugal. [1]

D. João II residia então em Setubal, e por algumas vezes os conspiradores tentaram alli contra os seus dias; mas nunca levaram a effeito este assassinato.

Uma tarde, sahiu o rei para o campo, e o seguiram os conjurados, com a intenção de realisarem o seu plano.

D. João II, já estava informado d'esta tentativa de regicidio, e vendo-se quasi só, e seus inimigos tão perto, se encostou a uma egreja que alli havia, e se virou para elles com tanta intrepidez e magestade, que os aterrou.

Em outra occasião, ao descer uma escada do paço, tentaram D. Pedro de Athaide e D. Guterres Coutinho, apunhalar o rei; mas, na precipitação da tentativa, se embaraçaram um com o outro.

O rei, voltando-se para D. Pedro, lhe disse—*Que é isso?*—D. Pedro respondeu—*Senhor, escorreguei.*— O rei lhe disse em tom ameaçador—*Guardae-vos de cahir!...*

Em outra occasião, o esperaram ao desembarcar de uma falúa; mas foi avisado a tempo, pelos espiões que trazia entre os conjurados.

D. João II, vendo-se na alternativa de morrer ou matar, e tendo provas mais que sufficientes da traição do duque, o mandou chamar ao paço real de Setubal, na noite de 23 d'agosto d'este anno de 1484, e lhe disse:

—*Que farieis, primo, a quem vos quizesse matar?*

O duque, perturbado, respondeu:

—*Procuraria matal-o primeiro.*

O rei, disse então:

—*Vós mesmo vos julgastes.*

E logo o matou a punhaladas.

Mandou immediatamente guardar as portas da villa (hoje cidade) para que ninguem podesse sahir, e n'essa mesma noite foram presos—o bispo d'Evora (D. Garcia de Menezes) que foi mandado prêso, para uma cisterna (então sem agua) do castello da proxima villa de Palmella, onde morreu (talvez envenenado) d'ahi a oito dias—D. Fernando de Menezes, irmão do bispo; D. Guterres Coutinho, e D. Pedro de Athaide (sendo logo degolados, D. Fernando e D. Pedro.) D. Guterres, morreu em uma escura masmorra, d'ahi a poucos dias.

Foi tambem prêso, Pedro d'Albuquerque, e logo degolado.

Os outros cumplices poderam escapar, por differentes modos.

D. Manoel, duque de Beja, irmão do duque de Viseu, não tomou parte n'esta conjuração, e até julgo que a denunciou ao rei, pois que elle lhe deu logo no dia seguinte ao assassinato do duque de Viseu, todos os estados d'este, e o fez duque de Beja, um dos senhorios do fallecido duque.

A ambição de reinar antes do tempo, e por meio de um regicidio, privou o duque D. Diogo não só da coroa, como da honra, da fazenda e da vida.

Consta que o bispo d'Evora, morreu muito arrependido, e reconhecendo justissimo e leve o seu castigo.

Todos os conjurados perderam os seus titulos, commendas e mais bens; mas o rei D. Manuel, depois, restituiu isto a muitos d'elles, ou aos seus herdeiros.

1490—N'este anno, pouco mais ou menos, nasceu em Santarem, *Fernão Bésteiro*, fidalgo da casa real, por alvará de 18 de fevereiro de 1531.

[1] Os conspiradores faziam as suas sessões, em um palacio arruinado onde não morava ninguem, e pertencia aos arcebispos de Lisboa. Foi n'este palacio, que, em 1617, se construiu o mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares, de Jesus, de Santarem.

Desde a sua juventude até á edade de 90 annos, com que falleceu (1580), passou a vida em oração e no exercicio da caridade. Nunca passou por um mendigo sem lhe dar esmola. Andava pelos hospitaes, tratando os enfermos com o maior carinho, curando-os, e animando-os com palavras commoventes, a soffrerem as dores com paciencia e resignação; de modo que passava mais tempo nas enfermarias do que em sua casa.

Nasceu, viveu e morreu na freguezia de S. Nicolau, e deixou tudo quanto tinha, ao hospital de Jesus Christo, por testamento feito em 17 de janeiro de 1571.

Pelo mesmo testamento, instituiu uma capella de missas quotidianas, pagas pelo referido hospital (por ser uma das condições da doação) e uma missa cantada, em dia da commemoração dos fieis defuntos.

Foi sepultado na capella-mór da egreja de S. Nicolau, do lado do Evangelho.

Vide adiante, *Hospitaes de Santarem.*

1491—(12 de julho)—O principe D. Affonso, filho unico de D. João II, e da rainha D. Leonor, irman do rei D. Manuel, andando a passear pela Ribeira de Santarem, cahiu de um cavallo, morrendo poucos momentos depois, na cabana de um pescador, para onde foi levado, na rêde d'este. A rainha, desde então, adoptou por emblema, uma *rêde*, que se vê em todas as suas armas.[1]

D. João II, quando ainda principe, teve de D. Anna de Mendonça, senhora muito nobre, um filho bastardo, que foi D. Jorge de Alencastro, mestre de S. Thiago, duque de Coimbra, e tronco dos duques d'Aveiro, e dos Alencastros portuguezes. D. João tinha muito amor a este menino, e quando tinha apenas trez mezes, pediu á santa infanta D. Joanna, irman de D. João, que tomasse conta d'elle, o que ella fez, tratando-o sempre com maternal carinho, no mosteiro de Jesus, de Aveiro, onde vivia e onde morreu esta virtuosissima princeza.

Frei Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos*, parte 2.ª, liv. 5.º, cap. 9.º, diz que D. Joanna, no dia 6 de maio de 1450, sentindo-se proxima a entregar a Deus a sua bemdita alma, mandára chamar seu sobrinho, D. Jorge, e depois de o abraçar com a maior ternura, lhe disse—*Filho, péçovos muito que vos lembreis sempre, que vieste para esta casa de trez mezes, e n'ella vos criei, chorando e cantando, vestida de burel. Tende sempre d'ella lembrança, porque ella é a minha alma, e tambem o são estas madres, que vos ajudaram a criar, como se cada uma fosse vossa mãe.*

A santa princeza, falleceu logo a 12 de maio.

—

O principe D. Affonso, estava casado de poucos dias, com D. Isabel, princeza de Castella, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, e não teve filhos d'este matrimonio. Em outubro de 1497, casou ella com o nosso rei D. Manuel, do qual teve *D. Miguel da Paz.* Como D. Isabel era filha primogenita dos reis catholicos, e elles não tinham filhos varões, D. Manuel e sua mulher, foram jurados em Toledo (28 d'abril de 1498) principes de toda a Hespanha. D. Isabel, morreu d'este parto, em Zaragoça, e D. Miguel tambem alli morreu, de tenra idade, e assim morreram tambem as esperanças de D. Manuel vir a ser imperador da Peninsula.

Casou, em segundas nupcias, com a infanta D. Maria, sua cunhada, filha dos mesmos reis catholicos, e d'ella teve—*D. João,* depois 3.º do nome—*D. Isabel,* que casou com o imperador Carlos V—*D. Brites,* a formosa e celebre duqueza de Saboia—*D. Luiz,* duque de Beja—*D. Fernando,* duque da Guarda—*D. Affonso,* cardeal—*D. Henrique,* o cardeal-rei—*D. Duarte,* duque de Guimarães—*D. Maria* e *D. Antonio,* que morreram de pouca idade.

[1] O infante morreu ás 9 horas da noite de 12, com 16 annos, um mez e 27 dias, pois tinha nascido a 5 de maio de 1475. Não deixou herdeiros. Tinha casado, poucos mezes antes, com D. Isabel, filha primogenita e herdeira dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

A viuva do infante, veio a ser depois (outubro de 1497) primeira mulher do nosso rei D. Manuel, fallecendo de parto, do seu primeiro filho, *D. Miguel da Paz,* que morreu creança. D. Manoel, casou, segunda vez, com sua cunhada, D. Maria, da qual teve *dez filhos*—e terceira vez, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

Ficando D. Manuel segunda vez viuvo, tornou a casar com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella, e d'ella teve—*D. Carlos*, que morreu menino—e *D. Maria*, senhora de Viseu e Torres-Vedras.

De suas tres mulheres, teve D. Manuel, nada menos de 13 filhos.

Não consta que tivesse nenhum bastardo.

—

Depois de D. Manoel ser acclamado rei de Portugal, foi-lhe apresentado o duque D. Jorge, filho bastardo de D. João II, e o rei o recebeu com muito carinho, e sempre o estimou muito, tratando-o como seu proximo parente que era.

D. João II, fez todas as diligencias para que este filho bastardo lhe succedesse na corôa; porém a rainha e a maior parte dos grandes da côrte, se opposeram tenazmente.

1506—(1.º de fevereiro)—7.º e ultimo foral de Santarem.

(Franklim só traz cinco foraes—os de—1095, 1179, 1214, 1217 e 1506.)

1510—Nasce em Santarem, o sabio e virtuoso D. frei Gaspar do Casal.

Sabe-se que era de nobilissima geração, mas ignora-se os nomes de seus paes, porém sabe-se que era neto de Valentim Gonçalves do Casal, cavalleiro de Christo, senhor de Germinade e Mouril, e ouvidor da casa do infantado.

Foi religioso eremita de Santo Agostinho (graciano) em Santarem, prégador e confessor de D. João III, e de seu filho, o principe D. João. [1]

Foi terceiro bispo do Funchal (Ilha da Madeira) depois terceiro bispo de Leiria, e, por fim, 22.º bispo de Coimbra. Foi o primeiro presidente do tribunal da *Mesa da Consciencia e Ordens*.

Era um varão doutissimo, como o provam o grande numero de livros que escreveu e fez publicar. Foi duas vezes ao Concilio de Trento, onde se tornou notavel pela sua vastissima erudição. [1] Edificou á sua custa, o mosteiro da sua ordem e a Sé cathedral de Leiria.

Tinha sido lente e vice-reitor da universidade de Coimbra, um dos prelados mais exemplares do seu tempo, e eloquentissimo orador sagrado. [2]

Foi 22 annos bispo de Leiria.

Morreu em Coimbra, a 9 de agosto de 1584, com 74 annos de edade e 33 de bispo, foi sepultado na egreja da Graça, de Coimbra (de frades da sua ordem) mas, em 15 de maio de 1596, foram seus ossos transferidos para o mosteiro da mesma ordem, de Leiria, que elle havia fundado. [3]

—

D. frei Gaspar do Casal, foi desde creança inclinado á vida do claustro, e logo em 1524, e tendo pouco mais de 13 annos, entrou para o mosteiro dos eremitas de Santo Agostinho, de Santarem. Professou em 1526. Viveu 25

[1] O principe D. João, nasceu em 1537. Em novembro de 1553, casou com D. Joanna, filha do imperador Carlos V; mas, logo a 2 de janeiro de 1554, morre. A 20 d'este mez (18 dias depois da sua morte) nasce seu filho, o rei D. Sebastião.

D. João III (avô de D. Sebastião) e sua mulher, D. Catharina, filha de D. Philippe I, de Castella, tiveram nove filhos, que foram—*D. Affonso*, que morreu creança—*D. Maria*, mulher de D. Philippe II, de Castella—*D. Isabel*, *D. Brites*, *D. Manuel*, *D. Philippe*, e *D. Diniz*, que morreram de pouca edade—*D. João* (pae de D. Sebastião)—*D. Antonio*, bue tambem morreu creança.

D. João III, teve tambem um filho bastardo: foi D. Duarte, prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e arcebispo de Braga.

[1] Além de outras pessoas notaveis d'este reino, que assistiram ao concilio de Trento, foram trez bispos—D. frei Gaspar do Casal—D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga—e D. João Soares Urrô, bispo de Coimbra, ambos tão sabios e virtuosos como D. frei Gaspar do Casal.

O concilio de Trento principiou em 1535, e terminou em 1563, no governo de cinco pontifices—Paulo III, Julio III, Marcello II, Paulo IV, e Pio IV. Durou 28 annos!

[2] Tinha sido primeiramente, lente de philosophia na universidade de Lisboa, e quando ella foi mandada para Coimbra, continuou a ser lente da mesma cadeira, n'esta cidade.

[3] Foi o provincial, frei Antonio de Santa Maria, filho do infante D. Jorge, e neto de D. João II (e que depois foi tambem bispo de Leiria) que fez cumprir esta clausula do testamento de D. Gaspar do Casal.

annos como simples, mas exemplarissimo religioso.

Recebeu o grau de doutor em theologia, em 19 de março de 1542.

Foi sagrado bispo do Funchal, no mosteiro da sua ordem, em Santarem, em 1551; mas nunca foi á Ilha da Madeira, governando o bispado por seu provisor e vigario-geral, Antonio da Costa, deão, primeiro da Ilha Terceira, e depois do Funchal.

Succedeu na dignidade de bispo da Madeira e Porto-Santo, a D. Martinho de Portugal, irmão de D. Francisco de Portugal, 1.º conde do Vimioso. [1]

Em 1557, foi promovido, por bulla de confirmação de Paulo IV, a bispo de Leiria, sendo successor de D. Sancho de Noronha, filho natural de D. Francisco de Faro.

Na terceira abertura do concilio de Trento, pelo papa Pio IV, em 1560, foi um dos trez bispos que de Portugal foram áquelle concilio, para onde partiram no principio do anno de 1561.

Em 1563, foi a Roma, e o papa, S. Pio V, o recebeu com muitas honras, e lhe fez muitas mercês. (O que elle publicou na dedicatoria do seu livro *De coena, et calice Domini.*) Recolheu a Trento, em setembro do mesmo anno, e terminado o concilio a 4 de dezembro, regressou ao reino, com todos os portuguezes que foram ao concilio, menos o bispo de Coimbra, que seguiu outro destino.

Sahira de Trento a 8 de dezembro (de 1563) e entrou em Leiria, a 24 de fevereiro de 1564.

Lançou a primeira pedra, na Sé de Leiria, em 11 de agosto de 1569.

Foi tambem o fundador do seminario diocesano de Leiria, e reedificou a egreja parochial de Santo Estevam, e a ermida de Nossa Senhora dos Anjos, da mesma cidade.

Em 1574, foi chamado a Lisboa, pelo arcebispo D. Jorge d'Almeida, para assistir ao synodo metropolitano, que principiou a 22 de março, em companhia dos outros bispos suffraganeos. [2]

Por bulla do papa Gregorio XIII, de 21 de dezembro de 1576, e a instancias do rei D. Sebastião, foi nomeado reformador do convento de Thomar, juntamente com o arcebispo de Lisboa, o bispo de Coimbra, e o colleitor apostolico. [1]

O bispo de Coimbra, D. Manuel de Menezes, morreu, a 4 de agosto de 1578, na batalha d'Alcacer-Kibir, ao lado do rei D. Sebastião; e no anno seguinte, o cardeal-rei, nomeiou D Gaspar do Casal, bispo de Coimbra.

Pela morte do mesmo cardeal-rei (31 de janeiro de 1580) foi D. Gaspar, pelas côrtes d'Almeirim, e pelos governadores do reino, (na companhia do monteiro-mór, Manuel de Mello) mandado por embaixador a Philippe II, para que não invadisse Portugal com suas tropas, sob promessa de *se lhe guardar illeso o seu direito.*

Assistiu nas cortes de Thomar, nas quaes foi reconhecido rêi de Portugal, o usurpador Philippe II, em 19 de abril de 1581.

D. frei Gaspar do Casal, como D. frei Bartholomeu dos Martyres, foram por traidores á patria (como tantos outros!) mas, por entenderem que só assim se podia evitar uma guerra, que n'aquella conjunctura seria desastrosissima para Portugal, que votaram este reconhecimento, que nos causou 60 annos de toda a qualidade de desgraças.

1515—Nasce n'este anno, em Santarem, *Lopo de Sousa Coutinho* (pae do famoso *frei Luiz de Sousa*—vide o anno 1555.) Distinguiu-se como militar, nas guerras da Africa e da Asia. Publicou o *Livro 1.º do cêrco de Diu, que os turcos pozeram á fortaleza de Diu.* Coimbra, imprensa de João Alvares, aos 15 de setembro de 1556. É um folheto de 86 folhas, hoje rarissimo. Um exemplar, no leilão da livraria Norton, foi arrematado por 30$500 réis!

Lopo de Sousa Coutinho, morreu de um desastre, em janeiro de 1577.

1528—Nasce em Santarem, o famoso es-

[1] D. Martinho de Portugal, foi o primeiro (e unico) que teve o titulo de arcebispo do Funchal.

[2] Foram—D. Manuel de Menezes, bispo de Lamego—D. André de Noronha, de Portalegre—e D. Jeronymo Barreto, do Funchal.

[1] Não teve effeito esta reforma, por caua da morte desastrosa do rei, nos campos de Alcacer-Kibir.

criptor, Fernão Lopes Castanhêda. Foi para a India, com o governador, Nuno da Cunha. Escreveu o HISTORIA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA INDIA PELOS PORTUGUEZES, dividida em 10 livros, dos quaes só chegaram a publicar se oito. Comprehende um periodo de 50 annos, sendo seu auctor testemunha de muitos factos que descreve.

Falleceu em Coimbra, em 1559.[1]

—

1530—Morre no mosteiro de Santa Clara (franciscanas) a princeza D. Joanna, filha primogenita de D. Henrique IV, de Castella, que, por sua morte, nomeou aquella por herdeira da corôa. (Vide o anno 1484.)—D. Joanna, falleceu na edade de 68 annos, pois tinha nascido em 1462.

Depois de annullado o seu casamento, deu-se-lhe o titulo de *Excellente Senhora*, e com elle morreu.

1531—(7 de janeiro a 25 de fevereiro) (!) Horroroso terramoto, em todo o reino. Causou grandes prejuizos em todo o Riba-Tejo, e destruiu muitos edificios de Santarem.

1541—Vide o anno 1585.

1550—O papa Julio III, no primeiro anno do seu pontificado, dá á Companhia de Jesus, o antigo mosteiro de Santo Antão, em Marvilla, mas os jesuitas só para aqui vieram em 1621. Vide os annos 1410 e 1621.

1554—D. João III, reedifica e amplia o mosteiro de religiosos da Santissima Trindade, que tinha sido fundado em 1218.

1555—Nasce em Santarem, o nosso famosissimo classico, FREI LUIZ DE SOUSA. (Vide o anno 1515.)

Eis a rapida o elegantissima biographia que d'elle faz o sr. Manuel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, a pag. 84.

«Este eminente escriptor, cujo nome profano era Manuel de Sousa Coutinho, nasceu em Santarem, no anno de 1555. Concluidos os seus estudos, ou se alistou nas esquadras portuguezas, ou nas da ordem de Malta, o que não está bem averiguado; mas, o certo, é que foi captivo dos corsarios barbarescos, e conduzido a Argel, em 1575, ou em 1576. Alli travou conhecimento com Miguel de Cervantes, o grande escriptor hespanhol.

Resgatado em 1577, voltou á patria e parece que seguiu ainda a carreira das armas, até que, entre 1584 e 1586, casou com D. Magdalena de Vilhena, supposta viuva de D. João de Portugal, que se julgára morto na batalha de Alcacer-Kibir, ou nos carceres de Fêz.

Uma catastrophe inesperada, quebrou esta união. Em 1613, separaram-se, de mutuo accordo, para entrarem no claustro.—D. Magdalena, no mosteiro do Sacramento, de Lisboa—e D. Manuel de Sousa Coutinho, no convento dominicano, de Bemfica, onde professou a 8 de setembro de 1614, tomando o nome, hoje immortal, de FREI LUIZ DE SOUSA.

Qual foi o motivo d'este inesperado desenlace?—Foi, como narra frei Antonio da Encarnação, a súbita chegada do primeiro marido de D. Magdalena, que todos julgavam morto, e que de súbito resurgira? Não ha dados positivos para que tal se affirme. Felizmente, a arte não carece de escrupulosa authenticidade, e a isso devemos o admiravel drama de *Frei Luiz de Sousa*, escripto por Almeida Garrett, e que, occupando no theatro portuguez, incontestavelmente o primeiro logar, póde ser considerado como um dos mais bellos da litteratura europea, no seculo XIX.

Ou fosse a desgraça, que, suavisada pelos magicos influxos do claustro, se lhe resolvesse em adoravel melancolia, e em mimosa doçura de pensamentos, ou fosse natural pendencia de seu espirito, é certo que nunca a linguagem portugueza ostentou mais inefavel encanto, do que nos livros de Frei Luiz de Sousa. Ha n'elles uma placidez que enleva; um deslisar sereno de phrase, que nos afaga brandamente; um perfume de mysticismo, que nos extasia. Dir se-hia, um rio manso e transparente, que vae correndo por entre as margens viçosas, e melancolicos arvoredos, doirados pelos ultimos reflexos do outono.

O encanto do estylo, a vernaculidade da

[1] Não se confunda Fernão Lopes Castanhêda, com *Fernão Lopes*, que escreveu as chronicas de D. Pedro I, D. Fernando I, e D. João I.—Este é mais velho uns 130 annos do que Castanhêda, e nasceu em Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 320, col. 1.ª linha 1.ª)

linguagem, e a limpidez do pensamento, são tudo em frei Luiz de Sousa.

É um doce poeta, e não um historiador.

Foi com tudo historia que escreveu, mas a lenda, constantemente se interlaça com as narrativas dos factos veridicos.

As suas obras mais apreciaveis, são—a *Historia de S. Domingos;* a *Vida do arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres;* e os *Annaes de D. João III.*

Morreu em Bemfica, a 5 de maio de 1632.»

Até aqui o sr. Pinheiro Chagas.

Era frei Luiz de Sousa mui versado nas humanidades, visto nas historias, grande latino, excellente poeta, generoso e discreto cortezão, e por extremo zelloso da sua reputação. (Para prova d'isto, veja-se o que escrevi no 1.º volume, pag. 141, col. 1.ª, no ultimo periodo.)

D. Magdalena de Vilhena, era filha de Francisco de Sousa Tavares. De frei Luiz de Sousa (quando ainda era Manuel de Sousa Coutinho) teve ella a D. Anna de Noronha, que morreu solteira, e foi uma senhora de grande illustração.

Morava D. Magdalena e seu segundo marido, nas suas casas de Almada (já reconstruidas do incendio que referi no logar citado do 1.º vol.) e estando Manuel de Sousa Coutinho, ausente, entrou na sua habitação, um peregrino, perguntando por D. Magdalena, á qual disse—*Sou um portuguez, que venho de Jerusalem. Ao tempo de voltar para este reino, me buscou outro portuguez, e me pediu e encommendou muito, que, chegando a salvamento, quizesse passar por esta villa, e dizer a vossa mercê (se fosse viva) que ainda por aquellas partes, vivia quem se lembrava de vossa mercê. Isto é o que me trouxe aqui.*

D. Magdalena, como é facil de suppor, ficou petrificada, e levando o peregrino a outra sala, onde havia varios retratos, lhe disse —*Veja se algum d'estes se parece com quem lhe deu o recado.* O peregrino apontou logo para o de D. João de Portugal, e disse—*É este.* E partiu, sem esperar outra resposta.

Chegando Manuel de Sousa Coutinho, e sabendo do caso, resolveram ambos metterem-se religiosos. Ella tomou o nome de *Soror Magdalena das Chagas.* Em quanto viveram, nunca mais se viram, nem corresponderam, e foram a todos os respeitos, dois religiosos exemplarissimos.

1570—Conclusão da egreja da Misericordia, de Santarem.

1571—Fundação do mosteiro de monges benedictinos, ao N. da cidade, no sitio onde havia uma ermida, que a infanta D. Maria, filha do rei D Manuel, deu aos monges para este fim.

É n'esta egreja que estava o Crucifixo que *foi testemunha do juramento,* de que tratei, no anno de 1300.

1572 (21 de novembro) — Morre na cidade de Gôa, capital da India portugueza, o padre *Antonio de Quadros,* fidalgo, natural de Santarem.

Professou em Coimbra, no collegio dos jesuitas, passando depois á India, como mestre de philosophia e theologia. Foi insigne orador sagrado, parocho, commissario do Santo Officio, e provincial da sua ordem. Era conselheiro indispensavel dos vice-reis, por expressa determinação de D. João III.

A este virtuoso padre se deve a conversão das ilhas de *Chorão* e *Divar,* e das terras de *Salcête* e *Baçam.*

Morreu com fama de santo.

1577—Morre no convento dominicano de Villa-Nogueira (Azeitão) *D. frei Fernando de Távora,* irmão de D. frei Henrique de Távora e Brito (vidê o anno de 1582) ambos naturaes de Santarem.

Professou no convento de S. Domingos de Bemfica, e foi um religioso de grande intelligencia e muito eloquente. O rei D. Sebastião, que muito o estimava, o nomeou seu confessor.

Era muito inclinado á pintura, e foi um dos mais peritos do seu tempo n'esta arte, pintando alguns quadros primorosos no mosteiro onde professou, e que lá existiram até 1834.

Como seu irmão D. Henrique, foi discipulo do santo arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, que então era prior do convento de Bemfica.

Depois, foi D. Fernando de Távora prior do mesmo convento.

O rei D. Sebastião o nomeou bispo do

Funchal (Ilha da Madeira) e foi confirmado pelo papa S. Pio V, a 14 de novembro de 1569, mas não chegou a hir tomar conta do bispado (*por ter medo de passar o Oceano*) resignando a mitra.

D. Sebastião I o fez seu esmoler-mór, mas tambem não chegou a exercer este emprego, por morrer no anno que fica dito.

Escreveu os *Commentarios ao Evangelho*, de S. João, obra muito erudita (e muito maçadora.)

Falleceu, como disse, em Villa-Nogueira, mas foi sepultado no real mosteiro de S. Domingos, de Lisboa.

1580 (19 de junho)—D. Antonio, 9.º prior do Crato, é acclamado em Santarem, rei de Portugal, contra a opinião de alguns fidalgos da terra. Organisou-se logo aqui, um bom corpo de populares, em defeza do principe: e, se todas as povoações do reino fizessem como fez Santarem, certamente não soffreriamos aquelles 60 longos annos de captiveiro. [1]

Para evitarmos repetições, vide 2.º vol., pag. 442, col. 1.ª, no principio.

Todos sabem que o infeliz D. Antonio morreu em París, em 1595.

Foi sepultado na egreja de S. Francisco, d'aquella cidade.

Em agosto de 1867, demoliram os parisienses, o mosteiro de S. Francisco da Ave-Maria, para alli se construir um mercado.

Entre diversas e valiosas antiguidades, se achou alli tambem, um caixão de chumbo contendo o coração do 9.º prior do Crato.

1582—Morre na cidade de Chaúl (India) *D. frei Henrique de Távora e Brito*, natural de Santarem.

Era filho legitimo de Fernão Cardoso e D. Philippa de Brito, irman de Manuel Serrão e Brito, todas pessoas nobres.

Seu irmão, D. frei Fernando de Távora, foi bispo do Funchál.

D. frei Henrique, professou no convento de S. Domingos, de Santarem, mudando então o seu nome de baptismo (Jeronymo) no de que usou até á morte.

Foi discipulo do santo varão D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, ao qual acompanhou quando foi ao concilio de Trento.

Foi mestre da theologia, e sendo prior do convento de S. Domingos, d'Evora, o rei D. Sebastião o nomeou bispo de Cochim, a 13 de janeiro de 1567, sendo confirmado pelo papa S. Pio V [1].

Partiu de Lisboa para o Oriente, em 1576, e foi um prelado sollicito e virtuoso.

Vagando a mitra de Gôa, o nomeou para ella, o rei D. Sebastião, em 1577, o que foi confirmado em janeiro de 1578, pelo pontifice Gregorio XIII.

Tomou posse da mitra primarcial, a 26 de dezembro do mesmo anno da sua confirmação.

Visitou por muitas vezes as freguezias da sua diocese, fazendo proceder a todos os melhoramentos moraes e materiaes das suas ovelhas.

Chegando a Chaúl, em varios sermões reprehendeu asperamente os viciosos, impondo-lhes castigos espirituaes.

Um dos assim castigados lhe propinou veneno em um jantar, morrendo D. frei Henrique, logo no dia seguinte.

Foi sepultado na egreja matriz de Chaúl, em sepultura alta, junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario.

1585 (3 de outubro.) — Morre freira, no

[1] D. Antonio sahiu pela manhan do paço, dizendo que hia lançar a primeira pedra em um novo forte, para defeza da praça. A maior parte do povo da villa, que o acompanhava, o fez montar a cavallo (em um cavallo, que, assustado com a voseria de tanta gente, o hia deitando ao chão) e entraram todos a gritar—*Real! Real! Por D. Antonio rei de Portugal!* E com elle percorreram todas as ruas da villa. Pouco depois, se dirigiu a Lisboa, onde tambem foi acclamado rei de Portugal, pelo povo, e por alguns (poucos) fidalgos.

[1] Esta noticia é extrahida da *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 467) mas é preciso notar que não foi precisamente o rei D. Sebastião (que então tinha apenas 13 annos) que o nomeou, mas o tio de seu pae, D. Henrique (o cardeal-rei) que foi regente, desde 1562 até 1568.—S. Pio V, governou a Egreja de Deus, desde 1563 até 1572, sendo seu antecessor Pio IV, e successor Gregorio XIII.

convento da ordem terceira de S. Domingos, de Santarem, *D. Jeronyma de Carvalho*, d'aqui natural.

Pertencia a uma familia muito nobre, e casou com D. Francisco Coutinho, filho dos condes de Marialva.

Morrendo o marido, na desastrosa batalha de Alcacer-Kibir (Africa) em 4 de agosto de 1578, metteu-se freira, e foi uma religiosa exemplarissima, e por todos reputada como santa.

Deixou descendencia.

Nascêra em 1541, e falleceu portanto de quarenta e quatro annos de edade.

Foi sepultada na egreja do seu mosteiro.

1586 (20 de maio.) — Morre captivo, em Marrocos, o *beato frei Antonio da Conceição*, natural de Santarem.

Era filho legitimo de Sebastião Rodrigues e Maria Paes, pessoas honradas e medianamente ricas d'esta villa.

Professou no convento da SS. Trindade, da sua patria, em 31 de dezembro de 1567, e alli estudou phylosophia, com o padre mestre, frei Luiz Soares.

Depois, foi estudar theologia para o seu collegio de Coimbra, formando-se em ambas as faculdades, e foi um dos mais elegantes oradores do seu tempo.

Ficando na Africa, grande numero de captivos portuguezes, pela derrota de Alcacer-Kibir, foram do reino muitos frades trinitarios tratar da remissão d'elles, como era do instituto da ordem.

Entre os redemptores, foi o veneravel padre frei Ignacio Tavares, filho do convento de Santarem, e redemptor geral dos captivos em Africa, e com elle o nosso frei Antonio da Conceição, que com ternas e eloquentes palavras de conforto, animou os *sete martyres de Marrocos*, que os africanos degolaram em 4 de julho de 1585.[1] A este martyrio compoz frei Antonio da Conceição um bello livro, que dedicou ao cardeal Alberto, archiduque d'Austria, assistente em Lisboa, como governador de Portugal, por Philippe II.

Compoz tambem um livro sobre o seu triste captiveiro, e trabalhos e supplicios que n'elle soffreu, descrevendo as cousas com uma suavidade que encanta.

D'este livro se vê que, depois de muitas affrontas, fomes e miserias, o manietaram, metteram em uma horrivel masmorra, por não poder logo pagar uma grande quantia de dinheiro que pediu emprestado, sob sua palavra, para resgatar muitos captivos, que jaziam em ferros, e que elle temia viessem a perder a fé, á força de supplicios.

N'esta masmorra terminou seus dias, este bemaventurado martyr da Fé e da Caridade.

1590—Fundação do mosteiro de S. João Baptista (vulgo, *S. João do Pereiro*) de frades arrabidos; no logar onde tinham um palacio, os duques de Bragança.

Lançou-lhe a primeira pedra da egreja, o duque, D. Theodorico II.

(Vide o anno 1470.)

1592—O arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, faz doação do palacio que a mitra tinha em Santarem, aos terceiros regulares de Jesus, para fundarem o seu mos-

[1] Não se confundam estes *sete* martyres com os *cinco* outros tambem conhecidos pelos *cinco martyres de Marrocos*.

Aquelles sete, eram *Francisco da Esperança*, natural de Masagão; *Simão de Freitas*, e *Antonio da Silva*, naturaes de Setubal; *Domingos de Gouveia* e *Francisco Gines*, naturaes de Monção; *Amaro Gonçalves*, da villa de Collares (Cintra) e *João, de Pariz*.

Seus corpos foram trazidos a Portugal, em 1641, e collocados na capella de S. João Capistrano, da egreja de S. Francisco da Cidade, de Lisboa.

Os *cinco martyres de Marrocos*, mais famosos, tinham sido degolados, tambem n'esta cidade, a 16 de janeiro de 1220. Eram frades franciscanos, e se chamavam — *Bernardo, Pedro, Adjuto, Acurcio*, e *Otto*. Eram italianos, e vieram por terra a Portugal para hirem para a Africa.

Estiveram algum tempo em Alemquer e n'outras partes, sendo tratados com a maior amabilidade, pela infanta D Sancha, filha de D. Sancho I (irman da rainha Santa Mafalda —a de Arouca.)

Prégaram publicamente o Evangelho pelas ruas e praças de Marrocos, pelo que foram presos e levados á presença do imperador, e foram por elle proprio degolados.

(Vide *Alemquer*.)

teiro de Nossa Senhora de Jesus, cuja fundação teve logar em 1617.

Era n'este velho palacio que D. Diogo e os seus cumplices, se reuniam para os seus conciliabulos contra a vida de D. João II.

(Vide o anno 1484.)

1593—Morre na sua quinta de *Bairro-Falcão* (Santarem) e alli foi sepultado, *D. Manuel de Quadros*, natural de Santarem.

Era filho de Manuel de Quadros e de D. Isabel Pereira, fidalgos de antiga geração.

Professou na congregação da Companhia de Jesus.

Graduou-se licenceado em direito canonico, na universidade de Coimbra, em 1546, sendo alumno do collegio de S. Miguel, que existia na mesma universidade, e onde depois se estabeleceu o tribunal do *Santo Officio*.

Foi inquisidor na Inquisição d'Evora, nomeado pelo cardeal D. Henrique, inquisidor geral (depois rei) tomando o juramento, a 25 de novembro de 1559.

O mesmo D. Henrique o transferiu para a Inquisição de Coimbra, tomando posse, a 5 de abril de 1565.

Foi depois promovido a um dos logares do conselho geral, a 14 de dezembro de 1570, hindo residir com o mesmo cardeal, para Evora.

N'este mesmo anno de 1570, o fez o papa S. Pio V, arcediago do bago da Sé d'Evora, de cujo logar tomou posse a 27 de maio do mesmo anno.

O rei D. Sebastião o nomeou deputado da mesa da consciencia e ordens, em 1572.

D. Philippe II, por provisão de 9 de março de 1583, o nomeou 4.º reformador da universidade de Coimbra, sendo reitor d'ella D. Nuno de Noronha.

Tendo D. Philippe II deposto o bispo da Guarda, D. João de Portugal (por se não bandear com os castelhanos) aquelle usurpador nomeou D. Manoel de Quadros, bispo da Guarda, em 1585, sendo confirmado pelo papa Xisto V.

Parece que por fim cahiu no desagrado do usurpador, ou do cardeal Alberto, e resignando a mitra se retirou para a sua quinta de Bairro-Falcão, onde falleceu.

1604—Reedificação do mosteiro de frades dominicanos de Nossa Senhora da Oliveira, que D. Affonso II tinha fundado.

1610 (16 de novembro)—Morre em Elvas, *D. Antonio de Mattos e Noronha*, natural de Santarem.[1] Procedia de uma nobre familia, e foi varão de muita virtude e grande intelligencia.

Foi inquisidor-geral d'este reino. D. Philippe II o nomeou bispo d'Elvas, em 17 de novembro de 1591, e foi sagrado pelo cardeal D. Gaspar de Queiroga, arcebispo de Toledo, no real mosteiro dos descalços, de Madrid (que a princeza D. Joanna, mãe do nosso rei D. Sebastião, havia fundado.)

Tomou posse do bispado, em 15 de março de 1592, sendo um prelado zelosissimo no cumprimento dos seus deveres.

Falleceu no dia referido, e foi sepultado na capella-mór da Sé Cathedral.

1611—Morre no mosteiro de S. Francisco, de Santarem, o veneravel irmão leigo, *frei Romão*, nascido na povoação do Alfange, na Ribeira.

Era filho de um barqueiro e elle o foi tambem.

Casou com uma mulher que muito amava, e que morreu pouco depois de casada.

Afflicto com esta perda, e desejoso de fugir do mundo, tomou o habito de religioso converso, no mosteiro de S. Francisco dos observantes, de Santarem, e foi em toda a sua vida um frade exemplarissimo.

Exerceu por muitos annos o emprego de porteiro do convento, e o povo o denommava *pae dos pobres*, pela muita caridade que sempre usou com elles.

Era tão rigoroso nas penitencias que se impunha, que esteve muitos annos sem comer carne nem peixe.

Falleceu com geral fama de santo.

1613—Reedifica-se a egreja parochial de S. Nicolau, templo antiquissimo, que tinha sido devorado por um incendio.

1614 (março.) — Morre em Gôa, o pa-

[1] Era tio de *D. Sebastião de Mattos e Noronha*, arcebispo de Braga, famoso pela sua traição contra a vida de D. João IV, e contra a independencia da patria.

Vide *Lisboa*, no anno 1641.

dre *Nicolau Pimenta*, natural de Santarem, da Companhia de Jesus, e visitador das provincias da India.

Escreveu e publicou:

Cartas que o padre Nicolau Pimenta, da Companhia de Jesus, visitador nas partes do Oriente, da mesma Companhia, escreveu ao geral d'ella, a 26 de novembro do anno de 1599, e no 1.º de dezembro de 1600, nas quaes, entre algumas cousas notaveis e curiosas, que conta de diversos reinos, relata o successo da insigne victoria que André Furtado de Mendonça alcançou do Cunhal, etc.—Lisboa, 1602.

É um livro raro e muito estimado. Foi traduzido em diversas linguas estrangeiras.

Apezar de ser em 12.º, e ter apenas 111 paginas, tem-se vendido algum original portuguez que apparece, a 7$000 réis.

—

1615 (novembro.)—Nasce em Santarem, e é baptisado na egreja parochial de Marvilla, *Diogo da Costa.*

Morreu n'esta mesma cidade (então villa) em 25 de agosto de 1721, com 105 annos e 9 mezes de edade, sendo coveiro da Misericordia.

Até quasi á sua morte, andou na melhor disposição de corpo e de espirito, e sem precizar bordão.

Tinha excellente memoria, e sabia onde tinham sido enterrados os paes, avós e bisavós das pessoas mais velhas de Santarem.

Na edade de 105 annos, esteve apregoado para casar com uma rapariga de 24 annos; o que se não levou a effeito, por ella se ter arrependido.

1617 — Fundação do mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares de Jesus.

1621—Fundação do collegio de Nossa Senhora da Conceição, dos padres jesuitas.

Os jesuitas entraram pela primeira vez em Santarem, a 7 de maio d'este anno, sob o governo do reitor, padre Mathias de Sá.

Foi seu fundador, D. Duarte da Costa, armeiro-mór, que se fez depois, padre jesuita.

Foi fundado no antigo mosteiro de Santo Antão.

(Vide 1410, 1550, *Mosteiro de Santo Antão, e seminario patriarchal.*)

1640 (5 de dezembro.) — Foi Santarem a primeira terra, depois de Lisboa, que fez a acclamação official de D. João IV.

1647 (janeiro.)—Morre em Santarem, Leonel da Costa, natural d'esta cidade, onde nasceu em anno que se ignora.

Foi militar de profissão, e era muito versado nas linguas grega e latina.

Escreveu e publicou as obras seguintes :

1.ª—*Eclogas e Georgicas de Virgilio. Primeira parte das suas obras, traduzidas do latim, em verso solto portuguez, com a explicação de todos os logares escuros, historias e fabulas que o poeta tocou ; e outras curiosidades muito dignas de se saberem.* Lisboa, imprensa de Geraldo da Vinha, 1624. —Nova edicção, Lisboa, na officina de Miguel Manescal da Costa, 1761.

Ambas estas edições são hoje raras.

—

2.ª—*As primeiras quatro comedias de Publio Terencio Africano, traduzidas do latim, em verso solto portuguez por Leonel da Costa, natural da villa de Santarem : dadas á luz, com todo o texto latino em frente, por Jorge Bertrand.* Lisboa, na officina de Simão Thadeu Ferreira, 1788 a 1789. Dous volumes.

É obra hoje muito estimada.

—

3.ª — *Ordem, ou construição litteral por palavra, das primeiras quatro comedias de Terencio.* Lisboa, na officina de Simão Thadeu Ferreira, 1790.—Dous volumes.

É um dos livros a que os estudantes chamam—*pae velho.*

—

4.ª—*A conversam miraculosa da felice Aegypcia penitente, Santa Maria.*[1] *Sua vida e morte. Composta em redondilhas.* Lisboa, 1627—2.ª edicção, 1674.

[1] Santa Maria Egypciana.

1648 — Fundação do mosteiro de Santa Thereza, de frades carmelitas descalços.

1654 (29 de dezembro.) — Morre no mosteiro do *Monte Carmello* (Asia) *o padre frei Basilio de S. Francisco*, natural de Santarem.

Professou em Italia, na ordem dos carmelitas descalços.

Depois, com licença dos seus prelados, foi promulgar o Evangelho na Persia.

Passados tempos, o mandou o geral da sua ordem, edificar um mosteiro na ilha deserta de Baçorá, o que levou a effeito, por consentimento do baxá d'aquella provincia.

Governou este mosteiro 13 annos, e foi o 1.º sacerdote que alli disse missa e prégou o Evangelho, em trez linguas — persa, arábica, e turca.

Passando depois ao Monte Carmello, foi um dos seus restauradores, e 2.º prelado.

Foi sepultado na egreja d'este mosteiro.

1664 (25 de janeiro.)—Estando em Santarem D. Affonso VI, assistiu a uma missa cantada, na capella real, de Nossa Senhora da Piedade, (frades agostinhos descalços) e em seguida, lançou, com apparatosa ceremonia, a primeira pedra, para a fundação do novo templo da mesma Senhora.

Na pedra foi gravada esta inscripção:

DEIPARAE VIRGINI A PIETATE DOMINATA,
ALPHONSUS VI LUSITANIAE REX,
QUOD EJUS OPEA AD MIRACULUM INSIGNI
JOANNEM AUSTRIACUM PHILIPPI IV
CASTELLAE REGIS FILIUM,
PUGNA CANALENSI, SEXTO IDUS
JUNIAS AN. DNI. MDCLXIII
CIRCA STREMOTIUM COMMISSA,
PROFLIGAVERIT
HOC SACELLUM IMPENSIS SUIS
FACIENDUM CURAVIT, PRIMUNQUE
FUNDAMENTORUM LAPIDEM
PROPRIA MANU, IN AETERNUM,
GRATI, DUSTIQUE ANIMI
MONUMENTUM POSUIT
SEQ. ANNO OCTAVP KAL. FEBRUAR.

(Á Virgem, Mãe de Deus, denominada da Piedade, Affonso VI, rei de Portugal, porque com o auxilio milagrosamente insigne d'Ella (*ou verdadeiro milagre*) derrotou a D. João d'Austria, filho de Philippe IV, rei de Castella, na batalha do Canal, no 6.º dia antes dos idos de junho, do anno 1663, junto a Extremoz. Este templo mandou fazer á sua custa, e lançou, por sua propria mão, a primeira pedra dos fundamentos: para monumento eterno da sua devota gratidão, no anno seguinte (*ao da batalha*) no 8.º dia antes das kalendas de fevereiro. (*24 de janeiro de* 1664.)

A inscripção é muito mais extensa, mas, para não enfadar o leitor, só copiei o principio d'ella, que é o principal.

Como se vê da inscripção, o rei portuguez erigiu o novo templo a Nossa Senhora da Piedade, em acção de graças, pela gloriosa victoria do *Cannal* (ou *Ameixial.*) Vide vol. 1.º, pag. 195, col 1.ª, e o artigo—*Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade.*

Benzeu o terreno para a egreja, o bispo de Targa, D. Francisco Sotto-Maior, bispo eleito de Lamego, que servia então de capellão-mór do rei. (Vide *Ermida da Senhora de Guadalupe.*)

—

1666 (28 de fevereiro)—Morre no convento de freiras agostinhas, de Santarem (hoje dominicas) a rainha D. Luiza Maria Francisca de Gusmão. Tinha entrado para este mosteiro, a 17 de março de 1663. Era filha de D. Joao Manuel Peres de Gusmão, 8.º duque de Medina-Sidonia, e viuva de D. João IV, de Portugal, do qual teve sete filhos, que foram (por ordem de edade)—1.º, *D. Theodosio*, que tomou o titulo de *principe do Brasil*, ficando desde então (1649) este titulo annexo aos primogenitos dos nossos reis. Morreu, solteiro e sem filhos, a 15 de maio de 1653, em vida de seus paes—2.º, *D. Anna*, que morreu de pouca edade—3.º, *D. Joanna*, que morreu solteira—4.º, *D. Catharina*, rainha da Gran-Bretanha, por casar com Carlos II. (Vide no 4.º vol., pag. 131 — *Palacio da Bemposta*) — 5.º, *D. Manuel*, que morreu creança—6.º, *D. Affonso*, que foi 6.º do nome. Tinha sido jurado principe herdeiro, em 1653, por morte de D. Theodosio. Nasceu em Lisboa, a 26 de agosto de 1643, e falleceu no palacio real, de Cintra, a 12 de outubro de 1662, despojado da corôa, e vendo passar a esposa a *segundas nupcias*, em sua vida, com seu irmão, o infante D. Pe-

dro. Tinha apenas 40 annos de edade.—7.º, *D. Pedro*, depois 2.º do nome. Nasceu em Lisboa, a 26 d'abril de 1648. Em 22 de novembro de 1667, tomou posse da regencia do reino, por incapacidade do rei seu irmão. Em 27 de janeiro de 1668, foi jurado principe herdeiro. Em 2 d'abril do mesmo anno, casou com D. Maria Francisca Isabel de Saboia, filha de Carlos Amadeu de Saboia, duque de Nemours, a qual tinha casado com D. Affonso VI, em 27 de junho de 1666.[1]

Foi acclamado rei de Portugal, em 12 de setembro de 1683. Fallecendo a rainha, em 27 de dezembro d'este anno, D. Pedro II passou á segundas nupcias, em 1687, com D. Maria Sophia Isabel de Neubourg, filha de Wilhelmo, conde palatino do Rheno. O rei falleceu em Lisboa, a 5 de dezembro de 1706.

—

Alem dos sete filhos legitimos que ficam mencionados, teve D. João IV. uma filha bastarda, a infanta D. Maria, que falleceu recolhida no mosteiro de carmelitas descalças de Carnide.

—

D. Affonso VI, não teve filhos, legitimos, nem bastardos.

—

D. Pedro II, teve da primeira mulher, a princeza D. Isabel, que morreu solteira, a 21 de outubro de 1690.

Do segundo matrimonio, teve sete filhos, que foram, por ordem de edades—1.º, *D. João*, que morreu de pouca edade—2.º, *D. João*, que lhe succedeu na coróa, e foi 5.º do nome—3.º, *D. Francisco*, 4.º, *D. Antonio* e 5.º, *D. Thereza*, todos tres fallecidos de pouca edade—6.º, *D. Manuel*—7.º *D. Francisco*.

Teve trez filhos bastardos—1.º, *D. Luiza*, que foi a segunda mulher de D. Jayme, duque do Cadaval—2.º, *D. Miguel*, que casou com a filha e herdeira dos marquezes d'Arronches—3.º, *D. José*.

—

1667 (março)—Falleceu em Santarem um menino, chamado Manoel, creado por uma beata, *serva* de Nossa Senhora da Piedade.

Nascêra a creança aleijada, e, tendo recuperado a saude, a *ama* attribuiu esta cura a milagre d'aquella Senhora.

A beata fez lhe um enterro magnifico; mas, como a morte fôra repentina, o povo principiou a murmurar, o que chegou aos ouvidos das auctoridades; e, passados 18 dias, foi o cadaver desenterrado, por ordem da justiça, e se procedeu a exame. Achou-se sem a minima corrupção, e viçosas as flores com que havia sido sepultado. Despindo-se-lhe a mortalha, viu-se que tinha as costas cobertas de chagas e contusões; as mãos e pés, furados; e, em redor da cabeça, varias feridas, como de espinhos; o que provou que o desgraçado menino tinha sido martyrisado pela maldita beata, que lhe fez o mesmo que os judeus fizeram a Jesus Christo!

A mulher foi logo presa e remettida ao tribunal da Inquisição, onde é provavel que lhe fizessem peior do que ella fez á sua victima.

—

A dois de dezembro do mesmo anno, nasce em Santarem, o *padre mestre, frei João de Azevedo*. Era filho de Antonio d'Azevedo Pereira, natural da freguezia de Santo Estevão d'Alfama, em Lisboa—e de D. Iria de Abreu Córdova, nascida na freguezia de S. Martinho, de Santarem, filha de Antonio de Abreu Córdova e D. Antonia de Góes, tambem naturaes de Santarem.

Foi baptisado na egreja de Santa Maria de Marvilla, a 2 de janeiro de 1668, sendo padrinho o conde da Torre, e o 1.º marquez da Fronteira.—Professou no convento dos agostinhos de Santarem, em novembro de 1687. Foi grande philosopho e theologo, lendo estas faculdades muitos annos na sua ordem.

Depois de jubilado, o mandou o provincial, á cidade do Porto crear novos estudos, no convento da sua ordem.

[1] O processo para nullidade d'este casamento, é uma das cousas mais ignobeis e escandalosas que se tem visto em Portugal, e talvez na Europa!—Vide *Causa sobre a nullidade do matrimonio da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, contra D. Affonso VI.*—Lisboa, typographia universal, 1858.

Foi doutor em theologia, examinador das trez ordens militares e examinador synodal do arcebispado de Lisboa Oriental.

Foi nomeado theologo da *Bulla da Santa Crusada*, e era um orador eloquentissimo. Foi tres vezes prelado da sua ordem, sendo a ultima, do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, Escreveu alguns livros, entre elles, o—*Tribunal contra os confessores sollicitantes*, em latim—*Tribunal de desenganos*, em portuguez—*Tribunal de Panegyricos*, tambem em portuguez—mais escreveu em latim, um tratado— *De conscientia*, outro—*De sacramento penitentiae*—outro—*De reservatis in communi*—outro—*De reservatis in particulari*, e outros muitos tratados em latim, tudo sob o titulo geral de *Tribunal theologo-morale* (que, com mais propriedade. podia denominar—*Vastissimo armazem de somno.*)

Todas estas obras tiveram muita estimação no seu tempo, entre os frades da sua ordem, e mesmo entre os de outras religiões; e devemos confessar que abundavam em erudição... e pedantismo; mas que lhe deram fama de grande sabio.

—

1670—Nasce em Santarem, *Antonio Jorge Machado*, que exerceu aqui a advocacia. Escreveu o—*Tractatus juridicus de captura reorum.* Falleceu aqui, em 1729.

No mesmo anno, a 22 de julho, morre, no collegio dos trinos, de Coimbra, *frei Isidoro da Luz*, natural de Santarem, religioso da Santissima Trindade, varão de profunda sciencia. Foi o primeiro, e unico, *lente de controversias*, na universidade de Coimbra, com honras de lente de prima de theologia. Escreveu 10 volumes, sobre controversias e theologia, dos quaes se imprimiram 4 em sua vida, e 6 posthumos.

—

1675—Nasce n'esta cidade (então villa) o doutor, Luiz de Figueiredo, formado em philosophia e canones, pela universidade de Coimbra. Foi depois para Madrid, onde casou. Graduou-se na universidade de Alcalá de Henares, e voltou a Madrid, onde foi advogado do conselho do rei, e depois, corregedor em Alicante, onde falleceu, em 1720.

Escreveu varios livros, sendo o melhor, uma *Allegação de Direito.*

—

1715—Grande reconstrucção da *real collegiada de Santa Maria da Alcaçova.*

1722—(19 de novembro)—Horrivel tempestade que causou grandes estragos em Santarem.

N'este mesmo anno se concluiu a egreja do mosteiro de Nossa Senhora de Jesus, de terceiros regulares, de Jesus.

—

1725—É removido o magnifico mausoleu de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna e de sua mulher, para debaixo do côro, e junto á porta da egreja do mosteiro dos frades agostinhos. *D. Beatriz*, mulher de D. Pedro de Menezes, foi então achada incorrupta, apezar de estar sepultada havia quasi 300 annos!

—

1731 (março)—Morre em Santarem, d'onde era natural, *Manoel da Fonseca Burralho.*

Foi muito versado em grammatica latina, e nas regras de poetica.

Publicou as obras seguintes:

1.ª—*Luzes da poesia, descobertas no Oriente de Apollo; nos influxos das Musas: divididas em trez luzes essenciaes—Luz 1.ª, da medida e consonancia da poesia—Luz 2.ª, do ornato da poesia, e figuras que n'ella cabem—Luz 3.ª, do espirito da poesia, e creaçam do conceyto. Offerecidas a Thomaz Homem de Magalhães, fidalgo da casa de S. M.* —Lisboa, 1724.

O Burralho, seria um grande latino, mas era, com toda a certeza, um grandissimo pedante.

—

2.ª—*Foral da alfandega de Lisboa*—Lisboa, 1724—2.ª edição, 1774.

—

3.ª—*Foral da cidade do Porto, dado por el-rei D. Manuel, a 20 de junho de 1517*—Porto, 1788.

Os foraes da cidade do Porto, Mattosinhos, Leça, Refojos, e Villa Nova de Gaia, foram

reimpressos por ordem da camara municipal do Porto, em 1823. O do Porto, já tinha sido impresso, em 1822.

—

4.ª—*Foral de Abrantes, que para reformar o antigo, d'el-rei D. Affonso Henriques, lhe deu el-rei D. Manuel, no primeiro de junho de 1510*—Lisboa, 1732.

—

5.ª—*Fórma e verdadeiro traslado, dos privilegios concedidos aos cidadãos e moradores da cidade de Braga.*

Não tem data, nem indicação de typographia.

É livro raro e muito estimado.[1]

—

6.ª—*Foral de Lisboa*—Lisboa, 1790.

—

Em dezembro do mesmo anno de 1731, morre *frei Antonio da Piedade*, franciscano, arrabido, natural de Santarem.

Escreveu e publicou:

Espelho de penitentes, e chronica da provincia de Santa Maria da Arrabida, da regular e mais estreita observancia da ordem do serafico patriarcha, S. Francisco, no Instituto capucho—Lisboa, 1728.

O 2.º volume d'esta obra, foi escripo por frei José de Jesus Maria.

São livros raros, sobre tudo o 1.º volume, e ainda muito estimados, pelas curiosas noticias que dá da serra da Arrabida, e do mosteiro dos capuchos.

—

1737 (7 de junho)—Morre no convento de Santa Clara, com 109 annos (sendo freira professa, desde 1673) a madre Marianna da Fé, natural da freguezia dos Anjos, de Lisboa. Foi vigaria muitos annos, e era uma freira virtuosissima.

[1] O meu amigo e mestre, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente de mathematica e director do Lyceu nacional de Braga, um dos mais eruditos escriptores contemporaneos, acaba de publicar uma reimpressão d'esta curiosissima obra, juntando-lhe anotações de inestimavel merecimento.

—

1755 (1.º de novembro)—Medonho terramoto, que se sentiu em quasi toda a Europa, e ainda na America. Santarem soffreu tambem muito com este terramoto.

—

1757 (18 d'abril)—Nasce *João Diogo de Barros Leitão de Carvalhosa*, 1.º visconde de Santarem, 1.º senhor de Pontével, Ereira e Lapa, alcaide-mór de Santarem, Gollegan e Almeirim, 5.º senhor do morgado de Vaqueiros, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da ordem de Christo, guarda-roupa da rainha, D. Maria I, e de el-rei D. João VI, e seu guarda-joias, thesoureiro do bolsinho, guarda-tapeçarias, apontador dos fóros dos reposteiros e moços da camara, inspector da quinta de Belem e de todos os paços reaes, escrivão de fazenda da real casa de Bragança, secretario da serenissima casa e estado do infantado, guarda mór do lastro, etc. (O que eu não sei, é, como elle podia desempenhar todos estes cargos!...)

Succedeu na casa de seu pae, a 15 de março de 1806, e morreu a 12 de janeiro de 1818.

Foi casado duas vezes—a primeira, em 1788, com D. Marianna Rita Xavier Porcille Okelli Ribeiro Rangel, filha e herdeira de Antonio Bernardo Xavier Porcille, fidalgo da casa real, do conselho da rainha D. Maria I, cavalleiro da ordem de Christo, desembargador do senado da camara de Lisboa; e de sua mulher, D. Marianna Okelli.

Fallecendo sua primeira mulher, a 16 de novembro de 1794, casou com D. Maria José de Sampaio, filha de Ignacio José de Sampaio Freire de Andrade, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, escrivão da fazenda da junta da real casa de Bragança, e de D. Angelina Ignacia Pereira de Aguirre, que morreu a 18 d'abril de 1826. (Seu marido, falleceu a 22 de setembro de 1835.)

Residiam no seu palacio da Rua Direita de Buenos-Ayres, mas estavam quasi sempre em Paris.

Foi feito visconde de Santarem, em 17 de dezembro de 1811.

Teve cinco filhos:

1.º—*Francisco*, que foi o segundo viscon-

de de Santarem. (Vide o anno 1791—18 de novembro.) Este era filho do primeiro matrimonio—do segundo, foram:

2.º—*Joaquim*, que morreu sem filhos.

3.º—*D. Maria Isabel*, que falleceu em novembro de 1828. Foi primeira mulher de José de Mattos Góes e Caupers, fidalgo da casa real, tenente da guarda real dos archeiros, commendador da ordem de Christo, provedor das Vallas e Lesirias.

4.º—*Ignacio José*, que casou com D Carlota Wan-Zeller. Era fidalgo da casa real, e cavalleiro da ordem de Christo.

5.º—*D. Maria Joanna*, mulher de João Miguel Paes de Faria, filho de João Paes do Amaral e Menezes, moço fidalgo, senhor da villa de Carapito, alcaide-mór de Villa Pouca d'Aguiar, commendador da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias de Lisboa Oriental.

—

1791 (18 de novembro)—Nasceu em Lisboa, Manuel Francisco de Barros e Sousa da Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa —2.º visconde de Santarem (vide 1757—18 de abril) 2.º senhor de Pontével, Ereira e Lapa, alcaide-mór de Santarem, Gollegan e Almeirim, 6.º senhor do morgado de Vaqueiros, official-mór da casa real, guarda-roupa da rainha D. Maria I, grão-cruz da ordem de Carlos III, de Hespanha, commendador das de S. Thiago e Torre Espada, e cavalleiro da de Christo. Foi encarregado de negocios em Copenhague, no anno de 1819, guarda-mór do real archivo da Torre do Tombo, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, em 1826, escrivão da fazenda e cartorario da real casa de Bragança, Succedeu a seu pae, o 1.º visconde de Santarem, em 12 de janeiro de 1818.

Casou em 30 de novembro de 1816. com D. Maria Amalia de Saldanha da Gama, filha dos sextos condes da Ponte, e d'ella teve cinco filhos: *João, Antonio, D. Constança, D. Marianna* e *D. Francisca.*

O 2.º visconde de Santarem, falleceu, em janeiro de 1856, e este titulo está, *por emquanto*, extincto.

Foi um esclarecido cultor das lettras, e publicou varias obras de grande merecimento, sendo as principaes:

1.ª—*Noticia dos manuscriptos pertencentes ao Direito publico de Portugal e á historia e litteratura do mesmo paiz, que existem na bibliotheca real de Paris, e outros da mesma capital, e nos archivos de França.* Lisboa, typographia da academia real das sciencias, 1827.

—

2.ª—*Introducção e notas, á chronica do descobrimento e conquista de Guiné, por Azurára.* Paris, 1841.

—

3.ª—*Introducção e notas ao* Leal Conselheiro, *do rei D. Duarte.*

—

4.ª—*Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa da Africa Occidental, para servir de illustração á chronica da conquista de Guiné, por Azurára.* Paris, 1841.

Esta obra é hoje rara, mas encontra-se transcripta no *Diario do Governo*, de 1842, do n.º 48 em diante.

Ha d'ella duas traducções em francez.

—

5.ª—*Corpo diplomatico portuguez, contendo todos os tratados de paz, alliança, neutralidade, tréguas, commercio, limites, ajustes de casamento, cessões de territorio, e outras transacções, entre a corôa de Portugal, e as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia, até aos nossos dias.* Paris, 1846.

—

6.ª—*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza, até aos nossos dias: collegido e coordenado pelo visconde de Santarem, e continuado pelos socios effectivos, Luiz Augusto Rebello da Silva, e José da Silva Mendes Leal.* Paris e Lisboa, 1842 *a* 1876.

—

7.ª—*Essais sur l'histoire de la Cosmographie et de la Cartographie, pendant le moyen*

age; e sur les progrés de lá Géographie, etc., etc. Paris, 1849 a 1852.

—

8.ª—*Demonstração dos direitos que tem a carôa de Portugal, sobre os territorios situados na costa occidental da Africa, entre o 5.º gráu e 12 minutos, e o 8.º de latitude meridional. E, por conseguinte, dos territorios de Molembo, Cabinda, e Ambriz*, Lisba, 1855.

—

É um folheto de 40 paginas, que tambem se acha traduzido em francez, com os mappas correspondentes, que servem para o original e traducção.

—

Basta a simples enumeração dos titulos das obras do visconde de Santarem, para se conhecer e avaliar a sua importancia.

—

1795 (26 de setembro)—Nasce, no districto da freguezia do Salvador, d'esta cidade, *Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo.*

Era filho primogenito de Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo, senhor do prazo do Reguengo e outros; moço fidalgo, alcaide-mór do Cadaval, commendador da ordem de Christo, e desembargador da relação do Porto, nascido a 11 de janeiro de 1767, e fallecido a 2 de setembro de 1830—e de D. Francisca Xavier de Sá Mendonça Cabral da Cunha Goodolphim, nascida a 12 de outubro de 1772 e fallecida a 6 de setembro de 1829—filha de Estevam de Sá e Mendonça, senhor do morgado do Desterro, capitão mór da villa de Pias; e de D. Maria Ignacia Cabral da Çunha Goodolphim.

—

Faustino José L. N. de Figueiredo e sua mulher, tiveram 13 filhos, que são (por ordem das edades.)

1.º—*Bernardo*, do qual adiante trato.

2.º—*D. Maria Augusta*, nascida a 27 de outubro de 1796. Casou com Luiz da Cunha Castro e Menezes, senhor de um vinculo, na villa de Proença, fidalgo da casa real, coronel de milicias de Idanha, filho de João Philippe da Cunha Pereira de Castro e Napoles, fidalgo da casa real, e coronel de milicias de Castello Branco, e de D. Anna de Menezes Pitta de Castro.

3.º—*Antonio Cabral de Sá Nogueira*, cavalleiro da ordem de Christo, provedor da moeda, commandante do 14.º batalhão da guarda nacional de Lisboa, deputado ás côrtes, secretario da embaixada para a coroação da rainha Victoria, de Inglaterra. Nasceu a 7 de janeiro de 1799.

4.º—*Francisco Cabral de Sá Nogueira*, cavalleiro das ordens da Conceição, e Torre Espada, major commandante do batalhão nacional. Nasceu a 29 de fevereiro de 1802.

5.º—*Ayres de Sá Nogueira*, tenente da armada real. Nasceu a 4 de março de 1803. Casou a 31 de maio de 1830, com D. Maria do Patrocinio Vieira d'Abreu e Vasconcellos, que nascêra a 14 de novembro de 1803. Era filha e herdeira, de Francisco Vieira de Abreu, senhor da quinta da Torre do Fato, em Carnide; fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, secretario das embaixadas em França e Hespanha (sendo embaixadores, o conde de Villa-Verde, e Diogo de Carvalho) e de D. Luiza Barbara de Carvalho da Fonseca e Vasconcellos, senhora do morgado do Desvario, no districto de Portalegre.

6.º—*Estevam de Sá Nogueira*, 2.º tenente da armada real; nascido a 28 de março de 1804, e fallecido em janeiro de 1827, a bordo da nau D. João VI.

7.º—*Narciso de Sá Nogueira*, tenente de cavallaria. Nasceu a 3 de julho de 1805, e morreu na batalha de Ponte-Ferreira, a 22 de julho de 1832.

8.º—*João Cabral de Sá Nogueira*, tenente de lanceiros. Nasceu a 8 de fevereiro de 1806. Casou, a 18 de fevereiro de 1830, com D. Maria José d'Antas Coelho, nascida a 19 de março de 1813. Filha e herdeira de Gaspar José d'Antas Coelho, commendador da ordem de Christo, secretario da junta da casa e estado de Bragança, guarda-mór do consulado geral da sahida da casa da India.

9.º—*José Cabral de Sá Nogueira*, capitão de lanceiros, nascido em 15 de agosto de 1807.

10.º—*Augusto de Sá Nogueira*, guarda-ma-

rinha. Nasceu a 21 de maio de 1810, e morreu em julho de 1832.

11.º—*Rodrigo de Sá Nogueira*, cavalleiro da ordem de Torre Espada, tenente da armada real. Nasceu à 28 de março de 1811.

12.º—*D. Maria Brisida de Sá Nogueira*, nascida a 31 de agosto de 1813. Casou com José Alvo Pinto de Sousa, filho dos segundos viscondes de Balsemão.

13.º—*Faustino de Sá Nogueira*, alferes, ajudante de ordens do governador da India. Nasceu em 1814, e morreu a bordo, quando hia para aquelle estado, em 1837.

--

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, foi feito 1.º barão de Sá da Bandeira, a 4 de abril de 1833. Visconde do mesmo titulo, no 1.º de dezembro de 1734, e marquez, a 13 de fevereiro de 1864. Foi feito par do reino, em 1834.

Era grão-cruz da ordem de Christo, e da de Torre Espada,[1] condecorado com a medalha d'ouro (n.º 1) pelas quatro campanhas da guerra pedinsular, em 25 de dezembro de 1820. Foi numerosissimas vezes ministro, como adiante direi.

Succedeu na casa, a seu pae, a 2 de setembro de 1830, herdando a quinta do Reguengo, no districto de Santarem.

Sentou praça, voluntariamente, no regimento de cavallaria n.º 11, em 4 de abril de 1810, sendo logo reconhecido cadete.

Foi despachado alferes, para o regimento de cavallaria n.º 10. a 15 de dezemdro do mesmo anno.

Tenente de cavallaria n.º 4, em 6 de junho de 1812.

No combate que houve junto ao logar de Viela, perto de Tarbes (departamento de Gers-França) ficou ferido gravemente, e prisioneiro dos francezes, no dia 13 de março de 1814.

Com a *paz geral* de Paris, em 30 de maio d'esse anno, regressou a Portugal.

Em 15 de outubro de 1815, obteve licença para os estudos, e matriculou-se logo na academia de fortificação, artilheria e desenho; e frequentou os estudos mathematicos, desde o 1.º de maio de 1816.

Prompto para o serviço, no fim de julho de 1817.

Tornou a matricular-se em mathematica, e foi dado por prompto para o serviço, em 26 de junho de 1818; e n'esse mesmo anno (a 20 de outubro) matriculou-se em mathematica; na universidade de Coimbra.

Foi promovido a capitão de cavallaria n.º 4, em 11 de maio de 1819, e foi dado prompto para o serviço, no 1.º de julho de 1820.

Foi estudante tão applicado, que obteve diversas distincções; e na guerra, bravo militar, ganhando varias condecorações.

Em 1820, declarou-se liberal.

Em abril de 1821, pediu licença para hir alistar-se nas fileiras dos revolucionarios napolitanos, o que lhe foi concedido. Atravessou a Hespanha e os Pyreneus, e sabendo em França que os revolucionarios italianos tinham sido derrotados pelo rei legitimo, não passou de Paris, onde se aperfeiçoou nos estudos, desde 26 de agosto do referido anno de 1821, até 30 de setembro de 1824.

Regressando a Portugal, foi addido ao real corpo de engenheiros, por decreto de 16 de fevereiro de 1825.

Obteve licença para frequentar os estudos em Inglaterra, por portaria de 21 de março do mesmo anno, e cursou os estudos em Londres, desde o 1.º d'abril até 31 de março de 1826.

Regressando a Portugal, foi nomeiado *assistente* da divisão liberal de operações, em 12 de outubro; e, a 27 de novembro foi addido ao estado-maior-general do visconde de

[1] Foi feito official da ordem de Torre Espada, em 6 de outubro de 1832, pela sua bravura, no combate da Bandeira, de 8 de setembro de 1832, onde perdeu o braço direito, commendador da mesma ordem, em 4 de outubro de 1833, e grão-cruz da mesma ordem, em 9 de julho de 1860.

Era tambem grão-cruz da ordem da *Rosa*, no Brasil; de Leopoldo, da Belgica; de S. Mauricio e S. Lazaro, da Italia; de Carlos III, e de Isabel a catholica, na Hespanha; do Cruseiro do Brasil; de S. Salvador, da Grecia; de Francisco José, da Austria; de S. Gregorio Magno, de Roma; de Santa Rosa, do merito militar, da republica de Honduras; e, finalmente, grande official da Legião de Honra, de França.

Beire, governador das armas do Alemtejo. Assistiu aos combates de Coruche, da Beira-Baixa, em 9 de janeiro de 1827[1] e aos de Ponte do Prado e da Barca, onde os realistas foram batidos. Bernardo de Sá Nogueira foi feito major graduado, por distinção n'estes combates, em 15 de março do mesmo anno, e major effectivo, logo a 19 de julho. No 1.º de setembro, foi nomeado ajudante d'ordens do conde de Villa-Flor, exercendo esta commissão, até 10 de março de 1828.

Fugiu de Lisboa, escondidamente, e foi apresentar-se no Porto, aos revoltosos de 16 de maio, sendo nomeado commandante dos engenheiros, no 1.º de junho.

Derrotados os liberaes, em differentes combates, desde a Cruz dos Morouços até ao Vouga, retiram para o Porto.

Sá Nogueira, não imitou os seus chefes, que fugiram para a Inglaterra, quando viram a sua causa perdida, abandonando as tropas que tinham induzido á revolta; mas, sustentou a honra do seu posto, e no dia 8 de julho de 1828, emigrou para a Galliza com as tropas que se não haviam entregado aos realistas.

Da Galliza embarcou para a Inglaterra, e de lá, em 1829, em um navio mercante que hia para o Brasil, e conduzia emigrados para, na volta, deixar na Ilha Terceira; mas, ao voltar do Brasil, o navio cahiu em poder dos navios realistas do cruseiro.

Foi levado como prisioneiro, para a ilha de S. Miguel, mas, escondido pelo capitão do navio, conseguiu fugir para a Terceira, onde chegou a 12 de dezembro de 1829; sendo logo a 14, nomeado ajudante d'ordens do conde de Villa-Flor, que tinha sido feito pelos liberaes governador e capitão-general dos Açores; e, em 16 de março de 1832, foi nomeado ajudante de campo do sr. D. Pedro, e, como tal, acompanhou o seu exercito, desembarcando em Portugal a 8 de julho de 1832;[1] e logo a 27, foi nomeado governador militar do Porto, e inspector dos batalhões nacionaes que alli então se formaram.

Em 6 de agosto do mesmo anno, foi feito tenente coronel, continuando na mesma commissão.

Em 8 de setembro, os liberaes fazem um desembarque na praia de Villa Nova de Gaia, e ao mesmo tempo, uma sortida da serra do Pilar. Ambas estas tentativas foram infelizes, sendo os liberaes derrotados. Sá Nogueira, foi gravemente ferido no braço direito, que teve de lhe ser amputado. Nunca perdoou aos realistas esta mutilação, nem a morte de seu irmão Narciso, na primeira batalha de Ponte Ferreira, como fica dito. (Vide 7.º vol., pag. 498, col. 1.ª no fim, e seguinte.) D'ahi a dois mezes já estava completamente curado e prompto para o serviço! Por distincção, pela bravura com que se portou n'este combate, fazendo retirar as suas tropas que escaparam em boa ordem para a serra do Pilar, é que foi feito barão de *Sá da Bandeira*; porque no sitio da *Bandeira*, logo abaixo da capella de Santo Ovidio, de Villa Nova de Gaia. é que elle foi ferido, vindo em retirada do sitio da tal capella, até onde tinha chegado com os seus soldados.

Em 10 de novembro, foi nomeado ministro da marinha, e a 18, tambem interino do reino; empregos que exerceu até 29 de maio de 1833.

Em 24 de março de 1833, foi ferido no ataque do *monte das Antas* (arrabaldes do Porto) e ainda tornou a ser ferido levemente por duas vezes, até maio de 1834.

Foi feito coronel, em 25 de julho de 1833.

[1] Commandava os realistas o famoso marquez de Chaves, e os liberaes, o conde de Villa-Flor (depois duque da Terceira.) Os realistas foram batidos, em razão do seu desanimo, por ter entrado em Lisboa (24 de dezembro de 1826) a divisão ingleza, de Clinton, forte de 10:000 homens, em auxilio dos liberaes.

[1] Os liberaes pretenderam desembarcar em Villa do Conde, onde estava o general José Cardoso, com a sua brigada. O sr. D. Pedro, mandou Sa Nogueira como parlamentario ao general realista, que lhe respondeu — Eu só reconheço o sr. D. Pedro, como um chefe de aventureiros e de... etc., etc.—Vá-se embora, e se vossê, ou outro, cá for mandado para o mesmo fim, mando-o fuzilar.» (Vide *Villa do Conde.*)

Em 28 de agosto de 1833, foi feito governador da praça de Peniche, e n'esta qualidade teve um pequeno combate com os realistas, junto a Obidos, fazendo-os retirar.

Foi exonerado do governo da praça de Peniche, em 14 de outubro do mesmo anno, para ser nomeado commandante de uma divisão de operações no Algarve, a 17 d'esse mez, logar que exerceu até 15 de novembro.

Em 17 de fevereiro de 1834, foi feito governador militar do Algarve, sendo exonerado logo a 27 de maio.

Em 18 de novembro de 1835, foi nomeado ministro da marinha e interino do reino, do que foi exonerado em 19 de abril de 1836.

N'este mesmo anno foi feito par do reino, tomando logar entre os republicanos, e a 10 de setembro foi feito ministro da fazenda e dos estrangeiros, sob a presidencia do conde de Lumiares.

Exonerado em 4 de novembro, é a 5 feito presidente do conselho de ministros, e ministro dos estrangeiros.

No dia seguinte, encarregado interinamente da pasta da guerra.

Em 27 de maio de 1837, foi encarregado, interinamente, da pasta da marinha, mas, no 1.º de junho foi exonerado dos trez cargos, ficando só com a presidencia, de que foi exonerado no dia seguinte.

Em 14 de julhó, foi nomeado logar-tenente da sr.ª D. Maria II, nas provincias do norte.

Em 10 de agosto, foi feito presidente do conselho de ministaos e ministro interino da marinha.

Tendo os marechaes Saldanha e Terceira feito a revolta para o restabelecimento da carta, em julho d'este anno, Sá Nogueira, desampara a causa da sr.ª D. Maria, e bandeando-se com os setembristas, combate, a 27 de agosto, ao lado d'elles, contra os marechaes, no Chão da Feira, junto á villa da Batalha, obrigando estes a retirar para Traz-os-Montes.

A 5 de setembro, é feito brigadeiro graduado, e effectivo a 27.

A 9 de outubro, é exonerado de logar-tenente da rainha; e a 25, exonerado de ministro interino da marinha.

Em 9 de novembro, é nomeado ministro dos estrangeiros; e, interinamente, da guerra e marinha, a 9 de março de 1838.

Em 17 d'abril, é exonerado da pasta da guerra.

Em 18 d'abril de 1839, é exonerado de presidente do conselho de ministros e das pastas dos estrangeiros e marinha.

Em 16 de dezembro de 1840, é nomeado commandante da 7.ª divisão militar, e governador da praça d'Elvas, do que foi exonerado, a 12 de fevereiro de 1841.

Em 7 de fevereiro de 1842, foi nomeado ministro da guerra, e exonerado logo a 9!

Voltou então a tomar assento na camara dos pares, onde figurou na vanguarda da opposição ao governo.

Em 1845, adheriu ao movimento progressista, que o gabinete presidido pelo duque de Palmella, se incumbiu de dirigir.

Foi nomeado commandante geral da guarda nacional de Lisboa, em 25 de junho de 1846, e ministro da guerra, a 19 de julho— tudo pela patuleia.

Restabelecendo-se em Lisboa o governo da carta, pelo golpe de estado (*emboscada*) de 6 de outubro de 1846, foi no mesmo dia exonerado de ministro da guerra.

Sahe de Lisboa, e vae unir-se ás tropas da junta do Porto.

O barão do Casal, general cartista, vem sobre o Porto: Sá Nogueira o obriga a retirar para Traz-os-Montes.

A junta o nomeia commandante da divisão de operações n'aquella provincia, para onde marcha, em perseguição do Casal, e o ataca em Valle-Paços, a 15 de novembro; mas, tendo-lhe desertado para os cabralistas os regimentos 3 e 15 de infanteria, foi derrotado, tendo de fugir para o Porto, pelo Douro.

(Vide 7.º volume, pag. 367, col. 2.ª, e a sua nota.)

Chegando ao Porto, tratou com o maior cuidado e attenção de fortificar a cidade e a serra do Pilar, e de dar melhor organisação aos numerosos batalhões de voluntarios da junta; concorrendo tambem para a creação do novo regimento de *cavallaria do Porto.*

Depois da derrota do conde do Bomfim,

em Torres Vedras (23 de dezembro de 1846) pelo general cabralista, Saldanha, Antas, que estava em Santarem, retira com as suas tropas, e com os poucos que escaparam de Torres Vedras, para o Porto.

A junta dispunha de uma esquadra de vapores, superior em numero á dos cabralistas,[1] pelo que pôde reforçar as suas tropas do sul, mandando para o Algarve uma divisão, ás ordens de Sá Nogueira, que se reuniu, em Evora, ás tropas do conde de Mello, e marcharam sobre Setubal, onde juntaram uma força respeitavel sob as ordens de Sá Nogueira.

O general cabralista, conde de Vinhaes, marcha ao encontro das tropas da junta, e no 1.º de maio de 1847, tem logar o combate do *Alto do Viso*, junto (ao O.) de Setubal, perdido pelas tropas da junta, que retiram para a cidade, onde se fazem fortes; porém Sá Nogueira, julgando-se em uma *posição critica*, foge, a 14 de junho, para bordo de um navio inglez, que estava fundeado no Sado, abandonando as suas tropas, as quaes, vendo-se sem o chefe, que até alli lhes merecêra a mais plena confiança, fogem desordenadamente, por onde podem, hindo o maior numero em direcção do Sul, perseguidas até ao Algarve pelos cabralistas.[2]

Este acto de Sá Nogueira, foi uma nodoa indelevel, lançada na sua, até alli, brilhante carreira militar.

Nem deve ficar no esquecimento, o que poucos dias antes tinha praticado no Algarve.

Um dos seus primeiros actos, quando chegou a esta provincia, foi decretar o chamamento ás armas, de todos os officiaes do exercito realista, garantindo-lhes os postos que tinham na convenção de Evora-Monte.

Elles acreditaram as palavras de um general distincto e apresentaram se promptamente.

Quando d'ahi a 10 annos, Sá Nogueira foi feito ministro da guerra (como adiante direi) aquelles briosos militares, requereram o cumprimento da promessa.

Consultado sobre o assumpto, pela commissão respectiva, da camara, respondeu:

«Ha de cumprir-se o decreto da Ilha Terceira.»

(O que privava os officiaes realistas dos seus postos, e que se achava completamente annullado pelo artigo 3.º da convenção de Evora-Montel)

Os officiaes redigiram um memorial, e nomearam, entre elles, uma commissão, para o hirem apresentar a Sá Nogueira, que os não quiz receber, nem ao memorial!

Em agosto de 1870, ainda fez peior, como adiante veremos.

Em 30 de maio de 1851, foi feito marechal de campo.

Em 8 d'agosto foi nomeado director da escola do exercito.

Em 6 de junho de 1856, foi feito ministro da marinha, e interino das obras publicas, mas logo a 25 foi exonerado d'esta ultima pasta.

Em 23 de janeiro de 1857, foi encarregado, interinamente, da pasta da guerra, sendo exonerado a 8 de setembro; e feito tenente general, a 21 do dito mez.

Em 16 de setembro de 1858, foi feito ministro da guerra, interino; e foi exonerado d'esta pasta e da da marinha, em 16 de março de 1859.

Em 3 de dezembro de 1860, foi feito ministro da guerra.

[1] A junta possuia—os dous vapores de guerra que tinham vindo com o Terceira, aprisionára outros, havia tomado os navios do cruzeiro do Algarve, e uma corveta que tinha desertado para a patulêia.

[2] É notavel que, sendo Sá da Bandeira um dos mais bravos militares do seu tempo, fosse tão infeliz na guerra, perdendo TODAS as batalhas que commandou!

Em 12 de setembro de 1862, foi nomeado presidente interino do conselho de ministros, e ministro interino dos estrangeiros.

A 6 de outubro do mesmo anno, foi exonerado d'estes exercicios interinos.

Em 14 de janeiro de 1864, foi exonerado de ministro da guerra; e a 4 de julho d'este anno, feito general de divisão.

Em 5 de março de 1865, foi feito ministro da guerra; e, em 17 d'abril, encarregado, interinamente, da presidencia do conselho de ministros e da pasta da marinha.

Exonerado a 5 de septembro do mesmo anno.

Em 24 de agosto de 1866, foi nomeado 1.º ajudante de campo, do sr. D. Luiz; e no 1.º de septembro, foi nomeado presidente da commissão encarregada de resolver definitivamente o systema de fortificações de Lisboa e seu porto.

Foi exonerado d'esta commissão em 21 de julho de 1868, e a 23, feito presidente do conselho de ministros e ministro da guerra.

Exonerado d'estes dous exercicios, em 11 d'agosto de 1869.

Sá Nogueira e outros, tantas vezes exposeram ao sr. D. Luiz as torpezas da dictadura Saldanha, que o rei decidiu-se finalmente a demittir o ministerio dos *cem dias*, a 29 de agosto de 1870, sendo nomeado o marquez de Sá da Bandeira, presidente do conselho de ministros, ministro da guerra, e interinamente da marinha. [1]

Foi uma escolha pessima n'aquella critica conjuncta. Sá Nogueira, contava 75 annos, e estava trôpego, surdo e era manêta, e muito falto de vista.

Foi exonerado a 29 de outubro do mesmo anno.

Em 20 de março de 1873, foi encarregado de dirigir as obras das fortificações de Lisboa e seu porto, e era este emprego que exercia quando falleceu.

—

Tenho bastante pena de ter enfadado os meus leitores, com a narrativa de tão numerosas nomeações e exonerações d'este homem notavel; mas tambem já me doia a cabeça de colligir e pôr por ordem de datas, aquellas *subidas e descidas*.

Finalmente o marquez de Sá da Bandeira, falleceu, em Lisboa, na madrugada do dia 6 de janeiro de 1876, com 80 annos, 3 mezes e 11 dias de edade. Não deixou descendentes.

—

Era um homem honradissimo, de grande firmeza de caracter, e de uma vastissima instrucção.

Teve duas paixões dominantes: as *fortificações da cidade e porto de Lisboa*, e a *liberdade e civilisação dos negros*. Nada d'isto chegou a vêr!

No coração tinha um odio implacavel— era aos realistas, desde que o fizeram manêta.

—

Era muito dado a leituras instructivas, e escrevia com muita correcção, graça e elegancia.

Publicou alguns opusculos, sendo os mais notaveis—*O trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston*, publicado em 1840, em portuguez, inglez e allemão.—*Reflexões, sobre a pratica do direito eleitoral*, publicadas em 1845.—*Carta do visconde de Sá da Bandeira, ao conde da Ponte de Santa Maria, sobre a liberdade do voto dos officiaes mili-*

[1] Os officiaes realistas exultaram com a subida de Sá da Bandeira ao poder, suppondo-o um inimigo, generoso e leal, e, como bravo militar que era, só conheceria adversarios no campo da batalha. Enganaram-se! Deviam lembrar-se do que elle lhes fizera em 1856.

O decreto da dictadura, de 13 de agosto d'este anno de 1870, mandava cumprir o estipulado no artigo 3.º da convenção d'Evora-Monte, a favor dos officiaes realistas não contemplados no decreto de 23 de outubro de 1851, Sá da Bandeira oppoz-se violentamente ao cumprimento d'este justissimo decreto, que só tinha o defeito de vir 17 annos mais tarde do que devia apparecer; e, mostrando a manga onde tivera o braço direito, proferiu toda a casta de insultos e ameaças contra homens que, nem tinham quem os defendesse, nem foram a causa d'elle estar maneta, porque os officiaes não dão fogo, quanto mais—«Quem vae á guerra, dá e leva.»

tares, publicada no mesmo anno.—Depois, outra carta sobre a mesma questão, dirigida ao referido general, contendo o exame das accusações que, com auctorisação do conde (então general em chefe do exercito) lhe tinham sido dirigidas. *Correspondencia entre o visconde de Sá da Bandeira e os ministros plenipotenciarios e outros agentes das potencias signatarias do protocollo* (de Gramido) *de 21 de maio de 1847, acompanhada d'uma carta a sua magestade a rainha, e de outros documentos.* Publicado em 1848. Este livro é importantissimo para quem quizer escrever com verdade a historia da guerra civil de 1846-1847.—*Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, e mais logares da costa occidental da Africa, entre o 5.º grau e 12 minutos, e o 8.º grau de latitude central.*

É tambem um livro, pequeno em volume, mas grande pelo seu merecimento, pois resume todos os factos que protegem os nossos direitos áquelle vasto territorio, e é acompanhado da *planta topographica do paiz de Mossulo, levantada em 1791 e 1792;* e pela planta do forte construido no rio Loge, em 1791.—*Zambezia e Sofálla, mappa coordenado sobre numerosos documentos, antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros.* 1851. —*Cultura do algodão*, 1862.—*Carta ou mappa geral de Angola e Benguella.* 1863. (Teve por colaborador, o tenente coronel, Fernando da Costa Leal)—*Memoria sobre as fortificações de Lisboa*, 1866.—*Lettre adressée au comte Goblet d'Alviella, sur l'ouvrage* «L'établissement des Cobourg en Portugal» *acompagnée d'une notice sur les événements qu'ont eu lieu dans ce pays, depuis 1836 jusqu'a 1839*—1870.—*Carta dirigida ao ex.mo sr. José Maria Latino Coelho, sobre a reforma da carta constitucional*—1872.—*O trabalho rural africano e a administração colonial*, 1873. —A sua ultima publicação, foi a—*Carta dirigida ao ex.mo sr. Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes, presidente da relação de Loanda*, 1.º de dezembro de 1874.

Publicou mais alguns folhetos de somenos importancia, e varios artigos em jornaes militares.

—

1809—N'este anno, havia em Santarem—onze egrejas parochiaes, e treze conventos de ambos os sexos. A sua população era então de 7:000 fogos, com 28:000 almas; e bairros que hoje se acham em ruinas, desde a invasão das hordas de Buonaparte, (os do Alfange, Alcáçova, e S. Lazaro) regorgitavam de casas e moradores.

Em 1809, fizeram-se as solemnidades da *semana santa*, em todas as egrejas parochiaes e dos mosteiros, e este anno de 1879 apenas se fizeram no seminario patriarchal. É verdade que nas quatro freguezias a que hoje está reduzida a cidade, não ha, de padres, mais do que o parocho de cada uma!

Em *compensação*, está-se construindo um theatro em uma egreja; e em outra, um museu archeologico. Ha clubs, para musicas e danças; *sociedades marciaes*; (?) passeios de luxo; montes-pios instituidos com os rendimentos de bens roubados; etc., etc.

—

1810 (14 de novembro)—Massena, perdendo a esperança de romper as famosas *linhas de Torres Vedras*, entra n'este dia em Santarem, e aqui se conserva com os seus, até 5 de março de 1811, praticando nos pobres santarenos toda a casta de roubos e barbaridades (na fórma do costume das hordas de Buonaparte) para se desforrar da derrota do Bussaco, e da cobarde retirada das *linhas*, sem combate.

—

1811 (17 de dezembro.)—O principe regente (depois D. João VI) faz visconde de Santarem, João Diogo de Barros Leitão de Carvalhosa, commendador (da ordem de Malta) da commenda de Pontével. (Vidé 1757 —18 de abril.)

—

1823 (29 de maio.)— O sr. infante D. Miguel—depois 1.º do nome—á frente de algumas tropas, com o fim (que realisou) de *deitar a baixo* a constituição de 1820, sáe de Lisboa, dia 27 de maio, d'este anno, e entra em Santarem n'este dia.

O general (depois duque) de Saldanha, o general Sepulveda, D. Thomaz d'Assis Mascarenhas e outros, com algumas tropas, se

vão unir ao sr. D. Miguel, que abraça aquelles trez individuos, no *Campo do Quadro*, perto do Cartaxo.

D'ahi a trez annos, Saldanha e D. Thomaz, *sem ninguem saber porque*, se tornaram inimigos implacaveis d'aquelle principel

Para evitarmos repetições, vide *Villa Franca de Xira*.

—

1833 (14 d'agosto.)—Uma divisão da vanguarda do exercito realista que sitiava o Porto, entra em Santarem, onde é recebida com luminarias e repiques de sinos, e grande regosijo (real ou fingido) dos santarenos.

D'aqui marcham para o cerco de Lisboa.

—

1833 (15 de outubro)—O sr. D. Miguel e o seu exercito, entram em Santarem, em retirada do cerco de Lisboa; mas na melhor ordem, e sem ser incommodado na sua marcha, pelas tropas liberaes.

A unica cousa bôa que cá fez o Macdonell (então general em chefe do exercito realista) foi esta retirada!

O sr. D. Miguel I, estabelece a sua residencia, no palacio do *provedor das Lezirias*.

Os realistas tratam a toda a pressa, porém com grande solidez, de reconstruir as velhas fortificações de Santarem, construindo outras de novo, de maneira que, em pouco tempo, se transformou em uma formidavel praça de guerra.

Se o sr. D. Miguel tivesse melhores generaes... e menos traidores, a sua causa ainda não estava perdida. Os liberaes, tinham já um grande exercito, a sua esquadra e a realista, que se lhe tinha entregado, e a protecção da França e Inglaterra; mas em Portugal ainda só occupavam Lisboa, Porto, Palmella, Setubal, Alcacer do Sal (que depois perderam), Lagos, Fáro, Olhão e Peniche: tudo o mais ainda estava pelos realistas.

Se estes vencessem uma batalha campal, derrotando completamente os seus inimigos, a causa do sr. D. Miguel estava ganha.

Mas o sr. D. Miguel (diga-se francamente) não era o sr. D. Pedro, nem tinha os generaes d'este.

Santarem, tornou-se então a côrte e o quartel-general dos realistas, e o seu governo, d'alli expedia ordens para todo o reino, que eram cordialmente cumpridas.

A 3 de novembro, o general realista Azevedo e Lemos, derrota e aniquilla, em Alcacer do Sal, o coronel Florencio: apenas este e muito poucos soldados poderam escapar.

Florencio esteve preso e respondeu a um conselho de guerra, no qual se justificou.

Foi uma das maiores derrotas que os liberaes soffreram n'esta guerra.

Entretanto, um typho exterminador, se desenvolve em Santarem, matando mais de 5:000 homens do exercito realista, e mais de 2:500 paizanos de ambos os sexos, e de todas as edades.

Santarem já era uma povoação immunda; com a agglomeração de tão grande numero de militares, e de muitas familias fugidas de Lisboa, ainda se tornou mais immunda e insalubre.

O governo mandou sahir para os arrabaldes de Santarem a maior parte das tropas; mas a epidemia continuava.

Havia dias em que falleciam mais de 100 pessoas!

O commandante em chefe (Macdonell) mandou vir do Porto, uma brigada, para supprir as baixas; porque alem dos que tinham morrido, os hospitaes estavam atulhados de doentes.

Macdonell, não tomava a minima providencia para a desinfectação de Santarem, não entrou nunca em um hospital, nem mesmo chegou a passar uma unica revista ás tropas! (Era a mesma apathica nullidade e inutilidade de 1846 e 1847.)

(Vide *Sabroso*, de Traz-os-Montes.)

É demittido, por incapaz; mas foi substituido por outro que tal—o general Póvoas — velho, doente, e, demais a mais, tinha principiado a perder a confiança do exercito, desde a batalha de Souto Redondo (7 de agosto de 1832) — vide *Souto-Redondo* — e acabou de perdel-a no cêrco do Porto, pelas suas estupidas rivalidades com o general, visconde de Santa Martha *(ejusdem furfuris*, pois ambos se vieram depois a apresentar aos liberaes, antes de terminar a guerra.)

Em 21 de dezembro d'este anno de 1833, o general Saldanha, manda uma força destruir os moinhos de Torres Novas, que forneciam farinha para os realistas.

1834 (6 de janeiro.)—Morre em Santarem, a virtuosissima infanta, a sr.ª D. Maria da Assumpção, irman querida do sr. D. Miguel I.

—

Em 17 de janeiro, o sr. D. Miguel dá uma amplissima amnistia. (Já foi tarde!—Devia tel-a dado em junho de 1828; e então de certo as cousas tinham completamente mudado de figura.)

—

1834—Em 30 de janeiro, teve logar a acção de Pernes, em que Saldanha derrota o brigadeiro realista, Caetano Alberto de Souza Canavarro.

(Vide *Pernes*.)

—

Em fevereiro os agentes dos srs. D. Miguel e D. Pedro, com o apoio do governo inglez, tratam em Londres de uma *fusão*, pela qual, o sr. D. Miguel casava com sua sobrinha, seriam garantidos os titulos, postos e empregos, dados por ambos os partidos, e seria restabelecido o governo constitucional.[1]

Em 17 de fevereiro, o general José Antonio d'Azevedo e Lemos, toma o commando da ála direita do exercito realista, e esta marcha de tarde para o sul, pela estrada do Cartaxo, e fica toda a noite sobre as armas, a 10 kilometros de Santarem.

—

No dia 18, de madrugada, principiou o fogo de artilheria, junto á *ponte do Celleiro*, (extrema esquerda dos realistas.)

Pouco depois, o reducto da *ponte da Asseca*, principiou tambem a disparar a sua artilheria: os liberaes respondiam com a d'elles.

Ao sahir do sol, uma forte columna, realista, de infanteria, 8 esquadrões de cavallaria, 12 peças de artilheria e 3 obuses, passaram a *ponte do Celleiro*, em direcção de *Villa Nova do Outeiro* e *Santa Maria*, povoações que ficavam muito alem da esquerda do exercito liberal, commandado por Saldanha.

Este, com uma forte divisão de infanteria, caçadores e cavallaria, e oito bôcas de fogo, corre a occupar o *Paúl d'Almoster*, deixando quasi abandonada a sua direita! (*Elle bem sabia porque...*)

Para que os meus leitores possam fazer uma ideia aproximada, do que foi esta batalha, é preciso dizer-lhes:

A serra do Cartaxo (onde estava o exercito liberal) corre com varias denominações, de N. a S.

Do lado do nascente, onde estavam os realistas, é um terreno bastante accidentado, parte inculto, e parte povoado dos famosos *olivaes de Santarem*.

Entre os dous exercitos, medeiava uma vasta planicie *(Vallada)* correndo-lhe longitudinalmente, uma grande valla, e sendo (a planicie) cortada por grande numero de outras vallas mais pequenas, que levam á principal, as aguas provenientes do inchugamento dos campos.

Já se vê que esta planicie ficava inteiramente a descoberto, e exposta ao fogo de ambos os exercitos.

Nunca pude entender a razão porque o general Lemos, pelo meio dia, mandou o brigadeiro João Antonio Rebocho, com a sua

[1] A batalha d'Almoster, dada n'esta occasião (18 de fevereiro) destruiu esta combinação: todavia, estou convencido que os resultados seriam fataes.

Todos os principaes chefes dos dous partidos quereriam governar, cada um a seu modo e segundo os seus principios, e uma desastrosa guerra civil, não tardaria a rebentar, mais encarniçada talvez, do que a antecedente.

brigada,[1] atravessar aquella planicie, em todo o seu comprimento, exposta ao fogo dos liberaes, quando essa marcha se podia effectuar pela nossa rectaguarda, sem risco!

O brigadeiro liberal Scwalbak, aproveitando-se da tolice de tal manobra, mandou disparar sobre nós, em quanto durou esta marcha, e sem interrupção, toda a sua artilheria, e arremeçar-nos grande numero de *foguetões*.

O solo, barrento, era cortado — como já disse—por grande numero de vallas, o que nos difficultava sobremodo a marcha.

Para offerecermos pouca frente ao inimigo, marchavamos em secções de cinco.

Feliz e milagrosamente, só morreram durante este trajecto, cinco soldados da policia de Lisboa (uma *fila* de secção) que uma *balla-raza* despedaçou.

Dos foguetes livravamos-nos facilmente, porque trazendo já pouca força, a gente arrumava-se d'elles e deixava-os hir morrer mais alem, a pouca distancia.

Mandaram collocar toda a brigada em um olival, á nossa extrema direita, e alli estivemos, de pé, extenuados, quasi todos em jejum, até ás 4 horas da tarde, em que o fogo principiou á *ponte de Santa Maria*, com grande encarniçamento de ambos os lados.

Durante as trez longas horas que estivemos inactivos, os liberaes, que, ainda que nos não vissem, por causa das oliveiras, sabiam onde estavamos, nos arremeçaram grande numero de granadas e bombas, que nos mataram e feriram muita gente, sem que podessemos dar um unico tiro.

Os soldados—e mesmo os officiaes—estavam desesperados com semelhante... *estratagema* de guerra.

Finalmente, tivemos ordem de avançar, e o combate travou-se então deveras, junto á ponte de Santa Maria, *quasi ao sol posto!*...

[1] Esta brigada era forte de mais de 3:000 homens, a maior parte, de tropas escolhidas. Pertenciam lhe—as guardas reaes da policia de Lisboa e Porto, infanteria n.º 5, dous esquadrões de cavallaria, uns poucos de batalhões de voluntarios realistas, cujas denominações já me esqueceu, e o bravo regimento de caçadores da Beira-Baixa (n.º 8) a que eu então pertencia.

Á ponte do Celleiro, tambem se travou um combate, porém menos mortifero.

Para não cançar mais os leitores, direi—depois de correrem ondas de sangue, de parte a parte (só o meu regimento perdeu 160 e tantas praças!) retiramos para as nossas posições da vespera.

Entre os officiaes que nos foram mortos n'este dia, contam-se—os brigadeiros Santa Clara, e Brassaget, o ajudante de campo de este, tenente Dubrevil, e o bravissimo major Feirão, commandante do regimento de caçadores da Beira Baixa.

Este homem, póde dizer-se que se suicidou.

Vendo a pessima direcção dada a esta *incomprehensivel* batalha, quando mandaram retirar o seu regimento, deixou-se ficar, com alguns soldados, tão temerarios como elle (uns 30 e tantos) ao O. da ponte, e alli morreram todos, matando, sem um unico querer ficar prisioneiro.

Os liberaes tambem soffreram grandes perdas; e entre os seus mortos, conta-se o intrépido coronel Miranda.

Esta batalha, não foi porém, de todo *inutil*, pois deu dous *heroes d'Almoster*—dos liberaes, ficou assim denominando-se, o general Saldanha—e dos realistas, o brigadeiro, Bernardino Coelho Soares de Moura.

Entretanto, deve dizer-se a verdade—ambos elles foram dous leões.

Já *lá* estão, na *terra da verdade*.

É opinião assentada, que a causa d'esta batalha se não decidir a favor dos realistas, foi a cobardia do brigadeiro, João Galvão Origny, commandante da cavallaria, que desobedecendo ás ordens do general Lemos, deixou-se estar no *quartel da saude*, em vez de carregar o inimigo na occasião propria, quando lhe tinha sido determinado.[1]

[1] Um official do exercito liberal, homem de toda a verdade, e por isso digno de fé, disse-me que, ao jantar, na mesa do sr. D. Pedro, alguem disse a este, que o sr. D. Miguel talvez cahisse prisioneiro, ao que o principe respondeu. — *Se meu irmão ficar*

—

No dia seguinte (19 de fevereiro) Póvoas é exonerado do commando em chefe do exercito realista—*pelo requerer, em razão do seu estado physico e moral*—dizia a ordem do dia.

No mesmo dia foi nomeado em seu logar, o general Lémos, que só acceitou, por ordem positiva do rei:

> Lémos, era filho do povo, e mal visto dos fidalgos realistas, que se julgavam deshonrados em estar sob as ordens de um plebeu (que valia mais do que uma grande parte de elles.)
>
> Alem d'isso, conhecia as pessimas circumstancias das tropas e da politica; e, o que era peior, via que os liberaes tinham uma grande esquadra, e nós, nem um só navio.
>
> O sr. D. Miguel, prometteu-lhe que venderia todas as suas joias, para, com o seu producto, se comprar uma esquadra egual á dos liberaes; mas, foi por essa occasião, que a França, Hespanha e Inglaterra decidiram intervir a favor dos liberaes, formando a celebre *quadrupla alliança*.
>
> O sr. D. Miguel sempre ficou sem as suas joias, porque, deixando-as voluntariamente em penhor, para que por ellas se inteirassem as que por ventura faltassem ás do sr. D. Pedro, e das senhoras infantas, D. Isabel Maria e D. Anna de Jesus Maria (duqueza de Loulé): apezar de não faltarem nenhumas d'estas, as do sr. D. Miguel nunca mais lhe foram restituidas!—Por estas e outras eguaes, é que *do pé para a mão*, surdiram da lama tantos capitalistas, commendadores e barões, como os cogumelos rebentam de qualquer monturo...

O general Lémos, achou o exercito de operações reduzido a 10 ou 12:000 homens, rôtos, descalços, com quasi dous annos de atrazo nos soldos e préts; mas apezar d'isso, fieis e animados.

Até os liberaes cantavam isto:

> Andam rôtos e famintos,
> O pagamento findou.
> Quanto mais a fome aperta,
> Mais se canta o *Rei-chegou*.

Lémos era fiel, bravo, activo e intelligente. Empregou todos os seus esforços para dar uma nova e melhor organisação ao exercito do seu commando, segundo a de 1814.

Dos quatro grandes regimentos de caçadores, formou 12 ainda bons batalhões.

Só tinhamos 15 regimentos de infanteria (1, 2, 4—*regimento novo*—5, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 22 e 24) elle organisou vinte e quatro.

Dividiu tambem os corpos de cavallaria, em 12 regimentos (pequenos, mas optimos.) Finalmente, fez quanto podia fazer, mas já era muito tarde!

—

Em 18 de março, o governo de Lisboa publica dous decretos—um, exautorando o sr. D. Miguel de *todas as honras e prerogativas* devidas ao seu alto nascimento—outro, extinguindo a *casa do infantado*, e julgando as suas propriedades, fóros e rendas, *bens nacionaes*.

—

O governo britannico tenta ainda uma reconciliação entre os dous irmãos que se guerreavam.

Para isso, mandou lord Howard ao Cartaxo, dar principio ás negociações com os realistas.

As bases, eram, a sahida temporaria do

prisioneiro, hirá para onde quizer—ao que D. Carlos Mascarenhas retrucou immediatamente:—*Menos se me cahir nas mãos, porque a maior posta que lhe hei de deixar, serão as orelhas*. Eis em que se transformou o grande amigo do sr. D. Miguel, em 1823. *Tempora mutantur, et nos mutamur in illis!...*

sr. D. Miguel, para fóra de Portugal, recolhendo ao reino, findo o prazo designado para a *expatriação*, sem que se lhe podesse tolher o regresso.

Exigia Howard, que nos documentos officiaes do exercito liberal; e de todas as suas outras repartições, civis, judiciaes, etc., se proscrevessem as expressões offensivas contra o sr. D. Miguel, deixando de denominar-se *usurpador*, e outros quaesquer adjectivos infamantes: que lhe fosse entregue tudo o que era seu, etc. etc.

O sr. D. Miguel era vilmente insultado, não só nos jornaes, mas até em muitos decretos, portarias, e outros documentos officiaes dos seus contrarios: e o sr. D. Miguel nunca consentiu uma unica expressão offensiva que os seus dirigissem ao sr. D. Pedro ou á sr.ª D. Maria.

Exigia que as nomeações militares, ecclesiasticas e civis, feitas pelo governo realista, fossem garantidas.

O embaixador inglez, escreveu do Cartaxo, uma *carta particular*, ao conde de S. Lourenço, ministro da guerra do exercito realista; porem o conde recusou ter qualquer communicação com o lord, uma vez que ella não fosse franca e official.

O inglez, annuiu immediatamente.

Em vista d'este accordo, a 22 de março, teve logar uma entrevista, na ponte da Asseca, entre o general Lemos, e o ministro britannico.

Com lord Howard, vinha o general Saldanha; o almirante Parker; e dous officiaes da marinha ingleza, que estiveram alguma cousa retirados, deixando conferenciar particularmente, Lémos e Howard.

Estes dous, não poderam vir a um accordo, porque o primeiro disse terminantemente, que não entrava em combinação alguma, sem, antes de mais nada, se eliminar a condição da sahida do sr. D. Miguel para fóra do reino; porque, nem elle, nem um só dos verdadeiros realistas, abandonariam o seu rei, por mais graves que as circumstancias se tornassem.

Debalde o inglez expoz os perigos a que se arriscavam os realistas, com esta recusa; accrescentando, que, a queda de lord Wellington, em Inglaterra, e a de Carlos X em França, tinham mudado completamente a face da politica na Europa: e que, até a Hespanha, que havia reconhecido o sr. D. Miguel, estava agora invadindo Portugal, com um poderoso exercito, a favor do sr. D. Pedro.

Lémos, deu por terminada a conferencia, declarando que o ministerio realista mandaria para Lisboa, a lord Howard, a resposta definitiva.

O inglez marchou para Lisboa, e o portuguez para Santarem.

Poucos dias depois, o ministro britannico, recebeu do conde de S. Lourenço, um officio, no qual se lhe declarava que o sr. D. Miguel, só sahiria de Portugal, se sahisse tambem o sr. D. Pedro.

Howard e os ministros liberaes, não concordaram n'esta proposta, e nunca mais se tentou uma reconciliação dos dous partidos beligerantes.

Tambem estou convencido de que nada se conseguia com a sahida dos dous irmãos.

Aconteceria como se se effectuasse o casamento do tio com a sobrinha.

A união hybrida, duraria poucos dias, e a guerra civil tornaria a alagar Portugal de sangue e cadaveres.

A guerra continúa em varios pontos de Portugal.

O general hespanhol Rodil, com uma divisão de 12:000 homens, occupa a nossa praça d'Almeida (18 d'abril), soltando 800 presos liberaes que alli estavam, e os armou, para defeza da praça, dando o commando d'elles, ao coronel Valdez. [1]

[1] Trez mil castelhanos, entrados pelo N., occupavam Chaves e Mirandella, desde 9 de abril. Rodil, e outros generaes castelhanos, invadem o Riba-Cêa, Alemtejo e Algarve, sem declaração de guerra, manobrando contra as tropas realistas.

O marechal de campo realista, Francisco Nunes de Andrade, governador da praça de Almeida, vendo que a não podia defender, por falta de gente e munições, a abandonou, deixando ficar todos os presos politicos, que para aqui tinham sido removidos de varias cadeias do reino.

Em 22 d'abril, assigna-se em Londres, o *tratado da quadrupla alliança, offensiva e defensiva* entre os governos da França e Inglaterra, Hespanha e Portugal, cujo fim era expulsar da Peninsula o sr. D. Miguel, e seu tio, Carlos V, de Hespanha.

Apezar d'isto a guerra continúa com varias alternativas.

O marechal de campo, Thomaz Antonio Guarda Cabreira, bate os liberaes, commandados por o general Bernardo de Sá Nogueira (depois marquez de Sá da Bandeira) no dia 24 de abril, em S. Bartholomeu de Messines (Algarve) obrigando os liberaes a acolherem-se ás suas praças fortificadas.

Cabreira era então brigadeiro, e por distincção n'este combate, é que foi feito marechal de campo, a 11 de maio.

A 29 de abril, as tropas liberaes do conde de Villa-Flor (duque da Terceira) batem em *Ponte Pedrinha*, sobre o rio Paiva (Beira-Alta) os generaes realistas, João de Gouveia Osorio, e José Cardoso de Carvalho Barba de Menezes, ambos marechaes de campo.

A 2 de maio, a brigada hespanhola, do barão de Carandolet, ataca e derrota o povo armado, de Gouveia e Céa.

Uma divisão hespanhola, ás ordens do general Serrano, entra em Mértola, a 8 de maio, e córta as communicações entre o general realista Cabreira, e o exercito de Santarem.

O almirante inglez Napier, desembarca com as suas tropas em Lavos, entrando na Figueira a 6 de maio, une-se aos liberaes que estavam em Leiria, e occupam Soure. (9 de maio.)

O general realista Guedes, que estava com a sua divisão em Thomar, sáe d'esta cidade a 14 de maio, entrando logo o duque da Terceira com as suas tropas.

N'este mesmo dia, Napier intima a guarnição realista de Ourem, para se render, e esta capitula no dia seguinte, com todas as honras da guerra.

Os realistas esperam os liberaes na Asseiceira (9 kilometros ao S. de Thomar.)

A causa do sr. D. Miguel estava perdida.

As tropas realistas, apezar de tão repetidas derrotas, traições e desventuras, e ainda por cima, tendo a combater, alem do exercito do sr. D. Pedro, 30:000 castelhanos, seus auxiliares, ainda obedeciam com a maior abnegação aos seus chefes, e combatiam com uma coragem digna de melhor sorte.

O sr. D. Miguel, resolvido a resistir em Santarem,[1] manda para Elvas, sua irman, a infanta D. Isabel Maria, no dia 15, para a não expor aos perigos de um cêrco.

No mesmo dia, Napier chega a Thomar, e junta-se com o duque da Terceira.

Saldanha estava no Riba-Tejo, mas em communicação com Terceira.

Em Salvaterra de Magos, porém, ainda estava o brigadeiro realista Spring, com a sua columna, e com dous esquadrões de cavallaria, que tinha recebido de Santarem.

Os castelhanos flanquearam os realistas de Santarem, emquanto uma outra forte brigada d'elles, marchava pelo Alemtejo a reunir-se aos liberaes da praça de Marvão, e o general Serrano se aproximava dos liberaes de Sá da Bandeira.

—

Na madrugada de 16 de maio, o duque da Terceira, com as suas tropas, marcha sobre a Asseiceira.

Em Santa Cita, encontra o batalhão de voluntarios realistas de Penafiel, que obriga a retirar para a reserva, depois de um pequeno tiroteio.

[1] *Certos conselheiros* do sr. D. Miguel, é que opinavam pela resistencia, provavelmente com o fim de ser alli a convenção.

Andava tudo tão pessimamente dirigido, no campo realista, que, quando a sua guarda avançada (os taes voluntarios realistas) vinham retirando, na melhor fórma, e fazendo fogo, Guedes mandou darlhes uma descarga de artilheria, que só cessou, quando muitos soldados entraram a gritar: «*Não atirem, que são nossos.*»

Os realistas, tinham seis mil infantes, 500 cavallos, e 11 peças de artilheria.

Os liberaes tinham, pouco mais ou menos, o mesmo numero de cavallos e de boccas de fogo, mas eram superiores em infanteria.

A sua divisão compunha-se de uns 10:000 homens, alem das tropas de Napier, que eram uns 1:200.

A cavallaria realista, se era egual em numero á dos seus inimigos, era-lhe muito superior em qualidade.

Os liberaes tinham a sua gente dividida em trez columnas—a da direita, commandada pelo então coronel, Antonio Vicente de Queiroz (feito visconde da Ponte de Santa Maria, a 23 de septembro de 1835, e conde do mesmo titulo, a 10 de março de 1842)—a do *centro*, pelo brigadeiro Nepomuceno—e a da *esquerda*, pelo tenente coronel, Bandeira de Lemos.

O commandante geral de cavallaria, era o coronel, José da Fonseca; e o da artilheria, o major Passos.

Os realistas tambem estavam formados em trez columnas — a da *direita*, commandada pelo brigadeiro, Bernardino Coelho Soares de Moura—a do *centro*, pelo brigadeiro, Ricardo Antonio Paulo Soares, ajudante d'ordens do sr. D. Miguel—a da *esquerda*, pelo brigadeiro Paulo Maurity.

O commandante geral da cavallaria, era o brigadeiro, marquez de Puysseux, e, em segundo, o coronel, visconde de Clacy (francezes.)

A artilheria era commandada pelo major, Joaquim Nunes Lobo.

—

Até ás 9 horas, só entraram em fogo os atiradores de ambos os lados; depois, os liberaes avançam sobre as reservas dos seus contrarios, e o fogo tornou-se geral.

Os liberaes, só traziam 9 kilometros de marcha, e tinham tido quasi dous dias de descanço em Thomar.

Os realistas, estavam cançados de uma longa jornada, e quasi todos sem dormir a noite antecedente.

Comtudo, se os liberaes atacaram com bravura, os realistas não lhe ficaram atraz.

—

O campo da batalha, era uma vasta planicie, inculta, e levemente ondulada.

Ao sul, ha uma serra, de pouca elevação, onde estava a artilheria e o grosso da divisão realista.

Em frente (ao N.) o terreno era um pouco accidentado, e estava occupado pelos liberaes.

Ao E. e O., eram varias collinas arborisadas.

—

As posições dos realistas, como se vê, eram melhores, e a sua artilheria, que troava com frequencia, causou grandes perdas á direita e centro dos liberaes.

Terceira, vendo a batalha em perigo para elle, atacou fortemente, com tropas escolhidas, a direita dos realistas.

O marquez de Puysseux, com dous esquadrões de *couraceiros* e os lanceiros do 2.º e 8.º regimentos, ao grito de *viva o rei!* deram uma furiosa *carga* sobre a esquerda liberal, pondo-a em retirada.

Isto, animou de tal sorte os realistas, que ao grito de *victoria!* avançaram destemidamente sobre os contrarios.

Terceira dá ordem de retirada, e a batalha estava ganha pelos realistas.

Mas, Deus tinha determinado que esta seria a ultima batalha fratricida d'aquella epoca!

Puysseux e Clacy, seu immediato, cégos pelo seu ephemero triumpho, avançaram irreflectidamente, sem serem secundados pela infanteria.

O futuro conde da Ponte de Santa Maria, fórma as suas tropas em quadrados, e á apro-

ximação do inimigo, manda dar sobre elle uma descarga geral, *á queima-roupa.*

Puysseux, cae mortalmente ferido. Clacy, que era tambem um bravissimo militar, pretende conservar a ordem, e animar os seus, mas elle não sabia uma unica palavra de portuguez, e entre todos os cavalleiros, não havia um só que o entendesse (ou, o que é mais provavel, fingiam que o não entendiam...)

A morte do chefe, desanimou de tal modo a cavallaria, que virando costas ao inimigo, fugiu a toda a brida, atropellando até os seus proprios camaradas de infanteria e caçadores, e só parou na margem direita do Tejo.

A victoria, transformou-se, pois, em geral derrota.

Guedes, foi dos primeiros, em fugir, abandonando as suas tropas!

A artilheria, foge tambem, esmagando soldados, mulheres e creanças, sobre a estrada da Barquinha.

A guarda avançada dos realistas, que estava estendida em atiradores, reune-se á pressa, e fórma uns pobres quadrados; mas vendo sobre si numerosos esquadrões de cavallaria (isto na esquerda dos realistas) um regimento inglez, infanteria 18 e outros corpos, a darem-lhe descargas successivas, retira em direcção a um batalhão de infanteria de Chaves, que estava na encosta da serra, e ainda não tinha dado um tiro.

Mas este batalhão, que era commandado por o coronel Joaquim Cesar d'Araujo, [1] atirou com as armas ao chão, e entregou-se, sem resistencia.

O regimento de infanteria n.º 16, e o batalhão de voluntarios realistas de Lamêgo, ainda por muito tempo se bateram com encarniçamento, e dando descargas ininterrompidas, na extrema direita dos realistas; mas, cercados por todas as partes, poucos poderam fugir, ficando quasi todos prisioneiros.

Finalmente tudo quando estava na plan nicie ficou prisioneiro. [2]

[1] Este militar, era uma bella figura e um excellente homem, mas teve toda a sua vida muito medo das balas...

[2] Eu era então alferes de caçadores n.º 3, e o meu pelotão tambem estava em atiradores.

Os liberaes tiveram ainda assim, mais mortos e feridos, do que os realistas. [1]

Estes tiveram uns 100 mortos, e maior numero de feridos; mas tiveram 64 officiaes e 1:300 praças de pret, prisioneiros, 8 boccas de fogo, 4 bandeiras, e grande parte das suas bagagens.

O grosso da divisão realista, tinha fugido desordenadamente, para Constancia, Barquinha, Torres-Novas, Gollegan, e outras partes.

A cavallaria e artilheria, na sua fuga precipitada, atropellou muita gente de caçadores e infanteria.

Guedes, foi um dos primeiros a fugir abandonando cobardemente as suas tropas: debalde alguns corpos se conservaram ainda por algum tempo em fórma e fazendo fogo; porque a falta de um chefe a quem obedecessem, inutilisou todos os seus esforços.

Se o general Guedes não perdesse a coragem, e tivesse collocado na sua rectaguarda a cavallaria, e se a artilheria fosse tomando posições e dando fogo, não só se evitavam muitos atropelamentos, a perda de quasi toda a artilheria e as bagagens, como era mais que provavel que os liberaes deixassem retirar pacificamente os seus inimigos, porque aquelles tambem estavam cançados de 12 horas de combate; mas, vendo tão grande desordem, aproveitaram-se d'ella, para derrotarem completamente os realistas.

Finalmente, custa a comprehender, como uma batalha tão auspiciosamente principiada para os realistas, só com a morte de um homem (Puysseux) degenerou immediatamente na derrota mais miseravel que soffreram em toda a campanha.

E não se pense que esta confusão e desordem durou só no principio da retirada:

Não tinha capitão, e o tenente morreu pelo meio dia.

Eu tomei o commando do pelotão, e, apezar de ser logo ferido gravemente na perna esquerda, não abandonei os meus soldados.

Pelas 6 horas da tarde fomos todos prisioneiros.

[1] Os liberaes, segundo os officios de Villa Flor ao sr. D. Pedro e ao ministro da guerra, tiveram n'este dia, 400 homens fóra de combate.

muitas horas depois, e quando já os liberaes dormiam a somno solto, sobre os louros da victoria, ainda os realistas continuavam a fugir tumultuariamente, e só tomaram fôlego, quando se viram ao sul do Tejo!

Ao passarem êste rio, na Barquinha, era tal a precipitação, que muitos morreram afogados!

Eis aqui, em poucas palavras, mas de todo o ponto verdadeiras, o que foi a *batalha da Asseiceira*, que terminou esta guerra fratricida, que nunca devia ter principiado, se tantas circumstancias não concorressem (*de ambas as partes*) para lhe dar origem. [1]

—

No mesmo dia 16, o visconde de S. João da Pesqueira, tenente general graduado, feito pelo sr. D. Miguel, em 26 de outubro de 1832, e pelo mesmo senhor, governador da praça de Abrantes, entrega esta aos liberaes, tomando logo as armas contra os que até então tinham sido seus irmãos na guerra!...

Esta traição teve por premio, ser considerado pelos liberaes, marechal de campo (*mas separado do quadro effectivo do exercito*) por decreto de 27 de fevereiro de 1836, ordem do dia n.º 18. [2]

—

No dia seguinte, grande carnificina nos liberaes, que estando presos em Extremôz se tinham mandado remover para Elvas.

Sahiram de Extremoz a 16, e a 17, no logar da Orada, a 13 kilometros de Extremoz, se apoderaram das armas da tropa que os escoltava, e fugiram.

Eis o que a este respeito diz o sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, na sua *Historia Chronologica de Portugal*, pag. 379.

«O general, conde d'Almár, fez transferir de Extremoz para Elvas. 71 presos politicos.

Esta commissão de transferencia dos presos, foi encarregada pelo general, ao auditor do exercito, Manoel Maria Coutinho de Albergaria Freire.

Este individuo, conhecido até alli como acerrimo realista, quiz reformar as suas opiniões politicas com um feito de estrondo.

Este homem, sendo juiz de fóra de Villa Real (de Traz-os-Montes) em 1826, perseguiu a marqueza de Chaves, como realista, *sendo elle então cartista.*

Já se vê, para fazer esquecer este e outros factos, tornou-se realista, miguelista da gemma, e porque acreditaram na conversão, empregaram-o bem.

Para *volver á primeira fórma*, cartista, era precizo jogar, e jogar bem.

Elle já tinha tentado a cousa, mesmo aconselhando que fossem fugindo para o sr. D. Pedro, em pequenas porções.

Lémos (o general em chefe do exercito realista) sabia d'isto, mas não o quiz perder.

A final, o homem jogou; mas por fórma que custou a vida a muitos infelizes, que não morreriam, se fossem conduzidos ao seu destino, e como o governo providentemente ordenava, para não haver outra scena como a do castello de Extremôz.

Albergaria, estando com os presos na estalagem da Orada, [1] a duas leguas de Extremoz, fez com que os presos se apoderassem das armas da escolta, travando-se entre a tropa e os presos um conflicto, em que foi mortalmente ferido o tenente, commandante da dita escolta, e gravemente, alguns soldados, fugindo o resto de volta para Extremôz.

O governador d'esta praça, brigadeiro Pereira (José Bruno Pereira) officiou immediamente ás auctoridades militares e civis de Monforte, Villa Viçosa, e Juromenha, para que reunindo as suas ordenanças, e as forças que podessem, fossem no alcance dos fugitivos: e, no dia 17, todas as estradas se achavam tomadas.

Foi dolorosa esta scena de perseguição, porque, dos presos que fugiam na direcção

[1] Cumpre-me aqui declarar, que Villa-Flor, quando lhe foram apresentados os officiaes prisioneiros, os tratou com a delicadeza propria de um verdadeiro fidalgo, e de um bravo guerreiro, que sabe avaliar a fidelidade dos seus inimigos, e as contingencias da guerra.

[2] «Estima-se a traição, mas detesta-se o traidor.»

[1] Orada é uma freguezia do Alemtejo, no concelho de Borba, comarca de Extremôz.

de Hespanha, foram muitos d'elles mortos na passagem do Guadiana, ou afogados n'este rio.

A resistencia dos fugitivos, era muito frouxa, como se podia esperar de homens detidos nas cadeias, alguns cinco ou seis annos.»

—

A 17 de maio, estavam os brigadeiros realistas, Bernardino Coelho Soares de Moura, e Ricardo Antonio Paulo Soares, na Chamusca, e a elles se juntaram 1;500 homens, dos fugitivos da Asseiceira, com os quaes marcharam para a cidade de Evora, tomando a mesma direcção, por varios caminhos e desordenadamente, differentes bandos, restos da batalha.

N'este mesmo dia estava Villa Flor na Gollegan, e Napier em Torres Novas; o sr. D. Miguel em Santarem e o sr. D. Pedro no Cartaxo.

O brigadeiro de cavallaria, José Urbano de Carvalho (a quem o sr. D. Miguel havia conferido este posto, no 1.º de janeiro d'este anno de 1834) foi mandado para a Chamusca, com o regimento de cavallaria n.º 6 (*dragões de Chaves*) para reforçar as tropas dos brigadeiros Soares de Moura e Ricardo; mas, em vez de cumprir a ordem, deserta para os liberaes, entregando, por traição, a melhor cavallaria do seu rei; illudindo os soldados, dizendo-lhes que a passagem da margem direita do Tejo, tinha por fim, libertar o sr. D. Miguel, que estava em risco de ficar prisioneiro.

Passou, pois, proximo á Gollegan, porém, em vez de seguir para a Chamusca, metteu o regimento no centro das forças de Villa Flor, a quem o entregou gritando com o coronel da cavallaria, Antonio Cardoso d'Albergaria (ao qual o sr. D. Miguel havia dado este posto, a 21 de outubro de 1833.)— *Viva a carta constitucional!—Viva a senhora D. Maria II!*

Em premio da sua traição, estes dous officiaes foram encorporados nas fileiras do exercito liberal.

—

Na noite do mesmo dia 17 de maio, os realistas abandonaram, na melhor ordem, a praça de Santarem.

O sr. D. Miguel assistiu á passagem do Tejo, e foi dos ultimos que atravessou este rio, para a sua margem esquerda.

Se elle praticasse d'este modo em todas as operações militares do seu exercito, como fazia seu irmão, certamente não hiria morrer longe da patria!

O exercito realista, apezar de todas as traições e derrotas, ainda contava 25:000 homens, promptos a derramar o seu sangue pela causa realista; mas a sua resistencia só traria como resultado, a perda inutil de muitas vidas, pois já não era tempo de combater com esperança de triumpho possivel.

—

18 de maio. — O sr. D. Pedro e seus ajudantes; o marechal Saldanha e o seu estado maior, marcham do Cartaxo, na madrugada d'este dia, com direcção a Santarem, precedidos da brigada do general Bento da França.

Pelas 7 horas da manhan, entraram em Santarem.

Do grande numero de frades, dos varios conventos da villa, só dous ficaram escondidos no mosteiro de Santa Clara, todos os mais tinham fugido. [1]

A povoação estava no mais lastimoso estado!

As lojas dos mercadores e muitas outras casas, estavam transformadas em cavallariças e atulhadas de estrume dos cavallos e muares.

Os habitantes, apresentavam, pela maior parte, vestigios do implacavel typho que os tinha disimado.

Os mantimentos estavam esgotados; apenas se encontrava algum pão e vinho.

Os liberaes examinaram com admiração

[1] Estes dous frades foram apresentados ao sr. D. Pedro, que os tratou bem, mas ordenou-lhes que despissem os habitos, para se livrarem de perigos; porém como elles não tinham roupa para mudar de vestidos, tornaram a recolher-se na casa da roda, do mosteiro das freiras de Santa Clara.

as temiveis fortificações construidas pelos seus inimigos.

Eram fortes e triplicadas muralhas, guarnecidas de reductos artilhados, cruzando seus fogos, e dominando todas as avenidas da praça, e em estado de resistir com vantagem, a um exercito formidavel!

O sr. D. Pedro, foi residir para o palacio do provedor das lesirias. onde tambem sempre residira o sr. D. Miguel, com suas irmans.

Devemos confessar que Saldanha tomou todas as providencias para se evitarem desordens e perseguições, e, com effeito, houve poucas desgraças; a maior foi o assassinato impune do famoso *Miguel Alcaide*, mesmo á vista do sr. D. Pedro.

Este sujeito tinha sido um perseguidor implacavel dos liberaes.

N'este dia *pagou-as todas juntas*.

Para evitar a repetição d'estas scenas de canibalismo, Saldanha mandou patrulhar todas as ruas da villa, por soldados de 1.ª linha.

Sabendo que estavam a chegar as guerrilhas dos truculentos *Faustino, da Zebreira*, e sapateiro *Salgado*, foram obrigadas a dispersar pela tropa.

Alguns dos soldados, dos que tinham escapado da derrota da Asseiceira, vieram apresentar-se a Saldanha.

Ainda no *Collegio* estavam cento e tantos soldados com o typho, e abandonados dos cirurgiões e enfermeiros, que todos tinham fugido.

Os doentes foram todos removidos, á noite, para o hospital da Misericordia.

—

Os brigadeiros Soares de Moura e Ricardo, em vista da traição de José Urbano e Albuquerque, retiraram para Evora.

José Urbano e Álbuquerque, apresentaram-se em Santarem, logo no mesmo dia 18, ao sr. D. Pedro, que lhes disse:

Agradecia-lhes mais a sua deserção, se tivesse logar antes da causa de meu irmão estar completamente perdida — e despediu-os sem lhes dar mais attenção.

No dia 19, um esquadrão de cavallaria n.º 1, *levado pelos seus officiaes*, se apresentou tambem ao sr. D. Pedro, que os tratou do mesmo modo que aos outros.

No mesmo dia, Villa Flor, chega a Santarem, com a sua divisão victoriosa.

Em 20 de maio, o visconde de S. João da Pesqueira, faz em Abrantes, a acclamação da senhora D. Maria II.

(Vide ainda *S. João da Pesqueira.*)

—

O sr. D. Pedro, tinha torcido um pé ao entrar para o carro, no Cartaxo,[1] e alem d'isso, já estava affectado da *molestia* que o matou d'ahi a trez mezes (*quando já não era preciso...*) e não podendo, por isso, acompanhar as suas tropas, em perseguição dos realistas, ordenou ao Villa Flor, que passasse o Tejo, em Santarem, em quanto que Saldanha, voltando ao Cartaxo, o passou em Salvaterra de Magos, no dia 21.

N'este mesmo dia, chegou a Evora, o sr. D. Miguel, com os restos, ainda respeitaveis do seu exercito, e alli encontrou já seu tio, D. Carlos e a sua familia, e 200 officiaes e 700 soldados hespanhoes.

Terceira e Saldanha, cada um com uma divisão de mais de 10:000 homens, marcharam a traz dos realistas—aquelle por Coruche do Alemtejo, em direcção a Extremoz, a reunir-se ao general castelhano, Rodil, para obstarem a que os realistas se mettessem na forte praça d'Elvas.[2]

Saldanha marcha por Arraiolos para Evora-Monte, em quanto o general hespanhol Serrano, avançava sobre Béja, contra o bravissimo marechal de campo, Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que ainda se batia no Algarve, pelo sr. D. Miguel.

Todas as tropas realistas se dirigiam ao Alemtejo, incluindo as guarnições das praças que ainda estavam pelo sr. D. Miguel.

Parece incrivel, mas é cer-

[1] Outros dizem que ao descer d'elle, em Santarem.

[2] Onde aliás teriam de render se pela fóme, visto que a praça, se estava abastecida de munições de guerra, estava completamente desprovida das de bôca.

to: esta gente ainda não tinha perdido completamente as esperanças, e estava decedida a todos os sacrificios, em favor do seu rei (que tão mal soubera aproveitar esta cordial dedicação!...)

Em 22 de maio, o sr. D. Miguel, proclamou á nação, protestando contra a violencia da Hespanha, França e Inglaterra, que com seus exercitos e esquadras, se tinham vindo intrometter em uma questão que só a portuguezes competia decidir.

Era a fabula do lobo e do cordeiro!

No dia seguinte (23) reuniu-se, em Evora, um conselho de guerra, presidido pelo sr. D. Miguel, ao qual assistiram, D. Carlos de Bourbom, os ministros de estado, os commandantes de divisões, brigadas e corpos, e outros individuos principaes do partido realista.

N'este conselho se expoz o estado do exercito, os effeitos produzidos pelo tratado da *quadrupla alliança*, e se era conveniente continuar a guerra, ou entrar em negociações para uma capitulação honrosa, e assim evitar-se mais derramamento de sangue portuguez, em grande parte feito correr pelo fogo e ferro dos estrangeiros.

Decidiu-se entrar em negociações, apezar da vehemente opposição do brigadeiro Soares de Moura, do coronel, commandante de brigada, Francisco José de Gouveia, e da maior parte dos commandantes dos corpos, que protestavam que os seus soldados estavam decididos a bater-se até á ultima extremidade.

O coronel, Luiz Figueiredo d'Araujo e Castro, sendo da opinião que se capitulasse, e ouvindo os protestos dos que se oppunham a este recurso, virou-se para o sr. D. Miguel, e lhe disse:

—*Senhor, enganam a vossa magestade! Aqui dizem isto, e lá fôra, dizem o contrario.*

Ninguem respondeu a esta arguição.

O sr. D. Miguel, adoptou a opinião mais cordata, annuindo a que se capitulasse.

Logo no mesmo dia 23, encarregou o general Lémos de entrar em negociações com os marechaes Saldanha e Villa Flor,[1] e, mesmo a 23, foi mandado o general Guedes (o *heroe da Asseiceira*) ao quartel general de Saldanha, para obter uma suspensão d'armas, como preliminar da convenção, o que se effectuou.

—

No dia 24, o sr. D. Miguel passa a ultima revista ás suas tropas que estavam em Evora.

Viu-se que esta força ainda era de 16:000 infantes, 1:400 cavallos, 35 peças de campanha, e um grande material de guerra.

O general Cabreira, tinha no Algarve 3:000 infantes, 200 cavallos, e seis boccas de fogo, fóra um *corpo franco* de cavallaria e guerrilhas.

Em Elvas, Castello de Vide, Campo-Maior, e Sérpa, ainda havia guarnições realistas, e com 10:000 homens da ilha da Madeira (5:000 da 1.ª linha, e 5:000 da 2.ª) o effectivo do exercito realista, ainda era de 36 mil homens!

—

No mesmo dia 24, chegou a Evora, o brigadeiro, conde Luiz de Bourmont, que recolhia com a sua brigada, de Alcacer do Sal.

Este intrépido official disse que—se assistisse ao conselho do dia antecedente, proporia sahir de Evora com 8:000 homens escolhidos, e hir atacar Terceira ou Saldanha, que estavam a 8 leguas de distancia um do outro, e seria muito possivel batel-os em detalhe.

Era uma boa lembrança. Tinha apenas o defeito de vir tarde e a más horas.

N'este mesmo dia 24, a guarnição da praça de Castello de Vide, cercada pelos castelhanos, de Rodil, capitúla, com as honras da

[1] O 7.º conde de Villa-Flor, Antonio José de Sousa Manoel de Menezes Severim de Noronha, tinha sido feito marquez do mesmo titulo, em 1827, e foi feito duque da Terceira, em 8 de novembro de 1832.

Morreu sem descendencia, a 26 de abril de 1860, com quasi 68 annos, pois nascêra a 18 de março de 1792.

Vide *Villa Flor*.

guerra; sahindo os realistas com todas as suas bagagens, e os officiaes com as suas espadas.

N'esta capitulação estipulou-se que os postos dados pelo sr. D. Miguel, seriam garantidos; mas este artigo cumpriu-se tanto como identicos estipulados na capitulação d'Ourem, e na convenção d'Evora-Monte, e os infelizes officiaes do exercito realista (muitos d'elles da guerra peninsular) foram morrendo pouco a pouco, de fóme e de miseria, se não tinham bens patrimoniaes com cujos rendimentos se podessem sustentar.

A guarnição de Castello de Vide era formada pelos regimentos de infanteria n.º 10, milicias de Evora, e de Idanha, batalhão de voluntarios realistas de Portalegre, um esquadrão de cavallaria, e um parque de artilheria de campanha; alem de um soffrivel material de guerra.

Governador da praça, era o corajoso coronel, Rodrigo de Sousa Tudella (*o fidalgo do Atalho*, junto a Agueda.)

—

O general Thomaz Antonio da Guarda Cabreira, que estava cercando Fáro, vendo que o general christino, Serrano, estava já em Mértola, com forças superiores ás suas, abandonou o cêrco, tomando posições defensivas.

—

A causa do sr. D. Miguel estava, por esta vez, perdida em Portugal; e homens prudentes e fieis, expozeram ao rei o seguinte plano:

Prover Elvas de abundantes mantimentos e munições de guerra, e reforçar a sua guarnição com tropas fidelissimas, e officiaes de toda a confiança.

Reunir todas as forças que ainda se achavam dessiminadas pelo Alemtejo e Algarve, e pondo-se á testa do exercito, o sr. D. Miguel e seu tio, D. Carlos V, marcharem para a Hespanha e occuparem Madrid, que tinha uma pequena guarnição, e onde D. Carlos tinha muitos partidarios.

Ao mesmo tempo, dar ordem ao tenente general, conde da Madeira, D. Alvaro da Costa e Sousa de Macedo (um dos mais bravos e mais fieis generaes do sr. D. Miguel) para embarcar com os seus 10:000 homens, e hir reunir-se ás Vascongadas, com o general carlista Zumalacarregui; para o que, o governo dos Estados Unidos da America lhe offerecêra navíos.

Era uma tentativa arrojada, é verdade, mas que tinha muitas probabilidades de bom exito, com soldados tão dedicados ao seu rei, como eram estes, e que estavam decididos a seguil o para toda a parte para onde elle os quizesse conduzir, apezar de mal vestidos, mal calçados, mal pagos, e extenuados por dous annos de guerra.

Se fosse o sr. D. Pedro, com toda a certeza tomaria este expediente, mas seu irmão, nem tinha a sua energia, nem tão bons conselheiros.

Alem d'isso, a maior parte dos generaes realistas, tinham perdido a confiança dos soldados: era preciso, antes de mais nada, desligar todos quantos estavam n'este caso, e entregar o commando das divisões e brigadas, a coroneis; pois que todos os officiaes até esta graduação, eram queridos e respeitados pelas tropas.

O general realista, José Antonio de Azevedo e Lémos, em uma extensa nota á *Historia Chronol. de Portugal* (pag. 388) desapprova este audacioso plano (o de invadir a Hespanha) allegando que o exercito estava muito reduzido e *desmoralisado*.

Respeitando a opinião d'este bravo chefe, cuja fidelidade ao seu rei nunca foi desmentida, e que—*por excepção*—foi sempre amado dos soldados — sustento, que as tropas realistas ainda em armas em maio de 1834, eram a flor do exercito realista; os que, com a mais inaudita abnegação, e apezar de privações de toda a casta, e de tantos e tão successivas derrotas, ainda estavam animados da mesma coragem que mostraram nos primeiros combates.

É verdade que a maior parte dos milicianos e voluntarios realistas, tinham abandonado as fileiras; mas os que ficaram, eram firmes e decididos.

Eu ouvia constantemente dizer aos soldados — e mesmo aos officiaes. — «O sr. D. Miguel. se quizer vencer, deve pôr fóra do exercito *todos os generaes*, e entregar os commandos aos majores, tenentes coroneis, e coroneis.»

Estou convencido, *apezar de tudo quanto diz o general Lémos*, que, com um formoso exercito de 80:000 homens, e com todos os recursos e dedicação do paiz, se o sr. D. Miguel entregasse o commando em chefe do exercito de operações sobre o Porto, a qualquer official subalterno, sargento ou cabo de esquadra, a guerra não durava oito dias.

Esta opinião não é só minha, era a de todos os meus camaradas.

Os liberaes prudentes e justos que teem lido esta obra, já ha muito devem estar desenganados de que, apezar dos meus sentimentos a favor da legitimidade, que não occulto, e com os quaes me honro: n'esta obra tenho sempre dito imparcialmente a verdade, e o que a minha consciencia me dita; por isso, nem sempre tenho agradado aos meus correligionarios.

Para desengano d'estes e d'aquelles, digo aqui, e sem receio de ser desmentido, com bons fundamentos.

Supponhamos que o sr. D. Miguel era o sr. D. Pedro, e tinha por generaes, Villa-Flôr, Saldanha, Sá da Bandeira, Torres, e outros semelhantes—e por conselheiros, Loulé, Palmella, Mousinho da Silveira (vol. 2.º, pag. 191, col. 1.ª) *e outros como estes, e digam (realistas e liberaes) com franqueza—quantos dias a bandeira bicolor ondularia nas baterias do Porto, em 1832?*

Mas, nem o sr. D. Miguel era o sr. D. Pedro, nem tinha os seus generaes e conselheiros!

Eis um periodo, não de escriptor imparcial, mas de um dos principaes defensores da causa liberal, como temos visto nas paginas d'este artigo—é o almirante Napier. No seu livro da *Guerra da succcssão em Portugal* (tom. 2.º, pag. 266) diz:

«Os officiaes superiores (realistas) não queriam morrer nas planícies d'Evora, e desejavam vêr terminada a guerra; *os soldados, pela outra parte, estavam promptos para combater e derramar o seu sangue, em defeza da causa de* (o senhor) *D. Miguel. Então que devia elle fazer? O que?* Devia ter agradecido aos officiaes os seus serviços e despedil-os, dando o commando do seu exercito a d'Almér, ou *Bourmont, promover os officiaes que quizessem ficar, e prover as vacaturas com homens tirados das fileiras.* Com um exercito assim, tão perfeitamente dedicado á sua causa, tinha tudo a ganhar e nada a perder: teriam marchado sobre Madrid, reunindo os carlistas, e é provavel, que D. Carlos teria agora sido rei da Hespanha, e (o sr.) D. Miguel poderia d'alli ter recuperado a corôa. D. Pedro (o sr.) achou-se no Porto em uma posição peior, etc.»

—

Finalmente, esta guerra fratricida terminou pela convenção de 27 de maio, feita na villa d'Evora Monte. O sr. D. Miguel sahiu d'Evora a 30, e de Portugal, pelo Algarve (vide *Evora-Monte* e *Sines*) e o sr. D. Carlos pelo Tejo; e as tropas realistas regressaram aos seus lares (as que poderam escapar aos punhaes e bacamartes dos diversos bandos de facinoras, que, com a capa de liberaes, infestavam todo o reino,)

—

Tornemos a Santarem.

1835—Vide o anno de 1426.

1862 (16 janeiro)—Morre em Santarem, o venerando patriota, *doutor Manuel da Silva Passos*, chefe do partido republicano em Portugal. Elle e seu irmão, o doutor José da Silva Passos, foram os liberaes de mais boa fé e optimas intenções que tem tido este reino, desde 1820.

Passos Manuel, nasceu na freguezia de Ginfões, concelho de Bouças, comarca do Porto, a 5 de janeiro de 1801. Matriculou-se na universidade de Coimbra, em outubro de 1818, e formou-se (em direito) no anno de 1822.

Manuel da Silva Passos, casou em Santarem, com a sr.ª D. Gervasia Falcão de Passos Manoel, que ainda vive. Era viuva de Ignacio Maria de Souza Girão, natural de Santarem, e do qual não teve filhos. Do segundo matrimonio teve duas filhas—1.ª, a sr.ª viscondessa de Ferreri, casada com o

sr. Adriano Augusto Brandão de Souza Ferreri, que obteve o titulo, em 14 de junho de 1870. Era uma dama virtuosissima e que adorava seu marido, mas, sendo abandonada por este, endoideceu, e vive ainda demente.—A 2.ª (A sr.ª D. Antonia) está casada com o sr. Pedro de Souza Canavarro, um dos cavalheiros mais dignos de Santarem. Já teem duas filhinhas, que são dois anjos.

Os *irmãos Passos*, eram, em toda a extensão da palavra, dois verdadeiros homens de bem, e dignissimos da grande popularidade de que sempre gosaram.

1868 (24 de dezembro)—Santarem recupera a sua antiquissima cathegoria de cidade. Eis a respectiva carta de lei:

«Attendendo a que, illustre por sua remotissima antiguidade e memorias nobilissimas, veneranda pela primasia que lhe anda authenticada pela historia, já como colonia militar a que Julio Cesar deu o seu nome, já como convento juridico, ou cabeça de uma das trez grandes circumscripções judiciaes, instituidas pelo imperador Augusto na Lusitania, já como séde do governo e residencia real, nos primeiros seculos da monarchia portugueza, é a muito nobre villa de Santarem uma das insignissimas povoações do reino;

Attendendo mais a que, desde 1263 até 1478, doze[1] vezes foram no seu recinto convocadas e celebradas as antigas côrtes;

Attendendo outrosim á importancia da sua posição, á fertilidade do seu territorio, aos gloriosos brasões do seu passado, em todos os tempos, ás numerosas provas de patriotismo dadas pelos seus habitantes em diversas épocas;

Considerando finalmente que, por todas as referidas condições e demais predicamentos bem conhecidos, é esta povoação inteiramente digna de subir em preeminencia, não lhe faltando elementos para sustentar a correspondente dignidade:

Hei por bem fazer mercê á dita villa de Santarem, de a elevar á categoria de cidade, com a denominação de cidade de Santarem, e me praz que n'esta qualidade gose de todas as prerogativas, liberdades e franquias, que direitamente lhe pertencerem: devendo expedir-se á camara municipal respectiva, a carta competente, em dois exemplares, um para titulo d'aquella corporação, outro para ser depositado no real archivo da torre do tombo.

O presidente do conselho de ministros, e o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, 24 de dezembro de 1868.—REI.—*Marquez de Sá da Bandeira.—Antonio, bispo de Viseu.*»

1876 (16 de fevereiro)—Data do alvará que mandou fundar um *Museu districtal*, em Santarem. (Vide adiante, *Museu districtal.*)

1876 (6 de junho)—Foram lançados no rio Tejo, em frente de Santarem, trez caixões de ferro, para os fundamentos do primeiro pilar da magestosa ponte, que liga esta cidade com o Alemtejo. Foi preciso profundar 17 metros!

Conta-se este dia como o da inauguração dos trabalhos da ponte, e foi de grande regosijo para os habitantes de Santarem.

Á noite as musicas percorreram as ruas da cidade, que estavam illuminadas, e subiram ao ar muitos foguetes.

Como nas escavações que se fizeram no rio, tem apparecido algumas antiguidades, o presidente da commissão do museu districtal, pediu ao governo, que lhe fossem entregues todos os objectos alli achados, que indiquem valor artistico ou archeologico, para serem guardados no museu. O governo deferiu.

Ainda continuam as obras d'esta ponte. Se quando chegar ao artigo Tejo, ellas estiverem concluidas (do que duvido) darei a descripção d'esta magestosa ponte, rival das do *Bico*, da *Régua* e da do caminho de ferro de leste, que atravessa o Tejo, proximo ao famoso *castello d'Almourol.*

[1] Julgo que aqui ha êrro. Eu não acho mais do que *onze* convocações de côrtes em Santarem.

—

A 3 de julho d'este anno, falleceu, na provincia de S. Paulo (Brasil) o negociante portuguez, Ayres Coelho da Silva Gameiro (feito barão da Silva Gameiro, em 11 de junho de 1874) deixando, entre outros muitos legados—á Santa Casa da Misericordia de Santarem, seis contos de réis, em acções da estrada de ferro, de Campinas no Rio-Claro, e quatorze contos de réis, em acções da companhia Magyana (tudo no Brasil) com diversas condições, sendo uma d'ellas, distribuir quatrocentos mil réis pelos pobres de Santarem (patria do testador) e differentes mensalidades.

Segundo as suas recommendações, a cada um dos 12 pobres que o levaram à sepultura, se deu 50$000 réis.

Deixou valiosos legados a diversos parentes, que tinha em Portugal.

—

Em setembro d'este anno, foi organisado o corpo de *policia civil de Santarem*. Consta de 50 praças, e houve todo o cuidado na escolha d'estes agentes da segurança publica.

Grande cheia e temporal

Em dezembro d'este mesmo anno de 1876, teve logar uma das maiores cheias, e um dos mais terriveis temporaes, de que ha noticia, em todo o Riba-Tejo.

O rio apresentava um aspecto magestoso, como se fosse o Amazonas, ou o Mississipi! As aguas chegaram a Almeirim (5 kilometros da sua margem habitual.) Os campos de Vallada, ficaram completamente inundados, e todos os seus habitantes tiveram de fugir para os montes. O mesmo succedeu em Muge.

A agua subiu mais 16 centimetros do que em 1855, anno em que a inundação tomou proporções assustadoras, e desconhecidas até então.

O serviço dos comboyos do caminho de ferro, ficou interrompido, e o mesmo aconteceu em varios pontos da linha telegraphica; de maneira que Santarem ficou isolado do resto do paiz.

Das *Portas do Sol* de *S. Bento*, dos *Capuchos*, e do *Outeiro da Forca*, a vista que se gosava da inundação, era magestosa e imponente!

Do *Alto da Forca*, o espectaculo era realmente grandioso! Olhando-se para E. e O. descobria-se até ao horisonte, uma vastissima massa d'agua, d'onde emergiam, aqui e alli, a cópa das arvores, ou o telhado de alguma casa, coberta até elle pelas aguas.

Do lado da *ponte da Asseca*, tomou a inundação tambem proporções espantosas, transformando em vasto lago, todo aquelle extenso valle.

Todas as ruas do bairro da Ribeira de Santarem, que ficam inferiores á linha ferrea, foram inundadas, chegando a agua aos primeiros andares de algumas casas. Esta povoação ficou transformada em uma verdadeira Veneza.

Alguns edificios foram destruidos, e os habitantes da povoação, fugiram quasi todos para a cidade.

Morreu muito gado afogado, e outro foi salvo a muito custo. Grande numero de oliveiras, muitas d'ellas ainda carregadas de fructo, foram arrastadas pela corrente.

Já se vê que esta cheia causou muitas dezenas de contos de réis de prejuizo aos proprietarios d'estes sitios.

Para se fazer uma ideia aproximada d'estes prejuizos, basta dizer que, a viuva Caldas, de Santarem, tinha na sua quinta de Malpica, alguns 600 moios de cereaes debaixo d'agua.

O lavrador Caldeira, dos arrabaldes de Santarem, perdeu quasi todo o seu gado, apezar de offerecer 50 libras, a qualquer barco que o ajudasse a salval-o.

Pouco porem soffreram as obras da nova ponte sobre o Tejo. Tanto os pégões, como os andaimes, resistiram galhardamente á enorme velocidade da corrente; a qual era tão forte, que de longe se ouvia o ruido que produzia, de encontro aos pégões; mas uma das machinas de serviço foi ao fundo.

O serviço do correio entre esta cidade e Lisboa, esteve muitos dias interrompido.

As povoações d'este concelho que mais soffreram com o temporal, foram—Reguen-

go do Alviella, Pombalinho, Tapada, Casaes do campo, ao Sul do Tejo, Porto de Muge, Bemfica, e Vallada.

Em todas ellas, muitas pessoas ficaram só com o fato que tinham no corpo, vendo hir pela agua abaixo, roupas, fructos, mobilias e gados, e cahirem as casas que habitavam.

Muitos d'estes infelizes, foram recolhidos na cidade, em uma casa que o governador civil lhe proporcionou, dando-lhes tambem este magistrado, os precizos alimentos, em quanto não podessem tomar destino.

Os relevantes serviços prestados n'esta triste conjunctura, pelo referido governador civil—o sr. José Ferreira da Cunha e Sousa (natural d'Aveiro, e hoje aposentado) pelo seu secretario-geral, o sr. João Dally Alves de Sá, e pelo engenheiro-director das obras da ponte do Tejo, o sr. Augusto Casaux, são dignos dos maiores elogios, e da gratidão dos povos d'estas terras.

Mosteiros de Santarem

FREIRAS

1.º—*Religiosas dominicanas* (*convento das Donas*) (Vide o anno de 1240.) Elvira Duranda (ou *Elvira Durão*) fundadora d'este mosteiro, era uma donzella nobre de Santarem.

Foi primeiramente de freiras cruzias (conegas de Santo Agostinho) e porisso se ficou chamando *das donas*.

A fundadora o instituiu nas suas proprias casas, que eram no sitio onde depois se fundou (1554) o mosteiro da Santissima Trindade.

Ella era *conega obedenciaria*,[1] do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, e fez-se, voluntariamente *conega reclusa*.

A ella se juntaram vinte donzellas da cidade, fazendo cada uma sua casinha, ao pé da de Elvira, tudo em linha, e formando uma rua, desde a ermida da Trindade, até ao mosteiro de S. Francisco.

Em 1263, quizeram os frades franciscanos apoderar-se d'estas cellas das *emparedadas*, pondo-as fóra; mas ellas queixaram-se ao pontifice Urbano IV, e continuaram nas suas cellas: e, com ajuda de seus parentes, que eram ricos proprietarios de Santarem, fizeram a toda a pressa uma cêrca, ficando assim, com clausura commum.

Tomaram então o titulo de *Donas da Santissima Trindade*, elegendo para primeira prioresa, Sancha Martins.

Mas os ambiciosos franciscanos lhes fizeram constantemente crua guerra, querendo, a todo o custo, apoderar-se do pequeno mosteiro, de modo que, 24 annos depois (1286) e segundo outros, 17 annos depois, em 1280, se passaram para outro sitio, fóra dos muros, á *porta de Mansos*, junto á ermida de Santa Maria Magdalena, onde já havia principio de mosteiro, feito pelos frades dominicanos, que lh'o cederam voluntariamente.

Em 1287, mudaram estas freiras, voluntariamente, de habito e regra, tomando o de S. Domingos, por gratidão aos frades d'esta ordem, que lhe haviam cedido o terreno, e o principio do edificio.

Em 1291 é que concluiram todas as obras, á custa de uma nobre dama, chamada D. Estevainha Pires de Casével, natural de Santarem.

Posto que este convento ficasse desde então pertencendo á ordem dominicana, as freiras trouxeram o habito de Santo Agostinho, até ao anno de 1298, em que tomaram o de S. Domingos; mudança de ordem, que foi confirmada pelo papa Clemente V, em 1305 (1.º anno do seu pontificado.)

Apezar d'esta mudança de regra e instituto, não perderam as freiras a sua primitiva denominação de *donas*.

[1] Havia trez classes de freiras agostinhas. —1.ª, *conegas*, que viviam em mosteiros, e se denominavam *conegas inclusas*, ou *emparedadas*, ou *reclusas*, e guardavam a sua regra com o maior rigor.—2.ª, *sorores*, e viviam em suas casas, das suas rendas, seguindo a regra de Santo Agostinho, e deixando, por sua morte, ao convento, tudo quanto tinham. A estas se dava tambem o nome de *obedenciarias*.—3.ª, *conegas terceiras*—seguiam uma regra mais larga, podendo até ser casadas; mas faziam voto de obediencia, ao prior; voto de *castidade conjugal* e de *pobreza relaxada* (como até 1834, faziam as commendadeiras de Santos, de Lisboa.)

Na capella-mór da egreja era o jazigo dos condes de Unhão. Ainda alli existem alguns tumulos d'esta familia.

Ainda aqui estão (setembro de 1879) trez freiras e algumas educandas. Vide o anno 1666 (28 de fevereiro) e o artigo — *Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade.*

—

2.º—*Religiosas de Santa Clara* (franciscanas.) (Vide o anno 1259.)

A egreja d'este mosteiro, é vasta, e tem ricas capellas. É de trez naves, e as columnas, de pedra, que as sustentam, são cobertas de arabescos doirados.

O côro é tão vasto como uma grande egreja, e está ornado de quadros, de pintura antiga. No fundo do côro, está o mausoleu de D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso III, que foi freira n'este mosteiro.

Na casa que dá entrada para a sachristia, vê-se outro tumulo, muito antigo, assente sobre leões, e com muitos lavores, e as armas de Portugal. Tem sobre a tampa, deitada, a estatua de um cavalleiro, com a mão direita no punho da espada. O epitaphio diz (erradamente) jazer alli o infante D. Henrique, filho de D. Affonso III.

Póde dizer-se afoitamente que se ignora a quem pertence este tumulo, e só se sabe que pertence a filho de rei, em vista do escudo real que o adorna; mas não filho de D. Affonso III.—Este monarcha teve sete filhos legitimos e nove bastardos, que foram :

Legitimos—por ordém de edades

Branca, abbadessa de Lorvão, e das Huelgas, de Burgos—*Fernando,* que morreu creança—*Diniz,* que foi rei—*Affonso,* casado com D. Violante, filha do infante D. Manuel e neta de D. Fernando III, de Castella—*Sancha, Maria,* e *Vicente,* que morreram de pouca edade.

Bastardos

Fernando; cavalleiro templario — *Affonso Diniz,* progenitor dos Souzas, condes de Miranda—*Martim Affonso,* do qual descendem os Souzas, condes do Prado — *Gil Affonso, Leonor,* (a que foi aqui freira e onde foi sepultada) — *Urraca,* outra *Leonor—Pedro Affonso,* conego de Santa Cruz de Coimbra—*Rodrigo Affonso,* conego do mesmo mosteiro, e prior de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem.

Suppõe-se que este mausoleu é o de *D. Martim Affonso Chichôrro,* o 3.º dos filhos bastardos que nomeiei; porque tinha aqui, quando morreu, duas irmans freiras, e é provavel que ellas o mandassem sepultar n'este mosteiro.

N'este convento ainda hoje existem trez freiras, algumas educandas e recolhidas, e suas competentes creadas.

Eis o que com respeito a este convento diz um tão honradissimo liberal, como verdadeiro homem de bem:

(*Viagens na minha terra,* pelo visconde d'Almeida Garrett, capitulo 40. (O sublinhado é meu.)

«Era de noite, reinava a confusão, a desordem, o susto e a anciedade nos muros de Santarem, trez homens chegavam, por horas mortas, ao antigo mosteiro das Claras, davam á portaria um signal surdo e mysterioso; respondiam-lhe de dentro com outro egual; e d'ahi a pouco, sem rumor e com as mais escrupulosas precauções se abria quietamente a porta da clausura.

Os trez homens entraram, a porta fechou-se sobre elles do mesmo modo precatado.

Que será?

Os homens levavam uma especie de cofre que parecia conter preciosidades de grande valor: tal era o desvello com que o resguardavam.

Ha um mysterio que se figura criminoso n'esta aventura. Mas os tempos são *para tudo.*

Era no anno de 1834.

Entremos n'esse convento das pobres Claras, tão afflictas e desconsoladas agora que as ameaçam de dissolução como aos frades.

Não será assim: aquellas instituições *não mettem medo aos verdadeiros liberaes* e os *outros* lá teem o espolio dos frades *para devorar*; estão *entretidos:* as freiras salvam-se *por ora.*

Taes eram as esperanças dos trez homens que entravam a estas deshoras nos vedados precinctos do mosteiro. Sigamol-os porém, que é tempo.

Chegavam elles a uma pequena capella do claustro das freiras, foram depor sobre o altar o cofre que traziam, e ajoelharam devotamente deante d'elle. Logo se ouviu ao longe o psalmear baixo e sumido de vozes femininas; e d'ahi a pouco, toda a communidade das Claras, de tochas na mão, em duas alas, e a abbadessa com o seu báculo atraz, entravam processionalmente no claustro e se dirigiam á mesma capella.

O psalmo que cantavam era este:

«Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, polluiram o teu sancto templo, pozeram Jerusalem como um granel de fructos.» [1]

«Pozeram os cadaveres de teus filhos de cevo ás aves do ceu; as carnes dos teus sanctos ás alimarias da terra.

«O sangue d'elles derramam-no como agua nos valles de Jerusalem; já não havia quem sepultasse.

«Estamos feitos o opprobrio dos nossos visinhos; o escarneo e a zombaria dos que vivem por nossos arredores.

«Até d'onde, ó Senhor, te has de irar em fim; e se ha de accender o teu zelo como fogo?

«Vérte a tua ira sobre as gentes que te não conheceram, contra os reinos que não invocaram o teu nome;

«Que devoraram a Jacob; e desolaram suas terras.

«Não te lembres de nossas iniquidades passadas e depressa nos alcancem as tuas misericordias; já que tão pobres de mais estamos.

«Ajuda-nos Deus, salvador nosso; e pela gloria do teu nome livra-nos Senhor; amercêa-te de nossos peccados, por causa do teu nome.»

Cantavam assim as pobres das freiras, cantavam em latim que ellas mal entendiam; mas dizia-lhes o instincto do coração, dizia-lhes a tão excitavel imaginação feminina, que era chegada a hora de se cumprir a seus olhos, e sobre ellas mesmas tambem, a tremenda prophecia do psalmo que entoavam.

Havia pois lagrimas n'aquellas vozes que assim cantavam: sahiam d'alma aquelles sons e n'alma vibravam tambem com profunda e solemne melancholia.

Chegadas juncto á capella aonde estava o cofre, as freiras pararam conservando as mesmas duas alas da procissão e continuando no accentuado murmurio de seu psalmo.

Os trez vultos de homem, permaneceram de joelhos e curvados deante do altar. Findou o psalmo e seguiu-se breve intervallo de silencio. Depois, os trez homens levantaram-se, e cahindo-lhes para os lados as longas capas em que vinham involtos, viu-se que o do meio era um frade velho, magro, curvado e secco, trajando ainda, apesar da lei, o burel preto dos franciscanos e cingido com sua corda. Os outros dous eram dominicos e vestiam de preto e branco, segundo as côres de seu tambem proscripto instituto.

O velho franciscano subiu com passo trémulo os degraus do altar, beijou o cofre que estava sobre elle, e voltando-se para a communidade em religioso silencio, disse com uma voz cava, que parecia vir do sepulchro, mas accentuada e forte:

«Irmans, vimos entregar-vos este deposito precioso. Deus não quer que os cadaveres dos seus santos fiquem expostos *ás aves do ceu e ás alimarias da terra.* Este é o sancto corpo d'um dos maiores sanctos que produziu esta terra de Portugal *quando era abençoada. Hoje é maldita e não devia conservar*

[1] *Deus, venerunt gentes in heriditatem tuam, etc.*

Ps. 78.

as suas reliquias. Os filhos de S. Domingos foram expulsos de sua casa, assim como nós fomos, nós os filhos de S. Francisco; encontramo-nos sem tecto nem abrigo uns e outros, e juntamos as nossas miserias, para as chorarmos como irmãos que somos, como filhos de paes que tanto se amaram e ajudaram. Peregrinaremos junctos por essas solidões da terra, e junctos iremos bater por essas portas que *cerrou a impiedade e a indifferença,* a pedir o pão de cada dia porque temos fome.

Que importa! Não professámos nós, não nos honrâmos de ser mendigos? De que vivemos nós sempre, senão de esmola?

Não choreis, irmans, não choreis sobre nós. Deus que o permittiu bem sabe o que fez. Louvado seja elle sempre! Nós tinhamos peccados para mais! Ainda foi misericordioso comnosco o Senhor da justiça e do castigo.

A nós tiraram-nos *tudo! Até estas mortalhas que tinhamos escolhido em vida e que nem a morte ousava* ROUBAR-NOS.

A furto e como quem se esconde para um acto criminoso, nós as vestimos esta noite para commetter o que *elles* chamarão um furto, e que era uma obrigação sagrada nossa.

Fomos á antiga casa de nossos irmãos e roubamos o corpo do bemaventurado S. Frei Gil.

Aqui vol-o entregamos: guardae-o.

Emquanto estes muros estiveram em pé, que o abriguem *dos desacatos d'essa gente sem Deus nem lei.* A vós não ousarão expulsar-vos d'aqui: talvez vos matem á fome... Não póde ser: Deus não ha de permittil-o.

Mas qualquer que seja a sua vontade, resignae-vos a ella, minhas irmans. Só elle sabe como nos ama e como nos castiga. Louvemol-o por tudo.»

Aqui foi um chorar e um supplicar fervente como só se ouve na hora da angustia.

As afflictas monjas estavam prostradas nas lages humidas do claustro, sobre as sepulturas de suas irmans, sobre seus proprios jazigos que haviam de ser. O frade com os braços estendidos pronunciou as solemnes palavras de benção, descrevendo com a direita o augusto symbolo da redempção:

Bemdiga-vos Deus Omnipotente, Pae, Filho e Espirito Sancto! Amen! respondeu o côro; e os trez proscriptos se retiraram, deixando a salvo o seu thesoiro.

Assim desappareceu do tumulo, o corpo de S. Frei Gil, de Santarem.

Ninguem sabia d'elle: soube-o eu e guardei o segredo religiosamente.

—

Os tempos são outros hoje: os liberaes já conhecem que *devem* ser tolerantes, e que *precisam* de ser religiosos. Não ha perigo em dizer-lhes onde elle está.

—

Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, ha de *regular e consolidar a existencia das freiras,* ha de aproveital-a para as piedosas instituições do ensino da mocidade, da cura dos infermos, e do amparo dos invalidos.

—

Os barões andam-lhe com o cheiro nos poucos bens que lhe restam ás pobres das freiras. Mal do governo que deixar *comer mais aos barões!*»

—

Para a vida de S. Frei Gil, vide o anno 1265 (14 de maio).

—

Isto está bellissimo, como tudo quanto sahia da penna do immortal Garrett; mas não é exactamente a verdade. Houve o *roubo piedoso* dos ossos de S. Gil, e fez-se espalhar que estavam no mosteiro de Santa Clara, para os poupar a novas profanações; mas a verdade é esta.

Sendo expulsos do seu mosteiro, os frades dominicanos, de Santarem, em 1834, ficou a egreja abandonada, e sem ter quem cuidasse da sua conservação e aceio. Uns ladrões sacrilegos, na esperança de acharem alguma cousa de valor, no tumulo de S. Frei Gil, foram-se a elle e arrombaram-o, mas não acharam nada que lhes satisfizesse a nojenta cobiça.

A sepultura, ficou aberta.

Um homem temente a Deus, receando novas, e porventura, mais escandalosas profa-

nações nas reliquias venerandas do sancto, foi alta noite, á egreja de S. Domingos, e com o maior segredo as levou para sua casa, fazendo constar que tinham sido depositadas no mosteiro das Claras.

Alli estiveram respeitosamente guardadas alguns annos, até que, por accaso providencial—senão milagroso—o actual sr. marquez de Penalva, veio a saber onde existiam as cinzas d'este glorioso ascendente colateral da sr.ª marqueza, sua esposa. Um amigo poderoso d'estes senhores, conseguiu que o possuidor das reliquias lh'as entregassem, e elles as collocaram com todo o respeito devido a tão sancto varão, na capella particular da casa da sua residencia, na rua dos Lagares, em Lisboa, onde actualmente se acham.

Correu um processo na camara ecclesiastica do patriarchado, no qual foi chamado a juramento, o devoto santareno, depositario das reliquias, depondo serem authenticas. Depois de observadas todas as formalidades das leis da egreja, e provada a identidade das santas reliquias, obteve o sr. marquez, do então cardeal-patriarcha, D. Guilherme, uma provisão, para que estas reliquias possam ter culto.

Todos os annos, a 14 de maio, anniversario do sancto, e dia que a Egreja destinou para sua festa, lhe fazem os religiosos srs. marquezes, uma sumptuosa solemnidade.

Os srs. marquezes de Penalva, ainda são d'aquelles portuguezes que se honram de ser catholicos, e que seguem com prazer os dictames da honra e da religião em que foram educados pelos seus esclarecidos paes.

Deus lhes pagará no outro mundo, os bons exemplos de amor e respeito á religião, que dão n'este; e é por isso que são geralmente respeitados. (Vide *Paço de Vilharigues, Penalva do Castello, Réiz* e *Rézende.*)

—

3.º—*Freiras capuchas.* (Senhor dos Innocentes.) Vide o anno 1290.

Ainda tem 18 madres, professas voluntarias, nos trez votos (pobreza, obediencia e castidade) mas com o caracter de *recolhidas.* É uma casa exemplarissima.

—

Frades

1.º—*Mosteiro de Santo Agostinho* (eremitas calçados, tambem chamados *gracianos*) Vide os annos de 1376 e 1437.

Tem uma bella egreja, gothica, de trez naves, com um formoso pórtico na fachada principal, e sobre elle, um grande e lindo *espêlho,* primorosamente esculpido.

No meio da capella-mór, esteve o tumulo do fundador e de sua mulher, D. Guiomar de Villa-Lobos, bisneta do rei D. Sancho, de Castella; mas, em 1725, foi removido para o sitio actual, á entrada da egreja, do lado esquerdo de quem entra.

Nas outras capellas da egreja, estão varias sepulturas, sendo as principaes as de—*D. Leonor de Menezes,* filha do conde de Ourem, e mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, conde de Arrayolos e 1.º condestavel de Portugal. Era irmã de D. Ignez de Castro, mulher de Pedro I.

D. Affonso de Vasconcellos de Menezes, conde de Penella, bisneto do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Pedro Alvares Cabral, o famoso descobridor do Brasil, em 25 de abril de 1500 (vidè *Bello-Monte, Constancia,* e *Portalegre*—o 1.º alcaide mór)—sua mulher, *D. Isabel de Castro—D. Pedro de Menezes,* 2.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte, e 1.º governador de Ceuta. (Vide o anno 1437.)

D. Beatriz, sua mulher. (Vide o anno 1725.)

Este mosteiro foi vendido por uma tuta e meia, depois de 1834.

O comprador o reduziu a casas, hoje occupadas por diversas familias.

A egreja ainda se conserva em bom estado, para o culto divino, e, entre outras, faz-se alli uma boa solemnidade annual ao *Senhor Jesus dos Passos.*

—

2.º—*Agostinhos Descalços,* ou da *Piedade*

—(Vide o anno de 1664, e adiante, o artigo —*Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade.*)

Parte do mosteiro, foi vendida, depois de 1834, e está tambem reduzida a casas de habitação de particulares. O resto, foi dado á irmandade de Nossa Senhora da Piedade, estabelecida na egreja.

Em cumprimento do voto, feito por D. Affonso VI, os seus successores *eram obrigados a assistir á festa da Senhora, feita á sua custa, no dia anniversario da grande victoria do Ameixial (ou Cannal);* mas ha muitos annos que o voto deixou de cumprir-se, e a festa é feita á custa da irmandade.

—

3.º — *Dominicanos, de Nossa Senhora da Oliveira* — (ordem dos prégadores) Vide os annos 1211 e 1604.

Na reconstrucção, d'este ultimo anno, a egreja foi demolida, e edificada desde os fundamentos, menos a capella-mór, que, por estar bem conservada, ficou.

Foi o primeiro convento d'esta ordem que se fundou em Portugal, porque foi cá introduzida em 1211.

A egreja era de trez naves, e encerrava muitas sepulturas de homens illustres, entre ellas, as de—*D. Fernando Sanches*, filho bastardo do rei D. Diniz—*D. Miguel de Noronha* — *D. Leonor*, filha 2.ª dos marquezes de Villa-Real—*D. Margarida de Vilhena*, filha dos 3.ºs marquezes de Villa-Real—*Ruy Telles de Menezes*, mordomo-mór da rainha D. Maria, 2.ª mulher do rei D. Manuel — e *Martim de Ocem*, chanceller-mór de D. João I.

Vide *ermida de S. Pedro.*

Na *capella de São frei Gil*, no cruseiro d'esta egreja, estava o (para aquelle tempo) sumptuoso mausoleu, de marmore, do mesmo santo.

Esta egreja foi profanada, depois de 1834, e os vandalos d'este seculo, destruiram sacrilegamente todos os tumulos e outros primores d'arte.

Vide 1265 (14 de maio) e mosteiro de freiras de Santa Clara.

No edificio do mosteiro, estabeleceu a camara, o *matadouro*... e uma praça de touros!

Actualmente (setembro de 1879) estão tanto a egreja como o mosteiro, quasi demolidos, e querem alli fundar uma *penitenciaria!*

Vide o anno de 1232 e *Ermida da Senhora da Oliveira.*

—

4.º—*Santo Antonio* (capuchos)—foi demolido até aos fundamentos, e o chão que occupava a egreja, o mosteiro, e parte da cêrca, é hoje o cemiterio publico.

5.º—*São Francisco* (franciscanos)—Vide o anno de 1242.

(Era *casa de noviciado*).

A egreja, d'architectura gothica, era de trez naves, e de grandes dimensões.

No côro d'este templo, estava o magnifico tumulo do rei D. Fernando, e de sua mãe, a infanta D. Constança, 1.ª mulher de D. Pedro I.

Depois de 1834, alguns malvados, para o abrirem (a ver se achavam alguma cousa que roubar) lhe quebraram parte dos seus primorosos relevos.

O sr. J. P. Narciso da Silva, obteve da camara de Santarem a concessão d'este monumento venerando, que hoje se admira no *museu archeologico do Carmo*, em Lisboa. [1]

O edificio do mosteiro, serviu muitos annos, de quartel de cavallaria numero 4, e desde que este regimento se mudou para Lisboa, onde está actualmente, ficou sendo quartel de artilheria n.º 3.

A sua magestosa egreja, está servindo de *palheiro* (!!!) e com escandalo de todos os

[1] É verdade que o tumulo foi feito para D. Fernando e para sua mãe, porém os ossos d'esta, nunca se chegaram a mudar para elle, da sua primitiva sepultura.

Quando os vandalos de 1834 o arrombaram, só continha os ossos do rei e de uma creança, que se não sabe quem seja.

Tanto estes dois cadaveres, como o de D. Constança, foram arrancados do que devia ser o seu ultimo jazigo, e atirados a algum monturo, e não se tornou a saber mais d'elles!

Não comento: limito-me a pôr um ponto de admiração; porque similhantes atrocidades não precisam commentar-se.

portuguezes (não só catholicos, mas ainda simplesmente respeitadores dos mortos, e dos monumentos de reconhecido merito, artistico e historico) os varios tumulos que ainda existem n'esta egreja, estão tambem profanados e mutilados!

Mesmo junto á porta principal da egreja, está um tumulo, de marmore preto, ornado de boas esculpturas, tendo sobre a tampa, a estatua de uma dama.

Os vandalos julgando achar dentro algum thesouro, dospedaçaram a tampa, mas, só os ossos acharam!

Consta que n'este tumulo esteve o corpo da infanta D. Constança, mãe de D. Fernando I.

Em uma das capellas da egreja, esteve o sumptuoso mausoleu, do grande D. Duarte de Menezes.

Hoje está no museu archeologico do Carmo, em Lisboa.

Vide o anno de 1464.

Na mesma capella estão os mausoleus, de marmore, de varias pessoas d'esta illustre familia dos Menezes; entre elles, os de—*D. Isabel de Castro*, 3.ª condessa de Vianna, mulher do conde D. Duarte de Menezes—seu filho D. *João de Menezes*, conde de Tarouca —seu 3.º neto, *D. Francisco de Menezes*, bispo de Leiria e do Algarve.

Tambem aqui está o sepulchro de *D. Affonso de Portugal*, [1] filho de D. Affonso Henriques, e grão-mestre da ordem de S. João de Jerusalem; cuja dignidade renunciou, regressando a Portugal.

Este tumulo, estava na antiquissima egreja de S. João de Alporão, e quando este templo foi transformado em theatro, (!) mudaram-o para esta capella. (Ainda bem!...)

Tambem aqui está uma antiquissima estatua, toscamente cinzelada, do nosso primeiro rei. Esteve originariamente na fachada da velha e arruinada egreja de S. Miguel, que aquelle monarcha havia fundado, dentro da Alcáçova. Consta ser, a estatua, feita em vida de D. Affonso I.

Alem d'estas sepulturas, ainda em outras capellas da egreja, existem, mas tambem profanados, outros tumulos de varões illustres.

—

6.º—*Santissima Trindade* Frades Trinos. (Vide os annos de 1218 e 1554.)

Este mosteiro foi fundado juncto ao das *emparedadas* (vide *Religiosas dominicanas*) em um espaçoso terreiro, e um dos mais bellos sitios de Santarem. A sua fundação primitiva, era pobre e acanhada, pelo que, D. João III, o ampliou na reedificação.

Foi o primeiro convento d'esta ordem, que houve em Portugal.

Frei André de Agramonte.—Era francez, e veio a Portugal em companhia de mais sete frades da sua ordem (trinitarios) os quaes, hindo em viagem para a Terra-Santa, foram arrojados por uma tempestade, ás praias de Lisboa, reinando em Portugal, D. Affonso II, sendo bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, e pontifice Honorio III. O bispo recebeu os trinos francezes á santa obediencia, e os mandou para Santarem, onde estava o rei, e ahi fundaram o seu mosteiro, obtida a licença do geral da sua ordem. N'este mosteiro acabou seus dias, em grande velhice, e adornado de todas as virtudes christans, frei André de Agramonte.

Os frades deixaram de existir, e hoje ha

[1] Nos apontamentos que tenho com respeito a este monumento, ha, com certeza, engano. Deve ser *D. Pedro Affonso*, e não *D. Affonso de Portugal*.

D. Affonso Henriques, teve sete filhos legitimos, e quatro bastardos. São (por ordem das edades.)

Legitimos

D. Henrique, que morreu de pouca edade.
D. Sancho, que foi rei.
D. João, que morreu menino.
D. Urraca, rainha de Leão.
D. Mafalda, ajustada para casar com o rei de Aragão.
D. Thereza, condessa de Flandres.
D. Sancha, que morreu de pouca edade.

Bastardos

D. Fernão Affonso, alferes-mór.
D. Pedro Affonso (o tal) grão-mestre de Rhodes (ou S. João de Jerusalem — ou de Malta).
D. Thereza, mulher do conde Sancho Nunes de Barbosa.
D. Urraca, mulher de Pedro Affonso Viegas.

apenas as ordens terceiras da SS. Trindade, que tantos serviços teem prestado á humanidade enferma, á instrucção publica e ao esplendor do culto divino.

As ordens religiosas passaram, mas o que não passou foi a memoria dos serviços que ellas prestaram ao paiz, e que o governo esqueceu para se apossar do que ellas possuiam tão legitimamente.

A egreja, que ainda era a primitiva, foi demolida, e construida desde os fundamentos, pelos annos de 1710. Esta egreja, serve de capella militar, e o edificio do mosteiro, que é contiguo ao de S. Francisco, serve tambem de quartel de cavallaria n.º 4.

Este edificio religioso era o mais aceiado e magnifico, da cidade.

Vide *Ermida de Nossa Senhora da Abobada.*

—

7.º—*Collegio de Nossa Senhora da Conceição*—de padres da Companhia de Jesus. (Vide o anno 1621.)

D. João IV, doou depois aos padres jesuitas, *o paço real*, que estava juncto da *porta de Leiria*, e para elle se mudou o collegio, construido como ainda hoje está.

A egreja é muito boa, e a sua capella-mór é notavel, pela sua primorosa obra de mosaico, feito de marmores de varias côres.

Está no mosteiro, estabelecido o seminario patriarchal.

Este collegio era um dos mais ricos da sua ordem. (Vide *Mosteiro de Santo Antão.*)

—

8.º—*Terceiros regulares de Jesus* (Nossa Senhora de Jesus). Vide os annos 1484, 1592, 1617 e 1722.

O edificio d'este mosteiro, serve actualmente de hospital civil.

O arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, não só deu a estes religiosos as casas que eram da camara pontifical (palacio da mitra) como ainda concorreu com avultadas esmolas, para esta fundação.

A capella-mór da egreja, foi mandada fazer por Joanna Coelha, principiando as obras a 24 de abril de 1645, e alli se disse a primeira missa a 21 de dezembro de 1649.

É fóra da cidade e juncto ao muro da *porta de Mansos.*

—

9.º—*Carmelitas descalços* (de Santa Thereza).—Vide o anno 1648, e o artigo—*Antiga ermida de Nossa Senhora da Piedade.*

A egreja concluiu-se em 1707.

Este mosteiro foi construido no local onde estava um velho palacio de D. Fernando Mascarenhas, conde da Torre, sendo padroeiras do convento, a condessa de Faro, e sua filha, duqueza de Caminha.

Hoje, d'este convento só restam as paredes da egreja. O edificio do mosteiro, foi demolido e no logar que occupou, estão hoje as repartições do governo civil, administração do concelho, pagadoria do districto, e suas dependencias. Foi dado pelo governo, á junta geral do districto, em setembro de 1873.

Segundo o novo plano, o tribunal do juizo de direito, e suas dependencias, devia ser no logar occupado pela egreja, para o que se principiou a sua demolição; mas estas obras (de destruição) foram suspensas e os muros do templo lá estão attestando a illustração do seculo XIX, em quanto algum temporal não conclua a obra dos homens.

—

10.º—*Frades benedictinos* (S. Bento dos apostolos).—Vide os annos 1300 e 1571.[1]

Foi vendido *ao desbarate*, depois de 1834, e totalmente demolido, e os seus materiaes empregados em differentes obras. Hoje está reduzido a uma quinta particular de grande valor.

D'este sitio se gosam formosissimas e dilatadas vistas.

Um olival que lhe ficava ao O., e que foi destruido, serviu de cemiterio publico, desde setembro de 1833, até maio de 1834. Foram n'elle enterrados muitos milhares de cadaveres dos que morreram com o typho.

—

11.º—*Frades terceiros arrabidos* (S. João

[1] Havia n'este sitio uma antiga ermida, dedicada a S. Bento. Pertencia á infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel; e ella a deu aos monges, em 1571.

Baptista, ou S. João do Pereiro).—Vide o anno de 1590.

É extra-muros, no sitio de *Santa Catharina dos Olivaes.*

O duque de Bragança, lhe lançou a primeira pedra (do mosteiro) em 1590. A egreja havia sido fundada por D. Affonso V, em 1469. A primeira missa que se disse n'esta egreja, foi a 6 de janeiro de 1470.

Chamava-se então a este sitio, *Valle de Moyrol*, ou de *Al-Moyrol*, e depois *Valle da Inveja.*

Foi a primeira casa capitulo d'esta ordem, em Portugal, e chegou a ter 45 religiosos; mas, em 1834, só tinha um, e um *irmão leigo.*

N'este valle se escondeu D. Affonso Henriques, vindo de Pernes, na noite de 7 para 8 de maio de 1147, vespera da tomada de Santarem, aos mouros. O sitio não podia ser melhor escolhido para elle e os seus se occultarem. Tudo isto foi vendido depois de 1834, e é hoje uma quinta particular.

—

12.º—*Conegos regulares de Santo Agostinho* (dos de França) e um dos cinco d'esta ordem, em Portugal. Foi o terceiro que cá se fundou. Ainda depois de extincta esta ordem, ficou existindo a sua egreja, com a designação de *ermida de Santo Antão.* Vide *Seminario patriarchal.*

Eis a origem d'esta ordem.

Em 1045, sendo pontifice Gregorio VII, teve logar a instituição d'estes conegos, em um logar chamado *Mota*, bispado de Vienna, tomando por seu padroeiro, Santo Antão, abbade, e por obrigação, curarem a erysipella, molestia então muito frequente, e a que se dava o nome de *fogo de Santo Antão.* Fundaram varios mosteiros em França, sob o titulo de Santo Antão, até que, em 1297[1] o papa Innocencio VIII lhes deu a regra de Santo Agostinho, e o titulo de *conegos de Santo Antão.*

O primeiro mosteiro d'estes padres, foi fundado em *Benespera*, na Beira Baixa, (Vide o 1.º vol., pag. 386, col. 2.ª) Este era a cabeça de toda a ordem, em Portugal.

O segundo, foi o de *Santo Antão, o Velho* (vulgo *Colleginho*) em Lisboa. Vide 4.º vol, pag. 245, col. 2.ª

O terceiro, foi este de Santarem.

O quarto, foi o da *Avelleira* (*Santo Antão da Avelleira.*) Vide 1.º vol., pag. 297, col. 1.ª

O quinto, foi o de *Bésteiros* (*S. Domingos de*) 1.º vol., pag. 397, col. 1.ª

—

Todos estes mosteiros eram pequenos e de poucas rendas. O rei D. Manuel, fez de todos uma commenda, que deu (por auctoridade do papa Julio II) a Ruy Lopes, fidalgo da sua casa, em 1510. Este fidalgo, na fórma do costume de todos os commendadores, comia quasi todos os rendimentos, deixando os frades a morrer de fome, e as egrejas e mosteiros a cahirem. D. João III deu estes mosteiros aos jesuitas, de Coimbra, por breve do papa Julio III, de 1550 (ultimo do seu pontificado).

Foi assim que o tal mosteiro de Santo Antão, de Santarem, veio a ser dos jesuitas, e depois, seminario patriarchal.

—

13.º—*Collegio da Companhia de Jesus.*—Vide o mosteiro antecedente, e *seminario patriarchal.*

Algumas noticias sobre as trez actuaes egrejas matrizes de Santarem.

O SALVADOR.

Não se sabe com certeza, quando ou por quem foi fundada; mas ha boas razões para crer que foi D. Affonso Henriques que a mandou reconstruir, porque, quando em 1218, o padre frei André d'Agramonte aqui fundou o mosteiro de frades trinitarios, já havia muitos annos que existia a egreja do Salvador, com seu prior e raçoeiros, que administravam a ermida da *Senhora da Abo-*

[1] A obra de Vasconcellos (*Santarem edificada*) d'onde estou extrahindo esta e outras muitas noticias, está eivada de toda a qualidade de anachronismos. Este é um d'elles—Em 1297, era pontifice, Bonifacio VIII (governou a egreja de Deus, desde 1294, até 1303. Innocencio VIII, foi feito papa, em 1484 e falleceu em 1492. Ha pois, aqui um anachronismo de quasi 200 annos.—Vide *Santarem edificada*, tom. 1.º, pag. 122 e 123.

bada, a qual serviu de primittiva egreja d'aquelles religiosos.

D. Affonso I, não querendo que a villa se despovoasse, e desejando que os mouros d'ella que escaparam, se convertessem (mais tarde ou mais cedo) ao christianismo, lhes deixou as suas fazendas, e lhes deu uma parte da *freguezia do Salvador* para sua residencia (*mouraria*) com a obrigação de pagarem o dizimo dos fructos, á egreja do Salvador.

Segundo a tradição e documentos que existem (ou existiram) no cartorio d'esta egreja, foi ella construida pelos gôdos, muitos annos antes da Lusitania cahir em poder dos arabes. Ou porque se destruisse pela sua antiguidade, ou porque os mouros a desmantelassem, estava em ruinas no anno de 1147, e foi demolida, para no mesmo logar se edificar a actual.

O que se sabe com certeza, é que foi sagrada a 5 de maio de 1335, pelo bispo de Evora, D. frei Domingos Soares, religioso dominicano, o qual deu então a esta egreja as reliquias seguintes—um boccado do *Santo Lenho;* parte da pedra da *sepultura de S. Lazaro;* alguns *cabellos de S. João Baptista;* carne dos apostolos *S. Simão* e *S. Judas Thadeu;* alguns ossos de *S. Vicente, martyr*, de *S. Dionisio Arcopagita*, e de *Santa Catharina, de Alexandria;* com outras muitas de diversos santos, cujos nomes não ficaram em memorias escriptas.

A egreja era de trez naves; mas estando muito arruinada, em 17 de maio de 1692 se mudou o Santissimo para a ermida do Espirito Santo, para se demolir, principiando logo as obras, que se concluiram em 1725, e a 9 de setembro d'este anno, se mudou o Santissimo para a nova egreja dos jesuitas, onde esteve alguns dias, até se mudar, com grande solemnidade, para a actual matriz; edificada no mesmo local da antiga. É de uma só nave, e de abobada de tijolo, sendo as paredes até á cimalha, de cantaria lavrada. Foi toda feita á custa do povo, e custou mais de 60 mil cruzados (24 contos de réis). Hoje é a melhor egreja da cidade. As paredes lateraes são tão grossas, que pelo vão d'ellas se estende um dilatado corredor com grandes janellas, que dão luz ao templo. Tem quatro boas capellas de cada lado, e a capella-mór é magestosa. Sobre o seu arco, em um nicho de marmore, foi collocada a imagem do Salvador do mundo, de 3 metros de altura.

A irmandade do S. S., teve muitos annos por juizes, os reis de Portugal, quando residiam no paço real, dentro dos limites d'esta parochia.

Na pedra fundamental da egreja foi gravada esta inscripção.

SALVATORI NOSTRO, SERVATO NOMINE
ANTIQUO, EJUS PAROCHIANI NOVUM
TEMPLUM VETERE ERECTO IMPENSIS
SUIS FACIENDUM CURAVERE;
PRIMUMQUE FUNDAMENTORUM
LAPIDEM, DEVOTÈ INJECÈRE HODIE
SEXTO AUGUSTI MILLESIMO SEXCENTESIMO
NONAGESIMO SECUNDO.

Esta egreja foi priorado até 1440, reduzindo-se depois a commenda da ordem de S. Thiago, do padroado da casa das rainhas de Portugal.

Teve 8 beneficiados, que recebiam o terço dos disimos, que constavam de pão, vinho, azeite, marran, carneiros, aves, queijos, lans e linhos.

Tinha dois curatos annexos — *Azôia de Baixo*, e *Povoa de Gallegos*.

Tambem antigamente o vigario do Salvador, apresentava a egreja de *São Braz da Romeira*, mas deixaram perder este direito, ha mais de 200 annos.

No districto da cidade, teve esta freguezia quatro ermidas—*S. Sebastião, Nossa Senhora do Monte*, e duas do *Espirito Santo*.

Fóra da cidade tinha mais trez—*Santo Antonio dos Olivaes, Nossa Senhora dos Anjos*, e *Sant'Anna*.

(Vide adiante—*Ermidas de Santarem*.)

SANTA MARIA DE MARVILLA

Já existia no tempo dos gôdos, mas não se sabe em que anno foi fundada.

D. Affonso I a deu aos templarios, que a reedificaram.

Como em 1149, passou para a mitra de Lisboa, todo o ecclesiastico de Santarem (co-

mo já fica dito) o bispo D. Gilberto, a fez collegiada, com *cónegos* e um parocho, com o titulo de vigario.

Em 25 de novembro de 1244, estando em Santarem, o bispo de Lisboa, D. frei Ayres Vasques (que tinha sido crusio) se obrigaram os *cónegos* de Marvilla, por escriptura publica, a viverem em commum, comendo no refeitorio, como os frades.

(Os que desejarem ler esta escriptura na sua integra, vejam a *Historia de Santarem*, tom. 1.º, pag. 93 e seguintes.)

Esta collegiada ficou então composta de 10 prebendas e 9 conegos prebendados, sendo um d'estes escolhido para vigario perpetuo, com prebenda dobrada.

(Era a 10.ª prebenda.)

Tinha mais cinco beneficiados, com trez prebendas para todos.

Os dizimos eram divididos em trez partes —duas para o bispo, e uma para os conegos de Marvilla.

As offertas e esmolas, eram, metade para o bispo, e metade para os conegos.

Estes eram obrigados a dar um jantar ao bispo, quando os fosse visitar, ou seis maravedis de ouro.

Já então possuia a egreja, duas moradas de casas contiguas a ella, que foram designadas pàra os conegos viverem em communidade.

O clerigo que á sua morte deixasse dividas, e não tivesse com que as pagar, pagar-se-hia aos crédores com o rendimento da sua prebenda, do anno seguinte ao do seu fallecimento.

Se algum dos conegos quizesse hir estudar, no reino, ou fóra d'elle, receberia por tempo de trez annos os rendimentos da sua prebenda, como se estivesse presente.

—

A egreja é de trez naves.

Tem de comprido, até ao arco cruseiro, 35,m30—e de largo 16,m40.

A capella-mór, tem de comprido 5 metros e o mesmo de largo.

A nave central, tem de alto até á architrave, 14 metros, e as lateraes, 12.

As 12 columnas jonicas, que sustentam as naves, tem 8 metros de alto.

Tem 6 janellas de cada lado, cada uma com 4,m50 d'alto, e o mesmo de largo.

O portico da entrada principal, é de architectura gothica, com laçarias e festões de bôa esculptura, revelando muita antiguidade.

A capella-mór é de abobada, com laçaria e fechos de marmore, tudo adornado de primorosos lavores, e com as armas do rei D. Manuel, que foi o reedificador d'este sumptuoso templo, dando-lhe mais amplidão do que tinha o antigo.

No corpo da egreja, ha duas capellas e dois altares lateraes.

A imagem de *Nossa Senhora das Maravilhas*, padroeira da egreja e da freguezia, é de estatura agigantada, mas não é a primitiva.

Foi assim:

O patriarcha S. Bernardo, abbade de Claraval, mandou pelos monges Ranulfo e Desiderio, duas imagens da S.S. Virgem, a D. Affonso I, para serem collocadas em duas egrejas da sua invocação.

O rei deu a da Senhora da Assumpção á egreja de Marvilla, onde depois se lhe mudou a invocação (ou se lhe deu a vulgar) para Senhora das Maravilhas, e por fim, para Senhora de Marvilla, por corrupção.

Esteve a imagem muitos annos n'esta egreja, mas depois—não se sabe por que titulo ou motivo—foi levada para uma ermida particular do logar de Alcanhões, e alli se lhe deu o titulo de *Nossa Senhora dos Pinosinhos*.

Esta capella era a de uma quinta da familia *Carvalhaes*, de Santarem.

—

Em 1727, foi instituida n'esta egreja, a irmandade do *Senhor Jesus dos Terços*, com o titulo de *Congregação dos pobres*. Foi approvada pelo arcebispo de Lisboa Oriental, e confirmada pelo papa Benedicto XIII, dando-lhe muitos privilegios e indulgencias, e constituindo o seu altar, privilegiado.

Na capella do Senhor Jesus dos Terços (na egreja de Marvilla) instituiram Antonio de Mattos Ferreira e sua mulher, Josefa Maria, uma missa quotidiana pelas suas almas, sendo as da semana ditas n'este altar, e as

dos domingos, na ermida de Nossa Senhora da Victoria, ás portas de Atamárma.

Para isto deram os instituidores 1:200$ réis, para que dos juros se dessem 50$000 réis ao capellão que dissesse as missas, e 10$000 réis para a fabrica da capella. Esta instituição teve logar a 20 de junho de 1727,

—

Na capella do Santissimo, d'esta egreja instituiu em 1640, o doutor Paulo de Pedrosa Meirelles, que foi prior de Marvilla e de S. Nicolau, e vigario-geral d'este arcediagado, uma capella, com missa quotidiana, deixando por administradores d'ella, os priores d'esta egreja; e mandou fazer sepultura para si e para os futuros administradores.

Na parede da mesma capella, do lado da Epistola, mandou gravar em uma lápide de marmore, as armas dos Pedrosas e Meirelles, tendo por baixo a seguinte inscripção:

ESTA CAPELLA DO SANTISSIMO SACRAMENTO
HE DO DOUTOR PAULO DE PEDROSA MEIRELLES,
DESEMBARGADOR DO ARCEBISPADO DE LISBOA,
VIGARIO GERAL D'ESTA VILLA, E VIGARIO
D'ESTA EGREJA: E A FEZ E DOTOU PARA
N'ELLA SE ENTERRAR SEU PAE E MÃE E HERDEIROS.
COM CAPELLÃO E MISSA QUOTIDIANA,
E DUAS ALAMPADAS ACEZAS CONTINUA-
MENTE, POR SUA CONTA, E DA EGREJA,
NA FÓRMA DOS SEUS CONTRACTOS.
FALLECEU A 27 DE NOVEMBRO DE 1666,
SENDO PRIOR DE SÃO NICOLAU.
TEM CAPELLÃO DE MISSA QUOTIDIANA,
COM QUARENTA MIL RÉIS CADA ANNO.

Sobre a antiguidade e preferencias d'esta egreja e da de Alcáçova, houve no principio do seculo 17.º, grandes demandas, pretendendo cada um dos parochos mostrar que a sua egreja era mais antiga; mas, dos documentos exhibidos por ambas as partes, se viu que estas egrejas tinham a mesma antiguidade. Fez-se então uma concordata, decidindo-se que nenhuma d'ellas se intitulasse matriz, nem podessem hir as suas cruzes e insignias, nas procissões, senão a par, hindo os de Alcáçova á direita e os de Marvilla á esquerda; e que a procissão de Corpus Christi sahisse um anno d'aquella, outro d'esta egreja.

Qualquer das egrejas que quebrasse a concordata, pagaria a outra, por cada vez 40$000 réis.

Em uma columna d'esta egreja de Marvilla, junto á porta travessa, do lado da praça, se gravou, *ad perpetuam rei memoriam*, a seguinte inscripção:

NO CARTORIO D'ESTA EGREJA,
E NO DE COSME PACHECO,
ESCRIVÃO DA LEGACIA, E NAS
NOTAS DE MANOEL DE FREITAS,
TABELLIÃO, E DE ANTONIO DIAS
FRANÇA, NOTARIO APOSTOLICO,
ESTA' O CONTRATO E SENTENÇA,
DA ORDEM DAS PROCISSÕES,
E DAS MAIS PRECEDENCIAS
QUE ESTA EGREJA TEM, COM
A COLLEGIADA DE ALCAÇOVA,
POR SEREM AS PRINCIPAES.
TUDO FEITO NO ANNO DE 1629.

—

D'esta egreja se repartiam os *Santos Oleos*, não só para todas as outras egrejas de Santarem, mas tambem para todo o arcediagado.

N'esta egreja se recebiam (casavam) os presos do aljube, e se confessavam por desobriga, os viandantes.

A festa da padroeira é a 15 d'agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora.—Na vespera, se fazia uma solemnissima procissão, acompanhada pelos vereadores da camará municipal.

Representava esta procissão o passamento da Santissima Virgem, que hia deitada em um esquife, á ermida da Senhora do Monte (na freguezia do Salvador.) Alem dos vereadores, hia no prestito todo o clero secular e regular, de Santarem, e todos os empregados publicos.

No dia seguinte, hia buscar-se a Senhora á ermida, sendo conduzida á egreja, com a mesma solemnidade.

—

D. Affonso III, tinha decretado que em todas as egrejas parochias de Portugal, se prégasse o Evangelho, em todos os domingos do anno. Com o andar do tempo foi deixando de cumprir-se este decreto em quasi toda a parte; porem n'esta egreja foi elle cumprido até 1834, prégando alternadamente os frades dominicos e franciscanos.

—

Por uma sentença existente no archivo da egreja, eram os clerigos d'ella, obrigados a fazer as exequias por fallecimento dos reis de Portugal.

—

O rei D. Sebastião, fez n'esta egreja. em 1573, capitulo geral, da ordem de Christo.

—

Ha n'esta egreja um grande numero de inscripções sepulchraes. Para não cançar o leitor, direi apenas os nomes das pessoas mais notaveis, que foram aqui sepultadas—são: *Antonio Montez Cid*, e sua mulher, *Vicencia Frois de Macêdo* e seus herdeiros. (28 de novembro de 1686.)[1]

João Antunes e sua mulher e herdeiros.

Pedro das Neves e seus herdeiros.

Anna Jorge, mulher de Domingos Fernandes, e seus herdeiros.

Duarte Lopes, e sua primeira mulher, *Maria Gonçalves*.

Antonio Teixeira, e seus herdeiros.

Antonio de Sequeira, e seus herdeiros.

Silverio Delgado, e sua mulher, *Simôa Soares*, e seus herdeiros.

Luiz de Moura, e seus herdeiros.

João da Costa, e sua mulher, Anna Fernandes e seus herdeiros (26 de maio de 1558) o de seu neto, João da Costa Furtado, (30 de dezembro de 1638.)

O licenciado Henrique Nunes, medico de sua magestade, e seus herdeiros

O licenseado Raphael do Quental, cavalleiro de S. Thiago, e *Francisco d'Almeida Sigano*, aquem el-rei (D. João IV) deu tença quotidiana, e fez capitão, por serviços, antes e depois da sua acclamação. Comprou esta sepultura, para si e seus herdeiros. (28 de setembro de 1649.)

Diogo Affonso, beneficiado d'esta egreja, e *Sebastião Affonso*, seu sobrinho, e seus herdeiros.

João d'Abreu, e sua mulher, *Leonor Ribeiro*, e seus herdeiros.

Francisco Gameiro de Barros, cavalleiro da ordem de Christo, e sua mulher, *Philippa da Silva*, e herdoiros. (1682.)

Gaspar Henriques, e sua mulher, *Isabel Fragosa Nogueira*, e herdeiros.

Duarte Luiz, e sua mulher, *Violante Henriques*, e herdeiros.

[1] Só teem data, as que as levam marcadas. Estas referem se ao fallecimento dos sepultados. Como se vê, são todas sepulturas de familia, quando dizem—*e seus herdeiros*.

Capellas de missas n'esta egreja

INSTITUIDORES

A 12 de maio de 1689, *Miguel de Figueira*, e sua mulher, 20 missas do Natal, por esmola de 1:500 réis. Administrador, em 1740—Manuel Vieira Soares.

—

A 30 de janeiro de 1481—*Martin Pires Vieira*, 24 missas, por esmola de 1:200 réis, Administrador, em 1740—Luiz Pires Carreira.

—

N'esta egreja instituiu um morgado e capella *D. Violante Soares*, com obrigação de trez missas cada semana, com responso sobre a sepultura, por esmola de 7$800 réis. Ignora-se a data d'esta instituição. Administrador, em 1740—Antonio Sodré Pereira, das Coberturas.

—

A 7 de setembro de 1681 — *Garcia da Costa*, 25 missas, da esmola do costume. Amninistrador, em 1740—Fernão Dias Franco, morador em Lisboa.

—

A 20 de julho de 1670—*Brites da Costa*, seis missas annuaes, de esmola ordinaria Administrador, em 1740—José Ferreira Cabral.

Egrejas annexas a esta de Marvilla

Espirito Santo, de Valle de Cavallos—hoje concelho da Chamusca.—Fica a 12 kilometros a S.E. de Santarem.

Era o cura annual, apresentado pelos priores de Marvilla.

Ermidas que teve esta freguezia

S. Lazaro—S. Roque—Santo Antão—Nossa Senhora da Victoria—S. Christovam.—(Vide adiante—*Ermidas de Santarem.*)

A egreja de Nossa Senhora de Marviila, acaba de ser restaurada. O dia 15 de agosto de 1879, foi o destinado para a sua abertura ao culto dos fieis. Foi dia de geral regosijo, havendo uma explendida festa, com missa cantada, a grande instrumental, e um commovente sermão. A praça estava toda embandeirada, e subiu ao ar grande quantidade de foguetes. A concorrencia dos fieis, foi enorme. De tarde sahiu uma grande e magnifica procissão. Á noite houve um brilhante fogo preso, e a musica tocou até ás 12 horas.

O templo ficou sumptuosissimo, com esta restauração.

—

S. Nicolau

Esta egreja está situada no centro da cidade. É dedicada a S. Nicolau, bispo de Patara. É um templo claro e formoso de trez naves, sobre oito arcos (4 de cada lado) de ordem toscana. Tem capella-mór e duas lateraes (Santissimo sacramento e Sant'Anna.) No corpo da egreja, tem cinco capellas, trez á direita e duas á esquerda de quem entra.

Junto á egreja (ao N.) com communicação interior, está uma grande capella de abobada, dedicada a S. Pedro, apostolo.

(Vide *Ermidas de Santarem.*)

—

Ignora-se a data da fundação d'esta egreja, porque ardendo, pelos annos de 1600, se queimaram todos os papeis do seu archivo. Sabe-se porém que já existia no seculo XIII.

Foi reedificada em 1613.

Na era de Cesar, 1371 (1333 de Jesus Christo) D. Affonso IV, fez permuta com os testamenteiros de *Marinha Affonso* (Mem Rodrigues de Vasconcellos e João Nunes) do padroado d'esta egreja—que era da tal Marinha—com as mesmas regalias que n'ella tinha, pelo padroado das egrejas de *Arganil* e *Pombeiro* (o da provincia do Douro, concelho de Arganil.)

Esta *Marinha Affonso*, e seu marido, *Fernão Rodrigues Redondo*, fundadores da ermida de S. Pedro, contigua á egreja —eram os padroeiros da egreja de S. Nicolau.

Esta troca foi confirmada pelo bispo de Lisboa, D. João Affonso de Brito, na era de 1373 (1335 de Jesus Christo.) Desde então, tomou o parocho d'esta egreja, o titulo de *prior de S. Nicolau e capellão mór das capellas de S. Pedro.*

Quando vagava o priorado, era o novo prior eleito pelos capellães de S. Pedro, chamados, para esta eleição canonica, *ao som de campa tangida.*

Tinha esta egreja seis beneficiados, collados, da apresentação do prior. Este tinha, como parocho, e como capellão-mór de S. Pedro, mais de 400$000 réis annuaes, nos fructos do priorado—e os beneficiados, nos fructos certos e incertos 80$000 réis por anno. Os capellães de S. Pedro, tinham annualmente, nos fructos certos e incertos, 60$000 réis. Eram da nomeação *in solidum* do capellão-mór.

Tem esta freguezia, fóra do cinto das muralhas (*extra-muros*) ao O., os logares do *Rêgo de Mansos* e *Fontainhas.* São casaes, quintas e hortas.

Tinha tambem da outra margem do Tejo (esquerda—Sul) quintas e casaes (uns 70 fogos) pertencentes a esta freguezia. O prior pagava a um cura *ad nutum*, para dizer missa e administrar os sacramentos ao povo d'estes logares. Hoje são d'Almeirim.

—

Ha n'esta egreja duas irmandades—a do *Santissimo Sacramento*, cuja instituição foi aprovada em 1632—e a do *Menino Jesus*, instituida em 1583, e confirmada no mesmo anno (a 5 de julho) pelo arcebispo de Lisboa, D. Jorge de Almeida. Ambas teem muitas indulgencias.

A capella do Menino Jesus, foi comprada (com licença do ordinario) pela sua irmandade, ao prior e beneficiados d'esta egreja, pela quantia de 45$000 réis, por escriptura publica, de 31 de outubro de 1719, nas notas do tabellião, Theotonio da Fonseca.

Mais noticias com respeito á egreja matriz de Santa Iria, na Ribeira de Santarem.

Vide *Iría* (Santa) 3.º vol., pag. 399, col. 2.ª—e *Ribeira de Santarem.*

A egreja matriz de Santa Iria—hoje unica parochia da Ribeira de Santarem—está no centro da povoação.

Suppõe-se que já existia no tempo dos godos, e foi reedificada por D. Affonso Henriques, ahi pelos annos de 1160.

A *lenda de Santa Iria*, ou Irêne, padroeira d'esta egreja, fica descripta no 6.º vol., pag. 7, col. 1.ª

Já disse no logar citado, do 3.º vol., que a collegiada da egreja d'Alcáçova, apresentava o vigario. Este era sempre um dos *cónegos* da mesma collegiada.

Alem do vigario, tinha esta egreja oito beneficiados, um cura e um thesoureiro (estes dois ultimos, nomeados e pagos pelo vigario.)

Havia n'esta freguezia trez ermidas—*Nossa Senhora da Gloria—Nossa Senhora das Neves—Nossa Senhora de Palhaes.*

Dois kilometros ao N., estava o collegio dos padres terceiros da ordem de S. Francisco, do qual já tratei, no logar competente.

A egreja, foi antigamente do padroado real; porque, em 1280, fez D. Diniz I, doação e permutação, aos *conegos* d'Alcáçova, dando-lhes o padroado e rendas d'esta egreja, e da de Santa Cruz (então parochial, e tambem na Ribeira) e recebeu os padroados de Alcoentre, Alcoentrinho, e Tagárro, que eram de Santa Iría.

A egreja é de trez naves, sustentadas por 10 columnas (5 de cada lado) de ordem toscana, bem lavradas, e com seus capiteis.

Tem altar-mór e dois lateraes.

A uns 50 metros ao N.E. da egreja, no sitio da *Ribeira de Barcos*, junto á margem direita do Tejo, em frente do *padrão de Santa Iría*, é que esteve a ermida de Nossa Senhora das Neves, unida á ermida de Santa Iria.

Noticias relativas ás egrejas matrizes das nove freguezias de Santarem, hoje supprimidas.

Santa Maria d'Alcaçóva—D. Affonso Henriques, prometteu aos templarios que o acompanharam em 1147, que se tomasse Santarem, lhes daria todo o seu ecclesiastico, o que cumpriu. Suppõe-se que estes cavalleiros tinham dado principio á fundação d'esta egreja, 52 annos antes, o que todavia não está satisfatoriamente provado. (Vide o anno 1095.) O que é certo é terem elles concluido as obras, sete annos depois da ultima tomada de Santarem. (Vide o anno 1154.) [1]

Em 1181, o prior, D. Pedro Annes e seus *cónegos*, repartiram entre si, as rendas d'esta egreja; o que foi confirmado pelo rei D. Affonso II, em 1214.

A 9 de março da era de Cesar, 1318 (28 de abril de 1280 de Jesus Christo) primeiro anno do reinado de D. Diniz, deu este soberano, o padroado da egreja de Alcáçovas, ao *mestre Pedro Chanceller*, medico e clerigo, muito rico, sendo collado pelo cabido, por commissão do 16.º bispo de Lisboa, D. Matheus, que estava então em Roma, tratando de negocios do rei.

(Vide 4.º vol., pag. 269, col. 2.ª, verso).

Os nossos reis habitavam por esse tempo o palacio de Alcáçova, junto á egreja, e esta tinha o privilegio de capella-real; e *mestre Pedro*, que era grande valído de D. Diniz, em attenção ao rei e á familia real, fez grandes obras na egreja, e lhe deu muitas propriedades e fóros, para com isto se sustentarem 17 conegos, 3 dignidades (chantre, mestre-escola e thesoureiro) e 4 meios conegos; numero então estabelecido, por auctorisação do papa Honorio IV.

Até 1834, o prior d'Alcaçovas, era freire d'Aviz, e este logar andava sempre na pessoa do sachristão-mór do convento d'esta ordem.

[1] As duas inscripções sepulchraes que vão adiante, fazem-nos suppor, que, no local hoje occupado pela egreja christan, existiu um templo romano, que os templarios demoliram, para construir o actual, ou reedificar o antigo.

No 1.º de novembro de 1280, o bispo de Coimbra, *D. Americo*, e o de Évora, *D. Durando*, fizeram as partilhas entre os conegos, das rendas que á egreja havia dado *mestre Pedro*.

N'esta freguezia, havia trez ermidas—*S. Pedro*, *S. Miguel* e *Nossa Senhora da Conceição*.

A egreja matriz, é de trez naves, sustentadas por columnas de ordem toscana, e interiormente revestida de azulejo muito antigo.

A capella-mór é de abobada, com cintas de marmore, muito bem lavradas.

Do lado do Evangelho, está embebida na parede, uma arca de marmore, onde foi sepultado D. Rodrigo Affonso, prior d'esta egreja, e filho bastardo de D. Affonso III.

D. Rodrigo, falleceu em 10 de setembro de 1302.

Tem quatro capellas lateraes.

Junto á porta travessa, e ás escadas do côro, está na parede uma sepultura com esta inscripção:

ANNO DOMINICAE MCCXXXVI.
ERA MCCLXXIIII, V. IDUS MAII.
PIAE RECORDATIONES MENDUS
ALPHONSUS, ORPHANORUM PATER,
VIDUARUM JUDEX, DEFENSOR
ECCLESIAE, ET AMATOR, AC PIUS
HOSPITUM HOSPITALIS FELICITER
MIGRAVIT AD DOMINUM.
ANIMA EJUS REQUIESCAT IN PACE
AMEN.
VIVAT CUM CHRISTO, TUMULO QUI
CLAUDITUR ISTO.

(No anno da Encarnação do Senhor, 1236, era de Cesar, 1274, a 11 de maio, Mendo Affonso, de pia memoria, pae dos orphãos, juiz das viuvas, defensor da egreja, amador e pio agazalhador dos hospedes; felizmente passou para o Senhor. Sua alma descance em paz. Amen. Viva com Christo, o que jaz n'esta sepultura.

—

Em 25 de agosto de 1262, D. Affonso III, a rainha D. Brites, sua mulher, e seus filhos, D. Diniz (depois rei) D. Affonso, D. Branca, e D. Sancha, declaram por uma carta de doação, que—alem de todos os dizimos dos seus reguengos, que D. Affonso Henriques tinha dado a esta egreja, lhe davam mais o seguinte, dizendo—*Quero e ordeno que todas as minhas quintas e propriedades, que ora tenho, ou ao diante, eu e meus successores tiverem, em Santarem e em seu termo, e de todas as lezirias que estão dentro do Tejo, ou na sua ribeira*, as quaes eu agora fiz abrir e lavrar, *ou d'aqui em diante forem abertas e cultivadas, haja os dizimos a sobredita egreja, em paz e* para sempre, *assim da minha parte, como de meus successores. E, se algum dos meus parentes, ou estranho, intentar vir contra esta doação de meus paes, e minha, não lhe seja licito, e só pelo intentar*, INCORRA NA IRA DE DEUS E DE SUA SANTISSIMA MÃE, E MINHA MALDIÇÃO, PARA SEMPRE, ETC.

—

O cabido d'esta collegiada, administrava uma capella, instituida pelo chantre, Diogo Rebello Barberia, em 25 de septembro de 1633, com obrigação de uma missa quotidiana, de esmola de 60 réis, cada uma.

Junto á porta principal estão duas campas, uma de Fernão Rodrigues e seus herdeiros; outra, do licenceado, frei Manuel de Souza, parocho d'esta fregrezia.

No adro estão duas lapides romanas, com as seguintes inscripções:

D. M.
M. ANTONI. M. F.
GAL. LVPI. OLI-
SIPONENSIS.
H. S. E.

(Dedicada aos deuses manes. Aqui está sepultado, Marco Antonio, militar (?), natural de Lisboa, filho de Marco Lobo, da tribu galeria)

D. M.
Q. ANTONI. M. F.
CAI. CELERI.
OLISIPONENSE.

(Aos deuses manes. Quinto Antonio, militar (?), filho de Caio Celerino, natural de Lisboa.)

Falta-lhe a ultima linha—H. S. E. (*Hic sepultus est*—Aqui está sepultado.)

—

Eram commendadores d'esta egreja, os condes de Unhão.

Rodrigo Telles de Menezes, conde de Unhão, mandou reedificar á sua custa, esta egreja, por estar ameaçando ruina.

Principiaram as obras em 1715, e terminaram em 1724.

Esta reedificação foi feita com grande magnificencia.

—

Santa Cruz. — É na Ribeira, e está esta freguezia unida á de Santa Iria.

Fica ao N. da povoação.

Era apresentada pelos conegos d'Alcaçova, e era collegiada, com cinco beneficiados, e um thesoureiro.

Tambem se ignora a data da sua fundação, mas é certamente dos principios da monarchia, senão anterior a ella.

Vimos na descripção da egreja de Santa Iria, que, em 1280, o rei D. Diniz, deu o padroado d'ella e o d'esta de Santa Cruz, em troca dos padroados de Alcoentre, Alcoentrinho e Tagárro, o que prova que já então era Santa Cruz, egreja matriz, e, provavelmente, ha muitos annos.

É verdade que na egreja está uma inscripção que diz:

AQUI JAZEM OS OSSOS
DE LOURENÇO DOMINGUES MINASTOS,
E DE SUA MULHER, IRIA AFFONSO CAEIRA,
EDIFICADORES D'ESTA EGREJA DA VERA CRUZ.
ERA DE 1681.

Mas, com toda a certeza ha engano na inscripção, dizendo *edificadores*, em vez de *reedificadores*.

—

No pavimento da capella-mór, estão varias sepulturas.

Eis as inscripções das que se poderam ler:

1.ª

AQUI JAZEM NUNO INFANTE,
CAVALLEIRO, FEITO NA TOMADA DE
ARZILLA; E SEU FILHO, DIOGO NUNES
INFANTE, CAVALLEIRO, FEITO EM
TANGER; DOS ANTIGOS CREADOS DOS
REIS PASSADOS: E JAZERAO SEUS
HERDEIROS.

2.ª

ESTA SEPULTURA É DO MESTRE JOÃO,
VÉDOR QUE FOI, DO SENHOR D. PEDRO,
BISPO DA GUARDA, E PRIOR QUE FOI,
DE SANTA CRUZ DE COIMBRA.
O QUAL FALLECEU, QUINTA FEIRA,
13 DIAS DO MEZ DE MARÇO DE
1516.

Esta inscripção é em letra gothica.

3.ª

SEPULTURA DO LISENCEADO
MANOEL GOMES, E SEUS HERDEIROS;
E N'ELLE JAZ MARIA DA SERRA,
SUA MULHER.

A pedra d'esta sepultura, é bem lavrada e tem duas argollas de bronze.

4.ª

SEPULTURA DE DUARTE SOEIRO,
E DE SEUS HERDEIROS.

5.ª

AQUI JAZ UM CONDE ESTRAGEIRO,
FUNDADOR D'ESTA EGREJA. (?)

Esta sepultura e as seguintes estão na capella-mór.

6.ª

AQUI JAZ ENTERRADO, O MUITO
HONRADO CHRISTOVÃO LOPES,
CAVALLEIRO FEITO EM AFRICA,
E DA CASA DE EL-REI D. JOÃO II.º
FALLECEU NO PRIMEIRO DE JANEIRO
DE 1533; E NA QUAL SE NÃO
LANÇARA', SENÃO SEU FILHO,
E HERDEIROS E DESCENDENTES.

Esta inscripção é em letra gothica, como a segunda.

7.ª

SEPULTURA DE ANTONIO JORGE,
FAMILIAR DO SANTO OFFICIO;
E DE SUA MULHER, E HEDEIROS;
E DE SEU FILHO, SIMÃO JORGE LOBO,
CHANTRE DE ALCAÇÔVA, E VIGARIO
D'ESTA EGREJA.

8.ª

SEPULTURA DE LUIZ SOARES,
FAMILIAR DO SANTO OFFICIO.
FALLECEU A 24 D'ABRIL, DE 1693.

—

No corpo da egreja ha ainda varias sepulturas com inscripções—umas illegiveis, outras de pessoas cujos descendentes hoje se ignoram.

Esta egreja foi roubada e profanada em 1834.

Hoje está meia arruinada, e transformada em PALHEIRO!

—

São Matheus, evangelista—ao N. da Ribeira, no alto, junto á *calçada da Atamárma*, foi construida esta egreja.

Era a mais pequena freguezia da cidade, pois em 1735, tinha apenas 15 fogos, e, em 1768, estava reduzida a 7!

Não tinha sacrario, nem obrigação de côro.

A poucos metros da egreja, se edificou, em tempos antigos, a ermida de Santa Eufemia, que era d'esta freguezia.

Tem a egreja altar-mór e dois lateraes. Eram padroeiros os duques do Cadaval, que apresentavam o parocho.

Podia chamar-se um *beneficio simples*, pois tendo tão poucos fogos, o parocho quasi nada tinha que fazer, e rendia 500 a 600$000 réis.

O parocho apresentava a egreja de Alcanhões.

—

São Julião—(antigamente, *S. Gião*, ou *S. Gens*).

É tambem um templo muito antigo, e, pelo menos, do principio da monarchia; mas ignora-se a data da sua fundação, porque em um pavoroso incendio que muito o damnificou, foram queimados todos os seus papeis.

Foi sempre do real padroado, até ao reinado de D. Diniz.

Este monarcha, erigindo o famoso mosteiro de Odivellas, doou ás religiosas d'elle, o padroado da egreja de S. Julião, de Santarem.

Vê-se pois que esta parochia já existia no seculo XIII.

E deve ser das primeiras d'esta povoação por estar *intra-muros*, e foi sempre independente—isto é—não era filial de nenhuma das outras de Santarem, antes tinha outras egrejas parochiaes annexas, cujos parochos eram apresentados pelo de S. Julião.

Perderam-se alguns d'estes padroados, e em 1834, só existiam dous—*Valle de Santarem* (primeiro, Nossa Senhora da Conceição, e depois, Senhora da Expectação) 6 kilometros ao O.S.O. da cidade, e junto á *Ponte da Asseca* e *Monsão* (Santa Martha) [1] ao S. do Tejo.

Em ambas estas freguezias apresentavam os priores de S. Julião, curas annuaes.

Os priores d'esta freguezia, tinham 400 e tantos mil réis de rendimento, mas pagavam de *pensão* annual, ás freiras bernardas, de Odivellas, 60 alqueires de trigo e 40 de cevada.

Havia aqui cinco *beneficios simples*, dados pelos pontifices, com o rendimento annual de 130$000 réis cada um.

Tinha mais, um capellão, obrigado a rezar no côro (instituição do padre *Mulano*, beneficiado da mesma egreja, e natural de Santarem) com 80$000 réis annuaes.

Outro capellão, creado por Bernardo de Souza Fróes, com a mesma obrigação e egual rendimento.

A fabrica pagava ao thesoureiro e ao ornista.

Egreja pequena, de trez naves, e revelando muita antiguidade; mas a capella-mór já não é a primitiva: foi reconstruida depois do incendio de que fallei.

É de abobada.

Este templo mostra ser construcção (ou, pelo menos, reconstrucção) regia, pois que em muitas partes do tecto se veem as armas de Portugal.

As paredes interiores, são revestidas de azulejos.

Tem a irmandade do S.S. Sacramento, instituida por o padre Gregorio Roque d'Almeida, prior d'esta egreja, que lhe deixou bastantes rendas.

[1] Hoje o nome official d'esta freguezia, é *Bemfica*, ou *Monsão de Bemfica*, no concelho d'Almeirim, comarca de Chamusca.
(Vide *Monsão de Bemfica*.)

—

S. Lourenço—egreja situada no fim da povoação, no bairro do *Pereiro*.

Era priorado da mitra da diocese Oriental de Lisboa, obtido por concurso synodal.

Em 1735, tinha 16 fogos, e em 1768, tinha 28.

Tambem se podia considerar *beneficio simples*, porque os priores, tendo tão poucos freguezes, tinham 400$000 réis de rendimento.

Foi em tempos antigos collegiada, e os seus limites chegavam ao campo da Chamusca, nos sitios chamados *Taváres, Távarinhos*, e *Montijo;* o que consta de uma sentença, dada por D. Estevam d'Aguiar, D. abbade do real mosteiro d'Alcobaça, em 1442.

N'esta sentença se mandou partir os dizimos entre esta egreja de S. Lourenço, e a de Santa Maria d'Ulme, hoje concelho da Chamusca.

(Então ainda a actual villa e freguezia da Chamusca, era uma aldeia da freguezia de Ulme.)

(Vide *Chamusca.*)

A egreja de S. Lourenço, era de uma só nave, e pequena, com altar-mór e dois no corpo da egreja.

No districto d'esta freguezia, estáva o mosteiro de S. João do Pereiro, de frades arrabidos.

Tambem era n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora Madre de Deus, vulgarmente *Nossa Senhora da Vallada.*

—

Depois de roubada e profanada em 1834, foi esta egreja arrazada de tal maneira, que hoje nem se sabe com exactidão o logar onde existiu.

S. Thiago — Esta egreja, foi construida junto á calçada que corre da povoação para o E., e que porisso se chama *Calçada de S. Thiago.* Contigua a esta freguezia, fica, logo abaixo, a de Santa Iria, da Ribeira.

Apezar de estar no centro da diocese Oriental de Lisboa, era a sua jurisdicção independente, por pertencer á prelazia de Thomar, até 1834. Hoje está annexa ao patriarchado.

Esta freguezia, que em 1735 tinha 39 fogos, em 1768 já não tinha senão 17.

A egreja era pequena e de uma só nave, com altar-mór e dois lateraes.

Os parochos foram priores até 1537, e recebiam todos os dizimos; mas d'esse anno em diante, ficaram sendo vigarios, porque, com os dizimos se creou uma commenda da ordem de Christo.

Tinha cinco beneficiados, collados, freires da mesma ordem de Christo, apresentados pelo rei, como grão-mestre da ordem, o qual tambem apresentava os vigarios. Estes beneficios eram *simples*, e nunca servidos por os seus proprietarios, mas por ecónomos, que rezavam em côro e assistiam aos officios divinos.

O ultimo que teve aqui o titulo de prior, foi frei Diogo do Rêgo, virtuosissimo religioso, e que tinha sido D. prior do real mosteiro de Thomar.

—

Os priores do convento de Christo, no fim do seu trienio, em Thomar, vinham ser priores d'esta egreja, até que D. João III, a 26 de agosto do dito anno de 1537, fez troca com os frades de Thomar, dando-lhes a commenda da Cardiga, que vagára por fallecimento do commendador, frei Nuno Furtado, por esta de S. Thiago, a qual, n'esse mesmo anno, deu a frei André Telles de Menezes, fidalgo da sua casa. Esta commenda era depois, dos monteiros-móres do reino.[1]

Mas os commendadores da Cardiga ficaram obrigados a dar ao vigario de S. Thiago, 12$000 réis por anno.

É bastante curiosa a carta regia pela qual D. João III fez esta troca; mas, como é muito extensa, só copio o seguinte:

«D. João, etc., como governador e administrador que sou da ordem e cavallaria do mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo; faço saber a quantos esta carta virem, que, quando mandei reformar o convento de Thomar, da dita ordem, passei uma minha provisão, porque me prouve, que por falleci-

[1] A commenda da Cardiga, era constituida pela quinta do mesmo nome, na villa da Gollegan. Vide esta ultima palavra.

mento de frei Diogo do Rêgo, que foi D. prior do dito convento, e prior da egreja de S. Thiago, de Santarem, que é da dita ordem, e da apresentação dos mestres e governadores d'ella.....

E, sendo vaga a commenda da Cardiga, por fallecimento de frei Nuno Furtado, que d'ella foi ultimo commendador, e vendo que, *por a dita commenda estar tão perto do dito convento, e lhe ser muito necessaria para sua grangearia, e ter disposição para n'ella trazer todo o gado para mantença da casa.* .....

o dito prior e freiras, renunciaram a dita egreja de S. Thiago, pela qual renunciação, ficou vaga.....

E elle (frei André Telles) deixou as duas commendas, de *S. Gião, de Cambra*, e de *Santa Maria da Ventosa*[1] que tinha *que são das cincoenta commendas das egrejas do meu padroado*, etc.....

Francisco Pires a fez, em Evora, a 26 dias de agosto, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 1537.—E eu Jorge Rodrigues, a subscrevi.»

—

Tambem no archivo d'esta egreja existiu outro alvará, pelo qual o mesmo D. João III, faz mercê da commenda de S. Thiago, a Ruy Telles da Silva, filho primogenito de André Telles de Menezes, por fallecimento d'este. O alvará é de 5 de dezembro de 1538, e portanto o primeiro commendador só desfructou a commenda 15 mezes.

—

Posto ignorar-se o anno da fundação d'esta egreja, sabe-se que foi no reinado de D. Affonso Henriques, e que foi logo egreja parochial. Foi primeiramente dos templarios, e é muito provavel que fossem elles os seus fundadores. Mesmo depois das contendas com o bispo de Lisboa, D. Gilberto (vide o anno 1159) ficou esta egreja sendo isenta do mosteiro e prelazia de Thomar, porque assim se collige de um alvará do rei D. Diniz, passado em maio da era de 1323 (1285 de Jesus Christo) no qual o rei confirma todos os privilegios concedidos por seus antecessores, aos templarios, com respeito a esta e a todas as outras egrejas d'esta ordem. Eis a razão porque esta egreja veio, em 1319, a ser commenda de Christo.[1]

Outro alvará de D. Affonso V, passado em Santarem, a 27 de fevereiro de 1449, confirma o anterior, feito aos templarios, em favor da ordem de Christo, da qual era então grão-mestre, o infante D. Henrique (o de Sagres) duque de Viseu, senhor da Covilhan, tio do rei, por ser 5.º filho de D. João I.

Ambos estes alvarás estavam archivados no cartorio da egreja de S. Thiago.

—

Na capella-mór d'esta egreja, estavam duas sepulturas, ambas mettidas na parede, do lado do Evangelho.

Eis as suas inscripções:

1.ª

AQUI JAZ O DOUTOR DIOGO DO REGO,
DO DESEMBARGO D'EL-REI NOSSO SENHOR,
E DO SEU CONSELHO; DOM PRIOR
DESTA EGREJA. FINOU A NOVE DE
MAIO DE MIL QUINHENTOS E
TRINTA E SEIS ANNOS.

Esta sepultura era de marmore, muito bem lavrada. Foi aberta em 1695, e se achou o corpo do defunto inteiro e incorrupto.

2.ª

A SEPULTURA D'ESTA CAPELLA-MÓR,
É DE ANTONIO DIAS MONTEIRO,
CAVALLEIRO FIDALGO, DA CASA DE
SUA MAGESTADE, E SEU MONTEIRO-
MÓR D'ESTA VILLA—E DE SUA
MULHER, E HERDEIROS.
TEM MISSA QUOTIDIANA POR
SUAS ALMAS, PARA SEMPRE,
COM MAIS UMA CANTADA.
PEDE UMA AVE MARIA PELA SUA
ALMA, E DA DITA SUA MULHER,
CATHARINA CARDOSA.

[1] É a actual freguezia de Cambra, no concelho de Vousella. (Vide a 3.ª *Cambra*.)

A freguezia de Santa Maria da Ventosa, pertence tambem ao mesmo concelho de Vousella.

[1] Já tenho dito em mais de um logar d'esta obra, que a ordem do Templo foi supprimida em 1311, e D. Diniz instituiu a ordem de Christo, para herdeira d'aquella, e lhe deu quasi tudo quanto era dos templarios, assim como todas as suas honras, isenções e privilegios.

Para possuirem este jazigo de familia, lhes foi dada licença, por uma provisão de Philippe IV, passada em Lisboa, a 22 de janeiro de 1620.

—

No corpo da egreja, foram enterrados os seguintes individuos, o que constava das respectivas inscripções:

O licenciado, Antonio Toscano, vigario d'esta egreja, fallecido de 99 annos.

João Lopes, tambem vigario d'esta egreja.

Francisco Lopes, idem.

Nicolau Paes, escrivão do almoxarifado e coutados de Santarem, e seus herdeiros.

Padre João de Lemos Mascarenhas, «que serviu esta egreja (diz a inscripção) trinta annos, com satisfação; e seu irmão, frei *Amaro de Lemos Mascarenhas*, indigno sacerdote. Pedem uma Ave Maria. Anno de 1675.»

—

Depois de roubada e profanada esta egreja, em 1834, foi arrazada até aos fundamentos, sem que hoje d'ella haja o minimo vestigio.

—

S. João do Alfange—A povoação do Alfange, fica junto á margem direita do Tejo, e n'ella está a egreja de S. João Baptista, que foi matriz d'este bairro.

O vigario era apresentado pela collegiada d'Alcáçova, que nomeava sempre um dos seus *conegos*, para esta parochia.

Esta egreja foi antigamente do real padroado, mas, em 1254, D. Affonso III, deu áquella collegiada, os padroados d'esta egreja de S. João, da de S. Pedro, e da de S. Bartholomeu.

A egreja é pequena e a maior parte dos seus parochianos, eram barqueiros e pescadores.

Tinha trez beneficiados, da nomeação da collegiada d'Alcáçova, e um thesoureiro nomeado pelo vigario.

Como acontece com a maior parte das egrejas matrizes de Santarem, ignora-se a data da fundação d'esta, só se sabe que é antiquissima e provavelmente fundada por D. Affonso I, ou durante o seu reinado.

Quando tratar da capella de *S. Bartholomeu dos cavalleiros*, direi mais alguma cousa relativa a esta egreja, o que agora não faço para evitar aborrecidas repetições.

A egreja de S. João do Alfange, ainda está aberta ao culto, e n'ella se diz missa nos dias santificados; mas acha-se na maior pobreza, quanto a alfaias para o culto divino; sem limpeza, e ameaçando proxima ruina.

—

S. Martinho, bispo — Esta egreja ficava dentro dos muros, da parte do N.E. da povoação.

O templo primittivo, era antiquissimo, e estando em grande ruina se demoliu, em 1715, para se construir o novo, junto ao logar do antigo.

Lançou-se a primeira pedra, a 9 de maio de 1716, concluindo-se as obras em 1745. A primeira era sagrada.

Na pedra fundamental, se gravou uma inscripção que é a mesma que se lia no cunhal da esquerda, de quem entra, e dizia:

MARTINO RENOVATUM Á PARTU
VIRGINIS ALMAE MILLE SUPER-
NUMERABIS, MOX QUOQUE
SAECULA SEPTEM, BIS QUOQUE
ANNOS OCTO LAPIS HIC MONU-
MENTA RELINQUIT, LUCE NONA
MAII, QUAE SIT MEMORABILIS AEVO.

A egreja era pequena, de uma só nave, e toda de abobada de tijolo. Tinha altar-mór e dois lateraes.

O frontespicio, era de boa cantaria lavrada, com duas torres de sinos, e entre ellas, uma espaçosa varanda.

No centro do pavimento da capella-mór, estava uma campa com esta inscripção:

AQUI JAZ PEDRO SEBASTIÃO DIAS
CAMELLO, PRIOR QUE FOI VINTE
E UM ANNOS; NA EGREJA DE
S. LOURENÇO, E VIGARIO D'ESTA,
TRINTA E NOUE. PEDE, PELO AMOR
DE CHRISTANDADE, UM PADRE NOSSO.

Na antiga egreja estava uma campa que foi mudada para a nova, e da sua inscripção só se podia lêr:

SEPULTURA DO MESTRE MENDO,
QUE DEIXOU QUARENTA E OITO
.....RENDA EM MONÇÃO
.....AOS BENEFICIADOS IN SOLIDUM.

No adro, junto á porta travessa, estava um carneiro, mandado fazer pelo padre Manuel Dias da Costa, que foi prior d'esta egreja.

Esta egreja era do real padroado, e o rei D. Diniz a deu aos bispos de Lisboa, sendo seu primeiro donatario, o bispo, D. João Martins de Soalhães.

Depois, passou a commendatarios, e foi o ultimo, o morgado d'Oliveira, João Pedro de Saldanha; mas o direito da apresentação ficou sendo sempre da mitra, por concurso synodal.

Tinha quatro beneficiados, da nomeação do prior, cada um com 200$000 réis de rendimento annual. Tinha tambem um thesoureiro, apresentado *in solidum* pelo prior.

Havia n'esta freguezia trez ermidas—S. João Baptista (o famoso templo de *S. João d'Alporão*) a uns 15 metros da egreja matriz—Santo Ildefonso e Senhora da Bôa-Hora.

Era curato da apresentação, *in solidum*, do prior d'esta egreja, a freguezia de Nossa Senhora da Conceição, da Varzea, 7 kilometros ao N. de Santarem, e do seu concelho.

Antigamente, era a egreja da freguezia de S. Vicente do Paúl (concelho de Santarem) filial d'esta de S. Martinho, cujo prior e raçoeiros nomeavam o cura d'aquella e recebiam trez quartas partes dos dizimos do Paúl.

O primeiro documento que existe d'este padroado, é do tempo de D. Diniz, porque D. Pedro I, diz em uma carta regia—*Mando que se conserve a carta d'el-rei D. Diniz, meu avô, e que o prior de S. Martinho seja conservado na posse da egreja de S. Vicente do Paúl, etc.*

Pelo meiado do seculo 17.º, o prior de S. Martinho, renunciou o direito de apresentação da egreja do Prúl, que ficou sendo da mitra, e depois passou a commendatarios seculares.

Mas o prior de S. Martinho, continuou a receber a quarta parte dos dizimos dos fructos do Paúl, e todo o dizimo das *aves de penna*.

Exactamente o mesmo recebia o prior, da freguezia de S. Domingos de Valle de Figueira, tambem do concelho de Santarem.

—

Como acabamos de vêr, ere esta egreja de S. Martinho, muito antiga, mas tambem se ignora a data da sua fundação. Segundo a tradição, já existia no tempo dos gôdos, e os árabes a converteram em mesquita, no seculo 8.º, sendo purificada e aberta ao culto catholico no seculo 12.º

Foi este antiquissimo templo, que se demoliu em 1715, para se construir o novo, como vimos no principio d'este artigo.

—

Era no districto d'esta freguezia, e a uns 30 metros ao N. da egreja-matriz, que o rei D. Manuel construiu a celebre e altissima *torre das Cabaças*. É quadrada, de boa e robusta alvenaria, com cunhaes de grossa cantaria, fechada por uma abobada convexa, tendo no centro, o grande sino do relogio.

—

Ha tambem n'esta freguezia duas fontes de boa agua nativa.

A primeira, pouco abundante, mas perenne, está ao cimo de um pomar e hortas, em uma ladeira ingreme, que tudo pertenceu á sumptuosa casa que aqui tiveram os condes d'Obidos, e que está ao cimo da propriedade, que confinava com a egreja.

Logo ao principio da descida da referida ladeira, está uma casa subterranea, que o vulgo denomina *casa dos mouros*. É de abobada de tijolo, e a porta da entrada é de boa cantaria bem lavrada, denotando muita antiguidade. Segundo a tradição—corroborada pelo seu nome—é obra dos árabes, mas a sua architectura indica ser obra romana, por ser de ordem dorica, combinada com a toscana. Todavia, não falta quem diga que é obra mais moderna, mandada fazer pelos primeiros condes d'Obidos.

A segunda fonte d'esta freguezia, é em outra ladeira que confina com a antecedente, e fica perto do palacio que foi dos condes de Tarouca.

—

Pelo S.E. confinava esta freguezia com a de Alcáçova, que antigamente era o castello da villa, cercado de muros fortissimos.

Este castello estava ainda no seculo XII,

separado da povoação, mas, com o augmento d'esta, veio a ficar unido a ella.

Para o N.O., atravez da calçada que vae para o Alfange, havia uma ponte levadiça (ainda ao sitio se dá o nome de *Ponte*) sobre o fosso da entrada da porta do castello.

Na parte mais elevada d'este logar, onde estão umas casas que foram dos Peixotos da Silva, provedores das lezirias, existiu a antiga *torre do Bufo*.

Era tão alta, que d'ella se via a olho desarmado, e em tempo claro, o castello de S. Jorge de Lisboa.

Foi demolida no fim do seculo XVII, para com os seus materiaes se construir um lanço de muralhas.

—

Em 1834, roubaram a esta egreja a maior parte dos objectos do culto.

Depois, foram-lhe roubando a cantaria da cornija e cunhaes, até que, por fim, foram vendidos os restos a uma *associação* que alli anda construindo (setembro de 1879) um club e um theatro—cousas muito mais necessarias para a instrucção e moralisação do povo, do que uma egreja catholica...

—

Santo Estevam, proto-martyr vulgarmente, *Santo Milagre* — está fundada no sitio mais alto de Santarem, dentro dos muros que cercam a principal povoação.

Tambem se ignora a data da sua construcção, só se sabe que é antiquissima.

De um pergaminho existente no cartorio d'esta egreja, consta que já era parochial, e priorado, em 1240.

Sabe-se tambem, que foi sagrada, a 16 de fevereiro de 1241.

Suppõe-se que foi elevada a matriz, em 1240.

Foi sempre do padroado das rainhas, que apresentavam o prior.

Tinha 8 beneficiados que o prior apresentava.

O parocho tinha de rendimento annual 400 e tantos mil réis, mas d'elles pagava 80$000 réis de pensão á mitra, e tambem tinha obrigação de pagar os sermões de quaresma.

Os beneficiados tinham cada um 70$000 réis por anno.

O templo é pequeno, de trez naves, sustentadas por 10 columnas, de ordem toscana, cinco de cada lado, tudo de bôa cantaria, com suas esculpturas, e entre ellas, varios bustos.

Tem altar-mór e dois lateraes.

No altar-mór, em um bonito sacrario, está o *Santo Milagre*.

De cada lado estão dois quadros a óleo, representando o milagre da sagrada particula — no 1.º, está a mulher, recebendo a communhão—no 2.º, vae ella com a hostia envolta na *beatilha*, derramando algumas pingas de sangue—no 3.º, está a arca, da qual sahem resplandores, cercados por seraphins—no 4.º, se figura a procissão, recolhendo á egreja com o Santo Milagre. (Vide o anno 1266.)

Por baixo do 2.º quadro, em letras douradas se lê:

MANDOU DOURAR A HISTORIA
DO SANTO MILAGRE, A GRANDE
PORTUGUEZA, MARIA PINTA
DE GOUVEIA. ANNO DE 1646.

Ha aqui duas irmandades—a do Santissimo Milagre—e a do Senhor Jesus do Terço.

Na primeira entravam as pessoas reaes, e os principaes cavalheiros de Santarem e de muitas terras da Extremadura.

Os irmãos teem os mesmos privilegios, graças e indulgencias da irmandade do SS., da Sé de Lisboa, o que lhe foi concedido por bulla do papa Gregorio XIV, no 1.º (e ultimo) anno do seu pontificado (1590.)

A irmandade do Senhor Jesus do Terço, foi instituida na capella de S. Marçal, mas os irmãos tiraram o santo do throno, e pozeram em seu logar, uma imagem de Jesus Christo Crucificado; e desde então tomou o altar a denominação de Senhor do Terço.

Antigamente, sahiam os irmãos todas as 4.as feiras, com o Senhor Jesus em procissão, pelas ruas da freguezia e á noite se rezava o terço de Nossa Senhora.

E em todos os domingos sahia a mesma procissão, percorrendo as mesmas ruas, cantando o terço do Santissimo Sacramento.

Esta irmandade, foi erecta em 1729, e confirmada pelo cabido, a 23 de julho do mesmo anno.

O seu altar é privilegiado em todas as quintas feiras do anno, por breve apostolico de Benedicto XIII, do mesmo anno de 1729.

Na mesma egreja se fazia todos os annos, a 27 de janeiro, um anniversario pelas almas de D. Affonso III, e de seu filho, o rei D. Diniz.

D. Affonso VI, mandou, á sua custa, fazer contigua a esta egreja, uma casa magestosa, chamada da *Via-Sacra*, na qual se mostrava o Santo Milagre ás pessoas que para isso obtinham provisão do ordinario. N'esta casa existe uma lapide que diz:

O SERENISSIMO REI D. AFFONSO SEXTO,
MANDOU FAZER ESTA OBRA, PELO
MARQUEZ DE MARIALVA, DOS SEUS
CONSELHOS DE ESTADO E GUERRA, E
VÉDOR DA SUA FAZENDA, GOVERNADOR DAS ARMAS DA CORTE E
CIDADE DE LISBOA, DE CASCAES E DAS
COMARCAS DA EXTREMADURA.
CORREU COM ESTA OBRA, O DOUTOR
FRANCISCO SOARES, SENDO PROVEDOR
D'ESTA COMARCA; E DOM MANUEL
DE CASTRO, PRIOR D'ESTA EGREJA.
NO ANNO DE 1660.

Além de varias obrigações de anniversarios, ha n'esta egreja seis capellas de missas, e são:

1.ª, instituida por D. Gonçalo Lourenço, conego de Placencia e beneficiado d'esta egreja, com missa quotidiana.

Não se sabe quando foi instituida.

Só existe uma escriptura de composição, feita entre Nuno Alvares de Mariz, então administrador da capella, e o prior D. Fernando de Menezes, e mais beneficiados, sobre o preço das missas, feita em 1589.

2.ª, instituida por D. Catharina Tosse, viuva de Pedro Tosse, em 1373.

Tem missa quotidiana, paga pelo rendimento de umas terras no campo da Gollegan.

3.ª, instituida por Maria de Oliveira Bolhão, em 1658, com missa quotidiana, de esmola de 120 réis cada missa, tirada da 4.ª parte do rendimento das suas fazendas. É administrada pela Misericordia.

4.ª, instituida em 1695, pelo padre Manuel dos Santos.

É de missa quotidiana, dita no altar da Senhora da Apresentação.

É administrada pelo beneficiado mais velho d'esta egreja.

5.ª, instituida por Luiz Borges da Silva. Tem missa quotidiana pela alma do instituidor, que deixou para ella 40$000 réis, e 4$000 réis para a fábrica.

6.ª, instituida por Gregorio Velloso.

É de seis missas cada semana, da esmola de 100 réis cada uma.

É administrada pela Misericordia.

Ignora-se a data da instituição d'estas duas ultimas capellas, só se sabe que é muito antiga.

—

Inscripções das principaes sepulturas d'esta egreja

1.ª

AQUI JAZ LOURENÇO GONÇALVES,
CAVALLEIRO, QUE DEIXOU A QUINTA
DOS CHAVÕES, Á FÁBRICA D'ESTA EGREJA,
O QUAL ESTAVA FÓRA ENTERRADO,
E PASSAMOL'O AQUI, QUANDO SE
FEZ A TORRE.

2.ª

SEPULTURA PERPÉTUA, DE
FRANCISCO FELIZ ARANHA,
E DE SUA MULHER, MARIA
FERREIRA DE SEQUEIRA, E
DE SEUS HERDEIROS.

3.ª

SEPULTURA DE ROQUE GARCIA
GODIM, E DE SEUS HERDEIROS
NA QUAL JAZ SUA MÃE E
AVÓ, ENTERRADOS. FEITA NA
ERA DE 1623.
PEDEM A TODOS, UM PADRE
NOSSO E UMA AVE-MARIA.
DA GERAÇÃO DOS PANTANAS.

4.ª

SEPULTURA DE GASPAR BULHÃO, E DE SUA MULHER, LEONOR DE OLIVEIRA, E DE SEUS HERDEIROS. 1638.

5.ª

SEPULTURA DE MANOEL SEIXO GAYO, E DE SUA MULHER, SIMOA RIBEIRA CORREIA, E DE SEUS HERDEIROS.

Esta campa tem um escudo das armas dos Gayos.

6.ª

SEPULTURA DO PADRE GIL AFFONSO, BENEFICIADO D'ESTA EGREJA, QUE FEZ UMA CAPELLA DE TODOS OS SEUS BENS, E DEIXOU POR ADMINISTRADORES, O JUIZ E MÓRDOMOS DO SANTISSIMO MILAGRE, E QUE A RENDA DE TODA A SUA FAZENDA SE FIZESSE EM QUATRO PARTES— AS TREZ, FOSSEM PARA MISSAS, E A QUARTA PARTE, PARA CERA DO SANTISSIMO MILAGRE. E QUE OS DITOS OFFICIAES FIZESSEM UM APONTADOR, QUE APONTASSE AS DITAS MISSAS, COM JURAMENTO. FALLECEU A 26 DE JULHO DE 1548.

7.ª

SEPULTURA DOS PADRES FRANCISCO GOMES, ANTONIO GOMES, E MANOEL DOS SANTOS, BENEFICIADOS D'ESTA EGREJA, 1686.

8.ª

SEPULTURA DE ANTONIO PROENÇA, PRIOR DE NOSSA SENHORA DE ALMOSTER. BENEFICIADO D'ESTA EGREJA, E DE SEUS SOBRINHOS.

9.ª

SEPULTURA DE ANDRÉ VAZ E DA SUA MULHER, CATHARINA SOARES, E DE SEUS FILHOS.

10.ª

AQUI JAZ DUARTE VELHO, CAVALLEIRO DA ORDEM DE AVIZ, E SEUS HERDEIROS. 1553.

11.ª

AQUI JAZ ANDRÉ PINTO, E SUA MULHER, LEONOR DE MACEDO, E SEU TIO, MIGUEL PINTO, CUJA É PERPETUA; E DE SEUS HERDEIROS.

Todas estas sepulturas estão no corpo da egreja.

Na capella-mór estão as quatro seguintes:

12.ª

SEPULTURA DE D. FRANCISCO LOBO DA SILVEIRA, PRIOR D'ESTA EGREJA; EM A QUAL JAZ SUA IRMAN, DONA ANTONIA DE ZUNIGA, A QUAL FALLECEU A CINCO DE NOVEMBRO DE 1637.

13.ª

SEPULTURA DO DOUTOR, LUIZ DA SILVA DE BRITO, PRIOR QUE FOI D'ESTA EGREJA, PROTONOTARIO APOSTOLICO, CONEGO PENITENCIARIO NA SÉ DE ÉVORA, VIGARIO-GERAL, PROVISOR, E GOVERNADOR, MUITAS VEZES, NO ARCEBISPADO DE ÉVORA, POR ESPAÇO DE 26 ANNOS. 1630.

Tem o brazão d'armas dos Silvas e Britos.

14.ª

ESTA SEPULTURA, É DE CHRISTOVAM DE BOBADILHA, QUE FOI PRIOR DESTA EGREJA. FALLECEU AO DOMINGO, DÉS DIAS DO MEZ DE NOVEMBRO DA ERA DE 1527.

15.ª

SEPULTURA PERPETUA DO DOUTOR, LUIZ MENDES DE MACEDO, PRIOR QUE FOI D'ESTA EGREJA, E PROTONOTARIO DA SÉ APOSTOLICA. PARA ELLE SÓMENTE. FALLECEU A 31 DE JULHO DE 1617.

—

Esta egreja—*por milagre do Santo Milagre*—ainda se acha em bom estado e adornada com muita decencia, devido a existir n'ella o *Paladium* dos santarenos.

—

As collegiadas de Santarem, foram todas supprimidas em 1834, ou pouco depois.

Ermidas de Santarem

1.ª—*S. Sebastião*—Junto ao mosteiro da Senhora da Piedade.

Era administrada pela camara.

Foi fundada por D. Manuel I, lançando-se-lhe a 1.ª pedra a 25 de novembro de 1505, durante uma terrivel peste que então houve em Portugal.

(Já em 1503, tinha havido outra peste que matou bastante gente, porem menos que a de 1505.)

O 1.º tecto da ermida, era de madeira, e cahiu em 1720, mas foi logo feito um novo, de abobada de tijolo.

A imagem do santo, é de pedra, e muito antiga.

Tem 1,m50 de alto.

É no districto da freguezia do Salvador.

Esta capella, foi sacrilegamente profanada em 1834, e serviu por alguns annos de celleiro.

Hoje está transformada... em COCHEIRA!!!

O mais escandaloso é conservar ainda todos os signaes exteriores de capella.

(Vide *collegio da Companhia de Jesus.*)

—

2.ª—*Espirito Santo*—Junto ao mosteiro da Trindade.

Teve merceeiras.

Foi mandada construir pelos fidalgos, em 1643; estando então a corte em Santarem.

Tinha altar-mór, e dois lateraes.

Éra um templo grande e bonito. É na mesma freguezia.

Foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e *hoje é um* PALHEIRO!

—

3.ª—*Espirito Santo* (outra)—por traz da antecedente.

Ambas eram administradas pela Misericordia.

Foi fundada pelos irmãos, em 1498.

Cahiu o corpo da egreja, pelos annos de 1700, e só ficou a capella-mór, que era de abobada de tijolo.

N'esta ermida se fazia antigamente uma grande festa, para a qual davam os reis, dous touros, ou 16$000 réis.

Depois, este dinheiro (que era pago pelo almoxarifado) foi applicado para a fabrica da ermida.

Era na mesma freguezia.

Foi arrazada depois de 1834, e d'ella nem vestigios ha hoje.

—

4.ª—*Nossa Senhora do Monte*—Está em um cabêço, entre olivaes, proximo e ao N. da cidade, no mesmo districto da freguezia do Salvador.

Consta por tradição, ser fundada durante o reinado de D. Affonso Henriques.

Era administrada pela camara.

No sitio onde está fundada, existiu antigamente o *hospital dos gafos*, que o mesmo soberano havia fundado, e que em 1292 se mudou para S. Lazaro!

Tem uma irmandade.

Tem capella-mór, e trez altares lateraes.

O corpo da egreja tem 20 metros de comprido e 7 de largo.

A capella-mór, tem 5,m50 de comprido, e o mesmo de largo.

As paredes interiores, são, d'alto a báixo revestidas de azulejos muito antigos.

O tecto da capella-mór é de tijolo.

(A ermida da Senhora do Monte ficou depois a fazer parte da egreja dos Trinos.)

—

Foram aqui sepultados varios individuos; eis algumas das inscripções sepulchraes:

1.ª

AQUI JAZ AYRES LOPES DE SYQUEIRA,
COMMENDADOR DA ORDEM DE
CHRISTO, O QUAL FOY PROVEDOR
QUARENTA ANNOS, DE S. LAZARO,
A QUE ESTA ERMIDA É ANNEXA,
E N'ELLA SE MANDOU SEPULTAR
POR SUA DEVOÇÃO. FALLECEU
A TRES DE ABRIL, DE 1573.

2.ª

SEPULTURA DE ALDONÇA RODRIGUES,
QUE DEIXOU SEUS BENS A ESTA
CONFRARIA DE N. SENHORA.
FALLECEU A TRES DE FEVEREIRO, NA
ERA DE 1426.

3.ª

AD VIRGINIS LAUDEM CONSTRUCTUM
EST OPUS JUSSU LUPI DE SOUSA
CONTIGNI. MENSE OCTOBRIS, ANNO
DOMINI, 1553.

—

Sobre a porta travessa está a seguinte inscripção :

ESTE PORTAL, E OS ASSENTOS DO CORO,
MANDOU FAZER AYRES LOPES DE
SYQUEIRA, PROVEDOR DE S. LAZARO,
A' CUSTA DA MESMA CASA,
NO ANNO DE 1555.

—

Esta ermida não tem frontespicio elevado, porque lhe corre *mistica*, uma columnata, que lhe fórma o atrio, em todo o comprimento do templo.

São 15 as columnas que sustentam o tecto do atrio, todas eguaes, e de ordem jonica.

Tem duas entradas o átrio, a da porta principal e a da travessa.

Além das 15 columnas, que são redondas, tem quatro áticas, quadradas, na porta principal.

Esta capella ainda existe com culto, e tem uma irmandade, que cuida da sua conservação e aceio. Pertence hoje á freguezia do Salvador.

—

5.ª—*Nossa Senhora da Assumpção*—Ficava por traz da capella-mór da antecedente, e éra unida a ella (*paredes meias*) mas com serventia áparte.

A imagem da padroeira, éra de marmore, e de de 1,m10 d'alto.

Esta ermida éra tão antiga como a antecedente, e tambem fundação de D. Affonso Henriques.

A imagem da Senhora, segundo a lenda, foi achada n'este mesmo sitio.

Éra na mesma freguezia.

Esta capella, e um grupo de casas contiguas a ella, não são hoje mais do que um montão de ruinas—como a maior parte do antigo bairro das Alcáçovas!

6.º—*Nova Senhora da Piedade*—No local onde depois se fundou a egreja do mosteiro dos agostinhos descalços, havia antigamente uma porta das muralhas (no sitio onde se construiu a capella-mór) cingida de torres, e d'aqui corria o muro até aos paços reaes, onde depois se fundou o collegio dos jesuitas; e outro, pelo N.E., descendo o monte até á antiga fonte das Figueiras (e por isso áquella porta se chamava *das Figueiras*, ou *Porta falsa*.)

Da parte esquerda (E.) estava sobre a muralha, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, com seu eirado, e a *torre dos vinte e quatro*, ou *dos mestéres*. Tudo isto corria para o nascente.

Não se sabe quem mandou construir aquella ermida, mas é, com certeza, dos primeiros seculos da monarchia.

D. Affonso VI, para edificar a egreja de Nossa Senhora da Piedade, mandou demolir a tal ermida. Mettia-se de permeio o eirado, seguindo-se a torre dos mestéres, que estava sobre a casa que depois foi portaria do mosteiro. Esta torre era grande, e foi n'ella que se estabeleceu a casa da supplicação, antes de passar para os *vinte e quatro*, e por fim, para a camara.

Para se fazer a egreja da Senhora da Piedade, mandou D. Affonso VI demolir a torre, e construir a casa dos vinte e quatro, na praça, em frente do senado da camara.

Ainda havia outras casas sobre as muralhas, n'este logar, para o lado do sul, e dos seus telhados se enchia uma cisterna, com tanta abundancia d'agua que fornecia grande parte da população. Esta cisterna, veio a ficar na cêrca do mosteiro, ao N. da villa.

Debaixo d'estas casas e muralhas, havia a porta que já disse, da qual descia uma calçada para a tal fonte das Figueiras, e D. Manuel I a mandou tapar, de pedra e cal, até ao meio da sua altura; e, querendo depois abrir serventia, por este lado, para a torre dos mestéres, se construiu uma escada de tijolo, pela parte da nova egreja, junto do arco da porta do muro.

D. João III, deu o campo onde estava a cis-

terna, a D. Aleixo de Menezes, seu chanceller-mór, progenitor dos condes de S. Thiago, passando a propriedade a seus filhos. Passados tempos, os frades compraram a D. Lourenço de Souza de Menezes, conde de S. Thiago, o campo, que ficou sendo cêrca do mosteiro.

Fechada a porta das Figueiras, o rei D. Manuel, mandou abrir outra, para o *Chão da Feira*. Esta abriu-se na casa que estava onde hoje se vê o pulpito (do lado do Evangelho) da egreja da Senhora da Piedade, ficando-lhe em frente, as cruzes do tal Chão da Feira; dando-se-lhe (á porta) o nome de *Porta de Leiria*, por ficar no sitio d'onde partia a estrada que conduz a esta cidade.

No vão que ficou na porta das Figueiras, ou Porta-falsa, se pintaram a fresco, as imagens de Jesus Maria José: e, porque alguns vadios alli praticavam indecencias, fiados no occulto do sitio, um visitador da egreja do Salvador, mandou aos mórdomos da Senhora de Guadalupe, picar a referida pintura.

Depois d'isto, ficou o vão servindo de valhacouto de vadios e mendigos, até que, frei Affonso da Piedade mandou alli fazer um oratorio (1613) e n'elle poz a imagem de Nossa Senhora da Piedade, que lhe emprestou o padre João Ribeiro, morador á porta de Atamarma; mas este, por sua morte, deixou a imagem da Senhora, a uma sua parenta, freira do mosteiro das Donas, que a poz em uma capella do claustro do seu mosteiro.

Mandou frei Affonso da Piedade, fazer, de barro outra imagem da Senhora, que foi cosida no forno do oleiro Antonio Fernandes, que era na rectaguarda dos muros, á *Mouraria*.

Eis pois onde D. Affonso VI fundou o magnifico templo de Nossa Senhora da Piedade.

—

Já disse no anno 1666 (28 de fevereiro) que a rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV, falleceu no convento das freiras, então agostinhas e depois dominicas, de Santarem.

Nos trez ultimos annos da sua vida, que a rainha passou n'este mosteiro, foi seu confessor, frei Manoel da Conceição, religioso eremita calçado (graciano) de Santo Agostinho.

Era este frade, um varão virtuosissimo, e, desejando augmentar o rigor da sua ordem, se offereceu á rainha para se *descalçar*, com os seus companheiros. D. Luiza acceitou com muito prazer este offerecimento, e os frades e freiras gracianas de Santarem, que eram carmelitas calçados, ficaram descalços.

Os fundadores da nova regra, vieram do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa; e as fundadoras, do convento de Santa Monica (vulgo *Monicas*) da mesma cidade. (Vide 4.º volume, pag. 240, col. 2.ª—o 17.º convento de freiras (*monicas*) e na mesma pag. e col., o 1.º convento de frades (*da Graça*).

Logo que se deu principio ao templo da Senhora da Piedade, desejoso o dito frei Manoel da Conceição de dilatar o novo instituto dos agostinhos descalços, expoz a D. Affonso VI, que a nova egreja devia ser a de um mosteiro da sua ordem (d'elle frei Manoel). O rei lhe disse, que a seu tempo, tomaria isto em consideração.

N'este comenos, falleceu a rainha D. Luiza, e foi necessario hir a Roma frei Manoel da Conceição, embarcando em Lisboa, a 26 de agosto de 1666, e voltando de Roma, a 27 de janeiro de 1668. Pediu então ao principe regente, depois D. Pedro II, que lhe désse a egreja da Senhora da Piedade, para o projectado mosteiro. O regente lh'a deu logo pelo seguinte decreto:

«D. Pedro, etc.—Tendo respeito ao que me representou frei Manoel da Conceição, prelado dos conventos dos capuchos e capuchas descalços, da ordem de Santo Agostinho, que foi confessor da Rainha, minha mãe e Senhora, n'esta côrte; Hei por bem, fazer mercê a estes religiosos, da ermida de Nossa Senhora da Piedade, que se faz por conta de minha fazenda, na villa de Santarem, para sua assistencia, ou disporem d'ella como lhes estiver bem; não sendo prejuizo de terceiro. Em Lisboa, a 10 de março de 1668.»

Instituiu-se á Senhora, uma irmandade de que foram juizes natos e protectores, os reis de Portugal.

«Sem embargo dos grandes litigios com

que o vigario e beneficiados da egreja do Salvador, intentaram impedir a posse da egreja, de que S. Magestade havia feito mercê aos padres agostinhos descalços; tanto que esta esteve acabada, ordenou S. Magestade, passassem para ella: o que se fez em 4 de fevereiro do anno de 1690, sabbado da dominga da quinquagesima, com uma solemnissima procissão, com muitas figuras ricamente concertadas; e levaram o Santissimo Sacramento, e todas as imagens da sua egreja, em andores ricamente ornados. Fez-se esta trasladação, sendo prior d'aquelle convento, o padre frei José dos Martyres; e vigario geral da congregação dos agostinhos descalços, o muito reverendo padre, frei Sebastião da Cruz.»

(*Sant. Mart.*, tomo 2.º, pag. 265.)

—

7.ª—*Nossa Senhora de Guadalupe*—Desde o principio da monarchia, sempre os nossos reis tiveram grande devoção com a S.S. Virgem, e lhe sujeitaram suas pessoas, reino e conquistas, e sobre as portas de todas as fortalezas lhe mandaram construir ermidas, sob diversas denominações.

—

Em Hespanha, é celebre o templo de Nossa Senhora de Guadalupe. [1] apparecida em 1440, entre os rios Tejo (que passa por Toledo) e Guadiana, onde jazem umas montanhas muito fragosas, incultas e inhabitaveis, menos nos valles, que são frescos e aprazíveis.

As estas serras chamam os castelhanos *Villuercas*.

—

Foi pois pelo meiado do seculo XV, que sobre a *porta de Leiria*, se construiu a ermida da Senhora de Guadalupe, suppõe-se que por ordem de D. Affonso V.

O sitio onde se edificou esta capella, era dependencia do palacio real, e chamava-se antigamente *porta das Figueiras*, ou a que depois se abriu, por ordem do rei D. Manuel, para o *campo da Feira*, e se chamou *porta de Leiria*.

A ermida estava junto á *torre dos misteres*.

Quando se demoliu a ermida, para a construcção do novo templo da Senhora da Piedade, foi a Senhora de Guadalupe para a egreja do Salvador, a que a ermida pertencia; e, quando esta egreja se demoliu por velha e arruinada, serviu de egreja parochial, emquanto duraram as obras, a capella do Espirito Santo, do Campo da Feira, junto ao mosteiro dos frades trinos.

—

8.ª—*Nossa Senhora da Victoria*—Foi construida sobre a *porta da Atamarma*, e suppõe-se que por ordem de D. Affonso Henriques, para commemorar a *victoria* de 8 de maio de 1147, pois foi por esta porta que o rei entrou n'esse dia.

Era na freguezia de Marvilla.

Demolida depois de 1834 a porta da Atamarma, desappareceu a ermida.

—

9.ª—*Nossa Senhora Madre de Deus, vulgo, da Vallada*—Sobre a *porta da Vallada* (assim chamada, por ser o caminho da *valla*, que chega até á *Casa Branca*) se construiu a ermida da Senhora da Vallada, que ficava quasi parallela com a da Senhora da Victoria (esta ao N. e aquella ao S.)

Não se sabe por quem nem quando se edificou esta ermida, e só se sabe que foi em tempos muito antigos.

Era no districto da extincta freguezia de S. Lourenço.

Depois de 1834, foi destruida juntamente com o arco ou porta d'este nome, e já d'ella não ha vestigios.

—

10.ª—*Nossa Senhora da Oliveira*—Fundando se aqui em 1211, ainda emvi da do patriarcha São Domingos, o mosteiro da sua ordem, em um sitio até então chamado *Montiraz*, o mudaram depois, por ficar longe da villa, para o sitio da *Magdalena*, onde se veiu a edificar o mosteiro das *Donas*.

Principiou a obra, trabalhando n'ella, não só os operarios, mas até, por devoção, mui-

[1] Guadalupe, é corrupção da palavra arabe *Uadelúbb*—significa—*rio do seio*.

Vide vol. 3.º, pag. 332, ultimo periodo da 2.ª columna.

Vide tambem todas as povoações ou rios de Portugal, que principiam por ODE.

ta gente do povo e das principaes familias da villa.

Uma manhan, em que hiam principiar o trabalho, não acharam uma unica peça de ferramenta, e, depois de a procurarem por toda a parte, foram dar com ella na ermida de Nossa Senhora da Oliveira, que ficava distante.

Levaram a ferramenta e continuaram a obra, repetindo-se por muitas vezes o desapparecimento, até que, desenganados, suspenderam a obra da Magdalena, e foram os frades pedir a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, aos conegos da egreja da Alcaçova, que lha deram logo.[1]

Fez-se o mosteiro, e a ermida serviu por muito tempo de egreja d'elle, e, depois de feito o corpo da egreja, ficou a ermida transformada em capella-mór.

A ermida era antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi construida.

É no districto da antiga freguezia d'Alcaçova.

—

11.ª—*Nossa Senhora da Abóbada*—Os frades trinos construiram primeiro o seu convento no sitio da ermida de *Nossa Senhora do Monte* (a do n.º 4) em 1218, a alguma distancia da villa, para o O.; mas, como alli estava o hospital *dos gafos*, e por outras razões, quizeram sahir d'alli, e o rei D Affonso II, lhe deu a ermida da Senhora da Abóbada, em um monte d'onde se extrahia pedra para as construcções da villa, pelo que, os cabouqueiros tanto foram minando, que fizeram um tunnell que atravessava o monte. Sobre este estava a ermida que os frades demoliram, para fazerem o seu novo mosteiro, levando a imagem da padroeira para um dos altares da nova egreja.

Suppõe-se que a ermida tinha sido mandada construir por D. Affonso Henriques.

[1] Isto explica-se perfeitamente.

Os frades preferiam o sitio da ermida, para a construcção do seu mosteiro, e abusando da credulidade do povo d'aquelles tempos, usaram do estratagema do desapparecimento da ferramenta, para conseguirem os seus fins.

—

12.ª—*Nossa Senhora das Angustias*—No termo de Santarem, está a *quinta de Chavães*, que foi dos condes de Unhão, e foram elles que alli mandaram construir uma formosa ermida, dedicada á Senhora das Angustias.

É templo muito antigo e não se sabe em que anno os condes o fundaram.

Apenas hoje existem as ruinas d'esta ermida. O bello jardim, formosos lagos, e primorosas obras de arte, que tornavam esta quinta de Chavães uma deliciosa vivenda de seus proprietarios, os marquezes de Olhão e de Niza, tudo está reduzido a tristes ruinas! Em 1864, ou 1865, passou esta propriedade (por dividas) para José dos Prazeres Batalhoz, do Cartaxo, que nada restaurou, limitando-se a aproveitar os terrenos, que lhe produziram muitas medidas de trigo, vinho e azeite. Este individuo falleceu ha poucos mezes, e a propriedade é hoje dos seus herdeiros.

—

13.ª—*Santo Antonio dos Olivaes*—A 3 kilometros a N.E. da cidade, no districto da freguezia do Salvador.

Segundo a tradição, havendo uma grande peste, que assolou todo o reino, em 1438, muitas familias de Santarem fugiram para um monte, que depois se veiu a povoar de oliveiras, e aqui fundaram uma ermida, dedicada a Santo Antonio.

Pelos annos de 1730, D. João V, mandou revestir as paredes da capella-mór de formosos azulejos, e deu á ermida um *sitial* (genuflexorio real) de brocado de ouro, para o throno do santo, e riquissimos paramentos.

Esta ermida veio a poder de particulares, e ainda existe e com o devido culto.

—

14.ª—*Nossa Senhora dos Anjos*—A 3 kilometros ao N. da cidade, situada entre olivaes, no districto da mesma freguezia.

A sua capella mór é de zimborio pyramidal, e guarnecida de ameias.

Antigamente era esta Senhora muito festejada, principalmente pela Paschoa.

A imagem da padroeira, é de marmore, com 1,^{m}30 d'alto.

Segundo consta do cartorio da matriz, foi esta ermida fundada em 1260.

Tem contigua, uma horta com trez fontes, propriedade do eremitão, apresentado pelo parocho respectivo.

Ainda tem culto e capellão.

—

15.ª—*Nossa Senhora da Piedade*—Foi construida junto á antecedente, e poucos annos depois d'ella.

É redonda; mas nunca aqui se disse missa, por ser apenas uma edicula muito pequena.

—

16.ª—*Santa Anna*—Foi construida no seculo XVI, não se sabe por quem.

Era no campo da Vallada, limites da mesma freguezia.

Tinha uma grande horta e pomar, tudo cercado de freixos, e junto á ermida havia uma copiosa fonte, casas para o eremitão e hortelão, que o parocho aqui punha.

Foi arrazada em 1851, e o terreno expropriado, para a construcção do caminho de ferro do Norte.

—

17.ª—*Santo Amaro*—Ainda no districto da mesma freguezia do Salvador, existem as paredes da antiquissima ermida de Santo Amaro.

Foi sacrilegamente profanada, depois de 1834, e é hoje um celleiro.

(A esta, se quer ao menos, tirou-se-lhes a fórma exterior de capella)

—

18.ª—*São Lazaro*—No districto da freguezia de Marvilla.

Esta ermida, foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e hoje está transformada em PALHEIRO. [1]

Fóra das *portas de Mansos*, a uns 200 metros de distancia d'ellas, no sitio antigamente chamado *a Carreira* e hoje *São Lazaro*, está um cêrco fechado, com uma grande porta de cantaria, para a sua entrada, e no seu ambito ha diversas casas de habitação.

Foi no centro d'este cêrco, ou cerrado, que se construiu a ermida de São Lazaro, muito antiga, com capella-mór e dois altares lateraes, além do principal.

A imagem do padroeiro, era de marmore, e de um metro d'altura, denotando muita antiguidade.

Dava-se-lhe o titulo de *S. Lazaro Mendigo*.

A porta principal, é gothica, e ornada de florões e arabescos, e tinha em frente uma columnata, ou alpendre, formada por 17 columnas de ordem toscana, que sustentavam o tecto.

Ao lado esquerdo de quem entra no cerrado, existiu o hospital dos lazaros, que corria desde a entrada até ao fim da ermida.

Era n'este hospital que viviam os *merceeiros* atacados de molestias cutaneas incuraveis, sustentados pela Misericordia.

Sobre a porta do hospital se gravou esta inscripção:

HOSPITAL DOS GAFOS.
FOI REEDIFICADA ANNO DE 1680.

Este hospital, foi primeiramente junto á ermida de Nossa Senhora do Monte, como já fica dito.

(Vide *hospitaes de Santarem.*)

Este cerrado, era um campo das freiras *donas*, e um olival da commenda de Santo Antão.

[1] Só a egreja que foi matriz da extincta freguezia de S. Julião, e a egreja dos religiosos trinos, é que foram canonicamente profanadas; todas as mais egrejas de parochias supprimidas, e ermidas que foram arrazadas, ou (o que ainda foi peior) transformadas em theatros, em celleiros, em curraes de gado e em palheiros, foram profanadas sacrilegamente—isto é—sem as formalidades descriptas no ritual, e com o maior desprezo pelas cousas sagradas. Os ossos dos paes e avós da geração actual, foram tratados com o maior desprezo, e misturados com os dos animaes, ou espalhados.

As campas que cobriam os restos mortaes dos christãos de outras eras, foram, umas vendidas, outras roubadas, e com ellas se construiram varandas, lagares e outras obras sem ao menos se lhes apagarem as inscripções.

Foi tudo avaliado em 210 libras, que o rei D. Diniz pagou da sua real fazenda, como consta de um alvará do mesmo soberano, passado a 12 de dezembro de 1291.

(É em pergaminho e escripto em letra gothica.)

Vê-se pois que a ermida e hospital são muito antigos.

O hospital ainda existiu até ao principio d'este seculo.

Sabe-se que d'entro d'este cerrado viveu um bispo, cujo nome se ignora, e á sua residencia, ainda muito depois da sua morte, se dava o nome de *casas do bispo.*

Este prelado instituiu na ermida de São Lazaro, uma capella de missas quotidianas, pela sua alma, para o que deixou rendas sufficientes, assim como tambem deixou rendas para a cura e sustento dos gafos; o que tudo administravam primeiro os conegos de S. João Evangelista (loyos) e depois os irmãos da Misericordia.

O que não sei é quem hoje come os rendimentos deixados pelo caritativo bispo, e quem lhe manda dizer as missas...

—

17.ª—*São Roque* (ou *Virtudes*)—Fica fronteira á antecedente, e na mesma freguezia.

Não se sabe quando nem por quem foi mandada construir; suppõe se que foi cumprimento de um voto, feito pelos moradores de Santarem, por occasião de uma grande peste.

Era uma ermida sumptuosa e alegre, tendo no altar-mór a imagem da padróeira, de optima esculptura e com 1,m80 d'alto.

Tinha dois altares lateraes.

Era este santo objecto de tão grande devoção, não só para os povos de Santarem, e circumvisinhos, mas ainda para todos os portuguezes e muitos estrangeiros, vindo aqui em romaria, castelhanos e francezes, que todos deixavam valiosas offertas e esmolas, em todo o decurso do anno.

Para se fazer uma ideia aproximada do valor d'estas offerendas, basta dizer que ás semanas assistiam alternativamente á sua recepção, um beneficiado da egreja de Marvilla, e um vereador da camara municipal, para o que havia uma meza permanente na ermida.

Consta isto de um documento que existe na secretaria da matriz, escripto em 1480.

A capella mór tem 7 metros de comprido, por 5m,70 de largo.

O corpo da egreja, tem 15 metros de comprido, por 4m,40 de largo.

Na frente, tinha um alpendre coberto, sustentado por 10 columnas toscanas.

Foi sacrilegamente profanada depois de 1834, e hoje está reduzida a PALHEIRO e CURRAL DE BESTAS!

—

20.ª—*Santo Antão*—Na mesma freguezia, e mais proximo da povoação do que a antecedente.

Era muito antiga e pequena, e toda de abobada.

Consta que fôra no seu principio, egreja de um pequeno mosteiro de conegos regulares de Santo Agostinho, e foi o 3.º dos cinco que houve em Portugal d'estes religiosos, que se denominavam *conegos de Santo Antão.*

(Vide o ultimo mosteiro de religiosos no logar competente.)

Todos estes cinco mosteiros, foram extinctos ha mais de 300 annos.

A ermida de Santo Antão, já no meiado do seculo XVIII estava sem culto, e por fim (muito antes de 1834) foi demolida, e no sitio onde existiu, se vê hoje uma morada de casas particulares.

—

21.ª—*S. Christovam*—No districto da mesma freguezia.

Ficava esta ermida fóra das portas de Atamarma, e a uns 4 metros da calçada do mesmo nome.

Tinha contiguas, uma horta e um pomar, em descida, até uma profunda barroca.

Tanto a ermida como a cêrca, foram cabeça de um vinculo, instituido por *D. Gayão de Noronha*, fidalgo dos principaes de Santarem, e que foi sepultado n'esta ermida.

Instituiu n'ella uma capella com missa quotidiana pela sua alma, entregando por testamento, a administração da capella, á

Misericordia de Santarem, com a condição de fazer, á custa dos bens do testador, no hospital, uma casa para acolheita de tres viajantes pobres, com as competentes camas e sustento.

O vinculo passou depois aos condes dos Arcos, da nobilissima casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) que, não tratando dos precizos reparos da ermida, se foi esta arruinando, de maneira que, pelos annos de 1725, *D. Martinho Dique*, prior então de Marvilla, vendo que os possuidores dos bens do morgado não curavam de reedificar a ermida, levou a imagem do padroeiro para a matriz.

Esta imagem é de marmore e antiquissima.

O povo de Santarem, costumava offerecer a S. Christovam, quando estava na ermida, e, depois, mesmo na egreja, *fogaças e merendeiras;* mas esta devoção deixou de existir ha muitos annos.

A ermida foi canonicamente profanada, no reinado de D. José I, e os seus restos, desappareceram quando se construiu a estrada que vae da cidade para a nova ponte (por concluir) sobre o Tejo.

—

22.ª—*S. Pedro, apostolo*—nos limites da freguezia de S. Nicolau, e a unica que houve n'esta parochia.

Ficava contigua á egreja matriz (ao N.) com communicação interior para ella.

Era uma grande ermida, de abobada, tendo a entrada principal para a rua de S. Nicolau.

Embebido na parede, á direita de quem entra, estava um arco, e n'elle uma sepultura levantada, com esta inscripção:

FERNÃO RODRIGUES REDONDO,
E MARINHA AFFONSO, SUA MULHER,
CADA ANNO TEEM 1360 MISSAS.

Esta ermida foi construida por Mem Rodrigues de Vasconcellos e João Nunes (testamenteiros de Fernão Rodrigues Redondo, e sua mulher) pelos annos de 1333.

(Vide *Egreja de S. Nicolau.*)

Esta ermida já não existia no principio d'este seculo, nem d'ella ha o minimo vestigio, pois no logar que occupava, se vê hoje uma casa particular.

—

23.ª—*Nossa Senhora da Gloria*—Nos limites da freguezia de Santa Iria, da Ribeira.

Esta ermida estava ao S. da praça da Ribeira, sobre a porta vulgarmente chamada *do Pão*, e para ella se subia por uma escada de pedra.

Em frente do seu unico altar, tinha uma janella de sacada, tão larga, que, estando aberta, de quasi toda a praça se podia ouvir missa.

Estava adornada com grande sumptuosidade, á custa do povo da Ribeira, que com esta Senhora tinha grande devoção.

Ignora-se a data da fundação d'esta ermida, só se sabe que era antiquissima, e provavelmente do principio da monarchia.

O bairro da Ribeira, foi antigamente fechado de fortes muros, dos quaes ainda ha alguns vestigios, e a *porta do Pão*, dava entrada para este cêrco de muralhas.

Ainda existe esta porta, que depois se denominou *Arco da Senhora da Gloria*, mas da ermida já nem vestigios existem.

—

24.ª—*Nossa Senhora da Encarnação*, vulgarmente, *Nossa Senhora de Palhaes.*

Pertencia aos limites da mesma freguezia.

Foi construida debaixo dos *arcos de Palhaes*, e uns 80 metros distante (ao N.) da antecedente. [1]

Tinha um ermitão, com a renda de 60 alqueires de trigo, 6 cantaros d'azeite e 1$800 réis em dinheiro.

A ermida era vasta e alegre, e tinha um grande côro, d'onde ouviam missa os merceeiros do hospital de Palhaes—ao qual esta ermida pertencia.

[1] Para evitarmos repetições, veja-se *Hospital de Palhaes.*

Tinha capella-mór, com seu altar, e dois lateraes.

Foram aqui sepultados varios individuos.

Copio as principaes inscripções das campas que existiram n'esta egreja.

1.ª

ESTA SEPULTURA É DE
FRANCISCO DE ANAYA, FIDALGO
DA CASA DE EL-REI NOSSO SENHOR.
FALLECEU NO ANNO DE 1541.

Tinha o brazão d'armas dos Anayas.

2.ª

AQUI JAZ HENRIQUE BARBOSA,
FIDALGO DA CASA DE EL-REI
NOSSO SENHOR; E JAZEM SUA
MULHER, ISABEL FERNANDES DE
ALMEIDA.

Esta inscripção era em letra gothica. Tinha o escudo d'armas dos Barbosas.

3.ª

SEPULTURA DO SERAMAGO
E DOS SEUS HERDEIROS.

4.ª

AQUI JAZ FERNÃO CARDOSO
DE S. PAYO, FIDALGO DA CASA
DE EL-REI NOSSO SENHOR.

A inscripção era tambem em gothico.

5.ª

AQUI JAZ O BACHAREL
ALVARO RODRIGUES DE LAMEGO.

Era tambem em letra gothica.

—

Para não enfadar mais o leitor, direi em resumo mais 9 sepulturas de familia, que existem n'esta capella—eram as de:

Francisco Gil — Diogo Antunes — Pedro Fernandes—Simão Fernandes—Pedro Rodrigues—Gonçalo Fernandes—Brites Sardinha—Miguel Fernandes—Antonio Dias.

Todas estas sepulturas diziam que eram dos referidos e seus herdeiros.

—

Estou certo de que muita gente hade achar aborrecida a transcripção de tantos epitaphios, no artigo Santarem.

Assim é; mas, uma vez que os ossos venerandos de tantos christãos que nos templos sagrados esperavam repousar para sempre, foram profanados, e lançados aos monturos, é bem que seus degenerados descendentes conheçam o sacrilegio que commetteram com as cinzas d'aquelles que lhes deviam ser caros: e já que os despojos mortaes d'aquelles nossos irmãos foram lançados ao vento, fiquem ao menos aqui escriptos os seus nomes, como protesto permanente contra tanto vandalismo, e maldição aos hunos do seculo XIX.

Depois de 1834, esta ermida foi arrazada, conservando-se-lhe, por escarneo, a porta principal: o mais está reduzido a horta.

—

25.ª—*Nossa Senhora das Neves*—Já fica descripto a pag. 183, col. 2.ª (ultima linha) d'este volume.

Foi tambem arrazada e d'ella não ha actualmente o minimo vestigio.

—

26.ª—*Santa Iria*—Unida á antecedente, e teve a mesma sorte.

—

27.ª—*Moimento e estatua de Santa Iria*= sobre a margem direita do Tejo, tendo em frente as duas ermidas antecedentes.

Tem escapado ao camartello *civilisador!!!*

—

São Bartholomeu dos Cavalleiros—na mesma parochia de Santa Iria.

Foi fundada por D. Affonso Henriques, que n'ella instituiu a *ordem de S. Miguel d'Ala*, em commemoração da victoria alcançada contra Al-Bujaque.

Com o decurso do tempo se foi arruinando, e já em 1750 apenas haviam os alicerces.

Foram aqui sepultados muitos cavalleiros d'aquella ordem, e depois da dos templarios, tanto na ermida como no seu adro; o que constava das inscripções e escudos d'armas gravados nas campas.

Esta ermida passou depois para a ordem do Templo, e, em 1319, para o mestrado de Christo, e era commenda dos *Barens*.

Em 1636, ainda a ermida estava em bom estado e aberta ao culto.

Em março d'este anno, deu-se aqui um facto, digno de nota.

Partindo-se por acaso a pedra de uma sepultura, se acharam dentro d'ella dois corpos inteiros e incorruptos, um de homem, outro de mulher.

O do homem estava vestido de cavalleiro, com suas esporas douradas, alfange á cinta e gorro encarnado.

O da mulher, estava vestido á antiga, com botinas apantufadas, cercando-lhe a cabeça uma fita de sêda azul, e as mãos calçadas de luvas.

Todos os vestidos d'ambos, estavam optimamente conservados, e até as linhas estavam tão fortes, como se fossem feitos ha poucos dias.

Cada um dos cadaveres estava coberto com uma grande toalha, tambem perfeitamente conservada.

Toda a gente de Santarem correu a ver esta maravilha, e até o doutor frei Isidoro da Luz, lente de artes no seu mosteiro da SS. Trindade, foi a 11 do dito mez, com todos os seus frades, vêr aquelles dois corpos.

Nunca se soube a quem pertenciam, por não existir inscripção que o declarasse.

Viu-se porem que eram da primeira nobreza.

O vigario-geral, para evitar alguma profanação, mandou fechar a sepultura.

—

29.ª—*São Pedro*—Na supprimida freguezia d'Alcaçova.

Foi arrazada sem d'ella existir hoje o menor vestigio.

—

30.ª—*Santissimo Milagre*—Na mesma freguezia.

Construida na propria casa da rua das Esteiras, onde teve logar o milagre da hostia.

Já fica descripta n'este artigo. Está desmantelada e sem culto.

—

31.ª—*Nossa Senhora da Conceição*—Na mesma freguezia.

Foi arrazada, e a imagem da padroeira está hoje na egreja de Santa Iria.

—

32.ª—*Santos Apostolos*—Que depois foi a egreja dos monges benedictinos.

É na mesma freguezia, e foi arrazada depois de 1834, quando arrazaram o mosteiro.

—

33.ª—*São Miguel Archanjo*—Na extincta freguezia de S. João do Alfange.

Foi fundada por D. Affonso Henriques, e já fica descripta n'este artigo.

D'esta ermida apenas hoje restam as ruinas.

—

34.ª—*São Pedro, apostolo*—Na mesma freguezia.

Era antiquissima, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Os pescadores e mareantes é que tractavam da sua conservação e aceio, e lhe faziam a festa.

Já não existe.

—

35.ª—*Santa Eufemia*—Na extincta freguezia de S. Matheus.

Foi arrazada em 1834, sem que d'ella ficasse o menor vestigio.

—

36.ª—*Santa Maria Magdalena*—Templosinho antiquissimo, construido junto ao mosteiro do *Sitio* (frades terceiros.)

Já em 1637 estava desmantelada, e os frades obtiveram do prior e beneficiados de Marvilla, que lhes dessem esta ermida; o que foi confirmado pelo arcebispo de Lisboa, D.

Rodrigo da Cunha (que então residia em Madrid) por despacho de 10 de março de 1639, e ficou assim encorporada no mosteiro.

Ao logar em que esta ermida foi construida, se dava por isso a denominação de *Sitio da Magdalena*, e ao referido mosteiro, a de *convento do Sitio*.

A ermida foi demolida pelos frades (depois de canonicamente profanada) e a imagem da padroeira, que era de barro, de um metro d'altura, e muito antiga, foi collocada em um dos altares da egreja do mosteiro.

—

37.ª—*Nossa Senhora da Boa Hora*—No districto da extincta freguezia de S. Martinho.

Fica 2 kilometros ao N. de Santarem.

Está dentro da *quinta do Chafariz*, que foi dos Souzas Amaraes.

É pequena e de abobada de tijolo, com as paredes interiores revestidas de azulejo, até metade da sua altura.

É cercada de uma cimalha de cantaria lavrada.

Tem um só altar, de talha dourada, feito pelos annos de 1700.

Esta, como é particular, ainda existe.

—

38.ª—*Santo Ildefonso*—Na mesma freguezia.

Era administrada pelos carpinteiros e pedreiros de Santarem, por doação dos vereadores e *homens bôos* da villa, feita no 1.º de abril de 1408.

Estava situada na *rua da Judiaria*, onde viviam os israelitas, separados dos christãos.

Já não existe ha uns 200 annos, semelhante rua, hoje reduzida a hortas e quintaes.

Principiava em frente das casas dos condes d'Obidos, e terminava junto ás casas dos commendadores de S. João.

—

No archivo da egreja de S. Martinho, existiu uma sentença, proferida contra os judeus, condemnando-os a pagar á mesma egreja, annualmente, como *reconhecimento*, um real de prata cada cabeça de casal, sendo homem, e meio real, sendo viuva. Este *reconhecimento*, era por admittir os judeus a residirem n'aquella rua.

Serviu alguns annos de egreja parochial em quanto duraram as obras da reedificação da matriz.

A ermida, posto não ser muito ampla, tinha capella-mór, com o seu altar, e dois lateraes. Mesmo quando não servia de matriz, sempre n'ella se disse missa, nos domingos e dias santificados.

Sobre a porta principal, e dentro de um nicho, estava a imagem, de marmore, do padroeiro.

—

39.ª—*S. João Baptista*—vulgo, *S. João de Alporão*—no districto da mesma freguezia, e apenas a uns 25 ou 30 metros da egreja parochial.

Já vimos n'este artigo que a egreja de S. João de Alporão é a mais antiga de Santarem, pois foi templo romano.

É toda de boa cantaria lavrada, interior e exteriormente, de uma só nave e abobadada de tijolo. Unida á egreja, e á esquerda de quem entra, construiram os romanos uma torre circular, tambem de cantaria.

Como já disse, foi templo romano; depois, mesquita mourisca; e, desde 1147, templo christão.

Foi profanado sacrilegamente em 1834, e convertido em um reles theatro. Agora anda em obras, para n'elle se estabelecer o museu archeologico districtal. (Valha-nos isso! ..)[1]

Foi commenda da ordem de Malta, que

[1] A applicação dada ultimamente a este legendario monumento, é a unica cousa com geito que se tem feito em Santarem, desde 1834 até hoje.

Aqui, como em outras muitas partes, a *mania* dominante, é destruir e deitar a terra, todos os monumentos que nos recordavam as glorias dos nossos avós, aniquilando com furor vandalico, estas testemunhas vivas do que foram os portuguezes de outras eras.

Em muitas das egrejas demolidas, nem os ossos dos nossos maiores foram respeitados, e a raça degenerada de hoje, sobre elles tripudia com a mais escandalosa irreverencia. As patas dos cavallos e de outros ani-

tinha aqui um capellão para dizer missa quotidiana, com residencia em umas casas contiguas á egreja.

No dia 24 de junho, fazia-se uma grande festa a S. João Baptista, padroeiro d'esta egreja, que era sagrada.

Na capella-mór havia uma arca de pedra com esta inscripção:

AQUI ESTÃO OS OSSOS DE
DOM AFFONSO DE PORTUGAL. FILHO
DE EL-REI DOM AFFONSO HENRIQUES,
QUE, SENDO GRÃO-MESTRE DA RELIGIÃO
DE MALTA, RENUNCIOU A DIGNIDADE,
E FALLECEU N'ESTA VILLA, NO ANNO
DE MIL DUZENTOS E SETE, LOGRANDO
ESTA COMMENDA, QUE POSSUE
DON JOÃO DE SOUZA, O QUAL
MANDOU FAZER ESTE LETREIRO,
PARA MEMORIA D'ESTE PRINCIPE,
NA ERA DE MIL SEISCENTOS E
CINCOENTA E QUATRO ANNOS.

Vide—1207 (1.º de março.)

Outros mais cavalleiros da ordem de Malta foram aqui sepultados, e sobre seus ossos venerandos se representavam depois de 1834, comedias immoraes e farças indecentes.

—

40.ª—*S. Domingos, do Montiraz* (ou *Monte-Eiraz*)—no districto da mesma freguezia.

Foi junto d'esta ermida que os frades dominicos construiram o seu primeiro convento, quando abandonaram o de *Monte-Junto*.

Fica esta ermida a um kilometro da cidade, e está em ruinas.

Seminario patriarchal

Fica no districto da freguezia do Salvador, na parte N. da povoação, em um dos mais apraziveis sitios d'ella.

É o antigo collegio da *Companhia de Jesus*, e eis o seu principio:

Os jesuitas entraram pela primeira vez em Santarem, a 7 de maio de 1621, trazendo por seu reitor, o padre Mathias de Sá.

Habitaram primeiramente em umas casas contiguas á ermida de Santo Antão (demolida muitos annos antes de 1834) que ficava fóra dos muros, no caminho que vae para o sitio de S. Lazaro, e alli fizeram o seu hospicio.

(Vide os annos 1410, 1550, e 1621—e o mosteiro de Santo Antão—o ultimo dos mosteiros de Santarem)

Depois, mudaram-se para umas casas proximas á ermida de S. Sebastião (hoje transformada em *cocheira*.)

Em ambos estes logares residiram por espaço de 30 annos.

—

O fundador d'esta grande congregação de sabios e virtuosos padres, foi D. Duarte da Costa, fidalgo da primeira nobreza d'este reino, e armeiro-mór, o qual, depois de fa-

maes, teem calcado e triturado esses venerandos restos; e sabe Deus quantos filhos e netos dos mortos teem profanado as cinzas de seus paes e avós.

Nem com este vandalismo melhoraram os interesses materiaes da população, antes diminuiram em muito—castigo providencial d'estes hunos do seculo XIX; porque, a unica cousa que podia atrahir a Santarem os archeologos e os amadores de antiguidades, nacionaes e estrangeiros, eram os monumentos venerandos que nos recordavam o dominio de tantas gerações e povos diversos; o que dava honra e proveito á cidade.

Hoje, debalde procurara o visitante essas soberbas muralhas, alterosas torres, robustos castellos, fortes baluartes, cubéllos, barbacans e revelins; arcos, fossos, pontes levadiças, e o mais de que nos fallam as memorias escriptas: quasi tudo o *camartello civilisador* (melhor diria o nihilismo!) aniquilou e destruiu!

Nem os templos sagrados escaparam ao furor *theophobico* dos demolidores! De SETENTA EGREJAS E CAPELLAS que os nossos avós com tanta devoção fundaram, quantas nos restam hoje? Bem poucas, e essas, quasi todas em mau estado!

E a geração actual, ri e folga com estas profanações e vandalismo!—E onde antes de 1834 se ouviam os canticos dos levitas, se ouve hoje o rinchar ou zurrar das bêstas! Onde se aspirava o odor do incenso que se elevava aos ceus, se sente agora o cheiro da palha e de gazes deleterios.

Antigamente iamos alli orar ao Altissimo; hoje vamos allugar cavallos!

Eis o que alli encontra o estrangeiro que agora fôr em busca de antiguidades.

«Tempora mutantur, et nos mutamur in illi!»

zer doação dos seus bens para se fundar o collegio, entrou na mesma religião da Companhia, em 1609, muito antes de se dar principio ás obras.

—

Junto ás portas de Leiria, tinham os nossos reis um antigo palacio, onde por varias vezes residiram.[1]

D. João IV deu aos jesuitas este palacio e suas dependencias, para fundarem o seu collegio.

Os padres, lhe fizeram as divisões convenientes para o fim a que era destinado, e em uma das suas maiores salas terreas, erigiram a egreja, que ficou fronteira da de S. Francisco da provincia observante.

No dia que se disse a primeira missa n'esta egreja provisoria, que depois se denominou *egreja velha*, houve uma pomposa solemnidade, na qual prégou o grande padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, que se achava então em Santarem, por ter vindo prégar nas exequias de Fernando Telles da Silveira, primeiro conde de Unhão.

Era então reitor do collegio, o padre Francisco Manso.

Passados alguns annos, se construiu a egreja actual, sendo reitor, o padre Sebastião de Novaes.

Foi um dia de grande festa, aquelle em que para esta egreja se mudou, em solemnissima procissão, o Santissimo Sacramento, que estava na provisoria.

É orago d'esta formosa e magestosa egreja, *Nossa Senhora da Conceição*. (Adiante tratarei mais detalhadamente d'este bello templo, aqui só mencionarei as inscripções de algumas das sepulturas que n'elle se encontram.)

Junto ao altar de Nossa Senhora do Soccorro, em uma campa raza, se lê este epitaphio:

1.ª

AQUI N'ESTA SEPULTURA ESTÃO OS OSSOS DE JOÃO DE ANDRADE PESSOA, E DE MARIA DA FONCECA, SUA MULHER E DO DOUTOR, MANUEL DE ANDRADE PESSOA, SEU FILHO, INSTITUIDOR E DOTADOR D'ESTA CAPELLA.

Proximo aos degraus do altar de Nossa Senhora da Gloria:

2.ª

AQUI JAZEM OS OSSOS DE JERONYMA DE SOUZA DE MORAES, E DE SUA IRMÃA, MARIANNA DE SOUZA GOUVEIA, INSTITUIDORAS E DOTADORAS D'ESTA CAPELLA, FILHAS DE FRANCISCO DE SOUZA PINTO, CAVALLEIRO FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE.

Junto á capella de Santo Estanislau:

3.ª

AQUI ESTA SEPULTADO JOÃO HENRIQUES DE S. PAYO ROSA, NATURAL DE PENACOVA, INSTITUIDOR E DOTADOR D'ESTA CAPELLA. PEDE SE LEMBREM DAS ALMAS DO PRUGATORIO.

Na capella-mór, ha trez sepulturas com inscripções.

4.ª

AQUI JAZ O REVERENDO PADRE DUARTE DA COSTA, DA COMPANHIA, FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO, CUJOS OSSOS FORAM TRASLADADOS PARA ESTE LOGAR, ANNO 1698.

5.ª

AQUI JAZ DONA LEONOR DE SOUZA, MÃE DO FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO.

6.ª

AQUI JAZEM FERNANDO ALVARES DE SOUZA E DONA BRITES DE SOUZA, AVÓS DO FUNDADOR D'ESTE COLLEGIO.

—

Este collegio, era uma especie de academia, e n'elle se ensinava, não só aos estudantes ecclesiasticos, mas tambem aos seculares, e gratuitamente, grammatica latina, philosophia, logica, rhetorica, theologia, historia ecclesiastica e outras disciplinas.

Os mestres eram escrupulosamente escolhidos d'entre os padres mais exemplares e instruidos da ordem, por isso, muitos filhos de Santarem e de outras terras, aqui estu-

[1] Por isso, ao actual *Largo do Seminario*, se chamava antes da fundação d'este collegio, *Terreiro do Paço*.

daram, vindo a ser varões de grandes virtudes e saber.

Grandes eram os beneficios para o povo, pela educação que seus filhos recebiam n'este collegio, d'onde sahiam homens eminentes em varios ramos de litteratura, e o mesmo acontecia em todos os collegios da Companhia de Jesus, espalhados por todo o reino e conquistas, mas nada lhe valeu para escaparem á sanha implacavel do troculento marquez do Pombal.

Este grande estadista, invejoso do poderio e riquezas dos jesuitas, e da sua grande influencia, fingiu acreditar varias calumnias, e a 19 de janeiro de 1759 lhes confiscou todos os seus bens, supprimindo a ordem, expulsando do reino muitos padres estrangeiros, prendendo e fazendo morrer em medonhos carceres, muitas dezenas de jesuitas portuguezes, cujo unico crime era serem uteis á patria.

O decreto de 19 de janeiro de 1759, foi o primeiro golpe dado nas ordens religiosas em Portugal, e o precursor do ominoso decreto de 28 de maio de 1834, que as extinguiu completamente, e lhes roubou quanto tinham, deixando os frades a morrer de fome (os que escaparam ao punhal e ao bacamarte das alcateias de canibaes que então percorriam Portugal em ampla liberdade, assassinando, roubando e incendiando tudo impunemente.)

Vinte e um annos esteve o collegio dos jesuitas de Santarem deshabitado, até que n'elle se estabeleceu o seminario patriarchal, cuja historia é como se segue.

—

Em conformidade com o disposto no Sagrado Concilio de Trento, estabelecêra o cardeal D. Henrique (depois rei) sendo então arcebispo de Lisboa, o primeiro seminario ecclesiastico, no sitio do castello de Lisboa, junto do mosteiro de Santo Eloy, consignando-lhe—rendas, em 30 de novembro de 1566, com auxilio e ajuda da rainha D. Catharina, viuva de D. João III.

—

No anno de 1741 achava-se o seminario ou collegio, como então se chamava, em grande decadencia pela má administração das suas rendas e ponça regularidade na disciplina, e estudos; pelo que o magnanimo rei D. João V entendeu abolil-o de todo, e fundar outro de novo, com o titulo de *Collegio do Patriarchado.*

Achava-se então já concluida a grande obra da fundação da santa egreja patriarchal (era o anno de 1740) approvada pela constituição do papa Bento XIV, passada em Roma aos 13 dias do mez de setembro do mesmo anno de 1740, que começa—*Salvatori nostri.*

Com esta nova fundação da egreja patriarchal, ficou supprimido o cabido da antiga Sé, com suas dignidades, canonicatos e quartenarios, cujas rendas, com os rendimentos que ainda existiam do antigo collegio, applicou para o patrimonio do que agora fundava, destinando para sua accommodação o antigo palacio dos arcebispos, junto á mesma egreja patriarchal.

Querendo ainda augmentar-lhe mais o seu patrimonio, consignou-lhe tambem, *in perpetuum*, os rendimentos e fructos de algumas egrejas de fundação do padroado real, no patriarchado, no bispado do Porto, arcebispado de Braga, e bispado de Coimbra.

Em virtude das difficuldades que se deram para a compensação dos antigos conegos, não principiou logo a funccionar este novo collegio, e para que se não distraissem as rendas que lhe foram destinadas, foi nomeado um dos ministros da curia patriarchal para administrar estes rendimentos, guardando-os em deposito, até que definitivamente se abrisse o collegio.

N'este meio tempo sobreveio ao magnanimo monarcha uma penosa enfermidade, que por espaço de 8 annos lhe paralisou toda a sua actividade e o levou á sepultura, em 31 de julho de 1750, sem que tivesse o gosto de vêr definitivamente em exercicio o collegio ecclesiastico, que com tanto empenho tinha fundado e enriquecido.

Com o terremoto do 1.º de novembro, e incendio que se lhe seguiu, o edificio que que D. João V destinára para o novo collegio, e mesmo o antigo edificio de *Santa Catharina*, ficaram completamente destruidos; pelo que o reitor e collegiaes, requereram ao rei, D. José I, que succedera a D. João V, os provêsse de remedio, destinando-lhes outro edificio, o que D. José attendeu, designando lhes o collegio dos irlandezes, que então se achava vago, situado na calçada de S. Chrispim.

Pouco desenvolvimento teve o seminario ou collegio, n'este edificio, não só pela sua pouca capacidade, mas principalmente pela falta de meios pecuniarios, por isso que ainda lhe não tinham sido entregues as rendas com que D. João V o dotára, as quaes D. José I, por uma carta regia, de 17 de fevereiro d'aquelle anno, datada da Villa de Salvaterra de Magos, applicou para a nova reedificação da basilica de Santa Maria Maior, que fôra destruida pelo terremoto.

No anno de 1779 pretenderam de novo os padres irlandezes entrar para o seu antigo collegio de S. Patricio, o que a rainha D. Maria I lhes permittiu, ficando assim o collegio sem edificio onde se podesse de novo instalar.

Foi então que o cardeal patriarcha eleito de Lisboa, de commum accordo com todo o clero secular da sua diocese, se dirigiu á rainha D. Maria I, pedindo o edificio que fôra dos jesuitas, na villa de Santarem, afim de ser mudado para alli o seminario.

Entre outros considerandos que apresenta aquella petição, ha os seguintes:

«Que, começando-se a pôr em pratica o que estava determinado, se estabeleceu com justa administração um cofre, onde se arrecadassem o producto e rendas destinadas para o novo seminario se fundar, e, fundado, poder sustentar-se. Tendo passado annos, e mettidas no mesmo cofre grandes porções, houve no reinado do senhor D. José I, augusto pae de vossa magestade, motivos justos, como o mesmo patriarcha e clero se persuadem, que obrigaram a que em diversos tempos, por reaes ordens do mesmo senhor, se tirassem setenta e sete contos tresentos e treze mil e sessenta e oito réis, o que consta por decretos e avisos que páram no cartorio da executoria e administração das rendas do dito seminario; nem até ao presente foi satisfeita ao cofre, nem em todo, nem em parte esta divida.

«Não o permittiriam assim ao mesmo soberano os gravissimos negocios e avultadissimas despezas, a que foi obrigado em todo o seu reinado, como tambem a não pôr em execução o justissimo projecto do seminario, o qual era muito conforme a outros muitos, grandes e acertadissimos, que emprehendeu e fez executar: antes parece que Deus reservou para as altas virtudes de vossa magestade a gloria d'esta obra utilissima, como o fazem vêr a clemencia e bondade, com que tem attendido o clero e as ordens regulares.»

Aquella augusta soberana, cheia de religião, e manifesto interesse pela egreja e seus ministros, não podia deixar de attender a justa petição do prelado da diocese; e em carta regia, de 20 de janeiro de 1780, datada da villa de Salvaterra de Magos, faz *pura, perpetua e irrevogavel doação*, ao cardeal patriarcha de Lisboa e seus successores do edificio e egreja, da invocação de *Nossa Senhora da Conceição*, na villa de Santarem, para n'elle se instalar definitiva e perpetuamente o collegio patriarchal.

Senhor d'este magestoso edificio, principiou logo o seminario patriarchal a tomar um progressivo desenvolvimento, e augmento de creditos, em seus reitores, professores e seminaristas, durante todo o periodo de tempo decorrido até aos acontecimentos politicos, bem conhecidos entre nós, e que alteraram sensivelmente a ordem publica desde 1828 a 1834, e muito contribuiram para o enfraquecimento da ordem e disciplina estabelecida até áquelle tempo.

Em 1834, quando em maio entrou em Santarem o exercito liberal, ficou o edificio de todo abandonado, tendo de se retirarem apressadamente, reitor, professores e todo o mais pessoal.

Nos primeiros trez dias foi um perfeito vandalismo, principalmente na egreja e livraria; dando-se n'aquella roubos de ima-

gens e algumas alfaias de valor, e até os sinos foram vendidos para a Ilha Terceira; e n'esta, destruindo-se e roubando-se obras importantes.

Iria mais longe este vandalismo, se não houvesse a necessidade de estabelecer no edificio um hospital militar para receber os doentes da colera, que estava fazèndo grande numero de victimas.

Terminada aquella epidemia, cessou o hospital e foram estabelecidas no edificio todas as repartições do governo civil e administração, que alli se conservaram até 1853, anno em que foi restaurado o seminario.

Coube esta gloria ao cardeal patriarcha D. Guilherme, que, a muito custo, superando difficuldades, que só aquella tenaz vontade e fortissima intelligencia poderia vencer, não só para a acquisição do edificio, mas ainda, e principalmente, para adquirir os meios de costeamento e sustentação do seminario.

Pela abolição dos dizimos, fonte principal da receita do seminario, ficou-lhe apenas o diminuto patrimonio em fóros, que avultava então por cento e tantos mil réis.

Tendo apparecido a carta de lei de 16 de junho de 1848, e o decreto de 27 de dezembro de 1849, que mandavam supprimir definitivamente todas as collegiadas do reino, e incorporar os seus rendimentos no patrimonio dos seminarios, foi este o principal meio de que aquelle activo e sabio prelado se serviu para dotar o seu seminario.

Obteve tambem do governo que lhe fossem cedidos os rendimentos do collegio para clerigos pobres, que havia em Lisboa.

Todas estas fontes de receita, produziam em 1870—18 a 19 contos de réis; hoje, pela bôa e efficacissima fiscalisação empregada, sobem á cifra de 26 a 27 contos de réis, pouco mais ou menos.

O plano actual dos estudos ecclesiasticos n'este seminario é o seguinte:

Curso triennal obrigatorio

1.º anno—Theologia dogmatica geral, e historia sagrada e ecclesiastica.

2.º anno—Theologia dogmatica especial, direito natural e theologia moral.

3.º anno—Continuação da theologia moral, theologia sacramental e direito ecclesiastico.

Curso superior facultativo

4.º anno—Direito ecclesiastico publico e theologia pastoral.

5.º anno—Continuação da historia ecclesiastica e hermeneutica sagrada.

—

Consta o seminario de trez classes de alumnos: ordinandos pensionistas, que pagam a mensalidade de 7:200 réis; collegiaes seculares ou porcionistas, que pagam 10$000 réis, e ordinandos gratuitos. D'estes sobe o numero de 40 a 50.

Ha tambem alumnos subsidiados pelo cofre da Bulla.

Observa-se n'este seminario uma rigorosa, mas prudente, disciplina, principalmente depois que em 1875 se separaram *em absoluto* os seminaristas da frequencia das aulas do Lyceu, estabelecendo-se estas dentro do seminario com professores *proprios*, com os seus respectivos ordenados, pagos pelo cofre do seminario.

Muito tem tambem concorrido para a manifesta e bem patente moralidade dos alumnos do seminario patriarchal, a pratica e bôa distribuição dos actos religiosos alli estabelecidos.

O edificio é vasto e espaçoso; está collocado no meio das antigas muralhas, que defendiam a villa de Santarem, na parte do norte, junto á *porta* chamada de Leiria.

Contem dois corredores principaes: o 1.º, e o mais antigo, chamado *corredor nobre*, e hoje de *Nossa Senhora da Conceição*, é de uma magnifica elegancia e apparencia; mede em extensão 89^{m},70, e de largura 4^{m},40, e de altura a todo o pé direito 8^{m},30.

Corre de nascente a poente, e em cada um dos extremos tem uma larga janella conventual (segundo a tradição foi da janella do nascente, que deita para o largo que lhe fica fronteiro, que el-rei D. Pedro I esteve presenceando o terrivel castigo que mandou executar em Pedro Coelho e Alvaro Gonçalves, assassinos de D. Ignez de Cas-

tro, e lhes mordera depois os corações.—Vide 1357—18 de janeiro.) para o lado da frente do N. tem 15 espaçosos quartos, divididos em trez grupos, por duas largas janellas conventuaes; do lado fronteiro ha oito quartos eguaes.

O segundo corredor, que fica para o lado do sul, data d'uma época mais moderna (foi feito em 1796, sendo reitor do seminario, o dr. Bento José de Souza Farinha) não tem a mesma magestade e belleza que o primeiro; é, porém, dividido em dois andares, que contem 27 quartos.

Ha outros corredores internos, que communicam com estes dois principaes, mas sem importancia artistica, com um grande numero de quartos que servem de habitações.

Nos pavimentos superiores contem todo o edificio 112 casas de habitação, e salas para differentes misteres.

A casa da livraria é grande e bem disposta. Tem de extensão 17^{m},0, de largura 3^{m},40, e de altura 5^{m},40; é ventilada por trez grandes janellas, que fazem symetria com as da fachada principal do edificio do lado do nascente.

Esta livraria contém 6:837 volumes, pertencentes e distribuidos pelas seguintes obras:

Primeiro corpo de estantes

	Vol.
Theologia	874
Sermonarios	153
Agiologia	100
Commentarios	345
Constituições	18
Chronicas	68
Diccionarios	102
Direito civil	200
Direito ecclesiastico	380
Historia ecclesiastica	324
Historia profana	139
Historia sagrada	3
Escriptura sagrada	44
Liturgia	79
Litteratura	220
Miscellanea	81
Mystica	100
Segue	3:230
Transporte	3:230
Philosophia	110
Pathologia	292

Segundo corpo (superior)

Obras truncadas e duplicadas	2:900
Diario de Lisboa e da camara dos deputados	72
Revistas litterarias, scientificas e theologicas	233
Total	6:837

Todas as officinas do pavimento inferior, cosinha, refeitorio, e dispensas, são espaçosas e regulares.

A egreja é um bello e magestoso templo. Está collocado entre os dois corredores principaes; a fachada da frente fica entre as duas faces do edificio, em linha recta e symetrica para o lado do nascente, deitando para o largo, que em outro tempo se chamava *Terreiro do Paço* (no tempo em que o edificio era paço dos reis) e hoje se chama—*Largo do Seminario.*

O conjunto d'estas trez partes constituem a fachada principal do edificio, que é, no seu todo harmonico, elegante e magestoso. A parte do centro, pertencente á egreja, contém cinco largas janellas para a luz do templo, ficando duas de cada lado, sobranceiras uma á outra, e a quinta no centro; ao lado de cada uma das quatro janellas fica um nicho de boa cantaria, contendo o primeiro a imagem de Santo Ignacio de Loyola; o segundo, a de S. Francisco Xavier; o terceiro, a de S. Francisco de Borgia, e o quarto a de Santo Estanislau, em corpo natural.

Partindo da cimalha real, guarnecida de quartellas a rematar a fachada, ha um outro nicho com maiores proporções, onde se acha collocada uma devota imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do antigo collegio e hoje do seminario.

Esta imagem, ainda que construida de barro, é de excellente esculptura, e mede 2^{m},20 de altura

Toda a fachada d'esta egreja é de boa cantaria, e contém lavores de troncos e ramos em meio relevo.

A egreja no seu interior é de uma só nave; tem de extensão 40m,0, e de largura 15m,86.

A capella-mór é de abobada de tijolo com ricas pinturas *a fresco*. O arco cruzeiro é de bellissimo marmore, imbutido com florões lizos, de differentes côres.

O altar-mór, a tribuna, e todas as partes de que se compõem, são de rico mosaico, artistica, e elegantemente trabalhado; n'este genero, (exceptuando o altar da capella de S. Roque, em Lisboa) não ha outra em Portugal.

No corpo da egreja ha quatro altares por lado: os dois primeiros de cada lado são de talha antiga dourada e, dizem os entendedores, que n'este genero são de incontestavel merecimento artistico. O terceiro altar, do lado da Epistola, é de muito valor e merecimento, não só pela materia prima, de que é construido, mas ainda pela bellissima esculptura e boa divisão de todas as partes de que se compõe; a base é de finissimo marmore preto, encimado por uma larga facha de marmore rosado, atá *á mesa;* a banqueta é tambem de marmore rosado, e em cima d'esta, assenta um tumulo de Nossa Senhora da Boa Morte, guarnecido de grinaldas de flores, e quatro anjos que o sustentam; toda esta peça, de excellente esculptura, é de finissimo marmore branco, e no centro ha uma devota imagem de Nossa Senhora, resguardada por um vidro a todo o comprimento; segue-se para cima o retabulo, que representa a meio relevo a cidade de Jerusalem, e no alto, tambem a meio relevo, a imagem de Nossa Senhora, cercada de anjos, a subir para o ceu; toda esta parte e todas as mais, de que se compõe este magnifico altar, como columnas, capiteis, e figuras de anjos, que os embellezam, são de marmore branco.

Os trez restantes altares são no gosto moderno; mas sem merecimento artistico notavel.

O tecto da egreja é forrado de madeira, *a esteira*, mas com uma admiravel pintura: aos quatro cantos veem-se primorosamente debuxadas e bem coloridas, as quatro partes do mundo em figuras allegoricas; e no centro, em tarja apartada, a figura da Soberana Rainha dos Anjos, subindo para o ceu, acompanhada das gerarchias celestes, e de todos os mysteriosos attributos que lhes pertencem.

Esta pintura, que data de mais de 230 annos, acha-se tão fresca e viva, em suas cores e desenhos, como se tivesse 20 ou 30 annos.

Correspondentes aos oito altares do corpo da egreja ha ao lado de cima oito tribunas, communicadas entre si por um largo corredor no centro da parede; na capella-mór ha egualmente quatro tribunas, duas de cada lado.

Todas estas tribunas dão grande elegancia e magestade ao templo.

Reitores do seminario patriarchal

Nos documentos existentes no archivo d'este estabelecimento, só depois que o collegio ou seminario voltou a estabelecer-se por segunda vez no edificio de Santa Catharina, em Lisboa, é que se encontra designado o nome do reitor, que era o padre Lourenço Alexandre d'Albuquerque. Foi este mesmo que acompanhou o seminario, quando definitivamente foi transferido para o collegio dos jesuitas, em Santarem, onde hoje se acha; mas veio na qualidade de vice-reitor, e não de reitor, cuja alteração parece poder explicar-se pelas maiores proporções que o seminario devia attingir na sua mudança para um edificio mais vasto, em numero de alumnos, desenvolvimento de estudos, escolha de professores mais graduados, e de maior importancia litteraria; reclamando todas estas circumstancias um reitor de posição correspondente, em litteratura e gerarchia.

A nomeação, porém, de reitor, demorou-se em consequencia do fallecimento do cardeal patriarcha, D. Fernando de Souza, continuando por isso o vice-reitor a administrar o seminario, até que em 1726 foi nomeado e tomou posse, o cardeal patriarcha D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça, da casa dos condes de Val de Reis.

Este prelado, aposentando o vice-reitor, Lourenço Alexandre de Albuquerque, no-

meou reitor, o conego da basilica de Santa Maria, José Caetano da Mesquita e Quadros, por carta de 4 de janeiro de 1790; nomeando por essa mesma occasião, para vice-reitor, o dr. Bento José de Souza Farinha.

Fallecendo o reitor José Caetano de Mesquita e Quadros, sendo então principe regente, D. João (que depois foi rei, 6.º do nome) passou a reitor, com poderes de reformador, o vice-reitor Bento José de Souza Farinha.

Este grande homem fez mui notaveis serviços ao seminario, tanto na parte moral, e litteraria, como ainda na parte material.

Pela invasão dos francezes, commandada pelo general Junot, em 1807, retirou-se todo o pessoal do seminario para a quinta da Mitra, em Marvilla, junto ao Poço do Bispo, e na volta para Santarem, sendo então patriarcha D. Antonio de S. José de Castro, e achando-se inhabilitado por falta de forças o reitor Farinha, veio encarregado de toda a administração do seminario, na qualidade de reitor, o padre João Farto Franco, cuja administração durou até 1834, em que de todo se fechou o seminario.

Na restauração de 1853 nomeou o cardeal patriarcha para reitor o conego Joaquim Moreira Pinto,[1] e para vice-reitor, frei Manoel de Santa Rita Barros.[1] Importantes serviços prestou ao seminario o reitor Moreira Pinto, coadjuvando o sabio e activissimo prelado, na grande e difficil empresa da restauração do seminario.

Pelo prematuro fallecimento de D. Guilherme, succedeu no patriarchado D. Manoel Bento Rodrigues, e como Moreira Pinto, pelos seus padecimentos physicos, não podesse continuar á testa da administração do seminario, pediu a sua exoneração, e succedeu-lhe o padre Joaquim de Oliveira Leitão,[2] nomeado reitor interino por provisão de 27 de janeiro de 1861. Este ecclesiastico, muito respeitavel pelas suas virtudes e saber, achava-se já em uma edade muito avançada, e gasto de forças physicas, indispensaveis para tão vasta e complicada administração, pelo que a disciplina, e mesmo a administração da fazenda, soffreram alguma cousa durante a sua gerencia.

Pelo fallecimento do cardeal patriarcha D. Manuel Bento, em 25 de setembro de 1869, foi eleito vigario capitular e governador do patriarchado, o reverendo conego, doutor

[1] Era natural de Guimarães; foram seus paes, Luiz Theodoro Pinto de Carvalho e Maria Magdalena Moreira. Nasceu no dia 1.º de novembro de 1807, e foi baptisado na egreja de Nossa Senhora da Oliveira d'aquella villa.

Tomou o habito da ordem dos Prégadores no convento de S. Domingos de Bemfica, de Lisboa, a 21 de fevereiro de 1827. Ordenou-se de presbytero, em Coimbra, a 28 de maio de 1831. Concluiu a sua formatura em theologia, pela Universidade de Coimbra em 7 de junho de 1848.

Por provisão do cardeal patriarcha D. Guilhreme, datada de 26 de julho de 1850, foi nomeado seu secretario de gabinete. Em 12 de agosto de 1851, foi nomeado dezembargador e juiz effectivo da relação e curia patriarchal; e em 1861 para juiz de secção de recursos pontificios. Em 1853 foi apresentado em um canonicato da Sé patriarchal; em 12 de setembro d'esse anno, foi nomeado reitor do seminario; e por decreto do governo, datado de 14 de novembro do dito anno, foi egualmente nomeado reitor do lyceu e commissario dos estudos, no districto de Santarem.

Era commendador da ordem de Christo, por decreto de 7 de julho de 1864.

Pelo fallecimento do cardeal patriarcha D. Manuel I, foi nomeado—Séde Vacante—Ecónomo da mitra, e testamenteiro do prelado fallecido.

[1] Era natural de Lisboa; pertenceu á ordem dos *terceiros professos de S. Francisco*, no convento de Jesus de Lisboa. Era parocho collado da freguezia do Pinheiro Grande. Foi nomeado e confirmado bispo d'Angola, e alli falleceu seis mezes depois de tomar posse.

[2] Era presbytero da extincta congregação oratoriana, da cidade de Braga. Alli tinha exercido o magisterio de humanidades e de theologia moral. Por conhecimento que d'elle tinha o patriarcha, D. Manuel Bento Rodrigues, mandou-o vir de França, onde então se achava, e nomeou-o professor de francez para o seminario, cujos estudos de *humanidades* e *linguas* se professavam então no lyceu.

Mais tarde foi proposto por aquelle prelado para uma cadeira de conego, da insigne collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, onde foi provido. É natural da freguezia de Santa Maria de Ferreiró, comarca de Villa do Conde, arcebispado de Braga.

Americo Ferreira dos Santos Silva (hoje cardeal bispo do Porto) que, respeitando as virtudes e saber do reitor interino, Oliveira Leitão, entendeu que pela sua muita edade, não podia, nem devia continuar por mais tempo na administração do seminario, e (a seu contento) o exonerou, por provisão de 18 de outubro de 1869; e, n'esta mesma data, nomeou por outra provisão para reitor do seminario, o doutor e conego Augusto Henriques,[1] que já desde alguns annos era professor de sciencias ecclesiasticas do seminario.

Em 20 de junho de 1871 tomou posse do governo do patriarchado, o sr. cardeal patriarcha D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, que, pela graça de Deus ainda governa a egreja lisbonense, e pedindo por essa occasião o reitor, dr. Augusto, a sua exoneração, dignou-se o prelado nomear para reitor o sr. dr. Manoel Xavier Pinto Homem, que ainda hoje se acha á testa d'aquelle importante estabelecimento.

O reverendo dr. Manuel Xavier Pinto Homem

Nasceu a 25 de março de 1815, na freguezia de S. Thiago, concelho e comarca de Armamar, districto de Viseu e bispado de Lamego.

Foram seus paes, Francisco Xavier Pinto Homem, e D. Rosa Claudia.

Em maio de 1830 entrou na ordem de S. Francisco, provincia reformada da Conceição; professou solemnemente em junho de 1831; e sahiu para o *seculo* em virtude do decreto, que em 1834 extinguiu as ordens religiosas.

Ordenou-se de presbytero em dezembro de 1839; exerceu o ministerio parochial por espaço de sete annos, no bispado de Lamego. Em abril de 1846 foi para Coimbra com o fim de frequentar as aulas de theologia da universidade, e matriculou-se no primeiro anno theologico em outubro de 1848.

Sendo ainda estudante do segundo anno, fundou e regeu por espaço de quatro annos um collegio de *humanidades*, no edificio, que fôra convento dos frades de S. Francisco, junto á ponte de Coimbra. Augmentando a concorrencia dos alumnos, e não tendo aquelle edificio os commodos necessarios, conseguiu do governo, o arrendamento do magestoso e vasto edificio, que fôra dos frades benedictinos, junto ao jardim botanico, e para alli transferiu o seu collegio, onde funccionou por espaço de 18 annos.

Em 1854 concluiu a sua formatura de bacharel em theologia; e em 13 de julho de 1856 tomou o grau de doutor na mesma faculdade.

Em setembro de 1871 foi convidado pelo sr. cardeal patriarcha de Lisboa, D. Ignacio I, para reitor do seu seminario patriarchal; tomou posse no 1.º de outubro d'aquelle anno. Por decreto patriarchal, de 21 de fevereiro de 1872, dignou-se o mesmo prelado nomeal-o desembargador e juiz effectivo da relação e curia patriarchal.

Por portaria regia de 5 de março de 1872 foi confirmado pelo governo no seu logar de reitor.

—

É o sr. doutor Pinto Homem, um dos mais illustrados e exemplares sacerdotes do patriarchado, e, a todos os respeitos, dignissimo da sua alta missão.

Para se saber o grau de aperfeiçoamento a que o sr. doutor Pinto Homem tem elevado este estabelecimento scientifico, transcrevo d'*A Ordem* n.º 74, de 19 de julho d'este anno de 1879, o que se segue:

—

O documento que abaixo transcrevemos, enche-nos do maior contentamento.

Ha em Portugal, n'este reino tão trabalhado pela revolução, um seminario que sabe comprehender a sua missão catholica, educando com desvelo e cuidado, nunca assaz elogiados, os jovens levitas do Senhor, en-

[1] É natural da freguezia de S. Miguel de Poiares, districto e bispado de Coimbra. Doutorou-se na faculdade de theologia em Coimbra, no anno de 1855. Chamado pelo prelado D. Guilherme, para professor do seminario, pouco depois foi nomeado conego da insigne e real collegiada de Santa Maria d'Alcáçova, em Santarem, e mais tarde apresentado em um canonicato da Sé Patriarchal, com o onus das sciencias ecclesiasticas no seminario.

carregados de ajudar a conduzir a arca da Alliança atravez d'este deserto, onde sopra o *simoum mortifero* que tudo tende a destruir: fé, costumes e tradições.

Esse Seminario é o do Patriarchado, estabelecido em Santarem.

Contam-se maravilhas da sua organisação.

Alli se acham distribuidas d'um modo convenientissimo as horas d'exercicios religiosos, as de trabalho scientifico, e as de recreio; *convenientissimo*, dizemos, porque se alliam em fraternal amplexo, a fé, a sciencia e a hygiene.

A educação de um Seminario deve ser, como a do de Santarem, adaptada ao fim religioso, a que se destina, tanto em relação á piedade, como á instrucção, sem desconhecer os passa-tempos e recreios necessarios á saude e robustez do corpo, assim como ao elemento sensivel da nossa natureza.

As festividades que se celebram na sua Egreja, uma das mais formosas que conhecemos, e que attesta a *ignorancia* de seus fundadores, elevam a alma do crente pelos sentimentos de fervor que n'ella se experimentam e sentem.

As harmonias do orgão, casadas á suavidade, frescura e gravidade das vozes de mancebos, em cujas almas candidas não despontaram ainda pensamentos peccaminosos, e as de ecclesiasticos venerandos que traduzem em accentos, repassados do mais terno sentimentalismo, os pensamentos graves e serios que lhe vão na mente; um côro como entre nós se não encontrará, hoje em dia, outro: o aceio, a limpeza e a boa ordem que reinam em tudo e em toda a parte; são para admirar nos tempos desgraçados que atravessamos, em que os Seminarios nem sempre são o que deveram ser; tal é a sua desorganisação, e desvio de seus legitimos fins!...

É que no Seminario de Santarem ha zêlo, instrucção e moralidade.

Quanto não encanta o vêr mancebos de 10 annos sabendo já o canto gregoriano, e executando a lithurgia com toda a perfeição!

Quanto não são para admirar-se, a compostura, gravidade, e ordem com que cada alumno caminha para o côro da Egreja, e alli occupa o seu logar!

Desejavamos que se tivesse entrado n'aquella casa religiosa no anniversario da coroação de S. Santidade, Leão XIII, ou no da morte de Pio IX, de santa memoria; só então se ficaria fazendo uma justa ideia dos sentimentos que animam o pessoal d'aquelle estabelecimento de piedade em relação á Santa Sé.

No primeiro caso presenciar-se-hiam alegria, jubilo e enthusiasmo; no segundo, tristeza, abatimento e lagrimas.

Dôr durante as adversidades da Egreja, ou ao recordal-as, e satisfação nos seus acontecimentos prosperos, ou ao commemoral-os, eis o que deve fazer o bom filho da Casta Esposa do Divino Cordeiro, eis o que deve fazer o bom catholico, e o Padre fiel aos seus juramentos; eis o que fez tambem o Seminario de Santarem.

Não são indifferentes para tão catholicos alumnos, e para superiores e professores tão venerandos e submissos, as approvações do Santo Padre.

É por isso que ao manifestar ao actual Pontifice a sua alegria por occasião do anniversario da sua elevação ao Pontificado n'uma bella felicitação que lhe dirigiram, exprimiram tambem a tristeza profunda que sentiam por vêr a Santa Sé reduzida ás mais penosas condições, após a occupação romana, pelo governo do rei Victor Manuel.

E fizeram ainda mais, como bons filhos: apezar dos seus fracos recursos, entre si se collectaram para darem ao Summo Hierarcha da Egreja uma prova do seu amor filial, remettendo conjunctamente com a felicitação 127$000 réis para o *Dinheiro de S. Pedro*.

Uma e outra cousa agradeceu o S. Padre, Leão XIII, na carta, por elle dirigida ao Seminario de Santarem em resposta á felicitação e offerta, nos termos mais commoventes e honrosos.

Que maior galardão para os alumnos, superiores e pro essores, do que ficarem sabendo pela carta do Summo Pontifice, que

elle sente alegria por ver a sua união com a Santa Sé?

Que maior honra do que saber pelas proprias palavras do Successor de S. Pedro, que o pouco com que cada um poude contribuir, serviu para *auxiliar o Pae Commum, que lucta com as maiores difficuldades e privações, na dispendiosissima administração da Egreja n'estes tempos calamitosos?*

De que bens não será penhor para tão religiosa communidade a benção especial que a cada um de seus membros, e a todos em geral, envia o Vigario de Christo?

Felicitando o Seminario de Santarem por tão elevados sentimentos catholicos, e pela carta tão honrosa que acabam de receber, não podemos abster-nos ainda de felicital-os por terem um Reitor, que tão bem sabe dirigir a educação dos jovens que se destinam ao sacerdocio.

É ao ex.mo sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem, a quem esta cidade deve tantos favores, e que aqui mostrou a sua aptidão, por tantos annos, para o difficilimo encargo de Director d'uma casa d'educação; é a este dignissimo sacerdote, que pertence a honra de poder dizer, que aos seus esforços, prudencia, pericia, e rectidão inquebrantavel, se deve a elevação moral, religiosa e scientifica que distinguem o Seminario do Patriarchado, e o collocam na primeira plana entre os estabelecimentos d'este genero, não só entre nós, mas no estrangeiro.

Felicitamos por egual a todos os demais cooperadores do ex.mo Reitor, pelo seu zelo, intelligencia, e fiel observancia dos regulamentos d'aquelle Seminario, que é sem sombra de duvida digno de todos os elogios.

Eis a carta dirigida ao Seminario Patriarchal em Santarem pelo SS. Padre Leão XIII, em resposta á felicitação que pelo mesmo Seminario lhe foi enviada, em março do corrente anno de 1879. (Traducção.)

Aos nossos amados filhos, Reitor, Professores e alumnos do Seminario Patriarchal de Santarem, em Portugal, Leão XIII, Pontifice Maximo, envia Saude e a Benção Apostolica.

Quando tantas doutrinas contradictorias desviam da verdade muitos espiritos, veio a vossa carta encher-nos de prazer, porque vós e vossos professores, como filhos da Egreja de Deus, unidos nos mesmos sentimentos e no mesmo pensamento de trabalhar na prégação do Evangelho, levantaes os olhos para este centro da Unidade Catholica, esperaes receber da cadeira de S. Pedro a luz e a verdade, e protestaes seguir escrupulosa e diligentemente os seus decretos. Por esta excellente disposição de vossos espiritos, que tem por base a fé, e é acompanhada de nobres sentimentos de obsequio e caridade, exulta nosso coração, concebemos de vós as melhores esperanças, e estimamos devidamente a educação que recebeis de vossos mestres. Estes, bem lembrados da gloria que o reino de Portugal alcançou, em estreita união com a Santa Sé, em proveito da Religião e da patria, tentam fazer resurgir e alimentar em vossos corações os nobres sentimentos dos antigos portuguezes. E não teem sido em vão seus esforços; claramente o prova a satisfação com que, seguindo o exemplo de vossos generosos antepassados, quizestes por obras confirmar as expressões do vosso amor de filhos para comnosco.

Cada um de vós tomou dos seus pobres recursos um pouco, e assim viestes todos auxiliar o Pae commum, que lucta com as maiores difficuldades e privações na dispendiosissima administração da Egreja n'estes tempos calamitosos.

Nós, que agradecidos recebemos as vossas dadivas, e muito nos alegramos com o vosso procedimento, rogamos ao Omnipotente que recompense com os dons da Sua Divina Graça o vosso piedoso affecto, cuja nobreza Elle só sabe avaliar, e inspire em vosso coração aquellas aspirações que podem tornar-vos bons, activos e uteis trabalhadores do Seu campo.

Este é, amados filhos, o bem que vos desejamos, essa a principal recompensa de seus trabalhos, que suplicamos para vossos professores, aos quaes e a cada um de vós em particular enviamos a Benção Apostolica. Esta vos alcance a protecção Divina e seja para vós o penhor da nossa paternal benevolencia, Dada em Roma, no Palacio de S.

Pedro, aos 29 de maio de 1879, segundo anno do nosso Pontificado. Leão XIII, P. P.

Vinhas d'Alvisquer, ou, campo de Santarem

Ficam ao N.E. da cidade, e produzem optimo vinho, de varias qualidades. O territorio d'estas vinhas, é quadrilongo, com 6 kilometros de comprido por 3 de largo.

Mas, comprehendendo hortas, pomares e olivedos contiguos, tem 25 kilometros aproximadamente de circumferencia, todo o terreno cultivado.

Foi no sitio dos *Valladinhos*, na veiga de Alvisquer, que o intrepido fidalgo, Lourenço Viegas, deu a primeira batalha aos mouros d'Albujaque, como ja fica dito.

Já dei a definição do nome *Albujaque*. Esqueceu-me então dizer, que alguns pretendem que o cognome (e não o nome) d'este mouro, fosse *Albarraque*—o luzente, o brilhante, o resplandecente, etc.—Deriva-se do verbo *baraca*, reluzir, brilhar, resplandecer, etc. —Será.

As Omnias

Dá-se este nome a um territorio povoado de hortas e pomares que ficam um kilometro ao S. do bairro do Alfange, em razão de produzirem *toda* a qualidade de fructas, e todas saborosissimas.

Vinhas da Vallada e Galléga

Ficam em seguida ás *Omnias*, e ambas sobre a margem esquerda do Tejo. Tem 5 kilometros de comprido, por 3 de largo; continuando-se as vinhas e dilatados campos que produzem grande quantidade de cereaes.

Campo do Mourão

Fica na margem esquerda do Tejo, em frente de Santarem. É uma extensissima veiga cultivada, e onde se criam diversas qualidades de gado.

Antigamente se criavam n'este campo os velocissimos cavallos, tão famosos no tempo dos romanos. Hoje ainda alli se criam bastantes, mas tem havido muito desmazello na escolha da qualidade. Ha tambem aqui grandes *manadas* de touros bravos.

Olivaes de Santarem

Estes famosos olivaes, principiam proximo da cidade, cercando-a pelo E., N.E., N., N.O., e O., dilatando-se por valles e outeiros, estanciando por entre elles, muitas hortas e pomares, quintas e casaes.

Já disse que os olivaes do lado do O., foram bastante derrotados, desde outubro de 1833 até maio de 1834, tanto pelos realistas como pelos liberaes.

—

Dos *campos da Gollegan*, ou *Valle da Assacaia*, já tratei.

—

Finalmente, todos os arredores de Santarem, até uma grande distancia, tanto ao N. como ao S. do Tejo, são formosos e ferlilissimos.

Cemiterio de Santarem

Foi construido depois de 1834, no terreno onde existiu a egreja matriz da supprimida freguezia de S. Lourenço, e a dos frades de Santo Antonio dos capuchos, e seu mosteiro e cêrca.

Fica em uma eminencia, e tem alguns mausoleos de bom gosto.

Entre estes, avultam o de Passos Manoel e o de Sá da Bandeira. Este, segundo a vontade do general, tem ao pé uma nogueira, alludindo ao seu appellido (*Bernardo de Sá Nogueira*.)

Como esta nogueira foi plantada ha poucos mezes, tem apenas uns trez palmos de alto.

A vista da entrada do cemiterio, é admiravel. Em frente, vê-se a bella e extensa ponte (quasi concluida) que atravessa o Tejo, da Ribeira para o sul.

Repartições do governo civil, cadeia, repartições do correio, e administração do concelho.

Tudo isto se estabeleceu, depois de 1834, no edificio do mosteiro dos carmelitas descalços.

Devéra tambem alli ser o tribunal do juizo de direito e suas dependencias, e para isso tinham destinado a egreja do mosteiro, mas ficou em projecto, e lá estão ainda as paredes desmanteladas, attestando aos vindouros, as profanações dos vandalos do seculo XIX.

A antiga cadeia (de que já fallei) era na praça, nos pavimentos inferiores da casa da camara. Hoje está transformada em quartel do destacamento que para aqui vem, para fazer a guarda das repartições publicas. É commandada por um subalterno, e rendido de trez em trez mezes.

Fui de proposito a Santarem, onde me demorei nos dias 1 e 2 de outubro d'este anno de 1879, para conferir o que tenho escripto sobre esta cidade, com o que alli visse e examinasse, e fazer as necessarias rectificações. Em resultado do meu exame, eis as correcções e additamentos que tenho a fazer.

—

Ermida de Santo Ildefonso.—(pag. 574, col. 1.ª)—Esteve abandonada desde 1834, como a maior parte das outras ermidas de Santarem. Sendo ministro o sr. Francisco Lobo d'Avila, cedeu esta capella ao *Montepio dos artistas*, que a restaurou e restituiu ao culto, e por sua conta celebra alli a festividade do padroeiro.

Como fica dito a pag. 574, já antigamente pertencia esta capella á irmandade dos carpinteiros e pedreiros.

—

Ermida de Nossa Senhora das Angustias.—Além da da mesma invocação, que descrevi a pag. 568, col. 2.ª, existe outra no districto da freguezia de Marvilla.

Fica mesmo em frente da capella profanada de S. Lazaro, mas do outro lado (N.) da rua.

É uma capella grande e que denota muita antiguidade. Alegrou-me o vêl-a muito bem conservada exteriormente, e caiada de novo, com todos os signaes de templo catholico, menos o sino, que falta no campanario; mas qual foi o meu *desapontamento*, quando vi da sua porta travessa, que estava aberta, uns poucos de homens, arrumando mólhos de palha e tábuas velhas!

Está, pois, tambem transformada em PALHEIRO.

—

Anda em principio de construcção (por emquanto apenas ha *movimentos de terra* e aberturas de alicerces) a *penitenciaria* districtal. É na chapada de um monte ao O. da cidade, em sitio alegre e com extensas e dilatadas vistas para o N., S. e O.

Percorri toda a cidade, não só interior como exteriormente. Fiquei embevecido do vastissimo e delicioso panorama que se gosa de todos os pontos circumferentes. Só vendo, se póde fazer idéa das encantadoras formosuras que se estendem por muitas leguas em redor, offerecendo ao espectador admirado a vista de bellas quintas, granjas e casaes, extensissimos olivedos, vinhas, pomares, cearas, e o formoso Tejo, sulcado por innumeros barcos que o percorrem em todos os sentidos.

No bairro da Alcáçova, ao S., está o formosissimo sitio, ainda chamado *Porta do Sol*, onde os nossos primeiros reis tiveram os seus paços. Ainda existe uma porta d'estes paços reaes, adornada de primorosissimos rendilhados. As muralhas do antiquissimo castello arabe ainda aqui estão em partes bem conservadas; mas os palacios de antigos fidalgos e predios particulares, está quasi tudo reduzido a tristes ruinas, n'este bairro!

Na *Porta do Sol* é o sumptuoso reservatorio das aguas da respectiva companhia.

São extrahidas do Tejo (mesmo debaixo da ponte), por um engenhoso elevador mechanico.

A ponte é de bella apparencia, e para a

sua conclusão apenas faltam os dois pégões do N. e S.

—

O cemiterio publico é dividido em dois pavimentos. O inferior (a E.) *pertence aos pobres*, e o superior, *aos ricos!*... Já se vê que o cemiterio de Santarem não é considerado *campo da egualdade.*

Um dos melhores mausoleus da parte superior pertence a

José Antonio da Silva Torres Ponce de Leon

(*Visconde da Serra do Pilar*)

Lazaro da Silva Torres, cavalleiro da Ordem de Christo, correio-mór de Santarem, nasceu a 10 de março de 1725 e falleceu a 22 de novembro de 1805. Casou com D. Feliciana Rosa de Oliveira, nascida a 4 de novembro de 1745, e fallecida a 29 de junho de 1811.

D'este matrimonio houve tres filhos—*José*, do qual adiante trato,—*D. Maria Barbara*, e *D. Maria Gertrudes.*

José Antonio da Silva Torres Ponce de Leon, primeiro filho, nasceu em Santarem, a 16 de março de 1782.

Sentou praça em cavallaria, e, seguindo os postos militares, era tenente-coronel do regimento de cavallaria n.º 8, quando teve logar a revolta de 16 de maio de 1828, na cidade do Porto, contra o governo do sr. D. Miguel I.

Torres entrou na revolta, foi pela junta revolucionaria nomeado commandante da cavallaria liberal, e n'esta commissão assistiu ás acções da Cruz dos Morouços, Marnel, e Ponte do Vouga (24 de junho de 1828, e 28 e 29 do mesmo mez e anno) e, como as forças da junta foram derrotadas n'estas batalhas, teve o tenente coronel Torres com os seus, de retirar para o Porto.

Vendo os chefes principaes dos revoltosos que a sua causa estava, por aquella vez, perdida, abandonando as tropas que tinham induzido á rebellião, fugiram subrepticiamente para a Gran-Bretanha, a bordo de um navio inglez, sendo Torres do numero dos que se salvaram por mar.

Da Inglaterra embarcou para a Ilha Terceira, sendo ahi nomeado commandante de uma columna composta de contingentes de caçadores 2 e 5, e com esta força dispersou no *Pico de Celleiro*, uma guerrilha realista, submettendo toda a ilha á obediencia do governo do sr. D. Pedro.

Regressou ao reino com o exercito liberal em julho de 1832, e assistiu ás acções de Ponte-Ferreira, em 22 e 23 de julho de 1832, e á de Souto-Redondo a 7 de agosto do mesmo anno.

Foi-lhe confiado o commando da guarnição das baterias da *Serra do Pilar* (Gaia) desde 8 de setembro do mesmo anno de 1832, até 20 de agosto do anno seguinte. Commandou a divisão de operações do norte, sahindo do Porto a 25 de março de 1834, e vencendo as forças realistas em Santo Thyrso e na Lixa. Foi depois encarregado do governo militar da provincia do Douro e interinamente do Minho, depois da convenção de Evora-Monte.

Desde que sentou praça, portou-se com a bravura propria de um distincto militar portuguez, pelo que obteve os seus titulos e condecorações.

Foi feito primeiro barão do Pico do Celleiro a 4 de abril de 1833; visconde da Serra do Pilar, no 1.º de dezembro de 1834, sendo no mesmo anno elevado ao pariato.

Era official da Ordem da Torre-Espada, condecorado com a cruz d'ouro da campanha da guerra peninsular, e com as medalhas de Albuhera e Victoria. Foi governador da torre de S. Vicente de Belem, e brigadeiro (general de brigada) do exercito.

Falleceu na sua casa em Santarem, e foi sepultado em um formoso mausoleu, como disse no principio d'este artigo.

Martim do Docem (ou d'Ocem)

Falleceu este homem, que tantos serviços prestou á sua patria, pelos annos de 1435, na então villa de Santarem. Como a biographia que d'elle se lê no 1.º tomo dos *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza*, é pouco extensa,

a copio aqui, para que se não perca a memoria de tão notavel homem de estado.

É a seguinte:

«*Martim d'Ocem*, doutor em leis, foi do conselho d'el-rei D. João I e seu chancellermór; e egualmente do conselho do infante D. Duarte, seu filho, e governador da sua casa, que, segundo D. Rodrigo da Cunha, era o mesmo que aio ou mordomo. Era filho do Doutor Gil d'Ocem,[1] chanceller-mór do reino, que foi embaixador a Castella, com Affonso Gomes da Silva, em 1371, para confirmação das pazes, entre el-rei D. Henrique com D. Fernando de Portugal, e que, seguindo primeiro o partido da rainha D. Leonor (Telles de Menezes, viuva de D. Fernando I) a quem acompanhou de Lisboa para Alemquer, passou depois para o serviço do Mestre de Aviz, e o ajudou com o seu valor e conselho, acompanhando-o na batalha de Aljubarrota—e de sua mulher, Brites Annes Nogueira[2] e irmão de Pedro Gil d'Ocem, a quem el-rei D. João, sendo ainda Mestre d'Aviz, em agradecimento aos trabalhos no cêrco de Lisboa, doou os direitos das quintas das suas *chantas*[3] de Santarem.

Foi sobremaneira estimado pelo mesmo rei D. João I, como pessoa em quem elle muito confiava, por seu saber e experiencia, e lhe commettia os negocios mais importantes ao estado do reino, por onde, no anno de 1400, para tratar da quietação d'elle, o mandou por embaixador a Henrique de Castella, afim de se assentar treguas ou pazes com elle, dando-lhe por companheiros a D. João Esteves da Azambuja, arcebispo de Lisboa e depois cardeal, e a João Vasques da Cunha, pessoas de muita auctoridade. E, chegando todos a Segóvia no 1.º de junho d'aquelle anno, onde el-rei estava, por motivo das condições propostas pelo cardeal de Avinhão, que respondia pelo dito rei, veio Martim d'Ocem a Lisboa, e assistindo a alguns conselhos em que na sua presença se tomaram as resoluções que pareceram convenientes; tornou a Segovia e se estabeleceram treguas de dez annos.

Pouco tempo depois, no anno de 1404, depois da morte de Ricardo II de Inglaterra, o occupou o mesmo rei D. João I, mandando-o a Londres, com João Gomes da Silva, seu alferes-mór, a ratificar a confederação e alliança com Henrique IV, seu successor; a qual concluiu com brevidade e satisfação de ambas as corôas em 16 de fevereiro.

No anno seguinte—de 1405—foi segunda vez mandado pelo mesmo rei a Inglaterra para ajustar, juntamente com João Vaz de Almada, o casamento de sua filha illegitima, com D. Thomaz, conde de Arundel, o qual ajuste se celebrou a 7 de fevereiro, e se recolheram ambos a Portugal com os procuradores do conde.

Depois de feito este casamento, em abril, na presença do mesmo rei, seu pae, e com a solemnidade correspondente á grandeza do acto, tornou a Inglaterra e fez as vezes de procurador da parte de D. João I, para se lavrar o instrumento d'este casamento, e de haver recebido as bençãos da mão do arcebispo de Cantuária, primaz d'aquelle reino; o qual se lavrou na presença do rei de Inglaterra, em 26 de novembro do mesmo anno.

No anno de 1411, foi nomeado embaixador a Castella com o sobredito João Gomes da Silva, alferes-mór, e Fernão Gonçalves Belagua, deão da Sé de Coimbra; para tratar pazes com a rainha D. Catharina, que governava na menoridade de el-rei D. João II, seu filho; as quaes se estabeleceram e

[1] O auctor dos *Retratos e elogios dos varões e donas*, escreve este appellido de differentes modos: ora diz *D'ocem*, ora *d'Ocem*. Na inscripção tumular (como se verá adiante) se lhe dá o nome de *Martim do Sem*. Era progenitor do famoso *Pedro Cem*, de que fallo no artigo *Porto* e *S. Nicolau*, freguezia da mesma cidade.

[2] A redacção está aqui um pouco obscura: deve entender-se que Martim d'Ocem era filho do doutor Gil d'Ocem e d'esta Brites Annes, e irmão de Pedro Gil d'Ocem, etc.

[3] *Chanta* é portuguez antigo—significa o terreno em que foram plantadas de pouco tempo, arvores de qualquer qualidade, ou vinhas (bacêllo). As *chantas* a que se refere o texto, eram certos olivaes novos, plantados em uns terrenos dos arrabaldes de Santarem.

ratificaram em 31 de outubro do dito anno de 1411, para serem depois approvadas pelo rei.

Em 1418 quiz el-rei D. João, de Portugal, confirmar estas pazes, e foi mandado segunda vez Martim d'Ocem, com os mesmos, João Gomes da Silva e Fernão Gonçalves Beliagua; mas respondendo-se-lhes que ainda o rei não tinha completado 14 annos, voltaram para o reino, sem effeito.

Chegando o rei á edade 14 annos, em 1419, foi outra vez nomeado e com os mesmos companheiros, para o mesmo fim, e com o mesmo successo, pois se recolheram para Portugal, só com as esperanças do que depois aconteceu, como as nossas chronicas referem.

Assistiu como testemunha no casamento de el-rei D. Duarte, sendo ainda infante, com a infanta D. Leonor de Aragão, em Coimbra, a 4 de novembro de 1428; e tambem na confirmação que seu pae, el-rei D. João I, fez do mesmo contrato, na villa de Extremoz, em 2 de dezembro do mesmo anno.

Foi egualmente testemunha, em primeiro logar, no instrumento que se passou dos desposorios da infanta D. Isabel, filha do mesmo rei, com Philippe, duque de Borgonha, por seus procuradores, em Lisboa, em 1429.

E, para prova do bem que serviu em todas estas cousas, o rei D. João I, em seu testamento o mostra e confirma, por estas palavras:—*E semelhante achámos e soubémos do doutor Martim Docem, do conselho nosso e do infante meu filho e seu chanceller-mór, que, em desembargar as nossas non certas e fazer outras cousas per nosso serviço, assi ante que fosse em casa do dito infante, como depois que em ella andou, que todo fez muyto bem e como devia, com resguardo de nosso serviço.*—

Acha-se matriculado entre os moradores da casa real de D. João I, com a moradia de 15$600 réis.

Falleceu na villa de Santarem, e jaz no convento de S. Domingos, da mesma villa, na capella de S. Pedro, no cruzeiro, em um tumulo levantado, onde se vê a sua figura, do mesma sorte que se mostra n'esta sua estampa, esculpida de figura inteira e deitada sobre elle com o escudo das suas armas.[1] É o seu epitaphio:

AQUI JAZ O MUY HONRADO
E FAMOSO DOUTOR MARTIM DO SEM
DO CONSELHO DO MUY ALTO, EXCELLENTE
E PODEROSO PRINCIPE E REY
DOM JOÃO E DO INFANTE DOM
DUARTE, SEU FILHO PRIMOGENITO, E SEU CHANCELLER-MÓR.
O QUAL, POR SEU MUITO
TALENTO, FOI POR ELLES EM A
EMBAIXADA, AOS REYNOS DE
INGLATERRA E CASTELLA.

Já vimos na col. 1.ª de pag. 544 d'este volume, que esta egreja foi sacrilegamente profanada depois de 1834. Hoje, tanto o templo como o edificio do mosteiro estão convertidos em um montão de ruinas, e o tumulo de Martim d'Ocem e de outros varões illustres, em paredes de casas e pavimentos de ruas.

—

Ainda a egreja de S. João d'Alporão

Vi-a detidamente a 2 de outubro d'este anno de 1879. As obras de reconstrucção continuam vagarosamente com diminuto numero de pedreiros; todavia o tecto está concluido, e o que foi capella-mór tambem está interiormente quasi reparado, e no exterior pouco falta para terminarem as obras da restauração.

Tiveram o bom gôsto de seguir em tudo a architectura primittiva.

O oculo ou espelho circular da fachada do templo, como estava muito damnificado, se apeiou, e anda em construcção outro com o mesmo desenho.

Já se gastaram mais de trez contos de réis n'estes reparos, e calcula-se que é necessario dispender ainda uns 17 para a sua conclusão.

[1] As armas de Martim d'Ocem eram:— Em campo azul um leão de ouro, rompente, armado de púrpura (Castellos-Brancos)—Orla de púrpura com onze vieiras (conchas) d'ouro, realçadas de negro (Vieiras).

O arco do Pão

Já disse que ainda existe na Ribeira a porta assim denominada. Tambem ainda alli se vê um lanço bem conservado da antiga muralha, o que nos prova que, em tempos remotos, este bairro, ou parte d'elle foi fechado e protegido por obras de defeza, como Santarem.

(Vide col. 1.ª de pag. 448.)

Arco do Pedregal

Ainda existe esta porta no antigo bairro do Alfange. Segundo a tradição, era o centro de um forte muro (de que não ha vestigios) construido para que as enchentes do Tejo, não invadissem a povoação. A porta servia, não só para dar escoante ás aguas, como tambem para serviço dos habitantes do bairro.

Indece alphabetico do contheudo no artigo «Santarem»

A

Pag.
Abidis..... 461
Achilles lusitano..... 498
Affonso (D.) infante de Portugal..... 492
Affonso (D.) infante (outro)..... 502
Affonso (D.) rei, sexto do nome..... 511
Affonso Henriques (D.) rei..... 467, 469
Agostinhos calçados (Frades)..... 543
Agostinhos descalços (Frades) 511, 543, 565
Al Baraque..... 474, 475
Alcáçova..... 448, 553
Alfange (Bairro do)..... 448
Alporão (S. João de)..... 449, 464, 590
Antonio de Santarem (Frei)..... 482
Antonio de Quadros (Padre)..... 506
Antonio (D.) Prior do Crato..... 507
Antonio da Conceição (Frei)..... 508
Antonio de Mattos Noronha (D.)..... 509
Antonio Jorge Machado (Dr.)..... 513
Appellido de Santarem..... 447
Arco do Pão..... 451, 591
Arco do Pedregal..... 591
Arrabidos (Frades)..... 546
Assassinos de D. Ignez de Castro..... 489
Assento de Santarem..... 447
Assento em côrtes..... 447
Auctoridades e empregados publicos de Santarem..... 453
Augusto Henriques (Padre)..... 583
Auzecri, alcaide de Santarem..... 472

B

Pag.
Bacho..... 461
Bairros de Santarem..... 447
Barão da Silva Gameiro..... 538
Barca da passagem..... 455
Basilio de S. Francisco (Frei)..... 511
Benedictinos (Frades)..... 516
Bento José de Sousa Farinha..... 582
Bernardo de Sá Nogueira, marquez de Sá da Bandeira..... 516
Brazões de Santarem..... 447

C

Calçadas de Santarem..... 451
Calipso..... 461
Camara..... 446
Campo do Mourão..... 586
Capellas (vide *Ermidas*).
Casa da camara antiga..... 452
Capuchas (Freiras)..... 543
Capuchos (Frades)..... 544
Carmelitas descalços (Frades)..... 546
Cemiterio publico..... 586, 588
Cheia e temporal de 1876..... 538
Claras (Freiras)..... 540
Concelhos do districto de Santarem... 446
Conegos regulares (Frades)..... 547
Conventos (vide *Mosteiros*).....
Côrtes em Santarem 480, 486, 486, 487, 494, 494, 495, 495, 496, 498..... 500
Cyro, rei arabe..... 467

D

Pag.
Diogo (D.) duque de Viseu..... 500
Diogo da Costa..... 510
Diómedes..... 462
Dominicas (Freiras)..... 539
Dominicos (Frades)..... 544, 590
Domingos do Cuvo (Frei)..... 480
Donas (Freiras) Vide *Dominicas*.
Duarte de Menezes, conde de Vianna.. 496
Duarte Pacheco Pereira..... 498

E

Egrejas matrizes actuaes..... 445, 547
Egrejas matrizes supprimidas.... 445, 553
Ermidas..... 564
Esterilidade notavel..... 463
Estevam (Santo)..... 447, 448, 477, 478
Excellente senhora..... 505

F

Fernando I (D.)..... 490
Fernando (D.) *Infante santo*..... 493
Fernando de Tavora (D. Fr.)..... 506
Fernão Bésteiro..... 501
Fernão Lopes Castanhêda..... 505
Foraes de Santarem, 467, 474, 477, 477, 479, 496..... 503
Freguezias (Vide *Egrejas matrizes*)... 445
Freguezias do concelho de Santarem.. 445

G

Garcia (D.) rei de Portugal e Galliza.. 467
Garcia de Menezes (D.) bispo d'Evora.. 500
Gaspar do Casal (D. Fr.) bispo de Coimbra..... 503
Gergoris ou Gorgoris..... 461
Gil (S. Frei)..... 480, 540
Gilberto (D.) 1.º bispo de Lisboa..... 473
Governo antigo de Santarem..... 447
Governo civil e suas dependencias.... 587
Guerra civil (termo da) de 1832 a 1834.. 523

H

Henrique (D.) o de Sagres..... 492
Henrique II, de Castella..... 490
Henrique de Távora e Brito, arcebispo de Gôa..... 507
Historia chronologica de Santarem.... 461
Hospital de Jesus Christo..... 490, 495

I

Pag.
Invasão árabe..... 466
Invasão dos barbaros do Norte..... 465
Iria ou Irene (Santa)..... 466, 553
Isidoro da Luz (Frei)..... 513

J

Jeronyma de Carvalho (Dona)..... 507
Jesuitas (Padres)..... 546
João Affonso de Santarem..... 489, 495
João (D.) infante de Portugal..... 492
João I (D.) de Portugal..... 492
João I (D.) de Castella..... 491
João II (D.) de Portugal..... 500
João d'Azevedo (Padre)..... 512
João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, 1.º visconde de Santarem..... 514
João Farto Franco..... 582
Joaquim d'Oliveira Leitão..... 582
Joaquim Moreira Pinto..... 582
José Antonio da Silva Torres..... 588
José Caetano de Mesquita e Quadros.. 582
Judiaria..... 450
Julio Cesar..... 463

L

Leonel da Costa..... 510
Lopo de Sousa Coutinho..... 504
Lourenço Alexandre de Albuquerque (Padre)..... 581
Luiz de Figueiredo (Doutor)..... 513
Luiz de Sousa (Frei)..... 505
Luiza de Gusmão (viuva de D. João IV —Dona)..... 511

M

Magdalena de Vilhena (D.)..... 506
Manoel da Silva Passos..... 536
Manoel de Quadros (D.) bispo da Guarda..... 509
Manuel Xavier Pinto Homem (Dr.).... 583
Marianna da Fé (Madre)..... 514
Marquez de Sá da Bandeira..... 516
Martim d'Ocem..... 588
Martyres de Marrocos..... 508
Marvilla..... 448, 548
Mausoleu de D. Fernando I..... 490
Miguel I (D.) Vide *Guerra civil*.

Pag.
Milagre — Vide *Santo Milagre*.
Milagre de J. C. Crucificado..... 484
Morte do infante D. Affonso..... 502
Mosteiros de frades..... 543
Mosteiros de freiras..... 539
Museu districtal..... 455

N

Nicolau (Egreja de S.)..... 552
Nicolau Pimenta (Padre)..... 509
Nome actual de Santarem..... 466
Nome antigo de Santarem..... 462

O

Olivaes de Santarem..... 586
Omnias..... 586

P

Palacio dos patriarchas..... 450
Payo Peres Correia (D.)..... 482
Pedro de Menezes(D.)..... 495
Pedro de Santarem (Frei)..... 480
Pedro Eannes Lobato..... 487
Pedro Escuro..... 495
Pedro Fernandes Gallego..... 479
Penitenciaria districtal..... 587
Periodicos de Santarem..... 450
Peste..... 496
Policia civil da cidade (instituição).... 538
Ponte sobre o Tejo, em Santarem..... 537
Porta do Pão..... 451, 591
Porta do Sol..... 587
Portas e Postigos..... 447, 452

R

Reitores do seminario..... 581
Reservatorio das aguas..... 587
Ribeira (Bairro da)..... 448
Romanos na Peninsula..... 463

Pag.
Romão (Frei)..... 509

S

Salvador (Egreja do)..... 547
Santarem (Appellido)..... 447
Santarem (Titulo de cidade)..... 537
Santo Milagre (Egreja do)..... 448, 477
Santo Milagre (Hostia)..... 477
Santo Milagre (Ermida)..... 478
Sebastião de Menezes (D. Frei) Patriarcha da Africa..... 494
Senhora da Piedade (Egreja), 511, 543, 565
Soeiro Gomes (D.) bispo de Lisboa.... 479
Supplicio dos assassinos de D. Ignez de Castro..... 489

T

Tabolado..... 450
Templarios..... 473
Terceiros de Jesus (Frades)..... 546
Termo de Santarem..... 454
Terramoto de 1755..... 514
Terreiro da Piedade..... 450
Torre Albarran..... 449
Torre das Cabaças..... 449
Torre do Bufo..... 449
Trinos (Frades)..... 545

U

Ulysses..... 461

V

Valle de Assacaia..... 450
Via militar romana..... 451
Vinhas d'Alvisquer..... 586
Vinhas da Vallada e Gallêga..... 586
Visconde da serra do Pilar..... 588
Visconde de Sá da Bandeira..... 516
Viscondes de Santarem..... 514, 515

SANTARIÇO—portuguez antigo — *Santo Ericio.* (*Eiriz* é patronimico de Ericio.)

SANTARICO— portuguez antigo — *Santo Eurico.* (*Eurigues* é patronimico de Eurico.

SANTELLO—portuguez antigo—certa rêde de pescar. *Algums deitam em rios nom cabedaaes* (caudaes) *covõens, e nassas. e santellos, e armazellos, e tezõens, e tarrafas pera seus manimentos.* Côrtes de Lisboa de 1434.

SANTINHO—Grande quinta, Traz os Montes, na freguezia de Godim (vulgarmente *Jugueiros*), comarca e concelho do Peso da Regua. Era propriedade do fallecido Antonio Bernardo Ferreira (o *Ferreirinha da Regoa*) e hoje pertence á sua viuva, a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, e a seu segundo marido, o sr. Francisco José da Silva Torres.

Tem um magnifico pomar de laranjeiras, e produz 50 pipas de vinho superior, denominado do *Baixo-Côrgo.*

(O Baixo-Córgo, onde esta quinta é situada, pertence ao di:tricto do *Paiz vinhateiro*, isto é, o que produz os melhores vinhos do Alto-Douro.)

Esta propriedade é atravessada pelo *tunnell do Sautinho*, de 90 metros de extensão, no caminho de ferro do Douro.

Foi construido para evitar uma grande trincheira e expropriações carissimas, dentro da referida quinta, que certamente muito lhe diminuiria o valor.

SANTOANE — portuguez antigo — certa qualidade de panno. *Deixo a F. sete covados de Santoane pera hum vestido.* Era uma fazenda leve que só se usava no verão. Parece ser corrupção do francez *Saintonge.*

SANTOANNE—portuguez antigo—S. João. (Vide *Sanhoanne.*)

SANTO ADOU—**SANTO ADON** — e **SANTO ANDOU**—portuguez antigo—*Santo Abdon.* Vide *Adon* ou *Abdon*, no 1.º vol., pag. 26, col. 2.ª e pag. 190, col. 1.ª—4.º vol., pag. 317, col. 2.ª, *in fine.*

SANTO ADRIÃO—Vide *Macieira de Rates.*

SANTO ADRIÃO DE BERTÊLLO—Dá-se este nome ao pico mais elevado do concelho e pCastello de Paiva.

Fica no districto da freguezia de S. Pedro do Paraizo, do mesmo concelho.

Deve o seu nome á ermida de Santo Adrião, que alveja no seu cume.

Do adro d'esta ermida se descobre um vasto e deleitoso panorama.

Para o O., vê-se a cidade do Porto (a 36 kilometros de distancia) o Oceano Atlantico, e grande numero de freguezias, que estanceiam entre os dois pontos.

Para E. vêem-se as comarcas de Sinfães, Rézende, e parte da de Lamego, que fica a 50 kilometros, além de grande numero de serras e montes.

Para o N. e NE. vêem-se as comarcas de Paredes, Santo Thyrso, Penafiel, Amarante, Marco de Canavezes, Baião, Régua, e outras.

Para o SE. e SO. vêem-se territorios das comarcas de Arouca, Castro-Daire e outras; as serras do Parnaval, Freita, Caramullo e outras.

Ao sopé d'este pico, do lado do NO, e no ribeiro das Avelleiras (junto ao logar do Seixo) termina a zona carbonifera de Paiva, que principia na quinta de Germunde (margem esquerda do Douro). Foi pesquizada até ao referido ribeiro. Todavia, ha toda a probabilidade para suppôr que a zona carbonifera continúa no rumo de SE. (por baixo do pico) pois se vêem afloramentos, na serra de *Ancia* e em outros logares, n'aquella direcção.

SANTO ADRIÃO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar. Esta freguezia já fica descripta a pag. 27, col. 1.ª do 1.º volume. Aqui acrescento mais.

Tem actualmente 70 fogos. Em 1757 tinha 62.

O reitor de Sabroso, da villa de Barcos, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada sobre a margem esquerda do Tédo, ficando-lhe em frente, a freguezia de Santa Leocadia (4.º vol. pag. 87, col. 1.ª)

Santo Adrião foi do supprimido concelho de Barcos, que lhe fica a 3 kilometros de distancia, e da comarca de Taboaço, tambem supprimida.

Reside n'esta freguezia Silverio Alves da

Costa, que possue um remedio, com o qual cura a surdez quasi instantaneamente. Poucos são os doentes que deixam de ficar sãos.

Nasceu n'esta freguezia o tristemente celebre Antonio Teixeira de Carvalho, o *Cavallaria* (e não José Teixeira, nome que por mal informa o lhe dei a pag. 236) um dos maiores ladrões e dos mais crueis assassinos das duas Beiras, o qual, além de grande numero de roubos, perpetrou trinta e tantos assassinios.

Para evitarmos repetições, vide 8.º vol. pag. 236, col. 1.ª

SANTO ADRIÃO DE CANNAS DE DUAS EGREJAS e **SÃO THOMÉ DE CANNAS** — Douro, na freguezia de Santo Estevão de Oldrões, comarca e concelho de Penafiel.

Ao N. do *monte do Castello de Penafiel* (vide *Santo Estevam d'Oldrões*) fica a povoação de S. Thomé de Cannas, a qual segundo a tradição era atravessada pela via militar romana, chamada *Tamacana Via.* (Vide *Canavezes.*)

Esta via militar sahia do Porto, passava por Aguiar de Sousa, pela falda da collina onde está fundada a villa de Paredes, por territorio do concelho de Penafiel, Portella de S. Thomé de Cannas, Santo Adrião de Cannas de Duas Egrejas (onde ainda existe com o antigo nome, o monte de Perafita, antigamente Petra-Ficta),[1] Castro de Villa-Bôa-de Quires (concelho de Marco de Canavezes) e finalmente Thermas de Canavezes.

A existencia d'esta via militar tambem se comprova por um monumento romano mencionado por Argote.

É o pedestal de uma ára, que está na egreja matriz da freguezia do Salvador de Thuias (concelho do Marco,) com esta inscripção:

NILLUS EREDIUS, PROCURATOR
VIARUM PUBLICARUM VOTUM
LIBENTER SOLVIT LARIBUS CIRENAICIS.

(Nyllo Eredio, procurador das estradas publicas, por voto livre, dedicou esta memoria aos deuses lares dos cyrenaicos.)

—

Esta via era muito frequentada no tempo dos romanos, por causa das thermas de Canavezes.

SANTO ALEIXO—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Moura. Esta freguezia já fica descripta no 1.º volume, pag. 90, col. 2.ª—aqui accrescento:

Em 1757, tinha 207 fogos.

A meza da consciencia e ordens apresentava o prior, que tinha 120 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

—

Na noite de 21 para 22 de dezembro de 1875, commetteu-se um grave desacato na egreja matriz d'esta freguezia. Os ladrões arrombaram a porta da egreja, a do sacrario, e de alguns moveis da sachristia, e roubaram o vaso das sagradas particulas, a ambula da santa unção, e os trez vasos dos santos óleos, tudo de prata.

O sacrario foi achado no chão e despedaçado; as sagradas particulas sobre uma meza, á direita do altar mór.

Alem d'isto, damnificaram muito os alta-

[1] Em um documento que pertenceu ao mosteiro de Moreira (Maia) datado de 1037, tratando d'esta freguezia de Moreira, diz — *In villa Petra Ficta*, etc.

Na Hespanha, ha varias povoações com o nome de *Piedra-Hita*. É provavel que d'esta nós fizemos *Pedra-Fita*, e *Pera fita*, substituindo o *h* aspirado, por *f*; como praticavam os antigos portuguezes em todas as palavras estrangeiras que teem *hh aspirados*.

Não temos a certeza do que significavam as *Pedras-fitas* ou *fixas* — ou se todas as que tinham este nome significavam a mesma cousa: provavelmente, em umas partes, deu-se tal denominação aos marcos milliares; e em outras aos *Térmos* dos romanos: e, finalmente, em outras, ás *antas* druidicas ou pre-celtas.

Dulaure, na sua *Historia de Paris* (tom. 1.º) diz que os monumentos do culto gaulez, consistiam ordinariamente, não em figuras humanas, porque a esculptura era desconhecida a este povo, mas em pedras brutas, collocadas na terra, e que denominavam *Pierre-fixe* ou *Pierre-fite*.

A aldeia de *Pierre-Fite*, situada alem de S. Diniz, deve o seu nome a um monumento megalithico que alli existiu. (Vide *Purganes.*)

res e algumas imagens, em busca de objectos de valor. Arrombaram tambem o deposito que estava junto do altar das almas, que era onde se guardavam os santos óleos.

Note-se que estacionava na villa um destacamento de tropa de linha!

O parocho, logo que teve noticia do roubo e desacato, mandou chamar o regedor da parochia, e, como este *não apparecesse*, mandou chamar o seu substituto, *que tambem não foi encontrado!*... Dirigiu-se (o parocho) á egreja, acompanhado do juiz eleito e do seu escrivão, e do commandante da força, e procedeu-se a auto de corpo de delicto.

Feito isto, o parocho tornou a mandar chamar o regedor e o substituto, mas estes *não appareceram*... e só 15 dias depois do roubo, se procedeu á busca, em umas casas suspeitas; mas, como era de esperar, nada se achou.

Foram presos dous individuos sobre os quaes recahiam bem fundadas desconfianças; mas, como o crime se não pôde provar, foram soltos.

Um d'elles, apenas se apanhou em liberdade, foi-se á residencia do parocho, e o ameaçou com uma duzia de punhaladas, na primeira occasião!

—

Em maio de 1878, foi publicada uma carta de lei, transferindo para Safára, a séde de julgado ordinario de Santo Aleixo, medida que foi geralmente mal recebida. Vide *Safára*.

—

Em dezembro do mesmo anno de 1878, houve grandes temporaes em todo o concelho de Moura. Na freguezia de Santo Aleixo, cahiu a abobada do mosteiro, ficando dous rapazes mortos debaixo das ruinas. Este mosteiro fica a 5 kilometros da villa, no sitio chamado *Tomina*, na serra do Barreiro. Foi dos *padres agonisantes*, e a primeira casa d'esta ordem, fundada em Portugal.

SANTO ALEIXO—do concelho de Monte-Mór Novo. Vide *Aleixo* (*Santo.*)

SANTO ALEIXO — É o segundo da pag. 92, col. 1.ª, do 1.º volume, Quando escrevi aquelle artigo, era do concelho de Veiros, comarca da Fronteira. Pelo decreto de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos quatro concelhos, no* districto de Portalegre (Alegrête, Cabeço de Vide, Souzel e Veiros) ficando então esta freguezia de Santo Aleixo pertencendo ao concelho de Monforte, comarca e bispado d'Elvas.

Esta freguezia, em 1757, tinha 96 fogos.

A mitra apresentáva o cura, que tinha 150 alqueires de trigo e 60 de cevada.

SANTO AMADOR—Vide *Amador* (*Santo.*) Esta freguezia foi annexada á de Safára, por decreto de 23 de maio de 1879.

SANTO AMARO—do concelho de Villa Nova de Foz-Côa. Vide o 1.º *Amaro* (*Santo*) no 1.º vol., pag. 193, col. 1.ª

Para os mais logares d'este nome, vide no logar citado, a columna 2.ª

SANTO ANDRÉ — Vide *André* (*Santo.*) E para Santo André, freguezia do concelho de S. Thiago do Cacem, vide a descripção da villa d'este nome, no logar competente.

SANTO ANDRÉ DE CANIDELLO, ou **DA BARRA**, ou **DE LAVRADORES**, ou **DOS MARIOLAS**—Esta freguezia já fica descripta. É o 3.º *Canidéllo*, na col. 1.ª, pag. 93, do 2.º volume. Aqui accrescento mais:

Para a etymologia, vide *Canada* e *Canadêllo*.

Disse em *Canadêllo*, que esta freguezia ficava a 10 kilometros ao S. O. do Porto, e assim é, pela estrada; mas, pelo rio Douro, são apenas 5 kilometros.

Dá-se-lhe o nome de *Canidêllo*, por ser o da freguezia. O da *Barra*, por o districto da parochia chegar até ao Cabedêllo, junto (ao S.) da *barra* do Porto. O de *Lavadóres*, por ser assim chamada a povoação principal da freguezia (e tanto que muita gente lhe dá o nome de *freguezia de Lavadóres*.) E, finalmente, o *dos Mariolas*, porque são d'aqui a maior parte dos homens que formam a companhia braçal da alfandega do Porto.

Ha n'esta freguezia, em um dos domingos d'agosto, a celebre festividade denominada *do Estarragido*. (Não vejo de que palavra esta seja corrupção!)

No fim da missa e sermão, sahe a procissão denominada *dos lençóes*. A causa d'este

nome, é porque, por todos os caminhos por onde passa a procissão, os muros e vallados estão cobertos de lençóes, colchas, toalhas, etc. [1]

São tantos os andores, como as imagens dos santos que ha na egreja, não escapando nem ainda o mais pequenino. Das mãos de cada uma d'estas imagens, pendem formosos cachos d'uvas, das melhores que apparecem na freguezia.

Os andores são pequenissimos. sendo alguns levados á mão e não nos hombros, e são ornados de grande numero de fitas de differentes côres, pennas, espelhos, flôres de papel, e grande numero de esquisitices.

É festa sempre muito concorrida.

SANTO ANDRÉ DE FIÃES DO RIO—Vide *Fiães do Rio*. Aqui accrescento:

Era vigariaria, collada, filial, ou annexa á reitoria de Viade, cujo reitor apresentava o vigario.

Foi até 1834, commenda da ordem de Christo, a qual comprehendia Fiães do Rio, Paradella, Covellães, e metade dos dizimos de Paredes do Rio. Rendia uns 600$000 réis annuaes.

O vigario tinha 121$000 réis de rendimento.

Foram antigamente senhores d'esta commenda, os condes de Vimioso; depois passou para os condes da Feira. Em 1820, era commendador, D. Miguel Pereira Forjaz.

Esta freguezia compõe-se de duas povoações—Fiães. séde da parochia, e Loivos.—N'esta ultima aldeia está a ermida de S. Bartholomeu.

Esta freguezia está situada sobre a margem esquerda do rio Cávado, que lhe corre ao norte.

O seu sólo, abrigado, pelo sul, por uma cordilheira de montes, como é muito abundante d'agua, e a sua posição em um valle, produz muito milho, feijão, centeio e batatas.

Pelo E., corre tambem o ribeiro de Sub-Carvalho, que nasce nos limites da freguezia e morre no Cávado, com 3 kilometros de curso.

Pelo centro da freguezia, passa a antiga estrada de Montalegre para Braga.

SANTO ANTÃO—Vide *Tojal*.

SANTO ANTONIO DA CHARNECA—Aldeia, Extremadura (ao sul do Tejo) na freguezia e concelho do Barreiro.

Esta povoação está situada sobre a margem esquerda do Tejo, em frente do Beato. Soffreu muito com os temporaes de dezembro de 1876 e janeiro de 1877. As casas ficaram em um montão de ruinas, e muitas familias ficaram sem abrigo.

Os barcos dos pescadores tambem soffreram grandes prejuizos.

SANTO ANTONIO DE FATÍMA—Esta freguezia já fica descripta no 3.º vol., pag. 152, col. 2.ª, aqui accrescento:

Esta freguezia é na serra.

Fatima era uma aldeia, pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Visitação, collegiada, da villa de Ourém. Em 1568, foi desmembrada da freguezia de Ourém, constituindo-se em parochia independente. A egreja matriz da nova freguezia, foi edificada pelos freguezes, que ficaram obrigados á sua fabrica, menos nos ornamentos do altar-mór, que ficaram a cargo da collegiada, a qual se obrigou a dar uma cruz, uma custodia e um calix, tudo de prata, o que tudo cumpriu, mas, em 1636, se concertaram os beneficiados com o povo de Fatima, ficando aquelles obrigados a darem 5$000 réis annuaes para a fábrica, e esta correr por conta dos freguezes; que tambem se haviam obrigado em 1568, a dar a residencia para o parocho.

A egreja parochial é soffrivel, e a capella-mór é de abobada.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Santo Antonio*—no logar do Poço do Soudo.

2.ª — *Nossa Senhora da Graça* (vulgarmente, *Nossa Senhora da Ortiga*, por estar edificada no sitio d'este nome.) O cabido da collegiada d'Ourém (extincta) apresentava o eremitão, recebia as offertas, e era obrigado á fabrica da ermida.

[1] O costume de adornar d'este modo as paredes por onde passam as procissões, é geral em quasi toda a Terra da Feira.

3.ª—*Santa Luzia*—no logar da Moita-Redonda, construida em 1604.

4.ª—*Nossa Senhora da Ajuda*—no logar de Montêllo, construida em 1604.

5.ª—*Santa Barbara*—no logar de *Boleiros*, construida em 1607.

Todas estas ermidas, menos a segunda, foram mandadas fazer pelo visitador, e o povo das aldeias onde estão situadas, é obrigado á sua fabrica.

SANTO ANTONIO DO ARRIMAL — Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Arrimal*. Aqui accrescento:

Para se saber a data da fundação d'esta freguezia e outras circumstancias, sem haver enfadonhas repetições, ver *Mendiga*, freguezia, e *Minde*, freguezia.

Esta parochia era annexa á collegiada de S. Pedro, de Porto de Mós, que apresentava o cura, ao qual dava 40 alqueires de trigo. Os freguezes lhe davam 100 alqueires do mesmo cereal, além das offertas da parochia e ermidas, e algumas amentas voluntarias, de meio alqueire de trigo por anno. Não tem casa de residencia propria.

Os freguezes são obrigados á fabrica de toda a egrejá e seus ornamentos.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—*S. Silvestre*—na aldeia de Alqueidão, fundada em 1603, por D. David, marido de D. Aldara, o qual aqui foi sepultado. (Vide *Minde*, freguezia.)

2.ª—*S. João Baptista*.—no logar do Arrimal de Cima (tambem chamado *Arrabal*.)

Os moradores das aldeias d'Alqueidão, e do Arrimal de Cima, são obrigados á fabrica das ermidas respectivas.

SANTO ANTONIO DO ESTORIL — (Vide *Cascaes*. e *Estoril*.)

SANTO ANTONIO DOS OLIVAES — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, Bispado e proximo de Coimbra. Tem 900 fogos. Vide 2.º vol., pag. 352, col. 1.ª

SANTO ANTONIO O VELHO—freguezia, Alemtejo, comarca de Moura, concelho de Serpa. Vide *Antonio Velho* (*Santo*.)

SANTO CICO—portuguez antigo.—Parece ser corrupção de *Santo Chico*—santo pequeno, santinho.

Chico, é tambem contracção ou abreviatura de Francisco. (Os castelhanos dizem *Páco* e *Páca*—e Paquito, a, Francisquinho, a.

Não se confunda com *Xico*, tambem portuguez antigo, que significa *sêcco*.

No concelho de Leiria ha uma aldeia chamada *Santo Cico*. N'ella reside Manuel da Silva, que nasceu em 1770! Conserva em bom estado as faculdades mentaes, e trabalha nas fazendas, como se tivesse 30 ou 40 annos.

SANTO EMILIÃO—Vide *Emilião* (*Santo.)*

SANTO ESTEVAM—Vide *Estevam* (*Santo.*)

SANTO ESTEVAM DE BARROS—freguezia, Minho, no concelho de Villa Verde.

Esta freguezia já fica descripta ne 1.º vol. pag. 343, col. 2.ª (o ultimo Barros) mas, como depois da publicação do 1.º volume, aconteceu aqui um cáso digno de nota, accrescento-o n'este logar.

—

Julgo dever dar aqui uma satisfação aos meus assignantes, e é a seguinte.

Depois de publicada a descripção de uma freguezia, tem alli logar, um ou mais factos dignos de menção.

Não sei se Deus me dará vida —e coragem—para uma 2.ª edição, e, para que os meus leitores não fiquem privados do conhecimento d'esses factos, quando tenho occasião de os narrar, aproveito-a.

Tambem algumas vezes, no acto de descrever uma freguezia, não tenho conhecimento de cousas importantes, que depois pude vir a saber. Pratico então o mesmo que faço nas terras primeiramente mencionadas; de maneira que, em nenhum dos casos ha repetições.

—

Havia n'esta freguezia de Barros, um pico ou cabeço, sob o qual verdejavam algumas campinas e arvoredos, regados com aguas nascidas em differentes pontos do tal cabeço.

Desde dezembro de 1878, notava-se que a agua rebentava do pico em maior quantidade, com grande força, sahindo turva, e misturada com cinzas.

Em fevereiro de 1879, o pico tombou sobre os campos, arrazando-os, e arrastando comsigo as arvores que encontrava na sua passagem, de maneira que hoje, onde existiram campos, se vê um montão de terra negra e pedregulho.

No leito onde assentava o pico, apparecem pedras carbonizadas, e no centro rebenta um enorme cachão d'agua, que, muitas vezes, vem misturadas com cinzas.

Ao logar d'este phenomeno geologico, tem vindo muitas pessoas, para o observar: dizem uns, que é um volcão prestes a rebentar, o que tem assustado os povos da freguezia; segundo outros, é um rio subterraneo, cujas aguas, comprimidas demasiadamente, produziram aquelle effeito.

SANTO ESTEVAM DE OLDRÕES—Já está descripta sob o nome de *Oldrões* (6.º vol. pag. 219, col. 1.ª) Accrescento:

Entre Gallegos e Oldrões, ao E. do logar de S. Thomé de Cannas, estão dous montes, com vestigios de fortificações antiquissimas.

Mais além, no sitio da *Portella do Forno dos Mouros*, e a pouca distancia do leito da via militar dos romanos (*Tamacana-via*) se encontram sepulturas de epoca remotissima, cavadas na rocha, indicando ter alli existido um *almocabar* (cemiterio) árabe.

A dous kilometros de distancia d'estas sepulturas, está o *Crasto de Villa Bôa do Bispo*, sobre a margem direita do Tâmega; e d'ahi a quasi egual distancia, está o logar de *Caniva*, que fica proximo ás caldas de Canavezes.

Passando a ponte d'esta povoação, se vêem os restos do *Crasto de Thuias*.

—

Na freguezia de Oldrões, ha uma penha a que dão o nome de *Monte do Castello de Penafiel*, a qual (penha) tem 70 metros de altura, e é de fórma cónica. Ao E. ha um despenhadeiro de grande altura. Para o lado do O., onde a elevação não é tão grande, se vêem algumas pedras toscas, levantadas ao alto, as quaes se julga serem marcos divisorios do concelho de Penafiel.

Ainda ao O. d'esta penha, ha um cabeço, denominado *Monte da Fôrca*. Entre este cabeço e o tal *Monte do Castello*, é situada a grande *quinta do Reguengo*, onde existe um casarão de cantaria, com 54 metros de comprido, 9 de largo e 18 d'alto, tendo na fachada um brasão d'armas.

Nunca foi coberto.

Esta propriedade é hoje do sr. João Peixoto da Silva Almeida e Macedo, de Guimarães, e feito visconde de Lindoso, em 27 de outubro de 1863. (É pae do sr. Gonçalo Manuel Peixoto da Silva, feito visconde do mesmo titulo, em 23 de agosto de 1871. É formado em direito.)

SANTO ILDEFONSO — Vide *Ildefonso (Santo.)*

SANTO ISIDÓRO—Vide *Izidóro (Santo.)*

SANTO ISIDÓRO, DE MAFRA — É a 2.ª descripta na 2.ª col., da pag. 400, do 3.º vol.

No dia 15 d'agosto se faz n'esta freguezia uma grande festa a Nossa Senhora da Nazareth.

No anno do seu *giro* (das freguezias dos saloios) tem logar aqui, o *Cirio da prata grande*. Levam então a imagem da Santissima Virgem, á Nazareth, e vão visitar o sitio onde se deu o milagre de D. Fuas Roupinho. (Vide *Nazareth.)*

As freguezias d'onde sáe o *Cirio da Nazareth*, são 17.

É festividade sempre concorridissima.

SANTO OFFICIO ou TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO—A pag. 307, col. 2.ª e a pag. 310, col. 2.ª, do 6.º volume, na descripção da villa de *Ouguella*, tratei de D. Beatriz da Silva, e da origem da inquisição, e alli disse o que sentiá com respeito a este tribunal.[1]

[1] Tarrago y Mateos, escreveu dous romances—*Ciumes de uma rainha*, e *O dedo de Deus*, que é a sua continuação. Tudo quanto alli diz dos amores de D. Beatriz da

Para mostrar a minha imparcialidade em relação ao *Santo-Officio*, transcrevo o artigo principal do *Correio da Tarde* n.º 983, de 16 de agosto de 1875.

É como se segue:

«Vae ahi uma bulha *liberal*, sobre a Inquisição. A verdade é atropellada impudentemente. Inculcam-se desejos e aspirações que ninguem tem.

«A Inquisição é um facto historico, puramente historico, e se a liberdade aboliu o tribunal, a realidade ha muito que deixára de ser temerosa.

«Na *Gazeta de Lisboa* de 24 de setembro de 1820 foi publicada certidão do Notariado-secreto-da-Inquisição, onde se diz, que no dia 23, reunidos os Inquisidores e mandados ver os livros das prisões, *se verificou não haver n'ellas nenhum preso.*

«Já publicámos este documento, o qual demonstra bem, que a Inquisição era já por fim mais um tribunal de correcção moral, de censura, do que de correcção phisica e punitiva.

«Portanto não se trata de resuscitar, o que já tinha morrido, antes de nascer a *liberdade* da corrupção que se encarregou de envenenar o corpo social.

«Assim, pois, a Inquisição é uma questão de historia para ser tratada segundo os principios da justiça.

«Diremos nós tambem a nossa opinião.

«Em absoluto não sympathisamos com a instituição, e para os tempos de hoje julgamol a anachronica e sem utilidade, por um lado, emquanto por outro podia produzir lamentaveis excessos. Mas não nos atrevemos a condemnar as sociedades do passado, que se julgaram na necessidade de se defenderem contra as violencias materiaes da propagação da heresia.

«Se nós comparamos a Inquisição com todos os seus horrores, aos horrores da propagação do Protestantismo e de outras heresias, a inquisição ficou muito áquem da tyrannia da inquisição protestante.

«É considerar a historia de só dois paizes—Suecia e Inglaterra.

«Um dos vultos negros que a historia protestante e *liberal* costuma apresentar como typo do caracter inquisitorial mais sanhudo e troculento, é Filippe II de Hespanha, a quem se chama o Demonio do Meio-dia.

«Por outro lado um dos grandes homens d'esta historia é Gustavo Vasa, da Suecia—heroe, quasi um modelo de virtudes.

«Ora Gustavo Vasa plantou o Protestantismo na Suecia, derramando rios de sangue, usando da ingratidão mais negra, das traições mais infames, dos supplicios mais horrendos.

«Comparativamente a Hespanha de Filippe, era uma casa de paz e de ordem a par da Suecia de Gustavo.

«E que diremos da Inglaterra de Henrique VIII e de Isabel, dois monstros coroados, dois santos da historia *liberal* e sectaria? Pois a Inquisição dos paizes catholicos tem lá comparação com a inquisição protestante ingleza?

«Sim; exagerae algarismos, colleccionae processos, apontae negruras, a tyrannia nos paizes catholicos, nunca, nem de longe, emparelhou com a protestante.

«Basta apontar a Irlanda sujeita á tyrannia de trez seculos, onde toda a opposição era frequentemente afogada em rios de sangue, tyrannia a mais horrenda, porque chegou ao excesso de pretender introduzir a corrupção e a dasordem na familia, ordenando por lei, que o filho que abjurasse o catholicismo, entrasse na posse de todos os bens da familia, pondo na rua e na miseria paes, irmãos, e toda restante familia!...

«Era uma tyrannia mais oppressôra, mais infame que a das fogueiras da Inquisição.

«Assim que essas elucubrações sobre as tyrannias d'esta, são partidarias, mentirosas e anti-patrioticas. Tendem a diffundir idéas falsas, desamor pelo passado, que, se teve males, tambem teve bens, cujos effeitos, apezar do hodierno desbarato da fazenda, da honestidade e do respeito publico, hoje mes-

Silva com o conde de Miranda (castelhano) e do mais, em desabono d'esta virtuosissima portugueza, são calumnias com que o auctor pretendeu enfeitar aquelles dous romances.

mo se fazem sentir. São partidarias e mentirosas, porque tendem a fazer crer,—1.º que os paizes catholicos foram os mais flagellados pela tyrannia; e é falso — 2.º, porque tendem a insinuar, senão a accusar, de intenções ou desejos de restabelecer o famoso tribunal, que ninguem nutre nem podia sensatamente nutrir.

«Póde porém fazer-se justiça á Inquisição e se ella fez o mal, como 10, péde a justiça, que se lhe não attribua esse como 20 ou mais. Para nós a liberdade não se aquilata pelas declamações contra a tyrannia, mas pelo amor da verdade e da justica.

«Ora, pede justiça dizer-se que a Inquisição foi opposta á violencia e terror albigense e protestante; que estas seitas, tendo tomado um caracter politico, a Inquisição assumiu tambem, por força de reacção, um caracter accentuado de nacionalismo, que fez d'ella instrumento de governo temporal, perdendo, ou diminuindo o seu caracter de tribunal puramente religioso; que com ella os poderes sociaes quizeram defender não só a unidade religiosa, senão tambem a ordem social.

«E, note-se bem, emquanto os rios de sangue, derramados pela Inquisição protestante, conseguiram apenas impôr uma religião nova por sobre ossadas de myriades de martyres, sem conseguirem a unidade religiosa, é um facto, que as nações francamente catholicas conservaram, sem tantas desordens, nem sangue derramado, nem tyrannias tão horrendas, a unidade religiosa, bem maximo de que ainda não sabemos apreciar todas as felizes consequencias. O que teriam sido as nossas discordias civis, se a ellas se viessem juntar as sectarias mais odientas ainda?

«Barafuste pois ahi a má fé *liberal* Aqui, sem amor, mas respeitando os motores da politica de outros tempos, julga-se o passado com imparcialidade e amam-se as circumstancias que podem desculpar êrros para assim dizer fataes, e comparações que mostram os nossos maiores, melhores e mais christãos, do que os povos, admirados pelo liberalismo.

«Mas ha um facto para o qual chamamos a attenção de todos os que não afogaram ainda em paixões odientas os sentimentos patrioticos. A Inquisição foi quanto dizeis, muito embora; mas como é que o povo portuguez ficou o povo mais verdadeiramente civilisado, isto é, mais naturalmente sujeito á lei, dominado pelo respeito da auctoridade, naturalmente amigo e sustentador da ordem social, sem perder aquella hombridade, energia e amor da Patria que tanto brilharam ainda nas épicas campanhas da Guerra Peninsular?

«Ah! respeito aos maiores, foi sempre o distinctivo de todos os grandes povos. O liberalismo quer extinguir esse sentimento, cuidando, que só assim póde consolidar a sua obra. Miseravel obra, que de taes processos carece!

«Ainda uma observação. A Inquisição romana é um tribunal muito differente das Inquisições nacionaes dos paizes catholicos; aquella investiga e condemna os êrros, e por isso existe e permanece apesar da brecha da Porta-Pia. É um direito e um dever do Pontificado. E mesmo sob o dominio temporal dos Papas, bem que então assumisse tambem o caracter de tribunal civil, sempre as suas fórmulas foram as da justiça regular, de ordinario com grande avanço sobre as fórmulas criminaes dos outros povos. Vemos, porém, ahi fazer-se adrede uma confusão, que não passa de uma artimanha immoral e indecente.

«Com o que levamos dito respondemos ás eructações da imprensa *liberal* e anti-patriotica, que anda, não em discussão séria e imparcial, mas em arruaças de typos contra a Inquisição, parecendo pela indignidade dos meios, que só assim podem combater essa instituição de outros tempos.

«Sempre as mesmas trapalhices e sophismações; não vivem de outra cousa.»

—

Foi o cardeal D. Henrique, irmão de D. João 3.º [1] que estabeleceu em Portugal, pe-

[1] D. Henrique, 8.º filho do rei D. Manoel, e de sua 2.ª mulher, a rainha D. Maria, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, nasceu (D. Henrique) em 31 de janeiro de 1512. Foi acclamado rei de Portugal, em 1578, e morreu na villa de Almeirim (em

los annos de 1538, o tribunal da Inquisição, depois de vencer muitas difficuldades, pela opposição que lhe fizeram os judeus de Roma.

O primeiro *auto de fé* publico que houve n'este reino (em Lisboa) foi em um domingo, 20 de septembro de 1540, na Ribeira-Velha, em frente do Terreiro do Trigo. Foi presidido por D. Henrique, que era inquisidor-geral.

Assistiram quasi todos os fidalgos que estavam então em Lisboa, e a maior parte do povo da cidade.

Eram 23 os condemnados.

A 6 de maio de 1543, houve um *auto de fé*, em Thomar, presidido pelo Dom prior da ordem de Christo. Eram oito condemnados.

Em 20 de junho de 1545, houve outro auto de fé em Thomar. Eram 14 condemnados.

Em 12 de novembro de 1662, houve um auto de fé, na cidade d'Evora, sendo **cento e vinte** os condemnados (73 mulheres e 47 homens.)

Em 23 de junho de 1663 (estando D. João d'Austria senhor da cidade) houve em Evora outro auto de fé. Foram **cento e quarenta e trez** condemnados (92 mulheres e 51 homens.)

Desde 1582 até 1593, foram presas em Campo-Maior, por suspeitas de heresia, perto de **mil** pessoas, d'ambos os sexos.

D'estas, foram queimadas vivas, em Evora, 18 (15 mulheres e 3 homens.) Estes desgraçados eram — Isabel Alvares, parteira, suas filhas, e os outros seus parentes.

O pontifice Clemente VIII, por breve de 23 de agosto de 1604, deu um perdão geral a todos os *chrisiãos novos*. Este breve foi lido publicamente na Sé de Lisboa, a 16 de janeiro de 1605.

Em consequencia d'este perdão, foram soltos 70 homens e 85 mulheres, que estavam presos em differentes carceres do Santo-Officio. Mas ficaram presos muitos, julgados *relapsos*, que foram excluidos do perdão.

Este breve foi sollicitado pelo usurpador Philippe 3.º, não por caridade, mas por ambição, e para haver dos desgraçados judeus convertidos (christãos novos) **um milhão d'ouro** e **800:000 cruzados.**

Além d'isto receberam:

O duque de Lerma 50:000 cruzados.

D. João Borja, 40:000 cruzados.

Fernão de Mattos, 30:000 cruzados.

Isto somava mais de **quatro milhões** (1:600 contos) da nossa actual moeda!

Apezar d'este perdão, a crueldade dos inquisidores não diminuiu nem afroixou. (*Note-se que eu não menciono aqui grande numero de autos de fé, ou porque os castigos não eram tão barbaros, ou por ser pequeno o numero dos condemnados.*)

Em 16 de outubro de 1667, houve na cidade de Evora um auto de fé, no qual sahiram **216** condemnados (132 mulheres e 84 homens.)

Manoel Rodrigues Sanches, tintureiro, morador em Cabeço de Vide, da edade de 110 annos, era um dos condemnados, porém morreu nos carceres da Inquisição, e foi absolvido depois de morto.

Tambem n'este auto, figurou Leonor Gomes Bértola, de 100 annos de edade!

Jácome de Mello Pereira, natural de Lisboa, fidalgo da casa real, cavalleiro do habito de Christo, capitão de cavallaria, e morador em Elvas, foi então garrotado e depois queimado.

Era um bravo militar, e que tinha feito muitos e assignalados serviços ao rei e á patria, na guerra da restauração.

Este homem era um sollicito perseguidor dos herejes e christãos-novos, e elles, em desforra, accusaram-o e a sua mulher, D. Brites de Carvalho, e seus dous filhos.

A mulher e os filhos, atormentados pelos tratos que lhes fizeram soffrer, confessaram que seu marido e pae era hereje; mas nem assim se livraram de figurar no auto, e de serem açoitados publicamente.

—

O Porto, foi uma das teras mais felizes de Portugal, durante o tempo da Inquisição.

frente de Santarem) a 31 de janeiro de 1580, com 68 annos exactissimos de edade. Vide *Almeirim*.

Este tribunal foi alli estabelecido, em 13 de outubro de 1541, mas foi supprimido pela bulla do papa Paulo 3.º, de 16 de julho de 1547.

Só ha noticia de ter havido um auto de fé, n'esta cidade: foi a 11 de fevereiro de 1543, no campo junto á *Porta do Sol*.

Fizeram-se trez cadafalsos como os de Lisboa e Evora. Eram 84 condemnados—4 foram queimados—21 foram queimados em estatua, e o resto sentenciados a varias penas.

Calculou-se em 30:000 pessoas, do Porto e de fóra, que foram ver este espectaculo! O auto de fé e a *queima*, durou até ás 5 horas da tarde.

Era inquisidor do Porto, o bispo da diocese, D. frei Balthazar Simpo.

—

No auto de fé, celebrado em Lisboa (no Terreiro do Paço) a 26 de outubro de 1664, sahiram **237** pessoas (122 homens, e 115 mulheres.) Morreram 6 homens e 2 mulheres.

N'este auto figuraram duas raparigas de 15 annos, 5 de 16, 6 de 17, 3 de 18, e outras de 19, 20 e 21!

Brites da Fonseca, mulher de Antonio Lopes, mercador (naturaes de Trancoso) foi então queimada. Tinha apenas 17 annos!

—

Em um domingo, 28 de novembro de 1621, houve trez autos de fé—um em Lisboa, outro em Coimbra, outro em Evora. Sahiram **370** condemnados, e d'estes foram queimados 29 em corpo, e 21 em estatua.

—

A Inquisição de Lisboa, sahiu com **96** condemnados (59 homens e 37 mulheres.) Cinco homens e trez mulheres, foram queimados em corpo, e trez em estatua. O auto foi no Rocio.

A Inquisição d'Evora, sahiu com **100** condemnados. Sete mulheres e dous homens foram queimados em corpo, e seis em estátua. O auto foi na *Praça Grande*.

A Inquisição de Coimbra, sahiu com **174** condemnados (100 mulheres e 74 homens.) Foram queimados em corpo 8 homens e 4 mulheres; e em estatua 12.

Este auto teve togar na Praça, e durou trez dias consecutivos.

Foi notavel este auto de fé, porque faziam parte d'elle, muitas pessoas de grande representação, e familias inteiras.

—

No auto de Lisboa assistiram os governadores do reino, por o usurpador, Philippe 3.º, e era inquisidor-geral, D. Fernão Martins de Mascarenhas.

Em Evora, choveu todo o dia, mas isto não estorvou os inquisidores, nem a agua apagou as fogueiras em que arderam os desgraçados.

No auto de Coimbra, accenderam-se **24** fogueiras, 12 para os queimados em corpo, e 12 para os queimados em estátua.

Tambem foram queimados os ossos dos que, á força de tormentos, tinham morrido nos carceres.

Foram queimadas familias inteiras—vgr. —Francisco Dias, *o Chorão*, serigueiro, foi queimado com sua cunhada, Catharina Lopes, uma filha d'esta, por nome Maria Figueirôa, de 22 annos de edade; seu irmão, (do Chorão) Diogo Dias, e sua irman, Philippa Duarte.

Todos os filhos de Francisco Dias, sahiram penitenciados, assim como o licenciado Antonio Dias de Almeida (que era filho de Catharina Lopes) que foi sentenciado a prisão perpetua.

No auto de 3 de agosto de 1603, celebrado na Ribeira Velha, de Lisboa, foi queimado vivo, frei Diogo da Assumpção, franciscano. O crime d'este desgraçado, era não ser perseguidor dos christãos-novos.

No mesmo logar foi tambem queimado vivo, o doutor Antonio Homem, a 5 de maio de 1624.

—

Em 13, 14 e 15 de fevereiro de 1667, houve outro auto em Coimbra, no qual sahiram **273** condemnados (139 homens e 134 mulheres.) cinco homens e quatro mulheres, foram queimados.

A maior parte d'estes infelizes eram transmontanos (de Bragança e Villa-Flôr.)

Na provincia de Traz-os-Montes, foi onde houve mais

victimas da Inquisição. Familias inteiras hiam para os carceres.

—

O famosissimo padre Antonio Vieira, da Companhia Jesus, que tambem tinha sido perseguido e preso pela Inquisição, estando em Roma, tanto lidou, que conseguiu do papa Clemente X, um breve, datado de 3 de outubro de 1674, mandando fechar as inquisições de Portugal, e este breve foi cumprido.

—

O ultimo auto de fé, celebrado antes da publicação do referido breve, teve logar no Páteo de S. Miguel, em Coimbra, a 18 de novembro do mesmo anno de 1674.

Chegado o breve a Lisboa, o nuncio o notificou ao conselho geral do Santo-Officio, e este mandou aos inquisidores de Coimbra, que não celebrassem o auto que estava marcado; mas depois, veio segunda ordem, para que o auto sahisse, mas sem *relaxados estatuados*, nem *afogueados*.

Sahiram **140** penitentes (54 homens e 86 mulheres) mas foram perdoados, e a nenhum se confiscaram os bens.

—

Só sete annos incompletos estiveram sem exercicio os inquisidores!

O papa Innocencio XI, pela bulla de 22 de agosto de 1681, e que chegou a Lisboa, logo a 21 de setembro, mandou que o Santo Officio continuasse a funccionar como antes de 1674.

A cidade de Lisboa, festejou a chegada d'esta bulla, com foguetes, luminarias, e repiques de sinos, durante trez dias.

—

Até esta época, tenho mencionado **1:642** victimas da Inquisição, em Portugal, mas não fallei senão dos autos de fé mais notáveis; todavia, os mortos ou perseguidos por este truculento tribunal, ascendem a alguns milhares.

—

Depois da publicação da bulla de Innocencio XI, o primeiro auto de fé, teve logar em Coimbra, a 18 de janeiro de 1682. Sahiram **69** penitentes (27 homens e 40 mulheres—7 d'estas foram queimadas!)

O segundo, foi em Evora, a 15 de fevereiro. Sahiram **109** penitentes (58 mulheres e 51 homens--um d'estes foi queimado!)

Finalmente, não quero cançar o leitor com a descripção das frequentes scenas de que foram theatro as praças de Lisboa, Evora, Coimbra, Porto e Braga, e que ainda hoje nos enchem de horror.

—

Havia cinco classes de *criminosos*, que eram infallivelmente condemnados á morte; uns queimados vivos, outros enforcados, ou garrotados, e depois queimados. Eram:

1.º—*Diminutos*—os que não confessavam todos os crimes de que eram accusados.[1]

2.º—*Simulados*—os que se accusavam nos tormentos, de crimes que não haviam commettido e de que ninguem se lembrára de os accusar.

3.º—*Negativos*—os que, ainda apezar das mais atrozes torturas, negavam os crimes de que eram accusados, e protestavam pela sua innocencia.

4.º—*Revogantes*—os que, tendo confessado durante as torturas, os crimes que lhes attribuiam, os negavam quando se viam livres dos tormentos.

5.º—*Contumazes*—os judeus, que, ainda no meio das mais barbaras torturas, presistiam firmes na religião de Moyses. Estes eram todos queimados vivos!

—

Vide *Sambenito*.

Principio do Santo-Officio segundo Paulo Féval

D. Miguel Gutierres Saavedra, nasceu em Córdova, no anno de 1509. Era filho do ca-

[1] Nunca se dizia aos réus de que crimes eram accusados, nem quem eram as testemunhas que haviam deposto contra elles. A maior parte dos infelizes, á força dos mais horrorosos tormentos, confessavam crimes que nunca tinham commettido, nem pensado de commetter, na esperança de se eximirem ás torturas; mas como ignoravam os factos de que eram accusados, não fallavam n'elles. Estes eram julgados *diminutos*.

pitão de um terço de infanteria, de sangue nobre, como D. Anna de Guadagno, sua mulher.

Estes esposos, deram ao filho uma esmerada creação, e sempre bons exemplos; mas elle mostrou, desde tenra edade, más inclinações.

D. Miguel, escrevia com a maxima perfeição, e a sua calligraphia era excellente; mas, abusando da sua habilidade, principiou a forjar bullas apostolicas, decretos regios, provisões, letras de cambio, etc., etc.

Imitava toda a qualidade de letra com tanta perfeição, que illudia a todos, e arranjou para si uma carta de commendador de S. Thiago, com a renda de 3:000 ducados por anno.

Tambem com uma provisão regia escripta por elle, levantou do deposito publico a quantia de 360:000 ducados.

Com o producto das suas falsificações, tratava-se com o maior esplendor, e percorreu as differentes provincias de Castella, com um luxo principesco.

Tanta sumptuosidade, causou suspeitas, e Saavedra, que o presentiu, ausentou-se para Portugal, onde não era conhecido; mas trazendo de toda a sua numerosissima creadagem, apenas *Franco Calderon*, tão velhaco como seu amo; e tão dextro em tocar guitarra, como em manejar o punhal.

Mas Saavedra tinha dissipado muitos milhares de ducados, com a mesma facilidade com que os havia adquirido, e entrou em Portugal quasi a pedir esmola. Vinha porém luxuosamente vestido, tinha as maneiras mais distinctas, e uma figura sympathica.

Entrára n'este reino por Aldeia-Velha, no Riba-Côa (proximo ao Sabugal) e no dia 20 d'agosto de 1539, chegou á Covilhan, e foi hospedar-se na melhor estalagem da terra, como era o seu costume.

O hospedeiro, cheio de orgulho, por dar acolheita a tão grande figurão, tratou-o o melhor que pôde, muito mais, quando Saavedra lhe disse que vinha encarregado de uma missão secreta para o rei de Portugal, mentira que foi facilmente acreditada pelos covilhanenses, que á porfia o convidavam para festas e reuniões, onde era optimamente recebido, pelas suas maneiras.

Estava por esse tempo na Covilhan, o padre Antonio de Lacerda, da Companhia de Jesus,[1] eximio prégador, e homem de grande saber, e que, segundo constava, trazia um breve apostolico que o auctorisava a fundar em Portugal, um collegio da sua ordem.[2]

Saavedra convidou um dia este padre para jantar, e o convite foi acceite com prazer.

No fim do jantar, Saavedra mostrou ao jesuita um pergaminho (por elle forjado) no qual o papa Paulo 3.º o instituia seu *legado á latere*, para estabelecer n'este reino o tribunal da Inquisição.

Saavedra arranjára na Covilhan, pela sua habilidade infernal, uma bôa somma de dinheiro, e com estes recursos, se foi a Sevilha, onde arranjou um secretario e um mórdomo, comprou liteiras, baixella de prata, e um fato de cardeal romano.

Mandou Calderon a Granada angariar creados, com ordem de se lhe reunirem em Badajoz, fazendo publico na sua passagem, que eram famulos de um cardeal romano, que vinha estabelecer a Inquisição em Portugal.

Além da bulla que o instituia *legado á látere*, tinha tambem forjado cartas de apresentação, do imperador Carlos V, e de seu filho D. Philippe, para D. João III, de Portugal.

Saavedra, passou alguns dias em Badajoz, recebendo dos habitantes d'esta cidade os maiores testemunhos de respeito.

D'alli mandou Calderon a Lisboa, com a bulla e as cartas, para que a côrte, prevenida da proxima chegada, fizesse os necessarios preparativos para receberem um principe da egreja, com as honras que lhe eram devidas.

D. João III mandou logo á raia, *um grande fidalgo da sua côrte*, chamado *D. Ramon*

[1] Pouco tempo antes d'este acontecimento, tinha o pontifice Paulo 3.º confirmado o instituto da Companhia de Jesus.

[2] A Companhia de Jesus, tinha sido instituida em 1534, por Santo Ignacio de Loyola.

Tellez da Valdanha [1] para receber o falso legado do papa, o qual fez a sua entrada solemne em Lisboa, no meio das maiores festas, e sendo esperado pela maior parte dos lisbonenses, com tanto enthusiasmo como 272 annos depois (2 de dezembro de 1811) foram ver o *homem das botas.*

Saavedra, apresentava-se perfeitamente, e o rei e a côrte lhe tomaram grande affeição.

Instituiu-se o tribunal, mas ainda não funccionava, e o fingido cardeal hia tirando do thesouro publico grandes quantias, para sustentar um luxo deslumbrante.

Mas Saavedra era muito perspicaz, e bem via que isto não podia durar muito tempo, e que, mais dia, menos dia, se vinha a descobrir a traficancia.

Sahiu pois de Lisboa, com os seus familiares, sob pretexto de visitar differentes terras do reino, e estabelecer n'ellas a Inquisição, e, á medida que nomeava o pessoal para o Santo Officio, hia recebendo grandes sommas, dos christãos-novos e dos herejes, com o que chegou a juntar consideraveis riquezas.

Certo dia do mez de janeiro de 1540, estava Saavedra em *Nieva do Guadiana* [2] muito descançado, em casa do parocho, quando esta apparece cercada por aguazis, que o levam preso para Madrid, apanhando-lhe 250:000 ducados, que elle tinha extorquido aos judeus e christãos novos.

(Elle não impunha senão penas pecuniarias aos que lhe cahiam nas garras.)

Foi sentenciado a galés, por toda a vida; porém no fim de 19 annos de galés, teve artes de conseguir do papa Paulo IV, um breve de perdão—(um verdadeiro breve)—em vista do qual, Philippe II o mandou pôr em liberdade, mandando-o vir á corte, para ouvir da sua propria boca, a historia da sua vida e façanhas.

Segundo alguns escriptores, Miguel Gutierres Saavedra, era primo do famoso Miguel de Cervantes Saavedra, auctor do *D. Quichòte.*

O que é certo, é que a Inquisição, apezar de instituida por um impostor, e com bullas falsas, ficou subsistindo em Portugal, como se fosse legalmente fundada; porque D. João III impetrou do papa um breve de approvação de tudo quanto Saavedra tinha feito!

—

Eis em resumo o que diz Paulo Féval, nos seus *Tribunaes secretos*, e o que corre como facto verdadeiro em muitos livros. É por isso que eu aqui extrahi o essencial d'aquelle bello romance, no qual o auctor faz figurar duas amantes de Saavedra—uma formosa camponeza, chamada Joanna, dos arrabaldes de Córdova, e uma joven portugueza, *viuva do conde João de Vasconcellos e Sousa*—figurão de que não rezam os nossos genealogicos, ainda que, pelos appellidos, parece pertencer á nobilissima casa de Castello Melhor.

Notemos, porém, que em 1540 ainda os Vasconcellos não tinham o titulo de condes, o qual só lhes foi dado d'ahi a 36 annos (20 de agosto de 1576) pelo rei D. Sebastião, neto de D. João III.

Tambem alli apparece um papa-jantares castelhano, governador da praça de Badajoz, e conde de Villa Nova de Barca-Rôta, provavelmente tão identico como a *condessa de Vasconcellos.*

Este conde, desde que Saavedra chegou ao Alemtejo, nunca mais o largou um só momento, abandonando o governo da praça que Carlos V lhe confiára, e que dista nada

[1] Resumo esta noticia da origem da Inquisição em Portugal, dos *Tribunaes secretos*, de Paulo Féval. O que não sei, é onde o famoso escriptor francez foi buscar um nome tão exquisito com que chrismou o *grande fidalgo*! Nome e appelidos que nenhum genealogista ou historiador portuguez menciona nas suas obras

[2] Povoação desconhecida na Chorographia portugueza. Féval quereria dizer *Neves?*—A freguezia das *Neves* (ou Nossa Senhora das Neves) é no concelho e 6 kilometros ao E. de Beja, mas fica 18 kilometros ao O. do Guadiana, e nunca se chamou *Neves do Guadiana.*

Féval fez de um facto historico, um perfeito romance e desencantou figuras e terras que só existem nos seus *Tribunaes secretos.*

menos de 130 kilometros ao S. E. da tal *Nieva do Guadiana!*

Depois, passou o conde, de amigo inseparavel, e conviva permanente, a reles beleguim, marchando para Madrid, à frente dos agentes da Inquisição.

Outro desproposito de Féval. O impostor foi preso em terra portugueza, e por beleguins portuguezes, e o auctor dos *Tribunaes secretos*, arrasta-o para Madrid!—O homem, quanto a mim, está pouco pratico em geographia, e em direito internacional.

—

Eis a introducção do Santo-officio em Portugal, segundo a historia:

Henrique IV de Castella, teve de sua mulher, D. Joanna de Portugal (filha do nosso rei D. Duarte) uma unica filha, D. Joanna, que devia herdar o throno, do qual foi esbulhada, por casar com o nosso rei D. Affonso V, e D. Joanna, com o titulo de *Excellente Senhora*, é mettida em um mosteiro de Santarem (1479) [1] onde falleceu com fama de religiosa exemplarissima.

Herdou o throno de Castella, a infanta D. Isabel, irmãn de Henrique IV, que, casando com D. Fernando, rei do Aragão, se uniram os dous reinos, sob o reinado de Fernando e Isabel—*os rèis catholicos.* [2]

Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I (*o Cru*) de Castella, tinha expulsado do seu reino, grande numero de judeus, a maior parte dos quaes, se vieram estabelecer em Portugal.

Um dos primeiros actos de Fernando e Isabel, logo que occuparam o throno, foi a expulsão total dos judeus, em 1485.

O nosso D. João II, que era um principe illustrado, concedeu a sua protecção aos expatriados, attendendo a que era gente muito industriosa, e *sobre tudo, que passuia grandes riquezas*, que ao rei convinha não deixar sahir de Portugal.

Só 12 annos, porém, gozaram os infelizes judeus esta paz relativa; porque, em 1497, o rei D. Manuel (primo, cunhado e successor de D. João II) para casar com a princeza D.

[1] Vide n'este volume, paginas 505.

[2] D. Henrique IV, era filho do primeiro matrimonio. Seu pae passou a segundas nupcias, e teve d'este casamento, D. Isabel, que herdou o throno e foi a grande rainha. *Isabel*, que casando com D. Fernando, rei de Aragão, foram os famosos *reis catholicos*, que alem de unirem os dous reinos (Castella e Aragão) expulsaram os mouros do reino de Granada, unico que na Peninsula possuiam ainda os agarenos.

D. Isabel foi a maior e a mais esclarecida rainha que tem tido a Hespanha.

D. Henrique IV e D. Isabel, tinham ainda outro irmão, mais novo do que esta trez annos, por nome D. Affonso, tambem filho do segundo matrimonio, que morreu de 15 annos de edade, em vida de seu irmão, e por isso não chegou a ser rei.

A princeza D. Joanna (*a Excellente Senhora*) não foi só excluida do throno, por casar com o nosso D. Affonso V. (*) Houve mais dous motivos que moveram os castelhanos a preferirem a irman, á filha de Henrique IV.—Elles lembravam se que uma das razões porque nós excluimos do throno portuguez a rainha D. Beatriz, mulher do seu D. João I, foi porque era geral n'este reino a opinião de que D. Beatriz não era filha de D. Fernando I, mas adulterina de João Fernandes Andeiro, fidalgo gallego, que D Fernando (ou D. Leonor Telles de Menezes) tinha feito conde de Ourem. Para se desforrarem d'isto levantaram a calumnia de que D. Joanna, não era filha de D. Henrique IV, mas tambem adulterina de *D. Beltrão de la Cueva*, duque de Albuquerque, um dos mais nobres fidalgos de Castella; e por isso davam a D. Joanna o alcunha de *Beltraneja*.

O que é certo é que, segundo os historiadores mais conscienciosos de Castella, D Joanna de Portugal, foi uma rainha exemplar e virtuosissima.

A segunda razão, é porque ainda então (e mesmo hoje!...) estava fresca na memoria dos castelhanos a derrota monumental que soffreram em Aljubarrôta, em 14 de agosto de 1385; e não podiam levar á paciencia o serem vassallos do neto do Mestre d'Aviz (o nosso D. João I). que com o seu valor e o dos seus dedicados portuguezes arrancou das suas garras, d'elles, a melhor joia da sua corôa—Portugal—o sonho doirado de todos os castelhanos, passados, presentes e futuros.

(*) Ainda então não existia em Castella a *lei salica*, que excluia do throno as filhas dos seus reis. Esta lei só foi promulgada no fim do seculo XVII, por D. Philippe V, e por decisão das côrtes geraes que este soberano, para isso, havia convocado.

Isabel de Castella, filha primogenita e herdeira dos reis catholicos, e viuva do nosso infante D. Affonso, filho de D. João II (vide *Santarem*, no anno 1491—12 de julho) acceitou a condição, imposta pela princeza, de expulsar de Portugal, todos os mouros e judeus.

A ambição de unir as corôas de Portugal e Castella, e se fazer *imperador* da Peninsula, o fez subscrever ao capricho de D. Isabel, deixando assim sahir de Portugal as grandes riquezas dos judeus. Mas só conseguiu esta grande perda para o reino, porque D. Isabel morreu de parto em Zaragoça (1498) e seu filho, *D. Miguel da Paz*, pouco lhe sobreviveu, e assim se foram as esperanças da *união iberica*.

Foram excluidos da proscripção, os judeus e mouros, que—ou fingida, ou sinceramente—se covertessem ao christianismo.

Como o rei tirava aos expulsos os filhos menores, para serem baptisados e educados na Fé Catholica, grande numero de judeus se baptisaram, para não abandonarem seus filhos; mas occultamente, seguiam a lei de Moysés. Era a estes e aos filhos, que se deu a denominação de *christãos-novos*.

Todavia, era tristissima a existencia d'estes christãos, feitos á força, porque o povo os olhou sempre com ódio e desprezo, e frequentemente eram espancados e até mortos, pelos *christãos-velhos*.[1] Só nos dias 19, 20 e 21 d'abril de 1506, foram assassinados pelo povo de Lisboa, uns 4:000 christãos-novos. (Vide 4.º vol., pag. 111, col. 1.ª)

Ao rei D. Manuel, succedeu seu filho, D. João III, que ainda odiava mais os judeus, do que seu pae, e principiou o seu reinado, mandando-os espiar, para saber se elles *judiavam*,[1] e recommendava a maior cautella, para que nenhum *homem de nação* (christãos-novos) podesse ser presbytero, nem mesmo exercesse empregos publicos.

Na Hespanha estava já estabelecida a Inquisição, e os christãos-novos ou herejes que lá se podiam subtrahir aos tormentos e ás fogueiras, emigravam para o estrangeiro, vindo muitos para Portugal.

Os procuradores do povo, queixaram-se d'isto ao rei, que, em 1531, impetrou do papa Clemente VII, um breve, para em Portugal se estabelecer a Inquisição. A bulla sollicitada foi expedida, a 17 de dezembro de 1531, nomeando logo inquisidor-geral, Diogo da Silva.

Mas os judeus eram poderosos, e tinham em Roma amigos dedicados, que, á força de dinheiro, poderam conseguir que o mesmo pontifice expedisse, a 17 de outubro de 1532, outro breve, annullando o anterior.

D. João III empregou então os maiores esforços (e parece que tambem muito dinheiro) para que o papa annullasse o ultimo breve.

Os judeus e christãos novos revolveram tudo, e gastaram tambem grandes sommas, para que se cumprisse o mesmo breve.

Venceram os embaixadores do rei, e Paulo III, successor de Clemente VII, expediu, em 23 de maio de 1536, uma bulla que determinava a fundação definitiva do Santo-Officio em Portugal.

—

Eis aqui o que ha de verdade, quanto á instituição do truculento Santo-Officio, e desfeito o bello enredo com que Paulo Féval romantizou um Saavedra imaginario, que apparecêra pela primeira vez na *Historia da Inqnisição*, de Luiz Paramo, depois, na *Historia da Inquisição*, de Llorente, e em outros mais livros, como cousa certa e averiguada; pelo que, ainda hoje é geralmente acreditada na Europa, a lenda de Miguel Gutierres Saavedra, como cousa verdadeira e incontestavel; e isto serve de desculpa ao

[1] Mal diriam os portuguezes de então, que d'ahi a 143 annos, seria acclamado rei de Portugal, um descendente de mouros e judeus!...

[1] *Judiar*, queria dizer—seguir a lei de Moysés.

engano de Paulo Féval, que acreditou em escriptores sérios que o precederam.

—

Este artigo já vae bastante longo e eu não quero enfadar mais os leitores: terminal-o-hei pois dizendo:

Em 1768, D. José I — ou, para ser mais exacto, o conde de Oeiras — [1] institue o tribunal da *mesa censoria*, e no mesmo anno decreta a abolição da odiosa distincção entre *christãos novos* e *velhos*; mas, no anno seguinte concede ao tribunal do Santo-Officio, o tratamento de *magestade!*

Em 1773, é abolida a escravatura em Portugal, e é publicada tambem uma segunda lei, abolindo toda a differença que ainda existia entre christãos velhos e novos.

Mas o conde de Oeiras restringiu muitissimo os poderes da Inquisição. As suas sentenças capitaes não podiam ser executadas sem beneplacito regio (que, valha a verdade, rarissimas vezes lhe era concedido) e — o que mais sentiram os inquisidores — os bens sequestrados aos reus, ficavam pertencendo ao thesouro público.

Desde então, póde dizer-se que a Inquisição soffreu um golpe mortal, e os seus hediondos carceres estavam quasi desertos pois que os frades dominicanos e todos os mais empregados inquisitoriaes, tinham perdido o principal e mais rendoso dos seus privilegios, que era o direito de se apoderarem dos bens dos condemnados; de maneira que, quando a constituição de 1820 extiuguiu este tribunal sanguinario, nem um só individuo se achou nos carceres do Santo Officio, como vimos no principio d'este artigo. [2]

[1] Sebastião José de Carvalho e Mello, foi feito conde de Oeiras, em 15 de junho de 1759, e marquez de Pombal, em 17 de setembro de 1769.

[2] Diz-se—com visos de verdade—que houve quem então, para tornar odioso o governo *absoluto*, arranjou alguns esqueletos e, levando-os subrepticiamente para os carceres da inquisição (no Rocio de Lisboa) os prendeu ás correntes chumbadas na parede. Custa a acreditar em tão grande profanação, mas ha individuos que, para conseguirem *certos fins*, não recuam ante os actos mais ignobeis.

SANTO ONOFRE — (antigamente *Inófre*) mosteiro, Extremadura, na freguezia, concelho e a 1:300 metros ao NE. da Gollegan.

Era de frades franciscanos da provincia de Portugal; mas tinha sido primeiramente de *claustraes*. Foi fundado em 1519. Era pequeno. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular. Vide *Gollegan*.

SANTO THYRSO — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome. (Antes de 1834, era couto.) 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1623 tinha 195, e em 1778 tinha 255.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino do mosteiro d'esta freguezia apresentava o vigario regular, triennal, que era um dos monges do mesmo mosteiro, o qual tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O antigo nome d'esta freguezia era *Santa Maria Magdalena*; só no principio d'este seculo é que se denominou *Santo Thyrso*.

Este concelho denominava-se Refojos de Riba d'Ave.

O seu concelho é composto de 31 freguezias, que são: — *Agrella*, *Agua Longa*. *Alvarelhos*, *Areias*, *Avez*, *Bougado* (S. Martinho), *Bougado* (S. Thiago), *Burgães*, *Campo* (S. Martinho), *Campo* (S. Salvador), *Carreira*, *Coronado* (S. Mamede), *Coronadó* (S. Romão), *Couto* (S. Miguel), *Couto*, (Santa Christina), *Covellas*, *Guidões*, *Guimarei*, *Lama*, *Lamellas*, *Monte Córdova*, *Muro*, *Negrellos* (S. Mamede), *Negrellos* (S. Thomé), *Palmeira*, *Rebordões*, *Refojos deRiba d'Ave*, *Reguenga*, *Róriz*, *Santo Thyrso*, *Sequeirô* e *Villarinho*.

Todas com 5:600 fogos.

A freguezia de Avez era do concelho de Villa Nova de Famalicão, e passou para este, por carta de lei de 2 de julho de 1879.

As freguezias de *Avez*, *Burgães*, as duas de *Negréllos*, *Palmeira*, *Rebordões*, *Róriz*, *Sequeirô* e *Villarinho* são do arcebispado de Braga, as outras pertencem ao bispado do Pórto.

A comarca é composta só do seu concelho.

—

A villa de Santo Thyrso está edificada em uma collina cercada de frondoso arvoredo. Pelo S. da villa passa a estrada ordinaria do Porto a Braga, que d'aqui vae em descida até ao rio Ave, onde tem uma optima ponte. ficando-lhe á direita e ao sopé da collina, o antiquissimo mosteiro de monges benedictinos, de que adiante tratarei.

Tambem junto da povoação passa o caminho de ferro do Minho.

No 5.º domingo da quaresma se faz aqui uma brilhante procissão de Passos, para o que tem as competentes capellas dos Passos da Paixão de Jesus Christo, com as figuras de soffrivel correcção; mas o esculptor deu a todos os judeus e romanos que alli figuram, umas caras horrendas, que mettem medo... ás creanças.

—

O rei D. Manuel deu foral a este concelho sob o nome de *Refoyos de Riba d'Ave*, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1513. (*Livro de foraes novos do Minho.* fl. 49 v., col. 2.ª)

Este foral pertence tambem a Agrella, Parada da Castanheira, S. Gião e Souto Longo.

No reinado de D. Diniz tinha obtido uma sentença de foral, em 14 de janeiro de 1307. (*Gav. 15, maço 8, n.º 24.*)

É povoação antiquissima, e talvez já existisse no tempo dos romanos, que se suppõe terem aqui um templo, como veremos quando tratar do mosteiro.

—

Ha n'este concelho minas de ferro e outros metaes. Em dezembro de 1874, foram manifestadas na camara municipal, por Thomé Bento da Silva, as seguintes: 1.ª no logar de Sobradêllo, freguezia de Agua-Longa;—2.ª, no monte da Abêlha, da mesma freguezia;—3.ª no logar de Gueidavo, freguezia de S. Christovam do Muro.

Em março de 1875, foram manifestadas sete de ferro, manganez, plombagina e antimonio, no logar da Enfermaria, freguezia de Burgães, por Hermann Leuscher, que tambem manifestou então trez dos mesmos metaes, no monte das Covas, freguezia de Agua-Louga; outra dos mesmos metaes no logar de Sobradêllo, da mesma freguezia; outra similhante no monte da Abêlha, da mesma freguezia; outra do mesmo, no logar de Guidães, freguezia do Muro.

Antonio de Sousa Guerra, manifestou no mesmo mez e anno, trez de ferro e outros metaes, uma em S. Romão de Coronado, e duas na freguezia do Muro. Ainda na mesma época, Manoel Martins Prata, manifestou uma mina de prata, no logar de Ribeiro de Covas, freguezia d'Agua-Longa. Em junho do mesmo anno, José Hey manifestou **sete** de carvão, ferro e manganez, no Alto do Poço, Anguinhos, Monte de Covellas, Gaturães, Minas do Souto e Valle-Covas. Joaquim Adrião Ferreira e José da Costa Carneiro, do Cidral, freguezia de S. Thiago de Bougado, manifestaram no mesmo mez uma mina de carvão. Em novembro de 1878 foi manifestada outra mina de carvão!

Apesar de tanta abundancia de minas, ninguem se atreve a exploral as!

—

No dia 24 de fevereiro de 1875, sentiu-se n'este concelho, no de Villa do Conde, e em outras povoações circumvisinhas, um violento tremor de terra, das 8 para as 9 horas da manhan.

Durou um minuto.

Foi mais sensivel em Santo Thyrso, abalando algumas casas. Não morreu pessoa alguma.

—

Ha n'este concelho 60 confrarias legalmente erectas, as quaes em janeiro de 1877 tinham 35:240 irmãos. O capital de todas são *vinte contos e quatrocentos mil réis*. Mais de metade d'esta quantia anda emprestada a juros, a lavradores, e o resto está empregado em inscripções. Os paramentos e alfaias de todas valem mais de 5 contos de réis.

—

Em junho de 1876 deu-se um facto digno de honrosa menção n'este repositorio de cousas boas e más. Eil-o:

O commendador Manuel José Ribeiro, natural de Santo Thyrso, e que no Brasil adquiriu uma boa fortuna, recebeu na data

acima indicada, uma carta do seu procurador no Pará, na qual lhe participava o fallecimento de um amigo, que lhe deixou por testamento **duzentos e oitenta contos de réis.**

O legatario, que sabia que o seu amigo tinha parentes pobres, mandou uma auctorisação legal ao seu procurador, para desistir da herança em favor dos membros da familia do testador.

O cavalheiro que pratica uma acção tão nobre é um perfeito homem de bem, para o qual todos os elogios ficam muito abaixo dos seus merecimentos, e só Deus lhe póde dar um premio condigno.

Manuel José Ribeiro é, além d'isto, um homem muito caritativo, que não póde ver miseria que não soccorra, nem dôr que não attenue.

Bem haja este verdadeiro christão.

—

Mosteiro de Santo Thyrso

O principio d'este mosteiro remonta a uma antiguidade remotissima, pois, segundo alguns escriptores, foi na sua origem templo romano; e aqui foi sepultado Silvano, capitão de uma legião romana, como adiante veremos.

Não se sabe quando passou a egreja catholica, e quando se fundou o edificio do mosteiro benedictino, duplex, mas com certeza já existia no tempo dos suevos. Conjectura-se que o seu fundador foi S. Fructuoso; mas, segundo outros, foi S. Martinho de Dume, que viveu no 6.º seculo. (Vide *Dume.*)

Ignora-se se os monges o abandonaram em 716, ou se, mediante algum tributo, os mouros consentiram n'elle o culto catholico: o que se sabe é que em 927, D. Alboazar Ramires, filho de Ramiro II, de Leão e sua mulher, D. Helena Godins, achando o mosteiro bastante arruinado o reedificaram, dotando-o com boas rendas.

D. Albuazar Ramires e sua mulher são o tronco de grande numero de familias illustres d'este reino; e alguns dos seus descendentes foram sepultados n'este mosteiro. Mencionarei os de que ha memoria.—São:

D. Soeiro Mendes da Maia, rico homem e fronteiro-mor do reino, um dos mais valentes batalhadores do seu tempo. Achou-se na famosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139) onde se distinguiu pela sua bravura. Passando a Roma, venceu em publico desafio um cavalleiro allemão, tido por um dos mais dextros e habeis justadores do seu tempo.

D. Soeiro Mendes era irmão do famosissimo Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador.*

Desenganado das vaidades do mundo, metteu-se monge d'este convento, e n'elle falleceu em 25 de junho de 1176 (Vide *Guilhabreu, Retorta* e *Rio Mau*—do concelho de Villa do Conde.)

D. Payo Soares Çapato; D. Martim Gil de Sousa, e sua mulher *D. Violante Sanches,* condes de Bercellos.

—

Teve este mosteiro o senhorio de varios coutos, mas no fim só tinha os de Santo Thyrso e S. João da Foz do Douro.

Foram aqui monjas (já disse que o mosteiro era duplex) algumas senhoras descendentes de D. Alboazar Ramires e sua mulher, entre ellas:

D. Maria Mendes, senhora de Burgães, e filha de Mem Gonçalves da Maia.

D. Aldara Vasques, bisneta do conde D. Gomes de Sobrado.

D. Urraca Hermiges, neta de Mem Moniz de Riba-Douro.

Em 1569, D. Frei Pedro de Chaves, por ordem da princeza D. Joanna, mãe do rei D. Sebastião o reformou; e foi o primeiro da reforma.

—

A frente da egreja do mosteiro, que é a matriz da freguezia, deita para um largo espaçoso, tendo no centro um elegante cruzeiro de marmore côr de rosa.

É um templo vasto e magnifico, construido com grande solidez.

O claustro é a parte mais antiga de todo o edificio. Tem 27 metros de comprido, por 25 de largo. Os seus quatro lanços são abertos em arcos, sustentados por 122 duplas columnas, cujos capiteis mostram em grosseiros relevos, cabeças de mouros, har-

pias, leões, e differentes ornatos, todos variados, de modo que se não acham dous eguaes.

No centro ha um elegante chafariz de pedra, com bôas esculpturas, obra do principio do seculo passado.

A galeria superior do claustro pertence á reedificação geral do mosteiro, que principiou pelos annos 1650. A inferior é manifestamente obra do seculo XII ou XIII.

Foi o architecto Frei João Turreano, monge benedictino, quem delineou e dirigiu esta reconstrucção. Foi tambem este monge o architecto da reconstrucção do mosteiro de freiras de Odivellas; o novo de Santa Clara de Coimbra; o da Estrella (Estrellinha—hospital militar) de Lisboa, e outras obras. Os frades eram todos tão *estupidos!...*

Depois de 1834, foi vendida a cêrca e parte do edificio do mosteiro, sendo o resto (só a parte que defronta com o adro) destinado para o tribunal das audiencias do juiz de direito, administração do concelho e suas dependencias.

Quando se andava reedificando a egreja (1650) se achou embutido em uma das suas paredes, um sepulchro de pedra, ainda inteiro, contendo cinzas. Tinha esculpidas as aguias imperiaes, e por baixo d'ellas esta inscripção:

L. VALERIVS SILVANVS MILES
LEG. VI VIXIT VIRIATO.

(Lucio Valerio Silvano, militar da 6.ª legião, que venceu Viriato.)

—

Em 1122, Goldregoda (ou Goldregundes) filha de Pelagio e de sua mulher, Vivili Ermigiz, doou a D. Gaudemiro, abbade d'este mosteiro, uma fazenda que herdára de sua avó Unisco Paes.

SANTO VARÃO — villa, Douro, comarca, concelho, e 12 kilometros de Monte-Mór Velho (foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:500 fogos, e pertencia então á comarca de Soure) 15 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Orago, S. Martinho bispo. Bispado e Districto de Coimbra.

Fica a 12 kilometros de Condeixa Nova, 18 de Soure, 15 de Verride, e 6 de Tentugal. Santo Varão fica no centro d'estas povoações.

Foi couto (muito antigo) dos bispos de Coimbra. O juiz ordinario tinha sómente jurisdicção no civel; porque no crime e orphãos pertencia ao juiz de fóra de Monte-Mór-Velho.

Este concelho foi supprimido, por decreto de 27 de julho de 1853. As freguezias que o constituiam—*Pereira, Santo Varão, Granja do Ulmeiro* e *Alfarellos*, ficaram pertencendo ao concelho de Monte-Mór-Velho; e a de *Figueiró do Campo*, ao concelho de Soure.

Este concelho de Santo Varão, confinava pelo E. com o de Coimbra; pelo N. com o de Tentugal (extincto); pelo O., com o de Monte-Mór-Velho, e o de Verride (extincto); e pelo S., com os de Soure e Condeixa. Está sobre a direita do Mondego. É terra fertil como as outras das margens d'este rio.

A serra de Santo Varão, é uma das mais altas d'estes sitios, e d'ella se goza um vasto e delicioso panorama.

A villa é pequena, e nada tem de notavel.

SANTOS COSME E DAMIÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez. Vide o 2.º vol., pag. 409, col. 2.ª

SANTOS ÉVOS—freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, districto, bispado, e 6 kilometros a E. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1768, tinha 150. — Orago, Santo Isidoro.

O provisor do bispado apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e pé d'altar.

—

Está a freguezia situada em uma baixa, e é atravessada por um ribeiro do seu nome, confluente do Sattam. É povoação bastante antiga, mas não se sabe quando teve principio.

A primitiva egreja matriz, existiu no sitio onde hoje está a cruz do Calvario, em logar deserto e longe da povoação. Era dedicada a *Santo Ivo*, presbytero, pequena, com um só altar, e pobre.

D. João Manuel, bispo de Viseu, vendo que

o povo muitas vezes ficava no inverno sem missa, por causa da grande distancia em que lhe ficava a egreja, e compadecido da pobreza dos parochianos, mandou demolir a antiga egreja e construir a actual á sua custa, junto á povoação, no anno de 1600. No sitio onde existira o templo, mandou collocar, para memoria, uma cruz de pedra, que ainda existe, e alli costumam ir as procissões de quinta feira Santa, e a de S. Marcos. Desde então. ficou sendo padroeiro da freguezia, Santo Isidóro, arcebispo de Sevilha.

O nome verdadeiro d'esta parochia era pois *Santo Ivo*, que o povo corrompeu em *Santo Evo*, e porfim, em *Santos Evos*.

Na primitiva egreja, havia uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, muito antiga e imperfeita, pelo que, depois de 1600, se mandou fazer uma nova, de boa esculptura, enterrando-se a antiga.

A esta Senhora se faz uma festa no primeiro domingo de outubro.

Tem uma irmandade, que foi approvada pelo bispo, D. Ricardo Russel, em 1689, e acceita pelo doutor, João Barreto, vigario-geral do bispado.

A irmandade é composta de 170 irmãos, e o papa Innocencio XII, em 1692, lhe concedeu muitas e grandes indulgencias. Tem cinco jubileus—1.º, dia da festa principal.—2.º, dia de Santo Isidoro (2 de janeiro)—3.º domingo de Paschoa da Ressurreição.—4.º, Paschoa do Espirito Santo.—5.º, dia de Natal.

Os irmãos que fallecem, teem varios suffragios, e ha um anniversario geral, na 2.ª feira depois do domingo de Lazaro, e uma missa pelas almas dos irmãos, em todas as 2.ªs feiras da quaresma.

Antigamente, em todos os 1.ºs domingos de cada mez, se fazia uma procissão de Nossa Senhora do Rosario.

Alem da festa principal da Senhora do Rosario, feita pela irmandade, lhe fazia o povo outra á sua custa; e tanto em uma como na outra, havia muitas offertas de *fogaças*, que se vendiam em leilão, sendo o producto applicado para as despezas do culto.

Quasi tudo isto acabou, ha mais de 40 annos.

SANTOS O VELHO—freguezia no bairro occidental de Lisboa, (antigo bairro da Pampulha.) A egreja matriz, fica sobranceira ao famoso *Aterro da Bôa-Vista*, e ao cimo da *Rampa de Santos*, em sitio desafogado, e com magnifica vista.

A origem d'este magestoso templo, já está descripta no 4.º vol., pag. 237, col. 2.ª, no fim, e seguintes.

Estando bastante arruinado em 1876, foi sentenciado a ser demolido; porém, os principaes catholicos da freguezia, oppozeram-se a este vandalismo, e a sentença foi revogada, resolvendo-se que fosse reparado, á custa das obras publicas, como monumento nacional, venerando pela sua antiguidade e recordações historicas.

Ainda se não concluiram completamente as obras de reparação.

Foi no mosteiro annexo a esta egreja, que em 1176, D. Affonso I instituiu a séde da ordem militar de S. Thiago, dando-lhe muitas rendas e os castellos de Alcacer do Sal, Almada, e Palmella. [1]

Seu filho, D. Sancho I, lhe deu o senhorio d'Arruda dos Vinhos, em 1186.

D. Affonso II, mudou a séde da ordem para Alcacer do Sal. — Tomada a praça de Mértola aos arabes, em 1242, para alli se mudou logo a cabeça da ordem. Finalmente, em 5 de Maio de 1443, sendo mestre da ordem o infante D. João, filho de D. João I, se mudou a sua séde para a praça de Palmella, que os cavalleiros reedificaram, durando as obras de reconstrucção até 1482.

Tudo o mais que diz respeito a esta egreja e seu mosteiro, e ás *commendadeiras de Santos*, já se acha descripto no logar citado do 4.º vol., para onde remetto o leitor.

[1] A ordem militar de S. Thiago, foi creada em Hespanha, por D. Ramiro I, em 844; por isso os cavalleiros portuguezes estavam sob as ordens dos grãos-mestres castelhanos, até que o nosso rei D. Diniz obteve do papa Nicolau IV, em 1288 (ultimo do seu pontificado) um breve de separação e independencia; ficando o mosteiro de Santos, cabeça d'esta ordem, em Portugal, até á sua mudança, como se vê do texto.

—

Até 1834, havia no districto d'esta freguezia, os seguintes mosteiros:

1.º—*Frades carmelitas descalços*, de Nossa Senhora dos Remedios (vulgo *Mariannos*) proximo á egreja matriz da parochia.

(Vide 4.º vol., pag. 261, col. 2.ª)

Este mosteiro, julgado *bens nacionaes*, foi vendido depois de 1834, e reduzido a casas de habitação; mas a egreja foi vendida aos protestantes, que a converteram em *sinagoga*, onde fazem as suas ridiculas cantarolas, e onde os seus alcunhados sacerdotes prégam aos herejes.

A *Carta Constitucional*, no seu artigo 6.º, diz expressamente:

«A Religião Catholica Apostolica Romana, continuará a ser a Religião do Reino. Todas as outras religiões, serão permittidas *aos estrangeiros*, com seu *culto domestico, ou particular*, em casas para isso destinadas, **sem fórma alguma exterior de templo.**»

Pois os herejes, escarnecendo da lei fundamental da monarchia; da religião do estado; e de todos os catholicos portuguezes; conservam *todas as fórmas exteriores* d'este templo, limitando-se a tirar-lhe os sinos, e a cruz que encimava o tympano; e, por escarneo, até lhe conservaram os emblemas da religião carmelitana, que ainda beje, com pasmo, se veem aos lados da porta principal da egreja!

Fizeram mais — para que ninguem podesse allegar ignorancia, pozeram na porta da entrada do átrio, esta inscripção, em grandes letras:

PRESBYTERIEN CHURCH

—

2.º—*Freiras carmelitas descalças* (*Albertas.*) (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

3.º—*Frades de S. João de Deus.* (4.º vol., pag. 62, col. 1.ª)

4.º—*Freiras dominicas, do Sacramento.* (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

5.º—*Frades trinos.* (4.º vol., pag. 258, col. 2.ª)

—

É tambem no districto d'esta freguezia, a egreja de Nossa Senhora das Necessidades, e a ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, e o seu cemiterio.

—

Na freguezia de Santos, eram os palacios e casas de residencia de grande numero de familias da primeira nobreza d'este reino, e algumas ainda aqui teem as suas habitações. Citarei as principaes: — Duques de Aveiro—marquezes d'Alvito (antigos condes de Oriola e barões d'Alvito, vulgo *condes-barões*)—condes de Villa Nova (de Portimão) —condes d'Alvôr—condes meirinhos-móres (condes do Sabugal e Obidos) [1]—viscondes da Fonte-Arcada—viscondes da Asseca—Christovam d'Almada—D. Antonio de Menezes—Antonio d'Albuquerque Coelho — e outras familias nobilissimas.

SANTOS PORTUGUEZES [2]

Que foram beatificados ou canonisados, comprehendendo os que nasceram e morreram em Portugal, ou na antiga Lusitania, os que ahi nasceram e foram morrer a paiz estrangeiro; e os que nascendo fora de Portugal ou da Lusitania, aqui vieram morrer, ou tem seus corpos, ou aqui viveram e se tornaram distinctos.

[1] Ao sitio onde está construido este antigo palacio, se dá ainda o nome de *Rocha do Conde d'Obidos.* Vide 4.º volume, pag. 136, col. 1.ª.

[2] Este curiosissimo artigo, assim como os versos de construcção difficilima que o precedem—pois são simultaneamente portugue- e latinos—são devidos ao improbo trabalho do meu verdadeiro amigo, o ex.mo sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, de São Romão de Armamar, esclarecido escriptor publico, e um dos mais insignes jurisconsultos das duas Beiras; ao qual tanto deve esta obra, que muito tem enriquecido com os seus excellentes e curiosissimos artigos.

Famosas sacras cohortes,
Divina musa, cantemus;
Heróes recordando fortes,
Oh patria chara, exultemus

Sanctos lusos memorando,
Excelsa Lysia, te illustras;
Divos chóros implorando,
Fraudes satanicas frustras.

Tu caelicolas attende
De Lysia, oh Deus, oriundos;
Ah christicolas defende,
Converte impios furibundos.

Colligimus tantas flôres;
Saevas iras provocamus,
Contra rabidos furores
De Satan nos te invocamus.

Dissipa luctas insanas,
Atras procellas serena;
Salvà gentes lusitanas;
De Lysia fuge, oh gehenna.

Ah concede, te adoremus
Per longos annos serenos;
Permitte, nós habitemus
Caelestes Campos amoenos.

Abdon, ou Eudon—Era italiano, que vindo a S. Thiago de Compostella, ficou fazendo vida eremitica no sitio de Aldeia de Barros, freguezia da Corrilhã, da provincia do Minho—(Vide vol. 1.º, Barros, pag. 343, e vol. 2.º, Corrilhã, pag. 386 e 389.)

Abringio—Vide *Apringio.*

Absolonio—Era natural do Minho, e foi martyrisado no anno 66, imperando Nero, na cidade de Britonia — (Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.)

Adalberto—Abbade cirterciense, discipulo de S. Bernardo, que o mandou a Portugal com Bermudo e outros para estabelecerem a ordem de Cister em S. João de Tarouca. D. Henrique o trazia a seu lado nas campanhas contra os mouros, orando em quanto o exercito pelejava. Era muito estimado da rainha D. Theresa e de D. Affonso Henriques. Vide Bernardo, e vol. 3.º, S. João de Tarouca, pag. 417.

Adão—Vide *Abdon.*

Adou ou Eudon, ou Odon—Era lusitano que fazia vida eremitica e penitente em sitio alcantilado sobre a margem direita do Lima, ramo da serra da Labruja, e parece que foi martyrisado. (Vol. 4.º, Lima, pag. 95.)

Adosinha—Era irmã de S. Rosendo—vide *Rosendo.*

Afra—Ella e as suas creadas, todas peccadoras, foram convertidas por S. Narciso, arcebispo de Braga, e soffreram o martyrio.

Agapes ou Agatha—Era da diocese de Braga, sendo martyrisada com outras em Britonia, em 10 de março de 254. Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.

Agatha—Vide *Agapes.*

Agathon—Era da diocese de Braga, e ahi foi martyrisado, sob o imperio de Diocleciano, juntamente com os Santos Prisso, Vidal, Orencio, Aurino, Capracio, Mandalo, e Ero.

Alvaro—Chamado de Córdova; era natural da provincia da Extremadura.

Amadeu de Saboia—Frade franciscano, que no seculo se chamava João de Menezes e Silva, muito nobre e guerreiro, e namorando-se da infanta D. Leonor, filha do rei D. Duarte, o que ella não sabia, apenas a viu casada com Frederico III, imperador da Allemanha, partiu para Guadalupe, e se tornou eremita.

Tendo uma visão de que S. Francisco o chamava para a sua ordem, partiu para a Italia, onde o tomaram por louco, e não lhe quizeram dar o habito; mas insistindo elle, e obrando até milagres, foi alfim acceito e fundou a congregação reformada dos Amadeus, tornando-se notavel por seu zelo religioso, que lhe mereceu a estima do papa Xisto IV, ex-Geral da ordem Serafica. Falleceu em dia de S. Lourenço de 1482.

Amador—Os habitantes de Idanha a Velha teem grande devoção a este santo. É tradição ter vindo junto d'elle uma corça para amamentar um menino que elle encontrou abandonado, e instruiu e educou, sendo depois o seu confessor. Vide Monsanto, vol. 5.º, pag. 414.

Anastacio — Foi o primeiro bispo de

Coimbra e companheiro de S. Gens, pelos annos de 42 a 43. Vol. 2.º, Coimbra, pag. 318.

Ancirado — Foi eremita e fundador do convento de Nossa Senhora da Graça de Penha Firme, da ordem dos Cruzios, no arcebispado de Lisboa. Era allemão, e foi depois assassinado junto a Figorino, nas proximidades dos Alpes, em odio á religião catholica.

Anonimata—Foi irmã de S. Jordão e de Santa Comba.

Anonima—Parece ser o mesmo que Anonimata, e que se ficou designando assim por se ignorar o seu verdadeiro nome. Foi degolada com sua irmã, Santa Comba, por ordem de Daciano, em Ourega. Vol. 6.º, Ourega, pag. 312.

Antigonio—Foi martyrisado em Evora com 17 companheiros, sendo natural da dita cidade, e pro-consule Asclepiades, o que teve logar em 3 de março de 304. Foram seus companheiros, todos convertidos por S. Vicente, os Santos Felix, outro Felix, Lucio, Fortunato, Eusebio, Martinho, Herodes, Januario, Tortulla, Calixto. Gaviano, Quirilio, Donato e Quinto, estes evorenses, e Basilico, Eutropio e Cleonico, estes das tropas imperiaes. Vol. 3.º, Evora, pag. 116.

Antonina—Virgem e martyr; nasceu na villa de Cêa. Dizem úns que foram os mouros que a martyrisaram afogando-a em um pego, e outros que foram os romanos, no anno de 300, sendo encerrada em uma urna de madeira, na perseguição de Diocleciano, ficando só com a cabeça de fóra, untada de mel, para ser picada das abelhas, permanecendo assim 20 dias; e como não morresse, foi então precipitada na Lagoa escura da serra da Estrella. Vol. 2.º, Cêa, pag. 222.

Antonio, de Britonia—Foi martyrisado n'esta cidade em 254 a 10 de março, juntamente com os santos Gorgorio. Firmio ou Firmo e Agapes. Vol. 1.º, Britonia, pag. 495.

Antonio Correia—Vide *Ignacio d'Azevedo.*

Antonio de Mombaça—Vide *Domingos d'Azevedo.*

Antonio Noto—Nasceu na Guiné portugueza, de paes mouros, no fim do seculo XIV. Foi vendido como escravo ao christão João Laudano da Cecilia, que o fez baptisar, e se empregou depois no tractamento dos enfermos no hospital de Nothi; e professando em seguida na ordem de S. Francisco, se retirou ao deserto, onde fazia penitencias asperrimas, sempre em oração, apesar do que chegou á ultima velhice.

Antonio de Padua—Nascido em Lisboa a 15 de agosto de 1195, dia d'Assumpção de Nossa Senhora, de quem foi particular devoto, entrou na ordem de Santa Cruz de Coimbra, donde passou para a de S. Francisco por ser mais laboriosa, e viveu algum tempo no convento de Santo Antonio dos Olivaes. Appetecendo martyrio, embarcou para Marrocos, onde não chegou a aportar, por ser arrojado á Sicilia por uma violenta tempestade. Estando S. Francisco a celebrar Capitulo da ordem d'Assis, dirigiu-se Santo Antonio á casa principal, onde os dois Santos se reconheceram. Na Italia obrou immensos milagres, e um dos seus innumeros sermões foi prégado na presença do papa Gregorió IX, em 1227. Ainda antes de canonisado, o povo o proclamou Santo; e hoje n'estes tempos de descrença é um dos Santos mais populares e festejados do povo portuguez. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 225, 319 e 378.

Antonio da Paixão— Vide *Domingos do Nascimento.*

Antonio de S. Pedro—Nasceu em Celorico da Beira, esteve em Ossuna no convento dos mercenarios descalços, onde fez muitos milagres. Vol. 2.º, Celorico da Beira, pag. 236.

Apodencio—Acompanhando Santa Engracia ou Eufemia, filha de um principe lusitano, á França, aonde ia casar, ao passar em Saragoça foi martyrisado com ella e com mais 17 companheiros, que eram Lupercio, Optato, Successo, Marcilla, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Frontonio, Felix, Ceciliano, Emanto, Primitivo e quatro Saturninos. Vide Santa Engracia e vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Apolonio—Foi arcebispo de Braga e successor de S. Leoncio, governando 8 annos, falleceu em 19 de março de 334. Era de origem oriental.

Aprigio—Foi bispo de Beja no tempo dos godos, e diz-se que foi feito bispo em 531. Vol. 1.º, Beja, pag. 359.

Aquila ou Aquilea—Era de Bragança e foi martyrisada na perseguição de Diocleciano.

Aquilina—Foi martyrisada juntamente com os Santos Vicente, Orencio, Victor e Ato, bispo de Pistisa, em 22 de janeiro de 308, sendo imperador Diocleciano e pretor das Hespanhas o feroz Daciano. Seus corpos foram levados para França, e sepultados na cidade do Ebrano, junto aos Alpes. Vol. 1.º, Beja, pag. 360.

Arcadio—A 4 de março de 60, imperande Nero, foi martyrisado na cidade de Bragança, onde foi 1.º bispo, sendo discipulo de S. Thiago. Querem outros que indo á Hespanha assistir a um concilio, foi ahi morto pelo Questor Aloto, que havia sido copeiro do Cezar. Vol. 1.º, Bragança, pag. 484.

Arcomio—Vide *Fionio.*

Aristobulo—Foi bispo de Britonia. Vol. 1.º, Britonia, pag. 494.

Ascencio—Vide *Fionio.*

Ato—Vide *Aquilina.*

Aurino—Vide *Agathon.*

Avito—Era da provincia do Minho.

Barão ou Varão — Na antiga Myrtilis nasceu este santo, irmão de Santa Barbara, e passou a vida n'uma serra proxima, onde morreu pelos annos da era christã. Fundou-se ahi uma ermida, proximo da gruta do santo. É advogado dos casados que não tem filhos e os desejam ter. Vol. 5.º, Mertola, pag. 191.

Barbara—Era irmã de S. Brissos, natural de Mertola. Vol. 5.º, Mertola, pag. 193.

Bazilico—Vide *Antigonio.*

Bazilia ou Bazilissa—Uma das irmãs de Santa Quiteria, que indo residir no oriente em Smyrna, foi presa e posta a tormentos, mas confessando impavidamente a fé christã, foi açoutada até expirar. Diz-se que reliquias d'ella se acham em Moura, no convento que foi dos frades Carmelitas calçados. Vide Quiteria, vol. 1.º, Braga, pag. 442, vol. 5.º, Moura, pag. 568 e vol. 7.º, Pombeiro, pag 158.

Bazilio—Foi o 1.º bispo do Porto, discipulo de S. Thiago Maior e de S. Pedro de Rates, tendo edificado a egreja de S. Pedro de Miragaia, e passando a bispo de Braga, foi martyrisado por ordem de Alôto, no imperio de Nero, em Placencia a 23 de maio do anno de 57. Vol. 5.º, Miragaia, pag. 243; vol. 7.º, Porto, pag. 463, e Portugal pag. 580, e vol. 8.º, Rates, pag. 55.

Bazilissa—Vide *Bazilia.*

Beatrides—Era da provincia do Minho.

Benigno—Foi arcebispo de Braga no 6.º seculo, a quem o papa Pelagio II, escreveu uma carta, em resposta a uma consulta, mostrando-lhe assim a consideração em que o tinha. Indo a França visitar o tumulo de S. Martinho, alli falleceu e foi sepultado a 28 de janeiro de 588.

Bento—Foi eremita e penitente em um sitio alcantilado, ramo da serra da Labruja, sobre a margem direita do Lima, o que teve logar pelos annos 800, sendo martyrisado em 11 de junho pelos mouros.

Bernardo — Era natural de França e discipulo de S. Bernardo, abbade de Claraval, que o mandou a Portugal estabelecer a ordem de Cister e esteve presente á fundação do convento de S. João de Tarouca, o primeiro d'esta ordem que houve nas Hespanhas. O seu primeiro abbade foi Santo Adalberto, com quem a rainha D. Theresa, proxima a morrer, quiz reconciliar-se, mas como fosse muito velho, enviou-lhe Bernardo, que se apresentou á rainha com João Cirita, successor de Adalberto, e a quem depois succedeu Bernardo. A rainha, absolvida por elles, vestiu a cogula da ordem antes de morrer, para gozar as indulgencias. Vol. 3.º, S. João de Tarouca, pag. 417.

Bodina—Foi abbadeça do mosteiro de Vieira. Vide Senhorinha.

Brigida—Virgem natural de Lisboa, foi martyrisada pelos barbaros no 1.º de fevereiro de 518. A sua cabeça está na egreja matriz do Lumiar. Vol. 4.º, Lumiar, pag. 476.

Brissos—Bispo d'Evora e martyrisado em 9 de julho do anno 300, imperando Diocleciano. Prégando o Evangelho entre os Vaccios, Bastellanos e Castolonenses, foi intimado para não apostolar, e não obedecendo foi preso e mettido a tormentos.

Calixto—Vide *Antigonio.*

Calidonio—Foi bispo de Braga durante quatro annos, e tambem em Africa, amigo de S. Cypriano, e se oppoz á heresia de Novato e ao anti-papa Novaciano. que se levantou contra o papa Cornelio.

Capracio—Vide *Agathon.*

Cassiano—Era natural da provincia do Minho.

Casta— Soffreu o martyrio em Africa juntamente com os Santos Paulo, Geronico, Januario, Saturnino, Sunesso, Julio, Pia e Germana, todos portuguezes.

Catharina—Na serra d'este nome está uma capellinha dedicada á Santa, hoje em ruinas, e lhe está ligada uma interessante lenda, que póde ver-se no vol. 3.º, Gruta, pag. 529.

Cecilano—Vide *Apodencio* e *Engracia.*

Celerina—Era natural de Monção, sendo convertida ao christianismo pelo apostolo S. Thiago, pelos annos de 50. Foi muitissimo virtuosa, a ponto de merecer a canonisação. Vol. 5.º, Monção, pag. 423.

Celerina—Bisneta de Lucia Pompeia Celerina, mulher de Lucio Venancio ou Veronio, tribuno militar. Era natural d'Evora, e tão rica, que chegou a dizer-se que possuia quasi metade da Lusitania. Convertida á fé catholica com seu marido pelos annos de 44, edificou um templo ao martyr S. Torpez, na villa de Sines, em que vivia, e onde foi martyrisada em 17 de maio de 65, sob o imperio de Nero.

Celerino—Natural d'Evora, diacono, neto de Santa Celerina, sobrinho de S. Laurentim e de Santo Ignacio, todos martyres. Recebeu a coroa do martyrio no anno de 254, soffrendo a pena de nervo, ou cepo, durante 19 dias, findos os quaes voou á patria celeste. Havia ido em companhia do papa Cornelio para Roma, donde partiu para a Africa, estando alli algum tempo. Vol. 3.º, Evora, pag. 108.

Chrispulo—Era cidadão romano, amigo de Juvenal e Marcial, mas convertendo-se ao christianismo veio prégar a sua fé ás Hespanhas, juntamente com S. Restituto, sendo martyrisados, em Aguas Collenas, pelos annos de 63, na perseguição do barbaro Nero. Vol. 1.º, Aguas Cellenas, pag. 32, e vol. 3.º Fão, pag. 138.

Cleonico—Vide *Antigonio.*

Columba ou Comba Osores—Virgem martyr. Falleceu no anno de 980, sendo abbadessa do antigo mosteiro Archense, que era em Decermillo, ou no bispado de Lamego, não se sabe ao certo o sitio; suspeita-se que fosse no pequeno logar de Archas ou Arcos de Sever, onde está a capella de Nossa Senhora da Seixa. Pelo anno de 982 o mouro Almansor quiz violal-a e ás demais freiras, porem estas, animadas pela abbadessa, preferiram perder a vida a perder a pureza. Vol. 8.º, Pinheiro, pag. 50. Vide *Historia Eccleciastica de Lamego*, editada em 1878, pag. 220.

Comba—Segundo a *Monarchia Lusitana* era abbadessa de um convento ao pé de Lamego, sendo assassinada com as outras freiras no fim do seculo x, pelo feroz Almansor, que praticou eguaes crueldades no mosteiro de Sirmiro, junto a Trancoso, de Mosêdarem em Vianna do Alemtejo, e de S. Salvador e S. Domingos de Cambos, junto a Mertola. Vol. 2.º, Santa Combadão, pag. 364.

Comba—Ella e S. Leonardo guardavam seus rebanhos na serra, quando Orelhão, captivado pela sua formosura, e não se deixando ella seduzir, tentou empregar a força. Invocou ella a Virgem, que a escondeu, abrindo-se uma parede para esse fim, e cego então, o mouro, de furor, vingou-se em Leonardo, matando-o. Mas afinal parece que a foi crucificar proximo ao convento de Cellas. Pode ser que sejam duas santas differentes. Vol. 2.º, Comba de Cellas, pag. 363, e vol. 4.º, Lamas de Orelhão. pag. 31.

Conegos regulares, de S. Romão de de Cêa—No reinado de D. Affonso Henriques, atacaram os mouros este mosteiro, e não podendo penetrar n'elle, lançaram-lhe fogo, perecendo queimados todos os seus moradores, que preferiram isto a entregar-se aos infieis.

Cresumio—Bispo de Coimbra, onde se achava em 1086, e a cuja Sé o elevou a fama de suas virtudes, sendo antes monge de S. Bento, em Arouca; era tio de S. Theotonio, e foi elle que o dirigiu na estrada da

vida perfeita. Falleceu em 19 de julho de 1098.

Cristetta—Era irmã de Santa Sabina e de S. Vicente, com os quaes fugiu para a cidade d'Avila, mas promettendo o presidente Daciano grande premio a quem os prendesse, um malvado assim o fez, e todos tres foram mortos com horriveis tormentos, e ficando seus corpos insepultos, é tradição que uma serpente alli os guardou. Vide S. Vicente, e vol. 3.º, Evora, pag. 116.

Cucufate—Foi martyrisado no tempo de Nero, juntamente com outros, sob o governo de Sergio. Vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Cyta—É a mesma que Syla.

Damaso—Querem uns que nascesse em Braga, outros em Guimarães, outros em Pedralva, outros em Idanha a velha, e outros na antiga Citania. Foi papa, quando imperadores Valentiniano e Valente, e regeu brilhantemente a egreja por 18 annos, 2 mezes e 10 dias, escreveu muito, fez celebrar o concilio 2.º geral de Constantinopla, contra a heresia de Macedonio, e venceu o seu anti-papa Ursino ou Ursiano, a quem depois creou bispo de Napoles. Tal era a sua bondade!

Foi intimo amigo do dr. da egreja, S. Jeronimo, com quem se correspondia, o qual na epistola ad Pamachiam lhe chama varão insigne, muito douto nas escripturas sagradas, virgem e doutor da egreja.

Vol. 1.º, Braga, pag. 443, e Briteiros, pag. 492, vol. 2.º, Citania, pag. 309, e vol. 3.º. Guimarães, pag. 360, e Idanha a Velha pag. 379.

Dativo—Era Alemtejano.

Damicio—Era da cidade de Bragança, sendo martyrisado com outros na perseguição de Diocleciano.

Domingos—Era natural de Coimbra e foi martyrisado pelos mouros, juntamente com S. João, perto da dita cidade (em Verride) a 9 de janeiro de que se ignora o anno.

Domingos de Cuba—Era do Alemtejo.

Domingos Martins—Era da Estremadura.

Domingos do Nascimento—Natural de Médello, junto a Lamego. Elle e mais 50 companheiros foram martyrisados no seu convento pelo rei de Mombaça, Jeronymo Chingalo, o qual tinha apostatado, e commetteu este crime só em odio da religião.

O prior do convento era frei Antonio da Natividade, cujo corpo se não corrompeu, apesar de ficar insepulto: outro dos mortos foi D. Antonio de Mombaça, primo do proprio rei: outro foi frei Antonio da Paixão; dos outros ignoram-se os nomes.

Donato—Vide *Antigonio* e *Eulalia*.

Eleuterio ou Neutel—Dedicou-se-lhe uma ermida proximo da villa de Alvito, por ter ahi vivido em um convento de franciscanos.

Vol. 1.º, Alvito, pag. 181.

Elias—Foi terceiro bispo de Beja durante o dominio gotico, e martyrisado em Cordova com os mancebos Izidoro e Paulo, em 17 de abril de 856, imperando alli Mahomet, filho do Califa Abderramam.

Vol. 1.º, Beja, pag. 360.

Emanto—Vide *Engracia* e *Apodencio*.

Engracia—A quem outros chamam Eufemia, era do Minho, e seu pae, chamado Dinasta, principe portuguez, desposou-a com Limitaneo, duque da Provincia de Narbona em França, e mandou-a a seu esposo acompanhada por 18 nobres cavalleiros.

Estava então em Saragoça o feroz Daciano, alli collocado pelos tyranos Diocleciano e Maximiano, para matar christãos, e então ella, passando alli, se lhe apresentou espontanea a increpar seu procedimento.

Foi presa, açoutada, submettida ao cavallete e a outros tormentos atrozes, no meio dos quaes expirou, tendo-a precedido seus 18 companheiros, que haviam sido degolados.

Vide *Apodencio*, e vol. 1.º, Braga. 442.

Eparchio—Natural da cidade de Bragança, foi martyrisado com outros, sob Diocleciano.

Epitacio—Era da provincia do Minho.

Eria—Vide *Iria*.

Ero—Vide *Agathon*.

Espinella—Foi freira em Arouca, cujo tumulo se acha de traz do côro de baixo.

Vol. 1.º, Arouca, pag. 238 GG.

Estevam—Abbade de Rates, que assistiu ao 3.º concilio de Toledo, em que os godos

abjuraram a heresia Ariana. Era da Ordem de S. Bento, e contemporaneo de S. Gregorio Magno, que d'elle faz honrosa menção. Finou-se em 13 de fevereiro de 598, no estado de virgindade, e consta que os anjos acompanharam visivelmente sua alma ao ceu.

Eudon—Vide *Abdon* e *Adou.*

Eufemia—Vide *Engracia.*

Eufemia—Uma das nove filhas de Lucio Caio Atilio, que afinal morreu martyr. As suas reliquias estavam junto do rio Caldo, d'onde foram transportadas para Orense em 1153 pelo bispo D. Pedro Seguino, attribuindo-se-lhe muitos milagres.

É santa muito popular, e em que os povos tem muita fé, tendo muitos santuarios em Portugal, sobresahindo muito o situado na fregnezia da Parada do Bispo, na margem esquerda do rio Douro, acima de Bagaúste, na diocese de Lamego, para onde todo o anno concorrem peregrinos com as suas offertas em agradecimento aos milagres obtidos, mormente no dia 16 de setembro, que é a sua festividade, e nos domingos subsequentes. Vide Santa Quiteria; vol 1.°, Braga, pag. 442; vol 2.°, Covide, pag. 437; vol. 6.°, Parada do Bispo, pag. 462; vol. 7.°, Pombeiro, pag. 158.

Eufemia — Virgem martyr, nascida na antiga cidade de Obobriga e ahi martyrisada. Vol. 4.°, Lindoso, pag. 98, o vol. 6.°, Obobriga, pag. 198.

Eulalia—Era filha do rico e nobre cidadão Libero de Merida, e foi instruida na religião christã por S. Donato. Sendo imperador Diocleciano, e presidente de Hespanha o barbaro Daciano, foi mandado a Merida o juiz Culpurniano, que ordenou um sacrificio geral aos idolos, em razão do que Liberio mandou a filha para a Andaluzia, mas fugindo ella, de noite, juntamente com Julia, voltou a Merida, e apresentando-se ao juiz lhe increpou o seu procedimento, e querendo elle persuadil-a a sacrificar aos idolos, usando de meios brandos, passou depois aos crueis, e a fez soffrer e a mais nove companheiros, tormentos atrozes, no meio dos quaes expirou cantando, e viu-se sair da sua bocca uma pomba, que subiu aos ceus.

Eusebio—Padeceu martyrio em Evora, na perseguição de Diocleciano, em 3 de março de 304. Sem razão os hespanhoes quizeram roubar a Portugal esta gloria, pretendendo que o martyrio tivesse logar em Talavera, contra o que estão Beda e o Martyriologio. Vol. 3.°, Evora, pag. 116.

Eusebio—No tempo de Trajano, em 5 de março de 134, foi martyrisado em Medelim e juntamente nove companheiros. Vol 5.°, Medelim, pag. 154.

Eutropio—Vide *Antigonio.*

Evento—Era da provincia do Minho.

Evodio—Da diocese de Braga, foi martyrisado com outros companheiros, no tempo de Diocleciano.

Eyria—Vide *Iria.*

Fabião—Foi arcebispo de Braga no seculo III; succedeu-lhe S. Felix.

Fabricio—(Alguns querem que seja o mesmo que Brissos.) Diz-se que nasceu em Mertola, e que ahi fôra martyrisado. Vol. 5.°, Mertola, pag. 191.

Fara—Virgem e monja benedictina, que morreu pelos annos de 1280. Vol. 3.°, Faria, pag. 139.

Faustino—Arcebispo de Braga, e depois de Sevilha. Vide *Fionio.*

Fausto—Era da provincia do Minho.

Feliciana—Era da provincia da Beira.

Felicissima—Sendo cega, S. Graciliano lhe deu vista milagrosamente, a qual por isso se converteu; mas sendo presa á ordem do perfeito do imperador Alexandre, foi degolada em Alcacer do Sal.

Felix-Diacono—Arcebispo de Braga, foi martyrisado e mais S. Narciso em 277, sendo pretor, em Hespanha, Luzillo Rusaniano. Era natural de Santarem, e o seu corpo foi levado para Paris.

Felix—Vide *Apodencio.*

Felix—Vide *Antigonio.*

Felix—Vide *Antigonio.*

Felix—Celebre eremita, que enterrou em Rates, a S. Pedro chamado de Rates, sendo depois trasladado o seu cadaver para a Sé de Braga, onde jaz. Vol.° 8.°, Rates, pag. 55.

Felix—Bispo de Braga e successor de S. Fabião no seculo 3.°; retirou-se para Navarra, a uma serra inhospita, onde viveu en-

tregue á penitencia e aos exercicios espirituaes. É possivel que seja o mesmo que o antecedente.

Filippe—Era da provincia da Extremadura.

Filippino—Frade Franciscano, acompanhou Santo Antonio de Padua a Marrocos, mas uma grande tempestade o arrojou ás costas da Sicilia, e indo a Assis procurar o patriarcha S. Francisco, foi mandado para Castellanea, onde morreu em 1290. Em 25 de abril de 1749 foi transferido para o mosteiro de S. Marcos, do monte Absino, onde se diz operar muitos milagres.

Fionio—Era bispo de Lamego, e refugiando-se com outros companheiros, e entre estes S. Faustino, arcebispo de Braga, Santo Arcomio, bispo de Evora, e S. Theodofredo, bispo de Vizeu, em um monte junto de Caceres e Xarandilla em Hespanha, a fim de celebrarem o Santo sacrificio, ahi foram martyrisados em 11 de março de 715; dizendo outros que foi na serra de Ossa. Vol. 3.º, Evora, pag. 110, e vol. 6.º, Ossa, pag. 298.

Firmio—Foi martyrisado em Britonia na perseguição de Decio, em 254. Vide *Antonio de Britonia*, e vol. 1.º, Britonia, pag. 445.

Firmo—É o mesmo santo que o antecedente, dando-lhe uns um nome, outros outro.

Fortunato—Vide *Antigonio.*

Fronto—Vide *Apodencio.*

Frontonio—É o mesmo que o antecedente.

Frovilengo ou Provilengo—Era bispo de Coimbra no seculo x, no tempo dos reis godos de Leão, mas deixando a mitra, recolheu-se ao mosteiro de Santo Estevam de Ribas de Sil, na Galliza, onde fez vida penitente.

Fructuoso — Nasceu em Constantim de Panoias, em cuja egreja se conserva a cabeça d'este santo, que os romanos degolaram, e é advogado contra a hydrophobia, sendo alli grande o concurso das pessoas mordidas por cães damnados, e affirma-se que jámais se desenvolveu aquella horrivel molestia nos que alli foram implorar a protecção do Santo. Vol. 2.º, Constantim de Panoias, pag. 382.

Fructuoso—Arcebispo de Braga, era filho de um duque e official superior do exercito de Hespanha, de sangue real. Mortos seus paes dedicou-se todo a obras de piedade e religião, ora construindo e dotando mosteiros, ora entranhando-se nos bosques e desertos para fazer asperas penitencias. Depois de feito arcebispo, gastou suas rendas com os pobres e edificação de novos mosteiros, entre elles o de Dume, onde jaz seu corpo, tendo fallecido com todos os signaes de predestinado em 16 de abril de 659. Em 1102 o bispo de S. Thiago, D. Diogo, levou para Compostella o seu corpo, e o dos Santos Cucufate, Silvestre e Suzana. Vol. 2.º, Dume, pag. 493, vol. 3.º, Ganfei. pag. 258, vol. 5.º, Miranda, pag. 323, vol, 6.º, Nabancia, pag. 7, e vol. 8.º, Real, pag. 63,

Gallicano — É o mesmo que Graciliano.

Gaspár Alváres—Vide *Ignacio d'Azevedo.*

Garcia Martins—O seu tumulo está mettido na parede junto da pia baptismal da capella de Nossa Senhora do Rosario, de Leça do Bailio; foi commendador, e falleceu no primeiro de janeiro de 1306. Vol. 4.º, Leça do Bailio, pag. 67.

Gaviano—Vide *Antigonio.*

Gema — É a mesma que Santa Marinha.

Genadio—Era do Minho.

Genebra— Vide *Quiteria.*—Quando seu pae, a quem as nove filhas foram apresentadas na cidade de Tuy, lhes perguntou quem eram seus paes, e onde haviam nascido, respondeu Genebra resolutamente que eram suas filhas e de sua mulher e nascidas na cidade de Braga, e como Caio tentasse todos os meios brandos e asperos para as fazer abjurar o Christianismo, ellas fugiram, seguindo caminhos diversos, com receio de lhes faltar o animo, e não poderem resistir ás lagrimas da mãe e aos rogos do pae. Vol. 1.º, Braga, pag. 442, e vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Gens—Era natural de Lisboa, e costumava pregar e ensinar a doutrina aos christãos sobre uma cadeira de pedra, chegando a ser bispo de Lisboa, e sendo martyrisado pelos romanos no sitio onde hoje está a ermida do monte á Graça. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 219, 228 e 267.

Geraldo—Arcebispo de Braga. Era natural de Cantuaria, foi frade de grandes virtudes, e nomeado visitador das casas religiosas, prestou grandes serviços e operou importantes reformas. Sendo obrigado a acceitar o arcebispado contra a sua vontade, foi a Roma, onde o papa Paschoal o recebeu muito bem, e assistindo ao Synodo de Palencia, prometteram-lhe obediencia os bispos suffraganeos á egreja de Braga. Era denominado o arcebispo santo, apesar do seu rigor contra os peccadores contumazes e escandalosos, como succedeu com o fidalgo Egas Paes, o qual excommungou, e recusou dizer missa na egreja de Guimarães, pelo vêr n'ella, apesar de estar já paramentado e da presença do conde D. Henrique e de sua mulher D. Theresa, o que deu causa a reconciliar-se o fidalgo com a egreja e emendar-se. Estando enfermo emprehendeu a visita da sua diocese, indo morrer a Bornes em Traz-os-Montes, donde o seu corpo foi transportado para a egreja de S. Nicolau de Braga, por elle mandada edificar, o que teve logar em 1117. Vol. 1.º, Braga, pag. 441 e 451; vol. 3.º, Guimarães, pag. 353; vol. 5.º, Mosteiro, pag. 559, e Moure, pag. 577.

Germana—Vide *Quiteria*, vol. 1.º, Braga, pag, 442; vol. 7.º, Pombeiro, pag, 158.

Germana—Vide *Casta*.

Geronico—Vide *Casta*.

Gil—Natural de Vouzella, no bispado de Vizeu, e hoje cabeça de comarca, filho de D. Thereza e de seu marido D. Rodrigo, do conselho de D. Sancho, vedor da sua casa e corregedor de Coimbra. Quando mancebo estudou medicina, e foi mandado a Paris, onde se graduou n'esta faculdade com grande applauso. Deu-se á nigromancia, mas tocado da graça divina entrou em um convento em Paleria na Hespanha, e passado o noviciado voltou a Portugal, sendo frade em Santarem e Coimbra, e n'esta ultima prior e em Coruche, doutorando-se em theologia, e sendo provincial em Hespanha. Foi tal a sua conversão e santidade, que a cada passo ficava em extasis, e fazia milagres. Falleceu em 14 de maio de 1265, em dia d'Ascenção. (Vide *Santarem*.)

Godinho—Arcebispo de Braga, successor de D. João Peculiar, por acclamação do Cabido, sendo sagrado em Roma por mão do papa Calixto IV; e indo d'alli a Jerusalem, regressou em 1175, no reinado de D. Affonso Henriques, á sua Sé, que governou por treze annos com grande sabedoria. Havia vestido sobrepeliz no convento dos Cruzios de S. Salvador do Banho, entre Barcellos e Espozende, onde foi prior.

Gonçalo d'Amarante — Nasceu em S. Salvador de Togilde, junto do rio Vizella, de familia nobre, e deu logo em creança signaes de santidade. Ordenado, foi creado abbade de S. Paio de Riba Vizella, e distribuia pelos pobres todos os seus rendimentos, guardando perpetua virgindade. Fez ordenar um sobrinho, a quem entregou a parochia, e andou 14 annos visitando Roma, Jerusalem e os logares santos, o que deu logar a que o sobrinho fizesse provas falsas da sua morte e obtivesse a Abbadia, dando-se então á vaidade e á luxuria. Voltando o tio, foi pedir-lhe esmola, mas este espancou-o, atiçou-lhe os cães, e recusou entregar-lhe o beneficio. Entrou então no mosteiro de S. Domingos de Guimarães, e a poder de sacrificios e prodigios, conseguiu fazer uma capella e a magestosa ponte de Amarante, enchendo de beneficios e esmolas aquelles povos. Foi-lhe revelado com antecipação o dia do seu passamento, e jaz sepultado na egreja do seu nome em Amarante, sendo beatificado por Pio IV—Vol. 1.º, Amarante, pag. 188, e Arrifana pag. 238 QQ. vol. 3.º, Guimarães pag. 359.

Gonçalo—Bispo de Coimbra, governou esta diocese no seculo x durante a dominação mahometana. Renunciou álfim a sua dignidade e foi encerrar-se no mosteiro de Santo Estevam de Ribas de Sil, na Galliza, onde acabou a vida santamente.

Gonçalo—Nascido em Chaves; teve no seculo o nome de Gonçalo Morinho e entrou no mosteiro benedictino de Santo Thyrso de Riba d'Ave, e em breve foi eleito abbade. Morreu gelado na serra do Gerez, quando recolhia do Cella Nova, da Galliza—vol. 7.º Pitões, pag. 106 e 107.

Gonçalo Dias—Era da provincia do Minho.

Gonçalo Garcia—Filho de pae portuguez, e natural de Bacim na India. Foi leigo na ordem de S. Francisco, e depois crucificado no Japão com 25 companheiros. Foi beatificado por Urbano 8.º

Gonçalo Henriques—Vide Ignacio de Azevedo.

Gonçalo de Lagos—Natural d'esta cidade, nascido pelos annos de 1378, tomou o habito de eremita de Santo Agostinho em 1358 e foi grande prégador. Morreu em Torres Vedras em 15 de outubro de 1422 e foi canonisado pelo papa Pio VI em 1780, e jaz no dito convento.

Gorgonio—Sendo natural de Niceia, na Betinia, veio ser martyr ao territorio hoje portuguez na cidade de Britonia, proximidades de Ponte do Lima, juntamente com outros; vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Graciliano—Recebeu o baptismo da mão do padre Euticio, e dando vista á cega Santa Felicissima, a converteu. Sendo ambos prezos á ordem do perfeito do imperador Alexandre, foram degolados em Alcacer do Sal.

Gregorio—Não era Portuguez, mas foi martyrisado em Britonia, terra de Portugal, na perseguição de Diocleciano, juntamente com outros, em 264.

Gualter—Era frade franciscano, o qual com um companheiro vieram assistir para uma pobre casinha no cimo da serra de Villa Verde, e d'alli passaram para Guimarães para o hospital da Torre Velha, depois convertido em convento. Este santo, sendo canonisado, tinha capella propria no convento, em cujo altar estão suas reliquias. Vol. 3.º, Guimarães. pag. 359.

Herachio—Foi martyrisado na perseguição de Nero, querendo uns que fossse em Britonia, e outros em Padua, quando ia de viagem para Cesarea da Capadocia.

Heradio—É o mesmo que o antecedente.

Hermogio—Era da provincia da Beira.

Herodes—Vide *Antigonio.*

Ignacio—Natural d'Evora, tio de S. Celerino, foi martyr; vol. 3.º, Evora, pag. 108.

Ignacio d'Azevedo Barbosa—Natural do Porto, da casa de Azevedo e Barbosa, que procede do conde D. Sancho Nunes de Barbosa e de sua mulher, a infanta D. Thereza Henriques, filha do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza; embarcou em a náu S. Thiago para o Brasil, em missão por ordem de S. Francisco de Borja em 1570, com 39 companheiros, 8 hespanhoes e 31 portuguezes, sendo tres d'estes Gaspar Alvares, Gonçalo Henriques e Antonio Correia, e chegando á altura das Canarias junto á Ilha de Palma, encontraram o corsario francez calvinista, Soria, que só por odio á religião os lançou ao mar, fazendo-os perecer. Vol. 1.º, Braga, pag. 436.

Irene—É o mesmo que *Iria.*

Iria, Irene, Eria *ou* Eyria—São nomes que designam a mesma santa, a qual foi virgem e martyr, e tudo o que respeita á lenda d'esta santa e suas variantes vem em Nabancia, vol. 6.º, pag. 6 e seguintes; vol. 8.º, Reguengo, pag. 112 e Ribeira de Santarem, pag. 183.

Iria—Era irmã de S. Damaso, a quem acompanhou a Roma no 4.º seculo, brilhando ahi pelas suas virtudes e santidade em uma clausura. Morreu virgem aos 20 annos, e seu irmão mandou gravar-lhe um epitaphio na campa, no qual se encommenda a ella. Vol. 1.º, Braga, pag. 443.

Isabel—Nascida em 1271, teve por paes os reis de Aragão, D. Pedro e D. Constança, e por avô D. Jayme, e aos 8 annos já resava o officio divino, e dava tudo aos pobres. Casou com D. Diniz, rei de Portugal, para onde veiu transportada com grande pompa. Teve por filhos D. Constança, que casou com D. Fernando de Castella, e D. Affonso, depois rei. A sua caridade, paciencia, devoção e piedade, bem como as penitencias eram notaveis. Harmonisou seu marido com seu filho, que trouxe á obediencia de seu pae e fez que este harmonisasse D. Jayme e D. Fernando, rei de Castella. Morto D. Diniz (que bastante lhe fez soffrer), cortou os cabellos, despiu as vestes reaes, e foi a S. Thiago de Galliza, d'onde voltou com o bordão de peregrina, indo depois morrer a Estremoz, onde estava o rei, sendo depois conduzido seu corpo para o mosteiro de Santa Clara em Coimbra, na qual cidade especialmente, e em todo o reino é muito reveren-

ciada e popular, e tanto assim que foi geral a indignação, quando alguem quiz diminuir a devoção por ella!... Foi canonisada pelo papa Leão X, em 26 de março de 1612. Sendo aberto o caixão, achou-se o corpo incorrupto, e junto d'elle o seu bordão de peregrina e a bolsa das esmolas, que costumava repartir com mão larga pelos pobres. É a 17.ª avó do sr. D. Luiz I. Vol. 1.º, Beja, pag. 363 e Arrifana, pag. 238 RR; vol. 2.º, Campo Grande, pag. 67 e Coimbra, pag. 328 e seguintes, e Dornes, pag. 480; vol. 3.º, Guarda, pag. 335, e Estremoz, pag. 82; vol. 5.º, Mondego, pag. 395; Monte-Mór, pag. 513; Monte Real, pag. 529 e Moura, pag. 571; vol. 6.º, Palmeiros, pag. 431; vol. 7.º, Pontével, pag. 187; vol. 8.º. Roca-Amador, pag. 215.

Isidóro — Foi martyrisado em Cordova, juntamente com Santo Elias e S. Paulo, em 17 d'Abril de 856, imperando Mahomet, filho do califa Abederraman.

Januario—Vide *Casta.*

Januario—Vide *Antigonio.*

Januario—Bispo de Salaria, que alguns entendem ser Alcacer do Sal, foi martyrisado na perseguição de Diocleciano em 16 de abril de 306 em Heracleia, sendo decapitado e mais tres companheiros, por se recusarem a adorar os idolos e entregar os livros sagrados. Havia assistido ao concilio Eliberitano.

Jeronimo da Cruz—Era da provincia da Estremadura.

Joanna—Foi filha de D. Affonso V, a qual professou no mosteiro de Jesus de Aveiro, ahi viveu, morreu e jaz sepultada. Foi beatificada em 4 de abril de 1693, e os aveirenses teem por ella grande devoção. Vol 1.º, Aveiro, pag. 266, e Belver, pag. 376; vol. 3.º, Eixo, pag. 11.

João de Bragança — Nasceu n'esta cidade, juntamente com seu irmão Paulo, e indo ambos para Roma com seu parente Galliano, que pertencia à corte do imperador Constantino, tiveram grande valimento com este, e fizeram a campanha contra os scytas. Juliano apostata os mandou martyrisar por Terenciano, em 354. No tempo do imperador Joviniano foram encontradas suas reliquias, que se conservam em Roma em um templo no monte Celio. Vol. 1.º, Bragança, pag. 485.[1]

João de Britto—Nasceu na freguezia de Santo André, da cidade de Lisboa, entrou na ordem dos jesuitas, e foi martyr nas missões de Maduré, no Indostão.

João de Coimbra—Era natural d'esta cidade, e foi martyrisado em Verride, perto d'ella, juntamente com S. Domingos, pelos mouros, em 9 de janeiro de um anno que se ignora.

[1] Seguramente o nome de João é o que tem mais individuos canonisados ou beatificados. Achamos curioso dar aqui a lista dos que nos lembram, além dos portuguezes mencionados no texto, e, apesar de muitos, presumimos que alguns nos escapariam.

João—Abbade de Constantinopla.
João Baptista — Precursor de Jesus Christo.
João Baptista — Fundador dos trinos descalços.
João Baptista Rossi—Conego, beatificado por Pio IX.
João—Bispo, augustodonense.
João—Bispo, bergominense.
João—Bispo, eboracense, na Inglaterra
João — Bispo, Neopolitano, na Campania.
João—Bispo, martyr em Roma.
João—Bispo, martyr na Persia, no reinado de Sapor.
João—Bispo de Pavia.
João—Bispo de Ravena.
João—Bispo de Verona.
João Bom—Abbade.
João Bom—Bispo de Milão.
João Calybita.
João Cancio.
João Capristano.
João Cego—Martyr nas minas.
João Chrysostomo—Doutor da egreja e bispo de Constantinopla.
João Climaco—Abbade.
João da Cruz—Conego.
João de Colonia—Dominicano, martyr.
João Columbano—Jesuita.
João Damasceno.
João Dormente—Um dos sete dormentes.
João Dominici—Cardeal.
João Dukla—Franciscano.
João Egypcio—Martyr.
João Eremita—Martyr na Polonia.
João Eremita—Do Egypto.
João Esmoler.
João Etiope—Martyr.
João Evangelista—Um dos discipulos de Jesus Christo.

João de Deus—Nascido em Monte Mór o Novo, foi pastor de gado, depois militar, depois outra vez pastor, e mais tarde vendedor de livros. Fundou a religião do seu nome, que S. Pio V approvou em 1571, e estabeleceu em Granada, na Andaluzia, o seu hospicio para enfermos entrevados. Urbano VIII o beatificou em 23 de setembro de 1630, estando relacionado no numero dos santos. Vol. 5.º, Monte Mór o Novo, pag. 494, 501 e seguintes.

João de S. Fagundo—Agostiniano.
João Francisco Regis—Jesuita.
João Gualberto—Abbade.
João José da Cruz—Franciscano.
João Lucio.
João Marinonio.
João da Matta.
João—Martyr na Via Portuense.
João—Martyr com seu pae, o tribuno S. Marcellino, mãe e irmãos.
João—Um dos martyres do Japão, ultimamente canonisados.
João—Martyr em Nicomedia.
João—Martyr, filho do martyr S. Marciano.
João—Martyr em Africa, com Santo André e outros.
João—Martyr em Cordova, sob o dominio dos arabes.
João—Martyr em Africa com S. Claudio e outros.
João—Martyr com S. Festo, na Toscana.
João—Um dos 40 martyres de Sebasto, no tempo de Licinio.
João—Martyr no tempo de Diocleciano.
João—Martyr em Carthago.
João—Martyr no Ponto.
João—Martyr, filho de Santa Rufina.
João—Martyr em Africa.
João—Martyr tambem em Africa.
João—Monge em Roma.
João—Monge da Syria.
João Nepomuceno—Presbytero, martyr por guardar sigillo.
João I—Papa e martyr.
João II—Papa.
João de Parma—Franciscano.
João—Irmão de S. Paulo, martyr.
João Penna—Franciscano.
João Pennense—Bispo.
João de Perugia—Martyr.
João do Prado—Franciscano, martyr.
João—Presbytero, no governo de Juliano apostata.
João—Presbytero, martyr com S. Crispo, imperando Diocleciano.
João—Presbytero de Rems.
João—Presbytero Reomarense.
João Silenciario.
João Thaumaturgo—Bispo na Asia, no tempo de Leão Isaurico.
João Thoreste—Monge na Calabria.
João Turonense—Presbytero e confessor.

João Godo—Era da Estremadura.

João Guarino—Era do Alemtejo. Vide *Santarem*.

João de Lima—A que se dá este nome, por ter sido eremita em um sitio muito elevado junto do rio d'este nome, sendo um ramo da serra de Labruja. Vol. 4.º, Lima, pag. 95.

João Marcos — O corpo d'este santo acha-se hoje no centro da egreja de S. Marcos em Braga, para onde foi trasladado do tumulo antigo em 27 d'Abril de 1718; e o seu primeiro tumulo tambem está no altar-mór, do lado do Evangelho. Foi bispo de Braga e martyr. Vol. 1.º, Braga, pag. 440.

João do Porto—Era natural d'esta cidade.

Jordão — Irmão de Santa Comba e de Santa Anominata, soffreu o martyrio na perseguição de Diocleciano. Foi bispo de Evora, e tambem se venera na egreja parochial dos Anjos, em Lisboa. Vol. 5.º, Mertola, pag. 193.

Julia—Irmã de S. Verissimo e Santa Maxima, naturaes de Lisboa. Estando os romanos senhores d'esta cidade, e ameaçando os christãos que não apostatassem, foram os tres irmãos apresentar-se voluntariamente ao juiz e confessar sua fé. Esgotados os meios brandos para os obrigar ao culto dos idolos, passou aos de rigor, indo augmentando os tormentos gradualmente até aos mais crueis, e como a tudo resistissem com admiravel firmeza, foram degolados, ficando seus corpos insepultos, e como os animaes lhes não tocassem, foram lançados ao mar, atados a grandes pedras, para os christãos lhes não colherem as reliquias, o que não obstou a que viessem a terra, sendo sepultados pelos fieis junto da praia, onde mais tarde lhes foi edificada uma egreja, sendo trasladados para logar mais decente no tempo de D. João II. Vol. 2.º, Calvello, pag. 49; vol. 4.º, Lisboa, pag. 218, 238 e 400; vol. 6.º, Pampulha, pag. 442.

Julião—Natural da antiga cidade de Arucitana, foi martyrisado com 27 companheiros no dia 27 de janeiro de 95, governando Domiciano. Vol. 3.º, S. Jorge d'Arcos, pag. 419; vol. 5.º, Moura, pag. 569.

Julio—Vide *Apodencio.*

Julio—Foi martyrisado em Carthago, na Africa. Vide *Casta.*

Largo—Foi martyrisado com outros na perseguição de Nero, querendo uns que fosse em Britonia, e outros em Padua, quando iam de viagem para Cezareia, na Capadocia.

Laurentim—Tio de S. Celerino, foi martyr. Vol. 3.º, Evora, pag. 108.

Leonardo—Era pastor na serra de Santa Comba, e foi morto pelo mouro Orelhão, no sitio que tem o nome de S. Leonardo. Vol. 4.º, Lamas de Orelhão, pag. 31.

Leoncio—Arcebispo de Braga, de origem oriental; tendo assistido ao concilio de Niceia, d'onde voltava para a sua diocese, falleceu em Guimarães a 19 de Março de 325.

Liberata—Tambem chamada Wilgeforte. Vide *Quiteria.* Vol. 1.º, Braga, pag. 442 e vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Lourenço Mendes—Illustre por nascimento, viveu no seculo XIII, entregando-se aos prazeres mundanos, até que tocado da graça, entrou na ordem de S. Domingos, residindo no seu convento de Guimarães, onde se finou santamente em 27 de janeiro de 1280, sendo sepultado na capella de S. Thomaz. Vol. 5.º, Monte-junto, pag. 480.

Lucas—O mesmo que S. Lucio.

Lucencio—Abbade e depois bispo, mandado por S. Bento com 11 monges fundar o convento de Lorvão, no 6.º seculo, o qual no seculo XIII passou a ser de freiras. Foi elle o seu primeiro abbade, sendo depois nomeado bispo de Coimbra, onde concorreu para a extincção da heresia ariana.

Lucio—Soffreu na persegnição de Nero o martyrio com outros companheiros. Vol. 1.º, Britonia, pag. 494.

Luciolo—Vide *Antigonio.*

Lupercio—Vide *Apodencio.*

Luperco—É o mesmo que Lupercio.

Mafalda—Era filha de D. Sancho I, rei de Portugal, e desposou D. Henrique I de Castella, com quem não chegou a juntar-se, porque o papa declarou nullo o seu matrimonio, por serem parentes em grau prohibido, e voltando donzella para Portugal, foi habitar o convento de Arouca, professando na presença dos bispos do Porto e Lamego. Indo em romaria á Senhora da Silva, falleceu em Rio Tinto a 2 de maio de 1250 e o seu corpo jaz no dito convento, objecto de summa veneração. Tinha nascido em Coimbra em 1195, e esteve algum tempo em Lorvão e Coimbra com suas irmãs Santa Thereza e Santa Sancha. Outros dizem que morreu no Porto, e que sendo seu corpo posto em uma mula, sem a guiarem veio ter a Arouca. Foi beatificada por Pio VI. Vide *Historia ecclesiastica da cidade* e *bispado de Lamego*, editada em 1878, pag. 222. Vol 1.º, Arouca, pag. 238; vol. 3.º, Freita, pag. 230; vol. 2.º, Costa, pag. 410; vol. 5.º, Moldes, pag. 366; vol. 7.º, Porto, pag. 403 e 522, e vol. 8.º, Rio Tinto, pag. 212, Rossas, pag. 215.

Mancio—Bispo d'Evora. Diz a lenda que foi um dos discipulos de Jesus Christo, assistindo á ceia. Vendo-o morto na cruz e depois resuscitado, vendo-o subir aos céus e estando no Cenaculo. Veio prégando a palavra de Deus desde as Gallias até Evora, onde foi preso, no logar chamado Castra-Molina, e apresentado ao presidente Validio, e como recusasse sacrificar aos idolos, soffreu com admiravel resignação todos os tormentos até expirar em 21 de maio do anno de 106. Seculos depois foi seu corpo achado incorrupto e mettido em um sepulchro de marmore, em uma herdade do conde Juliano e da matrona Julia, que alli mandaram edificar uma egreja e uma torre em sua honra. Vol. 3.º, Evora, pag. 108.

Manços—É o mesmo que S. Mancio. Vol. 3,º, Evora, pag. 108; vol. 4.º, Lisboa, pag. 218 e 267.

Mandalo—Vide *Agathon.*

Marcia—É a mesma que Santa Marciana.

Marcial—Era da provincia do Minho.

Marciana—Vide *Santa Quiteria.*

Marcilla—Vide *Apodencio.*

Margarida—É o mesmo que Marinha.

Margarida Fernandes—Era da provincia do Alemtejo.

Marianna—É o mesmo que Marciana.

Marina—Era transmontana.

Marinha—Virgem, defendeu sua pureza contra o presidente da provincia Olibrijo, que por ella concebera fogosa paixão, pelo que foi condemnada ao fogo, e depois a outros tormentos, sendo alfim degolada, e dando a sua cabeça tres saltos, como a de S. Paulo. Vide *Santa Quiteria*. Vol. 1.º, Braga, pag. 445; vol. 2.º, Costa, pag. 410; vol. 7.º, Pombeiro, pag. 158.

Marinha—Nasceu na villa do Mogadouro, e foi viver n'um sitio agreste e solitario proximo da cidade de Salamanca, fazendo vida santissima; e por sua morte alli se fundou um convento de frades menores, onde jaz o seu cadaver, fazendo-se-lhe uma festa a 4 de maio. Vol. 5.º, Mogadouro, pag. 356.

Marino—Natural de Lisboa e de familia illustre, foi á Africa combater os erros dos arianos e donatistas. Estava em Cesareia, cidade da Mauritania, quando Juliano apostata lhe mandou cortar a cabeça, por se recusar a negar a divindade de Jesus Christo.

Martinha—É o mesmo que Marinha. Vide *Santa Quiteria*.

Martinho—Vide *Antigonio*.

Martinho—Foi prior de Soure e filho de Ayres Manuel e de Argira, tendo sido educado no convento de Santa Cruz de Coimbra, onde depois professou. Foi levado captivo pelos mouros para Santarem, d'alli para Evora, d'alli para Sevilha, e d'alli para Cordova. Vol. 5.º, Marnel, pag. 90.

Martinho de Dume—Era hungaro, e veio a Hespanha converter os reis suevos, que eram ariannos, o que conseguiu, convertendo depois a corte, e o povo. Foi bispo de Dume e depois de Braga, onde governou 20 annos, sempre coberto de cilicios. Tinha visitado os logares santos, e havendo Ajax propagado o arianismo na Hespanha, coadjuvado pelo rei Theodomiro, foi então que fez a conversão supra, tendo curado por milagre o filho do rei, que erigiu um mosteiro da ordem cisterciense, em que o santo foi abbade. Sendo ainda bispo de Dume, celebrou-se o primeiro concilio bracharense, a que assistiu, e sendo já bispo de Braga convocou o segundo, composto de 22 bispos, onde se confirmou o primeiro, que havia condemnado a heresia Presciliana.

Matrona—Virgem e martyr, filha de Remismundo, rei dos suevos, foi martyrisada com doze companheiros em 545. Vol. 1.º, Braga, pag. 442.

Maxima—Vide *Julia*.

Maximo—Foi bispo de Britonia. Vol. 1.º, Britonia, pag. 494.

Mendo—Era da provincia da Beira.

Narciso—Arcebispo de Braga. Era natural de Santarem, converteu Santa Afra e suas creadas, prégou o evangelho em Allemanha, e foi martyrisado em Gerona na Hespanha, na perseguição de Aureliano, em 227.

Narciso—Tambem foi martyr.

Neutel—É o mesmo que Eleuterio.

Odoario—Tendo D. Affonso, o Casto, retomado em 792 a cidade de Braga, que havia sido conquistada e saqueada por Omar em 762, encarregou o seu governo a este santo, então bispo de Lugo, que reedificou o templo e a cidade, até que falleceu em 15 de maio de 810.

Odon—É o mesmo que Adon ou Eudon. Vol. 4.º, Lima, pag. 95.

Olimpio—Era contemporaneo de S. Gregorio Nazianzeno, varão de muita sciencia e virtudes, e que foi arcebispo de Toledo, tendo todavia nascido em Lisboa, e sendo martyrisado na Thracia, em 12 de junho. Vol. 4.º, Lisboa, pag. 305.

Optato—Vide *Apodencio*.

Orencio—Vide *Agathon*.

Orencio—Vide *Aquilina*.

Ovidio—Arcebispo de Braga, baptisou Santa Marinha e irmãs. Foi cidadão romano, amigo de Seneca e de Maximo Ceronio, a quem acompanhou no desterro, e Marcial lhe dedicou alguns epigrammas. Convertido ao Christianismo, foi enviado por S. Clemente á Hespanha, onde foi bispo de Tuy, e depois arcebispo de Braga, achando-se na sé d'esta cidade o seu tumulo. Vol. 2.º, Costa, pag. 410.

Paio—Natural de Coimbra, da ordem dos dominicos, cujo habito recebeu das mãos do veneravel frei Soeiro Gomes, e foi primeiro prior do mosteiro que de Monte-Junto foi mudado para Santarem, e cujas

ruinas ainda hoje existem. Teve uma vida exemplar, e foi grande orador sagrado. Vol. 5.º, Molledo, pag. 372, e Monte-Junto, pag. 480. Vide *Santarem*.

Paio—Viveu no reinado do rei suevo Theodomiro, sendo sobrinho de Hermogio, bispo de Tuy e de Nauste, bispo de Coimbra, e foi martyrisado em Cordova. Não se sabe ao certo em que freguezia nasceu, e como a Homero varias freguezias disputam essa honra, e taes são Cunha, pretendendo que seja oriundo da familia dos Cunhas—Labruja, e Mollêdo, todas ellas da provincia do Minho. Vol. 2º, Cunha, pag. 458; vol. 4.º, Labruja, pag. 7, e vol. 5.º, Molledo, pag. 372.

Paschasio—Foi discipulo de S. Martinho de Dume e conego de Cedofeita. Vol. 5.º, S. Martinho de Cedofeita, pag. 104.

Paterno—Foi arcebispo de Braga, successor de Pancracio, e antecessor de Balconio, celebrou um concilio provincial em Braga, a que assistiram os bispos de Agueda, Coimbra, Idanha, Porto, Lugo, Merida, Lamego, Iria e Numancia, no qual se ordenou, que cada um na sua diocese fizesse occultar as sagradas imagens em sitios de que ficasse memoria, para se encontrarem a todo o tempo. Vol. 6.º, Oliveira, pag. 257.

Paulo d'Azevedo—Religioso Franciscano, natural do Porto, converteu muitos gentios na ilha de Santa Cruz e outras partes da America, e foi martyrisado em Colican, na Asia, sendo achado depois o seu corpo incorrupto, e respeitado pelas aves e animaes e em seguida sepultado. Vol. 7.º, Porto, pag. 299.

Paulo de Bragança—Vide *S. João de Bragança*.

Paulo—Vide *Casta*.

Paulo—Vide *Santo Isidoro*.

Pedro Baptista—Missionando no Japão no tempo de Filippe II, o imperador Taiconsana, assustado das muitas conversões, o fez morrer com mais 23 companheiros, incluindo dous meninos e o japonez Mathias, o que teve logar em 5 de Fevereiro de 1597, sendo beatificado pelo papa Urbano VIII em 14 de setembro de 1627.

Pedro da Guarda—Era da provincia da Beira.

Pedro, Bispo de Lisboa—Foi o 4.º bispo da mesma cidade no anno de 166.

Pedro de Rates—Arcebispo de Braga, tinha sido ordenado bispo pelo apostolo S. Thiago, e prégando o Evangelho e curando de lepra a filha do rei por milagre, baptisou-a e á rainha. Irritado o rei deu ordem para a morte do santo, e sendo alcançado no logar de Rates, a 4 leguas de Braga, foi traspassado á espada na egreja, defronte do altar. Está hoje na sé de Braga, sendo trasladado pelo arcebispo D. Balthazar Limpo em 1552. Vol. 1.º Braga, pag. 434 e seguintes. Vol. 2.º Coimbra, pag. 318. Vol. 5.º Miragaia, pag. 244. Vol. 7.º Porto, pag. 463, e Vol. 8.º pag. 55.

Pedro d'Alcantara—Foi um santo penitente que habitou a serra de Cezimbra. Vol. 2.º Cezimbra, pag. 263.

Pedro Negles—Era da Extremadura.

Pedro Fernandes—Professo no convento de Nossa Senhora das Neves de Alemquer, da qual passou para Santarem, onde foi mestre de theologia, florescendo em Santidade e sciencia, sendo assim transferido para Samora, onde falleceu a 22 de junho de 1255. D'elle foi amigo e chronista S. Frei Gil.

Pelagia—Nasceu em Bragança, sendo martyrisada a 23 de março do anno de 300, imperando Diocleciano, vol. 1.º Bragança, pag. 485.

Pelagio—É o mesmo que Paio.

Pia—Vide Casta.

Placido—Em 11 de outubro de 66 foi martyrisado em Lisboa com S. Gens e Santo Anastacio. Vol. 4.º Lisboa, pag. 228.

Polycarpo—Foi arcebispo de Braga e martyrisado em 26 de janeiro de 130.

Potamio—Bispo de Braga, assistiu ao 8.º concilio de Toledo em 652 e ao 10.º em 656. Tendo commettido um peccado de impureza, foi tal o seu arrependimento, que se privou a si mesmo da dignidade episcopal, e apresentando-se ao concilio de Toledo, confessou a sua culpa, e exigiu que este o depuzesse, o que a muito custo conseguiu, sendo substituido por S. Fructuoso, e passando o resto da vida nas mais acerbas penitencias.

Primitivo — Vide Apodencio.

Primitivo — Foi martyrisado em Britonia no tempo de Nero, no anno de 66, com outros companheiros. Vol. 1.º Britonia, pag, 495.

Prisso — Vide Agathon.

Profuturo — Fundou o 1.º convento de conegos regrantes de Santo Agostinho na Sé de Braga, pelos annos de 490 ou 500, sendo arcebispo d'esta cidade e discipulo de Santo Agostinho, vol. 4.º Lusitania, pag. 487.

Provilengo — É o mesmo que Trovilengo.

Publio — Vide Apodencio.

Quintiliano — Vide Apodencio.

Quinto — Vide Antigonio.

Quiriolo — Vide Antigonio.

Quiteria — Alemtejana, foi martyrisada em Montemór-o-Novo, sendo precipitada em um pégo com uma mó de moinho, e foi erigida em padroeira d'esta villa. Vol. 5.º Montemór-o-Novo, pag. 499 e 501.

Quiteria — Ella e suas irmãs Genebra, Eufemia, Victoria, Mariana ou Marciana, Germana, Marinha, Basilia e Liberata, ou Wilgeforte, eram filhas de um só parto de Calcia e seu marido Lucio Caio Atilio, o qual as mandou affogar, e vindo á noticia de Santo Ovidio, arcebispo de Braga, as baptisou e mandou crear e instruir occultamente. Todas foram virgens, e sendo levadas á presença de seu pae, que as não conhecia, dizendo serem suas filhas e christãs, não quiz reconhecel-as, o que todavia fez sua mãe, que as livrou dos tormentos a que seu pae as condemnava por serem christãs. Mais tarde todas morreram martyres, e o martyrio de Santa Quiteria foi em 130, ou fosse junto de Coimbra ou junto de Montemór-o-Novo (no que ha divergencia de opiniões), perecendo ás mãos de um mancebo que a requestava para casar, e que ella repelliu por ter feito voto de castidade

Raymundo — Era da villa de Medelim, na Beira Baixa e pastor de gado, que morreu em 5 de abril do anno 900, Vol. 5.º Medelim pag. 154.

Receswinto—Era da provincia do Minho.

Remisol — Bispo de Vizeu no tempo dos suevos. Como se oppozesse á heresia de Ario, o rei Leovigildo o depoz e desterrou, morrendo no exilio, cheio de dôr por se ver substituido por um intruso.

Restituto — Era cidadão romano, amigo de Juvenal e Marcial, o qual tendo-se convertido, e vindo prégar a fé christã á Hespanha, juntamente com S. Chrispulo, no imperio de Nero, foram martyrisados em Aguas Celenas, na Lusitania. Vol. 1.º Aguas Celenas, pag. 32, vol. 2.º Fão pag. 138.

Revocata — Foi martyrisada pelos mauritanos, em Vianna do Minho, em 260. Vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Rodesendo — É o mesmo que Rosendo.

Rolando — Foi um dos enviados por S. Bernardo a Portugal, e um dos fundadores do mosteiro de S. João de Tarouca, proximo a Mondim da Beira, e ahi teve morte santa em 26 de maio de 1180.

Romão — Nasceu em França e morreu em Portugal em um mosteiro por elle fundado. A sua cabeça está na egreja matriz de Pauoias do Alemtejo, guardada em um relicario de prata, e o corpo na capella de S. Romão. Vol. 6.º Ourique, pag. 341, e Panoias pag. 443.

Romeu — Era eremita, e os seus ossos estão no convento de Santa Maria de Refoios, sendo opinião commum que falleceu em 11 de Abril de 1446.

Romulo — Era da provincia da Extremadura e foi martyrisado com 86 companheiros.

Rosendo *ou* **Rodesendo** — Era neto de Hermenegildo, conde da cidade do Porto, e foi senhor de quasi toda a terra de Entre Douro e Minho, grande guerreiro contra os mouros e capitão general de seu parente o rei D. Affonso Magno. Foi filho de D. Gotherre Arias e Ilduara ou Aldara, illustre senhora portugueza, muito religiosa, residente na villa de Sallas ao pé de Monte Corvo, e irmão de Santa Adosinda. Sua mãe, sendo esteril, pediu fervorosamente a Deus um filho, o qual lhe concedeu Rosendo em 26 de novembro de 907. Este, desprezando jogos pueris, deu-se logo aos exercicios de piedáde, e ordenou-se aos 28 annos, sendo

elevado a prior de Caveiro na diocese de Compostella, e depois successivamente a bispo de Mondonhedo, de Compostella e de Dume. Fundou o mosteiro de Cella Nova, junto ao Rio Lima, onde acabou seus dias no 1.º de março de 967, por ter renunciado ao bispado, e jaz na capella de S. João Baptista do dito mosteiro. Foi beatificado por Alexandre III, contando-se d'elle muitos milagres. Vol. 3.º S. Fins, pag. 199, e Freixo de Espada á Cinta, pag. 234, vol. 5.º, Monte Cordova, pag. 471, vol. 7.º, Porto, pag. 516.

Sabina — Vid. Cristetta e Vicente.

Salvador — Era natural de Panoias de Traz-os-Montes, o qual fundou um grande mosteiro benedictino a 10 kilometros de Mertola em 630. Vol. 5.º Mertola, pag. 192.

Sancha — Filha de D. Sancho I e da rainha D. Dulce, não quiz casar, nem ainda com S. Fernando, rei de Hespanha, que a pretendia. Teve a honra de receber em seus paços de Alemquer os Santos Martyres de Marrocos; e fundando um mosteiro da ordem de Cister, em Cellas de Coimbra, ahi professou e viveu entregue á penitencia. Sua irmã Santa Thereza, professa em Lorvão, assistiu-lhe á morte em 13 de março de 1229, e transportou-lhe o cadaver para aquelle convento. Innocencio XII auctorisou o seu culto e Clemente XI a beatificou por decreto de 13 de setembro de 1704, e por outro de 13 de setembro de 1709 permittiu que se resasse das duas irmãs em todo o reino. Seu irmão D. Affonso havia-lhe disputado a villa de Alemquer, dada por seu pae, mas houve composição por intervenção do papa Innocencio III. Vol. 4.º Lisboa, pag. 383. Lorvão, pag. 442, vol. 5.º Montemór-o-Velho, pag. 509.

Saturnino
Saturnino
Saturnino
Saturnino
} Estes quatro santos foram martyrisados quando acompanhavam Santa Engracia.

Vide Engracia, e Apodencio.

Saturnino — Vide Casta.

Saturnino — Foi martyrisado na perseguição de Valeriano, em Vianna do Minho em 260.

Secundiano — Era da Extremadura.

Secundino — É o mesmo que Secundiano.

Senhorinha — Era filha de D. Ufo Ufes, da familia dos Sousas, hoje condes do Redondo, nascida em 924, em Basto, segundo uns e em Attei, segundo outros. Querendo seu pae casal-a com um principe da casa real de Leão, recusou-se, indo professar no mosteiro de Vieira, da ordem de S. Bento, onde era abbadessa sua tia D. Rodina, por morte da qual lhe succedeu no cargo, tendo aviso divino da sua morte, que teve logar em 22 de abril de 982, na edade de 58 annos. Vol. 1.º, Basto, pag. 347.

Seráfina — Natural de Monção, foi convertida pelo apostolo S. Thiago, e de gentia tornou-se ardente christã até á sua morte em 29 de julho do anno 75. Vol. 5.º Monsão, pag. 423.

Silvano — Bispo e martyr, portuguez, nasceu em 303, da familia dos Silvas, e foi morrer á Palestina, onde prégava, na perseguição de Maximiano.

Silvestre — Bispo de Braga e martyr, foi degolado na presença do proconsul Sergio, por haver confessado a sua fé, e ter sepultado o martyr S. Victor, junto do qual se lhe deu sepultura. Vol. 1.º Braga, pag. 442.

Sisnando — É o mesmo que Sizenando.

Sisnando — Bispo do Porto, combateu contra os mouros com grande valor, até que, querendo seguir vida mais penitente, deixou o regimen do bispado, no qual havia succedido a D. Nonego, e professou no convento de Villa Boa do Bispo, no Marco de Canavezes. Estando a dizer missa na capella de S. Salvador, em 1074, foi morto pelos sarracenos, quando já revestido com os habitos sagrados, e sendo sepultado na ermida, foi depois trasladado para o mosteiro, que hoje é propriedade particular, e ainda ahi se lê o seu epitaphio.

Sizenando — Viveu no seculo VIII, e foi o quarto bispo de Beja no tempo dos godos, vol. 1.º Beja. pag. 360.

Soeiro Gomes — Foi o primeiro fundador da ordem de S. Domingos n'este reino, e o primeiro provincial das provincias de Aragão, Castella e Portugal. Viveu alguns

amos com os mais religiosos na ermida de Nossa Senhora das Neves, e d'alli sahiam a prégar a religião pela Extremadura e Alemtejo. Dizem uns que falleceu em 1226, e outros em 1233. Vol. 3.º Guimarães, pag. 367 e vol. 5.º Monte-Junto pag. 479.

Successo — Vide Apodencio.

Sunesso — Vide Casta.

Suzanna — Vide Torquato.

Syla — Natural de Braga, é venerada em um convento da sua invocação, perto de Thomar sobre o rio Nabão. Serviu de parteira a Calcia, mãe de Santa Quiteria e das outras oito irmãs, a quem salvou da ordem barbara do pae, que as mandava affogar. Vol. 7.º Pombeiro pag. 158.

Thadeu — Era natural de Lisboa, prégou nas Canarias e passou á Barbaria, onde visitava os captivos e lhes administrava os sacramentos. Morreu na cidade de Tagaste, e alli se conserva o seu corpo, que até dos mouros attrahe a veneração e se lhe attribuem muitos milagres.

Teixelina — Natural de Fraxede, perto de Santa Combadão, na provincia da Beira, floresceu no tempo dos godos e sobre o seu tumulo foi edificada uma egreja, destruida depois pelos mouros. No convento de Lorvão conserva-se viva a sua memoria.

Theodofredo — Bispo de Vizeu. Vide Tionio.

Theodora — Virgem, foi martyrisada em Roma no anno de 132, sob o imperio de Adriano; o seu corpo veio para o convento de Santa Clara de Pinhel, em 1620, por virtude de um breve de Paulo V, que concedeu varias indulgencias aos visitantes da egreja do dito mosteiro no 1.º de abril, dia da sua festividade. Vol. 7.º Pinhel, pag. 86.

Theodoro — Viveu nos fins do seculo III e principios do IV, e tendo servido com valor nos exercitos imperiaes, retirou-se para um ermo, onde morreu no meio de asperas penitencias. Vol. 5.º Medelim, pag. 154.

Theodosia — Natural de Bragança, foi martyrisada a 23 de março de 300, sob o imperio de Diocleciano. Vol. 1.º Bragança, pag. 485.

Theofilo — Foi martyrisado no tempo de Valeriano, na cidade de Vianna, no anno de 260. Vol. 1.º Britonia, pag. 495.

Theotonio — Natural de Tuy, na Galliza, filho de Oveto e Eugenia, vindo a Coimbra recommendado a seu tio o bispo Cresconio, teve por mestre o arcediago Tello. Foi abbade da egreja de Vizeu, e nomeado prior da egreja de Coimbra, e sendo instado para acceitar a mitra d'esta cidade, entregou o priorado a seu companheiro Honorio, e fugiu para a Terra Santa. Voltando, foi impossivel resolvel-o a retomar o seu cargo, e menos acceitar a mitra, apesar dos rogos de D. Henrique e D. Thereza, que o tinham em grande estima, mas a quem elle não adulava, e tanto assim que estando um sabbado para dizer missa, e mandando-lhe D. Thereza recommendar por um pagem que a dissesse depressa, respondeu: — Dize á rainha que no ceu ha outra rainha melhor e mais nobre que ella, para a qual me preparei a celebrar este mysterio, e que ella póde esperar; senão que se vá embora. — D. Mafalda e D. Affonso Henriques vinham pedir a benção de joelhos a este santo, que nunca perdeu a pureza virginal, apesar de viver 80 annos, sendo-lhe annunciada a morte em visão celeste, assistindo o rei ás suas exequias. Foi elle que edificou o mosteiro de Santa Cruz, entrando para elle com 11 companheiros em 1132, sendo papa Innocencio II. Vol. 2.º Coimbra, pag. 326 e seguintes, vol. 3.º Ganfei, pag. 258. Alguns entendem que nasceu na Aldeia de Tardinhade, freguezia de Ganfei. Vide Tardinhade.

Thereza — Filha do rei D. Sancho I e da rainha D. Dulce, foi ternamente amada por seu avô D. Affonso Henriques. Casou com D. Affonso IX de Leão, mas annullado o casamento por Innocencio III, voltou a Portugal, professando no mosteiro de Lorvão, em 24 de dezembro de 1200. Sua virtude attingiu a maior perfeição, e finando-se em 17 de junho de 1250, foi beatificada por Clemente XI, e d'ella resa Portugal. Vide Santa Sancha, vol. 4.º Lisboa, pag. 383, Lorvão, pag. 442. Vol. 5.º Montemór-o-Velho, pag. 509.

Thereza — Era uma mulher pobre em teres e só opulenta em virtudes, mórmente na caridade. Entre outros milagres fez o seguinte. Tentando um ladrão invadir lhe a casa, e ficando-lhe a mão presa á chave, orou por elle e logo ella se lhe desprendeu. Morreu em 3 de setembro de 1266, e conservou-se a sua cabeça em Ourem em uma urna de prata até ao terramoto de 1755. Vol. 6.º Ourem, pag. 326.

Torpez — Era cavalleiro da côrte de Nero, e descoberto como christão, foi condemnado ás feras; e porque um leão e um tigre não quizeram tocar-lhe, foi morto á espada, e o corpo mettido em um barco com um cão, um gato e um gallo, como se fazia aos parricidas. Aportou este a Sines, onde Cebrina o sepultou, e foi encontrado o seu cadaver em 1595 por D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora. Vol. 3.º Evora, pag. 108.

Torquato — O governador Sergio quiz dissuadir da sua crença a virgem Suzana, tocado pela sua belleza, e não o conseguindo, mandou a degolar juntamente com S. Cucuíate e S. Torquato, e as reliquias de todos tres estão parte em Compostella e parte na egreja do Populo de Braga (na qual cidade teve logar o martyrio), onde foram collocadas pelo arcebispo D. Agostinho de Castro.

Torquato — Consta ter sido bispo de Citania. Vol. 2.º Citania, pag. 308.

Torquato Felix — Foi arcipreste de Toledo, bispo em Iria Flava e depois no Porto, sendo preconisado arcebispo de Braga pela transferencia para Sevilha do arcebispo Faustino; Mario, chefe dos serracenos, a quem exprobrou a sua tyrannia, mandou-o martyrisar com 27 companheiros, todos cidadãos de Braga, em 26 de fevereiro de 719.

Tortulla — Vide Antigonio.

Tysiphon — Foi discipulo do apostolo S. Thiago, e dizem muitos que foi o primeiro que prégou o evangelho em Beja, vol. 1.º Beja, pag. 362.

Urbano — Vide Apodencio.

Urso — Foi o 2.º bispo de Beja. Vol. 1.º Beja, pag. 360.

Valentim — Foi bispo em Britonia. Vol. 1.º Britonia, pag. 494.

Wamba — Dizem que nasceu em Idanha a Velha, na Beira Baixa, chegando a governar como rei toda a Hespanha com grande piedade e illustração, até que, abandonando voluntariamente o throno, morreu frade em um convento da Lusitania, em 20 de janeiro de 672, sendo mudado para a egreja de Santa Leocadia de Toledo em 1284, no reinado de Affonso o sabio, tomando parte na traslação D. João Martins, bispo de Cadix e depois da Guarda, vol. 1.º Briteiros, pag. 491 e 492 e vol. 3.º Idanha a Velha pag. 378.

Varão — Parece ser o mesmo que S. Barão. Vide vol. 5.º Mertola pag. 191. Vide S. Barão.

Verissimo — Irmão das santas Maxima e Julia, e indo todos tres apresentar-se ao juiz em Lisboa, d'onde eram naturaes, e confessando-lhe a sua fé, procurou por meios brandos fazel-os apostatar, e não o conseguindo, depois de os atormentar por um modo gradual, os mandou degolar; mas ficando seus corpos insepultos, e não lhes tocando os animaes, foram lançados ao mar atados a grandes pedras, vindo porém á terra, foi-lhes edificada uma egreja junto da praia, e ahi sepultados os seus cadaveres, que em tempo de D. João 2.º foram trasladados para Lisboa.

Vicencio — Era do Alemtejo.

Vicente — Vide Aquilina.

Vicente — É o patrono de Lisboa e muito festejado no Porto, onde existem parte das suas reliquias. O presidente Daciano veio da Hespanha a Evora, e ordenou a prisão geral de todos os christãos.

Trouxeram-lhe então o joven Vicente, que interrogado respondeu adorar a Jesus Christo, e seguindo-se um dialogo entre os dois, terminou por sentença de Daciano, para que sacrificasse a Jupiter ou fosse morto a tormentos. Fugiu então a pedido de suas irmãs Santa Sabina e Santa Cristetta, mas descoberto por um traidor, foram os tres mortos a tormentos. Vol. 3.º Evora, pag. 115.

Vicente — Nascido na freguezia de S. Nicolau de Lisboa, foi sepultado no mostei-

ro de Bemfica, tendo sido religioso dominico, provincial da sua ordem em toda a Hespanha, inquisidor geral e confessor de D. João I. Vol. 4.º Lisboa, pag. 301.

Victor — Sob o imperio de Diocleciano e Maximiano, e sendo governador de Hespanha, o cruel Daciano, havia no arrabalde de Braga um templo dos idolos, e como Victor, apenas cathecúmeno, recusasse sacrificar-lhes, foi levado preso ao presidente, e declarando ser christão e adorar unicamente a Jesus Christo, foi despido, açoutado, barbaramente atormentado e por fim degolado no dia 12 de abril, tendo assim o baptismo de sangue. Vol. 1.º Braga, pag. 442. Vide Aquilina.

Victoria — Vide Quiteria, vol. 1.º Braga, pag. 442, vol. 5.º Montemôr-o-Novo, pag. 494 e vol. 7.º Pombeiro, pag. 158.

Vidal — Vide Agathon.

Vilforte *ou* Vilgeforte — É a mesma que Liberata. Vide Santa Quiteria.

Wilgeforte — Foi martyrisada em Castello Branco, e é differente de Santa Liberata. Vol. 2.º Castello Branco, pag. 173.

Xantipa — Era da provincia da Beira.

SANTULHÃO — freguezia, Tras-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Miranda (foi do extincto concelho do Outeiro) 30 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1787 tinha 150 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Um dos conegos da Sé de Miranda apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Foi commenda da ordem de Malta, que lhe deu foral, em Leça do Bailio, a 4 de julho de 1288. (*Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz, folhas 234 verso, col. 2.ª in principio.*)

N'este foral se lhe dá o titulo de villa.

O seu nome actual é corrupção ou contracção de S. Julião.

É povoação muito antiga, pois já existia antes da fundação de Bragança.

Quando D. Sancho I fundou esta cidade (1185) com o nome de *Bemquerença*, era o territorio em que assenta a povoação e seus arrabaldes do mosteiro de Castro d'Avelans, e o rei deu aos frades, em troca destas terras, as *villas de Santulhão e Pinelo.*

É terra fertil em cereaes e cria muito gado de toda a qualidade.

FIM DO OITAVO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67—Praça de D. Pedro—67
1880

A propriedade d'este DICCIONARIO pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

DP
544
P65
1873
v.9

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67—Praça de D. Pedro—67
1880

THE GETTY CENTER
LIBRARY

AOS SENHORES ASSIGNANTES

Nos primeiros tres annos da publicação d'esta obra, sahiu ella com a maxima regularidade, recebendo os srs. assignantes um fasciculo impreterivelmente cada semana: desde junho de 1876, porém, uma doença tenaz, causada pelo excesso do trabalho, me tem affligido até hoje, obrigando-me a estar metade do tempo incapaz de poder trabalhar no *Diccionario*.

Debalde tenho procurado subtrahir-me aos padecimentos, sahindo de Lisboa, já para Peniche, já para Setubal, já para S. José de Riba-Mar, e agora para Lordello do Ouro; para toda a parte a doença me acompanha com a maiis implacavel tenacidade, e se não fosse a generosidade do meu verdadeiro amigo e editor, o Ex.mo Sr. João Baptista de Mattos Moreira, já ha muito teria morrido ao abandono em um hospital, que é a sorte de quasi todos os escriptores portuguezes que se dedicam a uma obra de interesse publico.

Eis a razão porque esta obra tem tido tantas interrupções, e porque, ha mais de um anno, não está concluida, dando causa ás queixas dos srs. assignantes e a gravissimos prejuizos da empreza.

Só quem se abalança a uma obra d'este folego póde avaliar as difficuldades, decepções e contrariedades, que ha a vencer, e só uma grande força de vontade póde dar coragem para taes emprehendimentos.

É tambem indispensavel uma grande abnegação para sacrificar os seus muitos ou poucos haveres ás despezas necessarias para obter informações, para andar de terra em terra, em procura de esclarecimentos, e para a impressão de grande numero de circulares, pedindo-os a quem julgamos que os póde dar.

Esta ultima despeza, porém (a das circulares), foi-me quasi inutil, porque **nem um só** administrador de concelho se dignou responder-me: das camarras municipaes, a actual de Villa Pouca de Aguiar teve o bom senso de me mandar valiosos apontamentos da sua terra; e a de Espozende algumas indicações. Dos reverendos parochos, só uns vinte e tantos satisfizeram ao

meu pedido, distinguindo-se entre todos o Sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, Porto — e os Rev.mos José dos Santos Moura, abbade de Caires, no concelho de Amares, — Manuel José Martins Capella, abbade da Carvalheira, concelho de Terras de Bouro — e Manuel Henriques da Silva Machado, abbade de Bornes, no concelho de Villa Pouca de Aguiar.[1]

Ainda em 1865 possuia a propriedade de uma mina de carvão fossil, com treze kilometros de comprido, no concelho de Castello de Paiva, que fui vendendo em secções por menos da quarta parte do seu valor (4:000$000 réis) para occorrer ás despezas que ficam referidas, sendo os ditos quatro contos de réis dispendidos até 1873.

Além de tudo isto, muitas vezes me tem acontecido estar a trabalhar seis horas por dia em uma posição constrangida (por causa das dôres) e só quando de todo em todo me é impossivel trabalhar é que deixo de o fazer.

Depois de tudo quanto fica dito, principiou em outubro de 1879 a imprimir-se na typographia do conhecido Baptista Tavares um diccionario, que é a copia quasi textual do meu (até no titulo!)[2] Tiveram, porém, os *escriptores* da nova obra o cuidado de não copiar da minha tudo que esta tem de religioso, substituindo-o por idéas de irreligião e descrença: e nem sequer souberam emendar os erros que escaparam no meu diccionario.

Dizem elles no seu prologo que gastaram tres annos em obter informações, quando o unico trabalho que tiveram foi copiar do *Portugal Antigo e Moderno*, que me tem custado quarenta annos de assiduos trabalhos e investigações. Assim qualquer pessoa póde fazer diccionarios historicos!

Por motivos ponderosissimos vejo-me obrigado a mudar de systema n'este 9.º volume. Até agora, quando obtinha noticias com respeito a povoações já descriptas, ou quando n'essas povoações occorria algum facto posterior digno de nota, servia-me do nome do orago para publicar essas noticias. Agora cessaram essas repetições, que irão todas por appendice no fim da obra, para não privar os srs. assignantes do seu conhecimento.

Peço desculpa aos illustrados cavalheiros que teem tido a bondade de me mandar valiosos apontamentos para localidades já descriptas, por as não inserir n'este volume, reservando-os para serem publicados no appendice.

[1] Devo aqui consignar um facto digno de nota. Depois de esperar mais de um anno pela resposta da circular que dirigi ao sr. prior de Villa Ruiva, no concelho de Cuba, pedi a um amigo meu e d'elle que lh'a fosse pedir: respondeu-lhe «que não estava para trabalhar de graça, e ainda por cima pagar as estampilhas do correio».

[2] Disse me o mesmo *Tavares* que um dos *auctores* estava preso no Limoeiro: se é verdade, não foi decerto por jejuar á sexta-feira.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

S

SÃO

SÃO BARNABÉ — Esta freguezia, vulgarmente chamada Cumeada, já fica descripta no 1.º vol. pag. 335, col. 1.ª Por decreto de 23 de maio de 1879, foi annexada a esta freguezia a de Santa Clara a Nova.

S. BARTHOLOMEU DOS GALLEGOS — Vide *Bartholomeu dos Gallegos* (S.)

S. BARTHOLOMEU — Vide *Beato Antonio* e *Xabregas.*

S. BARTHOLOMEU DA CHARNECA — Vide *Charneca.*

S. BARTHOLOMEU DE MESSINES — Vide *Messines.*

S. BARTHOLOMEU DO MAR — Vide *Mar.*

S. BARTHOLOMEU DA SERRA — Vide *Bartholomeu da Serra* (S.)

S. BARTHOLOMEU — Vide *Bartholomeu* (S.)

S. BENTO — Vide *Bento* (S.)

S. BENTO — Vide *Ameixial, Cortiço, Varzea e Crujães,* e *Zambujal.*

S. BENTO DA CONTENDA — Vide *Bento da Contenda* (S.)

S. BENTO DO MATTO — Vide *Matto.*

S. BRAZ — Para todas as freguezias deste nome vide *Braz* (S.) — Vide tambem *Alportel* e *Regedoura.*

S. BRISSOS — Vide *Brissos* (S.)

S. CHRISTOVÃO — Para todas as freguezias d'esta denominação vide *Christovão* (S.) Vide tambem *Nogueira.*

SÃO

S. CLAUDIO — Vide *Claudio* (S.)

S. CLEMENTE — Vide *Basto.*

S. COSMADO — Vide *Aldeias e Alrote,* e *Cosmado* (S.)

S. CYPRIANO — Vide *Cypriano* (S.)

Vide tambem *Portella,* do concelho de Vizeu.

S. CYPRIANO DE PARADA DO MONTE — Antiga freguezia, Douro, no extincto concelho de Fermedo, e que deixou de existir ha muitos annos. Ainda se conserva a capella-mór, reduzida a ermida e com a mesma invocação, fazendo-se ainda ao santo uma boa festa no ultimo domingo de setembro.

Ainda existem vestigios dos alicerces da antiga egreja.

Vide 4.º vol. pag. 252, col. 1.ª e 5.º vol. pag. 560, col. 2.ª

S. DOMINGOS — Vide *Domingos* (S.)

S. FACUNDO — Vide *Facundo* (S.)

S. FACUNDO DOS BAIRROS — Vide o 2.º *Bairros.* Esta freguezia está hoje annexa á de Vinhaes.

S. FELIX — Vide *Felix* (S.)

S. FINS — Vide *Fins* (S.) Vide 3.º vol pag. 198, col. 1.ª

Dá-se a esta freguezia o nome vulgar de *S. Fins das Friestas* (ou *Frestas*). O *Portugal Sacro e Profano* a denomina *Mosteiro de S. Fins.*

Para todas as mais freguezias d'esta denominação vide *Fins* (S.)

S. FRANCISCO DA SERRA — Vide *Francisco* (S.)

S. GEMIL ou SANJOMIL — Vide *Francemil.*

S. GENS — Vide *Gens* (S.)

S. GERALDO — Vide *Geraldo* (S.)

S. GIÃO — Vide *Gião* (S.)

S. GIL DE PERRE — Vide *Perre.*

S. GONÇALO — Vide *Gonçalo* (S.)

S. GREGORIO — freguezia, Alemtejo, concelho de Arraiolos, comarca de Montemor o Novo, arcebispado e districto administrativo d'Evora.— Vide *Gregorio* (S.)

S. JOANNES — Vide *Provezende.*

S. JOANNICO — Vide *Joannico* (S.)

S. JOANNINHO — Vide *Joanninho* (S.)

S. JOÃO — Todas as freguezias que tiverem esta denominação, e se não acharem aqui, vide *João* (S.)

S. JOÃO DA PESQUEIRA — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho e comarca do mesmo nome, bispado e 36 kilometros de Lamego, districto administrativo de Viseu, 360 kilometros ao N. de Lisboa.

Orago S. João Baptista.

A villa tem hoje tres freguezias com 750 fogos, a saber:—S. João Baptista com 400 fogos, tinha 140 em 1768. O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

S. Pedro com 100 fogos—tinha 52 em 1768. O abbade era da mesma apresentação e tinha tambem 200$000 reis.

S. Thiago com 250 fogos—tinha 110 em 1768. O abbade era da mesma apresentação e tinha 300$000 réis.

Esta villa teve antigamente quatro freguezias, as 3 mencionadas e a de Nossa Senhora da Assumpção, cujo abbade era tambem apresentado pelo padroado real e tinha 200$000 réis. Esta freguezia foi supprimida.

O concelho comprehende 21 freguezias, que são : — Casaes, Castanheiro. Desejosa, Ervedosa, Espenhosa, Nagozéllo, Paredes, Pereiro, Pereiros, Riodades, Sarzedinho, Soutéllo, Trevões, Vallença, Valle de Figueira, Vallongo, Varzeas, Villarouca, e as tres da villa.

A sua comarca é composta de dois concelhos, o da villa com 3:200 fogos e o de Penedono com 1:700 — total 4:900.

O primeiro foral d'esta villa lhe foi dado por D. Affonso Henriques, sem data; o segundo, por D. Sancho I, em 6 de abril de 1198; o terceiro por D. Affonso III, datado da Guarda, no 1.º de setembro de 1256, confirmado por D. Fernando I, em 1376.— O rei D. Manuel lhe deu foral novo no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 16 v. col. 1.ª) [1]

Faz-se aqui uma feira no 1.º de setembro, que dura tres dias.

Esta villa, que fica a 3 kilometros da margem esquerda do Douro, está proxima do famoso sanctuario do *Salvador do Mundo*, de que já fallei.

Segundo Viterbo (*Elucidario*, tom. 2.º pag. 278, col. 2.ª) já D. Fernando, o Magno, bisavô de D. Affonso Henriques, havia dado foral a esta villa.

Diz Argote (*De antiquitatibus conventus braccaraugustani*, liv. 4.º, pag, 266) que já no tempo dos romanos existia esta povoação, e n'ella a familia patricia dos Sulpicios Rufinos, e que na capella do Salvador do Mundo se achou um cippo com esta inscripção:

L. SULP. RUFINO
VS. LIMICOS SIBIET
SUL. CIEAE. SUL. RUF.
SUL. RUFINAE ABIIS F.

(Lucio Sulpicio Rufino Limicense fez esta sepultura para si e para os seus escravos fôrros, Cila, Rufino e Rufina, os quaes tambem concorreram para a obra.)

No 4.º vol. do *Santuario Marianno*, titt. 30, pag. 241, vem a lenda do Salvador do Mundo a que alli se dá o nome de S. Salvador da Pesqueira, e ao sitio onde está a ermida, denominam *Fragua*. Não a copioo por muito extensa: remetto o leitor parra a obra citada.

Ignora-se o antigo nome d'esta povoaação, e apenas consta que no anno 900, achando-

[1] O padre Carvalho diz que o condde D. Henrique lhe deu foral com grandes privilegios, em 1110, mas Franklin não fallda em similhante foral.

se abandonada, o rei D. Affonso III de Leão (D. Affonso Magno, de quem já fallei) a mandou povoar de christãos e lhe concedeu varios privilegios, que depois o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza confirmaram e augmentaram.

Teve um convento de frades terceiros franciscanos, fundado em 1571, por Belchior de Sousa, o qual para si apenas reservou o padroado da capella-mór.

Foi senhor d'esta villa Luiz Alvares de Tavora, ao qual o usurpador Philippe III fez primeiro conde da Pesqueira. Este Tavora era casado com D. Anna de Lorena, filha de D. Nuno Alvares Pereira e de D. Margarida de Lorena, duques do Cadaval.

O primeiro conde da Pesqueira era descendente de D. Ramiro II de Leão e de sua terceira mulher, a moura Zahara (que depois de baptisada se chamou Artida ou Artiga) irmã de Alboazar-Al-Bocadão, senhor mouro de Gaya. (Vide *Ancora*, rio, *Cabriz* e *Viseu*.)

Foi filho de Artida o infante D. Alboazar Ramires, casado com D. Helena Godins, paes de D. Hermigio Alboazar Ramires Noel, que casou com D. Dordia Osores, paes de D. Rauzendo Hermigues, casado com D. Urraca. Foram estes os primeiros senhores de Távora e paes do famoso D. Thedon, tronco dos Tavoras, e do qual tantas vezes se tem fallado n'esta obra, progenitores dos marquezes de Tavora.

Para o desgraçado fim da nobilissima familia dos Távoras, vide *Chão Salgado*.

(O primeiro marquez de Távora, foi o famoso D. Luiz Alvares de Távora, feito por D. Pedro II.)

—

Como já disse, fica a villa sobre a margem esquerda do Douro, sobranceira ao *ponto do Cachão*. (Vide *Pontos no Douro* e *Salvador do Mundo*.)

A sua posição é agradavel pelo seu vasto horisonte : o seu clima, ainda que frio, mesmo de verão, é muito saudavel, não havendo aqui molestias endemicas, nem consta que tenha havido epidemias.

O seu territorio é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz e cria bastante gado de toda a qualidade.

A villa tem bons edificios, e a egreja matriz é um bom templo.

—

Em 3 de julho de 1823, D. João VI fez primeiro visconde de S. João da Pesqueira a Luiz Maria de Sousa Vahia Rebello, que nasceu a 3 de janeiro de 1779: casou a 29 de junho de 1809 com D. Maria Emilia de Moraes Madureira Lobo, filha de Manuel de Moraes Madureira, coronel de infanteria de Chaves, e de sua prima D. Maria Joanna de Macedo Souto-Maior e Castro.

O primeiro visconde de S. João da Pesqueira, foi do conselho do rei D. João VI, commendador das ordens de Christo e da Torre Espada, condecorado com a cruz da campanha n.º 6 da guerra peninsular, com a medalha britannica e com a hespanhola de Albuera. Na guerra contra os francezes, serviu com distincção, como coronel do regimento de infanteria n.º 10, foi governador das armas das provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes, foi feito marechal de campo, por D. João VI, em 21 de março de 1821, e tenente general, graduado, pelo senhor D. Miguel I, em 22 de outubro de 1830.

Tendo seguido sempre a causa do senhor D. Miguel, desde 1828, em 16 de maio de 1834, sendo governador da praça de Abrantes dirigiu um officio ao ministro da guerra do senhor D. Pedro, fazendo a sua submissão, e dando ao senhor D. Miguel a denominação de *usurpador*: em 20 de maio officiou segunda vez ao mesmo ministro, dando-lhe parte de ter acclamado a senhora D. Maria II, na dita praça, n'aquelle dia. N'este officio dizia:— «Não se torna preciso que «outros corpos venham occupar Abrantes, «e se distraiam do principal fim, a *perse-«guição dos inimigos, e o seu total exterminio «e destruição.*»

Teve 9 filhos, que são (por ordem das edades:)

1.º D. Rosa Emilia, que casou com João Manuel Teixeira Pinto de Carvalho, senhor da casa da Boa-Vista, no Minho, e morreu em 1828, com 18 annos incompletos de edade, e sem geração.

2.º—Francisco, que foi alferes de infanteria, e casado com D. Maria Rosa Pinto Cardoso Sá Ferreira Pimentel, senhora dos morgados de S. Thiago de Mirandella e Santa Maria Magdalena de Thiozéllo.

3.º—D. Maria Emilia.

4.º—D. Sebastiana Emilia, casada com Antonio de Mello Vaz Sampaio, senhor da casa da Espinhosa.

5.º—Luiz, que foi alferes de infanteria.

6.º—Gonçalo.

7.º—D. Francisca Adelaide.

8.º—Antonio.

9.º—D. Izabel.

O visconde era filho de Francisco José de Sousa Rebello de Miranda, senhor dos morgados de Santo Antonio de Trevões e S. José de Soutéllo, capitão-mór de S. João da Pesqueira—e de sua primeira mulher D. Rosa Leonor d'Araujo Borges, filha de Antonio d'Araujo Borges, capitão-mór de Freixiel.

O pae do visconde casou segunda vez com D. Maria Gertrudes da Paixão, filha de Manoel Antonio da Paixão, coronel de infanteria e governador da praça de Castello Rodrigo. Teve d'estes dois matrimonios 9 filhos, sendo do primeiro:

1.º—Luiz, o que foi visconde.

2.º—Rodrigo, monge de S. Bernardo.

3.º—José Joaquim, bacharel em canones, freire d'Aviz.

4.º—Francisco, que foi tenente de infanteria do exercito portuguez, e passando-se para o francez, foi feito major por Napoleão, e o acompanhou na expedição da Russia, em 1812.

Do segundo matrimonio

5.º—D. Maria Candida, que casou com Luiz Pinto Cardoso, senhor da casa de Tões.

6.º—D. Philippe, frade cruzio.

7.º—D. Jayme, idem.

8.º—D. Emilia, recolhida no convento das Chagas, em Lamego.

9.º—Diogo.

—

S. JOÃO DA RIBEIRA—Vide as trez freguezias d'este nome, que estão a pag. 417 col. 1.ª do 3.º vol.; e a freguezia da *Ribeira* descripta no 8.º volume, pag 178, col. 1.ª

S. JOÃO DA SERRA—Vide *João da Serra* (S.)

S. JOÃO DAS LAMPAS—Vide *João das Lampas* (S.)

S. JOÃO DE FONTOURA—Vide a 2.ª *Fontoura.*

S. JOÃO DE LOURE—Vide *João de Loure* (S.)

S. JOÃO DE REI—Vide *João de Rei* (S.)

S. JOÃO DE TAROUCA—Vide *João de Tarouca* (S.)

S. JOÃO DE VEZ—Vide *João de Vez* (S.)

S. JOÃO DO CAMPO—É o nome actual da antiga freguezia de *Cióga do Campo.* (Vol. 2.º pag. 308, col. 1.ª).

Como a aldeia de S. João é a principal da freguezia, o povo d'esta requereu que ella tomasse a denominação de *Freguezia de São João do Campo,* o que lhe foi concedido, por decreto de 15 de março de 1880, publicado no *Diario do Governo*, n.º 58, do mesmo anno.

Foi no logar de S. João que existiu a primitiva matriz, cujo orago era antigamente S. João Evangelista.

S. JOMIL—Vide *Jomil (S.)*

S. JORDÃO—Vide *Jordão* (S.)

S. JORGE—Vide *Jorge* (S.)

S. JORGE—Vide *Caldas de S. Joorge, Jorge de Caldella* (S.) e *Sé.*

S. JORGE INTRAMUROS—Vide *Lissboa.*

S. JORGE EXTRAMUROS, *ou* **S. JORGE D'ARROIOS**—Vide *Jorge extramuros* (S.)—Vide tambem *Arroios, Lisboa* e *Olivvaes.*

S. JULIÃO—Vide *Julião* (S.)—Vide tambem *Monte Negro.*

S. JOÃO DO PEREIRO—Vide *Cinco Villas* e a 16.ª freguezia do *Riba Côa*, a pag. 297, col. 2.ª do 8.º vol., e *Senhora do Prranto.*

O templo de S. Julião do Pereiro fica proximo do de Santa Maria do Pereiro, e ambos na freguezia de Cinco Villas (8.º vol., pag. 430, col. 1.ª).

É uma egreja antiquissima.

Em 1155, reinando em Leão D. Ferrnando II, e em Portugal, seu sogro, D. Affonso Henriques, um fidalgo de Salamanca,, por

nome D. Soeiro, e outros cavalleiros, determinaram construir uma fortaleza na fronteira mourisca, para d'alli fazerem *entradas* nas terras dos infieis. Procuraram sitio apropriado, e apparecendo-lhe um eremitão que vivia em uma capella, junto ao rio Côa,[1] os induziu a edificar uma torre proximo á sua ermida. Começaram logo a obra, concorrendo para ella os christãos dos arredores com o seu trabalho e conducção dos precisos materiaes.

Construida a fortaleza, entraram logo os cavalleiros a fazer correrias nas terras dos arabes, saqueando-as e fazendo muitos captivos, o que atrahiu á fortaleza muitos outros cavalleiros, que, pouco tempo depois, formaram uma ordem militar, que denominaram de *S. Julião do Pereiro*, e que depois se chamou de Alcantara.

Morto D. Soeiro, lhe succedeu no governo da ordem, seu irmão D. Gomes.

Na batalha do Arganal (1176) em que D. Fernando II venceu seu sogro, D. Affonso Henriques, estes cavalleiros ajudaram muito ao rei leonez, porque n'esse tempo quasi todo o Riba-Côa pertencia ao reino de Leão, e só veiu para Portugal, em dote da rainha Santa Izabel, em 1282.

D. Fernando II, em recompensa dos serviços prestados por estes cavalleiros, na dita batalha, lhes deu os senhorios do Pereiro, Arreigada (ou Reigada), Villar-Turpim, Colmeal, Almendra, e Granja do Fonseca, além de outros muitos outros privilegios.

Esta ordem prestou grandes serviços ao christianismo, vencendo e derrotando os mouros em muitos combates e tomando-lhes as suas povoações, incluindo o castello de Almeida.

Tendo D. Affonso IX, de Leão, dado a estes cavalleiros a villa de Alcantara, para lá transferiram a séde da ordem, abandonando o Pereiro, e tomando a denominação de cavalleiros de Alcantara. Seguiam a regra de S. Bento.

S. LEONARDO — Vide *Leonardo* (*S.*)

S. LOURENÇO — Vide *Lourenço* (*S.*)

[1] Este eremitão tinha sido um valoroso soldado do conde D. Henrique.

S. LOURENÇO DOS FRANCOS — Vide 1.ª *Miragaya*, *Manporcão* e *Riba-Penhão*.

S. LOURENÇO DO BAIRRO — Vide *Bairro*, a pag. 308 do 1.º vol.

S. LOURENÇO DE RIBA-PENHÃO — Vide *Riba-Penhão*.

S. LOURENÇO DO DOURO — Vide *Lourenço do Douro* (*S.*)

S. LUIZ — Vide *Luiz* (*S.*)

S. MAMEDE — Vide *Coronado*, *Negrellos*, *Recezinhos*, *Riba-Tua* e *Sadão*.

S. MANÇOS — Vide *Manços* (*S.*)

S. MARCOS DA ABOBADA — Vide *Marcos da Abobada* (*S.*)

S. MARCOS DA ATABOEIRA — Vide *Marcos da Ataboeira* (*S.*)

S. MARCOS DA SERRA — Vide *Marcos da Serra* (*S.*)

S. MARTINHO DE GALLÊGOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.—Orago S. Martinho, bispo; arcebispado e districto administrativo de Braga.

Em 1768 tinha 150 fogos.

A mitra, por concurso synodal, apresentava o reitor, que tinha 80$000 de rendimento.

É terra fertil.

S. MARTINHO DE GALLÊGOS — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 80 fogos, em 1768 tinha 64. Orago S. Martinho, bispo, arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia era antigamente curada por dois vigarios, collados, que parochiavam ás semanas alternativamente, com a matriz do Salvador de Fonte Arcada. O sacro collegio patriarchal apresentava os vigarios, que tinha cada um 100$000 réis.

É terra fertil.

S. MARTINHO — Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Martinho* (*S.*)

Vide tambem *Amoreiras*, *Bougado*, *Campo*, *Chans e Moutas*, e *Recezinhos*.

S. MATHEUS — Vide *Matheus* (*S.*) Vide tembem *Monte-Mór-Novo*.

S. MIGUEL — Vide *Couto*, *Machêde*, *Matto*, *Outeiro*, *Rio-Tôrto*, e *Villa Bôa*.

Vide tambem a nota na palavra MUÇAMEDES.

S. MIGUEL D'ACHA — Vide *Miguel d'Acha* (S.)

S. NICOLAU — Vide *Fornos e S. Nicolau.*

S. PAIO — Para todas as freguezias d'esta denominação, vide *Paio* (S.) Vide tambem *Codêsso* e *Gouvêa.*

S. PAULO DE FRADES — Vide *Paulo de Frades* (S.)

S. PEDRO — Vide *Conlellas.*

S. PEDRO — Aldeia, Beira Alta, na freguezia da Cunha Alta. (Vol. 2.º, pag. 459, col. 1.ª)

Foi n'esta aldeia o assento da primitiva egreja matriz da freguezia, e por isso ainda conserva o nome do seu padroeiro, que foi sempre S. Pedro Apostolo.

É sitio espaçoso e agradavel, entre vinhas e pomares, passando-lhe perto a antiga estrada real que vae para Tavares, Almeida e outras povoações.

Junto ao logar está a capella de Nossa Senhora da Saude, cuja origem é a seguinte:

Pelos annos de 1670, veiu para o logar de Almeidinha, freguezia de S. Julião de Mangoalde, uma senhora algarvia, por nome D. Marianna: trazia uma imagem da Santissima Virgem, com a qual tinha grande devoção, e por sua morte a deixou a seu primo, o morgado Manoel Ozorio do Amaral, que, ajudado pelo povo da freguezia, construiu logo uma ermida para a referida imagem, que principiou a ser objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios.

Tambem no logar da Cunha Alta, está a capella de Nossa Senhora da Assumpção, fundada pelo padre frei Jeronymo do Deserto, que foi o ultimo abbade perpetuo do mosteiro de Maceiradão.

S. PEDRO DA CADEIRA — Freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 45 kilometros ao O. N. O. de Lisboa, 750 fogos. Em 1768 tinha 330. Orago S. Pedro, apostolo. Patriarchado e districto de Lisboa.

Os beneficiados de S. Miguel, de Torres Vedras, apresentavam o cura, que tinha réis 120$000.

É terra fertil.

S. PEDRO — Vide *Agostem, Cóva, France, Pomares,* e *Rio Sêcco.*

S. PEDRO DE SOLLIS — Freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodovar, 120 kilometros ao O. de Evora, 180 ao S. E. de Lisboa, 240 fogos. Em 1768 tinha 183. Orago S. Pedro, Apostolo. Bispado e districto de Beja. (Em 25 de maio de 1877 passou para o concelho de Mertola.)

A mitra apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo e o pé d'altar.

S. PEDRO DAS AGUIAS — Vide *Aguias,* no 1.º vol., pag. 40, col. 2.ª

Vide tambem *Cabriz, Paradella, Salzêdas,* e *Távora.*

S. PEDRO DA CÓVA — Vide *Cóva* (*S. Pedro da*).

S. PEDRO DA TORRE — Freguezia, Minho, comarca, concelho e 4 kilometros ao O. da praça de Vallença do Minho, 55 ao N. O. de Braga, 388 ao N. de Lisboa, 310 fogos. Em 1768 tinha 215. Orago S. Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os marquezes de Villa Real, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 mil réis e o pé d'altar.

Sendo o marquez de Villa Real, seu filho (duque de Caminha) o conde d'Armamar e D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, degolados na praça do Rocio de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1641, por traidores á patria, passaram os seus bens a formar a casa do infantado, que desde então ficou apresentando esta egreja.

Ha mais de 200 annos que a esta freguezia está annexa a de Santa Eulalia de Cilhamusinhos.

Tinha um beneficio simples, dado pelo papa e pelo arcebispo de Braga, alternativamente.

O logar da Torre, foi villa, com termo proprio, e é povoação muito antiga, pois em 1125, a rainha D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, a deram (com o titulo de villa) a D. Affonso, bispo de Tuy, com todos os direitos reaes.

A freguezia é formosamente situada, em terreno quasi plano, sobre a margem es-

querda do rio Minho, que a rega e fertilisa, fornecendo-a de muito e optimo peixe, do rio e do mar, sendo o mais estimado, o salmão, a lampreia, o savel, o sôlho, e a truta marisca.

Durante a guerra dos 27 annos, D. Vicente Gonzaga, vice-rei da Galliza, se apossou traiçoeiramente d'estes sitios, e para os conservar, mandou fazer sobre a margem do Minho um forte de terra e *seixos rolados*, que denominou *de S. Luiz*. Nós tambem fizemos dous fortes, no sitio da Gandara, um denominado *de Belem*, outro *de S. Francisco*.

Com a paz feita com Castella, em 13 de fevereiro de 1668, todos estes fortes foram arrazados, e d'elles apenas restam vestigios, e uma propriedade contigua aos dous ultimos, chamada *Quinta do Forte*.

Estes sitios foram em tempos remotos muito mais povoados do que actualmente, e ainda se veem claros indicios de uma grande povoação pelo meio da qual passava a estrada real de Vallença para Villa Nova da Cerveira e Caminha. Era aqui o assento primitivo da villa da Torre, que tinha uns 1:400 metros de comprido. Ainda se distinguem as ruas e travessas que a formavam.

Tambem na margem do Minho, no sitio do Juncal, tem apparecido varios objectos de barro, alicerces de edificios, e madeiras carbonisadas, o que leva a acreditar que a povoação que aqui existiu foi incendiada e arrazada, em resultado das continuas guerras da edade media.

Segundo a tradição, em uns pantanos a E. do referido forte de S. Luiz, houve uma grande batalha, dada pelos portuguezes contra o tal D. Vicente Gonzaga, na qual os gallegos foram derrotados, sendo tanto o sangue que tingiu as aguas de um regato, confluente do ribeiro da Veiga de Mira, que lhe deu o nome de *Rio-Tinto*, que ainda conserva. Na boca d'este regato é onde estava a barca de passagem, na qual fugiu para a Galliza, o Gonzaga, com os poucos dos seus que sobreviveram.

—

Esta freguezia é fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, e muito saudavel. Alem do rio Minho, que a banha e rega pelo N., é atravessada pelos ribeiros da Ponte e Veiga de Mira, confluentes do Minho, que a regam e fertilisam.

Ha n'esta freguezia duas nascentes de aguas mineraes; uma d'ellas é sulphurea fria e se applica com bom resultado para a cura de molestias cutaneas: a outra, que nasce proxima áquella, diz-se que é muito digestiva. Nunca foram chimicamente analysadas e estão desprezadas pela camara e pelo povo da freguezia.

São dous charcos immundos, cheios de limos e rans, de maneira que se não póde fazer uso d'estas aguas, sem limpar os charcos, e que podiam, se fossem bem tratadas, dar um bom rendimento á camara e muito interesse á freguezia.

—

No dia 13 de outubro de 1874, pelas 7 horas da manhan, pairou sobre esta freguezia uma forte trovoada. Um raio foi cair no monte contiguo á povoação, outro veio sobre a torre da egreja, deitando por terra a grimpa, quebrando esta, que era de ferro, de 25 centimetros quadrados, e arrojando ao adro duas pyramides e parte das pedras do zimborio. Como encontrasse resistencia, dividiu-se em duas centelhas, das quaes, uma entrou pela porta travessa da egreja, na occasião em que estavam celebrando missa os reverendos Domingos Affonso Pereira e José Martins; deixou vestigios em muitas partes das paredes, quebrou alguns vidros das frestas, mas não fez mais estragos; a outra passou ao adro, furou a parede, deixando um buraco de quatro centimetros de diametro e atravessando a rua introduziu-se n'uma casa proxima, em distancia de cinco metros, e foi matar um boi de José Ferradeira, sem fazer mal ao outro e a um porco que estavam juntos. Cahiram mais dous raios, mas não causaram estragos. Os prejuizos foram calculados em 300$000 réis.

Um dos raios, como já disse, matou um boi de José Ferradeira, mas ha na freguezia uma associação de lavradores, que por escriptura publica se obrigaram a que, quando morra alguma rez dos associados, ser paga

por todos; pelo que o Ferradeira só perdeu a sua parte.

—

É a freguezia atravessada pela estrada real de 1.ª classe que de Lisboa vae ao Porto, Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção e Melgaço; e pelo caminho de ferro do Minho, sendo aqui a ante-penultima estação. (A penultima é em Segadães, e a ultima em Vallença.)

A ponte denominada *do Forte*, assim como a casa da estação, n'esta freguezia, são elegantes e solidamente construidas.

No dia 27 de julho de 1877, quando se andava trabalhando nos fundamentos da ponte da Veiga da Mira, n'esta freguezia, succedeu um facto que tem dado muito que fallar aos seus habitantes, por o não saberem explicar.

Depois de profundarem 17 metros, appareceu terra firme secca, porém pouco depois começou a nascer agua que, chegando casualmente a uma luz, incendiou-se. Isto causou grande admiração e chegando-se-lhe fosforos accesos repetia-se a mesma chamma.

Este phenomeno tem uma explicação muito natural. Ha n'aquelle logar enormes depositos pantanosos, constituidos por lodo e detrictos vegetaes de toda a especie, e nas condições em que, com o largo decurso dos annos, se forma o minerio combustivel denominado *turfa*. Ora n'estes depositos, e em virtude da decomposição vegetal, desenvolvem-se grandes quantidades de gaz hydrogenio carbonado, que é um gaz inflammavel, e outros productos da mesma natureza. Logo que se abriu a communicação com esses depositos, os gazes, affluindo em grande quantidade aos orificios, incendiar-se-hiam ao contacto de qualquer chamma, cessando porém o phenomeno, immediatamente que tivessem sahido as porções de gaz accumuladas.

—

No dia 22 de septembro de 1878 se ouviu pela primeira vez o silvo de uma locomotiva do caminho de ferro, n'aquella freguezia. Foi a machina *Neiva* que tinha sahido de Caminha ás 11 horas e um quarto da manhan, seguida de muitos vagons de serviço, todos embandeirados, e nos quaes vinham o sr. João Diogo de Barros, distincto chefe da 6.ª secção dos trabalhos do caminho de ferro do Minho, e muitas damas e cavalheiros das principaes familias de Vianna, Caminha e Villa Nova da Cerveira.

Á chegada do comboio á freguezia, subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, e houve grande regosijo e muitos vivas, dados por grande multidão de povo. A musica de caçadores 7, tambem fez ouvir na estação varias peças do seu reportorio.

A inauguração definitiva d'este caminho de ferro, desde Caminha até S. Pedro da Torre, teve logar no dia 15 de janeiro de 1879.

—

No dia 8 de maio de 1879, falleceu, com 80 annos menos 9 dias, o padre José Rodrigues Martins, irmão de frei João de Santa Rosa Martins,[1] dous sacerdotes exemplarissimos, naturaes d'esta freguezia, e tios maternos do sr. dr. José Gomes Martins, conego da Sé de Braga, do qual adiante trato.

—

Foi muitos annos abbade d'esta freguezia, D. Bartholomeu de Nossa Senhora Menezes, conego regrante de Santo Agostinho (crusio) natural de S. Vicente de Louredo, na comarca e concelho d'Arouca, e da distincta familia dos Alves da Silva Menezes, da antiga casa de S. Vicente, da mesma freguezia. D. Bartholomeu foi o antecessor do actual reverendo abbade, e foi um clerigo exemplar e um verdadeiro portuguez.

—

O sr. José Gomes Martins, um dos presbyteros mais respeitaveis d'este seculo, não só pelos seus vastos conhecimentos em theologia, mas, e principalmente pela sua rara modestia e exemplarissimo comportamento, sobrinho de outros dous clerigos tambem muito virtuosos, dos quaes já fallei, é tambem natural d'esta freguezia. É filho legiti-

[1] Foi frade benedictino e professou no convento de Tibães. Era prior de Santo Thyrso, quando as ordens religiosas foram supprimidas em 1834.

mo de Manoel Affonso Gomes e D. Rosa Martins, os proprietarios mais ricos de S. Pedro da Torre, ambos fallecidos no mesmo dia, no segundo quartel d'este seculo.

Matriculou-se em theologia, na Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1851 a 1852 e concluiu a formatura no de 1856 a 1857, sendo-lhe conferido em todos os annos o primeiro premio, constando aliás o seu curso de estudantes distinctissimos, entre os quaes se contam os seguintes senhores:—D. Antonio Ayres de Gouvêa, hoje par do reino e bispo eleito do Algarve — D. José da Conceição Miranda, que tinha sido conego regrante de Santo Agostinho, e, depois de formado, foi conego e professor no seminario de Evora; Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, ao qual tanto deve esta obra;— Julio Cesar d'Almeida Rainha, da opulenta casa dos *Rainhas*, de Gouvêa, e hoje deputado ás cortes; (o sr. Rainha depois da frequencia do 6.º anno, se licenceou, passando a formar-se tambem na faculdade de direito, na qual obteve todos os annos o primeiro premio);—Aristides Pinto Ferreira Basto, que falleceu abbade da freguezia de S. Paulo, em Lisboa;—Joaquim Antonio Correia da Natividade, da Companhia de Jesus, natural d'Alcochete e residente na cidade do Porto, varão dotado de rara memoria e muito estudioso;—José de Mattos Viegas, natural de Mollelinhos, no districto de Viseu, e outros.

O sr. doutor José Gomes Martins, recebeu as primeiras ordens em Coimbra, durante a formatura, e concluiu a sua ordenação em Braga, sendo logo nomeado professor do seminario diocesano, e pouco depois, conego, deixando o professorado em 1878, depois de 21 annos de exercicio em varias cadeiras.

Já em Coimbra era cognominado o *theologo*, em razão dos seus vastos conhecimentos na materia.

Foi sempre de costumes irreprehensiveis, e tão rigoroso comsigo mesmo, que nunca entrou em theatro. Sendo convidado para hir ao 6.º anno e tomar capêllo para ficar na universidade, preferiu ficar em Braga, como simples conego e professor do seminario de S. Pedro, em uma humilde cella, na qual residiu os 21 annos do seu professorado, apezar de ser um clerigo que dispõe de grandes meios de fortuna.

Ha porém a lamentar que, apezar de tantas habilitações, ainda não publicasse nem sequer duas linhas sobre as sciencias em que é tão distincto! Todas as suas distracções se reduzem a ler as melhores obras de que póde haver noticia.

—

A egreja matriz da freguezia é um templo decente e n'elle se festejam todos os annos, por obrigação, o padroeiro e o Santissimo Sacramento, e, desde 1874, Nossa Senhora das Dores, por devoção do Reverendo Diniz Ferraz d'Araujo, actual abbade, venerando ancião, com quasi 90 annos de edade e 65 de vida parochial.

Tambem — quasi todos os annos — se festejam o Coração de Maria, Nossa Senhora da Graça, Santo Antonio, e S. Sebastião.

Não ha na freguezia ermida alguma.

O sr. padre Diniz Ferraz d'Araujo, actual abbade, é natural de Villa Nova da Cerveira, onde nasceu a 6 de dezembro de 1790, e filho legitimo de Francisco José d'Araujo Mendonça, que foi muitos annos pharmaceutico do hospital militar da praça de Vallença. Recebeu *prima tonsura*, do bispo de Tuy, em maio de 1807 — ordens menores, do arcebispo de Braga, em outubro de 1811 — subdiacono, em maio de 1812, diacono em junho de 1813 — e presbytero, em março de 1814.

Sendo ainda diacono, collou-se na reitoria de S. Thiago de Pias, em fevereiro de 1814, tomando posse a 5 de maio do mesmo anno. Foi transferido para a egreja de Santa Marinha de Rouças, no concelho de Melgaço (beneficio que rendia então 800$000 réis e que era apresentado por um fidalgo de Tuy) collando se no 1.º d'abril de 1826 e tomando posse no mesmo mez.

As mudanças politicas do nosso paiz o obrigaram a abandonar a sua egreja, em 1834. Foi perseguido e esteve homisiado, só regressando a Rouças, depois da concordata com a Santa Sé, em 1844.

Para viver mais perto da sua familia, que reside em Vallença, requereu a sua transfe-

rencia para S. Pedro da Torre, para onde veio em novembro de 1868, egreja que se achava vaga, pelo fallecimento do abbade. D. Bartholomeu de Nossa Senhora Menezes, do qual já fallei.

O sr. padre Diniz é um verdadeiro homem de bem, de trato ameno e muito caritativo, tanto que nada possue além do rendimento da sua egreja. Está cégo e decrepito, mas vive resignado — mesmo apparentemente satisfeito — dizendo alegremente que, por sua morte, não haverá demandas por causa da herança.

S. PEDRO DE AUFRAGIA — Templo antiquissimo d'architectura gothica, no concelho d'Arganil. Ignora-se a data da sua fundação e o nome do fundador.

Junto da egreja se veem as ruinas de uma grande povoação, que, segundo alguns, são os restos da antiga cidade romana *Aufragia*.

Braz Garcia Mascarenhas, no seu *Viriato Tragico*, diz:

Alli *(Arganil)* junto do Alva cristalino
Estava Aufragia, celebre e potente;
E perto d'ella o monte Columbino,
Hoje Pombeiro o mostra claramente;
Donde orando Quiteria de contino,
El-Rei d'Aufragia, bispos e outra gente
Induziu ao martyrio que alcançaram,
N'aquelle santo monte que illustraram.

O padre Pedro Henriques d'Abreu, reitor de Farinha Podre, diz: — «Vendo todas estas cousas, tenho para mim, que esta villa de Pombeiro foi a cidade de *Aufragia*, por tambem combinar com o nome do valle.»

O sr. doutor Antonio Luiz de Souza Henriques Sêcco, na sua *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, referindo-se ao que dizem Braz Garcia Mascarenhas e o padre Pedro Henriques, diz: — «O valle é chamado por corrupção, segundo suppõe o mesmo auctor, *Valle de Adafroia*. É de notar, porém, que o poeta e o antiquario não se accordam precizamente sobre o local, mas a distancia é minima.»

Ha aqui uma grande embrulhada entre os nossos escriptores, causada pela identidade dos nomes de Pombeiro do Minho e Pombeiro do Douro. Veja-se o que digo no 1.º vol. pag. 255, na palavra *Aufragia*, e no 7.º vol., pag. 146, a palavra *Pombeiro*.

S. PEDRO DE PORTO DE MÓS — Freguezia na villa de Porto de Mós. — Extremadura, comarca e concelho da mesma villa.

Bispado e districto de Leiria. (Vide *Porto de Mós*).

A egreja matriz é muito antiga, pois já existia em 1275, do que ha documentos escriptos.

Foi reedificada em 1590. É um templo muito formoso, e o principal da villa. Foi collegiada, e teve uma irmandade de clerigos pobres.

A capella-mór é de abobada de pedra lavrada, e junto á porta travessa está uma capella tambem de abobada, dedicada a S. Sebastião, cuja imagem foi mandada fazer pelo bispo D. Antonio Pinheiro.

Pertencem a esta freguezia as ermidas de *Santa Luzia*, que está na varzea, junto á villa. Foi construida pelos annos 1500 — a de *Santo Antonio*, que é mesmo na villa, e foi feita com esmolas dos fieis — a de *S. Sebastião*, no logar das Pedreiras, feita em 1602, dotada por pessoa particular, em 1604, e n'este anno se disse n'ella a primeira missa, que foi em um domingo, 25 de janeiro — a de *Santo Antonio*, no logar do Tojal de Cima, feita e dotada por um particular, em 1615, dizendo-se n'ella a primeira missa, em 1616 — *Santo Amaro*, no logar da Carrasqueira, feita pelos moradores do mesmo logar, para d'ella se administrárem os sacramentos.

S. PEDRO DA COVA — Vide *Cova* (S. Pedro da).

S. PEDRO DA PESQUEIRA — Vide *S. João da Pesqueira*.

S. PEDRO DA SILVA — Vide *Silva*.

S. PEDRO DA VEIGA — Vide *Veiga de Lila*.

S. PEDRO DO SUL — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Vouzella.

Bispado, districto administrativo e 18 kilometros ao NO. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768 tinha 344.

Orago S. Pedro, apostolo.

A meza da consciencia e ordens apresentada o vigario, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

O concelho de S. Pedro do Sul é composto das 20 freguezias seguintes: — Baiões, Bordonhos, Candal, Carvalhaes, Covas do Rio, Covêllo de Paivô, Figueiredo do Alva, Manhouce, Moutas, Pindello, Pinho, Santa Cruz da Trapa, S. Christovam, S. Felix, S. Pedro do Sul Serrazes, Sul, Valladares, Varzea, e Villa Maior: todas do bispado de Viseu, e com 4:100 fogos.

Não tem foral velho. D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de abril de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira,* fl. 72, col. 2.ª — e gaveta 20, maço 12, n.º 38, onde está o processo para o seu foral.

Para as aguas thermaes, chamadas vulgarmente de *S. Pedro do Sul*, vide *Banho.*

A villa é de fundação antiquissima, e anterior ao dominio dos romanos.

Cahindo em poder dos árabes, era senhor d'ella, em 1040, o mouro *Alafun* (ou *Alafoin*) em premio de ter entregado o castello de Viseu a D. Affonso I de Castella *(o Magro).*

Foi de Alafun que a actual comarca de Vouzella tomou o nome de *Alafões.* Ignora-se o seu nome primitivo, e o que tinha no tempo dos romanos.

Está a villa formosamente situada na confluente dos rios Sul e Vouga, (que se juntam no meio da villa, onde tem duas boas pontes) em um valle muito aprazivel, fertilissimo e salutifero, e cercada de formosas quintas e pomares, que a tornam uma das mais bellas e importantes villas da Beira Alta.

Os seus templos estão bem ornados, tem bonitos passeios e um bom cemiterio publico.

Tem bons predios particulares, alguns notaveis pela sua antiguidade.

Ficam-lhe proximas as famosas ermidas de *Nossa Senhora da Nazareth,* construida sobre uns rochedos escalvados imminentes ao rio Vouga; e a 3 kilometros, *Nossa Senhora da Guia* (Vide *Bayões.*)

Muitos dão a esta terra o cognome de *Cintra da Beira,* e o seu clima e a sua posição topographica justificam a cognominação.

Os povos d'estes sitios são em geral robustos, sòbrios, pacificos e amigos das artes.

Os romanos tinham as mulheres d'estes sitios pelas mais bellas da provincia, e ainda hoje conservam estes bons creditos.

Eu confesso que conheço mulheres d'alli, bonitas, soffriveis, e feias; e o que posso affirmar é que as vitellas de toda esta comarca, são de um gosto delicioso.

Com toda a certeza esta povoação e outras da formosa e fertilissima *Terra de Lafões,* já existiam no tempo dos romanos.

N'este concelho, ha minas de ferro, enxofre e estanho.

Em 28 de outubro de 1872, foi feito visconde de S. Pedro do Sul, o sr. Francisco de Mello Sousa da Cunha Abreu.

A villa tem Misericordia e Hospital.

A camara d'este concelho administra tambem o hospital das Caldas, ao qual o caridoso barão do Castello de Paiva doou em 1877 uma inscripção do valor nominal de um conto de réis, e com o numero 18:046.

Tenho ouvido por muitas vezes confundir *Sul* e *S. Pedro do Sul,* como se fosse uma e mesma freguezia: é engano — S. Pedro do Sul é villa e capital do concelho, cujo padroeiro — como vimos — é S. Pedro, e Sul é uma freguezia d'este concelho, cujo padroeiro é Santo Adrião.

Vide *Banho, Figueiredo das Donas, Lafões, Nespereira Alta, e Vouzella.*

S. PEDRO FINS — Freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, bispado e districto administrativo e 10 kilometros ao N. do Porto, 317 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Orago S. Pedro Fins, martyr.

Em 1768 tinha 106 fogos.

Para se distinguir das outras freguezias de egual nome, se dá a esta vulgarmente a denominação de *S. Pedro Fins da Maia.*

O nome mais antigo que se lhe conhece, é *S. Fins de Folgosa.*[1] Depois se chamou *S. Perofins.* (Ainda em 1623 tinha este nome, do que ha documentos escriptos.)

As religiosas do mosteiro de S. Bento da

[1] Folgosa é uma freguezia contigua a esta, cujo padroeiro é o Salvador. É tambem no concelho da Maia.

Ave-Maria, do Porto, apresentavam o cura que apenas tinha o pé d'altar.

É a freguezia atravessada por um ribeiro denominado *rio de Paredes*, nome que toma por passar pela aldeia de Paredes, onde serve de motor a alguns moinhos.

Tambem se chama *rio de S. Pedrofins*. Corre de N. a S., e morre no rio Leça, junto a Aguas-Santas.

Proximo da egreja matriz passa a via ferrea do Minho e Douro.

Pretendem alguns que o padroeiro d'esta freguezia é S. Pedro ad Vincula, mas é erro. S. Pedro ad Vincula é orago da freguezia de S. Pedro Fins de Tamel, na provincia do Minho, concelho de Barcellos, arcebispado e districto de Braga.

Parece que o verdadeiro nome de orago d'esta freguezia é *S. Pedro Felix*. O que é certissimo é que em um *Flos Sanctorum* antigo se vê o nome de S. Felix, que foi martyrisado em Gerona (Hespanha) no 1.º de agosto de 301. Ahi se declara que este santo é venerado em Portugal como nome de S. Perofins, ou S. Fins. O corpo d'este martyr está na egreja do mosteiro de Chellas, junto a Lisboa, onde se venera como padroeiro.

Note-se que a freguezia de S. Felix da Marinha, no concelho de Villa Nova de Gaia, em 1623 se denominava *S. Fins da Marinha*.

Tudo isto nos induz a crêr que S. Fins e S. Felix, são um e mesmo santo.

Segundo Luiz Marinho d'Azevedo *(Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* — Livro IV, capitulo IX, pag. 170) S. Perofins, ou S. Fins, é corrupção de Felix, e o verdadeiro nome d'este santo martyr, é *S. Felix Scyllitano*.

D. Luiza de Noronha, freira do mosteiro de Chellas, e grande fidalga, estando as reliquias de S. Felix e Santo Adrião, em dous cofres de madeira nos altáres lateraes, as mandou guardar em um cofre de prata.

Parece que a causa de se corromper o nome de Felix em Pedro Felix e depois em Pero (ou Pedro) Fins, é porque a sua festa coincide com a das *Cadeias de S. Pedro* (S. Pedro ad Vincula.)

Vide no artigo *Santos Portuguezes*, no fim do oitavo volume, a palavra *Felix*.

O terreno d'esta freguezia, como o de todos os arrabaldes do Porto, é feracissimo, e o seu clima temperado e saudavel.

S. PEDRO FINS DE FERREIRA — Freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada — Vide *Ferreira*, a 8.ª da 2.ª columna, da pagina 171 do 3.º volume. Alli disse que pertencia ao arcebispado de Braga, quando pertence ao bispado do Porto.

Como ha grande numero de freguezias com o nome de *S. Fins*, *S. Pedro Fins*, e *Samfins*, ha grande confusão nos diccionaristas. Recebi uma carta de um cavalheiro que não tenho a honra de conhecer, rectificando alguns erros que diz achar nas freguezias do nosso. Immediatamente escrevi a um amigo d'aquelles sitios, pedindo-lhe informações. Deu-m'as, porém, muito differentes das da primeira carta. Escrevi a outro amigo, sobre o mesmo objecto, que respondeu discordando dos outros dous!

Deixo pois tudo como está, e logo que possa jornadear, hirei a Paços de Ferreira investigar tudo, e no *Appendice* farei as devidas rectificações, se forem precisas.

As freguezias que se não acharem em *S. Fins*, devem procurar-se em *Fins (S.)* e *Sanfins*.

S. PEDRO VELHO — Freguezia de Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, e do exttincto concelho da Torre de Dona Chama) 880 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768 tinha 81.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Guide apresentava o cura, que tinha 8$000 de congrua e o pé d'altar.

Não me foi possivel obter mais informações com respeito a esta freguezia.

S. PRIZ — Vide *Priz*.

S. QUINTINO — Freguezia, Extremadura, concelho de Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira. Vide *Quintino (S)*.

S. ROMÃO — Para todas as freguezias d'este nome, vide *Romão (S.)* Veja-se tambem *Coronado* e *Sadão*.

S. SALVADOR DE GALLEGOS — Freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768 tinha 208.

Orago o Salvador, ou S. Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo, e o Dom abbade do mosteiro de Paço de Souza, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

A esta freguezia está annexa a de S. Pedro da Boa Vista. Vide *Boa-Vista*, a 1.ª da columna 1.ª de pagina 404, do 1.º volume.

As mesmas producções da dita freguezia da *Boa-Vista*.

S. SALVADOR — Freguezia, Douro.—Está annexa ás da villa de Monte-Mór-o-Velho.

S. SALVADOR — Vide *Campo*.

S SEBASTIÃO DOS CARROS — Vide *Carros*

S. SEBASTIÃO DA FEIRA — Vide *Feira*.

S. SEBASTIÃO DE GAMELLAS — Freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, bispado e 15 kilometros de Pinhel, 12 d'Almeida, 75 de Viseu, 360 ao E. de Lisboa.

Em 1768 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Districto da Guarda.

O reitor de S. Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi annexada á do Santo Nome de Jesus, do Pereiro, no mesmo concelho.

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Vide *Pedreira*.

S. SILVESTRE — Vide *Duas Egrejas* — a 1.ª

S. SILVESTRE — Vide *Campo (S. Silvestre do)*.

S. SIMÃO — Vide *Pé da Serra*.

S. SIMÃO — Vide *Lobão*, do concelho de Tondella.

No logar de S. Simão, e junto á ermida do mesmo santo, ha um mercado, em todos os ultimos domingos de cada mez. O 1.º mercado teve logar em 29 de julho de 1837.

S. SIMÃO — Freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso. Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Ruivães.

S. THEOTONIO — Freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 185 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 820 fogos.

Em 1768, tinha 350.

Orago S. Theotonio.

Bispado e districto administrativo de Béja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo de rendimento annual.

É terra fertil e uma das maiores freguezias da comarca.

S. THIAGO OU S. THIAGUINHO — Aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia. (Vide esta ultima palavra).

Situada em uma elevação, e, talvez, a mais antiga povoação da freguezia.

Segundo a tradição, houve aqui, em tempos remotos, uma ermida, que foi matriz, e deu o nome ao logar, e ainda em tempos mais remotos, uma cidade, por nome *Guedeia*, no sitio agora chamado *Guediche*. O que é certo é que junto a esta aldeia e no extenso baldio proximo (chamado *Monte do Pôio*) se veem claros vestigios de antigas edificações. Tambem o baldio que limita pelo S. esta freguezia, e que mede algumas leguas quadradas, desde Lamego até aos montes que ficam ao E. d'Arouca, ao O. de Castro d'Aire, e ao S. de Rezende.

Uma grande parte d'este vasto baldio é de boa terra de aluvião, e mostra em muitos logares ter sido cultivado em tempos antigos: hoje, nem sequer produzem arvores silvestres, mas apenas carqueija e urze.

O cabido e outras corporações de Lamego, teem prazos n'este terreno, e a cada passo se encontram ainda paredes divisorias e ruinas de casas.

Tudo isto apenas serve para pastagem de gado, principalmente caprino e lanigero, e para combustivel.

S. THIAGO — Freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, 75 kilometros a E. de Coimbra, 285 ao ENE. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1768 tinha 212.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo e 50 kilometros da Guarda.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Para a distinguir das outras freguezias da mesma denominação, é conhecida por *freguezia de S. Thiago* a *Par de Cêa*.

É uma bonita aldeia, separada da villa de Cêa por uma bella planicie de 2$500 metros de comprido, e nas faldas da Serra da Estrella.

Dá-se a esta planicie o nome de *Jagunda*, e é cortada por varios ribeiros que descem da serra, e reunidos aqui proximo, formam o *rio de Cêa*, que sae d'este valle por baixo de uma elegante ponte de tres arcos (que dá passagem á nova estrada) e desagúa no Mondego, entre as villas de Oliveira do Conde e Ervedal.

No centro da aldeia de S. Thiago, está a egreja matriz, e logo mais acima a ermida de Santo Amaro, no cume de um outeiro pyramidal, que se eleva no centro da povoação, a qual domina completamente, bem como as restantes d'esta freguezia, que são — Maceira, Folgosa (ou Felgosa) do Salvador, e Folgosa da Magdalena.

Do pequeno terreiro que está em frente da ermida, se gosa um vasto e bello panorama, tendo em frente a serra, toda cultivada d'este lado e semeada de povoações, entre estas, as villas de S. Romão, Cêa, e Santa Marinha, que lhe ficam na baze. Pela rectaguarda de S. Thiago, se vê uma extensa planicie, coberta de vasto olivêdo e algumas vinhas, e matisada de varias povoações, d'esta e d'outras freguezias.

Na aldeia de S. Thiago, ha dous edificios dignos de menção — um ao cimo, de construcção elevada e com uma grande fileira de janellas de sacada, tendo no meio as armas dos Amaraes, que foram os seus antigos possuidores,—familia hoje extincta,—e uma capella unida ás casas: em frente tem um bom terreiro, assombrado por frondosos carvalhos. Este bello edificio foi incendiado pelos francezes, em 1810, e só parte d'elle foi reedificado.

Ao fundo da aldeia, está outro edificio de boa architectura, tambem com sua capella, com o brazão de armas dos Ferrões de Castello Branco, que usou sempre a familia a que pertence, e que é de fidalgos da antiga linhagem, sendo uns cavalleiros de Malta, e outros commendadores de varias ordens.

Foi senhor d'esta casa, Antonio Ferreira Ferrão de Castello Branco, fidalgo da casa real, com exercicio no paço; o qual foi casado em primeiras nupcias, com sua prima D. Maria Augusta de Mello e Póvoas, irmã do general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas, senhor das casas da Guarda e Vella; e em segundas nupcias, com D. Joanna Rita Barba de Lencastre, filha de Rodrigo Barba Alardo, guarda-mór dos pinhaes de Leiria, senhora de varios mórgados na Beira Baixa, em Santarem, Braga, e Ilha da Madeira. D'este segundo matrimonio nasceu o sr. João Antonio Ferrão Castello Branco, que vive em Lisboa.

S. THIAGO D'ARMAMAR — Freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar, 12 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768 tinha 48.

Bispado de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

Orago S. Thiago, apostolo.

O reitor de Armamar, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar

O reitor d'Armamar, apresentava seis curas nas egrejas filiaes, todos pagos pela commenda—era este de S. Thiago, o da Aricera, de Coura, da Fulgosa, de Tões, e de Villa Secca. Tambem apresentava os capellães para quatro ermidas da freguezia, nos logares de Aldeia, S. Joaninho, Travanca, e Vacalar. Os moradores d'estas aldeias davam ao seu capellão 60 alqueires de pão, pelas missas dos domingos e dias santos.

Nasceu n'esta freguezia o sr. dr. Manoel Xavier Pinto Homem. Vide no artigo *Santarem*, vol. 8.º pag. 583, col. 1.ª

É tambem patria do sr. dr. Joaquim Cardoso d'Araujo, lente jubilado da Universidade, e hoje residente em Oliveira do Bairro —e de seu irmão, o padre José Cardoso de Araujo, que foi reitor d'esta freguezia e depois d'Armamar, onde falleceu em 1870. Foi arcipreste do districto, examinador synodal, professor particular de grammatica latina e logica. Foi um varão de costumes austeros e dos mais virtuosos do bispado, fallecendo de mais de 70 annos, com fama de santo.

É terra fertil.

S. PEDRO DE BÉSTEIROS — Vide *Bésteiros* (S. Thiago de) Vide tambem *Muna*.

S. THIAGO DA GUARDA — Freguezia, Estremadura, concelho d'Ancião, comarca do Pombal, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 170 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo de Leiria.

É terra fertil.

S. THIAGO DE CALDELLAS — Vide *Caldellas* (S. Thiago de).

S. THIAGO E MEÃOS — Vide *Mixto*, ou *Couto Mixto*.

Este *Couto mixto*, formava uma especie de republica, cujos habitantes conservavam o direito de serem julgados por tribunaes portuguezes ou hespanhoes, ficando por isso isentos da acção judicial do fisco.

Já disse na palavra *Mixto*, que, pelo *Tratado de limites*, entre Portugal e Hespanha, em 1864, ficou este couto mixto, pertencendo á Hespanha; mas pelo artigo 27.º do mesmo tratado, se determina que — *os que forem realmente portuguezes, conservem a sua nacionalidade, querendo.*

Os póvos de S. Thiago e de Rubias, aproveitando-se d'este artigo, declararam-se todos de nacionalidade portugueza.

S. THIAGO — Vide *Bougado, Cassurrães, Escoural, Fiães, e Litem.*

S. THIAGO DO CACEM — (ou *de Cacem*) —Villa, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) cabeça do concelho e da comarca do seu nome. Foi do arcebispado d'Evora, d'onde dista 95 kilometros ao O., 405 ao SE. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 384.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Béja.

Districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha trez môios de trigo, o mesmo de cevada e 22$000 réis em dinheiro, de rendimento annual. (V. adiante).

—

O concelho de S. Thiago de Cacem, comprehende actualmente 11 freguezias, todas no bispado de Béja, menos a de Mellides que é do arcebispado d'Evora, são—Abella, Alvallade, Cercal, Mellides, Santa cruz, Santo André, S. Domingos, S. Thiago de Cacem, Serra (S. Bartholomeu), Serra (S. Francisco) e Sines, todas com 4:256 fogos.

Tinha antigamente só oito freguezias, que eram — Abella, Santa Cruz, Santo André, S. Domingos, S. Thiago do Cacem, S. Bartholomeu da Serra, S. Francisco da Serra e Sines. Depois (18 d'abril de 1871) se lhe juntou a freguezia d'Alvallade, que foi primeiro do concelho de Messejana e desde 1855 do de Aljustrel. Em dezembro de 1870 passou para este concelho a freguezia de Mellides, que d'elle tinha sahido para o da Grândola, em 24 de outubro de 1855.—E, finalmente, em 1875, se lhe reuniu a freguezia do Cercal, que era da comarca e concelho de Odemira.

—

Por decreto de 23 de dezembro de 1873, foi supprimido o julgado de S. Thiago de Cacem; mas, por decreto de 15 de dezembro de 1874, foi o concelho de S. Thiago de Cacem elevado á cathegoria de comarca; e pelo mesmo decreto foi a comarca dividida em cinco julgados — Mellides, Cercal, Sines, Alvallade, S. Domingos e S. Thiago de *Cacem*.

Cacem é palavra arabe, nome proprio de homem. Segundo Cardoso, *Cacem* significa *repartidor*. Vem do verbo *caçama*, repartir. (Vide a nota adiante).

—

Uma portaria do ministerio do reino, de 8 de novembro de 1847, recommenda ás camaras municipaes, que tenham um livro, com o titulo de ANNAES DO MUNICIPIO, no qual se consignassem, não só as tradições lo-

caes e successos notaveis, mas todos os factos importantes que fossem occorrendo no concelho.

Nem uma só camara d'este reino fez caso de semelhante recommendação, apezar de ser objecto importantissimo; apenas a de Setubal mandou d'ahi a 32 annos publicar á sua custa, uma MEMORIA SOBRE A HISTORIA E ADMINISTRAÇÃO DO MUNICIPIO DE SETUBAL, que viu a luz publica, em 1879.

—

Mas o que nenhuma camara fez, o emprehendeu e levou a effeito o benemerito e esclarecido prior d'Abella, o reverendissimo sr. Antonio de Macedo e Silva, natural da villa de S. Thiago do Cacem, que a impulsos de um louvavel patriotismo, se arrojou á improba tarefa de escrever e publicar os seus ANNAES DO MUNICIPIO DE SANT-YAGO DE CASSEM, [1] cuja primeira edição viu a luz publica em 1866, sem que a respectiva camara concorresse directa nem indirectamente para esta publicação; apenas os srs. J. F. Arraes Falcão Beja, e A. P. Loureiro de Lacerda (dous particulares!) por um acto de generoso patriotismo, ficaram com os 300 exemplares de que constou a 1.ª edição.

Em 1869, publicou o mesmo sr. Antonio de Macedo e Silva, a 2.ª edição dos mesmos annaes, com as alterações e successos decorridos desde o anno de 1853 (em que escreveu a 1.ª edição) até áquelle anno de 1869.

É d'esta obra que me aproveitei para a construcção d'este artigo, bem como dos apontamentos que o sr. Macedo e Silva se dignou mandar-me, narrando os successos occorridos no concelho de S. Thiago de Cacem, desde a publicação da sua ultima edição, o que cordialmente lhe agradeço.

Tambem agradeço ao meu amigo e patricio, o esclarecido doutor em medicina (pela Universidade de Coimbra) Abel da Silva Ribeiro, hoje residente em Odemira, o inapreciavel obsequio de me dar a 1.ª edição dos referidos *Annaes*, que me não tinha sido possivel obter, nem á força de dinheiro, pela sua raridade, em vista da pequena tiragem, como já vimos.

Esta 1.ª edição é curiosissima, porque, além do texto, traz uma vista do castello de S. Thiago de Cacem, como elle estava no seculo XIII, o corte horisontal do mesmo, a vista do castello no estado actual, e o baixo-relevo que está na egreja matriz da villa, tudo perfeitamente desenhado pelo auctor dos *Annaes*.

—

Está a villa de S. Thiago de Cacem situada na vertente oriental de um outeiro, ramificação das serras da Grândola e S. Theotonio.

Até 1834, pertenceu á comarca de Ourique, cuja capital lhe fica a distancia de 45 kilometros.—Depois, passou a formar parte da comarca de Alcacer do Sal, até que, como já vimos, em 1874 passou a ser comarca independente, classificada na 3.ª classe, e pertencente ao districto judicial da relação de Lisboa, e á 1.ª divisão militar. Tem a praça de guerra de 2.ª classe, em Sines. Tem estação telegraphica municipal, e uma outra em Sines, onde ha tambem uma delegação de 1.ª classe, da alfandega de Lisboa.

Está a villla em 38° e 2′ de lat. N., e 18′ e 13″ de long. occid., contada pelo meridiano de Coimbra.

O rei D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 36 v., coll. 2).

Vejam-se certos artigos do seu forail, pas-

[1] O nome de *Yago* (como o sr. Macedo e Silva escreve) é escripto e pronunciado de diversos modos, segundo o dialecto das differentes nações do mundo. Na Biblia vemos escripto *Jacob*, que se lê *Jacó*—ao norte da Europa se escreve *Jak*—Na França *Jacques*—os turcos e os arabes dizem *Iacoub*—porem os portuguezes fizeram d'este nome nada menos de cinco nomes—*Yago*, *Jaco*, *Jacques*, *Iago*, e *Thiago*. Este ultimo é o mais vulgar e mais geralmente admittido.

Quanto á palavra *Cacem*, não concordo com a opinião do esclarecido auctor dos *Annaes do municipio de S. Thiago de Cacem*. Entendo que se deve escrever (e com effeito assim geralmente se escreve) *Cacem*, que, como já vimos, é nome proprio de homem: talvez que além de *repartidor*, signifique *medidor de terreno*, *avaliador*, ou *louvado*, a quem os nossos avós davam o nome de *homem bôo*: entretanto, a opinião do sr. Macedo e Silva lá vae no logar competente. Talvez que elle tenha mais razão do que eu.

sados por certidão, em S. Thiago de Cacem, a 20 de novembro de 1477, no maço 11 de foraes antigos, n.º 6—e a sentença do 1.º de agosto de 1500, no *Corpo chronologico*, parte 2.ª, maço 3, n.º 23.

Pertenceu esta villa á ordem militar de S. Thiago da Espada, até aos fins do seculo XV, passando então a ser propriedade particular do grão-mestre da ordem, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho bastardo de D. João II, tronco dos duques de Aveiro, que conservaram este senhorio e outros muitos em Setubal, Azeitão, Cezimbra e outras muitas terras, até 1759, em que o ultimo duque d'Aveiro, D. José Mascarenhas, com a vida no supplicio, perdeu todas as suas honras e haveres. (Vide *Chão Salgado*).

Pela extincção d'esta illustre familia, passaram todos os seus bens para a corôa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 16.º

Tem por armas—escudo de prata, tendo no centro o apostolo S. Thiago, a cavallo, empunhando com a mão direita a espada, em acção de batalhar, e com a esquerda envergando um escudo em que se vê a cruz da ordem. Sobre o cavallo se vê o ceu com algumas nuvens, e no terreno aos pés do cavallo, jaz estendido um mouro.

—

Nas eleições municipaes, feitas em novembro de 1871, foram eleitos sete vereadores, em razão do augmento da população, por se terem encorporado no concelho as freguezias declaradas.

N'este mesmo anno de 1871 se deu principio á estrada de 3.ª classe, entre esta villa e S. Bartholomeu.

Em 1874 se concluiu esta estrada, entre S. Bartholomeu e a freguezia d'Abella.

Em 1878 se continuou esta estrada, de Abella ás Ermidas.

Em janeiro de 1873, se construiu, junto ao chafariz de S. Sebastião, uma praça de touros; monumento antes de selvajaria do que de illustração.

Em 1874 se ultimou a estrada de Sines á ribeira e caes. Foi feita pelo ministerio das obras publicas.

Em novembro de 1871 se collocaram os postes e arame electrico, entre Sines e Grândola, passando por S. Thiago de Cacem. Principiou o telegrapho a funccionar em fevereiro de 1872.

A villa principiou a ter illuminação publica, em dezembro de 1871.

Em setembro d'este anno de 1871, se fez a obra do chafariz de Nossa Senhora do Monte, pela repartição das obras publicas, dando a camara d'este concelho os materiaes. Concluiu-se a obra em março de 1872.

As lapides romanas que estavam em redor do largo do chafariz, foram então removidas e mutiladas. Estão agora embutidas no frontão do novo chafariz, mas privadas dos ornatos que tinham em volta das inscripções. (Foi *meio vandalismo*)

A estrada para Sines foi aberta á circulação em 1870.

Em 1878 se estabeleceu em S. Thiago de Cacem, uma fabrica de sabão.

A residencia parochial da freguezia de Abella, foi mandada fazer pelo actual prior, o reverendo sr. Antonio de Macedo e Silva, em 1866, á custa das confrarias. Importou em 436$000 réis.

Em julho de 1871, fez-se o cemiterio da freguezia de S. Domingos, á custa dos freguezes e da camara.

Em setembro do mesmo anno, se fez o cemiterio da freguezia de Santo André, á custa dos parochianos.

No mesmo mez e anno, se construiu o cemiterio d'Abella, á custa da camara. Custou 282$000 réis.

Em junho de 1880, foi entregue na repartição competente, o projecto para a nova casa da camara d'esta villa, tribunal, cadeia (com systema cellular) quartel para o destacamento militar e mais repartições publicas da comarca. O projecto foi feito pelo distincto engenheiro, Jorge Arthur Schiappa Monteiro.

—

A villa está situada, como já vimos, na vertente oriental de uma collina, occupando tambem o valle contiguo. No alto d'essa collina, está a egreja matriz, e junto d'ella, as ruinas do antigo castello.

Ao E. e ao S., corre uma serra, em cujos cabeços se veem enfileirados varios moinhos de vento; e ao O., um dilatado valle, de rica e variada cultura, e que vae terminar na praia do Atlantico, que fica a 12 kilometros de distancia. Ao N. da villa, principiam os primeiros degraus dos sêrros do Martinél, ramo da extensa cordilheira do Caldeirão.

—

Este concelho era antigamente mais dilatado, pois não só comprehendia a freguezia de Santa Catharina do Valle, que foi annexada ao concelho de Messejana em 1835, mas tambem as villas de Sines e Villa Nova de Mil Fontes, e seus respectivos termos.

Principiando na ponta da terra que se dirige á Comporta e a Froia, tem hoje este concelho 60 kilometros de N. a S., e 30 de E. a O.

Tem por limites —

Ao N., os concelhos de Grandola, e Alcacer do Sal.

Ao E., o supprimido concelho de Messejana, hoje, concelho d'Aljustrel, e o tambem supprimido do Cercal, hoje reunido a este de S. Thiago de Cacem.

Ao S., o extincto concelho de Sines, hoje tambem unido a este.

Ao O., o Oceano Atlantico.

Todo o concelho é situado em terreno montanhoso, tendo por base, rochas schistosas e silicosas, á excepção das duas freguezias de Santo André e Mellides, ao O. da villa, cujos terrenos, carregados de depositos arenosos, saibro e calhaus errantes, e de antigas turfeiras, parecem pertencer á serie neptuniana das antigas alluviões.

N'estas duas freguezias, o terreno é cortado a espaços, por grandes bréjos e paúes, alimentados pelas ribeiras e arroios que os atravessam, ou pelas lagoas situadas n'essas planicies; ao passo que nas freguezias que estanceiam ao E. da villa, os sêrros são litteralmente cobertos de sobreiros, azinheiras e mattas de estevas e urzes.

O clima do concelho é, no geral, temperado. Os ventos mais constantes são dos quadrantes do N. e O.

Nas freguezias de Santo André e Mellides, o clima é menos salubre, em razão das aguas estagnadas nos varios pantanos.

A freguezia de S. Thiago de Cacem, tem uns 14 kilometros de comprido, de E. a O., e 12 de largo, N. a S.

Ao O. da villa, está o fertilissimo valle de *Escatalar*, que produz grande variedade de fructos. Só a laranja dos pomares d'este valle, regula annualmente por 1:800 a 2:000 caixas inglezas de milheiro, que quasi toda vae para a Inglaterra.

A freguezia da villa, é abundante d'aguas potaveis e de irrigação. Das primeiras, ha na villa e suas immediações, quatro chafarizes publicos, e sete fontes de excellente agua, em propriedades particulares.

O valle de Escatalar, é abundantissimo d'aguas.

Tem esta freguezia
12 moinhos de vento.
6 ditos d'agua.
4 fórnos publicos para pão.
3 fórnos de cal.
3 ditos de télha e tijôlo.

—

A egreja matriz, tem de comprido 46^{m},50 e de largo 20^{m}, 50. É de trez naves, assentes sobre 10 columnas octogonas, de pedra.

A figura e disposição d'estas columnas; o estylo e ornatos dos seus capiteis e dos arcos que sobre elles se firmam; as imagens e symbolos esculpidos n'estes arcos, tudo induz a crer que foi um templo do paganismo.

O *portico do sol*, uma das entradas do templo, é formado de muitos arcos concentricos, em ogiva, sustentados por columnellos de marmore, em cujos capiteis se veem esculpidas diversas figuras de animaes.

Julga-se pois que este templo é de fundação anterior ao dominio romano, talvez construcção grega ou phenicia.

Parece que este edificio não foi logo depois da conquista pelos christãos, purificado e transformado em egreja catholica, porque junto do alcaçar, ainda se veem os restos de um edificio, que parece ter sido a primitiva capella dos cavalleiros de S. Thiago.

A egreja matriz, teve a sua entrada para o interior do castello, e era cercada pela mu-

ralha, o que demonstra ter pertencido aos cavalleiros.

Não se sabe quando esta egreja foi convertida em templo christão, e apenas consta que foi reedificada em 1530, sendo mestre da ordem, Alonso Peres Pantoja, como se via de uma lapide com a inscripção em caracteres dourados, que estava na parede do côro, que cahiu pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755.

Foi outra vez reedificada em 1704, por provisão de D. Pedro II, á custa da commenda d'esta villa, a requerimento do provedor, Gaspar Lopes Machado, sendo commendador, o marquez de Fontes.

Tornou a ser reedificada pelo prior, Bonifacio Gomes de Carvalho e pelo beneficiado José Caetano da Fonseca, principiando esta obra em 1796 e concluindo-se em 1830, gastando-se n'ella mais de 16:000$000 réis. Foi tambem á custa da commenda da villa.

Foi sagrada no 1.º de setembro de 1800, pelo bispo de Béja, D. Frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas.

A porta principal, era antes d'esta obra, no logar onde hoje está a capella-mór. Junto a esta porta, á direita, estava a capella de Santo Estevam, que é hoje a do Santissimo. Na dita capella estavam dous tumulos, um do conde da Calhêta, e outro do conde de Castello-Melhor. Na abobada estavam as armas dos Coutinhos.

Esta capella de Santo Estevam foi feita por Martim Viegas Vinagre e sua mulher, D. Urraca Martins, cujo epitaphio ainda hoje se póde ler, junto da porta do baptisterio. Vincularam um mórgado, com a pensão de meio anual de missas cantadas na dita capella, em 1380.

Por morte dos instituidores e extincta a linha de successão, tomou a corôa posse d'esta capella, em 1430, e em 1432 a deu D. João I, a Ruy Mendes de Vasconcellos, filho do mestre de S. Thiago, que a possuiu em sua vida. Em 1473, D. Affonso V a deu a D. Tristão, e depois (1477) a Braz Dias, capellão de D. João II (ainda infante). De Braz Dias, passou a D. Pedro Coutinho e depois a seu irmão, D. João Coutinho, e por fim a possuiram varios individuos. Em 1804 se achava em poder de José Rodrigues de Andrade, medico da camara, por mercê de D. Maria I, e pagando de renda annual, réis 120$000. N'esse tempo já se não cumpria a pensão das missas. A actual administradora d'esta capella, é a sr.ª D. Anna Ignacia d'Andrade, e seu immediato successor, seu filho, o sr. Luciano Thomaz de Faria Aguiar, de Lisboa.

No pavimento da egreja estavam muitas campas, das quaes apenas hoje existem quatro — a 1.ª é a de Martim Vinagre e de sua mulher, D. Urraca, dos quaes já aqui se fez menção — a 2.ª, junto d'esta, á porta do baptisterio, com esta inscripção: —

ANTONII FREIRE OSSA NOMENQUE
SERVO; OPERA ANIMAM.

a 3.ª, á porta principal, tem a seguinte inscripção, em letra gothica: —

ESTA SEPULTURA É DE
ALVARO MENDES DE BRITO,
CAVALLEIRO DE LINHAGEM,
E PARA TODOS SEUS HERDEIROS
A QUAL MANDOU FAZER
JOANNA MENDES BRITO,
SEU FILHO, E SEU NETO
ALVARO MENDES DE BRITO
AQUI POER.

a 4.ª, á porta do sul, com esta inscripção: —

SEPULTURA DO PADRE GOMES
TALAGRO VARGO E DE SEUS
DESCENDENTES. FALLECEU
A 26 DE JUNHO DE 1652.

Todas as mais campas, mandou Braz Ferreira Duarte, juiz da ordem, fazer em pedaços, para calçar o átrio da porta do sol.

A antiga torre dos sinos, era no baluarte do castello, que foi derrubado, e que estava onde hoje se vê a janella que dá luz ao côro.

Tinha a egreja uma collegiada, com prior e seis beneficiados, todos freires da ordem de S. Thiago, com obrigação de côro e curativo.

O prior tinha antigamente o rendimento dado no principio d'este artigo, porque tinha deixado perder, pouco a pouco, muitos

fóros que recebia, e que nos ultimos tempos se reduziram a 11 alqueires de trigo. A commenda lhe pagava mais 2:000 réis, por ensinar a doutrina christan aos rapazes. Teve depois, trez môios de trigo, trez de cevada e 60$000 réis em dinheiro. Em 1831, tinha quatro môios de trigo, quatro de cevada, e 100$000 réis em dinheiro.

Os beneficios eram todos primeiramente de dous môios e meio de trigo e 10$000 réis em dinheiro; mas os dous que eram curados, tinham mais noventa alqueires de cevada, de pensão. Depois tiveram mais, réis 30$000, e ultimamente (1831) tinham quatro moios de trigo, quatro de cevada e réis 50$000, tudo pago pela commenda.

Os seis beneficiados tinham, cada um, mais 30 alqueires de trigo, do producto de duas capellas; uma, instituida por Ignez Vaz Rapoza, outra, das missas de *tercia*, nos domingos e dias santos.

Ao priorado andava junto o juizado da ordem, da comarca, que comprehendia no seu districto, alem d'este termo, as villas de Sines, Villa Nova de Mil Fontes e Cóllos, em que haviam 13 capellas, curadas por 23 freires da ordem. O juiz servia de almoxarife da commenda, de cujo emprego não recebia ordenado. Pertencia-lhe julgar sobre a arrecadação dos fructos e mais dependencias da commenda.

Ha n'esta freguezia as seguintes confrarias:

1.ª *SS. Sacramento* — Tem compromisso, confirmado por provisão da mesa da consciencia, de 18 de abril de 1632. Rende de 60$000 a 80$000 réis.

—

2.ª *Santo Lenho* — A reliquia do Santo Lenho foi depositada n'está egreja, por D. Bataça [1], da qual adiante fallaremos. Está a reliquia fechada em um relicario de prata, e em uma columna de pedra que sustenta a mesa do altar.

Esta confraria tem compromisso, confirmado por provisão de 27 d'abril de 1765. O seu rendimento, que eram fóros de trigo, pela lei de 4 de julho de 1768, foi reduzido a dinheiro, e o seu cofre recebeu 200$000 réis. Os juros d'esta quantia e as esmolas, chegam para as despezas da confraria.

A reliquia está encerrada em um sacrario, fechado com trez chaves, guardadas pelo prior, pelo juiz da confraria e pelo vereador mais velho. Costuma sahir em procissão, a requerimento dos lavradores, por occasião de preces por falta de chuva.

—

3.ª *Nossa Senhora do Rosario* — É a mais antiga confraria d'esta egreja. O seu compromisso foi confirmado por provisão da mesa da consciencia, de 7 de novembro de 1589. Tem um pequeno rendimento, procedente da doação que lhe fizeram Fernão Sardinha, fidalgo da casa real, e sua mulher Brites Vaz Rapoza, em 1580.

—

4.ª *Nossa Senhora do Carmo*—Era capella propria da ordem terceira. Tinha um commissario, por patente do ministro provincial da ordem. Os seus rendimentos são as *conhecenças* dos irmãos.

Capellas

1.ª *N. Senhora da Conceição* — Na egreja matriz. Não tem confraria, mas só um pequeno rendimento que se applica para a esmola das missas dos sabbados, que eram cantadas pela collegiada, e o resto para a festa da Senhora. Hoje é o parocho que diz estas missas. Os bens d'esta cepella foram antigamente administrados pela camara, e hoje o são pela junta de parochia.

—

2.ª *Santo Antonio* — Na Rua Direita, fundada pela familia dos Britos, como se collige de um grande carneiro, com sua campa de marmore, collocado no meio da ermida, e n'ella primorosamente lavrado o escudo das armas dos Britos e Mouras, com esta inscripção:

AQUI JAZ JOÃO DE MOURA DE BRITO, CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO. FALLECEU EM 6 DE MARÇO DE 1699.

O rendimento d'esta capella, é de réis 4$000.

[1] Ou Vetaça Lascaris. Para evitarmos repetições, os que desejarem saber quem era esta dama, e porque veio ter a Portugal e quando, veja-se o que disse no 2.º vol., pag. 319, col. 1.ª

3.ª *Almas* — Na rua antigamente chamada dos Mercadores e hoje das Almas. Foi fundada em 1630, pelo padre Sebastião de Mattos, freire de S. Thiago e parocho de Santo André.

Principiou a ter confraria em 1669, e o seu compromisso foi confirmado por provisão da mesa da consciencia e ordens, de 1671.

Na capella-mór está uma campa, e da sua inscripção consta estar alli sepultado o beneficiado Manoel d'Oliveira Bello, o qual deixou a esta confraria 400$000 réis, para se empregarem em bens de raiz, com a pensão de 20 missas annuaes por sua alma. Falleceu em 1742.

Tem ainda esta ermida mais as seguintes capellas de missas:

A de *Manoel Rodrigues* — Trinta missas, impostas nos Malhadaes.

A de *Luiz d'Albuquerque* — Dez missas, impostas na sua casa da rua das Almas, em 1756.

A de *Antonia Boina* — Cinco missas, impostas em 20 alqueires de trigo, de fôro, na herdade da *Casa Alta*, freguezia do Cercal.

A de *José Gonçalves e sua mulher* — Duas missas, impostas em umas casas e forno, á Carreira.

A de *Manuel Jorge* — Seis missas, impostas em um pomar, nos Chãos, vendido o qual, se compraram 6 alqueires de trigo de fôro.

A de *Anna Vagada* — Trez missas, impostas no fôro de umas casas.

A de *Marcos dos Santos* — Trez missas, impostas em um fôro de 15 alqueires de trigo, na herdade da Botinha.

A de *Sebastião Rodrigues* — Uma missa, imposta em umas casas, na rua das Almas.

A de *Catharina Maria* — Duas missas.

A de *Sebastião Cannaes* — Trez missas, impostas em um retro, na herdade da Balsa, de S. Bartholomeu.

A de *Antonia Boina* — Oito missas, impostas em um quinhão, na herdade de Atraz da Pedra, de S. Francisco.

N'esta ermida se dizem as missas d'alva, em todos os domingos e dias sanctificados. Rende ao seu capellão 60$000 réis.

Egreja da Misericordia

Não se sabe quando foi construida esta egreja, mas, provavelmente, foi pouco depois da de Lisboa (1499), visto que a sua primeira reedificação foi em 1678, sendo provedor Christovam de Brito Varella. O terramoto do 1.º de novembro de 1755 a arruinou, sendo logo no anno seguinte reedificada quasi desde os fundamentos. N'esta reconstrucção perdeu toda a sua fórma primittiva, mudando-se-lhe a porta principal para onde até então esteve a capella-mór, e accrescentando-se-lhe mais uma sachristia e côro.

O seu hospital, que lhe fica contiguo, foi feito em 1760, e reedificado em 1844.

N'esta egreja havia as seguintes capellas:

1.ª *S. Pedro* — Pertencente ao mórgado instituido pelo padre Sebastião Feio Guerreiro. Pagava annualmente á Santa Casa 10$000 réis pelo jazigo que a familia do instituidor aqui tinha. Teve trez capellães, com a pensão de dois annuaes de missas, e que recebiam de ordenado, cada um, dois moios de trigo e 10$000 réis em dinheiro. Tinha mais este mórgado a pensão de pagar trez dotes de 10$000 réis cada um, a trez orphãs pobres, naturaes d'esta villa, os quaes eram dados em quinta feira santa.

2.ª A de *Estevam Lourenço de Avellar* — Que era de 100$000 réis de juro real, em um padrão de 188$064 réis, pelo capital de 3:761$283 réis, que o dito Avellar deu a juros ao rei D. Sebastião, para a jornada da Africa e despezas de guerra. Este padrão foi lavrado por decreto de 10 de maio de 1578. Foram assentados no almoxarifado de Béja.

O referido Avellar falleceu em 6 d'agosto de 1591 e foi sepultado n'esta egreja. Sobre a sua sepultura e de sua mulher, Maria de Mariza, e de sua irman, Mecia d'Avellar, se vê escripta em uma lapide, toda a verba do seu testamento, em que dispõe a pensão da referida capella, que é de quatro missas cantadas, nos oitavarios do Natal, Paschoa, Pentecostes e Assumpção, e 30$000 réis para trez dotes a trez orphãs pobres.

3.ª A capella do mórgado instituido por D. Anna Maria de la Corôna, viuva de Christovam de Brito Varella. Tinha de pensão um

annual de missas, com uma livre em cada semana. Recebia o capellão trez moios de trigo e 20$000 réis em dinheiro. Esta capella foi abolida em 1852.

—

Os bens do hospital estão hoje confundidos com os da Misericordia. Não se sabe de outro algum legado senão o de Diogo de Vasconcellos, que está sepultado á porta da egreja do Espirito Santo. Na sua campa se lê, que havia feito uma enfermaria no hospital, ao qual deixára toda a sua fazenda. Não diz em que anno.

Muitas fazendas se alhearam, outras se perderam por desmazello dos empregados respectivos; entre estas, a maior foi a de Manuel Corveira, contador da ordem de S. Thiago, fallecido n'esta villa, a 22 de junho de 1578. No testamento que havia feito de mão commum com sua mulher Antonia de Lemos Mascarenhas, instituiram herdeiras de suas meiações as Misericordias d'esta villa e de Coimbra. Feito inventario de suas fazendas, se achou importarem na quantia de 400$000 réis. Nunca se fizeram as partilhas.

Egual fortuna teve a Santa Casa com o que lhe deixou a mulher de Antonio de Moura Coutinho, fallecida n'esta villa, em 30 de setembro de 1606.

A maior parte das familias illustres d'esta villa, tinham sepulturas na egreja da Misericordia, as quaes ficaram confundidas com a ultima reedificação.

A receita da Misericordia é actualmente de 277$480, e a despeza anda por 259$000 réis.

Egreja do Espirito Santo

Está na praça, e junto ao hospital. É mais antiga do que a Misericordia, e foi administrada por esta, até ser cedida aos irmãos terceiros de S. Francisco, por concordata feita em 1752. Os seus rendimentos se applicavam a um bôdo que se dava aos pobres no dia de Pentecostes e primeira oitava. Hoje estão reunidos aos da Misericordia.

O tal bôdo consistia em um prato de sôpa, outro de carne e couves, outro d'arroz, um pão, um quartilho de vinho, um farte e uma laranja, a cada pessoa que se apresentasse para o receber. Para isto se faziam duas compridas mezas na praça. As panellas eram conduzidas para as mezas, ao som de tambor, pifano e foguetes. O que restava do domingo e segunda feira era repartido na terça (em procissão e tambem com tambor e foguetes) pelas pessoas pobres que não tinham assistido aos jantares dos dias antecedentes.

Em 1833 deixou de haver bôdo, até 1846. Em 1847 alguns devotos o tornaram a fazer, e ainda em 1848, 1849 e 1850, mas já não era com o enthusiasmo antigo.

Hospicio dos terceiros de S. Francisco

Está em communicação com a egreja do Espirito Santo. Teve principio em 1752. Contem celleiro, cosinha, sala, quarto de cama, quintal e cavallariça.

Ermidas fóra da villa

1.ª *S. João Baptista*—na quinta do sr. J. Paes de Mattos, com a pensão de uma missa cantada, no dia do orago, imposta no vinculo instituido pelo sargento-mór João Falcão, em 1726.

2.ª *S. Braz*—ao E. da villa.

3.ª *S. Sebastião*—idem.

Nenhuma d'estas duas ermidas tem fabrica. Festejam-se annualmente os seus oragos, nos dias proprios, á custa das esmolas dos fieis, supprindo a fabrica da egreja matriz com o que falta.

4.ª *S. Pedro*—ao O. da villa. Tem a sua pequena fabrica, que são uns fóros impostos em umas courellas proximas, hoje pertencentes ao sr. conde d'Avilez.

Mosteiro de Nossa Senhora do Loréto

Fica ao S. da villa e proximo á aldeia dos Chãos. Era de religiosos franciscanos da provincia do Algarve. Era pequeno, e n'elle apenas se podiam accommodar até 12 religiosos.

Está em um sitio solitario mas delicioso, com boas aguas e salubre. Era cercado de

uma espessa matta de sobreiros, pertença do mosteiro, comprada pelos frades, por 300$000 réis, em 1515. Ardeu, e poucas das suas arvores hoje restam.

Foi este mosteiro construido em uma ermida de Nossa Senhora do Lorêto. Segundo a *Monarchia Lusitana* em 1505—*A Chronica Seraphica*, diz que foi em 1454.

Foram seus fundadores, frei Francisco e frei Vicente, castelhanos, religiosos claustraes da ordem seraphica. Pediram esta fundação a D. Catharina, mulher de Pedro Pantoja, alcaide mór da villa, os quaes ficaram padroeiros. A doadora foi sepultada na capella mór da egreja do mosteiro.

Foi primeiro habitado por frades observantes da provincia de Portugal, os quaes depois o cederam á provincia do Algarve, na divisão que fizeram em 1532.

Aqui floresceram em virtudes, muitos religiosos, entre elles os chronistas da ordem, o padre frei Francisco Faraó (ou Farão) que n'elle professou e viveu muitos annos, indo morrer de peste a Peniche, em 1580.

Este religioso era algarvio, e da familia Arraes. (Vide 6.º vol., pag. 652, col. 2.ª)

A egreja, de uma só nave, tinha quatro capellas lateraes, ornadas de imagens de santos, de optima esculptura, que hoje estão na egreja matriz.

Tinha este convento 14 moios de trigo, de rendimento annual, mas em 1834 estava reduzido a 5 moios.

Depois de 1834 foi a cêrca vendida e é hoje propriedade dos srs. Sallemas, da villa. A egreja e o edificio do mosteiro estão reduzidos a um montão de entulho.

—

Não ha em todo este concelho, nascente alguma de aguas medicinaes, senão duas de aguas ferreas, na serra, a 2 kilometros ao N. da villa.

Na villa ha quatro chafarizes publicos, são:

1.º *Nossa Senhora do Monte*—com duas bicas e quatro tanques. No frontespicio d'este chafariz está a imagem de Nossa Senhora em azulejo, com esta inscripção em marmore:

SISTE VIATOR: AQUAM BIBE NUNC DE MONTE CADENTEM: FONS MARIAE EST HIC MONS HIC PIETATIS ADEST: FONS EST CULPARUM TORRENTEM QUI IRRIGAT: ERGO, QUI SITIUNT, VENIANT AD PIETATIS AQUAM.

2.º *S. Sebastião*—mais a E. do antecedente e pouco abaixo da ermida do santo que lhe dá o nome.

3.º *Chafariz do Fidalgo*—(por estar proximo a uma courella que foi do sr. de Murça.) É uma nascente abundantissima, pois podem correr quatro cannos d'agua. Correm porém só dous, por descuido das camaras em mandarem limpar a mãe d'agua.

4.º *Chafariz da Asneira* (!) [1]—que antigamente se chamava *Poço do Freixo*. Era a melhor agua da villa, mas hoje está estragada por causa dos muitos álamos que estão em volta, e cujas raizes se introduzem no canno. Depois d'esta, a melhor e mais pura é a do chafariz do Fidalgo.

Nos arrabaldes da villa, ha muitas fontes de optima agua potavel, sendo a melhor a do *Vinagre*, ao S. da villa; e depois d'esta a da quinta do Rio da Figueira.

Todo o concelho é muito abundante de caça, principalmente as freguezias d'Abella, S. Domingos, e Santo André. Na praça da villa custa um coelho 60 réis, uma perdiz 70 a 80 réis, uma lébre 80 a 90 réis. No inverno vem ao mercado muita caça da lagôa, gallinholas, tarâmbolas, e pombos trocazes, que abundam nos montados.

Em todas as freguezias da serra, apparecem muitas côrças e porcos montezes *(javardos)* que são objecto de divertidas montarias.

Nos montes e bosques do concelho ha os seguintes animaes damninhos: lobos, rapozas, gatos bravos, *libernes* (não sei que bixos

[1] Tambem nos arrabaldes de Setubal, e sobre a direita do Sado, ha a *quinta da Parvoice*, do sr. José Cordeiro Feio. Queria ser visconde, mas não da *Parvoice*, e então, em 31 de julho de 1865, foi feito visconde das Fontainhas, que é um sitio no fim de Setubal, a E., e proximo da tal quinta da Parvoice. Esta quinta é pequena e o seu maior rendimento consiste na agua que vende para fornecimento dos navios que sahem de Setubal.

são estes) dóninhas, furões bravos, e teixugos.

De aves de rapina ha o milhano, o peneireiro e o côrvo.

De aves nocturnas, apparecem: o buffo (grande e pequeno), o moxo (grande e pequeno), a coruja e o noitibó.

Nas ribeiras e na lagoa ha muitas lontras.

No verão, quasi todos os dias vem peixe de Sines: de inverno tambem algum vem, mas pouco. N'esta estação fica supprindo a lagoa. Do Algarve vem pescada e ameijoa.

No verão, ha nos talhos, vacca, carneiro e chibato (cabrito), e nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro ha carne de porco. No dia 21 de dezembro faz-se aqui uma feira de gado suino, e n'ella quasi todas as familias da villa compram o seu porco.

O concelho é fertil em fructas, legumes e hortaliças.

—

Os montados são o principal ramo do commercio d'este concelho, que sustentam mais de 20:000 porcos. Alem d'isso, dão um grande rendimento em cortiça (uns annos pelos outros, 30:000 arrobas. A melhor dá a 1$800 réis por arroba, e a inferior a 500 réis).

Apezar de haver nos montados do concelho mais de 500:000 sobreiros, azinheiras e outras arvores silvestres, a lenha é muito cara na villa, em razão dos pessimos caminhos que ha para esses montados. As pessoas mais abastadas queimam cêpa de urze e carvão. Os pobres queimam estevas, que vão buscar á charneca, ou compram cêpa aos burriqueiros, a 160 réis cada carga.

—

Antigamente alguns proprietarios vendiam os seus sobreiros, para carvão, sem se lembrarem que esta preciosa arvore precisa de muitos annos para chegar ao estado de ser util. A camara porem obstou a este vandalismo, com a publicação de uma postura que impõe uma pesada multa ao que cortar ou arrancar sobreiros; todavia não pôde prevenir os incendios nas mattas, que se dão annualmente, causando gravissimos prejuizos, nem castigar rigorosameute os incendiarios.

Em todo o concelho haverá uns 25:000 pinheiros, que tendem a diminuir, porque só se cuida em destruil-os e não em semeal-os.

—

A agricultura tem progredido muito nos ultimos tempos, e maior seria o seu desenvolvimento, se não houvesse muita falta de braços, apezar do grande numero de trabalhadores que para aqui vem, das provincias do norte.

Actualmente, a colheita do trigo n'este concelho, regula por 1:600 a 1:800 moios, quasi todo consumido aqui, hindo o resto para Lisboa, por Sines.

A do milho, regula por 150 moios, que todo se gasta no concelho.

A da cevada, anda por 280 moios, que não chega para o consumo.

A do centeio, regula por 120 moios, que todo aqui se gasta.

A do arroz, é de 1:500 moios, *em branco*, que quasi todo se exporta para Lisboa.

A do feijão é de uns 80 moios, exportando-se mais de metade.

A do vinho regula por 500 pipas, mas importa-se muito dos concelhos limitrophes.

A da laranja anda por 1:500 caixas de milheiro, que annualmente se exporta para a Inglaterra.

Ha pouco azeite; quando muito uns 300 alqueires. Importa-o dos concelhos visinhos.

—

Os rendimentos do municipio andam por 2:200$000 réis annuaes.

Lagôa

Tendo-se aqui fallado mais de uma vez na lagôa, cumpre dizer o que é.

Fica ao O. da villa, na freguezia de Santo André, e junto ao mar, do qual é separada por uma duna. Tem 6 kilometros de N. a S., e 2 de E. a O.—isto no verão; porque de inverno, a agua do mar e dos ribeiros que n'ella desagúam, a fazem espraiar pelas veigas circumvisinhas, que produzem muito arroz e feijão.

A lagôa é muito abundante de peixe, um n'ella creado, outro que no inverno lhe entra pelo mar.

Tambem cria e sustenta grande quanti-

dade de aves palustres, de que se fazem grandes e mui divertidas caçadas, em barcos e por terra.

Para evitarmos repetições, vide *André* (Santo), vol. 1.º, col. 2.ª, pag. 214.

Doenças endemicas

As freguezias do concelho que mais soffrem os effeitos deleterios dos pantanos, são Mellides, Santo André, Abella e S. Domingos. As duas ultimas estão situadas na visinhança de duas ribeiras, cujas aguas, em grande parte, ficam estagnadas no verão. Uma germinação potente se desenvolve com o calor do estio, depois, a evaporação deixa em sêcco estes viveiros, em que pululam differentes gerações de animalculos em decomposição, e cujas emanações pestiferas vão pouco a pouco, ao perto, e ainda ao longe, levando as doenças, e até a morte, aos habitantes d'estas freguezias.

As de Santo André e Mellides, são as que mais soffrem; mas a propria villa, capital do concelho, não está isenta dos effeitos d'esta atmosphera corrupta, e os seus habitantes, na maior parte, são atacados de febres intermitentes, no estio e no outono.

Seis kilometros ao O. da villa estão os pantanos de Santo André, e a lagôa, cuja agua se mistura todos os invernos com a do mar, e que na estiagem se cobre de vegetaes e limos, que, decompondo-se, exalam emanações mephiticas insuportaveis. Para cumulo de insalubridade, são os ventos do quadrante do O. que sopram quasi constantemente no verão!

Nas freguezias de Santo André e Mellides, são endemicas, não só as febres intermitentes e remitentes, mas varias outras molestias da mesma procedencia. Os seus habitantes apresentam todos os caracteres dos dos pantanos—pouca energia, côr pallida, palpebras intumecidas, rugas numerosas e precoces, maus dentes, visceras abdominaes volumosas, e constituição summamente lymphatica.

Ha annos em que a mortalidade é na razão de 10 por cento!

Fundação da villa de S. Thiago de Cacem

Chegámos ao ponto mais difficil d'este artigo: a fundação da villa, seus primeiros habitantes, qual foi o seu nome na antiguidade, e porque depois se chamou de Cacem, ou Cassem.

Todos sabem que antes do dominio dos romanos na Peninsula Iberica, nada se escrevia, e que os seus habitantes, celtas (ou pre-celtas) e gallos-celtas, viviam em cavernas, ou em cabanas construidas de ramos.

É provavel que n'esses remotissimos tempos, o territorio situado entre a serra do Algarve e o rio Sádo (de S. a N.) e entre as planicies de Aljustrel e Ourique, ao E., e o Oceano a O., não fosse mais do que uma vasta selva, composta de sobreiros, carvalhos, azinheiras e outras arvores silvestres, segura acolheita de animaes ferozes. Nem o mais leve vestigio se tem encontrado da existencia do homem n'estas paragens: só mais tarde é que se vieram a fundar as povoações que hoje alli florescem.

N'este concelho ainda ha vestigios de casaes situados no interior das mattas, mas são posteriores ao 7.º seculo, segundo os nomes árabes que ainda conservam, mais ou menos corrompidos—como são:

Alfardim—corrupção de *alfarás* (cavallo ou egua).

Aduares—é mesmo a palavra árabe *adduar*, que significa povoação em que habitam os mouros do campo, em quanto alli acham pastagens para o gado. Consta de tendas feitas de cabêllo de gado tecido, que se armam e desarmam facilmente, para mudar para outro logar.

Tambem póde ser corrupção de *alduar*, que significa *a redonda*, ou *cercada em redondo*.

Almadanim—corrupção de *Almádena*—a torre?

Alcarial—corrupção d'*Alcaría*—aldeia, povoação?

Leziria—corrupção de *Ja-*

zirat—ilha, e tambem terra pantanosa.

Fataca—corrupção de *Fatta*—fatia?

—

Quanto á villa, se dermos credito a alguns escriptores, foi fundada pelos phenicios, ou pelos gregos, com o nome de *Merobriga*, que significa *castello dos fundidores de ferro* (de *merones*, fundidores—e *briga*, povoação). Se fossem os gregos os fundadores, remontaria isso aos annos do mundo 2640 (1364 antes de Jesus Christo) e se fossem os phenicios, dataria esta fundação do anno 3200 do mundo, ou 804 antes de Jesus Christo, no que ha uma differença de 560 annos!

Ha porem uma circumstancia que contradiz qualquer d'estas datas—é que *Merobriga*, nem é palavra grega, nem phenicia, mas sim gallo-cela, e significa *Povoação de Mero*. (*Mero* ou *Merod*, é nome proprio de homem, celta).

Tinhamos pois a fundação d'esta villa ahi pelos annos do mundo 3020, ou 984 antes de Jesus Christo.

Tudo isto é porem muito confuso e duvidoso, e talvez que algum escriptor antigo, na intenção de nobilitar esta villa, lhe attribuisse tão remota antiguidade.

Outra duvida—Não está satisfatoriamente provado que *briga* signifique cidade, ou povoação, porque muitos escriptores sustentam que a terminação *briga* foi dada a todas as cidades fundadas por *Brigo*, quarto rei de Hespanha, e que viveu (se é que tal individuo existiu) pelos annos do mundo 2:100 ou 1:900 antes de Jesus Christo.

Ainda outra duvida—Os antigos geographos fallam em trez cidades com os nomes muito semelhantes—*Medobriga*, *Mirobriga*, e *Merobriga*. (Vide vol. 5.º, pag. 338, col. 1.ª, e pag. 507, col. 2.ª)

Para evitarmos repetições fastidiosas, vide *Aramenha*, *Marvão* (villa), *Marvão* (serra) e *Monte-Mór-Velho*.

Mr. Charles Romey (*Historia d'Hispanha*, tit. 4.º, app. 7.º) diz que Merobriga é a actual villa de Odemira.

Se existiram estas trez cidades, é ponto contestado. O *Itinerario de Antonino Pio* poder-nos-hia dar alguma luz, se todas ou algumas d'estas povoações ficassem em qualquer das vias militares romanas, que de Lisboa hiam a Merida, mas é o que infelizmente se não dá.

Supponhamos pois, que a *Merobriga* dos gallos-celtas, ou *Merobrica* dos romanos, é esta villa e não outra.

O que é incontestavel é que S. Thiago de Cacem, foi colonia romana, desde a era primeira de Cesar (38 annos antes de Jesus Christo) até 405 da era christã, em que os gôdos a occuparam.

Junto á ermida de S. Braz, que está no cume de um monte ao E. da villa, se veem ainda os restos informes de uma antiga fortaleza. Aqui se tem achado cippos com inscripções e medalhas romanas, e estatuas de divindades pagans.

D. frei Manoel do Cenaculo Villas Bôas, sendo ainda bispo de Béja, mandou explorar as ruinas d'este velho castello, em 1808 [1].

Descobriu-se então uma escada de pedra, que conduzia a uma casa abobadada, cujas paredes eram coroadas por uma cimalha primorosamente lavrada.

Achou-se uma grande porção de medalhas romanas, de ouro, prata e cobre, do tempo da republica e de muitos imperadores, desde Augusto até á divisão do imperio. Tambem se acharam alguns penates e uma estatua de Priapo (ou, mais provavel, um *deus* Terminos) em um logar chamado *Pomar do Callisto*, ao N. da villa.

No mesmo recinto do castello foram achadas cinco lápides, com inscripções romanas, que foram collocadas junto ao chafariz de Nossa Senhora do Monte. Eis as suas inscripções;

1.ª

Q. SCRIBONIO
L. F. QVIRI
PATERNO
L. SCRIBONIOS
SATVRNINUS
PATER.

[1] Foi o prior da villa, Bonifacio Gomes de Carvalho, que a convite do bispo, mandou fazer as escavações, junto á capella de S. Braz, no sitio chamado *Castello-Velho*, que se julga ser o assento da cidade de Merobriga.

—

Isto é—*Quinto Scribonio quiri, paterno* (amore) *Lucius Scribonius Saturninus pater.*

Traducção—Lucio Scribonio Saturnino, pae do senador Quinto Scribonio, por amor paternal, dedicou esta memoria ao dito seu filho.

2.ª

MARTI
SACRUM
IN HONO-
REM G. PAG.
MARINI
PAG. MARI-
ANE FRATRI
PIENTISSIMO.

—

Isto é—*Marti sacrum, in honorem Gaii Pagusici Marini, Pagusico Mariane, fratri pientissimo.*

Traducção—Dedicado ao deus Marte, em honra de Gaio Pagusico Marino, por seu piedoso irmão.

3.ª

G. PAGVSICO
VALERIANO
EX TESTAMEN.
SVO SCRIBO-
NIA G. F. MAXI-
MA HERES FC.

—

Isto é—*Gaio Pagusico Valeriano, ex testamento suo, Scribonia Gaia Fulvia Maxima heres fecit.*

Traducção—Scribonia Gaia Fulvia Maxima, por testamento, fez seu herdeiro, a Gaio Pagusico Valeriano.

4.ª

PAGVSICAE
L. F. FVNDA-
NAE C. PAGV-
SICVS LVCI-
ANVS SORO-
RI OPTIMAE.

—

Isto é—*Pagusicae, loculum fecit, Fundanae, Gaius Pagusicus Lucianus, sorori optimæ.*

Traducção—Gaio Pagusico Luciano, fez este jazigo, a sua bôa irman Pagusica Fundana.

5.ª

VENERI VITRI-
CI AVG. SACR.
IN HONOREM LV-
CILIAE LEPIDINAE
FLAVIA TITIA FILIAE
PIENTISSIMAE.

—

Isto é—*Veneri Vitrici Augustæ sacrum, in honorem Luciliæ Lepidinæ, Flavia Titia, filiæ pientissimæ.*

Traducção—Memoria dedicada a Venus augusta, vencedora, por Flavia Titia, em honra de sua piedosa filha, Lucilia Lepidinea.

—

Na parede do hospital da villa, fronteira á praça, está uma lápide, com uma inscripção, da qual apenas se póde ler o seguinte:

A ESCULAPIO DEO
CATTIUS JANUARIUS
MEDICUS PACENSIS
TESTAMENTO LEGAVIT
OB MERITA SPLENDIDISSIMI ORDINIS
.....
.....
.....
.....
.....HERES...
.....FAC.....CUR.....

—

Nas planicies ao S. da villa, onde hoje está a pequena aldeia dos Chãos, apparecem alguns vestigios de uma povoação antiga.

—

Finalmente, qualquer que seja a antiguidade d'esta povoação, é fóra de toda a duvida que os romanos a dominaram por mais de 350 annos, isto é—desde Julio Cesar, até ao anno 405 ou 406 de Jesus Christo, conservando-lhe o seu antigo nome, limitando-se apenas a alatinisal-o, como praticavam com todos os nomes a que elles chamavam *barbaros*—isto é—chamando lhe *Merobrica.*

Invadida a Peninsula Iberica pelas hordas vindas do Norte, logo nos primeiros annos do seculo V, coube esta parte da Lusitania a Gunderico, rei dos wandalos, até que, depois de profiadas guerras entre as varias nações invasoras (suecos, alanos, wandalos, selicigos, etc.) em 585, Leovegildo, rei dos gôdos,

venceu os outros barbaros e se tornou senhor de toda a Hespanha.

A villa continuou com o seu antigo nome de Merobriga, até que, em 716 foi invadida toda a Lusitania por uma nuvem de arabes, que levando tudo a ferro e fogo, se tornaram senhores d'ella em breves dias.

Foram pois estes truculentos africanos que, não podendo pronunciar varios nomes de povoações, ou os adulteraram ou mudaram.

Deram a esta villa o nome de *Cacem*, que ainda conserva, e esteve em seu poder por quatro seculos e meio, até que foi resgatada pelos templarios, em 1157; porem, logo em 1185, cae em poder dos mouros commandados pelo Miramolim de Marrocos.

A ordem militar de S. Thiago tinha sido introduzida em Portugal, no anno de 1175, e em pouco tempo formou uma brilhante e numerosa legião de guerreiros valerosissimos, que prestaram á sua patria os mais relevantes serviços, e recuperaram grande parte do territorio que estava ainda em poder dos árabes. Foram pois estes cavalleiros que resgataram a villa de Cacem, no anno de 1186, reconstruindo (ou edificando de novo) o seu castello, e dando á villa o nome do seu padroeiro, a qual desde então se denominou S. Thiago de Cacem [1].

Em 1191, o Miramolim de Marrocos, invadindo Portugal com um poderoso exercito, reconquista o Algarve, que já estava em poder dos christãos, e a maior parte do territorio que lhe ficava ao S., comprehendendo Béja, Odemira, Alcacer do Sal e S. Thiago de Cacem.

Reinava em Portugal o valerosissimo D. Sancho I, havia seis annos; mas 1191 foi um anno de fome e peste, e por isso foi facil ao monarcha africano recuperar o perdido.

Em 1217, o intrépido bispo de Lisboa, D. Soeiro I, com os cavalleiros do Templo e os de S. Thiago, resgatam do poder dos mouros Alcacer do Sal e todo o territorio circumferente, tornando então esta villa ao poder dos christãos.

D. Affonso II confirmou a doação que seu pae tinha feito, de S. Thiago de Cacem, aos cavalleiros spatharios.

—

A lenda de que D. Vetaça Lascaris, saindo da côrte de Castella, acompanhada de muitos cavalleiros, surgiu em Sines, impellida por um furioso temporal, e que ahi se lhe reuniram alguns cavalleiros da ordem de S. Thiago, e com elles conquistou o castello de um mouro chamado Cacem, proximo a Sines, é uma d'aquellas patranhas inventadas pelos nossos antigos sonhadores.

D. Vetaça veio para Portugal em junho de 1282, na companhia da rainha Santa Isabel, e havia 32 annos que Portugal estava completamente livre de mouros, pois foram expulsos do Algarve, sua ultima guarida, em 1250.

O que ha de certo com respeito a esta senhora e á villa de S. Thiago de Cacem, é que, em 1314, fez troca com D. Diogo Moniz, mestre da ordem de S. Thiago, dando-lhe o senhorio de Villa-Lar, em Castella, e recebendo o de S. Thiago de Cacem, sob a condição de que, por morte d'ella, o senhorio d'esta villa tornaria para a ordem, o que se realisou em 21 d'abril de 1336, dia do seu fallecimento na cidade de Coimbra.

—

Nas guerras que tiveram logar por morte de D. Fernando I, entre D. João I de Portugal e D. João I de Castella, o traidor Pedro Alvares Pereira (irmão do nosso famosissimo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira) á frente de uma divisão castelhana, invade o Alemtejo em dezembro de 1383, e se apodera de algumas praças, e nomeadamente, de S. Thiago de Cacem, mas em 29 de janeiro de 1384, o Condestavel o derrota e põe em fuga, na famosa batalha dos Atoleiros.

[1] A ordem de S. Thiago foi instituida em Leão por D. Fernando II, em 1170, e por bulla do papa Alexandre III foi confirmada esta instituição, em 1175. Teve o seu primeiro assento em um mosteiro de cruzios, na Galliza. Em Portugal tiveram o seu primeiro assento no mosteiro de Santos-o-Velho: no reinado de D. Affonso II, se mudaram para Alcacer do Sal: no reinado de D. Sancho II, mudaram para Mértola, e alli se conservaram até 1482, em que se mudaram para Palmella, que desde então ficou sendo cabeça de toda a ordem. (Vide *Lisboa*, no logar competente, *Mértola* e *Palmella*.)

—

Conservou-se esta villa em poder da ordem até ao anno de 1594, em que D. Philippe II a deu, e a villa de Sines, a D. Alvaro, duque d'Aveiro, sendo seu ultimo donatario o ultimo duque d'Aveiro, D. José Mascarenhas, que, em 13 de janeiro de 1759, com o marquez e marqueza de Tavora, seus filhos e genro, e outros cumplices, perderam a vida, no caes de Belem, por tentativa de regicidio, passando todos os seus bens para a corôa. (Vide *Chão Salgado.*)

Os duques punham a justiça de primeira e segunda instancia, despachavam ministros para os logares inferiores, e tinham seu ouvidor em Villa-Nogueira (Azeitão) em virtude da sentença que alcançou a duqueza D. Anna Maria Manrique de Lara, em 8 de agosto de 1650, como administradora da pessoa e senhorios de seu filho.

Por decreto de 19 de outubro de 1759, foi extincta a ouvidoria de Azeitão, e annexas as villas de S. Thiago de Cacem, Sines, Castro-Verde, e Ferreira, á ouvidoria do mestrado de Campo d'Ourique, á qual já d'antes eram sujeitas na provedoria.

Os duques d'Aveiro eram senhores de vastos e valiosissimos dominios, por estas terras, desde o Riba-Tejo até Cezimbra, e desde o Sádo até ao Tejo. Com estes senhorios e outros muitos em varios pontos de Portugal, chegou o ultimo duque d'Aveiro a ser o fidalgo mais rico e poderoso de Portugal. (Foi talvez essa circumstancia e o seu orgulho e indomavel soberba, que o perderam e aos seus!)

—

A commenda d'esta villa teve varios commendadores.

O primeiro alcaide-mór e commendador, foi Micer Carlos Pessanha, primeiro almirante d'este reino.

Não se sabe quem se lhe seguiu, mas d'ahi a pouco tempo, era alcaide-mór e commendador (d'esta villa, de Loulé e de Tavíra) Pedro Pantoja, casado com D. Catharina de Noronha, fundadora do mosteiro de N. Senhora do Lorêto, d'esta villa. Falleceu em 1490.

Pessanha é um appellido nobre d'este reino, oriundo de Génova, cuja familia era uma das 28 do governo d'aquella republica. Tomou o nome do castello de Pessanha. Passou a Portugal, na pessoa de Micer Manoel Pessanha, que foi pedido áquella republica por el-rei D. Diniz, para *almirante do mar*, d'este reino, cujo emprego continuou hereditario em seus descendentes.

Tem os Pessanhas por armas — em campo de prata, banda de púrpura, carregada de tres flores de liz, de prata. Êlmo do mesmo metal, aberto, e por timbre, uma asa de púrpura, horisontal, e sobre ella uma flor de liz como a do escudo.

—

Pantoja, é egualmente appellido nobre d'este reino, onde teve seu principio e primitivo solar, na provincia do Minho. Pedro Pantoja, entregando ao nosso rei D. Affonso V as villas de Zagalo e Piedra-Buena, fortalezas da ordem de Calatrava (1474) se tornou partidario d'este monarcha, que lhe deu as commendas e alcaidarias-móres de S. Thiago de Cacem, Loulé e Tavira, em que succederam seus descendentes.

As armas dos Pantojas são — em campo d'ouro, cinco flores de liz, de azul, em aspa (alguns Pantojas as trazem em cruz), contra-chefe de trez verguêtas, de negro. Êlmo de prata, aberto, e por timbre, uma das flores de liz do escudo.

Outros Pantojas, trazem por armas — em campo azul, cruz de púrpura, floreada e perfilada d'ouro: orla de escaques,

de prata e purpura — e o mesmo élmo e timhre.

Os que desejarem saber a causa da guerra que tivemos com os castelhanos, e que durou desde 1473 até 1479, terminando a 4 de setembro d'este ultimo anno, pelo tratado de paz, feito entre D. Affonso V, de Portugal e os reis catholicos, Fernando e Isabel — os que desejarem saber isto, repito, vejam o ultimo periodo da col. 1.ª, e a col. 2.ª e nota respectiva, de pag. 500, do 8.º vol. — e o anno 1530, a pag. 505 e 1.ª col. de pag. 607, nota 2.ª, tudo do mesmo volume.

—

A Pedro Pantoja succedeu seu filho, Alonço Peres Pantoja, casado com D. Brites, filha dos condes de Villa Nova de Portimão. Não tiveram filhos, vagando a alcaidaria-mór e a commenda para a corôa.

No reinado de D. João III uniram-se os mestrados das ordens, *in perpetuum*, á coroa, pela bulla de 4 de janeiro de 1551, do pontifice Julio III.

—

Depois de varios alcaides-móres e commendadores d'esta villa, o usurpador Philippe II fez mercê d'este senhorio, ao duque d'Aveiro, D. Alvaro, em 1594, e n'esta casa se conservou, como vimos, até 1759.

A commenda, depois de ser possuida por Antonio do Couto Castello-Branco, passou para o marquez de Fontes, e depois, por herança, aos marquezes d'Abrantes. Foi depois de D. João da Bemposta, vagando para o mestrado, por morte d'este D. João, e por sequestro feito em 1746. Tornou depois para o marquez d'Abrantes, que foi o ultimo commendador d'esta villa.

O rendimento d'esta commenda era o maior da ordem, depois do de Mértola, que era mesa mestral. Pagava de ordenados 65 moios de trigo e 450$000 réis em dinheiro.

Em 1832 andava esta commenda arrendada por 4:400$000 réis.

—

Antes da reunião dos mestrados, era esta villa governada por um juiz ordinario, trez vereadores e um procurador do concelho, postos pelos mestres da ordem, que os provia pelos pellouros que lhe remettiam dos concelhos; e nomeava todos os mais cargos da justiça e fazenda.

D. Manoel foi o primeiro rei de Portugal que pôz ministros formados, nas terras mais importantes, aos quaes, seu filho, D. João III, estabeleceu ordenados da sua fazenda. O primeiro juiz de fóra, de que ha noticia n'esta villa, é o bacharel Manoel Mendes de Vasconcellos, em 1640.

A duqueza d'Aveiro, D. Anna Matrique de Lara, estabeleceu de ordenado ao juiz de fóra, Manoel Alves de Sousa, *quarenta e cinco mil réis*, a saber — 30$000 réis de ordenado, e 15$000 réis *para sustento e salario de dois homens que devia trazer comsigo*. Isto assentado no almoxarifado de Castro-Verde, por alvará da mesma duqueza, de 8 de janeiro de 1650. Em 8 de janeiro de 1651, foi este honorario accrescentado com mais 15$000 réis, pagos pelo mesmo almoxarifado. Por provisão de 13 de março de 1716, teve mais, de aposentadoria (a requerimento do juiz, João de Souza Caria) 10$000 réis.

Este honorario foi depois elevado a réis 80$000, e mais 24$000 réis para aposentadoria. O concelho de Sines pagava *meia aposentadoria* (12$000 réis) — isto assente no almoxarifado da villa do Torrão.

Por fim, o logar de juiz de fóra d'esta comarca rendia 350$000 réis.

Foi seu ultimo juiz de fóra, em 1833, o dr. Luiz Antonio Villar Pajote de Touro.

Alem do juiz de fóra, tinha mais esta comarca trez escrivães, dois tabelliães de notas, um contador, um distribuidor, e um inqueridor (cujos cargos eram annexos ao escrivão da almotaceria) alcaide da vara, e escrivão das armas.

Cada freguezia do concelho tinha um juiz da vintena, com seu escrivão, nomeados pela camara.

Tinha o concelho um capitão-mór e seis companhias de ordenanças.

—

Junto á porta principal da egreja matriz, se vê um quadro de marmore, em alto-relevo, representando o apostolo S. Thiago maior, combatendo os mouros. Foi mandado fazer pela rainha Santa Isabel, ainda que outros dizem que foi feito por ordem de D. Vetaça

Lascaris, mas é êrro, se seguirmos a opinião de escriptores, tidos por mais veridicos.

O castello

Este vetusto monumento, cujas ruinas ainda hoje enobrecem a villa de S. Thiago de Cacem, fica proxímo da povoação. Tem a fórma de um paralellogrammo, de uns 190 metros de comprido por 35 de largo. Era guarnecido por dez torres, das quaes ainda existem nove (cinco redondas e quatro quadradas) porque a outra, foi demolida em 1796, quando se reedificou a egreja.) Cada uma d'estas torres tinha 9^{m},50 d'altura. A cortina que ligava estas torres tinha 7 metros de altura e 2^{m},22 de espessura. No centro do castello estão as paredes das casas dos alcaides-móres; são ameiadas e muito altas. Por um balcão, com dous lanços de escadas, se subia para esta residenciá, que constava de oito grandes salas, abobadadas, com janellas para todos os quatro lados; a ultima sala, á esquerda de quem entra, communicava com a torre de menagem, que tinha 21^{m},60 de alto, com duas cobertas, e por cima um terraço, d'onde se gosava um vastissimo e formoso panorama. Em uma das torres esteve o relogio, que em 1667 se mudou para uma torre, construida para este fim, na villa.

A muralha ainda conserva uma porta, para o lado da villa. Sobre a mesma se vê, á direita, a insignia da ordem de S. Bento d'Aviz—no centro, a de S. Thiago, e á esquerda, as Quinas de Portugal. Tinha o castello outra porta, que foi demolida, com um grande lanço da cortina, quando se reedificou a egreja, que lhe fica contigua. N'esta porta se via—á direita, o habito da ordem de S. Thiago, com as competentes vieiras—no centro, as armas de Portugal sobre a cruz da ordem de Aviz, como sempre as usou D. João I, e á esquerda, um escudo com seis bandas, trez em facha e trez em palla.

A segunda cêrca é uma contra-muralha ameiada, com seus bastiões, e com meia altura da primeira. Na cidadella (onde existiu o palacio dos alcaides-móres, do qual apenas restam as paredes) ha uma optima cisterna.

Não é preciso dizer que toda esta fortaleza está desmantellada e ameaçando imminente ruina.

Casa da camara

Os antigos paços do concelho eram onde hoje estão as enfermarias do hospital. Estavam incapazes de servir, pelo seu estado indecente, para os actos publicos dos camaristas e outros empregados. Foram alugados á Misericordia (1770) para maior largueza do hospital, e as vereações faziam se nas casas da residencia do juiz de fóra. Em 1780, comprou a Misericordia os velhos paços á camara, por 10$000 réis.

A actual casa da camara foi construida em 1781, no chão de dois predios que os vereadores compraram—um a Lucas Malveiro, por 50$000 réis, o outro ao dr. José da Silva Pereira, por 200$000 réis.

Em 30 de novembro de 1789, se compraram umas casas, sitas na praça, para aposentadoria do juiz de fóra. No pavimento inferior d'este edificio estão duas jaulas, sórdidas e escuras, onde eram encarcerados os criminosos, e aquelles que só uma sentença havia de declarar como taes.

Já vimos no principio d'este artigo, que se projecta construir um edificio decente, amplo e salubre, para tribunal do juizo de direito, e mais repartições publicas, e uma cadeia, segundo o systema cellular modernamente adoptado.

Obras publicas

Alem das já mencionadas no principio d'este artigo, accrescento aqui as que se leem na 2.ª edição dos *Annaes do Municipio.*

1838 — Conclusão do cemiterio do castello, que importou em 150$000 réis, fóra a grade de ferro, que se fez muitos annos depois. É o cemiterio parochial da freguezia da villa.

1840—Abertura da estrada que circumda a encosta do castello, desde a ermida de S. Pedro até aos *Penedos.*

1843 — Principia a construcção dos predios na rua de S. Sebastião.

1844—Reedificação do hospital da Misericordia.

1855—(1.º de junho)—É collocado no seu logar o actual pelourinho. Foi feito pelo canteiro José Miguel Rodrigues, ao qual se pagou por elle 76$800, com 16$800 que importou a collocação, somma 93$600 réis, fóra o transporte desde a pedreira até á praça.

N'este mesmo anno principiou a construcção dos predios da rua do Algarve.

1856 —A camara d'este concelho, mandou fazer o cemiterio da villa de Sines, que importou em 294$360 réis.

1859 — Construcção da casa para venda do peixe. Custou 283$210 réis.

1861 — Demarcação judicial dos baldios do concelho, no que se gastaram 251$900 réis.

No mesmo anno se construiu uma ponte no fim da rua do Algarve, para encaminhar as aguas pluviaes: alinhou-se, calçou-se e arborisou-se este sitio. Despeza 75$450 réis.

1863 —(Agosto)—Abertura do novo edificio onde funcciona a administração do concelho, repartição de fazenda, dita dos afilamentos, aula de instrucção primaria para meninas e residencia da respectiva mestra.

Em 24 de janeiro de 1859 tinha comprado a camara, por 150$000 réis, uma casa velha, na praça, a Antonio Maria da Penha.

Foi esta casa demolida em 1861 e se concluiram estas obras em julho de 1863.

Veio a custar a obra, comprehendendo o custo da casa velha, em cujo chão se fez o novo edificio, 3:905$340 réis.

1864 —Abertura do encanamento da nova agua, para o chafariz de S. Sebastião, de Sines. Custou 159$110 réis.

No mesmo anno se fez o encanamento da agua para o chafariz do Fidalgo, e novo lavadouro publico, junto ao mesmo chafariz. Custo, 359$840 réis.

No mesmo anno, se fez a reconstrucção interior do edificio dos paços do concelho. Custo, 349$020 réis.

1865 — Continuação das obras do lavadouro publico, e encanamento da nova agua para o chafariz do Fidalgo, no que se gastaram 635$980 réis.

No mesmo anno se continuaram as obras dos paços do concelho, que custaram mais 914$555 réis.

No mesmo anno, se fez a obra, no sitio do Revelim, em Sines — 160$040 réis.

1866 — Principio da obra, da abertura da agua, no largo do Rocio, em Sines; o que custou 349$980 réis.

1867— Conclusão do lavadouro publico, junto ao chafariz do Fidalgo, ampliando-se o largo junto ao mesmo, fazendo-se alguns assentos, e arborisando-se. Custou isto réis 280$000.

No mesmo anno, conclusão do poço publico, no largo do Rocio, da villa de Sines, collocando-se uma bomba aspirante e de compressão; o que tudo custou 290$000 réis.

No mesmo anno se plantaram amoreiras em todo o largo do mesmo Rocio, no que se gastaram 60$000 réis.

Desde 1850 até 1868, gastou a camara, em obras publicas do concelho, 11:862$200 réis.

Se todas as camaras do reino fossem tão sollícitas como esta, veriamos as povoações mais decentes e dignas da época.

Mina de S. Francisco

Do livro do registo da camara, do anno de 1710, a fl. 166, consta que n'esse anno se explorou uma mina de galêna (chumbo) na herdade das minas, freguezia de S. Francisco, por ordem de D. João V, datada de 12 de dezembro de 1709. Durou pouco o trabalho da exploração, porque o seu producto não dava para as despezas. O mesmo aconteceu em 1846, quando uma empreza particular tentou esta exploração.

Francisco Ignacio Romba, obteve a concessão da mesma mina, em 28 de junho de 1866; porem o concessionario pouco interesse tem auferido, porque a lavra é feita com pouco pessoal e vagarosamente.

—

No *Diario Illustrado*, de 11 de dezembro de 1874, vem publicado um bellissimo artigo, do sr. Francisco Alexandre de Vilhena, de S. Thiago de Cacem, e como n'elle se não encontra nenhuma repetição ao que fica escripto, o transcrevo aqui, com a devida venia.

—

Meu caro Pedro Correia.—Foi-me hoje offerecido pelo ex.mo sr. Francisco Alexandre de Vilhena, esse excellente artigo, para ser publicado no teu *Diario Illustrado*.

O sr. Vilhena, que tu de certo muito prezarias se tivesses a fortuna de conhecer, é um dos cavalheiros mais illustrados e mais distinctos d'esta boa terra.

A uma bella e invejavel intelligencia, reune dotes moraes, que o tornam digno da mais respeitosa consideração.

E' quanto te posso dizer a respeito do auctor do artigo que gostosamente te remetto.

Dispõe do teu

sincero e velho amigo

S. Thiago do Cacem, 8 de dezembro de 1874.

L. A. Ferreira das Neves.

—

S. Thiago do Cacem, a antiga Merobriga, municipio romano, successivamente possuida pelos wisigodos e árabes, e a estes conquistada pelos christãos, era já villa de grande importancia no seculo XIII.

O castello que lhe fica sobranceiro, é de remota antiguidade, e o templo contiguo, dedicado a S. Thiago Maior, é um monumento digno da observação do archeologo.

Examinando-se as columnas que sustentam a abobada da egreja, e a dividem em trez naves, as divindades mythologicas esculpidas nos capiteis, as figuras symbolicas e constellações do zodiaco, nos arcos ogivaes; não póde duvidar-se de que houvera ali um templo pagão, porventura phenicio.

A evocação do templo christão e as successivas reedificações, não poderam apagar os manifestos vestigios de sua vetusta origem.

N'esta egreja se guarda, como objecto de culto e grande veneração, uma reliquia preciosa do Santo Lenho, dadiva da infanta da Grecia, D, Bataça.

A tradição de ter vindo esta reliquia do Oriente, e de haver sido extrahida do proprio Lenho da Santa Cruz, é confirmada em uma memoria historica do sabio archeologo D. fr. Manuel do Cenaculo.

N'este documento, entre outras expressões muito lisongeiras para o senado da camara e para os habitantes da villa de S. Thiago do Cacem, diz o illustre prelado:

«Tenho estimado esta occasião de servir a causa religiosa, e promover o decóro d'uma povoação que se insinua por suas distinctas qualidades».

E mais adiante:

«Povoação antiga e decorada com fidalguia e nobreza, d'onde derivam, e com as quaes combinam familias nobilissimas do reino; villa de assento levantado, sadio e rico das melhores producções da terra; villa de muita religião em todas as edades, é o que se me offerece em idéa geral. Contrahindo a oração para o assumpto particular, foi esta villa distinguida e estimada pela infanta da Grecia, D. Bataça».

Esta princeza, quando senhora do castello e da villa de S. Thiago do Cacem, mandou collocar n'aquella egreja a pedra lavrada com a figura do apostolo S. Thiago combatendo os mouros.

É o desenho d'ella que se vê no *Diario Illustrado* de hoje, representando as armas da villa de S. Thiago do Cacem.

Actualmente é esta villa cabeça de um concelho, situada na extremidade do sul do districto de Lisboa, a 18 leguas d'esta cidade, limitado a norte pelo concelho de Grandola, confinando a leste com o de Aljustrel, pelo sul com o de Odemira, e pelo occidente com o oceano.

Occupa a vertente oriental de uma collina, o valle contiguo e parte de outro monticulo em cujo cimo está a egreja de Nossa Senhora do Monte.

A população, crescendo sensivelmente, não póde já conter-se no antigo recinto, e novas ruas se vão estendendo, como por encanto, para diversos lados da povoação.

Não se encontram pela villa, pardieiros

nem casas sem moradores. Tudo se renova, e as edificações são feitas com segurança e boa apparencia, indicio do bem estar dos habitantes, e do augmento da riqueza publica.

Vêem-se excellentes casas particulares, habitadas pelos proprios donos; não as ha porém para alugar, o que é um embaraço para as pessoas de fóra que ahi tem de estabelecer-se.

A casa da camara, só tem boa, uma sala, que se acha decentemente decorada; o resto do edificio não é bom.

É tambem propriedade da camara, e de recente construcção, o edificio em que se acha a administração do concelho, repartição de fazenda, e no andar superior, com diversa entrada, a escola de meninas, com habitação da professora e uma excellente sala para os exercicios escolares.

O hospital é de mesquinha apparencia e mal situado. A escola primaria do sexo masculino é uma bonita e excellente casa, recentemente construida.

Ha na villa uma associação de recreio, denominada *Sociedade Harmonia*. Possue casa propria, com boas salas para jogo de bilhar, jogos de vasa, leitura e baile. Annexa á mesma, acaba de ser construido um bonito theatro, cuja inauguração estava designada para o dia 1.º de dezembro; mas, infelizmente, foi esta festa contrariada pela fatal perda do presidente da sociedade.

Muito tem esta casa contribuido para a civilisação e bons costumes da mocidade, que é alli admittida, sem outro abono mais do que um porte decente, e moralidade.

Uma outra sociedade, sob o nome de *Artistica* vae tambem civilisando os mancebos, que, occupando as horas de descanço com o estudo da musica, e com entretenimentos decentes, se desviam assim de vicios e maus habitos.

Os suburbios de S. Thiago do Cacem, são lindissimos. Na encosta do castello se encontra um passeio arborisado, rodeando a collina em semi-circulo, e limitado por um pequeno mas bonito jardim. É surprehendente o panorama que se descortina d'este ponto: quintas, casas de campo, arvoredo, casaes; quadro primoroso, tendo por moldura a larga e extensissima faxa do oceano. A oeste, se vê a populosa e bonita villa de Sines, patria de Vasco da Gama, com o seu porto, que dá saida ás producções valiosas do concelho—cortiça, arroz, fructa, cêra, etc.

Um illustrado habitante de S. Thiago do Cacem, o padre Antonio de Macedo e Silva, parocho da Abella, publicou em 1869 os *Annaes do Municipio*. N'este excellente livro, que denuncia os vastos conhecimentos que o auctor possue em archeologia e em litteratura, poderá o leitor colher minuciosas noticias sobre as coisas de S. Thiago do Cacem.

Francisco Alexandre de Vilhena.

—

Repito aqui os meus agradecimentos ao rev.mo sr. Antonio de Macêdo e Silva, digno prior da freguezia de Nossa Senhora *A Bella*.

Este benemerito cavalheiro, nasceu na villa de S. Thiago de Cacem, no 1.º de setembro de 1823. Foram seus paes os srs. Cypriano Antonio de Macêdo, e D. Anna Amalia Pereira da Silva, naturaes da mesma villa, e já fallecidos.

Foi ordenado presbytero, em Lisboa, em 1846. Parocho encommendado da freguezia de S. Bartholomeu da Serra, d'este concelho, desde fevereiro de 1848, até junho de 1857.—Parocho encommendado da freguezia de A Bella, desde fevereiro de 1863, até outubro de 1866.—Tinha feito concurso synodal para esta mesma freguezia em julho d'esse anno, e foi collado logo em dezembro do mesmo.

Era parocho encommendado em S. Bartholomeu, quando emprehendeu e levou a effeito, escrever a historia da sua terra, que se publicou em 1866, fazendo se a 2.ª edição logo em 1869. Fez o que nenhuma camara fez ainda, apezar d'estes corpos collectivos nada fazerem para o publico á sua custa, mas sim á do municipio.

Honra pois ao sr. Macêdo e Silva, que assim soube honrar a sua terra e illustrar o seu nome.

Infelizmente ainda até agora não teve imitadores, apezar de haverem muitos reverendos parochos com a necessaria intelligencia

para emprehendimentos d'este genero, mas que preferem viver no *dulce far niente*, e deixar o seu nome obscuro para sempre.

—

A cidade de Merobriga não era no mesmo logar onde hoje vemos a florescente villa de S. Thiago de Cacem, mas no outeiro onde existem as ruinas do seu vetusto castello, onde se teem encontrado muitos vestigios de antigas construcções, e outros muitos objectos que provam ter aqui existido uma povoação importante. Foi com os seus materiaes que se fundou a villa actual.

É provavel que D. João I reedificasse o castello, ou pelo menos concorresse de algum modo para a reconstrucção, visto que as suas armas foram collocadas em uma das suas portas, como vimos—a não ser que, reedificando-se o castello no reinado d'este monarcha, os cavalleiros de S. Thiago, por deferencia, alli mandassem pôr as armas do Mestre d'Aviz.

Diz-se tambem que o nome de S. Thiago anteposto ao antigo, foi porque esta villa se reconquistou no dia 25 de julho, mas é mais provavel que lh'o dessem os cavalleiros de S. Thiago, pois, segundo alguns, foram elles, commandados por Galim Pires Pantoja, que o tomaram aos mouros.

Vimos atraz, que os Pantojas se estabeleceram aqui, e foram alcaides-móres do castello, desde que D. Pedro Pantoja entregou ao nosso D. Affonso V as praças de Zagalo e Piedra-Buena, em Hespanha. Não se tenha porem este fidalgo como traidor á sua patria. D. Affonso V, pelo seu casamento com D. Joanna, filha legitima e unica herdeira de D. Henrique IV, de Castella (a *Excellente Senhora*) que era sobrinha do rei portuguez, se tornou legitimo rei d'aquella nação, e muitas cidades de Castella seguiram o partido d'esta senhora. A batalha de *Toro* (maio de 1476) decidiu a guerra civil a favor de Isabel a catholica, irman de Henrique IV, e que, na verdade, foi a mais excellente rainha que teem tido os hespanhoes.

É importantissimo, para completa intelligencia d'esta nota, ver o que eu disse na col. 1.ª da pag. 607 do 8.º volume, e a nota 2.ª da mesma columna.

—

S. THIAGO DE CALDELLAS — Vide *Caldellas (S. Thiago de)* e o 1.º *Rendufe*.

As aguas thermaes d'esta freguezia, ás quaes vulgarmente se dá o nome de *Caldas de Rendufe*,[1] nascem proximo da ribeira de Alvito, confluente do Homem. São semilhantes ás do Gerez, perfeitamente limpas e inodóras. Foram conhecidas entre os annos 1763 e 1779.[2]

O edificio actual dos banhos, foi construido em 1803: compõe-se de quatro casas abobadadas, cada uma com um pequeno tanque, e todos alimentados por duas nascentes; mas ha ainda mais duas d'estas desaproveitadas, fóra a da fonte publica, que tambem é da mesma qualidade.

[1] A falta de conhecimentos topographicos, tem feito dar a muitos escriptores, nomes trocados — e muitas vezes disparatados — a muitos logares — por exemplo — ás aguas medicinaes da *Portella* (7.º vol., pag. 244, col. 2.ª) chamam *Aguas d'Entre os rios*, que é fréguezia do concelho e comarca do Marco de Canavezes, quando a Portella é do concelho e comarca de Penafiel.

Dão o nome de *Caldas do Mollêdo*, sendo Mollêdo uma aldeia da Beira Alta, na freguezia de Penajoia, comarca e concelho de Lamego; quando as caldas são na provincia de Traz-os-Montes, freguezia de Fontellas, comarca e concelho de Peso da Regua. O Mollêdo é na margem esquerda do Douro, e as caldas são na margem direita, ainda que em frente do Mollêdo.

Aos banhos (do mar) da Lagarteira, freguezia de Gontinhães, no concelho e comarca de Caminha, chamam *Banhos d'Ancora*, quando esta ultima freguezia é ao S. de Gontinhães, e separada pelo rio Ancora, etc., etc., etc.

[2] Segundo a tradição, estas aguas eram conhecidas no tempo dos romanos. Vide 2.º vol., pag. 44, col. 1.ª

Temperatura

Banho fresco e *do rheumatismo*, 32° cent.
Banho do Carvalho, 32°,5.
Banho do elephantiasis, 32°.

Produzem as duas nascentes aproveitadas, uns 170:000 litros d'agua, em 24 horas.

São muito menos mineralisadas do que as de Lijó e Gallegos: conteem apenas por kilogramma d'agua, 0 gr. 11467 de principios fixos, que consistem em sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, e acido silicico — isto segundo o relatorio feito na exposição universal de Paris, de 1867.

Estas aguas são em sitio despovoado, entre dous montes, dos quaes, o que fica a E. confina com as grandes montanhas do Gerêz, fazendo parte da sua cordilheira.

Ha tambem duas fontes, uma a E. e outra ao O., cujas aguas se podem beber, e cujo calor, na 1.ª é de 86° de F., 24 de R. — na 2.ª, 88° de F., e 25° de R. — O exame feito pelos reagentes, parece mostrar que estas aguas conteem ferro combinado com alguns sulphatos e com algum dos gazes missiveis na agua; talvez com hydrogenio levissimamente sulfurado. Por isto, e por effeitos analogos em varias molestias em que grandemente aproveitam as caldas do Gerez, parece serem da mesma natureza.

Para evitarmos repetições, é preciso ver o artigo de *Caldellas (S. Thiago de)*.

S. THIAGO DE CASSURRÃES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 7 kilometros a E de Mangualde, 12 de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu. (Foi antigamente do termo de Azurára da Beira, comarca de Viseu).

Os condes de Belmonte, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil, sobre tudo em milho, do que ha grande abundancia.

Esta freguezia é composta das aldeias de S. Thiago, Cassurrães, Fundões, Contenças de Baixo, Contenças de Cima, e outras, espalhadas em um ameno e productivo valle, que, em sitio elevado, corre parallelo ao rio Mondego, 4 kilometros acima da sua margem direita, onde ha uma antiga ponte, chamada de *Palhez*, por onde passa a estrada de Mangualde a Gouveia, a qual atravessa esta freguezia.

Fóra da aldeia de S. Thiago, em um vistoso plató, está a egreja matriz, de formosa architectura, com boa residencia parochial, contigua, e extensos passaes.

Pouco acima da egreja, está a antiga e devota ermida de Nossa Senhora de Cervães, collocada em um espaçoso terreiro murado, com um chafariz, que antigamente, foi assombrado por um enorme pinheiro manso, que um temporal derrubou, em 1850, e que, depois de cahido, foi arrematado por réis 40$000!

No logar de Cassurrães está a antiga e nobre casa, solar dos Beltrões, ramo 2° da de Carapito, solar principal da familia d'este appellido, com cuja herdeira — que era a mais rica da provincia, depois da casa da Brejoeira, veio casar, Lucas de Seabra da Silva, irmão do celebre ministro de D. Maria I, José de Seabra da Silva. É actualmente representante do referido Lucas, o sr. Lucas de Seabra Beltrão, moço fidalgo da casa real, viuvo da sr.ª D. Maria Francisca de Sande e Castro, filha do sr. Manoel Paes de Sande e Castro, senhor donatario da villa de Souto e da notavel casa da Pesqueira, Penedôno e outras, moço fidalgo, com exercicio no paço, e da sr.ª D. Leonor Maria Correia de Sá, da casa dos viscondes da Assêca.

A tulha da casa dos Beltrões era a maior da provincia.

Alem do milho, ha n'esta freguezia abundancia de feijão, vinho, azeite, e outros generos.

Os lavradores d'estas aldeias dedicam-se á criação de novilhos, que amansam: vão compral-os a Traz-os-Montes, e n'isto fazem bom negocio.

—

A ermida de Nossa Senhora de Cervães, está no logar da Póvoa de Cervães, ao qual

dá o titulo, em uma serra, algum tanto aspera, mas não tanto que não esteja em grande parte cultivada, por ser abundante de aguas, e é um sitio fresco e delicioso, principalmente do S. e O., e d'aqui se descobrem muitas leguas em redor.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora, foi achada em uma brenha inculta, á qual davam o nome de *Matta das Cervas*, por n'ella se criarem muitos cervos, veados e outros animaes silvestres.

A primeira ermida foi construida pelo povo da freguezia, no mesmo sitio da apparição; mas; como era logar áspero e ficava longe da povoação, foi mudada para o sitio a que dão o nome de *Valle de Cervães*, ou *Valle de Santa Maria*.

Ainda o povo achou este sitio deserto, pelo que tornou a mudar a ermida para o sitio actual, no anno de 1660.

A imagem da Senhora, é de pedra, de meio metro de altura. e revela muita antiguidade. A sua festa é na segunda oitava da Paschoa, e continúa a ser muito concorrida.

N'esta capella termina a procissão dos Passos, que se costuma fazer no domingo de Ramos.

S. THIAGO DOS VELHOS — freguezia, Extremadura, concelho d'Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira, 30 kilometros ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, S. Thiago, Apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior da freguezia de Santa Marinha, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas.

S. THIAGO MAIOR — freguezia, Alemtejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, 40 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 210.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha de rendimento annual, 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

S. THOMÉ DO CASTELLO — Vide *Castello, ou S. Thomé do Castello*, no 2.º vol., pag. 170, col. 1.ª, no principio.

S. THOMÉ DE PARADA DO GEREZ—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros ao N. E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 79 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 140 mil réis de rendimento annual.

Não encontro esta freguezia nos mappas e livros modernos.

S. TORQUATO (ou *Torcato*) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. de Guimarães, 18 ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 425 fogos.

Em 1768, tinha 170.

Orago, S. Torquato.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada da Senhora da Oliveira de Guimarães, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto, hoje supprimidos.

Em 3 de outubro de 1873, houve aqui um terrivel cyclone, que causou grandes prejuizos.

A romaria de S. Torquato, que se faz no 1.º domingo de julho, é uma das mais concorridas do Minho. Em 1876, renderam as esmolas e offertas que se receberam na vespera e no dia, 2:185$285 réis, e 150 kilogrammas de cêra, que valem (a 400 réis o arratel) 153$600 réis — total das esmolas, 2:338$885 réis. Um só dos cirios offerecidos, tinha 60 kilogrammas de peso!

Alem d'isto, recebeu-se um cordão, alguns brincos e outros objectos de ouro, e grande quantidade de mortalhas.

Em 1877, renderam as esmolas, 2:800$000 réis.

Em 1878, renderam as esmolas 2:345$000 réis e cinco arrobas e sete arrateis de cêra, a 400 rèis o arratel, 66$800 réis — somma 2:411$800 réis. Além d'isto, 104 mortalhas, e differentes objectos d'ouro.

O sitio onde está a egreja é muito pittoresco, e um dos mais formosos da provincia, e a freguezia é fertilissima em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade.

A egreja matriz de S. Torquato, é um templo sumptuoso. Vide *Guimarães*, e no 8.º vol., col. 1.ª, pag. 632.

S. TORQUATO—Vide *Matto* e *S. Torquato*.

S. VERISSIMO — freguezia, Douro, comarca, concelho e proximo d'Amarante. Vide *Amarante*.

S. VERISSIMO DE TÁMEL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1768, tinha 97 fogos.

Orago, S. Verissimo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Vide *Fins* (S. Pedro) *Leocadia* (Santa) e *Támel*.

Esta freguezia pertenceu antigamente ao couto de Manhente, e o abbade de S. Verissimo, tinha obrigação de dar um jantar por anno, ao D. Abbade do mosteiro de Manhente.

S. VICENTE—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros d'Elvas, 180 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 91 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura-capellão, que tinha 250 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

Terra fertil em cereaes.

Dá-se a esta freguezia a denominação de *S. Vicente de Fóra*, para a distinguir das outras do mesmo nome.

S. VICENTE—freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Monforte do Rio Livre) 105 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 28 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem annexa a antiga freguezia de Segirei.

É terra fertil.

S. VICENTE—freguezia, Beira Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

S. VICENTE—Vide *Cabo de S. Vicente*.

S. VICENTE DA BEIRA—villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto, bispado e 35 kilometros ao N.O. de Castello-Branco.

(Foi do bispado da Guarda, d'onde dista 60 kilometros ao sul.) 240 kilometros ao E. de Lisboa, 590 fogos.

Em 1768, tinha 159 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis e o pé altar.

O concelho de S. Vicente da Beira, é composto das quatro freguezias seguintes:

Almacêda, Louriçal do Campo, Ninho de Açôr, e S. Vicente da Beira, todas do bispado de Castello-Branco, e com 2:300 fogos.

Tinha antigamente mais quatro freguezias —Freixial do Campo, e Povoa de Rio de Moinhos, que passaram para o concelho de Castello Branco.

No 1.º de março de 1877, passaram para o mesmo concelho de Castello Branco mais as freguezias de Sobral do Campo e Tinalhas.

O terreno d'esta freguezia, é montuoso e

pouco fertil. Cria, porém. muito gado e nos seus montes ha muita caça.

Está situada na falda da serra da Gardunha.

D. Sancho I lhe deu foral, em março de 1195, o qual D. João II (sendo ainda principe regente) confirmou em Coimbra, a 20 de agosto de 1469.

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de novembro de 1512.

(*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 33, col. 1.ª)

Foi cabeça de condado, que D. Affonso VI deu a João Nunes da Cunha.

Tem um mosteiro de freiras franciscanas, fundado por Theodozia da Paixão, natural d'esta villa, que foi a sua primeira abbadessa.

Falleceu a 19 de setembro de 1577, com fama de santa.

Foi d'aqui natural, Ascenso de Sequeira, descendente de D. Fernando Rodrigues de Sequeira, immediato successor de D. João I, no mestrado d'Aviz.

No termo d'esta villa, em distancia de 3 kilometros, está a ermida de *Nossa Senhora da Orada*, situada em um logar muito pittoresco, povoado de frondoso arvoredo, entre duas ribeiras, que regam e fertilisam este logar, onde ha bastantes arvores fructiferas, e alguns soutos pertencentes á capella. Junto á porta da ermida ha uma fonte de optima agua potavel, á qual o povo attribue a virtude de curar variás molestias.

Crê o povo d'estas terras, que a ermida da Senhora já existia no tempo dos godos.

Segundo a lenda, eis a origem d'esta ermida.

Uma donzella da villa, filha de paes honrados, foi accommettida de uma molestia que lhe fez inchar muito o ventre. O pae, persuadido que ella se tinha esquecido do que devia a si e aos seus, a levou a um logar cheio de mattos e bosques incultos, onde havia muitos animaes ferozes, decidido a expôr a filha á voracidade d'elles.

Esta, que estava innocente, implorou a misericordia da Santissima Virgem, a qual lhe appareceu, dizendo-lhe que não temesse nada, que Ella lhe valeria. Disse-lhe que a inchação *era produzida por uma cobra que se lhe havia gerado no ventre: que fosse para casa e dissesse a seu pae que mandasse aquecer um pouco de leite, e que, ao cheiro d'elle, sahir-lhe-hia a cobra pela bocca.* (!) Assim se fez, e o resultado foi como se esperava.

O pae da donzella. mandou logo construir na tal brenha onde havia exposto a filha, uma ermida dedicada á Santissima Virgem, sob o titulo de *Nossa Senhora da Orada*, em memoria da oração que alli fizera a filha, e na ermida collocou a pelle da tal cobra.

Ainda ha outra versão, é a seguinte:

Um homem de genio irascivel e desconfiado, suspeitou que a mulher faltava á fé conjugal, e levou-a á tal brenha dos bixos, e alli lhe appareceu Nossa Senhora, que o reprehendeu. O homem acreditou então na virtude de sua mulher, pediu-lhe perdão, e fez a ermida. (O mais como da primeira lenda.)

A ermida actual é bastante espaçosa e tem uma boa capella-môr e duas lateraes. Todas as suas paredes são de cantaria, solidamente construidas.

A camara da villa, é a padroeira e apresenta o eremitão.

Tem a Senhora algumas fazendas, que a mesma camara administra, e com cujo rendimento se provê á conservação e aceio da capella e á festa da Senhora.

S. VICENTE — na villa de Mirandella, em Traz os Montes.

—

Em 2 d'abril de 1666, D. Affonso VI creou o condado de S. Vicente, a favor de João Nunes da Cunha. Era da familia dos marquezes de Távora e dos condes de Alvór.

Suas armas são as dos Távoras: (um delfim da sua côr em cinco ondas de azul, em campo de prata. Na orla, o distico — FINDIT QUASCUNQUE.)

Os condes de S. Vicente, eram mórgados de Refojos desde 1430, e senhores de S. Vicente desde 15 de novembro de 1487.

Foi 7.º conde de S. Vicente, Miguel Carlos da Cunha Silveira e Lorêna, 14.º senhor de Gutaço e Panoyas, 16.º morgado de Refojos, 19.º do da Landeira, commendador da ordem de Christo, 1.º tenente da Armada

Real. Succedeu a seu pae, em 4 de dezembro de 1795, e falleceu a 11 de julho de 1806. Tinha casado, em 1797, com D. Isabel Fausta Candida José de Mello, dama da rainha D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, e era 6.ª filha dos primeiros marquezes de Sabugosa. Falleceu a 20 de novembro de 1831.

Tiveram d'este matrimonio, um filho posthumo, que foi:

Manuel José Carlos da Cunha Oliveira e Lorêna, 8.º conde de S. Vicente, 15.º senhor de Gutaço e Panoyas, 17.º morgado de Refojos, 20.º do da Landeira, par do reino, em 1826, commendador da ordem de Christo, coronel do regimento de milicias de Lisboa Occidental.

Succedeu a seu pae, a 11 de julho de 1806, ainda no ventre de suá mãe, pois só nasceu a 9 de março de 1807. Falleceu em 14 de novembro de 1835. Tinha casado, a 12 de setembro de 1826, com D. Joaquina Maria José d'Almada, que falleceu a 16 de julho de 1833: era filha dos primeiros condes de Carvalhaes.

Foi filho unico d'este matrimonio, José Manuel da Cunha Silveira e Lorena, nascido a 26 de outubro de 1830.

Não quiz acceitar o titulo dos governos liberaes.

Hoje é representante d'esta nobilissima familia, o sr. Antonio José Carlos da Cunha Silveira e Lorêna, filho do antecedente.

S. VICENTE DE FÓRA—Vide *Lisboa*, para o que pertence á egreja e mosteiro, aqui só tratarei das pessoas reaes que estão sepultadas (algumas em tumulos bem indecentes!...) nas catacumbas d'este mosteiro.

Jazigos da Casa de Bragança

Estão depositados no pantheon de S. Vicente de Fóra, que pertenceu aos conegos regrantes de Santo Agostinho, os cadaveres das pessoas reaes seguintes:

Reis—D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, D. João V, D. José I, D. Pedro III, D. João VI, D. Pedro I, do Brazil, e D. Pedro V.

Rainhas—D. Maria Sophia Isabel, alleman, mulher de D. Pedro II, D. Maria Anna de Austria, mulher D. João V, (jazia em um riquissimo tumulo de marmore preto, na egreja do hospicio de S. João Nepomuceno, d'onde foi transladada para S. Vicente, em 27 de dezembro de 1855); D. Carlota Joaquina de Bourbon, mulher de D. João VI, (jazia na egreja parochial de S. Pedro de Penaferrim, em Cintra, d'onde foi trasladada para S. Vicente, em 22 de outubro de 1859); D. Maria II, mulher do sr. D. Fernando II, D. Stephania Frederica Wilhelmina, mulher de D. Pedro V, D. Amelia, mulher de D. Pedro I, do Brasil, fallecida em 26 de Janeiro de 1873.

Principes—D. Theodosio, filho de D. João IV; D. José, filho de D. Maria I, D. Antonio, filho de D. João VI, D. Augusto, primeiro marido de D. Maria II.

Princezas—D. Maria Francisca Benedicta, mulher do principe D. José, filho de D. Maria I; e D. Amelia, filha de D. Pedro I do Brasil.

Infantas—D. Anna, filha de D. João IV; D. Joanna, filha de D. João IV; D. Theresa, filha de D. Pedro II; D. Francisca, filha de D. Pedro II; D. Maria, filha de D. Maria I; D. Maria Clementina, filha de D. Maria I; D. Maria, filha de D. Maria II, fallecida logo depois de nascer; D. Isabel Maria, filha de D. João VI, fallecida em 22 de abril de 1876.

Infantes—D. João, filho de D. Pedro II; D. Francisco, filho de D. Pedro II; D. Antonio, filho do mesmo, D. Pedro, filho de D. João V; D. João, filho de D. Maria I; D. Leopoldo, filho de D. Maria II, fallecido logo depois de nascer; D. Eugenio, filho de D. Maria, II, fallecido logo depois de nascer; D. Fernando, filho de D. Maria II; D. João, filho da mesma.

D. Antonio e seu irmão D. Gaspar, arcebispo de Braga, e D. José, inquisidor geral, conhecidos todos trez pelo titulo de senhores, ou meninos de Palhavan, filhos naturaes de D. João V, estão em capella particular.

S. VICENTE DE PEREIRA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a E. de Ovar, 35 ao S. do Porto, 25 ao N. d'Aveiro, 8 a E. do Oceano, 275 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 232 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor de S. Martinho da Gandara apresentava o cura, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

Era do antigo concelho de Pereira Juzau — hoje supprimido — comarca da Feira. Foi depois, do concelho d'Ovar, comarca d'Oliveira d'Azemeis, e, desde 1855, comarca e concelho d'Ovar.

Para evitarmos repetições, é urgente ver *Pereira Juzau*, villa d'esta freguezia. (Por mal informado, disse em Pereira Juzau, que a villa era na freguezia de Vallega, quando é n'esta de S. Vicente de Pereira). Vide tambem *Pardilhó*.

Foi senhorio dos condes da Feira, e depois, do infantado.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, principalmente bois gordos, que exporta para a Inglaterra, no que faz grande negocio. É tambem muito abundante de peixe, do mar, e da *Ria de Ovar*.

N'esta freguezia ha a aldeia da *Torre*, que, segundo a tradição, tem este nome porque em tempos antigos houve aqui uma torre, da qual já não ha vestigios.

São naturaes d'esta terra os dois benemeritos patriotas, os srs. *João Rodrigues de Oliveira Santos*, e seu irmão, *Antonio Rodrigues de Oliveira Santos*, os quaes, á força de trabalho e lida honrada, adquiriram uma grande riqueza, no Brazil.

O primeiro d'estes senhores, deu 500$000 réis para uma estrada, de Ovar para o Couto de Cucujães (freguezia immediata) passando por S. Vicente de Pereira. Emprestou á camara de Ovar, 4:000$000 réis, sem juros, e com o pagamento em fracções, para construcção de estradas municipaes. Deu réis 1:000$000 (moeda fraca) ao hospital d'Ovar, para ajuda do seu custeio.

Ambos os irmãos fundaram, no mesmo logar da Torre, uma magnifica fabrica de chapeus, de feltro e lan, movida por vapor, a qual se principiou em abril de 1872 e ficou prompta e a funccionar em agosto de 1873. Póde produzir diariamente 1:200 chapeus! Todavia, apenas produz 3:000 a 4:000 chapeus por mez, por causa da difficuldade que ha em abrir mercado aos seus productos — isto é — angariar consumidores; mas a barateza e boa qualidade do genero, augura aos emprezarios um brilhante futuro, pois que a fabrica póde produzir 400:000 chapeus por anno. É de certo a melhor e mais rica fabrica de chapeus, de Portugal, e poucas a excederão em toda a Europa.

Não foi o interesse, o movel d'este emprehendimento; o fim dos fundadores é darem emprego e pão, aos seus patricios e engrandecerem a terra onde nasceram.

O edificio da fabrica foi construido em uma eminencia bastante pittoresca e muito saudavel, e toda a obra é de grande sumptuosidade. Dista 5 kilometros da estação do caminho de ferro do Norte, em Ovar (Cabanões) e está em communicação com ella e com a villa, por uma optima estrada á mac-adam, construida em 1875.

O corpo principal do edificio mede 34 metros de comprido por 14^{m},50 de largo e 8^{m},50 d'alto.

Tem primeiro e segundo pavimento, ambos occupados pelos machinismos e algumas officinas, estando o resto d'estas e a machina a vapor de lavar a lan, seccadouro mechanico para a mesma, estufa, escriptorio, etc., em annexos, construidos em volta do corpo principal da fábrica.

Os armazens para deposito de lans, combustivel e outras materias, são tambem em annexos.

A estrada de que acima fallei, passa mesmo em frente de um pateo, gradeado, e fechado por um portão de ferro, que dá entrada para o edificio.

Os srs. Santos, apenas de regresso á sua patria, mandaram construir sumptuosas casas para a sua habitação e de suas familias; fizeram quintas, atrahiram visinhos, e por fim, montaram a importantissima fabrica de que fallei, formando assim, e em poucos annos, uma bella povoação, no sitio onde até então apenas havia vastos pinheiraes: povoação que promette prosperar, e já tem muita vida, porque é habitada por centenares de pessoas que acham aqui trabalho e pão.

É facil crer que tudo isto custou muitas dezenas de contos de réis aos seus fundadores, e as machinas são as primeiras e, até agora, as unicas, importadas para Portugal, para este genero de industria.

A machina a vapor é da força de 30 cavallos, e a caldeira da força de 50.

O combustivel é carvão de pedra e lenha. O carvão vem de Inglaterra para Aveiro e d'aqui em barcos, pela Ria, para Ovar.

Para se fazer ideia da importancia d'este estabelecimento industrial, basta dizer que ha n'elle 26 machinas de trabalho, todas movidas a vapor.

Por emquanto, apenas emprega 90 operarios, d'ambos os sexos, mas este pessoal terá de ser consideravelmente augmentado, logo que o consumo dos productos da fábrica se alargue e permitta a fabricação em maior escala.

A materia prima, são lans nacionaes e estrangeiras, e pelles de coelhos e lebres.

Póde gastar annualmente 60:000 kilogrammas de lan e péllo.

O fabrico vae-se augmentando, á medida que cresce o consumo, e os proprietarios esperam elevar em pouco tempo o numero dos operarios a 150.

Os chapeus já se exportam para todo o reino, ilhas adjacentes, archipelago açoreano, ilhas e continente portuguezes na Africa, e para a Hespanha, Brasil, e outras localidades.

Deus conceda aos srs. Santos todas as prosperidades, de que são dignos, pelo bem que fazem a tantas familias, e pelo augmento e progresso que promoveram ao paiz.

A sua firma social é — Santos & irmão.

S. VICENTE DO PAÚL — Vide *Paúl* (S. Vicente do).

SAPAL — planicie de terra vegetal nas praias do mar, coberta d'agua salgada no inverno, e que de verão se cultiva e é feracissima. (Vide *Villa Real de Santo Antonio*). Tambem se dá este nome a terras pantanosas onde ha muitos sapos (e é de *sápos* que vem *sapal*) substantivo que rigorosamente significa *logar onde ha muitos sapos e rans*. Nas provincias do N. dizem *Sapinheira*.

SAPARDOS — freguezia, Minho, concelho de Villa Nova da Cerveira, comarca de Vallença, 30 kilometros ao N. de Vianna, 45 ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os successores de Paulo José Pereira Malheiro, capitão-mór do termo de Villa Nova da Cerveira, apresentavam o abbade, que tinha 160$000 réis e o pé d'altar.

Este padroado foi adquirido para elle, *in solidum*, e o deixou ao tal Paulo, que era seu sobrinho: depois, passou o padroado para os Oliveiras, de Ponte de Lima.

É terra fertilissima, como todas as que estanceiam sobre a margem esquerda do rio Minho. Cria muito gado, de toda a qualidade, e é abundante de peixe, do mar e do rio.

SAPATARÍA — freguezia, Extremadura, concelho de Arruda dos Vinhos, comarca de Villa Franca de Xira, 27 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (vulgarmente, *das Candeias*).

Patriarchado e districto admninistrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da egreja matriz de S. Julião, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A aldeia de *Pero-Negro* pertencia á freguezia de Dous-Portos, que lhe ficava muito distante, pelo que passou a pertencer a esta da Sapataria.

A freguezia está situada em uma baixa, e banhada pela ribeira do seu nome, que aqui nasce, como adiante veremos, e que depois toma o nome de Sizandro, e réga Torres Vedras (que lhe fica a 12 kilometros de distancia), Runa e outras terras.

—

Junto ao logar da Cerveira, d'esta parochia, está a ermida de N. Senhora da Guia.

Segundo a tradição, foi este templosinho construido á custa de Belchior Dias, solteiro, correeiro, natural da Cerveira, e residente

em Lisboa, pelos annos de 1610. Diz-se que este Belchior fizera a ermida, por ter achado na barreira de uma fonte que está sobre a estrada que vae de Enxara do Bispo, para Lisboa, uma imagem da Santissima Virgem, e onde o mesmo devoto mandou construir uma edicula para memoria; mandando tambem, por essa occasião, reconstruir a fonte, e construir casa para o eremitão. D'esta edicula se vê a ermida.

Por fim, Belchior Dias, se fez eremitão da Senhora, em cuja occupação falleceu, e está retratado em um dos lados do altar-mór.

A festa da Senhora é a 8 de setembro, mas, como a aldeia da Cerveira é pequena e pobre, e não tem rendas nem confraria, a festa tambem é limitada. Antigamente vinha a esta ermida um cirio, de Palhacana e Palayos, no segundo domingo de setembro.

—

A freguezia da Sapataria é uma das mais pequenas do Patriarchado, pelo que o seu rendimento é diminuto, e mal chega para a sustentação do parocho.

Apezar da sua pequenez, é notavel por se solemnisar alli no domingo de Lazaro a procissão da Imagem de Christo com a cruz ás costas — sob o nome do Senhor dos Passos da Sapataria; procissão a que concorre muitissima gente dos trez concelhos d'Arruda, Mafra e Torres Vedras.

Mas é mais notavel ainda por dois factos que a historia portugueza menciona com relação á mesma.

É na freguezia da Sapataria, um pouco acima da egreja matriz e no casal denominado — O Sizandro — que tem origem o rio do mesmo nome, celebrado nos nossos fastos, e que passando proximo do Asylo de Runa, e aos banhos thermaes dos Cucos, e discorrendo em torno de Torres Vedras, vae lançar-se no Oceano pela foz d'Arrandide.

—

Pouco depois de D. Affonso Henriques ter tomado aos mouros, Lisboa e Cintra (então chamada Cinthia, ou serra da Lua) caminhando de conquista em conquista, foi darlhe nova batalha proximo á serra do Soccorro, e no logar desde então e por tal facto denominado — *A da Guerra* — e tão rija ella foi e de tão fino aço eram as espadas dos portuguezes d'aquella era, que o sangue mourisco que fizeram derramar, chegou a tingir as aguas do Sizandro, especialmente na ponte proxima de Mata-cães, nome derivado do brado d'exterminio contra os perseguidos filhos d'Agar e sectarios do crescente.

—

O segundo facto de que a historia falla em relação ao pequeno logar da Sapataria, é o seguinte:

Durante a regencia do mestre d'Aviz, infante D. João, quando o rei de Castella tinha em apertado cêrco a capital de Lisboa, sobreveiu tão horrivel peste, que o seu exercito soffreu grande mortandade.

O rei de Castella ainda quiz continuar o cêrco, apesar de vêr o exercito já muito dizimado pelo contagio, mas sendo a rainha D. Beatriz, que com elle estava, egualmente atacada pela peste, mandou levantar o sitio n'um sabbado, 3 de setembro de 1384, fazendo lançar o fogo, no dia immediato, a todo o arraial, chegando na segunda feira, na maior confusão, á Sapataria, onde pernoitou e d'onde saiu na terça feira para Torres Vedras, considerada já ahi a rainha em artigos de morte.

Segundo alguns historiadores, a Providenciá velou manifestamente pela causa dos portuguezes; porque a não ser aquella epidemia, Lisboa teria sido desastrosamente assolada e victima da sanha implacavel do rei de Castella e da sua soldadesca, e fundam-se aquelles em que o soberbo rei, ao retirar-se do cêrco, voltando-se para a cidade, dissera: *Desejo vêr-te lavrada pelo arado*; e que a rainha dissera tambem: *Cidade ingrata e perfida, permitta Deus, que eu ainda te veja abrazada.*

Se estes ditos, referidos pelos historiadores, são veridicos, mostram realmente quão pequenas eram as almas das magestades castelhanas.

SAPIÃES ou **SAPIÕES** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho e 4 kilometros a SE. das Boticas, comarca e 18 kilometros ao S. de Montalegre, 78 ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 183 fogos.

Em 1768, tinha 165.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Affonso III lhe deu foral, em março de 1251. (*Livro de foraes antigos de leitura nova,* fl. 119, columna 1.ª)

O foral lhe dá o nome de *Zapiães.*

Foi commenda da ordem de Christo.

Situada em uma planicie, no valle chamado da Térva. Compõe-se de duas aldeias —*Sapeães*, séde da parochia—e *Sapéllos.*

O solo d'esta freguezia, pela sua baixa situação, abrigado do N., e com abundancia d'aguas, que se despenham das serras proximas, é muito fertil. Produz batatas, centeio, muito milho, linho, muita e optima castanha, vinho verde, excellentes maçans e outros fructos. Cria bastante gado, de toda a qualidade, principalmente vaccum.

Corre pelo centro da freguezia, na direcção de NE. a SO., o rio *Térva,* que, entre as povoações de Sapeães e Sapéllos, é atravessado por uma ponte de cantaria, denominada *Ponte Pedrinha.* Cria trutas, enguias, escallos, bógas e barbos. Réga e môe.

Tambem a freguezia é atravessada pela estrada de Chaves, a Braga. Foi por esta estrada que seguiu o exercito francez, de Soult, que no dia 6 de março de 1809 se apresentou no valle da *Gironda,* perto da honra de Villar de Perdizes, d'este concelho das Boticas, onde houve algumas escaramuças, entre os invasores e as milicias de Villa Real e paizanos, dos quaes morreram alguns, emquanto o grosso dos inimigos entrou em Chaves, a 14 de março, e pondo-se logo em marcha, entrou n'esta freguezia, pela aldeia de Sapéllos, e seguiu a estrada de Braga por Sapeães, Boticas, Quintas, Lavradas, Alturas, Venda Nova, Ponte do Arco — no concelho de Ruivães, entrando em Braga a 20 do dito mez.

SAPINHA — grande lagôa, no districto da freguezia da Marinha Grande, Extremadura, no bispado, districto administrativo, comarca, concelho e 12 kilometros ao O. de Leiria.

N'esta lagôa principia o famoso *Pinhal d'El-rei.* Está a lagôa á borda do aceiro, e chega até Vieira, freguezia de Cravide, que são 19 kilometros de comprido, e a sua largura chega até o mar, a uns 9 kilometros. Ha n'ella muita caça, e peixe. Tem muitas valleiras, grandes mattos de muita altura, onde se acoita muita caça, grossa e miuda; o pinhal aqui é muito denso, com alguns ribeiros que o atravessam, sendo um dos principaes o de *Muél,* que sahindo da lagôa, morre no Oceano, no sitio do *Cabo,* 3 kilometros de S. Pedro de Muél.

N'este sitio lançaram fogo ao Pinhal de El-rei, em 1645, o que causou grandes prejuizos. Apezar de se tirarem trez devassas, não se poderam descobrir os incendiarios, que por isso ficaram impunes.

Depois, sendo já bispo D. Martim Affonso Mexia, e guarda-mór Jorge da Silva da Costa, houve aqui outro incendio no pinhal, tambem sem castigo, porque consta que foram os referidos bispo e guarda-mór que o mandaram lançar.

(Vide *Carvide, Leiria, Marinha-Grande* e *Pinhal de Leiria*).

SAPO (Torre de Dom)—Vide *Cardiellos* e *Concieiro.*

SAPIÉLLOS —Vide *Freitas* (Poço das).

SARABATO —nome que no sul de Portugal dão aos gatos bravos.

SARABIGÕES ou **SARAVIGÕES** — aldeia, Douro, na freguezia da Espiúnca, comarca e concelho de Arouca, bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

É povoação antiquissima, e provavelmente do tempo dos gôdos. Situada em terreno muito accidentado, proximo ao rio Paiva.

É terra fertil, e produz vinho, que, na sua qualidade de verde, é do melhor de Portugal.

Em 1130, comprou o grande Egas Moniz, e sua mulher *Maria Onoriquiz,* varias herdades na Espinunca, por *fragaes* e por *modios.*

É certo que no seculo XII viveram mais do que um Egas Moniz (alem de seu sobrinho, Egas Moniz Coelho, o poeta)

pelo que podia alguem persuadir-se que as trez mulheres, antes de *D. Thereza Affonso* (que foi a quarta do nosso Egas Moniz), foram de outros do mesmo nome — mas não — foram d'este.

Em Alpendurada existia um pergaminho, de 1142, que continha dous instrumentos: — primeiro, a doação da *villa* de *Savarigones* (Sarabigões) que Egas Moniz e sua mulher, *Gontina Ramirez*, fizeram de metade da dita villa, a S. Martinho da Espiunca e a outra metade ao mosteiro d'Alpendurada — o segundo é uma carta de meiação, dos mesmos conjuges, de todos os seus bens, no caso de nenhum tornar a casar depois de viuvo.

Os mesmos fizeram o seu testamento de mão commum, em 1163, no qual libertam, por sua morte, todos os seus escravos mouros que então forem baptisados.

Ainda viviam estes conjuges em 1174 [1]. O conde D. Pedro (Nobiliario, tit. 36, fl. 187 e seguintes) diz que Egas Moniz foi casado com *D. Mór Paes, filha de D. Payo Guterres da Silva*, da qual tivera descendentes. A ser assim, foi esta a primeira mulher d'Egas Moniz, vindo portanto elle a ter cinco. (Vide 6.º vol., pag. 387, col. 1.ª)

SARAFÃO — Vide *Serafão*.

SARAMIL ou **SERAMIL** — freguezia, Minho, concelho e 6 kilometros ao NE. d'Amares, comarca e 9 kilometros a E. de Villa Verde (foi até 1853 da comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, extincto) 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 61 fogos.

Em 1768, tinha 56 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

Situada em terreno accidentado, na encosia meridional do monte de Santa Cruz, ramo da serra do Gerez.

É abundante d'aguas, que a fazem muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Cria muito gado, de toda a qualidade, e produz muita lenha, e caça.

SARAPICOS — Vide *Serapicos*.

SARDÃO — grande aldeia, Douro, com 60 fogos, pertencente á villa e freguezia de Agueda, que lhe fica fronteira — esta na margem direita (N.) e aquella na esquerda (S.), por isso se lhe dá tambem o nome de *Alem da Ponte*, ou *Agueda de Baixo* [1].

Ainda aqui existe a cadeia municipal, no edificio onde até 1834 se faziam as audiencias do juiz de fóra de Recardães, a cuja jurisdicção pertencia a villa d'Agueda — em parte, e o resto á de Aveiro.

Pertence a esta povoação a antiga e nobilissima casa dos fidalgos do Atalho. É seu actual possuidor, o sr. José de Sousa Tudella de Lemos e Napoles, filho de Rodrigo de Souza Tudella, que, sendo coronel do regimento de milicias de Tondella, no ataque á serra do Pilar (8 de setembro de 1832) estando já dentro da cerca do mosteiro, e carregando intrepidamente os liberaes á bayoneta, foi gravemente ferido, tendo os realistas de retirar, em vista da brava resistencia dos liberaes.

O sr. Rodrigo de Sousa Tudella, era um

[1] Todas estas datas são da era de Cesar. O anno 1174, é o 1136 de Jesus Christo. — Não ha certeza da data da morte d'este heroe — segundo uns, morreu em 1139: outros dizem que foi em 1144, e finalmente outros querem que fosse em 1146. (Vide 6.º vol., pag. 386, col 1.ª)

[1] Dava-se tambem antigamente, entre o povo, o nome de *Agueda de Cima*, á villa d'Agueda, e *Agueda de Baixo*, ao Sardão. Por aqui passava a via militar romana de Lisboa para Calle (Gaia) e depois a *estrada mourisca*.

cavalheiro tão nobre pelos seus antepassados, como pelo seu bellissimo caracter, por isso era estimado e respeitado de todos quantos o conheciam, qualquer que fosse a sua *côr politica.*

—

Agueda está ligada com o Sardão, por uma ponte de cantaria, de cinco arcos, já bastante arruinada, por antiga.

Para o Sardão retirou o exercito francez depois da derrota do Bussaco, em 27, 28 e 29 de setembro de 1810. (Vide *Bussaco.*)

Sardão, é corrupção do arabe *Hardão* (*h* aspirado) e significa *lagarto* — reptil.

SARDOAL — villa, Extremadura, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Abrantes, 5 kilometros ao N. do Tejo, 11 a N. N. E. de Abrantes, 135 da Guarda, 120 ao S. E. de Lisboa. 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 800.

Orago, S. Thiago, apostolo, e S. Matheus, evangelista.

Bispado e 70 kilometros de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Os marquezes d'Abrantes apresentavam o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

O concelho do Sardoal é composto das duas freguezias, d'Alcaravella, e Sardoal, ambas do bispado de Castello Branco, e com 1:295 fogos. — Pertence á primeira divisão militar.

—

É povoação muito antiga — provavelmente das primeiras d'esta região — mas não se sabe quando, nem por quem foi fundada.

Franklin não menciona foral algum dado a esta villa; mas o que é certo, é que, antes mesmo de ter fôro de villa, já era concelho e julgado independente. Talvez que os duques do Cadaval, seus antigos donatarios, lhe dessem foral, e é por isso que Franklin o não traz, pois só menciona os dados pelos reis e poucos mais.

Está a povoação situada em uma baixa, em logar ameno, fertil e salubre, muito abundante de excellentes aguas potaveis, pelo que produz todos os fructos do nosso clima, em grande copia.

Foi elevada á cathegoria de villa, por carta de mercê de D. João V, dada em Evora, a 10 d'agosto de 1532.

Pelo seu termo passam os rios *Cadafaz*, e *Alferradêde* (ou *Arcês*), e a *Ribeira das Rêzes.*

Feira a 28 de outubro.

Tem Misericordia e um bom hospital, com o movimento annual de 200 enfermos, e administrado pela Santa Casa. Foi fundado pelos annos de 1400, e confirmado pelo pontifice Innocencio 6.º, em 1554, sob a denominação de *Confrades de Santa Maria do Hospital.* Com as esmolas dos irmãos e de outros devotos, e com varios legados, obteve um bom rendimento, que sempre tem sido conscienciosamente administrado.

Até 1834, esteve o hospital proximo á egreja matriz da freguezia (que é um dos melhores templos do bispado) depois, foi mudado para o mosteiro de Nossa Senhora da Caridade, sito no alto do monte, sobranceiro á villa, e que pertencêra aos frades menores, da provincia da Soledade (franciscanos). Foi um local bem escolhido, porque é aprazivel e muito saudavel, reunindo todas as condições hygienicas que se requerem para estes estabelecimentos.

Francisco Manoel de Mendonça, da illustre casa dos Mouras, do Pochão, conego da Sé Patriarchal, sendo provedor da Misericordia d'esta villa, quando se transferiu o hospital, comprou a cêrca dos frades, contigua ao mosteiro, e fez logo doação d'ella á Santa Casa, da qual foi um sollicito protector, fazendo á sua custa todas as obras indispensaveis para adaptar as divisões interiores do mosteiro, ao fim para que era destinado. Falleceu este benemerito cidadão, em 19 de agosto de 1862. Foi seu herdeiro, o padre Gregorio Pereira Tawares, que foi tambem um caritativo bemfeitor da Santa Casa. Falleceu em 19 de outubro de 1867.

O mosteiro de Nossa Senhora da Caridade, foi construido em 1571, pelo ministro provincial da ordem, no local onde já existia uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Caridade.

Foi este mosteiro feito á custa das esmolas do povo da villa, principalmente de D

Lopo d'Almeida, conde d'Abrantes, o qual, por viver no Sardoal, e ser muito amigo dos religiosos, concorreu com a maior parte das despezas das obras do mosteiro, e alem d'isso o dotou com bastantes rendas. Por sua disposição testamentaria, foi sepultado junto aos degraus do altar-mór.

Francisco Lobato, membro de uma das principaes familias d'esta villa, tambem deu grandes esmolas para esta fundação, o que consta da inscripção gravada na sua sepultura, que está na casa que foi do capitulo.

O padroado da capella mór do mosteiro, quando este se reedificou, foi dado a D. Gaspar Barata de Mendonça, 1.º arcebispo da Bahia, por contracto celebrado no 1.º de abril de 1678. Este bemfeitor, tinha dado para a reconstrucção da mesma capella-mór, mil cruzados (400$000 réis), e se obrigou á *ordinaria* de 30$000 réis annuaes, para a sua conservação. Jaz sepultado em um soberbo mausoleu, na egreja do mosteiro, do lado da epistola.

Do lado do Evangelho, está uma lápide embebida na parede, que refere o principio da reedificação.

Sob o pavimento da mesma capella-mór, ha um vasto carneiro, onde eram sepultados os membros da familia Moura de Mendonça.

No corpo da egreja ha mais campas, que, pelas suas inscripções, consta serem de pessoas notaveis da villa.

Tambem no pavimento da egreja matriz, ha varias campas de pessoas nobres do Sardoal.

—

Ha n'esta villa um dos mais ricos mananciaes d'aguas ferreas, tidas por efficassissimas como digestivo, desobstruente e até lithotriptico.

—

Ainda que seja muito consideravel a importancia agricola d'este concelho, o que constitue a sua principal riqueza, é a producção de azeite, de optima qualidade; sendo o terreno dos olivaes tão productivo, que ainda sob o arvoredo dá trigo, milho, feijão e outros fructos.

—

O Sardoal tem tido, em todos os tempos, pessoas de grandes haveres e de muita representação, e tem dado varões eminentes e benemeritos da patria, pelos relevantes serviços que lhe prestaram, tanto no exercito e armada, como pelos seus talentos e altas dignidades que occuparam, o que ainda hoje se póde ver pelos epitaphios das suas sepulturas, tanto na egreja matriz, como na da Misericordia e na do mosteiro.

—

Ha n'esta villa, as ermidas, do Espirito Santo, de Nossa Senhora do Carmo, de Santa Catharina, de Santa Anna, e de S. Sebastião, dentro da villa, e nos seus limites, havia as de S. Francisco, Santa Maria Magdalena, S. Domingos, e S. Miguel.

O *Santuario Marianno*, trata de mais duas ermidas, em que o meu benevolo informador me não falla. D'ellas faço menção no fim d'este artigo.

Houve tambem a antiquissima ermida do evangelista S. Matheus, que consta ter sido a primitiva matriz da parochia.

A capella de Nossa Senhora do Carmo, pertence á illustre casa dos Mouras Mendonças, hoje em poder de herdeiros que não pertencem a esta familia, e é a mais sumptuosa de todas, e aceiadamente conservada pelos seus actuaes possuidores.

Quanto ás ermidas dos suburbios da villa, umas estão desmanteladas e outras, nem d'ellas ha hoje o minimo vestigio.

—

Até 1860, pouco mais ou menos, havia aqui um bodo no domingo do Espirito Santo, dado pelos mordomos e outras pessoas, que, por devoção, contribuiam com os seus donativos para elle e para a respectiva festividade, uma das mais solemnes da villa, e que era em todos os annos muitissimo concorrida, mesmo de romeiros de muito longe.

A instituição d'este bôdo é tão antiga que se ignora quando e porque motivo teve principio.

Os que concorriam com donativos para esta solemnidade, tinham uma porção de

carne de vacca e pão cosido, em proporção da esmola que tinham dado, e cada uma d'estas pessoas, armava na vespera, em sua casa, um altar, que á porfia cada um ornava o melhor possivel, pois que á noite, grande parte das familias da villa, com seus convidados, tinha por costume visitar os taes altares. No domingo era o pão, a carne e os mais donativos, conduzidos á ermida do Espirito Santo, e alli repartidos pelos pobres.

Deixou de fazer-se o bôdo, pelo muito que n'elle se dispendia.

Hoje ainda se faz um bôdo, porém menos apparatoso, na capella de S. Thiago, pertencente a um grupo d'aldeias da freguezia.

Aguas mineraes

Ha n'este concelho grande numero de nascentes d'aguas mineraes, porém as mais importantes, tanto pela sua abundancia, como pela sua mineralisação, estão proximas da villa, das quaes, e de outras fontes publicas d'este concelho, já tratou em seu *Aquilegio medicinal*, Francisco da Fonseca Henriques, medico, de Mirandella.

A mais antiga d'estas nascentes, tem no frontespicio da fonte, a data de 1710, e se denomina a *Fonte de ferro*. Rebenta de uma rocha granitica, um pouco abaixo da ermida de S. Sebastião e na margem esquerda da ribeira, produzindo nove centimetros cubicos d'agua por segundo. A sua temperatura é de 60° F.—É transparente, inodora, e com o sabor ordinario das aguas ferruginosas. Attribuem-se-lhe qualidades desobstruentes e lithotripticas.

A outra nascente, ainda mais abundante do que a *do ferro*, corre cem metros abaixo d'esta, deixando por onde passa um sedimento avermelhado, e o seu sabor é como o da primeira. É tambem na margem esquerda da mesma ribeira. Appareceu pela primeira vez, no dia do grande terramoto do 1.° de novembro de 1755, em resultado de um abalo de terra que abriu o rochedo, e pela fenda começou a correr esta agua. Em 1791, á custa do povo da villa, foi passada ao travez da ribeira, convenientemente canalisada, de módo a não se communicar com as aguas da dita ribeira, até um chafariz, a uns cem metros de distancia, na margem direita. Produz em cada segundo trez centimetros cubicos d'agua, por trez bicas, e a sua temperatura e qualidades therapeuticas são como a *do ferro*.

Ainda não foram competentemente analysados, mas demonstram ser mineralisadas pelo carbonato de ferro. Empregam-se nos padecimentos gastralgicos e chloroticos. Com as remanescentes, se regam e fertilisam muitas terras.

O povo da villa se serve d'estas aguas para beber, e para os mais usos domesticos.

—

Em 1879, a camara municipal d'este concelho, sendo seu presidente o sr. Maximo Maria Serrão, dotou esta villa com um melhoramento ha muito reclamado, qual foi a acquisição de um abundantissimo manancial d'agua potavel, que lhe fica a 3 kilometros de distancia, aproximadamente, e que foi logo canalisada para a villa, em manilhas de ferro.

Já em março de 1876, tinha a camara obtido auctorisação para desviar a receita da viação municipal, por dez annos, para esta canalisação. — O manancial d'onde vem esta agua, chama-se *Fonte do Rei Alvaro*. (?)

—

Ha no concelho, minas de chumbo e ferro; em abril de 1876, manifestou n'esta camara, o sr. Francisco José da Fonseca Moraes, uma mina de cobre; e em 1873 se descobriu uma de prata.

—

Em 17 de abril de 1866 foi feito visconde do Sardoal, em sua vida, José de Figueiredo Frazão, já fallecido. Em 6 de agosto de 1878, foi feito visconde do mesmo titulo, seu filho o sr. José de Figueiredo Pimenta Avellar Frazão.

—

N'esta villa nasceu o padre Antonio de Carvalho de Parada, guarda-mór da Torre do Tombo, doutor em theologia, visitador do arcebispado d'Evora, arcipreste da Sé de Lisboa, e prior da freguezia de Bucellas, onde falleceu, em 12 de dezembro de 1655.

Escreveu as obras seguintes:

Dialogos sobre a vida e morte do muito

religioso sacerdote, Bartholomeu da Costa, thesoureiro-mór da Sé de Lisboa. Foi publicada na capital, por Pedro Craesbeeck, em 1611.

Arte de reinar. Ao potentissimo rey D. Joan IV, nosso senhor, restaurador da liberdade portugueza. Publicada em Lisboa, por Paulo Craesbeeck, em 1643.

Justificaçam dos portuguezes sobre a acçam de libertarem seu reyno da obediencia de Castella; offerecido ao principe D. Theodosio. Publicada na typographia antecedente, e no mesmo anno de 1643.

Discurso sobre os inconvenientes que resultam do modo com que alguns prégadores reprehendem os principes e ministros.

Deixou manuscripto um *Discurso sobre a reforma ou extincção, do officio de provedor das comarcas.*

—

No dia 7 de dezembro de 1432, nasceu n'esta villa, a infanta D. Maria, filha do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor. Morreu logo no dia seguinte.

—

Ermida da Senhora da Graça

O *Santuario Mariano*, 7.º vol., pag. 337, diz, que, 3 kilometros a E. da villa do Sardoal, na aldeia de Vilhascos, está a ermida de Nossa Senhora da Graça, com as paredes interiores revestidas de azulejos, com o seu competente côro e um álpendre ou galilé, unido á porta principal; e casas para o eremitão e aposentadoria dos romeiros.

Tem a ermida, capella-mór, e é um templosinho muito bonito, apezar da sua antiguidade, pois se ignora quando ou por quem foi fundado. A sua festa é a 8 de setembro, e sempre muito concorrida. Tinha eremitão e um capellão que vinha aqui dizer missa em todos os domingos e dias santificados.

Ermida da Senhora da Lapa

A pag. 339 do mesmo livro, nos falla o seu auctor, na capella de Nossa Senhora da Lapa, que diz estar a 3 kilometros ao E. da villa, e junto a margem da ribeira de *Aracés* (tambem chamado Alferradede) em um ameno valle, e construida sobre uma penha: é de boa architectura e com um só altar.

Da margem do rio ha uma escada de cinco degraus, para subir para a porta principal da ermida. Em frente d'esta, do outro lado da ribeira, continúa o mesmo rochedo, no qual ha uma lapa, em que, segundo a tradição, appareceu a imagem da Senhora, por isso chamada da Lapa.

É templo muito antigo e não se sabe quando foi construido. Proximo a este sitio, havia uma quinta que foi do abbade, João Cançado, fundador da ermida.

Na lapa da apparição, foi collocada uma imagem de Santa Maria Magdalena. Esta lapa dista uns 20 metros da ermida, e quando a ribeira enche, chega a agua á lapa, e á porta da ermida da Senhora.

Em 1720, era padroeiro da ermida, Duarte de Sousa da França, sobrinho do fundador, e que tinha junto da ermida uma quinta com grandes casas de habitação, nas quaes dava colheita aos romeiros, quando pernoitavam n'este logar.

Parece que o tal abbade, João Cançado, viveu pelos annos de 1680.

De nenhuma d'estas duas capellas me falla o meu benevolo informador, por isso não sei se ainda existem.

—

Cumpre-me aqui agradecer cordialmente ao ex.mo sr. doutor Geraldo Joaquim Maria da Costa, medico do partido da camara do Sardoal, os valiosissimos apontamentos que teve a benevolencia de me dar, com respeito a esta villa, e que tanto concorreram para que o artigo sahisse o mais completo possivel.

Se as pessoas illustradas das differentes povoações do reino, tivessem o patriotismo do sr. dr. Costa, muito mais perfeito seria o meu trabalho, e concorreriam para que as suas terras fessem melhormente conhecidas.

Já disse em mais de um logar d'esta obra — o *Portugal antigo e moderno*, não devia ser de um só homem, mas de todos aquelles que estão nas circumstancias de concorrer com as suas informações para que o livro saia o mais completo possivel, visto ser uma obra nacional e patriotica, que a to-

dos os portuguezes pertence, e a todos deve interessar.

Honra pois ao sr. dr. Costa, que soube comprehender isto, e que tanto concorreu para tornar a sua terra devidamente conhecida e apreciada. Ainda outra vez, os meus sinceros agradecimentos.

SARDOURA — freguezia, Douro, 8 kilometros ao O. N. O. da villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva, comarca e 18 kilometros ao N. O. d'Arouca, 54 ao O. de Lamego, 8 ao S. do rio Douro, 75 ao N. E. d'Aveiro, 50 ao E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 177.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro.

A Universidade de Coimbra apresentava — por concurso — o reitor, que tinha réis 100$000 e o pé d'altar.

Da-lhe o nome a ribeira de *Sardoura*, que atravesssa esta freguezia, e se mette na margem esquerda do Douro, no sitio da *Palla*, freguezia de S. Martinho de Sardoura, pouco acima das *Pedras de Linhares*.

É mesmo a palavra árabe *Sardoura*, que significa — *andar á roda*. É composta do verbo *sara* — andar — e *daura* — á roda. Com effeito, este rio dá tantas voltas, que parece andar á roda. Note-se porém que se lhe dá o nome de *rio*, quando não é mais do que um ribeiro.

Para evitarmos repetições, vide no 8.º vol., pag. 62, col. 2.ª, o que digo na freguezia de *Real*, Douro, concelho do Castello de Paiva; e no mesmo volume, pag. 176, col. 2.ª, na palavra *Riba-Paiva*.

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sendo excellente o pouco azeite que produz, bem como é de optima qualidade o seu vinho verde. Cria muito gado de toda a qualidade, e faz grande commercio com a cidade do Porto, para onde exporta, pelo Douro, o que lhe sobra do consummo, principalmente fructas, de muito bôa qualidade.

O terreno d'esta freguezia e da seguinte é sobremodo accidentado, mas os seus valles são fertillissimos, porque, além do rio Sardoura, são regados por varios arrôios e aguas de minas.

No centro do formoso *Valle de Sardoura*, elevam-se dous picos, de fórma pyramidal, e de grande altura, um chamado *S. Gens*, e o outro *S. Paullo*. Segundo a lenda, cada um d'estes picos era no seu vertice habitado por um ferreiro santo (os taes *Gens* e *Paullo*) ambos irmãos. Quando um d'elles precisava de qualquer instrumento do seu officio, d'ali mesmo o pedia ao outro, que lh'o atirava, e hia cahir ao sitio desejado, apesar de que, do cume de um monte ao do outro ha uma distancia de uns 800 a 900 metros.

São crendices, mas inoffensivas; e é melhor ser crendeiro do que descrente.

Esta freguezia e a seguinte formavam uma só parochia, da qual se desmembrou parte, para formar nova parochia, tomando por padroeiro, S. Martinho, bispo; mas ficando curato filial d'esta de Santa Maria.

SARDOURA — freguezia, Douro, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo da antecedente, e, com pouca differença, conservando as mesmas distancias, menos para o N., que termina mesmo na margem esquerda do Douro, 180 fogos.

Em 1768, tinha 86 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

O reitor da freguezia antecedente, apresentava o cura, collado, que tinha 55$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia duas ermidas — a do Espirito Santo, e a de Nossa Senhora do Pilar.

Quanto á sua posição topographica, etymologia, producções agricolas, e generos que exporta, é em tudo semelhante á antecedente, para a qual remetto o leitor.

SARILHOS-GRANDES — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Aldeia Gallega do Ribatejo, 18 kilometros a E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 77.

Orago, S. Jorge.

Patriarchado e districto administratiivo de Lisboa.

Sarilhos, é um logarejo, onde, em volta de uma egreja pobre e arruinada, se amontoam meia duzia de casinholas de terra, cobertas de telha-van, ou de palha de centeio. Aqui não ha uma tenda, nem açougue, nem outro outro qualquer estabelecimento commercial, por mais insignificante que seja!

A egreja matriz está no mais miseravel estado, e indecente para o culto divino; e, se não fosse um devoto que deu 62$000 réis para se compôr o telhado, já ha muito que elle teria cahido. Ha falta de paramentos e alfaias, e os que existem estão no mais lastimoso estado, sem que os freguezes possam acudir a isto, porque são quasi todos pobrissimos.

Parece incrivel que a trez leguas da capital, se consinta a existencia de tal freguezia, que ha muitos annos deveria ter-se supprimido, annexando-se a qualquer das immediatas.

SARMOAR — portuguez antigo — exhortar, animar com bons conselhos.

SARNADAS ou **SERNADAS** — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Oleiros, comarca da Sertan (foi da comarca de Castello Branco, extincto concelho de Sarzêdas) 8 kilometros da Guarda, 225 ao S. E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, S. Simão.

Patriarchado de Lisbôa, districto administrativo de Castello Branco.

(Pertence ao patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato).

O vigario de Sarzedas apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Sarnadas de S. Simão*, para a distinguir da seguinte.

Serna, é portuguez antigo. Dava-se este nome á herdade que se semeia pela primeira vez, e ao tributo que por ella se pagava ao senhorio. É pois de *Serna*, que vem *Sarnada, Sernada, Sarnadella*, e *Sernadella*.

SARNADAS DO RODAM — freguezia, Beira Baixa, Concelho de Villa Velha do Rodam, comarca, districto administrativo e bispado de Castello Branco, 100 kilometros da Guarda, 210 a E. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, S. Sebastião, martyr.

O vigario de Villa Velha do Rodam, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis, e o pé d'altar.

É terra fertil.

A mesma etymologia da antecedente.

SARNES — Vide *Macieira de Sarnes*, ou *das Terças*.

SARRADO — portuguez antigo — cerrado, inteiro, completo, e sem diminuição alguma. — «*Se pela ventura El-Rey nom vier ó Doiro, que nom leve as Coleytas* (acolheitas) *nom darem se nom XIII maravidîs menos quarto: e se El-Rey levar as Coleytas, seerem XII maravidîs* sarrados.» (Documento da Graça, de Coimbra, de 1326.) [1]

Çarrado, porém, se dizia de todas as propriedades que estavam em volta de um logar. «*Foi dada a dita terra de fôro çarradamente ao dito concelho.*» (Foral da Ervedosa, de Bragança, dado pelo rei D. Manoel, em 22 de julho de 1514).

Hoje diz-se *cerrado*, ou *tapada*, a um terreno de matto ou arvoredo, fechado em volta, de muro, ou vallado.

SARRÃO — portuguez antigo — Vide *Raza*.

SARRACINA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 94.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parada, apresentava o cura, que tinha 7$300 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, pois já existia no seculo X. — Parece que então era apenas uma *villa*, ou *granja*. No *Livro de Mumadona*, consta que D. Flamula a vendeu ao abbade Gonta, do mosteiro de Guimarães, pelos annos de 980.

[1] Ainda hoje se diz — *descarga* cerrada, á que dá todo um corpo de tropas, que é como se dissessemos *descarga completa*, ou dada por todos.

Esta freguezia está ha muitos annos annexá á de Parada, do mesmo concelho.

SARRAQUINHOS *ou* **SERRAQUINHOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros a E. de Montalegre, 74 ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 198 fogos.

Em 1768, tinha 153.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção. (Antigamente, era Nossa Senhora do Ó, ou da Expectação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O abbade de Santa Christina de Cervos, apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Pagava esta freguezia, as *quartas nonas* dos dizimos (quatro nonas partes) á egreja Patriarchal de Lisboa.

Compõe-se a parochia, de cinco aldeias, que são — Sarraquinhos, séde da parochia — Pedrario — Cepêda — Zebral — e Antigo de Zebral.

Tem no seu districto, cinco capellas publicas — *S. Sebastião*, á entrada da aldeia de Sarraquinhos — *Nossa Senhora da Assumpção*, em Cepêda — *S. Pedro*, em Pedrario — *S. Bartholomeu*, no Antigo — e *S. Geraldo*, em Zebral.

É bastante accidentado o terreno d'esta freguezia, e na origem do rio Beça, ao N. da serra de Leiranco.

O seu sólo é arenoso e desabrigado do norte, mas, apezar d'isso, produz muito centeio, batatas, linho, e algum trigo e milho.

Sarraquinho e Pedrario eram casaes *serados*, e pagavam — aquelle 30$310 réis — e este 14$640 réis. (Vide *Sarrado*.)

—

Alexandre de Sousa Pereira, filho de Antonio de Sousa Pereira, natural de Villar de Perdizes, defendeu-se valorosamente em 1708, no Porto de Sarraquinhos, contra os castelhanos, impedindo-os de entrarem para a freguezia da Chan.

Segundo a tradição, em 1643 foram incendiadas pelos gallegos as aldeias de Pedrario, Cepêda, Sarraquinhos, Solveira e outras mais, porém os povos d'aqui vingaram-se, matando muitos dos incendiarios.

—

O nome d'esta freguezia, é corrupção do arabe *sarraquino*, que significa ladrão. Deriva-se do verbo *saraca*, furtar, roubar.

SARRAZELLA — aldeia, Beira Alta, concelho de Satam, a 20 kilometros de Viizeu, a cujo bispado e districto pertence.

Junto a esta aldeia, existe um jazigo de carbonato de cal, que foi descoberto pelos annos de 1790, e tem sido explorado por diversos individuos, sem resultados animadores.

Em fevereiro de 1878, os srs. dr. Antonio Diogo, F. R. Vianna, e Joaquim de Sampaio manifestaram na respectiva camara, esta zona calcarea, na intenção de principiarem a sua lavra, segundo as modernas indicações da sciencia.

Em abril do mesmo anno, foram algumas carradas de pedra calcaria (carbonatto de cal) para Brufe, e ahi calcinadas em fôrno de coser telha. Logo a 3 do referido mez, ficaram perfeitamente cosidos alguns carros de cal, que foram empregados nos movos paços do concelho de Viseu, e nas casaas novas que na aldeia de Contige mandou construir o sr. dr. Antonio Xavier, actual commissario de policia de Viseu.

A cal é de boa qualidade e promettte aos emprehendedores, um resultado auspiccioso, attendendo á carestia do genero por estes sitios.

SARRAZOLLA *ou* **SERRAZOLLA**—*e* **SÊDA** — villa e freguezia, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteirra, 45 kilometros d'Elvas, 165 a E. de Lisboaa, 140 fogos.

Orago, de Sarrazolla, S. Domingos — e da villa de Sêda, Nossa Senhora do Espinheiro.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia e ordens aprresentava o capellão-curado de Sarrazollaa, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de ccevada e 15$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia, em 1768, tinha 46 fogos.

A egreja de Seda era da mesma apresentação, e o parocho (prior) tinha 240 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 20$0000 réis em dinheiro.

Esta freguezia, em 1768, tinha 150 visinhos.

Tem pois estas duas freguezias, hoje unidas, diminuido de população ha 112 annos, pois tendo em 1768, ambas, 196 fogos, hoje apenas teem 140—isto é—menos 57.

A villa de Seda é uma povoação antiga. Frei Simão Soeiro, mestre da ordem d'Aviz, lhe deu foral, na villa d'Aviz, a 18 de maio de 1271. (Maço 11 de *foraes antigos*, n.º 5).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de outubro de 1510. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 53 v., 2.ª col.)

Já no tempo dos romanos era Seda uma povoação importante, que foi destruida com as guerras da edade media, mas os lusitanos a reconstruiram.

Era cercada de altos muros (sem ameias) e o seu castello se chamava *Arminho*. Ainda se vêem os seus restos em um alto, sobranceiro á ribeira de Séda.

Diz-se que, quando pelos annos de 1160, os portuguezes tomaram este castello aos mouros, e em vista da pouca resistencia d'estes, disseram: «*A fortaleza se dá*», e d'aqui lhe provém o nome de Seda. (É uma etymologia como ha muitas.)

D. João I a elevou á cathegoria de villa, em 1427, dando-lhe então muitos privilegios e isenções, que o foral de D. Manoel confirmou.

Tem Misericordia.

Ha no seu termo duas fontes notaveis—a do Freixial, de agua tão fria, que lançando-se-lhe á noite peixes vivos, pela manhã estão mortos e com os olhos rebentados—a outra, é de agua clara, mas não cose carne, por mais que n'ella ferva.

Na antiga *Via Adriana*, e cruzando a caudalosa ribeira que banha a parte baixa da outr'ora florescente villa, e hoje abatida freguezia de Seda, está construida uma ponte, geralmente conhecida pela denominação de *ponte de Villa Formosa*, que é um monumento duplamente grandioso, pela solidez e primor da sua construcção. Tem resistido ás maiores enchentes, sem que se lhe conheça o minimo detrimento.

O vento e as aves, depositaram sobre os seus relevos, sementes de figueira brava, de azinheira e de aroeira, que alli germinaram, e lenta e impunemente tem vegetado, e suas raizes, insinuando-se pelas juntas das pedras, teem desconjuntado algumas.

É obra dos romanos, e, segundo consta, feita pelo mesmo mestre que construiu a famosa ponte d'Alcantara, em Hespanha.

Se isto é verdade, não tem esta ponte menos de 1770 annos de existencia, porque a ponte d'Alcantara foi mandada fazer pelo imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo.

Tambem ainda existem vestigios da Via Adriana, que de Lisboa se dirigia a Merida, então capital da Lusitania.

Ignora-se o nome que esta povoação tinha no tempo dos romanos.

—

Junto á villa de Benavilla (no concelho e 6 kilometros ao E. d'Aviz, comarca da Fronteira) está o vasto e antiquissimo templo de *Nossa Senhora d'Entre-Aguas*, assim denominada por estar entre as ribeiras de Seda (ou d'Alter) e a de Sarrazolla, que se juntam em Benavilla, e desaguam no Sôr, o qual, com o Coruche, morre no Tejo.

Segundo a tradição constante entre os povos d'estes sitios, a egreja da Senhora de Entre-Aguas, foi, em tempos antigos, matriz de Sarrazolla, Seda, Benavilla, e mais povoações circumvisinhas; e que deixou de o ser, por causa das grandes cheias do inverno, que, por muitas vezes, cobriam as pontes d'ambas as ribeiras.

Na parede exterior da egreja, está embebida uma lapide com a seguinte inscripção:

L. BESA. L. VES. I. EAN.
L. H. S. E. S. T. S. III.

Até agora, que me conste, ainda ninguem *decifrou* isto, e julgo que a razão é não estarem as letras já bem claras. É provavelmente a campa de um individuo, porque na segunda linha se vê—H. S. E.—(*hic sepultus est*)—S. T. S. III., é provavelmente, oü êrro de copia, ou as letras estão pouco intelligiveis, por apagadas. Quanto a mim, devia ser—S. T. T. L. (*sit tibi terra levis*).

Ainda segundo a tradição, já em 370 existia esta egreja, como matriz de uma freguezia. Isto não se póde affirmar, por não haver documentos que o provem; mas não é impossivel, porque por esse tempo era imperador Constantino Magno, filho de Santa Helena, o primeiro imperador christão, e sabemos com certeza que o catholicismo era já então a religião da maior parte dos lusitanos.

SARTAL—portuguez antigo—cordão ou fio de perolas—«*Item—Dexo uno sartal al Rei de Castella.*» (Testamento de D. Maria Rodrigues, hespanhola, de 1258.—Doc. de Salzêdas.

SARZÊDA—freguezia, Beira Alta, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 117 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago, Santa Luzia, virgem e martyr.

O commendador de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

É terra fertil em cereaes e castanhas.

Tem trez capellas—Nossa Senhora da Gloria, Santa Barbara, e S. Sebastião.

SARZÊDAS—freguezia, Traz-os-Montes, bispado e districto administrativo de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768 tinha 28 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

O cabido da Sé de Bragança, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo 18.º

SARZÊDAS—villa, comarca, concelho, districto administrativo, bispado e 18 kilometros a O. de Castello-Branco (foi cabeça do concelho de seu nome, na mesma comarca de Castello-Branco) 84 kilometros da Guarda, 200 ao E. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 480 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

D. Gil Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, lhe deu foral, com os privilegios do da Covilhan, em janeiro de 1212.—O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º d'agosto de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 12, col. 2.ª)

Tem feira a 15 d'agosto: dura 3 dias.

Situada em um alto fragoso, na serra da Gardunha, cercada por todas as partes pelos rios *Ocrêza*, *Magueija*, *Almacêda*, *Tripeiro*, e *Alvito*. Por isso, é terra muito fertil.

Diz-se que o seu fundador foi o referido infante, D. Gil Sanches, em 1212.

Tem Misericordia.

Tinha um forte castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, pelos annos de 1300, e que, como quasi todos os castellos d'este tempo, está em ruinas.

A distancia de 5 kilometros da villa, está a bonita ermida de S. Bento, ao qual se faz todos os annos uma grande solemnidade.

—

D. Filippe IV, fez 1.º conde de Sarzedas, em 21 de outubro de 1630, a D. Rodrigo Lobo da Silveira, descendente de Geraldo Geraldes (o *Sem-pavor.*)

O brazão d'armas d'estes condes, é—Em campo de prata, 3 faxas de púrpura: élmo de prata, aberto, e por timbre, meio urso, de prata, ornado de púrpura.

É 7.º conde de Sarzedas, o sr. D. Francisco d'Assis da Silveira e Lorêna (feito em março de 1879) filho do 6.º conde, D. Bernardo Heitor da Silveira Lobo, feito em 21 de outubro de 1862.

D. Bernardo Heitor, era filho do 5.º conde, D. Bernardo José de Lorêna e Silveira, grão-cruz da ordem de S. Thiago, commendador da de Christo, governador e capitão-general da provincia de Minas Geraes (Brasil) vice-rei da India, e que falleceu em 1818.

D. Bernardo José, 5.º conde de Sarzedas, era filho de Nuno Gaspar de Lorena, moço fidalgo, veador da rainha, D. Maria I, tenente-general, governador das armas do Alemtejo,[1] fallecido em 1789.

[1] Era irmão do ultimo marquez de Tavora. Vide *Chão-Salgado.*

Tinha casado, a primeira vez, com D. Luiza Francisca Antonia da Silveira; e a segunda, com D. Maria Ignacia da Silveira, ambas filhas, e a primeira herdeira de D. Braz Balthazar da Silveira, moço fidalgo, senhor da villa de S. Cosmado, commendador da ordem de Christo, conselheiro de guerra, governador e capitão-general de Minas Geraes, governador das armas da Beira, e mestre de campo general—que falleceu em 1751. Tinha casado com D. Maria Joanna Ignez Vicencia de Menezes, primeira filha dos segundos condes de S. Thiago.

D. Braz José Balthazar, senhor de S. Cosmado, alcaide-mór de Viseu, commendador da ordem de Christo, governador da torre de S. Lourenço da Barra, e tenente coronel de infanteria; fallecido a 3 de maio de 1806.

Tinha casado com D. Anna Isabel de Castro, setima filha dos primeiros condes de Rézende.

Filhos do segundo matrimonio:

D. Francisca de Paula, marqueza do Pombal. Vide *Redinha*.

Bernardo José, que foi o quinto conde de Sarzedas.

Condado de Sarzêdas

(*Silveiras*)

A casa dos condes de Sarzêdas, tem por tronco a D. Luiz Lobo, 7.º filho do 2.º barão d'Alvito, D. Diogo Lobo.

Seu filho, D. Rodrigo Lobo, casando com D. Maria de Noronha da Silveira, filha e herdeira de Fernão da Silveira, senhor de Sarzêdas, e de sua segunda mulher, D. Grimaneza Mascarenhas, veio a herdar a dita casa de Sarzêdas, e se uniram ambas estas casas.

Seguiu-se D. Luiz Lobo da Silveira, cujo filho, D. Rodrigo da Silveira, foi feito primeiro conde de Sarzêdas, por D. Philippe IV, como já vimos. Depois, o mesmo Philippe o fez marquez de Sobreira Formosa, mas este titulo não teve effeito, por ser dado depois de 1640. Foi conselheiro de estado, presidente do senado de Lisboa e vice-rei da India; tendo sido antes, capitão-general e governador de Tanger, na Africa.

Succedeu-lhe seu filho, D. Luiz Lobo da Silveira, 2.º conde de Sarzêdas, governador do Algarve, vêdor da fazenda, e conselheiro d'estado.

Foi pae de D. Rodrigo Lobo da Silveira, 3.º conde de Sarzêdas, deputado da junta dos Tres Estados, e fallecido em 1730.

Este D. Rodrigo, tendo herdado de sua mãe, D. Marianna de Lencastro, filha e herdeira de João Gomes da Silva, regedor das justiças, casou duas vezes—a primeira, com D. Ignacia de Noronha, filha dos condes dos Arcos — e a segunda, com D. Bernarda de Távora, filha dos marquezes de Távora.

Do primeiro matrimonio, teve duas filhas, e do segundo não houve successão.

A primeira filha, casou com D. Affonso de Noronha, e morreu sem filhos, pouco depois de casada.

A segunda filha—D. Thereza Marcellina da Silveira — ficou sendo herdeira da casa, e casou com Antonio Luiz de Távora, irmão do segundo conde d'Alvôr, Bernardo Philippe Nery; e por este casamento, ficou Antonio Luiz de Távora, sendo 4.º conde de Sarzêdas, por mercê de D. João V, feita em junho de 1730. Em março de 1732, foi feito governador de S. Paulo.

Vide *Penedos de Fajão*.

SARZEDÊLLO—couto e villa extinctos, no concelho da Povoa de Lanhoso. Vide *Cerzedêllo*.

SARZEDÊLLO—freguezia, no concelho de Guimarães. Vide *Cerzedêllo*.

SARZEDINHO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 42 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Orago, o Salvador.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro das Aguias, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, e tinha aqui jurisdicção ordinaria.

É no termo e foi do supprimido concelho de Vallença, do Douro, e da comarca de Pinhel, e depois, da de Trancoso, mas sujeito ao juiz de fôra de S. João da Pesqueira.

Situada em um valle, perto dos rios Douro e Tôrto. Clima insalubre, e pessimas

aguas (o que concorre muito para as molestias endemicas da terra.)

É abundante de peixe dos dois rios referidos, e produz muito e bom vinho e azeite; abundante de caça miuda e porcos montezes.

É povoação antiquissima, que já existia no tempo dos gôdos; porém o documento mais antigo que encontro, é uma carta de aforamento, do mosteiro de S. Pedro das Aguias, de 1227, pela qual pagavam os parochianos de Sarzedinho ao dito mosteiro, 6 *quarteiros* de pão terçado (trigo, centeio e cevada.)

SARZÊDO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi do extincto concelho de Valhêlhas, comarca e 24 kilometros da Guarda) 250 ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 105.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 140$000 réis.

Está esta freguezia situada em uma das eminencias das faldas da serra da Estrella, e é terra pouco fertil; cria porem muito gado, principalmente miudo, e é abundante de caça, grossa e miuda. Não é precizo dizer que o clima é excessivamente frio.

No dia 3 de outubro de 1876, pelas 10 horas da manhan, cahiu sobre esta freguezia uma tromba d'agua, que esteve a ponto de submergir a povoação, e apresentava um espectaculo tremendo. Pedras, com peso descommunal, e que não poderiam ser movidas por quatro ou cinco juntas de bois, eram arrojadas com violencia pela corrente, despedaçando tudo quanto lhe oppunha obstaculo á sua passagem devastadora. Algumas casas foram derrubadas, fugindo seus habitantes espavoridos, sendo, ainda assim, victimas, uma mulher e uma creança. A maior parte da gente foi salva, como por milagre, na occasião em que era arrojada pela torrente. Esta tromba causou incalculaveis prejuizos — alem dos edificios derrubados — nas propriedades ruraes, que ficaram completamente despidas de fructos.

—

Foi feito visconde de Sarzêdo (mas não sei do qual) em 14 d'abril de 1868, o sr. Antonio Ribeiro de Carvalho Abreu Pessoa d'Amorim Pacheco.

SARZÊDO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 117.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da villa d'Arganil aprentava o cura, que tinha 50$000 réis.

Passa pela freguezia a ribeira do seu nome, que cria barbos, bógas, e algumas trutas. Morre no Alva.

É terra fertil dos generos agricolas do paiz, e cria bastante gado, de toda a qualidade.

SARZÊDO — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Leonil) 25 kilometros a E. de Lamêgo, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

É situada na vertente de uma collina, em cujo tôpo corre a estrada de Lamêgo a Trancoso, que fica (a estrada) a 1 kilometro da freguezia, e está ligada com a povoação, por um ramal, mandado construir á custa do sr. José de Lemos de Napoles Manoel, proprietario n'esta freguezia.

Sarzêdo é cercada, pelo E., por uma bacia fertilissima, principalmente em milho, fructa, castanha e amoreiras.

É de fundação moderna, como parochia, pois que existem documentos no archivo da casa de Sarzêdo (de que é hoje representante o dito sr. José de Lemos) que tem a data de 1524, pelos quaes se mostra ser então Sarzêdo uma quinta, pertencente a esta nobre e antiga casa.

Não ha na freguezia edificios dignos de

especial menção, a não ser a egreja matriz, que, apezar da sua architectura singela, é muito elegante; e a casa solar do sr. José de Lemos, que é um vasto e magnifico edificio, cercado de uma bonita e grande quinta. Esta casa foi edificada em 1523. Tem uma boa capella, da invocação de S. Domingos, notavel pelo primor da sua talha dourada.

O sr. José de Lemos de Napoles Manoel é um cavalheiro muito distincto pelo seu sangue, pelas suas excellentes qualidades, e pela sua elevada posição social. É filho dos fallecidos José de Napoles Ferreira de Castro e sua mulher, D. Maria de Menezes Pitta de Lemos. (Vide *Caminha*).

Casou a primeira vez, com uma filha do barão de Moimenta da Beira, da qual tem filhos; e a segunda, com a sr. D. Maria Feliciana Rebello, tão nobre pelos seus ascendentes, como pelas suas bellas qualidades.

É o sr. José de Lemos um rico proprietario, cavalheiro muito illustrado, e poeta distincto. Foi governador civil da Guarda e tem sido deputado.

Lemos é um appellido nobre d'este reino, tomado da villa de Lemos, na Galliza. Passou a Portugal, em 1350, na pessoa de D. Lopo Lopes de Lemos, cujos successores tiveram o senhorio da villa de Trófa, comarca e concelho d'Agueda, bispado e districto administrativo d'Aveiro, sendo o primeiro senhor da Trófa, João Gomes de Lemos [1].

As armas dos Lemos, são: — Em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes d'ouro, em aspa. Êlmo de prata, aberto, e por timbre, uma aguia de púrpura, bicada d'ouro, assentada sobre um ninho de silvas verdes, com uma caderna do escudo, no peito

Outro ramo dos Lemos traz por armas — em campo de púrpura, cinco cadernas de crescentes, de prata, em aspa, e o mesmo êlmo e timbre.

[1] Os filhos de Sebastião de Castro Lemos Magalhães e Menezes (vide *Côvo*) possuem ainda hoje a maior parte d'este senhorio, pelo ramo dos Lemos. Comprehende tambem o mesmo senhorio, varios prazos na freguezia de Santa Eulalia de Eirol, na comarca e concelho d'Aveiro.

Manoel, é tambem um nobre appellido em Portugal. Veio de Hespanha, tomado do nome proprio do infante D. Manoel, filho de D. Fernando III, de Castella (o *Santo*), que subiu ao throno em 1217; e foi filho do dito infante, D. João Manoel, senhor de Biscaia.

Passou este appellido a Portugal em 1340, na pessoa de D. Constança Manoel, filha de D. João Manoel, principe de Vilhena, e primeira mulher do nosso D. Pedro I; e na pessoa do irmão paterno de D. Constança, D. Henrique Manoel de Vilhena, filho bastardo do dito D. João Manoel, e ao qual o nosso rei D. Fernando I, fez conde de Céa, na Beira Baixa, e de Cintra, na Extremadura.

As armas dos Manoeis são: — escudo dividido em palla — na primeira, de prata, leão de púrpura — na segunda, do mesmo, uma aza d'ouro, sahindo do coto de uma mão de homem, da sua côr, com uma espada levantada.

São estas as armas de que uzam os marquezes de Tancos, e condes da Atalaia. Os condes de Villa-Flor juntaram ás armas dos Manoeis, as dos Souzas e as dos Menezes. (Vide *Villa-Flôr*).

Outros Manoeis procedem de D. João Manoel, filho bastardo do nosso rei D. Duarte, e bispo da Guarda, e depois de Ceuta, na Africa, e, por fim, capellão-môr do rei. Este bispo teve dois filhos — D. Nuno Manoel, que foi legitimado, e D. João Manoel; os quaes são progenitores de dois ramos d'este appellido, em Portugal. As armas d'estes Manoeis são: — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, uma aza de aguia, d'ouro, levantada, com uma mão de homem, da sua côr, empunhando uma espada de prata, com guarnições de ouro. — No 2.º e 3.º quartel, de prata, um leão, de púrpura, lampassado de azul — êlmo d'aço, aberto, e por timbre, a aza da aguia, com a espada. (Vide vol. 2.º, pag. 221, col. 1.ª — vide tambem *Cintra*).

Napoles é tambem appellido nobre em Portugal, vindo do reino de Napoles, na Italia. Passou a este reino, na pessoa de Estevam de Napoles, filho do infante D. João de Napoles, no reinado do nosso D. Affonso IV.

Estevam de Napoles assistiu á batalha do Sallado, dada em 30 de outubro de 1340, e na qual os portuguezes, commandados pelo nosso D. Affonso IV, e por seu filho, o infante D. Pedro, depois rei, primeiro do nome, fizeram prodigios de valor, em defeza dos castelhanos, contra o exercito de Ali-Boacem, imperador de Marrocos, cujo grande exercito foi completamente derrotado n'esta batalha. (Vide *Evora*).

De Estevam de Napoles foi filho Leonardo Esteves de Napoles, que recebeu de D. Affonso IV o fôro de vassallo, e foi senhor das villas de Cêa e Penella, da cidade de Coimbra, e de toda a Veiga de Santa Maria; por isso, alguns dos seus descendentes tomaram o appellido de *Veiga*.

Leonardo Esteves de Napoles casou com D. Margarida Annes, filha do conde D. João Affonso Tello de Menezes, da qual houve descendencia.

As armas dos Napoles são: — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel, de púrpura, e uma aguia d'ouro — no 2.º e 3.º, de azul, trez flores de liz, de ouro, em roquête — êlmo d'aço, aberto, e por timbre a aguia do escudo.

SÁTAM, ou **SÁTTAM** — rio, Beira Alta, que descendo de Gulfar, réga a villa da Egreja, e morre na margem direita do Dão. Para a etymologia, vide o *Sátam* seguinte.

SÁTAM, ou **SÁTTAM** — é a denominação legal de um concelho da Beira Alta, que pertence á comarca de Viseu, e que foi elevado a comarca, em fevereiro de 1876 [1].

O seu concelho, e comarca, compõe-se das 12 freguezias seguintes — Aguas-Bôas, Decermilho, Ferreira d'Aves, Forles, Mioma, Rio de Moinhos, Romans, Silvan de Baixo, Silvan de Cima, Villa-Bôa, Villa da Egreja (séde do concelho e da comarca) Villa-Longa. —Todas no bispado e districto administrativo de Viseu, e com 2:600 fogos. (Vide *Villa da Egreja*).

Este concelho comprehende os extinctos concelhos de Gulfar e Ferreira d'Aves.

[1] Dois annos antes, nem se julgou digno de ser cabeça de um julgado, pois foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873! —Alternativas da politica...

Satam é uma povoação antiquissima, e já existia no tempo dos gôdos; mas o seu actual nome lhe foi posto pelos mouros. Frei João de Souza, nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, diz que é a palavra arabe *Setam*, que significa *cousa entupida*, derivada do verbo *Satama*, entupir, entulhar.

Entretanto, eu vejo em documentos antigos, dar-se a esta povoação o nome de *Zaatam*, que é, sem corrupção, o nome de homem, arabe, *Zaatam*.

O documento mais antigo que encontro, com respeito a Satam, é uma doação do conde D. Henrique e de sua mulher, a rainha D. Thereza, datada de 1111, a favor de Bernardo Franco, de cinco casaes em Villa-Bôa de Satam, livres de todo o direito real, e mesmo da jugada, e diz a doação, que — *se algum mórdomo, guarda ou meirinho entrar n'elle, com animo de fazer mal, e alli o matarem, nullam inde Imperator terræ recipiat calumpniam.* (Documento que existiu no cartorio do mosteiro de Alpendurada). N'este mesmo anno deu o conde D. Henrique foral a Satam, como adiante se verá.

Achando-se D. Sancho II na cidade da Guarda, a 10 de julho de 1240, arrendou *ao concelho de Zaatam*, [1] e de Rio de Moinhos, todas as suas *colheitas* (aposentadorias) d'estas terras, por 225 maravedis novos, «*vel tales morabitinatas de denariis, quæ valeant morabitinos novos, in auro.*» (Livro dos foraes velhos).

Em julho de 1139, D. Affonso Henriques, indo para o *fossado da Ladéra*, doou, e juntamente vendeu, a Monio Guimariz, um casal em Travancella, *termo de Zaatam*, e diz assim: «*Et accepi in pretio de uno caballo bono, et uno manto. Habeas tu ipso casale firmiter, et omnis posteritas tua a fors morto, usque in temporibus sæculorum... Facta Carta Donacionis, et venditionis in mense Julii E. S. C. 2. XXVII.*» (Doc. de Viseu).

—

Á *ordem do Santo Sepulchro*, foram doadas, no tempo do conde D. Henrique, por diversos particulares, muitas fazendas, em

[1] Vemos que, mesmo como concelho, é povoação muito antiga.

Gouveia, Satam, Penalva, e outras terras; e mesmo os padroados de algumas egrejas. Depois, a ordem houve outras propriedades por compra, de maneira que chegou a ter grandes rendas n'estas terras. (*Inquirições de D. Affonso III*, feitas em 1258). Vide *Trancozêllos*.

O primeiro foral de Sátam, foi-lhe dado pelo conde D. Henrique e sua mulher, D. Thereza, em 9 de maio de 1111, e foi confirmado em Santarem, por D. Affonso II, em 31 de janeiro de 1218.

D. Sancho II lhe deu outro foral, confirmando o antecedente, e augmentando-lhe os privilegios, na cidade da Guarda, a 10 de julho de 1210.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 6 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 117 v., col. 2.ª)

—

O dr. Feliciano de Oliva e Souza fundou aqui, em 1630, um mosteiro de freiras dominicas.

—

A povoação denominada *Villa da Egreja*, foi na verdade mal escolhida para capital de uma comarca, pela falta de commodidades e aposentos para o juiz de direito, delegado, escrivães e mais empregados.

No *Jornal de Viseu* de 25 de março de 1876, se lê o seguinte:

«Chegam e voltam.— Parece que já chegaram ao Sattam, alguns novos empregados de justiça.

É todavia certo, que os ares da Villa da Egreja, séde d'aquella comarca, lhes não agradam, porque se não demoraram alli.

No domingo passado entrara alli um dos escrivães acompanhado por seu pae; vira e analysára, e não lhe agradando o estridente berrar das cabradas que cobrem aquellas penedias, de mistura com o piar das aves agoureiras que, sahindo das tocas dos castanheiros, fazem côro com as mesmas, deram ás de Villa Diogo.

Vieram para esta cidade, onde tem permanecido.

Consta-nos que já lhe chegára a transferencia para outra comarca.

Segundo nos informam, veiu de Lisboa, e por isso não admira que lhe não agradasse a cabeça da comarca do Sattam, e mesmo porque ella não agrada a ninguem.

Quem designou a Villa da Egreja para esse fim pode limpar as mãos á parede.

Já não é só este empregado que lhe torce o nariz.

Ainda esperamos ver as auctoridades judiciaes, reunidas ao povo, a representarem a favor da mudança da tal séde de comarca.

As precipitações e desejos de engrandecer o que nasceu, viveu e ha de morrer pequeno, porque não tem uma só base em que possa firmar-se, produzem sempre estes desmoronamentos.

Mais do que um individuo pretendeu o despacho e até a transferencia para essa nova comarca. É certo, porém, que depois que viram a designação de tal séde, onde não ha commodidade alguma, e a pouca importancia e merecimento da comarca, desistiram.»

—

A primeira audiencia do juiz de direito teve logar a 8 de maio de 1876.

Mas ainda então não funccionavam todas as repartições, na séde da comarca, e os respectivos empregados estavam inactivos, em suas casas, desseminadas por toda a comarca, com grave prejuizo dos povos. O sr. Luiz Zavier, presidente da camara em 1876, tomou grande empenho em conseguir o estabelecimento das differentes repartições, na Villa da Egreja, comprando uma boa casa, e dando logo principio aos trabalhos de reconstrucção, que hoje estão concluidos.

Na mesma illustrada folha, o *Jornal de Viseu* n.º 1:127. de 28 de maio de 1876, se lê:

«A Villa da Egreja foi séde do antigo e moderno Sattam por espaço de mais de 400 annos, e nunca pôde passar d'um insignificantissimo logarejo. Por mais que façam agora; por maiores esforços que empreguem; por mais força vital, que lhe appliquem, não ha-de a Villa da Egreja passar nunca de uma séde absurda e rachitica.

Nunca vimos uma occasião tão opportuna, para se formar no Sattam uma comarca respeitavel como aquella por que acabamos de

passar. Os homens mais importantes de Penalva, não se oppunham a vir para a comarca do Sattam, uma vez que se escolhesse outra séde de comarca: porque se não escolheu o Ladario? sim, porque se não escolheu o —Ladario — que tem em si edificios magnificos para todas as repartições publicas, e casas disponiveis para habitação de todos os empregados? porque se não escolheu o —Ladario — que tem um mercado mensal, o primeiro de toda a Beira Alta, depois do de Mangualde, e d'onde sahem para diversos pontos mais de 10:000 medidas de cereaes? porque não se escolheu o —Ladario — que produz em si e seus contornos bellissimos vinhos, magnificos legumes e fructas deliciosas, situado em magnifica posição topographica, talvez a melhor dos dois concelhos — Sattam e Penalva? —porque se foram buscar as freguezias da — Queiriga, Barellas, Alhães e Frágoas do concelho de Frágoas — povos miseraveis, deixando-se as freguezias importantissimas — Povolide, do concelho de Vizeu, Pindo, Luzinde, Insua, Esmolfe e Cezures, do concelho de Penalva, tendo por limite o rio Dão?!

Fico hoje por aqui, e prometto voltar ao campo, para provar que, se temos rachitica a comarca do Sattam, e absurda a sua séde, devemos tudo isto, não á vontade dos povos, mas ao pouco tino e espirito acanhado de quem talhou uma tal comarca, e escolheu uma tal séde. M.»

SATISDAR— portuguez antigo — dar fiança ou caução.

SAVASCHAÃO e **SAVASCHÃO** — portuguez antigo — Sebastião — «Item. *Aconhosco-me* (reconheço, confesso. Vem do latim *agnosco*) *que devo a Savaschaão Domingues, VIII libras e XIII soldos.*» (Testamento de Estevainha Pires, mulher de Soeiro Lourenço, *cavalleiro de Parada*, e filho de D. Guilherme, em 1293. (Doc. do mosteiro de Maceiradão).

Em um documento do convento dos templarios, em Thomar, do anno 1300, se diz —*Savaschão.*

SAXIDA — portuguez antigo — sahida — «*Com todas as suas entradas e saxidas.*» (Doc. do seculo XV).

SAYA—portuguez antigo—capa, saio, ou roupão do secular, e tambem tunica ou habito de religioso.

SAYLAR—portuguez antigo—sellar, confirmar, roborar com sello. (Doc. das freiras bentas do Porto, de 1280.

SAYLO—portuguez antigo—sello (Idem.)

SAYOANE — portuguez antigo—S. João. (Doc. de 1278.) Tambem se dizia *Samoane, Sam Oane*, e *Sanhoane.*

SAYOM e **SAYON**—portuguez antigo—algoz, verdugo, executor da justiça — cortando, decepando, açoutando, enforcando, queimando, etc.—e, como n'este triste mister só se empregavam as pessoas mais vis, tambem se dava o nome de *sayom*, ao insolente, petulante, desaforado, etc.

Havia ainda *sayom militar*—tambem chamado *cliente*, ou *bucellario*, porque acompanhava algum homem poderoso, ao qual havia tomado por patrono.

Sayonaria e *sayoria*, era synonimo de extorsão, injustiça, despotismo, violencia, desaforo, etc.

SAZES — freguezias, Douro, concelho de Penacova, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 160 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

As freiras bernardas de Lorvão, e a Sé Apostolica, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 190$000 réis de rendimento.

Para a differençar da freguezia seguinte, se diz *Sazes de Lorvão.*

É povoação muito antiga, mesmo como parochia.

Em 1152, D. João d'Anaya, bispo de Coimbra, e seu cabido, confirmaram a D. Pedro Gavino e sua mulher, D. Ero Nunes, a doação e liberdade da terça pontifical que a egreja de Sazes lhes tinha feito, mas com a prohibição de testarem esta terça a qualquer mosteiro ou convento, que não fosse a sua cathedral, sob pena de tornar a dita terça para a Sé de Coimbra.

É terra fertil.

SAZES DA BEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da mes-

ma comarca, mas do extincto concelho de Sandomil.) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 250 ao N.E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 44 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de Sandomil, apresentava o cura, annual, que tinha 32$000 réis.

Clima excessivo e terreno pouco fertil. Cria muito gado, de toda a qualidade, principalmente caprino e lanigero.

Nos seus montes he muita caça grossa e miuda.

SÉ—logar, Douro, na freguezia de S. Jorge de Caldellas, comarca, concelho, e 6 kilometros ao E. da Feira.

Ainda em 1836 era uma aldeia pequena e insignificante, porém desde então, e por ser proxima ao estabelecimento dos banhos thermaes, tem adquirido um grande desenvolvimento, e está uma vasta e formosa povoação, maior do que muitas villas de Portugal.

Está ligada com a estrada real de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto e mais povoações do norte, até Melgaço, por um ramal, já concluido, andando em construcção o resto da estrada até Carvoeiro, na margem esquerda do Douro; de maneira que se póde hir de trem e commodamente, para estas caldas.

Na povoação da Sé, ha excellentes casas para habitação dos banhistas, e boas lojas de mercearia e outros generos.

Sé (que se escrevia *See*;, é portuguez antigo—significa *Está*. É a 3.ª pessoa do indicativo do verbo *seer*, que no imperativo faz *segaa*—seja eu.

Talvez que d'aqui venha o nome d'esta povoação, e não de *Sé*—egreja.

(Vide *Caldas de S. Jorge* e a segunda *Caldellas*.)

SEÁRA ou PARADELLA DA SEARA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima (pertenceu ao antigo couto da Correlhan, na mesma comarca) 35 kilometros ao O. de Braga, 17 ao E.N.E. de Vianna, 395 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, apesar de ser uma freguezia muito antiga.

Fica perto da margem esquerda do rio Lima, e é terra muito fertil em todos os generos agricolas, como todas as d'estes sitios.

Seára, no antigo portuguez, não só significava terra de pão, ou de vinhá, como tambem toda e qualquer propriedade, fazenda, ou pertença de herdade.—«*Duos molendinos (qui molendini sunt nostri Monasterii) devetis preparare, et adubare; taliter, quod posint molere, et tota ceveira nostri Monasterii debet esse sine maquia.*» (Doc. da Universidade, de 1285.)

Seareiro—dizia-se do individuo que fazia a sua lavoura com bois alheios.

Seára, é corrupção do arabe *sahra*, que significa o trigo em pé, antes de ser ceifado.

SEÁRA VELHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Ervedêdo) 90 kilometros a N.E. de Braga, 440 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 65 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Calvão, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra pouco fertil, mas cria muito gado, de toda a qualidade, e ha por estes sitios muita caça.

SEBADÊLHE—Vide *Sabadêlhe*.

SEBAL-GRANDE—freguezia, Douro, concelho de Condeixa a Nova, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1768, tinha 74.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 170$000 réis de rendimento annual.

A villa de Condeixa a Nova era antigamente, metade, d'esta freguezia, e tinha o nome de *Casal do Outeiro*.

Foi erigida em curato, (Condeixa) em 1517,

como adiante se dirá mais circumstanciadamente. Note-se porem que então é que toda a actual Condeixa a Nova formou parochia; mas já metade era um curato, filial do Sebal Grande.

Ha n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora da Lapa, objecto de grande devoção do povo da parochia e immediatas.

A imagem da Senhora foi achada em uma gruta ou lapa, cavada em um grande penhasco, cortado a prumo, que tem mais de 22 metros de comprido. Está dentro de um quintalão, para o qual se entra por um moinho. A entrada da gruta tem apenas uns 0m,66 (3 palmos) d'alto e o mesmo de largo, sem outra alguma entrada. No interior tem duas vastas grutas (uma d'ellas com agua) e adornadas de formosas stalactites e stalagmites; e ainda mais para o interior, uma terceira gruta, mais pequena e baixa, onde consta que appareceu a santa imagem.

Foi o parocho buscar a Senhora em procissão, para a egreja matriz, e depois se mudou para a ermida do Espirito Santo, emquanto se lhe não construiu a sua ermida. Teve isto logar pelos annos 1400.

A ermida foi feita por esmolas e offertas dos fieis, principalmente pelos donativos de Antonio d'Almeida, d'esta freguezia, que lhe deu rendas para uma missa quotidiana, e custosos ornamentos.

Foi reedificada pelos annos 1600, e no arco da capella-mór se lê uma inscripção, dizendo que Manoel André e sua mulher, mandaram revestir de azulejo as paredes interiores da ermida e pintar o arco, em 1619.

A imagem da Senhora é de pedra, de esculptura antiga, e com 1 metro de altura.

Muitas pessoas devotas doaram fazendas a esta ermida, mas quasi tudo levou descaminho, por desleixo dos parochos.

A ermida é ampla e podia servir de matriz a uma mediana parochia.

Antigamente vinham aqui muitos clamores e procissões, pelo decurso do anno.

Os de Condeixa faziam a festa d'esta Senhora, na 1.ª oitava da Paschoa, e os do Sebal no dia seguinte.

Está esta freguezia aprasivelmente situada, em uma pequena eminencia, sobre a estrada que d'esta villa conduz a Monte-Mór-Velho.

A povoação do Sebal, que tem 60 fogos, é muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada, nem a origem do seu nome. O povo diz que, sendo a sua egreja matriz um templo vasto, um bispo de Coimbra, que aqui veio em visita, disse d'ela *Sévale*, e que d'aqui lhe vem o actual nome. Será...

O que é certo, é que foi povoação importante no tempo dos romanos, pois que o seu nome se vê em varias moedas d'aquelles dominadores do mundo, as quaes teem apparecido por estes sitios.

Tambem attestam a sua antiguidade, as magestosas ruinas e vestigios de alicerces que ainda por aqui se vêem.

Ainda prova a importancia que teve esta freguezia, no imposto de 36$000 réis de *jugada*, que pagava annualmente ao senado de Coimbra, e que foi abolido no principio d'este seculo. Esta quantia era muitissimo importante, attendendo á época em que foi imposta.

A egreja matriz, construida pelos antigos padroeiros — os conegos de S. João Evangelista (loyos) e cabido de Coimbra — é um templo vasto e de boa architectura. Tem sete altares, todos de primorosa talha dourada, sendo duas capellas de abobada de cantaria, com bellissimas esculpturas.

Note-se que n'esta freguezia não ha uma unica pedreira, e que a pedra para este e outros edificios, veio de 24 e 30 kilometros de distancia. É toda pedra calcarea, denominada *pedra d'Ançan*.

A madeira empregada na armação, fôrro, altares, etc., é toda de castanho, vinda da serra de Miranda do Côrvo.

Tinha muitos e ricos objectos de prata, que quasi todos foram roubados pelos francezes, em 1807, e os que poderam escapar á rapacidade das hordas napoleonicas, foram roubados na noite de 14 de maio de 1837. Todavia, ainda conserva (porque estava bem

guardada) uma cruz processional, que tem esta inscripção — ESTA CRUZ É DO SEBAL, A QUAL MANDOU FAZER ANTONIO DIAS, NA ERA DE 1604.

—

A invasão franceza foi funestissima para os povos d'esta freguezia. Em 1810, uns fugiram para as serras lemitrophes, outros para alem do Mondego, e até alguns fugiram para Lisboa.

Como os francezes não se atreveram a forçar as linhas de Torres Vedras, e acharam, por toda a parte, as povoações abandonadas, vingaram-se em roubar e incendiar as terras por onde passavam, e em trucidar os velhos e creanças, que porventura encontravam. Aqui assassinaram a golpes de machado, Luiz Agostinho de Carvalho, septuagenario, avô do rev. Francisco Xavier de Carvalho.

Depois de saquearem e despedaçarem o que encontravam, incendiaram muitas casas.

Para se fazer uma pequena ideia do que roubaram n'esta freguezia, bastará dizer que só ao sr. Antonio de Mattos da Guerra e Souza, pae do sr. dr. Francisco Maria de Mattos Mascarenhas de Mancellos (e que consta de um livro de apontamentos d'esta familia) roubaram — entre roupa, animaes domesticos, utensilios de casa, gados, cereaes, legumes, etc., etc. — 1:600$000 réis.

O sr. Antonio de Mattos, achava-se a banhos de mar, na Cova de Lavos, quando teve noticia da proxima invasão dos francezes. Veio a sua casa, e, ajudado por alguns criados fieis e dedicados, poude fazer conduzir algumas roupas, objectos de valor e dinheiro, para a praia, e d'alli (quasi sempre á vista da esquadra britannica) fugiu para Lisboa, onde esteve nove mezes com a sua familia. Quando regressou a casa, não encontrou um unico dos criados a quem incumbira a guarda da casa. Ficou aterrado ao ver a destruição que os francezes n'ella tinham feito, e soube então que os malvados invasores, haviam assassinado os velhos guardas, e cortado as cabeças a todas as imagens dos santos da sua capella, que estava então reconstruida de novo, e que os francezes tinham transformado em loja de barbeiro, enchendo as gavetas em que se guardavam até então os paramentos do culto, com os cabellos cortados aos soldados.

—

Nasceu no Sebal Grande o célebre missionario apostolico, do mosteiro de Brancanes, frei Agostinho, grande orador e consumado theologo, e que por duas vezes regeitou a mitra archiepiscopal d'Evora, que o sr. D. Miguel I lhe offereceu.

Quando foram supprimidas as ordens religiosas em Portugal, recolheu-se a casa da condessa da Ribeira, onde falleceu.

Tambem era natural d'esta freguezia, frei Francisco das Chagas, irmão do antecedente, e, como elle, orador notavel. Era tambem religioso do mosteiro de Brancanes.

A ultima abbadessa do mosteiro do Louriçal, e já fallecida, soror Maria Joanna, era d'esta familia.

A 27 de dezembro de 1873, falleceu aqui, D. Maria Magdalena Soares da Cunha, irman mais nova dos ditos frei Agostinho e frei Francisco.

—

Nasceu no Sebal Grande, Joaquim Antonio de Mattos, que trouxe para o dominio portuguez a *ilha das Gallinhas*, no archipelago dos Bijagós, perto da foz do Rio Grande de Bissau. É fertil, tem boa agua e muito arvoredo. O rei de Kanaba é que a deu ao tal Joaquim Antonio de Mattos, em 1830, e este a cedeu ao estado. Tem 9 kilometros de comprido e 6 de largo.

Joaquim Antonio de Mattos, era filho natural de Antonio Ignacio Martins de Mattos, avô do sr. dr. Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancellos.

Aventureiro desde creança, fugiu de um convento (onde seu pae o tinha collocado) para Lisboa, e ninguem mais teve noticias d'elle, senão quando em 1830 offereceu a sua ilha ao sr. D. Miguel I.

Tinha uma filha formosissima, que um corsario inglez lhe roubou.

Falleceu com a patente de coronel, que lhe foi dada em premio da offerta da Ilha das Gallinhas.

—

Reside no Sebal Grande o sr. dr. Francisco Maria de Mattos Mascarenhas de Mancellos, filho mais novo de Antonio de Mattos da Guerra e Souza, e ultimo juiz de fóra de Azurára da Beira (hoje Mangualde). Formado em canones, aos 20 annos de edade, e aos 21 foi feito juiz de fóra d'Alter do Chão.

Teve por condiscipulos, um dos irmãos Passos, um dos irmãos Cabraes, o ultimo arcebispo de Braga, o actual arcebispo de Evora, Moraes Carvalho, e outros cavalheiros que vieram a occupar empregos eminentes.

O logar de juiz de fóra d'Alter do Chão, foi-lhe dado durante a regencia da serenissima infanta D. Isabel Maria, pelo insigne bispo de Viseu, Francisco Alexandre Lobo, então ministro da justiça.

Servindo durante o periodo calamitoso de 1827 a 1834, em que as paixões politicas andavam tão exaltadas, portou-se sempre com tanta prudencia (e sagacidade) que ninguem foi capaz de saber se elle era realista ou liberal.

Em Alter do Chão, abriu devassas, por ordém superior, para averiguar quaes dos habitantes da comarca eram oppostos ao governo do sr. D. Miguel: nem um só ficou culpado.

Findo o triennio, na correição feita pelo corregedor de Villa Viçosa, recebeu taes louvores e encomios, que, sem o requerer, foi despachado para juiz de fóra de Mangualde, onde procedeu com tanta honradez, justiça e bondade, como em Alter do Chão.

Todavia, quando em 1834, a condessa da Anadia, da parte de seu primo, o marechal Saldanha, lhe offereceu um logar d'accesso, na magistratura, respondeu: «Ainda que eu agora fizesse milagres, ninguem m'os acreditaria; por isso, agradeço muito a v. ex.ª e ao sr. marechal, mas não acceito.»

Todos sabem a sorte das auctoridades e empregados legitimistas, desde a convenção d'Evora-Monte; pois o juiz de fóra de Mangualde, foi residir para Sabugosa de Bésteiros, apenas 16 kilometros distante da sua jurisdicção, e nada soffreu.

Casou em 1849, com a sr.ª D. Marianna Rosa de Pina Freire de Aragão, filha de José de Pina Freire Falcão, da cidade da Guarda. Gosa do respêito e estima de quantos o conhecem; e, cercado de filhos que o estremecem, vive feliz, sendo hoje exemplo de chefes de familia, como outr'ora o foi de magistrados.

—

Já disse no principio d'este artigo, que a actual villa de Condeixa a Nova, pertencia a esta parochia. Por escriptura de 2 de novembro de 1517, lavrada nas notas de Affonso de Mancêllos, presbytero, e notario apostolico, foi combinado entre o conego da Sé, o prior de Sebal—e Fernão Pires, e Pero Affonso, procuradores dos habitantes de Condeixa a Nova, pertencentes á freguezia do Sebal, que os de Condeixa ouvissem missa na egreja de Santa Christina (que então se andava a construir) e receberem n'ella os sacramentos, com a condição de hirem ao Sebal á missa, trez vezes por anno—domingo de Paschoa, dia de S. Pedro e fieis de Deus; mas isto sem prejuizo dos benesses—e o que não cumprisse estas condições, pagaria um arratel de céra, para a egreja do Sebal.

Esta combinação foi approvada pelo infante D. Affonso, como administrador perpétuo do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, e com um alvará do rei D. Manoel, dado em Almeirim. Tambem foi approvado por D. Jorge de Almeida, bispo conde, de Coimbra.

Este estado de cousas continuou assim até que Antonio Zeferino Tavares de Carvalho, sendo provedor em Coimbra, poude conseguir, depois de 1834, que a freguezia de Condeixa se tornasse independente, como hoje está.

—

São d'esta freguezia do Sebal as seguintes aldeias—Avenal, Barreira, Ribeira, Rapoula, Sebal-Grande, Sebal-Pequeno, Sobreiro, e Venda da Luiza.

Na aldeia do Sobreiro existe uma antiquissima casa, solar dos Sás (barões d'Al-

verca) representada hoje pelos filhos do conde d'Anadia.

Regam e fertilisam esta freguezia, os dois ramos do grande manancial de Alcabideque, e tambem o abundante da Arrifana, que alem de regarem fazem mover as rodas de muitos moinhos e lagares.

—

Agradeço, reconhecido, ao sr. dr. Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancéllos, d'esta freguezia, os curiosissimos apontamentos que teve a bondade de me dar, e me habilitaram a redigir este artigo com maior desenvolvimento, pois não ha (que eu saiba) livro que trate d'esta freguezia senão muito resumidamente.

SEBASTIÃO DA FEIRA (S.) — Vide a 1.ª *Feira.*

SEBOLÍDO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao E. N. E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, S. Paulo, apostolo.

Bispado e districto do Porto.

Esta freguezia é moderna, e foi desmembrada da immediata freguezia de Canellas, no fim do seculo passado.

Pertencem a esta freguezia, as aldeias da Abetureira, e Rio-Máu, ambas situadas sobre a margem direita do Douro. (Vide *Abetureira*, e 4.º *Rio Máu*). [1]

É terra fortil em todos os generos agricolas, e abundante de optimo peixe, do rio Douro.

A egreja matriz é apenas uma ermida, pequena, pobre e desornada.

(Vide *Canellas*, do concelho de Penafiel).

SECCARÍAS — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

[1] Dáva-se uma singularidade n'esta aldeia de Rio-Mau. Estando na margem direita do Douro, que antigamente pertencia á provincia do Minho, e ao bispado do Porto, era da freguezia de Pédorido, situada na margem esquerda do rio (ainda que em frente de Rio-Mau) e pertencia á provincia da Beira-Alta, bispado de Lamego! Só no principio d'este seculo, e a requerimento do povo, é que passou para a freguezia de Sebolido, que é contigua.

Em 1768, tinha 55. Orago, S. Sebastião martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario d'Arganil, apresentava o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Situada em terreno montanhoso, mas com alguns valles ferteis, regados por varios ribeiros, sendo o principal a ribeira de Seccarias, que cria barbos, bogas, e algumas trutas.

É abundante de caça, grossa e miuda, e cria bastante gado, de toda a qualidade.

Em fevereiro e março de 1811, os francezes de Massena, roubaram n'esta freguezia as pratas da egreja matriz, no valor de dous contos e quatrocentos mil réis; além de outros muitos roubos e depredações.

Um dos concelhos de Portugal que mais soffreu com a invasão das hordas que o sanguinario corso fez vomitar na Peninsula Hispanica, foi este d'Arganil. De uma lista official, publicada depois da expulsão d'estes salteadores, se vê que, só na villa d'Arganil e seu termo, roubaram nos dous mezes referidos 5:769$240 réis em dinheiro; réis 9:874$000 em differentes objectos de ouro e prata; roupas de seda, lan e linho, na importancia de 18:633$800 réis; vasos de prata, navetas, thuribulos, castiçaes, cruzes e alfaias, só da egreja d'Arganil, na importancia de 13:944$000 réis; pratas e alfaias d'outras egrejas 1:030$200 réis; da egreja de Secarias 2:400$000 réis; de trigo, centeio, cevada, feijão e milho que estragaram 30:607 alqueires; de vinho, vinagre, azeite e aguardente 3:523 almudes e 1:398 alqueires; de carne de porco e banha 584 arrobas; 314 cabeças de gado grosso; 10:642 de gado miudo; 11 bestas; 191 porcos; 2:254 gallinhas; 612 colmeias e 53 alqueires de mel.

Destruiram e cortaram 3:302 oliveiras, 422 castanheiros, 1:478 carros de pinheiros; incendiaram um templo e 13 casas particulares; mataram 3 ecclesiasticos, 23 seculares e 7 mulheres, e ultrajaram e aprisionaram 96!...

SÊCCO OU SÊCCA — rio do Algarve — fórma o porto de Tavira (Fozêta) dividindo

esta cidade em duas, ligadas por uma bôa ponte.

Vide *Tavira*.

SÊDA — Villa — Alemtejo, concelho d'Alter do Chão, comarca da Fronteira, etc.

Esta villa já está descripta sob a palavra *Sarrazolla* e *Sêda*: aqui só tracto do que no outro artigo se não encontra, por ser exclusivamente d'esta villa.

Fica 18 kilometros a N. O. d'Aviz. É situada em uma elevação, cercada de muros bastante altos, sem ameias, e um castello (chamado *Arminho*) construido em um pedregoso e rapido cabeço, quasi a prumo sobre o rio Sêda. Está tudo em ruinas.

O primeiro assento d'esta villa, foi no sitio hoje chamado *Alparrajão*, que fica a 12 kilometros de distancia, sendo opulenta, durante o dominio dos romanos.

Destruida com as guerras continuas da edade media, D. Affonso Henriques a mandou reedificar, mas no sitio actual, com os materiaes da antiga povoação.

D. João I lhe deu foral e a cathegoria de villa, em 30 de outubro de 1427, com grandes privilegios. (Frankliu não falla d'este foral).

É banhada pela ribeira do seu nome, tendo uma famosa ponte, chamada *ponte de Villa Formosa*, da qual já tratei em *Sarrazolla*.

Por esta ponte vae até Alter do Chão o celebre e antiquissimo alicerce da via militar romana, de Lisboa a Merida, e do qual ha ainda muitos e claros vestigios.

Consta que foram os christãos d'estes sitios que a tomaram aos mouros, e que, estando estes cercados por aquelles, mandaram seus parlamentarios, dizendo — *A fortaleza se dá* — e diz o povo, que d'aqui lhe provem o nome actual.

Ha no districto d'esta freguezia, 6 capellas publicas, sendo a mais notavel, a de *Nossa Senhora dos Prazeres, de Alfarrajão*. É templo vasto muito antigo, e de boa architectura; com capella-mór e dois altares lateraes.

Tem á entrada da porta principal, um bom alpendre.

Foi a padroeira objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios, e ainda dos distantes, particularmente dos da villa de Castello de Vide.

A sua festa principal, era segunda feira, depois das oitavas da Paschoa, havendo outra a 5 d'abril (dia de Nossa Senhora dos Prazeres).

Teve um eremitão, apresentado pelo prior de Sêda, e pertencia á ordem d'Aviz.

Tem em volta a casa do eremitão e casas para hospedagem dos romeiros.

Crê se que esta egreja era a matriz da primittiva villa de Sêda, quando aqui foi situada; e é certo que ainda por aqui se veem claros vestigios da antiga povoação.

Para tudo o mais, vide *Sarrazeda e Sêda*.

Séda é portuguez antigo, ainda usado. Dá-se este nome ao logar onde se senta o juiz, para fazer audiencias. Tambem, assento, banco, logar, posto, estada, jazida, etc.

SEDAVIM — Vide *Cedavim*.

SEDÊNHO — portuguez antigo — Cilicio feito de sêdas asperas, duras e mortificantes.

«*Foi achado que morreu virgem, e com um* sedenho *cinto a carão da carne*». (Cingido ao corpo) — Pina, *Chronica do conde D. Duarte de Menezes*, capitulo 112.

SEDERENTO — portuguez antigo — sequioso.

SEDIÉLLOS ou **SIDIELLOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Peso da Régua, 85 kilometros ao E. N. E. do Porto, 340 a N. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 412.

Orago, Santa Maria.

Bispado do Porto, distrito de Villa-Real.

As freiras franciscanas do mosteiro de Monchique, da cidade do Porto, apresentavam o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma freguezia fertil e rica, e a maior do concelho, depois do Peso da Regua. Faz grande negocio com a cidade do Porto, para onde exporta os generos que lhe sobram do consumo, pelo rio Douro. Optimo vinho, bastante gado e caça. Abundante de excellente peixe do rio Douro.

É n'esta freguezia o solar do ramo 2.º dos Azevedos, senhores de Paredes da Beira — que são os — *Correias Pintos d'Azevedo e Lemos*.

A sr.ª D. Luiza Ludovina d'Azevedo e Lemos Alvim, filha de Joaquim d'Azevedo e Souza, casou com Antonio Carlos Correia Pimentel Pinto, senhor da casa dos Correias Pimenteis, de Sediéllos, e da de Sanhoanne, no concelho de Santa Martha de Penaguião.

Esta senhora, ficou viuva e vive na sua casa de Sediéllos.

D'este matrimonio houve os filhos seguintes—por ordem de edades.

1.º *Alvaro Pinto Correia Pimentel de Azevedo e Lemos.* Succedeu a seu pae na casa, porém falleceu na cidade do Porto, na flor da edade, em 1852.

2.º *D. Maria das Dores d'Azevedo e Lemos.* Casou com José Antonio Teixeira de Carvalho. Morreu nova, mas deixou filhos.

3.º *Antonio Carlos Correia Pinto de Lemos.* Succedeu na casa, a seu irmão Alvaro; é casado e tem descendencia.

4.º *D. Maria do Patrocinio d'Azevedo e Lemos.* Foi creada no convento das Chagas, em Lamêgo, na companhia de uma tia paterna, e alli vivia sempre recolhida, até á sua morte, que teve logar ha poucos annos.

SEESTRA — (séstra) — portuguez antigo, esquerda. Dizia-se mais vulgarmente, fallando da mão esquerda. Depois disse-se *sinistra.*

SEGADÃES — villa, Douro, comarca, concelho, 5 kilometros a N. N. E. d'Agueda (foi da mesma comarca, mas do concelho do Vouga) 12 kilometros a E. N. E. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, S Pedro, apostolo.

Bispado e districto d'Aveiro.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de março de 1516.

(*Livro de foraes novos da Extremadura, fl.* 217, *col.* 1.ª).

Este foral serve tambem para — *Almeara. Cabanões, Eirol, Oronha, Orta, e Travaço.*

Está situada a um kilometro a O. S. O. da margem esquerda do Vouga.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e é abundante de peixe, do mar e do Vouga.

Pertenceu á antiga comarca d'Esgueira.

Foi dos duques d'Aveiro até 1759, passando então (como tudo quanto era d'esta grande casa) para a corôa.

SEGADÃES — povoação do Minho, na freguezia de Cristêllo-Côvo, comarca, concelho, e 3 kilometros a O. da praça de Vallença.

O nome official d'esta freguezia, é, como já vimos, Cristêllo-Côvo, mas como a egreja matriz é em Segadães, quasi toda a gente dá este nome á freguezia.

A primittiva egreja matriz era junto á praça, e foi demolida para augmentar as obras de defeza, e mudada para Segadães.

Para evitarmos repetições, vide *Cristêllo-Côvo.*

Está a povoação situada em formosa e fertilissima planicie, na margem esquerda do rio Minho, e proxima da celebre *Veiga de Mira.* (Vide Arão).

De Vallença ha uma estrada municipal de 2.ª classe, construida em 1879, que vae até ao caes de Segadães.

Segadães é um pequeno porto de embarque e desembarque, muito concorrido, e até preferido ao caes de Vallença, pelo que desembarcam alli quasi todas as mercadorias destinadas á praça de Vallença.

É atravessada pela estrada real de 1.ª classe que de Lisboa vae até Melgaço, e pelo caminho de ferro do Minho, que tem aqui uma estação, inaugurada a 30 de junho de 1879.

Pescam-se aqui muitos salmões, lampreias e saveis, além de outras muitas variedades de peixe.

Tem havido dias em que se tem aqui pescado mais de 200 saveis. É um grande divertimento das familias da praça, virem assistir a estas pescarias, quando faz bom tempo

SEGÕES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 50 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor da villa da Rua, apresentava o

cura que tinha 40$000 réis de congrua e 30$000 réis de benesses.

É no termo de Caria. (Vide *Caría* e *Rua.*)

É terra muito fria, porém produz muitos cereaes e caça.

No fim da pequena aldeia de Segões, no ribeiro do seu nome, termina o bispado de Lamego, e principia o de Viseu.

SEGRE—portuguez antigo—século.

SEGRAL—portuguez antigo—secular, do seculo. O que não é padre nem frade.

SEGUDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção (foi do extincto concelho de Valladares) 60 kilometros ao N.O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 103 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

SEGURA—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha a Nova (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho e 8 kilometros de Salvaterra do Extremo) 80 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 42$000 réis e o pé d'altar.

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 27, col. 2.ª)

Situada em um alto, e é cercada de muros, com um castello, mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1298. Está tudo desmantelado.

Tem Misericordia. É no Riba-Côa.

O rio Elga divide aqui Portugal de Hespanha.

Sobre este rio, e no districto da freguezia de Segura, ha uma ponte, que é metade portugueza, metade castelhana.

Esta villa e freguezia, foi uma das que a rainha Santa Isabel trouxe para Portugal em dote, no anno de 1282.

Tem minas de chumbo. Em janeiro de 1879 foram concedidas provisoriamente duas minas de chumbo, a João Christiano Keil—uma no sitio da *Lagarêta* e outra no ribeiro da *Ferranheira*, ambas n'esta freguezia.

De um compromisso feito entre o mestre e frades (freires) da ordem do Templo, e o bispo da Guarda, e ratificado pelo bispo eleito da mesma cidade, na Covilhan, a 11 de junho de 1550, consta o seguinte:

Os bispos da Guarda devem ter pela visitação nas egrejas do Rodam, Salvaterra do Extremo, Segura, Proença a Velha e Touro, de colheita (aposentadoria) o terço de todos os dizimos «*tirando o dizimo das almunhas.*»

Foi esta villa e seu termo, assim como Idanha a Nova, Idanha a Velha, Salvaterra do Extremo, Proença, e Rosmaninhal, senhorio dos templarios. Extincta esta ordem, pelo papa Clemente V, no Concilio viennense em 1311, passaram todos os seus immensos bens, foros e castellos, para a *Ordem da milicia de Nosso Senhor Jesus Christo*, fundada pelo rei D. Diniz, em 1319. Ficou pois desde então, a villa de Segura, formando parte de uma commenda d'esta ordem, e os nossos reis, como grão-mestres de todas as ordens militares de Portugal, tomaram conta do padroado d'esta villa, e apresentavam os parochos, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens.

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil e saudavel; e o rio Elga a fornece de algum peixe miudo. Cria muito gado, e nos seus montes ha bastante caça.

SEIÇA—Vide *Ceiça.*

SEIDE — (S. Miguel) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 32 fogos.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Bente, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Camillo Castello Branco

Na sua quinta de S. Miguel de Seide, reside o sr. Camillo Castello Branco, o primeiro e o mais fecundo romancista de Portugal.

Ser-me-hia impossivel a mim, escriptor humilde e obscuro, achar palavras com que tecer os devidos elogios a este distinctissimo escriptor, e profundo indagador: limitar-me-hei pois a dizer, que:

Nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1826. É filho natural do sr. Manuel Botelho Castello Branco. Orphão de pae em 1836, foi mandado pelo respectivo conselho de familia, para Traz-os-Montes, e entregue aos cuidados de uma tia paterna, que residia na aldeia de Escariz, freguezia de Villarinho da Samardan, no concelho de Villa Real.

Sua tia, era pouco carinhosa, e o menino, tendo apenas 13 annos, fugiu de casa d'ella, na intenção de hir para Lisboa, mas foi preso no caminho, a requisição da mesma tia, e regressou a Escariz; porém tornou a fugir por outro caminho, demorando-se trez mezes em casa de um tabellião, como escrevente. D'aqui, foi para casa de uma irman, casada havia pouco tempo e que dispunha de bastantes meios.

Foi em casa d'esta irman, que um padre lhe deu as primeiras lições de latim e latinidade.

Aos 15 annos namorou-se de uma camponeza, e a familia, para lhe fazer esquecer esta inclinação precoce, o mandou estudar para Lisboa, e depois para o Porto; e, feitos os exames preparatorios, matriculou-se no primeiro anno da escola medico-cirurgica.

Logo n'esse anno publicou o *Juizo final* e os *Pundonores desagravados*.

No fim do primeiro anno (1845)—em que ficou *simpliciter*—foi para Coimbra, adoecendo logo á chegada, e estando seis mezes de cama; pelo que se retirou, em maio de 1846, indo para Villa Real de Traz-os-Montes, para casa de um seu tio.

D'alli marchou para Braga a unir-se ás forças do borrachão e decrepito Macdonell, que se deixou assassinar estupidamente (Vide *Sabroso*, no 8.º vol., pag. 283, col 1.ª, no fim, e seguintes.)

Feita a junção dos legitimistas com as tropas da Junta do Porto, o sr. Camillo Castello Branco, principiou a escrever artigos republicanos, no *Nacional* e no *Eco Popular*. Depois escreveu grande numero de folhetins, qual d'elles mais espirituoso, e que fizeram época; assim como outros muitos artigos de incontestavel merecimento. Principiou por esse tempo a longa serie de romances, que tornaram o sr. Camillo Castello Branco um dos mais notaveis e famosos escriptores da Europa e da America.

Hoje este homem incomparavel, tem 54 annos, e é doente, mas não cessa de trabalhar,[1] sendo sempre o escriptor primoroso e o mestre da nossa lingua.

Os que desejarem saber mais circumstanciadamente a vida e obras d'este esclarecido romancista, vejam — Camillo Castello Branco (*noticia da sua vida e obras*) por J. C. Vieira de Castro.

—

O commerciante Joaquim José de Sousa Guimarães, natural d'esta freguezia, e fallecido na Bahia, a 7 de janeiro de 1876, deixou a quantia liquida de 4:063$315 réis fortes, para a construcção de uma nova egreja mátriz, em S. Miguel de Seide.

Deixou mais — Á Santa Casa da Misericordia, de Guimarães—á da Povoa de Varzim—á do Porto—ao Asylo da Mendicidade — e á Santissima Trindáde — ambos estes estabelecimentos tambem do Porto—500$000 réis fortes a cada um.

É terra fertil e cria muito gado bovino que exporta para Inglaterra.

SEIDE — (S. Payo) freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 56 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

[1] Elle mesmo me disse que escreveu a traducção da *Formosa Lusitania* (do original inglez de lady Jackson) a lapis, e sentado na cama, por não poder levantar-se.

O reitor da freguezia de S. Thiago, de Ronfe, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de rendimento.

Como a freguezia antecedente, é terra fertil, e cria muito gado, que exporta para Inglaterra.

SEIDÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 30 kilometros ao N.E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 99 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil Muito gado e caça.

SEIRA ou **CEIRA** ou **ELNAS**—rio, Douro. —Nasce na serra de Baçô (Açô, ou Açôr) ramo da Estrella, perto e ao S. das villas d'Avô e Midões.

Passa pelo meio da freguezia de Góes (onde este rio tem uma ponte, denominada *Ponte dos trez arcos*). A 5 kilometros ao O., onde o rio se estreita para entrar pelas *Portas da Candosa*, está uma alta serra, toda de alcantilados rochedos. Com tanta furia pretendeu este candaloso rio passar aqui, que rompendo a serra, a dividiu pelo meio, fazendo um profundo desfiladeiro ou garganta.

É de curso arrebatado, e suas margens, pela maior parte, são rochas escarpadas. Nos valles, porém, réga, e faz mover alguns moinhos. O seu peixe é muito saboroso. Na Candôsa, se junta á ribeira do Sortão (ou Sertum) que desce de Pedrogam, e d'aqui para baixo correm espraiados e placidos, regando os campos de Serpins; e, recebendo o Duéça, pela margem esquerda, entra no Mondego, em frente de Coimbra.

Na divisão sul da serra de Baçô e eminente á gargante que fica referida, e no mais alto d'ella, está a ermida de Nossa Senhora da Candosa, para onde ha um bom caminho, pelo sul, pelo qual se póde até andar de trem. A ermida é pequena e antiquissima; e, apezar de ser baixa, muitas vezes o vento lhe tem levado todas as telhas. O tecto é de abobada.

Fica a 2 kilometros da povoação da Varzea (concelho de Góes).

O retabulo e a nova imagem da Senhora, foram mandados fazer em 1705, por o padre Manoel Bayão d'Andrade, vigario da Varzea, mandando tambem reparar toda a ermida, que os grandes temporaes tinham desmantelado.

N'este mesmo monte, se veem grandes montões de pedras faceadas, muitas d'ellas ainda com a cal pegada, o que denota que houve aqui, em tempos remotos, uma grande povoação ou fortaleza.

Ainda restam as paredes de uma grande casa terrea, que se suppõe ter sido para abrigo dos romeiros.

Tudo isto está hoje em grande abandono.

SEIVÃES — Vide *Ceirães*.

SEIXAL — villa, Extremadura (ao S. do Tejo) cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Almada, 12 kilometros ao S. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 239.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha réis 150$000.

O concelho é formado pelas seguintes 4 freguezias — Aldeia de Payo Pires, Amora e Corroios, Arrentella, e Seixal; todas com 1:560 fogos e no patriarchado.

O Seixal pertencia á freguezia de Arrentella, d'onde foi desmembrado para formar parochia independente, em 23 de junho de 1734, como adiante mais circumstanciadamente se dirá.

Este concelho está na margem esquerda do Tejo, e a villa do Seixal, junto á praia, fazendo o rio aqui uma enseada, a qual, bifurcando-se, vae com uma das bifurcações para S. E., até se encontrar com as aguas do rio *Judeu*, e com a outra, dirigida para N O., banha a freguezia da Amóra, e finda em Corrôios.

Tem duas ruas principaes, de fórma semicircular, e algumas pequenas travessas e bécos, com trez pequenos largos.

Não tem edificios notaveis, pois quasi todos são acanhados, e muitos d'elles insalubres.

Tem trez fabricas — uma de *productos*

chimicos, de Padrel & C.ª—outra de *sabão* — e outra de *sóla* antiga, e notavel pelos seus optimos productos.

A maior parte dos habitantes do Seixal são pescadores *do alto* (de fóra da barra); tem alguns lavradores, e muito poucos artistas.

Dous kilometros ao S. E. da villa, e ao longo da praia, em uma encosta, está a grande povoação da Arrentella, onde reside a maior parte dos habitantes da freguezia.

A 110 metros ao S. O. d'Arrentella, está o logarejo da *Torre da Marinha*, e nas suas faldas, está a magnifica fabrica vulgarmente chamada da *Arrentella*. (Vide esta palavra.)

Antigamente havia por aqui muitas e formosas quintas de fidalgos, e bôas fazendas de diversos mosteiros.

No caminho do Seixal para a Torre da Marinha, estão — a *quinta de Paulo Jorge*, onde é a fabrica de productos chimicos — logo adiante, a do *Outeiro*, do sr. João Coelho d'Abreu — em seguida, a do *Valle do Grou*, ou da *Fidalga*, do sr. Manoel da Gama — a das *Cavaquinhas* — e a do *Cabral*, que finda mesmo no logar da Arrentella.

D'aqui até á Torre da Marinha, ha varias pequenas propriedades, de diversos donos.

Ao S. do Seixal e da Arrentella, ha differentes quintas e casaes.

A freguezia da Arrentella, ainda se estende para S. E. uns 5 kilometros, tudo pinhal, que foi dos frades Jeronimos, de Belem, e hoje é dos herdeiros de Abraham Wheelhouse.

Ao E. do Seixal, está a *quinta de D. Maria*, onde está a fabrica de sola já mencionada — em seguida, a da *Trindade*, e ultimamente uma ponta de terra, que entra pelas aguas do Tejo, e fórma o chamado *Rio de Côina*, onde estão dous grandes armazens do Estado, e na praia contigua, muita madeira soterrada, para construcções navaes. Chama-se a este logar — *Azinheira*.

Voltando d'aqui para o S., segue o rio de Côina ainda 6 kilometros, e nas suas margens ha o seguinte — parte da mencionada *quinta da Trindade* — *quinta dos Paulistas* — *duas azenhas* (d'agua salgada) com 14 pedras, para moagem de trigo — *quinta do Alamo* — *quinta da Madre de Deus*, com uma azenha de oito pedras — *quinta do Descanso* — a *dos Loureiros* — a *da Ponte* — a *do Portinho* — a *de D. Maria* (Paio Pires) — a *das Cannas* — a *do Leitão* — a *do Lima* — a *da Palmeira* — a *do Bréjo* (em Cucêna) — a *do Cabo da Linha* — a *Quinta Nova*, com um lagar d'azeite — segue-se um pinhal, que finda junto á azenha chamada do *José Moto*, e onde por este lado termina o concelho.

Quasi todas estas quintas nada teem de notavel, senão a extrema deterioração de algumas; e o pouco ou nenhum lucro de todas.

A freguezia da *Aldeia de Paio Pires*, está assente em uma pequena eminencia, lançada de E. a O. Tem uma unica rua tortuosa, mas os predios são, pela maior parte, bons. É n'esta aldeia onde habita a maior parte das familias da freguezia, o resto está espalhado por differentes quintas e casaes. (Vide *Aldeia de Paio Pires*).

A freguezia da *Amóra*, está fronteira á da Arrentella, da qual está separada, em parte, pela enseada do Tejo, e em parte, por um regato, que é o já referido *Rio Judeu*.

Tem varias quintas, sendo a unica digna de menção a da *Amóra*, que já fica descripta em *Amóra e Corroios*. É hoje do sr. infante D. Augusto, que a comprou aos herdeiros da fallecida infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI, em setembro de 1877. (Vide *Amóra e Corroios*.)

O concelho do Seixal, é limitado, ao N. e N. O. pelo d'Almada — ao O. e S. O. pelo de Cezimbra — ao S. pelo d'Azeitão (hoje Setubal) — e ao E. pelo Tejo.

O seu terreno é bastante accidentado, mas em geral muito fertil em pão, vinho, fructas, hortaliças e legumes. O vinho d'estas terras é optimo para exportação, e a sua laranja é da melhor que vae para Inglaterra.

Antes de 1854, produzia este concelho 3:000 pipas de vinho, mas o oidium e outras molestias, reduziram a colheita a 510 pipas.

O termo medio das outras producções, é — trigo, 5:000 alqueires — milho, 31:500 — centeio, 2:000 — cevada, 1:000 — feijão,

7:500 — fava, 30 — grão de bico, 110 — laranja (só a exportada para a Inglaterra) 1:800 milheiros — limão, 4 milheiros — lan, 170 kilogrammas — mel, 150 ditos — cêra, 20.— Os pinhaes que cercam todas as quatro freguezias do concelho, dão um grande rendimento em madeira e lenha.

As aguas são, na sua maxima parte, de excellente qualidade, menos na aldeia de Paio Pires, que é salobra e só serve para lavagens ou régas: a agua potavel, vão buscal-a a quintas particulares. Na Amóra, ha uma optima agua, que rebenta de abundante e perenne manancial, mesmo junto á praia mas só se póde tirar no baixa-mar, porque, quando a maré está em meio, fica a nascente coberta.

A salubridade do concelho, na maior parte do anno, é regular; mas desde julho até novembro, apparecem as febres intermitentes e remitentes de varios typos e generos, que affligem as povoações proximas aos arrozaes, que, desde 1850, se tem feito em larga escala, nos concelhos proximos. Tambem concorre para estas molestias, a falta de limpeza das vallas, nos bréjos.

—

Segundo a tradição, a origem da villa do Seixal, é a seguinte — Vendo pessoas competentes, que o sitio era asado para construcções navaes em grande escala, e que estava em facil communicação com os operarios da fabrica da *Ribeira das Naus*, que então estava estabelecida a E., para o lado da villa de Côina, fundaram aqui alguns estabelecimentos, dependentes do arsenal da marinha, e, pouco a pouco, os mestres e operarios d'elle, aqui foram construindo casas de habitação.

Diz-se que no principio, os moradores do Seixal, pagavam os dizimos ao infante D. Antonio, commendador d'Almada, e que depois, esta commenda passou a ser do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, por mercê de D. João I.— O condestavel deu depois isto aos religiosos carmelitas de Lisboa, quando n'esta cidade lhes construiu a egreja e mosteiro.

Ainda ha á entrada do cemiterio publico, uma inscripção — que esteve na extremidade E da povoação — gravada quando o condestavel era donatario do Seixal.

Consta que, visitando o rei D. Manoel esta povoação, quando foi ver a Côina a *Ribeira das Naus*, mandou que se chamasse Villa Nova do Seixal, e que desde então é que tem a cathegoria de villa. D'isto existia ainda ha poucos annos uma inscripção, gravada em uma pedra, sobre a verga de uma porta, na rua do Paço. Ésta pedra, serve de pilar de uma chaminé, das casas do sr. José dos Anjos, no largo do Estaleiro.

Pelos annos de 1500, se construiu uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Passados annos, com o crescimento da população, e sendo incommodo estarem ligados á parochia da Arrentella, cuidaram os do Seixal de construir um templo espaçoso, que de futuro podesse servir de egreja matriz, e por provisão do 1.º patriarcha D. Thomaz d'Almeida, de 29 de março de 1726, se alcançou licença para esta edificação, sendo a primeira pedra lançada pelo parocho d'Arrentella, em 22 de abril do mesmo anno.

Todo o povo do Seixal, sem distincção de cathegoria, sexo nem edade, trabalhou n'esta construcção, e os que eram ricos, alem das grandes esmolas que deram, se pozeram á frente dos operarios, trabalhando com elles; distinguindo-se José Bravo, que hypothecou todos os seus haveres, até ao completo pagamento de todas as despezas da obra. Os homens do mar, fintaram-se voluntariamente, na terça parte de todos os seus lucros.

A ceremonia da abertura do novo templo, teve lugar em 25 de dezembro de 1728, com grande solemnidade.

N'esta época, ja a povoação do Seixal contava 260 fogos.

Trataram depois do processo da desmembração e independencia, da freguezia da Arrentella, o que soffreu grande opposição por parte do parocho d'esta freguezia, mas que, finalmente, foi ordenada, por provisão do cardeal patriarcha, datada de 23 de junho de 1734: sujeitando-se o povo da nova freguezia, á sustentação da fabrica da egreja, e ao pagamento da congrua do pa-

rocho. Diz a referida provisão: «Ficam os «moradores do Seixal obrigados a dar a con«grua subsistencia do novo parocho e seus «successores, a dar-lhe casas para morar, e «cada lavrador que lavrar vinho, *ou pouco «ou muito*, lhe dará dous potes de seis ca«nadas de vinho, á bica do lagar, que serão «hoje cincoenta os que lavram vinho, e os «que de novo o lavrarem, darão os mes«mos dous potes, pelo tempo adiante: e to«dos os mais freguezes que não lavrarem «vinho, lhe darão um vintem, pela desobri«ga, no rol dos confessados, e lhe darão «mais, pela paschoa, seis mil e quatrocen«tos réis, *para o barrête*, pagos pela fabrica «da egreja, com todas as mais offertas e be«nesses que lhe render o pé d'altar, confor«me o costume da freguezia antiga. E que, «para a fábrica da egreja, daria cada um «dos que lavrassem vinho, dous potes, na «fórme acima declarada, e oito vintens cada «fogo, na fórma que pagavam á egreja d'Ar«rentella.»

O primeiro parocho d'esta freguezia, escolhido pelo povo, foi o padre Manoel Simões d'Estrella, da villa do Pombalinho, bispado de Coimbra, que tomou posse, em 27 de julho do mesmo anno de 1734, e, em seguida, a 27 de agosto, se celebrou com magestosa pompa, a instalação religiosa da parochia, ordenando para isso uma procissão, que sahiu da ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem — propriedade dos religiosos trinos — a qual ermida ainda existe na casa e quinta que hoje é do sr. Francisco de Azevedo e Sá.

A confraria do Santissimo, que logo se instituiu, desejando adquirir as graças e indulgencias de que gosa a archi-confraria da real parochia de S. Julião, de Lisboa, sollicitou patente de aggregação, que a dita archi-confraria lhe concedeu, por accordam de 24 de abril de 1755.

Alem d'esta confraria, instituiram-se as das Almas—S. Pedro—e Senhor dos Mareantes, cada uma com seu capellão.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, assolou muito esta freguezia, e entre os prédios que arruinou, se incluiu a egreja matriz, ficando sepultadas sob as suas ruinas, muitas das pessoas que o tinham ajudado a construir com tanta devoção e alegria. As inundações que se seguiram ao terramoto, pozéram em fuga todos os habitantes da villa, que procuraram abrigo, ao S. da parochia, no sitio chamado *Barrocas do conde de Villa Nova.*

Passados alguns dias, e as maiores impressões de terror, desceram á povoação, para enterrar os mortos, cuidar do reparo de suas casas e reedificação da egreja; e novamente a ermida dos frades trinos recebeu o sacrario com o Santissimo, que ahi foi conduzido em procissão.

Tratando de reedificar a primitiva ermida (por ser obra de menos despeza) andaram com tanta solicitude, que, com a despeza de 851$765 réis a concluiram, a ponto de já alli se fazerem os officios da Semana Santa, em 1756. Desde então, decidiram festejar annualmente, no 1.º de novembro, Nossa Senhora das Dores; o que fizeram alguns annos, substituindo depois a festa, pela do Senhor dos Mareantes.

Para as obras da ermida, não só os pescadores se obrigaram a dar a quarta parte dos seus lucros, mas todos se empenharam zelosamente, mulctando até os divertimentos publicos. (Só o mealheiro do jogo da bolla, produziu a quantia de 47$000 réis!)

A reconstrucção da egreja matriz, foi mais dispendiosa e demorada, e se concluiu em 1762, celebrando-se a sua abertura ao culto divino, em 21 de fevereiro d'esse anno, com grande esplendor.

A torre dos sinos, só se concluiu em 1776, collocando-lhe logo trez sinos, e um relogio, que foi feito por Paulo de Franca, e custou 230$000 réis.

Como o anno de 1784 fosse propicio aos pescadores, pela grande abundancia de pescaria que então houve, resolveu esta corporação, adquirir uma imagem da padroeira, de tamanho proporcionado ao templo, e ajustaram em Lisboa com o esculptor Nicolau Pinto, o fazer-lhes uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de madeira, de sete palmos de altura, fóra as *nuvens, os seraphins e peanha*, por 57$600 réis; impor-

tando a encarnação e pintura, em 43$200 réis, e que foi feita por José Antonio de Carvalho; vindo a custar esta imagem, depois de prompta, 100$800 réis, ou 21 moedas d'ouro. Compraram-lhe tambem uma corôa de prata, que custou 121$650 réis. Está esta formosa imagem, no altar-mór, sobre a banqueta, e debaixo de um rico docel, de talha dourada.

A imagem antiga, da padroeira, está collocada no 1.º altar lateral, do lado do Evangelho, e é a que vae nas procissões.

A imagem do Senhor dos Mareantes, é muito antiga, e consta que foi dada por um dos ascendentes do sr. Antonio da Gama Lobo Sallema, que a tinha em um oratorio, da sua quinta, no districto d'esta freguezia

O Senhor dos Mareantes, já tinha confraria em 1745, pois o seu compromisso foi approvado, por provisão de 6 de agosto, de esse anno.

—

Até 1833, enterravam-se os defuntos, na egreja parochial, e desde então — por causa do colera-morbus — se enterraram em um chão, ao E. da quinta denominada de *Paulo Jorge*. Depois d'esta epidemia, é que a camara adquiriu o terreno do actual cemiterio, que fica a E. da villa, e para o qual se comprou uma casa com seu quintal, accrescentando-se depois uma porção de terreno, que foi generosamente offerecido, pelo sr. Antonio Ferreira, avô do sr. José Ferreira de Brito.

—

Em 1856, foi a egreja matriz novamente reparada, com a maior perfeição, e póde rivalisar com os melhores templos de Lisboa, tanto na primorosa talha, dourada a ouro fino, como na perfeição das santas imagens, e riqueza dos paramentos e alfaias. Esta reparação, custou 11:000$000 réis, gastando n'ella, do seu bolso, o referido sr. José Ferreira de Brito, 6:000$000 réis — e réis, 2:300$000, offerecidos pelo chefe dos pescadores.

Foi por esta occasião que se adquiriram os actuaes sinos (nove) que custaram réis 717$000, depois de descontado o peso dos velhos.

Para transmittir á posteridade, se gravou em uma lapide, collocada á entrada do templo, uma inscripção, com os nomes dos fieis que mais concorreram para esta reedificação, que foram os srs. *Dr. Manoel Teixeira de Sousa — José Ferreira de Brito — João Baptista dos Santos* — e *Thomaz Duarte*.

Depois d'estes bemfeitores, todos os mais parochianos se esmeraram á porfia, cada um segundo as suas posses, ou devoção, para que esta obra fosse, como é, de grande sumptuosidade.

Em 1870, se adquiriu uma imagem do Senhor dos Pássos, do tamanho natural, e de primorosa esculptura, feita por Francisco de Gomes, e tal e qual como a formosa imagem que existe na capellinha do mosteiro de Santo Antonio, de Lisboa — hoje asylo da Mendicidade.

Foi feita á custa de esmolas, pedidas de porta em porta, e que produziram a somma de 250$000 réis, incluindo 63$000 réis dos pilotos da barra, e 18$000 reis, do mealheiro dos botes de pesca.

A imagem e seus pertences, importou em mais de 300$000 réis, sendo para isso augmentada a receita, com a avultada esmola que deu o sr. Manoel Ferreira Simões.

—

Tem esta villa, estação telegraphica, de 1.ª classe, aberta ao serviço publico, em 28 de setembro de 1878. Pertence á 9.ª secção telegraphica (Evora).

Este melhoramento, foi alcançado pelos esforços do deputado d'aquelle anno, de 1878, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto. A camara municipal forneceu a casa, e a fabrica da Arrentella, a mobilia.

—

Durante os 146 annos da sua existencia como parochia independente, tem tido o Seixal os seguintes

Parochos

1.º Manoel Simões d'Estrella, do bispado de Coimbra — desde 1734 até 1759.
2.º João de Figueiredo e Silva, algarvio — desde 1759 até 1766.
3.º Miguel Bravo Reimão, natural do Seixal — desde 1766 até 1799.

4.º Francisco Gomes Vieira, natural do Seixal — desde 1799 até 1803.
5.º João Heliodoro Muscate — desde 1803 até 1804.
6.º Pedro Antonio Gerardo — desde 1804 até 1812.
7.º Antonio de Fontoura Carneiro, natural do Seixal — desde 1812 até 1815.
8.º Antonio Innocencio dos Santos e Paes — desde 1815 até 1819.
9.º José Joaquim Alves, natural do Seixal — desde 1819 até 1825.
10.º Antonio do Espirito Santo — desde 1825 até 1831.
11.º José Joaquim Alves (2.ª vez), natural do Seixal — desde 1831 até 1845.
12.º José Vaz Martins d'Almeida — desde 1845 até 1846.
13.º José Joaquim Alves, natural do Seixal (3.ª vez) — desde 1846 até 1860.
14.º Antonio Maria Pessoa, natural de Lisboa — desde 1860 até 1870.
15.º José María de Barros Lobo, natural de Braga — desde 1870 até 1872.
16.º Francisco Rodrigues Neiva, natural de Braga — desde 1872 até 1877.
17.º Luiz Alves Gomes Freire, natural de Coimbra — desde 1877 até 1878 [1].
18.º José Baptista Pereira, natural de Fáro, no Algarve — desde 1879. É o actual [2].

—

Ao rev. Antonio Maria Pessoa, 14.º prior do Seixal, e que de lá foi para prior de S. José de Lisboa, devo grande parte d'estas informações, que me mandou para Villa do Conde, em 7 de março de 1879. Mal diria este virtuoso sacerdote, que, poucas semanas depois, falleceria, na rua do Correão, n.º 38, e ainda na edade florente de quarenta e tantos annos.

Fui alguns mezes seu parochiano, e pude então apreciar as bellas qualidades que o adornavam. Morreu pobre, porque dava tudo aos pobres. A sua morte causou geral sentimento em toda a freguezia de S. José, e a todas as pessoas que o conheciam.

—

Emquanto os do Seixal pertenciam á freguezia da Arrentella, tinham um capellão, para lhes dizer missa nos domingos e dias sanctificados, na ermida de Nossa Senhora da Conceição, a cuja imagem faziam uma pomposa solemnidade, no dia proprio (8 de dezembro).

SEIXAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Caminha (antes d'esta ser elevada a cabeça de comarca, era do mesmo concelho, comarca de Vianna), 60 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 274.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo e 20 kilometros ao NO. de Vianna.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi antigamente, do termo de Villa Nova da Cerveira, e ainda lá pertencia quando D. Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 9 de novembro de 1262. (*Livro de doações de D. Affonso III*, fl. 65 v., col. 1.ª, *in fine*.)

É a freguezia de Seixas, incontestavelmente, uma das mais formosas e bem situadas da margem esquerda do Minho, onde todas são bonitas, e d'ella, como das outras, se vêem as bonitas povoações da fronteira margem gallega.

É fertil em todos os fructos, cria muito gado, e é abundantissima de optimo peixe do mar — que lhe fica 1:500 metros a O. — e dos rios Minho e Coura, que a limitam — o primeiro pelo N., e o segundo pelo SO. e O.

Desde janeiro até maio, é um grande prazer a residencia em Seixas. É então a época das grandes pescarias de salmões, saveis e lampreias, que exporta frescos para Vianna, e outras muitas localidades do interior; e de calda, ou conserva, para o Porto, Lisboa,

[1] Foi transferido para a freguezia d'Amora, onde é actual parocho, collado.

[2] O sr. José Baptista Pereira — que é ainda muito novo — é muito instruido, affavel e exemplarissimo, ja como sacerdote, já como homem, já como filho e irmão extremoso. Tinha sido prior encommendado em S. Simão d'Azeitão (Villa Fresca d'Azeitão) e depois na freguezia da Amora. Foi apresentado n'esta egreja, a 27 de março de 1879 (por concurso synodal) collando-se a 8 de junho, e tomando posse no dia 10 d'este mez, e tudo no referido anno de 1879.

Brasil, e outros pontos; tudo em grande escala.

Não *curo por informações*: eu mesmo tenho estado, por muitas vezes, em Seixas, e tenho visto o que acabo de referir.

Sei que tambem d'aqui vae peixe, principalmente saveis, em grande quantidade, para Braga, Guimarães, Ponte do Lima, etc. —isto em fresco.

Basta dizer-se que, ás vezes, entre dia e noite, se pescam *aos milheiros*. (Em 21 de março de 1875 sahiram d'aqui para Vianna, dez carradas de saveis, fóra os que sahiram para o Alto-Minho, Ponte do Lima, Braga e outras terras, em cavalgaduras).

Até ha poucos mezes, exportava-se o peixe em canastras, em bêstas e ás carradas; agora vae a maior parte, pelo caminho de ferro.

São de Seixas quasi todos os barcos que navegam no rio Minho, conduzindo passageiros e mercadorias, para Villa Nova da Cerveira, Valença, Monsão e Seixeira (ou Ponte do Mouro) 6 kilometros acima de Monsão; e os que levam e trazem gente e mercadorias, entre a villa de Caminha e o fronteiro logarejo da *Passagem*, na Galliza. Por esta via é conduzido muito carvão para a pequena villa da Guarda (*La Guardia*) onde se vende vantajosamente, e de lá trazem comestiveis, que são alli muito baratos. Tambem vem pão de trigo, que é mais barato e de muito melhor qualidade do que o de Caminha e Seixas.

Tambem vae de Portugal muita gente á Guarda, em viagem de recreio.

As mulheres d'aqui são, em geral, honestas e summamente laboriosas, prestando-se a toda a qualidade de trabalho em que possam ganhar a vida honradamente, e é um gôsto vêl-as muito alegres, levar grandes *carrêgos* de peixe, para onde sabem que tem prompta e boa venda.

Não é só nos cinco mezes (de janeiro a maio) que aqui abunda o peixe; em todo o verão se pesca muita variedade d'elle, sendo em maior numero os roballos, roballinhos, mugens, sôlhos, linguados e mariscos.

Teve marinhas de sal, mesmo na direita da confluencia do Coura com o Minho; mas, como este não era de boa qualidade (talvez por o não saberem preparar) foi abandonada esta exploração.

Ha na freguezia cinco ermidas — *S. Sebastião, Senhor da Bôa-Morte, Santo Adrião, Senhora da Consolação*, e *S. Bento*. Esta é ampla, e tem uma bonita torre. Foi construida em 1868.

Já n'este logar havia uma antiquissima capella, dedicada ao mesmo santo, muito pequena e baixa, que foi demolida, para se construir a actual. Segundo a tradição, foram os monges benedictinos que edificaram a ermida primitiva, onde vinham dizer missa.

Fazem-se n'esta ermida duas grandes festividades, uma a 21 de março (dia do padroeiro) e outra a 21 de julho, ambas concorridissimas, não só por o povo da freguezia e de Caminha, como até de romeiros de terras distantes, e mesmo da Galliza. Quasi todos os maritimos d'aqui e suas familias, estão filiados na irmandade de S. Bento, á qual dão em cada anno, um dia ou noite de pesca: e n'este dia ou noite, todos trabalham com a maior devoção, para colherem a maior quantidade de pesca que lhes fôr possivel.

Tem a ermida capellão para as missas dos domingos e dias sanctificados.

Antigamente, pela romaria de março, havia uma feira que durava oito dias (hoje só dura dous). Tinha esta feira os privilegios da de Aveiro — isto é — podia hir a ella toda a qualidade de criminosos e devedores, sem risco de serem presos, salvo se commettessem novos crimes, ou contrahissem novas dividas, na feira.

A egreja matriz é bonita, mas pequena para a população da freguezia.

Ha n'esta parochia muitos e bons officiaes de trolha e estucadores, que vão exercer a sua arte para muitas terras de Portugal e Hespanha. Tambem muitos d'estes artistas, e outros individuos, vão para o Brasil, em busca de fortuna (e a maior parte d'elles só acham a miseria, as doenças e a morte).

Ha na freguezia dous fornos de cal, que trabalham constantemente — uma fábrica de phosphoros, de cêra e madeira — uma de chocolate — uma de sabão.

É a freguezia de Seixas magnificamente dotada de vias de communicação.

Tem uma estrada municipal, que vae entroncar — na ponte de Villar de Mouros — com a districtal, de Caminha para o concelho de Coura, Arcos de Valle de Vez, e Melgaço. Todas novas.

A formosa estrada, á mac-adam, de primeira classe, que de Lisboa vae até Melgaço, construida em 1857, atravessa esta freguezia, na extensão de 3 kilometros, correndo paralella e proxima do rio Minho, sempre por uma formosissima planicie cultivada e fertil; hindo d'aqui a Lanhellas, Gondarem, Loivos, Villa Nova da Cerveira, Verêa (ou Lovêlhe) Roborêda, Campos, São Pedro da Torre, Segadães, praça de Vallença, Ganfei, Lapella, praça de Monsão, e Melgaço. (Esta ultima ainda em construcção).

Paralella a esta estrada, e muito proximo d'ella, passa o caminho de ferro do Minho, que, desde a cidade de Vianna até Ganfei, atravessa uma região das mais encantadoras de Portugal.

Tem aqui um tunnell.

Tambem esta povoação conseguiu um *apeadoiro* do caminho de ferro, e, em janeiro d'este anno de 1880, se construiu a respectiva casa, para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias. Fica 3 kilometros ao NO. da estação de Caminha, e 2 ao O. da de Lanhellas. Esta casa foi edificada no sitio principal da freguezia, em frente da ermida de S. Bento. O apeadouro foi concedido em 15 de agosto de 1879.

Tem-se desenvolvido muito, n'estes ultimos annos, a povoação de Seixas, e, com os elementos que tem de prosperidade, ha de hir sempre em progressivo augmento. Já aqui se vêem lindos predios, construidos de novo, sendo o melhor, o do sr. Manoel João Baptista, natural d'esta freguezia, negociante em Lisboa, actualmente morador em Seixas.

Este cavalheiro forneceu, em 1874, toda a mobilia para a casa da escola de meninas, então instituida, e obrigou-se a pagar, por 10 annos, a renda da mesma casa. Foi provida em setembro de 1875, e nomeada sua mestra, a sr.ª D. Maria Rosa da Assumpção da Luz e Silva.

O mesmo sr. Baptista quiz fazer á sua custa um cemiterio parochial; mas desistiu do seu projecto, em vista da relutancia do povo!

Tem sub-delegação do correio, talho, lojas de mercearia, fabricas de pão de trigo e milho, capellistas, etc.

Para qualquer lado que se olhe, desfructa-se d'aqui um formosissimo panorama. Ao S. vêem-se as montanhas que abrigam por este lado a freguezia, onde alvejam algumas povoações, por entre frondoso arvoredo. Ao N., uma extensa zôna da bonita margem gallega. Principiando pelo ONO., vê-se o pittoresco monte de Santa Tecla; ao sopé, a freguezia de Campos Ancos; o castello da Guarda (*castillo de la Guardia*), Solsidos, Rosal, S. Miguel, Tabagão, Eiras, até Gaião, fronteiro a Villa Nova da Cerveira, e que vem a ficar a NE. de Seixas. Pelo E., a historica torre de Lanhellas, na freguezia d'este nome (vide *Torre de Lanhellas*) e as freguezias que se lhe seguem, e já nomeiadas, até á praça de Vallença. Pelo O., as duas famosas pontes (a do caminho de ferro e a da estrada ordinaria) que atravessam o rio Coura; a formosa villa de Caminha; as duas barras (portugueza e gallega) o nosso forte da Insua; os varios navios ancorados áquem d'este forte; o Cabedêllo; o caes; e o Oceano. Vê-se tambem parte das freguezias de Venâde, e Villarélho (ou Portella).

Na confluencia do Coura com o Minho, e na margem direita d'aquelle, ha um vasto pantano (terreno d'esta freguezia) onde foram as marinhas de sal, que dá um bom rendimento em junco, o qual tem diversas applicações.

No meio do rio Minho, em frente de Seixas, está a insua da *Canosa*, metade portugueza, metade gallega, que dá uma qualidade de herva (a que no Algarve chamam *murraça*), a qual serve de alimento ao gado. Por muitas vezes teem havido desordens e pancadaria n'esta insua, entre portuguezes e gallêgos, por causa da apanha da herva. Devemos confessar, sem orgulho nacional, que os gallêgos são, quasi sempre, os que apanham mais pancada e menos herva.

Reverso da medalha

Como a maior parte do povo da freguezia vive das pescarias, e das viagens fluviaes— no inverno, havendo temporaes aturados, passa grandes privações, vendo-se os homens na necessidade de procurar meios de vida, em outras occupações, e em differentes terras. As mulheres precorrem então os concelhos de Braga, Barcellos, Ponte do Lima e Povoa de Lanhoso, a comprar óvos, que trazem á cabeça, e vendem ás gallegas, que os levam para Vigo, d'onde embarcam para a Inglaterra.

Como muitas vezes acontece cahirem as conductoras dos ovos, e inutilisarem a sua fazenda, o prejuizo é repartido por todas —o que o torna menos sensivel— em cumprimento de uma especie de compromisso que entre ellas se fez.

—

É natural d'esta freguezia o sr. dr. Elisiario José Malheiro, medico em Bellas.

Tambem era natural d'esta freguezia o medico homœopatha, Matheus José Baptista, que residia na Rua Nova da Palma, em Lisboa, e é já fallecido.

—

Junto á capella de Nossa Senhora da Consolação, ha um sobreiro secular, cujo tronco tem 18 palmos (4 metros) de circumferencia. É a maior arvore, da sua especie, que ha por estes sitios.

—

Para se fazer ideia do que rende aqui a pesca só dos salmões, lampreias, e saveis— sem fallar nas outras muitas variedades de peixe, dou a seguinte nota official:

Nota dos salmões, lampreias e saveis pescados no 1.º semestre de 1878, no rio Minho, e nos locaes abaixo mencionados:

LAMPREIAS

		Réis
Caminha	394	78$800
Seixas	3:662	732$400
Lanhellas	703	144$600
	4:759	955$800

SALMÕES

		Réis
Caminha	24	80$200
Seixas	64	320$000
Lanhellas	66	524$770
	154	924$970

SAVEIS

		Réis
Caminha	19:576	3:817$320
Seixas	32:267	8:392$165
Lanhellas	1:991	388$245
	53:834	12:597$730
Somma total		14:478$500

Deve notar-se que alem d'estas quantidades aqui descriptas, ha a considerar mais as concedidas para *rectomengas;* ainda aquelle peixe á (excepção dos salmões) que pela sua pouquidade em relação á companha que o pesca, se não relaciona, e ainda aquelle que...

Rendeu a delegação de Caminha no referido semestre: — Receita total 3:446$068 réis.

—

No antigo portuguez (segundo diz frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag. 154). *Seixa* era synonimo de *pomba.* Não vem d'ahi o nome d'esta freguezia, mas sim de *seixas.* especie de caranguejos grandes, que se comem e são bons. Pescam-se aqui muitos d'estes caranguejos, e outros ainda maiores, chamados *burros*, mas estes não teem tão bom gôsto como as seixas.

—

Em 24 e 25 de novembro de 1876 houve por estes sitios um grande temporal, que causou muitos prejuizos nas villas de Caminha e Villa Nova da Cerveira, e nas freguezias de Mollêdo, Seixas, Sôpo, Venade, Villarêlho, Villar de Mouros e Argella. Para evitar aos leitores a *maçada* de terem de lêr n'estas freguezias a narração d'este temporal, que em cada uma d'ellas tinha de ser precedida de uma especie de introducção, transcrevo aqui um artigo do *Noticioso*, jornal que se publica na praça de Vallença, e vem em o n.º 455, de 30 de novembro de 1876 — é o seguinte:

Estragos causados pelo temporal, de sexta-feira e sabbado ultimo, no concelho de Caminha

Foram importantissimos os prejuizos causados no concelho de Caminha pelo fortissimo vendaval e copiosa chuva da noite de 24 e dia 25 do corrente. Dizem as pessoas de mais edade d'aquella villa que se não recordam de vêr cahir tamanho peso d'agua.

Seriam duas horas da tarde, começou-se a notar que a corrente do rio Coura era bastante violenta. A força das aguas do monte hia augmentando á proporção que a maré baixava. Pelas trez horas, pouco mais ou menos, desabou um dos pégões de pedra, do centro da ponte de *Caminha*, sobre o Coura, que tem de extensão 450 metros: em seguida cahiram outros, e abateu uma grande parte do trilho de madeira ficando o transito completamente interrompido. Proximo ao caes alguns barcos e barcas affundiram-se, outros, desprendendo-se das amarras, foram levados pela corrente, soffrendo avarias. O rio apresentava um aspecto tão assustador, que os mais corajosos barqueiros custou-lhes resolverem-se a atravessal-o para passarem as malas do correio. Dos passageiros que nos carros da empreza — *Viação do Minho* — seguiam d'esta villa para o Porto, só um se animou a embarcar, junctamente com o sr. engenheiro Barros, que vinha de examinar os trabalhos da via ferrea. Os restantes, voltaram para a freguezia de *Seixas*, onde pernoitaram, continuando a viagem no dia immediato. As arvores, madeiras e grande quantidade de palha de milho que distinctamente se via hir de envolta com a corrente, denunciava que o temporal havia feito grandes estragos nas povoações ruraes das margens do *Coura*. Infelizmente assim succedeu.

* * *

As pessoas das freguezias proximas a Caminha, que na manhan do dia 26 chegavam á villa, faziam as mais tristes descripções dos desastres e prejuizos causados pelo temporal da vespera. Para não tornarmos demasiado longa esta narrativa, diremos em resumo:

Na freguezia de *Argella*, calculam-se os estragos de 6:000$000 a 8:000$000 réis. Oito moinhos ficaram completamente inuteis. O sr. Manoel Xavier, só n'uma propriedade que tem n'aquella freguezia, não repara os prejuizos que soffreu, com 1:200$000 réis.

Em *Villar de Mouros* e no logar de *França*, pertencente á freguezia de *Sôpo*, do concelho de Villa Nova da Cerveira, desappareceram trez azenhas e os pesados enxurros levaram o solo de bastantes propriedades, que só depois de muito trabalho e d'alguns annos tornarão a dar fructo. Em *Seixas*, além d'outros estragos, cahiram duas casas. Em *Venade* os prejuizos são superiores a 1:200$000 réis e no *Orbacem* sobem a mais de 1:000$000 réis. A quinta da sr.ª baroneza de S. Roque, em *Villarelho*, soffreu bastante, cahindo-lhe grande parte dos muros. Alguns outros proprietarios d'esta freguezia foram igualmente prejudicados.

Em *Molledo* não se reparam os estragos com 10:000$000 réis. Em *Ancora* e *Soutello* foi tal o terror, que chegaram a tocar os sinos a rebate. Na praia de *Molledo* cahiram duas casas feitas ha poucos annos, e a torrente dos montes aluiu a estrada real, a tal ponto, que esteve intransitavel trez dias. Parte do aterro para o caminho de ferro, alli em construcção, foi levado pela violencia das aguas.

A ponte sobre o rio *Ancora* tambem se deteriorou bastante, apezar de ter sido construida ha pouco mais de oito annos. Foi igualmente no mez de novembro de 1865, no dia 27, que um temporal deitou por terra a primeira, que sobre o mesmo rio se levantou quando se fez a estrada de Caminha a Vianna. Em *Gontinhães* não foram insignificantes os deterioramentos. O nosso obsequioso correspondente d'aquella localidade faz d'elles detida rezenha n'uma correspondencia, que sentimos não poder publicar por vir um pouco tarde. Irá no numero proximo.

* * *

O sr. Forte Souza, activo e intelligente chefe da primeira secção telegraphica, veio

immediatamente de Vianna a Caminha para providenciar relativamente aos postes que sustentavam o fio e que se achavam presos ás guardas da ponte de Caminha, que, com parte d'ella, tinham cahido; o sr. Costa, esclarecido director das obras publicas do districto, tambem alli appareceu e deu terminantes ordens para que se reparasse provisoriamente a estrada, afim de que a viação não continuasse interrompida; e o sr. Themudo, chefe da engenheria districtal, chegou áquella villa na manhan do dia 28, com o intuito de se informar do que convinha fazer com referencia ás obras da ponte.

Não podemos deixar de mencionar o contraste que se notou entre o zelo e actividade d'estes dignos funccionarios e o descanço e negligencia da camara! O transito na ponte ficou interrompido na tarde do dia 25, e só na de 27—*dois dias depois*—é que os membros do municipio se lembraram de contratar barcos para substituir a passagem!

Mas isto ainda não é o peior. A margem opposta ao caes de Caminha, onde se tem de embarcar e desembarcar, é um sitio immensamente pantanoso e por essa rasão intransitavel. Salta aos olhos da intelligencia mais myope que com a mesma madeira que cahiu da ponte se podia fazer, na extremidade d'ella, do lado do nascente, uma escada ou rampa, trabalho de pouco tempo e de insignificante despeza, com o qual lucrava o publico, porque não só embarcava mais commodamente, mas tambem atravessava o rio em menos tempo. A camara não se quiz incommodar com estas pequenas cousas e não deu providencias de qualidade alguma a tal respeito!!

Querem saber o que resultou d'um tal indifferentismo? Os passageiros e as malas do correio, que, no dia 28 ás 7 horas da manhan chegaram a Caminha, vindas do sul, tiveram de estar á espera, no escriptorio da companhia—*Viação do Minho*—até ás 9 horas e meia, que só a essa hora a maré permittia que os barcos navegassem por um pequeno rego, que existe no meio d'aquelles pantanos, afim de poderem desembarcar a pé enchuto, proximo da capella da Senhora da Ajuda! Esta demora, motivada pelo desleixo da camara de Caminha, é sobremaneira prejudicial para os habitantes d'esta villa, que recebendo o correio com trez horas d'atrazo, não podem responder no mesmo dia.

Custa a crêr que exista tanta indolencia n'uma corporação que tem obrigação de ser sollicita no cumprimento dos deveres que lhe impõe a posição que occupa. Quem se não quer incommodar; quem não quer ter trabalho; não acceita os cargos publicos. O logar de vereador não é só para *figurar* de capa e vara e grandes *bacalháos* atraz das procissões; é tambem para cuidar dos interesses dos que os elegeram. Na historia das vereações de Caminha ha exemplos de muita dedicação pelo engrandecimento d'esta villa, de muito zêlo pelos seus melhoramentos materiaes e de bastante abnegação pelos interesses proprios, em favor dos do municipio. Deixou-os guardados nos archivos da camara, e registrados na lembrança de todos os habitantes do concelho, e de muitas pessoas de fóra d'elle, o barão de S. Roque. É por isso que ainda hoje todos alli lamentam a sua falta, lembrando-se da muita energia e actividade de que deu reiteradas provas, quando, por mais d'uma vez, presidiu aos negocios do municipio, que muito deve á sua memoria.

—

Consta-nos que tambem no concelho de *Villa Nova da Cerveira*, o temporal fizera estragos importantes. A estrada real, que segue d'esta villa para Caminha, ficou em alguns sitios só com o cascalho. Em frente da freguezia de *Gondarem*, foi aonde se deteriorou mais.

Na freguezia da *Gandra*, d'este concelho, ha a deplorar avultados prejuizos. Quem mais soffreu foi um moleiro Varsio, a quem o grande peso de agua, destruiu um moinho, conhecido por o de Valle de Rei; deitou abaixo paredes de propriedades e causou outros estragos que montam a uma quantia importante. Em algumas outras freguezias tambem o temporal prejudicou immenso os proprietarios e a agricultura. Felizmente, não nos consta que haja a lastimar a perda de vidas. Antes assim.

Cumpre-me aqui agradecer ao reverendissimo senhor padre João Joaquim Baptista, natural da freguezia de Seixas (sobrinho do benemerito cidadão Manoel João Baptista, de quem já fallei) os curiosos apontamentos que me deu sobre esta e outras freguezias immediatas, os quaes muito me teem servido para a descripção das ditas freguezias.

—

SEIXAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Freixo de Numão) 60 kilometros de Lamêgo, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, S. Martinho, bispo,

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O chantre da Sé de Lamêgo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Está esta freguezia situada perto dos rios Douro e Téja, que regam, moem, e dão peixe.

Tem duas capellas, a de Santa Marinha, e a de Santo Antonio.

Em um pequeno valle — rodeado de grandes ladeiras — é bastante fertil. Nas taes ladeiras ha abundancia de sumagre, cuja casca se aproveita para o fôgo, por haver falta de combustivel. Tambem alli ha muitas amendoeiras.

Nos sitios baixos, é a fructa muito temporan, por ser o sitio quente e abrigado.

Tinha um mosteiro de frades benedictinos, construido no seculo VII, e que o feroz Al-Mançor destruiu em 981, assassinando todos os frades que pôde agarrar.

Segundo a tradição, a primittiva egreja matriz, era a do mosteiro, e a actual é uma reedificação, *á fundamentis*, da antiga.

Do mosteiro não ha vestigios.

Já se vê pois que é povoação muito antiga, e que já existia como parochia, muito antes do reinado de D. Affonso Henriques; isto é —no tempo dos gôdos.

Os que desejarem mais amplas noticias a este respeito, vejam o 8.º vol. pag. 36, artigo *Nossa Senhora da Lapa*.

SEIXAS — Vide *Santalha*.

SEIXE ou ODECEIXE — rio, Algarve. Nasce na serra de Monchique e desagúa no Oceano. (Vide *Guadiana* e *Odeceixe*, freguezia).

SEIXEZÊLLO — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca e 15 kilometros ao S. do Porto, 351 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 58.

Orago, Santa Maria. (O *Santuario Mariano* diz que é Santa Marinha).

Bispado e distrito administrativo do Porto.

O real padroado, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria bastante gado bovino, parte do qual engorda e exporta para a Inglaterra. Peixe do mar.

SEIXO — formosa e grande quinta do Alto-Douro, Beira Alta, na freguezia de Vallença do Douro, concelho de S. João da Pesqueira.

Eis o que diz o *Douro Illustrado*, explendida obra do sr. visconde de Villa-Maior, com respeito a esta quinta.

«Na margem esquerda (do Rio Tôrto) ve-«mos os grandes armazens e officinas da «quinta do Seixo, a qual occupa grande ex-«tensão, estendendo-se tanto sobre as ribas «do Douro (margem esquerda) como sobre «as do Rio Tôrto, em torno de uma elevada «collina, que se ostenta galhardamente, co-«roada pelo vistoso e alvo casario da quinta. «Este grande predio, que é, sem questão, «um dos mais consideraveis do *paiz vinha-«teiro*, produzia antigamente 200 pipas de «vinho, de 1.ª classe, muito bem reputado «no commercio do Porto. [1]

«Na parte mais elevada das encostas sobranceiras á quinta do Seixo, está situada a «antiga villa de Vallença do Douro, que «n'outro tempo pertenceu aos marquezes de «Távora. O seu territorio produz talvez mais «de 700 pipas de vinho, de 1.ª classe, nas vi-«nhas das suas ladeiras, vertentes para o «Douro e para o Rio Tôrto.

[1] A quinta do Seixo, foi propriedade do fallecido Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos, feito barão do Seixo (esta quinta) em 19 de julho de 1845. Vide *Trevões*.

«O rio Tôrto, assim denominado pela tor-«tuosidade do seu curso, é flanqueado de en-«costas sinuosas, cobertas de numerosas vi-«nhas, na maior parte das quaes se produ-«zem vinhos de superior qualidade. O logar «de Casaes, na margem direita d'este rio, a «pouca distancia das Bateiras, e situada so-«bre a estrada que sóbe para as villas de «Ervedosa, e Pesqu ira, é o centro d'esta «pequena região, onde se reunem todas as «condições indispensaveis á producção dos «mais generosos vinhos.

«São dignas de mencionar-se aqui, entre «outras quintas d'este sitio, a de *Santa Bar-«bara*, situada nas encostas da margem di-«reita, e pertencente ao sr. Albano de Al-«meida Coutinho, de Trevões; e a *quinta do «Bom Retiro*, na margem esquerda.

—

SEIXO — aldeia, Douro, freguezia de Fanzeres, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado, e 9 kilometros a E. do Porto.

Ha aqui uma mina de carvão fossil, propriedade do sr. Justino Antonio Moura Soeiro, que lhe foi concedida em 13 de agosto de 1879.

SEIXO — Vide *Vilella do Tâmega*.

SEIXO — mosteiro, Beira Baixa, entre a villa do Fundão, e a Aldeia de Joannes.

Foi de religiosos capuchos da Piedade, e tinha a denominação de *mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, do Seixo*.

Como aos frades não agradasse o sitio, mudaram em 1553, para mais perto do Fundão, concorrendo o povo d'esta villa com grandes esmolas, para esta mudança.

Ainda existe a egreja que foi dos frades, e n'ella a imagem da padroeira, á qual agora denominam *Nossa Senhora do Seixo*, e está collocada sobre o mesmo Seixo, ou penhasco em que appareceu.

Este mosteiro havia sido fundado pelos annos de 1526; mas foi abandonado 27 annos depois, em razão de ser um sitio aspero e desabrido, principalmente no inverno: todavia o novo mosteiro, fica apenas uns 200 metros do logar onde era o antigo, e a ermida da Senhora está no fundo da cêrca (que ainda é a mesma).

Teve a capella eremitães, que a corôa apresentava, porque os seus rendimentos eram valiosos.

D. João III, por uma carta régia, de 23 de outubro de 1522, deu esta ermida e terreno adjacente — que era da corôa — aos capuchos piedosos, para construirem aqui um mosteiro.

Hoje está tudo em ruinas.

SEIXO ou **SEIXO DE GATÕES** — villa, districto, comarca e concelho de Monte Mór Velho. Vide *João* (S.) ou *Seixo de Gatões*.

Gatão (ou *Agatão*) é nome proprio d'homem.

D. Ordonho, rei de Leão e das Asturias, filho de D. Ramiro II, foi casado trez vezes — a primeira, com D. Elvira, neta do conde *Gatão*, que era um dos senhores principaes da Galliza — a segunda, com D. Aragonta, nobilissima senhora, da provincia de Entre Douro e Minho. (Parece que nasceu na aldeia da *Pena da Rainha*, entre os rios Lima e Minho, e consta que d'essa circumstancia obteve o sobrenome).

Consta tambem que esta rainha fez couto, o logar do seu nascimento e lhe deu foral: o que é certissimo, é que D. Affonso III, deu foral a Pena da Rainha, em Lisboa, a 4 de julho, de 1268 (*Livro 1.º de doações de D. Affonso* III, fl. 90, col. 2.ª, in fine — e Livro 3.º dos *Bens proprios d'El-Rei*, fl. 38).

D. Ordonho, repudiou esta segunda mulher, que se fez religiosa.

—

SEIXO – freguezia, Beira Alta, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira, 36 kilometros de Lamêgo, 335 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 45.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamêgo, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, da villa de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha réis 18$000 de congrua e o pé d'altar.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 102 v., col. 1.ª).

Tem trez capellas publicas — uma na aldeia do Telhal, outra na de Vallongo, e ou-

tra na de Fiarresga — e um oratorio particular, na quinta que foi de Belchior Pereira, de Penedôno.

É terra fertil.

SEIXO AMARELLO — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros da Guarda, 310 a E. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 82.

Orago, Nossa Senhora da Conceição (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Nossa Senhora da Assumpção).

O réal padroado, apresentava o prior, que tinha 150$000 réis.

Pertenceu ao termo da villa de Castello Novo.

Ha n'esta freguezia e proximo á aldeia de Seixo, a ermida de Nossa Senhora das Cabeças, construida sobre um monte, em parte arborisado e em parte cultivado, havendo junto á ermida, uma fonte de bôa agua potavel.

É esta ermida muito concorrida de romeiros, em todo o decurso do anno; porque attribuem á Senhora, a virtude de curar as dores de cabeça.

A sua festa principal, é a 15 de agosto, e foi muito concorrida de gente dos arredores e até de povoações muito distantes, que lhe trazia grande cópia de cabeças de céra, coifas de trigo, dinheiro e outras offertas e esmolas.

É uma ermida espaçosa e alegre, com capellla-mór, altar principal e dois lateraes, no corpo da egreja. É muito antiga e foi feita á custa da freguezia.

—

Para rectificar uma inexactidão que ha no artigo *Oliveira dos Arcos*, com respeito aos senhores condes de Bahia, dou aqui os competentes esclarecimentos.

O primeiro visconde da Bahia, foi Manoel Maria da Piedade Coutinho Pereira de Seabra e Souza Tavares Horta Amado e Cerveira. Foi-lhe dado o titulo, pelo principe regente (depois, D. Joao VI) em 13 de maio 1796, pelos serviços de seu pae, José de Seabra da Silva, que, no reinado de D. José I, foi guarda mór da Torre do Tombo, procurador da corôa, desembargador do paço, ajudante do marquez do Pombal, na secretaria dos negocios do reino; porém este o fez degredar para as Pedras-Negras de Pungo-Adongo, em Angola. Voltando para o reino, D. Maria I o fez grão-cruz das ordens de Christo e Conceição, conselheiro d'estado, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e presidente da junta do codigo penal. Foi capitão de cavallaria, e serviu na guerra peninsular, concorrendo com grandes donativos para as despezas da mesma.

Nasceu a 26 de outubro de 1785 e falleceu a 24 de outubro de 1833.

Tinha casado, em 8 de dezembro de 1803 com D. Anna Isabel de Saldanha Oliveira e Daun, filha dos primeiros condes de Rio-Maior, e irman do marechal Saldanha. (Vide 8.º vol., pag 339, col. 1.ª)

D'este matrimonio houve 10 filhos.

1.º *José Maria*, nascido a 26 d'agosto de 1804, e fallecido a 13 de dezembro de 1817.

2.º *D. Maria Amalia Isabel*, nascida a 19 de novembro de 1806, e fallecida a 29 de novembro de 1829.

3.º *João Maria*, 2.º visconde, e do qual adiante trato.

4.º *Manoel Maria da Piedade*, nascido a 11 de novembro de 1812, e fallecido a 2 de dezembro de 1831.

5.º *D. Francisca Isabel*, nascida a 11 de novembro de 1813. Casou em 26 de novembro de 1836, com seu primo, D. João Francisco de Paula d'Almeida e Silva Sanches de Baena Farinha, moço fidalgo, trinchante-mór e senhor dos mórgados de Oliveira dos Arcos e de Linhares, nascido a 18 de agosto de 1806, e primeiro filho de Fernando Antonio d'Almeida e de D. Francisca de Paula Saldanha, fallecida em 1867.

6.º *D. Maria Leonor Ernestina*, nascida a 8 de dezembro de 1815.

7.º *D. Marianna Isabel*, nascida a 6 de junho de 1819.

8.º *Francisco Maria da Piedade*, nascido a 4 de outubro de 1820.

9.º *Antonio Maria Ludger* nascido (em França) a 26 de março de 1822.

10.º *D. Maria Constança*, nascida (tambem em França) a 23 de junho de 1824.

—

Segundo visconde da Bahia

João Maria da Piedade Coutinho Pereira de Seabra e Souza Tavares Horta Amado e Cerveira, 13.º mórgado de jure, da cidade da Bahia, commendador da ordem de Christo, nascido a 11 d'agosto de 1808, e succedeu a seu pae, a 24 de outubro de 1833.

Primeiro conde da Bahia

O sr. D. Miguel I, fêz primeiro conde da Bahia, em 2 de outubro de 1833, no Paço do Lumiar, durante o cêrco de Lisboa, a Manoel Maria Coutinho Pereira de Seabra Souza Tavares, fallecido em Santarem, a 24 de outubro de 1833, sendo conde, apenas 22 dias.

No dia seguinte (25) mandou o sr. D. Miguel I, o seu primeiro ajudante d'ordens — o marquez de Bellas (pae do conde de Pombeiro, e avô do actual marquez de Bellas) entregar ao actual conde da Bahia, o decreto pelo qual o dito senhor o nomeava segundo conde da Bahia, em memoria dos relevantissimos serviços de seu pae, que era ajudante de campo do sr. D. Miguel.

Condes d'Oliveira dos Arcos

O primeiro conde d'Oliveira dos Arcos (feito pelo sr. D. Miguel I, durante o seu reinado) foi D. Fernando Antonio d'Almeida e Silva Sanches de Baena Jaques Farinha de Vasconcellos e Souza — trinchante-mór da casa-real, ALCAIDE-MÓR DE SEIXO AMARELLO, commendador de Santo André de Esgueira (da ordem de S. Thiago) senhor dos mórgados de Oliveira dos Arcos, Linhares, Valle de Morellos, Soccorro (de Lisboa) e outros. Foi capitão de granadeiros, do regimento de Lippe (infanteria n.º 1) e em 1805 sentou praça na mesma companhia, a seu primo e cunhado, o futuro duque e marechal Saldanha.

O conde passou depois a coronel de milicias, onde serviu alguns annos. Foi por fim, o ultimo presidente do conselho da Fazenda.

Nascêra a 20 d'agosto de 1769, e falleceu, em Abrantes, a 3 de março de 1834.

Tinha casado, em outubro de 1805, com sua prima, D. Francisca de Paula de Saldanha, quinta filha dos primeiros condes de Rio-Maior, nascida a 15 de janeiro de 1786, e fallecida tambem em Abrantes, a 6 de fevereiro de 1834, 19 dias antes de seu marido.

Entre outros filhos, tiveram.

1.º *D. João Francisco de Paula d'Almeida e Silva*, que continúa.

2.º *D. José d'Almeida e Silva*, nasceu a 4 de fevereiro de 1809, e falleceu a 11 de fevereiro de 1869, conego da extincta Patriarchal, e por alguns annos membro da commissão do Asylo de Mendicidade (onde prestou grandes serviços) commendador na Ordem d'Aviz, e foi o ultimo D. prior de Guimarães.

3.º *D. Manoel d'Almeida e Silva*, nasceu em 12 de maio de 1815, servio com muita distincção no exercito Piemontez, e fez parte da commissão Piemonteza que veio a Portugal buscar o corpo d'el-rei Carlos Alberto, fallecido na cidade do Porto em 1849. Morreu em Turin em 1851, sendo capitão do regimento n.º 13, da brigada Pignerol.

4.º *D. Francisco d'Assiz d'Almeida*, nasceu a 28 de março de 1819, é major de infanteria, e foi ajudante d'ordens de seu tio o duque de Saldanha; Grão-Cruz de S. Gregorio Magno, e condecorado com a Torre Espada e varias ordens extrangeiras, casou a 21 de maio de 1856 com D. Carlota Augusta Ferreira, tem geração.

5.º *D. Antonio d'Almeida e Silva*, nasceu a 29 de dezembro de 1821, é doutor em direito pela Universidade de Coimbra, commendador das Ordens Romanas de S. Grego-

rio Magno, e de S. Silvestre, da da Conceição em Portugal, e cavalleiro da Ordem de Malta, e um dos mais distinctos escriptores catholicos. Casou em Coimbra em 2 de fevereiro de 1873, com D. Maria Rachel do Rego Ernesto de Carvalho, e tem geração.

6.º *D. Rodrigo d'Almeida e Silva*, nasceu a 22 de dezembro de 1823, é cavalleiro da Torre Espada, e da Conceição, e capitão do regimento de cavallaria n.º 3.

7.º *D. Marianna d'Almeida e Silva*, nasceu a 2 de agosto de 1820, casou a 30 de novembro de 1854, com seu primo, Antonio Coutinho Pereira de Seabra e Souza, filho dos primeiros condes da Bahia; tem geração.

2.º *D. Francisco de Paula d'Almeida e Silva Sanches de Baena Jaques Farinha de Vasconcellos e Souza*, nasceu a 18 de Agosto de 1806, e, como primogenito, succedeu em toda a casa de seus paes, e no officio de trinchante-mór da casa real, cargo em que principiou a servir em 1823, sendo por isso hoje o decano dos officiaes móres. Servio no antigo exercito, acabando em capitão de infanteria do regimento n.º 16 ao tempo da convenção de Evora Monte. Conserva-se completamente retirado da politica. Casou a 26 de novembro de 1836 com sua prima co-irman, D. Francisca Isabel Coutinho, terceira filha dos primeiros condes da Bahia, nascida a 11 de novembro de 1814, e fallecida na Ilha da Madeira a 10 de dezembro de 1866, e tiveram entre outros filhos já fallecidos;

1.º *D. Fernando Antonio d'Almeida e Silva*, nasceu a 14 de outubro de 1841. É o primogenito e conserva-se solteiro.

2.º *D. João d'Almeida e Silva*, nasceu a 5 de fevereiro de 1845, casou em 1869 com D. Maria Francisca de Vasconcellos, filha de Antonio Alexandre Monteiro, proprietario, e de D. Anna Peregrina de Vasconcellos.

3.º *D. José d'Almeida e Silva*, nasceu a 13 de novembro de 1846, está actualmente fóra de Portugal.

4.º *D. Antonio d'Almeida e Silva*, nasceu a 10 de abril de 1851, e falleceu a 9 de dezembro de 1873, e é de quem trata o — *Portugal Antigo e Moderno*, no artigo *Oliveira dos Arcos*.

5.º *D. Maria Francisca d'Almeida e Silva*, nasceu a 15 de setembro de 1839, e casou a 3 de março de 1862, com Jorge Theophilo Ferreira da Veiga.

6.º *D. Maria das Dores d'Almeida e Silva*, nasceu a 8 de março de 1856.

SEIXO BRANCO — logar no termo de Odemira, onde ha uma mina de ferro e manganez, manifestada em novembro de 1876, por Alfredo Andays.

SEIXO D'ANCIÃES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anciães, comarca de Moncôrvo, 110 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

Proximo a esta aldeia do Seixo, e acima da capella de Nossa Senhora a Velha, ha tres covas — uma, de 25 palmos d'altura, e duas de 30, tão largas, que no fundo de cada uma d'ellas, estão plantadas muitas oliveiras. É tradição constante por estes sitios, que foram minas d'ouro, ou de prata, lavradas pelos romanos, ou pelos mouros, e que a ellas vinha agua, por uma levada, construida no ribeiro da Osseira, no sitio dos Pisões, por baixo de Bésteiros, que

dista d'alli 6 kilometros, e que corria pelo despenhado d'aquellas ladeiras, e da qual (levada) ainda ha vestigios.

Dentro de uma concavidade que está por baixo d'estas covas, pegada a ellas, e quasi entupida, ha (segundo dizem pessoas que n'ella entraram) varias salas, e que d'estas, por uma galeria subterranea, se vae ter ao rio Douro, que está a 3 kilometros de distancia.

A este sitio se dá o nome de *Valle de Covas*.

SEIXO DAS PEDRAS — logar do têrmo de Mértola, onde ha uma mina de manganez, da qual foi considerado descobridor legal, Rufino Basilio Rachão, em 25 de novembro de 1876.

SEIXO DE MANHÓZES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 75.

Orago Santa Barbara, virgem e martyr.

Arcebispo de Braga, distrito administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem annexa a freguezia de Gavião.

SEIXO DO CÔA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar Maior), 24 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, Nossa Senhora das Neves. (Antigamente, foi Santa Maria Magdalena, segundo diz o *Portugal Sacro*).

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior da freguezia da Faia, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

Não pude obter mais esclarecimentos, com respeito a esta freguezia.

SEIXO DO ERVEDAL — villa, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tâbua (foi da comarca de Gouveia, e do extincto concelho do Ervedal), 75 kilometros ao E. de Coimbra, 280 ao NE. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1768, tinha 261.

Orago, S. Pedro *ad Vincula*.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 102 v., col. 1.ª)

É povoação muito antiga, e nenhum livro dá mais apontamentos do que os que ficam escriptos. O sr. dr. Henriques Sêcco, na sua *Memoria historico-chorographica*, nem traz o concelho do Ervedal (que ainda então existia), trazendo todos os mais do districto administrativo de Coimbra.

Eu podia escrever ao parocho do Seixo, ao administrador do concelho, ou ao presidente da camara d'Oliveira do Hospital; mas o mais provavel (mesmo o mais certo) era ficar sem resposta, como me tem acontecido centenares de vezes com outras localidades, e então, não me quiz arriscar a mais este desgôsto.

Apenas o sr. Ricardo Pinto de Mattos, no seu *Manual Bibliographico portuguez*, pag. 335, diz que frei Francisco de Jesus Maria Sacramento, nasceu no *logar do Seiyo, bispado de Coimbra*; mas não diz se é esta freguezia, se outra de egual nome, no concelho de Monte-Mór-Velho.

Este frade franciscano foi bacharel em direito, examinador das trez ordens militares, e provincial da sua ordem.

Entre muitos livrinhos devotos, escreveu —*Historia biblica, em latim e portuguez*, em 44 volumes, de 4.º pequeno —*Flos sanctorum doutrinal*, em 2 volumes.

Ambas estas obras são de muito merecimento, e difficeis de encontrar á venda.

SEJÃES — freguezia, Beira Alta, concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 53.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Oliveira de Frades, apresen-

tava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

O territorio d'esta freguezia é bastante accidentado, mas tem valles muito ferteis, cria muito gado, e é abundante de caça.

SÊJO — portuguez antigo — primeira pessoa do presente do indicativo do verbo ser — *sou*.

SELAVÍZA — Vide *Celaviza*.

SÉLHA — portuguez antigo — sélla.

SELHARIZ, ou **SALHARIZ** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 38.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Santa Maria de Moreiras, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

SÊLHO — Todas as freguezias, e o rio d'este nome, se acham descriptas em *Cêlho*.

SELIR — Vide *Salir*.

SELLADA — portuguez antigo — portella. (O logar mais baixo de uma serra).

SÉLMES — freguezia, Alemtejo, concelho da Vidigueira, comarca de Cuba, 45 kilometros ao O. d'Evora, 130 ao S. de Lisboa, 295 fogos.

Em 1768, tinha 287.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo e 5$000 réis em dinheiro.

Sélmes é corrupção do árabe *salem* (que elles pronunciavam *saléme*). É nome proprio de homem. Significa — *salvo, livre, isento*, etc.

—

No dia 8 de novembro de 1817, pelas 6 horas da tarde, cahiu toda a frontaria da egreja matriz da freguezia.

D'ahi a uma hora foi removido o SS. Sacramento (em procissão) para a ermida do Espirito Santo, tendo de sahir pela porta da sachristia, em vista da densa nuvem de pó que havia dentro do templo, a ponto de se não ver o que estava demolido, e se a abobada ameaçava perigo imminente.

No mesmo dia, D. Feliciana Rosa, pediu licença ao parocho para levar para a sua capella as santas imagens, das capellas lateraes da matriz, visto que as duas capellas publicas da parochia (a referida do Espirito Santo, e a de S. João Baptista) não tinham altares com a sufficiente capacidade para accommodar as imagens, com a devida decencia; e ellas foram removidas para a referida capella particular, pelas 8 horas da manhã do dia 9.

Quasi 50 annos esteve a egreja desmantelada e sem culto, e ainda hoje assim estaria, se não fosse a coragem e devoção de uma alma verdadeiramente christan, que á sua custa, e com grande dispendio da sua fazenda, reedificou o templo desde os seus fundamentos.

A abertura da nova egreja parochial teve logar, com grande pompa e magnificencia, no domingo 27 de maio de 1877.

—

Transcrevo um folhetim que o sr. padre J. M. M. de Seabra publicou no jornal *A Nação*, e que foi reproduzido por varios outros jornaes. É o seguinte:

«Era o dia 27 do mez proximo passado: a aldeia de Selmes regorgitava de forasteiros!

«Os *celebres* carros alemtejanos, ultima negação da elegancia e da commodidade, transportavam das povoações circumvisinhas visitantes aos milhares! — Esses antagonistas do progresso, do *wagon* e da electricidade, que fazem soffrer ao infeliz viajeiro tormentos incriveis — apenas comparaveis áquelles porque passa o misero roedor, quando boçal creada o martyrisa, sacudindo fortemente a ratoeira em que foi colhido — conduziam familias empilhadas, offegantes, mas d'um heroismo tal, que substituiam por festivaes canções o hymno da morte, d'uma morte provavel — o *morituri te salutant*, dos escravos da antiga Roma!

«Luzidas cavalgatas davam entrada *triumphal*, ao som dos foguetes, que traduziam as mais santas alegrias na sua linguagem de ensurdecer!

«Era incessante, inusitado n'aquellas paragens o redemoinhar das multidões!

«A campezina Selmes deixára de ser a pobre aldeia, que desconhece o bulicio e o trajar da côrte; era o *fac simile* d'uma cidade culta, que não sabe assistir ás maiores solemnidades sem envergar a tradicional casaca! Um passo mais, e conquistava os fóros de cidadan!

«Um ancião venerando, o ex.mo sr. *José Estevens Mendes Thomaz*, mórgado da Rabadôa; resolvêra legar ao povo de Selmes, um monumento da sua piedade! A egreja parochial, cahida em ruinas depois de longa data, acabava de ser reedificada a expensas d'este prestante cavalheiro!

«O jubilo transparece em todos os semblantes.

«—O sanctuario é magestoso, magnifico, e entre as bellezas dignas d'especial menção, é muito para se ver, o throno da capella maior —bello camarim—maquineta encimada por uma corôa—tudo do mais fino marmore e trabalhado com uma perfeição inexcedivel. —No ultimo altar do lado da Epistola, ha um quadro do Archanjo S. Miguel—bem colorido—toques vigorosos—correcção de desenho—e se não póde figurar vantajosamente a par d'um quadro de Rubens, do Grão Vasco, de Vieira ou de Pedro Alexandrino, nem por isso deixa de ser obra apreciavel.

«Agora convido o leitor para assistir á solemnidade: a orchestra é composta de professores, que se dizem *curiosos*, de mancebos sympathicos e da mais aprimorada educação. Já, por vezes, ouvira fallar com louvor da Associação Philarmonica de Beja: mas é pouco tudo quanto possa dizer-se de tão notaveis *dilettanti*.

«A melhor orchestra de Lisboa, não executava com mais bravura a symphonia do *Atila*, a missa do *maestro* Santos Pinto e as differentes composições musicaes, ouvidas com tanto agrado nos dias 27 e 28 do mez que acabou! Além dos insignes amadores, que tanto abrilhantaram as funcções religiosas, fez-se ouvir a filha mais velha do sr. morgado da Appariça, menina de quatorze annos e d'uma singeleza patriarchal, e o sr. Engracio de Jesus Brotas, distincto pianista, e amigo dedicado do sr. morgado Estevens.—E agora seja-me licito felicitar os paes de tão illustre menina e dar um aperto de mão aos eximios philarmonicos de Beja. —Os oradores foram o sr. dr. Romão Guimarães, e o humilde escriptor d'estas linhas. Pena é que ainda não chegasse o tempo de cada um fazer e assignar o seu elogio—e digo *fazer e assignar*, porque tenho visto muitos, feitos, mas não assignados pelos panegyristas de si mesmos—por isso guardarei silencio a meu respeito, mas não assim a respeito do meu amigo e collega, que esteve sempre á altura da sua intelligencia e, se alguem o duvidasse, bastaria ler-lhe o discurso, que elle pronunciou e deu á estampa.

«Tendo-me imposto os deveres de chronista não devo omittir um episodio galante e commovente: no ultimo dia da festividade, quando o sr. Estevens se retirava para casa, vê-se cercado por homens, mulheres e creanças, que o abraçavam á porfia e lhe faziam uma ovação estrondosa, bradando: *Viva o fidalgo da Rabadôa!* As lagrimas corriam espontaneas; mas o sr. Estevens, querendo fingir, que não tinha coração, dizia, chorando tambem: *então esta gente não me hia fazendo chorar!*

«As festas correram sempre com a maior regularidade e brilhantismo. Eram muitos e escolhidos os convivas do sr. morgado: de Beja estavam os ex.mos Matta Janeiro, dr. Rosado, major Almeida e alguns dos philarmonicos; além d'estes, muitos cavalheiros da intimidade do sr. Estevens: e basta dizer da *intimidade* do illustre mórgado para os leitores ficarem sabendo, que era uma reunião selecta de homens de bem.

«Em tudo o que fica dito, não ha um vislumbre de lisonja, porque a detesto: ha, tão sómente, a expressão da verdade.

Padre *J. M. M. de Seabra.*»

Pouco mais de sete mezes, teve o sr. Estevens a satisfação de vêr a sua obra, na terra; mas foi na mansão dos justos receber o premio de todas as suas virtudes. Falleceu este caridoso e exemplar catholico, no dia 12 de janeiro de 1878.

A *Esperança*, n.º 11, de 14 de janeiro de 1878, publicou o seguinte necrologio:

«*Justorum animae in manu Dei sunt, non tanget illos tormentum mortis; visi sunt oculis insipientium mori, illi autem sunt in pace.*

«Succumbiu ao peso da morte um dos nossos melhores amigos, um d'esses velhos portuguezes *d'antes quebrar que torcer.*

«Legitimista de coração, catholico deveras, amigo e protector dos pobres, como poucos, o ex.mo José Estevens Mendes Thomaz, era a alegria dos habitantes de Selmes e seus contornos.

«Quem diria, ainda ha pouco, quando o illustre finado reedificava, a expensas suas, a egreja parochial de Santa Catharina de Selmes e convidava para assistirem á reabertura d'aquelle templo magestoso, os seus amigos, que eram todos os que o conheciam, sem distincção de opiniões politicas; quem diria que aquella alma tão grande, tão generosa, desprendendo-se do seu involucro, voaria para as regiões eternas, deixando immergido na dôr e n'uma quasi orphandade um povo inteiro?! Justos e imprescrutaveis são os juizos de Deus!

«Louvemol-o e façamos subir até ao Seu throno de Luz as nossas humildes preces por alma d'aquelle que foi o modelo da honra e da caridade.

«Em meio da nossa justa dôr, damos sinceros pesames a seu sobrinho e nosso amigo o ex.mo sr. Francisco do Cabo d'Arce, e a todos os seus.

«P. N. A. M.»

SELORES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Carrazêda de Anciães, comarca de Moncôrvo, 135 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 89 fogos.

Em 1768, tinha 86 fogos.

Orago, S. Gregorio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Anciães, apresentava o vigario, collado, que tinha cincoenta mil réis.

É terra pobre, mas cria muito gado, de toda a qualidade. Caça.

SEM—portuguez antigo—não.

SEM — portuguez antigo—sobrenome, titulo, ou alcunha, que se acha frequentemente nos seculos 15.º e 16.º; mas ficando-se em duvida, de que, se se entendia por *Sem*, ou *Osem*, nos seguintes documentos:

Em uma provisão de D. Affonso IV, dirigida a *Pero do Sem*, se acha elle assignado no fim d'ella assim — *Petrus de Sensu vidit.*

Em 15 de novembro de 1438, fez dar, D. Affonso V, do livro das *Hordenações da chancellaria*, aos da cidade de Viseu, o capitulo 19 das côrtes de Santarem, de 1434, pelo doutor *Joham d'Osem, do seu concelho*, e *chanceller mór*: e este assigna assim — *Johanes de Sensu, hegum Doctor.*

Em um documento de S. Thiago de Cacem, do anno de 1500, se lê—*João Acenso*, sobrenome então muito usado n'aquella villa. Em outras terras, tambem se vê com muita frequencia o sobrenome de *Accenso* e depois *Assensio*. Talvez que d'aqui por contracção, se dissesse *Sensu, Acensu, Sem*, e *Osem.*

Tambem póde ser derivado do árabe *Ocem*, ou *Ossem*. Na *Historia de D. João de Castro, 4.º vice-rei da India*, figura um *Mir-Ocem.*

SEMANA — (nome dos dias da semana, entre varios paizes.)

Este artigo ainda que pareça alheio ao programma do *Portugal Antigo e Moderno*, não o é, e ninguem póde dizer, com razão, que não seja interessantissimo.

Philologia dos dias da semana

«*Domingo.*—Sanskrito *ádityávara*, dia do sol personificado em Indra, chefe dos deuses e senhor do ceu—hindústani *itvar*—hindú *rabibâr*—goanense *aitár*—saxonio *sonnadoeg*, dia do sol—allemão *sonntag*, dia do sol—inglez *sunday*, dia do sol—latino *dies dominica*, dia do Senhor, corresponde á personificação de Indra—italiano *domenica*—hespanhol—*domingo*—francez *dimanche*. São corrupções do latino, como umas são do sanskrito e outras do saxonico.

«*Segunda-feira.*—Sanskrito *chandravara* ou *somavara* dia da lua—hindústani *somvar*—hindù *sombar*—goanense *somar*—saxonico *monandoeg*, dia da lua—allemão *montag*, dia da lua—inglez *monday*, dia da lua—latino

lunae dies, dia da lua—italiano *lunedi*—hespanhol *lunes*—francez *lundi*.

«*Terça-feira*. — Sanskrito *mangalávara*, dia de Mangal, deus da guerra ou dia do prazer ou do serviço publico—hindú-tani *mangal*—hindú *mangalbár*—goanense *munglár*—saxonico *tivoesdóeg* ou *tuesdoeg*, dia de Tiwes ou Tig, deus da guerra, dos povos do norte—allemão *dieustag*, dia do serviço militar—inglez *tuesday*, dia de Tues ou Tewes —latino *Martes dies*, dia de Marte, deus da guerra, dos romanos — italiano *martedi* — hespanhol *martes* — francez *mardi*.

«*Quarta-feira*.—Sanskrito *budhavára*, dia de Budha (sabio.) Não se sabe precisamente se se refere ao budha. Sakya Muni, fundador do budhaismo — Hindu-tani *budh* — hindú *budhbár* — goanense *budúar* — saxonico *voden sdoeg*, dia de Woden de Odin, celebre nas tradições dos povos septentrionaes da Europa e avô do famoso Yngue, a quem se attribue o templo de Upsal—allemão *odenstag*, dia de Oden (denominação moderna *metwok* meia semana)—inglez *wednesday*, dia de Woden—latino *Mercurie dies*, dia de Mercurio, filho de Jupiter e de Maia e mensageiro dos deuses entre os romanos—italiano *mercoledi* —hespanhol *miercoles*—francez *mercredi*.

«*Quinta-feira*. — Sanskrito *Vraspativara*, dia de Wraspati, mestre dos deuses—hindustani *jumarat*, deriva da palavra arabe *juma*, dia em que os mussulmanos se reunem na grande mesquita para orar e que corresponde á nossa sexta feira, e do sanskrito *ráta*, vespera, noite, tarde, isto é, vespera de *juma* — hindú *brihaspatibár* — goanense *breshtar*—saxonico *thórsdoeg*—allemão *dounerstag*—inglez *thursday*, dia de Thor, filho mais velho de Odin ou Waden, chefe muito poderoso de uma tribu d'esses povos septentrionaes e summo sacerdote estabelecido no golpho de Rothnea. Contam-nos as tradições anglo-normandas a seguinte passagem a respeito de Thor:

«Um dia convidou elle aos seus filhos Nor e Ghor para um solemne sacrificio; seus filhos annuiram ao convite quizeram levar comsigo a sua irman raptada. Sairam por tanto os dois irmãos em procura d'ella, Nor por terra e Ghor por mar. O primeiro, passando as montanhas, encontrou uma planicie immensa e uma nação guerreira, governada por um chefe chamado Rolpho. Este tinha lhe roubado a irman. Informado do seu poderio não se atreveu a atacal-o; deixou a sua irman na posse do raptor e proseguiu. No meio do caminho, descobriu o paiz, entre o oceano e os Alpes dofrinos, e deu-lhe o nome de *Norwoeg*, caminho de Nor. Eis aqui a origem da Noruega, segundo esta tradição. A denominação da quinta feira entre os latinos era de *joves dies*, dia de Jupiter, seu deus supremo — italiano *Geovedi* — hespanhol *jueves* — francez *jeudi*.

«*Sexta feira*. — Sanskrito *sukrávara*, dia de Sukrá, deusa da felicidade e do amor, entre os antigos hindús — hindú *sukrabár* —goanense *soukrar* — hindustani *juma*, (origem arabe como já dissemos adiante) — Saxonico *frigdoeg* — allemão *freitag* — hollandez *vrydag* — inglez *friday*, dia de Freya ou Frigga, deusa do amor, dos povos do norte. D'aqui se deriva o allemão *frau* — o irlandez *frig* — e hollandez *vrouv*, mulher. Latino *Veneres dies*, dia de Venus, deusa do amor, entre os romanos — italiano *venerdi* — hespanhol *viernes* — francez *vendredi*.

«Temos visto já, que as denominações em portuguez para os cinco dias não tem nenhuma analogia com as dos outros povos; são despidas de toda a ligação historica como em hebraico, que se exprimem pelo auxilio dos adjectivos numero-ordinaes.

«*Sabbado*. — Deriva do hebraico *sabath*, dia do descanço — latino *Saturni* ou *sabathi dies* — italiano *sabatto* — hespanhol *sabado* — francez *samedi* — saxonico *soeterdoeg*, dia de Saturno, filho do céo e da terra — inglez *saturday*, dia de Saturno — allemão *samstag* dia do repouso — sanskrito *canivara* dia de Cani, filho do sol — hindustani *sanichar* — hindú *sanibár* — goanense *sônvar*».

Gonçalves Cardoso.

SEMEAVEL — portuguez antigo — semelhante.

Hoje diz-se *semelhavel*.

SEMEDEIRO e **SEMIDEIRO** — portuguez

antigo — carreiro; atalho; caminho estreito, só para gente de pé.

SEMÉL — portuguez antigo — descendencia, posteridade, filhos, netos, etc. — Vem do latim *semen* — semente. — *Elle declarava que, mancando* (faltando) *semél no postrimeiro padrom* (primeiro padroeiro) *nom era contente que ouvesse n'ella outro padrom.*

Fundação de Penaguião, de 1191.

SEMÊLHE — freguezia, Minho, arcebispado, districto administrativo, comarca, concelho e 2 kilometros a S. O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 66.

Orago, S. João Baptista.

O reitor do collegio de Nossa Senhora do Populo, de Braga, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o mórgado antigo de Semêlhe, hoje unido á casa dos Bandeiras, de Traz da Sé, da cidade do Porto, por casamento de D. Maria Felizarda Pereira do Lago Porto-Carreiro, actual senhora e representante da casa de Semêlhe, com Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, fidalgo da casa real, da familia dos Freires d'Andrade, de Leomil.

Ha, na *Veiga de Sandarão*, d'esta freguezia, a antiquissima e nobre casa do *Real-Novo*, junto á estrada que vae para Braga, e foi solar de uns grandes fidalgos, como ainda no seculo passado o demonstravam os brazões que se viam em um grande edificio, pertencente a uma extensa quinta.

Diz-se ter sido de uma senhora, chamada D. Thereza, irman de um arcebispo de Braga, casada com Francisco Gomes d'Abreu, descendente dos Abreus de Regalados. Não havendo filhos d'este casamento, deixaram esta quinta — a que agora chamam *de Paços* — a uma sua irman, casada na casa dos Azevedos, de Braga. (Vide adiante).

D. Thereza e seu marido, foram enterrados no mosteiro de Villar de Frades, ao qual deixaram um valioso legado, para lhes dizerem os frades muitas missas por suas almas. No testamento, impunha-se ao caseiro d'esta quinta, a pensão annual de um alqueire de mostarda, para o mosteiro.

Das inquirições do Rei D. Diniz, n'esta freguezia, se menciona *uma quinta honrada, á qual então chamavam Ria* (talvez êrro de cópia, ou tivesse o *l* final apagado) *e era de D. Thereza e filhos de D. Pedro Velho.* (Esta D. Thereza, era sobrinha da outra D. Thereza, e do tal arcebispo).

Parece que o arcebispo não esteve pela doação que a irman fez á sobrinha, porque houve uma grande demanda entre elle e o referido D. Pedro Velho, chegando a haver censuras; e a quinta foi durante a demanda, por vezes demolida e reedificada.

Vide *Real*, no 8.º vol., pag. 62, col. 2.ª, no fim.

Esta freguezia é antiquissima, e já habitada no tempo dos romanos.

No tempo do conde D. Henrique, chamava-se *Villa de Samuel*, ou de *Samuelle*. Depois se chamou *Samuel-Real-o-Novo*, e, por abreviatura, *Real-o-Novo*.

D. Martinho Geraldes, arcebispo de Braga, que em 1259 instituiu o morgado de Montariól, nasceu n'esta freguezia.

Na *Veiga de Sandarão*, d'esta freguezia, e na referida quinta de Real Novo, se fizeram escavações ha poucos annos, e se acharam então, restos de edificios romanos; grande porção de tijolos muito grossos, e varias medalhas, dos imperadores Tiberio e Néro.

SEMÍDE — villa, Douro, concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan. (Vide *Cemíde*).

SEMILANES — antiga villa do Minho, entre os rios Ave e Deste, situada debaixo do monte de S. Miguel. — Alguns sacerdotes edificaram aqui um mosteiro benedictino, da invocação de S. Matheus, apostolo e evangelista, e de S. Gens, martyr.

Esta fundação teve logar no anno de 1085.

Já não resta d'este mosteiro senão a tradição, e o que diz o livro *Fidei*.

SEMPRE-NOIVA, ou **SEMPRE NOVA** — era uma antiga villa (Alemtejo?) que existia no tempo de D. Pedro I, e de seu filho D. Fernando. Eram senhores da tal villa os Abreus, condes e senhores de Regalados. Não ha o minimo vestigio de semelhante *villa*. Supponho que era alguma *casa de campo* que ainda conservava o antigo nome de villa, e que mudou de denominação.

SÊNA — antigo nome da actual villa de Cêa.

SENATUS — (S. P. Q. R.)— Com respeito a estas quatro iniciaes, inscriptas no pendão da procissão de Passos, têem-se perdido em conjecturas muitos dos nossos homens do povo, e nós vamos satisfazer a sua natural curiosidade, dando-lhes, a esse respeito, uma noticia, que é historica.

Julgando os sabinos haverem chegado ao apogeu da sua superioridade sobre os demais povos, inscreveram nos seus estandartes as letras referidas S. P. Q. R. que decifravam do seguinte modo — *Sabinus populus quem resistet?*—(Aos povos sabinos quem resistirá?)

Os romanos, com verdadeiro orgulho, responderam—*Senatus populus que romanus.* —(O senado e o povo romano.)

As quatro letras S. P. Q. R. figuraram no làbaro romano, quando conduziram ao *Golgotha* o Homem Deus, e por isso teem, depois da vinda de Christo, a alta significação de—*Salva populum quem redemisti.*—(Salva o povo a quem remiste.)

SENDAS — freguezia, Traz-os-Montes, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 7 kilometros de Bragança, 45 de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Seenda (Senda) é portuguez antigo—significa—habitação, casa, ou convento, etc. —Vem do latim *Sedes.*

Hoje, *senda* tem outra sigdificação—quer dizer—atalho, verêda, ou caminho estreito. —Vem do latim, *Semita* (quasi (*semi-iter.*)

SENDELGAS — Vide 5.º vol., pag. 515, col. 1.ª

SENDIM —Vide *Sandim.*

SENDIM, ou **SINDIM** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro) 18 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 270.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O commendador de Malta, de Algoso, e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

SENDIM, ou **SINDIM** — villa, Beira Alta, concelho e 8 kilometros de Taboaço, comarca d'Armamar (foi da comarca e concelho de Taboaço), 30 kilometros ao E. de Lamego, 30 de Trancoso, 10 ao N. de Moimenta da Beira, e 355 ao N. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1768, tinha 312.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do Livramento e Bom Despacho).

Bispado e 25 kilometros a E. de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis e o pé de altar. (Vide adiante).

Está n'esta freguezia um monte imminente ao rio Távora (que fica 1 kilometro a E., ficando a villa ao O.) N'este monte se vê a ermida da Senhora do Bom Despacho e da Livração, á qual o vulgo dá o titulo de *Senhora das Casas.* (Dá-se-lhe este titulo, porque, quando alguma pessoa da villa está doente, vão buscar a santa imagem e a levam a casa do enfermo.)

É templo antigo, e não se sabe quando nem por quem foi fundado.

A maior parte da freguezia é situada em planicie, e é muito abundante em todos os generos agricolas, principalmente vinho (que é excellente) e linho.

Foi povoada pelo mouro *Zadam-Aben-Win* (ou *Huim*), regulo de Lamego, em 1030. Este mouro era poderosissimo, e povoou muitos logares da Beira Alta, como temos visto n'esta obra.

No termo d'esta villa estão os celebres *castellos dos Cabriz.* (Vide esta palavra.)

O padre Carvalho diz que D. Affonso III deu foral a esta villa, em 1250; mas Franklin não falla em semelhante foral.

Fica esta villa 120 kilometros ao SE. do Porto, 2 da margem esquerda do Távora, e 8 da foz d'este rio.

Junto á egreja matriz, que está edificada

sobre rochedos, ha dez tumulos árabes, abertos na rocha, o que prova que foi aqui um almocabar mourisco.

É n'esta freguezia o solar dos Guedes, de Moimenta da Beira, e teem aqui uma casa muito antiga, e uma quinta com plátanos gigantescos.

Da estrada que segue da egreja matriz, por cima da povoação da *Aldeia*, goza-se um vasto e lindissimo horisonte, vendo-se um dos môrros da serra da Estrella, quasi sempre coberto de neve.

O que todavia ha de mais fama n'esta freguezia, são os taes *castellos dos Cabriz*, proximos á povoação dos Cabriz, e situados na margem esquerda do rio Távorâ (a 3 kilometros da villa de Paredes da Beira, e proximos do antigo convento de *S. Pedro das Aguias*, hoje, *S. Pedro Velho*.

—

Tem esta freguezia as aldeias seguintes—Sendim (séde da freguezia), Aldeia, Paço, Guedieiros [1], Córte-Nova, Bouçóes, e Cabriz.

Até ao principio d'este seculo, tambem era d'esta freguezia a aldeia da Granjinha, que, em razão da grande distancia a que ficava da egreja, formou parochia independente.

—

Sendim foi concelho, com camara, juiz ordinario e mais auctoridades e empregados, e foi supprimido em 1834. Alem da freguezia da villa, comprehendia as freguezias —dos Arcos, e Paradella.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, e depois da de Trancoso; e, por fim, da de Armamar.

Tinha um capitão de ordenanças, com a sua companhia, sujeito ao capitão-mór de Paredes da Beira.

—

Está situada na vertente oriental da serra de Sendim, na margem esquerda do Távora, e é bastante extenso o seu territorio, e em geral, de clima excessivo.

A egreja matriz, é um templo vasto e sumptuoso, de architectura dorica, e construido no seculo XV, ou principios do XVI.—Foi collegiada, e apresentava as egrejas limitrophes de Paradella, Arcos e Cabaços; mas esta ultima era da apresentação alternativa do parocho de Moimenta da Beira—cada um seu anno.

—

A universidade de Coimbra recebeu os dizimos de Sendim, até 1833, e foi ella que construiu a actual matriz, sobre as ruinas de um templo antiquissimo, talvez mesquita mourisca, como induz a crer o almocabar em que já fallei; todavia, ainda se encontram sepulturas tambem cavadas na rocha, em differentes sitios da freguezia, designadamente, 9 no *Cabêço dos Baganhos*, uns 600 metros a E. da matriz—5 no *Cabêço dos Baguinhos*, proximo á povoação de Guedieiros, uns 300 metros a O. da ermida de São Marcos—e 3 no *Cabêço de S. João*.

A egreja matriz, está na povoação de Sendim, em um dos pontos mais elevados da parochia, na vertente occidental do monte de Santa Luzia. Tem na frente (voltada ao S.) um portico de architectura romana, com fecho de laçaria, e um pelicano no centro. No meio da frontaria está um nicho, com uma figura, de capacete na cabeça e que o povo diz ser a imagem de Nossa Senhora das Neves. (!)

Tem na frente, um cruzeiro de pedra, de primoroso trabalho, semelhante ao que se vê no sanctuario dos Santos Martyres, em Paredes da Beira; e do que está sobre o portão da entrada do pateo de um velho palacete de Fontêllo, em Viseu.

Tem a egreja duas portas travessas—uma ao O., e outra ao E. A esta se chama, por isso, *Porta do Sol*.

Sobre a base de uma torre, demolida em 1778, construiram então um campanario, com duas ventanas.

O adro é vasto e bem murado, tendo na frente um portão, com quatro obeliscos, e dois na rectaguarda.

A egreja tem altar-mór e quatro lateraes. Sobre o arco cruzeiro se lê—1777—provavelmente, data de alguma reconstrucção parcial porque o templo é, com toda a certeza,

[1] Supponho que tem o nome de *Guedieiros*, por ser do senhorio dos *Guedes*.

mais antigo. No centro do tecto, estão as armas de Portugal, em talha dourada.

Com a extincção dos dizimos, acabou a collegiada, e diminuiu muito o esplendor do culto.

Como todos os parochos apresentados pela universidade, eram os reitores d'aqui, formados em qualquer faculdade. Em 1610, alem do pé d'altar e benesses, lhe estava taxado — 100 alqueires de centeio, 30 de trigo, 50 arrateis de céra, 40 almudes de vinho, 2 de azeite, e 10$000 réis em dinheiro, comprehendendo o rendimento do pequeno passal, avaliado (n'aquelle tempo) em 835 réis; mas os parochos eram obrigados a parte dos guizamentos da egreja. No fim do seculo passado, o rendimento d'este beneficio excedia a 200$000 réis.

A collegiada compunha-se de trez beneficiados — um com 120$000 réis — outro com 60$000 — e outro com 40$000 — pagos pelos dizimos das egrejas de Paradella e Arcos. Hoje o parocho tem, anda por 350$000 réis; porem a freguezia é má de curar, pela sua extensão.

A residencia parochial, proxima á egreja, é bastante solida e espaçosa, e contigua ao passal. D'ella se vê a serra da Estrella, a 35 kilometros de distancia; e muitas povoações da Beira Baixa e Traz-os-Montes.

—

O cemiterio parochial é vasto, em logar arejado e pittoresco, entre as aldeias de Sendim e Aldeia. É cercado de muros, e tem um bello portico, feito em 1875.

—

Ha n'esta freguezia dez capellas, que são:

1.ª *Santa Luzia* — na vertente occidental da serra do seu nome, em frente da egreja matriz. É templo pequeno, mas bem conservado, e n'elle se faz a 13 de dezembro (dia da padroeira) uma grande festa, romaria e feira.

2.ª *Senhora do Bom-Despacho* — no alto da Cavalleira, a SE. da matriz.

3.ª *Santa Barbara* — ao S. da egreja matriz, e junto á povoação da Aldeia.

4.ª *S. Miguel, archanjo* — no logar do Paço.

5.ª *S. Marcos, evangelista* — em Guedieiros.

6.ª *Santa Maria Magdalena* — em Cabriz.

Todas estas ermidas bem conservadas e abertas ao culto.

7.ª *Santo Ovidio* — ao NO. da egreja matriz, e pouco distante d'ella. Só tem as paredes.

8.ª *Nossa Senhora da Guia* — junto e ao N. do logar do Paço. Desmantelada.

9.ª *S. Sebastião, martyr* — no sitio de Ferreiros, junto do rio Távora, e uns 500 metros a juzante da ponte de Riodades. Em ruinas.

10.ª *Nossa Senhora de Nazareth* — no centro da villa de Sendim, contigua ao solar dos Guedes, e um dos seus morgados. Em completa ruina, não tendo mais do que as paredes desmanteladas.

Ainda no centro da povoação da Aldeia existia uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora do Rosario*, mas cahiu em ruinas, e hoje, nem d'ella restam vestigios. No local onde existiu está hoje um lagar de vinho!

O *Alto do Facho* é o ponto culminante da serra de Santa Luzia.

Conserva este nome d'esde tempos remotissimos, quando os lusitanos d'alli davam signal de alarma, com fogueiras. (Vide *Almenára.*) Ainda durante a guerra da Peninsula, aqui se accendia o *facho*, para annunciar perigo; havendo *estações* semelhantes, nos pontos mais altos das povoações circumvisinhas. Estes fachos eram pinheiros envolvidos em palha, a que se lançava fogo, para dar aviso da aproximação dos francezes.

Do Alto do Facho se descobre grande parte de quatro provincias de Portugal — Douro, Traz-os-Montes, Beira Alta, e Beira Baixa. Vendo-se para o S., até á serra da Estrella, e para o N., até proximo de Chaves; o horisonte é limitado ao O. pela serra do Marão.

—

A uns 500 metros ao S. da egreja matriz, no sitio de Cristêllo, se vê actualmente um nicho, ou oratorio, com seu adro e uma imagem de Jesus Christo Crucificado, a que chamam *Senhor das Preces*. Foi construido em 1780. Segundo a tradição, houve n'este sitio, em tempos remotos, um mosteiro de mon-

ges benedictinos. É certo que se tem encontrado por aqui restos de edificios antigos, e varios tijolos de extraordinaria grossura.

Tambem é tradicional, que no *Cabêço de S. João*, a uns 200 metros a E. do referido oratorio, na quinta de S. Martinho, existiu um mosteiro de freiras benedictinas. Ainda alli se encontram vestigios de paredes, bem construidas, algumas de tijolo, barro e pedra; o que não é vulgar n'esta freguezia, pois todas as construcções são de granito, do que aqui ha grande abundancia. Tambem aqui se vêem trez sepulturas abertas na rocha (á maneira das dos árabes) e outras muitas teem sido destruidas pelo actual proprietario da quinta, que alli encontrou tambem uma forja de ferreiro, uma enchada tribicular (de trez bicos), parte de um habito bordado a ouro, restos de lagares ou pias toscas, e moedas de ouro e prata. (Não se sabe de que nação, nem as suas legendas, porque o que as achou, vendeu-as para serem derretidas).

Estes dous mosteiros foram arrazados em 985, por Al-Mançor, kalifa de Córdova, assassinando todos os frades e freiras que pôde apanhar, como fez em muitos outros mosteiros da Beira Alta.

No *Valle da Villa*, a pouca distancia das ruinas dos dois mosteiros, se encontram claros vestigios de uma antiquissima e grande povoação. Tem se encontrado aqui, em varias escavações, muita cantaria, bem lavrada. O nome de *Valle da Villa* indica que houve aqui uma povoação importante, cujo nome, principio e fim se ignora.

Tambem aqui se tem encontrado lagares para vinho, abertos na rocha, e restos de fontes ou chafarizes, vendo-se ainda um d'estes, em fórma d'arco, de cantaria bem lavrada, no sitio chamado ainda Fontêllo, ao O. do ponto que parece ter sido o centro da tal villa.

Sobranceiro ao Valle da Villa, está o *Cabêço dos Mouros*, junto ao *Cabêço dos Baganhos*, dos quaes já se fallou, e que foi um almocabar mourisco, o que provam as muitas sepulturas que alli se teem encontrado, abertas a picão nos rochedos, e das quaes ainda restam nove.

—

Pretendem alguns que esta povoação (ou talvez a do Valle da Villa) já existia no tempo dos celtas, fundando-se em que é uma gigantesca mâmoa, o picôto hoje chamado *Monte Verde*, ou *Verde Monte*, que está a 1 kilometro da egreja matriz, descendo para o Távora. É este picoto formado de terra e pedras soltas, no meio de uma planicie, e ainda conserva a fórma conica das mâmoas celtas, ou pre-celtas. É parte cultivado, e parte matto.

Foi esta freguezia solar ou assento e residencia de muitas familias nobres, hoje extinctas, menos a dos *Mendonças*, da qual adiante tratarei; e a dos *Castilhos Monteiros*, hoje representada pelos srs. *Macedos Pintos*, de Tabuaço, uma das familias mais importantes e mais consideradas da provincia, não só pelo sua grande riqueza, como, e ainda mais, pela sua illustração, e não vulgar probidade. (Vide *Tabuaço*.)

Na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta no fim do seculo passado, por D. Joaquim d'Azevedo, se encontra, com relação a esta freguezia, o seguinte:

«As familias dos Soeiros e Rêgos, teem «provisão para se não fazer eleição de jus«tiça em Sendim, sem ambas serem chama«das.

«Os Soeiros foram padroeiros da egreja, «e ainda teem banco para se sentarem na «capella-mór, e sepultura. D'estes é herdeira «a viscondessa da Anadia, por seu avô; e «tem casas em Sendim, e muitas fazendas.

«Francisco Amador de Sampaio e Silva «tem um mórgado em Sendim; e dos Rêgos «procede D. Anna Isabel Pimentel de Castro «Rêgo, assistente em Paço d'Aldeia, com seu «marido, Jacintho Xavier d'Aragão, que foi «official da Vedoria, muito habil no dese«nho, pintura, e toda a casta de engenharia.

«N'esta freguezia móra Alexandre de Men«dança Corte-Real, fidalgo, capitão-mór de «Paredes da Beira, e alcaide-mór de Braga «—irmão de Manoel Cardozo, estribeiro do «sr. arcebispo primaz—e n'ella tem casa «Manoel Antonio, fidalgo de Santa Eufemia,

«genro do visconde da Anadia—e outras «familias illustres).»

Hoje apenas aqui existe um ramo da familia Mendonça, achando-se os mais dissiminados por S. João de Fontoura, Ferreirim de Fonte-Arcada, Lisboa, e outras terras.

—

No sitio do *Paço*, d'esta freguezia, teve o seu solar, e viveu muitos annos, a distincta familia *Gouveia-Couraça*, no palacete brazonado que ainda alli se vê, e no qual reside actualmente o representante e successor d'esta familia, o sr. Luiz de Mendonça Cardoso.

D. Maria Antonia de Gouveia Couraça, primogenita e herdeira da casa de seus paes, casou, nos fins do seculo passado, com o dito Alexandre de Mendonça Corte-Real, fidalgo de antiga linhagem, que foi capitão-mór de Paredes da Beira e alcaide-mór de Braga. Entre outros filhos, tiveram, Luiz de Mendonça Cardoso, primogenito, que foi official de cavallaria, guarda-roupa de Dom Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga, filho natural de D. João V, e um dos denominados *Meninos de Palhavan*. Era Luiz de Mendonça, bacharel formado em mathematica, e, apenas, em 1807, viu Portugal occupado pelas hordas de Junot, não querendo ficar ao serviço dos invasores, recolheu-se a sua casa. Mas, apenas soou o grito da liberdade, foi immediatamente encorporar-se no exercito anglo-luso, e serviu com distincção, em toda a guerra peninsular.

Em 1818, tendo sido atacado de paralisia, deixou o serviço. sendo reformado no posto de coronel.

Esta familia é hoje (1880) representada pelo distincto advogado, o sr. José de Mendonça Figueira d'Azevedo, residente em Ferreirim de Fonte-Arcada—e pelo sr. José Luiz de Mendonça Cardozo, residente em Sendim, casado e com filhos; distinguindo-se entre estes, o sr. Carlos Augusto de Mendonça Cardozo, primeiro verificador da alfandega grande de Lisboa, secretario particular do inspector geral das alfandegas; e deputado ás cortes, pelo circulo de Villa Nova de Gaia. É tambem casado, e tem filhos.

—

Os edificios particulares mais dignos de menção, d'esta freguezia, são—o palacete da familia Mendonça—o dos Guedes Sarmento, de Moimenta da Beira—e o dos Albuquerques, de Viseu, tambem com brazão d'armas, como os antecedentes, mas desmantelado.

—

Pelo meiado d'este seculo, falleceu n'esta freguezia, *Christovam de Campos*, um dos grandes malvados que aterravam a Beira Alta, desde 1834.

Tinha uma boa casa, e bastante instrucção, pois frequentou até ao terceiro anno de direito, na universidade de Coimbra; mas, abandonando os estudos, passou o restante da vida, em constante e plena bachanal, e em excessos de toda a casta.

Devasso, atheu, immoral e turbulento, a sua casa foi por muitos annos uma das primeiras escolas de desmoralisação e impiedade, do seu tempo.

Alem de ser valente e rixoso, associava-se a uma alcateia de *valentões* e desordeiros, de Tabuaço, Moimenta da Beira, e Sendim, espancavam e trucidavam quem lhes parecia, chegando a mandar para as feiras e romarias, cargas de paus e espingardas, só para maltratarem todo o mundo! Felizmente não eram ladrões.

Credite posteri?—Este malvado foi administrador do concelho, por muitos annos!

Quem o visse, sem o conhecer, simpathisava com elle, porque parecia um perfeito cavalheiro, tratavel e obsequiador; mas isto eram apenas *intervallos lucidos*.

Com esta vida de dissipações, deu cabo da maior parte da sua casa.

—

Ha hoje n'esta freguezia boas quintas, sendo as mais notaveis as denominadas—*Retorta*, *Olival*, *Jardim*, e *Bello-Jardim*.

Ao que por aqui se chamam estradas, é a mesma sequencia de barrancos, do principio da monarchia; apenas se espera que atravesse a freguezia, a estrada districtal, de Viseu a Moimenta da Beira, até ao Douro, ou Espinho, na foz do Távora. Infelizmente,

ainda só alguns metros estão construidos, junto a Moimenta da Beira.

Em compensação, e por esta mesma causa, pouco soffreu com a guerra peninsular.

Não me consta que haja por estes sitios vestigios de minas de qualquer metal.

—

Dos famosos *Castellos dos Cubriz*, já tratei no vol. 2.º, pag. 22, col. 1.ª e 2.ª — e, para não fazer este artigo mais extenso, para lá remetto o leitor.

—

Antonio Ferreira de Macedo Pinto, 1.º visconde de Macedo Pinto.

Falleceu na cidade do Porto, a 10 de fevereiro de 1879.

Eis o que com respeito a tão benemerito cavalheiro, se lê no jornal — *Commercio de Portugal*, n.º 34 de 11 de fevereiro de 1879:

«Está de luto a cidade do Porto, pelo fallecimento de um dos seus mais illustres e prestantes cidadãos, o sr. visconde de Macedo Pinto, roubado á geral estima publica, na tarde de ante-hontem.

»Foi um justo: e, no largo desenvolvimento da sua poderosa actividade, manifestada em occasiões excepcionaes, quer verdadeiramente no campo da sciencia, quer na esphera das crises commerciaes e industriaes que por vezes assaltaram o Porto, esse homem, de uma constituição admiravel e de portentosas faculdades de espirito, está consagrado como um santo, no respeito geral e na admiração de quantos o conheceram.

«Dignissimo de figurar na mais pura galeria plutarchiana, o insubstituivel conselheiro sincero, de um só rosto e de um só parecer, deixa, na orientação dos espiritos e dos caracteres da actualidade, um vácuo difficil de preencher, por isso mesmo que a influencia do seu conselho e a ponderação da sua palavra, que se escutava e seguia como um evangelho, sem contestação de phariseus, coavam no animo de todos, e eram, como foram, a redempção de muitos flagellos imminentes, de muitas desgraças que pesariam ahi, produzindo crises espantosas de miseria, de falta de trabalho e de ruina de capitaes.

«N'este labutar da nossa missão de chronistas, falleceu-nos o tempo necessario para pôrmos no relevo conveniente os serviços d'esse homem probo, cuja vida foi um constante pugnar pelo bem geral: e quasi que pouco mais podêmos hoje do que assignalar, na sua ordem chronologica, a passagem pela terra de um espirito tão superior, cuja perda, a cidade principalmente, e o paiz devem deplorar.

«O ex.mo sr. Antonio Ferreira de Macedo Pinto, primeiro visconde de Macedo Pinto, nasceu em 20 de junho de 1810, na povoação de Guedieiros, freguezia de Sendim, concelho e districto administrativo de Viseu, [1] e foi baptisado n'essa mesma freguezia a 26 do mesmo mez, como filho de Manoel Ferreira de Macedo Pinto e de D. Maria de Deus.

«Casou com a ex.ma sr.a D. Anna Clementina Peres Moreira Guimarães, da cidade do Porto.

«Cursou a Universidade de Coimbra, formando-se na faculdade de medicina, em 1836, sendo premiado em alguns annos, com geral applauso de quantos lhe conheciam o seu esplendido talento.

«Foi nomeado medico do hospital militar de Bragança e do partido municipal, desde 1837 a 1848. Foi por vezes nomeado procurador á Junta Geral da mesma cidade, e delegado do conselho de saude publica do reino, no mesmo districto, desde 1838 a 1848. Por decreto de 22 de setembro de 1846 teve a condecoração de grau de cavalleiro da ordem militar de N. S. da Conceição de Villa Viçosa. Foi nomeado socio correspondente e delegado das Sciencias Medicas de Lisboa, desde 1838. Socio correspondente do Instituto de Coimbra, desde 1835. Guarda-mór de saude da cidade do Porto, por portaria de 17 de outubro de 1851, logar que exerceu até ser despachado, por concurso que fez, para o logar de demonstrador da secção medica da Escola Medico-Cirurgica do Porto, por decreto de 26 de abril de 1855.

[1] Aliás, concelho de Tabuaço, comarca de Armamar, districto de Viseu, como vimos no principio d'este artigo.

«Cavalleiro de Christo em 22 de outubro de 1852. Substituto na Escola Medico-Cirurgica do Porto, em 1854.

«Deputado pelo Porto nas legislaturas de 1853 a 1856 Lente proprietario na Escola Medica do Porto, oitava cadeira, em 1857.

«Nomeado vogal effectivo do conselho geral de instrucção publica em 7 de julho de 1859, logar que não acceitou. Socio effectivo da Associação Industrial Portuense, desde 1853. Socio effectivo da Sociedade Agricola do districto do Porto, desde 1856. Socio correspondente da Academia Cirurgica Malhorquina, desde 1848. Membro titular vitalicio do Instituto Africano de Paris, desde 1854. Socio honorario do Circulo Scientifico Allemão, desde 1860. Commendador da ordem de Villa Viçosa, em 15 de dezembro de 1863. Fidalgo cavalleiro da casa real, em 8 de agosto de 1865.

«Vogal da commissão filial de beneficencia do Porto, em 1 de dezembro de 1868. Carta de conselheiro de sua magestade, em 2 de março de 1869. Membro do conselho d'administração, e como um dos fundadores da Companhia de Credito Predial Portuguez— e presidente do conselho da administração e como fundador da Nova Companhia Utilidade Publica.

«Foi convidado varias vezes para ministro da fazenda, cargo supremo que não pôde acceitar, por estar muito dividida a sua actividade prodigiosa, em varios ramos de administração publica e particular.

«Foi agraciado com o titulo de visconde de Macedo Pinto, por decreto especial de 11 de junho de 1874, e jubilado lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, em 1872.

«Eis as suas publicações:

«*Memoria sobre a reforma da instrucção secundaria no districto de Bragança*, em 1839. Foi um dos fundadores e principal redactor do *Pharol Transmontano*, periodico mensal de instrucção e recreio, que se publicou em Bragança em 184...

«*Relatorio e projecto de estatuto da Caixa de Credito e Soccorros Mutuos da Associação Industrial Portuense*. Foi um dos principaes redactores do jornal da mesma associação.

«Publicou a *Oração Inaugural* recitada na Escola Medico-Cirurgica do Porto, na sessão solemne de abertura em 1858.

«*Estatutos da Nova Companhia Utilidade Publica.*

«*Contracto do emprestimo do governo, de 1:500 contos*, de que elle foi negociador.

«*Estudos sobre a parte financeira da proposta de lei para a construcção das vias ferreas ao norte do Douro.*

«Varios artigos sobre assumptos diversos e medicos, publicados no *Jornal das Sciencias Medicas*, de Lisboa, e outros.

«Varios relatorios e estatutos de diversas companhias e bancos, etc., etc.

«Eis as suas disposições testamentarias que, relativamente, sobrelevam ao testamento d'um rei:

«Subscreveu dois testamentos cerrados, sendo o primeiro feito em 1 de julho de 1878 e o segundo em 20 de janeiro de 1879, approvado pelo tabellião Manoel Vieira da Silva e Sá, aonde se encontram as seguintes disposições:

«Nomeia seus testamenteiros, sua esposa a sr.ª D. Anna Clementina Peres de Macedo Pinto, seu mano mais velho o sr. Bernardino de Senna de Macedo Pinto e seu honrado amigo Gonçalo Leitão Vieira de Vasconcellos.

«Os seus testamenteiros ordenarão o seu funeral, que deverá ser decente, mas sem luxo, nem ostentação, guardando-se a este respeito as seguintes disposições:

«Vinte e quatro horas depois do seu fallecimento, deverá o seu corpo ser amortalhado com o habito talar de professor da Escola Medico-Cirurgica do Porto, e conduzido depois a uma egreja d'esta cidade, para ahi ser resado um responso de sepultura, por doze padres, sendo tambem conduzidos para este acto os pobres do Asylo de Mendicidade e os Meninos Orphãos, dando-se a cada uma d'estas corporações a esmola de 45$000 réis por uma só vez.

«Depois será o seu corpo encerrado em caixão de chumbo, para ser transportado para e jazigo de familia no cemiterio da villa de Tabuaço.

«Ao parocho da freguezia de Miragaya, se encommendarão trez missas, cada uma da

esmola de 2$250 réis, e quando o seu cadaver fôr recolhido ao jazigo de familia, se encommendarão ao abbade dà freguezia de Nossa Senhora da Conceição, da villa de Tabuaço, trez missas, da esmola de 1$200 réis cada uma.

«Aos seus creados, o ordenado equivalente de trez mezes.

«Deixa 100$000 réis para familias necessitadas.

«Deixa camara municipal da villa de Tabuaço 4:000$000 réis nominaes, para com a sua renda fundar uma escola de instrucção primaria, e mais 2:000$000 réis nominaes, para com os juros comprar livros para uma bibliotheca popular, para a qual já deu alguns centos de volumes.

«A escola Medico-Cirurgica do Porto, réis 2:000$000 nominaes, para com o juro instituir um premio ao estudante mais distincto que findar o curso.

«O premio será dado em livros indicados pelo proprio premiado.

«Ao sr. Gonçalo Leitão Vieira de Vasconcellos 1:000$000 réis nominal.

«A seu irmão Vicente Ferreira de Macedo Pinto a renda de 8:000$000 réis nominaes, ficando a propriedade para suas sobrinhas Camilla, Ermelinda e Maria do Carmo, filhas de seu irmão Antonio.

«A este seu irmão fez egual legado, e em eguaes circumstancias.

«A seus sobrinhos, Adolpho, Augusto e Joaquim, ou a qualquer que primeiro concluir os seus estudos em algumas das Universidades, a sua livraria e pertences.

«A sua cunhada D. Amelia Julia Peres Moreira, o seu piano.

«Nomeia seus sobrinhos, filhos de seu irmão Antonio, unicos e universaes herdeiros.

«Lega a sua esposa o usufructo dos seus bens, emquanto viva fôr, além do exarado na escriptura ante-nupcial.

«A instituição de uma escola primaria e a creação de uma bibliotheca popular, dão ao finado uma memoria imperecivel e honrada, como honrada foi toda a sua vida.

«Essa unica disposição do seu testamento aproxima-o dos maiores philantropos, e vinga-lhe devéras e incontestavelmente as bençãos perduraveis da posteridade.

«A Escola-Medica perdeu uma das suas mais inconcussas illustrações, e o Porto um cidadão modelo.

«O cadaver deve ter hoje á noite a ceremonia religiosa na egreja da Trindade.

«Á familia do finado enviamos os nossos sentimentos.»

—

Ao meu velho e esclarecido amigo, o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, e que tanto tem enriquecido esta obra com os seus curiosissimos artigos, devo, em grande parte, o que fica escripto com respeito a esta freguezia; pelo que lhe dou ainda mais uma vez os meus cordiaes agradecimentos.

SENDIM DA RIBEIRA—freguezia, Traz-os Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da extincta comarca e concelho de Chacim) 140 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 42.

Orago, o Espirito Santo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

SENDIM DA SERRA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 150 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Na aldeia de Sendim (ou Sindim) [1] está

[1] A todas as freguezias a que hoje se dá o nome de *Sendim* e *Sindim*, se chamava antigamente *Sandim*. Hoje só conserva o seu nome primitivo, a freguezia de Sandim, do concelho de Villa Nova de Gaia.

uma ermida, construida por devoção dos moradores do logar, dedicada a Nossa Senhora de Jerusalem. O seu principio foi do modo seguinte:

Trez kilometros distante da villa de S. João da Pesqueira, em um sitio chamado a *Frágua*, se vê a ermida do *Salvador da Pesqueira*, do qual já tratei no 8.º vol., pag. 361, col. 2.ª, sob a denominação de *Salvador do Mundo*.

Perto d'esta ermida da Frágua, ha uma gruta, onde viveu o fundador da mesma ermida, chamado Gaspar da Piedade, filho de paes nobres, e natural da Torre de Moncorvo, e que, em joven, tinha fugido da casa de seus paes, para a cidade de Roma, onde se ordenou de presbytero, e viveu alguns annos, sendo amado e respeitado de todos, pelo seu trato suave e virtuosa vida. Em Roma, esperou pelo *anno santo*, e depois, o papa Clemente VIII,[1] lhe concedeu licença para hir a Jerusalem, na companhia d'outros peregrinos. Chegando á Terra Santa, alli esteve algum tempo, voltando depois a Roma, e de lá a Portugal, trazendo algumas reliquias de santos, que lhe deu o papa.

Fundou a ermida do *Salvador do Mundo*, sobre o *ponto do Cachão*, e alli collocou uma imagem de Jesus Christo Crucificado, e outra de S. Pedro, primeiro eremita. Em varios logares d'estes alcantis, collocou differentes imagens de santos, todas feitas por elle proprio, que era um eximio esculptor; e sob a pedra d'ara, guardou as reliquias que havia trazido de Roma.

Aqui viveu muitos annos, sendo geralmente reputado como santo, pelo povo d'estes sitios.

Em 10 d'abril de 1603, appareceu (diz a lenda) a Santissima Virgem, a uma pastorinha, muda de nascimento, natural de Sendim da Serra, á qual disse que queria que se lhe fundasse uma ermida, com a sua imagem, feita pelo eremitão da ermida do Salvador do Mundo, da Pesqueira.

O padre Cardozo, diz que a ermida se fizera, imitando a que os barbaros destruiram em Jerusalem; porque a pastorinha, recobrou a falla, para ordenar tudo isto, a que o povo obedeceu pressuroso, em vista do milagre.

No *Santuario Mariano*, tomo 4.º, pag. 128 e 129, se acham duas certidões (que por extensas não copio) narrando estes factos.

D'essas certidões se vê, que a menina muda, se chamava Catharina, tinha 14 a 15 annos, quando teve logar o milagre da apparição, e era filha de Jorge Cordeiro, da aldeia de Sendim da Serra.

Chamava-se ao sitio onde appareceu a Senhora, *Cabêço do Rebentão*.

A obra da ermida da *Senhora do Jerusalem*, principiou a 15 de maio de 1603, e a 7 de setembro do mesmo anno, foi collocada a imagem da padroeira, no seu novo altar, dizendo-se no mesmo dia a primeira missa alli, e que foi ouvida por muita gente d'estes sitios.

Foi esta ermida o mais concorrido santuario de Traz-os-Montes, em quanto em Portugal houve verdadeira fé. Hoje está a devoção da Senhora de Jerusalem fria como tudo quanto cheira a religião.

—

SENHAREI — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 143.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade — e exporta muitos bôis gôrdos, para a Inglaterra — Caça, e peixe do rio Vez.

SENHOR D'ALEM — Vde *Quebrantões*.

SENHOR DO CALVARIO — Grande romaria, na villa de Gouveia (Beira Baixa) celebrada a 11, 12 e 13 d'agosto — É a principal da villa, e tem sempre enorme concorrencia.

SENHOR DO CALVARIO — Grande Ro-

[1] Clemente VIII, foi feito papa, em 1591, e falleceu em 1605, succedendo-lhe no pontificado, Leão XI — o seu antecessor, foi Innocencio IX.

magem, na freguezia de *Passos da Serra* (tambem chamada *Passos de Mello*) Beira Baixa, no extincto concelho de Mello, hoje concelho de Gouveia.

Faz-se em agosto e é concorridissima. É no domingo seguinte á festa do Senhor do Calvario, da villa de Gouveia.

SENHOR DA PEDRA — Grande romaria, que se faz no ultimo domingo de maio, na capella d'esta invocação, da freguezia de Golpelhares, (Douro) do concelho de Villa Nova de Gaia.

Esta romaria e a do Senhor de Mattosinhos, que se faz no domingo antecedente, são as maiores de toda a provincia do Douro.

Fica apenas a 2 kilometros da estação da via ferrea do norte (Valladares). Ha sempre na vespera e no dia, comboios de hida e volta, a preços reduzidos. (Vide *Golpelhares*).

Está a ermida do Senhor da Pedra á beira mar; n'um areial fulvo a perder de vista, sem um simples cardo para signal de vegetação, eleva-se n'um rochedo beijado pelo oceano e brarqu jando como um ninho, a capellinha abieviada que abriga a imagem milagrosa de Jesus Christo.

N'essa rocha viva, incessantemente affagada pelas ondas espumantes, está practicada, como uma chanfradura enorme, a forma de um pé de bôi; todo o bom romeiro que quizer ser preservado de qualquer maleficio, deve tocar com o pé ou com a mão esse accidente exquisito do rochedo, signal que a eternidade da agua, batendo, não tem conseguido apagar!

Na extensão do areial onde dardeja a prumo um solabrasador, a grande multidão redomoinha; o deserto torna-se um acampamento immenso, vivo, pittoresco, ruidoso; as bandeiras e galhardetes, desfraldam ao vento, que alli é quasi sempre respeitavel; os pregoeiros dos viveres, cortam os ares com os seus gritos penetrantes; os foguetes, e os sons de algumas bandas de musica estrondeam; e ali onde a terra acaba e o mar começa, o sino da capellinha vae esganiçando umas alegres e miudas badaladas, por cima d'aquelle *brouhaha* soberbo.

Os comboys de varios pontos da linha do norte, despejam em um pequeno embarcadouro, que se improvisa, milhares e milhares de pessoas, e das aldeias adjacentes é um formigueiro constante de romeiros.

Na segunda feira, ha corridas de cavallos, sem designação de procedencia, nem da edade, nem do pêso.

Não ha *turf*, não ha *gentlemen rider;* tudo é popular, livre, e sem as minimas convenções.

Assim devem ser as corridas selvagens, no deserto; porque devemos accrescentar, que as corridas a que alludimos, são em pleno areial, sem juizes de chegada e de partida, sem pesagem, sem matricula de entrada e sem premio, mais do que o applauso estrondoso e immenso do grande juiz anonymo, incorruptivel e espontaneo, que se chama o povo, e que por alli se acotovella promiscuamente, sem tribunas e sem lugares reservados.

Entra na arena quem montar um burro: imaginem os encontrões, as afocinhadellas, as pégas, os coices, todas as ignominias que soffrem os que, simplesmente por furor, se atrevem á liça.

Manda a verdade dizer que ainda sem premio do governo, dos americanos e da camara municipal, o torneio é muitissimo concorrido e a victoria disputada só com o estimulo de uma perna quebrada durante o percurso, ou d'um aperto de mão, no fim.

Na estação do caminho de ferro, nas Devezas fórma-se á tarde um novo arraial de espera, não menos concorrido nem menos divertido do que o outro.

Os retirantes da romaria chegam apopleticos, com os chapeus enramados de camarinhas, a jaqueta a tiracolo, rascando febrilmente nas violas chuleiras, á frente de ranchos de mulheres que dançam impavidamente e cantam com uma goela invulneravel, durante um dia todo, entre nuvens de poeira e alagadas de suor.

SENHOR DA PEDRA, ou BOM JESUS DA PEDRA — Vide 6.º vol. pag. 191, col. 1.ª

SENHOR DA SERRA — Ha em Portugal varias romarias ao *Senhor da Serra*, tanto em egrejas matrizes, como em ermidas pro-

prias. Vão nas terras onde essas romarias teem logar.

SENHOR ROUBADO — Vide *Carriche.*

SENHORA APPARECIDA — (freguezia de Calvão) 800 metros ao O. da povoação de Calvão, freguezia do concelho, comarca, e 7 kilometros ao N. O. da villa de Chaves. Está no meio de uma veiga, o sanctuario de Nossa Senhora Apparecida. Compõe-se de capella-mór, feita no anno de 1836, e corpo d'egreja, construido em 1846. A capella-mór, em rasão de não estar na devida proporção de altura com o corpo da egreja, foi levantada em 1875; e n'essa mesma occasião foi levantado e dourado o retabulo do altar-mór, a cujos lados estão as lindas imagens de Nossa Senhora e S. José, feitas, em Braga, por Domingos Dias, em 1858.

No corpo da egreja ha dois altares, que foram dourados em 1875, e n'elles estão imagens de boa esculptura.

Em frente da porta principal do templo, que fica virada para o norte, está uma grande rocha, no cimo da qual está um nicho com a imagem de Nossa Senhora. Em volta d'este nicho, ha uma varanda com um parapeito de pedra, para onde se sobe por uma escada, tambem de pedra.

Todos os romeiros vão aqui dar a sua esmola e fazer romaria.

Tem vistoso adro com bastantes arvores.

Ao nascente e pegado ao adro, tem duas casas, com dois andares, sendo uma para as esmolas e outra para a commissão administradora. Tem uma outra casa, composta de duas salas e duas boas lojas; uma sala serve de quartel da tropa, que faz a policia da romaria, e outra é para a musica, e nas lojas recolhem-se os romeiros. Junto a esta casa está uma cozinha. Todas estas casas ficam fóra do adro e ao nascente do templo. Ao norte e proximo ao adro está uma fonte, feita em 1853; e ao poente d'esta, está um nicho, feito em 1875, dedicado a Senhora das Graças; tem uma linda imagem da mesma Senhora, offerecida por um devoto.

Ao norte e sul do adro estão dois grandes alpendres, onde pernoitam muitos romeiros. Ha tambem uma casa para o fogo de artificio, mas fica algum tanto distante do templo e das outras casas.

Faz-se-lhe a sua festividade no segundo domingo de setembro. É a festa religiosa e romaria que ha n'estas terras, na circumferencia de mais de 50 kilometros, de mais fama. Vem gente, em numero superior a dois mil, e de muito longe.

Na vespera ha musica e fogo de artificio, preso e do ar; e no dia, Senhor Exposto, missa cantada, sermão e procissão.

No fim da festa religiosa termina tudo com comezainas, danças e muitas vezes tambem pancadaria.

Rende annualmente, termo medio, réis 160$000. É uma commissão, cujo presidente é o reverendo parocho, quem administra estes rendimentos; anteriormente era a junta de parochia, da respectiva freguezia.

Segundo a lenda, a origem d'esta devoção foi:

No anno de 1831 uns pastores, que apascentavam seus rebanhos de ovelhas na veiga, onde está o sanctuario, principiaram a dizer que Nossa Senhora lhes tinha apparecido, por varias vezes, na rocha que está em frente da porta principal do templo e onde, em 1832, se fez o nicho, como acima se diz.

Acreditando o povo da freguezia e circumvisinhas, sem outras provas mais que a simples narração dos pastores, n'esta apparição, principiou a concorrer á rocha, e a pedir a Nossa Senhora sua valiosa protecção.

Espalhou-se ao longe a fama dos milagres que attribuiam á Senhora, de modo que chegou ao ponto supra mencionado.

O actual reitor, o reverendo Lourenço Alves de Moura, que tomou posse da freguezia no 1.º de janeiro de 1874, e o seu antecessor, o reverendo José Lopes de Freitas, natural da villa de Mont'alegre, e que tomou posse no dia 14 d'agosto de 1852 e falleceu no dia 22 de fevereiro de 1872, são dignos de muitos e grandes louvores pelo muito que teem feito e concorrido para os melhoramentos d'este santuario.

Este sanctuario está no territorio da freguezia de Calvão, a cuja descripção, a pag.

48, col. 2.ª, vol. 2.º, accrescentarei o seguinte.

Esta freguezia, Calvão, consta de duas povoações, Calvão, séde da parochia, com 174 fogos e 700 almas, e Castellães, com 69 fogos e 304 almas. A egreja matriz é muito antiga. Consta ter sido mandada construir pelos filhos de Maria Mantella. Vide Chaves. Tem, ha muitos annos, o titulo de Reitoria.

A povoação de Seara Velha pertenceu a esta freguezia, da qual foi separada, segundo consta, em 1691, e forma desde então freguezia independente.

Outras capellas da freguezia

1.ª *Sanctuario da Senhora Apparecida*, já mencionado.

2.ª *Senhora do Amparo*, na povoação de Calvão; é administrada pela junta de parochia, e tem alguns, poucos, rendimentos.

3.ª *S. José*, 200 metros ao sul da mesma povoação. Foi particular e actualmente pertence á freguezia. Junto a esta capella havia uma pequena propriedade e umas casas, a que davam o nome de quinta, onde morava um individuo, chamado o Mórgado: era solteiro, e tinha em sua companhia uma mulher, com quem, segundo dizem, tinha relações illicitas; a qual, em uma occasião que o dito Mórgado estava auzente, appareceu morta, proximo á capella, e cortada a golpes de machado. Passado algum tempo, foram queimadas as casas. Estes crimes foram commettidos, segundo a tradição vulgar na freguezia, no anno de 1837.

Com o andar do tempo ficou tudo em ruinas; e os herdeiros do tal Mórgado, tomaram posse dos bens; e deixaram a capella em abandono. N'estas circumstancias, os freguezes tomaram posse da mesma.

4.ª *S. Pedro apostolo*, no logar de Castellães. Foi fundada pelos habitantes da mesma povoação; tem alguns rendimentos propriamente seus, que são administrados pelos moradores da mesma aldeia.

5.ª *Senhora das Necessidades*, ao poente e distante, um kilometro, da mesma povoação. É muita pequena, e tem um alpendre.

Esta freguezia é fertil. Produz centeio, muito e bom trigo, feijão, milho, batatas, castanhas, vinho verde; e tem boas hervas.

No sitio denominado a Revolta, ao norte e distante uns 200 metros do Santuario da Senhora Apparecida, foram, no dia 26 de junho de 1840, mortas por um raio, seis pessoas, que andando, juntamente com outras muitas mais, a ceifar centeio, na veiga proxima ao mesmo sanctuario, se tinham abrigado, debaixo de uns penedos, d'uma grande e medonha trovoada. Todas as mais pessoas, que eram bastantes, ficaram illezas.

Pela povoação de Castellães, passava uma via romana, que de Braga seguia, por Chaves, para Astorga.

Algumas pessoas dizem — Que por esta povoação tambem passava uma levada d'agua, que tirada, entre Gralhas e Solveira, do riacho d'Açoreira (uma das origens do Tâmega), entrava em Meixide, e seguindo por esta aldeia, de Castellães, entrava na villa de Chaves.

É certo haver por estes sitios vestigios de estrada ou levada. Lê-se, no vol. 6.º, pag. 106, col. 1.ª linhas 29 e seguintes. «Esta levada principiava em Bobadella e entrava em Meixide etc.» É impossivel, pois de Bobadella para Meixide tinha de subir mais de seis kilometros pela serra do Pindo.

Poderia ser, principiar em Villar de Perdizes, que uma parte dos auctores confunde com Bobadella, passar a Meixide, Bobadella e Poço de Freitas, onde seria necessario para a exploração do ouro.

Muitos individuos, fundados em alguns vestigios e na falta d'agua, que ha nas visinhanças de Freitas, assim pensam.

Vide *Térva*.

José dos Sontos Moura.
(Abbade de Caires)

SENHORA DA AJUDA — de Lórdêllo do Ouro — Vide 6.º vol., pag. 162, col. 1.ª, no principio.

Para todas as *Senhoras da Ajuda*, vide no 6.º vol., pag. 159 e seguintes, *Nossa Senhora da Ajuda*.

SENHORA DO AMPARO — padroeira da freguezia do Carvalhal, no concelho e comarca da Certan, Beira Baixa, bispado e districto administrativo de Castello Branco.

(Vide vol. 2.º, pag. 134, col. 2.ª, o 2.º Carvalhal d'esta columna).

A egreja matriz da Senhora do Amparo, era um bom templo, e, ainda que muito antigo, bem conservado.

Hoje só d'elle restam as ruinas calcinadas.

No dia 8 d'agosto de 1875 (em um sexta feira) um incendio devorou esta egreja.

Devia festejar-se no domingo seguinte (10) o orago, havendo na vespera arraiál e fogo de vistas.

No referido dia 8, chegou o fogueteiro, e poz-se um aprendiz a preparar as differentes peças de fogo, no corpo da egreja. Casualmente, tocou com um alfinete, em massa phosphorica, e feriu lume, que immediatamente se communicou a todo o fogo.

O desgraçado aprendiz, foi tirado das chammas em estado deploravel, morrendo poucas horas depois.

De tudo quanto estava dentro da egreja, apenas se salvou, com grande custo e muito risco, a imagem da Senhora, mas bastante deteriorada.

SENHORA DO AMPARO — formosa capella, Minho, na freguezia, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso. (Vide 7.º vol., pag. 614, col. 2.ª)

Do *Commercio do Minho* n.º 1:100, do 1.º de julho de 1880, copiei o que se segue.

Grande phenomeno

Povoa de Lanhoso, 25 de junho de 1880.

Sr. redactor.

Ha acontecimentos de tal magnitude que não podem nem devem ficar envoltos no espesso veo d'um criminoso olvido; e um teve logar n'esta villa, cuja narração espero que v. se dignará publicar nas columnas do seu muito acreditado jornal.

—

No dia 3 do corrente, dia d'ora avante memoravel nos annaes d'esta villa, abrindo-se a sepultura n.º 6, da capella de Nossa Senhora do Amparo, para um enterramento, e profundando-se a dita sepultura, por indicação do ill.mo sr. padre Francisco José Barbosa, digno professor n'esta villa, foi encontrado um caixão com um corpo incorrupto; o sr. padre Francisco mandou cobril-o e abrir outra sepultura, guardando o conveniente silencio, porém querendo Deus a manifestação de suas obras e das virtudes dos seus servos, bem depressa se divulgou a noticia do achado, que de dia a dia augmentava de proporções.

Em consequencia da voz publica, sempre crescente, reuniram-se no dia 18 de este mesmo corrente mez, varias pessoas d'esta villa, e ávidas pela verdade do facto dirigiram-se á capella e procederam á exhumação do corpo, que effectivamente acharam.

Foi geral a admiração dos circumstantes, quando viram coroados os seus louvaveis esforços; collocado o caixão fóra da sepultura, e tirada a terra que continha, por falta de tampa, appareceu um corpo de mulher perfeitamente conservado, tendo as carnes com admiravel elasticidade, flexiveis os membros, e os cabellos tão perfeitos como se nem um dia tivesse decorrido depois do seu enterramento! Os habitos foram igualmente isentos da acção da terra, e do tempo, achando-se intactos e conservando as respectivas côres; alguns d'elles estão guardados, e uma grande parte foi levada pelo povo, em pequenos fragmentos, como reliquias.

No dia seguinte foi o corpo vestido com habitos novos e collocado em novo caixão, mandando-se logo fazer um de chumbo para o encerramento, que ainda não foi possivel ter logar.

Suppõe-se ser o referido corpo de Christina de Bragança, exposta, criada por Gertrudes Maria Pereira, mulher de João Antonio de Paulo, moradores n'esta villa, casada, sem successão, com José Antonio Gonçalves, e fallecida ha 36 annos.

Ainda vivem pessoas do seu tempo, que affirmam ter ella sido dotada de edificantes virtudes, e admirada por sua inalteravel resignação em muitos soffrimentos phisicos e moraes, de que foi victima.

Os homens da sciencia, que teem examinado o corpo, não explicam o phenomeno, que acham fóra da orbita do natural, e o povo, na sua religiosidade, proclama-o mi-

lagre, crendo piamente, e eu com elle, que esse privilegiado corpo foi involucro d'uma alma gloriosa.

Não se póde attribuir á qualidade da terra a conservação do corpo, porque na mesma sepultura tem sido anterior, e posteriormente sepultados outros cadaveres, de que não existem signaes; pois affirma-se que já ha 16 ou 18 annos, por occasião d'um enterramento, o dito corpo foi encontrado, e rebaixada a sepultura e collocado em maior profundidade para sepultar outro, e que mais se tem sepultado desde essa epoca, sendo todos consumidos pela terra.

Já se falla em alguns milagres, que não affirmo nem nego, porém a concorrencia é espantosa e a admiração crescente.

Sou, sr. redactor, de v. etc.

Um Povoense.

—

O Amigo do Povo, folha republicana, que se publica em Braga, e que ninguem póde acoimar de crendeira, escreve o seguinte, com respeito ao mesmo assumpto:

«Um nosso collega do Minho, dava-nos ha dias, noticia do apparecimento de um corpo de mulher, encontrado n'uma sepultura, na Póvoa de Lanhoso, que se presume enterrado ha mais de trinta annos, e perfeitamente conservado, como se tivera baixado á terra no proprio dia da exhumação.

Um cavalheiro d'aquella villa, escrevendo-nos ácerca de outros assumptos, confirma-nos o extraordinario facto, nos seguintes termos:

Faz hoje quinze dias que foi encontrado em uma sepultura, na capella de Nossa Senhora do Amparo, d'esta villa, um corpo humano, intacto. A familia, a que se diz pertencer-lhe, requereu a exhumação, que teve logar hoje. Era uma mulher, enterrada, segundo dizem, ha trinta e seis annos.

Estava este corpo tão perfeito, como se fosse enterrado hontem. Conservava todos os seus vestidos, um rosario, e, em summa, tudo. Não tinha no corpo a mais pequena mancha; dos olhos conservava ainda mesmo as bugalhas, a carne das pernas e das coxas estava muito conservada e muito flexivel, de modo que carregava-se com o dedo, fundava e tornava ao sitio. Foi todo lavado, e depois de muito limpo, foi vestido com camisa, saias, xambre, etc., como se estivesse ainda quente, mettido em um novo caixão provisorio; vae collocar-se em sitio competente, para ser visto só quando convier e a quem convier, pois, como é sabido, não póde por emquanto estar á veneração. Tudo isto que lhe conto é a pura verdade e posso-o affirmar porque assisti.

Agora o povo é que não póde conter-se. Tudo são romarias e promessas, e não ha pouco quem diga já ter recebido milagres.

Não emitto a minha opinião quanto á santidade, porque não me é dado, mas creio que o processo se não fará esperar, visto a boa vontade d'este genero. A egreja o dirá mais tarde, porque só a ella pertence. O que posso affirmar é que aqui ha tudo de extraordinario.»

—

Outro correspondente da Póvoa de Lanhoso, para o mesmo *Amigo do Povo*, confirma o milagre referido.

O correspondente, fundado nos assentos de obitos e enterramentos, e no testimunho de pessoas edosas da localidade, affirma ser o corpo de Christina de Bragança, fallecida ha trinta e seis annos.

O correspondente conclue n'estes termos:

«É certo que a dita Christina de Bragança, a quem perfeitamente conheci, foi um modelo de virtudes, e especialmente de paciencia em muitas tribulações da vida, o que attestam muitas pessoas do seu tempo, que ainda vivem e a conheceram de perto.

Não commento o facto, apresento-o ao publico singela e simplesmente, como testimunha occular que fui e narrando-o como se deu; acrescentando porém a opinião dos homens de sciencia, que teem examinado o corpo, a qual é a seguinte:

«Explicado o facto naturalmente, e segundo a sciencia, só podia existir o phenomeno por meio de petrificação, o que é rarissimo, e para isto era indispensavel a mais completa dessecação, o que não existe; se houvesse dessecação não havia flexibilidade de membros, a qual se nota e admira; e não

havendo dessecação, existindo carnes como existem, era inevitavel a corrupção. Não ha completa dessecação, existem carnes com a mais natural elasticidade, ha flexibilidade dos membros; e em tudo o mais perfeito estado de conservação. tendo-se gasto anterior, e posteriormente, mais cadaveres na mesma sepultura; por conseguinte não tem explicação.»

—

Ainda com referencia a este facto, vê-se no *Commercio do Minho*, n.º 1:105, de 13 de julho do mesmo anno de 1880, a seguinte correspondencia:

Declaração importante

Povoa de Lanhoso, 9 de julho de 1880.

Sr. redactor.

Vendo em o n.º 1:102 do seu muito acreditado jornal, transcripto da *Palavra*, um artigo da *Voz do Povo*, em que se publicou uma participação d'esta villa a respeito do extraordinario apparecimento do corpo incorrupto, e vendo na alludida participação dizer-se: «a familiia a que se diz pertencer, requereu a exhumação» parece-me conveniente a seguinte declaração, que mais tarde poderá ter algum valor, e por isso espero merecerá um pequeno espaço nas columnas do seu bom e muito lido jornal.

A familia a que se refere a citada communicação à *Voz do Povo*, e que de certo o seu auctor não refuta o que vou dizer, é da segunda mulher do fallecido José Antonio Gonçalves, que, em primeiras nupcias, havia sido marido de Christina de Bragança, cujo corpo appareceu.

É muito louvavel que a alludida familia desejasse saber se effectivamente o corpo apparecido era da referida Christina, indigitada pela voz publica, e se honre com tão apreciavel como extraordinario achado; mas é certo que, tendo, por affinidade, algum parentesco com o dito José Antonio Gonçalves, nenhum póde ter com a primeira mulher d'este, fallecida quando, pelo segundo matrimonio, esse parentesco foi contrahido; e, n'este caso, que ninguem contesta, porque é do dominio publico, claro está que a dita Christina de Bragança nunca pertenceu a tal familia.

Além do que deixo dito, é geralmente sabido que aquella, cujo incorrupto corpo é assumpto d'esta correspondencia, foi exposta, como já se disse no acreditado jornal de v. e em outros, o que ninguem nega, nem admitte duvida alguma, pelo que se lhe não conhece familia.

Não quero com isto deprimir ninguem, nem offuscar glorias alheias, porém a verdade é o que fica dito, e se algum dia se tratar de canonisação, como creio, talvez esta declaração convenha ao respectivo processo.

Sou, sr. redactor, com toda a consideração

De v. etc.

Um Povoense.

—

Todas as mais *Senhoras do Amparo* de que pude obter noticias, vão nas terras a que pertencem.

—

SENHORA DO BOM SUCCESSO — bonita ermida da Beira-Alta, no logar d'Alvellos, freguezia de Cavernães, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros ao O. de Viseu.

A aldeia d'Alvellos, está situada em um logar fresco e delicioso, abundante de saborosas fructas, e regado pelo ribeiro d'Alvellos, que lhe passa pelo meio, e rega tambem hortas e pomares, melanciaes e meloaes, que dão excellentes fructos. Tambem são optimos os repolhos, creados n'este logar.

Fica a aldeia entre dous valles, por cada um dos quaes passa uma ribeira, que são — *Rio do Cabo*, e *Rio da Costa*, as quaes se unem, junto à ermida de Nossa Senhora da Victoria, e morrem no rio Sattam, este, no Mondêgo, e este no mar, entre a Figueira e Buarcos.

Em volta d'Alvellos, ha muitos soutos de castanheiros, que dão optimo fructo.

A uns 300 metros a O. d'Alvellos, está a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo, vulgarmente denominada, *Senhora d'Alvellos*, mas os moradores d'esta aldeia, lhe chamam tambem *Senhora das Eiras*, porque,

pela parte de cima da ermida, ha algumas eiras.

A primitiva ermida, era pequena e tôsca, mas, em 1705, o povo da aldeia, ajudado por outros devotos da freguezia, lhe construiram nova ermida, de bem lavrada cantaria, e bonito altar-mór, de talha dourada. Na mesma capella-mór estão dous quadros a oleo, um de Santo Antonio, outro de Santo Amaro, ambos pintados pelo famoso pintor portuguez, o *Grão Vasco*. (Vide *Moinhos do Pintor*, e *Rériz*.)

A primeira ermida era antiquissima, assim como a imagem da padroeira.

Tinha o abbade de Cavernães, obrigação de hir todos os annos, com os seus parochianos, em procissão de ladainhas, á ermida da Senhora, no 1.º de maio; sendo esperados pelo povo da aldeia, que construia varios arcos de ramos e flores, enfeitados com fructas do anno antecedente — que, para esse fim, eram cuidadosamente guardadas — e que pareciam nascidas por entre os ramos dos arcos.

Era esta Senhora visitada, no decurso do anno, por varias romarias, compostas de gente de varias freguezias.

Um devoto, instituiu, pelos annos de 1660, um legado, para que houvesse aqui missa em todos os sabbados do anno.

Junto á ermida, e ao O. d'ella, corre uma levada d'agua, que, como o ribeiro de Alvellos, nasce de varias fontes, que rebentam acima da ermida. Esta é situada em um alto, e d'elle se descobre um vasto panorama, e a serra da Estrella.

—

No logar de Carragozella, da mesma freguezia de Cavernães, está a ermida de *Nossa Senhora da Victoria*.

Pelo meio da aldeia, corre a ribeira de Carragozella, que morre no rio Sátam, perto do logar de Santos Évos. É, como Alvellos, terra fresca, aprasivel, e muito abundante de cereaes, legumes e optimas fructas.

N'esta aldeia, ao O., principia a *serra das Antas*, e ao E., a do *Padrão*. É nas faldas d'esta ultima serra, que está a ermida de *Nossa Senhora da Victoria*. Vide *Padrão*, no 6.º vol., pag. 406, col. 1.ª

SENHORA DAS BROTAS — Vide *Aguias ou Brotas*, vol. 1.º, pag. 4.º, col. 1.ª — e *Brotas*, no mesmo vol., pag. 496, col. 2.ª

SENHORA DO CAMPO — (EXTENSA NOTICIA DA ANTIGA CIDADE DE CALIABRIA).

Já no 2.º vol., pag. 47, col. 2.ª, no fim, e seguintes, dei uma rapida noticia da famosa cidade de *Caliabria*, aqui darei as ultimas noticias que pude obter, com respeito a esta *povoação morta*, e que foram colligidas pelo esclarecido cavalheiro, o sr. padre José Caetano Preto Pacheco, prior d'Escalhão, de Pinhel, e publicados em folhetins do *Jornal de Viseu*.

Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria

Chegando ás minhas mãos em linguagem menos selecta, corrigi e ampliei o autographo contendo as *Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria*, escriptas pelo padre Luiz José Ferreira de Carvalho, que foi reitor de Escalhão, no bispado de Pinhel, e concelho de Figueira de Castello Rodrigo.

É pouco conhecido este escripto, porque apenas no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, o publiquei em 1866, quando ainda frequentava a Universidade de Coimbra. Reiterando hoje a sua publicação no *Panorama*, que tem dedicado as suas columnas aos monumentos e edificios mais notaveis, quer pelo seu interesse historico, quer pelo merecimento da sua architectura, parece-me não ir longe do programma adoptado pelo benemerito fundador d'este excellente jornal.

Pinhel, 21 de março de 1872.

José Caetano Preto Pacheco.

—

Na antiga geographia, do tempo dos romanos, não se faz menção d'esta cidade, mas falla-se d'ella frequentemente nos documentos ecclesiasticos do tempo dos gôdos.

O seu nome inculca muita antiguidade. A dicção — *bria* — de que é composto, significa, em lingua thracia, o que nós chamamos cidade, segundo nos ensina Strabo, liv. 1.º, pag. 319: «*Bria autem vox, Thracum lingua, urbem significat.*»

As outras dicções são do grego — *Kalos* —

que é o mesmo que — *Calos* — e tudo junto póde interpretar-se d'este modo — *cidade formosa.*

Tudo isto são conjecturas; mas, seja como fôr, a sua antiguidade é certissima.

Vamos á sua situação.

A cidade de Caliabria foi fundada em uma alta montanha junto ao caudaloso rio Douro, entre as embocaduras que n'este rio fazem as ribeiras Côa e Agueda, ficando-lhe a d'esta ao nascente, e a da outra ao poente; e na distancia de pouco mais de meia legua d'esta cidade, estão situadas as villas de Castello-Melhor e Almendra, do lado do poente, assim como ao nascente está o porto da Barca d'Alva, por onde passam os visinhos de Cima-Côa para Freixo de Espada á Cinta e outras terras da provincia transmontana.

No presente anno de 1815, em que escrevo estas memorias, ainda se conserva o muro d'esta cidade na altura de um homem de estatura ordinaria, mas isto é arrumando-se o homem á parede pela parte de fóra, olhando para dentro, pois que da parte de dentro já a terra está quasi egual ao muro; por isso que a superficie, ou sitio em que estava a cidade, era terreno mais alto do que o exterior.

A muralha tinha mais de dez pés de largura, e era formada de pedras compridas, que atravessavam de fóra para dentro e de dentro para fóra, e não de outra fórma: não eram de cantaria, mas sim loisas negras e pardas, muito duras, como são as das casas de Almendra e de Castello-Melhor, que lhe ficam defronte, da banda de Traz-os-Montes.

Examinei todo o terreno interior, que está todo lavrado, e dá muito e bom trigo; em varias partes, acham-se amontoadas as pedras de que se compunham os edificios; e ahi ha muita cantaria, mas tosca; e só da banda do poente achei em separado uma grande pedra oitavada.

A pouca distancia da porta do nascente (não tinha outra) está um grande monturo de pedras de cantaria, e alli mesmo uns pedaços de parede, como de um quarto ou sotão terreo. Estas paredes parecem existir d'esde que foi habitada collectivamente pelos caliabrenses.

Da parte do sul, defronte da ermida de Nossa Senhora do Campo, está um silvado fundo, que indica ser alli a cisterna ou deposito de agua: está mesmo arrumado ao muro da parte de dentro. Tem muito matto e algumas amendoeiras por dentro, por fóra, e no muro mesmo.

É asperrimo o caminho por onde se sóbe á cidade, mas talvez que antigamente fosse mais suave, e que as aguas o arruinassem; supposto, porem, que com muito trabalho, ainda hoje lá sobem e descem carros, quando assim é preciso aos cultivadores.

Presentemente só alli ha uma quinta, de Pedro de Castilho, de Almendra, chamada da Olga, que produz azeite, vinho, laranjas, limões, peras, etc.: as outras, apenas dão azeite, trigo, centeio e cevada; tal é a dos Caldeiras, que assim como aquella, é de pessoas nobres de Almendra.

A distancia de pouco mais de um quarto de legua está a ribeira de Aguiar, em cujas margens podia haver quintas de recreio e utilidade, mas presentemente só por alli ha álamos brancos.

No sitio onde esta ribeira entra no Douro, está uma quinta, que hoje possue a casa do capitão-mór de Castello-Melhor, e é foreira ao convento de Aguiar. Lembro-me muito bem de ler a doação que um dos reis de Leão fez d'esta quinta ao convento, na qual dizia aos monges, que, emquanto ás vinhas que na quinta havia, se houvessem elles com seus donos. D'onde collijo que antigamente (talvez quando Caliabria era habitada) haveria por alli vinhas e pomares, de que hoje nem reliquias ha.

Houve quem dissesse que Caliabria foi situada em uma serra alta, a pouca distancia de Merida, onde hoje estão a villa e o castello de Montanshes; mas não é assim. Montanshes é o mesmo que dizer *Monte de Anjo*, e, se nós quizermos attender a esta significação, podemos dizer que o nome de Montanshes quadrava bem á nossa Caliabria, porque a pouca distancia está a fortaleza de Castello-Melhor, e junto a elle, em um monte elevado, está a capella do Anjo S. Gabriel.

Talvez que por estas circumstancias serem analogas a Montaches da Estremadura

hespanhola, dissesse o auctor da *Hespanha Illustrada*, a pag. 58 do tomo 4.º—*Caliabria, id est; Montages.*

A nossa Caliabria, antes de ser séde episcopal, foi parochia do bispado de Viseu. Eis aqui como no tempo dos suevos e no concilio de Lugo se disse quaes tinham sido as parochias d'aquelle bispado:—*Ad Visensem, Vizeo, Rodomiro, Submontio, Subverbeno, Cosonia, Ovellone, Totela, et Caliabria, quae apud Gothos postea sedes fuit.*

D'aqui se colhe que, estando os bispados de Córea e de Egitania (hoje Guarda) entre meio, de nenhum modo podia Caliabria ser Montanshes da Extremadura, e competir a Merida. Pelas doações que os reis de Leão fizeram d'esta cidade á Sé da cidade Rodrigo, das quaes darei no fim as suas copias, fica sem duvida que a antiga Caliabria era onde tenho dito.

Mas para remover todo o escrupulo a algum contradictor pouco litterato (que estes são os que mais chilram) [1], que, para affectar erudição, sempre tem que dizer, e que mofar dos trabalhos dos outros homens, até a divisão, que se diz que o veneravel rei Wamba fizera dos bispados dos seus dominios, favorece a doutrina que tenho expendido sobre a situação de Caliabria, que pela dita divisão ficou limitrophe de Salamanca, de Viseu e de Lamego.

Eis aqui a divisão: «Viseu tenha por limite desde Bergora até Sorta, e desde Boneta até Ventosa: Lamego tenha por limite desde Sorta até Pedra, e desde Tara até Ortosa: Caliabria, desde Sorta até Albenia, e desde Soto até Faro: Salamanca desde Albenia até Sotobra, e desde Rusa até Sibera.»

Aqui temos Caliabria a partir com aquelles trez bispados, e a não pertencer a Merida, que tem de permeio Egitania e Córea, etc.

E para responder finalmente a todas as objecções ácerca da situação de Caliabria, digo que o auctor Vasco, foi o que se enganou, quando disse que por engano se dizia bispo caliabrense em logar de colibriense, colimbriense, ou conimbricense, quando devia advertir que no concilio 8.º, de Toledo, sobscreveu em quadragessimo quarto logar Celedonio, bispo caliabrense, e no quadragessimo nono logar, Siseberto, bispo colimbriense, que na sagração era mais moderno cinco degráus.

Não encontramos escripto algum que trate da fundação d'esta cidade, nem do nome do seu fundador. Já dissemos que, segundo alguns interpretes, o nome de Caliabria significa—cidade formosa. Eu não lhe considero formosura, attendendo á aspereza do sitio; antes estou persuadido de que se arruinou tão depressa pela falta que seus moradores teriam das coisas necessarias para commodidade da vida. É verdade que nas planicies da ribeira de Aguiar, poderia haver fructas e hortaliça; mas necessariamente havia de ser doentia sua habitação, por o demasiado calor que ha sempre n'essas planicies, e pelo muito frio que sempre faz em cima, porque a cidade era ladeirenta para a banda do norte, e ainda que as serras de alem Douro a defendessem alguma coisa, por serem muito altas, eu observei, quando examinei, pedra por pedra, as ruinas da cidade, que, supposto ser em um dos ultimos dias de maio, em cima corria bastante fresco, e em baixo era o calor insupportavel.

Era muito falta de agua, embora tivesse a cisterna de que fallei; e para a agua ser conduzida das planicies para cima, seria preciso um trabalho extraordinario, attendendo á grande distancia e á aspereza da subida.

Por estes motivos não lhe quadra bem a intelligencia de cidade formosa, tomada a formosura na acepção commum; porem esta formosura pode ser relativa a outra intelligencia, segundo o fim que os edificadores tiveram quando a fundaram em tanta altura. Certamente foi para se defenderem melhor dos ataques que lhes quizessem fazer seus inimigos, e, como n'aquelles tempos não havia ainda a descoberta da polvora e artilheria, mas havia só os arremessos e mais instrumentos bellicos, de que nos dá noticia a historia romana, e estes não se podiam manejar de longe, é sem duvida que se não po-

[1] *Chilram* é expressão de Pereira, na traducção dos *Actos dos Apostolos*.

diam aproximar á cidade, sem que seus habitantes, com outros instrumentos contrarios se podessem defender muito facilmente, sendo-lhes de muita vantagem a posição alta em que estavam, e a aspereza do caminho para lá se subir.

Attendendo a estas circumstancias, correspondentes ao objecto de defeza, não duvido de que se lhe podesse chamar cidade formosa.

Assim como não temos noticia certa da sua fundação, da mesma sorte não temos noticia do seu fundador. Apenas vemos no auctor do *Santuario Mariano*, quando falla da imagem de Nossa Senhora do Campo, no limite de Almendra, que a capella era da dita Senhora, edificada no fundo d'um monte chamado «Calabre», que antigamente foi fortaleza dos romanos; e que talvez, por ter sido edificada por algum capitão romano, natural de Calabria, na Tracia, por isso elle lhe poria este nome de Calabria, que, por corrupção, se chama hoje Calabre. Mas isto é uma inferencia que se encontra muito com o que dissemos no principio d'estas *Memorias* a respeito dos significados de—*bria* e *Kalos*.

Manuel de Faria e Sousa, na sua *Europa Portugueza*, tom. 1.º, parte 1.ª, cap. 9.º, diz: que os turdulos foram os que povoaram a Cima-Côa, onde hoje são as villas de Almeida e Castello Rodrigo, região entre os dois rios Côa e Agueda, até onde vão desaguar no Douro.

Bem pode ser que elles fundassem a fortaleza de Caliabria, para n'ella se defenderem dos que os perseguissem, ou talvez que viessem apoz elles, ou de homens brutos e selvagens, que abundavam muito n'estas terras.

E póde tambem ser que fosse fundação dos romanos, para lhes servir de presidio contra Viriato e Sertorio, ou d'estes contra os romanos.

Sabemos que no anno 42, antes da vinda de Christo, deu Viriato uma famosa batalha aos romanos, e os venceu n'este sitio de Riba-Côa, ficando morto n'ella Galo Favonio Jocundo, romano principal, cujo testamento lhe fizeram os notarios ribacoenses em uma pedra, conforme elle lh'o dissera, no dia 26 de junho, sendo consules Servio Sulpicio Galba e Lucio Aurelio.

Faria e Sousa não nos diz onde está ou onde foi achada esta pedra; mas refere-nos o conteúdo do testamento, que consiste em dar alforria aos seus escravos, e que a cada um se dê uma libra de prata e um vestido; e que seus filhos sejam desherdados, e passem seus bens ao deus Silvano, se dentro de cinco annos lhe não trasladarem os ossos para Roma, para o sepulchro de marmore, que tinha feito lavrar na Via Latina.

Muitos casos militares achamos na historia antiga, que aconteceram em Riba-Côa no tempo dos romanos: achamos tambem na capella do Santo Christo da Barca d'Alva, meia legua de distancia de Caliabria, uma pedra com inscripção dos romanos; achamos outra em Santo André d'Almofalla; e tudo isto serve sómente para conhecermos que este paiz de Riba-Côa foi theatro de cousas grandes no tempo dos romanos; porém, quanto a ser habitado por pessoas de maior representação, Manoel de Faria e Sousa diz que os turdulos o começaram a occupar 550 annos antes da vinda do Redemptor, e chamavam transcudanos a estes habitantes, por estarem para cá do rio Côa, e os que estavam para as partes de Trancoso e Celorico eram chamados osyndanos.

Deixemos porém estas coisas, pois que d'ellas não podemos senão suppôr que a cidade de Caliabria é muito antiga, mas não podemos fixar com certeza a sua antiguidade, ou para melhor dizer, a antiguidade da sua fundação.

Quanto porém ao que pertence aos logares de sua jurisdição, sabemos que teve um de muita representação, chamado *Sentice*, que Florião do Campo, natural de Samora, quer que fosse a sua patria; mas enganou-se, porque seguiu auctores errados.

Sentice foi a seis leguas de Salamanca desde Capara, e portanto corresponde a Martin del Rio, ao nascente de Cidade Rodrigo.

Tambem teve outras povoações chamadas Augustobriga e Melobriga. Na Lusitania, considerada desde Salamanca e Merida para cá (pois até a estas cidades chegava o seu

limite antigo) havia mais cidades d'estes nomes; porém Cidade Rodrigo é onde d'antes era uma das Merobrigas, e Augustobriga tambem era por alli perto.

Interamnio era outra povoação respeitavel no districto de Caliabria, e chamava-se assim por estar entre os rios Côa e Toirões; porém não se sabe individualmente onde era.

De Interamnio falla o letreiro da ponte de Alcantara, e como esta foi edificada por ordem de Trajano á custa dos lusitanos, em que não se comprehendia o Minho e Traz-os-Montes, ninguem deve applicar o nome de Interamnio, de que tratamos, aos povos que hoje chamamos de entre os rios, que são os do Douro até ao Minho.

O padre mestre fr. Henrique Flores, no tomo 14.º da sua *Hespanha Sagrada*, explica muito bem esta differença, quando falla da egreja egitaniense, e diz que d'este Interamnio de Cima-Côa eram naturaes Alucio Apilinta Ambato, filho de Ducurio, e Camalo, filho de Cantogunio, os quaes chegaram a cem annos de edade.

Phlegon falla d'estes homens por este modo: «*Alucius Apelinta, Lusitanus, urbe Interaniesia; eadem urbe Ambatus, Ducurii F., et Camalus Cantolgunii F.—Celtius Pelii F. urbe Apeilocario::: De his, qui centum anno vixerunt.*»

Do Interamnio de que fallamos ficaram varias memorias em inscripções de Merida, uma de Marco Attio Firmino; outra de Quinto Licinio Paterno; outra de Marco Coronio Celso; todos interamnenses, como se póde ver em Moreno Vargas, liv. 1.º, cap. 13.º da *Historia de Merida*.

Passemos agora á representação de Caliabria pelo que pertence ao ecclesiastico.

A origem do bispado caliabrense é a que melhor se póde averiguar, sem embargo da obscuridade da fundação d'esta cidade, e da erecção dos bispados antigos, porque, combinando documentos, resulta que começou a ter bispo, reinando em Hespanha Suintila, desde o anno 621 por deante; pois pelas actas do concilio lucense, consta que os godos erigiram este bispado. Antecedentemente foi parochia do bispado de Viseu (cujo primeiro bispo foi Remissol (?), pelos annos de 561 até 572); pois as ditas actas, como atraz fica escripto, diziam: «*Ad vivens. Viseu::: et Caliabria, quæ apud gothos postea sedes fuit*: e assim correspondia ao estado dos suevos, por quanto Caliabria distava menos de Viseu que dos outros bispados do seu dominio, como se colhe dos mappas, pois que Salamanca não era da corôa dos suevos, e por aqui sabemos que estes dominavam pelas terras de Cidade Rodrigo, em cujo espaço está Caliabria, como parochia sujeita ao bispado de Viseu.

Desde Viseu a Salamanca e á Idanha, não havia séde episcopal entre meio, e por isso era muito grande o bispado de Viseu.

Mas depois que os gôdos se fizeram catholicos, e obtiveram estas terras, e se pozeram em paz e socego, para evitarem os incommodos que acontecem sendo os bispados muito grandes, attendendo a que Caliabria estava no centro da circumferencia de Lamego, Viseu, Idanha, Coria, Avila, e Salamanca, n'ella collocaram uma séde pontificia, e lhe determinaram os limites, que seriam os mesmos (ou com pouca differença) que se attribue serem d signados por Wamba.

Em tempo dos reis Recaredo e Gundemaro não ouvimos que se fallasse da séde caliabrense, ainda que temos actas firmadas por bispos lusitanos.

A primeira vez que apparece a firma do bispo caliabrense é no concilio 4.º toletano, celebrado no anno 633, a 5 de dezembro: alli vemos no n.º 30 o *Servus Dei*, bispo calabrense ou caliabrense, precedendo a 32 bispos menos antigos na sagração (pois assignam pela antiguidade d'esta), cuja ordem de assignatura, combinadas quanto possivel todas as circumstancias, o suppõe consagrado pouco depois do anno 621, em que o rei gôdo Suintila começou a reinar, e por isso ao tempo do seu reinado attribuimos o principio d'este bispado. Então era metropolitano da Lusitania o arcebispo de Merida, chamado Renovato, e Santo Isidoro de Sevilha era o prelado mais antigo de todos os de Hespanha; occasião opportuna para que com o zelo e valimento de tão grandes padres fosse em augmento a disciplina da egreja, e o bom regimen dos fieis.

Foi pois, como temos dito, *Servus Dei* o primeiro bispo de Caliabria, que concorreu a Toledo com Santo Isidoro e outros bispos de Hespanha e Portugal (eram setenta ao todo) ao concilio 4.º; e cinco annos depois concorreu á celebração do concilio 6.º, no anno 638, e firmou as suas actas, assignando no n.º 23 dos prelados. No anno 646 voltou ao 7.º concilio da mesma cidade, e firmou no n.º 18, e nada mais sabemos d'este prelado.

Em uma nota marginal de Loaysa, se diz que *Servus Dei* caliabrense firmou nos concilios toletanos 3.º, 5.º e 6.º; mas aqui ha erro, quanto aos 3.º e 5.º, segundo nos explica o padre mestre Flores.

Por morte de *Servus Dei*, começou Celedonio, segundo bispo, a governar a egreja de Caliabria: o nome e a dignidade d'este prelado constam das actas do concilio 8.º de Toledo, celebrado em 653, firmando-as no n.º 44, precedendo a só oito bispos; do que se conhece que era dos mais modernos que alli se achavam.

Servus Dei vivia em 646, e portanto a sagração de Celedonio corresponde aproximadamente ao anno de 650.

Não temos mais noticia d'este prelado, mas sim do seu successor, Aloario III, a quem Loaysa chama Alvario. Nos manuscriptos escrevem Aloario, nas firmas do concilio de Merida, celebrado no anno 666, em que se achou este prelado como um dos suffraganeos da provincia emeriense, sem embargo de haver sido a egreja caliabrense uma das suffraganeas de Braga no tempo dos suevos.

Entre todos os bispos de concelho de Merida (que só foram doze), firmou o nosso prelado em ultimo logar, per ser o menos antigo na sagração, que se suppõe ter sido em 664 ou 665; e não temos mais noticia d'este prelado.

Desde o anno 666 não ha noticia do bispo de Caliabria até o de 668, em que se celebrou o concilio 15.º de Toledo, que nos offerece por prelado caliabrense Ervigio III, na subscripção n.º 13, precedendo a 48 bispos; antiguidade bem notavel, que o suppõe immediato successor de Aloario, e digno de que lhe assignemos a sagração perto do anno de 676, sabendo-se por isto mesmo que governou a egreja de Caliabria por muitos annos, pois voltou a Toledo ao concilio seguinte, celebrado no anno de 693. Nada mais sabemos d'este bispo, que alguns intitularam bispo biterense; mas isto foi equivocação que muito bem se deixa conhecer, vendo nós que no concilio 16.º firmou no n.º 3, depois dos metropolitanos, o que convém optimamente á antiguidade da sua sagração.

Nada mais ha que accrescentar ao que tiramos dos escriptos do padre Flores, senão o que achamos em uma nota do livro intitulado —*Vida e regras religiosas de Fructuoso Bracharense*, impresso em 1805 por mandado de D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga, na qual nota se diz tambem que Celedonio assistira ao concilio 10.º de Toledo, celebrado em 656, no anno oitavo do rei Reccesvintho.

Esta nota nomeia 17 bispos, a saber: S. Fructuoso de Dume, transferido n'este concilio para a cadeira de Braga, pela penitente deposição de Potarcio; Oroneio, de Merida; Cesario, de Lisboa; Hermenfredo, de Lugo; Elpidio, de Astorga; Zozimo, de Evora; Flavio, do Porto; Egeredo, de Salamanca; Celedonio, de Caliabria; João, de Coria; Amanungo, de Abila; Salva, de Egitania; Filimiro, de Lamego; Vandila, de Viseu; Adeodato, de Beja; Sona, de Orense; e Sesiberto, de Coimbra.

O padre Flores não nos diz que Celedonio estivera n'este concilio, mas esta omissão não tira, nem põe, para embaraçar o catalogo pequeno, que temos dos bispos de Caliabria.

Depois de Ervigio, não ha noticia mais alguma de bispos caliabrenses; devendo sempre suppôr-se que continuaria a cadeira d'esta cidade a estar provida até á invasão dos mouros, no principio do seculo VIII.

Nós sabemos, e logo o mostraremos, que Caliabria existia com o nome de cidade no fim do seculo XII; mas de nenhum modo queremos que tivesse bispos por muito tempo depois da maldita vinda dos barbaros. Suppômos que desde a entrada d'estes, começou a cidade a despovoar-se e a arruinar-se; retirando-se as familias mais principaes a si-

tios mais seguros, até que chegasse tempo de se restabelecerem na antiga liberdade; e, quando esta chegou, depois de terem passado já muitos annos, reputando-se por melhor o sitio de Cidade Rodrigo, collocaram alli a antiga séde episcopal de Caliabria. Cidade Rodrigo succedeu nos direitos d'esta: devem portanto os antigos bispos de Caliabria suppôr-se ao catalogo dos bispos de Cidade Rodrigo, correspondentes ao estado moderno, que é o que se conta depois que a egreja das Hespanhas começou a respirar da invasão dos barbaros.

O que até aqui temos escripto é o que podémos alcançar e inferir a respeito d'esta cidade antiga, de que presentemente não vemos senão as ruinas. O que devemos suppôr é que os arabes a pozeram no estado deploravel de não dever conservar-se n'ella a séde episcopal, que ahi existiu por todo o seculo VII; pois que estes barbaros vieram no principio do VIII, e foi tanta a sua crueldade, que esta deu causa a passarem para as Asturias muitos bispos lusitanos e hespanhoes, aos quaes, para se poderem sustentar com decencia, foram taxadas por el-rei D. Affonso, o Magno, algumas parochias, como se verá logo da disposição do concilio de Oviedo. Muitos bispos poderam conservar-se, e sabe Deus com que trabalho, nas suas sédes, porque os seus diocesanos não desampararam as casas: outros, como o de Viseu, e do Porto, etc., não tendo diocesanos que apascentar, foram-se retirando para a protecção dos montanhezes.

Não sabemos se Caliabria estava provida de bispo, quando os sarracenos lhe chegaram a porta, porque, depois de Ervigio, não sabemos de outro, nem se este foi morto antes, se depois da chegada dos inimigos; nem as historias do que se passou nas Asturias dizem coisa alguma do bispo caliabrense, sendo certo que nos fallam dos das mais cidades da Lusitania e Hespanha, já exercitando o sagrado ministerio nas parochias que se lhes designaram para isso, já assignando nas doações e privilegios dos mosteiros de Sahagum e de Samos, já assistindo á sagração da basilica de Sant'Iago de Compostella.

E é de notar que, vagando algumas sédes lusitanicas e hespanholas, por fallecimento de seus bispos, nas Asturias, immediatamente eram lá nomeados varões respeitaveis para substituil-os, ao mesmo tempo que as cidades estavam occupadas pelos inimigos, vindo por tal modo os bispos d'ellas a ser bispos *in partibus*, como hoje ha muitos.

Mas tambem vemos por testemunhas certissimas, que, depois que os mouros, á força das suas crueldades, se apoderaram de Hespanha e Portugal, modificando alguma cousa a sua fereza, o que regularmente acontece, depois de conseguido um dominio amplo, consentiram que no meio d'elles podessem viver os christãos, fazendo uso publico da religião catholica; e, para conseguirem os nossos esta faculdade, pagavam-lhes grossos tributos, como hoje lhes pagam os religiosos que vivem nos logares santos de Jerusalem. Talvez que em Caliabria acontecesse isto mesmo, e que por falta de monumentos nós ignoremos. É certo que em Viseu não continuou o episcopado até quasi á extincção dos barbaros, nem em Lamego, nem na Idanha a Velha, cujo bispado hoje é substituido pelo da Guarda; e, como a cidade de Caliabria era sua limitrophe, devemos suppôr que lhe aconteceria a mesma infeliz sorte, e isto é o mais certo. Porem, para prova de que os mouros consentiram o christianismo em algumas cidades, nós vemos em fr. Bernardo de Brito, que a egreja, que os mouros designaram em Lisboa aos christãos para o culto publico da religião catholica, foi a dos martyres, Santos Verissimo, Maxima e Julia; e isto faz-se mais acreditavel pela rasão de não encontrarmos nas historias asturianas d'aquelles tempos, o nome ou funcções de bispos olisiponenses; e, se tambem não encontrâmos algumas d'estas cousas em monumentos de Lisboa, é porque alli nada se podia escrever de modo que se podesse conservar, como se conservaram os monumentos das Asturias; e os asturianos não podiam escrever acontecimentos do interior da Lusitania, tanto pela longitude, como por falta de communicação com os lusitanos.

Não desdiz do que tenho exposto do consentimento que os mouros davam aos catho-

licos a respeito do culto christão, o ler-se no Apologetico do abbade Samsão, que em Merida perseverava bispo metropolitano no meio do seculo IX; ainda que me custe muito a acreditar isto, por saber que Merida foi a primeira cidade da Lusitania, que foi massacrada em tudo, depois da batalha de Guadalete, em que el-rei D. Rodrigo perdeu as Hespanhas.

Sabemos tambem que o mosteiro de Lorvão, sempre se conservou provido de religiosos benedictinos, ainda no meio do dominio dos mouros, posto que não acreditamos alguns ditos do abbade João de Monte-Mór, e outras cousas em que a falta de verosimilhança faz com que se dê menos credito a alguns factos que talvez fossem verdadeiros.

Vamos outra vez ao nosso territorio.

Erecto que foi o bispado de Cidade Rodrigo, ou, para melhor dizer, collocada que foi a séde pontificia de Caliabria em Cidade Rodrigo, cuja epocha já pertence ao estado moderno, é sem duvida que ficou a Cima-Côa sujeita ao bispo d'esta cidade, pois não temos aqui outra mudança senão a da séde de uma cidade arruinada para outra reedificada, e o poder soberano estava nos reis de Leão, a cujo dominio pertenceu o nosso paiz até que el-rei D. Affonso Henriques o tomou áquelles, o que só durou dois annos, dentro dos quaes fundou os mosteiros de Santa Maria de Aguiar, e o fez filiação de S. João de Tarouca; mas, passados os dois annos, tornamos ao dominio dos leonezes, e o mosteiro tornou á filiação de Morercola, no bispado de Zamora, do qual era, quando debaixo da regra de S. Bento estivera na Torre de Aguiar, e por isso diz: — *Monasterium Sanctae Mariae Turris Aquiliaris.*

Persuado-me que tambem n'aquelles dois annos, o bispo de Cidade Rodrigo, era o de Cima-Côa, assim como o foi depois, não só desde el-rei D. Affonso Henriques até el-rei D. Diniz, que foi o que ajuntou Cima-Côa a Portugal, mas mesmo desde el-rei D. Diniz até el-rei D. João I, que uniu a espiritualidade de Cima-Côa a Lamego, de maneira que, mediando cem annos, desde que D. Diniz uniu Cima-Côa a Portugal, até que el-rei D. João I, em 1404, uniu a espiritualidade da Cima-Côa a Lamego, estivemos todo este espaço de tempo subditos de el-rei de Portugal no temporal, e do bispo de Cidade Rodrigo, hespanhol, no espiritual.

Em 25 d'agosto de 1770 foi el-rei D. José I servido elevar á cathegoria de cidade a villa de Pinhel, que era do bispado de Viseu, e ajuntando os arciprestados de Pinhel, de Castello Mendo e de Trancoso (todos do bispado de Viseu) a Cima-Côa, que consta dos arciprestados de Almendra, de Almeida, de Alfaiates, e do Sabugal, em um só bispado, de que Pinhel ficou a capital, nomeou para primeiro bispo d'esta diocese, a D. Christovão de Almeida Soares, que havia mais de quarenta annos era lente de canones na Universidade de Coimbra, e fallecêu no anno de 1782, tendo exercitado o pontificado por sete annos. Era natural da provincia do Minho, onde sempre ia passar a estação do estio, na sua quinta de Alenteno, porque chamava a Pinhel o *viveiro das sezões.*

Jaz no convento das religiosas de S. Luiz, da dita cidade.

Por seu fallecimento, foi nomeado pela rainha D. Maria I para segundo bispo de Pinhel, D. José Antonio Pinto de Mendonça Arraes, natural da villa de Ceia, o qual era monsenhor na patriarchal de Lisboa, e este prelado exercitou o pontificado em Pinhel até que, por fallecimento de D. Jeronymo Rogado, natural e bispo da Guarda, foi pela mesma augusta rainha nomeado bispo da dita cidade, onde actualmente (1815) exercita o pontificado, desde o anno de 1798; achando-se d'ahi para cá substituida a séde pontificia de Pinhel pelo nosso actual bispo D. Bernardo Beltrão, natural de Carapito, que era freire da ordem de S. Bento de Aviz. Deus prospere a vida d'estes dois prelados e eu assim lh'o peço nos meus votos e sacrificios, pois o primeiro conferiu-me todas as ordens sacras, e o segundo conferiu-me as egrejas de Villar-Maior e a de S. Pedro do Rio Sécco, nas quaes estive collocado, e permittiu-me que permutasse esta ultima pela de Escalhão, em que me acho.

Estas são as noticias que pude arranjar a respeito de Caliabria e Cima Côa.

NOTA 1.ª

Ha de causar admiração a quem ler estas memorias o não se nomear a Santo Apollinario entre os bispos de Caliabria; mas esta admiração ha-de ser só respectiva, se forem lidas por alguem de Urrôs.

Santo Apollinario, bispo de Ravena, jámais veiu á Hespanha; e por tanto este santo, do qual resamos no dia 23 de julho, não é o que dizem estar sepultado em Urrôs, e nunca foi bispo da nossa Caliabria; assim como o não foi o que está em Urrôs, pois este, segundo nos diz Faria e Sousa, é Sydonio Apolinario, bispo e tambem martyr, mas não nos diz d'onde era natural. O auctor, porém, do «Santuario Mariano» fallando da provincia de Traz-os-Montes, diz que santo Apollinario martyr, que está em Urrôs, era bispo francez, e que fugindo do seu bispado pela perseguição que lhe fizeram uns hereges, cujas heresias combatia, veiu ter a estes sitios, onde outros taes como os de que fugia o martyrisaram. Faria e Sousa diz que era o bispo de Alvernia. (Vide *Urrôs.*)

NOTA 2.ª

São inteiramente desconhecidos os nomes de algumas povoações que se nomeiam na divisão dos bispados, que se julga ser feita por Wamba.

Fallando a respeito do de Caliabria, apenas podémos saber que a povoação chamada — *Sorta* — era ao poente d'esta cidade, não só porque faz a figura como d'um padrão, que divide o seu bispado do de Viseu e do de Lamêgo, que lhe ficam ao poente; mas porque, dizendo a divisão, que a cidade de Caliabria tinha por limite desde Sorta até Albenia, e sendo Albenia o que hoje é Alva de Tormes, é claro que Albenia lhe ficava ao nascente, e Sorta ao poente.

Eu escrevo as divisões conforme as acho, e são as seguintes:

Á metropole de Merida tocaram-lhe os suffraganeos de Beja, Lisboa, Ossonoba (hoje Faro, no Algarve), Idanha, Coimbra, Viseu, Lamego, Caliabria, Coria, Evora, Avila, Salamanca, e Numancia. A metropole de Braga, Dume, Porto, Tuy, Orense, Iria, Lugo, Britonia, e Astorga. Beja tinha por limite desde Balagar até Arta, e desde Ola até Mataval. Lisboa, desde Darca até Ambia e desde Ola até Mata. Evora desde Setobra[1] até Pedra e desde Rucela até Parada. Ossonoba, desde Ambia até Sala e desde Ipsa até Torre. Idanha desde Sala até Nava e desde Cêa até Muriela. Coimbra, desde Nava até Berga, e desde Torrente até Sora. Viseu, desde Berga até Sorta e desde Bonela até Ventosa. Lamêgo, desde Sorta até Pedra e desde Tara até Ortosa.

Caliabria desde Sorta até Albenia e desde Soto até Faro.

Salamanca, desde Albenia até Setobra e desde Rusa até Siberia. Numancia, desde Penassusende até Tornes, por cima dos banhos de Valle de Rei até ao Douro, e desde Villalar até Otero de Fumos, junto ao Rio Secco até Breto, e desde Tavora até o Douro.

(Esta Numancia é a que hoje chamamos Çamora, e não a Numancia que se destruiu no tempo dos romanos antes da vinda de Jesus Christo[2].)

Ávila desde Pedra até Villa, e desde Viasto até Torreiro.

Cória, desde Villa até o Tejo, e desde Asa até Pumar. Dume, desde Puria até Albia e desde Riantece até Ara. Porto, desde Albia até Zosola e desde Olmos até ás ilhas Casiterides. Tuy, desde Zolosa até Laguna e desde Montalvo até Fetosa. Orense, desde Cusarica até Sil e desde Verenganos atè Calabaças Maiores. Iria desde Iso até Cusanea e desde Caldas de Rei até á Praia do Oceano.

(Já não existe este bispado: a capital chama-se hoje a Villa de Padrão).

Lugo, desde Laguna até Russa e desde Monsanto até Quintana. Britonia, desde Russa até Torrentes e desde Ostoba até Tobella e rio Eva. Astorga, desde o fim de Valle Cercel (?) até aos rios Vinama e Orbego, e por Verço até Tavora.

[1] Cetobriga?—Setubal, será corrupção de *Setobra?*

PINHO LEAL.

[2] Julgo que se engana o sr. Preto Pacheco. Vide *Numão.*

NOTA 3.ª

Sobre um arco da ponte de Alcantara, estava de um lado uma pedra com a seguinte inscripção, que denotava os municipios da Lusitania que concorreram para aquella obra, sendo imperador Trajano, que reinou no fim do primeiro seculo e principio do segundo, e moveu a terceira perseguição:

MUNICIPIA PROVINCIAE LUSITANIAE
STIPE CONLATA, QUAE OPUS PONTIS
PER SECERUNT, IGAEDITANI, LANCIENSES
OPPIDANI, TALORI, INTERANNENSES,
COLARUI, ARAVI, MEIDUBRICENSES,
ARABRIGENSES, PESURES.

NOTA 4.ª

O letreiro que se vê na pedra que está na fronteira da capella de Barca d'Alva é da maneira seguinte:

MODESTUS AMRATI
F. C.º BEL AN. LX. CORNELIA
CENSULIA AN. L. H. S. S. S. [1]
VT. L. C. MARIUS MODES.
TINUS. PATRI FIRMUS
MODESTIS. LIB. PATRO

Quer dizer isto: que Modesto, filho de Amerato, acabada a guerra em que havia militado, falleceu de sessenta annos, e que foi aqui sepultado, com sua mulher Cornelia Censulia, que morreu de cincoenta annos de edade; e que Caio Mario Modestino e Firmo, liberto de Modesto, puzeram esta memoria, o primeiro a seu pae, e o segundo ao seu patrono [2].

Ha quem leia AVIRATI em logar de AMERATI, e AVIMIUS em logar de MARIUS, e CORNETA CENSULIA em logar de CORNELIA CENSULIA.

[1] Esta 3.ª linha parece-me que está errada—julgo que devia ser

CENCULIA AN. L. H. S. E. S.

E na 4.ª linha, o v devia ser um T (sit tibi terra levis.)

[2] Devia accrescentar — *A terra lhe seja leve*, que provavelmente é o que dizia a inscripção se fosse bem copiada.

PINHO LEAL.

NOTA 5.ª

Ainda que não é do meu assumpto tratar aqui das guerras dos portuguezes com os hespanhoes, e d'estes com aquelles, attendendo a que fallo de coisas memoraveis de Cima-Côa, copiarei aqui, *sicut jacet*, a inscripção que está em um padrão junto de Matta de Lobos, indo para Nave Redonda. Dá relação da batalha da Salgadella, ultima que se deu na restauração de Portugal do dominio hespanhol.

SUBG.º REGE ALPHONSO
CITIANDO O EXT.º
DE CAST.ª Q. GOVERNAVA
O DUQ.e DE VSVNA,
A PRAÇA DE CAST.º R.º FOI
SOCORIDA
POR P.º JAQUES DE MAGA.es
G. al DES-
TA PROV.ª Q. OVENCEO E.ª
BATALHA
NESTE LUGAR CÕ DESI-
GUAL
PODER A 7 DE JULHO
DE 1664.

Estas letras estão da banda do nascente; e da banda do poente estão as seguintes:

E P.ª FAZER IMORTAL
ESTA VICTO-
RIA JOAM DA FONS.ª
TAV.es MAN-
DOU AQUI LEVANTAR
ESTE PA-
DRAM, NO SOBREDITO
ANNO DE 1664.

José Caetano Preto Pacheco.

SENHORA DO CASTELLO — ermida, Algarve, na freguezia de Paderne. Vide 6.º vol., pag. 399, col. 2.ª e seguintes.

SENHORA DA ESPERANÇA — ermida, Beira Alta, na freguezia de Mouraz, concelho de Tondella. (Vide 5.º vol., pag. 576, col. 1.ª)

A ermida da Senhora da Esperança é um templo vasto e muito bem ornado, e foi accrescentada, pelos annos de 1660. O altar-mór, é de bôa talha dourada.

A padroeira, tem uma numerosa irmandade, que a serve com devoção, e lhe faz a

sua festa no dia da Senhora das Neves (5 de agosto).

A festa de 5 de agosto de 1877, deixou tristes recordações, pela serie de desgraças que tiveram logar n'esse dia — foram as seguintes.

Cahiu o badalo do sino grande, matando instantaneamente uma pobre mulher, da freguezia de Tonda. Ao cahir o badalo, tambem quebrou um pedaço da empena da torre, que, cahindo sobre outra mulher, lhe quebrou um braço.

Outra mulher, fugindo espavorida, cahiu e quebrou as costellas.

Um rapazito, filho de Rosa Engeitada, ficou todo queimado com foguetes, os quaes tambem queimaram os vestidos de uma senhora, que além d'isso ficou muito maltratada.

Oito individuos, entre elles o sr. padre Adriano Lopes Dias, fugindo do fogo, cahiram em uma cóva, ficando feridos gravemente, sendo levados em braços para suas casas, onde tiveram de estar bastante tempo de cama.

Isto, não fallando nos trambulhões e ferimentos por elles causados, de alguns individuos que beberam mais do que lhes era precizo.

SENHORA DA ESTRELLA — Grande ermida, Beira Alta, na aldeia de *Boaças*, freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, concelho e comarca de Sinfães.

O logar de Boaças, é bastante populoso e tem alguns edificios bons.

Fica mesmo sobre a margem esquerda do rio Douro, e foi villa e cabeça de couto (Vide 6.º vol., ultima linha da col. 1.ª de pag. 274, e col 2.ª da mesma pagina).

A ermida da Senhora da Estrella, é vasta como uma egreja matriz, e está decentemente decorada. É muito antiga, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Nem o *Sanctuario Mariano* falla n'esta egreja.

Faz-se uma grande romaria a esta Senhora, a 15 d'agosto, e é sempre concorridissima.

Na festividade d'agosto de 1879, teve logar um facto, que deu muito que pensar — mesmo aos incredulos.

Projectou-se e levou-se a effeito, uma procissão pelo Douro, em barcos luxuosamente enfeitados (que em verdade produziam lindo effeito), na qual eram conduzidos alguns andores, entre elles o da Senhora da Estrella. Depois de percorrer uma certa distancia, desembarcou a procissão no sitio do Portantigo, onde devia de ter logar um sermão.

Effectivamente, chegados que foram todos á praia, principiou o sermão, que era escutado com interesse. Porém, no meio d'aquelle povo respeitoso e submisso, lá estavam alguns individuos que... se conservaram de chapeu na cabeça, apesar de serem avisados e rogados para se descobrirem.

Notaram tambem o digno abbade da freguezia e o rev.º prégador, o escandalo que os taes individuos estavam dando, pelo que este ultimo sr. teve por conveniente fazer-lhes algumas observações amigavelmente; mas não foi attendido.

Dirigiu-se então alguem, em termos cortezes, a um barbeiro, de S. Cypriano, cujo nome ainda ignoro, pedindo-lhe que tirasse o chapeu, ao que elle respondeu: «custou-me dinheiro e comprei-o para o ter na cabeça». Mal eram pronunciadas estas palavras e terminada uma supplica á Virgem pelo digno abbade, e eis que um grande *mastro*, erguido para o objecto da funcção, cáe e mata instantaneamente uma filha do teimoso barbeiro, deixando tambem este bastante contuso, que por isso foi conduzido em braços para casa.

Foi castigo? Foi méro acaso? Aos que forem d'esta opinião direi que no dia antecedente, um homem tinha trepado pelo mastro, indo collocar-lhe no cimo uma bandeira, e desceu muito a salvo.

Todavia o facto deu-se como acabo de narrar, e todos aquelles que presenciaram a teimosia do barbeiro e a lamentavel occorrencia que se lhe seguiu, ficaram contristadissimos, e não raro sahia de muitas bocas esta expressão — Foi a justiça Divina que castigou o pouco respeito á Santa Virgem!

E todo aquelle povo ficou dando graças a Deus por não ter havido mais victimas, sendo certo que ao pé do barbeiro e de sua

filha havia muita gente reunida quando cahiu o mastro.

—

Para evitarmos repetições, vide no 8.º volume, a col. 1.ª (no principio) de pag. 285.

—

Disse-me um padre velho (cujo nome me esqueceu) quando estive em Boaças, em 1846, que o nome d'esta povoação procedia do facto seguinte.

Vindo um bispo de Lamêgo, visitar o templo de Nossa Senhora da Estrella, foi depois ver a povoação, e, achando-a grande, bonita e magnificamente situada, disse — «*Bôa assás!*» — e d'aqui lhe ficou o nome de *Boaças*. O que o padre me não disse, foi qual era o nome que antes d'isso tinha.

Mesmo assim, tenho visto etymologias mais disparatadas do que esta, que é *bôa assás*.

SENHORA DA ESTRELLA — famoso sanctuario, Alemtejo, no termo da villa de Marvão.

Por achar interessante um folhetim alludindo a esta Senhora, publicado (sem nome de auctor) no jornal legitimista *Correio da Tarde*, n.º 1:192, de 30 de maio de 1876, o transcrevo, e é o seguinte:

De Portalegre a Marvão

Visita ao sanctuario
da Senhora da Estrella

I

Batiam cinco horas da manhan no relogio da sé cathedral de Portalegre, no dia onze de maio do corrente anno, quando passavam em frente do templo do Senhor do Bom Fim dois trens, conduzindo duas familias, que se dirigiam a Marvão, a visitar o sanctuario da Senhora da Estrella, de grande nomeada na provincia.

A manhan estava lindissima, a viração espalhava pelo caminho o perfume das nogueiras, e os viajantes, acariciados pelos attractivos da natureza, e pelos risonhos quadros, que em suas imaginações debuxavam, promettiam-se os gosos de um dia aprazivel, além das consolações espirituaes, que na estancia sagrada hiam procurar.

No fim do Arieiro, deixaram os vehiculos a primitiva estrada, tomando pela que se encaminha á Ribeira de Niza. Ficavam á esquerda os vinhedos da Galócha, de Ignacio Cardoso de Barros, neto do cavalheiro d'este nome, que nas côrtes dos Trez Estados, em 1828, representou Castello de Vide; á direita a quinta das Assomadas, residencia predilecta do dr. José Maria Grande, o primeiro medico agraciado em Portugal com o pariato.

Haviamos já transposto os casaes da Ribeira de Niza, quando ao longe, na quebrada da serra, avistâmos o presbyterio da parochia de Nossa Senhora da Esperança, brilhante de alvura, emoldurado, como o templosinho, no verde maciço da floresta de castanheiros bravos.

Pertencera aquelle templosinho ao convento dos frades menores da Piedade, alli fundado em 1522, e depois transferido para as visinhanças de Portalegre.

Fomos subindo a encosta por atalhos suaves até ao Monte Palleiros, onde se cultivam algumas hortas e pomares. Aplana-se depois a estrada por entre terrenos incultos, onde florescem o rosmaninho, a joina e as rosas albardeiras, até se encontrar á direita uma matta de castanheiros, e á esquerda Frei Alvaro.

É Frei Alvaro uma herdade, que pertencêra, com outros bens, a Iria Gonçalves do Carvalhal, mãe do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. De alguns d'estes bens fez doação a piedosa senhora, ao mosteiro da Provença de Valle de Flores, na Ribeira de Niza, do qual resta apenas a tradição no povo, e a memoria em nossas chronicas [1].

Vai-se rebaixando o terreno successivamente nos chamados Alvarrões. Ladeam a estrada, negras penedias de granito, e sussurram em profundos córregos as aguas crystallinas, atravessadas na parte mais inferior por uma ponte de construcção moderna.

[1] *Thebaida Portugueza. Por Fr. Manuel de S. Caetano Damazio*—Tom. II, pag. 369.

Abre se depois uma planicie, e, por entre casaes visinhos da egreja de S. Salvador de Aramenha, entra-se no vasto prado de Marvão. Parámos aqui.

II

Tinhamos ante os olhos um panorama variado, novo, surprehendente, cuja profusa vegetação fazia sobresair os esplendores da manhan, e os reflexos das aguas, que serpejavam no valle.

Ao aspecto de quadro tão formoso, occorreu-nos á memoria a pintura venusta de um outro não somenos:

A manhan!... Como está bella!
Do valle a nevoa, ainda azul;
A nuvem, que se encastella;
A flôr, que esmalta o paúl;
Das aguas claras o espelho;
O horisonte, já vermelho,
Do disco ardente do sol;.
A folhagem, que cicia,
E junta sua harmonia
Aos quebros do rouxinol [1].

Permanecemos longo tempo embevecidos na contemplação d'estas scenas maravilhosas... E quem diria, que no fecundo solo, onde agora vegetam searas, hortas e pomares, já campearam circos, palacios, e naumachias?

Do tempo o que não muda a vetustade? [2].

Encontram-se, effectivamente, n'este sólo, numerosos vestigios de uma cidade, reliquias d'uma civilisação que remonta a longos seculos. Florescêra aqui outr'ora Medobriga, que devastaram as legiões romanas, de cuja dominação apparecem, tambem, frequentes indicios.

Deixemos, porém, o celebre prado, e, subindo a encosta pela estrada nova, continuemos nosso caminho para Marvão.

Já logramos a vista do famoso castello, no alcantil da serra, que parece querer topetar com as nuvens; para vencer a distancia que nos separa, é necessario torneal-a, percorrendo uma volta prolongada. N'esta volta ora se nos apresentam, ora se nos occultam os cubéllos da cidadella, conforme os accidentes do terreno.

Causavam-nos certa impaciencia estas vistas alternadas; parecia-nos umas vezes approximar-se, outras affastar-se o nosso objectivo.

Chegámos, finalmente, á villa; dava o relogio oito horas, quando entravamos as suas portas.

III

É memoravel em nossa antiga e moderna historia a fortaleza de Marvão, havida no seculo passado na conta de inexpugnavel. Depois da ultima guerra civil, em 1847, foi desguarnecida, e levadas para Elvas as munições e artilheria.

São hoje montões de ruinas os quarteis, e o que ainda não poude aniquillar a acção do tempo, vae-o destruindo a mão do homem.

Um governador, um ajudante, e um cazerneiro são os unicos representantes da força militar, que n'outras eras aqui preponderava.

Fizemos a nossa primeira paragem na praça, d'onde se avistam os paços do concelho com as armas d'el-rei D. Manuel. Estava derribado por terra o pelourinho, antigo emblema da autonomia e jurisdicção municipal. Parece que pela destruição d'este monumento, se inaugurou o regimen do novo senado marvanejo.

Depois das abluções indispensaveis, emquanto se preparava o almoço, fomos visitar a egreja de Sant'Iago. Tem um portico de granito, de estylo gothico, e uma capella da Senhora da Conceição, com retabulo de marmore branco e preto, de grande valía.

Findo o almoço, dirigimo-nos ao sanctuario.

IV

Fóra das muralhas de Marvão, a poucos passos de distancia, está o convento dos Franciscanos, em que se venéra a Senhora da Estrella.

Acha-se no adro da egreja arvorado um cruzeiro de marmore, de haste e braços re-

[1] *Pedro. Por A. Pereira da Cunha.*
[2] *A Eneida*, Liv. III, v. 415.

torcidos, apresentando na face anterior a imagem de Christo, na posterior a da Senhora da Piedade, ambas em baixo relevo.

São notaveis os lavores d'este cruzeiro pela difficuldade de trabalhar em pedra tão rija.

De estilo gothico e de granito é o portico do templo, que é de uma só nave. Ao lado esquerdo da capella-mór, em outra capella espaçosa e illuminada por um zimborio, está exposta á veneração dos fieis a Senhora da Estrella.

Tem um retabulo de preciosos marmores, com a imagem de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xavier, de grandeza natural, e tambem de marmore. Dá nos olhos e provoca a attenção do amante das bellas artes, o sacrario, de marmore, e monolitho. Tem a altura de um metro, pouco mais ou menos, e representa uma urna antiga, de airoso pedestal e elegantes volutas, coroada por uma cruz bem proporcionada.

De marmore, egualmente, é o throno em que está a Virgem, em vulto, de pequenas dimensões, de barro, sem belleza esculptural; subimos ao camarim a beijal-a, apresentandonol-a em seus braços, um sacerdote, que fez a mercê de nos acompanhar.

Dirigimos depois nossas preces á Mãe Clementissima, implorando o seu patrocinio em todos os transes da vida, e offerecendo-lhe, em demonstração de reverente affecto, alguns ramos de flores naturaes.

Consta de uma inscripção em azulejo, que a Senhora apparecera em uma rocha antes do anno de 1440; e de outra, que D. Jeronymo Rogado de Carvalhal e Silva, bispo de Portalegre, fizera aquella obra em 1772.

Assistira o bispo á extincção dos jesuitas, do collegio d'esta cidade, e fizera trasladar para a capella, que erigira á Senhora, o retabulo e imagens da egreja profanada.

Satisfeita a nossa devoção, fim da romaria, fomos vêr o castello.

V

O castello de Marvão está fundado sobre uma rocha, talhada a pique, 1:600 pés acima do nivel do mar, segundo Balbi.

Jazem por terra officinas, armazens, fornos, todas as construcções modernas; as obras antigas, as que propriamente constituem a fortaleza, estão bem conservadas, e em optimo estado a cisterna. É de cantaria, abobadada, e da maior grandeza, que ha no reino, segundo testifica Baptista de Castro no *Mappa de Portugal* [1].

Subimos a uma das partes mais elevadas. Considerámo-nos, durante alguns minutos, desprendidos da terra, e proximos do céo. Elevadas eram as nossas cogitações, como as espheras, em que pairava o nosso espirito.

Lançámos depois os olhos em roda. São indescriptiveis as sensações, que nos causou tão encantadora perspectiva.

Descobre-se Vallença d'Alcantara, primeira povoação de Castella, e o Sevêr, que divide as duas monarchias, caminhando até perto do Carrascal, que se conhece pelo denso e copado arvoredo. Com a vista armada divisa-se Castello Branco, a serra da Estrella, a serra de Béja, muitas povoações, montes e valles.

Foi-nos aqui apontado o logar, *Cova dos coelhos*, por onde entrou, em 12 de dezembro de 1833, um troço de liberaes, introduzidos na cidadella pelo sargento ajudante da praça, Manuel Matheus Brandão.

Qualificou de *surpreza* este facto, Carlos Napier na *Guerra da Successão em Portugal* [2]; referiu-o, tambem, como *feliz surpreza* Simão José da Luz, na *Historia do Cêrco do Porto* [3], seguindo e ampliando o que disse o escriptor inglez; chamou-lhe *glorioso successo* o ministro da justiça, José da Silva Carvalho, em officio de 3 de janeiro de 1834, dirigido ao juiz de fóra, José Luiz de Carvalho [4]; finalmente, Antonio Marcellino Carrilho Bello, ufanou-se, em documento publicado na folha official, de haver sido o terceiro na *escalada da praça* [5].

Não houve, porém, *surpreza*, nem *glorioso*

[1] Tom. II, pag. 315.
[2] Tom. II, pag. 121.
[3] Vol. II, pag. 392.
[4] Possuimos copia authentica d'este documento.
[5] *Diario do Governo*—sabbado 25 d'abril de 1874.

successo, nem *escalada*; houve um procedimento egual ao de José Urbano de Carvalho, com circumstancias mais aggravantes.

Parece-nos que é já tempo de proceder á revisão da historia, e narrar com imparcialidade como aconteceu o facto.

Manuel Matheus Brandão, sargento ajudante da praça, prevalecendo-se da doença do governador, D. Francisco Xavier da Silva Lobo, e da illimitada confiança, que n'elle depositava, retirou a sentinella da guarita sobranceira á *Cova dos coelhos*, por onde ajustára com os liberaes, dar-lhes accesso, e sob pretexto de se livrarem das chuvas e ventanias, e se aquecerem, removeu os soldados da guarda, e distribuiu-lhes vinho, e ao commandante Franco. Depois deu a mão aos foragidos de S. Vicente, na Extremadura Hespanhola, que entraram sãos e salvos.

Recebeu em premio d'estes serviços a patente de alferes, e as successivas até á de major reformado, cujo soldo está disfructando em Castello de Vide, onde reside.

É necessario ainda accrescentar, que já n'esse tempo, favorecia o gabinete de Madrid a causa liberal; porque mandou comboyos de viveres á praça de Marvão, quando a combateram as forças realistas: o que nenhum dos historiadores, de que temos noticia, ainda referiu.

Com esta rectificação damos por terminada a nossa visita ao celebre monumento de el-rei D. Diniz.

—

Depois do jantar fomos agradecer os comprimentos de algumas senhoras e cavalheiros, e ás seis horas da tarde subimos aos trens, e regressámos a Portalegre.

SENHORA DA GRAÇA — freguezia, Extremadura, concelho de Pedrogam Grande, comarca de Figueiró dos Vinhos. (Vide 6.º vol., pag. 530, col. 2.ª)

Esta freguezia chamava-se antigamente *Chão do Couce*, e, para a distinguir de outra do mesmo nome e da mesma comarca, mas do concelho de Figueiró dos Vinhos, e cujo orago é Nossa Senhora da Consolação, se disse — *Chão do Couce da Graça* — depois, *Senhora da Graça de Chão do Couce*, e por abreviatura, *Senhora da Graça*. (Vide 2.º vol., pag. 270, col. 1.ª e 2.ª, as duas freguezias de Chão do Couce.)

—

O rev. sr. Manoel Henriques David, digno vigario d'esta freguezia, escreveu-me, protestando contra o nome de Chão do Couce, que dei á sua parochia.

Respondo — Sim, senhor — ainda em 1757 se denominava, UNICAMENTE, Chão do Couce. Veja as duas freguezias d'este nome, a paginas 164 e 165 do *Portugal Sacro e Profano*, pelo dr. Paulo Dias de Niza.

Dou esta satisfação ao sr. Henriques David, e aos mais que pozerem em duvida o que disse no logar competente do 2.º volume.

SENHORA DA GRAÇA — santuario, Beira Alta, na freguezia do Pinheiro, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, antiga comarca de Lafões, e por isso, e para a distinguir de outras do mesmo nome, se dá a esta freguezia, vulgarmente, a denominação de *Pinheiro de Lafões*. (Vide 7.º vol., pag. 53, col. 2.ª)

Pertence a esta freguezia parte da aldeia de *Paredes de Gravo* [1], e ao O. d'ella principia a serra que se estende até Arcozéllo e Rebeiradio. Outra parte da aldeia é da freguezia de Arcozéllo. É uma povoação grande, tendo uns 50 fogos, e 200 almas, tudo lavradores.

Ao E. do logar, em uma fresca e alegre planicie, assombrada por frondosos carvalhos, está construida a capella de *Nossa Senhora da Graça*, que, posto revelar muita antiguidade, já não é a primitiva. Esta era pequena e tôsca e foi demolida, para se construir uma segunda, que, por ameaçar ruina, foi tambem demolida, e se fez a actual, para d'ella se administrarem os sacramentos aos enfermos, pois que a egreja matriz fica a 4 kilometros, de caminho despovoado, e quasi impraticavel no inverno.

Foi esta obra feita pelo dr. José de Barros, natural de Coimbra, e abbade da fre-

[1] Dá-se-lhe o nome de Paredes de Gravo, para a distinguir de outras aldeias tambem chamadas Paredes, e proximas a esta — como *Paredes*, de S. Christovam — e *Paredes-Velhas*, de Cambra.

guezia do Pinheiro, á sua custa, e com magnificencia. É tão ampla, que podia ser egreja matriz de uma freguezia.

A Senhora não tem irmandade, nem rendas proprias: os mórdomos—de eleição annual—é que, pelo S. Miguel, percorrem a freguezia, pedindo esmolas para a conservação do templo, e para a festa da padroeira, que se costuma fazer a 15 de septembro, e é muito concorrida, não só da gente do Pinheiro e Arcozéllo, mas tambem de Campéa, Reigoso e outras freguezias circumferentes.

Teem indulgencia plenaria as pessoas que visitarem a Senhora no dia da sua festa, se se confessarem e sacramentarem.

Antigamente, no primeiro dia das ladainhas de maio, hia o povo do Pinheiro, com o seu parocho, em procissão, á ermida da Senhora, em todos os annos.

Tambem, em tempo de calamidades publicas, vinham aqui muitos clamores de diversas freguezias.

SENHORA DA GRAÇA—formosa ermida Alemtejo, na freguezia e 3 kilometros da cidade e praça d'Elvas.

Está a ermida construida em uma alcantilada montanha, e foi mandada fazer por D. Catharína Mendes, senhora illustre, mulher de Estevam Vaz da Gama, e que, ficando viuva, na edade de dezoito annos, se conservou sempre sendo exemplo de virtude e honestidade.

Segundo outros escriptores, a ermida foi construida durante o reinado de D. Sancho II, e D. Catharina, achando-a em estado de ruina, a mandou reedificar á sua custa.

Tem capella-mór, com seu altar, e dous lateraes no corpo da egreja.

Todas as paredes interiores são revestidas de azulejos.

Tem uma irmandade, que trata da conservação do templo, e da festa da Senhora.

—

A familia dos Gamas, da cidade d'Elvas, é muito antiga e nobre. Foram alguns cavalleiros d'esta familia, que ajudaram Geraldo Geraldes (o *Sem pavor*) a resgatar a cidade d'Evora do poder dos mouros, em 1166.

Diz-se que o appellido *Gama* procede de que—emprehendendo um cavalleiro d'esta familia fazer uma *entrada* em terra de mouros, foi a ella guiado por uma *gama* (a femea do gamo.) Tomaram desde então estes Gamas por armas, uma gama d'ouro, em campo de púrpura [1].

O primeiro que se assignou com o appellido Gama, foi Alvaro Alvares da Gama, segundo consta de um testamento, feito por seu filho, João Alvares da Gama, em 1317.

Alvaro Annes da Gama, foi um bravo guerreiro, no reinado de D. Sancho II e D. Affonso III, e ajudou o famoso D. Payo Peres Correia, na conquista do Algarve.

Seu filho, o dito João Alvares da Gama, serviu D. Affonso III, e seu filho D. Diniz I.

Casou com D. Guiomar Cogominho, de Evora, e foi seu filho, Alvaro Annes da Gama, que assistiu á batalha do Sallado, em 30 de outubro de 1340; e á qual tambem assistiu seu pae, apezar de ser já muito velho.

De Alvaro Annes, foi filho Estevam Vaz da Gama, vassallo do rei D. Fernando, e de D. João I. Foi este Estevam Vaz da Gama, o marido de D. Catharina, a fundadora da ermida da Senhora da Graça.

Foi seu filho, Vasco da Gama, famoso cavalleiro d'aquelles tempos, vassallo dos reis D. Duarte, e de seu filho, D. Affonso V, e era considerado o chefe da familia dos Gamas.

Teve trez filhos—*Estevam da Gama*, veador do principe D. Affonso (o que morreu da queda de um cavallo, em Santarem, a 12 de julho de 1491) filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, filha do infante D. Pedro, duque de Coimbra (o da Alfarrobeira.)

Estevam da Gama foi tambem alcaide-mór de Sines, e veador da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e commendador de S. Thiago.

D. João II o nomeou para ir á descoberta do caminho da India, pelo Cabo da Bôa Esperança; porem seu successor, primo e

[1] Notemos que as armas dos Gamas, condes da Vidigueira e marquezes de Niza, são construidas d'outra maneira. Vide *Niza* e *Vidigueira*.

cunhado, o rei D. Manoel, mandou depois seus filhos.

Casou Estevam da Gama, com Lady Bresalina de Brassefortes, senhora ingleza e de grande linhagem, e que em Portugal tomou o nome de D. Branca Sodré. Foram seus filhos.

O grande D. Vasco da Gama, Paulo da Gama — que o acompanhou á descoberta da India, em 1497 — e Ayres da Gama.

Vide *Niza* e *Vidigueira*.

SENHORA DA GRAÇA — pequena, antiquissima e pobre ermida, Douro, na freguezia de Cesár, comarca e concelho d'Oliveira d'Azemeis. Vide *Cesár*.

As mais ermidas dedicadas a Nossa Senhora da Graça, vão nas terras onde são construidas.

SENHORA DA GRAÇA — freguezia — Vide o 2.º *Padrões*.

SENHORA DAS NEVES — bonita ermida, Extremadura, na aldeia de Manique, freguezia de Alcabideche, concelho de Cascaes, e perto da *Cabo da Roca*. Segundo a lenda, eis a origem d'esta ermida.

Um velho d'esta freguezia, viu em varias noites, uma luz sobre o Cabo. Foi-se o bom do homem ao sitio onde via a luz, e alli encontrou uma velha, que lhe disse ter visto tambem a mesma luz e vinha egualmente ver o que aquillo era. Procuraram pelos recantos da serra, e acharam escondida entre umas pedras, uma formosa imagem da Santissima Virgem. Fizeram-lhe uma capellinha de alecrim e rosmaninho, e regressando a suas casas, divulgaram o apparecimento da Senhora. O povo principiou logo logo a correr ao sitio (a que deu a denominação de *Cabo da Santa Esperança*) e assim principiou a devoção a esta Senhora.

Parece que este apparecimento foi pelo meiado do seculo XV.

O povo construiu logo uma ermida á Senhora das Neves (foi a invocação que deram á Senhora, em razão da frialdade do sitio em que ella apparecêra) e as romarias principiaram.

Com o decorrer dos annos, estava a ermida ameaçando ruina; mas foi restaurada em 1878, com grande primor, sendo o principal motor das obras, o sr. João Rodrigues Batalha, do logar de Manique.

Abriu-se de novo ao culto, com grande pompa, no domingo, 18 de agosto, do dito anno de 1878.

SENHORA DE GUADALUPE — formosa ermida, Douro, na aldeia do Paço, freguezia d'Aguas Santas, concelho da Maia, comarca, bispado, districto, e 6 kilometros ao N. do Porto. (Vide a 2.ª *Aguas Santas*, e no 7.º vol., pag. 381, col. 1.ª, anno 1877).

Está situado o sanctuario da Virgem em uma pequena elevação, deliciosa e aprazivel, sombreada ao nascente por um denso arvoredo. Do adro que circumda a ermida, se gosa uma bellissima perspectiva de paisagem, tudo verdor, campos cultivados, e uma cinta de arvoredo no horisonte. Avista-se ao longe a linda freguezia de S. Mamede de Infesta, a torre dos sinos de Leça do Bailio, monumento d'architectura, o logar do *Araujo*, e a freguezia de Guinfães; e mais perto, verdes campos, entre os quaes se destaca a aldeia de *Parada*, proximo da ermida.

Não muito longe, ao norte, corre o brando e ameno rio Leça, cujas aguas mansamente se vão derivando, até entrarem no mar, juncto á villa de Mattosinhos, em distancia de dés kilometros.

Não me foi possivel precisar a data da fundação d'este templo erigido á *Senhora de Guadalupe*. Referirei, porém, o que me parece mais provavel, e os motivos que houve para se construir uma ermida com tal denominação.

—

Deve saber-se que este titulo é tomado da Hespanha, onde com effeito existe o famoso sanctuario de *Nossa Senhora de Guadalupe*, augusto e sumptuoso monumento de gloria e religião, e obra prima d'arte. Está collocado na antiga provincia de Extremadura, entre montanhas fragosas e serras altissimas, chamadas *Villuercas*, das quaes se despenham varios rios, intitulado um d'elles *Guadalupe*, d'onde tomou o nome o sanctuario, e a imagem da Senhora que n'elle se venera.

É um dos mais celebres sanctuarios da

Hespanha, frequentado de romeiros que áquella sancta casa se dirigem a pedir favores e a render graças ao Senhor e a sua Sanctissima Mãe, pelas mercês que tão liberalmente dispende por meio d'aquella miraculosa imagem. A ella servia uma communidade de religiosos, chamados de S. Jeronymo. Por diligencias de D. João Serrano, bispo de Segovia e prior do mesmo mosteiro, foi entregue aos ditos monges, que tomaram posse d'elle em 22 d'outubro de 1389.

São mudos pregoeiros dos milagres da *Senhora de Guadalupe* os tropheus que pendem pelas paredes do sanctuario, dadivas generosas da piedade dos fieis que alli concorrem.

A prodigiosa imagem da Senhora, tinha apparecido a um pastor, nos meiados do seculo XIV, para que fosse venerada n'aquelle logar: e ahi se edificou, reinando D. João I, (de Castella) um sumptuoso mosteiro, que desde então se chamou de *Santa Maria de Guadalupe*, em rasão do rio que junto d'elle corre.

Com a mesma invocação, é celebrada no Mexico, aonde assignalou com prodigios a sua apparição no anno de 1531. O Arcebispo do Mexico e outros prelados d'aquelle reino, bem como geralmente os povos, começaram a recorrer á Senhora, e de commum accordo a escolheram para padroeira do Mexico, eleição que depois foi confirmada por Bento XIV em 1754.

—

Justo orgulho podem ter os habitantes do logar de *Paço* e da freguezia de Aguas Santas em prestarem culto á Virgem Santissima, com o titulo de *Guadalupe*, na Ermida que alli existe, levantada em sua veneração e louvor. A sua origem é um novo realce do poder de Maria, e um padrão immorredouro da sua protecção.

—

A sua lenda é a seguinte:

Um homem do logar de *Paço*, foi accusado de haver commettido um assassinato. Sendo procurado pela justiça e pelos parentes do morto, que n'elle queriam vingar aquelle crime, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal e a buscar asylo em terra estranha. Retirou-se para Hespanha, a um logar proximo ao santuario de *Guadalupe*. Como os homens se voltavam contra elle, voltou-se para o céo e implorou o seu soccorro, por meio da Rainha dos Anjos, a *Senhora de Guadalupe*, que tanto poder tinha deante do tribunal divino, e que tão grandes prodigios obrava junto do seu retiro.

No meio das suas angustias, prometteu á Virgem Santissima, que, se tornando ao seu paiz, não encontrasse perseguidores, e se mostrasse sem culpa no crime imputado, promoveria o seu culto e obsequios, erigindo um templo á sua honra, com o titulo de *Guadalupe*, e que alli a serviria em todo o tempo restante da sua vida.

Firmemente confiado no patrocinio da Virgem, regressou, passados annos, á sua patria, ao logar de *Paço*, e no caminho lhe appareceu a poderosa Senhora, que lhe disse: «Vae, não temas, porque eu serei comtigo».

Chegou, com effeito, ao logar de *Paço*. Não houve quem o culpasse, sendo geralmente reconhecida a sua innocencia, apesar de lhe ser instaurado um processo.

Grato á sua amavel e augusta bemfeitora, curou immediatamente de cumprir o voto que lhe tinha feito, erigindo uma pequena Ermida á *Senhora de Guadalupe*.

O piedoso servo da Senhora aqui viveu juncto do oratorio que fundara, como ermitão, contemplando as coisas do céo e servindo a Rainha dos Anjos, sendo o sitio, então solitario, proprio para a meditação e recolhimento do espirito; e acabou os seus dias santamente.

Eram tantos os milagres que começou a obrar a Senhora em o novo santuario, que de todas as partes concorria immenso povo, e, segundo testifica D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, já em 1623 era muito frequentada esta ermida, de romeiros que alli vinham visitar e venerar a *Senhora de Guadalupe*.

Ainda que não pude averiguar exatamente o anno em que se deu aquelle acontecimento, tenho para mim que foi por 1580, sendo certo que já em 1600 existia, no logar de *Paço*, em Aguas Santas, a ermida dedicada á *Senhora de Guadalupe*, e que em

1633 se fez de novo um templo mais vasto, que é o actual.

É uma ermida de bastantes dimensões e capacidade, a ponto, diz um historiador, que podia servir de parochia a uma das mais nobres povoações.

Além do altar-mór, em cuja tribuna está collocada a veneranda imagem da Senhora, tem a ermida mais dois altares lateraes abaixo do arco cruzeiro. No da parte do Evangelho está a imagem de S. Domingos de Gusmão, e no da Epistola a imagem de S. João de Deus. São notaveis os retabulos dos altares, pela rica talha dourada, em madeira.

As paredes da capella-mór, bem como o tecto, são pintadas, representando varios emblemas allusivos á Senhora, tirados da ladainha lauretana. As paredes do corpo da ermida, tambem são pintadas, representando varios passos da Paixão de Jesus Christo. Estas pinturas estão bastante deterioradas; mas deviam ser muito lindas na sua frescura.

O corpo da ermida é dividido por umas grades de páu, abaixo do arco cruzeiro. No coro, ao lado direito, está o orgam, soffrivel para um pequeno templo. Foi collocado no anno de 1740.

Em outro tempo, estavam as paredes adornadas de memorias das grandes maravilhas que a Senhora tinha obrado com seus devotos, em quadros suspensos. Viam-se mortalhas pendentes, e pequenos navios suspensos do tecto, e velas de navios que escaparam das tormentas e naufragios. Ignoro quando foram tiradas estas offertas dos fieis: ainda existiam em 1716.

Ao lado direito do santuario se ergue uma torre de sinos, que foi construida em 1757. Consta de dois sinos. O adro é bastante espaçoso e bem disposto, podendo competir com os melhores d'algumas egrejas parochiaes. É cercado por muros de pedra, bem construidos, tendo duas entradas, uma ao nascente e outra ao poente. Esta bella obra foi feita no anno de 1752.

Toda a fabrica da ermida e partes connexas revelam o zelo dos devotos que com suas esmolas conseguiram levantar um templo magestoso, considerado como simples ermida d'uma aldeia, mas que assim mesmo nada tem que invejar a muitas egrejas parochiaes.

Proximo d'ella estava a casa solareja dos fidalgos Maias, em que vivera o infante Alboazar Ramires, seu ascendente, para d'aqui melhor proseguir a guerra contra os mouros, invasores da Lusitania; e certamente d'aqui se deriva o nome de *Paço*, dado a esta aldeia, por ser a morada d'aquelle principe e de seus descendentes, senhores e possuidores da terra da Maia, a cujo concelho pertence a freguezia de Aguas Santas.

Em pequena distancia, ao nascente, ha o logar de *Real*, e ao noroeste o de *Parada*: nomes que indicam habitação de pessoas nobres, e talvez estações militares (acampamento de tropas) como haveria no tempo da invasão e expulsão dos barbaros.

Por tudo isto é notavel a ermida da *Senhora de Guadalupe*, erigida no logar do *Paço*, em Aguas Santas.

É indizivel a devoção dos povos d'estes sitios á Santissima Virgem. Em todas as suas necessidades recorrem a ella e se valem do seu patrocinio, fazendo-lhe votos, celebrando novenas e cantando missas. Muitos portuguezes, residentes no Brasil, a invocam como sua medianeira, e de lá mesmo ordenam que se cumpram os seus votos, e outros, regressando á patria, veem á sua ermida agradecer os beneficios recebidos.

Quando a falta de chuva ameaça uma esterilidade de fructos, e a estação arida em demasia está a ponto de se tornar morbifica, os povos pedem a Deus chuva, por intercessão de Maria Santissima com a invocação de *Nossa Senhora de Guadalupe*, levando em procissão a sua devotissima imagem até á egreja de Mattosinhos. Esta devoção é antiquissima: já se praticou no anno de 1643, em que houve uma grande sêcca e espantoso calor.

É extraordinaria n'estas occasiões a concorrencia de povo que de todas as partes, formado em grupos de via-sacras, cérca o andor da Virgem, resando em córos e supplicando o seu auxilio. Algumas vezes teem acompanhado a procissão mais de cem ban-

deiras, guiões e estandartes, perto de trinta cruzes de confrarias, e mais de vinte cruzes parochiaes, representando differentes freguezias de que se compõe a procissão. No transito ha muitas demonstrações de adoração, varios sermões, muitos arcos e mastros de flôres: devoções tão dignas de louvor como de contemplação.

Em Mattosinhos, teem chegado a reunir-se quatro mil pessoas, que não pódem conter-se dentro do grande templo, e, para que todos ouçam o sermão, se improvisa um pulpito, no espaçoso adro da egreja.

É tão grande o fervor e devoção dos fieis, que em alguns annos se teem juntado de esmolas para cima de duzentos mil réis, como aconteceu em 1842, quando, por occasião de uma espantosa sêcca, foi a *Senhora de Guadalupe* conduzida a Mattosinhos.

No anno de 1814 aconteceu em Mattosinhos um grande prodigio. O padre D. Leonardo de S. José, conego regrante de Santo Agostinho e natural de Mattosinhos, achava-se então em casa de seus paes, estando de cama, gravemente enfermo.

A *Senhora de Guadalupe* havia saido da sua ermida em direcção a Mattosinhos, fazendo um excessivo calor; e, quando de tarde voltava para o logar de *Paço*, de repente começou a chover. A casa do enfermo era proxima da egreja; e elle vendo da cama a chuva, pediu que o levassem em braços á janella para ver e venerar a Senhora. Foi tanta a sua devoção e fé, que immediatamente se achou reestabelecido.

—

Eu seria extenso, se quizesse enumerar todos os prodigios que os fieis confessam ter obrado a *Senhora de Guadalupe*, invocada com viva fé e sincera devoção, principalmente quando, em occasião de publicas calamidades, é levada em procissão a Mattosinhos. A ultima vez que se fez esta solemnissima devoção, foi no anno de 1870.

A sua fama voou por toda a parte, sendo porisso objecto de culto e veneração de povos distantes. O veneravel Padre Balthasar Guedes, fundador e primeiro reitor do collegio dos meninos orphãos do Porto, e que morreu santamente em 6 d'outubro de 1693, foi devotissimo da *Senhora de Guadalupe*, e veiu á sua Ermida do *Paço*, veneral-a, e, além d'isso, escreveu a historia da sua legenda.

Duas festividades se celebram annualmente n'esta ermida, em louvor da *Senhora de Guadalupe*, circumstancia que é raro dar-se em outra egreja. A primeira é na dominga *in Albis*, e a segunda na primeira dominga de setembro, feitas ambas com egual pompa e grandeza. A festividade de setembro é precedida d'uma *novena* á Senhora.

Para conservação do culto da Padroeira e para que este seja prestado com a maior pureza do coração, o em.mo sr. cardeal-bispo actual do Porto, D. Americo Ferreira dos Santos Silva, dignou-se, em 7 de setembro de 1874, conceder *quarenta dias de indulgencias* a todos os fieis que, nos dias das duas festividades, concorrerem á *ermida de Guadalupe*, de Aguas Santas, e ahi orarem pelas necessidades espirituaes e temporaes da Santa Madre Egreja, pelo Summo Pontifice e egreja lusitana.

Tudo isto consta d'um quadro que está pendente da parede interior da ermida.

E tudo, emfim, para honra e gloria de Deus, que seja eternamente louvado em sua Santissima Mãe, a *Senhora de Guadalupe*.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

SENHORA DA GUIA — santuario, Extremadura, na freguezia d'Alvega, comarca, e 12 kilometros ao S. d'Abrantes, bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

Está o templosinho da Senhora da Guia, situado sobre a margem direita do Téjo, mas em sitio alto, fóra do alcance das maiores enchentes do rio.

É uma ermida muito linda e de bôa architectura, de fórma redonda, tendo na frente um alpendre, semelhando um claustro, cercado de columnas de pedra, com grades de ferro entre cada uma d'ellas. Tem um só altar.

Foi mandada construir, em 1626, por Lourenço Godinho, e sua mulher, Isabel

Freire Pimenta, em uma sua quinta, para cabeça de um vinculo, que instituiram das fazendas que tinham por estas terras.

Foi senhora d'este mórgado, sua neta, D. Leonor Coutinho de Avellar, viuva do desembargador Francisco Soares Galhardo. Hoje, não sei a quem pertence.

SENHORA DA GUIA — Vide Villa do Conde, villa, do Douro.

Ha em Portugal muitas mais ermidas de Nossa Senhora da Guia, que vão nas terras onde estão construidas.

SENHORA DA HORA, ou **DAS SETE FONTES** — extramuros da cidade do Porto. Já fica descripta no 7.º vol., pag. 411, col. 1.ª

No 8.º vol., pag. 44, col. 2.ª, tratando da freguezia de Ramalde, disse que a ermida da *Senhora da Hora*, era n'esta freguezia, porque assim o tinha ouvido dizer sempre, e, até os jornaes, quando annunciavam a sua festa, diziam que era em Ramalde.

O meu esclarecido amigo, o sr. padre João Vieira Neves Castro da Cruz, de Milheiroz da Maia, que muitos serviços tem prestado a esta obra, com os seus curiosissimos artigos; que reside a pouca distancia da ermida, e que alli tem hido prégar muitas vezes, disse-me que, a causa do engano, é porque a aldeia do Viso, que está proxima á ermida, pertence á freguezia de Ramalde.

A pequena villa da *Senhora da Hora*, onde está a capella da mesma Senhora, foi sempre da freguezia de Mattozinhos, e só tem de commum com Ramalde, o serem ambas as parochias do concelho de Bouças.

Na Senhora da Hora, é a 1.ª estação do caminho de ferro, do Porto a Villa do Conde, Póvoa de Varzim, e Villa Nova de Famalicão; mas, por emquanto (agosto de 1880) ainda só está aberto até ás Fontainhas, entre a Póvoa de Varzim e V. N. de Famalicão.

No dia da grande festa da Senhora (quinta feira da Ascensão) ha sempre comboios de hida e volta, a preços reduzidos.

As quatro maiores romarias que se fazem nos arrabaldes do Porto, são — *Senhor de Mattosinhos* — *Senhor da Pedra* (ambos á beira-mar — esta ao sul do Douro, e aquella ao norte) — Senhora da Hora — e Senhora do Rosario, na freguezia de Campanhan.

SENHORA DE JERUSALEM — monte, Traz-os-Montes, nas freguezias de Mascarenhas, e Romeu (vide estas palavras) aquella na comarca e concelho de Mirandella, e esta na comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros.

Este monte, circumda a ermida de Nossa Senhora de Jerusalem, da qual já tratei a pag. 246, col. 1.ª, do 8.º vol.; só me esqueceu dizer que está em ruinas.

Tambem aqui ha uma povoação denominada *Carriço* (pertencente á freguezia de Romeu) que antigamente se chamava *Quinta do Valle do Couce*.

Junto á estrada real, de Bragança para Mirandella, e a 10 kilometros d'esta villa, principiou em 1878, o negociante da praça do Porto, o sr. Clemente Joaquim da Fonseca Guimarães Meneres, uma fábrica, para manipulação da cortiça colhida nos sobreiros da vasta propriedade, que desde 1874 elle tem adquirido, nos sitios chamados o *Quadraçal*, e que já hoje abrangem uma área de mais de 20 kilometros de circumferencia, entre as povoações de *Romeu*, *Carriço*, *Villa-Verdinho*, *Valle de Lobo*, *Cedões*, *Cedainhos* [1], e *Valle d'Asnes*.

Estes terrenos são apropriadissimos para o fim a que os destina o sr. Meneres — a conservação dos innumeros sobreiros já existentes, e a plantação d'outros — já pela natureza do sólo, já pela qualidade superior da cortiça que produzem, a qual é toda finissima.

É de esperar um resultado sobremaneira auspicioso, ao nobre emprehendimento do sr. Meneres, que, ao mesmo tempo, presta um grande serviço aos povos circumvisinhos, proporcionando-lhes trabalhos permanentes, quer no fabrico da cortiça, quer na sua conducção para os centros commerciaes,

[1] Em Cedainhos eram antigamente *enfreiadas* as mulheres que tiuham má lingua, ou que eram *mexeriqueiras*. Vide 2.º vol., pag. 225, col. 1.ª

no que tem empregado um grande numero de braços: e estas povoações, até hoje quasi desconhecidas, tornar-se-hão em breve prosperas e felizes.

Vê-se alem d'isso, grande quantidade de gado suino a pastar nos extensos sobreiraes, aproveitando assim, grande quantidade de bolota. A creação de grandes rebanhos de porcos e o seu estado de gordura, tem causado admiração áquelles povos; muito mais porque ainda aqui não era conhecida a raça suina do Alemtejo, donde vieram os primeiros porcos para creação.

Tem tambem o sr. Meneres augmentado a plantação das figueiras, em larga escala; porque alli se colhe excellente figo, proprio para ser exportado depois de sécco.

Realisou pois o sr. Meneres, uma empreza que o distingue como verdadeiro patriota, e industrial arrojado, e lhe atráe as bençãos de muitas familias, que n'este grande estabelecimento fabril, vão achar o pão de cadadia.

A prosperidade d'esta empreza, e das povoações proximas, augmentará muito, desde que se construa o caminho de ferro do Túa a Bragança, e que atravessa esta vasta propriedade, que tem ainda as vantagens, muito attendiveis, de ser saluberrimo o clima d'estas localidades, e terem formosissimos pontos de vista.

É pois o sr. Meneres, um cidadão dignissimo dos maiores elogios, de todos os que prezam as cousas do nosso Portugal, e desejam sinceramente o desenvolvimento da felicidade do povo.

SENHORA DO CABO—na freguezia de S. Sebastião da Pedreira.—Vide 6.º vol., pag. 530, col. 1.ª

SENHORA DO CABO—formosa ermida, Extremadura, no logar de Ninha a Velha (vulgarmente, *Linda a Velha*) na freguezia de S. Romão de Carnaxide. (2.º vol., pag. 111, col. 2.ª)

A aldeia de *Ninha a Velha* é uma formosa povoação, situada em um planalto, ao SE. da egreja matriz, e da ribeira de Jamôr. Ao fundo do logar, está um chafariz de optima agua potavel, a melhor d'estes sitios, e que nasce em um abundante e perenne manancial.

Uma parte da agua d'este manancial vae, encanada, fornecer o chafariz do *Dá-fundo*, que fica uns 1:500 metros ao S. de Ninha a Velha, e sobre a margem direita do Tejo. (Vide *Dáfundo*.)

Da aldeia de Ninha a Velha, se descobre—para o S., os montes de Caparíca, ao S. do Tejo—para SO., a formosissima povoação de *Ninha a Pastora*, a *Cruz Quebrada*, e *Gibalta*, tudo d'esta freguezia—para o NO., a egreja e todo o logar de Carnaxide, e lá ao longe (20 kilometros) na mesma direcção, as serras de Cintra, o *palacio da Pena*, e *Castello dos Mouros*.

É por as proximidades de Ninha a Velha que passa o traçado do caminho de ferro, de Lisboa a Cintra, por *S. José de Riba-mar*, caminho que está approvado e decretado, mas que se não sabe ainda quando principiará.

Ao SE. do logar, está uma grande quinta (granja) com bôas casas de lavoura, propriedade dos herdeiros do visconde do Rio-Sécco. (Vide 8.º vol., pag. 210, col. 2.ª)—Esta propriedade está muito despresada pelos seus possuidores. O seu arvoredo desappareceu—as paredes que a vedavam, estão em terra, e as pedras de que eram feitas, foram, pela maior parte, roubadas. As casas, estão pedindo urgentes reparos, e o magnifico portão brazonado, que lhe dá entrada, já não tem porta nem cancella. Isto está reclamando a compra por um *brasileiro*, que lhe saiba dar o valor que deve ter.

—

Entre esta propriedade e a povoação (mas contigua a esta) está a formosa ermida da *Senhora do Cabo*, restaurada em 1875. Tem um só altar, côro e sachristia, e na frente, um pequeno adro, com assentos de pedra. Na parede interior, do lado do O., se vê um grande quadro, em alto-relevo, representando Jesus Christo, com a cruz ás costas, no caminho do Calvario. Disse-me o individuo que tem as chaves da ermida, que o

sr. D. Fernando Coburgo offerecêra 800$000 réis por este quadro.

Foi esta Senhora objecto de grande devoção, dos povos circumvisinhos, e ainda se lhe faz uma bonita festa, no dia 8 de setembro de cada anno.

Não pude saber quando, nem por quem foi fundada, nem o *Santuario Mariano* faz menção d'ella.

SENHORA DO CABO—(do Espichel)—famoso santuario da Extremadura, ao S. do Tejo, na freguezia de Santa Maria do Castello da villa e concelho de Cezimbra, comarca d'Almada.

Fica o templo, no *Cabo do Espichel*, a que os romanos chamavam *Promontorio Barbarico*. Vide *Arrabida*, *Cezimbra*, e *Setubal*.

O Cabo do Espichel, fica a 6 kilometros ao S. de Cezimbra, e é no seu termo.

—

Sobre um rochedo do Cabo, se vê uma ermidinha, denominada *Miradouro*, que, segundo a lenda, memora o sitio onde appareceu a Senhora, por isso, chamada do Cabo. Outros, porem, affirmam que a Senhora foi achada na praia, inferior ao dito rochedo, e que apparecêra sobre uma jumentinha, que subira pela rocha, deixando n'ella impressos os vestigios das suas pégadas—que o tempo fez desapparecer, mas que os mórdomos da Senhora fizeram de novo gravar.

Diz-se que uns velhos de Caparica, que vinham a estes sitios cortar lenha, foram os primeiros que acharam a santa imagem da Virgem, e por isso, foi o povo de Caparica o primeiro que festejou a Senhora do Cabo, hindo todos os annos com o seu cirio, em romaria á Senhora, no primeiro domingo de maio.

A fama dos milagres obrados pela Senhora do Cabo, em breve se propagou por estas redondezas, e as offertas e esmolas, foram em tanta quantidade, que, proximo á ermidinha (edicula) primitiva, se construiu o sumptuoso templo que hoje alli admiramos.

Não se destruiu a ermidinha, e juncto a ella foi construida (1672) uma fortaleza, para proteger os povos d'estes sitios, das invasões inopinadas dos castelhanos, sendo regente, o infante D. Pedro, depois rei, D. Pedro II, do nome.

Ignora-se o anno em que a Senhora appareceu, só se sabe que foi no principio do reinado de D. João I.

Em 18 de novembro de 1428, Diogo Mendes de Vasconcellos, senhor do terreno em que estavam as ermidas da Senhora, fez d'isto doação aos frades dominicos de Bemfica, por escriptura publica, lavrada nas notas de Affonso Martins, tabellião publico, da villa de Cezimbra.

Era o doador, cavalleiro e commendador de Coimbra e Ourique.

N'esta escriptura se dá ao sitio da ermida, a denominação de *Santa Maria da Pedra de Múa* [1]. Diz o doador:

«Vendo que é bom e honesto logar, para «em elle viverem e estarem os frades da «dita ordem, de bom e honesto viver, dou «e outorgo aos ditos frades de Bemfica, per«petuamente para sempre, a dita ermida e «logar e direito d'elle, e seu limite, com to«dolos honramentos, e direitos, e pertenças, «que a dita ermida ha, e lhe pertencem, e «podem pertencer ao diante, para sempre, «por qualquer guiza que sejam, que a ella «venham, que os ditos frades hajam tudo «para si, livremente, e sem contenda para o «soportamento e corregimento da dita er«midinha e logar [2]. Aos quaes frades, dou e «outorgo todalas cousas que ditas son, pela «guiza que suzo dito é; e tiro de mim, e «leixo, todo o senhorio, e posse, e proprie«dade, e direito que eu hey, e tenho no dito «logar, e ermida, *e offrendas*, e cousas suzo «ditas.....

[1] *Múa*, é portuguez antigo, e significa *mulla*. Deu-se-lhe esta denominação em memoria da jumenta que trouxe a Senhora, porque antigamente, *múa* tambem era synonimo de jumenta, assim como *mu*, tanto significava burro, como macho pequeno. Os hespanhoes dizem *mulo*.

[2] Vê-se que ainda então não existia o templo actual.

Consta tambem que o doador a offerecera primeiro aos frades carmelitas, de Lisboa, mas que elles a não acceitaram, pela solidão e aridez do sitio.

«e outro nenhum provincial não haja de vir «em o dito logar, e frades d'elle, para os vi«sitar, salvo o que for prior e vigario de «Bemfica; os quaes, com seu convento, se«jam regedores e governadores, dos frades «que estiverem na dita ermida e logar, etc.»

Foram testemunhas d'esta escriptura, *Joanne Annes*, prior de Santa Maria, de Cezimbra — *Gonçalo Vasques*, e *Joanne Annes* (?), clerigos raçoeiros d'ella, e *Gonçalo Lourenço*, procurador do concelho, e *Diogo Affonso* e *Ruy Vicente*, tabelliães de Cezimbra — alem de outros *homens bôos* da mesma villa.

Esta doação foi approvada pela camara de Cezimbra, em vereação de 25 de julho de 1429, offerecendo-se a concorrer com tudo quanto fosse necessario para a obra do novo mosteiro.

Os frades, porem, achando o sitio muito aspero e deserto, o desampararam.

Passou depois (1550) o padroado da ermida para a casa de Aveiro, e d'ella tomou posse, D. Jorge, filho bastardo de D. João II, primeiro duque d'Aveiro, senhor de muitas commendas da ordem de S. Thiago, que comprehendiam toda a serra da Arrabida, Cezimbra, Azeitão, Palmella, Setubal, Alcacer do Sal, S. Thiago de Cacem, Almada, e outras muitas terras.

Foram os duques d'Aveiro que apresentaram o ermitão da Senhora do Cabo (que era sempre um sacerdote, a que o vulgo dava o titulo de *prior*) até á extincção da nobre e immensa casa d'Aveiro, em 1759. (Vide *Aveiro*, *Chão Salgado*, e *Villa Nogueira, de Azeitão*.) Depois, passou para a casa do infantado.

Junto ao Santuario moram alguns freguezes da parochia de Cezimbra.

A imagem da Senhora do Cabo (a que appareceu no seculo XIV) é de bôa esculptura, mas tem apenas um palmo d'altura, e está em uma ambula de crystal, dentro de um sacrario.

—

São muitos os cirios que de varias partes concorrem ao santuario da Senhora do Cabo.

Os *giros* principiaram em 1430. Os de Caparica, vão todos os annos festejar a Senhora, no primeiro domingo de maio.

Alem dos cirios comprehendidos no *giro*, vão todos os annos mais os seguintes, que não entram no giro — *Lisboa*, no 3.º domingo depois do Espirito Santo — *Seixal* e *Arrentella*, na 2.ª oitava do Espirito Santo — *Almada*, no domingo da Trindade — *Palmella*, a 15 d'agosto — *Azeitão* e *Cezimbra*, no 1.º domingo de setembro.

Ao principio, todas as romarias eram annuaes, e cada uma tinha uma grande tocha (*cirio*) que accendia durante a sua festa. É por isso que a estas romarias se dá o nome de *cirios*.

São 26 os cirios que entram no *giro*: — Alcabideche, Carnaxide, Tojalinho, Penaferrim, Bellas, Loures, Carnide, Barcarêna, Louza, Santo Antão do Tojal, Oeiras, Bemfica, Rêna, S. João das Lampas, Monte Lavar, Rio de Mouro, Belem, Cascaes, Odivellas, S. Martinho de Cintra, Almargem do Bispo, Santo Estevam das Gallés, Egreja Nova, Terrugem, Fanhões, e Santa Maria e S. Miguel de Cintra.

Foi instituida a confraria da Senhora do Cabo, pouco depois da construcção do novo templo, mas os seus estatutos só foram approvados em 1672. (Pelo capitulo 2.º d'estes estatutos eram excluidos da irmandade, o *homem que tenha raça de judeu, ou de outra infesta nação, e os mulatos*. Esta exclusão era imposta em quasi todas as irmandades, até ao fim do seculo XVIII.)

Tambem n'este compromisso se determina que, no sabbado posterior á Ascenção, haja na egreja do Cabo, officio de nove lições de canto e orgam, missa cantada e sermão. De tarde procissão e vesperas, e no domingo de manhan, outra procissão, antes da missa.

O capellão da Senhora do Cabo, não póde intervir nas romarias dos cirios, por lhe ser prohibido pelos estatutos.

As freguezias do giro, andam *á compita*, a ver qual fará a festa com mais estrondo e magnificencia.

Antes de 1710, o arraial estava cercado de casas para abrigo dos romeiros, mas sem ordem nem alinhamento; mas n'esse anno, se deu o risco para o novo arraial, e em

1715, se construiram hospedarias com dous pavimentos. O arraial é quadrilongo, com 140 metros de comprido, pelo N., e 100 pelo S., com 44 de largo. É aberto pelo E., e fechado a O. pelo templo. Ao N. e S., estão as hospedarias e mais accommodações, tudo com uma arcada geral, onde estão as lojas, podendo chegar-se por baixo d'ella á egreja, ao abrigo do sol e da chuva. Do lado do S. é a residencia do capellão.

Do lado do N. ha 63 arcos e 11 escadas de pedra, 21 sobrados, com 46 janellas de frente, e 22 lojas, cada uma com sua janella.

Do lado do S. ha 47 arcos, 9 escadas, 18 sobrados, com 36 janellas, e 18 lojas, cada uma com sua janella.

Cada sobrado e loja, tem uma cosinha, com sua fornalha, uma grande meza, dous bancos e um cabide.

O senhor d'este terreno (o já referido Diogo Mendes de Vasconcellos) foi o fundador da ermida primitiva, concorrendo para isso o povo de Caparica.

Templo da Senhora do Cabo

Em 1490 se lançou a primeira pedra n'este edificio, á custa dos habitantes do termo de Lisboa, e das esmolas e offertas dos fieis. Tendo-o os temporaes damnificado muito, a casa do infantado, padroeira da egreja, desde a extincção do ducado d'Aveiro [1], mandou demolir a antiga ermida, e construir o grandioso templo que hoje alli se admira, concluindo-se as obras em 1707. Nos dias 7, 8 e 9 de julho d'este anno, se fez a trasladação com grande pompa, assistindo o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, que então era o senhor da casa do infantado. Só nas festas da trasladação, gastou o infante réis 1:660$000.

É um templo magestoso, tendo na frontaria, trez portas e trez janellas que dão luz ao côro. Sobre a cimalha está a estatua da Senhora, feita de marmore branco, dentro de um formoso nicho.

Tem duas torres, sendo a do N. para o relogio (hoje arruinado.) A do S. tem dous sinos. Á entrada da porta, ha um guarda-vento, de bella madeira do Brasil, de boa esculptura. No côro ha um optimo orgam.

As paredes interiores da egreja, são revestidas de marmore branco e preto (extrahido das pedreiras da Arrabida) até á cimalha real.

Tem seis tribunas, e entre ellas, quadros representando scenas da vida da Senhora. O tecto é de abobada, tendo no centro o quadro da Assumpção da Senhora; obra de Lourenço da Cunha (pae do famoso José Anastacio da Cunha) pintado em 1740. Ao N. (tambem no tecto) estão pintadas as armas de Portugal, e ao S. as da cidade de Lisboa.

Tem altar-mór, e dez lateraes, sendo estes ultimos, feitos á custa de differentes cirios.

Em 20 de maio de 1780, houve aqui um desacato. Um monge, natural da Catalunha, roubou a pixide, com as sagradas fórmas, mas o proprio sacrilego confessou o crime e restituiu a pixide, que foi reposta no seu logar.

Em 1770, foi todo o templo restaurado, por ordem de D. José I. Foi então construida a grande janella da capella mór, fronteira á tribuna real.

As paredes interiores são revestidas de formosos azulejos, e n'elles pintados os emblemas *Quasi palma, quasi oliva.*

A imagem da Senhora está dentro do sacrario, em um relicario de prata sobre-doirada, que foi dado pelo cirio de Lisboa, em 1680.

Tem a Senhora muitas joias, entre ellas, *um ramo de jasmins, de brilhantes, com as folhas de esmeraldas* — duas corôas d'ouro, cravejadas de brilhantes: ambas estas joias, dadas por D. José I. — Tem mais, um ramo de brilhantes e um manto bordado a ouro, dados por D. Maria I — um manto branco, bordado a ouro, tambem dado por D. José I — um manto azul, bordado a ouro, dado

[1] Os bens do duque d'Aveiro e seus cumplices, lhes foram tirados, formando-se com elles a casa do infantado, a favor do infante D. Pedro (depois, D. Pedro II) e dos mais infantes, filhos segundos dos nossos reis.

pela rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI — e, finalmente, um rico manto, dado em 1809, por José Antonio Queiroga e sua mulher. Alem d'estes, outros muitos objectos de muito valor, ainda que inferiores aos mencionados.

Tem o templo duas sachristias com serventia para a capella-mór, e ambas muito aceiadas.

O templo não preciza de armação, porque os marmores que o revestem, valem mais do que os melhores cortinados.

O throno illumina-se com 60 luzes. Ha dez lustres, de seis luzes cada um: cada altar tem seis castiçaes; e o altar-mór, seis tocheiros — de maneira que nos dias de festa ha duzentas luzes no templo.

—

A *ermida da Memoria,* em que já fallei, está proxima e ao N. da egreja. Tem um adro quadrado, e o interior da ermida, é lageado de pedra O tecto é de abobada.

Em frente da porta, ao E., tem, perto do chão, uma pedra lavrada e apainelada, com esta inscripção:

CONSTA POR TRADIÇÃO SER ESTE
O PROPRIO LOGAR ONDE A MILA-
GROSA IMAGEM DE NOSSA SE-
NHORA DO CABO APPARECIA, E
SE MANIFESTOU AOS VENTUROSOS
VELHOS DE CAPARICA E ALCABI-
DECHE: MOTIVO PORQUE SE FEZ
AQUI ESTA ERMIDA, EM QUE
PRIMEIRO FOI VENERADA, ATÉ
QUE SE TRASLADOU A OUTRA MA-
IOR, E D'ESTA, Á MAGNIFICA EGRE-
JA EM QUE HOJE EXISTE, NO
ANNO DE 1707.

—

Sobre esta pedra, ha um painel, representando, no alto, sobre nuvens, Nossa Senhora com o menino nos braços, e em baixo, os velhos, reclinados, em acção de dormir.

A ermidinha é interiormente ornada com dez quadros, em azulejo, representando a historia do apparecimento de Nossa Senhora do Cabo; tendo cada quadro uma inscripção explicativa.

Do adro d'esta ermida se descobre um magnifico panorama, tanto para terra, como para o mar.

No fundo do rochedo, por este lado, ha uma enseada, onde já tem chegado botes e canôas, com romeiros de Oeiras, Paço d'Arcos e outros logares; mas é muito perigosa.

Proximo á ermida, do lado do O. existem, as ruinas do antigo forte da Senhora do Cabo, principiado em 1672, na regencia do infante D. Pedro, depois, D. Pedro II.—Foi construido quando se augmentaram as fortificações das barras do Téjo e do Sádo.

Tinha as armas de Portugal, sobre o arco da porta, e por cima d'ella, a casa da guarda. Era defendido por cinco peças de calibre 24.

Ainda em 1800 existia este forte, em bom estado, porem, o tempo, o mar, e o abandono o teem arruinado, e apenas d'elle hoje restam as ruinas.

—

Fóra do arraial, e álem das casas que ficam descriptas, ha outras edificações, que são dependencias da casa da Senhora — são — a casa do fôrno — a casa da lenha — *a casa da opera* (que foi construida pelo cirio de Lisboa); teve uma ordem de camarotes, mas hoje tem uma galeria geral. A caixa é espaçosa. Teve bom scenario e vestuario, mas hoje tudo está gasto e velho.

Na casa da fabrica do cirio saloio, fronteira á sachristia da egreja, ha grandes armarios, onde se guardam varios objectos de cópa e cosinha, e de serviço da mesa, para serviço do cirio que entra e do que sáe. Ha tambem uma casa para os prégadores e mais padres que concorrem á festa; e um grande armazem onde se guarda a berlinda, e o carro triumphal.

São notaveis, a *casa da agua,* e o pharol. Antes de subir á casa da água, ha uma alamêda, com cinco ruas, orladas d'arvores, e no fim d'ellas, duas mezas de pedra, com assentos em volta, tambem de pedra. É n'esta alamêda que os romeiros passam grande parte do tempo, em banquetes, danças e descantes. A alamêda é murada, e tem umas janellas ao O., olhando para o mar. No topo da rua central, começa uma escadaria, de cinco lanços, que vae até á casa da agua. Esta é de fórma oitavada, toda lageada de pedra, com assentos em redor, e a parte inferior da parede, revestida de azulejos. Sobre

a abobada, tem uma guarita, com seis vigias. Fronteiro á entrada, está um grande tanque de marmore, d'onde sáe a agua para o chafariz e para a horta. Esta é tambem murada, e fica á direita da alamêda.

A casa da agua foi feita em 1770, por ordem de D. José I, quando n'esse anno, a familia real foi assistir ás festas do Cabo, que foram então grandiosas. Houve trez tardes de touros — vieram barracas de campanha, para acommodar os romeiros — houve um bôdo, para o qual se mataram dezeseis bôis. O rei D. José restaurou as capellas e os edificios, e dotou a Senhora com as joias que já ficam mencionadas, muitas alfaias, e ricos paramentos, bordados por José Camanha, bordador da casa real.

O pharol fica ao S. do arraial, e foi construido em 1790, por ordem de D. Maria I. — Sobe se á lanterna, por 130 degraus. A lanterda é sextavada, com 16 candieiros e 32 luzes. Por fóra da lanterna, ha uma varanda, d'onde se disfructa um formosissimo e vasto panorama.

Todos estes edificios se descobrem do mar, a grande distancia (mesmo com a vista desarmada) avultando no meio d'elles, o sumptuoso templo da Senhora.

—

Até 1751, os romeiros hiam ao Cabo, levando apenas a bandeira: foi n'esse anno que se fez a imagem que anda nos cirios.

Alem das joias ja mencionadas, tem mais a Senhora — 8 castiçaes de prata lavrada, para a banquêta — oito mais pequenos, tambem de prata — uma bellissima custodia, de prata soubredourada — uma bacia, um jarro, dous thuribulos, duas ricas navêtas e duas colheres de incenso, 6 varas de palio e duas lanternas, tudo de prata [1].

Os objectos d'ouro, ornados de pedras preciosas, são em grande numero.

—

As festas da Senhora do Cabo, e da Senhora de Nazareth, são as maiores e mais explendidas que se fazem em Portugal.

[1] As varas do palio e as lanternas, foram feitas em 1755, poucas semanas antes do terramoto, e custaram 1:178$375 réis.

—

Como já vimos, a casa da Senhora, teve sempre um eremitão sacerdote, que foi apresentado pelos duques d'Aveiro, até 1759, e desde então até 1834, pela casa do infantado. Mas, os duques d'Aveiro, em 1752, determinaram que o eremitão se denominasse capellão-administrador, tendo 110$000 réis de honorario, annualmente, pagos dos *vintens* que se tiravam das freguezias.

O capellão era obrigado a dizer missa quotidiana, pelas almas dos irmãos, vivos e defunctos.

—

O medonho terramoto do 1.º de novembro de 1755, não causou o minimo prejuizo nos edificios pertencentes á Senhora.

Em 1758, foi restaurada a imagem da Senhora; fizeram-se differentes objectos de prata, e construiram-se mais duas moradas de casas no arraial, o que tudo importou em 1:678$890 réis. No anno seguinte, fizeram-se mais duas moradas de casas, que custaram 816$710 réis.

Em 1761, fez se o sacrario de prata, jarro, bacia e vaso de communhão, tudo de prata, por 665$190 réis.

Em 1764, Antonio da Silva, mordomo do bodo, da freguezia da Ajuda, morador no Bom-Successo, e Simão Dias, do mesmo logar, deram á Senhora, a custodia de prata lavrada e dourada, de que já fallei, com uma inscripção que declara o nome dos offerentes e a data da offerta. Custou 350$000 réis.

Os francezes, roubaram, em 1807, todas as joias da Senhora, que estavam no thesouro, incluindo quatro ricas lanternas de prata que tinham sido offerecidas por D. José I.

Em 1771, fez-se uma outra casa no arraial, para a fabrica da Senhora e outras obras, no que se gastou 1:288$470 réis.

Em 1777, se fizeram tres sacras de prata, e o guarda-vento, o que custou 1:092$105 réis.

Em 1784, que era o anno do giro de Bellas, se fez uma das maiores festas que aqui tiveram logar. Foi juiz, o principe D. João

(depois D. João 6.º) Assistiram a estas festas, D. Maria I, D. Pedro III, o principe D. João, os infantes, e toda a côrte. A musica foi a da casa real. Houve cavalhadas, e tres tardes de touros, sendo corridos e mortos em cada tarde 24 touros, que foram cosinhados para o bôdo.

A egreja estava illuminada com vinte lustres de crystal, e teve, ao todo, DUAS MIL LUZES.

No arraial, foram collocadas 2 000 barracas de campanha, das melhores que então tinha o exercito.

Em todas as tres noites da festa, houve surprehendentes fogos de artificio.

No bôdo do domingo, cada pobre, além de um grande jantar, teve 480 réis, que o principe lhe mandou dar.

O regimento de Setubal, fez a guarda real, e a policia do arraial.

Em 1791, se fizeram as cazas, no arraial, em frente do cruzeiro, ao N., que custaram 2:370$275 réis.

Em 1793, deixou de haver capellão da Senhora do Cabo.

Em 1796, festejou a freguezia da Ajuda, sendo juiz, o principe regente, depois D. João VI. Assistiu a familia real e a côrte. As festas d'este anno, em nada foram inferiores ás de 1784.

Em 1804, por uma provisão do principe regente, foram isentos de direitos, todos os generos que se vendessem no arraial da Senhora.

Em 1810, foi juiz o sr. D. Miguel, depois 1.º do nome. Como a familia real estava então no Brasil, dirigiu as festas o visconde de Santarem, que mandou, n'esse anno, concertar o orgam. As festas foram tambem grandiosas.

Em 1817, se nomeou novamente capellão da Senhora, com o ordenado de 172$800 réis annuaes.

—

Os cirios que iam ao Cabo, pagavam cada um, a titulo de esmola, 960 réis por cada sobrado, e 480 por cada loja, o aluguel dos lustres e o uso do orgam; mas o cirio de Lisbôa, não pagava nada d'isto.

Em 1828, foi a egreja da Senhora roubada por tres vezes. Desconfiou-se do padre Domingos Antonio de Carvalho (que era capellão desde 1817) da criada d'elle e de um preto. Foram todos tres presos. O preto, morreu no Limoeiro, sem fazer nenhuma declaração — a criada, confessou que viéra de noite á egreja beijar a Senhora, mas já lhe não vira o cordão d'ouro. O padre esteve preso em Lisbôa, mas conseguiu evadir-se, e *foi para a Ilha Terceira, d'onde veiu com o exercito da sr. D. Pedro, no qual serviu durante a guerra civil, de 1832 a 1834, e no fim d'ella, teve uma rendosa abbadia*. (Devia ser até feito bispo.)

Em 1837, fez-se a maquineta de prata, onde está a imagem da Senhora.

Em 1848, festejou a freguezia da Ajuda, e a sr.ª D. Maria II, mandou fazer uma bandeira, com a imagem da Senhora, bordada a ouro fino. Fez á sua custa toda a festa da egreja.

—

Se não tivesse havido tantos... *estravios;* se o salteador Junot não tivesse roubado as joias da Senhora, a que pôde deitar as garras; e se não se tivessem dado tantas... *irregularidades* nas contas, a Senhora do Cabo do Espichel, era incontestavelmente a mais rica de Portugal, pois ha 480 annos que os fieis lhe teem levado innumeraveis e valiosissimas offertas e esmolas.

A devoção para com a Santissima Virgem, da invocação de *Senhora do Cabo*, não tem esfriado, apezar da descrença do seculo, e dos furibundos *sermões* e diatribes dos homens sem fé; e as festas da Senhora, continuam a ser tão explendidas e concorridas como antigamente.

SENHORA DO LORÊTO — Perdeu-se a cidade de Ptolemaida, na Syria, em 18 de maio de 1291. Era a ultima cidade que os christãos tinham na Palestina.

Segundo a lenda, a casa de Nazareth, onde nasceu a mãe de Jesus Christo, foi mudada pelos anjos, no dia 9 de maio do dito anno de 1291 (nove dias antes de perdida a cidade) para a costa da Dalmacia, fronteira á Italia, para um monte, sobre o mar *Ilirico*, entre as povoações de *Tersate* e *Rio*.

Trez annos e sete mezes esteve a casa da

Senhora n'este logar, e a 10 de dezembro de 1294, foi de novo levantada *pelos anjos*, e levada á contracosta da Italia, para um bosque visinho da cidade de Recanate, no Campo Piceno, ou Marca d'Ancona.

Era este bosque, de uma senhora, chamada *Laura*, e d'aqui vem a denominação de *Laurêto*, ou *Lorêto*; mas, ainda *os mesmos anjos*, tornaram a mudar a casa da Senhora, para o sitio actual, não muito distante do antecedente, e no mesmo districto de Recanate.

Os dalmatas, construiram uma nova egreja no sitio do Lorêto, e com a invocação da mesma Senhora.

O papa Gregorio XIII, mandou que, por ser a egreja do Lorêto (de Recanate) capella dos pontifices, se celebrassem n'ella os officios divinos, como na egreja de S. Pedro, em Roma; e Sixto V a erigiu em bispado.

—

Tratemos agora das egrejas da invocação de Nossa Senhora do Lorêto, que ha em Portugal, principiando pela mais antiga.

—

Senhora do Lorêto, da villa de Juromenha — Alemtejo, no concelho do Alandroal, comarca do Redondo.

O nosso rei D. Diniz, tendo noticia do que acaba de lêr-se com respeito á casa do Lorêto, na occasião em que tratava de reedificar a villa e praça de Juromenha (1312) quiz que a egreja matriz, então construida, tivesse a invocação de Senhora do Lorêto.

Durante a guerra da restauração, e reinando D. Affonso VI, os castelhanos entraram em Juromenha, saquearam-a, queimaram os cartorios e varias casas, e roubaram a imagem da Senhora, mas foi restituida em 1668, depois da paz.

—

Senhora do Lorêto, de Lisboa — Pelos annos de 1518, resolveram os mercadores italianos, residentes em Lisboa, construir uma egreja, para lhes servir de parochia, e comprado o chão, junto ás *portas de Santa Catharina*, edificaram uma formosa egreja, no mesmo logar onde está o sumptuoso templo que hoje admiramos.

Sendo papa Leão X, escreveram os fundadores a D. Pedro Regalosa, conde palatino, para que impetrasse do cabido da Santa Sé, a auctorisação para que a egreja da Senhora do Lorêto de Lisboa, fosse considerada filial da de S. João de Latrão; o que lhes foi concedido.

Instituiram logo uma irmandade, composta de homens e mulheres da mesma nação (Italia) que foi das mais florescentes de Lisboa.

No dia 28 de março de 1651, quarta feira de trevas, pelas 9 horas da manhan, um pavoroso incendio reduziu esta egreja a um montão de ruinas.

Trataram logo os italianos de construir novo templo, no mesmo sitio do antigo, e muito mais explendido do que elle fôra, e para custeamento das obras, se cotizaram com meio por cento de todas as fazendas que entrassem ou sahissem pela barra de Lisboa, á ordem de negociantes italianos.

André Carrega, um dos mercadores italianos, deu logo 10:000 cruzados; e outra egual quantia, Nicolau Micon.

Tambem concorreram muitos portuguezes para esta reconstrucção.

Principiou a obra, logo no dia da Senhora dos Prazeres (21 d'abril) do mesmo anno de 1651, concluindo-se a egreja e suas dependencias em 7 de setembro de 1679, e no dia seguinte (Natividade da Senhora, e que foi sempre o dia da festa da padroeira) veio a imagem da Senhora — que se havia podido salvar do incendio — da capella da Senhora do Alecrim, onde tinha estado emquanto duraram as obras, em solemne procissão, para a sua nova egreja.

Os referidos André Carrega, e Nicolau Micon, fallecendo sem herdeiros forçados, deixaram quanto tinham á egreja do Lorêto.

Cada um d'estes doadores instituiu quatro capellães, para dizerem missas quotidianas.

É esta egreja uma das mais sumptuosas de Lisboa, e custou mais de 400:000 cruzados, ou 160:000$000 réis. É toda de magnificos marmores, de varias côres, vindo muitos d'elles de Italia.

Tem doze capellas — a capella-mór, duas

lateraes, na mesma, e nove no corpo da egreja.

Tem uma rica irmandade do Santissimo Sacramento, que faz as despezas do culto.

Tem algumas reliquias, entre ellas, o corpo de S. Justino, martyr, trazido de Roma pelo cardeal Marcello Durazo, quando veio por nuncio a Portugal. (O santo está debaixo do altar-mór.)

Admiram se na egreja excellentes pinturas, de artistas famosos, doze estatuas de jaspe, representando os doze apostolos, e quatro dos evangelistas, todas de tamanho natural.

Tem muitos objectos de prata, tão ricos pela materia, como primorosos pela delicadeza do trabalho. Os paramentos e alfaias tambem são da maior magnificencia.

(Vide 4.º vol., pag. 104, col. 2.ª)

—

Senhora do Lorêto, nos arrabaldes de Coimbra — Suppõe-se que foi fundada pelo bispo de Coimbra, D Frei João Soares, no seculo XIV. — Foi reedificada pelo conego Manoel Telles, em 1564.

—

Senhora do Lorêto, extra-muros de Bragança — Está esta ermida ao O. da cidade, junto ao Calvario, sobre o rio Fervença. Foi fundada pelo padre frei Manuel Corvo, religioso menor, no reinado de D. João III.

O licenceado Manoel Gomes Correia, lhe deu o chão, em sítio apropriado, e á sua custa e com esmolas dos fieis, se construiu o templosinho.

Pelo decurso dos annos, e estando a ermida bastante arruinada, foi demolida e reedificada de novo *á fundamentis*, á custa do padre João de Prada, abbade de Monforte do Rio Livre.

Antigamente, hia o senado da camara de Bragança, todos os annos, em dia de Santo Amaro, encorporado, em visita a esta ermida, e ahi mandava celebrar uma missa cantada e sermão, por voto antigo dos vereadores. Esta romagem já acabou ha muitos annos.

—

Senhora do Lorêto, na antiga villa e freguezia de Monforte do Rio Livre — Hoje unida á freguezia de Lebução, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços. (Vide *Monforte do Rio Livre*.)

Foi a ermida da Senhora do Lorêto d'esta freguezia construida pelo mesmo abbade, João de Prada, natural de Bragança, e parocho de Monforte do Rio Livre, pelo mesmo tempo que mandou construir a antecedente.

—

Alem das capellas de Nossa Senhora do Lorêto que ficam mencionadas (as unicas de que tenho noticia) havia tambem quatro mosteiros da invocação d'esta Senhora — e são — O de *Santo Antonio dos capuchos*, a 3 kilometros de Tancos — O de *S. Thiago do Cacem* — O da *provincia da Piedade*, na villa de Sines — O de *Lagos* (Algarve) fundado por D. Fernando Coutinho, bispo de Silves.

Alem d'estes quatro mosteiros de frades, havia outro de freiras, na villa d'Almeida, com a mesma invocação. Foi primeiramente fundado na freguezia da Nave, concelho do Sabugal, e se mudou para Almeida, pelos annos de 1560.

SENHORA DA LUZ — santuario, Traz-os-Montes, na freguezia de Constantim e Cicouro (ou *Cicouro* e *Constantim*), comarca e concelho de Miranda do Douro.

Na raia, onde Portugal se divide de Castella, junto ao marco que separa os dous reinos, está a ermida da *Senhora da Luz*.

É tradição constante entre os povos d'estes logares, que o templo foi mesquita de mouros, sendo depois purificado, e transformado em egreja christan.

A imagem da padroeira tem 1m,10 d'alto, e a sua festa é no dia de S Marcos, evangelista (25 de abril) e havia então aqui uma grande feira e concorridissimo arraial, de portuguezes e castelhanos.

SENHORA DA LUZ — Vide *Foz do Douro*, e *Luz* (as trez freguezias d'este nome, e a aldeia da Luz, na freguezia de Carnide.)

SENHORA DAS MALEITAS ou **DO LOUREIRO** — santuario, Douro, na freguezia de Gove, comarca e concelho de Bayão.

Fica a ermida mesmo na estrada. Dão-lhe o titulo de *Maleitas*, porque a ella recorrem os que soffrem de febres intermitentes; e do

Loureiro, por uma grande e antiga arvore d'esta especie, que está junto á ermida.

É templo antiquissimo, e não se sabe por quem nem quando foi fundado.

SENHORA DAS MERCÊS — de Lisboa — Havia na Rua Formosa uma ermida muito antiga, com um recolhimento de beatas, do titulo de *Nossa Senhora das Mercês*.

Com esta senhora teve muita devoção o desembargador do paço, Paulo de Carvalho, tio bisavô do grande marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, e achando a sua ermida acanhada e em estado de ruina, a mandou reedificar á sua custa, com mais amplidão e magnificencia, fazendo a cabeça de um morgado que instituiu.

Como a egreja parochial lhe ficava muito distante, pediu ao cabido, *sede vacante*, que erigisse a egreja da Senhora das Mercês em matriz de uma nova freguezia, o que lhe foi concedido, em 26 de outubro de 1652, e cuja escriptura, de separação da antiga matriz, foi então lançada nas notas do tabellião João Lobato d'Almeida.

Ficou o padroado da egreja pertencendo ao dr. Paulo de Carvalho, e a seus descendentes, de maneira que, até 1833, eram os marquezes do Pombal que apresentavam o parocho.

Morrendo o fundador sem filhos, herdou o mórgado, seu sobrinho, Sebastião de Carvalho e Mello, avô do primeiro conde de Oeiras e primeiro marquez de Pombal.

A irmandade do Santissimo d'esta freguezia tinha cinco capellães, com missa quotidiana, nomeados pela mesma.

É um templo magnifico, com altar-mór e quatro capellas lateraes; tendo as paredes revestidas de formosos azulejos.

Festeja-se a padroeira no seu dia proprio (24 de septembro) havendo então lausperenne, e as mais solemnidades do costume.

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Extremadura, proximo á aldeia de Meleças, na freguezia e proximo de Bellas, concelho de Cintra.

É templo muito antigo, não se sabendo quando nem por quem foi construido.

Tem uma romaria muito concorrida, no seu dia (24 de septembro) e antigamente hiam alli varios cirios, de differentes freguezias. Ainda em 1876 alli foi o cirio da freguezia d'Alcantara, extra-muros de Lisboa, com grande magnificencia, e tem continuado nos annos seguintes.

Esta devoção do povo d'Alcantara, com a Senhora das Mercês, teve origem no tempo de uma epidemia, e recorrendo o povo á Senhora, cessou o contagio. Desde então, tem continuado aquella devoção, sahindo a imagem da Senhora, em berlinda, da freguezia d'Alcantara, no dia 4 de junho, para Meleças, fazendo se aqui a festa no dia seguinte, e regressando á sua egreja, no dia 6.

Meleças é corrupção da palavra árabe *Maliça*, que significa cousa plana, macia, branda, etc. Tambem significa vazio, despejado; mas esta significação compete ao rio de Meleças e não á povoação.

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Extremadura, nos arrabaldes da villa d'Ourem, concelho de Villa Nova de Ourem.

Vide 6.º vol., pag. 339, col. 1.ª

SENHORA DAS MERCÊS — santuario, Alemtejo, na freguezia de Bencatel, concelho de Villa Viçosa, comarca de Extremôz.

Tem esta freguezia 12 kilometros de comprido e 8 de largo.

A 3 kilometros da egreja matriz, está a ermida de S. Pedro, apostolo, vulgarmente chamada *Nossa Senhora das Mercês*.

Havia em Villa Viçosa (que fica apenas a 3 kilometros de Bencatel), uma mulher, chamada Maria Francisca, sobrinha do padre Diogo Vieira, vigario da vara da mesma villa, e irman dos conegos d'Evora, Thomé Alvares Velho, e Diogo Vieira.

Segundo a tradição, pelos annos 1600, chegou a casa de Maria Francisca, uma peregrina, pedindo acolhetta, o que lhe foi concedido, porque Maria Francisca era muito caritativa. A forasteira sabia curar a tinha, e a hospedeira tinha dous filhos com esta terrivel molestia, pelo que aquella se demorou alguns dias, até a completa cura dos rapazes.

Sabia Maria Francisca que a estrangeira trazia em um sacco, a cabeça e mãos de uma imagem da Santissima Virgem; e, *assim que apanhou os filhos curados*, deu parte ao tio,

vigario da vara, que logo com o seu meirinho, veio a casa da sobrinha, e prendeu a mulher.

Foi levada á presença da justiça, e respondeu ao interrogatorio, que seus fallecidos paes eram muito pobres, e que só lhe deixaram esta santa imagem, com a qual tinham grande devoção. A mulher foi solta, e a imagem ficou em poder de Maria Francisca, que logo lhe mandou fazer a *roca*, vestiu-a convenientemente, e a collocou em um nicho; mas, passados alguns mezes, a levou para a ermida de S. Pedro, e a collocou no altar-mór.

Em breve se propagou a devoção da Senhora das Mercês, e principiaram a ir alli varios cirios e romarias.

A imagem da Senhora é de roca, como vimos, e de um metro de altura. Não tem rendimentos proprios; mas, com esmolas dos fieis, e com as offertas dos romeiros, em breve se juntou o precizo para se lhe construir ermida propria, e junto á capella-mór da egreja casas para abrigo dos romeiros, e uma vasta cavallariça para as bêstas.

A festa da Senhora é no dia da sua natividade (8 de setembro) e sempre muito concorrida.

Todos os mais santuarios da invocação de Nossa Senhora — qualquer que seja a sua invocação — vão nas terras onde estão situados.

SENHORIM — villa, Beira Alta, concelho de Nellas, comarca de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1768, tinha 251.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga. Segundo o padre Carvalho, D. Affonso I lhe deu foral em 1140, mas Franklin não falla n'este foral.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 30 de março de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 114, col. 1.ª)

É agora o foral de Nellas.

Foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:400 fogos. Foi supprimido em 1853.

A freguezia chama-se Senhorim; mas a povoação que foi cabeça do concelho, tinha antigamente o nome de *Villa*.

Era concelho, desde o principio da monarchia. No reinado de D. Manoel se mudou a casa da camara, cadeia e pelourinho, para a povoação de Villar-Sécco, por diligencias de D. Luiz da Cunha e seu irmão, D. Pedro da Cunha, senhores da casa de Santar. Passados annos, tornou a povoação da Villa (Senhorim) a ser cabeça de concelho, até á sua suppressão.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa dos Cunhas, de Santar, comprehendendo o palacio e a grande quinta de *Casal-Bom*.

N'esta freguezia está a ermida de *Nossa Senhora do Viso*, muito antiga, e construida á custa de esmolas dos moradores da villa. O verdadeiro titulo da padroeira é Senhora da Expectação — ou do Ó — mas ha alli outra imagem, mais moderna, de Nossa Senhora do Viso, que é a mais devota. Dão-lhe a denominação de *Senhora do Viso*, por ser feita pela imagem da Senhora d'este titulo, que se venera em Carvalhal-Redondo, que fica a 6 kilometros de distancia, e no mesmo concelho de Nellas.

Tem uma irmandade, cujos estatutos foram confirmados em 1619, por Balthazar Fagundes, provisor do bispado.

É esta irmandade que cuida da conservação e aceio da ermida e lhe faz a festa, que é bastante concorrida.

Antigamente, vinham os habitantes de Senhorim, na quinta-feira santa, em procissão a esta ermida, que fica apenas uns 1:200 metros distante da matriz, mas perto da villa.

A capella está situada em um monte, banhado da parte do S. pelo *rio do Castello*, e pelo E., lhe corre ao sopé o *rio da Ponte*.

A ermida é bonita, e tem capella-mór, com 7 metros de comprido, por 3^{m},50 de largo. O corpo da egreja tem o mesmo comprimento, mas 5 metros de largo.

Tem uma soffrivel sachristia.

Cannas de Senhorim, villa proxima e do mesmo concelho de Nellas, foi tambem cabeça do concelho do seu nome, e supprimido ao mesmo tempo que o de Senhorim. Vide *Cannas de Senhorim.*

SENHORINHA — (Santa) — Vide *Basto* (*Santa Senhorinha.*)

SENHOS — portuguez antigo — seus — *senhas*, o mesmo que *suas*. Tambem se dizia *sênos* e *sênas*.

SENOURAS — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Almeida, comarca de Pinhel (foi do extincto concelho de Castello-Mendo, comarca do Sabugal), 80 kilometros de Lamêgo, 315 ao E. de Lisbôa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor de Leonil apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Como fica dito, esta freguezia pertencia ao antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido, em 1855. — Passou para o concelho do Sabugal, e, em dezembro de 1870, ficou fazendo parte do concelho d'Almeida. (Vide *Castello-Mendo.*)

O *Portugal Sacro* dá a esta freguezia o nome de *Sinouras.*

SENRA — portuguez antigo. — Seára, ou ceara. (É contracção de *senara*, ou senaria.)

D. Ramiro II, de Leão, doou (933) ao mosteiro de Lorvão, duas partes da villa de *Alvalat* (Alvallade) «*et de sua senra*» isto é — do seu campo. Vide *Alvallade.*

SEPÃES — Vide *Cepães.*

SEPINS — Vide *Cepins.*

SEPTEMBRO — nome proprio de homem. Tambem o 9.º mez do anno.

Antigamente davam-se os nomes de varios mezes, ás creanças, no baptismo. Vemos com frequencia, nos documentos antigos — *Janeiro* e *Janeira* (hoje diz-se *Januario* e *Januaria*, que é o mesmo nome, alatinisado) *Fevereiro*, *Abril*, *Maio*, *Julho* (hoje diz-se *Julio*, que vem a ser o mesmo, mas alatinisado) *Agosto* (hoje diz-se *Agostinho*) e *Septembro.*

SEPULCHRO — (Santo) — Ordem militar e canonica do *Santo Sepulchro*, ou de Jerusalem. Foi instituida em Portugal, no tempo do conde D. Henrique. Sua mulher, a rainha D. Thereza, deu a esta ordem, em 1123, as villas de *S. Payo de Gouveia* (tambem chamado *S. Payo da Serra*) que depois coutou seu filho, D. Affonso I — *Ladairo*, que depois coutou D. Sancho I — e *Paços de Penalva.*

Estes cavalleiros se estabeleceram primeiramente em *Villa Nova de Penalva*, que por isso se chamou *Villa Nova do Sepulchro.* Esta villa ficava sobranceira ao rio *Om* (hoje *Dão*) e na sua margem: pertencia á parochia de *Trancozéllos* (que esteve annexa á do Castello de Penalva, e é hoje do concelho de Penalva do Castello.)

Ainda no sitio onde existiu Villa Nova do Sepulchro, se vê a antiquissima egreja, e os vestigios do mosteiro da ordem, em uma grande quinta, que foi da commenda de Cezures, e que ainda se chama *Quinta do Mosteiro.*

SEPULTURAS — Os egypcios, não enterravam os cadaveres dos seus, nem os queimavam: embalsamavam-os, e os guardavam em urnas em suas proprias casas; mas os reis e suas familias, eram guardados em sumptuosos mausoleus. As famosas *pyramides do Egypto*, estão cheias de mumias dos seus *faraós*, filhos e creados, e tambem de varios animaes mumificados, a quem os egypcios prestavam culto.

A perfeição dos embalsamentos, era segundo a riqueza do fallecido, ou a amisade dos herdeiros.

Os gregos tambem erigiam aos seus defunctos — se eram ricos — sumptuosos mausoleus, nos quaes, ora depositavam o cadaver, ora as suas cinzas.

O patriarcha Abrahão, assim que morreu Sára, sua mulher, comprou a Efron, o seu campo, onde havia uma caverna com dous compartimentos, em um dos quaes sepultou Sára, e, por sua morte, foi sepultado no outro.

Os povos da raça semitica, á qual pertenciam os hebreus, uns enterravam, outros queimavam os seus defunctos. O mesmo acontecia na nossa Peninsula, entre os celtas, ou pre-celtas. Vide *Mâmoa.*

Os romanos queimavam os seus mortos até ao tempo do imperador Graciano, que prohibiu este antigo costume.

As pessoas poderosas faziam construir as suas sepulturas em subterraneos (catacumbas) mas depois a *Lei das doze tábuas*, prohibiu os enterramentos dentro das povoações: então, os particulares principiaram a fazer erigir os seus jazigos nas *villas* (casas de campo) ou á beira das estradas publicas. Era frequente o uso de se gravar nos mausoleus esta inscripção:

Oro ut praeteriens dics:
Sit tibi terra levis,
A cineris quoque flores legantur.

(Rogo-te que digas quando por aqui passares — A terra te seja leve, e de flores se cubram as tuas cinzas.) Tambem se lia em algumas sepulturas — SIRTE VIATOR

Mas, na maior parte das lápides sepulchraes romanas, se vê no principio da inscripção — D. M. (dedicada aos deuses manes — ou dos mortos) e no fim H. S. E. — S. T. T. L. (aqui jaz, ou está sepultado — *Hic Sepulius Est* — a terra te seja leve — *Sit Tibi Terra Levis.*)

Os pobres e os escravos, tinham suas *necropoles* (cemiterios) a que se dava o nome de *putivuli.* Em Roma ficavam na margem da *Via Apia.*

Tambem havia *jazigos de familia*, especie de *carneiros*, com repartimentos, onde se depositavam as cinzas dos mortos. A estes repartimentos se dava o nome *de loculi capuli* [1].

Até ao tempo do imperador Constantino Magno, que se fez christão, a rogo de sua mãe, Santa Helena, os christãos eram sepultados em cavernas subterraneas; mas, depois do anno 330, em que Constantino deu a paz aos christãos, se construiram muitas egrejas, e se purificaram os templos idolatras e alli foram depositadas as cinzas dos martyres.

Desde então, todos os christãos queriam ser enterrados juncto das sepulturas dos martyres; mas poucos conseguiam esta graça, que era reservada aos imperadores, bispos, abbades monachaes, e pessoas de reconhecida santidade. Por fim, principiaram a ser enterrados nas egrejas todos os que morriam como catholicos.

O imperador Theodozio Magno, prohibiu os enterros nos templos. O *Canon* 18.º do concilio bracharense, do anno 543, tambem prohibiu os enterros, não só dentro dos templos, mas até no interior das povoações. Estas prohibições foram esquecendo, e nos principios da nossa monarchia, já muita gente se enterrava nas egrejas.

Os mulsulmanos enterravam os seus mortos fóra das povoações (ordinariamente em sepulturas cavadas a picão nos rochedos.) Ainda hoje em Portugal se vêem em varias partes estes cemiterios (*almocavares*) como temos visto em muitos logares d'esta obra. (Vide *Tamacana via.*)

Em Portugal, poucos cemiterios havia antes de 1832, e só então, por causa do terrivel flagello da *cholera morbus*, se benzeram terrenos em varias localidades, para n'elles serem sepultados os defunctos.

Os decretos de 21 de septembro, e 8 de outubro de 1835, e o de 3 de janeiro de 1837, e carta de lei de 27 d abril do mesmo anno, prohibem os enterramentos dentro das egrejas; mas o povo da maior parte das terras,

[1] Por direito romano, qualquer particular podia, por seu mero arbitrio, fazer religioso qualquer terreno, enterrando n'elle os seus defunctos. (§ 6.º da *Instit. de divis rer.*) Solon tambem prohibiu os enterros dentro das povoações.

Os soberanos eram nos primeiros tempos do christianismo, sepultados dentro da cidade, mas fóra do recinto dos templos, nos adros, ou nos porticos. Depois, todos se enterravam tambem junto dos templos christãos.

Parece que no tempo dos romanos, só por uma graça especial dos pontifices pagãos, se podia ser sepultado proximo aos templos. A isto nos induz uma inscripção, omissa

não fez caso de taes prohibições, e com o pretexto de serem enterrados juncto de seus ascendentes, continuaram a sepultar-se nos templos.

A maior parte das freguezias ruraes, enterram os seus mortos, nos adros das egrejas; e não poucas os enterram dentro d'ellas, a despeito de todas as prohibições, sem que os parochos lhes façam ver os inconvenientes d'esta perniciosa superstição.

Só em 1838, é que se principiaram a construír cemiterios parochiaes.

A direcção geral da administração politica e civil do ministerio dos negocios do reino, publicou uma circular, pela qual determina sua magestade el-rei que os governadores civis dos districtos administrativos do continente do reino e ilhas adjacentes empreguem, e façam empregar, as necessarias diligencias para que se levem a effeito, no mais curto praso possivel, as providencias ordenadas na portaria de 24 de janeiro de 1872, na qual manda sua magestade, que nos cemiterios publicos já estabelecidos, e nos que de futuro se estabelecerem, sejam destinados espaços de terreno sufficientes para o enterramento de individuos, que não professem a religião catholica, ou forem privados de sepultura ecclesiastica, em relação ao logar onde houverem de ser sepultados, e outrosim que os ditos espaços de terreno sejam sujeitos á mesma fiscalisação dos cemiterios de que fizerem parte, devendo todavia ser separados d'estes por um pequeno muro.

O *Diario do Governo*, de 2 de junho de 1877, publicou uma portaria, na qual, por constar que se enterravam *civilmente* (ou incivilmente) muitas pessoas que tinham vivido no gremio da egreja catholica, cujos enterros eram quasi sempre promovidos por individuos estranhos ás familias dos defuntos, e valendo-se da pobreza d'estas, obter o seu consentimento, por dinheiro, determina ao governador civil do districto de Lisboa, que faça transmittir aos regedores de paro-

nas *Inscriptiones romanae*, do dr. Levy Maria Jordão de Paiva Manso (que morreu *visconde de Paiva Manso*) e que traz o meu amigo e mestre, o sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, no seu folheto — *Os cemiterios christãos.* — Eis a inscripção:

P' POPIL. AVITVS. P. F.
INDVLGENTIA. PONTIFICIS. IGEDITANOR.
LOCVM. SEPVL. ACCEPI
ANTE. AED. DEAE. MAGNAE. CYBELES.
QVUAM. IRATAM. MORTE. SENSI.

(*Eu, Publio Pompilio Avito, filho de Publio*, por graça do pontifice dos igeditanos, *obtive terra de sepultura, em frente do templo da grande Deusa Cybeles, que na hora da* minha morte, conheci estar indignada.)

Diz ainda o sr. Pereira Caldas:

«V. — O que no campo da hygiene se está pleiteando, é a *preferencia actual* entre a *inhumação* e a *incineração*: — praxes outr'ora em *uso* e *desuso*, conforme o predominio religioso das *edades ethnologicas*, a que dera nome caracteristico o *material das armas*.

«Na *edade de pedra*, domina a preferencia da *inhumação* do morto, depondo-o assentado em cova mais funda que longa — na posição do embrião no utero materno.

«Na *edade de bronze*, predomina a *incineração* dos cadaveres, com guarda respeitosa das cinzas em *cinerarios* portateis.

«Na *edade de ferro*, domina a *inhumação* do morto, depondo-o ao comprido, em cova mais longa que funda, com o rosto voltado para o ceo.

«VI. — Na *inhumação* da *edade de pedra* — usada ainda n'alguns povos selvagens — depunha-se assim o cadaver, *á espera d'uma nova nascença da mãe-terra, creadora e vivificadora de tudo.*

«Na *incineração* da *edade de bronze* — a que na actualidade se quer dar preferencia — *facilitava-se a evolução do espirito para as regiões ethereas, e adoptavam-se as cinzas a uma guarda facil ao pé dos parentes.*

«Na *inhumação* da *edade de ferro* — em uso geral entre os povos civilisados — *dá-se á terra o que é da terra, para consumpção lenta dos restos mortaes:* — ou se *incamerem* os cadaveres em *nichos nas rochas;* ou se *mumifiquem* em necropoles; ou se *enterrem* em sepulturas.

«VII. — N'estas «praticas rituaes» para com os mortos — embora differentes entre si — manifesta-se um «sentimento commum» em todas.

«É a convicção intima — «profunda e irrefragavel» — d'existir no homem, *alem dos restos mortaes*, outro *principio* de que elles são invólucro — principio sobrenatural, como o *Creador* de que dimana.

«Não é por isso de maravilhar, que pela

chia, para por elles serem pontualmente cumpridas, as seguintes instrucções:

O regedor, logo que tenha noticia do fallecimento de algum seu comparochiano, indague se elle, por testamento, ou declaração escripta, manifestou o desejo de ser enterrado civilmente. N'este caso, o regedor não se opporá á vontade do finado; mas na falta d'esta declaração ou testamento, providenciará, d'accordo com o respectivo parocho, para que o enterramento se faça segundo o rito catholico. Se as familias do finado, pela sua pobreza, não poderem occorrer ás despezas do enterro, serão estas feitas pela auctoridade, se não houver instituto de piedade que se preste a concorrer para tal fim.

Esta portaria é datada de 26 de maio de 1877, e referendada pelo marquez (hoje duque) de Avila e de Bolama.

—

Devemos reconhecer que no enterramento em egrejas, não se attendeu nem ao bem das almas dos mortos, nem á saude dos vivos, porquanto, aquelles tanto se pódem salvar estando enterrados nas egrejas, como em qualquer cemiterio, e estes, aspirando os putridos miasmas que exhalam os corpos em dissolução, estão sujeitos a varias molestias, quasi sempre perigosas. (*Cod. de l'humanité*, verb. *Cimitere* — Doutor Lourenço Trigo de Loureiro, *Inst. de Dir. Civil Brasileiro*, livro 2.º, tit. 2.º, e nota 115, ao § 260.—Dr. A. R. Liz Teixeira, *Curso de Direito Civil Portuguez*, tom. 2.º, tit. 1.º, § 6.º —Mello Freire, *Inst. Jur. Civ. Lus.*, livro 3.º, tit. 1.º, § 6.º.

SEQUEIRA — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 15 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 122.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação, ou do Ó.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

bocca de *Cicero*, nas LEGES—II. 22 — dissesse a rasão em relação a estes *ritos* de *piedade com os finados*:—«tanta religio est sepulchrorum.»

«VIII — Se no entanto — nos primeiros seculos do christianismo — eram sepultados os fieis fóra dos templos, em praxe geral; não é só dos «seculos ulteriores», o enterrarem se os mesmos fieis no seu interior.

«Sem fallarmos dos tempos das perseguições, em que os templos eram os «cemiterios» — *as catacumbas;* vêmos no seculo IV o imperador *Constantino Magno*, edificando a Basilica dos Apostolos, para ter n'ella o seu ultimo repouso.

«Vemos a *S. Paulino*, fazendo menção de capellas dentro de templos, destinadas a servirem de jazigos aos fieis.

«Vemos no seculo seguinte a *Sancto Ambrosio*, não só preparando a sua sepultura dentro do templo, senão tambem enterrando n'ella a seu irmão Sátyro—ainda que leigo— ao pé do sepulcho de S. Victor.

«Na Egreja Taurinense, conforme nos diz *S. Maximo* — e na Africa, segundo nos diz *Sancto Agostinho* — era conhecida tambem desde tempos remotos esta mesma praxe.

«IX.— Precisar o começo dos enterramentos nos templos em nosso paiz; é assumpto de não facil desenlace.

«Em documentos d'alguns dos nossos antigos mosteiros, faz-se menção do *Corporal* — «cemiterio» — como contiguo á egreja, *mas distincto d'ella.*

«Vê se no entanto, do testamento do *Padre Bento Martins*, prior da egreja de S. João d'Almedina em Coimbra — com data de 3 de janeiro, da era de 1324, correspondente ao anno de 1286 — que n'essa epocha se enterravam os fieis nos templos, entre nós.

«Ordena este sacerdote, que o sepultem no moimento novo que elle fizera á sua custa, erigindo-o *em frente* da imagem de S. Braz.

«N'um documento do cartorio de S. João de Pendurada, a seis leguas do Porto — com data da era de 1412, correspondente ao anno de 1374 — ordena a instituidora d'uma capella d'este mosteiro benedictino, que a sepultem dentro do cabido do mesmo mosteiro, juncto *ao altar* de Sancta Margarida.

«X.— Não temos á mão documentos anteriores a estes, comprovativos d'esta pratica necrologica: — e é o *Dr. João Pedro Ribeiro*, filho egregio do Porto, o que nos dá o testimunho d'estes mesmos documentos.

«Fal o nas suas *Reflexões Historicas* — Part. I, n.os 8 e 12 — como observador ocular dos archivos respectivos.

«A creação official, dos «cemiterios hodiernos» entre nós, data do decreto de 21 de septembro de 1835, referendado pelo ministro do reino, *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

Sequeira, é um appellido nobre em Portugal. Vide *Martinho de Mouros* (*S.*)

Em maio de 1880, falleceu no Rio de Janeiro, Francisco Sequeira Dias, natural d'esta freguezia.

Entre muitos legados, deixou 4:800$000 réis, para oito dotes de 600$000 réis cada um, a oito orphans, ou filhas familias d'esta freguezia; sendo, entre as mais pobres e honestas, preferidas as que forem suas parentas.

A esta freguezia está annexa ha muitos annos a de *S. Saturnino de Sequeira*, que tinha 36 fogos.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado, de toda a qualidade.

SEQUEIRÔ — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao S. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes de Santo Agostinho, do couto de Lalim, e os monges benedictinos de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 320$000.

É terra muito fertil. Engorda muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

SEQUEIROS — freguezia, Minho, comarca e 6 kilometros a E. de Villa Verde, concelho e 7 kilometros a N. E. de Amares (foi do mesmo concelho, extincta comarca de Pico de Regalados) 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 58.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis.

Teve annexa a freguezia de Souto.

Em tempos antigos, pertenceu ao concelho e visita de Entre-Homem e Cávado, comarca de Vianna.

Tem uma capella publica, dedicada a S. Sebastião martyr; mas está ameaçando ruina.

A freguezia está situada em terreno accidentado, nas faldas septentrionaes do monte de S. Pedro Fins.

É terra fertil.

No dia 2 de fevereiro de 1804, nasceu n'esta freguezia, e foi baptisado no dia 5 do mesmo mez e anno, por Simão Pereira da Silva, então abbade da mesma, João Manoel Pereira, que foi commendador da ordem de Christo, e cavalleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, e de S. Bento d'Aviz, condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria II, coronel d'artilheria, e governador militar da praça de Abrantes, onde falleceu, a 17 de novembro de 1865.

Era filho legitimo de Antonio José Pereira e Thereza de Barros, lavradores, d'esta freguezia.

Tinha sido casado, com D. Anna Emilia de Faria.

José dos Santos Moura.

Abbade de Caires.

SEQUEIROS — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 40 kilometros de Viseu, 310 ao E. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santo Eusebio, d'Aguiar da Beira, apresentava o cura, que tinha 7$200 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

SEQUIADE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 9 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Ha n'esta freguezia a ermida de *Nossa Se-*

nhora da Boa-Fé, edificada no alto do monte de Airó.

Foi mandada fazer por um eremitão de santa vida, chamado Simão Aves de Lemos, em 1650.

A ermida primitiva, era pequena e pobre, porém com as avultadas esmolas dos fieis se lhe construiu, em 1712, um novo templo, mais amplo e aceiado.

Tinha dous eremitões, que cuidavam dos reparos e conservação da ermida, eram elles que nomeiavam os mordomos para festejarem a Senhora, no 2.º domingo de julho de cada anno.

SERABIGÕES — Vide *Sarabigões*.

SERAFÃO *ou* **SARAFÃO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe, 18 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1768, tinha 188.

Orago, S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, e cria muita qualidade de gado, exportando muitos bôis gôrdos para a Gran-Bretanha.

SERAMIL — freguezia, Minho, concelho d'Amares, comarca de Villa Verde. Vide *Saramil*.

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os Montes, comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 48 kilometros ao N. E. de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança, apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis.

É terra fertil, e pertence á casa de Bragança.

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços, 105 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Santa Anna.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis.

É terra pobre.

SERAPICOS *ou* **SARAPICOS** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca e 24 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 24 fogos.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Vimioso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no principio d'este seculo e unida á do Vimioso, da qual era filial.

SERDAÇA — antiga villa, Beira Baixa, pertencente á actual villa de Folgosinho, na comarca e concelho de Gouveia. (Vide o 2.º *Folgosinho*.)

Está a villa de Folgosinho, nas abas da serra da Estrella, em logar alto, e summamente frio e desabrido, mas com vistas surprehendentes, pois se descobrem mais de 120 kilometros de territorio da provincia.

Segundo a tradição, foi esta villa fundada pelo famosissimo capitão dos *pesures*, ou HERMINIOS (ferozes mas intrepidos lusitanos) *Viriato o herminio*, pelos annos 150 antes de Jesus Christo. (Vide *Póvoa-Velha*.)

A villa de *Serdaça*, foi tambem fundada pelo mesmo heroe, e alguns annos antes da fundação de Folgosinho; mas, como as formigas faziam uma continua e enfadonha guerra aos seus habitantes, estes resolveram desamparal-a, fugindo para Folgosinho, que a este facto deve o seu augmento de população.

Ignora-se o anno em que Serdaça foi abandonada, e é provavel que os casaes e mais propriedades d'esta extincta villa, que ainda hoje são cultivados por alguns individuos de Folgosinho, estes as herdassem dos seus antepassados, os fugidos de Serdaça.

Esta villa ficava a pouca distancia de Folgosinho, e no local onde existiu, ainda são

visiveis os alicerces dos edificios, e ainda se conhecem vestigios de ruas.

Entre estas ruinas se conserva ainda em bom estado, a ermida de *Nossa Senhora de Serdaça*, cuja data da fundação se ignora, mas que revela grande antiguidade.

Os pastores da Serra da Estrella, têem grande dovoção com esta Senhora, e lhe fazem continuadas romarias.

Antigamente, de Folgosinho, hia em todos os annos, na 1.ª oitava da Paschoa, a camara da villa e grande numero de gente, com o respectivo parocho, em procissão, á ermida, havendo então missa cantada e sermão. O parocho, além d'isto, costumava hir muitas vezes no decurso do anno visitar a Senhora.

Teve um eremitão, para cuidar no aceio do templo.

O sitio onde está situada esta ermida, é muito agradavel, por ser um planalto, povoado de frondoso arvoredo, fructifero e silvestre, muita variedade de flores e plantas medicinaes; e um formoso passeio para o verão.

A 200 metros de distancia, passa o rio Mondêgo, e fica tambem proximo o *monte do Cantaro* (o *Olympo* dos antigos.) D'este monte brotam trez caudalosos mananciaes de cristalinas aguas, que dão origem a trez rios — o Mondêgo, o Alva e o Zêzere.

Tudo isto dá ao logar onde está a ermida, os maiores atractivos, e convida a visitar a Padroeira, desde junho até setembro: no inverno, porém, se torna o sitio summamente frio e desabrido, quasi sempre coberto de uma camada de neve, que chega a attingir um metro, e mais, d'altura.

SERDEDÊLLO — Vide *Cerdedêllo*.

SERDEIRA — Vide *Cerdeira*.

SERÊJO — Vide *Cerêjo*.

SEREM — pequena villa, Douro, na freguezia de Macinhata do Vouga, comarca e concelho d'Agueda. (Vide 5.º vol., pag. 17, col. 2.ª)

O rei D. Manoel, deu foral à villa de Serem, em Lisboa, a 3 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 87 v., col. 2.ª)

É povoação antiquissima, e foi cidade, se não no tempo dos romanos, pelo menos no tempo dos gôdos. Todavia, a mais antiga noticia que d'ella achei, foi uma doação que Pelagio Pearíz, e sua mulher, Adozinda Dias, fizeram em 1170. ao mosteiro de Lorvão, da terça parte de uma vinha, no limite de *Cerradêllo*, termo de Esgueira; e declaram que esta herdade está «*in Civitas, quæ dicitur Serêm.*» — (Vide o que digo no fim d'este artigo.)

A villa de Serem, foi, desde tempos antigos, cabeça de um pequeno concelho, com camara, juiz, escrivão, casa de senado, cadeia e pelourinho. Foi supprimido no principio d'este seculo.

Teve um convento de capuchos de Santo Antonio, fundado por Diogo Soares. Foi lançada a primeira pedra, em 16 d'abril de 1635, e concluido por Miguel Soares — filho do fundador.

Foi condado, que D. João IV deu a D. Fernando Mascarenhas, filho do marquez de Montalvão.

Está a villa situada na margem direita do rio Vouga, que ainda aqui é navegavel.

(Para se evitarem repetições, vide 6.º vol., pag. 514, col. 1.ª)

A villa é atravessada pela estrada real de 1.ª classe, de Lisbôa ao Porto, Barcellos, Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, Monção, e Melgaço.

Pelo leito d'esta mesma estrada, passava a antiquissima *estrada mourisca*.

A ponte sobre o Vouga, em Serem, é muito formosa. Foi mandada construir por D. João V, em 1713.

É muito provavel que os mouros aqui construissem uma ponte, visto que a sua estrada (feita em substituição da *via militar romana*, de Lisboa a Calle, que hia mais ao O., e por Talabrica, e os pantanos por onde vae a actual via ferrea do norte) visto que a sua estrada, repito, foi feita com tanta perfeição e solidez, que, apezar de ter mil annos, ainda em varias partes ha vestigios d'ella.

A ponte mourisca, se é que existiu — estava arruinada em 1262, porque, nas Dissertações de João Pedro Ribeiro (tomo 5.º,

pag. 81) se acha transcripto o testamento de Gonçalo Gonçalves, chantre da Sé do Porto, feito n'aquelle anno, e tem a seguinte verba — «*As pontes do Vouga, Agueda, Seira, Albia, e Canavezes.*»

Em 1298, D. Sancho, bispo do porto, deixou por testamento, certa quantia, para as pontes de Canavezes, Vouga, e Agueda.

—

O missal do abbade de Serem Estevam Gonçalves Neto Monumento de arte nacional [1]

Até ao começo do seculo XVI, na Europa, a arte da pintura exercia-se em larga escala nos livros para dar relevo aos primores da arte calligraphica que então suppria a falta da imprensa. E os livros escolhidos de preferencia para receberem a honra dos apurados ornatos que lhes punham os illuministas, eram as horas e biblias, de uso das familias opulentas, que os pagavam por alto preço, e os missaes das communidades ricas, dos grandes templos, dos poderosos senhores religiosos. Esse genero de pintura tomou o nome de *miniatura*, por serem as letras capitaes feitas com o *minium* e tambem o de *illuminura*; e os individuos que o exerciam denominavam-se *miniaturistas* e *illuministas*. Houve-os de elevado talento em todos os paizes christãos, e de seus trabalhos existem exemplares de alto preço. O mais celebre em França é o MISSAL hoje existente na bibliotheca de Paris, de Juvenal dos Ursinos, administrador que foi do bispado de Poitiers, feito de 1449 a 1457. Portugal tem tambem a gloria de possuir n'esse genero uma obra maravilhosa, que, no dizer de muitos jornaes parisienses, é a mais admiravel de quantas existem. Referimos-nos ao MISSAL DE ESTEVAM GONÇALVES NETO, *abbade que foi de Serem*, e depois capellão do bispo de Viseu, D. João Manuel, ao qual offereceu, por gratidão, este precioso trabalho, que executou entre os annos de 1610 a 1622. D. João Manuel, fundador do convento de Jesus, offereceu o missal ao convento, em cuja bibliotheca, hoje pertença da academia das sciencias, se conserva. Os srs. Maciá e C.ª tomaram a patriotica empreza de reproduzir pela chromo lythographia esse monumento de arte nacional, contratando a reproducção com a casa Appel, de Paris Para fazer face á enorme despeza da reproducção abriram uma assignatura pelo preço 90$000 réis cada exemplar completo em doze fasciculos de 7$200 réis. Assignaram os membros da familia real portugueza, quasi todos os bispos, muitos titulares e capitalistas, diversos estabelecimentos publicos, o imperador do Brasil, a rainha de Inglaterra, diversos principes, os museus de Londres e Kesington, etc. Jornaes francezes importantes, taes como o *Figaro*, o *Monde Illustré*, o *Courier d'Etat*, a *Vie Parisienne* e o *Memorial Diplomatique*, têem feito a esta obra os mais enthusiasticos louvores, como já lh'os haviam endereçado o celebre conde de Raczinski e muitos criticos auctorisados que d'ella tiveram conhecimento. Effectivamente nas onze estampas que ornam o missal: — O frontespicio, a adoração dos pastores, a dos magos, a ceia, o Calvario, a ressurreição, a descida do Espirito Santo, a Assumpção, o cadafalso, o Menino entre os doutores e a Senhora recebendo o Menino, são verdadeiros quadros sacros de superior inspiração.—Estevam Gonçalves levantou-se á altura dos mestres da arte que então faziam a admiração do mundo, recebendo em cheio a luz do bello que illuminava a Leonardo de Vinci, Raphael e Miguel Angelo. Além d'estes quadros, collecção preciosa, de suavissima composição, desenho correcto, harmoniosa disposição, viveza de colorido e bella perspectiva, ha a notar a belleza das tarjas que ornam todas as paginas do texto, fruto de uma phantasia fertilissima, e em que se admira o delicado traço e o bom gosto do miniaturista, que não invejaria Buontalenti, della Gatta, Decio, Cesarei, Meielich, e outros de quem a historia da arte celebra o merito na especialidade. A reproducção chromo-lithographica é verdadeiramente bella. O Missal de Estevam Gonçal-

[1] Como Serem tem foro de villa, e Macinhata é apenas aldeia, diz-se geralmente — *Abbade de Serem*, quando devia dizer-se — *Abbade de Macinhata*.

ves vae ser de certo ornato obrigado de todos os gabinetes de bom gosto. O sr. Maciá veio de Paris e foi ao Rio de Janeiro procurar novos auxiliares a empreza tão digna de os ter.

—

Em julho de 1874, foi renovada a encadernação d'esta preciosidade litteraria.

A cobertura é de veludo carmezim, com fechos e guarnições, nos centros das capas e lombadas, de prata lavrada.

Contém esta obra maravilhosa, pela excellencia e perfeição das illuminuras, 44 paginas de pergaminho fino, nas quaes, desde a primeira até á ultima, se admira uma grande variedade de desenhos.

O missal de Estevam Gonçalves, foi levado á exposição internacional de Paris em 1867, e alli causou profunda admiração, lamentando os entendidos que tal maravilha não podesse ficar em França, e estar constantemente debaixo de seus olhos.

O precioso missal tem estado, de ha longos annos, sob a guarda do empregado da referida bibliotheca, Severino Lapa. No frontespicio tem, abaixo das armas, e no meio da tarja, a seguinte legenda:

Steph Glz Abbas Sereciensis fac. 1610.

—

A camara municipal de Lisbôa, tomou, por assignatura, um exemplar da reproducção chromo-lithographica d'este famoso missal, para a bibliotheca publica lisbonense.

—

A academia real das sciencias de Lisboa, presando dignamente a honra nacional, rejeitou as propostas que lhe fizeram para a venda do Missal, quando esteve na exposição de Paris, em 1867, onde foi geralmente admirado, e só permittiu a sua reproducção em chromo-lithographia á casa Maciá & C.ª, a qual se desempenhou com o maior esmero do arduo encargo que tomou.

—

A que se chamou antigamente cidade

—

O primeiro plano d'esta obra foi em grande parte modificado: projectava publicar no fim do diccionario, um livro, contendo varias materias concernentes ás nossas cousas, é o que prometti no prospecto, e a que me refiro no 2.º volume, pag. 298, col. 2.ª, na palavra *Cidade*, quando alludo ao *capitulo 45.º do ultimo volume*; e é ainda a esse livro que me refiro, quando no fim do dito artigo (*Cidade*) digo — *D'estas cidades fallarei mais circumstanciadamente no seu logar do diccionario.*

No 4.º vol., pag. 492, col. 1.ª, digo rápidamente, o que é uma *cidade*, uma *villa*, uma *aldeia*, etc., reservando-me para no tal *ultimo volume* tratar a materia detidamente, como promettêra no logar citado do 2.º volume.

Depois, quando mudei de plano, resolvi incluir tudo no diccionario, onde me parecesse logar proprio, e assim tenho feito, como os leitores teem visto.

Como nos documentos antigos se dá o nome de cidade á pequena e hoje insignificante villa de Serem, e como nem todos teem o *Elucidario*, de frei Joaquim de Santo Rosa de Viterbo, apezar de haver uma 2.ª edição, publicado em 1865 [1] illustrada com as notas de João Pedro Ribeiro e de Innocencio Francisco da Silva — como nem todos, repito, teem esta obra, transcrevo d'ella o que se segue.

—

«*Cidade 1.ª* — Hoje chamamos cidade a uma multidão de casas, distribuidas em ruas e praças, habitadas de gente que vive em sociedade e subordinação ás leis geraes do reino, ou provincia: ordinariamente assento de uma cadeira episcopal, e que, ao menos algum dia, foi cingida de muros e guarnecida de castellos.

«E de uma povoação assim caracterisada (e prosupondo-se sempre o alvará do soberano que lhe concêda os fóros e regalias de cidade) dizemos em latim *urbs*, *civitas*, ou *oppidum*. Não era assim no tempo dos romanos. Estes, só chamavam *urbs*, ás povoações acastelladas, cingidas de muros, e verdadeiramente defensaveis, tomando o nome de *civitas*, não só pela capital de uma nação

[1] De certo, por erro typographico, vem nos titulos d'ambos os volumes d'esta obra monumental, a data de 1365 (MCCCLXV). Deve entender-se 1865 (MDCCCLXV).

ou por alguma bem notavel porção d'ella, mas ainda por todo o seu campo, ou diocese; de sorte porem que esta gente, comarca, concelho, povo, ou republica, se governasse pelas suas proprias leis, fóros ou costumes; ficando reservadas unicamente as appellações de maior alçada para os *conventos juridicos*, a que, em certo modo, correspondem hoje as nossas *relações*.

«Bastará, d'entre muitos, aduzir um só exemplo que hoje mesmo se nos patenteia sobre a ponte da villa e praça de Chaves.

«É elle um reforçado padrão em fórma cylindrica, que alli foi collocado ha menos de 300 annos, revestido e ornado com bazes, capiteis e cimalhas de gôsto moderno, que não logrou, sem duvida, no seu nascimento.

«N'este *pedrão*, que tem sido a *pedra d'escandalo* em que tropeçaram os melhores e mais ajuizados criticos e antiquarios do nosso tempo, se trasladaram quatro epitaphios, que o dr. João de Barros, nos attesta virem exharados em «*um padrão que estava junto das azenhas de Pedro Guedes;*» os quaes epitaphios elle copiou na sua *Geographia*, a que poz a ultima mão, no anno de 1547, segundo do seu mesmo manuscripto se collige.

Persuade-se este curioso, douto e sincero indagador, que n'esta grande pedra «*se juntavam as obediencias que os povos d'aquellas comarcas prestavam aos legados dos imperadores, que vinham de Roma.*» (Segue a transcripção do *epitaphio* que já publiquei no 2.º vol. d'esta obra, a pag. 285, col. 2.ª, e a respectiva traducção—e continúa) «*Estas letras concluem tudo acima dito. E o sentido é—que estas dez cidades aqui nomeadas, deram uma obediencia ao imperador Vespasiano, e aos legados acima nomeados; e se mostra claramente que as que aqui se chamam cidades, não foram senão certas comarcas, ou gente de certas partes, que viviam em commum entre si, debaixo de uma governança... Chamavam os antigos, cidade, a uma congregação de gente, que se governava sob a administração de um magistrado, o que agora propriamente chamamos concelho, ou julgado, e diocése, ou metropole, no ecclesiastico.*»

«E de caminho se note (para exterminar prejuizos tão grosseiros, que d'estas inscripções se originaram) que as *dés cidades* alli nomeadas, não concorreram para as despezas da ponte de Chaves, pois esta foi dedicada a Trajano, que imperou, desde o anno de Jesus Christo, 98, até 117. E os trez imperadores alli referidos, Flavio Vespasiano, Tito Vespasiano, e Flavio Domiciano (cujo nome alli se vê apagado, por causa das suas extraordinarias crueldades) não passaram todos, no seu governo, do anno de 96... Concorreram logo para esta ponte as *dés cidades*, tantos annos antes, nomeados, que a ponte se fizesse?... E foi cousa para se crêr, que nem ao menos os seus nomes mereceram ser escriptos á testa de um soberbo edificio, no qual hoje está, e sempre esteve, *memoria preduravel*, que os *Aquiflavienses* (que são os de Chaves) edificaram á sua custa, e a consagraram á *honra e magestade de Neva Trajano*, hespanhol de nação?[1] E pois assim foram despresados os que, pagando para a obra, andaram por tantos seculos de rodilhas e a tombos, pelas portas das azenhas, servindo de pousadouros a saccos de farinha e canastras de azeitona?... E ainda haverá quem nos queira vender por verdade pura, uma tão insolente e desbragada mentira?...

—

«*Cidade* 2.ª—O que diz Viterbo n'este periodo, já fica resumidamente extrahido na palavra *Arêja*, vol. 1.º, pag. 238–I, col. 1.ª e 2.ª

—

«*Cidade* 3.ª—Nos principios da nossa monarchia, era trivial, darem os principes e os vassallos, o nome de *cidade*, a um concelho ou julgado, que tinha por cabeça alguma villa acastellada. Nos documentos de Pedroso (que hoje se acham no archivo da universidade de Coimbra) temos um grande numero d'elles, que fallam na *cidade de Santa Maria*, que hoje é a villa da Feira.

«Alli mesmo, se acham muitos, que nomeiam a *cidade da Portella* «*discorrente rivulo Umia*, ou, *discorrente rivulo Ignea.*»

[1] Trajano era natural de Córdova.

D'este modo se disseram *cidades*, Monte-Mór-o Velho, Terroso, Alvarenga, Anofrica (hoje Nóbrega), Bagunte, Batocas (todas trez no arcebispado de Braga), Bem Viver, no bispado do Porto — segundo os documentos de Pendurada.»

Para evitarmos repetições, vide *Alpendurada*; o que disse já n'este artigo, da doação de Pelagio Pariz e mulher — *Marnel* — e n'outros muitos logares onde tracto de povoações insignificantes, que em tempos antigos tiveram a denominação de cidade.

SERENECOS, ou **CERENECOS** — Vide *Thuios*.

SERGUDE, CERGUDE, ou **SIRGUDE** — Vide *Aufragia* e o 1.º *Pombeiro*.

SERIGA — portuguez antigo — (tambem se dizia *Sessega*, e *Sesua*) — Assento, logar, sólo, ou chão, em que se edifica alguma casa, egreja, m inho, etc.

SERMANHA, SERMENHA, e **SOROMENHA** — pequeno rio, Traz os Montes, na freguezia de Fontellas, comarca e concelho do Peso da Regua. Nasce nas abas da serra de Santa Christina de Mezão-Frio, e, com pequeno curso, morre na direita do Doure, pouco abaixo do *Ponto da Corvaceia*. (Vide na palavra *Pontos no Douro*, o *Ponto* 24.º)

A um kilometro da povoação da Rêde, freguezia de Santa Christina de Mezão-Frio, foi construido o importante *viaducto da Sermanha*, uma das mais bellas obras d'arte, do caminho de ferro do Douro. Tem 6 vãos — 2 de 50 metros de alto, 2 de 40, e 2 de 20. O taboleiro está ao nivel do 1.º andar do palacete do visconde do Granjão (Antonio Botelho Teixeira)[1] e a linha passa a 3 metros de distancia do edificio.

Por baixo d'este viaducto, passa o referido rio Sermanha, que lhe dá o nome, e ao 24.º *Ponto do Douro*

São proximo d'este viaducto, as famosas thermas de *Fontellas*, geralmente conhecidas pela denominação de *Caldas do Mollêdo*.

[1] Foi feito barão, em 7 de maio de 1867, e visconde em 28 d'abril de 1879.

Vide *Corvaceira*, *Fontellas*, e *Mollêdo*.

SERMONDE — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administrativo, bispado, e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768 tinha 50.

Orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 360$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro benedictino, em tempos antigos, porque no archivo episcopal do Porto ha um documento, pelo qual consta que, em 1216, os netos de *Heronio Alvitis*, fizeram *ovença*, ou *plazo*, com D. Pedro, bispo da dita cidade, dando-lhe o *mosteiro de S. Pedro de Sesmondi*.

A egreja matriz era tambem a do mosteiro, e foi este que deu origem á povoação.

Parece que este templo ainda é o primitivo; mas, apezar das varias reparações, está ameaçando ruina; pelo que se trata da sua reconstrução.

É terra fertil.

SERNACHE — (Vide *Cernache*.)

A cheia de dezembro de 1876 e janeiro de 1877, causou grandes prejuizos n'esta povoação. O Mondêgo, sahindo fóra do seu leito, inundou a villa, desmantelando o melhor predio d'ella, pertencente ao sr. José Ferreira Pinto. Alem de muitos outros estragos, levou, pela raiz, um pomar inteiro; destruiu todas as marinhas, e lançou fóra dos lagares toda a azeitona que lá estava.

A cheia tomou a altura de 1^{m},50 acima de todas as de que ha memoria!

Ha em Sernache um magnifico parque, do sr. visconde de Condeixa, que é primeiro do paiz.

Esta freguezia fica no *Campo de Coimbra*, sobre a margem direita do Mondêgo.

SERNACHE DO BOM-JARDIM — (Vide 2.º vol., pag. 247, col 2.ª)

O *Collegio das missões ultramarinas*, de Sernache do Bom Jardim, foi creado — segundo reza o artigo 1.º da lei de 12 d'agosto de 1856, que o instituiu, *para educação, instrucção e preparação de missionarios, para as dioceses e missões do real padroado, na Asia, Africa e Oceania*.

—

No dia 1.º de novembro de 1874, foi benzida solemnemente, a egreja, reedificada, de Nossa Senhora da Assumpção, de Sernache do Bom-Jardim.

—

Deve o collegio de Sernache do Bom-Jardim, muita gratidão ao actual bispo dos Açores, o ex.mo e rev.mo sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, pelos grandes melhoramentos que alli realisou, como veremos.

Quando escrevi o artigo de *Oleiros*, villa da Beira Baixa, mencionei este virtuosissimo principe da Egreja Lusitana, a pag. 222, col. 2.ª, do 6.º vol.; porem depois, o ex.mo sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. conde de Casal Ribeiro) teve a benevolencia de me offerecer um exemplar do seu bello livro, intitulado—*Vida publica do novo bispo de Angra, D. João Maria do Amaral e Pimentel*, do qual passo a extractar o seguinte. (Aqui dou os mais sinceros agradecimentos ao seu esclarecido auctor, por tão distincto obsequio.)

O actual bispo d'Angra (Açores) D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, nasceu na villa de Oleiros, grão-priorado do Crato, em 21 de julho de 1815. É filho primogenito e legitimo do sargento-mór, Francisco Antonio Pereira Barata e D. Maria Eugenia Marques do Amaral e Pimentel.

Tendo pouco mais de nove annos d'edade, ficou orphão de pae, com mais trez irmãos, e um no ventre materno. Sua familia tinha poucos meios (ainda ha poucos mezes lhes foi vendida a casa onde nasceram) pôz todas as esperanças no pequeno João, que todos votavam á vida ecclesiastica.

O vigario, frei Simeão José Botelho Dourado e Pimentel, parocho da freguezia, freire de Malta, e irmão do avô materno do futuro bispo, professor de latim, e prégador famoso do seu tempo; parocho exemplar, mas de um caracter severo e exigente até ao impossivel, tomou conta do sobrinho, e o teve na sua companhia cinco annos—isto é—até que falleceu.

Estes cinco annos foram pelo triste menino passados a chorar! O tio emprehendeu ensinar-lhe a fallar latim, sem elle o saber ainda traduzir; queria que lhe désse conta das lições, sem lhe dar tempo para as estudar; mandava-o traduzir de improviso, lições e hymnos do *Breviario*, que, só á força de muito estudo seria capaz de entender: tudo isto com tal aspereza, que faria tremer o homem mais robusto e intrepido: finalmente, affirmava que o unico systema de educação era—*pão e páu.*

Mas o velho não lhe batia nunca, contentava-se em ralhar continuamente; todavia, estes cinco annos da vida da creança o fizeram adquirir um caracter sombrio e melancolico.

Em dezembro de 1829, foi o pequeno estudante atacado de sarampo, estando por isso em perigo de vida. O tio, que, apezar de tudo, o amava sinceramente, cahiu doente, perdendo logo o juizo, e morreu em 23 de janeiro de 1830, deixando ao sobrinho tudo quanto possuia.

Era n'esse tempo o collegio de Sernache do Bom Jardim seminario diocesano do grão-priorado do Crato, e estabelecimento de muito credito, e sua mãe o mandou para lá estudar externamente.

Á força de estudar, cahiu doente, com uma febre lenta, julgando-se que estaria ethico; porem restabeleceu-se, e em outubro de 1831, voltou para o seminario; mas, querendo os mestres obrigal-o a começar a *Arte* por onde alli se estudava a grammatica latina, voltou para casa, pedindo á sua familia o mandasse estudar para a villa da Certan; mas sua mãe, pediu a um padre, amigo do professor de latim, do seminario, que fizesse com que este tratasse seu filho com mais benignidade, o que o padre fez, e tornando o estudante para o seminario, foi, dentro de um anno, dado por habilitado para fazer exame de latim; o que fez em julho de 1831, ficando plenamente approvado. Matriculou-se em rhetorica, no que ficou tambem plenamente approvado, assim como em philosophia, que estudou no anno seguinte, e na qual foi dado por prompto no fim do primeiro anno, apezar do curso d'ella ser biennal.

No anno seguinte, estudou theologia do-

gmatica e moral, destinguindo-se pela sua applicação, e, sobre tudo, pelo seu exemplar comportamento; sendo por isso estimado de todos os seus superiores, e respeitado pelos condiscipulos.

Em maio de 1834, foram expulsos do seminario, os padres da congreção das missões, que o dirigiam; e, pelo unico facto de alli estarem alguns d'estes padres, foi a casa considerada como convento, incluida na classe de *bens nacionaes*, vendida ao desbarate, ou roubada toda a sua mobilia; e o edificio, com a sua bella egreja e rica livraria, ficou quasi em abandono.

Foi um vandalismo estupido, porque o seminario era unicamente de educação ecclesiastica, nada tendo de ordem monastica.

Voltou o nosso estudante para casa. Sua mãe tinha casado segunda vez, com Francisco Xavier Curado Leitão, da mesma villa d'Oleiros.

No fim d'esse anno de 1834, foi convidado para ir para a companhia de João de Deus Antunes Pinto, natural da villa d'Alvaro, que morreu conego da Sé de Lisboa, e que então estava governador e vigario capitular do bispado de Leiria. João de Deus estimava o joven estudante, desde o tempo em que aquelle tinha sido parocho em Oleiros. Esteve em Leiria, como secretario d'este vigario capitular, mais de um anno; mas, tendo um irmão d'este vindo occupar o logar de João Pereira, voltou este para Oleiros, em principio de 1836.

Vagando o logar de recebedor do concelho d'Oleiros, foi n'elle provido, mas, passado pouco mais de um anno, pediu a sua demissão, porque os proventos do officio não compensavam o trabalho e a responsabilidade que lhe eram inherentes.

Como vagasse o logar de escrivão da camara, da qual seu padrasto era presidente, foi João Pereira nomeado para o logar vago, com 48$000 réis annuaes de ordenado. Não quiz acceitar o emprego, senão interinamente, porque a sua tenção era ordenar-se, e pretendia prover n'elle de propriedade, seu irmão Alexandre, como depois conseguiu.

Sendo seu padrasto nomeado administrador do concelho, e residindo o escrivão da administração, em Alvaro, a 12 kilometros de distancia d'Oleiros, foi João Pereira nomeado para aquelle logar; que (como os antecedentes) desempenhou com a maior intelligencia, honradez e desinteresse.

Com a grande pratica que já tinha dos negocios publicos, com as *Ordenações do reino*, que um amigo lhe emprestou, e com a *Reforma judiciaria*, que acabava de ser publicada, e que elle estudou a fundo, tornou-se um advogado de fama, e não só era consultado por muitos demandistas, mas até chegou a advogar nas audiencias geraes, que n'esse tempo os juizes de direito hiam fazer aos julgados.

Assim, com geral approvação dos seus conterraneos, se tornou o director e árbitro de quasi todos os negocios publicos do concelho; mas tambem com todo o trabalho que esses negocios exigiam.

E, na verdade, grande era esse trabalho, porque primava em trazer tudo em dia, e feito com clareza e perfeição, não tendo nos primeiros annos, pessoa alguma que o ajudasse.

Todo o seu empenho era beneficiar o concelho, aliviando-o de contribuições, do *tributo de sangue*, e de todos os vexames; e conseguir-lhe todas as vantagens possiveis.

Em quanto este homem, verdadeiramente notavel, esteve á testa dos negocios publicos da sua terra, nunca houve partidos, nem dissenções no concelho, por causas politicas. Todo o povo do municipio era como uma só familia.

Tratou sempre de prevenir os crimes, e diligenciava para que não ficassem impunes os commettidos.

Influiu para que fosse concertada a torre da egreja; para se arranjar uma nova e melhor cadeia; para que se fizessem calçadas, caminhos, fontes, e pontes. Conseguiu que se estabelecessem duas feiras na villa, uma a 25 de março, outra no 1.º de novembro.

Finalmente, foi incansavel em promover todas as commodidades dos seus conterraneos e a moralidade publica.

Faltando no concelho estabelecimentos de instrucção, a supplicas de alguns paes de

familia, estabeleceu um pequeno collegio em que elle era o unico professor, ensinando todas as humanidades.

No meio de tantos e tão variados trabalhos, o seu desejo de pertencer á egreja, tinha augmentado. Alem d'isso, em uma visita que fez ao seminario onde havia estudado, vendo-o ao desamparo e em ruinas, concebeu a arrojada idéia de estabelecer n'elle um collegio particular, para educação do clero.

Tinham passado seis annos, n'esta lida e projectos. Em outubro de 1842, soube que alguns individuos, empregados no governo civil de Coimbra, frequentavam a universidade e se formavam. Pôde conseguir em breves dias, um emprego na recebedoria geral d'aquella cidade.

Chega a Coimbra, e toma posse do seu novo emprego a 2 de dezembro; mas, n'esse mesmo mez, são extinctas as recebedorias geraes.

Em 7 de janeiro de 1843, é nomeado amanuense ordinario da secretaria do governo civil, o chefe lhe entrega a direcção d'esta: e em tão bom estado pôz os papeis a seu cargo, que os seus superiores o citavam como modelo de empregados, pela bôa ordem e intelligencia com que organisou a secretaria. O chefe lhe queria como se fôra seu filho.

Ao mesmo tempo, vae-se preparando para fazer todos os exames preparatorios, o que realisou em julho do mesmo anno de 1843, ficando plenamente approvado.

Obtida a indispensavel licença do governador civil, matriculou-se no 1.º anno de direito.

Um dos seus melhores e mais queridos discipulos, em Oleiros—Antonio Ferreira de Miranda e Oliveira, de Sernache do Bom Jardim, tinha-o acompanhado para Coimbra, e matriculou-se em theologia, quando João Pereira se matriculou em direito, para assim abrangerem maior numero de disciplinas, e melhor se habilitarem para um dia poderem realizar a abertura do collegio de Sernache, como ambos tinham projectado.

Tornou-se o nosso biographado muito notavel como estudante de direito, já publicando analyses dos textos dados para sabbatinas; já fazendo dissertações aos condiscipulos que lh'as encommendavam, tanto em portuguez como em latim; já leccionando para acto, aquelles que lh'o pediam.

D'estes differentes trabalhos, de algumas lições publicadas pelo seu amigo Miranda e Oliveira; e de um estabelecimento lithographico que montou, poude tirar meios para as despezas da sua formatura e para a do seu amigo.

Em 1846, quizeram obrigal-o a pegar em armas, na revolução denominada da *Maria da Fonte*, ao que se recusou, preferindo abandonar o emprego.

A sua pouca saude, e um trabalho continuo e penosissimo, lhe pozeram a vida em perigo, nos primeiros dous annos da universidade, mas poude recuperar a saude, sem o auxilio da medicina, que no principio da doença o hia matando.

Como um dos mais distinctos e exemplares estudantes do seu tempo, foi geralmente estimado dos seus lentes, principalmente pelos doutores: Manoel Antonio Coelho da Rocha, Basilio Alberto Magalhães (depois arcebispo de Mytilene) e, sobretudo, pelo doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, seu lente de direito ecclesiastico, que o cumulou de obsequios e provas de estima.

Foi honrado com o 1.º *accessit* no 4.º e no 5.º anno, e nas informações finaes foi dado por *bom*, por todos, em relação aos costumes, e por *muito bom*, por dous, e bom pelo resto dos votos, em litteratura.

Concluiu a sua formatura, em 30 de junho de 1849, sem que, tanto elle, como o seu amigo e companheiro, causassem a menor despeza ás suas familias; sahindo de Coimbra, ainda com bastantes meios.

Logo que obteve o grau de bacharel, tomou ordens menores.

Nos ultimos dias da sua residencia em Coimbra, e antes ainda da sua formatura, foi convidado pelo novo bispo de Bragança,

D. Joaquim Pereira Ferraz, para seu secretario, o que acceitou com prazer, pois era o meio de chegar a presbytero mais facil e promptamente.

Foi passar o verão, com a sua familia em Oleiros, tendo alli o desgôsto de perder, em 8 de septembro, sua querida irmã, D. Gertrudes, menina de 24 annos, e de um caracter angelico.

Em 8 de janeiro de 1850, sahiu de Sernache, com o seu amigo e inseparavel companheiro, Miranda e Oliveira (que tambem tinha concluido a sua formatura, em theologia, e hoje é chantre da Sé de Leiria, e governador do bispado) em direcção a Braga, onde se deviam juntar com o bispo, que alli havia de ser sagrado — como foi — seguindo depois todos para Bragança, onde chegaram a 8 de fevereiro d'esse anno.

A disciplina ecclesiastica estava então no bispado de Bragança, no mais deploravel estado. Não havia seminario, nem aula alguma publica de sciencias ecclesiasticas, e admittiam-se a ordens, quantos para isso se apresentavam; pelo que o bispado, estava coberto de padres, sem educação nem instrucção religiosa, e não tendo muitos em que se empregarem, vivendo uma grande parte do clero, sem meios e sem dignidade, vendo-se obrigados a entregar-se á lavoura, ou a officios mechanicos. Os pretendentes aos beneficios ecclesiasticos, em logar de se dirigirem ao prelado, allegando os seus merecimentos e serviços, recorriam aos seus patronos, que, á força de presentes, faziam com que o bispo satisfizesse as suas pretenções. Outros se dirigiam ao secretario do bispo, offerecendo-lhe dinheiro para o mesmo fim.

O mal vinha já de longe, e muitos padres immoraes — que, em regra, são os mais atrevidos — tinham conseguido pelos referidos meios, apoderarem-se dos melhores beneficios do bispado.

As queixas dos povos eram continuas, e só um braço vigoroso podia fazer entrar nos devidos termos as cousas ecclesiasticas do bispado.

O novo bispo, tendo acabado de ordenar o seu secretario, em maio, depositou n'elle tanta confiança, que, em 8 d'agosto do mesmo anno de 1850, o nomeou seu provisor e vigario geral, por occasião de sahir de Bragança, D. Manoel Martins Manso, chantre que fôra da Sé, e que exercéra aquelles cargos, para ser sagrado bispo do Funchal [1].

Depois, foi tambem proposto pelo seu prelado, e apresentado, por carta regia de 10 de dezembro do mesmo anno, chantre da Sé cathedral, tomando posse d'este logar, em 31 do mesmo mez.

Tendo o bispo de retirar-se da sua diocese, por motivo de molestia grave, por provisão de 22 de maio de 1852, encarregou o seu secretario, do governo do bispado, durante a sua ausencia.

Sendo D Joaquim Pereira Ferraz, transferido para a Sé de Leiria, recebeu o cabido de Bragança uma carta regia, datada de 12 d'abril de 1853, na qual se lhe recommendava o seu chantre, João Pereira Botelho do Amaral e Pimentel, para ser eleito vigario capitular, pela «bôa informação das virtuosas qualidades do mesmo» cargo que exerceu até junho de 1854, em que elle mesmo tomou conta do bispado, em nome do novo bispo, D. Manoel José de Lemos.

Já como secretario do bispo, já como provisor e vigario geral, já como vigario capitular, trabalhou sempre com o maior zêllo, pela restauração da disciplina ecclesiastica, e pela reforma dos costumes do clero, lançando mão de todos os recursos que estavam ao seu alcance, já admoestando em particular — de palavra, ou por escripto — e em geral, por meio de frequentes pastoraes, já castigando os incorrigiveis, com rectidão e independencia admiraveis, e principalmente, edificando a todos, com seu exemplo e doutrina.

Assim, poude, nos poucos annos que esteve em Bragança, reformar quasi inteiramente o clero, restringir as ordenações, acabar com os empenhos e patronatos; e fazendo diminuir, quanto lhe foi possivel, os escandalos passados. Obrigou os padres a

[1] D. Manoel Martins Manso, foi depois transferido para o bispado da Guarda, onde falleceu ha poucos mezes.

vestirem-se com os habitos sacerdotaes — o seminario diocesano foi aberto, e as egrejas foram dadas aos mais dignos, sendo suspensos os escandalosos. O côro da Sé, que achou desamparado, tornou a funccionar, e na cathedral, fizeram-se notaveis melhoramentos materiaes.

Tudo isto o tornou respeitavel e respeitado por todos os homens de bem, sendo frequentes vezes elogiado pela imprensa jornalistica; mas tambem o fez soffrer muitos e grandes desgostos, promovidos pelos clerigos e seculares de mau procedimento.

Logo que o bispado de Bragança foi provido de novo prelado, o bispo de Leiria, convidou o seu antigo secretario, para continuar a exercer perante elle os mesmos encargos que tinha no bispado de Bragança, promettendo propôl-o para deão do cabido da Sé de Leiria, logar que então estava vago.

Tinha sido nomeado commissario dos estudos e reitor do lyceu de Bragança, mas não acceitou, e sahiu d'esta cidade, em 2 de outubro de 1854.

A jornada do novo secretario do bispo de Leiria, desde Bragança até Mirandella, foi uma verdadeira ovação, sendo acompanhado pelo clero da diocese, que por toda a parte lhe sahia ao encontro, vindo muitos padres, de grandes distancias, para se despedirem do seu antigo chefe, e grande multidão de povo, que o abençoava, e pedia a Deus que elle voltasse a governar o bispado.

Por carta regia de 7 de novembro de 1854, foi apresentado deão da Sé de Leiria. Chegou a esta cidade a 21 de dezembro, e tomou posse da cadeira de deão, logo a 31, principiando a exercer os cargos de secretario do bispo e de deão do cabido; sendo nomeado provisor e vigario geral, por provisão de 3 de janeiro do mesmo anno.

O bispado de Leiria, menor que o de Bragança, com muito pouco clero, e este, mais observante da disciplina ecclesiastica e morigerado, deixava algum tempo livre ao novo deão, pelo que teve occasião de poder ensaiar-se nos trabalhos do pulpito, e chegou a prégar treze sermões, com applauso geral; mas abandonou a prédica em consequencia da sua debil saude.

Foi honrado pela academia real das sciencias de Lisboa, com o titulo de *associado provincial* da mesma academia, por carta de 23 de março de 1857.

Por decreto de 10 de junho de 1853, foi nomeado vogal effectivo do conselho do districto de Leiria, cargo que exerceu por dous annos.

Em 22 de dezembro do mesmo anno, nomeado substituto de todas as cadeiras do seminario.

Alem da obrigação que contrahira com este cargo, e que cumpria com a maior pontualidade, tomou voluntariamente, o de abrir no seminario, um curso triennal, em duas aulas por semana, em que ensinava — no 1.º anno, educação religiosa e civil — no 2.º, liturgia theorica e pratica — e no 3.º, eloquencia sagrada, e exercicio de declamação.

Não encontrando livro apropriado ao ensino da educação, compoz e publicou um, que intitulou *Sciencia da civilisação*, que é um tratado completo de educação, reduzido a systema scientifico, ao qual a posteridade hade dar o devido apréço.

Como deão, pôz em andamento regular, os negocios do cabido, que estavam em grande confusão, e conseguiu que o subsidio, dado pelo thesouro publico a cada dignidade e conegos, subisse de 12$000 a 18$000 réis.

Como governador do bispado, na ausencia do prelado, fez no edificio do seminario as obras convenientes, para que alli estivessem collocadas as aulas do lyceu, com as necessarias commodidades. Foi por sua diligencia e muito zêllo, que o mesmo seminario conseguiu vencer em Santarem, uma demanda, sobre um fôro de 100 alqueires de pão, que os respectivos emphiteutas se recusavam pagar, havia muitos annos, e que, por sentença, foram obrigados a satisfazer.

O fallecido cardeal patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues, o nomeou, por provisão, muito honrosa, de 10 de março de 1862, desembargador da relação ecclesiastica, logar de que tomou posse, por procuração, em 8 de julho do mesmo anno.

Sendo ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, o fallecido marquez de Sá da Bandeira, lhe participou que Sua Magestade, tencionava elegel-o bispo de Macau. João Pereira escusou-se quanto poude, allegando o estado precario da sua saude, mas o ministro insistiu, e foi eleito por decreto de 9 de maio de 1865.

Na mesma occasião, foi muito instado o novo bispo eleito, para se encarregar interinamente, em quanto se demorasse no reino, da direcção do collegio das missões ultramarinas, o qual, tendo andado de mal para peior, estava em risco de acabar, e, apezar das escusas, foi nomeado superior do collegio das missões, em 4 de julho de 1865, estabelecido no antigo edificio do seminario de Sernache do Bom Jardim, onde tinha estudado humanidades.

Tomou posse, nos fins de julho do mesmo anno.

Em 15 de janeiro de 1866, deixou Leiria, com grande pezar da maior parte dos seus diocesanos, e chegou a Sernache no dia seguinte, sendo recebido a meia legua de distancia, pelas principaes pessoas da freguezia, com foguetes, musica, e todas mais demonstrações de regosijo.

Estavam assim realisados os seus antigos planos, se conseguisse para isso, os necessarios meios. Mas o edificio era insignificante para o fim a que se destinava, por ter ficado em metade, o risco da obra, e o pessoal que encontrou, foi apenas de dous padres e nove alumnos, sem os meios indispensaveis de subsistencia.

O estabelecimento, estava alli collocado havia dez annos, sem produzir resultado algum satisfatorio, e sem esperança de melhor futuro.

Os primeiros cuidados do bispo eleito, foi encher de alumnos a casa existente, e procurar os necessarios professores.

Os alumnos correram logo em tão grande numero, que se podiam escolher á vontade, sendo muitos regeitados, e tanto os antigos, como os novamente admittidos, mostravam muita docilidade.

Tudo começou a correr com regularidade; e ao mesmo tempo, cuidava em obter meios pecuniarios, para a conclusão do edificio, obra, na verdade grande, nas circumstancias do estabelecimento, mas indispensavel, porque a antiga casa, muito deteriorada, tinha apenas no andar nobre, 25 quartos, proprios para alumnos, o que era insufficiente; quando, depois de concluida a obra, ficaria com mais do dobro de accommodações.

O governo, attendendo ao expendido pelo superior, mandou que, pelo cofre da bulla da cruzada, lhe fosse dada, em 1867, a 1.ª prestação de fundos, para as obras extraordinarias.

O ministerio da marinha e ultramar, encarregou o mesmo superior, de as dirigir, ao que elle se entregou, com inteira dedicação, ideiando o plano da obra, que foi conveniente desviar um pouco do antigo risco.

No principio de março de 1868 se deu principio á abertura dos alicerces das novas obras, lançando-se a 1.ª pedra com toda a solemnidade, no dia 16 do dito mez.

No fim do anno, já estavam concluidos 10 quartos, que foram logo occupados por alumnos; e, em dezembro de 1869, se collocou solemnemente, a ultima pedra das mesmas obras, por cima da porta que deita para o parque; restando, todavia, ainda por fazer muitos trabalhos de pedreiro, carpinteiro e pintor, que só terminaram em 1871.

Instaram com o superior para que pozesse o seu nome na lapide que serve de remate á obra, mas elle mandou gravar a seguinte inscripção:

IMMACULATAE VIRGINI MARIAE DICATA
ANNO MDCCCLXIX
FAUCTRICE IPSA
DOMUS HAEC PERFECTA EST.

Melhorou muito o antigo edificio, ajardinou o claustro, plantando n'elle lindos arbustos e flores. Mandou fazer uma vasta cisterna a um canto do mesmo claustro, a qual leva quasi 120 metros cubicos d'agua. Completou o carrilhão dos sinos da torre da egreja, accrescentando-lhe trez, para ficar completa a oitava.

Na cosinha collocou um excellente fogão de ferro. Mandou fazer importantes obras no parque, e mandou finalmente fazer todos

os melhoramentos que julgou necessarios, tanto no edificio, como no parque e na matta.

—

A direcção do collegio. correu optimamente, em quanto o governo apoiou as medidas do superior.

A moralidade e observancia da disciplina eram taes, que não havia castigos, por desnecessarios, e o adiantamento litterario era notavel: metade dos alumnos eram premiados no fim do anno, sem favor.

Ao mesmo tempo, encantava ver a satisfação e harmonia que reinava no seminario, e o amor e respeito que dedicavam aos seus mestres e principalmente ao superior.

Finalmente desde que o collegio foi transferido do Bombarral para aqui, nunca chegou — a todos os respeitos — a tal estado de perfeição.

Recebia 2:400$000 réis annuaes, dos rendimentos dos bens das missões, em Macau; mas, desde que José Rodrigues Coelho do Amaral, na qualidade de membro do extincto conselho ultramarino (que tinha a superintendencia do collegio) o foi inspeccionar, por ordem superior, em tal perfeição o viu, que logo apresentou ao governo a proposta para ser elevado o subsidio a réis 4:800$000, que o collegio recebe actualmente.

Com este subsidio, e com o do cofre da bulla da crusada, é que o collegio hoje se sustenta, sem despeza alguma do governo, senão a congrua ao superior.

Em sessão da camara dos deputados, de 15 de março de 1867, depois de ter o deputado Baima de Bastos, feito os maiores elogios ao bispo eleito de Macau, como superior do collegio das missões, o visconde da Praia Grande, então ministro da marinha, respondeu — «Estimo muito que v. ex.ª fizesse a devida e bem merecida justiça, ao sr. bispo eleito de Macau, que actualmente rege aquelle estabelecimento. É aos seus esforços que se devem os consideraveis melhoramentos effectuados nos ultimos 18 mezes da sua gerencia.»

Na sessão da mesma camara, de 20 de aquelle mez, o deputado Reis Moraes, fez os mais bem merecidos elogios ao superior do collegio, o bispo eleito de Macau.

Em sessão da mesma camara, de 6 de maio de 1868, disse o ministro da marinha: —«Temos um estabelecimento religioso, importante, que é o collegio das missões ultramarinas, de S rnache do Bom Jardim, dirigido por um prelado dignissimo a todos os respeitos, o reverendo bispo eleito de Macau. (*Muitos apoiados.*) D'alli hão de sahir bons parochos e missionarios para as nossas colonias, (*apoiados*) porque n'elle se empregam com desvélo, os meios de os formar. Oxalá que tão bom modelo seja imitado pelos outros seminarios do ultramar.»

Em sessão de 20 do mesmo mez, tambem o deputado Arrobas, fez os maiores elogios ao superior do collegio das missões ultramarinas, o bispo eleito de Macau.

—

O collegio não tinha ainda estatutos. A lei de 12 de agosto de 1856, encarregava o superior de os organisar, e elle n'isso trabalhava desde o principio da sua gerencia. Offereceu ao governo differentes projectos; mas, demorando-se a sua approvação, e mostrando a experiencia que careciam de alterações, offereceu novo projecto de estatutos, no principio do anno de 1871.

Só a 13 de septembro do referido anno, appareceram uns estatutos, dados ao collegio, mas contrariando em todos os pontos essenciaes, as medidas propostas pelo superior, sem que este fosse ouvido, nem a junta consultiva do ultramar!

Por decreto de 15 de junho do mesmo anno de 1871, tinha sido o bispo eleito de Macau, apresentado bispo d'Angra; mas este, pelo muito amor que tinha ao collegio, foi a Lisboa, e pediu instantemente, dispensa de tal cargo; porém só conseguiu que se não desse andamento ao negocio da apresentação para o novo bispado, emquanto se não dispozessem as cousas do collegio, de modo que a sahida do superior o não prejudicasse.

Entretanto, foi confirmado por sua santidade, em consistorio secreto, de 22 de dezembro de 1871, sendo logo sagrado.

Com a sua sahida do collegio, e com os

taes estatutos forjados em Lisboa, era de esperar, senão a completa ruina, pelo menos a rapida decadencia do seminario de Sernache.

—

Para tratarmos ininterrompidamente das cousas concernentes ao collegio, reservamos para o fim tratar do que diz respeito ao bispado de Macau.

Como vimos, foi o sr. D. João apresentado para este cargo, sendo ministro da marinha, o marquez de Sa da Bandeira; e foi confirmado por Sua Santidade, no consistorio de 8 de janeiro de 1866; mas com jurisdicção restricta á cidade de Macau, emquanto o governo portuguez não satisfizesse ás obrigações de padroeiro, no resto da diocese, que abrange as extensissimas provincias de Cantão e Kuang-si, e a grande ilha de Hainan.

Recusou o governo acceitar n'aquelles termos, as bullas de confirmação, e portanto, não poude sagrar-se o bispo eleito, nem hir para o seu destino. Continuou pois a dirigir o collegio das missões, esperando que se aplanassem as difficuldades suscitadas.

Entretanto, sendo ministro da marinha e ultramar, o fallecido Luiz Augusto Rebello da Silva, nomeou uma commissão, para organisar as missões ultramarinas, esquecendo incluir n'ella o superior do collegio de Sernache, como o bom senso indicava; mas, pelo contrario, escolhendo pessoas quasi todas estranhas a taes assumptos, e improprias para semelhante encargo, as quaes prepararam e conseguiram fazer acceitar, por Sá da Bandeira (que tinha succedido a Rebello da Silva) uma denominada reforma do seminario episcopal de Macau, e uns novos estatutos, approvados por decreto de 20 de septembro de 1870, pelos quaes, foram afastados os dignos professores que havia n'aquelle seminario (o qual até então prosperava admiravelmente) nomeando outros, e alguns novos conegos.

O governo fez mais e peior — nomeou para governador do bispado de Macau, um conego, que devendo a sua posição ao novo bispo, o offendêra gravemente, com deslealdades e ingratidões, fazendo-o arrepender de o ter proposto em 1867, para conego e professor de Macau, onde o seu procedimento muito desgostou o bispo e os macaenses.

Emquanto o ministro da marinha praticava taes inconveniencias e irregularidades, um governador de Macau, mandava vender ou aforar, uma parte da cêrca do paço episcopal, para construcção de casas que o estão devassando, sem ouvir nem consultar o bispo, já então confirmado.

Contra tal abuso do poder, e violencia, protestou o prelado, perante o ministerio da marinha, mas inutilmente.

Tantos desgostos, magoaram profundamente o bispo, que desde logo resolveu resignar, e assim o fez quando Sá da Bandeira pretendeu que elle se sagrasse, e fosse para Macau. (O governo tinha admittido a restricção que fica referida.)

O nobre bispo, offereceu a resignação, sem pedir congrua nem compensação alguma.

Assim foi peorando ainda mais o real padroado na China.

Foi depois d'isto, que, sendo ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça, José Marcellino de Sá Vargas, de accordo com o da marinha, José de Mello Gouveia, ambos amigos velhos do nomeado, foi este transferido para a Sé d'Angra.

Quiz ser sagrado na bonita egreja do collegio de Sernache, posto que com maior incommodo e despeza do que se fosse em Lisbôa, para dar gosto ao collegio e á sua familia.

Teve logar a sagração, com a maior pompa, a 28 de abril de 1872.

Foi sagrante, o bispo de Bragança, D. José Luiz Alves Feijó, amigo velho do sagrado; assistindo os bispos d'Angola, D. Joaquim, commissario geral da bulla da crusada, e o actual da mesma diocese, D. Thomaz.

Foi um acto importante, atrahindo um prodigioso concurso de gente.

Entre os cavalheiros distinctos pela sua posição, se notavam os srs.: Carlos José Caldeira — seu filho, Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro — Luiz Antonio de Magalhães — seu sobrinho, Antonio de Meirelles Cardoso Gramaxo — José Farinha David Leitão

— e Lourenço Marques Junior, os quaes todos tiveram a honra de ser convidados para a ceremonia de lançar agua nas mãos dos bispos.

—

Finalmente, para terminar este já longo artigo, direi apenas — o ex.mo e rev.mo sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, actual bispo d'Angra, é um prelado a todos os respeitos exemplarissimo, e por isso amado e respeitado de todos quantos teem a honra e a ventura de o tratar, sendo afabilissimo para todos, sem distincção de classe ou posição social.

Nos Açores, alem dos seus padecimentos phisicos, tem soffrido bastantes desgostos, causados pela sua rectidão e imparcialidade, e pelo ardente desejo que tem de pôr as cousas da egreja em um estado prospero e regular; mas esses mesmos desgostos, promovidos por homens sem fé e sem dignidade, dão maior realce ás virtudes do venerando prelado, ao qual todos os homens de bem, fazem a devida justiça.

—

Ha n'esta freguezia o palacio e *quinta das Aguias*, com grande cêrca, que foi mosteiro e é uma formosa vivenda.

—

Na *Chronica do Condestabre*, se lê — «*Em aqlle lugar* (Sernache do Bom Jardim) *conheceu Nunalures sua molher; assi como homê deue conhecer a sua molher. E como quer que muyto tempo auia que a ella chamaua dona; com verdade se poderia dizer que des aquelte dia que a Nunalures seu marido assy conheceu, se poderia assy direitamente chamar, porque, posto que a dantes assy chamassem, ella era donzella. E este em seu verdadeiro nome, porque Vasco Gonçalves barroso, com que ella foi primeyro casada, nunca della ouve tal conhecimento. E esta foy a verdade, ainda que o ella sempre encobrisse, com sua grande bondade, do que cobrou grão fama de bom nome. E em bõo jardim folgaram, etc., etc.*»

—

D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos condes da Feira, sendo ainda estudante em Salamanca, teve de uma nobre dama, chamada D. Thereza Pires, um filho, que foi D. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato.

Este arcebispo, era um bravo militar. Nas guerras que houve em 1336 contra os castelhanos, e que terminou pelo casamento do infante D. Pedro (depois rei, 1.º do nome) com a infanta D. Constança (filha do infante D. João Manoel, senhor de Escalona, marquez de Vilhena e duque de Penafiel, o mais poderoso fidalgo de Hespanha) n'esta guerra, digo — entrou D. João de Castro, governador da Galliza, na provincia do Minho, com um grande exercito de gallêgos, roubando e incendiando todas as terras por onde passavam. Sahiu lhe ao encontro o bravo arcebispo, com os portuguezes que á pressa poude juntar, e o derrotou completamente, morrendo D. João de Castro na acção, e mais de 300 gallêgos, e tomando-se-lhes todas as suas bagagens, e os roubos que tinham feito em Portugal.

Esta batalha foi no primeiro de junho do dito anno de 1336.

O arcebispo, falleceu a 6 de março de 1348, e jaz na Sé de Braga, em uma nobre capella, que elle mesmo tinha mandado fazer, para seu jazigo.

—

D. Nuno Alvares Pereira, por seu pae, era descendente dos reis da Lombardia, e por sua mãe, de D. Bermudo 2.º, rei de Leão.

Foi o 2.º condestavel do reino, e armado cavalleiro pela propria mão da rainha D. Leonor Telles de Menezes. (Vide *Cernache do Bom Jardim.*)

O retrato d'este famosissimo heroe, está na sala do despacho, da egreja matriz da freguezia.

—

Repito os meus agradecimentos ao ex.mo sr. Carlos José Caldeira, pelos preciosos esclarecimentos que teve a bondade de me dar, e que me habilitaram a redigir o presente artigo.

Ao ex.mo e rev.mo sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, dignissimo e esclarecido bispo de Angra, peço perdão do meu arrojo em lhe escrever a biographia,

em termos tão faltos de eloquencia, como pobres de estylo.

SERNADA — Vide *Sarnada.*

SERNADELLA — Vide *Sarnadella.*

SERNANCÊLHE — Vide *Cernancêlhe.*

Este concelho é composto de 21 freguezias, todas no bispado de Lamêgo — são: Arnas, Caria, Carregal, Chouzendo, Cunha, Escurquella, Faia, Ferreirim, Fonte-Arcada, Freixinho, Granjal, Lamosa, Macieira, Penso, Quintella, Rua, Sarzêda, Seixo, Sernancêlhe, Taboza, e Villa da Ponte. Todas com 2:750 fogos.

(Por êrro da estatistica d'onde tirei o numero de fogos d'este concelho, disse no 2.º vol., pag. 250, col. 1.ª, que elle tinha 950 fogos, quando tem 2:750.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, depois, da de Trancoso, e finalmente, da de Moimenta da Beira.

Foi commenda de Malta, que rendia mais de 1:600$000 réis. O ultimo commendador foi D. João de Mello e Faro.

Fica esta villa a 45 kilometros de Pinhel, 24 de Trancoso, e 12 d'Aguiar da Beira.

A matriz, que é antiquissima, foi collegiada, com quatro beneficios simples, que apresentava o commendador.

O castello fica na maior eminencia da povoação, e d'elle foi alcaide-mór o conde de Pontével. Tinha duas torres, das quaes ainda ha restos. Dentro do castello havia a capella de S. Pedro, que foi arrazada depois de 1834. Parte do terreno interior da fortaleza está hoje transformada em cemiterio.

Dentro da matriz, ha uma capella pertencente ao sr. José de Almeida e Vasconcellos (feito visconde de Mossamedes em 21 de março de 1868)—e outra do sr. Manoel Antonio Cortez.

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

Publicas

1.ª *Santa Maria Magdalena.*
2.ª *S. Thiago.*— (É a capella do cemiterio.)
3.ª *S. Miguel, archanjo.*
4.ª *S. Gonçalo.*—Foi dos condes da Feira, hoje é dos Ribeiros Saraivas.
5.ª *Nossa Senhora do Pé da Cruz.*
6.ª *Espirito Santo*—na Cardia.
7.ª *Nossa Senhora do Amparo*—no logar da Ponte do Abbade, distante 9 kilometros da villa, mas da mesma freguezia.

Particulares

8.ª *Nossa Senhora dos Prazeres*—que foi da sr.ª D. Maria Clara de Tovar, e hoje é do sr. conde de Rézende.
9.ª *Nossa Senhora dos Remedios*—da sr.ª D. Francisca Luiza de Castro, de Melgaço.
10.ª *S. Roque.*
11.ª *Santo Antonio*—na casa que foi dos condes da Lapa.
12.ª *Nossa Senhora da Conceição.*

As trez ultimas capellas são do referido sr. visconde de Mossâmedes, e todas estão adornadas com a maior magnificencia, porque este fidalgo é eminentemente religioso.

Alem d'estas doze capellas, havia mais quatro, que foram arrazadas.

—

Tinha capitão-mór.

Tem Misericordia e hospital.

Ha na villa um mercado, em todas as segundas feiras seguintes ao 3.º domingo de cada mez, sempre muito concorrido.

É terra fertil em trigo, centeio cevada, milho, feijão, linho, castanha, vinho, e muita e bôa fructa. Cria muito gado.

É abundante de lebres, coelhos, e perdizes. O Távora lhe dá algum peixe miudo.

Houve sempre muita nobreza n'esta freguezia.

Na villa nasceu o Dr. frei Antonio Caiado, abbade de S. Pedro das Aguias, D. abbade geral do mosteiro d'Alcobaça, esmoler-mór de D. Maria I (em 1778.) Era muito douto e virtuoso, e a sua morte foi geralmente sentida.

—

O mosteiro da Ribeira, no termo da villa, está edificado sobre o rio Távora, que lhe banha os muros. Denomina-se *mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira*, e n'elle flores-

ceram muitas religiosas esclarecidas em virtudes. Foi supprimido pelos liberaes, depois de 1834.

—

Pertenceram a este concelho mais as freguezias seguintes: — *Palhaes, Reboleiro* e *Sabadêlhe*, que passaram para o de Trancoso.

—

A casa da camara, tribunal judicial, e administração do concelho, estão estabelecidos na grande casa que foi dos Cortezes de Carvalho, de Tabosa, e hoje são dos condes da Anadia.

Ha aqui alguns edificios nobres, pertencentes a familias que mudaram de domicilio, taes como — Almeidas, Leitões, Carvalhos Vasconcellos (conde da Lapa), Cortezes de Carvalho, Sás e Mellos, Gamas de Castro, Ferreiras Cardosos.

Os Pamplonas, do Porto (hoje condes de Rézende) tinham aqui uma nobre casa, que está desmantelada, mas ainda conservam os bens que tinham n'este concelho.

São de Sernancêlhe os distinctos medicos Gama de Castro, e Antonio de Lacerda (este nasceu na villa da Ponte, freguezia d'este concelho) Manoel Antonio de Figueirêdo Gouveia, que depois de 1834 foi empregado no ministerio dos negocios ecclesiasticos, Bispo de Bragança e outros.

—

É terra abundante de optimas aguas, sendo notavel pela sua abundancia a que nasce em uma collina ao E. da villa e que desagúa no regato do Medreiro, e este no Távora.

—

No archivo d'esta camara, havia muitos e mui curiosos documentos antigos, que foram desencaminhados em 1834; todavia, é inegavel que Sernancêlhe é uma das mais antigas povoações da Beira-Alta. Pelo menos, ha dous indicios da presença aqui dos romanos — um é o achado de uma medalha d'ouro, do tempo dos imperadores — outro, são os restos da via militar romana (calçada) que passava pelo meio da villa, e da qual ainda ha vestigios. Hia pela Veiga, até á Ponte do Rio, e d'ahi por Entre-Vinhas, subia até entrar na villa, pela rua do Curral até onde se encontra a estrada que vem da Cruz da Cançada.

Era esta via romana formada, por estes sitios, de lapas, ou pedras largas e juntas de maneira tôsca, e que não deviam offerecer grande commodidade ou suavidade aos viajantes, mas eram de grande duração.

—

Mesmo desde o principio da nossa monarchia, foi sempre Sernancêlhe uma villa importante, o que está provado pelo foral que durante o governo da rainha D. Thereza (pela menoridade de seu filho, D. Affonso I) lhe deram, em 1124, D. Egas Gondezindiz e João Viegas; o qual D. Affonso II confirmou em Pinhel, em fevereiro de 1220.

—

Em 1823, foi Sernancêlhe uma das primeiras terras da provincia onde se deu o grito da restauração, a favor de D. João VI, para a queda da constituição de 1820.

Em 1832, quando os liberaes entraram no Porto, foi a camara d'este concelho, das primeiras a protestar contra a invasão, sustentando os direitos do senhor D. Miguel I.

—

O primeiro marquez do Pombal era oriundo d'esta villa, pois n'ella nasceu seu pae, e d'ella era a sua familia Na casa onde nasceu o sr. Antonio Ribeiro Saraiva (do qual adiante trato) ainda existem papeis assignados pelo pae do dito marquez, sendo então o senhor da casa, Francisco Xavier de Moraes e Figueirêdo (avô materno do referido sr. Ribeiro Saraiva), que a instancias do marquez, quando estava no auge de todo o seu poder e auctoridade, lhe comprou a mesma casa toda inteira (casa de habitação e fazendas). O edificio e capella que tinha, foi demolido pelo bisavô do sr. Ribeiro Saraiva, indevidamente, pois só pertencia a seu filho.

Tudo quanto resta do que foi casa do marquez do Pombal, é um grande portal, por onde se entra para o que agora é um quintal, uma janella n'este, e um cedro junto á mesma.

Antonio Ribeiro Saraiva

José Ribeiro Saraiva, nasceu em Passos da Serra, Beira Baixa, no concelho e junto á villa de Gouveia. (6.º vol, pag. 502, col. 2.ª) Foi juiz de fóra de Trancoso — depois fez dous triennios em Soure, e depois corregedor em Viseu, d'onde subiu á Relação, seguindo todos os logares da antiga magistratura, com grande distincção, até chegar a conselheiro da Fazenda, desembargador dos aggravos, juiz privativo da Inglaterra, Hollanda e outras nações, secretario de estado da rainha D. Carlota Joaquina, viuva de D. João VI, até á morte d'esta Augusta Senhora, que depositava n'elle a mais plena confiança.

Falleceu em Lisboa (de desgôsto por entrar alli a columna liberal de Villa-Flor) em agosto de 1833.

Foi casado com D. Francisca Xavier Constantina de Moraes e Macêdo, nascida na villa do Mogadouro, em Traz-os-Montes, por occasião de estar alli, como juiz de fóra, seu pae, Francisco Xavier de Moraes e Figueiredo, natural d'esta villa de Sernancêlhe, onde possuia uma bôa casa, que augmentou com a compra do nobre e antigo edificio e bens que alli tinha o primeiro marquez do Pombal (como já fica dito).

De José Ribeiro Saraiva e sua mulher, foram filhos os seguintes (por ordem das edades):

1.º *D. Maria Henriqueta de Moraes Ribeiro Saraiva* — que estudou com seus irmãos, todas as disciplinas, em sua propria casa, com mestres particulares escolhidos, e sob a direcção de sua mãe, senhora de grande talento e instrucção; de maneira que D. Maria Henriqueta se tornou uma senhora das mais instruidas do seu tempo, ao passo que era de um caracter varonil e energico, que conserva ainda, apezar de exceder já a edade de 80 annos. Vive em Sernancêlhe.

2.º *Antonio Ribeiro Saraiva* — do qual adiante trato.

3.º *Francisco d'Assis Ribeiro Saraiva* — nascido n'esta villa de Sernancêlhe. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, sendo depois despachado provedor de Viseu, não chegando a desembargador, como lhe pertencia pelos serviços de seu pae, por este o não consentir, e se conservou provedor de Viseu, até 1834, emigrando então para Londres, para junto de seu irmão Antonio, e depois, para Paris, onde esteve alguns annos. Regressou a Portugal, quando cessou a perseguição aos realistas, e casou com sua prima, D. Francisca de Faria Pimentel, da qual teve uma filha unica.

—

Antonio Ribeiro Saraiva nasceu em Sernancêlhe, no dia 10 de junho de 1800. É bacharel, formado em direito e em canones, pela universidade de Coimbra, frequentando simultaneamente ambas as faculdades, e depois, tambem mathemathica e philosophia.

Em Coimbra era geralmente considerado como um poeta muito distincto, fazendo parte da sociedade de mancebos cujo *chefe* era o famoso Antonio Feliciano de Castilho (depois primeiro visconde de Castilho) do qual foi o mais intimo amigo.

Terminou os seus estudos da universidade, em 1823, passando em seguida, algum tempo na côrte, na casa de seu pae.

Em 1826, tomou o partido do sr. D. Miguel. As tropas realistas do bravissimo general Silveira (conde d'Amarante e marquez de Chaves) não podendo resistir ás liberaes, e aos 16:000 inglezes, de Clinton, que as tinham vindo soccorrer, tiveram de emigrar para a Hespanha, em março de 1827 — Ribeiro Saraiva teve pois de emigrar tambem, e só regressou á patria, quando o sr. D. Miguel foi acclamado rei de Portugal.

Durante a sua emigração, a sr.ª D. Maria Thereza, princeza da Beira, casada em Hespanha, o tomou para seu agente particular, empregando-o em continuas commissões politicas, na Austria, na Baviera, Inglaterra e França; podendo finalmente conseguir que o sr. D. Miguel sahisse de Vienna d'Austria, no que a princeza da Beira empregou toda a sua sollicitude e valimento.

Regressando a Lisboa, o rei o nomeou secretario da embaixada de Inglaterra, e n'este emprego se conservou até ao fim de maio de 1834.

A guerra civil, terminando então, Ribeiro

Saraiva soube em Londres, tudo quanto occorria em Portugal, e a época de terror que se seguiu á convenção d'Evora-Monte. Alem d'isso, caracter summamente energico e intransigente, mesmo depois de 1836, em que os liberaes, tomando as armas uns contra os outros, e combatendo-se ferozmente, deixaram os realistas em socêgo, não quiz Saraiva regressar a Portugal, onde reinava uma dynastia que não podia nem queria reconhecer.

Continuou a residir em Londres, e, mesmo depois de 1834, foi o encarregado de varias missões diplomaticas, pelos governos da Austria e da Russia, para a restauração do governo do sr. D. Miguel I, o que não poude conseguir; mas conseguiu o casamento do rei proscripto, em 25 de setembro de 1851, com a virtuosissima sr.ª D. Adelaide Sophia Amelia de Loewinstein Werthein Rochefort Rozemberg, filha do principe hereditario, Constantino José, e da princeza Ignez Maria Henriqueta, filha do principe Carlos de Hohenlohe Langenbourg.

Apezar da sua perspicacia tinha cahido em 1846, no laço armado por alguns inglezes, comprados pelo marechal Saldanha, e mandou para Portugal o general escossez Macdonell, para se pôr á frente das forças realistas; mas de combinação com o marechal (segundo auctorisadas opiniões) para dar cabo da revolução.

Mesmo que Macdonel não viesse na intenção de atraiçoar os realistas, foi uma pessima escolha do sr. Ribeiro Saraiva, porque o escossez, velho octogenario, inválido e ébrio, era o homem mais improprio que se podia desencantar, para organisar um exercito, e commandar uma revolução. (Vide 8.º vol., pag. 283, col. 1.ª, no fim.)

Ribeiro Saraiva nunca mais quiz voltar a Portugal, e vive em Londres (*21, Nottingam Street Marylebon W.*) do producto dos seus trabalhos litterarios, e do lucro que lhe proporciona um pequeno commercio.

—

Como homem aferrádo á sua opinião, sem transigir com a dos outros, e mesmo desgostoso pelo muito que tem soffrido pelas suas ideias politicas, e — digamos tudo — pela sua edade avançada, que o torna mais ou menos teimoso e rabujento, indispoz-se com o sr. D. Miguel, e depois com a sua viuva, com a qual ainda está em desharmonia. Tambem se indispoz com os illustrados redactores da *Nação*, orgam principal do partido legitimista em Portugal, pelas mesmas razões porque se indispoz com o rei, e com a sua viuva; mas, nem por isso deixou de ser sempre um strenuo propugnador dos principios politicos que adoptára desde 1826: por isso é estimado e respeitado, não só dos seus correligionarios, mas tambem dos que militam em campos diametralmente oppostos. Eis o que, por occasião do seu 80.º anniversario, dizem dous periodicos liberaes:

«O nosso presado amigo Antonio Ribeiro de Saraiva, faz 80 annos no proximo dia 10 de junho corrente. Não podemos deixar de lhe enviar os nossos sinceros e portuguezes parabens por este seu anniversario, e fazemos votos ao ceu para que por largos annos o possamos fazer. E n'elle saudamos um dos representantes d'essa geração verdadeiramente *portugueza*, que sabia ser grande, tendo por base a religião.

«O nosso estimavel collega *Conimbricense* dedica-lhe as seguintes linhas que gostosamente transcrevemos:

«No dia 10 do corrente faz 80 annos o sr. Antonio Ribeiro de Saraiva, pois que nasceu em egual dia e mez do anno de 1800.

«Foram seus paes o desembargador José Ribeiro de Saraiva e D. Francisca Xavier Constantina de Moraes e Macedo.

«Foi baptisado no dia 18 de junho, sendo seus padrinhos os marquezes de Castello Melhor.

«Apezar de militarmos em campos politicos diversos, não impede isso que respeitemos a austeridade do nosso compatriota, que ha 51 annos se acha ausente do reino.

«Uma das qualidades mais apreciaveis do

sr. Ribeiro de Saraiva é a sua independencia, de que deu numerosas provas durante o proprio governo do sr. D. Miguel, ao qual servia com a maior dedicação.» — *Ordem.*

—

«Completa ámanhã oitenta annos d'edade o illustrado e venerando cidadão Antonio Ribeiro de Saraiva, um dos altos funccionarios do estado durante a dominação miguelista.

«Este homem é o typo da maior independencia e da mais rigorosa austeridade — ha cincoenta e um annos que vive no estrangeiro, expatriado, vivendo pobremente do seu trabalho, que nem mesmo a edade tem conseguido enfraquecer ou diminuir. Para elle Portugal deixou de ser terra, onde se pudesse viver tranquillamente, depois que a sua causa se perdeu e um novo systema politico, a elle opposto, se estabeleceu no paiz.

Ribeiro de Saraiva é um miguelista dissidente, isto é, faz politica a seu modo, sempre muito honestamente, combatendo até muitos dos actos do seu partido. Á *Nação* e ao grupo que ella representa, tem por vezes dado correctivos de um vigor assombroso para a edade d'aquelle velho. É intransigente e irreconciliavel. As suas cartas ao illustrado redactor do *Conimbricense*, são sempre muito curiosas, pelas revelações historicas e por uma fórma violenta para os adversarios das suas ideias. Ribeiro de Saraiva é de tal modo independente, que em 1833 nas cartas, encontradas nas regiões officiaes, do punho de varias influencias miguelistas, encontraram-se cartas de Saraiva verberando o governo do sr. D. Miguel.

«Antonio Ribeiro de Saraiva tem tido provações immensas. Sempre o mesmo. Antes quebrar que torcer. Chegou a não ter com que pagar o porte de uma carta. No tempo do sr. D. Miguel representava Portugal em Londres. Mudado o systema, cessou a representação. Sabem o que fez Ribeiro de Saraiva? Havendo dividas importantes da legação, cuja responsabilidade passaria immediatamente ao seu successor, Ribeiro de Saraiva empenhou-se, sacrificou-se e pagou *á sua custa* tudo.

«Um homem assim é raro e respeita-se. Não se procura n'elle o adversario, aprecia-se o cidadão. Um bom caracter e um homem leal, esteja onde estiver, estima-se e presa-se. Aos oitenta annos Ribeiro de Saraiva é ainda hoje um trabalhador. Vive da sua penna. Para dar uma prova do seu caracter basta dizer que se tiver de seu apenas uma libra, e um pobre, que elle reconheça como tal, lhe pedir uma esmola, dá-lh'a, embora fique sem nada para o dia seguinte. É assim. Os portuguezes que vão a Londres procuram sempre o versado portuguez e elle recebe-os com jovial alegria e sincero affecto. Serpa Pinto ultimamente esteve com elle.» — *Commercio de Portugal.*

—

Os ex.mos sr.es Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Póvoas, da cidade da Guarda, e seu irmão, Nicolau de Mendonça Falcão, são primos segundos do sr. Antonio Ribeiro Saraiva. É ao primeiro d'estes cavalheiros que devo a maior parte dos apontamentos para a rapida biographia que acaba de ler-se; pelo que lhe dou aqui os meus cordiaes agradecimentos. S. ex.a, era tambem parente proximo do fallecido tenente general realista, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas. (Vide *Vella.*)

Do sr. Antonio de Mendonça, é filho unico, o sr. dr. Alvaro das Póvoas, hoje delegado do procurador regio, na comarca de Mangualde, e um cavalheiro distinctissimo, em tudo digno do seu respeitavel pae, cujas pisadas no caminho da honra tem seguido sempre, e pelo que é geralmente estimado e respeitado.

—

Mosteiro de N. Senhora da Conceição vulgarmente denominado Senhora da Ribeira do Távora

A pag. 250, col. 2.a do 2.o volume, tratei rapidamente d'este mosteiro, aqui darei d'elle mais circumstanciada noticia.

Está situado nas faldas do monte de Sernancêlhe, em sitio plano e fertil, banhado pelo rio Távora e por outros regatos que o tornam fresco e agradavel no verão; mas é cercado de montes, uns escalvados, e alcan-

tilados, outros cobertos de arvores e plantas de varias especies.

Havia aqui uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, mas a que o vulgo, em razão da sua proximidade do Távora, denomina *Senhora da Ribeira*.

Os povos d'estas redondezas, tinham grande devoção com esta Senhora, e lhe faziam muitas romarias, no decurso do anno. Os habitantes da villa de Trancoso — que fica a 18 kilometros de distancia — lhe faziam todos os annos, a 8 de dezembro, uma solemne festividade. O rei D. Duarte dispensou os romeiros d'esta Senhora, da pragmatica do reino, dada em Extremoz, a 10 de abril de 1436, concedendo-lhes o poderem ir á romaria, montados em machos ou mullas.

Como já fica dito, os padres da terceira ordem da Penitencia, dos quaes era superior, frei Pedro da Ameixoeira, obtiveram licença da camara de Sernancêlhe, para construirem um mosteiro da sua ordem, junto á ermida da Senhora, o que fizeram em 1460. Mas a camara impoz aos frades a condição de — *só alli existiria o convento, em quanto o povo da villa o consentisse.*

Como esta licença foi concedida a frei Pedro da Ameixoeira, por morte d'este a camara expulsou os frades e tomou posse do mosteiro.

O padre Gonzaga, na *Chronica da terceira ordem da Penitencia*, diz que uma parenta de frei Pedro, é quem expulsou os frades, apresentando-se como herdeira do fundador — o que não é muito provavel.

Qualquer que fosse o motivo da expulsão, o que é certo, é que *frei João Cabeça de Vacca*, apenas leigo da ordem, mas com grandes relações na côrte, sabendo que D. João II hia (1483) em romaria a S. Domingos da Queimada (vol. 8.º, pag. 15, col. 1.ª) foi á sua presença, e queixando-se da expulsão de seus irmãos, obteve que o rei mandasse que o mosteiro fosse immediatamente restituido aos frades, o que se cumpriu.

Outro motivo mais forte, lançou os frades fóra do mosteiro para sempre, em 1520. Eis como isto se realisou:

D. Maria Pereira, filha ou parenta dos condes da Feira, senhora de grande nobreza e muita representação, natural da villa de Sernancêlhe, irman de Pedro Alvares Pereira, tambem da mesma villa, achando-se viuva, e em edade avançada, emprehendeu expulsar os frades do mosteiro da Ribeira, e transformal-o em convento de freiras da mesma ordem. Prevalecendo-se da condição imposta pela camara a frei Pedro da Ameixoeira, quando esta lhe deu o consentimento para a fundação do mosteiro, e ainda mais, pela poderosa influencia dos seus parentes, que eram as principaes pessoas da villa, conseguiu o seu intento, e expulsou os frades; e para alli foi D. Maria Pereira, com duas filhas, e outras senhoras, e tomando a regra de S. Francisco, foi ella a primeira abbadessa.

Deve notar se que os frades eram muito poucos, o mosteiro estava por concluir e era pobrissimo, soffrendo os religiosos muitas privações, pelo que pouca resistencia fizeram para evitar a expulsão.

A nova abbadessa, que era bastante rica, concluiu as obras do mosteiro, restaurou a antiga ermida, que lhe servia de egreja, e em pouco tempo, poude a casa dar abrigo a 60 religiosas, quando no tempo dos frades apenas tinha seis cellas.

A antiga ermida, que era muito pequena e de tosca architectura, foi então transformada em uma bôa egreja; e a cêrca foi tambem ampliada e muradi.

D. Maria Pereira, falleceu em 1533, e lhe succedeu no abbadessado, D. Isabel Aranha, em nada inferior á sua antecessora.

Chegou a grande perfeção e disciplina este convento, de modo que d'elle sahiram por muitas vezes freiras, para fundarem outros mosteiros, ou para os reformarem. De entre estes se contam os mosteiros do Couto, Almeida, Monte-Mór-Velho, e Torres Novas.

—

A imagem da padroeira, revela, pela sua

esculptura, grande antiguidade. É de pedra, e tem um metro d'altura, e a sua festa principal se fazia no dia proprio, que é a 8 de dezembro, e foi sempre muito concorrida, não só dos povos circumvisinhos, mas até de romeiros vindos de terras muito distantes.

SERNANDE — Vide *Cernande*.

SEROA ou **SEROIA** — freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, 30 kilometros a N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal sacro e Profano*, nem d'ella pude obter mais esclarecimentos.

SÉRPA — villa, Alemtejo, cabeca de concelho, na comarca e 24 kilometros ao S. O. de Moura, 70 kilometros d'Evora, 155 ao S. E. de Lisboa, 27 ao S. de Mértola, 6 do Guadiana e da raia hespanhola — provincia de Andaluzia. Tem a villa 1:400 fogos, em duas freguezias — o Salvador, 750 — Santa Maria, 650. — Em 1768 tinha 1:103 — o Salvador, 548 — e Santa Maria, 555.

Bispado, districto administrativo e 25 kilometros de Beja.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 22$000 réis em dinheiro.

O prior de Santa Maria, era da mesma apresentação, e tinha 210 alqueires de trigo, e 150 de cevada.

O concelho de Serpa, compõe-se das 9 freguezias seguintes — Aldeia Nova — Brinches, Santa Anna, Santa Iria, Santo Antonio Velho, S. Braz, Villa Verde de Ficalho, e as duas da villa. — Todas com 2:700 fogos, e pertencentes ao bispado de Beja.

A villa está situada em um alto, correndo-lhe ao sopé a ribeira *Chouchou*.

É cercada de muralhas com seu castello, e tinha 5 portas (de *Moura*, de *Sevilha*, da *Corredoura*, de *Beja*, e *Porta Nova*) tudo feito pelo rei D. Diniz. Os castelhanos do duque de Osuna, demoliram o castello e arrazaram as portas, em 1708, como adiante direi. Do castello apenas restam vestigios e as muralhas estão desmanteladas.

Tem misericordia; e um bom hospital.

Era commenda da ordem d'Aviz.

Tinha um mosteiro de frades *paulistas* (eremitas de S. Paulo) sob o titulo de Nossa Senhora da Consolação, principiado em 1440.

Este mosteiro, foi construido fóra da villa, no sitio chamado *Provencia*, que fica a 4 kilometros. Foi fundado por frei Matheus Fróes, eremita da serra d'Ossa, ao qual a infanta D. Leonor, filha de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, deu este logar (que por isso se lhe mudou o nome em *Valle da Infanta*) em 2 de março de 1372. Era mosteiro pobre e pequeno, mas augmentou de edificio e rendas, quando se mudou para a villa, no referido anno de 1440.

E outro de *franciscanos* (antoninhos) fundado pelo rei D. Manoel, em 1502. É extramuros, e na capella-mór da sua egreja tinham o seu jazigo os ascendentes do actual marquez de Ficalho.

É povoação antiquissima, e a sua fundação é attribuida aos celtiberos túrdulos, pelos annos 480 antes de Jesus Christo; os quaes lhe deram o nome que conservou no dominio dos romanos, dos gôdos, e dos arabes (mas estes tambem lhe chamaram *Scheberim*) e é ainda o actual. O que é certo, é ter sido uma importante cidade da Bética.

D. Affonso Henriques a resgatou do poder dos mouros, em 1166; mas não havendo gente para a povoar e defender, foi abandonada, até que D. Sancho I tornou a tomar posse d'ella, em 1191. Tornou a cahir em poder dos mouros, em 1242, e foi resgatada por D. Paio Peres Correia e D. Sancho II, logo no mesmo anno, e nunca mais cahiu em poder dos mouros. Foi destruida pelos castelhanos, e o rei D. Diniz a mandou povoar em 1295, construindo-lhe então o seu castello, e dando-lhe foral com todos os privilegios da cidade d'Evora.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

Francisco de Mello, senhor de Ficalho, e alcaide mór de Serpa, ascendente dos condes de Ficalho, mandou fazer, para sua residencia, umas sumptuosas casas, junto ao

castello, vindo para ellas a agua, por uns grandes arcos; feitos sobre a muralha tinha grandes jardins, um espaçoso terreiro, e boa quinta. Esta propriedade é hoje do sr. conde de Ficalho, (que tem n'este concelho valiosas propriedades.

Quatorze filhos de Serpa teem sido bispos. (Em 1690 havia simultaneamente cinco bispos naturaes d'esta villa — eram o da Guarda, o d'Elvas, o do Algarve, e dous *in partibus*)

O rei D. Diniz, estando em Béja, assignou uma carta regia, em 9 de dezembro de 1293, pela qual communicava á camara de Béja, que dava a esta villa o foral d'Evora — que vinha transcripto na mesma carta. (E o foral de que acima fallei.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 28 de junho de 1513. (*Livro de forais novos do Alemtejo*, fl. 64 v., col. 1.)

Foi senhor d'esta villa, o infante D. Fernando (filho de D. Affonso II) e por isso se denominava o *infante de Serpa*. Por sua morte, voltou a villa para a corôa.

(Este infante tinha casado em Castella, no anno 1241, com D. Sancha Fernandes de Lara, filha do conde de Lara.)

Quando D. João IV instituiu a casa do infantado, em 1641, deu Serpa a seu segundo filho, o infante D. Pedro, que depois foi rei, segundo do nome.

Tambem teve o senhorio d'esta villa, o infante D. Luiz, duque de Béja, filho segundo do rei D. Manoel e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria, e pae do infeliz e mal aconselhado D. Antonio, prior do Crato, que disputou inutilmente a corôa de Portugal, ao usurpador Philippe II.

O infante D. Luiz foi um varão verdadeiramente grande em dotes da natureza e ornado de muitas virtudes. Foi piissimo catholico, de limpa consciencia, alheio de ambição, perpétuo protector dos benemeritos, amparo dos pobres, e chamado, com justa razão, *Delicias de Portugal*.

Os seus exercicios eram os estudos das artes liberaes, principalmente das armas e cavallaria, em que era tão forte e tão dextro, que ninguem, no seu tempo, lhe levou n'isto vantagem. Nas festas de cannas, touros, justas e torneios, foi sempre objecto das maiores admirações, e quasi sempre levava os primeiros premios.

Teve por mestre de mathematica, o famoso Pedro Nunes (1.º vol., pag. 58, col. 1.ª) o maior homem do seculo XVI.

Saiu o infante tão perito n'estes estudos, que compoz um livro de *Proporções e medidas*, de muita curiosidade e erudicção.

Era tambem um bom poeta; e escreveu algumas comedias, de grande voga no seu tempo, e ainda hoje muito estimadas, pela profundidade dos seus conceitos, e pela graça de algumas das suas situações.

Foi duque de Béja, condestavel do reino, D. prior do Crato, senhor de Sérpa, Moura, Covilhan, Almada, e outros logares. Vagando, por morte de D. Jorge de Alencastro (filho bastardo de D. João II, e progenitor dos duques d'Aveiro e de outros nobilissimos titulares) os mestrados de S. Thiago e Aviz, e sendo costume n'este reino, darem-se aos infantes, foi tal o desinteresse de D. Luiz, e amor do bem publico, que persuadiu ao rei, os unisse á corôa.

Na jornada e conquista de Tunes (Africa) obrou acções de valoroso e perito cabo de guerra.

Era um cavalheiro elegante e de feições sympathicas, sendo de uma graça indivivel no fallar, sem perder a gravidade de principe.

Foi filho e irmão extremoso, e para os seus creados era mais um pae, do que um senhor.

D. João III, seu irmão, o amava sinceramente, e nada resolvia sem seu conselho.

Nunca casou, mas teve um filho, que, como já disse, foi D. Antonio, prior do Crato.

Morreu como verdadeiro christão, na casa do conde de Linhares (que depois foi mosteiro de eremitas descalços de Santo Agostinho, e hoje é o tribunal da Bôa-Hora, na rua Nova do Almada) em Lisbôa, no dia 27 de novembro de 1555, com 49 annos e 9 mezes de edade. Foi sepultado no real mosteiro dos Jeronymos, de Belem. A morte d'este virtuoso e sabio principe, foi geralmente sentida.

D'entre as suas poesias, escolhi um sonêto, para dar aos meus leitores uma prova da verdadeira vocação poetica de D. Luiz. É o seguinte, feito nos ultimos annos da sua curta existencia:

Horas breves do meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos dias de tormento.

Os meus castellos, que fundi no vento,
O vento m'os levou, que m'os sustinha;
Do mal que me ficou, a culpa é minha,
Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

Amor, com falsas mostras, apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
E logo no melhor desapparece.

Oh damno grande e grande desventura!
Por um pequeno bem, que desfalece,
Aventurar um bem que sempre dura.

—

Glosou este sonêto, com admiravel propriedade e elegancia, o excellente poeta portuguez, Balthazar Estaço, na sua *Poesia varia.*

—

Faz-se n'este concelho um grande negocio em porcos vivos e salgados, assim como *fumeiros*, que se exportam para todas as provincias do reino e para o Brasil.

Produz tambem os famosos queijos, denominados do *Alemtejo*, que se exportam em grande quantidade, sendo em toda a parte muito apreciados.

Ha grande negocio com os hespanhoes.

—

As armas de Serpa, são—em campo azul, um castello com ameias e guaritas, sobre montes.

—

Os arrabaldes da villa são muito ferteis e aprasiveis, comprehendendo grande numero de hortas, pomares, cearas e olivaes, regados pela ribeira Chouchou.

O terreno da freguezia é bastante accidentado, mas os seus valles são bem cultivados e muito productivos.

Este concelho é um dos mais ferteis e importantes da provincia do Alemtejo, sendo os seus principaes productos agricolas, cereaes, azeite e vinho. Produz tambem legumes, cêra, mel, e muita variedade de optima fructa. Tem vastos montados, onde se criam e engordam muitos milhares de porcos, que constituem um importantissimo ramo de commercio.

No termo d'esta villa, em um valle, proximo da freguezia de *Santo Antonio Velho*, está a fonte denominada *dos Banhos*. Antigamente, na vespera e dia de S. João Baptista, vinham aqui banhar-se os moradores da villa e dos arredores.

No dia do referido santo, a camara de Serpa, acompanhada da maior parte dos habitantes da villa, vinham a uma horta contigua á *fonte dos Banhos*, *fazer capellas* (mandar dizer missas e assistir a ellas) e correr cavalhadas.

Este costume acabou pelo meiado do seculo XVIII, e, como a horta, onde se faziam as capellas, e as cavalhadas, deixou de ser talada por tanta multidão de povo e cavallos (a que estava sujeita por contratos antigos) ficou obrigada a pagar á camara a terça parte do seu rendimento.

A maior parte da população da freguezia emprega-se na agricultura, e bastante no commercio e na industria.

Para auxiliar os lavradores menos favorecidos da fortuna, ha na villa um antigo *monte de piedade* (celleiro commum) de emprestimos de cereaes, que tem sido de grande proveito ao povo.

Adiante trato d'este estabelecimento mais detidamente.

—

Ha aqui uma grande feira, a 24 d'agosto, que dura trez dias, e a ella concorrem generos de varias especies, e gados de toda a qualidade. É muito concorrida, não só por gente do Alemtejo e Algarve, como da Andaluzia.

Em 1696, foi aqui achado um cippo, com esta inscripção:

D. M. S.
FABIA PRISCA SERPENSIS
C. R. AN. XX. H. S. E. — S. T. T. L.
R. GEMINUS PRISCUS PATER.
ET FABIA CADILA MATER.
POSUERUNT.

(*Rezende*, liv. 4.°, pag. 198.)

—

Isto é — *Dedicada aos deuses dos mortos Fabia Prisca, serpense, cidadan romana, de 20 annos, aqui está sepultada. A terra te seja leve. Caio Gemino Prisco, seu pae, e Fabia Cadila, sua mãe, lhe erigiram esta memoria.*

Vê-se d'esta inscripção, que os habitantes de Serpa gozavam as honras e privilegios de cidadãos romanos.

—

A morte do rei Carlos II, de Castella, deu causa á guerra civil, que principiou em 1700. Dous eram os pretendentes á corôa — Philippe, duque de Anjou (depois rei, quinto do nome) e Carlos, archiduque de Austria, que se intitulou Carlos III. — O primeiro foi acclamado em Madrid, e Portugal e todas as nações da Europa, menos a Austria, o reconheceram como rei de Hespanha.

Em 1701, Portugal, Hespanha e França fazem um tratado de alliança, offensiva e defensiva; mas, em 1703, mudou a politica, e todas as nações que tinham reconhecido Philipe V, o abandonaram, para entrarem na grande alliança com a Austria, reconhecendo o archiduque como rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III.

O archiduque chega a Lisboa, nas esquadras ingleza e hollandeza, com um exercito de terra, composto de 10:000 inglezes, que se uniram ao nosso exercito. (9 de março de 1704.)

O rei de Portugal, D. Pedro II, entregando a regencia do reino, a sua irman, a rainha D. Catharina (a *da Bemposta*) viuva de Carlos II de Inglaterra, marcha com o archiduque contra a Hespanha, onde entram, sem acharem resistencia séria.

Em 1705, os alliados tomam a forte praça de Gibraltar, e pouco depois, por assalto, a praça de Vallença de Alcantara, marchando logo sobre Albuquerque, que capitulou. A villa e praça de Salvaterra (hespanhola) rendeu-se á discrição. Os philippistas abandonam Sarça, e os alliados sitiam, mas não conseguem tomar a forte praça de Badajoz.

A esquadra dos alliados toma Barcelona. Toda a Catalunha e Vallença se declaram a favor de D. Carlos.

A França reune grandes forças em favor de Philippe V.

Em 1706, este, sitia Barcellona, e manda o marechal de Berwick com uma forte divisão, oppor-se ao nosso exercito, forte de 40:000 homens, commandados pelo marquez das Minas. Berwick foi derrotado em Broças, e os portuguezes marcham sobre Madrid. (Na batalha de Broças, morreu o bravo conde de S. Vicente, um dos melhores cabos de guerra que então tinha Portugal.)

Moraleja, Alcantara, Coria, Valencia, e Cidade Rodrigo, são tomadas pelos alliados.

Philippe V é obrigado a abandonar o cêrco de Barcellona, e o nosso exercito continúa na sua marcha victoriosa sobre Madrid, onde entra a 2 de julho do mesmo anno, sem resistencia, pois os bourbonistas a tinham abandonado.

Depois, convencidos da impossibilidade de conservar Madrid por muito tempo, a abandonam, marchando sobre Vallença, onde o archiduque estava inactivo.

A 6 de dezembro d'esse anno, morre em Lisboa D. Pedro II, succedendo-lhe seu filho, D. João V, que ratifica a grande alliança.

Em 1707, o duque d'Ossuna, com uma forte divisão philippista, põe cêrco a Serpa. A praça tinha uma pequena guarnição, mas, ajudada pelos habitantes da villa, fizeram uma tenaz resistencia, obrando prodigios de valor; mas, faltos de mantimentos e de munições de guerra, tiveram de capitular a 26 de maio do mesmo anno.

(Em 1708, são obrigados os castelhanos a abandonar Serpa, mas (como já disse) demoliram o castello, e arrazaram as cinco portas das muralhas que cercavam a villa.)

O marechal Berwick, ataca o nosso marquez de Minas, em Almanza, na Castella Nova, a 25 d'abril de 1707, e os portuguezes são completamente desbaratados, perdendo 12 regimentos.

Refeitos os alliados d'esta grande perda, marcham pela Extremadura, sobre Badajoz, onde são novamente batidos por Berwick.

Em 1710, os alliados ganham a grande victoria de Saragoça, contra o exercito do general Bay, e entram, pela segunda vez, em Madrid.

A causa de Philippe estava perdida, mas recebendo um grande reforço de tropas francezas, o duque de Vendome ganha a victoria de Villa Viçosa, na Castella-Nova, o que mudou a face ás cousas da guerra.

Em 1711, os bourbonistas atacam a nossa praça de Campo-Maior, mas, no fim de trinta dias de continuos ataques e de heroica resistencia, viram-se obrigados a retirar.

Em 1715, morre s imperador da Austria, e o arc.iduque Carlos, subindo ao throno imperial, abandona a sua causa em Hespanha.

Finalmente, a 11 d'abril d'esse anno de 1713, assigna-se a *paz de Utrecht*, Philippe V fica seguro no throno, e termina esta guerra (denominada *da successão*) e que foi tão fatal aos portuguezes como aos hespanhoes.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª *S. Roque*, no Rocio.
2.ª *S. Pedro.*
3.ª *S. Sebastião.*
4.ª *Senhora dos Remedios* — todas na villa.
5.ª *Senhora da Saude*, fóra da villa. É um formoso templo, com uma rica irmandade, denominada do Terço, que occorre a todas as despezas do culto divino, e ao aceio e conservação da egreja.

Foi construido pelo povo da villa.

Eis o que reza a tradição, com respeito a esta egreja.

Havia extra-muros da villa uma antiquissima ermida, dedicada ao apostolo Santo André, que se suppõe ter sido a capella de uma gafaria.

Cessando a elephancia por estas terras, foi abandonada a gafaria, mas não a ermida, que era cuidada por um eremitão, que junto do templosinho tinha a sua humilde residencia.

Em certo dia, de anno que se ignora, entrou na ermida um formosissimo mancebo, trazendo comsigo uma bella imagem da Santissima Virgem, e pediu ao eremitão, licença para a pôr no altar, em quanto descançava de uma longa jornada que até alli havia feito. Sahiu o erimitão, e quando voltou á ermida, achou a santa imagem no altar, mas não tornou a ver o mancebo, do qual ninguem mais deu noticia.

Divulgou-se o caso, e o povo principiou logo a ter uma grande devoção a esta Senhora; e, como não sabiam o seu titulo, lhe deram o de *Nossa Senhora da Saude.*

Foram tantas as esmolas e promessas offerecidas á Senhora, que com ellas se lhe construiu o magestoso templo actual, perdendo a sua antiga denominação e tomando a da Senhora.

A sua festa é a 15 d'agosto (dia da Assumpção) e é sempre sumptuosa e concorridissima. Tambem se lhe faz outra festa em septembro, quando cáe a festa do seu santissimo nome.

Homens illustres naturaes de Sérpa

Os santos martyres Hilarião e Proculo Padeceram martyrio no tempo do imperador Trajano, no dia 12 de julho do anno 110 de Jesus Christo. — Segundo a tradição, nasceram em umas casas terreas, a pouca distancia do sitio onde depois se construiu o castello. Morreram proximo á *Horta dos Banhos*, em que já fallei. S. Proculo era tio de Santo Hilarião.

—

D. frei Bernardino de Santo Antonio, religioso de S. Francisco, da provincia do Algarve, lente jubilado em philosophia e theologia. Depois de ser guardião do collegio de Coimbra (da sua ordem) e do convento de Evora, foi bispo de Targa, coadjutor dos arcebispos d'Evora, D. Diogo de Sousa, D. frei Domingos de Gusmão, e D. frei Luiz da Silva; deputado do Santo Officio, d'Evora, onde prégou o sermão do *auto de fé*, que teve logar em 1682. Morreu a 14 de novembro de 1699, com mais de 80 annos de edade.

—

José Correia da Serra, distincto botanico, de fama européa. Nasceu a 6 de junho de 1750. Era filho do medico Luiz Dias Correia e de sua mulher, D. Francisca Luiza da Serra. Fez os seus primeiros estudos em Roma, onde residia a sua familia, desde 1756. Tornou-se notavel na capital do mundo catholico, pela sua precoce intelligencia, que causava a admiração de quantos o tratavam. Aos 14 annos de edade escreveu e publicou um livro mystico, que revela já um grande talento.

Seguiu os estudos ecclesiasticos em Roma, onde recebeu ordens menores e todas as mais até presbytero, dizendo a sua primeira missa, na magestosa basilica de S. Pedro, em 1775.

Tinha tomado conhecimeuto com o sabio duque de Lafões, que então viajava pela Europa, e que dedicou grande amisade a Correia da Serra, amisade que durou toda a sua vida.

Regressando a Portugal, em 1777, chamado por seu pae, que já estava no reino, porque o primeiro marquez de Pombal lhe tinha promettido um emprego rendoso, para o filho, soube que D. José I tinha morrido a 22 de fevereiro d'esse anno, e que Pombal tinha sido degredado para a villa do seu titulo.

> Á ordem de seu pae, sahiu logo de Roma, despresando grandes partidos que lhe faziam em Italia, preferindo tudo ao serviço da patria. Não achando navio que viesse para Portugal, embarcou em um, para Cadix, e de lá veio por terra para Portugal, com a sua familia. Em Cadix, soube da morte de D. José I, e em Mértola (onde chegou a 29 de março de 1777) soube que seu pae tinha morrido havia pouco mais de um mez.

Como já cá era conhecido pela sua grande reputação, foi geralmente estimado, até que, chegando o duque de Lafões, o levou para o seu palacio, e muito o auxiliou no seu grandioso projecte da fundação da *Academia Real das Sciencias*.

Foi logo Correia da Serra nomeado secretario da mesma academia.

Desgostoso por algumas intrigas de que foi victima, foi para Londres, e depois, para Paris.

Escreveu com a maior elegancia, em francez e em inglez, as suas memorias sobre botanica, que foram publicadas nos annaes de varias academias estrangeiras, de que foi membro, o que lhe grangeou uma reputação universal, sendo considerado como uma auctoridade scientifica.

Em 1813, foi para os Estados-Unidos, onde abriu um curso publico de botanica, para adquirir meios de subsistencia.

Em 1816, o governo portuguez o nomeou ministro plenipotenciario em Washington.

Regressou a Portugal em 1821, quando a familia real já estava em Lisboa, desde 3 de julho d'esse anno.

Foi reintegrado no seu antigo logar de secretario da Academia, prestando como tal, grandes serviços ás sciencias.

A cidade de Béja o elegeu seu deputado ás côrtes de 1822.

Falleceu nas Caldas da Rainha, a 11 de setembro de 1823.

O venerando D. frei Manoel do Cenaculo Villas-Bôas, arcebispo d'Evora, foi intimo amigo de Correia da Serra, e um verdadeiro apreciador dos seus vastos talentos.

—

Frei Balthazar da Encarnação. Nasceu em 1683, e foi baptisado a 29 de agosto do mesmo anno. Falleceu a 25 de setembro de 1760.

Era filho de Pedro Alvares e de Brites Correia, e se chamava antes de professar, Balthazar Casqueiro.

Sendo ainda menino, perdeu seus paes, ficando entregue aos cuidados de sua tia, Maria Correia, que o mandou aprender o officio de sapateiro; mas, sendo turbulento, andava sempre armado, promovendo frequentes rixas.

Em 1703, foi para Evora trabalhar pelo officio, na loja de Francisco Dias, na rua da Sabaria; mas, no mesmo anno foi para Lis-

boa, e entrou como official na loja de mais fama do seu officio.

Na capital, continuou como na provincia, feito valentão e desordeiro; e, apenas largava a sovella, hia provocar rixas e desordens. Aos domingos, andava em busca de individuos designados como valentes, e brigava com elles. Se os beleguins o queriam prender, desancava-os, e os fazia fugir. De modo que toda a gente o temia e evitava. Muitas vezes sahia mal ferido das pendencias que provocava, mas não lhe servia isso de escarmento.

Sentou praça de soldado, em 1705, em um dos regimentos da rainha Anna, de Inglaterra (dos que vieram com o archiduque Carlos, como em outro logar fica dito.)

Finda a guerra da successão, em 1713, regressou a Lisboa, já meio convertido, e, escolhendo para seu confessor o virtuoso padre do Oratorio, frei Antonio da Cruz, que conseguiu, sem grande trabalho, tornar Casqueiro pacifico e bem comportado.

Devemos dizer, em abono da verdade, que Casqueiro nunca foi ébrio, jogador, mentiroso, prejuro, ladrão, ou assassino. Era provocador, turbulento, e mais nada.

Decidido a fazer aspera penitencia, foi, logo em 1713, tendo apenas trinta annos de edade, para as *Covas de Monte Furado*, ou *Covas Infernaes*, sitio solitario e tristissimo, no meio de uma serra do districto d'Evora.

Em 1710, se tinha tambem retirado para aquelle sitio um caldeireiro de Lisboa, a fazer penitencia, levando comsigo uma imagem da Santissima Virgem, a que deu o titullo de *Nossa Senhora do Castello.*

Ao caldeireiro se juntaram outros anacoretas, aos quaes se juntou tambem o nosso Casqueiro, de maneira que chegaram a reunir-se, em 1717, nada menos de vinte e cinco.

Fabricaram n'esse deserto, umas pobres casinhas para sua habitação, e collocaram a imagem da Senhora em uma gruta, que por muito tempo lhe serviu de ermida.

Viviam de esmolas dos fieis, e do producto do seu trabalho. Andavam vestidos de grosseiro burel, e cobertos de cilicios.

Casqueiro formou uma congregação de solitarios, e tomou para seu patrono, S. Paulo, primeiro eremita.

Em 1722, o geral da congregação de São Paulo, cuja cabeça era o mosteiro da serra d'Ossa, os auctorisou a usar do escapulario preto, e lhes deu carta de confraternidade.

Então estes ascetas construiram uma egreja, que foi benzida em 1725.

O infante D. Antonio, filho de D. Pedro II, e irmão de D. João V, se declarou protector d'estes solitarios.

Casqueiro, apezar de contar já quarenta annos de edade, principiou a aprender a ler e escrever, em 1723. Depois, estudou grammatica latina e se preparou para se ordenar, recebendo o grau de presbytero em 1732. Foi o referido infante D. Antonio que lhe deu o patrimonio — isto é — 1:200$000 réis, com que comprou uma fazenda.

Já sacerdote, foi nomeado director da congregação dos eremitas de *Monfurado*, para os quaes formulou uns estatutos rigorosissimos.

Á força de perseverança nos estudos, chegou a ser um profundo theologo. Obteve licença para prégar, e hindo a Roma, o papa Clemente XII o nomeou missionario apostolico.

Regressando a Portugal, percorreu-o quasi todo, prégando e confessando.

Ao mesmo tempo, pedia esmolas para a fábrica do cenobio de Monfurado. Mandou dous companheiros ao Brasil, que para o mesmo fim receberam uma grande quantia.

—

Em 1728, um official de canteiro, por nome Antonio dos Santos Prazeres, collocou no sitio de Buenos Ayres, em Lisboa, uma cruz, em um logar que então se chamava *Sitio da Mesura*, ou *Encruzilhada da Espera* — por ser logar afastado da cidade, e solitario, pelo que se commettiam alli muitos roubos e assassinatos. Antonio dos Santos lhe deu a denominação de *Cruz da Bôa Morte*, nome que ainda conserva, apezar de

já não existir ha muitos annos, nem a cruz, nem o mosteiro, que depois alli se fundou. É na freguezia de Santa Isabel [1].

Pouco depois de collocado o cruzeiro, que era de madeira, lhe pozeram uma cupula, e tornando-se o crucifixo da Bôa Morte objecto de grande devoção para o povo de Lisboa, principiou a ter muitas esmolas, que chegaram para que, em 1729, Antonio dos Santos e os seus officiaes, e aprendizes, transformassem o cruzeiro em uma bonita ermida.

A este tempo, frei Balthazar da Encarnação (nome que havia tomado Casqueiro, quando se ordenou) estava em Lisboa, com alguns monges de Monfurado, para estabelecer a confraria da *Caridade*, instituição piedosa, que tinha por fim soccorrer os presos e accudir aos necessitados, com esmolas sollicitadas aos bemfeitores.

Proximo da Sé, fundou uma ermida, da invocação de *Nossa Senhora da Caridade*, para os confrades assistirem aos officios divinos. Esta ermida ainda hoje existe no mesmo local.

Frei Balthazar da Encarnação, em pouco tempo se tornou tão conhecido em Lisboa, pelas suas virtudes, como Balthazar Casqueiro se tinha tornado celebre pelas suas turbulencias.

O canteiro Antonio dos Santos, offereceu a frei Balthazar o sitio do Cruzeiro, e a ermida da Bôa Morte, para alli se fundar um mosteiro de eremitas de S. Paulo, no logar onde o mesmo canteiro já havia construido uns cubiculos, onde elle e mais quatro companheiros habitavam, em vida penitente.

Acceitou frei Balthazar a piedosa offerta, e tratou logo de ampliar as pequenas cellas, e de construir outras, para os seus monges.

Em 1737, se mudou para a nova egreja, a imagem do Senhor da Bôa Morte, e no anno seguinte se collocou outra no cruzeiro, que existiu até 1834, em que foi demolido.

Pouco tempo depois do anno de 1834, o governo vendeu o mosteiro e egreja da Bôa Morte, a Bernardino da Costa Martins, que arrazou tudo, construindo no mesmo logar, um predio que hoje alli se vê.

O comprador fez n'esta casa um oratorio, e n'elle collocou o crucifixo do Senhor da Bôa Morte — a lapide que estava no mesmo cruzeiro, e a que estava sobre a porta da egreja.

A lápide do cruzeiro tem esta inscripção:

Em 8 de julho de 1728, se collocou n'este logar, pelo devoto irmão, Antonio dos Santos, a milagrosa imagem do Senhor da Bôa Morte, e trasladando-se para a egreja, em 31 de dezembro de 1736, e se poz esta memoria no mesmo logar, em 24 de abril de 1738.
P. N. Ave M. pelas almas.

No oratorio da nova casa, collocou o proprietario uma lapide, na qual diz, que, em 17 de maio de 1842, foi alli posta a imagem do Senhor da Bôa Morte, que estava na portaria da egreja, e a lapide que serve de base á imagem, e estava no cruzeiro.

Antonio dos Santos, sob o nome de Antonio dos Santos dos Prazeres, tomou o habito no novo convento, que foi approvado, por decreto real, passado em 1740.

Foi este mesmo Antonio dos Santos, que fez, em 1744, o *padrão do Senhor Roubado*, em Carriche, junto a Odivellas. (Vide *Carriche*, 2.º vol., pag. 127, col. 2.ª)

Instituido o novo convento, ao qual se deu a invocação do *Senhor Jesus da Bôa Morte, de monges descalços, de S. Paulo 1.º eremita*, frei Balthazar voltou a Roma, em

[1] Ha ainda em Lisboa, largo da Bôa Morte, no fim da Rua Direita da mesma denominação, e que principia no fim da Calçada das Necessidades, hindo do largo das Côrtes, e finda no tal largo da Bôa Morte. É isto na freguezia de Santa Isabel. — Mas a travessa da Bôa Morte, que finda na travessa das Almas, já pertence á freguezia da Lapa.

1742, e regressando ao reino, continuou com a sua vida de mortificação, caridade, e prégação.

Os monges do convento da Bôa Morte tinham por obrigação principal:

1.º Ter confissionario publico, com porta para a rua, e n'elle um monge, de dia e de noitte, para ouvir os penitentes que não quizesssem ser conhecidos.

2.º Missionar, dar exercicios espirituaes e ajjudar a bem morrer, áquelles que o sollicittassem.

3.º Pedir esmola em communidade, cantando pelas ruas, a favor dos presos e necesssitados.

4.º Dar sustento por cinco dias, a todos os que o pedissem.

—

Frei Balthazar morreu da edade de setenta e seete annos.

Grande concurso de povo correu ao mosteirro da Bôa Morte, apenas constou o fallecimento do veneravel monge, e muitos verteram lagrimas sinceras, pela perda d'este santo varão apostolico.

Deixou impressas varias obras e alguns sermões, onde se admira a erudição e elegancia de um homem que em edade tão avançada principiára a aprender a ler e escrever.

Frei Balthazar, desde a edade de trinta annos, só viveu para fazer bem, e dar exemplo de todas as virtudes christans. Protegido e respeitado pelos grandes, foi sempre humillde, e nunca deixou o seu grosseiro habito de burel.

—

Frei André de S. Paulo. Religioso arrabido,, e vigario provincial, eleito em 1653.

Nasceu pelos annos 1590.

Escreveu um precioso livro, que se conserva inedito, sobre a genealogia de D. Elvira Maria de Vilhena, condessa de Pontével. É obra de grande merecimento. *Trata de todlas as ordens militares que houve antigamemte em Portugal, e das ainda existentes*, (menos a de S. Thiago). Está na Bibliotheca Nacional de Lisboa—(B-12-34.)

—

Manoel de Moura Manoel. Doutor em canones, filho de Lopo Alvares de Moura, commendador de Santa Luzia de Trancosio, e de D. Maria de Castro.

Foi collegial de S. Paulo, conego doutoral de Lamêgo, inquisidor, deputado do conselho geral e da junta dos Trez Estados, conego doutoral de Braga.

Sendo um dos trez nomeados pela universidade, escolheu n'elle D. Pedro II, para reitor d'ella, por provisão de 25 d'agosto de 1685, sendo na mesma nomeado sumilher da cortina, d'aquelle monarcha.

Em 28 de abril de 1689, o mesmo D. Pedro II, o nomeou bispo de Miranda, e por carta de 26 d'agosto do mesmo anno, lhe ordenou que fosse tratar da sua sagração, por lhe terem chegado as bullas.

Falleceu em 1699.

—

D. José Francisco da Soledade Bravo— Nasceu pelos annos de 1777. Era filho de José Martins, natural de Villa Nova de Portimão (Algarve) e de D. Michaela do Carmo, da villa de Mértola, mas ambos residentes em Sérpa.

Formou-se em Coimbra, na faculdade de canones, e foi depois lente no seminario patriarchal de Santarem, e mais tarde, conego da Sé de Lisbôa.

Em 1831, achando-se vaga a cadeira episcopal de Portalegre, por ter fallecido seu 19.º bispo, D. José Valerio da Cruz, em 17 de julho de 1826—o governo do sr. D. Miguel I, elegeu para bispo d'esta diocese, a D. José F. da S. Bravo, em 29 de setembro do dito anno de 1831. O pontifice Gregorio XVI, o confirmou, em maio de 1832, e foi sagrado a 10 de junho seguinte, tomando posse, logo a 14 de julho.

Em 1833, vendo que os liberaes hiam levando tudo de vencida, e temendo os maus tratos dos vencedores, passou a fronteira, e se recolheu na villa de Albuquerque, na Extremadura hespanhola, onde adoeceu, poucos dias depois da sua chegada, morrendo em 10 de novembro do mesmo anno de 1833.

Havia deixado por governador do bispado, o thesoureiro-mór da sé cathedral, Diogo Francisco Fratel, que continuou a reger

a diocese até 23 de maio de 1834, dia em que veiu substituil-o, o intruso Joaquim Placido Galvão Palma.

Foi D. José, o 2.º e ultimo bispo de Portalegre, cuja cadeira não tornou, até hoje, a ser provida.

—

«*Luiz de Almeida e Albuquerque*, nasceu na villa de Serpa em 1816.

«Depois de frequentar a universidade de Coimbra, onde obteve o diploma de bacharel em direito, veiu para Lisboa, e pouco tempo depois alcançava por um brilhante concurso o lugar de lente substituto da cadeira de economia politica na Escola Polytechnica.

«Contemporaneo de Corvo, Thomaz de Carvalho, Silva Tullio, Fradesso da Silveira, Latino Coelho, Hortas, Lopes de Mendonça, Palmeirim, Casal Ribeiro e tantas outras intelligencias vigorosas e potentes, começou a carreira jornalistica em 1849 no jornal o *Pharol* e mais de uma vez teve de medir as suas forças com os athletas seus contemporaneos e seus amigos.

«Folheando os jornaes d'esse tempo, relendo essas paginas de polemica viva mas cortez, e comparando-as com o que hoje se escreve, sente-se o espirito realmente contristado. N'essa epoca, o ataque nunca excedia uns certos limites, a phrase não attingia jámais a fórma do insulto, e os adversarios da vespera apertavam as mãos no dia seguinte, porque todos, sem excepção, haviam calçado as suas luvas ao sentarem-se á meza do trabalho.

«Alem da redacção do *Pharol*, Almeida e Albuquerque collaborou tambem com assiduidade nos jornaes *Illustração*, o *Paiz* e o *Lusitano*.

«Por morte do grande patriota José Estevão, lente de economia politica, Luiz de Almeida tomou conta da effectividade da cadeira de que era, como já dissemos, substituto. O encargo tornava-se difficil, porque havia a luctar com o rasto de luz que o brilhante orador deixára atraz de si, mas o novo lente, se não poude egualar na fórma o antigo mestre, aproximou se quanto possivel d'elle, pela clareza de exposição e pelos vastos conhecimentos que exhibia diariamente.

«Pouco antes da época a que nos referimos, tinha o nosso biographado tomado conta da propriedade e da redacção principal do *Jornal do Commercio*, que fôra fundado por uma sociedade, que não chegou a ver coroados os seus incessantes esforços.

«Em breve o *Jornal do Commercio*, sob a direcção do novo proprietario, attingiu o grau de prosperidade que ainda hoje conserva e que se lhe não dá jus a julgar-se o primeiro jornal do paiz, dá-lhe com certeza direitos o julgar-se o maior.

«Luiz de Almeida e Albuquerque é commendador e cavalleiro de varias ordens, foi por duas vezes secretario geral do governo civil de Lisboa, e vereador da camara municipal, cargo para que tem sido eleito em differentes epocas.

«Como vereador, um dos maiores serviços que a cidade lhe deve é o aformoseamento da Praça do Principe Real, hoje um dos primeiros e o mais agradavel de todos os jardins municipaes.

«Fallámos do homem publico; resta-nos agora fallar do homem moral.

«Luiz de Almeida resume-se no seguinte: Exemplar chefe de familia, funccionario honestissimo, coração aberto a todos os sentimentos bons, amigo leal e dedicado, espirito sarcastico e politico girando á feição de todos os ventos.»

Diario Illustrado, n.º 678, de 5 de agosto de 1874.

—

Ricardo Antonio Paulo Soares.—Nasceu em 1790. Sentou praça de cadete, em 1809. Fez com distincção a guerra da Peninsula, merecendo os postos de alferes e tenente, pela sua bravura. Foi feito capitão, em 15 de dezembro de 1814 — major, em 29 de setembro de 1831 — tenente coronel, em 22 de outubro de 1832 — coronel, a 2 de agosto de 1833 — brigadeiro (general de brigada) no 1.º de janeiro de 1834.

Era um militar intrepido e disciplinador, ainda que severo.

Seguiu sempre o partido realista, até á convenção d'Evora-Monte.

Regressando a sua casa, fiado na letra da convenção, e na *amnistia plena*, foi cruelmente espancado por sicarios a quem jámais havia offendido, isto á vista da guarda estacionada na praça publica da villa, cujos soldados e commandante tudo presencearam impassiveis.

Foi levado em braços para casa (pois lhe tinham quebrado uma perna.)

Não satisfeitos os seus cobardes offensores, assaltaram-lhe no dia seguinte a casa, acabaram de o matar, e o roubaram!

—

Bernardo Pereira de Berrêdo — do conselho do rei D. João V, governador do Maranhão (Brasil) e depois, de Mazagão.

Falleceu em Lisboa, no mez de Março de 1748.

Escreveu os — *Annaes historicos do estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que n'elle tem succedido, desde o anno em que foi descoberto, até 1718, offerecido a el-rey D. João V.*

É uma obra muito estimada e pouco vulgar, apezar de haver uma 2.ª edição.

—

D. Francisco Barrêto — doutor em canones, conego da Sé de Lisboa, e depois bispo do Algarve, do conselho do rei.

Foi um prelado muito exemplar e instruido. Escreveu um livro intitulado *Advertencias aos parochos e sacerdotes do bispado do Algarve;* que foi publicado em 1676.

Constituições do bispado do Algarve — A 1.ª edição tinha sido publicada em 1554 — a 2.ª é que foi feita por este prelado, que corrigiu, aperfeiçoou e augmentou a antecedente.

Regimento do auditorio, no mesmo volume, que termina com o cathalogo dos bispos do Algarve. As obras d'este distincto escriptor são muito estimadas e ráras.

Minas

N'este concelho ha apenas (que eu saiba) uma mina de cobre, manifestada em 1875, mas que se não lavra.

No anno de 1875, manifestaram-se no districto administrativo de Beja, grande numero de minas, mas todas ficaram no manifesto.

Só de janeiro até maio se manifestaram as seguintes:

Em *Aljustrel*, 12 de manganez.

Em *Alvito*, 7 de ferro e 3 de cobre.

Em *Beja*, 15 de manganez, 7 de ferro, e uma de cobre, enxofre e ferro.

Em *Ourique*, 6 de manganez e uma de cobre.

Em *Mertola*, 41 (!) de manganez.

Em *Castro Verde*, 5 de manganez, e uma de cobre e grés.

Em *Moura*, 4 de manganez, uma de cobre, e outra de cobre e ferro.

Em *Serpa*, uma de cobre.

Ao todo, 107, e isto só de janeiro a maio!

Estação Telegraphica

A estação telegraphica de *Sérpa*, foi inaugurada com grande pompa, e geral regosijo, no dia 16 de septembro de 1879.

A catadupa do Guadiana

Entre as villas de Sérpa e Mértola, fórma este rio uma temerosa catadupa, que se despenha com horrivel estrondo, aturdindo e terrificando os que a ella se aproximam.

Duarte Nunes de Leão, tratando d'esta catadupa *(Descrip. do Reino de Port.)* escrevia em 1599 — *Alli onde se despenha*, (o Guadiana) *se chama Assonjo*, (catadupa, cascata, cachoeira, salto, etc.) *por o grande roido, e estrondo, que a ágoa faz; cahindo de logar tam estreito, e tam alto, que d'ahi ao pégo, são desasseis braças.*

Com effeito, o rio cáe em um pégo que tem uns 100 metros de largo e 80 braças (173 metros) de altura, correndo pouco antes, por dous canaes tão estreitos, que cada um, não tem mais de um metro de largo; e juntando-se logo, passam por baixo de uma ponte de pedra, formada pela natureza, e

que dá passagem de uma para a outra margem do rio.

A esta catadupa se dá o nome de *Salto do Lôbo*.

(Vide o 3.º vol., pag. 331, col. 2.ª)

Sérpa, appellido

Sérpa é um appellido nobre n'este reino. Procede do infante D. Fernando, filho de D. Affonso II (do qual já fallei.)

Este infante, casou em Castella, no anno de 1241, como vimos, e não consta que viesse nenhum dos seus descendentes para Portugal; mas deixou em Sérpa, um filho bastardo, chamado *D. Jorge de Serpa*, que foi fronteiro-mór da Beira, no tempo do cardeal-rei. É d'este D. Jorge que procedem os Serpas portuguezes.

As armas dos Sérpas, são -- Em campo verde, um leão d'ouro, lampassado de púrpura, entre duas torres de prata, lavradas de negro, e por baixo do leão, uma sérpe, tambem d'ouro, volante — êlmo de aço, aberto; e por timbre, uma das torres do escudo, com a sérpe nascendo do alto d'ella.

(Villas-Bôas, diz que o escudo é vermelho.)

Outros *Sérpas*, trazem por armas — em campo verde, leão d'ouro, junto d'elle um abutre, e quatro torres de prata, acantonadas. Timbre e êlmo, como o antecedente.

Note-se porém, que muitos individuos usam este appellido, ou por serem de Serpa, ou por o herdarem de seus paes, sem que descendam de *Dom Fernando de Sérpa*.

Factos historicos

Em janeiro de 1666, quando mais accesa andava a guerra da restauração, estava n'esta villa, o general, conde de Schomberg, governador das armas do Alemtejo. Sabendo que o marquez de Carracena, estava em Niebla (villa dos duques de Medina Sidonia) com 600 cavallos e muita infanteria, sahiu de Serpa, no dia 21 do dito mez, com 2:000 infantes e outros tantos cavallos, e, marchando nove léguas, sem descanso, foi atacar a praça d'Alcaria de la Puebla (Andaluzia) onde estavam quatro companhias de cavallaria, que aprisionou, com todas as suas armas e cavallos, e todas as munições de guerra que achou na praça. Enviou a D. Affonso VI (que n'essa occasião andava caçando em Salvaterra de Magos) trez estandartes dos tomados ao inimigo, e o rei os deu — um á nova egreja de Nossa Senhora da Piedade, de Santarem (fundação sua) outro á egreja de Nossa Senhora da Conceição, de Lisbôa — e outro á de Salvaterra de Magos.

D'Alcaria, marcharam os nossos sobre a villa andaluza de Paimogo, que estava bem fortificada, e a tomaram, deixando-lhe guarnição portugueza, por ser um importante ponto militar.

No dia 27, já os nossos tinham regressado a Serpa, com poucas perdas de gente, e riquissimos despojos.

Ao mesmo tempo, João da Silva e Souza, sargento-mór de batalha, do Alemtejo, e general da cavallaria, do Algarve, para fazer diversão, e combinado com Schomberg, sahiu de Extremôz com 1:600 cavallos, foi até ás proximidades de Badajoz e Talavera, onde tomou um comboio de 160 cavalgaduras muares, e 20 cavallos, que hiam de remonta para o exercito castelhano: alem d'isto, 90 bois e mil e tantos porcos.

—

O bispo de Lisboa, D. Soeiro da Costa, e D. Affonso II derrotaram em frente de Sérpa, os reis mouros de Córdova, Iaen, Sevilha, e Badajoz, em 1217; mas os mouros reconquistaram esta villa, Juromenha, Arronches e Mértola, no Alemtejo; e Aljezur e Tavira, no Algarve, até que D. Affonso II e o famoso D. Payo Peres Correia, resgataram passados poucos dias, todas as terras perdidas. Tanto a conquista como a restauração, foram em 1242.[1]

—

Segundo a tradição, os mouros conquis-

[1] O bispo D. Soeiro e D. Affonso II, com os cavalleiros das differentes ordens militares, e com os crusados, que então tinham chegado ao Tejo, tomam Alcacer do Sal, no dito anno de 1217. Os reis mouros de Cordova, Jaen, Sevilha e Badajoz, que vinham

taram Sérpa ainda no reinado de D. Affonso II (o *Gôrdo*) pelos anos de 1212.

Este rei a veio logo resgatar, e elle mesmo em pessoa, deu batalha aos mouros, junto ao *mosteiro de S. Gens* (hoje *Nossa Senhora de Guadalupe*) sendo os mouros derrotados; mas, no maior calor da acção, e quando os nossos já hiam em perseguição dos inimigos, espalha se a noticia de que o rei não apparecia! Foi tal o terror dos soldados, que todos esqueceram os mortos, e e destroçaram. Os officiaes, procuraram o rei por toda a parte, hindo finalmente dar com elle deitado no chão, ao pé do seu cavallo. Despiram-lhe as armas, e não só viram que não estava morto, mas, nem ainda levemente ferido, e sómente suffocado com o calor, em razão da sua muita gordura.

Ao tornar a si, perguntou — «E a batalha?» — «Está ganha.» — «Então persigamos os mouros.» — «E os mortos?» — «Em memoria d'elles faça-se uma cruz, que perpetúe a lembrança d'esta victoria.» — E assim se fez, e a cruz que era de madeira, foi substituida por uma de pedra, que foi collocada alli, por ordem do rei D. Diniz. Chama-se a *Cruz Nova*.

Duques, marquezes e condes de Ficalho

D. Eugenia d'Almeida, 1.ª duqueza, 1.ª marqueza, e 2.ª condessa de Ficalho, camareira-mór de Sua Magestade, dama da rainha D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, viuva de Francisco de Mello, 6.º conde de Ficalho.

Em attenção aos serviços que á causa liberal prestou seu marido e seus quatro filhos, e mesmo por ella estar preza por liberal, foi feita marqueza de Ficalho, em 4 de abril de 1833, e duqueza, em 14 de maio de 1836.

Nasceu a 22 de setembro de 1784, e morreu no 1.º de março de 1859.

Era irman de D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarção Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 5.º e ultimo marquez do Lavradio, ja fallecido — de D. Francisco d'Almeida Portugal, 2.º conde do Lavradio, feito em 1 de dezembro de 1834, par do reino (feito em 1835) e tambem já fallecido — de D. Marianna, condessa da Ribeira-Grande — de D. Luiz, 4.º marquez do Lavradio (fallecido no 1.º de março de 1812) — de D. Margarida, marqueza de Alegrête — de D. Francisca marqueza de Vallada. Tinha mais trez irmãos, que não eram titulares (D. Maria, D. Joaquim D. João.)

Era 1.ª filha de D. Antonio Maximo d'Almeida Portugal Soares Alarção Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 3.º marquez do Lavradio, 6.º conde de Avintes, par do reino em 1826, etc. — fallecido em Paris, a 4 de maio de 1833.

Seu marido, era filho de Francisco de Mello, 2.º conde e 5.º senhor de Ficalho, senhor do morgado de Serpa, etc. Era major de infanteria n.º 8, na guerra Peninsular, e morreu em Salamanca, a 25 de agosto de 1812, das feridas que recebeu na batalha que ahi se tinha dado em 22 de junho d'esse anno.[1]

Teve um unico filho, que foi o marido de D. Eugenia.

O condado de Ficalho, foi creado por D. Maria I, em 25 de abril de 1789, e o senhorio, em 24 de setembro de 1678, por D. Pedro II, quando era infante regente.

Para a genealogia da familia de D. Eugenia, vide 4.º vol., pag. 61, col. 2.ª

—

O sr. D. Antonio de Mello, foi feito marquez de de Ficalho (de juro e herdade) no 1.º de dezembro de 1834, e mordomo-mór, em 23 de novembro de 1876.

em soccorro da praça, são derrotados, em frente d'ella. Os christãos, vão sobre os reis fugitivos, e novamente os derrotam, em frente d'Elvas, depois em Moura, e por fim, em Serpa; obrigando os restos a fugir para Castella.

[1] Esta batalha foi dada pelos alliados, commandados por lord Wellington, contra os francezes, commandados por Marmont. Ambos os generaes executaram habilissimas manobras, mas os nossos obtiveram a maior victoria de toda a guerra peninsular. Custou-nos, porém, a perda de 6:000 homens, mas o inimigo perdeu 15:000, e grande quantidade de munições e petrechos de guerra.

O sr. marquez de Ficalho, é —par do reino, conselheiro de estado effectivo, grão-cruz da ordem de Torre e espada, da de Christo, e de outras estrangeiras, gentil-homem da real camara, e mordomo-mór.

O sr. D. Francisco de Mello, foi feito conde de Ficalho, em 16 de junho de 1862.

O sr. conde de Ficalho, è um distincto professor de botanica, na Escola Polytechnica, e elegante escriptor publico. É auctor da *Flora dos Lusiadas*, e actualmente (agosto de 1880) está escrevendo um romance da *escola de Zola*, e um volume de *contos*, no mesmo estylo. (Não foi muito feliz a escolha do mestre!)

Varias curiosidades da villa de Sérpa

Foi levantada a ordem de suspensão para a reclamação da matriz industrial addiccional dada pelo delegado do thesouro d'este districto, referente aos directores do Banco Rural d'esta villa, tornando a vigorar desde 18 do corrente, por determinação do director geral das contribuições directas, como se affiança.

Agora vem mais apurada a exigencia. Primitivamente determinou-se que a inclusão dos directores fosse feita na matriz de 1877, e para se contradizer o dictado de que, «com aguas passadas não moem moinhos,» deram-se ordens para que a inscripção começasse em 1875 (!) de fórma, que cada um dos gerentes, a não serem attendidas suas justissimas reclamações, terá de pagar uma verba excessiva, muito superior á auferida, além de ter tido trabalho e responsabilidade gratuita!

É incrivel semelhante exigencia, e todavia é muito verdadeira. Affiança-se que havendo-se officialmente demonstrado que os directores do Banco Rural apenas venciam 48$000 réis annuaes, por não poderem os interesses do estabelecimento dar mais, respondêra o director geral, que a contribuição era imposta á cathegoria e não aos interesses dos gerentes. Peregrina, ingenua desculpa! Não creio que seja verdadeira, por absurdissima, e não a commento por esta razão.

Até 1840 existia em Serpa um celleiro commum, com os fundos proprios do municipio, sendo em 7 de março transformado em Banco Rural, reduzindo-se o trigo de alqueire a réis, para se emprestarem aos agricultores por modico juro. O trigo produziu 22:000$000 réis; ora sendo actualmente *todo o capital* do banco quasi réis 25:000$000, claro está que o municipio é dono da quasi totalidade do mesmo, pois dos 3:000$000 réis restantes pertencem reis 2:000$000 ao monte-pio e 1:000$000 réis, aproximadamente, a vinte accionistas.

Pelo que deixo dito se vê que o antiquissimo celleiro commum só mudou de nome: de dono, não, porque o povo continúa a ser d'elle senhor, e tanto que em todos os biennios elege, como eleição municipal, directores-gerentes, e representantes para a assembléa geral.

D'um tão diminuto capital não podem certamente tirar-se grandes lucros, e d'estes, a não se irem sacrificar os dividendos, que muito exiguos são, porque apenas montam a 4,11 %, é impossivel pagarem-se gratificações aos gerentes, que possam soffrer a contribuição de 67$000 réis, além de réis 180$000 que o estabelecimento paga ao cofre nacional pelos interesses distribuidos annualmente.

Vê-se pois que a lei só póde referir-se ás casas bancarias, que possuindo milhares de contos e tirando dos interesses uma percentagem muito minima, e sem affectarem os lucros dos accionistas, podem garantir aos seus empregados convidativas gratificações: —aos pequenos bancos, não. E tanto o entenderam assim os legisladores, que na lei de contribuição industrial não existe uma palavra referente aos celleiros communs, que por emprestarem o capital em generos, não deixam de ser bancos agricolas. Os seus gerentes nada pagam pelos interesses que auferem.

Não se acha, pois, o Banco Rural de Serpa nas mesmas circumstancias que os celleiros communs, maxime, sendo a continuação do anterior a 1840? Assim o creio, por isso

estou intimamente convencido de que a junta dos repartidores definirá os requerimentos que os interessados submetteram á sua deliberração, por ser de incontestavel justiça.

Serpa, 6 d'abril de 1877.

A. Carlos.

—

A Misericordia d'esta villa é uma das mais ricas da provincia, pois tem um rendimento superior a 3:000$000 réis, e por isso nas suas solemnidades jámais se esquece dos pobres, distribuindo, por isso, na quinta feira maior 2:050 pães pelos pobres, entrevados e pessoas recolhidas. Quatro carros carregados de pão percorreram as ruas, acompanhados por diversos irmãos da mesa, que o distribuiam segundo a necessidade de cada familia.

Como succede todos os annos, não foram esquecidos os encarcerados, pois que no indicado dia lhes foi dado, a expensas da mesa administrativa, um abundante jantar, composto de variados guisados de peixe, além de bolos, fructas e vinho.

Assistiram á distribuição do jantar, além do provedor da misericordia, mesa e muitos irmãos, todas as auctoridades judiciaes e diversos cavalheiros. Depois de distribuido o jantar, fez o ex.mo juiz de direito, o sr. Francisco Rodrigues de Macedo, um substancioso discurso sobre a caridade, seguindo-se-lhe o ex.mo delegado, o sr. Francisco Maria Veiga, e finalisando a ceremonia com o proferido pelo ex.mo provedor, o sr. Antonio de Mello Breyner. Durante as orações de aquelles cavalheiros notou-se que pelas caras de alguns dos quinze presos corriam abundantes lagrimas.

A procissão do enterro, sahiu da Misericordia, na noite de sexta feira, com a costumada decencia, sendo muito concorrida de irmãos em todas as confrarias. As ruas estavam apinhadas de espectadores, tanto da villa, como das aldeias proximas.

Prégou quatro sermões, na quinta e sexta feira,, o illustre parocho do Salvador, meu amigo, o sr. padre Antonio Manuel Franco, com aquella habilidade e talento de que dá sobejas provas, sempre que sobe á cadeira da verdade.

No domingo de Paschoa assistiu a camara e todas as auctoridades á procissão e festa da Ressurreição.

Foi toda a semana de musica e festas!

* * *

Foram afixados editaes retirando da reclamação a matriz industrial addicional, em que estavam incluidos os directores do Banco Rural d'esta villa, e os proprietarios compradores d'uva. Não sei se é adiamento ou reconsideração, por convencimento da injusta inclusão; mas affiança-se que a ordem foi dada pelo sr. delegado do thesouro.

Por aquella razão deixaram alguns interessados de entregar seus requerimentos na repartição de fazenda, sendo eu um d'elles, como director do banco, por eleição popular.

Tencionava mandar hoje o meu requerimento, para ser publicado no *Diario do Commercio,* mas como ha adiamento, ou o quer que é, esperemos o resultado.

Estamos, eu e os meus collegas, resolvidos a recorrer até onde a lei o permitta.

Serpa, 8 de abril de 1877.

A. Carlos.

—

Por occasião da guerra da successão foi esta villa sitiada pelo exercito que o duque de Ossuna commandava, vendo-se na necessidade de capitular, depois de desesperada resistencia da guarnição e habitantes, em 26 de maio de 1707. Os hespanhoes, compellidos em 1708 a abandonarem a praça, fizeram, por meio de minas, voar trez das cinco torres da cidadella e outras tantas portas das muralhas da povoação, sendo a de Sevilha a que ficou em peior estado, pois que as duas cortinas e torres lateraes só por um milagre de equilibrio se conservaram de pé.

Receava-se, com justificada razão, a queda de tão enormes massas de alvenaria, que esmagariam muitos predios contiguos e talvez muitas pessoas, fazendo-se por isso, mas sempre debalde, diversas representações aos governos.

Em 27 de dezembro de 1870, depois de 162 annos de equilibrio, cahiu uma grande

porção da cortina esquerda e parte da torre junta, fazendo os entulhos enorme *barricada* em trez ruas, e ficando por isso o transito impedido, além de damnificadas algumas habitações. O facto deu-se por avançadas horas da noite e por isso não houve desgraças a lamentar.

A camara e auctoridade administrativa correram no dia seguinte ao logar do sinistro, e reconhecendo o perigo em que se achavam as vidas dos habitantes proximos, fizeram-n'os sahir de suas casas, e depois de rapidas, necessarias e acertadas providencias, representaram ao ministerio da guerra sobre a necessidade de mandar, sem perda de tempo, apear aquelles *colossos*. Não produziu effeito á representação; mas, depois de repetidas instancias, foi mandado o sr. engenheiro Thomaz Aquino, fazer um rigoroso exame nas ruinas, sendo de opinião que era indispensavel a demolição. Comtudo... o governo cruzou os braços!

Em 16 de setembro de 1871 tornou a cahir não pequena porção de torre, não morrendo por casualidade duas creanças que brincavam nos entulhos, e o povo muito receioso das desgraças que poderiam advir, fez em massa uma representação á corôa, pedindo que pelos cofres nacionaes se fizesse a despeza do apeamento, resultando ser o sr. Fedié, director das obras publicas do districto, encarregado de estudar a maneira mais economica de derribar as torres e cortinas, começando o trabalho em janeiro de 1872, apenas n'uma torre, que foi abatida, deixando-se o mais como estava, contra a opinião dos engenheiros!

Para se conseguir tão pequeno resultado convergiram os esforços de todos os habitantes de Serpa, dando eu o fraco contingente de quinze artigos publicados na *Folha do Povo*, quando tive a honra de fazer parte da sua redacção.

Os temporaes, que desde o fim do proximo passado anno nos flagelaram, começaram a produzir os seus effeitos nocivos nas ruinas que ficaram de pè, a ponto de já ter cahido alguma cantaria, e receiando-se que em qualquer dia, outra porção, se não fôr a totalidade, esmague os transeuntes ou os predios circumvisinhos, se não fôr tudo ao mesmo tempo.

Com estes receios pouca gente passa affoitamente por aquelle local, não obstante ser um dos mais concorridos da villa, e a camara, com louvavel iniciativa, já solicitou do governo providencias que evitem os esperados sinistros. Será ouvida? Quem sabe! Seja-me permittido duvidar...

Quem vive aqui e vê diariamente os signaes do desmoronamento immediato que o incessante caminhar dos tempos imprime nas ruinas, fica aterrado! Parece incrivel que hajam familias que vivam em predios distantes quatro metros, e outros encostados á torre e cortinas! Só se teem muita coragem, ou muita ignorancia do perigo em que vivem.

O governo não vê isto, e ainda que as informações sejam as mais exactas e verdadeiras, é provavel que lhe não dê importancia, attendendô ao furor de economias que invadiu as altas regiões; comtudo, entendo que é do meu dever, como filho d'esta boa terra, dar publicidade ás suas necessidades, muito embora seja nullo o resultado do meu trabalho. Fica tranquilla a minha consciencia.

Falla-se em promover uma representação assignando-a todos os habitantes d'esta villa; n'outra occasião já produziu effeito a mesma idéa, e como nada se perde em a renovar—ávante!

Tanto se teima, até que se vence.

Vamos á experiencia.

Serpa, 21 d'abril de 1877.

A. Carlos.

—

Existem n'esta villa trez sociedades de recreio—*União serpense, Gremio progressista e Recreio familiar.*

A primeira está montada com luxo e promette longa duração, pelo seu rendimento e ser o pessoal composto das pessoas mais abastadas da povoação. A segunda, é pobre, composta de artistas e cinco ou seis proprietarios abastados, recebendo especial protecção do ex.mo sr. commendador Antonio Costa, que lhe tem abonado não pouco di-

nheiro. Divergencias sociaes e o desmazéllo das direcções, teem-n'a posto n'um miserrimo estado, muito proximo da morte, estando o pessoal reduzido a trinta e tantos associados. Foi eleito novo corpo gerente no dia 21 e, possuido de boa vontade, desejando trabalhar, por conhecer a utilidade que a classe operaria tira da associação, tem esperanças de, com remedios heroicos, salvar os moribundos, apresentando para tal fim diversas propostas e tomando providencias indispensaveis.

A terceira, *Recreio familiar*, é uma sociedade nova, composta de rapazes de diversas classes, no verdor dos annos, que promette duração, e especialmente pelo muito que para elles trabalha o seu digno director, o sr. Augusto Cordeiro.

Fóra estas sociedades, existem ainda mais trez de musica, a *Philarmonica*, *Bem Unidos* e *Recreio;* mas todas um tanto fracas e atrophiadas...

Por isto se vê que a falta de distracções em Serpa não é grande, todavia, para serem augmentadas, estabeleceu-se na *Thalia* uma companhia dramatica hespanhola, que tem agradado ás classes menos favorecidas da fortuna, e desgostado ás mais felizes. Aquellas gostam do drama serio, moral, commovedor; estas, da comedia mais ou menos livre, que lhe suscite a gargalhada. A companhia, levando á scena *João Claudio, o Cocheiro*, *Marianna d'Austria*, *Maldição paternal*, *Guerra das Valencianas* e outras do mesmo jaez, agradam immenso ás primeiras, que por isso, são quasi as unicas a frequantar a platéa, e causam tedio ás segundas, que alli mal são representadas.

Mas deixemo-nos de mais divertimentos, e passemos a outro assumpto.

A ponte do Guadiana está quasi concluida. Os visitantes dizem que os pilares estão feitos com menos solidez do que os dirigidos pele sr. Le-Crenier, e que a cheia de 1876 *estendeu* no rio. É provavel que não tenham razão, por não ser de crer que uma companhia bem conceituada, como é a que se acha á testa dos trabalhos, faça uma obra imperfeita, e que o governo consinta; todavia, bom será que haja uma rigorosissima inspecção, para que no futuro não lamentemos a perca de muitas vidas.

A via ferrea do Guadiana á Casa Branca tem o leito quasi concluido, e bem assim as obras d'arte. A estação, chamada de Serpa, por ironia, visto que fica a 6 kilometros de distancia d'esta villa, quando, dando-se mais barata direcção á estrada, podia ser edificada proximo das muralhas, está recebendo o tecto. Fica muito elegante e com boas accommodações, não obstante ter sido reduzido e muito o plano primitivo.

Já começou o varejo da azeitona. A novidade é espantosa, e ha mais de vinte annos que se não conhece outra egual. As commissões compram ou adiantam dinheiro para azeite na rasão de 1$250 réis cada alqueire.

Serpa, 29 de outubro de 1877.

A. Carlos.

Eschola Familiar Serpense

Serpa, uma das melhores villas do Alemtejo, municipio rico, e com todos os elementos de prosperidade; terra de pessoal intelligente, mas indolente, e até certo ponto negligente, como muitos d'esta provincia, de pouca iniciativa para os melhoramentos moraes e materiaes da terra que os viu nascer, Serpa tem n'estes ultimos annos progredido alguma cousa; mas esse progresso é tão lento, é tão moroso, é tão pouco sensivel, que em relação ao d'outras terras, quasi se lhe não percebe o andar, e parece estacionario. A viação publica é d'isso uma prova, a falta de telegrapho, a distancia da estação do caminho de ferro, e a ausencia da alfandega [1] comprovam o pouco interesse, que os habitantes d'esta localidade tomam nos melhoramentos d'ella. Temos, é verdade, um banco rural, mas é instituição antiga, e que podia prestar á agricultura melhores serviços, principalmente em annos, como o presente, escassos de cereaes.

Temos uma associação de soccorros mutuos, que, pela sua boa administração, tem de fundos proximo a 4:000$000 réis.

[1] O governo, *reconsiderando*, tornou a mudar para Serpa, em janeiro de 1880, a alfandega, que tinha transferido para Safára.

Uma illuminação da villa; um bonito, mas incompleto passeio publico; um bello hospital; e as calçadas menos más; mas que decerto podiam ser melhores, se fossem feitas por operarios competentes.

Alguma coisa se tem feito sobre o fornecimento d'agua, mas tão pouco, que em annos seccos, sente-se grande falta d'ella.

Uma unica coisa, um unico melhoramento moral tem Serpa, que deve servir de estimulo, e causar inveja ás terras limitrophes, é a Eschola Familiar Serpense.

Alguns chefes de familia, de Serpa, vendo com desgosto que os governos, em vez de facilitarem, como lhes cumpria, cada vez difficultam mais a instrucção publica, entenderam de grande interesse para a localidade estabelecer uma eschola ou collegio, onde seus filhos se habilitassem para os exames não só d'instrucção primaria, mas tambem para os de instrucção secundaria.

Reunidos em assembléa nomearam uma commissão, que tomou a peito esta importante questão, e pondo a concurso o logar de professor, com o ordenado de 300$000 réis, e algumas gratificações justas e merecidas, fizeram a boa acquisição do ex.mo sr. Graça Afreixo, que pelo seu bellissimo methodo d'ensino tem colhido os melhores resultados, merecendo por isso a consideração geral de que é digno.

Alem dos conhecimentos em todas as disciplinas do curso dos lyceus, o sr. Graça Afreixo é professor de longa e habil pratica; é um perfeito cavalheiro e trata os alumnos com tanta amabilidade, que todos veem n'elle o professor respeitavel, e o amigo verdadeiro.

A maior parte dos alumnos é filha de paes que não podiam lá fóra prover á sua educação; alguns são filhos de artistas, que a não ser esta bella acquisição, teriam o desgosto de não poderem dar a seus filhos qualquer carreira litteraria e principalmente hoje, em que os lyceus só habilitam para pharmaceuticos e padres!

É realmente incomprehensivel que qualquer lyceu habilite um homem para ministro de Deus na terra, e não habilite para alferes do exercito, para conductor d'obras publicas, nem até mesmo para veterinario!

Á excepção de Coimbra, Lisboa e Porto, os mais lyceus podem habilitar para um pharmaceutico, para um padre, a cujo cargo estão as vidas e almas dos cidadãos; mas não habilita para mais nada!!

Que palpitante incoherencia!

Parece deduzir-se que as leis, que regem a instrucção publica, consideram *insignificantes* os pharmaceuticos e os padres!

Em vista das peias e torpedos postos pelos governos ao verdadeiro progresso, á instrucção publica, resta-nos a confiança na illustração, na imparcialidade, e na justiça dos dignos examinadores dos lyceus de Coimbra, Lisboa e Porto, que decerto terão em vista e consideração as difficuldades e os sacrificios, com que na actualidade luctam os paes de familia, que procuram dirigir seus filhos na carreira das lettras.

Parece realmente que toda a idéa, o pensamento de todos os governos é difficultar a instrucção, que pela fórma que já está, fará que dentro em poucos annos, o paiz seja uma nação d'analphabetos.

Verdade é tambem que ha governos, a quem é precisa e indispensavel a cegueira dos povos, porque na terra dos cegos, quem tem um olho é rei...

Dirão talvez que em todas as cidades, villas e aldeias ha escolas regias.

Não contestamos; só perguntamos que alumnos habilitam essas aos exames d'instrucção primaria?

Alguns professores levam aos lyceus alumnos a exame d'instrucção primaria, e completamente habilitados, sendo até alguns approvados com distincção, mas que alumnos são esses? São alumnos internos, cujos paes pagam aos professores uma boa mensalidade, o que prova que o ordenado dos professores é tão pequeno, tão mesquinho, tão ridiculo, que não é elle sufficiente para o professor se dedicar de boa vontade ao ensino, e os que ensina por tal ordenado no fim de muitos annos, mal ficam sabendo ler e escrever.

E se isto agora assim é, o que será com o ensino obrigatorio?

É provavel que na maior parte das povoações tenham de recorrer ao expediente que Serpa adoptou; o de estabelecer escola ou collegio familiar para poderem educar litterariamente seus filhos.

Mas isso mesmo não será facil, porque não se encontram facilmente professores como o sr. Graça Afreixo, que leccionem tantas disciplinas, tenham tão bom methodo d'ensino, e reunam em si as qualidades de bom professor, bom mentor, e bom director.

A Escola Familiar Serpense tem de dia para dia augmentado o numero dos alumnos, cujos paes reconheceram a necessidade de criar um ordenado para um prefeito, cargo já preenchido, e de que os alumnos vão tirando grandes vantagens, porque estão na aula de estudo certas e determinadas horas a que preside o prefeito, e acompanha-os nas horas do recreio.

A casa da Escola Familiar Serpense é um bello edificio com todas as commodidades do seu destino.

Em tempo apresentaremos a estatistica da escola.

Serpa, 16 de junho de 1878.

F. Assis e Silva.

Serejo

Serejo, é um appellido nobre d'este reino, cuja familia é oriunda de Sérpa, onde teve o seu solar, vinculado. Foi administrador d'este morgado, Manoel Serejo, pae de Lopo Serejo, avô de Ruy Rapozo Serejo, bisavô de Manoel Serejo, ascendente de Luiz da Costa Serejo de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, morador em Lisboa, e que, no anno de 1736, justificou a sua ascendencia e se lhe passou brazão d'armas, em 3 de junho do mesmo anno.

As armas dos Serejos, são — Em campo d'ouro, uma *sereijeira* verde, com serejas de púrpura — orla de prata, carregada de quatro leões, de púrpura, em cruz — élmo de aço, aberto, e por timbre, um dos leões da orla.

SERPINS — villa, Douro, comarca e concelho da Louzan, 24 kilometros a ESE. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 480 fogos. Em 1768, tinha 396.

Orago, Nossa Senhora do Soccôrro.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A abbadessa de Lorvão, apresentava o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento annual. É um dos melhores beneficios do bispado.

Foi por muitos annos cabeça do concelho do seu nome.

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisbôa, a 27 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 111, col. 2.ª)

Segundo este foral, o povo de Serpins e as freiras de Lorvão, accordaram em a freguezia pagar ao mosteiro, em cada anno, 890 alqueires de pão, pela medida de Coimbra; 300 almudes de vinho, e 35 feixes de linho, *que chamam jugadas*, repartidos por todas as propriedades.

Tambem do mesmo foral consta, que, de tempos antigos, e quando o convento de Lorvão era ainda de frades, pagava o povo de Serpins a este mosteiro — alem de tudo o mais — e por contracto feito com os frades, pelas oitavas da Paschoa, seis fogaças, cada uma de um alqueire, trez gallinhas, e trez duzias d'ovos.

—

Está a villa situada nas margens do rio Ceira, e o seu territorio é muito fertil, em toda a qualidade de fructos.

Tanto o extincto concelho de Serpins, como todo o actual concelho da Louzan, é a terra mais saudavel de todo o districto de Coimbra; exceptuando o logar da Foz de Arouce, e poucos mais, das margens do Ceira, onde, durante algumas estações, grassam febres intermitentes, e outras molestias de infecção palludiana.

—

É Serpins uma povoação antiquissima, e, pelo menos, já existia no tempo dos godos.

O documento mais antigo que encontro d'esta villa, é uma doação d'ella, feita em 961, ao mosteiro de Lorvão (que então era de frades).

Conquistada, segunda vez, pelos mouros, D. Affonso Henriques a resgatou pouco tempo depois, e a deu a um seu cavalleiro, chama-

do Pelagio Alvitis (ou Pelagio Mossellido) com a condição de a deixar, por sua morte, ao referido mosteiro, o que a viuva de Pelagio, e seus filhos, não cumpriram. D. Affonso Henriques mandou, em 1169, que por morte dos filhos de Pelagio, fique a villa de Serpins, livre para o mosteiro «*sine ullo hœrede*». (Doc. de Lorvão).

—

Junto á ponte de Serpins, na margem do Ceira, construiu, em 1869, o sr. José Joaquim de Paula, uma optima fabrica de papel de excellente qualidade, tanto para impressão, como para desenho e musica, assim como magnifico papel continuo.

É um estabelecimento digno de vêr-se, pelo muito que tem a admirar, e que só o genio incançavel e investigador do sr. Paula era capáz de emprehender.

Honra pois a este benemerito patriota.

O sr. Paula havia tido outra fabrica de papel, na Ponte do Sotam, em *Góes*.

Ha tambem em Serpins, uma extensa e bella quinta, dos filhos do fallecido Antonio Xavier de Barros Côrte Real. Merece ser vista.

SERRA — Vide a 2.ª *Santa Anna*.

SERRA — Vide a 3.ª *Santa Anna*.

SERRA — Vide a 5.ª *Santa Anna*.

SERRA — Vide *Anna da Serra* (*Santa*)— *Catharina da Serra* (*Santa*)— *Santa Catharina da Serra* — *Francisco da Serra* (*S.*)— *João da Serra* (*S.*) — *Margarida da Serra* (*Santa*) — e *Marcos da Serra* (*S.*)

SERRA — appellido nobre d'este reino, cuja familia procede das Asturias, cujo solar era uma quinta chamada da *Serra*. Em Aragão, houve um D. Pedro Serra, que foi bispo de Catanea, e cardeal do papa Benedicto XIII. — Em Sardenha e na França, ha familias d'este appellido, pelo que, não se sabe de qual d'estas trez partes viessem os Serras portuguezes. Suas armas são — em campo de púrpura, castello de prata, sobre um monte da sua côr, entre duas cabeças de serpe, verdes, salpicadas d'ouro — élmo d'aço, aberto — e timbre, um braço, vestido de púrpura, com uma espiga d'ouro na mão.

SERRA — (*S. Bartholomeu da Serra*) — freguezia, Extremadura, mas ao S. do Tejo, comarca e concelho de S. Thiago de Cacem (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Alcacer do Sal — vide *São Thiago de Cacem*), 95 kilometros ao O. d'Evora, 405 ao SE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, S. Bartholomeu.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha de renda annual 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e réis 10$000 em dinheiro.

Pertencia á commenda de S. Thiago, da villa, cabeça do concelho.

Esta freguezia está situada em terreno montanhoso. Tem bons montados, onde se criam muitos porcos (que se exportam em grande quantidade) e outras especies de gado. Tem tambem muitas colmeias, e, por consequencia, mel e cêra.

Corre pela freguezia a *ribeira dos Manoeis*, que nasce nas serras da freguezia de S. Francisco da Serra, e passa á freguezia d'Abella, onde toma o nome de *Abella*, ou da *Corôna*.

É tambem a freguezia atravessada pela estrada de S. Thiago de Cacem para Ferreira, Béja e outras povoações.

Ha na parochia duas confrarias — *Nossa Senhora do Rosafio*, fundada pelo padre frei Manoel de S. Jeronimo (dominicano) em 1703, e confirmada por provisão da mesa da consciencia, de 1743 — e a do *Santissimo Sacramento*, erecta em 1791, e não confirmada.

São os limites d'esta freguezia — pelo N., a freguezia de S. Francisco da Serra, em distancia de 12 kilometros; e a de Santa Margarida, a egual distancia — pelo S., a de S. Domingos, a distancia de 12 kilometros — pelo O., a de S. Thiago de Cacem, a 9 kilometros.

—

É terra fertil em cereaes.

Na capella-mór da egreja matriz está uma campa, segundo a inscripção da qual, foi alli sepultado, o padre André Luiz Beltrão, freire de S. Thiago, e capellão da mesma egreja. Falleceu em 1649. Este padre, esta-

belecceu uma capella de missas, em uma quinta que está junto á egreja, com a pensão de doze missas annuaes, *de 50 réis cada uma*, por sua alma.

Haa mais n'esta freguezia as seguintes capellaas:

A que instituiu o padre Manoel Pires Pinto, com a pensão de doze missas, em uma vinha (hoje courella de semeadura) no sitio das Almoinhas.

A instituida por Isabel Jorge, em 12 alqueiires de trigo, de fôro, imposto na herdadee de Mendo Affonso, d'Abella, com a penssão de trez missas.

A instituida por Brites Gonçalves, em 20$000 réis de terras, na herdade da Barradiinha, da freguezia do Valle, com pensão de ttrez missas.

A instituida por Estevam Luiz, em 20$000 réis de terras, na herdade das Possanquinhass, d'esta freguezia, com a pensão de duas misssas.

A instituida na herdade da Bésteira, que foi llegada á fábrica da egreja, em 1743, com penssão de duas missas, por alma do legatarido.

SIERRA, ou **ABBADIA** — tambem *Serra de Thoomar* — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Thomar, 130 ao N. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1768, tinha 445.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (Candeiaas).

Pertence á prelazia de Thomar, annexa ao patriarchado, districto administrativo de Santarem.

A mesa da consciencia apresentava o vigarrio, que tinha de rendimento annual 177 alqueires de trigo, 60 de cevada, 26 almudes de vinho, 24$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas..

Em setembro de 1876, Luciano Augusto Maximiano Sarmento, da Villa de Rei, descobriu n'esta freguezia duas importantes minas — uma de sulphato de aluminio, nas Hortas Velhas — e outra de cobre e outros mettaes, no sitio da Fonte Velha.

SIERRA DE BOURO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha (foi da comarca d'Alcobaça, extincto concelho de S. Martinho do Porto), 75 kilometros ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 131.

Orago, Nossa Senhora dos Martyres.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento 120 alqueires de trigo, 1 tonel de vinho, 30 alqueires de cevada e o pé d'altar.

Está a freguezia situada na costa do Oceano.

Em abril de 1875, José Vicente Pavão, registou uma mina de cobre e outros metaes, que achou n'esta freguezia.

Em maio do mesmo anno, Duarte Mansos Madail, registou outra mina, de cobre, ferro. enxofre, e outros metaes, sita na fazenda de Joaquim Laurentino, do logar da Cidade, d'esta freguezia.

Foi esta freguezia antigamente do termo e limites da villa d'Obidos. Fica em frente do logar da Tornada, e a pouca distancia da villa de Selir do Porto.

É terra fertil, e abundante de peixe do mar.

—

Segundo a lenda, a imagem da padroeira (á qual tambem se dá o titulo de *Senhora dos Prazeres*) appareceu na costa do mar, a 3 kilometros de distancia da egreja, entre umas rochas, e no mesmo sitio rebentou então uma fonte de excellente agua potavel, á qual se dá o nome de *Fonte Santa*, pelas milagrosas virtudes therapeuticas que lhe attribuem. D'esta fonte se leva agua para muitas partes, como remedio de varias enfermidades.

Estas rochas vão continuando com a de Cintra, para o O.; e para o E. continuam com outras serras, que se vão unir á da Estrella, da qual aquellas são projecções.

A egreja matriz, posto ser antiga, é bonita, ampla e muito clara.

SERRA D'EL-REI — freguezia, Extremadura, comarca das Caldas da Rainha, concelho e 6 kilometros ao S. de Peniche (foi do mesmo concelho, mas da comarca de

Torres Vedras), 70 kilometros ao ONO. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 129.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 50$000 réis é o pé d'altar.

Esta parochia denominava-se antigamente *Serra da Pescaria*. É na costa do Atlantico, entre a villa de Atouguia da Baleia (antigamente *Atouguia d'El-Rei*) que fica a 5 kilometros de distancia, e o mar.

É povoação antiquissima, e houve aqui um mosteiro de eremitas descalços, de Santo Agostinho, dedicado a S. Julião, martyr. Era *duplex* (de frades e freiras). Passou depois para a ordem de Cister, e por isso é que se uniu ao d'Alcobaça [1].

Diz-se que a egreja foi originariamente um templo romano, dedicado a Neptuno, pelo consul Decio Junio Bruto, em memoria do triumpho que elle obteve contra os povos de Eburobritium. (Vide *Eburobriga* e *Alfeizirão*).

Os piratas africanos faziam aqui repetidos desembarques, pelo que os frades se viam obrigados a ter alguem constantemente de vigia.

—

Em 1191, houve uma grande peste, e d'ella morreram todos os poucos frades que tinha o mosteiro, que, desde então, se uniu ao d'Alcobaça.

—

Na aldeia da *Matta d'El-Rei*, estão uns paços, desmantelados, mandados fazer por D. Pedro I, pelos annos de 1360. Das suas ruinas se vê que era obra grandiosa. Os nossos reis D. Pedro I, D. Fernando I, e D. João I, aqui residiram grandes temporadas, entretendo-se em caçadas e pescarias.

Na mesma povoação está a ermida antiquissima, dedicada a Nossa Senhora do Amparo.

Esta freguezia gosava de grandes privilegios, concedidos pelos reis acima mencionados, e que seus successores confirmaram.

Dou a copia de trez documentos que provam estes privilegios.

1.º Documento

Dom Pedro pela graça de Deos, Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta Carta virem, Fazemos saber que os moradores da Aldêia da par dos meus Paços da Serra, me pediram que alguns homens e mulheres moradores em alguns Lugares dos meus Senhorios queriam vir morar e povorar ao meu Logo (logar) da Serra, fazendo-lhes eu mercê que podessem hy vender Pão e Vinho e Carnes e Pescados, e outras mercadorias sem embargo nenhum, e pediram-me sobre elle mercê; E eu vendo o que me pediam e querendo-lhes fazer graça e mercê, havendo por meu serviço. Tenho por bem e mando que todos aquelles e aquellas que quizessem viver e morar e povorar o dito Logo da Serra, possam hy vender e comprar Pão, e vinho carnes e Pescado, e todallas outras couzas perque entenderem fazer suas próes sem outro nenhum embarguo. E outrosy os hey por escuzados de não pagarem Jugadas. E mando que elles possam comprar e comprem as ditas Viandas em Obidos e na Athouguia e em Alourinhãa e em outros Lugares d'arredor do dito Logo; e que as Justiças d'esses Lugares lhes não ponham em elles embarguo para os venderem no dito Logo da Serra, sem outro embargo nenhum como dito he. E em testemunho d'esto, mandei dar aos ditos moradores do dito Logo da Serra esta minha carta assignada por minha mão e asellada do meu sello pendente. Dante no dito Logo quatro dias de Mayo. El Rei o mandou. Luiz Esteves a fez Era de mil e trezentos e noventa e outo. Etc., etc.

2.º Documento

Dom Fernando per graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta

[1] O *Santuario Mariano* diz que o convento era de eremitas descalços, de Santo Agostinho. O seu auctor (frei Agostinho de Santa Maria) era d'esta ordem, e tinha o costume de dizer de muitos conventos antigos, que pertenciam á sua ordem. Eu, porem, estou persuadido que este mosteiro era benedictino; não só porque eram d'esta ordem os mais antigos mosteiros de Portugal, como porque a ordem de Cister (bernardos) foi uma reforma d'aquella.

virem, Faço saber que Eu, querendo fazer graça e mercê a todollos que fora são moradores na Serra da par d'Atouguia, onde Eu tenho os meus Paaços e a todollos outros que d'aqui em diante quizerem hy vir morar e povorar, Tenho por bem e mando que elles sejam escuzados de pagar em Peitas e em Fintas e em Talhas que os Concelhos das Villas d'Obidos e d'Athouguia lançarem como quer que os ditos moradores sejam vizinhos das ditas Villas por alguns bens que em Termos das dictas Villas tenham: E que outrosy sejam escuzados de hir em Ostes nem Foçado: E mando que nam seja nenhum tão ouzado de qualquer condição que seja que com os ditos moradores pouze, nem lhes tomem suas roupas, nem sás palhas, nem sá lenha contra suas vontades, salvo se fôr meu especial mandado. E este lhes faço com tanto que morem continuadamente arredor do Paaço que façam hy povoraçam. E em testemunho d'esto, mandei dar aos ditos moradores do dito Lugar da Serra, esta minha Carta. Dante em o dito Lugar da Serra a trinta e hum dias d'Agosto. ElRei o mandou por Fernando Martins seu vassalo. Domingue Annes d'Azambuja a fez. Anno de mil e quatro centos cinco annos. Etc., etc.

3.º *Documento*

Á Rainha D. Maria 1.ª fizeram os moradores dos Paços do logar da Serra d'elRei a petição do theor seguinte:

—

Senhora. Dizem os Moradores dos Paços do Lugar da Serra d'ElRey, Termo da Villa d'Athouguia da Balêa, Comarca de Leiria, que para bem da Justiça dos Supplicantes, hes he necessario por certidam da Torre do Tombo o theor dos Privilegios que lhes forãm concedidos pelos Senhores Reys Dom João primeiro, Dom Pedro primeiro, Dom Afonso quinto e Dom Manuell, que todos foram confirmados pelos Senhores Reys, Dom Pedro segundo, Dom João quinto e Dom José primeiro, e bem assim o Foral da Vila e tudo mais, que fôr a bem dos ditos seus Privilegios. E porque necessitam Provião.—Pedem a Vossa Magestade lhes faça mercê mandar-lhes passar para o dito effeito —E receberão mercê.

—

Os privilegios dos moradores do logar da Serra d'ElRei e pertencente ao extincto Concelho d'Athouguia da Balêa e hoje ao de Peniche, e os privilegios dos moradores do logar do Mollêdo, que pertenceu antigamemte ao Concelho d'Obidos e hoje faz parte do Concelho da Lourinhan, estam registados na Torre do Tombo no Livro n.º 2 da Estremadura da Leitura Nova que está na Casa da Corôa a folhas 67 verso.

—

Para completa intelligencia d'este artigo, sem haver repetições, é indispensavel ver —*Atouguia da Baleia*, 1.º vol., pag. 254, col. 1.ª — e *Nossa Senhora da Ajuda, de Cella*, no 6.º vol., pag. 159, col. 2.ª, no fim —*Lourinhan*, e o 1.º *Mollêdo*.

SERRA DA ESTRELLA — Vide *Estrella*, serra, Beira Baixa, etc.

Esta serra é um ramo dos famosos Pyreneus, que dividem a Hespanha da França. Atravessa a primeira d'estas nações, com o nome de *Guadarrama*, e seguindo entre os rios Douro e Tejo, entra em Portugal, onde toma o nome de Estrella. Note-se, porem, que em Hespanha deita grande numero de braços para differentes partes, e é de um d'estes ramos, chamado *serra da Gata*, que procede a nossa Estrella.

Em Portugal, tambem lança muitos braços, que formam as montanhas ou serras —da Gardunha, Algarve, Bussaco, Monte-Muro, Marvão, Ossa, Parnaval, etc.—Ainda estas serras lançam outros braços, que formam uma rede de pequenas cordilheiras, entre os rios Douro e Guadiana.

O mais elevado ponto da Estrella, tem 8:000 pés (2:667 metros) de elevação, sobre o nivel do mar [1].

Os dous principaes ramos da Estrella, terminam —o do sul, no Cabo de S. Vicente

[1] A maior eminencia da Peninsula hispanica é a *Serra Nevada* (Andaluzia) que no cume do *Mulhacem*, tem 12:762 pés, ou 4:254 metros, sobre o nivel do mar. Aqui nunca a neve se derrete.

Segundo Balbi, o ponto culminante da

(Algarve) e é o fim da serra de Monchique, ou do Algarve — o do norte, no Cabo da Roca (Extremadura).

—

Ha bastantes razões para acreditar que a Europa soffreu, em remotissimas eras, uma espantosa alteração no seu systema geologico, e muitos escriptores antigos sustentam que o fim da Estrella era nas nossas ilhas da Madeira e Porto Santo, formando uma immensa peninsula, a que deram o nome de *Ilha Atlantida*.

Outros geographos, ainda vão mais longe, avançando que a America era então unida á Europa pela tal Atlantida, que d'esta maneira, formava um isthmo extensissimo.

(Vide *Peniche*).

—

A pyramide de que fallo, a pag. 77, col. 2.ª, do 3.º volume, construida sobre o vertice do *Cantaro Delgado*, por ordem de D. João VI, quando ainda principe regente, e á qual (pyramide) o povo dá o nome de *Torre*, é provavel que seja um marco geodesico (ou trigonometrico) para a triangulação do reino. Consta ser obra do marquez d'Alorna.

Na frente E., lhe gravaram uma inscripção, que a neve e os temporaes tem apagado em grande parte; hoje, apenas se póde ler isto:

POR ORDEM DE S. A. R.,
O PRINCIPE REGENTE,
SE MANDOU ELEVAR
ESTA PYRAMIDE
PARA.....
EM O ANNO DE 1802.[1]

O povo d'aquelles sitios diz que este monumento se erigiu em memoria do triumpho obtido contra os francezes, na guerra peninsular. Em vista da data, vê-se que é êrro manifesto.

De ao pé da pyramide, avista-se — para o N., toda a Beira Alta, Viseu, Almeida, Guarda, e muitas outras povoações — para o S., o Fundão, e toda a fertil e amena *Cova da Beira*, Abrantes, o Tejo, até proximo de Lisboa, e grande parte do Alemtejo e da Extremadura — para E., a Serra Nevada (Castella) — e para O., parte da provincia do Douro, até á Figueira, e o mar.

SERRA D'OSSA — grande e rendosa quinta do Alemtejo, no termo da villa do Redondo.

(É preciso, para se poder comprehender este artigo, ver a 1.ª Ossa, no 6.º vol., pag. 296, col. 2.ª, no principio).

Esta herdade foi vendida em maio de 1877. Faz parte d'ella o antigo e historico mosteiro e cêrca, dos eremitas de S. Paulo (*monges da pobre vida*).

Esta ordem construiu grandiosos mosteiros, auxiliados, não só pela protecção dos papas, de esmolas dos fieis, e de muitos dos nossos reis, desde D. Affonso I, até D. Maria I; sendo um dos seus mais decididos protectores, o rei D. Duarte, em cujo reinado (1433) deram estes monges principio, na serra d'Ossa, a uma das suas mais sumptuosas edificações, para a qual escolheram um dos mais saudaveis e aprasiveis logares da encosta da serra.

Era tão robusta a construcção d'este mosteiro, que no fim de quatrocentos annos, ainda estava perfeitamente conservado, na sua maior parte, quando os religiosos foram expulsos, em 1834.

Foi logo pouco depois d'este anno, vendido, e o comprador mandou fazer alguns reparos na pequena parte que o tempo damnificára, e na cêrca fez importantissimos melhoramentos, durante os vinte e dois annos que o possuiu.

Constavam os bens dos frades, alem da herdade da Serra d'Ossa, de outras muitas propriedades, que lhes foram dadas por esmola em differentes doações, de camaras municipaes e de particulares.

Em 1423 e 1428, a camara do Redondo, fez ao monge frei João Fernandes, duas doações, de uma grande porção de terreno, para alargamento da cêrca.

Actualmente, tem toda a herdade, 7 kilometros de circumferencia.

Estrella (*Cantaro Delgado*) tem só 2:400 metros; menos 67 metros do que o *Pico da Gaviarra*, da serra de Suajo, no Minho.

Estas differenças d'altura procedem, ou da maior ou menor perfeição dos instrumentos, ou da pericia do observador.

[1] E não em 1806, como, por mal informado, disse no 3.º volume.

Está a 10 kilometros da estação do caminho de ferro do ramal de Estremôz.

Tambem passa proximo da quinta, uma nova estrada, que, atravessando a serra, liga Redondo com Estremôz.

Promete pois um brilhante futuro, esta magnifica propriedade.

SERRA DE RIBA — serra, Douro, no concelho de Penacova, comarca de Coimbra.

Todo o termo de Penacova, e ainda começando na Marmelleira, Gondolim e outros logares, até ao rio Mondêgo, é composto de altissimas serras, principalmente as que ficam entre Penacova e Lorvão.

A uma d'estas serras, dá o povo o nome de *Serra de Riba de Cima*, pretendendo com este pleonasmo exagerar a sua altura.

No alto d'esta serra está a ermida de Nossa Senhora do Amparo, com cuja imagem tinha antigamente o povo d'estes sitios grande devoção.

A ermida é antiquissima, e não se sabe quando nem por quem foi construida.

Pertence á freguezia de Penacova.

SERRADÊLLO — aldeia, Douro, na freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho do Castello de Paiva.

Esta povoação, hoje insignificante, por ser composta de casas, quasi todas de pobre apparencia, e pertencentes a pobres jornaleiros, que vivem de andar á carqueija, nos montes circumferentes, para venderem a compradores do genero, que a embarcam nas Fontainhas (esquerda do rio Douro) para hirem vender á cidade do Porto — esta povoação, repito, está na chapada meridional da pequena serra de S. Domingos. (Vôl. 2.º, pag. 477, col. 2.ª — o 3.º *Domingos — São*). Fica a 3 kilometros da margem esquerda do Douro, e tem uma antiquissima, tôsca, pequena e pobre ermida, dedicada a S. Caetano, que é festejado todos os annos, no dia marcado pelos mórdomos do padroeiro.

É todavia notavel esta aldeia, pela sua grande antiguidade, pois com toda a certeza, já era habitada pelos povos celtas, ou pre-celtas, do que é uma prova, o grande numero de *mâmoas* que ainda existem (todas arrombadas pelo povo, em busca de *minas encantadas*) proximas á povoação, no sitio denominado Monte Grande.

Ao NO. da aldeia, no caminho que vae para a ermida de S. Domingos, ha vestigios de antiquissima lavra de minas de ferro, e, na verdade, ha n'esta serra muitos afloramentos de minas d'este metal.

Logo abaixo de Serradêllo, ao SO., no leito de um regato, chamado *ribeiro da Gardunha*, ha uma mina de cobre, que se não explora, por ser em uma pedreira de quartzo (seixo) o que torna a sua lavra dispendiosissima.

Tambem por estes sitios ha abundancia de afloramentos de pyrites de ferro, e pelas faldas da serra, ao ONO., passa a grande zona carbonifera de Pejão.

Vide *Fulgoso*, *Oliveira do Arda*, *Pejão*, e *Raiva*.

SERRALEIS, ou **SERRELEIS** — freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 36 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 89.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

O D. Abbade benedictino do mosteiro de Tibães apresentava o vigario, que tinha réis 10$000 de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Ha aqui uma mina de chumbo argentifero, que foi manifestada em novembro de 1873. Não está em lavra.

SERRÃO — Vide *Raza*.

SERRÃO — appellido nobre em Portugal. Tem a mesma origem dos *Mouras*. Procede de Vasco Martins Serrão de Moura, ao qual a rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, deu a villa de Moura. As armas dos Serrões são — em campo de prata, leão de púrpura, armado de negro, sobre um monte da sua côr — élmo d'aço, aberto, e por timbre, meio leão do escudo.

SERRAZES — freguezia, Beira Alta, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vousella (foi da comarca e concelho de Vousella) 22 kilometros ao N. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 176.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Na aldeia do Freixo, d'esta freguezia, está a ermida de Nossa Senhora do Bom Successo.

Foi construida em 1669, por Tristão de Almeida, fidalgo illustre da terra de Lafões (Vousella) em umas nobres casas onde residia; dotando a ermida com todos os paramentos e alfaias necessarios para o culto divino.

Instituiu uma capella de missas, em todos os domingos e dias santos, assignando-lhe 80 alqueires de *pão-meiado* (milho e centaio), 20 almudes de vinho, uma marran, e 2$000 réis em dinheiro, para o capellão.

Morrendo o fundador, sem filhos, herdou a casa seu irmão F. d'Almeida e Souza, que só tratou de comer as rendas da Senhora, sem dar cumprimento ao legado.

Os habitantes do Freixo, erigiram aqui uma irmandade da padroeira, em 1670, cujos estatutos foram approvados pelo provisor do bispado de Viseu, o dr. Francisco de Almeida Castello Branco; e o papa Clemente X lhe concedeu um breve de indulgencia perpétua, em 1671.

Depois, alcançou um breve de altar privilegiado, que lhe deu o papa Innocencio XII, em 1695.

Era a irmandade composta de oitenta irmãos e trinta irmans (mas estas, para serem admittidas, era precizo que fossem muito honestas e virtuosas).

A festa da Senhora é no dia da sua Assumpção. A santa imagem é de madeira, com um metro de alto, e de bôa esculptura. É objecto de muita devoção, dos povos da freguezia.

É terra fertil, cria muito gado, e é abundante de caça.

SERRAZOLLA — Vide *Sarrazolla* e *Sêda*.

SERREIRA — Vide *Sapataria*.

SÊRRO-VENTOSO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Mós (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Leiria, d'onde dista 24 kilometros) 135 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O cabido da collegiada d'Ourem apresentava o cura, que tinha de renda 120 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho môsto, e 24$000 réis em dinheiro.

Era egreja filial de Porto de Mós.

É freguezia muito antiga, e por a egreja matriz estar muito arruinada, por velha, teve de ser completamente demolida, em 1610, aproveitando-se parte dos seus materiaes para a actual, principiando o culto divino em 1613.

Ainda se vêem restos da antiga egreja, fóra do logar, ao pé da serra que deu o nome á freguezia.

Pela Paschoa do Espirito Santo, ha bôdo aos pobres.

O antigo nome do logar era *Serra Ventosa*, por estar em um alto, na encosta da serra, com subida aspera e alcantilada.

Ao O. da serra, está um alto cabêço, e no seu tôpo, uma fonte, e outras pela sua encosta, todas abundantes e perennes, que regam e fertilizam a freguezia.

Tambem no cume do mais alto monte d'esta serra, está um pôço, d'optima agua potavel, chamado *Pôço das Cóvas*, e logo adiante, mais dous, nenhum dos quaes sécca, ainda nas maiores estiagens.

Ha na freguezia duas ermidas publicas — a de *S. Silvestre*, no logar do Chão da Mendiga — e a de *Santo Antonio*, no logar da *Abêlha*. Ambas foram feitas e são fabricadas pelos respectivos moradores, para d'ellas lhes serem administrados os sacramentos.

No logar das Varzeas, d'esta freguezia, manifestou em julho de 1866, Arthur H. Ivens, negociante, de Lisboa, uma mina de carvão fossil. (Vide *Porto de Mós*.)

SERRO-VENTOSO — villa, couto e concelho extincto, Douro, hoje comarca e concelho de Soure. Pertence á freguezia de Samuel, por isso, ainda vulgarmente se denomina *Samuel e Serro-Ventoso*. (Vide *Samuel*.)

SERTAN — villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca. — Vide *Certan*.

O sr. Ivo Pedroso Barata dos Reis, d'esta villa (primo dos srs. conde de Casal Ribeiro, e Carlos José Caldeira) publicou, em 1874, um pequeno livro, intitulado — *Descripção topographica da villa da Sertan.* Quando este curioso livro (do qual o seu esclarecido auctor teve a delicadeza de me offerecer um exemplar) sahiu á luz, já estava impresso o artigo da Certan; pelo que não me pude aproveitar, então, do seu contheudo. Pelas razões expostas no prólogo d'este volume, fica reservado o livro do sr. Barata dos Reis, para ser publicado no appendice, tudo quanto não estiver no artigo *Certan.* Agradeço todavia a benevolencia do illustrado auctor.

(Vide *Quinta das Aguias.*)

SÉRTOMA — Vide *Cértoma.*

SÉRVA — Vide *Cérva.*

SERVO DE DEUS — Dava-se antigamente esta denominação a todos os catholicos, quer ecclesiasticos, quer seculares. Tambem se dizia *famulo de Deus,* que vinha a ser o mesmo.

SERVO DE GLÊBA — ou *servo adscripticio* — Quando os godos conquistaram a maior parte da nossa Peninsula, dividiram os terrenos cultivados, entre elles e os romanos, ou naturaes do paiz, com os mesmos direitos com que o haviam feito os imperadores. Os lavradores eram uma especie de servos, especialmente nos primeiros trinta annos do dominio gothico; passados os quaes, adquiriram o titulo de *colonos,* para elles e seus descendentes, ficando nas herdades, como livres (porque, antes d'isso, faziam parte da glêba, sendo inseparaveis d'ella, como até ainda ha poucos annos acontecia na Russia.)

Em certos casos, ficava o fisco herdeiro d'estes colonos, e á herança, assim adquirida, se dava o nome de *luctuosa.*

Os servos de glêba, os escravos, e os colonos de certas fazendas eram designados pelo nome de *misteres.*

SERVOS CASATOS — Os romanos, e, depois d'elles, os gôdos, dispunham das terras e pessoas dos vencidos, segundo a vontade dos chefes, e d'esta circumstancia nasceu o *poder heril,* que os invasores tinham nas propriedades e pessoas que lhe tinham cabido em partilha, ficando senhores das pessoas, honras e vidas d'estes desgraçados escravos de glêba, ou do torrão.

Quando principiou a nossa monarchia, já o poder heril se havia transformado em *jurisdição patrimonial,* que (exceptuando as honras e vidas) nada differia da antecedente escravidão, pois estavam sujeitos ás leis arbitrarias e despoticas dos seus senhores; e ás contribuições, serviços, sentenças e penas que elles lhes queriam impôr; sendo-lhes até prohibido recorrer ao rei.

D. Affonso II, chegou a determinar, sobre graves penas — *que o homem livre, possa viver com quem lhe aprouver:* EXCEPTO OS QUE VIVEREM NAS HERDADES E TESTAMENTOS. (Os que viviam nas *herdades,* eram escravos dos grandes senhores — e os que viviam nos *testamentos,* eram os escravos das egrejas e mosteiros, aos quaes, por doações, foram concedidas as terras e escravos.)

D. Affonso V mitigou as penas d'esta lei, deixando-a ao arbitrio dos julgadores — *em tal guisa porem, que os forçadores da liberdade nom fiquem sem pena.* (Cod. Alf. liv. VI, tít. 20, § 3.)

O tempo foi mudando os costumes, e os *senhores de baraço e cutello, de pendão e caldeira,* e *de mero e mixto imperio,* foram restituindo, a seu pezar, a jurisdicção suprema, aos nossos reis; até que pela *Orden. Manoel.* liv. 2.º, tit. 46, se extinguiram totalmente os servos de glêba e a escravidão de portuguezes.

SERVOS DE QUATRO DINHEIROS — Assim se denominavam os que voluntariamente se constituiam, e a suas mulheres e filhos, escravos das egrejas, ou dos mosteiros. Bastava collocarem sobre a cabeça uma moeda de *quatro dinheiros,* e baixando-se, deixarem-a cahir sobre o altar, para se constituirem verdadeiros servos de glêba, da egreja ou mosteiro. A estes taes é que se dava a denominação de *servos de quatro dinheiros.*

Outros, prendiam ao pescoço a corda do sino, e era o bastante para se constituirem *servos de glêba, e propriedade* da egreja ou mosteiro.

SERZEDÊLLO — Vide *Cerzedêllo.*

SERZÊDO — Vide *Cerzêdo*.

SESEGA — Vide *Sessega*.

SESMAR — portuguez antigo — repartir as terras ou herdades, que deviam ser dadas de sesmaria.

SESMARIA — portuguez antigo — Dava-se este nome ás doações de terras, casaes, pardieiros, etc., que estavam abandonadas, e das quaes, os seus direitos senhorios, depois de competentemente avisados, não tratavam de — por qualquer modo — fazer cultivar.

A corôa dava então estas propriedades *de sesmaria* (ou permittia que as camaras as dessem) dando o *sesmeiro* (o que as ficava possuindo) a sexta parte dos fructos. A esta sexta parte se chamava primeiro, a *sesma*, e depois, o *sesmo* (o sexto).

O dr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho, imprimiu em Lisboa (na *Impressão régia*) e publicou, em 1815, as — *Observações historicas e criticas, sobre a nossa legislação agraria, chamada commumente* DAS SESMARIAS.

Foi o rei D. Fernando I, que fez a santa *lei das sesmarias*, que muito fez desenvolver e prosperar a agricultura e beneficiar os lavradores.

D. João I, não só confirmou esta lei, como deu aos *sesmeiros*, e mesmo aos lavradores em geral, varios privilegios. (*Cod. Alf.*, livro 4.º, tit. 81, e tit. 29, §§ 10, 13, e 18.)

Dava-se a denominação de *terra de sesmo*, não só á que já estava cultivada de sesmaria, como á inculta, que podia ser assim dada.

SESSÉGA, e **SESÉGA** e **SESERÍGO** — portuguez antigo — assento d'uma casa, moinho, lagar, tanaria, etc. — Tambem o direito que tinha o dono de uma arvore plantada em terreno alheio, de pôr outra no logar d'onde arrancasse a antecedente.

Tambem se dava a isto a denominação de *seriga*, e *sesúa*.

SESSERIGO — Suppõe-se ser o nome que os arabes davam ao *Valle de Santarem*.

SÉSTO — portuguez antigo — compasso. É italiano. Nas medições antigas dos nossos prazos se lê frequentemente — «*E d'aqui vae a sésto*» — isto é, vae a compasso, á corda, vara, ou outra qualquer medida.

De sésto, vem *assestar* (marcar, fazer pontaria, etc.)

Não se confunde com *césto*, que era um jôgo muito usado dos romanos — (uma especie de sôco inglez.) Césto, propriamente, era uma manopla ou luva, de couro crú, com balas de chumbo, com que os athletas se socavam mutuamente. Produzia o mesmo effeito que o *box* inglez.

Césto significava tambem o cinto de Venus e de Juno.

Entre os grêgos, *césto*, era o cinto com que cingiam a noiva, no acto do casamento. Os esposos a conservavam cuidadosamente, crendo que isso livrava de tentações adulterinas a qualquer dos conjuges.

SESTEIRO — portuguez antigo — dous alqueires (ou duas *teigas*) da medida velha — mas, um *sesteiro* de trigo, outro de milho.

O sesteiro de vinho era a medida de dous cantaros.

Na Terra da Feira, dão o nome de *raza*, á medida de dous alqueires.

SÉSTRO — portuguez antigo — adufe. (Pandeiro quadrado, com pelle de ambos os lados.)

SESUS — portuguez antigo — Jesus.

SETE CAPELLAS — vasta e formosa quinta, Douro, sobre a margem direita do Douro, na freguezia de S. Verissimo de Val-Bom, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 3 kilometros ao E. do Porto. Fica em frente da grande freguezia d'Avintes, na margem esquerda, e no concelho de Villa Nova de Gaia.

Esta propriedade pertence, ha mais de trezentos annos, á antiga e nobilissima familia dos *Correias Monte-Negro*, da rua Chan, da cidade do Porto. (Vide 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª)

Tem *sete capellas*, e é d'esta circumstancia que lhe provem o nome.

Tinha o privilegio de ninguem poder pescar na metade do rio Douro que lhe fica em frente da quinta.

Foi constituida em mórgado, por Miguel Correia Monte-Negro, em 12 de outubro de 1554.

O instituidor do vinculo era fidalgo cavalleiro, foi casado com D. Veronica Pinto, e foi seu filho:

Sebastião Correia Pereira Monte-Negro, fidalgo da casa-real, casado com D. Maria de Barros e Souza, herdeira da casa de Nobões, e irman de Antonio de Souza Correia Monte-Negro, bailio de Leça, senhor de um magnifico palacio, na ilha de Malta, e embaixador de Portugal, em Roma.

De Sebastião Correia e de sua mulher nasceu:

Luiz Correia de Souza Monte-Negro, fidalgo da casa-real, e casado com D. Violante da Silva. Tiveram:

João Correia de Souza Monte-Negro, fidalgo da casa-real, casado com D. Isabel da Silva Pereira de Vasconcellos, senhora da casa d'Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*) que lhe deu em dote seu tio, Francisco Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa-real, capitão-mór de Alvarenga. D'este casamento nasceu:

Antonio Gonçalo Correia de Souza Monte-Negro, casado, em Lisboa, com D. Antonia de Noronha e Napoles, irman de D. Thomaz de Noronha e Napoles, que morreu sem descendencia legitima, passando os prazos e bens alodiaes, para seu filho natural, Ignacio Correia de Souza Monte-Negro, e os vinculos, para D. Maria Isabel Pereira de Menezes Monte-Negro, filha unica de Bento Pereira de Sotto-Maior e Menezes, da casa da Barbeita, fidalgo da casa-real, e de D. Luiza Josefa de Souza Monte-Negro, e irman de João Correia de Souza Monte-Negro. Esta senhora casou com Martinho José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, fidalgo da casa-real, da casa da Bôa-Vista, junto á villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva.

Para evitarmos repetições, veja-se o que digo no 7.º vol., pag. 527, col. 2.ª, no § 17.º e seguintes. Aqui só é precizo accrescentar o seguinte:

Por fallecimento do sr. Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, deixou a sua viuva, a sr.ª D. Anna Angelica Soares (7.º vol., pag. 530, col. 1.ª) e os trez filhos alli mencionados; porem hoje só d'estes existem dous, o sr. dr. Albino Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, que reside na quinta das *Sete-Capellas*, e o sr. Martinho Pinto de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro, actual governador civil d'Aveiro. O sr. Pedro Augusto Pereira de Vasconcellos de Miranda Monte-Negro falleceu repentinamente, de uma aneurisma, andando a passear nos jardins do Palacio de Crystal, do Porto, em 29 de julho de 1877.

SETE-RIOS — Ao sahir de Lisboa, por S. Sebastião da Pedreira, e pela estrada de Bemfica, encontra-se a vasta propriedade de *Palha-Van* (vide esta palavra) hoje do sr. conde da Azambuja.

Pouco adiante, entre as estradas de Bemfica e Pinheiro, estão as ruinas do palacio dos duques do Cadaval. O terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu este palacio e a quinta, que hoje apenas nos recordam as suas magnificencias passadas. Uma d'ellas foram as explendidas festas, por occasião do casamento do terceiro duque do Cadaval, D. Jayme de Mello, com a infanta D. Luiza, filha bastarda, reconhecida, de D. Pedro II,

Logo adiante, está o logar de *Sete-Rios*. do qual partem — para a direita, a estrada das Larangeiras — e para a esquerda, a de Campolide.

A denominação de Campolide, estendia-se antigamente até ao actual *largo do Rato*.

Em seguida a *Sete-Rios*, está a formosa quinta das Larangeiras, que foi do fallecido primeiro conde do Farrobo. (Vide *Larangeiras*.)

D'aqui segue-se Bemfica, etc.

Sete-Rios é um sitio aprasivel, onde vem muita gente de Lisboa gozar os seus ares salutiferos e a frescura dos seus frondosos arvorêdos.

SETE VILLAS — Vide *Olho da Mira*.

SETEAES — Á sahida da villa de Cintra, no caminho de Collares, entre a estrada dos *Pisões* e a quinta de *Penha Vêrde* (fundada pelo famoso D. João de Castro, quarto vice-rei da India) estendia-se, ha cento e tantos annos, um vasto terreiro, que, apezar de

ficar no dôrso da serra, era perfeitamente plano. Ao S., elevava-se o magestoso vulto da montanha, vestida de arvoredos, por entre os quaes surdiam gigantescos penedos, e terminando nos dous altos pincaros, que servem de baze ao *castello dos Mouros*, e ao palacio da Pena, que então era mosteiro dos monges jeronymos. Do N., descia a encosta da serra, com grande declive, e tambem povoada de carvalhos e castanheiros, e semeada de grandes penedos, até a um profundissimo valle. Pelo E., entrava no terreiro, o caminho que vinha de Cintra, e pelo O., seguia a estrada de Collares, assombrada pelas arvores seculares de *Penha-Verde*.

Ao N., desfructava-se d'esta planicie um extensissimo panorama, limitado pelo Oceano, e por longinquas cordilheiras de montes, d'entre os quaes se distinguia o magestoso edificio de Mafra.

Era pois o referido terreiro, ou planicie, logradouro publico, onde as ordenanças da villa e seu termo costumavam fazer exercicio, em um domingo de cada mez, e onde o povo de Cintra vinha passear, aos domingos e dias santos.

Desde tempos immemoriaes, um dos divertimentos predilectos da gente môça, era hir áquelle rocio, á tardinha, despertar os eccos que alli ha. Pela disposição dos pincaros da serra, formando um reconcavo, no fundo do terreiro, as palavras proferidas em voz alta, na extremidade do norte do mesmo terreiro, são repetidas pelo écco, com muita clareza e por varias vezes.

Consta que n'aquelles tempos, a palavra mais usada, nos taes exercicios das ordenanças, era um *ai!* que o écco repetia sete vezes, o que d'aqui viera ao rocio, o nome de *Seteaes* [1].

Dizem outros, que o nome do terreiro vem de *Sente ais*, porque os montes fronteiros *sentem* os *ais* que se dão d'este logar.

Finalmente, outros sustentam que o nome vem de *Senteaes*, porque em tempos antigos, era a planicie semeada de senteio.

Julgo a primeira etymologia mais rasoavel.

No terceiro quartel do seculo XVIII, um inglez, ou hollandez, estabelecido em Lisboa, e que lá chegou a adquirir grande riqueza, de appellido *Gildmestre*, comprou, ou aforou, á camara de Cintra, os terrenos que cercavam o terreiro dos Seteaes, pelos lados do N. e O., e n'elles construiu um palacio e quinta, com vasto jardim. O terreiro foi aformoseado e regularisado, orlando-se com uma espaçosa rua de arvoredo; construiram no fundo o palacio e pela frente, separando-o da estrada, pozeram-lhe uma gradaria de ferro, com trez amplos portaes, e rematando nas duas extremidades (E. e O.) com dous pavilhões, tendo cada um a sua sala no andar nobre, com janellas de saccada; todavia, o terreiro dos *Seteaes*, continuou a ser, como anteriormente, logradouro, ou passeio publico.

Gosou Gildmestre, por bastantes annos, esta sua residencia de verão; porem, ou porque, vendo-se rico, e cançado das lides mercantis, lhe chegassem as saudades da patria, ou porque (segundo alguns acreditam) tivesse grande motivo de desgosto, com o governo portuguez, resolveu-se liquidar a sua casa commercial, retirando-se logo para Inglaterra.

Poz-se em venda o palacio e quinta dos Seteaes, e o comprou D. Diogo José Victo de Menezes Coutinho, quinto marquez de Marialva, e setimo conde e decimo quarto senhor de Cantanhêde, um dos mais ricos fidalgos portuguezes do seu tempo; que fez grandes melhoramentos no palacio e jar-

[1] Um dos éccos mais notaveis que tenho visto (ouvido) em Portugal, é na margem esquerda do Douro, junto ao logar de Figueirido, na freguezia de S. Martinho de Sardoura, no concelho de Castello de Paiva. Pronunciando-se uma palavra, em voz alta, é repetida cinco e seis vezes, no outro lado do rio, com a maior clareza; mas, se se der um tiro de espingarda, o écco, então mais de seis vezes repetido, é surprehendente. Se alli se desse um tiro de artilheria, a repercução seria espantosa.

Vide *Valle da Avó*.

Na torre de S. Vicente de Belem, ao Bom-Successo, ha uma sala, que tambem tem um écco muito notavel e singular.

Vide *Belem*.

dins, e mandou adornar as salas com grande magnificencia: dando aqui brilhantissimas funcções.

Teve a honra de receber n'este palacio a raimha D. Maria I, seu filho, D. João (depois rei, sexto no nome) e a mulher d'este, D. Carlota JJoaquina Bourbon; havendo por essa occasiião, as mais brilhantes festas em Seteaes..

Paira commemorar este acontecimento, mandtou erigir um arco triumphal, de marmore,, que se concluiu em 1802, fallecendo o mairquez logo no anno seguinte. (Vide *Ericeiira* e *Marialva.*)

Nuinca mais se tornaram a dar explendidas festas n'esta residencia principesca.

O marquez deixou um filho e trez filhas. —Aquelle, foi *D. Pedro José Joaquim Victo de Meenezes Coutinho*, sexto e ultimo marquez (de Marialva, e oitavo e ultimo conde, e deciimo quinto senhor de Cantanhéde; o qual mmorreu solteiro, em Paris, no anno de 1823, sendo embaixador de Portugal, junto do reii de França, Luiz XVIII.—As trez filhas foram::

1.ª—*D. Henriqueta Maria Julia de Lorêna e Menezes*, duqueza de Lafões, pelo seu casamento com D. João de Bragança, segundo duque de Lafões. (Vide *Lafões.*)

2.ª—*D. Joaquina de Lorêna e Menezes*, marquieza do Louriçal, mulher de D. Luiz Euzebiio Maria de Menezes Silveira, quarto e ultimo marquez do Louriçal, oitavo e ultimo conde da Ericeira. (Vide *Ericeira*, e *Louriçal.*)

3.ª—*D. Maria Margarida do Carmo de Lorêna e Menezes*, marqueza de Loulé, por ter casado com Agostinho Domingos José de Mendonça Rolim de Moura Barreto, vigessimo terceiro senhor d'Azambuja, etc. (Vide *Azambuja*, *Loulé*, e *Quarteira.*)

Por fallecimento do ultimo marquez de Marialwa, entrou na posse do palacio e quinta dos Setteaes, sua sobrinha, D. Anna Maria de Braganiça Souza e Ligne, duqueza de Lafões.

Correndo letigio sobre esta herança e provando-se não constituir vinculo a propriedade de Seteaes, passou ella, como partilha de bens livres, da casa de Marialva, para a marqueza do Louriçal.

Fallecendo esta senhora, no estado de viuva. e sem successão, foi sua herdeira a marqueza de Loulé, sua irman, e a esta succedeu seu filho, o fallecido primeiro duque de Loulé, casado com a nossa infante, D. Anna de Jesus Maria.

Desde 1803 até hoje, tem o tempo sido para esta propriedade um periodo de decadencia.

O ultimo marquez de Marialva, emquanto possuiu a propriedade dos Seteaes, andou quasi sempre ausente de Portugal, nas varias embaixadas de que foi encarregado, [1] e esta sumptuosa propriedade esteve sempre em total abandono.

Não foi mais feliz a referida propriedade, sob a administração do duque de Lafões; conservando-se o palacio quasi sempre deserto, e a quinta e jardim maltratados.

Melhorou alguma cousa em poder da marqueza do Louriçal, porque esta senhora, alli costumava passar os estios; mas, nem o seu estado de viuva, nem a exiguidade dos seus rendimentos, lhe permittiam dar aos Seteaes o brilho que merecia, nem cuidar da cultura e conservação da quinta, como devia ser.

Depois da sua morte, tem hido o palacio e quinta em continua decadencia, e entregue ao mais lamentavel abandono, causando lastima a quem o vê.

Em 1865, abateu o tecto de uma das salas, e não tardará a acontecer o mesmo ao resto do edificio.

Do jardim, apenas resta algum buxo, já bravio, e sem fórma — o grande lago circular, de marmore, com o seu repucho, já ha muitos annos não tem agua — dos pomares, poucos vestigios restam — o arvoredo que formava as suas ruas, desappareceu quasi todo — e a cascata está desmantellada.

O arco triumphal, por ter sido construido com grande solidez, ainda se conserva em bom estado. Serve-lhe de remate, entre trophêos, de excellente esculptura, um meda-

[1] A Buonaparte, em 1807—a Luiz XVIII, rei de França, em 1815—a Francisco I, imperador da Austria, em 1816 — a negociar o casamento da archiduqueza Carolina Josefa Leopoldina, com o principe real D. Pedro, depois primeiro do Brazil, em 1817.

lhão cingido de louros, encimado da corôa real, e n'elle os bustos de D. João VI e de sua esposa, a rainha D. Carlota Joaquina. Por baixo do medalhão e da architrave. sobre que assenta o trophéo, está gravada a seguinte inscripção:

AUGUSTO JOANNI FIDELISSIMO
PRINCIPI REGENTI LUSITANIAE
GENTIS SPEI AMORI AC DELICIIS
OB PACEM DESIDERATAM IN-
NUMERASQUE REX CALAMITOSIS
TEMPORIBUS NON TANTUM
ARMIS IMPERII AB OMNI
AEVO SEMPER INVICTIS SED
ET SAPIENTIA PRUDENTIA
ET JUSTITIA ANIMI SUI
REGII OPTIMIS VIRTUTIBUS
FELICITER PRECLARISSIMEQUE
PERACTAS MARCHIO MARIALVA
HOC MONUMENTAM C. ANNO
— MDCCCII. —

Isto è — O marquez de Marialva, fundou este monumento, no anno de 1802, em honra do augusto e fidelissimo principe regente, D. João, amor e delicias do povo portuguez, e pela paz desejada, e por outros innumeraveis beneficios, realisados feliz e honrosamente, n'estes tempos calamitosos, não tanto pelo poder das armas do reino, sempre, e em todas as eras invictas, como, graças ás suas eximias virtudes, pela sabedoria, prudencia e justiça do seu real animo.

—

Foi n'este palacio que se assignou a tristemente célebre *Convenção de Cintra* (30 de agosto de 1808) feita entre o execrando Junot, e o general inglez Dalrymple, e que foi ratificada no dia seguinte, em Torres-Vedras, para a total evacuação de Portugal, pelos exercitos de Buonaparte.

Os francezes, segundo o expresso na mesma convenção, embarcaram em Lisboa, nos primeiros dias de setembro, levando todas as suas bagagens, e com ellas, grande parte das riquezas d'este reino, que por todo elle haviam roubado!

Esta convenção desagradou a todos. Buonaparte exasperou-se contra Junot, e os inglezes mostraram tão pronunciada aversão a semelhante convenio, que o seu governo teve de mandar sahir de Portugal o Dalrymple, ficando Wellesley com o commando em chefe. Os portuguezes accusavam Dalrymple de traidor, por ter assignado uma convenção vergonhosa, com um inimigo vencido, concedendo-lhe levar tantos milhões em dinheiro, ouro, prata e preciosos objectos d'arte, que nos tinham roubado.

Tambem não faltou quem dissesse (talvez com fundamento) que o general inglez *negociou* esta convenção, recebendo uma boa porção de contos de réis.

O que é certissimo é que os francezes, quando em 30 de novembro de 1807, entraram em Lisboa, rôtos, descalços, e famintos, mais pareciam quadrilhas de salteadores, do que tropas disciplinadas — e quando, d'ahi a nove mezes foram (por esta primeira vez) expulsos, já hiam aceiados, gordos, nédios, e com immensas e riquissimas bagagens.

Eis como elles nos *libertaram do jugo dos inglezes*, e como vieram *semear a illustração e a prosperidade em Portugal*, prometendo *um Camões para cada provincia*, como elles diziam.

Apezar de tudo isto, acharam por cá muitos portuguezes degenerados, traidores á sua patria, que tomaram o seu partido — e, o que é mais escandaloso, ainda hoje os ha d'estes sentimentos. Bem dizia o nosso Camões:

.....tambem dos portuguezes,
alguns traidores houve, algumas vezes.

SETEMBRO — portuguez antigo — nome proprio de homem. (Doc. de Tarouca, de 1284.)

SÉTO — portuguez antigo — estacada, sévo — tapagem feita com páus ou ramos [1].

SETUBAL — cidade, Extremadura (ao S. do Tejo) cabeça do concelho e da comarca do seu nome — 152 kilometros ao N. de Béja, 38 kilometros ao SE. de Lisboa, 3:390 fogos.

Em 1768, tinha 2:934.

Tem actualmente quatro freguezias: *S. Se-*

[1] Quem sabe se de *seto* e *briga* (povoação da estacada) se fez Cetobriga?

bastião, com 930 fogos — *S. Julião*, com 920 — *Nossa Senhora da Annunciada*, com 1:130 — e *Nossa Senhora da Graça*, com 410.

Patriarchado e districto admininistrativo de Lisboa.

Em 1768, tinha cinco freguezias, a saber: *S. Sebastião*, tinha 1:140 fogos. A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha de rendimento 296 alqueires de trigo, 150 de cevada, e 20$000 réis em dinheiro.

S. Julião, tinha 690 fogos. O prior era da mesma apresentação, e tinha o mesmo rendimento do de S. Sebastião.

Nossa Senhora da Annunciada, tinha 890 fogos. O prior tinha o mesmo rendimento dos antecedentes, e era da mesma apresentação.

Nossa Senhora da Ajuda, tinha 74 fogos, e era da mesma apresentação. O parocho era capellão, curado, mas dava-se-lhe vulgarmente o titulo de prior. Tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 18$000 réis em dinheiro.

Esta freguezia foi supprimida, e a egreja destruida, e vendidas as suas ruinas ao conde Armand, que foi embaixador de França n'este reino.

A actual freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, comprehende os fogos que pertenceram á da Ajuda. (Vide *Ermida de S. Pedro d'Alcube.*)

Foi prior d'esta freguezia o famoso orador sagrado, padre Antonio da Costa Cordovill, freire conventual da ordem de São Thiago, e doutor em theologia. Escreveu e foram impressos, varios dos seus sermões. Recolheu-se ao convento da Arrabida, onde professou a regra de S. Francisco. Falleceu em 1679. (Vide *Setubalenses illustres.*)

—

O concelho de Setubal é composto de sete freguezias — as quatro da cidade, e Palmella, Villa Fresca d'Azeitão (S. Simão) — Villa Nogueira (S. Lourenço d'Azeitão.) Todas no patriarchado, e com 6:200 fogos.

A freguezia de Marateca, que tambem formava parte d'este concelho, está actualmente annexa á de Palmella.

A comarca de Setubal comprehende apenas o seu concelho.

—

O concelho de Palmella, e o de Azeitão (Villa Nogueira) foram supprimidos, por decreto de 24 de outubro de 1855 (sendo regente, o senhor D. Fernando Coburgo) e annexados a este de Setubal.

—

Pertence ao districto da 1.ª divisão militar, e é, actualmente, quartel do batalhão de caçadores n.º 1.

É comarca de primeira classe, no districto judicial da Relação de Lisboa, e comprehende trez julgados — o de Setubal, e os de Palmella, e Azeitão, formados pelos concelhos supprimidos.

Pertencem ao governo militar de Setubal, as fortalezas de *S. Philippe*, *Torre do Outão*, *Albarquel*, e *Arrabida*. O castello de Palmella, que tambem pertence a esta circumscripção militar, e que ainda é considerado praça de guerra (!) está, ha muitos annos, desartilhado e desmantellado.

As fortalezas mencionadas são classificadas de 2.ª classe.

É posto semaphorico, na Torre do Outão.

É Setubal uma das 18 capitanias dos portos, no departamento do centro.

Tem delegação de 1.ª classe, da alfandega grande de Lisboa.

Caminho de ferro

Tem um ramal do caminho de ferro do Sul e Sueste, e estação no seu terminus — a cidade. Tem este ramal sete estações — *Barreiro*, a 10 kilometros de Lisboa — *Lavradio*, a 12 — *Pinhal Novo*, a 15 [1] — *Alhos Vedros*, a 18 — *Moita*, a 26 — *Palmella*, a 33 — e *Setubal*, a 38. — Note se porem, que 10 kilometros são de rio, desde Lisboa até ao Barreiro.

—

Franklin não menciona nenhum foral velho, dado a esta cidade (talvez por lhe ter sido outorgado pelo mestrado da ordem de S. Thiago.) Tem foral novo, dado pelo rei

[1] A estação do Pinhal Novo é o entroncamento do caminho de ferro do Sul e Sueste, tanto de Lisboa a Serpa, como da mesma capital, a Beja, Extremoz, Casével, Evora, Evora-Monte, etc.

D. Manoel, em Lisboa, a 27 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 91, col. 2.ª — e *Livro dos Regimentos da Tabola de Setubal*, fl. 1 v.)

—

Está a cidade assente na margem direita do Sádo (que tem aqui 5 kilometros de largura) com dilatado porto para navios de todo o lote, mas a barra não é de tão facil entrada como a de Lisboa, porque alguns bancos de areia lhe obstruem a passagem. É defendida pela Torre do Outão, e dentro do rio, pelo forte de S. Philippe. Tinha mais o *forte da Conceição*, que hoje está transformado em quartel de caçadores n.º 1, mas ainda bem conservado; e o *d'Albarquel*. D'elles trato adiante.

Está em 38° e 28′ de latitude N., e 29′ de longitude Occid.

—

As armas de Setubal são — Escudo azul, e n'elle um castello da sua côr, tendo de cada lado uma cruz (encarnada) da ordem de S. Thiago. O castello está sobre ondas verdes, e n'ellas uma barca, cercada de peixes de prata.

Era encimada por uma corôa ducal, que lhe foi tirada em 1759, desde o supplicio do ultimo duque d'Aveiro.

(Vide *Chão-Salgado*.)

Nas côrtes dos Trez Estados, tinha assento no quarto banco, por provisão de D. João III, desde o anno de 1530.

Os duques d'Aveiro eram alcaides-móres de Setubal, até 1759.

Tem o titulo de notavel, concedido por D. João III, em 26 de setembro de 1525.

Por carta régia de 23 de maio de 1657, a rainha regente (na menoridade de D. Affonso VI) D. Luiza de Gusmão, concedeu o titulo de *leaes vassalos*, aos habitantes de Setubal.

O coronel do regimento de Setubal (infanteria n.º 7) offereceu á camara, em 1815, uma bandeira franceza; que o mesmo corpo tomou no dia 27 de fevereiro de 1814, a um dos regimentos do general Soult, na famosa batalha d'Orthez, na qual o regimento de Setubal muito se distinguiu, pela sua bravura e disciplina [1].

—

Estabeleceu-se em Setubal a terceira typographia que houve em Portugal, 43 annos depois da de Leiria (que foi a primeira) e 24 annos depois da segunda, que foi em Lisboa.

Em 1509, foram impressos em Setubal, os *Estatutos da ordem de S. Thiago da Espada*.

Adriano Balbi (*Essai statistique sur le royaume de Portugal*) e Antonio Ribeiro dos Santos (*Mem. de litterat.*, vol. 8.º) sustentam, com bons fundamentos, que a primeira typographia que houve em Portugal — e em toda a Peninsula — foi a de Leiria, onde se imprimiram as poesias do infante D. Pedro, em 1466, nove annos depois da descoberta da imprensa, por Guttemberg.

Em 1485, se imprimiu em Lisboa, na typographia hebraica, o *Secher Orach Chaiim* o *Pentatheuco*, em 1489 — e o *Cancioneiro geral*, de Garcia de Rezende, em 1516.

Illuminação publica

Em 1834, a camara mandou collocar dous lampeões, um em cada angulo dos seus paços. Eram os unicos de Setubal. Depois, se foram, pouco a pouco, pondo mais lampeões, todos alimentados por azeite.

Em 15 de agosto de 1863, appareceram

[1] A gloriosa victoria de Arther, em seguida á dos Pyreneus (30 de julho de 1813) — a tomada da praça de S. Sebastião de Biscaia (8 de setembro) — a victoria de Nivelle (7 de outubro) — a tomada das linhas francezas (10 de novembro) — e as gloriosas batalhas, dadas ao inimigo, entre o rio Nive e Adour, que nos fez ganhar a sangrenta batalha de Nive (13 de dezembro) e, finalmente a batalha e victoria de Orthez (tudo isto já em territorio da França) deu em resultado a entrada dos alliados em Bordeus, a 12 de março de 1814.

as ruas illuminadas a gaz, o que foi causa de justo regosijo para os habitantes de Setubbal.

Foi feita esta illuminação, por contrato celebrado entre a camara e o emprezario *Luiz Longe*. Este falliu, ficando a illuminação interrompida. A camara tomou então possse da fábrica e canalisação, depois de uma renhida demanda com os crédores de Lotuge. A cidade foi então illuminada a petrobleo, mas tornou a haver gaz, por contrato feitto com João Burgan, que passou os seus direeitos ao actual emprezario, o sr. Alfredo de Queiroz Guedes. Tem a cidade, mais de duzzentos candieiros de gaz, alem dos de petrobleo, nas extremidades da cidade, onde ainda não chega o encanamento do gaz.

Na noite de 12 para 13 de novembro de 1877, foram despedaçados por um, ou mais waandalos, vinte e dois candieiros da illuminação publica!

Praça do mercado

Tem um magnifico edificio para o mercado publico, diario, construido no sitio chamado *praia do Livramento*. Foi inaugurado em 31 de julho de 1876.

Fez o desenho da planta o sr. Marcellino Alldemão de Mendonça Cisneiros de Faria, apoontador das obras publicas.

Custou á camara 28:000$000 réis, e custa a crer como, com tão pouco dinheiro, se podesse fazer obra tão perfeita. Depois da *praaça do peixe e da hortaliça*, entre os passeios da Cordoaria e o das Virtudes, no Porto — e da nova praça, em construcção — no local onde existiu o forte de S. Paulo, no atêrro da Bôa-Vista — em Lisboa, é incomtestavelmente o mais sumptuoso edificio d'este genero, que actualmente existe em Portugal. Excede muito em magnificencia e aceio, os mercados da Praça da Figueira, do largo de Santa Clara, e da Ribeira Nova, em Lisboa; e os do Bolhão e do Anjo, no Porto.

As mezas do peixe são muito mais luxuosas, do que mesmo as da nova praça do peixe do Porto, onde quasi todas são de tábuas, quando as de Setubal são de bellissimo marmore, e em numero de vinte e seis, todas com os seus competentes escoadouros.

O peixe fresco é vendido debaixo de um elegante pavilhão (galeria descoberta) sustentado por columnas de ferro fundido. Fica á direita de quem entra. A fructa, hortaliça e legumes, ficam á esquerda.

Em volta da praça são tudo lojas de mercearia, de bebidas, de fructas e legumes (alem dos logares do centro da praça) talhos, armazens para deposito de sal e peixe salgado, etc.

Rende annualmente para a camara, réis 3:000$000, que, por emquanto, são destinados para o pagamento do capital e juros da divida contrahida pela municipalidade, para estas obras.

Antigamente, o mercado do peixe era na *Ribeira Velha*, pequena praça, rodeada de predios, e sem condições de aceio e hygiene.

A fructa, hortaliça e legumes, vendiam-se a um canto da praça do Sapal (hoje de Bocage.)

Cetobriga

Quando uma povoação perde a sua remota origem na noite dos tempos, é não só difficil, mas impossivel, marcar-lhe a época da sua fundação, e o nome do seu fundador, pois tudo se acha envolvido em hypotheses e opiniões, mais ou menos fundamentadas, e em fabulas, qual d'ellas mais absurda. Esta circumstancia se dá em Setubal, assim como em Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Santarem, Villa Nova de Portimão, Faro, e outras muitas cidades e villas, como temos visto em muitos logares d'esta obra.

Estou porem persuadido que a actual cidade de Setubal, não é tão antiga como muitos escriptores pretendem; porque — a cidade a que Claudio Ptolomeu Alexandrino dá o nome de *Cætobrix* — Antonio Augusto, *Catobriga* — Marciano Heracleota, *Castobrix* — e o anonymo Ravenate, *Cetobrica* — era indisputavelmente na margem esquerda do Sádo, em frente da actual Setubal, e no sitio hoje chamado *Troia*. Esta sim, que era antiquissima, e, com toda a probabilidade, fundação dos phenicios [1].

[1] Na divisão dos bispados da Lusitania, feita pelo rei Wamba, em 675, marca os limites do bispado de Salamanca, desde *Albe-*

—

Consta que o bairro do *Troino*, ao O. da cidade, foi a primeira povoação sobre a direita do Sádo, n'este logar, por ficar em terreno mais elevado do que Setubal. Não ha porem alli, um unico monumento (que eu saiba) do tempo dos romanos; nem ainda dos gôdos.

—

O terreno em que assenta a parte principal da Setubal de hoje, esteve por muitos seculos occupado pelas aguas. O Sádo tem, lenta mas progressivamente, diminuido aqui de nivel, abandonando a margem direita, ao passo que, levando as terras da margem opposta, se tem internado. Prova-se isto plenamente, porque, na prefuração que se fez em outubro de 1871, no Campo do Bom-Fim, em busca de agua, se encontraram muitos fosseis marinhos. Em muitos pontos dos arredores de Setubal, se encontram a alguns metros de profundidade, varias especies de conchas petrificadas, sendo em maior numero as *bivalves* — como acontece em toda a parte. — Nos outeiros da *Saúde* e *Lindo Retiro*, proximos da cidade, é onde se teem achado em maior numero, differentes variedades de conchas fosseis. Eu achei na Troia, uma esponja petrificada, que ainda conservo [1]. E as famosas *salgadeiras* da velha Cetobriga estão, actualmente, mesmo á beira da agua, quando, por certo, foram construidas em terreno superior ás maiores marés.

O nome de *Sapal*, dado ao largo, hoje chamado *de Bocage*, prova tambem que este sitio era um pantano d'agua salgada, depois de ser abandonado pelo rio. Este pantano chegava até ao mosteiro de S. João, como adiante veremos.

Essa raridade geologica que se vê ao E. da cidade, e a que o vulgo dá o nome de *Pedra furada* (e da qual adiante trato) é outra prova evidente do abaixamento do nivel do rio, como depois veremos.

As frotas romanas entravam aqui amplamente a toda a hora, e este porto era considerado o melhor da Lusitania, depois do de Lisboa. Hoje na barra, apenas ha quatro metros d'agua, no baixa-mar.

É tradição entre o povo, que ao sopé das pedreiras sobre que se construiu o castello de Palmella, chegava o Sado, e que alli houve em tempos antigos, grandes argolas de bronze, para a amarração dos navios. Isto não é muito acreditavel, porque então, tambem Cetobriga devia estar quasi submergida nas aguas do rio.

Mas, se a parte baixa de Setubal não era mais do que rio, no tempo dos romanos — e talvez mesmo durante o dominio gothico, e principios do árabe — não se segue d'ahi que os sitios mais elevados que cercam a povoação, não fossem habitados, desde tempos remotissimos; foram-o, o que está plenamente provado pelos instrumentos da *edade da pedra*, que por aquelles sitios tem apparecido, em differentes épocas, como adiante veremos.

—

A faxa de terreno onde existem os restos da velha Cetobriga (Troia) leva a crer que se estendia até á ponta do Outão, onde está a fortaleza, em cujos alicerces se encontraram os restos de um templo, dedicado a Neptuno [1]. Ora — nos escriptores antigos, vemos que os romanos construiram um templo ao deus dos mares, no *promontorio barbarico*, mas não dizem que foi na foz do *Calipus* (Sado). Esta circumstancia, e a tradição constante entre o povo, desde tempos remotos, de que a barra do Sado era na Comporta, induzem a crer que, com effeito, a barra antiga era mais ao sul, e — pouco

nia até SOTOBRA, e desde *Rusa* até *Sibera*. Quem sabe se a Cetobriga davam os gôdos o nome de *Sotobra?* — Esta palavra, facilmente se corrompia em *Setobra, Setoba*, e por fim *Setubal*.

[1] Em Setubal, fallei com um individuo, dos seus oitenta annos, que me disse, lembrar se perfeitamente, que, quando era rapaz, o rio chegava muito perto das casas que estão em frente d'elle.

[1] Segundo a tradição, e alguns escriptores, no sitio hoje chamado *Monte Formosinho*, ponto culminante da serra da Arrabida (está 546 metros acima do nivel do mar,, segundo Franzini) e onde agora se vê um marco geodesico, tambem existiu um outro templo gentilico; mas, se o houve, não resta d'elle o menor vestigio. (Vide adiante, *Templo de Neptuno.*)

mais ou menos — alinhando com a especie de golfo que o Sado faz até proximo de Marateca.

Que os arredores de Setubal foram habitados por essa raça de homens, cuja denominação hoje ignoramos, e que, por precederem os celtas, nos satisfazemos em lhes chamar *pre-celtas*, é cousa innegavell. Mas d'onde vieram esses aborigenes? Seriam chaldeus? Babylonios? Gregos? Phenicios? Iberos? — É o que ninguem póde dizer, com certeza.

Principiemos pelo nome (primitivo?) da antiga Setubal, primeira duvida, e primeira causa de contestação entre os archeologos.

Segundo alguns escriptores hespanhoes, CETOBRIGA é nome composto de duas palavras phenicias — *ceto*, que significa peixes grandes (baleia, tubarão, atum, corvina, etc.) e *briga*, cidade ou povoação — vindo portanto a ser — *cidade dos grandes peixes* — ou *das grandes pescarias*.

Outros escriptores da mesma nação sustentam que o primeiro nome de Setubal, foi *Cetuba*, de *ceto*, pescaria — e *uba*, porto — e significa porto, ou rio da pescaria [1].

Mas a opinião mais seguida pelos antigos, e que hoje é negada obstinadamente (não sei por que) por quasi todos os escriptores modernos — é que o primeiro nome de Cetobriga, era este mesmo, e que significa em chaldeu *Ce-Tubal*, ou *Sé-Tubal*, que quer dizer, povoação, ou assento de Tubal.

Florian do Campo — hespanhol, natural de Zamora, diz — «Entrando Tubal em Hespanha pela barra do Sado, se agradou tanto d'estes sitios, que fundou aqui uma povoação, a que dera o seu nome.»

O mesmo diz Garibai (tomo 1.º, livro 4.º, cap. 1.º)

O nosso frei Bernardo de Brito, e com elle, TODOS os antigos escriptores portuguezes, dizem que *Tubal*, quinto neto de Japhet, terceiro filho de Noé, aportára á Lusitania, pelos annos do mundo 1800 (2:204 antes de Jesus Christo) com grande numero de chaldeus, e que, aprazendo-lhe o territorio hoje chamado *Troia*, ahi fundou uma povoação a que deu o seu nome — *Sethubalo*, que na sua lingua, significa *ajuntamento de Tubal*. Que, com o tempo, cresceu a população, pelo que, Tubal, mandou parte d'ella internar-se no paiz, hindo estabelecer-se nas margens do Ebro.

Ha ainda outra etymologia com respeito a Setubal — é a seguinte — Tubal, fundando a povoação, lhe deu o nome do seu quarto avô — *Seth* — ficando a denominar-se *Sethobriga* — cidade de Seth. (Vide *Seto*.)

Supponhamos que todas estas opiniões e etymologias, são meras fabulas: provam ellas, pelo menos, que Cetobriga é uma povoação cuja origem se perde na noite dos tempos, e que não é possivel marcar-se-lhe hoje a data do seu principio.

Pelos annos 1700, um nobre morador de Setubal, e vereador da camara, em uma *relação* que deu a frei Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano*, 2.º, pag. 416) diz:

«A Troya, que hoje se vê, he cinza anti-«quissima do que foy Setuval, a antiga, ou «Cetobriga, fundação de Tubal, e que seus «moradores se passaram para onde hoje se «vê fundada Setuval.

«No tempo que n'ella se fundaram as ca-«sas, e estalagens, achei muytas moedas «de cobre, de cujas inscripções conheci se-«rem dos Emperadores Romanos, e serem «muytas, feitas, ou lavradas, mais de duzen-«tos annos antes que Christo viesse ao «mundo.

«Achey sepultado na areia, ou debaixo «d'ella, hum templo gentilico, com columnas «e capiteis, de que ainda hoje tenho hum «de notavel fábrica.

«Achey muytas sepulturas, com as ossa-«das de corpos humanos, outras, só com as «cinzas: outros corpos pequenos, metidos «em vasos de barro. Muytas sepulturas fei-«tas de adobes, e outras de pedra vermelha, «muyto fina; e muyta cantidade de prégos «e ferrolhos, de bronze, sem haver entre «elles, cousa de ferro. Pássaras de vidro «azul, cercadas de candieiros de barro, e «aos pés d'ellas, moedas de cobre, ao modo «de offrendas.

[1] Vide a nota á palavra SETO, portuguez antigo.

«Em distancia de quasi huma legoa, está «toda a Troya cheya de alicerses de casa«rias, que tudo são *ruinas, das quaes pre«sumo se lhe derivou o nome de Troya,* a «respeito da grande povoação que antes ti«nha sido; cuja grandeza, na minha opinião, «sepultaram as areias, porquanto d'ellas está «cheya.

«No tempo em que n'esta villa de Setuval «começou a fortificação, se achou n'ella um «forno de cal, e se averiguou, ser feito, ha«via mais de duzentos annos, e com ella «começou a fortificação. Ha n'ella fornos de «tijolo, não havendo barro, nem apparecen«do; do que se póde collegir que as areias «que sobrevieram sobre a terra, por esta, «ou por aquella causa, sepultaram tudo, e «ficou a areia sobre a terra antiga.

«Ainda achei cepas de vinha, e oliveiras, «e figueiras que ainda hoje existem.»

—

Para se escrever a historia da velha Cetobriga, que é tão ligada com a da actual Setubal, e todas as fabulas, descripções, etymologias e opiniões dos innumeros escriptores que trataram d'este assumpto, seria precizo uma obra em tantos volumes, como todos os d'este diccionario. Deixemos porem os tempos pre-historicos, e sigamos o que dizem os geographos e historiadores romanos, por certo, menos sonhadores do que os escriptores hespanhoes e portuguezes dos seculos XVI, XVII e XVIII.

—

Caio Plinio. que percorreu a maior parte da Peninsula Iberica, e que residiu na Bética, como intendente de Vespasiano, descreve a costa da Lusitania, desde o *Ana* (Guadiana) até ao *Durius* (Douro) e diz que esta região era habitada pelos *bastulos* e *túrdulos.*

Plinio (o naturalista) e Pomponio Mella, dizem que os turdulos estânciavam entre o Tejo e o Douro, e que *os bastulos habitavam o territorio de Cetobriga, antes da dominação romana.*

Strabão, descrevendo a costa da Lusitania, desde o *Promontorio Sacro* (Cabo de S. Vicente) falla no *paiz dos bastulos* em geral, que eram os habitantes d'esta costa, e, depois, em especial, mencionava *um povo que habitava uma estreita faxa de terra, junto ao mâr.*

Ptolomeu, dá aos povos que habitavam esta *faxa,* o nome de *bastulos-penos.* Appiano os denomina *bastulos phenicios,* que vem a ser o mesmo, porque *phoenices, poenices, punici,* e *poenice,* significa *vermelhos, erytrios,* ou habitantes do Mar-Vermelho, ou Erytrem — hoje Golfo da Arabia.

Estes phenicios chegaram ao litoral da nossa Peninsula, pelos annos do mundo 3050 (954 antes de Jesus Christo) e fundaram primeiramente a actual cidade de Cadix, depois se foram estendendo para o norte do Guadiana. (Para evitarmos repetições, vide no 6.º vol., pag 143, a palavra *Sidonia* — e a pag. 5 do 7.º vol., a palavra *Phenicios.*)

Parece que já aqui acharam os bastulos, é que por isso se chamaram *bastulos penos.*

Collige-se de Strabão e de Aviena, que estes phenicios occuparam Cetobriga (ou a fundaram) 150 annos depois de Cadix, porque dizem que chegaram aqui no anno 804 antes de Jesus Christo.

Quer os phenicios achassem já fundada Cetobriga, quer fossem os seus fundadores, é incontestavel que elles aqui habitaram por muitos annos, o que se prova pelas antiguidades phenicias, que, em differentes épocas, aqui teem sido achadas.

O que é certo, é que no seu tempo, já o Sado sahia pela barra actual, o que facilmente se prova pelas salgadeiras, construidas á beira do rio. Se este ainda desaguasse pela Comporta, ou por ahi perto, as salgadeiras estariam na parte meridional de Cetobriga.

Mesmo que as salgadeiras sejam obra dos romanos, como é opinião geral — e tudo induz a acreditar — já se vê que foram construidas quando o Sado corria por onde hoje corre.

—

Vemos do 3.º volume d'esta obra, pagina 401, que o Itinerario attribuido ao imperador Antonino Pio, designando as terras atravessadas por uma das trez vias militares romanas que de Lisboa se dirigiam a Méri-

da, então capital da Lusitania, diz que — de Lisboa a *Equa-bona* (Côina) são 12:000 passos — de Côina a *Catobriga*, 12:000 passos — de Catobriga a *Caeciliana* (Agualva) 8:000 passos, que correspondem a 2 kilometros, e é a distancia de Troia a Agualva.

—

Alguns escriptores dizem que *Equa-bona* era a actual *Agua de Moura.*—Brandand diz que as ruinas da *Caeciliana Castra*, de Plutarco, estão entre *Agualva* e *Aguas de Moura.*

Ainda outros geographos antigos, dizem que a *Caeciliana* dos romanos é a actual villa das *Alcáçovas;* mas é de notar que esta villa fica a 35 kilometros de Troia, que vem a ser 28:000 passos, e não 12:000, como lhe marca o *Itinerario.* Tambem outros dizem que *Alcáçovas* é a *Castraleucas* dos romanos.

—

Segundo Hubner, esta via militar romana (a terceira de Lisboa a Merida) é o complexo de duas estradas differentes — a de Lisboa a Evora, passando por Salacia (Alcacer do Sal)—e outra para a mesma direcção, atravessando algumas povoações ao sul do Guadiana.

Alem d'isso, é grande a confusão com respeito á contagem das milhas, porque se ignora se ella principiava em Lisboa, ou em outro qualquer ponto, ao sul do Tejo, cuja largura (para maior confuzão da contagem) varía entre 4 e 15 kilometros.

O dr. Hubner sustenta que a situação de Equa-bona (a *Abona*, do geographo de Ravena) é completamente incerta, assim como a primeira estação, não obstante affirmarem todos os escriptores, que é Coina.

Outra duvida — e não pequena: Suppondo effectivamente que a primeira estação da via militar fosse em Coina, não sabemos em qual das duas — porque ha *duas Coinas*, ficando uma a 10 kilometros da outra [1].

A primeira é a freguezia de Coina, concelho do Barreiro, sobre a esquerda do Tejo, e ao fundo de um braço que alli mette este rio, e ao qual chamam *ribeira de Coina.* (Vide *Seixal.*)—A segunda é *Coina-Velha*, aldeia, da freguezia de Villa Nogueira, extincto concelho d'Azeitão, hoje de Setubal. Esta fica sobre a estrada d'Azeitão para Cezimbra, e ao SO. da primeira.

O nome de *Coina-Velha* faz-nos acreditar que foi aqui a tal Equa-bona, dos romanos; e, para maior confusão, a distancia é egual, ou com pequena differença, de Lisboa a qualquer d'estas Coinas.

Se a via militar era por Coina-Velha, devia passar entre o actual castello de S. Philippe e a fortaleza do Outão, hindo ter á parte occidental de Cetobriga.

Mas quem sabe se esta estrada nunca passou de projecto, e do *Itinerario* (como ainda hoje acontece a muitas das nossas obras publicas) ou se seguia um rumo muito diverso?

O que é certissimo, é que, entre o Tejo e o Sado *não apparece o mais leve vestigio de semelhante estrada, nem um unico marco milliar.*

—

Outra duvida, e que nos põe em grande confusão: — Se a Caeciliana dos romanos era entre Agualva e Aguas de Moura — e se a actual freguezia de *Marateca* (unida á de Palmella) é a *Malececa*, dos romanos, como dizem quasi todos os antiquarios, a via militar era mais pelo ENE. da actual Setubal, dirigindo-se da Côina (do Barreiro) ao *Pinhal Novo*, ou proximidades, d'ahi a Aguas de Moura, Marateca, Santa Suzana e Alcáçovas; e não podia passar por Cetobriga. Mas tambem por ahi não ha vestigios de semelhante estrada, nem de marcos milliares.

—

N'esta barafunda de opiniões, e na ignorancia da verdadeira *directriz* da estrada romana por estes sitios, tratemos de cousas de que ha noticias mais certas, ou, pelo menos, mais provaveis.

—

Já a paginas 21, col. 2.ª, d'este volume, mencionei a portaria do ministerio do reino, de 8 de novembro de 1847, que manda ás camaras escreverem os seus respectivos *An-*

[1] Até verdadeiramente, ha por estes sitios trez *Coinas* — a do Barreiro, e duas na freguezia de Villa Nogueira de Azeitão—*Coina Velha de Cima*, e *Coina Velha de Baixo.*

naes do Municipio.—Disse alli, e é verdade, que *nem uma só camara fez caso de semelhante portaria.*

Em Setubal ha um cavalheiro (empregado da camara municipal) pessoa de grande illustração, muito investigador, e mesmo excellente poeta, ao qual a camara encarregou de colligir todos os apontamentos concernentes á velha e nova Setubal, os quaes foram entregues a A. Pimentel, que os publicou (por conta da camara) em 1879, sob o titulo de *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal.*

D'este livro, e de grande numero de esclarecimentos que devo á obsequiosa amisade do meu esclarecido amigo, o sr. Manoel Maria Portella (o cavalheiro a quem acima me refiro) e de outros muitos e variados apontamentos que pude obter, vou extrahir o que for aproveitavel para este artigo; resumindo-o quanto possivel.

Nem sempre sigo a opinião do sr. Portella (do que lhe peço desculpa) mas aquella que julgar mais livre do perigo de errar; juntando tambem as narrações de outros escriptores, e tudo quanto encontrar digno de nota, com respeito á formosa cidade de Setubal.

—

Segundo o nosso famoso antiquario, frei Luiz de Souza (*Hist. de S. Dom.*, parte 3.ª, cap. X) o sapal de Setubal chegava até ao logar onde se construiu o mosteiro de S. João, porque tratando d'este mosteiro, diz:

«Não se advertiu, ao tempo que se come-«çou o edificio, que era logar baixo e apau-«lado. Como entrava o outono, ferviam e «apodreciam, com a força do sol, *aquelles «charcos*, que a cercam (a casa religiosa) e «lançavam de si, pestilencias e vapores.

«E, como o ar é o alimento mais continuo «do corpo humano, causaram fortes doen-«ças. Ás primeiras em que fizeram mais «impressão, foram as fundadoras; creadas «em outro ceu, desde meninas, sentiram «logo a differença, e adoeceram todas, umas «atraz das outras.»

Parece que o Sado invadia todos os pontos baixos de Setubal, formando differentes estteiros, ou vallas, mais ou menos largos e profundos.

Suppõe-se que a irmandade da Misericordiaa esteve antigamente na egreja de Santa Maaria dos Anjos, no sitio que se chamava *Saipal do Trôino.* Proximo d'esta egreja, haviaa uma praia inculta, que foi dada por D.. Affonso V, em 1444, a Alvaro Dias, o que comsta de uma *carta de sesmaria*, feita em Setubal, a 21 de maio do dito anno, por Afffonso de Santarem, escolar em leis, e corregedor.

Na tal praia tinha havido marinhas de sall, que estavam já então abandonadas (por terr fugido o rio, para maior distancia). Alvaro Dias plantou vinhas e hortas, que depois legou, por sua morte, á confraria de Nossa Senhora da Annunciada. Este terreno pertenceu depois a Justa Rodrigues Pereira, que alli mandou construir o mosteiro de Jesus, como adiante veremos.

—

Não se sabe desde quando se principiou a chamar Troia á velha Cetobriga, e tambem é objecto de controversia entre os escriptores. Dizem uns, que se lhe mudou o nome, por se parecer—depois de arrazada—com a famosa Troia, da Pequena Phrygia, depois que foi reduzida a cinzas pelos gregos, no anno do mundo 2820 (1184 antes de Jesus Christo).—Outros dizem que, tendo as aguas do archipelago grego (mar Jonico, que fica a 6 kilometros de Troia) invadido esta cidade, na sua retirada, a deixou coberta de areia; e que a Cetobriga, por lhe accontecer o mesmo, se deu o nome de Trroia [1].

[1] Alguns escriptores que tratam da Troia grrega, dizem que não foi o mar Jonico, mas o rio Scamandro, que invadiu a cidade, e a sepultou em areia.

Não se sabe agora com certeza, o sitio onde existiu Troia—dizem alguns, que foi onde hoje se vê a povoação de Bunarbachi; mas a opinião mais seguida, é que foi onde hoje está a aldeia de Hissarlik. Ha aqui muitas ruinas de uma grande cidade, e perto do vau do rio Scamandro, ainda se vêem os restos de dous tumulos, que, segundo a tradição, foram n'elles sepultados Achilles e Patroclo. Todo este territorio pertence (por emquanto...) á Turquia.

Sustentam outros que Troia é corrupçãão de Cetobriga — será, mas duvido. Estes preetendem que foram os arabes que lhe mudaram o nome; porque, não podendo, na suua lingua de trapos, pronunciar Cetobriga oou Cetobrica, diziam *Troia*. Contra esta opiniãão ha outra, segundo a qual, foram os godoos, que, pelos annos 450, lhe principiaram a chamar Troia [1].

Tambem se diz que Setubal é corrupçãão de Cetobriga; porque os antigos tamberm diziam *Cetóbala* e *Setobra*, e era facil a conrrupção para Setubal.

O que é verdade, é eu ter visto em livrcos antigos o nome d'esta cidade escripto de ddiversos modos — *Setubal, Setuval* e *Cetuvaal*.

No meio d'esta barafunda, é melhor ddizermos que nada se sabe de positivo e conncludente, quanto á fundação e destruição dde Cetobriga.

O que é fóra de toda a duvida, é ter siddo uma povoação florescente, no tempo ddos phenicios, e ainda mais, durante a dominaação romana.

—

Julga-se que a invasão das areias, não ffoi repentina, mas operou-se pouco a poucco, dando logar a que os moradores de Cettobriga fossem mudando para o actual bairrro do *Trôino*, á medida que as suas habitaçõões hiam sendo invadidas pelas areias, danddolhes tempo de despejarem as casas; porquue, nas escavações que ha muitos annos e poor innumeras vezes, se tem feito em Cetobrigga, muito poucos utensilios domesticos se teeem achado, e nem um unico cadaver nas casaas, que todas apparecem quasi vasias; pois (os objectos que teem sido achados não são nadda em relação aos que deveria conter uma ppovoação, provavelmente rica, pelo seu conmmercio [2].

O que é innegavel, é que a invasão ddas areias, teve logar durante o dominio dos romanos, e que, quando em 405 a Lusitania foi invadida pelos barbaros do norte, já Cetobriga não existia. Isto prova-se porque todos os objectos que teem alli sido achados, são incontestavel e exclusivamente romanos.

—

Para os meus leitores que nunca viram Cetobriga, dir-lhes-hei em poucas palavras, o que ella é hoje.

Pouco adiante da entrada da barra, á mão direita de quem entra (margem esquerda do rio) entra a maré uns 400 metros pela terra dentro, formando um *pontal* ou pequena peninsula. É aqui que principia a parte occidental de Cetobriga. (Ao esteiro dão o nome de *Lagôa da Troia*.)

Este esteiro já existia no tempo dos phenicios, que d'este lado construiram um caes, ou um muro de resguardo, do qual ainda ha clarissimos vestigios. São pequenos lanços de parede, com as pedras tão solidamente ligadas entre si, com uma argamaça desconhecida, que, cada lanço fórma, por assim dizer, uma só pedra. Só partindo um pedaço, se póde saber a materia de que é formada a parede, porque está totalmente coberta de uma grossa camada de conchas. Isto revela uma antiguidade de muitos seculos.

Na margem do referido esteiro, do lado de Cetobriga, ha uma grande casa desmantelada, pertencente ao sr. Cabral (mórgado da Troia) de construcção moderna, e que foi evidentemente edificada com os materiaes da velha Cetobriga. São pedras de differentes qualidades, tijolos, e cacos de telha, que bem mostram terem servido em varios edificios antigos.

Um pouco mais acima d'esta casa, foi desenterrado parte de um edificio que me pareceu mosteiro de vestaes, composto de algumas cellas circulares, e outras casas. O pavimento é construido de pedrinhas muito miudas, incrustadas em argamaça, perfeitamente alizada e durissima; mas os vandalos modernos o teem desfeito, a picão, em muitas partes, pelo simples prazer de destruirem. Nas paredes interiores, ainda

[1] Ainda em Portugal ha outra Troia. É rna provincia de Traz-os-Montes. Vide 5.º vobl., pag. 407, col. 2.ª

[2] Talvez que já n'esta época se desse a Cetobriga o nome de Troia, porque os cettobrigenses, mudando-se para a outra margeem do rio, poseram á nova povoação o nome de Troino. que, segundo alguns, significa *pequena Troia*, ou *Troína*.

se vêem pinturas a fresco, com as côres tão vivas, como se fossem pintadas hoje.

A pouca distancia, e no meio da faxa, se desenterrou parte de um edificio (que, no estado actual, parece um poço.) Parece-me ter sido uma torre, ou um pequeno templo, pois tem de cada lado um nicho, como para ter estatuas.

Mais abaixo, e já sobre a margem do rio, e em frente da cidade, se vêem os restos de uma casa, mas só a alvenaria, porque o mais tem sido roubado, o que faz com que a casa esteja ameaçando imminente ruina.

Como a casa do mórgado, foi evidentemente construida com materiaes dos antigos edificios.

Sobre a margem do rio, e em distancia de muitos metros, se vêem os restos das famosas *salgadeiras*. São de differentes formas e tamanhos, e todas construidas de argamaça e pedra miuda, formando um todo prodigiosamente solido e tenaz; de modo que as ondas desfazendo-as em parte, lhe arrancam grandes pedaços de parede, ou do pavimento, que se vêem espalhados pelo areal, como se cada um d'estes pedaços fosse feito de uma só pedra.

Ainda na Troia se vê uma casa terrea, mas caiada e telhada, onde, segundo me disseram, esteve escondido muitos dias (em 1828) o marquez de Loulé (depois, primeiro duque do mesmo titulo) com a nossa infanta D. Anna de Jesus Maria, sua mulher, esperando navio para se transportarem á Inglaterra.

A casa está deshabitada, e ameaçando proxima ruina.

Ermida da Senhora da Troia

Não pude saber o anno em que foi construida, mas não remonta alem do seculo XVII. Tem capella-mór, que foi toda revestida de formosos azulejos, representando scenas da vida da Santissima Virgem — e o corpo da egreja, que é bastante espaçoso. Entra-se por um alpendre, para um vestibulo, e depois para a ermida, tudo alinhando com esta, e da mesma largura. Á esquerda de quem entra, está a casa do eremitão.

Esta ermida era dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e a sua festa se faza a 15 d'agosto, sendo sempre muito concorrida, porque o povo de Setubal tinha muita devoção com esta Senhora, que era de estatura natural, e de boa esculptura, em marmore.

Esta ermida, assim como toda a Troia, pertencia á parochia de S. Sebastião, de Setubal.

Esta ermida não é a primittiva (que era antiquissima) mas uma reconstrucção *a fundamentis*.

Parece que a antiga devoção dos setubalenses, á Senhora da Troia, se converteu em odio! Causa horror a devastação que elles alli teem feito! A armação e telhas foram roubadas, assim como a cantaria de portas e janellas. Apenas existe intacto o arco cruseiro, que está tão bem conservado, e tão branco, como se fosse hoje assente.

Dos azulejos que revestiam a parede interior da capella-mór, poucos restam inteiros, porque os vandalos do seculo XIX os teem destruido. Os proprios *touristas*, teem ajudado a este vandalismo, arrancando azulejos para levarem para as suas terras, como lembrança de terem estado na Troia!

Quando se principiou a desmantelar a ermida, levaram a imagem da padroeira, para a ermida do Senhor Jesus da Boa Morte, da cidade.

André de Rezende, diz que a capella da Senhora da Troia foi, no tempo dos romanos, um templo dedicado a Jupiter Amnon [1]. Seria, mas da ermida que viu André de Rezende, não ha vestigios, porque foi totalmente demolida para se construir a actual que, como já vimos, é de fabrica muito moderna, e nem uma só pedra da ermida apresenta signaes de ter pertencido a outro templo: apenas o alpendre parece ser de construcção mais antiga.

[1] Consta que em um nicho, sobre a porta da antiga capella, se via uma cabeça de carneiro, em marmore, o que — a ser verdade — prova que, com effeito, aquillo tinha sido um templo dedicado a esta divindade mythologica, pois o carneiro era o emblema de *Jupiter Amon* (*Jupiter carneiro!...*) porque se transformou n'este quadrupede, para levar a effeito uma das suas travessuras.

Diz o mesmo antiquario, que viu sobre a porta da ermida uma estatua de marmore, vestida de estola, mas já sem cabeça, que depois esteve embutida na parede do palacio dos Salemas, que era a um canto da praça do Sapal (hoje de Bocage). Diz que tambem achou uma lápide funeraria, de bello marmore branco, que foi para o mosteiro carmelita de S. João.

O claustro d'este mosteiro foi, depois de 1834, transformado em uma praça de touros (!!!) e a tal lapide desappareceu então.

Julga-se que a causa d'esta e de outras descobertas, foi uma invasão do mar, que arrastando as areias, deixou a descoberto uma pepuena parte da velha Cetobriga.

—

Ha em Cetobriga uma abundante pedreira de *silex pyromico* (pederneira) [1].

Ha tambem uma nascente de optima agua potavel, muito digestiva. Usei d'ella com excellente resultado para o meu padecimento do estomago [2].

Não vi em Cetobriga — ou Troia — mais nada digno de menção, quando. em 1876, alli fiz frequentes visitas.

—

Dizem os historiadores, que, depois da guerra de Troia, muitos vencidos e vencedores, atravessaram o Archipelago grego, ou mar Jonico (hoje vulgarmente chamado *Mar do Levante*) e se espalharam pelas costas do Mediterraneo, e alguns, como Ulysses e Diomedes, passando áquem das *Columnas de Hercules* (Estreito de Gibraltar) andaram pirateando pelas costas do Atlantico, desde Algeciras até ao littoral gallego, ficando muitos d'elles por estas regiões.

Quem sabe se estes gregos, que invadiram a nossa Peninsula, uns 400 annos antes dos phenicios, seriam os fundadores de Cetobriga, que denominariam *Troia*, em memoria da destruida cidade grega; e se os celtas (gallos-celtas) que vieram uns 50 annos antes dos phenicios, dessem a esta povoação o nome de Cetobriga, evidentemente celta? —Mysterio!

—

Foi desde o principio do seculo XVI que se começou a dar importancia á povoação soterrada de Cetobriga; achando-se então, por varias vezes, restos de edificios, alguns objectos d'arte, e utensilios de uso domestico.

No reinado de D. Maria I, é que se deu principio a escavações com mais algum methodo e cuidado; e foi então que se acharam varias medalhas romanas, e differentes objectos de marmore ou de bronze, que foram para a bibliotheca publica de Lisboa.

Em uma escavação, feita em 1814, encontrou-se um caixão, contendo um esqueleto humano, que se fez em pó, apenas se expôz ao ar. Tambem então appareceu uma alampada, um castiçal e uma *patera* (vaso que servia nos sacrificios) tudo de prata. A patera foi para o palacio do marquez de Palmella (pae do primeiro duque do mesmo titulo) e os outros objectos, para casa do general, D. Rodrigo de Lencastre, então governador de Setubal. (Vide vol. 2.º, pag. 258, col. 2.ª)

Em 1849, se fundou em Setubal a *Sociedade archeologica lusitana*. (Vide o mesmo 2.º vol., pag. 259, col. 2.ª)

Procedendo esta sociedade a escavações, ficaram a descoberto os restos de alguns edificios e varios objectos e medalhas, constantes das duas relações seguintes:

1.ª RELAÇÃO

1 annel d'ouro.

1 columna de marmore azulado, de 1m,76 de alto, e 0m,33 de diametro, na sua maior

[1] O silex é um quartzo compacto, de origem concrecionada.

Os mineraes de silica, mais ou menos pura, dividem-se em *quartzo*, *calcedonia* e *ágatha*. A pederneira é uma variedade de silex.

É *silicosa* a substancia mineral que contem a silica, combinada ou apparente. Silicosa é synonymo de quartzoza.

[2] Encontrei em Cetobriga um pobre homem, hydropico, de Cezimbra (unico habitante da Troia) guardando um rebanho de ovelhas, pelo que ganhava oito vintens por dia! — Sujeitou-se a esta solidão, e a este insignificante sallario, deixando mulher e filhos, que não podia sustentar, só para fazer uso da agua da Troia, e disse me que, se não estava curado, pelo menos tinha sentido grandes alivios.

grossura, com sua base, e capitel corynthio.

2 mós de moinho de mão.

1 prego de cobre, de 0m,22 de comprimento.

1 alvião de ferro, muito oxidado.

1 estylo, de marfim.

1 alfinete grande, de marfim.

1 agulheta da mesma materia, quebrada.

1 agulheta de fazer rêde.

1 fragmento de verde antigo.

1 fragmento de porfido verde.

1 prato grande de barro saguntino, quebrado, mas unido com grossos *gatos*, de chumbo.

2 alampadas perfeitas, de barro saguntino.

1 fragmento de uma substancia mineral, clara e transparente, mui semelhante a camphora.

2 vasos de barro ordinario, semelhando as actuaes panellas, sem azas.

1 fundo de um d'estes vasos, contendo ainda restos de carne e ossos.

2 vasos, semelhantes a tijellas, contendo um d'elles, ainda restos de comida.

2 vasos com a fórma das actuaes almotolias.

2 vasos semelhando os nossos cangirões.

2 vasos, semelhantes a pucaros.

7 amphoras de fórma conica, quasi todas quebradas.

5 amphoras de fórma cylindrica, algumas quebradas.

7 alampadas, quasi todas quebradas.

1 vaso lacrimatorio.

4 tijolos—sendo, um dentado, outro quarteado, outro circular, e outro semi-circular.

1 telha, de barro amarello.

Differentes telhões; fragmentos de paredes pintadas, e muitas outras pequenas antigualhas.

Quando eu alli estive, em 1876, encontrei na praia, junto ás salgadeiras, grande numero de restos de vasos, de barro ordinario, de differentes fórmás; provavelmente despresados pelos escavadores, por terem pouco ou nenhum valor archeologico.

2.ª RELAÇÃO

Moedas de prata:

1 de Vespasiano—e outra de Alexandre Severo. Esta *forrada.*

Moedas de bronze:

1 de Trajano.
1 de Antonino Pio.
1 de Gordiano Pio.
2 de Constancio Chloro.
1 de Licienio Senior.
1 de Maxencio.
8 de Constantino Magno.
2 de Crispos.
6 de Constantino Junior.
3 de Constante.
1 de Magnencio.
2 de Decencio.
14 de Flavio Julio Constancio.
17 de Constancio Gallo.
2 de Juliano, apóstata.
80 de Valentiniano Senior.
341 de Graciano.
34 de Valentiniano Junior.
185 de Magno Maximo.
418 de Theodosio Senior.
1 de Vespasiano.
1 de Alexandre Severo.
4 de Facilla.
228 de Arcadio.
210 de Honorio.
1 de Roma galeada.
2 de Constantinopla galeada.
434 Frustas. (Que se não podiam ler, por oxidadas.)

Ao todo—DUAS MIL E NOVE MEDALHAS.

—

Em 17 de setembro de 1872, a camara de Setubal enviou ao governo as vistas photographicas de algumas das ruinas de Cetobriga, e de varios objectos achados n'aquellas ruinas, pela *Sociedade archeologica lusitana*, pedindo que officialmente se procedesse á continuação das explorações; mas o governo queria o dinheiro do povo, para salarios de galopins e para as grandes despezas de eleições, e não deu resposta.

Em 1875, organisou-se em França uma *Sociedade anonyma*, para as investigações de Cetobriga, por iniciativa de Mr. Blin, es-

tabelecendo para fundo da sociedade 600:000 francos (114:000$000 réis.)

Esta sociedade comprou ao proprietario de Troia, o sr. Cabral, todo o terreno onde existiu esta *cidade morta*, por 38:000$000 réis [1].

O sr. Blin está actualmente em Setubal, dirigindo os trabalhos da exploração, como gerente da sociedade, debaixo das indicações do engenheiro Biaggi, que veio a Troia em dezembro de 1875; mas estes trabalhos são feitos com pequeno pessoal, e com grandes interrupções, [2] e apenas tem posto a descoberto uma *columbaria*, um annel d'ouro ornado de esmeraldas, duas medalhas, e uma alampada sepulchral.

Os romanos tinham *columbar*, *columbarium*, e cinco qualidades de *columbarias*.

Columbar, era uma machina de madeira — especie de canga — com trez buracos, nos quaes se entalava a cabeça e as mãos dos delinquentes, umas tantas horas por dia. Dava-se-lhe o nome de *columbar*, pela tal ou qual semelhança que tinha com os buracos de um pombal.

Columbarium, era propriamente o pombal, pouco mais ou menos, construido como os de hoje; mas sendo a maior parte d'elles muito mais amplos do que os actuaes, e contendo 4:000 a 5:000 pombos. (*Varro*, R. R. III, 7; *Pallad*, I, 24)

Columbaria (*1.ª*) — buracos, ou cellulas separadas no pombal, para cada casal de pombos.

Columbaria (2.ª) — nichos de um carneiro, ou sepultura de familia, onde se depositavam as urnas, contendo as cinzas dos mortos. Cada um d'estes nichos tinha a sufficiente largura para duas urnas. (É por isto, que se deu a estes monumentos o nome de *columbaria*, pois que semelhavam as ceilulas onde se recolhia um casal de pombos.)

Columbaria (*3.ª*) — os buracos feitos no costado de uma embarcação, para por elle passar o remo. Dava se-lhe este nome, porque o barco parecia, exteriormente, um pombal.

Columbaria (*4.ª*) — cavidades ou buracos, nas paredes de um edificio, onde descansavam as traves.

Columbaria (*5.ª*) — Segundo Vitruvio, X, 4.º, era o cano por onde a agua de um pôço, aspirada pela bomba, hia cahir no tanque.

A sociedade franceza tem por fim, não só investigações archeologicas, mas tambem a plantação de vinhas e laranjaes, e estabelecimento de piscinas na lagôa de Troia; mas, por emquanto, ainda não deram principio a explorações agricolas.

—

Já é tempo de deixarmos a velha Cetobriga ou Troia, e tratemos agora da actual

Setubal

Não ha n'esta cidade — que eu saiba — monumento algum romano, nem gôdo, nem mouro. É provavel que no meiado do seculo XII fosse uma povoação insignificante, reduzida, talvez, ao actual bairro do Troino; tanto que nem tinha termo proprio, que só lhe foi demarcado em 1343, como adiante se verá.

Diz-se porem que a fortaleza de *Albarquel* foi primitivamente construida pelos mouros; e, com effeito, arbaquel é um substantivo árabe, que significa *forte*.

Em 715, os emires Tarif e Muça, mouros

[1] A commissão official da reforma das bellas artes, tinha proposto ao governo a compra d'este terreno, mas os ministros não fizeram caso de semelhante proposta.

[2] Quando eu por lá andei, em 1876 (e foram umas poucas de vezes) estavam os trabalhos abandonados.

africanos, entrando pela Lusitania, com um numeroso exercito, conquistaram Evora, Béja, Alcacer do Sal, Villa Nova de Portimão e outras muitas povoações do Alemtejo, Beira Baixa e Algarve.

Cahindo então em seu poder a povoação de Palmella, facilmente occuparam Setubal.

Trinta e oito annos estiveram os mouros senhores d'esta povoação; porque, em 753, D. Fruela I, rei d'Oviedo, filho de D. Affonso I, (que tinha succedido na corôa a seu cunhado, D. Favilla) [1] ganhou grandes victorias contra Omar, filho de Abd-el-Rahman, que se havia rebelado contra os kalifas, levantando-se com o reino de Córdova, e intitulando-se kalifa. O rei christão, entrando na Lusitania, derrotou Ali Ben-Tarif, resgatando muitas terras da Extremadura e Alemtejo, e reconquistou tambem Setubal.

Mas só sete annos esteve em poder dos christãos, porque Abd-el-Rahman, em 760, tornou a apoderar-se de Lisboa, Evora, Santarem, Beja e de todo o territorio desde o Tejo até ao Guadiana.

Em 910, D. Ordonho II, levando de vencida, em successivas victorias, os mouros alemtejanos, lhes tomou Beja e outras povoações, pelo que elles, temendo maiores damnos, se constituiram tributarios do rei christão.

Esta humiliação exasperou o kalifa Abd-el-Rahman, que obrigou os mouros a romper o pacto; mas D. Ordonho, cahiu sobre os mouros e os derrotou.

Accudiu-lhes Abd-el-Rahman, e em 914 se deu a grande batalha de Talavera, na qual os christãos ficaram vencedores; porem os mouros, que eram em grande numero, poderam retirar para o norte da Lusitania e foram pôr cêrco ao Porto, mas sendo a cidade soccorrida por D. Ordonho, este e o conde Hermenegild, governador do castello, os derrotaram e pozeram em fuga.

D. Ordonho, morreu em 923, e lhe succedeu D. Fruela II (que havia usurpado a corôa a seus sobrinhos, filhos de D. Ordonho, mas que depois viera a reinar.)

[1] D. Favilla morreu em uma caçada, despedaçado por um urso, em 739.

D. Fruela II, apenas reinou um anno, porque os seus vassallos o depozeram, e durante esse tempo nada fez digno de menção.

Durante o interregno, foi a auctoridade exercida por dous juizes, nomeados pelo povo—*D. Nuno Rasura* e *D. Laio Calvo.*

D. Affonso e D. Ramiro, filhos de D. Ordonho II, quizeram ambos reinar, o que causou uma desastrosa guerra civil, que deu grande folga aos mouros.

Na Lusitania, porem, havia socêgo. As terras em que dominavam os mouros, conservavam se em paz; e as em que dominavam os christãos, eram governadas pelos condes *D. Hufo Hufes*, *D. Guterre Arias* e outros.

Em 927, como ainda durava a guerra civil em Oviedo e Leão, os mouros se apoderaram de varias praças importantes.

Em 933, sendo já rei de Leão, D. Ramiro II, invadiu Abd-el-Rahman a Castella, e o rei, ajudado pelo conde D. Fernando Gonçalves, derrotou os mouros na famosa batalha d'Osma.

Esta derrota ainda mais exasperou o violento Abd-el-Rahman, que reuniu os cacizes para uma nova guerra, juntando um numeroso exercito, que, reunido ao que Al-Mançor trouxe da Africa, cobriu os campos de grande parte da Peninsula.

Todos os principes e condes christãos, esquecendo antigas rivalidades, se reuniram para resistir ao inimigo commum, e dando-se a homerica batalha de Clavijo, n'ella foram os mouros derrotados e postos em fuga.

Morto D. Ramiro II (vide *Ancora*, rio) em 950, lhe succedeu seu filho, D. Ordonho III, principe valoroso, que, depois de reprimir a revolta dos gallegos, entrou em Portugal [1] e chegou até Lisboa, que se entregou sem resistencia.

D. Sancho I (o *Gordo*) subio ao throno de Leão, em 955, succedendo-lhe D. Ordonho IV, em 966, e a este, D. Ramiro III, em 967 [2]. Este tinha apenas cinco annos, quando

[1] Havia, pouco mais ou menos, vinte annos, que a Lusitania se principiára a denominar Portugal.

[2] D. Ordonho IV, no primeiro anno do seu reinado, morreu em uma batalha dada contra os mouros, junto a Córdova.

foi acclamado, pelo que, sua mãe tomou conta da regencia do reino, e durante ella, fez pazes com o kalifa de Córdowa; mas o rei de Sevilha invadiu Portugal, chegando até á Galliza, porem teve de retirar-se, em consequencia de uma grande peste que se desenvolveu no seu exercito.

D. Ramiro III morreu em 982, succedendo-lhe D. Bermudo II (o *Gotoso.*)

Foi no reinado d'este monarcha, que o truculento Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadiu Portugal (985) e nos tomou muitas cidades e castellos, reduzindo o reino a um lago de sangue.

Em 998, tornou este mouro ferocissimo a invadir Portugal, pelo norte, mas os condes D. Forjaz de Vermuiz, e D. Garcia Fernandes, D. Bermudo, rei de Navarra,, e os outros principes christãos da Peninsula, se alliaram, e offerecendo batalha aos mouros, no sitio de Alcatanaçor, junto a Osma, os desbarataram completamente.

D. Affonso IV succedeu a seu pae D. Bernardo II, no anno 1000, e unido aos condes resgataram muitos castellos e povoações.

Estando o rei a sitiar Viseu, foi atravessado por uma seta mourisca, e morreu do ferimento (1027) succedendo-lhe seu filho D. Bermudo III, que teve guerras com Dom Sancho I de Castella, e D. Sancho III de Navarra, por causa dos limites dos seus reinos.

Em Portugal, os valorosos capitães, D. Thedon e seu irmão, D. Rauzendo, netos de Alboazar Ramires, faziam crua guerra aos mouros, na Beira Alta (1037) tomando-lhes muitas terras, como temos visto em differentes partes d'esta obra.

Emquanto os christãos levavam os mouros de vencida, em Portugal, D. Bermudo III andava em guerra com seu cunhado D. Fernando (o *Grande*). D. Bermudo foi morto na batalha de Lantade, e, não deixando filhos, D. Fernando foi acclamado rei de Castella e Leão.

Os mouros, aproveitando as contendas dos dous reis christãos, invadiram Portugal, mas D. Fernando, apenas se desembaraçou do cunhado, cahiu sobre os mouros, e lhes tomou as praças de Badajoz, Evora, Béja, e outras povoações do sul; e passando para o norte do Tejo, resgatou Coimbra.

Deixemos as guerras entre os filhos de D. Fernando, o *Grande* (D. Garcia, D. Sancho, e D. Affonso) e o reinado de D. Affonso VI, que se apossou, por fim, de Castella, que pertencêra a D. Sancho, e de Portugal e Galliza, que era de D. Garcia, unindo estes reinos ao seu de Leão.

Chegamos ao anno de 1093, em que Dom Affonso VI (o *Magno*) deu Portugal, a sua filha, D. Thereza, e a seu marido o conde D. Henrique, de Borgonha, que foi alargando o patrimonio que o sogro lhe déra, mas não passou para o sul de Coimbra. Morreu em 1112, com setenta e sete annos de edade, quando sitiava a cidade de Astorga.

D. Thereza ficou regente do reino, durante a menoridade de D. Affonso Henriques, que tinha apenas trez annos, quando seu pae falleceu.

Em 1130, morre D. Thereza, e seu filho dá principio a essa pasmosa serie de batalhas e triumphos, já contra os leonezes, já contra os mouros, assegurando assim a posse do seu patrimonio, e ainda ampliando-o com parte da Beira, e com as provincias da Extremadura e Alemtejo.

Para conseguir bom resultado d'este seu gigantesco emprehendimento, transfere a sua côrte, de Guimarães para Coimbra, que ficava quasi nas fronteiras mouriscas, e alli junta um exercito de 13:000 homens, e marcha sobre o Alemtejo, onde dá a memoravel batalha de Campo de Ourique (25 de julho de 1139) na qual derrotou as tropas de cinco reis mouros, e que eram dez vezes — pelo menos — superiores em numero ás dos portuguezes, e se apodera de todo o territorio desde Coimbra até Ourique.

No anno seguinte, seu primo, D. Affonso VII, de Leão, se recusa reconhecer a nossa independencia. D. Affonso Henriques lhe declara guerra e o obriga a assignar a paz.

Emquanto os dous principes christãos se guerreavam, Ismario invade a nossa Extremadura e nos toma Leiria, em 1140, mas D. Affonso a recupera, logo em 4 de fevereiro de 1145.

Em 1147, marcha para o sul, com um

pequeno, mas brilhante e escolhido exercito, e toma Santarem a 8 de maio. (Vide *Santarem*, a pag. 470, col. 2.ª e seguintes do 8.º volume.)

Tomada esta praça, a mais importante que tinham os mouros, na Extremadura, depois de Lisboa, o rei se dirige a esta ultima cidade, e ajudado por uma esquadra de crusados, a conquista, depois de cinco mezes de cêrco, e repetidos assaltos e combates, a 25 de outubro do mesmo anno de 1147.

O castello d'Almada, vendo cahir Lisboa em poder de D. Affonso I, rende-se sem combate.

Em 1157, è tambem resgatada a forte praça de Alcacer do Sal.

Em 1162, Fernão Gonçalves toma Beja.

Em 1166, Geraldo Geraldes (o *Sem-Pavôr*) toma Evora. A posse d'esta cidade deu em resultado a rendição das praças de Evora-Monte, Serpa, Moura e Cezimbra.

O rei portuguez, com sessenta lanceiros escolhidos, faz um reconheçimento sobre Palmella, e, encontrando o rei mouro, de Badajoz, que marchava em soccorro de Cezimbra, com uma grande força, o derrota e põe em fuga.

O castello de Palmella, na impossibilidade de ser soccorrido, rende-se.

Em 1191, o Miramolim de Marrocos, vendo que Portugal estava desanimado e fraco, em razão da fome e peste que o devastava, invade-nos o reino pelo sul, e reconquista o Algarve, e varias terras do Alemtejo, incluindo Alcacer do Sal.

Os christãos de Almada, Cezimbra, e Palmella, vendo perdida a forte praça d'Alcacer, abandonaram as suas terras, que foram incendiadas e arrazadas pelos mouros, os quaes só trataram de fortificar Alcacer, abandonando todas as mais povoações por estes sitios.

Em 1217, reinando já em Portugal D. Affonso II (o *Gordo*) neto de D. Affonso Henriques, aporta ao Tejo uma esquadra de cruzados. D. Soeiro, bispo de Lisboa, com os cavalleiros das ordens militares, e os mesmos cruzados, põem cêrco a Alcacer do Sal. Os reis mouros de Córdova, Jaen, Sevilha e Badajoz, vem em soccorro da praça, mas D. Affonso II os derrota e põe em fuga, e hindo na sua perseguição, os torna a derrotar, em frente d'Elvas, Moura, e Serpa. A praça d'Alcacer do Sal é pois tomada pelos portuguezes.

Morto D. Affonso II, lhe succede seu filho, D. Sancho II. — No seu reinado, se restauram as praças algarvias de Cacela e Ayamonte, em 1240; e o grande D. Payo Peres Correia toma Silves, a 9 de janeiro de 1242.

Juromenha, Serpa, Arronches e Mértola, no Alemtejo, e Aljezur e Tavira, no Algarve, são tambem resgatadas.

D. Affonso III, irmão e successor de D. Sancho II, e o grande capitão, D. Payo Peres Correia, tomam a praça de Faro, a 9 de março de 1249, e no anno seguinte, Al-Mançor-Aben-Afan, ultimo rei mouro do Algarve, perde tudo o que ainda lhe restava n'esta provincia, que fica para sempre livre do poder dos mouros.

—

Vemos pois, que durante este longo periodo, nem uma só vez se falla em Setubal, tratando-se com tanta frequencia de povoações, hoje de muito somenos importancia, e que estanceiam nas proximidades d'esta cidade, taes como Alcacer do Sal, Palmella, Almada e Cezimbra. Isto prova que Setubal era então uma povoação muito insignificante e indefeza, e que tinha de seguir a sorte da sua visinha, Palmella, que era uma praça de muita importancia.

Estou mesmo persuadido que nem ainda então existia o forte de Albarquell, cuja construcção se attribue aos mouros; porque, se existisse, certamente a historia devia fallar n'elle, quando por varias vezes se refere a Palmella.

—

Diz-se — mas não é facto averiguado — que em 1170, D. Affonso Henriques mandou povoar Setubal, com gente de Palmella. Tambem não é acreditavel. Setubal, como vimos, já era habitada (o bairro do Trôino) desde o tempo dos godos, ainda que, quasi exclusivamente, por pobres pescadores; tanto que, dando os nossos primeiros reis — principalmente D. Thereza e D. Affonso III — tantos

foraes, mesmo a povoações insignificantes, nenhum se lembrou de o dar a Setubal.

Dizem os de Setubal, que D. Sancho I lhe deu foral; o que não é acreditavel, porque, nem Franklin o traz, nem outro algum escriptor o menciona.

A paginas 28 e 345 da *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, diz-se que D. Affonso Henriques deu foral a esta povoação, **no anno 1249 da era de Christo.** (!!!) Vem a ser—Deu-lhe foral **64** annos depois da sua morte. Todos sabem que D. Affonso Henriques morreu em Coimbra, no dia 6 de dezembro de 1185. De maneira que no tal anno de 1249, já reinava D. Affonso III, bisneto do nosso primeiro rei; e já tinham passado os reinados de D. Sancho I, D. Affonso II, e D. Sancho II. (*Aliquando dormitat Homerus*) [1].

Diz tambem o referido livro, e na mesma pag. 28, que *D. Sancho I, D. Affonso III, e D. Diniz, o confirmaram successivamente* (o tal foral) *como consta a fl. 91 do livro dos foraes da* **comarca de entre o Tejo e o Guadiana.** (!) na *Torre do Tombo.*

Devemos confessar que a tal comarca de *entre o Tejo e Guadiana,* era maior do que alguns reinos, pois abrangia uma grande parte do Baixo Alemtejo, e todo o reino do Algarve: territorio de um patriarchado, um arcebispado e dous bispados (Lisboa, Evora, Beja e Silves.)

Repito —Nada prova que Setubal tivesse foral velho. Só teve, com certeza, o que lhe deu o rei D. Manoel.

—

Devemos assentar que Setubal cresceu e prosperou, á custa da decadencia de Alcacer do Sal, e á sombra do forte castello de Palmella, principalmente, depois que esta praça foi elevada a cabeça da ordem de S. Thiago da Espada, em 1482 [1].

—

Em 1385, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira derrota seu irmão, Pedro Alvares Pereira, que commandava um corpo de castelhanos, na famosa batalha dos Atoleiros (concelho de Ferreira, no Alemtejo) em 29 de janeiro do dito anno. Diz-se que na volta para Lisboa, o condestavel (que era fronteiro do Alemtejo) chegou aos muros de Setubal, com o fim de entrar na praça e acclamar o Mestre d'Aviz, como rei de Portugal; mas a guarnição, que tinha tomado o partido de D. João I, de Castella, lhe fechou as portas.

Não acredito, por duas razões—primeira, o condestavel não era homem que tolerasse isto, e, ou entraria á força na praça, ou morreria, e todos os seus, junto aos muros d'ella—segunda, se isto fosse verdade, o nosso D. João I, certamente impunha a Setubal o mesmo castigo que impoz a Castello Rodrigo, n'esse mesmo anno de 1385, e por egual motivo. (Vide 2.º vol., pag. 188, 1.ª columna.)

—

Em 30 de setembro de 1458, sahiu do porto de Setubal parte da esquadra com que D. Affonso V foi á conquista de Alcacer-

[1] Mesmo que o auctor quizesse alludir á era de Cesar (mas não alludiu, porque diz expressamente *anno 1249 da era de Christo*) vinha a ser a morte do rei na *era* de 1223, e portanto, ainda assim o foral era dado por D. Affonso Henriques, 26 annos depois da sua morte.

[1] D. Affonso I deu aos cavalleiros de São Thiago, que tanto o ajudaram na restauração das terras occupadas pelos mouros, todo o territorio entre o Tejo e o Sado, no que se incluiam as praças de S. Thiago de Cacem, Alcacer do Sal, Almada, Cezimbra, e Palmella, e todo o extincto concelho d'Azeitão. Os reis seus successores ampliaram muito esta doação, com varias terras do Alemtejo e Algarve, de modo que esta ordem chegou a ser muito rica e poderosa.

O primeiro assento d'esta ordem foi no mosteiro de Santos-o-Velho, de Lisboa—depois, passou (no reinado de D. Affonso II) para Alcacer do Sal—d'aqui para Mértola, no reinado de D. Sancho II—e, por fim (a 26 de outubro de 1482) se estabeleceu definitivamente a cabeça da ordem, em Palmella. Mas, sendo mestre de S. Thiago o infante D. João, filho de D. João I—se tinha dado já principio á construcção da respectiva egreja, em Palmella, collocando-se a sua primeira pedra, a 5 de maio de 1443; já no intuito de ser aqui a capital da ordem.

Ceguer (Africa). O rei foi a bórdo da nau *Santo Antonio*, seguida de oitenta e nove embarcações de differentes portes. O marquez de Vallença sahiu do Porto com outra divisão naval; e o infante D. Henrique (tio do rei) sahiu de Sagres[1] com outra divisão. A esquadra reuniu-se em Lagos. A praça africana foi tomada no principio do anno de 1459, e D. Affonso V, em memoria d'esta conquista, instituiu a ordem militar da Torre Espada.

—

Em 1483, o duque de Bragança, D. Fernando II, trama contra o rei uma conspiração. D. João II, que habitava o palacio do conde de Olivença, chama alli o duque, no dia 29 de maio do dito anno, e o proprio rei o prende. Foi o reu julgado, e sentenciado á morte, sendo degolado no dia 22 de junho, na praça grande d'Evora.

O patibulo d'este principe infeliz, foi erguido junto ás casas de *José dos Baraços*, em frente da egreja de Santo Antão.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber a causa da conspiração do duque de Bragança, vejam no volume 5.º, a nota a pag. 488, col. 1.ª e 2.ª

D. Diogo Pinheiro, que foi segundo prior de Guimarães e primeiro bispo do Funchal (Ilha da Madeira) publicou um *manifesto*, pelo qual se mostrava a innocencia do duque, a falta de provas na sua accusação e a nullidade da sentença que o condemnou.

D. Diogo, não só escreveu o tal manifesto, como protestou solemnemente, na sala do senado, diante do proprio D. João II, contra a infamia da condemnação do duque. (*Provas da hist. gen. da casa real*, por D. Antonio Caetano de Souza.)—Vide *Pindella*.

—

A morte do duque de Bragança, que era geralmente amado pelos portuguezes, alem de causar grande tristeza no reino, exasperou os grandes contra o rei, levando-os a tramar contra a sua vida.

[1] E não de *Sines*, como diz a *Memoria* do municipio de Setubal.

D. João II sabia d'esta conspiração (por lh'a ter denunciado Diogo Tinoco, como veremos, quando tratar do quarto mosteiro de frades franciscanos) da qual era chefe seu primo e cunhado, D. Diogo, duque de Viseu, assim como sabia que o plano dos conspiradores, era assassinarem o rei, na primeira occasião opportuna.

O rei chegou a Setubal no dia 22 d'agosto de 1484, e foi residir nas casas de Nuno da Cunha — depois chamadas *Paço do duque d'Aveiro*, onde é hoje o *Hotel Escoveiro*. (Vide *Freiras dominicas*.)

O duque estava em Palmella, com a infanta, sua mãe; o rei o manda chamar a Setubal, no dia seguinte (23). O duque chega só. D. João II estava na sua guarda roupa, acompanhado por D. Pedro d'Eça, alcaidemór de Moura, por Diogo da Azambuja, e por Lopo Mendes do Rio.

Diz-se que o rei, apenas chegou o duque, lhe dissera — «Primo, se soubesses que um inimigo vos queria matar, o que farias?» — E que o duque lhe respondeu — «Mattava-o eu primeiro.» — «Lavraste a propria sentença.» — N'isto, D. Pedro d'Eça, que estava previnido, e era dotado de forças herculeas, prendeu o duque pelas costas, e o rei lhe crava um punhal no peito, repetidas vezes, até que o ferido expirou[1].

Frei Claudio da Conceição (*Gabinette historico*, tomo 2.º, pag. 131) conta o caso d'este modo:

«Algum tempo depois (da morte do duque «de Bragança) sendo-lhe descoberta uma «conjuração contra elle (o rei) de que era «cabeça D. Diogo, duque de Viseu, cunhado «do duque morto, e irmão da rainha, estando «o rei em Setubal, o mandou chamar ao seu «palacio, e ahi mesmo lhe tirou a vida com «um punhal, mandando prender ao mesmo «tempo, e fazendo punir, todos os mais con«jurados.

[1] Apezar d'esta atrocidade, a historia deu a D. João II o cognome de *Principe perfeito*. D. Pedro I, D. João II e D. José I, tinham d'estas *perfeições* — eram juizes e carrascos! — Aparte estes *divertimentos*, devemos confessar que qualquer d'elles foi um bom rei e que Portugal lhes deve muito.

«D'este modo, aquietou el-rei D. João II «as perturbações que os grandes causavam «no reino, por causa dos seus privilegios e «direitos, suppondo-se esbulhados da sua «grandeza.

«É tradição constante, que o duque quiz «consummar o regicidio, e descarregar o «fatall golpe sobre o rei, quando passeava a «pé, com elle, pelas ruas de Setubal; o que «então abortou, porque o rei se apercebeu, «talvez sciente do que se intentava contra «elle..

«O certo é, que no principio da travessa «da rua das Amoreiras, em o canto das ca«sas que viram para a dita travessa, havia «uma cabeça de pedra, que se conservou «até ao terramoto do 1.º de novembro de «1755, em que cahiram as mesmas casas, «que se levantaram, sem conservarem a «mesma memoria; e no fim da mesma tra«vessa, no canto da rua do Poente, se con«serva ainda hoje, na esquina, outra cabeça; «e dobrando para a rua Direita de Troino, «na ffrente das mesmas casas, levantada em «meio relevo, está uma cabeça coroada, com «a lettra por baixo — *Si Deus pro nobis, quis «contra nós?*

«É egualmente tradição, que o rei, che«gando ao palacio, que hoje é dos viscondes «de Willa Nova do Souto d'El-Rei, chamava «o duque para junto de uma janella que «olhaa para o nascente, e alli o apunhalára; «do que se seguiu fechar-se a janella, para «memoria, e assim se conservou, fechada de «pedra e cal, até que José Henriques An«chieta Portes e Sampaio, desembargador «do Porto, e corregedor de Setubal, a man«dou abrir e aberta se conserva.»

Entre tantas versões que correm sobre esta conspiração, e com respeito ao assassinato do duque de Viseu, o que é mais certo, é o que digo no 8.º vol., pag. 500, col. 2.ª — Alli declaro tambem quem foram os cumplices no attentado, e a sorte que tiveram. (Vide adiante o paragrapho *Mosteiro de frades ffranciscanos.*)

—

Para dar aos meus leitores o maior numero de esclarecimentos que me foi possivel obter sobre este importantissimo facto da nossa historia, transcrevo aqui os trez primorosos folhetins que o sr. Manoel Maria Portella publicou nos n.os 361, 362 e 363 da *Gazeta Setubalense*, de 23 e 30 de abril e de 7 de maio de 1876, e são os seguintes:

AS QUATRO CABEÇAS

I

No angulo d'uma casa que existe n'esta cidade, e confronta pelo sul com a rua Direita de Troino e pelo nascente com a travessa do Carmo, vêem-se trez cabeças relevadas em pedra, distinguindo-se a do centro, por uma faxa ou corôa que a cinge. Na verga da porta que n'aquella rua dá entrada para o pavimento inferior da dita casa está outra cabeça ao meio da seguinte inscripção:

Si Deus pronobis quis côtra nos.

A tradição, erradamente inventada e seguida, refere que aquella casa ficou assim assignalada porque n'ella esteve um homem armado de arcabuz para matar o rei D. João II, quando passasse na procissão de *Corpus Christi*, com os fidalgos de sua côrte, d'entre os quaes alguns havia peitados para deixarem cahir os bastões e os apanharem, baixando-se, afim de ficar a descoberto o monarcha e ser n'elle o tiro certeiro; malogrando-se, porém, o trama, porque D. João II, prevenido do caso, fizera colher de assalto o criminoso.

Esta tradição, que adquiriu maior voga depois de aproveitada no bello romance intitulado *Mestre Gil*, para lhe proporcionar algumas scenas de effeito, mas puramente ficticias, como declarou particularmente o seu illustrado auctor, não tem por si o voto de nenhum historiador, nem outra probabilidade que a torne aceitavel. Não cremos que ella seja nem mais nem menos do que uma allusão deslocada ao que succedeu em Lisboa com D. João IV e Domingos Leite Pereira, o qual, no dia 20 de junho de 1647, na rua dos Torneiros, n'uma casa que tinha alugado, esperava d'alli matar o monarcha, quando passasse na procissão de *Corpus Christi*, o que não levou a effeito por falta de animo.

A origem do frustrado regicidio attribue-se a saber Domingos Leite Pereira, escrivão da correição do civel da côrte, e homem de honrados dotes, que D. João IV lhe requestava a mulher, a qual era muito formosa.

Parece que o despeito do esposo fora aproveitado por Felippe IV de Castella, que lhe lisôngeára o animo com grandes mercês, e promessas d'outras maiores, levando-o assim a tentar contra a vida do seu rei, crime que expiou em 21 de agosto do mencionado anno, trahido por um cumplice, sendo-lhe decepadas as mãos, antes de enforçado, e depois esquartejado o seu corpo e exposto por trez dias, até que o reduziram a cinzas e as lançaram no Tejo.

A sentença que condemnou Domingos Leite Pereira confirma o que fica dito a respeito d'elle e comprova a inversão que se dá da época e das pessoas no tocante ao que o vulgo pretende relacionar com as quatro cabeças da rua Direita de Troino, e por isso segue transcripta na sua integra:

«Sentença, que se proferiu contra Domingos Leite Pereira escrivão da Correição do Civel da Côrte, por querer atreçoadamente matar a El-Rei o Senhor D. João 4.º

«Acordam em Relação etc. Vistos estes Autos, que pela calidade, e detestação do caso, prova d'elle se fizeram summarios.

«Mostra-se que o reo Domingos Leite Pereira, sendo natural d'este reino, e Proprietario do Officio de Escrevão do Civel da Côrte, se passou d'elle para o de Castella no anno passado, a titulo de um seu homezio, e estando em Madrid, foi n'elle despachado com o habito de Christo, e outras mercêz, e d'ali com ordem de certos Ministros de El-Rei de Castella, foi mandado a este reino para matar a El-Rei Nosso Senhor, dando-lhe para este effeito quatrocentos escudos e uma espingarda com quartos, e um pelouro e dous vasos de peçonha para os poder ervar, e cartas do mesmo Rei de Castella para o Marquez de Molenguem, Governador das armas da Cidade de Badajoz, o deixar passar livremente.

«Mostra-se que vindo o reo com animo de effectuar o sobredito, chegou a esta Cidade com outro companheiro em seis do Mez de Maio do anno presente aonde andou escondido té os vinte dias do Mez de Junho, dia da Procissão geral do Corpo de Deus, em que determinava dar á execução o seu damnado, e abominado intento, para cujo effeito, por meio do dito seu companheiro alugou trez moradas de cazas no principio da Rua dos Torneiros, por onde havia de passar a dita Procissão, e n'ella acompanhando o dito Senhor, na fórma do costumado pelos Senhores Reis d'este Reino, com tal apercebimento que uma das ditas casas ficassem com a dita porta para outra rua differente por onde facilmente, depois do caso feito podesse escapar sem ser tomado, rompendo com uma alavanca de ferro as ditas trez moradas de cazas, para mais facil expedição da sua fugida.

«Mostra-se que no dito dia da Procissão ao tempo que o dito Senhor chegou á dita rua, e cazas, e o reo com a mesma resolução, e deliberação de animo, o estava esperando em um buraco, que para o mesmo effeito abriu nas ditas cazas, com a dita espingarda nas mãos carregada dos ditos doze quartos e um pelouro ervado com a dita peçonha, e tanto que a Real Pessoa do dito Senhor, elle mesmo confessa, que se lhe representou uma *Superior Magestade do Ceo*, que lhe fez cair das mãos a dita espingarda sem poder executar o intento, que d'antes tinha, e no mesmo dia se sahiu desfarçado das ditas cazas, deixando n'ellas a dita espingarda, e alavanca, e vazos de peçonha e se foi ao postigo de Nossa Senhora da Graça, aonde o dito seu companheiro o esttava aguardando com dous cavallos, que já álli tinha preparados para sua fugida, e n'elles se tornaram ambos para Madrid.

«Mostra-se que ahi se tornou o reo a ver com os mesmos Ministros de Castella, que o haviam mandado, dando-lhe outras desculpas de não effectuar o promettido por sua parte, e elles acceitando-'lhas o tornaram a mandar ao mesmo effeito, com os mesmos passaportes, e promessas de aventejadas mercêz, dando-lhe mais dois mil cruzados em dinheiro; e partindo o reo com o mesmo intento e deliberação, e o dito seu compa-

nheiro, o mandou diante a esta Cidade a buscar cazas aonde se podessem agazalhar, e que o fosse esperar ao logar da Povoa de D. Martinho, para que ambos podessem entrar mais escondidos na Cidade.

«Mostra-se que o companheiro do dito reo, uzando de melhor conselho, revelou tudo aos sobreditos Ministros da Justiça, do dito Senhor, em os trinta e um dias do Mez de Julho, em que o reo chegou ao dito logar da Povoa, o entregou n'ella á prizão, e o reo no mesmo dia fez inteira e plenaria confissão do seu damnado e deliberado intento, contestando em tudo o acima referido; e que fazendo-se deligencia, e vistoria nas ditas casas se acharam furadas, na forma referida, e n'ellas os dois vasos de peçonha, escondidos no proprio lugar, que o reo declarou, um d'elles ainda cheio, outro já diminuto, pelo que elle havia tirado, para ervar os ditos quartos e pelouro.

«Não mostra o reo por sua parte descarga alguma em sua defeza, sendo-lhe dado vista, e Procurador para allegar de sua justiça e direito.

«O que tudo visto e o mais dos Autos, disposição de direito em tal caso, declaram ao dito reo, por traidor aleivoso, parrecida, assassino, e haver incorrido no detestavel crime de Leza Magestade, de primeira cabeça, e como a tal o condemnam, e mandam, que com baraço, e pregão pelas ruas publicas, e custumadas, seja levado a rasto á forca, aonde sendo-lhe primeiro decepadas as mãos no Pelourinho, morra enforcado de morte cruel, e o seu corpo seja posto em uma fogueira e n'ella feito em pó, e em cinza, para que d'elle não fique memoria; e o condemnam outro sim em perdimento de seus bens para o Fisco, e Camara Real, e que seus descendentes hájam as penas que por direito lhes são impostas: e esta Sentença se não publicará sem primeiro se dar conta ao dito Senhor, na forma de suas ordens: e pague o R. os Autos. Lisboa 12 de Agosto de 1647—Marcham, Monteiro, Beja, Marz.º, Stacio, Porto.»

A summa d'esta sentença é, approximadamente, a summa da tradição que os ignorantes da historia, por leviandade inexplicavel, enlaçaram aos successos dados 163 annos antes entre D. João II e o duque de Vizeu.

II

No empenho de que fique exposto em toda a luz o êrro apontado e se restabeleça a verdade, tanto quanto é possivel fazel-o, vai tambem transcripta integralmente a relação que Garcia de Rezende fez dos successos respeitantes á morte do duque de Vizeu.

Ainda que n'aquella relação se incluam circumstancias que parecerá desnecessario mencionar, para o effeito a que visa este escripto, convém todavia não as omittir, para que de tudo que toca ao trama urdido contra D. João II se conheça não ter o menor fundamento a tradição alludida.

Para o leitor melhor formar o seu juizo sobre esta materia, cumpre estar prevenido de que o chronista citado põe em evidencia o maior esforço empregado no intuito de que não fique em esquecimento particularidade alguma das que entende poderem justificar a severidade do seu real patrono contra os nobres rebeldes, pelo que não deixaria de mencionar a emboscada da rua Direita de Troino, se ella se tivesse effectuado.

Diz o chronista:

«El-Rey foy primeiramente avisado deste caso (de que tentavam contra sua vida), por Diogo Tinoco, homem fidalgo, a quem o Bispo Devora, por ter por manceba huma Margarida Tinoca, sua irmãa, a quem queria muito grande bem, e por confiar muito nelle, lhe deu disso parte. E Diogo Tinoco logo o mandou descubrir a el-Rey por Antão de Faria, e depois o disse por si miudamente a el-Rey no Mosteiro de S. Francisco de Setuvel, vestido em habito de Frade, por mayor dissimulação. A quem el-Rei com palavras, e obras muito o agradeceo, e satisfez, como tão leal, e proveitoso aviso merecia. E lhe deu logo juntamente cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, pollos quaes logo

mandou despedir as letras: mas não ouverão effeito; porque antes de despedidas o dito Diogo Tinoco faleceo. E depois foy el-Rey de tudo avisado por dom Vasco Coutinho, filho do Marichal, e irmão do dito dom Guterrez, o qual dom Vasco, por descontentamentos que tinha del-Rey, estava nesse tempo despedido delle para se ir fora do Reyno. E dom Guterrez pesando-lhe da ida do irmão, e avendo por cousa certa a morte del-Rey com que sua ida seria escuzada, lhe mandou pedir muito, que antes de se partir se visse com elle em Cezimbra; onde se viram, e dom Guterrez por lhe não descubrir a causa principal do seu fundamento lhe disse, que o mandára chamar, sentindo muito seu despedimento e partida; e lhe pedio muito, que estivesse allí alguns dias, nos quaes trabalharia remediar com el-Rey seus agravos, com que sua ida se escusasse. E porque dom Vasco o não quiz fazer, parecendo-lhe, que erão delongas, dom Guterrez pollo segurar, lhe descobriu inteiramente todo o caso: e dom Vasco lhe disse então que ficaria e seria com elle nisso. E tanto que o soube lembrando-lhe sua lealdade, e fidalguia, e a longa criação, que del Rey recebera, e não os agravos, e pouca mercê, que dizia, que delle tinha recebido, por onde era delle despedido, determinou logo, como bom, verdadeiro, e leal vassalo descubrir tudo a el-Rey. E mui secretamente por meio Dantão de Faria se vio com el-Rey, a quem meudamente tudo descubriu e que o que tinham determinado era mataremno a ferro, e recolherem o principe por mar a Cezimbra, e que por logo com elle sossegarem o Reyno, o levantarião por Rey, e que o seria emquanto o Duque quisesse, o que ficaria em sua mão e vontade. E sabendo el-Rey tudo isto tão inteiramente por taes duas pessoas, o dissimolou de maneira, que nunca foy sentido, por esperar mais inteira prova, e porém andava muy arecado armado muy secretamente, e sempre com espada, e punhal e a cavallo, e nunca em mula; porém tudo feito com tanta prodencia, e dissimulação, que nunca sentirão o que elle sentia. E quando dom Guterrez disse ao Duque e aos que com elle erão, como dom Vasco seu irmão se não ia, e era metido no caso, e que tinha jurado de elle ser o primeiro, que lhe pusesse o ferro, disse o Bispo dom Garcia: Muito me doe o cabello de dom Vasco. E andavam buscando tempo disposto, em que o milhor pudessem fazer, e dizem que huma vez o quizeram matar andando no campo passeando a cavallo, e que el-Rey o sentio, e se pos com as costas na Igreja de Nossa Senhora Danunciada; confiando que por deante ninguem ousaria de o cometer, e assi esteve, até que o Capitão chegou com os da guarda; e que outra vez o quizeram fazer, e cometer, descendo por huma escada de noite para casa da Raynha, e nao se acabarão de determinar. E dahi a pouco foi el-Rey a Alcacer do Sal; e sabendo o Duque e os da conjuração, que avia de tornar por mar em huma barca com poucos, determinarão esperalo na praya, e ao sahir dos bateis o matarem; do qual concerto, e perigo ordenado el-Rey foy logo avisado por dom Vasco, que com elles era nisso. Pollo qual el Rey mudou a vinda por mar, e se veo por terra polla Landeira muy bem acompanhado de boa gente da sua guarda, que para isso sem algum alvoroço fingindo outra cousa mandou aperceber. Porque depois da morte do Duque de Bragança, sempre el Rei trouse guarda da camara, e dos ginetes, de que era Capitão Fernão Martins Mascaranhas, que nestes feitos, em que a vida del-Rey, e bem dos Reynos pendião, sempre servio continuadamente muito bem e lealmente, e pessoa de que el-Rey muito confiava. Chegou el-Rey a Setuvel sesta feira 22 dias do mez Dagosto de mil e quatrocentos e oitenta e quatro. E o Duque, sabendo que el-Rey vinha por terra, não no esperou em Setuvel, e foy-se a Palmela, onde estava aposentado elle, e a senhora Infanta sua may. E ao outro dia, sabbado, mandou el-Rey chamar o Duque a Palmela, o qual dizem que veo com muito pejo; e em cerrando a noite, el-Rey o chamou á sua guarda-roupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que então el Rey pousava, onde o Duque entrou só, sem alguma pessoa entrar com elle, e sem se passarem muitas palavras, el-Rey por si o matou ás punhaladas; sendo a tudo pre-

sentes, e para isso escolhidos dom Pedro Deça, Alcayde mór de Moura, e Diogo Dazambuja e Lopo Mendes do Rio. Esteve assi morto secretamente, sem se ouvir rumor, nem cousa alguma; até que el Rey mandou cerrar as portas da villa, e pôr nellas grandes guardas, e mandar muita gente por fóra da villa guardar os caminhos, e mandar em Setuvel pregoar grandes, e temerosos pergões, e fazer muitas, e grandes diligencias, para se averem os ôutros todos da conjuração, que foy huma noite de muito grande terror e espanto, e sobre tudo muito grande tristeza; porque quasi a todo Portugal tocava a desaventura daquelles, que nisso erão culpados, por serem pessoas tão principaes. Foy o corpo do Duque, assi vestido como estava, levado ante-manhã á Egreja principal da villa em um cadafalso cuberto de pannos de dó, jouve (jazeu) no meyo da Egreja descuberto á vista de todo o povo até á tarde; que o enterrarão.

«E de sua morte foy logo feito hum auto, por o doutor Nuno Gonsalvez, como juiz, e por Gil Fernandez, escrivão da camara del-Rey, em que el-Rey verbalmente disse as causas e razões, que tivera para matar o Duque, que logo forão escriptas e por ellas logo perguntadas por testemunhas o dito dom Vasco, e Diogo Tinoco, que com seus ditos aprovarão, e justificarão a morte do Duque.

«Ho Bispo Devora, ao tempo da morte do Duque, estava com a Raynha, e ahi o foy chamar da parte del-Rey o Capitão Fernão Martinz; e em sahindo fóra, foy logo preso e levado com muita gente, e muito recado ao castello de Palmela, e metido em huma cisterna sem agua, que está dentro na torre de menagem, onde dahi a poucos dias falleceu, e dizem, que com peçonha.

«E na mesma noite forão presos por mandado del-Rey, dom Fernando de Meneses, e dom Guterrez, e forão trazidos diante del-Rey na Relação, onde dom Fernando, fez huma falla a el-Rey muy elegante, como homem muy prudente, e esforçado cavalheiro, e muy isento, na qual disse algumas palavras a el-Rey, de que ouve desprazer, e por isso se não ouve com elle piadosamente, como tinha em vontade; e mandou que por justiça se determinasse seu feito e foy julgado á morte, e degolado na praça de Setuvel.

«E dom Guterrez tambem quiz fazer falla, e fallou tão mal com palavras piadosas, que el-Rey o não quiz ouvir, e o mandou tirar diante de si. E porque dom Vasco seu irmão tinha já pedido a el Rey, que não morresse por justiça, el-Rey mandou levar o dito dom Guterrez preso á torre Davis (d'Aviz) onde tambem logo morreu, e segundo fama, não morte natural, senão artificial.

«E dom Pedro Dataide sendo fugido de Setuvel, e indo caminho de Santarem, foy no caminho preso, e trazido a Setuvel, onde contra elle foy acerca de suas culpas processado, pollas quaes polla justiça foy pubricamente degolado, e feito em quartos.

«E Fernão da Silveyra foy escondido em huma casa dentro em huma cova por segredo, e fiança d'um cavalheiro, que fôra criado de seu pay, que se chamava João de Pegas, que nunca se corrompeo; nem por temor das mortaes penas del-Rey, a quem o escondesse, nem por suas promessas, e grandes merces, a quem o descubrisse.

«E na pousada de Fernão da Silveyra foy achada huma sua borjoleta, com muitos cruzados, que por mandado do Duque recebêra, de que já despendera muitos mais por aquelles da conjuração, cujos nomes, e somas por suas ementas se acharão: e dahi a muitos dias o dito Fernão da Silveyra se salvou por meyo, e ajuda de hum mercador, que se chamava Bartolo; homem estrangeiro, que pelo ser, se aventurou a muito, e por mar, demudado em baixos trajos, foy ter a Castella; e depois sendo della desterrado a requerimento del-Rey, foy em França morto a ferro, na Cidade Davinhão a oito dias de Dezembro de mil, e quatrocentos, e oitenta, e nove annos, per o Conde de Palhaes, Catalão, que em França tambem andava desterrado, a quem el-Rey pollo fazer per seu mandado fez merce de muita soma de ouro, em que se primeiro concêrtou. E porem o Conde per mandado del-Rey de França, foy por isso logo preso em perpetua prisão, a quem os favores, e requerimentos que el-Rey por elle

mandou fazer, não aproveitarão pera mais, que pera logo pollo mesmo caso não morrer por justiça, de que com muita difficuldade escapou.

«Dom Alvaro Dataide era em Santarem, onde pollos da conjuração foy acordado, que estivesse com muita gente, que com dissimulações recolhia, pera que tanto que da morte del-Rey, ou dalgum levantamento contra elle fosse certificado, logo recolhesse ao castello a Excellente senhora dona Joanna, que então estava no mosteiro de Sancta Clara da dita villa: porque pera huma cousa, e pera a outra, se o caso sobreviera, tinha já as cousas aviadas, e postas em ordem astuciosamente. Porque sobre o recolhimento d'esta senhora tinham esperança dajuda, e favor dos Reys de Castella a quem segundo fama tudo isto era revelado. E por dom Alvaro ser homem mui sabedor e de muito credito, e auctoridade, estava em Santarem, com esta empresa; mas como da morte do Duque foy avisado, como sesudo que era, se pôs logo em salvo, e se foy para Castella, onde sempre andou em vida del Rey, e depois por el-Rey Dom Manuel que sancta gloria aja, foy a estes reynos tornado com sua gloria e restituido ao seu. Porque na verdade muito menos culpa, e caso era estar dom Alvaro em Santarem, posto que estivesse por parte do Duque, e em ajuda sua, que a dos outros, que com suas proprias mãos queriam matar seu Rey, e senhor, de quem muitas, e grandes merces tinham recebidas; que dom Alvaro, ainda que consentisse em o fazerem, não no quiz elle fazer nem ver fazer, e por isso estando el Rey em Setuvel, estava elle em Santarem. E depois de assim ser nestes Reynos, casou com dona Violante de Tavora, mulher de mui nobre geração, e ouve della um filho, que se chama dom Antonio Dataide, que ora he Conde de Castanheira, senhor de Povos, e Chileyros, Alcayde-mór de Alegrete e de Colares, e Veador da fazenda del-Rey nosso senhor, homem de muito grande estima, e muito aceito a el-Rey, de muita valia e tão bom saber, que sendo mancebo alcançou todas estas cousas, e muita renda per si, segundo seu continuo serviço, e o grande amor, que lhe el-Rey tem, e a muita confiança, que tem nelle, se espera alcançar outras mayores.

«E Pero Dalbuquerque, fugindo, foy logo preso em Lisboa e trazido á casa da suplicação, onde foy contra elle processado, e ouvido perante el-Rey, a que fez uma grande falla muy eloquentemente, que fallava muito bem, na qual allegou muitos serviçose grandes feytos em armas, que era valente cavalleiro. E nada lhe aproveitou; porque emfim por o caso foy julgado á morte, e publicamente degolado em Montemor o Novo.

«E o Conde de Penamacor se acolheo, e lançou logo na dita sua villa. E quando el-Rey hia ao Sabugal, tornando-se el-Rey de Castello branco para Santarem, o dito Conde com seguro Real, lhe veio fallar no lugar das Cortiçadas, que se ora chama Proêça a nova; e porque se não quís pôr a direito, como el-Rey queria, se despedio delle, e de seus Reynos, e com sua mulher, e filhos se foy pera Castella; e depois em Roma, e fóra Despanha andou em muitos Reynos, cometendo contra el-Rey muitas coisas: até que tornou outra vez a Castella onde acabou.»

III

Posto que a estas breves linhas não presida o intuito de fazer a apreciação do caracter de D. João II, que no processo de morte do duque de Vizeu foi parte, accusador, juiz e algoz, vem, comtudo, a proposito referir de passagem o que Garcia de Rezende não poz a claro, por favorecer o regio homicida, em cujo paço tinha moradia, e que, como D. João IV e como tantos outros reis, esconderam os delictos que commetteram e a origem d'elles, nos louvores venaes de seus chronistas. Diogo de Paiva d'Andrade, por mais affeiçoado á verdade ou menos dado a ennodoar-se nos degráos dos thronos manchados de sangue e afeiados por negras torpezas, conta em suas *Memorias*, que D. Pedro d'Eça, uma das testemunhas que presenciaram o assassinato do duque de Vizeu, foi fidalgo a quem a natureza dotou de muito animo e grandes forças, e por isso el-rei D. João II o escolheu quando quiz matar o mesmo duque, *para abraçar este por de traz.*

Do fidalgo valentão, como hoje se diria, conta mais Diogo de Paiva um rasgo, o qual poz em embaraços o rei, que antes se servira d'elle para segurar a victima, emquanto n'ella embebia o punhal. Segue o caso:

Aconteceu em Moura ser morto um homem pelos criados de D. Pedro d'Eça, que como dito fica, ali era alcaide-mór, e foram-se dois irmãos do morto queixar a el-rei, dizendo que D. Pedro ordenara o crime.

Mandou el-rei vir o alcaide á côrte, onde esteve dois annos, e tirada a devassa o não acharam culpado. Enfadado D. Pedro, disse a el-rei que pois sua alteza o não cria innocente na morte do irmão de seus accusadores, lhe fizesse mercê de lhe mandar dar campo com ambos, para assim se purificar. Agastando-se o rei com tal proposta, lhe disse «que tomara elle ser um dos dois», ao que D. Pedro ousadamente retorquiu «não fosse vossa alteza meu rei, e fosse com elles o terceiro.»

Ajuize o leitor por isto, do caracter da *testemunha* e do caracter do *principe perfeito*, que se fez acompanhar d'ella no acto de cevar a ferocidade, que lhe não permittiu dar a outrem o encargo de matar o conspirador, sem embargo de não sentir em si toda a força material precisa para o subjugar.

IV

Aos menos attentos no modo por que o povo em suas apreciações fantasiosas deturpa os factos e inverte a ordem chronologica d'elles, descrevendo pelejas de romanos e mouros em castellos cahidos de hontem e construidos já em periodo avançado da monarchia portugueza, tecendo de industria sua, successos maravilhosos, causará admiração que se confundam as épocas e acontecimentos que ficam narrados; é certo, porém, que a parte ignorante dos moradores de Setubal, abstrahindo de datas, e de pessoas, conservou em lembrança que houve um rei que n'esta terra pretenderam matar, e agrupando com essas circumstancias outras posteriormente dadas para identico fim, com um rei de nome igual áquelle, formou o conto intrincado e inverosimil, do qual diz memorada a origem nas quatro cabeças esculpidas nas pedras, trabalhadas em fórma moderna, e collocadas na mencionada casa, cuja construcção é evidentemente posterior ao terremoto de 1755, o qual reduziu a ruinas quasi todos os predios do bairro de Troino.

Manoel Maria Portella.

—

Eis ainda o que, com respeito a este facto, diz o padre mestre frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, tomo 2.º, pagina 576:

«D. Diogo, duque de Viseu, senhor de Béja e de outras muitas terras em Portugal, filho primogenito do infante D. Fernando [1] e da infanta D. Beatriz; primo co-irmão de el-rei D. João II.

«Sentido de alguns desfavores do mesmo rei. e provocado de perversos conselheiros, se fez cabeça de uma atroz conjuração; entrando n'ella D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora; seu irmão, D. Fernando de Menezes; Fernão da Silveira, filho do barão d'Alvito; D. Guterres Coutinho, filho do marichal; D. Alvaro de Athaide, irmão do conde de Atouguia; seu filho, D. Pedro de Athaide; D. Lopo d'Albuquerque, conde de Penamacôr; e Pedro d'Albuquerque, seu irmão, alcaide-mór do Sabugal.

«Intentavam (segundo se dizia) matar el-rei, prender o principe seu filho [2], e acclamar rei ao duque.

[1] D. Fernando era filho do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, filha de D. Fernando I d'Aragão. Tinha os seguintes irmãos — D. João e D. Philippe, que morreram meninos — D. Affonso V — D. Maria, que morreu de poucos annos de edade — D. Leonor, que casou com o imperador Frederico III, da Allemanha — D. Catharina, que morreu na infancia — e D. Joanna, rainha de Castella, mulher de D. Henrique IV.

Foi seu irmão bastardo D. João Manoel, bispo da Guarda, e progenitor dos condes da Atalaia, marquezes de Tancos, e de outros varios titulares, dos principaes d'este reino.

Pinho Leal.

[2] D. Affonso, que morreu, junto a Santarem, da queda de um cavallo, a 12 de julho de 1491, em vida de seus paes, pelo que, não chegou a reinar. D. João II não tinha

«Por vezes o quizeram executar, mas sem effeito. Assistia então el-rei em Setuval, e sahindo uma tarde ao campo, o seguiram os conjurados, com animo de o accommetterem. El-Rei (que já sabia o que se passava) vendo-se quasi só e os inimigos tão perto, voltando o rosto para elles e as costas para uma egreja, se lhe mostrou com tanta intrepidez e magestade, que os fez parar, reverentes e medrosos.

«Outra vez, intentando D. Pedro d'Athaide, e D. Guterres Coutinho, ao descer de uma escada, executar o golpe, se embaraçaram, de maneira que el-rei, voltando para D. Pedro, lhe disse: — *Que é isso?* — respondeu: — *Senhor, escorreguei* — a que el-rei tornou muito desembaraçado e inteiro — *Guardae-vos de cahir!...*

«Outra vez o esperavam, ao desembarcar de uma falúa, de que se livrou, pelo aviso que lhe deram os espias que andavam entre os conjurados.

«Vendo-se el-rei reduzido á rigorosa alternativa de morrer ou matar, tendo já sufficientissima prova da traição do duque, e reconhecendo que se expunha a succederem no reino grandes alterações, em prejuizo do bem publico, se procedesse na fórma de justiça; tratou de executar, *por sua propria mão* (!) e, n'este dia (23 d'agosto) anno de 1484, entrando o duque em palacio, já de noite, lhe perguntou el rei, com muito socêgo — *Que farieis, primo, a quem vos quizesse matar?* — O duque, algum tanto perturbado, respondeu — *Procuraria matal-o primeiro* — *Vós mesmo*, lhe tornou, *vos julgastes* — e logo o matou ás punhaladas.

«Sem dilacção, mandou segurar as portas da villa, e na mesma noite foram presos, o bispo d'Evora (o qual, mettido em uma aspera prisão, morreu, ou foi morto, dentro em poucos dias) — seu irmão, D. Fernando de Menezes, D. Guterres Coutinho, D. Pedro de Athaide; dos quaes foram logo degolados, D. Fernando e D. Pedro, e, pouco depois, o foi tambem Pedro d'Albuquerque; e D. Guterres, acabou em uma dura prisão, tambem dentro em poucos dias.

«Os outros cumplices escaparam por differentes modos.

«Este fim teve aquella conjuração, e nunca o terá mais feliz, qualquer outra que fôr (como esta foi) urdida por homens ambiciosos e inquietos, que sem outra cousa mais que os seus particulares interesses, ou o ardor da vingança, se arrojam a tão precipitadas resoluções.

«Deixou-nos o duque um lastimoso exemplo do engano que os mortaes padecem na ancia (sempre n'elles viva) da sua exaltação; porque o arrebatado e violento desejo de reinar lhe tirou, não só a vida, mas a corôa, que sem duvida conseguiria, se com socêgo esperasse a volta do tempo e do mundo, como succedeu a seu irmão D. Manoel, a quem el-rei, no mesmo dia, deu os estados do defuncto, ordenando que se intitulasse duque de Béja, e depois, veio a empunhar o sceptro, por morte do mesmo rei.»

—

1484 — 6 d'agosto — Estando D. João II ainda em Setubal, concedeu muitos privilegios e regalias a *Gonçalo Pires Bandeira*, fidalgo escudeiro de sua casa, em premio dos serviços por elle prestados nas guerras da Africa, e principalmente na famosa *batalha de Tôro* (maio de 1476) onde, com o dito soberano (sendo ainda infante) e seu pae, D. Affonso V, pelejára heroicamente aquelle Gonçalo Pires, que foi ao meio do exercito castelhano, com imminente perigo de vida, e arrancou das mãos de Sotto-Maior, fidalgo castelhano, a bandeira real portugueza, que o inimigo nos tinha tomado, e a entregou a D. Affonso V, que mandou que d'alli em diante, Gonçalo Pires e seus descendentes usassem o appellido de Bandeira.

É hoje representante d'este guerreiro illustre, o sr. José Maria Bandeira Monteiro

outro filho, nem filha, legitimos. D. Affonso tinha casado com D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, mas não teve descendencia; pelo que herdou a corôa D. Manoel, duque de Béja, irmão da rainha D. Leonor, e primo do rei. Este, teve um filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, tronco dos duques d'Aveiro.

PINHO LEAL.

Subágua, da Granja. (Vide 8.º vol., pag. 152, col. 1.ª)

Foi tambem n'esta batalha que se tornou celebre o famoso *Duarte d'Almeida* — o *Decepado*. (Vide 6.º volume, pag. 397, col. 2.ª)

Os que desejarem saber á causa d'esta guerra e da batalha de Tôro, que foi a ultima d'ella, vejam no 6.º volume, pag. 309, col. 2.ª

—

Em 28 de julho de 1580, D. Antonio, prior do Crato, faz a sua entrada triumphal em Setubal, cujos moradores o receberam debaixo do palio.

Quatro governadores do reino, depois da morte do cardeal-rei, temendo o povo de Lisboa, e porque as tropas de Philippe II haviam entrado no Alemtejo, com direcção a Lisboa, se retiraram para Setubal, onde poucos dias depois se lhes reuniu o quinto governador, D. João Tello.

O prior do Crato tinha mandado a Setubal, o conde de Vimioso, intimar os taes governadores para que o reconhecessem como rei de Portugal, e os governadores, que estavam comprados pelos castelhanos, o quizeram prender, mas o povo se revoltou contra elles e contra o traidor Dom Christovam de Moura. Este, receando ser morto pelos portuguezes fieis, fugiu para Alcacer do Sal; e os governadores, temendo egual sorte, fugiram para uma caravella que estava no rio, e sahindo barra fóra, andaram *á kapar*, até se juntarem aos castelhamos

O povo de Setubal toma o partido de D. Antonio. O duque d'Alba, com um exercito de 22:000 homens, chega a Setubal, e occupa o mosteiro de S. João. Um traidor abriu as portas da villa aos castelhamos, que entrando n'ella a saquearam.

A fortaleza do Outão, porem, continuou a resistir aos invasores, e o duque d'Alba a atacou fortemente, porque queria que a esquadra do marquez de Santa Cruz (que andava a *bordejar* nas aguas de Setubal) entrasse no Sádo.

Era governador da fortaleza o bravo e leal Mendo da Motta, que a defendeu intrepidamente, porem a maior parte da guarnição, á vista de tão grandes forças do inimigo, obrigou o governador a capitular com todas as honras da guerra.

Foi pela fidelidade e patriotismo dos setubalenses, n'esta conjunctura, que D. Luiza de Gusmão, rainha regente, lhe deu o titulo de *leaes vassallos*, como vimos no principio d'este artigo.

—

O castello de Palmella, tambem estava por D. Antonio, mas logo que a guarnição soube da perda de Setubal, rendeu-se aos castelhanos.

—

O usurpador Philippe III esteve em Setubal, em 1619, e ahi presidiu a um capitulo dos cavalleiros d'Aviz.

—

Quando se descobriu a conjuração contra D. João IV (vide no 1.º volume, pag. 445, col. 1.ª — e 4.º vol., pag. 113, col. 1.ª — 1641 — 29 d'agosto) foram presos em Setubal, por traidores, D. Antonio de Athaide, conde da Castanheira, que ficou encarcerado no castello de S Philippe — Mathias d'Albuquerque, e Gonçalo Pires de Carvalho, que ficaram presos na torre do Outão — e Manoel Valente, escrivão da tavola, de Setubal, que foi para o Limoeiro. (Vide o paragrapho *Torre do Outão*.)

Tanto estes reus, como os mais conspiradores, foram presos a 28 de julho de 1641.

Mettidos immediatamente em processo, foram julgados e sentenciados.

O marquez de Villa Real, de 52 annos de edade — seu filho, o duque de Caminha, de 27 annos — o conde de Armamar, de 24 annos — e D. Agostinho Manoel, de 58 annos, foram degolados, na praça do Rocio,

de Lisboa, a 29 de agosto do mesmo anno de 1641 [1].

Pedro Baeça, Belchior Correia da Fonceca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente, foram enforcados, no mesmo dia e logar.

No dia 9 de setembro, do mesmo anno, e pelo mesmo crime, foram enforcados em frente do Limoeiro — Christovam Cogominho, e Antonio Correia.

Durante todas estas execuções, o povo de Lisboa dava incessantes vivas a D. João IV, que n'esse dia se vestiu de rigoroso luto.

Alguns dos presos foram julgados sem culpa, outros morreram nas prisões. D. Sebastião de Mattos e Noronha, arcebispo de Braga, que foi o chefe da conspiração, morreu na torre de S. Julião da Barra (alguns dizem que envenenado) mostrou grande arrependimento, e pediu que o enterrassem no adro de qualquer egreja, em campa raza, para não ficar memoria do que fôra.

—

Em 14 de outubro de 1652, quando mais acceza andava a guerra da restauração, a camara convocou para os seus paços, todos os que negociavam em sal, pedindo-lhes que continuassem a pagar por mais outros trez annos, 80 réis por cada moio de sal, para este dinheiro, e o mais que se podesse haver, ser applicado a fortificar Setubal, pondo a povoação em estado de se poder defender de qualquer ataque dos castelhanos. Todos concordaram gostosamente.

—

No dia 10 de fevereiro de 1668, fizeram-se em Setubal grandes festas, celebrando o tratado de paz com Castella. Da egreja de S. Julião para a da Senhora da Graça, sahiu uma pomposa procissão, na qual hia a imagem de Santo Antonio, com a bandeira da paz, e muitas danças e *invenções*.

—

Em 10 de janeiro de 1702, pelas 10 horas da manhan, principiou a chover em tanta quantidade, que todas as ruas de Setubal se transformaram em rios, sendo preciso atravesal-as em barcos, para acudir a algumas casas, onde a agua entrava, pondo em perigo os seus moradores.

(Vide *Temporaes de 5, 19 e 24 de dezembro de 1876.*)

—

1703 — 19 de março — A camara de Setubal requer, que S. Francisco Xavier seja dado como padroeiro do povo d'esta cidade — então villa.

—

Em 1721 instituiu-se em Setubal a *Academia Problematica.* A sua primeira sessão foi a 30 de maio [1].

Nem memoria gloriosa, nem cousa de merecimento deixou esta *problematica academia.* Alguns versos latinos ou portuguezes, eivados do gongorismo d'aquelle tempo, e hoje completamente esquecidos — e uns insipidos e pueris *problemas,* taes como estes: — *Qual fez mais Alexandre Magno em comquistar o mundo* [2], *ou Diogenes em o desprezar?*

[1] Os corpos d'estes quatro fidalgos estiveram no Rocio até á meia noite, sendo então levados, na tumba da Misericordia, para a egreja dos Remedios, dos carmelitas descalços. Assim acabaram, o ducado de Caminha, o marquezado de Villa Real, e o condado de Armamar. A casa de Villa Real era a mais opulenta que então havia no reino.

[1] Era então mania dominante, as academias, de differentes denominações. No mesmo anno de 1721, se instituiu em Santarem a *Academia dos Laureados.* Tambem se instituiu outra *academia* em Guimarães.

Todas morreram, sem deixar saudades.

Tinha dado origem a estas *academias,* o desejo de imitar Lisboa, onde, por um decreto de D. João V, datado de *Lisboa Occidental,* a 8 de dezembro de 1720, se tinha creado a *Academia Real de Historia Portugueza* («Regia Academia Historiae Lusitanae Instituta VI Idus Decembris CIↃIↃCCↃXX.»)

Esta sim, que prestou grandes serviços ás sciencias e bellas lettras, com as magnificas obras que publicou dos seus esclarecidos socios, como se póde ver no *Gabinete Historico,* de frei Claudio da Conceição, tomo 7.º, capitulo 5.º, a pag. 100 e seguintes.

[2] Alexandre Magno era filho de Philippe, rei da Macedonia. Nasceu em Pella, 356 annos antes de Jesus Christo. — Na edade de 20 annos, succedeu a seu pae, e logo conquistou a Thracia e a Illyria, e destruiu a famosa cidade de Thebas (vide 6.º volume, pag. 148); declarou guerra aos persas, conquistou a Lydia, a Ionia, Caria, Pamphilia, e Capadocia. Desbaratou o exercito de Dario, junto ao rio Issa. Conquistou muitas provincias da Persia; a cidade de Tyro, ca-

Este *problema* foi o objecto da primeira sessão.

Na segunda, ventilou-se o *problema* seguinte: — *Qual seria mais conveniente ao imperio romano; conservar Carthago, ou destruil-a?*

Na terceira sessão, propoz-se o *problema*: — *Se era mais glorioso para um principe, obrar por conselho, ou sem elle?*

Para assumpto poetico, *a gloria que Setubal lograva com esta academia!*

Todos os mais *problemas* eram d'esta transcendencia, e a sua resolução discutida em palavriado pedantesco.

Basta dizer que, na segunda sessão, as poesias latinas e portuguezas, dedicadas ao papa (era então Innocencio XIII) [1] foram em tão grande quantidade, que o secretario levou mais de QUATRO HORAS a recital-as!

Na quarta sessão, o *problema* foi: — *Em que foi maior D. Nuno Alvares Pereira, pelo seu valor, ou pela sua generosidade em premiar os que o ajudaram a libertar a patria?*

As sessões eram doze por anmo, nos ultimos dias de cada mez.

—

1724 — 19 de novembro — Rebenta sobre Setubal, uma tão furiosa tempestade, que arruinou muitos edificios e arrancou arvores seculares, e fez naufragar quasi todas as embarcações surtas no porto.

—

O espantoso terramoto do 1.º de novembro de 1755, que tantas desgraças e horrores causou á maior parte de Portugal, sobre tudo na Extremadura, Alemtejo e Algarve, tambem fez grandes destroços em Setubal.

Entre as 9 e 10 horas da manhan (ás mesmas em que este terrivel cataclysmo se deu em Lisboa e nas outras partes) estando o ceu claro e sereno, e a atmosphera mais quente do que costuma ser n'aquella estação, principiou a terra a tremer violentamente. Setubal soffreu mais do que as outras povoações, porque sahiram da terra grandes jactos d'agua, que se levantaram a grande altura, ao mesmo tempo que o mar, que abandonára a praia, refluiu logo com grande furia, assolando o porto, destruindo as embarcações, e matando muita gente.

Lagos, Fáro, Silves, Tavira, Castro-Marim, e outras muitas povoações do Algarve, como temos visto n'esta obra, ficaram em misero estado. Em Cascaes, quasi todos os edificios ficaram arruinados.

Á mesma hora e no mesmo dia, se fez sentir este horroroso terramoto, em Cadix, Porto de Santa Maria, S. Lucar, Xerez, Porto-Real, Algeciras, Ayamonte, Sevilha, Córdova, Granada e Alicante. No reino de Marrocos; em toda a costa occidental da Africa, desde Salé até Ceuta, foram destruidas muitas cidades, villas e aldeias; principalmente Marrocos, Fez, Tetuão, Saffi, Arzilla, Tanger, e Ceuta; porem Mequinez, soffreu mais do que nenhuma das outras; porque alli abriu a terra um grande boqueirão, engolindo *dez mil* homens e mulheres, e grande numero de cavallos e camêllos.

Não escaparam a este terrivel cataclysmo, na Europa, a Suecia, a Pomerania, a Hollanda, a França, a Inglaterra e a Irlanda e outras muitas regiões. Na America, quem mais soffreu foram as ilhas Barbadas e Antigoa. Só a Asia e a Oceania escaparam aos effeitos d'este medonho terramoto.

—

A 15 de setembro de 1765, nasce em Setubal, Manoel Maria Barbosa du Bocage.

pital da Phenicia, e marchou contra os judeus da Syria, mas, tendo-lhe o summo pontifice, Jado, feito ver as profecias de Daniel, que descreviam todas as conquistas d'Alexandre, obteve do rei quanto quiz. Segunda vez derrotou o exercito de Darío, na famosa batalha de Arbella, que lhe deu o imperio de toda a Persia. Passou depois ao Egypto, e ahi construiu Alexandria. Finalmente, tendo conquistado toda a Asia e as Indias (pela derrota de Póro) morreu em Babylonia, tendo apenas 32 annos de edade. Dizia que era filho de Jupiter. Tinha particular veneração pelos deuses e pelos sabios, e honrou sempre seu mestre, o grande Aristoteles. Por fim de contas, era um famoso borrachão, e morreu pelos seus excessos na glotoneria.

Apezar das suas grandes conquistas (que se reduziram á Africa e á Asia) d'aqui a *conquistar o mundo*, vae grande differença.

[1] Alexandre XIII succedeu a Clemente XI, em 1721, e falleceu em 1724, succedendo-lhe Bento (ou Benedicto) XIII.

—

Uma parte dos setubalenses, que em 1820 tinham feito grandes festas, officiaes, ao juramento da constituição, em 1820, se reuniram na casa da camara, a 3 d'abril de 1823, onde fizeram protestos de fidelidade á mesma constituição, prestando-se voluntariamente a organisarem uma *guarda civica*, em defeza da nova ordem de cousas — o que todavia não obstou a que d'ahi a dous mezes festejassem a queda da constituição, e acclamassem calorosamente, e com as maiores demonstrações de regosijo, D. João VI absoluto [1].

—

1833 (22 de julho.)—A columna do general Antonio José de Souza Manoel e Menezes Severim de Noronha, conde de Villa-Flor (e duque da Terceira, desde 8 de novembro de 1832) entra em Setubal, marchando no dia seguinte para Almada. (Vide 1.º vol., pag. 141, col. 2.ª)

—

1836 — 11 de setembro — Alguns individuos de Setubal, denominando-se *junta constitucional*, acclamam (pela meia noite!) a constituição de 1822, adherindo á revolta da guarda nacional de Lisboa (9 e 10 do mesmo mez de setembro.) Vide vol. 1.º, pag. 350, col. 2.ª — e 8.º vol, pag. 259, col. 2.ª — (N'este logar do 8.º volume vem descripta detalhadamente esta revolta, e os seus resultados.)

—

Em 1837, funda-se em Setubal, no edificio do mosteiro dos carmelitas descalços, um collegio para expostos, sustentado pela camara. Abriu-se a 10 de julho do mesmo anno. O seu fim era a educação dos expostos, desde a edade de 7 até 25 annos. Mudou-se depois para outros edificios, até que, por fim, acabou, por falta de dinheiro para o custeamento das suas despezas.

—

1839 ou 1840 — Organisa-se em Setubal o novo regimento de infanteria n.º 12, em substituição do antigo do mesmo numero (*infanteria de Chaves*) que, por ser legitimista, deixou de existir desde a convenção d'Evora-Monte.

—

1847 — 1.º de maio — Combate do *Alto do Viso*, proximo e a O. de Setubal, dado por o general, conde de Vinhaes, cabralista, contra Sá da Bandeira, setembrista. Este é derrotado, e foge para bordo de um navio inglez que estava fundeado no Sádo, abandonando as suas tropas, que se dispersaram, desorganisadas. (Vide 8.º vol., pag. 520, col 1.ª)

—

1849 — Funda-se a *Sociedade Archeologica Lusitana*, para a exploração das ruinas de Cetobriga. Podia fazer muito, mas fez muito pouco, porque lhe faltou o apoio do governo, que julgou mais conveniente guardar o dinheiro do povo, para o gastar no *acampamento de Tancos*, na *Penitenciaria*, e n'outras cousas...

—

1851 — 14 de maio — A camara e as auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, e diversos particulares, assignam, nos paços do concelho, uma manifestação a favor do partido denominado *regenerador*, a cuja frente se tinha collocado o marechal Saldanha. (Vide 8.º vol., pag. 336, col. 1.ª)

—

1858 — 2 de agosto — Abertura do lyceu municipal de Setubal, estabelecido no mosteiro da Bôa-Hora, onde ainda existe. Comprehende as seguintes disciplinas:

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

1.ª classe — ler, escrever e contar, doutrina christan e civilidade.

[1] A maior parte dos habitantes de Setubal era realista; e não foi só aqui, mas em muitas terras de Portugal, que os mesmos que fizeram grandes festas á constituição (tanto em 1820, como em 1826) as fizeram ainda maiores, á sua queda, em 1823 e 1828.
Em 1823, as côrtes quizeram, mas não poderam, reprimir a contra-revolução, que dominava todo o reino. As *guardas nacionaes* de Lisboa, creadas pelos liberaes, nada quizeram fazer para lhes evitarem a queda. As tropas do norte, reuniram-se ao marquez de Chaves (general Silveira) a favor do rei; e até as divisões dos generaes liberaes, Pêgo e Luiz do Rego, que pouco antes tinham combatido contra os realistas de Silveira, acclamaram enthusiasticamente o rei absoluto, e as tropas de Pêgo até o insultaram e apuparam!

2.ª *classe* — grammatica portugueza, leitura e analyse de classicos nacionaes, em prosa e verso, operações de arithmetica, systema metrico-decimal, regra de trez, de juros, de falsa posição, de liga, e desenho linear.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

1.ª *classe* — grammatica e lingua franceza, geographia, chronologia, historia geral, chorographia, e historia nacional.

2.ª *classe* — rhetorica, inglez, economia politica, arithmetica, algebra, geometria, trigonometria plana, escripturação mercantil, navegação, desenho de ornato, de paisagem e de machinas.

Os alumnos pagam mensalmente:

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

1.ª *classe* — 240 réis.
2.ª *classe* — 480 réis.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

1.ª e 2.ª *classe* — 960 réis.

Os alumnos pobres teem ensino gratuito em qualquer das disciplinas.

—

A camara d'este municipio despendeu com instrucção publica, no anno economico ultimo (1879) 1:239$380 réis, sendo com subsidio ao lyceu municipal 500$000 réis, com subsidios a professores de escolas de instrucção primaria 118$275 réis, com custeio e rendas de casas das ditas escolas 364$330 réis, com gratificações a professores 58$255 réis, com premios a professores 36$400 réis, com o collegio de orfãs pobres 76$800 réis, com custeio de cursos nocturnos 69$380 réis e com a bibliotheca popular 15$940 réis.

Se a estas verbas se juntar a quantia de 100$000 réis, em que póde ser calculado o valor da renda do edificio municipal onde está o lyceu e 50$000 réis do valor da renda da casa, tambem municipal, em que está a escola do sexo feminino das freguezias de S. Julião e Nossa Senhora da Annunciada, o despendio feito pelo municipio de Setubal com instrucção publica eleva-se á quantia de 1:389$380 réis.

Ha districtos onde todos os municipios reunidos não despendem tanto com a instrucção do povo.

—

N'este mesmo anno, de 1858, a 11 de novembro, houve um grande tremor de terra, em Lisboa, Setubal e outras partes, causando graves prejuizos.

—

1860 — 19 d'abril — Setubal é elevada á cathegoria de cidade, pelo sr. D. Pedro V.

Não copio a carta régia que lhe confere este titulo, por ser bastante extensa; limito-me a mencionar os motivos principaes, em que ella se funda:

1.º Por ser a povoação immediata em importancia, ás primeiras cidades do reino.

2.º Pelos constantes testemunhos que os setubalenses teem dado de nobre dedicação ao throno e ás instituições constitucionaes.

Esta carta régia foi referendada pelo marquez de Loulé (depois primeiro duque do mesmo titulo) então ministro do reino, e presidente do conselho de ministros.

—

1861 — 1.º de fevereiro — O ramal do caminho de ferro, do Barreiro a Setubal, é aberto á circulação publica.

Na estação do *Pinhal-Novo* — do caminho de ferro do sul e sueste — é o entroncamento d'este ramal. (Vide *Pinhal Novo*.)

A estação de Setubal fica a uns 1:500 metros da margem direita do Sádo, o que causa graves prejuizos ao commercio, pois que as mercadorias teem de soffrer duas baldeações desde o rio até Lisboa, e vice-versa. Trata-se de levar o caminho de ferro até á margem do rio.

—

1868 — 10 de fevereiro — Um grande incendio devorou parte do castello de S. Philippe. (Vide n'este artigo, *Setubal militar*.)

Situação da cidade de Setubal

A parte principal da cidade é construida sobre uma planicie, terreno de aluvião, que, como vimos, as aguas abandonaram ha muitos seculos. O bairro do Trôino, fica ao O., e, em parte, sobre terreno mais elevado.

A formação geologica dos terrenos de Setubal e immediações, é muito variada. Desde

a torre do Outão, á boca da barra, até á foz da ribeira de Marateca (que é um braço do Sádo) domina a argilla e os depositos arenosos que as aguas teem depositado, em terreno levemente accidentado, contendo os feracissimos valles das *ribeiras da Rasca* e da *Ajuda*.

Em *Albarquel*, domina a formação cretacia, ou gypzosa (depositos que conteem camadas de gêsso) e fossilifera [1], sobreposta á argillosa, formando grandes aglomerações. Uma d'estas, fórma o monte onde se construiu o castello de S. Philippe.

A formação cretacia do terreno d'Albarquel, tem muito menos densidade, como o que se descobre nas ravinas dos *Bonécos*, e á raiz austral da serra de S. Luiz.

A praia da *Saúde* é de formação argillosa.

Na parte oriental da cidade, desde as Fontainhas até Santa Catharina, o terreno sóbe bastante, e é formado pelas areias aglutinadas pelo grés ferruginoso. É n'este sitio, mas quasi á beira do rio, que se vê essa raridade geologica que o povo denomina *pedra furada*, cuja descripção darei em paragrapho especial.

—

A peninsula de Setubal póde dividir-se em trez bacias hydrographicas — a do norte, que comprehende os affluentes do Tejjo — a do sul, que comprehende os affluentes do Sádo — e a do oeste, que é o *valle da Apostiça*, com duas pequenas ribeiras (*Arruaes* e *Brava*) que alimentam a *lagoa d'Albufeira*. (Vide o 1.º vol., a pag. 52, col. 2.ª)

A bacia hydrographica do norte (a maior das trez) é limitada pelas collinas do Azeitão, Cabanas, Palmella, e charnéca da Lenteigueira.

A do sul, comprehende as ribeiras da Rasca, da Ajuda (antiga Aravil), d'Algodeia [1], e os ribeiros que desaguam no golfo chamado ribeira de Maratéca.

A formação geologica dos terrenos de Setubal e seu termo, é em geral, favorravel á agricultura e silvicultura, que tem ainda a seu favor a amenidade do clima.

A flora maritima é tambem muito rica e variada, e differentes especies de maariscos vivem e medram nas aguas de Setubahl e nas rochas e cavernas da costa. No fundo d'estas cavernas, e adherente á rocha, medrra e se propaga o *chicote do mar*, esse zoophitito maritimo, que levanta orgulhoso os seuus braços brancos e transparentes, e do qqual se não conhece congenere, senão nos maares do Japão [2].

No rio Sádo, e nas aguas de Setubbal, ha mais de duzentas especies de peixes..

[1] Dá-se o nome de *fossil*, ao corpo que foi animado, que viveu, e que, no interior das rochas, conserva a sua fórma. Diz-se *concha*, *osso*, etc., *fossil*, quando não mudam de natureza nem de fórma. Diz-se *concha*, ou *osso petrificado*, quando se mudaram em silica. *Pau fossil*, quando ainda é susceptivel de arder. *Pau petrificado*, quando se mudou em agatha Antigamente dava-se o nome de fossil a toda a qualidade de mineral.

Muitas vezes as plantas, deixaram de existir no interior das rochas, ou do carvão fossil, ficando perfeitamente gravadas no sitio que tinham occupado: a isto, dá-se o nome de impressões. As impressões de fectos (planta) são as que apparecem em maior quantidade, e mais frequentemente, o que leva a acreditar que o fecto é uma das mais antigas plantas da natureza.

Os fosseis mais notaveis do reino animal, são: — o *mastodonte*, maior que o elephante actual — o *mamouth*, ainda mais corpolento — o *megatherio*, especie de preguiça colossal — o *ichtyosauro*, especie de lagarto amphibio — o *pterodactylo*, especie de morcêgo, ou vampiro, collossal, etc., etc. — Acham-se fosseis de animaes e plantas cujas especies ainda existem; mas não está evidentemente provada a existencia de fosseis humanos.

[1] Algodea, é substantivo arabe — significa pequeno rio, ribeiro.

[2] Dá-se o nome de *zoophito* (derivado de duas palavras gregas, que significam *animal-planta*) a uns animaes de organisação differente e muito mais simples que os outros animaes. O zoophito tem as partes do corpo dispostas em fórma de leque, radiandd em torno de um eixo. Cortada uma parte, agarra-se á rocha, e forma outro zoophitito perfeito. Alguns, como o *chicote do mar*, assemelham-se a plantas, e é a esta circunmstancia que a especie deve a denominação de zoophitos, ou animaes-plantas.

—

Termo de Setubal

Setubal não tinha termo, porque os de Palmellla e Alcacer do Sal chegavam até áquella povoação.

Nas côrtes de Santarem (quartas d'esta cidade, e decimas quartas de Portugal) convocadas em 1340, os procuradores de Setubal pediram e obtiveram que lhes fosse demarcado o seu termo, á custa dos de Alcacer do Sal e de Palmella.

Era então mestre da ordem de S. Thiago, D. Garcia Peres, que, em 17 de julho da era de Cessar 1381 (6 de julho de 1343 de Jesus Christo) procedeu á medição do termo, segundo consta de uma carta sua, subscripta pelo escrivão da ordem, Affonso Annes, em Alcacer do Sal, e que por extensa não copio, dando apenas o principal d'ella, que é como se segue [1]:

«D. Affonso (IV) pela Graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve — a vós, D. Garcia Peres, Mestre da Ordem de S. Thiago, saude. Sabêdes que os homens bons e Concelho de Setubal, me enviaram dizer, em como não haviam termo, e que recebiam muito damno dos de Palmella, porque o termo da dita villa de Palmella chegava até á villa de Setubal; e que alguns faziam côimas, que logo eram chamados para Palmella, e que andavam allli dispendendo muito do que haviam; e que outrosim, não lavravam nem aproveitavam a perto de Setubal, porque não era seu termo, etc., etc. — E Eu, vendo o que me pediam, e porque entendo que é muito aguizado da dita villa de Setubal, haver seu termo, em que possam os moradores d'ahi aproveitar: outrosim, porque se essa villa possa melhor povoar; e porque as ditas de Palmellla e Alcacer, hão tamanhos termos, que isto lhes não é damnoso; e pelo muito serviço que Eu, e aquelles donde venho, recebemos d'elles, e esperamos receber em diante, outrosim essa ordem, tenho por bem, e mando-vos (ao tal D. Garcia Peres) que chegueis ao dito logar de Setubal, e que lhe deis por termo d'onde o ora hão, e como se vae pelo caminho de Monte-Mór até Agualva, e de ahi, como se vae por meio d'essa Ribeira, até onde entra essa em Marateca — e como se vae, por meio da agua de Marateca, até onde entra o rio que vae d'Alcacer para Setubal — e por meio da foz de Pera, assim como se vae direitamente topar na costa do mar — e assim, desde esse logar, até ao Cabo de Faro, fique por termo de Setubal — outrosim, como vae d'aquelle logar, e entra o caminho de Monte Mór, que vae de Palmella para Setubal, direito por traz do Oução de contra Palmella, e da casa que foi de Martin Annes, padre João Romeu, e d'aqui direitamente á azenha que foi de Pigua Rason, que sohia de estar em Algodeia, e assim, por essa ribeira acima, como vae direitamente pela vinha de Gonçalo Annes Carêlho, e que vae topar direitamente na ribeira de Alcube [1], pela metade d'esse rio de Alcube, como vae entrar no mar, a par de Mouguellas, etc., etc.»

D. Garcia Peres, em cumprimento d'esta provisão, metteu marcos nos seguintes logares, para designarem os limites do termo de Setubal:

1.º marco — onde entra o caminho de Monte-Mór, que vae de Palmella para Setubal.

2.º — na Varzea da Ordem.

3.º — no caminho dos Pinhares.

4.º — na azenha que foi de *Pua Razon* (n'outra parte, chama-lhe *Pigua Rason*) no caminho que vae para Alferrara.

5.º — no caminho que vae para Azeitão, contra o *aguião* (norte).

6.º — no mesmo caminho d'Azeitão, virado ao *poiante* (poente) como vae á Cabeça das Cavernas.

7.º — no cabeço alto de sobre a Varzem Redonda.

8.º — em uma sobreira do Alcube. (Aqui,

[1] Não se segue exactamente a orthographia da provisão, e da carta do mestre, para se evittarem notas explicativas, das palavras obsolettas.

[1] *Alcube* é corrupção do substantivo árabe *alcôbbe*, que significa *torrinha*.

serviu de marco uma cruz, feita na sobreira.)

9.º — na ribeira do Alcube.

10.º — ao fundo de Mouguellas, até topar no mar.

11.º — por cima da ponte de Aljaruz [1].

12.º — no caminho, acima da Venda da Abrunheira.

13.º — na veia d'Agualva.

14.º — na mesma veia, a topar com o rio de Marateca.

Apezar d'estas demarcações, ainda houve desordens, por causa dos limites d'estes termos, principalmente entre Setubal e Palmella, pelo que, em 1569, o rei D. Sebastião mandou novamente demarcar o termo de Setubal, para que de nenhuma parte d'elle se podessem apossar pessoas poderosas (que costumavam unir terrenos do concelho, ás propriedades a elles contiguas; do que se queixavam o provedor da camara e os vereadores.)

Continuaram as duvidas e desaguisados, pelo que D. Luiza de Gusmão, rainha regente, na menoridade de seu filho, D. Affonso VI, mandou que se fizesse uma escriptura de contrato, composição, confirmação e ratificação de visinhança, entre as camaras de Setubal e Alcacer do Sal.

—

Egrejas matrizes [2]

S. Julião

Consta que foi fundada por pescadores.

Esta egreja parece que esteve antigamente ligada ao edificio chamado *Paço do Duque* (d'Aveiro) que no fim do seculo XV, pertenciam a Nuno da Cunha [1]. Parece que a frente d'esta egreja era virada para o norte, em vista do primor da esculptura da porta d'este lado, que era resguardada por um alpendre, que o terramoto do 1.º de novembro de 1755 destruiu, e não se tornou a erguer. (A egreja tambem ficou muito damnificada com este cataclismo.)

Do *Livro dos obitos* d'esta freguezia, (fl. 89) consta que, quando abateu o alpendre, ficou debaixo das suas ruinas, o irmão José, eremitão da capella de S. Braz; e que, passados seis dias, ao remover-se o entulho, se achou ainda vivo, mas dando-se-lhe a absolvição, expirou.

Estando bastante arruinada, em consequencia do terramoto de 1531, foi esta egreja reconstruida em 1570, e revestida de talha dourada a capella do Santissimo Sacramento.

O beneficiado Francisco de Faria, e o dr. Luiz Alvares de Brito, deixaram á irmandade erecta n'esta egreja, muitos bens, com encargos de dotes e vestidos, para orphãos e viuvas, que ainda se cumprem annualmente.

Com parte d'esta freguezia, como já vimos, se formou, em 14 de março de 1553, a freguezia de Nossa Senhora da Annunciada.

Entre o Paço do Duque e a egreja, devia correr um lanço da muralha, parte da qual (a do sul) ainda se conservou até 1835. Dentro d'esta muralha ficava o picadeiro do paço.

Por uma portaria de 31 de dezembro do dito anno de 1835, foi cedido á camara o terreno do picadeiro, para alargamento e aformoseamento da praça do Sapal; e auctorisada a mesma camara, para demolir o tal muro.

No principio do seculo XVI, estava tão arruinada a egreja de S. Julião, que o rei D. Manoel, por carta régia, dada em Evora, a 2 de fevereiro de 1513, ordenou que, á custa do povo, fosse reconstruida; e tambem a de Nossa Senhora da Graça, ampliando-se

[1] Aljaruz, é corrupção do substantivo árabe *Alzarub*. — É o canal principal do telhado. Deriva-se do verbo *zaraba* — correr para baixo, pingar, cahir ás gôtas. Na Terra da Feira dá-se o nome de *aljarozes*, ás lousas que formam os beiraes dos telhados.

[2] As egrejas matrizes não vão pela sua situação topographica, que é da maneira seguinte — principiando de E. para O.

1.ª — S. Sebastião.
2.ª — Santa Maria da Graça.
3.ª — S. Julião.
4.ª — Nossa Senhora da Annunciada.

[1] Em parte d'este palacio, está actualmente estabelecido o *Hotel do Escoveiro*, o melhor da cidade.

ambas (que eram pequenas para o numero de parochianos que tinham) contribuindo o mestre de S. Thiago com 500$000 réis da ordem, para as despezas d'esta reconstrucção, a cada uma d'estas egrejas.

No districto d'esta freguezia ha as sumptuosas egrejas do Carmo e de Jesus, e as ermidas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Soccorro, e a capella dos terceiros de S. Francisco.

O relogio que veio da Suissa, principiou a *trabalhar* na torre da egreja de S. Julião, em maio de 1876 [1].

Nossa Senhora da Graça

Esta egreja e a de S. Julião são as mais antigas matrizes de Setubal. Parte da da Senhora da Graça constituiu em 14 de março de 1553 a freguezia de S. Sebastião, quando da de S. Julião sahiu a freguezia da Annunciada.

Foi mandada reedificar pelo rei D. Sebastião, que confirmou a concessão feita por seus antecessores, da capella-mór d'esta egreja ser para jazigo dos Cabêdos, de Setubal.

[1] A capella do Santissimo Sacramento d'esta egreja, era de Francisco Rodrigues d'Almeida, fidalgo da casa real; e na mesma capella tiveram missa quotidiana, Martim de Faria e D. Antonio de Mello, instituidores do mórgado de que foi administrador o dito Almeida.

N'esta egreja está erecta a confraria de S. José, que, a 7 de junho de 1697, obteve de D. Pedro II uma provisão, determinando que os pedreiros e carpinteiros que ai ella não pertencessem, ou pertencendo, não pagassem os annuaes, não podessem ser juizes do officio; exercer qualquer emprego na camara; nem ser votados em qualquer eleição da confraria. (Esta confraria está em grande decadencia e quasi extincta.)

A egreja da Senhora da Graça tem benção papal, ou apostolica, dada em 1879, com grande solemnidade, pelo nuncio do actual pontifice, Leão XIII.

Por uma provisão do rei D. Manoel, passada em Evora, a 5 de fevereiro de 1512, é ordenado aos moradores de Setubal, que, *só por esta vez*, em razão da grande necessidade que então havia, paguem a reconstrucção das egrejas da Senhora da Graça e *S. Gião* (S. Julião.)

Gonçalo Mendes de Vasconcellos, conego doutoral da Sé d'Evora, desembargador dos aggravos, e deputado do Santo Officio, sendo enviado a Roma, trouxe de lá privilegio perpétuo, para o altar da capella-mór d'esta egreja, a favor das missas dos defunctos.

A freguezia de S. Sebastião foi constituida com uma parte d'esta da Senhora da Graça.

No reinado de D. José I, houve uma curiosa pendencia, entre o juiz da irmandade do Santissimo Sacramento, d'esta egreja, e a camara. O juiz queria hir, nas procissões da Paschoa e Corpus Christi, logo atraz do palio e antes dos vereadores. O rei ordenou que a camara tivesse a precedencia.

Em 1603, mandou D. Philippe III, que do dinheiro das sizas se pozésse um relogio em uma das torres d'esta egreja, accrescentando-se a altura d'ambas. Foi a obra avaliada em 800$000 réis, e reconhecida como necessaria, para enobrecimento e utilidade da povoação, e por não ser bastante o relogio que já estava na torre da egreja de S. Julião, que era baixa, pelo que as horas se não ouviam bem.

Foi sepultado n'esta egreja, no mausoleu da sua familia, o celebre pintor, José Antonio Benedicto Soares de Faria e Barros (o *morgado de Setubal.*)

Nascêra na villa de Mafra, pelos annos de 1750 ou 1751. Desde a infancia, revelou grande vocação para a pintura, e veio a ser um pintor distinctissimo. Morreu solteiro, em 1809, deixando o seu morgado a um sobrinho, filho de uma sua irman.

No districto d'esta freguezia estão — a egreja da Misericordia, e as ermidas — do Corpo Santo, Santo Antonio do Postigo, e Senhor Jesus do Bom-fim.

S. Sebastião

Existiu proximo da ponte de S. Sebastião, uma ermida, dedicada ao martyr, que deu o nome á tal ponte. Esta ermida serviu por muito tempo de egreja matriz da freguezia, quando ella se formou, á custa da da Senhora da Graça, como vimos.

A ermida era muito antiga e ameaçava ruina, pelo que a séde da parochia se mudou para a actual egreja de S. Sebastião.

A primitiva egreja do orago foi demolida, pelos annos de 1850.

A nova matriz d'esta parochia é a egreja dos frades dominicos, como veremos quando se tratar dos mosteiros.

Foi mais de trinta annos prior d'esta freguezia, e vigario geral do arcediagado, o padre Manoel da Gama Xaro, distincto archeologo, e um dos fundadores da *Sociedade Archeologica Lusitana*. Falleceu conego da Sé de Lisboa, a 10 de março de 1870.

Pertencem a esta freguezia as egrejas da Bôa-Hora, e de S. João, e as ermidas de S. Francisco Xavier, e de Nossa Senhora da Graça.

Nossa Senhora da Annunciada

A egreja de Nossa Senhora da Annunciada, foi elevada a matriz da freguezia da sua invocação, que se creou em 14 de março de 1553, com parte da de S. Julião, como já vimos.

Segundo a lenda, pelos annos de 1260, na praia do Trôino, foi achada por uma pobre velha, uma formosa imagem da Santissima Virgem, á qual, em attenção ao logar em que appareceu, se deu a invocação de *Senhora da Agua*. Tambem, em razão da sua estatura, se lhe dava o nome de *Senhora Pequenina*, e, por o povo acreditar que fôra obrada pelos anjos, se lhe chamou *Senhora Angelical*, e por fim, *Senhora da Annunciada*.

Eis, em poucas palavras, o que diz a lenda:

A velha, andava na praia apanhando a lenha que o rio deixava na vasante. Chegando a casa, deitou no lume um dos paus que achara, mas elle saltou fóra da fogueira: tornando-o a deitar no lume, por trez vezes saltou para o meio da casa, mas da ultima lançou um grande resplandor. A mulher, examinando aquillo attentamente, viu que era uma imagem de Nossa Senhora, e exclamou: — *Virgem Annunciada!* — Em breve se espalhou a noticia d'este achado, por toda a povoação, que correu a casa da mulher, ver a santa imagem, tomando-lhe desde logo tão grande devoção, que resolveram construir-lhe um templo, o que levaram a effeito, e no altar-mór collocaram a imagem da Senhora, mettida em uma rica custodia de ouro, pondo-lhe na baze uma reliquia do Santo Lenho, mettida em uma ambula de crystal, e tudo guardado em um sacrario. Esta custodia é exposta á veneração dos fieis no dia da festa da padroeira, em todos os sabbados da quaresma, e quando algum piedoso christão o sollicita. (Até aqui a lenda.)

—

A imagem tem apenas duas pollegadas de altura, e é muito bem esculpida, tendo o Menino Jesus nos braços.

Construido o templo, foi logo instituida uma irmandade, com seu compromisso (1368) que era uma especie de Misericordia, pois tambem fundaram um hospital para os doentes pobres, e uma albergaria para peregrinos. Em 1700, tinha o hospital só duas enfermarias, uma para pobres, outra para os monges da Arrabida, e de Alferrára, quando adoeciam.

Este hospital foi fundado em 1372; mas no principio era só para homens e mulheres seculares. Os religiosos que adoeciam nos mosteiros da Arrabida e de Alferrára, hiam para o hospital real de Todos os Santos, do Rocio, de Lisboa; mas esta jornada, então muito penosa, lhes agravava a molestia, pelo que o provincial da ordem tratou de adquirir uma enfermaria, em Setubal, onde fossem tratados.

N'esse tempo, Innocencio de Carvalho, e sua mulher, Luiza de Mello, tinham fundado um hospital para pobres, a que a Misericordia não podesse assistir. Este hospital era em umas casas dos fundadores, contiguas á egreja da Senhora da Annunciada, e ao hospital da sua irmandade. Foi n'este hospital que, a rogos dos frades, se lhes deram duas enfermarias. Foi em uma d'ellas que morreu o mavioso poeta, frei Agostinho da Cruz, irmão do classico Diogo Bernardes, e que tinha (frei Agostinho) vivido muitos annos solitario, em um retiro da serra da Arrabida.

Os fundadores d'este hospital deixaram, por testamento, 10$000 réis annuaes para roupas e curativos dos religiosos.

Em 1699, estava este hospital muito des-

prevenido de leitos, roupas e mais objectos precizos para o fim a que foi destinado; mas as pessoas caritativas de Setubal se cotisaram voluntariamente, e com as suas esmolas se adquiriu tudo o que faltava.

Um dos paragraphos do compromisso da irmandade da Senhora da Annunciada, é do theor seguinte:

«Estabelecido é, que, desque a dita confraria fôr ornamentada dos ornamentos ecclesiasticos, que dos bens e heranças que hi derem os confrades vivos e passados, (fallecidos) e outros homens boos, e boas donas, por suas almas. Que fação hum paço, em que recebão em pessoa de Jesu Christo, os pobres barões (varões) — e outro em que recebão as pobres mulheres, na honra da Virgem Santa Maria; a cuja honra, esta confraria é fundada, como dito he. E nos quaes logo lhes sejão administradas todalas cousas necessarias, segundo a posse da confraria. Em guiza que as sete obras de misericordia, que nos Deos ha muy caramente de mandar, ao dia do gram juizo, sejão compridas, nos pobres, que som membros de Jezu Christo; dando aos famintos, de comer; e aos sedorentos, (sequiosos) de beber; e a ospedes, albergue; e aos nus, vestimento; aos enfermos, viisitamento; aos prezos, *accorrimento* [1]; aos mortos, soterramento; e ás nossas almas, salvamento. Amem.»

No archivo da Misericordia existe um traslado do compromisso, tirado em 1770, e é d'este traslado que se extrahiu o paragrapho que fica transcripto.

A Senhora da Annunciada era objecto de tão grande devoção, que os primeiros que quizeram entrar na sua irmandade, foi o rei D. Affonso III, sua esposa a rainha D. Brites (filha de D. Affonso X, de Castella) e todos os seus filhos, assim como todos os fidalgos da côrte.

Depois tambem se metteram irmãos d'esta confraria, D. Manoel I, D. João III e D. Sebastião.

Os pontifices, a rogo do rei D. Manoel, concederam a esta irmandade muitas indulgencias, e a isenção de toda a jurisdicção ecclesiastica, e só sujeita aos papas, como consta do seu compromisso, e da bulla do pontifice Alexandre VI, de fevereiro de 1503, dirigida ao D. prior do convento de Christo, de Thomar [1].

Este compromisso foi confirmado: — por D. João I, a 12 de junho de 1425 — pelo rei D. Duarte, a 19 de junho de 1434 — por D. Affonso V, em 24 de agosto de 1454 — por D. João II, em 4 de setembro de 1486 — e pelo rei D. Manoel (que estava então em Setubal) a 17 de maio de 1496 Este mesmo soberano, passou um alvará, datado de Setubal, a 6 de outubro de 1504, mandando que o provedor da comarca não impedisse aos confrades d'esta irmandade, regerem os bens d'ella como lhes parecesse.

Tinha a irmandade quatro capellães, para as missas dos sabbados, domingos, dias sanctificados, e em todas as festas da Senhora, sendo então as missas cantadas, com acompanhamento de orgam.

A festa principal é a 25 de março.

—

Em attenção aos muitos milagres que se attribuiam á Senhora da Annunciada, a camara lhe fez voto de fazer todos os annos, no primeiro sabbado da quaresma, á custa do municipio, uma grande festa, com exposição da imagem da Senhora, a que assistiriam todos os vereadores, encorporados. A esta solemnidade se dava o nome de *festa do voto.*

—

Com o correr dos annos, ou a camara

[1] Accorrimento é portuguez antigo — significa *soccôrro, auxilio, provimento,* etc. — Em uma carta de D. Fernando I, tratando do porto do Pocinho (barca do Pocinho) no Douro, diz — «*Pelo qual Porto, podemos passar a todo o tempo, pera* accorrimento *e defensom da dita Comarca, em quanto a dita Villa* (Moncôrvo) *fôr poborada e manteuda, como ora he.*»

Tambem se dizia — *accorro,* com a mesma significação — «*Não devem os cavalleiros empenhar o cavallo e as armas, por grande coita* (desgraça, afflicção) *que houvessem, ainda que nenhum outro* accorro, *nom podessem haver.*» (*Cod. Alf.*, Liv. 1.º, tit. 63, § 28.)

[1] 1503, foi o ultimo anno do pontificado de Alexandre VI, que falleceu n'esse mesmo anno, succedendo-lhe Pio III.

deixou de fazer esta festa, ou a fez com menos solemnidade; porem, D. Maria I, por carta regia de 1783, mandou á camara que a continuasse com o explendor com que se fazia antigamente.

—

O infante D. Fernando [1], por um alvará, de 22 de dezembro de 1462, mandou fazer a porta principal da egreja da Senhora da Annunciada.

Outro alvará do mesmo infante, datado de 23 de outubro de 1467, determina que, em virtude da demanda, entre os confrades d'esta irmandade, e os officiaes do concelho, aquelles tomem posse do *sapal, que foi marinha, e que jaz em Trouno* (Trôino) e façam d'elle o que quizerem, *pois que o dito sapal já pertencia á mesma Senhora da Annunciada.*

—

Um alvará de D. Jorge [2], mestre da ordem de S. Thiago, datado de 6 de novembro de 1494, ordena que se não façam casas no largo da Annunciada, porque a sua confraria tem conta certa de praia, diante da sua egreja.

—

Já vimos que a freguezia da Senhora da Annunciada se creou em 14 de março de 1553, desmembrando-se os fogos que a constituiram, da freguezia de S. Julião, e ficando a antiga egreja da mesma Senhora a servir de matriz da nova freguezia.

D. João III pediu aos confrades da irmandade, que *emprestassem* a egreja da Annunciada, para matriz da nova freguezia, até se construir egreja parochial; no que os confrades consentiram, *sob a condição de que o parocho não tivesse jurisdição alguma na egreja, mais do que na administração dos sacramentos; ficando toda a mais jurisdição á confraria da Senhora.*

D. João III, por uma carta, datada de Lisboa, a 20 de junho de 1553, agradece aos confrades do hospital de Nossa Senhora da Annunciada, o consentimento que deram para que a sua egreja servisse interinamente de parochia.

No anno seguinte, os confrades da irmandade, e o prior da freguezia, vieram a um accordo, por causa do pé d'altar, em que a irmandade ficava prejudicada, desde que a sua egreja ficou servindo de matriz, e assentaram que o parocho désse 12$000 réis annuaes á irmandade, o que foi approvado por um alvará régio, de 29 de janeiro de 1555; mas esta combinação não teve effeito, pelo que, outro alvará, de 20 de novembro de 1556, mandou que a confraria recebesse os taes 12$000 réis, não do parocho, mas das rendas que a ordem de S. Thiago tinha em Setubal.

Mas, a desintelligencia entre o parocho e os irmãos continuou.

Os mórdomos da confraria teimavam em guardar as chaves da egreja, tendo o parocho de as mandar buscar a casa do mórdomo que as tinha, o que ás vezes levava muito tempo, e dava causa a que os sacramentos não eram administrados aos enfermos a tempo e horas.

O parocho queixou-se d'isto á rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino na menoridade de seu neto, o rei

[1] D. Fernando era duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte. O infante foi mestre da ordem de S. Thiago da Espada, e por isso legislava para Setubal, que era d'aquella ordem cujo patrimonio se estendia a QUARENTA E SETE VILLAS E LOGARES, COM CENTO E CINCOENTA COMMENDAS, que rendiam mais de noventa mil cruzados (36:000$000 réis) pelas antigas avaliações.

[2] Este D. Jorge, era filho bastardo de D. João II, e o unico que lhe sobreviveu. Era mestre de S. Thiago, duque de Coimbra, e foi o tronco dos Alencastros, duques de Aveiro. Era, alem de mestre da ordem, commendador d'ella, e foi d'elle que herdaram a grande casa que os duques d'Aveiro possuiram por estas terras (Setubal, Palmella, Cezimbra, Alcacer do Sal, S. Thiago de Cacem, e muitas propriedades e foros no Riba-Tejo.) — Como o filho unico do rei (o principe D. Affonso) morreu na margem direita do Tejo, junto a Santarem, da queda de um cavallo (12 de julho de 1491) D. João II quiz deixar a corôa ao unico filho que lhe ficou (D. Jorge) mas a rainha D. Leonor, sua mulher (irmã do duque de Beja, depois — rei D. Manoel) e os fidalgos da côrte, oppozeram-se tenazmente, e o rei não cumpriu o seu desejo. Todavia, D. Manoel, depois de rei, estimou sempre muito a D. Jorge, e lhe fez muitas mercês.

D. Sebastião. A rainha, por carta régia de 12 de novembro de 1557 (primeiro da sua regencia) dirigida aos juizes e mórdomos da confraria, mandou que as chaves da egreja passassem da mão do sachristão da confraria, para a do prior, ou do thesoureiro, para que a toda a hora do dia ou da noite, se podessem administrar brevemente os sacramentos aos enfermos que os pedissem.

Os mórdomos exasperaram-se com esta determinação, e as rivalidades augmentaram entre elles e o parocho, chegando a tal ponto, que o rei D. Sebastião resolveu mandar arrazar a egreja da confraria, e construir outra, no mesmo logar, para matriz da parochia.

O rei morreu, porem (ou desappareceu) na batalha d'Alcacer-Kebir, em 4 de agosto de 1578, pelo que a ameaça não teve effeito, e as brigas continuaram, sobre a posse da chave do sacrario, em quinta feira santa.

Isto durava desde o ephemero reinado do cardeal rei, da usurpação dos trez Philippes, do reinado de D. Affonso VI, e do principio do reinado de D. Pedro II.—Este monarcha decidiu que a chave do sacrario estivesse em poder do juiz da confraria.

—

Com o terramoto do 1.º de novembro de 1755, soffreu esta egreja grande ruina, pelo que foi transferida a séde da parochia para a egreja de Nossa Senhora da Saude, e aqui esteve até 1834, sendo então mudada para a egreja do mosteiro dos carmelitas descalços, a qual foi reconstruida em 1876 (dando o governo para isso um subsidio de réis 11:175$940, concorrendo com o resto a junta de parochia e a irmandade do Santissimo Sacramento, d'esta freguezia) concluindo-se as obras em abril de 1878, sendo a egreja benzida a 27 d'esse mez, e no dia 4 de maio seguinte se fez a trasladação do Santissimo Sacramento, e da imagem de Nossa Senhora da Annunciada, da egreja da Saude (que servia de matriz, como antigamente) para a egreja reconstruida.

O edificio do mosteiro, parte foi vendida, e o resto ficou sendo dependencia da egreja.

—

A confraria da Annunciada foi supprimida em 1861, e o seu hospital annexado ao da Misericordia, em 1869. (Vide *Misericordia.*)

—

No districto d'esta freguezia, ha as egrejas de Nossa Senhora da Soledade; Nossa Senhora da Saude; Nossa Senhora dos Anjos, de Brancannes; Senhor Jesus da Bôa-Morte; e de S. Francisco — e as ermidas de Nossa Senhora da Encarnação, e de S. Pedro, de Alcube. (Vide adiante—*Egreja de S. Francisco.*)

—

Mosteiros de Setubal

Teve esta cidade, nada menos de treze conventos — os seguintes:

Freiras

1.º — *Freiras de Jesus* (capuchas de Santa Clara.) Foi fundado em 1489, por Justa Rodrigues Pereira, senhora nobre, natural de Beja, e que foi ama do rei D. Manoel.—Deu o risco para esta obra o architecto Botaca, constructor do mosteiro dos Jeronimos, de Belem.

A egreja d'este mosteiro é o mais notavel edificio de Setubal [1].

Está o edificio construido no sitio antigamente chamado *Sapal do Troino,* ao fim da actual Rua Nova da Conceição, a melhor (a unica que merece o nome de *rua*) d'esta cidade.

O terreno do mosteiro era da corôa (ou do municipio) e D. Affonso V o deu a Alvaro Dias, que por sua morte o doou á confraria da Annunciada, á qual a fundadora o comprou para esta construcção.

Soror Leonor de S. João, abbadessa d'este mosteiro, escreveu a historia da fundação d'elle, a qual está inedita.

[1] Não sei quem foi o desalmado, que na restauração d'esta egreja, de 1859, se foi ás juntas das columnas das naves, e as bezuntou ignobilmente de cal e róxo-terra, e aos capiteis, laçarias e artezões do tecto (que tudo é do bello marmore multicor da Arrabida) e os sujou com óca e rôxo-terra!

O arco cruzeiro é sustentado por columnas do mesmo marmore e no mesmo gosto das do corpo da egreja, porem mais delgadas.

D. João II, e depois seu primo, cunhado e successor, o rei D. Manoel, foram sollicitos protectores do mosteiro de Jesus.

Auctorisou a fundação do convento o papa Innocencio VIII, em 1488, sendo a licença régia dada por D. João II, em Evora, a 16 de maio de 1490.

Lançou a primeira pedra (em 17 d'agosto do mesmo anno de 1490) D. Justo, bispo de Ceuta, assistindo a esta ceremonia D. João Fernandes, prior-mór de S. Thiago, alem de grande concurso de povo [1].

Vindo a Setubal, em 1491, D. João II, achou a egreja acanhada e a mandou ampliar, abrindo-se para isso novos alicerces, com doze palmos de espessura.

D. Manoel, que conservava grande amisade a sua ama, lhe satisfez todas as exigencias, e declarando-se padroeiro do mosteiro, mandou que o corpo da egreja fosse de trez naves, e, como a capella mór, todo construido de bello marmore da Arrabida.

As primeiras sete freiras d'este mosteiro vieram da cidade de Gaudia, onde a fundadora as foi buscar, levando para isso uma carta do rei D. Manoel, para o duque d'aquella cidade.

Em 11 de junho de 1496, entraram para o mosteiro, como noviças — duas damas da princeza D. Joanna, segunda mulher e sobrinha de D. Affonso V, e filha de Henrique IV, de Castella [2], a *Excellente Senhora.* (Vide *Santarem*, 8.º vol., pag. 505, col. 1.ª) — quatro damas da rainha D. Leonor, mulher de D. João II (irman do rei D. Manoel) — e uma dama da duqueza de Bragança.

O rei D. Manoel deu a este mosteiro muitas e ricas alfaias e ornamentos, e entre ellas, a ópa de brocado de ouro, que vestiu no dia da sua acclamação, com a qual se fizeram dous magnificos paramentos.

D. João III, e D. Sebastião, tambem foram desvelados protectores d'estas freiras, e o segundo d'estes monarchas lhes concedeu varios privilegios e isenções, deu-lhes ricas tapeçarias e outras preciosidades, e mandou fazer, á sua custa, uma formosa casa de ante-côro. N'esta casa, que é de duas naves, com quatro arcos de pedra, se vêem no tecto primorosas pinturas, e na capella contigua se vê uma bellissima imagem de Jesus Christo crucificado, de tamanho natural [1].

A egreja (cujo pavimento está hoje mais de dous palmos abaixo do sólo exterior) é, como vimos, de trez naves, sustentadas por columnas salomonicas (torcidas, assemelhando-se — mas muito mais tôscas — ao pelourinho de Lisboa.)

Toda a egreja é de abobada de pedra.

Os degraus que conduzem ao altar-mór são de um formoso mosaico, de varias côres.

O tecto da capella-mór é de um trabalho admiravel. A tribuna é de rica talha dourada.

A parte superior das paredes lateraes interiores do templo, até á cimalha, está revestida de dezeseis magnificos quadros, quasi todos vindos da Allemanha, mandados de presente, pelo imperador Maximiliano, ao nosso rei D. Manoel e a sua terceira mulher, a rainha D. Leonor [2]. Estão oito de cada lado, em luxuosas molduras. Todos repre-

[1] A data do texto é a que vem na *Memoria sobre a historia de Setubal*, a pag. 179. Julgo que é engano. O padre Francisco de Santa Maria, sempre bem informado e veridico, diz no *Anno Historico*, tomo 2.º, pag. 571, o seguinte: — «No mesmo dia (*22 de agosto*) *anno de 1849*, teve principio a fundação do mosteiro de Jesus, de Setubal, de freiras observantissimas de Santa Clara. *O bispo, D. Diogo Hortiz de V lhegas, confessor de el-rei D. João II, benzeu a primeira pedra da sua egreja, e levando-a nas mãos, com o mesmo monarcha, a lançaram no seu logar.*» — Estou convencido que esta é que é a verdade.

[2] D. Affonso V casou a primeira vez, com sua prima, a rainha D. Isabel, filha do infante D. Pedro (o de Alfarrobeira) da qual teve trez filhos — D. João, que foi rei, segundo do nome — D. João, outro (o primogenito) que morreu creança — e D. Joanna, a *Princeza Santa*, beatificada pelo papa Innocencio XII. — Vide *Aveiro*, no convento de Jesus.

Da segunda mulher não teve filhos.

[1] O sr. D. Pedro V deu uma avultada esmola para ajuda da reparação feita no mosteiro, dos estragos que lhe causou o terramoto de 1858.

[2] O rei D. Manoel foi casado trez vezes — a primeira, com D Isabel, filha primogenita dos reis catholicos — a segunda, com D. Ma-

sentam scenas da paixão de Jesus Christo.

Alguns dos quadros d'esta egreja são attribuidos ao famoso Grão Vasco, célebre pintor portuguez. (Vide *Moinhos do Pintor*, 5.º vol., pag. 364, col. 2.ª) São, ao todo, dezesete quadros.

A parte inferior das paredes lateraes da egreja está revestida de formosos azulejos, figurando a *ladainha de Nossa Senhora*, e os da capella-mór representam scenas da vida de S. Francisco.

A egreja recebe luz, por duas altas e formosas janellas, de primorosa esculptura, com uma mimosa laçaria de pedra, onde estão os vidros, que primitivamente eram de côres.

A sachristia é pequena, escura, e nada tem de notavel, a não ser uns antigos quadros, pessimamente pintados, a oleo.

No pavimento da egreja, ha muitos carneiros e sepulturas de pessoas nobres, assim como no interior do mosteiro.

Sob o altar-mór, estão occultos dous tumulos singellos, sem inscripções, e uma campa raza, sobre a qual se vê um brazão d'armas dos Manoeis (vide *Villa-Flôr*.) Tem a seguinte inscripção:

AQUI JAZ D. ANTONIO MANOEL,
NETO DA FUNDADORA D'ESTE MOSTEIRO.

Estas sepulturas foram profanadas, com o fim de roubarem alguns objectos de valor que porventura lá encontrassem os profanadores, que tambem arrancaram os azulejos que guarneciam as paredes da casa onde estão estas sepulturas; e mutilaram, em grande parte, a inscripção que havia nas mesmas.

No pavimento da egreja, alem de varias campas de pessoas insignificantes, ha duas de fidalgos: uma tem as armas dos *Frias*; da outra já o brazão está apagado, pelo atrito dos pés. As incripções (se as teem, como é provavel) estão cobertas pelo soalho.

O terramoto de 11 de novembro de 1858, damnificou bastante este mosteiro, sendo necessario fazerem-se grandes concertos nos telhádos, abobadas e paredes do edificio, obtendo as freiras, para isso, alem de um avultado donativo do sr. D. Pedro V, muitas esmolas de varios fieis, sendo o principal d'elles o padre Francisco José Ferro Estafraz, capellão d'estas freiras. (Vide adiante —*Padre Estafraz*.)

Em 2 de novembro de 1860, veio o sr. D. Pedro V a Setubal, e foi visitar o convento. Ficou horrorisado —e com razão!— vendo as ridiculas e nojentas *pinturas* com que os pedreiros bezuntaram a bella cantaria do tecto e arcadas da egreja, como já fica dito em nota, n'este artigo. (Não sei a razão por que as freiras não teem mandado lavar aquelle destempero.) A egreja é pequena, mas está muito aceiada.

O portico da egreja é de um primoroso trabalho; pena é estar já bastante estragado.

No terreiro em frente da egreja, e a poucos metros d'ella, se admira um bellissimo cruseiro, de marmore da Arrabida, e de magnifico trabalho. As escadas sobre que se bazeia, não teem (que eu saiba) semelhantes no reino. São todas em recortes, cada um formado de uma só pedra. Como o terreno d'este sitio se levantou mais de dous palmos, os degraus inferioros estão soterrados.

Esta obra foi mandada fazer por D. Jorge, duque de Coimbra, mestre da ordem de S. Thiago, tronco dos duques d'Aveiro, e filho bastardo de D. João II.

D. Jorge deu tambem muitos terrenos para logradouro do mosteiro, e ricas alfaias para a sua egreja.

D. frei Henrique Soares, confessor do rei D. Manoel, e depois bispo de Ceuta (Africa) foi o primeiro confessor das freiras de Jesus. Foi tambem este prelado o que disse a primeira missa em terras do Brasil. No logar em que disse a missa, mandou pôr, para memoria, uma grande cruz. Foi por isto que se deu ao Brasil a denominaçao de *Terra de Santa Cruz*.

—

Quando eu estive em Setubal (1876) ainda este mosteiro era habitado por dez freiras—

ria, irman da antecedente — e a terceira, com D. Leonor, filha de Philippe I, de Castella.

sete professas n'elle, e trez que foram expulsas do seu convento de S. Domingos, e mandadas para aqui — e algumas recolhidas, e as competentes creadas, de umas e outras.

—

Toda a pedra de que é construido o templo e suas naves, assim como o formoso cruzeiro exterior, é do bello marmore da Arrabida (*grés multicor antigo.*) Não ha em Portugal outro templo construido com pedra d'esta qualidade [1].

Foi erecta na egreja d'este mosteiro a *irmandade do Senhor Jesus da Bôa Sentença*, em 1745.

O compromisso d'esta irmandade tem 14 capitulos,e foi approvado pelo primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida (da casa dos condes de Avintes — depois, marquezes do Lavradio.—Vide 4.º volume, pag. 276, col. 1.ª) em 21 de novembro do mesmo anno de 1745.

O mesmo compromisso manda, que, em todos os domingos, se faça uma procissão de Via-Sacra, levando a imagem do Senhor Jesus. Manda tambem fazer uma festa ao padroeiro da irmandade, no dia de Santa Cruz, de cada anno (3 de maio) e outra, na primeira sexta-feira da quaresma.

Foram seus fundadores, e assignaram o compromisso: — o padre Manoel Francisco Serra — o sargento-mór, Luiz Correia de Mendanha — Manoel Gonçalves — Pedro Jorge — Manoel Fragão d'Andrade — José Correia de Mendanha — José Nunes Gamito — Antonio Alvares Caldas — Antonio Marques Coelho — Augusto Gonçalves — João Gomes Esteves — Manoel Varella Mourão — Raphael Ferreira de Moura — Gregorio Ferreira Rego — Francisco Martins Bragança — e outros.

—

2.º — *Freiras dominicas* (de S. João Baptista.) Foi fundado em 1529, pelo referido D. Jorge, duque de Coimbra, e mestre da ordem de S. Thiago, e por sua mulher, a duqueza D. Brites.

Eis, segundo frei Luiz de Souza (*Hist. de S. Domingos*, parte 3.ª, cap. IX) a origem d'este mosteiro.

No termo de Setubal, alem do *Valle das Santas*, havia uma antiga ermida, dedicada a S. João Baptista, em sitio agreste e doentio, pelo que os setubalenses resolveram mudar a ermida para o meio das hortas, entre o chão do Sapal e a estrada d'Evora.

O duque D. Jorge e sua mulher, que residiam em Setubal, desde 1515 (no *paço do duque*, hoje *hotel Escoveiro*) concorreram com avultadas esmolas para esta obra, e animaram o povo a concluil-a; chegando a duqueza a ajudar a encher os cestos e padiolas, de pedras, para a nova ermida.

Concluidas as obras, foi transferida a imagem de S. João, para a sua nova casa.

Era o duque muito devoto, e convivia familiarmente com os frades dominicos do mosteiro de Villa Nogueira (Azeitão) tendo o seu palacio contiguo ao mosteiro [1].

Feita a ermida, que era ampla e aceiada, resolveu o duque e sua mulher fundar junto á ermida um mosteiro da ordem dos prégadores (dominicos) dando para isso o necessario terreno.

O duque fez a carta de doação do terreno para o novo mosteiro, em 20 de junho de 1520, o que foi auctorisado pelo rei D. Manoel [2].

[1] As credencias, mesas e outros objectos da *sachristia dos conegos* da Sé de Lisboa, diversos utensilios do mosteiro de S. Vicente de Fóra, e de outras egrejas da mesma cidade, são feitos da mesma pedra, que, depois de polida convenientemente, imita um formoso mosaico, pela variedade de suas cores. Esta qualidade de pedra, que é abundantissima na Arrabida, é sobremaneira rara em outras partes. Só se acha em terrenos da época primittiva. É susceptivel de um brilhante polido.

[1] Ainda existe este grande palacio, posto que já bastante arruinado. É hoje propriedade do sr. Miranda, de Lisboa.

N'este palacio foi preso, em dezembro de 1758, o desgraçado D. José Mascarenhas, descendente do duque D. Jorge, e ultimo duque d'Aveiro. Vide *Chão-Salgado*.

[2] D. João II pretendeu — por não ter filhos legitimos, e tendo o exemplo do seu bisavô, D. João I, nomear seu successor ao throno, a seu filho bastardo, o duque D. Jorge, de quem estamos tratando; o que não levou a

Foram encarregados de dar principio ás obras os padres dominicos, frei Gaspar, de Alcacer — e frei Antonio Mendes. Estes dous santos religiosos moraram alguns annos, em Setubal, em uma pobrissima casa, sustentando-se das esmolas dos fieis.

Mas D. Jorge achou bastantes difficuldades para a fundação de um convento de frades, pelo que, mudando de plano, resolveu que elle fosse para freiras, destinando algumas de suas filhas, para aqui professarem. Isto aplanou todas as difficuldades; e, tende o duque tomado esta resolução em 1525, já no dia 24 de junho de 1529 poderam fazer a sua entrada solemne no mosteiro, algumas religiosas do mosteiro de Jesus, d'Aveiro, tomando o habito de S. Domingos, n'esse mesmo dia, trez filhas dos duques, e trez sobrinhas, filhas da condessa de Portalegre, irman da duqueza.

O claustro d'este mosteiro está hoje transformado em — praça de touros!...

—

Frades

3.º — *Carmelitas calçados.* Foi fundado este mosteiro, em 1598, por frei Antonio da Visitação, com esmolas dos habitantes de Setubal.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 o arrazou, quasi totalmente. Depois, uma das casas do mosteiro, foi transformada em egreja, que ainda existe, e pertence aos irmãos terceiros do Carmo.

Parte do edificio do mosteiro foi vendida, depois de 1834, e o resto foi concedido á camara, que alli construiu uma escola publica, de instrucção primaria, para meninas.

Em terreno d'este mosteiro se construiu, em 1866, a *escola do conde de Ferreira.*

No pavimento inferior da escola de meninas, está hoje a estação da policia civil, e a casa da fiscalisação municipal. Tambem alli esteve, primeiramente, o quartel dos veteranos, e depois o do batalhão nacional, denominado *da carta e rainha.*

O resto do mosteiro e a egreja foram dados á ordem terceira do Carmo.

A irmandade dos terceiros do Carmo foi instituida em 1674, e logo no anno seguinte fez a procissão de domingo de Ramos (como ainda hoje faz) e, como as imagens que para ella tinha mandado fazer ainda não estavam promptas, pediu outras emprestadas, á ordem terceira do Carmo, de Lisboa. Em 1676, se constituiu definitivamente a ordem, e foram approvados os seus estatutos.

Os frades do Carmo fizeram doação aos terceiros, da portaria e corredor do claustro, para jazigo dos irmãos.

Em 1688 se fizeram novos estatutos, que foram approvados.

—

4.º — *Franciscanos.* Foi este mosteiro fundado em 1510, por D. Maria Annes Escolaris, e tambem com esmolas dos fieis, sendo Luiz de Miranda Henriques o que as deu mais repetidas e avultadas, pelo que ficou padroeiro do convento.

Com o tempo, se foi arruinando este mosteiro, pelo que teve de ser reedificado *a fundamentis*, sendo lançada a primeira pedra, por frei Manoel da Epiphania, provincial da ordem, no dia 1.º de dezembro de 1747.

Estava D. João II n'este mosteiro, quando Diogo Tinoco, vestido de frade (para mais facilmente poder aproximar-se do soberano) lhe denunciou a conspiração que se urdira contra elle.

O denunciante era irmão da amante de D. Garcia de Menezes, bispo d'Evora [1], e foi esta mulher que lhe revelou a conspiração. O rei o gratificou com cinco mil cruzados, e uma bôa tença.

effeito, pela tenaz opposição da rainha e da côrte, que queriam para rei, D. Manoel, duque de Béja, irmão da rainha. Apezar d'isso, quando D. Manoel subiu ao throno, mandou chamar D. Jorge, abraçou-o enternecidamente, e o tratou sempre como a proximo parente, cobrindo-o de honras e dignidades, e satisfazendo-lhe todos os desejos (que, diga-se a verdade, eram modestos e de facil satisfação.)

[1] O bispado d'Evora, foi elevado a arcebispado metropolitano (a rogos do rei D. João III, pelo papa Paulo III) em 1540. O seu primeiro arcebispo foi o infante D. Henrique, filho do rei D. Manoel, e irmão de D. João III, e depois da morte de D. Sebastião, foi (D. Henrique) o tristemente celebre cardeal-rei.

—

Tambem n'este mosteiro se hospedou o usurpador D. Philippe III, de Castella, quando visitou Setubal, em 1619.

Ainda que nos ultimos tempos, o rigor monachal estivesse em bastante decadencia, todavia, houve sempre n'este mosteiro religiosos de grande illustração e virtude; e quando os frades foram expulsos, em 1834, aqui estavam dous, respeitaveis pelo seu muito saber, e exemplar comportamento — frei José Pedro, e frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho.

—

Os liberaes venderam este mosteiro e suas dependencias, a Joaquim Torlades O'Neill. Seu filho, João Torlades O'Neill, sendo administrador da casa de sua mãe, viuva, mandou demolir a maior parte do mosteiro, que foi reedificado por Francisco José Pereira, que o comprou, e onde se estabeleceu em 1876 um excellente collegio, dirigido por padres lazaristas. Estes reedificaram a egreja, e adaptaram o edificio do mosteiro ao santo fim a que o destinavam. Estes padres compraram o mosteiro e cêrca ao dito Francisco José Pereira.

Esta egreja, depois de reedificada, foi benzida, com auctoridade do cardeal patriarcha actual de Lisboa, pelo padre Francisco Machado de Araujo, prior da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, em 3 de outubro de 1876.

—

5.º—*Trinos*. Foi este mosteiro fundado por frei Antonio Correia, provincial da ordem da Santissima Trindade, e lente de prima, na universidade de Coimbra, em 1669.

Todos sabem que a ordem da Santissima Trindade foi instituida, principalmente, para sollicitarem esmolas, e com ellas remirem os captivos em terra de mouros.

Em 1656, a camara e o povo de Setubal, requereram a D. João IV permissão para que dous religiosos d'esta ordem viessem para Setubal, obter esmolas, para a remissão dos christãos da villa, que estivessem captivos de infieis; o que o rei lhes concedeu.

Nomearam-se logo *mamposteiros*, para pedirem esmolas, ás portas das egrejas, e aos quaes concedeu a camara muitos privilegios.

Construiram-se casas para estes religiosos, proximo ao largo da Fonte-Nova, no bairro do Troino, e depois, o referido frei Antonio Correia fundou o mosteiro.

A egreja, edificio do mosteiro e suas dependencias, foram vendidos depois de 1834, e actualmente é uma propriedade particular. Ainda se vêem os seus restos, proximo ao largo da Fonte Nova, no bairro do Trôino.

—

6.º—*Mosteiro de Carmelitas descalços* — dedicado a Santa Thereza de Jesus. Foi construido ao E. do dos Carmelitas calçados, e separado d'elle pelo ribeiro que atravessa a cidade.

—

Os religiosos carmelitas descalços obtiveram, de D. Affonso VI, auctorisação para fundarem em Setubal um mosteiro da sua ordem; e pediram ao prior e beneficiados da freguezia de S. Julião, lhes emprestassem, por algum tempo, a ermida da Senhora do Livramento, para n'ella celebrarem os officios divinos. Foi-lhes concedida, e d'ella tomaram posse, em 15 de agosto de 1655.

Foi contiguo a esta ermida, que os frades construiram o seu mosteiro, que era pequeno e pobre.

Foi vendido depois de 1834, e um grande incendio o devorrou, em dezembro de 1876 [1]. O seu actual possuidor, reconstruiu parte d'elle, e alli reside, com a sua familia.

Junto a este edificio, está a ermida de Nossa Senhora do Livramento.

A egreja que foi do mosteiro, é a actual matriz da freguezia da Annunciada. (Vide esta palavra, no logar competente; e nas ermidas, *Nossa Senhora do Livramento*) [2].

[1] Parte do edificio do mosteiro estava convertido em armazens de cal por *queimar*, e, entrando n'ella alguma agua da chuva, se operou a combustão e depois a explosão, tão forte, que abalou quasi todas as fortissimas abobadas, rachando-as em muitas partes, e deslocando a cantaria de algumas janellas. Os moradores do pavimento superior, fugiram espavoridos.

[2] A parte do mosteiro que não ficou pertencendo á matriz, fôra primeiro vendida a

—

7.º *Collegio dos Jesuitas.* Foi fundado com a invocação de S. Francisco Xavier, por André Velho Freire (que foi sepultado na capella-mór d'esta egreja) em 1655, com uma avultada esmola sua, e muitas do povo; sendo o que faltou, pago pelos jesuitas.

Foi construido junto ao sitio de Palhaes (depois, praça de S. Bernardo).

Em 8 de junho de 1703, se deu aos padres o terreno precizo para accrescentamento do collegio.

Em a noite de 9 para 10 d'abril de 1715, foi roubada a egreja d'este collegio, com sacrilego desacato. Arrombaram o sacrario, roubaram o vaso sagrado, deixando espalhadas pelo altar, sete particulas consagradas, e roubaram dous calices de prata.

Houve depois preces e procissão de penitencia e desagravo, feitas por todo o clero, nobreza e povo, e o senado da camara (hindo os vereadores, com as varas e pendão cobertos de lucto).

Nunca se pôde saber quem foi o sacrilego, ou sacrilegos.

N'este collegio residiu, por algum tempo, o infeliz padre Gabriel Malagrida, natural da villa de Minajo, bispado de Cómo, no ducado de Milão (Italia) Tinha chegado a Lisboa, em 1750, depois de ter percorrido a maior parte da America, como missionario.

Era reputado como um virtuosissimo sacerdote, por todos que o conheciam.

Foi condemnado pelo *Santo Officio*, á morte de garrote «*e depois de morto, seja seu corpo queimado e reduzido a pó e cinza, para que d'elle e de sua sepultura não haja memoria alguma. E pague os autos. (!)* Esta sentença foi publicada em 29 de setembro de 1761. Segundo a tal sentença, os crimes d'este desgraçado visionario, eram — *fingir milagres, revelações, visões, locuções,, e outros favores celestiaes: querer que o tivessem por santo, e verdadeiro propheta, e ter enganado os povos de Portugal, extorquindo-lhes grossas sommas, com o pretexto de devoção e devotos fins: fomentar discordias e sedições: prophetisar successos funestos, etc., etc.*

E cumpriu-se esta absurda sentença, sendo o pobre Malagrida garrotado, na praça do Rocio de Lisboa, e depois, queimado o cadaver!

—

Sendo os jesuitas accusados de *crimes contra o estado, e até contra a Egreja (!)* foram suspensos do exercicio de confessar e prégar em todo o patriarchado, por decreto de 7 de junho de 1758. Por outro decreto, de 19 de janeiro de 1759, foram confiscados todos os collegios e bens dos jesuitas: e pelo decreto de 3 de setembro do mesmo anno, de 1759, foram banidos do reino, declarados *inimigos da patria* (de qual?) *e desnaturalisados para sempre (!)*

Os jesuitas de Setubal, foram presos, e conduzidos a Lisboa, onde alguns d'estes, e muitos dos outros collegios, morreram nas prisões.

—

A primitiva egreja do collegio, foi destruida pelo terramoto de 1755. Era de bôa architectura, tendo a frente para o fundo da egreja da senhora da Graça.

Depois do terramoto, os padres faziam os officios divinos, na capella de S. Francisco Xavier.

O edificio do mosteiro, foi vendido, e o seu actual proprietario (1880) mandou reconstruir decentemente a referida capella, que foi benzida solemnemente, em 3 de dezembro de 1873. O padroeiro continuou a ser S. Francisco Xavier.

N'esta reconstrucção se empregaram materiaes de diversos edificios religiosos, que estavam desmantelados.

—

Ao meu nobre amigo M. M. Portella devo o obsequio de um folhetim que publicou na *Gazeta Setubalense*, n.º 236, de 30 de novembro de 1873, e é o seguinte:

«Diversos foram os logares escolhidos em Setubal pelos padres da companhia de Jesus uma *companhia de pescarias*, e esta a vendeu a Joaquim Torlades O'Neill, sendo, por morte d'esta vendida á irmandade do Santissimo Sacramento da dita egreja. Em virtude da *famosa lei da desamortisação* (ou *liquidação...*) dos bens das irmandades e Misericordias, foi isto novamente á praça, e o comprou Francisco da Silva Vidal, que alli fixou a sua residencia, como fica dito.

Para a fundação do edificio em que tencionavam estabelecer o seu collegio.

«No reinado de D. Sebastião pedia este monarcha ás religiosas do mosteiro de Jesus cedessem, em troca de valiosas mercês, aos padres jesuitas, a capella de Nossa Senhora dos Anjos, que ellas possuiam proximo do seu convento, e a qual tinham comprado aos irmãos da Misericordia por 115$000 réis.

«Não lograram, porem, os ditos padres adquirir a capella, para darem principio á sua casa, porque as freiras se recusaram a vendel-a, com razões cortezes que el-rei attendeu, cedendo-a annos depois a alguns devotos e permittindo que junto d'ella se fizesse a da Senhora do Soccorro, tal qual nol-o refere a chronista soror Leonor de S. João.

«Continuaram os esforços dos jesuitas, por muitos annos, para levarem a effeito o seu intento de fundarem casa n'esta terra, e no dia primeiro de março de 1654, nos paços do concelho, em presença do senado da camara e povo, se lavrava o seguinte termo:

«Termo por que se nomêa sitio para a fundação do convento dos padres da companhia de Jesus.—E logo na dita vereação praticaram os officiaes da camara, que depois de se haver escripto carta a sua magestade, que Deus guarde, em que esta camara lhe pedia licença para os religiosos da companhia da Jesus fundarem um convento em esta villa, assim para o bem espiritual e proveito das almas, como para o temporal, doutrina e criação dos filhos, mandára sua magestade informar sobre esta materia e petição dos moradores d'este povo qua hoje, com desejo mui vivo viera a esta camara; o provedor da comarca, de ordem de sua magestade, chamára o povo, o qual, junto n'esta camara, manifestou seu desejo e vontade, pedindo a sua magestade lhe concedesse essa mercê, e agora tinham noticia que estava concedida e que mandava sua magestade declarar o sitio, e de onde havia sahir o dinheiro para a fundação, pelo que elles ditos officiaes da camara nomeavam o sitio da rua das Amoreiras até á estrada que vai para o terreiro de Jesus quadrado em todas as partes, e as despezas d'esta fundação sahirão das esmolas effectivas que tinham applicado gravosamente pelo povo, que até ao presente se achava importarem ao redor de dois contos de réis, e sendo necessario mais dinheiro, os ditos religiosos o despenderão de seus bens e rendas que tirarem, sem esta camara nem povo serem obrigados a contribuir com cousa alguma, salvo com as esmolas que cada um do povo, voluntariamente queira dar; d'este modo mandaram fazer este termo que assignam.»

«Esta segunda pretenção foi ainda frustrada, porque nunca no mencionado terreno se erigiu edificio que pertencesse á companhia de Jesus.

«Consta, porém, que no anno seguinte, 1655, se fundou junto á praça, depois chamada de S. Bernardo, a casa destinada ao collegio da referida companhia.

«Em 8 de junho de 1703 se concedeu o terreno preciso para o acrescentamento d'aquelle edificio, cuja capella foi roubada e n'ella houve desacato, que achamos descripto pelo modo seguinte:

«Na noite de 9 para 10 d'abril de 1715, furtaram o vaso em que estava o SS. Sacramento no sacrario do collegio dos padres da Companhia d'esta villa, e deixaram algumas particulas consagradas em o altar, e levaram mais dois calices da sachristia, e não levaram mais prata, sem impedimento para a poderem levar. Houve por este caso tão grande, até á semana santa, interdicto em todas as igrejas d'esta villa, por sentimento. Todas as religiões e collegiadas foram em communidade á igreja dos padres da Companhia com preces, e muitas tiveram disciplinas, com trez *misareres*. Houve procissão de preces, com todas as solemnidades, indo o povo, e nobreza de luto, de capas compridas, e levou na procissão o Santo Lenho, o conego José Faria Souto. Foi n'ella o senado da camara com varas negras e pendão negro. No primeiro de maio se fez um oitavario com o SS. exposto todo dia no collegio da Companhia, em que assistiram as religiões, cada uma seu dia, o 1.º os religiosos de S. Domingos, o 2.º os de S. Francisco, o 3.º os do Carmo, o 4.º os de S. Paulo, o 5.º os Carmelitas Descalços, o 6.º os de Brancannes, o 7.º os Capuchos de Alferrara e o 8.º os Cle-

rigos: prégando n'estes dias os melhores sujeitos d'estas religiões. No ultimo dia do oitavario houve uma procissão com o maior capricho que se pode fazer.

«Esteve devassando d'este caso, um inquisidor, o conego José Faria Souto, e o corregedor do crime da côrte e casa, José da Cunha Bochardo».

—

N'aquelle convento ou collegio residiu por algum tempo o celebre padre Gabriel Malagrida, que de Italia, sua patria, veiu em missão ao Brasil e d'ahi a Portugal, onde foi accusado, mas não convencido, de tentativa de regicidio, e tido depois por author de livros hereticos; soffreu o supplicio de morte a que o condemnou o tribunal da inquisição.

«O collegio acabou no anno de 1759, sendo presos e conduzidos a Lisboa os padres que n'elle existiam.

«O edificio passou depois a ser por algum tempo habitado pelas freiras da ordem de S. Bernardo.

«Sob as ruinas do claustro, estava soterrada a capella que acaba de ser reconstruida (3 de dezembro de 1873) pelo actual possuidor do sobredito edificio, o sr. Francisco José Pereira.

Manuel Maria Portella.

—

8.º—*Dominicos (ordem dos prégadores.)*—Foi este mosteiro fundado pelo cardeal D. Henrique (depois cardeal-rei) em 1566, quando era regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, o rei D. Sebastião.

A egreja que foi d'este mosteiro, e que os religiosos haviam reconstruido nos primeiros annos d'este seculo, é hoje a matriz da freguezia de S. Sebastião, e está perfeitamente conservada, como os frades a deixaram quando foram expulsos.

O edificio do mosteiro, tem servido de hospital militar, e outras dependencias, tambem militares; hoje serve de *casão* do batalhão de caçadores n.º 1.

A cêrca está convertida em cemiterio publico.

—

9.º—*Mosteiro d'agostinhos descalços (grillos).*—Foi fundado em 1566, pelo padre Jacintho de Mello. Ainda existe a egreja (*Nossa Senhora da Bôa-Hora).* O edificio do mosteiro foi concedido, parte, á camara, que alli estabeleceu as aulas do lyceu municipal, e as officinas da abegoaria da limpeza da cidade—a egreja e parte do edificio, foi dada á irmandade dos clerigos pobres, o que ainda possue.

10.º—*Missionarios penitentes franciscanos, de Nossa Senhora dos Anjos, de Brancannes* (Branca Annes).—Este seminario foi fundado por frei Antonio das Chagas [1], em 1680. A egreja foi solemnemente benzida, a 27 de junho de 1682, assistindo o 19.º arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Souza [2], que celebrou a missa, assistindo os frades de todas as ordens religiosas de Setubal e Palmella, e o clero, nobreza e povo d'estas duas villas.

Foi prégador, o padre Diogo Lobo, da Companhia de Jesus, famoso orador sagrado.

As obras do edificio, foram dirigidas por Pedro da Silva, e eram custeadas pelo real erario, e pelas esmolas de sal, que davam os donos das marinhas.

D. João V, se declarou protector d'este seminario, em 20 de agosto de 1713.

—

Tendo o terramoto de 1755 damnificado muito o edificio dos paços do concelho, a seguinte reunião da camara fez-se n'este seminario, para onde foi tambem removido o archivo municipal.

Foi n'essa vereação que os camaristas fizeram voto de uma procissão annual, no 1.º de novembro de cada anno, em commemoração do terramoto, o que cumpriu. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, sahia da sua ermida, para a do Senhor Jesus do Bomfim, sendo acompanhada pela camara, clero, nobreza e povo, pegando ao palio, só-

[1] Frei Antonio das Chagas, seguira a vida militar, chegando ao posto de capitão, do terço de Setubal. Era de caracter turbulento; mas, por fim, arrependido das suas travessuras de rapaz, fez-se religioso, e foi um exemplar e eloquentissimo missionario.

[2] Vide, 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª, no principio, e no 7.º vol., (no artigo *Porto)* anno de 1647, e no mesmo vol., pag. 508, col. 1.ª

mente pessoas qae tivessem servido empregos publicos, do governo da villa.

—

Os liberaes venderam este mosteiro e suas dependencias, a Agostinho Rodrigues Albino, e d'elle o herdou seu filho, Antonio Maria Albino, que o conservou em bom estado, restaurando a egreja, apezar d'ella não ser comprehendida na venda, mas foi concedida ao proprietario do mosteiro, para n'ella ter capellão que dissesse missa nos domingos e dias santos, o que o proprietario tem cumprido com a mais louvavel exactidão, e alli vae muita gente ouvir missa.

O sr. Albino, não só conserva a egreja em bom estado, mas com o maior aceio.

Na egreja d'este seminario, havia um quadro, da Visitação de Nossa Senhora, a Santa Isabel, obra do famoso Raphael, de Urbino, offerecido pelo pontifice Innocencio XI, á rainha D. Catharina (filha do nosso D. João IV, e viuva do rei de Inglaterra, Carlos II — a da Bemposta, de Lisboa). Fallecendo esta senhora, entre outras cousas, deixou o quadro, por testamento, a seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria Sophia Isabel de Neubourg, filha de Philippe Wilhelmo, conde palatino.

O infante, o deu, depois, a esta egreja. Em 1834, poude o quadro escapar das garras dos rapinantes, e existe hoje na academia das bellas artes, de Lisboa.

—

N'este seminario foram conventuaes dous varões virtuosissimos e dotados de grandes talentos — foram:

Frei Agostinho — eloquentissimo orador sagrado. O sr. D. Miguel I, por duas vezes lhe offereceu a mitra archiepiscopal de Evora, que elle, pela sua muita humildade, regeitou.

Frei Francisco das Chagas, irmão do antecedente, e como elle, famoso orador sagrado.

Eram irmãos de D. Maria Magdalena Soares da Cunha, ultima abbadessa do mosteiro de freiras franciscanas, da villa do Louriçal. (Vide 4.º vol., pag. 458, col. 1.ª — e 9.º vol., pag. 69, col. 2.ª)

Eram todos trez, naturaes do Sebal-Grande, concelho de Condeixa Nova.

—

O seminario de Brancannes, fica a um kilometro de Setubal, em sitio formosissimo, pelo que é constantemente visitado, não só por os habitantes da cidade, mas tambem por todas as pessoas de bom gosto, que veem a estas localidades.

As vistas que se gozam de Brancannes, são extensas e formosissimas, o que tem inspirado bellas composições, em proza e verso, a muitos dos seus visitantes.

O meu bom amigo, o sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes citado n'este artigo, escreveu, em uma das suas visitas a Brancannes, o seguinte sonêto:

Verte pranto suave a fonte pura,
e, em basta ramaria, vão tocando
as aves os seus cantos, bemdizendo
quem fez a luz, que é vida á creatura.

Lá em baixo, em tapete de verdura,
que a vista me deleita e está prendendo,
por entre varias flores, vae correndo
a prateada lympha, que murmura.

As casas branqueadas, pequeninas,
sobrepostas estão aos arvoredos,
no cimo dos outeiros e collinas.

Aqui, guarda o mosteiro os seus segredos,
e ao longe, o quadro fecham as ruinas
do vetusto castello, [1] entre fraguedos.

—

Pedro Pacheco de Flandres, natural de Setubal, fez tambem uma descripção do seminario de Brancannes, em 114 tercêtos, que se imprimiu em 1730. É hoje rarissima.

—

Os que desejarem mais amplas noticias com respeito a Brancannes, vejam o 1.º vol., pag. 485, col. 1.ª

—

11.º — *Monges arrabidos, de Alferrára.* — É nos arrabaldes (ao N.) de Setubal, entre

[1] O castello Palmella, que lhe fica a uns 4 kilometros a N. E.

esta cidade e a villa de Palmella. Foi fundado em 1383, com esmolas dos fieis. Em 1578, D. Estevam da Gama, filho do 1.º conde da Vidigueira, e neto do famosissimo D. Vasco da Gama, o reedificou e ampliou. (Vide o mosteiro seguinte).

O illustre setubalense, frei Pedro Lagarto, provincial da ordem, tambem concorreu poderosamente para a reconstrucção d'este mosteiro. Era um religioso, tão respeitavel pelas suas virtudes, como pelo seu acrisolado patriotismo, o que lhe attrahiu o odio de Philippe II, que o mandou degredado para Alcobaça, onde falleceu quasi no principio do seu degredo, de pesar, por ver Portugal em poder dos estrangeiros.

Posto que o sitio d'Alferrára, onde estão os restos d'estes dous mosteiros, (este e o seguinte) seja nos arrabaldes de Setubal, pertencem á freguezia de Palmella. (Vide o 12.º mosteiro).

—

12.º—*Frades Paulistas.*—É na encosta do monte que sobe para a serra visinha de Setubal. Foi este mosteiro fundado em 1420, por Mendo Gomes de Seabra (vulgarmente chamado *Mendo Oliva*). Era sujeito ao mosteiro de S. Paulo, da serra d'Ossa.

Eis o principio d'este mosteiro.

Na encosta da Serra de S. Philippe, e proximo do castello do mesmo nome, quasi á beira do Sado, ainda ha poucos annos se viam as ruinas da antiga ermida de S. Braz (no sitio que ainda conserva a denominação d'este santo) e as casas contiguas á mesma ermida, que antigamente serviam de lazareto.

N'esta capella fez um eremiterio, o dito Mendo Oliva, que havia sido amigo e companheiro d'armas, do grande condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, e que, como este, trocou a couraça, o murrião e a espada, pelo burel, o rosario e as disciplinas; e as batalhas pelas orações; vivendo, com mais alguns companheiros, n'este eremiterio, fazendo vida penitente.

Passado algum tempo, e com auxilio do rei D. Duarte, fundou, em Alferrára, e proximo ao mosteiro dos arrabidos, um mosteiro de eremitas de S. Paulo, onde terminou seus dias, como exemplar e virtuoso eremita.

Em 1531, D. João III mandou que estes dous mosteiros se reunissem, formando um só.

Depois de 1834, foram estes dous mosteiros postos em praça e comprados por Henrique O'Neill. Ambos estão muito arruinados, principalmente o dos arrabidos, que está completamente desmantelado e profanado, apezar da sua formosa situação, uma das mais pittorescas dos arrabaldes de Setubal, e da sua abundancia de optimas aguas, das quaes foi descoberta ha poucos annos uma nascente perenne.

—

Mendo Gomes de Seabra — vulgarmente denominado *Mendo Oliva*, foi um dos mais valentes e leaes capitães do exercito portuguez, nas guerras contra D. João I, de Castella, e d'elle faz honrosa menção, um alvará do rei D. Duarte.

Vide — *Ermida de S. Braz.*

13.º—*Capuchos franciscanos, da serra da Arrabida.*—Foi fundado este mosteiro por frei Martinho de Santa Maria (castelhano) filho dos condes de Santo Estevam del Puerto, em 1522.

Para evitarmos repetições, vide *Arrabida*, no 1.º volume d'esta obra; e no 8.º volume, pag. 424, col, 2.ª, *Santa Margarida (Lapa de)*.

Aqui só accrescentarei o seguinte:

—

Em setembro de 1834, houve um grande incendio na matta proxima do mosteiro, que esteve em risco de ser tambem devorado pelas chammas. Poucos dias depois (a 24 do mesmo mez de setembro) foram os monges expulsos do seu mosteiro.

—

Apenas os frades sahiram, saltaram-se alguns... individuos no mosteiro, e fizeram mão baixa em tudo quanto lhes pareceu, roubando uma grande parte dos livros da sua rica bibliotheca. Os que escaparam, foram para a livraria dos duques de Palmella, no palacio do Calhariz, entre a Arrabida e Cezimbra, onde ainda se conservam. (Vide 2.º vol., pag. 262, col. 2.ª)

—

Tanto o mosteiro, como os cubiculos espalhados pela serra, e pertencentes aos frades, foram profanados, roubados e devastados em 1834, apenas d'alli sahiram os frades.

—

Em 1876, o duque de Palmella, proprietario do mosteiro, mandou fazer n'elle muitos reparos. A egreja está em perfeito estado de conservação.

—

O ultimo solitario que viveu no chamado *convento velho* (que não quiz abandonar em 1834) que se compõe de grutas e ermidas dispersas, foi o leigo, *frei José de Nossa Senhora*, que foi achado morto, em 11 de novembro de 1870, na ermida de Santa Catharina, no alto da serra, onde viveu muitos annos. Era um frade virtuosissimo, e, ainda que pouco illustrado, intelligente, e a sua conversação era encantadora e edificante.

Frei Manoel, outro leigo que tinha a egreja a seu cargo, mas para a qual só olhava movido pelo interesse, morreu em Rilhafolles (Lisboa) doido furioso, por lhe terem roubado uma boa porção de dinheiro.

—

Proximo do caminho do mosteiro, para o *Valle do Solitario*, foi descoberta por um pastor, pelos annos de 1860, a famosa gruta subterranea, chamada *Lapa do Medico*, que é uma verdadeira maravilha da natureza. Adiante trato d'esta formosissima gruta[1].

—

No porto da Arrabida, se teem construido n'estes ultimos annos casas e cabanas, para habitação de pescadores.

[1] O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, menciona um segundo mosteiro de frades agostinhos descalços, fundado pelo rei D. Sebastião, em 1566. Não existe semelhante mosteiro. Alem d'isso, D. Sebastião tinha, em 1566, apenas 12 annos (nascêra a 20 de janeiro de 1554) e só tomou as rédeas do governo, em 1568. Na sua menoridade, foi regente, sua avó, a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, desde 1557 até 1562, e, depois, seu cunhado, o cardeal D. Henrique (o cardeal-rei) desde 1562, até 1568. D. Henrique era *tio-avô* de D. Sebastião, e filho do rei D. Manoel.

Ao sopé da serra da Arrabida, está o celebrado *Penêdo do duque*, assim chamado, porque D. Alvaro de Lencastre, duque de Aveiro, vinha para alli pescar muitas vezes.

É n'esta serra a magestosa egreja de Nossa Senhora do Cabo, e o forte do mesmo nome; o que tudo fica descripto na palavra *Senhora do Cabo*.

É tambem aqui a formosissima *Lapa de Santa Margarida*, que fica descripta no 8.º vol., pag. 424, col. 2.ª—O *Penêdo do duque*, fica proximo d'esta lapa.

Estão tambem n'esta serra, as ermidas da *Senhora do Carmo* (de que tratei no 8.º vol., pag. 425, col. 2.ª, e fica perto da *Lapa de Santa Margarida*); a de *Santa Catharina*, virgem e martyr; e o famosissimo santuario da *Senhora do Cabo*. (Vide esta palavra).

A torre do Outão e o *forte do Cabo* (em ruinas, como fica dito no artigo *Senhora do Cabo*) são ainda na serra da Arrabida, assim como a admiravel

Lapa do Medico

É uma obra maravilhosa da natureza, que, como já disse, foi descoberta, pelos annos de 1860, por um pastor da serra. É uma gruta subterranea, onde se admiram formosissimas stalactites e stalagmites[1].

Note-se porém que a *Lapa do Medico*, propriamente dita, não é a que tem a maior formosura, nem a que foi descoberta ha poucos annos: essa todos em Setubal sabiam da sua existencia, e lhe deram o nome que tem, porque um medico, desenganado das grandezas e vaevens do mundo (ou talvez

[1] As *stalactites*, são as concreções calcareas fixadas nos tectos das grutas, e que crescem descendo. As *stalagmites*, são as concreções calcareas depositadas sobre o sólo, pelas gôtas d'agua, carregadas de calcareo, que cáem das stalactites.

Tanto as stalactites como as stalagmites, tomam fórmas bizarras e fantasticas que encantam a vista. Muitas vezes, as stalactites, descendo—e as stalagmites subindo, formam columnatas e labyrintos, semelhando vastas cathedraes em ruinas. (Vide 5.º vol., pag. 118, col. 1.ª—e 8.º vol., pag. 204, col. 2.ª) Á luz dos archotes, estas concreções offerecem uma vista das mais surprehendentes e encantadoras.

movido pelos remorsos dos assassinios que tinha commettido com as suas mortiferas receitas) alli se recolheu, fazendo vida de oração e penitencia.

É por baixo d'esta lapa que está a portentosa gruta das concreções calcareas, de que ainda ha poucos annos ninguem tinha noticia, e que é uma gruta subterranea bastante espaçosa, de difficil entrada.

Quando estive em Setubal, em 1876, estava bastante incommodado, e o calor era excessivo, pelo que não pude hir ver esta notavel obra da natureza, do que tive muita pena.

O meu amigo, Manoel Maria Portella, tantas vezes mencionado n'este artigo, mandou-me uns folhetins que publicou na *Gazeta Setubalense*, descrevendo minuciosamente esta gruta; mas, infelizmente, desencaminharam-se pelo correio.

Devia ser obra primorosa, como tudo quanto sáe da penna de tão esclarecido escriptor.

Recolhimentos

1.º — *Nossa Senhora da Saude* — fundado para donzellas e orphans. Eis o seu principio:

No 1.º anno do reinado do usurpador, D. Philippe III (1598) se desenvolveu em Setubal uma terrivel peste, que fez grande numero de victimas.

Os setubalenses prometteram á Santissima Virgem, se os livrasse d'aquelle flagello, edificar-lhe uma ermida, da invocação de Nossa Senhora da Saude. Foram ouvidas as suas ardentes supplicas, e elles cumpriram o voto.

Foram as filhas dos pescadores que conduziram as primeiras pedras para os alicerces da obra, para a qual foi escolhido o sitio chamado *Outeiro da Saude*, e toda foi feita á custa de esmolas.

Concluida e ornada a capella, se instituiram logo duas irmandades de Nossa Senhora da Saude, uma ecclesiastica, outra secular. Esta ultima irmandade acabou em 1878.

Passados tempos, frei Antonio das Chagas (o fundador do seminario de Brancannes) projectou fazer um recolhimento, para donzellas e orphans, porem falleceu antes de levar a effeito o seu projecto.

Alguns annos depois, os padres jesuitas do collegio de Setubal, deram grande impulso á empreza, obtendo das irmandades da Senhora da Saude, por escriptura de 26 de junho de 1746, a doação de seis casas que tinham ao pé da egreja, e parte do terreno contiguo, para alli edificarem o recolhimento; cedendo-lhe os irmãos a egreja, para a celebração dos officios divinos, e o côro, para as recolhidas assistirem a elles; mas ficando á irmandade a administração da egreja.

D. Thomaz d'Almeida (filho do conde de Avintes, e dos Arcos, depois, marquezes do Lavradio) e 1.º cardeal patriarcha de Lisboa (4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) concedeu licença para a fundação d'este recolhimento, por provisão de 23 de novembro de 1746.

Foi o recolhimento feito tambem á custa de esmolas dos fieis, sendo o mais valioso donativo, o dos proprietarios das marinhas de sal, que davam 10 réis por cada moio de sal que vendiam.

Foi o edificio construido com capacidade para 60 recolhidas.

O infeliz padre Gabriel Malagrida, de quem já fallei, foi o protector e director do recolhimento, e collocou no côro a imagem de Nossa Senhora da Missão, para a qual obteve varias joias de muito preço.

Estas joias, quando não serviam, se guardavam na cella do reitor do collegio da Companhia de Jesus, e lá estavam quando Sebastião José de Carvalho e Mello, futuro conde de Oeiras e, depois, marquez de Pombal, mandou sequestrar tudo aos jesuitas. [1]

Foram as joias tambem com-

[1] Os bens dos jesuitas foram confiscados, por decreto de 19 de janeiro de 1759 (seis dias depois do supplicio do ultimo duque de Aveiro e seus cumplices) e Carvalho, feito conde de Oeiras, logo a 6 de junho do mesmo anno, e feito marquez de Pombal, em 1770.

prehendidas no sequestro, mas restituiram-se ao recolhimento, por despacho do *juizo da inconfidencia*, de 8 de maio de 1767, sendo entregues ao padre Antonio da Costa Roxo, procurador geral do recolhimento, a 7 de agosto do mesmo anno.

Este recolhimento acabou, por falta de recursos, e no edificio que lhe pertenceu se fundou o actual *Asylo da Infancia Desvalida*, do qual trato adiante.

—

2.º—*Nossa Senhora da Soledade*—unido á egreja do mesmo nome. Tanto esta como o recolhimento, foram fundados pelo padre D. Antonio de Souza, filho de D. João de Souza, 3.º marquez de Minas. Foi concluida toda a obra, em 1747. Ainda tem recolhidas.

No dia 21 de setembro do mesmo anno de 1747, se collocou na sua egreja a imagem da Senhora da Soledade, que foi para alli, em solemne procissão.

Para a conclusão das obras da egreja e recolhimento annexo, teve o seu fundador que vencer grandes difficuldades, postas pelo senado da camara, e pelo conde da Palma [1], (que possuia aqui bastantes propriedades e fóros) por causa dos terrenos precizos para as edificações.

—

Egrejas não parochiaes e ermidas de Setubal

(Não se trata aqui das egrejas dos mosteiros e recolhimentos, por já estarem descriptas.)

1.ª—*Ermida de Nossa Senhora da Conceição.*—Foi construida sobre a *porta da Herva*. A imagem é de grande devoção, para o povo de Setubal.

A imagem da Senhora é apenas pintada na parede.

Não se sabe quando se construiu esta ermida, e apenas consta que a muralha interior da villa, em cuja face externa está pintada a imagem da Senhora da Conceição, foi construida nos reinados de D. Diniz e de seu filho, D. Affonso IV (entre os annos de 1325 e 1357.) Era a muralha limitada ao O., pelo ribeiro que vem dar á ponte do Carmo. Na dita muralha, e onde antigamente chamavam *postigo de Santa Catharina*, e hoje, rua da mesma santa, houve uma porta (ou postigo) chamada *da Barbuda*, por dar sahida para uma herdade que ficava em frente, denominada da Barbuda (que era uma senhora nobre, de Setubal.) Era limitada de uma parte pelo ribeiro do *Quadrado* (que então corria em linha recta, desde a *porta de S. Domingos*—no sitio dos *Freixos*—até á *porta da Herva*, ou *d'Evora*, desaguando no fosso interior da villa) e da outra parte, pelo ribeiro que corre até ao Sádo, depois de passar por baixo das pontes *do Soccorro, das Almas, do Carmo*, e *do Livramento*. (Esta é já na praia, proxima e quasi em frente da nova praça do mercado, de que já tratei.)

Na mesma muralha, havia a *porta da Villa*, ao fim da estrada de S. João, e praça de Palhaes, entre a casa do Corpo-Santo, e a egreja da Senhora da Graça.

Quando as muralhas se ampliaram mais, desde o *Buraco de S. Francisco* até ao *Buraco da Areia* (no reinado de D. João IV e de seu filho D. Affonso VI) e tendo o primeiro d'estes monarchas tomado Nossa Senhora da Conceição para padroeira de Portugal, os setubalenses resolveram construir uma nova, ampla e mais decente ermida á Santissima Virgem d'aquella invocação, mas conservando a pintura da antiga, que ainda existe, sobre a muralha, e sobre a parte superior da porta da Herva.

No pavimento superior da casa do despacho, proximo do campanario, ha um pequeno cubiculo, com chaminé, e uma pequena varanda, onde viveu muitos annos, *Maria de Oliveira*, viuva muito rica, que, tendo-se abrigado na velha ermida, por occasião do terramoto do dia 1.º de novembro de 1755, não quiz mais sahir de lá, em toda a sua vida, o que lhe foi concedido pela irmandade.

[1] Os condes da Palma, foram depois condes d'Obidos, e, por fim, condes do Sabugal. (Vide 8.º vol., pag. 292, col. 2.ª)

A nova ermida (a actual) foi construida com esmolas dos fieis, pouco depois da paz com Castella, feita em 13 de fevereiro de 1668, no reinado de D. Affonso VI, mas sendo regente do reino (por incapacidade do rei) seu irmão, depois rei, D. Pedro II.

2.ª—*Nossa Senhora do Soccorro*—proxima ao mosteiro de Jesus, e unida á dos terceiros de S. Francisco (com a qual antigamente communicava pelo interior e á da Senhora dos Anjos) Foi construida no anno de 1600, *pelos homens de ganhar* (jornaleiros) quasi todos empregados no *Paço do Trigo*.

No compromisso da irmandade d'esta Senhora (cap. 8.º) se estatue que *as pessoas nobres sejam excluidas d'esta irmandade, que apenas poderão ser juizes, mas nunca terão voto, em materias de interesse da confraria*. (Vide adiante, a 9.ª ermida.)

—

3.ª—*Nossa Senhora do Livramento*—É um templo antiquissimo, mas ignora-se a data da sua fundação; consta porem que foi construido pelos pescadores e marinheiros, que a esta Senhora consagravam grande devoção.

Com o andar dos tempos, foi esfriando esta devoção, e descurados os reparos da ermida, pelo que, apodrecendo as madeiras, cahiu todo o tecto do corpo da egreja, e tudo ficou em completo abandono. Tinha uma irmandade, que tambem acabou, quando se desmoronou a ermida.

Como a pescaria rareasse n'esta costa, o que causava grandes prejuizos e miseria aos pescadores, principalmente aos do *cêrco da sardinha*, foi attribuida esta falta ao abandono da ermida do Livramento.

Mesmo assim, em todos os sabbados do anno, vinham aqui muitos devotos, cantar-lhe, por musica, a *ladainha laurentana*.

Passados tempos, alguns devotos (mas não consta se foram pescadores ou marinheiros) reconstruiram a ermida, levantando-a mais cinco palmos (menos na capella-mór, em que não buliram, por estar bem conservada.)

Os frades carmelitas descalços obtiveram licença de D. Affonso VI, para fundarem um mosteiro da sua ordem, em Setubal, e pediram ao prior e beneficiados da freguezia de S. Julião (a cujo districto pertence a ermida) e aos pescadores, que lh'a concedessem, emquanto não tivessem egreja propria, o que lhes foi concedido, tomando posse da ermida, em 15 d'agosto de 1665 [1], e a conservaram por mais de cincoenta annos.

Os frades (não sei porque) prohibiram as musicas, mas continuaram as ladainhas dos sabbados.

No mesmo dia da posse, celebraram os religiosos a sua primeira missa n'esta ermida, em virtude de um alvará régio, de 24 de maio do mesmo anno de 1665.

Até á entrada dos frades n'esta ermida, alem das ladainhas, tambem se dizia missa, no altar-mór, em todos os domingos e dias sanctificados.

Os religiosos tornaram a organizar a antiga irmandade; mas, passados annos, havendo desintelligencias entre os frades e os irmãos, um provincial dos carmelitas supprimiu a irmandade.

Os antigos irmãos (quasi todos pescadores e marinheiros) queixaram-se d'esta suppressão, e conseguiram a reorganisação da confraria, que existiu até 1721.

Tornou a ermida a cahir em ruinas (suppõe-se que com o terramoto do 1.º de novembro de 1755) e não tornou a reconstruir-se.

Em 1833, foi a ermida transformada em theatro. Depois, teve varias applicações. Hoje é uma fabrica de conservas alimenticias. (É justo. Cessou o tempo dos Dons Quichotes, principiou o dos Sanchos Panças.)

É notavel que, de tantas er-

[1] Na *Memoria sobre a historia de Setubal*, a pag. 189, diz-se que a posse foi tomada em 1655—é êrro (provavelmente typographico, mas que não foi emendado nas *errata*s.)

D. Affonso VI tinha, em 1655, apenas doze annos (nasceu a 26 de agosto de 1643) e ainda vivia e reinava seu pae, D. João IV, que falleceu em 6 de novembro de 1657.

D. Affonso VI só principiou a governar desde 23 de junho de 1663, até 22 de novembro de 1667, dia em que seu irmão, o infante D. Pedro (depois, D. Pedro II) foi acclamado regente, tirando a seu irmão o governo e a mulher.

midas dedicadas á Santissima Virgem, que ha em Setubal, o *Santuario Mariano* só mencione as da Senhora do Livramento e Senhora dos Anjos, e a Senhora do Carmo.

—

4.ª—*Nossa Senhora da Graça.*—Não se sabe quando nem por quem foi fundada, mas é antiquissima. É situada a uns 3 kilometros ao E. de Setubal, sobre a margem direita do Sádo, na vasta propriedade denominada *Herdade das Praias*, que pertenceu aos viscondes de Villa Nova do Souto d'El-Rei, cujo brazão d'armas ainda existe alli, em um padrão muito antigo. A ermida está ameaçando completa ruina.

—

5.ª—*Nossa Senhora da Encarnação.*—Tendo o terramoto de 1755 destruido a egreja matriz de Nossa Senhora da Annunciada, na sua sachristia se construiu a ermida da Senhora da Encarnação, que foi benzida, em fevereiro de 1764, pelo dr. João Baptista Valerio, vigario geral, auctorisado por D. Francisco de Saldanha (descendente dos antigos condes da Ponte—vide 4.º vol., pag. 277, col. 1.ª, no fim) terceiro cardeal patriarcha de Lisboa. Era então provedor da confraria de Nossa Senhora da Annunciada, João Manoel Moniz de Carvalho.

—

6.ª—*Senhor Jesus da Bôa-Morte.*—É muito antiga, e ignora-se quando ou por quem foi fundada. É extra-muros, e tem uma confraria. O terramoto de 1755 a arruinou, mas os irmãos a reconstruiram, á custa da confraria e de esmolas dos fieis.

—

7.ª—*S. Pedro d'Alcube.*—Não se sabe quando foi construida; mas, do *Registo delgado* (que existe no archivo da camara) a fl. 130, está a copia de um documento, pela qual consta que esta ermida já existia em 1596.

Segundo a tradição, existia intacto, n'esta ermida, o corpo de uma virtuosa donzella.

É situada na freguezia da Annunciada, no districto da extincta freguezia da Ajuda.

Como o terramoto de 1755 destruisse a egreja matriz da Ajuda, serviu esta ermida de matriz, emquanto se não reparou a egreja.

—

8.ª—*S. Braz, de Mendo Oliva.*—Existiu na encosta da serra de S. Philippe, proximo do castello do mesmo nome e quasi á beira-mar.

Vendida ao conde de Armand, com os terrenos annexos, o comprador transformou a ermida em uma casa de habitação, e fórma, com as suas dependencias, parte das vastas propriedades do mesmo cavalheiro, que chegam d'aqui até ao *Valle da Rasca*, sobre a margem direita do Sádo. O casal onde existiu esta ermida, foi, em grande parte, destruido pelas tropas *patuleias*, de Sá da Bandeira.

Vide o *mosteiro de S. Paulo d'Alferrara.*

—

9.ª—*Nossa Senhora dos Anjos.*—Segundo o *Santuario Mariano* (tom. 2.º, pag. 424 e seguintes) no mesmo sitio onde hoje está o mosteiro das freiras de Jesus, havia antigamente uma ermida, dedicada a Nossa Senhora dos Anjos, objecto de muita devoção dos setubalenses. (É a actual).

Ficava a ermida em um grande rocio, e a ella vinham fazer as suas novenas, não só os povos da então villa, e suas immediações, mas até os nossos reis.

Em 1490, indo D. João II, e sua mulher, a rainha D. Leonor, a Setubal, ver as obras do mosteiro de Jesus, tambem visitaram a ermida.

N'esta casa da Senhora esteve antigamente a irmandade da Misericordia. Além d'esta, tinha a Senhora outra irmandade propria, composta, em grande parte, por pessoas nobres e ricas, e possuia algumas propriedades, sendo uma d'ellas, que era foreiro, o sitio onde se construiu o mosteiro de Jesus; e este fôro o remiu a fundadora do mesmo mosteiro, Justa Rodrigues Pereira, que tambem comprou o sitio e padroado da ermida, que ficou sendo do convento, e as religiosas o venderam depois a uma pessoa muito devota da Senhora, que se mandou sepultar á sua vista, e instituiu uma capella de missas, que, em 1707, era administrada

por D. Francisco Lobo, D. prior do mosteiro de S. Thiago de Palmella.

Esta casa da Senhora, tinha sido, em tempos antigos, hospital de caridade.

Junto a esta ermida, está a de Nossa Senhora do Soccôrro, (a 2.ª ermida com a qual communicava interiormente, por alguns arcos, que se taparam em 1840.

Esta ermida, é no districto da freguezia de S. Julião, e ao rocio em que está situada se chamava antigamente *Sapal do Trôino.*

Rodrigo Annes d'Athouguia, doou a ermida aos irmãos da Misericordia, e a estes a compraram as religiosas de Jesus, por 115$000 réis, na intenção de a mandarem demolir, o que não chegaram a fazer, pela grande devoção que, como já disse, o povo tinha á padroeira.

Em 1575, a pediu o rei D. Sebastião, offerecendo em troca muitas mercês, para junto d'ella mandar construir o collegio dos jesuitas; mas as freiras se desculparam, allegando razões que o rei julgou attendiveis.

Por doação que fez Lourenço Moreno, pessoa nobre d'este tempo, no anno de 1545, tinham as freiras de Jesus entrado na posse das casas annexas á ermida da Senhora dos Anjos, e, por escriptura de 23 de fevereiro de 1734, confirmou esta doação Balthazar Alvaro Passanha Moreno, descendente de Lourenço Moreno, mas a favor da ordem terceira de S. Francisco, reservando para si o direito de padroeiro; mas, sobre este direito se suscitaram duvidas, posteriormente.

A referida ordem terceira, que antigamente tinha capella, no mosteiro dos religiosos franciscanos, se transferiu para a ermida da Senhora dos Anjos, onde passou posteriormente a fazer todos os seus exercicios espirituaes, como consta de um termo, lavrado em 2 de fevereiro de 1738, e é a irmandade quem a administra e conserva o culto divino.

Frei Balthazar da Encarnação, varão de uma caridade ardente, fundador do mosteiro de Monte-Furado, [1] vindo a Setubal, no anno de 1736, fez termo de accôrdo com os terceiros de S. Francisco, para o exercio de muitas obras de beneficencia, sendo uma d'ellas, dar todos os domingos um jantar aos presos, e cuidar da sua soltura. Esta pratica acabou, infelizmente, ha muitos annos.

A ermida da Senhora dos Anjos, serviu de egreja parochial, depois do terramoto do 1.º de novembro de 1755, por ter ficado totalmente destruida a egreja de S. Julião.

Tambem esta ermida foi profanada pelos soldados do feroz e rapinante Junot, em 1808, que fizeram d'ella cavallariça!

Reparada com o producto de esmolas do povo, e novamente sagrada, regressaram para ella, em solemne procissão, no dia 10 de maio de 1812, as imagens, que estiveram quatro annos depositadas na egreja de Santo Antonio.

D'esta ermida sahiu a procissão da cinza, que os terceiros de S. Francisco faziam, no dia proprio, com muita decencia.

Infelizmente, o fervor religioso tem afrouxado muito, não só em Setubal, mas na maior parte dos grandes centros de população de Portugal, onde as ideias de descrença teem ganhado um fatal incremento, e esta devota procissão já ha muitos annos que se não faz!

—

10.ª — *Nossa Senhora da Piedade.* — Vide *Cemiterio publico.*

—

11.ª — *Nossa Senhora da Conceição, do Sapal.* — Vide *Casa do corpo da guarda.*

—

12.ª — *Senhor Jesus do Bom-Fim.* — Primeiramente, da invocação do *Anjo da Guarda.*

Vindo o rei D. Manoel a Setubal, nos primeiros annos do seculo XVI, ficou encantado com a belleza do *campo da Barbuda* [1], tão plano, vasto e aprazivel.

[1] Os que desejarem saber quem foi este frei Balthazar da Encarnação, vejam n'este vol., pag. 176, col. 2.ª e seguintes.

[1] *Barbuda* não significava alcunha, nem mulher com barbas. É um appellido nobre de Portugal. (Vide vol. 1.º, pag. 323, col. 1.ª, no fim.)

Barbuda, era tambem uma moeda, de prata muito ligada, do tamanho dos nossos *tostões* antigos, cunhada no tempo de D. Fernando I.

Querendo fazer mercê aos setubalenses, dando-lhe um logar amplo, proximo da povoação, onde elles se podessem deleitar, o comprou aos seus possuidores, entregando-o á camara, para o aformosear.

A ermida do *Anjo da Guarda* (desde muitos annos denominada do *Bom Jesus do Bom-Fim,* teve a origem seguinte:

O padre Diogo Mendes, de nação castelhano, fez testamento, em 14 de maio de 1669, em Setubal.

N'este testamento, declarou, que não tinha herdeiros forçados, e ordenou que se cantasse uma missa de diacono, no dia do seu fallecimento. Que o acompanhassem á sepultura vinte e quatro sacerdotes, e o sepultassem na ermida do Anjo da Guarda, se esta já estivesse concluida; e não o estando, o enterrassem na egreja da sua parochia (Nossa Senhora da Graça) e transferissem depois os seus ossos para a nova ermida, logo que esta estivesse acabada; recolhendo-os em sepultura, com uma pedra de oito palmos de comprido e cinco de largo.

Que se dissessem por sua alma, quinhentas missas, resadas.

Declarou que tinha ajustado a obra da construcção da ermida do Anjo da Guarda (hoje do Senhor do Bom-Fim) com Manoel Roiz e João Pedro, pela quantia de trez mil cento e vinte e cinco crusados) (1:250$000 réis) cujo titulo estava em poder de Domingos Alvares.

Declarou ter dinheiro, em poder de diversas pessoas (cujos nomes se mencionavam no testamento) em Portugal e Madrid.

Mandou que se comprassem quarenta mil réis de renda, para um capellão, que se obrigasse a dizer missa todos os dias, no altar-mór da egreja do Anjo da Guarda, e nomeou para capellão, o padre Manoel Peixoto, filho de Catharina Diniz, do qual dizia ter recebido muitos favores, e na falta d'este clerigo, nomeava o irmão do mesmo, o padre Luiz Peixoto.

Ordenou que, depois de cumpridos todos os seus legados, tudo o que restasse fosse para comprar ornamentos e outras cousas necessarias para a egreja do Anjo da Guarda.

Deixou á Misericordia, *mil réis, para o enterrarem,* e UM VINTEM, *havendo mandas forçosas* [1].

Ordenava que o seu cadaver fosse acompanhado á sepultura, por oito pobres, com tochas.

Nomeou seus testamenteiros, o prior de Santa Maria (Nossa Senhora da Graça) e Domingos Alvares; e por seu herdeiro, nomeou o Anjo da Guarda, *com o qual mandou, se gastasse toda a sua fazenda.*

Declarou ter nas algibeiras dos calções, trinta e tres dobrões, de nove mil réis cada um (297$000 réis).

Nomeou padroeiro da capella do Anjo da Guarda, o prior da freguezia da Senhora da Graça e seus successores [2].

Pediu tambem á irmandade dos clerigos, que o enterrasse, declarando ser sacerdote estrangeiro, e *não ter casa em Setubal, onde só viera para fazer construir o templo do Anjo da Guarda.*

Deixou á irmandade dos clerigos, 5$000

Valia 20 soldos e 3 dinheiros, ou 96 réis. Depois, o mesmo rei a baixou a 14 soldos.

Chamava-se *barbuda*, porque de um dos lados, tinha uma *cellada* (peça de morrião ou capacete, tambem chamada *barbuda*) com uma corôa por cima. Em volta tinha esta legenda: — SI DOMINUS MIHI ADJUTOR, NON TIMEBO. — Do outro lado, tinha uma cruz da ordem de Christo, e no meio da cruz, um escudete com as Quinas e a legenda: — FERNANDUS REX PORTUGALIÆ AL.

[1] Antigamente, *manda*, era synonymo de testamento. Depois, se tomou por tudo o que o testador *manda* e determina, além do seu testamento, ou codicillo.

Tambem se dava o nome de *manda*, á qualquer legado que o testador mandava cumprir no testamento, ou depois d'elle fechado; porisso, manda vinha a ser — n'este caso — o mesmo que testamento.

Havia *mandas escriptas*, e *mandas verbaes*.

Qual d'estas entendia o padre Diogo Mendes, por *manda forçada?* — É o que não sei.

[2] O testamento do padre Diogo Mendes, foi religiosamente cumprido, e os seus ossos estão na capella do Bom-Fim, de que elle fôra o unico fundador; e não mandou só construir a capella mór (como se lê a pag. 195 da *Memoria*) mas todo o templo, com as suas imagens, paramentos e alfaias, como acabámos de ver do respectivo testamento.

réis, para cêra, e mil réis de offerta, á parochia.

O testamento foi approvado pelo tabellião Antonio Borges Ferreira.

D'este testamento tirou certidão, o tabellião Luiz Barbosa Soares, em 20 de fevereiro de 1733, para se guardar no archivo da parochia, a requerimento do prior, padre Jeronymo Affonso Botelho.

Houve-se com muito zêlo e sollicitude, o rev.º padre Francisco Netto Moreira de Carvalho, prior encommendado da freguezia de Nossa Senhora da Graça, até ha poucos mezes, d'este anno de 1880, para a reparação e decoração d'esta formosa ermida.

Desde então, se deu ao *Campo da Barbuda*, a denominação de *Campo do Anjo da Guarda.*

Depois, se deu á capella, por padroeiro, o Senhor Jesus do Bom-Fim, pelo que, tornou a ser *crismada* esta planicie, com o nome de *Campo do Bom-Fim*, que é o actual.

Está a ermida ao fundo do campo (ao N.) e é ampla, formosa e clara, ficando-lhe na frente (ao S.) o passeio publico do Bom-Fim.

Foi o Senhor Jesus do Bom-Fim objecto de grande devoção, não só do povo de Setubal, mas do de Palmella, Azeitão, Cezimbra, Alcacer do Sal, Almada, Lisboa, e outras povoações.

D. João V esteve em Setubal, em junho de 1711, acompanhado de muitos fidalgos, para cumprir uma promessa que havia feito ao Senhor do Bom-Fim, pelas melhoras de seu pae, D. Pedro II, quando esteve gravemente doente [1].

Vou transcrever aqui alguns trechos do capitulo IV, pag. 22, do 6.º vol., do *Gabinete historico*, de frei Claudio da Conceição, ex-definidor, examinador synodal do patriarchado, prégador régio, e religioso da provincia de Santa Maria da Arrabida.

«Convalescendo o Senhor Rei D. João V, de huma queixa de flatos, o aconselharam os medicos, que sahisse ao campo, a gozar do beneficio do ar livre, util remedio para aquella molestia.

«Resolveu o rei hir estar alguns dias em Azeitão, da outra parte do Téjo.

«A Rainha sua Esposa, o quiz acompanhar, porem, achando-se prenhe, de trez para quatro mezes, o não consentiram os medicos, para se não expor a algum incidente que lhe fosse funesto.

«Em um domingo, 14 de junho (de 1711) sahiu El-Rei do Paço, acompanhado dos Senhores infantes D. Francisco, D. Manoel, e de pouca familia; porque sómente ordenou o acompanhasse o Duque de Cadaval; o Duque D. Jaime, seu filho; o Bispo Capellão-Mór, D. Nuno da Cunha Ataide, todos trez do conselho de Estado, e outros fidalgos mais, e creados, precizos, para assistencia e serviço da sua Real Pessôa.

«Desembarcando em Côina, entrou com seus irmãos em um coche, e em pouco tempo chegaram á aldeia de Nogueira (Villa Nogueira) onde lhes estava preparada a casa que haviam de habitar.

«O senhor infante D. Francisco quiz ficar na quinta de Ayres de Saldanha, que tinha mandado preparar e previnir, pelos officiaes da sua casa.»

Resumindo:

No dia seguinte, foi o rei e os infantes seus irmãos, visitar o convento dominico de Villa Nogueira, e no outro dia, foi ver o convento da Arrabida.

No dia 19, foi com os infantes, á villa de Cezimbra, ver uma pescaria.

Embarcou no bergantim real, com seus irmãos, e se divertiu vendo pescar grande quantidade de peixe. No mesmo dia recolheu a Azeitão (Villa Nogueira.)

Decidindo marchar para Setubal, mandou

[1] É o que diz a *Memoria de Setubal*, a pag. 194; mas eu não entendo isto muito bem; porque D. Pedro II morreu, em Lisboa, a 6 de dezembro de 1706. Ou a promessa foi cumprida muito tarde (quatro mezes e meio depois da morte do pae) e não foi pelas melhoras da doença que o levou, mas d'outra antecedente, de que tinha escapado, ou D. João V fizera a promessa para se descartar mais cêdo do pae, o que não é de presumir, attendendo a piedade d'este monarcha — ou elle veio a Setubal para cumprir uma outra promessa.

chamar a Lisboa, o marquez de Fontes, os condes de Cuculim [1] Redondo, Pombeiro, S. Lourenço, Ericeira, Unhão, e Villar-Maior, os quaes logo se apresentaram em Azeitão, assim como a guarda dos archeiros.

O rei sahiu de Azeitão, no dia 20 do dito mez de junho de 1711, com seus irmãos, D. Antonio e D. Manoel, deixando de o acompanhar o infante D. Francisco, por ficar doente de cama.

D. João V fez a sua entrada em Setubal, no meio das maiores demonstrações de regosijo do povo.

Foi logo á ermida do Senhor Jesus do Bom-Fim, com os infantes e mais sequito, que alli fizeram oração, depois da qual mandou os infantes recolher, em coche, ao paço da villa, acompanhados do conde da Vidigueira.

O rei hia vestido de encarnado, levando no chapeu um broche de diamantes, de grande valor, e montado em um soberbo cavallo ruço, ricamente ajaezado.

Toda a real comitiva acompanhava a cavallo, hindo adiante dois porteiros da canna; o corregedor do crime, da côrte e casa, Belchior da Cunha Brochado, e os ministros de justiça de Azeitão e Setubal. Seguiam-se os fidalgos, segundo as suas cathegorias. O duque do Cadaval, pae, hia á esquerda do rei, e á direita, seu filho, o duque D. Jayme; e atraz do rei, o marquez d'Alegrete, servindo de estribeiro-mór, na ausencia do conde de Vianna, que estava doente, em Condeixa.

Distante cem passos da porta da villa, estava esperando o rei, o prior da egreja de Nossa Senhora da Graça, de capa de asperges, acompanhado dos freires da ordem de S. Thiago, em communidade, e com seus véus de hombros.

N'este logar se apearam todos, menos o rei e o estribeiro-mór. O prior deu a beijar ao rei uma cruz de prata liza, o que elle fez *mesmo a cavallo*. Os fidalgos e todas as mais pessoas do sequito, hiam a pé e descobertos, diante do cavallo do rei, e os freires em duas alas, e no centro a côrte. A guarda tudêsca hia por fóra das alas dos freires.

N'esta ordem chegaram á porta da villa, onde, de um palanque, o juiz de fóra, Sebastião Salema Peçanha, fez uma breve falla, elogiando o soberano.

A porta estava ornada com um arco triumphal, e o vereador mais velho, Mathias da Silva Cabral, offereceu ao rei, em uma salva de prata doirada, as chaves da villa, dizendo-lhe que *aquelle era o jeroglifico dos corações de todos aquelles vassallos*, etc.

D. João V, pegou nas chaves e as tornou a pôr na salva. Então os vereadores, largando as varas da camara, pegaram nas de um rico palio, de tella branca, sob o qual levaram o rei — *a cavallo! — e os grandes do reino, todos atraz, a pé e descobertos.*

Não havia então na villa, alcaide-mór «que *levasse o rei, de redea*» (?) pelo que elle nomeou o duque do Cadaval, filho (Dom Jayme, seu cunhado [1], que, a pé e descoberto, o *levou* (ao rei) *por um listão*, etc.

N'esta fórma, marcharam para a egreja, por entre um grande concurso de povo, trez arcos triumphaes, e as janellas vistosamente armadas; havendo pelas ruas muitas danças.

Chegado o prestito á egreja matriz, da Senhora da Graça, se apeou o rei, ficando os vereadores fóra da porta, com o palio; porque dentro da egreja, estavam os freires de S. Thiago, de sobrepeliz e murça, da sua ordem, com outro palio, e, debaixo d'elle, foi o rei ajoelhar-se no *sitial* que lhe estava preparado. Depois de breve oração, sahiu da egreja, e montando a cavallo, foi tudo na mesma ordem seguida até alli, para o paço.

O rei mandou soltar todos os presos que estavam na cadeia.

A praça, as fortalezas e os navios de guerra que estavam no rio, deram repetidas salvas; e por trez noites houve luminarias e fogos de artificio. Na praça houve corridas de touros, sendo cavalleiro, Antonio Antunes, ajudante de cavallaria.

[1] Cuculim, é uma villa, na comarca de Salsête, na India.

[1] D. Jayme, terceiro duque do Cadaval, era casado com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II, viuva de D. Luiz, segundo duque do Cadaval, irmão de D. Jayme. (Vide vol. 2.º, pag. 31, col. 2.ª, e *Tentugal*).

D. João V foi visitar as fortalezas, os mosteiros e tudo o mais que em Setubal é digno de nota; hindo tambem pelo rio, no seu bergantim, visitar a torre do Outão, da qual era então governador, Bernardo de Vasconcellos e Souza, que lhe deu um *refresco de doces e fructas,* do qual comeram, o rei e os infantes, e depois d'elles, os fidalgos da companhia.

Depois, atravessando o Sádo, passou a Troia, onde correu algumas lebres, e em seguida se recolheu ao paço.

Tambem foi visitar o castello de S. Philippe, do qual era então governador João Sanches de Baena.

De Setubal, foi o rei, os infantes e a côrte, visitar a villa de Palmella, etc.

—

Antigamente, era o Senhor do Bom-Fim visitado por muitos cirios, que se recolhiam nas hospedarias contiguas á ermida; e, por occasião de calamidades publicas, se faziam muitas preces e procissões ao padroeiro.

—

Desde o adro da egreja de Jesus, até á ermida do Bom-Fim, estão as cruzes de uma via sacra, sendo a ultima estação proxima da ermida, composta de um altar de pedra, e trez cruzes.

Esta via sacra foi feita á custa de esmolas dos fieis, no anno de 1728, como se vê de uma inscripção que está gravada em uma lapide, no Calvario.

—

Faz-se annualmente uma grande festividade, ao Senhor do Bom-Fim, no dia 1.º de novembro, em cumprimento de um voto feito pela camara e pelo povo de Setubal, em seguida ao terramoto do 1.º de novembro de 1755.

Tambem a 11 de novembro de cada anno se faz outra festa ao Senhor do Bom-Fim, instituida por alguns devotos, desde que n'esta cidade houve o terramoto de 11 de novembro de 1858.

Ambas estas festas são concorridissimas.

—

13.ª — *Corpo Santo* (S. Pedro Gonçalves.) —Esta ermida fica muito proxima da egreja matriz de Santa Maria da Graça. Tem magnifica obra de talha dourada, em excellente estado de conservação.

Esteve aqui erecta a antiquissima confraria dos navegantes e pescadores de Setubal, cujo padroeiro e advogado da sua classe é S. Pedro Gonçalves, ao qual aqui davam a invocação de *Corpo Santo*, e a que os marinheiros dão o nome de *Santelmo.*

Os confrades gozavam muitos e importantes privilegios, entre elles, a isenção de servirem encargos do concelho [1].

A irmandade do Corpo Santo tinha o privilegio de hir com a sua cruz, nas procissões, no logar de honra, atraz das outras irmandades.

Em 24 de dezembro de 1444, o infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, por uma provisão d'esta data, isentou os mareantes, da casa do Corpo Santo, dos cargos publicos do concelho e do pagamento de impostos, para o mesmo concelho.

Uma carta régia do rei D. Manoel, datada de 24 de outubro de 1500, ordena que os juizes da casa do Corpo Santo possam mandar prender os mareantes que lhes sejam reveis.

No 1.º de janeiro de 1635, D. Philippe IV confirmou todos os privilegios concedidos pelos seus antecessores, á casa do Corpo Santo.

Em 1663, foi concedido aos juizes da casa do Corpo Santo, em attenção aos serviços por elles prestados, durante a guerra da restauração, que fossem eleitos para os cargos da camara, quando para isso tivessem aptidão e capacidade.

Em 21 de abril de 1704, D. João Diogo de

[1] O rei D. José I, em uma carta de confirmação dos antigos privilegios d'esta confraria, diz: «e nos praz que não pouzem com elles, nem cada um d'elles, nem lhes dêem suas casas de morada, adegas, nem cavallariças de aposentadoria, nem lhes tomem sua roupa, salvo quando nós, ou o principe, meu, sobre todos, muito amado e presado filho, á villa de Setubal formos.»

O traslado d'esta carta regia e os de outras muito mais antigas, existem no archivo da camara municipal. A ultima d'estas cartas é do principe regente, depois D. João VI.

Athaide, sargento-mór de batalha, passou uma certidão, declarando os bons serviços dos mareantes da casa do Corpo Santo, de Setubal, prestando todos os barcos precizos para o transporte das tropas inglezas, até ao Porto d'El-Rei [1].

No archivo da municipalidade, que tomou posse d'esta ermida, existe o *Compromisso dos navegantes e pescadores da villa de Setubal, unidas na capella do Corpo Santo, da mesma villa. Anno 1737.*

Segundo este compromisso, a mesa da irmandade, tem obrigação de dotar, *inviolavelmente,* todos os annos, duas orphans, filhas de irmãos — uma da freguezia de S. Julião, ou de Nossa Senhora da Annunciada — outra da da Senhora da Graça, ou de S. Sebastião.

Não se davam dotes a orphans que não tivessem completado 12 annos de edade.

Era a irmandade obrigada a fazer a festa ao seu orago (S. Pedro Gonçalves) no domingo de Paschoella, com pompa e grandeza, e assistindo toda a mesa.

N'este dia é que o prégador, antes do sermão, dizia do pulpito os nomes das orphans contempladas com o dote, n'aquelle anno.

No dia seguinte, a irmandade festejava, na egreja de S. Julião, a Senhora da Bôa-Viagem.

De trez em trez annos, faziam arrendamento, da renda dos dous peixes que a confraria tinha na ribeira, sendo entregue ao que maior lanço offerecesse, depois de dar fiador idoneo.

O mesmo praticava a mesa, com as hortas, que egualmente eram arrendadas de trez em trez annos.

[1] Estas tropas (10:000 homens) vieram a Portugal, com o archiduque Carlos, d'Austria, que se denominava rei de Hespanha, sob o nome de Carlos III, contra Philippe V (o duque d'Anjou) que por fim, ficou com a corôa.

As tropas do archiduque, chegaram a Lisboa, na esquadra ingleza e hollandeza, em 1703.

Em outra parte d'esta obra, fica relatado o principio, e fim d'esta guerra, em que o nosso D. Pedro II nos envolveu, sem necessidade. (Vide 4.º vol., paginas 369, col. 1.ª)

D'estas rendas se pagava aos capellães.

Tudo isto era determinado pelo compromisso referido.

A corporação da caza do Corpo Santo, entregou por deposito, em 1801, ao prior da freguezia da Senhora da Graça, objectos de prata, do pêso de *trez arrobas, 26 arrateis, oito onças e 4 oitavas.*

Em 1808, deu a casa do Corpo Santo, 1:800$000 réis, para as despezas que tinham de ser custeadas pela caixa militar, para a restauração d'este reino, e guerra contra os francezes.

Em 1809, deu tambem, para ajuda das despezas com as obras de fortificação de Setubal, feitas pelo general, Manoel d'Almeida e Vasconcellos, a quantia de 250$000 réis.

Em 1811, deu 451$823 réis, para desmontar a artilheria de alguns fortes.

Desde 1809 até 1815, inclusivé, deu todos os annos, para ajuda das despezas do exercito, 600$000 réis.

Nos annos de 1811, até 1815, deu ainda a casa do Corpo Santo, 2:061$265 réis, para a reconstrucção do caes de Nossa Senhora da Conceição, onde ainda se fazem os embarques e desembarques, n'esta cidade.

Este caes, é o que está junto ao antigo baluarte da Conceição, quartel actual do batalhão de caçadores n.º 1.

Além de tudo quanto fica dito, ainda a caza do Corpo Santo dava importantes quantias para remissão dos captivos.

Vemos pois, que a caza do Corpo Santo, de Setubal, foi uma instituição importantissima, e que concorria sempre, briosamente, para as necessidades publicas; e foi porisso, que os nossos reis lhe concederam muitos privilegios e isenções, que acabaram em 1834.

Actualmente, tem a sua séde na caza do Corpo Santo, duas associações maritimas, uma denominada *Monte-pio da corporação maritima, da caza do Corpo Santo,* composta dos pescadores de anzol, cujos estatutos foram approvados por portaria de 7 de janeiro de 1862 — e outra, denominada, *Sociedade setubalense de pescaria franciscana.*

—

14.ª — *Santo Antonio do Postigo.* — Ermida antiquissima. N'ella está erecta *a Congregação de Nossa Senhora das Dôres*, composta de individuos pertencentes às principaes familias de Setubal.

Tambem ainda aqui existe a confraria de *Nossa Senhora da Guia*, que faz a sua festa, a 6 de janeiro de cada anno. É composta de *marnôtos* (empregados nas salinas). Tinha bandeira do officio.

—

15.ª *Nossa Senhora da Conceição, do Caes* — (Oratorio) — A imagem d'esta Senhora, está em uma formosa maquineta de marmore, no angulo sul do antigo baluarte do Caes (ou da Conceição) que serve de quartel ao batalhão de caçadores n.º 1, e que, desde muitos annos, tem servido de quartel aos outros corpos que teem feito a guarnição de Setubal.

Tem a Senhora uma confraria, composta dos guardas e remadores da alfandega e de outros devotos, que lhe fazem todos os annos, em um domingo d'agosto, uma explendida festa.

Este oratorio foi construido no reinado de D. João IV.

—

16.ª — *Nossa Senhora do Carmo, da Arrabida* — Esta ermida foi construida em uma quebrada que faz a serra da Arrabida, quasi no seu termo para o lado do O., por D. Magdalena Girão, duqueza d'Aveiro, e filha dos duques de Ossuna (Hespanha) e para que se não ignorasse a todo o tempo, que a fundadora era castelhána, se deu à padroeira da ermida, a invocação de *Nossa Senhora del Carmen.*

Está em sitio deserto e desabrido, mas é um templo bastante espaçoso, e sobre o arco cruseiro foram gravadas as armas da casa d'Aveiro.

Teve uma grande e rica irmandade, composta de gente de Setubal, Palmella, Azeitão e Cezimbra, a qual lhe fazia uma explendorosa festa annual, havendo por essa occasião, *entremezes*, bailes e outros divertimentos usados n'aquelle tempo; mas como elles nem sempre eram decentes, antes davam logar a bastantes inconveniencias, o cabido metropolitano de Lisboa, *sede vacante*, mandou affixar nas portas da ermida uma pastoral, no anno de 1714, impondo pena de excommunhão maior, a quem continuasse com aquelles divertimentos; não permittindo que houvesse mais do que missa cantada, sermão, musica e procissão.

Ignora-se o anno da fundação da ermida, sabe-se apenas que foi pelo meiado do seculo XVI.

A irmandade, mandou construir varias casas de aposentadoria aos dous lados da ermida, não só para abrigo dos irmãos, e guarda das alfaias da Senhora, como para acolheita dos romeiros.

Sobre a porta de uma d'estas casas, que estão à direita da ermida, se vê esta inscripção:

ESTAS CASAS MANDOU FAZER
A IRMANDADE DE SETUBAL,
E SE ACABOU A OBRA, NO ANNO
DE 1611.

Tinha a capella um eremitão que cuidava do aceio e conservação do templo. Tinha boas casas de residencia, na rectaguarda do templo, com sua cêrca murada.

Tinha tambem um capellão que dizia missa na capella, em todos os domingos e dias santificados.

Tanto o capellão como o eremitão, tinham uma *ordinaria*, estabelecida pelos duques fundadores, mas desde 1759 deixou de haver esta ordinaria, com a extincção da casa d'Aveiro.

N'esta ermida havia tambem a imagem de *Nossa Senhora da Pinha*, objecto tambem de muita devoção.

Com o fim tragico da casa d'Aveiro, se foi abandonando este templosinho, e hoje está alli tudo arruinado, e a grande festa da Senhora do Carmo, ha muitos annos que se não faz.

—

Misericordia

A irmandade da Misericordia foi instituida em 1501, a pedido dos setubalenses.

Rodrigo Affonso, do conselho do rei D. Ma-

noel, e vedor da fazenda da infanta D. Maria (senhora de Viseu e Torres Vedras, filha do referido monarcha, e de sua terceira mulher, a rainha D. Leonor) doou para ajuda da creação da Misericordia de Setubal, em 1500, uma egreja que possuia, da invocação de *Santa Maria dos Anjos*, visinha do mosteiro de Jesus, e as terras annexas á mesma egreja.

A irmandade da Misericordia tratou, em 1566, de fundar hospital seu, o que foi approvado por alvará de 22 de dezembro d'esse anno.

A 16 de novembro de 1569, vendeu a confraria (sendo seu provedor Diogo Botelho Callado) ás religiosas do mosteiro de Jesus, por 115$000 réis, tudo quanto havia sido doado pelo dito Rodrigo Affonso.

Parece que, quando se instituiu o hospital da Misericordia, foram n'elle incorporados os pequenos hospitaes, ou enfermarias que havia em Setubal.

Em 1567, o provedor e irmãos da Misericordia, pediram ao cardeal D. Henrique, regente do reino, na menoridade do rei D. Sebastião [1], que annexasse á confraria, o hospital da Annunciada; o que lhes foi concedido, por provisão de 19 de junho d'esse anno.

Os irmãos da confraria da Annunciada vieram com embargos, e o regente, attendendo a elles, annullou a provissão antecedente, por alvará de 2 de julho do mesmo anno.

Por alvará do governo civil do districto administrativo de Lisboa, de 4 de novembro de 1869, foram adjudicados á irmandade da Misericordia todos os bens, direitos e acções, da confraria de Nossa Senhora da Annunciada, que tinha sido extincta, por alvará do mesmo governo civil, de 23 de junho de 1861, sob a condição da Misericordia conservar e melhorar o antigo hospital da Annunciada, para tratamento de mulheres pobres.

Regeu-se a irmandade da Misericordia, de Setubal, pelo compromisso da de Lisboa, de 19 de maio de 1618; mas, por carta régia de 17 de abril de 1868, foi approvado o novo compromisso d'este estabelecimento, e é o que está em vigor.

O regulamento interno do hospital tinha sido escripto, e approvado, pela mesa e junta de conselheiros, em 21 de outubro de 1853.

O hospital é administrado gratuitamente, pela mesa, eleita pela irmandade, no dia 2 de julho de cada anno.

Tem duas enfermarias — uma de medicina, outra de cirurgia — cada uma com camas para quarenta doentes.

Tem uma casa de convalescença, com vinte e trez leitos.

Está em boas condições hygienicas, e com a maxima limpeza.

As enfermarias são illuminadas a gaz.

O capital d'este estabelecimento regula por *noventa contos de réis*; e o seu rendimento é, aproximadamente, de *dez contos de réis*.

—

Teve esta confraria irmãos da mais alta nobreza, entre elles — o marquez de Torres Novas, e seus irmãos, D. Luiz e D. Antonio de Lencastre, que se inscreveram em 1628 — os marquezes de Porto Seguro, e da Fronteira, e outros titulares.

—

Teve esta Santa Casa os legados de cento e vinte e oito capellas: hoje só tem uma; porque as outras foram supprimidas por diversos breves e outras disposições.

Por uma provisão de D. Philippe III, de 15 de março de 1610, se concedeu que os irmãos da Misericordia fossem isentos de servirem os cargos de vereadores e almotacés, na conformidade dos seus antigos privilegios.

—

Em 24 de outubro de 1636, D. Philippe IV, mandou que esta Santa Casa tivesse mais quatro irmãos, para que, com os oito que já tinha, pedissem esmolas, para os enfermos

[1] Na *Memoria sobre a historia de Setubal* (pag. 217) diz-se que foi a D. Sebastião. É engano. Em 1567, tinha o rei D. Sebastião apenas treze annos e cinco mezes, e quem governava o reino como regente, era D. Henrique, depois, o tristemente celebre *cardeal-rei*.

D. Sebastião só tomou conta do governo do reino em 1568.

e encarcerados; e que os novos irmãos gozassem os mesmos privilegios dos antigos.

—

A egreja da Misericordia, contigua ao hospital, e no largo mesmo chamado da Misericordia, é vasta, muito clara e aceiada. Á esquerda de quem entra, se vê, embutida na parede, esta inscripção:

S.ª DO P.e DUARTE BORGES, VIGR.º
DA VARA, QUE FOI, NESTA V.ª E SEV
ARCIPRESTADO, INSTITVHIDOR
DE HVA CAP.ª NESTA S.ta CAZA, QUE
DOTOV COM TODA SVA FAZENDA.

Do lado direito, de quem entra, está, tambem embutida na parede, esta inscripção:

S.ª PERPETUA, DE ESTEVÃO
DA MOTTA MONIZ, E DE TODOS
OS POSSVIDORES DO MORGADO
QUE ELLE INSTITUIU.

—

Em 1498, concede-se á irmandade da Misericordia, de Setubal, poder tirar os cadaveres dos enforcados, do patibulo, e dar-lhes sepultura em sagrado.

—

Por uma provisão do rei D. Manoel, de 22 de julho de 1512, é ordenado que os bens de pessoas fallecidas nas villas e logares do almoxarifado de Setubal, sem testamento, ou, tendo-o, n'elle deixem bens á Misericordia, se entenda que ficam pertencendo á de Setubal, e a nenhuma outra.

—

No ultimo anno do seu reinado, concedeu o rei D. Manoel [1] que houvesse doze mamposteiros, destinados a pedirem esmolas para a Misericordia de Setubal, nos logares do mestrado da ordem de S. Thiago.

—

Philippe II concedeu aos irmãos da Misericordia de Setubal, por provisão de 1589, o privilegio de não irem aos *alardos*.

—

Tambem á Misericordia foi concedida permissão para mandar fazer na cadeia, um oratorio, para n'elle se dizer missa aos presos, nos domingos e dias santificados.

—

Antigos hospitaes e albergarias que hoje não existem

1.º — *Espirito Santo.* — Não se sabe quando foi fundado; mas já existia em 1539. Parece que era na Rua Direita, hoje chamada do Trôino.

—

2.º — *Albergaria da Horta do Rio.* — Tambem se ignora a data da sua fundação (provavelmente, era do principio da monarchia, que é quando se fundaram estas casas de caridade.)

Ficava proximo da Rua Direita (a tal do Trôino) e na dita Horta do Rio, onde existe actualmente um telheiro, o qual ainda serve de acolheita aos mendigos adventicios.

—

Gafaria

Ficava extra-muros (como todas as gafarias de Portugal) na estrada de S. João.

Ainda existe, entre pequenas casas, de construcção moderna, um portico, de cantaria, notavel pela antiguidade que revella. Serve de entrada a uma propriedade, chamada a *Horta*. Ao fundo, vê-se um muro, que separa um pequeno pateo, da dita horta. A alguma distancia, se vê o recolhimento de Nossa Senhora da Saude, e, mais ao longe, a serra do Viso (onde se deu o combate que já referi, entre os *cabraes* e os populares, em 1847) com seus casaes e moinhos de vento.

Na verga da porta, ainda se lê distinctamente a seguinte inscripção, em latim abreviado, da edade média, extrahida do cap. I do *Ecclesiastes*, versiculo 2.º: — VANITAS VANITATUM, ET OMNIA VANITAS. (Vaidade das vaidades, e tudo vaidade.)

—

É pasmoso o numero de *gafarias* (hospitaes de leprozos) que antigamente havia em Portugal. Tambem se lhes dava o nome de *conventos*, ou *leprosorios*, ou *ordens de S. Lazaro*, santo que era o seu patrono, ou tutellar, pois tambem foi leprozo.

[1] D. Manoel falleceu em Lisboa, a 13 de dezembro de 1521.

Os nossos antepassados foram, em grande parte, victimas d'esta ascorosa molestia, e por isso se multiplicaram tanto estes estabelecimentos de caridade, e todos, fóra das povoações, onde alguns ainda existem, ou em ruinas, ou applicados a outros usos.

Cessou quasi totalmente esta horrorosa enfermidade, depois que o panno de linho, e o assucar, refrescaram a cutis, e adoçaram o sangue; e desde que se abandonaram os vestidos de pelles de carneiro, sobre a epiderme.

Ainda se dá o nome de *gafo*, ao que soffre esta molestia.

Nas Inquirições reaes de 1310, no julgado da Maia, e na freguezia de S. Vicente da Queimadella (hoje S. Pedro) então do julgado da Maia, e hoje no concelho de Fafe, se mandou ficar como estava, a *ferraria* (ferragial, prado, lameiro) que traziam por *honra toda, os gafos de Alfena*, porque tinha sido de D. João Peres da Maia.

Joanna Annes, fez testamento, em 1377, e n'elle deixa aos gafos de Lamêgo cinco soldos.

Em 1383, Pedro Pires, *meio prebendado na Sé de Lamêgo*, deixou por testamento, aos gafos, por amor de Deus, cinco libras; e para sempre, um alqueire de azeite, para a alampada.

A *Vinha de Sapos*, em Lamêgo, era um prazo dos gafos da mesma cidade.

—

Asylo da Infancia Desvalida

Foi aberto este piedoso estabelecimento, em 28 de junho de 1868, no edificio do antigo recolhimento de Nossa Senhora da Saude, a cuja egreja é contiguo [1].

Muitos bemfeitores, de ambos os sexos, teem contribuido com donativos e serviços, em favor d'este asylo. Os seus principaes fundos proveem de dous legados — um deixado por D. Gertrudes Angelica de Andrade Ligeiro — e outro, pelo commendador Francisco de Borja Freire [1].

—

Este asylo, desde a sua abertura até ao fim do anno de 1878, tem admittido quarenta alumnas internas, muitas das quaes, depois de educadas, e sufficientemente instruidas para a modesta occupação a que podem ser destinadas, se acham empregadas em casa de familias honestas, com bom credito do estabelecimento, para onde entraram, tiradas da indigencia.

—

«O relatorio e contas do conselho director do asylo de infancia desvalida, da cidade de Setubal, respectivo ao anno de 1876, mostra a grande carencia de receita que tem aquella sympathica instituição, unica em terra tão populosa e abundante de creanças indigentes.

«Apesar dos humanitarios e mui beneficos intuitos do estabelecimento a que nos referimos, nem sempre o tem acompanhado, infelizmente, aquella protecção que o nosso publico costuma conceder a institutos de tal natureza, sem a qual elles não podem amparar os infelizes que se acolhem á sua caridosa sombra.

«O asylo de Setubal não tem outros recursos senão os que a caridade particular lhe tem fornecido e continúa a fornecer; mas esses mesmos vão-lhe escasseando, porque um conjuncto de circumstancias desfavora-

[1] Deve Setubal este piedoso estabelecimento, que tanto a honra, á iniciativa do esclarecido e prestante setubalense, o sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes, com justiça, mencionado n'este artigo.

[1] O asylo de infancia desvalida d'esta cidade, em resultado da sentença que julgou a reforma de partilha do legado deixado pelo commendador Francisco de Borja Freire, teve de entregar, no prazo de dez dias, (a 5 de dezembro de 1876) da parte que recebeu d'aquelle legado, 3:500$000 réis em inscripções e 525$000 réis em dinheiro, de juros d'ellas, ás casas de asylo de infancia desvalida de Lisboa.

Esta reposição, que collocou em grandes embaraços a administração do asylo de Setubal, é consequencia de haverem as ditas casas de asylo de Lisboa vencido o pleito que propozeram para que fosse cada uma d'ellas contemplada de per si com parte do legado, como qualquer outro asylo, e não em commum com uma só parte, como se fizera, por serem administradas todas aquellas casas pela mesma associação.

veis, e estranhas á sua administração, tem prejudicado os seus rendimentos. A reposição de um legado importante, que outros asylos foram julgados com direito de reclamar, como vimos, a falta de alguns socios bemfeitores, e outras causas fizeram diminuir a receita do asylo, no anno que findou, cêrca de 200$000 réis, aggravando estas desgraçadas condições a elevação do preço dos generos alimenticios.

«São apenas dezoito as creanças que o asylo de Setubal tem hoje recolhidas, nem mais comportam os seus minguados recursos. Se formos a comparar esse pequeno numero com o mappa da população pobre de Setubal, na sua grande maioria composta de pescadores, veremos que as desgraçadinhas, faltas de pão do corpo e do espirito, que definham em lôbregas e immundas habitações, nos bairros mais populosos, estão com referencia ás asyladas n'uma espantosa desproporção.

«Toda a protecção pois que o publico queira dispensar ao asylo de infancia desvalida da cidade de Setubal, será não só uma obra de caridade, mas altamente civilisadora, porque ajudará a arrancar da miseria e do embrutecimento mais algumas infelizes.»

(Extrahido do *Diario Illnstrado n.º 1545*, de 16 de maio de 1877.)

Com effeito, assim era no principio do anno de 1877. Hoje, as circumstancias mudaram muito, para bem, felizmente. O asylo dá protecção a quarenta creanças — vinte asyladas internas, e vinte asyladas e educandas externas, cuja educação, desde abril d'este anno de 1880, tem sido confiada ás *Irmans Hospitaleiras* portuguezas.

A administração economica e a educação moral teem melhorado muito n'este estabelecimento de caridade, depois que aquellas virtuosissimas senhoras superintendem n'elle.

Abençoado seja quem teve a feliz lembrança de entregar a direcção do asylo ás santas Irmans Hospitaleiras.

—

O sr. barão de S. Miguel dos Campos, brasileiro, acaba de dar ao asylo uma quantia importante, para a construcção de uma casa de escola de instrucção primaria.

Para se adquirir este valioso donativo, muito concorreu o sr. dr. Domingos Garcia Peres, presidente do conselho director do asylo.

—

Hoje este estabelecimento está em melhores condições, pois que a receita dá para a despeza, como acabamos de vêr; mas é porque não se admittem os asylados que o asyllo póde conter, e que os administradores desejariam.

—

Educam-se, vestem-se e sustentam-se aqui, as creanças indigentes.

A sua receita anda por 1:800$000 réis; e a despeza, por 1:600$000 réis.

—

Cemiterio publico

Tem esta cidade um magnifico cemiterio publico, onde se vêem já bastantes mausoleus, alguns de optima esculptura. Tem uma bella ermida, cuja primeira pedra foi lançada, com grande solemnidade, em 22 de maio de 1859, e benzida em 12 de maio de 1861. É da invocação de *Nossa Senhora da Piedade.*

Tem o cemiterio oito quadros, ou taboleiros, divididos por quatro ruas, e estas, e a que o cerca em volta, assombradas por cyprestes, e adornadas de varias plantas e flores [1].

O seu portico é de marmore branco, e de boa esculptura.

N'este cemiterio foi sepultado, no dia 26 de novembro de 1861 (tendo fallecido na vespera) João Correia Manoel d'Abuim, natural de Lisboa, onde havia nascido em 1819.

Foi um dos melhores poetas lyricos do seu tempo, como o provam as suas diversas composições.

[1] Actualmente (outubro de 1880) está sendo accrescentado com mais um quadro, para o lado do sul, em vista do augmento da população da cidade.

—

Setubal militar

Foi Setubal uma praça de guerra de primeira ordem, cingida de duas grossas muralhas. A mais antiga foi mandada construir por D. Affonso IV, e concluida por seu filho, D. Pedro I, entre os annos de 1350 e 1360. Era guarnecida de altas torres quadradas, com ameias.

Tinha esta circumvalação, cinco portas, denominadas — *Nova*, *d'Evora* (vulgo, *da Herva*) dos *Padres da Companhia* (antigamente, *da Villa*), de *S. Sebastião*, e *do Sol*.

Tinha nove *postigos*, com estes nomes — de *Santa Catharina*, do *Sapal* (ou *Buraco d'Agua*), de *Santo Antonio*, do *Carvão*, da *Alfandega*, da *Pedra*, de *S. Christovam*, da *Ribeira*, e das *Lobas*.

Castello de S. Philippe

D. Philippe II, que, alem de ter pouca confiança na resignação dos portuguezes, andava em crua guerra com os *Paizes Baixos*, que queria conquistar, e com a França e a Inglaterra, que protegiam D. Antonio, Prior do Crato, tratou de fortificar varios pontos da Peninsula, como temos visto pelo decurso d'esta obra.

Sendo Setubal um ponto importantissimo, militar e commercialmente fallando, mandou construir o castello de S. Philippe, pelo risco e sob a direcção do architecto militar, italiano, *Philippe Terzo* (ou Tersio)[1]. O cardeal-rei o tinha feito, em 1579, mestre das obras dos paços reaes, e D. Philippe II, lhe confirmou este emprego, em 1590, nomeando-o tambem architecto e engenheiro militar, e dando-lhe uma commenda da ordem de Christo.

Em 1598, foi substituido, na direcção das obras d'este castello, por *Leonardo Furiano*, tambem natural da Italia. (Não se sabe, se por ter morrido Terzo, se por outro qualquer motivo.)

Este anno de 1598 foi o primeiro do reinado de D. Philippe III, e as obras se vieram a concluir, pelos annos de 1600.

Como architectura militar, é este castello de admiravel construcção, e tem merecido os elogios de pessoas competentes, nacionaes e estrangeiras.

Fica a uns 1:500 metros ao O. da cidade, e está sobranceiro ao Sádo, podendo a sua artilheria (se a tivesse) defender a barra, e proteger o castello do Outão.

Tem uma grande e bem construida cisterna.

Tinha uma boa casa, para residencia do governador, e quarteis para a guarnição, mas tudo ardeu, na noite de 10 de fevereiro de 1868, e não se tornou (nem talvez tornará) a reconstruir[1].

Tem servido algumas vezes de prisão do Estado, tanto na tentativa de regicidio contra D. João II, como na do mesmo crime, contra D. José I.

—

Sacudido o ominoso jugo da usurpação philippina, pela gloriosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, tratou logo D. João IV, e depois seus filhos D. Affonso VI e D. Pedro II, de reconstruir e ampliar as nossas praças da fronteira, e, principalmente, a nossa costa maritima.

Setubal foi das primeiras praças de guerra em que se fizeram obras de defeza.

A população tinha augmentado, e não po-

[1] Este architecto estava em Portugal, desde o tempo do rei D. Sebastião, e o acompanhou, como *divisador de campo*, na infeliz jornada d'Alcacer-Kibir. Foi tambem o director da construcção do forte e cinco baluartes, na barra do Ave (Villa do Conde), do grande aqueducto que leva a agua ás freiras de Santa Clara, da mesma villa, e do aqueducto de Coimbra. Ficou captivo em Alcacer-Kibir, mas o cardeal-rei escreveu a D. Rodrigo de Menezes, para que o resgatasse, e D. Rodrigo assim cumpriu.

[1] Foi governador d'este castello, Jeronymo de Mello e Castro, do conselho ultramarino, e capitão das armadas da guarda-costa. Era pae do general Diniz de Mello e Castro, primeiro conde das Galveias.

Descendem do infante D. João (filho de D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro) e de sua mulher, a infeliz D. Maria Telles de Menezes, assassinada em Coimbra, por seu marido, no dia 28 de novembro de 1377. (Vide 2.º vol., pag. 322, col. 1.ª)

dendo conter-se no ambito da antiga circumvalação, tinha construido novas casas de habitação, fóra das suas muralhas. Era precizo proteger estas casas, contra qualquer surpreza dos castelhanos, pelo que, D. João IV mandou construir um novo cinto de muralhas, abrangendo as novas construcções.

O proprio monarcha, em pessoa, veio por muitas vezes a Setubal, examinar o andamento das obras de defeza, em que sempre mostrou o maximo empenho.

Em 1658, mandou a rainha D. Luiza de Gusmão, regente do reino, na menoridade do rei D. Affonso VI, por uma provisão régia, que todos os damnos, feitos nas propriedades dos moradores de Setubal, com as obras de fortificação, se lhes pagasse com o dinheiro destinado ás mesmas fortificações; e, como não houvesse dinheiro prompto, determinou que aos prejudicados se pagasse o juro de 5 % ao anno, segundo a avaliação dos prejuizos; e que o capital se pagasse do dinheiro que viesse nas frotas do Brasil e da India.

Baluartes

As obras novas de fortificação comprehendiam — *nove baluartes* inteiros e dous meios baluartes, que eram:

1.º — do *Caes*, ou de *Nossa Senhora da Conceição*, onde foram os quarteis do regimento de Setubal (depois, infanteria n.º 7) e são os actuaes, do batalhão de caçadores n.º 1 — e onde estiveram os armazens das munições de guerra, e a casa da vedoria militar. É terraplenado externamente, e teve bôa artilheria de bronze e de ferro, de differentes calibres.

Tem cortina em roda, e serventia para o caes.

2.º — de *S. João.*
3.º — de *Nossa Senhora do Soccorro.*
4.º — de *Jesus.*
5.º — de *Nossa Senhora da Annunciada.*
6.º — de *Nossa Senhora da Saude.*
7.º — de *Santo Amaro.*
8.º — de *S. Francisco.*
9.º — de *Nossa Senhora do Carmo.*
10.º — das *Fontainhas.*
11.º — de *S. Domingos.*

Sobre todas estas portas havia ediculas, ou nichos, com a imagem do santo a que eram dedicadas.

—

Fóra das novas muralhas, tambem houve varios fortins, a saber — na Pedra-Furada — Brancanes — S. Luiz de Gonzaga, proximo ao antecedente — sobre o mosteiro de Jesus — e o quartel dos Olhos d'Agua. (Alguns d'estes fortins, não se chegaram a concluir, outros só ficaram em desenho.)

De tudo isto, apenas existem em bom estado, o baluarte do *Caes de Nossa Senhora da Conceição*, quartel dos caçadores — as fortalezas *d'Albarquel* — do *Outão* — e da *Arrabida.*

O castello de *S. Philippe* está meio desmantellado — do forte de *Nouguellas*, que foi atalaia dos cavalleiros de S. Thiago, apenas ha vestigios.

Havia um forte, na margem esquerda do Sado, ao O. de Troia, e em frente da fortaleza do Outão; mas já d'elle se não vê o minimo vestigio. Julgo que a areia lhe cobriu os restos.

As muralhas antigas e modernas estão quasi todas arrazadas, assim como as torres que as guarneciam. O mesmo aconteceu aos fortins exteriores.

—

Torre de S. Thiago do Outão

É um bello specimen de architectura militar, construida á bôcca da barra, tendo parte da sua artilheria em posição de fazer fogo ao lume da agua. Serve de registo, e é posto semaphorico, de segunda classe [1].

As suas pontes levadiças são defendidas por baluartes e séteiras.

Para a explanada inferior abre a porta da ermida de S. Thiago, patrono da fortaleza. Tem rica obra de talha dourada, e as paredes interiores são revestidas de bellos azulejos, representando scenas da vida d'aquelle santo apostolo.

Esta fortaleza, que é construida com gran-

[1] O pharol esteve antigamente collocado no alto de uma rocha muito elevada, d'onde foi transferido para a torre, por ser ponto mais visivel. É de systema moderno.

de solidez, foi principiada pelos annos de 1390, por ordem de D. João I, e ampliada nos reinados de D. Manoel e de D. Sebastião.

D. João IV tambem aqui mandou fazer importantes obras de defeza, para as quaes lançou a primeira pedra, em 30 de julho de 1643, D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira.

Segundo a tradição, e alguns historiadores, no sitio occupado por esta fortaleza, existiu, no tempo dos romanos, um templo dedicado a Neptuno. É certo que quando se abriram os alicerces para as novas obras (as de D. João IV) se achou uma estatua de Neptuno, mutilada, e algumas moedas dos imperadores Julio Cesar Augusto e Tiberio. Era então governador da praça, Manoel da Silva Mascarenhas, que mandou tudo a D. João IV [1].

Estas obras foram concluidas um anno depois da morte de D. João IV, sendo regente do reino [2] a rainha viuva, D. Luiza de Gusmão, sendo ainda governador d'esta torre, o dito Manoel da Silva Mascarenhas, e das armas de Setubal, João Nunes da Cunha.

Já vimos como o povo de Setubal tomou o partido do prior do Crato, e que na praça, só por uma traição entraram os castelhanos; e como a torre do Outão, ainda depois de perdida a praça, continuou a resistir corajosamente aos inimigos, apezar dos 22:000 homens do duque d'Alba e da esquadra castelhana do marquez de Santa Cruz; tornando-se notavel pela sua intrepidez e lealdade, o famoso Mendo da Motta.

Na restauração de 1640, a guarnição hespanhola d'esta torre, rendeu-se aos portuguezes, logo a 17 de dezembro d'aquelle anno, sendo entregue ao novo governador, Antonio de Moura.

Tambem serviu algumas vezes de prisão do Estado. Aqui esteve encarcerado, Gonçalo Pires de Carvalho, em 1641, pelo crime de traição á patria.

Tambem por essa occasião, e por suspeitas do mesmo crime, aqui esteve preso o intrepido e honrado Mathias d'Albuquerque, que facilmente se justificou. A causa da sua prisão, foi por ter em Castella um irmão, que era intimo amigo do chefe da conspiração, o marquez de Villa-Real.

Mathias d'Albuquerque foi d'aqui removido para o castello de S. Jorge, de Lisboa, e quando o soltaram, foi um verdadeiro triumpho, sahindo do castello no meio das acclamações do povo.

D. João IV lhe deu plena satisfação, e o reintegrou no governo das armas da provincia do Alemtejo, onde prestou relevantissimos serviços a Portugal, entrando por Castella e queimando Barca-Rota e Montijo, em 1644. Vindo contra elle o barão de Molinguen, com 6:000 infantes e 2:500 cavallos, Albuquerque vôa ao seu encontro, á frente de 6:000 infantes e 1:000 cavallos, e derrota completamente o inimigo, na famosa batalha de Montijo, a 26 de maio do dito anno. Os castelhanos, tiverem 3:000 soldados, trez generaes e 54 officiaes mortos: nós perdemos 900 homens. M. d'Albuquerque, foi, por esta gloriosa victoria, feito conde de Alegrête.

Em 1658, os generaes Mathias d'Albuquerque, e Vasconcellos, estando a sitiar a praça castelhana de Badajoz, foram atacados pelo duque de S. Germano, que foi tambem derrotado e posto em fuga.

Finalmente, na guerra da restauração, o novo conde de Alegrete mostrou sempre que era um grande capitão, e um portuguez fidelissimo.

—

A guarnição da torre está hoje reduzida a um governador, um sargento de veteranos (que serve de caserneiro) um pequeno destacamento de artilheria, o pharoleiro e o seu ajudante!

[1] Manoel da Silva Mascarenhas prestou grandes serviços á patria, durante a guerra da Restauração; e por isso, e por denunciar ao rei a conjuração de 1641, foi feito governador da torre do Outão.

[2] Na menoridade de seu filho, D. Affonso VI, que tinha então 14 annos, pois nascêra a 26 de agosto de 1643.

—

As fortificações da praça de Setubal, foram guarnecidas com 194 boccas de fogo. Consta isto de uma carta régia, de D. João IV, dotada de 3 de agosto de 1724, na qual se manda remetter para Lisboa, a referida artilheria, e todos os utencilios militares inuteis, que existiam nas ditas fortificações.

Casa do corpo da guarda

Foi mandada construir por João Nunes da Cunha, governador das armas da comarca de Setubal, pelos annos de 1650. Custou réis 172$000.

Esta casa ainda existe na praça do Sapal (hoje de Bocage). O terramoto de 1755 a arruinou, mas foi reconstruida. Junto ao corpo da guarda, havia uma bonita ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, á qual o regimento de infanteria n.º 7 fazia uma grande festa, com procissão, no seu dia (8 de dezembro) e se chamava, a *festa dos militares*. Esta capella foi demolida, e faz agora parte do predio contiguo.

A confraria da Senhora da Conceição, tinha concedido a José de Seabra da Silva, celebre ministro de D. José 1.º, permissão de abrir uma porta e tribuna, para a ermida, nas paredes divisorias d'ella com as suas casas nobres. Estas ainda actualmente são propriedade dos descendentes do referido Seabra da Silva.

—

Quartel de caçadores n.º 1

Situado na praia de Nossa Senhora da Conceição, no baluarte ainda assim denominado. Consta de duas partes — a antiga, que é o tal baluarte — e a moderna. As casernas antigas, são acanhadas e escuras; as modernas, são amplas e claras.

Sobre o portico está a seguinte inscripção, já bastante apagada:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II
MANDOU FAZER ESTE PORTICO, O DUQUE
DO CADAVAL, MESTRE DE CAMPO
GENERAL, JUNTO À PESSOA DE SUA
MAGESTADE, MANDANDO AS ARMAS
DAS PRAÇAS DE SETUBAL, CASCAES,
E PENICHE, E SENDO CAPITÃO GENERAL
DE CAVALLARIA DA CÔRTE E PROVINCIA DA ESTREMADURA, DOS CONSELHOS
DE ESTADO E GUERRA, DE SUA MAGESTADE
DO DESPACHO DAS MERCÊS
E EXPEDIENTE, MÓRDOMO-MÓR
DA RAINHA D. MARIA
SOPHIA. NA ERA DE 1696.

—

Fortaleza de Albarquél

Está construida á beira do Sádo, ao sopé da serra onde está o castello de S. Philippe, e pouco abaixo d'este.

Principiou a edificar-se, por ordem de D. João IV, em 1643, mas só se concluiram as obras no reinado de seu filho, D. Pedro II.

Actualmente, serve apenas para residencia de um velho official reformado, sua familia, e um veterano. Não tem outra guarnição, e ha muitos annos que está desartilhada.

Em occasião de guerra, e com bôa artilheria de systema moderno, seria utilissima para a defeza de Setubal, pois faria fogo ao lume da agua.

Diz-se que Albarquél é corrupção do árabe *Al Beiq el-Mahomed* (capitão Mahomede). Outros pretendem que *Albarquel* é corrupção de *Albacar*, palavra tambem árabe, que significava, *gado vaccum*.

Talvez não seja nada d'isto, mas corrupção do portuguez antigo *Barrachel*, nome de um official militar, cujo cargo era prender os desertores.

Ainda outra lembrança — o artigo *al* foi tambem usado pelos antigos portuguezes em muitas das suas palavras, assim como a particula diminutiva *el*. D'aqui póde inferir-se que *Albarquél*, é palavra portugueza, e significa *o barquinho*, como quem diz — *Praia do barquinho*.

De todas estas *supposições*, conclue-se que não sabemos a verdadeira significação da palavra *Albarquel*.

Forte do cabo

Posto ser dentro dos limites da freguezia e concelho de Cezimbra, era dependente do governo militar de Setubal, o *forte de Nossa*

Senhora do Cabo, (*do Espichel*) na serra da Arrabida.

Ficava ao O., e proximo da ermida que lhe deu o nome (vide *Senhora do Cabo*). Foi construido em 1672, por ordem do infante regente (depois rei, D. Pedro II) irmão de D. Affonso VI.

D. João V o mandou reconstruir, em 1708, artilhando-o com cinco peças, de calibre 24. Sobre a porta tinha as armas de Portugal; e por cima da porta da casa da guarda tinha uma imagem de Nossa Senhora, de marmore branco, da Arrabida.

Em 1800, ainda este forte estava bem conservado; mas desde então para cá, o mar e os temporaes o foram desmantelando, e hoje apenas d'elle restam pequenos vestigios.

Abaixo do forte, ha um pequeno porto, onde só podem fundear botes e canôas, e, mesmo assim, com bastante risco.

—

Na *Geographia historica*, do padre D. Luiz Caetano de Lima, da Academia Real de Historia Portugueza, impressa em Lisboa, no anno de 1736 (tomo 2.º, pag. 222) veem alguma cousa alterados os nomes das fortificações de Setubal. Diz elle:

É defendida esta villa com as fortificações seguintes:

Primeiramente, é cercada de muros antigos, *levantados a plumo*, e coroados de ameyas, com suas torres *quadradas*, segundo a arte, ou necessidade de fortificar d'aquelles tempos, com varias portas e postigos. (Nomeia-os, e conferem os nomes com os já dados — só accrescenta que sobre o *postigo da Ribeira*, está o *tribunal da Tabola-Real*).

Depois, descreve as fortificações mandadas fazer por D. João IV, e seus filhos, que tambem conferem com o que fica dito.

Menciona as obras de defeza extramuros, com mais individuação, dizendo:

«Em quanto a obras exteriores, *está desenhada uma obra corna*, no sitio chamado Pedra-Furada — um forte de quatro baluartes, onde chamam *a Estrella* — um forte pentagonico, por cima do convento de Brancannes, *onde está já outro orte, da mesma figura, com o nome de S. Luiz Gonzaga;* mas, por ser pequeno, *se tem desenhado* outro maior, que o inclua dentro, *como cavalleiro* — e outra obra corna, communicada com o dito forte, para descobrir e flanquear, o *quartel de Brancannes* — uma obra corna, sobre o convento das religiosas de Jesus, e a fraqueza do baluarte de Nossa Senhora da Annunciada, *que é defeituoso, por muito obtuzo* — finalmente, outra obra corna, *de terra*, que flanqueia o *quartel dos Olhos d'Agua*».

Depois de mencionar o forte de S. Philippe, a fortaleza de Albarquél, e a torre do Outão, continúa:

«A tiro de mosquête da dita fortaleza, (a torre do Outão) mais para a parte da Arrabida, está outra fortaleza, na praia, que chamam das *Vieiras*, a qual se fez de novo, e tem uma bateria, com seis peças de bronze, de bom calibre, sua cisterna e quarteis; mas está ainda por acabar, e communica-se com a torre do Outão».

—

Guarnição militar

Em 1570, reinando D. Sebastião 1.º, já Setubal tinha um terço de ordenanças, e, desde 1641, um *terço de auxiliares*, que foi depois *regimento de milicias de Setubal*. Em 1650, se formou um *terço pago*, que era uma companhia de infanteria; uma companhia de artilheiros de linha, e outra de *cavallaria auxiliar*.

Em 19 de maio de 1806, o terço pago se transformou em um bello *regimento de infanteria de Setubal*, e com esta denominação fez toda a campanha da guerra da Peninsula, destinguindo-se em todas as batalhas em que entrou.

Com a nova organisação, dada ao exercito portuguez pelo marechal Berésford, em 1814, tomou este corpo a denominação de regimento de infanteria n.º 7.

No reinado do sr. D. Miguel I, por decreto de 9 de julho de 1829, ficou a denominar-se terceiro regimento de infanteria de Lisboa, para onde foi de quartel [1].

[1] É êrro o que diz a *Memoria de Setubal* a pag. 258. Segundo este livro, infanteria 7

Tinha golla do mesmo panno (azul escuro, como toda a infanteria portugueza) canhões amarellos, e vivos brancos. Pertencia á *Divisão do Centro*[1].

O regimeuto de milicias de Setubal tinha exactamente o mesmo uniforme de infanteria 7, differençando-se apenas em ter as *ferragens* das barretinas, e os botões da farda, de metal branco (como todos os regimentos de milicias.)

O regimento de infanteria de Setubal fazia brigada com infanteria n.º 19 (de Cascaes.)

Depois que o regimento foi para Lisboa, tem feito a guarnição de Setubal varios corpos, ou destacamentos d'elles, e *batalhões nacionaes alli creados*; mas, ha muitos annos, com algumas interrupções, tem sido feita a guarnição de Setubal pelo batalhão de caçadores n.º 1. Foi para a Ilha da Madeira, em 1869, mas regressou a Setubal, em 1870. Foi tambem á India, com o sr. infante D. Augusto, mas, pouco depois, regressou a Setubal, com o mesmo infante. Desde então, não tornou o batalhão a sahir de Setubal, mas dá destacamentos para varias partes, onde o seu serviço é reclamado.

—

Tendo-se fallado aqui tantas vezes no regimento de infanteria n.º 7, cumpre notar que o actual regimento de infanteria d'este numero, nada tem de commum com o antigo *regimento de Setubal*, depois, n.º 7, e por fim, 3.º regimento de infanteria de Lisboa.

Este, o que tanto se distinguiu pela sua bravura, nas batalhas da guerra peninsular; o que, em premio dos seus relevantes ser-

era o *setimo* regimento de Lisboa, quando nunca alli houve mais de quatro: — 1.º, infanteria n.º 1; 2.º, n.º 4; 3.º, n.º 7; 4.º, n.º 16.

[1] A organisação dada ao exercito portuguez, pelo marechal Beresford, era excellente — eil-a:

Divisão do Sul — Infanteria n.º 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20 e 23. — Caçadores n.º 2, 5, 8 e 11. — Cavallaria n.º 2, 5, 8 e 11. — Artilheria n.º 2. — Milicias: de Lagos, Tavira, Beja, Evora, Villa Viçosa, Portalegre, Castello-Branco, Idanha, Covilhan, Arganil, Tondella, Viseu, Lamego, Arouca, Trancoso, e Guarda.

Divisão do Centro — Infanteria n.º 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19 e 22. — Caçadores n.º 1, 4, 7 e 10. — Cavallaria 1, 4, 7 e 10. — Artilheria n.º 1. — Milicias: de Lisboa, quatro regimentos — Torres Vedras, Santarem, Thomar, Louzan, Setubal, Alcacer do Sal, Leiria, Soure, Aveiro, Oliveira d'Azemeis, Figueira e Coimbra.

Divisão do Norte — Infanteria n.º 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21 e 24. — Caçadores nº 3, 6, 9 e 12. — Cavallaria n.º 3, 6, 9 e 12. — Artilheria n.º 4. — Milicias: da Feira, Porto, Guimarães, Basto, Maia, Penafiel, Braga, Villa do Conde, Barca, Barcellos, Arcos, Vianna do Minho, Chaves, Villa Real de Traz-os-Montes, Bragança, e Miranda.

De maneira que o exercito portuguez tinha, por esta organisação (que existiu até á convenção d'Evora-Monte) 24 regimentos de infanteria, 12 de cavallaria, 12 batalhões de caçadores, e 4 regimentos de artilheria; tudo de 1.ª linha, alem das *Guardas Reaes da Policia*, de Lisboa e do Porto, organisadas e sustentadas só com officiaes, officiaes inferiores e soldados, escolhidos d'entre os differentes corpos de 1.ª linha do exercito; sendo a passagem para a Policia um premio do seu bom comportamento.

De *Segunda linha*, tinha cada divisão (como acabamos de ver) 16 regimentos de milicias, ao todo, 48 regimentos.

Durante o reinado do sr. D. Miguel, crearam-se 52 batalhões de *Voluntarios Realistas*, tão aceiados e disciplinados, como caçadores de linha.

De *Terceira linha*, havia um grande numero de *ordenanças (bicha)* armadas de chuços, dardos, roçadouras, bayonetas encabadas em páus, e alguns, armados de espingardas ferrugentas. Esta *tropa fandanga*, era, no geral, insubordinadissima e cobarde no fogo; servindo mais de estorvo do que de auxilio á outra tropa, e sendo quasi todos ratoneiros descarados, fazendo-lhes conta ainda os mais insignificantes objectos, e obrigando os patrões a dar-lhe o que exigissem. Os realistas só os empregavam na guarda de comboios de munições, e na construcção de trincheiras, durante os cêrcos do Porto e de Lisboa. A 1.ª e 2.ª linha tratavam as ordenanças com o despreso que quasi todas mereciam.

Havia porem, raras mas honrosas excepções. As companhias, sujeitas a capitães-móres rectos e intelligentes, e que tinham bons capitães, faziam optimo serviço, e poupavam bastante a tropa de linha.

Algumas pessoas acharão *maçadora* esta nota; mas é bom que estas cousas fiquem em memoria,

viços á patria, recebeu em 1815 novas bandeiras, com a legenda:

julgareis qual é mais excellente,
se ser do mundo rei, ou de tal gente.

seguiu sempre a causa do sr. D. Miguel 1.º Em 1826, o 1.º batalhão fez parte das tropas realistas do marquez de Chaves (general Silveira). O 2.º batalhão, por querer reunir-se ao 1.º, foi desarmado, fusilado e metralhado na praça d'armas do forte da Graça, d'Elvas, por ordem do general Saldanha, então ministro da guerra, sendo regente, a infante D. Isabel Maria. Foi o primeiro sangue que correu por *crimes politicos*. Os que escaparam ao morticinio, e que poderam fugir, foram unir-se ao 1.º batalhão, e emigraram para a Hespanha, em março de 1827; d'onde só regressaram á patria, em julho de 1828.

Este brioso regimento, deixou de existir, em 27 de maio de 1834, pela convenção de Evora-Monte, e nem uma unica praça d'elle fez parte do actual regimento de infanteria n.º 7.

—

Noticias diversas.

Paços do concelho

O *paço do trigo*, a casa da camara, a cadeia e os açougues, foram construidos pelo mestre pedreiro, Gil Fernandes, principiando as obras em 1526 e terminando em 1533. Em 19 de novembro d'este mesmo anno, o mestrado de S. Thiago, escambou com o senado da camara, o *paço velho do trigo*, com o novo.—Eis uma das clausulas da escriptura publica d'esta troca:

«Por quanto, o paço velho do trigo, era «da ordem (de S. Thiago) e ora se mudou o «paço do dito trigo, ao paço novo do concelho, que está aqui feito, n'este Sapal; e por «quanto o *Mestre Nosso Senhor* (l) queria «alargar o dito paço velho, para a renda «d'esta villa, comtanto que lhe dessem, á «Ordem, o paço novo, que ora é feito da propria maneira que o Mestre tinha o paço «velho, que era que o dito paço velho será «elle (mestre) logo obrigado a mandar com«pôr de todo o que fôr necessario. e a go«vernança e logramento d'elle, ser da villa, «sem em nenhum tempo a Ordem sobre elle «fazer nenhuma cousa, nem assobradar, nem «fazer n'elle cousa nenhuma, e foi praticado «que parecia que era proveito da villa, a «dita troca e permutação; e a todos por um, «que era evidente proveito da camara, por «o outro paço velho, ficar para a renda e «proveito d'esta villa, e camara d'ella escusar «o gasto do repairo que este paço novo po«dia fazer cada anno; e, portanto, accorda«ram que se faça o dito contrato, com o dito «mestre, por parte da villa, etc., etc.»

Doou pois á villa de Setubal, a ordem de S. Thiago, o tal paço velho do trigo, que lhe pertencia, situado na Rua Direita, *com todos os seus alpendres, entradas e sahidas; recebendo o paço novo, assim como estava feito e acabado, de trez naves*, etc.

Estando bastante arruinados os paços do concelho (que eram o tal paço novo do trigo) o povo de Setubal se offereceu a contribuir com o que fosse necessario para a reconstrucção do edificio, pelo tempo de trez annos (1722, 1723 e 1724) o que a camara agradeceu e acceitou [1].

Sobre a porta que está por baixo da varanda da casa da camara, se lê a seguinte inscripção:

NO ANNO
DO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR
JESUS CHRISTO, 1733, SE ACABOU ESTA
OBRA DA CAMARA, VARANDA DA MUITO
NOTAVEL VILLA DE SETUBAL, FEITA À CUSTA
DO POVO DA MESMA VILLA, POR ORDEM D'EL-REI
NOSSO SENHOR, D. JOÃO, O QUINTO,
QUE DEUS GUARDE;
SENDO JUIZ DE FÓRA, COM REPUTAÇÃO
DE CORREGEDOR, EXECUTOR
DA MESMA CAMARA, O DR. MANOEL PERES
DA VEIGA, EM FEVEREIRO
DO DITO ANNO.

[1] Já, por alvará regio, de 26 de setembro de 1709, tinha sido a camara auctorisada a despender na reedificação dos seus paços, 460$000 réis, dos sobejos do *usual*, ficando obrigada a concertar os aqueductos, para o que aquelle dinheiro estava destinado.

—

O terramoto de 1755 arruinou muito este edificio, e D. José I mandou, que, do imposto de 2 réis, em cada arratel de carne, se pagasse a despeza da reconstrucção.

Sendo presidente da camara o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao concelho de Setubal, pelos numerosos melhoramentos que tem effectuado em seu beneficio, decidiu a camara accrescentar o edificio dos seus paços, para n'elle se poderem accommodar, não só todas as repartições dependentes da camara, como o tribunal judicial, a administração do concelho, a recebedoria e a repartição da fazenda, o que se levou a effeito, concluindo-se as obras, em 1873.

É hoje um bello e amplo edificio, situado na praça principal da cidade, e que faz honra ao municipio.

—

Melhoramentos antigos

D. João III interessou-se muito por Setubal — deu-lhe o honroso titulo de NOTAVEL, em 26 de outubro de 1525. — Foi no seu reinado e com sua approvação, que se crearam mais duas freguezias, a de S. Sebastião, e da Annunciada — confirmou os antigos privilegios da villa e lhe deu outros novos — e determinou diversos melhoramentos, entre elles, os seguintes:

Mandou (por uma carta que dirigiu ao mestre de S. Thiago) — fazer os novos paços do concelho.

Acabar as obras do *paço do trigo novo.*

Concertar as calçadas da villa, e lagear de tijôlo e Rua Direita.

Construir uma calçada por fóra da villa, desde a Porta Nova até á Porta de Santa Maria — «de bôa serventia, porque de inverno, é aquella terra tão alagadiça, que não se póde andar por ella.»

Romper o muro «no fim da rua em que estão as casas que foram de Antonio de Miranda, em cima, no tôpo, se rompa o muro, e se faça uma porta para fóra, contra S. Sebastião, grande e bôa, *porque será alli formosa e proveitosa.*»

Fazer pontes pelo rocio, nas abertas, para bôa serventia do publico.

Alargar a praça «tirando a motta das *casas do Cavallinho,* e as outras a par d'ellas, e as em que pouza Braz Dias, até Nuno Fernandes, nosso vêdor, e Fernão de Miranda, etc.»

Fazer um alpendre «ao longo das casas de Lourenço Rodrigues, até á travessa, para vender n'elle.»

«Outro alpendre se fará depois da motta do licenceado ser fóra, alli, n'aquella parte.»

«A fonte se hade retraher, para que esteja á sua ilharga da praça; e parece que será bom, contra a parte das casas do Cavallinho: e o chafariz para as bêstas, ahi onde se tira esta metade das casas. Isto poreis como deve ser.»

«Vereis no cano d'agua, do muro, até á fonte. Será melhor não vir assim por arcos, mas pelas paredes das casas; como melhor parecer.»

«Se faça uma porta grande, ao postigo do muro, que está aos canos que sahem para o Rocio.»

«Vereis a torre que parece se deve fazer ao cabo do Outão, o que custará; e primeiro, o que é necessario para bombardas e bombardeiros, etc.»

«Ver-se-ha uma fonte em Alferrára, que se possa juntar com os canos e fontes, se as houver, para mais cópia d'agua: e o que custarão de se haverem.»

«Mandareis mudar o curral do concelho, para a vinha de Bastião Antunes, por ficar mais afastado da villa e da povoação, pelos maus cheiros que d'elle ha.»

«Vereis se pode estar o relogio, na torre da Porta Nova, e com maneira a mostrar tambem as horas; porque será alli muito bom.»

«Vereis o que póde custar a herdade que está no *Porto do Trigo,* tornando-se para casas e rocio: que parece que seria bom, para desenvolvimento da villa.»

«Mandareis tirar os balcões que ainda houver, e se parecer que seus donos recebem perda, fazel-a compor.»

«Vereis se será bom, tomar se a agua que vem pelas freiras, que venha com a outra

do *Olho do Bóde*, por entre as hortas; e do Olho do Bóde se alargará mais, que caiba esta outra com ella: que parece que dous proveitos sahirão d'aqui — escusar-se a aberta do rocio e pontes; e ser mais sâdio S. Jeronymo e as hortas, por não estarem as aguas empoçadas.»

«Diogo Lopes a fez em Evora, a dezoito dias de fevereiro de 1533.»

Puz isto aqui, para se conservarem em memoria varios nomes antigos de Setubal: porque, quanto ás obras que Dom João III mandou fazer, muitas não passaram do papel.

—

Melhoramentos modernos

Ha pouco mais de trinta annos é que se principiou a cuidar dos melhoramentos publicos de Setubal. Foi durante as vereações presididas por Jacome Maria Ferro — Doutor, José Sérgio Capêto Barradas; doutor, Annibal Alvares da Silva, e doutor Antonio Rodrigues Manito, que as obras publicas municipaes principiaram a ter maior desenvolvimento, distinguindo-se entre todos, o sr. doutor Manito.

Foi durante a presidencia d'este prestante cavalheiro, que, em 1876, se concluiu a praça do mercado publico, na praia, como vimos.

Limpeza

N'estes ultimos annos, tem-se curado alguma cousa na limpeza e hygiene da cidade, construindo-se canos geraes e parciaes de despejo, e aterrando-se alguns baixos onde as aguas pluviaes ficavam estagnadas até ao verão; e construindo-se um novo deposito para os despejos da cidade, em sitio mais apropriado, cessando assim a existencia do deposito, ás portas da povoação, em frente do cemiterio publico [1].

Deve porem confessar-se que o actual systema de limpeza é ainda, não só imperfeitissimo e muito pouco aceiado, mas até muito prejudicial á hygiene, e dá ao estranho que visita Setubal, um desagradavel testemunho do pouco cuidado que tem havido com este ramo principal de interesse publico.

Alem da Rua Nova da Conceição, da praça hoje chamada de Bocage, e pouco mais, todas as outras ruas, bêccos e alfurjas, são repugnantes de sordidez.

Em logar de ser o seu pavimento *abaulado* (convexo) como se usa em todas as povoações modernas bem policiadas, é concavo.

Os varredores municipaes exercem o seu mister a toda a hora do dia, e de uma maneira repugnantemente immunda! — O seu modo de varrer é espalhar o contheudo no centro da rua, para os lados — isto é — a porcaria que se juntou na especie de cano, estendel-a por todo o pavimento.

As casas não teem latrinas, (como em Lisboa) nem pias, nem canos de esgôto. *Toda a qualidade de porcaria* se junta em um vaso qualquer, que tem de estar, ás vezes vinte e quatro horas, depositado em casa, á espera do carro municipal, que leva *aquillo* para o monturo geral! — A passagem d'aquelles carros deixa um cheiro horrivel e perniciosissimo na

[1] Continúa (novembro de 1880) com a maior actividade a limpeza das ruas, bêccos, travessas e praças, dirigida pelo vereador do respectivo pelouro, o sr. Oliveira Junior, que é um cavalheiro activo e intelligente. O sr. administrador do concelho é tambem digno dos maiores elogios, pois tem requisitado meios de limpeza; e até á sua custa os tem effectuado. A camara porem não tem meios que lhe permittam pôr em execução melhoramentos de maior importancia, para se conseguir um perfeito saneamento da cidade.

sua passagem; e, quasi sempre, restos do contheudo do caixão do carro.

Isto é sobremaneira desagradavel — á vista e ao olfato dos transeuntes; e principalmente para os visitantes, que estão costumados a ver, em terras de muito menos consideração, outra qualidade de limpeza e aceio.

É pena ver uma cidade tão bonita, ainda tão atrazada a este respeito!

Não sou escriptor assallariado, que tenha por condição só dizer bem, e occultar o que é mau. Digo o que entendo na minha consciencia, quer agrade, quer desagrade; é por isto que digo: — **O primeiro empenho dos homens da governança d'esta cidade, devia ser a destruição d'estes fócos de infecção, que desacreditam a terra, e compromettem a saude de seus habitantes.**

Antes do agradavel, está o urgente, e depois o util.

Mesmo assim, a amenidade do clima póde mais do que o descuido dos homens, e Setubal é uma povoação relativamente saudavel; para o que tem concorrido a plantação de arvoredos, nas alamedas, nas ruas e praças principaes e nas margens das estradas.

Falta d'agua

Tem ainda esta cidade a desvantagem de grande falta d'agua [1], sem que haja mananciaes abundantes d'onde se possa trazer para aqui.

A cidade está cercada de montes por toda a parte, menos pelo sul. Parece-me que, se se tivesse adoptado a exploração de minas como se usa nas provincias do norte, em uma ou n'outra parte se havia de encontrar agua para augmentar a pouca que a cidade já tem.

Antigamente, já se tentou trazer a agua a Setubal, por um aqueducto dispendioso, como se fez em Lisboa, em Coimbra, em Elvas, e n'outras partes; mas não se levou a effeito por falta de meios.

Hoje que a hydraulica tem simplificado os meios de conducção d'agua, por um systema muito mais rapido e economico, devem as camaras attender a esta urgente necessidade; que cada vez se tornará mais sensivel, em razão do desenvolvimento da população. (Vide *Agua*, adiante.)

—

Estradas

Em 1870, ainda n'este concelho não havia uma estrada municipal que tal nome merecesse; hoje, graças á sollicitude da edilidade, quasi todas as suas povoações estão ligadas por boas estradas a mac-adam, e andam ainda outras em construcção, estando já concluidos 14 kilometros, e apenas por concluir uns trez.

A estrada de Setubal a Palmella é uma das primeiras necessidades d'estas duas povoações. Anda em construcção; mas ainda não se fez a sua parte mais importante, que é, tornear o monte, até chegar a Palmella.

—

Nas muralhas antigas, havia algumas portas e postigos, que difficultavam a viação publica. A camara obtêve a indispensavel auctorisação do ministerio da guerra, fez demolir parte d'essas portas e alargar as ruas; o que aformoseou a cidade, e a tornou mais bem ventilada.

[1] Quando alli estive, em agosto e setembro de 1876, apenas o chafariz das Fontainhas deitava ainda alguma, pouca, agua; todos os mais estavam completamente sêccos. O mesmo acontecia a alguns regatos, que atravessam a povoação. É verdade que n'este anno houve falta d'agua em muitas terras de Portugal, principalmente do Mondego, para o sul, sobre tudo no Algarve.

Os chafarizes de Setubal estiveram dous annos completamente sêccos!

—

Outras noticias

No supprimido concelho d'Azeitão, hoje annexo ao de Setubal, se fabrica em grande quantidade, esse delicioso vinho, conhecido em todo o mundo sob a denominação de *Moscatel de Setubal.*

Produz-se tambem em Azeitão[1] muito e bom azeite (e é a esta circumstancia que a terra deve o seu nome.)

Sendo pois Azeitão um centro commercial muito importante, estabeleceu-se alli uma estação telegraphica, dando o sr. José Maria da Fonseca, rico industrial, de Villa Nogueira, e o maior exportador de vinho moscatel, 200$000 réis para ajuda d'este melhoramento.

—

O primeiro relogio de torre, que houve em Sutubal, foi o da egreja de S. Julião. Em 1603, se assentou (como vimos) outro relogio em uma das torres da egreja de Santa Maria da Graça.

Estando velho e desarranjado o antigo relogio de S. Julião, a camara mandou ultimamente comprar ao estrangeiro, um novo relogio de systema moderno, em substituição do antigo.

—

Ha poucos annos, a camara instituiu um pequeno corpo de policia civil, composto de dezeseis guardas e um chefe; este com o vencimento diario de 800 réis, e aquelles, de 400 réis.

O numero de guardas será augmentado, logo que a camara tenha meios sufficientes para occorrer ás despezas d'esse augmento.

—

Como a camara por si só não podia occorrer ás despezas necessarias para o completo serviço da extincção dos incendios, pediu a cooperação das differentes companhias em que estão segurados muitos predios d'esta cidade; porem muito pouco poude obter por este meio.

Vendo isto, os srs. Pereiras, ricos industriaes d'esta cidade, secundaram o empenho da camara, promptificando uma excellente bomba, os respectivos utensilios e o pessoal da sua fábrica.

Este objecto de tanta importancia está muito longe de satisfazer ás necessidades da povoação; mas — *é melhor pouco que nada.*

—

A camara, ajudada com um subsidio do governo, estabeleceu uma carreira diaria de vapores fluviaes, pelo Sado, entre Setubal e Alcacer do Sal, e vice-versa — *menos aos domingos (?)*

Esta carreira, principiou em 15 de fevereiro de 1867.

—

Praças e ruas

As principaes praças d'esta cidade são: — *de Bocage* (antigo *Sapal*), *de S. Bernardo* e *de S. Pedro.* É no centro d'esta ultima que está o pelourinho.

—

A *rua dos Açougues*, para a qual dá a elegante fachada da casa da camara, foi concluida em 1874. Hoje denomina-se *Rua de Luiz de Camões.*

—

A *rua da Conceição* (a melhor e mais extensa que tem Setubal) foi alinhada, nivelada e arborisada, nos annos de 1852 e 1853. É n'esta rua que se construiu o theatro Bocage.

—

Passeio da praia do Troino

Foi feito em 1870, sendo presidente da camara o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito.

É pequeno, mas bonito. Tem no centro um lago circular, d'onde partem seis bonitas e bem assombradas ruas. Em volta do lago, ha bastantes arvores, a maior parte eucaliptos.

—

Alameda do caes

Fica entre a praça do mercado publico e o quartel de caçadores (baluarte da Concei-

[1] Sob a denominação d'Azeitão, se comprehendem as freguezias de S. Simão (Villa Fresca d'Azeitão) e S. Lourenço (Villa Nogueira, que era a capital do concelho.) Todo o territorio d'Azeitão é de clima saluberrimo e fertilissimo, vendo-se de toda a parte, a cidade de Lisboa e seus arrabaldes. (Vide *Villa Fresca d'Azeitão*, e *Villa Nogueira de Azeitão.*)

ção.) Foi calçada e terraplenada, em 1848 e 1849, sendo presidente da camara o sr. Jacome Maria Ferro.

Depois, sendo presidente o sr. dr. Antonio Rodrigues Manito, foi alinhada e nivelada a rua da Praia, entre a ponte do Livramento, e o largo da Annunciada.

Esta *alameda*, a dizer a verdade, pouco merece tal nome. Tem poucas arvores e raros assentos, de madeira. É aqui onde em algumas noites vem tocar as philarmonicas de Setubal.

—

Passeio do Bom-Fim

Já vimos como o rei D. Manoei comprou aos seus possuidores o vasto e formoso *Campo da Barbuda*, e o deu ao povo de Setubal, para logradouro commum.

Excluindo o *Campo Grande*, e o *Campo Pequeno*, nos arrabaldes de Lisboa, não ha em Portugal outra povoação que, tão perto d'ella, tenha um tão vasto, plano e formoso rocio.

Na parte norte d'esta planicie (mas ficando ainda um amplo espaço em volta) mandou a camara construir, em 1839, um formoso jardim, com seu bonito chafariz no centro, e todo bem arborisado: encanando então o ribeiro que corre junto ao campo.

Em 1866, transformou-se este jardim em um bellissimo passeio publico; e em 1871, foi murado e gradeado.

Em 1878, a camara substituiu o chafariz do centro d'este passeio, por um formoso lago, de fórma circular. No centro, sobre uma baze de cantaria lavrada, está o coréto. Na parte inferior d'esta baze, por entre pedras tôscas, dispostas de modo a imitar o natural, e ornadas de plantas aquaticas, corre, em diversos pontos, a agua, servindo de recreio á vista, e de utilidade ás flores e plantas que vae regar.

Este passeio, apezar da sua extensão, que não é pouca, apenas occupa uma pequena parte do Campo do Bom-Fim, tal é a vastidão d'este.

É incontestavelmente um dos passeios publicos mais bem situados de Portugal.

—

Pelourinho

Está este emblema da autonomia e nobreza de Setubal, no centro da praça de S. Pedro. É uma bella columna monolithica, tendo no pedestal as seguintes inscripções:

Do lado do sul:

ESTE PELOURINHO
SE MUDOU DA PRAÇA
DA RIBEIRA PARA ESTA
REAL,
NO ANNO DE 1774.

—

Do lado do oeste:

TUDO EXECUTADO POR
DESPEZA DA CAMARA
D'ESTA VILLA, SENDO JUIZ
DE FÓRA, LEANDRO DE
SOUZA DA SILVA
ALCOFORADO.

—

Do lado do norte:

E POR DECRETO DE S. M. F.,
NOMEADO INSPECTOR DAS
OBRAS PUBLICAS D'ESTA VILLA,
JOSÉ BRUNO DE CABÊDO, COR.^{el}
DO REGIM.^{to} E GOV.^{or} DA PRAÇA,
DIRECTOR D'ESTAS, JOÃO VASCO M.^{el}
DE BRAUN, SARG.^{to}-MÓR DA MESMA,
ENGENH.^{o} E COMMAND.^{e} D'ARTILHARIA.

—

Do lado do este:

POR ORDEM DO ILL.^{mo}
E
EX.^{mo} SR. MARQUEZ
DO
POMBAL,
DO CONS.^{o} DE ESTADO.

—

Os caracteres d'estas quatro inscripções estão já bastante apagados, e antes de poucos annos, completamente inintelligiveis.

—

Ponte do Livramento

Em 4 de agosto de 1835, foi convidado pela camara, o engenheiro Claudio José Lagrange Monteiro de Barbuda, para se discutir a maneira mais facil e economica de

construir esta ponte, que, na maior parte, se tinha demolido no fim do anno de 1833, para reformar as fortificações da villa, e defendel-a contra qualquer ataque das tropas realistas [1].

Reconstruiu-se pois a ponte do Livramento. Á sua entrada, vindo da Praia do Troino, ha duas inscripções.

A do lado do sul, é concebida nos termos seguintes:

REGNANTE MARIA II
FOI DIRIGIDA ESTA OBRA PELO TEN.e ENGENHR.
LAGRANGE.
NISI UTILE EST
QUOD FACIMUS,
STULTA EST GLORIA.
1835.

—

A do lado do norte, diz:

CAMARA MUMICIPAL
A. C. DA COSTA. JALES, VITO, LEÃO, DINIZ, HENRIQUES, MOTTA.

[1] Em 3 de novembro de 1833, o general realista, José Antonio de Azevedo e Lemos, com um regimento de milicias, um batalhão de voluntarios realistas, 200 *boticarios* (soldados da guerra peninsular, que tinham sido chamados ao serviço, e que deviam a sua alcunha em ter golla e canhões amarellos, como usavam os cirurgiões militares) dous esquadrões de cavallaria, as ordenanças do Doutor Noronha, e 4 bôccas de fogo, derrotam completamente 1:200 liberaes, commandados pelo coronel Florencio, em Alcacer do Sal, escapando apenas um pequeno numero de liberaes.

No dia 11 do mesmo novembro, uma força, da divisão Saldanha, é destruida na Barroca d'Alva, pela columna realista do commando de Kernevó, ajudante de campo de Macdonell. Em seguida, o general realista Lemos, ameaça seriamente a praça de Setubal, tendo a guarnição liberal de Sines, de abandonar a praça e correr em soccorro de Setubal, onde chegou tambem (por mar) o vice-almirante Napier, com 200 belgas.

O sr. D. Pedro mandou instantemente fortificar Setubal, e augmentar a sua guarnição.

Apezar d'isto, as tropas realistas, do conde Luiz de Bourmont, atacam Setubal, por surpresa, a 12 de abril de 1834, que esteve quasi a ser tomada, mas a guarnição resistiu denodadamente, e os realistas tiveram de retirar para Alcacer do Sal.

Brazão de Setubal.

1835.

—

Atêrro do caes

Anda em construcção um atêrro para o prolongamento do caes de Nossa Senhora da Conceição, até ao Livramento. A camara pediu e obteve o producto da taxa de dulastres, paga pelas embarcações que entrarem no porto de Setubal durante o praso de dez annos, e o lastro trazido pelas mesmas embarcações, para levar a effeito esta obra.

Este atêrro é de grandissima utilidade, não só para mais facil embarque e desembarque das mercadorias, mas tambem um meio efficaz de salubridade, obstando a que, na baixa-mar, fiquem a descoberto os residuos de peixe e outras materias em decomposição, que produzem emanações repugnantes, e insalubres.

Alem d'isto, é mais um aformoseamento para a cidade.

A planta d'este atêrro foi levantada pelo engenheiro Carlos Ernesto Freire d'Aguiar Cardozo; e toda a obra orçada em réis 25:419$130.

É director dos trabalhos, João Pedro Caldeira; e fiscal, Severino Antonio José da Rosa.

—

A dóca

A sociedade *Torlades & C.a* aforou á camara de Setubal, pelo fôro annual de 6$400 réis, e por escriptura publica, lavrada nas notas do tabellião da mesma cidade, Alvaro Bernardino Cabral, em 13 de janeiro de 1836, um terreno baldio, na praia do Cadoz, ao O. do Caes-Novo.

Na escriptura, declara esta sociedade commercial, aforar o referido terreno, para n'elle *estabelecer uma fabrica de imprensar sardinhas e mais pescarias, e bem assim, fazer uma dóca, contigua á mesma fabrica, da qual se utilisaria, não só aquelle estabelecimento, mas tambem quaesqner embarcações*

que pretendessem abrigar-se dos rigores das tempestades.

Fundou-se a fabrica (que já não existe) e fez-se a dóca.

Em 1841, a sociedade Torlades & C.ª, passou este aforamento ao proprietario e negociante, João Montague Galloway, pelo fôro annual de 120$000 réis, mas na qualidade de sub-emphiteuta.

Por escriptura publica, de 16 de setembro de 1850, a mesma sociedade Torlades & C.ª passou ao negociante João Esteves de Carvalho, o dominio util do terreno aforado.

Em 30 de dezembro de 1863, o dito João Esteves de Carvalho remiu o fôro que pagava á camara, por 213$100 réis.

Este Carvalho é ainda o proprietario da dóca, na qual entram por anno, de 180 a 190 embarcações. D'estas, as que fazem o serviço das marinhas, pagam 120 réis annuaes, por cada moio de lotação. Para as de pesca, não ha tabella fixa.

Não é precizo dizer-se que esta dóca apenas serve para abrigo de embarcações miudas.

Digamos a verdade. — Esta dóca não dá muita honra a uma tão formosa cidade. É quasi toda construida de terra, sustentada por estacas de pinheiro, precisando de frequentes reparos.

O caes (aquillo a que dão este nome) desde o quartel de caçadores até onde chega a praia, em frente de Setubal, está completamente desempedrado, tendo apenas um bocado de caes de cantaria, na praia onde se tomam os banhos [1].

[1] Villa do Conde é uma povoação muito mais pequena e pobre do que Setubal; mas tem uma excellente dóca de robusta e optima cantaria, e toda a margem do rio Ave, desde o principio da villa até á barra, na extensão de 1:800 metros, tem um magnifico caes de cantaria, com rampas e escadas, onde são precizas, com bons assentos de pedra, e é arborisado no vasto terreiro, chamado *Campo da Feira.*

Segundo alguns documentos antigos, e o que se collige da *Chorographia portugueza,* do padre Carvalho, em frente de Setubal havia um formoso caes de cantaria, que o Sado depois abandonou, deixando o caes inutilisado, por ficar muito distante do rio, mesmo nas preamares. Setubal era tambem cercada por este lado, e paralellamente ao referido caes, de robustas muralhas de cantaria, defendidas por cubellos, baluartes e barbacans, que se demoliram, quando se ampliou a povoação.

—

Factos diversos

Por decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855, foram supprimidos, só no districto administrativo de Lisboa, 11 concelhos: — *Alcoentre, Aldeia Gallega da Merceana, Alhandra, Azeitão, Collares, Ericeira, Moita, Palmella, Ribaldeira, Sines,* e *Sobral de Monte Agraço.*

Os concelhos de Azeitão (Villa Nogueira) e Palmella ficaram fazendo parte do de Setubal.

—

Como a população de Setubal hia em progressivo augmento, o arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes (segundo filho de D. Affonso de Menezes, primeiro conde de Penella) creou mais duas freguezias, em 14 de março de 1553. — A de *Nossa Senhora da Annunciada,* cujos fogos tirou da de *S. Gião* (Julião) — e a de *S. Sebastião,* tirada da de Santa Maria da Graça.

Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de S. Gião e a de S. Sebastião. A de S. Gião tinha n'esse tempo 1:036 fogos — ficou com 550, e deu á nova freguezia da Annunciada (no bairro do Trôino) 486.

A de Nossa Senhora da Graça tinha 877 fogos, e ficou com 516; ficando a nova freguezia com 361.

A egreja de S. Sebastião é em Palhaes, e era a antiga ermida dedicada ao mesmo santo martyr.

Esta divisão foi préviamente auctorisada por D. João III, como governador e perpétuo administrador do mestrado da ordem

de S. Thiago, á qual pertenciam as duas velhas freguezias, e ficaram pertencendo as novas.

—

Ha em Setubal uma concorridissima feira annual, a 25 de julho. Foi creada por alvará do usurpador, D. Philippe II, e a requerimento dos procuradores de Setubal, nas côrtes de Thomar, de 1581.

Fazia-se primeiramente no largo de Jesus, e a camara a mudou para o *passeio* da Praia, entre o quartel de caçadores n.º 1, e a ponte do Livramento.

—

Havia um mercado, instituido por provisão da junta geral do districto, de agosto de 1833. Fazia-se na alameda, atraz da egreja do Bom-Fim, desde abril até outubro; e no campo da Saboaria, desde novembro até março.

Como fosse diminuindo a concorrencia a este mercado, até que o deixaram acabar, a camara, em 1858, o restabeleceu na referida alameda, e ainda continúa.

—

Em 1619, esteve D. Philippe III em Setubal, e alli presidiu a um capitulo da ordem d'Aviz, que se effectuou na casa da confraria de Nossa Senhora da Annunciada.

—

Quando o cardeal, frei Vicente Justiniano, geral da ordem benedictina, visitou Setubal, disse: — *Vidimus oppidum lapide cinctum pretiosa.* (Vimos uma villa, toda murada de pedras preciosas.) Porque, as muralhas da circumvalação, os fortes e todos os edificios de Setubal, são construidos com o bellissimo marmore da Arrabida; nem por estes sitios ha outra qualidade de pedra.

—

Pontes

Tem esta cidade dez pontes; são: — Ponte Nova, dos Carmelitas, e de S. Sebastião, todas dentro da cidade — e extra-muros, as de: — Jesus, Santa Catharina, do Soccorro, da Porta d'Evora, do Fidalgo, do rio Algodeia, e a Pontinha.

—

Terramoto de 2 de outubro de 1680

Em um authographo, com todo o caracter de veracidade, se lê o seguinte:

«Em 2 de outubro de 1680 sentiu-se em Setubal tremer a terra por espaço de um credo, com muito grande força, pelas 6 horas da manhã, o que deu muito temor n'este povo, e as lampadas nas egrejas faziam tão grande estrondo, que pareciam uma hármonia, e algumas pessoas cahiram no chão. O tremor de terra foi na quarta feira, e no domingo seguinte prégou sobre este successo o padre frei Antonio das Chagas, á porta da egreja do Anjo da Guarda, hoje do Senhor Jesus do Bom-Fim.

Terramoto do 1.º de novembro de 1755

Este horrivel cataclysmo sentiu-se, não só em Portugal, mas tambem em quasi todo o mundo.

N'este reino, onde teve mais desastrosas consequencias, foi em Lisboa, subvertendo uma grande parte da cidade, e esmagando, ou sepultando nas ruinas, mais de 40:000 pessoas.

Em quasi todas as nossas provincias se acham ainda vestigios d'esta convulsão do sólo, mas onde ella foi mais sensivel, alem de Lisboa, foi na Extremadura meridional, em parte do Baixo-Alemtejo e no Algarve [1].

Em Setubal foi tambem funestissimo este terramoto, horrorisando todos os seus habitantes, e causando prejuizos incalculaveis.

A destruição nas casas foi tal que ficaram ruas inteiras entulhadas. No largo da Fonte Nova se reuniu tão grande monte de entulho, que chegava á altura das janellas dos primeiros andares.

Á falta de habitações, se fizeram barracas em diversos sitios, principalmente junto das muralhas, de que ainda restam alguns vestigios.

[1] Os terramotos, segundo a opinião dos homens de sciencia, devem ir diminuindo de numero e sendo menos sensiveis, com o caminhar dos seculos, pelo natural resfriamento da materia ignea, concentrada no interior do globo, cuja crosta habitamos.

Por edital do juiz de fóra, o dr. Antonio Manoel Carlos Pinto de Souza, datado de 12 de maio de 1768, e passado em cumprimento de ordens superiores, foram mandadas demolir diversas das ditas barracas, de madeira e de tabique, que ainda existiam no largo de Palhaes, Fumeiros, atraz da cêrca de S. Domingos, Barrocas, Terreiro do Marquez, Buraco de Coina e em outras partes.

Um dos acontecimentos mais singulares, resultantes do terrivel cataclysmo do dia 1.º de novembro de 1755, foi o que consta do termo lavrado a fl. 89 v., do livro de registo de obitos, da freguezia de S. Julião. N'aquelle termo se declara que o eremitão da ermida de S. Braz, por nome José, e que jaz no adro da igreja de S. Julião, foi tirado, seis dias depois do terramoto, debaixo do entulho da dita igreja, da profundidade de seis covados, estando ainda vivo, expirando, porem, pouco depois.

—

Extracto de uma carta da secretaria de Estado, para o juiz de fóra da comarca de Setubal.

A impressão que fez no animo paternal d'El-Rei Nosso Senhor a noticia do estrago que esse povo padeceu na manhã de sabbado primeiro do corrente, moveu a real clemencia de Sua Magestade a mandar logo expedir ao Marquez de Tancos as ordens necessarias para mandar conduzir ahi todo o soccorro de pão que vocemecê lhe apontar, havendo o referido Marquez passado hontem para o Alemtejo.

Com elle se póde vocemecê explicar ao dito respeito, e Sua Magestade encarrega a vecemecê da inspecção de tudo o que fór necessario para que esse povo nada careça de mantimento e para que todos os que n'elle se venderem não excedam o preço que tiveram no mez d'outubro proximo precedente, como se está praticando n'esta côrte. N'ella absolveu Sua Magestade os direitos e emolumentos dos executores dos generos comestiveis que entrarem n'estes dias calamitosos, em quanto o dito Senhor não mandar o contrario. O mesmo póde vocemecê ahi praticar em beneficio da afflicção d'esses vassallos de Sua Magestade, e no caso de vocemecê julgar que são necessarias outras providencias m'as participará para eu as fazer presente ao dito Senhor.

A deserção dos soldados d'esse regimento, sendo desculpavel no primeiro dia do espanto, se fez muito reprehensivel que continuasse nos seguintes: vocemecê os convocará por bandos, debaixo de pena de perdimento dos postos aos officiaes e da pena de desertores aos soldados.

Com elles e com os paisanos espera Sua Magestade que vocemecê tenha feito toda a possivel diligencia por dar sepultura aos mortos, exhortando o clero e os regulares a que concorram em obra tão religiosa e de tão indispensavel necessidade, antes que o ar se infecte com mais funestas consequencias, pela corrupção dos cadaveres, que sendo muitos devem ser lançados ao mar, pelo menos uma legua da costa, como aqui se concordou com o Senhor Cardeal Patriarcha.

No caso de haver ladrões, que abusando da calamidade presente, escalassem os templos ou as casas, os deve vocemecê fazer remetter logo a esta côrte á ordem do Duque Regedor das Justiças, com os processos verbaes dos seus delictos, que consistem simplesmente no auto da achada do roubo, com as declarações das testemunhas que já presencearam a mesma achada, nas perguntas feitas *in continenti* aos taes reus, nas descargas que sobre ellas derem, e na notificação para a remessa á commissão que o mesmo Senhor tem ordenado para os reus d'estes impios e deshumanos crimes serem julgados e executados no mesmo dia. Sendo necessario que continue ahi, sem interrupção o despacho da alfandega para sahida dos navios do sal e entrada dos que trouxerem outras fazendas, procurará vocemecê logo que receber esta, pôr a mesma alfandega em actividade, convocando os officiaes d'ella, debaixo de pena de perdimento de seus officios, contra os que se não restituirem a elles promptamente, elegendo vocemecê as casas, armazens e trapiches que achar mais capazes de servir por ora, em quanto se não dá mais ampla providencia,

fazendo levantar de novo alguns telheiros ou cabanas de madeira, quando não hajam outros edificios que possam ser de uso. Para tudo o referido concede Sua Magestade a vocemecé por esta toda a necessaria jurisdicção.

—

Temporaes de 11 de novembro, 5, 19 e 24 de dezembro de 1876

Os temporaes e continuadas chuvas do inverno de 1876, para 1877, causaram grandes inundações e incalculaveis prejuizos em Portugal, principalmente no territorio que fica entre o Mondégo e o Guadiana.

Em Setubal, este temporal foi desastrosissimo, principalmente no dia 11 de novembro (dia já de triste recordação, por ser o decimo oitavo anniversario do terramoto de 1858.) Ainda as pessoas mais antigas da cidade, se não recordam de tão grande e tão horrivel tempestade.

Começou com a noite uma medonha trovoada, que foi augmentando successivamente, seguindo-se-lhe chuva torrencial e impetuosissimo vento.

O mar, na maior agitação, ultrapassava os limites, rompendo furioso até onde nunca antes chegara, arremeçando embarcações pela terra dentro, afundindo umas, despedaçando outras e deixando as restantes com bastantes estragos.

O rio e as praias ficaram cobertos de despojos. Muitos catraeiros e pescadores perderam os pequenos barcos de que auferiam os meios de sustentação de suas familias, e por isso, com o rugido das ondas e do vento, no meio de montões de ruinas, soavam os prantos e clamores d'aquelles infelizes, o que dava a esta scena indescriptivel aspecto duplamente pungente.

O pavor avassallou todos os espiritos. A maior parte das pessoas velaram durante a horrorosa noite de sabbado para domingo, assustadas com o terrivel vento, que parecia derrubar as casas, fazendo os maiores destroços, alguns dos quaes são motivo de verdadeiro assombro.

Relacionar minuciosamente os damnos causados pela espantosa catastrophe que acaba de succeder, seria prolixidade inutil; mas mesmo que se emprehendesse fazel-o, impossivel se tornaria conseguil-o sem fallencia. Limitar-nos-hemos por isso a dar noticia d'alguns desastres mais dignos de menção e referir-nos-hemos a outros em geral.

Garraram e soffreram avarias: o brigue francez *Jeune Constance*, que veiu a terra; a barca franceza *Ernest*; a barca norueguezа *Mazeppa;* a galera norueguezа *Hans Gude*; o brigue norueguez *Hertugen*; o patacho hespanhol *Resolucion*, que perdeu o leme; o patacho hespanhol *Liberto;* o lugre portuguez *Alberto*, do Porto; o hiate *Barrosinha*, de Setubal; o hiate *Flor de Ilhavo;* o hiate *Villa Real*, que atravessou na praia; a chalupa hespanhola *Desamparados;* os laudes *Rosa* e *S. Francisco*; e o lugre escuna inglez *Joshna & Mary*.

O hiate *Triumpho Restaurado*, de Caminha, entrou no dia 11, carregado de madeira, vindo de Campos-ancos para Malaga, e não se podendo aguentar nos ferros, naufragou na praia da Saboaria, deitando parte da carga ao mar, para não ir a pique, ficando totalmente perdido.

Foram ao fundo sete barcos de marinha, carregados de sal, e um carregado de lastro, perdendo-se inteiramente o *9 de Agosto*, e ficando outros quasi no mesmo estado. Duas bateiras que estavam carregadas de carvão tambem foram ao fundo, uma em frente da praia das Fontainhas e outra em frente da praia da Saboaria. Oito botes de catraiar foram destruidos, e outros ficaram com avarias. Perderam-se muitos cahiques, barcos de picadeiros, canoas de pesca e lanchas de navios.

Foi ao fundo, proximo da praia das Fontainhas, a lancha a vapor da carreira de Alcacer.

O cahique que ha pouco tempo tinha sido acabado de construir no estaleiro do sr. Martins, soffreu avarias, cujo reparo se calcula em 500$000 réis.

As armações de pesca que estavam no portinho da Arrabida foram levadas pelo mar, e as barracas em que se recolhiam os apparelhos das ditas armações ficaram em

grande parte destruidas, perdendo seus donos mais de 10 contos de réis.

Uma canoa que terça feira havia sahido de Setubal com destino a Alcacer, levando a seu bordo os srs. dr. Palmeirim e Jacintho Maria Rodrigues, foi obrigada a arribar.

Os barcos de marinha que foram ao fundo e tiveram maior damno são: *9 de Agosto*, do sr. Guilherme Theophilo da Silva Pinto; *23 de Maio*, do sr. Joaquim José de Sousa; *Flor do Sado*, dos srs. Torlades & C.ª; *Timbolim Grande*, do sr. Casimiro Maria Rosado; *Activo*, do sr. Francisco José Pereira; *Espantado*, do sr. Henrique Ferreira Pinto de Azevedo; *Gato*, do sr. Henrique João Vidal; e *Boa Esperança*, do sr. Joaquim José Trindade.

Ficaram em grande ruina os cahiques *Senhora da Purificação*, do sr. João José de Jesus; *Caranguejo*, do sr. Antonio Fozeta; *Senhor do Bomfim*, do sr. Manoel da Cruz; *Barba Azul*, do sr. José Martins Frade; *Gaiola*, do sr. Antonio Frade; e *Cavallinho*, do sr. Alexandre Pato.

Muito devem os donos e mestres de embarcações aos srs. Francisco Maximiano da Cruz, João Maria da Cruz e Sabastião Augusto, que prestaram os ferros e cabos precisos para as segurar. O seu procedimento é bastante digno de louvor, bem como o das pessoas empregadas nas armações de pesca, que, com a maior dedicação e desinteresse, trabalharam quanto lhes foi possivel em auxilio dos tripulantes em perigo e para evitar que o temporal causasse maiores ruinas.

A barca noruegueza *Santicleer*, vinda de Wiborg com madeira para Cette, tendo perdido os mastros e fazendo agua, deu á costa em Cabo d'Ares, no dia 13, morrendo o dispenseiro, e salvando-se a muito custo o capitão B. Lessing, que ficou doente em Cezimbra. O resto da tripulação, que se acha n'esta cidade, foi salva em cabo de vai-vem, com muitos esforços empregados por gente de terra. Com o capitão B. Lessing deu-se um caso singular. Tinha-se elle agarrado a uma taboa; e assim, depois de muito lutar com as ondas, foi lançado contra a base d'um rochedo, no cimo do qual estava um pastor. Quando este descia, ancioso por acudir ao naufrago, rolou um penedo, que teria cahido sobre o capitão Lessing, se, batendo em uma fraga muito saliente, não adquirisse balanço e fosse cahir no mar. O capitão, vendo junto de si o pastor, e suppondo-o talvez um dos malfeitores que infestam algumas costas, ajoelhou com gestos supplicantes, pedindo-lhe compaixão. Elle, porém, dissipou logo seus receios, soccorrendo-o como poude, ligando-lhe os pés feridos com a cinta que trazia, e fazendo com as mãos e o cajado pequenas cavidades, poude trepar pela ingreme escarpa com o seu naufrago, abrindo-lhe caminho para o remover d'ali.

Aquelle benemerito pastor, de tão rara dedicação, levada ao sacrificio da propria vida, bem merece que pelo consulado respectivo lhe seja dada alguma remuneração.

O piloto da *Santicleer* diz ter visto afundir seis navios antes do naufragio do seu.

Os destroços em terra são espantosos, principalmente no arvoredo. Innumeras arvores, algumas seculares, foram arrancadas, ou quebradas. Grande parte da laranja e azeitona cahiu e foi levada para o mar com a agua que cobriu muitas quintas, principalmente em sitios baixos.

O vento soprava com tal violencia, que chegou a arrancar uma chaminé de grande altura, do predio do sr. Costa Novaes, e lançal-a sobre o telhado de uma casa immediata.

Arrancou tectos de moinhos e muitas telhas de casas.

A maior parte dos vidros de candieiros da illuminação publica foram quebrados, e os das janellas de muitos predios.

Muitos postes da linha telegraphica foram derrubados.

No cemiterio, lamedas e passeios houve grande destruição no arvoredo.

Na quinta do sr. Fernando Antonio de Freitas, o engenho de tirar agua foi arrancado pelo vento e arremeçado fóra do seu logar, com o respectivo cabo e alcatruzes.

O poço em construcção, que a camara mandára abrir no sitio de Montalvão, e que já ficára arruinado com a chuva torrencial

de sexta feira, destruiu-se totalmente, desabando o muro que lhe está proximo. Tambem desabou o poço recentemente aberto na quinta das Machadas de Cima.

Uma frondosa e antiga palmeira, que o sr. André Dias tinha no seu quintal da rua Nova da Conceição, foi derrubada.

Segunda feira, de tarde, os passageiros que hiam de Setubal e Alemtejo para Lisboa, não poderam seguir viagem, tendo de regressar a esta cidade muitos d'elles. N'essa tarde não vieram as malas do correio de Lisboa, nem passageiros d'aquella cidade, porque o Tejo estava em tal estado de agitação, que o commandante do vapor se não resolveu a atravessal-o.

As salinas estiveram em grande perigo. Foi levado pelo vento grande parte do junco que cobria as medas de sal e comido muito d'este pela agua. Outros damnos soffreram ainda aquellas propriedades, para o que concorreu tambem a falta de reparos, pois as ditas propriedades são tão lucrativas quanto descuradas por alguns de seus donos.

Os prejuizos causados pelo terrivel cataclysmo n'esta cidade e suas immediações representam dezenas de contos de réis.

Um cavalheiro de Palmella nos envia os seguintes esclarecimentos, que em parte rectificam o que se tem referido relativamente a uma infeliz mulher que desappareceu na calçada proximo d'aquella villa, e que cremos ser a que appareceu na praia das Fontainhas, e não na de Troino, como por equivoco dissemos em o passado numero da nossa folha.

«No dia 10 do corrente mez, pelas 6 horas da tarde, vinham d'essa cidade duas mulheres, moradoras no sitio da Barra Cheia, com dois jumentos, carregados de peixe. Chegando á calçada que conduz a esta villa, proximo do chafariz, encontraram uma volumosa corrente de agua que descia pela enorme rotura que alli ha, e emquanto se esforçavam para a transporem, uma d'ellas cahiu, ficando bastante ferida. Quando se levantou já não viu a companheira, que era sua comadre e prima.

«Gritou por soccorro; mas n'aquelle logar não havia quem lh'o prestasse. Correndo logo á villa a dar parte do succedido, o juiz ordinario e regedor, com diversas pessoas que se prestaram a acompanhal-os, foram ao lugar alludido, e d'ali, com archotes acesos, seguiram o curso do ribeiro até á azenha, sem que achassem vestigio algum da pobre mulher.

«Repetindo-se igual diligencia no dia seguinte, foram achados no dito ribeiro pedaços de vestido, uma sáia de baetilha, um lenço e um chapéo. Presume-se que a victima foi arrastada pela corrente até ao mar, e que é, provavelmente, seu o cadaver apparecido na praia d'essa cidade. A infeliz era mãe de cinco filhos, todos menores.

«Não será esta a ultima desgraça que possa succeder no indicado sitio, pela ruina que a estrada soffre com as enormes pedras trazidas pelas correntes de agua dos terrenos que á mesma estrada ficam superiores, o que facilmente succede, por estarem elles cultivados. Pelo mesmo motivo está obstruido e arruinado o cano que conduz a agua ao chafariz.

«Foram grandes os estragos que o temporal por aqui fez nos arvoredos. Calcula-se em mais de 3:000 o numero de arvores arrancadas e partidas em toda a extensa área d'esta parochia».

Outro cavalheiro, de Azeitão, nos diz o seguinte:

«O temporal dos ultimos dias causou aqui prejuizos de bastante monta, se bem que não haja desgraças pessoaes a lamentar.

«Calcula-se em mais de 2:000 oliveiras, pela maior parte antigas, e algumas de grande tamanho, que o vento arrancou pela raiz ou quebrou pelo meio. Ao sr. conde de Carvalhaes calcula-se que cahiram mais de 300; ao sr. Joaquim Philippe da Silva mais de 100; na quinta da ex.ma sr.a D. Maria José d'Oliveira a perca foi relativamente maior, porque, tendo cento e tanto oliveiras, foram 50 a terra; na quinta da Torre cahiram umas quarenta e tantas; finalmente, todos os proprietarios de olivedo tiveram mais ou menos prejuizo.

«Nos outros arvoredos os estragos foram menores, mas ainda assim é grande o nu-

mero das arvores que foram abaixo, sendo algumas seculares.

«Proximo do armazem de vinhos do sr. José Maria da Fonseca, cahiu uma das grandes arvores que ali existem, sendo, por felicidade, a queda para o lado da rua, de contrario o prejuizo na casa do sr. Fonseca seria grande, e talvez houvesse victimas. Um grande tronco d'uma das arvores collossaes que ha em Aldeia Rica, cahiu sobre o telhado da officina dos srs. Vidaes, fazendo-lhe grandes estragos.

«Em Aldeia Rica houve uma cheia, que obrigou alguns moradores d'aquelle sitio a fugirem, tendo já a agua meio metro de altura.

«Os pomares ficaram destroçados e quasi sem laranja; as oliveiras que escaparam ficaram sem azeitona.

«Poucos são os telhados que não tiveram estragos. Houve portões cahidos, muros derrubados, paredes alluidas, etc.»

(*Extrahido da Gazeta Setubalense.*)

—

Temporal de 5 de dezembro de 1876

(Extrahido da *Gazeta Setubalense*)

O horroroso e aturado temporal, que tantos estragos tem causado, trouxe sobresaltados os espiritos. A chuva torrencial tem sido tanta e tão continuada, que quasi se não tem podido sahir de casa.

Terça feira (5 de dezembro) a inundação foi espantosa. O grande ribeiro que atravessa a cidade, vinha tão caudaloso, que causava medo.

No sitio de Algodêa algumas casas foram inundadas.

As quintas situadas no valle que corre desde a baixa de Palmella até Setubal foram tambem quasi todas inundadas.

Uma enorme massa d'agua, desaggregando o solo de parte da quinta do sr. Netto, que está sobranceira a um fosso da linha ferrea, arrastou-o, arrancando mais de vinte larangeiras.

As estradas tornaram-se rios, chegando a agua a meia altura das portas das quintas.

As estradas em construcção soffreram grande ruina, principalmente nas obras de arte.

O vasto campo do Bomfim parecia um mar, tendo ahi a agua quasi meio metro de altura.

Houve grandes estragos nas marinhas, e perderam-se alguns milhares de moios de sal.

Na cidade houve igualmente grande cheia no mesmo dia; algumas ruas estiveram intransitaveis.

Na parte do edificio municipal, cujas portas dão para a rua dos Açougues, (hoje, *de Camões)* não foi possivel entrar senão quasi ás onze horas. A agua invadiu a thesouraria municipal, a repartição de fazenda e algumas casas particulares.

Para tornar accessivel a repartição do correio, na rua das Amoreiras, foi preciso collocar pranchas, quando o descimento da agua o permittiu.

Desabaram diversos muros e algumas casas arruinadas.

Na propriedade do sr. Oliveira, junto á igreja da Saude, cahiu parte do muro, ficando obstruida a travessa que punha em communicação o largo da Fonte Nova com a rua de S. Caetano.

A egreja do convento de Jesus tem estado fechada, com agua até acima dos estrados, não sendo possivel entrar alli.

A portaria do dito convento foi totalmente inundada. As freiras recorreram aos srs. Pereiras, e estes cavalheiros mandaram logo a sua bomba e o pessoal da sua fabrica, com o que, depois de muito trabalho, se abriu passagem para o convento, não se conseguindo o esgotamento completo, por causa da successiva corrente da agua.

O bairro de Troino teria sido inundado, se o pessoal da abegoaria municipal, por ordem do sr. vereador respectivo, não acorresse promptamente, auxiliado por diversos individuos, a desobstruir o ribeiro de S. Francisco, que estava quasi de todo aterrado.

O mar tem trazido á praia muitos fragmentos de embarcações e de carregamentos.

No rio não nos consta que tenham havido

grandes estragos; todavia póde dizer-se que é este o temporal maior de que ha lembrança em Setubal e que aqui tenha produzido tão grande inundação, depois do que houve no anno de 1702.

Temos á vista uma memoria original e authentica do referido temporal, e por curiosidade vamos expol a ao conhecimento dos nossos leitores, transcrevendo-a na sua integra:

«Aos 10 dias do mez de janeiro do anno de 1702, que foi terça feira, dia de S. Paulo, 1.º eremita, das 10 para as 11 horas do dia, começou a chover e continuou até ao meio dia a chuva, e do meio dia por diante veiu tão grande cheia de agua, que alagou parte da villa de Setubal, assim o Sapal como rua dos Açougues até á porta de Francisco da Silva e Souza, e para o Troino chegaram a nadar pipas de vinho nas adegas, e talhas muito grandes cheias de azeite se perderam, e as freiras de Jesus picaram os sinos, para que lhes acudissem, que se alagava o convento, no qual tiveram muita perda, assim no trigo, como azeite, e na egreja chegou a agua a cobrir os altares colateraes, e andava a mais da gente a cavallo, e em muitas ruas custava muito a passar as pessoas que andavam a cavallo, porque cobria as cellas dos cavallos a agua, e no Sapal se deitou um barco, para ir ao paço do trigo a levar enxadas e petrechos necessarios para se fazer um barrachão de pedra e arêa, por que não entrasse dentro agua, e no barco se andou por muitas casas a ver se queriam as gentes alguma cousa, como no Sapal e Boraco d'Agua e Sapalinhos, e pela rua dos Açougues, até á porta de D. Francisco veiu no barco Luiz de Liz e seu irmão Thomaz de França e Pedro de Horta e um homem que remava, e á porta de Luiz Caieiro entrou pela loja dentro, a remo, a tomar o padre José Alves e uma mulher que lá estavam, os quaes vieram desembarcar á porta de S. Julião; e muitas casas de hortas cahiram com a força da agua e gente que apanhava, que vinha através pela agua abaixo, como tambem muito fato e arcas das casas que se tinham arruinado, que foram ao mar dar, por se não poderem tomar, por irem com a furia da agua,—e para lembrança fiz este.—Setubal, 17 de janeiro da mesma era de 1702.—*Bruno Francisco de Faria.*»

—

Os habitantes de Alcacer do Sal soffreram grande damno com a enchente. O Sado elevou-se ali a grande altura, e invadiu muitas casas, causando prejuizos em algumas d'ellas, onde havia depositos de cereaes. A ponte que estava proxima da villa, e dava passagem sobre o rio, foi destruida pela corrente.

—

Temporal de 19 de dezembro de 1876

A chuva torrencial que cahiu terça feira produziu inundação superior á que houve no dia 5 do corrente mez. Muitas quintas ficaram totalmente cobertas de agua, e outro tanto succedeu ao vasto campo do Bomfim. Desabaram alguns muros e foram arrancadas muitas arvores.

De tarde desmoronou o solo d'um aterro do caminho de ferro, proximo do Pinhal Novo, ficando a via completamente descoberta n'uma extensão approximada de 10 metros, sendo necessario fazer-se a transferencia dos passageiros para outro comboyo.

Deram-se promptas providencias, fazendo o comboyo, no dia seguinte, o seu trajecto com regularidade.

São importantes os estragos causados pelas cheias na freguezia de Maratheca, d'este concelho. A grande ponte que ali se acabou de construir no verão proximo passado, e que custou 8:000$000 réis, foi totalmente destruida. Por tal motivo ficou interceptada a passagem na estrada nova que liga a villa de Alcacer do Sal com o caminho de ferro, na estação dos Pègões.

Cahiram algumas casas e muros, e os alagamentos de arroz ficaram quasi todos destruidos. Os trabalhadores ali estão soffrendo grandes privações.

—

Temporal de 24 de dezembro de 1876

A cheia de quarta feira excedeu todas as que tem havido no Sado. A agua invadiu de

novo as marinhas, havendo em algumas grande perda de sal.

A agua de monte era tanta que cobriiu todas as quintas situadas no valle que medeia entre Palmella e Setubal, sendo grandes os estragos ahi causados.

No campo do Bomfim podiam vogar embarcações.

Por algumas ruas da cidade não era possivel transitar.

As pontes de embarque foram destruidas, e os caes, apesar da solidez da sua construcção, soffreram grande ruina.

Não veiu a mala do correio da manhã, em consequencia do vapor não ter podido atravessar o Tejo.

—

O temporal continúa a produzir os seus terriveis effeitos.

Domingo, algumas pessoas foram lançadas a terra com a força do vento, e de duas sabemos que ficaram feridas.

As ondas, agitadissimas, pareciam querer invadir a cidade, cuspindo a agua as frontarias dos predios, na rua da Praia, posto estes estejam muito distantes do rio.

Garraram diversas embarcações.

—

Terramoto de 11 de novembro de 1858

Este cataclysmo causou horriveis estragos a Setubal, destruindo a maior parte do bairro do Troino, onde fez muitas victimas.

Feiras e mercados do concelho de Setubal

Local das feiras e mercados	Data da instituição	Dia em que se fazem	Productos que a elle concorrem e d'onde	Importancia commercial das feiras e mercados
Setubal, na Praia do Livramento.	9 de julho de 1582	25 de julho	Quinquilherias, tecidos, louças, obras d'esparto e palma, obras de ourivesaria, e outros objectos; vindos de Lisboa, Porto, Estremoz, Algarve e Setubal	Esta feira é de pequena importancia commercial; mas muito concorrida, principalmente dos povos visinhos do concelho.
Setubal, na Praia da Saboaria....	8 d'agosto de 1838	3.º domingo de cada mez	Gado cavallar, bovino e lanigero, de Setubal, Palmella e Azeitão	N'este mercado fazem-se algumas transacções, ainda que pouco importantes.
Palmella, largo do Touril.....	Anno de 1642	8 de dezembro	Gado suino, quinquilherias, fazendas de lã e linho, e utensilios agrarios, vindos de Lisboa e da provincia do Alemtejo	Esta feira só tem importancia pelas vendas que n'ella se fazem de gado suino, o qual vae na maior parte, para Setubal.
Azeitão, Rocio de Villa Nogueira.	29 de julho de 1780	1.º domingo de cada mez	Gado de todas as qualidades, do concelho de Setubal e dos visinhos	Este mercado é d'alguma importancia.

Na villa de Palmella fazia-se um mercado, cuja creação ignoro, o qual foi transferido ha poucos annos para o sitio do Pinhal Novo, districto da freguezia de S. Pedro de Palmella, onde se erigiu modernamente uma capella, da invocação de S. José, á custa do povo, e onde a população tem crescido tanto, em poucos annos, que se falla em crear-se ali uma parochia. A dita população é toda formada de gente vinda das provincias do norte, principalmente dos districtos de Coimbra e Aveiro. O sr. José Maria dos Santos possue ali vastissimos tratos de terreno, que tem dado de aforamento ou arrendado a longo praso, tornando assim productivos e formosos aquelles campos, antes estereis e desagradaveis. (Vide *Pinhal Novo*)

—

Recenseamento (official) da população do concelho de Setubal, feito em 31 de dezembro de 1877

PAROCHIAS	NUMERO DE FOGOS	NUMERO DE HABITANTES			NUMERO DE TRANSEUNTES			TOTAL GERAL DOS INDIVIDUOS
		Varões	Femeas	Total	Varões	Femeas	Total	
S. Sebastião.....	1:118	2:430	2:020	4:450	544	10	554	5:004
Santa Maria da Graça	473	698	849	1:547	55	3	58	1:605
S. Julião.....	988	1:761	1:993	3:754	63	25	88	3:842
Nossa Senhora d'Annunciada.....	1:175	2.385	2:585	4:970	125	33	158	5:128
S. Lourenço d'Azeitão.....	540	1:115	995	2:110	214	3	217	2:327
S. Simão d'Azeitão..	286	558	512	1:070	2	1	3	1:073
S. Pedro de Palmella	1:502	3:333	3:212	6:545	45	7	52	6:597
S. Pedro de Maratheca.....	104	226	149	375	40	–	40	415
	6:186	12:506	12:315	24:821	1:088	82	1:170	25:991

—

Porto de Setubal

O porto d'esta cidade é um dos mais concorridos d'este reino: todos os annos o frequentam centenares de navios estrangeiros e nacionaes. Na costa e mares contiguos, ha numerosas embarcações, armações e *artes*, empregadas na industria da pesca, a qual, uns annos por outros, produz de impostos, para o thesouro publico, 11:000$000 de réis.

Junte-se a esta cifra, o producto dos direitos de importação e exportação, e dos que proveem dos barcos de cabotagem, o que attingirá uma grande somma.

Apezar d'isto, não ha aqui um barco salva-vidas, um cabo, ou uma ancora que preste algum auxilio, em occasião de naufragio!

Debalde os navios em perigo dão signal de pedir soccôrro; não ha pessoal, nem aprestes para lhes acudir.

O abandono em que está o porto de Setubal é tal, que a auctoridade maritima d'elle não tem um escaler para hir ao mar, quando alli a chamam as obrigações do seu cargo!

A não serem as providencias que costumam empregar alguns agentes consulares, ou os consignatarios, os tripulantes em perigo ver-se-hiam completamente abandonados á furia das ondas, e pereceriam em frente da terra, sem haver quem os soccorresse, por falta absoluta de meios para isso.

Esta incuria, que tantos e tão repetidos

clamores tem levantado, e põe em risco as vidas e os haveres que o governo tem obrigação de proteger, não pode nem deve subsistir, sem que faça cahir a mais grave responsabilidade sobre quem a tolera e auctorisa.

É forçoso providenciar no caso de que se trata. É forçoso que o governo poupe o paiz á vergonhosa miseria e criminoso desleixo que aos estrangeiros apresenta um dos melhores portos de Portugal.

Monstro marinho

A pag. 112 do AFFONSO AFRICANO, poêma épico, de Vasco Mousinho de Quevêdo, se lê uma oitava, allusiva ao *monstro marinho* (provavelmente phóca) de que falla a *Chronica da Arrabida*, e que appareceu em uns penedos da serra da Arrabida. Eis a oitava:

N'este tempo, na costa da piscosa
Cezimbra, onde rebenta o mar visinho,
N'uma lapa sombria e cavernosa,
Para onde abria o mar o seu caminho:
Um monstro de figura temerosa
Se viu, qual era Glauco, Deus marinho,
Qual da sereia mythica, indistincta,
De peixe a fórma, e de mulher se pinta.

—

Philippe III

Quantias com que contribuiram as diversas povoações pertencentes (então) á comarca de Setubal, para a vinda de D. Philippe III a esta povoação, no anno de 1612 [1].

		Réis
1	Setubal	989$076
2	Palmella	322$217
3	Côina	105$745
4	Benavente	80$153
5	Azeitão	76$783
6	Samora	43$460
7	Barreiro	53$668
8	Cezimbra	176$223
9	Alhos Vedros	131$784
10	Almada	245$032
11	Grândola	69$116
	Somma	2:293$357

[1] Consta do livro das actas da camara, dos annos 1612 e 1613, a pag. 69 e 79.

		Reis
	Transporte	2:293$357
12	Alcochete	183$130
13	Aldeia Gallega do Riba-Tejo	196$183
14	Alcacer do Sal	372$561
15	Cabrella	66$688
	Somma	3:111$819

Esta noticia serve tambem para se saber a extensão da comarca de Setubal, ha 268 annos.

—

Theatro Bocage

Foi fundado em 1834, por trez operarios (Candido Xavier da Silva, Manoel Duarte da Silva, e Joaquim Alberto Sôlha) em uma casa velha, na rua dos Almocreves.

Passados vinte annos, Antonio José Pacheco, comprou a casa e reconstruiu o theatro, mudando-lhe a frente, para a nova rua da Conceição (a mais bella da cidade) e denominando-o *Theatro Bocage*.

Foi inaugurado a 26 d'abril de 1855, com um espectaculo, dado pela companhía do theatro do Gymnasio, de Lisboa.

Tem 23 camarotes de 1.ª ordem e 23 de 2.ª, cada um para quatro pessoas.

Tem trez plateias—*assignatura*, *superior*, e *geral*, podendo conter, ao todo, 180 pessoas—total 364 espectadores.

Já se vê que é muito pequeno: está abaixo do nivel da rua, é mal illuminado, não tem ventilação, e o seu scenario é pobrissimo.

Já disse que em cada camarote cabem quatro pessoas (que não sejam muito gôrdas) mas não ha n'elles senão um reles banco de pinheiro, muito estreito e sem costas nem espaldar, onde apenas cabem, a custo, duas pessoas. O resto, se quizer estar sentado, hade alugar *môchos* de páu a um quidam, no vestibulo do theatro, ou levar cadeiras de casa!

Perdoem os setubalenses, mas sempre lhes digo—semelhante theatro não depõe muito a favor do seu bom gôsto, e desejo de commodidade.

Tentei-me a hir uma noite a este theatro, mas não tornei mais. Alem dos assentos in-

commodos, os espectadores da plateia estiveram em constante *troça* aos pobres actores — que, diga-se a verdade, não andavam mal [1].

—

Theatro Santos Silva

É um theatro construido ha poucos annos, na rua de Côina, no bairro do Troino. Dizendo que é ainda inferior ao antecedente, não é precizo dizer mais nada.

—

Escriptores setubalenses [2]

1 — Agostinho Fernandes.
2 — Alvaro José de Sérpa Sotto-Maior.
3 — André da Natividade (frei.)
4 — André Rodrigues Caldeira.
5 — Antonio Bento Figueira.
6 — Antonio Cabêdo.
7 — Antonio da Costa Cordovil.
8 — Antonio Rodrigues da Costa.
9 — Antonio de Setubal (frei.)
10 — Belchior Fernandes Soares.
11 — Daniel dos Reis (frei.)
12 — Domingos d'Abrantes.
13 — Egydio de Gambôa (frei.)
14 — Estevam de Liz Velho.
15 — Francisco da Annunciação (frei.)
16 — Francisco José Monteiro Nazo.
17 — Francisco Manoel de Brito Mascarenhas.
18 — Francisco dos Santos (frei.)
19 — Gaspar de Mello da Silva Vasconcellos.
20 — Gonçalo Mendes de Vasconcellos Cabêdo.
21 — Gonçalo Pinheiro (D.)
22 — Gregorio de Freitas.
23 — Henrique de S. Boaventura.
24 — Jacintho da Silva de Miranda.
25 — Joaquim de S. José (frei.)
26 — João Baptista (padre.)
27 — João de Brito de Mello.
28 — João de Deus da Silva.
29 — João Jacintho Henriques.
30 — João Peres de Macedo.
31 — João Pinheiro (frei.)
32 — João Sardinha Mimoso.
33 — João Soares de Brito.
34 — Jorge Cabêdo.
35 — José de Faria Arraes.
36 — José de Jesus Maria (frei.)
37 — José Joaquim Soares.
38 — José Luiz Soares Barbosa.
39 — José Pereira da Costa.
40 — José da Purificação.
41 — José Ribeiro.
42 — José Soares (padre.)
43 — Manoel do Nascimento (frei.)
44 — Matheus da Silva Cabral.
45 — Mendo da Motta Valladares.
46 — Miguel Cabêdo de Vasconcellos.
47 — Paulo Soares da Gama.
48 — Pedro Lagarto (frei.)
49 — Pedro Pachêco de Flandres.
50 — Pedro de Setubal (frei.)
51 — Sebastião Luiz de Liz Velho.
52 — Simão de Brito (frei.)
53 — Vasco Mousinho de Quevêdo e Castello-Branco.
54 — Vicente Ferreira de Abreu.
55 — Vicente da Motta de Carvalho.
56 — Victorino Victoriano Xavier do Amaral e Pimentel.

—

Alem d'estes, mencionados na *Bibliotheca lusitana*, ha mais os seguintes:

57 — Manoel Maria Barbosa du Bocage.
58 — Thomaz Antonio dos Santos Silva.
59 — Padre Francisco José de Queiroz.
60 — Frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho. (As obras d'este escriptor estão ineditas.)
61 — Antonio Candido Pedroso Gamito (auctor do *Muata-Cazembe.*)
62 — Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.

[1] Adelaide Pereira, uma das actrizes, andou perfeitamente, mostrando grande vocação para a scena. Recitou primorosamente a velha poesia — *O sonho da actriz* — isto, apezar da grosseira e impertinente balburdia da plateia. Aquillo não era o theatro de uma cidade, era uma praça de touros. As mesmas senhoras que estavam nos camarotes, eram objecto de observações improprias de espectadores civilisados.

[2] *Bibliotheca lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, tit. IV, pag. 418.

63 — D. Joaquim de Sant'Anna Carvalho.
64 — José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos.
65 — Frei José da Purificação.
66 — José Julio Guerra.
67 — Rodrigo Ferreira da Costa.
68 — Theotonio Xavier d'Oliveira Banha.
69 — Vicente José de Carvalho.
70 — Francisco Travassos Valdez.
71 — D. Maria Henriqueta de Campos Valdez.
72 — José de Cabêdo e Vasconcellos.

Não entram n'esta conta varios redactores de jornaes, d'esta cidade.

—

Salão Therpsicore

Foi inaugurado, no domingo 13 de fevereiro de 1876. Teve bastante concorrencia, contando-se muitas mascaras, de ambos os sexos.

Ganhou o premio, offerecido pelo proprietario ao melhor mascara, um que representava um judeu, vendendo quinquilherias e *bijouterias*.

O sr. Antonio Avellino da Silva Junior, seu proprietario, é um cavalheiro activo, de muito bom gôsto, e incansavel em proporcionar ao publico todas as commodidades.

O serviço do *buffête* foi excellente.

—

Nova estrada

Concluiu-se em 3 de dezembro de 1875, o lanço da estrada de Setubal á *Fonte da Talha*, que ficou excellente, como todas as estradas municipaes que teem sido dirigidas pelo sr. Marcellino Allemão Cisneiros e Faria, intelligente e zeloso empregado da repartição de obras publicas, encarregado dos trabalhos de viação n'este concelho.

O acerto com que se effectuou o traçado do referido lanço, seguindo pelo terreno sobranceiro ao leito da velha estrada, livra-o totalmente da corrente das aguas e proporciona aos viandantes agradavel recreio, nos bellos panoramas que descobre.

As regras da arte e da economia foram fielmente observadas.

O sr. Faria tem merito incontestavel e evidentemente provado, pelo que causa admiração que ainda lhe não haja sido dada a classificação de conductor, que de justiça lhe pertence.

—

Uma antiga postura da camara de Setubal

Por um accordam da municipalidade de Setubal, de 1565, se determina que o cortador de carne que não dê ao comprador o peso competente, pague: — pela primeira vez, 100 réis — pela segunda, 300 réis — e pela terceira, *sêja posto ao pé do pelourinho, com a carne mal pezada, ao pescôço, por espaço de uma hora.*

Esta postura, que se lê em muitos accordãos de differentes camaras, devia ainda hoje vigorar: talvez que seja mais necessaria do que era ha 315 annos.

—

Aguas medicinaes do termo de Setubal

A agua da *quinta do Prostes*, nos suburbios da cidade, é de manifesta virtude therapeutica, contra as concressões ou calculos urinarios. Foi analysada em setembro de 1878, no laboratorio chymico dos srs. Azevedos, de Lisboa. Verificou-se que esta agua é finissima, pois marca apenas 3 gr., em quanto as *aguas livres* (de que se abastece a capital) marcam 20 gr.

Os srs. Correias, proprietarios da quinta do Prostes, prestam-se a fornecer a agua medicinal a quem a pedir.

—

Na *Troia*, ha tambem um manancial de optima agua potavel, de maravilhoso effeito para a cura de molestias do estomago, pela sua qualidade eminentemente digestiva.

Não me consta que tenha sido analysada por pessoa competente.

—

Exportação de peixe para Hespanha

De 1864 a 1875, o peixe exportado de Setubal para Hespanha, importou em réis 1:235:842$252.

Pagou de impostos para o thesouro publico 81:525$717 réis.

O valor do peixe exportado d'este porto para a nação visinha, póde calcular-se em 100 contos de réis annuaes.

O rendimento do imposto, no anno de 1874 a 1875, foi de 17:000$000 réis mais do que o termo medio d'este rendimento nos mais annos.

—

Correio

O rendimento do correio de Setubal regula annualmente por 532:910$000 réis. A parte liquida para o thesouro é de réis 178:000$000.

—

Fábricas

Na Rua Nova da Conceição, ha uma fabrica de moagens e fabrico de pão, cujo motor é o vapor.

São seus proprietarios, os srs. João Victorino de Oliveira, Eduardo Diniz Homem, Antonio Maria Correia, e Manoel José de Souza Ferreira; constituidos em sociedade, sob a firma commercial *Oliveira, Diniz & C.ª*

Principiou a funccionar no dia 13 de setembro de 1879.

—

Além d'esta, ha diversas fabricas de moagens a vapor, e vae estabelecer-se um *engenho* de moer azeitona e fabricar azeite, movido tambem a vapor; por iniciativa do sr. Henrique Augusto Pereira, inteligente e activo industrial, nascido em Setubal.

—

Houve uma fábrica de manipulação de cortiça e rolhas, do sr. João José Pereira, e Jacintho Font y Archer, sob a firma social de *Pereira & Archer*. Por sentença do tribunal do commercio, de 22 de agosto de 1877, foi esta sociedade julgada em estado de quebra, a contar do dia 12 do mesmo mez e anno.

—

Periodicos de Setubal, (todos semanarios) até 1880

DENOMINAÇÃO	PRINCIPIOU			TERMINOU		
	Dia	Mez	Anno	Dia	Mez	Anno
Aspirações	15	Setembro	1870	5	Janeiro	1872
Correio do Sádo	»	»	1878	»	»	»
Correio de Setubal [1]	1	Julho	1860	24	Janeiro	1864
Curioso (O)	6	Fevereiro	1858	24	Julho	1860
Cysne do Sádo	»	Março	1859	»	Maio	1859
Disparate (O)	7	Agosto	1856	23	Outubro	1856
Gazeta Setubalense [2]	25	Julho	1869	»	»	»
Grinalda Litteraria	1	Outubro	1873	20	Março	1874
Improviso (O)	26	Junho	1859	25	Dezembro	1859
Independente (O)	14	Outubro	1856	7	Novembro	1857
Jornal de Setubal	28	Outubro	1866	18	Julho	1869
Setubalense (O)	1	Julho	1855	27	Dezembro	1857
Troça (A)	29	Agosto	1856	19	Setembro	1856
Voz do Progresso (A)	31	Janeiro	1864	21	Outubro	1866

[1] Ainda se publica.
[2] Idem.

Banhos

É Setubal considerada, por muita gente, uma *praia de banhos*, o que não é rigorosamente verdade, porque não é *praia*, mas sim *margem*, o que faz differença: todavia, concorre aqui grande numero de familias portuguezas e ainda maior numero de hespanholas, pela facilidade do transporte, pelo caminho de ferro.

Devemos porém confessar que a escôlha de Setubal para a *balneação*, não é das mais felizes. Ha uma barca de banhos, mas, desde que alli morreu um pobre homem afogado, muita gente tem medo de lá tomar banhos. Ha trez wagons para d'eiles se tomarem banhos, mas, na baixamar, o leito do rio (porque no Sádo, e a 4 ou 5 kilometros distante da barra, é que se tomam os banhos) está litteralmente coberto de *sêba* (alga marinha) de meio metro e mais, de altura.

Ha apenas uma hospedaria que merêça tal nome — é o *Hotel Escoveiro*, na praia, estabelecido no edificio que foi palacio dos duques d'Aveiro; alcaides-móres e senhores d'estas terras, que eram uma riquissima commenda da ordem de S. Thiago, como veremos no decurso d'este artigo.

Os alugueis das casas, são carissimos, e os generos alimenticios, custam o dobro para os banhistas.

Demais a mais, não sei porque, a maior parte da gente de Setubal, olha com certo ar de desprezo para os banhistas, que deixam na cidade uma bôa porção de libras annualmente.[1]

[1] Nas outras praias de banhos, tambem é tudo carissimo para os pobres banhistas; mas, ao menos, os *indigenas* mostram bôa cara á gente. Comigo, deu-se em Setubal o facto seguinte: — Fui ao cartorio de um tabellião, para *abrir* a minha assignatura no respectivo livro, para alli m'a reconhecerem. O tabellião, seus filhos e outros figurões, estavam, uns sentados, outros em pé, mas todos *cobertos*. Eu entrei de chapéu na mão, e assim estive mais de 30 minutos, sem que, nem o dono da casa nem mais ninguem me mandassem cobrir nem sentar! — Ora, eu hia dar dinheiro a ganhar ao tabellião, se lhe fosse pedir algum, ou outro qualquer favor, como me tratariam?

Abro aqui uma excepçao em favor do sr. dr. Manito, presidente da camara municipal, quando eu estive em Setubal, dos srs. vereadores da mesma camara, e do meu esclarecido amigo, o sr. Manuel Maria Portella, empregado na secretaria do municipio; que, alem de me tratarem com a differencia e delicadeza propria de cavalheiros de esmerada educação, levaram sua benevolencia a ponto de me darem todos os esclarecimefitos que lhes pedi.

Aqui lhe reitero os meus agradecimentos.

—

Carreira do vapor fluvial, de Setubal para Alcacer e vice-versa

O novo vapor *Hugo Parry*, principiou a fazer estas carreiras, no dia 27 de novembro de 1876.

A barra

Um alvará de D. Philippe III, de 14 de julho de 1605, regulou o modo dos deslastres das embarcações que entravam n'este porto; porque a camara se lhe queixou, por varias vezes, dos damnos que á barra fazia o mau systema dos deslastres até alli usado.

Em cumprimento de uma ordem do conde de Fáro, védor da fazenda do mesmo soberano, mandou a camara de Setubal, examinar, em 1619, o estado da barra, que se dizia peorar de anno para anno, pelo despejo dos lastros para o rio.

Foi o exame feito por cinco pilotos, os quaes declararam que, de 20 annos áquella parte, na *preamar d'aguas vivas*, tinha a barra de largura de bôcca, 15 córdas de 35 braças cada córda (1:166 metros) e de fundo, 6 braças, na entrada (13 metros) e que d'este fundo pela barra dentro, haveria 60 braças, até dar n'outro fundo, onde estava o primeiro banco, que tinha 4 braças de fundo e a largura de mais de 2:000 braças (4:444 metros); e que o comprimento do dito banco, vindo para dentro, seria de 6 até 7 braças.

.....

Que da torre (do Outão) á outra banda do *Sêcco da Praia*, havia 100 braças (222 metros) e de fundo, 25 a 26, e logo se entrava no rio.

Vistoriando-se a barra, viu-se que estava conforme com aquella medição, menos na bôcca da barra, da banda de fóra, para o mar, que estava mais apertada, e reduzida a metade da largura, em rasão do despejo dos lastros que durante dêz annos se fazia na *praia da Pedra-Furada* (ao pé da *quinta da Parvoice*) d'onde a corrente da maré levava a areia e a encostava á bocca da barra, e na ponta da Troia, em frente da torre do Outão, onde antigamente havia um canal, por onde passavam caravellas, e depois, ficou tão entulhado, que se passava a pé, na baixa-mar; e que a areia, assim arrastada, avolumára mais as *cabeças* que havia no rio e creára outras.

—

Para evitar o proseguimento de taes damnos, se tomaram então muitas providencias, e se mandou lançar o lastro das embarcações, no sitio de São Braz, quando não trouxessem por lastro pipas d'agua — o que foi recommendado que trouxessem sempre.

—

Em 1703, o dr. Manuel da Costa Biscaia, provedor da comarca de Setubal, acompanhado de peritos maritimos, foi, por ordem de D. Pedro II, tomar a altura da barra na baixa-mar, e sondou da maneira seguinte:

Duas braças e meia d'agua, o forte apontado da parte do norte, juncto aos *cabêços de Maria Ferreira*. Trez braças d'agua, torre por torre, que se entende — a do Outão, com a do Castello de S. Philippe. Trez braças e meia de agua, o forte da praça d'armas. Trez braças menos um palmo nas pennas, pela praça d'armas. (Por *pennas*, se entende as arvores que estão no castello de S. Philippe). Trez braças e meia, no meio da barra. Trez braças fóra do canal, para a parte da costa, no sitio de *Maria Esguêlha*. Duas braças e meia, do lado do sul, na ponta da *cabeça dos agulheiros*.

Largura da barra — 625 braças (1:389 metros) da cabeça dos Agulheiros, á cabeça de Maria Ferreira.

Antes e depois das que ficam mencionadas, se fizeram varias sondagens, e se tomaram varias providencias, para que a barra não fosse obstruida, mandando fazer os deslastres da areia dos navios, em pontos d'onde não podesse ser levada pela maré.

Assim se fizeram os deslastres, alternadamente nas Fontainhas (perto e ao E. da *Pedra Furada)* na *Saboaría*, proximo a S. Braz; na Troia; e na praia do Trôino; aproveitando-se para aterrar a margem direita do rio, para aformoseamento da cidade.

—

Por um documento authentico, extrahido da secretaria da capitania do porto, se mostra que a sondagem feita em 19 d'agosto de 1876, na barra, deu em resultado — na baixa mar, $3^m,96$ a $4^m,27$ — e na preamar, $7^m,01$ a $7^m,31$.

—

A Pedra furada

A paginas 519, col. 2.ª (in fine) do 6.º volume, mencionei esta raridade geologica; mas, então, *curei por informações*. Depois, vi e examinei com a maior attenção a famosa *pedra furada*, pelo que posso dar d'ella mais circumstanciadas informações aos meus leitores.

Marchando pela margem direita do Sado, na direcção de leste, e além do sitio denominado *Fontainhas* (que é o fim de Setubal por este lado) se chega á *quinta da Parvoice*, propriedade do sr. José Cordeiro Feio, que, não querendo ser *visconde da Parvoice*, foi feito visconde das Fontainhas, em 31 de julho de 1865. [1]

A quinta é pequena e pouco rendosa, mas bonita e optimamente situada, mesmo á beira do Sado. O seu melhor rendimento, procede da agua que vende para fornecimento dos navios que sáem d'este porto.

—

Poucos metros ao O. d'esta quinta, se vê

[1] Tambem extramuros de Lisboa, proximo aos famosos *arcos das aguas livres*, sobre o ribeiro que desagúa no *caneiro d'Alcantara*, está a *ponte da Parvoice*.

a *pedra furada*, da altura que já disse no 6.º volume, e cuja baze é banhada pelas aguas do rio, mas só nas preamares *d'aguas vivas*.

Apezar dos meus limitadissimos conhecimentos em geologia (como em tudo mais!) estou inteiramente convencido que aquillo a que o vulgo dá o nome de *pedra furada*, não é outra cousa senão um notabilissimo grupo de dendrites[1].

Subindo-se ao seu cume, distinguem-se perfeitamente as fórmas de varias arvores. que a acção do tempo — e, provavelmente, da agua do mar, em que estiveram submergidas muitos seculos, combinada com infiltração do carbonato de cal, e oxido de ferro, metamorphosearam em uma especie de grés em que predomina a côr do oxido de ferro.

Os *buracos* a que deve o seu nome de *furada*, todos de fórma cylindrica, designam o sitio da medulla das arvores, que sendo de uma materia muito rara e inconsistente, se dissolveu, sendo o seu lugar occupado pela agua, o que evitou a petrificação. Estes buracos são de diversas circumferencias, segundo a grossura das arvores, variando entre 3 e 10 centimetros.

Dos lados do N. e N.E., está enterrada na areia (e é pela areia que se sóbe ao seu cume) mas do S. e O., por onde está descarnada, quem a examinar com a devida attenção, verá a fórma da parte inferior dos troncos, e das raizes.

Estou tambem convencido que este sitio foi habitado por homens, antes da metamorphose d'estas arvores, porque dão manifestos indicios de terem sido cortadas, quasi todas na mesma altura, ou com leves differenças.

A subida ao topo d'esta raridade, é bastante difficil, porque tendo um declive de mais de 45 gráus, todos de areia solta, os pés escorregam ao subir. (Eu, para baixo, vim quasi de rastos). A camara devia mandar aqui fazer umas escadas, do lado do O.N.O., para se poder subir e descer facilmente. Pouco custaria essa obra.

Finalmente, a *pedra furada*, é digna de se ver e examinar, pois não me consta que na nossa Peninsula haja outro exemplar d'este genero. Se existe, ainda está soterrado, ou debaixo da agua do mar.

Um geologo intelligente, tinha muito que estudar aqui.

[1] Dá-se o nome de dendrite, não só a qualquer individuo do reino vegetal, convertido em pedra (petrificado) pela acção do carbonato calcareo, que foi pouco a pouco, e por espaço de muitos seculos, penetrando nas fibras da planta, fazendo-a mudar de natureza; mas tambem á imitação, mais ou menos perfeita, de arvores, sarças, fectos, ou quaesquer outras plantas que se acham á superficie, ou no interior de algumas substancias mineraes, taes como as *ágatas arborisadas*.

Quando as plantas são petrificadas pela acção do carbone, transformam-se em optimo *carvão de pedra*, da qualidade a que os inglezes dão o nome de *cannel koal*, que tem muito mais valor que a *authracite*.

Dendrit é a união de duas palavras grêgas — *dendro* (árvore) e *ite* (molestia).

—

Flóra Setubalense

O territorio do concelho de Setubal é fertelissimo. São famosas as suas laranjas, e o seu *moscatel* é merecidamente estimado na Europa e na America [1].

O *doutor Moore*, e o sr. *Glasnevin*, director da real associação botanica de Dublin, na descripção da sua viagem ao sul da França, a Hespanha e a Portugal, fallando de Setubal, dizem:

«A palmeira das tamaras *(phœnix dactitifera)* chega a grande altura, nos jardins, e tambem fructifica alli. Vimos egualmente esse grande numero de plantas da Nova-Hollanda e do Cabo da Boa-Esperança, vegetando optimamente n'aquella localidade; entre outros, são dignas de nota, a *Auracaria excelsa*, *Grevillea robusta*, *Acacia-stricta*, *Acacia-falfata*, *Achania-Malvariscus*, *Abotilon-striatum*, *Bignonia-grandiflora*, *Lagerstraemia-indica*, *Poincioana-gilliesii*, *Entelea arborescens*, *Tecoma-australes*; e muitos dos generos geranioreos, do Cabo, com differentes especies de *Ipomoeas*, e *Convolvulus*; es-

[1] A maior producção de moscatel, é a das extensas vinhas das duas freguezias de Azeitão, como veremos quando se tractar de *Villa-Fresca* e de *Villa-Nogueira*.

tando estas ultimas, com suas abundantes flores, ornando os ramos das arvores em que se enroscavam.

«As uvas, as azeitonas, as romans, os figos, as castanhas, tudo é cultivado e produz bem, nas immediações de Setubal, onde o paiz é muito lindo, *pôsto que a cidade seja bastante desaceiada e triste* [1].

«Em alguns logares mais espaçosos, notámos uma especie de carvalho anão, que vive rasteiro á terra, e que cobria, junctamente com o *Helanthemum-algarvense*, longos tratos de terreno» [2].

Dos famosos laranjaes que eram a riqueza e o ornamento de Setubal, muitos estão perdidos, pela molestia que os tem aniquilado.

As romeiras, porém, teem sido poupadas e se ostentam viçosas e fecundas, tendo aqui o seu fructo um sabor e volume notaveis.

A producção do vinho, é hoje insignificante, comparada com o que foi, antes que o oidium tivesse exercido a sua acção devastadora nas extensas vinhas do concelho.

Agua

Já vimos que um dos grandes defeitos de Setubal, é a falta d'agua.

Eis o que a este respeito diz a *Gazeta Setubalense* n.º 429, de 12 d'agosto de 1877:

«Vamos tratar d'um assumpto da maior importancia para esta cidade, e posto nos tenhamos occupado d'elle muitas vezes, sem obtermos o desejado exito, não o abandonaremos jámais.

«Temos uma missão especial a cumprir, a de pugnar pelo que interéssa a esta terra; não esqueceremos, pois, essa missão.

«Se as reclamações que fazemos não forem deferidas, se as idéas que expomos não forem convertidas em factos, não será isso ainda motivo para desanimarmos, quando a nossa consciencia e a opinião publica nos confirmarem no convencimento de que essas reclamações são justas e de que são boas essas idéas.

«A principal e mais urgente de todas as necessidades da população de Setubal é o abastecimento de agua.

«A escassez de agua aqui não data de hoje; mas sempre os esforços das corporações municipaes por si, e para com o poder central, procuraram remediar aquella necessidade, e o conseguiram em grande parte.

«O governo occorria ás reclamações do povo pela sua receita, e nem o rei intruso de Portugal, apesar do seu systema de oppressão, se recusou a prestar esse auxilio, como vemos do seguinte documento, que transcrevemos na integra, para, pelo seu conteúdo, justificarmos mais, se é possivel, o fundamento com que se póde e deve solicitar a cooperação do governo para superar a necessidade alludida:

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que os officiaes da camara da villa de Setubal, me enviaram dizer e pedir por sua carta que nas repartições das cizas que se fizeram por o povo da dita villa do que era obrigado a pagar a minha fazenda havia oitocentos e cincoenta mil réis de sobejos, os quaes estavam depositados, e por que era dinheiro que o dito povo pagou, por effeito da obrigação e contrato que com minha fazenda tem feito, a qual estava satisfeita, e queriam e haviam por bem, como por vezes o tinham requerido a dita camara, que se gastasse em cousas necessarias de bem e prol do dito povo, entre as quaes apontavam como mais principal a falta da agua que tinha a fonte que está na praça da dita villa, e que era tão pouca, que no verão muitas vezes lhe faltava, e não vinha á dita fonte; e que tinham sabido por officiaes, que feitos os canos por onde vem a agua á dita fonte

[1] Quanto ao *desaceio*, teem muita razão estes dous sabios estrangeiros: não assim com respeito á *tristeza*. Setubal é uma cidade bonita e alegre. (Talvez que os homens lá estivessem em occasião de mau tempo e por isso lhes deixou esta impressão).

[2] É o carrasco que produz a *gran*, ou *kermes*. A gran é um insecto coleoptero *(quercus cocefera)* que se encontra em quasi todo o reino, especialmente no Alemtejo e Algarve; e em grande abundancia na Arrabida. D'ella se faz a finissima tinta purpúrea, escarlate. Já os phenicios e romanos levavam a bellissima gran da Lusitania, para tingir os seus estofos.

em outra fórma, e tomadas outras aguas junto a ella, ficaria remediado o povo, o que se não podia fazer sem grande gasto; pelo que me pediam houvesse por bem que o dito dinheiro se despendesse e gastasse em tão urgente necessidade, pois era do povo que a padecia, e receberiam mercê; e vista por mim a dita carta e informação que sobre isto mandei tomar pelo provedor da comarca, e visto seu parecer e outro dos meus desembargadores do paço, a quem commetti este negocio, que são de parecer que se lhe conceda o que pedem, com o qual me conformo, hei por bem e me praz de lhe dar licença que possam gastar os ditos oitocentos e cincoenta mil réis, que dizem estarem depositados e serem dos sobejos das cizas, na obra da dita fonte e canos, sem o poderem gastar nem despender em outra cousa alguma, salvo na dita obra. E mando ás justiças da dita villa que tudo o que fôr necessario para esta obra, de officiaes, bêstas, carros, barcas e todos os mais materiaes, lh'os façam dar pelo estado e preço da terra, obrigando-os com as penas que lhes parecer, que darão a execução; e mando ao provedor da comarca que faça entregar o dito dinheiro, que está depositado, aos ditos officiaes da camara, ou a pessoa a quem elles ordenarem, o qual será levado em conta á dita pessoa ou pessoas que o entregarem pelo traslado d'este alvará, com conhecimento nas costas d'elle dos ditos officiaes da camara ou da pessoa que elles ordenarem para o receber, e de como lhe fica carregado em receita, para o qual se fará um livro, que será entregue ao escrivão da dita, para lançar em despezas o que se gastar na dita obra; e no principio do dito livro se trasladará este alvará e assi no livro da camara, para em todo o tempo se ver e saber como eu houve por bem que este dinheiro se gastasse na dita obra, e este se cumprirá como se n'elle contem, posto que não seja passado pela chancellaria, sem embargo de quaesquer regimentos e provisões que em contrario hajam e outrosim valerá, posto que o effeito d'elle haja de durar mais d'um anno, sem embargo das ordenações do segundo livro que o contrario dispõe. Francisco Mattoso o fez em Madrid a vinte de agosto de M. D. e noventa e cinco. Antonio Monte da Fonseca o fez escrever. — REI.»

«Consoante os costumes antigos, ás pessoas que damnificavam os aqueductos ou d'elles distrahiam agua, eram applicadas as mais severas penas, sem exceptuar a dos açoutes para os peões.

«O senado da camara, com seu escrivão, eram obrigados a visitar periodicamente os aqueductos, para se providenciar, segundo a lei e regulamentos, logo que fosse notado desvio de agua ou qualquer damnificação.

«Era grande o cuidado que então havia, para que o povo não soffresse carencia de agua; e em verdade todas as providencias em tal caso se justificam de sobra.

«Mudaram os tempos e as cousas. Melhoramentos de nova especie, determinados uns por necessidades reaes, mas as quaes antes não existiam, e outros pelas exigencias da civilisação, abriram margem a largos despendios e atrahiram a si os cuidados das vereações municipaes e os redditos do municipio. De anno para anno, porém, somos advertidos de que é forçoso providenciar, para que o povo tenha agua com a abundancia precisa para o seu consumo, e que os chafarizes publicos não sirvam quasi exclusivamente para attestar o esmero dos nossos ascendentes na estructura d'aquella especie de monumentos.

«O aqueducto em geral está arruinado, a ponto de deixar perder a maior parte da agua que n'elle entra; a restante, segundo consta, é aproveitada em beneficio particular, em diversos pontos; e o deposito da nascente não está nas condições precisas para que a agua alcance, no estio, a altura do aqueducto, com abundancia.

«Para se conseguir, pois, que nos chafarizes da cidade, abastecidos durante o inverno pela nascente de Alferrára, haja agua todo o anno, é indispensavel estabelecer novo systema de canalisação, nivelada com a parte inferior do deposito, attenta a circumstancia provavel de se não poder augmentar a nascente, salvo se se introduzisse n'ella a

agua dos Capuchos, cuja acquisição seria valiosa.

«Outro alvitre se póde ainda adoptar, o qual já lembrámos em tempo, e consiste em aproveitar a agua dos abundantes chafarizes de Palmella, que não fôr precisa para os moradores d'aquella villa, canalisal-a para a cidade, reunindo-lhe outras aguas compradas no valle da Azenha, e de mais nascentes proximas á estrada, junto da qual poderia passar a canalisação.

«Em qualquer dos casos seriam importantissimos os despendios a fazer, e incompativeis, certamente, com os recursos ordinarios do municipio, para se realizarem sem morosidade inconveniente; o governo, porém, que venha em ajuda do municipio, em obra de tanta necessidade; solicite-se auctorisação das côrtes para applicar a ella uma parte da receita especial de viação, a exemplo do que já se tem praticado em diversos concelhos; suspendam-se por algum tempo todas as obras municipaes de embellezamento e todas as outras não totalmente indispensaveis, e dê-se agua boa e com abundancia ao publico.

«Se o governo e os corpos legislativos, ao contrario do que é de esperar, não cooperarem para o melhoramento publico a que nos referimos; se a corporação municipal, pelos seus recursos actuaes, e mesmo por outros que novamente criar, não podér realizar qualquer das obras indicadas, empregue ainda o seu esforço para que uma empresa particular tome o cargo de fornecer de agua as casas, por canalisação; dispense-lhe para isso toda a protecção possivel, e talvez esta idéa, que parecerá utopia aos tibios de animo e aos obcecados conservadores. se venha a realizar, com vantagem dos empresarios e do publico.»

A actual vereação (1880) que tão sollicita se tem mostrado em promover o bem-estar dos seus municipes, trata de averiguar a possibilidade de abastecer Setubal, de bôa agua, por meio de canalisação para as casas. Se o levar a effeito bem merece dos setubalenses.

—

Estáos de Setubal

Nas côrtes de Lisboa, de 10 de dezembro de 1439, se concedeu a esta cidade, que não houvesse n'ella aposentadoria, e que se fizessem *Estaaos* e casas em que el-rei e a sua côrte podessem alojar-se.

Depois, se concedeu egual privilegio a Evora, a Santarem e a outras terras.

Por este grande beneficio, quiz o povo de Lisboa erigir uma estatua ao infante D. Pedro (então regente do reino na menoridade de seu sobrinho — e depois genro — D. Affonso V) sobre a porta dos Estáos, que elle havia mandado fazer: e perguntando-lhe em que fórma elle queria que se lhe fizesse, o infante lhes respondeu, *triste e carregado* — «*Se lá pozerem a minha imagem, virá tempo em que os mesmos lisbonenses a derribarão, e com pedras e ás pedradas lhe quebrarão os olhos.*» (*Chronica de D. Affonso V*, cap. 49) [1].

Para o *paço dos Estáos*, de Lisboa, vide 4.º vol., pag. 125, col. 2.ª — vide tambem a palavra *Estáos*, no 3.º vol., pag. 68, col. 1.ª

—

Em 1487, mandou D. João II, que o dinheiro e *imposições* que para os *Estáos de Setubal* se tinham applicado, se gastassem nos canos que conduzem a Setubal as aguas desde a serra de Palmella; e n'outras obras publicas, como foram as duas praças — do Sapal, e do Paço do Trigo. — E com isto — «*soltou á corte, que o acompanhava, aposentadoria por toda a villa*, da qual antigamente, como Lisboa, estava isenta.» (*Chronica de D. João II*, cap. 25.)

Já se vê que D. João II gostava de residir em Setubal, pois ainda aqui tinha estado, e por bastantes dias, em 1484, e já outra vez cá fez a sua côrte em 1487.

—

Alem da significação que dei á palavra *Estáos*, no logar citado, do 3.º volume. —

[1] Não seria de certo o bom povo portuguez d'esse tempo, mas os intrigantes que praticariam aquelle desacato, pois tanto fizeram com o rei, sobrinho e genro do infante, que este veio a morrer ás mãos de portuguezes, por ordem do irascivel D. Affonso V. — (Vide 1.º vol., pag. 115, col. 2.ª, a palavra *Alfarrobeira*.)

Viterbo, no seu *Elucidario* (pag. 296, col. 2.ª, do 1.º vol.—2.ª edição) diz:

Estaao — estáos — estalagem, estalagens. — «*Mandamos, que taees pessoas, pousem nos Estaaos que ha pelo caminho, ou na dita Cidade. e não nas Aldéas, e Casaaes, que estão fóra da estrada.*» (Doc. da camara de Coimbra, de 1436.)

—

Parece que *estáo* vem do verbo *estar*, como quem diz — *estada, jazida, morada*, etc.

D. Affonso V, por um alvará régio, de 13 de outubro de 1449, determinou que «*nos bairros dos senhores que tivessem paços na cidade de Lisboa, se fizessem estáos, em que os seus* (os familiares dos taes senhores) *podessem pousar, por seus dinheiros.*» — Vê-se d'este alvará, que no tempo de D. Affonso V, *estáo* era synonymo de hospedaria ou estalagem.

Mas no tempo do famoso infante D. Henrique, filho de D. João I, não tinha esta significação, porque, sendo administrador da ordem militar de Christo, mandou fazer, em Thomar, *para desapressar* os seus moradores *das aposentadorias dos seus* (dos familiares do infante) o *edificio dos estáos*. (Doc. de Thomar.)

Aqui, parece se toma estáo por hospedaria, hospicio, ou residencia, e não por estalagem, em que a familia do infante houvesse de pagar á sua custa, cama e mesa. (Vide *Diccionario bibliographico portuguez*, por Innocencio Francisco da Silva, tom. 2.º, pag. 40, n.º 201.)

—

Barbuda

Como n'este artigo, e em mais de um logar, tenho fallado no campo da *Barbuda*, hoje, do *Bom-Fim*, julgo dever dizer — aos que o não souberem — o seguinte:

Barbuda, era uma moeda portugueza, de prata muito ligada, que valia 20 soldos, ou 96 réis [1], mandada cunhar por D. Fernando I.

Barbuda se chamava tambem a *cellada* — que era a parte do morrião, ou capacete, que cobria a cara do guerreiro vestido de ferro.

Barbudas se denominavam no seculo XIII, os soldados de pé ou de cavallo, que usavam d'esta especie de armamento defensivo.

Barbudas, eram uns grandes capuzes, sem cauda, que traziam os noviços, em logar dos escapularios.

Barbuda, finalmente, é um antigo e nobre appellido portuguez, proveniente das taes *barbudas* dos capacetes. (Vide *barbudo*).

—

Lagôas da Troia

Em 1730, ainda o esteiro da Troia, que actualmente apenas terá uns 400 metros de comprido, tinha mais de trez kilometros, e no fim d'elle, ao sul, havia trez lagôas, de 600 metros de comprido, por 200 a 250 de largo, cada uma. Prova-se isto por uma planta, levantada pelo geographo *Grandpré*, no referido anno.

—

O Trôino

Segundo André de Rezende, Gaspar Barreiros, e outros antiquarios e geographos, a actual Troia, se denominou *Setóbra;* e *Setóbala*, e Setubal não é mais do que a corrupção de Setóbala. Os celtas é que lhe chamavam *Cetóbriga*, e depois, os romanos, *Cetobrica, Cetobrix, Cathobrica* e *Cathobríx*. Ptolomeu lhe dá o nome de Cetobrix.

Segundo aquelles escriptores, Cetobriga foi uma cidade importantissima (para aquelles tempos) até a invasão dos povos do Norte, na nossa peninsula, e só principiou a ser invadida pelas areias da costa, no seculo IX.

Os arabes, não podendo pronunciar *Cetobrica*, é que lhe mudaram o nome para *Troia*, ou, para melhor dizer — corromperam Cetobrica em Troia, e já tinha este nome, quando as areias a principiaram a invadir.

[1] Outros, com mais probabilidade, dizem que apenas valia 36 réis, ou 20 soldos de 3 dinheiros. Depois, o mesmo D. Fernando baixou estas moedas a 14 soldos — e por fim, só valiam 2 soldos e 4 dinheiros. (*Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos, até 1856*, por Manoel Bernardo Lopes Fernandes, verbo *Barbuda*.)

Os habitantes de Troia, fugindo da sua patria, foram uns para Palmella, outros para Alcacer do Sal, outros para Cezimbra, e outras terras; mas uma parte d'elles, que eram exclusivamente pescadores, e fabricantes de sal, passaram para o norte do Sádo, em frente da velha Troia, e alli fundaram, no seculo x, uma povoação e algumas marinhas de sal, dando a isto o nome de *Troína*, como quem diz — *Pequena Tróia*. Com o tempo, se foi corrompendo a palavra, e *Troína* se converteu em *Trôino*.

Como o rio fosse deixando a descoberto a parte oriental da povoação, os do Troino principiaram alli a fundar uma nova povoação — isto é — foram estendendo a sua para leste.

Os que tinham fugido de Troia para Palmella, foram descendo para a nova planicie, e alli se estabeleceram, assim como outras familias da mesma villa.

Em 1147, D. Afonso I, toma Lisbôa, e os mouros de Palmella, vendo perdida aquella cidade, se renderam no mesmo anno. Em 1157, rende-se tambem Alcacer do Sal; e Palmella teve a mesma sorte, em 1166.

Cahindo Palmella em poder dos portuguezes, tomaram estes logo posse das povoações do Trôino e Setubal, que o rei deu aos cavalleiros de S. Thiago, que tanto o ajudaram n'estas conquistas, e estes poseram logo em Setubal um ouvidor.

Como a povoação fosse progredindo, os mestres de S. Thiago, seus donatarios, a dividiram em trez bairros — ao de leste, deram o nome de *Palhaes;* ao do centro, o de Setubal; e ao do oeste, o de *Trôino*.

—

Commercio do sal

Já no seculo XVII era tão importante o rendimento de sal de Setubal para o thesouro publico, que com elle satisfez Portugal aos hollandezes alguns milhões, que se obrigou a pagar-lhes, pelos tratados de 1661 e 1669, excepto a somma de 850 mil crusados (340 contos de réis!) em que se orçou o resto da divida, no anno de 1703, e n'esse mesmo anno se pagou, *em dinheiro de contádo*, em virtude de um artigo do *tratado da liga defensiva*, concluido em Lisbôa, a 16 de maio do mesmo anno de 1703, entre o nosso Dom Pedro II e os embaixadores hollandezes. [1]

O sal de Setubal, é considerado o melhor do mundo, e a sua exportação é em quantidade espantosa. As salinas das margens do Sado, eram no principio d'este seculo, 379, dando, nos mezes de *safra*, trabalho a 1:760 pessoas. Produziam annualmente, termo medio, 226:000 môios de sal: hoje exporta 240:000 môios!

—

Antiga comarca de Setubal

No principio do seculo XVIII, era Setubal já cabeça de comarca, mas não tinha corregedor, e só ouvidor, por ser terra dos donatarios (os duques d'Aveiro) e esta é a denominação que em 1736 lhe dava o dezembargo do paço, quando lhe escrevia.

Pelo contrario, a villa d'Almada tinha corregedor. Mas os dous logares andavam junctos em um só ministro — isto é — o ouvidor de Setubal, era corregedor em Almada.

Tinha a comarca de Setubal as seguintes jurisdicções — correição d'Almada — ouvidoria de Setubal (ambas da ordem de S. Thiago) — e ouvidoria d'Azeitão, que era então da casa ducal d'Aveiro, e depois, foi da corôa.

—

Comprehendia a comarca de Setubal, *vinte villas*, que são as seguintes, divididas pelas trez referidas correições.

—

Correição d'Almada — Almada, Lavradio, e Mouta (que era dos condes d'Alvôr).

—

Ouvidoria de Setubal — Alcacer do Sal, Alcochête, Aldeia-Gallega-do-Riba-Tejo, Alhos-Vedros, Barreiro, Cabrella, Canha, Côina (do Barreiro), Grândola, Palmella, e Setubal.

—

Ouvidoria d'Azeitão — Azeitão, Samora-

[1] Desde o principio da nação lusitana, até aos nossos dias, temos tido tantos... *exploradores*, de toda a casta e de muitas nações, que não sei como ainda temos camiza! — Se não fossem os taes *exploradores*, Portugal seria, incontestavelmente, o paiz mais rico da Europa.

Correia, S. Thiago de Cacem, Cezimbra, e Torrão.

—

Fonte das Lagrimas

Nem só Coimbra tem a sua decantada *Fonte das Lagrimas*. João de Brito de Mello, fez um poemêto, allusivo á fundação do seminario de Brancannes, que dedicou a Manoel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, e que existiu até 1834 no cartorio do dito seminario, e n'esse poemêto celebra a Fonte das Lagrimas. [1]

Esta *Fonte das Lagrimas*, de Setubal, rebentava de uma penha, na cêrca do mosteiro de Brancannes.

Suppõe-se que foi o famoso *frei Antonio das Chagas* (que no seculo se tinha chamado, Antonio da Fonseca Soares) que lhe deu este nome.

—

Frei Antonio das Chagas

Antonio da Fonseca Soares, nasceu na villa da Vidigueira, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Cuba (Alemtejo) no anno de 1631. Foi desde muito creança inclinado ás lettras, que estudou com bom resultado; mas chegando á edade das paixões, só cuidou em amores e divertimentos.

Em 1650, quando ainda contava apenas 19 annos de edade, e andava mais encarniçada a guerra da restauração, sentou praça no terço de Setubal, distinguindo-se pela sua bravura nos combates, pelo que chegou ao posto de capitão.

Frequentou a côrte de D. João IV, de seu filho, D. Affonso VI, onde se tornou notavel, pelos seus talentos, pela sua bravura, pelo seu genio turbulento, e pela belleza das suas poesias, que fazia com a maior facilidade, mas que, quasi todas, primavam pouco pela sua castidade.

A sua vida era uma sequencia continuada de divertimentos de toda a casta, de turbulencias mais ou menos escandalosas, e de actos da mais temeraria bravura, nas differentes bataihas em que assistiu, contra os castelhanos.

Parece que em Setubal teve suas desordens (suppõe-se que por causa de namoros) porque n'aquella — então — villa, lhe dispararam *á queima-roupa* um bacamarte, do que lhe resultou um ferimento que o poz ás portas da morte.

Reflectindo no perigo da sua vida sempre agitada, e pouco edificante, resolveu abandonal-a, dedicando-se á penitencia, á prédica e á oração; e trocou os seus brilhantes uniformes, e um futuro de gloria, e postos elevados, na milicia, pelo humilde habito de burel dos franciscanos, professando no convento de S. Francisco, da cidade de Evora, sob o nome de *Antonio das Chagas*,

Tornou-se um religioso exemplarissimo, em virtudes e sciencia; e, no convento, estudou philosophia e theologia, no que veio a ser insigne.

Findos os seus estudos ecclesiasticos, se dedicou ás missões, prégando quasi todos os dias e confessando a toda a hora.

Discorreu por quasi todas as povoações de Portugal, e n'ellas introduziu os santos exercicios da oração e penitencia. Desfazia odios antigos e uniões escandalosas; obrigava a fazer restituições de honras e fazendas; e emendava muitos escandalos e abuzos.

Concorreu poderosamente para a fundação do seminario de Brancannes, de Setubal, valendo-se da intima amisade que lhe consagrava D. Pedro II, que o nomeou bispo de Lamego, dignidade que obstinadamente regeitou, dizendo que era muito humilde para principe da Egreja.

Falleceu sanctamente, no convento do Varatôjo (freguezia e concelho de Torres-Vedras) a 20 de outubro de 1682, tendo apenas 51 annos de edade.

Escreveu varios sermões, obras espirituaes, e a sua vida, em 12 livros, que se imprimiram depois da sua morte.

[1] Diz o poeta:

Em verdes ramos cria primorosa,
Em doces aguas brota crystalina,
O bosque occulto, de que é centro a rosa,
O crystal liquido de que a terra é mina:
Adusto pasto em penha rigorosa,
Sangrada veio, em nova caballina,
É sua *fonte*, que saudosa chora,
De Phebo ausente, *lagrimas* da aurora.

—

Minas metalicas

Strabão, diz que na serra da Arrabida havia minas de diversos metaes. Ou este celebre geographo se engana, ou os romanos as esgotaram, ou os modernos ainda as não encontraram, porque não se teem achado os minimos vestigios de semelhantes minas. O que ha na serra da Arrabida, são minas de carvão fossil.

—

Pré-historia

Além da formosa gruta que está por baixo da *Lapa do Medico*, da *Pedra furada*, e do que já fica dito em outro logar, accrescento aqui, o extrahido da *Gazêta de Setubal* de 29 de outubro de 1876, que é o seguinte:

—

«O nosso presado amigo, o sr. João José Pacheco, fez-nos o favor de mostrar um machado de pedra, encontrado em terrenos da sua *Quinta das Torres Altas*, a poucos kilometros d'esta cidade.

«Parece que não é este o primeiro specimen que por ali se tem achado, d'esses restos da industria do homem em longinquas edades. Existiu talvez n'aquelles lugares uma estação humana, contemporanea da que se presume ter havido no sitio da *Pena*, que fica proximo de Setubal, na encosta da serra de S. Luiz.

«Os homens dos nossos campos chamam *pedras de raio* a esses instrumentos de pedra, sobretudo quando são ponteagudos e de côr amarellada.

«O machado que nos mostrou o sr. Pacheco, apresenta no seu maior comprimento e largura uma superficie de 12 por 9 centimetros, com a espessura de 4 centimetros. A extremidade que devia embeber no cabo tem 6 centimetros de largo. A parte anterior termina em chanfro curvilineo, que acaba em gume afiado, mostrando ter tido muito pouco uso. Tanto o chanfro, como o gume, estão muito regularmente executados e semelhantes inteiramente aos dos machados ordinarios. As faces mais estreitas, superior e inferior, têem manchas escuras e lustrosas, fazendo suppor que se usara d'aquelle instrumento sem ter cabo, e por isso se ensebara na parte onde assentavam os dedos.

«Os chanfros estão perfeitamente brunidos; mas a superficie total da peça, só está polida nas saliencias, que se entremeiam com estrias e pequenas cavidades, devidas talvez a erosões posteriores. A essas cavidades e estrias adheriu uma camada delgada de gres argiloso vermelho escuro, a qual cobre tambem, mas tenuemente, as saliencias, onde toma cor mais clara e em alguns pontos amarellada.

«Riscada com uma ponta de aço uma das partes salientes que acabamos de mencionar, fez-se um pequeno sulco, que, atravessando a argilla, foi ferir levemente a pedra, deixando um risco esbranquiçado. Raspando com uma pederneira, que casualmente tinhamos á mão, na extensão de 2 centimetros, appareceu uma superficie cinzenta de textura compacta e desaggregou-se d'ella, por effeito do attrito, um pó da mesma côr, fino e macio, semelhante ao que se extrahe da ardosia.

«Pareceu-nos que a pedra é de dureza inferior á dos quartzites. Não procedemos a outras experiencias para conhecer a sua tenacidade e a natureza dos materiaes que a formaram. Por isso, e porque os nossos exiguos conhecimentos geologicos não nos permittem, pelo rapido exame que fizemos, adiantar mais a tal respeito, terminamos, accrescentando sómente, com referencia á antiguidade do machado da quinta das Torres Altas, que a nossa opinião é — salvo o respeito devido á authoridade dos mestres da sciencia que tenham parecer contrario — remontar ella aos fins da idade de pedra, ou ao periodo de transição da idade da pedra polida para a de cobre».

—

E do mesmo jornal, do dia 21 de outubro de 1877, extrahi o seguinte:

—

«Informam-nos que o sr. Carlos Ribeiro está fazendo a analyse de diversos instrumentos de pedra, que assignalam, certamente, uma edade prehistorica. Esses objectos foram achados no sitio da *Quinta do Anjo*,

d'este concelho, em resultado das escavações feitas em algumas furnas, tidas como habitações preparadas pelos homens primitivos que alli demoraram, e dos quaes antes se tinham descoberto outros vestigos».

—

Exportação

O concelho de Setubal exporta os seguintes generos:

Peixe, sêcco e fresco, em grande quantidade, para differentes partes do reino, além do muito que exporta para a Hespanha, como vimos em outro logar d'este artigo.

Annualmente, DUZENTOS E QUARENTA MIL môios de optimo sal — (14 milhões e 400 mil alqueires!)

Vinte mil pipas de vinho, em cada anno (termo medio), incluindo o delicioso *moscatel de Setubal*, conhecido e justamente apreciado em todo o reino e no estrangeiro. A maior parte d'este vinho, é produzido nos formosos plainos d'Azeitão, na sua maior parte cobertos de vinhedos.

Azeite, trigo e fructa. Só em laranjas, exportadas para a Inglaterra, tem annos de fazer 30 contos de réis.

—

É o porto mais commercial do reino, depois de Lisbôa e Porto. Veem aqui carregar de varios productos da terra, mais de 400 embarcações estrangeiras, em cada anno, além do muito que se exporta pelo caminho de ferro, e em cargas de bêstas e carroças.

O seu movimento commercial é immenso e animador.

—

Fonte de S. Braz

Junto ao castello de S. Philippe, havia a *fonte de S. Braz*, que seccava no inverno e rebentava no verão. (Padre João Baptista de Castro—*Recreação proveitosa)*. Já não existe esta fonte.

—

Isabel de S. Francisco

No dia 4 de outubro de 1737, falleceu em Setubal, Isabel de S. Francisco, donzella natural de Lisbôa, com 112 annos de edade, pois havia nascido em 1651.

Conheceu cinco reis em Portugal — Dom Philippe IV, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V.

—

Setubal e o n.º 4

O rio que banha a cidade, escreve-se com QUATRO lettras. *(Sádo)*.

—

Tinha assento em côrtes, no QUARTO banco.

—

D. Affonso QUARTO, mandou collocar marcos para designarem o terreno que pertencia ao concelho.

—

No reinado de D. João II (QUARTO rei da dynastia d'Aviz) principiou a construcção do real mosteiro das freiras de Jesus.

—

A 24 (seis vezes QUATRO) de agosto (oitavo mez do anno — duas vezes QUATRO) de 1490, dispararam na *travessa das Amoreiras*, os tiros a D. João II, por occasião da procissão de Corpus Christi. [1]

—

QUATRO foram as cabeças de pedra que, para memoria, o dito monarcha mandou collocar na esquina da tal rua, onde ainda se conservam.

—

QUATRO frentes tem o palacio onde Dom João II apunhalou o duque de Viseu.

—

As modernas fortificações de Setubal, foram mandadas fazer por D. João QUARTO.

—

É datado de 19 de abril (QUARTO mez) do anno de 1860 (465 vezes QUATRO) o decreto que elevou Setubal á cathegoria de cidade.

—

Tinha Setubal 12 conventos de frades (trez vezes QUATRO).

—

Tem a cidade QUATRO parochias.

—

Tem QUATRO cemiterios *(Saúde, Misericor-*

[1] Este facto, é muito duvidoso, como vimos no logar competente.

dia, Estrangeiros, e Nossa Senhora da Piedade.

—

QUATRO praças *(Bocage* ou *Sapal, S. Pedro* ou *Fonte Nova, S. Bernardo* ou *Palhaes,* e *Pelourinho* ou *Terreiro dos Têstos).*

—

QUATRO chafarizes principaes *(Sapal, S. Bernardo, Fonte Nova,* e *S. Caetano).*

—

QUATRO pontes principaes *(Carmelitas, Carmo, Sapateiros,* e *Almas).*

—

QUATRO hospedarias principaes *(Escoveiro, Hespanhola, União,* e *Hotel Alemtejano).*

—

QUATRO relogios de torre *(Saude, S. Julião, Jesus* e *Grillos).*

—

O principal relogio da cidade, tem QUATRO mostradores.

—

Tinham QUATRO nomes os mais notaveis poetas setubalenses *(Manoel Maria Barbosa du Bucage, Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco,* e *Thomaz Antonio dos Santos Silva).*

—

Historia de Setubal

Disseram-me em Setubal, que o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, andava escrevendo uma *Historia da cidade de Setubal, desde os tempos pre-historicos* até ao dia em que sahir á luz.

Já tem escripto dés volumes *in folium.* Deve ser obra importantissima. Deus queira que ache editor, e que se publique brevemente. Será uma gloria para o auctor, uma honra para Setubal, e teremos mais um nome que inscrever na relação (já gloriosamente extensa) dos *Setubalenses illustres.*

—

Receita do municipio setubaleuse[1]

1876-1877.....	35:682$603
1877-1878.....	33:503$568
1878-1879.....	34:011$661
Somm...	103:197$832

[1] N'esta receita vae incluido o producto da taxa dos deslastres, concedida para o accrescentamento do caes de Nossa Senhora da Conceição. — A receita vae por annos e economicos.

—

Nomes de varias ruas de Setubal, mudados ha muitos annos

Rua do Pero Machado — da Mancebia (!) — do Estevam Gil — dos Ferradores — Alvaro Monteiro — do Contador — do Manoel Grande — do Diogo Fernandes — do Ouvidor — da Calçada — de Gonçalo Vaz — das Tabernas — do Mestre André — de Alvaro Dias.

Hoje ignora-se quaes d'estas ruas deixaram de existir, e que nomes actuaes substituiram os antigos de outras. Tem n'isto havido bastante desleixo.

—

Oratorio da Senhora da Conceição, do Caes

Está a devota imagem da Senhora, em uma formosa machineta de marmore, no angulo sul, do antigo *baluarte do Caes,* ou *da Conceição,* que serve de quartel ao batalhão de caçadores n.º 1 — e que tem servido para o mesmo fim, e desde muitos annos, aos outros corpos que teem estado de guarnição a esta cidade.

A Senhora da Conceição do Caes tem uma confraria, composta dos guardas e remadores da alfandega, e outros devotos, que lhe fazem todos os annos, em um domingo de agosto, uma solemne festividade, na praia, junto ao caes, e procissão, sendo a santa imagem transportada, com grande lusimento, para a egreja parochial de S. Sebastião, onde se lhe canta a missa, regressando depois para o seu oratorio.

Não se sabe quando foi construida esta edicula: suppõe-se, com bons fundamentos, ser durante o reinado de D. João IV, e depois que este monarcha, perante as côrtes (1646) toma por protectora do reino, Nossa Senhora da Conceição.

—

Casas onde nasceu e onde falleceu Bocage

Elmano Sadino (Bocage) nasceu em Setubal, na rua de S. Domingos, n.os 17 e 18, freguezia de S. Sebastião.

Falleceu em Lisboa, na travessa d'André Valente, freguezia das Mercês.

—

Familia de Bocage

O tronco dos Bocages portuguezes procede de *Antonio Le Doux* (ou *l'Hédois*) *du Bocage*, e de sua mulher, Catharina Cosma, da cidade de Cherburgo (Normandia) e que viveram pelos fins do seculo XVII.

Gil Le Doux du Bocage, filho dos antecedentes, foi baptisado na freguezia de Santa Maria Maior, de Cherburgo; dedicou-se á vida do mar.

No reinado de D. Pedro II, suscitou-se uma guerra contra Castella, que principiou em 1700, e terminou com o tratado de paz, de Utrecht, em 1713, reinando já D. João V.

Portugal toma parte n'esta guerra — primeiramente, reconhecendo o duque d'Anjou, que depois foi rei, sob o nome de Philippe V.

Trez annos depois (1703) Portugal abandona a causa do duque, e toma partido pelo seu rival, o archiduque Carlos, d'Austria, que se denominava Carlos III de Hespanha.

O archiduque chega a Lisboa, a 9 de março de 1704, nas esquadras ingleza e hollandeza, com 10:000 inglezes, que se reuniram ao nosso exercito. — (Para evitarmos repetições, vide o que, com respeito a esta guerra, fica dito no 4.º vol., pag. 369, col. 1.ª e seguintes, e no artigo *Serpa*.)

N'esta esquadra, vinha, como capitão de mar e guerra, o dito Gil Le Doux du Bocage, que ficou ao serviço de Portugal, sendo em 1717 promovido ao posto do *coronel de mar e guerra* (vice-almirante.)

Era pessoa de muito saber e intelligencia, grande pericia militar, e de incontestavel bravura, pelo que era considerado como um dos mais intrepidos e habeis officiaes da nossa marinha.

Pela distincção com que se portou nas guerras do Mediterraneo, contra os africanos da Barberia; e nas do Brasil, contra os francezes, obteve a tença de 10$000 réis por mez, e o habito de Christo; e, por novos e relevantes serviços, lhe fez D. João V, mercê da tença annual de 400$000 réis, por trez vidas, por carta régia de 4 de novembro de 1727.

Casou com D. Clara Francisca Lestof, em 13 de junho de 1720, na freguezia da Encarnação (Lisboa) levando a procuração da noiva, seu padrasto, João Thomaz Correia de Brito, coronel de artilheria, da praça de Setubal.

Era D. Clara filha de Leonardo Lestof, consul hollandez, rico proprietario, e da sua segunda mulher, Luiza Wan-Zeller.

Deste matrimonio houve duas filhas:

1.ª — D. Antonia Ignacia Xavier Lestof du Bocage, cujas biographias não teem relação com o nosso assumpto.

2.ª — D. Marianna Jooquina Xavier Lestof du Bocage, que casou com o bacharel José Luiz Soares de Barbosa, que foi juiz de fóra da Castanheira e Póvos, e ouvidor na comarca de Beja. Este casamento realisou-se na egreja parochial de S. Sebastião, de Setubal, em 6 de junho de 1758.

Tiveram seis filhos:

1.º — *Gil Francisco Barbosa du Bocage*, nascido em Setubal, a 3 de outubro de 1762; e que casou com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Eça, filha do marechal de campo, governador da torre do Outão.

Era Gil Francisco um agradavel poeta, e jurisconsulto distincto, e de uma facil e aprasivel convivencia. Falleceu em 13 de maio de 1834. Teve uma filha unica.

3.º — *Manoel Maria Barbosa du Bocage*, do qual trato no artigo *Setubalenses illustres*.

3.º — *D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 14 de julho de 1759, e que casou com Vicente de Paula Figueirêdo de Góes Souto-Maior, tenente do regimento de infanteria de Setubal (depois n.º 7)

4.º — *D. Anna das Mercez Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 23 de setembro de 1760, e que casou com João do Prado

Homem da Cunha d'Eça, cunhado de seu irmão Gil, e de cujo matrimonio houve trez filhos.

5.º—*D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage*, nascida em Beja, a 8 de setembro de 1768. Falleceu na flor da edade.

6.º—*D. Maria Francisca Barbosa du Bocage*, nascida em Setubal, a 13 de abril de 1771. Morreu solteira, a 8 de maio de 1841, em casa do marquez d'Alorna. Foi tambem poetisa, e irman predilecta de Bocage.

Viveu em sua companhia até que elle falleceu, sendo-lhe carinhosa irman e sollicita enfermeira.

—

São vivos muitos parentes colateraes do nosso famoso poeta, usando dos appellidos *Barbosa du Bocage*.

—

Apezar da sua vida irregular e desregrada, Bocage tinha orgulho da nobreza da sua ascendencia, como o provam varias das suas prosas, e algumas poesias; citarei apenas esta:

«Pergunta a quantos vem do Tejo e Sado,
Se alli me condemnou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.

—

Sempre entre os mais honrados tive assento;
Venho dos principaes da minha aldeia...
Nem cuides que vans fabulas invento!

—

Visita do sr. D. Pedro V, a Setubal

Este chorado monarcha, tinha feito uma viagem ao Alemtejo, e no seu regresso a Lisboa quiz visitar Setubal, onde chegou, por mar, com seu irmão, o fallecido infante D. João, na galeota real, a 2 de novembro de 1860[1].

Os setubalenses, gratos ao sr. D. Pedro V que ainda havia seis mezes e meio (19 de abril) tinha elevado a sua terra á cathegoria de cidade[1], o receberam com as maiores e mais sinceras provas de regosijo.

A camara municipal, as auctoridades e os particulares, todos se desvelaram em mostrar o seu amor ao joven monarcha[2].

Ao longo da ampla margem direita do Sádo, se prolongava uma comprida e alterosa aléia de postes, coroados de tropheus, e encadeiados de festões de murta e louro, ondeando nos seus tópes a bandeira portugueza, muitas flamulas e galhardêtes.

No centro do caes, se levantou um elegante pavilhão, de oito columnas de ordem corinthia, forrado de sêda branca e escarlate, todo alcatifado e embandeirado, que se destinou para n'elle a camara municipal fazer a ceremonia da *entrega das chaves*, ao rei, e dirigir-lhe a allocução do costume.

Á entrada da praça do Sapal (ou de Bocage) onde estão os paços do concelho, se levantou um arco triumphal, de 17 metros de altura, tendo no fecho da parte do rio (sul) as armas de Portugal, e no da parte da terra (norte) as de Setubal.

Em voltá d'esta praça, estava tudo embandeirado como na praia, e no centro, tinha um *kiosko*, para servir de corêto da philarmonica denominada *Momentanea*.

Todas as janellas estavam armadas de cortinas de damasco de sêda, e côlchas da mesma tela.

As ruas principaes foram areiadas, e muitas das suas janellas tambem armadas.

A casa da camara foi adornada com muita elegancia, e na sala grande, armada de púr-

[1] N'este dia fazia exactamente 290 annos que o malogrado rei D. Sebastião, tinha tambem visitado Setubal, em 1570, segundo anno do seu ephemero reinado. Este monarcha era muito affeiçoado ás religiosas de Jesus, e lhes chamava *freiras santas*. Quando se despedia, pedia-lhes a sua benção. Deu-lhes muitos privilegios, e quiz dar lhes tambem as *ordinarias*, o que ellas não quizeram acceitar, por humildade, e para cumprirem o voto de pobreza que tinham feito.

[1] Se eu fosse de Setubal, preferiria que a minha terra fosse, a todos os respeitos, a *primeira villa de Portugal*, a ser uma cidade como ha muitas no reino. Elevada a esta cathegoria, ficou Estremoz sendo indisputavelmente a primeira, a maior, e a mais rica e formosa villa da nação portugueza.

[2] Mal diria o infeliz e sempre chorado rei, que d'ahi a um anno e nove dias (11 de novembro de 1861) seria riscado do numero dos vivos, com geral sentimento dos portuguezes, sem excepção de *côr politica*.

pura, collocada uma mesa, onde os vereadores offereceram uma refeição ao rei.

O palacete da sr.ª D. Francisca d'Amorim e Silva foi destinado para pousada do soberano e do seu sequito, para o que havia sido préviamente mobilado com magnificencia.

—

A camara e mais auctoridades de Setubal, e o governador civil de Lisboa, esperaram o rei, no caes, sendo recebido debaixo do pallio, segundo a antiga usança. O prestito se dirigiu ao pavilhão, onde tiveram logar, a entrega das chaves, pelo presidente da camara, e o discurso do uso, que este dirigiu ao rei.

D'aqui foi o rei, a sua comittiva, e um numerosissimo concurso de povo, que o saudava com repetidas acclamações e o cobria de nuvens de flores, á egreja de S. João, onde se cantou o *Te Deum laudamus.*

D'esta egreja, sahiu para a casa da camara, onde o rei e o infante acceitaram a collação que os vereadores lhes offereceram, sendo convidadas para a mesa real, as auctoridades da terra e algumas das pessoas principaes — ao todo, trinta e seis talheres.

Depois da comida, sahiram, a cavallo, para a residencia que lhes tinha sido destinada, sendo acompanhados os reaes viajantes e seu sequito, pelos camaristas e outras pessoas, em carruagens.

Depois de terem os hospedes descançado alguns minutos, sahiu o rei a visitar alguns estabelecimentos e edificios notaveis, demorando-se muito tempo na visita ao real mosteiro de Jesus, cuja egreja se achava primorosamente adornada, á custa do padre Francisco José Ferro Estrafaz, capellão das religiosas. No altar-mór, da parte do Evangelho, se levantou o throno, com o sitial, para o rei fazer a sua oração. O espaldar e docel, eram de velludo escarlate, bordado de lhama d'ouro, sendo o fundo do docel, formado de uma preciosa alcatifa, antiga, bordada a matiz. Aos lados das cadeiras do throno, estavam dous formosissimos anjos, um dos quaes offerecia ao rei uma corôa, e o outro, um sceptro. No tôpo do espaldar, se viam as armas do rei D. Manoel, fundador d'este mosteiro.

Depois da oração, desceu o sr. D. Pedro V e seu irmão, do throno, para hirem ver o templo, e os primorosos quadros attribuidos ao *Grão Vasco.*

Depois, foram o rei e o infante, ver o interior do mosteiro, sendo recebidos, á portaria, pela communidade. Ajoelhando todas as religiosas para beijarem a mão ao rei, este o não consentiu, dizendo: «Aqui, na clausura das virgens do Senhor, sou simplesmente Pedro.»

Como todas as freiras estávam com os véus cahidos sobre o rôsto, como manda a regra franciscana, o rei perguntou, com muita afabilidade, á abbadessa, se as não affligia estarem muito tempo com o rôsto coberto, e se era permittido levantarem os véus. A abbadessa respondeu, que os podiam levantar na presença do rei, e por sua ordem; e como este desejasse vêlas, lhes deu a ordem preciza, e todas as freiras levantaram os seus véus, e assim estiveram em quanto durou esta visita.

Os reaes viajantes percorreram todo o edificio, e chegando ao refeitorio, ahi acharam uma mimosa refeição, offerecida pelas freiras, e que elles acceitaram com evidentes demonstrações de prazer.

Ás cinco horas da tarde regressou o rei e seu irmão, á residencia que lhes haviam preparado, e ahi acharam o sr. infante D. Luiz (depois rei, primeiro do nome) que, regressando d'Angola, aqui veio abraçar seus dous irmãos. Seguiu-se o jantar, para o qual o rei convidou, alem dos que tinham assistido ao almôço, o vigario geral, o que era douto antiquario, José da Gama Xaro.

Á noite houve recepção no paço, e toda a cidade se illuminou vistosamente.

As illuminações da praia, da praça do Sapal, e casa da camara, derramavam torrentes de luz e alegria, nos muitos milhares de espectadores que de toda a cidade e arredores tinham corrido a presencear tão explendida festa.

Durante a noite, as duas philarmonicas *Momentanea* e *Permanente,* cada uma em seu brilhante corêto, tocavam alternativamente as mimosas peças do seu repertorio.

Concluiu-se esta magnifica festa, com um brilhante fogo de artificio.

No dia seguinte (3) pela manhan, regressou o rei a Lisboa, pelo caminho de ferro do sul e sueste, deixando em Setubal, alem de uma cordeal saudade, uma bôa esmola, para ser distribuida pelos recolhimentos e pelas familias necessitadas de Setubal.

—

Objectos romanos achados na Troia

Disse no principio d'este artigo, o numero de objectos achados nas ruinas da velha Cetobriga; aqui farei mais individual menção de alguns d'elles.

1.º — *Urna cineraria pomiforme*, achada a 8 de janeiro de 1858, em um terreno denegrido pelo fogo, e que mostrava ter servido de *cemiterio de ustão* [1]. A urna estava a 10 palmos de profundidade, e continha ossos mal queimados, cinzas, duas redomas lacrimatorias de vidro, e uma moeda de cobre, do imperador Claudio, successor de Caligula.

Esta urna estava mettida em outro vaso de barro grosseiro, que a defendia da pressão das terras circumstantes, e a este vaso se deve a conservação da urna, que não poderia resistir inteira às deslocações e accidentes do terreno, no decurso de tantos seculos.

O vidro da urna está embaciado, e decomposto na superficie; e em partes, brilha com as cores prismaticas, porque está *folhado* e dividido em laminas, e é da natureza d'estas, o produzirem cores differentes, segundo a sua densidade, como ensina a optica de Newton. Nota-se a mesma cousa, nos vidros achados nas ruinas do Herculanum, e nas famosas *catacumbas* de Roma.

—

Alcacer do Sal, Cezimbra e Setubal

Em 1333, estas trez villas fizeram entre si uma *liga*, para darem maior desenvolvimento ás pescarias e á industria da salga do peixe, que d'estas povoações se exportava em grande quantidade.

—

Auctoridades antigas

Teve Setubal, até 1834: — provedor; juiz de fóra; juiz dos orphãos; juiz da alfandega; juiz do almoxarifado; corregedor; superintendente do sal; alcaide-mór; camara; capitão-mór; commandantes do regimento de linha, da cavallaria, da artilheria, das milicias, e das fortalezas.

—

Quevêdo — appellido

Quevêdo, *Quebêdo* e *Cabêdo*, são appellidos nobres d'este reino, e todos procedem do mesmo tronco — ou, por outra, tudo vem a

[1] A esta especie de cemiterios, davám os romanos o nome de *Ustrina* e *Ustrinum*. Era d'este logar que as cinzas dos mortos eram levadas para os tumulos que lhes eram destinados.

Bustum, era o logar onde se levantava a fogueira em que se queimavam os cadaveres de uma unica familia; e *ustrinum* era um terreno publico, onde se queimavam os corpos de individuos de differentes familias.

Ao escravo encarregado das pompas funebres, e que tinha por mister collocar o cadaver convenientemente sobre a fogueira e queimal-o, se dava o nome de *ustor*. Este emprego era considerado vil, e quasi sempre lhe davam algum epitheto de desprezo, como *semiramus*, ou *sordibus*.

Suppõe-se que no *ustrinum* tambem se queimavam os corpos dos pobres e dos escravos, que não tinham com que comprar um bocado de terreno perto do seu tumulo, que lhe servisse de *bustum*; pois era expressamente prohibido pela lei, fazêl-os em terreno que não fosse proprio. Existe ainda hoje, sobre a *via Appiana*, a 5 milhas de Roma, um d'estes grandes *bustus*. Era cercado, de dous lados, por um alto muro, construido, ao modo dos etruscos, com pedra de côr cinzento-escuro, avermelhado, a que hoje os italianos chamam *peperino*. O pavimento é tambem da mesma qualidade de pedra, por ter a propriedade de resistir á acção do fogo. Um dos muros tem 350 pés de comprimento, e o outro 200. Do lado da estrada, tinha porticos espaçosos, destinados a abrigar os expectadores, e as pessoas que formavam os cortejos funebres; e do lado opposto, havia varios armazens onde se guardava e serrava a lenha, e se guardavam os instrumentos e utensilios empregados durante a combustão. Tambem d'este lado havia casas para residencia dos *ustores*.

ser o mesmo appellido, escripto de modo differente, pelo decurso do tempo.

Os Quevêdos vieram de França, e fizeram o seu solar nas montanhas de Oviêdo.

Foram *senhores de pendão e caldeira*, desde que, em 717, um Quevêdo, amigo e companheiro do grande Pelayo, na batalha do Valle de Cangas (Asturias) tomou o pendão e a caldeira do rei mouro Alahor, que ahi foi derrotado.

O primeiro membro d'esta familia que veio a Portugal, foi *D. Diogo de Quebêdo*, no sequito do infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira.)

Casou n'este reino, em 1466, e d'este casamento procedem os Quevedos, e Cabêdos.

Esta familia, tem, em todos os tempos, dado varões muito illustres em armas e nas lettras. O seu vetusto palacio, ainda existe em Setubal.

—

As armas dos Quevedos são: — escudo dividido em palla — a 1.ª, dividida em faxa, na 1.ª, d'azul, trez flores de liz, de prata, em roquête — na 2.ª, de prata, caldeira, de négro — na 2.ª palla, tambem de prata, bandeira de duas pontas, metade de púrpura, carregada de um crescente de prata, e a outra metade, de prata, carregada de um crescente de púrpura, hastea d'ouro com a lança de prata: êlmo d'aço, aberto, e por timbre o crescente das armas.

—

Uma inscripção achada na Troia

Em uma escavação, feita em 1860, nas ruinas de Cetobriga, entre outros objectos romanos, se achou uma urna funeraria, de vidro azulado, de pouca grossura, contendo cinzas, e um *ruden* [1], tambem de vidro.

Sobre a urna, assentava uma lapide, com esta inscripção:

D. M. S.
LVC. VIB. CALISTR.
AN. XL.
H. S. E.
S. T. T. L.

(Dedicada aos deuses dos mortos. Aqui jaz Lucio Vibio Calistrato, fallecido na edade de 40 annos. A terra te seja leve.)

—

Direito do trapiche

Esta contribuição foi originariamente da ordem de S. Thiago. Instituida a grande commenda d'este vasto territorio, foi dada aos duques de Aveiro: passando em 1759 para a corôa, foi depois dada aos condes (depois marquezes e por fim duques) de Loulé, que a usofruiram até 1833.

Este *direito* consistia em 40 réis, por cada moio de sal que se exportasse pela barra de Setubal, em navios estrangeiros, e 25 réis por cada moio exportado em navios portuguezes.

—

Direito do deslastre

Não pude saber quando se impoz este tributo aos navios que entravam no Sado; mas é muito antigo, pois já existia em 1574. Era do Estado, e pago por todos os navios que vinham aqui carregar de sal. No principio, só era pago pelos navios que *deslastravam*, mas depois, tornou-se um tributo fixo, para todos os navios, ainda que não *deslastrassem*.

Tambem se entregava um ruden, ao escravo liberto, como insignia da sua *alforria*.

Não se confunda *ruden* com *rudis*. Este era uma grande culher, de metal, ou de páu, que servia para mecher os cosinhados, ou a mistura de varios ingredientes.

Em razão da sua tal ou qual semelhança com o *rudis*, se dava tambem este nome a um bastão, que tinha em uma das extremidades, uma bôla, ou botão, e do qual se serviam os gladiadores e os soldados, já para combaterem, já para se exercitarem no seu manejo; e tambem por passatempo.

[1] Os romanos davam o nome de *rudens* ás cordas delgadas, dos navios ligeiros. Diz Suetonio, no seu livro 7.º, que aos gladiadores, depois do combate, se dava um *ruden* de vidro, ou de barba de baleia, feito em fórma de corda. No caso de serem de novo chamados á arena, apresentavam o seu *ruden*, e ficavam dispensados. Aos gladiadores munidos d'esta distincção, se dava o nome de *rudiarios*.

Hoje, como ja vimos em outro logar, pertence á camara, para ser empregado nas obras do aterro do caes.

—

Ainda Troia

Gaspar Barreiros, e André de Rézende, affirmam que, cobertas pelas aguas do Sado, existem ruinas de varios edificios, punicos ou romanos, da velha Cetobriga.

Diz tambem Rézende, que sobre a porta da ermida da Senhora da Troia, viu uma cabeça de carneiro, em pedra, *e lhe parece que, o que hoje é egreja christan,* foi um templo dedicado a Jupiter.

Talvez que no tempo de Rézende ainda existisse o templo gentilico, convertido em ermida christan; mas depois, foi demolido, e reedificado *á fundamentis*, pois, como vimos no paragrapho *Senhora da Troia*, esta construcção (menos o vestibulo, ou alpendre) é moderna.

—

Alguns apontamentos para a historia chronologica de Setubal

1440 (8 de julho) — D. Affonso V ordena aos juizes de Setubal, que não consintam que os vestidos dos judeus, da communa da mesma villa, fossem contados nas praças, ruas e outros logares publicos, onde notoriamente fossem conhecidos como taes, ainda que, por qualquer motivo, estivessem encobertos.

—

1467 (23 d'outubro) — O infante D. Fernando, duque de Viseu, mestre da ordem de S. Thiago, e filho do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, concede á confraria de Nossa Senhora da Annunciada, a posse do *sapal do Troino.* Foi este sapal, depois, cedido a Justa Rodrigues Pereira, para n'elle construir o sumptuoso mosteiro de Jesus. (Vide a rapida descripção d'este edificio, no logar competente.)

—

1512 (22 de julho) — O rei D. Manoel, por uma provisão sua, ordena que os bens das pessoas fallecidas sem testamento e sem herdeiros, nas villas e logares do almoxarifado de Setubal, ou aquelles que deixarem por sua morte bens á Misericordia, se entenda que ficam pertencendo á Misericordia de Setubal, e a nenhuma outra, ainda que o testamento o não declare.

—

1580 (27 de julho) — Embarca no porto de Setubal, o duque d'Alba, acompanhado de seu filho D. Fernando, na capitania da armada castelhana, em direcção a Lisboa, com um exercito de 22:000 homens. D. Antonio, prior do Crato, o espera na ponte de Alcantara, com 4:000 homens, mal armados e sem disciplina militar, pelo que é derrotado, a 25 d'agosto do mesmo anno.

D. Antonio, foge para o Minho, e os castelhanos entram em Lisboa, onde commettem toda a casta de barbaridades.

—

1640 (8 de dezembro) — O intrepido patriota, o general João Gomes da Silva, á frente da tropa e povo de Setubal, cérca por mar e terra a fortaleza do Outão, que ainda estava em poder dos castelhanos, que por fim, tiveram de render-se.

—

1640 (14 de dezembro) — A guarnição castelhana da fortaleza de S. Philippe rende-se á tropa e povo de Setubal, entregando o castello.

—

1641 (13 de janeiro) — A camara de Setubal publica o alvará de 6 do dito mez, dando por nulla a eleição do juiz de fóra, para procurador ás côrtes; satisfazendo assim ás reclamações do povo, que protestára contra semelhante eleição, por o eleito não ser natural de Setubal.

—

1670 (28 de junho) — O infante D. Pedro (depois D. Pedro II) regente do reino, por incapacidade de seu irmão, D. Affonso VI, ordena ao ouvidor da comarca de Setubal, que recommende a observancia das leis *contra os que, por soborno, se fazem eleger para*

cargos da camara, sem que para tal emprego tenham a necessaria capacidade; e que, por isso, SEJAM PUNIDOS COM PENA CAPITAL.

—

1808 (14 de janeiro) — O general Solano, commandante das forças hespanholas que occupavam Setubal, divide esta povoação em districtos, não inferiores a 100 fogos, nem superiores a 200; nomeando para chefes d'estes districtos, os homens mais notaveis, com a obrigação de relacionarem todos os moradores dos seus districtos, tratarem de reconciliar as pessoas da mesma familia, que andassem desavindas; e mesmo as outras familias que andassem inimigas; impedir a vadiagem, e acudirem a qualquer desordem; rondando todas as noites, e dando informações sobre as occorrencias dignas de menção, ás auctoridades administrativas e judiciaes.

—

1808 (25 d'agosto) — Chega a Setubal a noticia da aproximação das tropas nacionaes, vindas do Algarve, sob o commando do general José Lopes de Souza. Muito povo da villa corre ao encontro das novas tropas, e na villa ha as maiores demonstrações de regosijo, á chegada dos libertadores.

—

1808 (28 d'agosto) — O coronel Arlot, commandante das tropas francezas que guarneciam Palmella, reclama das auctoridades portuguezas, de Setubal, a entrega dos emissarios que enviára a esta villa; estranhando severamente o attentado commettido contra elles; dizendo que Buonaparte, ainda um dia vingaria tão barbara e atroz infracção do direito das gentes. (Olha quem invocava o *direito das gentes!...*)

—

1813 (14 d'abril) — Chega a Setubal o marechal-general Beresford, que é recebido com grandes festas, pelos setubalenses.

—

1869 (23 de janeiro) — Fallece em Santarem o distincto setubalense, o conselheiro e general de brigada do estado maior de engenheiros, Manoel José Julio Guerra, pessoa de grande intelligencia e vastos conhecimentos na sua profissão, como o provou pelos varios trabalhos que executou, e obras que escreveu sobre engenharia.

—

Lapide commemorativa a Bocage

O sr. Manoel Maria Portella, sendo redactor da *Voz do Progresso,* de Setubal, sollicitou n'este periodico, e obteve (1864) uma subscripção, para se collocar uma lapide commemorativa, na casa onde nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage, para recordar ás gerações futuras a memoria d'este poeta immortal.

Com effeito, no dia 10 d'abril do mesmo anno de 1864, na rua de S. Domingos, e na casa onde nasceu Bocage, foi collocada a lapide, na presença da commissão dos subscriptores e de grande concurso de povo.

Eis a inscripção da lapide:

N'ESTA CASA NASCEU
O INSIGNE POETA
MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE,
A 15 DE SETEMBRO DE 1765.
ALGUNS DOS SEUS CONTERRANEOS
MANDARAM FAZER ESTA MEMORIA,
NO ANNO DE 1864.

—

Foi este um dia de festa popular para Setubal, havendo geraes manifestações de regosijo, subindo ao ar muitos foguetes, e percorrendo as ruas as philarmonicas da cidade.

Era pouco, mas já era alguma cousa feita á memoria do poeta que tanto honrára a terra que lhe foi berço.

—

Monumento a Bocage

O nosso distinctissimo poeta contemporaneo, Antonio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (feito *visconde de Castilho,* em duas vidas, a 25 de maio de 1870) sabendo da collocação da lapide mencionada no paragrapho antecedente, e achando diminuto o preito á memoria de Bocage, emprehendeu prestar-lhe mais grandiosa homenagem. Dirigiu-se a seu irmão, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, residente no Rio de Janeiro, e conseguiu obter no Brasil, por

subscripção, o dinheiro sufficiente para a realisação do seu desejo.

Realisara-se na capital do imperio, no dia 15 de setembro de 1865 (centenario do nascimento de Bocage) um numeroso comicio, que elegeu uma commissão de 19 membros, sendo presidente d'ella, J. F. de Castilho, vice-presidente, o barão de S. Clemente, e thesoureiro, José Ricardo Moniz.

Depois de vencidas varias difficuldades, resultantes da quebra da casa commercial de que fazia parte o thesoureiro da commissão, o que motivou a perda quasi total das quantias já subscriptas, conseguiram-se novos donativos, com os quaes se levou a effeito o desejo dos Castilhos.

O presidente da camara de Setubal, o doutor Antonio Rodrigues Manito, collocou a pedra fundamental do monumento, em presença dos seus collegas na vereação, dos membros da commissão e de varias pessoas notaveis da cidade, no dia 22 de novembro de 1871, lavrando o competente auto, o escrivão da camara, José Antonio Pinto.

O monumento foi inaugurado, a 21 de dezembro do mesmo anno de 1871, anniversario 66.º do passamento de Bocage.

É todo de marmore branco, e foi construido, assim como a estatua, na officina de Germano José Salles, de Lisboa. Sobre quatro degraus oitavados assenta uma columna corynthia, e sobre ella, a estatua do poeta, *de casaca á girondina* (!) tendo na mão direita uma penna, e na esquerda, um rôlo de papel. Tem dous metros de altura, e 12 todo o monumento, que é bastante singello, mas não falto de elegancia, menos a estatua, que é summamente desengraçada, e em uma posição pessimamente escolhida — ou, por outra — representando com escusada naturalidade, o trajo *pouco cuidado* do original.

—

Ao acto da inauguração assistiram os seguintes cavalheiros — Antonio José d'Avila,[1] vice-presidente da Academia Real das Sciencias — Miguel Maria Lisboa, ministro do Brazil em Portugal — Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do reino — Visconde de Castilho — o doutor, Antonio Rodrigues Manito, presidente da camara municipal de Setubal, com todos os vereadores — os membros da commissão, nomeada para presidir a inauguração, e da qual era secretario, o dr. Antonio da Silva Tulio, que escreveu e assignou o auto d'esta solemnidade.

As philarmonicas de Setubal, reunidas, tocaram successivamente os hymnos, compostos e offerecidos para a festa da inauguração, por Manoel Antonio Correia, Carlos Augusto Alves Braga, e Antonio do Nascimento e Oliveira.

Foi um dia de geral regosijo para os setubalenses, havendo todas as demonstrações publicas do costume, em taes solemnidades, e nas quaes se gastaram 815$837 réis, do cofre do municipio, e do producto da subscripção dos habitantes da cidade, por não ser necessario o producto d'ella, para o monumento.

—

Para assistirem a esta solemnidade, tinham vindo de Lisboa mais de 500 pessoas, entre convidados e curiosos, os quaes chegaram á estação do caminho de ferro, em 31 carruagens, á uma hora da tarde, sendo ahi esperados pela camara municipal, commissão do monumento, auctoridades, civis e militares, e grande concurso de povo.

Da estação se dirigiram em carruagens, para a casa da camara, d'onde sahiram em cortejo para a praça do Sapal (agora, de Bocage) onde teve logar a ceremonia da inauguração, da maneira que fica descripta.

A praça estava ornada, em fórma de jardim, com columnas, vasos de flôres, festões e bandeiras, portuguezas e brasileiras; havendo-se construido elegantes porticos, tendo aos lados figuras com os emblemas da poesia, tendo por baixo o nome de Bocage, que á noite appareceu illuminado a gaz.

No pedestal do monumento, do lado do sul, que é a frente, se lê:

A M. M. BARBOSA DU BOCAGE
ADMIRADORES SEUS,
PORTUGUEZES E BRAZILEIROS.
MDCCCLXXI

[1] Era já marquez. Tinha sido feito conde d'Avila, em 13 de fevereiro de 1664 — marquez d'Avila e Bolama, em 24 de maio de 1870 — agora é duque d'este ultimo titulo.

—

DE ELMANO EIS SOBRE O MARMORE SAGRADO, (!)
A LYRA EM QUE CHORAVA OU RIA AMORES...
SER D'ELLES, SER DAS MUSAS, FOI SEU FADO!
HONRAE-LHE A LYRA, VATES E AMADORES!

—

Na face do nascente, diz:

DOOU-ME PHEBO AOS SECULOS VINDOUROS;
DEPONDO A FLOR DA VIDA, E GUARDO O FRUCTO
PAGANDO A VIL MATERIA, O VIL TRIBUTO
RETENDO A POSSE DE IMMORTAES THESOUROS.

—

Do lado do norte:

ESTE, COM QUEM SE UFANA A PEDRA ERGUIDA,
AH! SE ENCANTOU COM SONOROSAS CORES...
JÁ BOCAGE NÃO É! NÃO SOIS AMORES!...
CHORAE-LHE A MORTE, CELEBRAE-LHE A VIDA!

—

Do lado do oeste:

UM NOME, SÓ TERRIVEL AOS TYRANNOS, (?)
NÃO À TRISTE, MORTAL FRAGILIDADE,
EIS O DEUS QUE CONSOLA A HUMANIDADE,
EIS O DEUS DA RAZÃO, (?!) O DEUS D'ELMANO. [1]

—

Em frente do monumento se tinha construido um bonito pavilhão, e n'elle, um magnifico bufete, sobre o qual estava uma escrevaninha de prata, com uma penna de ouro, [2] com que se lavrou o auto da inauguração.

Ao lado d'este pavilhão, havia duas tribunas descobertas, occupadas por muitas senhoras e cavalheiros.

—

Na praça tocavam as philarmonicas *Firmeza, Capricho, Timbre dos Artistas*, e a musica do regimento de infanteria n.º 7.

Ao lado esquerdo do monumento, e em grande uniforme, estava a ala esquerda do mesmo regimento. [1]

O balcão da casa da camara estava adornado com grandes vasos de flores e as suas escadas cobertas com tapetes, e tambem orladas com vasos de flores. No edificio estava arvorada a bandeira portugueza, entre flamulas e galhardêtes, de varias cores.

As janellas de todos os predios da praça, estavam brilhantemente armadas, algumas embandeiradas, e todas occupadas por senhoras, vestidas de gála.

Quando se descobriu a estatua do poeta subiram ao ar muitas girandolas de foguetes; sendo por essa occasião distribuidos com profuzão, um soneto do visconde de Castilho, e um poemeto de Manoel Maria Portella, allusivos à solemnidade. (Não os transcrevo, para não fazer este artigo ainda mais extenso).

Como hoje não é costume fazer-se qualquer funcção, sem *comes e bebes*, foi servida a todos os convidados uma excellente refeição, na sala principal dos paços do concelho, a qual, para este fim, estava ornada luxuosamente.

—

Á noite, houve uma récita de gala, no theatro Bocage, á qual assistiu a camara, principiando o espectaculo pela recitação de uma poesia em honra de Bocage.

A fachada da casa da camara e a praça de Bocage, foram na mesma noite illuminadas a gaz, assim como varios predios, distin-

[1] Quem se désse ao trabalho de analysar estas quatro quadras — *principalmente a ultima!* — tinha muito que dizer; mas, deixarei isso para individuo mais competente: aqui, só perguntarei ao auctor — este *Deus da razão*, é parente ou adeherente da ignobilmente celebre *Deusa da Rasão*, das republicas de 1793? — Pareceu-me que são *ejusdem furfuris!...*

[2] Esta penna, era do fallecido primeiro visconde de Castilho, e lhe tinha sido offerecida por um grupo de portuguezes, residentes no Rio de Janeiro, em testemunho de sympathia, depois da publicação da commovente e elegantissima carta que elle escreveu á actual imperatriz do Brasil, pedindo o perdão da pena de morte a um criminoso.

[1] Foram buscar a Lisboa este regimento, porque *imaginaram* que n'elle havia sentado praça Bocage, quando, *nem um unico individuo* d'elle, pertencia ao antigo regimento a que o poeta havia pertencido. Este, pertenceu *sempre* ao exercito realista que foi dissolvido pela convenção d'Evora-Monte, e as praças que o compunham, e que poderam escapar aos punhaes e aos bacamartes, morreram paisanos.

No reinádo do sr. D. Miguel I, o regimento de infanteria n.º 7 (o de Bocage) denominava-se *terceiro regimento da infanteria de Lisboa*, e com este titulo terminou a sua existencia.

guindo-se o da typographia da *Gazeta Setubalense*, que apresentava uma lyra, cercada de varios ornatos.

Queimou-se tambem um lindo *fôgo de vistas*, e percorreram as ruas da cidade as referidas philarmonicas.

Assim terminaram as festas d'esta inauguração, que, todavia, não tiveram o brilhantismo desejado e esperado, porque a chuva foi n'este dia e noite, continua e torrencial.

—

Exposição do retrato de Bocage

No dia 24 de dezembro do mesmo anno, pela uma hora da tarde, na sala grande da casa da camara, foi exposto o retrato de Bocage, cópia a oleo, de tamanho natural, de outro retracto, tirado do original, por Henrique José da Silva, e achado no Rio de Janeiro.

A esta ceremonia assistiram — a camara municipal, a commissão do monumento, de Setubal, o vice-consul do Brasil, e varios outros cavalheiros, do que se lavrou o competente auto.

Quando o presidente da camara descobriu o retrato, subiram ao ar grande numero de foguetes, e as musicas tocaram a marcha intitulada — *Homenagem a Bocage.*

Este retrato, tinha sido offerecido á camara de Setubal, por varios individuos portuguezes e brasileiros, representados pelo referido José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, residente no rio de Janeiro.

José Joaquim Barbosa du Bocage, parente do poeta, agradeceu, em seu nome e no de sua familia, as homenagens prestadas ao seu immortal antecessor.

José Vicente do Bocage Lima, tambem da familia do poeta, recitou um poemeto em honra d'este, feito por Manoel Maria Portella.

José Antonio Pinto, escrivão da camara, recitou tambem um soneto, feito pelo visconde de Castilho.

> Estas poesias são as que foram distribuidas no dia da inauguração do monumento a Bocage.

Tambem então foi servido *um cópo d'agua* aos individuos presentes á exposição: e, como no dia da inauguração, houve á noite fogo de vistas, illuminação e musica: e, na sala onde fôra collocado o retrato, leu o padre Caetano de Moura Palha Salgado, uma poesia, em honra do retratado.

—

Instrucção publica

Nenhuma camara municipal d'este reino, tem cuidado com mais sollicitude da instrucção publica, nem despende com isto tanto dinheiro, como a de Setubal. Eis a despeza do ultimo anno economico:

Subsidio ao Lyceu Municipal..	500$000
Dito a 4 professores e a 4 professoras de instrucção primaria, das escolas publicas....	290$000
Gratificações aos mesmos professores e professoras.....	70$000
Custeio das ditas escolas, e renda de casas para ellas.....	500$000
Aulas nocturnas	60$000
Collegio dos orphãos pobres ..	76$000
Somma...	1:496$000

—

No concelho, ha 8 escolas *regias*, de ensino primario, 4 para cada sexo — 24 particulares, 4 para meninos e 20 para meninas.

Ha trez escolas de instrucção secundaria, que são — *Lyceu Setubalense, Collegio de S. Francisco*, e *Escola Popular*.

Ha mais — as escolas do *Asylo da Infancia Desvalida* e o das orphãs pobres. (Esta e o Lyceu, são sustentados exclusivamente á custa da camara).

—

A construcção da *escola do conde de Ferreira*, situada na praia, foi subsidiada pela camara, com 195$000 réis, por não chegar o que o referido conde deixou para cada uma das 120 escolas. (Vide *Campanhan).*

Esta escola foi construida de 1867 a 1868.

Além dos 195$000 réis, deu mais a camara, para a mobilia, 200$485 réis — total — 395$485 réis.

—

Bibliotheca popular

Quando em 1873 se accrescentou o edificio dos paços do concelho de Setubal, foi uma das salas destinada para bibliotheca, a qual já actualmente consta de mil volumes aproximadamente, comprehendendo algumas obras de muito merecimento, sendo a mais notavel d'ellas, um exemplar do famoso Missal de Estevam Gonçalves Neto, abbade de Serem. (Vide pag. 152, col. 1.ª d'este volume).

Parte dos livros d'esta bibliotheca, foram cedidos pelo Estado; parte comprados pela camara; e parte, offerecidos por particulares.

N'esta sala, se veem os retratos, de Manoel Maria Barbosa du Bocage, Frei Pedro Lagarto, Padre João Baptista, João Francisco Garcia Moreira (Vide setubalenses illustres). [1] Tambem aqui estão alguns mappas, e as photographias da praça de Bocage, tiradas por occasião da inauguração do seu monumento.

—

Nascentes d'agua, aqueducto, póços e chafarizes de Setubal

O aqueducto que conduz a agua para o chafariz da praça de Bocage (Sapal) e que fica em frente da casa da camara, consta que foi construido por ordem de Dom João II, quando estava em Setubal, no anno de 1487, e que, para isso, mandou desfazer o *paço dos Estaos*. Foi feito com o dinheiro do municipio, e com o que o rei deu do seu bolsinho.

Esta agua, nasce em Alferrára, junto ao caminho que vae para os Barris, 3 kil. ao N. da cidade, e já no districto de Palmella.

Esta agua, que antigamente nascía em abundancia, tem escaceado ha muitos annos, e no verão não chega aos chafarizes. Dous annos (1875-1876) estiveram completamente sêccos, mesmo no inverno, todos os chafarizes de Setubal, menos o das Fontainhas. Os ribeiros que atravessam a cidade, estiveram tambem sem uma pinga d'agua, durante aquelle periodo.

Esta agua, é conduzida até certa distancia, por um aqueducto de cantaria, e depois, por um cano d'alvenaria, assente sobre o sólo, ou sobre arcos, até que, proximo da cidade, se mette por um cano subterraneo, e vae fornecer a agua das praças de S. Bernardo e Bocage.

O chafariz de S. Bernardo, foi feito no reinado de D. José I, o que se collige de uma ordem do marquez do Pombal, datada de 12 d'agosto de 1772, e que manda á camara de Setubal pagar a despeza *que se fizer* com as obras de terraplanagem da praça de S. Bernardo, e com as do *chafariz novo* da mesma praça, e respectiva canalisação. Manda que estas obras sejam dirigidas pelo coronel, José Bruno de Quevedo.

Da fonte de S. Bernardo, hia antigamente um annel d'agua para o mosteiro das religiosas cistersienses, que estava junto á praça, por isso chamada de S. Bernardo, como a fonte.

—

Ao E. da *Horta do Vigario*, proximo ao campo do Bom-Fim, se fizeram dous grandes arcos e uma pequena guarita e muralha, que corre de N. a S. Em um dos arcos, do lado do O., está a inscripção seguinte:

O MARQUEZ DE MARIALVA
DO CONSELHO DE ESTADO E GUERRA,
DE S. A., VEDOR DA SUA FAZENDA,
CAPITÃO GENERAL DO EXERCITO
E PROVINCIA DO ALEMTEJO,
GOVERNADOR DAS ARMAS DA
EXTREMADURA, CASCAES E SETUBAL,
MANDOU FAZER ESTA OBRA
CORNA, PARA A DEFENSA; E
ARCOS, PARA CORRER AGUA,
NO ANNO DE 1672

[1] O sr. João José Ribeiro, offereceu á camara, em julho de 1875, os retratos, do major Moreira, fundador e primeiro governador da colonia de Mossamedes, em 1840, e da princeza de Huilla, que acompanhou o major, nas suas explorações ao interior da Africa occidental. Estes retratos, foram tirados do natural, pelo sr. Clemente Bizarro. (Vide adiante, nos *Setubalenses illustres*. a biographia de *João Francisco Garcia Moreira)*.

—

D'este aqueducto, se tinha dado um annel d'agua para as freiras de Jesus, por ordem do rei D. Manoel, como consta do Tombo d'este mosteiro, a fl. 28. Este annel d'agua, vae sahir a uma fonte do claustro, das religiosas.

—

No anno de 1699, se tirou, a pouca distancia d'aquelle, outro annel d'agua, para a fonte do Rocio do Bom-Fim (antigamente chamado do *Anjo da Guarda)* e para a qual vae por um cano subterraneo.

Para guarda da mesma fonte, se fez ao E. d'ella um *corpo de guarda*, no qual ha esta inscripção:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II,
MANDOU FAZER ESTE CORPO
DA GUARDA, D. NUNO ALVARES
PEREIRA, PRIMEIRO DUQUE
DO CADAVAL, MESTRE-DE-
CAMPO-GENERAL, JUNTO A'
PESSOA (d'el-rei) GOVERNANDO AS
ARMAS DE SETUBAL, CASCAES
E PENICHE, CAPITÃO-GENERAL
DA CAVALLARIA DA CORTE E
EXTREMADURA, CONSELHEIRO
DE ESTADO E GUERRA.
ANNO DE 1699.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755 arruinou bastante esta fonte, que foi reconstruida no reinado de D. Maria I, gravando-se-lhe então uma inscripção, da qual só se lê hoje o seguinte:

ET FONS, ET CAMPUS PRIMMA
MODERANTE MARIA LÆTATUR
PRISCA UNUS, ET ALTER AQUA.

—

A antiga fonte do Anjo da Guarda, hoje chamada do Bom-Fim, é de cantaria lavrada, com quatro entradas, e todas com escadas para se subir a ella, e com grades de ferro em redondo, tendo no centro um tanque, onde, dos seios de quatro estatuas de mulher, sáe a agua. Por cima, estava uma cupula, rematada por uma peanha, ou pedestal, sobre que assentava a imagem do Anjo da Guarda, conduzindo pela mão um menino, de jaspe. No lado S. da peanha, estava esta inscripção:

NO PACIFICO REINADO DE
EL-REI D. PEDRO II
ANNO 1700.

—

Já antigamente se havia tirado, proximo á nascente, outro annel d'agua, o qual corre para a estrada, e d'elle, depois de se utilisarem os visinhos, vão os sobejos para uma quinta proxima, por concessão feita pela camara aos seus proprietarios, em 1604.

Apezar de se terem tirado estes trez anneis d'agua, ainda a d'esta fonte era abundante. Tem um tanque para o gado beber n'elle, pelo lado de traz da fonte, e aqui (ao S.) esta inscripção:

REINANDO EL-REI D. PEDRO II.

e ao N., outra que diz:

O SENADO DA CAMARA D'ESTA NOTAVEL
E SEMPRE LEAL VILLA DE SETUBAL,
MANDOU FAZER ESTA OBRA NA ERA DE
1697.

—

Em 12 de março de 1760, deliberou a camara, nobreza e povo, que se pedisse a el-rei, para que, da imposição de 2 réis em cada arratel de carne, e com 40$000 réis annuaes, da meia imposição, se fizesse a obra do cano geral, que conduzia a agua da nascente de *S. Romão*, para esta e outras fontes, visto que o cano existente estava em total ruina; o que lhes foi concedido.

—

Para o bom governo do aqueducto, deu um *regimento*, o rei D. Manoel, a 11 de outubro de 1508, estando em Evora.

Depois, suscitando-se algumas duvidas a este respeito, as decidiu D. João III, por uma carta régia, tambem datada d'Evora, a 15 de outubro de 1535.

—

Ha em Setubal mais as seguintes fontes:

Fonte Nova, no largo a que deu o nome.

Em 1571, mandou o rei D. Sebastião lançar uma finta ao povo de Setubal, na importancia de 300$000 réis, cobravel em dous annos, para ser applicada á mudança e concerto da *fonte nova*.

Nasce a agua d'esta fonte, proximo ao *outeiro da Saude*, e d'ella vae um annel, para o recolhimento de Nossa Senhora da Soledade; e tambem — por canalisação subterranea — para o marco fontenario e chafariz que estão no passeio da praia do Trôino.

—

Fonte de S. Caetano, na rua d'este nome, que hoje é uma formosa alamêda.

Vem de uma nascente, perto tambem do outeiro da Saude, onde ha um grande deposito, com bomba, para extrahir agua, quando na estiagem não chega á fonte. N'esta se lê uma inscripção, que diz:

O SENADO DA CAMARA D'ESTA
MUITO NOTAVEL VILLA DE
SETUBAL, MANDOU FAZER
A OBRA D'ESTA FONTE, A' CUSTA
DOS BENS DO CONCELHO; A QUAL
SE ACABOU NO ANNO DE 1692.

Parece que no logar d'esta inscripção existiu antigamente outra, qué foi picada.

D'esta fonte, hia para o mosteiro dos carmelitas calçados, um annel d'agua, que no centro do mosteiro, corria de elegante pyramide, que hoje se vê no lago da praia do Troino.

—

Tem Setubal nove poços publicos:

1.º, 2.º e 3.º, nas Fontainhas.
4.º, no largo de S. João.
5.º, no largo do Concelho.
6.º, proximo da rua de S. Caetano.
7.º, no largo da Annunciada.
8.º, no fim da rua de S. Francisco.
9.º, no campo do Bom-Fim. (Este, foi aberto em 1839, e tem-se verificado que a sua agua tem qualidades therapeuticas muito efficazes para certas molestias.)

—

Templo de Neptuno

Já disse, quando tratei da fortaleza do Outão, quando e por quem foi achada uma estatua mutilada de Neptuno.

Era de marmore branco, e tinha no pedestal alguns versos em louvor d'esta divindade mythologica.

Depois, progredindo as escavações para assento dos alicerces da fortaleza, se descobriram as ruinas de um edificio que mostrava ser um templo, pelas muitas architraves, restos de columnas de fino marmore, e outras pedras muito bem lavradas, apparecendo no meio dos destroços, uma estatua de Neptuno, em bronze, perfeitamente esculpida, o que prova evidentemente, ter sido este edificio um templo, dedicado áquella divindade dos romanos.

Nas mesmas ruinas, foram encontradas algumas lapides, com inscripções latinas, que davam á serra da Arrabida o nome de *Promontorio de Neptuno*; e grande numero de medalhas, dos imperadores Vespasiano, Tito, e Adriano.

A maior parte d'estas antigualhas deu-as o superintendente das obras, Manoel da Silva Mascarenhas, a D. Pedro d'Alencastre, da casa ducal d'Aveiro, e arcebispo eleito de Braga.

A estatua de bronze, que era de tamanho natural, foi derretida, para ser transformada em peças d'artilheria d'aquella fortaleza!

Um escriptor distincto do seculo XVIII diz, com muita razão: «Barbaridade bastante, para dar a este promontorio—se já o não tivesse—o nome de *barbario.*» —(Os romanos tambem, como vimos, davam á serra da Arrabida o nome de *Mons Barbaricus.*—Vide *Arabriga*, *Arrabida*, e *Cabo do Espichel*. Vide tambem n'este artigo, o que digo da *Torre do Outão.*)

—

Segundo a mythologia, Neptuno era filho de Saturno e Cybele, e irmão de Jupiter. Nas partilhas do mundo, coube-lhe o imperio do mar. Casou com Amphitrite, mas teve grande numero de filhos bastardos, de mães differentes.

Foi banido do ceu, por ter conspirado contra Jupiter, e ajudou Apollo a edificar os muros de Troia.

Seu sceptro era um tridente; e seu carro, uma grande concha, tirada por cavallos, ou bois, marinhos.

Suas festas celebravam-se a 23 (outros dizem que a 28) de junho de cada anno, e eram concorridissimas, tanto que os estrangeiros, que a ella vinham, não cabendo em

Roma, se aquartelavam em grande numero de barracas de ramos, feitas em redor da cidade.

—

Setubalenses illustres[1]

(Escriptores)

1.º—*Agostinho Fernandes.* Escreveu lôas a diversos santos, e a *Relação lyrica do alarde de Nossa Senhora da Saude.* Falleceu em 1715.

—

2.º—*Alvaro José de Serpa Sotto-Maior* (militar.) Deixou manuscriptos—*Cartilha militar de infanteria,* etc.—e truduziu do francez, e publicou em dous tomos—*Memoria sobre o serviço de todos os dias, da infanteria.* Falleceu em 1739.

—

3.º—*André da Natividade* (frei)—franciscano da provincia da Arrabida. Escreveu—*Ceremonial ou Ritual para uso dos frades da provincia da Arrabida,* obra hoje rara. Nasceu em 1605, e falleceu no mosteiro de Alferrára, em 1684.

—

4.º—*André Rodrigues Caldeira* (medico.)—Escreveu o *Epigramma a Zacuto Lusitano,* que anda no tomo 1.º das obras de Zacuto.

—

5.º—*Antonio Bento Figueira.*—Escreveu *La Corona por justicia,* comedia—e *Varias poesias*—tudo inedito. Falleceu em 1713.

—

6.º—*Antonio Cabedo.*—Escreveu—*Varios versos latinos.* (Roma, 1587.)—Falleceu da edade de 25 annos.

—

7.º—*Antonio da Costa Cordovil*—doutor em theologia, pela universidade de Coimbra, freire de Palmella (da ordem de S. Thiago) e prior da freguezia (supprimida) de Nossa Senhora da Ajuda, de Setubal; mas, nos ultimos annos da sua vida, fez-se religioso franciscano, no mosteiro da Arrabida. Escreveu—*Trez sermões da Conceição da Virgem Nossa Senhora,* o *Sermão da Santissima Trindade* (prégado na egreja de S. Julião, de Setubal), e o *Tratado da Oração.* Falleceu em 1679.

—

8.º—*Antonio Rodrigues da Costa.*—Nasceu a 29 de dezembro de 1656. Era fidalgo da casa-real, do conselho de D. João V, e do ultramarino, official-maior da secretaria de Estado, secretario de embaixadas, e academico da Academia Real de Historia.—Escreveu:—*Embaixada que fez o excellentissimo conde de Villar-Maior (hoje marquez d'Alegrete) ao serenissimo principe Philippe Willelmo, conde palatino do Rin* (Reno) etc.—*De Vita et rebus gestis Nonni Alvaresii Pyreriæ* (o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira)—*Epistolæ ad Ex. ac. Sapient. Censores* (e mais onze cartas, que andam na *Collecção da Academia*)—*Conta dos meus estudos academicos* (no 3.º tomo da mesma *Collecção*)—*Justa Lusitanorum arma*—*Conversão d'el-rei de Bissau,* etc.; opusculo hoje raro—*Relação dos successos e gloriosas acções militares, obradas no estado da India,* etc.—*Epigramma latino, á morte do marquez de Távora*—*Epitomen Historiæ Lusitanæ* (até ao reinado de D. Fernando I)—e *Consulta do Conselho Ultramarino, a sua magestade.*

Falleceu em Lisboa, a 20 de fevereiro de 1732.

—

9.º—*Antonio de Setubal* (frei)—religioso franciscano, da provincia de Portugal.—Escreveu:—*Corôa de doze estrellas, da Virgem Maria, Senhora Nossa.* (Lisboa, 1632.) Apezar do titulo, só trata de *quatro estrellas.* É obra rara.

—

10.º—*Belchior Fernandes Soares,* doutor em direito civil, pela universidade de Coimbra, ouvidor e chanceller-mór das terras do ducado de Aveiro. Escreveu:—*Allegação*

[1] Peço desculpa aos meus leitores, por não collocar os varões illustres, naturaes d'esta cidade, por ordem chronologica. Isto dar-me-hia um trabalho insano, sem nenhum proveito para a historia de Setubal, pois que o essencial é mencionar todos os homens notaveis d'esta terra, de que pude haver noticia, agrupando-os em um só artigo.

de direito por o sr. D. Pedro, sobre a casa de Aveiro — Allegação sobre as pretenções de D. Diogo de Fáro (manuscripto) — e *Peculium omnis juris civilis* (manuscripto.)

Nasceu em 1608 e morreu em 1678.

—

11.º — *Cecilia Rosa d'Aguiar* — (Vide *Irmans Aguiar.*)

—

12.º — *Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda.* — Foi capitão do real corpo de engenheiros, e nomeado secretario geral do governo da India, em 1839 — redactor principal da *Bibliotheca familiar e recreativa.* — Escreveu: — *Memoria historico-descriptiva, das linhas que cobriram Lisboa em 1833* — *Collecção dos exercicios de artilheria* — *Instrucções com que el-rei D. José I mandou passar ao Estado da India, o governador e capitão-general,* etc. — e *Uma viagem de duas mil leguas.*

Dirigiu as obras da ponte do Livramento, como vimos no logar competente. Era homem de uma variada instrucção, e muito estudioso.

Nasceu em 25 de novembro de 1803, e falleceu em Lisboa, a 20 de março de 1845.

—

13.º — *Daniel dos Reis* (frei) — religioso franciscano. Escreveu: — *Preparação Evangelica-Hispanica, já revendicada;* anno de 1724 — *Auctarios a esta Preparação* — *Allegação apologetica da jurisdição do Provincial dos Algarves* — *Primordios do mosteiro de S. João, de Estremoz* — *Real disposição do infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manoel* — *Antilogia ácerca da Apologia que escreveu frei Manoel Mexia Fouto.* Tudo inedito.

—

14.º — *Egidio Gamboa,* thomarista. Escreveu: — *Oração funeral do senhor rey D. Pedro II;* Lisboa, 1707 — e, *Sermão dos ossos dos enforcados;* Lisboa, 1711. — Falleceu em 1715.

—

15.º — *Estevam de Liz Velho* (ou *Estevam Diniz Velho.*) — Foi capitão-tenente da praça de Sines e secretario da Academia Problematica de Setubal. Publicou a *Vida de S. Torpes* (Lisboa, 1746) obra muito interessante, pelas noticias historicas que contem, especialmente, com relação á villa de Sines — *Artilheiro instruido* — e *Micros-Cosmographia.*

Falleceu a 12 de julho de 1748, e foi sepultado na egreja da Misericordia, no jazigo dos seus ascendentes, que eram nobres.

—

16.º — *Francisco da Annunciação* (frei) — monge jeronymo, e visitador geral da sua ordem. Publicou o *Sermão de S. Luiz Gonzaga.* (Evora, 1730.)

—

17.º — *Francisco Eduardo de Santa Gertrudes Boino.* — Vide *Frei Severino de Santo Antonio.*

—

18.º — *Francisco José Monteiro Noio* (padre.) — Escreveu: — *Oração Academica Problematica* — *Poema amoroso de Lisoardo e Arminda* (inedito) — e varias lôas e comedias.

—

19.º — *Francisco José de Queiroz* (padre.) Escreveu e publicou: — *Oração academica no faustissimo nascimento da Serenissima Senhora Princeza da Beira.* — Lisboa, 1794.

Esta senhora (D. Maria Thereza de Bourbon e Bragança) era filha de D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon. Foi casada com o infante D. Pedro Carlos, filho de Carlos IV de Castella, e irmão de Fernando VII e Carlos V. — Ficando viuva, passou a segundas nupcias, com seu cunhado, o dito Carlos V.

Teve um unico filho do primeiro matrimonio, que foi o infante de Portugal e Castella, D. Sebastião, que falleceu, deixando filhos. A princeza da Beira e seu segundo marido, tambem são fallecidos.

—

20.º — *Francisco Manoel de Brito Mascarenhas.* Escreveu varias poesias, e nomeadamente, uma, á morte do seu patricio, Estevam de Liz Velho; e outra ao terramoto do

1.º de novembro de 1755. As suas obras foram impressas, sem designação de logar nem anno.

Nasceu em 1706, sendo baptisado a 11 de novembro d'esse anno. Não se sabe quando falleceu, mas tinha mais de 50 annos, pois ainda vivia em 1755, visto fallar do terramoto d'esse anno, como de cousa succedida no seu tempo.

—

21.º — *Francisco de Santo Ignacio Carvalho* (frei.) — Nasceu na freguezia da Annunciada, em 9 de setembro de 1770. Entrou na religião franciscana, da provincia do Algarve, deixando então o seu nome do seculo, que era Francisco Xavier de Carvalho.

Passado o anno do noviciado, foi mandado concluir os estudos, no collegio da sua ordem, em Coimbra, onde foi um estudante distinctissimo.

De Coimbra, foi para o mosteiro franciscano de Xabregas (Lisboa) onde foi guardião.

D'aqui foi transferido para diversos conventos da sua ordem, como era costume d'estes religiosos, e n'elles ensinou philosophia e theologia, chegando a ser eleito *custodio*, cargo monastico de muita distincção.

Recolheu-se ao convento franciscano proximo a Setubal, e ahi se dedicou á cultura das lettras, especialmente, da poesia.

Traduziu primorosamente varios hymnos religiosos.

Expulso do seu querido mosteiro, em 1834, foi viver para uma casinha, no bairro do Troino, em companhia de duas parentas velhas; e alli escreveu muito; porem, não se sabe o que, pois que fallecendo, as taes suas parentas, levadas pela necessidade, *venderam a pêso* quasi todos os manuscriptos d'este sabio religioso. Só escaparam as suas *Descripções enigmaticas, ou Divertidas advinhações*, etc., que o sr. Francisco Eduardo Gomes Cardim, natural de Setubal, fez imprimir, no Rio de Janeiro.

Todos os enigmas são em bonitos versos, que revelam uma grande doçura e suavidade, e são apropriadissimos.

Esta obra é precedida de uma rapida, mas commovedora biographia do auctor, escripta primorosamente pelo sr. Manoel Maria Portella, tantas vezes mencionado, com justo louvor, n'este longo artigo, para cujo complemento tanto concorreu.

N'esta biographia, diz o sr. Portella.

«Cançado de annos e de desgostos, acabou a vida, na terra onde teve o berço. Nem pedra raza, se quer, cobre as cinzas do philosopho moralista e poeta! No antigo cemiterio, situado junto aos fraguedos em que assenta a egreja de Nossa Senhora da Saude, jazem ellas, confundidas com muitas outras.»

«Não escapou ao destino de tantos varões, cujos nomes honram Portugal.»

«A morte, porem, não põe fim a tudo. A memoria do sabio não desapparece nas sombras do sepulchro.»

«A ingratidão apaga ás vezes a inscripção na lapide funeraria que lembra um nome illustre, e outras vezes, até lhe nega a inscripção e a lapide; mas a luz do genio não se extingue, e, por modo prodigioso, recorda sempre o que os homens pretendem esquecer.»

.....

«Foram seus paes, João Ignacio de Carvalho e Jacintha Ignacia, recebidos na egreja da freguezia de Nossa Senhora da Annunciada, de Setubal.»

«Fez diversas traducções do latim, e entre ellas, a dos hymnos do *Breviario Romano*, e *Sequencia de defunctos*, para verso portuguez.»

.....

«Em algumas das suas poesias intimas, que guardava com o maximo recato, revelou, com quanta propriedade sabia exprimir os sentimentos que actuam nas almas juvenis.»

«Quasi todas estas composições são do anno de 1795, e datadas de Coimbra. Na ultima pagina do livro em que ellas estão compendiadas, lê-se um verso, escripto pelo seu auctor, em 1835, quarenta annos depois que o seu estro as havia produzido, que semelha uma inscripção funebre, repassada de tristeza. É notavel a confrontação que assim se vê, do passado com o presente, do mesmo homem!»

«Hontem, as illusões, as esperanças — hoje, a verdade e o desengano. Hontem, a lyra dos affectos, das inspirações deleitosas, vibrando em suas mais gratas harmonias — hoje o alaúde casando os sons pausados, com a elegia lugubre.»

.....

«Na cella que habitava, no já mencionado convento de S. Francisco, de Setubal, havia tantas pequeninas casas para canarios, quantas são as letras do alphabeto. Quando a luz do sol penetrava n'aquelle recinto, as mimosas aves, entoavam o canto matinal, e ao som d'elle, despertava o seu amigo e companheiro, sentindo na alma de poeta, extravazar o jubilo.»

«Era singelamente formoso, o pequeno jardim que elle cultivava, em frente da capella de magnifico marmore, que ainda se vê proxima do alludido convento».

.....

«Aos 85 annos de edade, no dia 1 de julho de 1856, expirou frei Francisco de Santo Ignacio Carvalho, apagando-se a luz do espirito, d'aquelle que, se não pôde elevar-se á altura dos primeiros engenhos, mereceu, comtudo, logar honroso entre os cultores das lettras».

—

22.º— *Francisco dos Santos* (frei).—franciscano, na India. Escreveu — *Relação da viagem da náu S. Gonçalo, e de como se perdeu.* Escreveu tambem, um *Compendium Universæ Philosophae.* Viveu no seculo XVII.

—

23.º—*Gonçalo Mendes de Vasconcellos Cabêdo*, lente da universidade de Evora, doutoral e deputado da Inquisição da mesma cidade. Escreveu varias obras, em latim, sendo uma, sobre antiguidades de Portugal, e outra ácerca da rainha Santa Isabel. Falleceu em 1604.

—

24.º— *Gonçalo Pinheiro* (D.)—filho de João Pires e D. Leonor Rodrigues Pinheiro. Neto paterno, de Affonso Fernandes, secretario da rainha D. Philippa, mulher de D. João I, (vide *Sacavem)*— e materno, de Gonçalo Rodrigues, cavalleiro de D. João II.

Formou-se na faculdade de canones, na universidade de Lisboa. [1] Passando á de Salamanca, alcançou tão grande nome de lettrado, que, antes de ter o gráu de doutor, foi admittido como collegial, no famoso collegio de S. Bartholomeu.

Regressando a Portugal, obteve alguns beneficios, em que o apresentou o duque de Bragança, D. Jayme. Ganhou, por concurso, uma cadeira de conego da Sé archiepiscopal d'Evora, da qual tomou posse, em 18 de junho de 1533. Depois a renunciou em seu sobrinho, Diogo Mendes de Vasconcellos.

D. João III, nomeou a D. Gonçalo Pinheiro, seu desembargador, e bispo de Çafim, sendo, pouco depois, enviado pelo mesmo monarcha a Bayona, para compôr a discordia que existia então, entre Portugal e França, por causa de algumas prêsas, feitas entre as duas nações; o que conseguiu.

Em 1543, sendo bispo eleito de Tangere, recebeu em Medina del Campo (Hespanha) uma carta de D. João III, na qual o nomeava embaixador á corte de França, onde teve

[1] A universidade, hoje estabelecida em Coimbra, foi fundada pelo rei D. Diniz, em 1288, no sitio da *Pedreira*, á *Porta da cruz*, no alto da rua dos Remedios, freguezia de Santa Engracia, no Bairro d'Alfama (hoje oriental) em Lisboa.

Em 1308, o mesmo soberano, a mudou para Coimbra, para um palacio real que havia na rua da Sophia (e que era o Supremo Tribunal de Justiça, depois que os nossos primeiros reis mudaram d'aqui, para os paços reaes do Burgo de Santa Clara). Depois, esteve a universidade no mosteiro de Santa Cruz, da mesma cidade de Coimbra, e o palacio da Sophia passou a ser tribunal da Inquisição.

Em 1375, D. Fernando I, torna a mudar a universidade para Lisboa, para o sitio ainda hoje chamado *Escolas Geraes*, freguezia de S. Vicente de Fóra, tambem no bairro d'Alfama.

Em 1539, D. João III, tornou a transferir a universidade para Coimbra, mandando então construir para este fim, dous grandes collegios, um de cada lado da egreja de Santa Cruz. Tambem por essa occasião, esteve no collegio de S. Paulo, e foi o mesmo D. João III que lhe deu os seus *paços do Alcaçar*, no alto da cidade, no *Bairro-Alto*, para alli se estabelecer definitivamente a universidade, que é onde hoje se acha.

de *Francisco II, e de seu filho, Henrique*[1] as maiores demonstrações de estima.

Voltando ao reino, occupou o cargo de desembargador do paço, para o que foi nomeado, por carta regia, de 14 de novembro de 1548. Finalmente, feito bispo de Viseu, tomou posse d'esta diocese, em 1553, ainda no reinado de D. João III.

Cuidou com grande zêlo na reforma e illustração do clero do seu bispado, e organisou e fez publicar, em 1556, as *Constituições synodaes do bispado de Viseu*. Reformou os

[1] Vou extrahindo estas rápidas biographias da *Memoria sobre a historia de Setubal*, mas tenho obrigação de não deixar passar sem as competentes rectificações, os anachronismos, ou quaesquer êrros que se encontram n'aquella obra, aliás de merecimento incontestavel; mas — *aliquando dormitat Homerus*.

Aqui pois, ha um êrro que não devo deixar passar. Francisco II, de França, reinou desde 1559 até 1560. Era filho primogenito de Henrique II. Como se vê, só reinou um anno; mas, acabrunhado por enfermidades precoces, era apenas rei *in nomine*, pois toda a auctoridade real foi exercida por sua mãe, a rainha Catharina de Médicis (viuva de Henrique II) e por o duque de Guise. Casou com a infeliz Maria Stuart, rainha da Escocia, que mais tarde, sua prima, a rainha Isabel, de Inglaterra, fez degolar. Mas Francisco II, *não teve nenhum filho*, e morreu na edade de 17 annos.

Não foi pois Francisco II, mas Francisco I, seu avô, que reinou desde 1515 até 1547, o que recebeu o nosso D. Gonçalo Pinheiro; e o filho Henrique, de que falla o auctor da *Memoria*, era o delfim (filho primogenito) de Francisco I.

Francisco I, duque d'Angouleme, tinha casado com a filha unica de Luiz XII, e de sua mulher, que era viuva de Carlos VIII. Era o duque de Angouleme, o primeiro principe de sangue, em França, e, por morte de seu sogro, Luiz XII, herdou a corôa, sendo o 4.º ramo dos Capétos, e 2.º ramo dos Valois.

Francisco I foi um rei inclinado á guerra e ás conquistas. Logo em 1515, primeiro anno do seu reinado, obteve uma grande victoria contra os suissos, que defendiam o Milanez, na famosa batalha de Marignan, que foi a causa da paz de Fribourg (a que se deu o nome de *paz perpetua*, porque a Suissa foi sempre, depois d'isso, alliada de França). Fez com o papa Leão X, a concordata de Bolonha; e o tratado de Noyon, com Carlos d'Austria, herdeiro presumptivo de Fernando o Catholico.

As suas rivalidades com Carlos V (pae de D. Philippe II de Castella) foi causa de longas e continuas guerras, que desolaram a Europa. Carlos V, archiduque d'Austria, já rei de Hespanha e das Indias, foi eleito imperador da Allemanha, titulo que Francisco I da França tambem ambicionava. Em desforra, quiz reconquistar o Milanez, que Carlos V lhe tinha usurpado, e, tornando á Italia, atacou os imperiaes, em frente de Pavia, (1525) mas foi feito prisioneiro, e só poude obter a liberdade, sob condições durissimas. Não se cumprindo o tratado de Madrid, recomeçou a guerra, e, depois de varias alternativas, o rei de França foi obrigado a assignar a paz de Crépy.

Francisco I, morreu em 1547. Suas qualidades foram mais brilhantes do que sólidas; mas foi um sollicito protector das artes e das lettras, e o fundador do *Collegio de França*. Foi por isto que a Historia o cognominou *Pae das Lettras*.

Succedeu-lhe o delfim, seu filho, Henrique II (o tal Henrique que a *Memoria* diz ser filho de Francisco II, isto é, filho do seu filho I) que reinou desde 1547 até 1559. No seu reinado continuaram as guerras com Carlos V, porém com mais felicidade para os francezes do que no tempo de Francisco I. Henrique II, conquistou em pessoa, Metz, Toul, e Verdun, que Carlos V tentou de balde reconquistar. Este monarcha abdicou em 1555, mettendo-se no mosteiro de S. Justo (onde passou o resto dos seus dias a concertar relogios) depois de ter deixado a corôa de Castella, a seu filho, o tristemente celebre Philippe II *(o Diabo do Meio-dia)* o usurpador da coroa de Portugal, em 1580 — e a seu irmão o imperio da Allemanha.

Os inglezes tinham declarado guerra a Henrique II, e ganhado a batalha de S. Quintino, que lhe abria as portas de Paris (1558); mas o duque de Guise, vôa a suspender a marcha victoriosa dos inglezes, e lhes toma, em oito dias, a cidade e fortalezas de Calais, que estava em poder dos inglezes, desde 1345. A paz de Chateau-Cambrésis, foi a consequencia d'este brilhante feito d'armas.

Em um torneio, dado pela occasião do restabelecimento d'esta paz, foi Henrique II ferido mortalmente, fallecendo d'este ferimento, em 1559.

estatutos do cabido, e adoptou outras muitas e acertadas providencias. [1]

Tomou parte no Concilio de Trento, principiado pelo papa Paulo III, em 1535, e concluido por Pio IV, em 1563, ultimo anno do seu pontificado, no qual succedeu S. Pio V.

Aqui tambem não é exacta a *Memoria*, dizendo que este concilio teve principio em 18 de janeiro de 1562. Já tinha principiado 27 annos antes, e durou 28 annos, no tempo de cinco pontifices—Paulo III, Julio III, Marcello II, Paulo IV, e Pio IV.

Este concilio teve por objecto, destruir os êrros dos heresiarcas Lutero e Calvino, e decretou, além d'isso, muitas leis ecclesiasticas e outras praxes, para o bom governo do catholicismo.

No synodo que convocou em 1555, promulgou varios decretos, tanto para a administração dos sacramentos, como para a reforma do clero do seu bispado de Viseu.

Em 1561, fez, com o seu cabido, os *Estatutos da Sé de Viseu*, nos quaes se reformaram e ampliaram os estatutos feitos na era de Cesar 1342 (1304 de J. C.) no tempo do bispo D. Egas.

No livro de apontamentos do cabido, de 1561 para 1562—no—*Dia de segunda-feira, 2 de março*, se lê a nota seguinte:

«Hoje veio o sr. Bispo ao Cabido, e fez jurar e assignar os Estatutos, e assim, se ordenou que, da Paschoa per diante, se guardassem, por alguns senhores os não terem ainda visto. Começou logo a visitar o Cabido, e, no mesmo dia, se assentou, perante o dito Senhor, que os ausentes os assignassem e jurassem».

Era então apontador, Braz Garcia.

Ainda hoje existem as magnificas obras que este prelado mandou fazer.

Deu principio á capella da Cruz, nos claustros, que destinava para seu jazigo, mas não teve tempo de a concluir, o que fez seu sobrinho, Miguel Quevêdo, filho de sua irmã, Thereza Pinheiro, que veio a Viseu derramar lagrimas sobre a sepultura de seu tio, o que consta da inscripção latina, que já mal se póde ler, á entrada da referida capella, porque o tempo tem apagado parte d'ella.

Fez as escadas de pedra que vão para o *côro alto*, como se vê das suas armas, que estão no tecto do ultimo lanço.

No collegio, contiguo á Sé, e tambem residencia dos bispos, fez o claustro, junto ás varandas, e outras obras.

Em Fontêllo, fez parte do paço episcopal; e na sua ermida de S. Jeronymo, como consta da sua inscripção em grêgo, que traduzido em vulgar, diz:

A JERONYMO EREMITA, DEDICOU
GONÇALO PINHEIRO

Reformou algumas estancias, e o portico á entrada da carreira que se dirige ao paço episcopal, onde se lê uma inscripção latina, com a data de 1565.

Foi muito sábio nas linguas grega, hebraica e latina; aprendendo a 1.ª em Bayona; a 2.ª, em Paris; e a 3.ª em Lisboa. Foi tambem muito entendido em geometria e astronomia.

Fez muitas e importantes obras, na cathedral de Viseu, e no collegio que lhe fica contiguo.

Falleceu de morte repentina, a 14 de novembro de 1567, com 77 annos de edade, o que causou uma consternação geral no bispado, porque era estimado e respeitado, pelas suas virtudes, por todos os seus diocesanos.

Foi sepultado em uma campa raza, á entrada da capella-mór da Sé, sob o estrado, onde foram gravadas as suas armas, com a inscripção seguinte:

AQUI JAZ D. GONÇALO PINHEIRO,
BISPO DE VISEU, DO CONSELHO DE
EL-REI NOSSO SENHOR. 1567. [1]

[1] Estas *Constituições*, foram concluidas a 28 de maio, de 1556, e no mesmo anno impressas em Coimbra.

[1] Na mesma sepultura, já foram enterrados mais dous bispos—D. frei José do Me-

—

Diogo Mendes de Vasconcellos, seu sobrinho, escreveu, na lingua latina, a vida d'este virtuoso prelado.

D. Gonçalo Pinheiro, concorreu muito para que Luiz de Camões sahisse do *tronco*, onde estava preso, por ter ferido no pescoço, a Gonçalo Borges, creado de D. João III.

O poeta, pagou ao bispo, com um soneto, que vem a paginas 95 do 2.º tomo das suas obras, colleccionadas pelo sr. visconde de Juromenha.

—

25.º — *Gregorio de Freitas.* — Escreveu muitas obras com respeito a sua terra natal; entre ellas, as seguintes, que foram as principaes — *Catalogo dos sujeitos naturaes de Setubal, Historia da Academia Problematica de Setubal, Historia da villa de Setubal* — e *Familias de Setubal.*

Todas estas obras ficaram ineditas e se desencaminharam, o que foi certamente uma grande perda para a historia d'esta cidade.

Tinha uma excellente livraria, que, segundo parece, foi comprada, depois da sua morte, por D. Thereza de Mello Breyner, condessa do Vimieiro. Por fallecimento d'esta senhora, o famoso D. Frei Manoel do Cenaculo Villas-Boas, bispo de Beja, e, depois, arcebispo d'Evora, comprou esta livraria.

O fallecido bibliographo, Innocencio Francisco da Silva, diz que nenhum dos manuscriptos de Gregorio de Freitas, foi encontrado na bibliotheca d'Evora, onde era de suppor que deviam existir.

Gregorio de Freitas nasceu a 9 de maio de 1701. Era filho de Leandro de Freitas e Domingas dos Santos.

—

26.º — *Irmans Aguiares* — cognominadas as *trez graças de Setubal* — Chamavam-se — *Cecilia Rosa* — *Luisa Rosa* — e *Isabel Iphigenia.*

Eram filhas de Manoel José d'Aguiar e de Anna Joaquina d'Almeida.

Foram todas trez actrizes, no theatro do *Bairro-Alto*, de Lisboa. (Vide 4.º vol., pag. 195, col. 2.º)

Luisa Rosa foi a que mais se distinguiu na carreira dramatica, tanto em Portugal, como em toda a Europa.

Cecilia, que nasceu a 23 de agosto de 1746, *fez o seu debute*, em 1765, no papel de *Ignez de Castro*. Desde 1771, não se sabe em que empregou a sua vida; apenas se sabe que, em 1777, morava na freguezia de São José, em Lisboa.

Isabel Iphigenia, nasceu a 5 de novembro de 1750. Em 1770, apparece com suas irmans, Cecilia e Luiza, cantora de operas. Em 1771, casou com Joaquim d'Oliveira, cantor da Sé Patriarchal. Parece que não tornou a representar depois de casada.

Falleceu depois do anno de 1822, deixando uma filha, que casou com João Evangelista Torriani, tenente coronel de engenheiros, e academico e pianista insigne.

Luiza, nasceu a 9 de janeiro de 1753, e casou em 1769, com Francisco Xavier Todi, rabequista da real camara, e do theatro do Bairro-Alto, por isso se chamou *Luiza Todi.* Depois de ser admirada em Lisboa, como actriz sublime e inspirada, resolveu percorrer a Europa, onde colheu brilhantes louros. Em Madrid, foi-lhe destinado um quarto, no palacio de Aranjuez. Em Paris, tomou parte nos *concertos espirituaes.* Em Postdam, cantou, em allemão, diante de Frederico II, n'uma festa da côrte. Em Vienna, a familia real a recebeu no seu palacio, para a ouvir. Na Russia, a *famosa* imperatriz Catharina a convidou para professora das princezas.

O eleitor de Colonia, pôz á disposição de Luiza Todi as suas brilhantes equipagens, e a convidou para os seus banquetes. Na Italia, a patria da musica, é ouvida com geral admiração.

Regressando a Lisboa, em 1792, tomou parte nas festas da côrte, por occasião do nascimento de D. Maria Thereza de Bourbon e Bragança, princeza da Beira, filha do principe regente (depois D. João VI) e de D. Carlota Joaquina, sua mulher. (Vide a 19.ª bio-

nino Jesus, fallecido a 13 de janeiro de 1791 e D. Francisco Alexandre Lobo, fallecido em Lisboa, a 9 de setembro de 1844, e aqui sepultado em 19 de dezembro do mesmo anno. Em um fecho de pedra, ao lado da campa, se gravou uma inscripção, declarando isto mesmo.

graphia — *Padre Francisco José de Queiroz).*

Parte novamente para Hespanha, e, em Madrid, foi precizo abrir as portas do theatro, para que a multidão agglomerada na rua a podesse ouvir. Um ou dous annos depois, regressou a Lisboa, d'onde não tornou a sahir, e alli morreu, céga, no 1.º de outubro de 1833.

Em 1872, J. Ribeiro Guimarães, redactor do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, publicou um opusculo intitulado — *Biographia de Luiza d'Aguiar Todi*, com o retrato e o *facsimille* d'esta illustre cantora, da qual dá mais amplas noticias. O producto d'esta obra foi destinado ás bisnetas d'ella, filhas de Francisco Xavier Todi.

O brinde que o ECCO MUSICAL offereceu aos seus assignantes, em janeiro de 1874, intitula-se — MAESTROS PORTUGUEZES E A CANTORA, LUIZA D'AGUIAR TODI. É uma primorosa collecção de excellentes photographias. No centro, está esta afamada cantora setubalense.

Em torno da photographia de Todi ha 16 medalhões com retratos de musicos notaveis. Os cinco da parte superior são: *José Soares, Marcos Portugal, D. João IV, José Marques, e J. D. Bomtempo;* os cinco da parte inferior são: *R. Ferreira da Costa, Santos Pinto, Xavier Migone, J. Casimiro Junior, padre J. S. Serrão;* os tres do lado direito são: *Sá Noronha, visconde de Arneiro, Guilherme Cossoul;* os tres do lado esquerdo são: *Miguel Angelo, J. G. Daddi, e Monteiro d'Almeida.*

—

27.º — *Isabel Iphigenia d'Aguiar* — Vide *Irmans Aguiares.*

—

28.º — *Jacintho da Silva de Miranda* — Nasceu a 16 de agosto de 1701. Foi bacharel em direito canonico. Publicou varias *Allegações de Direito*, e uma *Oração Problematica.* Deixou algumas obras manuscriptas, entre ellas — *Tratado do Fogo* e *Orações Academicas.*

29.º — *João de Brito de Mello* — fidalgo da casa-real, e provedor da alfandega de Setubal.

Pela muita affeição que tinha aos frades arrabidos, e com permissão d'elles, se propôz escrever uma chronica perfeita, mas apenas deixou colligidas algumas noticias, extrahidas da obra de frei Luiz da Ascenção, e outras, coordenadas com regularidade, e expostas com eloquencia.

—

30.º — *João Pinheiro* (frei) — Nasceu em 1521. Foram seus paes, Jorge de Cabêdo (fidalgo da casa dos infantes, D. Pedro e Dom Fernando, filhos de D. João I e da rainha D. Philippa) [1] e Thereza Pinheiro, irman do bispo de Viseu, D. Gonçalo Pinheiro.

João Pinheiro foi para Bordeus, acompanhado pelo seu respeitavel preceptor, o padre Alvaro Bernardo (tambem setubalense) e n'aquella cidade completou o curso de humanidades, na famosa academia, regida pelo doutor André de Gouveia, portuguez, nascido em Beja.

Depois, cursou a jurisprudencia em Tolosa, e ahi, no convento de S. Domingos, tomou o habito da sua religião, continuando

[1] D. Pedro, foi tio e sogro de D. Affonso V, e regente do reino, na menoridade de seu genro. Era o duque de Coimbra. Vide *Alfarrobeira* (a 2.ª) — D. Fernando, o mais novo dos irmãos, era mestre da ordem d'Aviz. Passando á Africa, com seu irmão, D. Henrique (o de Sagres) na intenção de conquistarem Tanger, foram reduzidos á ultima extremidade em Ceuta, por um formidavel exercito de mouros. Os infantes pedem uma suspensão d'armas, e os mouros, a praça de Ceuta. D. Henrique, vem a Portugal, para propor a convenção. O rei D. Duarte, irmão dos infantes, convoca cortes em Leiria (1437) para se decidir sobre este objecto. As côrtes oppõem-se á entrega de Ceuta, opinião tambem seguida pelos dous infantes: só o rei queria dar a praça em troca da liberdade de seu irmão D. Fernando, que tinha ficado em refens, na Africa, onde morre no captiveiro, vindo só para Portugal o seu cadaver (1473) em troca de mouros captivos. A Historia deu a D. Fernando a cognominação de *Infante Santo.* E, com effeito, os mouros, na intenção de obterem a entrega da praça de Ceuta, pelo seu resgate, praticaram contra elle toda a casta de humilhações e crueldades, que o infante soffreu com a maior resignação, preferindo morrer escravo, á entrega de uma cidade forte, que tanto sangue portuguez tinha custado, e cuja posse era de tanta importancia para Portugal.

a seguir os estudos superiores, que concluiu com muita distincção, tomando o grau de doutor em theologia, pela universidade de Paris.

D. João III, o convidou para reger a cadeira de *vesperas*, na universidade de Coimbra, onde acabava de estabelecer todas as faculdades. Tomou posse da cadeira, a 23 de março de 1558, e a occupou com geral admiração.

Chamaram-lhe *Pae da lingoa latina*, pela perfeição com que a escrevia e fallava.

Desejoso de viver retirado, deixou Coimbra e recolheu-se ao mosteiro da sua ordem de Villa Nogueira (Azeitão) onde se dava alternativamente ás praticas religiosas e ao exercicio das lettras e sciencias.

Estando D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu, e seu tio, cançado pela edade e prostrado pelas doenças que ella traz, o rei Dom Sebastião nomeou frei João Pinheiro, para tomar parte nas sessões do Concilio de Trento.

De Villa Nogueira, partiu, *a pé*, chegando a Roma muito doente, e alli falleceu, a 2 de março de 1562, tendo apenas 39 annos de edade.

Foi sepultado no mosteiro de Minerva, onde passára os ultimos dias da sua vida, e jaz ao pé do cardeal Thomaz Caetano, tambem dominico.

A obra mais notavel de frei João Pinheiro, tem o titulo de—*Comment. in S. Script.*, que não chegou a publicar-se, e se perdeu. Consta porem que era um livro de grande merecimento.

—

31.º—*João Sardinha Mimoso*—Escreveu a *Relacion de la tragicomedia de los Padres de la Companhia, etc.* (Lisboa 1620).

Falleceu em 1644.

—

32.º— *D. Joaquim de Santa Anna Carvalho.*—Nasceu em 1755. Foi doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra, eremita de S. Paulo, da congregação da Serra d'Ossa, e depois, freire conventual da ordem de Christo, prior da freguezia da Ventosa, e, em 1819, bispo do Algarve, resignando a mitra, em 1823.

Exerceu varias commissões de serviço publico, e foi socio da Academia Real das Sciencias.

Publicou no «Jornal de Coimbra», o *Exame critico da censura de mr. Linck, sobre a estatua equestre, do senhor rei D. José I*, e *Pastoral, dirigida ao cabido, clero e povo da diocese do Algarve, despedindo-se, depois de haver resignado o bispado.* (Lisboa 1823).

Falleceu em Lisboa, a 2 de janeiro de 1833.

Na Bibliotheca Nacional, ha um retrato d'elle, de corpo inteiro.

—

33.º—*Joaquim Silvestre Serrão*—filho de Antonio Leocadio Serrão e de D. Anna Luiza da Conceição, nasceu em Setubal a 16 de agosto de 1801. Depois de cursar os estudos preparatorios para o ministerio ecclesiastico, a que se destinava, pronunciou-se-lhe mais e mais a vocação decidida, e talento admiravel para a arte da musica, cujos primeiros ensinos obteve do padre Jose Julio de Almeida, mestre de capella em Setubal, proseguindo no conhecimento das regras de harmonia, em que foi perfeitamente instruido pelo afamado contra-pontista Athanazio José da Fonseca, insigne tocador de diversos instrumentos, principalmente de arco.

O seu merito artistico manifestava-se cada vez mais explendido, e grangeava com elle glorioso renome e excessivos applausos.

Na idade de 18 annos fez um brilhante exame na presença de conspicuos professores, e foi preferido, com muita distincção, entre outros concorrentes, para o logar de organista do convento dos freires da ordem de S. Thiago da Espada, na villa de Palmella.

Provido n'aquelle logar, o foi tambem no de mestre de capella do dito convento, onde professou da idade de 19 annos, depois de obter a honra de unanime vocação para isso.

No referido convento tomou ordens de presbytero, e, cercado da geral estima, a que lhe davam direito o seu alto merecimento, como eximio professor na sublime arte da musica, e as suas nobres qualidades individuaes, ali viveu até ao anno de 1834, em que foram extinctas as ordens religiósas em Portugal.

Transferiu-se então o padre Serrão para Lisboa, amargurado profundamente, por se vêr assim esbulhado d'aquelle recinto, onde, no remanso da paz, se dava á pratica dos exercicios do seu ministerio e ao cultivo da sua arte querida.

A magua que o affligiu ensombrou-lhe o espirito, e não raro dava mostras de tal desanimo, que chegava a inspirar sérios receios a seus amigos.

Recusou aceitar o logar de organista da sé patriarchal, que lhe foi offerecido; fugia ao convivio ainda das pessoas máis distisctas, que lhe offereciam suas attenções, e chegando a sentir affectada a sua saude, resolveu-se, por conselho da medicina, a transferir-se para a ilha de S. Miguel.

Em fevereiro de 1841 chegava á dita ilha, e alli estabeleceu residencia na cidade de Ponta Delgada, onde então habitava um seu prezado amigo e distincto pianista, Antonio Maria Eduardo Fuschini. Ali desenvolveu e aperfeiçoou o gosto pela musica em grande parte da mocidade culta.

O bispo D. frei Estevam, que muito estimava o padre Serrão, e lhe apreciava o talento musical, para o que lhe não faltava competencia, lhe deu o logar de organista na matriz d'aquella cidade, e o proveu na capellania do recolhimento de Santa Barbara, cargos que exerceu, com a maior dignidade, até ao anno de 1868; não podendo continuar no desempenho d'elles por effeito de uma cruel paralysia. Perdendo o movimento da mão direita, adestrou a esquerda no exercicio da escripta, e assim dispoz ainda diversas peças de musica de sua composição, impellido a isto pelo amor da arte e dedicação ao trabalho, pois era caracteristico n'elle o desinteresse, e portanto não compunha musica para vender.

As peças de musica sacra do padre Joaquim Silvestre Serrão são numerosas e tidas como de elevado merecimento por juizes autorisados, especialisando-se entre ellas as que compoz para: officio da semana santa, matinas de Nossa Senhora da Conceição, matinas dos Sagrados Espinhos, matinas do Espirito Santo, motetos de Santa Philomena, de Santa Cecilia, do Santissimo Sacramento, de S. José, Tota Pulchra e ainda outras.

O padre Manuel José Pires, que recitou a homilia funebre nas exequias do illustre maestro setubalense, e que lhe descreveu primorosamente os traços biographicos, como patenteou em bellas fórmas o seu relevante merito artistico e as virtudes que o ennobreciam, como sacerdote e como cidadão, expressa-se nos seguintes termos com respeito a uma das mais notaveis peças de musica profana compostas pelo padre Serrão:

«*Os alliados na Criméa*, producção de extraordinario merecimento, divide-se em duas partes musicaes, tocadas cada uma de per si; produzindo maravilhoso effeito, e desempenhadas simultaneamente arrebatam-nos de diversa e não menos maravilhosa impressão.

«N'este parto sublime de sua imaginação dá o sr. padre Serrão uma idéa do accordo e intelligencia com que os exercitos francez e inglez se houveram n'aquelle ponto da Russia, conservando, todavia, perfeita independencia em seus movimentos militares. Esta peça mereceu a admiração de nacionaes e estrangeiros, sendo grandemente elogiada em Paris».

N'aquella cidade, em optima lithographia, de que possuo uma reproducção, figura, entre diversos retratos de maestros portuguezes, o do padre Joaquim Silvestre Serrão, e no centro d'elles está o da famosa cantora Luiza d'Aguiar Todi, tambem natural de Setubal.

A referida gravura foi executada por iniciativa do benemerito portuguez e dedicado amador de musica visconde da Praia.

A morte do padre Serrão, succedida na referida cidade de Ponta Delgada, em 2 de janeiro do corrente anno, produziu geral sentimento, o qual, como a estima de que o finado gozava, se traduziram nas muito solemnes exequias, em que tomou parte grande concurso de pessoas de todas as classes, orando o dito padre Manuel José Pires, que fez um magnifico discurso. São d'elle ainda as seguintes palavras, com que termino esta breve noticia biographica do meu nobilissimo conterraneo:

«Distincto como sacerdote, não menos o era como cidadão, e mais ainda como amigo. D'elle podemos dizer o que um grande ornamento da tribuna christan dizia d'um grande vulto: «não tinha elle essa affabilidade artistica que lisongeia enganando; nem esse riso facil que revela frivolidade, se não cousa ainda peior; nem essas maneiras estudadas, que até incommodam. Era accessivel para todos, bem vindo para todos, cortez para todos, sem calculo, sem estudo, sem pretensões. Tinha a humildade no coração, onde é a sua verdadeira séde!»

«Seu trato delicado merecera-lhe estima, tanto no convivio dos grandes, onde, pela profusão de seus conhecimentos, occupava não indifferente logar, como no santuario das familias, onde se houve sempre com venerando respeito e não vulgar circumspecção, como no meio dos filhos do povo, a quem amava fraternalmente. Foi sabio, e não teve os emulos que, sempre corroidos pela inveja, cospem no talento! Baixado ao tumulo, é ainda grande o seu nome, immortal o seu louvor».

Julho de 1877.

Manoel Maria Portella.

(Extrahido da *Gazeta Setubalense*, n.º 425 e 426, de 15 e 22 de julho de 1877).

—

34.º—*Jorge de Cabêdo*—Doutor em canones, pela universidade de Coimbra, desembargador e chanceller da casa da supplicação; depois, desembargador do paço e chanceller mór do reino. Cavalleiro e commendador de varias ordens, guarda-mór da Torre do Tombo, etc.

Escreveu sobre jurisprudencia, em latim, e foi um dos compilladores das *Ordenações do Reino.*

Suppõe-se que falleceu a 2 de março de 1602.

—

35.º—*José de Faria Arraes*—Escreveu comedias e lôas; e um poema, sobre a fundação do gigantesco edificio de Máfra.

Falleceu em 1734.

—

36.º—*José de Jesus Maria* (frei)—religioso arrabido.

Escreveu sobre a arte poetica e rhetorica, uns tratados que, segundo se vê do *Summario da Bibliotheca Lusitana*, ficaram manuscriptos.

—

37.º—*José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos*—Nasceu a 19 de março de 1721. Foram seus paes, João Soares de Brito, administrador do mórgado dos Soares, de Setubal, D. Isabel Apollonia Thereza de Seixas; ambos descendentes de familias illustres.

Seguiu, a principio, a carreira militar, que abandonou para hir fazer uma viagem ao estrangeiro, para se instruir. Sahiu para Londres, e d'ahi foi para Paris, onde se demorou alguns annos, dedicando-se ao estudo das sciencias naturaes e mathematicas; especialmente, á astronomia.

Sobre estas sciencias, escreveu muitas obras, em francez.

Voltou a Portugal, em 1761, e foi, n'esse mesmo anno, nomeado secretario da embaixada de Paris; mas, desgostos que teve com o respectivo embaixador, fizeram com que abandonasse a carreira diplomatica, e veio residir na villa de Cezimbra, onde viveu na solidão do estudo, até ao seu fallecimento, que foi a 2 de novembro de 1793.

Foi socio das academias de Lisboa e Berlim, e correspondente da de Paris.

Nas *Memorias* da nossa academia, andam algumas composições suas, em portuguez, merecendo especial menção a—*Memoria sobre os grandes beneficios do sal commum em geral, e, em particular, do sal de Setubal, comparado experimentalmente com o de Cadix, etc.*—(Tomo 1.º, das *Memorias Economicas*).

(Veja-se a *Bibliotheca Lusitana*, do abbade D. de Barbosa Machado, e o 1.º volume das *Obras*, de Garção Stockler, pag. 189 a 224).

—

38.º—*José Luiz Soares Barbosa*—Nasceu a 29 de setembro de 1728. Foi pae do famoso *Manoel Maria Barbosa du Bocage.* Era bacharel em canones, pela universidade de Coimbra, e advogado em Setubal.

Publicou um *Epicedio que na morte do*

reverendo padre José de Faria e Sousa, fez, um seu amigo, explicando a sua dôr, n'esta elegia.

—

39.º—*José Pereira da Costa* (padre)—Escreveu e publicou (em 1733)—*Convite espiritual, etc.*—e *Jardim doutrinal.*

—

40.º—*José da Purificação* (frei)—religioso dominicano, do mosteiro de Villa Nogueira, de Azeitão, onde professou, a 19 de março de 1619.—Foi mestre de theologia, na sua ordem, e academico da Academia Real de Historia. Deixou impressos, dous sermões, e—*Catalogo dos mestres e administradores da illustre e antiquissima ordem de Aviz*—e *Contas dos meus estudos academicos*, que andam na *Collecção dos documentos e memorias da Academia Real de Historia.*

Falleceu no mosteiro de S. Domingos, de Lisboa, a 30 de março de 1746, com 73 annos de edade, pois tinha nascido, em 1673.

—

41.º—*Luiza Rosa d'Aguiar Todi*—Vide *Irmans Aguiar.*

—

42.º—*Manoel Maria Barbosa du Bocage*—(Na Arcadia—*Elmano Sadino).* [1]

Nasceu a 15 de setembro de 1765, [2] na rua de S. Domingos, na casa que hoje tem os numeros 17 e 18, freguezia de S. Sebastião. (Vide *Lapide commemorativa a Bocage* n'este artigo).

Foi filho do bacharel, José Luiz Soares de Barbosa, e de D. Marianna Joaquina Xavier du Bocage.

Dos seus parentes, já tratamos, aqui referir-me-hei exclusivamente ao poeta. Eis o que d'elle diz o sr. M. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, a pag. 153 e seguintes.

«Cêdo começou a madrugar em Bocage o talento poetico; e quando em 1780, assentou práça de cadete, no regimento de Setubal, já era conhecido entre os intimos da sua casa, o seu engenho, facil e prompto. [1]

«Em 1872, passou do exercito de terra, para a armada, com o posto de guarda-marinha; despachado, em 1786, para o Ultramar, com o posto de tenente da infanteria, foi seguir no Oceano, o rasto do navio de Camões, do grande poeta a quem a sorte o equiparou, ainda mais nos infortunios do que no genio.

«Em Gôa, o seu talento satyrico, causou-lhe alguns dissabores, sendo transferido para Damão, d'onde se ausentou furtivamente, hindo ter a Macau, e voltando d'ahi para Lisbôa, onde aportou, em agosto de 1790.

«Em Lisboa, os applausos do publico acolheram o mimoso poeta e o maravilhoso improvisador; mas, a sua vida desregrada não deixou tambem de lhe macular o engenho. [2]

[1] Elmano, é anagramma de Manoel. (Os poetas da Arcadia, tinham d'estas *esquisitices.* Os seus nomes, e os d'aquellas a que dedicavam os seus versos, eram sempre anagrammaticos; v. gr., Camões chamava *Nathercia*, a Catharina d'Athaide. Vide *Verdemilho).*

[2] Segundo diz o sr. Manoel Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Illustres*, a pag. 153—Arch. Pitt., do anno de 1857, 1.º vol., pag. 289—*Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, pag. 372; e outros escriptores. Alguns biographos porem, sustentam que o poeta nasceu a 17 de setembro de 1766.

A data do texto, é mais provavel, pois que—segundo me affirmaram—consta do seu assento do baptismo.

[1] Diz-se que, em 1774, quando ainda contava apenas oito annos de edade, hindo a Lisboa, ver a procissão de quarta-feira de cinza, chegando a Setubal, lhe perguntou sua mãe, o que tinha a dizer, do que viu—respondera:

«Fui á procissão a S. Francisco,
A quem o vulgo chama da cidade;
E, supposto o apertão, foi raridade
Que hindo eu em carne, não viesse em cisco».

Para uma creança de oito annos, dava esperanças—se, bem entendido—*vere est fama...*

Pinho Leal.

[2] Em nossos dias, tivemos na cidade do Porto, outro poeta, em nada inferior a Bocage, e até semelhante a este, na sua vida desregrada, que lhe causou bastantes humiliações e pouca consideração, apezar de todos conhecerem o seu incontestavel talento; e Guilherme Braga, como Bocage, morreu na flôr da edade, victima das continuas or-

«Accusado á policia, e d'esta remettido á Inquisição, pela impiedade de alguns de seus versos, foi punido com brandura, por esse tribunal, já então indulgente. [1]

«Sahindo da casa das Necessidades, onde fôra condemnado a passageira reclusão, Bocage reprimiu um pouco os seus excessos, o occupou-se dos trabalhos importantes, das traducções, em verso, de poemas estrangeiros, que lhe foram incumbidas pelo padre José Marianno Velloso.

«Mas a vida do trabalho e da familia, não era para essa indole fogosa: voltou ás faceis ovações do improviso, aos falsos prazeres da orgia.

«Tudo isto lhe consumiu rapidamente a existencia, que terminou, entre os prantos de Lisboa inteira, chorando o seu poeta querido, no dia 21 de dezembro de 1805.

«O enthusiasmo, disse eu algures, era a sua feição predominante — o enthusiasmo, essa grande musa dos modernos! — Ao toque da sua fogosa phantasia, tudo para elle se transformava em óde, lyrica e arrebatada: era uma óde a satyra, caudal e vehemente; era uma óde o idylio, em que parecia borbulhar a seiva da primavera; uma óde, a alegria em que a musa luctuosa, delirante de dôr, desgrenhava as tranças, coroadas de gôivos, e soluçava e gemia, como a poesia de Lamartine, pranteando a morte de Julia. Era uma ódesinha inimitavel, o soneto, em que o pensamento, comprimido nos quatorze versos de rigor, ainda mais sublime parece, pelo modo porque vencia a difficuldade: era uma óde admiravel, a cantata, em que o estro, soltando o vôo, adivinhava os grandes raptos da poesia de Byron e de Victor Hugo...

«O ardor do pensamento communicava-se-lhe ao verso, que ninguem fez mais sonóro; á phrase, que ninguem teve mais portugueza e mais nobre...

«As suas traducções, são verdadeiras joias; lapidadas, faceadas, por este maravilhoso artista, pedras nem sempre de grande preço, resplandeceram em portuguez, como diamantes da mais pura agua. A versão das *Plantas*, é uma transformação.

«Nascido trinta annos depois, concluia eu, Bocage seria o primeiro poeta da Peninsula, um dos primeiros da Europa. A sua vida fôra mais pura, porque seria mais considerado n'uma sociedade como a nossa, em que o talento é nobreza. Assim, vivendo quando viveu, o seu espirito debateu-se em aspirações indecizas e em quedas bem profundas. O corpo fragil, não pôde com a lucta; succumbiu na estação que é habitualmente o apogeu da virilidade.

«O estro de Bocage, não era só luz, era chamma; a sua vida foi um incendio. Resplandeceu, deslumbrou, deu relevo a tudo, com o seu clarão purpúreo; mas devorou-se rapidamente a si mesma, e esse sol de poesia, que illuminava o seculo, meteoro fugaz, desfez-se em cinzas».

—

Falleceu no dia já referido, em Lisboa, na travessa de André Valente, em uma pobre casa em que residia com uma sua irmã, que muito o amou, e que muito lhe soffreu.

Dizem uns, que elle morreu, como tinha vivido — *espirito forte* — e que, quando o padre, com o Crucifixo na mão, o convidava á oração e ao arrependimento, Bocage, olhando para a santa imagem, disséra:

«Quando meus olhos mortaes
«Ponho nos vossos divinos...

Continúe, meu irmão, continúe — disse o padre.

«Lembram-me logo os meninos
«De Thereza de Moraes.

—

Pelos modos, Thereza de Moraes, tinha os filhos com os olhos vermelhos.

—

Sustentam outros, que o poeta morreu

gias de toda a casta, a que se entregava, causando tambem a morte de sua infeliz mulher, que era minha patricia.

Pinho Leal.

[1] Assim que o marquez do Pombal tirou ao *Santo Officio* o direito de herdar os bens dos condemnados, e o de impor penas corporaes, cessaram os horrores praticados por esses cruelissimos inquisidores, que ainda hoje nos espantam e atterram.

trito e arrependido, e recitou um bello soneto, que terminava assim:

«Deus! oh, Deus! Quando a morte a luz me roube,
«Ganhe um momento, o que perderam annos;
«Saiba morrer, o que viver não soube.

—

Além de varias traducções, correm impressas muitas das suas poesias.

Em 1853, na typographia de A. J. Fernandes Lopes, de Lisboa, se imprimiram seis volumes, com o titulo de — *Poesias de Manoel Maria Barbosa du Bocage, collegidas em nova e completa edicção, dispostas e anotadas por Innocencio Francisco da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario, sobre o poeta, por Luiz Augusto Rebello da Silva.*

É a edição mais completa das obras d'este famoso setubalense, e traz o seu retrato no 1.º volume.

Em Bruxellas se imprimiu, em 1854, um 7.º volume das suas obras, sob o titulo *Poesias eroticas, burlescas e satyricas, de Bocage, não comprehendidas na edicção de 1853.* É a recopilação das suas poesias obscenas; ainda que alguns dizem que parte d'ellas são do tristemente celebre *doutor Ferro*, e d'outros tão bons como elle.

É das taes chamadas *leituras para homens.* (Seria melhor dizer — *livros para serem queimados, antes de serem lidos*).

—

Em 1875 a 1876, fez-se no Porto uma 2.ª edição, *in 12.º*, em 8 volumes, sendo o ultimo, a vida de Bocage e a sua *época litteraria*, escripta por Theophilo Braga.

—

A mais antiga edição que havia, das obras de Bocage, era de 1791, sete volumes *in 12.º* tendo alguns d'estes, até 1842, quatro edições.

—

Os tomos 17 a 25, da *Livraria Classica Portugueza*, publicados em Lisboa, entre 1845 a 1847, comprehendem os *Excerptos* das obras de Bocage, por Antonio Feliciano e Castilho Barreto e Noronha (depois, visconde de Castilho) e por seu irmão José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, fallecido no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 1879. (Tinha nascido em Lisboa, a 4 de março de 1810).

Tambem se fez nova edição dos Excerptos, no Rio de Janeiro e em Paris.

—

43.º — *Manoel Rodrigues Coelho* — Nasceu em janeiro de 1687, e foi boticario, em Lisboa. Escreveu e publicou a *Pharmacopea Tubalense chimico-medica*, varias vezes citada n'este diccionario, e obra muito estimada e rára. Conta trez partes — a 1.ª e 2.ª, foram publicados em 1735; e a 3.ª, em 1751.

—

44.º — *Matheus da Silva Cabral* — Nasceu em setembro de 1666. Graduou-se em direito civil, e deu-se á cultura das bellas lettras. Consta que é o auctor da novella intitulada — *Casamento desgraçado e vida de Peralvinho de Córdova.*

É uma novella engraçadissima.

—

45.º — *Miguel de Cabêdo e Vasconcellos* — Nasceu em 1525. Foi desembargador dos aggravos. Escreveu varias poesias, em latim, algumas das quaes se incorporaram nas obras de Rezende, e nas do bispo, D. Antonio Pinheiro.

—

46.º — *Paulo Soares da Gama* — Nasceu pelos fins do seculo XVII, e falleceu em 1739. Foi socio da *Academia Problematica*, de Setubal, e um dos melhores jurisconsultos do seu tempo.

Escreveu varias *Allegações juridicas*, e varias obras genealogicas, que não chegaram a ver a luz publica.

—

47.º — *Pedro Diniz* — Vide *Diogo Fernandes Pereira.*

—

48.º — *Pedro Lagarto* (frei). — O seu retrato, está, como vimos, na bibliotheca municipal de Setubal; e com direito a essa distincção, pois é um dos mais illustres filhos d'esta cidade.

Foi primeiro, noviço da ordem dos arrabidos, e companheiro do fundador da mesma ordem, com o qual viveu na serra da Arrabida, consagrando os seus dias á causa de Deus e da patria, e aos estudos theolo-

gicos, que frequentára na universidade de Salamanca, e nos quaes se tornou distinctissimo.

Foi um varão de costumes austeros, e orador sagrado de grande eloquencia.

Exerceu as dignidades da sua ordem, chegando a provincial, pela primeira vez, em 1576.

D. João III e seu neto, o rei D. Sebastião, o tiveram em grande conta, e este ultimo lhe consagrava a maior estima.

Foi durante o seu provincialato, que se concluiu o mosteiro d'Alferrára, fundação que fôra promovida por D. Estevam da Gama, segundo conde da Vidigueira, cedendo para ella, parte dos terrenos da sua quinta da *Bôa-Vista*.

Em 1587, foi frei Pedro Lagarto, enviado, como representante da sua ordem, ao capitulo geral que se celebrou em Roma, convocado pelo papa Xisto V.

Foi nomeado reformador de varios conventos de ambos os sexos.

Era um portuguez de lei; e quando, o pusilanime Cardeal-rei falleceu em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, o nosso setubalense, que tinha grande affeição a D. Antonio, prior do Crato, se tornou um seu decidido partidario; o que o tornou odioso ao usurpador Philippe II, de Castella, que o fez privar do voto, no capitulo celebrado no mosteiro de Loures, a 18 de dezembro de 1589, e o mandou depois degredado, para o mosteiro da sua ordem, em Alcobaça, onde falleceu a 28 de julho de 1590.

Escreveu *Summa Hugonis Cardinalis sup. S. Script*, que ficou manuscripta. Vem indicada no *Summario da Bibliotheca lusitana.*

—

49.º—*Pedro Pacheco de Flandres*—Foi bacharel em canones. Escreveu — *Exhortação a um amigo, em que se contempla o reformado convento de Brancannes.* É uma descripção d'este mosteiro, em tercetos hendecasyllabos. Publicou mais algumas obras, e, segundo Barbosa, deixou manuscripto o — *Archivo de memorias pertencentes ao reino de* Portugal, desde 1692, até 1716. Dous tomos.

Falleceu em 1717.

—

50.º — *Rodrigo Ferreira da Costa* — Mathematico e poeta dos fins do seculo XVIII. Nasceu a 13 de maio de 1776, e era filho de um jurisconsulto, que mandou o filho para Coimbra, onde se formou em direito, no anno de 1800, e em mathemathica, em 1804. Em 1810, foi empregado como official, na secretaria geral do commando geral do exercito, e n'esta qualidade, fez as campanhas da guerra peninsular, até 1814, acompanhando o ajudante-general. Em 1821, foi eleito deputado ás côrtes, e em 1833, foi provido na regencia da cadeira do 1.º anno de mathematica, da academia real de marinha e commercio.

Falleceu no 1.º de novembro de 1825.

Foi homem de vasta e variadissima erudição, mathematico eximio, e soffrivel poeta; conhecendo varias linguas, mortas e vivas. A todas estas qualidades, reunia a de ser modesto e bom, e muito applicado ao estudo.

Publicou varias obras sobre assumptos diversos, entre ellas, em 1814, uma collecção de versos, sob o titulo de *Lyra ingenua*—em 1816, a *Theoria das faculdades e operações intellectuaes e moraes* — em 1818, *Tratado da ortographia portugueza* — em 1820, *Principios de musica*, 1.º volume—em 1822, *Deducção philosophica da desigualdade dos seculos* — em 1823, *Cathecismo do cidadão portuguez*—em 1824, o 2.º volume dos *Principios de musica* — em 1825, *Elementos de arithmetica e algebra* — em 1835, se publicou (posthuma) *Geometria elementar e trigonometria rectilinea.* N'este mesmo anno de 1835, se imprimiu (tambem posthuma) uma traducção, em verso, do poema de Helvenio, *A Ventura.* Parece que tambem traduziu em verso, o *Templo de Gnido*, de Montesquieu. Na academia das sciencias, de que era socio, publicou um *Estudo, sobre a ortographia portugueza.*

—

51.º—*Severino de Santo Antonio* (frei)—filho de Francisco da Costa e de Barbara Joaquina. Nasceu a 9 de outubro de 1771.

Depois de cursar os estudos indispensa-

veis para a vida monastica, a que se dedicava, professou no mosteiro de S. Pedro de Alcantara, de Lisboa, passando depois para o de Mafra, onde foi padre-mestre.

Partindo a familia real, para o Brasil, a 29 de novembro de 1807, [1] fugindo á invasão do Junot, partiu com ella, frei Severino, na companhia de frei Antonio da Arrabida.

No Rio de Janeiro, foi nomeado confessor do infante hespanhol, D. Pedro Carlos, primeiro marido de D. Maria Thereza, princeza da Beira, filha de D. João VI (então principe regente) e de D. Carlota Joaquina de Bourbon; e pae do infante D. Sebastião, todos já fallecidos. (D. Maria Thereza, casou depois, com seu cunhado, Carlos V, que tambem é já fallecido). [2]

Fallecendo no Rio de Janeiro o infante D. Pedro Carlos, e regressando a Lisboa a familia real portugueza (menos o principe D. Pedro, depois 1.º, do Brasil) [3] recolheu-se frei Severino, a um convento da sua ordem, no Rio de Janeiro, ainda em companhia de frei Antonio da Arrabida, o qual, depois, foi nomeado, por D. Pedro I, do Brasil, bispo e esmoler-mór, e mestre da princeza do Grão-Pará (depois D. Maria II) exercendo este emprego até 1828. [4]

Em 1832, regressou a Portugal, e foi residir em Setubal, para casa de seu irmão uterino, Antonio Ignacio Ferreira; porém o governo do sr. D. Miguel I, o mandou recolher ao mosteiro d'Alferrára, com prohibição de sahir d'elle.

Dissolvidas as congregações religiosas, e desembarcando em Lisboa o sr. D. Pedro, e sua familia, a 28 de julho de 1833, foi logo frei Severino comprimental-o, e protestou que eram injustas as accusações que lhe tinham feito, de ser legitimista, dando como prova, a sua reclusão no mosteiro d'Alferrára, por ordem do sr. D. Miguel.

Falleceu em Setubal, na casa do referido seu irmão, a 7 d'abril de 1840, com 69 annos de idade, sendo sepultado na egreja de S. Julião.

Era homem de muita illustração, e sobremaneira modesto, pelo que regeitou altos cargos ecclesiasticos, que por vezes lhe foram offerecidos.

—

52.º — *Simão de Brito* (frei) — religioso da S.S. Trindade, provincial e chronista da sua ordem. Publicou uma *Declaração funebre, na morte de D. Manoel Caetano de Sousa* (Lisboa, 1735).

[1] D. João VI, sua mãe, sua mulher, seus filhos e a sua côrte, já estavam a bórdo, desde 27, mas só sahiram a barra a 29, e n'esse mesmo dia entrava o Junot em Lisboa.

[2] O infante D. Pedro Carlos, era tio de sua mulher, porque elle, D. Fernando VII, Dom Carlos V, D. Carlota Joaquina, e D. Francisco, eram filhos de Carlos IV, rei de Hespanha. D. Sebastião, filho de D. Pedro Carlos, que era infante de Hespanha, foi, por o nosso D. João VI, tambem reconhecido infante de Portugal.

[3] A familia real e a sua côrte, embarcaram no Rio de Janeiro, a 25 d'abril de 1821. Sáe no dia seguinte, e chega a Lisboa, a 3 de julho: mas as côrtes prohibem o desembarque de varios individuos do sequito do rei, sendo um d'elles, o conde de Palmella (que depois foi primeiro marquez e primeiro duque do mesmo titulo). Depois, a 10 do dito mez, deixaram-os desembarcar, sob a condição de hirem residir a 20 leguas de Lisboa!

[4] E não até 1831, como diz a *Memoria sobre a historia e administração de Setubal.*

A sr.ª D. Maria da Gloria, nasceu no Rio de Janeiro, a 4 d'abril de 1819, recebendo o titulo de *princeza da Beira,* que era o das filhas primogenitas dos nossos reis, ou dos seus primeiros filhos.

Em 12 de outubro de 1822, o principe D. Pedro, acclama solemne e officialmente a independencia do Brasil, e toma o titulo de *imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brasil.* No mesmo dia, é mudado o titulo de sua filha, para o de princeza do Grão-Pará.

Por fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826?) o sr. D. Pedro, que por muitas vezes e em differentes documentos, tinha declarado cathegorica e officialmente, *urbi et orbi,* que nada queria de Portugal, proclama-se a si mesmo, rei d'este reino, sob o nome de D. Pedro IV, a 25 d'abril de 1826, e, logo a 29 (!...) outorga uma *carta constitucional;* e tambem logo, a 3 de maio seguinte, abdica a corôa de Portugal, na sr.ª D. Maria da Gloria. Esta senhora, embarca para Vienna, a 5 de julho de 1828 (tendo apenas nove annos e tres mezes exactos) destinada, segundo a vontade de seu pae, a casar com seu tio, o sr. D. Miguel.

Deixou varias obras manuscriptas, entre ellas — o *Compendio da vida de D. frei Luiz da Silva, arcebispo de Evora,* que ainda existe na bibliotheca nacional de Lisboa.

Falleceu em 1739.

—

53.º—*Thomaz Antonio dos Santos Silva*—(na Arcadia, *Thomino Sadino)*—Nasceu aleijado de ambos os pés, e de construcção muito debil) a 12 de abril de 1751. Era filho de Manoel Antonio dos Santos, e Francisca Ignacia. Foi seu padrinho, o desembargador, Thomaz da Costa d'Almeida Castello Branco, que fez todas as despezas da educação litteria de seu afilhado, nos estudos preparatorios, para se formar em medicina, na Universidade de Coimbra; porem, morrendo Castello Branco, viu-se o infeliz estudante, reduzido a praticante de uma botica de Setubal; d'onde se transferiu para Lisboa, servindo o mesmo emprego, em uma botica da rua de São Paulo.

Aborrecido da profissão de pharmaceutico, adoptou a de mestre de linguas (pois sabia algumas com perfeição) occupando-se tambem em escrever varias peças, para o theatro do Salitre.

Foi admittido como membro da *Nova Arcadia,* onde tomou o nome de *Thomino Sadino.*

Principiou a soffrer de uma tenaz ophtalmia, e recolhendo-se ao hospital de S. José, (Misericordia) em 1798, cegou completamente (ou foi para lá já cego, como elle mesmo diz, no prologo da *Brasiliada)* e n'aquelle hospital se conservou até á morte, que foi a 19 de janeiro de 1816.

No hospital dictou as suas obras, a um escrevente, que gratificava com o escasso producto da venda d'ellas.

Trabalhou muito, mas as suas principaes composições, são a *Brazíliada,* poêma épico em 12 cantos — *Sepultura de Lesbia* (anagramma de *Isabel)* poêma em 12 *prantos* — *e Silveira,* poêma heroico, em 4 cantos.

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett (que morreu visconde de si mesmo) fallando, no seu *Bosquejo historico* de Santos Silva, diz: «que tinha decerto algum engenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto, a lingua, tão cynicamente violou o decoro do estylo, as mais indispensaveis regras do gosto e da boa razão, que seus poemas, são *uma sentina de gallicismos,* e um apontuado de termos baixos e de expressões que não usa gente de bem; de construcções barbaras, de *versos prosaicos,* semeados áquem e além de uma ideia feliz, de um bom verso, de uma imagem poetica».

Foi na verdade sevéro em demasia, com o infeliz Santos Silva, este distinctissimo escriptor portuguez; mas, na verdade, as obras do poeta setubalense, não primam, nem pela boa escolha dos vocabulos, nem pela pureza de linguagem. Querendo ser romantico, foi por vezes baixo, o que diminuiu o valor das suas obras, ainda assim, de bastante merecimento.

A fragata em que vinha a real menina, chegou a Gibraltar a 2 de setembro; mas alguns emigrados, a quem não convinha este casamento (que punha fim — ou, pelo menos, tirava o pretexto — ás desgraçadissimas guerras civis, que teem assolado Portugal, (ha 54 annos) obrigaram a sr.ª D. Maria, a tomar o rumo de Inglaterra.

As ordens do sr. D. Pedro, eram que sua filha seguisse para Vienna d'Austria, onde então estava o sr. D. Miguel, e ahi, depois de casar com seu tio, esperar pela edade para a sua reunião matrimonial.

O sr. D. Pedro, tinha casado, em 13 de maio de 1817, com a sr.ª D. Carolina Josepha Leopoldina, archiduqueza d'Austria, que havia fallecido a 11 de dezembro de 1826.

O sr. D. Pedro, passou a segundas nupcias, com a sr.ª D. Maria Amelia, filha do rei D. Fernando, de Napoles; e esta senhora, embarcou em *Portsmouth* (Inglaterra) para o Brasil, a 30 d'agosto de 1830, levando na sua companhia, a sr.ª D. Maria da Gloria, sua enteada; e ambas se conservaram no Rio de Janeiro, até 7 de abril de 1831, dia em que o sr. D. Pedro foi expulso do Brasil, embarcando com sua esposa e filhas, a bordo da nau da marinha de guerra britannica, Warspite, sahindo a barra a 12 do referido mez.

A princeza D. Amelia, filha do segundo matrimonio do sr. D. Pedro, morre na ilha da Madeira, a 4 de fevereiro de 1853. A sr.ª D. Maria II, morre, de parto, em Lisboa, a 15 de novembro do mesmo anno, subindo ao throno, o sr. D. Pedro V, seu filho.

—

54.º—*Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco*—Eis a rapida biographia d'este poeta, que se lê a pag. 82 dos *Portuguezes illustres*, do nosso distinctissimo escriptor contemporaneo, o sr. Manoel Pinheiro Chagas.

«Vasco Mousinho de Quevêdo, este notavel poeta épico portuguez, nasceu em Setubal. Foi formado em direito, pela universidade de Coimbra, e viveu no seculo XVII, durante o dominio castelhano em Portugal, como se vê pela primeira edição do seu *Affonso Africano*, e por uma composição sua, allusiva á entrada de Philippe III em Lisboa, sem que nada mais conste, acerca d'este vate, apezar de ser a sua epopéa, *de certo a mais notavel que possuimos, depois da grande epopéa nacional dos Lusiadas.*

«Tomando por assumpto as cavalheirescas façanhas de Affonso V, na Africa, Vasco Mousinho não se deixou dominar pelo gongorismo, que principiava a ter voga em Portugal, e soube cantar, com épica singeleza, mas com opulencia de estylo, o heroe que escolhera, seguindo até, com raro acerto, o maravilhoso dos velhos poemas cavalheirescos, de preferencia ao postiço maravilhoso classico. Os encantamentos de Ariosto, eram effectivamente os que menos destoavam com o typo de Affonso V, verdadeiro heroe de romances de cavallaria».

Garrett, no seu *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, diz que Mousinho de Quevêdo, é o nosso primeiro épico depois de Camões.

«Que bellezas (diz Garrett) tem esse tão mal avaliado *Affonso Africano*, a que a cegueira e o mau gosto tem querido preferir a *quixotica e sesquipedal Ulysea*, e a *hyperborea e campanuda Malaca!* Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a acção toda, não mui bem deduzida; mas que riquissimos episodios a enfeitam!»

Costa e Silva, Theophilo Braga, e Camillo Castello Branco, tratam com alguma severidade o *Affonso Africano;* porém Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario bibliographico*, julga que o *Affonso Africano* «conservará sempre ao auctor um logar distincto, entre os épicos portuguezes, e que Mousinho de Quevêdo, com quanto pertencesse á escola hespanhola, soube, todavia, preservar-se dos excessos em que cahiam alguns, e para que propendiam outros seus contemporaneos.»

Ricardo Pinto de Mattos, esqueceu-se de Mousinho de Quevêdo, no seu *Manual bibliographico portuguez!*

Quevêdo era formado em ambos os direitos, pela universidade de Coimbra, e foi advogado. Sabe-se que vivia no reinado do usurpador Philippe III (que dominou Portugal, desde 1598 até 1621) mas ignora-se a data do nascimento e morte d'este poeta setubalense. Tambem se ignora o nome de seus paes, e a sua posição; apenas se sabe que é nobre e antigo em Portugal o appellido *Quevêdo* e *Cabêdo.*

Tambem escreveu um *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel, rainha de Portugal, etc.* (Lisboa, 1597). É um poema em 6 cantos—e o *Triumpho del monarcha Philipo tercero, en la felicissima entrada de Lisboa.* É um poema em 6 cantos, publicado em 1619.

Affonso Africano, incontestavelmente a melhor das suas obras, talvez mesmo a unica que sobreviverá a todas as suas producções, e que tem um logar distinctissimo na litteratura portugueza, é uma epopéa em 12 cantos, cuja 1.ª edição sahiu em 1611.

Nas obras de Bocage, colleccionadas por Innocencio Francisco da Silva, vem uma notavel biographia de Quevêdo, escripta pelo malogrado Luiz Augusto Rebello da Silva.

—

55.º—*Victorino Victoriano do Amaral Pinel*—Foi socio da *Academia problematica*, e publicou varias obras, em verso, deixando um poema inedito, com o titulo de *Oitavas aos annos do infante D. Antonio.*

Diogo Barbosa Machado, traz uma lista das composições que aquelle poeta deixou manuscriptas; e Innocencio Francisco da Silva, menciona um artigo, intitulado *Questão, ou problema: quaes são mais prejudiciaes aos povos, os lettrados ou medicos?* Sa-

hiu este artigo no *Museu litterario*, a pag. 298 e 316.

Falleceu em 1739.

—

Além dos escriptores que deixo mencionados, tem havido ainda em Setubal um grande numero de outros, cujas obras são de somenos merecimento, pelo que, e para não fazer este artigo ainda mais extenso, os não inclúo aqui.

—

Outros homens notaveis de Setubal

1.º—*Jacob Queimado.*—Foi capitão de uma das doze náus que partiram para a India, a 6 de março de 1506, sob o commando do famoso Tristão da Cunha, [1] um dos mais intrepidos navegadores do seculo XVI.

Logo a 10 de agosto, do dito anno de 1506, descobriu a grande ilha de Madagascar, ou S. Lourenço. [2]

A 12 de janeiro de 1507, Tristão da Cunha, o vice-rei Affonso Albuquerque (4.º vol. pag. 140, col. 1.ª) e o nosso setubalense, entraram na cidade de Oja, na costa de Moçambique, e a ferro e fogo foi arrasada, depois de uma tenaz resistencia, em castigo de offensas e damnos que fazia ao rei de Melinde, nosso alliado.

[1] Tristão da Cunha, era natural de Olhalvo, concelho de Alemquer. Foi senhor de Gestaço e Penajoia, do conselho dos reis D. Manoel e D. João III, embaixador a Roma, general da *Liga catholica*, etc., etc. Falleceu em 1539, e jaz sepultado, com sua mulher, D. Antonia d'Albuquerque, na egreja de Olhalvo. Para evitarmos repetições, vide 6.º volume, pag. 225, col. 2.ª (1.ª INSCRIPÇÃO) e seguintes.

[2] Deram-lhe o nome de S. Lourenço, por ser descoberta no dia da festividade d'este santo. É a maior ilha do nosso globo. Tem 1:800 kilometros de comprido, por 540 de largo. Divide-se em 40 reinos. É fertilissima e habitada por cafres. Fica em frente da ilha de Moçambique, e separada da Ethiopia Oriental, por um braço de mar, que tem entre 360 a 400 kilometros de largura. É abundante de boas aguas, e nas suas selvas se criam varias especies de animaes ferozes. É pouco salubre. Tem minas de prata, ferro e cobre.

No mesmo anno de 1507, o vice-rei, Dom Lourenço d'Almeida, Tristão da Cunha, Nuno da Cunha, e Jacob Queimado, com outros capitães, queimam em Panane (India) dezoito naus, de Meca e Calicut.

Fazem tributaria de Portugal, a cidade de Lamo, e conquistaram a cidade de Brava, uma das mais celebres da costa da Ethiopia Oriental, fundada no topo de um alcantilado monte, e defendida por seis mil homens de tropas regulares, além do povo da cidade, e protegida por fortes muralhas e alterosas torres. Depois de porfiada resistencia, foram os bravenses derrotados, morrendo grande numero, e a cidade foi saqueada, e depois reduzida a cinzas. Nós tivemos quarenta e tantos mortos e mais de 60 feridos.

Os mesmos valorosos capitães, atacaram a ilha de Socotará (que pouco antes, tinha sido descoberta por Diogo Fernandes Pereira) na garganta do Mar Roxo, cujas praias são, de um lado a Ethiopia, e do outro, a Arábia, e a tomaram no dia 9 d'abril de 1508, matando todos os seus defensores, que preferiram a morte, combatendo, á escravidão: apenas *ficou vivo um dos indios*, que se sujeitou aos grilhões. Nós, só perdemos 6 homens (É o que os portuguezes andavam a fazer pela Asia!...)

Construiu-se logo uma fortaleza, que pouco depois se abandonou, pela esterilidade e insalubridade da terra.

Socotará, tem 120 kilometros de comprido, por 54 de de largo. O povo é christão *jacobita*, mas a religião é ali misturada de muitos êrros e superstições. Adoram a cruz; e a trazem pendente do peito, pagam dizimos á egreja, resam em commum, e tem seus dias de jejum, mas circuncidam-se, como os judeus; em tudo o mais, são quasi selvagens.

—

2.º—*João Francisco Garcia Moreira.*—major d'artilheria, de Benguella. Foi um dos descobridores portuguezes que mais se internou nos sertões da Africa Occidental, e

fundador e primeiro governador da nossa colonia de Mossamedes, em 1840.

Mossamedes, ou *Muçamedes*[1] bonita villa, capital da colonia d'este nome, é porto de mar, na foz do *Rio das Mortes*, em Benguella. Em 1850, muitas familias portuguezas (500 pessoas) fugindo á perseguição que lhes faziam os brazileiros de Pernambuco, se foram estabelecer em Mossamedes, e fundaram plantações de canna d'assucar nas margens do rio Béro, que teem prosperado bastante.

Se Deus me der vida, saude e coragem, no fim d'esta obra, publicarei um diccionario historico-geographico, das nossas possessões ultramarinas, e n'elle serei mais extenso, com respeito ao que ainda nos resta na Asia, Africa e Oceania.

Com as suas arrojadas e frequentes excursões ao interior, chegou a conhecer, melhor do que ninguem, todo o sertão africano, com o que prestou grandes serviços a Portugal. Foi intimo amigo com o regulo de Huilla. Em 1841, chegou até ao nosso presidio de Caconda, a muitas leguas da costa, e no interior da nossa provincia de Benguella.

O territorio de Caconda, é muito fertil, por ser abundante de boas aguas, e produz todos os fructos proprios do paiz, e muitos da Europa. Diz-se que o seu clima é muito salubre. A sua população, consta de 24:000 almas; e a jurisdicção do governador do presidio comprehende 28 sovas, feudatarios de Portugal.

Em todas as suas viagens pelas selvas e montanhas da Africa, teve por companheira e amiga inseparavel, a princeza Babolla, de Huilla, cujo retrato, como o do major Garcia Moreira, se acham na bibliotheca municipal de Setubal, copiados do natural, por o doutor Clemente Bizarro.

[1] Vide o que digo com respeito a esta palavra, no 5.º volume, pag. 583, col. 2.ª, no penultimo periodo.

—

3.º — *Joaquim Bento Pereira* — barão do Rio Zêzere. Nasceu a 17 d'agosto de 1801.

Era filho de Bento Pereira de Almeida e D. Anna Joaquina Lizarda do Valle e Almeida, e casou em 12 de julho de 1851 com D. Joaquina Lucia de Brito Velloso Peixoto.

Assentou praça de voluntario no segundo regimento de infanteria da divisão de voluntarios reaes de el-rei, em 27 de junho de 1816. Achando-se no deposito d'este regimento foi reconhecido cadete para o mesmo regimento, por aviso de 29 de junho de 1816. Embarcou para Montevideu em 14 de agosto, afim de se reunir ao dito regimento. Alferes de commissão para o primeiro regimento de infanteria da mesma divisão por portaria de 24 de junho de 1818. Alferes effectivo pora o dito regimento em 26 de março de 1821. Regressou a Portugal em 12 de agosto de 1824. Passou ao regimento de infanteria 14, por decreto de 16 de setembro.

Passou ao regimento de infanteria 4, por decreto de 8 de setembro de 1826. Tenente para o regimento de infanteria 16 por decreto de 13 de dezembro de 1827, com antiguidade de 9 de julho. Passou ao regimento de infanteria 4, por decreto de 17 de janeiro de 1828. Emigrou para Inglaterra em agosto. Apresentou-se na ilha Terceira em 10 de janeiro de 1829. Ás ordens do commandante da força armada da dita ilha, por decreto de 7 de março. Commandante da 2.ª divisão do corpo de sapadores, ordem do exercito n.º 118 de 4 de junho de 1831. Passou ao batalhão de caçadores 3, por decreto de 11 de outubro. Passou ao regimento de infanteria 10, por decreto de 14 de fevereiro de 1832.

Fez parte do exercito liberal, que desembarcou nas praias de Arenosa de Pampellido, a 8 de julho de 1832.

Capitão para o mesmo regimento, por decreto de 6 de agosto. Addido á repartição do quartel mestre general no corpo do exer-

cito auxiliar á Hespanha, ordem do exercito n.º 68 de 5 de dezembro de 1835.

Passou ao corpo de estado maior do exercito, continuando no dito exercicio, por decreto de 3 de julho de 1836. Separado do quadro do exercito, por effeito da convenção de 20 de setembro de 1837. Demittido, pelo requerer, por decreto de 14 de dezembro. Reintegrado no posto de capitão, na conformidade da carta de lei de 7 de julho de 1840, ficando na 3.ª secção do exercito, por decreto de 14. Collocado no batalhão, de infanteria n.º 7 por decreto de 21. Conta a antiguidade do posto de alferes desde 24 de junho de 1818, por portaria de 14 de outubro de 1841. Major para o dito batalhão; por decreto de 22 de fevereiro de 1842. Deputado ás côrtes na legislatura de 1843.

Passou ao batalhão de caçadores 2, por decreto de 2 de agosto. Passou ao batalhão de caçadores 8, por decreto de 4 de fevereiro de 1844. Passou ao batalhão de caçadores 2, por decreto de 3 de junho. Passou á 2.ª secção do exercito, ficando addido á praça de S. Julião da Barra, por decreto de 1 de julho de 1846. Em commissão ás ordens do marechal Saldanha, desde 7 de outubro, até 13 de novembro, e commandante do batalhão de caçadores 1, desde 14, ordem do exercito n.º 14 de 23. Tenente coronel para a 2.ª secção do exercito por distincção, continuando no commando do dito corpo, por decreto de 20 de janeiro de 1847. Passou ao referido batalhão, ordem do exercito n.º 14 de 27 de fevereiro.

Coronel para o mesmo batalhão, por decreto de 4 de fevereiro de 1850. Commandante da 1.ª brigada da 1.ª divisão do exercito regenerador, ordem do exercito n.º 3 de 28 de maio de 1851. Brigadeiro, por portaria de 29 de abril, publicada na dita ordem do exercito. Commandante da 8.ª divisão militar, por decreto de 30 de maio. Conta a antiguidade do posto de brigadeiro desde 28 de abril. Exonerado do commando da 8.ª divisão militar, pelo pedir, por decreto de 29 de setembro de 1856. Commandante da 10.ª divisão militar por decreto de 4 de junho de 1860.

Exonerado d'este commando, por decreto de 25 de julho. Encarregado de inspeccionar os corpos de infanteria, por portaria de 1 de agosto. Deputado ás côrtes na legislatura de 1862, accumulando as respectivas funcções com as de aquelle exercicio, nota da 1.ª direcção de 10 de janeiro. General de brigada por decreto de 4 de julho de 1864. Commandante da 2.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra, por decreto de 16, continuando na dita inspecção. Commandante da 10.ª divisão militar, ficanexonerado dos exercicios em que se achava, por decreto de 23 de junho de 1866. Encarregado interinamente do commando da 1.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra, interrompendo o commando da divisão, ordem do exercito n.º 43 de 4 de agosto de 1868. Exonerado do commando da referida divisão, por decreto de 12 de novembro. Encarregado de inspeccionar os batalhões de caçadores n.ºs 2, 5, 6, e 12 e os regimentos de infanteria n.ºs 6, 9, 10, 11, 12 e 14, por decreto de 30 de dezembro.

—

O barão do Rio Zêzere entrou nas campanhas de 1816, 1817, 1818, 1819, 1820, 1821, 1822, 1823 e 1824, em Montevideu, nos 2.º e 1.º regimentos de infanteria da divisão de voluntarios reaes de el-rei. As de 1826 e 1827 nos regimentos de infanteria n.ºs 4 e 16. As de 1829, 1830, 1831, 1832, 1833 e 1834, ás ordens do commandante da força armada na ilha Terceira; na 2.ª divisão do corpo de sapadores, no batalhão de caçadores n.º 3 e no regimento de infanteria n.º 10. A de 1835, 1836 e 1837, no estado maior general do corpo de exercito auxiliar á Hespanha. A de 1846 e 1847 ás ordens do marechal Saldanha e commandando o batalhão de caçadores n.º 1.

Ficou contuso no braço direito, na sortida pelo Padrão da Legua em frente das linhas do Porto, no dia 28 de novembro de 1832.

Na acção da Ladeira de Velha (ilha de S. Miguel), em 2 de agosto de 1831, atacou com a companhia que commandava uma posição, cortando a retirada ao inimigo e fazendo-lhe 34 prisioneiros incluindo 4 officiaes.

Sendo capitão commandou um contigente de duzentas praças do regimento de infan-

teria 10, com que fazia parte da guarnição de Leiria, desde janeiro até maio de 1834, e foi escolhido para operar na margem esquerda do Mondego e auxiliar o desembarque do almirante Napier, na Figueira, commissão que desempenhou com intelligencia e acerto, assistindo, depois á batalha da Asseiceira.

Sendo capitão commandou um batalhão provisorio que em 1840 foi de Lisboa até á cidade da Guarda, em consequencia da revolta do regimento de infanteria n.º 6. Sendo major commandou um batalhão composto, de quatro companhias de caçadores n.º 2 e outras quatro de caçadores n.º 8, com o qual fez parte da divisão que foi cercar a praça de Almeida em 1844. Membro da commissão encarregada de emittir opinião sobre um projecto de regulamento para o serviço interno dos corpos de infanteria e caçadores. Membro da commissão encarregada de elaborar um projecto de instrucções com respeito ao serviço de inspecção a s corpos de infanteria do exercito, por portaria de 19 de dezembro de 1863. Exonerado do serviço de inspecção em que se achava, em 23 de junho de 1866. Membro da commissão encarregada de preparar meios necessarios para melhoramento da padaria militar e creação de mais dois estabelecimentos da mesma ordem, por portaria de 26 de outubro de 1868. Finalmente, promovido a general de divisão em 12 de setembro de 72 sendo já commandante das guardas municipaes.

Pelos differentes e importantes serviços, prestados pelo barão do Zêzere, foram-lhe dadas as seguintes mercês:

Cruz de ouro da guerra de Montevideu; ordem do exercito n.º 112 de 23 de agosto de 1824; official da ordem da Torre e Espada, por diploma de 20 d'agosto de 1833.

Cruz de 1.ª classe da ordem de S. Fernando de Hespanha, por diploma de 20 de outubro de 1836. Commendador da ordem de Izabel a Catholica de Hespanha, por diploma de 15 de março de 1839. Commendador da ordem de S. Bento de Aviz, por diploma de 21 de maio de 1844. Tenente coronel, por decreto de 20 de janeiro de 1847, pelo seu distincto comportamento e relevantes serviços que prestou na acção de Torres Vedras em 22 de dezembro de 1846. Primeiro barão do Rio Zêzere, por diploma de 2 de junho de 1851. Commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por diploma de 11 de setembro. Commendador da Ordem de Torre e Espada, por diploma de 20 de agosto de 1853. Do conselho de sua magestade por diploma de 14 de janeiro de 1854. Medalha de D. Pedro e D. Maria, algarismo 9, ordem do exercito n.º 14 de 9 de maio de 1862. Medalha de prata da divisão auxiliar á Hespanha, ordem do exercito n.º 26 de 4 de julho de 1864. Grã-Cruz da ordem de S. Bento de Aviz, por diploma de 23 de fevereiro de 1869. Elogiado na ordem do exercito n.º 19 de 20 abril, pelo modo diligente e acertado como procedeu no cumprimento das ordens e instrucções que recebeu por occasião da insubordinação do batalhão de caçadores da Zambezia; e ajudante de campo, honorario, do sr. D. Luiz, e grão-cruz da ordem da Torre e Espada.

—

Exercendo a commissão de commandante geral, das guardas municipaes, falleceu este bravo militar e illustre setubalense, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1875.[1] Ainda vive a sua viuva.

—

4.º — *José Antonio Benedicto Soares de Faria Barbosa*, mais conhecido pelo cognome de Morgado de Setubal.

[1] No mesmo dia, mez e anno, e quasi á mesma hora, falleceu, tambem em Lisboa, um verdadeiro homem de bem, e portuguez legitimo: fallo de *Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas*, que nascêra em 1821. Era filho do vice-almirante, Francisco do Canto e Castro Mascarenhas, que tantos e tão relevantes serviços prestára em defeza da patria, durante as guerras da Peninsula, distinguindo-se como um dos mais intrepidos e felizes marinheiros d'essa época, e casado com D. Carlota Joaquina de Meirelles Valdez.

Sebastião do Canto, era casado com a sr.ª D. Maria Margarida Sctokler Salema Garção, que ainda vive, e d'este matrimonio nasceu a sr.ª D. Maria da Graça do Canto e Castro Mascarenhas.

Foi, Sebastião do Canto, director dos caminhos de ferro do Sul; director dos tele-

«O morgado de Setubal é uma gloria nacional, pelo seu merito artistico, notoriamente conhecido em todos os paizes cultos; todavia, não ha compendiados os dados biographicos, sufficientes a accentuarem o seu perfil individual.

«A noticia que d'elle vou dar não satisfaz plenamente o fim desejado; mas reune o registo d'algumas circumstancias concernentes ao celebre pintor, que não estão bastante divulgadas.

«Viveu muitos annos em Setubal [1] e ahi foi sepultado, na igreja parochial de Santa Maria da Graça, no dia 12 de fevereiro de 1809, no jazigo de sua familia o insigne pintor José Antonio Benedicto Soares de Faria e Barros, por antonomia — o Morgado de Setubal.

«D'elle existem muitos quadros, que attestam o genio admiravel e esmerado gosto de seu author.

«Apenas sahido da infancia, nos campos que cercam a villa de Mafra, onde nasceu pelos annos de 1750 a 1751, colhia elle, com engenhoso acerto, as flores naturaes, cujo succo lhe dava as varias cores para os seus primeiros ensaios.

«Adquiridos os estudos litterarios elementares, na terra de sua naturalidade, deu-se applicadamente á arte de pintura, em que revelou grande merito, sendo, sobretudo, admiravel nas imitações da natureza.

«Não é facil encontrar quadros d'outros authores onde melhor do que nos seus se representem o fogo, os metaes, os fructos, as pennas de aves e o pello de diversos animaes.

«Conta-se que, tendo pintado um gato, e estando exposto o quadro em lugar onde era visto por alguns cães, estes se quizeram lançar a elle. Tal era a fidelidade na reproducção!

«Tambem foi admiravel nas cópias de quadros dos grandes mestres. Com tanta perfeição copiou dois quadros sacros que existiam no seminario de Brancannes, attribuidos um a Raphael e outro a Carlos Maratta, professor da escola romana no seculo XVII, que, confrontados os originaes com as cópias, tornava-se difficil a distincção.

«Os retratos, propriamente ditos, executava com pasmosa exactidão.

«São apreciados com muito louvor, por juizes de alta competencia, os quadros do Mendigo, do Pescador, e outros pertencentes áquelle eximio artista, o qual, sem mestre, e sómente pela natural propensão, alcançou o renome que se allia á sua memoria.

«Nas melhores galerias de quadros de distinctos professores figuram dignamente os quadros do Morgado de Setubal.

«Dos seus quadros ha alguns repetidos, porque o author os copiava, quando para isso se empenhavam com elle.

«Antonio Benedicto, havendo-se conservado sempre no estado celibatario, e não tendo por isso successor em linha directa, deixou o morgado de que era administrador a seu sobrinho, filho de sua irmã, casada com seu tio José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos.

«Apesar de morgado, consta que nem sempre logrou a abundancia, e que algumas vezes o seu excellente pincel lhe proporcionou meios para viver.

«Vem a proposito referir um caso engraçado, que diz respeito ao eximio pintor de que se trata.

«Haviam-lhe encommendado um quadro para uma igreja, representando S. Pedro. Benedicto divagou pela praia de Troino, em occasião em que os pescadores estavam amanhando suas redes, sentados ao sol; buscava um bom modelo. Procurou e achou. Depa-

graphos; engenheiro em chefe do caminho de ferro do Norte; governador-civil do Porto; ministro das obras publicas, por decreto de 24 de julho de 1868.

Era tenente coronel do corpo do estado-maior, commendador das ordens de Christo, Conceição, e Aviz; grão-cruz da ordem de Leopoldo, da Belgica, e de Danebrog, da Dinamarca. Por fim, exercia os empregos de administrador da casa de Bragança, e da casa-real.

[1] Foi por esta razão, que o incluo na relação dos *setubalenses illustres;* mas elle era natural da villa de Mafra, onde nasceu em 1750 ou 1751. (Vide *Egreja de Nossa Senhora da Graça).*

Pinho Leal.

rou-se-lhe uma bella cabeça, cabellos revoltos, quasi de todo brancos, e igualmente a barba, fronte espaçosa, olhos vivos, perfil correcto, emfim, um typo artistico. Conseguiu, não sem difficuldade, que o pescador se prestasse a que lhe tirasse o retrato, mediante determinada quantia.

«No dia seguinte, e á hora ajustada, appareceu o pescador no gabinete de Benedicto; o homem, porém, aconselhado pelos dictames da respeitosa cortezia que n'aquelles tempos era devida para com um morgado, apresentou-se de barba rapada e cabello cortado, isto é, tornado totalmente diverso do que se pretendia. Póde imaginar-se qual foi o desapontamento e a zanga do illustre pintor!

«O retrato que elle fez de fr. Severino de Santo Antonio, frade da ordem dos arrabidos, mestre da rainha D. Maria II, e natural de Setubal, onde falleceu em 7 de abril de 1840, está sendo venerado como imagem de Santo Antonio, n'uma igreja, depois que lhe foram acrescentados os competentes accessorios por um pintor hespanhol, que ha poucos annos veiu a Setubal.

«No tocante á parte genealogica de José Antonio Benedicto, é ainda honroso para elle o que se póde registar.

«Foi filho de Antonio José Bernardo, homem de estimaveis dotes, o qual, na segunda metade do seculo passado, exerceu o cargo de syndico do convento de Mafra, cargo que só era confiado a pessoas de nobres qualidades. Seu tio, José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos, natural de Setubal, socio das academias de sciencias de Lisboa e Berlim, e correspondente da de Paris, bastante preconizado como astronomo, não o foi menos pelas obras litterarias e scientificas que compoz, depois de adquirir largos conhecimentos nos paizes mais cultos da Europa.

«Em 1761 occupou o logar de secretario da embaixada portugueza em Paris. Maguado por desattenções immerecidas, regressou á patria, indo residir na villa de Cezimbra, onde, retirado do convivio dos homens e entregue aos seus profundos estudos, passou o resto da vida, a qual concluiu no dia 2 de novembro de 1793.

«Stockler escreveu o elogio historico d'aquelle illustre setubalense e deu diffusa noticia das suas numerosas obras, quasi todas escriptas em francez, respeitantes a assumptos chimicos e astronomicos. Algumas d'ellas ficaram ineditas, segundo affirma o abbade Barbosa.

«O prestantissimo e erudito bibliographo Innocencio Francisco da Silva tambem fez explicita menção das alludidas obras no seu notavel diccionario.»

Manoel Maria Portella.

(Extrahido do n.º 422, da *Gazeta Setubalense*, de 24 de junho de 1877.)

5.º — *Francisco Travassos Valdez.*

«Um dos setubalenses que mais se tem nobilitado pela sua illustração e relevantes serviços publicos nos modernos tempos é, sem duvida, o sr. Francisco Travassos Valdez, sexto filho do primeiro conde do Bomfim, José Lucio Travassos Valdez e de sua mulher D. Jeronyma Emilia Godinho Valdez.

«Nasceu a 29 de outubro de 1825.

«É interessante e diffusa a noticia que a seu respeito publica o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, e por me parecer exacta, a seguirei na maior parte.

«Fez o sr. Travassos Valdez os seus estudos complementares na escola polytechnica de Lisboa, os quaes interrompeu no anno de 1844, para tomar parte na revolução começada em Torres Novas, contra o ministerio presidido pelo conde de Thomar.

«Em 1846 deixou o cargo de correio assistente na cidade de Elvas, para o qual tinha sido despachado n'aquelle anno, e abraçando o partido da junta do Porto, serviu como official em diversos corpos, durante a guerra civil que tinha por fim derribar o dito ministerio, até que foi prisioneiro pelas forças inglezas em junho de 1847, com a divisão do conde das Antas. Desde então deu-se com affinco ao estudo das lettras, e depois emprehendeu e realizou longas viagens, de que fez e publicou as descripções, com muito credito para si e bastante interesse para as nossas colonias, cujas necessidades

poz em evidencia, indicando os meios mais conducentes a remedial-as.

«Em 1851 foi nomeado arbitro por parte de Portugal na commissão luso-britannica, que se estabeleceu em Loanda, para julgar em ultima instancia os casos de trafico da escravatura. N'esta commissão e no emprego de administrador interino do correio central de Angola prestou assiduos serviços, com sacrificio da propria saude, adquirindo enfermidades que o obrigaram a procurar restabelecer-se em Lisboa.

«No anno de 1857 foi nomeado arbitro da commissão mixta luso-britanica do Cabo da Boa Esperança, e na permanencia d'esse exercicio escreveu as suas obras mais importantes, com o producto das quaes occorria ás suas necessidades pessoaes, pois as não podia satisfazer com o diminuto vencimento d'aquelle emprego, que por isso deixou, passando a ser empregado d'uma empresa particular. Proporcionou-se-lhe então occasião de estudar profundamente as graves questões da colonisação, e o conseguiu, visitando successivamente as ilhas de Ascenção, Santa Helena, as Guienas, as Antilhas grandes e pequenas, o Guatemala, o Mexico, os Estados-Unidos, as Bahamas, Terra Nova, Açores, Marrocos, Gibraltar e as Baleares. Desembarcando depois em França e seguindo d'ali por outras partes da Europa, atravessou a peninsula e se recolheu a Portugal.

«Até 1863 deu-se a algumas empresas industriaes, principalmente de construcções de caminhos de ferro, com pouca felicidade.

«Sendo ministro da marinha o sr. Mendes Leal, e querendo aproveitar-lhe os muitos conhecimentos que possuia, o nomeou secretario da commissão que tinha por fim estudar a questão da colonisação e propor com respeito a ella um plano conveniente, e incumbiu-o ao mesmo tempo de publicar uma obra sobre a Africa occidental, motivada principalmente pelo pensamento que a originára a commissão.

«Elevada a ilha de Timor á cathegoria de provincia independente, foi o sr. Valdez nomeado secretario do respectivo governo, cargo que começou a exercer no anno de 1864, cooperando muito com o seu zelo e esclarecida intelligencia para melhorar ali o estado da fazenda e dos outros ramos de administração publica.

«Adquirindo grave enfermidade por occasião de ir á Java presidindo uma commissão encarregada de contrahir um emprestimo, como unico recurso de que se podia lançar mão para occorrer ás necessidades publicas na provincia, viu-se obrigado a procurar restabelecer-se em Lisboa.

«Não lhe faltaram detractores, que procurassem desconceitual-o no tocante ao modo porque procedeu como secretario do governo do Timor; os excellentes relatorios que elaborou e fez publicar, e as reclamações repetidas que dirigiu ao governo, para que syndicasse dos seus actos e d'elles lhe tomasse contas, e o resultado que obteve, deixou, porém, rebatidas de modo triumphante as injustas accusações que lhe eram dirigidas.

«Não podendo conseguir que se lhe ultimasse o processo da syndicancia, por elle requerida mais d'uma vez, no decurso proximamente de dois annos, foi fazer uma viagem ao Brazil, onde teve o melhor acolhimento, e o resolveram a tomar a direcção dos estudos secundarios no collegio Pinheiro, estabelecido no Rio de Janeiro, e alli publicou, a expensas de muitos portuguezes, o livro que intitulou *Da Oceania a Lisboa*.

«Desasocegado, por não ver officialmente comprovada a honradez e zelo com que servira o cargo de secretario do governo de Timor, regressou a Portugal, onde depois se ultimou a syndicancia requerida, que o deixou plenamente illibado em todas as instancias, sendo até denegado no supremo tribunal de justiça o recurso de revista que o ministerio publico, no desempenho da sua obrigação, interpoz das resoluções dos tribunaes inferiores,

«Continuando a ser perseguido pelo infortunio e animado pela idéa de que no Brazil acharia melhor sorte, voltou para lá; mas vendo, finalmente, frustradas as suas esperanças, cançado de luctar com a adversidade e enfraquecido o espirito, dado a aturadas locubrações, deixou-se dominar pelo ter-

rivel desvairamento que o levou a tentar contra a propria existencia, em abril do corrente anno, conforme referiram os jornaes brazileiros, chegando estes a dar noticia da sua morte, noticia que foi recebida com tão grande sentimento em Portugal, quanto foi grande a satisfação produzida pelo seu desmentido, que se não fez esperar muito tempo.

«O sr. Valdez tem escripto diversas obras em portuguez, francez e inglez, e entre outras as mais importantes foram: *South African Ladies Companion, Six years of a traveller's life in Western Africa, Africa Occidental* e *Da Oceania a Lisboa.*

«No *Jornal do Commercio*, de Lisboa, publicou notaveis artigos com respeito ás possessões portuguezas no ultramar. Tem sido redactor e collaborador de diversos jornaes, com distinctissima reputação.

«Travassos Valdez é, certamente, um dos espiritos para cujas investigações o ambito do mundo parece pequena área, e aos quaes a ancia de saber não permitte estabilidade nem quietação.»

Manoel Maria Portella.

—

6.º — *José Anselmo d'Almeida Soares*—Foi capitão-general das nossas ilhas de Solor e Timor, na Oceania.

Não me foi possivel obter mais informações com respeito a este illustre setubalense

Solôr-Velho, ou *Pequeno*, tem 90 kilometros de circumferencia. Foi esta ilha que deu o nome de *Solôres*, ao grupo d'ilhas da Oceania, cujas principaes são —*Solôr-Velho*, e *Solôr-Novo*. Dista 120 kilometros de Timôr. Produz os mesmos fructos que *Solôr-Novo*, e uma especie de nós moscada, que se vende muito cara, em Gôa.

Solôr-Novo, a que tambem se dá o nome de *Flôres*, e *Endie*, ou *Oende*, fica ao N. de Solôr-Velho e a 12 kilometros de Timor. Tem 270 kilometros de comprido, por 78 de largo.

Os hollandezes nos tomaram a fortaleza de *Labyona*, capital dos nossos estabelecimentos n'esta ilha: hoje, apenas alli temos a villa de *Larantuca*, e trez régulos feudatarios da corôa portugueza, com a população de 70:000 almas.

Ha n'esta ilha um vulcão, que lança fumo constantemente.

A ilha, produz canella silvestre, cereaes, arrôs, algodão, côcos, aréca, gamutte, uvas (duas vezes no anno), laranjas, ananazes, e outras fructas.

Pesca-se aqui grande variedade de peixe e excellentes tartarugas. Tem minas d'ouro, de cobre, e de outros metaes.

Ha n'esta ilha, os famosos ninhos de *andorinhas salanganas*, manjar tão querido dos chins, e hoje introduzido na Inglaterra, só nas mezas dos argentarios, porque são carissimos. Já os ha artificiaes — isto é — falsos.

—

A ilha de *Timôr* foi descoberta pelos companheiros de Fernandes de Magalhães (vide *Provezende)* em 1522.

Está ao S. das Molucas. Tem 360 kilometros de comprido, por 90 de largo. Está sujeita no espiritual — ao bispo de Malaca, que se denomina, *bispo de Malaca e Timôr.*

Parte da ilha é do dominio da corôa portugueza, parte está sob o dominio dos hollandezes (por usurpação) e parte pertence a chefes indigenas, feudatarios de Portugal.

A Hollanda tem aqui alguns estabelecimentos, que nos usurpou durante o ominoso dominio de D. Philippe IV. (Em 1613). A elles pertence a parte occidental da ilha, onde

teem o optimo porto de *Copang*.

A capital das possessões portuguezas, é a povoação de *Délli* na costa do N., a qual tem prosperado muito n'estes ultimos annos.

Grande parte dos habitantes de Timôr, pertence á raça *malaya*, e são governados por chefes, alguns dos quaes se denominam reis, tributarios de Portugal.

Esta gente, é em geral supersticiosa — apezar de haver entre elles, bastantes christãos, pois o Evangelho foi aqui prégado ha mais de 300 annos.

Os da parte occidental, crêem-se descendentes de um crocodilo, e lhe sacrificam uma rapariga, escrava, ornada de flôres.

Os *reis* e os *grandes*, trazem os dentes cobertos d'ouro.

Houve tambem aqui um grande vulcão, que se extinguiu, deixando no logar que occupava um vasto pantano.

Em *Samôro*, ainda ha um pequeno vulcão, e varias fontes de petroleo.

No districto de *Amanabung*, ha uma montanha, e ao sopé d'ella um buraco de quatro metros de circumferencia, do qual, durante seis mezes do anno, sáe um vento tão forte, que não é possivel a pessoa alguma aproximar-se d'este logar.

A ilha é fertilissima, produzindo todas as especiarias das Molucas, assim como as das regiões temperadas. Abunda em varias qualidades de optimas madeiras, e mattas impenetraveis de *bambús*, ou *tabócas*: mattas de algodão e de canella; *canellão* (ou *cravo do Maranhão)* sandalo branco, vermelho e amarello; páu rosa, e páu prêto; trigo; milho (grosso e miudo) arrôz; legumes; muitas variedades de fructas do paiz; hortaliças; uvas (duas vezes no anno) muita cêra; aréca; gamutte; ninhos de andorinhas salanganas; nervos de veado; pedras de porco espim; sólda; gado (vaccum e cavallar — a maior parte selvagem); javalis; grandes morcêgos (que os indigenas comem); bufalos; macacos; carneiros; grandes serpentes; tartarugas; perolas; e grande abundancia de *bichos do mar*.

A pouca distancia do mar, ha uma lagôa, onde a água se crystaliza em pouco tempo, e, por mais sal que se tire, nunca se acha falta d'elle, nem d'agua.

Quando n'esta lagôa cáe agua da chuva, ou outra água *dôce*, é tal a effervescencia e tão grande o calor, que só com pás se póde então tirar sal.

Ha na ilha, minas d'ouro, cobre, chumbo, enxofre, estanho, e ferro; mas ainda se não achou nenhuma de prata. As chuvas arrastam dos montes particulas de cobre, tambaque, e ouro.

Nas areias do rio *Copang* (o maior da ilha) e em outros menores, se tem achado tambem *palhétas* d'ouro.

Toda a população da ilha, é calculada em 800 a 900:000 habitantes, dos quaes 600:000 são subditos ou tributarios de Portugal.

Dista 1:980 kilometros de Macáu—3:540 de Gôa—4:380 de Moçambique. De Lisboa, dista 18:000 kilometros; mas, em linha recta, só 9 480.

Fazendo-se a viagem pelo canal de Suez, a distancia é de 10:800 kilometros.

—

7.º — *D. José da Costa Torres* — Nasceu a 11 de agosto de 1741. Era doutor em canones, pela universidade de Coimbra. Foi bispo do Funchal (ilha da Madeira) d'Elvas, e, por fim, arcebispo de Braga. Falleceu a 26 d'agosto de 1813.

—

8.º — *D. Pedro Fernandes Sardinha.* — Estudou em Paris as sciencias positivas, nas quaes se graduou, entrando depois na classe sacerdotal. Foi vigario-geral do padroado da India, e, depois, bispo da Bahia, para onde partiu, de Lisboa, em 4 de dezembro de 1551, no galleão commandado por Simão Gomes de Andrade. Chegou á Bahia, no 1.º de janeiro de 1552, com os ministros ecclesiasticos que deviam constituir o cabido do bispado da Bahia, recentemente creado. [1]

Depois de haver soffrido muitas tribulações, no exercicio da sua prelatura, embarcou para Lisboa, em julho de 1556; mas, naufragando o navio em que elle vinha, foi barbaramente assassinado e comido, e todos os seus companheiros, pelos selvagens, na margem do rio de S. Miguel.

—

9.º — *Mafaldo de Setubal* — Foi um intrepido navegador portuguez, tomando parte nas emprezas maritimas, emprehendidas pelo immortal infante D. Henrique, filho de Dom João I (vide Sagres).

Embarcou na expedição ao Cabo-Branco, organisada por Gonçalo Pacheco, prestando n'ella relevantes serviços, pela muita pratica que tinha das terras e costumes dos mouros.

D'este navegador setubalense, falla — Azurára, na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (cap. 37, 38, e 39).

—

10.º — *D. Manoel Estevam de Vilhena* — cavalleiro d'el-rei, e capitão de uma das náus da India, onde morreu combatendo os inimigos, no reinado de D. Manoel.

—

11.º — *Victorino José d'Almeida Soares Serrão — Barão do Valle* — Nasceu a 20 de julho de 1788. Era filho do major Antonio Marcellino Soares Serrão, e de D. Eufrazia Balbina Rosa Benedicta de Almeida.

Destinando-se á vida militar, sentou praça de voluntario, no regimento de infanteria de Setubal (depois n.º 7) no 1.º de agosto de 1800, principiando a fazer serviço em 1804, sendo então reconhecido cadete. Obteve licença para frequentar os estudos, e matriculou-se no *Collegio dos Nobres*, á Cotôvia (hoje escola polytechnica) mas, em 1808, não querendo obedecer ao general Junot, de execranda memoria, pediu a sua demissão; mas logo que o povo portuguez se levantou contra a dominação dos escravos do sanguinario corso, tomou as armas em defeza da patria, e em janeiro de 1809, foi feito alferes do seu antigo regimento, e em março do mesmo anno, foi despachado tenente, por distincção, e ainda no fim do mesmo anno, foi feito capitão, posto em que fez com distincção toda a guerra peninsular. Em dezembro de 1820, foi promovido a major, e, em maio de 1821, a tenente coronel do 1.º batalhão de infanteria da legião constitucional, com o qual passou á America. Proclamada a independencia do Brasil (11 de janeiro de 1822) as tropas portuguezas, commandadas pelo bravo e leal Jorge d'Avilez, embarcam no Rio de Janeiro, com destino a Lisboa.

As cortes constitucionaes portuguezas tinham decretado — e D. João VI sanccionou — que fosse julgado nullo, tudo quanto o sr. D. Pedro e o seu governo tinham feito no Brasil, e que o principe recolhesse a Lisboa immediatamente, *sob pena de incorrer nas penas prescriptas na constituição, para o rei ou seu successor, que sahir do reino sem licença.*

[1] A provincia da Bahia, foi erecta em bispado, no anno de 1551, por D. João III, confirmado por bulla do papa Julio III, d'este mesmo anno. O 1.º bispo, foi este de que trato no texto.

(Decretos de 24 e 25 de julho de 1822). [1]

O general de brigada, Jorge d'Avilez, pretende que o sr. D. Pedro cumpra os decretos das cortes, mas o principe manda-o intimar (pelo brigadeiro Rapozo) para hir com as suas tropas, para a Praia-Grande, o que se effectuou a 11 e 12 de janeiro; e logo no dia seguinte, é mandado para Portugal, ao que Avilez e as suas tropas obedeceram, embarcando a 14 e fazendo-se de véla a 15.

Para obrigar Avilez a prompta obediencia, o sr. D. Pedro lhe apresentou em frente dos quarteis a esquadra *brasileira*, [2] com as portinholas abertas e as peças carregadas e corridas; pondo os portuguezes incommunicaveis, por mar e por terra, para não receberem mantimentos: declara as tropas portuguezas inimigas do Brasil, mandando a todas as auctoridades brasileiras que lhe façam guerra de exterminio.

O regimento de infanteria n.º 11, quiz resistir, atacando os brasileiros, mas os officiaes, a muito custo o poderam conter.

Pouco tempo depois da sahida de Jorge d'Avilez com as suas tropas (4:000 homens) entrava no Rio de Janeiro a brigada que hia render a de Avilez, e foi n'esta brigada o regimento de infanteria n.º 7, onde hia o nosso setubalense, Soares Serrão.

Não sabendo da rebelião do principe, nem da sahida para o reino da brigada que hia render, foram intimados para não desembarcar.

O sr. D. Pedro, mandou convidar as praças de pret, para ficarem ao serviço do Brasil, promettendo-lhes que pouco depois lhes daria baixa do serviço, e terrenos para cultivarem. Quinhentos soldados acceitaram o convite e desembarcaram; mas vendo que era para combaterem contra Portugal, pediram para regressar ao reino. O sr. D. Pedro, mandou reunir as tropas brasileiras, e nos dias 30 de setembro e 1.º de outubro, do mesmo anno de 1822, mandou chibatar cruelmente aquelles 500 desgraçados (dos quaes, muitos morreram d'este barbaro supplicio) cujo *crime* era a sua fidelidade. O principe, de uma das janellas do arsenal da marinha, esteve em ambos os dias assistindo a este martyrio, como o seu homonimo (Dom Pedro I) assistira ao supplicio de *Alvaro Gonçalves* e *Pedro Coelho*, na praça de Santarem, a 18 de janeiro de 1357.

Logo a 12 d'esse mesmo outubro, o sr. D. Pedro se proclama a si mesmo, *imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.*

A 30 de dezembro (ainda de 1822) o novo imperador, decreta carta de côrso contra a bandeira de Portugal e contra

[1] Isto não passava de uma rodamontada ridicula. O sr. D. Pedro já se tinha declarado chefe do governo brasileiro independente; e no Brasil eram desprezados todos os decretos, avizos e citações do ministerio portuguez, e das ordens do rei e das côrtes; mas estas continuavam a legislar para o Brazil, como se elle fosse ainda uma provincia portugueza, na obediencia do nosso governo! — Era uma perfeita palapatice, e mais nada.

[2] Era uma parte da nossa esquadra, a que o sr. D. Pedro lançou a mão e lhe chamou sua.

a sua propriedade, publica e particular. N'este decreto era atrozmente insultada a nação portugueza, como o tinha já sido no *manifesto*, feito ás nações, pelo referido principe em 6 d'agosto do mesmo anno.

Esta carta de côrso, attrahiu ao Brasil muitos piratas estrangeiros, que enriqueceram com os roubos que fizeram aos portuguezes. O sr. D. Pedro, além de promover estes roubos, pelo mesmo decreto, taxava os prémios que ainda por cima deviam receber os ladrões!

Muito longe me levariam as considerações com respeito a estes factos; pelo que, tratemos sómente do nosso setubalense.

Quando as tropas de Jorge de Avilez chegaram á ilha da Madeira, souberam que a constituição tinha cahido, no 1.º de junho de 1823, mas, apezar d'isso, pretenderam revolucionar-se contra o governo do rei, pelo que os officiaes, foram presos quando desembarcaram em Lisboa, e as praças de prét de infanteria 7, foram desarmadas em Setubal, pelo então marechal de campo, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas.

Poucos dias depois da prisão, foram os officiaes que se tinham revoltado postos em liberdade, mas ficaram *desligados* (pouco mais ou menos ao que hoje se chama *terceira secção)*. Os soldados tambem logo receberam as suas armas.

Por fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826?) e proclamada a carta constitucional (11 de julho de 1826) Soares Serrão passa a effectivo.

Em 1828, Serrão, adhere á revolta de 16 de maio, que foi desastrosa para os que a tentaram e levaram a effeito. O nosso setubalense, teve de emigrar para a Inglaterra, com sua mulher e filho, e de lá para a França, onde lhe morreu a esposa. De França foi para a Ilha Terceira, onde foi promovido a coronel graduado, e alli ficou como governador das tropas liberaes. Em 1833, regressou a Lisboa, e em 1834, foi despachado coronel effectivo, e, no mesmo anno, general de brigada. Em 9 de outubro de 1835, foi feito *barão do Valle*.

N'esse anno, os negocios da Hespanha corriam mal para o partido de D. Maria Christina, porque as tropas de D. Carlos V, augmentavam prodigiosamente, e occupavam uma grande parte das provincias do norte. Em virtude do tratado da *quadrupla alliança*, o governo portuguez manda em soccorro dos liberaes hespanhoes, uma divisão de 6:000 homens, commandados por Francisco Xavier de Silva Pereira (1.º barão, 1.º visconde, e 1.º conde das Antas), que atravessou a Hespanha e foi combater contra os realistas, nas Vascongadas.

Serrão foi commandar uma das brigadas da divisão auxiliar, mas sentindo-se doente (e talvez tambem por ver que as derrotas eram muito mais frequentes, que as victorias...) pediu (1836) a sua exoneração, que lhe foi concedida, e regressando a Portugal, morreu n'esse mesmo anno, em Lisboa, a 26 de dezembro.

Acautelou-se a tempo e adoeceu *opportunamente*, porque a divisão portugueza que militava em Hespanha, foi atacada e desalojada das suas posições do Ebro, pelo general realista Zariategui, que obrigou os portuguezes a fugir precipitadamente para Portugal, chegando á nossa praça de Chaves, no fim de agosto de 1837. (Vide o 8.º vol., pag. 259, col. 2.ª).

Soares Serrão, em todas as differentes phases da sua vida, sobremodo agitada, foi sempre um verdadeiro homem de bem, e um intrepido militar.

—

12.º — *Diogo Duarte da Silva* — Nasceu a 10 de julho de 1774. Era deputado da junta da fazenda, na provincia de Santa Cathari-

na (Brasil) quando, em 1822, se proclamou a independencia d'este imperio.[1]

Em 3 de junho do mesmo anno, de 1822, o sr. D. Pedro convoca uma *assembleia constituinte*, para o Brasil, em opposição ás do *Reino Unido, de Portugal, Brasil e Algarve.*

Silva, fez parte d'essa assembleia, e n'ella se tornou notavel, pelo talento e prudencia com que pugnou pela alliança dos elementos monarchico e popular; e fez todas as diligencias (ainda que quasi sempre inuteis) para estorvar os excessos dos exaltados.

Depois de 1823, a provincia de Santa Catharina o elegeu seu deputado, em todas as eleições até 1839.

Os dotes intelectuaes e nobreza de caracter de que era dotado este setubalense, foram os motivos porque, mais de uma vez, fosse o seu nome escolhido para a lista triplice de senador.

Foi secretario da presidencia da provincia de Santa Catharina; inspector geral do thesouro publico; secretario da direcção do Banco Commercial, quando este se organisou; e, depois, director do mesmo Banco; cargo em que falleceu, a 24 de maio de 1857.

O sr. D. Pedro II lhe deu carta de conselho, e, pela sua probidade, mereceu sempre a consideração e estima geral, principalmente do corpo do commercio.

[1] Já em 1817, a provincia de Pernambuco tinha proclamado a sua independencia (apezar de estar no Rio de Janeiro, D. João VI e a sua côrte). O governo manda uma alçada, e tropas, contra os revoltosos, alguns dos quaes foram presos e executados.

Proclamada a constituição em Portugal, as provincias brasileiras de Santa Catharina, Bahia, Maranhão, Pará, Pernambuco, Matto-Grosso, S. Pedro do Sul, e outras, tinham acceitado as auctoridades nomeadas pelas côrtes, em 1821, mas, pouco depois, fazem causa commum com os revolucionarios do Rio de Janeiro, á frente dos quaes se tinha posto o sr. D Pedro (9 de janeiro de 1822). Houve então, e por alguns mezes seguintes, grandes desordens, perseguições, vinganças e mortes contra os portuguezes que não annuiram á revolta. Estas desordens e assassinatos, se têem repetido por muitas vezes no Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco e outras provincias, provocadas por varios jornaes brasileiros, que incitam as turbas a exterminarem os portuguezes, residentes n'aquelle imperio.

—

13.º — *Frei José da Purificação*[1] — Fez os seus primeiros estudos, na universidade de Evora,[2] onde foi alumno do collegio real da Purificação. Desejoso de se retirar do mundo e viver onde seguisse juntamente as lettras e virtudes religiosas, entrou na sagrada congregação de S. João Evangelista (loyos). Nunca acceitou grandes beneficios ecclesiasticos e prebendas, que pela universidade de Coimbra, e por muitos bispos e arcebispos, lhe foram offerecidos.

Leu muitos annos philosophia e theologia no collegio do Evangelista, da mesma cidade de Coimbra, e com seus bons exemplos e muita sabedoria, creou muitos e respeitaveis mestres, e doutores de grande nome e fama.

Foi sempre ouvido, o padre Purificação, como oraculo da theologia especulativa, expositiva e moral.

Leu muitos annos a disciplina de vespera de Escriptura. Nas sabbatinas, era um prazer ouvil-o, e a sua aula estava então sempre replecta de ouvintes, mesmo lentes e homens graduados.

Estudou medicina, canones e leis, para explicar e ensinar estas faculdades a trez seus irmãos, e n'ellas lhe fez as lições dos actos, com grande admiração dos proprios mestres.

Era sublime nas suas orações academicas, e os seus sermões, que prégava com muita eloquencia, eram ouvidos com geral agrado, respeito e admiração, porque eram todos improvisados, mesmo nas funcções mais solemnes da universidade.

Só ha impressos dois sermões seus — um da beatificação de S. Pio V; e outro, da canonisação de S. Francisco de Borja, que são um primor de oratoria sagrada.

[1] Não se confunda com outro de egual nome, que foi escriptor publico, e já fica mencionado nos da sua classe, sob o n.º 40.

[2] Esta Universidade existiu 200 annos muito certos. Foi instituida pelo primeiro arcebispo d'Evora, D. Henrique (depois rei) em 1559, e supprimida em 1759, pelo marquez de Pombal.

Como os não escrevia nem estudava, prégando-os todos de repente, não se poderam colleccionar nem imprimir.

Era justamente respeitado e ouvido, como o primeiro theologo do seu tempo.

A todas estas qualidades, juntava uma prodigiosissima memoria; e, lendo uma vez qualquer livro, ainda d'ahi a muito tempo o sabia de cór!

Falleceu no seu collegio do Evangelista, a 6 de setembro de 1694. Foi sepultado no mesmo collegio, de que era reitor.

—

14.º—*Jacob Frederico Torlades Pereira de Azambuja*—Cavalleiro de Christo e Conceição; e condecorado com a medalha de Liz, de França. Foi official-maior da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, e traductor de D. João VI, qnando a côrte estava no Rio de Janeiro: foi ministro de Portugal na Suecia, e exerceu outros altos empregos com a maior distincção, pelo que foi geralmente estimado. Nascera no ultimo quartel do seculo XVIII, e falleceu no principio do segundo quartel do presente.

—

15.º—*José de Cabêdo e Vasconcellos*—Moço-fidalgo da casa-real. Foi extremamente applicado ao estudo das familias illustres, e escreveu um nobiliario, em cinco volumes, que se conserva inedito, em poder de seus descendentes.

—

16.º—*Manoel Felix da Costa Gamito*—Vivia pelos annos de 1740. Escreveu um livro, que deixou inedito, intitulado—*Favos moraes, politicos e economicos.*

Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte.

—

17.º—*Padre Manoel da Gama Xaro*—Nasceu no principio d'este seculo. Foi mais de trinta annos, prior da freguezia de S. Sebastião d'esta cidade, e vigario-geral do arcediagado. Foi um distinctissimo antiquario, para cujos estudos, tinha particular e decidida vocação. Foi um dos fundadores da *Sociedade Archeologica Lusitana*, para investigações nos monumentos romanos da velha Cetobriga (hoje Troia).

Falleceu conego da Sé de Lisboa, a 10 de março de 1870.

—

18.º—*Antonio Candido Pedroso Gamito*—Commendador da ordem de Christo, e cavalleiro da de S. Bentó d'Aviz. Nasceu em 1806. Seguindo a vida militar, foi despachado alferes, para a provincia de Moçambique, onde seguiu varios postos. Era capitão, quando, em 1831, tomou parte na expedição, encarrégada de effectuar a travessia da Africa Oriental para a Occidental, cujos successos descreveu em um interessante livro, que intitulou—*O Muata-Cazembe*. Foi impresso em Lisboa, no anno de 1854.

Em 1842, regressou á sua terra natal, e ahi foi nomeado governador da torre do Outão. Em 1853, foi tomar posse do governo de Tete, e regressou novamente a Setubal, onde falleceu, no posto de major, em 1866.

—

19.º—*Padre Egydio Gambôa*—Freire professo na ordem de Christo, da qual foi procurador-geral, e reitor do collegio da sua ordem, em Coimbra. Falleceu a 13 de julho de 1715, deixando impressos alguns dos seus sermões.

—

20.º—*João Soares da Gama*—Nasceu em 1620. Foi bacharel formado em direito civil. Foi juiz dos direitos reaes da portagem, em Setubal, e exerceu outros cargos de consideração.

Escreveu algumas composições poeticas, que se não imprimiram.

Falleceu com 77 annos de edade, em 3 de julho de 1697.

—

Muitos mais setubalenses ha dignos de especial menção n'este artigo; mas deixo de os nomear, por não poder conseguir a seu respeito, os precizos esclarecimentos.

Ainda hoje ha n'esta cidade alguns cavalheiros, cujos nomes e biographias deviam figurar, com honra, na relação dos *setubalenses illustres*. Não os menciono, por varias razões, e, sobretudo, para não promover desagradaveis rivalidades.

—

Visitas a Cetobriga

São em grande numero os curiosos e os archeologos que por differentes vezes teem visitado as notaveis antiguidades romanas da vetusta Cetobriga.

O sempre chorado monarcha, D. Pedro V, e seu pae, o sr. D. Fernando, alli foram mais de uma vez. Em 22 de abril de 1867, tambem alli foi o duque de Montpensier, pae da malograda rainha Mercêdes, primeira mulher do actual rei de Hespanha, fallecida em 1879.

Outros monarchas e grandes de Portugal, teem visitado as ruinas de Cetobriga, e a notavel raridade geologica, a que o vulgo dá o nome de *Pedra furada*, em frente e ao norte de Cetobriga, sobre a margem direita do Sádo, ao E. e junto a Setubal.

—

Rua de Luiz de Camões

A rua que antigamente se denominava *dos Açougues*, para a qual dá a fachada da parte novamente construida, dos paços do concelho, foi concluida em 1874, e no dia 10 de junho de 1880 (trecentessimo anniversario do grande poeta) se lhe mudou o nome, para o de *Rua Luiz de Camões*, collocando-se alli a competente inscripção, em lettras de bronze, embutidas em uma lapide de marmore branco.

—

O padre Estrafaz

O reverendo sr. padre Francisco José Ferro Estrafaz, capellão das religiosas do real mosteiro de Jesus, de Setubal, merece honrosa mensão n'este artigo.

É a este digno e respeitavel sacerdote, que se deve a conservação e o aceio da egreja de Jesus, que, sem a sua valiosissima protecção, seria hoje quasi um montão de ruinas, e o mosteiro estaria inhabitavel. Os nossos governos nunca se importaram com este venerando edificio, incontestavelmente o mais bello, curioso e respeitavel de Setubal! Valeu-lhe porém a sollicitude e dedicação do sr. padre Estrafaz; porque, tendo o terramoto de 1858 causado grandes destruições no mosteiro de Jesus, aquelle esclarecido ecclesiastico o reparou, e em partes o reedificou, á sua custa, dispendendo boa somma de contos de réis.

Quando o sr. D. Pedro V esteve em Setubal (2 de novembro de 1860) foi o sr. padre Estrafaz que, á sua custa, mandou ornar luxuosa e ricamente a egreja do mosteiro, para receber dignamente o augusto visitante.

Acções d'estas não se elogiam, porque não ha palavras que possam exprimir, como merecem, a gratidão de todas as pessoas que ainda conservam em suas almas o amor á religião catholica, e em seus corações o respeito pelas cousas que nos testemunham a acrisolada devoção dos nossos avós. Só Deus póde premiar a louvavel dedicação do sr. padre Estrafaz, pelas suas obras; e, se n'este mundo não receber o premio de tão boas obras, recebel-o-ha no céu; porque, se a Divina Providencia não esquece o castigo dos crimes, tambem não olvida o premio das virtudes.

—

Casamento de D. João II

No dia 22 de janeiro de 1471, teve logar em Setubal, onde então estava a côrte, o casamento de D. João II (ainda principe) com sua prima, a virtuossima rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Viseu.

Não houve as festas e regosijos publicos, usados n'esse tempo, porque a familia real estava de lucto, pelo recente fallecimento do infante D. Fernando, pae da noiva, fallecimento que causou grande pesar, não só a D. Affonso V e seu filho e nóra, e irmãos d'esta, mas a todo o reino, porque D. Fernando, pelas suas virtudes, era geralmente estimado.

D'este casamento, só houve um filho, o principe D. Affonso, que casou com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel. D. Affonso, morreu junto á margem direita do Tejo, proximo a Santarem, da queda de um cavallo, em 12 de julho de 1491, sem deixar filhos.

D. João II, quiz deixar a corôa a seu filho bastardo, D. Jorge de Alencastre, duque de

Coimbra, mestre da ordem de S. Thiago, e tronco da casa ducal d'Aveiro; mas a rainha e a côrte se oppozeram tenazmente, e lhe succedeu seu primo e cunhado, D. Manoel, duque de Beja.

O infante D. Fernando, duque de Viseu, era pae da referida rainha D. Leonor, de D. Manoel, duque de Beja, e do infeliz D. Diogo, duque de Viseu e de outras muitas terras, cuja ambição o levou a tentar contra a vida de seu primo e cunhado, D. João II, e que este assassinou ás punhaladas, em Setubal, no dia 23 de agosto de 1484, como veremos mais circumstanciadamente, no decurso d'este artigo.

Se D. Diogo não fosse um tão impaciente ambicioso, d'ahi a onze annos seria rei legitimo de Portugal, sem ser precizo derramar sangue, porque o rei falleceu a 25 de outubro de 1495, em Alvôr, succedendo-lhe D. Manoel, irmão mais novo de D. Diogo.

—

Terramoto de 1531

No dia 26 de janeiro (uma 5.ª feira) d'este anno de 1531, foi Portugal victima de um espantoso terramoto, cujas oscillações—mais ou menos desastrosas—se repetiram até 2 de fevereiro seguinte. Causou grandes estragos em Setubal, deitando por terra muitos edificios, matando bastantes pessoas, e causando grandes avarias e naufragios nas embarcações surtas no Sádo.

Este tremor de terra sentiu-se n'uma area de mais de 400 kilometros. Em Lisboa, derrubou 1:500 casas, sepultando n'ellas os seus moradores. Muitos templos ficaram arruinados, e no Tejo submergiram-se muitos navios, morrendo grande parte dos seus tripulantes.

A maior parte da gente de Lisboa, fugiu para os campos, onde viveram em barracas. D. João III e toda a familia real e a côrte, fugiram tambem, porque todos temiam que a cidade se subvertesse.

—

Pestes

Por muitas vezes tem o flagello da peste disimado os habitantes de Setubal. Mencionarei sómente as mais desastrosas.

Em 29 de setembro de 1348, principiou em Portugal este horrivel flagello, que, pelas suas horrorosas consequencias, se denominou *a mortandade grande*. Diz-se que teve principio na Scythia, por causa de um medonho terramoto, que abrindo ali um grande boqueirão, expeliu de si um tão pestilento vapor, que levado pelo vento, causou em muitos reinos este flagello, que matou alguns milhões de pessoas. Desde o seu principio, durou trez annos; mas em Portugal, apenas trez mezes; todavia, n'este prazo, morreram muitos milhares de habitantes d'este reino. Em Setubal fez tambem grande numero de victimas. (Vide *Morteidade).*

—

No 1.º de julho de 1415, principiou outra grande peste. D. João I, estava então em Sacavem, com a familia real. Fugiram para Odivellas, mas alli, a virtuosissima rainha D. Philippa, é atacada do contagio a 8, e fallece a 18, depois de estar casada 28 annos. Setubal não escapou a este flagello.

—

Em 7 de junho de 1569, principiou outro terrivel contagio n'este reino, que durou até ao fim de outubro. Os maiores estragos foram em Lisboa, onde morreram 50:000 pessoas. A herva cresceu pelas ruas até grande altura—os mortos não cabiam nas egrejas, sendo precizo abrirem-se vallas pelos campos. Os defunctos estavam dous e trez dias ás portas das casas, sem haver quem os levasse à sepultura, nem quem os enterrasse. Para grande numero de individuos, a peste era fulminante.

Setubal, soffreu tambem com este flagello, mas não teve muitos mortos; tanto que, durante aquelles cinco mezes de horror, pozse incommunicavel com Lisboa.

—

Em 10 de setembro de 1579, principiou em Portugal outra peste. Em Lisboa, morreram 40:000 pessoas, e em Evora, 25:000. Em Setubal tambem morreu muita gente.

Esta peste, foi precursora de outra peste, ainda mais devastadora, que, no anno seguinte, invadiu Portugal, e durou pelo longo praso de sessenta annos—foi a usurpação dos Philippes II, III e IV.

—

Em 15 de outubro de 1598 (1.º anno da usurpação de Philippe III) principiou n'este reino outra horrorosa peste, que durou cinco annos! — Só em Lisboa, matou mais de 80:000 pessoas. Em Setubal, tambem então morreu muita gente.

—

Em julho de 1723, se desenvolveu em Lisboa outro terrivel contagio, que matou perto de 50:000 pessoas. Em breve se communicou a todo o reino, onde tambem fez grande numero de victimas.

—

No 1.º de janeiro de 1833, quando mais apertado estava o cerco da cidade do Porto, pelas tropas legitimistas, o general francez João Baptista Solignac, [1] poude desembarcar fóra da barra, com um reforço de 118 recrutas belgas, a favor dos liberaes. Onze d'estes soldados vinham com o *colera-morbus*. Este, em breve se communicou aos seus camaradas, depois, aos habitantes da cidade, e em pouco tempo se propagou por todo o reino, fazendo muitos milhares de victimas.

Foi o presente que nos trouxe o famoso *heroe d'Alcoentre!...*

—

Em 1855, o *colera-morbus*, torna a invadir Portugal, durando até ao anno seguinte, e matando muita gente.

—

Em 1856, principia no Porto, o flagello da *febre amarella*, e no anno seguinte, se estende por todo o reino. Só na cidade de Lisboa, matou oito mil e tantas pessoas.

O sr. D. Pedro V, cobriu-se de gloria n'esta triste conjunctura, pois que, tendo grande numero de individuos fugido de Lisboa, e tendo o cardeal patriarcha fugido para Santarem, o sr. D. Pedro só abandonava o seu palacio, para correr em soccorro dos doentes, animando-os com as suas palavras eloquentes, e proporcionando-lhes as possiveis commodidades. É por isto, e por muitas cousas mais, que Portugal ainda hoje se recorda (e recordará sempre) com saudade, d'este virtuoso monarcha, que a morte arrebatou ao respeito e carinho dos portuguezes, na florescente edade de 24 annos. (Tinha nascido a 16 de setembro de 1837, e falleceu de *febre palludosa*... a 11 de novembro de 1861).

O mez de novembro, é fatal para os principes da casa de Bragança!

D. João IV, morreu a 6 de novembro de 1656.

D. Maria II, a 15 de novembro de 1853.

O infante D. Fernando, seu filho, a 6 de novembro de 1861.

D. Pedro V, a 11 de novembro de 1861.

D. Miguel I, a 16 de novembro de 1866.

—

Pharol da torre do Outão [1]

No principio do seculo XVII, ainda eram rarissimos os postos semaphoricos no nosso littoral. Sendo a navegação nas aguas de Setubal de bastante perigo, por causa das correntes e rochedos do Cabo do Espichel, os officiaes da Casa do Corpo Santo, requereram, em 1625, ao usurpador Philippe IV, que mandasse collocar um pharol, na torre do Outão, para encaminhar as embarcações á barra de Setubal. Tiveram este despacho ao seu requerimento — «El castellano de Oton, ponga este farol, *dando-le los suplicantes lo necesario para el.*» — Nem outra cousa era de esperar de qualquer dos trez Philippes, que no longo periodo de sesssenta desgraçados annos, só cuidaram em reduzir Portugal á ultima miseria.

O pharol foi construido sobre um alto rochedo, mas, apezar da sua elevada posição, não era visivel em tempo de nevoeiro, tão frequente na Serra da Arrabida.

Em 1710, tornaram os mesmos officiaes da Casa do Corpo Santo, a pedir o estabelecimento de um pharol, na torre do Outão,

[1] Vide 1.º vol., pag. 78, col. 2.ª, e 7.º vol., pag. 355, col. 2.ª

[1] Chamo-lhe *torre do Outão*, porque é geralmente designada por este nome; porém é improprio, porque o Outão, é uma verdadeira fortaleza, e não uma *torre*.

ao que D. João V deferiu, mandando, por carta regia, de 12 de julho d'esse anno, construir o pharol no logar requerido; mudando-se então do primitivo logar para o actual.

Tem sido por varias vezes restaurado; hoje é um pharol de segunda classe, construido segundo o systema moderno mais geralmente adoptado para os postos semaphoricos.

—

Rendimento da camara municipal

A receita d'este municipio, no anno de 1879, foi de 21:862$370 réis — e a despeza foi de 20:121$315 réis — saldo — 1:741$055 réis.

Na receita, está incluido o subsidio do governo, para viação, na importancia de dois contos de réis, e o producto da taxa dos deslastres, applicada ao accrescentamento do caes, e aterro, entre este e o baluarte do Livramento, na importancia de 1:426$060 réis.

Na despeza, está incluida a verba de 2:566$804 réis, despendida com o mesmo aterro.

—

Premio á camara de Setubal

(Rendas de bilros)

Na exposição nacional de 1863, foi esta camara premiada com medalha de prata, pelos artefactos que expoz, pertencentes á industria de rendas de bilros, que com grande perfeição se fazem em Setubal, occupando muitas mulheres, quasi todas pertencentes ás classes pobres, principalmente do bairro do Trôino.

Tenho percorrido, por varias vezes, differentes povoações do nosso littoral, e em quasi todas vejo as mulheres, irmans e filhas dos pescadores, occupadas na factura de rendas de bilros. As mais perfeitas que se fazem em Portugal, sao incontestavelmente as de Peniche; apezar dos desenhos originaes estarem já tão alterados, pela repetição das copias, feitas pelas mesmas *rendeiras*, que alguns já se não póde saber o que foram no seu principio.

Esta industria, que ainda hoje é um grande recurso para as classes pobres, apezar da sua extrema barateza, [1] tem decahido muito, pela introducção de rendas estrangeiras, feitas no tear, e que, apezar de terem muito menos duração, teem formosos desenhos,

Vide no 6.º vol., pag. 643, col. 1.ª e seguintes, onde trato circumstanciadamente d'esta industria.

—

Dizimo do peixe

O dizimo do peixe que se pescava no rio e nas aguas de Setubal, era do rei, e rendia-lhe annualmente, até ao principio d'este seculo, termo medio, 40:000 ducados — 83:200$000 réis! [2]

—

Offerta á bibliotheca municipal

Por intervenção do sr. Manoel Maria Portella, tem offerecido a esta bibliotheca, o benemerito setubalense, Francisco Eduardo Gomes Cardim, residente no Brasil, algumas obras de muito merecimento, pela sua importancia historica; entre ellas, as que, em prosa e verso, produziu a penna elegantissima de D. J. G. de Magalhães, escriptor brasileiro.

—

Tabelliães

O rei D. Manoel, por uma provisão de 11 de junho de 1501, determina que em Setubal não haja mais de sete tabelliães.

[1] O mais que uma pobre *rendeira* póde ganhar, trabalhando todo o dia, são 80 ou 100 réis!

[2] O ducado, sendo da Suecia e Noruega, valia em Portugal, 2:080 réis, e é por onde a conta está feita no texto: sendo da Hollanda, vale 2:090 réis.

—

Vigarios da vara

Por uma provisão do usurpador Philippe IV, de 24 de maio de 1633, é prohibido aos vigarios da vara de Setubal, o passarem ordens de prisão, contra individuos seculares, como até então, abusiva e arbitrariamente praticavam.

—

Assento em côrtes

D. João III, por um alvará régio, de 23 de março de 1530, concede que os procuradores de Setubal, tenham assento em côrtes, no 4.º banco, onde tambem tinham assento, os procuradores de Monte-Mór-Novo, e os de Estremoz.

—

Titulo de notavel

Nas cortes d'Evora, de 1535 (13.as convocadas n'esta cidade, e 81.as de Portugal) o rei D. João III, recebeu, por offerta voluntaria dos povos, 100:000 cruzados (40 contos de réis) para as despezas do estado. Distinguindo-se n'esta offerta, os setubalenses, o rei concedeu á sua villa, o titulo de notavel, por carta regia de 31 de outubro d'esse anno de 1535.

—

Logares dos misteres, nos actos publicos

Por um alvará, do 1.º d'agosto de 1636, foram designados os logares que os *misteres* devem occupar nos actos publicos, sendo— na casa da camara, em escabêllos abaixo do procurador do concelho — e nas procissões, atraz do mesmo procurador, levando varas vermelhas, com as respectivas insignias.

—

Dou por terminado o artigo concernente á formosa cidade de Setubal. Deixo de mencionar bastantes cousas, por as julgar de menos importancia, e para não fazer esta descripção ainda mais longa, e, por conseguinte, mal cabida em um diccionario, e só propria de um livro especial, que trate exclusivamente de Setubal.

Peço desculpa aos setubalenses, por algumas verdades amargas que se leem na minha descripção; mas já disse em outra parte d'este artigo — *não sou um escriptor assalariado, para só divulgar o bem e encobrir o mal — escrevo o que me dicta a minha consciencia: posso errar, mas esse erro é filho do respeito que devo á verdade, e não ao desejo de criticar. Tomára eu ter sempre só que dizer bem e nunca motivo para dizer mal, porém, nem sempre tenho essa satisfação.*

—

Á ultima hora

Depois de escripto, composto e paginado o que fica dito, deram-se dous factos em Setubal, dos quaes julgo dever fazer scientes os leitores: são os seguintes:

—

Temporal de janeiro de 1881

A continuação do inverno, que tantos prejuizos causou em varias partes do reino, principalmente no Riba-Tejo, tambem prejudicou muito as propriedades de Setubal e suas immediações.

Desde o dia 23 do referido mez, sobretudo, as chuvas foram tão constantes que inundaram os campos e parte da cidade. Causaram grandes estragos nas quintas, destruindo-lhes os muros, as searas e parte dos laranjaes.

Na noite de 29 para 30, as aguas da cheia, juntas ás da maré, inundaram quasi todas as marinhas, inutilisando muito do sal que estava nas eiras.

Todas as marinhas dos esteiros de *Gambia, Palma, Telhada, Praia,* e *Espim do Sul,* soffreram grandes ruinas.

—

«Luz de Setubal»

Com este titulo se principiou a publicar em Setubal um novo jornal, no dia 26 de fevereiro d'este anno de 1881.

—

Declaração

Assevero aos meus leitores que nenhum artigo do diccionario me deu tanto trabalho

e causou tantas dores de cabeça, como este de Setubal! E não foi por falta de apontamentos, mas pela sua superabundancia; e porque se contradiziam uns aos outros. Cada correspondente contava o caso de differente maneira. O mesmo individuo que me mandava a narração de certos factos, passados mezes, esquecendo-se do que tinha escripto, o repetia, mas em completa contradicção dos seus primeiros apontamentos.

Um cavalheiro muito instruido nas cousas de Setubal, e que sempre me mereceu inteiro credito, mandou-me uma folha de papel almaço, completamente escripta nas suas quatro paginas, em lettra muito miuda e linhas muito bastas, contendo varios apontamentos sobre diversos assumptos. Regulando-me por elles, inutilisei tudo quanto tinha escripto sobre a materia, perdendo o trabalho de bastantes paginas. Passados quatro ou cinco dias, recebo uma carta do mesmo individuo, dizendo me: — «Os apontamentos que lhe mandei ultimamente estão todos errados: não faça obra por elles, mas pelos que agora vão» (!). E mandou-me outra maçada. Eu, farto de tanta contradicção, tornei a aproveitar tudo o que tinha inutilisado, e deitei ao limbo os taes apontamentos, tanto os *errados* como os *certos*.

Aproveitei muito do contheudo na *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal;* mas foi-me precizo o maior cuidado para fugir dos frequentes anachronismos e alguns erros de historia em que cahiu o auctor, apezar de ser *academico*.

Por todo o exposto se póde fazer ideia dos trances por que passei para escrever o presente artigo.

—

Rectificações

Além de alguns érros typographicos que escaparam na revisão, e que o leitor facilmente póde corrigir, ha os dous seguintes:

—

A paginas 202, col. 1.ª, disse que Setubal tinha em 1768 cinco freguezias, e nomeei só quatro, esquecendo-me mencionar a 5.ª, que é:

Nossa Senhora da Graça. Era tambem apresentada pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, por ser do grão-mestrado de S. Thiago. O prior tinha 296 alqueires de trigo, 150 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Esta freguezia, em 1768 tinha 228 fogos.

—

A paginas 281, col. 2.ª; no 4.º periodo, digo: — «Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de São Gião *e a de S. Sebastião.*» Deve lêr-se: — Até então, tinha Setubal só duas freguezias, que eram as referidas, de S. Gião *e a de Nossa Senhora da Graça.*

Indice alphabetico das principaes materias contidas n'este artigo

A

Academia problematica 230
Agua 298
Agua da Troia 213
Aguas medicinaes 293
Alaméda do Caes 278
Alcacer do Sal, Cezimbra e Setubal .. 310
Antiga comarca de Setubal 302
Antiguidades phenicias e romanas da Troia (Vide *Cetobriga, Troia, Troia actual* e paginas 310, 311 e 313)... »
Antigos hospitaes e albergarias 265
Antonio das Chagas (frei) 303
Assento em côrtes 356
Asylo da infancia desvalida 266
Atêrro do caes 280
Auctoridades antigas 310

B

Banhos 295
Barbuda, 257 304
Barra 295
Bastulos 208

Bibliotheca municipal, 317..... 355
Brazão de Setubal..... 204

C

Caminho de ferro, 203..... 233
Carreira dos vapores para Alcacer... 295
Casa onde nasceu Bocage..... 307
Casa do corpo da guarda..... 271
Casamento de D. João II..... 352
Castellos d'Albarquel e de S. Philippe. (Vide *Setubal Militar*)..... »
Castigo aos carniceiros..... 293
Cemiterio publico..... 267
Cetobriga, 205..... 213
Combate do Alto do Viso..... 232
Commercio do sal..... 302
Concelhos annexados ao de Setubal.. 203

D

Desacato. (Vide *Collegio dos Jesuitas*). »
Direito do dislastre..... 311
Direito do trapiche..... 311
Dizimo do peixe..... 355
Doca..... 280

E

Egrejas e ermidas, 236..... 254
Escriptores setubalenses..... 292
Estáos..... 300
Estradas, 277..... 293
Exportação, 293..... 305
Exposição do retrato de Bocage..... 316

F

Fabricas..... 294
Falta d'agua..... 277
Familia de Bocage..... 307
Feira de S. Thiago..... 282
Feiras e mercados do concelho..... 289
Flora Setubalense..... 297
Fonte das Lagrimas..... 303
Fonte de S. Braz..... 305
Foral..... 203
Fórte do Cabo..... 271
Freguezias antigas e modernas, 203, 281..... 357

G

Gabriel Malagrida (jesuita)..... 247
Gafaria..... 265
Guarnição militar..... 272

H

Historia de Setubal, 306..... 312
Hospitaes e albergarias..... 265

I

Illuminação publica..... 204
Inscripção achada na Troia..... 311
Instrucção publica..... 316
Instrucção secundaria..... 233
Isabel de S. Francisco..... 305
Itinerario de Antonino Pio..... 208

J

João II (D.), 220, 228..... 352
Junta constitucional..... 232

L

Lagoas da Troia..... 301
Lapa do Medico..... 252
Lapide commemorativa a Bocage.... 313
Limpeza da cidade..... 276
Lyceu municipal..... 232

M

Melhoramentos antigos..... 275
Melhoramentos modernos..... 276
Minas metalicas..... 304
Misericordia..... 263
Monumento a Bocage..... 313
Monstro marinho..... 291
Mosteiros..... 241

N

Nascentes d'agua, aqueducto e chafarizes..... 317
Nova Estrada..... 293

O

Objectos achados na Troia, 213..... 310
Oratorio da Senhora da Conceição, do Caes..... 306

P

Paços do concelho..... 274
Padre Estrafaz..... 352
Passeio publico do Bom-Fim..... 279
Passeio da praia do Trôino..... 278
Pelourinho..... 279
Periodicos, 294..... 357

Pestes..... 353
Pharol da Torre do Outão..... 354
Policia civil..... 278
Ponte do Livramento..... 279
Pontes na cidade..... 282
População do concelho..... 290
Porto de Setubal..... 290
Praça do mercado..... 205
Praças e ruas..... 278
Pré historia..... 304
Premio á camara..... 355
Prior do Crato, 229..... 312

Q

Quartel de caçadores n.º 1..... 271
Quatro cabeças..... 221
Quevedos..... 310

R

Recolhimentos..... 253
Rendimento da camara..... 355
Rendimento do correio..... 294
Rua de Luiz de Camões..... 352
Ruas antigas..... 306

S

Salão Therpsicore..... 293
Sapal do Trôino..... 312
Senhora da Troia..... 212
Setubal..... 215
Setubal e o numero quatro..... 305
Setubal elevada a cidade..... 233
Setubal militar..... 268
Setubalenses illustres..... 320
Silex pyromico..... 213
Situação de Setubal..... 233
Sociedade archeologica lusitana..... 232
Sondagens da barra..... 296

T

Tabelliães..... 355
Templo de Neptuno, 270..... 319
Temporaes, 231, 284..... 357
Termo de Setubal..... 235
Terramoto de 1531..... 353
Terramoto de 2 d'outubro de 1680... 282
Terramoto de 1 de novembro de 1755, 231, 282..... 283
Terramoto de 11 de novembro de 1858. 289
Theatro Bocage..... 291
Theatro Santos Silva..... 292
Titulo notavel dado a Setubal..... 356
Torre do Outão, 269..... 312
Troia, 210..... 312
Troia actual..... 211
Trôino..... 301
Typographia..... 204

V

Vapor da carreira d'Alcacer do Sal.. 278
Via militar romana..... 209
Vigarios da Vara..... 356
Visita de D. João V a Setubal..... 259
Visita de D. Pedro V á cidade..... 308
Visitas a Cetobriga (Troia)..... 352
Voto feito pela camara..... 294

SEVÊR, ou **CEVÊR**—Rio, Alemtejo—Na serra de S. Mamede, freguezia de S. Salvador de Aramenha, concelho de Marvão, do lado do O., nos sitios do Barreirão, Alvarães, Gaféte, Ourelevadas, Ouregeiras das Naves, Gavião, Porto da Espada, e Magdalena, nasce o rio Sevêr, que, junto com uns grandes *olhos d'agua*, á vista de Marvão, corre com o nome d'esta villa, sendo aqui atravessado por duas pontes, de pedra, cada uma de trez arcos. No sitio da *Nêgra*, 3 kilometros abaixo da segunda ponte, já com o nome de Sevêr, principia a dividir Portugal de Castella, marcando 12 kilometros, até ao Carrascal de Valença d'Alcantara, onde recebe o rio hespanhol de Alburrel, continuando a servir de divisão ás duas monarchias, até perto de Montalvão. Passa á vista de Villa-Velha-do Rodam, e morre na esquerda do Tejo, com 40 kilometros de curso. Cria bastante e optimo peixe.

Abaixo da 2.ª ponte, fica um rochedo escarpado, sobre a margem esquerda (N.) e do tal rochedo rebenta um manancial d'agua chamado *Fonte de Maria Viegas*, que vem ter ao rio. Esta agua é evidentemente sulphurea, fria, diaphana, com sabor enjoativo e cheiro a ovos chocos, ao nascer. É remedio efficaz para toda a qualidade de molestias cutaneas e outros padecimentos.

Na margem d'este rio, se fez a entrega—em 1518—da rainha D. Leonor, terceira mulher do rei D. Manoel, filha de Philippe I, de Castella, e mãe do infante D. Carlos, que morreu menino, e da infanta D. Maria, que foi senhora de Viseu e Torres-Vedras.

—

SEVÊR, ou **CEVÊR**—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca do Peso da Régua, 85 kilometros a ENE. do Porto, 355 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 150 fogos.

Orago, Santo Adrião.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Os marquezes d'Abrantes, apresentavam o abbade, que tinha 1:400$000 réis de rendimento annual.

Foi abbade d'esta freguezia, o distinctissimo escriptor, *Diogo Barbosa Machado* (vulgarmente — *Abbade de Sevêr)* natural de Lisboa, e fallecido n'esta mesma cidade, em 1772. Era academico, da Academia Real da Historia Portugueza.

As suas principaes obras são:

Bibliotheca lusitana, historica, critica chronologica. Na qual se comprehende a noticia dos auctores portuguezes, e obras que composeram, desde o tempo da promulgação da Lei da Graça, até ao presente. Offerecida á Augusta Magestade de D. João V—quatro volumes, impressos: o 1.º, em 1741—o 2.º, em 1747—o 3.º, em 1752—o 4.º, em 1759.

É obra ainda hoje muito estimada, e em poucas livrarias se encontra completa, custando, quando apparece, 60$000 réis. D'ella foi mandado um exemplar, á exposição de Paris, de 1867.

Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo d'el-rei D. Sebastião, desde o anno de 1554 até ao de 1561. Quatro volumes, com o retrato do rei D. Sebastião e formosas vinhetas, alem de uma gravura de pagina em aço, repetida em cada volume.

É tambem obra de grande estimação, e pouco vulgar.

Elogio funebre do beneficiado Francisco Leitão Ferreira, recitado no paço.

Escreveu ainda outras varias obras de incontestavel merecimento.

Foi seu irmão o doutor *Ignacio Barbosa Machado* (padre) que tambem foi um escriptor distinctissimo.

Vide 4.º volume, pagina 327, columna 2.ª

—

Antigamente escrevia-se *Cevêr*, e talvez seja mais etymologico, se se derivar de *Ceveira*, que no portuguez antigo significava toda a especie de cereaes.

—

No seculo XVII pertencia á comarca do Riba-Tâmega, e tinha 120 fogos.

Havia então n'esta freguezia trez ermidas publicas—Nossa Senhora da Conceição, Santa Margarida, e S Martinho.

É terra fertil e fica proximo da margem direita do Douro, que a abastece de optimo peixe.

SEVÊR, ou **CEVÊR**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Leomil) 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, que se publicou em 1878.

SEVÊR ou **CEVÊR, DO VOUGA**—villa, freguezia e cabeça do concelho do seu nome, na provincia do Douro, comarca d'Agueda (foi da extincta comarca d'Esgueira) bispado e 48 kilometros ao O. de Viseu, districto e 26 kilometros ao NE. d'Aveiro, 264 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1764 tinha 127.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Fica 2:500 metros ao ONO. da margem esquerda do rio Vouga.

O concelho de Sevêr do Vouga é composto

de 8 freguezias—Cedrim, Couto de Esteves, Paradella, Pecegueiro do Vouga, Rócas, Sevêr do Vouga, e Silva-Escura, todas do bispado de Viseu, e Talhadas, no bispado de Aveiro. Todas com 1:850 fogos, e 7:800 almas.

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza; mas não consta que tivesse foral velho; só se lhe fosse dado por seu antigo senhor, Soeiro Gondezindes.

O rei D. Manoel, deu foral novo á *villa de Vouga*, em Lisboa, a 18 de março de 1514. *Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 84, v., col. 1.ª—e ao concelho de Sever do Vouga, a 29 d'abril do mesmo anno de 1514. *Livro de foraes novos da Extremadura*, . 173, col. 2.ª

—

No seculo x pertencia a herdade e o mosteiro de Santo André e S. Christovam, de Sevêr, a Soeiro Gondezindes e sua mulher, que os legaram ao abbade Jacob, o qual morreu sem deixar herdeiros, pelo que a doação voltou para os filhos dos doadores, e estes deram tudo ao padre Guadino e ao diacono Sandino, sob a condição d'ahi viverem monasticamente. Em 1005, Sandino Didaz vendeu o mosteiro a Froila Gonçalves. Em 1018, a condessa D. Tóda, prima de Froila, e sua herdeira, em cumprimento do testamento de Froila, entregou ao mosteiro da Vaccariça (Mealhada) todos os bens que elle possuia, desde o *monte Zebrario* até ao rio Vouga, incluindo o mosteiro, com todas as suas rendas e dependencias, e as aldeias de Paradella, *Abolini*, *Salas*, S. Martinho, e a herdade de Nespereira.

Em 1094, o mosteiro da Vaccariça foi unido á Sé de Coimbra, pelo que deixaram de existir, tanto o da Vaccariça como o de Sevêr.

—

Pelos annos de 1135, o famoso abbade, *mestre João Cirita*, de que varias vezes se tem allado n'esta obra, fundou em Sevêr um mosteiro da invocação de S. Thiago, para eremitas, os quaes, em 1141 se uniram aos do mosteiro de Tarouca, e adoptaram a sua regra (benedictina) doando-lhes a sua egreja de S. Thiago e suas dependencias.

Em novembro do mesmo anno de 1141, D. Affonso Henriques coutou a egreja de S. Thiago (*Ecclesiae S. Jacobi, de Sever et ipsis Monachis qui ibi habitant... et omnibus aliis, qui ibi Monasticum ordinem in presentiarem tenent, vel tenebunt per manus Johannis Taraucensi Abbatis*—Documento de Viseu e Tarouca).

Parece que n'outros tempos, Sevêr era povoação de menos importancia do que Pecegueiro, porque nas *Inquirições reaes* mandadas fazer, em 1250, por D. Affonso III, se diz:

«Na *aldeia de Sever de Pecegueiro de Vouga* tem a ordem do Spital hum casal, que paga a terça do que matar no rio, e as *primariças* (primeiras lampreias que se pescam em cada anno) *que ha a dar a El-Rey*, e *rousso*, e *omezio*, e *merd*... en bôca». (Doc. da Torre do Tombo).

Em 897, Gondesindo, fez ao mosteiro de S. Salvador de Lavra, uma larga doação na qual se comprehendia Varzea de Carvoeiro, *Rigas* (?) Esmoriz, e Sevêr, em Riba Vouga.

Vê-se pois que ha quasi mil annos já existia a povoação de Sevêr do Vouga, com o mesmo nome actual.

Nas sentenças do rei D. Diniz sobre as *honras*, e no titulo pertencente ao *julgado de Sevêr a par do Vouga*, se diz:

«Em a freguezia de Santa Marria de Sevêr, o couto, chamado da *Hermida*, que é de S. Thiago de Tarouca—e o couto, chamado de *Legiôo*, que foi de Johani Barvudo—e outro couto, chamado de *S. Fins*, que foi de Fernão Rodrigues Pacheco [1].»

O couto de S. Fins era o solar dos Pachecos, de Cambra, familia hoje extincta.

Estes coutos, já no fim do seculo XIII eram tão antigos que se não sabia quem os havia coutado.

—

[1] Este Fernando (ou Fernão) Rodrigues Pacheco, é o famoso alcaide-mór de Celorico da Beira, que em 1245 não quiz entregar o seu castello ao conde de Bolonha, depois D. Affonso III, imitando o outro brioso alcaide-mór, Martim de Freitas. (Vide *Celorico da Beira* e *Coimbra*).

Tanto a freguezia como todo o concelho de Sevêr, é terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, muito abundante de aguas, pelo que ha muitos prados em que se criam gados de toda a qualidade. As suas laranjas—principalmente as de Pecegueiro—são deliciosas.

O rio Vouga lhe fornece variado e saborosissimo peixe.

As vitellas d'este concelho são eguaes ás de Lafões, na delicadeza de gosto.

—

Disse que a familia dos Pachecos de Cambra, que possuiram o couto de S. Fins, esava extincta, e assim é; mas não está extincta a familia dos Pachecos, de Sevêr do Vouga. Em outubro de 1876, aqui falleceu Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, um dos mais abastados proprietarios e capitalistas d'estes sitios. Deixou descendencia. Ainda vive seu irmão, o sr. dr. Guilherme Telles de Figueiredo Pacheco, formado em medicina pela universidade de Coimbra, e actualmente director clinico do hospital civil da praça de Vallença do Minho (Vide *Vallongo do Vouga*).

—

São n'este concelho as famosas minas de chumbo argentifero do *Braçal*, *Malhada*, e *Coval da Mó*. Era seu concessionario Diedrick Mathias Fewerheerd (allemão) e por decreto de 12 de março de 1877, foi approvada a transmissão da propriedade d'estas minas, para a sociedade denominada *Administração das minas do Braçal*, composta da viuva e herdeiros do referido concessionario.

SEZELHE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Montalegre, 66 ao NE. de Braga, 90 fogos.

Em 1768, tinha 88.

Tem dous padroeiros, Santo André e São Martinho.

Arcebispado de Braga.

Districto administrativo de Villa-Real.

O vigario (collado) tinha 90$000 réis e o pé de altar. Era apresentado pelo reitor de Montalegre.

Eram duas freguezias que se uniram no principio do seculo XVIII — *Sezêlhe*, da qual é orago Santo André, apostolo — e *Travaços do Rio*, de que é padroeiro S. Martinho, bispo. Ainda existe no logar de Travaços a antiga matriz, reduzida a capella.

Fóra e a pouca distancia de Travaços, existe outra capella publica, dedicada ao martyr S. Sebastião.

Esta freguezia está situada sobre a margem direita do Cávado, e sobre a esquerda do Rio-Máu, e na parte meridional da serra da Mourella, que faz parte da cordilheira de montanhas que se projectam das serras de Larouco e Gerêz. Pelo N. confina com a Galliza.

É terra pouco fertil, apenas produz centeio, batatas, nabos, linho, algum milho e pouco trigo: cria porém muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

O rio Cávado, corre ao S. da freguezia, e o Rio-Máu, pelo O.

—

Philippe José d'Andrade (ou Philippe José Gonçalves de Andrade) nasceu na aldeia de Travaços do Rio, a 12 de fevereiro de 1753. Foi cirurgião-mór do governo militar do Algarve, por carta regia de 2 de março de 1788, e agraciado com o habito de cavalleiro da ordem de S. Thiago da Espada, por outra de 2 de julho de 1791.

Depois de viver alguns annos no Algarve e em Lisboa, retirou-se para a sua terra natal. Morreu no logar e freguezia de Cabril, concelho de Montalegre, a 12 de junho de 1833.

Escreveu uma *Memoria com respeito á peste*, que foi coroada pela faculdade de medicina de Paris, em 1775. Foi impressa na *Regia Officina Typographica*, Lisboa, 1788. É um livro de 166 paginas, em oitavo.

SEZIM — Antiga e nobre casa vinculada, junto á cidade de Guimarães. Foi instituido o morgado em 17 de dezembro de 1451, por Affonso Vasques Peixoto, fidalgo da casa real.

N'esta casa entrou depois a varonia dos Freitas, que procede de Martim de Freitas, o famoso alcaide-mór de Coimbra, em 1245. Parece que n'esta casa está representada a descendencia d'este leal cavalleiro, pois que

no seu testamento manda que o seu cadaver seja enterrado na sua capella de S. Braz, na collegiada de Guimarães, e cuja capella pertence a este morgado; mas não teve effeito esta disposição, e o egregio alcaide-mór está sepultado na capella de S. Geraldo, da Sé de Braga.

É actual representante da casa de Sezim (por fallecimento de sua mãe, D. Anna Margarida de Freitas do Amaral Castello-Branco) o sr. Paulo de Mello e Sampaio de Freitas do Amaral, feito primeiro barão de Pombeiro de Riba-Visella, em duas vidas, no dia 11 d'abril de 1851.

SEZULFE — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macedo dos Cavalleiros (foi da extincta comarca de Chacim e supprimido concelho dos Cortiços) 35 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga e foi cabeça de concelho. Affonso Rodrigues, procurador de el-rei, em Bragança, lhe deu foral, a 15 de março de 1302, e D. Diniz I o confirmou, em Beja, a 3 de maio do mesmo anno.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 22 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de T. M.*, fl. 24 v., col. 1.ª)

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora das Flores*, que foi a egreja de um hospicio de clerigos da congregação do Calvario, fundado pelo dr. Jeronymo Ribeiro, chantre da Sé de Coimbra.

SEZURES — Ambas as freguezias d'este nome ficam descriptas em *Cezures*.

SHEBERINA — nome que os árabes davam á villa de Sérpa.

SIA — portuguez antigo — *estava*.

SIBANA — portuguez antigo — cabana, barraca, choupana, tenda de campanha, etc. (Documento do mosteiro de Grijó, de 1598.)

SIBRÃO (São) — Vide *Cibrão*.

SICOURO — Vide *Cicouro*.

SIDNA — É grande o respeito consagrado pelos arabes a Jesus Christo e a sua Santissima Mãe.

Para elles, com effeito, *Sidna Aissa ben Meryen* (Nosso Senhor Jesus Christo Filho de Maria) foi um grande propheta. Desde que deixou a terra está no reino do céo, perto de Allah, e está encarregado especialmente de guardar o grande livro da vida de cada homem, onde são descriptas todas as acções boas e más, sem nenhuma excepção. No dia de juiso elle descerá á terra com os outros prophetas, Abraham, Moysés, Mahomet e outros encarregados por Deus de compôr o tribunal incumbido de julgar cada mortal e *Christo presidirá a este tribunal.*

Tambem consideram Maria Santissima como uma virgem escolhida por Deus, que o foi antes e continuou a ser depois do parto.

É de notar que esta crença se encontra até nas tribus nomadas dos Musulmanos.

SIEDA — portuguez antigo — cadeira do juiz, no tribunal: hoje diz-se *Sêda*.

SIGRO — portuguez antigo — seculo. Tambem se dizia *segre*.

SILADAS — Vide *Ciladas*.

SILGUEIROS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho, districto, bispado e 9 kilometros ao S. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1768, tinha 450.

Orago, Nossa Senhora da Natividade (o *Portugal sacro e profano* diz que é Nossa Senhora da Assumpção).

O morgado do Loureiro apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de renda annual.

A egreja matriz foi fundada por João Annes do Loureiro. (Para evitarmos repetições, vide o paragrapho *Alcaides-móres de Portalegre*, volume 7.º, paginas 222, columna 1.ª e seguintes).

É povoação antiquissima. A freguezia principiou em uma ermida dedicada a *Nossa Senhora de Silgueiros* (ou da Assumpção) fundada em tempos remotos [1] por Danianel (ou

[1] A escriptura de doação (em latim) foi feita em setembro de 1223, *regnante Rege nostro D. Sancio*. Vem a ser D. Sancho II,

Daniel) e sua mulher, D. Sancha Gonçalves, pessoas nobres e muito ricas, que deram á Senhora uma grande propriedade, denominada *Quinta de Silgueiros*, e todas as mais que possuiam, e as vincularam *in perpetuum*, para que dos seus rendimentos se sustentasse o culto da Senhora e se occurresse aos reparos da sua capella; dando tambem casas para residencia de um capellão, estabelecendo-lhe dos mesmos rendimentos a preciza congrua, e lhe deram tambem terras para seus passaes.

Para que o bispo de Viseu se não opposesse a esta grande e valiosa doação, lhe deram os fundadores um bom casal, sob condição tambem do prelado sagrar a ermida.

Como a população fosse em grande augmento, d'ahi a poucos annos se constituiu em freguezia independente, e como a capella depois, com o decurso do tempo não tivesse a sufficiente capacidade para conter todos os parochianos, foi edificada a actual pelo dito João Annes do Loureiro, e é porisso que elle e os seus descendentes ficaram padroeiros da egreja até 1834.

A imagem da padroeira, é de pedra e de bôa esculptura, apezar da sua antiguidade, pois ainda é a primitiva.

Pelos annos de 1640 se erigiu a irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, com 100 irmãos, todos da freguezia, e todos os clerigos que quizessem inscrever-se, por devoção, quer fossem d'esta, quer de outra freguezia. Os estatutos d'esta irmandade foram confirmados pelo papa Innocencio X, no anno de 1649, concedendo aos irmãos muitas graças e indulgencias, e quatro Jubileus perpetuos.

Segundo a tradição, a imagem da Senhora foi achada em uma matta, que então havia em sitio deshabitado e deserto, pelo que se lhe fez a ermida no logar onde hoje se vê a ermida de S. Bartholomeu. Passados tempos, arroteando-se a matta, se construiu no sitio da apparição, a egreja matriz actual.

que principiou a reinar em março d'esse mesmo anno de 1223. Já se vê que a escriptura é do anno de J. C., e não da era de Cesar.

Os Loureiros, de Silgueiros

Tendo fallado na familia dos Loureiros, fundadores e padroeiros d'esta egreja, cumpre-me dizer:

Foi n'esta freguezia, na quinta do Loureiro, o solar da familia, de appellido Loureiro (tomado da tal quinta) familia muito antiga, pois data dos nossos primeiros reis. Não consta porém se tinha antigo brasão d'armas antes de João Annes Loureiro, fundador da egreja, casar com D. Catharina de Figueiredo: desde então principiaram a usar das armas dos Figueiredos.

D. João III accrescentou estas armas a Luiz Loureiro, adail-mór do reino, e do seu conselho, por carta regia de 6 de junho de 1551; ficando assim construidas — escudo esquartelado; no 1.º quartel, de púrpura, um torreão de prata, e arrimada a elle, uma escada d'oiro; no 2.º e 3.º, de vermelho, cinco folhas de figueira, verdes, perfiladas d'ouro (Figueiredos) — o 4.º, dividido em palla — na 1.ª d'ouro, bandeira de púrpura, de duas pontas; na 2.ª, de vermelho, uma bandeira de prata, tambem de duas pontas, e ambas com ferros da sua côr, e astes de ouro. Elmo aberto; e por timbre, dous braços de leão, de púrpura, em áspa, e uma folha de figueira, do escudo, em cada garra, e no meio um busto d'homem de frente, com as mãos atadas com cordas d'ouro.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, de púrpura, castello de prata e um homem arrimado a uma escada d'ouro — no 2.º e 3.º, em campo d'ouro, bandeira de prata, com hastea d'ouro. O mesmo élmo e timbre.

Ainda outros Loureiros, alteraram o seu brazão, em consequencia de allianças com senhoras de outros appellidos.

—

Ha n'esta freguezia uma linda ermida, dedicada a Nossa Senhora das Necessidades, mandada construir por um devoto e á sua custa. Foi benzida a capella no dia 5 de junho de 1876, e n'esse mesmo dia se disse a primeira missa, vindo a imagem da Senhora, de casa do fundador, em solemne procissão, e com todas as demonstrações de re-

gosijo publico costumadas em taes occasiões.

O povo da freguezia e o das circumvisinhas, principiou a ter logo muita devoção com a Senhora das Necessidades, levando-lhe muitas offertas, e fazendo-lhe annualmente uma sumptuosa festividade.

—

É terra muito fertil, populosa e rica, e seus habitantes sobremodo hospitaleiros, trabalhadores e de bons costumes.

SILVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos. — Vide *Calendario.*

SILVA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1786, tinha 76.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Pertenceu antigamente ao termo da villa d'Algoso, e depois foi da comarca de Mogadouro, mas do mesmo concelho de Miranda.

O abbade de Villar-Sêcco, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Mesmo no logar da Silva, está a ermida de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos annos de 1430. Estando bastante arruinada, se demoliu para construir a actual pelos annos de 1700.

Segundo a tradição, uns missionarios do convento dominicano de Villa-Real, vindo aqui prégar, é que pediram ao povo que fundasse a primittiva ermida, ao que elle logo annuiu. Fazia-se a festa á Senhora no dia de S. Marcos, evangelista (25 d'abril) que era concorridissima.

Os mesmos frades instituiram logo uma irmandade do Rosario, para a qual obtiveram muitas graças e indulgencias.

Antigamente hiam á ermida, pelo decurso do anno, varias procissões e ladainhas.

A irmandade de que fallei, era de seculares, e passados annos se instituiu uma outra de ecclesiasticos, que tambem festejavam a padroeira, no 8.º dia da Ascenção do Senhor.

A ermida é toda de cantaria (de que no sitio ha grande abundancia) e tem altar-mór e dous lateraes.

Debaixo do altar-mór ha uma fonte, de excellente agua, que nunca sécca; e fóra da ermida, ao lado da capella-mór, outra fonte com uma bicca e tanque, tudo de boa cantaria, construida com bastante magnificencia. Em volta d'esta fonte ha um bello souto de castanheiros e outras arvores silvestres, que fazem o sitio muito aprasivel.

Tambem fóra da capella está a residencia do eremitão, que era tambem apresentado pelo abbade de Villar-Sêcco.

SILVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 176.

Orago, S. Julião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

De metade do rendimento d'esta freguezia se tinha feito um beneficio simples, que depois o rei D. Diniz, em 1308, deu a D. João Fernandes de Souto-Maior, bispo de Tuy, recebendo d'este outro em troca.

Já se vê que esta povoação, mesmo como parochia, é muito antiga.

É n'esta freguezia a *torre da Silva*, solar de um ramo de Silvas, que pretendem descender de Eneas Silvio. Outros da mesma familia contentam-se em ser descendentes de D. Fruella 2.º, rei de Leão, por seu filho, o infante D. Ordonho, *o Cégo*, e pelo filho d'este, o conde D. Payo, que viveu no meiado do seculo x. — D'este foi filho, D. Guterre Paes da Silva (o 1.º que tomou o appellido Silva) e foi governador da *Terra da Maia*, que n'esse tempo se estendia desde a margem direita do Douro até á esquerda do Lima.

Foi seu filho, D. Payo Guterres da Silva, governador de Alava (Hespanha) pae de D. Guterres Alderete da Silva, que ajudou o rei D. Fernando Magno a conquistar aos mouros, a cidade de Coimbra, em 1037.

É n'este D. Guterres que os *nobiliarios* põem o tronco d'esta familia.

Ha outros Silvas que se dizem descenden-

tes de Otho Silvio, romano, governador na Lusitania, no tempo de Nero, e que depois foi tambem imperador.

O que é certo é ser a familia dos Silvas nobilissima e muito antiga nas Hespanhas.

D. Guterre Alderete da Silva veio para Portugal, pelos annos de 1040, e fez assento n'esta torre, que desde então se denominou *da Silva.*

Na aldeia do Cerdal possuiu o mesmo D. Guterre, uma quinta á qual pôz o nome de *Alderête.*

Esta familia tambem teve depois uma grande casa em S. Julião do Calendario, proximo á villa de Barcellos, mas o seu principal solar foi n'esta torre da Silva e no Cerdal.

Succedeu-lhe seu filho, D. Payo Guterres da Silva, governador de Portugal, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, e rico-homem do tempo do conde D. Henrique, e de seu filho D. Affonso I de Portugal, que o nomeou governador do castello de Leiria, que havia mandado construir em 1135, anno em que, pela primeira vez, tomou esta praça aos mouros.

Na Torre do Tombo (Maço 8.º, n.º 1, de foraes antigos) está o foral, segundo o qual, D. Affonso VI, de Leão e Castella, deu fôro de villa e coutou a povoação de Cucujães (hoje do concelho d'Oliveira de Azemeis) no anno de 1058, quando governava Portugal o mesmo D. Payo Guterres da Silva.

Depois D. Affonso Henriques deu ao mosteiro benedictino d'esta freguezia, em 7 de julho de 1139, o couto de Cucujães, que seu avô tinha instituido.

O mosteiro de Cucujães tinha sido fundado por Egas Moniz, *o Gasco*, pelos annos de 1004, e o fundador n'elle foi sepultado. (Vide VI vol., pag. 268, col. 1.ª e seguintes.)[1]

D. Payo Guterres da Silva, achando este mosteiro pobre e acanhado, o reconstruiu e ampliou em 1060. Tambem foi o fundador dos mosteiros da Junqueira, e Villella, e reedificou o de Tibães.

Consta que este D. Payo residiu na freguezia de Silva-Escura, mas não se sabe se na que actualmente pertence ao concelho de Sevêr do Vouga, se na do concelho da Maia.

Foi seu filho, D. Pedro Paes Escocha, que coutou Tibães, e D. Gomes Paes, que foi conde e ultimo alcaide-mór do castello de Santa Eulalia, no campo de Coimbra. (Vide V vol., pag. 513, col. 1.ª)[1]

Em Hespanha ha vinte e tantos titulares, procedentes d'esta familia, da qual tambem procedem os principes de Milêto, na Italia. Em Portugal tambem pertenceram a esta familia, os marquezes de Gouveia, de Alemquer, Alegrête e Vagos; os condes de Portalegre, Unhão, Villar-Maior, Aveiras, S. Lourenço, e S. Thiago de Bedoido; e outras muitas e nobilissimas familias d'este reino.[2]

Diz-se que o primeiro brazão d'armas dos Silvas, foi dado por D. Affonso, de Leão, a Martim Gomes da Silva.

—

Os manuscriptos da casa Palmella confirmam o que fica dito com respeito a esta familia, accrescentando que D. Guterre Paes Alderête foi casado com D. Maria Peres de Ambia, na Galliza, de cujo matrimonio tiveram um filho unico, que foi o tal D. Payo Guterres da Silva, o qual casou com D. Sancha Annes, de Monte-Mór-Velho, e teve descendencia.

Teve por armas — em campo de prata, leão de púrpura, lampassado de azul — élmo de aço aberto, e por timbre o leão do escudo.

As armas d'esta familia, com o leão coroado d'ouro, accrescentaram os condes de Aveiras; e em orla, uma silva verde.

[1] Este Egas Moniz, veio para Portugal com o bispo do Porto, D. Nonego.

[1] Foi n'este castello que o fallecido escriptor, Luiz Augusto Rebello da Silva, fez representar as scenas mais interessantes do seu bello romance — *Odio velho não cansa.*

[2] Em nossos dias, foi feita baroneza da Silva, em 5 de janeiro de 1837, D. Eugenia Candida da Fonseca Silva Mendes — barão da Silva, em 14 de setembro de 1855, José Antonio Ferreira da Silva — e visconde da Silva, em 25 de janeiro de 1872, Joaquim Antonio d'Araujo e Silva.

Ainda temos mais — barão da Silva Gameiro, e viscondes da Silva Carvalho e da Silva Monteiro.

Os Silvas, descendentes de D. Pedro da Silva, trazem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de púrpura, seis bezantes d'ouro entre uma dobre cruz, e bordadura do mesmo — no 2.º e 3.º, de prata, leão azul, e por timbre uma aguia negra, abezantada d'ouro.

Os Silvas procedentes da casa de Unhão, trazem por armas — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, d'ouro lizo — o 2.º e 3.º, de prata, leão de púrpura. Timbre uma donzella com um escudo d'ouro na mão.

—

O terreno d'esta freguezia é sobremaneira fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado, e o rio Minho, que lhe fica perto, abastece a população de optimo peixe, que do mar tambem lhe vem, pelo rio e por a estrada real.

SILVA — freguezia, Minho, no mesmo bispado, districto administrativo, comarca e concelho do antecedente, que lhe fica contigua, e em tudo as mesmas distancias.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Tem 100 fogos.

Em 1768, tinha 81.

Foi curato filial de S. Julião da Silva.

Os monges cistercienses, do mosteiro de Oia, na Galliza, apresentavam o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento. Depois, passou o direito de apresentação para o arcebispo de Braga, porque o primeiro marquez de Pombal não consentiu que os estrangeiros tivessem o direito de apresentação n'este reino.

Esta freguezia, como a antecedente, é fertil, e o rio Minho e o mar a abastece de excellente peixe.

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi dos Mendes Caldas.

No logar da Cruzeira d'esta freguezia, existem os restos de um grande castello ou fortaleza, de forma circular, com seu fosso. E a tiro de espingarda d'estas ruinas, ha um logar chamado *Madôrra*, corrupção de *Modôrra*, portuguez antigo, que signica monte de pedras miudas, de fórma conica, que depois se veio a chamar *Fieis de Deus*. Talvez o nome lhe provenha de alguma mâmoa celtica que aqui existisse. (Vide 3.º vol., pag. 185, col. 2.ª — e 5.º pag. 45, col. 1.ª)

No sitio chamado *Arraial da Silva*, existem vestigios de uma bastida ou trincheira, que alli se construiu em 1801, contra castelhanos e francezes.

Na quinta da Granja, que fica perto da egreja matriz, ainda existem dous grandes fornos, que se diz terem sido feitos pelo mesmo tempo, para coserem pão para a tropa e povo que defendia a tal bastida.

SILVÃ — Vide *Silvan*.

SILVA-ESCURA — freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sevêr do Vouga, d'onde dista 5 kilometros ao N.O., 45 ao O.N.O. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1768 tinha 230.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

Os condes de Penaguião, que depois foram marquezes de Fontes, e por fim os marquezes d'Abrantes, seus herdeiros, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada entre serras e proximo a Rio-Máu.

É terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima, e cria muito gado de toda a especie e de optima qualidade. Os seus montes são abundantes de caça.

Os temporaes de janeiro e fevereiro de 1879, causaram enormes prejuizos n'esta freguezia.

—

São aqui as famosas minas do *Coval da Mó* e do *Braçal*. (Vide *Ribeira de Fráguas*.)

Tem havido varias questões, desordens e demandas por causa do terreno em que estão as minas do Coval da Mó, causadas por a falta de marcos entre a freguezia da Silva-Escura e a de Ribeira de Fraguas, que pertence ao concelho de Albergaria - Velha, de modo que, quando qualquer individuo descobre uma mina n'estes terrenos, manifesta-a no

concelho de Sevêr; e outro manifésta a mesma mina no concelho d'Albergaria-Velha.

N'este estado de cousas, é impossivel deixar de haver conflictos.

As minas de Coval da Mó, são dependencia das do Braçal. (Vide *Albergaria-Velha, Braçal, Palhal*, e *Ribeira de Fráguas.*)

Em julho de 1876, o sr. Francisco Dellof Fewerheerd, foi declarado descobridor legal da mina de ferro, da capella de Santo Antonio, nas freguezias de Ribeira de Fráguas e Silva-Escura. (Este acautelou-se.)

—

No principio do seculo 18.º pertencia esta parochia ao arciprestado e concelho de Lafões (hoje Vouzella) á comarca de Coimbra, e á provedoria d'Esgueira.

Esta povoação é mais antiga que a monarchia portugueza, mas o documento mais velho que d'ella encontro, é do fim do seculo 13.º, e existiu no cartorio do mosteiro de Grijó — diz assim — *Desserom, que na Aldea de Silva Escura ha El-Rey quatro Casaes... e devem a dar per Paschoa dous queijos, com senhas* (suas) *fazeduras de manteiga, e com cinco ovos, e senhos* (seus) *feixes de lenha pera a fogueira.* (*Inquirições de El-Rei D. Diniz.*

—

A povoação de Silva Escura está situada em um ameno e fertilissimo valle, entre as serras altissimas do *Arestal*, que lhe fica a E., e *Folgoso*, ao O.

Diz-se que o nome da povoação lhe provem, de ser todo este valle, em tempos remotos, um denso bosque e matagal.

Rega-o a caudalosa ribeira que com o nome de *Rio-Bom*, desce da serra do Arestal, e que depois, perdendo o nome que tem no principio, toma o de *Rio-Mau.*

—

Esta freguezia é a ultima que o bispado de Viseu tem para O.N.O. — Segue-se a freguezia de Ribeira de Fráguas, que já pertence ao bispado d'Aveiro. Tambem é aqui — como fica dito — a divisão dos concelhos de Albergaria-Velha e de Sevêr do Vouga, ambos porém na comarca d'Agueda, districto administrativo d'Aveiro.

—

Ha na povoação de Silva-Escura a pequena mas bonita ermida de Nossa Senhora da Graça, tão antiga que se ignora quando ou por quem foi construida. Estando muito arruinada, o abbade da freguezia, Belchior de Brito Robles, a reedificou, pelos annos de 1660, o que consta de uma inscripção quasi illegivel, gravada em uma pedra, embutida na parede do lado da Epistola.

Segundo a tradição, a primittiva egreja matriz era no alto da serra, e o povo do valle mandou fazer esta ermida, para n'ella ouvir missa nos dias sanctificados.

Em anno que se ignora, estando a egreja matriz a ameaçar imminente ruina, se demoliu, construindo-se a actual proximo á aldeia de Silva-Escura.

A ermida tem apenas 7 metros de comprido por 3,50 de largo, e só tem o altar principal. A imagem da padroeira é de pedra, de meio metro de alto e de bôa esculptura. A sua festa se fazia a 15 de agosto.

Em 1682, foi a ermida restaurada á custa do povo da freguezia.

(Vide *Sevêr do Vouga.*)

—

Em agosto de 1862, uma turbamulta, do concelho de Sevêr e dos immediatos, se dirigiu amotinada ao estabelecimento das minas e ahi fez estragos de muita importancia, sob pretexto de que o fumo das fornalhas das minas metalicas d'esta freguezia e das de Ribeira de Fráguas, produzia o *oidium.* O governo, para indemnizar a empreza, apresentou ás cortes uma proposta de lei, pela qual era auctorisado a contractar com o concessionario, a construcção de um caminho de ferro do systema americano, que pozesse em communicação com o rio Vouga os estabelecimentos das minas do *Braçal, Malhada*, e *Coval da Mó.*

Esta proposta foi approvada e convertida na lei de 25 de junho de 1864, e o contrato celebrado celebrado a 27 d'agosto do mesmo anno.

Concedeu a lei uma subvenção de 3$000 réis por cada metro corrente, com expressa declaração, de que o proprietario não terá direito, em tempo algum, de reclamar outra qualquer indemnisação por damnos ou lucros cessantes.

O terreno concedido para a exploração d'estas minas é 3.600:000 metros quadrados.

Na mina do Braçal, os trabalhos subterraneos já excedem a 130 metros de profundidade, e empregam-se n'estes trabalhos 230 operarios; e nos exteriores 150. Nos fornos, 40.

Os terrenos mais ricos são os da mina do *Braçal*, pois teem dois a tres metros de metal puro!

Duas rodas hydraulicas são empregadas no esgoto dos poços e galerias, e extração e preparação do minerio.

Junto á mina do Braçal, na margem esquerda do Rio-Máu, construiu o concessionario, em 1863, uma officina para fundição, a que deu a denominação de *Dom Fernando*, a qual produz, aproximadamente, 700 toneledas de chumbo.

(É importante ver *Valle-Maior*, no concelho d'Albergaria-Velha.)

SILVA-ESCURA—freguezia, Douro, concelho da Maia, bispado, districto administrativo, comarca, e 12 kilometros ao N. do Porto, 150 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora do Ó.)

Fica 323 kilometros ao N. de Lisboa.

O papa, a mitra e o mosteiro benedictino de Sancto Thyrso, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil, como são todas as da Maia. Cria muito gado bovino, que exporta para a Gran-Bretanha.

Ha n'esta freguezia uma antiga ermida dedicada a Santo Antonio de Lisboa.

SILVALDE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 15 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768 tinha 160.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto e districto administrativo de Aveiro.

O papa, a mitra e os conegos regrantes do mosteiro de Grijó, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

Fica na costa do Atlantico.

—

No dia 24 de junho de 1874, a mulher do jornaleiro Marcellino Alves, do logar do Covêllo, d'esta freguezia, deu á luz QUATRO creanças, tres do sexo masculino e uma do feminino. Todas nasceram vivas e foram baptizadas, fallecendo com poucas horas de vida.

—

Ha n'esta freguezia de Silvalde, uma escóla de tiro, com a denominação errada de Esmoriz, mas sem nenhuma condição requerida para tal fim. Está sempre imminente o perigo de alguma victima, o que ainda não ha muito succedeu, pois que uma bala matou um homem que passava pela carreira. Ha, porém, um caso grave a registrar, devido a malvadez e indisciplina militar, pois no dia 23 de outubro de 1879, pelas 8 horas da noute, percorriam os caminhos da freguezia alguns soldados, uns armados de espingardas e outros de paus, ameaçando de morte todos quantos encontravam. A um rapaz, filho de José Rodrigues Estrangeiro, que se dirigia a um serão, espancaram-o de tal fórma, que ficou quasi morto; o pae, que já estava na cama, logo que teve noticia d'este facto, dirigiu-se ao quartel, e quando estava a fazer a sua queixa, foi atravessado por tres balas, caindo morto, disparando-se em roda do quartel mais cinco tiros, e se não fosse já estar quasi toda a gente recolhida, haveria muitas victimas.

Com estes assassinatos, ficaram trez creancinhas orphans e todo o povo da freguezia consternado.

SILVAN DE BAIXO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Satam. (Vide *Satam*, o 2.º) 21 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Até fevereiro de 1876, foi da comarca de Viseu, e desde então, ficou pertencendo á nova comarca de Satam, que então se creou.

Em 1768, tinha 60 fogos.

Orago, S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de Romans, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé de altar.

—

No dia 28 de junho de 1876, uma medonha trovoada se desencadeou sobre esta freguezia e a de Rio de Moinhos (que lhe fica proxima e pertence ao mesmo concelho). Pelo meio dia, principiou uma chuva diluviana, que inundou todos os valles, e arrastou na sua queda, arvores, plantas e tudo quanto encontrou. Os regatos se tornaram em rios caudalosos, que tambem causaram prejuizos enormes. Os relampagos e os trovões não cessavam de aterrar os habitantes d'estes sitios.

Só duas horas durou a chuva, e foram bastantes para reduzir á mais completa nudez e desolação, os campos que pouco antes ostentavam a mais luxuriante vegetação!

—

O governo portuguez, julgando que na livraria do filho de Dom Francisco de Mello Manoel da Camara existiam as obras de Dom Francisco Manoel Mello (vide 4.º volume, pagina 312, columna 1.ª) lh'a comprou por 10:000$000 réis, e o titulo de conde da Silvan, em 9 de março de 1852. Infelizmente nem uma unica das obras do famoso auctor das *Epanophoras* se encontrou n'aquella livraria, mas os dés contos de réis lá ficaram em poder do sr. D. João de Mello Manoel da Camara, que foi feito conde da Silvan (segundo o tratado) a 13 de novembro de 1852.

Em julho de 1877, foi feito conde do mesmo titulo, em 2.ª vida, o sr. Dom Francisco de Mello Manoel da Camara, filho primogenito do primeiro conde da Silvan.

—

Portugal Sacro e Profano, dá a esta freguezia e á seguinte, o nome de *Silvão*.

SILVAN DE CIMA—freguezia, na mesma provincia da antecedente, e da mesma comarca, concelho, bispado e districto administrativo, e conservando as mesmas distancias.

Orago, S. Silvestre, papa.

140 fogos.

Em 1768, tinha 84.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e cabeça de um antiquissimo concelho do seu nome, ha muitos annos supprimido. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 70, v., col. 2.ª).

SILVARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Guimarães) 30 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 79.

Orago, S. Clemente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa, a mitra e o abbade benedictino do mosteiro de Santo Thyrso, apresentavam alternativamente (cada um quatro mezes!...) o abbade, que tinha 320$000 réis.

É terra fertil; cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

SILVARES DE MONTE-LONGO—freguezia, Minho, Arcebispado, districto administrativo, comarca e concelho e as mesmas distancias da antecedente.

Orago, S. Martinho, bispo.

Tem 125 fogos.

Em 1768, tinha 102.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SILVARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768 tinha 117.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Esperança).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil, e povoação muito antiga, pois D. Affonso III, estando em Santarem, lhe deu foral, em 16 de fevereiro de 1259.

(*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 39, col. 1.ª)

SILVARES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768 tinha 199.

Orago, Sant'Anna.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario do Castellejo apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra fertil. Cria muito gado, principalmente miudo, e é abundante de caça.

SILVARES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um dos conegos da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha cem mil réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SILVARES e S. JOÃO D'AREIAS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondêlla, 18 kilometros de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Thiago de Bésteiros e o de S. Miguel de Caparrosa, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 19$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1213, Dona Ouzenda Paes, senhora viuva, *por amor de Deus e temor do inferno*, doou ao mosteiro de Maceiradão, a *tertiam partem de totam villam de Silvares, cum pertinentiis suis. Et istud facio pro remedio animae meae, et ut sim Soror eorum.*

Depois (1227) a mesma Dona Ouzenda Paes, e sua filha, D. Froyle Pires, doaram ao mesmo mosteiro, muitos bens (por morte das doadoras) em Viseu, Silvares e Carregoso; obrigando-se os monges a dar-lhes, em quanto vivas, tudo o que tinham em Fagilde e na Granja de Felgozella — *e a cada uma das doadoras, seu alqueire de azeite e hum par de çapatos, todos os annos; e a ambas. 12 pescadas, e seis queijos, e huma Sarracena* (uma escrava moura para as servir) *e pitança como a um Monge da Communidade. E a D. Froyle, dés ovélhas e seis cabras, e huma junta de bôis, e duas vaccas, e huma porca.*

—

Foi villa e cabeça de um concelho ha muitos annos supprimido.

É terra fertil. Cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha bastante caça.

SILVARES — Vide *Areias* (S. João de) e *Silvares*.

SILVARES — No *Portugal sacro e profano*, 2.º vol., pag. 220, diz-se — «*Silvares*, freguezia, no bispado do Porto, tem por orago S. Miguel. O parocho é cura, da apresentação do reitor do collegio da Graça, de Coimbra, rende 30$000 réis. Dista de Lisbôa 57 leguas e do Porto, cinco. Tem 78 fógos.»

Não acho esta freguezia em mais parte alguma, nem mesmo no *Cathalogo dos bispos do Porto*, que tive de examinar em todas as comarcas da diocese, não achando em nenhuma d'ellas uma unica freguezia com o nome de Silvares.

SILVEIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 72.

Orago, o Salvador e S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

É terra muito fertil. Gado e caça.

SILVES — Cidade, Algarve [1], cabeça do concelho e da comarca do seu nome, dis-

[1] *Algarve* deriva-se da palavra árabe *Al-Garb*. Significa Occidente. Foi este o nome que os mouros deram à antiga Turdetania. (Vide vol. 1.º, pag. 121, col. 2.ª).

tricto administrativo e 45 kilometros de Fáro, 225 ao S. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1600 tinha apenas uns 600 fogos, e em 1768, tinha 740.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição).

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Está em 37° e 18′ de latitude e 12° e 12′ de longitude N.

Foi por quatro seculos côrte dos reis mouros do Algarve e por muitos annos cabeça do bispado do seu nome e residencia dos seus bispos.

Está situada na encosta de um monte, sobre a margem esquerda do formoso rio de Silves, ou Portimão, que é aqui atravessado por uma bôa ponte de pedra.

É comarca de 1.ª classe, no districto judicial da relação de Lisboa.

Pertence á 4.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica.

Em 1835 foi elevada a cabeça de comarca, mas logo no anno seguinte reduzida a um julgado da comarca de Lagos! Depois tornou a ser-lhe restituida a comarca.

O concelho de Silves é composto de seis freguezias, todas no bispado do Algarve, são —Alcantarilha, Algoz, Messines, Pêra, Serra, e Silves: todas com 5:300 fogos.

A comarca é composta de tres concelhos, que são—Lagôa, com 2:500 fogos—Monchique, com 2:000—e Silves, com 4:800. Total, 9:300 fogos.

Pertencia ainda a esta comarca, o concelho de Aljezur, composto unicamente da freguezia d'este nome e da sua annexa, Odeseixe, ambas com 700 fogos; mas este pequeno concelho foi supprimido por decreto de 23 de dezembro de 1873 e desmembrado da comarca de Silves, ficando a pertencer ao concelho e comarca de Lagos.

—

D. Affonso III lhe deu foral em Lisboa, em agosto de 1266. *(Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 82, v., col. 1.ª)

O mesmo soberano deu foral ao mouros forros de Silves, em Lisboa, a 12 de julho de 1269. *(Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 97, v., col. 1.ª).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504. *(Livro de foraes novos do Algarve*, fl. 8, v., col. 1.ª).

N'este foral se vê que Silves é reputáda em primeiro logar, para os privilegios de visinhança.

Foi *couto do reino* (ou de foragidos).

—

Fica esta cidade 24 kilometros ao NE. de Lagos, e 60, tambem ao NE., do Cabo de S. Vicente.

—

Segundo alguns geographos, foi esta cidade construida antes da vinda dos carthaginezes á nossa Peninsula, e os seus fundadores foram os phenicios, uns 900 annos antes de Jesus Christo.

Sustentam outros que os fundadores de Silves foram os *curetes* (cynetas, ou cynesios) povos da Grecia, que pelos annos do mundo 3:654 (450 antes de Jesus Christo) entraram, por mar, nas Hespanhas, onde fundaram varias povoações; mas o padre Salgado (*Memorias ecclesiasticas do Algarve*) diz que os curetes nunca vieram á Peninsula iberica, e que foram os phenicios os fundadores provaveis de Silves.

O que é incontestavel, segundo a opinião de todos os geographos e historiadores, é que, quando os romanos invadiram a Lusitania, já Silves era uma cidade de grande importancia. Todavia, não ha memorias certas d'esta cidade, antes do anno de 1060 de Jesus Christo, em que D. Fernando Magno, de Castella e Leão, a resgatou do poder dos mouros.

Alguns escriptores affirmam que este monarcha nunca passou para o sul do Mondego; mas a maior parte dos historiadores sustentam, com bons fundamentos, que elle chegou até á margem direita do Guadiana.

—

Pouco tempo depois de resgatada por Dom Fernando Magno, tornou a cahir em poder dos mouros, que a conservaram por 128 annos.

Em 21 de julho de 1189, D. Sancho I, de

Portugal, lhe poz um apertado cêrco, e foi entrada no 1.º de setembro do mesmo anno.

Nem todos os escriptores são concordes no anno da tomada de Silves aos mouros, por D. Sancho I. Uns dizem que foi em 1188, outros querem que fosse em 1189, e ainda outros pretendem que fosse em 1190. Vide adiante o que consta da *Memoria*, ou *Roteiro*, feito por um dos crusados que ajudou a esta conquista.

Eis como se effectuou esta conquista.

Uma furiosa tempestade obrigou uma secção da esquadra de crusados, da qual era chefe geral o imperador Frederico Barba-Roxa, a arribar a Villa Nova de Portimão, quando dos Paizes-Baixos navegava á Palestina. [1]

D. Sancho I estava então em Santarem, e logo mandou muitos refrescos á esquadra, e por fim conseguiu que os cruzados o ajudassem a tomar Silves (que era o asylo seguro dos piratas africanos que infestavam as nossas costas) *promettendo aos crusados, abandonar-lhes a cidade a saque, depois de tomada.*

Constava esta esquadra de umas 70 velas e era guarnecida por muitos fidalgos e populares da Dinamarca, Frisia, Hollanda, Flandres e outros paizes.

D. Sancho I, mandou ao conde D. Mendo de Souza (o *Souzão*) ao qual alguns dão o nome de *D. Mendo de Souza Zucano*, insigne capitão portuguez, que marchasse por terra com a sua gente, em direcção a Silves. Chegou elle a acampar junto á cidade, quando a esquadra fundeava no porto.

Quarenta dias durou o cêrco, até que a praça foi tomada, depois de bravissima resistencia, com muitas perdas dos christãos e grande mortandade dos mouros.

Os portuguezes e os seus alliados, apenas pozeram cêrco á praça, a investiram tão rijamente, que em pouco tempo tomaram os arrabaldes da cidade, que eram fortificados.

D. Sancho I estava em Lisboa a juntar gente e mandou para Silves 40 gallés, galleotas e outros navios, carregados de bastimentos, artificios de fogo e outros engenhos de guerra usados n'aquelle tempo (*trabucos, onagres, balutas, escorpiões, catapultas, testagens, ariêtes*, etc).

Apenas o rei chegou, os ataques se multiplicaram, porém os mouros se defendiam corajosamente, fazendo grande destroço nos christãos, morrendo muitos d'elles, que foram sepultados na ermida da Nossa Senhora dos Martyres, que o rei mandára construir para isso, e para se dizer missa ás tropas.

Com D. Sancho I e commandando os seus esquadrões, hiam os bispos de Lisboa, Porto e Coimbra.

No fim de trez semanas de sitio, sem grandes vantagens para os christãos, o rei mandou construir uma grossa *manta*, de traves e vigas, a fim de, a coberto dos projectis do inimigo, bater e arruinar uma couraça que os mouros tinham para o lado do rio, a qual, pela sua fortaleza, causava grande destroço nos nossos.

N'esta couraça havia um pôço de bôa agua e por ella (pela couraça) recebiam os mouros os seus mantimento.

Tantos projectis arranjaram os mouros, que a tal manta, em breve foi reduzida a cinzas. Os cercados festejaram muito este acontecimento, mas foi a sua desgraça, porque as chammas arruinaram os muros por varias partes.

Collocaram-se logo escadas e todos queriam subir ao mesmo tempo; mas os mouros arremeçavam pedras, settas, panellas de fogo, e azeite fervendo.

Uma das escadas quebrou com o peso da gente, e vindo a terra, matou e feriu muitos christãos.

Finalmente, depois de um dia de combate, ficou a couraça em poder dos nossos, mas á custa de muitas vidas.

No dia seguinte se principiaram a minar as muralhas do castello, porém os mouros

[1] O commandante d'esta fracção da esquadra, era Jaques, senhor de Avesnes e marechal do Brabante.

faziam repetidas sortidas que incommodavam os cercadores.

Os crusados, vendo que a conquista era mais difficil e perigosa do que no principio lhes parecera, se indisciplinaram e queriam abandonar a empreza. Então D. Sancho I, reuniu os chefes e fez-lhes uma falla, incutindo-lhes animo, e a guerra continuou com mais ardor.

A fome, a sede e o desanimo entraram no castello, cuja guarnição se achava já muito reduzida, pedindo todos que se entregasse a praça. Então, Al-Bainos, alcaide do castello, acompanhado de dous mouros, dos principaes de Silves, sahiu da cidade e foi offerecer a praça ao rei portuguez, sob a condição de lhes serem salvas as vidas e riquezas.

D. Sancho recebeu benignamente os trez parlamentarios, e, como era humano e generoso, de bom grado acceitaria logo o partido, mas os crusados, que o que queriam era o saque, não estiveram pela entrega da cidade n'estas condições. O rei apenas poude conseguir que elles consentissem que os mouros sahissem do castello sem mais alfaias do que os simples ornatos.

O alcaide a cavallo e os mais a pé, em grande estado de magreza, sahiram da cidade, no dia 1.º de setembro, depois de 40 dias de cêrco.

Segundo outros, os mouros sahiram no dia 3, tendo decorrido seis semanas e tres dias, desde que principiára o assedio.

Os crusados, entraram logo na cidade e saquearam tudo, achando-se alli grandes riquezas, que levaram para as suas terras.

—

O anno de 1191 tinha sido sobremodo fatal para este reino. As tempestades e inundações haviam causado uma grande fóme e, em seguida, uma peste devastadora.

Então, Aben-Juseph, terceiro rei dos almohades, filho de Abd-el-Rahman e irmão e successor de Juseph-Ben-Jacoub, [1] miramolim de Marrocos, passa o mar, pelo Estreito de Gibraltar, com uma grande armada, e juntando-se com seu irmão, rei de Sevilha e com o kalifa de Córdova, [1] invadem Portugal, pelo sul, tomando, saqueando e arrazando muitas povoações do Algarve, Alemtejo e Extremadura, levando tudo a ferro e fogo.

Pretendeu o mouro, trocar por Silves as praças que nos havia conquistado, mas Dom Sancho I não acceitou a troca, pelo que os mouros pozeram apertado cêrco a esta cidade.

Os portuguezes resistiram corajosamente, morrendo na defeza da praça o intrepido D. Gonçalo Viegas, (*o Espadeiro*) mestre da ordem de Aviz (filho do grande Egas Moniz) o governador do castello, D. Rodrigo Sanches, e outros chefes e grande numero de defensores, pelo que a praça cahiu de novo em poder dos mouros.

O miramolim continuou com as suas devastações, porém adoecendo gravemente, os inimigos retiraram para as suas terras, carregados de despojos.

—

Cincoenta e um annos esteve Silves em poder dos mouros, até que, reinando já Dom Sancho II, de Portugal, o famoso commendador D. Payo Peres Correia, fronteiro-mór do Algarve, e depois, mestre da ordem de S. Thiago, depois de resgatar do poder dos infieis varias praças do Algarve, tomou Silves, da maneira seguinte:

A cidade estava protegida por um formidavel cinto de muralhas, defendidas por alterosas torres, [2] e por uma numerosa e

[1] Juseph-Ben-Iacoub (vulgarmente, *José-Ben-Jacob)* miramolim de Marrocos, tinha morrido no Tejo, em frente de Santarem, quando tentava a sua conquista. (Vide 8.º vol., pag. 475, col. 2.ª, nota 2.ª, e pag. 477 do mesmo vol., col. 1.ª)

[1] O exercito agareno entrou em Portugal, dividido em tres corpos—o primeiro de africanos, commandado pelo miramolim — o segundo, pelo rei de Sevilha — e o terceiro, pelo kalifa de Córdova.

[2] O seu fortissimo castello era notavel pela sua solidez e pela porta de bronze que o fechava, a qual estava segura por fortes dobradiças de ferro, e grossas trancas do mesmo metal. Tudo isto cahiu com o terramoto do 1.º de novembro, de 1755.

aguerrida guarnição, commandada pelo seu rei, o intrepido e cavalheiroso Al-Mançor-Ben-Afan, vulgarmente chamado *Aben-Mafo*.

Muito sangue portuguez custaria a conquista d'esta formidavel fortaleza, se o rei mouro, fiado no seu valor e na coragem das suas tropas, não se tentasse a fazer repetidas entradas em terras de christãos. Foi isto que o perdeu! Em 9 de janeiro de 1242, sahiu Almançor da praça, com a flor das suas tropas, na direcção da villa christã de Estombar, com o fim de a saquear e fazer captivos os seus habitantes que podesse haver ás mãos.

D. Payo Peres Correia, que estava de atalaya, investiu de surpreza, a praça, quasi desguarnecida de tropas e facil lhe foi, por isso, a sua conquista.

Almançor, apenas o soube, retrocedeu immediatamente; mas era tarde! Já a bandeira do crescente se tinha arriado, e a das quinas ondeava ovante sobre as ameias da fortaleza mourisca.

D. Payo, vendo o desanimo dos mouros, sahiu da cidade com a sua cavallaria, e dando sobre elles, os derrotou e poz em completa debandada.

O rei, na precipitação da fuga, cahiu em um pégo, do rio de Portimão (o qual por isso se ficou chamando *Pêgo d'Almançor*) e n'elle morreu afogado.

Este pégo, hoje chamado *do Pulo*, fica proximo de Silves, e de uma ilhota que separa o rio em dous braços, ambos navegaveis.

Assim cahiu em poder dos portuguezes e para sempre, a formidavel praça de Silves, e d'este modo terminou a sua existencia o ultimo rei moiro do Algarve, que, segundo todos os escriptores, foi um monarcha que, pela sua bravura, bondade e cavalheirismo, era o idolo dos seus vassallos, e até muito estimado dos christãos, quando estava em paz com elles; e aos quaes recebia com agrado na sua côrte, e admittia nos seus jogos e torneios.

Estimava particularmente os poetas, e elle mesmo fazia excellentes versos.

—

D. Payo, era tão humano, que aos mouros que quizeram ficar sujeitos ao rei de Portugal, lhes conservou todas as suas propriedades e riquezas, e foi em seu favor que se fez o *foral dos mouros fôrros*.

—

Mas, nem com a conquista de Silves terminou a occupação agarena no Algarve; e, apezar das repetidas victorias dos portuguezes, ainda algumas praças eram dominadas pelos inimigos da Cruz.

Em 9 de março de 1249, cahiu em nosso poder a forte praça de Fáro, e no anno seguinte, o mesmo D. Payo e D. Affonso III, expulsaram completamente os mouros armados, do Algarve, e os que ficaram eram escravos dos christãos, menos aquelles que tendo-se entregado sem resistencia, e prestaram vassallagem ao rei de Portugal, que esses foram considerados fôrros e senhores dos seus haveres. Foi a estes que D. Affonso III deu foraes especiaes, chamados dos mouros forros.

Com o tempo, tanto os escravos como os fôrros, se converteram á fé catholica, ficando em tudo e para tudo considerados cidadãos portuguezes como os outros vassallos.

—

Em uma *Memoria* ou *Roteiro*, escripta por um dos crusados (allemão ou teutonico) que assistiu á tomada de Silves, por D. Sancho I, e que descreveu o que passou a esquadra commandada pelo imperador Frederico Barba-Roxa, [1] se diz, entre outras cousas, o seguinte:

«Esta cidade (Silves) estava muito mais fortificada do que Lisboa, e era *dés vezes* mais rica e grandiosa em edificios. Estava cercada de muros e fossos, de tal arte, que nem uma unica choupana se encontrava fóra do recinto de muralhas, dentro do qual havia quatro arrabaldes fortificados.»

«O primeiro d'estes arrabaldes, era, só por si, uma vasta cidade, no *Valle de Rovalle*.»

[1] Esta *Memoria* foi impressa e publicada na Italia pela academia real das sciencias de Turim, no anno de 1840.

«A maior parte da cidade, está situada no monte de *Almedina*, e além do forte castello que a defende, tem outra fortaleza na encosta que olha para Rovalle, descendo para o caminho que dirige ao logar onde os mouros tiravam a agua do rio, que se chama *Widrade.*» (Arade).

«Outro rio corre para este, e tem o nome de *Widelonca* (Odelouca) e sobre este caminho da agua, tem quatro torres, e era a isto que os mouros chamavam a *Couraça.*»

«A entrada pelas portas do castello, é tão tortuosa e formada por tantos angulos, que era mais facil escalar os muros do que entrar por ellas.»

O primeiro castello chamava-se *do Alkaid.* Em Rovalle, havia uma grande torre, da qual sahia para Almedina uma estrada coberta, de sorte que d'ella se podia estar em communicação com a cidadella. A esta torre davam o nome de *Albarran.*» (Albarran é palavra arabe, significa cousa do campo).

«As torres eram tantas e tão proximas umas das outras, que pedra lançada á mão, de uma d'ellas, chegava á terceira.»

«Esta cidade parece-se com a de Goslar, no ducado de Brunswich, mas tem muito mais edificios de bella construcção.»

«Tinha a cidade 15:800 habitantes, de ambos os sexos.»

—

«Os crusados, eram 3:500 e os portuguezes, em muito maior numero, incluindo os cavalleiros do Templo, os de Calatrava (depois d'Aviz) e outros.»

«O rei portuguez, esteve seis dias na cidade. Elegeu um padre flamengo para bispo de Silves, e com elle ficaram aqui alguns outros flamengos.» [1]

«D. Sancho I convidou os crusados para o ajudarem á conquista de Fáro, mas elles não annuiram.» (Talvez não acceitassem, por saberem que o saque de Faro seria menos rendoso do que o de Silves!)

«Pela conquista de Silves, se sujeitaram aos portuguezes os seguintes castellos, que eram da sua dependencia — *Carphenabal;* (Terça Naval, hoje Ságres) *Lagus;* (Lágos) *Aluor;* (Alvôr) *Porcimunt;* (Portimão) *Monchite;* (Monchique) *Montagute;* (Monte-Agudo) *Caboiere;* (Carvoeiro) *Mussienes;* (Messines) e Páderme.» (Vê-se que o allemão, adulterou o nome de quasi todas as povoações algarvias, como fazem todos os estrangeiros que fallam das nossas cousas).

Monte-Agudo era um logar, no monte de *Jórge Moniz* — *Carvoeiro*, ou era Cabo-Carvoeiro, ou o logar de Carvoeiro, na freguezia de S. Bartholomeu de Messines, onde ha vestigios de fortificações antigas.

Todos estes castellos estavam abandonados, porque as suas guarnições se tinham retirado para Silves, mas eram bem construidos e de muita solidez.

Albufeira (a que o autor da tal *Memoria* dá o nome de *Alvafere*) entregou-se aos portuguezes, sem combate.

Os crusados sahiram de Silves com a sua esquadra, a 21 de setembro de 1189, e foram para a Palestina. [1]

—

Durante o dominio romano, foi Silves uma cidade importante, mas a sua maior grandeza e prosperidade, deve-a aos reis mouros, que a escolheram para sua côrte, e que tornaram rico e feliz todo o seu reino, ao qual chamavam *Chencir* e *Chelb*, e estes dous nomes davam tambem a Silves (Vide vol. 1.º, pag. 121, col. 2.ª)

João Jacobo Reisk, dá a Silves, o nome de *Schalah;* e na *Geographia Nubiense* se lhe dá a denominação de *Xalah.*

—

Por espaço de 344 annos (716 a 1060) du-

[1] *A Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho* e todos os escriptores portuguezes, dizem que D. Sancho I poz aqui por bispo, D. frei Nicolau, seu confessor e conego do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra.

[1] Foram estes crusados que trouxeram a Portugal o instituto ou irmandade vulgarmente denominado do *Reclamador.* Vide a palavra *Roca-Amador.*

rou esta prosperidade. A sua decadencia principiou quando D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a tomou aos mouros, em 1060, saqueando-a, e matando, ou fazendo escravos quasi todos os seus habitantes.

Nos 128 annos que decorreram desde 1060 até 1188, que esteve em poder dos mouros, recobrou Silves grande parte da sua antiga prosperidade, porém a sua nova queda em poder dos christãos, e o saque geral feito pelos crusados, foi causa da sua progressiva decadencia, que continuou nos dous ou trez annos que esteve sob o dominio portuguez.

Nos 51 annos (1191-1242) que esteve, pela ultima vez, occupada pelos mouros, já não poude recuperar o seu antigo esplendor, apezar de todos os esforços dos reis agarenos; de maneira que, em 1250, quando o reino do Algarve se tornou definitivamente uma provincia portugueza, estava Silves despovoada e quasi todos os seus edificios desmantelados.

D. Affonso III, para attrahir para aqui uma nova população, reconstruiu as antigas fortificações, reedificando tambem muitos dos seus edificios, e dando aos povoadores um foral, com todos os privilegios e isenções do de Lisbôa, augmentando-o ainda com outras regalias; mas nunca mais tornou a ser a famosa e prospera cidade mourisca; mesmo depois que aquelle monarcha lhe restituiu, em 1266, a cadeira episcopal.

Em 1348 ou 1349, os moradores de Silves, estando o seu santo bispo, D. frei Alvaro Paes, a dizer missa, na Sé, o quizeram assassinar, por defender as immunidades da sua egreja. O prelado viu-se obrigado, para escapar á morte, a fugir sem concluir o santo sacrificio da missa, e excommungando a cidade e pondo interdicto em todas as egrejas, se foi para Sevilha, onde falleceu.

Depois, o bispo D. Manoel de Sousa lhe levantou as censuras, e os templos tornaram a ser abertos ao culto divino.

Em 1380, D. Fernando I concedeu aos moradores de Silves, novos privilegios, sendo o principal, o fôro de infanções, como tinham os da Terra da Feira.

Apezar de tudo isto, chegou esta cidade a tal decadencia, que em 1600 apenas tinha 40 fogos, e pertencia á comarca de Lagos! [1]

Ainda em 1716, diz frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mariano*, tomo 6.º, pag. 382).

«Nunca mais poude chegar aquella cidade (Silves) ás sombras da sua antiga gloria: e assim se vê hoje quasi destruida, deserta e arruinada, sem bispo, sem lustre e grandeza, como uma pobre e vil aldeia; porque não se veem n'ella mais do que umas arruinadas e deslustrosas casas, que já de todo estiveram cahidas, a não obrigar El-Rei (D. João V) aos officiaes de justiça a residirem n'ella, com cuja assistencia se conserva uma memoria n'aquella cidade, do tribunal, e secular jurisdição antiga, porque a ecclesiastica e a cadeira episcopal, a instancias d'El-Rei D. Sebastião, por auctoridade apostolica, se trasladou á cidade de Fáro, no anno de 1577, onde hoje tem seu assento e cadeira os bispos; ficando em Silves uns poucos de beneficiados, para se conservar a memoria do que antes foi. Experimentou Silves (ainda que em mais breve tempo) a sorte que em si viu a famosa cidade de Ossonoba, que hoje querem seja Estoi; pois, assim como as ruinas de Ossonoba enobreceram a Silves, da mesma fórma, as ruinas de Silves illustraram a cidade de Fáro.»

—

Apezar de não tornar a ser a bella e florescente côrte mourisca, foi Silves, pouco a pouco, renascendo das suas cinzas; mas no livro dos destinos estava escripta a sua decadencia.

O seu primeiro golpe, foi a mudança da séde do bispado para Faro. [2]

[1] A usurpação dos trez Philippes, fez decahir a agricultura em todo o Algarve e definhar a industria. As pescarias—que era o seu mais forte ramo de commercio—marcharam tambem em aterradora decadencia. Antes da dominação philippina, exportava muitos generos agricolas, que depois importava!

[2] D. João III, quiz mudar para Faro a séde do bispado, mas o povo de Silves tanto fez e taes diligencias empregou, que isto não se levou a effeito. Foi seu neto, o rei D. Sebastião (sendo bispo do Algarve o virtuoso D. Jeronymo Osorio) que, desattendendo a

Pouco depois, deixou Silves tambem de ser a capital do Algarve, sendo Faro elevada a essa cathegoria.

Depois, o seu rio, que a tornava um porto de mar, pois até ás suas muralhas era navegavel para vasos de todas as lotações, principiou a obstruir-se com areias, de maneira que hoje, só pequenas embarcações alli podem chegar.

Um ilheu de 22 metros de comprido por 5 de largo, divide uma pequena foz — á qual ainda se dá o nome de *Barra de Silves* — da serra da Atalaya, e ainda em 1780 se viam chumbadas nas rochas visinhas, grandes argolões, de ferro e de bronze, destinados á amarração de navios de grandes lotações.

Em 1353, um espantoso terramoto arruinou grande parte da cidade.

Os fataes terramotos de 6 de março de 1719, e 27 de dezembro de 1722, tambem causaram grandes ruinas a esta cidade.

Por fim, o medonho terramoto do 1.º de novembro de 1755, destruiu quasi inteiramente esta infeliz cidade, deixando de pé apenas vinte casas e matando 14 pessoas, quasi todas dentro da Sé, que ficou desmantelada. [1]

N'estes ultimos 60 annos, porém, tem Silves hido pouco a pouco renascendo das suas cinzas, por serem aqui os depositos da cortiça alemtejana, destinada á exportação, e de outros muitos productos do paiz, que pelo rio vão para outros portos.

—

Ainda existem as muralhas do castello e da cidadella, que foram reparadas, á custa do povo, em 1835, com medo de alguma surpreza do *Remechido*.

O castello está no ponto mais alto da cidade. Tem uma vasta cisterna, de 4:900 palmos quadrados, cuja abobada é sustentada por nove arcos de boa cantaria, descendo-se para a cisterna por uma optima escada de pedra lavrada. Estando a cisterna cheia, póde sustentar d'agua toda a população, por tempo de um anno; mas o povo prefere a agua da *Fonte Nova*, abundante manancial, a 1:500 metros da cidade.

—

Como todas as povoações antigas, as suas ruas são muito estreitas e tortuosas; e como a pedra de que são construidos os edificios é de um vermelho escuro, dá isto um aspecto sobremaneira triste á povoação.

N'estes ultimos tempos, porém, teem-se aberto algumas novas ruas, sendo as principaes, as de Nossa Senhora dos Martyres — a da Feira — a da Horta — a da Rebola — e a do Pulo.

Estas ruas, são mais amplas e estão orladas de alguns bons edificios particulares, e armazens.

Em 1836 se plantou uma alameda de amoreiras brancas, no largo do castello.

Ha na cidade trez soffriveis hospedarias.

Ainda em Silves existem algumas tulhas ou celleiros subterraneos, onde os mouros guardavam azeite e outros generos.

Nos arredores da cidade se veem alicerces de edificios e muralhas, que attestam a amplitude de Silves, no tempo dos mouros, sendo os mais visiveis, desde as *portas de Loulé*, até á *Cruz de Portugal*, a um kilometro de distancia.

—

O rio, desde Silves até Villa Nova de Portimão — onde desagúa no Oceano — tem 12 kilometros de comprimento.

—

Os arrabaldes da cidade, são muito formosos e bem cultivados, povoados de pomares de fructa, de varias qualidades, e o seu terreno — como o de todo o concelho — é fertilissimo, por ser regado por innumeraveis mananciaes, que descem das serras proximas; o que o faz abundante de cereaes, legumes, hortaliças, vinho, laranjas, amendoas, e, sobre tudo, figos, pois ha vastos bosques de figueiras, cujo fructo constitue

todas as sollicitações e reclamações, effectuou a mudança, em 1577, por auctoridade do pontifice Gregorio XIII.

[1] Os que desejarem saber mais circumstanciadamente os estragos causados por estes terramotos, vejam no 1.º vol., pag. 121, col. 1.ª e 2.ª

um mui productivo ramo de commercio de exportação. Tambem produz e exporta muito sumagre, passas d'uvas, alfarrôba, azeite, aguardente de figos, obras de esparto, de palma e de fio de pita; alguns d'estes artefactos, de grande perfeição e por isso muito estimados.

—

Junto ao rio de Silves, e a seis kilometros ao O. dá cidade, ha uma abundantissima fonte de excellente agua potavel, denominada *Fonte do Gramacho.* Nasce dentro de umas rochas e é levada por um aqueducto, até á margem do rio, e alli a vão buscar, em lanchas, para provimento da Mexilhoeira, de Villa Nova de Portimão, e dos navios que demandam o porto d'esta ultima villa.

—

Ao O. da cidade e a pouca distancia d'ella, está a ermida de Nossa Senhora dos Martyres, que consta ter sido fundada por D. Sancho I, quando pôz cêrco a Silves, para n'ella se dizer missa aos christãos, e alli serem enterrados os que morressem nos assaltos. Ainda aqui existem campas, com brazões d'armas, dos fidalgos então sepultados n'este logar.

—

No sitio chamado *Barra de Silves*, na serra da Atalaya, e junto ao rio, houve uma torre de vigia (que deu o nome á serra) fabricada de tijolos phenicios, que servia para d'alli os turdetanos, antigos povos do Algarve, depois os romanos, e por fim os mouros, vigiarem quem entrava ou sahia do porto.

—

Ha aqui duas feiras annuaes—uma a 3 de maio, porisso chamada das Cruzes, e outra no 1.º de novembro. Cada uma d'ellas dura trez dias, e são ambas muito concorridas.

Teve antigamente feira franca, por 49 dias, a principiar no 1.º de novembro, findando a 19 de outubro, concedida por alvará de 1491: hoje está reduzida a trez dias—desde 31 de outubro e findando a 2 de novembro. É a melhor feira do Algarve, em gado vaccum.

—

O concelho de Silves é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz; e o seu rio e o mar o fornece de grande variedade de peixe, de optima qualidade. Nos seus montes ha tambem abundancia de caça, do chão e do ar.

Antigamente havia n'elles, corças, veados, e javalis, que os caçadores exterminaram.

—

A 10 kilometros de Silves, e proximo ao mar, está a *Torre de Nossa Senhora da Rocha* —e a 450 metros, a NE., se vê a chamada *Cruz de Portugal*, feita de bellissimo marmore branco, com a imagem de Jesus Christo em relevo. Tem a cruz seis metros d'altura, incluindo o pedestal. É antiquissima, e, segundo a tradição, marcava o centro da antiga cidade. Os inglezes já a cubiçaram, pelo esmero do seu trabalho, e tentaram leval-a; mas o povo oppoz-se a esta pretensão.

—

Em agosto de 1844, n'uma das ruas do arrabalde, se acharam 330 moedas arabes e romanas.

—

Este concelho e o da Lagôa, comprehendem os terrenos mais ferteis do Algarve, e os cereaes e legumes produzem regularmente, de 15 a 20 sementes.

—

O antigo concelho de Silves abrangia todo e territorio e povoações desde o Cabo de S. Vicente até Albufeira.

—

Segundo as chronicas, o soberano arabe que reinava em Silves, no anno de 1139, era de grandes forças e agigantada estatura. Hindo com Ismario e outros chefes, á batalha de Campo d'Ourique (25 de julho d'aquelle anno) D. Affonso Henriques o matou com uma lançada.

—

Silves foi capital do governo das armas do Algarve, desde D. Sancho I até D. Affonso IV, que a mudou para Lagos, tendo o governador militar a denominação de *anadel*, ou fronteiro-mór.

Anadel, ou *anadell*, significa maioral, chefe, capitão de bésteiros, espingardeiros, ou outra qualquer gente de guerra. *Anadaria* era o districto em

que o anadel tinha jurisdicção militar.

O *anadel-mór* tinha por dever alistar gente e apurar os *bésteiros* do conto, isto é — os que cada cidade, villa, freguezia ou concelho deviam apresentar ;;assim como os *galiotes*, ou homens do mar.

Vide *Fronteiro mór*.

—

Foi Silves cidade episcopal, desde o reinado de D. Sancho I, que transferiu para aqui a residencia dos bispos, que antigamente tinha sido na cidade de Ossonoba. Teve logar o assento d'esta séde, logo em 1190, por breve do pontifice Clemente III.

Ja disse que foi 1.º bispo de Silves, Dom frei Nicolau, confessor d'aquelle monarcha, e conego de Santa Cruz de Coimbra (apezar de dizer o contrario o auctor da *Memoria* ou *Roteiro* de que fallei em outro logar).

Poucos mezes depois de tomar posse do bispado, teve de abandonar a sua cadeira, por se perder a cidade em 1191, como vimos.

Quando em 1242 tornou ao poder dos christãos, foi feito bispo de Silves, D. frei Roberto, religioso dominico, em 1254, por bulla do pontifice Alexandre IV.

Desde então continuou sem interrupção o cathalogo dos bispos de Silves, até ao governo do famoso bispo D. Jeronymo Osorio, sendo no seu tempo (1577) transferida a séde do bispado para a cidade de Faro. Este prelado falleceu em Tavira, logo a 20 d'agosto de 1580; tendo principiado a governar a diocese em 1564.

—

Na era de 1410 (1372 de Jesus Christo) Dom Fernando I, estando em Coimbra, concedeu grandes privilegios aos moradores de Silves : o que consta de um pergaminho que se guarda no archivo da camara.

Por uma carta regia de D. Diniz I, do anno de 1305, e por outra de D. João II, de 31 de dezembro de 1487, se concederam ao povo d'esta cidade, muitos e grandes privilegios, sendo os principaes — 1.º, não lhes serem vendidos os bens para pagamento de dividas, mas cobrarem-se os crédores pelos rendimentos. (Este privilegio se fez depois extensivo a todo o reino, se o valor da propriedade fosse o dobro da divida).— 2.º, não lhes serem penhorados os cavallos.—3.º, não hirem á guerra senão quando o rei fosse em pessoa. — 4.º, que tornasse a ser do seu termo Alvôr e a *terra da fruyta de bona polla* que tinha sido doada ao infante D. Henrique (o de Sagres) por carta de lei, de Dom Affonso V, de 28 de novembro de 1460 — 5.º, que nenhum official do rei se intromettesse nos ajuntamentos do povo, em camara. (Carta de lei de 12 de dezembro de 1460.)

D. João II, por carta regia de 14 d'abril de 1491, deu a sua mulher a rainha D. Leonor (irmã do rei D. Manoel) para ella e para a casa das rainhas de Portugal, o senhorio de Silves, de Faro, e de outras muitas povoações do Algarve, com todos os direitos, menos os da alfandega, siza e casa do sal.

—

A egreja matriz serviu de cathedral, por mais de 300 annos — emquanto aqui estiveram os bispos.

Era a mesquita maior dos mouros. [1] Foi purificada e transformada em egreja christan em 1188 ou 1189, e depois, tornada a purificar em 1242. [2]

Está situada no centro da cidade, em uma elevação. É templo vasto; porém o terramoto de 1755 o destruiu em grande parte, e na reconstrucção, foi muito alterada a sua primitiva architectura.

Nas capellas lateraes, estão os tumulos

[1] Quando D. Sancho I mandou purificar este templo, logo alli houve um solemne *Te-Deum*, em acção de graças por esta victoria.

O mesmo soberano constituiu o bispado de Silves, com esta cidade e seu territorio, Alvôr, Abenabece (ou Estombar) e outras povoações menores.

Por governador das terras então conquistadas no Algarve, deixou D. Rodrigo Sanches.

Desde esta conquista, D. Sancho I se intitulou *rei de Portugal e do Algarve*.

[2] Duarte Nunes de Leão, diz que a Sé foi mandada construir por D. Affonso, o Sabio, de Castella, fazendo seu 1.º bispo, D. frei Roberto; mas todos os outros escriptores são concordes em dizer que foi originariamente mesquita mourisca.

dos seus bispos e de outras pessoas illustres.

N'esta egreja esteve depositado o cadaver de D. João II, que morreu em Alvôr, a 25 de outubro de 1495.

—

Silves tinha voto em cortes, com assento no 2.º banco.

Tem por brazão d'armas, um escudo em branco, coroado.

«Até n'isto — diz o sr. Julio de Vilhena Barbosa, nas suas *Cidades e villas*, tomo 3.º, pag. 57 — a sorte adversa perseguiu esta infeliz povoação. Tendo sido côrte de um rei e theatro de muitos feitos gloriosos para a religião de Jesus Christo e para as armas portuguezas, nenhum emblema veio trazer ao seu brazão uma memoria sequer, das suas passadas grandezas!»

—

O hospital da Misericordia foi construido pelo beneficiado Manoel de Sequeira Castello-Branco, com 160$000 réis de renda annual, e inaugurado a 24 de maio de 1775. Depois a sua renda augmentou com o capital de 1:200$000 réis que lhe deixou Narcizo da Silva Reis.

—

Era vastissimo o antigo terreno de Silves, sendo as suas principaes povoações as seguintes — Alcantarilha, Aldeia-Ruiva, Alferce, Algôz, Casaes, Estombar, Lagoa, Lamarosa, Lameira, Loubite, Mexilhoeira-Grande, Mexilhoeira da Carregação, Monchique, Odelouca, Pedra-Negra, Pêra, Picalto (Pico-Alto) Porches-Novo, Porches-Velho, Santo Antonio da Armação, S. Bartholomeu de Messines, S. Marcos, Santa Margarida, Terragudo, e Valle.

—

Nos suburbios e a uns 1:500 metros de Silves, na margem de um rio onde chega a maré, foi construido pelos annos de 1518, pelo bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, quando tentou levar os religiosos da Piedade para o Algarve, o mosteiro de *Nossa Senhora do Paraizo* (no sitio onde já existia uma ermida da mesma invocação). Constava do edificio do mosteiro—que era pequeno e pobre — com boa horta e junto d'ella uma copiosa fonte de optima agua.

Foi logo habitado pelos frades piedosos, aos quaes o bispo tinha doado o mosteiro e a ermida, que já era propriedade episcopal.

Alguns annos aqui estiveram estes religiosos; porem como o sitio era doentio, se resolveu a suppressão do mosteiro, em 1593, ordenando-se ao provincial que o desamparasse.

Tiveram noticia d'esta resolução os moradores de Silves e das aldeias visinhas, e instaram com os frades para não desampararem o mosteiro: estes annuiram, e na segunda congregação (em 1594) se elegeu outra vez prelado e fizeram vigariaria, como sempre tinha sido.

As enfermidades porém continuaram, pelo que os frades piedosos desampararam o mosteiro, a 4 de junho de 1618.

Um dos principaes moradores de Silves, tanto instou com o bispo, que este mandou em 1621 povoar de novo o mosteiro pelos religiosos franciscanos, da 3.ª ordem da penitencia, que viveram aqui em grande pobreza, mas dando ao povo bastantes exemplos de todas as virtudes christãs.

Consta que, sendo vigario do convento, frei Antonio de Nebrixa, succedeu um dia haver tanta falta de tudo, que nem pão havia para o jantar dos dés religiosos de que então constava a communidade. Deu-se parte d'isto ao vigario, que respondeu—«Não será isso bastante para que deixemos de hir dar graças a Nosso Senhor, pois por todas as vias lhe são devidas.»—Tocou a sineta para o refeitorio ás horas do costume, e quando um dos frades principiava a lêr o Evangelho, ouvem tocar com força a campa da portaria. Foi o porteiro, e alli achou um cêsto com dés grandes e formosos pães de trigo, cada um embrulhado em seu guardanapo, e um grande açafate, com uma panella onde vinham dés boas rações de carneiro cosido e tudo coberto com uma alva toalha de linho. Ninguem estava já ao pé d'aquillo, e

ninguem veio reclamar o cêsto, o açafate nem a toalha e os guardanapos.

Isto próva a grande pobreza em que viviam estes religiosos.

—

Vimos que na Sé de Silves foi depositado o cadaver de D. João II. Quatro annos aqui esteve, até que, em 1499, seu successor, primo e cunhado, o rei D. Manoel, o fez trasladar para o mosteiro da Batalha.

O rei mandou reunir muitos arcebispos, bispos e outros ecclesiasticos, assim como grande numero de fidalgos, acompanhados de muitos capellães cantores e musicos, e todos se dirigiram á cidade de Silves.

O bispo D. Diogo Ortiz Calçadilha (que havia assistido á fundação do convento de Jesus, de Setubal) descobriu a sepultura do rei, e todos viram que a alcatifa e hollandas estavam comidas pela cal, porém o corpo de D. João II estava sem corrupção, e até conservando o cabello da barba.

O cadaver foi envolvido em novas hollandas e mettido em outro caixão, coberto de tella e este posto em umas andas, forradas interior e exteriormente, de brocado, de pêllo carmezim e ouro, com ricas guarnições, e bem assim, as cavalgaduras que as levaram, guiadas por pagens, vestidos de lucto.

Em todo o precurso até á Batalha, foi o prestito acompanhado por todas as pessoas que nomeei, e em todas as povoações em que pernoitavam, se erguia um catafalco, que para isso traziam, que ficava cercado de innumeraveis luzes, havendo o competente officio, e no dia seguinte, antes da partida, missa de pontifical.

A cada egreja em que ficava o cadaver, era dado um calix de prata e uma casula de sêda.

Assim foi levado o cadaver até á villa de Alcobaça, onde o rei D. Manoel o estava esperando, com os bipos da Guarda, Viseu, e Lamego, seus cabidos, e os religiosos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça e Batalha, todos com tochas accezas.

Tambem estavam com o rei, os duques, marquezes, condes e outros muitos fidalgos e grande concurso de povo, que veio assistir ao acto, de muitas leguas de distancia.

As ruas da villa por onde passou o prestito, estavam ricamente armadas, assim como as ermidas, e, principalmente, a egreja do mosteiro cisterciense, onde estava já construido um rico mausoleu, coberto de tella, com bandeiras e armas reaes.

O mausoleu occupava a maior parte do templo e chegava quasi ao tecto.

Desde a porta da egreja até ao mausoleu, foi o cadaver conduzido por oito dos principaes titulares d'este reino, que alli o collocaram com grande respeito.

Em volta do mausoleu ardiam mil tochas, e assim se celebraram as exequias e officios solemnissimos, assistindo á hebdomada, o prior de Santa Cruz, de Coimbra, filho do marquez de Villa-Real, que no dia seguinte cantou a missa, sendo prégador o bispo D. Diogo Ortiz.

O rei deu por esta occasião varias peças d'ouro e prata ao mosteiro.

De Alcobaça marchou o prestito para a Batalha, onde o cadaver foi recebido com egual pompa e os mesmos suffragios, sendo por fim recolhido no tumulo que lhe estava destinado.

—

Em janeiro de 1874 se inaugurou em Silves uma fabrica de sabão, pertencente á firma commercial de Villarinho e Sobrinho.

—

Em julho de 1877, o governo concedeu á direcção do hospital da Misericordia d'esta cidade, 540$000 réis, para obras no seu edificio.

—

D. Jeronymo Ozorio, bispo do Algarve.

Ninguem que possua as primeiras noções da litteratura patria ignora quem fôra Jeronymo Ozorio, e quanto lhe devem as boas lettras.

Este insigne escriptor, um dos mais admiraveis latinistas, depois que a famosa lingua de Lacio deixou de ser fallada, deixou de si monumentos, que tornarão perduravel sua memoria. A um saber profundo o illustre bispo de Silves alliava a mais rigorosa virtude. Foi o assombro de nacionaes e estran-

geiros: em Salamanca, em Bolonha, em Coimbra todos tiveram occasião de admirar o profundo theologo, o canonista insigne. A seus conselhos se deve a introducção da ordem de Sancto Ignacio n'estes reinos. Foi o oraculo do seu tempo, sendo escutado por el-rei D. João III e por sua augusta mãe: menos o ouviu o infeliz rei D. Sebastião, a quem procurou dissuadir por todos os modos do plano desventurado da sua segunda jornada da Africa: a sua eloquencia egualava a proficiencia com que escrevia. D'elle nos restam obras como as que se denominam de *Gloria, de Republica, de Consolatione, de Justitia, ad Elisabetham, de Rebus Emmanuelis, de Sapientia, as Paraphrases de Job e dos Psalmos.*

—

No domingo, 17 de abril de 1881, pelas nove horas da manhã, um violento cyclone açoitou o Algarve, correndo o rumo de SE. a NO.

Causou muitos estragos, arrancando grande numero de arvores e fazendo outros prejuizos.

Em Silves, o rio, sahindo fóra do seu leito, inundou grande parte da cidade.

As estradas ficaram em muitas partes intransitaveis, já pelos grandes penedos que desceram das serras, já pelos rasgões causados pela chuva.

—

O sr. Estacio da Veiga, algarvio, e distinctissimo escriptor publico da actualidade, publicou, em 1870, o seu formoso livro intitulado—*Romanceiro do Algarve*, que é uma bella collecção de lendas d'esta provincia. Para não fazer este artigo mais longo e enfadonho, não copio nenhuma d'essas lendas; mas peço aos meus leitores que vejam no *Romanceiro*, as seguintes:

A moira encantada, pag. 35.
Almendo, pag. 40.
Dom Diniz, pag. 65.
O paladino captivo, pag. 98.
A noiva arraiana, pag. 108.
A donzella e o punhal, pag. 114.
A serrana, pag. 121.
Os dous amantes, pag. 126,
Os calvos, pag. 135.

Não indico estes como os melhores, porque todos são bons, mas porque teem relação, mais ou menos proxima, com as cousas de Silves.

—

Algarvios que por seus feitos, artes, sciencias ou virtudes, teem illustrado a patria.

No tempo dos romanos:

—

Cesarão, que derrotou Munio.

—

Canceno, ou *Cancheno*, que se fez senhor de Conistorgis (ou Conisterges) capital dos povos cuneos. [1]

—

Lucio Quintilio Galeão — que libertou a sua patria, opprimida pelos inimigos, e pelo que a cidade de Ossonoba lhe dedicou magnificas estatuas.

—

Punico (carthaginez por seu pae, e algarvio por sua mãe) — que venceu Pisão, Calpurneo e Manlio, illustres generaes romanos.

—

No tempo dos árabes:

—

Abd-Ala-Ben-Isa Ben-Abi-Habid-Abu-Mohamed — nasceu em Silves, em 1091. Sabia perfeitamente o árabe, jurisprudencia, chronologia, astronomia, etc. Governou Silves por nove annos, deixando este governo, para hir estudar a paizes estrangeiros. Morreu na Persia.

—

Abd-el-Malecus-Ben-Hescham — vulgarmente chamado *Ebn-Athala*, nasceu em Silves, em 1082. Ensinou rhetorica, philosophia e jurisprudencia.

—

Ahmad-Alhassin-Ben-Casa-Abul-Casse-

[1] Incluo aqui este famoso lusitano, porque os algarvios o teem como um dos heroes seus patricios; mas o mais provavel é que elle fosse natural de Lisboa, e até fazendo crua guerra aos algarvios, destruindo-lhes a sua cidade de Conistorgis, que depois de reedificada, se chamou Ossonoba. Vide no 6.º vol., pag. 303, col. 1.ª e seguintes.

mus — natural de Silves. Floresceu no seculo XII. Era bom poeta e joven distinctissimo pelo seu profundo saber, porém muito turbulento. Tomou Mértola, destruiu a antiga Evora, que existiu juncto a Ayamonte, e conquistou Sevilha, em 1146. Em 1151, o povo de Silves, não podendo soffrer a sua ambição e despotismo, se revoltou contra elle e o venceu. Despeitado por isto se envenenou.

—

Abu-Baker Ben-Sokaa — insigne poeta.

—

Abu-Bakerus-Mohamed-Ben-Amar-Dulvarzar-Tin — nascido no logar de *Shanabas* (?) termo de Silves. Foi grande poeta, porém muito ambicioso. Morreu em 1084.

—

Abul-Cassen-Abd-el-Malek-Ben-Bodrun-al Hamadritâ — auctor da Historia de Josefo, intitulada *Ephod.*

—

Abul-Ualid-Ismail, cognominado *Ebnai-Chuask* — poeta famoso. Falleceu em 1162.

—

Abu-Mohamad-Abdalla-Ben Gabel — natural de Silves. Foi eloquente orador e deu á luz obras que revelavam profunda sciencia. Morreu em 1137.

—

Mohamad-Ben-Osmar-Ben-Almoudar-Abul-Walid — doutissimo em jurisprudencia. Foi secretario do senado de Silves, mas desgostoso do emprego, retirou-se para o logar de *Rabat-al-Rihanat* (Arrifana, junto ao mar) a pouca distancia de Silves. O senado de Córdova, expulsando o seu rei, Ahmed-Ben-Abd-el-Malek, entregou o governo do reino a este sabio silvense. Acompanhou Ahmad-Ben-al-Hassain, na expugnação da antiga Evora, proximo a Ayamonte e tomou a fortaleza de *Mergecar* (?) ou *Margee* (?) no termo de Silves, cuja guarnição se tinha revoltado contra o governo da cidade. Fez continuada guerra a Samiel, principe de Beja.

Orgulhoso pelo seu saber e victorias, commetteu varios crimes, pelo que foi preso e lhe arrancaram os olhos. Posto em liberdade, fugiu para Salé (Africa) onde morreu, em 1163.

Mohamad-Ben-Soad-al-Gazany — vulgarmente chamado *Al-Abli* — grande em historia e jurisprudencia. Foi pretor, e falleceu em 1152.

—

Al-Mançor-Ben-Afan — ultimo rei de Silves, que, como vimos, morreu afogado, depois da tomada da sua cidade pelos portuguezes. Foi um dos melhores poetas e dos mais extremados cavalleiros do seu tempo.

—

No tempo da monarchia portugueza:

Alvaro Caminha Souto-Maior, natural de Fáro. Sendo capitão-mór de uma armada, descobriu a ilha de S. Thomé, da qual Dom João II lhe fez mercê, de juro e herdade, em 1477.

—

Alvaro Esteves, natural de Lagos — habil piloto e o melhor do seu tempo, na nossa Peninsula. Era piloto da caravella que descobriu a Mina, em 1471, hindo por capitão da dita caravella, Pedro de Escobar.

—

Alvaro Gomes de Gouveia, natural de Portimão. Foi um valoroso soldado, fazendo grandes serviços a Portugal, tanto por mar, como por terra, principalmente no rompimento e victoria das *Linhas d'Elvas,* sendo dos primeiros que atacou os castelhanos. Assistiu ás batalhas do Ameixial, á recuperação d'Evora, á tomada de Vallença d'Alcantara, á grande victoria de Montes-Claros e outras de menos importancia, distinguindo-se sempre, pela sua extraordinaria intrepidez.

Regressando ao Algarve, foi sargento-mór do castello de Alcoutim, onde reedificou as fortificações.

D. Pedro II lhe concedeu, em premio das suas façanhas, o foro de fidalgo cavalleiro, por carta regia, de 7 de julho de 1687.

Este heroe algarvio, era filho do doutor Manoel Ribeiro de Gouveia, ouvidor em Villa Nova de Portimão.

—

Alvaro de Valera, natural de Portimão. Foi muito applicado ao estudo de humanidades, e bom poeta. Morreu em Lisboa, em 1600.

—

André Dias da França, natural de Tavira, filho de Belchior da França e de D. Simôa Godinho. Foi commendador da ordem de Christo, contador da fazenda e alcaide-mór (e, por vezes, governador interino) de Tanger, na Africa. Foi um valoroso militar, vencendo por muitas vezes os mouros africanos.

—

Frei Angelo de Santa Maria (antes de ser frade, Duarte de Figueiredo Gusmão) natural de Castro-Marim, onde nasceu, em 1664. Era filho de Gaspar Lourenço de Gusmão e de D. Maria de Figueiredo. Foi doutor pela universidade de Salamanca, mestre e definidor da sua ordem, e varão de grandes virtudes e saber.

Foi religioso carmelita descalço e reitor do seu collegio, em Coimbra. Publicou o livro intitulado *Schola Moralis Lusitanensis*— 7 volumes *in folium*, e varios sermões.

—

Antonio Joaquim de Paiva, natural de Loulé. Fez grandes serviços no Alemtejo, durante a guerra da restauração, e lançou os castelhanos fóra da praça de Olivença, em 4 de abril de 1648, ficando ferido n'esta acção. Foi depois mestre de campo de Traz-os Montes, e, entrando pela Galliza, destruiu mais de 50 logares. Desbaratou os castelhanos, junto a Chaves, em maio de 1655, fazendo-lhes 233 prisioneiros, dos quaes 6 eram capitães.

D. João IV lhe deu o foro de fidalgo cavalleiro, por carta regia de 16 de junho de 1656.

—

Antonio Pinheiro.

Brites d'Almeida (a padeira d'Aljubarrota).

Francisco Barreto.

Belchior Vieira.

Dionizia Antonia da Encarnação.

Francisco José da Horta Machado.

Antonio José da França e Horta.

Carlos Frederico Lecor.

Sebastião Francisco Severo Drago Valente de Brito Correia de Lacerda Green Cabreira.

Estes nove algarvios illustres já ficam mencionados ne artigo *Fáro*, por serem naturaes d'esta cidade.

—

Balthazar Gonçalves Lobato, natural de Tavira. Foi muito versado em historia e continuou a 5.ª e 6.ª parte do *Palmeirim de Inglaterra*, e escreveu, no mesmo gosto, a *Historia do famoso principe D. Clarisol de Bretanha*, que se imprimiu em Lisboa, no anno de 1602.

—

São dous famosos romances de cavallaria.

—

Belchior de Moraes, natural de Tavira — foi insigne piloto, e escreveu o *Roteiro de Portugal para a India e da India para Portugal*. Escreveu este livro a bordo da náu Santo Antonio Nebri. Não se chegou a imprimir. Morreu no principio da dominação dos Phillipes, pouco mais ou menos quando falleceu Luiz de Camões.

—

Caetano Pimentel do Vabo e *Francisco Soares d'Oliveira Pacheco.*

Vide *Alvôr*.

—

Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, natural de Portimão — filho de Thomé de Lemos e Faria, e D. Maria Josefa de Giron Cisneiros e Castro. Nasceu a 27 de fevereiro de 1715. Foi homem de vastissima erudição e incansavel na leitura e estudo de bons livros. Vivia do rendimento das suas propriedades, que constituiam uma das maiores casas do Algarve, e nunca acceitou emprego algum publico. Todas as suas riquezas pertencem hoje aos seus descendentes, que residem em Fáro.

Escreveu a *Historia de Portugal*, que se imprimiu em 20 volumes, em oitavo. *Politica moral e civil*, *Aula da nobreza luzitana*, 7 volumes em 4.º Deixou escriptas ainda varias obras, principalmente sobre genealogias portuguezas, em 12 volumes.

Morreu em Fáro, a 9 de janeiro de 1789.

—

Diogo Magina.

Diogo de Mendonça Corte-Real.

João Rodrigues Andreinos.

Maria do Rosario.

Theodora Maria.
Para estes, vide *Tavira.*

—

Diogo de Sousa, natural de Loulé. Foi insigne pintor, e mestre de Diogo Magina. Fez as pinturas da egreja matriz de Castro Verde, no Alemtejo, e pintou as batalhas de D. Affonso Henriques, que estão na egreja de Nossa Senhora dos Remedios, da mesma villa de Castro Verde. Nasceu pelos annos de 1690. Não se sabe quando nem onde falleceu.

—

D. Gaspar de Leão.
Antonio José de Lima Leitão.
Gaspar dos Reis.
Gil Eannes.
São Gonçalo de Lagos.
Para estes, vide *Lagos.*

—

Gaspar Lopes Canario, natural de Portimão — medico insigne, e como tal reputado e louvado por Zacuto Lusitano e outros medicos portuguezes e estrangeiros. Nasceu pelos annos de 1515, e não se sabe quando falleceu.

—

Joaquim José Rasquinho, natural de Loulé — famoso pintor, filho de Manoel Gonçalves Rasquinho e de Josefa da Conceição. Nasceu a 8 de dezembro de 1736.

Sem ter mestres, chegou a ser um dos melhores pintores do seu tempo. São obras d'elle, o quadro de S. Salvador, que está na bocca da tribuna do altar-mór da egreja de Alvôr — o de Nossa Senhora da Conceição, que se vê na casa da camara, de Fáro — quatro grandes quadros da vida de Santo Elias, da capella dos terceiros do Carmo, em Tavira — a magnifica cópia de um quadro do Senhor morto, que está na sachristia da egreja de S. Pedro, de Fáro — e outros mais de grande merecimento.

Era tambem eximio retratista. Ainda na edade de 84 annos pintava com muito mimo e primor.

Morreu em Fáro, a 10 de dezembro de 1822.

—

Manoel Fernandes Bexiga.—Vide *Boliqueime.*

—

José Diogo Mascarenhas Neto.—Vide *Alcantarilha.*

—

Joaquim Lopes — (o famoso *patrão Joaquim Lopes*). — Vide *Olhão* e *Paço d'Arcos.*

—

Manoel Martins Garrôcho e *Manuel d'Oliveira Nobre.*
Vide *Olhão.*

—

Todos os mais algarvios illustres que aqui se não acharem, vão nas terras d'onde são naturaes.

SILVESTRE (S.) — Já está em Campo (S. Silvestre do) a pag. 63, col. 2.ª, do 2.º volume.

SIMÃES — Vide 3.º vol., pag. 165, col. 1.ª

SIMÃO (S.) — Vide *Litem*, a 1.ª d'este nome. É n'esta freguezia a aldeia de *Albergaria* (por isso chamada *Albergaria de S. Simão*). Tomou este nome por ter aqui havido uma albergaria, fundada pela rainha Santa Mafalda (a de Arouca) ou por sua avó, a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1170.

É n'esta aldeia d'Albergaria, a 21.ª estação do caminho de ferro do norte, e proximo a ella o 2.º tunnell do mesmo caminho de ferro.

SIMÃO (S.) — Vide a 1.ª *Gouveia.*

SIMÃO DA SERRA (S.)—vulgarmente chamado *Pé da Serra* — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza.

Bispado, districto administrativo de Portalegre, d'onde dista 35 kilometros, 204 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. Simão.

O rei, pelo tribunal da mesa de consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 120 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 12$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes e abundante de caça.

SIMBRES ou **CIMBRES** — freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar, 12 kilometros a E. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia, nem em *Cimbres*, nem em *Simbres*.

Está situada entre as povoações de Villa-Chan-de-Cangueiros, ao SE.—Santa Cruz e S. Thiago, ao N.—Salzedas, a O.—Granja-Nova e Paçô, ao S.

É terra fertil.

Ao E., eleva-se uma pequena serra, em cujo cimo existem duas capellas—a de Nossa Senhora da Graça, com altar-mór e dous lateraes—e a de Nossa Senhora da Livração, muito pequena.

Ainda hoje se veem alli os restos de mais cinco ermidas e casas de eremitão. É sitio inhospito, desabrido e esteril; e ainda hoje se lhe dá o nome de *Monte das Sete Capellas*.

A freguezia consta apenas da aldeia de Simbres.

A egreja matriz é de construcção moderna e elegante, tendo defronte um campanario com dous sinos.

Na povoação de Simbres ha ainda outra ermida dedicada ao Espirito Santo; e outra, de S. Francisco, contigua a umas grandes casas de Jeronymo Leite Cabral Castello Branco (o mórgado d'Eiriz) de Arouca.

—

O mosteiro de Salzedas apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, incluindo o pé d'altar.

Os frades de Salzedas tiveram jurisdicção ordinaria n'esta freguezia.

—

Houve aqui uma famosa demanda, que, pelos seus tristes resultados, merece ser registada n'este diccionario.

Eis como principiou e como terminou:

Morreu em 7 de abril de 1852, no Escurial (Hespanha) o subdito portuguez Joaquim Duarte e Silva, natural de Simbres, e filho de José Duarte e Maria Duarte e Silva, do mesmo logar e freguezia, que se habilitaram por herdeiros de seu filho, cujo expolio se avaliava em uns 150 contos de réis.

Depois de julgada a habilitação por sentença, confirmada por accordam da relação do Porto, se apresentaram differentes pretendidos herdeiros, de varias partes do reino, entre elles, uma decrepita mendiga, chamada Benta Joaquina, *chrismada* em Maria Duarte da Silva. Todos estes pretendentes (tanto os verdadeiros herdeiros como os falsos) eram protegidos por titulares, capitalistas e negociantes, e toda a casta de especuladores, envolvendo-se n'esta demanda uma grande parte dos habitantes de Simbres e suas redondezas.

Houve prejurios, chicanas, prepotencias e immoralidades de toda a casta, e algumas prisões e assassinatos!

Appareceu depois, um tal Antonio Verissimo Duarte, tambem de Simbres, auxiliado (segundo se diz) pelo governo portuguez, allegando que a habilitação dos paes do fallecido, era fundada em documentos, uns falsos outros falsificados, pois que Joaquim Duarte e Silva, era um exposto, creado em Simbres, por Maria Duarte, mulher de Manoel da Silva, e que, como tal, não tinha parentes e a herança pertencia ao governo e ao denunciante.

Os justificantes, paes do fallecido, foram presos para as cadeias de Armamar, como *ladrões, falsarios e defraudadores da fazenda publica!*

O infeliz José Duarte, tinha mais de 90 annos, e estava cégo e entrevado havia 30, pelo que foi conduzido á cadeia em um esquife! Depois, foram ambos postos em liberdade, por sentença do juizo de direito, que os absolveu.

Finalmente, os paes do fallecido, arcando com as maiores difficuldades, e obstaculos de toda a qualidade, poderam conseguir, no fim de dezesseis annos de demandas, sentença para levantarem a herança; mas foi o mesmo que nada, porque os castelhanos tinham empregado todo o dinheiro em acções de umas celebres minas que nem tinham cotação no mercado, nem o minimo valor fóra d'elle!

Como os paes do finado eram pobres, logo no principio da demanda se formou uma especie de *companhia do olho vivo*, que lhe abonou todas as despezas para o pleito.

Outra companhia de egual qualidade, protegia o tal Verissimo, que era pobre, e lhe abonava o dinheiro para as despezas do pleito.

Alguns dos socios das duas companhias que pleiteavam, foram por varias vezes a Lisboa e a Madrid, fazendo estas jornadas em risco de perderem as vidas os protectores dos paes do finado; e, com effeito, Manoel dos Santos Pinto, seu protector, e que era negociante em Lamego, morreu envenenado em Madrid, e José Antonio Cardoso, tambem negociante em Lamego, e procurador dos Duartes, se não fosse avisado a tempo, seria assassinado proximo a Badajoz, por uns facinoras assalariados para isso pelos contrarios. Teve pois de retirar para Portugal, e embarcando em Lisboa n'um paquete inglez, desembarcou em Cadix, e d'ahi foi por terra para Madrid.

Durou a demanda 16 annos, e só a companhia que defendia os paes do finado, gastou com o pleito e em jornadas, 18 contos de réis.

Antonio Verissimo, causa principal (ou quem o induziu) de todas as immoralidades e dos obstaculos oppostos aos paes e irmãos do finado, está actualmente decrepito e paralytico, vivendo de esmolas.

N'este pleito tiveram uma parte bem importante, o barão de Ortega, ao tempo consul geral de Hespanha n'este reino, e outras muitas pessoas *altamente collocadas*...

O que custa a crer, é como tantos homens *espertos* (tanto de uma como outra parcialidade) acreditassem que eram capazes de arrancar das garras castelhanas, uma somma de 150 contos de réis!

—

SIMIA — portuguez antigo — o macaco.

SINA — portuguez antigo — estandarte, bandeira.

SINAL — portuguez antigo — peça ou traste movel ou semovente do casal — «*Edardes de leitosa o milhor* sinal, *que houverdes.*» (Prazo d'Alpendurada, de 1404.) Outros muitos prasos dão á palavra signal a mesma significação.

Vide *Lutosa.*

SINALPENDE — portuguez antigo — medida agraria de 120 pés em quadro.

SINDE — villa, Beira Alta, comarca e concelho da Tábua (foi do mesmo concelho, mas da supprimida comarca de Midões) 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa 230 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os condes d'Obidos (hoje condes do Sabugal) apresentavam o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Diz-se que o primeiro nome d'esta villa, foi *Ginde*, corrupção do árabe *Gindi*, que significa soldado. Na India dá-se o nome de *gindi* aos soldados da reserva, que correspondem ás nossas antigas milicias.

Outros porém (talvez com melhor fundamento) dizem que *Sinde* é corrupção do árabe *Cide* ou *Saide*, que significa *Senhora* Vem então a ser *Villa da Senhora.*

Nasceu n'esta villa D. Pedro de Mello Brito da Silveira Alvim, 17.º bispo de Portalegre, feito por D. José I, em 12 de julho de 1773, confirmado pelo papa Clemente XIV, em 3 de outubro do mesmo anno.

D. Manoel I deu foral a esta villa, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 56, col. 2.ª

—

Os condes d'Obidos e do Sabugal, são senhores do morgado de *Pé de Cão*, [1] e da quinta e paúl de Arzilla (que antigamente se chamava *Seixal* e *Juncal)* na mesma freguezia d'Arzilla, no concelho de Coimbra.

O ultimo conde do Sabugal e Obidos (6.º vol., pag. 187, col. 1.ª) e meirinho-mór, D. Luiz d'Assis Mascarenhas de Sousa Coutinho, que morreu tisico em Lisboa, a 4 de julho de 1880, teve opposição á posse do tal paúl, por parte de João Correia Ayress de Campos, de Coimbra.

Esta propriedade da *quintaã darzillai*, foi doada á condessa D. Guiomar de Castro,

[1] A propriedade denominada *Pé de Cão*, é na freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho e 3 kilometros a O. de Coimbra.

viuva do conde d'Atouguia, por D. Affonso V, no dia 22 de maio de 1452, em pagamento de mil dobras, por conta de maior somma de dinheiro que o infante D. Pedro (tio e sogro do rei) devia aos condes d'Atouguia, e ao qual (infante) pertencêra a propriedade, com todas as suas casas, herdades, vinhas, pomares, rendas e direitos.

A condessa aforou isto, *emfatiota para todo o sempre*, a Pero Eannes, lavrador, e sua mulher e successores, com a condição d'elles *morarem corporalmente nas ditas casas, de fogo vivo*, de bem lavrarem as terras e abrirem sargetas entre a varzea e o paúl e a terça da valla da sargeta para o rio, pagando aos senhorios a *ração de quarto*, das terras do campo; e de cinco das do monte — um quarteiro de pão e um carneiro no dia de Paschoa, e um porco, *que faça dous annos á matança*—no S. Miguel de setembro dous capões, — e dous frangos, no dia de Natal — e o terradego, no caso de venda, com licença dos senhorios. A escriptura foi feita a 22 de junho de 1507, na quinta de S. Silvestre e paços do conde de Cantanhede, D. Pedro de Menezes.

A mesma condessa, aforou para sempre, a Joanne Eannes, lavrador de Bellide, e a sua mulher e successores, as terras de paúl e monte, mattas e collada, do *Casal Velho*, na mesma propriedade de Arzilla, para os emphyteutas ahi fazerem uma casa e n'ella morarem, pagando tambem o 4.º do campo e o 5.º do monte; e mais 4 alqueires de trigo; 2 de milho; 2 de centeio; um porco de um anno, no dia de S. Miguel; um carneiro de um anno; um capão; um frango e 10 ovos, no dia de Paschoa; e o terradego, no caso de venda. Escriptura feita em Coimbra, nos paços do referido conde de Cantanhede, a 7 de outubro de 1510.

O mórgado de Pé de Cão, junto á cidade de Coimbra, foi instituido pela condessa de Cantanhede, D. Guiomar Coutinho, e seu neto, D. Pedro Coutinho, alcaide-mór de Santarem. Escripturas feitas em Lisboa, nas casas da instituidora, a 4 e 25 de maio de 1543, e 6 de setembro de 1546.

Todas estas propriedades tinham sido vendidas pela condessa d'Atouguia, á dita Dona Guiomar de Castro — com auctorisação de D. Affonso V—e D. Fernando Coutinho, *marechal d'estes reinos de Portugal.*

Em 14 d'abril de 1663, tomou a corôa posse d'isto tudo e do direito do padroado da egreja d'Arzilla, por dividas ao conselho de fazenda.

A condessa da Palma, D. Joanna de Castro, na qualidade de tutora de sua filha, D. Brites Mascarenhas da Costa Castello Branco, condessa do Sabugal, requereu levantamento d'este sequestro, que lhe foi concedido, e tomou posse, no 1.º de setembro de 1667.

O *juiz do fisco real* dos ausentes do reino, mandou, por seu despacho de 25 de fevereiro de 1833, que o corregedor da comarca de Coimbra, procedesse a sequestro no paúl d'Arzilla e mais propriedades dos condes do Sabugal e Obidos, com o fundamento de que pela originaria doação real, eram os ditos condes obrigados a abrirem e limparem á sua custa, todas as vallas do paúl, pagarem as congruas aos parochos das egrejas de que eram padroeiros, e occorrerem ás despezas dos guizamentos d'essas egrejas; condições que os donatarios tinham deixado de cumprir, havia muitos annos. Já pelos mesmos motivos se tinha feito sequestro n'estas propriedades, em 1663 e 1667.

Em 15 de dezembro de 1871, nas notas do tabellião João Baptista Ferreira (hoje fallecido) se lavrou escriptura de promessa de venda (logo que estivesse paga a contribuição do registo) feita pelo doutor José Adolfo Troni, procurador do ultimo conde do Sabugal, a Augusto de Moraes, negociante e proprietario, da cidade do Porto.

Esta venda comprehendia — o mórgado do Pé de Cão, a quinta e paul d'Arzilla, no campo de Coimbra, tudo por 2:000$000 réis — os fóros, censos, pensões, rações, laudemios e mais direitos dominicaes, nas villas de Ázere, Sinde, e seus termos, no concelho de Tábua, por 750$000 réis—os fóros, censos, pensões, rações, laudemios e mais direitos dominicaes no concelho de Sinfães, por 250$000 réis.

Tudo isto foi vendido ao *desbarate*, não só por estar letigioso, como porque, desde o principio do anno de 1833 até ao anno de

1876 (lapso de 43 annos) nunca mais os condes do Sabugal estiveram de posse das propriedades que prometteram vender ao especulador, do Porto. [1]

Este falliu e depois falleceu (em 17 de março de 1877) deixando a sua viuva, Dona Maria Annais Monteverde.

Os credores da massa fallida, fizeram tanto caso do mórgado de Pé de Cão, do paul e quinta d'Arzilla, e do mais que o finado havia comprado ao conde do Sabugal, que o deixaram á viuva. Esta casou em segundas nupcias com Antonio Soller, e ambos venderam o direito e acção de tudo, por réis 500$000, a Victorino Cardozo Valente, de Gaia.

Finalmente, depois de muitos embargos, chicanas, appellações e muito gasto de dinheiro, foi a causa julgada nulla desde o principio, por sentença de 10 de março de 1879, dada pelo juiz de Direito de Coimbra o doutor João Roberto d'Araujo Táveira, a, favor dos reus, Domingos Antonio de Lára e mulher, do logar e freguezia d'Arzilla, os quaes, e os outros estavam na pacifica e ininterrompida posse das propriedades e foros contestados, havia mais de quarenta e seis annos.

Os especuladores, julgando fazer um grande negocio, perderam o preço da compra e a importancia das custas e multa, que montou a uma bôa somma.

SINDIM — Vide *Sandim* e *Sendim*.

SINES — villa, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de S. Thiago de Cacem (foi cabeça do concelho do seu nome, depois do concelho de S. Thiago de Cacem, da comarca d'Alcacer do Sal) 110 kilometros a O. d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1768, tinha 480.

Orago, S. Salvador. Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Beja (foi do arcebispado d'Evora).

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

—

Está em 37° 57′ de latitude N. — e 28′ de longitude occidental. [1]

D. Manoel I lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de julho de 1512. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 45, col. 2.ª)

Está esta villa edificada em uma angra que faz a ponta da Troia (Cetobriga) até ao Cabo de S. Vicente, ficando a enseada algum tanto imminente ao mar, e desaguando n'ella os rios *Regalvo* (Rego-Alvo) *Borbolegão*, e Junqueira.

É praça de guerra de 2.ª classe; tem estação telegraphica municipal; e uma delegação, de 1.ª classe, da alfandega de Lisboa. [2]

Foi por alguns seculos capital de um concelho modernamente supprimido e annexado ao de S. Thiago de Cacem. Teve juiz de fóra, vereadores, juiz dos orphãos e mais empregados do civel, administrativo, judicial, da fazenda e municipio.

Foi do arcebispado d'Evora até 1770, anno em que D. José I creou (restaurou) o bispado de Beja, ao qual desde então ficou pertencendo.

Até 1834, foi da comarca d'Ourique, depois da de Alcacer do Sal, até a creação da comarca de S. Thiago de Cacem (15 de dezembro de 1874) á qual desde então ficou pertencendo.

[1] Tudo isto constituia um antigo reguengo da corôa, que D. Affonso V doára, como vimos. Os emphiteutas, aproveitando-se do disposto no decreto de 13 de agosto de 1832, e da carta de lei, de 22 de junho de 1846, que tornavam livres e allodiaes todos os bens que tinham sido originariamente doações regias e reguengas da corôa, recusaram-se a pagar estas *rações* e mais direitos. Já se vê que o direito a isto, por parte dos condes, se tornára sobremaneira duvidoso, lou, mais propriamente, nullo, em vista das eis vigentes.

[1] Segundo mr. Bellin, engenheiro hydrographico *(Recueil des cartes maritimes,, etc.)* está a 37°, 45′ de lat. N., e a 11°, 2′ de long. de Paris — 8°, 58′ de long. leste da Ilha do Ferro.

[2] O artigo *São Thiago de Cacem*, tem muito de commum com o de Sines, principalmente quanto a obras publicas. Para evitarmos repetições, para lá remetto o leitor.

No militar, pertence á 1.ª divisão.

A sua bahia, semicircular, olha para o sul, e o fundo d'ella tem sufficiente altura para navios de todas as lotações, que estão aqui abrigados dos ventos, menos do S. e SO., que n'esta costa são terriveis; mas quando sopram d'este quadrante, as embarcações de menos lotação recolhem-se a uma calheta onde estão livres de perigo, por estarem abrigadas com a muralha de um revelim. [1]

A egreja matriz, é um bom templo. É collegiada, com trez beneficiados, curados (alem do prior) os quaes até 1834 só podiam obter estes beneficios, sendo freires da ordem de S. Thiago, á qual a villa pertencia.

Apezar do estado de abandono em que estão as fortificações de Sines, ainda tem governador, tenente-rei, ajudante da praça, etc.

Teve até 1834, uma sufficiente guarnição de infanteria, artilheria, veteranos, e uma companhia de milicias.

Eram dependentes d'esta praça de guerra, os fortes de Villa Nova de Mil Fontes (a 30 kilometros de distancia, para o S.) e o da ilha de Pecegueiro, que está em frente de Sines. Ambos estes fortes estavam artilhados e tinham guarnição militar.

É defendida a praça de Sines, por um grande e antigo castello, com dous baluartes do lado do mar, e na extremidade O. da bahia, pelo forte de *Nossa Senhora das Sallas*.

A um kilometro para ONO., está o ilheu, ou recife, da *Perseveira*, em frente de um cabo (tambem chamado da Perseveira). O ilheu não é mais do que um penedo monstruoso, e o seu nome lhe provem do marisco chamado *perseves*, do qual está sempre coberto, em tão grande quantidade, que, em tempo de calmarias, se podem aqui carregar cinco ou seis barcos; mas em occasiões de temporal, as vagas, batendo-lhe furiosamente, formam medonhos escarceus.

[1] Ainda em maio de 1876, um temporal arrojou á praia todas as embarcações miudas que estavam na bahia, perdendo-se cinco barcos de armação, dous bateis pequenos, um grande, uma canôa, e muitos apparelhos e redes de pesca.

É terra abundantissima de excellente peixe, que se exporta em grande quantidade, havendo occasiões que se perde muito, por falta de consumidores. Ha uma boa armação, com a qual se pesca muito peixe, mesmo dentro da bahia.

É tambem abundantissima a producção do vinho, havendo annos (antes do oidium) em que se chegou a vender a 1$200 reis a pipa de 25 almudes — medida de Lisboa.

O seu territorio produz trigo, milho, cevada, centeio, legumes, hortaliças e outros generos agricolas. Ha pouca fructa, mas é barata, por lhe vir em grande quantidade, de S. Thiago de Cacem.

Cria muito gado vaccum e lanigero, que exporta. Nos seus arredores ha grande abundancia de caça, principalmente coelhos e lebres.

Ha na villa sete fontes, tão abundantes, que qualquer d'ellas basta para o consumo da povoação. Todas são de excellente agua potavel.

O seu clima é sobremodo temperado e salutifero.

As ermidas, de S. Geraldo, na costa (da qual apenas restam vestigios) e a de Nossa Senhora das Sallas, consta que foram mandadas reconstruir pelo nosso famoso D. Vasco da Gama. Diz-se que, quando em suas viagens passava á vista d'esta ultima ermida, a saudava sempre com uma salva de artilheria.

—

É provavel que a palavra *Sines*, venha do latino *sinus* — seio ou enseada — e, com effeito, é a unica que ha desde a foz do Sado até ao Cabo de S. Vicente. O arco d'esta enseada, é formado por um semicirculo de rochedos, que, do pontal da extremidade S., corre até á ribeira, ao N., intestando ahi com um paredão que se levanta sobre o recife, em cuja quebrada se alonga a calhêta de que já fallei, e que tem uns 70 metros de comprido, por 33 de largo. A enseada tem a medida seguinte: a corda tangente á linha convexa que o mar traça na praia, é de uns 510 metros, a sua maior largura, do pontal á Ribeira, anda por 1:400 metros.

A orla de rochedos que circula a enseada, varia entre 16 e 17 metros de altura, e são,

pela maior parte, ingremes e alcantilados.

A parte que estanceia entre a povoação e a ermida de Nossa Senhora das Sallas, é um areal, secco e infertil; mas, a que fica abrigada pela villa, está povoada de canaviaes, piteiras e algumas hortas. A tudo isto dão os de Sines o nome de *Barrocas*.

Para SE., o terreno é accidentado e no alto fórma uma planura a que chamam *Chans* ou *Altos Chãos*.

—

Tem a villa seis ruas, paralellas, sendo a maior a *Rua Direita*. Não são muito tortas, como as das povoações antigas, porém são mal calçadas, e como as casas não teem latrinas, os despejos se fazem para a rua, o que é summamente desagradavel, por immundo e antihygienico, apezar de cada morador ser obrigado a varrer a sua testada *uma vez por semana* (!) o que nem sempre se cumpre...

No centro da povoação ha uma pequena praça, onde ainda existe o pedestal do seu antigo pelourinho.

Tem trez largos—*Areieiro*, *Praça*, e *Rocio*. Este ultimo é o mais vasto dos trez.

—

André de Rezende, nas suas (*De ant. Lus.*) menciona trez inscripções achadas em Sines, e são:

1.ª

. . . . . .
AN. L. CLAVD
THALASSINVS.
MARITE ME-
RENTISSIMA.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Claudio Thalassino, de cincoenta annos de edade, aqui foi sepultado. A terra te seja leve).

A primeira linha, que desappareceu, dizia provavelmente—D. M. S. (aos sagrados deus manes)

2.ª

D. M. S.
FVLVIVS L. F. QVINTIANVS
FABER. MATERIARIVS PIVS.
IN SVOS VIXIT ANN. XLVI
RVBRIA Q. F. SERGILIA ME-
ROBR. MARITO B. M. FEC.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Aos sacros deuses manes. Aqui jaz Fulvio Lucio (ou Locilio) filho de Quintiano, que viveu 46 annos. Sua mulher, Rubria Quintilia, filha de Sergilia, merobrigense (de S. Thiago de Cacem) mandou fazer esta lapide. A terra te seja leve.)

3.ª

D. M. S.
IVLIA C. FIL. MARCEL-
LINA. AN. XXX.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Dedicada aos sacros deuses manes. Aqui jaz Julia Caia, filha de Marcellina, fallecida aos 30 annos de edade. A terra te seja leve.)

—

A villa é (nominalmente) dividida em trez partes—a villa propriamente dita—*Aldeia dos Cucos* (!) a E.—e *Ribeira*, ou *Senhora das Sallas*, a O.

O termo de Sines, confronta com o mar, desde o NNE. até ao S. D'ahi segue por E. (pelo *pinhal do Queimado)* pelas *Pias*, pela *Estradinha*, pelo *Sobralinho*, e pelo *Barranco da Rêbeda*, até ao mar. Estes pontos estão n'um cordão de collinas (chamam-lhe aqui *serra*) cuja curva, no extincto concelho, tem uns 18 kilometros, e todo elle (o concelho) tinha uns 27 kilometros de comprido e entre 18 e 9 de largo. (Nunca teve marcos de divisão do concelho, o que era causa de varias duvidas.)

Dentro d'esta área, e ao S., está a aldeia de *Porto-Côvo*, de uns 20 fogos, construida quasi á beira-mar. É uma estação balnearia, bastante concorrida de gente pouco abastada, e dos que não querem figurar.

É direito senhorio das propriedades d'esta aldeia, o conde de Porto Côvo, do qual adiante tracto.

—

Trez kilometros ao S. de Porto Côvo está uma fortaleza desartilhada, desmantelada e desguarnecida ha muitos annos. No tempo dos banhos, algumas familias e outras pessoas da baixa plebe, vão habitar as velhas casernas d'esta fortaleza abandonada, o que devia ser severamente prohibido pelo administrador do concelho, pois que por essa *tem-*

porada se dão aqui scenas da maior immoralidade e cynismo.

—

Quasi em frente d'esta fortaleza está o ilheu de Pecegueiro, a uns 350 metros da costa. Fica entre Sines e Villa Nova de Mil Fontes. É inculto e agreste. Em maio de 1877, o ministerio da guerra cedeu ao da fazenda o forte desmantelado d'este ilheu, para se estabelecer alli um posto fiscal da alfandega.

No verão, é este ilheu habitado por nuvens de gaivotas, guinchos, maçaricos, alcatrazes, mergulhões, etc. (Vide 6.º vol., pag. 514, col. 2.ª, pr.)

—

Os arrabaldes da villa estão incultos e estereis no inverno, porém desde a primavera até ao outono, ostentam uma luxuriosa vegetação e são bem cultivados.

A *Aldeia dos Cucos* (!) fica na extremidade de leste da villa. É, na sua maior parte, composta de pequenas casas de taipa, e dous estabelecimentos de preparo de cortiça.

O sitio da *Senhora das Sallas*, onde ha uma ermida d'esta invocação, [1] é um grupo de casinhas, quasi todas empregadas em guardar sal, ou utensilios de pesca.

Esta ermida é muito antiga, e, segundo a tradição e o tombo respectivo, foi mandada construir por D. Vetaça Lascaris, pelos annos de 1335. (Vide em *São Thiago de Cacem* o que digo d'esta senhora.) Como atraz fica dito, consta que D. Vasco da Gama a mandou reconstruir quando tinha uns 200 annos de existencia. (Vide adiante).

Adiante d'este sitio, está um forte desmantelado, que foi construido para, com o Pontal, defender a entrada da enseada. D'aqui segue-se a costa do O., da qual o cachopo da *Perceveira* dista uns 500 metros.

D'aqui segue-se a costa, do lado do ONO., em frente da qual está o monstruoso penedo da Perceveira, de que já fallei.

—

Esta povoação é desabrigadissima, e os ventos—principalmente o sul e travessão—aqui, são insupportaveis.

É abundante de bôa agua potavel, fornecida por trez chafarizes (da *Senhora das Sallas* — das *Ricas* — e de *S. Sebastião)* e por quatro fontes (da *Ladeira da Praia* — do *Rio Grande* — da *Silveira* — e a do caminho que vae para a ermida da Senhora das Sallas.

Não ha por estes sitios nascente alguma de agua mineral senão a da mencionada fonte da Silveira, que é ferruginosa, e com sabôr styptico. Rebenta de um immundo charco, em sitio quasi inaccessivel, e, podendo ser uma fonte de receita para o municipio, de nada lhe serve, pela incuria e desmazello das vereações, tanto do tempo em que aqui as houve, como desde que pertence a S. Thiago de Cacem.

A 18 kilometros da villa, ha o manancial chamado do *Ferrenho*, de aguas ferreas, com maior grau de mineralização do que as da Silveira.

Além dos chafarizes e fontes, ha na villa uns 30 poços e nos arredores 15 ou 16.

Na circumscripção do extincto concelho de Sines, ha seis ribeiros, mais ou menos abundantes d'agua, mas que nas grandes estiagens quasi todos seccam. São os seguintes:

1.º — *Ribeira dos Moinhos*, a 3 kilometros da villa. Nasce no *Rorbolegão*, e apenas com 2 kilometros de curso, morre na praia do Lago. É atravessado por duas pontes, mandadas fazer por Samuel Pidwel, e João de Jesus.

2.º — *Ribeira da Junqueira*. Nasce perto de Valclarinho e do Castanheiro, e, com 3 kilometros de curso, morre na praia de São Torpes, a 6 kilometros da villa.

3.º — *Ribeira do Morgavel*. Nasce para cima do Rombo e Porto de Raiz, e, com 3 ki-

[1] *Sallas*, aqui não significa *salas, salões*, etc., mas é o plural de *sal*, sahimento (portuguez antigo) e significa — Nossa Senhora dos defunctos, ou advogada dos que fallecem. — «*E se se Paay Martinz ante sal, ca eu per morte.*» (E se Payo Martins morrer primeiro do que eu.) Documento do mosteiro d'Alpendurada, de 1292.

Segundo outros, vem do antigo portuguez *salas*, que significa *salvas*, de qualquer metal. Sendo assim, vem a ser — *Nossa Senhora das Salvas*. Talvez seja mais verdadeira a primeira etymologia.

lometros de curso, desagúa tambem na praia de S. Torpes.

4.º — *Ribeira da Jordôa.* É continuação da dos Moinhos.

5.º — *Barranco da Bebêda.* Fica a 3 kilometros da villa. É apenas uma torrente.

6.º — *Corrente de Porto-Côvo.* Desagua no mar.

—

A maior parte dos habitantes de Sines vive da pesca e *artes correlativas.* Como todos os povos do nosso littoral que se empregam n'este mister, quando o mar não consente trabalho, é mais facil deixarem-se morrer de fome, do que dedicarem-se a outras occupações. Tambem quando as pescarias são abundantes, gastam despropositadamente em comer, beber, vestir, romarias, etc., sem se lembrarem nem lhes importar o que hão de comer no inverno e as suas familias. (Vide *Peniche*, no logar competente).

O termo da villa, é abundante de caça. Ha annos em que se matam mais de 2:000 coelhos.

O peixe é em extraordinaria abundancia, perdendo-se muitas vezes bastante por o não saberem seccar nem salgar, como fazem os algarvios.

Cento e vinte braças da ribeira, em 15 ou 20 de profundidade, se lança todos os annos uma armação em maio, que se levanta em setembro. É de uma sociedade ou companhia com o capital de 2:160$000 réis, divididos em 18 acções de 120$000 réis cada uma. A despeza annual, regula por 800$000 réis, e o lucro anda, termo medio, por 500 a 600$000 réis.

—

É abundante de combustivel vegetal.

Na praia chamada *do Norte*, ha turfa, da qual ninguem se utiliza. Nos paizes chamados *do Termo*, ha ainda maior abundancia, e de melhor qualidade, mas tambem, por emquanto, ninguem a aproveita.

Póde calcular-se em 30:000 pinheiros os que povoam as mattas d'este termo, mas todos enfezados, porque os ventos do quadrante do norte os não deixam desenvolver.

Tem alguns montados, quasi exclusivamente povoados de sobreiros, onde se criam mais de 600 porcos, e d'onde se colhe annualmente uns mil quintaes de cortiça

Ha n'este supprimido concelho, 9 moinhos d'agua, 6 de vento, 3 fornos de cal, 6 de têlha, e dous de pão (na villa, porque no campo, cada casal tem seu forno).

—

Hospital da Misericordia

O edificio do hospital, é soffrivel e em menos más condições hygienicas, apezar de estar no centro da povoação; mas faltam-lhe muitos dos utensilios necessarios (mesmo os indispensaveis) em taes estabelecimentos.

Tem uma botica, posta por conta da Misericordia, creada em 1850, e póde accommodar 100 doentes, mas nunca teve nem metade.

O seu rendimento annual anda por réis 550$000, incluindo o incerto. A mortalidade regula em 10 %, termo medio.

É de construcção moderna. A sua egreja é na Rua da Praia.

—

A egreja matriz, pelo seu estado, e por muitas circumstancias = pois é apenas uma especie de barracão = está reclamando urgentissima reconstrucção *á fundamentis.*

A egreja de Santa Isabel, é pequena, mas bonita e bem conservada.

No termo da villa, ha oito ermidas, que são — Santa Catharina, S. Pedro, S. Marcos, S. Sebastião, S. Bartholomeu, Senhora de Sallas, Senhora dos Remedios, e a capella de Porto-Côvo.

—

Já disse que a ermida de Nossa Senhora de Sallas foi fundada por D. Vetaça Lascaris. No tombo que existiu no archivo da camara de Sines e que hoje deve estar no de S. Thiago de Cacem, se lê o seguinte, com respeito a esta ermida:

«Achou elle provedor que fôra esta egreja mandada edificar pela rainha D. Batassa, de Grecia, no tempo que desembarcou n'esta Villa, e que era da ordem, [1] pelo Tombo da

[1] Esta ordem era a de S. Thiago da Espada, senhora de muitas rendas por estas terras, como se póde ver em *São Thiago de Cacem.*

visitação da ordem estava mandado que se não edificasse n'outra parte, e que a dita casa estivesse sempre onde ora está: e tinha esta ermida algumas propriedades, as quaes todas diminuiram, como eram hortas e vinhas, e tudo está campo raso, por isso se não lançou n'este Tombo, por tudo estar feito a areal e barroca.»

É uma formosa e elegante ermida, muito aceiada e bem conservada. No seu modesto frontespicio, que olha para O., ha duas tarjas circulares. Na da direita, que é em letra gothica, se lê:

ESTA CASA DE NOSA S.RA DAS SALAS
MANDOU FAZER O M.TO MAGNIFICO
S.OR DÕ BASCO DA GAMA CÕDE DA
V.DIG.RA ALMIRÃTE VYSE REI DAS YNDIAS.
FOY FÊITA NO ANO DO NOSO S.RO
JHU XPÕ DE 1529

Esta inscripção está evidentemente errada. Segundo todos os escriptores de boa nota, e mesmo como acabámos de ver no tombo da visitação da ordem de S. Thiago, esta ermida foi mandada edificar por D. Vetaça Lascaris, que falleceu mais de um seculo antes do nascimento de D. Vasco da Gama. Este heroe legendario, falleceu em Cochim (India) a 25 de dezembro de 1524, e portanto, foi muito antes de 1529 que reconstruiu (e não, *mandou fazer)* esta ermida.

Mais—D. Vasco da Gama, como tambem já vimos, sempre que passava a bordo de algum navio, em frente d'esta ermida, mandava dar uma salva de artilheria em honra da Senhora. Ainda mesmo que se quizesse dizer que podia o templo ser feito em 1529, depois do fallecimento do Gama, e por sua ordem, não se póde acreditar, porque elle então não *salvava* a uma cousa que ainda não existia. É certo pois que elle mandou *reedificar*, e não *fazer*, este templosinho.

Na tarja da direita se vê o escudo das armas dos Gamas (marquezes de Niza e condes da Vidigueira.)

Dentro do templo ha varios quadros, representando naufragios. São *milagres* (exvotos) commemorando o salvamento de nautas, por intercessão da Senhora das Sallas.

Veem-se tambem dous retratos de Dom Vasco da Gama. O mais moderno e maior, foi offerecido pelo sr. Jacinto Falcão Murzêllo de Mendonça.

Esta Senhora tem actualmente apenas de rendimento 33 alqueires de trigo, e a sua festa, que é a 15 de agosto—e sempre concorridissima—importa em 200$000 réis, pouco mais ou menos. É feita á custa de devotos.

—

Os habitantes da villa, no geral pescadores, são robustos e saudaveis; não assim os do campo, que são rachiticos e poucos morrem de velhice, em consequencia de varias molestias chronicas e endemicas—principalmente febres intermitentes—procedidas dos varios pantanos que ha por estes sitios. Vide o que a semelhante respeito digo em S. Thiago de Cacem, pois que as molestias e as causas, são identicas.

—

O povo de Sines é no geral pacifico e religioso. Como os algarvios, (cujo dialecto é muito semelhante) gritam muito, rogam pragas medonhas—principalmente os homens do mar—porém muito poucas vezes passam d'isto. Quasi todos usam da competente navalha, mas só para mostrar nos conflictos, e rarissimas vezes a ensaguentam.

Entre os habitantes de Sines e os de São Thiago de Cacem existe uma antiga indisposição, ou *rixa velha*, que augmentou com a suppressão do concelho de Sines, e a união ao de S. Thiago de Cacem; mas esta rivalidade não tem, até hoje, produzido resultados funestos.

—

Não ha em Sines casa publica de espectaculos, assembleia ou club, ou cousa que mereça tal nome. Tem havido alguma coisa parecida com isto; mas o demonio da politica tem acabado com tudo! A vida aqui, principalmente no inverno, é sobremodo monotona e aborrecida.

—

A delegação da alfandega, rende, uns annos por outros, um conto de réis, que não chega para as despezas. Nem a casa é propria, mas arrendada por 20$000 réis annuaes!

—

Pesca-se n'esta costa, grande quantidade e mais de 120 variedades de peixe, e a maior parte dos mariscos conhecidos em Portugal.

Ha tambem uma grande variedade de plantas medicinaes.

—

A dois kilomeiros da villa, existiu um mosteiro de religiosos franciscanos, hoje reduzido a ruinas.

—

S. Torpes e Santa Celerina

S. Torpes (ou Torpez) foi martyrisado na cidade de Piza (Italia) por ordem do imperador Nero. (Vide 8.º vol., pag. 632, col. 1.ª)

Santa Celerina, segundo uns, era natural de Monção, outros porém dizem que nasceu em Evora. Julgo que pelo mesmo tempo houve duas santas do mesmo nome, que a de Monção nunca foi casada, e que a Santa Celerina de que aqui se trata, era natural de Evora. (Vide 3.º vol., pag. 423, col. 1.ª, ultima linha).

Esta de Sines, era bisneta de Lucia Pompea Celerina, patricia romana. Casou (Santa Celerina) com Lucio Venancio — ou Veronio — tribuno militar. Ambos se converteram ao christianismo, no anno 44 de Jesus Christo.

Lucio morreu novo e sua mulher lhe sobreviveu alguns annos, todos empregados em obras de caridade. Era riquissima. (Monfricio diz que ella era senhora da metade da Lusitania, o que não póde deixar de ser exageradissimo.)

Viveu muitos annos em Sines, de que tambem era senhora.

Em 17 de maio de 45 de Jesus Christo, aportou miraculosamente á praia de Sines, e a bordo de um barco desconjuntado, o corpo de S. Torpes (ou Torpez) vindo de Piza (Italia) onde foi martyrisado.

Santa Celerina e S. Mancio, 1.º bispo de Evora (a cuja diocese pertencia então esta villa) foram, por suas proprias mãos, dar sepultura ao cadaver do santo, construindo-lhe logo, no logar onde fôra enterrado, um magestoso templo, que os árabes arrazaram em 716.

D. Theotonio de Bragança, arcebispo de Evora, por especial recommendação do pontifice Sixto V, fez todas as diligencias por descobrir a sepultura de S. Torpes, até que a achou, junto á foz da Junqueira, d'esta villa. Estava o corpo do santo (menos a cabeça — porque o santo foi degolado — a qual ficou no mosteiro de frades minimos de São Francisco de Paula, de Piza) estava o corpo do santo, digo, guardado em um sepulchro de marmore, com uma alampada funebre, de barro, e uma lapide com inscripção latina, declarando o dia do martyrio do santo.

Com auctoridade apostolica, foram estas reliquias collocadas na egreja matriz de Sines, onde tem capella propria.

Vinte annos depois (em 65) e no mesmo dia 17 de maio, ainda por ordem do truculento Nero, foi santa Celerina martyrisada em Sines.

—

Obras publicas

Desde que Sines pertence ao concelho de S. Thiago de Cacem, tem-se feito as seguintes :

Em 1874 se concluiu a estrada de Sines á Ribeira e caes ; á custa do ministerio das obras publicas.

Em novembro de 1871, se collocaram os póstes e arame electrico, entre Sines, e Grandola, passando por S. Thiago de Cacem. O telegrapho principiou a funccionar, em fevereiro de 1872.

Em 1856 foi feito o novo cemiterio de Sines, que importou em 294$360 réis.

Em 1864 abertura do encanamento da nova agua para o chafariz de S. Sebastião. Custou 159$110 réis.

No mesmo anno se fez a obra no sitio do Revelim. Custou 160$040 réis.

Em 1866 se principiou a obra da abertura da agua, no largo do Rocio, de Sines. Custou 349$980 réis.

Em 1867 se concluiu o poço publico do mesmo largo do Rocio, collocando-se uma bomba aspirante e de compressão. Custou tudo 290$000.

No mesmo anno se plantaram amoreiras no mesmo largo, o que importou em 60$000 réis.

—

D. Vasco da Gama

Nasceu em Sines, no anno de 1469. Foi filho de Estevam da Gama e de Lady Bresalina de Brassefortes, senhora ingleza, que em Portugal tomou o nome de Branca (outros dizem Isabel) Sodré [1].

Procedem os Gamas de Alvaro Eannes da Gama, bravo guerreiro do seculo XIII, e que ajudou D. Affonso III e D. Payo Peres Correia, a conquistar o Algarve. Foi ascendente de Estevam da Gama (pae do nosso heroe) natural d'Olivença, alcaide-mór de Sines e Silves, commendador do Seixal, da ordem de S. Thiago, vassallo do infante D. Fernando, pae do rei D. Manoel, e védor do principe D. Affonso, (o que morreu da queda de um cavallo, na ribeira de Santarem) filho de D. João II.

Este monarcha escolheu Estevam da Gama para hir á descoberta da India, pelo Cabo da Bôa-Esperança; porém não se realisou por então esta empreza.

O rei D. Manoel, primo, cunhado e successor de D. João II, tomou a peito o mesmo emprehendimento, mas não achava quem fosse capaz de conseguir bom resultado.

Um dia que estava a uma das janellas dos seus paços da Ribeira, em Lisboa, viu passar pelo terreiro o joven Vasco da Gama, que tinha então 28 annos, e que era conhecido como um intrepido nauta, e grande conhecedor das cousas do mar.

O rei o mandou chamar e lhe disse: — «Atreveis-vos a entrar em uma empreza de grande difficuldade e perigo?» — O Gama lhe respondeu com o rosto alegre: — «Não ha cousa que eu não emprehenda em serviço de Vossa Alteza.» —

O rei lhe declara o objectivo da arriscada viagem, e lhe entrega o roteiro que Bartholomeu Dias havia escripto, quando em 1485 chegára á extremidade da Africa Occidental, a que tinha posto o nome de *Cabo das Tormentas*, e que D. João II mudára para *Cabo da Bôa-Esperança*.

Depois de varias conferencias entre o rei e Vasco da Gama, e de obtidos todos os possiveis esclarecimentos, deu o soberano a Gama trez pequenos navios, por nome *S. Gabriel*, *S. Raphael*, e *Berrio*; nomeando para os commandarem, o Gama, seu irmão Paulo, e Nicolau Coelho, que já tinha rodeado a costa d'Africa até ao Cabo da Bôa Esperança.

Com estes foram tambem outros intrepidos capitães, e o chronista Fernão Lopes Castanheda, que escreveu a *Historia do descobrimento da India, pelos portuguezes*.

As viagens (trez) de Vasco da Gama á India, já estão rapidamente descriptas n'esta obra, e, para evitarmos repetições, vide no vol. 8.º, pag. 53, col. 2.ª, e seguintes.

O rei D. Manoel, apezar da sua proverbial ingratidão para a maior parte dos que o serviam, d'esta vez mostrou-se mais generoso. Deu a Vasco da Gama e seus irmãos o prenome de *Dom*, e que ao escudo das suas armas se accrescentasse um escudete com as armas de Portugal, e por timbre um *naire* da cintura para cima, vestido á indiana, e tendo na mão direita o escudo das mesmas armas. Deu a D. Vasco o titulo e officio hereditario, de *almirante dos mares da India*; 300 mil réis de renda e o privilegio de poder em cada anno empregar 200 crusados em mercadorias para negociar com a India. Deu-lhe tambem o titulo de conde da Vidigueira, de juro e herdade (e o condado: e não como se usa hoje, que o condado é só nominal.)

O 5.º conde da Vidigueira, D. Vasco Luiz da Gama, foi feito marquez de Niza, por D. João IV, a 18 de outubro de 1646.

Desde então, os reis de Portugal accrescentaram aos seus antigos titulos, o de *Senhor da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India*.

Na sua 3.ª viagem á Asia, como vice-rei da India feito por D. João III, morreu este heroe portuguez, e indisputavelmente o maior

[1] Veja-se n'este vol., o artigo *Senhora da Graça*, col. 1.ª de pag. 128. Estevam da Gama, teve de sua mulher trez filhos—Vasco, Paulo, e Ayres.

vulto do seu tempo, na edade de 55 annos, na cidade de Cochim (India) pelas 3 horas do dia 25 de dezembro de 1524.

Na sua primeira viagem, em que gastou dois annos e 21 dias, perdeu dois navios e 115 homens (incluindo seu irmão, Paulo da Gama; pois dos 170 com que sahiu de Lisboa, apenas regressou com 55.)

Foi seu cadaver depositado na egreja de S. Francisco, e d'ahi vieram seus ossos (como determinára em seu testamento) para o mosteiro de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados, da villa da Vidigueira, em 1538, e foram depositados em um tumulo, na capella mór, do lado da Epistola, com a seguinte inscripção: —

AQUI JAZ O GRANDE ARGONAUTA
D. VASCO DA GAMA,
PRIMEIRO CONDE DA VIDIGUEIRA,
ALMIRANTE DA INDIA
E SEU FAMOSO DESCOBRIDOR.

Trezentos e quarenta e dois annos estiveram as cinzas venerandas d'este grande heroe na egreja da Vidigueira, até que em 1880 foram mandadas para o mosteiro dos Jeronymos, de Belem[1].

No artigo Vidigueira tratarei d'esta trasladação mais detidamente.

—

D. Vasco da Gama, para engrandecer a sua patria, dobrou cinco vezes o Cabo da Bôa Esperança, domando a furia das ondas do Atlantico e do mar das Indias, cortando-os na distancia de mais de 3:000 leguas.

Descobriu a Angra de Santa Helena — a Terra do Natal — as serras de Calecut — o Rio dos Reis — o Rio dos Bons Signaes — a ilha de Moçambique — Melinde e outros muitos paizes.

Fez tributario de Portugal, o rei de Quiloa, em 500 meticaes de ouro (de que se fez a custodia que o rei D. Manoel offereceu a Nossa Senhora do Rastêllo, dos Jeronymos, de Belem) — estabeleceu commercio, celebrou pazes e firmou tratados de amisade com os maiores potentados do Oriente; trazendo tanta prosperidade e riquezas a Portugal, que chegou a estimar-se mais a prata do que o ouro!

—

Vasco da Gama, nasceu em Sines, como já disse, porém foi creado em Evora, e morou nas casas a que chamam *pintadas*, por elle as ter mandado pintar depois que veio da India, em 1499; fazendo alli representar as arvores e animaes d'aquellas, para nós, desconhecidas regiões. N'estas casas foi feito conde da Vidigueira e vice-rei da India, e n'ellas casou com D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Athaide, senhor de Penacova, da qual teve varios filhos, dos quaes procedem muitas das principaes familias portuguezas, e por linha recta, a nobilissima casa dos marquezes de Niza, condes da Vidigueira.

Era este grande homem, de mean estatura, algum tanto nutrido, de genio cavalheiroso e ousado para qualquer grande feito; mas temivel em qualquer paixão. Soffredor de trabalhos e inflexivel no castigo dos culpados, e rigorosissimo em manter a disciplina nos seus subordinados.

Deixou escripto e se imprimiu e publicou o *Roteiro* da sua primeira viagem á India, em 1497.

Diz-se que o sino das horas do relogio da Vidigueira é o da embarcação em que D. Vasco da Gama dobrou pela primeira vez o Cabo da Bôa Esperança.

Na quinta que elle fez no logar da Arrentella, ao S. do Tejo, concelho do Seixal, e que hoje se chama *quinta do Salema*, ainda existem objectos trazidos da India pelo proprio D. Vasco da Gama, e cedros plantados em sua *vida*.

—

Conde de Porto Covo da Bandeira

Joaquim da Costa Bandeira, nasceu a 11 de dezembro de 1786 e falleceu em 23 de dezembro de 1853.

Era filho de João da Costa, proprietario na villa (hoje cidade) de Vianna do Minho,

[1] Na mesma occasião, vieram para este mosteiro uns ossos que alguem se lembrou de dizer que eram de Luiz de Camões, e que talvez sejam os de algum pobre e obscuro sapateiro. Vieram da egreja das freiras de Santa Anna, de Lisboa.

fallecido em 1807, e de D. Maria Josefa Christina Bandeira, fallecida em 1796 [1].

Foi 1.º visconde de Porto-Côvo, feito por D. João VI, em 19 de janeiro de 1825. Era 2.º barão e 3.º senhor de Porto-Côvo — par do reino, desde 1835, commendador da ordem de Christo, deputado da junta dos juros dos reaes emprestimos, membro da commissão do thesouro publico nacional, feito em 26 de julho de 1833 e presidente da direcção do Banco de Lisboa desde o seu estabelecimento.

Succedeu na casa de seu irmão, a 3 de dezembro de 1818, e no titulo de barão, a seu tio Jacintho Fernandes Bandeira (o da nota) em 30 de maio de 1806.

Foi feito 1.º conde de Porto-Côvo, em 15 de setembro de 1843.

Foram seus irmãos (por ordem de edades.)

1.º — *Jacintho Fernandes*, 2.º senhor de Porto-Côvo, alcaide-mór de Villa Nova de Mil Fontes, commendador da ordem de Christo. Morreu sem descendentes, a 3 de dezembro de 1818.

2.º — *Frei João Fernandes*, religioso dominico, já fallecido.

3.º — *Soror Maria Clara*, religiosa do convento de freiras bentas de Vianna, fallecida em 1808.

4.º — *Joaquim da Costa Bandeira*, o 1.º visconde, como fica dito.

5.º — *Paulo da Costa Bandeira*, tenente do regimento de infanteria n.º 7, e prisioneiro dos francezes, na tomada d'Almeida. Morreu em Setubal (quartel do seu regimento) em 1816.

6.º — *Manoel Fernandes Bandeira*, bacharel em leis, tambem já fallecido.

O 1.º conde de Porto-Côvo, morreu sem descendentes. Seu sobrinho, o sr. Felix Bernadino da Costa Lobo de Bandeira, foi feito visconde de Porto-Côvo, em 28 de abril de 1858, e conde do mesmo titulo, com grandeza, em maio de 1878.

[1] Esta senhora era irmã de Jacintho Fernandes Bandeira, 1.º senhor de Porto-Côvo, desde 19 de junho de 1796, e 1.º barão do mesmo titulo, desde 17 de agosto de 1805; do conselho de D. Maria I, conselheiro da real fazenda, alcaide-mór de Villa Nova de Mil Fontes, commendador da ordem de S. Thiago, cavalleiro da de Christo, etc., fallecido a 30 de maio de 1806.

—

Tendo relatado todos os factos de que pude obter esclarecimentos, que nobilitam esta antiquissima villa de Sines, não devo occultar um acontecimento que teve logar n'esta villa, e que cobre de oprobrio eterno os cobardes que o praticaram. Eil-o. —

Em consequencia da convenção d'Evora-Monte, de 27 de maio de 1834, que expatriava o sr. D. Miguel I, sahiu este senhor da cidade de Evora, na madrugada do dia 30 do referido mez de maio, em direcção á villa de Sines, para d'alli embarcar para o estrangeiro, levando para sua escolta, o regimento de lanceiros da rainha, commandado pelo tenente coronel Simão Infante e pelo capitão D. Carlos Mascarenhas, irmão do marquez d'Alorna e Fronteira, D. José Frazimundo Mascarenhas Barreto, ambos já fallecidos [1]. Fez tambem parte d'esta escolta, uma força de 20 soldados, da cavallaria realista.

No dia 1.º de junho do mesmo anno, pelas cinco horas da tarde, chegou a Sines o sr. D. Miguel.

O tristemente celebre guerrilheiro Batalha, de Portel, com a sua horda de assassinos e ladrões, esperava o infeliz principe, decididos a assassinal o — depois de lhe terem roubado toda a sua bagagem e a da sr.ª Vadre, sua ama, sem lhe deixarem mais do que a roupa do corpo!

Estes scelerados, teriam levado a effeito os seus intentos, se não fosse o nobre comportamento de D. Carlos Mascarenhas, e ainda mais, a energia do tenente coronel de lanceiros, Simão Infante de Lacerda de Souza Tavares, depois 2.º barão de Sabroso, feito em 24 de janeiro de 1835, e que pouco depois morreu governador da India.

Este bravo militar, fez sahir a toda a brida, um destacamento do seu regimento, á frente do Batalha, obrigando-o a conter-se em respeito.

Em Sines porém, estava um grande nu-

[1] Ficou herdeiro d'estes titulos, o conde da Torre, por decreto de 6 de maio de 1881.

mero de vadios e garotos, mandados de Lisboa (diz-se que, pelo então ministro, Agostinho José Freire) [1] os quaes, reunidos á marinhagem de uma corveta portugueza que estava fundeada na bahia, commandada pelo capitão Limpo, e com alguns — poucos — habitantes de Sines, fizeram uma grande e escandalosa assuada ao sr. D. Miguel, ameaçando com espadas e punhaes, as pessoas que acompanhavam o rei, e atirando-lhe pedras, uma das quaes feriu o dito D. Carlos Mascarenhas.

O sr. D. Miguel, depois de descançar poucos momentos, embarcou na fragata de guerra ingleza, *Stag*, onde foi recebido com uma salva real, dada pela fragata e por a corveta de guerra Nemrod, tambem ingleza, cujas guarnições se esmeraram em obsequiar o seu real hospede e a sua comitiva; mas a assuada em terra, continuou com geral admiração e profundo desgosto dos inglezes.

O capitão Limpo, não só se recusou a corresponder á salva, mas até tinha mandado os seus marinheiros juntar-se com a relé e ajudar á assuada!

Quando já tudo estava a bordo, Simão Infante recebeu ordem do governo de Lisboa, para reclamar algumas das pessoas que estavam embarcadas, porém os inglezes se recusaram a tão insolita exigencia. Tambem exigiu certas declarações, mas teve o mesmo resultado.

No dia seguinte (2 de junho) a fragata Stag e a corveta Nemrod, levantaram ferro, e foram fundear a Cascaes. O commandante da esquadra ingleza, Parker, foi a bordo da fragata, visitar o sr. D. Miguel, com o qual conversou longo tempo, e quiz ver o general realista, José Antonio d'Azevedo e Lemos, a quem dirigiu palavras affectuosas.

A 3 de junho, sahiu a nau ingleza Donegal para Inglaterra, levando D. Carlos V, e a sua familia e sequito.

A Stag e a Nemrod só sahiram a 5, estando estes trez dias a receber mantimentos.

As pessoas do sequito do sr. D. Miguel, escreveram ás suas familias, e o rei recebeu noticias de sua irman, a infanta D. Isabel Maria, que estava (ou fingia estar...) doente, em Elvas.

[1] Este homem foi assassinado pelo povo amotinado, na Pampulha, em Lisboa, a 4 de novembro de 1836. Vide Lisboa, no logar competente.

—

Em fevereiro de 1876, foi publicada a carta de lei que approva o contracto celebrado pelo governo com Alonso Gomes, para o serviço de navegação a vapor entre Lisboa, Sines e os portos do Algarve, bem como entre Mertola e Villa Real, no rio Guadiana; e auctorisa o governo a contractar com o referido Alonso Gomes, que o vapor da carreira do Algarve faça tambem escala pelo porto de Albufeira.

Em julho de 1880, foi ordenado, por portaria ao director das obras publicas do districto de Lisboa:

1.º Que na construcção do molhe de Sines, mandada executar em portaria de 8 d'outubro de 1878, se siga o projecto reformado datado de 1 de setembro de 1879, com as modificações constantes da parte do referido parecer, que por copia se remette ao director das obras publiças do districto de Lisboa;

2.º Que se auctorise o mesmo engenheiro a dispender n'esse serviço a quantia de 17:870$000 réis, importancia do orçamento relativo ao mencionado projecto reformado.

SINFÃES — villa, Beira Alta, cabeça do concelho e comarca do seu nome (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Resende) 25 kilometros ao O. de Lamego, 6 ao S. do Douro, 325 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 145.

Orago, S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

Foi commenda da ordem de Christo, do conde meirinho-mór. (Conde de Sabugal, Obidos, e Palma.)

Tem as 17 capellas seguintes: — Passos (com capella-mór e sachristia — Santa Barbara (a 3 kilometros da aldeia de Contança.) — Santa Christina — Nossa Senhora dos Re-

medios — Nossa Senhora da Penha de França — Nossa Senhora da Encarnação — Nossa Senhora da Conceição (em Ventozêllo) — Nossa Senhora de Todo o Remedio e Afflicção — Nossa Senhora da Guia — Nossa Senhora da Luz — Nossa Senhora do Desterro — S. Francisco das Chagas — S. Gonçalo, das Pias — Santo Antonio — Menino Deus — Santa Quiteria — e Santa Luzia.

Esta freguezia tem 37 aldeias, alem de muitas quintas.

O concelho de Sinfães, é composto de 17 freguezias, todas do bispado de Lamego, são — Alhões, Burtêllo, Espadanêdo, Ferreiros, Fornéllos, Gralheira, Moimenta, Nespereira, Nôgueira, Oliveira, Piães, Ramires, Sinfães, Souzêllo, Tarouquella, Tendaes, e Travanca, tódas com 6:000 fogos.

A comarca (de 2.ª classe) é composta unicamente do seu concelho. Pertence ao districto judicial da Relação do Porto, e á 2.ª divisão militar.

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados — Ferreiros, Fornéllos, Sinfães, e Tarouquella.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de maio de 1513. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 138 v., col. 2.ª)

Esta comarca foi creada pelo decreto de 24 de outubro de 1855, com as freguezias do seu concelho e com as do concelho de S. Fins do Douro, que foi então supprimido.

A egreja matriz, é um templo vasto e magestoso, e a residencia parochial o melhor edificio da povoação.

Sinfães, não merece o nome de villa, pois ha grande numero de aldeias em Portugal, muito maiores e mais bonitas. Não tem uma unica rua que mereça tal nome. A praça ou terreiro, que é vasta, mas irregular, não é calçada, de maneira que, em tempo de chuva, é uma incommoda pateira ou marnel.

É ao N.E. e n'este terreiro, que está a egreja, e ao S.O. a chamada *casa da camara*, que só serve de tribunal das audiencias do juiz de direito. É composta apenas de uma pequena sala, e um quarto immediato, onde se recolhem as testemunhas (que ouvem tudo quanto se diz na sala!)

Esta casa é construida em uma costeira, de modo que o 1.º andar fica ao nivel do terreno superior, e o pavimento terreo, fica debaixo do chão por tres lados. É aqui a cadeia.

Admira que sendo esta comarca tão rica, e tendo tantos cavalheiros illustrados e varios fidalgos e doutores, não se tenham resolvido a fazer uma casa para tribunal de justiça e para as sessões da camara, que mereça tal nome, arrazando a que existe, que é talvez a mais pobre e insignificante do paiz.

As casas particulares da povoação, estão occupadas pelos seus proprietarios, de maneira que os magistrados e empregados que não são d'aqui, teem de arrendar casas fóra da povoação, ou viver em cubiculos acanhados e incommodos.

Estradas, é cousa que tambem se não conhece n'esta terra. Aquillo a que — por escarneo — se dá tal nome, são uns atalhos, pantanos e barrancos, e o cavalleiro que tem de andar por elles, vae em constante risco de quebrar os ossos.

A maior parte d'esta comarca, fica sobre a margem esquerda do Douro, que a divide pelo N., da provincia do Douro, assim como o rio Paiva a divide pelo O., do concelho de Paiva, na comarca de Arouca, na mesma provincia do Douro.

Sinfães é o ultimo concelho do districto administrativo de Viseu, do lado do oeste, assim como a ultima terra da provincia da Beira-Alta, por este lado.

Apezar da antiguidade de Sinfães, como concelho, não existe um unico livro (que eu saiba) onde se encontrem esclarecimentos com que eu podesse escrever este artigo.

Em 1862, escrevi ao respectivo presidente da camara municipal e ao parocho de Sinfães, pedindo informações, mas nenhum d'elles se dignou responder-me.

Tive pois de alli hir de proposito, ver e examinar esta terra.

O terreno d'este concelho, é muito acci-

dentado, porém, como é abundantissimo de aguas, os seus valles são fertilissimos em todos os generos agricolas; e os seus montes, povoados, quasi todos, de frondoso arvoredo, fazem a terra abundante de madeiras, que exporta em grande escala para a cidade do Porto, pelo rio Douro, assim como cereaes e fructas.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça. O Douro fornece o concelho de optimo peixe.

O vinho d'aqui, posto ser verde, é de optima qualidade.

É n'este concelho; mas na freguezia de S. Christovam de Nogueira, a nobre e antiquissima *Quinta da Granja*, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon. (Para evitarmos repetições, vide *Granja* — quinta da — no 3.º vol., pag. 319, col. 2.ª)

Tambem na freguezia de Espadanêdo, d'este concelho, está a antiga casa da *Villa*, da qual é actual proprietario o sr. Rodrigo Maria Cortez Machado.

Em frente d'esta casa, e ao O. d'ella, fica a casa e quinta do *Vallado*. O sr. Raymundo Correia Pinto Tameirão, foi feito barão do Vallado (d'este) em 17 de setembro de 1851 Seu filho, o sr. Augusto Correia Pinto Tameirão, foi feito barão do mesmo titulo, em 9 d'agosto de 1855.

Tanto a quinta da Villa, como a do Vallado, ficam sobranceiras ao Douro, muito proximas d'este rio, e em frente do mosteiro de S. João d'Alpendurada, que lhe fica ao N.O., sobre a margem direita.

Na freguezia de Travanca, sobre a margem direita do Paiva, está a casa e quinta que foi do coronel do exercito francez, José Soares de Albergaria, pae do sr. Manoel Soares d'Albergaria (actual possuidor) de D. Maria Soares d'Albergaria, casada com o actor italiano, conde de Monte-Merli — de D. Bertha Soares d'Albergaria, casada com Antonio Peixoto Pereira Coelho da Silva Padilha Seixas Harcourt (que, depois de dar cabo de uma grande casa que herdou de seu irmão Pedro, foi para o Brasil, onde se fez cocheiro, e hoje está em Montevideu, feito medico raspaillista, deixando em Portugal, ao desamparo, sua mulher e trez filhos!) — Teve José d'Albergaria mais duas filhas, D. Amancia, casada, e D. Thomazia, que morreu solteira, deixando duas filhas naturaes, que vivem na miseria.

Todos os filhos de José Soares, nasceram em França, de mãe franceza, mas vieram para Portugal de tenra edade.

Ha ainda n'este concelho outras casas nobres e antigas, como a do sr. Jeronymo Leite Cabral Tavares Castello-Branco, da Vista-Alegre (hoje residente em Eiriz, proximo á villa d'Arouca) os srs. Leites, de Nogueira, e outras familias distinctas, de que não tenho conhecimento.

Quinta da Fervença

Fica junto á egreja matriz de Sinfães. Tem casas nobres e um magnifico portão com o brazão d'armas dos Vasconcellos. (Vide *Castello-Melhor*.)

Foi vinculada em 11 de julho de 1613, pelo doutor, Miguel de Vasconcellos de Mello, e tinha capella propria na egreja dos frades *grillos*, do Porto (hoje seminario episcopal) onde os mórgados tinham seu carneiro.

O primeiro administrador d'este morgado, foi o seu instituidor, o dito Miguel de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa-real, capitão-mór de Sinfães, casado com D. Margarida de Miranda, da nobre casa da Bôa-Vista, junto á villa de Sobrado de Paiva.

O administrador do mórgado, apresentava a egreja de Lazarim, da qual era padroeiro. Vide *Lazarim, Porto* (nos Correias da Rua Chan) *Bôa-Vista, Real* (do concelho de Paiva) *Thuias*, ou *Villa Nova de Thuias* e *Torre de Alvarenga*.

Foi primeiro filho dos instituidores — *Mamuel de Vasconcellos de Mello*, fidalgo da casa real, casado com D. Antonia Luiza Felgueira Gajo, filha do cavalleiro de Christo, João Felgueira Gajo, governador de infanteria na provincia do Minho, e sobrinha do bailio de Leça, da ordem de Malta, Gaspar Felgueira Gajo. Tiveram :

Belchior Antonio de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa real, que casou com D. Anna de Menezes, da casa dos viscondes de Veiros. Tiveram :

José de Vasconcellos de Mello, fidalgo da casa real, que morreu sem successão, pelo que a casa da Fervença, passou para os descendentes de D. Isabel da Silva de Vasconcellos, irman de Manoel de Vasconcellos de Mello, e casada em Thuias, com João Correia de Souza Montenegro, dos quaes foi representante, Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, da referida casa da Bôa-Vista, hoje representado por seus filhos, os senhores, doutor Albino (vide *Sete-Capellas*) e seu irmão Martinho, que até ha poucos dias foi governador civil d'Aveiro.

A quinta da Fervença andou alguns annos usurpada ao seu legitimo dono, e foi precizo uma grande demanda, para a reivindicar.

Serpa Pinto

Com razão se ufana Sinfães, de ser patria do sr. *Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto*, major do exercito portuguez.

Nasceu na *quinta das Poldras*, freguezia de Tendaes, d'este concelho, a 20 de abril de 1846. Na edade de dous annos e meio, acompanhou seus paes, para o Brasil, e na Bahia estudou instrucção primaria. Voltou a Portugal em 1855, continuando a sua educação litteraria, no *collegio Ortigão* (Lyceu da Lapa) na cidade do Porto, até aos 12 annos, sentando então praça, e seguindo os estudos no collegio militar, onde sempre se distinguiu pela sua dedicação ao estudo, obtendo porisso os primeiros premios. Foi despachado alferes, em 1865 e tenente em 1869. N'este anno, foi um dos officiaes que se offereceu para a malfadada expedição da Zambezia, contra o Bonga, onde prestou relevantes serviços e mostrou uma admiravel coragem e sangue-frio. Regressou a Portugal, e foi collocado no regimento de infanteria n.º 9. Em 1875, passou para o batalhão de caçadores n.º 12, em cujo corpo serviu dous annos, na Ilha da Madeira. Em 1876, foi despachado capitão, e em 1877 se offereceu ao governo portuguez, para hir á expedição scientica da travessia da Africa. Foi a Paris e a Londres, comprar, por ordem do governo, todos os utensilios necessarios para aquella arrojada expedição, o que realisou com approvação do mesmo governo. N'este mesmo anno de 1877, foi despachado major, e a 7 de julho, ainda d'esse anno, embarcou para a Africa, como chefe d'aquella expedição.

Todos sabem como este bravo militar cumpriu corajosamente a sua difficil missão e arrojado emprehendimento, e, regressando a Portugal, escreveu e publicou um interessantissimo livro, descrevendo a sua viagem. Nem cabe no acanhado espaço de um diccionario, a descripção — por mais rapida que fosse — d'esta perigosa travessia, pelo que remetto o leitor para o livro do sr. Serpa Pinto.

Chegou o illustre viajante a Lisboa, no vapor *Oronoque*, des *Messageries*, em abril de 1879, sendo recebido pelos ministros da marinha e fazenda e pela Sociedade de geographia.

Foi sollicitado pelas Sociedades de geographia de Marselha e Bordeus para narrar perante ellas, os episodios da sua viagem. A sociedade de Anvers, conferiu-lhe o diploma de socio honorario.

É filho do sr. doutor, José da Rocha Miranda de Figueiredo, nascido no logar da *Villa de Mouros*, freguezia de Tendaes, a 17 de abril de 1798, e que reside actualmente na aldeia de *Porto-Antigo*, situada na margem esquerda do Douro, e na freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, d'este concelho. Formou-se em medicina, na universidade de Coimbra, em 1830, tendo sido habilitado na mesma faculdade, em Hespanha, em 1828, e na Bahia em 1851. É casado, desde 1845, com a sr.ª D. Carlota Cacilda de Serpa Pinto, natural da aldeia de Vimieiro, freguezia de S. Martinho de Sande, concelho e comarca de Marco de Canavezes, filha do tenente general Alexandre Alberto de Serpa Pinto.

O sr. doutor José da Rocha Miranda de Figueiredo, pae do nosso intrepido viajante, é filho de Luiz da Rocha Figueiredo, facultativo medico-cirurgico.

Se houver mais alguma cousa para o futuro, digna de nota, publical-a-hei em *Tendaes*.

SINGA — cidade romana. Vide *Ferreira*, do Alemtejo.

SINGEL ou CINGEL — portuguez antigo — uma junta de bois. Ainda hoje, nas provincias do norte, quando um carro ou charrua é tirado só por uma junta de bois, se diz — *puchado a singêllo.*

SINHEL — Vide a 2.ª *Róda.*

SINOS — A origem d'estas liguas de metal não deixa de ter interesse. Em varias chrònicas vemos que o seu uso era conhecido dos antigos e que os applicavam indistinctamente aos usos sagrados e profanos.

Strabão nos diz que com elles se annunciava a abertura do mercado; Plinio falla do sepulchro d'um rei antigo da Toscana, que estava adornado com campainhas; em Roma determinava-se a hora do banho, ao toque do sino; e os *serenos* usavam campainhas.

Nas casas abastadas serviam as campainhas para chamar os creados e convocar para as horas de comer. Usavam-se finalmente ao pescoço das bestas, em guisa de amuleto para espantar os lobos; e este costume, que ainda heje vemos, recorda, sem duvida, a sua origem romana.

Attribue-se aos Egypcios a invenção dos sinos; mas de tudo quanto se allega em favor d'esta opinião, o que ha de certo, é que com elles se annunciavam as festas de Ósiris.

Entre os Hebreus, o grande sacerdote, vestia, nas ceremonias religiosas, uma tunica guarnecida de campainhas d'ouro.

Em Athenas, os sacerdotes de Proserpina e Cybele empregavam-as durante os sacrificios, e faziam parte dos seus mysterios. Julga-se que quem primeiro introduziu o uso dos sinos no serviço do culto divino, foi Paulino, bispo de Nola, pelo anno de 100. Um antigo historiador refere que em 610 se apoderou tal terror do exercito de Clotaira, que sitiava Sens, por causa do ruido dos sinos, que Lobo, bispo de Orleans, mandou tocar a rebate, pelo que fugiram todos, dispersando-se assim as tropas sitiadoras.

Beda data o uso dos sinos na Gran-Bretanha desde 680, servindo, antes d'esta epocha, uma matraca para convocar os fieis.

É muito provavel que as campainhas fossem logo empregadas nas procissões religiosas, e que depois as aproveitassem os musicos para annunciar os regosijos publicos; mas nem sempre as agitavam com as mãos; pois que muitas vezes estavam suspensas de uma especie de campanario, e eram tocadas com martello. D'isto nos offerece un exemplo muito curioso a gravura de um manuscripto do seculo XIV, representando o rei David tocando com dous martellinhos varias campainhas.

A chegada dos reis e grandes dignitarios, era annunciada com repiques de sinos, e este costume ainda se observa hoje em muitos paizes, e no nosso tambem.

O costume de tocal-os pelos mortos indica dous fins: primeiro, o de advertir os christãos para que rezassem por alma d'um de seus irmãos que hia abandonar a terra; e segundo, o de apartar do leito mortuario os espiritos malignos, que uma crença supersticiosa suppunha que vagavam em torno do morto. A preoccupação erronea de que o toque dos sinos concorria para apartar as tormentas tem custado cara a muitos sineiros, e já o conhecimento de que, se algum influxo exerce, é precisamente inverso, faz que se vá desterrando esse costume, não ha muito universal.

Os Musulmanos não empregam os sinos para adornar os seus minaretes; mas em compensação, os Chinas usam-os com profusão nas suas torres e templos; com a circumstancia de que os que ha em Nankin e Pekin, são em geral de maiores dimensões, que os da Europa; se bem que não tem um som tão agradavel.

Diz-se que os sinos appareceram pela primeira vez na China, no anno 2601, antes de Jesus Christo.

—

Foi no reinado de Constantino Magno que a Egreja começou a servir-se d'elles, e no pontificado de Sabiniano (604-606) que as basilicas romanas os possuiram pela primeira vez.

Os maiores sinos do mundo encontram-se na Russia. O sino chamado *Kremlin* peza 201:266 kilogrammas; Troitzkoi 175:000; Saint Ivan 57:976.

Tocam á *elevação* desde o seculo XII — durante as procissões, desde o seculo XIII —

ao sahir o *Viatico*, desde o seculo XV — e ao *Angelus*, desde o anno de 789.

—

A torre mais elevada depois da grande Pyramide do Egypto, é o campanario da cathedral de Strasbourg; tem 142 metros de altura, só inferior á Pyramide em 4 metros. Esta torre collossal foi concluida no anno de 1439.

O campanario de Santo Estevão, em Vienna d'Austria, tem 138 metros d'altura; o de S. Miguel, em Hamburgo, 130; o da egreja d'Anvers 120; o de S. Pedro, em Hamburgo, 119.

—

Em Portugal é notavel a famosa *Torre dos Clerigos*, da cidade do Porto, com os seus 337 e meio palmos d'altura.

Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 307, col. 2.ª

SIRGUDE — antiga e nobre casa do Minho, na freguezia de Felgueiras, concelho de Fafe.

Foi fundada por D. Payo Mogudo de Sandim, cavalleiro gallego, que veio para Portugal com o conde D. Henrique pelos annos de 1093, no reinado de D. Affonso VI, de Castella e Leão (que deu este nosso reino a sua filha, D. Thereza, mulher do referido conde) e estabeleceu o seu solar n'esta Felgueiras.

Foi seu filho, D. Mendo Payo Mogudo de Sandim, rico-homem de D. Affonso Henriques e de seu filho, D. Sancho I, e um dos mais bravos cavalleiros do seu tempo. Teve longa descendencia, que, *crusando-se* com outras familias, deixou os appellidos de Mogudo e de Sandim, que hoje já não ha; como tambem já não existe a casa de Sirgude.

SISMEIRO — Vide *Aguiar da Beira*.

SISMEIRO — Vide *Pinheiro* (Santa Maria do).

SISTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 261.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto Administrativo de Vianna.

O abbade da freguezia de Cabreiro, apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

SITIMOS — freguezia, Extremadura (ao S. do Tejo) comarca e concelho d'Alcacer do Sal, 45 kilometros ao O. d'Evora, 75 ao S.E. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Foi commenda da ordem de S. Thiago, e o rei, como grão-mestre, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o capellão, curado (que só podia ser um freire da mesma ordem) que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada, e 10$000 réis em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes, porém doentia, em razão dos pantanos que ha por estas terras, e que são origem de varias doenças, principalmente febres intermitentes. É porisso que a população tem diminuido, em vez de augmentar.

SIZANDRO — pequeno rio, Extremadura, que passando por Torres-Vedras, Runa e outras povoações, junto com outros rios, morre no Oceano, onde desemboca pela *Foz de Rendide*.

No verão leva muito pouca agua e muitas vezes secca completamente. Eu estive em Torres-Vedras no mez d'agosto de 1875, e d'este rio apenas existia o leito. Com as grandes chuvas, porém, torna-se caudaloso e arrebatado. Ainda com os temporaes do inverno de 1876, cresceu tanto, que causou graves prejuizos nas terras das suas margens. Em 30 de dezembro d'esse anno, se viu passar pelos sitios da *Ponte do Rol*, uma cavalgadura morta, arrastando, preso por um pé ao estribo, um homem tambem morto.

SOÁJO ou **SUAJO** — villa, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 50 kilometros ao N.O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 441.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está situada em paiz summamente aspero e desabrido, na serra da *Gabiarra*, ou *Gavieira*, tambem denominada *Serra de Soájo*, perto de Castro-Laboreiro, e um dos ramos da Serra do Marão. (Vide *Gabiarra*, *Gavieira* e *Penéda*.)

Foi couto do rei, que se supprimiu ha muitos annos.

É clima excessivo, havendo no verão um calor de mais de 40 gráus, no inverno conserva-se a neve, por espaço de 6 mezes, e ás vezes mais!

É na raia, e dividida da Galliza pelo rio da Penêda.

Teve grandes privilegios, entre elles, não darem alojamento ás tropas, nem soldados, em tempo de guerra, e só hiam a ella no seu couto, ou quando fosse o rei em pessoa.

Os povos d'aqui vestem de burel, feito alli mesmo, da lan das suas ovelhas; andam descalços, e, se a civilisação não poude ainda penetrar em suas montanhas, tambem ainda alli não entrou a descrença ou indifferença religiosa; porisso são verdadeiros catholicos, ainda que algum tanto supersticiosos.

A maior parte dos habitantes d'estas terras, occupam-se em guardar os seus gados, por entre as brenhas e matagaes da serra, onde muitas vezes os lobos lhes atacam os rebanhos, mas nem sempre são bem succedidos, porque os pastores teem optimos e valentes cães, que disputam o gado ás feras, e não poucos despedaçam estas.

Na guerra da independencia, fizeram relevantes serviços em prol de D. João IV e de seus filhos, accommettendo os castelhanos com o maior encarniçamento, e matando muitos d'elles.

O rei D. Diniz aqui esteve no principio do seculo XIV, augmentando por essa occasião os privilegios d'estes povos, sendo um d'elles, que nenhum fidalgo se demorasse aqui, *mais tempo do que o necessario para se esfriar um pão quente, posto ao ar, na ponta de uma lança.* (!)

D. João I, ordenou aos monteiros que prohibissem a residencia de cavalleiros, por estas terras; privilegio que foi confirmado pelos reis seus successores.

Apezar do seu clima, ha por aqui grande abundancia de gado, principalmente lanigero, que produz muita lan, e bons queijos. Ha abundancia de centeio, algum milho, vinho (muito temporão) cêra e mel.

Na serra ha abundancia de lobos, rapozas, marthas, ginetas, tourões, corças, alguns javalis, e muitos coelhos, lebres e perdizes. Antigamente tambem houve ursos.

Ainda em junho de 1877, se fez aqui uma montaria, apparecendo dous lobos, que fugiram, e foi morto um javali, de enormes dimensões.

No rio, pescam-se salmões, lampreias, grandes trutas, rêlhas, bogas, escallos e outros peixes, todos muito saborosos.

Faz-se tambem n'esta freguezia muito carvão, que se exporta.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dous vereadores, procurador, dous escrivães e uma companhia de ordenanças, da qual o juiz ordinario era capitão.

Em tempos antigos, foi esta freguezia annexa ao mosteiro de Ermêllo; mas, extincto este, e erecta a collegiada de Ponte de Lima, pelo arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, lhe applicou o rei D. Sebastião a terça parte do rendimento d'esta egreja, e da sua filial, o Salvador da Gavieira.

O rei D. Manoel, deu foral a Soajo, em Lisboa, a 7 de outubro de 1514. (*L.º de foraes novos do Minho*, fl. 106, col. 2.ª)

SOALHÃES—villa, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (era cabeça de concelho e de comarca, que foi supprimido) 54 kilometros ao N.E. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1768, tinha 401.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, que tinha de rendimento annual perto de dous contos de reis.

Este abbade, era prelado da egreja e districto de Santa Cruz do Douro, *nullius dioe-*

cesis, na qual tinha jurisdicção quasi episcopal, *pleno jure*, no clero e no povo, sem conhecer das causas das pessoas d'aquella egreja mais do que elle, e o metropolitano por appellação. Dava ordens menores.

O rei D. Manoel deu foral a esta villa, em 15 de julho de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 143, col. 2.ª)

O famoso bispo de Lisboa (o 19.º) *D. João Martins de Soalhães*, depois arcebispo de Braga, era natural d'esta villa e aqui instituiu um morgado. (Para evitarmos repetições, vide no 4.º vol., a pag. 269, col. 2.ª, a ultima linha, e o principio da pag. seguinte.)

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa da *Quintan*, pertencente á familia Vieira da Motta.

Segundo o *Catalogo dos bispos do Porto*, (pag. 425, col. 1.ª, no fim) tem esta freguezia as ermidas de *S. Sebastião*, *S. João*, *S. Thiago*, *S. Clemente*, e *S. Miguel*, *o anjo*.

Foi mosteiro de Templarios. Fica a 6 kilometros ao S. do rio Tâmega.

Na era de 1340 (1302 de Jesus Christo) trocou o 29.º bispo do Porto, D. Geraldo Domingues, a egreja de S. Martinho de Soalhães, pelas egrejas de S. Nicolau, da Feira, e Santa Maria d'Alvarélhos, com o referido bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães; ficando o bispo do Porto com estas duas ultimas freguezias, e o de Lisboa com a primeira.

Houve n'esta freguezia um mosteiro duplex, da ordem benedictina, fundado em 865, por D. Sancho Ortiz (ou Ortiga.)

Em 1029, reinando D. Fernando III (o Magno) se lhe queixaram os monges, por Garcia Moniz, *o Gasco*, lhe ter usurpado certas propriedades.

Em 1245, D. Sancho II, de Portugal, porque o mosteiro era muito pobre e estava quasi deshabitado, o reduziu a abbadia secular, dando o seu padroado ao 25.º bispo do Porto, D. Pedro Salvador, assim como lhe deu o padroado de Soalhães e S. Thiago de Bedoido, em recompensa de varias rendas que tinha usurpado ao bispo e cabido do Porto, que assim se deram por satisfeitos; e esta concordata foi confirmada pelo pontifice Innocencio IV. — Depois, a 16 d'abril de 1245, lhe deu mais a villa de *Marachil, junto á serra do Algarve; (?) com seus termos*, novos e antigos, e todos os direitos reaes, confirmando-lhe os padroados das egrejas de Soalhães e Bedoido. (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 72, col. 2.ª e seguintes.)

Estes padroados eram de D. Gonçalo Viegas Porto-Carreiro (ascendente de D. João Martins de Soalhães) e que vivia no seu paço de Villa-Pouca, d'esta mesma freguezia, e ao qual — Gonçalo Viegas — D. Sancho II o havia tirado.

Como D. João Martins de Soalhães era grande valido do rei D. Diniz, conseguiu que este lhe desse o que tinha sido de seu avô, Gonçalo Viegas Porto-Carreiro, e, em 13 de maio de 1304, quando já era arcebispo de Braga, instituiu de tudo um bom mórgado, que passou aos seus descendentes.

Teve o arcebispo varios filhos, que casaram em differentes casas nobres d'esta provincia, mas herdou o mórgado seu filho mais velho, Vasco Martins de Soalhães, do qual procedem — um ramo da familia Ribeiro Tavares — outro da familia Mendes de Vasconcellos. — Foi 4.ª neta do arcebispo, D. Joanna Mendes de Vasconcellos, mãe de D. Maria de Vasconcellos, que casou com D. Affonso de Cascaes, filho do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Foram ainda descendentes do arcebispo, os condes de Vianna, e de Penella, e os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima, que herdaram o vinculo e os padroados que haviam sido do arcebispo.

Os marquezes de Ponte do Lima, ainda possuem aqui a torre de *Cadimes*, antigo solar dos Soalhães.

—

A egreja matriz é sagrada, e está n'ella a sepultura dos seus antigos padroeiros.

No monte de Monforte, ha pedreiras de pedras de amolar, tão bôas como as da Biscaia.

O terreno d'esta freguezia, é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de madeiras, lenhas e caça.

—

Aqui nasceu, em 2 de fevereiro de 1808, Antonio Lino Leão de Vasconcellos, distincto poeta, cujos versos são muito estimados. Falleceu a 3 de março de 1863.

—

Foi aqui abbade, D. Manoel d'Aguiar, nascido em Evora, a 8 de dezembro de 1751. Sendo nomeado abbade de Santa Cruz do Douro, em 1779, em 1786 foi transferido para esta de Soalhães. Foi eleito bispo de Leiria, por avizo regio de 1790.

Antes de abandonar Soalhães, vendeu todo o seu expolio, repartindo o seu producto pelos pobres da freguezia.

SOALHEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alpedrinha) 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 187.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco. (Foi do bispado da Guarda.)

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada em terreno muito accidentado e de um clima excessivo; apezar d'isso, os seus valles são bastante ferteis. Cria muito gado e é abundante de caça.

É no termo da antiga villa de Castello-Novo.

Perto da aldeia da Soalheira, no sitio chamado Valle da Nogueira, está a ermida de Nossa Senhora das Necessidades, que foi objecto de grande devoção dos povos d'estas redondezas, que lhe faziam varias romarias no decurso do anno.

É templo muito antigo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. Teve eremitão, que cuidava do aceio e conservação da ermida, e os capellães da Misericordia, da villa, eram tambem capellães d'esta ermida.

SOALHEIRA DA PORTELLA DO BRÈJO — logar, Algarve, na freguezia e concelho d'Alcoutim, comarca de Tavira. Ha n'este logar, uma boa mina de manganez e outros metaes.

Ha em Portugal varias aldeias e sitios com o nome de *Soalheira*, mas não teem cousa digna de nota.

SOAM — portuguez antigo — Este — Vide *Ociente*.

SOAR — portuguez antigo — significa *solar*. Não paço, torre ou castello de alguma familia nobre, porém territorio, conto ou concelho. Na composição que o rei D. Diniz fez com o bispo de Viseu, D. Egas, em 1292, além de outras mercês, lhe deu o *conto do Soar*, que estava devassado.

Na cidade de Viseu ha a *rua do Soar*.

SOAZ — Vide *Ribeira de Soaz*.

SOB-ARRIFANA ou **SUB-ARRIFANA DO SOUZA** — Vide *Arrifana do Souza*, e *Penafiel*.

SOBRADÈLLO DA GOMA — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 20 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Sobradêllo, da collegiada de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O vulgo, dá á padroeira d'esta freguezia a denominação de *Nossa Senhora da Goma*, e o antigo nome d'esta freguezia, era *Souto do Sobradêllo da Goma*.

É terra fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

SOBRADINHO DO PAIVA — freguezia, Beira Alta, no bispado de Lamego, de cuja cidade dista 24 kilometros.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção). Dista de Lisbôa, 300 kilometros ao N.

Em 1768, tinha 106 *moradores*.

O padroado real apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia não appareceu em nenhum livro ou mappa moderno, apenas a achei no *Portugal Sacro e Profano*.

Nem mesmo a achei na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, manuscripto do 1.º quartel do seculo XVIII, publicado em 1878.

SOBRADO — freguezia, Douro, concelho

de Vallongo, comarca, bispado, districto administrativo e 15 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 158.

Orago, Santo André, apostolo.

No ultimo quartel do seculo passado, quem apresentava este beneficio, era D. Maria Clara Baldaia de Tovar, com assistencia de seu marido, João Alves Pamplona Carneiro Rangel. Depois, passou o direito de apresentação aos viscondes de Beire, descendentes d'aquelles padroeiros e como elles, Pamplonas Carneiros Rangeis. Hoje o representante d'esta nobre familia é o sr. conde de Rezende.

O abbade tinha um conto de réis de rendimento annual.

É terra fertilissima e faz grande negocio com a cidade do Porto. Cria e engorda grande cópia de gado bovino, que exporta para a Inglaterra.

Os passaes d'esta egreja, foram vendidos, em julho de 1877, por 14:300$000 réis.

SOBRADO — freguezia. Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O prior do mosteiro dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) de Landim, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

SOBRADO DE PAIVA — villa, Douro, cabeça do concelho do Castello de Paiva, comarca e 20 kilometros ao NO. d'Arouca, 3 kilometros ao S do rio Douro, 36 a E. do Porto, 84 ao ENE. d'Aveiro, 48 ao O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1768, tinha 44 fogos. [1]

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Lamego, districto administrativo d'Aveiro. (!)

[1] É certamente engano do *Portugal Sacro*. Esta freguezia devia ter em 1768, mais de 200 fogos; tanto que a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta pelos annos de 1724, lhe dá 228 fogos.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Paiva, é composto de nove freguezias, todas do bispado de Lamego, são — Bairros, Fornos, Paraizo, Pédorido, Raiva, Real, Sardoura (Santa Maria) Sardoura (S. Martinho) e Sobrado; todas com 2.000 fogos.

A freguezia da Epiunca, que ha muitos annos pertence ao concelho d'Arouca, foi antigamente d'este concelho.

—

Capellas particulares

1.ª — *Santo Antonio*, na quinta de Santa Cruz das Serradas, dos fidalgos de Boa-Vista.

2.ª — *Nossa Senhora do Carmo*, na quinta do Catapeixe.

3.ª — *Nossa Senhora da Piedade*, na quinta de Vigide, tambem dos srs. Montenegros. Foi mesquita árabe, e antes d'isso templo romano.

4.ª — *São Luiz*, na quinta de Gondim.

—

Capellas publicas

5.ª — *S. Sebastião*, que serviu de matriz emquanto se reedificou a egreja parochial.

6.ª — *S. Pedro, apostolo*, que é metade d'esta freguezia e metade de Bairros.

Na quinta de Santa Cruz das Serradas houve mais duas ermidas, que já não existem.

Em Fundões, houve um templo romano, de que ainda ha vestigios. Era muito pequeno.

—

O que se não achar aqui, com respeito ao concelho, vide *Castello de Paiva*, no 2.º volume, pagina 184, columna 1.ª e seguintes.

—

Com razão se ufana esta villa de ser patria de D. Soeiro de Azevedo, que aqui viveu e falleceu. A uns 150 metros a ONO. da egreja matriz, e do lado da retaguarda d'ella, em um matto, se vê um montão de entulho, e tenues vestigios de alicerces, que, segundo a tradição, são restos do paço em que viveu e falleceu D. Soeiro. De D. Soeiro e de

sua mulher, nasceu Maria Soares d'Azevedo, que casou em S. Vicente da Calçada, acima d'Entre os Rios (na margem direita do Douro) e d'este casamento nasceu D. Thereza d'Azevedo, que casou em Lisboa com Martim (ou Martinho) de Bulhões, e foram paes do nosso popular Santo Antonio de Lisboa.

Este D. Soeiro d'Azevedo, é o progenitor dos Soares d'Azevedo. (Todos sabem que *Soares*, é patronimico de *Soeiro*).

Para evitarmos repetições no que diz respeito a Santo Antonio, e seus ascendentes, vide 4.º vol., pag. 225, col. 1.ª, e pag. 319, col. 1.ª

—

A egreja matriz, é um templo vasto, claro, alegre, elegante, muito aceiado, e em formosa situação, na extremidade ONO. de um planalto em que assenta a villa e junto a ella.

Foi restaurado no principio do seculo XVIII e está optimamente conservado.

A villa, que é antiquissima, está tambem optimamente situada, em logar elevado, com extensas vistas, mas, a dizer a verdade, não merece muito o nome de villa, pois ha muitissimas aldeias em Portugal, mais bonitas, maiores e mais bem arruadas.

Tem só uma viella (a que dão o pomposo nome de *rua*) tortuosissima e pessimamente calçada — e isto ha poucos annos; porque d'antes, era um barranco que no inverno se transformava em um ribeiro de lodo.

Não tem um unico edificio digno de menção, além dos paços do concelho, que são melhores do que muitos de cabeças de comarca. Foram construidos no principio do seculo passado, pela casa de Bragança, cujas armas adornam a fachada do edificio. Esta casa era senhoria donataria de grande parte d'este concelho, que ainda lhe paga muitos fóros.

O seu tosco pelourinho, está na rectaguarda da casa da camara, e quasi escondido a um recanto.

Em frente da casa da camara, ha uma praça pequena e muito irregular, onde se fazem dous mercados, um a 2, outro a 16, de cada mez.

—

Fóra da villa, mas a pouca distancia d'ella, está a vasta e magnifica propriedade da Bôa-Vista, de que adiante trato.

—

A villa de Sobrado, teve antigamente uma divisão disparatada, das muito vulgares nos primeiros tempos da nossa monarchia. A parte SE. da povoação, era *honra*, dos senhores, depois condes de Penaguião, e por fim marquezes de Fontes, dos quaes foram herdeiros os marquezes de Abrantes. Esta honra ainda existia no reinado de D. Manoel, como consta da minuta que se acha no archivo da Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11, n.º 19. Tinha (a honra) foral velho, concedido a 28 de setembro de 1251. (*Livro 2.º de doações de D. Affonso III*, fl. 32, v., *in medio*; e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 111, col. 1.ª)

Na parte da villa, que foi honra, houve um antiquissimo mosteiro benedictino, que ainda existia em 1191, pois que n'esse anno, mandou o senhor de Penaguião «*catar* (inquirir, examinar attentamente, investigar, etc.) *ao Mosteiro de Sobrado, o Padre, que nello* (nisso) *era mais sabudo*» (sabido) etc. (*Fundação de Penaguião*, documento existente na Torre do Tombo.) D'este mosteiro não existe hoje o minimo vestigio, nem sequer tradição, na villa.

—

A parte NO. de Sobrado, era couto da casa de Bragança, e foi a esta parte que, sob a denominação de *Terra de Paiva*, o rei Dom Manoel deu foral, como fica dito no artigo *Castello de Paiva*.

Nunca teve foral velho.

N'esta parte da villa é que está a egreja matriz, a casa da camara e a maior parte da povoação.

—

O concelho do Castello de Paiva, é um dos mais bem arredondados de Portugal. Pelo N., serve-lhe de termo, o rio Douro. Pelo S., é separado do concelho d'Arouca, por uma cordilheira de montanhas. Pelo E., o rio Paiva o divide do concelho de Sinfães, servindo este mesmo rio de divisão entre o districto administrativo de Aveiro, e o de

Viseu, ı, servindo tambem de dividir a provincia a do Douro da da Beira-Alta. Pelo O., quasi s sempre o rio Arda o divide do extincto o concelho de Fermedo, hoje d'Arouca; e perto to do angulo ONO., o ribeiro de Areja o dividide da freguezia da Lomba, que, apezar de le estar ao S. do rio Douro, pertence ao concellelho de Gondomar, comarca do Porto.

O ArArda e o Areja, dividem tambem o bispado d do Porto do de Lamego: de maneira que o b territorio do concelho de Paiva, fórma um ununadrado, quasi regular.

—

Nos ls limites d'este concelho, e na margem esquererda do Douro, ha trez *arinhos* (areiaes) onde, , desde janeiro até junho, se pesca grandede quantidade de lampreias e saveis, além d de outros peixes miudos. Já no foral da *Terrerra de Paiva*, se diz: — «*Paga-se mais n'esta a Terra, outro direito no rio Douro, a saber—nos tres arrinhos de Boyro, de Midõens, s, e de Douride* (Pédorido) *e de todos estes casasaes, levão o quarto dos saveis, e das lamprereas, soomente que se matão com Vargas.*»

—

Comm razão se dá á Terra de Paiva a denominanação de *Suissa portugueza*. Os valles, os ribebeiros, ás devezas, as montanhas, os alcantis, is, as collinas e os picos abruptos, se alternamm de um modo surprehendente! Suas aguas, s, todas potaveis, são abundantissimas e excellentes, e seu clima é saluberrimo.

Tammbem n'este concelho abundam com espantmtosa prodigalidade, minas de cobre, ferro, e, estanho, chumbo, arsenico, enxofre, e outros os metaes e metaloides. [1] Ha uma mina de grapphite (plombagina) e uma extensa pedreira a de calcedonia: muita variedade de quartzotzo e de schisto; e bom granito prophiroide, e, nas *Pedras da Rua* e nas *Pedras de Linharares*. Ha uma grande pedreira de schisto laminonoso, de tão boa qualidade como o de Vallonongo, e junto d'esta pedreira, uma abundante *veia* de argilla carbonifera, tenacissima, e uma extensa zona de carvão fossil. Tambem ha por aqui grande quantidade de aguas ferreas e sulfureas.

—

Em archeologia não é menos rica esta região do que em geologia.

Ha um grande dolmen, na margem do Douro, logo abaixo da povoação do Castello. —Varias antas, sendo a maior a do *Valle da Rua*, na freguezia e uns 300 metros ao SO. da villa de Sobrado. Pouco mais ao SO., ha bastantes d'estes monumentos megalithicos, ainda nos limites do Valle da Rua.—No logar de Fundões, tambem d'esta freguezia, ha os restos de um pequeno templo romano, em cujo pavimento ainda se divisam fragmentos de mosaico, de varias côres.—Em Felgueiras, proximo e a SE. da villa, appareceu em 1861 uma grande peça de mosaico, de côres, que se conserva na quinta da Boa-Vista.—Em Vigide, ha uma ermida que foi templo romano, e depois mesquita mourisca.—No monte de Corvite, ha evidentes vestigios de um *almocabar* (cemiterio) dos musulmanos.—No Monte-Grande, proximo á aldeia de Serradêllo, ha 6 ou 7 mâmoas. —Na serra da Cruz d'Ancía, ha uma grande mâmoa e varias menores.—Em Paraduça, ha duas mâmoas.

Não é precizo dizer que todas estas mâmoas estão arrombadas, pelos buscadores de *thesouros encantados*.

As antas, estão profuzamente espalhadas, pela parte E. NE. do concelho.

Tudo isto vae descripto mais circumstanciadamente nos logares onde existem as minas, e os monumentos pré-celtas, romanos, ou arabes.

Todo o terreno cultivado d'este concelho, é fertilissimo em todos os generos agricolas do nosso paiz, que exporta em grande quantidade para a cidade do Porto, pelo Douro. O vinho de Paiva, ainda que verde, é optimo e tambem se exporta. Cria-se muito gado de toda a qualidade, nos seus montes e mattas ha bastante caça, produz e exporta algumas madeiras, e os rios Douro, Paiva e Arda, o fornecem de excellente peixe.

Estando este concelho, como vimos, 36 ki-

[1] ErEm muitas partes d'este concelho ha claros os vestigios de vasta lavra de minas, de tempos os antiquissimos; e por muitas vezes se teenem achado varias mós, com que os mouros tritrituravam o seixo, para lhe extrahir as particuculas metalicas que continha.

lometros distante do Porto (as freguezias do E., porque as do O. ainda ficam mais proximas) e tendo o povo d'aqui, todos os seus negocios com a cidade do Porto, fica a 84 de Aveiro, onde não tem — e nunca teve—outro negocio que não seja a dependencia á cabeça do districto administrativo. É esta uma das muitas *divisões territoriaes* disparatadas que se veem em Portugal!

—

Casa da Boa-Vista

Para evitarmos repetições, vide vol. 1.º, pag. 404, col. 2.ª e 7.º vol., pag. 529, col. 1.ª —Por fallecimento do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, reside n'esta bella quinta, o sr. Martinho Pinto de Miranda Montenegro, até ha poucos dias governador civil d'Aveiro.

—

Quinta de Santa Cruz das Serradas

É tambem na freguezia de Sobrado.

É o solar dos Pereiras de Bulhões (da mesma familia de que procede Santo Antonio, de Lisboa.) Tem umas casas antiquissimas, com brazão d'armas, e uma capella, da invocação de Santo Antonio.

Os seus possuidores, foram:

1.º—*Vasco Lourenço de Bulhões*, fidalgo cavalleiro da casa real, casado com D. Maria Varella. Era parente das principaes familias do reino. Tiveram:

2.º—*Lourenço Vasques de Bulhões*, fidalgo da casa real, e casou com D. Maria Soares d'Albergaria. Tiveram:

3.º—*Pedro de Bulhões*, fidalgo da casa real, casado com D. Philippa Gomes d'Abreu, da casa dos condes de Sortêlha. Tiveram:

4.º—*D. Joanna Silveira de Bulhões*, irmã de Ignacio de Bulhões, ao qual D. João III deu carta de brazão d'armas, a 20 de dezembro de 1532. Esta carta existe no cartorio da casa da Boa-Vista. N'este documento se prova a sua descendencia da geração dos Bulhões, por parte de seu pae, e da dos Soares d'Albergaria e Varellas, por parte de sua mãe e avós, pois que era bisneta de Lourenço Vasques de Bulhões. Casou D. Joanna com Antonio Alvares Pereira Forjaz, irmão do conde da Feira. Tiveram:

5.º—*Balthazar Alvares de Bulhões*, fidalgo da casa real, e foi armado cavalleiro em Ceuta (Africa) a 20 de agosto de 1415;[1] e por D. Sebastião I lhe foi confirmado o seu brazão d'armas, a 16 d'abril de 1559.[2] Casou com D. Guiomar Godinho, e teve:

6.ª—*D. Antonia de Bulhões*, irmã de Balthazar e Antonio de Bulhões, que ambos morreram nas guerras de Malaca (India.) Casou com Fernão Ribeiro Soares, e tiveram:

7.º—*Fernão Ribeiro Soares de Bulhões*, fidalgo da casa real, casado com D. Margarida Leite Pereira, filha do commendador de Alegrete, Alvaro Leite Pereira. Tiveram:

8.º—*Antonio Ribeiro Pereira Soares de Bulhões*, fidalgo da casa real; que casou com D. Luiza Catharina Carneiro Coutinho, senhora do vinculo de Cabeção, na freguezia de Santa Cruz do Douro, instituido por seu pae, Jeronymo de Carvalho Coutinho, em 6 de junho de 1649. Tem este vinculo casas nobres com sua capella. Tiveram:

9.º—*Caetano Manoel Pereira Ribeiro Soares de Bulhões*, casado com D. Mariaia Emilia de Magalhães, da casa dos Castruros, do Covo, junto á villa d'Oliveira d'Azemeis. Tiveram:

10.º—*D. Antonia Mathilde Pereira Soares de Bulhões*, casada com Bernardolo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro, senhor da casa da Boa-Vista, d'esta villa de Sobrado.

Como esta familia hoje é a mesmma dos Correias, da Rua-Chan, da cidade do Porto,

[1] D. João I havia conquistado esta cidade aos mouros, seis dias antes (14) de ser armado cavalleiro este Balthazar Alvares de Bulhões, um dos que mais se distinguiram n'esta conquista, pela sua bravura e sangue frio.

[2] A carta de confirmação, foi passada em nome do rei D. Sebastião, que então apenas tinha cinco annos e 3 mezes, pois nasciêra a 20 de janeiro de 1554, e era regente sua avó, a rainha D. Catharina, viuva de Dom João III.

para evitarmos repetições, vide no 7.º voll., pag. 527, col. 2.ª, o 18.º herdeiro dos Correias, que é o referido Bernardo José Pinto de Vasconcellos de Miranda Montenegro.

Estou persuadido que esta casa e quinta das Serradas, foi de D. Soeiro d'Azevedo, bisavô de Santo Antonio, e que os Bulhões de Lisboa a vieram a possuir por herança.

Leva-me a esta supposição, a antiguidade que o edificio revela, a invocação de Santo Antonio, dada á capella existente, e saber-se que n'esta quinta houve mais duas ermidas antiquissimas, das quaes nem vestigios ha hoje.

SOBRAL—aldeia, da Extremadura, na freguezia, proximo á povoação de Subserra, concelho de Villa Franca de Xira, no Riba-Tejo.

Houve aqui um mosteiro de frades antoninhos, fundado em 1590, por D. Francisco de Souza, filho de D. Maria Jaques e de seu 2.º marido, D. Antonio de Castello-Branco.

Esta senhora, ficando viuva do seu segundo marido, se retirou para o logar do Sobral, onde possuia muitas propriedades, e ahi pediu ao dito seu filho que fundasse o mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, para frades da ordem de Santo Antonio.

D. Francisco de Souza só cumpriu a vontade de sua mãe, depois da morte d'esta, e em execução de uma clausula do seu testamento.

Construiu-se o mosteiro em umas casas e quinta que D. Maria para este fim havia comprado a um estrangeiro, chamado Sibaldo Lins.

Esta propriedade, a que se dava o nome de *quinta da Capacharica*, ficava no mais alto sitio d'aquelles montes, pelo que os frades, com auctorisação do padroeiro, mudaram o mosteiro para a encôsta do monte, mas ainda em sitio bastante elevado.

Em 14 de setembro de 1838, foi feito 1.º visconde do Sobral, com grandeza, o 2.º barão do mesmo titulo (o 1.º fôra seu pae, feito em 14 de maio de 1813) e 4.º senhor do Sobral—senhorio que data de 10 de maio de 1771—Hermano José Braamcamp d'Almeida Castello Branco, descendente do referido D. Antonio de Castello-Branco.

Foi o 1.º visconde do Sobral: par do reino, desde 1835, ministro e conselheiro de estado honorario, commendador da ordem de Christo, bacharel em leis, capitão do regimento de cavallaria do Caes, membro do governo em 1820, ministro da fazenda em 1826.

Succedeu a seu pae, no titulo de barão, em 6 de julho de 1828, e no senhorio do mórgado do Sobral, a sua mãe, que lh'o cedeu em 1806.

Nasceu a 16 de setembro de 1775. Casou a 17 de fevereiro de 1806, com D. Luiza Amable Rion de Narbone e Lara, sobrinha do duque de Narbone, e 1.ª filha do conde de Narbone Lara, official da legião de honra, em França, grão-cruz da ordem de Santo Huberto de Baviera, ministro da guerra de Luiz XVI, rei de França, ajudante de campo de Napoleão Bonaparte, e tenente general do exercito francez; casado com Adelaide Maria de Montholon.

Era (este 1.º visconde do Sobral) filho de Geraldo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castello-Branco, 1.º barão e 4.º senhor do Sobral, e administrador do mórgado da Luz.

O 1.º visconde do Sobral, foi feito 1.º conde do mesmo titulo, em 31 de dezembro de 1844.

Sua filha, D. Adelaide Braamcamp d'Almeida Castello-Branco, foi feita 2.ª condessa do Sobral, em 14 de fevereiro de 1846; e na mesma data obteve egual titulo, seu marido, Luiz de Mello Breyner.

Em 30 de setembro de 1862, foi feito 3.º conde do Sobral, Hermano Braamcamp Sobral de Mello Breyner, filho de Luiz de Mello Breyner, 2.º conde do Sobral.

—

Luiz de Mello Breyner, 2.º conde do Sobral, nasceu a 26 de outubro de 1807, e falleceu no 1.º de setembro de 1876.

Era filho dos segundos condes de Ficalho.

Sentou praça a 29 de novembro de 1826, foi promovido a alferes em 11 de outubro de 1831; a tenente em 25 de julho de 1833;

e a capitão em 5 de setembro de 1837; graduado em major, em 29 de abril de 1851; e reformado com a effectividade d'este posto, em 5 de setembro de 1864.

Em seguida a alistar-se, fez parte das forças que operaram ao Alemtejo, pugnando pelo governo constitucional.

Em março de 1828, emigrou, e foi ter á Ilha Terceira.

Desembarcou nas praias de Arenosa de Pampellido, com o exercito liberal, a 8 de julho de 1832.

Desde 1843, em que passou á inactividade temporaria sem vencimento, pelo requerer, até que se reformou, esteve quasi sempre afastado do serviço da fileira. Fazendo parte do partido setembrista, foi por differentes vezes alvo de perseguições do partido contrario, durante o periodo em que as paixões politicas estavam mais sobrexcitadas.

Em 29 de janeiro de 1836, sendo tenente, foi nomeado ajudante de campo do sr. Dom Fernando.

Em 17 de julho de 1846, foi nomeado commandante do 6.º batalhão da guarda nacional de Lisboa, commissão que não chegou a exercer. Desde 17 de maio de 1851 a 24 de agosto de 1852, e de 28 de agosto de 1856 a 2 de agosto de 1858, exerceu as funcções de governador civil de Lisboa.

Era par do reino, grão-cruz da ordem de Christo, e de S. Gregorio Magno, de Roma, commendador da de Torre-Espada, e cavalleiro da de Aviz.

Em 6 de outubro de 1834, casou com a sr.ª D. Adelaide Braamcamp d'Almeida Castello-Branco, como já fica dito.

D'este matrimonio nasceram um filho, que é o 3.º conde do Sobral (conde do Sobral, Hermano) e duas filhas — a sr.ª marqueza de Souza Holstein (viuva de D. Francisco de Souza Holstein, 1.º marquez d'este titulo, que falleceu a 30 de setembro de 1878, e era filho do 1.º duque de Palmella) e a sr.ª viscondessa de Mossamedes.

Deixou mais um filho, que é o sr. Luiz de Mello Breyner, director do jardim botanico da Ajuda.

O 2.º conde do Sobral, era irmão do actual marquez de Ficalho e do conde de Mafra.

SOBRAL — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan.

Esta freguezia já fica descripta sob a denominação de *Cazégas*, por que tambem se chama *Sobral de Cazégas*.

SOBRAL — freguezia, Beira Baixa, concelho e 12 kilometros ao NO. de Oleiros, comarca da Certan, 105 do Crato, 204 ao SE. de Lisboa.

Orago, S. João Baptista. É do grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello-Branco.

Sobral era uma aldeia da freguezia d'Alvaro, e foi creada esta freguezia independente, por provisão de 9 de julho de 1803. A egreja matriz foi construida em 1806.

Tem 16 povoações, que são — Casalinho, Córga-Céga, Delvira, Faval, Leiria de Cima, Leiria do Meio, Pecilgal, Pelauzins, Póvoa do Sabugal, Róda de Baixo, Róda de Cima, Sabugal, Seixo, Sobral de Baixo, Sobral de Cima, Valle da Carreira — todas com 108 fogos.

É terra pobre, produzindo apenas milho, castanhas, algum azeite, e poucos mais generos agricolas.

SOBRAL — freguezia, Beira Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Combadão, 20 kilometros ao S. de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 59.

Orago, Nossa Senhora das Bôas Novas.

Bispado e districto de Viseu.

O abbade de Papizios apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

O Sobral, era uma aldeia da freguezia de Papizios (e por isso, ainda alguns lhe dão o nome de *Sobral de Papizios*) e foi erecta em freguezia independente, em 1695, pelo cabido, em *Sede vacante*, pela morte do bispo D. Ricardo Russel, que já no seu tempo tinha decretado esta desmembração; mas só em 1697, sendo já bispo D. Jeronymo Soares, é que se mudou o Santissimo para uma ermida que já existia, da invocação de Nossa Senhora das Boas Novas, objecto de grande devoção dos povos d'estes logares. Depois, a antiga ermida se converteu em capella-

mór, accrescentando-se-lhe o corpo da egreja.

A imagem da padroeira, é de pedra, com um metro de altura, e bem esculpida. Faz-se-lhe a festa principal, no dia 21 de novembro, dia da sua apresentação no templo.

Segundo a tradição, foi a ermida fundada pelos annos de 1600, sendo seus fundadores, uns padres jesuitas, naturaes da aldeia do Sobral.

SOBRAL (casa do) — Aqui nasceu D. frei Leonardo, 4.º e ultimo bispo de Pinhel. Era frade varatojano. Vide *Varzea*, freguezia do concelho d'Arouca.

SOBRAL — freguezia, Extremadura, no patriarchado, tem por orago, o Espirito Santo. O parocho é cura, da apresentação do povo, confirmado pelo prior da freguezia de S. Martinho, de Lisboa. Rende 50$000 réis. Dista de Lisboa quatro leguas, tem 101 *moradores*.

Copiei litteralmente o que achei no *Portugal Sacro*, tomo 2.º, pag. 226; mas esta freguezia já não existe.

SOBRAL — freguezia, Beira Alta, concelho de Mórtágua, comarca de Santa Comba-Dão, 40 kilometros de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 236.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 450$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil.

SOBRAL — aldeia, Alemtejo, termo, freguezia e concelho de Vianna do Alemtejo.

A principal companhia mineira de Portugal, depois da de S. Domingos, é a *Companhia de mineração transtagana*. O seu capital, é de 300 contos de réis, divididos em 6:000 acções de 50$000 réis cada uma.

Foi fundada em 1863, e nos primeiros tres annos, gastou mais de 50 contos de réis em pesquizas, nos sitios de Portel, e Monte do Trigo.

Em 1867, principiou a lavra junto a esta povoação de Sobral, dando os mais auspiciosos resultados, pela grande quantidade e boa qualidade do minerio de cobre que se extrahia.

Já aqui tem casas para as differentes officinas, armazens, escriptorio, habitação de capatazes, 25 alojamentos para operarios, casas para habitação do engenheiro, e aposentadoria para a direcção, quando alli vae examinar os trabalhos.

O serviço da extração e esgôto, é feito por quatro *malacates*.

O estabelecimento de lavagem, já tem uma locomovel, de Banseme, Simes, e Head, para as funcções do motor geral; depois de 1869, vieram da Allemanha, aparelhos de Sivers e companhia, Kalk, Colonia.

A mina do Sobral, produz annualmente, termo medio, 140 toneladas, que dão 54$000 réis cada uma, havendo classe de pyrite de cobre, que dá 90$000 réis, e *cascaras*, que dão 45 libras sterlinas por tonelada.

A direcção technica das minas de Sobral, foi entregue ao engenheiro portuguez, Neves Cabral, que tem risidido n'este logar.

SOBRAL DA ABILHEIRA — freguesia, Extremadura, comarca e concelho de Mafra (foi do extincto concelho da Azueira, comarca de Torres-Vedras) 35 kilometros ao N.E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 139.

Orago, Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Pedro de Torres-Vedras, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho e 60$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Na aldeia do Codeçal, d'esta freguezia, ha a ermida de Nossa Senhora da Piedade, á qual se faz uma grande festa, no dia destinado pelos mordomos.

SOBRAL DA ADIÇA — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 20 kilometros ao N.E. de Moura, 73 ao O. d'Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 124.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O bispo apresentava o cura, que tinha 195 alqueires de trigo, e 60 de cevada.

O nome antigo d'esta freguezia, é *Adiça*, e sob esta denominação está descripta a pag. 26, col. 1ª do 1.º vol.; porém o nome official, é *Sobral da Adiça*. No 1.º volume, disse por mal informado, que era no bispado e districto administrativo de Portalegre, quando é no de Beja.

Foi do arcebispado d Evora.

É terra fertil.

O sobrenome d'esta freguezia, deve-o a uma grande mina d'ouro, que houve na serra, e da qual ainda hoje existem evidentes provas, nas suas galerias subterraneas. É provavel que os primeiros exploradores d'esta mina fossem phenicios, depois os romanos, e, por fim, os árabes. Não consta ter aqui havido trabalhos de mineração desde o tempo dos godos.

É importante vêr *Adiça*, serra, e *Almada*.

SOBRAL DA EGREJA-NOVA — Vide *Egreja Nova do Sobral*.

SOBRAL DA LAGOA — freguezia, Extremadura, concelho d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 70 kilometros ao N.O. de Lisboa, 191 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

É no patriarchado, districto administrativo de Leiria.

É parochia de creação moderna, como vamos ver.[1]

Corria o anno de 1583: appareceu na villa de Obidos um homem desconhecido, e que, pelo seu trato fino, indicava ser pessoa de sciencia, e respeito; vivendo algum tempo na referida villa se alongou em passeio até ao elevado monte então denominado, *matta do Sobreiral*, pela aproximação da grande lagôa de Obidos, offerecendo uma soberba vista para o mar. Este sitio mereceu tanto a attenção d'aquelle desconhecido, que depois se assignava Domingos dos Santos Ferreira Neto, que mandou alli construir uma pequena casa para sua habitação, e mais tarde mandou edificar outra com maiores accommodações, que foi habitada tambem por uma outra familia desconhecida, que pela amizade com o primeiro habitador mostrava pertencer lhe. Mandaram, em seguida, arrotear parte das mattas que cultivaram para terras de pão e arvores de fructos.

Em 1617 já se contava n'aquelle local um logarejo de 23 fogos, pertencendo á freguezia de Nossa Senhora do Monte do Carmo, *extra muros* da villa de Obidos; pelo seu zelo religioso, mandaram n'esta epocha construir uma capella com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, com um altar privilegiado, e posto que a sua fabrica fosse pobre, podia pelo seu tamanho accommodar quasi 300 pessoas.

Em 1621, ordenou-se o primeiro padre filho d'alli, José Bravo de Serveira; em 1627, o segundo, o padre Ignacio da Horta; estes, por sua morte, legaram seus bens para suffragar as almas do Purgatorio. De 1627 a 1779, já contava aquella povoação 83 fogos, tendo ordenado mais 8 ecclesiasticos filhos d'alli: padre José Luiz, padre Manuel Luiz, padre José Gomes, dr. em theologia, padre Custodio dos Santos Lopes, padre Antonio do Rego, beneficiado, e frei Luiz Gomes Conde, vedor-mór do reino. N'esta data, este religioso povo, vendo o augmento da população, e levado pelos sentimentos religiosos em que tanto timbrava, mandou construir um templo, grande e decente, com a invocação do martyr S. Sebastião, para o qual muito concorreram com avultadas esmollas os frades do Varatojo, alcançando logo terem na sua egreja o Santissimo e dois jubileus no anno, um no segundo domingo de maio, em que se faz uma das mais lindas festas do concelho de Obidos; tem altar privilegiado duas vezes na semana.

Em 1837 este religioso povo alcançou ser desanexado da freguezia de S. João Baptista de Obidos e elevado á cathegoria de freguezia, contando já então 106 fogos, e na actualidade, pela riqueza do seu solo, conta 191. A sua irmandade do Santissimo conta acima de 300 irmãos, a de Nossa Senhora do Rosario conta mais de 200, contando mais ecclesiasticos seus filhos, padre Joaquim Gomes Conde, Antonio Clemente do Rego, Caetano Martinho Henriques e o actual parocho o

[1] Ao sr. Miguel Pereira Prata, da aldeia da Amoreira, d'esta freguezia, devo as informações que se seguem, datadas de 30 de março, d'este anno de 1881.

ex.mo sr. Joaquim Jeronymo de Horta, dignissimo vigario da vara de Obidos, e desembargador da relação e curia patriarchal. Tendo honrado outros dos seus filhos, como Nicolau Maria Salvo, tenente-coronel de engenharia, Manuel Antonio de Horta, major de cavallaria, João Carlos Gonsaga, e José Carlos Marques, cantores da patriarchal, muito queridos d'el-rei, pelas boas vozes; fizeram grandes presentes para a sua egreja, entre outros uma casula tecida a ouro e matiz no valor de 400$000 réis.

É este religioso povo muito dedicado ás cousas da Egreja, pois desde remotos tempos todos os dias ao anoitecer faz terço na egreja, e aos domingos de tarde, antes do terço, ha visita dos altares e via-sacra.

Em todos os dias da quaresma, além do terço quotidiano, sahe já de noite da antiga capella, um terço cantado por homens, percorrendo as ruas, levando uma cruz alçada, recolhendo a mesma, onde termina depois de devotas rezas e ensino de doutrina ás creanças, aproveitando-se tambem os adultos.

Faz-se alli tambem o mez de Maria com a maior pompa e decencia como talvez em poucas partes; pois o seu templo é muito alegre e tem uma nova armação de damasco, feita de esmolas do povo. Merece louvor o seu digno sachristão, o sr. Joaquim Ignacio, que muito se esmera no aceio, decencia e bom gosto, com que prepara a egreja nos dias solemnes e a torna deslumbrante.

—

A 13 de fevereiro de 1881, o reverendo parocho mandou vir um rico quadro do Sagrado Coração de Jesus e a 20 do mesmo, se formou ao pé do arco cruzeiro um altar portatil, elevando-se um throno ricamente decorado e illuminado, onde foi collocado o rico quadro, procedendo s. ex.ª á sua benção solemne.

Durante a commovente ceremonia, tocava no côro o orgão, acompanhando as ex.mas manas de s. ex.ª e a ex.ma sr.ª D. Maria do Patrocinio e o ill.mo sr. Marques e outros, cantando apropriados hymnos, em honra do Sagrado Coração de Jesus. O templo estava cheio de fieis, em seguida s. ex.ª deu o Sagrado Coração a beijar, o que todos gostosamente fizeram, por terem entre si tão precioso penhor. Já está destinado formar-se um novo altar, onde será collocado o lindo quadro.

Honra pois ao digno parocho e seus antecessores, que tem sabido conduzir este abençoado rebanho pelo verdadeiro caminho da virtude e caridade christan, mostrando-se incansavel no zeloso cumprimento dos seus deveres, não faltando com as suas praticas, tão cheias de unção, á missa conventual, que prende sem enjoar a attenção dos seus ouvintes, explicando sempre no fim da missa a doutrina ás creanças e outras muitas cousas a que gostosamente se dedica, a bem da sua egreja e do seu povo, que seria longo ennumerar; permitta-me s. ex.ª que diga, sem por isso desejar offender a sua proverbial modestia, que se muitos parochos tomassem o exemplo de tão digno pastor e esclarecido vigario, as cousas da Egreja marchariam mais na vanguarda do bem, e os povos confiados á sua guarda, não seriam tão facilmente estramalhados do seu rebanho.

—

Em fevereiro de 1879 foi annexada a esta freguezia, a do Vau, do mesmo concelho, *por esta não possuir elementos de administração parochial.*

Vide *Lagôa d'Obidos*, e *Senhora do Bom-Successo.*

SOBRAL DO CAMPO — freguezia, Beira Baixa, concelho de S. Vicente da Beira. 70 kilometros da Guarda, 215 ao E. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado, districto administrativo, e comarca de Castello-Branco.

Foi do bispado da Guarda.

O vigario de S. Vicente da Beira, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre.

SOBRAL DA SERRA — freguezia, Beira Baixa, 9 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 172.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado, districto administrativo, comarca, e concelho da Guarda.

Os religiosos de S. Jeronymo, do mosteiro de S. Marcos, extramuros de Coimbra, apresentavam o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

É terra pobre. Cria muito gado caprino e lanigero, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda. Ha tambem algum mel e cêra.

SOBRAL DO MONTE AGRAÇO — villa, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho da Arruda, 35 kilometros ao N.E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Era um antiquissimo concelho, pertencente á comarca d'Alemquer.

Foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

Tinha 850 fogos.

O seu antigo nome era *Monte-Agraço*, e é este que lhe dá o seu foral, concedido pelo rei D. Manoel, em Evora, aos 20 de outubro de 1519. (*L.º de Foraes Novos da Extremadura*, fl. 245, col. 1.ª)

Era o centro das famosas *Linhas de Lisboa*, em 1810. Tinha no seu districto (que era o 2.º) 11 reductos, com 54 peças de artilheria e 3 obuzes. Está tudo desmantelado. Vide Torres-Vedras.

No dia 28 de junho de 1875, se inaugurou a nova estrada, que d'Alemquer se dirige a esta villa, principiando á ponte da Espiçandeira, de Méca, passando por Asedia, Carneiros, Aldeia-Gavinha, e outros pontos importantes.

É terra fertil, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça.

A 1:500 metros ao N. d'esta villa está a famosa ermida de *Nossa Senhora dos Milagres, da Fonte Santa.*

Vide *Ribaldeira.*

Sobral, é tambem um appellido nobre d'este reino, dado pelo rei D. José I, a Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, com o senhorio da villa de Sobral de Monte Agraço, e o fôro de fidalgo (pelos serviços que lhe fez no conselho da fazenda, e como thesoureiro do real erario) por alvará de 30 de outubro de 1776, assignado pela rainha e registado no livro dos alvarás, da secretaria de estado; dándo-lhe por brazão d'armas, as mesmas que já tinha dado a seu irmão, José Francisco da Cruz Alagôa.

SOBRAL PICHORRO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algodres, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 106 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santa Maria, d'Algodres, apresentava o cura, que tinha 6$500 de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre, apenas produz castanhas, batatas, alguns cereaes, e do mais pouco.

SOBRÃO — Vide *Meixomil.*

SOBRE-TAMEGA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes, 50 kilometros ao N.E. do Porto, 350 ao N. Lisboa, 200 fogos.

Orago, Santa Maria (*Santa Maria de Sobretamega.*)

Bispado e districto administrativo do Porto.

É n'esta freguezia a antiquissima villa de Canavezes.

Para evitarmos repetições, vide o 1.º *Canavezes*, no 2.º vol., pag. 79, col. 2.ª — Vide tambem 5.º vol., pag. 62, col. 2.ª

SOBREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 24 kilometros ao N.E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 246 (incluindo a actual freguezia de Recarei, que tem 230 fogos. Vê-se pois, se ainda estivessem unidas, teriam hoje 550 — isto é — o duplo da população.)

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O deão da Sé, do Porto, apresentava o

reitor, que tinha 150$000 réis de renda annual.[1]

A actual freguezia de Recarei, no mesmo concelho, formava parte d'esta freguezia, e d'ella foi desmembrada, pará formar freguezia independente, em 1856.

A 4.ª estação do caminho de ferro do Douro, tem, erradamente, a denominação de *estação de Recarei*, quando devia ser *de Sobreira*, pois está em terreno d'esta freguezia.

Ha n'esta freguezia, a ermida de Santa Comba.

—

Segundo a tradição, e varios historiadores, quando o bispo do Porto, D. Nonego (vide 7.º vol., pag. 281, col. 2.ª e seguintes) pelos fins do seculo x, se occupava em fazer crua guerra aos mouros, acamparam os cavalleiros gallegos e peões livres, em um logar que porisso se ficou chamando, *Salvador de Gallegos*. (Vide n'este vol., pag. 19, col. 1.ª)

Pela mesma occasião, o referido D. Nonego, occupou-se em construir a fortaleza de Vandome, na serra de Baltar, acampando o resto das suas tropas por differentes terras, a que deram o nome.

Os gascões, fizeram o seu arraial a que deram o nome de Gasconha (hoje Casconha) sobranceiro á margem direita do Douro, em frente da povoação de Carvoeiro da freguezia de Canedo, no concelho da Feira, que fica na margem esquerda.

Esta povoação da Gasconha (ou Gascunha) é hoje uma aldeia da freguezia de Sobreira.

Um filho de D. Moninho Viegas (irmão do bispo do Porto, D. Sisnando Viegas)[2] por nome Egas Moniz, avô de outro Egas Moniz, o famoso *aio* de D. Affonso Henriques (vide *Paço de Sousa*) assentou o seu acampamento n'esta freguezia de Sobreira, com os seus soldados, que eram francos (francezes) e ainda aqui ha uma propriedade chamada *quinta dos Francos*, que foi dos monges benedictinos, de Paço de Sousa, doação que lhe fez D. Egas Moniz — neto do outro de egual nome — e que hoje é dos srs. Ferreiras Pintos Bastos, do Porto.

—

Foi natural d'esta freguezia, Seraphim da Costa Moreira, residente no Brasil, que no seu testamento deixou quatro contos de réis, para reparos da egreja matriz da sua naturalidade. Com esta quantia e com esmolas dos fieis, se construiu uma nova e bôa egreja, que é a actual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

Faz grande negocio com o Porto, pelo rio Douro, que a limita pelo sul; e este mesmo rio, e o mar — que lhe fica a 20 kilometros de distancia — fornecem a freguezia de excellente peixe, de varias qualidades.

SOBREIRA — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Murça, comarca d'Alijó, 130 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 26.

Orago, S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido de Guimarães e o commendador de Poiares, apresentavam alternativamente o cura annual, que tinha 6$600 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pouco fertil e muito pobre.

Poucos cereaes produz, e do mais ainda menos.

Cria algum gado miudo, e nos seus montes ha bastante caça.

SOBREIRA FORMOSA — villa, Beira Baixa, concelho de Proença Nova, comarca da Certan, 105 kilometros da Guarda, 190 ao E. de Lisboa, 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 344.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O mestre escola e o thesoureiro-mór da

[1] Isto diz o *Portugal Sacro e Profano*, que costuma (não sei porque, nem para que) diminuir muito o rendimento de todos os parochos; mas no *Catalogo dos Bispos do Porto* (pag. 420, col. 1.ª) se affirma que o rendimento do reitor da Sobreira, é de 400$000 réis.

[2] Vide no 7.º vol., pag. 281, col.ª, e a nota 2.ª da mesma columna.

Sé, apresentavam simultaneamente o vigario, que tinha de rendimento annual — 30 alqueires de trigo, 14 almudes de vinho cru, 41 arrateis de cêra, 7 alqueires d'azeite e 35$600 réis em dinheiro. Alem d'isto, tinha o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Constança Sanches,[1] filha bastarda de D. Sancho I, lhe deu foral, em fevereiro de 1222. (*Maço 8 de foraes antigos*, n.º 17.)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 18 v., col. 1.ª)

Fica esta villa 18 kilometros ao O. de Sarzedas e eram senhores donatarios de Sobreira Formosa, os condes de Sarzedas. (Vide no artigo *Sarzedas*, o §, *Condado de Sarzedas*.)

Esta parte da Beira-Baixa é uma vasta charneca; porém, no meio d'ella estão as povoações de Sobreira-Formosa, S. Simão, Amendoa, Cardigos e Proença Nova, que formam como que um oasis n'aquelle ingrato deserto.

Sobreira-Formosa é uma villa muito bonita, e, posto se não encontre aqui nenhum vestigio da sua antiguidade, nem porisso deixa de ser uma povoação muito agradavel.

O seu termo é muito fertil em todos os fructos do nosso paiz, e produz grande abundancia de optimo azeite. Nos seus montados ha muita caça, grossa e miuda.

Junto á villa, passa um ribeiro do seu nome, que quasi sempre sécca no verão.

SOBREIRO — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e 2 kilometros de Mafra, na estrada da Ericeira.

Ha aqui a ermida de Santo Antonio, ao qual se faz uma explendida festa, no primeiro domingo depois do dia 13 de junho; mas, quando o dia 13 *cáe* ao domingo, a festa é no proprio dia do santo.

É a maior povoação da freguezia, e os seus numerosos habitantes, vivem, na sua maxima parte, do producto da lenha e do barro. Ha aqui muitos pinhaes, e fabrica-se muita louça ordinaria, que se exporta em grande quantidade.

N'esta aldeia, não ha mendigos, nem pessoa alguma d'ella costuma emigrar.

SOBREIRO — (serra) — Vide *Cabeço de Sobreiro*.

SOBREIRO DE BAIXO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 80 kilometros de Miranda, 500 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 41.

Orago, S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Ainda que de clima excessivo, é terra fertil.

Cria muito gado, de toda a qualidade, e ha muita caça grossa e miuda.

Para evitarmos repetições, vide *Castro*, aldeia, no 2.º vol., pag. 200, col. 2.ª

SOBREPOSTA—freguezia, Minho, no concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 6 kilometros de Braga.

Orago, Santa Maria.

Tem 110 fogos.

Em 1768, tinha 91.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento annual.

Fertil, gado, caça, cêra e mel.

SABROSA — Vide *Trapa* (Santa Cruz da).

SABROSA — freguezia, Douro, concelho e comarca de Paredes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Penafiel) 30 kilometros a N.E. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação muito antiga, foi villa, e cabeça de concelho.

[1] O padre Carvalho, diz que foi seu irmão, Gil Sanches, filho tambem bastardo de D. Sancho I, e data o foral de 1213. Franklin (que é mais digno de credito) diz o que se lê no texto.

D. Sancho I lhe deu foral, no 1.º de maio de 1196. D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando e ampliando o antigo, em Lisboa, a 5 de julho de 1273. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 123, col. 2.ª)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Evora, a 15 de outubro de 1519. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 122 v, col. 2.ª) — Este foral serve tambem parra *Carvalhosa, Figueiró, Freamunde, Gondezende, Ires, Meixomil, Sanfins de Ferreira, Sanjoaneiras*, e *Souzella*.

Nos foraes se lhe dá o nome de *Soverosa*.

Fertil gado e caça.

SOCCORRO — grande propriedade, Extremadura, freguezia de Camarrate, concelho dos Olivaes.

Eis a historia d'esta propriedade.

Entre os grandes e rendosos senhorios e riquissimas fazendas que D. João I deu ao seu condestavel, D. Nuno Allvares Pereira, em premio dos relevantissimos serviços que este fidelissimo e valorosissimo portuguez obrou em defeza da nossa patria, lhe deu tambem a quinta do Soccôrro, em Camarate, *para que a possuisse em sua vida, e que, depois da sua morte a podesse deixar a quem quizesse, ainda que fosse a alguma egreja ou convento, sem embargo das leis e ordenações em contrario.*

Para evitarmos repetições, vide *Camarate*, no paragrapho que se referee ao mosteiro, que foi construido n'esta quinta.

SOCCORRO (Senhor do) — famoso santuario, Minho, proximo á villa de Ponte do Lima.

Costuma fazer-se a sua festa no primeiro domingo de julho, e o juiz d'ella é sempre uma pessoa da familia dos condes de Bretiandos, o que é causa de ser sempre uma festa explendida e concorridissima.

Com o producto das esmolas dos fieis, se teem feito aqui grandes e sumptuosas obras, que se vão desenvolvendo á medida que se vão recebendo donativos para custear as suas despezas, de maneira que em poucos annos se tornará de tanta magnificencia como o sanctuario do Bom Jesus do Monte, em Braga.

SOEIMA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi da extincta comarca e concelho de Chacim) 150 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, S. Pelagio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Sambade apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil. Gado e caça, grossa e miuda.

SOEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 90 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

Terra muito fria e pouco fertil.

Gado e caça.

—

Soeira, é palavra árabe: significa cousa bem edificada e pintada. (Frei João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica*.)

No antigo portuguez, porém — significa, uso, costume, etc. — deriva-se do latim *soleo-es*, e do portuguez *sóe, sohia*, etc.

Em algumas partes, *soeira*, era uma cabaça de vinho e um pão de trigo, ou fogaça. Estas soeiras, acompanhavam sempre o fôro de leitões ou carneiros, e cada um d'estes, tinha a sua respectiva soeira.

SOEIRO — No 2.º vol., a pag. 229 do *Portugal Sacro e Profano*, se lê — Soeira, freguezia no bispado da Guarda, tem por orago, S. Martinho, o parocho é reitor, da apresentação da mitra, rende 50$000 réis. Dista de Lisboa, 48 leguas, e da Guarda 11. Tem 81 visinhos.»

Frei João de Sousa (*Vestigios da lingua arabica*) na definição da palavra *Soeira*, diz tambem que no bispado da Guarda ha uma freguezia chamada *Soeira*.

Em nenhum livro moderno encontro esta

freguezia. Ou foi supprimida, ou tem hoje outro nome.

SOENGAS — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso. Vide *Caniçada e Soengas.*

Ha em Portugal tantos logares, sitios e propriedades com o nome de *Soenga* e *Soengas*, que isto me induz a acreditar, que soenga é palavra do antigo portuguez, cuja significação hoje se ignora. Virá de *Soedade*, substantivo obsoleto, que significa *solidão, êrmo, deserto?*

SOFRAGAYA — portuguez antigo — Egreja dependente, annexa. Hoje diz-se — *suffraganea.*

SOIDOS, ou **SOYDOS** — grande propriedade, Douro, na freguezia e concelho da Mealhada.

Foi marquezado, e é actualmente representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Antonio Luiz Pereira Coutinho, que não tem querido acceitar o titulo do governo liberal.

SOIEIRA e **SOJEIRA** — portuguez antigo — Officio, lavor, trabalho, occupação do caçador de coelhos.

Antigamente, o que fazia modo de vida da caça de coelhos, precisava ter um grande numero de utencilios para exercer o seu mister; taes como rêdes, fios, laços, armadilhas, cães, furões, carcazes, dardos, reclamos, apitos, etc. — e a tudo isto se dava o nome de *apeiro*, como quem diz — *trem de caça.*

As grandes brenhas e vastos mattagaes que havia em Portugal, no principio da nossa monarchia — principalmente em Traz-os-Montes e nas duas Beiras, davam occasião a que muitos homens vivessem de colher mel e cêra, e de matar coelhos; porisso se lhes dava o nome de *melleiros* e de *coelheiros.*

Posto que o mel, a cêra e a caça, se vendessem então por pouco dinheiro, os melleiros e coelheiros, ganhavam o bastante para occorrerem ás suas necessidades; porque, nos foraes antigos, vemos muitas pensões de cêra, mel, coelhos e pelles d'estes.

Era principalmente de noite, que os coelheiros faziam as suas caçadas, que eram *de espera* (e é a isto que se dava o nome de *soieira.*)

Os que faziam a sua exclusiva occupação na caça de coelhos, pagavam um pequeno fôro ao senhor da terra.

Em 1111, o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral á villa de Soure, e n'elle se lê — «De montaria non dent ulla Condaría ad Alcaide, neque de caro, neque de pelle, neque de melle vel cêra.»

No foral que D. Affonso Henriques deu á cidade de Lisboa, em 1179, se lê — «Conilarius, qui fuerit ad *sojeiram*, et illuc manserit, det follem unum conilii.»

Vide *Villa Franca de Xira*, e *Villa-Rei.*

SOLAIRO — portuguez antigo — sallario.

SOLAR — portuguez antigo — ainda usado — *Solar grande*, ou *Solar conhecido*, é casa onde teve origem alguma familia nobre. Tambem se dava o nome de solar, a uma quinta, fazenda, granja, casal, herdade; e até ao territorio, concelho, couto, etc.

SOLARENGO — portuguez antigo — ainda usado — o que vive no solar de outro, como caseiro, colono, lavrador, serviçal, etc.

SOLHAS — portuguez antigo — armadura defensiva, especie de cóta, guarnecida com laminas (*escamas*) de aço ou ferro, do feitio do peixe chamado sôlha.

SOLAROSO ou **SOLAZ** — portuguez antigo — o que favorece e ajuda o seu proximo; o que se empenha em lhe dar consolação e allivio. Vem do latino *solor* ou *solator.*

SOLDADA — portuguez antigo — uma porção de soldos (moeda) como quem diz — *dinheirada.*

SOLDO — portuguez antigo — certa moeda, tão antiga, que já existia e tinha curso no tempo dos romanos.

Ainda existe na França com o nome de *sou*, e vale 8 réis da nossa moeda. Um *franco*, tem 20 *sous.*

SOLIA — portuguez antigo — Certo panno, ou droga, de que, nos seculos 13.º e 14.º, se vestiam as senhoras portuguezas da alta aristocracia.

SOLIDÃO — logar, Beira Alta, freguezia

de Ferreirim, concelho de Cernancelhe, comarca de Moimenta da Beira.

A uns 3 kilometros da villa de Fonte-Arcada, está uma formosa planicie, chamada *Valle d'Agua*, e perto d'ella está ermida de *Nossa Senhora da Solidão*, em um sitio solitario. É templo muito antigo, e não se sabe quando nem por quem foi fundado.

Pelos annos de 1650, o padre Francisco da Silva, conego da Sé de Tanger, e outros clerigos de bôa vida, fundaram junto á ermida, um oratorio (hospicio) da congregação de S. Philippe Nery, restaurando o antigo templosinho. Por fallecimento do padre Francisco, e por o sitio ser pouco saudavel, foi abandonado pelos outros padres.

Tomou conta da ermida, o capitão-mór Matheus Correia de Seixas, de Ferreirim, que, em quanto viveu, cuidou do aceio e reparos da capella, e lhe nomeou um eremitão.

N'esta ermida, ha uma reliquia de S. Lourenço, que da Africa trouxe o mesmo padre Francisco.

A Solidão, fica a 30 kilometros da cidade de Lamego.

SOLLIS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Mertola) 120 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 183.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Beja. Foi do arcebispado d'Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil.

Suppõe-se ser natural d'esta freguezia, o infeliz Simão Pires de Sollis, que injustamente accusado de perpetrar o desacato da egreja de Santa Engracia, de Lisboa, a 15 de janeiro de 1630, foi queimado vivo, logo a 13 de fevereiro.

Vide 4.º vol., pag. 112, col. 2.ª, anno 1630.

SOLORGIÃO — portuguez antigo — cirurgião.

SOLTEIRAMENTE — portuguez antigo — livre, ligeiro, sem empecilho, carga ou peso.

SOLVEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 8 kilometros a E. de Montalegre, 80 ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa.

Tem 100 fogos.

Orago, Santa Eufemia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

Desde 1841 até 1853, foi do concelho de Ervedêdo (hoje supprimido) comarca de Chaves.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*, porque foi creada em 1796 (vigariaria, collada) desmembrando-se da freguezia de S. Miguel de Villar de Perdizes.

A egreja matriz foi construida no mesmo anno de 1796.

A aldeia da Solveira, pertencia á *honra* de Villar de Perdizes, e era *casal cerrado*. Pagava, junctamente com Santo André, réis 10$560.

Está situada na margem direita de uma das origens do rio Tâmega, em terreno levemente accidentado. Produz centeio, batatas, castanhas, linho, hortaliça, algum milho, muita pêra e mais alguma fructa.

Cria bastante gado caprino e vacum, de boa qualidade.

Segundo a tradição, a Solveira e outras povoações d'estes sitios, foram saqueadas e incendiadas pelos gallegos, em 1643, em represalia dos damnos que D. João de Souza, general do Minho, lhes causou em 40 povoações do valle de Salles.

Corre por esta freguezia uma estrada do antigo systema, que de Montalegre se dirige a Chaves, pela raia da Galliza.

SOMBRA — praia do mar, Extremadura, junto á *Foz do Arêlho*, 18 kilometros ao N. de Peniche.

SONIM — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle-Paços (foi do extincto concelho de Monforte do Rio Livre, comarca de Chaves) 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Fica perto da raia da Galliza.

Terra fertil, gado e caça.

SOPO ou SOPPO — freguezia, Minho, concelho e 4 kilometros ao S.E. de Villa Nova da Cerveira, comarca e 18 kilometros ao O. de Vallença do Minho, 54 kilometros ao N.O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 223.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna, d'onde dista 33 kilometros, ao N.O.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Foram donatarios d'esta freguezia os marquezes de Villa-Real, e por fim o primeiro (e unico) duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa-Real. Em 1641, o arcebispo de Braga, o inquisidor geral, o marquez de Villa Real, seu filho duque de Caminha, o conde d'Armamar, D. Agostinho Manoel de Vasconcellos e outros, projectam assassinar o rei D. João IV, e entregar nos a Philippe IV e aos castelhanos. Descoberta a conspiração, foram todos presos. O arcebispo de Braga, morreu na prisão (vide Palmella) o inquisidor geral, depois de estar preso muitos annos, foi perdoado: todos os mais morreram degolados por traidores ao rei e á patria, na praça do Rocio de Lisboa, no dia 29 de agosto de 1641.

Tinham sido presos a 28 de julho.

Os bens d'estes traidores, foram sequestrados, e com elles se instituiu a casa do infantado, a favor do infante D. Pedro, filho 3.º de D. João IV, e que depois foi D. Pedro II.[1] Assim passou o senhorio de Sôpo a ser apanagio da casa do infantado.

Apezar de uma grande parte dos individuos d'esta freguezia serem pedreiros e trolhas, é uma terra bastante rica pela sua fertilidade.

Cria muito gado bovino, tem bastante caça e o rio Minho (que lhe fica 3 kilometros ao N.) e o mar (que lhe fica 14 kilometros ao O.) a fornecem de optimo peixe.

Em tempos antigos, foram padroeiros d'esta egreja, os Soeiros que não eram fidalgos. Dous irmãos d'esta familia, tiveram uma grande rixa, ficando um assassinado: o que sobreviveu, para se livrar do crime de fratricidio, deu o padroado da egreja ao marquez de Villa-Real, que o cedeu a seu filho, o duque de Caminha.

Foi esta freguezia povoada por familias de Lanhellas, e de Reborêda, e era uma aldeia da freguezia de Lanhellas, onde os de Sôpo vinham á missa.

Pelos annos de 1720, como a egreja de Lanhellas lhes ficasse muito longe, requereram ao arcebispo para se constituirem em parochia independente, o que lhes foi concedido.

Construiram logo uma egreja para matriz. A torre dos sinos, foi feita em 1735, e o frontespicio da egreja, em 1769.

—

No portuguez antigo, escrevia-se *Çôpo*, que significa *coxo*. Talvez que algum coxo fosse o primeiro habitante d'esta terra.

Vide n'este vol., pag. 84, col. 2.ª

—

O dialeto do povo d'esta freguezia, como de muitas outras da margem esquerda do Minho, é mais gallego do que portuguez. Os proprios padres — que foram quasi todos alumnos do seminario dioceno, de Tuy (que lhes fica proximo) fallam gallego.

—

Julgo digno de nota o seguinte:

Pelos annos de 1810, nasceu em Sôpo, João Antonio da Rocha Pereira, que, na edade de 10 ou 11 annos, sendo moço de trôlha, foi para o Brasil, onde residiu uns 20 annos, regressando a Portugal com uma *fortuna* avaliada em mais de 600 contos de réis, apezar de ser quasi analphabeto!

Transformou a humilde casita em que nasceu — que era no meio de uns rochedos — em um explendido palacio, com seus jardins, pomares, quinta, etc. Para isto, comprou aos visinhos, a peso d'ouro, suas casas e hortas.

[1] O filho primogenito de D. João IV, foi o principe D. Theodozio que morreu solteiro e sem filhos, a 15 de maio de 1653 pelo que succedeu depois na corôa, D. Affonso, 6.º do nome, irmão de D. Theodosio e de D. Pedro II.

Comprou, por 16 contos de réis, uma quinta sobre a margem esquerda do Minho, em um sitio delicioso.

Tinha sido dos jesuitas e passou a pertencer á universidade, depois de 1759.

Gastou em melhoramentos e embellezamentos, mais de 20 contos de réis.

Proximo e ao O. d'esta quinta, existe o forte da Vereia, que tambem comprou e aformoseou.

Morreu solteiro, em junho de 1879, deixando quanto tinha a dous filhos... incestuosos!

A freguezia de Sôpo, é situada em um monte, mas abundante de aguas, e por isso muito fertil. Tem muitos moinhos e trez azenhas, a que servem de motor as aguas do rio Coura, que passa pela extremidade da freguezia.

A egreja matriz é das melhores d'estes sitios, está conservada com o maior aceio, tem magnificos altares de talha dourada, e é magestosa pela sua muita altura.

Ha na freguezia duas capellas publicas — o Senhor da Agonia, e S. João Baptista.

SOPO ou SOPPO — aldeia, Extremadura, na freguezia e concelho d'Alemquer.

Com os medonhos temporaes do inverno de 1876 para 1877, houve varios desabamentos de terra, e um d'elles destruiu e arrazou completamente esta aldeia, no dia 7 de janeiro de 1877. Os seus aterrados habitantes, poderam salvar-se a tempo, fugindo para a villa.

Não houve desgraças pessoaes.

A mesma etymologia do 1.º Sôpo.

SOR—rio, Alemtejo, na comarca da Fronteira Nasce em Toloza, concelho de Niza, e morre na direita do Zetas, com 60 kilometros de curso.

Passa a E. da villa de *Ponte de Sor*, e é aqui atravessado por uma grande ponte, de construcção romana. Esta ponte e este rio, deram o nome á villa.

O caminho de ferro de Leste, tambem aqui atravessa este rio por uma magestosa ponte, de pedra e ferro, que é das obras mais importantes d'esta via accelerada.

Em alguns livros dá-se a este rio o nome de *Sôro*. Os romanos lhe chamavam *Subur*.

Diz-se que os phenicios lhe pozeram o nome de *Sour*, em memoria da sua cidade de Tyro. Vide 6.º vol., pag. 152, na palavra *Tyro*.

—

Na Hespanha tambem ha o rio *Sôr*, confluente do Douro.

Na vertente E. da serra de Grêdos (Hespanha) a 11 kilometros da pequena cidade de *Boboyo*, existem as monumentaes ruinas de um vastissimo mosteiro de religiosos franciscanos, e os restos de um castello proximo ás ruinas [1]

Logo abaixo d'estas ruinas, ha um extenso pantano, que, no tempo em que os frades habitavam o mosteiro, foi por elles cercado de um sólido paredão, transformando-o em bonita, grande e piscosa lagôa, que foi, em 1809, destruida pelas tropas hespanholas, para inundarem o acampamento dos francezes, e nunca mais se reedificou, tornando-se um insalubre marnel. É n'elle que o rio *Sôr* (castelhano) tem a sua origem.

Este rio, pouco a baixo do marnel, lança-se no Tormes, e este, depois de um curso de 240 kilometros, e de ter passado pela cidade de Salamanca e outras povoações, desagúa no Douro.

O seu nome, como o de Sôr portuguez, foi-lhe imposto pelos phenicios, que lhe chamaram *Sour*, nome que se conserva com pouca corrupção. [2]

SOROIA — Esta freguezia já fica descripta na columna 1.ª de pag. 171 d'este volume, sob o nome de *Serôa*, que é o actual. Digo alli que não vem no *Portugal Sacro e Pro-*

[1] Os frades, achando este sitio pouco saudavel, pediram a Carlos III, que lhe mandasse fazer novo mosteiro no alto da serra, o que o rei lhes concedeu. O antigo mosteiro foi abandonado, mas os frades vinham, nos primeiros tempos, celebrar as missas do Natal, na velha egreja gothica.

Os povos das immediações teem destruido o mosteiro, para empregarem os seus materiaes na construcção de cabanas e paredes. Lá como cá...

[2] Os castelhanos, e os portuguezes do sul do reino, não pronunciam *ou* — dizem *ô* — ouro, *ôro* — mouro, *môro* — pelouro, *pelôro* — touro, *tôro* — couto, *côto*, etc.) assim, facilmente de *Sour* fizeram *Sôr*

fano, porque a não achei com o seu ultimo nome. Alli, dá-se-lhe o de *Sorôia*.

O reitor de S. Martinho de Frazão, apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Em 1768, tinha 102 fogos.

É terra fertil.

SORO-PIRES — Vide *Souro-Pires*.

SORRAIA — rio, Alemtejo. — Nasce proximo a Lamarosa, e entra na esquerda do Tejo, acima de Salvaterra de Magos.

No dia 1.º de novembro de 1875, se inaugurou a bella ponte do Sorraia, em frente de Benavente. Assistiu a camara d'esta villa (de Benavente) administrador do concelho e varios cavalheiros, além de grande concurso de povo. Houve muitos foguetes e tocou a philarmonica da terra.

SORREIÇOM — portuguez antigo — subrepção. Acção de procurar, ou querer obter qualquer cousa com narrações ou exposições falsas. (É dos seculos XIV e XV.)

SORTÊLHA—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros do Sabugal, 24 da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 211.

Orago, Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação antiquissima.

D. Sancho II lhe deu foral sem data. (O padre Carvalho, diz que foi em 1238.) *Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 39 v. col. 2.ª — e na Gaveta 15, maço 3.º, n.º 7.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510 (*Livro de foraes novos da Beira*. fl. 5 v., col. 2.ª)

Serve tambem para *Fatella* e *Santo Antonio*.

Foi cabeça de concelho do seu nome. com 1:300 fogos. Foi supprimido depois de 1834.

A villa, está situada sobre um alto penhasco, e perto da origem do rio Côa.

Foram seus alcaides-móres, os barões de Quintella, depois, condes de Farrôbo. (Vide a 1.ª *Quintella*.)

—

Sortêlha, é corrupção de *sortija*, palavra castelhana, que significa annel. Nós tambem antigamente diziamos *Sortêlla*.

Deu-se lhe este nome, porque as suas armas, são um castello com um annel. Antigamente, era uma meia lua.

O 1.º conde de Sortelha, foi D. Luiz da Silveira, casado com D Brites Coutinho, filha de D. Fernando Coutinho, marechal do reino [1]

A posição d'esta villa, que é forte por natureza, o foi tambem por arte, cercada de muros, com um fortissimo castello. Hoje está tudo desmantelado.

Estando abandonada, D Sancho I a mandou povoar, em 1187, reedificando as fortalezas, que eram obra dos mouros (e talvez dos romanos.)

No reinado de D. Manoel I, era alcaide-môr e senhor de Sortêlha, Manoel Sardinha. Succedeu-lhe Pedro Zuzarte, e a este, seu filho, Garcia Zuzarte, que, com licença de D. João 3.º, vendeu este senhorio, em 1522, a D. Luiz da Silveira, ao qual o mesmo soberano fez conde de Sortelha. O rei D. Sebastião, reformou este titulo em Diogo da Silveira, filho do 1.º conde; e Philippe III, a D. Luiz da Silveira. Por casamento de D. Branca da Silveira, com seu tio, D. Gregorio de Castello-Branco, conde de Villa Nova de Portimão, se uniram os dous condados.

O 1.º conde de Sortêlha, era tambem alcaide mór d'Alemquer, e guarda-mór de D. João III.

—

Foi filho do 1.º conde de Sortêlha e de sua mulher, o padre Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesus. Foi o ultimo dos dez filhos que teve a condessa, morrendo d'este parto.

Foi para a India, e pediu a missão da Ethiopia, onde converteu grande numero de infieis, soffrendo porisso intoleraveis fomes, sêdes e calmas, além dos continuos perigos de vida.

[1] D. Luiz da Silveira, era guarda-mór do rei D. Manoel, do seu conselho e veador-mór das obras, terços, residuos, hospitaes e capellas, d'estes reinos e senhorios.

Converteu e baptizou o imperador de Monomotapa, e sua mãe; mas, apostatando este monarcha, mandou tirar-lhe a vida, no dia 16 de março de 1561, com 36 annos de edade e 18 de religião.

O territorio d'esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e ha abundancia de caça.

SORTES—freguezia. Traz os Montes, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e proximo de Bragança, 45 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 49.

Orago, S. Mamede.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Tem annexa, a freguezia de *Paço de Sortes*, que era um curato da freguezia de Sortes, por ter sido d'ella desmembrada em tempos antigos.

É terra fertil.

SORVAL — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 3 kilometros a O. de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 65 kilometros de Viseu, 330 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 39.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro, da cidade de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado miudo e caça.

O sanctuario de Nossa Senhora das Fontes

É dos mais notaveis de Portugal e o primeiro da provincia. Está situado sobre a antiga estrada militar d'Almeida a Lamego, um kilometro a E. da freguezia de Santa Eufemia, mas na freguezia do Sorval.

Quando a actual freguezia de Santa Eufemia, d'este concelho, era um curato, annexo á parochia de Souropires, era matriz d'aquella, a antiquissima ermida de Nossa Senhora das Fontes.

Creada Santa Eufemia parochia independente, construiu egreja propria, e a ermida ficou nos limites da freguezia do Sorval.

O terreno onde está construido este sanctuario, e os mais em circumferencia, eram dos monges bernardos de Salzêdas, e os emprazaram aos *fidalgos de Santa Eufemia*, hoje representados pelos Albuquerques, de Viseu, e Carvalhos, de Moncorvo.

Foram os taes fidalgos de Santa Eufemia, que construiram o magestoso palacete que está no centro da aldeia do Sorval.

Segundo a tradição, o primeiro assento da aldeia do Sorval foi em redor do Sanctuario. Este foi antigamente administrado por aquelles fidalgos, alguns dos quaes, n'elle foram sepultados: hoje é considerado como propriedade dos eremitães que residem aqui, e que cuidam do seu aceio e conservação, não só com rendas proprias, mas, e principalmente, com as esmolas dos fieis; porque os eremitães andam dispersos esmolando, desde Foz-Côa e Trancoso, até á Barca d'Alva e Sabugal.

—

Seguindo a velha estrada militar de Lamego para Almeida, e passando a povoação de Santa Eufemia, se encontra a um kilometro de distancia, uma grande cruz de pedra, em seguida uma aléa de cedros na extensão de cem metros approximadamente, e no topo d'esta aléa o sanctuario e eremiterio de Nossa Senhora das Fontes, em sitio deserto, mas pittoresco. Exceptuando alguns cedros gigantes, tudo alli é humilde, tanto o templo, como as capellas lateraes, as fontes, as casas de habitação e hospedagem, e officinas annexas, a cerca, o jardim, etc.; mas tudo aquillo parece um mundo á parte, tudo nos prende e encanta, tudo insensivelmente nos transporta aos primeiros seculos, os seculos dourados do Christianismo,—julgamo-nos n'essas estancias dos sancto-monges d'outr'ora, de que nos fallam as chronicas—; o tempo alli corre leve e suas

ve, e ao despedirmo-nos aperta-nos logo a saudade o desejo de repetir a visita.

Entra-se por um portão singello para um largo um pouco ingreme, d'este sobe-se para outro menos espaçoso, e d'este para um terceiro, todos arborisados por cedros e outras arvores d'ornato, sendo alguns cedros já de grande porte; e em seguida a estes trez largos ha um pequeno jardim. No terceiro largo subindo, á esquerda, está a capella de Nossa Senhora das Fontes, e contiguas ficam as casas para vivenda dos ermitães e hospedagem dos romeiros, visitantes e transeuntes, pois é este eremiterio albergaria e hospedaria franca para ricos e pobres, que necessitem de descançar e mesmo de pernoutar. A todos offerecem os ermitães comida, e muitos pobres e transeuntes a acceitam. E logo no primeiro largo, entrando á esquerda, ha lojas e manjadouras espaçosas, onde commoda e francamente recebem bois e cavalgaduras, o que em semelhantes paragens, e em uma estrada de tanto movimento, é de grande utilidade e commodidade para o publico, e é este tambem um dos motivos porque os ermitães são tão sympathicos aos povos, e em toda a parte encontram agazalho e protecção.

O templo de Nossa Senhora é no gosto da egreja do extincto convento da Serra do Pilar, no Porto, mas de muito menores dimensões. O corpo da capellinha é exagono interiormente, e exteriormente circular. Na capella-mór está a imagem de Nossa Senhora das Fontes, imagem das mais perfeitas que temos visto, em um throno de obra de talha dourada e pintada; e no mesmo throno mais quatro imagens de boa esculptura, representando as do lado direito Nossa Senhora das Dôres, e Sant'Anna, e as do lado esquerdo S. José e S. João Baptista; e decoram ainda todo o throno grande numero de reliquias.

Vê-se no corpo da capella, debaixo do pulpito, um custoso presepio; o côro é elegante e bem pintado, e na face inferior tem a seguinte inscripção:

«*Esta capella de Nossa Senhora das Fontes, foi feita de tudo com esmolas dos bemfeitores, e se deu finda no anno de 1777. pelo grande zelo e diligencia do irmão Manoel de S. José, Irmitão actual d'esta mesma capella desde o anno de 1740 até o presente de 1777.*

«*Pede-se um Padre Nosso e uma Ave Maria pelo amor de Deus.*»

No centro do corpo da capella ha um bom lustre de vidro, e na capella-mór seis mais pequenos.

O tecto do corpo principal é bem pintado a oleo com varios emblemas religiosos, tendo no centro a imagem de Nossa Senhora da Assumpção, e as seis faces, correspondentes ás seis das paredes, representam a de sobre o arco da abertura para a capella-mór — o nascimento de S. João Baptista, e as outras S. Francisco de Paula—a Coroação de Nossa Senhora — S. Jeronymo — S. Francisco de Assis — e um penitente.

Na sacristia, que é soalhada de cortiça, vimos bastantes paramentos, muito decentes, as imagens do Senhor da Boa Morte, do Senhor Ecce Homo e de Nossa Senhora do Carmo, e uma pequena cruz de madeira sobre peanha de jaspe com a inscripção — Africa, parecendo querer dizer que foi donativo vindo da Africa.

Tem mais duas cruzes de madeira sobre um pedestal de mato petrificado. Vimos tambem uma cruz de madeira, obra curiosa e de muito merecimento artistico, em uma das capellas lateraes. É de salgueiro, formada de peças pequenas eguaes sem cola nem prégos, mas combinadas de modo tão engenhoso, que se não comprehende, formando um todo muito symetrico e elegante. Foi feita por um pastor do Jarmello, que a deu para o sanctuario, e que custuma vir aos grandes arraiaes de Nossa Senhora das Fontes com muitas das taes cruzinhas, que vende pela bagatella de 500 réis cada uma.

Obtivemos por este preço uma que conservamos, e que já puderamos ter vendido por 4$500 réis. — Tão engenhosa é, que tendo-a mostrado a artistas de merecimento nenhum até hoje se atreveu a desmanchal-a sem a quebrar, nem descobrir o segredo da construcção. E são feitas com uma navalha por um rude pastor!

Outra cruz muito notavel vimos n'este

sanctuario, no topo da frente da capella de Nossa Senhora.

É de granito, toda cercada de rendilhados vasados, no gosto da cruz que se nota em Vizeu sobre o portão de um pateo juncto á entrada da grande avenida dos paços de Fontello; e já vimos outras duas no mesmo estylo, uma na egreja matriz da freguezia de Sendim, concelho de Taboaço, e outra na frente do sanctuario dos Sanctos Martyres, em Paredes da Beira, no bispado de Lamego; mas na nossa humilde opinião, a do sanctuario de Nossa Senhora das Fontes é muito superior, e não nos recordamos de ter visto em Portugal uma cruz de granito de tanto merecimento.

A velha capellinha de Nossa Senhora das Fontes era muito humilde e singella, e estava no mesmo largo em que hoje se vê a nova capella, quasi em frente d'esta, onde se vê uma cruz de pedra, posta alli para memoria do local que a velha capella occupou.

No segundo terreiro ha duas capellinhas com seus altares, uma com a invocação de Santa Maria Magdalena (a do lado direito, subindo) e outra em frente d'esta com a invocação de S. Francisco das Chagas, cuja imagem é bastante regular, e foi feita por um pastor das proximidades de Vizeu, hoje esculptor de merecimento.

Ha na capella de Santa Maria Magdalena uma reliquia com a qual costumam benzer as pessoas e animaes mordidos por cães hydrophobos, não havendo memoria de caso algum de hydrophobia perigosa, em animal ou individuo assim benzido. E teem grande devoção com a imagem de S. Francisco das Chagas, os devotos que padecem sesões, costumando offertar-lhe sal, mais de quarenta alqueires, alguns annos.

Juncto á capella de Nossa Senhora, estão as casas de habitação, muito irregulares e de fórmas mesquinhas, mas com trez salas, sendo a melhor destinada para os romeiros e visitantes, e 10 quartos, dos quaes o mais proximo da capella se denomina *o quarto do Bispo*, quarto egualmente singello e humilde, mas assim denominado por costumar dormir n'elle o bispo de Pinhel D. Bernardo Beltrão, que sympathisava muito com este sanctuario e aqui passava muito tempo. Era descendente dos primitivos padroeiros —os fidalgos de Santa Eufemia—e preferia a humilde cella dos bons ermitães á grandiosidade do seu palacete que estava a um kilometro de distancia.

Na rectaguarda da capella de Nossa Senhora, ha uma pequena cêrca, e contigua a esta outra mais espaçosa, divididas pela estrada militar d'Almeida a Lamego, mas ligadas por uma communicação subterranea de abobada. Esta cerca tem uma boa eira e um bom campo, ramadas, vinha baixa, muitas arvores fructiferas, agua de bica e um que, e uma carreira em seguida ao tanque, atravessando quasi a meio toda a cêrca, e terminando em um nicho com uma tosca imagem, tudo coberto por uma especie de caramanchão formado de cedros; e esta carreira é guarnecida quasi exclusivamente por duas aléas de pereiras e cerdeiras.

No portão do adro da capella de Nossa Senhora, ou do terreiro superior se lê a data 1790; no alto de uma porta que dá para o largo inferior 1800; nas capellas do segundo largo vê-se a data 1809; e em um chafariz que ha no primeiro largo se vê a data 1825, e nas portas das cercas 1828.

É costume sepultarem-se os ermitães administradores d'este sanctuario, na capella de Nossa Senhora, e tambem já alli se sepultou um criado d'elles, mas no adro; junto á porta principal.

Duas são as funcções principaes que se fazem n'este sanctuario, uma em maio, quinta feira da Ascenção, e outra no dia 8 de setembro; e constam estas funcções de sermão, missa solemne, fogo solto e preso na vespera, e grande arraial e feira nos dous dias, sendo verdadeiramente extraordinario o numero de romeiros que concorrem das comarcas de Foscôa, Meda, Trancoso, Pinhel, Guarda, Almeida, Sabugal, Figueira de Castello Rodrigo e mesmo de maiores distancias, como de Traz-os-Montes e d'além da raia. Costumam os ermitães por essa occasião dar aos romeiros estampas e medalhas com a effigie de Nossa Senhora das Fontes, e orçam por 600 as medalhas que assim distribuem annualmente.

É este sanctuario alvo de grande devoção, e se as ordens religiosas não fossem extinctas no nosso paiz, ha muito estaria transformado em um convento regular, como tentaram, já nos principios d'este seculo, os religiosos reformados da Provincia da Conceição, o que se deduz claramente de um documento que em publica forma existe no archivo d'este sanctuario. É uma carta régia d'el rei D. João VI, cujo theor é o seguinte :

«D. João por graça de Deus Rei do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarve d'aquem e d'além mar em Africa Senhor de Guiné, etc.

«Mando a vós corregedor da comarca de Pinhel que examinando-se o terreno em que se acha erecta a ermida de Nossa Senhora das Fontes, limite do logar do Sorval, termo da cidade de Pinhel, e se as casas e cerca a ella annexas são proprias dos Irmãos Domingos de S. José e de S Paulo, que se diz ahi habitarem, ou se lhes foram doadas e por quem e se resultará utilidade áquelle districto erigir-se n'elle hospicio em que habitem religiosos reformados da Provincia da Conceição, que auxilhem os parochos circumvisinhos nos ministerios do confissionario, predica e assistencia aos moribundos, ou se d'essa creação poderá resultar algun inconveniente, e qual ; e me informareis do que acharDes a esse respeito, remettendo-me por copia, pela minha junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das Ordens regulares ; os titulos que houverem sobre a propriedade d'esses terrenos, e a licença do senhorio directo, no caso de serem foreiros. Cumpri-o assim, etc. Lisboa 9 de março de 1805.»

—

O irmão Domingos de S. José, eremitão d'este Sanctuario, fez um inventario, de todos os bens e alfaias pertencentes á Senhora, e, em 7 de fevereiro de 1833, o mandou ao governador da diocese de Pinhel, M. Farinha Beirão, com a seguinte carta :

«Ill.mo e Rev.mo sr. governador.

«Se V. S.ª não tivesse dado a conhecer em todas as occasiões um zelo e uma paixão tão particular por esta ermida de Nossa Senhora das Fontes, e pela conservação e augmento do culto da Mãe de Deus em este logar, não me atreveria eu agora a incommodar a V. S.ª rogando-lhe o obsequio de permittir-me licença de depositar nas mãos de V. S.ª afim de a guardar, até que *necessaria seja*, a cópia que esta acompanha, do inventario de todas as alfaias e bens pertencentes a esta ermida, o qual fiz, ha pouco tempo, por me persuadir *poderá ainda algum dia vir-lhe a ser util* e *necessario (?)*

«Bem quizera eu ir pessoalmente fazer esta entrega a V. S.ª, mas os meus longos dias, cobertos de enfermidades, me inhibem de tanto prazer e honra, restando-me apenas um coração summamente agradecido a V. S.ª por tantos beneficios, que só podem ser remunerados por Deus Nosso Senhor, a quem me não esqueço de rogar conserve por muitos e dilatados annos a tão preciosa vida de V. S.ª para amparo nosso e da Santa Religião.

Sou de V. S.ª
servo inutil e humilde criado
Domingos de S. José.

«7 de fevereiro de 1833.»

Revela esta carta bastante cultura, e confirma o que sempre se disse, e ainda hoje pessoas que o conheceram repetem, — que o irmão Domingos pertencia a uma familia importante, e fôra esmeradamente educado, posto que nunca revelou o seu nascimento a ninguem.

Confirma tambem esta carta a opinião de sanctidade em que foi tido. Como que prophetisou o que aconteceu passados annos, pois que em 1834 as auctoridades de Pinhel, interpretando a seu modo o decreto que extinguiu as ordens religiosas, vieram a este sanctuario e confiscaram tudo !... Tão auctorisado porém, e tão respeitado por todos era o veneravel irmão Domingos, e tanto pediu, rogou, instou e clamou, que tudo, absolutamente tudo quanto levaram do seu querido sanctuario, lhe foi por ordem superior restituido !...

Porto e Miragaya, 2 de septembro de 1876.

O Abbade, *Pedro A. Ferreira.*

—

Peço perdão ao meu esclarecido collaborador e velho amigo, o sr. dr. Ferreira, por os cortes que me vi obrigado a fazer no seu bello artigo; mas fui obrigado a isso, por circumstancias imperiosas.

SOSANO — portuguez antigo — desembaraço, resolução, etc.

SOSPEITA — portuguez antigo — surpreza. Ainda se usa nas provincias do norte.— *De suspeita*, de surpresa, de sobresalto.

SOSQUINAR-SE — portuguez antigo — inclinar-se a favor d'alguem.

SOTO — portuguez antigo — debaixo — «*O que todo* n'esta guisa le mandava em pena de seu peccado, *e* soto *sua bençam.*» (Fundação da egreja de S. Miguel de Lobrigos, de 1191. Documento da Torre do Tombo.)

SOTTAM — Vão entre o telhado e o ultimo andar, com janellas. Especie de agua furtada. É corrupção do arabe *sotubo*.

SOURE — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 18 kilometros ao N.O. do Pombal, 35 ao N.O. de Leiria, 12 ao S.O. de Condeixa, 24 ao S.O. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 1:500 fogos.

Em 1768, tinha 1:125.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis e o pé d'altar.

Era commenda da ordem do Templo até 1311, e, desde 1319, da ordem de Christo.

O concelho de Soure, é composto de 9 freguezias, todas no bispado de Coimbra, são — Brunhos, Degracias, Figueiró do Campo, Gésteira, Pombalinho, Samuel, Soure, Villa Nova d'Anços, e Vinha da Rainha. Todas com 3:800 fogos.

Ainda ha poucos annos tinha 14 freguezias; porém — a freguezia d'Alfarellos e Granja do Ulmeiro, passaram, por carta de lei, de 2 de julho de 1879, para o concelho de Monte-Mór-Velho — Alvorge, passou em 1855, para o concelho de Ancião — Rabaçal, passou para o concelho de Penella — e o Zambujal, para o de Condeixa-Nova.

—

A comarca de Soure é composta sómente do seu concelho.

—

É comarca de 2.ª classe, do districto judicial da relação do Porto.

Situada sobre uma collina, banhada pelos rios *Anços* (ou Danços) que vem da Redinha, e *Orãos* e *Carbuncos*, que vem do Pombal, e todos trez unidos, desagúam na esquerda do Mondego, que fica 15 kilometros ao S. da villa, 18 a E. do mar, e 24 a O.N.O. da Figueira da Foz.

É povoação antiquissima, e o seu primeiro nome foi *Saurium*. O conde D. Henrique, achando-a abandonada, a mandou povoar em 1111, concedendo grandes privilegios aos seus povoadores, no foral que lhes deu em junho d'esse anno, e que D. Affonso II confirmou, em Santarem, em dezembro de 1217, e D. Affonso IV, em Coimbra, no 1.º de agosto de 1347.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 65 v., col. 1.ª)

—

Quando, em 1037, D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, tomou Coimbra aos mouros, o miramolim de Marrocos, que vinha ajudar os defensores da cidade, vendo que ella estava perdida, teve de retirar para *Gib-al-Tarik* (Gibraltar) e d'alli passar á Africa.

Na sua retirada, saqueou, arrazou e incendiou todas as povoações portuguezas por onde passava. Soure foi uma das primeiras onde os mouros sevaram o seu odio, e a raiva de não poderem salvar a sua formosa Coimbra, e a villa ficou reduzida a um montão de ruinas.

Parece que o povo a reedificou, porque, em 1118, Ali Ben-Tesim, commandante de uma horda de mouros africanos a tornou a destruir. (Alexandre Herculano, diz que foi em 1116, depois de arrazarem o famoso castello de Santa-Eulalia, de que fallei em Monte-Mór-Velho, pag. 513, col. 1.ª, do 5.º volume.)

Em 1125 a povoou de novo, a rainha D. Thereza, mãe do nosso primeiro rei, quando já estava viuva do conde D. Henrique, que tinha fallecido em 1112.

Consta que foi esta senhora que mandou reconstruir o castello, dando-o ao famoso capitão, Gonçalo Gonçalves; mas, pouco tempo depois (em 15 de março de 1128) annullou esta doação, e deu o castello aos templarios; o que D. Affonso Henriques confirmou, em 1129.

D. Thereza, deu então aos templarios, não só o castello e a povoação de Soure e seu termo, como tambem todas as terras que estão entre Coimbra e Leiria, e que n'esse tempo estavam abandonadas, mas ainda em poder dos mouros. As principaes povoações d'esta doação, eram — Soure, Éga, Pombal, e Redinha.

Perdeu-se o instrumento original d'esta doação, mas existem ás bullas de confirmação d'ella, dos papas Honorio III, Celestino IV, Alexandre IV, e Urbano IV.

Em 1144, os mouros tornaram a tomar esta villa, levando captivos para Santarem, todos os seus moradores que poderam haver ás mãos, incluindo os cavalleiros do Templo que a defendiam, e o vigario, padre Martinho, do qual adiante trato.

Todos foram resgatados em 8 de maio de 1147, quando D. Affonso I, tomou Santarem aos mouros, menos o padre Martinho, que foi morrer a Córdova.

—

Em 1807, foi aqui achada uma ára romana, que está na bibliotheca publica de Lisboa. Tem esta inscripção.

B. M. F. R.
VASECO
MARINIANV
SANIN
OLIBE
S. PONO
M. E. R.
MA. IIII.

Não sei o que quer dizer.

—

Ainda existem as ruinas do castello d'esta villa, cuja fundação attribuem uns, aos celtiberos; outros, aos romanos; e outros, a D. Affonso III (o Magno) de Castella e Leão, em 1037, mas julga-se mais provavel que o castello primittivo seja obra dos romanos, e que as ruinas que hoje se veem, sejam os restos do castello dos templarios.

Diz-se que os primeiros christãos que povoaram esta villa, eram naturaes de *Saurum*, na Galliza, e que deram á povoação, o nome da sua patria. Seria.

—

O sr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, nos seus *Apontamentos á cêrca da villa de Soure*, diz que, junto á villa, no sitio da *quinta da Magdalena*, houve outr'ora uma povoação romana, construida pelos *herminios* (da serra da Estrella) alliados dos romanos. Suppõe-se que esta povoação fosse destruida pelos barbaros do norte, ou pelos romanos.[1]

—

Confina este concelho — pelo S. com o do Pombal — pelo S.O., com o extincto do Louriçal, hoje tambem do Pombal — pelo O., com o extincto de Verride, hoje concelho de Monte-Mór-Velho — pelo N.E., com o de Monte-Mór-Velho — pelo N., com o extincto de Santo Varão, hoje Monte Mór-Velho — e pelo E., com o de Condeixa Nova.

—

O supprimido concelho de Villa Nova de Anços, está hoje unido a este de Soure.

—

A industria agricola d'este concelho (e não tem outra) consiste principalmente na cul-

[1] Diz-se tambem que Saurium era uma povoação importante, no tempo dos romanos, que a cercaram de muralhas e lhe construiram uma soberba torre. Outros dizem que a torre foi obra dos celtiberos. Dos muros não ha vestigios, e da torre apenas restam os alicerces. Os mouros não deixaram pedra sobre pedra, de modo que D. Affonso Henriques, teve de fundar uma nova povoação, no sitio da antiga, reconstruindo-lhe as fortificações, das quaes apenas existem tenues vestigios.

tura de trigo, milho, vinho e azeite; derivando a sua principal fertilidade, dos campos banhados pelo rio Soure, e cahem perpendicularmente sobre os de Coimbra, e o rio desagúa no Mondego.

O rio Soure, é formado pelos ribeiros, de Anços (ou Arunce) que nasce junto á povoação do seu nome e proximo á villa, se junta ao de Carbuncas, que nasce perto da villa do Pombal, e traz já comsigo, a ribeira de Alitem (ou Litem) e a do Orão, que nasce na quinta d'este nome, atravessa parte da villa de Soure, e se junta aos outros, perto da ponte romana da mesma villa. É navegavel até perto de Soure, abastecendo-a de peixe, e facilitando-lhe o commercio com Monte-Mór-Velho e mais povoações da margem do Mondego, com a Figueira da Foz e o mar.

Se houvesse mais attenção com as cousas verdadeiramente importantes d'esta terra, a navegação do rio Soure podia, sem grandes difficuldades, subir ainda alem da villa, pelo Anços, até Palião, e pelo Carbuncas, até á villa do Pombal.

Condes de Soure

Esta casa tem por tronco D. João da Costa, 3.º filho de D. Gil Eannes da Costa, que teve varios filhos, entre outros — D. Alvaro da Costa, que continuou a baronia e casa de seu pae — D. Antonio da Costa, cuja herdeira, D. Marianna de Castro da Costa, casou com D. João Mascarenhas, senhor do morgado da Palma. — O 3.º foi D. João da Costa, fidalgo da corte de D. João III, e companheiro de seu neto, o rei D. Sebastião, e que ficou captivo, na batalha d'Alcacer-Kibir.

O primogenito, D. Alvaro da Costa, foi armeiro-mór e camareiro-mór do rei D. Manoel, embaixador em Castella, e valido d'este monarcha.

Continuaram successivamente, de pae a filho, D. Gil Eannes da Costa, D. João da Costa, outro D. Gil Eannes da Costa, que foi pae de D. João da Costa, primeiro conde de Soure.

Antes da separação d'estes trez ramos, havia já tomado D. Alvaro da Costa, primeiro filho de Martim Rodrignes de Lemos, o appellido de *Costa*, por parte de sua mãe; de sorte que a baronia d'esta casa, é a mesma dos Lemos, senhores da Trófa, esta hoje representada pelo sr. Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, (Vide *Santos*) e Gaspar Maria de Castro e Lemos Magalhães e Menezes, da casa do Côvo, junto a Oliveira d'Azemeis. Esta casa, ainda hoje possue a da Trófa e Eiról, que herdou de seus maiores.

Tratemos agora do primeiro conde de Soure.

D. João IV, fez conde de Soure, em 15 de outubro de 1652, a D. João da Costa, que, como fica dito, era filho de D. Gil Eannes da Costa.

D. João da Costa, primeiro conde de Soure, foi um dos 40 fidalgos que acclamaram D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640. Foi conselheiro de guerra d'este monarcha, general de artilheria, mestre de campo-general, da provincia do Alemtejo e governador das armas da mesma provincia; embaixador de D. Affonso VI, á côrte de França, em 1659, presidente do conselho ultramarino, e gentil-homem da camara do infante D. Pedro, depois rei, segundo de nome. Foi tambem commendador de Soure e Castro-Marim.

Foi filho do 1.º conde de Soure, D. Gil Eannes da Costa, 2.º conde do mesmo titulo, commendador de Beselga, Soure e Castro-Marim, e vereador do senado de Lisboa, no tempo em que este cargo andava em pessoas de primeira nobreza.

Seguiu-se seu filho, D. João José da Costa e Sousa, 3.º conde de Soure, general de batalha, na guerra que terminou com a paz de Utrecht, celebrada em 1713. Falleceu em Denia (Valencia — Hespanha) em 1706, antes do fim da guera.

Este 3.º conde de Soure, estava de posse da casa de Henrique de Carvalho, e do mór-

gado de Patalim, e outras rendas. Era provedor das obras do paço, por sua mulher D. Luiza Francisca de Távora, filha e herdeira do dito Henrique de Carvalho.

D'este matrimonio, nasceu D. Henrique José Francisco Joaquim Lamberto da Costa Souza Carvalho Patalim, capitão de cavallos, na provincia do Alemtejo, e 4.º conde de Soure. Casou duas vezes, a primeira, com D. Thereza Ignacia de Moscoso, filha de Vasco Fernandes Cesar, depois. conde de Subugosa, da qual não teve filhos — a segunda, com D. Antonia de Rohan, filha do 2.º conde da Ribeira, dos quaes nasceu D. João da Costa, 4.º conde de Soure.

—

Quando o 1.º conde de Soure, esteve por nosso embaixador em França, conseguiu trazer para o nosso exercito muitos officiaes e soldados francezes, e o famoso general, conde Frederico de Schomberg, que tantos e tão relevantes serviços prestou a Portugal, nos ultimos nove annos da guerra da acclamação.

Teve o 1.º conde de Soure, por seu secretario de embaixada, o sabio Duarte Ribeiro de Macedo, que muito o auxiliou nos seus trabalhos, em França.

Regressando D João da Costa a Lisboa, soffreu bastante com as discordias entre D. Affonso VI e seu irmão, o infante D. Pedro, depois 2.º do nome. O conde de Castello-Melhor, valido do rei, o desterrou para a villa de Loulé, no Algarve, sendo-lhe levantado o desterro, em 1664; mas, chegando a Lisboa, falleceu logo a 23 de janeiro d'esse mesmo anno, com 57 annos de edade, pois havia nascido em 1607.

Foi D. João de Souza um dos fidalgos mais importantes e benemeritos do seu tempo. Comprou, á custa do seu proprio sangue, a liberdade da patria, na famosa batalha e victoria do Montijo (26 de maio de 1644) pois foi um dos maiores heroes portuguezes d'esse dia glorioso.

D. João IV fiava tanto do valor, prudencia e fidelidade do 1.º conde de Soure, que nas ultimas horas da sua vida, lhe encommendou a defeza do reino.

Alem do seu provado valor e reconhecida habilidade em todos os negocios de que o incumbiram, era um fidalgo modesto, lhano, liberal, generoso e compassivo, pelo que foi estimado e respeitado de quantos o conheciam.

—

Foi 5.º conde de Soure, D. João da Costa, que morreu sem filhos.

—

Foi 6.º conde de Soure, D. José Antonio Francisco Balthazar Domingos da Costa, vedor da casa real, provedor das obras do paço, grão-cruz da ordem de S. Bento d'Aviz, tenente-general governador das armas do Alemtejo, e que succedeu a seu irmão, D. João, a 27 de abril de 1796. Tinha nascido em 23 de maio de 1726, e falleceu a 24 de janeiro de 1806. Foi casado com D. Marianna Delfina José de Mello, 5.ª filha dos primeiros marquezes de Sabugosa, nascida a 26 de novembro de 1777 e fallecida a 19 de setembro de 1833.

—

Foi 7.º conde de Soure, D. Henrique José da Costa Carvalho Palatim Souza e Lafetá, par do reino em 1826, vedor da casa real, commendador da ordem de Christo, tenente-coronel de cavallaria, nascido a 6 de dezembro de 1798.

Foram suas irmans, D. Maria Luiza, condessa do Redondo, e D. Maria José (filha natural legitimada) que casou com D Alexandre Macdonald de Lockgary, tenente-generral, e commendador da ordem de S. Thiago.

Este 7.º (e até agora ultimo conde de Soure) foi companheiro fiel e ajudante de campo do sr. D. Miguel I, e convencionado em Evora-Monte, fallecendo pouco depois.

O padre Martinho Arias, prior de Soure

Foi educado no convento de Santa Cruz de Coimbra, e feito presbytero, foi nomeado prior de Soure, e aqui se dedicou a reedificar a egreja matriz, que os mouros haviam destruido.

Em 1144, ficando captivo dos mouros, como vimos no principio d'este artigo, foi

por elles levado a Santarem, depois a Evora, d'ahi a Sevilha e finalmente a Córdova. Em todas estas terras animava os seus companheiros captivos, e n'este emprego falleceu com opinião de santo, no dia 31 de janeiro de 1150.

O bispo de Coimbra, D. Gonçalo, é que tinha escolhido o presbytero Martinho Ariaas, e seu irmão, Mendo Arias, conegos da sua Sé, para a reconstrucção da egreja de Soure, á qual deram por padroeira Santa Maria do Castello; mas depois, quando tornou a ser resgatada pelos christãos, teve por oragco, o apostolo S. Thiago, que ainda é o actual.[1]

Os templarios quando tomaram posse d'esta villa, em 1128, deram logo principio á fundação do seu mosteiro, dentro do castello, que reedificaram e augmentaram. O santo padre Martinho foi o confessor dos cavalleiros do Templo, que muito o respeitavam e lhe obedeciam. Martinho os acompanhava nas entradas que faziam em terras de mouros, e tendo estes cercado a povoação, lhe sahiram os cavalleiros a dar batalha e foi então captivo o santo padre Martinho, muitos templarios e povo da villa.

Sobre a porta principal da egreja matriz, em uma lápide muito antiga, estão gravados uns versos latinos, hoje ilegiveis, que em vulgar dizem:

Esta casa do Senhor, foi reconstruida pelos reverendos, Martinho e seu irmão dilectto, o padre Mendo, a qual (egreja) *foi destruidda pelos ismaelitas, na era de 1176* (1138 de J. C.) *no decimo anno do reinado de D. Affonso, filho do conde D. Henrique.*

Vê-se que ha aqui um anachronismo de seis annos — pois que os mouros destruiram a egreja em 1144, e não em 1138. Talvez isto proceda de êrro de cópia, por estarem as letras, já no principio do seculo XVIII, em parte apagadas.

Ha ainda, junto da antecedente, outra lápide, com uma inscripção latina, cuja traducção é:

«Aqui descança o corpo de Mendo Ariaas, presbytero da egreja, que, depois de seu irmão, o padre Martinho, de bôa memoria, bem administrou por seis annos esta egreja. Sua alma descance em paz. Amen. Morreu a 7 dos idos de novembro da era de 1188.»

(Vem a ser, no dia 28 de outubro de 1150.)

Os que desejarem ler as inscripções de que aqui trato, vejam o 4.º volume do *Sanctuário Marianno*, a pag. 439.

—

É em Soure a 24.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Na noite de 25 para 26 de novembro de 1876, descarregou sobre a quinta de S. Thomé, do sr. Fortunato da Costa Cabral Vasconcellos Coutinho (feito visconde de S. Thomé — d'esta quinta — em 13 de março de 1878) e cuja propriedade é perto de Soure, uma enorme tromba d'agua. A chuva causou prejuizos consideraveis, derrubando muros, e na torrente arrastando para as terras enormes massas de areia e pedras.

Junto da quinta e abaixo da passagem do nivel do caminho de ferro, a cheia destruiu a linha, arrancando o balastro, e deixando os carris no ar. Pelas 10 horas da noite approximou-se o comboyo do Norte, e, embora ao pé do sitio arruinado, haja uma casa de guarda, não se fez signal nenhum para o comboyo parar, nem appareceu rondista nenhum. O comboyo desprevenido arrojou-se ao sitio em que a linha estava destruida e coberta pela cheia.

A machina ficou enterrada, as carruagens na maxima parte feitas pedaços, e os passageiros mais ou menos maltratados, cheios de susto e abandonados. Houve ferimentos de mais ou menos gravidade. O deputado Luiz de Lencastre e a sua familia recolheram-se na casa da quinta de S. Thomé, e alli pediram guia para a estação de Soure. Os feridos foram mais tarde removidos para o hospital de Coimbra.

Os prejuizos para a empreza, foram superiores a 30 contos de réis.

A companhia tem grande culpa do desastre, tanto pelo mau estado da linha como pelo fraco pessoal de guardas e rondistas. Se ella tivesse o pessoal preciso para vigiar

[1] Tambem se dava á padroeira, o titulo de Santa Maria de Finis Terrae.

a linha, não aconteceria este descarrilamento, porque se houvesse guarda na casa proxima ou pelo menos ronda nos sitios perigosos, teria sido facil avisar o comboyo.

O doutor Adolpho Manoel Victorio da Costa

Nasceu este illustre portuguez, na villa de Soure, em 1808, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 17 de maio de 1878, com uma apoplexia fulminante, quando pela manhan fazia a chamada aos seus discipulos. Morreu no seu posto d'honra!

Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, em 1833. Logo depois, foi para o Rio de Janeiro, em 1839, onde no anno seguinte fundou o *collegio Victorio*, que ainda existe, e é um dos mais acreditados da côrte brasileira.

No decurso de 38 annos de existencia, este collegio foi frequentado por *mais de treze mil alumnos*, entrando n'este numero cêrca de 1:500 a quem o digno e generoso director forneceu com o pão do espirito, alimentos e vestuario.

O conselheiro Victorio era um homem verdadeiramente notavel.

Deixa a memoria d'uma existencia, digna, votada ao trabalho e ao cumprimento de todos os deveres sociaes.

Probo, recto, generoso, dedicado, cheio de abnegação e de patriotismo — foi um util instructor da mocidade, um bom chefe de familia e um cidadão que soube merecer o respeito e a sympathia de quantos o conheceram.

Prestou notaveis serviços ás associações portuguezas fundadas n'esta côrte.

Foi presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, presidente honorario da Caixa de Soccorros D. Pedro V, socio benemerito da Sociedade de Beneficencia, e de muitas outras associações litterarias e beneficentes.

O seu funeral, deu a medida das sympathias que soube atrahir, no Brasil.

Muito povo da côrte tomou parte no sahimento, com o fundo respeito que costuma tributar aos cidadãos uteis á humanidade.

O seu cadaver foi conduzido á mão, entre álas de povo, descoberto, até ao largo de S. Francisco de Paula, seguindo d'alli em côche, acompanhado de 200 carros.

Todas as classes da sociedade se achavam representadas n'este acto, não faltando o seu antigo discipulo, o conselheiro Silveira Martins, então ministro da fazenda do imperio.

—

Proximo da villa, tem apparecido grande numero de dendrites, algumas de grande belleza.

—

Vide *Paceiro-mór*, e *Soieira*.

—

O sr. I. de Vilhena Barbosa, não traz o brazão d'armas de Soure; mas é certo que a villa o tem, e muito antigo. Em um livro que possuo, com as armas de todas as cidades e villas de Portugal e seus dominios, se veem as armas d'esta villa assim construidas — Em campo branco, aguia da sua côr, com corôa de rei, tendo no peito as armas de Portugal — á direita, uma esphera armilar, d'ouro (emblema do rei D. Manoel) com uma estrella de prata, de cinco pontas, no cimo — á esquerda, uma cruz de Christo, com um crescente, de prata, por cima, tendo as pontas para baixo. Em volta tem a legenda — AQUILLA REGALIS SIGILUM SAURI.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que o rei D. Manoel lhe deu — ou, pelo menos, reformou estas armas, pois que o seu emblema (a esphera) n'ellas figura — A cruz de Christo, é prova de que esta villa foi dos templarios, dos quaes foram herdeiros os cavalleiros de Christo — o crescente, indica ter sido povoação mourisca, como a aguia significa ter sido romana.

SOURO-PIRES ou **SORO PIRES** — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros ao SO. de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 65 kilometros ao SE. de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, S. Lourenço.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Já se vê que é povoação antiga, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador.

Quasi ao fundo da povoação, e em frente da egreja matriz (que é antiga) existe um edificio que denota grande antiguidade, todo de excellente cantaria, tendo nos dous angulos da frente, duas altas torres, com grandes janellas quadradas, uma em cada um dos seus dous andares. Estas janellas estão cercadas de florões e ornatos, tendo no centro da janella, e para sustentar a verga, uma delgada columna de marmore branco, com bazes e capiteis de marmore preto. No corpo do centro, ha outra janella, em tudo egual. Contigua ao edificio, está a pequena capella da casa.

Pertence isto, ao sr. Mendonça Falcão, residente em Freches, concelho de Trancoso, descendente da nobilissima familia dos Tavoras.

Segundo a tradição, o fundador d'esta casa, foi Soeiro Pires de Távora (do qual a freguezia tomou o nome) que veio do castello dos Cabris, antigo solar dos Tavoras.

Dizem outros, que foi senhor d'esta freguezia e lhe impoz o seu nome, *D. Soeiro Pires Escacha da Silva*, casado com D. Froila Viegas. (Vide 8.º volume, pag. 145, col. 1.ª)

Pelo correr dos annos, veio esta casa a pertencer a Pedro Lourenço de Tavóra, senhor do Minhocal e Mogadouro, ascendente dos marquezes de Távora, que a deu em dote a sua filha, D. Izabel de Távora, para casar com Domingos Annes do Campo, fidalgo hespanhol, senhor de Tañame, dos quaes procede o actual senhor d'esta casa.

Pertence tambem a esta familia, o antigo couto do Ervilhão, 2 kilometros ao S. de Souro-Pires, e que fôra do infante D. Fernando (filho de D. Manoel I) que o herdára de sua mulher, a condessa de Marialva e Loulé, e comprado, no meiado do seculo XVI, por um ascendente do actual possuidor, que o encorporou no vinculo. Este couto, como todos os que ainda restavam, foi extincto em 1820.

É ramo d'esta familia, a dos Mendonças Falcões, de Girabôlhos, no concelho de Cea, e da qual fiz menção no artigo Pinhanços. (Vide *Vella)*

—

Esta freguezia está situada em uma planicie bastante aprazivel, e com bonitas vistas, sendo atravessada pela estrada de Pinhel a Celorico da Beira. O seu territorio, porém, é pouco fertil, produzindo cereaes, muitos prados (lameiros ou ferragiaes) e bastante vinho, mas ordinario.

Ha aqui vastas pedreiras de granito, de bôa qualidade.

Ha tambem n'esta freguezia, a optima casa que foi de José Francisco Manoel da Fonseca, tenente coronel de infanteria, pae do doutor José da Fonseca Abreu Castello-Branco, conego da Sé d'Angra, cavalheiro de vastos talentos, e que tem sido algumas vezes deputado ás côrtes.

SOUSA — rio, Douro. Nasce na Bairrada, passa pela villa de Sóza, e desagua no rio d'Aveiro, junto á Gafanha.

SOUSA — Vide **SOZA**.

SOUSA — rio, Douro. Nasce junto á egreja de Moure, na raiz do monte de Santa Quiteria, entre Pombeiro (de Felgueiras) e Caramôz, e passando por varías terras a que dá o sobrenome, sendo uma d'ellas a cidade de Penafiel (Arrifana do Souza) morre na Foz do Souza, na margem direita do Douro, a 12 kilometros ao E. do Porto, depois de um curso de 50 kilometros.

Vide *Aguiar de Sousa, Arrifana do Sousa*, e principalmente *Foz de Sousa*, e tambem *Paço de Sousa*.

No monte de S. Roque, passando a ponte que está sobre este rio, e junto á planicie da Avellêda (onde o sr. Manoel Pedro Guedes, filho da sr.ª condessa de Pangim, tem uma grande e formosa quinta) está o tumulo de um frade que morreu de peste, no dia 15 de fevereiro de 1579, quando andava accudindo aos empestados. Os povos d'este sitios lhe levantaram um singello monumento, em testemunho de gratidão. A inscripção — hoje ilegivel — gravada sobre a campa, dizia:

COBRE ESTA PEDRA OS OSSOS
DO VENERAVEL PADRE, FREI
MANUEL DA RESSURREIÇÃO,
FRADE DE SÃO FRANCISCO,
QUE MORREU COM RE-
PUTAÇÃO DE SANTO, NO
ANNO DE 1579.

O Sousa passa á ponte de pedra de Cepêda, entre Penafiel e Paredes, e ha aqui uma catarata, e no poço onde cáe a agua, se pescam grandes peixes, de differentes qualidades. Esta ponte fica um kilometro abaixo de Penafiel.

Ha nas margens d'este pequeno rio, e suas immediações, varios *monumentos cyclopicos*.

O *monte do Castello*, é digno de toda a attenção do investigador curioso. Conhece-se evidentemente, que não é natural a penha assim chamada (monte do Castello) mas formada pelo trabalho dos homens. Em seguida, para o lado do norte, estão os montes de Perafita (*Petra fixa*, dos romanos) como contraforte da elevada serra da Lagôa, que parece ser um vulcão extincto As vertentes d'estes montes, descem até aos rios Tâmega e Sousa, e por alli passa a estrada de Guimarães a Entre-os-Rios, ainda em construcção.

Conhece-se que este contraforte, foi separado da serra, pelos lados do norte e do sul, para assim formarem a *penha cyclope*, quebrando grandes penedos, para lhe darem a fórma conica que tem. Terá esta penha, cincoenta e tantos metros de circumferencia e 30 a 40 de alto. Do lado da nascente, ha um despenhadeiro abrupto, de alguns 200 metros, e para o qual rolou certamente a grande quantidade de pedra que cortaram no cimo. Pela parte de baixo, existem tombadas, algumas pedras compridas e toscas, (hoje poucas, porque a maior parte d'ellas foram empregadas em o nobre edificio que se construiu no Reguengo.)

É provavel que estas pedras fossem aqui collocadas ao alto, como as de algumas cidades cyclopes, da Italia.

A penha tem em redondo um circulo irregular, por onde poderá andar um homem, em roda, observando para todos os lados.

Proximo a esta penha, ha um grande penedo, quasi oblongo, equilibrado sobre outro penedo. Uma alavanca, apoiada n'uma pedra que está ao pé, faz mover o penedo superior, não obstante o seu enorme pezo. É um verdadeiro *penedo oscillante*, como ha mais alguns (poucos) ainda hoje em Portugal.

Perto d'ali estão umas pias fundas, cavadas em penedos. São as a que os nossos archeologos chamam *pedras gamellas*.

Estes objectos, devem excitar em alto grau o interesse dos archeologos, em assumpto tão novo no nosso paiz, e importantissimo para os estudos prehistoricos.

A existencia dos pelasgos, aos quaes vulgarmente são attribuidas as construcções cyclopeenses, pelas ilhas e margens do Mediterraneo e pela Italia, é cousa hoje geralmente acreditada; e como os pelasgos eram dados a navegações, não é difficil acreditar que elles invadissem a antiga Lusitania.

Alguns archeologos, chegam mesmo a sustentar que effectivamente a Lusitania foi, em épocas remotissimas, invadida por *um povo de gigantes* (os pelasgos) quando já cá existiam os iberos, os ligures e outros. Aquelles combateram os aborigenes e os venceram.

Outros creem que muito antes dos iberos e dos pelasgos, tinham existido os *cyclopes*, ou *homens das cavernas*, que se suppõe serem os *kuclopes*, de Homero, ou os *troglodytas*, dos archeologos. [1]

—

Os iberos, procedentes da Atlantide, ou da America — ou, com mais probabilidade, da região africana do Atlas (vide 6.º vol., pag. 111) *talvez* estivessem estabelecidos

[1] Nem sempre a mythologia consta de cousas e pessoas que nunca existiram, como geralmente se acredita. Muitas vezes — ou quasi sempre — nos relata factos verdadeiros, no estylo figurado; ou hyeroglifico dos orientaes.

Segundo a fábula, pois—os cyclopes eram filhos de Neptuno e de Amphitrite, isto é — eximios navegadores. Vulcano se servia d'elles para forjar os raios de Jupiter, no monte Etna. Isto quer dizer que os cyclopes eram dados a metalurgia. (Todos sabem que o monte Etna, é o actual Mongibello, ou

pelo O. e S da Europa, alguns seculos antes dos pelasgos.

Sendo assim, estes homens nada teem de commum, com as emigrações orientaes, nem com as invasões indo-europeas, que tiveram logar uns 2:000 annos antes de Jesus Christo — isto é — na *edade da pedra.*

É certo, que por muitas ilhas, e por algumas margens do Mediterraneo, e pela parte mais occidental da Europa, apparecem construcções prehistoricas, a que se dá a denominação de preceltas, e que talvez não sejam mais do que monumentos cyclopicos, distinctos das construcções pelasgianas, e estranhas ás raças indo-européas.

—

Custa-me bastante a acreditar na existencia de cyclopes, ou *homens gigantes*, que ninguem sabe que caminho levaram. Apparecem com frequencia, e em differentes latitudes, fosseis de masthodontes, mamouthes, ictiosauros, megaterios, etc., etc., e ainda não appareceu, até hoje, nenhum cyclope fossil!

Mas, a não podermos acreditar na existencia d'estes homens, como explicaremos a existencia d'essas moles gigantescas, do peso de muitos centenares de toneladas, a que demos o nome de *antas*, e que são vulgarissimos em varios sitios de Portugal, e com uma pasmosa abundancia nos concelhos de Arouca e Paiva? [1] Como foi que essas monstruosidades se elevaram do sólo, na edade de pedra, por uma geração cujo nome e procedencia hoje ignoramos, e que sem os mais leves conhecimentos em dynamica, e — provavelmente — só á força de braços, poderam dar a esses monstruosos penedos a posição perpendicular ou horizontal que os seus constructores julgaram convenientes?

N'estes ultimos tempos, tem-se investigado muito e muito estudado com respeito a estes monumentos megalithicos, mas ainda estamos muito longe de obter sobre o assumpto, um resultado satisfatorio. Tudo são hypotheses mais ou menos plausiveis, e talvez nunca passemos d'isto!

—

Supponho que *Sousa* significa *successão*, porque (segundo Viterbo) *sousador*, significa *successor;* segundo um documento de 1305.

Monte Gibel, célebre vulcão da Sicilia, na Italia.)

O que é verdade, é, serem os cyclopes, uma raça de homens de estatura agigantada, que habitavam ao O da Sicilia. Alguns d'elles, sob o nome de *lestrygões*, foram estabelecer-se na Campania, hoje *Terra de Labor*, na Italia.

Habitando elles em uma ilha, e no litoral da peninsula italiana, não custa a acreditar que atravessando o Mediterraneo, e passando áquem do Estreito de Gibraltar, aportassem ás costas da Lusitania.

[1] N'estes dous concelhos, não ha *fragas* nem *pedreiras* propriamente ditas; mas a espantosa profuzão de *penedos errantes*, affectando uma fórma mais ou menos esphe rica, que se encontram por toda a parte, e teem dado — e darão ainda por muitos seculos — abundancia de pedra para toda a qualidade de edificios. As *Pedras da Rua*, a uns 4 ou 5 kilometros mais abaixo, as tristemente célebres *Pedras de Linhares* (vide *Pontos no Douro)* são todos *penedos errantes.* Á mesma especie pertence uma agglomeração de penedos que se veem no mesmo rio Douro, logo abaixo da povoação da Aforada, na margem esquerda, e a muito pouca distancia da foz. Parece que estes não soffreram por tantos seculos os attritos de outros penedos arrastados pelas ondas, porque, posto tenham todas as suas arestas arredondadas, não chegaram, pela maior parte, a adquirir uma fórma espheroidal tão pronunciada como as da *Rua* e *Linhares*, e os mais de Arouca e Paiva

Cumpre notar, que as Pedras da Rua e as de Linhares, são no districto do concelho de Paiva: as primeiras, em frente da freguezia de Fórnos; e as segundas, em frente da de Sardoura

Todas as *antas* são penedos errantes, mas nem todos os penedos errantes são antas. Na sua maior parte, jazem nos logares onde as aguas os deixaram. As antas conhecem-se por estarem todas sobre 3, 4 ou mais penedos menores, que lhes servem de base; porém muitas d'ellas, foram juntando em redor, terra e vegetação, de modo que hoje, só por meio de escavações se póde conhecer se são os monumentos a que os archeologos dão o nome de preceltas, a falta de conhecimentos sobre as suas edades.

O almocabar existente na freguezia de Sobrado de Paiva, é exclusivamente cavado em penedos errantes. Vide *Corvite.*

SOUSA — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Felgueiras, 32 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Orago, S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os condes de Villa Nova de Portimão, apresentavam o abbade, que tinha 660$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil; gado e caça.

Nasceu n'esta freguezia *D. Pedro Arteiro*, o qual pela victoria que alcançou contra um cavalleiro d'Orense, em um desafio, teve o cognome de *Torrichão*, e ração perpetua, como os conegos d'Orense. (Faria, *Europa Portugueza*, parte 3.ª, pag. 4.)

Arteiro significa homem destro, sagaz, manhoso, etc.

Foi esta freguezia que deu o nome ao rio Sousa, que passa junto a ella.

SOUTELLINHO DA RAIA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Ervedêdo) 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Villar de Perdizes, apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar

Como indica o seu nome, é na raia da Galliza.

Fertil, gado e caça, grossa e miuda.

SOUTELLO — villa, Beira Alta, comarca, concelho, e 6 kilometros de S. João da Pesqueira, 43 kilometros ao N. de Lamego, 6 d'Ervedosa, 2 da margem esquerda do Douro, e 355 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 70. [1]

Orago, Nossa Senhora das Neves (o *Portugal Sacro e Profano*, diz que é Santa Maria Maior, e o mesmo diz a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego.*) Districto administrativo de Viseu, bispado de Lamego.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Em 30 de março de 1525, o padre Francisco Marcos, vigario geral do bispo de Lamego, D. Fernando de Menezes, julgou ao cabido, o padroado d'esta egreja, contra os povos da freguezia, que pretendiam ter direito á apresentação do seu abbade.

Era da coroa, e quando concelho, estava sujeita ao juiz de fóra, da Pesqueira.

Esta villa, foi cabeça de um antigo concelho, com jurisdicção propria, casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

Está a freguezia situada em uma ladeira alta, cercada de vinhas, que produzem optimo vinho de embarque. É tambem abundante em castanhas, figos, e varias qualidades de excellente fructa, e bom azeite. Tudo isto a faz uma das mais ricas povoações das margens do Douro.

Por excepção, a agua d'esta freguezia é de optima qualidade (o que é raro por aquelles sitios). Nasce em uma serra que domina á povoação, e que está coberta de castanheiros e pinheiros, o que torna a terra saudavel, e fresca no verão.

A egreja matriz, é um bom templo, e esta abbadia, foi uma das mais rendosas do bispado, até 1834, por que recebia os dizimos.

É povoação muito antiga, mas o documento mais velho que encontro, é uma sentença do anno de 1295, pela qual os moradores d'esta freguezia, foram condemnados a pagar a *jugada*, ao mosteiro de Salzêdas, pela *teiga direita*. Vide *Teiga*.

Era aqui o solar dos viscondes da Bahia, porém, tudo o que d'elles restava foi comprado pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, da Régua, viuva do rico proprietario Antonio Bernardo Ferreira, e hoje viuva de seu 2.º marido, o conselheiro Torres.

[1] Julgo ser engano do *Portugal Sacro e Profano*. A população d'esta freguezia não é provavel que augmentasse tanto em 113 annos. Decerto tinha então mais fogos. Na *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta pelos annos de 1724, lhe dá 217 fogos, o que é mais verosimil. N'este mesmo livro, se diz que o abbade tinha então de rendimento 800$000 réis, o que é mais exacto.

É n'esta freguezia, a casa vinculada, dos viscondes de S. João da Pesqueira.

—

Viscondes de S. João da Pesqueira

Luiz Maria de Souza Vahia Rebello, foi feito 1.º (e unico) visconde de S. João da Pesqueira, em 3 de julho de 1823.

Depois de fazer relevantes serviços ao partido legitimista desde 1828, deshonrou-se no fim da sua carreira militar, atraiçoando o seu rei, pois, sendo general do exercito realista, e governador da praça de Abrantes, a entregou aos liberaes.

No 2.º officio que dirigiu ao ministro da guerra do sr. Dom Pedro, depois de chamar *usurpador* ao sr. D. Miguel, terminava dizendo: — «Não se torna precizo que outros corpos venham occupar Abrantes, e se distraiam do principal fim, A PERSEGUIÇÃO DOS INIMIGOS, E O SEU TOTAL EXTERMINIO E DESTRUIÇÃO. (!!!)

Mas *acceita-se a traição e despreza-se o traidor*, pelo que o visconde de S. João da Pesqueira, ficou desde então com o credito perdido, tanto entre os realistas como entre os liberaes.

Morreu em 14 de outubro de 1841, e foi sepultado na capella de Santa Barbara, da sua quinta das Fontainhas, junto a Soutêllo. S. T. T. L.

Vide *S. João da Pesqueira.*

Seu filho e herdeiro, Luiz de Souza Rebello Vahia de Moraes, casou com uma filha do fallecido negociante de vinhos, do Porto, Gaspar José Borges de Castro, neta do 1.º visconde d'Alpendurada.

O filho do visconde, morreu em 1880, sem deixar descendencia.

—

Ha n'esta freguezia bastantes proprietarios ricos, que *vivem á lei da nobreza*, habitando bons edificios, entre elles, os srs. Seixas, Leaes, Maximos, Sobraes, etc.

—

Ha um antigo rifão, que diz — *No Douro, tudo é bom, menos o que falta.* Isto tem honrosas excepções, e uma d'ellas, é pelo que respeita a esta freguezia, cujos habitantes são, no geral, bons, trataveis e trabalhadores, vivendo em paz com os seus visinhos.

Soutêllo, significa — *pequeno souto.*

SOUTELLO — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 40.

Orago, Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 170$000 réis de rendimento annual, além do pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

SOUTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi do extincto concelho de Villa-Chan, e da supprimida comarca de Pico de Regalados) 10 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 140.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, què tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia rica e fertil.

Ha n'esta freguezia a antiga e nobre casa da *Torre de Soutêllo*, da qual é actual possuidor, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, fidalgo da casa real, coronel de caçadores, feito 1.º barão da Torre (d'esta) em 13 de agosto de 1847, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870. É irmão do sr. Antonio Feio de Magalhães Coutinho, feito 1.º barão de Soutêllo, em 18 de janeiro de 1872.

—

Soutêllo, é tambem um appellido nobre em Portugal, procedente da Galliza. Não se sabe quem o trouxe a Portugal. Suas armas, são — em campo azul, cruz d'ouro, floreada e vazia do campo, entre quatro abrolhos de ouro. Orla do mesmo, carregada de oito escudinhos azues, cada um com sua banda de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre, um dos abrolhos do escudo.

—

É natural d'esta freguezia, o sr. commendador Faria, que no Pará adquiriu uma fortuna, que se calcúla em mais de 1:200 contos de réis.

—

A egreja matriz, é uma das melhores da comarca. Tem sobre o muro do adro, varias figuras de pedra, de boa esculptura. Tem um grande cruzeiro, com as estatuas dos quatro evangelistas, feitas de optimo granito.

É n'esta freguezia, o sanctuario de Nossa Senhora do Alivio, á qual se fazem duas grandes romarias em cada anno.

—

Tenho quatro paginas, em quarto, de letra muito miuda, com apontamentos relativos a esta parochia, mas são uns *gatafunhos* dos quaes apenas se póde lêr... (adivinhar) uma palavra entre dez; porisso, de nada me serviram. Nem o nome do signatario me foi possivel entender!

Peço aos cavalheiros que me mandarem apontamentos para esta obra o façam, senão em boa calligraphia, pelo menos intelligivel, sobretudo nos nomes proprios, aliás, de nada me servem.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mogadouro, 175 kilometros ao N.E. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago, Santa Engracia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil, cria algum gado, e é abundante de caça.

SOUTELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna do Minho, 48 kilometros ao O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 25.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar, que era de pouca valia.

É terra pobre e pouco fertil.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Miguel de Bobadella, apresentava o vigario, collado, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Dá-se a esta freguezia a denominação de *Soutêllo de Baixo*, para a distinguir da seguinte.

É terra fertil em cereaes; do mais pouco.

SOUTELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

Dá-se geralmente a esta freguezia a denominação de *Soutêllo d'Aguiar*.

SOUTELLO DA GAMOÊDA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 50 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Carregosa, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo passado.

SOUTELLO DE PENA MOURISCA — freguezia, Traz-os-Montes, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e guardando as mesmas distancias.

Tinha por orago, S. Miguel, archanjo, e em 1768, tinha 36 fogos.

A mesa capitular da Sé de Braga, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem foi supprimida esta freguezia, quando o foi a antecedente, que é contigua.

SOUTO — freguezia, Douro, comarca e proximo da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1768, tinha 202.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 170$000 réis de rendimento, além do pé de altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

Ha n'esta freguezia, a ermida de Nossa Senhora da Guia, fundada em 1540, pelo padre Jorge Pires de Figueirôa, parocho da freguezia.

SOUTO — casa nobre do Minho, no concelho dos Arcos de Valle de Vez. Era seu proprietario, Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior, feito visconde de Melhendos, em 26 de janeiro de 1871. Falleceu em setembro de 1877.

SOUTO — aldeia, Minho, na freguezia de Monsul, concelho da Póvoa de Lanhoso. Ha aqui a ermida de Santa Luzia, á qual se faz uma grande romaria, a 25 de julho de cada anno (dia de S. Thiago, apostolo) havendo no mesmo dia uma grande feira n'este logar, que é sempre concorridissima.

SOUTO — casa nobre e antiquissima, Minho, na freguezia de S. Clemente de Basto, comarca e concelho de Celorico de Basto.

É actual representante e possuidor d'esta casa, o sr. Justiniano d'Abreu Araujo Azevedo Bacellar, descendente, por varonia, dos Araujos da Galliza, e de Rodrigo Annes de Araujo, fundador do castello d'Araujo, n'aquella provincia.

Eis a genealogia d'esta familia:

Araujos, copiados d'umas certidões, e d'uma que passou o Cardeal de Alemcastro a Antonio de Araujo de Azevedo, da Barca, firmada com o seu nome e sello das suas armas.

1 Rodrigo Annes d'Araujo, 1.º do nome, fundou a fortaleza d'Araujo, no reino de Galliza, e n'elle casou com a filha da casa dos Vellozos, etc., segue-se

2 Froyllos d'Araujo, succedeu na mesma casa e senhorio e casou com a filha do conde Rodrigues Velloso, etc., segue-se

3 Tristam d'Araujo, succedeu na mesma casa, etc., segue-se

4 Rodrigo Annes d'Araujo, 2.º do nome, succedeu na mesma casa, etc., segue-se

5 Payo Rodrigues d'Araujo, 1.º do nome, viveu no tempo d'el-rei D. Diniz, e foi guarda da sua casa, casou com uma irman do mestre de S. Thiago de Castella, e foi tambem senhor da casa de Araujo, etc., segue-se.

6 Vasco Rodrigues d'Araujo, succedeu na mesma casa e foi commendador 13.º na ordem de S. Thiago da Castanheira, etc., segue-se

7 Pedro Annes d'Araujo, succedeu na mesma casa, e foi fronteiro em Galliza, no tempo d'el-rei D. Fernando, e casou com D. Rita Belleza, filha do senhor de Pedrozo, etc., segue-se

8 Gonçalo Rodrigues d'Araujo, succedeu na mesma casa, e casou com uma filha do senhor da Ribeira, em Galliza, etc., segue-se

9 Pedro Annes d'Araujo, 2.º do nome, succedeu n'esta casa, teve de sua mulher a

10 Payo Rodrigues d'Araujo, 2.º de nome, succedeu n'esta casa, e foi embaixador a Castella por el-rei D. João, o 1.º, de Portugal, e foi fidalgo da casa real; casou com D. Leonor Pereira de Barbudo, filha de Bernardino de Barbudo, etc. Vide *Barbudo*, segue-se

11 Fernão Velho d'Araujo, 2.º do nome, senhor d'esta casa, casou com D, Izabel

de Barros, filha de Jeronymo de Barros, etc., segue-se

12 Tristam d'Araujo, 2.º do nome, senhor d'esta casa, casou com D. Izabel Coelho, filha de Gonçalo Pinto Coelho, senhor de Felgueiras, capitão-general e alcaide-mór de Tanger, etc., segue-se

13 Fernão Velho d'Araujo, 2.º de nome, o qual perdeu a casa e senhorio d'Araujo, casou com D. Leonor d'Azevedo, filha de Diogo de Azevedo, senhor de S. João de Rey, etc., segue-se

14 Tristam d'Araujo Azevedo, casou com D. Anna de Sá, etc., segue-se

15 Gaspar d'Araujo Azevedo, fidalgo cavalleiro com 15 tostões de moradia, e um alqueire de cevada por dia. Casou com D. Constança Soares de Abreu, filha de João Rodrigues de Abreu, da casa do Sopegal, etc. segue-se

16 Tristam d'Araujo de Azevedo, 4.º de nome, casou com D. Izabel de Abreu Bacellar, filha de Domingos de Abreu Bacellar, senhor da Torre de Abreu, em Valença do Minho, e de D. Garcia de Brito, etc., segue-se

17 Gaspar d'Araujo d'Azevedo, casou com D. Maria de Abreu Bacellar, etc., segue-se

18 Domingos de Abreu Bacellar d'Araujo, casou com D. Fabiana Luiza de Sá Sotto-Mayor de Brito, filha de Bernardo de Sá Sotto-Mayor Amorim Calheiros e de sua mulher D. Barbora de Brito Brandão, etc., segue-se

19 Custodio de Araujo Azevedo Bacellar, casou com D. Quiteria Joaquina Cabral de Noronha e Menezes, filha de Thomé Luiz de Araujo Castello Branco, e de sua mulher D. Maria Joaquina Eufrazia de Noronha e Almeida, senhor da casa de Ceidoens, etc., segue-se

20 Antonio de Abreu Araujo Azevedo Bacellar, casou com D. Anna Emilia Teixeira da Motta, filha de Manoel Carlos Teixeira da Motta e Cunha, e de sua mulher D. Luiza Teixeira Alvares de Andrada, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór que foi de Basto e senhor da casa das Cerdeirinhas, na freguezia de S. Thiago d'Ourilhe. Foi seu filho

21 Justiniano de Abreu Araujo Azevedo Bacellar, [1] actual representante da casa do Souto, na freguezia de S. Clemente de Basto, concelho de Celorico de Basto.

—

«Estes Araujos, trazem por armas — em campo de prata, uma banda azul, e em cima o sol, por baixo da lua, e trez estrellas no meio — e *no campo* da parte de cima, cinco aguias *a par* — e da parte de baixo, um castello com uma dama em cima, e as chaves na mão. Timbre, um meio mouro, vestido d'azul.» [2]

«Veja-se a *Arvores de costados, das familias nobres dos reinos de Portugal*, por José Barbosa Cascaes de Figueiredo Castello-Branco, tomo 2.º, pag. 40.»

«São estas as armas que se veem na casa do Souto, unidas ás dos Azevedos, no mesmo escudo.»

«Este brazão, foi concedido a Belchior d'Abreu Bacellar, natural da villa de Caminha, com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da geração e linhagem dos Abreus e Bacellares. Dado em Lisboa, por Philippe II, a 14 de julho de 1586.»

SOUTO ou **ALDEIA DO SOUTO** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi do extincto concelho de Valhêlhas, comarca da Guarda) 24 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 52.

Orago, S. João Baptista.

[1] Casou com a sr.ª D. Rita Felizarda da Conceição Magalhães, filha do commerciante e capitalista Manoel José da Cruz Magalhães, da cidade do Porto, e tiveram d'este casamento Abilio e Alfredo, que ainda se conservam solteiros.

[2] Copiei fielmente a descripção d'estas armas, dos apontamentos que me foram dados, por pessoa competente; mas declaro que semelhante brazão não podia ser construido pelo rei d'armas d'esse tempo, visto estar, como vimos, fóra de todas as regras de armaria.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O vigario de Santa Anna, da Aldeia do Matto, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia, uma ermida dedicada a *Nossa Senhora do Carneiro*, (!) que fica mesmo junto á povoação.

Segundo a tradição, havia antigamente, distante d'esta aldeia, uma ermida, dedicada a Nossa Senhora, cuja invocação se ignora; e que estava em abandono. Junto a esta ermida havia (e ha) um ribeiro, no qual, em certa occasião, estava uma mulher lavando a sua roupa, e tinha ao pé d'ella um filho de tenra edade. Veio de improviso um lôbo (ou urso) que agarrou a creança. A mãe, aterrada, invoca o patrocinio da Senhora, e esta apparece logo, com um carneiro, que lança á féra, e esta, deixando o menino, se foi com o carneiro. A mulher veio contar este milagre ao povo, que logo tratou de reedificar a capella, mudando-a para junto da aldeia.

É a esta ermida que vae a Via Sacra da freguezia, e a sua padroeira é objecto de muita devoção, dos povos d'estes sitios.

Junto á ermida, ha uma fonte, da qual bebem os romeiros, na crença de que esta agua é remedio efficaz para a cura de varias doenças. Os remanescentes, correm para uma pequena horta pertencente ao eremitão da capella.

SOUTO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Houve aqui um mosteiro de freiras, conegas regrantes de Santo Agostinho, fundado por D. Gomes de Maceira, em 1200. É por esta razão, que vulgarmente se dá a esta freguezia a denominação de *Souto do Mosteiro*.

Fertil, gado e caça.

A esta freguezia e á seguinte, dá-se vulgarmente a denominação de *Souto de Sobradêllo*.

SOUTO — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho, bispado, districto, e distancia, 145 fogos. (Não vem no *Portugal Sacro e Profano.)*

Orago, o Salvador.

Fertil, gado e caça.

—

Houve aqui um mosteiro de frades cruzios, fundado por D. Payo Guterres da Cunha, pelos annos do 1080. Em 1552, o arcebispo de Braga, D. Balthazar Limpo, o reduziu a abbadia secular, apresentando por prior, Martim Rebello de Macêdo, o qual obteve licença do papa Pio IV, para dar este mosteiro, em commenda, a seu sobrinho, Ruy Drago, que era cavalleiro da ordem de Christo.

Com isto, ficou o mosteiro mettido nas commendas d'esta ordem, e assim deixou de existir.

SOUTO — freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 118.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Payo de Sequeiros, apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

Foi couto, de jurisdicção real, que D. Affonso III deu a João Soares Coelho, da casa de S. João de Rei, pelos annos de 1256.

Depois, um dos senhores d'esta casa insultou e espancou o juiz do couto, pelo que lhe foi tirado o senhorio, passando outra vez para a corôa.

O antigo nome d'esta freguezia era *Couto do Souto*, e assim a denomina o *Portugal Sacro e Profano*.

É terra fertil: muito gado e caça, grossa e miuda.

SOUTO — freguezia, Beira Baixa, conce-

lho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 35 kilometros ao E. de Viseu, 315 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Coruche (da Beira Baixa) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

A 1:500 metros da aldeia do Santo, está a ermida de Nossa Senhora do Pranto (ou da Piedade, que é o mesmo) situada em um valle, no meio de uma fazenda denominada *quinta das Lezirias*. Este valle é cercado pela altissima serra d'Aguiar, e o rio Tâvora a cerca pelo outro lado.

Esta ermida foi fundada em 1597, por Francisco Sebastião, proprietario e morador da mesma quinta; para que elle, sua familia, e os moradores do Souto alli podessem ouvir missa, por lhes ficar a egreja matriz a 4 kilometros de distancia, pelo que, muitos ficavam sem missa, principalmente no inverno.

Para distinguir esta freguezia de outras de egual nome, se denomina *Souto d'Aguiar* ou do *Valle d'Aguiar*.

Fertil, gado e caça.

Houve aqui uma grande batalha, dada pelos christãos contra os mouros, commandados pelo truculento Almançor, kalifa de Cordova, e na qual os portuguezes foram derrotados. Foi isto em 981. Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 49, col. 2.ª, e a 1.ª da pagina seguinte.

SOUTO — aldeia, Beira Baixa, na freguezia de Fernão Joannes, concelho, comarca, districto administrativo e bispado da Guarda.

A 3 kilometros da aldeia do Souto, e no districto d'esta freguezia, está, em um frondoso souto, a ermida por isso denominada de *Nossa Senhora do Souto*, ou da *Annunciação*.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora appareceu em uma fonte que está proxima á ermida, em anno que se ignora, mas, com certeza, antes do seculo XVI, porque, pelos annos de 1500, foi inquerido pelo visitador um velho da freguezia, chamado Manoel Antunes, o Velho, de 115 annos de edade, e disse que não havia memoria da data da fundação da ermida, e só ouvira dizer a pessoas muito mais velhas do que elle, que, emquanto duraram as obras, a fonte da Senhora deitou vinho em logar d'agua.

Antigamente vinham aqui muitas procissões e ladainhas, não só da freguezia, como das dos Trinta, dos Meios e outras, e até da cidade da Guarda, no dia da festa principal que é a 25 de março, dia da Annunciação da Senhora.

N'estas procissões hiam muitas danças e outras *invenções* do tempo. Levavam á padroeira muitas e valiosas offertas, cujo producto era empregado em reparos do templo e despezas do culto.

São padroeiros da ermida, os moradores do logar da Póvoa, que fica a distancia de um kilometro. Eram elles que apresentavam o capellão e o eremitão.

Antigamente tambem se fazia á Senhora, uma explendida e concorridissima festa, na 2.ª oitava da Paschoa.

SOUTO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Não acho esta freguezia no *Portugal Sacro*, nem d'ella me foi possivel obter outros esclarecimentos.

SOUTO — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao N. de Abrantes, 180 kilometros da Guarda, 165 ao E. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1768, tinha 312.

Orago, S. Silvestre, papa.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. João, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É uma das mais ricas e populosas freguezias da comarca.

Em um pinhal que fica proximo á aldeia do Souto, está a ermida de *Nossa Senhora do Tojo*, assim chamada, porque, segundo a

lenda, appareceu em um tojal. É antiquissima, e não se sabe quando ou por quem foi fundada.

É um templo pequeno, mas bonito, com alpendres aos lados, e casas para acolheita dos romeiros.

Teve capellão, pago pelos mórdomos da Senhora, para dizer missa em todos os domingos e dias santificados; e tambem tinha um eremitão, com residencia propria, junto á ermida.

A sua festa principal, é no 2.º domingo de outubro.

SOUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna do Castello.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

Tinha sido originariamente apresentada por varios individuos d'esta freguezia, o que era causa de constantes desintelligencias entre os padroeiros, pelo que os arcebispos a tomaram para si *in solidum*.

O abbade d'esta freguezia apresentava antigamente o cura de Tabaçô; mas o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, tirou este direito de apresentação, em 1581, revertendo para a mitra.

No logar dos Queimados, existem duas sepulturas, onde foram enterrados dous ladrões. Havia por estes sitios densas mattas que serviam de valhacouto aos salteadores. O povo, para lhes tirar este abrigo, deitou fogo ás mattas, e, depois de extincto, se acharam dous ladrões carbonisados, aos quaes aqui mesmo deram sepultura. Foi por isto que ao logar se ficou desde então chamando *os Queimados*.

No alto do monte de S. Sebastião, d'esta freguezia, ha restos de antigas fortificações, que ainda foram reedificadas pelo povo, em 1662, durante a guerra da acclamação.

É n'esta freguezia a torre de Fonte-Arcada, pertencente aos antigos senhores da Barca, que ainda aqui recebem alguns fóros.

N'esta freguezia, uma porca pariu um filho, metade porco, metade cão. Esta vae por conta de José Avelino d'Almeida, auctor de um Diccionario geographico.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e cria grande quantidade de gado de differentes qualidades.

SOUTO — freguezia, Beira Alta, concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 196.

Orago, S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Foi villa, e eram seus donatarios, os Paes, da Pesqueira. É chefe actual d'esta familia, o sr. Manoel Paes de Sande e Castro, que em 1823, casou com sua prima, a sr.ª Dona Leonor Correia de Sá, irman do 6.º visconde da Asseca.

SOUTO — villa, Beira Alta, concelho de Penodôno, comarca de S. João da Pesqueira, 42 kilometros ao E. de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 145.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 rs. de rendimento annual [1].

É povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi concelho.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data, que seu filho, D. Sancho I, confirmou em 1196, mandando então povoar a villa. D. Affonso II confirmou estes foraes, em Santarem, a 3 de fevereiro de 1218. D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu outro foral, em 27 de maio de 1258. Este mesmo soberano lhe deu ainda mais dois foraes — um em Leiria, a 8 de março de 1268, e outro em Lis-

[1] A *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, diz que o rendimento do abbade, é de 400$000 réis — o que é mais provavel. Diz tambem que esta freguezia em 1724 tinha 220 fogos.

bôa, a 16 de setembro de 1270, (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 103, v. col 2.ª) Por falta de foraes é que esta villa se não perde!

Não teve foral novo.

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Lapa*, a um kilometro da povoação. Consta que teve principio do modo seguinte:—

Uma bôa mulher da villa, chamada Maria Freire, fazia santos de barro. No sitio onde hoje está a ermida, havia outra desmantelada, dentro de uma lapa. A mulher fez uma imagem da Senhora, de barro cosido, e depois de a pintar, como poude, a foi pôr na tal lapa. O povo principiou logo a a ter grande devoção com a Senhora, e lhe construiu, mesmo dentro da gruta, uma capella, e depois fez casas para abrigo dos romeiros.

Muitos devotos se vinham aqui pesar a trigo ou a centeio, em cumprimento de votos que haviam feito á Senhora.

A abundancia de esmolas e offertas, deu causa a uma renhida demanda entre o parocho da freguezia e o capellão da ermida, porque ambos se queriam aproveitar *in solidum* de tudo quanto os devotos davam á Senhora: por fim, venceu o abbade; mas o povo, vendo o caminho que levavam os seus donativos, deixou de os offerecer, e a ermida se foi pouco a pouco abandonando, até que, estando em imminente ruina, um outro abbade a restaurou.

Tinha ermitão, apresentado pelos parochos da freguezia, com residencia propria.

A festa da padroeira se faz no dia da sua assumpção, a 15 de agosto, e é sempre muito concorrida.

Ha mais na freguezia, as seguintes ermidas:—

2.ª—*S. Sebastião, martyr.*

3.ª—*Senhora das Mercês*, ou *da Piedade*, dos herdeiros de João Osorio da Veiga Cabral.

4.ª—*Espirito Santo*, no logar das Arcas.

5.ª—*Santa Barbara*, no sitio dos Mósinhos.

6.ª—*Nossa Senhora da Piedade*, no logar de Trancozan.

—

Fica esta villa entre Penedôno e Sedavim, em um alto, sitio bastante frio, e com uma ingreme ladeira que desce até ao Rio Torto, que separa, em parte, o termo da villa, do de Sedavim, ficando do outro lado do rio, a aldeia de Trancozan.

E' terra muito fria, mas de clima saudavel. Muito abundante d'aguas, que a tornam fertil.

Teve um hospital, do qual apenas resta a memoria da sua existencia.

E' abundante em cereaes, linho, bom vinho verde (ainda que pouco) castanhas, batatas (a que aqui chamam *castanholas*) grandes nabos, legumes e hortaliças.

No sitio da Risca, ha varias quintas; e moinhos no Rio Torto, e no Rio-Bom, seu confluente.

Teve juiz ordinario, vereadores e mais empregados respectivos a este concelho, que foi ha muitos annos supprimido.

Ha aqui ricos lavradores e proprietarios.

Em alguns livros antigos se dá a esta freguezia a denominação de *Souto da Lapa*, em razão da ermida d'esta Senhora, mas vulgarmente chama-se *Souto de Penedôno*, e é este o nome que lhe dá o *Portugal sacro*.

SOUTO—Vide *Villa de Souto*.

SOUTO—*(S. João do)*—Vide Braga, a cuja cidade pertence esta freguezia.

SOUTO DA CARPALHOSA—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 12 killometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1768, tinha 586.

Orago, o Salvador.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis—isto, segundo o *Portugal sacro*.

O *Couseiro* (pag. 158) diz que tem de ordinaria 30 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, em môsto, de 25 almudes; e 5$000 réis em dinheiro, pago tudo pelo prelado.

Além d'isto, tem residencia e passaes, a 4.ª parte do que rende a fabrica da egreja, as falhas e offertas da matriz, e de todas as ermidas da freguezia.

E' a parochia rural mais populosa de todo o bispado.

Não se sabe quando esta freguezia, foi creada, mas em 1218 Pedro Mendes, Pedro Vieira e outros moradores d'esta parochia, fizeram doação ao mosteiro de St.ª Cruz de Coimbra, de umas propriedades, para n'ellas se fazer a egreja e cemiterio; o que consta da copia da escriptura de doação, que existe no archivo episcopal.

Construiu-se logo a egreja, porém muito pequena. Pelos annos de 1600, estando muito arruinada, se demoliu para construir a actual, cujas obras terminaram 1602, assim como o seu alpendre. Sendo bispo D. Pedro de Castilho, deu este prelado licença para se dizer missa na nova egreja, o que teve logar, em 1603. A capella-mór, foi feita á custa da fabrica da Sé.

Foi curato até 1638, sendo então vigariaria, pelo bispo D. Pedro Barbosa d'Eça, e foi seu primeiro vigario, o padre João de Castro Massoules, que a obteve por concurso synodal.

Estando a egreja matriz bastante arruinada, se restaurou, principiando as obras a 17 fevereiro de 1862, e concluindo-se em abril de 1864. As madeiras foram do *Pinhal d'El-Rei*, e dadas pelo estado : a mais obra de restauração, importou em 1:160$170 réis.

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Santo Antonio*, que foi primeiramente de Nossa Senhora da Portella.—Está por cima do logar do Souto. N'esta ermida se disse missa e se administravam os sacramentos, em quanto duravam as obras da nova egreja.

—

2.ª—*S. Martinho*—no logar das Varzeas, construida em 1596.

—

3.ª—*Santo Amaro*—no logar da Ortigosa, feita em 1610. Faz-se-lhe uma bôa festa e romaria, no dia do padroeiro (15 de janeiro) havendo aqui por essa occasião uma pequena feira.

Tem capella-mór, adro murado, cemiterio, trez sachristias, etc., que tudo importou em 1:510$857 réis.

—

4.ª—*Nossa Senhora da Victoria*, no logar de Riba d'Aves, construida sendo bispo, D. José Antonio de St.ª Maria.

—

5.ª—*St.º Ildefonso*, no logar dos Conqueiros. Tanto esta como as duas antecedentes, fôram feitas pelo visitador, pelo mesmo tempo. Os moradores dos respectivos logares são obrigados á fabrica das suas ermidas.

Esta ermida foi accrescentada com o corpo da egreja, ficando a ermida a servir de capella-mór, em 1800. Em 1851 foi pintado o altar-mór, e foi toda forrada de novo, em 1863.

—

6.ª—*Santo Antonio*—na Chan da Laranjeira, na quinta que foi de Lourenço Mendes d'Abreu.

E' cabeça de um vinculo.

—

7.ª—*S. Bento*—no Casal (no sitio chamado Porto de St.º Ildefonso) fundada por um devoto, em 1618.

—

Ao O. da egreja matriz, ha o *Outeiro de S. Martinho*. É tradição que foi no alto d'este monte o primittivo assento da ermida d'este santo, que depois se mudou para o logar das Varzeas.

A ermida antiga, pertencia a uma gafaria, que existiu um pouco mais a baixo, no sitio ainda hoje chamado *Gafaria*.

SOUTO DA CASA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisbôa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 203.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo e 3 kilometros ao N. O. de Castello-Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Ao O. da freguezia, fica a grande serra da Gardunha, braço da Estrella, que lhe fica a 30 kilometros de distancia.

Ha n'esta serra varias povoações, sendo as principaes—S. Vicente da Beira, Castello-Novo, Alpedrinha, Covilhan, Castellejo, Al-

caide, Alcongosta, esta do Souto da Casa, e outras.

Da Gardunha, diz frei Agostinho de St.ª Maria, *Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag 58 —«Esta serra, que melhor lhe convinha o nome de um agregado de jardins, pelo vistoso de suas arvores, e delicias de suas fontes e regatos; adornada de muitas hervas cheirosas, e arvores, que tendo o nome de silvestres por serem nascidas espontaneamente, ou plantadas pelo Soberano Agricultor, são domesticas, pelas excellentes fructas que produzem; outras plantadas e cultivadas pela industria dos homens, de tão diversos e regulados fructos, e de tão suaves e extraordinarios gostos, que servem de admiração, como são os verdeaes, os camoezes, as capanduas, repinaldos, ginjas garrafaes, e outras muitas fructas, em tanta quantidade, que, não só proveem muita parte d'este reino, mas o de Castella.»

N'esta serra construiram os templarios, um mosteiro acastellado, e consta que, sendo a Idanha Velha (então Egitania) devastada pelos mouros, aqui se recolheram os christãos que poderam fugir d'aquella famosa cidade, que fica a 40 kilometros do Souto da Casa; e aqui foram defendidos pelos templarios que habitavam o mosteiro, até que D. Sancho I edificou a cidade da Guarda, para onde os egitanenses se recolheram.

Quando os egitanenses vieram para a Gardunha, trouxeram uma imagem de Nossa Senhora, que estava na egreja da cidade, e com a qual o povo tinha particular devoção, e a esconderam em uma gruta.

Segundo a lenda, uma mulher de Alcongosta, foi á serra buscar lenha, levando em sua companhia uma filha de tenra idade, que se perdeu por entre o mato. Os paes a procuraram inutilmente, até que no fim de nove dias, quando a julgavam ha muito devorada por algum lobo, foram dar com ella de perfeita saude, dentro de uma lapa ou gruta; e perguntando-lhe quem a sustentava, a menina respondeu—« Foi uma *senhora tia* que móra n'esta casa, e que me dá sôpas de leite e agua, *por uma campainha.*» A mãe viu então a santa imagem, e foi dar parte ao parocho d'Alcongosta, que a foi buscar e collocar na sua egreja, até se fazer a gruta-ermida.

Fallemos agora da gruta em que appareceu a Senhora.—

Sobre o mais alto da serra da Gardunha, a 6 kilometros de Castello Novo, e—com pouca differença—a egual distancia do Souto da Casa, Alcongosta, Alcaide e Castellejo, se levanta um monte de fórma pyramidal, que não é mais do que um acervo de penedos monstruosos, com a circumferencia de 2 kilometros.

No meio d'este ambito, e para o lado do O., ha um planalto, que mais parece obra da arte, do que da natureza. D'este lado se vê a bôcca de uma caverna, tão alta na entrada, que por ella passavam os guiões, nos dias das romagens. D. Luiz da Silva, bispo da Guarda, hindo em visita a esta gruta, lhe mandou fazer uma porta, de formosa cantaria lavrada.

Dentro, o pavimento é natural e perfeitamente nivelado, e a gruta é muito clara e alegre, e tão ampla, que n'ella cabe todo o povo nos dias da festa da Senhora. Na extremidade da gruta ha dois braços colateraes, e em um d'elles, chamado hoje *altar de fóra*, se diz missa.

Depois estreita a gruta, formando como que uma capella-mór, dividida do résto, por uma grade de ferro, e é ahi que está a imagem da padroeira.

Em volta da gruta, e no planalto de que já fallei, se construiram algumas ermidinhas, muito bem ornadas, e algumas cellas, construidas por um devoto eremitão, para sua residencia, o qual fez tambem um pôço, para se fornecer da agua que lhe fosse necessaria. Vê-se tambem aqui uma cova, onde consta que viveu alguns annos em rigorosa penitencia um eremitão clerigo.

A esta Senhora denominam mesmo *Nossa Senhora da Gardunha*, e è objecto de muita devoção para os povos destes sitios.

SOUTO DA VELHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 155 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 71.

Orago, St.º Ildefonso.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O abbade de St.ª Maria de Mós, apresentava o vigario, que tinha 20$000 de congrua e o pé d'altar

Pouco fertil. Gado e caça.

SOUTO DE EL-REI—Vide *Villa Nova do Souto d'Elrei.*

SOUTO DE REBORDÃOS—Vide *Rebordões* (Souto de.)

SOUTO MAIOR—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 45 kilometros de Viseu, 355 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago St.ª Barbara.

(Antigamente foi S. Thomé, apostolo.)

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual. (Vide *Pinhanços*, no fim.)

Fertil, gado e caça. Para o appellido Souto Maior, vide *Monção.*

Esta freguezia é composta de duas aldeias — *Ribeira do Freixo* e *Porcas.*

As suas principaes producções são cereaes, castanhas e excellentes fructas.

Ha aqui uma boa casa, com sua capella, pertencente á familia do fallecido general e engenheiro, Belchior José Garcez.

E um outro bom edificio, do qual é proprietaria a sr.ª D. Thereza de Mendonça Falcão, da freguezia de Frechas, viuva do doutor José Cortez de Mendonça Falcão.

A alguns metros ao E. da aldeia de Porcas, estão as ruinas de um antigo edificio, brazonado, que foi prêsa das chammas, em 1860. Pertence actualmente á sr.ª D. Maria do Ó, da *Quinta das lagrimas*, de Coimbra, viuva de Bartholomeu da Costa.

Na Ribeira do Freixo estão as ruinas de um edificio, denominado *Casa do dezembargador*, tambem brazonado.

Passa por esta aldeia a *Ribeira de Cairigas*, aqui chamada *Ribeira do Freixo*, cujas aguas servem de motor a 18 moinhos, que constituem uma das principaes fontes de receita d'esta freguezia.

SOUTO MAIOR—freguezia, Traz os Montes, concelho de Sabrosa, comarca e districto administractivo de Villa-Real (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Alijó.) 95 killometros ao N.E. de Braga, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago, St.ª Comba.

Arcebispado de Braga.

O reitor de S. Lourenço de Riba Penhão apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de rendimento annual.

O primeiro nome d'esta freguezia, era *Souto de Panoyas*, e é este o que lhe dá o foral de D. Sancho I, dado a esta freguezia, em 1196. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 116 v., col. 2.ª.)

Fertil, gado e caça.

SOUTO DE NESPEREIRA — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Nespereira, comarca e concelho de Sinfães, bispado de Lamego, districto administractivo de Viseu.

Quando Nespereira foi concelho, era n'esta aldeia a séde d'elle, e ainda aqui existe o pelourinho. (Vide *Nespereira*, do concelho de Sinfães.)

—

Souto, é um appellido nobre em Portugal, mas não se sabe quem foi o primeiro que d'elle usou. Os Soutos trazem por armas —em campo asul, aguia d'ouro, com um escudinho de púrpura no peito, carregado de tres coticas d'ouro, em palla.

Orla do mesmo, carregada de 8 cadeados, de negro, abertos. Elmo d'aço, aberto, e por timbre meia aguia do escudo.

SOUTO REDONDO—E AIRAS—é uma povoação da provincia do Douro, dividida pela antiga estrada real de Lisboa ao Porto (a nova estrada, fica mais ao O.) Souto Redondo, pertence á freguezia de S. João de Ver, e Airas á de S. Jorge das Caldas, ambas na comarca e concelho da Feira.

Entre estas duas aldeias, ha um souto de carvalhos e sobreiros, que deu o nome á povoação, e é n'este souto que se faz uma bôa feira, em todos os dias 17 de cada mez.

Airas é corrupção do nome proprio d'homem — *Arias.*

Esta povoação, fica 280 kilometros ao N.

de Lisbôa, 78 ao N. de Coimbra, 50 ao N.E. de Aveiro, 7 a E. da Feira; 30 ao S. do Porto, 12 a E. do Atlantico.

Fica no centro da região antigamente denominada *Terra de Santa Maria*, e hoje, *Terra da Feira*.

Apezar da sua insignificancia, é povoação antiquissima, e pertenceu outr'ora á freguezia de Lourosa, do mesmo concelho, e que fica uns 5 kilometros a ONO., e foi villa. Em agosto de 1155, se vendeu uma propriedade á ordem dos templarios, sendo mestre, Dom Hugo. O vendedor, foi Egas Soares. Esta propriedade era na villa de *Laurosa, in loco noncupato Baocho, subtus mons* SAUTO ROTUNDO, *discorrente Rivulo Maior, castello Santae Mariae* (castello da villa da Feira). *Territorio de Portugal*. O preço da venda, foram 33 maravidis d'ouro.

—

Nasceu na casa das Airas, o capitão-mór d'ordenanças, Bernardo Francisco Pinheiro, um dos infelizes que morreram enforcados por liberaes, no patibulo da Praça Nova, do Porto, em 7 de maio de 1829. Vide 7.º vol., pag. 328, col. 2.ª

A filha unica d'este desgraçado, a sr.ª D. Bernardina Leonor Eulalia Pereira da Silva, é viuva de José Correia Leite Barbosa, fallecido em maio de 1881, e reside com suas duas filhas solteiras, na sua casa das Airas. Duas estão casadas, uma na Bairrada, e outra em Arouca.

Tem tambem dous filhos, os srs. dr. Bernardo Correia Leite Barbosa e José Correia Leite Barbosa, residentes na cidade do Porto.

José Correia Leite Barbosa (pae) foi por varias vezes administrador do concelho da Feira, logar que desempenhou com honra, pois era um cavalheiro muito intelligente, honesto e energico.

—

Por este logar passa a nova estrada districtal em construcção, d'Ovar á praia de Carvoeiro, na margem esquerda do Douro, e freguezia de Canêdo, concelho da Feira.

—

É tristemente celebre esta povoação, pela grande batalha que teve aqui logar, entre realistas e liberaes, no dia 7 de agosto de 1832, e que fica descripta no 7.º vol., pag. 349, col. 2.ª e seguintes. Aqui só accrescentarei mais:

O então marquez de Loulé, que assistiu á batalha, foi o primeiro que deu parte do seu triste resultado, ao sr. D. Pedro, para o que marchou a toda a brida, de Souto Redondo para o Porto. O sr. D. Pedro estava a uma das janellas do *palacio dos Carrancas* (hoje palacio real) impaciente por saber noticias da divisão do conde de Villa-Flor, e junto a elle, estava Bernardo de Sá Nogueira (depois, marquez de Sá da Bandeira) ministro da marinha e governador militar do Porto.

De repente, viram ao longe o marquez de Loulé, que corria a todo o galope, e que dentro em pouco se apeiava coberto de pó, á porta do palacio.

O marquez trepou as escadas a quatro e quatro, e mal podendo fallar, disse que estava tudo perdido, que o exercito mal podia cobrir a retirada, e que era necessario que o imperador se mettesse n'um navio inglez, que alli estava ancorado, sempre ás ordens, pelo gabinete de S. James.

O sr. D. Pedro, em vista de tão aterradora noticia, ficou desesperado, arrancando punhados de cabello da cabeça e da barba.

Sá Nogueira, offereceu-se para ficar no Porto, com alguma gente, cobrindo a retirada dos liberaes, dizendo que se deixaria fazer em pedaços, até que o sr. D. Pedro embarcasse com os restos das suas tropas, para se reorganisarem nos Açores; mas, vendo os liberaes que o general Póvoas se não soube aproveitar da victoria, nem do terror e desanimo que ella infundiu nos contrarios, e que, quando esperavam ver os realistas entrar no Porto, de envolta com os restos da divisão de Villa-Flor, elles ficavam muito descançados na povoação dos Carvalhos, 10 kilometros ao S. do Porto, animaram-se a ficar, decidindo fortificar a cidade, o melhor que lhes fosse possivel.

Se Povoas tivesse querido, mui differente seria o resultado do emprehendimento dos liberaes na sua invasão a Portugal, em julho de 1832.

Altos juizos de Deus!

SOUTO DE SOBRADELLO — Vide *Sobradêllo da Goma.*

SOUTOSA — pequena villa, Beira Allta, na freguezia de *Pera-Velha*, comarca e concelho de Moimenta da Beira. Foi cabeça do antigo concelho de *Pêra e Pêva*, extincto ha muitos annos. Vide *Péra e Péva, Pêra-Welha*, e *Pêva.*

SOUSA — Vide *Foz do Souza, Sousa* e *Soza.*

SOUZAS — aldeia da Galliza, em fremte da freguezia portugueza de Lama d'Arcos, comarca, concelho e 8 kilometros a NO. de Chaves.

São n'esta aldeia as famosas aguas medicinaes vulgarmente denominadas de *Werim*, por ficarem proximas da villa d'este mome, e cuja applicação therapeutica tem dado optimos resultados nas doenças da bexiga. A fonte situada pouco mais ou menos a um kilometro ao nascente da villa, está em communicação com ella por uma extensa e magnifica alameda de mais de 12 metros de largura, ornada de frondosas arvores, que tornam elegante e pittoresco o sitio. Junto á fonte ha um pequeno jardim de copadio arvoredo e flôres, sitio aprazivel e adequado para passear as aguas. A fonte foi mandada construir pelo nosso 1.º conde d'Amarante, e n'ella se lêem as inscripções seguintes: na fachada que olha ao poente : — *A expensas del general português premier conde d'Amarante—Anno de 1815—Fuente de Souzas.*

Na fachada ao nascente : — *T.º communal d'Abedes.*—Ao Norte : — *Aguas acidulo-alcalinas, analisadas por el dr. Cazeres, año de 1854.* — Ao sul : — *Restaurada por la villa de Verim—año de 1875.*

Este monumento attesta que os portuguezes, onde quer que se encontrem, não esquecem o que devem á patria e á humanidade.

—

Talvez que os meus leitores extranhem incluir n'este diccionario uma povoação estrangeira. Faço-o por duas razões — primeira, por serem estas aguas muito procuradas pelos portuguezes que precisam da sua applicação para os padecimentos de bexiga — segunda, para recordar a memoria do bravo e fidelissimo Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 1.º conde d'Amarante, e pae do não menos bravo e fidelissimo Manoel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, 2.º conde d'Amarante e 1.º marquez de Chaves. Vide *Villa-Real*, de Traz-os-Montes, *Villarelho da Raia*, e *Verim.*

SOUZEL e **RIBEIRA** — Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca da Fronteira, 40 kilometros d'Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 386.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha de rendimento annual — 180 alqueires de trigo, 150 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O concelho de Souzel, é composto de trez freguezias — Cano, Casa-Branca e Souzel, todas no arcebispado d'Evora, e com 1:200 fogos.

É povoação antiga, mas não teve foral novo nem velho. Foi commenda da ordem d'Aviz.

Ha um foral dado a *Souze*, por D. Affonso III, em Guimarães, a 13 de junho de 1258, mas este Souzel, é um casal em Terras de Barroso, provincia de Traz-os-Montes.

Ha aqui uma bôa feira a 29 de setembro.

Fica esta villa 12 kilometros ao N. de Estremoz, 24 ao NO. de Villa Viçosa, e junto a uma serra.

Foi fundada por o famoso condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, em 1387. Consta que foi este mesmo D. Nuno que lhe poz o nome, porque, estando para dar aqui uma batalha aos castelhanos, lhe vieram dizer (quando elle estava orando) que o inimigo se aproximava — ao que elle, apromptando-se para a peleja, respondeu — «*Ora, sus a el*» fraze commum n'aquelle tempo, e como quem diz—*Eia! vamos a elle.*

Como os portuguezes ficaram victoriosos, mandou o condestavel construir alli uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Orada, edificando junto a ella uma povoação, a que

deu o nome de *Suzael*, que facilmente se corrompeu em *Souzel*.

Elevada esta povoação a freguezia, e como a ermida, além de ser pequena, estava bastante arruinada, por causa da sua antiguidade, foi demolida pelo meiado do seculo XVI, construindo-se no mesmo local a egreja matriz da freguezia.

A imagem da Senhora, é de madeira, e consta que foi mandada fazer pelo mesmo condestavel. [1] Passados muitos annos, d'esta imagem apenas a cabeça se achava em bom estado, tudo o mais estava corrompido pelo caruncho, pelo que o visitador a mandou enterrar. Oppoz-se o povo, e lhe mandou fazer um corpo de *rôca*, e umas mãos novas, e pôz a Senhora de vestidos, e ainda existe; mas fez-se outra imagem nova, de esculptura em madeira, que se collocou no altar-mór, dando-se-lhe o titulo de *Senhora Nova*.

Foi objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios.

A imagem primitiva está em um dos altares lateraes, do corpo da egreja, e dão-lhe a denominação de *Senhora Velha*.

—

Tem Misericordia e hospital, e teve um mosteiro de frades paulistas.

A distancia de 7 kilometros ao N. d'esta villa, 18 a E. d'Aviz e 6 ao N. da villa do Cano, está a *Fonte da Lagem*, no principio de um valle. Junto a uma rocha de schisto, nasce um regato, ou arroio (proximo da estrada que vae para o Ervedal) tendo á nascente um pôço de 1^{m}, 30 de profundidade, coberto com uma abobada, tambem de schisto.

Esta agua, é clara em tempo sêcco, mas torna-se côr de leite, quando chove. Não tem cheiro, e o seu sabôr é levemente acidulado, semelhante a uma tenuissima dissolução de vitriolo, em agua commum. Não deixa sedimento ou lodo no pôço, ou no regato, nem tão pouco nas garrafas onde se guarda, senão, ás vezes, um levissimo precipitado calcario. Experimentada por meio de reagentes, não indica existencia de ferro.

O doutor F. da Fonseca Henriques, a pagina 212 do seu *Aquilegio*, diz que esta agua é efficaz contra as lombrigas; e os moradores d'estes sitios lhe attribuem a mesma virtude.

—

D. Joao VI, sendo ainda principe regente, e estando no Rio de Janeiro, fez 1.º visconde de Souzel, em 17 de dezembro de 1811, a Antonio José de Miranda Henriques da Silva e Albuquerque Mexia Leitão Pina e Mello, que era senhor de Carapito e Codeceiro, alcaide-mór de Villar-Maior e de Panoyas, do concelho de D. Maria I, grão cruz da ordem da Torre Espada, commendador da de Christo, conselheiro de guerra, tenente general (desde 10 de janeiro de 1809) e na guerra peninsular, commandante de uma divisão de 6:000 homens, que devia hir em auxilio dos haspanhoes: general em chefe do exercito entre o Tejo e o Mondêgo, commandante da 2.ª linha da defeza de Lisboa, e duas vezes governador das armas do Alemtejo.

Pertenceu ao exercito realista convencionado em Evora-Monte, e não tornou para o serviço militar.

Nasceu a 16 de dezembro de 1761, e falleceu no 1.º de dezembro de 1835.

Foi casado com D. Joanna Maria do Resgate de Saldanha, sua prima, 1.ª filha de Manoel de Saldanha da Gama e de D. Francisca Joanna Josefa da Camara. Este Manoel de Saldanha da Gama, era irmão de Luiz de Saldanha da Gama e Torres, 4.º conde da Ponte e 4.º senhor d'Assequins. Foi o mesmo Manoel de Saldanha da Gama, 1.º conde de Porto Santo, par do reino, em 1829, veador da rainha D. Carlota Joaquina (mulher de D. João VI) depois, com exercicio no quarto da infanta D. Isabel Maria, filha d'aquella senhora. Em 1833, foi presidente da camara municipal de Lisboa.

—

O 1.º (e até hoje unico) visconde de Souzel, teve quatro filhas, que foram, por ordem das edades:

[1] Diz-se que ao mesmo tempo D. Nuno mandou fazer quatro imagens da Senhora da Orada: esta, uma para a villa de Monçaraz (para a egreja que depois foi de frades agostinhos descalços), outra para a villa de Ourem, e a quarta para Villa Velha do Rodam.

1.ª — *D. Anna Joaquina,* condessa de Bobadella.

2.ª — *D. Francisca Rita,* que casou com José Leite de Souza Tavares de Oliveira Pereira de Foyos, da casa do 1.º (e unico) visconde de Veiros.

3.ª — *D. Maria Leonor.*

E uma bastarda, que foi a

4.ª — *D. Anna Francisca.*

Todas quatro são fallecidas.

—

Era filho de José Joaquim de Miranda Henriques, moço fidalgo, senhor de Carapito e Codeceiro, alcaide-mór de Villar Maior e de Panoyas, commendador da ordem de Christo, governador das armas da provincia do Minho, e tenente general do exercito. Falleceu a 6 de dezembro de 1782.

Casou tres vezes — a 1.ª, com D. Anna de Lima, condessa da Ilha do Principe, dama da rainha D. Marianna d'Austria. Era (a condessa) viuva do 4.º conde da Ilha do Principe, Francisco Luiz Carneiro e Sousa—2.ª, com D. Maria Barbara de Lencastre — (Não teve filhos d'estes dous matrimonios) — 3.ª, com D. Anna Joaquina de Lencastre, condessa da Ponte (viuva do 3.º conde da Ponte, Antonio José de Mello Torres.)

As duas ultimas, eram irmans, filhas de João de Saldanha da Gama, 3.º senhor d'Assequins, gentil-homem da camara do infante D. Antonio, do conselho do rei D. João V, commendador da ordem de Christo, mestre de campo de infanteria, na guerra da restauração, governador e capitão-general da ilha da Madeira, e vice-rei da India. Falleceu a 29 de março de 1747.

Da 3.ª esposa, teve um unico filho, que foi o 1.º visconde de Souzel.

—

O terreno d'este concelho, é fertil em cereaes e azeite; produz bastante e bom vinho, fructas, hortaliças e legumes, e cria muito gado de toda a qualidade.

SOUZELLA—freguezia, na comarca e concelho de Lousada, 30 kilometros a NE. de Braga, 350 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 116.

Orago, Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

É terra fertilissima em todos os generos agricolas do paiz, e cria e exporta muito gado bovino.

N'esta freguezia e junto á ermida de São Christovam, rebentou, em 1642, uma fonte, a cuja agua o povo attribue grandes virtudes medicinaes, pelo que lhe chama *fonte milagrosa.*

SOUZELLAS — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 9 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 186.

Orago, S. Thiago, apostolo.

A abbadessa cisterciense do convento de Lorvão, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 937, Justa, viuva, e seus filhos, doaram ao mosteiro de Lorvão (que então era benedictino, e de frades e freiras) tudo quanto tinham em Souzellas, menos a egreja de S. Thiago, com todos os seus ornatos, na qual seriam parochos, seus sobrinhos e netos, e não os havendo, ficaria a egreja para o dito mosteiro.

Para estes seus descendentes, lhes consignaram os doadores, *sesaginta passalles in giro,* o que constituia uma boa quinta.

—

É a 27.ª estação do caminho de ferro do norte, contando de Lisboa; e a 12.ª, contando desde o entroncamento.

Pelo caminho de ferro, d'aqui a Lisboa, são 225 kilometros — mais 15 do que pela estrada ordinaria.

É terra fertil.

SOUZELLO ou **SÓZELLO**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi do extincto concelho de S. Fins, e da comarca de Rézende) 40 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisbôa, 480 fogos.

Em 1768, tinha 164. [1]

Orago, Santo André. (O *Portugal Sacro*, diz que é S. Pedro, apostolo.)

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento annual 450$000 réis. Os monges bentos de Alpendurada, fundando-se em que a egreja de Souzêllo fôra de um mosteiro da sua ordem, tambem pretenderam — mas não conseguiram — o padroado d'esta egreja.

Esta freguezia — que é muito fertil — é limitada ao N. pelo rio Douro, e ao O., pelo rio Paiva, atravessado por uma barca de passagem, no sitio da Pateira, abaixo de Vilella. Por esta razão, é abundante de optimo peixe, fornecido por ambos os rios.

Foi villa e couto, em tempos antigos, e ainda ao logar principal da freguezia se dá o nome de *Couto*.

Na aldeia de Vilella, nasceu e falleceu, em julho de 1875, João Pinto de Souza Menezes Montenegro, que foi coronel da guarda municipal do Porto. Era um homem honrado e foi um militar valente. Pertenceu ao exercito liberal.

—

Esta freguezia é a ultima que o districto administrativo de Viseu tem para o O., terminando tambem no rio Paiva, a provincia da Beira Alta. O bispado de Lamego porém, ainda continúa para este lado, comprehendendo todo o concelho de Paiva, que é o 1.º (do E.) do districto administrativo d'Aveiro, e da provincia do Douro. Principia este districtoe esta provincia, na margem esquerda do dito rio Paiva.

—

É Souzêllo uma povoação antiquissima. Teve um mosteiro duplex, da ordem de São Bento, fundado em 870, e dedicado a Santo André. O truculento Almançor, kalifa de Córdova, o destruiu, em 996. Depois, só a egreja foi reconstruida, por ser a matriz da freguezia.

[1] Aquí ha infalivelmente engano do *Portugal Sacro*; porque a *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta em 1724, lhe dá 460 fogos.

O mosteiro tinha sido fundado por *Castimiro* e sua mulher *Asarilli*, e seus filhos, á sua custa, em uma herdade que seus antepassados haviam tomado aos mouros. Foram os fundadores que para aqui trouxeram os monges, logo em 870, e, além do mosteiro, doaram varias fazendas a esta *egreja monachal*, em beneficio de seus herdeiros, declarando que doavam a egreja, com todos os seus ornatos. (Documento do mosteiro de Alpendorada, que lhe fica em frente, ao N., do outro lado do Douro.) [1]

Em 874, os filhos dos doadores fizeram um *compromisso* com os monges (foi escripto no mesmo pergaminho da doação, e ao través d'ella, confirmando-a.)

—

Na aldeia do *Escamarão*, d'esta freguezia, ha uma grande feira, no dia 29 de setembro de cada anno.

O Escamarão e Villa-Mean, é que formavam o couto de Souzêllo, que já tinha esta cathegoria, em 1132, o que se prova por varios documentos que existiram no cartorio do mosteiro d'Alpendorada.

Em Villa-Mean (tambem d'esta freguezia) e que fica proximo á margem direita do Paiva, tambem houve um mosteiro de freiras benedictinas, que no seculo XV se uniu ás religiosas da mesma ordem, da cidade do Porto.

Este mosteiro e a sua cêrca, foram vendidos, ha mais de 200 annos, e hoje está transformado em uma boa quinta, pertencente a uma senhora do Porto, da familia do fallecido marquez de Terena.

—

N'esta freguezia ha quatro ermidas e um oratorio — as ermidas são — *Menino Deus* — S. Sebastião — Santo Antonio — e Nossa Senhora das Dores — o oratorio, é tambem dedicado a Nossa Senhora das Dores, e está nas casas da quinta de Villa-Verde.

—

O terreno d'esta freguezia é muito accidentado, mas fertilissimo em todos os gene-

[1] Na doação que os fundadores fizeram ao mosteiro, a palavra Christo, está assim escripta — XPS.

ros agricolas do nosso paiz, e o seu vinho, posto que *verde*, é de optima qualidade. É abundante de boas madeiras, que exporta, pelo Douro, para a cidade do Porto, que lhe fica 38 kilometros a O. Faz tambem grande negocio com aquella cidade, para qual exporta os cereaes e fructas que sobram do seu consummo, pelo que, é uma das maiores e mais ricas freguezias da comarca.

SÓZA ou **SOUZA** — villa, Douro, concelho e 2 kilometros a ESE. de Vagos, comarca d'Aveiro (foi do mesmo concelho mas da comarca da Anadia) 15 kilometros ao S. d'Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 830 fogos.

Em 1768, tinha 171.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

Os duques de Lafões apresentavam o reitor, collado, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Está situada a E. da ribeira do Bóco, ou Rio Tinto, que nasce a E. de Mira, e, com 24 kilometros de curso, vae entrar, junto a Ilhavo, na parte S. da ria d'Aveiro.

Foi cabeça do concelho do seu nome, supprimido por decreto de 31 de dezembro de 1853.

Eram senhores donatarios de Sóza, os marquezes d'Arronches, depois, duques de Lafões, que, como vimos, tambem eram padroeiros da egreja.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de fevereiro de 1514. *(Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 86, col. 2.ª—Veja-se o documento n.º 57, da parte 2.ª, maço 26, do *Corpo Chronologico)*.

Foi muitos annos parocho d'esta freguezia, José Luiz Rangel Pimentel de Quadros. Tinha as honras de conego da Sé de Leiria, e foi um sacerdote illustrado e virtuosissimo.

E n'esta freguezia a quinta da Ouca, que foi de D. Beatriz Leitão, fundadora do mosteiro de Jesus, d'Aveiro, e a este mosteiro a doou a sua possuidora, em 1458.

Os campos tambem chamados da Ouca, n'esta freguezia, teem 6 kilometros de comprido por um de largo. Antigamente, foram verdadeiros matagaes, que no inverno estavam quasi totalmente alagados. Hoje estão convertidos em um vasto e fertil arrozal.

É terra fertil em todos os generos agricolas, e abundante de peixe, da ria, e do mar, que a limita pelo O.

É povoação muito antiga, e anterior á fundação da nossa monarchia, mas não se sabe por quem nem quando foi fundada. Tambem se não sabe qual foi o seu primeiro nome, posto que o actual tem mais de 700 annos.

Suppõe-se que o nome de *Souza* lhe foi dado pelos Souzas, condes de Miranda do Corvo, depois marquezes de Arronches, e, por fim, duques de Lafões, senhores d'esta terra.

—

Souza, é um appellido nobre d'este reino, e d'ella originario. Procede de D. Faião Soares, fundador da villa de Arrifana do Souza, hoje Penafiel, onde foi o solar primitivo d'esta nobilissima familia.

De Faião Soares, foi filho D. Soeiro Bemfeitor, que viveu no reinado de D. Affonso II de Leão (que subiu ao throno, em 791.)

O primeiro que tomou o appellido Souza, foi D. Egas Gomes de Souza, filho de Dom Gomes Echigas e D. Gontrode Moniz. Foi rico-homem do rei D. Affonso. Casou com D. Flamula Gontinha, filha de D. Gonçalo Trastamires, da Maia, bisneto de D Ramiro II, de Leão, e, entre outros, foi seu filho, D. Mendo Viegas de Souza, rico homem do conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) o qual lhe deu a *Terra de Santa Cruz*, para governar, e defender dos mouros.

D. Mendo Viegas de Souza, casou com D. Thereza Fernandes, e foram paes de Dom Gonçalo de Souza, celebre batalhador e companheiro no nosso 1.º soberano, e seu logar tenente.

Usava das armas de Aragão — que são — em campo d'ouro, 4 coticas de púrpura, em palla, mas, na batalha de Axarafe, ou Ajarafe (Andaluzia) dada aos mouros por Dom Sancho I, em 1188, tomou aos mouros, pelas suas proprias mãos, quatro bandeiras vermelhas, com os crescentes de prata, e por isto, se lhe accrescentou o escudo com a ca-

derna de crescentes, ficando assim construido o seu brazão — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, as armas d'Aragão — no 2.º e 3.º, de púrpura, a caderna de crescentes. Não quiz outro despojo da batalha, senão as quatro bandeiras, que depositou em Pombeiro. Foi veador de D. Affonso Henriques.

Casou tres vezes, tendo grande descendencia.

D. Maria Paes Ribeira de Souza, sua filha, e herdeira da casa de seu pae, casou com D. Affonso Diniz de Portugal, e então alterou as suas armas, ficando assim construidas — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, as armas de Portugal — o 2.º e 3.º, tambem esquartelados, tendo no 1.º e 4.º quartel, as armas de Portugal, e no 2.º e 3.º, a caderna dos crescentes, de prata, em campo de púrpura. São ainda as actuaes armas da casa ducal de Lafões.

Ha ainda outras familias de appellido Souza (verdadeiros Souzas, se entende, porque hoje ha uma multidão de *Souzas apocrifos)* procedentes do mesmo tronco, e que vão mencionadas nas terras dos seus solares.

Finalmente, Souza, é um dos appellidos mais nobres de Portugal.

Sóza está ligada á villa de Vagos por uma estrada municipal, na qual uma ponte atravessa o *rio Salgado*, que divide Sóza de Vagos.

O mesmo *rio Salgado* (a ria) atravessa a *ria d'Aveiro*, passando aos portos do Bóco, e Quintan (concelho de Vagos) e communica pela ria com a villa de Ovar, que fica 40 kilometros ao N. O.

Na margem direita d'esta ria (de Vagos) está a rica e vasta quinta de Vista-Alegre, e a sua bella fabrica de vidros e porcellanas, da qual tratarei no logar competente.

É esta ria (á qual por aqui dão vulgarmente a denominação de *rio Salgado*) frequentada por grande numero de barcos, que transportam cal, arrôz (da terra) feijão, vinho, barro para as olarias de Ovar e Porto, e outros objectos.

Tambem uma grande quantidade de barcos, se empregam aqui na apanha do moliço. (Vide *Ria d'Aveiro.*)

Esta industria constitue um bom ramo de commercio, pois sendo um optimo adubo para fecundar as terras, vae para differentes povoações do concelho, e para os de Mira e Cantanhede.

A egreja parochial, se não é magnifica, pelo menos está com muita decencia e muito bem conservada, devido ao zêlo do seu actual parocho.

As egrejas parochiaes de *Mamarrosa* e *Palhaça* foram antigamente curatos de Sóza, e era o parocho d'esta villa que os apresentava.

O logar de Ouca, que é muito importante pela sua população e fertilidade, foi couto, cujos empregados judiciaès eram confirmados pela prioreza do mosteiro de Jesus, de Aveiro, como donatarios, em vista de uma doação feita a este convento, pela sua fundadora, a dita D. Brites Leitão.

—

O verdadeiro nome d'esta freguezia e da seguinte, é *Souza* e não *Sóza*, como vulgarmente se lhe chama.

Em geral, a gente do sul do reino, não pronuncia o diptongo *ou*, como deve ser pronunciado, mas dizem *ô* ou *ó* — v. gr. — ouro, *ôro* — mouro, *môro* — ourives, *ôrives* — Ourique, *Ôrique*, etc., e eis a razão, porque de Souza fizeram *Sóza* e *Sôza*.

SÓZA ou **SOUZA** — freguezia, Douro, concelho d'Aveiro, immediata á antecedente. Era padroeiro, São Romão. Foi villa e couto, do que D. Sancho I doou a D. João Fernandes e a D. Fernando João, filho d'este.

O mar subverteu, ou cobriu de areia, a maior parte d'esta freguezia, ficando só a aldeia e egreja de S. Romão, que veio a pertencer ao mosteiro de cruzios, de Grijó, até 1834.

Em 1193, D. Sancho I deu esta villa á ordem, ou instituto de *Roca Amador*, que estabeleceu aqui a sua capital, e d'aqui se difundiu pelos hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, Leiria, Torres-Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego e outras terras. (Vide *Róca Amador.)*

Os crusados que ajudaram D. Sancho I a conquistar Silves, em 1188, é que trouxeram a Portugal o instituto de Roca-Ama-

dor, bem como a imagem da sua padroeira (Nossa Senhora de Roca-Amador) que ainda se conserva na egreja parochial.

—

D. Sancho I, não só doou aos frades de Roca-Amador esta villa de Souza, como tambem lhe fundou o seu hospital, como consta da doação, que diz — *Ecclesiae Sanctae Mariae de Rupe Amatoris, de villa quae vocatur Socia, et fratribus ibidem Deo servientibus.*

Deu-lhes tambem tudo o mais que tinha n'este couto, como a egreja e seus passaes, novos e velhos, marinhas e direitos reaes.

Esta doação confirmaram muitos prelados e outras pessoas principaes da côrte do doador.

D. Affonso III, confirmou ao prior, frei Hugo, aquella doação (tanto do mosteiro, como do hospital) e o rei D. Diniz, fez a mesma confirmação, ao prior, frei Guilhem Morsel, não só do mosteiro e hospital de Souza, como do couto, declarando que os moradores d'esta villa reconheceriam por senhorios, os frades do mosteiro. O rei Dom Fernando confirmou estas doações.

D. Sancho II, deu á egreja de Nossa Senhora da Conceição, de Vagos, as terras de S. Romão, chamadas *Couto de S. Romão*, que D. Fernando João, filho de D. João Fernandes, com auctoridade do mesmo monarcha lhe havia dado — isto, em 1202.

N'esta villa se conservaram sempre os priores de Santa Maria de Roca-Amador, até ao tempo de D. Affonso V, no qual se supprimiu esta ordem e se fez a commenda da ordem de S. Thiago, que o rei deu a D. João de Souza, e cuja doação foi confirmada pelo papa Pio II — Foi assim, que em Portugal terminou a ordem de Roca-Amador.

Vimos que a egreja de S. Romão foi dada á da Senhora da Conceição, de Vagos, e esta aos conegos regrantes de Santo Agostinho, de Grijó, e é por isso que a egreja de São Romão de Souza ficou sendo padroado d'este mosteiro. Notemos tambem que os frades de Roca-Amador, eram conegos regrantes de Santo Agostinho.

—

O mar, foi pouco a pouco sepultando esta freguezia sob as suas areias, mas não pude saber quando principiou esta catastrophe; com certeza, foi depois do reinado de D. Affonso V, pois que até 1481, não ha noticia d'ella.

Muitos annos depois da supressão da ordem dos hospitalarios de Roca-Amador, se achou enterrado um sino, no sitio ainda hoje chamado *Viella do Sino.* (Pertenceu á antiga egreja d'esta Sóza.) Logo abaixo d'este sitio, está um terreno, hoje cultivado, chamado *Campo d'Almedina* (Campo da cidade). A aldeia de S. Romão, está junto d'este campo.

Em vista do nome d'*Almedina*, é provavel que em tempos remotos houvesse aqui uma povoação de mais ou menos importancia (talvez a antiga Sóza) e que o mar subverteu em parte, e a areia acabou de subverter.

SÓZELLO — Vide *Souzéllo.*

SPADALEIRO — portuguez antigo — remeiro, remador.

STAUROTIDOS — Vide *Borralhoso.*

STEVAINHA ou **STEVEINHA**—nome proprio de mulher, corrupção do latino *Stephania.* Hoje diz-se *Estefania.*

SUAJO—Vide *Gabiarra, Gavieira*, e *Soajo.*

SUB-ARRIFANA — Vide *Penafiel.*

SUB COLLINA — villa, Minho, na freguezia de S. Pedro de Maximinos, de Braga, e pouco distante de S. Fructuoso, segundo consta da doação do rei D. Affonso, *o Casto.*

No anno de 1062, houve contenda, entre o bispo de Lugo e o de São Thiago de Compostella (ambos gallegos) sobre os termos d'esta villa e da de *Tornarios.* Fez-se exame judicial dos taes termos e se determinaram por ordem real.

Não se sabe hoje exactamente, o sitio onde estiveram estas villas (que me parece serem casas de campo) por ha muitos seculos terem mudado de nome.

SUB-FEIRA — Vide *Sanfins da Feira.*

SUB-FEIRA — freguezia, Douro, na comarca e concelho da Feira, 30 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 84 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O abbade de Espargo, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua.

Ha aqui forçosamente engano do *Portugal Sacro*, repetindo esta freguezia, mudando-lhe o padroeiro e o orago.

Na palavra *S. Pedro Fins*, diz que o padroeiro é o mosteiro de religiosas de S. Bento, do Porto, e que o orago é S. Pedro, apostolo; e na palavra *Sub-Feira*, diz que o padroeiro é o abbade de Espargo, que o orago, é S. Thiago, apostolo, e que o cura tem sessenta mil réis, quando em São Pedro Fins, lhe dá só o pé d'altar.

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 386) dá a esta freguezia a denominação de *São Perofins*, e diz que é abbadia, que rende 40$000 réis!

No *Mappa Estatistico das Congruas*, se lhe dá por padroeiro *São Fins*, e diz que o parocho tem de rendimento annual 132$330 réis.

Toda esta barafunda procede da palavra *Pero-fins*, que cada um escreve como lhe parece, e que só se devia escrever *S. Felix*.

O que é certo, é que as duas freguezias (de *Sanfins e Sub-feira*) são uma e a mesma coisa, e é a parochia que está contigua á villa da Feira, e ao ENE. d'ella.

Não ha em Portugal outra *Sub-Feira*.

SUB-PORTELLA — freguezia, Minho, comarca, concelho e districto administrativo de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, ou vem com outro nome.

É terra muito fertil, gado, e caça (no monte da Portella, que lhe fica sobranceiro.)

SUB-RIPAS — A pag. 322, columna 1.ª e seguintes do 2.º volume, fallando do assassinato de D. Maria Telles de Menezes, por seu marido, o infante D. João, filho de Dom Pedro I e de D. Ignez de Castro, e perpetrado no dia 28 de novembro de 1377, disse que este acontecimento teve logar no vasto edificio de *Sub-Ripas*, de Coimbra, e é esta a constante tradição entre o povo da cidade que ainda denomina esta casa, *palacio de D. Maria Telles*.

Segundo as modernas averiguações, está hoje provado que nem aquelle edificio foi de D. Maria Telles de Menezes, nem foi assassinada n'elle, nem tinha sido mosteiro ou hospicio de templarios, pois não ha memoria de que estes cavalleiros tivessem, em tempo algum, casa propria em Coimbra, todavia, as muitas cruzes da ordem de Christo que se veem incrustadas na parede d'esta casa célebre., faz-me suppor que, antes de construir-se, em 1550, o *Collegio de Thomar*, d'esta ordem, houve em Coimbra um edificio pertencente a estes cavalleiros, e que talvez tivesse sido dos templarios, dos quaes aquelles foram herdeiros, em 1319,

O palacio ficava dentro dos muros, cujas portas só estavam abertas de dia, e é provavel que lhas não abrissem (a D. João) *fóra d'horas*, jámais vindo elle acompanhado de uma escolta de gente armada.

A chronica de Fernão Lopes, narra o caso circumstanciadamente, e diz que teve logar *no arrabalde da cidade*, perto da egreja de S. Bartholomeu.

O licenceado João Vaz, dono de uns pardieiros, situados defronte de uma torre que hoje faz parte do edificio de Sub-Ripas, requereu á camara, em 1514, que lhe ratificasse o contracto de doação que lhe haviam feito Bastião Gonçalves e sua mãe Catharina Annes, e sua mulher Catharina Fernandes, d'aquella torre *sob a riba* da cidade, [1] com seu lanço de muralha, *tudo em frente dos seus pardieiros*. Requereu mais que a camara lhe desse licença para construir um balcão ou passadiço, que, *atravessando a rua, ligasse os taes pardieiros com a propriedade novamente adquirida*. Ambas as cousas lhe foram concedidas.

Ainda hoje se vê no cimo da rua de Sub-Ripas, a casa, com a torre que foi de Bastião Gonçalves, ligada pelo passadiço, á casa em que se transformaram os pardieiros do tal licenciado.

Na referida escriptura de doação, se diz que a torre partia do norte, com a torre do prior do Ameal, que ainda existe, transfor-

[1] Aqui temos a etymologia da palavra *Sub Ripas*. Vide *Riba*, *Rriba*, e *Ribada*.

mada em casa de habitação, junto á porta do Collegio Novo — do sul, com casas de D. Philippe — do poente, com a barbacan da cidade — e do nascente, com a rua publica, e com os pardieiros do tal licenciado.

Sub-Ripas, é corrupção de *Sob-a Riba*, que era o primeiro nome d'esta rua.

Depois de 1514, construiu-se na torre que fôra de Bastião Gonçalves, e sobre a muralha e terrenos adjacentes, a casa apalaçada que hoje alli vemos.

Tanto a porta, como as janellas do 1.º andar, são de pedra graciosamente lavrada, no estylo manoelino. As do 2.º andar, são mais simples. Parece que os dous andares foram construidos em épocas diversas, e até a côr da parede do andar superior, é differente da inferior. Em uma das janellas se veem as datas de 1542 e 1547.

Em todas estas construcções, tanto nas paredes exteriores, como nas interiores, estão embutidos muitos medalhões, representando figuras de damas e guerreiros, e diversos bustos de santos, em baixo-relêvo.

No pateo da casa onde foram os pardieiros, ha tambem dos taes medalhões — N'um d'elles, está o rei David, tocando harpa — outro, representa a rainha Dido — outro uma mulher que tem o nome de Martha.

Servem de ante-peitos a algumas das janellas, pedras lavradas, com emblemas, parecendo que as janellas foram accommodadas ás taes pedras, e não estas ás janellas; o que faz acreditar que os medalhões e outros fragmentos de esculptura, pertenceram a algum edificio antigo, que o dono d'este aproveitou, embutindo-os irregular e extravagantemente nas paredes do passadiço e das duas casas a que elle serve de communicação.

Alternam com os medalhões, varias cruzes de Christo e differentes misulas, que parece terem tambem pertencido a outro edificio.

O palacio de Sub-Ripas, veio depois a pertencer aos senhores Perestrellos, que são os seus actuaes proprietarios.

—

Conclúo pois dizendo que se não sabe com certeza a casa em que foi assassinada a infeliz D. Maria Telles de Menezes; mas o que é innegavel, é que a tradição antiquissima, e ainda hoje geral, é que foi no palacio de Sub-Ripas. Que deu origem a esta tradição? — Mysterio!

SUB-SERRA — logar, Extremadura, na freguezia da Castanheira, concelho de Villa Franca de Xira. (Vol. 2.º, pag. 159, col. 2.ª e seguintes).

Ha aqui um mosteiro de freiras de Santa Clara (franciscanas) da invocação de Nossa Senhora da Annunciada, vulgarmente denominado de *Sub-Serra*, pela sua situação na baixa da serra da Castanheira, e proximo ao sumptuoso templo de *Nossa Senhora da Barroca*, ou da *Barroquinha*, fundado pelos annos de 1665. Fica tambem a pouca distancia, o mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, de religiosos franciscanos, de que ja tratei no *Sobral*.

—

Condes de Sub-Serra

Manoel Ignacio Martins Pamplona Corte-Real, nasceu em Angra (Ilha Terceira) a 3 de junho de 1760, e morreu na prisão do forte da Graça, em Elvas, a 16 de outubro de 1832.

Era filho de André Diogo Martins Pamplona Corte-Real, senhor do mórgado das Salgas, na Ilha Terceira, e de D. Josefa Jacinta Merens e Távora.

Manoel Ignacio Martins Pamplona Corte-Real, foi bacharel formado em mathematica. Sentou praça — de cadête — no regimento de cavallaria de Santarem, onde foi despachado alferes. Passou como voluntario á Russia, servindo este imperio contra a Turquia, em 1788 — esteve no exercito alliado, commandado pelo duque de York, assistindo ao cêrco de Valencienes — foi ajudante-general da divisão auxiliar portugueza, na guerra do Rousillon, e depois, tenente coronel e segundo commandante da legião de tropas ligeiras, em 1797, e coronel do regimento de cavallaria n.º 9, em 1801 — brigadeiro, em 1806.

Invadindo Portugal, em 1807, o general francez Junot, á frente de uma horda de assassinos, ladrões e incendiarios, Pamplona tomou o seu partido, e fez, *voluntariamente*,

parte da chamada *divisão auxiliar portugueza*, que o malvado Junot mandou para França, ao serviço de Buonaparte, ao qual serviu sempre, com mais lealdade do que teve para com a sua patria.

Em 1810, fez parte do exercito francez de Massena, que n'esse anno invadiu Portugal, fazendo-nos guerra cruel e sanguinaria; pelo que foi pelo governo portuguez condemnado á morte, como traidor á patria.

Fez a campanha da Russia, em 1812. a favor de Buonaparte, que o fez marechal de campo, e chefe do estado-maior-general, commandante de uma legião de cavallaria, composta de portuguezes e francezes.

Buonaparte o fez grão-cruz da legião de honra, que o corso havia fundado.

Expulso Buonaparte da França, pelo tratado de Fontainebleau, de 3 d'abril de 1814, tomou Pamplona o partido de Luiz XVIII, que o fez governador militar do departamento do Loire e Cher, e depois, da Cotte d'Or, em 1815.

Não podia voltar a este reino, em vista da sentença de morte, decretada pela regencia contra todos os traidores, que, fazendo causa commum com os inimigos de Portugal, invadindo-o com mão armada, tinham perdido todos os direitos de cidadãos portuguezes.

A constituição de 1820, porém, abriu as portas a todos os traidores expatriados, enchendo-os de honras e titulos!

Pamplona, regressou a Portugal, em 1821, sendo, *logo n'esse mesmo anno*, feito ministro da guerra e deputado ás côrtes!

Em 23 de julho de 1823, foi feito 1.º conde de Sub-Serra, e em 1825, foi por embaixador á Hespanha, regressando a este reino, em abril de 1827.

O sr. Dom Miguel I, nunca poude perdoar aos portuguezes que nos exercitos de Buonaparte invadiram Portugal, fazendo-lhe crua guerra como a paiz inimigo, pelo que, por sua ordem expressa, foi preso Pamplona, e guardado incommunicavel na fortaleza de S. Vicente de Belem, sendo depois transferido para o castello de S. Julião da Barra, d'ahi para o forte de S. Lourenço *(Bugio)* e por fim, para uma das casamatas do forte da Graça, em Elvas, onde morreu.

Tinha casado a 19 de maio de 1806, com D. Isabel de Roxas e Lemos Carvalho e Menezes, dama da ordem de Maria Luiza, em Hespanha, e viuva de seu primo, Manoel de Roxas e Lemos, [1] do qual havia tido uma filha, que Pamplona adoptou, e que veio a ser a

2.ª condessa de Sub-Serra e Bemposta

D. Maria Mancia de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves Teixeira Vahia, nascida a 5 de maio de 1805.

Foi 2.ª condessa de Sub-Serra, e 15.ª senhora da casa da Trófa — condessa da Bemposta, pelo seu casamento, e dama da rainha D. Carlota Joaquina.

Casou, em 8 de maio de 1822, com Fradique Lopes de Souza Alvim e Lemos, seu primo, conde de Sub-Serra, 16.º senhor da casa de Bordonhos (na comarca de Viseu— Vide *Bordonhos, Santar, Torre d'Alvim e Trófa*, do Douro) commendador da ordem de Christo, cavalleiro da legião de honra, em França, tenente coronel, e em 1823, ajudante de ordens do sr. D. Miguel I (quando, ainda infante, era commandante em chefe do exercito.)

Tinha nascido a 17 de janeiro de 1800, e morreu, em Paris, a 4 de outubro de 1826. Era filho de Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos, 15.º senhor da casa de Bordonhos, moço fidalgo, e de D. Antonia Adelaide Teixeira de Lira e Menezes. — Fallecendo seu 1.º marido, passou a 2.as nupcias (em 25 de agosto dô 1834) como Theodoro Estevam de Larue, conde de Saint Leger e 2.º conde da Bemposta, e marquez do mesmo titulo (ou da Bemposta Sub-Serra) em trez vidas, a 11 de julho de 1835. — Foi feito mestre-sala da casa-real, em 19 de fevereiro de 1836. Era commendador da ordem de S. Bento d'Aviz, cavalleiro das de S. Luiz e da legião d'honra, em França, e da de S. Fernando, em Hespanha — e brigadeiro do exercito liberal. Foi ajudante de campo, do sr. D. Pedro,

[1] Esta senhora, que foi um exemplo de constancia e fidelidade a seu infeliz esposo, acompanhando-o sempre na prizão d'Elvas, falleceu em maio de 1856.

depois, do principe D. Augusto, 1.º marido da sr.ª D. Maria II, e, por fim, do sr. Dom Fernando. Em França, tinha sido chefe de batalhão no *corp royal*, e, em 1830, pertenceu ao estado-maior do marechal duque de Raguza.

A 2.ª condessa de Sub-Serra, D. Maria Mancia, era filha de Manoel de Roxas e Lemos Pequeno Chaves Teixeira Vahia, senhor dos mórgados de Busiêllo e Adães, 14.ª senhor da casa da Trófa (do concelho d'Agueda) na qual succedeu a seu tio, Bernardo de Lemos de Carvalho e Vasconcellos, 13.º senhor da Trofa, moço fidalgo, e coronel de um dos regimentos de milicias de Lisboa, fallecido em novembro de 1805, e que fôra 1.ª marido da 1.ª condessa de Sub-Serra, como já disse, e da qual teve a 2.ª condessa.

SUCÇÃES ou **SUZÃES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Lamas de Orelhão) 120 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 136.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O collegio de S. Jeronymo, de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento e o pé de altar.

Terra pouco fertil, de clima excessivo, mas saudavel. Cria bastante gado e é terra abundante de caça.

SUDRÕES — antiga villa (hoje extincta) em Traz-os-Montes, termo de Barroso. Dom Affonso III lhe deu foral, em Coimbra, a 20 de novembro de 1264. *(Livro I de doações de D. Affonso III*, fl. 72, v., col. 2.ª, no principio.)

SUEIRAS ou **SUEYRAS** — portuguez antigo — certas pedras preciosas (talvez saphiras). — *Os milhores pannos, apostados com muito aljofar, pedras ricas, penas que vivendo com El-Rei seu marido vestira: e havia huma mui formosa, e de gram valia, cuberta das mais ricas sueiras.* (Vida antiga da rainha Santa Isabel).

No testamento de D. Ermengonça, feito em 1294, se lê — *E a mha selha* (sella) *das sueiras.* (Documento d'Alpendurada).

SUEVOS — povos septentrionaes, que com os visigodos, wandalos, alanos, selingos e outros povos do Norte da Europa, depois de invadirem as Gallias. onde deixaram os ostrogodos, passaram os Pyreneus, e invadiram e saquearam a nossa Peninsula, desde 405 até 409.

Fazendo crua guerra aos romanos, os expulsaram das Hespanhas; porém, turbulentos e indisciplinados, desavieram-se nas partilhas, guerreando-se encarniçadamente, e destruindo muitas povoações da Lusitania, depois do que, Ataces, successor de Resplandiano, rei dos alanos, regulou com os outros chefes barbaros a demarcação dos reinos, ficando elle com a maior parte da Lusitania, e parte da provincia de Carthagena, tendo por capital Merida.

Alguns dos wandalos e selingos, occuparam a Betica, a que deram o nome de Wandaluzia (hoje Andaluzia) e outros, com os suevos, dividiram entre si a Galliza, ficando estes com a região que se estende desde Lisboa até ao rio Minho, fazendo Braga sua capital.

Em 585, Leovegildo, rei dos gôdos, tutor de Eburico, ultimo rei dos suevos, lhe usurpou o throno, acclamando-se senhor dos dous reinos. Assim terminou o reinado dos suevos na Lusitania.

Os monarchas suevos que reinaram na Lusitania, foram — *Hermenerico, Rechila, Reciario, Masdra, Franta, Frumario, Remismundo, Theobaldo, Veremundo, Miro, Pharaneiro, Rechila II, Ricario II, Theodomiro, Ariamiro*, e *Eburico.*

O reino dos suevos, durou uns 160 annos. (Vide *Braga).*

SUL — villa, Beira Alta, concelho de São Pedro do Sul, comarca de Vousella (foi da mesma comarca, mas do concelho do seu nome) 32 kilometros ao NO. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 575 fogos.

Em 1768, tinha 224.

Orago, Santo Adrião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O conde almirante (conde de Rézende)

apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É povoação antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 4 de abril de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 72, columna 2.ª)

Foi cabeça do concelho do Sul, que tinha 1:300 fogos, e foi supprimido em 1853.

Antigamente eram annexas a esta egreja, as freguezias de São Martinho das Moutas, Cóvas do Rio, e Covéllo de Paivô; mas, sendo depois a egreja de S. Martinho das Moutas elevada a beneficio collativo, da apresentação da mitra, tornou-se assim independente da matriz do sul, ficando d'ahi por diante as outras duas, annexas á de S. Martinho.

O extincto concelho do Sul, comprehendia 7 freguezias, todas no bispado de Viseu, eram — Sul, São Martinho das Moutas, Cóvas do Rio, e Covéllo de Paivó, que passaram para o concelho de S. Pedro do Sul — Gafanhão, Rériz, e Pepim, que foram para o concelho de Castro d'Aire.

Ainda existe a casa da camara ameaçando ruina imminente, menos a parte que está occupada pela casa da escola de instrucção primaria. Tambem ainda existe a cadeia e o pelourinho.

Pela nova divisão judicial, ficou a villa do Sul constituida séde de um julgado, com seis freguezias.

Tem delegação do correio, e um bom mercado mensal, onde se compra e vende muito gado vaccum.

Esta freguezia, além de muito populosa, comprehende uma extensa área, e está situada em um bonito valle, regado pelos arrôios que descem das montanhas que o circumdam, e pelo rio Sul, que entra na direita do Vouga, junto á villa de S. Pedro do Sul, á qual dá o nome. Todas estas aguas, regam e fertilizam a freguezia, que produz abundancia de milho, trigo, feijão, vinho (verde, mas optimo) laranjas (de excellente qualidade) hortaliças, e legumes.

Nos seus montes se criam coelhos, lebres, perdizes e gallinhollas.

D'aqui se vê, ao N., a montanha ou serra de S. Macario, assim chamada, por existirem alli duas ermidas, ambas dedicadas a este santo; e é o ponto mais elevado d'uma cordilheira que se prolonga a O., d'onde se descobre um vasto horizonte, e que serviu de abrigo áquelle solitario anachorêta, que julgou estar alli mais proximo do céu. Vivia em uma gruta, que ainda existe.

Em memoria do venerando asceta, erigiram uma ermida que se acha situada no cume do monte, limite da freguezia de São Martinho das Moutas.

Ignora-se porém a data da fundação d'esta ermida, e o nome do seu fundador.

Quando a parochia das Moutas era filial da antiga matriz do Sul, corria a administração das esmolas e offertas da ermida, por conta do parocho de S. Martinho, que era apresentado pelo abbade do Sul; mas depois que S. Martinho passou a beneficio collativo e se emancipou da tutella do abbade do Sul, houve desavenças, por muitos annos, entre os dous parochos, movendo o do Sul uma demanda ao das Moutas, no respectivo juizo ecclesiastico (porque o abbade do Sul, emquanto apresentou o outro, recebia d'elle, parte das taes esmolas e offertas.)

Decidiu-se a favor do parocho das Moutas, como era de justiça, ficando apenas o do Sul, com o direito de hir á ermida, de cruz alçada, com uma procissão de ladainha, no dia da romaria.

Depois d'isto, o licenciado João de Mello Abreu Falcão, abbade do Sul, mandou edificar a segunda ermida, no sitio da gruta, que ficou fazendo parte da mesma ermida, mandando tambem construir junto d'ella, uma casa para o eremitão, comprando ao concelho do Sul, o terreno baldio necessario para tudo isto.

O fundador dotou a ermida, dando-lhe para patrimonio, um praso, que instituiu em propriedades suas, e que ainda hoje existe, e do qual a ermida é senhora directa. É administrado este praso — que comprehende bôas propriedades — pelo parocho do Sul, em cujo limite está a ermida, e porque o instituidor deixou isto aos parochos seus successores.

As duas ermidas, estão na distancia de 200 metros (pouco mais ou menos) uma da outra.

Celebra-se a festa commum, no ultimo domingo de julho, sempre concorridissima de romeiros, por espaço de trez dias. (Vide *Banho* e *S. Pedro do Sul*).

Devo a maior parte d'estes esclarecimentos, ao sr. Antonio de Figueiredo Rocha do Sul, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos,

SUMMARIO — portuguez antigo — macho, mulla, azemola, ou qualquer outra bêsta de carga. — *Et XV* (15) *summarios oneratos auro, et XX* (20) *dextrarios*. (Documento de Santa Cruz de Coimbra.)

Deriva-se do grego *sagma* ou *sagmarium*, peso ou carga. *Summar* era synonimo de carregar. (Vide *Passaes*).

SUPPLICAÇÃO (casa ou tribunal da) — Era o maior e principal d'este reino, tanto no civel como no crime. Tinha o seu assento em Lisboa, no edificio que tinha servido de paços reaes, em quanto se não construiram os de Alcaçova, no reinado de D. Diniz.

Era o palacio de S. Bartholomeu, contiguo ás muralhas do castello de S. Jorge. (Para evitarmos repetições, vide no 4.º vol., pag. 123, col. 1.ª—*Palacio de S. Bartholomeu*.)

Foi instituido este tribunal, no reinado de D. João I, o qual lhe deu para *regedor*, seu sobrinho, D. Fernando da Guerra (depois bispo do Porto e, por fim, arcebispo de Braga) neto do infante D. João, filho de Dom Pedro I e de D. Ignez de Castro. Foi regedor da supplicação, até á sua morte.

Na sua primeira origem se chamou *presidente da casa da supplicação*, e depois, *regedor das justiças*. O primeiro que teve esta denominação, foi Rodrigo Gomes d'Alvarenga, pae do famoso Lopo Soares d'Albergaria, vice-rei da India.

A casa da supplicação, esteve em differentes localidades, depois de ter estado em Lisboa No reinado de D. João II, passou da capital, para a villa de Torres-Novas, mas d'aqui fez o soberano passar os juizes para a cidade d'Evora, para o julgamento do duque de Bragança, em 1483. (Vide *Evora*).

A jurisdicção ordinaria d'este tribunal, comprehendia as provincias da Extremadura, Alemtejo e Algarve, e a comarca de Castello-Branco.

Além d'esta jurisdicção particular, tinha a casa da supplicação, o grande privilegio de conhecer dos aggravos e appellações da casa do civel do Porto, nas causas que excediam a sua alçada, pois que a supplicação a tinha toda; mas havia *revista*, nas sentenças sobre bens de raiz, que excediam o valor de 300$000 réis — e nas dadas sobre bens moveis, que excedessem o valor de 400$000 réis. Isto, por uma lei de Dom Pedro II, datada de 26 de junho de 1696.

Compunha se este tribunal de 40 ministros, os quaes *apontavam as Ordenações*, pela ordem seguinte: — um *chanceller*; dez *desembargadores* dos aggravos e appellações; dous *corregedores* do crime, da côrte; dous *corregedores* do civel, tambem da côrte; dous *juizes dos feitos da corôa e fazenda*; quatro *ouvidores* das appellações de causas crimes; um *procurador dos feitos da coroa*; um *procurador dos feitos da fazenda*; um *juiz da chancelleria*; um *promotor da justiça*; e 15 *desembargadores extravagantes*.

Depois se alterou o numero d'estes ministros, que chegaram a 42. Tiraram-se dois ouvidores das appellações crimes (que eram quatro) e accrescentaram-se trez desembargadores extravagantes.

Juntavam-se estes ministros, na grande sala da relação, onde se repartiam por sete mezas, na fórma seguinte — *meza grande*, a que presidia o regedor da justiça, sentado em cadeira de espaldas, debaixo de um docél, e aos lados, em bancos estofados, os 10 desembargadores de aggravos. Á direita da meza grande, estava a meza dos corregedores do crime, da corte.

Seguia-se outra meza, do mesmo lado, que era a dos dois juizes da corôa e fazenda, e na qual tambem assistiam os dous procuradores regios, e na qual despachava tambem o juiz das capellas.

Seguia-se outra meza, ainda do mesmo lado direito, que era a dos desembargadores extravagantes. Do lado esquerdo da meza grande, ficava a meza dos desembargadores dos aggravos. A esta meza se seguia a dos ouvidores do crime, na qual tambem despachava o juiz da chancellaria.

Finalmente, a esta meza, se seguia outra,

chamada dos *hospedes*, na qual despachava o juiz dos contos; o juiz do fisco; e o juiz conservador da junta do commercio, antes da suppressão d'esta junta. N'esta meza, tinham tambem assento os dous corregedores do civel da côrte, quando hiam á relação.

—

Este tribunal, foi supprimido em 1834; ou, para fallar com mais propriedade, foi chrismado em *supremo tribunal de justiça.*

SÚRIO — portuguez antigo — sem rabo, derrabado. Ainda se uza nas provincias do norte.

SUSÃA ou **JUSÃA** — portuguez antigo — de cima — v. gr., *Caria Susãa*, Caria de Cima. É o contrario de *jussãa*, que significa *debaixo*, v. gr., *Caria Jussãa*, Caria de Baixo.

Antigamente dizia-se — *de juso*, abaixo — *de suso*, acima.

Ainda hoje se diz *juzante*, da maré que vasa (vazante) ou da cousa que fica inferior — e *montante*, a maré que sóbe.

—

Esta preposição já existia no tempo dos gôdos, como se vê na poesia attribuida a D. Rodrigo, ultimo rei gôdo das Hespanhas, na qual se lê:

Di juso da sina do Miramolino.

(Vide o 1.º vol., pag. 238 H. H., columna 1.ª)

É pois gallicismo antiquissimo em Portugal, provavelmente trazido pelos gallos-celtas. Os francezes ainda dizem, *sous*, debaixo — *sus*, de cima.

SUXAR — portuguez antigo — dispensar, abrandar, remittir, etc. (Documento de Tarouca, do seculo XIV.)

SUZANA — Vide *Santa Suzana.*

T

TABAÇÔ ou **TABASSÔ** — freguezia, Minho comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 24.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

É povoação muito antiga, pois já era parochia, em 1239, com o nome de S. Christovam. Era então do bispado de Tuy.

TÁBOA ou **TÁBUA** — villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca (de 3.ª classe) do seu nome (foi do mesmo concelho, mas da supprimida comarca de Midões). Pertence ao districto judicial da relação do Porto, e á 2.ª divisão militar. 48 kilometros a E. de Coimbra; 6 de Midões, e de S. João d'Areias; 12 de Côja, Farinha Podre, e Oliveira do Hospital; 18 da villa d'Avô; e 240 ao N. de Lisboa.

Tem 700 fogos.

Em 1768, tinha 323.

Orago, Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto admnistrativo de Coimbra.

O conde da Cunha apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Nunca teve foral velho ou novo.

O concelho de Táboa, é composto de 16 freguezias, todas do bispado de Coimbra, são — Azere, Caudosa, Carapinha, Cóvas, Covêllos, Espariz, Meda de Mouros, Midões, Mouronho, Oliveira de Fazemão, Oliveirinha, Pinhero de Côja, Póvoa de Midões, Farinha

Pôdre (S. Paio) Sinde, e Táboa, todas com 4:300 fogos.

A comarca da Táboa, comprehende o concelho de Oliveira do Hospital, com 2:100 fogos, e o da Táboa, com 4:300 — total, 6:400.

Pela nova divisão, comprehende 3 julgados — Midões, Mouronho e Táboa.

Tem estação telegraphica.

As terras de Taboa, são uma aggregação de diversas povoações, que todas em commum teem este nome; mas nenhuma em particular, porisso que cada uma d'ellas é designada pelo seu nome proprio: Alvarelhos, porém, *Villa Antiga*, é como o centro e a principal de todas ellas.

O nome de Táboa, provem de uma ponte de madeira que aqui havia sobre o Mondêgo.

Hoje está substituida por uma ponte de cantaria lavrada, com cinco arcos.

Consta que n'outro tempo, houve no antigo concelho de Táboa, alguns mosteiros de freiras, mas não existe d'elles o minimo vestigio.

Foi outr'ora da provedoria da Guarda e correição de Viseu; depois foi, até 1834, da correição d'Arganil.

O actual concelho de Táboa, comprehende os antigos concelhos, supprimidos, de Azere e Sinde.

A superficie d'este concelho, é montuosa, mas aprasivel, pelos valles que o cortam e águas que o fertilizam, pois que, além de diversas fontes, nascem dentro dos seus limites, as ribeiras seguintes:

Ribeira de Táboa, que nasce junto a Sergudo, e desagúa no Mondêgo.

Ribeira do Remouco, que depois toma o nome de *Ribeira d'Azere*. Nasce junto á povoação das Ollas, e morre no Mondego.

Ribeira das Barras, que desagúa no rio Cavallos, que divide este concelho do de Midões.

Ribeiro de S. Facundo. Nasce junto á povoação do seu nome, e se junta á Ribeira de Táboa.

Ribeiro da Cabrieira. Nasce junto a Mancellos, e morre no Mondégo.

—

É terra fertil em milho, centeio, azeite, bom vinho, legumes, castanhas e algum trigo.

Cria bastante gado e ha por aqui muita caça miuda.

—

Em fevereiro e março de 1876, grassou aqui uma epidemia de typhos, que matou muita gente. Houve casas em que morreu toda a familia!

A egreja matriz de Táboa, foi restaurada em 1876, á custa do povo, dando o governo um conto de réis para ajuda das obras, tirado do cofre das bullas.

Os Cunhas, eram senhores donatarios d'esta freguezia, e tinham aqui os seus paços. Principiou esta familia em um bisneto de Guterres da Cunha, por nome Vasco Lourenço da Cunha.

D. Antonio Alvares da Cunha, senhor de Táboa, foi pae do famoso D. Luiz da Cunha (Vide 4.º vol. pag. 328, col. 1.ª)

Estes Cunhas eram tambem senhores do extincto concelho de Gestaçô. (Vide 3.º vol., pag. 277. col. 1.ª)

Havia n'esta freguezia quatro casas vinculadas, todas de bons rendimentos.

Táboa era um concelho da comarca de Midões, e, por causa das atrocidades do tristemente celebre facinora, João Brandão (João Victor da Silva Brandão) foi a comarca de Midões transferida para a Táboa, em 1855. (Vide 5.º vol., pag. 211, col. 1.ª e seguintes.) Consta que João Brandão morreu no Bihé (Africa) em 1880.

—

D. Raymundo, conde de Coimbra, casado com a rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VI, de Leão e Castêlla (que havia tomado o titulo de *imperador das Hespanhas*) deu em janeiro da era de Çesar 1095 (1057 de J. C.) no sitio da *Varzea da Táboa*, uma grande batalha aos *reis* mouros de Lisbôa e Leiria, desbaratando-os. Chamava-se o *rei* de Lisbôa, *Iben-Rasis*, e o de Leiria, *Turfon*.

Os que desejarem saber circumstanciadamente este facto historico, vejam a *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, por Luiz Marinho d'Azevedo, pag. 222 e seguintes.

Nasceu na Táboa, o 5.º arcebispo de Braga,

TABOAÇAS ou **TABUAÇAS** — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil. Gado e caça.

Ha aqui uma fabrica de louça grossa, de bôa qualidade.

TABOAÇO ou **TABUAÇO**—villa. Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca d'Armamar (foi do mesmo concelho e da comarca do seu nome, supprimida) 24 kilometros a E. de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa, 355 fogos.

Em 1768 tinha 184.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu. [1]

O reitor de Barcos, apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento. Depois, passou a apresentação para as freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa.

O concelho, é composto de 13 freguezias, todas no bispado de Lamego, são — Adorigo, Arcos, Barcos, Chavães, Granja do Tédo, Longa, Paradella, Pinheiro, Santa Leocadia, Sendim, Taboaço, Távora e Valle de Figueira. — Todas com 2:300 fogos.

Pela nova divisão, é cabeça de julgado.

Pertence á 2.ª divisão militar.

Está situada a 8 kilometros da margem esquerda do Douro, e 2 ao S. O. da esquerda do Távora.

São n'este concelho as famosas minas de chumbo, denominadas de Adorigo, da *Companhia de mineração plombifera d'Adorigo*, cujos estatutos foram approvados, pela repartição competente, e publicados no *Diario do Governo*, de 18 d'agosto de 1875.

[1] Foi séde de comarca, até 1855, mas a capital era a villa de Barcos: n'este anno, foi supprimida a comarca, ficando o concelho pertencendo, até hoje (1881) á comarca de Armamar.

Estas minas são nos seguintes logares — *Abergan, Lambugal, Santa Leocadia, Adorigo* e *Portella dos Córvos*.

Está em lavra activa, e tem dado bons resultados á empreza.

—

Taboaço, fica 120 kilometros a E. do Porto, 24 a E. de Lamêgo, 20 a NO. de Moimenta da Beira, e 24 ao SO. de S. João da Pesqueira.

Teve antigamente, juiz de fóra, officiaes de justiça competentes, capitão mór e dous capitães de ordenanças, com as suas respectivas companhias.

Nunca teve foral, novo nem velho.

Houve n'esta freguezia as ermidas de S. Vicente, S. Payo, Santa Barbara — e os oratorios dos herdeiros de Pedro Guedes de Vasconcellos, e dos de Antonio da Motta.

Adiante vão mencionadas as actuaes.

Está situada em terreno levemente accidentado, a meia encosta da serra de Chavães, descendo para o rio Távora. O seu clima é ameno, temperado e salubre.

Consta que em tempos antigos, esta egreja pertenceu aos templarios.

As freiras da Estrella, receberam, até 1834, os dizimos, e pagavam a congrua ao parocho.

Hoje, é abbadia, sendo seu actual abbade, o reverendo Antonio Soares Martinho, natural d'esta villa, e collado em novembro de 1853.

É terra fertil, em optimo vinho, azeite, cereaes, fructa, baga de sabugueiro (para *confecção* — ou *corrupção*... — do vinho, chegando ás vezes a dar a 4$000 réis o alqueire) [1] batatas, legumes, etc, tudo de superior qualidade. Antes da invasão do *oidium tukeri*, produzia esta parochia, termo medio, 1:500 pipas de vinho, de mesa e de embarque, que produzia de 40 a 50 contos

[1] O préço da baga de sabugueiro, é muito incerto: ás vezes, no mesmo anno, desce a 400 réis o alqueire, e sóbe a 4$000 réis.) A producção d'este genero, anda por 3:000 alqueires, e ha annos em que esta freguezia tem apurado, de 6 a 8 contos de réis, só em baga; muito mais do que hoje faz em vinho e azeite.

de réis. A producção d'azeite, anda por 120 a 130 pipas por anno.

Os vinhos superiores (denominados *do Porto*) são produsidos pelas vinhas das margens do Douro e do Távora.

Toda a fructa é excellente, e secca-se muita para exportação.

—

Ainda no principio d'este seculo, por aqui appareciam com frequencia, javalís e lobos: hoje não ha. É verdade que, em dezembro de 1880, um lôbo, levado pela fóme, desceu á villa, e entrou em uma casa cuja porta achou aberta, e poz-se a comer figos seccos. Chegou o dono da casa, e fechando immediatamente a porta, matou o lobo com um tiro. Isto causou grande admiração ao povo da villa, por ser um facto rarissimo.

—

A egreja matriz, de architectura toscana, está no centro da villa, é de construcção sólida, toda de cantaria, mas sem reboco, o que lhe dá uma apparencia sobremaneira triste. É de uma só nave. A capella-mór, foi construida no seculo XII, e o corpo da egreja, é reconstrucção do seculo XVI.

Tinha uma irmandade das almas, muito antiga, que, em 1866, foi transformada em associação de soccorros mutuos, com o titulo de *Associação fraternal taboacense*, e com o fundo de 6:000$000 réis.

Ha n'esta egreja, uma capella particular, dedicada a Santo André, que foi da casa do Fontão, e hoje é da familia dos Pintos Guedes, representada pelo marechal de campo, o sr. Pedro Maria Pinto Guedes, residente n'esta villa.

—

Ermidas d'esta freguezia

1.ª, *S. Vicente* — a uns 200 metros a NE. da villa.

2.ª, *Santa Barbara* — a O. da villa, e quasi contigua a ella. Serve hoje de capella do cemiterio municipal.

3.ª, *S. Placido* — a uns 900 metros a O. da villa.

Estão todas bem conservadas e n'ellas se celebram os officios divinos.

—

Junto á ermida de S. Vicente, tem apparecido vestigios de antiquissimas construcções, talvez romanas — como tijolos, grandes pedaços de cimento, uma especie de punhaes, grandes pregos de cobre, e moedas romanas de cobre e prata.

Ha um bom e vasto cemiterio municipal, principiado em 1838. Foi notavelmente embellezado pela camara, desde 1858 a 1862, sendo presidente o sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto; a cuja iniciativa deve Taboaço, este e muitos outros melhoramentos publicos, como estradas, novos paços do concelho; do que tudo foi elle mesmo o engenheiro, e por muitas vezes, adiantando dinheiros seus, para estas obras.

Á familia Macedo Pinto, dêve este concelho muitos e avultados beneficios, pelos grandes melhoramentos que lhe tem proporcionado.

—

Esta villa, tem progredido consideravelmente, ha uns 30 annos. Alargaram-se algumas ruas, abriu-se um bairro novo, a SO., com cinco extensas ruas, bem alinhadas, ás quaes se poz as seguintes denominações — *Central, da Alegria, do Conde de Ferreira, do Hospital*, e *da Bôa Vista*. Já n'ellas ha excellentes edificios particulares, e mais haveria, se o philoxera não fizesse perder grande parte dos rendimentos, aos proprietarios de vinhas.

É n'este bairro, a escola do conde de Ferreira, na rua do seu nome.

—

Os paços do concelho, de architectura normando-gothica, é um dos melhores edificios da villa, assente sobre arcos de cantaria, sob os quaes ha mercado, tres vezes por semana. Está ao nascente da praça, e no centro da povoação.

—

Entre os edificios particulares, são dignos de nota, a casa do marechal de campo, de que já se fallou — o do Fontão, da familia Cunha, de Sernancêlhe, parentes do marquez de Pombal, e que hoje pertence ao sr. Antonio Joaquim d'Oliveira Guimarães, que a comprou e restaurou — as casas da fami-

lia Macedo Pinto, uma na rua do Arrabalde e outra na Praça-Nova, sendo esta o melhor edificio particular da villa. Foi construida de 1850 a 1852. Comprehende, casa de habitação, capella, armazem, cocheira, um lindo parque, dous lagares de azeite, de systema aperfeiçoado, e outras officinas. A casa da bibliotheca, tem uns 3:500 volumes.

Todo o interior do edificio, está explendidamente adornado e mobilado.

Tambem pertence a esta esclarecida familia, a grande e bella *quinta do Hospital*, com vastos campos, grande pomar, de fruta variadissima; optimas ramadas, de videiras escolhidas; um espaçoso lago, com seu cahique; uma matta, com cêrca de 6 kilometros de circumferencia, toda murada, tendo no centro varias e formozas ruas, bem assombradas por differentes qualidades de arvores, como eucalyptos, acacias, araucarias, varias especies de pinheiros, cedros, eriptomêrias, grafileas, castanheiros, carvalhos, sobreiros, etc.

A maior parte d'esta matta, foi feita em 1840, semeando-se-lhe 1:200 alqueires de semente de *pinus maritima*. O resto da matta, é muito antigo.

É, sem contestação, uma das mais bellas e amplas mattas de Portugal.

Alem d'esta quinta e de varios predios na villa, tem esta familia, a pouca distancia d'ella, as quintas de *Espinho*, *Panascal*, *Fornéllos*, e *Rio-Bom*, todas com casas de habitação. Todas davam excellente vinho de embarque, mas o philoxera tem destruido a maior parte das vinhas.

Teem bons pomares de fructa, olivaes e cearas.

Produzem optimas laranjas. A quinta de Rio-Bom, tem produzido, em alguns annos, 15 pipas de azeite.

A melhor quinta para vinho, pertencente a esta familia, era a de Fontéllo, a 2 kilometros a NO. da villa, e contigua á estrada do Douro. Foi replantada como typo, desde 1860 a 1865, comprehendendo cêrca de 70:000 videiras, de qualidades escolhidas. A plantação de cada milheiro de cêpas, custou 300$000 réis — total, *vinte e um contos de réis!* Era a melhor e mais extensa vinha de Portugal, e poucas no estrangeiro se lhe avantajariam. Podia produzir dezenas e dezenas de pipas do famoso *Port-wine*, mas hoje apenas produz tres (!) porque está toda philoxerada.

Horroriza ver tão vasta e bella propriedade, que tanto dinheiro custou a seus donos, hoje reduzida quasi toda a monte, como estão quasi todas do Alto-Douro.

A pequena distancia d'esta quinta, estão as do Panascal, da mesma familia, tambem muito vastas e que foram umas bellas propriedades, com 80:000 videiras, as quaes, devendo hoje produzir 80 pipas de vinho superlativo, estão egualmente philoxeradas e reduzidas a monte!

—

Ha n'esta villa, desde 1875, uma biblioteca publica, annexa á escola de instrucção primaria do sexo masculino, contando já uns mil volumes, muitos d'elles offerecidos pelo fallecido visconde de Macedo Pinto (do qual se tratou em Sendim, d'este concelho) e os restantes, comprados pela camara, ou offerecidos por particulares.

Está em construcção o edificio para a nova escola complementar, e para a bibliotheca Macedo Pinto.

Os senhores Macedos Pintos, offereceram-se para pagar metade do custo d'este edificio, que segundo o orçamento prévio, anda por 1:921$000 réis, devendo o resto, egual quantia, ser paga pelo governo.

O sr. doutor, José Ferreira de Macedo Pinto, offereceu já, para esta bibliotheca, perto de 2:000 volumes, quasi todos de sciencias naturaes.

Segundo aquella proposta e generosas offertas, a creação d'este estabelecimento de instrucção publica, brevemente será convertida em lei.

Ensinar-se-ha n'esta escola, um curso de dous annos, comprehendendo noções de arithmetica, algebra, geometria e trigonometria; desenho linear e de paizagem; principios de economia e administração publica, principios de physica e chimica; historia natural; construcções ruraes; e agricultura pratica, apropriada ás condições do sólo e clima d'este concelho.

—

Houve em Taboaço, familias distinctas, de appellido Cunha (da casa do Fontão) Pintos Guedes, Sás Rebellos, Mottas, Rebellos, Silvas, Costas, Soares, Ribeiros, etc. — Hoje as principaes são — a do marechal de que já se fallou, casado e com successão — a do senhor Antonio Joaquim de Oliveira Guimarães, actual presidente da camara, tambem casado, e com successão — a dos Sás Rebellos — e a dos irmãos Macedos Pintos, uma das mais notaveis da provincia, pela sua illustração, nobreza de caracter, e avultada fortuna.

Já no artigo *Miragaia* (Porto) se fallou d'esta familia, aqui accrescento —.

É conhecida a familia Macedo Pinto, desde os primeiros annos do seculo XVII, pelos seus haveres e eminentes qualidades. Procede de ricos lavradores da villa de Barcos, e descende de Simão de Mattos Leitão e de sua mulher, Domingas de Macedo Pinto. Seu filho, João de Macedo Pinto, casou em Taboaço, com Jeronyma Ferreira. D'elles procedem homens conspicuos pela sua virtude, intelligencia, probidade, e amor ao trabalho.

Foram d'esta familia —.

D. Maria Thereza de Macedo Pinto, regente do recolhimento do Freixinho, e alli fallecida, em 25 de agosto de 1794, em cheiro de Santidade.

Dr. Bernardo Antonio Ferreira de Macedo Pinto, juiz de fóra de Sortêlha, e Belmonte, corregedor de Ourem, nomeado juiz da relação do Porto, fallecido pouco depois da sua nomeação.

Padre José de Deus Rodrigues, freire d'Aviz, doutor em canones, prior de Carregozella, sacerdote de muita sciencia e virtudes.

—

Manoel Ferreira de Macedo Pinto, pae dos actuaes representantes d'esta esclarecida familia, casou com D. Maria de Deus, senhora virtuosissima e esmeradamente educada, herdeira de avultados bens de fortuna, natural de Guidieiros, freguezia de Sendim, d'este concelho. Foram seus filhos —.

1.º *Bernardino de Senna Macedo Pinto*, bacharel em direito. Seguiu por algum tempo a carreira da magistratura; mas retirou-se a sua casa, para não tomar parte nas luctas partidarias que ha tantos annos teem enlutado Portugal. Tem sido varias vezes procurador á junta geral do districto de Vizeu, presidente da camara e administrador do concelho de Taboaço. Está ainda solteiro.

2.º, *Vicente Ferreira de Macedo Pinto*. Casou com D. Maria Duarte Costa, d'esta villa, e reside na cidade do Porto. Está viuvo e sem filhos.

3.º, *Antonio Ferreira de Macedo Pinto* — visconde de Macedo Pinto, vide *Sendim*, d'este concelho, e *Miragaia*, do Porto. Era casado com a sr.ª D. Anna Clementina Peres Moreira, viscondessa, hoje viuva e sem filhos.

4.º, *D. Maria da Piedade Macedo Pinto*, senhora virtuosissima, que falleceu solteira.

5.º, *Manuel Ferreira de Macedo Pinto*. Exerceu, com grande credito e por muitos annos, a profissão de negociante de vinhos, no Porto, legando á sua familia, um nome sem mancha, e alguns centos de contos de réis. Era solteiro.

6.º, *José Ferreira de Macedo Pinto*, do qual adiante se trata especialmente.

7.º, *Antonio Thomaz Ferreira de Macedo Pinto*, — Casou n'esta villa, com D. Guilhermina Duarte e Costa, da qual teve trez filhos e trez filhas. Dos trez filhos, um seguiu a carreira militar, e é official do regimento de infanteria n.º 9, de quartel em Lamego — Os outros dous, exercem a profissão do commercio no Brazil.

As trez filhas (D. Camilla, D. Ermelinda, e D. Maria do Carmo) ainda estão solteiras.

Possuem uma educação esmeradissima, sendo adornadas de todas as prendas que podem enobrecer uma senhora da mais alta cathegoria. Poucas senhoras haverá em Portugal, de tanta illustração e prendas.

—

8.º *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto* — ainda solteiro, e do qual por varias vezes temos fallado n'este artigo.

É um cavalheiro muito illustrado, activo, tratavel, e administrando a sua grande casa, que é um modelo de bom governo.

—

José Ferreira de Macedo Pinto, 6.º filho, nasceu em Guedieiros, freguezia de Sendim, em 15 de junho de 1814. Matriculou-se (contra sua vontade) no 1.º anno de philosophia e mathematica, na universidade de Coimbra, em 1835, e tendo cursado dous annos de mathematica e trez de philosophia, como preparatorios para o curso de medicina, matriculou-se no 1.º anno d'esta sciencia, em 1838.

Frequentou o 4.º anno philosophico, no anno lectivo de 1841 a 1842, na qualidade de ordinario, e o 5.º, no anno seguinte.

Formou-se em philosophia, em 26 de maio de 1843, e em medicina, a 31 de julho do mesmo anno. Frequentou o 6.º anno medico, de 1843 a 1844, tomando grau de *licenciado* em medicina, a 14 de novembro de 1844, e doutorando-se no 1.º de dezembro do mesmo anno.

Foi premiado, no 4.º e no 5.º anno de philosophia, com o 1.º partido de 50$000 réis, e não obteve premios nos outros annos d'esta faculdade, porque a universidade os não concede á classe de *obrigados*.

Em medicina, foi lhe dado, no 2.º anno, o 1.º premio de 40:000 réis, e o 1.º partido de 50$000 réis. No 3.º, 4.º e 5.º annos. obteve o partido de 50$000 réis.

Fez um curso de 30 lições, em phisiologia experimental, para ser admittido á classe de oppositor, para a qual se habilitou com o respectivo auto, a 23 de maio de 1845.

Foi nomeado substituto extraordinario da 1.ª cadeira de clinica, em congregação de 18 de dezembro de 1845, e principiou a reger a dita cadeira, em março de 1846.

Em 1845, recitou a oração *de sapientia*, que foi impressa.

Exerceu o cargo de secretario da sua faculdade, desde 8 de novembro de 1845, até 10 de novembro de 1849, e em seguida, trez annos, o de fiscal da mesma faculdade.

Foi nomeado demonstrador do theatro anatomico da universidade, por decreto de 4 de agosto de 1846, tomando posse a 24 d'esse mez.

Ainda em 1846, foi pelo reitor da universidade, nomeado membro de uma commissão, encarregada de fazer ensaios sobre o *magnetismo animal*, e publicou um folheto d'estes ensaios.

Foi nomeado *substituto ordinario*, da faculdade, por decreto de 9 de agosto de 1851, e n'esta qualidade, regeu com distincção varias cadeiras. Por decreto de 14 de março de 1855, foi nomeado lente cathedratico, com exercicio na cadeira de medicina legal, hygiene pública, policia medica, e historia geral de medicina.

Regeu esta cadeira, com a maior distincção, até novembro de 1866, e creou um gabinete de chymica medica, que dirigiu: gabinete que prestou importantes serviços ao estudo da toxicologia e politica medica, á physiologia, á anatomia, e a outras cadeiras da faculdade, e á administração da justiça.

Desde 1842 até 1856, tambem exerceu a clinica, com bons creditos.

Na qualidade de substituto extraordinario, do conselho superior de instrucção publica, foi addido á 1.ª secção d'este conselho, em 31 de janeiro de 1845, e nomeado secretario da 3.ª secção, em janeiro de 1848, e alli elaborou o *Regulamento geral para as escolas* medico-cirurgicas insulares.

Foi nomeado vogal effectivo do conselho superior de instrucção publica (em Coimbra.)

Por occasião do colera-morbus, foi nomeado, por portaria de 31 de agosto de 1855, director do hospital dos colericos, cargo que acceitou sem reluctancia, apezar do seu grande perigo. Organizou e dirigiu o dito hospital, com zelo, dedicação e energia, fazendo um regulamento, que foi approvado pelo governo civil. Estes relevantissimos serviços foram prestados gratuitamente.

Exerceu ainda varias outras commissões, sempre com a sollicitude e inteireza propria do seu honrado caracter.

Foi eleito deputado ás cortes, pelo circulo de Lamego, na legislatura de 1856 a 1857, sendo então a causa da construcção da estrada marginal da Regua á villa da Pesqueira.

Obteve a sua jubilação, com o ordenado por inteiro e sem ficar sujeito a cabimento, por decreto de 21 de novembro de 1866.

Ainda depois, exerceu importantissimas commissões de serviço publico, concernentes á sua faculdade, sempre com geral louvor, pelos seus resultados.

Publicou as seguintes obras—*Compendio de veterinaria*, impresso na typographia da Universidade, em 1852. É um volume em 8.º

2.ª edição — *Compendio de veterinaria, ou curso completo de zoointrica domestica*, publicado pela mesma typographia, em 1854. São dous volumes, em 8.º

3.ª *edição da mesma obra*, na mesma typographia. São trez volumes, em 8.º grande.

Guia do alveitar — um volume em 12, publicado em 1852. Teve 2.ª edição, em 1854, e 3.ª em 1870.

Tratado elementar de medicina legal, ordenado segundo a legislação portugueza, por J. P. Furtado Galvão. A 1.ª parte d'esta obra, foi impressa no Porto, em 1855 — a 2.ª parte, por José Ferreira de Macedo Pinto. Typographia da universidade, 1858, dous volumes, em 8.º grande.

Toxicologia judicial e legislativa. Typographia da universidade, 1860. É um grosso volume em 8.º grande.

Medicina administrativa e legislativa. Typographia da universidade, o 1.º volume em 1862, o 2.º, em 1863. São dous grossos volumes em 8.º grande.

—

Por decreto de 3 de outubro de 1866, foi agraciado com a carta de conselho, *pelos valiosos serviços prestados ás sciencias e ás lettras*, etc. etc.

É socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisbôa — socio correspondente da Associação industrial portuense — socio correspondente da sociedade das sciencias medicas, de Lisboa — socio effectivo do Instituto de Coimbra, do qual foi um dos fundadores — socio correspondente do Instituto medico valenciano — socio correspondente da sociedade de medicina de Leão —e, finalmente, socio correspondente da sociedade de anthropologia de Pariz, etc. etc.

—

Ha na villa uma philarmonica, creada em 1856, e um bom theatro, situado no alto da povoação, junto á capella de Santa Barbara. Foi construido por uma sociedade de curiosos, em 1844, em um grande armazem, propriedade das freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, e que era a sua tulha dos dizimos. Em 1856, afrouxou o zelo dos associados, e o theatro estava em completo abandono e prestes a ser demolido pelo dono do armazem, por lhe deverem a renda de alguns annos. Então, o sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto, comprou n'aquelle anno o edificio, e não só conservou o theatro, mas o restaurou e ampliou, á sua custa, fazendo avultadas despezas.

Tem este theatro um palco espaçoso e bons camarins — duas ordens de camarotes, com 20 em cada ordem; plateia, com 102 logares; espaço sufficiente para a orchestra; bom scenario, e casa para arrecadação. Tudo isto, á custa do sr. José Ferreira de Macedo Pinto.

—

Em 1874, foi creada n'esta villa uma *Companhia edificadora*, com o capital de 24 contos de reis, e que já construiu 16 predios, por conta propria e de particulares, sendo estes pagos em annuidades, de um até 20 annos, á vontade dos devedores.

Proseguem as construcções (julho de 1881.)

—

Esta villa, é fornecida de bom peixe, do Douro e do Távora, e tambem recebe peixe do mar, pelo caminho de ferro do Douro, que lhe passa a 8 kilometros ao norte.

A sua agua potavel é excellente e em abundancia. Nasce a meia encosta da serra de Chavães, por entre uma penedia de granito, a ultima pedra d'esta especie que ha d'aqui para o N, pois que até á margem esquerda do Douro, todo o terreno é de schisto, secco e ardente, e é por essa razão que produz vinho de optima qualidade, superior ao que se cria nas immediações da villa, onde o terreno é granitico. Perde porem em qualidade, o que ganha em quantidade. Aqui, mil pés de vide, produzem regularmente, 3 e 4 pipas de vinho; em quanto que no terreno schistoso, egual porção de vides, apenas produzem uma pipa, e ás vezes metade.

—

A viação publica d'este concelho, é a mesma do principio da nossa monarchia: apenas tem alguns kilometros de estrada nova, á mac-adam, na margem do Douro, paralella á linha ferrea que segue pela margem opposta.

Anda agora em construcção uma estrada districtal, de Viseu por Moimenta da Beira, ao Douro, que ha-de atravessar o concelho de Táboa, e passar pela margem esquerda do Távora, a pouca distancia d'esta villa: porém ainda tem construidos só dous kilometros, nas proximidades de Moimenta da Beira, apezar de se ter principiado em 1875!

—

Este concelho, é hoje uma terra de gente pacifica e ordeira, laboriosa e tratavel: não era assim, durante as luctas politicas, desde 1820 até 1836, e ainda algum tempo depois. O povo d'aqui — na sua maxima parte — era temido em todo o Alto-Douro, pela sua turbulencia e excessos de toda a casta, não trepidando ante o roubo e os assassinatos que praticava com frequencia e impunemente, sendo o terror da gente pacifica. Ainda em 1846 e 1847, por occasião da guerra da *Patuleia*, se renovaram as terriveis scenas de outro tempo; mas, felizmente, esta guerra pouco durou. Contribuiram muito para a pacificação d'estes desordeiros, dous magistrados de *rija tempera* — o juiz de direito, Joaquim da Cunha Freire Pignatelli da Gama Souto-Maior, depois de 1836, e, depois de 1858, o juiz de direito Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles, efficazmente secundado pelo seu primeiro substituto, o doutor Germano Lopes Freire de Gouveia, da villa de Goujoim, ambos já fallecidos.

Foram estes dous energicos e corajosos magistrados, que fizeram metter na cadeia e degredaram para as costas da Africa, grande numero de criminosos; e assim fizeram conter em respeito os turbulentos e os de maus instintos.

Lancemos porem um veu sobre tão escura pagina da historia de Taboaço, cujo veu, por um pouco me vi obrigado a levantar, pelo dever de historiador.

—

Em 1863, deu-se n'esta villa um facto digno de nota.

Veio aqui o juiz de direito de Armamar, julgar os reus d'este concelho No dia do julgamento de uns valentões de Porto-Manso (margem do Douro) arraes e marinheiros de um barco rabêllo, que por causa de *dés réis*, (!) tinham assaltado a quinta do Espinho, dos senhores Macedos Pintos, ferindo gravemente o caseiro, se encheu completamente o tribunal de espectadores (e eu fui um d'elles) pelo desejo de ouvir os dous advogados da defeza, que foram, o doutor Antonio Julio, de S. João da Pesqueira, que, com rasão, gosava de grande prestigio no Alto-Douro, e o doutor João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão de Armamar, tantas vezes citado n'esta obra, e um dos primeiros jurisconsultos do paiz.

Ambos se houveram brilhantemente, sendo os reus absolvidos.

Foi sahindo a multidão da casa da audiencia, e, quando apenas alli estavam umas cincoenta e tantas pessoas, abateu a maior parte do pavimento, precipitando nas lojas todos quantos estavam sobre elle; mas, cahindo o soalho sem se desconjunctar, os cahidos apenas soffreram o susto e algumas leves arranhaduras. A parte da sala onde estava o juiz, delegado, advogados e eu, esperando que sahisse a turba multa, ficou firme.

Um dos jurados, que tambem tinha cahido, quando lhe dei os parabens, por escapar incolume, respondeu-me — «Esta hade lembrar-me sempre!... É a 2.ª vez que abate o tribunal, sendo eu jurado, e de ambas as vezes se disse que o jury foi iniquo!»

—

Na tarde do dia 30 de junho, d'este anno de 1881, um pavoroso incendio reduziu a cinzas a vasta e bella casa da residencia da sr.ª D. Leopoldina de Jesus Maria, de Santa Leocadia, d'este concelho.

Quazi toda a gente d'estes sitios accudiu immediatamente, mas não foi possivel salvar cousa alguma, pela espantosa rapidez com que o incendio se propagou a todo o edificio.

A proprietaria, querida e estimada de todos, pelas suas excellentes qualidades, e pela caridade que foi sempre uma das suas principaes virtudes, perdeu a sua sumptuosa casa, solar de seus maiores, toda a explendida mobilia, roupas e tudo quanto estava no edificio, e grande quantidade de vinho, azeite, cereaes e outros generos que estavam nos armazens.

Nada estava seguro.

Felizmente não houve victimas, nem mesmo ferimentos; mas todo o povo ficou sinceramente consternado por tão grande desgraça, e por, em poucos momentos, vêr destruido o celleiro dos pobres — e até dos que o não eram — da freguezia e immediatas.

Dr. Pedro Augusto Ferreira.
Abbade de Miragaia.

—

Peço perdão ao meu esclarecido amigo e generoso colaborador, o sr. dr. Ferreira, pelos cortes que me vi obrigado a fazer no seu curiossissimo artigo que acaba de lêr-se, e que fiz bem contra minha vontade, obrigado por circumstancias imperiosissimas, que o meu illustre amigo não ignora.

O seu artigo merece ser publicado em um folheto especial, por isso lhe guardo o original, que fica á sua disposição.

TABOADÊLLO, ou **TABUADÊLLO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 20 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, S. Cypriano.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Faustino de Visella, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. D. Sancho I lhe deu foral, em agosto de 1202, confirmado por D. Affonso II, em Coimbra, no mez de julho de 1218. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl., 35 col. 1.ª)

Teem apparecido n'esta freguezia, sepulturas antiqissimas, cavadas na rocha. Ficam perto da freguezia da Polvoreira, onde ha um dolmen, o que nos leva a acreditar que estes sitios já eram habitados no tempo dos celtas, ou dos povos que os precederam.

É terra fertil; gado e caça.

No dia 29 de agosto de 1877, falleceu na cidade do Porto, Antonio Joaquim Vaz de Miranda, negociante que foi em Pernambuco, natural de Taboadêllo, deixando 200$000 réis para concerto da egreja d'esta freguezia, e 40$000 réis para esmolas aos pobres da mesma. Isto, além de muitos outros legados valiosos, a estabelecimentos de beneficencia, de Portugal e do Brazil.

TABOADO, ou **TABUADO** — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da extincta comarca e concelho de Soalhães) 54 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisbôa 160 fogos.

Em 1768, tinha 109.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os herdeiros de Antonio Gonçalo, apresentavam o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. [1]

Foi villa e couto. O abbade d'esta freguezia era ouvidor, privilegio que lhe provinha de ter aqui havido um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios).

Foi antigamente, da comarca de Sobre-Tamega.

O mosteiro dos cruzios, foi fundado no seculo XIII, mas ignora-se o nome do seu fundador. Passou a abbadia secular, sendo bispo do Porto, D. João d'Azevedo, por bulla do papa Sixto IV, em 1475.

D'este mosteiro não ha vestigios. Diz-se porem que a actual egreja matriz, era a do mosteiro, assim como a residencia parochial. Consta que fôra primeiro de templarios.

No 5.º vol., pag. 64, col. 2.ª, vem mais noticias d'esta freguezia, e dos Montenegros, seus ultimos padroeiros.

Em 14 de agosto de 1877, foram á praça

[1] Nota — Os primeiros padroeiros d'esta egreja, eram os Farias, depois, foi o dito Antonio Gonçalo; e, por fim, eram os Correias Montenegros, senhores da torre de Novões.

os passaes d'esta freguezia, avaliados em 3:480$000 réis.

TABOEIRA ou **TABUEIRA** — Vide *Marcos da Ataboeira* (*São*).

TABOÊLLO — Vide *Távora*, villa.

TABOLADO — Em varias povoações de Portugal, ha praças assim denominadas. Eram os *tabolados* uma especie de amphitheatros, onde antigamente havia justas, torneios, corridas de touros e outros jogos e exercicios publicos. Chamavam-se tabolados, porque eram construidos de tábuas.

TABOSA — freguezia, Beira Alta, concelho de Sernacelhe, comarca de Moimenta da Beira, 40 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, de Sernancêlhe, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis. (A *Historia ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, diz que o cura tinha 50$000 réis. O *Portugal Sacro* — não sei porque, nem para que — dá sempre aos parochos, um rendimento muito menor do que na verdade era.

Tem duas ermidas — a de S. Sebastião, martyr; e a de Santo Estevam, proto-martyr.

Para a distinguir da seguinte, dá-se a esta freguezia a denominação de *Tabosa das Arnas*.

TABOSA ou **TEBOSA** — freguezia, Minho, concelho e comarca, districto administrativo, arcebispado e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 89.

Orago, o Salvador.

O deão do Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Houve aqui um antiquissimo mosteiro, duplex, da ordem benedictina, que no seculo XV passou a vigariaria do deão da Sé de Braga, que ficou sendo padroeiro da egreja até 1834, recebendo as rendas da freguezia.

Fertil, gado e caça.

TADIM E FRADÊLLOS — freguezia, Minho, concelho e comarca, districto administrativo, arcebispado e 9 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa. Vide *Fradéllos e Tadim*, onde já fica descripta esta freguezia.

Em Tadim, é a 7.ª estação do caminho de ferro do Minho (não contando a principal.)

TAGANTE — portuguez antigo — ainda usado — Açoite ou azorrague, que corta e retalha a carne — talhante — *Aquelle que a seu confrade der punhal, ou lhe messar a barvha, entre sôffra em camiza a V* (5) *tagantes*. (documento de Thomar, de 1388) De tagante se diz *tagantadas*, aos seus golpes.

TAGARRO — aldeia, Extremadura, na freguezia a 3 kilometros d'Alcoentre, concelho da Azambuja, comarca d'Alemquer.

Districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 70 kilometros a NE.

Fica esta aldeia, que é grande, proximo da serra de Monte-Junto (o *Monte Tagro* dos antigos.)

É povoação muito antiga, pois já existia em 1280, e n'este anno deu o rei D. Diniz, Alcoentro, Alcoentrinho e Tagarro, aos conegos d'Alcáçovas, de Santarem, recebendo em troca a egreja de Santa Iria, na ribeira de Santarem.

Ha toda a probabilidade para julgar que já existia no tempo dos mouros, pois *Tagaron*, é palavra árabe, que significa *fenda*; ou bôcca no monte; caverna, concavidade, gruta, etc. — Tambem póde significar desfiladeiro.

Ha aqui uma grande ermida, da invocação de S. Pedro, apostolo, construida no tempo que D. Henrique, depois cardeal rei, era arcebispo de Lisboa, pelos annos de 1560. Depois foi ampliada e é um vasto templo. Foi feito pelo povo, para alli ouvirem missa, visto a egreja lhe ficar longe e terem de passar um rio, que no inverno se torna caudaloso.

Em 1596, o arcebispo D. Miguel de Castro, permittiu aos povos de Tagarro terem um capellão privativo, apresentado por elles, para lhes dizer missa em todos os domingos e dias sanctificados.

TAGILDE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 680$000 réis de rendimento annual.

Fica proximo das famosas *Caldas de Visella.*

Abundante d'aguas, que tornam fertilissimo o seu terreno.

É povoação antiquissima, fundada por Atanagildo, rei dos gôdos, em 560, pondo-lhe o seu nome, que se corrompeu em *Tagilde.*

No *casal do Paço*, aldeia de Arriconha, d'esta freguezia, nasceu, pelos annos de 1200, o famoso *S. Gonçalo d'Amarante*, fallecido em 10 de janeiro de 1262.

(Para evitarmos repetições, vide 1.º vol., pag. 188, col. 2.ª e seguintes.)

Ha em Tagilde, uma cruz de prata, que, segundo a tradição, serviu no baptismo do santo. É gothica, e muito interessante, archeologica e artisticamente fallando. É ornada de varios lavores, e no centro e nas extremidades dos braços, tem pequenos medalhões, sobrepostos, representando em relevo, uns, varios animaes fabulosos, e outros, figuras de sanctos.

Vide *Arriconha.*

TAIAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção. Está ha muitos annos annexa á freguezia de Barroças, ou Borroças. Vide *Borroças.*

TAIDE ou **TAHIDE** — Vide *Thaide.*

TAIPA — A casa da Taipa, em Cabeceiras de Basto (Minho) é uma das mais antigas e nobres da provincia. Hoje acha-se incorporada á de Vallada e Caparica.

D. Luiz Gonçalves da Camara Coutinho Pereira de Sande, chefe da familia Camara, foi 11.º senhor das Ilhas Desertas (archipelago da Madeira) 5.º senhor de Regalados, 12.º morgado da Taipa, alcaide mór de Torres-Vedras, commendador da ordem de Christo, capitão de cavallaria e ajudante de ordens do duque de Lafões. Nasceu a 9 de março de 1758. Casou a 2 de julho de 1791, com D. Maria de Noronha, nascida a 3 de abril de 1767, e 2.ª filha dos 7.os condes dos Arcos, D. Manuel de Menezes e Noronha e D. Juliana Xavier de Noronha.

Teve 6 filhos, que, por ordem das edades, são:

1.º — *D. Juliana*, que foi marqueza d'Angeja.

2.º — *D. Gastão*, do qual adiante trato.

3.º — *D. Manoel*, gentil-homem da camara de D. João VI, capitão de infanteria. Falleceu em 21 de maio de 1869.

4.º — *D. Anna José*, casada com D. Nuno Balthazar da Silveira, da casa dos condes de Sarzêdas. Ficou viuva e morreu em 3 de abril de 1869.

5.º — *José*, foi bacharel em leis e governador civil de Beja.

6.º — *D. Maria Constança*, que foi marqueza de Fronteira, e morreu a 11 de setembro de 1860.

Conde da Taipa

D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, 2.º filho de D. Luiz, nasceu a 2 de julho de 1794. Foi feito 1.º conde da Taipa, a 3 de julho de 1823 — par do reino, em 1827 — deputado ás cortes, em 1827 — coronel de cavallaria. Fez a guerra da Peninsula e a do Rio da Prata.

Morreu a 27 de março de 1866.

Como par e como deputado, tornou-se notavel pelas suas chocarrices, fazendo rir os seus collegas. Deve porém confessar-se, que as suas graças e os seus *ápartes*, tinham, quasi sempre, muito espirito.

Sendo em 1823 um decidido realista e amigo do sr. D. Miguel, *reconsiderou* em 1826, e fez-se liberal, pelo que teve de emigrar em 1828. Feita a revolução liberal de 16 de maio d'esse anno, no Porto, veio de Inglaterra com Palmella, Villa-Flor, Saldanha, Rendufe e outros, pôr-se á frente dos revoltosos; porém como estes foram derrotados, todos os chefes principaes fugiram para bordo do vapor inglez Belfast, em que tinham vindo, e voltaram á Inglaterra a 3 de julho, deixando ao abandono aquelles que, confiados nas suas promessas, se tinham revolucionado.

O conde da Taipa, veio para Portugal em 1832, e fez a campanha da guerra civil, até 1834.

Era um homem de bem e um perfeito fidalgo.

—

Em um de junho de 1866, foi feito 2.º conde da Taipa, D. Manoel Jeronymo da Camara — e em 26 de maio de 1869, foi feito 3.º conde do mesmo titulo, D. José Felix da Camara.

—

TAIPAS ou **TAYPAS** — povoação, Minho, na freguezia de S. Thomé de Caldellas, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, e a mesma distancia a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Alem do que disse das aguas thermaes das Taipas, no artigo *Caldellas* (S. Thomé de) remetti o leitor para a palavra *Taipas*, por ter mais a dizer o seguinte:

Estas aguas mineraes, já foram conhecidas dos romanos, que construiram aqui umas *thermas*, o que, alem de outras muitas circumstancias, se prova por duas inscripções latinas aqui encontradas, no principio do seculo passado, e são as seguintes:

1.ª

DEDICAVIT T. FLAVIUS
ARCHELAVS CLAVDIANUS
LEG. AVG.

(Dedicada (esta obra) *por Tito Flavio Archelau Cladiano, legado de Augusto.)*

Esta inscripção está incompleta, pois não declara a quem dedicou a obra, e quando a construiu.

2.ª

I. O. M.
FLAVIVS AVEN-
TINVS ENCRATI
VXORI V. S.

Flavio Aventino, dedicou (esta memoria) *a Jupiter Optimo, Maximo, por voto que sua mulher, Engracia, havia feito.)*

Acha-se tambem n'esta povoação, a famosa ARA DE TRAJANO. É talhada em um penedo de granito porphiroide. É cortada de icão grosso, á esquadria, sobre trez lados verticaes (sul, éste e norte) não se chegou a concluir do lado do oeste.

Teve do lado do E. esta inscripção:

IMP, CAES. NERVAE F.
TRAIANVS AVG. GER. DAC.
PONT. MAX. TRIB. POT. VII.
IMP. IIII. CŌS V. P. P.

A camara municipal de Guimarães, mandou, em 1818, pintar de preto e dourar esta inscripção, mas ainda d'ella existem vestigios. Occupa meia altura da ára, e a outra metade, assim como a do lado do sul, foi então pintada de roxo-terra, e n'ella gravada a seguinte traducção:

> Quer dizer — aquella obra mandou fazer o imperador Trajano Augusto, filho de Cesar Nerva, vencedor dos allemães e dacos, pontifice maximo, sendo tribuno do povo a septima vez, imperador e consul, a quarta, e tendo titulo de pae da patria.

Esta traducção está errada. Na 2.ª linha, a palavra *ger.* deve traduzir-se *germanico*, porque então, e muitos seculos depois, a Allemanha, só se denominava Germania — (Os *dacos* ou *dacios*, eram povos da Dacia. Vide 6.º vol., pag. 115.)

Tambem está errada na 4.ª linha — a inscripção diz — *imp. IIII — cōs V* — isto é — *quatro vezes imperador*, e *cinco consul* — e não *imperador e consul a quarta.*

Tambem não é costume traduzir — *teve o titulo de pae da patria*; mas simplesmente — *pae da patria*, como está no original, e é a fórmula em todas as inscripções.

Do lado do sul, a camara mandou gravar esta inscripção —

Para alivio da humanidade e remedio de rebeldes doenças herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos thermaes, por ordem do Senado da camara, da villa de Guimarães, sendo seu presidente, o Dr. Juiz de Fóra, Estevam Pereira da Cruz, e vereadores, Francisco Cardozo de Menezes Athaide, e Antonio do Couto Ribeiro — secretario, José Leite Duarte, procurador, Manoel Luiz de Souza — em testemunho do zêlo

e actividade, e para emulação dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscripção que desafia e venera o tempo e a antiguidade, em 1818. (!)

Ao menos, não deixavam o seu credito por mãos alheias.

Esta ára esteve por muitos annos escondida em parte, por entre denso silvado, na extremidade de uma bouça de matto; mas, em 1844 a, camara expropriou parte d'essa bouça, e a vedou e aformoseou, plantando-lhe arvores que mandou vir do Gerêz.

Dá-se a este monumento a denominação de *Ára de Nerva*, mas estou convencido que foi *aperfeiçoada* em um penedo, que era uma *anta* druidica, ou pre-celta, e portanto, monumento muitos seculos anterior ao dominio dos romanos na Lusitania.

Das famosas thermas romanas das Taipas, apenas restava a tradição; mas, em 1753, frei Christovam dos Reis, carmelita, de Braga, descobriu parte d'ellas, em um campo lavradio, onde filtravam.

A camara de Guimarães, principiou pouco depois as escavações, dando em resultado, o apparecimento de varias piscinas, solidamente construidas, que foram restauradas, e ainda hoje se chamam *banhos velhos*. Em 1818, continuaram as obras de restauração, e em 1844, principiaram as escavações para a construcção dos banhos modernos. Em 1867, a camara mandou proceder a outras escavações, para aproveitar parte das aguas thermaes dos banhos romanos, para o estabelecimento moderno.

Foi em 1818, que a camara expropriou o terreno para os novos banhos; porque, desde 1753 até então, os banhos tomavam-se em poços cavados na terra, cobertos de ramos de carvalho ou de esteiras d'Ovar. Depois, fizeram-se algumas barracas de madeira, que se desfizeram em 1818, para em seu logar se edificarem as cinco primeiras piscinas, e o quarto do banheiro.

Para construcção dos *banhos novos*, demoliram parte das thermas romanas.

No tempo proprio, tomam-se aqui mais de 300 banhos por dia.

No 1.º de junho de 1878, foi aqui inaugurada, com demonstrações de grande regosijo publico, a estação telegraphica, que deve funccionar desde julho até outubro de cada anno.

A camara municipal de Guimarães, que tem um bello projecto approvado para melhoramentos e embellezamentos das Taipas, já deu principio a elles e parece, como é de inteira justiça, disposta a realisar tudo quanto seja digno para tornar aquella terra em quartel de hospedes, que annualmente a visitam, mas em quartel que reuna o util ao agradavel, a circumstancia das thermas, a umas commodidades e bellezas, que dêem á estação balnear d'aquella bonita terra, o encanto que todo o frequentador deseja encontrar.

As thermas das Taipas, pela sua especialidade, pela sua posição, pela indole dos seus habitantes, pelas commodidades dos seus hoteis, e das casas particulares, pela vida bonançosa que alli se desfructa, sem os excessos do luxo, toda agrados, toda convivencia, toda simplicidade, toda intimidade doce e quasi familiar, hão de ser sempre frequentadas, e a camara de Guimarães cumprirá o seu dever, se attender, como é de justiça, á riqueza que alli possue.

—

Supponho que o nome de Taipas, lhe provém das barracas de madeira em que, como fica dito, por muitos annos se tomavam os banhos.

Esta povoação fica 300 metros ao N. da estrada de Braga a Guimarães, e a 100 do rio Ave.

TALABRIGA — cidade. Vide *Aveiro*.

TALENTO — moeda grega. Um *talento* valia 1:028$570 réis da nossa actual moeda.

O famoso orador atheniense, Demosthenes, nascido em Peonia, no anno 385 antes de Jesus Christo, teve com sua irman, 14 talentos de dote, o que hoje fazia a somma de 14:400$000 réis.

TALHA — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado, e 15 kilometros a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 108.

Orago, S. João Baptista.

A mesa da fasenda, da universidade de

Coimbra, apresentava o cura, que tinha 64 alqueires de trigo, um tonel de vinho, 4 cantaros d'azeite, 16$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

É uma parochia antiquissima, pois, segundo um epitaphio que existe na capella-mór, já era parochia em 1145 (dous annos antes da conquista de Lisboa por D. Affonso Henriques, o que me parece muita antiguidade.)

Era filial de Sacavem, cujo parocho apresentava o vigario; mas desde 1388, ficou independente, e foi, até 1834, apresentada pela universidade.

Tem duas ermidas publicas — Nossa Senhora dos Remedios, e Santa Catharina. N'esta ermida se veem as ruinas de uma antiga torre.

Por baixo da capella-mór da egreja matriz, ha um carneiro, pertencente á familia de D. Fernando d'Almeida.

A freguezia é composta das aldeiás seguintes — Bobadel, Coreiceira, S. João da Talha, Talha pequena, e Valle de Figueira.

Ha aqui a *marinha do Monteiro-mór*. Vide *Talha* seguinte.

TALHA — portuguez antigo — contribuição, collecta, exacção, que se lançava por cabeça, segundo os haveres de cada um.

TALHADAS — freguezia, Douro, concelho e 11 kilometros a S.E. de Sevêr do Vouga, comarca e 15 kilometros a E. d'Agueda, 30 kilometros a N. E. de Aveiro, 54 ao N. de Coimbra, 256 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 46.

Orago, S. Mamede.

Bispado, e districto administrativo d'Aveiro.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Está situada no sopé de uma serra granitica, pelo que alguns dão a esta freguezia a denominação de *Pedras Talhadas*. (Vide *Talhadas, serra.*)

Pertenceu ao extincto concelho do Vouga, passando depois para o de Sevêr.

Fica no crusamento das estradas, de Sevêr a S. João do Monte, e de Agueda a São Pedro do Sul e Viseu. Está 5 kilometros a S. E. da margem esquerda do Vouga.

Fertil. Gado de toda a qualidade, muita caça e algum peixe do Vouga.

O sr. João Chrisostomo da Veiga, que foi parocho da freguezia da Aguada de Baixo e é actual prior d'esta freguezia das Talhadas, nasceu a 2 de outubro de 1796. Em 1857, publicou uma sua excellente obra, em dous volumes, intitulada *Historia universal, sagrada e profana, politica e ecclesiastica*, reputada geralmente uma das melhores no seu genero.

TALHADAS — (serra das) — fica ao N. da freguezia antecedente, e a O. de Reigoso, na direcção de N. N. E. a S. S. O.

Tem 5 kilometros de comprido, 2 de largura e 681 de elevação sobre o nivel do mar.

A serra das Talhadas, é celebre por os seus trez assombrosos penedos, aos quaes se dá o nome de *Irmãos dos Talhadas*. O maior d'elles, chamado *Penedo dos Cucos*, está no cumé do monte do *Rangêllo*; tem de altura (sómente fóra da terra) 15 metros, e 100 de circumferencia. A pequena distancia, quasi no cume do *Cabeço do Gralheiro*, está o mais alto de todos, tão perpendicular que parece uma torre. Tem 27 metros de altura e 60 de circumferencia. Chama-se *Penêdo do Trigo* — O 3.º, chamado *Lapa da Fazenda*, está logo abaixo do 2.º, no mesmo cabeço, e é o mais pequeno. Está quasi deitado. Tem 27 metros de comprido e 19 de grossura. A face d'este, confrontada com a do Penedo do Trigo, que lhe fica em frente, mostram claramente, que, em remotas eras, formavam um só penêdo, que talvez fosse partido por algum raio.

Diz o povo d'estes sitios, que no penedo da Lapa da Fazenda, estão *grandes thezouros encantados*. Pertencem evidentemente á classe dos *penedos errantes*.

TALHAS — freguezia, Traz-os-Montes-comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros (pertenceu ao couto de Iséda, comarca de Chacim, extinctos) 35 kilometros de Miranda, 455 ao norte de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 116.

Orago, o archanjo S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sarapícos, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil, gado e caça.

TALHINHAS — freguezia, Traz-os-Montes, na mesma comarca e concelho da antecedente, 35 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Como a de Talhas, que lhe fica contigua, ao N., tambem pertenceu ao extincto couto de Isêda, e supprimida comarca de Chacim. (Verdadeiramente, a comarca de Chacim, não foi supprimida, mudou-se a séde para Macêdo de Cavalleiros.)

Muito fertil. Gado e caça.

TALHO DE PEIXE — o cêpo em que se vendia o peixe. Dava-se o mesmo nome á barraca onde estava o cêpo ou meza. — No foral que D. Wilhelmo de Cornes, deu aos francezes e gallegos que povoaram Atouguia (da Baleia) no tempo de D. Affonso Henriques, manda que dos peixes do mar, se pague — *de unoquoque* talio, *unum modium de XXXII alqueiris; exceptis illis que vocautur tuphis.* — O *tuphis* (atum) não se vendia nos *talhos*, porque era reservado para o fisco real.

TAMANHOS E FALACHOS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros a S. E. de Viseu, 320 ao O. de Lisboa, 60 fogos.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esta freguezia (a de Tamanhos) não vem no *Portugal Sacro*, porque já então (1767) estava unida á de Falachos. (É preciso ver a palavra *Falachos.*)

Eram duas pequenas freguezias, que se uniram no principio do seculo XVIII.

O orago de Falachos, era o Espirito Santo.

A parte que foi parochia de Tamanhos, é pobre, e apenas produz centeio, castanhas e pouco mais.

A parte que era parochia de Falachos, porém, é muito abundante d'aguas, e fertil, principalmente em milho, centeio, batatas, castanhas, e saborosas fructas.

Há aqui um palacete brazonado, que foi dos Pinas e é hoje dos herdeiros do doutor Antonio Maria Homem da Silveira de Sampaio e Mello, do Rabaçal.

O desembargador Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar, tambem aqui tem um bom edificio, com o brazão d'armas da sua familia.

TAMACANA VIA — estrada romana. Vide *Canavezes.*

TAMACANOS ou **TAMAGANOS** — povos que nos tempos dos romanos, habitavam nas margens do *Tâmaca* (hoje Tâmega) e ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vide *Chaves.*)

TAMARAES — (Santa Maria dos) — Mosteiro de monges bernardos, fundado por D. Gonçalo Hermigues. O padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz que não foi Gonçalo Hermigues — a que elle erradamente dá o nome de Gonçalo Henriques — mas a sua viuva — a famosa moura Fatima, depois Ouriana, que fundou este mosteiro, e n'elle professou. Isto está em contradicção com todos os escriptores, os quaes dizem que Fatima morreu antes de seu marido. (Vide *Fatima, Ourem* e *Santo Antonio de Fatima.*)

TAMARMA — Vide *Atamarma.*

TAMBEIRA — portuguez antigo — madrinha do casamento.

TAMBO — portuguez antigo — mêsa baixa, banco, escabello.

TÂMEGA — rio de Traz-os-Montes e Douro — Nasce ao N. de Monte-Rei (Galliza) rega o fertil e delicioso valle de Chaves, passando n'esta villa, sob uma ponte romana; atravessa o Marão, passa á villa de Amarante (que divide em duas, *Amarante* e *Covêllo*) onde tem uma bella ponte, e morre na margem direita do Douro, entre o Torrão, ao E., e Entre os Rios ao O. O seu curso em Portugal, é de 95 kilometros, e

desde o seu nascimento até Portugal, 129; ao todo 224.

Entre as varias freguezias que o Tâmega rega e fertiliza, se comprehende a freguezia de Cavêz, ou Ponte de Cavêz, na provincia do Minho, concelho de Cabeceiras de Basto. O rio, é aqui atravessado por uma soberba ponte de cantaria, mandada construir por frei Lourenço, no seculo XIII, e reconstruida pelo rei D. Manoel. No meio d'esta ponte, está um marco de pedra, com uma inscripção, dizendo que este marco serve de divisão das provincias de Traz-os-Montes e Minho.

Na margem direita, e junto á ponte, está a capella de S. Bartholomeu, e em frente d'ella, na esquerda do rio, ha uma fonte de agua sulphurea, que antigamente alimentou póços, (ou pôças) onde se tomavam banhos. Ainda ha vestigios d'estes póços. Diz-se que, houve aqui um hospital, do que não ha vestigios. (Vide *Cavez.*)

Os romanos chamavam a este rio *Tâmaca.*

É notavel, por haver nas suas margens muitas nascentes de aguas mineraes (alcalino-gazozas) sendo as principaes — as famosas de *Verim*, na Galliza — *Villarinho da Raia* (ou Verim portuguez) freguezia do concelho de Chaves — *Vidágo*, *Chaves*, *Pedras Salgadas*, *Lagares* (concelho de Penafiel) *Portella* (tambem do concelho de Penafiel) [1] e outras mais, todas da mesma natureza.

No seu dilatado curso, recebe por ambas as margens, grande numero de ribeiros e regatos. Cria varias qualidades de optimo peixe.

TÁMÉL — monte, Minho, eminente ao edificio que foi mosteiro de Palme, entre Barcellos e Vianna do Lima. Ignora-se qual foi o seu primeiro nome — o actual, é antiquissimo, pois já o tinha na era de 1028 (990 de Jesus Christo) o que se prova de uma escriptura d'esse anno. (*Benedict Lus.*, parte 4.ª, cap. 1.º)

Tamél é mesmo a palavra árabe *Thamel.* Significa — *descuido*, *negligencia*, *desprezo*, etc. — Aqui, entende se por logar de que se faz pouco caso, ou que se tem em pouco.

TÁMÉL — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, Santa Leocadia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

As freiras benedictinas de Vianna do Lima, apresentavam o vigario, collado, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Muito fertil. Cria e exporta muito gado bovino.

Na egreja matriz d'esta freguezia, jazem os restos mortaes de S. Vamba, abbade benedictino, do mosteiro de Moure. Estas reliquias são muito veneradas pelo povo d'esta freguezia e immediatas.

TÁMÉL — freguezia, Minho — Vide *São Verissimo de Tamel.*

TAMÉL — freguezia, Minho, — Vide *Fins (S.) de Támél.*

É n'esta freguezia a 13.ª estação do caminho de ferro do Minho.

Desde esta freguezia até Darque (na margem esquerda do Lima em frente de Vianna) é o lanço mais importante d'esta via ferrea, pois comprehende os tunneis de Támél e Santa Lucrecia, o viaducto de Durrães, e as pontes sobre os rios Neiva, e Lima.

O famoso *tunnel de Támél*, é no districto d'esta freguezia. Tem 950 metros de comprido, e 52 na sua maxima profundidade. Foi concluido, em 9 de novembro de 1876.

Todas estas trez freguezias de Támél, estão no bello e fertilissimo *Valle de Támél.*

TAMENGOS — freguezia, Douro, comarca e concelho da Anadia (foi até 31 de dezembro de 1853, da comarca de Cantanhede, concelho da Mealhada) 24 kilometros a N. O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1768, tinha 205.

[1] Ás aguas medicinaes d'esta freguezia da Portella, é que vulgarmente se dá o nome de *Aguas d'Entre os Rios*, e sob esta denominação se exportam, em grande quantidade, para toda a parte de Portugal e para o estrangeiro. Com estas aguas acontece como com o vinho do Alto-Douro, que se exporta para toda a parte, com o nome de *vinho do Porto.*

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo d'Aveiro.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi couto dos bispos de Coimbra.

Está situada 5 kilometros ao S. da estação do caminho de ferro do Norte (Mogofôres.) É na região chamada *Bairrada.*

É povoação muito antiga, pois no inventario do mosteiro da Vaccariça, feito em 1064, já se menciona esta freguezia.

—

Em 27 de agosto de 1880, no logar de Alpalhão, d'esta freguezia, falleceu Joaquim Ferreira, que tinha nascido a 7 de maio de 1775. Até á edade de 104 annos, conservou todas as suas faculdades moraes e physicas, e só, cousa de um anno antes da sua morte, é que perdeu a memoria.

Era um lavrador abastado.

É n'esta freguezia a antiquissima povoação de Aguim, que foi couto, com camara, juiz ordinario e mais beleguins judiciaes, todos nomeados pelo bispo de Coimbra, seu donatario.

D. Manoel I deu foral a este couto, em Lisboa, no 1.º de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 175, columna 1.ª)

Já tinha foral velho, dado no claustro da Sé de Coimbra, pelo deão e cabido, a 24 de setembro de 1258, (1220 antes de Jesus Christo) no livro chamado das *Kalendas.*

Aguim, pertenceu tambem ao mosteiro da Vaccariça (Mealhada) até 1094, e n'este anno o doou o conde D. Raymundo, ao cabido da Sé de Coimbra.

Este couto foi creado por D. Affonso Henriques, em 1178, a trôco de sessenta maravidis de ouro.

Em Aguim está a casa chamada dos *Castilhos*, onde Antonio Feliciano de Castilho, (depois 1.º visconde de Castilho) e seus irmãos costumavam vir passar as *ferias grandes.* Vide *Castanheira do Vouga.*

D. Fernando Magno, rei de Leão, tomando Coimbra aos mouros, em 1064, doou á Sé de S. Thiago de Compostella (Galliza) varias povoações, nas cercanias de Coimbra, o que D. Affonso III, seu filho, confirmou, na era de 1103 (1065 de Jesus Christo.) Estas povoações, eram — a aldeia, sobre *Viastes* (hoje Viadores) — a aldeia de *Creixomir* — a aldeia e egreja de *S. Lourenço* (S. Lourenço do Bairro) — o terço da aldeia de *Travazolo* (Travaçô, entre o Agueda e Vouga.)

Por essa occasião, o mosteiro da Vaccariça, allegou que, antes da conquista d'estas terras, pelos mouros, lhe pertenciam varias terras, que agora lhe deviam ser restituidas. Eram *Monçarros*, com a sua egreja — *Villar de Coreixe*, com a sua egreja — *Sangalhos* — *Barrô*, com a sua egreja — *Morangaus* (Morangal) — *Tamengos* — *Horta* — *Ventosa* — *Cepins*, e outras povoações e herdades.

Tornado Portugal reino independente, D. Affonso Henriques deu á Sé de Coimbra o que tinha pertencido á de S. Thiago de Compostella.

O cabido da Sé de Coimbra, foi pouco a pouco e abusivamente, apropriando-se dos direitos reaes e da jurisdicção temporal d'estas povoações, o que deu causa a uma demanda, promovida pela corôa, no reinado de D. João III, na qual demanda foi dada sentença a favor da corôa, em 14 de janeiro de 1540. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 4 v., col. 2.ª)

Tamengos, é uma freguezia fertilissima em todos os generos agricolas, e o seu vinho (denominado da *Bairrada*) é de superior qualidade.

TANARÍA — portuguez antigo — fábrica de curtir e preparar couros — pellâme. D'aqui se diz *atanar*, preparar o couro, e *atanado*, ao couro já preparado. Os antigos, chamavam *tan*, á casca do carvalho com que se curte o cabedal, e é d'esta circumstancia que procede *tanaria* e *atanado.*

TANCOS — villa, Extremadura, concelho de Villa Nova da Barquinha, comarca de Torres Novas, 120 kilometros a N. E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa.

Districto administrativo de Santarem.

O marquez de Tancos, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Situada sobre a margem direita do Tejo, e proximo á estação da Praia, no caminho de ferro de Leste, é em frente da antiga villa de Punhête, hoje Villa Nova de Constança. Tambem lhe fica proximo, o legendario *castello de Almourol*. Vide esta ultima palavra.

Faz-se aqui uma boa feira, a 13 de junho de cada anno.

Nunca teve foral novo nem velho.

Segundo Viterbo, esta povoação foi fundada por cavalleiros francezes, dos que vieram ajudar D. Affonso Henriques á conquista de Lisboa, em 1147.

Temos visto em varias partes d'esta obra, que o nosso primeiro rei, deu aos militares (crusados) estrangeiros, por aquella época, muitas terras nas duas margens do Tejo, não só como premio dos seus serviços, como com o interesse de povoar este vasto territorio. Entre as terras que deu aos francezes, foi esta villa uma d'ellas, pelo que os seus povoadores lhe poseram o nome de *Francos*, ou *Villa de Francos*, que se corrompeu em *Tancos*.

E o que se collige do Elucidario. Talvez porém o seu erudito auctor se enganasse n'esta etymologia (o que rarissimas vezes lhe acontece) e que o nome d'esta villa lhe provenha de tempos muito mais antigos — isto é — que os seus fundadores fossem os *tancos*, ou *tabuccos*, povos que habitavam o territorio da actual villa d'Abrantes, que fica a uns 16 kilometros ao E. de Tancos. (*Annaes de Hespanha e Portugal*; Colmenares, e outros escriptores.)

Os *tancos* eram antigos lusitanos (celtas) que se fundiram com os povos vindos d'alem dos Pyreneus, e que, depois d'esta juncção, se ficaram denominando *gallos-celtas*. Se isto é verdade (e não ha motivo plausivel para o contestar) a villa de Tancos foi fundada uns 400 ou 500 annos antes da era christan. Provavelmente era uma aldeola de pouca importancia — talvez cabanas de pescadores — porque nenhum vestigio existe de semelhante povoação.

Esta opinião parece-me mais segura, porque, se D. Affonso I désse aos taes francezes este territorio, em 1147, não lh'o tirava para o dar, d'ahi a 22 annos, aos templarios, porquanto — estando este soberano com sua familia, em Lafões, fazendo uso das aguas thermaes do Banho, entre outras muitas doações que alli fez, em setembro de 1169, foi uma d'ellas á ordem do Templo (da qual era então mestre, o famosissimo D. Gualdino Paes.)

Deu então o rei a esta ordem, *a terça parte de tudo quanto conquistasse no Alemtejo.*

Em outubro do mesmo anno, e estando o rei ainda em Lefões, com seu filho e successor, D. Sancho, e suas filhas, D. Urraca e D. Thereza, todos quatro doarem aos templarios — os castellos da *Cardiga*, *Thomar* e *Zêzere*, com as seguintes demarcações —*In primis, perfozem* Bezelga; *et inde per ipsam statam, quae vocatur de* Penella, *usque ad* Alfeijedoe; *et ind per medium cacumen de monte* TANCOS, *quomodo vertuntur aquae contra* Ozezar; *et inde quomodo ferit in pelogo de* Almeirol; *et inde per medium* Tagum, *usque ad fozem* de *Ozezar*, etc. — Confirmaram esta doação, D. João, arcebispo de Braga; D. Pedro, bispo do Porto; e D. Gonçalves, bispo de Viseu.

D. Gualdino Paes, deu foral ao castello de *Ozezar*, mencionado n'esta doação, em 1174.

Ficava este castello, proximo a Tancos, tambem na margem direita do Tejo, em frente da antinga Punhete. Era na freguezia de *Pay Pelle*, hoje, a villa de *Paio de Pelle*.

Já não existem vestigios d'este castello, que estava na margem direita do rio Zêzere (ao oeste.)

—

Esta povoação tornou-se célebre em nossos dias, pelo facto seguinte:

O senhor Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, sendo major de engenheiros e ministro da guerra, querendo immortalizar o seu nome, concebeu e realisou o plano de mandar construir na charneca de Tancos, um CAMPO DE INSTRUCÇÃO E MANOBRAS,

principiando as obras em 1865, e recebendo a sua actual denominação, por portaria de 9 de julho de 1866. N'este mesmo anno se erigiu o famoso *Monumento Mamelão.*

As monstruosas despezas feitas com isto, *e que ainda estão por approvar, porque ninguem apresentou até hoje a sua conta,* são julgadas pelos entendedores, por mal empregadas, porque este campo de manobras, está muito longe de preencher o fim a que foi destinado. Serve mais de divertimento ás tropas, do que para sua instrucção. Até ás vezes terminam os exercicios por uma explendida cavalhada (que não custa barata á nação) como aconteceu em 1867.

Durante o periodo das manobras, torna-se a ex-charneca, em logar interessante e concorridissimo de curiosos de todas as cathegorias.

—

Julgo a proposito mencionar n'este artigo, os *campos de manobras* que tem havido em Portugal, até este de Tancos. Note-se porém que não eram permanentes, como o actual, e terminavam com os exercicios militares.

1.º — *Campo da Ajuda*, (Belem) em 1763. Foram dirigidas pelo marechal, conde de Lippe.

Estas manobras tiveram logar nos dias 3, 4, 5 e 6 de junho. D. José I assistiu a todas ellas.

2.º — *Campo do Monte Branco*, proximo á villa de Estremoz. Tiveram logar no mesmo anno e foram dirigidas pelo mesmo general.

Duraram desde 22 de novembro, até 5 de dezembro.

3.º — *Campo dos Olhos d'Agua*, entre as villas da Moita e Palmella.

Foram em 1767, e dirigidas pelo mesmo general.

4.º — *Campo da Porcalhota*, em Bemfica. Teve logar em 1790, e foram dirigidas pelo marechal, conde de Oeynhausen. Duraram desde 22 de setembro, até 22 de outubro.

5.º — *Campo da Charneca*, de Cintra.

Teve logar em 1793. Foram dirigidas pelo general portuguez, marquez das Minas; o marechal de campo, D. Francisco Xavier de Noronha; e o general de cavallaria, João Forbes Skelater.

Pouco tempo depois d'estas manobras, partiu a divisão auxiliar para o Roussillon.

6.º — *Campo do Quadro*, proximo á villa de Azambuja. Teve logar em 1798. Durou, desde 17 de outubro, até aos primeiros dias de dezembro. Era marechal general, o duque de Lafões.

—

A 15 kilometros ao S. do Porto, ha tambem uma *escola de tiro.* Vide *Silvalde.*

Ha tambem o *Polygono* das *Vendas Novas.*

—

Houve na villa de Tancos, um mosteiro de religiosos capuchos, da invocação de Nossa Senhora do Lorêto, fundado por Dom Alvaro Coutinho, senhor do Castello d'Almourol, neto de D. Vasco Coutinho, 1.º conde do Redondo.

Era D. Alvaro, senhor do termo de Almourol (Tancos) e residia no seu famoso castello, fundado sobre um ilheu de penhascos, no meio do Tejo. (Vide *Almourol.*)

Lançou-se a primeira pedra no edificio do mosteiro, a 13 de março de 1572. Fica este mosteiro, entre as villas de Tancos e Paio de Pelle. Andaram as obras com tanta rapidez, que logo no dia 25 do mesmo mez e anno, se disse a primeira missa na respectiva egreja. Note-se porém que o edificio era construido de taipa e adobes, e muito pequeno.

Assistiu a esta ceremonia, o fundador: e todos os seus successores na casa do Redondo e mórgado d'Almourol, foram desvelados protectores d'este mosteiro.

Em breve a primitiva egreja se destruiu (mais propriamente — *desfez*) e os frades fizeram, em 1575, outra de pedra e barro, muito pequena e pobre. Estando esta tambem muito arruinada, se construiu terceira; esta porém, de pedra e cal, com abobada de tijolo. Disse-se n'ella a primeira missa, em 29 de julho de 1685.

Tudo isto é hoje um montão de ruinas.

—

Os condes da Atalaya, marquezes de Tancos, foram senhores donatarios d'esta villa e seu termo.

—

Em novembro de 1876, foi concedido á camara da Barquinha, o subsidio de réis 1:733$000, para a construcção do lanço da estrada municipal da Barquinha a Tancos, entre a *Praça da Madeira*, na Barquinha, e a *Quebrada de Santo Antonio*.

Condes da Atalaya, marquezes de Tancos.

O 1.º conde da Atalaya, foi D. Francisco Manuel, feito por D. Philippe II, em 17 de julho de 1583.

O 1.º marquez de Tancos, foi D. João Manoel de Noronha, 6.º conde da Atalaya, feito por D. José I, em 22 de outubro de 1751.

As armas d'esta familia, são — escudo esquartelado — no 1.º e 4.º, em campo de púrpura, um côto d'aguia, d'ouro, empunhando (com uma mão d'homem) uma espada guarnecida d'ouro — no 2.º e 3.º, de prata, um leão de púrpura, armado d'azul. Timbre, o côto d'aguia do escudo.

D. Maria I, fez *duqueza de Tancos*, a sua camareira-mór, D. Constança Manoel, 2.ª marqueza de Tancos, e 7.ª condessa da Atalaya, viuva de D. Duarte Antonio da Camara, 5.º conde d'Aveiros, gentil-homem da camara, do infante D. Francisco, do rei D. José I, e de sua filha, D. Maria I. Era veador da casa real, general e governador das armas da côrte e provincia da Extremadura, etc. etc. Falleceu em 1793.

A 1.ª (e unica) duqueza de Tancos, era de uma das mais nobres familias d'este reino, descendente, por varonia, de D. João Manoel, filho bastardo do rei D. Duarte, e, por parte da mãe d'este monarcha (D. Joanna Manoel) descendente do infante D. Manoel, filho de S. Fernando, rei de Castella.

D. Constança Manoel, falleceu em 1794 (um anno depois de seu marido) ficando então extincto o ducado de Tancos, continuando nos seus descendentes os titulos de marquezes de Tancos, e condes da Atalaya.

D. Duarte Manoel de Noronha (neto da dita D. Constança) foi 4.º e ultimo marquez de Tancos, 9.º conde da Atalaya, par do reino, em 1826, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, marechal de campo, inspector e 1.º membro da junta de saude publica, ministro e secretario d'estado do sr. D. Miguel I — Succedeu a sua mãe, 3.ª marqueza de Tancos, 8.ª condessa da Atalaya, que falleceu em 27 de março de 1827.

Nasceu em Lisboa, no seu palacio da Costa do Castello (ao cimo da calçada do marquez de Tancos, onde ha muitos annos está um collegio) a 8 de setembro de 1775. Falleceu de colera morbus, em Coimbra, a 18 de agosto de 1833, e foi enterrado na egreja de S. Pedro.

Tinha casado a 11 d'agosto de 1802, com D. Leonor da Silva Tello, 4.ª filha dos 2.ºs marquezes de Vagos, fallecida a 18 de agosto de 1815 (18 annos, dia por dia, antes do fallecimento de seu marido.)

Tiveram trez filhos :

1.º *D. Antonio*, seu successar no condado.
2.º *D. Nuno*, nascido a 15 de dezembro de 1804, casado com D. Joanna Isabel Freire d'Andrade, filha e herdeira dos 3.ºs condes de Bobadella, Gomes Freire de Andrade e Castro, e de sua mulher, D. Anna Joaquina Maria do Resgate Miranda Henriques, filha dos 1.ºs visconde de Souzél.
3.º *D. José*, nascido a 27 de agosto de 1811.

—

D. Antonio Manoel de Noronha 10.º conde da Atalaya, nasceu a 17 de julho de 1803. Casou, em 11 de janeiro de 1826, com D. Margarida de Souza Coutinho, sua prima, dama da rainha D. Maria I, e filha dos 2.ºs marquezes de Borba. (Vide *Redondo*.) Nasceram d'este casamento:

1.º *D. Duarte*, herdeiro presumptivo, nascido a 10 de fevereiro de 1827.
2.º *D. Eugenia*, nascida a 7 d'agosto de 1828.
3.º *D. Margarida*, que nasceu a 24 de junho de 1831.
4.º *D. Fernando*, nascido a 20 d'agosto de 1833.

TANCOS — aldeia, Beira Baixa, freguezia d'Alpedrinha, concelho de Fundão.

O ultimo senhor donatario de Alpedrinha e Tancos (este) foi D. Christovam Manoel de

Vilhena, descendente e representante do conde de Villa-Flor, D. Sancho Manoel de Vilhena (Vide *Villa-Flor*) e do famosissimo grão-mestre de Malta, D. Antonio de Vilhena.

D. Christóvam Manuel de Vilhena, foi feito alferes, em 22 de junho de 1814; tenente, em 22 de junho de 1821; capitão, em 3 de fevereiro de 1831; major, a 26 de dezembro de 1833; tenente coronel, em 14 de janeiro de 1834.

Foi ajudante de campo do sr. D. Miguel I, e convencionou em Evora-Monte.

Falleceu em Lisboa, a 29 de agosto de 1876, e sepultou-se no dia seguinte, no seu jazigo, do cemiterio do Alto de S. João.

Eis o que com respeito ao fallecimento d'este nobilissimo cavalheiro, diz o *Jornal da Noite* (periodico liberal) n.º 1715, de 30 de agosto de 1876.

«Era fidalgo da mais illustre linhagem; dotado de um nobre caracter, muito afavel no tracto; não obstante conservar-se fiel ao partido legitimista, recebia em sua casa com a mesma amabilidade os homens de todos os partidos, com quem estava relacionado e que o estimavam muito pela excellencia das suas qualidades e illustração.

Respeitava tanto as convicções alheias que nem tratou de influir com seu filho para que não acceitasse o foro de moço fidalgo e a commenda da Conceição com que foi honrado pelo governo liberal, nem o aconselhou a que deixasse de seguir sob o novo regimen, a carreira da magistratura.

Era um nobre e honrado cidadão digno de todo o acatamento e cuja perda lastimam profundamente todos que o conheceram de perto.

Descance em paz e receba a sua extremoza familia os nossos sentidos pezames».

TANGA — moeda da India portugueza. Vale 32 réis fortes.

TANGIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, (era da mesma comarca, mas do concelho de Valladares, supprimido em 24 de outubro de 1855) 54 kilometros ao N. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 454.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

É terra fertil. Gado e caça.

Na aldeia da Costa, d'esta freguezia, ha a casa da *Torre*, solar dos Soares Tangis, dos quaes procedem muitas familias nobres d'este reino e da Galliza. Segundo o padre Carvalho, procedem de D. Soeiro Mendes da Maia.

D. Aldonia Soares de Tangil, filha de Dom Lourenço Soares de Tangil, foi mãe do famoso conde D. Alvaro Pires de Castro, e de D. Thereza Soares, mãe de Martim Affonso Soares, pae da tristemente célebre D. Leonor Telles de Menezes, mulher do rei Dom Fernando, de Portugal.

Foi ainda filha de D. Thereza, D. Joanna Soares, mãe dos condes de Vianna.

Tambem d'esta D. Thereza procede Dona Mecia Pereira, condessa da Feira; o famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e, portanto, a casa de Bragança e os reis de Portugal.

Ainda n'esta freguezia de Tangil, existem as ruinas de outra torre, que foi solar dos Neivas, passando este senhorio aos Abreus de Merufe, e pertence hoje, por herança, ao marquez de Tenorio.

TANHA — pequeno rio, Traz-os-Montes. Nasce ao N. da freguezia de Valongueiras, passa sob a *Ponte Pedrinha* e perto d'Abaças e entra na margem esquerda do Córgo, no sitio de Fervíde. Ambos morrem na margem direita do Douro, na *Foz do Córgo*, junto e a E. da villa da Régua.

TANGOMÃO — portuguez antigo — o que foge da sua patria, e morre fóra d'ella, por suas culpas, ou por interesse.

TANJUDA e **TANJUGA** — portuguez antigo — tangida, tocada. *Ao som de campa tanjuda — ao toque do sino.*

TAPADA — nobilissima e antiquissima casa, Minho, na freguezia de Fiscal, concelho d'Amares. É seu actual proprietario e representante d'esta familia, o sr. D. Rodri-

go d'Azevedo de Sá Coutinho, 16.º senhor de S. João de Rei.

Foi seu irmão, *D. João d'Azevedo de Sá Coutinho*, vulgarmente conhecido por *D. João da Tapada*, nascido na cidade de Vianna, a 15 de outubro de 1811. Formou-se em canones, na universidade de Coimbra, em 1831 — Foi deputado ás côrtes, em 1842 — Falleceu em Lisboa, a 18 de dezembro de 1854. Escreveu e publicou algumas obras de merecimento. (Vide adiante.)

Note-se que o solar do ramo primogenito d'estes Azevedos, é na freguezia da Lama concelho de Barcellos (4.º vol., pag. 28, col. 2.ª). Na *quinta de Pairos*, d'ésta freguezia, ainda existem as ruinas de um venerando edificio que foi solar dos Azevedos, senhores d'este couto.

Tanto estes Azevedos como os da Tapada, que é a mesma familia, descendem de D. Godinho Viegas (fundador do mosteiro de Villar de Frades) filho 2.º de Egas Gozendes, senhor de Riba-Douro e Bayão, que viveu no tempo de D. Affonso VI, de Castella e Leão. D. Egas, era filho de D. Gozendo Arnaldes, filho 2.º do famoso D. Arnaldo de Bayão. (Vide *Azevedo; Bayão; Carrazedo de Bouro; Fiscal; Lama*, do concelho de Barcellos; *Oliveira do Douro ou dos Conegos; S. João de Rei; o 1.º Rendufe;* e *Ucha.*)

O fundador da casa dos Azevedos, da Lama, foi D. Pedro d'Azevedo, do qual foi 23.º neto, por varonia, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca, 1.º visconde de Azevedo, feito em 19 de agosto de 1846, e conde do mesmo titulo, em 23 de novembro de 1876; mas pouco tempo foi conde, porque morreu logo em dezembro do mesmo anno.

Foi escriptor publico distinctissimo, bom poeta, e, sobretudo, um verdadeiro homem de bem, e um brioso fidalgo.

—

Tornemos á casa da Tapada.

É famosa esta casa, por n'ella casar, viver e morrer o celebre poeta Francisco de Sá de Miranda. Era filho bastardo do conego Gonçalo Mendes de Sá, natural de Coimbra, e este, filho de João Gonçalves de Miranda e D. Philippa de Sá.

Francisco de Sá de Miranda, nasceu em Coimbra, a 27 de outubro de 1495. [1] Estudou jurisprudencia na universidade, onde se distinguiu, pela sua grande intelligencia, e na mesma universidade *leu* varias cadeiras. Por fallecimento de seu pae, abandonou o seu logar, e não quiz acceitar varios logares de lettras que lhe offereceu D. João III. Decidido a viajar, sahiu de Portugal, percorrendo varias cidades, como Milão, Veneza e Roma, na Italia; e outras da Europa.

No seu regresso a Portugal, foi muito estimado por D. João III, e por seu filho, o principe D. João, pae do rei D. Sebastião. O mesmo D. João III, deu a Sá de Miranda a commenda da Tapada, que era da ordem de Christo.

O poeta não era cortezão, e, como tinha um genio alguma cousa melancolico, e desprendido das intrigas e sumptuosidades da côrte, retirou-se para a sua quinta da Tapada, onde cultivava as lettras, *jogava o taboleiro*, tocava rebeca, hia á caça, e banqueteava lautamente os seus amigos.

D. João III continuou a ser amigo do poeta, e lhe arranjou o casamento com D. Briolanja de Azevedo, irman de Manuel Machado, nobre e riquissimo fidalgo, senhor de Entre Homem e Cavado, no alto Minho, [2] e de outras terras.

Segundo varios escriptores, D. Briolanja era tão velha, quando se tratou d'este casamento, que andava encostada a um bordão, pelo que Sá de Miranda lhe disse, quando pela primeira vez a viu, em casa do irmão d'ella — «*Castigae-me, Senhora, com esse bordão, porque vim tão tarde.*»

O sr. Camillo Castello-Branco, porém, o mais assiduo e sollicito esmerilhador de curiosidades historicas e genealogicas do nosso paiz, como o tenho provado em varios logares d'esta obra, diz que a *lenda do pau* se formou de um erro typographico, na *vida*

[1] No mesmo dia em que foi acclamado rei de Portugal, D. Manuel, duque de Beja, filho do infante D. Fernando e neto do rei D. Duarte — e primo e cunhado do seu antecessor, D. João II.

[2] É actuálmente representante d'esta familia, o sr. conde da Figueira.

de Sá de Miranda, contada por Gonçalo Coutinho. Que o poeta tendo então mais de 40 annos de idade, dissera á sua futura noiva — *Castigae-me, senhora, com este bordão, porque vim tão tarde.*

O que é certo, é que D. Briolanja, qualquer que fosse a sua edade, teve de seu marido dous filhos — um chamado Gonçalo Mendes de Sá, que morreu em Ceuta (Africa) em uma batalha contra os mouros — e o outro — Jeronymo de Sá e Azevedo — que herdou a casa, e foi um excellente musico, tocando varios instrumentos. Casou e teve successão.

Sá de Miranda, falleceu na sua casa da Tapada, a 15 de Março de 1558, com 63 annos de edade. Sua mulher já tinha fallecido em 1556.

A maior parte das suas obras, foram escriptas na Tapada. Algumas correm impressas, mas a maior parte dos seus manuscriptos, perderam-se. Os seus contemporaneos o cognominavam *o Plauto portuguez.*

Ha varias edições das obras d'este escriptor. Os que desejarem mais amplas informações sobre ellas, vejam o *Manual bibliographico portuguez, do sr. Ricardo Pinto de Mattos, revisto e prefaciado pelo sr. Camillo Castello-Branco,* pag. 504.

—

Os Azevedos, tinham em Portugal dous ramos principaes — o da casa de Azevedo, que era o tronco da familia — e o da Tapada. D'esta casa era D. João d'Azevedo de Sá Coutinho, magistrado, poeta, membro do parlamento em varias legislaturas, e redactor de diversos jornaes, na provincia e em Lisboa, e do qual já fallei no principio d'este artigo,

Tambem nasceu na casa da Tapada, D. Maria Amelia d'Azevedo, casada com seu primo, Rodrigo Vaz de Carvalho (irmão de Gonçalo José Vaz de Carvalho, alcaide-mór e visconde de Monção). D. Maria Amelia, foi mãe de José Vaz de Carvalho — fallecido em 1878 — e pae da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que assigna parte dos seus escriptos com o pseudonymo de *Valentina de Lucena.* (Na *Moda illustrada,* assigna-se *Miss Arabella.*)

É uma escriptora elegante e infatigavel. É casada com o sr. Gonçalves Grespo, um dos nossos actuaes bons poetas.

—

No dia 8 de fevereiro de 1877, falleceu em Braga, a viscondessa da Torre, D. Marqueza de Azevedo de Sá Coutinho, da casa da Tapada, e irman do celebre D. João d'Azevedo de Sá Coutinho, da Tapada, e do qual já por duas vezes fallei n'este artigo.

Era casada com o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, feito 1.º visconde da Torre, em 3 de agosto de 1870. Ja era barão do mesmo titulo, desde 13 d'agosto de 1847.

—

Tambem descende da casa da Tapada, o sr. João de Sá Coutinho, da nobre casa da Aurora, em Ponte do Lima, e que foi feito visconde da Aurora, em 28 de Setembro de 1878. (Vide *Ponte do Lima*).

Muitas outras fàmilias distinctas, da provincia do Minho, procedem de Francisco de Sá de Miranda.

TAPADA DO ERVIDEIRO — Vide o penultimo *Sabroso.*

TAPADA DOS OLHEIROS — sitio do Alemtejo, no termo e ao N. de Castello de Vide. Ha aqui os restos de um grande dolmen.

TAPADA DE PEDRO ALVARO — Alemtejo — no sitio de Sobreira Formosa do Alemtejo, termo e ao N. E. de Castello de Vide, e perto da ribeira de S. João. Tambem aqui ha os restos de um dolmen. Fica a uns 40 metros do antecedente.

Ha por estes sitios um grande numero d'estes monumentos pré-historicos, que não menciono, para não enfadar o leitor.

Esta circumstancia prova que a villa de Castello de Vide, e seu territorio, são habitados desde tempos remotissimos.

TAPÉUS — freguezia, Douro, na Comarca e concelho de Soure, (até 1864, foi do concelho de Pombal) 24 kilometros ao S. O. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 21.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado e districto administractivo de Coimbra.

O rei, pelo tribunal da meza da conscien-

cia e ordens, apresentava o vigario, collado, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Pertenceu a esta comarca o antigo concelho do Rabaçal, mas quando o decreto de 6 de março de 1852 extinguiu este concelho, passaram as freguezias que o constituiam, a formar parte do concelho de Penella, comarca da Louzan.

Fertil, gado e caça.

TARDINHADE — aldeia, Minho, na freguezia de Ganfei, comarca, concelho e proximo (ao E. N. E.) da praça de Vallença do Minho. (Vide 3.º vol., pag. 258, col. 2.ª) [1].

No sitio onde hoje se vê uma ermida, dedicada a S. Theotonio, existiu a casa onde em 1082 nasceu o illustre varão S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra. Junto a esta ermida, ha a *fonte do Forninho*, da qual a agua é reputada por milagrosa pelo povo d'estas terras, porque d'ella bebia o santo emquanto aqui residiu.

O pae de S. Theotonio chamava-se *Oveco*, e a mãe, Eugenia. Eram ambos de nobre geração.

Quando nasceu S. Theotonio, já em Ganfei havia o mosreiro de monges benedictinos, onde o santo aprendeu as primeiras lettras.

Tendo dez annos de edade, o chamou para Coimbra, seu tio materno o bispo D. Cresconio, que lhe deu por mestre em theologia, humanidade e canto, o arcebispo D. Tello.

Quando tinha 16 annos, falleceu seu tio, e S. Theotonio foi para Viseu, onde era prior outro seu tio, por nome D. Theodorico.

Em Viseu tomou as ordens, até que, aos 30 annos, por morte d'este seu tio, foi feito prior (1112). Ampliou e ornou muito a egreja do seu mosteiro, e lhe adquiriu muitas rendas.

D. Gonçalo, bispo de Coimbra e successor de D. Cresconio, que governava a diocese de Viseu—e que esteve, por muito tempo, sem bispo — é que constrangeu o santo a acceitar o emprego de parocho da egreja matriz de Viseu, que então não tinha outra parochia.

Foi visitar os logares santos de Jerusalem, deixando em seu logar, Honorio. Na sua volta, não quiz tornar a ser prior, nem mesmo bispo, para o que muito o instaram, sujeitando-se a coadjuvar Honorio, como seu cura.

Tornou ainda á Palestina, e no seu regresso a Portugal, juntamente com seu mestre, D. Tello, fundou o mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, cujas obras principiaram em 28 de junho de 1132, e a 24 de fevereiro de 1133, já havia 72 religiosos, tendo principiado com 12.

Foi elle eleito, 1.º prior d'este mosteiro, ao qual tinha dado a invocação de *Santa Cruz*, que sempre conservou.

Fundou o mosteiro de S. Romão, de Cêa, e o de Santa Maria da Pena, em Leiria.

Foi confessor e amigo dedicado de D. Affonso Henriques.

No seu mosteiro, de Santa Cruz, fundou um hospital para homens pobres; e fez erigir outro, para mulheres, no mosteiro das conegas de S. João das Donas.

Aos 70 annos de edade, renunciou o priorado. Morreu a 18 de fevereiro de 1162, com 80 annos de edade, e foi sepultado em Santa Cruz de Coimbra, em um magnifico tumulo de jaspe, em 1630. [1]

Foi canonisado, logo a 18 de fevereiro de 1163, pelo papa Alexandre III.

O dia de S. Theotonio (18 de fevereiro) era, antes de 1844, de guarda, nos bispados de Viseu e Pinhel.

O povo de Ganfei faz todos os annos uma explendida festa a S. Theotonio; e uma reliquia sua é aqui conservada com grande respeito e devoção.

Sendo parocho em Viseu, com suas doutrinas e santos exemplos converteu muitos mouros, que ainda por alli abundavam n'aquelle tempo. Gastava todas as suas rendas em obras de caridade, pelo que á sua casa (que era onde hoje está a casa do cabido,

[1] Talvez que o nome d'esta aldeia, provenha de *Tardinheiro*, portuguez antigo, que significa — o que chega tarde, vagaroso, remisso, descuidado, etc.

[1] Até então, tinha estado na casa do capitulo, do mosteiro, debaixo do altar.

com tribuna para a Sé) se dava o nome de *Seio d'Abrahão.*

TAREJA — antiquissima freguezia, Minho, no actual concelho de Felgueiras, supprimida ha uns poucos de seculos. Vide *Aufragia, Pombeiro, e Sadim* (o 2.º).

TAROUCA — Vide *João de Tarouca (São).*

TAROUCA — villa, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, bispado e 12 kilometros ao S. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e 40 kilometros de Viseu.

O dom abbade do convento de Bernardos, de Salzedas, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, segundo o *Portugal Sacro;* mas, segundo a *Historia ecclesiastica do bispado de Lamego,* tinha 200$000 réis, o que é mais exacto.

É no districto da 4.ª divisão militar.

Este concelho é composto de 8 freguezias, todas no bispado de Lamego, e com 1:550 fogos — São : Dalvares, Ferreirim, Gouvães, Lalim, Lazarim, Meiginhos, Tarouca. e Varzea da Serra.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisbôa, a 27 de fevereiro de 1514 (*Livro de foraes novos da Beira,* fl. 78, v., col. 2.ª)

É povoação antiga e foi sempre cabeça de concelho [1].

Segundo a tradição, a egreja matriz da villa, é a 7.ª egreja parochial que houve n'este reino. É de architectura normando-gothica.

Foi collegiada, com oito beneficiados, que rezavam em côro. O reitor apresentava os curas de Dalvares, e Gouveães.

Ao sul da villa, está a grande e alcantilada serra de Santa Helena, em cujo alto está a capella da santa que lhe dá o nome, e que é festejada no 2.º domingo de julho de cada anno. Do adro da ermida, se veem — ao S.º a serra da Estrella — a E., serras de Hespanha, o castello de Penedôno, e outras terras — ao N., a serra do Marão e outras montanhas — e ao O., se vê a serra de Monte-Muro.

A um kilometro de villa, corre o rio Barosa (ou Varosa) que vae desaguar na esquerda do Douro, em frente da villa da Régua, e que, depois de ter passado á povoação de Mazes, desce a Lazarim, passa abaixo de Lalim, e a Almofála, Villarinho, S. João de Tarouca, Mondim das Meias, até perto da ponte nova d'Alvares. É seu confluente o rio Balsemão. Ambos regam e fertilizam bellissimas veigas, hortas e pomares.

A este concelho pertenciam varios coutos e freguezias, que hoje são de outros concelhos.

Teve juiz de fóra, desde 1804 até 1834.

No archivo da camara existe um livro antiquissimo, escripto em caracteres desconhecidos (para os que o teem visto) e que deve conter bastantes curiosidades.

O concelho é cortado pela nova estrada, á mac-adam, de 2.ª ordem, que de Lamego se dirige a Trancoso. Onde se divide a estrada que vae para Viseu, está o famoso *Castanheiro d'ouro,* bem conhecido por estas redondezas. É hoje esta arvore secular, propriedade do sr. José Alves Pereira da Silva, que construiu á sua sombra, uma casa para hospedaria. Segundo a lenda, o nome de castanheiro d'ouro, provem-lhe de estar sobre um riquissimo *thesouro encantado,* que alguns mouros estão guardando. É certo que, quando o dito sr. José Alves mandou abrir os alicerces para a hospedaria, se acharam, a pouca profundidade, uma amphora de barro preto, duas pias de pedra, cada uma com dois palmos e meio de comprido, e seis pollegadas de largo; e alguns carvões. Tambem, quando se abriu a estrada, se achou no meio d'ella um grande buraco, que hia ter a uma galeria subterranea. Os engenheiros o mandaram entupir.

—

Na aldeia de Arguedeira, d'esta freguezia, ha um formôso palacete, pertencente ao

[1] No mosteiro de Salzêdas, existia a escriptura de troca de uma vinha, feita em 1273, que dizia — *Outorgo a vós davandito Conzelo, essa viña de susodita,* para aqui se fundar a villa de Tarouca. É pois mais que provavel, que a fundação de Tarouca, data do ultimo quartel do seculo XIII.

sr. José Alves Pereira da Fonseca, e por elle mesmo mandado construir. O sr. Fonseca, é um rico proprietario, e geralmante estimado, pelas bellas qualidades que o adornam.

—

O territorio d'este concelho, é fertil em cereaes, fructas, hortaliças, e, sobre tudo, em vinho e castanhas.

Condes de Tarouca.

Procediam do 1.º senhor de Tarouca, Dom João Affonso Telles de Menezes, irmão de Martins Affonso Telles de Menezes, pae da rainha, D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I — Eram estes tambem irmãos de D. Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, de quem procedem as casas de Marialva, Cantanhede, e Ericeira.

D. João Affonso Telles de Menezes, era conde de Barcellos e de Ourem, grande valido de D. Pedro I, e de seu filho D. Fernando I, do qual foi mordomo-mór, e alferes-mór. Morreu em 1381.

Tinha casado com D. Guiomar Lopes de Villa-Lôbos, filha de Lopo Fernandès de Villa-Lôbos, senhor de Ferreira d'Aves.

Foi séu filho, *D. João Affonso Tello de Menezes,* 1.º conde de Vianna, casado com D. Maior Porto-Carreiro- Tiveram:

D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Vianna, e 1.º conde de Villa-Real (de Traz-os-Montes) — De Isabel Domingues Pecegueira, mulher solteira, teve o famoso *D. Duarte de Menezes* (*vide Santarem*) legitimado em 15 de março de 1414, e foi 3.º conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte e de D. Affonso 5.º, com o qual passou á Africa, onde deixou memoria eterna, pelas acções heroicas alli praticadas na guerra, em que foi morto, a 20 de janeiro de 1564. De sua segunda mulher, D. Isabel de Castro, filha de D. Fernando de Castro, entre outros filhos teve : —

D. João de Menezes, 1.º conde de Tarouca, feito pelo rei D. Manuel, em 24 de abril de 1499. Foi um dos maiores capitães do seu tempo, sendo o terror dos mouros, na Africa. Foi mórdomo-mór de D. João II e do rei D. Manuel. que, alem de o fazer conde de Tarouca, o fez grão-prior do Crato.

Casou com D. Joanna de Vilhena, filha de Fernão Telles de Menezes, senhor de Unhão. Entre outros filhos, tiveram —

D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, 5.º governador da India, e 16.º da praça de Tanger, que o rei D. Manuel lhe deu em propriedade, para elle e successores.

Casou com D. Maria de Noronha, filha de Simão Gonçalves da Camara, 3.º capitão e senhor donatario do Funchal (Ilha da Madeira.) Tiveram —

D. João de Menezes, senhor da casa de Tarouca, 17.º governador e capitão de Tanger, commendador d'Albufeira (da ordem de S. Thiago.)

Casou com D. Luiza de Castro, filha de D. Pedro de Castro, 3.º conde de Monsanto. Tiveram —

D. Duarte de Menezes, que nasceu em Tangere, a 6 de dezembro de 1537, e foi 30.º senhor da casa de Tarouca, 18.º capitão e governador de Tangere, commendador de Cezimbra, mestre de campo-general do exercito.

Foi com o rei D. Sebastião para Africa, e ficou captivo na batalha d'Alcacer Kibir. voltando ao reino depois de resgatado. D. Philippe II, o fez governador do Algarve e 15.º vice-rei da India, onde morreu, em 1588.

Casou com D. Leonor da Silva, filha de Diogo da Silva, herdeiro da casa de Vagos, regedor das justiças, e embaixador ao concilio de Trento. Entre outros filhos, tiveram

2.º conde

D. Luiz de Menezes, 2.º conde de Tarouca, feito por D. Philippe III. Foi 19.º governador de Tangere e commendador d'Albufeira.

Morreu em Tangere, em outubro de 1614.

Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Joanna Henriques, filha de Sebastião de Sá e Menezes, capitão de Sofala (India), da qual teve uma filha unica, que foi D. Julianna de Menezes, que casou com D. Luiz de Noronha e

Menezes, marquez de Villa-Real, de quem teve successão [1].

O 2.º conde de Tarouca, casou segunda vez com D. Lourença Henriques, filha de Vasco Martins Moniz, 4.º senhor d'Angeja, e d'este matrimonio nasceu o

3.º conde

D. Duarte Luiz de Menezes, 3.º conde de Tarouca. Casou com D. Luiza de Castro, 1.ª filha de D. Estevam de Fáro, 1.º conde de Fáro.

Em 1640, tomou o partido de Castella, e D. Philippe 4.º o fez marquez de Penalva, em compensação de haver perdido tudo o que possuia em Portugal, bem como todas as suas honras e privilegios, pelo crime de traição. O rei Castelhano, fazendo-o marquez de uma terra em Portugal, foi o mesmo que fazel-o marquez *in partibus.* [2]

D. Luiz de Menezes, filho do 3.º conde, passou com seu pae para Castella, e lá se intitulou conde de Tarouca e marquez de Penalva. Na guerra da restauração, serviu contra Portugal, e foi general de cavallaria na Galliza. Casou em Hespanha duas vezes, mas de nenhum dos matrimonios teve filhos.

Tambem foi filho do 3.º conde de Tarouca

4.º conde

D. Estevam de Menezes, o qual, sendo ainda creança, foi com seu pae e irmão para Castella, e devia herdar a casa de Tarouca, visto o primogenito não ter descendencia.

Em 1644, fugiu da Galliza para Portugal, e, depois de publicar um manifesto da sua adhesão á causa de D. João IV, se apresentou a este soberano, que lhe restituiu o condado de Tarouca e o fez deputado da junta dos trez estados. (Mesmo assim, nunca se fiou muito n'elle, pelo que não lhe deu emprego algum no exercito.) Morreu a 20 de novembro de 1677 e jaz em Santarem.

Casou com D. Helena de Noronha, filha dos 3.ºs condes dos Arcos, a qual, ficando viuva, casou com Fernão Telles da Silva, 3.º conde de Villa-Maior e 2.º marquez de Alegrete. Foi sua filha, a

4.ª condessa

D. Joanna Rosa de Menezes, 4.ª condessa de Tarouca, senhora de Penalva, Golfar, Lalim e Lazarim, e administradora da alcaidaria-mór e commenda d'Albufeira, fallecida a 23 de agosto de 1734.

Casou com João Gomes da Silva, irmão do 2.º marquez d'Alegrete, que obteve pelo seu casamento, o titulo de conde de Tarouca, e foi senhor de toda a casa de sua mulher. Era commendador de Villa-Cóva, da ordem de Christo, e capitão das guardas de D. Pedro II, e deputado da junta dos trez estados.

Ainda alcançou os ultimos annos da guerra da restauração, durante a qual fez relevantes serviços á patria, na qualidade de general de batalha, e mestre de campo-general. Depois, foi embaixador extraordinario e ministro plenipotenciario, na paz de Utrecht. Depois foi nosso embaixador em Vienna d'Austria. Regressou a Portugal, sendo feito mórdomo-mór da rainha D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I, e mulher do nosso D. João V, que o nomeou governador das armas, em 1735, e, ultimamente, embaixador extraordinario á côrte de Madrid.

Foi tambem director da academia real de historia. Falleceu em Vienna d'Austria, a 29 de novembro de 1738. Foi um fidalgo de vastos conhecimentos e um distincto poeta.

Entre outros, foi filho dos 4.ºs condes de Tarouca, o

[1] Melhor a não tivesse; porque foram seus filhos os traidores, — ultimo marquez de Villa-Real, que morreu degolado no Rocio de Lisboa, em 1641 — o arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, que morreu na prisão — e foi seu neto, o 1.º (e unico) duque de Caminha, feito por D. Philippe 4.º, filho do ultimo marquez de Villa-Real, e que morreu degolado por traidor, como seu pae. (Vide, 1.º vol., pag. 445, — 4.º vol., pag. 103 — e *Setubal,* no anno 1641.

[2] Os que desejarem saber quaes os fidalgos portuguezes que acceitaram titulos dos Philipes, e que foram annulados por D. João IV, vejam no 6.º vol., pag 590., col. 1.ª e 2.ª.

5.º conde de Tarouca e 1.º marquez de Penalva.

D. Estevão de Menezes, 5.º conde de Tarouca, nascido a 19 de maio de 1695. Foi senhor de Penalva, Lazarim, e toda a casa e commenda de sua mãe, deputado da junta dos trez estados, e presidente do conselho ultramarino.

Casou, em 1725, com D. Margarida de Lorêna, filha de seu tio, Manoel Telles da Silva, 3.º marquez d'Alegrete, da qual teve descendencia.

D. João V, fez marquez de Penalva este 5.º conde de Tarouca, em 7 de fevereiro de 1750.

Para evitarmos repetições, termina aqui a serie dos condes de Tarouca, cuja continuação vem no 6.º vol., pag. 586, col. 2.ª, no artigo *marquezes de Penalva*.

—

As armas d'esta familia, são — escudo dividido em seis partes — na 1.ª em campo d'ouro, um estoque — na 2.ª, tambem em campo d'ouro, 4 barras de púrpura — na 3.ª, ainda em campo d'ouro, dous lobos — depois, por baixo, lobos e barras, e no meio, o escudo dos Menezes, que é — em campo d'ouro, um annel. Timbre, um dos lobos do escudo.

—

No dia 10 de maio de 1881, falleceu em Bertiandos a sr.ª condessa d'este titulo, D. Theresa Telles da Silva Caminha e Menezes, mãe da sr.ª condessa do mesmo titulo D. Joanna Maria do Rosario Francisca de Salles Pereira da Silva de Souza e Menezes, e avó do sr. conde de Bertiandos, Gonçalo Pereira da Silva de Souza de Menezes, par do reino.

A finada, senhora de elevadas virtudes, que lhe captaram o respeito geral, contava 78 annos de edade, pois nascera em 21 de fevereiro de 1803, sendo 13.ª filha dos 3.ºs marquezes de Penalva, 7.ºs condes de Tarouca.

Em 30 de maio de 1825 casára com Gonçalo Pereira da Silva de Souza e Menezes, 1.º conde de Bertiandos, 1.º visconde de Bertiandos, grande do reino, par do reino, do conselho da rainha D. Maria II, etc., do qual viuvou em 5 de setembro de 1856.

Teve duas filhas, ainda hoje vivas, a sr.ª D. Joanna Maria, a que acima nos referimos, e a sr.ª D. Maria Angelina, viuva de João Pacheco Pereira, da casa de Villar, no Porto.

—

TAROUQUELLA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi da comarca de Rezende, e do concelho de Sanfins, supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855) 40 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1768, tinha 144.

Orago, Santa Maria Maior.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

As religiosas do mosteiro de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, apresentavam o reitor, collado, que, segundo o *Portugal Sacro*, tinha 320$000 réis de rendimento.

Tem quatro ermidas publicas — N. S.ª do Ó — Jesus Maria José — S. João Baptista — e S. Sebastião.

Está situada esta freguezia sobre a margem esquerda do Douro, e o seu territorio, posto ser bastante accidentado, é de clima saudavel e ameno, e muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Produz bastante vinho, que apezar de ser verde, é de superior qualidade.

O rio Douro a fornece de optimo peixe, e pelo mesmo rio, faz grande negocio com a cidade do Porto, que lhe fica 40 kilometros a O. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça miuda.

É povoação que, com o nome de *Taroukela*, já existia no tempo dos godos; mas o documento mais antigo que encontro d'esta freguezia, é uma venda, feita em 1134, por Egas Moniz e sua mulher Thereza Affonso, da sua herdade em *Taroukela* (que lhes tinha sido dada pelo infante *D. Affonso Anrics*) ao mosteiro de Salzedas. Esta venda foi feita por um *kavalo* de 250 *módios* e uma mulla de 300. (Parece que aqui, *módio* é o mesmo que *sôldo*.)

Em 1230, D. Pelagio, bispo de Lamego, doou ao mosteiro de freiras benedictinas de Tarouquella, tres moios de pão, que ellas pagavam de censo á mitra.

Em 1337, Martim Fernandes da *Coynha*, renunciou a *natura* (direito de successor de padroeiro) *comedoria, casamento, cavallaria*, e outro qualquer direito que podesse ter no mosteiro de freiras de Tarouquella. (Documento das benedictinas do Porto.)

—

Vê-se pois, que houve aqui um antiquissimo mosteiro de freiras benedictinas, que primeiramente foi de agostinhas.

Em 1171, D. Mendo, bispo de Lamego, e o seu cabido, cederam á egreja do mosteiro de Tarouquella, matriz da freguezia, todos os direitos que n'ella tinham, reservando sómente trez *aureos*, que seriam pagos annualmente, por dia da *Cadeira de S. Pedro*, e o *donativo dos generosos*.

Em 1187, os *herdeiros* d'esta egreja, a doaram a D. Urraca Viegas e ás suas *sorores*; mas, parece que se não verificou esta doação, porque, em agosto de 1194, a mesma D. Urraca, contratou com os filhos e netos de Ramiro Gonçalves, e D. Auroana — «*que estes lhe doassem a egreja de Tarouquella, para alli professar a regra de S. Bento.*» (Até então seguiam a regra de Santo Agostinho.)

Em 1198, já a tal D. Urraca se intitulava abbadessa, na carta de venda que lhe fez o convento da *Hermida*, do casal da *Lavandeira*, juncto ao mosteiro de Tarouquella.

Parece que D. Urraca, ou não chegou a professar, ou deixou relaxar bastante a regra; porque, em 1201, os *herdeiros* da egreja de Tarouquella, allegando que se não observava rigorosamente o instituto, sustentaram que podiam dar a egreja a outra qualquer ordem, que bem lhes parecesse. O que é certo, é que D. Urraca sahiu d'este mosteiro, e foi estabelecer-se no de Thuyas, da ordem de S. Bernardo, pondo fôra d'elle os frades (conegos de Santo Agostinho) aos quaes D. Thereza Affonso, mãe de D. Urraca, o tinha dado, em 1165.

Não se sabe o tempo que D. Urraca esteve em Thuyas, mas sabe-se que, em 1220, recebeu o veu, da mão de D. Pelagio, bispo de Lamego, sendo outra vez abbadessa de Tarouquella. Ainda era abbadessa em 1231: depois não ha mais noticias d'ella.

D. Thereza Affonso, mãe de D. Urraca, era filha do conde D. Affonso, das Asturias, e foi 2.ª mulher do famoso Dom Egas Moniz (aio de D. Affonso Henriques) pae de D. Urraca. É por esta razão que ella fazia o que queria, pois que D. Sancho I e D. Affonso II a trataram sempre com a maior consideração.

Este mosteiro era duplex.

—

Como os mosteiros de Moreira da Maia, Retorta, Rio-Tinto, Sardoura (S. Miguel de) Tarouquella, Tuyas, Torrão (Santa Clara) Villa-Cóva, e outros — todos benedictinos — eram pequenos e pobres, D. João III, por bulla do papa Paulo III, os encorporou no de S. Bento da Ave-Maria, do Porto, em 1535, vindo para elle as freiras dos mosteiros supprimidos, com todas as suas propriedades e rendas.

A egreja do mosteiro de Tarouquella, continuou porém a ser a matriz da freguezia.

O mosteiro estava contiguo á egreja matriz, e d'elle não ha vestigios. Suppõe-se que a residencia do parocho era parte do edificio do mosteiro.

TAVARÊDE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Figueira da Foz, e contigua á villa d'este nome, 40 kilometros ao O. de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga.

O mais antigo documento que encontro de Tavarede, é uma doação que Marinha Affonso — com auctoridade de seu marido — fez, em 1406, ao mosteiro de Ceiça, de

todos os seus bens moveis e de raiz, que tinha n'esta freguezia e em outras partes, *sob condição dos frades a receberem por familiaira, e a façam participante de todas as boas obras que no mosteiro se fizerem, e seja sepultada com honra pelos monges, se no seu mosteiro eleger sepultura.*

O rei D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, em 1517 (o dia e mez, estão illegiveis.) (*Livro de foraes novos da Extremadura, fl. 255, col.* 2.ª)

Em tempos remotos, houve aqui alfandega. Havia aqui um esteiro por onde os barcos vinham carregar e descarregar.

Ainda ha 30 annos havia n'esta freguezia trez ermidas — *Senhor da Arceira, Santo Aleixo* (da universidade) e *Senhor da Chan*, todas com muitas rendas, *procedidas de doações particulares.* Havia tambem um mosteiro de freiras, de N. S.ª da Esperança. Tudo hoje está desmantelado e as rendas.....

É vasto, formoso e salubre, com boas vistas de mar e terra, o territorio da freguezia, e fertil, principalmente em milho, trigo, batatas, feijões, e grande quantidade de hortaliças, com que fornece abundantemente a praça da Figueira da Foz. O mar e o Mondego abastecem de peixe esta freguezia.

Tinha aqui o seu solar, o benemerito D. Francisco d'Almeida e Mendonça (vide 5.º vol, pag. 300, col. 2.ª — 6.º vol., pag. 249, no fim) que, quando aqui residia, era a providencia dos pobres d'estes sitios. As senhoras da sua familia deram muitos ornamentos para a egreja matriz, alguns dos quaes ainda existem, assim como a sua casa e quinta, hoje dos condes de Tavarêde, residentes em Trancoso, onde teem o seu mórgado. Esta casa ainda tem em Tavarêde e proximidades, muitos fóros.

Tambem aqui houve a casa de Manoel José Soares, fidalgo da casa real.

A estrada districtal da Figueira a Coimbra, passa por esta freguezia, e ha uma outra estrada, concluida em 1876, d'aqui á Figueira. Tambem por aqui passa o caminho de ferro (em construcção) de Coimbra á Figueira.

☞ Ao meu illustrado amigo, o rv.mo sr. Joaquim José de Figueiredo, actual abbade de Tavarêde, agradeço os esclarecimentos que se dignou dar-me.

—

Foi couto, do districto de Monte-Mór-Velho. Creada a comarca da Figueira, por D. José I, em 12 de março de 1771, ficou sendo couto d'este concelho. Extinctos os coutos, ficou pertencendo ao concelho da Figueira.

Houve aqui um mosteiro de religiosas da ordem seraphica de Santo Antonio, fundado em 1527, por frei Antonio de Buarcos. D. João III tambem concorreu com algumas esmolas para esta fundação. (Vide *Figueira da Foz.*)

Ha aqui um theatrito, mas eram tantas as desordens, que havia sempre em noites de espectaculo, que o governador civil de Coimbra o mandou fechar, em outubro de 1877.

Condes de Tavarêde

D. Antonia Magdalena de Quadros e Souza, foi 10.ª senhora de Tavarêde. Era filha de D. Joanna Magdalena de Quadros, 9.ª senhora das Lezirias de Buarcos e Tavarêde, e de José Juzarte de Quadros Cardozo Maldonado, senhor dos casaes das Eiras, fidalgo da casa real, procurador da comarca de Moncorvo, correio-mór de Coimbra.

D. Antonia, succedeu a seu pae, n'estes senhorios, e a sua prima, D. Maria Magdalena de Souza Leite, viscondessa de Condeixa, nos mórgados da casa dos Leites.

Casou, em 26 de dezembro de 1791, com o grande D. Francisco d'Almada e Mendonça, moço fidalgo, do conselho de D. Maria I, senhor da villa da Ponte da Barca, 1.º alcaide-mór de Marialva, commendador da ordem de Christo, desembargador do paço, intendente geral e inspector das obras publicas das trez provincias do norte, superintendente do tabaco e saboarias do Porto, intendente da marinha da mesma cidade, corregedor perpétuo da sua comarca, juiz geral das coutadas do reino — nascido a 30 de fevereiro de 1757, e fallecido em 1804.

Sua mulher, nasceu a 3 de junho de 1774, e morreu a 25 de fevereiro de 1835.

Tinham casado, a 26 de dezembro de 1791.[1]

D. Francisco d'Almada e Mendonça, era 2.º filho de João d'Almada e Mello, 9.º senhor de Villa Nova do Souto d'El-Rei, 7.º senhor do mórgado dos Olivaes (junto de Lisboa) 11.º senhor da Albergaria de Magdalena, moço fidalgo, conselheiro de estado, 9.º alcaide-mór de Palmella, commendador da ordem de Christo, governador das armas de Traz os-Montes, inspector da mesa do subsidio militar, e do cofre dos direitos das ditas trez provincias, e tenente general. Foi coronel do regimento de Cascaes, e, em 1755, foi com este corpo encarregado de fazer a guarda a D. José I, por occasião do terramoto do 1.º de novembro d'esse anno.

Do muito que lhe deve a cidade do Porto, serão padrões, as ruas do Almada, as praças da Ribeira, de S. Roque e da Victoria, alem de outras obras publicas importantes.

Era casado com D. Anna Joaquina de Lencastre.

—

D. Anna Magdalena de Quadros e Souza, e seu marido, Francisco d'Almada e Mendonça, tiveram dous filhos:

João, que foi o 1.º barão de Tavarede, pelo principe regente (depois D. João VI) em 7 de setembro de 1804.

D. Anna Felicia, que casou com D. Thomaz da Cunha Manoel Henriques de Mello e Castro, 11.º senhor do mórgado da Roliça, moço fidalgo, condecorado com a medalha da campanha da guerra peninsular, tenente coronel do regimento de milicias da Figueira, e que falleceu a 21 de junho de 1813.

1.º barão e 1.º conde de Tavarede

João d'Almada Quadros Souza de Lencastre, 1º barão de Tavarêde desde 7 de setembro de 1804 e 1.º conde do mesmo titulo, em 18 de março de 1848. Foi 2.º senhor da villa da Ponte da Barca, 2.º alcaide-mór de Marialva, e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 28 de fevereiro de 1794. Casou, em 4 de março de 1810, com D. Maria Emilia da Fonseca Pinto d'Albuquerque Araujo e Menezes, filha e herdeira de Caetano Alexandre da Fonseca Pinto d'Albuquerque, senhor do mórgado de Longroiva, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo — e de D. Maria de Menezes Araujo Cardozo Cabral, senhora do mórgado da Lageosa.[1]

D'este casamento houve um filho unico, que foi:

Francisco d'Almada Quadros Souza Mendonça de Lencastre da Fonseca e Albuquerque, nascido a 6 de março de 1818, e fallecido a 25 de novembro de 1853.

Tinha sido feito 2.º barão de Tavarêde, em 23 de setembro de 1846, e 2.º conde do mesmo titulo, em 23 de março do 1848. Casou, em 25 de maio de 1848, com D. Eugenia de Saldanha d'Oliveira Daun, 3.ª filha do duque de Saldanha,[2] e pelo seu 2.º casamento, condessa de Farrobo. Falleceu em Lisboa, de uma tysica polmonar, a 25 de março de 1876, com 44 annos de edade. Tinha nascido a 25 de maio de 1831. (Nasceu a 25, casou a 25, ficou viuva do seu 1.º marido a 25, e morreu a 25!)

Teve um filho do seu 1.º matrimonio, que foi:

João Carlos Emilio Vicente Francisco de Almada Quadros Souza Lencastre Fonseca Saldanha e Albuquerque (!) feito 3.º conde de Tavarêde, em 26 de novembro de 1853, no dia immediato á morte de seu pai!

Era tambem filho de D. Eugenia de Saldanha e do seu 1.º marido — D. Maria Thereza Emilia de Almada e Saldanha, condessa do Prado e Selva, nascida em 1853, e morreu tysica (como sua mãe) em Tavira, a 22 de setembro de 1876, tendo apenas 23

[1] O solar d'estes Almadas, é no sitio do *Grillo*, freguezia de S. Bartholomeu do Beato, concelho dos Olivaes.

[1] Esta D. Maria Emilia, mulher do 1.º conde de Tavarêde, morreu em Trancoso, a 25 de julho de 1876, com quasi 88 annos de edade, pois nascera a 16 de dezembro de 1788.

[2] Esta senhora, depois de viuva, casou em 16 de maio de 1855, com Joaquim Pedro Quintella de Farrobo Junior, 2.º conde de Farrobo.

annos de edade. Tinha casado, em 1870, com Pedro de Souza, filho do fallecido Manoel Joaquim Tavares Paes de Souza e Andrade, 1.º barão da Capellinha, feito em 20 de outubro de 1852, e 1.º visconde do mesmo titulo, em 22 de setembro de 1870. Deixou (a condessa) uma filha unica, de 4 annos de edade.

—

O 3.º conde de Taravêde, é casado, em segundas nupcias, com a filha de um escrivão de Trancoso.

—

Vide 5.º vol. pag. 300, col. 2.ª, — 6.º vol. pag. 58, col. 1.ª, e 249, col. 1.ª.

TAVARES, ou **CHANS DE TAVARES**, ou **VILLA DAS CHANS** — villa, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 24 kilometros a E. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha um conto de réis de rendimento annual.

É povoação antiquissima, e foi por muitos seculos cabeça de um concelho do seu nome, hoje extincto.

A rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, e regente do reino na menoridade de seu filho (que tinha então apenas 4 annos) lhe deu foral em Guimarães, a 27 de fevereiro de 1114. (*Maço 6, n.º 5, e na gaveta 15, maço 13, n º* 9.)

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira, fl. 51 v. col. 1.ª.*)

Tem tambem uma sentença de foral, contra os moradores do logar da Abrunhosa, sobre os maninhos, dada em 30 de março de 1533. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 8, col. 1.ª.)

Em 1349, Gonçalo Esteves de Tavares, e sua mulher, Leonor Rodrigues de Vasconcellos, fizeram um testamento, de *mão commum*, e n'elle instituiram o mórgado da Bouça, em *Terra de Tavares*, com certas capellas de missas, na egreja que fizeram edificar, na sua herdade da Córga, proximo a Viseu, e um hospital contiguo á dita egreja, para 24 *pobres honrados, ou envergonhados, ou inválidos, de honesta vida e bons costumes*. E aos homens e mulheres honrados, deu-lhe *senhos almadraques de lãa, e senhos colchas, e senhos cabeçaes, tamanhos, em que cabham com suas molheres, os que casados forem: aos outros pobres, deu-lhes duas almocellas, e senhos cabeçaes*, etc.[1] — Esta instituição foi confirmada por D. Fernando I, em 1350. (Documento de Viseu.)

—

Este mórgado da Bouça (ou quinta da Bouça) é um dos primeiros instituidos em Portugal. Este vinculo passou depois, por herança, para os Abreus, senhores de Regalados. (Vid 7.º vol., pag. 17, col. 2.ª)

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Guimarantinhos*, tambem muito antiga. Em 3 de julho de 1309, Estevam Mendes Cavalleiro, o *Pichel*, vendeu aos bispos de Viseu, a sua quinta de Guimarantinhos, por 5 *forles de ouro*.[2]

É n'esta freguezia o sanctuario de Nossa Senhora do Bom-Successo, templo antiquissimo, e que, segundo a tradição, já existia no tempo dos romanos. É certo que no monte onde está construida a ermida, teem apparecido sepulturas inteiras, feitas de pedra, o grande alicerce de uma muralha, que ainda existe, e vestigios de alguns edificios.

Consta tambem que a actual ermida, era

[1] *Almadraque*, portuguez antigo, — era o cochim, estrado, ou alcatifa, que servia de genuflexorio. — Significava tambem enxerga, colchão, (cheio de lan, palha ou herva) manta grossa, ou alcatifa dobrada, que servia de colchão. — *Almocella* ou *almucella* ou *almozalla* — portuguez antigo — cobertor, coberta, ou manta de sêda, lan ou linho, mais ou menos fina e preciosa, que servia tanto nas camas dos ricos como nas dos pobres, e sempre com o mesmo nome.

[2] *Forles, frolices, frolees, e florenças*, o mesmo que *florius*. Moeda d'ouro, do peso de uma onça, e valiam hoje (se as houvesse) 14$600 réis. Mas antigamente o seu valor não era o mesmo em toda a parte.

a capella-mór da egreja parochial da freguezia, que, por ser em sitio desabrido, se mudara para o logar das Chans, onde agora está.

Na verdade, o sitio onde existe a capella, a um kilometro da villa, é um altissimo monte, d'onde se avista a serra da Estrella, e grande parte das duas Beiras.

No cume d'este monte, está a ermida de S. Caetano, ha mais de 100 annos desmantelada.

A ermida da Senhora do Bom-Successo, foi reconstruida e ampliada, pelos annos de 1706, mudando-se-lhe então a porta para o nascente.

No terreiro que está em frente da ermida, fez-se muitos annos uma feira, no dia da festa da Senhora, que é no dia da sua natividade.

Tinha ermitão, e casa de residencia para elle.

Abaixo da ermida, está uma fonte de optima agua. A sua fabrica denota muita antiguidade.

O territorio d'esta freguezia, é fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado e é abundante de caça.

—

Tavares, é um appellido nobre em Portugal. Procede de D. Pedro Viegas de Tavares, que foi senhor da cidade da Guarda, no tempo de D. Sancho I. Albergaria, porém, a pag. 176, diz que esta famila procede de D. Estevam Peres de Tavares, 1.º alcaide-mór da cidade de Fáro, mas suppõe-se que este D. Estevam era descendente de D. Pedro Viegas.

Os Tavares, foram por muitos annos alcaides-móres de Portalegre, Assumar e Alegrete, senhores da villa de Mira.

Tomaram o appellido, da villa de Tavares.

Os Tavares, trazem por armas — em campo d'ouro, 5 estrellas de púrpura, de seis pontas — êlmo d'aço, aberto — e por timbre, meio cavallo de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis, e freio d'ouro. No *Livro da armaria*, a fl. 15 (existente na Torre do Tombo) se diz — « julga-se que estas armas foram ganhadas polo dito D. Estevam Peres de Tavares, quando se achou na tomada de Sevilha, e que d'este descende Estevam de Tavares, alcaide-mór de Portalegre, pae de Martim Gonçalves de Tavares.

Foi em 1411, que D. João I deu a alcaidaria-mor de Portalegre a Gonçalo Esteves de Tavares. (Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 226, col. 1.ª e 2.ª)

Outro ramo dos Tavares, traz por armas — em campo azul, banda de ouro, sahindo da bocca de dous tragantes, de verde, lampassados de púrpura — Timbre, meio leão azul — êlmo de aço aberto, como os outros Tavares.

TÁVEIRO — freguezia, Douro, comarca concelho, districto administrativo e bispado e 6 kilometros ao S. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, (1) 250 fogos.

Em 1768, tinha 74.

Orago, S. Lourenço.

A mitra, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É a 27.ª estação do caminho de ferro do Norte, contando de Lisboa, a 10.ª se se contar do entroncamento.

É povoação antiquissima.

O documento mais antigo que acho d'esta povoação, é uma doação, feita pelos *famulos de Deus, Bahri e Tranquilli*, ao convento de Lorvão, no anno de 980, de uma *herdade em Taveiro*, e duas egrejas — uma de S. Miguel e S. Pedro, em Tentugal — outra de Santa Eulalia, na villa de *Arquanio*, hoje *Arcos*, capital do concelho e da comarca da Anadia.

Em 26 de fevereiro de 1851, foi feita 1.ª viscondessa de Táveiro, em duas vidas, a sr.ª D. Maria Roza de Figueiredo da Cunha e Mello Lacerda e Lemos — e visconde do mesmo titulo, e na mesma data, seu marido, o sr. José de Mello Paes do Amaral Souza Pereira de Vasconcellos e Menezes.

Em 11 de julho de 1878, foi feito visconde do mesmo titulo (em 2.ª vida) o sr. José Pedro Paulo de Mello da Cunha Souza de Menezes e Vasconcellos, filho dos 1.ºs viscondes de Taveiro.

[1] Mas pelo caminho de ferro, são 212.

TAVÍRA — cidade, Algarve, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 24 kilometros ao N. do Guadiana, 24 ao O. de Castro-Marim e de Villa Real de Santo Antonio, 30 de Faro, e 240 ao S. de Lisboa.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Tem duas freguezias, Santa Maria e São Thiago.

Bispado do Algarve, districto administrativo e 5 kilometros de Faro.

O rei, pelo tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o prior de Santa Maria, que tinha 144 alqueires de trigo, 90 de cevada e dez mil réis em dinheiro. Tem 1:650 fogos.

Em 1768, tinha 1:318.

O papa e o bispo, apresentavam o prior de S. Thiago, que tinha 144 alqueires de trigo, 72 almudes de vinho môsto e 2$000 réis em dinheiro. Tem mil fogos.

Em 1768, tinha 663.

Ambas as freguezias, teem actualmente 2:650 fogos — 10:600 almas, aproximadamente.

É comarca de 1.ª classe, do districto judicial da relação de Lisboa — e da 4.ª divisão militar. — É quartel do batalhão de caçadores n.º 4. (desde 1814 até 1834, foi quartel do regimento de infanteria n.º 14, convencionado em Evora-Monte.)

A correição de Tavira, comprehendia — esta cidade, as villas de Castro-Marim, Cacella, e Loulé; e as aldeias de Alte, Alvor, Benafim, Boliqueime, Giões, Moncarapacho, Pereiro, Ameixial, Azinhal, Bensafim de Cima, Cachopo, Martim-Longo, Odeleite, Selir, e Vaqueiros.

Tem estação telegraphica, e delegação, de 1.ª classe, da alfandega maritima de Faro. [1] É ainda hoje (não sei para que...) considerada praça de guerra de 2.ª ordem, e é uma das 18 capitanias dos portos, no departamento maritimo do sul. — Lat. N., 37,°7′ — lg. Or., 54′.

O seu concelho comprehende 7 freguezias, todas do bispado do Algarve e são — Cachôpo, Conceição, Fonte do Bispo, Luz, Santo Estevam, e as duas da cidade. Todas com 5:600 fogos, e 22:000 almas, aproximadamente [1].

A sua comarca é composta de 4 concelhos — *Alcoutim*, com 1:800 fogos; *Castro-Marim*, com 1:860; *Tavira*, com 5:600; *Villa Real de Santo Antonio*, com 1:300; Total, 10:560 fogos.

Pela nova divisão judicial, tem 6 julgados, que são: *Alcoutim, Castro-Marim, Martim Longo, Santo Estevam, Tavira, e Villa-Real de Santo Antonio.*

D. Affonso III, lhe deu foral, e o titulo de villa, em Lisboa, no mez d'agosto de 1266. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 84, col. 1.ª)

O mesmo soberano, deu foral aos *mouros fôrros* de Tavira, em Lisboa, a 12 de julho de 1269. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 97 v., col. 1.ª)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 d'agosto de 1504. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 23 v., col. 1.ª)

Tem por brazão d'armas — uma ponte, entre duas torres, sobre o mar, onde navega um navio á véla.

—

Tinha voto em côrtes, com assento no 2.º banco.

—

Antiga, bonita e famosa cidade. Pretendem alguns que seja a *Balsa*, dos romanos [2]; mas, segundo o itinerario de Antonio Pio, *Balsa*, era na costa do Algarve, em 37.º de lat. e 10,° 36′ de long. — 30 kilometros de Ayamonte (ou Esuri, Andaluzia, sobre a esquerda do Guadiana) e 24 kilometros da

[1] Em quanto o seu porto deu ingresso a navios de todas as lotações, era a alfandega de Tavira a primeira e mais rendosa do Algarve.

[1] A freguezia da Fuzêta, que era d'este concelho, passou para o de Olhão, em março de 1876.

[2] A palavra *balsa* ou *balça*, tem varias significações — póde ser: *silvado basto* com que se veda uma propriedade rural — *ramal de coral*, que a força das ondas arranca do fundo do mar — *logar apaulado*, coberto de matagaes, charcos, ou lagôas — *dórna*, em que se pizam uvas — *jangada*, feita de madeira, para andar sobre a agua — e finalmente, chamava-se *balsa* a bandeira dos templarios, que era branca e preta (por isso se lhe dava o nome de *bipartida*) tendo no

capital do Algarve. (*Ossonobo* ou *Cunistergis*) ficando Balsa no centro d'estas duas cidades. Os *mouros*, depois, lhe chamaram *Tabira*.

—

Foi um bom porto de mar, dando ingresso a navios *d'alto-bordo*; e o commercio era florescentissimo, chegando a haver 70 navios proprios d'esta cidade; e aqui vinham navios bretões, allemães, biscainhos, inglezes, gallegos e de outras procedencias, carregar sal, peixe sêcco, vinho, e toda a qualidade de fructas. Era tal o movimento commercial, que D. João II, em 1491, concedeu a esta cidade, um feira de 49 dias, a começar no 1.º de setembro, terminando a 19 de outubro, com todos os privilegios da feira de março, d'Aveiro: o que foi confirmado por D. João III, em 10 de março de 1550. O cardeal-rei, ampliou esta feira, pelos trez mezes de setembro, outubro e novembro, por carta de lei, de 10 de julho de 1579, e assim existiu, até que, por carta de lei de 8 de maio de 1647, D. João IV confirmou a continuação d'ella, por mais quatro annos, em attenção aos damnos que soffreram os povos, com a peste que principiou em 1645, e durou 13 mezes, morrendo, aproximadamente, 40.000 pessoas.

Hoje tem trez feiras — a 6 d'agosto, trez dias — a 8 de setembro — e a 4 de outubro.

Teve grandes pescarias de atuns, sardinhas e grande variedade de outros peixes. Hoje o peixe vem da Fuzêta, para o consumo do povo da cidade e arredores; pois o rio apenas hoje tem dous metros de agua, na baixa-mar. (Vide *Fuzêta*.)

centro, a cruz vermelha, da ordem. As côres eram divididas perpendicularmente, a metade branca, do lado da aste, e a preta, do lado de fóra. Em volta, tinha a legenda — NON NOBIS DOMINE SED NOMINI TUO DA GLORIAM.

Talvez porém que *balsa*, como nome de Tavira, venha da 2ª significação (ramo de coral) se não provém de outra palavra cuja significação hoje se ignora.

Balsão, era a bandeira, pendão ou estandarte, atravessado na aste, terminando inferiormente por dous triangulos, como hoje se vê nas procissões.

—

A barra de Tavira, é de areia, e sujeita a muitas variações. Actualmente, está a uns 2 kilometros a O. de Cacella, no sitio chamado *Juncal*, e apenas dá entrada a barcos de 18 toneladas. Desde 1833, porém, tem profundado outra barra chamada *Boquêta*, a uns 20 metros mais para O., pela qual entram, na praia-mar, embarcações da tonelagem de 6000 arrobas, que vão carregar quasi á porta dos armazens.

Tanto esta barra como a outra, vão diariamente areiando para o O., e abrindo para E. Na embocadura, tinha o *Compromisso* (no sitio da *Barróca*) dous pharoes de luz fixa, construidos e sustentados por elle, para evitar sinistros nos seus barcos.

Entrada a barra, toma-se a O., na direcção da *Ponta do Atalho*, fronteira á fortaleza de Santo Antonio — d'ahi ao N., para a ponte, que fica proxima.

Na bocca da barra que hoje está entulhada, foi construido o forte de S. João Baptista, ou da Conceição, ao O. do qual se lança a armação do *Médo das Cascas*.

—

A cidade é cercada de muros, com um castello, do tempo dos romanos, ampliado e reparado pelo rei D. Diniz, em 1292, como se prova pelas inscripções que ali foram gravadas. Foi destruida com as frequentes guerras do principio da nossa monarchia, e reedificada por D. Affonso III, em 1266, dando-lhe então foral, com grandes privilegios.

Está situada sobre as duas margens do *Rio Sêcco*, que se communicam por uma optima ponte de pedra, de sete arcos, que une a antiga á moderna povoação.

A cidade assenta em uma pequena elevação, amena e deliciosa. Tem boas ruas, com edificios nobres e uma bella praça (na margem direita do rio) onde estão os paços do concelho, cuja fachada assenta sobre uma arcada, sob a qual se faz, diariamente, um bom mercado de fructas, pão, hortaliças, legumes, peixe e outros generos.

O seu territorio é abundante, em vinho, (o melhor do Algarve) azeite, (só no concelho 27 lagares) figo, alfarroba, laranjas,

romans, amendoa, *kermes*, [1] cêra, resinas, lenha, aguardente de figo, e outros generos agricolas, que exporta em grande quantidade, para diversos portos d'este reino, Gibraltar, Catalunha, Sardenha, Brasil, e outros paizes.

Exporta tambem grande quantidade de excellente canna, para a Inglaterra, Hollanda, Belgica, etc. e tambem para differentes partes de Portugal.

A gran de carrasco (kermes) vae, na sua maxima parte, para Gibraltar, Marselha e Genova. Em 1835, só um negociante comprou no concelho de Tavira, mais de doze contos de réis de gran de carrasco.

As varzeas de *Peões*, na esquerda do rio, tem optimas cearas e excellentes quintas e pomares.

—

Como acontece com todas as povoações antigas, não se sabe com certeza, quando ou por quem foi fundada. Segundo uns, foi uma colonia de gregos, pelos annos do mundo 3615 (384 antes de Jesus Christo.) Outros porém lhe dão muito maior antiguidade, dizendo que o seu fundador foi *Briga*, 4.º rei das Hespanhas, pelos annos do mundo 2114 (ou 1890 antes de Jesus Christo) dando-lhe o nome de *Talabríga*, que os arabes corromperam em *Tabíra*. (É a eterna historia de *Briga*, rei — ou *Briga*, povoação, como temos visto em muitos logares d'esta obra.)

—

Foi cidade importante no tempo dos phenicios e dos cartaginezes, e a sua importancia cresceu ainda, durante o dominio dos romanos. Nada de positivo se sabe, do que foi esta povoação, nos 300 annos que os *barbaros do norte* dominaram as Hespanhas.

—

Em 1242, era senhor de Tavira, *Aben-Fabúla*. [1] Estava-se no mez de junho (outros dizem — e é mais possivel — em julho) e havia treguas entre mouros e christãos, por ser tempo das colheitas de uns e outros [2].

A 11 de junho (ou julho) estava o famoso D. Payo Peres Correia, com os seus cavalleiros de S. Thiago e outra gente, na villa de Cacella; e *D. Pedro Paes*, commendador-mór de S. Thiago, (outros dizem, *Pedro Rodrigues*) *Mem do Valle*, *Damião Vaz*, *Garcia Estevam* (outros dizem, *Alvaro Garcia*) *Estevam Vasques*, *e Valerio da Hora* (outros dizem, *Valerio d'Ossa)* lhe pediram licença para hirem caçar ao sitio das *Antas*, proximo, mas do outro lado de Tavira. Atravessaram a ponte; mas, apenas chegaram ao tal sitio das Antas, uma multidão de mouros, bem armados, os cercou e investio. Os cavalleiros, vendo-se atacados por tão grande numero de mouros, resolveram que um d'elles fosse dar parte d'esta traição, a D. Payo. A sorte cahiu em *Garcia Estevam*, que a toda a brida, por entre os mouros, foi dar parte a D. Payo, que jurou cruel vingança de tão cobarde traição, e voou em soccorro dos seus cavalleiros, que eram todos jovens e a flor dos seus batalhadores. Os companheiros de D. Payo, hiam tambem ardendo em desejos de vingar os seus camaradas. Como vertiginoso furacão, passaram a ponte e a cidade, mas já dos cinco cavalleiros e do bravo mercador *Gar-*

[1] Kermes, é um insecto que se cria nos carrascos e produz a formosissima côr carmezim, vulgarmente conhecida pela denominação de *gran de carrasco*, tão apreciada desde o tempo dos phenicios e dos romanos, que a exportavam em grande quantidade. (Vide *Algarve*.)

[1] Este facto já fica relatado no 8.º volume, a pag. 483, col. 2.ª — Aqui só digo o nome dos cavalleiros portuguezes que com a sua imprudencia deram causa á conquista de Tavira, por haver divergencia nos nomes d'elles: no mais, remetto o leitor para o logar citado do 8.º volume.

[2] Lê-se em um documento, do seculo XIV existente no archivo da camara de Tavira, que os mouros ainda senhores da cidade, disseram — «*Sômos já ácerca do mez de julho, em que avemos apanhar nossos pains, e mais vence chegando a tempo do pellacill*, (pellacil ou abacil, quer dizer, tempo das colheitas do vinho e azeite). *E pois que asi çomos maltratados do Mestre* (D. Payo) *façamos com elle tregoas athé S. Miguel de Setembro, que vem, e apanharemos então nossas novidades, e depois guerrearemos com elles, athé que os deitemos fóra da terra.*»

cia Rodrigues, [1] nenhum vivia, depois de terem combatido por muitas horas, e deixado o chão coberto de mouros, ou mortos, ou mortalmente feridos.

Os christãos, não perdoaram a sexo nem edade, fazendo nos mouros um horrivel destroço, e ficando senhores da cidade.

D. Payo, mandou logo purificar e benzer a mesquita maior dos mouros, e alli mandou erigir um mausoleu aos seis portuguezes que tão caras haviam vendido as suas vidas, e cujos cadaveres para alli foram conduzidos em solemne procissão. Ainda hoje, uma lapide singela, confirma e commemora esta façanha.

É tradição constante em Tavira, que, por muitos annos, existiram no sitio das Antas, innumeraveis ossadas dos mouros que alli morreram n'este dia memoravel.

Vide o logar citado, do 8.º volume.

A *Monarchia Lusitana*; Ruy de Pina, *chronista de D. Affonso IV;* Duarte Nunes de Leão, *chronista de D. Affonso III*, Pedro de Mariz, Luiz Coelho de Barbuda, e outros escriptores, dizem que, quando D. Affonso XI de Castella, veio pôr cêrco a Tavira, em 1337, lhe appareceram os cavalleiros do monte das Antas; o que aterrou de tal sorte o rei castelhano que, vendo que tinha contra si, não só os vivos, mas os que tinham morrido, havia 95 annos, levantou o cêrco, sem dar batalha.

Archeologia

Em uma propriedade do sr. Cunha, que fica proxima a esta cidade, appareceu em 1868, uma lapide de marmore, com uma inscripção romana, do anno 4.º de Cesar (34 antes de Jesus Christo.) Dizia—

INLIAE TIB F. MAR
CIAE GEMINAE
AMICAE OPTIMAE
L. QVINTIVS PRISCION.
CUM CALLAEA. T. F. SEVERINA
ET QVINTIA AVITA FIL. D. D.

[1] Garcia Rodrigues, era um rico mercador portuguez. Vinha de Faro, com muitas cargas de fazenda, e vendo o perigo dos cavalleiros, entregou as cargas aos creados, e correu, em reforço dos cavalleiros, decidido a combater a seu lado e a morrer matando.

O nome inteiro de Priscionio, pae de Quincia Avita, devia ser, *Lucio Quincio Avito Priscionio*, que era por adopção da familia *Avito*, e por geração, da *Priscionio*.

Teem-se achado aqui trez esqueletos de homem e um de creança, de 0,m50 de comprido. Este, estava tapado com trez bandejas de barro cosido, sobrepostas, e a cabeça descançava sobre duas pedras. Tinha ao lado, um bonito vaso lacrimatorio, de barro.

No mesmo sitio, foram encontrados, a pouca profundidade, trez amphoras e dés vasos lacrimatorios, uns de barro cosido, outros de vidro; diversas ferramentas, dous anneis d'ouro, e muitos outros objectos, evidentemente romanos.

Contiuuaram as escavações, que deram em resultado o descobrimento de umas 300 sepulturas.

Era pois n'este sitio a *necropole* dos romanos, quando dominaram estas terras. Fica a 2 kilometros de Tavira, junto ao logar das *Andas* (outr'ora, povoação romana) na margem do rio, hindo da cidade para a Fozêta.

—

Em um cabeço, que é o ponto mais alto da cidade, existem as ruinas de um castello antiquissimo, que se julga obra dos romanos. Pretendem alguns, que era aqui a antiga Balsa.

—

Já em fevereiro de 1840, se tinha achado na serra de Tavira, uma porção de medalhas de prata, do tamanho dos nossos antigos tostões, com bustos, em relevo, de varios imperadores romanos, da 1.ª época do imperio. Estavam todas muito bem conservadas, e as legendas muito legiveis. Quasi todas foram vendidas em Tavira e em Fáro.

—

Na *Quinta da Trindade*, freguezia da Luz, d'este concelho, a 6 kilometros de Tavira, e proximo á egreja matriz, teem apparecido differentes antiguidades, o que induz a suppôr que fosse por estes sitios a antiga Balsa. Tambem aqui foram achadas, uma ára, com inscripção grega; sepulturas, com inscripções latinas; alicerces de varios edificios, e outros objectos.

—

Ainda na mesma freguezia, no sitio das *Antas* (onde muitos asseveram ter tido o seu assento, a Balsa, dos romanos) se fizeram em abril e maio de 1877, importantissimas descobertas archeologicas, na propriedade do sr. João Luiz de Mendonça e Mello, taes como, lapides, columnas, bases, capiteis, vestigios de porticos, ladrilhos de uma perfeição admiravel, mosaicos de figuras hexagonas e uma galeria ainda obstruida; tudo leva a acreditar que se depara ali com o circo da antiga Balsa.

As duas inscripções lapidares alli encontradas, são a prova d'esta verdade. A primeira tem a seguinte inscripção:

L. CASSIVS CELER
PODIVM IRCI
PEDES C.
SVA IMPRENSA
D. D.

A inscripção significa que Lucio Cassio Celer construiu á sua custa cem pés de podio do Circo da Balsa.

A familia Cassia, a quem esta cidade pertencia, era uma familia patricia muito importante em Roma; muitos dos membros d'ella figuraram nos mais altos cargos da Republica, tornando-se entre esses notaveis Lucio Cassio Ceciliano, Lucio Cassio, filho de Quinto, e Caio Cassio Celer, triumviro monetario.

A segunda inscripção reza assim:

C. LVCINIVS BADIVS
PODIVM CIRCI P. C.
SVA IMPRENSA D. D.

E significa que Caio Lucinio Badio construiu á sua custa cem pés do podio do circo de Balsa.

O fragmento de um cippo alli encontrado, de fino marmore, tem ainda legivel uma parte da inscripção.

CVMANT....
L. E. STAV....

Na quinta do sr. Francisco Simões da Cunha, que demora a leste das Antas, notavel pelos muitos objectos archeologicos alli encontrados e especialmente um cemiterio romano, tambem ha pouco foi alli encontrada uma lapide tumular com a seguinte inscripção:

D. M. S.
ALBIA NEREIS
ANN. L. X.
H. S. E. S. T. T. L.

Indica que é consagrada aos Deuses Manes, — *Diis Manibus Sacrum*, — e que Albia Nereida, de sessenta annos de edade, está alli sepultada: — *hic sepultus est* — terminando pelo voto de que a terra lhe seja leve: — *Sit tibi terra levis*.

Tambem alli se observam: uma amphora, dois vasos cinerarios, dois vasos dos chamados lacrymatorios, uma agulha de prender o cabello, e alguns medianos e pequenos bronzes do baixo imperio.

—

Na *Torre d'Ares*, no *Paúl*, e em *Marnis*, tambem teem sido achadas preciosas antiguidades romanas e arabes.

—

Em 1878, o sr. Francisco Raphael da Cruz Furtado, offereceu á *Real Associação dos Architectos Civís e Archeologos Portuguezes*, varios objectos romanos, achados em escavações feitas em Tavira, sendo — duas inscripções pertencentes ao circo da antiga Balsa — um tijolo romano, de fórma triangular, com a marca do oleiro — um fragmento de mosaico de diversas côres, achado na margem direita do Guadiana — e, finalmente, duas facas de silex, de extraordinaria grandeza e notavel execução.

—

Resgatada Tavira, para sempre, do poder dos mouros, em 1242, logo a 9 de janeiro de 1244, deu D. Sancho II, o senhorio d'esta cidade, e o padroado da sua egreja, á ordem de S. Thiago, em premio de ter sido tomada pelos cavalleiros d'esta ordem.

—

Quando o rei de Castella, D. Affonso, o *Sabio*, invadiu Portugal em 1252, entrando por Alcoutim, pôz cêrco a Tavira, e se apossou de algumas terras do Algarve.

(Para evitarmos repetições vide no 1.º vol., pag. 122, col 2.ª e seguintes.)

Cedendo o monarcha castelhano das pretenções que tinha sobre o Algarve, fez entregar a D. Affonso III o castello de Tavira e os mais d'esta provincia, por carta de 16 de fevereiro de 1267.

—

Estando o rei D. Diniz n'esta cidade, deu carta de privilegio aos seus moradores, em 15 de abril de 1303, para que os seus herdamentos não podessem ser penhorados, nem vendidos, por dividas, excepto sendo ao rei. Este privilegio foi confirmado e ampliado aos bôis (não excedendo a quatro) pelo rei D. Manoel, em carta, escripta mesmo em Tavira, a 17 d'abril de 1509. Dom João III, confirmou este privilegio, em 1525.

—

Foi o rei D. Diniz, que mandou reparar e ampliar as muralhas mouriscas que cercavam a cidade.

Os habitantes de Tavira fizeram grandes serviços á patria, tanto na expulsão dos mouros, do Algarve, como nas conquistas da Africa, soccorrendo as praças d'Arzilla, cercadas pelos mouros, em 1516, Mazagão, em 1576, e varias outras.

—

O rei D. Manoel, por carta de 22 de fevereiro de 1509, fez Tavira *couto de homisiados*, que de Castella, ou de qualquer parte do reino, aqui quizessem vir recolher-se, dentro em 6 mezes depois da data da carta de couto.

—

Por carta de 10 de março de 1458, concedeu D. Affonso V, que os mareantes de Tavira podessem hir vender peixe onde quizessem, sem pagamento de portagem.

—

Tinha esta cidade outros muitos privilegios, que seria longo enumerar, sendo os principaes — não poderem (mesmo os peões) ser jámais açoitados, degredados com pregão, nem receberem penas publicas, por seus delictos. Isto, em attenção a terem os reis recebido continuados serviços nas armadas, e soccorros de alem-mar, dos habitantes de Tavira, no que expunham as suas vidas e gastavam as suas fazendas. Dom João III, confirmou estes privilegios, por carta regia de 10 de novembro de 1525.

Por estes mesmos serviços, o rei D. Manoel a fez cidade, por carta de 17 de março de 1520.

—

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, causou grandes prejuizos a esta cidade. A *Rua Nova Pequena*, a Corredoura e Ribeira, ficaram inhabitaveis. O mosteiro de S. Francisco, soffreu grandes ruinas. Ficou arrazado o hospital que se estava acabando de reedificar. Felizmente, n'este horrivel cataclysmo só morreu uma rapariga.

Já tinha soffrido outra igual, ou maior, catastrophe, com o terramoto de 27 de dezembro de 1722, pelas 6 horas da tarde.

—

Foi quartel-general do governador das armas do Algarve — quartel do governador da praça — residencia do corregedor — do provedor das comarcas do Algarve — e do juiz de fóra.

—

O rio *Sêcco*, ou, *Asseca*, que divide em duas partes esta formosa cidade, chamava-se antigamente *Gilaon*, e depois, *Sêqua* (Sêcca).

—

Os arrabaldes de Tavira comprehendem bellas fazendas e terras muito ferteis. As margens do rio são bonitas, e veem-se bastos e frondosos arvoredos, silvestres e fructiferos.

Tem marinhas de sal.

—

A egreja matriz, de Santa Maria, era a mesquita-maior dos mouros, que, como vimos, D. Payo Peres Correia fez benzer, para n'ella serem enterrados os seis bravos cavalleiros. Tambem elle quiz ser aqui enterrado, e assim o dispôz no seu testamento. Morrendo no mosteiro de *Vellez* (outros dizem que foi em Uclés) em Hespanha, cabeça do mestrado da sua ordem (S. Thiago) da qual era grão-mestre, a 10 de fevereiro de 1275 (vide 8.º vol., pag. 483, col. 1.ª) foram seus ossos conduzidos para esta egreja, de Santa Maria, de Tavira. Estão em um caixão de pedra, no altar-mór, do lado do

Evangelho. Do lado da Epistola, está uma lapide, embutida na parede, com 6 cruzes vermelhas, indicando o logar em que Dom Payo mandou sepultar os cinco cavalleiros, mortos á traição pelos mouros, e o bravo mercador, Garcia Rodrigues, que se lhes reunira, não para os defender, mas para morrer com elles, no sitio das Antas.

No archivo da camara d'esta cidade, ha uma *Chronica* que dá aos 6 cavalleiros os nomes seguintes — *D. Pedro Paes — Mem do Valle — Damião Vaz — Estevam Vasques Valerio d'Ossa — e Alvaro Garcia.* A *Monarchia Lusitana* (livro 14, cap. 20) difere alguma cousa nos nomes dos seis cavalleiros, como vimos quando tratei da tomada de Tavira. No que não ha divergencia é no nome do volorosissimo mercador, *Garcia Rodrigues.*

Á entrada da capella-mór, está um carneiro, contendo os ossos do alcaide-mór, José Felix da Cunha.

O terramoto de 1755, apenas deixou de pé a capella-mór d'esta egreja, que ainda hoje, em sua gothica architectura, denota a sua antiguidade, e nos leva a acreditar (em vista da sua ordem architectonica) que, antes de ser mesquita dos mouros, havia sido templo christão.

O benemerito bispo do Algarve, Francisco Gomes d'Avellar, a mandou reedificar com a maior magnificencia.

É um magestoso templo de trez naves, muito claro.

A ordem de S. Thiago, apresentava o prior, e dous beneficiados, curados, e quatro simples -- dous d'estes, nomeados pelo bispo e pagos pelos dizimos da *massa grossa* — e os outros, pela commenda, que recebia metade dos dizimos. A outra metade era do cabido.

Esta freguezia, estende-se 18 kilometros para a serra.

—

A egreja matriz de S. Thiago, é um bom templo de uma só nave, e muito espaçoso. O rei D. Affonso III, deu (estando em Evora) este priorado, a D. frei Bartholomeu, seu capellão e medico. Tinha trez beneficiados.

Ambas estas egrejas matrizes estão proximas e na direcção do rio.

—

A capella dos Terceiros do Carmo, é um templo moderno, bellissimo e elegante.

A egreja dos mareantes (S. Pedro Gonçalves, ou Santelmo) é rica e bonita.

—

No espaçoso rocio da Atalaya, onde está o mosteiro das freiras bernardas, podem manobrar facilmente 3:000 homens.

É um lindo passeio, com vistas do mar e do rio, frondosos arvoredos e cercado de casas de bonita apparencia, quintas e hortas, quasi todas regadas com a agua da fonte de *Santo Antoninho*, que nasce do alto do rocio, rebentando de uma rocha, entre a *Horta do Tiro* e a das *Cannas*. É perenne e salina-gazoza.

Hospital do Espirito Santo

Este hospital, foi fundado em 1442, pela confraria de Santa Maria, com a invocação do Espirito Santo. Teve grandes privilegios, concedidos por D. Affonso V, em 16 de fevereiro de 1450, confirmados e ampliados pelo mesmo soberano, em 3 de janeiro de 1480, e por D. João II, em 10 de fevereiro de 1487. A camara lhe deu meia legua de mattos, na *malhada da serra*, por escriptura de 13 de janeiro de 1499.

Vinham a este hospital tratar-se muitos doentes das nossas possessões africanas, pelo que, o rei D. Manoel deu ao hospital um por cento de todo o rendimento do almoxarifado da alfandega d'esta cidade, por alvará de 29 de março, de 1508; por cujo rendimento se lhe deu 25$300 réis, por provisão de 22 de agosto de 1511 — e Dom João III, lhe confirmou ainda varios privilegios, por alvará de 28 de agosto de 1530.

Algumas pessoas caritativas, augmentaram as rendas d'este hospital, com varios legados.

Aqui concorriam muitos doentes, de varias partes do Algarve.

Por escriptura de 28 d'agosto de 1727, lhe addiccionou João de Mendonça Corte-Real, sendo governador d'esta praça, uma capella que instituiu, de todos os seus bens alodiaes, com a renda de 297$750 réis, em fôros, e 329$950 réis em juros, para que aqui fossem admittidos todos os annos, no mez de maio, quaesquer enfermos de molestias venereas: e que fossem alli creados e mantidos dez expostos, pelo menos, até á edade de sete annos; a 1$000 réis por mez, e 3$000 por anno, para vestidos — que se déssem em cada anno, quatro dotes de réis 30$000, cada um, a quatro raparigas, sendo preferidas as naturaes de Tavira, e entre estas as mais bonitas (pelo perigo) e que fossem expostas; e não as havendo, seria o dote dado a orphans. Por seu testamento, ainda juntou ao que já tinha dado ao hospital, os remanescentes do que sobejasse do seu funeral.

Jazem os ossos d'este caridoso varão, na capella do Loréto, sita na praça, a qual tinha fundado, nas casas onde morava.

Hoje é geralmente conhecido este estabelecimento, sob a denominação de *Hospital de S. José.*

Tem de rendimento annual, mais de 3:000$000 réis, e são aqui tratados, mais de 40 doentes effectivos.

No 11.º volume do *Archivo Pittoresco,* correspondente ao anno de 1868, a paginas 292, 310, 342, e 392, vem uma magnifica descripção, feita pelo nosso esclarecido archeologo, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, que por extensa não copio. Os que desejarem saber minuciosamente a historia d'este hospital, consultem os logares indicados.

—

Casa da Mizericordia

Teve principio em uma capella do convento de S. Francisco. Passou depois, para o logar onde hoje está a egreja, que se principiou a construir em 1511, dando-lhe o rei D. Manoel, compromisso, á maneira da Misericordia de Lisbôa, em 15 de novembro de 1516, tendo já então de rendimento 560$050 réis.

Manoel Nobre Canellas, lhe deixou varias rendas, em 1679, com a pensão de uma missa, nos domingos e dias santos, e quatro dotes de 30$000 réis a parentas suas e orphãos, separando a terça parte dos fóros do trigo, para se dar aos pobres, em pão cosido.

Hoje tem de rendimento, um conto de réis, aproximadamente.

—

Aguas

A parte da cidade que está sobre a margem direita do rio, (a O.) é abundante de excellente agua potavel, em um chafariz, chamado a *Fonte,* que fica proximo da ponte, com cinco bicas, para o serviço publico, e um bom tanque para gado.

Quatro bicas, são providas d agua, por um antigo aqueducto, que vem de uma nascente da *serra de Santa Maria,* juncto á egreja: a da outra bica, nasce mesmo no logar onde está o chafariz.

Alem do chafariz referido, ha n'esta parte da cidade — que é a principal — varias nascentes e poços, de água de bôa qualidade. Junto ao chafariz, ha aguas mineraes, das quaes adiante trato, em § especial.

Do alto do *Malfôro,* no sitio do *Paiol,* desce outro antigo aqueducto, que passa junto aos arcos da praça, com bastante agua, que, na sua maior parte se perde no rio.

Na parte da cidade que fica sobre a esquerda do rio (E.) só ha poços d'agua salobra.

—

Aguas mineraes

Junto á cidade, no rocio da Atalaya, em que já fallei, e cujo solo é de rocha, coberto de terra marnosa, na sua parte mais alta, entre a *Horta do Tiro* e a das *Cannas,* nascem, em abundancia, uns olhos d'agua, que, até ao principio d'este seculo, só eram empregadas na irrigação das hortas e quintas circumferentes.

Pelos annos de 1806, o medico João Nu-

nes Gago, principiou a applicar estas aguas, com bom resultado, nas molestias em que julgou deverem ser empregadas.

Nasce esta agua mansamente, por entre fendas de uma rocha calcarea, e, em qualquer das trez principaes fendas, é abundante; sendo a chamada *Fontinha de Santo Antonio*, de quasi uma telha d'agua.

É constante a quantidade d'agua, em todas, mesmo na estiagem.

Esta agua é muito crystalina, e é da mesma qualidade, em todos os *olhos*, pois está provado que nascem de um só e mesmo reservatorio. O seu sabor é agradavel, e levissimamente picante.

Em qualquer estação, a sua temperatura, é de 78 gr. F., ou $2^1/_2$ R.

A analyse pelos reagentes e pela evaporação, nada mostra de enxofre, mas grande abundancia de gaz carbonico, muriatos de sóda e calcareo.

D'estas aguas trata o doutor Fonceca Henriques, no seu *Aquilegio*, p. 71 — e depois d'elle, o doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, nas duas *Instrucções e cautelas praticas* (publicadas em 1810) a pag. 175.

Apresentadas na exposição de Paris, de 1867, e devidamente analysadas, eis o que decidiram os chymicos francezes — traducção —.

A agua d'estas nascentes, é limpida, não apresentando gôsto ou cheiro apreciaveis, nem revela a existencia de acido sulphydrico. A sua temperatura, constante em todo o anno, é de 26.° cent., contendo por kilogramma, 0. gr. 490 de principios fixos — isto é — sulfatos e chlorêtos alcalinos; carbonatos de cal e de magnezia; silica, e uma diminuta quantidade d'alumina e de oxydo de ferro.

—

Doação de direitos reaes

Do reguengo a muitos direitos reaes d'esta terra, fez D. João I doação, de *juro e herdade*, a Fernando Alvares Pereira, irmão do famozo condestavel, D. Nuno Alvares Pereira; doação que continuou até á ultima donataria, que foi, D. Catharina Constança de Barrêdo, que morreu sem descendentes, deixando vaga para a corôa, a doação das propriedades d'este reguengo; o qual D. Maria I, deu ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, por carta de 13 de janeiro de 1781; mandando proceder ao tombo, dando-lhe depois foral proprio, por alvará do 1.° de junho, de 1787, com o qual se fez grande vexame aos moradores da cidade e freguezias visinhas, e do qual os libertou o decreto de 14 de agosto de 1832.

Este grande reguengo, comprehendia as melhores terras d'estes sitios, na ribeira do Assêca, com o fôro de quotas de fructos, 8.os 5.os e 4.os, nos das *Pedras d'El-Rei*, *Arroyo*, e Santa Luzia — metade do rendimemto dos moinhos da ribeira, e o fôro de 100 libras (a cada um) no *Tôjo*, em 10 divisões, por 10 *homens bons* (louvados) que vinham a ser 1:000 libras de fôro annual. [1] Mais os direitos de duas hortas, uma na Atalaya e outra em Bellafria; e do *relêgo*, com seus direitos, etc.

—

Serra de Tavira

D. João I, querendo reduzir a cultura esta serra, occupada por mattos e silvas, a concedeu em *sesmaria*, aos povos visinhos, para que a arroteassem, cultivassem e povoassem; mas não acceitando isto os póvos, a mandou devassar, para todos que a quizessem reduzir á cultura e povoar. Esta mesma providencia, foi inutil, até que o rei D. Manoel a fez julgar propriedade da camara de Tavira, por sentença de 1502. A camara então foi aforando isto, com o encargo de um alqueire, por cada 15 de trigo, milho e centeio que se colhese.

Assim foi crescendo o numero dos povoa-

[1] Note-se porém que eram *libras portuguezas*, e não *sterlinas*. As libras portuguezas, tiveram differentes valores, segundo os reinados, e até segundo as terras, pois o seu valor não era geralmente eguall. As libras de que se trata no texto, eram provavelmente das que valiam 700 réis. Mesmo assim, importava este fôro, annualmemte, em 700$000 réis, o que era uma grande quantia, para aquelles tempos.

dores, na extensão de muitas leguas quadradas de serra, de módo que foi precizo dividir em oito freguezias, de mais de 1:200 fogos, a parte cultivada e povoada.

A camara, fez uma amplissima doação de toda a serra ao capitão-mór Manoel Godinho de Castello-Branco, em 1645, apenas com o encargo de pagar annualmente 200 réis á camara. Esta doação, apezar de iniqua, foi confirmada por D. João IV!

A requerimento d'estes povos, atormentados pellos vexames e extorções do novo donatario, Manoel Vaz Velho, annullou D. José I, por alvará de 13 de março de 1772, aquella absurda e illegal doação, mandando que, a cada um dos moradores da serra, ficasse pertencendo, d'alli em diante, o pleno dominio e posse dos predios por elles cultivados e habitados, como proprios, e sem pensão ou encargo algum.

Esta sábia providencia, deu nova vida a esta gente, e fez desenvolver muito a cultura da serra.

—

Pedra

É o territorio d'esta cidade, abundantissimo de varias qualidades de pedra. Tem optimo *carbonato de cal* (pedra calcaria) e varios fornos para a sua calcinação. Ha, em differentes partes, formoza *cantaria*. No *Sêrro do Cavaco*, proximo ao Asseca, e no sitio dos Fortes, ha bellos *marmores pretos*. Ha aqui uma especie de *marmore*, que, depois de polido, é de um lado côr d'ouro, e do outro, parece madreperola. Acham-se com abundancia, *marmores cinzentos*, outros *manchados de encarnado, com veias de outras côres*, no sitio de Santa Margarida.

No sitio da *Senhora da Saude*, 3 kilometros ao N. da cidade, ha *pedras de amolar*, de boa qualidade; e perto da *Ribeira do Almargem*, nos mattos do Espirito-Santo, ha excellente *pedra preta*, para mós de moinhos, a qual se exporta em grande quantidade.

—

Dentro do rio, e 1:500 metros abaixo da cidade, ao O., está a povoação de *Santa Luzia*, composta de umas 50 cabanas de junco, occupadas por pescadores e apanhadores de *murraça*. Arderam todas, em maio de 1876, deixando os seus moradores em extrema miseria. Já se reconstruiram.

—

Fabricas

Por alvará de 31 de maio de 1776, mandou D. José I, estabelecer aqui uma fabrica de tapeçarias, de lan e sêda, para a qual deu quatro contos de réis, a Pedro Leonardo Mergous, e a Theotonio Pedro Heitor que executaram primorosas obras, mas (cousas nossas...) este bello estabelecimento pouco tempo durou.

—

Minas

Em fevereiro de 1875, foram manifestadas na camara de Tavira, trez minas de cobre e outros metaes.

Em junho do mesmo anno, foi aqui manifestada uma mina de ferro, e outros metaes.

Em novembro do mesmo anno, outra mina de cobre.

Em janeiro de 1877, outra de ferro e manganez.

—

Diversos factos e noticias

O anno de 1834 (desde junho em diante) foi uma verdadeira época de terror, para os habitantes pacificos de Tavira. Em nenhùma outra povoação de Portugal se perpetraram tantos assassinatos de realistas, como aqui.

Mencionarei só, os de que tive noticia:

1.º *O doutor João Evangelista Machado* juiz dos orphãos de Tavira. Foi assassinado em sua propria casa, e o seu cadaver arrastado pelas ruas.

2.º *Ludovico José da Rosa*, coronel, e governador que fôra, da praça de Tavira. Foi assassinado pela escolta, que (apezar da convenção d'Evora-Monte) o levava preso para Olhão. Perguntando alguem ao commandante da escolta, porque consentira que se perpetrasse tão cobarde assassinato, respondeu — *Cumpri as ordens dos meus superiores.*

3.º *Manoel José Evora Rosa.* Foi preso em Tavira, e assassinado pela escolta no sitio do Calvario.

4.º *Francisco de Paula Oliveira Pontes,* de Tavira. Foi assassinado, *á vista das auctoridades,* quando recolhia a sua casa.

5.º *Manoel José de Figueiredo,* de Alcoutim. Hindo preso para Tavira, foi assassinado, pela escolta, e mais um creado que o acompanhava, e os seus cadaveres queimados em uma fogueira.

6.º *Sebastião Martins Mestre,* coronel e governador da praça de Villa Real de Santo Antonio, onde o conservaram tres dias sem comer nem beber, sendo ao 4.º arrancado da prisão e assassinado ás punhaladas e bayonetadas; sendo o mais encarniçado assassino, o provedor do concelho!

7.º 8.º e 9.º *Frei Joaquim de Moncarapacho — José Pereira Ramos,* capitão de veteranos — e *José Mourão.* Foram presos em Tavira e mettidos a bordo de uma embarcação, com destino a Lisboa. O escrivão e mais guardas que os acompanhavam, assassinaram-os, e cortaram-lhes as orelhas, que, orgulhosos da sua *façanha,* vieram mostrar para Tavira.

10.º *Thomaz Antonio da Guarda Cabreira,* marechal do exercito realista. Foi preso em Tavira, sua patria, e levado para a cadeia de Faro, e n'ella assassinado, por consentimento das auctoridades e da guarda da cadeia.

Alem d'estes, ha outros muitos assassinatos de que não pude obter noticias circumstanciadas.

—

O orgam novo da egreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, assente em dezembro de 1875, foi construido no Porto, por José Joaquim da Fonseca.

—

Em julho de 1876, Pedro Tello, proprietario em Lagos, pediu ao governo, licença para explorar as ostreiras naturaes, existentes entre o cabo de Santa Maria, e a barra de Tavira, incluindo a foz do rio.

—

Pelas 8 horas e 15 minutos da manhan de 21 de novembro de 1876, uma nuvem compacta de gafanhotos passou sobre esta cidade, em direcção ao norte.

Pernoitaram nos arredores de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio, milhares de milhões d'elles, cobrindo as arvores, occultando completamente as folhas, que devoraram. Felizmente, no concelho de Tavira, como hiam de passagem, não causaram prejuizos, e apenas susto.

—

Em julho de 1877, foi tão espantosa a quantidade de atuns, colhidos nas armações de Tavira, que não havia pessoas sufficientes para os preparar, chegando a vender-se a 1$300 réis a duzia!

—

Em 30 d'agosto de 1877, falleceu n'esta cidade, João Pereira Maia. Foi secretario de divisão, no reinado de D. João VI, e, seguindo a causa legitimista, convencionou em Evora-Monte.

Regressando a casa, rarissimas vezes sahia.

Apesar de viver sempre n'esta terra, não ha uma duzia de pessoas em Tavira que o conhecessem de vista.

Para ir á fazenda que tinha fóra da cidade, vestia-se de mulher e ia para lá á noite, e no mesmo traje recolhia á cidade.

Em quanto estava na fazenda, vigiava os trabalhadores por uma pequena abertura da janella, sem que o vissem.

Até quasi dois annos antes da sua morte, nem o medico o via. Quando estava doente, o medico era chamado, mas o filho, ou alguem da familia, é que descrevia a doença.

Que original!

—

No dia 9 d'agosto de 1880, foi o povo de Tavira sobresaltado por um acontecimento, que aterrou toda a cidade. Foi o seguinte.

Um negociante de atum, tinha encarregado dous homens de removerem uma porção de espinhas d'aquelle peixe, contidas n'uma pilheta em um armazem situado, como muitos outros utilisados para o mesmo fim, dentro da cidade.

Como os dous homens se demorassem, foi o negociante pessoalmente verificar se tinham sido cumpridas as suas ordens; não voltou porem. Um afilhado d'este, estranhan-

do a demora dos trez, dirigiu-se ao armazem, mas tambem lá ficou. Mais tarde foram os quatro infelizes encontrados mortos dentro da pilheta; haviam succumbido á acção mortifera dos miasmas desenvolvidos pelas espinhas do atum, que sendo destinadas para guano, tinham sido preparadas com sal de resalga, que na maior parte das vezes já está aruinado.

Consta que alguns homens encarregados de effectuar a remoção dos quatro cadaveres, adoeceram, não obstante as providencias que antecipadamente tinham sido adoptadas.

Em Tavira foi geral o panico, e todos á porfia estão dispostos a auxiliar a authoridade nas medidas energicas de que deve necessariamente lançar mão, a fim de evitar a propagação do mal que só deve attribuir-se ao criminoso abuso de ser consentido similhante genero de industria dentro da cidade.

As medidas até agora adoptadas pela authoridade não são sufficientes, para prevenir os males que d'este e outros factos identicos podem advir a esta povoação.

—

No dia 31 de março de 1881, pela meia hora da manhan, no meio de um horrivel temporal, ouviu-se um medonho trovão, que fez tremer a cidade. A sentinella de caçadores n.º 4, postada proximo á egreja da ordem 3.ª de S. Francisco, no rocio da Atalaia, viu cahir um raio no zimborio da egreja, e cahiu sem sentidos.

Outra sentinella, que estava ao paiol da polvora, distante 50 metros da dita egreja, vendo sahir linguas de fogo pelas frestas do zimborio da egreja, gritou ás armas. Todas as torres tocaram a rebate, e acudiu muito povo da cidade e arredores, mas todos os seus inauditos esforços foram inuteis; porque, em poucos momentos, tudo ficou reduzido a cinzas, podendo apenas salvar-se as capellas da Senhora da Boa-Morte e a denominada o *Sanctuario*; algumas imagens, o archivo e alguns paramentos que estavam na casa do despacho, por ter serenado o vento: a não ser isto, o fogo ter-se-hia communicado ao hospital, que fica em frente da egreja, ao quartel, e talvez ao paiol, o que seria o cumulo das desgraças.

Felizmente, não houve desgraças pessoaes.

A egreja era muito rica de obra de talha, de quadros, imagens, pratas e paramentos. A perda foi calculada em 80 contos de réis.

A cidade ficou consternada, e abriu-se logo uma subscripção para se reedificar a egreja, que era uma das mais sumptuosas de Tavira.

—

Egreja de Nossa Senhora da Luz

Fica a 6 kilometros de Tavira, entre esta cidade e a povoação de Moncarapacho. Foi principiado este magestoso templo, em um sitio chamado *Fonte-Santa*, no principio do XIV seculo; mas, vendo-se que o terreno era acanhado para tão grande fabrica, se mudou para o sitio actual. Apenas concluido, foi erecto em egreja matriz, da freguezia da Luz. (4.º vol. pag. 503, col. 1.ª)

A nascente chamada Fonte Santa, é de agua medicinal, e efficaz para a cura de molestias cutaneas.

—

Ermida de Nossa Senhora das Angustias

Fica a 1 kilometro da cidade, no caminho que vae para Moncarapacho. Dá-se-lhe vulgarmente a denominação de *Capella do Calvario*, porque antigamente aqui terminava a procissão dos Passos. É muito antiga, e não pude saber quando ou por quem foi fundada.

—

Ha ainda varias ermidas na cidade e arrabaldes, das quaes não pude obter informoções.

—

Fortificações

Já disse que a cidade é cercada de muralhas, com seu castello, e não é precizo dizer, que está tudo desartilhado e desmantelado.

São porêm dependentes de Tavira, as seguintes fortificações—

1.ª *Bateria de Fozêla* — 2.ª Fonte de

S. João—3.ª, Bateria de Santo Antonio—Estas duas ultimas estão na margem do *Gilaon* (sêcca, Assêca, ou Sêcco.)

—

O porto de Tavira, é defendido pela *Fortaleza Velha*, construida dentro do rio, perto da sua foz — e pelo forte do Conceição, que foi o melhor; mas estão ambos muito arruinados.

—

Mosteiros

1.º—*Frades franciscanos*, da provincia da Piedade. Foi fundado em 1606, sendo bispo do Algarve, D. Fernando Martins Mascarenhas, natural d'esta cidade, e alcaide-mór d'ella Henrique Correia da Silva.

Foi fundado a requerimento do povo, que deu aos religiosos, para o seu mosteiro, umas casas álem da ponte, onde elles construiram uma ermida, e ahi residiram cinco annos, provisoriamente. Em 1611, tomaram posse da ermida de Nossa Senhora da Esperança (tambem denominada do Espinheiro) no rocio da Atalaya.

O povo d'álem da ponte, não queria deixar d'alli sahir os frades, por não haver d'aquelle lado outro convento, ao que os frades annuiram, tratando de haver a ermida de S. Braz, que Philippe II lhes deu (porque a ermida era da ordem de S. Thiago.)

Vendo porém que o sitio era de rocha viva, não havendo onde se podesse fazer uma horta, nem plantar uma arvore, e, demais a mais, não havendo d'aquelle lado agua potavel, tornaram a resolver mudar-se para a Atalaya, dando principio ao mosteiro, em 1612, dando-lhe a invocação de Nossa Senhora da Esperança, que era a da antiga ermida.

Este mosteiro foi demolido pelos liberaes, e parte do terreno que occupou é cemiterio publico da cidade.

—

2.º — *Frades paulistas*, (eremitas de S. Paulo) do mosteiro de Nossa Senhora da Ajuda — É o mais antigo de Tavira. Foi fundado junto de uma antiquissima ermida, dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, que ficou sendo a padroeira do mosteiro.

Foi vendido pelos liberaes e demolido: hoje é propriedade particular.

3.º — *Frades franciscanos*, da provincia do Algarve. Foi fundado em um edificio que tinha sido celleiro dos mouros. Foi feito á custa do povo da cidade, lançando-se-lhe a primeira pedra, a 12 de dezembro de 1612.

Foi vendido pelos liberaes a um proprietario de Tavira, e é hoje propriedade particular.

—

4.º — *Frades cruzios* (agostinhos calçados, vulgarmente gracianos) da invocação de N. Senhora da Graça.

É actualmente quartel do batalhão de caçadores n.º 4.

—

5.º — *Frades carmelitas descalços.*

Está aqui estabelecido o asylo districtal da infancia desvalida, de Nossa Senhora do Carmo.

—

6.º *Freiras Bernardas*, extramuros, fundado em um edificio que primeiramente havia sido mosteiro de templarios.

Foi vendido pelos liberaes, mas o comprador não tem curado da sua conservação, pelo que está em ruinas.

Havia tambem o recolhimento de S. João Baptista, para mulheres pobres, que está hoje em ruinas.

—

Gafaria

Na parte E. da cidade, álem da ponte, no sitio do *Sapal*, e junto á margem do rio, está a ermida de São Lazaro, junto á qual houve um hospital de leprosos. Está n'esta ermida, uma imagem de Nossa Senhora do Livramento, objecto de grande devoção dos povos da cidade e arrabaldes. Teve uma irmandade, erecta em 1698.

—

Tavirenses illustres

Alvaro Dias da França.
Balthazar Gonçalves Lobato.
Belchior de Moraes.

Já ficam mencionados a pag. 385 d'este volume.

—

Antonio de Pádua da Costa e Almeida, visconde de Tavira—Vide *Passos da Serra*.

Este individuo vae aqui incluido, não porque elle seja natural de Tavira, mas sómente por ser d'aqui visconde, o que poderia fazer acreditar que era d'esta cidade.

—

Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito França (Galvão. Vide no 4.º volume, pag. 501, col. 1.ª

—

Diogo de Mendonça Côrte-Real — Nasceu n'esta cidade, a 17 de junho de 1658. Era filho de Diogo de Mendonça Corte-Real, e de D. Jeronyma de Lacerda. Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, e foi logo feito corregedor da comarca do Porto.

Em 1691, D. Pedro II o nomeou embaixador extraordinario á Hollanda — e, em 1693, á Hespanha, onde esteve até 1703, anno em que rompeu a *Guerra da Successão*, entre Philippe V, e o archiduque Carlos da Austria. ((Vide 4.º vol. pag. 369, col. 1.ª)

Regressando então a Lisbôa, D. Pedro II o nomeou seu secretario das mercês; e secretario de guerra, em 1704.

D. João V, o conservou no ministerio, onde sempre se portou com summa habilidade, salvando Portugal de grandes embaraços.

Sendo secretario de estado de D. João V, concluiu o tratado de paz com Castella, o que deu logar á entrevista e conferencia dos reis de Portugal e Hespanha, sobre o rio Caia, em 19 de janeiro de 1728.

Foi um dos primeiros instituidores da Academia Real da Historia Portugueza, e um dos seus mais esclarecidos membros.

Fallava perfeitamente varias linguas; tinha uma memoria prodigiosa, e era assiduo no trabalho.

Foi simultaneamente secretario da casa de Bragança e do Santo Officio; mórdomo-mór, monteiro-mór, e provedor das obras do paço.

D. João V — que muito o estimava — lhe deu (alem de muitas honras) as commendas de Santa Luzia, em Trancoso; e de Santa Maria, das Vidigueiras.

Falleceu, chorado por todo o reino, na sua quinta de Bemfica, a 9 de maio de 1736.

Tinha casado, em 19 de outubro de 1718, com D. Thereza de Bourbon, da qual teve dous filhos — D. Joaquina de Bourbon, nascida a 16 de janeiro de 1722 — e João de Mendonça Corte-Real, nascido a 3 de fevereiro de 1723.

Teve trez filhos bastardos—Diogo de Mendonça Corte-Real, que foi ministro de Estado — Pedro de Mendonça Corte-Real, que foi prior de Miranda do Côrvo e oppositor ás cadeiras da universidade—e Antonio de Mendonça Corte-Real, que embarcou para a India, em 1732, e lá casou e falleceu, com descendencia.

—

João Rodigues Andreinos — célebre pintor, pae e mestre de *Theodora Maria*, que foi tão insigne pintora como seu pae.

Este nasceu pelos annos de 1660, e não se sabe quando falleceu.

—

Maria do Rosario, de côr prêta — sabia com perfeição, latim, hespanhol, francez e italiano, fallando estas linguas com muita facilidade e elegancia. Era tambem elegante poetisa. Nasceu pelos annos de 1700, e ignora-se quando falleceu.

—

Theodora Maria — era filha de João Rodrigues Andreinos (como vimos) e de Bernarda da Ascenção. Famosa pintora. Casou com Antonio de Mendonça, de Fáro, onde falleceu a 10 de agosto de 1716, com pouco mais de 24 annos de edade. Foi sepultada na egreja de S. Pedro.

—

Antonio Mendes Arouca — excellente jurisconsulto, como mostrou nas doutissimas obras que escrevêu e se publicaram em trez tomos. Era um varão ornado de todas as virtudes christans. Desenganado das vaidades do mundo, deixou a côrte, e se retirou para a ilha de S. Miguel, nos Açôres, a viver em uma solidão, onde, por espaço de 15 annos, se deu aos exercicios da oração e penitencia.

Na sua Thebaida, escrêveu alguns livros espirituaes, que deixou aos padres jesuitas, do collegio de Ponta Delgada. Nos ultimos annos da sua vida, se dedicou a servir os enfêrmos pobres, do hospital da cidade d'Angra (Ilha Terceira) onde morreu santamente, a 23 de agosto de 1680, com 70 annos de edade, pois nascêra em 1610.

—

D. Pedro Tenorio — Nasceu pelos annos de 1335. Peregrinou muitos annos pela Italia e França, estudando nas suas mais famosas universidades. Foi bispo de Coimbra, e depois, arcebispo de Tolêdo. Foi valído dos reis de Castella, D. Henrique II, D. João I e D. Henrique III.

Esquecido de que era portuguez, se declarou acerrimo partidario de Castella, em 1379, nas guerras entre D. Fernando I de Portugal e D. Henrique II, de Hespanha, entrando á frente de numerosas tropas, pagas á sua custa, em Portugal, roubando e incendiando varias povoações.

Introduziu na Hespanha o uso de se contar pelos annos do nascimento de Jesus Christo, e não pela era de Cesar.

Enobreceu a cathedral de Toledo com grandes fabricas, e fez-lhe um magnifico claustro, e n'elle uma sumptuosa capella dedicada a S. Braz, que destinou para sua sepultura, dotando-a com grossas rendas para 16 capellães perpetuos.

Erigiu em Talavéra, um grandioso mosteiro de frades jeronymos, da invocação de Santa Catharina; dando aos mesmos frades o famoso mosteiro de Guadalupe.

Mandou construir uma magestosa ponte sobre o Tejo, em Toledo, e no meio d'ella, duas altas torres.

Junto a esta ponte, se construiu uma villa, á qual ainda hoje se dá o nome de *Villa Franca da Ponte* do Arcebispo.

Depois de ser arcebispo de Tôledo 23 annos, morreu a 22 de novembro de 1399.

TÁVORA—rio, Beira Alta e Beira Baixa —Nasce da *Fonte de João Durão*, junto á villa de Trancoso (B. B) e, com 54 kilometros de curso, entra na margem esquerda do Douro, 7 kilometros abaixo da villa de Távora e 5 abaixo de Tabuaço, na povoação *do Espinho* (vide *Pontos no Douro*) deixando á sua direita, as freguezias de—Vallença do Douro — Balsa — Desejosa — Castanheiro — Pereiro — Paredes da Beira — Riodades — Escurquella — Fonte Arcada — Freixinho — Villa da Ponte — Sernancêlhe — Tabosa das Arnas — Arnas — Cunha, etc. — e á esquerda — Adorigo — Barcos — Santo Aleixo — Tabuaço — Távora — Granjinha — Paradella — Sendim — Cabaços — Villar — Rua — Faia — Penso — Granjal — Sequeiros, etc.

Cria lampreias, bógas, barbos, enguias, escallos, tructas e outros peixes miudos.

É atravessado por muitas pontes de cantaria, sendo as principaes, as de Espinho, Fumo, Riodades, Pontigo, Villa da Fonte, e Villar. (Esta é de quatro arcos.)

As margens do Távora, são quasi sempre alcantiladas, e o seu leito, em quasi toda a parte, é de rocha núa; pelo que as suas margens (ribas) são agrestes e erriçadas de medonhos penhascos, principalmente desde a ponte do Fumo, até á de Riodades. D'ahi para cima, são mais apraziveis, e n'ellas se veem bons campos; e da ponte do Fumo até ao Douro, magnificos vinhedos, sendo os principaes — as *Quintas de Rio-Bom — do Panascal — do Sêrro — e do Espinho*, pertencentes á opulenta casa dos senhores Macedos Pintos, de Tabuaço.

A quinta do Sêrro, na esquerda do Távora, é uma das vinhas mais luxuosas do Alto-Douro. Foi mandada plantar entre 1862 e 1864. Tem mais de 50:000 videiras, sendo 30:000 de *bastardo*. Custou a plantação de cada milheiro 200 a 250$000 réis — ao todo, mais de 12 contos de réis! Infelizmente, está horrivelmente philoxerada; e, podendo produzir mais de 50 pipas de superlativo vinho de embarque, não produz hoje a quinta parte!

O *Espinho*, é um vistoso grupo d'armazens, e casas de quintas, de diversos proprietarios do Douro.

Na foz do Távora, mesmo em frente do Espinho, se fórma no Douro o temivel ponto da *Cachucha* que, no inverno, é o mais perigoso que se encontra desde a raia de

Hespanha até á Régua, e tem sido um sorvedouro de barcos e vidas. É o unico que faz parar a navegação, da Barca d'Alva para a Régua, como o *ponto da Bulla* a faz parar, entre a Régua, e o Porto apenas o rio chega a certas marcas.

Nas duas margens do Távora, e esquerda do Douro, no Espinho, estão as minas de chumbo argentifero, que foram do distincto engenheiro polaco, Ladislau Zarzechi, fallecido em 1874, e que deixou sinceras saudades a quantos o conheceram e trataram. Havia tomado parte na ultima guerra tentada pela infeliz Polonia, contra o despotismo e escravidão dos russos, e poude imigrar para Portugal.

Em frente d'estas minas, na margem direita do Douro, ha outra mina do mesmo metal, e que foi do mesmo Zarzechi. Fica perto do tal ponto da Cachucha, e no districto da freguezia de Covas do Douro, concelho de Sabrosa.

Todas estas minas, são, provavelmente, parte da Zôna metalifera das de Adorigo.

A foz do Távora, fica uns 18 kilometros acima da Régua — ao E. N. E.

—

Em 1037, no reinado de D. Bermudo III, D. Rausêndo, neto de Albuazar Ramires, e progenitor dos Távoras, derrotou os mouros, em uma renhida batalha, dada nas margens d'este rio. Foi por essa victoria, que este heroe portuguez tomou o appellido de Távora, um dos mais nobres (e infelizes) de Portugal. Vide *Chão Salgado*.

—

Era tambem nas margens do Távora, o mosteiro de freiras franciscanas, de *Nossa Sênhora da Ribeira do Távora*. (Vide 2.º vol., pag. 250, col. 2.ª, e *Paredes da Beira*.)

TÁVORA — Villa, Beira Alta, concelho de Tabuaço, comarca d'Armamar, 28 kilometros ao N.E. de Lamego, 20 ao N. de Trancoso, 140 a E. do Porto, 240 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1768, tinha 108.

Orago, S. João Baptista.

Bispo de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o abbade, que, sêgundo o *Port. Sacro*, tinha 350$000 réis de rendimento; mas, segundo o *Historia ecclesiastica do bispado de Lamego* (que n'isto é mais exacta) tinha 450$000 réis.[1]

—

D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 8 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 68 v., col. 1.ª — e fl. 106, col. 2.ª)

Foi antigamente cabeça de concelho, da comarca de Pinhel, depois da de Trancoso (mas sujeita ao juiz de fóra de Tabuaço, e ultimamente da comarca d'Armamar.)

Consta de trez principaes povoações — a villa, Quintan, e Casal-Tello.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Távora, e desde então, passou este senhorio para a corôa. Ainda existem as ruinas do palacio dos Távoras.

Ha n'esta freguezia as ermidas de—S. Miguel, archanjo — Nossa Senhora do Rosario — Santo Isidoro — e Nossa Senhora do Calfão.

—

Foi abbade d'esta freguezia, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, hoje abbade de S. Pedro de Miragaia, no Porto, que tantos e tão importantes esclarecimentos tem dado para esta obra, incluindo os que se leram com respeito ao rio Távora, e os d'esta villa.

—

O magnifico edificio que foi paços do concelho, cadeia e tribunal das audiencias do juiz ordinario, foi incendiado, pouco depois de 1836. Ainda existe o pelourinho.

No sitio de Cimo de Villa, ha um môrro, e no seu plató, existiu uma forca, pelo que ainda a este môrro se dá o nome de *Cabeço da forca*.

Na mesma direcção e a uns 2 kilometros da villa, se admira um grande penedo espheroide, collocado sobre outro de menor

[1] Até 1834, era este um dos mais rendosos beneficios do bispado, porque os dizimos eram todos para o abbade, dando apenas de *reconhecimento*, 240 réis, á mitra. Tinha um vasto passal, dadiva dos Távoras, e, apezar de se *perderem* muitas propriedades, por *desmazélo* dos abbades, o que ficou, ainda vale 5 ou 6 contos de réis. Os campos contiguos à residencia parochial, são os mais ferteis da freguezia. A residencia é vasta, mas está muito arruinada.

vulto — é provavelmente, uma monstruosa *anta*.

A villa está assente na margem esquerda do rio que lhe dá o nome, e que n'este sitio, como em quasi todo o seu curso, é bastante ingreme e alcantilado; mas, apezar d'isso, a freguezia é aprazivelmente situada, muito salubre e a mais fertil d'estes sitios, desde Lamego até á raia de Hespanha.

As suas principaes producções, são, vinho, azeite, cereaes, e deliciosa fructa, em tanta quantidade, que se exporta em grande escala, para Marialva, Torre de D. Chama, e outras localidades. O seu vinho (de pasto ou de meza) é de superior qualidade, e o azeite, o melhor do paiz.

Tem grande plantação de amoreiras pretas, do tempo do marquez de Pombal, e ha aqui oliveiras que são as maiores da provincia.

—

A primittiva egreja matriz, construida no meiado do seculo 11.º, era pouco distante da actual. Depois de varias reconstrucções e reparos, foi demolida, pelo meado do seculo XVIII, construindo-se então a que hoje existe. É um templo regular, mas sem luxos de architectura, construido de bellissimo granito.

—

O mosteiro de S. Pedro das Aguias (vide *Cabris* e *Salzêdas*) fica nos limites da freguezia. É hoje propriedade do sr. José Constantino Pereira de Barros, de Donêllo.[1] A cêrca é vasta e fertil, tendo annexa uma bôa matta de castanheiros e um pinhal. O edificio, foi incendiado pelos liberaes, em 1833, e ainda se conserva em ruinas, apenas a egreja escapou do incendio, mas está profanada. É um bom templo, elegante e de construcção moderna, assim como todo o mosteiro,[2] porque o primitivo — fundado no seculo XI, ficava a um kilometro de distancia, mesmo junto do Távora, limites da freguezia de Paradella,[1] em logar summamente agreste, encostado a um monstruoso penhasco. Ainda alli se vê parte das paredes do antigo templo — que era pequeno — algumas cruzes, prova da sua sagração; restos de casas (cubiculos) e algumas grutas em que habitaram os monges, emquanto observaram a humilde regra de S. Bento, que era rigorosa. Depois que adoptaram a reforma de S. Bernardo, é que, escolhendo sitio mais aprazivel, fundaram o novo e vasto mosteiro e bonita egreja.

Entre este mosteiro e a villa, na margem esquerda do rio, está a *Quinta da Aivelleira*, a melhor da freguezia. Foi dos marquezes de Távora, e sendo-lhes confiscada, como tudo o mais que possuiam, ficou sendo da corôa e depois propriedade particular. Hoje é dos herdeiros de Joaquim Machado Ferreira Brandão, que foi juiz da relação, do Porto.

Os seus proprietarios teem cuidado pouco (ou nada) d'esta grande propriedade; que, podendo produzir 300 pipas de vinho, apenas chegou a produzir 80, e, desde a invasão do philoxera, apenas dá *quatro*! Devendo dar 20 a 30 pipas de azeite, só dá umas 5 ou 6. A sua maior producção, actualmente, é milho, batatas, muita fructa, especialmente laranjas. Tem contigua uma extensa matta de castanheiros, e um bom pinhal.

As casas e a capella d'esta quinta, estão em misero estado: só os armazens e lagares — que são magestosos — ainda se conservam bem reparados.

É na antiga demarcação da companhia dos vinhos do Alto Douro.

No portão da quinta, ainda se vê o escudo que teve esculpidas as armas dos Távoras, e que foram picadas por ordem do marquez do Pombal.

Entre esta quinta e o mosteiro, é o Tá-

[1] Donêllo, é uma aldeia, da freguezia de Covas do Douro, Traz-os-Montes, sobre a margem direita do Douro, no concelho de Sabrosa.

[2] A egreja, é construida de finissimo granito, com as arestas tão finas como se fossem de madeira, e do mesmo são umas escadas bellissimas, que dão entrada para o mosteiro, á direita da egreja. Os altares são riquissimos.

[1] Vide *Paradella*, no 6.º vol., pag. 466, col. 1.ª e seguintes.

vora atravessado pela antiquissima *ponte do Fumo*, de um só arco, mas muito solida.

—

A pouca distancia da aldeia de Casal-Tello, vê-se no leito do Tavora, um grupo de *penedos errantes*, de varios tamanhos.

—

Entre as povoações de Cimo de Villa, e Quintan,, ha um sitio, chamado *o Paço*, onde se veem ainda os restos venerandos da casa onde viveram os progenitores dos Távoras. Em frente d'estas ruinas, ha uma pequena planicie—hoje vinha e campo—chamada *o Rosal*, que foi jardim do velho paço. Está isto a meia encosta de um monte, no alto do qual existem as ruinas do *Castello do Calfão*.

Junto a estas ruinas, está a velha ermida de *Nossa Senhora do Calfão*, da qual adiante trato.

—

Ha n'esta freguezia, dous casaes importantes, de proprietarios estranhos — os srs. Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Batalha, de Riodades — e José Guedes Sarmento, de Moimenta da Beira.

—

Fica esta freguezia encostada a uma cordilheira penhascosa, onde se vê um acervo de penedos, ao qual se dá o nome de *Penha Amarella*, onde as aguias vão fazer os seus ninhos. Só é accessivel pelo sul, e com difficuldade..

Do seu cume se descobre um vasto horisonte, e um medonho despenhadeiro até á margem esquerda do Távora.

—

Os habitantes d'esta freguezia, são intelligentes e industriosos, mas bastante turbulentos e demandistas, e dados á embriaguez, e ao *jogo do pacau*, o mais estupido e aladroado de todos. Não é preciso dizer, que ha muitas e honrosas excepções, e a maxima parte do povo, é pacifico, trabalhador e morigerado.

Nossa Senhora do Calfão[1]

É uma antiquissima capella, construida proximo ás ruinas do castello do mesmo nome, em que já fallei. Segundo a tradição, foi fundada pelos annos 1040, por os irmãos D. Thedon e D. Rauzendo, mas tem sido varias vezes reparada, de maneira que pouco resta da sua primittiva architectura.

A sua verdadeira invocação, é *Nossa Senhora dos Prazeres*.

Antigamente, fazia-se a sua festa principal, na segunda feira depois das oitavas da Paschoa da Ressurreição; depois se fazia a 17 d'abril, dia de Nossa Senhora dos Prazeres.

Vinham então aqui, em romaria, 18 freguezias d'estes sitios, com os respectivos parochos e cruzes, em cumprimento de um antigo voto (diz-se que, por a Senhora os livrar de uma horrorosa praga de formigas e lagartas, que lhes destruiram as sementeiras.)

Havia por essa accasião, uma grande feira em volta da ermida; mas já ha muitos annos se não faz.

Os descendentes dos fundadores, tiveram sempre grande devoção com esta Senhora, e ornavam-lhe a sua capella com ricas alfaias.

Concorriam a esta romaria os valentões das serras do Alto-Douro, de proposito para se baterem uns com os outros por andarem em *rixa velha*, umas com outras freguezias.

Havia pancadas, pedradas, facadas e tiros, e, em resultado, ferimentos e mortes. Era horrivel ver uma multidão d'estes desalmados, debatendo-se sobre aquelles alcantis medonhos, d'onde muitos eram arrojados.

—

No principio d'este seculo, os ladrões arrombando o tecto da ermida, roubaram quanto lhes fez conta, e sahiram deixando a porta aberta. Ninguem cuidou em concertar o tecto e fechar a porta, e os visinhos,

[1] O *Sanctuario Marianno*, tomo 7.º, pag. 377, lhe dá o dome de *Falção*, que era o de um mouro assim chamado, a quem a Senhora appareceu, no seculo XI. — Appareceria.

foram roubando as telhas, a armação, as portas e janellas, deixando apenas as paredes nuas; e é o que hoje existe, desafiando os vendavaes, porque foram feitas com a maior solidez.

Um filho de Távora, ascendente do sr. doutor Manoel de Barros Nobre, tendo embarcado para o Brasil, lá arranjou bastante riqueza, e, lembrando-se da abandonada ermidinha da sua terra, de lá mesmo a mandou reconstruir, á sua custa; mas os parentes a quem confiou esta obra, considerando que a ermida estava em sitio deshabitado, e sujeita a roubos e profanações, construiram uma nova ermida na baixa, ao O. e proximo á villa, sobre a estrada que vae para Taboaço. É local menos deserto e escabroso, mas, apezar disso, a transferencia da Padroeira para a nova ermida, arrefeceu a devoção dos povos, e actualmente, apenas alli vae o parocho e o povo da villa, em procissão com os clamores de maio. Está limpa e bem conservada.

Távora — appellido

Távora é um antigo e nobilissimo appellido d'este reino, tomado do rio do seu nome. O primeiro que se assignou com este appellido, foi D. João Esteves de Távora, filho de D. Estevam Peres, senhor de Távora, Castanheiro e outras terras, que viveu no reinado de D. Affonso II, de Portugal—nos principios do seculo XIII. — Usou o mesmo appellido, seu filho, D. Pedro Annes de Távora e todos os seus descendentes.

D. Estevam Peres, era 3.º neto de D. Thedon, o fundador de Távora e de outras muitas terras d'estes sitios.

O brazão dos Távoras genuinos, é — em campo de prata, 5 coticas de ondas d'azul e prata, em faxa — êlmo d'aço, aberto; e por timbre um golfinho.

As antigas armas d'esta familia, alludiam á batalha que deu D. Rausendo aos mouros, derrotando-os, nas margens do Távora, em 1037, como disse no artigo antecedente — eram — em campo de prata, tres coticas de ondas d'azul e prata, em faxa, e nadando no meio d'ellas, um golfinho, e na orla, em letras d'ouro, a legenda — QUASCUINQUE FINDIT AQUAS — e por timbre, o golfinho do escudo.

—

Fundou D. Rauzendo, o castello e a povoação de Távora, e aqui viveu. Casou com D. Urraca Pinhones, filha do conde de Pinhão (Castella) e da condessa D. Alconça. Foi seu filho, D. Pinhão Rauzendo, senhor do dito castello e mais terras de seu pae. Teve numerosa descendencia, que são os Távoras, das diversas terras de Portugal.

Por sentença de 12 de janeiro de 1759, foi prohibido o uso do appellido Távora; mas, fallecido D. José I, e reinando sua filha D. Maria I, os Távoras que escaparam ás crueldades do primeiro marquez de Pombal, tornaram a usar o seu appellido.

O marquezado de Távora, tambem acabou pela mesma sentença. Vide *Chão Salgado.*

Barros Nobres

É a principal familia da villa de Távora, hoje representada pelo sr. doutor, e delegado do procurador regio, Manoel de Barros Nobre. Foi o rapaz mais turbulento d'estes sitios, apezar dos rigorosos castigos infligidos por seus paes e mestres. Tinha continuas desavenças com os outros rapazes, ficando muitas vezes victorioso, porém não poucas seriamente ferido. (Só na cabeça, conserva ainda, nada menos de 13 cicatrizes, como recordação dos seus tempos de rapaz.)

Qui viget in foliis venita radicibus humor, pois muitos dos seus ascendentes deram, pelo seu genio turbulento, que fazer aos povos d'estes sitios.

Seu pae, Joaquim Antonio de Barros, foi um homem valente, e os maiores pimpões de Távora o temiam e respeitavam.

Sua mãe, a sr.ª D. Barbara de Sequeira Nobre, que ainda vive, é um anjo de bondade, modelo de esposas e mães, e christãmente caritativa.

Um tio d'esta senhora, frei Antonio Nobre, religioso dominico, foi um homem de forças herculeas, e de grande coragem. Era porém tão incorrigivelmente turbulento que, foi expulso do seu convento, passando por isso muitos trabalhos.

Vindo a Távora, soube que um visinho era amante de uma sua cunhada (do frade) e apanhando-o em casa d'ella, o arremeçou com tal força, abaixo de uma janella, que o desgraçado esmagou o craneo contra uma parede, morrendo instantaneamente. Prevalecendo-se do seu *fôro ecclesiastico*, teve apenas por castigo, hir missionar para as costas da Africa. Na viagem, foi o seu navio assaltado e tomado de abordagem por um barco de piratas. Rendida a guarnição, e tratando os piratas de a pôr a ferros, o nosso frade lançou mão de uma espada, e, cahindo de subito, como um furioso leão, sobre os inimigos, e matando logo o capitão, tal carnagem fez nos outros, que, reanimando se os portuguezes, deram cabo dos piratas, e lhes tomaram o barco, carregado de valiosas mercadorias.

Este combate, teve logar a poucas leguas de Lisboa, pelo que o capitão do navio resolveu tornar á capital e entregar a presa a D. José I, ao qual contou todo o acontecido. O rei quiz ver o frade, e depois de o elogiar pela sua coragem, o fez restituir á ordem e foi perdoado.

Frei Antonio, secularizou-se, e foi para Távora, onde se occupava no amanho das suas terras, dizer missa, e prégar.

N'este tempo (fins do seculo XVIII) havia uma grande animosidade entre o povo de Távora e o do Castanheiro do Sul, que lhe fica em frente, na margem direita do Távora. Um dos principaes valentões do Castanheiro, veio a Távora, e arrancou um meloal do frade, hindo para a sua terra gabar-se d'esta façanha, e dizendo que tivera pena de não encontrar o padre Antonio, por que o teria esbofeteado.

Foi a maior afronta que o padre, recebeu na sua vida, e em desfórra, foi-se a uma vinha que o provocador tinha nas margens do *Rio Torto*, e onde tinha tambem um grande colmeal, e juntando todos os cortiços, que eram uns 150, os cobriu com molhos de vides séccas, que alli achou, e queimou tudo; vindo para Tavora dizer publicamente o que tinha feito.

Foi preso por este crime, que era então julgado gravissimo, pelas nossas Ordenações, e remettido a Lisboa. Alli poude conseguir a protecção do marquez do Pombal, que, contando a D. José I o facto criminoso, a seu modo, e dizendo ao rei que o reu era aquelle frade que tinha dado cabo dos piratas, o rei o quiz ver, e dando-lhe uma leve reprehenção, lhe perdoou, vindo frei Antonio para Távora, onde residiu até á sua morte.

D. Sancha Dias

Na era de 1274 de Cesar (1236 de Jesus Christo) D. Sancha Dias, doou a D. Gil, bispo de Viseu, *tudo quanto tinha em Távora termo de Trancoso*. «*Facta Carta sub E* MCCLXXIIII. *Domno Sancio Rege secundo, Barone terrae Gundisalvo Menendi, Praetore Sancio Gundisalvi.*» (Doc. da Cathedral de Viseu.

Marquezes de Távora

O 1.º marquez de Távora, foi Luiz Alvares de Távora, conde de S. João da Pesqueira, feito por D. Pedro II, a 18 de agosto de 1669. Falleceu de morte repentina, em uma sua quinta, nos arrabaldes de Lisboa (*Campo Pequeno*) a 26 de novembro de 1672. Foi cabeça d'esta nobilissima familia, que por mais de 700 annos gozou a singularidade de conservar no filho primogenito a sua descencia, que procede de D. Ramiro II, de Leão, e da moura Zahara (vide *Ancora*, rio — e *Cále*.)

Apezar de ter apenas 23 annos, e ser casado de poucos dias, em 1657, apresentou-se ao general do Alemtejo, e de simples paizano, em poucos dias se tornou um bravo e experimentado guerreiro, prestando relevantissimos serviços á patria, com o que gastou tanto da sua fazenda, que chegou a ficar pobre.

Subiu aos maiores postos no exercito, e fez tão crua guerra aos castelhanos, que bastava ouvirem dizer — «*Ahi vem o conde de S. João!*» para fugirem aterrados, ou se entregavam.

Tomou grande numero de povoações castelhanas e gallegas, sendo admiravel a rapidez com que executava os seus ataques, onde era menos esperado.

Fez a guerra no Alemtejo, Minho, Beira e Traz-os-Montes, sempre com intrepidez e felicidade, até que o tratado de paz de 13 de fevereiro de 1668, terminou esta desastrosa campanha, que durou 27 annos; mas que deu em resultado a nossa authonomia e independencia, livrando-nos da horrivel escravidão que nos desgraçara por espaço de 60 annos.

Na corte, exerceu altos empregos publicos, com tanta distincção como fôra general intrepido e disciplinador.

Foi sepultado junto á porta principal da egreja da Penha de França, em Lisboa.

Tinha nascido em 1634, fallecendo na flor da edade, pois só tinha 38 annos.

—

Eram da mesma familia, Francisco de Távora, feito conde d'Alvôr, por o infante regente (depois, D. Pedro II) em 4 de fevereiro de 1683.

Eram tambem Távoras — os condes de S. Vicente da Beira, os viscondes de Azurára, e outras muitas das principaes familias d'este reino e do Brasil.

—

Os ultimos marquezes de Távora, foram — Francisco d'Assis de Távora, tenente-general, e vice-rei da India—e seu filho, Luiz Bernardo de Távora.

Estes infelizes, e a mulher do primeiro e mãe do segundo, D. Leonor de Távora, e seu segundo filho, o joven e formoso José Maria de Távora, capitão dos *dragões de Chaves* e ajudante d'ordens de seu pae — estes infelizes, digo, com D. José Mascarenhas, ultimo duque d'Aveiro—Jeronymo de Athaide, ultimo conde d'Atouguia e genro dos marquezes velhos de Távora—e os seus creados—Manoel Alves Ferreira—Braz José Romeiro — João Miguel — e Antonio Alves, morreram, depois de soffrerem horriveis supplicios, no caes de Belem, a 13 de janeiro de 1759.

Os que desejarem saber circumstanciadamente os promenores d'este horrivel drama de sangue, vejam no 2.º vol., a pag. 271, col. 1.ª, verso, *Chão Salgado*, até ao meio da 2.ª col. de pag. 279.

TÁVORA — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 137.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (marquezes de Ponte de Lima) apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado, caça e peixe do rio Lima, do Vez e do mar.

Metade d'esta freguezia, com a sua annexa, S. Vicente, era dos viscondes de Villa Nova da Cerveira; e a outra metade, dos frades dominicanos de Vianna do Minho, que lh'a deu o arcebispo de Braga, D. frei Bartholomeu dos Martyres, fundador d'este mosteiro.

A aldeia dos *Calvos*, d'esta freguezia, foi couto, e havia aqui um paço, em que viveu Francisco Brandão Coelho. Junto a este paço, estava a casa da audiencia. O padroado da egreja era d'estes Coelhos, e depois é que passou para os viscondes.

—

Os frades dominicos de Vianna, tinham obrigação de prégar aqui, meia quaresima, e pelo anno adiante, mais tres sermões.

Ha n'esta freguezia a *Fonte das Virtudes*, e junto ao rio, a *dos Caldas*.

Era cabeça da commenda de Távora, que comprehendia, além d'esta Távora e da seguinte, Santar, Portella do Extremo, e couto d'Aboim de Nóbrega.

A egreja matriz é muito antiga, e n'ella foram sepultados os seus antigos senhores, (os taes Coelhos.)

Junto a esta egreja houve um antiquissimo castello.

—

Consta que é aqui o verdadeiro solar dos Távoras, e que os famosos irmãos, D. Thedon e D. Rausendo, progenitores dos Távoras, e dos quaes tanto se tem fallado em varios logares d'esta obra, aqui nasceram e foram creados.

D. Thedon, morreu em uma batalha contra os mouros, sem deixar filhos legitimos.

D. Rausendo, casou com D. Urraca Affonso, e d'estes procederam os condes de S. João da Pesqueira, os marquezes de Távora, e outras muitas nobilissimas familias d'estes reinos.

Os Távoras chegaram a possuir 15 villas e 300 aldeias! [1]

Na freguezia seguinte (S. Vicente de Távora) existiu a nobre casa do *Picouço*, com sua torre antiquissima, solar de um ramo dos Araujos, descendentes do commendador de Rio-Frio, Alvaro Rodrigues d'Araujo.

TÁVORA — freguezia, Minho, na mesma comarca, districto administrativo e arcebispado, e nas mesmas distancias.

Orago, S. Vicente, martyr.

Tem 90 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Fertil — gado, caça, peixe do rio Lima, do Vez e do mar.

TAYÃO — Vide *Taião*.

TÁZEM — aldeia, Beira Baixa — Vide *Villa Nova de Tázem*.

TÁZEM — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Carrazêdo de Monte-Nêgro) — 80 kilometros ao N. E. de Braga, 510 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 27.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O commendador maltez, de S. João da Corveira, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, muito gado, e caça, grossa e miuda.

TEBOSA — Já está em *Tabosa*.

TÉDO — portuguez antigo — teúdo, obrigado.

TÉDO — rio, Beira Alta — Tem a sua origem em um sitio chamado *as Porquinhas*, districto da freguezia de Caría, concelho de Sernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira. Logo abaixo d'esta nascente, se lhe junta um pequeno ribeiro, chamado Tédinho, que nasce na *Fonte da Granja de Oleiros*, junto á villa da Rua. Recebe as aguas do *ribeiro do Toitão*, que nasce no Castinçal — Depois, as do *Córgo do Guizo*, que tem a sua origem no Seixo de Villar, e na quinta da Janeira, freguezia de Baldos (tudo comarca de Moimenta da Beira.)

Passa as freguezias de Paradinha, Castello, Nagosa, e Longa. Aqui recebe um regato que vem da aldeia dos Arcos, correndo depois até á Granja do Tédo. Até aqui, é atravessado pelas pontes — dos Arcos, Janeira e Arruda.

Outro ramo do Tédo, principia na serra da Gamella, freguezia de Leomil, e tem mesmo o nome de *ribeiro da Gamella*. A este se reune um, chamado Varge, que vem de Paraduça, e outro que desce d'Aldeia Nacomba, juntando-se ambos, logo abaixo de Beira-Valente; confluindo todos, na Granja do Tédo.

No ribeiro da Gamella, ha uma boa ponte, na estrada nova de Trancoso para Lamego, e outra, um pouco mais acima. O ribeiro de Paraduça, tem duas pontes — o de Aldeia Nacomba, uma — e em Beira Valente, ha outra.

Na Granja do Tédo, em que todos estes ribeiros constituem um só rio, ha duas pontes, uma das quaes divide em duas partes esta importante povoação.

Segue por entre as freguezias de Goujoim, Santo Adrião, Villa Sêcca, Santa Leocadia, Barcos, e Adorígo.

Da Granja do Tédo para baixo, tem este rio só duas pontes — a de Santo Adrião (que liga o concelho de Tabuaço ao de Armamar) e a da estrada marginal do Douro, na foz do Tédo.

Pouco acima d'esta foz, na margem esquerda do Tédo, está a casa e valiosa quinta de *Castello-Borges*, do sr. José Borges Pinto de Carvalho d'Affonseca, feito visconde de Castello-Borges (nome da quinta) em 17 de junho de 1869.

[1] José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado*, diz que os Távoras eram senhores de QUINZE MIL VILLAS!!! Mais villas do que ha em toda a Europa. Isto provavelmemte, foi *brincadeira* do typographo.

Dá-se-lhe o nome de Castello-Borges, porque o sr. Felix Manoel Borges Pinto de Carvalho, pae do actual visconde, mandou aqui construir um castello, para n'elle estar ao abrigo dos assassinos e salteadores que em 1834, 1835 e 1836, roubavam e matavam por estes sitios muitas pessoas, principalmente realistas, a cujo numero pertencia o sr. Felix.

Tambem na foz do Tédo, está a quinta dos herdeiros de Ayres Pinto de Souza, no districto da freguezia de Villa Secca d'Armamar.

Nas margens d'este rio, são as minas de chumbo, de Santo Adrião, que se exploram.

Da Granja do Tédo, até desaguar na esquerda do Douro entre o Varosa e o Távora — é que é o verdadeiro Tédo (porque até alli, toma os nomes dos logares por onde passa) e tem 10 kilometros de curso, correndo sempre por territorio da comarca de Armamar, e desde as suas varias nascentes até á Granja tem 20 kilometros.

Tanto o Tédo como os seus confluentes, são pobrissimos d'agua durante a estiagem; mas, no inverno, se tornam caudalosos e temiveis. Ainda 1870, em consequencia de uma grande trovoada que houve em Arcozéllo e Moimenta da Beira, os valles do Tédinho e do Tédo, foram destruidos pela cheia d'estes dous rios, que levaram grande numero de arvores, moinhos, e outros objectos; as cearas ficaram completamente perdidas, sendo os prejuizos de muitos contos de réis. As aguas arrastaram na sua impetuosa corrente, penedos enormes (um dos quaes servia d'eira, em que malhavam quatro homens!) Formava tal altura o montão d'arvores e penedias que a corrente levava diante de si, que destruiu uma grande ponte, recentemente construida sobre o Tédo, com sólidos pilares de cantaria e taboleiro de ferro e madeira, e que ligava a villa de Goujoim, com a povoação da Ribeira.

TEIA — portuguez antigo — muro, parede, tapume, vallado, cova, etc, que divide uma de outra propriedade. Tambem o frontal, reparo ou grade que véda o terreiro em que havia torneio ou touradas. (Vide o 3.º vol., pag. 197, col. 2.ª)

TEIGA — antiga medida de capacidade, muito variada, segundo as terras — Havia *teiga de Abrahão* — *teiga requenga* — *teiga sexta* — *teiga direita* — *teiga de celleiro* — *teiga do jagundo* — *teiga jugadeira* — *teiga coimbran* — *teiga de ponte* — *teiga da terra de Lamego* — *teiga de escrivão* — e ainda outras de diversas denominações. Umas eram mais pequenas do que os actuaes alqueires — outras tinham um alqueire (que variava de tamanho segundo as localidades) — outras tinham dous alqueires, 2 $^1/_2$, 3, 4, e 5.

No foral que D. Sancho II, deu em setembro de 1223 aos dés casaes que constituiam a villa de Barqueiros, diz — «*Habete teigam et quartam qualem semper habuistis.*» (Vide *Alemquer*).

TEIXEIRA — rio, Douro e Traz-os-Montes — Nasce de umas fontes, no sitio d'Escabriz, proximo á aldeia de Mafomes, e no antigo e extincto concelho de Teixeira, hoje freguezia de Teixeira, concelho de Bayão. Passa por esta freguezia (da qual toma o nome, ou lh'o dá) e pelas de Villar-Maior, Varga, Anguião, Mezãofrio, Trezouras, Loivos, e Ervedal. É de corrente arrebatada, e divide, em parte, as provincias de Traz-os-Montes e Douro — É atravessado pela pequena ponte de Frende, e pelas grandes de Teixeira, Carrapatéllo, e Loivos. As suas aguas, servem de motor a mais de 40 azenhas. Com 20 kilometros de curso, morre na margem direita do Douro, no sitio da Riboura, entre Frende, e a aldeia da Ermida.

Tem a nova ponte do caminho de ferro do Douro (que mede 12 metros de vão.) Passando-se o rio Zêzere (de Traz-os-Montes) por um *pontão obliquo*, de 11 metros de comprido, entra-se no *tunnel da Riboura*, que tem 120 metros de comprido, atravessando-se em seguida o rio Teixeira, pela nova ponte acima referida.

TEIXEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 75 kilometros a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 140.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto do Porto.

Os condes de Unhão, apresentavam o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

Foi villa e cabeça da honra do seu nome, ha muitos annos supprimida.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 25, col. 1.ª)

Segundo o *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 426, col. 2.ª) tem as ermidas de *Nossa Senhora do Marão* — *Nossa Senhora da Lembrança*, *Nossa Senhora da Guia*, e *São Sebastião*.

Ha n'esta freguezia, vastos e optimos terrenos baldios e improductivos, que podiam, e deviam, dar todos os fructos do paiz. Parte d'elles, são logradouro commum, e parte, da casa dos Peixotos, mas d'estes, o povo se tem aproveitado como dos outros.

N'esta freguezia, ha um palacete, em ruinas, e um grande casal, do sr. Luiz Guedes, da quinta de Moçul, na freguezia de Cambres, em frente da Régua.

Na quinta de Villa-Maior, da honra de Teixeira, Branca da Rocha teve de um só parto QUATORZE crianças vivas e que todas foram baptisadas. (Esta vae por conta do doutor, frei Bento da Ascenção, digno abbade do real mosteiro benedictino, de Santa Maria de Pombeiro — *Vida e martyrio de Santa Quiteria*, pag. 9.)

Teixeira, appellido.

Teixeira, é um appellido nobre de Portugal. Procede de Hespanha, mas não se sabe quem o trouxe para este reino — O primeiro fidalgo portuguez que se encontra com este appellido, é D. Hermigio Mendes de Teixeira, filho de D. Fafes Luz, alferes-mòr do conde D. Henrique (pae de D. Affonso Henriques) e seu rico-homem. Tirou o seu appellido, d'esta freguezia (ou lh'o deu) e aqui teve o seu solar.

Tambem foi filho de D. Fafes Luz, Dom Egas Fafes, casado com D. Urraca Mendes de Souza, sua prima, e tiveram, entre outros filhos, o famoso capitão, D. Gonçalo Viegas (*o Espadeiro*) mestre da ordem de Aviz, e um dos mais bravos guerreiros de D. Affonso Henriques.

As armas dos Teixeiras, são — em campo azul, cruz d'ouro, potentea, e vazia do campo. Timbre, meio unicornio, de prata, armado d'ouro.

A João Teixeira de Macedo, que teve capella em Villa Real de Traz-os-Montes, no mórgado de Macêdo, é que foram dadas as armas referidas, por D. Affonso V, em 1472.

Outros Teixeiras, trazem por armas — escudo fachado e contrafachado de prata e púrpura, de 4 peças, e o mesmo timbre.

Actualmente, é chefe dos legitimos Teixeiras, de Portugal, o sr. José Antonio Teixeira Coelho, de Villa-Real de Traz-os-Montes, descendente, por varonia, de D. Fafes Luz. É senhor donatario de Teixeira, commendador nato de S. Salvador de Tellões, senhor da quinta de Sergude (onde, segundo a tradição, viveu o seu ascendente, Dom Egas Moniz — vide Paço de Souza —) e uma das mais antigas e nobres familias d'este reino.

Ermida de Nossa Senhora do Marão

Em um dos cabeços da serra do Marão, sitio desabrido e inhabitavel no inverno, por estar sempre, n'essa quadra, coberto de neve, mas fresco e deleitoso no verão, por causa das suas extensas e variadissimas vistas, está fundada esta ermida.

Era um templosinho antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. O seu primitivo assento, foi no mesmo sitio onde hoje está, mas, pelos annos de 1700, um pseudo-propheta, do logar de Mafômes (ou Mafômedes) d'esta freguezia, disse que em tal dia, appareceria uma fonte em um sitio, 8 ou 9 metros distante da ermida, e que para alli se devia ella mudar. O povo acreditou a prophecia, e mudou a capella; mas a fonte não appareceu, pelo que a tornaram a mudar para o seu antigo local! — O propheta, foi condemnado na multa de 12$000 réis, no juizo ecclesiastico do Porto.

Tem capella-mór e corpo da egreja, mas só o altar-mór.

Antigamente, vinham aqui pelo decurso

do anno, varias procissões, das freguezias de Teixeira, Fornéllos, Fontes e outras, e no dia de S. João Baptista, havia uma grande romaria.

Teve eremitão, nomeado pelo abbade de Teixeira, com residencia propria.

Esta ermida fica a 12 kilometros da egreja parochial, e por caminhos escabrosos.

TEIXEIRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 30 kilometros de Miranda, e 480 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1768, 35 fogos.

Orago, S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Travanca, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, está, desde o principio d'este seculo, unida á de *Atenôr*, ou *Athenôr*, do mesmo concelho.

TEIXEIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Arganil, 45 kilometros ao E. N. E. de Coimbra, 240 ao E. de Lisboa. 190 fogos.

Em 1768, tinha 67.

Orago, Santa Isabel.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario da villa de Côja, apresentava o cura, que tinha 14$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de março de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 131, col. 2.ª pr.)

É terra de clima excessivo, mas saudavel e fertil. Gado e caça.

TEIXEIRAS — freguezia, Beira Beixa, comarca e concelho de Céa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Loríga) 82 kilometros a E. de Coimbra, 260 ao N. E. de Lisboa, 70 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo da Guarda.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Terra fria e pouco fertil. Gadò, caça e colmeias.

TEIXEIRÓ — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 70 kilometros a E. N. E. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1768, tinha 63.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa-Marim, apresentava o vigario, que tinha 11$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil — gado, caça e peixe do Douro, que lhe fica proximo — ao sul.

TEIXOSO — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho, e 5 kilometros da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 260 ao E. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 519.

Orago, Nossa Senhora dos Córos (Nossa Senhora da Espectação).

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Ha aqui, a 15 d'agosto, uma grande festa a Nossa Senhora do Carmo, concorrida por habitantes da freguezia e dos arredores. Ao arraial e fogo preso e do ar, que costuma haver na vespera, vae muita gente, da Covilhan, e de todas as povoações d'estes sitios.

A ermida da Senhora, é em um bonito sitio, a 2 kilometros da aldeia de Teixoso.

É terra fertil — muito gado e caça.

TEJA — grande ribeira, Beira Baixa. — Desce das visinhanças de Sedavim, e entra na esquerda do Douro, pouco acima de Numão. Junto á sua foz, está a grande *quinta das Figueiras*, dos herdeiros de Antonio Bernardo Ferreira (*o Ferreirinha da Riégua*) que antes do oidium, produzia, de 800 a 1:000 pipas de optimo vinho de embarque, muito azeite, amendoas, etc.

N'ella trabalham, ás vezes, 500 pessoas. Nos domingos e dias sanctificados, ha alli um grande mercado.

Estão espalhadas por esta quinta, nove boas moradas de casas.

O philoxera tem destruido muitas videiras d'esta quinta, talvez a maior de Portugal depois da do Paúl, na Gollegan.

TEJO — grande rio (o maior de Portugal) na Estremadura e Alemtejo. Era o *Tagus* dos romanos. Nasce de duas fontes nas montanhas de Albarazim.

A sua nascente denominada *Pé esquerdo*, é situada na *Moela de S. João* [1], monte ao N. d'Albarazim, e que faz parte da grande cordilheira que desde as fontes do Ebro, abraça a Hespanha, de N. a S., por *Oca*, *Urbion*, *Moncayo*, *Molina de Aragão*, *Albarazim*, *e Cuenca*. A estas montanhas chamavam os antigos *as Idubadas*, e hoje se denominam *Ibericas*. Serviam de raia a antiga Celtiberia.

Em *Ojos negros* (parte d'estas montanhas) ha grandes minas de ferro: e na *Serra Mineira*, outras de diversos metaes.

O Guadalaviar, tambem tem a sua nascente proximo da do Tejo.

Na Hespanha, passa por Tolêdo, Aranjuez e outras muitas povoações, e por baixo das famosas pontes de *Almaraz* e *Alcantara*.

No Aragão, 15 kilometros abaixo d'Alcantara, na foz do Elgas, principia a servir de raia a Portugal e Hespanha, e de todo entra em Portugal, na foz do *Sevêr*, junto ao forte de Montalvão. (Aqui, divide o Alemtejo da Beira Baixa).

Em Portugal, recebe — á direita, o Elgas, Pousel, Laca, Zêzere, Rio-Maior, e grande numero de ribeiros e regatos — á esquerda, Sevêr, Alpearça, Zetas, e Canha (ou Almançor) alem de varios ribeiros.

Em Hespanha, recebe os rios Oseca, Cabrilla, Gallo, Cifuentes, Guadiela, Escabos e outros mais pequenos.

Tem na Hespanha varios *saltos* ou cataratas, até correr mansamente nos campos de Zurita, e banhar os esplendidos jardins de Aranjuez. Depois recebe o Jarama (já unido ao Tajuna e ao Henares) e depois de cercar os muros de Tolêdo, passa por Talavera de la Reina, e pela Ponte do Arcebispo, etc.

O seu curso total, é de 800 kilometros, sendo 180 em Portugal. Já foi navegavel até Toledo, onde a *Plazuela de las barcas*, era o caes da amarração.

Em Villa Velha do Rodam, principia a ser navegavel. Proximo a Salvaterra, divide-se em muitas ilhotas. Depois de ter regado as villas d'Abrantes, Roíco, Constancia, Tancos, Santarem, Villa Franca, e todas as mais villas e aldeias do Riba-Tejo, fórma em Lisboa uma especie de bahia, de 6 a 18 kilometros de largura, capaz de conter muitos milhares de navios de todas as lotações.

As suas margens — quasi sempre bellas, de Villa Velha para Baixo — são povoadas de formosas casas de campo, optimas quintas, cearas, vinhas, pomares, etc.

Desagúa no mar, 18 kilometros a O. de Lisboa; tendo na sua foz — á direita, a fortaleza de S. Julião da Barra, e no centro, a de S. Lourenço; ambas são portos semaphoricos.

A fortaleza de S. Lourenço, vulgarmente chamada *Torre do Bugio*, divide a barra em duas — a do S., que é um extenso cabedêllo de areia, tem uns 8 a 9 kilometros de largura — a do N., com fundo para toda a qualidade de navios, tem só 3 kilometros de largo.

Cria innumeraveis especies de peixes, e entre estes, o saboroso sôlho, ou esturjão, que ás vezes attinge um volume e peso enormes. (Vide *Mugem*).

Nas suas areias se tem encontrado palhetas de ouro, como temos visto em varios artigos d'esta obra. No antigo thesouro da casa real, havia um grande sceptro e

[1] *Moela*, é palavra valenciana — significa propriamente dente *molar*. Os hespanhoes, dão este nome aos montes que, reunidos, offerecem no seu cume, uma planicie, plató, ou planalto.

uma coroa magnifica, mandados fazer pelo rei D. Diniz, com o ouro que se recolhia na lavagem das areias do Tejo, entre Almada e a Trafaria. Outro septro de egual procedencia, se fez no reinado de D. João III.

Perto da villa de Constancia (antiga Punhête) e quasi contigua á estação da Praia, na confluencia do Zêzere com o Tejo, está a magnifica ponte do caminho de ferro de Leste. (Vide *Constancia*). Tem outra optima ponte do mesmo caminho de ferro, no Rocio d'Abrantes.

A ponte que atravessa este rio, na Ribeira de Santarem (mas não é do caminho de ferro) communicando a Extremadura com o Alemtejo, tambem é obra sumptuosa. (Vide *Santarem*) [1].

Tem-se estudado n'estes ultimos tempos, os terrenos marginaes do Tejo, nas immediações de Lisboa, entre Xabregas e Sacavem, para se construir uma ponte — que seria a primeira em comprimento e importancia do nosso paiz; mas, por emquanto (e talvez que para sempre) não tem passado de palavriado. Portugal não é os Estados Unidos da America!

Navegação do Tejo

Em 1580, Filippe II encarregou ao architecto hydraulico que então se chamava João Antonelli, italiano de nação, o projecto de tornar navegavel o Tejo desde Madrid.

Não se sabe se tambem encommendou o projecto que andou sempre associado áquelle de communicar o Tejo com o Salado por meio de um canal.

É hoje navegavel o Tejo até Villa Velha desde Lisboa, isto é, 50 kilometros áquem da linda cidade de Abrantes. Até áquelle ponto chegam sem difficuldade os barcos; mas d'alli para cima torna-se quasi impossivel a navegação, não tanto pela accumulação de areias que obstruem a passagem em muitos sitios, quanto pela natureza do terreno e abrupto das margens. Por isto e á falta de um trabalho de canalisação, a navegação se foi apoucando na extensão que teve em outros tempos.

Na epoca antes citada, Antonelli navegou as 24 leguas que ha de Abrantes a Alcantara sem novidade, e em 1582 o mesmo Antonelli subiu desde Alcantara até Toledo em uma chalupa de quatro remos: «coisa que encheu de assombro os habitantes da imperial cidade, que corriam apressados a ver aquella novidáde,» como diz um escriptor portuguez.

Não contente Antonelli com aquella tentativa, mandou transportar a chalupa em um carro para evitar algumas pesqueiras e continuou rio acima até Aranjuez; entrou no Jarama e pelo canal aproximou-se de Madrid. D'aqui regressou a Toledo e pelo mesmo caminho desceu a Lisboa, onde chegou são e salvo.

É portanto um facto que Antonelli realisou a navegação do Tejo. O mesmo Filippe II navegou desde Madrid até Aranjuez, e desde Toledo onde se construiam para isso barcos chatos ou de pouca quilha, desceu até Lisboa o sobrinho de Antonelli, Christobal de Rodas, gastando no transito treze dias.

De 1588 a 1589 repetiu-se a navegação, conduzindo-se por agua, grãos e outras mercadorias para Lisboa e subindo do mesmo modo as que vinham de fora até Talavera, Toledo e Madrid, onde tinham grande consumo.

Que deu causa ao abandono de tão util empresa? Não consta. Em tempo de Filippe II já era grande o abandono, mas em Toledo continuou a chamar-se *Plazuela de las Barcas* o sitio do caes e embarque.

Mais tarde intentou-se de novo pôr em pratica a navegação. Filippe IV quiz em 1641 transportar por aquelle meio munições de guerra para Portugal, mas não o levou a effeito; como tão pouco Carlos II, que teve o mesmo proposito. O mesmo resultado teve em 1810 a tentativa do ministro Carvajal, tentativa que se repetiu em 1828 a 1829, debaixo da direcção do architecto Marcoartú, que verificou um reconhecimento desde Aranjuez a Lisboa e de Lisboa a Aranjuez,

[1] Esta ponte foi aberta á viação publica, com grande magnificencia, a 17 de setembro de 1881.

em um barco construido n'aquella capital, a que se deu o nome de *Tejo*.

Não obstante isto, o rio continuou innavegavel na sua maior extensão. Mas as vantagens que da expedita navegação resultariam ao commercio e industria para os dois paizes, são tão grandes e estão de tal modo reconhecidos por todos, que não ha quem não deseje ardentemente que chegue o dia da realisação de tão antigo como importante projecto.

Aos respectivos governos já foram presentes os planos, projectos e bases para obter a auctorisação necessaria conforme as leis dos dois paizes.

—

Vimos a pag. 362, col. 2.ª do IV volume, o engano que os santarenos fizeram aos lisboetas, com o *homem das botas*, de comica recordação. Agora vemos — mesmo sem *botas de cortiça*, alguns portuguezes atravessarem o Tejo a nado, em frente de Lisboa.

O sr. Pedro Gastão Mesnier, apostou com alguns amigos, em como era capaz de atravessar o Tejo, a nado, desde o Terreiro do Paço até ao pontal de Cacilhas; e ganhou a aposta, no dia 12 de agosto de 1875. O sr. Alfredo Ansur, que se propunha a acompanhal'o, desanimou a menos de metade do rio, e retrocedeu. O sr. Mesnier, gastou 70 minutos no viagem.

Em setembro de 1881, por differentes vezes, varios individuos de Lisboa teem atravessado o Tejo, a nado; já da Trafaria á torre de Belem; já do Pontal de Cacilhas ao Aterro da Boa-Vista.

—

Em 1879, o capitão norte-americano Boyton, veio de Hespanha a nado até Lisboa.

TELEGRAPHOS — Vimos na col. 1.ª. pag. 150, do vol. I, quaes eram os telegraphos dos antigos lusitanos — as *almenáras*.

Com o decorrer dos annos, se inventaram os *fachos*, que eram *almenáras* aperfeiçoadas. (vol. 3.º, pag. 131, col. 1.ª).

Depois, inventaram-se os telegraphos por meio de táboas, com um alphabeto especial para intelligencia dos telegrammas, até que, finalmente, se fez a famosa descoberta dos

Telegraphos electricos

Desde a applicação da electricidade á telegraphia, tem sido inventados duzentos e cincoenta systemas de telegraphos, todos dignos de menção, e que podem ser divididos em nove grupos a saber: telegraphos de agulha, de mostrador, escreventes, impressos, autographicos, submarinos, de translacção, de transmissão multipla, de campainhas de aviso, e os cryptographicos.

Os telegraphos automaticos, de Wheatstone transmittem 90 a 100 despachos por hora em linhas de grande extensão, e podem expedir 200 applicando-lhe a transmissão simultanea. Tão notaveis progressos se tem realisado n'um periodo de 25 annos; a principio julgavam-se irrialisaveis os telegraphos de transmissão simultanea, os impressores, os autographicos e os submarinos; hoje já não surprehendem ninguem.

Desde 1850, data da immersão do 1.º cabo submarino, até 1874, teem sido lançados 206 cabos, que representam uma extensão de 50:716 milhas. D'aquelles, 165 estão em serviço, e os outros deixaram de funccionar.

O cabo mais comprido tem 2:584 milhas, e está situado entre *Brest* e *Saint Pierre*. A maior profundidade a que teem sido submersos é de 2:760 braças.

Estão projectados mais 11 cabos.

São 16 as companhias de cabos telegraphicos submarinos, e o seu capital eleva-se a 20:208:000 libras esterlinas. A primeira é a *Anglo american company*, com um capital de 7:000:000 libras.

As estações telegraphicas do reino estão classificadas do seguinte modo:

Serviço permanente (dia e noite). Ajuda, Bom Successo, Lisboa (principal), Necessidades, e Porto.

Serviço de dia até ás 9 horas da noite: Abrantes, alfandega de Lisboa e alfandega do Porto, Aveiro, Barreiro, Belem, Bemposta, cáes dos Soldados, Caldas da Rainha, Castello Branco, correio geral, côrtes, Covilhã, Estremoz, Evora, Faro, Figueira, Fontainhas, Foscôa, Funchal, Guarda, Guimarães, Lagos, Leiria, Olhão, Peso da Regua,

Pombal, Portimão, Santa Isabel, Santarem, Cabo Verde, Setubal, Silves, Tavira, Valença, Villa Franca de Xira, Villa Real de Santo Antonio, Villa Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

Serviço de dia até á meia noite: Braga e Coimbra.

Serviço até ao pôr do sol: Agueda, Albergaria a Velha, Albufeira, Alcacer do Sal, Alcobaça, Aldeia Gallega, Alemquer, Alfandega da Fé, Alijó, Amarante, Arcos de Val de Vez, Arganil, Azeitão, Barca d'Alva, Barcellos, Barquinha, Beja, Borba, Bragança, S. Thiago do Cacem, Caminha, Campo Maior, Cantareira, Carrazeda d'Anciães, Carregal do Sal, Cartaxo, Cêa, Celorico, Chaves, Devezas, Ericeira, Espozende, Famalicão, Figueiró dos Vinhos, Freixo de Espada á Cinta, Fundão, Gouvêa, Grandola, Lagoa, Lamego, Lazareto, Loulé, Macedo de Cavalleiros, Machico, Mafra, Mangualde, Marinha Grande, Mattosinhos, Mealhada, Melgaço, Mertola, Miranda do Douro, Mirandella, Mogadouro, Monção, Moncorvo, Montalegre, Montemor-o-Novo, Oliveira d'Azemeis, Oliveira do Hospital, Ovar, Paço d'Arcos, Paredes, Penafiel, Peniche, Pesqueira, Pinta, Pinhel, Pomarão, Porta do Sol, (Porto) Ponte de Lima, Portalegre, Porto de S. Martinho, Porto Moniz, Povoa de Varzim, Sines, Thomar, Torres Novas, Torres Vedras, Val de Passos, Vendas Novas, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Pouca de Aguiar, Villa Viçosa, Vimioso, Vinhaes.

(As estações de servico limitado abrem ás 8 horas da manhã nos mezes de outubro a março, e ás 7 nos mezes de abril a setembro).

Serviço durante o tempo dos banhos: Bussaco, Caldas de Monchique, e Vidago.

Serviço durante a estada da côrte: Queluz.

TÊLHA — freguezia, Extremadura, a 18 kilometros de Lisboa, no patriarchado.

Tinha por orago, Santo André, apostolo.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era insignificante.

Tinha em 1768, 23 fogos.

Foi supprimida no principio d'este seculo.

TÊLHA — Vide *Villa Nova da Têlha.*

TELHADA — Egreja antiquissima do Douro, junto á villa de Côja, no concelho d'Arganil.

Em 1121, *Suario* e sua mulher Eva, doaram ao mosteiro de Lorvão, uma vinha em *Telhada «Cum sua Ecclesia, quae jacet in medio de illa Vinea, et cum suo pomarve, et cum suo proprio lagare.»* (Doc. de Lorvão).

TELHADELLA — Vide *Braçal*, e *Ribbeira de Fráguas.*

TELHADO — (eachoeira e pesqueira do) — Vide *Arco de Baúlhe.*

TELHADO — freguezia, minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 324 ao NN. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 113.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado, e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Muito fertil. Muito gado bovino, que e exporta para Inglaterra — gado miudo, e caça.

TELHADO E FREIXIAL — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Fundão. 45 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 94.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O cabido da sé da Guarda, apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado, colmeias, e caça.

TELHADO, ou VILLAR DO TELHADO — villa antiquissima do Douro, no Campo de Coimbra, e que hoje não existe, nem se sabe exactamente onde era situada.

Consta que existiu, porque no anno de 976, o presbytero Juliano, fez doação de quanto tinha na villa de *Aranodiz* (?) e na villa da Figueira, *exceptuando a egreja de S. Romão, na villa de Villar do Telhado*, ao mosteiro de Lorvão. E a dita egreja de São Romão — *Cum sua córte, et cum suas* admenas *in giro, et suas* mazanárias, *et a alias*

mazarárias in Valle Côvo, *et duos cupos, te duas* cupas, uma de XXX (30) quinales, *et alia de XX modios, cum tota sua* perfia, *pro adunus de genere, si fuerit Clericus, qui in vita sua illa Ecclesia obtineat.* (Livro de testemantos, de Lorvão, n.º 31.) [1]

TELHAL — logar, Extremadura, contiguo ao Poço do Bispo, freguezia e concelho dos Olivaes, 4 kilometros a N. E. de Lisboa. Possue importantes depositos de vinhos, sobresahindo os do opulento negociante, sr. visconde da Abrigada.

O sr. Agostinho Ferreira da Silva, tinha aqui uma excellente fabrica de sabão, que foi redusida a cinzas por um incendio, na noite de 10 d'agosto de 1879, causando um prejuizo de 80 contos de réis; mas estava segura em diversas companhias no valor de 72 contos.

O incendio communicou-se aos armazens de vinho do sr. Francisco de Paula Rapozo de Souza Alte, causando um prejuizo superior a 17 contos. Estavam (os vinhos, cascos, utensilios, etc.) seguros em 12 contos. O predio, que é dos duques de Palmella, estava seguro em 6 contos.

Como na occasião d'estes incendios, não estava ninguem nos edificios, não houve desgraças pessoaes.

Tratou-se logo da reconstrucção da fabrica de sabão, ampliando-se convenientemente, e fez-se a sua inauguração, no dia 15 de março de 1880.

Tanto na fabrica incendiada, como na actual, o motor é o vapor.

É a 1.ª fabrica de sabão de Portugal.

TELHEIRAS — aldeia, Extremadura, com 36 fogos, na freguezia do Lumiar, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo e patriarchado de Lisboa, d'onde dista 5 kilometros ao Noroeste.

É composta de muitas quintas, algumas com excellentes casas de habitação.

Tem o edificio arruinado, que foi mosteiro de religiosos franciscanos, da provincia de Portugal, dedicado a Nossa Senhora das Portas do Ceu, fundado em 1633, por Dom João, principe asiatico (denominado o *Principe Negro*) senhor de Candio, na ilha de Ceylão, d'onde veio para Lisboa, e aqui morreu, em 1642, depois de larga residencia em Portugal. Jaz na egreja d'este mosteiro, em um tumulo de marmore. (Perto de Telheiras, fica a formosa povoação de Nossa Senhora da Luz, que já fica descripta no logar competente.)

O Principe Negro, tinha grande amisade aos franciscanos, porque foram elles que o instruiram na fé.

A egreja é magestosa, e construida de excellente pedraria e elegante architectura, com quatro capellas muito bem ornadas, com boas pinturas, feitas ainda em vida do fundador, o qual, tendo noticia de que nas *Indias de Castella* (America hespanhola) havia um primoroso esculptor, lhe encommendou a imagem da padroeira (Nossa Senhora das Portas do Ceu) que tem 1m,10 de alto e é bellissima.

Ha tambem n'esta egreja a imagem de Nossa Senhora do Governo!

Barão das Telheiras

Em 11 de fevereiro de 1836, foi feito 1.º *barão das Telheiras*, José Balbino de Barbosa e Araujo, do conselho da sr.ª D. Maria II, seu guarda-roupa, porteiro da real camara, commendador das ordens de Christo e Conceição — e no estrangeiro — commendador de Carlos III, em Hespanha — e da de Ernesto Pio, de Saxonia — official da legião d'honra, na França — e da de Leopoldo I, da Belgica — secretario-geral do ministerio do reino. Casou com D. Maria Luiza Verquain, filha de João Baptista Verquain, governador de Solôr e Timôr, e capitão de mar e guerra, da armada real da India.

Ambos são fallecidos.

[1] *Admenas* — portuguez antigo — significa, alamêda, passeio, aléa ou rua de arvoredo, em qualquer propriedade.

Mazanária, pomar de macieiras — *macieiral.*

Cupas — Cubas — *Cupos* — toneis?

Quinal — antiga medida de capacidade — Um quinal continha 25 *puçaes*, hoje 25 almudes.

Perfia — tudo o que podia ser de prestimo, utilidade, ou proveito d'alguem. Aqui (n'esta doação) queria dizer — todos os utensilios e alfaias que se achassem na egreja, e residencia.

Tiveram uma unica filha, a sr.ª *D. Isabel Maria*, que nasceu a 9 de março de 1819.

O 1.º barão das Telheiras, era filho de José Antonio de Barbosa Araujo, fidalgo da casa real, dezembargador e promotor da Relação Ecclesiastica de Lisboa e da Nunciatura, fallecido em julho de 1833 — e de D. Maria Engracia Pereira da Rocha, filha de Diogo Pereira Soares, fallecida em 15 de dezembro de 1809.

Teve dous filhos —

1.º *José*, 1.º barão das Telheiras, e 1.º visconde do mesmo titulo, a 17 de fevereiro de 1845.

2.º *D. Maria Antonia*, casada com Antonio Pedro Simões, dezembargador da casa da Supplicação. Não tiveram successão, e ambos são fallecidos.

TELHÔ — Antiga e nobre casa, Minho, na freguezia de S. João d'Arnoia, comarca e concelho de Celorico de Basto; cuja familia descende do famoso Alvaro Gonçalves Coutinho. (Vide 6.º vol., pag. 606, col. 1.ª e seguintes.)

No dia 16 de outubro de 1874, falleceu n'esta casa do Telhó (ou *Telhô*) D. Antonia de Moura Coutinho, ultima vergontea d'esta nobilissima e antiga familia, sem deixar herdeiros, ascendentes ou descendentes.

Era sobrinha do bispo de Lamego, Dom José de Moura Coutinho, antecessor do actual.

As noticias mais antigas que se acham d'esta casa são as seguintes:

Em 1309 era o Telhô uma povoação em que as Inquirições d'el-rei D. Diniz feitas no dito anno na freguezia d'Arnoia, por Apparicio Gonçalves, contava nove proprietarios, os quaes todos pretendiam que as suas herdades fossem *honradas*, como consta do archivo da camara de Basto. Um d'estes nove moradores era João Pires, que tambem possuia bens em Codeçoso, como dizem as Inquirições d'el-rei D. Affonso III, feitas no anno de 1258, e que casou com Maior Anna Coelho, que possuia terras no logar do Souto, da mesma freguezia d'Arnoia. D'estes nasceu João Annes, — d'este nasceu outro João Annes, — d'este Estevam Annes, d'este João Estevam, que foi juiz em Celorico de Basto em 1367, — e d'este Pedro Annes, senhor da casa do Telhô, e que d'ella exercia o cargo de ouvidor de Entre-Douro e Minho em 1368, como consta d'um documento pertencente ao cartorio do antigo convento de Bostêllo.

D'este ultimo nasceu João Pires do Telhô, — d'este Clara Annes, — e d'esta Rodrigo Annes, a quem D. João I fez doação da honra de Freixieiro no anno de 1432.

Casou, Rodrigo Annes com Senhorinha Affonso, e d'estes nasceu Branca Diniz, que casou com Ruy Vaz de Carvalho, cavalleiro fidalgo da casa real. D'estes nasceu João Rodrigues de Carvalho, senhor da dita casa do Telhô, que casou com D. Beatriz da Cunha, filha de Nuno Alexandre da Cunha de Porto-Carreiro, senhor da casa solar de Porto-Carreiro (da qual é hoje ainda senhor e representante o sr. João Pinto Pizarro da Cunha Porto-Carrero, morador no seu palacio das Sereias, ou da Bandeirinha, no Porto) como diz nas suas memorias genealogicas fr. Manoel do Amor Divino.

Para não fatigar o leitor, passarei em silencio muitas gerações, até D. Claudia Angelina de Vasconcellos, mãe do referido bispo de Lamego, D. José de Moura Coutinho, e de Antonio de Moura Coutinho e Vasconcellos, senhor da casa de Telhô, o qual casou com D. Florinda Rita Teixeira de Queiroz, (sua parente em quarto grau), filha unica e herdeira de Joaquim Manoel Teixeira Pereira de Mesquita e de sua mulher D. Maria Engracia de Queiroz, senhora da casa da Portelinha, na Veiga da Cumieira.

Todos os irmãos e irmãs do dito Antonio de Moura, falleceram sem successão, e do consorcio de Antonio de Moura com D. Florinda houveram os filhos seguintes:

Francisco de Moura Coutinho e Vasconcellos, bacharel formado em direito e tenente coronel de milicias.

D. Maria Maxima de Moura Coutinho.

D. Joaquina Julia de Moura Coutinho.

D. Emilia de Moura Coutinho.

Rodrigo de Moura Coutinho, conselheiro, fidalgo da casa real e bacharel formado em canones.

D. Antonia de Moura Coutinho (ultima senhora da casa do Telhô) os quaes todos falleceram sem successão e sem disposições testamentarias, e assim terminou a esclarecida familia d'esta casa.

—

D. José de Moura Coutinho, ultimo bispo de Lamego, nasceu n'esta casa do Telhô, a 8 de feyereiro de 1779.

Era filho de Francisco de Moura Teixeira da Cunha e Castro, capitão-mór de Basto, e de sua mulher D. Claudia Angelina de Vasconcellos.

Em 10 de setembro de 1797, tomou habito de noviço, no mosteiro de conegos regulares de S. João Evangelista (Loyos) do Beato, de Lisboa, e professou a 11 de setembro de 1798.

Matriculou se em theologia, na universidade de Coimbra, em outubro de 1804, e tomou grau de bacharel, em 1808. Fez a sua formatura, em 30 de maio de 1810, obtendo n'esse anno o 5.º premio, tendo sido todos os annos condecorado com este testemunho do seu aproveitamento.

Frequentou o 6.º anno, em 1811, e tomou o grau de licenciado, em 19 de junho de 1812, hindo n'esse mesmo anno para deão da Sé cathedral de Lamego, na qualidade de coadjuctor e futuro successor do deão Dom Manoel Freire Gameiro de Souza; entrando na propriedade d'esta cadeira, a 18 de setembro de 1836.

Em 3 de agosto de 1843, foi nomeado bispo de Lamego, sendo confirmado pelo papa Pio VIII, em 22 de janeiro de 1844.

Foi sagrado em S. Vicente de Fóra (Lisboa) a 11 de março de 1845, pelo cardeal patriarcha, D. frei Francisco de S. Luiz Saraiva. (4.º vol. pag. 279, col. 2.ª) sendo seus assistentes, os bispos de Leiria e Cabo Verde.

Em 30 de março de 1845, fez a sua entrada solemne, em Lamego, e tomou posse do governo do bispado.

Falleceu no seu paço episcopal de Lamego, a 3 de outubro de 1861, chorado por todos os seus diocesanos.

Foi um prelado sabio, virtuosissimo e caritativo, gastando os seus rendimentos em obras de beneficencia.

Reconstruiu o seminario, que tinha sido incendiado em 1834, concorrendo com grande parte das despezas d'esta obra.

—

Era irmão d'este esclaracido bispo — *Frei Francisco de S. João Baptista* (no seculo, Francisco de Moura Coutinho) por antonomazia, *Mestre Arnoia*.

Nasceu na casa do Telhô, a 12 de fevereiro de 1773.

Tomou o habito de S. Bento, no mosteiro de Tibães, em 25 d'abril de 1788, professando a 26 de fevereiro de 1789.

Em 27 de setembro de 1795, foi mandado para Coimbra frequentar as aulas da universidade.

Em 20 de julho de 1799, entrou em opposição para as cadeiras de philosophia, sendo approvado para mestre.

Em 18 d'abril de 1801, foi obrigado a deixar a universidade, por causa de uma grave molestia, e foi para o collegio de Basto, como substituto de philosophia; sendo mudado em outubro do mesmo anno, e com o mesmo emprego, para o mosteiro de Rendufe.

Em 4 de outubro de 1806, foi nomeado leitor do collegio que se abriu no mosteiro de Basto.

Em outubro de 1810, tornou no mesmo emprego para Rendufe.

Em 21 de maio de 1812, foi eleito procurador geral da congregação, na corte do Rio de Janeiro, e commissario geral da provincia do Brasil, chegando ao Rio de Janeiro, a 30 de outubro do mesmo anno de 1812.

Pediu e obteve, em fevereiro de 1817, licença para regressar a Portugal, chegando ao Porto, a 17 de maio, e a Tibães, a 14 de junho, d'esse anno.

Foi mandado para o mosteiro de Basto, e d'ahi foi para 1.º leitor do collegio de philosophia, de Rendufe.

Em maio de 1819, foi eleito geral da sua congregação, sendo reeleito, em 1822.

Foi (já jubilado) para o mosteiro d'Alpendurada, em março de 1828, residindo alli, até que, em 1834, foi (como os mais religiosos de todas as ordens) expulso do seu

mosteiro, hindo residir para a sua casa do Telhô.

Em 10 de junho de 1844, partiu para a Cumieira (concelho de Penaguião) e no dia 12 para Lamego, na intenção de fazer companhia, ao bispo seu irmão, mas falleceu de uma apoplexia, logo no dia 15 do mesmo mez.

Fr. Francisco de S. João Baptista — o mestre Arnoia — foi de tal modo eminente nas sciencias mathematicas que se conta terem-lhe sido enviadas de França varias questões e problemas para elle resolver, chegando a tanto o seu credito, que se dizia de alguma questão intrincada d'altas especulações mathematicas: — «isto só o geral dos Bentos de Portugal pode decidir.»

Fr. Francisco tinha merecido a amisade e sympathia de D. João VI, quando a corte estava no Rio de Janeiro, a ponto de perguntar el-rei por elle a seu irmão D. José, quando foi como deputado ás camaras de 1820, e em occasião que el-rei teve de hir á camara.

El-rei já lhe havia manifestado quanto tinha em consideração as suas virtudes e merito scientifico, consultando-o para o propor para bispo do Maranhão, mas o respeitavel benedictino logo lhe supplicou para o dispensar de similhante nomeação.

—

O conselheiro Rodrigo de Moura Coutinho (sobrinho dos dois esclarecidos varões que ficam mencionados) foi bacharel, formado em canones, pela universidade de Coimbra, commendador da ordem de Christo, fidalgo e cavalleiro da casa real.

Era filho legitimo de Antonio Moura Coutinho de Castro e Vasconcellos, senhor da casa de Telhô, e de D. Florinda Rita Teixeira de Queiroz, senhora de uma grande casa, nos concelhos de Penaguião e Villa-Real.

Rodrigo de Moura era ainda bisneto paterno de Antonio de Moura Teixeira de Carvalho, capitão-mór de Basto, — 3.º neto de Pedro de Moura Teixeira de Carvalho — 4.º neto de Pedro de Moura Coutinho — 5.º neto de Francisco Jorge de Carvalho e Dona Anna de Moura Coutinho, filha de Gonçalo Gonçalves de Moura Coutinho, sendo este, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, e este de Pedro Vaz, filho legitimo de Alvaro Gonçalves Coutinho, — o celebre *Magriço* — cavalleiro legendario pelas suas façanhas e aventuras em Flandres e Inglaterra, de que faz menção Damião de Goes no titulo *Coutinho*, e que o nosso Camões immortalisou nos seus *Luziadas*, canto 6.º, estancia 43, e seguintes. (Vide 6.º vol., pag. 606, col. 1.ª).

Era portanto o celebre Magriço, 9.º avó de Rodrigo de Moura Coutinho, fallecido na sua casa do Telhô, onde nascera em 15 de maio de 1804, succedendo na casa de seus paes em 20 de março de 1851, por fallecimento de seu irmão mais velho Francisco de Moura Coutinho e Vasconcellos, bacharel formado em direito, commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, fidalgo cavalleiro da casa real e tenente coronel das milicias de Basto.

O conselheiro Rodrigo de Moura Coutinho foi juiz de fóra em Mafra por decreto de 18 de novembro de 1832

A integridade do seu caracter, a sua affabilidade para com todos, e a imparcialidade com que se houve no exercicio das suas funcções, grangearam-lhe universaes sympathias entre os legitimistas e os proprios liberaes, e tanto que em 1834, vencendo estes ultimos, lhe pediram que continuasse a exercer a magistratura, ao que não annuiu, recolhendo-se á vida privada, em que passou o resto de seus dias, sempre respeitado e estimado por todos os partidos, como cavalheiro dignissimo que era, sempre generoso para com os pobres e desvalidos.

Falleceu em 18 de maio de 1874, na sua casa do Telhô, sendo sepultado no cemiterio de Arnoia, no dia seguinte.

Fizeram-se-lhe sumptuosas exequias, assistindo grande numero de ecclesiasticos, todas as auctoridades do concelho, muitos empregados publicos, e todos os homens distinctos da comarca, assim como grande concurso de povo, que chorava a perda do seu amigo e bemfeitor.

Ficando herdeiro de seu tio, o bispo de Lamego pagou todas as despezas do funeral d'este — que deviam ser por conta da mitra — perdoou as dividas que se deveriam

a seu tio, e distribuiu pelos creados do mesmo e por varios pobres TUDO quanto se achou no paço episcopal, e que era propriedade do prelado.

—

Devo todos os esclarecimentos com respeito á casa do Telhô ao meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, ao qual peço humildemente desculpa dos grandes cortes que me vi na triste necessidade de fazer nos seus trez bellissimos e curiosissimos artigos, referentes a esta casa, por motivos que S. Ex.ª não ignora.

TELLÕES ou **TOLLÕES** — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 40 kilometros ao E. N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 465 fogos.

Em 1768, tinha 396.

Orago, Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o reitor, que tinha 250$000 rs. de rendimento annual.

Teve um mosteiro duplex, de monges benedictinos, fundado pelo famoso conde Dom Rodrigo Forjaz (ascendente dos condes da Feira), em 887.

D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, mudaram d'aqui as freiras e os frades para outros mosteiros da mesma ordem, e deram este aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) em 1173. Aqui se conservaram estes religiosos até 1475, anno em que o mosteiro passou para a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, por ordem do seu prior, o conego frei João de Barros, que no mesmo anno annexou tambem á collegiada, o mosteiro de S. Torcato, que fôra egualmente fundado em 887, pelo dito D. Rodrigo Forjaz. Foi esta doação auctorisada por breve do papa Sixto IV, e confirmada pelo arcebispo de Braga, D. Luiz, no mesmo anno de 1475.

Em 930, quando ainda era da ordem benedictina, foram alguns monges d'aqui, povoar o mosteiro da Senhora da Oliveira, de Guimarães. (Vide *Oliveira — Nossa Senhora da.*)

Antigamente, pertencia esta freguezia ao concelho de Celorico de Basto.

É n'esta freguezia, a aldeia de Laboriz, onde os descendentes de Francisco Pinto da Cunha Coelho, da casa dos senhores de Felgueiras, tinham um vinculo, e cabeça d'elle, uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Rozario, objecto de muita devoção dos povos da freguezia.

TELLÕES. ou **TOLLÕES** — freguezia, comarca e concelho de Bayão (foi do mesmo concelho e da extincta comarca de Soalhães) 60 kilometros ao N. E. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 31 fogos.

Orago, S. João Baptista (o seu primeiro orago, foi Santa Comba.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. João de Ouvil, apresentava o vigario, que tinha 6$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está, ha muitos annos, annexa á de *Loivos do Monte* (4.º vol., pag. 434, col. 2.ª)

TELLÕES ou **TOLLÕES** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 75 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1768, tinha 240.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O commendador de Malta, Gonçalo Christovam Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita, da nobilissima casa dos Teixeiras Coelhos, de Villa Real de Traz-os-Montes, descendente de D. Fafes Luz (Vide *Teixeira*, do concelho de Bayão) e depois, seus descendentes, apresentavam (até 1834) o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Fertil em todos os generos agricolas — muito gado, de toda a qualidade, e abundancia de caça.

TEMI-LOBOS — rio, Beira Alta — Atravessa todo o concelho d'Armamar, de S. a N., desde Lumiares até á margem esquerda do Douro, onde desagúa, no sitio chamado *a Foz*.

Passa pela esquerda das povoações de Lumiares, Goujoim, Travanca, Armamar, e Vaccallar — e pela direita de Villa-Nova, Santa Cruz, S. Thiago, e S. Joanninho.

É atravessado por nove pontes, que são, as de — Goujoim, Malladão, Inveja, Rossafes, Mózes, Fonte d'Além, Lampaça, São Joanninho, e Foz — esta ultima, na estrada marginal do Douro, e a mais elegante e sólida de todas.

Humilde durante a estiagem, torna-se furioso no inverno: ainda em 1876, destruiu duas das melhores pontes que o atravessam — a de Rossafes e a da Foz.

As suas aguas servem de motor a grande numero de moinhos, que moem cereaes para quasi todo o concelho de Armamar, e fertilizam innumeraveis predios.

O mais notavel d'este rio, é a formosa *cascata do Misarella*, que já fica descripta a pag. 338 do 5.º volume.

No sitio da *Foz*, é rodeado de quintas, que produzem precioso vinho; sendo uma das principaes, a do sr. Victorino Alves da Costa Saavedra, casado com a sr.ª D. Emilia de Mendonça, filha do sr. Ayres Adolfo e Mendonça Fáro Barbosa de Lencastre, que doou a sua filha, esta quinta, quando se effectuou o seu casamento.

O vinho d'estas quintas, é classificado como um dos melhores do Alto-Douro.

TEMPERAR — portuguez antigo — afinar qualquer instrumento musico. Ainda se usa.

TEMPLARIOS, TEMPLEIROS, e, mais antigo, **TEMPREIROS** — antiga e nobilissima ordem de cavallaria.

Foi instituida na cidade de Jerusalem (Syria ou Palestina) em 1118, para conservação e defeza do seu templo, e d'ahi lhes proveio a denominação.

Foi instituida em Portugal, no anno de 1125, e já no anno seguinte tinham varias terras e castellos, que lhes deu a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.

Parece que a 1.ª doação que lhes fez esta senhora, foi o *castello d'Alpreada*, na Beira Baixa, hoje comarca e concelho do Fundão. Elles o reedificaram e ampliaram, dandolhe o nome de *Castello Novo*, hoje villa d'este nome.

Os templarios foram senhores d'esta villa até á extincção da sua ordem; passando o senhorio para a ordem de Christo, de que era uma commenda, que existiu até 1834. Fundaram aqui um mosteiro da sua ordem, do qual ainda ha vestigios.

Dous kilometros a E. da villa, e no centro de uma frondosa e antiquissima matta de castanheiros, está a ermida de *Nossa Senhora do Mosteiro*, ou da Hera, fundação d'estes cavalleiros, no seculo XII (Vide *Castello-Novo*.)

Em poucos annos, chegou esta ordem a ser a mais rica e poderosa de Portugal, senhora donataria de muitas villas, castellos e aldeias. (Vide 1.º, vol., pag. 105, col. 1.ª, e *Mogadouro*.)

Em 1169, estando D. Affonso Henriques nas Caldas de Lafões (vide *Banho*) doou aos templarios — *a terça parte de tudo o quanto conquistassem aos mouros, no Alemtejo, sob a condicção de gastarem em serviço do rei, todos os rendimentos, em quanto durasse a guerra*. (Doc. de Thomar.)

—

É certo que em alguns paizes da Europa, os templarios abusaram das suas riquezas e do seu poder; porem em Portugal, procedendo-se ás mais minuciosas investigações, por ordem do rei D. Diniz, não se provou *nem um unico* dos grandes crimes attribuidos a estes cavalleiros [1].

O que é certo, é que, em 1311, o concilio ecomenico vianense, convocado pelo papa

[1] Na minha opinião, os crimes dos templarios, eram os mesmos dos jesuitas — as suas grandes riquezas e o desejo de lhas usurparem.

Em 15 de abril de 1306, se reuniram em Salamanca, os bispos de Portugal e Hespanha, prezididos pelo arcebispo de Toledo, para inquirirem sobre as *horriveis culpas* attribuidas aos templarios; mas, nem em Portugal nem em Castella os acharam culpados.

Clemente V, extinguiu esta ordem. (Vide vol. 1.º, pag. 104, col. 1.ª).

O pontifice, declarou-se *legitimo e forçado herdeiro* de todos os bens dos templarios. O rei portuguez, sem se indispor com o papa, temendo attrahir as censuras da egreja, tanto fez, que, para evitar que os valiosissimos bens dos templarios passassem a *arvore estranha,* instituiu a ordem de Christo, por carta regia, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de Cesar 1357 (15 de novembro de 1319 de J. C.) dando-lhe tudo quanto era dos templarios, e assim ficou bem com Clemente V, e com o seu successor, João XXII.

Os templarios portuguezes, foram julgados tão isentos de culpas, que, posto que D. Diniz, para obedecer ao determinado no concilio viannense, extinguisse esta ordem em Portugal, admittiu na nova ordem de Christo, todos os templarios que n'ella quizeram entrar; de maneira que, verdadeiramente, a ordem do Templo não foi *extincta,* mas *chrismada.* (Vide *Thomar*) [1]

A ordem do Templo, teve em Portugal 28 mestres. Não os menciono, porque isso faria um artigo summamente longo. O leitor curioso que desejar saber isto, bem como outras noticias concernentes a esta ordem, consulte o *Elucidario,* de frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, na palavra TEMPREIROS.

—

Eis como principiou esta ordem, e como terminou em França, onde com effeito, os templarios praticaram varios crimes, segundo affirmam alguns escriptores.

Nove fidalgos dos que acompanharam Godofredo á conquista da Terra Santa chamaram a si grande numero de guerreiros de boa origem e constituiram a milicia, que por façanhas heroicas e inteiro sacrificio ao resgate e á conservação do Santo Sepulchro, adquiriu nome.

Foi a famosa ordem do Templo, ou dos templarios, cognominados tambem *soldados de Christo,* approvada no concilio de Troyes, 1128.

Pelos annos de 1147, fins do reinado de Luiz, o gordo, os templarios fundaram um estabelecimento em Paris, chamado *o Templo,* na casa que em 1793 serviu de carcere ao desditoso Luiz XVI. Era ahi que os cavalleiros de França e Inglaterra faziam capitulo.

A ordem estava dividida em muitos priorados, que dependiam das commendas, e todos reconheciam a auctoridade do grão-mestre.

O poder que tinha esta corporação religiosa e militar fazia-a independente do estado; e ella não conhecia outra auctoridade senão a Santa Sé.

Em 1307, porém, época de maior esplendor dos templarios, estando exhausta a fazenda publica de França, Philippe, o formoso, mandou prender o grão-mestre e muitos cavalleiros, occupou-lhes o palacio e sequestrou-lhes os bens; e o povo de Paris convocado para lhe serem manifestados os motivos que haviam aconselhado similhante procedimento, sanccionou-o.

Foram nomeados inquisidores para formar processo por todo o reino, aos cavalleiros do Templo, mas sem se consultar a curia romana; e esta não se demorou em suspender o poder dos bispos e dos inquisidores.

A firmeza de Philippe, obrigou o papa a desistir da sua opposição; e desde então foi perseguida a Ordem do Templo em toda a christandade.

Extorquida ao pontifice auctorisação para pôr a tratos os templarios, para lhes arrancar confissões que impossibilitavam a sua justificação no processo, muitos cavalleiros expiraram nos tormentos.

O grão mestre Jacob Molay e outros foram queimados vivos, a fogo lento, em 1314.

Houve quem lhes guardasse as cinzas como reliquias de martyres.

TEMPLOS CHRISTÃOS — *e outros apontamentos concernentes ao catholicismo.*

As primeiras egrejas publicas edificaram-se no anno 110 e nas pequenas povoações não as houve até 400.

[1] D. Vasco Fernandes, ultimo mestre dos templarios, morreu commendador de Montalvão, e professo na ordem de Christo, em 1323.

O uso da agua benta data do anno 120.

No anno 200 edificaram-se os primeiros cemiterios.

Os sacerdotes celebraram a missa com seus vestidos ordinarios até ao anno 255.

As egrejas e os vasos sagrados começaram a benzer-se no anno 314.

Até ao anno 315 não se collocaram imagens nos templos.

O casamento dos sacerdotes foi prohibido no anno 387, porém ainda alguns se casavam em 1070.

Em 398 começou a benzer-se o pão nas egrejas.

Os sinos começaram a benzer-se e a baptizar-se em 568.

O primeiro sino, que se usou em Roma, chamava-se Joanna.

O maior sino conhecido é o de Moscow, que peza 14:000 quintaes.

Os orgãos estabeleceram-se nas egrejas no anno 658.

No anno 700 estabeleceu-se o costume de beijar os pés ao Papa.

A primeira canonisação se verificou no anno 803 pelo Papa S. Leão, que canonisou o bispo S. Silvestre.

João 12.º, foi eleito Papa em 955, aos 18 annos d'idade, e Benedicto 9.º aos 12, no anno 1033.

Os rosarios foram inventados por Pedro o Eremita, no anno de 1090.

Os casamentos entre parentes, antes prohibidos, foram limitados ao 4.º gráo em 1098.

Em 1240 instituiu El-Rei D. Fernando 3.º o Santo, o piedoso costume de lavar os pés, dar de cear e servir á meza 12 pobres, em Quinta Feira Maior.

O habito talar dos ecclesiasticos data do anno 1360.

O tribunal da Inquisição instituiu-se no anno 1479.

Em 1509 teve origem a publicação da Bulla.

D'entre os pontifices, que a Egreja catholica tem tido, 40 reinaram menos d'um anno; 23 não completaram 6 mezes; 13 não governaram 1 mez; e 1 morreu no dia seguinte áquelle, em que havia sido eleito Papa.

TEMUDO — Portuguez antigo — temido Temudo, ou Themudo é tambem um appelido nobre em Portugal. Vide 1.º vol., pag. 18, col. 2.ª.

TENALHAS — Vide *Tinalhas*.

TENÇOM — portuguez antigo — contenda, arruido, briga, revolta, etc. — «*qualquer que levantar volta, ou* tençom *por qualquer maneira, em Concelho, ou perante as justiças, ou contra ellas, que as justiças o matem porém, e nom lhe recebam outra razom.*» Cod. Alf., livro V, lit. 104, § 1.º

TENCEIRO — Portuguez antigo — recebedor das rendas do concelho.

TENDAES — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Rezende) 24 kilometros ao O. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 555 fogos. Em 1768, tinha 330 — Orago, Santa Christina. Bispado de Lamego, districto Administrativo de Viseu.

O real padroado apresentado o abbade, que tinha 400$000 réis de renda annual[1].

Foi villa e cabeça de concelho; e é uma povoação antiquissima; mas o 1.º documento que encontro d'esta terra, é uma escriptura que existio no mosteiro de Alpendurada, do anno 1109, pela qual se vê que Egas Garcia — «*erat Maiorinus maior* (juiz supremo do rei) *de Egas Gozendiz, qui erat dominator, et princeps terrae illius, et tenebat ipsa terra de Santo Salvatore, et de* TENDALES, *cum alia multa in suo aprestamo, de manu de illo Comite Domno Enrrico.*» (O conde D. Henrique, pae de D. Affonso Henriques.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 6 de setembro de 1513. (*Livro de foraes novos da Beira*, folhas 75 verso, col 11.ª).

O foral, servia tambem para Aldosso, Macieira, Mazelim, Monte-Muros, e Villa de Muros.

Era da casa de Bragança, e foi soldar dos Britos, d'onde procediam os antigos condes dos Arcos. (O 1.º conde dos Arcoos, foi

[1] A *Historia ecclesiastica do Bispoado de Lamego* (pag. 139) diz que eram 6000$000 réis; e é o mais certo; visto que o *Portugal Sacro*, costuma diminuir sempre o rendimento dos parochos.

D. Luiz de Lima Brito e Nogueira, feito por D. Philippe 3.º, em 8 de fevereiro de 1620.)

Teve um beneficio simples, de 165$000 réis.

A mitra recebia 300$000 réis nos dizimos; a Sé patriarchal 470$000 réis; e os Perfeitos, de Lamego, 80$000 réis.

Ha na freguezia 14 ermidas — Nossa Senhora do Rosario — São João Baptista — Santa Maria Magdalena — Senhor da Agonia — S. Sebastião, martyr — S. Lourenço — Nossa Senhora dos Remedios — S. Vicente — Senhor de Mattosinhos — São Francisco — S. Pedro do Campo, no Èrmo — S. Pedro no povo — o Salvador, na grande aldeia do Souto, a 3 kilometros da egreja matriz — e Santa Anna, a 6 kilometros.

Foi no extincto concelho de Tendaes, o solar da nobre familia dos Pintos, senhores de Felgueiras e Vieira, cujo senhorio passou depois aos Peixotos—Fernão Pinto, foi commendador de Moimenta da Beira — Diogo Pinto Pereira, foi senhor da honra de Villar Maior — Gonçalo Vaz Pinto, foi senhor de Ferreiros de Tendaes, e 4.º senhor da honra de Villar Maior — Luiz Pinto de Souza da Fonseca, foi senhor do mórgado (depois viscondado) de Balsemão — Luiz Alvares de Souza Pinto; Luiz Pinto de Souza; Luiz Pinto da Fonseca, seu filho, Alexandre Pinto da Fonseca; Luiz Pinto de Souza Coutinho, todos foram senhores do dito mórgado de Balsemão — D. Manoel Pinto da Fonseca (nascido em Lamêgo, e irmão de Gonçalo Vaz Pinto, senhor da casa das Olarias, da mesma cidade, e de outros muitos mórgados) foi grão-mestre da ordem de Malta, e o terror dos turcos. As netas d'este grão-mestre, casaram — a primogenita, D. Anna, com Gonçalo Peixoto, senhor de Felgueiras e Fermedo—D. Josefa, com José d'Azevedo Coutinho, senhor donatario de Paredes da Beira, Riodades e Valle de Penella — e D. Maria Felisberta, com Luiz Belleza.

Na *Quinta das Poldras*, d'esta freguezia, nasceu o esclarecido viajante da actualidade, Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto. (Vide n'este vol., pag. 403, col. 1.ª).

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Fica a pouca distancia da margem esquerda do Douro, pelo qual faz grande negocio com a cidade do Porto.

TENDER — portuguez antigo—Entender, trabalhar, occupar-se — Tambem estender, alargar, aposar-se de mais terreno do que o que lhe pertence. «*Mandou, que nom se* tendessem *mais, pelo termo da Silva Escura* (da Maia) *do que se* tenderom *até qui.*» (Doc. do mosteiro de Santo Thyrso, de 1316.)

TENDILHOM — portuguez antigo — tenda, barraca, etc.

TENIDA E OUTEIRO MAIOR—Dous dos mais altos picos, da serra de Suajo; talvez mais altos do que o *Chão da Fonte* e *Bogareiro* (ou *Borragueiras*) no Gerez.

TENÕES — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, Arcebispado, e 2 kilometros a E.N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1768, tinha 57. Orago, Santa Eulalia.

O deão da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O famosissimo sanctuario do *Bom Jesus do Monte*, de Braga, fica nos limites d'esta freguezia. (Vide *Monte—Bom Jesus do*—no vol. 5.º, pag. 460, col. 1.ª, no fim.)

Em fevereiro de 1879, morreu n'esta freguezia o seu prior, Manuel d'Araujo Coutinho, natural da freguezia de Mazarefes, no concelho de Vianna do Castello. Tinha nascido em 1807. No seu testamento deixou:

Ao hospital de S. Marcos de Braga, réis 1:000$000, e metade da sua roupa, com obrigação de mandarem dizer dez missas annuaes.

Ao asylo de S. José, de Braga, 500$000 réis com o resto da sua roupa, e obrigação de cinco missas annuaes *in-perpetuum*.

Ao asylo de infancia desvalida de D. Pedro V. de Braga, 100$000 réis.

Ao collegio da Regeneração, da mesma cidade, 100$000 réis.

A cada convento e recolhimento de Braga, 20$000 réis, com a condição das recolhidas ouvirem uma missa annual.

Aos pobres das freguezias de S. Pedro de

Este, Gualtar, Tenões, Nogueiró e S. Victor, desde a egreja até ao sitio dos peões, 20$000 réis a cada uma d'estas freguezias para distribuirem.

Deixou mais aos pobres da freguezia de Tenões, metade do grão, vinho e lenha que existia em sua casa, na occasião do seu fallecimento.

A outra metade do grão, vinho e lenha deixou-a á sua governante, juntamente com alguns moveis e 100$000 réis.

Deixou 20$000 réis mais, a cada uma das outras suas creadas.

Dispondo dos bens que possuia na sua freguezia natal de Mazarefes, nomeou por suas herdeiras suas irmãs Rosa, Anna e Ignez, com as condições seguintes:

Dar 1:000$000 ao hospital de Vianna, ficando este com obrigação de dés missas annuaes *in-perpetuum;* 300$000 á Caridade de Vianna, com obrigação de trez missas; 50$000 réis a cincoenta pobres da mesma cidade; 50$000 réis a outros asylos que haja na mesma cidade; 50$000 réis aos pobres da freguezia de Mazarefes; aos de Darque, 20$000 réis; Villa-Franca, 20$000 rs.; Villa-Fria, 20$000 réis; e para os de Anha 20$000 réis.

50$000 réis para cada uma de suas sobrinhas naturaes, que são quatorze.

Um officio de vinte padres em Mazarefes, sua naturalidade; aos pobres, de 7 annos para cima, 40 réis, e aos menores d'esta edade, 10 réis.

Outro officio de dez padres, e esmola de 10 réis aos pobres.

Deixa aos seus cazeiros, as pensões de um anno, concedendo a um a mobilia que tinha em sua casa.

Perdoa as dividas aos seus parochianos.

Deixa á Senhora do Sameiro 50$000 réis.

Deixa por sua alma mil missas; cem por a do pae e mãe, irmãos, parentes, amigos, inimigos, mestres, prelados que lhe deram as ordens, e por as almas do purgatorio.

Quer um officio, sem numero determinado de padres, sendo a esmola de 1$000 rs.; e missas geraes por espaço de 8 dias a 500 réis.

Todos os seus bens moveis e de raiz serão vendidos publicamente.

TENTUGAL E PÓVOA DE SANTA CHRISTINA — villa, Douro, comarca, concelho de Monte Mór-Velho (foi cabeça do concelho do seu nome, comarca de Coimbra) 12 kilometros ao O. de Coimbra, 215 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1768, tinha 362.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (vulgo, *do Mourão.*)

Bispado e districto Administrativo de Coimbra.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 300 mil réis de rendimento annual.

É povoação antiquissima, e tem annexa a, tambem muito antiga, freguezia da Póvoa de Santa Christina [1].

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, lhe deu foral, sem data (pelos annos de 1124) — *Livro preto da Cathedral de Coimbra,* folhas 213 verso)

Feira, no 1.º de novembro.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1515. (*Livro de foraes novos da Extremadura,* fl., 165, col. 2.ª.)

Este foral servia tambem para *Paúl Entre as Vallas,* e *Póvoa de Santa Chrustina.*

A villa está situada entre Coimbra, que lhe fica a E., e Monte-Mór-Velho, que lhe fica a O, e a quasi egual distancia (12 kilometros) de qualquer das duas, e, como ambas, sobre a margem direita do formoso Mondêgo.

Fica tambem a 12 kilometros da villa de Pereira.

Segundo o padre Carvalho da Costa, foi a villa de Tentugal fundada pelo famoso conde D. Sisnando, em 1080, o qual construiu

[1] A villa da Póvoa de Santa Christina, foi antigamente cabeça de freguezia e de um concelho, supprimido ha muitos annos. Tem apenas 80 fogos, e fica 800 metros ao O. de Tentugal. Teve, até 1834, um mosteiro de frades franciscanos. Chamava-se antigamente *Olastro,* ou *Santa Christina de Olastro.* D. Sancho III lhe deu foral, em Coimbra, a 26 de setembro de 1265. (*Livro 1.º dee doações de D. Affonso III,* fl. 80, col. 1.ª.)

então aqui um castello, de que não ha o minimo vestigio. O conde D. Henrique o ampliou, em 1108, e, segundo o padre Carvalho, deu n'esse anno foral á villa; mas isto não está em harmonia com o que diz o *Livro prêto*, de Coimbra, como vimos no principio n'este artigo. Só se D. Henrique lhe deu um foral em 1108, e a sua viuva, regente do reino na menoridade de seu filho, D. Affonso 1.º, lhe deu outro, d'ahi a 15 ou 16 annos, o que podia muito bem ser. Diz-se tambem que foi este conde D. Sisnando que lhe deu o seu primeiro foral, com grandes privilegios. (No fim d'este artigo, darei alguns rapidos esclarecimentos, com respeito a este esclarecido musárabe.) [1]

Havendo D. Aymerico, bispo de Coimbra, confirmado ao mosteiro de Ceiça, a doação que o rei D. Diniz lhe havia feito da egreja de Tentugal, em agosto de 1288, dividiu os dizimos d'esta villa, em 3 partes—uma, para a mitra, na fórma do costume—outra para o mosteiro de Ceiça (que era muito pobre) — e a 3.ª, para o reitor, *com obrigação de reparar a egreja, manter a hospitalidade que mandam os sagrados Canones, e de pagar a costumada Procuração ao bispo, em cada anno*, etc.

D. Aymerico, instituiu então em Tentugal um *vigario perpétuo*, logo que fallecesse o reitor que então era.

D. João Romeu, abbade do mosteiro de Ceiça, e os seus monges, em testemunho de gratidão ao bispo, logo no mesmo anno de 1288 lhe offereceram *acolheita*, assim como aos seus conegos, empregados e familiares; mas os successores de D. Aymerico, abuzavam do tal direito de acolheita, o que reduzia os pobres monges á miseria; pelo que elles protestaram, e houve renhida demanda, que terminou por um accordo, feito entre os monges e o cabido de Coimbra, celebrado a 7 de junho de 1335, sendo bispo de Coimbra, D. João — na fórma seguinte — «*Achando-se em Tentugal, Pessoa; Conigo, ou Raçoeiro de Coimbra, tenha á custa do Mosteiro* huma vez no anno, *colheita certa, a saber — a Pessoa, cem soldos — o Conigo, sincoenta soldos — o Raçoeiro, 25 soldos.* — E provando-se *que para ali declinarão, só a fim de arrecadarem esta colheita, o Cabido lha faça restituir, pela fazenda, do que assim dolosamente a procurar*. Doc. do mosteiro de Ceiça.

Esta villa, teve, até 1825, ouvidor e corregedor, que tinha jurisdicção em sete villas; e teve juiz de fóra, até 1834. Desde então ficou apenas sendo cabeça de concelho, e este mesmo foi supprimido em 1853.

A egreja matriz actual, foi fundada pelo infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira) pelos annos de 1430. D. Pedro, gostava muito de residir em Tentugal, por ser uma terra de clima agradavel e salutifero.

Ultimamente, eram senhores de Tentugal, os duques do Cadaval (cujos paços ainda aqui existem) e da Póvoa de Santa Christina, que tinha sido dos condes de Ódemira.

Dentro dos limites d'este supprimido concelho, havia quatro mosteiros — o de freiras carmelitas, dentro da villa, fundado á custa das rendas de um rico hospital que n'ella existiu, desde 1560 até 1565 [1] o das religiosas *Sandelgas* [2] — o de S. Marcos, 3

[1] O padre Carvalho não é exacto n'este ponto. Tentugal já existia antes do governo de D. Sinsando. No *livro dos testamentos, do mosteiro de Lorvão*, n.º 31, vê-se que os *famulos de Deus*, Babri e Tranquilli, doaram a este mosteiro, no anno de 980, uma herdade em Tàveiro, e duas egrejas, *uma de S. Pedro e S. Miguel, em Tentugal*, e outra de Santa Eulalia, na villa de *Arquario*. Mais — pelos annos de 1020, já era *senhor de Tentugal*, o musárabe David, pae de D. Sisnando. É pois incontestavel que esta povoação tem mais antiguidade do que a que lhe dá Carvalho.

[1] Este mosteiro foi instituido a instancias de D. Francisco de Mello, senhor de Tentugal, e progenitor dos duques do Cadaval. Foi principiado a 16 de julho de 1560, e disse-se n'elle a 1.ª missa, a 15 de maio de 1565.

[2] O mosteiro de Sandelgas (ou *Sendelgas*) está no campo, e proximo á margem direita do Mondego. Havia aqui uma antiquissima ermida, á qual se dava a denominação de *Nossa Senhora de Campos*.

D. Isabel de Azevedo, ficando viuva de D. João de Castro, se recolheu a umas casas que estavam proximas a esta ermida, com algumas virtuosas mulheres, e se constituiram em communidade de terceiras fran-

kilometros a E. da villa, de frades jeronymos — e o de frades franciscanos, de Santa Christina de Olastro.

—

Tentugal, como todas as terras situadas no feracissimo *Campo de Coimbra*, é abundante de todos os generos agricolas, e como é tambem abundante de excellentes pastos, cria muito gado, de toda a qualidade, que exporta em grande quantidade.

No termo de Tentugal, nascem trez ribeiros, que trazem a sua origem, — dos *Casaes de Vera Cruz* — da *Fonte Velha* — e dos *Casaes da Murraçan*, e todos desagúam na chamada *Valla Real dos Fornos*, que, formada dos ribeiros do *Botão*, das *Eiras*, e do *Engote*, se juntam, á *ponte d'Alcarraques*, e correndo cingida com os montes da margem direita do Mondêgo, até á *Ladroeira*, vae recebendo no seu curso todas as aguas que descem d'esses montes.

—

É tradição antiga e constante, que, junto á egreja matriz da villa, houve um combate, entre mouros e christãos, pelo que se ficou chamando *Egreja do Mourão;* á sua padroeira, *Nossa Senhora do Mourão;* e aos terrenos que se lhe seguem, *Terras d'Alem do Mourão.*

As Fervenças

Fallei d'este célebre manancial, nas palavras *Cadima*, *Catanhêde*, e *Fervenças*. Aqui accrescentarei mais:

Fica a pouca distancia de Tentugal.

D. João III, ouvindo fallar n'estas aguas, e custando-lhe a crer que ellas engulissem tudo quanto se lhe lançasse, veio aqui de proposito (pelos annos de 1545) com seus irmãos, os infantes—D. Luiz, duque de Beja; D. Fernando, duque da Guarda; D. Affonso, cardeal; e D. Duarte, duque de Guimarães — e fazendo a experiencia repetidas vezes, ficaram admirados de tal singularidade.

Depois, veio ainda aqui o outro seu irmão, D. Henrique (o cardeal-rei) e fez a mesma experiencia, obtendo egual resultado.

—

Perto da villa havia uma antiga ermida, entre oliveiras, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação. Foi reedificada em 1550. Dá-se-lhe vulgarmente a denominação de *Nossa Senhora dos Olivaes.*

Tentugal e o numero 4

Téve, como vimos, QUATRO mosteiros — tem QUATRO entradas — QUATRO largos — QUATRO fontes — QUATRO edificios com brazões d'armas — o pelourinho, tem QUATRO degraus — QUATRO passeios (o do Paço, quinta da Lamarosa, Nossa Senhora dos Olivaes, e Alto de Santo Onofre) — a antiga cadeia, tinha QUATRO janellas — QUATRO fornos publicos — QUATRO egrejas — QUATRO ermidas — QUATRO torres — a egreja matriz, tem QUATRO portas — tem QUATRO sachristães — QUATRO irmandades — QUATRO confrarias — fazem se aqui QUATRO procissões — e tem QUATRO pontes.

—

Era de Tentugal o desgraçado *Bento Adjucto Soares Couceiro,* que ajudou a assassinar e roubar os lentes e conegos de Coimbra, em 18 de março de 1828, e que por isso foi enforcado com mais 8 dos seus co-reus, no Caes do Tojo, de Lisboa, a 20 de junho do mesmo anno. (Vide *Cartaxinho,* e no 7.º vol., pag. 506, col. 1.ª. ppr.)

—

Condes de Tentugal — marquezes de Ferreira e duques de Cadaval

A paginas 31, col. 1.ª, no fim, e col. 2.ª, do 2.º vol., tratei d'esta familia, a prrimeira

ciscanas, com auctorisação do cardeal Juliano, penitenciario do papa Alexandre VI, em 1494. A fundadora deu todos os seus bens a este convento, e a antiga ermida ficou sendo a egreja do mosteiro. Para dar principio á regra, e ensinar á fundadora e suas companheiras, os deveres, usos e costumes da ordem, vieram para aqui trez religiosas do convento de Nossa Senhora da Esperança, da cidade de Beja. (Este foi o primeiro da ordem terceira franciscana que houve em Portugal.)

O Mondego, foi subindo, e inundou o mosteiro, pelo que, o bispo de Coimbra, D. João de Mello, o mudou para o logar de Sandelgas, sitio mais distante de Monte-Mór-Velho e do Mondêgo, e mais perto de Tentugal.

e mais nobre d'este reino, depois da familia real. Aqui, só accrescentarei o seguinte :

O 1.º conde de Tentugal, foi D. Rodrigo de Mello, senhor de Tentugal, feito por D. Manoel I, no 1.º de janeiro de 1504. (Vide adiante o §, *D. Alvaro de Portugal.*)

O 1.º marquez de Ferreira, foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, conde e senhor de Tentugal, feito por D. João III, em 13 de junho de 1535.

O 1.º duque de Cadaval, foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira, e conde e senhor de Tentugal, por D. João IV, em 26 d'abril de 1648.

Os primogenitos dos duques de Cadaval, nascem condes de Tentugal.

Esta familia goza das honras de parente, e usa as armas dos duques de Bragança, e as mesmas armas usavam os marquezes de Vallença, e os condes de Ourem e Vimioso, que procediam do mesmo tronco.

—

D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello, 5.º duque e 13.º senhor do Cadaval, 8.º marquez e 13.º senhor de Ferreira, 10.º conde de Tentugal, grão-cruz das ordens de Christo e da Legião d'Honra (em França) mórdomo-mór de D. Maria I, e marechal de campo — nasceu a 6 de fevereiro de 1765, e morreu, na Bahia, a 14 de março de 1808. Tinha casado a 7 de outubro de 1791, com D. Maria Magdalena Henriqueta Carlota Emilia de Montmorency Luxembourg, dama das ordens de Santa Isabel e S. João de Jerusalem, nascida a 13 de abril de 1778, e fallecida na villa do Pombal, a 30 de agosto de 1833. Era 2.ª filha dos duques de Pinay, Luxembourg e Chatillon, Marianno Carlos Segismundo, presidente da ordem da nobreza, aos estados geraes, em 1789, e da duqueza Magdalena Revata Suzana Adelaide de Voyer de Argenson de Paulmy, dama da rainha Maria Antonietta, mulher de Luiz XVI, de França.

D. Miguel Caetano, e sua mulher, tiveram quatro filhos, que, por ordem das edades, foram :

1.º — *D. Adelaide Caetana*, que nasceu a 15 de janeiro de 1798, e morreu em Alcobaça, no 1.º d'agosto de 1833.

2.º — *D. Nuno Caetano*, do qual adiante trato.

3.º — *D. Segismundo Caetano Alvares Pereira de Mello*, duque de Lafões, que nasceu a 10 de novembro de 1800, e falleceu a 27 de maio de 1867.

4.º — *D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello*, marquez honorario, par do reino, em 1826, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, nascido a 6 de fevereiro de 1805, e fallecido em Pau, na França, em 16 de fevereiro de 1877. Era parente e foi verdadeiro amigo do sr. D. Miguel I.

Foi duque do Cadaval, por casar em 29 de agosto de 1843, com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria da Piedade Caetano Alvares Pereira de Mello, 7.ª duqueza e senhora da nobilissima e opulentissima casa do Cadaval, e que vive na cidade de Pau, no departamento dos baixos Pyreneus, em uma magnifica propriedade, com seu filho (unico hoje) o sr. D. Jayme.

A senhora duqueza do Cadaval, marqueza de Ferreira e condessa de Tentugal, é filha do senhor :

D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, 6.º duque e 14.º senhor do Cadaval, 9.º marquez e 14.º senhor de Ferreira, e 10.º conde e senhor de Tentugal: grão-cruz da ordem da Torre e Espada, commendador da de Christo, cavalleiro do Tozão d'Ouro e grão-cruz da de Isabel a Catholica, em Hespanha. Conselheiro de estado de D. João VI; membro da regencia do reino, pelo fallecimento d'este monarcha ; presidente da camara dos pares, em 1826 ; ministro assistente ao despacho, do sr. D. Miguel I, tenente-general, feito por este senhor, em 26 de maio de 1828, e marechal do exercito, em 15 de outubro de 1832.

Nasceu a 7 de abril de 1799, e falleceu, em Paris (onde estava voluntariamente emigrado, desde junho de 1834) a 14 de fevereiro de 1837.

Tinha casado no 1.º de agosto de 1820, com D. Maria Domingas de Bragança de Sousa e Ligne, nascida no 1.º de agosto de 1801, e era 2.ª filha dos terceiros duques de Lafões. Foram seus filhos — por ordem das edades.

1.º — *D. Henriqueta Maria Caetano Alvares Pereira de Mello*, 12.ª condessa de Tentugal.

Nasceu a 16 de julho de 1821.

2.º — *D. Maria da Gloria*, nascida a 7 de janeiro de 1823.

3.º — *D. Miguel Caetano*, 11.º conde e senhor de Tentugal, nascido a 22 de maio de 1825, e fallecido a 30 de maio de 1827.

4.º — *D. Maria da Piedade*, actual duqueza do Cadaval, marqueza de Ferreira e condessa de Tentugal, nascida a 29 d'abril de 1827, e da qual já tratei.

5.º — *D. Carlota Caetano*, nascida a 14 de novembro de 1828.

6.º — *D. Isabel Maria*, nascida a 14 de junho de 1830.

—

Os duques do Cadaval (actual duqueza e seu marido) sahiram de Lisboa em 24 de julho de 1833, quando alli entraram os liberaes. Em maio de 1834 sahiram de Portugal para França, onde teem uma opulentissima casa, e só em 1849 vieram a Portugal, e estiveram nas suas quintas de Muge e Cintra. Não foram visitar a familia real, mas foram a Bemfica, visitar a sr.ª infanta, D. Isabel Maria. Quando alli estavam, chegou inesperadamente a sr.ª D. Maria II, e foi dar com os duques do Cadaval e outros titulares legitimistas, que nunca tinha visto (nem elles a ella) e que não tiveram remedio senão deixarem-se apresentar pela sr.ª infanta. A rainha disse-lhe, que sentia muito que tão nobres fidalgos, como os que alli estavam e outros, representantes das mais nobres familias de Portugal, andassem arredados da côrte, voluntariamente, pelas suas opiniões politicas.

—

A senhora duqueza do Cadaval, teve só dous filhos gemeos:

1.º—O sr. *D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello*, nascido em 22 de dezembro de 1844, em Nice, e fallecido em Pau a 17 de setembro de 1878, contando apenas 34 annos de edade. Estava tratado o seu casamento, com a filha unica de uma das familias mais antigas, nobres e ricas, da França, cuja riqueza é calculada em muitos milhões de francos.

A senhora duqueza do Cadaval, tinha mandado preparar o seu palacio de Cintra, para os noivos virem alli residir algum tempo, o que seria uma grande ventura para os pobres e desvalidos d'aquella localidade, e causa de grande regosijo para o partido realista em geral, e para os seus titulares, em especial; mas Deus tinha determinado o contrario!

2.º — O sr. *D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello*. Nasceu poucos minutos depois do sr. D. Nuno. É conde de Tentugal, e, por fallecimento de sua mãe, será 8.º duque do Cadaval, 11.º marquez de Ferreira, 13.º conde de Tentugal.

—

O duque do Cadaval, é o chefe da nobreza d'este reino, e a sua casa uma das primeiras em riqueza. O rendimento da sua casa poderia duplicar; porém, esta santa familia tem conservado as rendas, quasi sem augmento, desde 1833 até ao presente. Além d'isso, perderam grande parte dos seus rendimentos com a extincção das commendas.

Parte da riqueza d'esta casa colossal, é em propriedades e em capitaes e fundos estrangeiros.

Uma parte, não pequena, dos rendimentos de Portugal, são empregados em actos de beneficencia. Por occasião das inundações, no inverno de 1876-1877, a senhora duqueza mandou pôr á disposição das pessoas cujas casas estavam inundadas, todos os edificios a que a cheia não tinha chegado (porque alguns tambem estavam inundados) e, apezar dos grandes prejuizos que este temporal lhe causou, os grandes depositos de cereaes, vinho, azeite, etc., que tinha nos seus vastos armazens, em differentes partes do Riba-Tejo, foram distribuidos pelos necessitados.

No palacio da sua rica e grande quinta de Pedroiços (Belem) ainda se conserva a excellente livraria d'estes opulentos fidalgos, e toda a mobilia, roupa, louças, etc., prompto tudo a receber os seus proprietarios, a toda a hora do dia ou da noite, em que alli chegarem inopinadamente.

A frondosa matta, e os magnificos jardins

(hoje muito descurados) são muito concorridos, principalmente no tempo dos banhos.

Os negocios d'esta casa, teem sido perfeitamente dirigidos, pelo seu intelligente e consciencioso administrador.

A escripturação, é como se fosse de uma secretaria, e os seus empregados, teem *aposentação*, quando pela edade ou doença não podem trabalhar.

D. Alvaro de Portugal

D. Alvaro de Portugal, geralmente conhecido pela denominação de *Senhor D. Alvaro*, era filho do duque de Bragança, D. Fernando II, e da duqueza, D. Joanna de Castro. Foi senhor de Tentugal, do Cadaval, e de outras muitas terras; regedor das justiças e chanceller-mór do reino.

No congresso (ou conciliabulo) em que os membros da casa de Bragança se reuniram, para combinarem o modo como haviam de defender os seus privilegios, de que os queria despojar D. João II, propôz o marquez de Monte-Mór, que se levantassem em publica conjuração contra o rei; mas D. Alvaro de Portugal (seu irmão) ainda que, de menos annos, mas de juizo mais seguro, se lhe oppoz tenazmente, concluindo que — *só se podiam armar contra o rei, largando primeiro os estados que possuiam em Portugal e desnaturalisando-se solemnemente do mesmo reino, pois só assim se tirariam da nota de traidores.* Estas nobres razões, fizeram desvanecer (por então) os temerarios projectos d'aquelles fidalgos.

N'esta tentativa de conspiração houve um Judas. O rei soube quanto se havia passado na conferencia, e o que tinha dito D. Alvaro, pelo que lhe concedeu a sollicitada licença de hir viajar, *sob a condição de não parar em Castella.* (Eram ciumes politicos que D. João II sempre teve de D. Fernando e D. Isabel (os *reis catholicos.*) Demais a mais, D. Isabel, era prima co-irman de D. Alvaro de Portugal.

O fim, ou pretexto, com que D. Alvaro sahiu de Portugal, era visitar os logares Santos de Jerusalem, *para divertir ou esquecer* —dizia elle—com aquella peregrinação o sentimento pela morte de seu irmão, o duque de Bragança, D. Fernando, degolado em Evora, a 22 de junho de 1483, e pelo desterro de seus sobrinhos.

Não atravessava D. Alvaro o reino de Castella, com a pressa que D. João II exigira, pelo que lhe mandou dizer que, se não tratasse de sahir logo de Hespanha, perderia todos os bens que tinha em Portugal. D. Alvaro, lhe mandou dizer — «Em quanto Vossa Alteza me mandou sem outra condição alem do cumprimento do seu real preceito, obedeci, e tencionava sahir de Hespanha brevemente; mas como agora me ameaça com a perda da minha fazenda, d'ella não faço caso, e pode Vossa Alteza fazer d'ella o que quizer, que eu farei o mesmo da minha pessoa.» — Marchou logo para a côrte de Castella (e talvez fosse esse o designio com que sahiu de Portugal) e os reis catholicos o receberam com as maiores honras e affabilidade, e o fizeram presidente do conselho real, e seu contador-mór, alcaide-mór, de Sevilha e Andujar, e lhe deram o estado de Gelves. D. João II cumpriu a sua ameaça.

O rei D. Manoel, lhe restituiu todos os cargos e estados que tinha em Portugal, e o nomeou seu embaixador á côrte de Castella, para o ajuste do seu primeiro casamento com a princeza Isabel, filha dos reis castelhanos; e o encarregou de outros negocios de alta importancia, ao que tudo deu pleno e satisfatorio cumprimento.

Casou com D. Philippa de Mello (filha e herdeira de D. Rodrigo de Mello, conde e alcaide-mór de Olivença) e foram seus filhos, *D. Rodrigo de Mello, 1.º conde de Tentugal,* como fica dito no principio d'este paragrapho — *D. Jorge de Portugal,* conde de Gelves, em Castella — *D. Isabel de Castro,* condessa de Belalcasar (Castella) — *D. Beatriz de Vilhena,* duqueza de Coimbra — *D. Joanna de Vilhena,* condessa de Vimioso — e *D. Maria Manoel de Vilhena,* condessa de Portalegre.

D. Alvaro de Portugal, morreu em Toledo, a 4 de março de 1504, e os seus restos mortaes foram trasladados para o mosteiro de conegos de S. João Evangelista (loyos) da cidade d'Evora, que havia fundado seu sogro, o conde de Olivença.

O conde D. Sisnando

No principio do seculo XI, era senhor de Tentugal, e varias terras d'estes sitios, um *musárabe*, chamado David [1].

Foi seu filho e herdeiro, o famoso *conde D. Sisnando*. (Vide no vol. 2.º, pag. 324, col. 2.ª — pag. 339, col. 2.ª — e pag. 350, col. 2.ª no fim.)

Aqui só accrescento o que se segue:

A grande extenção do reino de Leão, obrigou os seus reis a dividil-o em condados.

D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, alargou muito os limites dos seus reinos, tomando aos mouros, Badajoz, Evora, Beja, Cêa, Mérida, Lamego, Viseu, Coimbra e outras povoações, e territorios; pelo que teve de crear um novo condado, do qual fez capital a cidade de Coimbra.

Este condado era vastissimo. — Do E. a O., principiava em Lamego e terminava no Oceano — e do N. ao S., principiava na margem esquerda do Douro, e terminava nas fronteiras mouriscas da actual Extremadura portugueza.

D. Sisnando abandonou o emir de Sevilha, e se juntou com a sua hoste de musárabes, ás tropas de D. Fernando Magno, contribuindo poderosamente para a tomada de Coimbra.

O rei, em premio dos seus assignalados serviços e attendendo á sua intelligencia e energia, lhe entregou a administração do novo condado, com plenissimos poderes.

Nos documentos d'esse tempo, D. Sisnando assigna-se de differentes maneiras — isto é — *alvazir*, *conde*, *consul*, *proconsul*, *senhor*, *duque*, *governador* e *imperador*.

Não só conservou a integridade do seu condado, mas ainda o ampliou, á custa de territorios occupados pelos mouros.

Cuidou com sollicitude no progresso da agricultura; restaurou ou fundou e dotou varias egrejas; reedificou e repovoou muitas terras; reconstruiu, ampliou e fundou varios castellos, sendo os principaes os de Monte-Mór-Velho, Soure, Foz d'Arouce, Penella, Tentugal e Cantanhêde.

[1] Para a difinição da palavra *musárabe*, vide 5.º vol., pag. 434, col. 2.ª

De combinação com o bispo de Coimbra, D. Paterno, instituiu junto á Sé Cathedral, um seminario, onde, sob a regra de Santo Agostinho, viviam em communidade os mancebos destinados ao magisterio, ou ao sacerdocio.

(Vide no 8.º vol. do *Archivo Pittoresco*, a pag. 330, col. 2.ª, o bello artigo do sr. doutor Caetano Rodrigues de Gusmão.)

TERCENA — portuguez antigo — e ainda mais antigo — **TARRACENA**, e **TARAÇUNA** — É corrupção do substantivo persico *tarçana*, palavra adoptada pelos árabes.[1] É nome composto de *tar* ou *tres*, a casa — e *çana*, ou *hane*, navio — significa — casa de navios, ou estaleiro.

Em Portugal, *tercênas*, são armazens onde se guardam os mantimentos para as tripulações dos navios do estado, e todos os utencilios necessarios a estes navios. Tambem significa estaleiro.

As primeiras tercenas que houve em Portugal, foram mandadas construir por D. Fernando I, no sitio da *Ribeira-Velha* — (onde hoje é o Arsenal do Exercito — vulgo *Fundição* — e suas immediações) em Lisboa.

Vide IV vol., pag. 188, col. 1.ª, no principio.

Á villa de Sagres, se deu antigamente a denominação de *Terçanaval*, contracção de *tercena-naval*.

Os Hespanhoes, dizem *atarazana* (ataraçana)—e os italianos, *darcêna;* com a mesma significação.

TERENA — villa, Alemtejo, comarca e 12 kilometros ao O. do Redondo, concelho e 3 kilometros do Alandroal (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Extremoz) 40 kilometros d'Evora, 160 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 271.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O real padroado, apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

[1] Outros sustentam que é palavra d'origem árabe, composta de *dar*, casa—e *senaa*, trabalho.—Vindo então a ser—*casa de trabalho*, que tambem se podia entender por estaleiro coberto.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e uma das suas povoações mais antigas, como adiante veremos.

Gil Martins e sua mulher Maria João, paes de D. Martim Gil, 1.º conde de Vianna (do Alemtejo) fidalgo da côrte de D. Affonso III, que lhes deu o senhorio de Terêna, lhe deram foral, e povoaram esta terra, em fevereiro de 1262. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 146 v., col. 1.ª)

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 d'outubro de 1514. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 83 v., col. 1.ª)

—

A primittiva povoação, foi fundada em uma baixa, entre os ribeiros do Alcaide e de Lucefeci (este tambem chamado, de Terêna) ambos affluentes do Guadiana.

Sendo este sitio muito doentio, os moradores o foram despovoando, hindo construír a actual villa, em uma elevação, a pouca distancia, e em melhores condições de salubridade.

É cercada de muros, com o seu castello — tudo desmantelado. — Eram seus alcaides móres, os condes da Ponte[1].

—

Não ha certeza quanto á data da fundação da antiga Terêna. Pretendem uns, que foram os antigos lusitanos, ou celtas. — Outros querem que fossem os gallos-celtas. — E, finalmente, outros sustentam que é fundação dos carthaginezes, o que parece mais provavel. Segundo esta ultima opinião, eis a sua origem:

Pelos annos do mundo 3603 (401 antes de Jesus Christo) Bohodes, capitão carthaginez, desembarcou nas praias de Betica, mas os seus habitantes (actuaes andaluzes) lhe fizeram crua guerra, obrigando-o e á sua gente a reembarcar, e fugir para a Lusitania, onde entraram pelo Algarve — parece que pelo porto que depois se chamou d'Annibal, hoje Villa-Nova de Portimão.

Como não vinham em *som de guerra*, foram bem recebidos pelos lusitanos, que logo lhes principiaram a comprar, vender e trocar mercadorias. Os lusitanos hiam ao litoral fazer o seu negocio, e os carthaginezes faziam o mesmo pelo interior do paiz.

Bohodes, desejando estabelecer uma paz duravel com os lusitanos, convocou os principaes d'elles para uma reunião, na qual se assentaram as bazes de uma sincera alliança.

Para firmeza d'este tratado, se fez um sacrificio de grande numero de rezes de varias especies, ante uma estatua de Marte, divindade carthagineza.

Bohodes, era um homem matreiro, e, para atrahir os lusitanos, que não conheciam o tal deus Marte, e que só adoravam *Endovelico*, lhes disse que um e outro, vinham a ser a mesma cousa; o que os ingenuos lusitanos facilmente acreditaram.

Bohodes, estabeleceu uma feitoria, na costa do paiz dos cuneos (Algarve) uma feitoria, na povoação maritima de *Lacobriga*, que é hoje Lagos, ou Lagôa.

Os proprios cuneos (ou lusitanos algarvios) ajudaram de boa vontade á construcção da feitoria, que se tornou uma feira permanente. Tambem aqui construiram uma fortaleza em que deixaram guarnição.

Bohodes foi substituido por Maharbal, o chefe carthaginez que foi mais querido dos lusitanos, porque sempre se mostrou amigo d'elles, e lhes fez muitas promessas, que cumpriu.

Depois de estar algum tempo no Algarve, para conhecer a lingua e os costumes dos lusitanos, se aventurou a penetrar no centro do paiz.

Chegou á actual Elvas, já então de grande importancia, e assentadas as pazes com os seus moradores, percorreu varias povoações circumferentes.

Antes de Maharbal sahir do Algarve, tinha feito captivos os tripulantes de uma nau

[1] O rei D. Duarte, deu esta alcaidaria a Nuno Martins da Silveira. Foi seu successor, o grande Nuno da Cunha, vice-rei da India, casado com uma filha de Nuno Martins da Silveira. Por morte de Nuno da Cunha, herdou a alcaidaria Gonçalo Vasques da Cunha. Depois passou a Francisco de Mello, marquez de Sande; depois a seu filho, e d'este ao seu filho, o conde da Ponte, e a seus herdeiros.

grêga, da ilha de Chypre, e tomado-lhes as estatuas de Venus e Cupido, que elles traziam a bordo.

Quando Maharbal percorria as terras do Alemtejo, foi accommettido de uma grave doença. Consultados os augures, estes disseram que o deus Cupido estava irado contra elle, pelo desacato feito aos chypriotas, e que só obteria saude, dando liberdade aos captivos, e fundando um templo a Cupido; ao que o doente annuiu, e, recuperando a saude, tratou de cumprir a promessa.

Agradou-lhe um sitio a 12 kilometros a S.E. da actual Villa Viçosa, e tratou de dar principio a um sumptuoso templo, que se concluiu em pouco tempo, porque os lusitanos ajudaram com a maior solhcitude a esta construcção.

No logar principal, foi collocado o idolo do deus Cupido, tomado aos grêgos e que era feito de prata fina, macisso e de estatura natural.

Foi este templo tão frequentado dos lusitanos, que alli concorriam de toda a parte, a offerecer sacrificios e a cumprir votos, ao deus Endovelico, ou Cupido.

Note-se que Endovelico era a divindade superior dos antigos lusitanos, e os carthagínezes, e depois os romanos, lhe conservaram o nome e o culto.

Ignora-se que qualidade de culto os celtas, ou antigos lusitanos, dedicavam a Endovelico; apenas se sabe que nos seus dolmens lhe sacrificavam differentes animaes, e até victimas humanas. (Vide IV vol., pag. 479, col. 2.ª)

É certo que a estatua de Endovelico tem muita semelhança com o cupido da mythologia. Era um joven imberbe, com os olhos vendados, e o coração na bocca. Tinha porem azas nos pés, como Mercurio.

Este templo tinha sacerdotizas, governadas por um sacerdote.

Estas sacerdotizas, cuidavam dos adornos do altar do deus. Eram escolhidas d'entre as mais nobres e formosas, *para exercerem o culto de Venus e Cupido*... O primeiro sacerdote é que as governava, e só elle podia sacrificar. Tinha outros sacerdotes sob as suas ordens, que eram uma especie de sachristães, destinados a cuidarem no aceio, limpeza e conservação do templo.

Consta que uma das ceremonias aquii usadas, era trazer-se um cordeiro branco, até á ára: o sacerdote despia-se completamente, até ficar nú, cubrindo-se depois com uma capa branca, roçagante. Sacrificava o cordeiro, e lançava-lhe o coração na pyra.

—

Pelos annos do mundo 3941 (63 antes de Jesus Christo) veio, pela primeira vez, á Lusitania, o famoso Julio Cesar, na qualidade de questor de Tuberon. Commetteu e deixou commetter as maiores crueldades no nosso paiz.

Chegando ao templo d'Endovelico, os seus soldados roubaram as estatuas de prata d'esta divindade e a de Venus, sua mãe, e todas as preciosidades que alli encontraram, bem como o arco e aljava de ouro puro, que Amiliar Barcino, pae d'Annibal, tinha offerecido ao deus.

Construiu-se depois uma nova estattua de marmore fino.

Diz-se que muitos lusitanos ficaram tão aterrados com este *sacrilegio*, que julgando-se indignos de viverem depois d'elle, se mataram, em *desagravo*.

Julio Cesar, fez algumas diligenciass para descobrir os objectos roubados, mas só encontrou em poder de Tuberon, seu chefe, a estatua de Venus, que resgatou á sua custa (provavelmente, com o dinheiro que tinha roubado em outras partes.)

Virgilio, na *Eneida*; e Homero, na *Iliada*, dizem que Julio Cesar descendia de Venus. Foi por isso que o futurro imperador resgatou a estattua da sua *progenitora*.

—

A analyse philologica da palavra *Endovelico*, parece indicar-nos que era a divindade suprema, adorada pelos celtas.

Strabão, diz que elles adoravam *um deus sem nome* (porque elle o não sabia) no tempo da lua cheia.

End, radical de todas as linguas primittivas e ainda hoje das do norte, significa *Ente Supremo*.

A radicall *Bel* ou *Vel*, reunida a *End* tambem significa o mesmo, como se dissessemos *Deus dos Deuses*.

(Vide *Alandroal*, *Endovelico*, e *Villa-Viçosa*).

—

Convertida a Lusitania ao christianismo, o povo, levado de um sentimento de religião mal entendido, despedaçou a estatua de Endovelico, e os seus destroços foram empregados como alvenaria nas paredes da egreja de S. Miguel, archanjo, que alguns pretendem estar construida no mesmo logar que occupava o antigo templo, e com os restos dos seus materiaes.

Em volta do antigo templo (que ficava perto da actual villa do Alandroal) se foram construindo varias casas de habitação, que formaram a primittiva villa de Terêna.

—

Ainda existem varias lapides d'esses tempos, que mos recordam o culto de Endovelico, a maior parte das quaes estão em Villa-Viçosa.

Sobre a porta da egreja de Nossa Senhora da Graça de religiosos agostinhos calçados (gracianos) d'esta ultima villa, está uma lapide, das que D. Theodosio I, duque de Braganca, mandou vir de Terêna, e que tem esta inscripção :

C. JVLIVS NOVATVS, VIVENNIAE
SVAE VOTVM SOLVIT.

(Caio Julio Novato, em cumprimento de voto pela sua Vivianna.)

Ainda na mesma egreja da Graça ha duas inscripções, levadas do templo de Terêna, dizem :

1.ª

L.
ENDOVELICO
SACRUM, MARCOS JVLIVS
ANIMO SIBENS
VOTVM SOLVIT.

(Dedicado ao deus Endovelico, em cumprimento de voto.)

2.ª

DEO ENDOVELICO SAC.
JVLIA ELIANA VOTO SUCCEPTO EL-
VIA IBAS MATER
FILIAE SVAE VOTVM SUCCEPTVM
ANIMO LIBENS POSVIT.

(Consagro ao deus Endovelico, por voto de Julia Eliana, cumprido por devoção de sua mãe, Elvia Ibas.)

—

Outras muitas inscripções traz frei Bernardo de Brito, e André de Rézende, que não copio para não fatigar o leitor.

—

Convertidos os lusitanos ao christianismo, não só desprezaram o culto de Endovelico, mas foram-se ao templo, e lhe fizeram o mesmo que as tropas de Julio Cesar lhe tinham feito, e despedaçaram a estatua do deus, como já disse.

—

Ignora-se como foi tratada a povoação de Terêna, pelos barbaros do norte, no principio do seculo v, o que consta, é, que, no principio do seculo viii, os mouros, invadindo Portugal, destruiram esta povoação, não deixando pedra sobre pedra.

Passados annos, ainda aqui se estabeleceram algumas familias; mas com as continuas guerras da edade media, tornou a despovoar-se, e despovoada estava nos primeiros tempos da nossa monarchia, e deserta a achou Gil Martins, em 1262.

—

Não sei como esta villa tornou para a corôa, o que se sabe, é que o rei D. Diniz deu o senhorio d'ella a seu filho, o infante D. Affonso (depois rei IV do nome) com varios outros senhorios; sob a condição de os não poder doar senão a sua mulher, D. Brites, ou a algum seu filho, a titulo de mórgado.

Depois formou se de Terêna e de outras povoações immediatas, uma commenda da ordem d'Aviz.

—

Pelos annos de 1559, ainda o templo carthaginez estava menos mal conservado; mas o infante D. Henrique (filho do rei D. Ma-

noel) sendo arcebispo d'Evora,[1] *roubou* do templo d'Endovelico, 96 columnas de bello marmore, e de ordem jonica, para com ellas adornar o collegio do Espirito Santo, que, para os jesuitas, andava fundando em Evora. (Vide 3.º vol., pag. 95, col. 2.ª)

—

D. Henrique, não tirou todas as preciosidades d'este magnifico templo porque depois, o duque de Bragança, D. Theodosio I, ainda achou que levar, para enriquecer com os despojos venerandos do templo de Endovelico o mosteiro de Nossa Senhora da Graça (de frades agostinhos, calçados, vulgo *gracianos*) que andava construindo em Villa-Viçosa, para jazigo e da sua familia.

Egreja de Nossa Senhora da Boa-Nova

A infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, de Portugal, foi rainha de Castella, por casar com D. Affonso XI, e foi mãe do tristemente celebre D. Pedro I, de Castella, o cruel, que morreu assassinado por seu irmão bastardo, D. Henrique II.

Em 1340, Ali-al-Boacem, imperador de Marrocos, ameaçou a Peninsula, com uma invazão egual á de 714. (Para evitarmos repetições, vide o que a semelhante respeito fica dito no 3.º vol., pag. 104, col. 1.ª e seguintes.)

Frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tom. 6.º, pag. 228 e seguintes) diz que o nosso rei D. Affonso IV, negára a sua filha, a rainha D. Maria, o soccorro que ella lhe vinha implorar em favor de Castella, voltando esta senhora para o seu reino, muito triste e desanimada. Ao chegar ao sitio da antiga villa de Terena, viu ao longe, correr para ella, um cavalleiro a toda a brida. Era um enviado de seu pae, que lhe trazia a *boa-nova* de que o rei havia reconsiderado e promettia o pedido soccorro.

A rainha, em memoria d'esta tão grata noticia, prometteu fundar n'aquelle mesmo sitio (em frente das ruinas do templo pagão) uma egreja, dedicada a *Nossa Senhora da Boa-Nova.*

Dada a grande batalha e obtido o triumpho glorioso, do Sallado (30 de outubro de 1340) para o que tanto concorreram os portuguezes, commandados pelo seu rei em pessoa, e por seu filho, o infante D. Pedro (depois rei 1.º do nome) tratou immediatamente a rainha de Castella, de cumprir a sua promessa, mandando construir a egreja, e consignando-lhe um bom rendimento para as despezas do culto, e conservação da egreja.

É um templo construido com a maior robustez, em fórma de fortaleza (como o da *Flôr da Rosa*, no concelho do Crato) guarnecido de ameias de cantaria, tendo a fórma de cruz. As paredes interiores, estão revestidas de ricas pinturas, e nos dous lados do altar-mór, se admiram dous magnificos tocheiros, que, apezar do seu estado de ruina causada pelo decurso de cinco seculos, ainda dão ideia da sumptuosidade com que foram construidos.

Esta egreja, que fica a 1:500 metros da villa, e no sitio da antiga Terêna, foi matriz em quanto aqui houve povoação.

Marquezes de Terena

Ao que disse d'esta nobilissima familia, na col. 1.ª de paginas 695, do 6.º volume, só tenho a accrescentar o seguinte:

Sebastião Correia de Sá, foi feito 1.º visconde de S. Gil de Pérre, feito em 30 de outubro de 1824—1.º conde de Terêna, em 28 de setembro de 1835 — e por fim, marquez do mesmo titulo, nasceu a 20 de fevereiro de 1766. Casou, a 3 de agosto de 1791, com D. Francisca Jacome do Lago Bezêrra, filha e herdeira de Balthazar Jácome do Lago Bezêrra, senhor do couto de Paredes e das casas solares de S. Gil de Pérre e da Torre do Paço, na freguezia de Santa Maria do Geraz.

O 1.º marquez de Terêna, morreu a 4 de junho de 1849.

Deixou uma avultada riqueza em propriedades, na provincia do Minho e Douro, da qual foram herdeiros, seus netos — os senhores — conde de Bertiandos, official-mór da casa real, e par do reino—Antonio Emi-

[1] Este padre, que, pela sua pusilanimidade, foi a causa da nossa escravidão de 60 annos, foi arcebispo de Lisboa, d'Evora e de Braga, cardeal, e por fim, rei.

lio Correia de Sá Brandão, juiz da relação de Lisboa — e D. Maria Francisca Brandão —seus bisnetos—o conde de S. Miguel, official-mór da casa real e nosso encarregado de negocios na Suissa — Francisco Brandão de Mello, — José Guedes Brandão de Mello, 1.º tenente de artilheria n.º 1 — e, D. Eugenia Maria Anna Correia de Sa Brandão de Mello, 4.ª viscondessa de S. Gil Pérre, 4.ª condessa é 3.ª marqueza de Terêna, e 1.ª marqueza de Monfalim, dama da sr.ª D. Maria Pia, e hoje representante d'esta esclarecida familia.

TEREZINHA, THEREZINHA, ou TEREJINHA — rio, Beira Baixa. É em Bouça-Cova, atravessado por uma bella ponte, do caminho de ferro da Beira. Vide *Bouça-Cóva.*

TERMO — Vide *Orjaes,* concelho da Covilhan.

TERRA — (o nosso planeta) — Acabam de publicar-se os resultados dos calculos feitos por dois sabios para determinar o mais exactamente possivel as dimensões da terra.

Segundo uns calculos, a extensão do eixo polar é de 12.712:136 metros, a do diametro equatorial minimo, que é situado a 103º 44′ a leste do meridiano de Paris, e de 12.752:701 metros, ao passo que o diametro equatorial maximo, situado á 13º 14′ de longitude de leste, mede 12.756:568 metros.

A superficie da terra tem 509 milhões 940:000 kilometros quadrados , o seu volume é de 1.082:860:000 kilometros cubicos. A circumferencia do globo é, no meridiano mais pequeno, de 40.000:998 metros e no meridiano maior de 40.069:903 metros.

Os oceanos e os gelos occupam 375 milhões 157:950 kilometros quadrados.

O numero total dos habitantes da terra é de 1.391:000:000, a saber : 300:530:000 na Europa, 71.800:000 na Asia, 203.300:000 na Africa, 84.542:000 na America, e 4.430:000 na Oceania.

Os sabios geographos que tiraram estes resultados, foram os professores allemães, Behum, e Wagner.

TERRA DA FEIRA—antigamente—**TERRA DE SANTA MARIA**—Deu-se o nome de *Terra de Santa Maria,* á vasta região comprehendida, desde o rio Ave, ao norte até ao rio Caima, ao sul — e, desde o rio Arda ao éste — á esquerda do Douro — e o rio Souza — tambem a éste, á direita do Douro, até ao mar (tanto ao sul, como ao norte d'este ultimo rio.)

Depois, ao territorio que fica ao norte do Douro, se denominou *Terra da Maia,* e comprehendia tudo o que fica entre a margem direita do Douro, e esquerda do Lima, de sul a norte — desde o rio Souza até ao mar, de leste a oeste.

Depois, se cincumscreveu este territorio, ao que está entre o rio Douro e Áve. (Vide *Villa do Conde.*)

Deu-se o nome de *Terra de Santa Maria* ao territorio que foi conquistado aos mouros, nos seculos X, e XI.

A Terra da Feira, comprehende 99 freguezias,[1] a saber — o concelho de Gaia 23, — o da Feira, 36 — o de Estarreja, 9 — o de Ovar, 6 — o de Oliveira d'Azemeis, 20 — e 5 freguezias do supprimido concelho de Fermedo, que passaram para o concelho de Arouca.

Este territorio termina — pelo N., com o rio Douro — pelo S., com o rio Caima — pelo E., com o rio Arda — e pelo O., com o mar.

Os concelhos da Feira, Estarreja, Ovar, e Oliveira d'Azemeis, são tambem comarcas — o de Gaia, pertence á comarca do Porto — e Arouca, é tambem cabeça de comarca.

TERRA CALVA—portuguez antigo—terra bravia, de tão má qualidade, que nem matto, carrascos ou silvas produzia.

TERRA CHAAM — portuguez antigo — aldeia, ou povoação pequena, que não era cabeça de couto ou concelho, nem era fortificada.

As povoações que tinham muros ou castellos, eram sempre fundadas em alguma

[1] Verdadeiramente, tem 107, mas 8 estão actualmente annexas a outras.

Todo este vasto territorio, mais extenso e povoado do que alguns dos nossos bispados, foi senhorio dos Pereiras, conde da Feira, e, em 1641, passou para a casa do infantado. Vide *Feira* e *Grijó.*

elevação; pelo que, dizendo-se *Terra chaam*, já se sabia que era povoação aberta e sem defeza.

TERRA DOS BRÊDOS — Vide *Barosa* de Leiria.

TERRA DOS PAGONS — portuguez antigo — a terra que ainda estava occupada por mouros, durante os reinados de D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Affonso II, Dom Sancho II, até D. Affonso III, que acabou de expulsar os mouros, do seu ultimo abrigo — o Algarve.

Ainda que os mouros já vivessem sujeitos aos reis de Portugal, e gozassem os privilegios que lhes concediam os *foraes de mouros fôrros*, ao territorio que occupavam se dava o nome de *Terra de Pagons*.

TERRA GALLEGA — portuguez antigo — terra de má qualidade, e que por isso, produzia poucos fructos, e pouco desenvolvidos. (Vide *Gallêgo*).

TERRADÓRO — portuguez antigo — Theodoro.

TERRAMOTOS — aldeia, Extremadura, extramuros da cidade de Lisboa, proximo e ao O. dos *Arcos das Aguas livres*, nas margens do ribeiro que vem ter á ponte e caneiro d'Alcantara.

Ha aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, vulgò — *Nossa Senhora dos Terramotos* — á qual se faz todos os annos, uma concorrida romaria.

Proximo ao logar dos Terramotos, ha uma excellente fabrica de chitas, do sr. Frick.

TERRAMOTOS — É um dos mais perigosos e destruidores flagellos da natureza. É produzido este phenomeno, por torrentes de metaes e outras materias em fusão, que correm subterraneamente. São menos terriveis quando teem *respiradoiros*, a que se dão nome de *volcões*, como os do *Vesuvio* e *Etna*, na Italia; o *Hecla*, na Islandia; os numerosos da America; e os das nossas ilhas dos Açores, cujo sólo é quasi totalmente volcanico.

Em Portugal, tambem houve volcões, e ha vestigios das suas crateras, em Cintra e outras partes, como temos visto pelo decurso d'esta obra. Segundo a tradição, no monte do Castello de S. Jorge, de Lisboa, existiu um grande volcão, em tempos remotissimos; e as aguas thermaes que d'alli proveem, são d'isso uma prova.

As mesmas causas que produzem os tremores de terra, são origem do grande numero de aguas medicinaes, que em tanta quantidade, e de tão variadas composições chymicas, se encontram espalhadas por todo o nosso reino, e pelos estrangeiros.

Hoje, felizmente, são menos destruidores e mais raros os terramotos em Portugal, provavelmente, porque os rios incandecentes, se vão esgotando, e correm a muito maior profundidade.

—

A duração dos terramotos é em geral curta; mas parece averiguado, que tanto mais rapido é o abalo, subterraneo, tanto maior é a sua devastação. No espaço de alguns segundos tem-se reduzido a um montão de ruinas vastas e populosas cidades, e succumbido centenares de victimas. Na Syria, nos tempos de Tiberio e Justiniano, mais de 2:000 pessoas morreram por effeito dos tremores de terra. Na Sicilia, em 1692, houve um terramoto que matou mais de 50:000 pessoas. O da Calabria em 1783, fez perecer mais de 60:000. O de Pirobamba em 1797 fez succumbir mais de 40:000. O de Lisboa em 1 de novembro de 1755, mais de 70:000 victimas, só dentro da capital.

Este terrivel phenomeno é mais frequente nas regiões volcanicas, nas ilhas, na beira mar, e nos paizes tropicaes. Um dos effeitos mais desastrosos dos terramotos é a abertura de fendas e escavações profundas, que umas vezes se conservam e outras se fecham immediatamente. D'estas fendas saem gazes, vapores, fumo, chammas, lama, agua, areia e pedras. No terramoto da Jamaica em 1692 abriu-se a terra em varios sitios de um modo tão insolito, que submergiu e se fechou sobre varias pessoas; mas reabrindo-se logo depois, tornou á lançal-as para fóra, no meio de jorros d'agua, que causaram grandes inundações. Outro effeito de grande destruição é a rapida elevação e descida das aguas do mar, como succedeu no de Lisboa, em que mais de 3:000 pes-

soas morreram afogadas nos caes do Tejo pela repentina elevação das aguas do mar.

Ha certos phenomenos precursores que annunciam os terramotos. Certos animaes, ao approximar-se este phenomeno, saem da terra espavoridos e fogem em todos os sentidos, taes são as cobras, ratos, lagartos, e outros. Os animaes domesticos tambem participam d'este terror, como são os porcos, cabras, e cães, que parece farejarem os tremores de terra. Em algumas cidades da America, os cães fogem aterrados para os campos, apenas presentem os primeiros signaes do movimento da terra.

—

Em Portugal, já ha noticia de um terramoto, no anno do mundo 3634 (370 antes de Christo) e, segundo a tradição, foi terrivel e devastador, em Lisboa, e na maior parte da Extremadura. Houve outro, no anno 377 antes de Jesus Christo; porém os mais conhecidos, tiveram logar nos annos de Jesus Christo — 1009, 1117, 1146, 1183, e 1290.

Em 22 de fevereiro de 1309, pouco antes de amanhecer, houve um espantoso tremor de terra, não só em Portugal, mas em toda a Europa.

Em 24 d'agosto de 1356, tremeu a cidade de Lisboa, por espaço de 15 minutos, sem interrupção. Cahiram muitos edificios e morreu muita gente.

Em quasi todo o anno de 1357, foram frequentes os tremores de terra, porém menos destruidores.

A 7 de janeiro de 1531, se começaram a sentir em Portugal, horriveis tremores de terra, obrigando quasi todos os habitantes das cidades e villas, a fugirem das casas, e hirem viver em barracas, no campo. Lisboa, foi a povoação que mais soffreu.

Para evitarmos repetições, vide no IV vol. pag. 367, col. 1.ª — 369, col. 1.ª — 378, col. 2.ª (em duas partes) 381, col. 1.ª (em duas partes) e pag. 390, col. 1.ª.

Alem d'estes, tem havido um grande numero de terramotos em Portugal, que não menciono, por terem menos duração, e serem pouco, ou nada desastrosos.

TERRANHO ou **TERRÊNHO** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 58 kilometros de Vizeu, 350 ao N. E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Produz milho, feijão, batatas e linho; do mais, pouco. É porém abundante de aguas, tanto do rio Téja, que passa por esta freguezia, como de varias nascentes, pelo que tem muitos prados, que sustentam bastantes gados.

Ha n'esta freguezia, um edificio brazonado, com optima cêrca, pertencente ao sr. Christovam de Sá Menezes, casado com uma filha do desembargador (conselheiro do supremo tribunal de justiça) Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar, de Sedovim.

É tambem aqui, a importante casa da familia Almeida, da qual é actual representante, o sr. Bernardo d'Almeida, casado com a sr. D. Maria Guilhermina de Sampaio e Mello, da nobre casa de Cidadêlhe.

Os srs. Azevedos, de Mezãofrio, teem tambem aqui, um nobre edificio antigo, brasonado, e uma boa quinta contigua.

—

Viveu alguns annos n'esta freguezia, e aqui foi assassinado, o famoso ladrão *José Chuço*, natural da proxima freguezia, da *Torre do Terranho* (vulgo *Torrinha*) e irmão de *Antonio Chuço*, outro ladrão ainda mais famoso. Eram filhos de outro *Chuço*, natural de Trancoso, um dos homens mais valentes d'estas terras, e tambem ladrão, pelo que, por duas vezes, foi degredado para as costas da Africa.

José Chuço, foi o terror d'esta freguezia, porque era um homem de forças herculeas, e estatura agigantada. Era ladrão tão descarado, que roubava mesmo de dia, casas, campos e viandantes; não se atrevendo ninguem — nem mesmo as auctoridades — a fazer-lhe a minima observação.

Foi aqui mandada, para o prender, uma escolta, do batalhão de melicias de Tranco-

so, que apenas viu o Chuço (á porta de uma amante) o fuzilou! (Diz-se que trazia ordem de assim proceder).

Ainda depois de morto, matou um homem! — Foi assim:

Conduzido em um carro de bois, para a egreja de Penedôno, que fica a 10 kilometros do Terranho, foi alli depositado. O sachristão, entrando na egreja, já de noite, tropeçou no cadaver, e teve tão grande susto, que morreu tres dias depois!

Passa aqui a antiga estrada militar, d'Almeida para Lamego e Porto. Está intransitavel.

TERRAS D'ALQUEIDÃO — Vastos terrenos, da Extremadura, no Riba Tejo, concelho de Azambuja, e que eram propriedade da camara municipal de Lisboa, que d'elles auferia valiosas rendas. Eram terras lavradias, e olivaes.

O governo, mandou vender tudo isto, em hasta publica, nos mezes de junho e julho, de 1877.

Para se fazer ideia do valor d'estas propriedades, dou uma relação dos compradores, e do preço porque as compraram — isto, só das arrematações de que pude obter esclarecimentos: talvez ainda hajam mais.

Compradores

1.º *Antonio José Marques Leal*, de Lisboa, quatro empostas	12:911$000
2.º *José Vicente da Costa*, de Salvaterra de Magos, quatro empostas	12:960$000
3.º *João Augusto Seabra*, a emposta n.º 2	2:767$500
4.º *Francisco José Teixeira Franco*, a emposta n.º 3	2:737$500
5.º *Pedro Gaspar*, a emposta n.º 4	2:793$000
6.º *Angelo Antonio Alves*, emposta n.º 5	2:790$500
7.º *Antonio José da Silva*, emposta n.º 6	3:256$000
8.º *O mesmo*, emposta n.º 7	3:269$000
9.º *O mesmo* emposta n.º 8	3:253$000
Somma	46:737$500
Transporte	46:736$500
10.º *O mesmo*, emposta n.º 9	3:248$000
11.º *Antonio José Marques Leal* emposta n.º 13	3:232$000
As empostas n.ºs 10, 11, e 12, foram arrematadas por	9:718$500
Somma	62:916$000

Note-se que tudo isto foi á praça em *3.ª fórma* — isto é — com abatimento de *duas quintas partes, do preço da avaliação*, que foi de 104:910$000 réis!

—

Alqueidão, é a palavra arabe, *alquidam* — significa *passos*, ou *passadas*. D'aqui vem o nome de *Alqueidão*, que se dá a 29 logares — quasi todos na Extremadura.

Significa propriamente — *terra medida a passos*.

Alquiar, portuguez antigo — e que depois, se disse *alquilar* — era synonimo de *ateigar, dar de renda qualquer propriedade, movel* ou *immovel*, e *alugar animaes*. D'aqui, *alquilé* (hoje *alquilador*) o que aluga bestas.

Alquidar, significava — *dar de renda uma terra, medida*; por isso se dava o nome de *alquidão*, á propriedade que seu dono não cultivava, mas trazia sempre de renda.

Emposta é o mesmo que *leira* — tira de terra que fica entre outras.

TERRAS DE BARROSO — Era o antigo nome do actual concelho de Montalegre, em Traz os Montes.

Ao que disse no 5.º vol., pag. 439, col. 1.ª e seguintes, com respeito a este territorio, só accrescento o seguinte —

Pelo N., confina com a Galliza — pello E., com o concelho de Chaves — e pelo S. e O. com a provincia do Minho.

A sua maior largura, principiando de E. para O., ao meio da serra do Pindo, é de 40 kilometros — e de comprimento, principiando da serra da Toninha, de N. a S., 45 kilometros.

É atravessado todo este paiz, pelas altas montanhas de *S. Domingos de Mórgaide*, e pela das *Alturas*, que, formando successivos escalões, vão descendo, pelo lado do O., até Ruivães e faldas da serra do Gerez — e

pelo E., até aos ferteis campos de Chaves, e até ao concelho da Ribeira de Pena.

Nascem aqui varias ribeiras, que regam e fertilisam muitas terras, e dão origem a alguns rios, sendo o principal, o *Cávado*, e depois o *Béça*, e o *Térva*.

Para tudo mais que diz respeito ás *Terras de Barroso*, vide *Montalegre*.

TERRAS DE BOURO — Minho, denominação legal de um concelho, pertencente á comarca de Villa-Verde, no arcebispado e districto administrativo de Braga.

É composto de 17 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são — Balança, Brufe, Campo do Gerez, Carvalheira, Cibões, Chamoim, Covide, Chorence, Gondoriz, Moimenta, Monte, Ribeira, Rio-Caldo, Souto, Valdozende, Villar (Santa Marinha) Villar (Santo Antonio). Todas com 1:800 fogos.

A séde d'este concelho, é na povoação de Chamoim.

Hoje, pela nova divisão judicial, é cabeça de um julgado.

Este concelho, é limitado ao N. e N. E., pela Galliza (provincia d'Orense) ficando de permeio a serra do Gerez — a E. e S. E., pelo concelho de Vieira, correndo entre ambos os concelhos o rio Cávado — a S. e S. O., pelos concelhos de Amares, e Villa-Verde — a O. e N. O., pelo concelho da Barca, separado d'este pela cordilheira da Serra Amarella.

É cortado, em todo o seu comprimento, pelo rio Homem, na direcção de N. E. a S. O.

Este concelho, era antigamente mais pequeno — As freguezias da margem direita do Homem, constituiam o pequeno concelho de Villa Garcia — e as da margem do Cávado, pertenciam ao extincto concelho de Santa Martha de Bouro.

O territorio d'este concelho, é fertil em cereaes, e vinho verde (sendo de excellente qualidade o de Rio-Caldo) muita e optima laranja, e fructas de varias qualidades. Cria muito gado de differentes especies; e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Tem mercado em Covas, duas vezes no mez (a 7 e 23).

Pertencem a este concelho (na freguezia de Villar de Veiga) as afamadas aguas thermaes do Gerez (hoje pouco concorridas, por falta de vias de communicação, e porque não ha alli as necessarias commodidades).

Fica de 15 a 20 kilometros ao N. de Braga.

Ha aqui uma falta absoluta de estradas do systema moderno. Existem apenas caminhos cheios de pedragulhos, barrancos e precipicios; pelo que as Terras de Bouro não são frequentadas por individuos de outras paragens, de modo que em Portugal, só se sabe da existencia d'este concelho — pelos mappas.

Entra n'este concelho, pela freguezia da Balança, a famosa estrada romana da *Geira* (vide essa palavra) e passa para a Galliza pela freguezia do Campo do Gerez. Ainda ao longo do sitio que foi leito d'esta estrada, e n'outros logares, existem muitos marcos milliares — apezar da guerra estupida que se tem feito a estes padrões venerandos. Tambem ainda existem alguns lanços de calçada, e restos de pontes, como temos visto no decurso d'esta obra. Ha aqui um logar — a que o povo chama *cidade de Calcedonia*, onde hoje apenas se veem os restos de uma pequena fortaleza, obra dos romanos, ou dos antigos lusitanos.

O povo d'estas terras, é muito dedicado á independencia da sua patria, e nas innumeras guerras que temos tido com Castella, sempre esta gente — como a de Suajo — tem prestado relevantes serviços a Portugal, e combatido corajosamente contra os gallegos, apezar de visinhos [1].

A egreja matriz da freguezia da Balança é a melhor do concelho. Está em um sitio pittoresco, dominando as margens do Homem, e sobranceira ás formosas varzeas do Vau. Foi construida por um abbade d'ella, filho da nobre casa de Matheus, de Villa Real de Traz os Montes.

Ha aqui povoações muito antigas — citarei apenas as que pelos seus nomes provam mais antiguidade —

[1] Tenho notado que o odio aos castelhanos, é ainda mais pronunciado nos portuguezes da raia, do que nos do interior do paiz. Conhecem os melhor.

Gondoriz — é nome patronimico de Gondorico — e todos sabem que Gondorik, foi rei dos suevos, e um dos que invadiu a Lusitania em 409. Foi provavelmente algum filho ou descendente d'este soberano, o fundador de Gondoriz. Todos sabem tambem que o reino dos suevos comprehendia quasi toda a actual provincia do Minho, tendo Braga por capital.

N'esta mesma freguezia de Gondoriz, e sobre a margem do Homem, ha a aldeia de *Gardinhe*, corrupção de *gardingo*, e é muito provavel que um *Gondoriz*, que occupasse o alto emprego de *gardingo*, fosse o seu fundador, ou lhe desse o nome. (Vide *Gardingo*).

É certo que houve aqui, em tempos antigos, uma torre, solar de uma nobre familia. Hoje é um casal, ainda chamado *Torre de Gardinhe*.

—

A pouca distancia da povoação do Campo de Gerez, sobre o caminho publico, está a *Quinta do Abbade*, que pertence ao parocho. Foi outr'ora uma formosa vivenda, mas hoje está muito descurada. Apenas produz milho, centeio, muita fructa — sobre tudo, ginjas e cerejas.

Dá entrada para esta quinta, um antigo portão de cantaria, encimado por um escudo d'armas, coberto por um chapeu cardinalicio, e ladeado de pyramides e outros adornos de pedra.

Diz-se que esta quinta pertenceu ao arcebispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e Noronha, um dos conspiradores contra a vida de D. João IV, e contra a nossa independencia. (Vide *Lisboa*, no anno de 1641). O que é certo, e dá probabilidade a esta tradição, é que o brazão foi picado, e ainda assim está.

Dentro do portão e no fim de uma alameda, ergue-se um edificio acastellado, de boa cantaria. Sobre a padieira ou verga de uma das portas, tem a seguinte inscripção:

SILVA FUI, LABOR ME POMARIUM FECIT.

(*Fui selva, e o trabalho me fez pomar*)

O sitio d'esta quinta, é um dos mais bellos d'estes contornos.

Todas estas antigas grandezas, hoje apenas teem valor archeologico; porque o seu rendimento é insignificante.

—

Consta que a primittiva egreja matriz d'esta freguezia do Campo do Gerez, foi dos templarios, cujas insignias estavam gravadas nas paredes. Debaixo da terra — quando se demoliu a egreja velha, pelos annos de 1700 — se acharam varias pedras lavradas e tumulos magnificos, onde jaziam os cadaveres dos cavalleiros do Templo. Eram todos adornados de primorosos lavores.

Tambem, perto da egreja velha, se tem achado pedaços de columnas e cippos romanos e pavimentos, de grandes e durissimos tijolos.

Na casa de um lavrador d'aqui, existiu em uma pedra, o resto de uma inscripção latina. Só se podia ler isto:

O.....
P. C.....T. Q.
VAL.....O
CONSTANT.....
R.....F
INV.....TO

—

Tudo o mais que ha digno de nota, n'este concelho, vae nas respectivas freguezias.

TERRAS DO SEABRA ou **ENTRE-MUROS**, Extremadura, extra-muros e ao N. de Lisboa, proximo a Campolide, freguezia de S.. Sebastião da Pedreira, e tambem perto do aqueducto das Aguas Livres. É um sitio saudavel e donde se goza um formosissimo panorama.

É n'este sitio a famosissima *Penitemciaria*, de Lisboa, que tanto tem dado que fallar.

(Vide vol. 4.º, pag. 407, col. 1.ª)

TERREIRO — Vide *Sanguêdo* ou *Terreiro*.

TERREIROS — (Serra dos — Vide 6.º vol., pag. 517, col. 2.ª.

TERROSO ou **TARROSO** — freguezia, Douro, concelho e comarca da Póvoa de Varzim (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Villa do Conde) 30 kilometros ao O. de Braga, 36 ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias). Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga. D. Affonso IV lhe deu foral, em Estremoz, a 29 de julho de 1325. (*Livro de foraes antigos de leitura nóva*, fl. 153, col. 2.ª)

No foral se dá a esta freguezia o nome de *Tarroso*.

Deu o nome a esta freguezia, o *monte de Terroso*, que fica proximo á praia do mar.

Supponho que o antigo nome d'esta freguezia era *Maurgatanes*, pelo menos, nas faldas do monte de Terroso. havia uma *villa* assim chamada; o que consta por um documento existente no archivo da real collegiada de Guimarães. É o titulo de venda de uma propriedade, que *sob o monte Terroso, e na villa de Maurgatanes, junto á praia do mar*, possuia um individuo chamado *Aloito*, e a vendeu ao arcediago *Guido*, na era 1110, de Cesar (1072 de Jesus Christo).

Segundo a tradição, foi cidade, em tempos remotissimos, mas não se diz que nome tinha. Em vista de tal carta de venda, é que eu entendo que era *Maurgatanes*.

Esta cidade ainda existia (mas com o nome de *Terroso*) no tempo do conde D. Henrique; pois, a 20 de julho de 1106, D. Guterres Soares fez uma doação á sé de Braga — sendo arcebispo S. Geraldo — *da sua quinta, no logar de Martaganes* (corrupção de *Maurgatanes*) *proximo á cidade de Terroso*.

Sobre a origem da palavra *Maurgatanes* ou *Martaganes*, ha varias opiniões — Dizem uns, que vem de *Mauregato Annes*, nome proprio d'homem, talvez senhor d'este logar — outros, porém, suppõem que seja derivado de *Martha Agnez*. É melhor.

Na doação de D. Guterres Soares, dá-se-lhe o nome de *Martaganes* — mas na venda que fez o tal *Aloito*, 34 annos antes, se chama *Maurgatanes*.

A doação acha-se no archivo da Sé de Braga.

Foi commenda da ordem de Christo.

É terra fertil — sobre tudo em alhos e cebolas — e abundante de peixe do mar.

TERROSO — freguezia, Traz os Montes, na comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 37 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Não acho esta freguezia nos mappas modernos.

TERRUGEM — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao N. O. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1768, tinha 250.

Orago, S. João Degolado.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

As rainhas apresentavam o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil.

TERRUGEM — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, bispado e 12 kilómetros d'Elvas, 150 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 106.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 250 alqueires de trigo, e 70 de cevada, de renda por anno.

É terra fertilissima, principalmente em cereaes e azeite.

TERRUGEM — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e proximo a Oeiras, sobre a direita do Tejo, e em frente da Trafaria, e da Torre do Bugio.

Fica tambem proximo ás bonitas povoações de Paço d'Arcos, e Pragal, e do forte de Geribíta.

—

No dia 25 de junho de 1738, morreu em Terrugem, Maria da Silva, natural da freguezia de Barcarena, concelho d'Oeiras (antigo concelho de Bellas). Tinha nascido em 1618, e, portanto, viveu nada menos de 120 annos!

Foi casada duas vezes, e deixou 6 filhos

(já muito velhos) e varios netos, bisnetos e terceiros netos.

Conheceu sete reinados — os dos Philippes, II, III e IV — o de D. João IV — o de D. Affonso VI — o de D. Pedro II — e o de D. João V.

TÉRVA — rio — Vide *Terras de Barroso.*

TESO ou **TEZO** — aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, comarca e concelho d'Oltveira d'Azemeis.

Aqui nasceu, pelos annos de 1840, *Antonio Soares da Silva*, filho de lavradores pouco remediados. Foi muito novo para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao commercio. Regressando a Portugal, para ver se com os ares patrios dava alivio aos seus padecimentos, morreu em casa de seus paes, no mez d'abril de 1878.

Os seus haveres montavam a 300 contos. Como tinha seus paes ainda vivos (e ainda não morreram até agora — agosto de 1881) só dispoz do seu terço, na fórma seguinte:

10:000$000 réis, para melhoramentos da sua freguezia.

5:000$000 réis, para obras e alfaias da mesma.

2:000$000 réis, para escolas publicas, da mesma.

3:000$000 réis, para serem distribuidos pelos pobres, de Cucujães.

4:000$000 réis, á sociedade portugueza de beneficencia, do Rio de Janeiro.

6:000$000 réis, a cada uma das suas quatro irmãs, Maria, Margarida e Miquelina (casadas) e Anna, solteira.

Deixou ainda outros legados de menos importancia.

Alem dos 6 contos de réis que deixou a cada uma das suas irmans, já lhes havia dado bons dotes, para o seu casamento.

TESTEMOIO — portuguez antigo — publica-forma.

TEUDIL-ANNES — vide *Turiz*, concelho de Villa Verde.

TEÜDO — portuguez antigo — obrigado, constrangido.

TEYO ou **TEIO** — portuguez antigo — tio. Ainda hoje em algumas terras do norte (mesmo pessoas instruidas) em logar de *io*, pronunciam *êio* — e *íu*, dizem *êu* — v. gr. *tio*, *têio* — *rio*, *rêio* — *Josésinho*, *Josésênho* — *viu*, *vêu* — *fugiu*, *fugéu*, *etc.*

THAIDE ou **TAHIDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 18 kilometros a N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta parochia.

É n'esta freguezia o famoso sanctuario da *Senhora do Porto d'Ave.* (7.º vol. pag. 555, col. 1.ª).

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado. Caça e pesca, do rio Ave, que passa n'esta freguezia.

THEATROS — O primeiro theatro de pedra, foi construido por Pompeo no anno 699 de Roma, 50 annos antes do nascimento de Christo.

Havia 200 annos que as comedias eram conhecidas, mas não se representavam em edificios feitos expressamente para esse fim, porém n'um logar em que o palco do theatro era franco aos admiradores; geralmente praças publicas.

Plauto, o creador da comedia latina, já escrevia trez seculos antes da era christã, e Terencio, cujas comedias não eram menos estimadas, ainda que carecessem do estylo e elegancia das d'aquelle, nasceu 192 annos antes de Jesus Christo.

Augusto Marcello mandou edificar o segundo theatro no anno 743 de Roma, cuja inauguração teve logar no mesmo anno que a do terceiro edificado por Balbo.

O theatro de Pompeo podia conter 40:000 pessoas, sentadas commodamente.

Os de Marcello e de Balbo só tinham logar para 30:000; porém todos trez eram da maior magnificencia.

A affeição ao theatro entre os romanos chegou a ser tamanha, que em pouco tempo eram insufficientes os trez referridos, e foi indispensavel levantar grandes edificios de madeira para receber os *dilletanti* romanos.

Augusto era muito affeiçoado ao theatro, chegando até a escrever pantomimas. Foi

elle, segundo affirmam escriptos d'aquellas epochas, o inventor dos *jogos augustos*, e escreveu regulamentos para o theatro, fazendo-os rigorosamente cumprir. Entre os seus decretos merecem citar-se os seguintes:

«O publico poderá assobiar aos actores».

«Os actores não teem direito a mostrarem-se offendidos por este genero de demonstração».

Um actor que ameaçou com um dedo um espectador que o pateava, foi desterrado da Italia.

Em 1815, publicou Luiz Antonio d'Azevedo, um livro, intitulado — *Dissertação critico-philologico-historica, sobre o verdadeiro anno, manifestas causas e attendiveis circumstancias, da erecção do tablado e orchestra, do antigo theatro romano, descoberto na escavação da rua de S. Mamede, perto do castello d'esta cidade (Lisboa) com a intelligencia da sua inscripção em honra de Nero, e noticia instructiva de outras memorias ali achadas.*

Este theatro — o primeiro de que ha noticicia na Lusitania, tinha sido destruido e soterrado por um antiquissimo terramoto, e o de 1.º de Novembro de 1755 acabou de o destruir totalmente, sem d'elle deixar o minimo vestigio. Existiu no logar onde hoje são as escadinhas de S. Crispim, na rua Nova de S. Mamede, proximo e acima do palacio do *Correio-mór*, hoje dos marquezes de Penafiel.

Para os theatros antigos e modernos de Lisboa, vide IV vol., pag. 195 e seguintes.

THÉCLA ou **TÉCLA** — (Santa) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 24 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Santo Estevam de Bastuço, apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Santo Estevam de Bastuço (a que está annexa) estiveram muitos annos annexas á do Vimieiro — depois, foram annexadas á de S. João de Bastuço, — passado pouco tempo, tornaram a formar parochia independente (Santo Estevam e Santa Thécla) — Em 23 de maio de 1879 tornaram a annexar-se á de S. João — Em 30 de junho de 1881, tornaram a desannexar-se. Que contradança!...

É terra fertil. Gado e caça.

THÉCLA ou **TÉCLA** — (Santa) — (Vide *Basto — Santa Tecla*).

THEODO — nome proprio de homem — gôdo — *Theodoro, Theodorico, Theodomiro, Theodosio, Theofilo, Theodorêdo*, etc. são compostos do radical *Theodo*. (Vide 5.º vol., pag. 338, col. 1.ª)

THEOTONIO — (São) — (Vide *S. Theotonio*).

THERMAS — Therma, é uma palavra grega, que, ao pé da letra, significa — *agua quente* — quer o calor seja natural, quer artificial. Depois, deu-se o mesmo nome aos estabelecimentos em que se tomam toda a qualidade de banhos — quentes, frios, de chuva, de vapor, etc.

A mais explendida therma dos romanos, foi a que mandou construir o imperador Aggripa. A uma parte d'esta therma, e que ainda existe, se dá hoje o nome de *Pantheon*.

Durante o imperio de Augusto, e nos de seus successores, os romanos (á custa dos roubos que fizeram nos reinos conquistados) construiram sumptuosas thermas, não só em Roma, como nos paizes que dominavam.

Em Portugal construiram muitas thermas, em differentes povoações, como temos visto em muitos logares d'esta obra.

Os árabes destruiram muitas d'estas thermas, reconstruiram outras, que os vandalos, suevos e godos haviam destruido, e construiram outras de novo, porque mesmo o *Al-Koran* os obrigava a frequentes abluções.

Os leitores que desejarem saber circumstanciadamente tudo o que diz respeito a thermas, veja o — *Diccionaire des antiquités romaines et grecs*, por Antony Rich, traduzido do inglez, por mr. de M. Chéruel, inspector da academia imperial de Paris.

Edição de 1873, pag. 639.

—

Em Portugal, ha um grande numero de nascentes de aguas mineraes, muitas das quaes ainda estão por analysar devidamente. Vão todas descriptas nas localidades onde nascem, ou teem edificios proprios para o seu uso. Aqui darei das examinadas um rapido resumo.

Ha n'este reino, 108 nascentes d'aguas mineraes, sendo 72 sulphurosas, 8 salinas, 4 salinas muriaticas, 2 salinas cupriferas e arsenicaes, 3 alcalinas gazozas, 10 gazozas e 8 indeterminadas. Ficam estas nascentes, 17 no Minho, 13 em Traz-os Montes, 35 na Beira, 26 na Extremadura, 16 no Alemtejo, 2 no Algarve.

As aguas de temperatura mais elevada são as de S. Pedro do Sul 69°, de Vizella 66°, do Gerez 63°, de Aregos 60°, de Chaves 56°.

A lista é a seguinte:

Minho: Aguas Santas, S. Miguel de Ave, Barreiro (ao N. de Santo Thyrso), Braga (Crespos), Caldas, Caldellas, Canavezes, Entre Rios, Gerez, Guimarães, Lijó (Mosqueiro) Monsão, Padreiro, Taipas, Torre (S. Pedro), e Vizella (Mourisco, Loureira, Medico).

Traz-os-Montes: Carlão, Chaves, Favaios, Laguaça, Loureiro, Murça, Pedras Salgadas, Pombal de Anciães, Ponte de Cavez, Rêde, Vidago, e Villarelho.

Beira: Alcafache, Aldeia Nova, Almeida, Almofalla, Alpedrinha, Aregos, Bicanho, Bussaco, Carvalhal, Condeixa, Felgueiras, Freixialinho, Grajal, Lagiosa, Linhares, Longreiva, Luso, Manteigas, Monfortinho, Penamacor, Pinhel, Pranto, Ranhados, Rapoula, Ribeira de Boi, Santa Combadão, S. Gemil, S. Jorge, S. Pedro do Sul, S. Romão, Treixedo, Unhaes da Serra, Verride, Villa da Rainha, Zebras.

Extremadura: Alhandra, Arrabida, Belver, Brancas, Caldas da Rainha, Idem Aguas Santas, Cascaes, (Estoril, Poça, Santo Antonio do Estoril) Cucos, Gayeiras, Leiria, Lisboa, (Arsenal da Marinha, Alcaçarias do Duque, Alcaçarias de D. Clara, Chafariz d'El-Rei, Banhos do Doutor, Chafariz de Andaluz), Maiorca, Monte Real, Obidos, Rio Real, São Mamede, Torres Vedras, Vallle de Flores, Vimeiro.

Alemtejo: Aljustrel (Interior da ermida de S. João do Deserto, e Exterior), Arez, Cabeço de Vide, Fedegoza, Gafete, Gavião, Maria Viegas, Mertola, Monte de Pedra, Ouguella, Portalegre, Ribeira de Vide, Souzel, Toloza e Vimieiro.

Algarve: Monchique, Tavira.

—

Podem calcular-se em outras tantas — pelo menos — as aguas medicinaes que não vão n'este resumo, por não estarem competentemente examinadas, e ignora-se a sua applicação therapeutica.

THO ou **TO** — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 300 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 90.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra pobre e pouco fertil. Gado e caça.

THOMAR — A freguezia de *Santa Maria do Olival* — ou *dos Olivaes* — hoje a unica da cidade de Thomar — já fica descripta sob o nome de *Olival*, no 6.º vol., a pag. 249, col. 2.ª, e para lá remetto o leitor.

THOMAR — cidade, Extremadura, cabeça do concelho e da comarca (de 3.ª classe) do seu nome, 115 kilometros ao N. de Lisboa, (mas pelo caminho de ferro, 121). Districto judicial da Relação de Lisboa, e da 1.ª divisão militar. Tem uma só freguezia — *Santa Maria do Olival*, que é a antecedente curada por dois parochos, 1:100 fogos.

Em 1768, tinha 953.

Pertenceu á prelazia de Thomar, *nullius dioecesis*, desde 1834, annexa ao patriarchado.

Districto administrativo de Santarem.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens, apresentava o vigario da parochia de Nossa Senhora da Assumpção (vulgo, *Nossa Senhora do Olival*, ou dos *Olivaes*) que tinha de rendimento annual, 200$000 réis —

Pertencem a esta egreja os habitantes dos suburbios da cidade, e os que residem espalhados pelos *montes* (casaes).

A outra secção d'esta freguezia, tem a egreja de S. João Baptista, e um cura, com 200$000 réis de rendimento, e da mesma apresentação, pois tudo era commenda da ordem do Christo.

—

O concelho de Thomar, é composto de 13 freguezias — sendo 11 da prelazia — Alviobeira, Beberriqueira, Bezelga, Carregueiros, Casaes, Cem Soldos, Junceira, Olalhas, Sabacheira, Serra, e Thomar — e mesmo do patriarchado, duas — Asseiceira, e Payalvo. Todas com 5:980 fogos.

A sua comarca é composta dos concelhos de Ferreira do Zêzere, Thomar, e Villa Nova de Ourem, todos com 12:930 fogos.

Segundo a nova divisão judicial, tem quatro julgados — *Asseiceira, Ferreira do Zêzere, Olalhas, e Thomar.*

A estação do caminho de ferro do norte, chamada de Thomar, é na povoação de Payalvo, que fica a 3 kilometros da cidade. É a 18.ª desde Lisboa, e a 1.ª desde o *Entroncamento.*

Tem estação telegraphica.

O seu primeiro foral lhe foi dado pelos templarios, e o seu original se encontra no *Livro de foraes velhos de leitura nova*, fl. 89, vs, col. 2.ª [1].

O rei D. Manuel, lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de maio de 1510. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, ff. 38, col. 2.ª).

Foi elevada á cathegoria de cidade, em 1843.

Tinha assento em côrtes, no banco 4.º.

O seu brazão d'armas, é — escudo coroado, e, em campo de prata, a cruz, de púrpura, da ordem de Christo; mas as suas antigas armas (até 1319, e que é ainda o sinete da camara) eram — escudo redondo, dividido por uma cruz, em quatro quarteis — no 1.º, á direita, Britaldo, com vestido roçagante, e uma insignia na mão (como bastão ou septro) — no 2.º, Banão (o soldado que degolou Santa Irene) com o braço direito levantado, e a mão armada de um punhal, em acção de ferir, e proximo a uma arvore — no 3.º quartel, uma torre, ou castello, da sua côr — e no 4.º, a santa virgem degolada, e cahindo no rio Nabão. Na orla do escudo, tem uma legenda, em letra gothica, que diz:

SIGILIUM CONCILY TOMERY ORDINIS MILITIAE CHRISTI

(A orthographia não é lá das mais escorreitas, mas torna-se digna do nosso respeito, pela sua antiguidade.)

Em 19 de abril de 1581, o usurpador Philippe II, de Castella, mandou convocar côrtes em Lisboa, para n'ellas ser reconhecido rei de Portugal; mas, como então na capital grassava uma terrivel peste, foram transferidas para Thomar. N'ellas jurou D. Philippe, por si e seus descendentes, cumprir e guardar todos os nossos antigos foros, honras e regalias; mas, tanto elle, como seu filho e neto (os trez Philippes, de ascorosa memoria) faltaram cynicamente aos seus juramentos. (Vide vol. 2.º, pag. 397, col. 2.ª).

—

Philippe II, veio assistir a estas côrtes, com os principaes fidalgos de Castella, e com muitos dos fidalgos traidores de Portugal; e aqui se demorou bastantes dias, depois da sua acclamação, tratando dos negocios da ordem, de que se intitulou grão-mestre.

Tambem D. Philippe III, seu filho, em 1619, aqui esteve, e presidiu a um capitulo geral da ordem. Foi este soberano que mandou construir no mosteiro de Christo o sumptuoso claustro, chamado *dos Philippes*, e o aqueducto que traz a agua para o mesmo edificio.

—

D. João IV, tambem mandou convocar côrtes em Thomar, no anno de 1653; mas depois, decidiu fazerem-se em Lisboa. Foram as nonagesimas segundas de Portugal.

[1] D. Gualdim Paes, mestre dos templarios, lhe deu foral por trez vezes — o 1.º, em 1147 — 2.º, em 1162 — o 3.º, em 1174.

—

A antiga estrada de Lisboa para o Porto, por Santarem, passava a Thomar, e fazia desenvolver a sua industria e commercio; porém, a estrada (chamada *nova*) mandada fazer com grande luxo, por D. Maria I, seguiu uma direcção differente, hindo mais ao oeste, e passando por Leiria, o que prejudicou muito o desenvolvimento de Thomar.

—

Os *barbaros do norte*, e depois d'elles os mouros, causaram grandes desgraças a esta povoação; mas as hordas truculentas que o monstro corso vomitou na nossa Peninsula, tambem concorreram poderosamente para a decadencia de Thomar; principalmente os salteadores de Massena, que entraram aqui em outubro de 1810; e, tanto na sua marcha para as famosas *Linhas de Lisboa*, como na sua retirada d'ellas, commetteram grandes devastações nos edificios, principalmente no convento de Christo, onde destruiram muitas preciosidades artisticas, e importantissimos documentos historicos.

—

O systema protector das pautas, decretado em 1836, deu notavel impulso á industria fabril d'esta terra, que ampliou e estabeleceu de novo, fábricas de seda, de chapeus, de papel, de cortumes, de fiação e tecidos d'algodão e outras.

O caminho de ferro do norte e leste, ainda que não tem dado tão prosperos resultados a Thomar, como todos aqui esperavam, mesmo assim, tem influido bastante para o seu desenvolvimento e prosperidade.

—

A egreja de Santa Maria do Olival, de que já tratei na palavra *Olival*, é de trez naves, e um bom templo, mas está muito mais baixo do que o sólo, de maneira que é preciso descer 17 degraus, para chegar ao seu pavimento.

—

Nas palavras *Nabancia* e *Olival* (*Nossa Senhora do*) já tratei de muita cousa pertencente a esta cidade — aqui só tenho a accrescentar:

Está formosamente situada, perto das ruinas da antiga Nabancia, e nas margens do rio Nabão (sobre o qual tem duas boas pontes, para serviço dos transeuntes) em fertil e deliciosa planicie, 15 kilometros ao N. do Tejo. É uma das mais lindas e historicas cidades de Portugal; mas tambem uma das mais pequenas.

Tem alguns edificios de nobre architectura, sendo os mais notaveis, a egreja de São João Baptista, da qual adiante trato, e o magestoso mosteiro de freires de Christo, fundado sobre uma eminencia, ao O. N. O. da cidade.

Os seus arrabaldes são muito aprazíveis, e ferteis em cereaes, castanhas, azeite, vinho, fructas e outros generos. As margens do rio, são orladas de hortas e pomares; as collinas, sempre verdes, são povoadas de aldeias, ermidas, e frondosos arvoredos.

Thomar, está sendo actualmente uma das povoações de mais vida e movimento commercial d'este reino, e servindo de escala ao commercio da Beira-Baixa, Extremadura e Alemtejo.

O rio Nabão corre ao E., e ao O. N. O. se ergue o monte do castello, estendendo-se do sul para o norte, mais ou menos ondulado, descrevendo um semicirculo em volta da cidade, terminando ambas as suas extremidades junto ao rio, ondem deixam uma passagem estreita, para a estrada real, de Lisboa ao Porto e provincias do norte.

—

A fundação de Thomar, data do principio da nossa monarchia.

Quando D. Affonso Henriques sahíu de Coimbra, resolvido, em maio de 1147, a tirar Santarem do poder dos mouros, ou morrer na empreza, fez voto ao Omnipotente, de dar todos os direitos ecclesiasticos d'esta praça (se a resgatasse) aos cavalleiros do Templo, em premio dos seus serviços ao christianismo, na Europa e na Asia. Tomada Santarem, o rei cumpriu a promessa, dando logo o dito senhorio, ao famoso Dom Gualdim Paes e aos seus cavalleiros, que muito haviam concorrido para esta brilhante victoria.

D. Gilberto, 1.º bispo de Lisboa, oppoz-se a esta doação, o que deu causa a uma demanda, que durou 11 annos, até que, em 1158, os templarios desistiram da doação, e o rei lhes deu em troca, o castello e territorio de Céra, que comprehendia o assento e ruinas da antiga Nabancia. (Para evitarmos repetições, vide *Céras*, *Nabancia*, e no 8.º vol., a 1.ª col. de pag. 473).

D. Gualdim Paes, e os seus freires, residiam no castello de Céra, que haviam reedificado e ampliado; mas, sendo pouco defensivel, pela sua posição topographica, construiram outro sobre um monte, ao O. do Nabão, principiando as obras, no 1.º de março de 1198 (da era de Cesar, que vinha a ser — 17 de fevereiro do anno de Jesus Christo, 1160). Concluidas as obras, os seus fundadores abandonaram o antigo castello, vindo habitar para o novo.

Junto á aldeia, antigamente chamada *Céra* e hoje *Céras*, 12 kilometros ao N. de Thomar, ainda existem vestigios da velha fortaleza dos templarios.

O monte onde construiram o novo castello, está sobre a margem direita do rio, e domina uma vasta planicie. Dentro da fortaleza, e embutida na muralha, estava uma lapide, que agora se vê ao lado da porta principal do convento de Christo, e tem esta inscripção —

ERA 1198. REGNANTE ALFONSO
ILLUSTRISSIMO REGE PORTUGALIS,
MAGISTER GALDINUS PORTUGALEN=
SIUM MILITUM TEMPLI, CUM
FRATRIBUS SUIS, PRIMO DIE MAR=
CI CEPIT EDIFICARE HOC CASTELLUM
NOMINE THOMAR. QUOD PREFATUS
REX OBTULIT DEO ET MILITIBUS
TEMPLI.

Perto d'este castello, mas do outro lado do rio, existiam as ruinas de um mosteiro, que fôra de monges benedictinos, e que os mouros destruiram, quando em 715 arrazaram a velha cidade de Nabancia. D. Gualdim Paes reconstruiu a egreja d'este mosteiro (Santa Maria do Olival), e a fez cabeça da ordem do Templo. (6.º vol., pag. 250, col. 1.ª e seguintes).

—

Foi o mesmo D. Gualdim, que deu principio á povoação, na baixa do monte, dando-lhe o nome que os árabes tinham imposto ao rio Nabão — *Tamarmá* — mas que os portuguezes escreveram e pronunciaram *Thomar* [1].

Ao abrigo do forte castello dos templarios, em vista dos muitos privilegios que elles concederam a quem viesse habitar este logar, e da sua fertil e formosa situação, em breve se tornou a aldeia de Thomar uma florescente villa; de maneira que, em 1190, já era muito rica e populosa.

N'esse anno, o imperador de Marrocos, Aben-Juseph, 3.º rei dos almuhades, e filho de Abd-el-Rahman, querendo vingar-se da derrota que os mouros tinham soffrido em Santarem, seis annos antes, e da morte de seu irmão, Juseph-Ben-Jacoub, n'esta frustrada empreza (vide n'este vol., pag. 374, col. 1.ª. e nota) reuniu um formidavel exercito, e entrando em Portugal, assolou o Algarve, Alemtejo e Extremadura, e veio pôr cerco ao castello de Thomar, a 25 de julho d'esse anno de 1190.

Os habitantes da povoação fugiram para o castello, com o que poderam salvar de valor.

Os mouros, depois de saquearem a villa, a arrazaram.

Depois de seis dias de vigorosos ataques ao castello, sendo sempre repellidos com grandes perdas, e desenganados de que o não podiam conquistar, retiraram-se, saqueando e arrazando todas as povoações por onde passaram, e levando para a Africa 13:000 captivos, de ambos os sexos. (No castello, ha uma inscripção, memorando este cêrco).

D. Gualdim, tratou logo de reparar o castello, tornando-o ainda mais forte, e de reconstruir a povoação, que nunca mais foi atacada pelos inimigos da Cruz.

—

Na palavra *Templarios*, vimos a maneira

[1] *Tamarmá*, é palavra árabe — significa *água-tamara*, isto é — agua que tem o gosto de tamara — agua doce. (Vide *Atamarma*.)

porque esta ordem foi supprimida em Portugal, e substituida pela de Christo. Esta, estabeleceu a sua capital na villa algarvia de Castro-Marim, que ficava mais proxima dos mouros andaluzes e granadinos; porém, em 1356, D. Pedro I, mudou a séde da nova ordem para Thomar, occupando o mosteiro que fôra dos Templarios, e que já o rei D. Diniz lhe havia dado (como tudo o mais da supprimida ordem) em 1319.

Os serviços dos cavalleiros de Christo, não foram inferiores aos dos templarios: aquelles, tendo por seu mestre o inclito infante D. Henrique (o de Sagres) filho de D. João I, não tendo que defender dos mouros em Portugal, os foram combater e vencer na Africa, tomando-lhes castellos, cidades, aldeias e campos; e em seguida, percorrendo os mares, nos deram as ilhas da Madeira e Porto Santo, e os archipelagos dos Açores e Cabo Verde; e, por fim, a costa oriental da Africa, e as vastissimas possessões que tivemos na Asia, do que ainda conservamos alguns restos.

D. Affonso V, D. João II e D. Manuel I, deram á ordem de Christo varios senhorios nas terras conquistadas ou descobertas, o que augmentou prodigiosamente a riqueza e poderio da ordem, que chegou a ser a mais opulenta da Europa.

A villa de Thomar participava, em grande parte, d'estas riquezas, o que muito a augmentou e fez prosperar.

O referido infante D. Henrique, muito gostava d'esta povoação, e n'ella residiu alguns annos. Desde então, a ordem, tendo por mestres filhos dos nossos reis, deu hospedagem a muitos dos soberanos portuguezes.

Succedeu no mestrado de Christo, ao infante D. Henrique, seu sobrinho, o infante D. Fernando, duque de Viseu, e filho do rei D. Duarte — a este, seu filho primogenito, o infeliz e ambicioso D. Diogo, tambem duque de Viseu, assassinado por seu primo e cunhado, D. João II. (Vide n'este vol., pag. 220, col. 1.ª e seguintes, até pag. 228) — A D. Diogo, succedeu seu irmão, D. Manuel, duque de Beja, e depois, rei. No seu tempo, as esquadras que sahiram de Portugal para todos os mares do globo, foram armadas e equipadas, quasi exclusivamente, á custa dos rendimentos da ordem de Christo.

D. Manuel, foi 27 annos rei de Portugal, e 37 mestre da ordem. Por muitas vezes esteve em Thomar, onde celebrou varios capitulos geraes, e mandou construir diversos edificios, muitos dos quaes ainda existem.

A D. Manuel, succedeu — na corôa e no mestrado da ordem — seu filho, D. João III.

Este soberano, estando em Thomar, no anno de 1523, fez muitas reformas nas constituições dos freires de Christo, sendo a principal — transformal-os em *religiosos* de cogulla, e assim permaneceram até 1834. Esta reforma foi confirmada pelo papa Clemente VII.

Por essa occasião, mandou o rei fazer sumptuosas obras no edificio do mosteiro da ordem.

Foi tambem D. João III, que em 1551 solicitou e obteve, do papa Julio III, que os mestrados das trez ordens militares portuguezas (Christo, S. Thiago e Aviz) ficassem para sempre encorporadas na corôa.

—

As reformas de D. João III, despojaram o convento de Christo da sua antiga importancia e explendor de 204 annos; porque, não vivendo aqui os grão-mestres, e a *sua côrte* (porque, na verdade, os grão-mestres eram uns soberanos em ponto pequeno) a povoação foi em decadencia, que augmentou durante os 60 annos do ominoso dominio dos trez Philippes.

—

Em 1704, esteve aqui D. Pedro II, e o archiduque d'Austria, pretendente do throno hespanhol, depois imperador da Allemanha, sob o nome de Carlos VI.

Em 1714, tambem esteve em Thomar o rei D. João V, com seus irmãos, os infantes D. Antonio e D. Manuel, e grande numero de fidalgos da sua côrte.

—

Em cada extremidade da povoação ha um vasto campo ou planicie — o do sul, onde desemboca a estrada real de Lisboa, chama se *Varzea grande*, e o do norte, tem o

nome de *Varzea pequena*, e por ella se prolonga a estrada real, que vae para Coimbra, Porto, e provincia do Minho.

A *Varzea grande*, tem uns 2 kilometros de circumferencia, e é, na sua maior parte, cultivada, e o resto, tapetado de relva, sempre verde, e é sombreada por uma fresca alameda de frondoso arvoredo. É tambem adornada com um elegante cruseiro, de primorosa esculptura. É um monolitho, sobre degraus, com as armas de Portugal, e no seu fastigio, uma cruz sobre a esphera armilar, *empreza* (emblema) do rei D. Manuel, que mandou construir este bello monumento.

A *Varzea pequena*, é tambem muito aprasivel, e adornada com uma bella fonte.

Ambas estas varzeas, ficam na margem do rio.

—

Tem a cidade, duas ruas principaes, ambas de bastante comprimento, e cortadas por varias travessas — a melhor — *rua da Corredoura* — é larga, bem alinhada e guarnecida de bons predios; tendo de um lado, por horisonte, o castello — e pelo outro, o Nabão e a sua ponte magestosa.

A praça, posto não ser muito ampla, é bonita, e n'ella estão, a egreja de S. João Baptista, e os paços do concelho — dous edificios dos melhores da cidade, e ambos mandados construir pelo rei D. Manoel, grão-mestre da ordem de Christo.

Na fachada dos paços do concelho, estão as armas de Portugal, tendo de um lado a cruz de Christo; e do outro, esphera armilar.

A egreja de S. João Baptista, é um primor de architectura gothica — florida, como todas as obras que mandou fazer o *Rei venturoso*. Foi reparada em 1875, sendo a capella-mór completamente restaurada.

Está em frente da casa da camara, e como ella, tem no frontespicio as armas de Portugal, tendo de um lado a cruz da ordem de Christo, e do outro, a esphera armilar, emblema do rei D. Manoel. Foi elle que a mandou fazer, e elevou a collegiada, em 1520. Já alli havia uma ermida, dedicada a S. João Baptista, que se demoliu, para se construir a egreja actual.

Da egreja matriz de Santa Maria do Olival, já tratei no 6.º vol., a pag. 250, col. 1.ª — aqui só direi mais — É de trez naves, mas da sua fundação pelos templarios, apenas resta a fachada principal, tudo o mais foi substituido pelas reparações feitas pelos reis D. Manoel e seu filho D. João III.

—

A egreja e hospital da Misericordia, foram fundados pelo rei D. Manoel, em 1501, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça. Além d'estas egrejas, ha em Thomar e seus arrabaldes, mais 15 egrejas e ermidas, que não menciono por nada terem de notaveis.

—

É Thomar muito abundante d'agua, do rio e de varias fontes, o que a faz saudavel, fresca e abundantissima em cereaes, vinho, azeite, muita e excellente fructa de todas as qualidades, hortaliças, legumes, etc.

O rio Nabão a fornece de algum peixe, e da costa da Nazareth lhe vem peixe do mar, em abundancia, apezar de ficar a 80 kilometros de distancia, ao O.

—

Na margem opposta do Nabão, está o *Arrabalde de Santa Iria*, que é tambem um sitio delicioso.

A historica e veneranda egreja do extincto mosteiro de Santa Iria (6.º vol., pag. 7, col. 1.ª) foi vendida pelo governo portuguez, em junho de 1877, pela ridicula quantia de 305$000 réis, ao sr. José Maria Nepomuceno. O comprador é um distincto architecto. Deus queira que elle, conhecedor do valor historico e archeologico d'este monumento, o conserve, já que os nossos *illustrados e patrioticos* governos, teem declarado guerra de exterminio, a tantos monumentos venerandos, levantados pela fé e devoção dos nossos passados!

—

De *Santa Syla*, já fiz mensão, no 8.º vol., pag. 631, col. 1.ª

Minas

No concelho de Thomar, ha varias minas de differentes metaes e metaloides — Das

minas d' ouro, em *Bezelga*, já tratei a pag. 398, col. 1.ª, do 1.º volume.

Das famosas *sete minas d'ouro*, de Olalhas, já fallei no 6.º vol., pag. 219, col. 1.ª, no principio.

Em março de 1876, foram manifestadas na camara de Thomar, duas minas de ferro: e em junho de 1877, uma de cobre, e outra de manganez.

Ha no concelho varias minas de ferro e de outros metaes, que ainda não foram manifestadas.

Nenhuma d'ellas está em lavra.

Feiras

Ha em Thomar feiras annuaes, a 3 e a 17 de junho e a 20 de outubro. Esta, é a mais concorrida e interessante de todas. Faz-se na Varzea Grande, e chama-se a *feira de Santa Iria*. Principia a 19, e já n'este dia se faz grande commercio, em compras e vendas de fructas seccas, de varias qualidades. Costuma durar até ao dia 23. Ha n'esta feira, theatros-barracas, cosmoramas, panoramas, e saltimbancos de varias especies, etc.

Macrobios

Luiz Manuel Dias, soldado da 5.ª companhia de reformados, sentou praça no heroico regimento de infanteria n.º 11 (o que convencionou em Evora-Monte) em 1801, tendo 29 de edade, pois havia nascido em 1772. Foi ferido no assalto á praça de Badajoz, em 6 de abril de 1812. Tem hoje, (outubro de 1881) nada menos de 109 annos. Está em pleno uso das suas faculdades intellectuaes.

Francisca, é da aldeia de Valdônas: nasceu em 1765. Ainda em 1876 estava em seu perfeito juizo e tratava da sua vida. Se ainda fôr viva, tem a bagatella de 116 annos!

Viveu em sete reinados — os de — Dom José I, D. Maria I, D. João VI, D. Miguel I, D. Maria II, D. Pedro V, e D. Luiz I.

Theatro

Tem esta cidade um bom theatro, que foi elegantemente restaurado, em março de 1876. Foi a 25 d'este mez a recita de inauguração, por artistas de Lisboa.

Festa dos taboleiros

Faz-se em junho, e é concorridissima, não só pelos habitantes da cidade, mas tambem de varias terras circumferentes. O seu principal fim, é a caridade. Na procissão são levados por cento e tantas meninas, outros tantos *taboleiros*, cheios de pão, que é distribuido pelos pobres que se apresentam. Os taboleiros vão adornados com formosas toalhas de renda, flores e brilhantes laços de fitas de varias cores.

Temporaes, terramotos e enchentes.

Tem havido n'esta cidade e seu concelho, varios tremores de terra, como em todo o reino de Portugal, o que se poderá vêr na palavra *Terramotos*.

Tambem tem havido muitos temporaes, causando graves prejuizos aos proprietarios.

O rio Nabão tem crescido desmedidamente em muitas occasiões, causando tambem grandes perdas nos predios das suas margens. Para não fatigar o leitor com a extensa relação d'estas enchentes, apenas mencionarei as do inverno de 1876 para 1877, que foram as mais desastrosas de todas.

As continuadas chuvas torrenciaes, principiaram em novembro, e só findaram em janeiro, o que causou repetidas cheias do Nabão, cujas aguas, em sua furiosa corrente, destruiram casas e campos das suas margens. Na Asseiceira, Curvoseiras Grandes, Santa Syla, e Valle Florído, ficaram arruinadas a maior parte das casas, e muitos campos arrazados. As estradas soffreram mais ou menos, em todo o concelho, cujos prejuizos foram orçados em mais de 120 contos de réis.

Fabrica de papel, do Prado

Foi fundada por o sr. Henrique de Roure Pietra, de Thomar, que a vendeu, e terrenos adjacentes, em abril de 1875, por 140 contos de réis, a uns capitalistas da cidade do Porto.

Os seus novos proprietarios, teem dado a este estabelecimento industrial, um grande desenvolvimento, e é um dos principaes, do seu genero, em Portugal.

É movida a sua engrenagem pelas aguas do Nabão, mas nas estiagens é auxiliada por uma machina a vapor, e tem outra para córte do trapo.

O vendedor continuou a ser o director technico da fabrica, cujo emprego exerceu com sollicitude e intelligencia, até que, a seu pedido, foi substituido, em março de 1876, pelo sr. José Joaquim de Paula.

Produz 24 a 25 mil kilos de papel por anno, que, ainda assim, não chega para as requisições. As acções d'esta fabrica teem produzido 10 e 11 por cento de juro.

Os seus productos teem sido premiados em varias exposições industriaes.

Real fabrica de fiação, de Thomar

Esta fabrica deve a sua origem a Jacome Ratton, francez de origem. Foi no anno de 1788, sendo presidente do erario, o primeiro ministro o marquez de Ponte de Lima, que elle levou ao conhecimento do governo a idéa da edificação e pediu que este a realisasse por sua conta, afim de dar á nação tão proveitoso melhoramento, tirando á Inglaterra o exclusivo dos algodões, e ao contrabando os seus perniciosos resultados.

Os poderes do estado acolheram de bom grado a proposta, e o marquez auctorisou Ratton, em nome da rainha, para dar impulso rapido e proficuo á fabrica. O governo porém esqueceu-se da promessa. Jacome Ratton, tendo gasto já sommas consideraveis, associou se a Timotheo Lecussan Verdier. Ambos metteram hombros a esta gigantesca empreza e a realisaram conjunctamente.

A fabrica levou annos a fazer-se, mas Jacome Ratton, antes de começarem os trabalhos de fiação, separou-se de Verdier, que ficou na posse de todo o material, havendo os dois a esse tempo gasto muito acima de duzentos mil cruzados. Vêem-se ainda hoje o forno e o telheiro onde tiveram principio as obras.

Ratton era um homem votado de coração aos interesses de Portugal, e estava entre nós quando teve logar o terramoto, de que escapou e toda a sua familia milagrosamente.

É digna de ser lida a descripção que a tal respeito elle faz, nas suas memorias, e são importantes os detalhes que se encontram escriptos de seu proprio punho.

Jacome Ratton, naturalisou-se portuguez, e deu sempre sobejas provas de bom patriota; comtudo, foi preso e desterrado por jacobino! Triste desengano para quem se fia demasiadamente na popularidade [1].

Foi reconstruida em 1873, sendo seu principal fundador, o sr. Henrique Pereira Táveira, que instalou a companhia, para a compra da antiga fabrica que já aqui existia desde o fim do seculo XVIII, e que foi realisada, a 17 de julho, do dito anno de 1873.

Foi nomeado engenheiro, o sr. Charles Hargreaves, que procedeu logo aos respectivos alçados do antigo edificio da fabrica e ao levantamento da planta definitiva do novo.

A nova empreza, tomou conta da antiga fabrica, e de todos os seus utensilios e dependencias, logo a 20 do referido mez de julho, sendo nomeado administrador fabril, o accionista o sr. Simão José Pereira. Compraram-se novas machinas, a John Hetherrington & Sons, de Manchester.

Conheceu-se que era de grande vantagem substituir o systema de rodas hydraulicas, por uma turbina de força correspondente; comprou uma, de força de 150 cavallos, a Mac-Adam-Broters & C.º, de Belfast, com a condição de ser posta em Liverpool.

Em 20 de setembro de 1873, principiaram as obras de restauração, desmontando-se o velho machinismo, para ser vendido.

O novo edificio foi feito com a maior solidez e elegancia.

Para os *batedores* e *abridores* do algodão, foi construida uma casa especial, inteiramente nova, com todas as condições de iso-

[1] Os leitores que desejarem saber mais circumstanciadamente quem foi o distincto e emprehendedor industrial, Jacome Ratton, vejam no 1.º vol., pag. 343, col. 1.ª e 2.ª

lamento, e á prova de incendio, coberta de abobada de ferro e tijolo, apoiada em solidas columnas de ferro. Fórma parte da entrada geral da fabrica, o que lhe dá muita elegancia, e a abobada fórma um terraço que dá passagem para o armazem dos productos fabricados.

O escriptorio, e repartição fiscal da fabrica, fica ao *rez-de-chaussée*.

O mestre fiandeiro, foi o inglez Robert Hauk, que chegou á fabrica a 6 de agosto de 1874. Achando-se porém em terra de tão bom e tão barato vinho, logo n'esse dia tomou tal bebedeira, que foi preciso leval-o em braços para o quartel. (Era inglez!...) Nos dias seguintes, continuou a embebedar-se com a maxima regularidade, e a fazer toda a casta de desatinos. A direcção viu-se obrigada a reenvial-o para a Inglaterra.

Foi substituido por mr. John Mac-Queen, moço laborioso, de excellentes qualidades e muita experiencia.

Este estabelecimento fabril, está montado com a maxima solidez, e dirigido com a maior regularidade e intelligencia, empregando um grande numero de operarios, e sendo um elemento de prosperidade para a companhia, e para a cidade de Thomar.

Castelló

Como vimos, o castello de Thomar foi construido pelo commendador e depois mestre da ordem do Templo, D. Gualdim Paes, em 1160, sobre o monte que está ao O. da cidade, e no mesmo logar onde houvéra um mosteiro de monges benedictinos, no qual viveu o abbade Celio, tio de Santa Iria, e que os vandalos do 5.º seculo tinham destruido.

O castello ainda está de pé, e menos mal conservado, apezar dos seus 721 annos de existencia, com os seus torreões e baluartes, e com as suas duas cêrcas de muralhas, e encostado ao mosteiro, que foi cabeça da ordem do Templo, até 1311, e da de Christo, desde 1319, até 1834. O logar em que está a fortaleza, é um rochedo escarpado.

Dentro do castello, existem as ruinas de uma ermida, que primeiro foi de Santa Maria do Castello, e depois, de Santa Catharina.

Entre o 1.º e 2.º cêrco de muralhas, que é um largo espaço, estão plantadas vinhas, hortas e pomares, regados abundantemente pelas aguas do aqueducto do mosteiro. Dos baluartes se desfructa um panorama vasto e encantador.

Os temporaes do inverno de 1876 a 1877, abalaram uma grande parte das muralhas, e fenderam outras.

Mosteiros

1.º —*Freires de Christo*, a O., junto ao castello. Era o bailiado da ordem do Templo, e depois, da de Christo. D. Gualdim Paes, construiu a capella-mór (vulgarmente denominada *charóla*) ao mesmo tempo que edificou o castello. O rei D. Manoel, sendo mestre da ordem, lhe mandou fazer o corpo da egreja e o côro, em 1506 — O *claustro novo*, e mais officinas, foram mandadas fazer por D. João III, principiando as obras em 1560, e continuando nos reinados de D. Sebastião, do Cardeal-rei, e dos Philippes II e III. Foi este ultimo que mandou fazer a fonte que está no centro do claustro.

Todos estes soberanos deram ao convento muitas rendas, honras e privilegios [1].

Desde que D. João III reduziu os freires a regulares, o seu prelado se intitulou *Dom Prior do convento de Thomar, e geral da ordem de Christo*. Era do conselho do rei, e tinha assento em côrtes como os bispos.

O seu 1.º prelado regular, foi D. frei Matheus, bispo de Cochim, em 1577.

No espiritual, a prelazia de Thomar era independente, com jurisdicção *nullius dioecesis*.

A ordem de Christo, foi instituida pelo papa João XXII, a pedido do rei D. Diniz, em 14 de março de 1319.

Para este mosteiro veiu a agua por um aqueducto de excellente pedra, obra dispen-

[1] A ordem de Christo, em 1834, tinha 454 commendas, que rendiam 250:000 ducados. CEM CONTOS DE RÉIS!

diosissima, feita em 1584. Vem da freguezia de S. Miguel da Pedreira (hoje supprimida) passando junto á ermida de Santo Antonio dos Pégões. (Para evitarmos repetições, vide no 5.º vol. col. 2.ª, de pag. 219). Nasce esta agua a 5 kilometros de distancia, na freguezia de Carregueiros. (Vide no 2.º vol., pag. 125, col. 2.ª, e seguinte).

O edificio é vasto, contendo oito bons claustros e mais dependencias, e uma optima cérca.

A egreja — dedicada a Nosso Senhor Jesus Christo — dormitorios, claustros e mais officinas, são de estupenda grandeza; mas, em rasão das differentes épocas em que este agglomerado de edificios foi construido, mostra diversos typos de architectura. A capella-mór da egreja, é a parte mais antiga e tambem a mais rica. Exteriormente, é de fórma octogona, acastellada e coroada de ameias: interiormente, tem em volta do altar-mór uma *charola*, com capellinhas, no gosto oriental; é obra de um grande primor artistico, ornada de excellentes esculpturas, em relevo, pinturas e dourados. Diz-se que esta capella-mór é ainda a mesma construida por D. Gualdim Paes

No côro, havia umas primorosas cadeiras de madeira da India, mandadas fazer pelo rei D. Manoel, com grande numero de esculpturas delicadas, feitas segundo os desenhos de Miguel Angelo Buonarotti, que os salteadores e incendiarios de Massena queimaram em 1810.

Os livros de cantochão, em pergaminho, adornados de preciosissimos desenhos coloridos, foram roubados em 1834. Eram obra do famoso Francisco de Hollanda.

O rei D. Manuel, deu a esta egreja uma cruz d'ouro, feita do primeiro ouro que veio da India. Tinha uma peanha de filagrana, tambem d'ouro, guarnecida de pedras preciosas. As pratas d'esta egreja e sachristia, estavam avaliadas em 40:000$000 réis. Quasi tudo foi roubado em 1834, porque o inventario que então se fez, das pratas que entraram no thesouro publico, só era do valor de 1:066$993 réis! Philippe II, tambem deu a esta egreja uma pequena cruz d'ouro esmaltado, muito preciosa. Esta escapou, por milagre, e está no thesouro da Sé patriarchal.

A fachada da egreja, é uma obra admiravel, pela delicadesa e gosto das suas variadissimas esculpturas.

Em 1845, o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral, sendo presidente do conselho de ministros..... *comprou* a sua cêrca e parte do edificio, por uma problematica quantia.

Já se vê que, apropriando-se de um dos mais venerandos e historicos monumentos de Portugal, prestou á patria um relevantissimo serviço, pelo que, a sr.ª D. Maria II o fez *conde de Thomar*, em 8 de setembro de 1845. Mas isto não era premio condigno a tão assignalado serviço, pelo que, o sr. D. Luiz I, o fez *marquez de Thomar*, em 11 de julho de 1878. Seu filho, e do seu mesmo nome, tambem é *conde de Thomar*, desde 2 d'abril de 1851 [1].

Já se vê que o sr. marquez de Thomar, adquirindo esta riquissima propriedade, prestou mais e muito maiores serviços a Portugal, do que os cavalleiros do Templo e de Christo, seus fundadores e legitimos possuidores, visto que nenhum d'elles foi feito conde ou marquez.

A parte do mosteiro que não foi vendida, ainda pertence ao Estado, e em uma divisão d'essa parte, está actualmente o hospital. A egreja está patente ao culto divino; mas tanto esta como o mosteiro, estão reclamando urgentes reparos.

—

2.º — *Frades franciscanos* (denominado *mosteiro de S. Francisco da cidade*) ao S. da povoação. Fundado em 1635.

Hoje é propriedade da camara municipal e está servindo de quartel do regimento de infanteria n.º 11. A egreja dos frades,

[1] Tambem por esta occasião, tratou com o governo (isto é — com elle mesmo) a compra da rica e formosa quinta do Alfeite, por 13 contos de réis imaginarios (ainda que fossem reaes, não pagavam nem o custo dos magnificos tanques) mas os jornaes tanto gritaram, que a.... *compra* não se levou a effeito. Se se realisasse, tinhamos tambem, provavelmente, um conde, ou marquez do Alfeite.

está bem conservada, e n'ella se fazem ainda os serviços do culto divino.

3.º — *Frades capuchinos* (de Santo Antonio) fundado ao N. da cidade, no alto de um monte, sobranceiro á Varzea Pequena, fundado em 1645. Era da provincia da Piedade, e da invocação de Nossa Senhora da Annunciada.

Fica a 3 kilometros ao N. da cidade, no sitio antigamente chamado *Carzêdo*, onde havia uma grande quinta, com uma velha ermida, dedicada á Annunciação da Santissima Virgem (Nossa Senhora da Annunciada.)

A quinta, tinha grandes e bôas casas de residencia, pomar, vinhas, hortas, olivaes, muitas terras de pão, uma grande matta de sobreiros, pinheiros e outras arvores silvestres.

Era propriedade de uma nobre dama, chamada D. Isabel Teixeira, viuva de Antão de Figueiredo, fidalgo da casa real.

Sendo provincial dos religiosos franciscanos, da provincia da Piedade, frei João d'Albuquerque — que morreu na India, arcebispo de Gôa — lhe doou D. Isabel, em 1526, a sua *quinta de Carzêdo*, com todas as suas dependencias, para a fundação de um mosteiro da sua ordem; mas, para que esta doação fosse mais segura, a fez a Dom João III, sob a condição do rei alli fundar o tal mosteiro.

A ordem tomou posse da quinta, a 4 de outubro de 1528, e aqui estiveram alguns 117 annos; mas como de verão fosse pouco saudavel, em razão das aguas estagnadas que alli havia, e estivesse em sitio deserto, foram construir um novo mosteiro, no chão que lhes deram os freires de Christo, em troca do de Carzêdo, que foi uma boa quinta d'estes cavalleiros, até 1834.

Este mosteiro é em sitio saudavel e pittoresco, ao N. de Thomar, como já disse, com bôa cerca, e duas copiosas fontes de boa agua potavel.

Os frades vieram para aqui, em 1645.

Foi vendido pelos liberaes, e é hoje uma bella e rendosa propriedade particular. A egreja está profanada, mas não canonicamente.

4.º — *Freiras franciscanas*, ao E. da cidade, da invocação de Santa Iria, fundado em 1476, no mesmo sitio onde estava o de freiras *benedictinas* (?) da cidade de Nabancia, onde viveu e foi martyrisada Santa Iria.

Foi sua fundadora D. Mecia de Queiroz, a qual aqui se recolheu com trez filhas. Morrendo a fundadora e duas de suas filhas, a que sobreviveu, Soror Martha de Christo, adoptou e fez adoptar ás outras religiosas a regra de Santa Clara.

D. Mecia de Queiroz, fundadora d'este mosteiro, era viuva de Pedro Vaz d'Almeida, veador da fazenda, do infante D. Henrique, duque de Viseu, filho de D. João I. (Vide *Sagres*). As trez filhas que levou para este mosteiro, tinham sido damas da infanta D. Brites, mãe do rei D. Manoel.

Segundo affirma (com bons fundamentos) frei Agostinho de Santa Maria (*Santuario Mariano*, tomo 3.º, pag. 507 e seguintes) este mosteiro foi primeiramente de freiras agostinhas, e não foi fundado mas reedificado *á fundamentis*, por D. Mecia; por quanto—ao tempo do nascimento de Santa Iria (ou Irêne) pelos annos de 480, já em Nabancia havia o mosteiro de freiras agostinianas, que os árabes destruiram, em 717, e do qual havia sido fundador, o famoso Paulo Orosio, discipulo de Santo Agostinho, muitos annos antes de ser introduzida em Portugal a ordem de S. Bento.

D. Mecia, comprou o sitio onde existira o antiquissimo mosteiro e suas dependencias, para a fundação do novo mosteiro, que no seu principio era um recolhimento de beatas, e só depois da morte da fundadora (que falleceu da edade de 70 annos) é que sua filha, soror Martha de Christo, adoptou, e fez adoptar ás suas companheiras, a regra franciscana de Santa Clara, em 1520.

Então vieram tomar o habito, varias meninas, que com seus dotes, augmentaram as rendas do mosteiro. e os reis D. Manuel e D. João III, tambem lhes deram varias propriedades e foros.

A egreja era muito linda e de boa architectura, e tinha, alem da capella-mór, mais

quatro — duas lateraes, e duas no corpo da egreja. Fundou a de Nossa Senhora da Encarnação, Lourenço do Valle. A da Santissima Cruz, fundada por Miguel do Valle, descendente de Lourenço do Valle, era primorosa. Tinha uma imagem de Jesus Christo crucificado, tendo á sua direita Nossa Senhora da Soledade, e á esquerda, S. João Evangelista; e tendo mais as imagens das trez Marias, Nicodemos e José de Arimathea, tudo em bella pedra *d'Ançan*.

Era obra de grande valor artistico.

Estava situado o mosteiro, junto ao Nabão, e ainda aqui se mostra o pégo onde foi lançado o corpo de Santa Iria, depois de degolada. (Vol. 8.º, pag. 466 a 553).

Este edificio foi vendido depois de 1834, e o comprador o mandou demolir, para edificar varios predios.

Está aqui estabelecida uma fabrica. A egreja, porém, está bem conservada e decente, fazendo-se ainda n'ella os officios divinos.

—

Santa Sita (ou Zita) virgem e martyr, foi a piedosa donzella que occultou, livrando-as da morte, e educou na religião christan, as famosas NOVE IRMANS bracharenses. (Vide Braga).

Foi martyrisada (sendo imperador Adriano) junto a Thomar, no 1.º de novembro de 155. No logar do seu martyrio, que fica a seis kilometros da cidade, se fundou depois, e sob a sua invocação, um mosteiro de freiras franciscanas, onde consta serem guardados os ossos d'esta santa; mas não se sabe d'elles.

Este mosteiro e suas dependencias, foi tambem vendido, e é hoje propriedade particular.

Uma grande doação aos templarios

Em 1145, Fernão Mendes de Bragança, e sua mulher, a *rainha* D. Sancha, filha legitima do conde D. Henrique, e irman de Dom Affonso I, doaram á ordem do Templo — o seu castello de Longroiva; e o rei doou á mesma ordem, os castellos do Pombal (que os templarios tinham fundado em *Terra deserta*, na *Marca dos serracenos*) — Thomar — Ozezar (Ferreira do Zêzere) Almourol — Cardiga — Pinheira — a casa de Cintra — a casa de Lisboa — a casa de Leiria — a casa de Rodrigo — a casa de Santarem — a terra deserta da Pena — Soure — a casa da Ega — Mogadouro — a casa de Braga — e varias rendas em outras partes.

A ordem do Templo, para annexar á sua casa de Braga, comprou, em 1153, na ribeira d'Aliste (Éste ou Déste) uma grande herdade, chamada Villar.

Factos historicos

No dia 9 de setembro de 1438, falleceu, nos paços do mosteiro, em Thomar, o rei D. Duarte, na edade de 47 annos menos cincoenta e dous dias, pois havia nascido em Viseu, a 31 de outubro de 1391.

Diz a tradição, que, ao dar o ultimo suspiro, o dia se transformou em noite escura, por causa de um eclipse total.

Diz-se que foi envenenado por uma carta, no acto de a abrir e ler; mas é mais provavel (e quasi certo) ter morrido da grande peste que n'esse anno assolou o reino, e quando o rei o andava percorrendo, para dar todas as providencias a favor dos empestados e dos orphãos e viuvas que deixavam os que morriam.

Todo o reino lamentou sinceramente a morte d'este bom rei.

Como homem, era formoso, elegante, amavel, de grandes forças, destreza e arte, e um dos melhores cavalleiros do seu tempo. Foi grande caçador, mas sempre preferiu o cumprimento dos seus deveres, aos divertimentos. Era mais inclinado á piedade do que ao rigor.

Nunca mentiu, nem faltou á sua palavra, e consta que por esta razão se inventou o proverbio — *palavra de rei*.

Deu grande protecção aos sabios, e gostava de conviver com elles. Elle mesmo, era um sabio, e um bom poeta. Compoz alguns livros, entre elles, o *Regimento da justiça* — outro, que dedicou á rainha sua mulher (D. Leonor, filha de D. Fernando I de Aragão) intitulado *O leal conselheiro* — ou-

tro da arte de cavallaria, com o titulo de *Liuro da ensenança de bem cavalgar toda cella.* Ha d'elles uma 1.ª edição portugueza e outra de Paris. Ha uma nova edição lisbonense, de 1843, ambas as obras em um só livro, que é muito estimado.

D. Duarte, teve nove filhos legitimos e um bastardo — Os legitimos foram (por ordem das edades — *D. João* e *D. Philippa*, que morreram creanças — *D. Affonso*, seu successor — *D. Maria*, que morreu creança — *D. Fernando*, duque de Viseu — *D. Leonor*, imperatriz da Austria, mulher de Frederico III — *D. Duarte*, que morreu de pouca edade — *D. Catharina*, que morreu solteira — e *D. Joanna*, rainha de Castella, mulher de Henrique IV.

O filho bastardo, foi D. João Manoel, bispo da Guarda e progenitor dos condes da Atalaia e marquezes de Tancos.

—

No dia 10 de setembro de 1438, foi acclamado e coroado rei de Portugal, n'esta cidade (então villa) D. Affonso V, filho de D. Duarte, que, como acabámos de ver, tinha morrido na vespera. O novo rei tinha apenas cinco annos e oito mezes incompletos, pois nascera a 15 de janeiro de 1432.

Para esta solemnidade se construiu um magestoso *theatro*, em frente dos paços dos grão-mestres de Christo, no mosteiro da ordem.

Sahiu o real menino, do paço, com vestiduras reaes, e sentando-se no throno, lhe beijou a mão, posto de joelhos, seu tio, o infante D. Pedro, [1] dando-lhe o juramento de fidelidade e obediencia, seguindo-se-lhe depois os outros infantes e todos os senhores da côrte que se achavam em Thomar; e muitos dos quaes ainda derramavam lagrimas pela morte de D. Duarte.

—

Nos documentos do mosteiro de Christo, se acha a doação de *Cabeça de Touro* e seus termos, feita em 1221, á ordem do Templo, pelo concelho da Guarda, que todo assignou com o seu pretor e Alvazis.

No mesmo documento se acha a doação que D. Sancho II fez aos templarios, em 1244, dos direitos reaes, de Salvaterra do Extremo, e Idanha a Velha.

—

No foral de Thomar, de 1174, traduzido no principio do seculo XIV, se diz — «*Se Mouro d'alguem fôr solto e fezer coonha* (crime grave) *o Senhor del* (d'elle) *responda por el, segundo a coonha que fezer, ou o leyxe na maão do Moordomo. O Moordomo non filhe* (prenda) *Mouro de alguem, que traga prisom, ou Moura solta, por qualquer coonha que faça. Mas se o Sênhor da terra e o Concelho vir, que tal cousa fez, por que deva seer apedrada,* (apedrejada) *ou quejmada, apedrena* (apedrejem-a) *ou a queimem. Se tal cousa fez, per que deva ser asoutada, asoutena; e depois que for asoutada, tambem o Mouro, come a Moura, denos* (deem-os) *a seu dono.*

—

O rei D. Diniz, a rainha Santa Isabel, e seus filhos, os infantes D. Affonso (depois IV) e D. Constança, doaram aos templarios, o padroado das egrejas de S. Mamede do Mogadouro, e Santa Maria de Penas-Royas, com todas as suas capellas e ermidas, direitos e pertences; alcançando, para isto, consentimento de D. Martinho, arcebispo de Braga. A carta de doação, foi feita em Coimbra, a 25 de maio de 1297.

—

Em 1228, Dona Fruilla (ou Fruilhe) Hermigues, doou aos templarios, os senhorios de Villa Franca *de Cira* (hoje de Xira) e todos os seus muitos bens, *havidos e por haver*, nos trez reinos, de Portugal, Leão e Castella. Isto pelos muitos beneficios que tinha recebido e esperava receber dos doados.

O senhorio de Villa Franca de Cira, tinha sido dado a Dona Fruilla, por Dom Sancho I, em 1202, pelos *muitos serviços* que lhe tinha feito.

—

Nos estatutos da confraria de Santa Maria do Castello (Nossa Senhora do Olival)

[1] O infante D. Pedro, era tio do rei Dom Duarte. Foi duque de Coimbra, regente do reino na menoridade de D. Affonso V, e por fim, seu sogro. (Vide *Alfarrobeira*).

de Thomar, feitos em 1388, se diz — *Se alguum Confrade ferir outro Çonfrade, com spada, ou com coytello, entre* (leve) *em camisa em XXX tagantes.* (30 golpes de açoite ou azurrague). *Aquel, que a seu Confrade der punhada, ou lhe messar a barvha* [1], *entre em camisa a sinco tagantes. E se o Confrade disser a outro Confrade — Villam: on tredor: ou gafo: ou ladrom: ou falso: ou chamar á Confrada: hervoeyra:* (meretriz) *ou aleivosa: ou ladra: pague sinco soldos á Confraria; he entre em sinco tagantes.*

D. Affonso Henriques e sua mulher a rainha D. Mafalda e seus filhos, em 1158, isentaram os cavalleiros do Hospital de Jerusalem, e os templarios de Thomar, de todos os encargos, direitos e portagens, tanto dos bens presentes como dos futuros; e a todas as pessoas que morassem nas suas herdades, coutos, egrejas, etc., pois a todos absolveram de todos os direitos reaes. Porém, se algum d'estes commettesse *Furto, Homicidio, vel Rapina mulierum (quae Rausum dicitur)* perdia o direito a estas isenções.

—

Na egreja de Santa Maria do Olival, foram collocadas as bandeiras de differentes chefes indianos e o estandarte do Soldão do Egypto, ganhados na gloriosa batalha, dada pelo vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, na barra de Dio, em 3 de fevereiro de 1509, contra 200 navios de Mir-Hocém, general do Soldão, de Melique-Ás e do *Çamori.* Estes inimigos eram em grande numero, estavam munidos de grossa artilheria, e protegidos por muitos fortes da praça; mas nada lhes valeu, porque a maior parte dos seus navios, foram tomados, ou mettidos a pique, ou incendiados.

O combate durou 15 horas (desde as 11 da manhan até ás duas horas depois da meia noite). Morreram trinta e tantos portuguezes e mais de 1:500 mouros, incluindo 440 mamelucos da armada de Mir-Hocém, que ficou inteiramente destruida e elle gravemente ferido, podendo fugir milagrosamente.

—

Ao bairro d'*Além da Ponte*, onde existiu o mosteiro de Santa Iria, cujos alicerces eram banhados pelo Nabão, deram os moradores da cidade, o nome de *Hespanha.* É proximo d'este logar que se vê a magnifica fabrica de fiação, de que já tratei, e cuja levada, ou canal, tem dous kilometros de comprido, podendo passeiar-se a pé ou a cavallo, por ambos os lados, e por agua, em barco, até á sua extremidade.

Ermidas de Thomar e seu termo

Nossa Senhora do Pilar — a 1:500 metros da cidade, sobre a estrada de Lisboa, a poucos metros do Nabão, e contigua ás casas da quinta que foi do seu fundador, em sitio alegre e vistoso, ficando-lhe ao N. o castello e a cidade.

Foi fundada por José Alvares da Silva, cavalleiro de Christo, e um dos principaes habitantes de Thomar. A ermida é pequena, porém magnifica e ornada de bellas pinturas. Foi principiada a 12 de junho de 1711.

—

Nossa Senhora da Conceição — está tambem fundada em um monte, de vastas e alegres vistas. É um magnifico templo de trez naves, fundado pelos freires de Christo, que cuidaram da sua conservação, aceio e culto, até 1834.

—

Nossa Senhora do Monte ou *da Piedade* — fica egualmente em um monte, proximo a Thomar.

Foi seu fundador, Martin Vasques Vilella, alcaide-mór da villa d'Obidos, que a dotou com boas rendas.

Teve uma irmandade, e eremitão permanente.

—

Nossa Senhora dos Anjos — construida em outro monte, e em sitio agradavel e vistoso como o antecedente. Tem uns alpendres de boa architectura, sobre columnas de pedra, e casas para acolheita dos romei-

[1] Puchar pelas barbas, era uma das maiores injurias que os antigos portuguezes podiam sentir, e um crime punido rigorosamente.

ros e para residencia do eremitão. Teve uma boa irmandade.

Foi construida pelos freires de Christo, que foram seus padroeiros até 1834.

—

Nossa Senhora do Ó ou *da Expectação* — Está edificada junto ao Nabão, mas já no districto da freguezia da Beberriqueira. Foram seus fundadores, João Gomes da Costa e sua mulher, D. Antonia da Costa (sua prima, fidalgos da, então — villa de Thomar) para cabeça de um vinculo que instituiram em uma sua grande quinta, onde construiram a ermida.

Consta que a imagem da padroeira, foi achada debaixo da pia da agua benta, da egreja do Sobral (onde estava enterrada) a 16 de outubro de 1626, construindo-se a ermida, logo em 1628.

No principio do seculo passado, era administrador d'este vinculo, Rodrigo Jacome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real, e descendente dos fundadores.

Thomarenses illustres

Frei João de Santa Maria, conego de São João Evangelista (Loyo) foi, com mais quatro companheiros, em 1491, prégar o Evangelho ao reino de Congo, por ordem de D. João II. Converteu frei João, o rei, a rainha, o principe seu successor e outros individuos dos principaes da Ethiopia, e alli fundou a 1.ª egreja catholica do Congo, onde falleceu a 10 de maio de 1518.

—

Simão Gomes — (*o sapateiro santo*) — Nasceu na aldeia do Marmelleiro, termo de Thomar, pelos annos de 1510. Foi sapateiro de profissão, porém muito instruido em tudo quanto diz respeito á Religião, e era um varão virtuosissimo. Segundo a tradição, fez muitas prophecias que se realisaram.

O rei D. Sebastião, o infante D. Luiz, o cardeal infante D. Henrique (depois rei) e todos os grandes da côrte o tratavam com respeito e lhe davam grandes provas de estima, ao que elle fugia, sempre que lhe era possivel. O rei D. Sebastião, hindo á egreja de S. Roque, em dia de grande solemnidade, o metteu comsigo dentro da cortina, logar que só competia aos filhos e irmãos dos reis.

Podendo mudar de fortuna e de estado, quiz ficar sempre o que nasceu, e foi sempre um exemplo vivo das mais acrisoladas virtudes.

Falleceu a 18 de outubro de 1576, e foi sepultado na egreja de S. Roque.

—

D. João Annes — 1.º arcebispo de Lisboa. (4.º vol., pag. 271, col. 2.ª) — Foi um dos mais illustres filhos de Thomar.

Foi o primeiro arcebispo de Lisboa. Depois do fallecimento do bispo D. Martinho, foi eleito por Urbano VI bispo de Lisboa, e mais tarde elevado á dignidade de arcebispo. Desempenhou sempre a contento de todos e com todo o zelo e religião, o seu officio de prelado.

Era em 1390, e o reino, inquieto sempre, socegou um pouco. O virtuoso prelado aproveitou esta quietação, e dedicou-se á reforma do seu clero, augmentando as egrejas, as quaes visitou com proveito de todos, recuperando para ellas muitas fazendas, que lhes andavam allienadas.

D. João I, querendo corresponder á generosidade dos moradores de Lisboa, que tinham contribuido para a sua exaltação ao throno, determinou enchel-os de honras ecclesiasticas, por cujo motivo constituiu a sua egreja cathedral em metropolitana, sendo a principio suffraganea da de Merida, e mais tarde da de Compostella. Para tal fim, recorreu El-Rei ao papa Bonifacio IX, e este annuindo ás supplicas d'elle, passou a bulla da nova erecção, a 10 de novembro de 1394, dando-lhe por suffraganeos os bispos de Lamego, Guarda, Silves e Evora.

Ha, porém, discordancia entre alguns escriptores, ácerca do anno da erecção da egreja de Lisboa em metropolitana. D. Rodrigo da Cunha, no catalogo dos bispos do Porto, o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, o padre Antonio Pereira, no seu *Compendio das Epochas*, assignam a data de 1390. Damião Antonio, porém, na sua *Politica moral*, diz que foi em 1388, por Bonifacio IX, sendo ainda vivo Urbano VI. En-

tretanto. a bulla, pela qual o papa Bonifacio erigiu esta egreja em metropolitana, a qual principia: «*Bonifacius Episcopus,*» e que se acha inserta no archivo do cabido d'esta diocese, — bem como em outros documentos, a dá erecta em 1394. É o que se deprehende das seguintes palavras: «*Datuns Romae apud sanctum Petreum quarto idus novembris pontificatus nostri anno quinto.*

D. João Annes continuou no governo com todo o zelo e prudencia, apezar das contradicções que teve com o bispo de Evora, D. Martinho, sobre a sua isenção, e com o do Porto, D. João Esteves, sobre a fundação da egreja do Salvador.

Falleceu a 3 de maio de 1402 com dezoito annos e dez mezes de arcebispo.

Foi sepultado na sua sé, na capella de S. Sebastião, por ser parente do arcebispo de Braga, D. João Martins de Soalhães, que foi seu fundador. A sua sepultura, n'outra epocha collocada sobre quatro grandes leões de pedra, foi mandada demolir em consequencia de obstruir a capella, e os seus ossos foram transferidos para uma catacumba, dentro do mesmo recinto.

—

D. Lopo Dias de Souza — filho de Gonçalo Dias de Souza, da nobilissima familia d'este appellido, e de sua mulher, D. Maria Telles de Menezes, irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes.

Tendo sua mãe casado em segundas nupcias com o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Iguez de Castro, este, por infundadas suspeitas de adulterio, assassinou sua mulher. (2.º vol., pag. 322, col. 1.ª).

D. Lopo, decidido a vingar a morte de sua mãe, percorreu grande parte do reino, em busca do assassino que lhe fugia sempre, até que D. João foi para Castella e nunca mais cá tornou, senão como inimigo, e á frente de uma divisão castelhana.

D. Lopo, foi o 8.º mestre da ordem de Christo e um dos mais insignes cavalleiros do tempo do nosso D. João I, do qual foi um decidido e fidelissimo partidario, em defeza da independencia da patria.

Á frente de uma formosa legião de cavalleiros da sua ordem, cinco vezes entrou por Castella, derrotando o inimigo em differentes combates, e devastando as suas povoações.

Achou se na tomada de Ceuta (Africa) onde obrou acções dignas de memoria perduravel.

Teve de D. Maria Ribeira, numerosa successão, da qual procedem muitas familias nobilissimas de Portugal.

Falleceu no seu mosteiro de Thomar, a 9 de fevereiro de 1435, e foi sepultado em um nobre mausoleu, na egreja do mesmo mosteiro.

—

Antonio de Castilho — filho do celebre architecto João de Castilho, que fez o risco e dirigiu as obras que se fizeram no mosteiro de Christo, no tempo do rei Dom Manoel.

Antonio de Castilho, foi lente da universidade de Coimbra, desembargador da casa da Supplicação, embaixador á Inglaterra, guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista-mór do reino.

—

D. frei Duarte d'Araujo. — foi Dom prior geral da ordem de Christo.

—

D. frei Lourenço Garro — D. prior geral da ordem de Christo, e depois, bispo de Cabo Verde, onde falleceu, em 1646.

Escreveu e publicou a *Isagoge moral em materia dos sacramentos*, que teve NOVE edições.

—

Gaspar Leitão da Fonseca — Socio da Academia real de historia, e escriptor distincto.

—

Pedro Vaz Quintanilha — poeta comico, auctor de muitas poesias e *autos* muito estimados no seu tempo.

—

Mendo de Foyos Pereira — embaixador a Madrid, e secretario de estado do rei Dom Pedro II.

—

O artigo de Thomar não fica completo, e em sitios, é alguma cousa obscuro, se o lei-

tor não recorrer ás *chamadas*, onde as marquei; sendo as principaes — 2.ª, 3.ª e 4.ª *Bezelga; Nabancia; Nabão*; e *Olival*, ou *Santa Maria do Olival*, a pag. 249, col. 2.ª, do 6.º volume.

THUÍAS — TUHÍAS, ou **VILLA NOVA DE THUÍAS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extincta comarca e supprimido concelho de Soalhães) 46 kilometros a E. N. E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto,

O mosteiro de freiras bernardas, de Thuias, e, desde 1535, as religiosas benedictinas, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 260$000 réis de rendimento annual.

Thuya, é uma arvore, da familia das coniferas. A *thuya gigantea*, eleva-se bastante, e assemelha-se, vista de longe, a uma chaminé, de fábrica de vapor. A *thuya-nana*, é um arbusto em fórma de bóla, mas muito desengraçado.

Thuías, foi villa e couto, sob o nome de *Couto de Villa Nova de Thuias*.

É povoação antiquissima e anterior á dominação dos romanos.

Era o paiz dos *cerenécos* ou *cerenaicos*. (Vide vol. 1.º, pag. 464, col 1.ª) e foi habitado por uma colonia ou legião romana.

A famosa *Tamacana-Via*, estrada romana, que do Porto se dirigia ás thermas de Canavezes, foi construida, assim como a monumental ponte de Canavezes, por ordem do imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo. (Para evitarmos repetições, vide no 2.º vol., pag. 80, col. 1.ª e seguintes.)

Esta estrada, sahia de *Calle* (ou, talvez, de *Portu-Cale* — povoação que existiu proximo á Serra do Pilar, em frente e ao S. do Porto, sobre a esquerda do Douro — (Vide *Portugal*, villa) e passando pelas actuaes freguezias de Oliveira e Avintes, hia atravessar o Douro, em *Crastomire* (hoje *Crestuma*) e, passando ao *Castello de Penafiel*, ou *Aguiar do Souza*, hoje *Foz do Souza*, na margem direitá do Douro, e paralello ao rio Souza, passava proximo á actual villa de Paredes; seguia pela Portella de S. Thomé de Cannas, Duas egrejas, Santo Adrião de Cannas, Castro de Villa Boa de Quires, actual aldeia de *Caniva* (corrupção de *Canavía*, que era contracção de *Tamacana-Via*) e, finalmente, ás thermas. Vide 2.º vol., pag. 80, col. 1.ª e seguintes.

Esta estrada, era a continuação da via militar romana, que de Lisboa conduzia a Braga, e é a que vae mencionada no principio da pagina 403, do 3.º volume, e devia passar por Thuías, ou suas proximidades.

Serviu de pedestal á pia baptismal da egreja de Thuías, a base de uma ára romana, cuja inscripção e sua traducção, dei na 1.ª columna de pag. 464, do 1.º volume.

O meu esclarecido amigo e mestre, o sr. Doutor José Joaquim da Silva Pereira Caldas, lente do lyceu de Braga, dá a mesma inscripção e a sua traducção, com algumas variantes. Segundo este distinctissimo archeologo, a inscripção é —

LARIBUS
CERENA-
ECIS. NIG-
ER. PROC.
V. L. I. F. V. L. S.

(*Laribus Cerenaecis, Niger, Proculi filius, votum libens solvit.* — Isto é — Nigro, filho de Proculo, cumpriu gostoso, o voto aos Deuses Lares Cerenécos).

—

Os *cerenécos*, eram visinhos dos *tamacanos*, povos que estanciavam entre a actual villa d'*Amarante* e *Entre Ambos os Rios*, na foz do Tâmega, d'onde tiraram o seu nome; porque os romanos chamavam *Tâmaca*, a este rio, em cujas margens tambem habitavam os cerenécos.

Houve n'esta freguezia, um antiquissimo mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (outros dizem que de eremitas do mesmo santo, e é mais provavel). Segundo alguns escriptores, foi fundado no tempo dos godos, e parece que os mouros deixaram aqui viver os frades, durante o seu dominio, mediante algum tributo — ou então, o mosteiro foi fundado já no tempo

do conde D. Henrique, ou no de seu filho D. Affonso Henriques.

O que é certo, e consta de documentos authenticos, é que, em 1165, D. Thereza Affonso, filha do conde D. Affonso, das Asturias, e segunda mulher, e viuva do famoso D. Egas Moniz (6.º vol., pag. 387, col. 1.ª) doou a este mosteiro, uma herdade que tinha em Thuías [1].

A condessa D. Urraca Viegas, filha de D. Thereza Affonso e de D. Egas Moniz, foi casada duas vezes — a 1.ª, com o conde D. Vasco Sanches de Barbosa, e a 2.ª, com Gonçalo Rodrigues Palmeira. Ficando segunda vez viuva, recolheu-se ao mosteiro benedictino de Tarouquella (actual concelho de Sinfães) onde se conservou até 1201. N'este anno, annullou a doação que sua mãe havia feito aos agostinianos, de Thuías, e, expulsando os frades, veio aqui fundar um mosteiro de freiras cistercienses, que era uma reforma da ordem benedictina. (Vide *Tarouquella*).

Na era de Cesar 1294 (1256 de Jesus Christo) a rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (vide *Arouca*) fez doação ao mosteiro de Thuías, de certos bens que alli possuia—diz a doação — «*Item mando Monasterio de Thuys quantam haereditatem habeo in Fornos, et in Canaveses, et in Casale de agro pleno*» [2].

[1] Não me foi possivel saber com exactidão, a data da fundação d'este mosteiro — até, pelo que se vae lêr no texto. D. Thereza Affonso, antes de dar, em 1165, esta herdade, aos agostinianos, já lhes tinha dado outra, para elles fundarem o mosteiro, aliás, não teria D. Urraca o direito de expulsar d'elle os religiosos. A ser assim — o que me parece mais provavel — a fundação do mosteiro, data do reinado de D. Affonso Henriques, ou, quando muito, do tempo do conde D. Henrique.

D. Urraca, era uma senhora riquissima, pois vemos d'ella muitas e valiosas doações a varios mosteiros, sendo a maior, a que fez ao mosteiro de Salzedas, em 1198.

Ficando viuva do seu 2.º marido, entregou-se á vida espiritual, e a obras de caridade, e morreu com fama de santa.

[2] *Agro pleno*, é a actual freguezia de Agro-Chão, no concelho de Vinhaes, em Traz os Montes.

Este mosteiro era sujeito aos bispos do Porto, pois que, de um documento existente no archivo do seu cabido, consta que, em 1297, o bispo D. Vicente, deu licença a *D. Berengueira* (ou Berengaria) *de Cardona*, para entrar no mosteiro de Thuías, como sua padroeira, por descender de D. Urraca Viegas.

D Flamula (ou Chamoa) Gomes, mulher de D. Rodrigo Forjaz, e bisneta de D. Urraca Viegas, deu o padroado d'este mosteiro, e do de Santa Clara do Torrão, aos bispos do Porto.

Em 1518, D. João III, fundou o mosteiro de freiras benedictinas da Ave Maria, da cidade do Porto, e querendo dotal-o de boas rendas, sem desfalcar o thesouro publico, requereu e obteve do papa Paulo III, licença para supprimir, em 1535, os mosteiros de freiras do Rio Tinto (Gondomar) Villa Cova, e Tarouquella, hindo as freiras que os habitavam, para o de S. Bento, do Porto, com todas as suas propriedades e rendas.

—

N'esta freguezia, teem os filhos do fallecido sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, da Boa-Vista, de Paiva, uma rica e grande quinta, tendo no centro um lindo palacete (dos mais antigos da provincia) com espaçosos salões, tectos de magnifica talha, adornado com o brazão d'armas dos Correias, de Farellães, familia antiga e nobilissima, como vimos no artigo Porto, quando tratei dos *Correias, da Rua-Chan*.

Contigua ao palacio, está uma bonita capella, da invocação de S. João Baptista.

A quinta é vastissima, não só em terras cultivadas, como em *bravios*. Tem alguns cedros seculares e frondosos carvalhos.

Os seus possuidores, foram os referidos Correias, da Rua-Chan, pelo casamento de Luiz Correia de Souza Montenegro, com D. Violante da Silva Góes, irman do padre Belchior de Góes, instituidor do vinculo d'esta quinta e sua capella, em 20 de julho de 1644.

Os ascendentes dos actuaes possuidores, foram —

1.º — *Miguel Correia Pinto Montenegro*,

filho de Miguel Correia Montenegro, da Rua-Chan, do Porto. Casou na quinta da Granja, em Sinfães, com D. Antonia d'Almeida, filha de Fernão Pereira, e de sua mulher, D. Antonia d'Almeida [1].

2.º — *Sebastião Correia Pereira*, fidalgo da casa real, casado com a filha e herdeira da casa de Novões, D. Maria de Barros e Souza, filha de Pedro de Souza e de sua mulher, D. Angela de Mesquita, senhor do mórgado da Cunha.

3.º — *Luiz Correia de Souza Montenegro*, que casou com D. Violante da Silva Góes, e foram, como vimos, os primeiros administradores do vinculo da casa de Thuías, que para esta senhora instituira o padre Belchior de Góes.

Foram seus filhos —

João Correia de Souza Montenegro, como seus antepassados, fidalgo da casa real. Casou com D. Isabel da Silva Pereira de Vasconcellos, senhora da casa d'Alvarenga (vide *Torre d'Alvarenga*) que lh'a deu em dote, seu tio, Francisco Pereira de Vasconcellos, fidalgo da casa real, e capitão-mór d'Alvarenga e Cabril.

Antonio Gonçalo Correia de Souza Montenegro, que casou em Lisboa, com D. Victoria de Noronha e Napoles, irman de Dom Thomaz de Noronha e Napoles, o qual morreu sem descendencia legitima; passando os prazos e bens livres, para Ignacio Correia de Souza Montenegro, da casa do Taboado (Marco de Canavezes) e os vinculos, para D. Maria Isabel Pereira de Castro.

D. Luiza Josefa de Souza, que casou com Bento Pereira de Sotto-Maior e Menezes, da casa da Barbeita, e d'elles foi filha, D. Maria Isabel Pereira de Castro, que casou com Martinho José Pinto da Silva e Miranda, da casa da Boa-Vista, em Sobrado de Paiva.

Vide n'este volume, a pag. 412, col. 1.ª — *Casa da Boa-Vista*.

—

N'esta freguezia, ha uma nascente de aguas ferruginosas, que se applicam, com bons resultados, em algumas molestias.

—

D. João II, por carta regia, de 1491, confirma a seu filho bastardo, D. Jorge, duque de Coimbra, e tronco dos duques d'Aveiro, uma carta de *aceitamento* por elle feito, na qual se continha a *eleição e tomamento* que d'elle fizeram, para seu senhor, a villa e *beatria* [1] de Canavezes, o *couto de Thuyas*, as honras de Lourêdo, e Gallegos, Paços de Gaiôlo, Gontinge, e Santo Isidro. (Tudo em Canavezes, que foi da comarca de Soalhães). *Livro 2.º dos Misticos*, da Torre do Tombo, fl. 88.

TIÁRA — É o nome que se dá ao barrete de fórma oval que o papa leva nas occasiões mais solemnes. É rodeado de trez coroas adornadas de pedras preciosas, e termina n'um globo que serve de pedestal a uma cruz. Em lithurgia a tiara chama-se commumente *regnum*, ou melhor diadema, (triplice diadema). Ao principio não levava senão uma coroa; Bonifacio VIII fez collocar outra em 1294: Bento XII, e, segundo alguns authores, Urbano V, accrescentou a terceira. Para as funcções de ordem, o papa serve-se da mitra como os simples bispos. As chaves symbolisam o poder do summo pontifice, segundo aquellas palavras do Salvador: «Dar-te-hei as chaves do reino dos céos, etc.» Ordinariamente representam-mas cruzadas debaixo da tiara, e servem de sustentaculo do papa. Quando o papa falleece representam-se as suas armas com a tiara; porém, sem as chaves, symbolo principal da sua jurisdicção. O papa é doutor, pontifice e rei. Estas trez prerogativas estão symbolisadas pelas trez coroas.

TIBÃES — famoso mosteiro de monges benedictinos, Minho, na freguezia de *Mire de Tibães*, concelho e 6 kilometros ao N. de Braga.

[1] É hoje senhor da casa da Granja, o sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon. (Vol. 3.º, pag. 319, col. 2.ª)

[1] *Beatria*, *Beetria*, ou *Behetria*, significa povo livre, que podia escolher senhor, todas as vezes que quizesse.

As beetrias datam do tempo do conde D. Henrique, e talvez do tempo dos gôdos. (Vide a *Memoria*, de José Anastacio de Figueiredo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.º, fl. 98.)

No tempo em que a cidade de Braga era côrte dos reis suevos, e reinava Theodomiro (562) o qual tinha por seu capellão, São Martinho de Dume, lhe pediu este licença para fundar em Tibães, um mosteiro de monges benedictinos, ao pé da serra de São Gens (nome que tomou, d'uma ermida d'este santo, que está no alto da serra). O rei, gostosamente lhe concedeu a licença pedida, e logo se principiou a fundação [1].

Entre os logares de *Sobrado* e *Mire*, visinhos do rio Cávado, tinha Theodomiro uma *villa* ou casa de campo, com um palacio, do qual ainda restam tenues vestigios.

Perto d'este palacio, havia então um monte sobranceiro ao Cávado, sitio retirado e solitario, que o santo escolheu para a fundação.

O rei tratou logo de dar principio ás obras, e quiz que o mosteiro fosse dedicado a S. Martinho Turonense, o que se cumpriu.

Morto Theodomiro (570) lhe succedeu seu filho, Adriano, que doou a este mosteiro, logo no 1.º anno do seu reinado, varias propriedades, e entre ellas «*uma matta ou deveza, de arvores que vieram do Alemtejo e nunca perdem a folha.*» Provavelmente sobreiros.

Ignora-se se os mouros destruiram este mosteiro, em 716, ou se o deixaram continuar, mediante algum tributo, como praticaram com outros muitos da Peninsula. Esta ultima hypothese é mais provavel.

O que é certo, é que o primittivo mosteiro era pequeno, e que, ou por ter sido destruido pelos mouros, ou por estar velho — pois tinha 518 annos de edade — Dom Payo Guterres da Silva, o reedificou e ampliou, em 1080.

Em 1110, o conde D. Henrique, e sua mulher, a rainha D. Thereza, coutaram o mosteiro e a sua cêrca.

Em 1135, o principe (depois rei) Dom Affonso Henriques, confirmou o *encoutamento*, reunindo-lhe o logar de *Donim*, junto ao rio Ave. (Hoje a freguezia do Salvador de Donim, no concelho de Guimarães).

Em S. Payo de Merelim (a 4 kilometros de distancia) tambem houve um mosteiro de monges benedictinos, que se annexou ao de Tibães, no seculo XI ou XII.

—

Entre os annos 1534 e 1550, foi abbade d'este mosteiro, frei Antonio de Sá, que lhe fez grandes reparações, e construiu um dormitorio novo, e varias officinas; mas, no decurso de 454 annos (entre 1080 e 1534) tinha soffrido o mosteiro varias reparações.

Pelos annos de 1640, tambem se fizeram algumas obras n'este mosteiro.

Foram monges de Tibães, alguns martyres, arcebispos de Braga, e muitos religiosos de grande sabedoria e virtudes, principiando pelo seu fundador, que foi o 1.º (e unico) bispo de Dume, Vide *Dume*.

Foram abbades de Tibães, homens de grande representação; entre elles, D. Jorge da Costa, o famoso *cardeal d'Alpedrinha*; Fernão Lopes; e Ruy de Pina — ambos chronistas-móres do reino.

Ainda que o convento não fosse muito rico, tinha rendas sufficientes para as despezas do culto divino, vestidos e sustento dos monges e seus numerosos familiares.

Os abbades de Tibães, eram senhores do couto (que tinha 10 ou 11 kilometros de circumferencia) e seus capitães-móres, coudeis-móres, ouvidores, e repartidores das armas. Nomeavam os juizes ordinarios tanto do civel como do crime; decidiam as appellações nas causas civeis; e nomeavam o capitão das ordenanças, bem como todas as mais auctoridades e empregados do couto.

Tinha o privilegio de ser casa capitular, e cabeça da sua ordem, em Portugal, isto,

[1] Alguns escriptores dizem que o fundador d'este mosteiro, foi D. Paio Guterres da Silva, governador (*adiantado*) de Braga, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, e avô de D. Affonso Henriques. É erro. Dom Payo não foi o fundador, mas o restaurador do mosteiro de Tibães, pelos annos de 1080.

No texto, sigo a opinião de frei Leão de S. Thomaz, chronista da ordem S. Bento, e auctor da *Benedictina Lusitana*, obra digna de todo o credito.

Na parede do claustro da egreja velha, estava uma lapide, que dizia — ERA D C. (600) — isto é — anno 562 de Jesus Christo.

desde a regencia do cardeal D. Henrique, na menoridade do rei D. Sebastião, por bulla do papa Pio V, de 22 de julho de 1569, em cumprimento do qual, foi a ordem de S. Bento reformada, e todos os seus mosteiros, em Portugal, unidos em congregação, sob o governo de um prelado, com honras episcopaes, intitulado *dom abbade geral.*

—

O rei D. Manoel, deu foral ao couto de Tibães, em Lisboa, a 4 de setembro de 1517. (*Livro de foraes novos do Minho*, fim, 143 col. 1.ª)

O edificio do mosteiro, foi vendido pelos liberaes a Antonio de Moura Monteiro. A cêrca, foi tambem vendida pelos mesmos, a Antonio José Antunes Reis, e é hoje dos seus herdeiros — e a outros compradores.

A capella de S. Bento, que estava na cêrca, foi vendida a Sebastião d'Almeida, da cidade de Lisbôa, em junho de 1875. Pouco antes, tinha sido vendida a capella do coristado, do mesmo mosteiro.

—

A cêrca do mosteiro de Tibães divide-se em duas partes distinctas — duas grandes propriedades, a maior parte bravío.

Da primeira cêrca, em frente do mosteiro, isolada do que circumda o convento e para o lado do sul, foi seu primeiro possuidor, depois dos frades, o dr. Antonio Vieira de Araujo, e é hoje propriedade de uma sua filha casada com o commendador Manoel Joaquim Marques Murta, actualmente secretario geral do governo civil de Braga.

Consta-nos que esta parte foi vendida por uns dois contos de réis, pouco depois de expulsos os frades.

O terreno d'esta cêrca, é frio e barrento, mas produz muito azeite e bastante vinho.

Alem do terreno lavradio tem uma grande matta, e toda esta propriedade é circumdada por altos muros, que mais custaram que ao primeiro possuidor o terreno.

O seu valor actual póde calcular-se de 8 a 10 contos de réis.

A outra cêrca, de quasi egual grandeza, foi comprada, menos alguns ares de terreno, pelo fallecido Antonio Ignacio Marques, que foi 1.º official do governo civil de Braga.

Esta propriedade foi ainda comprada por menos que a primeira.

Resta o grande convento que está a cahir em ruinas.

Uma pequena parte com um campo que contém alguns áres de terreno, foi concedido pelo governo para residencia e quintal do abbade e o mosteiro ficou para egreja da freguezia. O interior do templo está muito bem conservado, mas o exterior parece-me que ainda não foi caiado depois da expulsão dos frades.

O resto do convento, com uma grande porção de terreno, foi vendido haverá 5 annos por pouco mais de um conto de réis ao filho do fallecido Antonio Ignacio Marques, que é hoje o actual pussuidor d'esta parte e da que já possuia seu pae.[1]

A quinta da Clausúra, na qual está o edificio do mosteiro, foi vendida pelos liberaes — pouco depois de expulsos os frades — a José Antonio da Silva Reis, de Braga, e tem sido possuida successivamente, pelos mesmos individuos acima mencionados.

A *quinta da Eira*, é hoje de Justino Marques Murta, bem como outra mais pequena, chamada *da Almieira.*

A quinta do Assento, é hoje de D. Julia Vieira.

Estas trez quintas, foram compradas pouco depois de 1834, pelo doutor Vieira Araujo.

O Monte de S. Gens, que é na rectaguarda da quinta da Clausura, e era pertença do convento, foi vendido em lotes, a varios individuos.

Fóra d'estas cêrcas ha grandes montados a ellas pertencentes, como o é quasi todo o monte de S. Gens.

O interior do convento está a cahir em ruinas. Aquelles vastos corredores desertos, infundem pavor. Ha apenas algumas cellas que teem sido reparadas, para servirem d'aposento ao seu proprietario actual, o com-

[1] A maior parte do edificio do mosteiro, foi vendido pelos liberaes, a Antonio de Moura Monteiro, de Braga, e passou depois, por herança, ao dito Antonio Ignacio Marques, e é hoje de seu filho, José Antonio Vieira Marques.

mendador José Antonio Marques e sua familia.

Este senhor tem excellentes qualidades moraes. Possue uma boa fortuna e é elle quem no proprio albergue procura os pobres para os soccorrer. Casou com uma menina extremamente pobre, mas de subidas virtudes.

Da venda do convento e cêrca de Tibães o governo não chegou a receber a 6.ª parte do seu valor, porquanto aquellas propriedades, hoje mais mal cultivadas que no tempo dos frades ainda assim poderão valer uns 20 contos de reis.

Ainda existe uma outra quinta, pertencente aos frades, na proxima freguezia de Parada, propriedade importante que pertence hoje a Francisco Ferreira Carmo, e assim um campo com uma casa de recreio, especie de mirante, na freguezia da Graça, propriedade situada á margem do Cávado.

Eram muitos os fóros que os lavradores das freguezias circumvizinhas pagavam ao convento, porque o Couto de Tibães estendia-se n uma grande área.

Esses fóros têem sido ultimamente mandados arrematar pelo governo, mas ainda o não foram todos.

—

Alguns lavradores teem sido ultimamente obrigados a pagar fóros em atrazo desde o tempo dos frades, e maldizem o governo.

Julgavam ter tambem o seu quinhão e que com a expulsão dos frades nem pagariam fóros nem disimos.

Mas o leão recebe os quatro quinhões e manda por cima esfolar o lobo, que é o povo, para se aquecer com a pelle.

Tinham mais os frades de Tibães dois hospicios em Braga.

O 1.º é um magnifico palacete no Campo da Vinha—hoje chamado, de D. Luiz 1.º

Este palacete faz esquina para a rua do Carmo. Foi vendido tambem ao dr. Antonio Correia de Araujo, por um conto de réis. Mais que esta quantia vale o tecto da sala de visitas, todo de pau preto, com primorosos rendilhados. Esta casa, com um bom quintal, vale actualmente 10 a 12 contos de réis e é propriedade de D. Julia Correia d'Araujo.

O outro hospicio, em uma casa mais acanhada, sita no campo das Carvalheiras, esquina da rua de S. Miguel o Anjo, é onde actualmente está um hotel.

Tem um grande campo, e extensas latadas que produzem bastante vinho.

Esta propriedade foi vendida por 600$000 réis e vale hoje o decuplo.

Não sei quem foi o 1.º comprador; hoje pertence a Francisco Josè Ferreira, dono do hotel e marchante.

Fôra da cêrca, ainda os frades possuiam muitas terras lavradias, que tudo foi vendido (mais dado que vendido.) Uma d'estas propriedades, é uma grande quinta, proxima do mosteiro, que não sei quem hoje está possuindo.

Agradeço ao meu esclarecido amigo, o sr. João Marques Soares de Azevedo, as curiosas informações que me deu, com respeito ao destino que levou o mosteiro de Tibães, e suas dependencias.

TIBÁU — Antes do terramoto do 1.º de novembro de 1755, existiu em Lisboa, um bêcco com este nome, proximo ao convento dos Gracianos. Deu-lh'o Gaspar Theobaldo (por contracção — *Tibáu)* o qual em umas casas n'este bêcco, instituiu, em 1563, um vinculo. Era fidalgo da casa real. Os Tibaus, trazem por armas — em campo de púrpura, uma arvore verde, perfilada d'ouro, com raizes de prata, entre dous leões, d'ouro, trepantes. Timbre, um dos leões do escudo, com um ramo da arvore na garra direita.

No corpo da egreja da Graça, está a sepultura de Antonio Tibau — O brazão d'armas d'este Tibau, é differente — no escudo, uma banda, carregada de trez estrellas de 8 pontas, entre duas letras YY, nos cantos do escudo.

Na capella de Santa Anna e S. Joaquim, do referido mosteiro da Graça, estava a sepultura de Affonso Martins Tibau, fidalgo da casa real, e dos seus descendentes.

TIMBRE — É uma figura de homem, mulher, leão, aguía, serpente etc., que assenta sobre o êlmo, ou sobre o escudo das armas.

Diz-se que o uso do timbre, foi introduzi-

do por Protheu, rei do Egypto, que o usou nos élmós, morriões, escudos, etc.

Timbre, deriva-se do latim *à timore*, ou *à tremore* — temor, ou tremor — porque com as horrendas figuras dos timbres, julgavam causar mêdo aos inimigos.

O timbre, é de maior excellencia, e denota maior nobreza do que o brazão d'armas. Ao escudo sem timbre, se chama *escudo razo.*

O timbre dos egypcios, era um crocodilo; o dos athenienses uma coruja; dos thracios a figura de um morto; dos celtas uma espada; dos sicambros uma cabeça de boi; dos cartaginezes uma cabeça de cavallo; dos primeiros francos um leão; dos godos um urso; dos druidas umas chaves. As insignias romanas variaram muito, representando successivamente, uma aguia, uma loba, um dragão, um touro e um javali. Estas insignias eram pela maior parte, uma figura em relevo, no alto de uma lança, e isto substituia o verdadeiro estandarte nacional.

O timbre das armas de Portugal, é uma sérpe alada, ou dragão.

TINALHAS — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros de Castello-Branco (era da mesma comarca, mas do concelho de S. Vicente da Beira, e, em março de 1877, passou para o concelho de Castello-Branco.) 70 kilometros da Guarda, 18 d'Alpedrinha, 240 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 169.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O armeiro-mór, e o vigario de S. Vicente da Beira, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia de Ninho do Açor, esteve muitos annos annexa a esta.

É terra pobre, por causa da sua pouca fertilidade. Gado e caça.

—

Em 23 de fevereiro de 1734, nasceu em Tinalhas, Estevão Dias Cabral, filho legitimo, de Theodoro Faustino Dias, e de D. Maria Cabral de Pina.

Na sua aldeia estudou primeiras lettras e elementos de grammatica latina.

No edade de 14 annos, foi para Coimbra, estudar com os jesuitas, o curso de Humanidades, no *Collegio das Artes.* Entrando para a Companhia de Jesus, em 1751. Mas deu-se com afinco ao estudo das mathematicas.

Principiára o marquez do Pombal com a obra da extincção da Companhia de Jesus, para deitar as garras ás suas grandes riquezas. Successivamente expulsos do Paço, prohibidos de confessar e prégar, foram afinal desnaturalisados, proscriptos e exterminados pela absurda, impia e despotica lei, de 3 de setembro de 1759.

Permittiu-se porém a residencia em Portugal, aos que ainda não tivessem ordens de presbytero. Seu pae veio a Coimbra, e instou o padre Estevam, para voltar a casa, a gozar das suas avultadas riquezas; ao que o novêl jesuita se recusou, preferindo hir para Roma, na companhia dos que poderam escapar á morte. Em Roma, continuou com o estudo das mathematicas, seu emprego predilecto.

Depois, foi nomeado pelo papa Clemente XIV (o famoso Ganganelli) mestre do *Collegio Romano*, e n'esta qualidade, publicou compendios de algebra e geometria, extrahidos, em grande parte, das obras de Euclides. Foram compendios justamente estimados, e que tiveram varias edições.

Depois de se ter distinguido em Roma, pela sua sciencia, regressou, ao cabo de 30 annos de desterro, a Portugal, aportando a Lisbôa, em agosto de 1788, correndo logo a Tinalhas, para abraçar seus tios, primos e sobrinhos. Seu páe tinha fallecido havia 4 mezes. [1]

Em março de 1789, foi chamado a Lisboa, por ordem de D. Maria 1.ª, e o viscon-

[1] Seu pae, ficando viuvo, antes do filho hir para Roma, se tinha ordenado de presbytero. Em uma lapide, embutida na parede da capella do Santissimo Sacramento da egreja matriz de Tinalhas, se lê — JAZ N'ESTA CAPELLA, THEODORO FAUSTINO DIAS, FALLECIDO A 25 DE MARÇO DE 1788, VIUVO, PRESBYTERO, O QUAL, EXCEPTO AS PAREDES NUAS, ERIGIDAS PELOS SEUS MAIORES, EM 1576, TUDO O MAIS, EDIFICOU, RESTAUROU E ORNOU, EM 1783.

de de Villa Nova da Cerveira, o encarregou do estudo das margens do Tejo, e do modo porque se podiam evitar os damnos que ellas soffriam com as enchentes do rio.

O padre Estevam, havia estudado a fundo a hydraulica, em Roma, e feito aturados estudos sobre a *Cascata de Velino*, nos pantanos de Rieti e nas *Lagôas Pontinas*, e dadó o seu parecer sobre o saneamento d'estes marneis, em uma *Memoria*, que mereceu a approvação geral dos sabios de Roma.

Percorreu mais de 15 leguas, e apresentou o competente relatorio (tanto sobre os estudos que havia feito no Tejo, como no *Paúl d'Olta)* na Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual foi um dos primeiros socios. O seu relatorio, ou *Memoria*, como então se dizia, foi devidamente apreciado, dando muita honra ao seu auctor.

Por avizo do secretario d'estado, José de Seabra da Silva, de 14 de junho de 1790, foi ordenado ao padre Estevam, que fosse fazer no Mondego os mesmos estudos que havia feito no Tejo.

Estes estudos já tinham sido feitos pelo tenente general, *Guilherme Luiz Antonio Valleré*, em 1781; e por *Domingos Vandelli*. Antes d'estes engenheiros hydraulicos, já (estando prezo nos carceres da Junqueira, por ordem do marquez de Pombal) o famoso *Bento de Moura Portugal*, se tinha occupado d'este importantissimo assumpto; mas nenhum dos planos d'estes trez individuos, tinha sido approvado.

O padre Estevam, cumpriu esta ordem, e na sessão da Academia, de 14 de dezembro de 1790, leu a sua *Memoria sobre os damnos do Mondego, no Campo de Coimbra, e seu remedio.*

O seu plano foi approvado, e mandado executar, por alvará de 22 de março de 1791; mas, no fim de nove annos de trabalhos e de gastarem muitas dezenas de contos de réis, suspenderam-se as obras, e perdeu-se o tempo e o dinheiro empregado. As aguas estagnadas, continuam a produzir enfermidades gravissimas, que vão despovoando parte das margens do Mondego, que a areia invade e esteriliza.

Ainda em 1790, foi encarregado de examinar o projecto de *Reynaldo Oudinot*, sobre a barra do Porto. Em 1791, examinou a barra d'Aveiro. Em 1795, examinou as aguas da Barroca d'Alva, Rilvas, etc.

De tudo deu satisfatoria conta; mas, infelizmente, tudo ficou como estava.

Por ordem do ministro das obras publicas, escreveu um *Tratado de Agrimensura*, que foi impresso.

Finalmente, este sabio tão notavel, como injustamente desconhecido, depois de gastar os 77 annos da sua vida em serviço da sua patria, falleceu na villa de S. Vicente da Beira, no 1.º de fevereiro de 1811, sendo o seu cadaver levado para Tinalhas, e sepultado no jazigo dos seus maiores.

Em 10 de outubro de 1870, foi feito visconde de Tinalhas, o sr. José Coutinho Barriga da Silveira Castro e Camara.

TINHELLA — pequeno rio, Traz-os-Montes, que passa proximo, ao N., d'Alfarella de Jalles, e entra na direita do Tua, proximo a Carlão. (Vide o 2.º *Cidadêlhe*, e, sobre tudo, *Penêdo d'Alfarella.*)

TINHELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 35.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Passa por esta freguezia, o rio do seu nome. É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos. Entre a povoação de Tinhella e a de Agrodella, se achou no principio do seculo passado, uma fonte, de abobada, com seus corredores de pedra la-

vrada, obra evidentemente romana, com a seguinte inscripção (que não entendo).

D SERMACELES. B. F. D.

D. Affonso 3.º lhe deu foral, em dezembro de 1257. N'elle lhe dá o nome de *Tinela. (Livro 2.º de Doações de D. Affonso 3.º folhas 20, verso).*

É terra de clima excessivo, e pouco fertil, mas saudavel. Produz cereaes, vinho, linho, legumes e algumas fructas. Cria bastante gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

Fica perto da raia.

Em 27 de junho de 1877, pelas 3 horas da tarde, pairou sobre esta freguezia, uma horrorosa trovoada, que em menos de uma hora reduziu á mais atroz miseria os seus habitantes, exclusivamente lavradores.

A pedra (saraiva) era de tamanho nunca visto aqui, destruindo completamente a vegetação. Uvas, centeios, trigos, milhos, linhos, tudo desappareceu!

Os telhados e mesmo algumas casas, soffreram horrivelmente, e as poucas vidraças que havia aqui, desappareceram em um instante.

As pessoas mais velhas da freguezia, não se lembram de uma trovoada tão desastrosa.

TINTINOLHO — Vide *Guarda, cidade.*

TIOZÊLLO — Vide *Tuizêllo.*

TÓ — Vide *Thó.*

TOCHA — Vide *Quintan e Tocha.*

TÕES — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho d'Armamar (foi do concelho d'Armamar, comarca de Lamego — d'onde dista 15 kilometros) 335 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1724, tinha 52.

Orago, Santa Senhorinha, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor d'Armamar apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

(Não acho esta freguezia no *Portugal Sacro.*)

Tem trez ermidas — Nossa Senhora da Guia, e Santo Antonio, que são publicas — e Nossa Senhora da Graça, que é particular.

É povoação muito antiga.

Em 1399, confirma D. João 1.º o «*instrumento de Permudaçom* (troca) *pelo qual o Mosteiro de S. João de Tarouca, dava a Gonçalo Vasques Coutinho, e a sua mulher, Leonor Gonçalvez, todas as Granjas, casaes, casas, vinhas, conchosos, exidos, logares, fóros, direitos, direituras,* [1] *medições, serviços, trabutos, colheitas* (aposentadorias) *que tinha em Trancoso e seu termo; recebendo todos os Direitos Reaes, que o dito Gonçalo Vasquez, tinha, e recebia do Mosteiro, em* TERRA DE HERMANAR, e TOENS. (Doc. de Tarouca.)

—

A esta freguezia se retirou, em 1834, depois *de ter entregado aos liberaes, antes do fim da guerra civil,* o tenente general reformado, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, 1.º visconde do Peso da Regua. (vol. 6.º, pag. 700, col. 1.ª) Esquecido — e mesmo desprezado — por liberaes e realistas, pois que para ambos os partidos tinha perdido a confiança, aqui falleceu, sendo enterrado na egreja d'esta freguezia.

Gaspar Teixeira, era tenente general, feito pelo governo liberal (durante a regencia da infanta D. Isabel Maria, *e sendo ministro da guerra, o general Saldanha)* em 28 de dezembro de 1826. Foi do conselho de S. M., 5.º senhor do mórgado de Celleirós e da casa da Calçada, em Villa Real, de Traz-os-Montes; commendador das ordens de Christo e Torre Espada; condecorado com a cruz da guerra peninsular.

Tinha nascido a 21 de julho de 1763, e casado, a 3 de julho de 1795, com D. Maria Antonia de Souza e Silva Alcoforado e Lencastre, filha e herdeira dos primeiros barões de Villa-Pouca, e fallecida a 15 de março de 1807.

Este titulo não foi renovado.

Gaspar Teixeira, teve 5 filhas e dous filhos — foram — D. Maria do Carmo, D. Emilia Delfina, D. Marianna, D. Maria Izabeel, e D.

[1] *Direituras,* eram pensões miudass, a que hoje se dá o nome de *foragens,* ou *miunças.*

Guilhermina — Rodrigo, que foi barão de Villa Pouca, e Antonio, que foi official de cavallaria, e coronel das milicias de Lamego. Todos já fallecidos.

O ultimo — Antonio — nasceu a 15 de março de 1807, e falleceu ha poucos mezes. Casou, em 14 de outubro de 1829, com D. Maria dos Prazeres de Carvalho Rebello de Menezes, sua sobrinha, nascida a 5 de janeiro de 1816, e ainda vive. Era filha unica e herdeira, de Manoel de Carvalho Rebello de Menezes, e de D. Maria do Carmo de Souza e Lencastre. Foi senhora do mórgado e casa do Pôço, de Lamego.

Antonio Teixeira de Carvalho (*o fidalgo do Pôço*) e sua mulher, a dita D. Maria dos Prazeres, tiveram trez filhos :

1.º *D. Maria*, nascida a 22 de setembro de 1830.

2.º *Manoel*, nascido a 22 de março de 1833.

3.º *Antonio*, nascido a 26 de julho de 1836.

São ambos bachareis em direito — o 1.º advogado no Porto ; e o 2.º em Lisboa.

—

É n'esta freguezia a boa quinta da *Lama Redonda*, do sr. dr. Antonio Carlos de Magalhães Mendonça Pimentel, actual recebedor da comarca de S. João da Pesqueira, e um dos cavalheiros mais respeitaveis d'estas terras, pela sua inteligencia e optimas qualidades.

TOJADOS — logar, Minho, junto á *Ponte do Prado*. Passava por aqui a via militar mandanda construir pelo imperador Vespasiano (*a Geira.*) De *Tojados* seguia por Freiriz, Portella e outras povoações, até Ponte do Lima, Coura (concelho) Chaves, etc.

No seculo passado se acharam em Tojadas, dous marcos milliares dos romanos, com estas inscripções :

1.ª

D. N.
MAGNO
MACENTIO
... IR. IMPERATORI
AUG.
P. T. C.
B. N. R. P. N.
XXXI.

(A nosso senhor Magno Macencio, irmão do imperador Augusto, nascido para beneficio da republica.)

2.º

MAG.
FILIO.
THEC....
NEPOS.

Não sei o que quer dizer.

TOJAL — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado, e 17 kilometros a NE. de Lisboa.

Orago, Santo Antão.[1] 230 fogos.

Em 1768, tinha 300.

Foi, até 1834, um priorado unido á mitra, e rendia para esta 1:600$000 réis.

Apresentava o parocho (que primeiro foi vigario e depois prior) o qual tinha, dos dizimos e miunças, 150$000 réis, tendo outro tanto rendimento dous beneficiados, fóra o pé d'altar.

A mitra lhe dava de congrua, 120 alqueires de trigo, 60 de cevada, uma pipa de vinho, 6 cantaros d'azeite, 120 alqueires de sal e 50$000 réis em dinheiro. Era, pois, um dos mais rendosos beneficios ruraes, do patriarchado.

Era collegiada, com 18 empregados — 9 sacerdotes, incluindo o parocho e os dous beneficiados — os outros 9, eram, sachristão, musicos, sineiro, etc.

—

É povoação muito antiga, e não se sabe quando foi fundada.

Situada em uma planicie, mas cercada de montes pouco elevados, que lhe limitam o horisonte, e os bastos olivaes que abundam aqui, dão-lhe um aspecto monotono e triste ; todavia, dá-lhe bastante animação o rio de Sacavem, que recebendo as marés do Tejo, tem aqui um porto, frequentado outróra por grandes *fragatas*, e até hiates de mais de 120 toneladas.

[1] Na sua origem — e ainda em 1729, se denominava esta freguezia, *Santo Antão do logar de Santo Antonio*. O povo d'aqui ainda dá á parochia a denominação de *Santo Antonio do Tojal*.

Actualmente, por estar o rio obstruido com lodo, apenas é percorrido por bateis, e barcos de fundo chato, e isto, sómente com marés cheias.

A egreja matriz, é antiquissima, mas não se sabe quando ou por quem foi construida: o que se sabe é que já existia no reinado de D. Diniz (1279-1325) e que n'este tempo já era parochia do padroado da mitra de Lisboa, que tinha uma quinta ao pé da egreja[1].

Esta, é um templo regular e magnifico, e dos melhores dos arrabaldes de Lisboa. Se não foram os prelados de Lisboa que o construiram, certamente o reedificaram, porque as armas dos differentes arcebispos e patriarchas, se veem esculpidas em varias partes. É porem mais que provavel, que fossem elles que o fundaram.

Em 1554, D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 11.º arcebispo de Lisboa (4.º vol., pag. 274, col. 1.ª) estando a antiga egreja matriz bastante arruinada, por velha, e sendo pequena a reedificou. Pelo mesmo tempo, na velha *quinta de Pero Viegas*, construiu o palacio e jardim que ainda existem para residencia de verão dos prelados lisbonenses.

Em 1730, D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa (vol. 4.º, pag. 276, col. 1.ª) reconstruiu a egreja, ampliando-a, e adornando-lhe o frontespicio com trez estatuas de santos, feitas em Italia, de bello marmore de Carrara; enriquecendo os altares de primorosa talha dourada, e dando á egreja custosos paramentos e alfaias.

Por essa occasião é que mudou o titulo do parocho, que era vigario, no de prior, e instituiu a collegiada, com dous beneficiados e 14 capellães cantores; ficando, alem disso, esta egreja com 4 irmandades, e 4 confrarias.

O palacio foi tambem muito augmentado e enobrecido, ornando-o interiormente com ricos paineis a oleo, damascos, pannos de Arraz, porcellanas da China e do Japão, etc. — O jardim foi tambem augmentado e adornado com estatuas de marmore e com viveiros para aves.

Sendo a povoação falta d'agua potavel, o mesmo D. Thomaz d'Almeida, e pelo mesmo tempo, a abasteceu d'agua mandando construir para isso um grande aqueducto, sobre arcaria, e mandando fazer alguns chafarizes. A agua vem de Fanhões.

Ermidas publicas

Espirito Santo — é muito antiga e foi albergaria. Sendo uma grande parte dos seus rendimentos... *desencaminhados*, esteve abandonada. Hoje está entregue á junta de parochia, que administra os poucos rendimentos que escaparam.

S. Roque — fundada em 1568. É muito visitada dos devotos, porque, segundo a lenda, a imagem do santo appareceu aqui milagrosamente. É templo aceiado, muito bem conservado, e n'elle se admiram excellentes quadros a oleo. Está edificada sobre a estrada que vae para Via-Longa, e junto á ponte do *ribeiro das Gallinhas*.

Alem d'estas ermidas, ha as de *Nossa Senhora do Monte do Carmo* e *Nossa Senhora da Apresentação*, em quintas particuulares.

Quintas

Ha n'esta freguezia muitas e boas quuintas, sendo as principaes — *a da Mitra*, enm que já fallei — *a da Alamêda* — *a De-Baixo* (ou *Guarda-resposta*) — *a da Farinheira* — *a de Carrapoches* — *a do Pinto* — *a da Bôôcca* — *a da Conceição* — *a do Paço da Hortaa* — *a Quinta Nova* — *a Quinta Velha* — e *a do Rocio*.

Rios, ou ribeiras

Rio de Pintéus, ou *das Caniceiras*; que nasce em Fanhões. Atravessa toda a freguezia, e vae entrar no rio de Sacavem. As suas enchentes causam grandes prejuizos nas margens.

O *ribeiro das Gallinhas*.

A *ribeira do Lago*, povoada de lindos arvoredos, traz bastante peixe, e a sua agua serve de motor a varias azenhas e lagares.

[1] O bispo de Lisboa, D. Domingos Jardo, no testamento que fez em 19 de dezembro de 1291, falla já d'esta propriedade, denominando-a *Quinta de Pero Viegas*; provavelmente era este o nome do seu fundador ou antigo possuidor. (Vide 4.º vol., pag. 269, col. 2.ª)

—

Perto da povoação do Tojal, está a excellente fabrica de papel, fundada pelo fallecido conde do Tojal. Vide *Abelheira.*

Condes do Tojal

João Gualberto d'Oliveira, nasceu em 12 de julho de 1788, e falleceu em 10 de fevereiro de 1852. Era do conselho de sua magestado, secretario d'estado honorario, deputado ás cortes em 1836 e 1837, e ministro da fazenda n'este ultimo anno. Foi feito 1.º barão do Tojal, em 4 de abril de 1838, e conde do mesmo titulo, a 14 de setembro de 1844.

Era filho do doutor João Francisco d'Oliveira, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, medico da real camara, physico-mór do exercito e deputado ás cortes de 1822 — e de sua mulher, D. Maria Joaquina Farto, filha de João Dias Farto.

Felix d'Avellar Brotero

Nasceu este famoso naturalista, na freguezia de Santo Antão do Tojal, a 25 de novembro de 1744. Adoptou o estado ecclesiastico, e foi nomeado, por concurso, capellão-cantor, da Sé patriarchal.

Perseguido pela Inquisição, fugiu para a França, na companhia do celebre Francisco Manoel do Nascimento (o *Felinto Elysio* da Arcadia) abandonando ambos a patria, em 4 de julho de 1778.

No exilio, entregou-se ao estudo das sciencias naturaes, e graduou-se em medicina, na Universidade de Reims. Dedicando-se á botanica, escreveu um compendio que lhe deu grande fama, tornando-o conhecido em toda a Europa.

O governo portuguez, attendendo á grande fama que Brotero gozava no estrangeiro, o convidou para lente de botanica na Universidade de Coimbra, logar que acceitou, sendo jubilado em 1811, e nomeado director do museu e jardim botanico da Ajuda.

Falleceu em Lisboa, a 5 d'agosto de 1828.

As suas principaes obras são — *Compendio de botanica*, e *Flora Lusitana.*

Foi um dos mais illustres botanicos do seculo XIX, e os seus livros gozam de geral estimação entre os naturalistas.

TOJAL (ou **TOJALINHO**) — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 18 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1768, tinha 173.

Orago, S. Julião.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fôra, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, 5 cantaros d'azeite, e 10$000 réis em dinheiro.

Situada em um valle, entre as serras de Unhos e a de Fanhões, é regada pelo rio Trancão, cuja agua serve de motor a muitas azenhas e lagares.

Segundo a tradição, esta aldeia foi fundada por um mouro cognominado *Monte Florido.*

D. Affonso Henriques, deu esta freguezia aos frades de S. Vicente de Fóra, em 1148.

Está esta freguezia sobre a estrada de Loures a Via-Longa, e a egual distancia d'estas duas povoações.

Os seus habitantes — como os da freguezia antecedente — pertencem á raça *salôia.* (Vide *Salôio.*)

A egreja matriz, em fórma de cruz, é de architectura simples, mas está muito bem conservada. Foi mandada construir pelos religiosos do mosteiro de S. Vicente de Fóra, que, por isso, ficaram sendo seus padroeiros, até 1834. Não se sabe a data da fundação, mas suppõe-se, com bons fundamentos, que foi pelos fins do seculo XII, ou principio do XIII.

No centro do pavimento da capella-mór, está uma campa, com esta inscripção :

SEPULTURA DE MARTIM GUEDES
E VILHEGAS FIDALGO DA CASA DE
SUA MAGESTADE, E SEUS HERDEIROS,
POR CONTRATO COM O MOSTEIRO
DE SÃO VIGENTE, CELEBRADO NO
ANNO DE 1750.

Na parede da capella lateral, do lado do Evangelho, está uma lápide com esta inscripção :

ESTA CAPELLA É DE JOÃO ALVARES SOARES, FIDALGO DA CASA D'EL-REI NOSSO SENHOR: QUE FOI ESCRIVÃO DA SUA REAL FAZENDA. QUE A MANDOU FAZER Á SUA CUSTA, PARA ELLE E SUA MULHER, E SEUS DESCENDENTES. NA QUAL CAPELLA ESTÁ SEPULTADO. FALLECEU EM 28 DE JUNHO DE 1609.
E INSTITUIU DUAS MISSAS CADA SEMANA, PERPÉTUAS.

Os religiosos de S. Vicente de Fóra (conegos regrantes de Santo Agostinho — cruzios) tinham tambem n'esta freguezia a grande *quinta da Abelheira*, que os liberaes venderam ao 1.º Barão e 1.º conde do Tojal, que fundou aqui uma fabrica de papel. Fica esta quinta, sobre a margem direita do rio *Trancão*, ou de *Sacavem*. Vide *Abelheira*.

Tinham tambem os frades, dentro d'esta quinta, um hospicio, e capella dedicada a Nossa Senhora da Conceição; o que tambem foi incluido na venda.

A quinta da Abelheira, é um dos sitios mais aprazíveis e pittorescos, dos arrabaldes de Lisboa, com amplas vistas, e enriquecida com formosos jardins e um magnifico lago (tudo obra dos cruzios) collocado na parte mais alta da quinta, e no centro de uma alamêda de frondosas arvores seculares, orlada de canteiros com flores e arbustos, no sitio onde a agua entra em jôrros no lago; e com uma bonita casa de cortiça, com assentos da mesma, cuja varanda olha para o lago.

Diz a tradição, que no sitio onde se vê hoje o lago, existiu antigamente uma ermida, dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo, onde o povo do Zambujal, que fica proximo, e ao norte, mandava celebrar missa nos domingos e dias santos; porém, desejando os frades ampliar os limites da sua quinta e cercal-a de muros, depois de feito um accôrdo com os do Zambujal, demoliram a ermida, mandando levantar á sua custa outra nova, de maiores dimensões, no centro do logar do Zambujal, e com a mesma invocação da antiga, a qual (a nova) ainda existe. No local onde estava a velha ermida, construiram o lago, para o qual procuraram agua e a encaminharam para elle. É um abundante manancial, que faz a riqueza da quinta.

TOJAL — aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Limãos, concelho de Ribeira de Pena. (4.º vol., pag. 95, col. 2.ª)

Aqui nasceu, a 23 de março de 1781, o famoso sinologo, padre *Joaquim Affonso Gonçalves*.

Em 17 de maio de 1799, entrou para a *Congregação das Missões* de S. Vicente de Paulo, á qual deu origem, em Portugal, o padre *José Gomes da Costa*, natural da villa de Moncorvo, fallecido em 1725; que instituiu esta congregação, em 1713, por breve do papa Clemente XI, dirigido ao nosso D. João V.

O padre Gonçalves, sahiu de Lisboa para Macau (China) em 1812. Era muito versado em theologia, e mathematica, e nos estudos geraes das linguas europeas e asiaticas. Tambem foi um dos melhores musiccos do seu tempo.

Residiu no seu collegio, de S. José, de Macau, os ultimos 30 annos da sua vida, entregue, com a maior applicação, ao estudo da lingua chineza, chegando a ser um consummado sinologo.

Foi membro da *Sociedade Asiatica de Londres*, e da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, desde 18 de novembro de 1840: e cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa [1].

Falleceu no dito collegio de S. José, a 3 de outubro de 1841, não chegando a receber os diplomas da Academia, nem da ordem da Conceição.

Escreveu e publicou varias obras, sendo as principaes:

Grammatica latina, ad usum Senensium Juvenum. Em 8.º, impressa em 1828.

Arte China, constante d'alphabeto e grammatica, comprehendendo modelos das differentes composições. Em 4.º, impressa em 1829.

[1] A ordem de Nossa Senhora da Conceição, foi creada por decreto de D. João VI, de 6 de fevereiro de 1818, e foram-lhe dados Estatutos, em alvará de 10 de setembro de 1819.

Diccionario portuguez china, no estylo vulgar mandarim e classico geral. Em 4.º, impresso em 1831.

Alem d'estas, ainda escreveu e se imprimiram varias obras do *Padre Gonçalves*, todas para o estudo da lingua chineza, e que gozam da geral acceitação, tanto de nacionaes, como de estrangeiros.

TOJAL — Aldeia, Beira Alta, freguezia de Villa d'Egreja, concelho de Sattam. (Vide *Villa d'Egreja.*)

Houve aqui um antiquissimo mosteiro, duplex, da ordem benedictina, fundado provavelmente no XI ou XII seculo. Depois, passou a ser só de freiras.

O fundador d'este mosteiro, determinou que as religiosas d'elle, *ainda que tivessem perfeita saude, fossem sangradas de 6 em 6 mezes!*

(Elle lá sabia a causa d'esta providencia...)

Esta praxe estava adoptada em muitos outros mosteiros, tanto de freiras, como de frades. Em 1155, o abbade benedictino de Pedroso (Gaia) fez doação aos seus monges, de todas as herdades que tinha em Viseu, Alafões, Valle de Cambra e Vouga, *pera Vestiaria, Conduturia, Infirmaria, Sanguilexia* (sangria) *e Pitança.* (Doc. de Pedroso.)

Nas *constituições antigas*, do mosteiro de Pombeiro, se determinavá que os frades *fossem sangrados de 2 em 2 mezes!*

—

No dia 27 de junho de 1877, ás 4 horas da tarde, presenceou-se n'este logar do Tojal, e povoações circumvisinhas d'esta freguezia de Villa d'Egreja, e da de Mioma, afflictivamente, a maior e a mais medonha das tempestades (chuva, saraiva e vento) de que ha memoria, causando gravissimos e incalculaveis prejuizos!

Muitas propriedades, e a maior parte dos baixos, ficaram sem terra, cheios ou juncados de pedras; em circumstancias taes de nunca mais poderem voltar ao antigo estado.

Todas as paredes, pontes e pontões aonde chegou a tormenta e corrente das agoas foram por terra, derribadas e impellidas por aquella. Consta que no rio Sattam não escapára nenhuma das pontes e pontões. As vinhas, searas, batataes e outros legumes foram destruidos.

A maior parte dos lavradores e proprietarios ficam arruinados para sempre.

Só a muito custo, com grandes sacrificios, e em muito tempo é que poderão compor alguns de seus predios; outros nunca!

Muitas pessoas e crianças estiveram em risco de morrer afogadas. Para se salvarem estas foi mister arrancar-se soalhos de casas e abrir portas.

N'uma palavra, foi tal e tão lugubre a desgraça d'estes povos, ricos e pobres, que as suas privações serão inevitaveis e irremediaveis.

Só á vista é que bem se póde fazer idéa das desgraças, destruições, que aquella tempestade e trovoada trouxe a estes povos.

Parece que toda a ira de Deus veio sobre elles.

Muitas vidraças foram tambem quebradas pela força da saraiva, pedras.

É uma pena, um quadro medonho para quem estava acostumado a ver seus fructos e campos tão viçosos e mimosos, e ainda no dia 27 até ás 4 horas da tarde, e depois ver n'um instante tudo destruido!

TOJALINHO — Vide o 2.º *Tojal.*

TOJEIRA — Casa muito nobre e antiga, Minho, na freguezia de Santa Senhorinha de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto. É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Lourenço Pereira de Castro.

TOLLÕES — Vide *Tellões.*

TOLOSA — villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alpalhão) 15 kilometros do Crato, 180 ao S.E. de Lisbôa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 109.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

É do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 2$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado de toda a qualidade, colmeias e caça.

Fica esta villa, 12 kilometros ao S. da Amieira, e 3 ao N. de Villa Nova de S. João de Gafete. É povoação muito antiga.

Toloza, é tambem um appellido nobre d'este reino. Veio da cidade de Tolosa, capital do Languedoc. Trazem por armas — em campo d'ouro, cruz de púrpura floreada, e vazia do campo — élmo d'aço, aberto, e por timbre a cruz do escudo.

O seu 1.º foral, lhe foi dado pelo grão-prior do Crato em 1262. (*Gaveta 15.ª maço 9, n.º 18.*) Este foral, tinha todos os privilegios do de Evora. Deram-lhe outro foral, os cavalleiros de Malta, em 1281.

No 1.º foral, deram os *hospitalarios* (maltezes) aos povoadores de Tolosa, álem d'outras, uma herdade, na ribeira do Sôr, com o foro de duas dizimas; porém no 2.º, dizem os senhorios — «E dêdes a nós de todo o froyto, que Deus dér, a dizima spiritual, de hum alqueire de trigo, por fogaça, e hum capom, por Sam Miguel, cada huum d'aquelles, que y fordes herdados.» (Doc. da Torre do Tombo.)

Os habitantes de Tolosa, gozavam os grandes privilegios de *caseiros de Malta*, que já se acham referidos em outros logares d'esta obra, e por isso os não repito.

O rei D. Manoel, lhe deu foral novo (confirmando, em tudo, o antigo) em Lisboa, a 20 de outubro de 1517. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, folhas 107, col. 2.ª e folhas 110, col. 1.ª)

Para as aguas mineraes da *Fedegosa*, vide *Gavião, villa.*

TOMARÃES — Vide *Thomarães.*

TOMBELLES — o mesmo que *Mâmoas.*

TOMINA — Vide no 1.º vol., pag. 91, ultima linha da 2.ª col. — e 8.º vol., pag, 596, col. 1.ª

TONDA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 325 fogos.

Em 1768, tinha 170.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 270$000 réis de rendimento annual.

Fertil — gado e caça.

Para a etymologia, vide *Tondella.*

TONDÉLLA — Villa, Beira Alta, cabeça do concelho e da comarca (de 2.ª classe) do seu nome (ou de Bésteiros) pertencente ao districto judicial da Relação do Porto, e ao da 2.ª divisão militar. 18 kilometros ao S.O. de Vizeu, 265 kilometros ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1768, tinha 201.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Almitra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

O seu foral, é o de Bésteiros. (1.º voll. pag. 395, col. 1.ª)

O concelho de Tondella, tem 23 freguezias, todas no bispado de Viseu. São — Barreiro, Cannas, Caparrosa, Castellões, Dardavaz, Ferreiroz, Guardão, Lageosa, Lobão, Moléllos, S. João do Monte, Mosteiro, Mosteirinho, Mouraz, Nandufe, Sabugosa, Santa Eulalia, S. Miguel do Outeiro, S. Thiago, Silvares, Tonda, Tondella, e Villlar — Todas com 6:000 fogos.

A freguezia de Bôa-Aldeia, d'este concelho, passou a fazer parte do de Viseu, em setembro de 1876.

Pela nova divisão judicial, tem trez julgados — *Castellões, S. Miguel do Outeiro*, e *Tondella.*

Tem estação telegraphica.

A comarca, comprehende unicamente o seu concelho.

—

Antigamente, dizia-se *Atondella*, e era mais etymologico. Vem de *Atondo*, portuguez antigo, que significa — direito de arrotear, agricultar, ou romper algum terreno inculto, e utilisar-se dos seus fructos, mas sem o poder dar, doar, trocar, ou vender; sendo um méro usufructuario, e não senhorio directo. Vem pois Tondella a significar, *pequeno Atondo*, o que me faz suppor que Tondella, é mais moderna do que

Tonda. Mesmo porque no foral de Bésteiros, fallando-se de Tonda, não falla em Tondella.

Segundo alguns sonhadores de etymologias, o nome d'esta villa procede de que — no tempo dos romanos (outros dizem dos mouros) para se reunirem os povos do *Valle de Bésteiros*, contra o inimigo, certo figurão tocou uma corneta, e ao **tom d'ella** todos os homens válidos se juntaram em um só corpo, e saltando no inimigo, o destruiram.

Isto não passa de um conto da caroxinha.

O verdadeiro nome d'este concelho, é *Bésteiros*, mas, como hoje a sua capital é esta villa, diz-se *Concelho de Tondella.*

Esta freguezia e a maior parte do seu concelho, estão no formoso e feracissimo *Valle de Besteiros;* e para evitarmos repetições, vide todos os logares que no 1.º volume vão sob o nome de *Bésteiros.* Vide tambem *Guardão* e *Monte Lafão.*

—

Junto á villa, passa o rio *Inha*, ou *Dinha*, aqui atravessado por uma formosa e antiga ponte. O Dinha, abaixo de Ferreiros, se junta ao Dão, e ambos desaguam no Mondêgo.

O clima d'esta freguezia, como o de todo o concelho, é saluberrimo, e a sua situação não póde ser mais bella: é no *Valle de Bésteiros*, e basta.

A sua egreja matriz, que é um bom templo, foi construida fóra da villa, em um sitio, ainda chamado *Adro Velho*, onde são os passaes do parocho. Era velha, pequena, distante da povoação, e em sitio humido, pelo que, pelos annos de 1570, se mudou para o centro da villa, onde existe. Não se sabe quando foi construida a primittiva egreja, só se sabe que era muito antiga, e quando provavelmente a villa ainda não existia, pois a freguezia se denominava *Santa Maria de Bésteiros.*

A imagem da padroeira, é de pedra, e de bôa esculptura, apezar da sua muita antiguidade.

Teve a padroeira uma irmandade, composta de sacerdotes, erecta por bulla do papa Clemente X, de 12 de junho de 1671, e approvados os seus estatutos, em *sede vacante*, pelo provisor do bispado, Francisco d'Almeida Castello-Branco. Esta, e outras bullas subsequentes, concediam muitas indulgencias aos irmãos. Depois, foram tambem admittidos muitos seculares, chegando a irmandade a ter mais de 70 clerigos e 300 seculares.

A villa está assente nas ábas de uma montanha, banhada pelo rio (ribeiro) Dinha.

Algumas das suas ruas, são longas, mas todas mal calçadas, e as casas, pela maior parte, são pequenas e irregulares; apenas a que se distingue das outras, é a do senhor Telles.

Tem um aqueducto de muitos arcos de cantaria.

Seus arrabaldes, são muito bem cultivados e abundantes de milho, vinho, azeite e frutas, como todo o feracissimo Valle de Bésteiros.

—

Barões de Tondélla

Antonio Marcelino da Victoria (*o Olho Verde*) foi feito 1.º barão de Tondella, a 3 de julho de 1823. Nasceu a 2 de junho de 1750, e morreu a 22 d'agosto de 1825. Casou com D. Catharina Vicencia do Couto, que morreu a 13 d'abril de 1819.

Foi do conselho de D. João VI, commendador das ordens de Christo e Torre Espada, cavalleiro d'Aviz, conselheiro de guerra, e tenente general; governador das armas das duas Beiras e do Alemtejo.

Teve um filho e cinco filhas, d'este casamento.

1.º — *Candido Basilio*, que, sendo tenente coronel do regimento de infanteria n.º 10, morreu na batalha dos Pyreneus, em 30 de Julho de 1813.

2.ª — *D. Maria Joanna*, que foi 2.ª baroneza.

3.ª — *D. Francisca Joaquina*, que casou com Estevam Cesar Portugal da Silveira Correia de Lacerda.

4.ª — *Jeronima Angelica*, que casou com João Maria Portugal da Silveira Correia de Lacerda (irmão do antecedente) que, sendo cadete de infanteria n.º 4, morreu fusilado, no Campo d'Ourique (Lisboa) em 10 de se-

tembro de 1831, por ter tomado parte na revolta do seu regimento, contra o sr. D. Miguel 1.º, em 21 de agosto do mesmo anno.

5.ª — *D. Marianna Izabel*, fallecida em 1833.

6.ª — *D. Eustaquia Maxima*, fallecida em 1833.

—

D. Maria Joanna Roêda da Victoria, 2.ª baroneza de Tondella, nasceu a 24 de junho de 1782. Casou a 17 de outubro de 1817, com Bartholomeu d'Aragão da Costa Tavares e Sá, que foi feito tambem 2.º barão de Tondella, pelo seu casamento. Foi commendador da ordem de Christo, e coronel de milicias.

Este titulo não se renovou.

Hoje é representante d'esta casa, o sr. Bartholomeu d'Aragão da Costa Tavares e Sá, neto do 1.º barão, e residente na sua casa de Aldeia Nova do Cabo, freguezia do concelho do Fundão.

—

Em 3 de julho de 1878, morreu em Lisboa, José Bernardo da Silva, vice-almirante reformado, nascido em Tondella, em 1802.

—

Em setembro de 1880, falleceu n'esta villa, o dr. Antonio Dias Telles Villáfanha Falcão de Mendonça, — era moço fidalgo com exercicio e pertencia a uma das familias mais illustres da Beira.

Tinha 38 annos d'idade. Cursou com distincção o curso de Philosophia da Universidade de Coimbra.

Senhor d'uma grande fortuna, havia ha pouco tempo escolhido por esposa uma senhora, tambem distincta por nascimento, dotada de bellos dotes moraes, educada com a maxima vigilancia, e que devia realisar completamente a alta missão de esposa. Era tambem senhora de uma grande fortuna.

O sr. Villafanha estabeleceu a rezidencia na sua casa de Tondella.

Foi eleito, por algumas vezes, presidente da municipalidade de Tondella, procurador á Junta Geral, e nas ultimas eleições deputado por esse circulo. Já então a doença, que o matou, estava em terrivel periodo de adiantamento.

Era dotado de notavel talento e cultivava-o por uma leitura assidua e bem escolhida. Um conversador delicado, attrahente e instructivo.

Póde dizer-se que não se lhe encontrava um senão. Recebéra de sua ex.ma e bôa mãe, que ficara viuva muito nova, uma educação apuradissima. Sabia ser amigo e parente como os melhores.

Provou nas discussões da Jumta Geral e nas da vereação o seu patriotismo e o seu talento e estudo.

A doença não lhe permittiu mostrar, na camara dos deputados, quanto valia.

—

Aguas thermaes de S. Gemil

Na ultima *Lageosa* (4.º vol., pag. 17, col. 1.ª) fallei d'estas aguas: aqui darei d'ellas mais amplas informações.

Ficam 12 kilometros a S. O. de Viseu, mesmo no leito do rio Dão, e na sua margem do norte, perto da aldeia de S. Gemil, e a 1:500 metros da Lageosa, que foi antigamente da comarca de Viseu, e hoje é da de Tondella, como já vimos.

Nascem puras e diaphanas. Junto da sua origem, sente-se um cheiro de *figado de enxofre*, que motiva um ligeiro atordoamento.

São muitas as nascentes, porém são trez as principaes — uma que rebenta do centro de uma penha, e é potavel — as duas outras, nascem encostadas á mesma penha, rebentando em borbotões, de baixo para cima, em muitos pontos; mas, em tão diminuta quantidade, que ao todo, apenas dará meia *telha* d'agua.

O seu cheiro, é proprio das *aguas ssulphureas hepatisadas*, e o sabôr, em quanto quentes, é analogo ao cheiro: expostas porém ao ar, em vasos de boca larga, por 10 ou 12 horas, perdem de tal maneira o sabbôr e o cheiro, que se tornam insipidas e inodóras, e muito agradaveis para beber.

O thermometro de F., marca quasi constantemente 120 graus, que correspondem a 39 R.

Transportadas em pipas, ou outros quaes-

quer vasos fechados, para 12 e mais kilometros, conservam ainda tão alta temperatura, que é preciso deixal-as esfriar algum tempo, para se poderem tomar os banhos.

Nas nascentes, e mesmo nos banhos, vêem-se estalar à superficie, muitas *bôlhas* de gaz hydrogenio sulphurado.

Pelo exame dos reagentes, conclue-se que, alem de alguns contheudos mineraes, são estas aguas mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, e uma levissima porção de carbonato, de base alcalina, em virtude do qual, fazem verdenegro o xarope de violetas roxo.

Não foram analysadas na exposição de Paris, de 1857, porque não foram ali apresentadas.

Têem um soffrivel estabelecimeeto de banhos, e casas e quartos, que se alugam aos banhistas.

Ha aqui uma ermida, pertencente ao sr. José de Figueiredo Pereira, do Vinhal, onde se diz missa nos domingos e dias santificados.

—

TORCATO—Vide *São Torcato*.

—

TORGUÊDA — freguezia, Traz os Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa Real, 70 kilometros ao N. E., de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 225.

Orago, o Salvador. Arcebispado de Braga.

Os monges de S. Jeronymo, do mostéiro de Belem, apresentavam o reitor, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia o *Casal de Menezes*, notavel pelo que d'elle conta Damião de Goes, no seu rarissimo *Nobiliario*, manuscripto, e, segundo o qual, tem a familia *Menezes* e *Telles*, uma origem muito romantica [1].

«Os Telles e Menezes, ha-se por certeza, descenderem de el-rei D. Ordonho II [2], de Leão, pela infanta D. Ximena; a qual, enamorada de um cavalleiro da côrte de seu pae, determinou fugir com elle, e, tomando de suas joias e vestidos, o que poude, certa noite executára este intento, tomando-a elle nas ancas do seu cavallo, e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes mattas, elles se embrenharam n'ellas, por fugir de quem os buscava. O cavalleiro, reconhecendo o mal que tinha feito, ou por temor, ou por força do fado, com o pretexto de ir buscar mantimento, se foi, e nunca mais voltou.

Vendo a dita infanta a sua tardança, e conhecendo a sua fugida, com muitas lagrimas, começou a caminhar por aquellas mattas, com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias, foi ter a um casal, que se chamava Menezes, onde morava um lavrador, que se chamava Tello, com sua mulher; os quaes, espantados d'esta novidade, por este seu casal estar mettido em uma grande montanha, compadecidos das lagrimas da hospeda; e agradados da sua grande formosura, a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despindo os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, occultando quem era, os ficou servindo, como creada, até que morrendo a mulher d'este lavrador, este casou com ella, pensando fazer-lhe n'isso esmola.

E d'este matrimonio tiveram filhos.

D'alli a muitos annos, andando el-rei D. Ordonho, correndo a sua terra, já esquecido de sua filha, foi ter àquelle casal, onde Tello com sua filha morava, e onde o lavrador o agazalhou como poude.

A infanta, vendo alli seu pae, a toda a pressa fez dos brocados dos seus vestidos, que ainda guardava, dous pellotes a dous filhos que de seu marido tinha, que, parecendo-se com ella, eram muito louros e formosos, e logo guizou umas *mal passadas*, que era a maneira de comer de que seu pae se pagava, e n'ellas deitou um annel que o dito seu pae lhe déra; e feito isto assim, mandou este guizado pelos filhinhos, que, com muita graça, apresentaram na mesa d'el-rei, os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Tello, que mulher era a que tinha;

[1] O que se segue, é copiado do bellissimo romance do meu velho amigo e fecundissimo escriptor, o sr. Camillo Castello Branco. (*Novellas do Minho — Maria Moysés*, parte 1.ª, pag. 45.)

[2] D. Ordonho II, reinou desde 910 até 923.

Pinho Leal.

e, contando-lhe elle o successo passado, e como alli tinha vindo aquella mulher, o dito rei se levantou da mesa logo, e se foi onde ella estava, que, prostrada em joelhos com muitas lagrimas, foi recebida de seu pae, com grande piedade e contentamento, e, trazendo comsigo para a côrte, a filha, marido e meninos, fez ao genro muitas mercês, e dos dous meninos se affirma procederem os Telles e Menezes, tomando os ditos appellidos, do lavrador do casal.»

Segundo o sr. Camillo Castello Branco, isto não passa de puro romance, pois diz:

«Convem saber que o rico-homem, Tello Peres, oriundo das Asturias, e 5.º neto de D. Fruella II,[1] foi senhor de *Menezes*, na Navarra, por troca de Malagan, que fez com D. Affonso VIII, na era de 1217 (anno de Christo 1179)».

Menezes, era na Navarra, e não em Torgueda, nas faldas do Marão. D'este Tello, descende D. Affonso Telles, que casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches, filha illegitima de D. Sancho I, e de D. Maria Paes, *a Ribeirinha*» (vide *Grijó*).

—

O que diz o sr. Camillo Castello-Branco, concorda com os manuscriptos da casa Palmella, segundo os quaes — *D. Tel Peres*, foi senhor de Menezes e rico-homem de D. Affonso IX, de Castella e Leão. (Vide no 2.º vol., pag. 95, col. 1.ª Vide Tambem *Vagos*).

—

Supponho que o que deu origem á fabula de Damião de Góes (se é fabula) foi o timbre das armas dos Menezes, que é o busto de uma donzella, vestida de brocado e com os cabellos soltos.

Finalmente, qualquer que seja a ascendencia dos Telles e Menezes, o que é certissimo é ser uma familia nobre e antiquissima, e procederem d'ella, muitas das mais nobres casas d'este reino, como póde ver-se, em *Cantanhêde*, *Ericeira*, *Louriçal*, *Lumiares*, *Palha-Van*, e outros logares d'esta obra.

[1] D. Fruella II, era irmão de D. Ordonho II, e por morte d'este, usurpou a coroa a seu sobrinho, que depois foi rei, sob o titulo de Ramiro II. — O povo depoz D. Fruella, passado apenas um anno de usurpação; mas houve uma encarniçada guerra civil, porque D. Affonso, *o monge*, irmão de D. Ramiro, lhe disputou a coroa, porem foi vencido.

Pinho Leal.

TORNADA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 90 kilometros ao N.E. de Lisboa, 300 foggos.

Em 1768, tinha 175.

Orago; Nossa Senhora da Annunciação.

É no patriarchado.

Districto administrativo de Leiria.

O prior do mosteiro de monges jeronymos, de Valle-Bem-Feito, apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento annual.

Note-se que o prior dos monges, apresentava o cura, com o voto dos beneficiaddos de S. Thiago, da villa d'Obidos, sem o qual, não podia curar.

A egreja matriz, está no mais deplooravel e vergonhoso abandono. Nem ha toalha para dar a communhão, nem Crucifixo para o santo sacrificio da missa, nem os principaes objectos do culto divino. Tudo se pedde emprestado em occasiões urgentes!...

É terra muito fertil.

TORNARIOS ou **TORNEIROS**—*villa*, Douro, da qual apenas resta a memoria. Pertencia á freguezia de Santo Thyrso. FFaz-se menção d'esta *villa* (provavelmente casa de campo, ou quinta) em uma doação de D. Affonso, *o Casto*, que foi acclamado rei de Leão, em 824, e reinou até 848, succedendo-lhe D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I.

Em 1062, houve contenda, sobre os limites d'esta villa, e da do Subcollina, entre o bispo de Lugo e o de Compostella, marcando-se judicialmente os seus termos.

Nas *Inquirições* do nosso rei D. Dinniz, se menciona a *quinta de Torneiros*, da freguezia de S. Vicente de Penso (hoje, do concelho de Braga).

Tambem n'esta villa de *Tornarios*, ou *Torneiros*, emprazou o bispo de Braga, D.D. Pedro, uma fazenda, a João e Miguel Germondes (irmãos) em 1076.

Hoje até se ignora o local d'esta villa, provavelmente por ter mudado de nome ha muitos seculos.

TORNO — freguezia, Douro, comarca e

concelho de Lousada, 35 kilometros ao N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Pedro Fins (verdadeiramente, *S. Felix*, e é a denominação que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano*).

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. Abbade, benedictino, do convento de Pombeiro, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis, e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Terra*, ou *Apparecida*, á qual se faz uma grande romaria a 15 de agosto de cada anno.

Ha tambem a ermida da Senhora da Conceição, festejada a 8 de dezembro, com grande magnificencia.

É terra fertil.

TORPORIZ ou **TROPORIZ** — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Monsão, 60 kilometros ao N. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar. Depois, passou a apresentação aos jesuitas de Coimbra, e, desde 1759, ficou pertencendo á Misericordia.

É terra fertil.

TORRADOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, (foi do concelho de Felgueiras, comarca de Lousada) 32 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 146.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis e o pé d'altar.

É n'esta freguezia a nobre e antiga casa vinculada, pertencente á familia do Costeado, em Guimarães.

D. Anna de Faria, senhora d'esta casa, casou com Antonio de Napoles Vaz Vieira de Mello, então governador civil de Braga, que por este casamento foi feito primeiro barão do Costeado, em 7 de dezembro de 1848.

Os senhores de Torrados, eram padroeiros do mosteiro de Santa Clara de Guimarães.

É terra fertil. Gado e caça.

TORRÃO — Praia (margem) na esquerda do Douro, ao fundo da Serra do Pilar, em Villa Nova de Gaia. Ha aqui no tempo proprio, um abarracamento para banhos do rio.

Aqui, como em outros pontos d'este rio, se tem distinguido, por actos de heroica dedicação e arrojo, salvando a vida a muitas pessoas em perigo de morrerem afogadas, o benemerito banheiro, Simão da Costa Neves (*o Joaquim Lopes, do Norte.* — Vide *Olhão* e *Paço d'Arcos*).

Simão da Costa Neves, tem (muitas vezes com risco imminente de vida) salvado mais de 40 individuos, proximo afogarem-se n'este furioso rio.

Tem sido premiado mais de 20 vezes — possue a medalha de prata, de Salvação, a da Real Sociedade Humanitaria, e ainda a de bom comportamento militar.

A praia do Torrão fica proxima da ermida do *Senhor d'Alem.*

TORRÃO — logar da Extremadura (mas ao sul do Tejo) na freguezia de Caparica, concelho d'Almada.

O Torrão fica a uns 800 metros a O. da Trafaria, no areal que se estende até perto da Torre de S. Lourenço (*Bugio*) sobre a esquerda do Tejo, e proximo da *Costa de Caparica*, que lhe fica ao sul.

A este areal se dá o nome de *Ponta da Gollada*;

Comprehende só duas propriedades — a casa e quinta do sr. Miranda, e ao E.N.E. d'ella, a

Fabrica de dynamite

Foi aqui estabelecida em 1874 pelo engenheiro francez, o sr. Frederico Combemale, por conta de uma companhia que tem o privilegio d'esta fabricação.

Para evitar os perigos de uma grande explosão, a fabrica foi construida em pequenas barracas, isoladas umas das outras, por

grandes reductos de areia, misturada com terra vegetal, adubada convenientemente, para sustentar plantas adhesivas, e acham-se actualmente cobertas de verdura.

Quando o sr. Combemale veio para Portugal, tinha, havia poucos dias, casado com uma joven e formosa alsaciana, que o acompanhou.

Foi esta senhora, que delineou, junto da fabrica, uma horta e um jardim, n'aquella areia esteril e movediça, o que ao principio fez rir a gente d'aquelles sitios, que se acautelava do par francez, como de dous doudos. O que lhes vendera o terreno, era o que mais se ria.

Segundo os processos mais aperfeiçoados de agricultura, em pouco tempo, e com geral admiração, se viram alli crescer e prosperar, os eucalyptos, as figueiras e outras arvores, assim como rosas, jasmins, cravos, balsaminas, dhalias, etc. — Tambem aqui se viu em breve, nascerem, crescerem e produzirem feijões, repolhos, nabos, beterravas, rabanetes, cebôlas, uvas, morangos, melões, espargos, cenouras amarellas de Hollanda, etc., etc.

O antigo proprietario d'este areal, é hoje guarda-portão da fabrica, ganhando 300 réis diarios!

Apezar de ser uma planicie, d'aqui se goza um vasto e formoso panorama. Para E. e N.E., vê-se a Trafaria, o Lazareto, parte do Tejo, a Torre de Belem, Boa-Viagem, e Pedrouços. Para o N., Ponte d'Algés, Riba-Mar, Dá-Fundo, Cruz-Quebrada, Paço d'Arcos, Oeiras, S. Julião da Barra. Para o O., uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

TORRÃO — freguezia, Douro, na comarca, concelho e 12 kilometros ao S.O. do Marco de Canavezes, 35 N.E. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 510 fogos (comprehendendo Entre Ambos os Rios.)

Em 1768, tinha — só o Torrão — 215.

Orago, Santa Clara.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras de Santa Clara (franciscanas) do Porto, apresentavam o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, está situada em terreno bastante accidentado, na margem esquerda (E.) do rio Tamega, que entra aqui na direita do Douro.

Fica em frente de Entre Ambos os Rios, que sendo na margem opposta do Tamega, e pertencendo á camara e concelho de Penafiel, é da freguezia do Torrão!

Não se póde fazer idéia do que é esta estapafurdia divisão parochial, municipal, administrativa e judicial, sem se lêr o artigo *Entre Ambos os Rios*.

Entre Ambos os Rios, era uma freguezia do mesmo bispado do Porto, que tinha por orago, S. Miguel, archanjo. O papa, o bispo, e os monges benedictinos de Paço de Souza, apresentavam simultaneamente o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Em 1768, tinha 30 fogos; hoje tem 121.

Foi villa e cabeça de concelho, com justiças proprias, á qual o rei D. Manoel deu foral, em Evora, a 20 de outubro de 1519. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 21 col. 2.ª)

O Torrão, tambem foi villa, e couto do seu mosteiro (do qual adiante trato) notando porém que — *Entre Ambos os Rios* e *Torrão*, se se podessem unir (que não podem, porque os separa o Tamega) ainda não faziam uma villa, mesmo insignificante.

A villita e freguezia do Torrão (a parte a E. do Tamega) foi antigamente da comarca de Soalhães, concelho de Bemviver, ambos extinctos).

Mosteiro de Santa Clara do Torrão

Era de freiras franciscanas — vulgo — *Claristas*. Fundado por uma rica e vivirtuosa senhora, chamada D. Châma (ou Flamula) Gomes, viuva de D. Rodrigo Frosio, o qual, por sua morte, instituira sua mulher por universal herdeira de todas as suas immensas riquezas.

Vendo-se D. Châma, viuva, riquissima, e sem filhos, resolveu fundar um mosteiro de freiras franciscanas, escolhendo para isso a pequena villa do Torrão, por ser um sitio agradavel e pittoresco, na confluencia do Tamega com o Douro, ficando portanto sobre

a margem d'estes dous rios, e de clima salutifero, e abundante de boas aguas.

Alem de todas estas vantagens, já havia uma egreja, dedicada ao Salvador do Mundo, que D. Châma pretendia que fosse a egreja do mosteiro.

D. Vicente Mendes, 27.º bispo do Porto, e o seu cabido, se oppozeram tenazmente a esta fundação, e D. Châma só pôde conseguir a desejada licença, dando ao bispo, o padroado que tinha no mosteiro de Thuyas, que então era de monjas benedictinas, e outras mais propriedades.

Lavrou-se a competente escriptura de doação e licença, na qual o bispo se obrigou a lançar a primeira pedra no alicerce do mosteiro, e alli levantar altar. Esta escriptura foi feita na era de Cesar 1302 (anno 1264 de Jesus Christo). Assistiram a este contrato, D. Fernando Silvestre, abbade do mosteiro de Alpendurada, *Fernão Mendes, corregedor dEntre Ambos os Rios*, e outras pessoas notaveis.

Alem do que D. Châma deu logo á mitra do Porto, se obrigou, pela mesma escriptura, a deixar-lhe *todos os seus bens* (!) por sua morte.

Tratou-se logo da fundação, no mesmo anno de 1264, lançando-lhe o bispo a primeira pedra, como havia promettido; e em poucos annos se concluiram as obras, porque o mosteiro era pequeno e de fabrica modesta.

Consagrada a egreja a Santa Clara, foi o mosteiro entregue ás religiosas franciscanas.

Em 1383, principiaram as guerras contra Castella, que já então (e de muito tempo antes) queria lançar as garras a Portugal.

As freiras do Torrão, temendo os desacatos dos castelhanos, por estarem ellas em uma povoação aberta, requereram a D. João I, a sua remoção para o mosteiro de Santa Clara, do Porto; porém o rei, envolvido em uma guerra encarniçada, não as attendeu, apezar de lhe pedir a rainha D. Philippa, que elle tanto amava, e tão digna era de ser amada.

Finalmente, morrendo D. João I, de Castella, seu filho e herdeiro, D. Henrique III, assignou um tratado de paz com Portugal, em 1393, depois de dez annos de guerras e desgraças para ambas as nações.

Passados 23 annos de paz e prosperidades, e estando D. João I e sua mulher, na cidade do Porto, resolveram fundar um mosteiro de religiosas franciscanas, no sitio dos *Carvalhos do Monte*, para n'elle recolher as freiras do Torrão, o que se realisou em 1416, vindo logo habital-o as freiras da Foz do Tamega [1].

Tudo o mais que diz respeito a este mosteiro, se acha amplamente declarado no 7.º vol., pag. 292, col. 2.ª. anno 1416, para onde remetto o leitor.

—

A egreja de Santa Clara, que foi das freiras, é actualmente — e ha mais de 400 annos — matriz da freguezia do Torrão, e a cêrca foi emprasada pelas freiras franciscanas, do Porto, e transformada em uma boa quinta particular.

—

TORRÃO — Villa, Extremadura (mas ao sul do Tejo) comarca e concelho de Alcacer do Sal (foi da comarca de Cuba, concelho de Alvito) 40 kilometros ao O. d'Evora, 90 ao S. E. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1768, tinha 415.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

O tribunal da mesa de consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo;* fol. 49, col. 2.ª)

O mestre da ordem de S. Thiago, a que esta villa pertencia, lhe tinha dado foral, pelos annos de 1260, com grandes privilegios,

[1] Como a villa d'Entre Ambos os Rios era então mais conhecida, todos os historiadores que fallam, d'este mosteiro, dizem *convento d'Entre Ambos os Rios*. Como vimos, é êrro—porque o mosteiro é na outra margem do rio, e até, n'esse tempo, e ao 1.º quartel d'este seculo, de differente freguezia.

que o rei confirmou no foral novo que lhe deu.

Situado em planicie regada do lado do norte, pela ribeira de Xarrama (que tem a sua origem nas vinhas de Evora, e desagúa no Sado.) (Vide *Charrama.*)

Brites Pinto, fundou, em 1560, n'umas casas suas, n'esta villa, um recolhimento para beatas. Em 1599, a infanta D. Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras, filha do rei D. Manuel, e de sua terceira mulher, D. Leonor (filha de Filippe I, de Castella) transformou o recolhimento, em mosteiro de freiras franciscanas, dando-lhe muitas rendas.

Tem feira annual de 3 dias, e que principia no 1.º de agosto.

É povoação antiquissima, e já existia no tempo dos romanos, que na margem do Xarrama, construiram um sumptuoso templo, dedicado a Jupiter Olympio. (Vide 2.º vol., pag. 280, col. 2.ª)

É terra fertil em todos os generos agricolas do nosso clima, cria muito gado e colmeias, e o rio lhe fornece algum peixe miudo; mas, pelo Sado lhe vem peixe de Setubal.

Os temporaes de dezembro de 1876, causaram grandes prejuizos n'estas terras, deitando por terra muitas paredes e arruinando muitas casas. As sementeiras ficaram perdidas, e grande quantidade de azeitona foi levada pela cheia.

Em Porto de Rei, e Porto de S. Bento, a 15 kilometros d'esta villa, os prejuizos ainda foram maiores, destruindo grandes armazens de cereaes. Na aldeia de Odivellas, tambem a 15 kilometros do Torrão, a cheia levou seis moinhos, e todo o trigo que lá estava.

—

Pato, é um appellido nobre em Portugal, que procede de alcunha. O primeiro individuo que se assignou *Pato*, foi D. Egas Pato, no reinado de D. Affonso V, como consta do livro das *Inquirições* d'este rei.

A familia dos Patos progrediu nos reinados seguintes. Ha Patos, em Lisboa, na comarca de Torres Vedras, em Alcochete, no Torrão (este) e em outras povoações.

Trazem por armas — em campo de prata, nove lozanjas veiradas de azul, e contraveiradas de púrpura, em trez pallas: timbre, um pato de prata membrado de púrpura.

Pedro Rodrigues Pato, alterou as suas armas, do modo seguinte — em campo de prata, 9 lozanjas, 5 de purpura, em aspa, e 4 azues, em cruz, todas pegadas no vértice. O mesmo timbre do brazão antecedente.

—

O sr. Jeronymo de Magalhães Brazão de Sande Lança Mexia Salema, foi feito visisconde do Torrão (d'este) em 14 de setembro de 1855. Possue por estes sitios bastas e vastas propriedades, e é senhor de varios morgados, na villa de Louzan e outras terras.

Casou, em 1844, com a sr.ª D. Maria do Carmo Guedes Portugal e Menezes, fallecida em 12 de novembro de 1873. Era filha dos 1.ºs viscondes da Costa, e tinha nascido, a 21 de maio de 1825 [1].

O pae do 1.º visconde do Torrão, foi o desembargador Joaquim de Magalhães Mexia de Macedo, fidalgo da casa real, e senhor da casa da Louzan. Era pae da sr.ª D. Thomazia, condessa das Alcáçovas.

—

Esta villa, foi solar da familia *Galvão.*

Foi d'esta nobre familia, frei Antonio Galvão, nascido n'esta villa, no meiado do seculo XVI. Foi um frade virtuosissimo, e varão de grande sciencia. Era perito nas linguas latina, grega e hebraica. Foi doutor em theologia, e lente da Sagrada Escriptura, na universidade de Coimbra.

Deixou manuscriptos, excellentes *Commentarios aos prophetas menores*, e um tomo de sermões.

[1] O 1.º visconde da Costa, feito por D. João VI, em 6 de fevereiro de 1826, foi Francisco Guedes de Carvalho e Menezes, do conselho de D. Maria I, commendador de Christo, governador e capitão-general de Moçambique, e coronel da cavallaria de Chaves.

Sua mulher, era D. Anna José de Portugal e Menezes, da casa da Torre da Marca, do Porto. O 2.º visconde da Costa, feito em 21 de agosto de 1846, foi Rodrigo Guedes de Carvalho e Menezes. Ambos estes viscondes são fallecidos. O 3.º visconde da Costa, José Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, general de brigada, foi feito conde do mesmo titulo, com grandeza, em maio de 1878.

Falleceu em Santarem, a 20 de setembro de 1609.

Bernardim Ribeiro

Ha uma grande contenda entre os nossos escriptores contemporaneos, com respeito a este mimoso poeta do seculo XVI.

A causa d'estas duvidas, é terem existido n'aquelle seculo, nada menos de trez individuos com o nome de Bernardim Ribeiro, parece que procedentes da mesma familia, e portanto, parentes, mais ou menos proximos uns dos outros; e os escriptores attribuem só a um (ao poeta) as acções e empregos de todos trez.

O fallecido bibliophilo, Innocencio Francisco da Silva, o sr. Manoel Pinheiro Chagas, e outros, só fallam da existencia do Bernardim Ribeiro, auctor da *Menina e Moça*, que dão perdido de amores pela infanta D. Beatriz, filha do rei D. Manuel, e que casou com o duque de Saboya, e dizem ter sido capitão da fortaleza de S. Jorge da Mina, e commendador da ordem de Christo.

O sr. Camillo Castello Branco, o mais assiduo e tenaz investigador de cousas e pessoas da nossa terra, desenvencilha esta meada, pela fórma seguinte:

Bernardim, (ou *Bernaldim*, ou *Bernardim Beinardino*) *Ribeiro*, nasceu n'esta villa do Torrão (d'isto ninguem duvida) em 1500, ou 1501 [1], e era filho de paes nobres.

No principio do seculo XVIII, ventilava se uma questão de vinculos, entre familias do Torrão, que se assignavam *Ribeiros* e *Mascarenhas*.

Appenso aos autos, andava um instrumento antigo, no qual João Ribeiro, filho de Gonçalo Ribeiro, senhor de Aguiar de Neiva e Couto de Carvoeiro, no almoxarifado de Ponte de Lima, provava *ser primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal e muito conhecido pelos seus versos, intitulados Menina e Moça*. Este instrumento, era datado de 1552, sendo já fallecido o poeta.

Os Mascarenhas, que venceram o pleito, procediam de Manuel da Silva Mascarenhas, que serviu em Tanger e nas armadas de Castella, com o general hespanhol D. Fradique de Toledo.

Voltando a Portugal em 1640, foi um dos denunciantes da conjuração de 1641, (vide 1.º vol., pag. 446, col. 1.ª, no fim — *Caminha* e *Villa Real*, de Traz-os-Montes. — Vide tambem *Setubal*, no anno 1641.)

D. João IV, em premio da denuncia, o fez alcaide-mór da Torre do Outão, em Setubal, e, ao mesmo tempo, foi guarda-mór da alfandega de Lisboa.

Este Manuel da Silva Mascarenhas, editou, em 1645, as poesias do seu parente, mudando o titulo de *Menina e Moça*, para *Saudades de Bernardim Ribeiro*.

Este Mascarenhas, casou com D Garcia Pereira, filha de João Sodré, de Ourem, mas não teve filhos legitimos. Teve dois bastardos, um, foi assassinado em Setubal, e não se sabe o fim do outro.

—

Outro Bernardim Ribeiro, que Diogo Barbosa Machado (4.º vol., pag. 327, col. 2.ª) e outros, fazem capitão-mór das armadas da India, commendador de Villa Cova — tambem, não é o poeta.

Este commendador de Villa Cova, era filho de *Estevianes* (Estevam Annes) Ribeiro, creado e thesoureiro do infante D. Fernando (filho do rei D. Manuel) e fidalgo da sua casa.

Não nasceu no Torrão, mas em Lisboa, junto á ponte d'Alcantara, na *quinta da Rôla*, que D. João I tinha dado a um de seus avós.

Casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manuel de Menezes. Assistiu á batalha de Alcacer-Kibir, onde ficou captivo. Voltando ao reino, foi despachado capitão-mór das naus da India, em 1589, como paga de ter votado em Almeirim, a favor de Filippe II

[1] O sr. Camillo Castello Branco, é o unico escriptor que traz a data do nascimento do poeta. Ignora-se quando falleceu, e qual foi a causa da sua morte.

Segundo as *Memorias ineditas*, de Diogo de Paiva de Andrade, foi assassinado na *Rua Nova de Lisboa* (hoje *Rua Nova d'Elrei* — vulgo *Capellistas* — vide 4.º vol., pag. 179, col. 2.ª) pelos moços do monte do rei D. Manoel, por causa do seu namoro com a infanta. (Se fosse assim teria morrido de 20 annos de idade, pouco mais ou menos.)

O visconde d'Almeida Garrett, Costa e Silva, e muitos outros, sustentam que elle morreu commendador, e de avançada idade!

que no mesmo anno o fez commendador de Villa Cova.

Era portanto muito mais novo do que o poeta.

Bernardim Ribeiro, poeta, consta que deixou uma filha — Bernardim Ribeiro, commendador, deixou dois filhos e uma filha — Luiz, Manuel, e D. Maria de Menezes. O mais velho, *Luiz Ribeiro Pacheco*, herdou a commenda de Villa Cova, e serviu-a em Ceuta. Casou com D. Catharina de Athayde, filha de Francisco de Portugal, e já viuva de Fernão Gomes Dragão.

Manuel, foi commendador de Tanger, e morreu solteiro.

D. Maria de Menezes, casou com Luiz da Cunha (o *Pequenino*.)

—

Finalmente — um 3.º *Bernardim Ribeiro*, foi governador de S. Jorge da Mina, e ficou abrazado, no cêrco de Mazagão, em 1526, por uma explosão de polvora. Não consta onde nasceu.

—

O Bernardim Ribeiro, poeta, e natural do Torrão, é que é o auctor da *Menina e Moça*. D'elle diz o sr. M. Pinheiro Chagas (*Portuguezes Illustres*, pag. 47.)

«Restam-nos d'elle: um livro, meio romance de cavallaria, meio romance pastoril, que marca, talvez, a transição entre esses dois generos. Algumas eglogas suavissimas; e alguns romances, perfumados de mimo e melancholia.»

«Quando a escola classica desponta, encontram-se na lyra de Bernardim, os ultimos eccos da poesia dos trovadores provençaes, confundidos com umas doces toadas da musa nacional e popular.»

«Se accrescentarmos a isto, que muito lhe deve, em flexibilidade e riqueza a nossa lingua, antes d'elle, ainda rude; e que, segundo affirma Garrett, não houve poeta portuguez, que escrevesse com mais sangue no coração, teremos assignalado os titulos de Bernardim Ribeiro, á estimada posteridade.

—

Ha diversas edições das poesias de Bernardim Ribeiro — a 1.ª foi impressa em Evora, em 1558 — 2.ª, em Lisboa, no anno de 1559 — 3.ª, em Lisboa, no anno de 1645 — 4.ª, em Lisboa, no anno de 1785. Esta é augmentada com um raro opusculo do mesmo auctor, intitulado *Trovas de dois pastores*, 1536.

Todas estas edições são hoje raras, e a de 1559 rarissima.

TORRÃO. — Vide *Poiares*, o 1.º

TORRE. — Aldeia, Beira Alta, freguezia de Pinajoia, concelho, comarca e bispado de Lamego, (Vide *Pinajoia*.)

Não se sabe porque deram a esta povoação o nome de Torre, talvez houvesse aqui alguma em tempos remotos, sem que hoje d'ella existam vestigios ou tradição..

É uma bonita povoação, vistosamente situada, e descobrindo-se d'aqui um vasto horisonte, desde Quintella (na estrada do Porto) até ás alturas de Villa Real, de Traz-os-Montes; S. Domingos da Queimada, e muitas povoações, nos valles e encostas do rio Douro, como *Teixeira, Mezãofrio, Villa Marim, Cidadelhe, Oliveira, Fontellas, Poiares*, etc.

TORRE. — Freguezia, Minho, concelho de Amares, comarca de Villa Verde (foi do mesmo concelho e da extincta comarca de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 61.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. João, de Concieiro, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil, gado e caça.

TORRE. — Vide *São Pedro da Torre*.

TORRE. — Aldeia, Douro, na freguezia de São Vicente de Pereira. (Vide n'este vol. pag. 46, col. 2.ª no fim.)

Já depois de escripto e publicado o artigo de *São Vicente de Pereira*, foi no dia 17 de outubro de 1880, benzido o accrescentamento da capella d'este logar da Torre, a que pertence ao sr. padre José Francisco da Silva Pereira.

Como a capacidade do antigo templo não fosse sufficiente para recolher o grande nu

mero de fieis, que a ella concorrem para assistir aos actos religiosos, principalmente aos domingos e dias sanctificados, em que seu visinho e intimo amigo, o sr. Antonio Gomes d'Oliveira Santos ali manda a expensas suas celebrar uma missa acompanhada de boas praticas religiosas, concordou por isso, s. rev.ma com o mesmo seu amigo sr. Santos, darem á referida capella comprimento bastante e proporcionado ha grande afluencia dos fieis.

Esta nova parte, que hoje constitue a capella-mór e onde se acha actualmente o SS. Sacramento, foi objecto de benção.

Eram dez horas da manhan, quando o sr. D. prior de Cedofeita, acompanhado, em grande parte de varios ecclesiasticos, que o seguiram do Porto, deu principio á ceremonia religiosa.

Como requisito indispensavel para a restante celebração do culto divino, occupou o primeiro logar no programma da festa, a benção do templo.

Apoz este acto, simples, mas commovente, seguiu-se immediatamente a missa, sendo celebrante, o sr. D. prior e acolytos os e rv.mos srs. Nicolau José Ferreira, e Olimpio d'Oliveira Santos.

Ao Evangelho subiu á tribuna sagrada o sr. Ribeiro, conego da Sé d'Elvas que, embora de passagem no collegio do convento do Couto de Cucujães, não tardou, que se patenteasse a todos como distincto orador sagrado.

O auditorio era bastante numeroso, formando grande aperto, não só no templo, no côro e sacristia como tambem ás quatro entradas do mesmo; e para se fazer uma idéa da afluencia e devoção, hoje, a este santuario, basta dizer-se que á missa da festa e outra anterior, commungaram mais de duzentas pessoas, tendo hido para alli de manhan cedo confessar os rev.mos srs. directores do muito acreditado collegio no antigo convento do Couto de Cucujães, fr. João de Santa Gertrudes e F. José de Santa Escholastica.

Sabemos que tem concorrido muito para esta devoção e algumas reformas de maus costumes, a referida missa, Cathecheses e outros bons exercicios religiosos e muito instructivos, que alli tem promovido o referido sr. Antonio Gomes de Oliveira Santos, um dos brasileiros, ou melhor portuguezes, que teem ido ganhar fortuna ao Brasil; que muito honra e acredita a sua classe, pelos seus sinceros e intimos sentimentos religiosos e humanitarios, estando por isso alli ajudando a prestar bons serviços á religião e á sociedade, motivo da sua intima amizade e boa união com o rev.mo sr. Silva Pereira; coadjuvando-se mutuamente n'esta muito util e louvavel tarefa religiosa e civilisadora.

TORRE — (quinta da) — Douro, na freguezia de Salvador de Gallegos, comarca e concelho de Penafiel — Pertence actualmente esta quinta, ao sr. Manuel de Sá. É uma vasta e boa propriedade, com uma excellente matta. Junto ás casas, ha uma *carvalheira*, que tem 7m,50 de circumferencia. Ha tambem aqui um penedo com uma sepultura cavada n'elle, que revella grande antiguidade. Ha ainda outro grande penedo, chamado *da Varanda*, que se julga ser um dolmen.

Vê-se pois que estes sitios foram habitados desde tempos remotissimos.

TORRE — logar, Traz-os-Montes, na freguezia de Covas do Douro, concelho de Sabrosa. Veem-se n'este logar, as ruinas de dois castellos, onde tem apparecido muitas moedas romanas.

TORRE — freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1608, tinha 51.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga.

O prior dominicano do mosteiro de Santa Cruz, de Vianna do Minho, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

Fertil, gado e caça.

Houve n'esta freguezia, um mosteiro de monges benedictinos, fundado por S. Martinho de Dume, pelos annos de 570.

Em 716, foi destruido pelos mouros, que com os seus materiaes (do mosteiro) construiram, no mesmo logar, uma torre. D. Payo Bermudes, conde de Tuy, tomou de assalto esta torre, e reconstruiu o mostei-

ro, povoando-o com monges da mesma ordem dos antigos; porém os mouros, commandados por *Almançor*, califa de Cordova, o tornaram a demolir, em 998.

Em 1068, sendo o conde D. Nuno Mendes, governador da provincia do Minho, por D. Affonso VI, de Leão e Castella, lhe pediu frei Ordonho, parente de D. Payo Bermudes, licença para reconstruir o mosteiro, no que facilmente annuiu D. Nuno, que tambem concorreu para a reconstrucção.

A egreja do mosteiro, foi sagrada em 1508, por D. Jorge, bispo de Tuy.

Passou a commendatarios seculares, que comiam quasi todos os rendimentos do mosteiro, deixando os monges quasi a morrer de fome, pelo que se foi despovoando e poucos frades tinha em 1656, anno em que morreu D. Christovam de Almeida, seu commendador, sem deixar descendentes. D. frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, uniu em 1560 o mosteiro e suas dependencias, assim como uma grande quinta, propriedade dos frades, ao mosteiro de S. Domingos, de Vianna do Minho, que o mesmo arcebispo havia fundado. Desde então, até 1834, ficaram os frades dominicanos, de Vianna, padroeiros d'esta egreja.

No sitio da *Veiga*, d'esta freguezia, ha uma especie de argilla, combinada com areia, de tal tenacidade, que com ella se fazem eiras, e pavimentos de casas terreas, que duram muitos annos.

Barões, viscondes e condes da Torre

Em 13 de agosto de 1847, foi feito *barão da Torre*, João Feio de Magalhães Coutinho.

Em 12 de março de 1856, foi feita *condessa da Torre*, D. Maria Mascarenhas Barreto.

Em 3 de agosto de 1870, foi feito *visconde da Torre*, o barão do mesmo titulo, João Feio de Magalhães Coutinho.

Fallecendo em abril d'este anno de 1881, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, marquez de Alorna e da Fronteira (desde 22 de outubro de 1839) foi feita marqueza de Alorna e da Fronteira, em 6 de maio d'este anno, a condessa da Torre, D. Maria Mascarenhas Barreto. (Vide, 3.º vol. pag. 240, col. 2.ª)

TORRE-ALTINHA — povoação do litoral, Algarve, só habitada no tempo da pescaria do atum. Fica em frente da cidade de Lagos, a cuja freguezia pertence.

É de tempos remotissimos a pescarria dos atuns n'esta costa (vide *Algarve.*) Consta que, no reinado de D. Fernando I, aqui estabeleceram uma armação d'esta pesca, uns sujeitos da Sicilia, e desde então, tem esta industria continuado sem interrupção até aos nossos dias.

Os atuns, fugindo dos *roazes*, seus temiveis inimigos e, que, sendo pouco mais corpulentos, os perseguem e devoram, veem cahir nas armações das costas algarvias.

Até ao principio d'este seculo, renddia esta pesca, só em *Torre Altinha*, 2:3560$000 réis por anno. Hoje apenas rende unns réis 500$000.

Tambem aqui se pescam roazes, quando se aproximam da costa, em perseguição dos atuns, e, ás vezes, em grande numero; mas a sua pesca é difficilima; por causa da força e rapidez da sua carreira. Não servem para comer, porém dão grande quantidade de azeite.

O atum, é um peixe saboroso, e que se conserva por muito tempo, salgado, escallado, ou de calda; mas, como de mistura com os atuns se pescam muitas *alvacoras*, os algarvios as preparam como os atuns, e as vendem sob o mesmo nome, o que muito tem desacreditado o atum; porquanto, só pouca gente sabe differençar um do outro peixe, depois de preparado. Todavia, de ambos estes peixes se faz grande exportação, para differentes pontos do reino, para fornecimento dos navios, e para o estrangeiro.

TORRE CAPITOLINA — Minho — Existiu este antiquissimo monumento romano, proximo á actual egreja matriz da freguezia de São Martinho de Dume, arrabaldes de Braga. (Vide *Dume.*)

Quando pelos annos de 1730, se reedificou esta egreja, se acharam a pouca profundidade do terreno, os restos de um summptuo-

so edificio romano — provavelmente a *villa*, de algum patricio.

Acharam-se alli quatro lápides com inscripções, que diziam —

1.ª

LUCRET
L: F. QUIR.
SATURNIN
NUS. ET Q.
EX.

(Saturnino e seus coherdeiros, dedicaram esta memoria, a Lucrecia Quirina, filha de Lucio.)

2.ª

...APIL,...
...ARQU...
...MUN...
...PERTEV
...PEN. D...
D. ACRIP...
H. S. EST.

Como estão apagadas muitas letras, não se póde traduzir. Parece que trata de um tal Arquio Viriato, e seu coliberto, Acrisio. A ultima linha lê-se bem — diz — *Aqui está sepultado.*

3.ª

N. X. V.
H. S. EST.

(Névio, viveu 15 annos e aqui está sepultado.)

4.ª

IOVI
EPUELSORI
RMIA
USSINA
X. VOTO
OSUIT.

Esta pedra estava partida de um lado, faltando-lhe um letra em cada linha. Quer dizer — *Armia Lussina, por voto, dedicou esta memoria, a Jupiter* (ou Jóve) *expulsor.*

Tambem por essa occasião, se achou aqui um tumulo de marmore branco, com 2m,66 de comprido, por 0m,66 d'alto, tendo na tampa esculpida uma corôa. Dentro estavam ossos humanos e a cabeça, incorrupta. Este tumulo, estava enterrado uns 3 palmos abaixo do sólo, e a 3m,50 da egreja.

Das *Actas de S. Victor*, consta que perto de Braga havia um templo, dedicado a Céres e Silvano. Tambem pretendem muitos antiquarios, que a actual egreja de S. Fructuoso, tambem junto a Braga, foi um templo romano dedicado a Esculapio; o que parece provar-se pela sua perfeição architectonica.

Pouco distante do templo de Esculapio e, como disse, junto á egreja de Dume, existia uma torre ou fortaleza, magnifica, e que, pela sua sumptuosidade, se denominava *Torre Capitulina.* Ainda existia no tempo do rei D. Affonso, das Asturias, como elle mesmo testifica em uma doação. É provavel que fosse destruida pelos mouros em algumas das suas frequentes invasões na Lusitania.

TORRE DA CUNHA — antiga e nobilissima casa, Minho, na freguezia da Cunha, concelho de Coura. Foram senhores d'esta casa (além de outros mais antigos, de que não pude obter noticias):

Antonio Pereira da Cunha, cavalleiro da ordem de Christo, governador da praça de Caminha, mestre de campo dos Auxiliares e fidalgo da casa real.

Sebastião Pereira da Cunha e Castro, capitão de cavallos e fidalgo da casa real. Foi seu filho

Antonio Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, e capitão-mór de Coura. Foi seu neto — o senhor —

Antonio Pereira da Cunha, elegantissimo prosador e inspirado poeta, que reside com a sua familia, em Lisboa, e é pae do mavioso poeta, o sr. Sebastião Pereira da Cunha. (Vide *Portozello.*)

TORRE DA MARCA — Vide 7.º vol., pag. 296, anno 1530.

TORRE DA PASSAGEM — antiga e muito nobre casa, do Minho, na freguezia de Victorino das Donas, concelho de Ponte do Lima.

É actual representante d'esta casa, o sr. Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, feito 1.º visconde da Torre das Donas, em 8 de agosto de 1872.

Ha n'esta casa, o foro de fidalgo da casa real, e é uma das mais nobres familias, das margens do Lima.

TORRE DA SILVEIRA — antiga e nobre casa, Alemtejo, na freguezia de Assumar, concelho d'Elvas. (Vide *Assumar.*)

É o principal solar da familia dos Silveiras. Não se sabe quem foi o primeiro fidalgo que usou do appellido Silveira. O primeiro que com elle se acha, é D. João Fernandes da Silveira, filho de Martins Affonso de Sousa, do conselho de estado de D. João I, e de D. Constança Teixeira, camareira-mór da infanta D. Isabel, filha do mesmo monarcha, e que depois casou com Philippe III, o Bom, duque de Borgonha.

João Fernandes da Silveira, foi o 1.º barão de Alvito.

Para evitarmos repetições, vide no 1.º vol. pag. 183, col. 2.ª e seguintes.

TORRE DAS DONAS — Vide *Torre da Passagem.*

TORRE DAS VARGENS OU DAS VÁRZEAS — freguezia, Alemtejo, concelho da Ponte de Sôr, comarca da Fronteira (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Niza) 40 kilometros de Portalegre, 150 ao S. E. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Os marquezes da Fronteira, apresentavam o prior, que tinha 140$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia está, desde 1834, unida á de S. Francisco da Ponte de Sôr.

TORRE DE ABREU. — Vide no 5.º vol. pa. 194, col. 1.ª

TORRE DE AGUIÃO — casa antiga do Minho, no concelho dos Arcos de Valle de Vez.

Pertence a uma das familias mais nobres da provincia do Minho. Foram modernos senhores d'esta casa, da *Torre de Aguião* — *Jacome de Brito da Rocha*, cavalleiro da Ordem de Christo, capitão-mór dos Arcos de Valle de Vez, e fidalgo da casa real.

Simão Antonio da Rocha e Brito, cavalleiro da Ordem de Christo, alcaide-mór do castello da Nóbrega, caudel-mór de Vianna do Lima, e fidalgo da casa real.

É hoje representante d'esta esclarecida familia, o sr. Simão da Rocha e Brito.

TORRE DE AGUIAR — Beira Baixa, na freguezia, e 1:500 metros ao E. da villa de Castello Rodrigo, concelho da Figueira de Castello Rodrigo. Antigo mosteiro de monges cistercienses. Vide no 2.º vol. pag. 186, col. 2.ª

TORRE DE ALVARENGA OU QUINTA DO PAÇO DA TORRE D'ALVARENGA — Douro — na freguezia d'Alvarenga, concelho de Arouca. (1.º vol. pag. 174, col. 2.ª)

A quinta da Torre de Alvarenga, é uma grande e rendosa propriedade, com casas de habitação, antiquissimas, com sua capella, da invocação de Senhora do Soccôrro. Ainda existem as ruinas de um grande palacio, com suas torres (que deu o nome á quinta.)

Os seus primeiros possuidores eram donatarios do concelho de Alvarenga (hoje extincto) senhorio que foi confirmado pelo rei D. Fernando I, em 29 de julho de 1381, a João Mendes de Vasconcellos, casado com D. Isabel Pereira. Era pae de Mem Rodrigues de Vasconcellos [1] do qual descendem os genuinos Vasconcellos d'este reino, e entre elles, os marquezes de Castello-Melhor, os condes de Figueiró, Penella, e outros.

Em 17 de agosto de 1648, Francisco Pereira de Vasconcellos, capitão-mór d'Alvarenga e Cabril, vinculou esta quintta, e a deu em dote, a sua sobrinha, D. Isabel da Silva e Vasconcellos, para casar (como casou) com João Correia de Sousa Montenegro, da casa dos Correias Montenegros (vide *Thuias*) —

Esta quinta é hoje dos srs. drs. Albino Pinto de Miranda Montenegro, e Martinho

[1] Este heroe portuguez do XIV seculo, foi immortalisado por Luiz de Camões, no canto 6.º, estancia 24.ª dos seus *Lussiadas*; tratando da batalha d'Aljubarrota, dada a 14 de agosto de 1385 — diz o poeta —

«Dom Nuno Alvares, digo, verdadeiro
Açoite de soberbos castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para francezes, para italianos.
Outro, tambem famoso cavalleiro
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal os, e regel-os,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos

Pinto de Miranda Montenegro (que foi até ha poucos dias, governador civil d'Aveiro) filhos do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro, e descendentes da referida D. Isabel.

Ha noticia dos antigos possuidores d'esta quinta — são —

Jacome Rodrigues de Vasconcellos, casado com D. Philippa Maldonado. Tiveram —

D. Izabel Pereira de Vasconcellos, casada com Bento Rodrigues Malafaia. Tiveram —

Jacome Rodrigues de Vasconcellos, casado com D. Izabel da Silva Cardoso. Tiveram —

Francisco Pereira de Vasconcellos, que não teve successão, e era irmão de Miguel de Mello de Vasconcellos, senhor da quinta da Fervença, em Sinfães, e capitão-mór do concelho d'este nome. Foi pae de

D. Isabel da Silva e Vasconcellos, em quem seu tio, o dito Francisco Pereira de Vasconcellos, vinculou a quinta da Torre de Alvarenga, como fica dito.

Vide *Boa Vista*, e *Real*, de Paiva — *Sete Capellas*, *Sinfães*, *Sobrado de Paiva*, e *Thuias*.

Vide tambem no artigo *Porto*, *Correias*, *da Rua-Chan*.

TORRE DE ALVITO — Minho, casa antiga e nobre, em Cabeceiras de Basto. Está actualmente unida á de Alvação.

TORRE DE BARBOSA — Douro, antiquissima e nobre casa, que foi honra e concelho, supprimido ha muitos annos. Era o solar dos legitimos Barbosas, e hoje pertence aos filhos da fallecido D. Miguel Vaz Guedes de Athaide Azevedo Brito Malafaia.

Vide *Barbosa*, *e Canas Rans*.

As armas dos Barbosas, são — em campo de prata, uma banda azul, com trez crescentes d'ouro, entre dois leões, de púrpura, batalhantes, armados de prata — élmo de prata, aberto; e por timbre, um dos leões das armas, com um crescente de prata, na espadua.

—

Para maior esclarecimento do que disse na 1.ª col. de pag. 323 do 1.º volume — accrescento aqui o seguinte —

Pedro Fernandes de Barbosa, era partidario do infante D. Pedro (o d'Alfarrobeira) e com elle morreu na batalha d'esta aldeia, em 20 de março de 1449.

Como a todos os que tomaram o partido de D. Pedro, foram confiscados todos os bens de Pedro Fernandes de Barbosa, que ficaram pertencendo á corôa.

D. João de Azevedo, 46.º bispo do Porto, filho de Luiz Gonçalves Malafaia (embaixador a Castella, por D. João 2.º, e védor da fazenda do rei D. Duarte) e de D. Philippa d'Azevedo, filha de Lopo Dias d'Azevedo, senhor de Bouro e S. João de Rei — era um dos validos (o bispo) de D. João 2.º, e companheiro de seu filho natural, D. Jorge, progenitor dos duques d'Aveiro.

Este soberano [1] vendeu (provavelmente ao desbarato) ao dito bispo do Porto, a casa de Barbosa, com todas as suas dependencias, e o bispo a deixou a um dos seus filhos, que era commandatario do mosteiro de S. João d'Alpendurada.

Assim passou o nobre solar dos Barbosas, para a familia Malafaia.

—

Da casa de Barbosa (quando era ainda d'esta familia) foi um filho varão, casar na casa vinculada de Aborim, freguezia, do concelho de Barcellos (vide *S. João de Rei*) e outro no mórgado de Marrancos, concelho de Villa Verde, que ambas estas familias (de Aborim e Marrancos) ficaram sendo ramos legitimos dos Barbosas.

Foi senhora da casa vinculada de Marrancos, a mulher de D. Antonio de Vasconcellos Abreu Lima, da casa do Tanque, em Braga, mas não houve filhos d'este casamento, pelo que succedeu no mórgado, o fallecido conde d'Azevedo, e pertence hoje aos seus herdeiros.

—

A casa da *Avellêda*, de que fallo na col. 2.ª da pag. 580, do 6.º vol., foi tambem de um ramo dos antigos Barbosas, até que veio alli casar um dos Guedes, de Gradiz, que lhe deu varonia.

D. Joanna de Meirelles Guedes de Carva-

[1] Por érro typographico, se lê no artigo *Barbosa*, que foi D. João 1.º, que deu isto aos Malafaias, quando foi D. João 2.º

lho, herdeira da casa da Avellêda, casou com José Anastacio da Silva da Fonseca, da casa de Alcobaça, e não tiveram successão. A varonia dos Meirelles Guedes, extinguiu-se em Antonio de Meirelles, que não teve successão masculina.

Herdou a casa, Manuel Guedes da Fonseca, casado com a sr.ª condessa de Pangim (hoje viuva) dos quaes é filho, o actual representante d'esta familia, o sr. Manuel Pedro Guedes. — (Vide o logar indicado do 6.º volume.)

Note-se que esta *Avellêda* não é nenhuma das mencionadas no 1.º volume.

TORRE DE COREIXAS. — Douro, na freguezia de Irivo e Coreixas, comarca e concelho de Penafiel. A *Torre de Coreixas*, é solar de uma nobre familia, de origem britannica, e de appellido Brandão. Pertence hoje á familia Balsemão, porque D. Maria Rosa Alvo Brandão, senhora d'esta casa, casou com o 2.º visconde de Balsemão. Esta senhora, era avó paterna do sr. Luiz Alexandre Alfredo Pinto de Sousa Coutinho, feito, em 10 de janeiro de 1863, visconde de Balsemão, de juro e herdade, e com grandeza, e é o actual representante d'esta casa.

TORRE DE DOM SAPO — Vide *Cardíellos* e *Concieiro*.

TORRE DE DONA CHAMA — Villa, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, 80 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 95.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade da freguezia de Guide, apresentava o cura, que tinha 6$000 de congrua e pé de altar.

Era um antiquissimo concelho, com 2:000 fogos, supprimido pelo decreto da regencia do sr. D. Fernando, de 24 de outubro de 1855.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de abril de 1287. (*L.º 1.º de doações do rei D, Diniz*, fl. 198, col. 2.ª)

O mesmo soberano, lhe deu 2.º foral, augmentando-lhe os privilegios do antigo, em Santarem, a 25 de março de 1299. (*L.º 4.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 13, col. 1.º no fim.)

Na gaveta 20, maço 12, n.º 40 (da Torre do Tombo) se acha a minuta para o novo foral d'esta villa, mas não se chegou a concluir [1].

Consta que a origem do nome d'esta povoação, provem de uma antiquissima torre, da qual ainda ha vestigios, em um monte proximo, construida no logar da primittiva villa.

Esta torre foi fundada por uma senhora, chamada *D. Châmoa*, ou *Chama* (em latim, *Flamula*) que deu o seu nome á povoação.

Feira a 5 de novembro.

—

Foi senhorio da familia Leão, e depois passou a sél-o de um ramo dos Guedes.

Leão, é um appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado da cidade de Leão, capital do reino do mesmo nome.

Passou a este reino, na pessoa de D. Pedro Soares de Leão, no reinado de D. Fernando 1.º, que lhe deu os senhorios da Torre de Dona Chama, e de Villas Bôas, no actual concelho de Villa Flôr, ambos de Traz os Montes.

Os Leões, trazem por armas — em campo de prata, leão de púrpura, e orla do mesmo, carregada de 8 aspas d'ouro — élmo d'aço, aberto; e por timbre, um leão d'ouro.

Os descendentes de João Lopes de Leão, que procedem de D. Gil de Leão, natural da cidade de Burgos, capital da Castella Velha, trazem por armas — em campo de prata, cruz azul, vazia do campo, bolotadla de 3 bolotas da sua côr, em cada extremidade, com os cascabulhos d'ouro — élmo de prata, aberto; e por timbre, uma áspa azul, com as mesmas trez bolotas em cada ponta.

TORRE-DEITA — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo,

[1] Isto diz Franklin, a pag. 290 da sua *Memoria sobre foraes*; mas é êrro e contradicção, porque a pag. 97, tinha dito o seguinte — *Châmoa. Dado em Lisboa* (o foral pelo rei D. Manuel) *a 4 de março de 11512. Livro de foraes novos de Traz-os Montees, fl. 10, v., col. 2.ª*

Châmoa e Torre de D. Chama, é umaa e a mesma villa; portanto, ella teve foral nnovo.

bispado e 9 kilometros do O. de Vizeu, 500 fogos.

Em 1768, tinha 307.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

270 kilometros ao Norte de Lisboa.

O cabido da Sé de Viseu, apresentava o vigario, collado, que tinha 170$000 rêis de rendimento annual.

É esta freguezia regada pelo pequeno rio do seu nome, que desagúa na direita do Dão.

Foi commenda da ordem de Christo, que o principe regente (depois D. João VI) por carta regia de 21 de julho de 1796, renovou em mais uma vida, no 1.º visconde da Bahia. Na mesma carta, renova a este visconde, em mais duas vidas, a commenda da quinta de Santa Eufemia, junto a Monte Mór Velho, e que era da mesma ordem.

Na aldeia de Routal, d'esta freguezia, e que fica a 6 kilometros ao N. da freguezia de Farminhão, do mesmo concelho, ambas no áro de Viseu, e a uns 250 metros distante da referida aldeia, ha um sitio baixo, cercado de montes, e deserto, atravessado por um pequeno ribeiro. N'este deserto está a ermida de *Nossa Senhora do Ribeiro*, que foi objecto de muita devoção para os povos d'estas terras, e muito concorrida de romarias, em varias épocas do anno.

Consta por tradição, que, pelos annos de 1600, embarcando para a India um rapaz solteiro, chamado Henrique, da freguezia de Farminhão, do Alvernaz, resolveu voltar a Portugal, passados alguns annos, com bastantes cabedaes. Na viagem, sobreveio um horroroso temporal, que poz em grande perigo a nau em que vinha embarcado. Prometteu Henrique á Santissima Virgem, de lhe construir um templo na sua terra, se lá chegasse a salvamento.

A nau, depois de varios contratempos, fundeou em Lisboa, e Henrique regressou á sua terra.

Tratou logo de cumprir a promessa — e, como durante o temporal que soffrera se não viam senão as vagas furiosas debatendo-se contra o navio, e nada mais, por causa do novoeiro, escolheu, em memoria d'isso, um sitio profundo e sem horisontes.

Mandou fazer o templo com a fórma de um navio, mas de muita perfeição architectonica, e com uma linda capella-mór, adornada com primorosos quadros, pintados pelo famoso *Grão Vasco*, que vivia por este tempo. (Vide *Moinhos do Pintor*.)

Além da ermida, mandou construir o fundador, proximo a ella, as casas para residencia do eremitão, e uma horta, com algumas arvores e muitas flores, para adorno do templo, regada com as aguas de uma fonte perenne e abundante, que fica entre a egreja e as casas. Esta fonte, é coberta e feita de cantaria muito bem lavrada, e á sua agua se attribuem virtudes medicinaes, efficazes para a cura de varias enfermidades.

Tambem o fundador comprou algumas fazendas, visinhas do templo, para com o seu rendimento se occorrer ás despezas do culto divino, reparos e conservação da ermida, e congrua ao eremitão. Annexou estas fazendas, á commenda de Torre Deita, com obrigação aos commendadores de cuidarem no augmento e conservação da casa da Senhora, o que elles cumpriram.

Em 1632, se erigiu uma irmandade, com 111 irmãos leigos e 9 sacerdotes. Em 1691, concedeu o bispo, que a irmandade se augmentasse com mais 20 confrades, e passados annos, lhe concedeu mais 40. Além dos suffragios pelos irmãos fallecidos, tinha a irmandade muitas indulgencias concedidas pelos Summos Pontifices.

—

TORRE DE LANHELAS — nobre e antigo solar, de um dos ramos dos Abreus Sotto-Maiores, na provincia do Minho, freguezia de Lanhellas, concelho e 2 kilometros a N. E. de Caminha. (Vide 4.º vol., pag. 45, col. 1.ª)

Segundo Argote (*De Antiquitatibus Conventus Bracarangustani*, 2.ª edição, pag. 130) parece que Lanhellas foi uma antiquissima cidade, com o nome de *Lais*, ou *Udata Laia*, talvez fundada pelos gregos, visto que *Laia*, é palavra grega, e significa *Esquerda*, e, com effeito, Lanhellas fica na margem esquerda do rio Minho, e em frente das povoações gallegas, de *Solsidos*, *Rosal*, *S. Miguel*, *Ta-*

bagão, e outras, que ficam na margem direita.

Idacio diz que *a cidade de Lais, fica pouco distante do rio Minho, mas não se sabe de que parte lhe ficava*, e que foi municipio romano. Ptolemeu a demarca no paiz braccarense, e lhe dá o nome de *Udata Laia* [1].

O que é certo, é ser esta freguezia povoada desde tempos immemoriaes.

Nas *Inquirições*, feitas por ordem de el-rei D. Diniz, se menciona uma freguezia situada nos julgados de Caminha e Villa Nova da Cerveira, á qual n'aquelle tempo (1284) se dava o nome de *Layellas*, como quem diz — *Pequena Lais*, hoje *Lanhellas*. «*E assim* (diz Argote no logar citado) *me atrevo a affirmar, que alli estava assentada a cidade e municipio de Lais, de que tratamos; pois é certo, que, assim a situação, como o nome, quadram notavelmente á sobredita parochia.*»

Não me consta porém que haja n'esta freguezia, vestigios de tão remota antiguidade; pois, passando eu aqui muitas vezes, e investigando quanto me foi possivel, o monumento mais antigo que achei foi a — *Quinta da Torre de Lanhellas.*

Á delicadeza e benevolencia do sr. Camillo de Sá Pinto d'Abreu Sotto-Maior, actual possuidor d'esta formosissima propriedade, devo as rectificações que faço agora ao artigo *Lanhellas.*

D. Quiteria Josepha de Sá Sotto-Maior, não era filha bastarda de D. João de Sá de Menezes e Silva, como eu disse; mas filha legitima de Francisco Rodrigues de Lemos, e de sua mulher, D. Marianna de Sá Pereira, meia irman do tal D. João de Sá de Menezes e Silva.

Por morte de D. João de Sá, e não deixando filhos legitimos, veio Leonardo Lopes d'Azevedo, pae de Pedro Lopes de Azevedo, apresentar-se como o parente mais proximo do fallecido, e a querer ser seu herdeiro nos vinculos; o que foi impugnado por a referida D. Quiteria: e, depois de uma grande demanda, foi mandado dar posse da herança, a esta senhora, sobrinha de D. João de Sá, por sentença da casa da supplicação, de 24 de março de 1772; por se ter plenamente provado que D. Quiteria era descendente *legitima.*

—

Disse eu no 4.º vol., que *não pude saber como esta casa passou á familia Sá.*

Já o sei, pelas informações do sr. Camillo de Sá.

Eis como se deu esta *transmissão.*

Em 1550, frei Antonio de Sá, D. Abbade commendatario dos mosteiros de *Tibães, Santa Maria de Carvoeiro* e *S. João d'Arnoia*, instituiu uma capella, que nomeiou em seu sobrinho, Ruy de Sá Pereira — e declara em seu testamento, que esta capella, andará sempre na geração dos Sás.

Em 1596, D. Ignez Pereira, irmã de frei Antonio de Sá, e casada com Belchior de Sá, instituiu o morgado de Lanhellas e Viannna, nomeando-o a seu filho primogenito, o dito Ruy de Sá Pereira, que já era administrador da referida capella, que seu tio lhe doára; e desde então até hoje, tem andado sempre esta casa na familia Sá, sem nunca ter passado a estranhos, como se póde provar por varios documentos d'esta familia, julgados por sentença, em differentes epochas.

Estes vinculos, foram herdados por D. João de Sá de Menezes e Silva, vindo-lhe por parte de seu pae. Os que herdou de sua mãe, seguiram a sua linha, que era a dos viscondes de Barbacena.

Tambem só pertence a esta casa, a capella de Santo Antonio — a de Nossa Senhora da Graça, é de diversos lavradores da freguezia, e não da casa da Torre, como eu disse no 4.º volume.

O sr. Camillo de Sá Pinto d'Abreu Sotto-Maior, teve um irmão primogenito, chamado Camillo Antonio, que morreu adolescente — e são suas irmãs as sr.as:

D. Maria do Carmo Felicidade, viuva do capitão de infanteria, Manuel Joaquim dos

[1] Alguns escriptores pretendem que *Lais* fosse onde hoje é a extincta villa de Lanhezes, freguezia do concelho de Vianna do Lima, o que é erro, porque esta freguezia fica a mais de 12 kilometros ao S. do Minho, e muito mais proxima do Lima. Vide *Lanhezes.*

Santos, que tinha casado em primeiras nupcias, com D. Thereza Malheiro Reymão.

D. Maria do Patrocinio, casada com o sr. Ventura Malheiro Reymão.

D. Maria dos Prazeres, ainda solteira.

Foram seus paes — João de Sá Pinto Sotto-Maior, e D. Carlota Joaquina Augusta de Mendonça Machado e Araujo.

—

O sr. Camillo, é casado com a sr.ª D. Maria da Natividade da Silva do Amaral, filha do capitão-mór do concelho de Castello de Paiva, Francisco d'Assis da Silva Amaral.

—

Foram avós do sr. Camillo, Camillo Antonio de Sá Pinto d'Abreu, e D. Maria Clara de Azevedo e Araujo.

Foram seus bisavós paternos, Antonio Soeiro da Silva e D. Quiteria Josepha de Sá Sotto-Maior, senhora da Torre de Lanhellas e do mórgado da Graciosa -- e maternos, Antonio Fernandes de Lima, e D. Joanna Angelica de Azevedo e Fonseca.

A mãe do sr. Camillo, era filha de José Joaquim de Mendonça Machado e Araujo, capitão-mór de Valladares (do concelho de Monsão) e de D. Maria Thereza da Rocha Cabral e Quadros, filha de Ignacio da Rocha Cabral e Quadros, guarda-roupa de el-rei D. Pedro III, o qual (Ignacio) ficando viuvo, casou com D. Marianna Felix de Valois e Moraes.

O capitão-mór de Valladares, era filho de Bento Mannel Machado d'Araujo, coronel de milicias, e de D. Maria Cardoso de Menezes — e neto paterno, de Manuel Machado de Araujo, senhor da casa de Miosa, governador de Castro Laboreiro, e de D. Francisca Julianna de Machila e Ribadenera, senhora nobre da Galliza.

—

O sr. Camillo, vendo que na sua freguezia não havia escola publica, de instrucção primaria, e que as das freguezias visinhas ficavam muito distantes, offereceu, em outubro de 1876, à junta de parochia de Lanhellas, uma casa, para escola publica, com a competente mobilia.

TORRE DE MAGALHÃES. — Vide *Paço Vedro de Magalhães.*

TORRE DE MONCORVO. — Vide *Moncorvo.*

Aqui só accrescentarei, o que não foi no 5.º volume.

Viscondes da Torre de Moncorvo

Christovam Pedro de Moraes Sarmento, do conselho de S. M., commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, cavalleiro da de Christo, condecorado com a cruz de prata n.º 2, da companha da guerra peninsular; grão-cruz da ordem de Isabel a Catholica, em Hespanha; e da de Ernesto Pio, da Saxonia; grande official da Legião d'Honra, em França; superintendente das alfandegas e do tabaco, em Traz os Montes; encarregado de negocios em Londres e Copenhague; enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Londres, em 1833. Serviu como voluntario durante a guerra da Peninsula, e na magistratura e diplomacia, desde 17 de janeiro de 1814, até 15 de dezembro de 1836, sem interrupção, e, como plenipotenciario portuguez, assignou o *tratado da quadrupla alliança.* Nasceu na Bahia de Todos os Santos (Brasil) a 13 de maio de 1788. Casou em Dinamarca, no 1.º de dezembro de 1828, com D. Carlota Amalia Jordão, nascida a 15 de agosto de 1806, e fallecida a 7 de abril de 1869.

Foi feito barão da Torre de Moncorvo, a 23 de maio de 1835, e falleceu em 11 de janeiro de 1851.

Era filho de Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento, desembargador dos aggravos, da casa da supplicação, natural da Torre de Moncorvo, onde nasceu, a 13 de dezembro de 1750, e morreu em Lisboa, a 22 d'abril, de 1820.

Não teve filhos legitimos, mas dous bastardos, que legitimou — o 1.º, foi Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento, feito 1.º visconde do Banho, em 21 de julho de 1835, e pae do actual 2.º visconde do Banho, Thomaz Ignacio Girão de Moraes Sarmento, que obteve o titulo, em 5 de agosto de 1840 — o 2.º filho do dito desembargador foi o 1.º ba-

rão da Torre de Moncorvo. Este, teve quatro filhos, que, por ordem das idades, são:

1.º — *Pedro João de Moraes Sarmento*, feito barão do mesmo titulo, em 20 de novembro de 1848. Tinha nascido em Copenhague, a 27 de dezembro de 1829.

2.º — *D. Maria Carlota*, nascida em Copenhague, a 15 de abril de 1834.

3.º — *Alexandre Thomaz de Moraes Sarmento*, nascido em Londres, a 15 de novembro de 1835, e foi feito visconde da Torre de Moncorvo, a 30 de julho de 1874.

TORRE DE PENAGATE. — Vide 3.º vol., pag. 301, col. 1.ª

TORRE DE PENHÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa, (foi da mesma comarca, mas do concelho de Villar de Maçada, extincto), 95 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1768, tinha 160.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento annual, além do pé d'altar.

É terra fertil. Optimo vinho de embarque.

TORRE DO REAL. — Casa antiga e nobre, em Braga.

Estevam Falcão Cotta, fidalgo da casa real, bisneto de João Falcão (fidalgo inglez, que veio a Portugal com o duque de Lencastre, pae da rainha D. Philippa, mulher do rei D. João I) tronco dos fidalgos d'este appellido, em Portugal; veio estabelecer-se em Braga, no anno de 1460.

Manoel Falcão, filho de Estevam Falcão Cotta, instituiu o morgado de Nossa Senhora da Graça, no convento dos Remedios, primitivo vinculo d'esta familia, em Braga.

Seu neto, Manoel Falcão Cotta, fidalgo cavalleiro, foi o 1.º senhor do mórgado da *Torre do Real.*

Estes dous mórgados, e o da casa da Madre de Deus, formam a casa vulgarmente conhecida pelo nome de *Casa dos Falcões, de Braga*, da qual é actual representante, o sr. Francisco Falcão Cotta Azevedo e Menezes.

—

TORRE DERRUBADA. — Aldeia, Extremadura, na freguezia de Triana, da villa de Alemquer. Hoje, diz-se simplesmente *Torre.* Vide *Alemquer.*

TORRE DE QUINTELLA. — Casa antiga e nobre, Minho, na freguezia de Nogueira. (Vide a 1.ª *Nogueira*, da 2.ª col., de pag. 104, do 6.º volume.)

TORRE DE SÃO VICENTE. — Vide Belem.

TORRE DE SOUTÊLLO. — Casa antiga e nobre, Minho, na freguezia de Soutêllo, no concelho e proximo a Villa Verde. Vide n'este vol., a col, 2.ª, de pag. 441. (O 2.º *Soutêllo* d'esta columna.)

TORRE DE VALLE DE TODOS. — Freguezia, Extremadura, concelho de Ancião, comarca do Pombal, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 144 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 19 [1].

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

O cabido da Sé de Coimbra, apresemtava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

TORRE DE VILELLA. — Freguezia, Douro, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 8 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 60 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

As freiras bernardas, do mosteiro de Lorvão, apresentavam o cura, annual, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Brafemes (ou *Brazfemeas*) formam, ha muitos annos, uma unica parochia, mais conhecida pela denominação de *Torre de Vilella*, do que pela de *Brafemes*. Vide esta ultima palavra.

Maria de Jesus, mulher de Joaquim de Figueiredo, d'esta freguezia, *deu á luz, em menos de um anno, cinco filhos!* Nos fins de

[1] Aqui ha forçosamente engano — e grande — do *Port. Sacro e Profano.*

dezembro de 1873, teve trez filhos, e em 13 de dezembro de 1874, teve mais dous.

—

José de Seabra da Silva

Este famoso estadista, nasceu em Villela, a 31 de outubro de 1732, sendo baptisado a 17 de novembro do mesmo anno, na ermida de São Domingos, da Torre de Villela.

Foi filho primogenito de Lucas de Seabra da Silva, nascido em Lobão, concelho de Bésteiros (Tondella) a 6 de outubro de 1694, e foi lente de prima, de leis, na Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Christo (por alvará de 6 de junho de 1730) fidalgo da casa real (por alvará de 30 de abril de 1745) agraciado com a carta de conselho, no mesmo anno de 1745, no qual tambem foi nomeado conselheiro da real fazenda, e, mais tarde, desembargador do paço, alem de outros muitos logares que exerceu com honra.

Foi senhor dos mórgados de Lobão e Faíl, e 7.º do de Figueiró dos Vinhos, pelo seu casamento com D. Josefa Thereza de Moraes Ferraz, fallecida em Coimbra, a 5 de junho de 1750, e seu marido morreu em Lisboa, no mez de dezembro de 1756.

—

José de Seabra da Silva, concluidos os seus preparatorios, matriculou-se na faculdade de direito, da Universidade do Coimbra, no 1.º de outubro de 1744, e, depois de um curso em que sempre se distinguiu, pela sua applicação, tomou o grau de doutor na sua faculdade, em 24 de abril de 1751.

No 1.º de março de 1752, fez *exame vago*, ou de *jure aperto*, em uma das salas do paço, causando admiração os seus grandes talentos.

A este acto, assistiu Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º ministro de D. José I, e futuro conde de Oeiras e marquez do Pombal, e que desde este exame ficou sendo amigo de José de Seabra.

Foi feito desembargador da Relação do Porto, por alvará do 1.º de janeiro de 1753, e pouco depois nomeado ajudante da secretaria de estado, para coadjuvar o 1.º ministro.

Em 25 de abril de 1765, foi nomeado procurador da corôa, e a 20 de Abril de 1766, guarda-mór da Torre do Tombo. Em 1757, tinha sido nomeado fiscal da companhia do Grão-Pará e Maranhão — e por carta da rainha, D. Maria Anna Victoria (infanta de Hespanha, e mulher de D. José I) foi nomeado executor da sua real fazenda, em 10 de maio de 1760.

Em 25 de janeiro de 1770, foi feito desembargador do paço, e, finalmente, em 6 de junho de 1771, ministro e secretario de estado de D. José I, adjunto a Sebastião José de Carvalho (que já era conde de Oeiras, desde 6 de junho de 1759, e marquez de Pombal, desde 18 de setembro de 1769.)

Por decreto de 17 de janeiro de 1774, foi exautorado de todos os empregos, proscripto, e mandado sahir da côrte, *no prazo de 48 horas*, para o Valle de Bésteiros, onde devia apresentar-se de 15 em 15 dias; e alli esteve até 30 de abril do mesmo anno, dia em que o corregedor d'Evora e juiz de fóra e officiaes de justiça de Tondella, lhe intimaram a ordem de prisão. Foi escoltado por uma força de cavallaria, até á cidade do Porto, dando entrada na prisão do castello de S. João da Foz, a 4 de maio, e d'ahi, embarcou a 4 de outubro, em um navio que fazia viagem para o Rio de Janeiro. Esteve preso na ilha das Cobras, d'onde sahiu para Angola, aportando em Loanda, no 1.º de março de 1775. D'ahi seguiu viagem para o presidio de Pungo Adongo (*Pedras Negras*) onde permaneceu até 1778.

Para tão severo castigo, não houve casta alguma de processo, não foi ouvido José de Seabra, nem houve, ao menos, uma apparencia de sentença. Houve a vontade despotica do marquez de Pombal, e mais nada.

Ainda hoje se não sabe com certeza, a causa de tão barbaro procedimento; apenas correu, com alguns visos de verdade, que Seabra revelára certo segredo de estado á rainha [1]. Dizem outros que Seabra tinha

[1] Diz-se que o marquez do Pombal projectára obter, por surpreza, a desistencia do principe do Brasil (depois de D. Maria I) dos seus direitos á corôa, a favor de seu filho, D. José, principe da Beira, que falleceu

permittido aos bispos — contra a expressa ordem do 1.º ministro — confirmarem ordens sacras, sem beneplacito regio. Outros finalmente, davam por causa ao castigo, haver Seabra desobedecido ás ordens do rei, obrigando a entrar, por força, em um convento, um mórgado, para fazer succeder no vinculo, um colateral. (Esta opinião é bastante invérosimil.)

Seabra, attribuiu sempre a sua desgraça, ao cardeal da Cunha. Isto mesmo foi confirmado pelo marquez de Pombal no depoimento judicial que prestou depois da sua queda, por ordem do governo de D. Maria I.

—

Tendo adoecido o rei D. José, no principio de dezembro de 1776, nomeou sua mulher, a rainha D. Maria Victoria, regente do reino, durante a sua doença, d'elle; e logo a 15 d'esse mez, a rainha mandou expedir um decreto, dirigido a D. Antonio de Lencastre, governador d'Angola, e referendado por Martinho de Mello e Castro, para que, sem perda de tempo, fosse buscar José de Seabra da Silva, a Pungo Adongo, e o trouxesse para sua residencia (do governador) o tratasse com a decencia que merecia um ministro do seu caracter e estimação; e d'alli, fazel-o conduzir ao reino, com todas as commodidades.

D. José, falleceu a 22 de fevereiro de 1777, e logo a 4 de março, foi demittido o marquez do Pombal, por um decreto de D. Maria I, ficando, em quanto vivesse, recebendo os ordenados de ministro de estado, e, alem d'isso, lhe deu a rainha, pelo mesmo decreto, a commenda de S. Thiago, de Lanhoso, no arcebispado de Braga. Este decreto é datado do palacio da Ajuda

Vê-se pois que José de Seabra, foi chamado ao reino, e restituido a todas as suas honras, ainda no reinado de D. José I, e sendo ministro (e ainda o foi 4 mezes) o marquez do Pombal, o que nos faz acreditar que em tudo isto, ha um mysterio historico, que, provavelmente, já mais se desvellará.

em 1788. O plano, só era sabido do marquez do Pombal e de José de Seabra, e este o foi denunciar á rainha, para acautelar sua filha, evitando que ella cahisse no laço.

Talvez alguem note que o decreto que mandou chamar José de Seabra não fosse referendado pelo marquez do Pombal, ministro do reino. Foi referendado por quem devia ser: uma vez que era dirigido ao governador de Angola, competia isso a Martinho de Mello e Castro, que era ministro da marinha e ultramar.

Eis a cópia de um decreto de D. Maria I (copio-o por ser pequeno.)

«Não constando na minha presença, culpa alguma de José de Seabra da Silva; e, *entendendo que os procedimentos que com elle se praticaram, se originaram de falsas ou affectadas informações*; e não sendo da minha real intenção prival-o das honras de que gosava, pelos empregos que exercia — Hei por bem que se risque em todos os livros, qualquer ordem que n'elles se ache registada, e fosse contra elle expedida; averbando-se á marguem do dito registo. E para que a todos possa constar, lhe concedemos licença para o fazer imprimir. O visconde de Villa Nova da Cerveira, meu ministro e secretario de estado dos negocios do reino, o tenha assim entendido e faça executar. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, 21 de outubro de 1778. Com a rubrica de Sua Magestade.»

Quando José de Seabra chegou a Lisboa, de volta do seu degredo, foi enthusiasticamente recebido, vindo acompanhado até sua casa de S. Sebastião da Pedreira, por uma grande multidão de gente, de todas as classes, incluindo grande numero de pessoas da primeira nobreza da côrte.

Em 15 de maio de 1779, foi agraciado com a commenda de Christo, de Oliveira de Azemeis.

Em 12 de janeiro de 1784, foi nomeado presidente da junta do codigo, em substituição do 1.º marquez de Ponte de Lima. Em 15 de dezembro de 1788, foi feito ministro do reino.

O principe D. João e os do seu partido,

sustentaram que D. Maria I, estava atacada de uma doença mental, incuravel, e que, portanto, devia aquelle seu filho proclamar-se *principe regente*. Oppoz-se José de Seabra, dizendo que essa resolução, só podia ser discutida e tomada em côrtes, o que era legalissimo; porém D. João, tinha pressa de reinar, e abusando do seu poder e influencia, proclamou-se a si mesmo, e contra as leis do reino, *regente do reino, em nome da rainha, D. Maria I*, e por um seu decreto, de 15 de julho de 1799, se declarou *principe regente de Portugal e dos Algarves, etc* [1].

D. João, apezar da sua bonhomia, nunca perdoou a José de Seabra, a sua opinião com respeito a esta regencia illegal e extemporanea, e por isso, apenas se viu com as redeas do governo seguras em suas mãos, logo a 5 de agosto d'esse mesmo anno de 1799, demittiu o ministro José de Seabra da Silva, e o mandou desterrado para a sua quinta do Canal (d'elle Seabra) e só em 30 de março de 1804, por um aviso regio, referendado pelo ministro do reino, conde de Villa Verde, lhe foi permittido regressar á sua casa, de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, em razão da continua e grave molestia do ex-ministro, e do pouco sádio sitio do Canal.

—

Em 1807, Junot, sabendo que José de Seabra estava no desagrado da côrte (ou, pelo menos, do principe regente) o convidou para ministro do interior, ao que Seabra — já então octogenario — se recusou, como bom portuguez.

A 5 de fevereiro de 1808, se instaurou, em Lisboa, a *sociedade restauradora*, por diligencias de Seabra, sendo dos primeiros que a formaram, os seus dois filhos — unicos — o primogenito, que era visconde da Bahia, desde 13 de maio de 1796; e seu irmão, Antonio Coutinho de Seabra.

Estes dois filhos, sentaram praça no exercito portuguez, combatendo sempre, e com distincção, em defeza da sua patria, e como seu pae, em razão da sua provecta edade e padecimentos, não podia fazer parte do exercito libertador, offereceu ao estado, em quanto durasse a guerra contra os franzezes, os rendimentos das commendas da casa da Bahia (3:000$000 réis annuaes) e elle e seus filhos, deram ao exercito real muitos fardamentos, e por varias vezes, cavallos para a cavallaria, e muares para a artilheria (só de uma vez lhe deram 30 e tantos) além de outros valiosos donativos [1].

Seu filho Antonio, já senhor de varios prasos, forneceu, á sua custa, e abundantemente, a nau *Martim de Freitas*. Depois, marchou para Traz os Montes a unir-se ás tropas leaes, do benemerito general Silveira (depois 1.º conde d'Amarante, e pae do intrepido e fidelissimo general, 2.º conde de Amarante, e 1.º marquez de Chaves.) Antonio Coutinho de Seabra, obrou n'esta gloriosa campanha, prodigios de valor, e serviu de ajudante general de Silveira, havendo assistido ás homericas batalhas da Roliça e do Vimeiro. Sendo capitão do bravissimo regimento de infanteria n.º 8, morreu gloriosamente, na batalha do Bussaco, a 27 de setembro de 1810.

> O tenente coronel Douglas, commandante de infanteria n.º 8, dando parte da morte d'este bravo portuguez, faz os devidos elogios ao seu valor, e diz que elle morreu á frente da sua companhia.

Synopse da casa da Bahia

1.º — *Francisco PereiraCoutinho*, quarto filho de Affonso Pereira, caçador-mòr de el-rei D. Affonso V, do seu conselho, e alcaide-mór de Santarem, e de sua segunda esposa D. Catharina Coutinho, filha dos segundos condes de Marialva. Era moço fidalgo, por

[1] Ha muito quem affirme que D. Maria I, nunca esteve demente, senão depois de lhe tirarem o governo do reino; e alguns até sustentam que ella nunca esteve demente.

[1] José de Seabra, além dos rendimentos dos mòrgados do Canal, no concelho da Figueira, deu depois, para as despezas da guerra, todos os rendimentos da sua grande casa, nas duas Beiras, Extremadura e Alemtejo.

alvará de 26 de março de 1498[1], e serviu no reino, na Africa, na India, e na America: foi capitão de Goa a 27 de janeiro de 1521, cavalleiro do conselho de el-rei D. João III, em 1534, e teve, em galardão de serviços, a 5 d'abril d'este mesmo anno, a capitania da Bahia de Todos os Santos, no Brasil, de juro e herdade. Succumbiu a uma revolta dos indigenas, em 1549. Havia casado com D. Margarida Pereira de Lacerda, fallecida a 10 de setembro de 1566, filha de Reimão Pereira de Lacerda, da casa de Baleirão, e de D. Izabel Pereira, e tiveram um filho unico :

2.º—*Manuel Coutinho Pereira,* moço fidalgo, em 18 de fevereiro de 1534, feito segundo capitão donatario da Bahia, e preparando-se para ir para a sua capitania lh'o impediram por parte da corôa : oppoz-se a isto, mas tendo el-rei mandado para lá governador, cedeu do direito áquella capitania por escriptura de 7 de setembro de 1553, e se lhe passou depois um padrão de quatrocentos mil réis de juro e herdade, a 16 de agosto de 1566, pelo qual se vinculou a referida quantia em mórgado, com as mesmas clausulas extraordinarias da primordial doação feita a seu pae, e entre ellas a obrigação imposta a todos os seus successores do uso do appellido de Coutinho, e das suas armas, primeiro que outro qualquer appellido, e de outras quaesquer armas, sob pena de perderem o direito ao vinculo. Morreu em 1608, e foi o primeiro administrador do mórgado do juro da Redizimà da Bahia, que teve apostilla no padrão em 1576. De sua primeira esposa, D. Filippa de Brito, filha de Fernão de Brito, e de Genebra de Brito — teve a :

3.º — *D. Catharina Coutinho,* casou com Simão Rodrigues Cardoso, natural de Villa Nova d'Anços, filho de Mendo Affonso Cerveira, e de D. Ignez de Azambuja, que foi (Simão Rodrigues) ouvidor geral, provedor da Fazendà, e capitão e governador de Pernambuco, por carta do 1.º de outubro de 1578, por estar prisioneiro o capitão donatario, Duarte Coelho de Albuquerque. Prestou grandes e extremados serviços, na America, na paz e durante a guerra, desde 1580 até 1595, concorrendo com largas despezas em beneficio do Estado, e tiveram :

4.º— *Francisco Pereira Coutinho,* moço fidalgo, terceiro administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão a 3 de novembro de 1635, succedendo n'este vinculo a seu primo coirmão Bernardo Coutinho. Morreu em 1651, deixando de sua segunda esposa, D. Ignez de Brito, filha de Antão Lopes, fidalgo da casa real, e vereador da camara de Soure, e de D. Ignez Pinto, a :

5.º—*D. Philippa Coutinho,* sexta administradora do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 28 de junho de 1651. Casou a 12 de agosto de 1632, com seu primo Alvaro Cerveira de Azambuja, filho de Dionisio Cerveira de Azambuja, e de D. Ignez Alvares Lobo, que depois de ter prestado serviços ao Estado, falleceu em 12 de outubro de 1645, e tiveram :

6.º — *Manoel Pereira Coutinho,* moço fidalgo, por alvará de 16 de outubro de 1670, setimo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de março de 1670. Serviu com grande valor na guerra da restauração desde 1661 a 1667 ; foi mestre de campo de auxiliares, e recebeu em 20 de julho de 1679, uma carta de el-rei D. Pedro II, em que lhe agradece e relata todos os seus serviços. Teve de sua segunda esposa, D. Marianna da Cerveira, viuva de Manoel Arraes de Mendonça, moço fidalgo, filha de Manoel Correia da Maia, e de D. Benta Simões Pereira.

7.º — *Manoel Coutinho Pereira,* moço fidalgo, por alvará de 15 de novembro de 1691, mestre de campo de auxiliares, foi o oitavo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de março de 1700. Foi frade depois de viuvo, com o nome de frei Manoel da Conceição, havia casado a 28 de agosto de 1700, com D. Isabel Maria da

[1] Todos os alvarás e outros documentos que cito se conservam os proprios originaes no archivo da casa da Bahia, onde existe uma grande porção de documentos, pelos quaes se vêem os grandes serviços prestados, ao Estado, pelos senhores d'esta casa.

Horta, herdeira da casa de seus paes, Bernardo Amado Pereira, moço fidalgo, e D. Josepha Maria da Horta, e tiveram :

8.º — *Manoel José Coutinho*, moço fidalgo, por alvará de 18 de agosto de 1718, e nono administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 27 de fevereiro de 1741. Casou em 15 de junho de 1719, com D. Dorothea Maria de Sousa e Menezes, filha e herdeira de Manoel de Sousa e Menezes, moço fidalgo, senhor da antiga casa de Soutello, e de D. Joanna Francisca de Sousa e tiveram :

9.º — *Nicolau Pereira Coutinho de Sousa e Menezes*, moço fidalgo, por alvará de 4 de outubro de 1738, decimo administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 13 de julho de 1762. Casou a 13 de fevereiro de 1736, com D. Francisca Maria de Távora e Sousa, filha de Alexandre de Sousa Freire, governador e capitão-general de Pernambuco, em 1737, e depois do Maranhão—e de D. Leonor de Brito e Castro, e tiveram filha unica, a :

10.º—*D. Anna Felicia Coutinho Pereira de Sousa Tavares da Horta Amado e Cerveira*, 11.º administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, no 1.º de outubro de 1791, casou a 8 de janeiro de 1764, com o dito José de Seabra da Silva, filho primogenito de Lucas de Seabra da Silva, moço fidalgo, por alvará de 30 de abril de 1745, senhor dos mórgados de Lobão e Fail, e de D. Josepha Theresa de Moraes Ferraz, e foi ministro e secretario de estado de el-rei D. José, e da rainha D. Maria I, e tiveram :

11.º — *Manoel Maria Coutinho Pereira de Seabra e Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira*, 12.º administrador do mórgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 4 de abril de 1815, foi o 1.º visconde da Bahia, de juro e herdade, por carta de 16 de maio de 1796. Serviu com grande distincção na guerra Peninsular, para o que deu grandes donativos ; e na guerra de 1832 a 1834, foi ajudante de ordens do senhor D. Miguel 1.º, que o elevou a conde do mesmo titulo, em setembro de 1833. Casou a 8 de setembro de 1803, com D. Anna Isabel de Saldanha, filha dos primeiros condes de Rio maior, e tiveram :

12.º — *João Maria Coutinho Pereira de Seabra e Sousa Tavares de Horta Amado e Cerveira*, 13.º administrador do morgado do juro real da Redizima da Bahia, de que teve apostilla no padrão, a 15 de outubro de 1835, vigessimo primeiro do de Cerveira de Santarem, duodecimo do de Horta, no Alemtejo, decimo do de Amado Pereira, de Coimbra, e dos de Lobão, Fail, e Canal, padroeiro do Mosteiro de Nossa Senhora do Campo de Sendelgas. Servio briozamente no antigo exercito como official de cavallaria, e foi ajudante de campo do Senhor Dom Miguel 1.º, que lhe fez mercê do titulo de conde da Bahia, no mesmo dia da morte de seu pae, a 24 de outubro de 1833. Conserva-se solteiro, e é o actual senhor d'esta casa.

TORRE DO TERRANHO ou **TORRINHA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 365 ao N. E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 83.

Orago, Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Pinhel, Districto Administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 270$000 reis de rendimento annual.

Terra fria e pouco fertil. Muito gado, colmeias e caça, grossa e miuda.

Vide *Terranho*, e *Torrinha*.

TORRE DO TOMBO — A creação de archivos onde se depositassem os documentos importantes de uma nação, é muito antiga ; e não se sabe qual foi o primeiro paiz que estabeleceu taes archivos. Sabe-se que na Grecia, estavam em certos templos, guardados, todos os manuscriptos que interessavam ás familias, ás povoações, e ao estado.

Os romanos, tambem escolheram templos para a guarda de taes documentos. Os mais importantes documentos d'este povo, guardavam-se no templo de Saturno, sobre o monte Tarpeio.

Os barbaros, invadindo Roma, destruiram este archivo.

Em 813, o imperador Carlos Magno, de-

terminou que os authographos dos Concilios, fossem archivados em uma das salas do seu palacio.

Os mosteiros, tambem tinham os seus archivos, em que guardavam preciosos manuscriptos, que muito concorreram para se conhecerem os factos mais importantes da antiguidade.

Depois, os bispos instituiram tambem estes archivos.

Na nossa Peninsula, por causa das constantes guerras com os mouros, os soberanos guardavam em torres albarrans, tanto os seus thesouros, como os documentos que julgavam mais importantes.

O imperador Carlos V, e seu filho o herdeiro, Filippe II, estabeleceram o primeiro archivo de verdadeira importancia, na Hespanha, escolhendo para isso o famoso *castello de Simancas*, a 12 kilometros da cidade de Valhadolid. E' um copioso e riquissimo deposito de documentos de grande importancia, não só relativos á Hespanha, mas tambem á Belgica, Hollanda, Italia e Portugal; mas, em 1808, foram roubados pelos francezes, os mais preciosos documentos de Simancas; os quaes, depois de 1814, foram reclamados ao rei legitimo de França; porém só regressaram os que os francezes julgaram de menos interesse.

—

Em Portugal, D. Fernando I, pelos annos de 1375, fundou tambem um *archivo nacional*, em uma das torres da cêrca de muralhas de Lisboa, obra d'este soberano.

Esta torre estava no logar em que, depois, o rei D. Manuel fundou os paços reaes da Ribeira, no Terreiro do Paço.

Denominou-se *Torre do Tombo*, porque tombo, no portuguez antigo, ainda usado, significa inventario de quaesquer documentos.

Todos os reis que se seguiram a D. Fernando, foram enriquecendo este archivo, de maneira que elle adquiriu uma fama européa, e muitos titulares e prelados estrangeiros, pediram e obtiveram que na Torre do Tombo se lhes guardassem os seus documentos de mais importancia.

O rei D. Manuel, augmentou muito este edificio, e mandou copiar em livros de pergaminho, com boa letra e bellos desenhos, varios documentos de letra antiga, que se hiam tornando ilegiveis, exemplo que foi seguido por alguns dos seus successores.

Todos os nossos chronistas basearam as suas chronicas em documentos existentes na Torre do Tombo.

Durante o reinado de D. João III, houve um grande incendio n'este archivo; e, apezar de ter acudido muita gente para extinguir o fogo, e que poude salvar uma grande parte dos papeis alli existentes, mesmo assim perderam-se bastantes.

Do edificio, só ficaram as quatro paredes da torre.

Mandou el-rei D. João III fazer grandes obras para accommodação do archivo, na torre do castello de S. Jorge, para esse fim escolhida. Esta torre fazia parte, não da cêrca exterior do mesmo castello, mas sim do interior, que constituia a antiga cidadella mourisca, cuja maior parte ainda existe de pé com algumas das torres que a flanqueavam, apenas despojadas da sua corôa de Ameias. A torre do Tombo erguia-se no lanço de muros do lado do oeste, a pouca distancia do paço das Alcáçovas, que ficava encostada ao mesmo lanço, tendo sobre elle janellas o andar nobre [1]. Por cima da porta que communicava da primeira casa da torre para a segunda, chamada então dos *armarios*, e depois, *da corôa*, foi collocada uma inscripção em latim, commemorando aquella reforma do edificio e do archivo, declarando, ter sido feita em 1540, anno em que el-rei D. João III contava 38 de edade e 18 de reinado. Alguns escriptores do seculo passado, entenderam que esta obra da torre fôra começada por el-rei D. Manuel. Firmava-os n'este juizo a seguinte clausula do testamento d'este soberano: « Item eu tenho mandado entender no corrigimento da Torre do Tombo, e concerto das escripturas d'el-

[1] Esta parede do paço das Alcáçovas, com as janellas gothicas que deitam para a cidadella mourisca, ainda se conserva de pé, em bom estado, e é tudo quanto resta d'aquella antiga habitação dos nossos reis.

la, no que já agora é começado, e se faz por me parecer, que será cousa mui proveitosa, e ainda no modo em que está ordenado, a mais honrada cousa de similhante qualidade que em parte alguma do mundo se possa ver; porém muito encommendo e mando, que se acabe tudo de fazer, assim a obra da mesma torre, como o concerto e treslado das escripturas d'ella, no modo em que o tenho ordenado, segundo o tenho praticado e fallado com os officiaes, que d'isso encarreguei.« A *obra da mesma torre* a que el-rei D. Manuel se refere, é a que este monarcha mandou fazer, quando intentou a reforma do archivo na primeira torre, em que o estabeleceu el-rei D. Fernando; obra que D. João III concluiu, em observancia das recommendações de seu pae, e que o fogo destruiu pouco tempo depois. A obra a que allude a inscripção de el-rei D. João III, acima citada, quando diz: «*Bibliothecam hanc in communem reipublicæ utilitatum ac perpetuum maiorum suorum regum, æternique nominus sui monumentum fieri, ordinarique curavit...*» é a da reconstrucção interior da torre do castello de S. Jorge, apropriando-a ao seu novo destino, e a collocação e organisação do archivo em a nova casa, o que tudo se acabou no anno de 1540, quasi dezenove annos depois da morte de el-rei D. Manuel. Quanto á outra parte da recommendação d'este soberano, relativa ao *concerto e treslado das escripturas*, cumpriu-a el-rei D. João III, proseguindo nos trabalhos principiados por seu pae, mas não fez mais que adiantal-os alguma cousa, deixando aos seus successores muito para fazer n'estas obras.

Na primeira casa da torre, via-se um quadro, de pintura muito antiga, em que estava representado um solho, de tamanho natural, com um letreiro que dizia: «No anno de MCCCXXI, junto a Montalvão, no Tejo, se tomou um solho da grandeza, que representá esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem, XVII arrobas e meia, de que ha justificação n'este archivo, que n'elle mandou lavrar D. Diniz, á quem se presenteou, como consta na mesma justificação.» A data do letteiro, é a era de Cesar, que corresponde ao anno de Christo de 1283. Como se deprehende da linguagem, o letreiro, era muito posterior á pintura. Segundo refere frei Francisco Brandão na «Monarchia Lusitana», o tal solho tinha de comprido dezesete palmos e sete de grosso.

El-rei D. João V encarregou da nova reforma do archivo, o mestre de campo general e engenheiro-mór do reino, Manuel da Maia. Porém havia pouco tempo que este laborioso funccionario tinha conseguido pôr em boa ordem este cartorio, quando succedeu a terrivel catastrophe do terramoto do 1.º de novembro de 1755. O castello de S. Jorge foi um dos logares da cidade que mais padeceram com o cataclismo. O paço das Alcáçovas, habitação real até ao fim do seculo XV; a torre Albarran ou Alvarran, onde outr'ora se guardava o thesouro real; a torre do Tombo; a egreja de Santa Cruz e todas as ruas e casas d'esta parochia, dentro dos muros do castello, e toda esta fortaleza, exceptuando uma parte da cidadella mourisca, ficaram reduzidas a um montão de ruinas. Foi n'estas circumstancias afflictivas que Manuel da Maia deu prova cabal do seu zelo e actividade, não menos que da sua intelligencia. Graças ao seu incansavel esforço, foram salvos todos os livros e documentos do archivo. Depois de se tirarem, com muito trabalho e difficuldade, de entre as pedras do edificio derrocado, foram conduzidos para uma casa de madeira, construida á pressa, com os destroços da propria torre, na praça d'armas do castello, onde se deu pela falta de dezenove livros da chancellaria de el-rei D. Affonso V. Por muitos dias se procuraram baldadamente, removendo-se os entulhos, não só da torre, mas tambem os de outros edificios visinhos, e julgava-se já irreparavel esta grande perda, quando, quasi dois mezes depois do terramoto, no dia 28 de dezembro de 1755, se descobriram em um logar a muita distancia, onde a toda a gente pareceu incrivel que os arremessasse o impulso do terramoto, e d'onde foram tirados com muito custo e perigo de vida dos individuos encarregados d'essa diligencia. Quasi dois annos permaneceu o archivo n'esta barraca, apenas

capaz para o conter confusamente e abrigar da chuva. Tal era o estado em que o terramoto deixou Lisboa, sendo escassos os edificios, poupados pelo cataclismo, para receber e dar abrigo ás parochias, que perderam os seus templos, aos frades e freiras, cujos mosteiros se alluiram, aos enfermos e orphãos, que viram desmoronarem-se os seus asylos, aos presos, cujas cadeias abateram; tal era o triste estado da cidade, repetimos, que, apesar das assiduas diligencias de Manoel da Maia, só em fins d'agosto de 1757 é que lhe foi possivel arranjar accommodação conveniente. Nos ultimos dias, pois, d'aquelle mez, fez-se a mudança de todo o cartorio para o convento de S. Bento da Saude, pertencente aos monges benedictinos. Ahi foi collocado em dous pavimentos inferiores ao andar nobre, no angulo do convento, do lado do sul, com entrada pela calçada da Estrella. Estes quartos eram chamados as *casas do bispo*, por ter alli vivido um bispo da ordem benedictina, depois de ter renunciado o bispado. Nas salas, pois, d'esses dous pavimentos, que são abobadas, arrecadou e dispoz o archivo em boa ordem o seu guarda-mór Manoel da Maia.

Em julho de 1833, muitos cartorios de justiça, foram abandonados, pela fuga de seus escrivães; pelo que todos os processos d'esses cartorios, foram recolhidos na Torre do Tombo, onde existem.

Por decreto de 2 de outubro de 1862, se determinou que fossem guardados na Torre do Tombo, todos os cartorios dos conventos supprimidos, assim como os das Sés, das parochias, e dos mosteiros das freiras.

A esse tempo, já os documentos de mais valia, que tinham sido dos frades, estavam em poder dos ladrões, que d'elles se tinham apossado, ou no dos que lh'os tinham comprado; de maneira que só (com rarissimas excepções) escapou o refugo.

Os Philippes, roubaram d'aqui, muitos e valiosos documentos, para com elles enriquecerem a sua bibliotheca, do Escurial. No principio d'este seculo, tambem os francezes nos roubaram muitos papeis importantes, que não foram restituidos.

Pelo mesmo decreto, e attendendo a que as salas onde estava o archivo eram muito baixas e humidas, o que não só estragava os papeis, como a saude das pessoas empregadas na sua guarda, se mandou mudar todo o archivo para a outra extremidade, norte e leste, do mesmo extincto convento, presentemente palacio das côrtes. Ficou o archivo accommodado com muita largueza n'esta parte do edificio, onde tem grandes salas, extensos e largos corredores, outr'ora dormitorios, tudo de abobada, bem ventilado e com excellente exposição. Fizeram-se as obras necessarias para a conveniente collocação e conservação do archivo, taes como sobrados, onde o pavimento era de tijolo, estantes com que se guarneceram os corredores e grande quantidade de caixas de folha de Flandres, pintadas por dentro com um oleo preservativo, nas quaes se guardam os documentos de mais valia.

Contém este archivo as doações régias, privilegios, leis, testamentos dos nossos monarchas, contractos matrimoniaes, tractados com as potencias estrangeiras; bullas apostolicas, correspondencias dos reis, principes, pontifices e embaixadores; decretos e mercês, etc; e, alem d'estes documentos, muitos livros curiosos e de merecimento artistico. D'estes mencionaremos os seguintes: os quarenta e nove volumes da «Reforma de el-rei D. Manoel»; os «Livros mysticos» d'este soberano; o livro chamado «Mestre das Sentenças»; o «Livro das Armarias», mandado fazer pelo mesmo rei, com grandes estampas, das fortalezas do reino, feito á penna com admiravel perfeição por Duarte de Armas e illuminado por frei Simão de S. José, religioso paulista da congregação da serra de Ossa; os livros de reza de el-rei D. Duarte e da rainha Dona Christina; a celebre «Biblia dos Jeronymos» e outros em que se admiram excellentes miniaturas.

TORRE DO ZÊZERE — Extremadura. Sobre um alto penhasco, chamado *Serra Vermelha*, na freguezia de Dórnes, estão as ruinas d'esta torre, tão antiga, que alguns escriptores attribuem a sua fundação a Sertorio. Vide *Dórnes*.

TORRE DOS BERTIANDOS — Vide no 1.ª vol., pag. 392, col. 1.ª

TORRE DOS COELHEIROS — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 18 kilometros d'Evora, e 120 ao S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

A casa dos Cogominhos, apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Fertil em cereaes. Muito gado, de toda a qualidade, e caça.

TORRE VELHA — Vide 1.º vol., pag. 140, col. 1.ª — e 7.º vol., pag. 561, col. 1.ª, § *Lazareto.*

TORREIRA — aldeia, Douro, na freguezia de Murtosa, concelho de Estarreja, 10 kilometros ao N. d'Aveiro e 7 ao N. da *Costa de S. Jacintho.*

É uma povoação com mais de 500 fogos, sendo todas as casas construidas de madeira, e situada no vasto areal que se estende desde Ovar até á barra d'Aveiro, entre a *ria* d'Ovar, a E., e a costa do Atlantico, a O.

O povo da Torreira occupa-se exclusivamente da pesca; e, desde julho até outubro, é esta povoação concorridissima de familias que, de muitas leguas de distancia, aqui veem fazer uso dos banhos de mar, por ser uma praia limpa de pedras, e por demandar menos luxo do que a do Espinho e outras d'estes sitios.

Ha aqui uma ermida dedicada a S. Payo, ao qual se faz uma famosa romaria em setembro, sempre concorridissima. É advogado contra as *maleitas*, e os que não querem ser atacados d'esta molestia, não teem mais do que dar ao santo um banho de vinho, sendo este depois bebido como efficaz preservativo; pelo que o pobre santo leva innumeraveis banhos d'este liquido, na vespera e no dia da festa, ao som d'esta cantiga —

Oh, são Payo da Torreira,
Meu milagroso santinho,
Hei de cá vir para o anno,
Mergulhar-te bem em vinho. (!)

—

No dia 26 de setembro de 1874, em pleno dia, teve logar n'esta povoação um acontecimento digno de nota.

Dois pequenos irmãos estavam proximos de um poço. Um tinha 5 e o outro 2 annos. O mais novo caiu dentro d'elle e a agua cobria-o. O mais velho, de 5 annos apenas, conhecendo a urgencia de salvar o irmão, lança-se ao poço, ergue-o nos braços e grita depois para que lhe acudam. Appareceu gente que salvou a ambos. Os poços alli são baixos, mas não tanto que não tenham alguns metros de profundidade; a agua não cobria o pequeno salvador de seu irmão, mas dava-lhe pelo peito.

Admira-se em tão verdes annos, a coragem e a dedicação do resoluto mocinho.

—

No tempo dos banhos, costuma haver musica na praia, em todos os domingos e dias santificados.

Em setembro de 1875, andando a passeiar na praia, Joaquim Maria Ala, boticario, da villa d'Agueda, achou um brilhante do tamanho de uma avelan, que o mar alli arrojára.

—

Um dos melhores divertimentos dos banhistas da Torreira, são as pescarias. Estas estão sujeitas a um regulamento, approvado por decreto de 5 de novembro de 1852.

—

Desde a Torreira até á Costa Nova do Prado, costuma arribar uma grande quantidade de *lavancos*, *nêgras*, e outras aves de arribação, que são objecto de grandes, faceis e divertidas caçadas.

—

Ha aqui seis *companhas* para a pesca — denominam-se — *de S. João, de S. Pedro, de S. Lourenço, da Senhora do Carmo, de S. Payo*, e *da Boa Viagem.* O valor do peixe aqui pescado, regula, termo medio, por 80 contos de réis annuaes.

—

No dia 21 de junho de 1877, arrojou o mar á esta costa, entre a Torreira e o Furadouro, 10 monstruosos peixes, medindo cada um, 12 metros de comprimento e 7

de grossura! Eram *cachalotes* — 8 machos e duas femeas.

Os empregados da alfandega julgaram que deviam constituil-os boa preza, impedindo que os pescadores lhes aproveitassem a carne para reduzirem a azeite. Communicaram o occorrido para o Porto, e na impossibilidade de fazer a remoção por outra fórma, depois de varias tentativas, mandaram d'alli no sabbado um vapor de reboque, o *Veloz*, que, segundo consta, veio ganhar 100$000 réis por hora.

Mas não foi possivel mover sequer aquellas montanhas. Quantos cabos, amarras, e correntes lhes lançaram, tantas rebentaram. Não chegaram mesmo a movel-as, não só pela enormidade do volume e peso, mas tambem pela situação em que se achavam sobre a areia.

A sua exposição á *torreira* do sol, corrompeu estes monstros marinhos, que exhalavam um fétido insupportavel. Tentaram queimal-os, porém a empreza era difficil, e, alem d'isso, o azeite que podiam produzir, estava avaliado em 4:500$000 réis, e com effeito, esta quantia offereceram por elles, uns inglezes, residentes no Porto; porém, entre perguntas e respostas da alfandega, perdeu-se muito tempo, de maneira que por fim, já ninguem queria chegar ao pé dos monstros: só dois individuos se atreveram a isto, e fazendo uma grande fogueira na bôcca de um dos peixes, resultou uma distillação perenne, por espaço de algumas horas. Por fim, a alfandega, deu os peixes gratuitamente aos taes inglezes, que foram para o sitio (junto ao Furadouro) acompanhados de trabalhadores, com a cara coberta com capacetes, mas, apezar d'isso, o fétido era tão grande, que desistiram da tentativa, depois de terem colhido 13 pipas do azeite.

Estava imminente uma furiosa epidemia. Felizmente, sobrevieram as marés vivas, que arrastaram para o mar, dés d'estes monstros.

Dias antes, os pescadores d'Aveiro, tinham visto passar, a 6 kilometros da costa, uns 60 e tantos volumes negros de grandes porporções, na direcção do norte, e como que fugindo á perseguição de outros monstros.

Os dés, deram em secco, no sitio referido, ainda vivos, dando urros e movendo-se, por algumas horas, até exhalarem o ultimo suspiro. Diz-se que os seus hurros se ouviam a 3 kilometros de distancia!

Foi grande numero de pessoas, do Porto, Ovar, Aveiro e outras partes, ver estas monstruosidades.

O cachalote é um cetaceo, que habita o mar nas regiões intertropicaes, e tem de comprimento entre 5 e 30 metros. Pertence á classe dos mamiferos. Não se segue que o cachalote não venha visitar tambem as aguas de Portugal e não tome para o norte, seguindo pelas de Hespanha. São immensamente vorazes, e batem-se com vantagem com a baleia. São terrivelmente armados, e juntam-se ás vezes aos duzentos para perseguirem os inimigos, que só abandonam quando vencidos, porque são d'uma ferocidade inimitavel.

—

Em outubro de 1877, se inaugurou na Torreira, um *rail road*, de systema americano, que communica a povoação com a ria. Foi uma boa providencia, porque ás vezes, em occasião de grande *safra*, não podia o peixe ser transportado da praia, por falta de meios de conducção, subindo então os carretos a preços exageradissimos.

—

No dia 31 de julho do anno de 1881, um pavorosissimo incendio reduziu a cinzas, em poucos momentos, 320 casas (de madeira) da povoação de Furadouro, a uns 9 kilometros ao N. da Torreira, causando prejuizos avaliados em mais de 90 contos de réis, e deixando grande numero de familias de pescadores, sem abrigo, e na maior miseria, pois, alem das casas, ardeu tudo quanto tinham, incluindo os utencilios da pesca. Felizmente, não morreu pessoa alguma.

Poucas casas estavam no seguro.

A povoação da Torreira, está separada do resto da freguezia, pela *calle d'Ovar*, que é a parte septentrional da famosa *Ria d'Aveiro*.

Antigamente, esta povoação, e toda a costa até á Vagueira (10 kilometros ao S. da barra d'Aveiro) pertencia á freguezia de Ovar, sendo, até 1827, a dizima do pescado, d'este vasto tracto de areal, para o cabido da Sé do Porto, do qual se apropriou, sob pretexto de lhe pertencer o padroado de S. Christovam de Cabanões (hoje Ovar). Vide *Ovar*.

Em setembro de 1855, a junta geral do districto d'Aveiro, representou ao governo a necessidade de se dividir e demarcar devidamente toda a costa, desde Ovar, até ás proximidades de Mira, que até então, por uma mal entendida divisão, pertencia ao concelho e freguezia d'Ovar.

Foi de parecer, a referida junta, que esta divisão se realisasse de maneira que a costa que fica ao S. da barra, fosse repartida pelos concelhos de Ilhavo e Vagos, e a que fica ao N., pelos de Aveiro, Estarréja, Ovar e Feira.

Em virtude d'este *parecer*, ordenou-se, por decreto de 24 de outubro de 1855 (sendo regente o sr. D. Fernando) que se realisasse a divisão, na fórma indicada, o que se levou logo a effeito; ficando a costa da Torreira — para todos os effeitos administrativos e judiciaes — pertencendo ao concelho de Estarreja; e para os parochiaes, á freguezia da Murtosa, do mesmo concelho, em virtude da portaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, de 10 de setembro de 1856.

No dia 23 de outubro de 1880, naufragou ao N. da Torreira, a uns 2 kilometros da povoação, o vapor francez *Nattalie*, que trazia do Havre para Lisboa um importantissimo carregamento de varios objectos.

A tripulação, composta de 15 pessoas, e uma senhora, foi heroicamente salva, pela gente da companha de um barco de pesca, pertencente ao sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia, proprietario e esclarecido 1.º redactor do jornal aveirense «O Campeão das Provincias».

O salvamento d'aquelles 16 infelizes, deve se, não só á coragem da referida companha, mas, e sobre tudo, á iniciativa e energia do sr. Maia, que n'esta conjunctura se portou com a maior dedicação e caridade; pelo que, o governo da republica franceza o honrou com a cruz da *Legião d'honra*.

TORRES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 245 ao N. E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 35.

Orago, Santa Agueda.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

A esta freguezia está unida, desde o principio d'este seculo, a de Santo Amaro do Freichão, que em 1768 tinha 45 fogos, e cujo cura erá apresentado pelo commendador maltez, de Trancoso. O cura tinha réis 20$000 de congrua e o pé d'altar.

Dá-se vulgarmente a estas duas freguezias, assim unidas, a denominação de *Torres e Freichão*; e são estas as unicas aldeias d'esta freguezia.

Na povoação de Torres, ha um bom edificio brazonado, do qual são hoje proprietarios os herdeiros do doutor Antonio Villafanha Falcão, residentes em Tondella.

É terra fertil em milho, centeio, castanhas, legumes e algum vinho; do mais pouco.

TORRES NOVAS — villa, Estremadura, cabeça do concelho e da comarca (de 1.ª classe) 5 kilometros ao N. O. da Gollegan, 30 ao N. E. de Santarem, 6 ao N. do Tejo, 100 ao N. E. de Lisboa (pelo caminho de ferro, 103).

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Tem quatro freguezias:

Santa Maria, do Castello, 320 fogos.

Em 1768, tinha 385.

O prior, tinha 800$000 réis de rendimento annual.

O Salvador, 200 fogos.

Em 1768, tinha 30.

O prior tinha 500$000 réis de rendimento.

S. Pedro, 310 fogos.

Em 1768, tinha 241.

O prior, tinha um conto de réis de rendimento.

S. Thiago, 510 fogos.

Em 1768, tinha 540.

O prior, tinha 600$000 réis de rendimento.

A esta freguezia, está hoje unida a da Egreja Nova, que foi filial d'esta. Vide 3.º vol., pag. 7, col. 2.ª

Todas estas quatro freguezias eram da apresentação do real padroado e todas eram collegiadas. A do Salvador, tinha 10 beneficiados — a de S. Pedro, 4 — a de Santa Maria, 6 — e a de S. Thiago, 5.

Vê-se pois que esta villa tem actualmente 1:340 fogos — mais 144 do que tinha em 1768.

Pertence ao districto da Relação de Lisboa.

Tem estação telegraphica municipal. É quartel de duas baterias de campanha, do regimento d'artilheria n.º 2.

É a 15.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

O concelho de Torres Novas, é composto de 18 freguezias, todas no patriarchado, e com 4:600 fogos. São — Alcanena, Alcorochel, Alqueidão da Serra, Assentiz, Brogueira, Bugalhos, Chancellaria, Lapas, Monsanto, Olaia, Paço, Parceiros, Ribeira Branca, Zibreira, e as quatro da villa.

A sua comarca, comprehende trez concelhos — o de Torres Novas, o da Barquinha, com 820 fogos, e o da Gollegan, que tem 900 fogos, e é composto apenas da freguezia da villa; total, 6320 fogos.

Pela nova divisão judicial, o concelho de Torres Novas, é composto de trez julgados — *Alcanena, Chancellaria* e *Torres Novas* — e o da Gollegan, de outros trez — *Barquinha, Chamusca* e *Gollegan.*

Feira a 12 de março.

D. Sancho I lhe deu foral, em outubro de 1190 (*Maço 3, de foraes antigos, n.º 10 — Livro 2.º dos bens proprios das rainhas,* fl. 27).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de maio de 1510. *Livro de foraes novos da Extremadura,* fl. 40 vs. col. 2.ª) Este foral confirma os privilegios do antigo, que eram eguaes aos de Thomar.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.º

As armas d'esta villa, são — em campo de púrpura, uma torre de prata, sobre terreno verde, tendo sobre as ameias, um braço vestido de ferro, empunhando uma clava do mesmo metal.

Está situada em uma planicie, cercada de muros, com castello, guarnecido de onze torres.

Pretendem alguns que esta povoação teve principio pelos annos do mundo 2:640 (nada menos de 1:364 annos antes de Jesus Christo — isto é — tem hoje a bagatella de 3:245 annos). Segundo estes escavadores de antiguidades — muitas vezes fabulosas — os seus fundadores foram os gregos com que Ulysses apertou a Lisboa [1].

Como o rio que alli corre tem alguma semelhança com o Mondego (então chamado *Monda* ou *Munda*) lhe deram o nome de *Aliomonda* (Outro Monda) que facilmente se corrompeu no nome actual — *Almonda.* (Vide esta palavra).

Proximo a este rio, fundaram os grêgos uma torre, cercada de muralhas, á qual deram o nome de *Neupergama* (que na sua lingua, queria dizer — *Nova Torre*).

Por espaço de 550 annos esteve esta fortaleza em poder dos varios povos que habitaram a Lusitania n'esse tempo (gregos, celtas e phenicios) até que, pelos annos do mundo 3:453 (551 antes de Jesus Christo) passou ao poder dos carthaginezes, até que no anno do mundo 3:795 (209 antes de Jesus Christo) o consul romano Publio Cornelio Scipião, invadindo a Lusitania, incendiou a fortaleza de Neupergama. Reedificada pelos carthaginezes, estes lhe deram o

[1] No texto, vou seguindo a opinião de varios antiquarios; mas não affirmo que a fundação d'esta villa remonte a tempos tão remotos, dos quaes não ha memoria escripta. O que se pode affirmar porém, é ser esta villa uma povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos carthaginezes. O mais certo é ser fundação dos gallos-celtas, 308 annos antes de Jesus Christo.

nome de *Kais pirgama* (Torre queimada) conservando esta denominação até que no anno do mundo 3:940 (64 antes de Jesus Christo) achando-se os romanos senhores de toda a Lusitania, reconstruiram esta fortaleza, ampliando-a, cercando-a de novas muralhas, guarnecendo-a de varias torres, e dando-lhe o nome de *Nova Augusta*.

Expulsos os romanos, pelos gôdos, vandalos, suevos, alanos, etc., estes restituiram á fortaleza o seu antigo nome; mas como, em vez de uma, tinha varias torres, lhe deram o nome de *Torres Novas*.

Os romanos, quando ampliaram as fortificações, construiram no seu ambito varios edificios para residencia dos seus soldados e familias d'estes; e assim principiou a povoar-se a villa.

Invadida a Lusitania pelos árabes, em 716, conservaram esta fortaleza, reedificando-a, e estando senhores d'ella por espaço de 432 annos, até que, em 1148, D. Affonso Henriques a resgatou.

Em 1185, Joseph-Aben-Jacob, miramolim de Marrocos, vindo da Africa em soccorro de Al-Bojaque, rei mouro de Sevilha, na intenção de retomarem Santarem (Vide 8.º vol., pag. 476, col. 1.ª no principio) poz cêrco a Torres Novas, com o seu poderoso exercito e a tomou de assalto, a 24 de junho, arrazando a fortaleza e a povoação [1].

D. Affonso Henriques mandou logo reconstruir as fortificações e a villa, mas, em 1191, o irmão do miramolim fallecido, e seu successor, sabendo que Portugal estava devastado pela fome e peste, invade o reino, pelo sul, e toma varias praças, incluindo Torres Novas (que se entregou por capitulação) e novamente a destruiu.

Foi logo resgatada pelo infante D. Affonso (depois segundo do nome) filho de Dom Sancho I, e o rei mandou restaurar todas as fortificações e povoar a villa.

O rei D. Diniz, deu o senhorio d'esta villa, a sua mulher, a rainha Santa Isabel; depois, passou ao poder de alguns infantes, até que D. João II, a deu a seu filho legitimado D. Jorge de Lencastre [1], duque de Coimbra, progenitor dos duques d'Aveiro, que foram senhores de Torres Novas, até 1759 (vide *Chão-Salgado*) passando então para a corôa, como tudo o mais da opulenta casa d'Aveiro.

—

Por duas vezes aqui tiveram logar côrtes dos *Trez estados*, umas em 1438, outras em 1525. (Para evitarmos repetições, vide no 2.º volume, pag. 394, col. 2.ª, e pag. 397, col. 1.ª)

D. João II, mudou para aqui o tribunal da *Casa da Supplicação*, que D. João I havia instituido. Vide *Supplicação*.

Duques, marquezes e condes de Torres Novas

O rei D. Manoel, fez 1.º marquez de Torres Novas, a D. João de Lencastre (o 1.º que tomou este appellido) filho de D. Jorge, duque de Coimbra, de quem já fallei — e Dom João III, fez o mesmo D. João de Lencastre, 1.º duque d'Aveiro, em 1547. (Vide *Reguengo d'Alcalá*).

O usurpador Philippe III, fez duques de Torres Novas, os filhos primogenitos dos duques d'Aveiro, em 26 de setembro de 1619. O primeiro duque de Torres Novas, foi D. Jorge de Lencastre, filho dos 3.ºs duques d'Aveiro. O 2.º — e ultimo — foi Dom Raymundo de Lencastre, filho do 1.º duque de Torres Novas. Este negando-se a reconhecer D. João IV, como rei de Portugal, fugiu para Madrid, e lá morreu.

(Vide 8.º vol., pag. 381, col. 2.ª)

O principe regente (depois, D. João VI) fez marquez de Torres Novas, em 13 de maio de 1807, a D. Alvaro Antonio de Noronha Abranches Castello-Branco, 7.º conde de Valladares e par do reino, em 1826; gentil-homem da camara e mórdomo-mór de D. João VI, e de seu filho, o sr. D. Pedro, duque de Bragança. Tenente-general,

[1] Caro pagou o miramolim esta victoria, porque logo no dia 16 de julho seguinte, foi morto em frente de Santarem, pelo nosso infante D. Sancho (depois rei, 1.º do nome) e o seu exercito completamente aniquilado, (8.º vol., pag. 477, col. 1.ª)

[1] D. Jorge de Lencastre era filho natural de D. Anna de Mendonça.

commendador da ordem de Christo, grão-cruz das da Conceição e Torre Espada; presidente da extincta *Junta do Commercio*. Nasceu a 31 de Agosto de 1776. Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Maria de Noronha, sua prima, filha dos 4.os marquezes de Angeja — e a 2.ª, com D. Ignez José da Cunha, filha dos 3.os condes de Povolide.

Este marquez (já fallecido, assim como sua 2.ª mulher) era filho de D. José Luiz de Menezes de Castello-Branco Abranches, 6.º conde de Valladares, gentil-homem da camara de D. Maria I, governador e capitão-general de Minas Geraes, no Brasil; embaixador a Castella, em 1785; deputado da *Junta dos Trez Estados*, inspector geral do Terreiro publico e das estradas — e de sua mulher, D. Luiza Josepha Maria Rita Antonia Fausta de Noronha, filha dos 3.os marquezes d'Angeja, 4os. condes de Villa-Verde.

Foram seus filhos (dos condes de Valladares) —

1.º — *D. Alvaro*, o dito marquez de Torres Novas.

2.º — *D. Pedro Antonio*, 8.º conde de Valladares. (Vide esta palavra).

3.º — *D. Maria do Resgate*, dama da rainha D. Carlota Joaquina, com exercicio no quarto da infanta D. Isabel Maria. Era dama, da ordem de Santa Isabel, e da de Maria Luiza, de Hespanha. Já falleceu.

4.º — *D. Miguel Antonio*, conde de Paratí, no Brasil [1].

5.º — *D. Antonio*, fallecido a 21 de fevereiro de 1822.

[1] Como *Paratí* não entra n'este diccionario, por ser povoação de uma nação estrangeira, julgo dever fazer aqui menção d'estes condes.

D. João VI, sendo ainda principe regente, fez 1.º conde De Paratí (ou Paraty) em 4 de dezembro de 1813, a D. Miguel Antonio de Noronha; par do reino, em 1826; gentil-homem da camara de D. Affonso VI, grão-cruz da ordem de Torre Espada; commendador das de Aviz e Conceição; coronel de cavallaria; conselheiro da fazenda; deputado da junta do tabaco. Nasceu a 24 de outubro de 1784. Casou a 13 de janeiro de 1818, com D. Francisca Quintina de Menezes, dama de D. Maria I, e da ordem de Santa Isabel, e que era viuva de Manoel José do Souza, 1.º conde do Barreiro e 3.ª filha dos 1.os marquezes de Vallada. Tiveram dous filhos —

1.º — *D. João Antonio de Noronha*, 2.º conde de Paratí e que é grão-mestre da maçonaria, em Portugal. (Consta que quer resignar esta... dignidade). Nasceu a 31 de julho de 1820.

2.º — *D. Rita*, nascida a 11 de julho de 1824.

O 1.º conde de Paratí, morreu a 24 de julho de 1849.

O ultimo marquez de Torres Novas, era o chefe da familia Noronha, na Peninsula, por ser o 8.º neto, legitimo, de D. Antonio de Noronha, 1.º conde de Linhares, 2.º filho de D. Pedro de Menezes, 3.º conde e 1.º marquez de Villa Real, 3.º conde d'Ourem, 3.º capitão-governador de Ceuta (Africa) neto de D. Affonso, conde de Gijon e Noronha, filho natural de D. Henrique II, de Castella — e de D. Isabel, filha bastarda de D. Fernando I, de Portugal.

—

Em 12 de dezembro de 1855, foi feito 1.º visconde de Torres Novas, Antonio Cesar de Vasconcellos Correia; o qual, em 21 de maio de 1862, foi feito 1.º conde do mesmo titulo.

—

Em julho de 1877, foi feito conde de Torres Novas, o sr. José de Vasconcellos Correia, general de divisão, e irmão do antecedente.

Antonio Cesar de Vasconcellos Correia, 1.º conde de Torres Novas, era filho de Antonio Narcizo de Vasconcellos Correia, e de D. Joanna Barbara da Costa Caría.

O 1.º conde, seguiu a carreira das armas, e falleceu em 11 de novembro de 1865, no posto de general de divisão, sendo ministro da guerra. Foi governador do Estado da India, nove annos, e ahi casou com D. Maria Luiza Helena, filha do conde de Sarzêdas. Morreu sem descendencia.

Teve quatro irmãos e duas irmans, legitimos, filhos tambem de Antonio Narcizo de Vasconcellos Correia e de D. Joanna Barbara da Costa Caria — foram:

1.º — *Joaquim de Vasconcellos Correia*,

morreu, solteiro, preso na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, em 1833, onde estava preso por liberal, desde 1828.

2.º — *Guilherme de Vasconcellos Correia.* seguiu a vida militar, e falleceu no posto de general de brigada, reformado, em 1863. Casara com D. Antonia Emilia de Vasconcellos, da qual teve quatro filhos, dos quaes hoje apenas existem duas filhas, e um filho, o sr. Guilherme de Vasconcellos, alferes ajudante do batalhão do Ultramar.

3.º — *João de Vasconcellos Correia*, que, seguindo, como seus irmãos, a vida militar, e sendo tenente de cavallaria liberal, morreu, solteiro, na batalha de 29 de setembro de 1832, durante o cerco do Porto.

4.º — *D. Albana*, já fallecida, e que foi casada com Francisco de Salles da Silveira, major do exercito, de cujo casamento apenas existe uma filha.

5.º — *D. Maria do Carmo*, fallecida sem successão. Tinha casado com o capitão-mór, José Pereira d'Amorim, tambem já fallecido.

6.º — *O sr. José de Vasconcellos Correia*, 2.º conde de Torres Novas, general de divisão; do conselho de sua magestade; ajudante de campo do sr. D. Luiz I; par do reino, grão-cruz das ordens de Torre-Espada e S. Bento d'Aviz, commendador das ordens de Torre Espada, Christo, e Aviz; cavalleiro da da Conceição; condecorado com as medalhas d'ouro do valor militar, bons serviços, e comportamento militar. É tambem grão-cruz da ordem de Isabel, a Catholica, de Hespanha.

Nasceu n'esta villa, a 31 de agosto de 1804. Casou com D. Gertrudes Carlota de Vasconcellos, nascida na cidade de Angra, na Ilha Terceira, da qual teve um unico filho, chamado Julio Cesar de Vasconcellos Correia, fallecido em 1879, no posto de capitão de cavallaria.

Casou, em segundas nupcias, com a sr.ª D. Helena Margarida Mackonelt, natural de Lisboa, da qual teve uma filha, por nome Palmyra da Conceição, fallecida em 1867.

Vê-se pois, que, tanto o 2.º conde de Torres Novas, como todos os seus irmãos, pertenceram sempre ao partido liberal, pelo qual, dous d'elles, como vimos, perderam a sua vida.

O sr. conde actual, sentou praça de cadete, em 6 de setembro de 1820, e foi nomeado alferes, a 14 de dezembro de 1826—tenente, a 6 de agosto de 1832—capitão, a 25 de julho de 1833—major, a 1 de julho de 1844—tenente coronel, em 19 d'abril de 1847—coronel, em 29 d'abril de 1851—general de brigada, em 21 de janeiro de 1876.

Portou-se sempre com extremado valor, em todas as batalhas em que entrou, defendendo o partido a que pertence.

Costuma hir passar algumas temporadas á sua bella quinta do Marmello, em Torres Vedras.

—

O rio Almonda, é aqui atravessado por trez boas pontes — *do Ral, da Levada* e *Ponte-Nova* — das quaes, a mais celebre é a do *Ral*, pela sua antiguidade, pois é coeva da villa primittiva. Os gregos lhe chamaram *Ral*, de *ram* — mortandade — pela grande perda de vidas que os romanos tiveram n'esta ponte, quando atacaram a villa e o castello (antes de o incendiarem).

Ainda se conserva o nome de *Balbalháu*, dado pelos gregos a um monte ou outeiro, que fica em frente do edificio que foi mosteiro de freiras. Quer dizer — *jogo com algazarra*, porque alli se reuniam os rapazes, jogando diversos jogos e fazendo grande gritaria.

—

Tem Misericordia, com um bom hospital.

Teve trez mosteiros —

1.º — *O de S. Gregorio*, de frades carmelitas calçados, fundado por D. Jayme de Alencastro, bispo de Ceuta, filho do infante D. Jorge de Alencastro, duque de Coimbra, no anno de 1558, em uma eminencia que fica a cavalleiro do Rocio da villa.

O fundador, collocou na egreja d'este mosteiro, a cabeça de S. Gregorio, martyr, que ficou sendo padroeiro do convento.

D'este mosteiro, apenas existe a egreja, que é a maior e mais elegante que ha na villa. Está muito bem conservada, porque está alli estabelecida a irmandade de Nossa Senhora do Carmo.

No local que occupou o edificio do mosteiro, se construiu o hospital novo da villa, que ainda anda em obras, mas estão quasi concluidas. O sitio foi optimamente escolhido, para o fim a que vae ser applicado.

A cêrca foi vendida pelos liberaes, a Augusto Pereira Brotes, d'esta villa, menos uma pequena parte, que ficou para logradouro do hospital.

2.º — *De Santo Antonio*, de frades arrabidos, fundado por D. João de Lencastro, 1.º duque d'Aveiro, em 1562, em um sitio solitario, chamado *Liteiros*, a 4 kilometros da villa; mas, como os frades achassem o sitio doentio, se queixaram a D. Alvaro de Lencastro, duque d'Aveiro, que lhes fez novo mosteiro, no sitio de *Berlé*, ao N. do Rocio do Carmo, e um kilometro ao sul da villa, perto da quinta dos Atouguias; lançando-lhe a 1.ª pedra, a 16 de fevereiro de 1591.

A 1.ª invocação d'este mosteiro, foi de *Nossa Senhora do Egypto* — a de Santo Antonio, só lhe foi dada, depois da mudança.

Todo o povo da villa, desejava que este mosteiro estivesse, não só em sitio saudavel, mas tambem mais perto da povoação.

Antão Mogo de Mello, e sua mulher, a famosa D. Angela Sigéa de Vellasco, dama da infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel, [1] possuiam uma herdade no sitio de Berlé, que voluntariamente doaram aos frades, por escriptura de 3 de janeiro de 1589.

Outro fidalgo d'esta villa, chamado Diogo Figueira, e sua mulher, D. Maria de Reborêdo, tambem compraram em Berlé uma fazenda, que constava de casas, terra lavradia, pomar, e olival, com uma fonte d'agua nativa, que egualmente doaram aos frades, por escriptura de 3 de março de 1590.

Tudo isto formava uma vasta propriedade, porém, frei Fabião da Columna, que n'esse tempo era guardião do convento, querendo ampliar ainda mais o logar, pediu a Paulo Gonçalves e sua mulher, Anna de Paiva, que lhe vendessem um olival que tinham, contiguo áquellas duas fazendas; mas os seus possuidores o deram por esmola aos frades.

D. Alvaro de Castro, duque d'Aveiro e Torres Novas, sobrinho e herdeiro do duque D. João de Lencastro, fundador do mosteiro de Liteiros, era (D. Alvaro) padroeiro do convento, e queria sel-o tambem do novo; pelo que, deu ordem ao seu almoxarife, para que, com toda a brevidade possivel, tratasse da remoção, de modo que o novo mosteiro fosse mais vasto e sumptuoso do que o antigo.

Dous annos apenas se gastaram n'esta construcção, pois, tendo principiado a obra em 16 de fevereiro de 1591 (como vimos) logo em 1593 veiu a communidade habitar o seu mosteiro de Berlé.

Apezar das ordens terminantes do duque, os frades, que não eram ambiciosos, e queriam viver segundo a humildade da sua regra, contentaram-se com um edificio de modesta apparencia. Alem d'isto, como a obra foi feita com tanta pressa, ficou com pouca solidez, de maneira que, passados apenas 46 annos depois de concluida — isto é — em 1639, já ameaçava imminente ruina, pelo que o então guardião, frei Antonio de Moura, o mandou reedificar, mudando-lhe então o côro, que estava nas costas da capella-mór, para cima da porta principal. O claustro, que era forrado de madeira, o mandou fazer de abobada; renovando tambem os dormitorios e mais officinas.

Para estas novas obras, concoreu com avultadas esmolas a duqueza de Torres Novas, D. Anna Maria, e mais algumas pessoas devotas, da villa.

—

Este convento, era um dos 25 da provincia de Santa Maria da Arrabida.

Expulsos os religiosos, em 1834, foi o mosteiro fechado.

Luiz Átouguia comprou este mosteiro ao governo, e por sua morte deixou-o á Santa Casa da Misericordia d'esta villa, e em gratidão ao sr. Luiz Átouguia, tendo em vista a devoção d'estes povos para com Santo Antonio, e o respeito devido ás cinzas dos maiores, a Misericordia pediu ao governo, e ás auctoridades ecclesiasticas, a aucto-

[1] Adiante tracto d'esta senhora, e de sua irman, D. Luiza.

risação para reedificar e renovar a egreja; e depois de obtidas as licenças devidas determinaram o dia em que havia de ser trasladada a imagem de Santo Antonio para o convento, ceremonia que se verificou no dia 4 de junho.

Foi um magestoso espectaculo!

Uma numerosa procissão se dirige ao convento, e leva em triumpho a imagem de Santo Antonio. As confrarias de todo o concelho, com seus anjos, uma philarmonica uma guarda de honra do regimento n.º 11, de Abrantes, tudo formava um vistoso quadro. Chegando a procissão ao convento, subiu ao pulpito o rev.º padre Augusto Pereira, natural d'esta villa, que prégou conforme o seu costume, isto é, perfeitamente.

Foi uma funcção muito devota a todos os respeitos, e digna do fervor das crenças do povo torrejano.

—

Ainda ao sitio onde existiu este mosteiro, se dá o nome de *Santo Antonio.*

A egreja está muito bem conservada; porém o edificio do mosteiro, está em completa ruina. Pertence actualmente a Antonio de Oliveira Fortes, que o comprou e a cêrca, a qual ainda é cultivada pelo comprador.

3.º — *Do Espirito Santo*, de religiosas terceiras franciscanas, na rua ainda chamada *das Freiras*, fundado por D. Branca, tia do arcebispo de Braga, D. frei Aleixo de Menezes. Esta senhora, era freira dominicana, mas veio para este convento, que havia fundado, e aqui tomou a regra de São Francisco. Falleceu abbadessa n'este mosteiro, em cheiro de santidade.

D. Branca, quando veio para este mosteiro, trouxe quatro nobres donzellas, chamadas — Maria de Jesus, Violante da Conceição, Jeronima da Costa, e Catharina de Santa Clara, que todas aqui professaram.

Foi vendido pelos liberaes, e d'elle não ha o minimo vestigio, porque, no chão que occupou, se fizeram casas particulares e o resto se reduziu a hortas.

Todos estes mosteiros foram vendidos pelos liberaes, e são actualmente propriedade particular.

—

A 3 kilometros d'esta villa, está a formosa aldeia e freguezia das *Lapas*, cercada de verdejantes collinas, pomares, cearas, vinhedos, etc., banhado tudo por um ribeiro, confluente do Almonda.

O sólo em que está fundada a povoação, em sitio eminente, é todo minado por uma longa serie de galerias e cavernas (que dão o nome á aldeia) em fórma de labyrinto, que não é possivel percorrer sem guia e sem luz.

A um dos lados, ha uma caverna, com 200 metros de circumferencia, perfurada pela parte superior, e que contém um grande nicho, onde foi encontrada a imagem de Nossa Senhora da Victoria, que hoje está na egreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz da aldeia.

Estas escavações, de grande e perigoso trabalho, são attribuidas aos mouros, para alli se acolherem, durante as continuadas guerras que tinham com os christãos.

Dizem outros, que os mouros abriram estas galerias e cavernas, para d'aqui exthahirem pedra, para a construcção do castello e da villa. É todavia mais provavel serem minas metalicas de phenicios ou romanos, o que parece provar esta opinião, o apparecimento da imagem da Santissima Virgem, talvez aqui escondida pelos christãos, quando os mouros invadiram a Lusitania. Tambem não falta quem diga que estas vastas galerias, são obra da natureza. Duvido.

Em occasiões de tempestades, abrigam-se aqui os pastores, com os seus rebanhos, e tambem outras pessoas, accommettidas pelo temporal. Isto deu causa a dizer-se vulgarmente — «Na freguezia das Lapas, andam os vivos por baixo dos mortos.» — porque, effectivamente, a egreja matriz da freguezia, está exactamente por cima d'estas cavernas.

Qualquer que seja a origem d'estas escavações, são ellas uma das curiosidades geologicas, ou archeologicas mais notaveis de Portugal. Não me consta porém que aqui tenham apparecido vestigios de instrumentos da edade de pedra, nem ossadas de ani-

maes, de qualquer natureza, o que prova serem estas escavações posteriores aos tempos pre-historicos.

—

Na estrada que vae da villa para a estação do caminho de ferro, e proximo ao Almonda, está uma oliveira, denominada *Oliveira rainha*, que é, provavelmente, a oliveira mais corpolenta d'este reino. Tem 20 metros de altura e 12 de circumferencia na base. É antiquissima.

—

O cemiterio da villa, é bello e muito bem situado. Estende-se pela esplanada do castello, e está cercado de torres e muralhas antigas, em logar alto, olhando para o rio que lhe corre ao sopé.

—

Os habitantes de Torres Novas, foram sempre muito industriosos, o que se prova pelas suas antigas fabricas de papel e de tecidos d'algodão. Ha poucos annos fundou tambem aqui o sr. Romão da Silva Salles, uma optima fabrica de pannos de linho, com motor hydraulico, e cujo machinismo é todo de ferro, de simples, mas primoroso trabalho. Tem cem fuzos, que fiam por dia 80 kilos de linho. Fabrica *grossarias*, *triz*, *lonas* e *meias lonas*, superiores em qualidade ás inglezas, e eguaes ás de Hamburgo. Emprega perto de 300 pessoas, de ambos os sexos. No seu genero, é a melhor de Portugal.

Alem do motor hydraulico, tem mais dous — uma turbina e uma machina de vapor, cuja casa se acha no maior aceio e boa ordem, assim como todas as mais officinas e armazens de arrecadação. São dignos dos maiores elogios, o socego e disciplina guardados por todo o pessoal d'esta notavel fabrica, que tanto honra e engrandece a villa. Pertence a uma companhia, cujo capital é de 199:800$000 réis.

A villa está situada em uma bella planicie, e os seus arrabaldes são bonitos, ferteis e bem cultivados, principalmente nas margens do Almonda, onde ha sitios de muita belleza e amenidade, assombreados por denso e vetusto arvoredo, e orlado de hortas e pomares, que rega e fertiliza. Tem muitos assudes, madrias, mottas ou levadas, que reprezam as suas aguas, para que as *quedas* sirvam de motor a varias fabricas e grande numero de azenhas e lagares de azeite. A sua agua é potavel, e de tão boa qualidade, que os habitantes da villa bebem d'ella, preferindo-a á das fontes da povoação.

O concelho de Torres Novas, exporta em grande quantidade, optimo vinho, e azeite, fructas sêccas e aguardente.

—

Quatro kilometros ao O. d'esta villa, está o sanctuario de *Nossa Senhora da Barreira Alva*, fundado pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, pelos annos de 1480. Fica sobre a estrada que vae para Minde, Porto de Mós, Alcobaça e outras povoações. Ficam perto d'este sanctuario, os logares da Ribeira Branca, Zibreira, e Lapas.

Deve o titulo da sua invocação, a uma barreira de cré em que está a egreja, e proximo a ella, ha alguns olivaes e grandes vinhas.

Em volta do templo, nasce e prospéra sem cultura, alfazema, pimenteira, lyrios silvestres, e outras plantas.

É uma egreja que, pela sua grandeza, podia ser matriz de uma freguezia. Tanto a capella-mór, como o corpo da egreja, tem as paredes interiores revestidas de bellos azulejos, obra feita á custa do doutor em medicina, João Baptista Rodrigues, natural de Torres Novas.

Está no districto da freguezia de Santa Maria do Castello (ou Nossa Senhora do O). A imagem da padroeira, é de pedra, muito antiga, mas de boa esculptura. A sua festa é a 5 d'agosto, dia de Nossa Senhora das Neves.

—

No termo de Torres Novas, e distante da villa 6 kilometros ao O., é a freguezia dos Bugalhos. No logar do Prado, d'esta freguezia, está a ermida de *Nossa Senhora do Pilar*, fundada por Manoel Pereira, do dito logar do Prado, ajudado por outros seus visinhos, em 1679. A festa da padroeira, faz-se a 8 de setembro, dia da sua Natividade.

—

Ha em Torres Novas, nove ermidas — Nossa Senhora da Luz — Santa Iria — Nossa Senhora do Valle — Santo André — Nossa Senhora dos Anjos — S. João Baptista — Nossa Senhora de Nazareth — S. Domingos — e Santo Amaro.

—

Torres Novas, pertenceu ao arcebispado de *Lisboa Oriental*, e no secular, á provedoria de Santarem, supposto não ser das do numero da comarca. N'ella entrava em correição o ouvidor de Monte Mór Velho.

Teve, até 1834, um juiz de fóra; trez vereadores; um procurador do concelho; um escrivão da camara; um juiz dos orphãos, com seu escrivão; um alcaide, e mais officiaes de justiça; e no seu termo, CINCOENTA E SETE juizes da Vintena!

Tinha um sargento-mór, com 11 companhias de ordenanças.

—

Foi esta villa solar de muitos fidalgos, com opulentos mórgados, dos appellidos de Vasconcellos, Pimenteis, Mesquitas, Pimentas, Avellezes, Gouveias, Barretos, Mellos, Mogos, Carrilhos, Vellascos, Castanhedas, Freires, Gameiros, Carneiros, Cottas, Pintos, Galvões, e outros; dos quaes ainda alguns aqui residem.

—

Na camara municipal d'este concelho, foi manifestada uma mina de carvão de pedra, em dezembro de 1875.

Em 21 de setembro de 1881, falleceu no recolhimento do Amparo, a S. Christovam, em Lisboa, a madre Anna Delfina de Jesus, nascida em Torres Novas, em 1787. Foi a ultima freira e ultima abbadessa do mosteiro de freiras franciscanas, de Sacavem. (Vide 8.º vol., pag. 317, col. 2.ª).

Tem um elegante theatro, construido em 1876.

Bastantes melhoramentos se teem levado a effeito n'esta villa, ha uns 30 annos a esta parte. Teem reconstruido bastantes edificios arruinados, e edificado novos. A camara municipal, tem sido sollicita em promover os melhoramentos de Torres Novas, fazendo alargar algumas ruas; mandou demolir (1877) o antigo arco da praça e as casas contiguas, formando um bonito largo arborisado, e mandando plantar varias arvores, no largo do Carmo, e em ambos estes largos mandou collocar alguns bancos. Construiu um bom tribunal de justiça e cadeia civil. Emquanto duraram estas obras, estiveram os presos, no calabouço militar, e foram para aqui removidos, em agosto de 1877. Esta cadeia, alem de ser muito segura, tem todas as condições hygienicas, requeridas em taes edificios. Reparou a calçada de *Bueno-Amor*, e a estrada e *ponte de Finados*; alem de outras obras de reconhecida utilidade publica.

Pessoas illustres d'esta villa

1.º — *Antão Mogo de Mello e Carrilho*, fidalgo da casa real, foi casado com a famosissima *D. Angela Sigéa de Velasco*, filha de D. Diogo Sigéu, de Toledo, e de D. Francisca de Vellasco, nobres fidalgos, elle francez e ella castelhana.

D. Angela, veio para Portugal na comitiva da rainha D. Maria, filha dos reis catholicos, e que foi 2.ª mulher do nosso rei D. Manoel, e mãe de D. João III, de D. Isabel mulher do imperador Carlos V, de D. Brites, duqueza de Saboya, de D. Luiz, duque de Beja, (e pae de D. Antonio, prior do Crato;) de D. Fernando, duque da Guarda; dos cardeaes D. Affonso e D. Henrique o cardeal-rei); de D. Duarte, duque de Guimarães; e de D. Maria e D. Antonia que morreram de pouca edade.

Foi D. Angela Sigéa de Vellasco, dama muito querida da infanta D. Maria, filha do dito rei D. Manoel, e de sua 3.ª mulher, a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella: assim como foi muito estimada da infanta D. Catharina, duqueza de Bragança.

Falleceu D. Angela Sigéa, n'esta villa, e foi sepultada na capella do Bom Jesus Crucificado, da egreja parochial do Salvador, (chamada antigamente, *capella dos lavradores*) no jazigo dos Mogos, naturaes de Torres Novas. Esta illustre dama, vem mencionada em differentes nobiliarios.

Seu pae, Diogo Sigéu, oi mestre do principe D. João, depois rei, 3.º do nome; do infante D. Henrique, depois cardeal-rei; do duque de Bragança, D. Theodozio; da referida D. Catharina, duqueza de Bragança, e da infanta D. Maria, que depois casou com Alexandre Farnezio, principe de Parma; finalmente teve a seu cargo, a educação de todos os filhos e netos do nosso rei D. Manoel.

Teve Diogo Sigéu outra filha, chamada Luiza Sigéa de Vellasco, dama de uma rara illustração, versada nas linguas latina, grega, hebraica, caldaica e syriaca, castelhana e portugueza.

Muitos principes e sabios da Europa lhe escreveram, só com o fim de obterem autographos seus. O papa Paulo III, lhe escrevia, para admirar as suas respostas e a elegancia do seu estylo.

Veio de Toledo para Portugal, com seu pae, quando ainda contava poucos annos de edade, sendo pouco depois nomeada dama da infanta D. Maria, sua condiscipula. Casou com um fidalgo de Burgos, e d'este casamento procede o visconde de Villar, gentil-homem da camara do rei D. Philippe II de Castella, e 3.º neto de D. Luiza Sigéa; foi tambem elegante poeta (para aquelle tempo) e distincta escriptora, publicando uma *Descripção de Cintra*, em versos latinos, que foi muito elogiada. Tambem escreveu e publicou um livro, em forma de dialogo, em que fallam as damas da côrte, elogiando umas os explendores do paço, outras a vida pacifica do campo.

Foi uma das melhores professoras de musica do seu tempo. Em Torres Novas ainda existem alguns retratos seus, e em casa do seu 3.º neto, João de Mello Carrilho Vellasco, se guardavam, com todo o respeito, varios livros que ella compôz; assim como uma honrosissima carta que lhe dirigiu o pontifice Paulo III, datada de Roma, a 8 de janeiro de 1547; em resposta a outra que ella lhe tinha dirigido, escripta em latim, grego, hebreu, syriaco, caldaico e arabico. (A mulher tinha seu tanto ou quanto de pedante).

Por fallecimento da infanta Dona Maria, regressou a Castella, e casou em Burgos, com D. Francisco Lacoeva, fallecendo na mesma cidade, a 13 de outubro de 1560, isto, segundo o *Anno Historico*; mas na *Historia de Santarem* (tomo 2.º, pag. 329, se diz que ella falleceu em 1569, e foi sepultada na egreja dos frades carmelitas de Torres Novas, no jazigo de seus paes.

O nosso André de Rezende, apenas teve noticia da sua morte, escreveu um poema, intitulado *Ludovicae Sigeae Tumulus*, que se imprimiu em Lisboa, no anno de 1561.

Sua irman Angela foi de uma illustração egual a sua irman Luiza, nas sciencias e linguas, e a excedeu na musica.

D'estas duas famosissimas irmans, fazem menção varios escriptores, e entre elles, Antonio de Sousa de Macedo, nas suas *Flores de Hespanha e excellencias de Portugal*, cap. 8.º, pag. 69, excellencia 2.ª—Vazeu, tomo 1.º, cap. 9.º — Francisco Soares Toscano, nos *Parallelos de Varões Illustres* — Duarte Nunes de Leão, na *Descripção de Portugal* — Ignacio da Piedade e Vasconcellos, na *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 325, no fim, e seguintes — Frei Francisco de Santa Maria, *Anno Historico*, tomo 3.º, pag. 165 e 166 — alem de outros varios escriptores. [1]

—

2.º *D. frei Bernardino de Sena.* Nasceu n'esta villa (alguns pretendem que foi em Lisboa, mas é erro) no anno de 1571.

Professou a religião de S. Francisco, e foi varão de grandes virtudes e notavel talento. Foi insigne professor nas cadeiras de philosophia e theologia, em varios mosteiros da sua ordem; sendo guardião nos de Ferreirim, Santarem e Lisboa. Foi provincial da provincia de Portugal; secretario-geral; commissario-geral cismontano; e ministro geral de toda a ordem seraphica, eleito em Roma, no capitulo geral, de 1625, e o 3.º

[1] Estas duas mulheres celebres, e seu pae, não são naturaes de Torres Novas, mas vieram (ellas) para aqui de tenra edade; aqui casaram, falleceram e foram sepultadas; pelo que, são mais portuguezas do que hespanholas, e dignissimas de honrosa menção n'esta obra.

portuguez que exerceu esta dignidade ; pelo que era estimado e respeitado em toda a ordem, e nas côrtes de Portugal, Castella, França e Italia. Apezar de occupar tão altas dignidades, viveu sempre na maior pobreza e humildade, e fazendo observar estas duas virtudes a todos os seus subditos.

Vivendo sob o dominio e usurpação philipica, foi sempre um verdadeiro portuguez; e, ainda que estimado por Filippe III e seu filho e herdeiro, os ministros castelhanos o olharam sempre com aversão, pelo seu patriotismo.

Para terminar os seus dias em Portugal, acceitou o bispado de Vizeu, onde, com pouco tempo de governo, falleceu, a 5 de outubro de 1632.

—

3.º *Manuel de Brito d'Almeida.* Nasceu pelos annos de 1550, e foi um dos mais leaes portuguezes do ultimo quartel do seculo XVI.

D. Antonio, prior do Crato, á frente do povo portuguez e de mui poucos fidalgos e prelados, tendo por si o decidido nas côrtes de Lamego, de 1143, e nas de Coimbra de 1385, se proclama rei legitimo de Portugal. O nosso leal torrejano, se une immediatamente ao prior do Crato, e foi sempre seu companheiro inseparavel, tanto em Portugal, como na Inglaterra e França, e só a morte de D. Antonio o poude fazer abandonar aquelle que sempre considerára como seu rei natural.

N'uma época em que ha a monomania dos monumentos (alguns bem mal empregados...) custa a acreditar como o povo de Torres Novas ainda se não lembrasse de erigir um padrão, ainda que singelo, a este inclito varão, que tanto honrou a terra que lhe oi berço!

—

4.º *O doutor padre Antonio Pimenta* — um dos mais celebres mathematicos do seculo XVII ; lente de humanidades e de mathematica, na Universidade de Coimbra. Nasceu em 1620, e falleceu em 1700, sendo vigario da freguezia de S. Paulo, de Lisboa.

Escreveu as seguintes obras:

Sciographia da nova Prostimancia celeste, e portentoso cometa do anno de 1664. Offerecida a Luiz de Vasconcellos e Sousa, e impressa em 1665.

Noticias astrologicas, e natural influencia das estrellas. Impressa em Lisboa, no anno de 1659.

Brachiologia do Sol, Lua e mais planetas, com todos os aspectos entre si, e mais constellações celestes; eclypses e prognosticos dos seus effeitos. Impressa em Coimbra, no anno de 1670.

Prognostico e lunario do anno de 1662, com breve descripção de Portugal. Impresso em Lisboa, no anno de 1661.

Pretendem alguns que estes tres ultimos livros, são obra de Manuel Gonçalves da Costa ; mas é mais provavel que sejam do padre Antonio Pimenta. Todavia, não dão grande honra ao seu auctor, qualquer que elle seja.

—

5.º *Frei Antonio da Ascenção* — doutor em direito e theologia, frade dominicano, e provincial da sua ordem, em Roma ; prégador de Fernando II, grão-duque de Florença, e seu conselheiro. Foi o medianeiro, na composição entre este principe e o pontifice Urbano VIII, e fundador do mosteiro de Santo Agostinho, de religiosos dominicanos, em Florença, no anno de 1636.

Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte ; mas póde calcular-se ter vivido entre os annos de 1570 e 1640.

—

5.º *Frei Manuel das Chagas,* prior do convento de carmelitas calçados, d'esta villa. Foi um escriptor distincto. Foram impressas varias das suas obras, sendo as principaes — *Thereza militante,* poema heroico : publicado em Lisboa, em 1630.

Festas que o real convento do Carmo de Lisboa fez, pela canonisação de Santo André Cordeiro : impresso em Lisboa, em 1632.

Além de varias outras obras e grande numero de sermões, publicados desde 1629 até 1662.

—

6.º *José Ferreira de Moura* — Nasceu em fevereiro de 1671. Foi cirurgião em Lisboa e no Rio de Janeiro.

Escreveu e imprimiu-se em Lisboa, no anno de 1743 — *Syntagma cirurgico theorico de João de Vigo, traduzido do latim em portuguez, e acrescentado com um tratado de feridas, e um catalogo dos remedios para muitas e varias enfermidades.*

—

7.º *Doutor Manuel de Figueiredo* — grande mathematico e cosmographo-mór do reino. Escreveu. — *Chronographia. Reportorio dos tempos*, no qual se contam 10 partes.

Dos tempos: Esphera, Cosmographia e arte de navegação; astrologia rustica e dos tempos; prognosticação dos eclipses e sementeiras. O calendario romano, com os eclipses até 630. E no fim, o uso da fabrica da Balhestilha e quadrante geometrico; com um tratado dos relogios. Impresso em Lisboa, no anno de 1603.

É livro raro.

Roteiro e navegação das Indias Occidentaes, ilhas Antilhas e mar Oceano Occidental, com suas derrotas, sondas, fundas, e conhecenças, etc. — Impresso em Lisboa, no anno de 1609.

Hydrographia, exame de pilotos, no qual se contém as regras que todo o piloto deve guardar em suas navegações, etc .etc. — Com os roteiros de Portugal para o Brasil, Rio da Prata, Guiné, S. Thomé, Angola e Indias de Portugal e Castella. (Americas). Impresso em Lisboa, em 1614, e reimpresso em 1625.

É obra rara e muito estimada.

Prognostico do cometa que appareceu em 15 de setembro de 1604. Impresso em Lisboa no anno de 1605.

Tratado da pratica de arimetica, etc. A 2.ª edição foi publicada em Lisboa, no anno de 1607 — e a 3.ª, na mesma cidade, em 1716 (Não sei quando foi publicada a 1.ª edição, e julgo que houve 4.ª). É obra rarissima, apezar das varias edições.

—

8.º *Frei Simão Bôa-Ventura* (*Simão Machado*, antes de professar). Nasceu pelos annos de 1557, e ainda vivia em 1632. Professou no convento de S. Francisco, de Barcelona, na Catalunha.

Escreveu, antes de professar, varias comedias, em portuguez, que offereceu a Dom Francisco de Sá e Menezes, conde de Penaguião, camareiro-mór do rei, alcaide-mór e capitão-mór da cidade do Porto, etc. — Impressas em Lisboa, em 1601, tendo 2.ª edição em 1631; e 3.ª em 1706. Escreveu tambêm algumas obras em castelhano, que foram impressas em Barcelona, em 1632; e sete novellas, tambem publicadas em Barcelona, e escriptas em castelhano.

TORRES VEDRAS — villa, Extremadura, cabeça de concelho e de comarca (de 1.ª classe) do seu nome, 35 kilometros a S. E. de Peniche, 32 ao S. O. de Obidos, 30 ao O. N. O, do Tejo (Villa Franca de Xira) 18 ao N. de Mafra, 37 ao N. de Cintra, 12 a E. do mar, 21 ao N. E. da Ericeira, 43 ao N. de Lisboa (pelo caminho de ferro Larmanjat, 54)

Tem quatro freguezias.

Pertence ao patriarchado e districto administrativo de Lisboa; ao judicial, da relação da mesma cidade, e á 1.ª divisão militar.

As quatro freguezias são:

1.ª *S. Miguel* — extramuros [1] Tem 190 fogos.

Em 1768, tinha 110.

O abbade geral do convento cisterciense, d'Alcobaça, apresentava o prior, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

2.ª *S. Pedro*, com 420 fogos.

Em 1768, tinha 331.

A rainha apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 400$000 réis.

3.ª *S. Thiago*, com 250 fogos.

Em 1768, tinha 331.

[1] A egreja matriz d'esta freguezia, estando em ruinas, foi dada á camara, em abril de 1867, e o parochia supprimida ecclesiasticamente, e annexada á de Santa Maria do Castello; mas administrativamente ficou ainda subsistindo até hoje, com regedor, livro da matriz, recenseamentos, *politico* e militar, em separado, etc. — É uma *freguezia sem egreja e sem parocho!*

Os seus paramentos e alfaias foram divididos pelas outras egrejas; e a pedraria do templo tem sido empregada em obras publicas. Hoje apenas alli se vêem algumas paredes e alguma cantaria espalhada pelo chão.

A mitra apresentava o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

4.ª *Santa Maria do Castello* (Nossa Senhora da Assumpção), com 260 fogos.

Em 1768 tinha 141.

O real padroado apresentava o prior, collado, que tinha 500$000 réis de rendimento annual[1].

—

A villa é pequena, porém o districto das suas freguezias (sobre tudo o da de S. Pedro) abrange uma extensa área de terreno, fóra da povoação, estando alguns logares a mais de 5 kilometros de distancia.

—

Tem estação telegraphica municipal.

Feira a 22 de agosto.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

A villa está em 39º e 10′ de latitude e 9º 3′ de latitude.

Tem por armas, em campo verde, um castello d'ouro, com 3 torres do mesmo. Estas são as de que usa actualmente a camara.

O seu antigo brazão d'armas, era, em campo verde, um castello d'ouro, ameiado, com duas torres do mesmo, uma á esquerda, outra á direita, ambas circulares e em forma de corucheu, ameiadas, e cada uma com sua janella, e na sua cúpula, pyramidal, uma flamula de púrpura, e sobre a haste (mas solta) uma estrella de prata, de 6 pontas. — Entre as duas torres, o escudo das cinco quinas.

Estando D. João III n'esta villa, em 1625, a elevou á cathegoria de comarca.

O concelho de Torres Vedras, comprehende 18 freguezias, todas do patriarchado e com 6:300 fogos — são — Carmões, Carvoeira, Cunhados (ou *A dos Cunhados*) Freiria, Mata-Cães, Machial, Monte-Redondo, Ponte do Rol, Ramalhal, Ribaldeira (ou Dois Portos) Runa, S. Pedro da Cadeira, Turcifal, Ventosa, e as 4 de Torres-Vedras.

Pela nova divisão judicial é este concelho dividido em 4 julgados.

Lourinhan, Runa, S. Mamede, e Torres Vedras.

A sua comarca é composta do seu concelho e do da Lourinhan, ambos com 8:100 fogos.

—

Está a villa situada em uma formosa planicie, bem cultivada, e cercam-a cinco montes, prolongando-se a povoação pela encosta de um d'elles.

Junto e ao N. da villa, corre o rio Sizandro, aqui atravessado por cinco pontes — a *d'El-Rei*, a *da Mentira*, a *de S. Miguel* (junto á qual está o notavel *Chafariz dos Canos*, do qual adiante trato) a do *Alpilhão* e a da *Senhora do Amial*. (As duas ultimas são no rio Alpilhão.)

Este rio (Sizandro) que nas grandes estiagens fica completamente sêcco, foi muito celebrado pelos nossos antigos poetas. Suas margens são em quasi toda a parte formosas e bem cultivadas. A dois kilometros da villa, é este rio cortado por uma ponte de pedra, chamada da *Madeira*, porque a primitiva era feita d'esta materia. (Vide *Sizandro*). Quatro kilometros ao O. da villa, e no districto da freguezia de S. Pedro, da mesma, está o famoso mosteiro do Varatojo, fundado em 1470, por D. Affonso V (Vide *Varatojo*)

Seis kilometros ao S. da villa, está a *Serra do Soccorro*, no tôpo da qual está a ermida de *Nossa Senhora do Soccorro*, á qual se faz uma concorridissima romaria a 5 de agosto. Segundo a tradição, houve n'este sitio uma grande batalha, entre christãos e mouros, sendo tão grande a mortandade, que as aguas do Sizandro — que corre ao sopé d'esta serra — se tingiram de sangue, principalmente proximo á aldeia de Mata-Cães, junto ao ribeiro *Golez*, que por isto tomou o nome de *Rio de Sangue*, e a uma azenha a que suas aguas servem de motôr, se ficou chamando *Azenha de Sangue*. (Vide *Mata-Cães*.)

[1] A egreja parochial de Santa Maria do Castello, está quasi no mesmo estado da de S. Miguel (antes de ser demolida) pelo que já não tem parocho, e está annexada ecclesiasticamente á de S. Pedro; mas, tambem como a de S. Miguel, ainda é freguezia, quanto ao administrativo!

Era melhor acabar com estas anomalias, e dizer que a villa só tem hoje duas parochias.

Ainda que as nossas chronicas não fallam d'esta batalha, talvez que a tradição eja verdadeira; porque muitas e grandes batalhas não foram mencionadas pelos antigos historiadores; o que é desculpavel, em vista do grande numero d'ellas que houve em Portugal, desde a invasão, até a expulsão dos mouros, no longo periodo de 500 annos.

Consta que esta ermida, foi originariamente mesquita mourisca, e é certo que a sua architectura árabe, denota muita antiguidade. É vasta e toda de abobada, cercada em volta por um alpendre.

A imagem da padroeira revela tambem muita antiguidade. É de pedra, e tem 1m,10 de altura.

Fica esta ermida proxima á aldeia de S. Sebastião, da freguezia de Enxára do Bispo, no concelho de Mafra.

Antigamente fazia-se n'este logar uma grande feira, no dia da romaria, denominada *Feira de Montachique*, e depois, *Feira do Soccorro*.

Teve eremitão, com residencia propria, e fica a 6 kilometros de distancia do famoso sanctuario de *Nossa Senhora da Guia*, do logar da Serreira, freguezia da Sapataria.

Do sitio onde está esta ermida, se desfructa um vasto e formoso panorama. Vê-se Torres Vedras, Turcifal, Cabeço de Montachique, a Serra do Olmeiro, Mafra, Peniche, e uma vasta extensão de Oceano.

A um kilometro ao N. da villa, está a egreja de *Nossa Senhora do Amial*, ou do Ó. É templo antiquissimo, e consta que foi matriz de uma freguezia, composta de varias aldeias circumvisinhas, que, com o tempo, se foram constituindo em freguezias independentes; ficando a antiga egreja com as suas rendas, pertencendo á Misericordia da villa.

A egreja foi edificada em um têso, cercado de terrenos baixos e apaúlados.

Consta que o primeiro titulo da padroeira, foi *Nossa Senhora do Pinheiro* (derivado de um grande pinheiro que estava junto á egreja, da parte do norte, no sitio onde hoje se vê um cruseiro). Nos breves que vieram Roma, com privilegios e indulgencias para esta egreja, se dizia sempre — *Santa Maria do Pinheiro*.

É um templo vasto, e foi sagrado.

Embebida na parede, está uma pedra com uma inscripção em letra gothica, declarando as obrigações da casa; termina com as letras:

M. I. L, B. B. I.

que se julga ser a era.

Na janella do alpendre, está outra lapide com uma inscripção, dizendo que fôra feito (o alpendre) em 1556. É provavel que tambem então fosse reedificada a egreja.

Consta que n'esta egreja houve em tempos antigos, uma irmandade, composta exclusivamente de alfaiates, que fundaram, ou reedificaram, o templo.

No adro se vêem ainda muitas sepulturas, que, segundo a tradição, pertencem a individuos que morreram de peste. Segundo a mesma tradição, as pessoas atacadas d'esta epidemia, tinham sido removidas para uma enfermaria construida em um monte visinho, juncto á ermida de S. Vicente, e alli falleceram.

Fundação da villa

Oliveira Freire, e outros antiquarios, dizem que esta povoação foi fundada pelos turdulos e gallos-celtas, no anno 3:966 do mundo (38 antes de Jesus Christo) — isto é — no 1.º anno da era de Cesar; mas ignora-se o nome que lhe deram.

Baudran e Ortelio, dizem que os romanos lhe chamavam *Arandis*; porém outros escriptores sustentam que Arandis era no Alemtejo. (Vide 1.º vol., pag. 62, col. 2.ª — e *Arandis*).

O que é certo, é ser Torres Vedras uma povoação antiquissima, e que, com toda a certeza, já existia no tempo dos romanos [1], o que se prova por quatro lapides com inscripções latinas, achadas nas suas visinhanças, e das quaes ainda existem trez — duas

[1] Não sei a razão porque a esta villa, sendo muito mais moderna do que *Torres Novas*, se lhe dê o nome de *Torres Vedras* (Torres Velhas).

na *Quinta da Rainha*, freguezia da Carvoeira — e uma, embebida na parede exterior da egreja matriz de Mata-Cães.

É provavel que fossem os romanos que lhe dessem o nome de *Turres Veteres*, que os godos e árabes lhe conservaram, e que ainda tem, traduzido em portuguez.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que as suas primitivas fortificações foram construidas pelos gôdos ou alanos, e que os mouros as reedificaram e ampliaram. O que é certo, é que, D. Affonso Henriques, quando em 1148 atacou esta villa, estava ella bem fortificada, e os seus defensores — os mouros — fizeram uma tenaz resistencia, sendo necessario aos portuguezes destruirem grande parte das obras de defeza, pelo que ficou a povoação muito arruinada, e quasi todos os seus moradores morreram no combate. Não tornou a cahir em poder dos mouros, como toda a provincia da Extremadura, que ficou para sempre do dominio dos reis de Portugal.

D. Affonso Henriques, mandou logo reconstruir as fortificações e alguns edificios da villa; e, para atrahir para aqui habitantes christãos, lhe deu uma *carta de privilegios*, que lhe serviu de foral, até que, em 15 de agosto de 1250 [1], D. Affonso III, estando na cidade d'Evora, deu foral a Torres Vedras. (*Livro 2.º dos bens proprios da rainha*, fl. 23).

O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 43, col. 1.ª).

Em 1185, os mouros escapados á derrota de Santarem (8.º vol., pag. 475, col. 2.ª) vingaram-se em roubar e incendiar as terras por onde passavam. Quizeram fazer o mesmo a esta villa (cuja fortaleza já então estava reparada) porém os seus habitantes se defenderam com o maior denodo, obrigando os mouros a desistirem da empreza.

—

Foi por muitas vezes côrte dos nossos reis, que tiveram aqui dous paços reaes — primeiro, os chamados *paços velhos*, foram mandados construir, em 1275, pela rainha D. Brites (ou Beatriz) mulher de D. Affonso III. — Eram no bairro de Carcavellos, proximo e ao sul do castello. Ainda existiam no principio do seculo XVI, mas hoje não ha d'elles o minimo vestigio. Dos *paços novos*, ainda restam parte das ruinas, no logar em que agora existe o açougue publico.

Esta rainha e seu marido, gostavam muito de Torres Vedras, e aqui residiram por varias vezes. Foram elles, os primeiros soberanos que aqui fizeram a sua côrte. Antes da rainha mandar construir os paços reaes, residiam no castello, no palacio dos alcaides-móres.

D. Affonso III, pouco tempo habitou nos paços da rainha, porque falleceu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279; mas a sua viuva, ainda aqui veio residir por algumas vezes, fundando n'estes paços uma capella real, que no principio do XVI seculo, o rei D. Manuel transferiu para o mosteiro da Graça, d'esta villa, por o velho palacio ameaçar imminente ruina. (É provavel que os paços fossem mandados demolir por D. Manuel, depois da mudança da capella real).

Foi tambem o rei D. Manuel que mandou construir os *paços novos*.

Nos paços velhos, residiram tambem os reis D. Diniz, D. Affonso IV, D. Fernando, e D. João I. Este convocou aqui um conselho, em 1413, para o consultar sobre o projecto da conquista da praça de Ceuta, abrigo dos piratas africanos, que, com frequencia, invadiam as nossas costas, saqueando e incendiando as povoações e levando captivos os seus moradores que podiam haver ás mãos.

O conselho — como era de esperar — foi favoravel á empreza; em vista do que, o rei, com seus dous filhos mais velhos, os infantes D. Duarte e D. Pedro, e com um

[1] O sr. Vilhena Barbosa (*Cidades e villas*, pag. 99) diz que foi em 1228. É certamente erro typographico, pois este illustre archeologo bem sabe que em 1228, reinava Dom Affonso II, pae de D. Affonso III — Este mesmo anachronismo se lê no 8.º volume do «Archivo Pittoresco» pag. 361 — artigo do mesmo auctor.

brilhante exercito, em que hiam muitos dos principaes fidalgos portuguezes, passou á Africa, e, depois de varios e profiados assaltos, tomou a praça africana, a 14 de agosto de 1415.

O infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V, aqui convocou cortes, em 1441. (Vol. 2.º, pag. 395, col. 1.ª).

Aqui residia D. João II, quando, em 1493, recebeu n'esta villa o embaixador do rei de Napoles, que mandou magnificos presentes ao rei portuguez.

Em 1496, o rei D. Manoel, fez aqui celebrar sumptuosissimas exequias, pelo primeiro anniversario da morte de D. João II, seu antecessor, primo e cunhado.

No mesmo anno, aqui fez a sua entrada solemne, sendo recebido pelo rei D. Manoel, com a maior pompa e magnificencia, o embaixador da então poderosissima republica de Veneza, ao qual o rei conferiu muitas honras e mercês, e, pelas suas proprias mãos, o armou cavalleiro, em acto publico, com assistencia de toda a côrte.

O mesmo rei D. Manuel esteve n'esta villa, em 1497, e em 1518.

Em 1525, D. João III, tambem aqui residiu por algum tempo, dando-lhe então (como já vimos) a cathegoria de comarca [1].

Acclamado D. João IV, em Lisboa, no glorioso dia 1.º de dezembro de 1640, foi Torres Vedras uma das primeiras povoações que annuiu a tão patriotica revolução (apezar de ser acerrimo partidario de Castella, o seu alcaide-mór D. João Soares de Alarcão) e que com o maior brio e generosidade se prestou a sacrificios de toda a qualidade, para ajudar a libertar a patria da usurpação castelhana.

Quando D. João IV regressou da praça de Peniche, foi aqui recebido com o maior enthusiasmo, e sumptuosissimas festas. O rei esteve aqui trez dias, hospedado na residencia do prior de S. Pedro, contigua a esta egreja; porque já então os paços novos estavam muito arruinados.

Tambem visitaram esta villa, D. João V, D. José I, D. Maria I e seu marido D. Pedro III, com toda a familia real; o principe regente — depois, D. João VI, em 1797 e em 1806; o sr. D. Miguel I, e suas irmãs, as infantas D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção, em 1832; a sr.ª D. Maria II e seu 2.º marido, o sr. D. Fernando; o sr. D. Pedro V, e sua sempre chorada esposa a virtuosa rainha D. Estephania; o principe, duque de Cambridge, Jorge de Inglaterra; e outras muitas pessoas notaveis.

Derrotadas as hordas de Laborde, por sir Arthur Wellesley, na Roliça a 17 de agosto de 1808, vieram em seu soccorro, Junot, de Lisboa, e Loison, de Abrantes, que todos foram derrotados, logo a 21 do dito mez de agosto, na gloriosa batalha do Vimeiro. Os jacobinos retiraram para Torres Vedras, e aqui foi ratificada a desastrosa convenção de Cintra, a 31 d'agosto d'esse anno, e que tinha sido feita na vespera, entre Junot e o general inglez Dalrymple; em resultado da qual, os francezes são expulsos de Portugal. (Vide *Obidos*, *Peniche*, *Roliça*, *Seteaes*, *Tavarêde*, e *Vimeiro*).

Em 7 de outubro de 1810, o general francez Massena (que os jacobinos cognominavam *o anjo da victoria*) chega proximo das famosas *linhas de Torres Vedras*, e estaca, á vista de suas baterias, e alli esteve 38 dias, sem se atrever a atacal-as, retirando a 14 de novembro seguinte, para Santarem, d'onde foi expulso a 6 de março de 1811, apezar de ter recebido um reforço de 30:000 homens. Durante a sua retirada, foi atacado no Pombal, na Redinha, na Foz d'Arouce e no Sabugal, sendo obrigado a entrar em Hespanha, a 4 de abril do dito anno de 1811.

—

É tambem celebre esta villa, pela batalha dada aqui, pelas tropas cabralinas, commandadas pelo marechal Saldanha, contra as forças populares, commandadas pelo te-

[1] Teve até 1834, um corregedor e um juiz de fóra, ambos com os seus escrivães e quadrilheiros; juiz dos orphãos, com seu escrivão; procurador do concelho; camara com 3 vereadores e seu escrivão e official de diligencias. A sua correição foi para aqui transferida, da villa de Alemquer. Comprehendia vinte e duas villas no seu districto.

nente-general conde de Bom-Fim, no dia 22 de dezembro de 1846.

As tropas populares, forram derrotadas, ficando prisioneiro o conde de Bom-Fim, e a maior parte da sua gente. De parte a parte, houve grandes perdas em mortos e feridos (todos portuguezes e liberaes!) sendo um dos mortos, o famoso e illustre ex-ministro, o tenente coronel de engenheiros, Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, que pertencia ao partido popular. Foi enterrado na egreja de S. Pedro, onde jaz [1].

Foi em 1846, a primeira vez que, depois de 1810, tornaram a ser occupados por tropas portuguezas, os fortes de *S. Vicente*, *do Castello* e *da Forca*. Estes fortes, foram occupados pelas tropas populares, do conde de Bom-Fim, atrahidas aqui (segundo é fama) por individuos d'esta villa, inimigos dos cabralinos. Chegaram a 19 e 20 de dezembro, em força de trez mil e tantos homens de todas as armas; mas d'estas só 200 cavallos e de artilheria só duas boccas de fogo — uma peça e um obuz — Uma boa parte d'esta gente, eram guerrilhas, angariadas em Alcobaça, Caldas da Rainha, e do termo de Torres Vedras.

Já aqui estava nomeada uma *junta*, e um novo administrador do concelho, que foi o cirurgião *Mauricio José da Silva*, o qual formou uma guerrilha com que se uniu aos populares.

Na noite de 21 para 22, cahiu tanta chuva, que o rio Sizandro, por onde deviam passar as tropas do Saldanha, alagou as suas margens. Na manhã de 22 continuou a cahir uma chuva miuda, com uma cerração muito espessa até quasi á tarde; mas como o Bomfim soubesse com certeza que os cabralistas tinham acampado n'essa mesma noite nas aldeias do Ramalhal e Amial, a 6 kilometros da villa, começou logo n'esse dia 22 a collocar as suas forças nos referidos fortes, e a artilheria, no castello, onde elle e Mousinho d'Albuquerque se metteram e alli estiveram até ao fim da lucta.

As forças populares consistiam em varios batalhões de linha, entre elles o 5 e 6 de caçadores e o bravo batalhão de voluntarios de Viseu, commandado pelo intrepido D. Jayme. O resto eram guerrilhas vindas de Alcobaça, das Caldas da Rainha, do termo d'esta villa e d'outras partes.

Do lado de S. João e Fontainhas, collocou o Bomfim o 5 de caçadores, procurando assim defender a entrada da villa, pelas trez pontes do Sizandro (de S. Miguel, da Mentira, e do Rei.) Não mandou fazer obra alguma de defeza.

Pelas 11 horas da manhan se disparou o primeiro tiro de artilheria, do castello, enfiando a estrada real das Caldas da Rainha, por onde marchava a cavallaria cabralista, que logo recuou e se foi postar por detraz do forte de S. Vicente. Assim se começou uma horrorosa e sanguinolenta batalha entre portuguezes liberaes!

As forças cabralistas constavam de 6 a 7 mil homens, comprehendendo 700 cavallos e 16 peças de artilheria, que Saldanha mandou collocar (as peças) na serra de Almofalla, sobre as quintas das Fontainhas e estrada da ponte do Rei; mas por causa do estado dos caminhos que de Sarges para lá conduziam, só o pôde conseguir pelas trez horas da tarde, hindo tambem por aquelle lado uma brigada de infanteria.

A artilheria inimiga vomitou os seus projectís, não só sobre os populares, mas tambem sobre os edificios da villa, em grande quantidade, assim como grande numero de foguetes á Conggreve. Felizmente nem prejudicaram as casas nem feriram os seus habitantes.

O batalhão de caçadores numero 5, defendeu o seu ponto com a maiór coragem

[1] Póde dizer-se que (*por emquanto*) é um *mysterio historico*, a causa d'esta derrota, que podia, e devia, ser soffrida pelos cabralistas, se o general, conde das Antas, que estava com a sua divisão em Santarem, acudisse a Bom-Fim, o que lhe era facilimo; mas elle, ouviu impassivel e indifferente, troar a artilheria, e depois de perdida a batalha, retirou, pacifica e vagarosamente para o Porto, *sem que Saldanha* lhe perturbasse a marcha, e quizesse derrotal-o; o que tambem lhe era facil, em vista do desanimo das tropas populares. Este facto e a entrega de 4:000 homens e da esquadra, a 30 de maio de 1847, não são muito honrosos para o conde das Antas...

até quasi á noite, causando grandes estragos ao inimigo; mas, apezar d'isso, o Saldanha tomou o forte de S. Vicente, que, depois de occupado pelos cabraes, foi combatido pela artilheria do castello, que matou e feriu muitos dos dos occupantes.

Ao mesmo tempo, atacaram os cabralistas as referidas pontes, sendo por varias vezes rechaçados, com grandes perdas, até que, quasi á noite, poude uma força, sobre montões de cadaveres, entrar na villa, onde ainda soffreu descargas, dadas por caçadores n.º 5, no largo da Graça. Só uma pequena força de cavallaria cabralista se bateu com alguma da Junta, no adro da Ermida da Senhora do Amial.

Já de noite, entraram os cabraes no forte da Forca, que os seus defensores tinham abandonado, retirando para o Cadaval, onde lhe haviam dito que estava o conde das Antas.

O conde do Bom-Fim, deixou se ficar no castello, com a cavallaria e o resto das suas tropas, sem recurso algum, quando podia retirar a salvo — protegido pela noite — pela estrada da ponte do Alpilhão, que estava livre.

Desde as 9 horas da noite até á madrugada, entrou na villa o resto da divisão do Saldanha, que se aquartellou na quinta do Hilarião, onde tinha formado o seu hospital de sangue.

Se o dia tinha sido de horror para o povo da villa, pelo troar da artilheria e fuzilaria, e pelos projectís que tinham cahido nos seus telhados, e entrado em suas casas, a noite não foi menos horrorosa, pois que os vencedores, batiam a todas as horas, ás portas das habitações, arrombando muitas d'ellas, como em paiz conquistado, nem que os pacificos habitantes da villa tivessem culpa dos populares aqui tomarem posições.

Segundo o *louvavel* costume de quasi todos os cabralistas, em todas as terras em que entravam, grande numero de casas foram saqueadas, e seus donos maltratados.

Por alguns dias não se abriu uma unica loja de comestiveis, o que causou fome aos habitantes e ás tropas.

Então o Saldanha as fez abrir á força, pondo sentinellas ás portas, para evitar os roubos, e a fome cessou.

Os cabraes, na sua entrada na villa, assassinaram quatro dos seus habitantes, inermes e pacificos, que no dia seguinte appareceram estendidos na rua.

Soffreu tambem o povo, o aboletamento por muitos dias, até que o Saldanha fez sahir varios corpos, para differentes povoações do termo.

A parte official do Saldanha, diz que teve 386 mortos, feridos e extraviados; mas julga-se, com bons fundamentos, que os mortos foram uns cem, e os feridos andaram por 500. O que é certo, é encher-se o hospital da Misericordia, de feridos, a maior parte cabralistas.

No dia 23 pela manhan, mandou Saldanha collocar 4 bocas de fogo, em um moinho, por cima do nicho de Santo Antonio do Varatojo, para ameaçar o Bom-Fim, e os que ainda estavam no castello, mas não chegaram a fazer fogo, porque se renderam, sahindo prisioneiros, mas com as honras militares, ficando os officiaes com as suas bagagens; e os soldados, com as suas moxillas, e assim foram conduzidos prisioneiros para Lisboa, guardados por uma forte escolta; apezar do que, muitos fugiram, durante a jornada, indo a maior parte d'elles apresentar-se á Junta do Porto, a qual ordenou que a estes apresentados se désse por distinctivo, uma aspa de panno amarello no braço direito.

—

Senhores de Torres Vedras

Teve esta villa varios senhores, em differentes épocas.

D. Affonso III deu este senhorio a sua mulher, a rainha D. Beatriz.

O rei D. Diniz, a sua mulher, Santa Isabel.

D. Fernando I, a sua mulher, D. Leonor Telles de Menezes [1].

[1] D. Fernando tinha dado este senhorio a um fidalgo castelhano, chamado D. João Affonso da Moxica; mas, quando casou, annullou esta doação, para dar o senhorio a sua mulher.

D. João I, a sua mulher, a rainha D. Philippa de Lencastre [1].

O rei D. Duarte, a sua mulher, a rainha D. Leonor [2].

D. João II, a sua mulher, a santa rainha, D. Leonor.

O rei D. Manoel, ás suas duas primeiras mulheres, D. Isabel e D. Maria (ambas irmãs, e filhas dos réis catholicos.) Por morte d'estas duas rainhas, D. Manoel deu o senhorio de Torres Vedras, a sua filha, a infanta D. Isabel, que teve do seu segundo matrimonio com a rainha D. Maria. Casando D. Isabel com o imperador Carlos V, passou este senhorio para outra sua filha, do terceiro matrimonio (com a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella) a infanta D. Maria, á qual deu tambem o senhorio de Viseu.

D. João IV, deu este senhorio (de Torres Vedras) á infanta D. Maria, sua filha bastarda, legitimada, que viveu e morreu recolhida, no convento das freiras [3] de Carnide, que havia reedificado, e onde foi sepultada. D. João IV, teve sempre um extremoso amor por esta filha.

—

Alcaides-móres de Torres Vedras

O emprego de alcaide-mór, foi creado por D. Affonso Henriques, logo no principio do seu reinado; e é provavel que o castello de Torres Vedras, sendo ainda n'esse tempo de tanta importancia, como ponto militar, tivesse alcaides-móres.

Este soberano, dando, como deu, o senhorio d'esta villa ao famoso D. Fuas Roupinho, é de suppôr que lhe désse tambem a sua alcaidaria-mór: mas não achei documento que o prove [1].

Talvez que no archivo da camara houvesse apontamentos com respeito a esse objecto, mas sendo elle, em grande parte, destruido com o incendio de 1744, e durante a guerra peninsular (como vimos) perderam-se esses apontamentos, e outros muitos, de certo, importantissimos, e que hoje fazem uma grande falta, para averiguação de muitos factos historicos, relativos a esta villa e seu termo.

Ignora-se, pois, quem foram os alcaides-móres d'este castello — e se os teve — até ao ultimo quartel do seculo XIV. É provavel que andando a alcaidaria em senhoras, fosse o logar servido por *alcaides pequenos*.

D. Fernando I, pretendeu ser rei de Castella, pela morte de D. Pedro I — o *Cruel* — e disputou o throno a D. Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro; mas, apezar de ter por alliados os reis de Aragão e Granada (mouros) não se effectuaram os seus desejos, e fez as pazes, com o rei castelhano, pelo tratado de Evora, de 31 de março de 1369.

Algumas cidades e villas castelhanas, tinham acclamado como seu rei ao nosso D. Fernando; e muitos fidalgos, partidarios de

[1] Foi tambem senhora d'esta villa, a infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, e filha de D. João I.

[2] D. Affonso V, deu este senhorio (mas sómente durante a vida do doado) a D. Fernando, arcebispo de Braga.

[3] Os que desejarem saber quem era a mãe d'esta senhora, e a sua interessante vida, vejam os tres esplendidos romances do sr. Camillo Castello Branco, *O Regicida*, *A Filha do Regicida*, a *Caveira da Martyr*.

[1] Estou persuadido que esta alcaidaria-mór, andou até ao reinado de D. João I, unida ao senhorio da villa, que era das rainhas, porque, em 1279, a rainha D. Brites (ou Beatriz) segunda mulher de D. Affonso III, tinha não só o senhorio da villa, mas tambem a sua alcaidaria-mór, como veremos no § *Mais quintas*, quando fallo da *quinta da Ribaldeira*.

Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, e outras rainhas e infantas, foram senhoras de Torres Vedras e da sua alcaidaria-mór. É de suppôr, que durante o dominio d'esta alcaidaria, em senhoras, fosse o logar exercido por *alcaides menores*, ou *pequenos*, que serviam na ausencia dos alcaides-móres, e eram por estes nomeados.

Os alcaides móres, quando não eram membros da familia real, só podiam ser *fidalgos de linhagem*; mas os *alcaides menores*, podiam ser quaesquer simples cavalleiros ou escudeiros; porém os alcaides-móres eram responsaveis pelos seus actos.

D. Pedro Cruel, temendo a vingança do irascivel D. Henrique II, fugiram para Portugal, e ficaram ao serviço d'este reino.

Um d'estes, foi D. João Affonso Moxica, ao qual D. Fernando I deu, n'esse mesmo anno de 1369, o senhorio de Torres Vedras, e parece que tambem a sua alcaidaria-mór; mas, casando, o rei, poucos dias depois, com D. Leonor Telles de Menezes, filha de Martim Affonso Tello de Menezes, e mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro (de Felgueiras) com o qual se *descasou*, tirou este senhorio ao tal *Moxica*, e o deu a sua mulher.

D. Fernando I, morre em Lisboa, a 22 de outubro de 1383, na florescente edade de 38 annos, e o mestre d'Aviz, D. João, filho bastardo de Pedro I, é feito (ou se fez) *regente do reino, em nome da nação.*

D. João I de Castella, casado com D. Beatriz, *filha* (?) do nosso D. Fernando, pretende ter direito á corôa lusitana; mas o povo portuguez e alguns (poucos) fidalgos, oppõem-se ás pretenções do castelhano, tomam o partido do *Mestre* — isto é — da nossa independencia e autonomia.

D. João I, invade o reino, em 1384, chegando até Lisboa, onde o Mestre o bate, obrigando-o a retirar para Santarem, mas reunindo o castelhano um grande exercito, e uma numerosa esquadra, vem pôr cêrco a Lisboa, no mesmo anno, por mar e terra; porém, no fim de cinco mezes d'assedio, e depois de ter perdido uma grande parte da sua esquadra, derrotada pela portugueza, no Tejo, e muitos mortos, ou a ferro, ou com a peste que se desenvolveu no seu acampamento, retirou para Torres Vedras (1385) e d'aqui para Castella.

Quando estava n'esta villa, fez d'ella alcaide-mór um fidalgo castelhano, por nome *João Duque*, que a 14 de agosto do mesmo anno de 1385, morreu na gloriosa batalha d'Aljubarrota, onde combatia pelos castelhanos.

O mestre d'Aviz, já rei de Portugal, sob o nome de D. João I, toma o castello de Torres Vedras á guarnição castelhana, tambem no anno de 1385, e nomeia alcaide-mór d'elle, *Antão Vasques Cavalleiro*, ao qual tambem já havia dado a alcaidaria-mór de Lisboa.

A Antão Vasques Cavalleiro, succedeu — na alcaidaria-mór — *Ruy Gomes d'Alvarenga*, filho de Gomes Martins de Vasconcellos Alvarenga, natural de Torres Vedras, do conselho de D. João I, juiz da corôa e chanceller-mór do reino; e de sua mulher, D. Catharina Teixeira, tambem natural d'esta villa, e que, depois de viuva, tornou a casar com D. Fernando Affonso, pae de João Fernandes da Silveira, 1.º barão d'Alvito. (Vid. 1.º vol., pag. 180, col. 2.ª, e pag. 183, col. 2.ª)

Esta D. Catharina Teixeira, foi camareira-mór da infanta D. Isabel (filha de D. João I, e que casou com Philippe III, o *Bom*, duque de Borgonha) e era filha de Estevam Peres, de Torres Vedras.

De Ruy Gomes d'Alvarenga e D. Catharina Teixeira, nasceu *Gomes Soares de Albergaria e Mello*, herdeiro da casa de seus paes, mas não lhe succedeu immediatamente na alcaidaria-mór, porque em 1451, reinando D. Affonso V, era alcaide-mór d'esta villa e seu castello, *Affonso de Miranda*, seu porteiro-mór; mas hindo este acompanhar a infanta D. Leonor, filha do rei D. Duarte e irman de D. Affonso V, para Vienna d'Austria, quando casou com o imperador Frederico III, o rei nomeou alcaide-mór a *Gomes Soares de Albergaria e Mello*, seu reposteiro-mór, e conselheiro.

Este Gomes Soares de Albergaria e Mello, por escriptura feita n'esta villa, a 23 de dezembro de 1502, renovou — ou *reinstituiu* — na egreja matriz de S. Pedro, a *capella de missas de Aldonça Martins*, que jazia na dita egreja, na capella de S. Thomé, fazendo cabeça da mesma capella, a quinta da Ribaldeira, cujos fructos se dariam aos padres d'esta egreja, por missas que deviam dizer por alma da fundadora (a tal Aldonça) como determinava a instituição d'esta capella, feita pela mesma.

A quinta da Ribaldeira fazia parte do morgado dos Alarcões, e é hoje da casa dos condes de Avintes, marquezes do Lavradio, que, por isso, ainda pagam 131 alqueires de trigo e 48 de cevada, para a dita capella, que é de 155 missas annuaes.

Aldonça Martins, era mulher de João Ayres, *hychão* (uchão, despenseiro, que administrava a *ucharia*) de D. Pedro I.

Era (a instituidora da capella) natural da Ribaldeira, e falleceu em 1382, deixando mais, á referida egreja de S. Pedro, uma *almuinha*, (propriedade rural, tapada sobre si, perto do povoado, com agua de rega, comprehendendo hortas, pomar, e terras de pão) *áquem de Santa Maria do Amial, com a obrigação de 12 anniversarios.*

Supponho que esta Aldonça Martins, era ascendente de Gomes Soares de Albergaria e Mello, que casou com D. Philippa de Castro, filha de D. Garcia de Castro, da casa dos condes de Monsanto.

D'este casamento é que nasceu D. Margarida Soares de Castro, herdeira da casa e honras de seus paes.

Gomes Soares, além de ser reposteiro-mór e conselheiro de D. Affonso V, de seu filho, D. João II, e do primo, cunhado e successor d'este, o rei D. Manoel, foi um militar valente, entrando em muitas batalhas, ficando prisioneiro, na batalha de Toro, em maio de 1476 (6.º vol,, pag. 309, col. 2.ª) sendo restituido á patria, pelo tratado de paz, de 4 de setembro de 1479.

Alonso Lopes d'Haro, no seu *Nobiliario genealogico de Hespanha*, diz que Gomes Soares de Albergaria fez parte dos *bandos* armados contra D. Pedro de Noronha, senhor do Cadaval e mordomo-mór de D. João II, e que em um dos combates que houve, por causa d'esses bandos, morreu D. Henrique de Noronha, irmão de D. Pedro.

D. Antonio Soares d'Alarcão (*Relação genealogica da casa d'Alarcão*) diz que D. João II, mandou chamar á côrte, a Gomes Soares, e que este respondeu ao que lhe trouxe o aviso — « Dizei a sua alteza, que, se me chama para me fazer mercês, eu as não mereço, nem pretendo; e se é para me mandar cortar a cabeça, em Torres Vedras ha pelourinho. »

No reinado de D. Manoel, o famoso 3.º vice-rei da India, *Lopo Soares de Albergaria*, irmão de Gomes Soares, mandou ao rei uma resposta semelhante, como vimos em outro logar d'este artigo. (Ou farão os historiadores algum embroglio n'isto? Talvez.)

Gomes Soares de Albergaria e Mello, não teve filhos varões, pelo que lhe succedeu na casa, sua filha, D. Margarida Soares de Castro, nascida nas *casas do Patim*, d'esta villa, que casou com D. João de Alarcão, fidalgo castelhano, que veio para Portugal em 1501, com sua mãe, camareira-mór da rainha D. Maria, segunda mulher e cunhada do nosso rei D. Manoel, filha dos reis catholicos, e irman da rainha D. Isabel, 1.ª mulher de D. Manoel, e que era viuva do infante D. Affonso, filho do nosso D. João II. (Este infante, foi o que morreu da quéda de um cavallo, na margem direita do Tejo, em Santarem, a 12 de julho de 1491.)

O rei D. Manoel deu a D. João de Alarcão, *para elle e seus herdeiros e successores*, a alcaidaria-mór de Torres Vedras, por morte de seu sogro, que tinha fallecido nas mesmas casas de Patim, a 12 de janeiro de 1514.

D. João de Alarcão residia com sua mulher nas taes *casas do Patim* (tambem chamadas *dos Soares*) situadas na baixa da villa, e que tinham sido paço do marquez de Monte-Mór, irmão de D. Fernando II, duque de Bragança, e depois, do filho d'este, o duque D. Jayme, que as deu a Gomes Soares de Albergaria e Mello, e d'este passaram para os Alarcões.

D. João de Alarcão, não gostando de residir nas casas do Patim, mandou construir no castello, o paço dos alcaides-móres (do qual existem as ruinas) e para elle foi morar com sua familia, e lá morreu, em 1546, sendo sepultado na capella que seu sogro mandára construir, como fica dito.

Em 1580, era alcaide-mór, D. Martim Soares d'Alarcão, que não quiz entregar o castello ao prior do Crato, e lhe resistiu com a sua guarnição, obrigando o pretendente a retirar, pelo que este lhe confiscou todos os bens, dando-os ao seu fiel companheiro, Manoel da Silva Coutinho, com o titulo de conde de Torres Novas.

Em 1589, o prior do Crato desembarca em Peniche e na Ericeira, com o exercito inglez, de 12:000 homens, que a rainha Isa-

bel lhe tinha dado; passa pela Lourinhan, e vem segunda vez atacar o castello de Torres Vedras; porém D. Martim Soares Alarcão, o recebe como da primeira vez, pelo que D. Antonio deu á villa o titulo de *Torres Traidoras*, que *não pegou*. (*Relacion genealogica de la casa dos marquezes de Turcifal*, pag. 114.)

D. Philippe II, faz por isto, 1.º conde de Torres Vedras, a D. Martim Soares Alarcão.

A D. Martim, seguiu-se na alcaidaria-mór, seu filho, *D. João Soares d'Alarcão*, 2.º conde de Torres Vedras, e *poeta quinhentista*, e do qual se imprimiram alguns versos.

Morreu na florescente edade de 38 annos.

Succedeu-lhe seu filho, tambem chamado *D. João Soares d'Alarcão*, 3.º conde de Torres Vedras, e seu alcaide-mór (o ultimo de esta familia.) [1]

Seguindo, antes e depois da restauração, o partido de Philippe IV, teve de fugir para Castella, cujo rei o fez *marquez do Turcifal*.

D. João IV, lhe annullou todos os titulos, confiscou-lhe todos os bens, mandou picar-lhe o seu brazão d'armas, onde quer que se achasse, desnaturalisando-o.

Assim terminou n'esta familia a alcaidaria-mór de Torres Vedras, que durou por espaço de 126 annos.

D. João Soares de Alarcão, que, como acabamos de ver, foi o ultimo alcaide-mór d'esta villa, teve uma filha, chamada D. Jeronyma de Castro, que casou com D. João d'Almeida — o *Sabio* — commendador da ordem de Christo, e do conselho de D. Philippe III, e depois de seu filho, D. Philippe IV.

De D. João d'Almeida e de sua mulher, foi filha e herdeira, D. Isabel de Castro, que casou com D. Luiz d'Almeida, que foi governador e capitão-general de Tangere, e depois, com o mesmo posto, passou a governar o Algarve, sendo um portuguez fiel á sua patria, á qual fez grandes serviços, durante a guerra da restauração, pelo que D. Affonso VI, o fez 1.º conde de Avintes, a 17 de fevereiro de 1664, restituindo-lhe todos os bens (menos os titulos) que tinham sido dos Alarcões, ascendentes de sua mulher, e pertencem hoje, por herança, á filha unica do ultimo conde de Avintes e marquez do Lavradio.

Estes bens constituem ainda hoje um riquissimo morgado.

Parece que por espaço de quatro annos esteve Torres Vedras sem alcaide-mór, pois só por carta regia de D. João IV, datada de Lisboa, a 5 de janeiro de 1645, é que foi dado este emprego, *de juro e herdade*, a *Gastão José da Camara Coutinho*, em premio da sua lealdade e dos relevantes serviços feitos á patria, durante a guerra da restauração, e n'esta familia se conservou o titulo até 1834, sendo seu ultimo alcaide-mór, *D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande*, 1.º conde da Taipa. (9.º vol., pag. 477, col. 2.ª)

Mercearias

Houve em Torres Vedras dois d'estes estabelecimentos de caridade.

1.º — A rainha D. Leonor, filha do rei D. Fernando I, de Aragão, e mulher do nosso rei D. Duarte, fundou n'esta villa, uma *mercearia*, para sete viuvas ou donzellas, pobres e de boa vida e costumes, e que fossem d'aqui naturaes, com a obrigação de ouvirem todos os dias uma missa (cada uma das mercieiras) por alma da instituidora, na capella dos paços reaes velhos (a que depois se mudou para a egreja do mosteiro da Graça, como vimos).

Estabeleceu a esta mercearia, a renda annual de 64 alqueires de trigo, para todas, e 240 réis em dinheiro, para cada uma, o que lhes era satisfeito pelo almoxarifado, recebendo o trigo, do recebedor das jugadas, e o dinheiro, do geral das sizas.

Quando vagava o logar de uma das mercieiras, era provido por trez vogaes (o prior da Graça, o juiz de fóra, e o provedor da comarca). Depois, em logar do provedor, foi o guardião do convento do Varatojo.

A nomeação da mercieira, era confirmada, em nome do soberano, pela mesa da

[1] Todos estes Alarcões — menos o primeiro — eram naturaes de Torres Vedras, portuguezes por nascimento, mas castelhanos por devoção.

consciencia e ordens, e, algumas vezes, era o logar dado, sem previa nomeação, directamente, por *graça especial* do soberano, por um decreto ou aviso regio.

—

2.º — Na egreja de S. Pedro, d'esta villa, deixou instituida uma capella, o padre Domingos Pires Travassos, beneficiado da mesma egreja, por testamento de 14 de julho de 1355, e n'elle, entre outras importantes disposições, mandou instituir o estabelecimento de oito mercieiras, pobres, destinando para habitação d'ellas, umas casas que o testador possuia, junto ao adro posterior d'esta egreja, onde elle havia escolhido a sua sepultura.

Ainda existem estas casas e o seu respectivo celleiro (tudo de um só pavimento) no largo do Sul, e em roda do adro posterior da egreja.

No meio d'estas casas, estava o tumulo do instituidor, que era um caixão de pedra, lizo, defendido por um arco, e assente em uns pilares baixos.

Já não existe este tumulo, que depois da extincção da mercearia, foi demolido, e os ossos do caritativo padre, foram para o cemiterio da Misericordia, e depois (a requerimento da collegiada) removidos para a egreja de S. Pedro.

Tinham estas mercieiras obrigação de rezarem pela alma do instituidor, recebendo annualmente, cada uma d'ellas, um quinhão incerto, dos fructos e pensões de diversas propriedades, designadas no testamento, e em dinheiro, cada uma, 25$000 réis annuaes.

Acabou este estabelecimento, desde que a capella a que era annexo, se incorporou na corôa, por denuncia, que foi julgada a favor de D. Maria Clara de Sousa, á qual se passou carta pra posse, em 30 de abril de 1777.

Por morte de D. Maria Clara de Sousa, fez D. Maria I mercê d'esta capella ao general Rosa, que aforou as propriedades que lhe pertenciam, a varios individuos, e as casas das mercieiras, a José Pedro Pereira, d'esta villa, e foi este que demoliu o tumulo do instituidor.

Recolhimento

Junto á ermida de S. João Baptista, construida sobre uma collina ao S. E. da villa, houve um recolhimento, cuja fundação se deveu ao zelo do padre Ignacio Ferreira, d'esta villa, o qual, á sua custa e com ajuda de algumas esmolas, fez construir, antes do terramoto de 1755, o edificio destinado a este recolhimento, e suas officinas. Para sua sustentação, destinou um *padrão de juro real*, estabelecido no Conselho Ultramarino, com o vencimento annual de 96 mil e tantos réis.

Impoz porém o fundador a condição de que, se dentro em 30 annos contados do dia da escriptura de doação, não estivesse feito o recolhimento, seria transferido para o das recolhidas de Olhalvo, concelho de Alemquer.

Construiu se o recolhimento, e as recolhidas entraram para elle, em novembro de 1750; mas, a ordem terceira de S. Francisco, que o ficou administrando, recebia as rendas, e não dava nada ás recolhidas, que passavam toda a qualidade de privações, e o estabelecimento acabou.

Quando se construiram as *Linhas de Torres Vedras*, se levantou n'este sitio um reducto, e todas as paredes do recolhimento foram cortadas por séteiras.

Por fallecimento da ultima recolhida, passou a sua ermida para a egreja de S. Pedro, em cujos limites estava situada.

A pequena cerca d'este recolhimento, serviu em 1807 a 1808, de cemiterio dos militares francezes, que falleciam no hospital. Tambem aqui foi enterrado, em janeiro de 1811, o coronel inglez, *Campbel*, que morreu no Turcifal.

Marquezes e condes de Torres Vedras

Houve em 1580, simultaneamente, dois condes de Torres Vedras. Dou o primeiro

logar ao 1.º conde, por ser um leal portuguez, e dedicado defensor da nossa independencia.

D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz, duque de Beja (filho do rei D. Manuel, e de sua segunda mulher, a rainha D. Maria) e de Violante Gomes, *a Pelicana* (2.º vol., pag. 442, col. 1.ª) julgando-se com direito á corôa, apresentou-se como um dos principaes pretendentes a ella, com o mesmo direito que tivera D. João I.

O povo portuguez, que sempre teve horror ao dominio castelhano, declarou-se partidario decidido de D. Antonio; e alguns (poucos) fidalgos, padres e frades, seguiram a mesma bandeira.

Manoel da Silva Coutinho, era um nobre e leal fidalgo, natural de Santarem, onde nascera, em 1541. Era filho de Braz da Silva, commendador de Castellejo, e um bravo guerreiro (*Chronica do rei D. Manoel*, por Damião de Goes, parte IV, cap. XLIV) e neto do famoso Ruy Dias de Sousa, o *Cid*, valente alcaide, que morreu nas guerras de Africa. O irmão mais velho de Manoel da Silva, por nome *Ayres da Silva*, tinha morrido ao lado do rei D. Sebastião, na desastrosa batalha de Alcacer Kibir, dada a 4 de agosto de 1578.

Vê-se pois, que Manoel da Silva Coutinho, era irmão, filho e neto, de bravos e leaes portuguezes.

Nas côrtes que o cardeal-rei — a requerimento dos povos — fez reunir em Lisboa, no anno de 1579, para se decidir sobre a questão da successão á corôa; e nas de 1580, reunidas em Almeirim, para o mesmo objecto; foi Manoel da Silva Coutinho um dos mais sollicitos defensores dos direitos do prior do Crato.

O cardeal-rei, falleceu em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, e D. Antonio, á frente de um bom numero de populares, chega a Santarem, a 19 de junho d'esse anno, e é pelo povo da villa acclamado rei legitimo de Portugal (8.º vol., pag. 507, col. 1.ª) sendo Manoel da Silva um dos seus mais decididos partidarios, e reunindo grande numero de homens da sua terra, em defeza da causa popular.

Abandonando a sua casa, mulher e filhos, foi dedicado companheiro do prior do Crato, e como seu general, tomou parte na infeliz batalha da ponte de Alcantara (Lisboa) perdida a 25 de agosto d'esse mesmo anno de 1580.

Apezar de ferido, poude fugir para o Minho com D. Antonio.

O feroz duque d'Alba, fez prender, na freguezia da Azinhaga, concelho de Santarem, D. Maria de Vilhena, mulher de Manoel da Silva, e seus trez filhos menores [1].

Foram todos conduzidos para Ciudad-Real, e alli conservados em rigorosa prisão.

Ao mesmo tempo, foi preso em Lisboa, D. frei Simpliciano da Silva, conego regular de Santo Agostinho (cruzio) irmão de Manoel da Silva.

Do Minho, passou á Inglaterra e de lá á França, o prior do Crato, acompanhado por Manoel da Silva Coutinho (já feito conde de Torres Vedras) o conde de Vimioso, Diogo Botelho, e mais alguns portuguezes leaes.

D. Antonio, nomeou Manoel da Silva Coutinho, regedor das armas e da justiça, das ilhas dos Açores, chegando á cidade de Angra, na ilha Terceira, em fevereiro de 1582.

O rei de França, que reconhecêra D. Antonio como rei de Portugal, lhe manda reforços para os Açores, mas a esquadra castelhana aprisiona os navios francezes, e D. Alvaro de Basan, almirante hespanhol, manda enforcar 50 francezes, nas vergas dos seus navios, como se fossem piratas.

A 3 de junho de 1583, D. Alvaro de Basan, apparece á vista dos Açores com uma

[1] Apenas o sanguinario general castelhano entrou em Lisboa, fez prender todas as senhoras das familias de D. Francisco de Portugal, e de Diogo Botelho. Em Aldeia Gavinha (termo de Alemquer) foi presa a condessa de Vimioso, com as suas sete filhas, trez filhos, e 16 creadas. Na villa de Alenquer, foi presa D. Anna da Silveira, mulher de Diogo Botelho, e duas irmãs do amigo e testamenteiro do prior do Crato. Todas estas prisões, foram feitas por Jeronymo de Mendonça, portuguez degenerado, acompanhado por 50 arcabuzeiros, 6 cavallos e tres carroças. (Camillo Castello-Branco, *Historia e sentimentalismo*, pag. 37.)

grande armada. O general castelhano, marquez de Santa Cruz, desembarca no Porto das Mós (Terceira) com um exercito de 16:000 homens, em 28 de agosto d'esse anno de 1583.

Manoel da Silva, vae ao seu encontro, com 8:000 homens, quasi todos bisonhos e mal disciplinados; pelo que facil foi aos castelhanos pôl-os em completa derrota e debandada.

Antonio da Silva, sobrinho de Manoel da Silva, depois de ter combatido com a maior intrepidez, é morto n'esta batalha.

Mil e duzentos francezes do partido de D. Antonio, entregam-se aos castelhanos.

O marquez de Santa Cruz, manda enforcar os principaes chefes portuguezes.

Manoel da Silva poude fugir; e, depois de andar escondido por espaço de 13 dias, pelos matagaes da ilha, foi agarrado pelos castelhanos, e, depois de estar trez dias preso no porão de uma galera, foi degolado em publico cadafalso — diz-se que com a sua propria espada — por um tudesco, da guarda castelhana.

Os que desejarem saber mais circumstanciadamente a vida e feitos d'este valoroso e leal portuguez, vejam o livro do sr. Camillo Castello-Branco, intitulado *Historia e Sentimentalismo*, pag. 35 e seguintes.

—

D. Martim Soares d'Alarcão, era em 1580 alcaide-mór de Torres Vedras, defendendo o seu castello contra D. Antonio, e a favor de D. Philippe II, pelo que, este usurpador o fez 1.º conde de Torres Vedras, e depois, a seu filho primeiro, marquez de Turcifal.

Estes titulos apenas duraram 60 annos, porque, continuando os taes Alarcões a seguir o partido de Castella, em 1640, D. João IV os annullou (os titulos) apenas foi acclamado rei de Portugal.

—

O prior do Crato, consegue da rainha Isabel, de Inglaterra, um exercito de 12:000 homens, com que desembarca na Ericeira e em Peniche (1589) dirige-se á Lourinhan — 18 kil. ao E. de Peniche e 18 ao O. N. O. de Torres Vedras, e d'alli a esta villa; mas D. Martim Soares d'Alarcão, seu alcaide-mór, continuando a ser partidario de Castella, lhe fecha as portas. D. Antonio, deu á villa o nome de *Torres Traidoras* (como se o povo da villa tivesse culpa do castelhanismo do seu alcaide-mór) e, tirando o titulo e toda a casa ao traidor Alarcão, deu isto ao seu amigo Manoel da Silva Coutinho, que foi pois, o 2.º conde de Torres Vedras (mas ficou tão rico com o titulo, como com a casa do alcaide-mór).

Em 1589, todo o Portugal sabia do vergonhoso tratado que D. Antonio tinha feito com a rainha Isabel, pelo que o pretendente já não achou partidarios em Portugal. O povo entendeu (e entendeu bem) que, se havia de ser escravo dos inglezes, mais valia sel-o de D. Philippe II, que tão lisonjeiras promessas nos havia feito, e tão sagrados juramentos tinha prestado a nosso favor, nas côrtes de Thomar.

—

O principe regente (depois D. João VI) por decreto de 13 de maio de 1811, fez conde do Vimieiro, Sir Arthur Wellesley, marechal-general, e commandante em chefe do exercito alliado. Em 17 de dezembro do mesmo anno, o dito principe, o fez marquez de Torres Vedras. E, por decreto de 17 de novembro de 1812, lhe deu o titulo de duque de Victoria.

Pelos seus triumphos na Asia e na Europa, obteve mais este illustre general, em Inglaterra, os titulos de marquez de Wellington, marquez do Douro, e par do reino. O rei de Hespanha o fez duque de Ciudad Rodrigo, e grande de Hespanha, de 1.ª classe — Nos Paizes-Baixos, obteve o titulo de principe de Waterloo [1].

[1] Lord Wellington descendia de uma antiga e muito nobre familia da Grã-Bretanha e era filho de Sir Garrett Wellesley, 1.º conde de Mornington, 1.º visconde de Wellesley do castello de Dengan, e 2.º barão de Mornington.

Hoje, é 2.º duque de Victoria, 2.º marquez de Torres Vedras, e 2.º conde do Vimieiro, Arthur Ricardo Wellesley, duque de Wellington, filho d'aquelle heroe.

O primeiro regente, lhe deu o titulo de duque de Victoria, em premio da grande derrota que fez soffrer ao rei (de comedia) José Buonaparte e ao seu exercito, a 24 de junho de 1813, em frente de Victoria. Os francezes, perderam esta cidade, 6:000 homens, toda a sua artilheria; e o thesouro e bagagens, que tinham roubado em Portugal e Castella. Este Bounaparte, escapou, fugindo para a França, em um ligeiro cavallo [1]. Napoleão manda Soult com 150:000 homens de reforço aos jacobinos que ficaram ainda occupando algumas praças de Castella, mas é derrotado, a 30 de julho, na famosa batalha dos Pyreneus, onde os francezes perderam 15:000 homens, e são obrigados a fugir para territorio francez. Os alliados tambem perderam 6:000 homens n'esta sanguinolenta batalha.

Os alliados, tomam a forte praça de S. Sebastião da Biscaia, em 31 de agosto, e a cidadella a 8 de setembro.

Wellington, passa o Bidassoa a 7 de outubro, e em 10 de novembro, dá a memoravel batalha de Nivelle, tomando as linhas francezas. A 9 de dezembro, são derrotados os inimigos, em frente de Bayona. A 13 de dezembro, tornam a ser derrotados, na batalha de Nive. A 27 de fevereiro de 1814, é novamente derrotado Soult, na batalha de Orthez, onde perde 5:000 homens. Fortifica-se, entre o canal de Languedoc e o rio Garona, nas alturas que dominam Tolosa; Wellington, ahi os ataca e derrota, a 10 de abril, e a 12, entra com o seu exercito victorioso, na cidade de Tolosa.

Pelo tratado de Fontainebleau, de 13 de abril de 1814, é expulso Buonaparte do territorio francez, e obrigado a hir terminar os seus dias na ilha d'Elba, na Italia, que lhe é dada em plena soberania, com dois milhões de francos (320:000$000 réis) de renda annual; concedendo-se-lhe que levasse para Elba, uma guarda de 400 homens, á sua escolha.

[1] Os francezes perderam 150 peças de artilheria, 400 caixões de munições, todo o material do exercito, e as bagagens de José Buonaparte e de todo o seu estado-maior e improvisada côrte.

Buonaparte desembarca em Porto-Ferrajo, capital da ilha, a 3 de maio, e toma posse do seu microscopico reino.

Porém o monstro corso, ainda não estava satisfeito com as torrentes de sangue humano que havia feito derramar, e com tantos milhões d'orphãos e viuvas que tinha feito; e, a 26 de fevereiro de 1815, a bordo do brigue *Inconstante*, de 26 peças, embarca, com 400 granadeiros da sua guarda; e com mais 200 granadeiros, 200 caçadores corsos, 200 soldados de infanteria e 100 soldados, polacos, de cavallaria, em seis navios ligeiros, e se faz á véla, desembarcando em França (no Golfo Juan) no 1.º de março.

Não cabe nos limites de um diccionario — apezar de historico — a narração das novas calamidades que este implacavel destruidor do genero humano causou com esta sua nova tentativa, a que se deu a denominação de *Campanha dos cem dias;* basta dizer que em resultado da horrorosa batalha de Waterloo (18 de junho de 1815) em que os francezes tiveram 17:000 mortos, e 8:000 prisioneiros, perdendo além d'isso a maior parte da sua artilheria, muitas *aguias* (bandeiras) e quasi todas as suas bagagens e material de guerra [1], Buonaparte retira sobre Paris, com os restos das suas tropas, e alli *abdica* em seu filho — a que elle tinha alcunhado *rei de Roma,* e agora denominava Napoleão II; mas os alliados não tomaram a sério esta abdicação, assim como despresaram o offerecimento que elle lhes fez, de ficar ao serviço da França, como simples general. O imperador da Allemanha, levou sua filha, Maria Luiza, e o tal *rei de Roma,* para Vienna d'Austria (onde este morreu na flor da idade, com o posto de coronel austriaco) e assim terminou esta desastrosa guerra, na qual o truculento Buonaparte, causou ainda a perda de muitos milhares de vidas, e tão grandes desgraças para a França.

Luiz XVIII, rei legitimo dos francezes, torna a entrar em Paris, onde é acclamado pelo

[1] Esta victoria tambem custou cara aos alliados, que tiveram 7 a 8 mil homens fóra do combate.

povo, já farto de tantas guerras, com que o mais sanguinario monstro dos tempos modernos o tinha infelicitado.

Muitos dos generaes que, tendo jurado fidelidade ao rei legitimo, o tinham atraiçoado, foram fuzilados; e a mesma sorte teve em Italia, Joaquim Murat, cunhado do corso, e que este tinha feito *rei de Italia*, e que, depois de o ter atraiçoado, unindo-se aos alliados, teve de fugir do *seu reino*, pela restauração do rei legitimo. Foi para França, por onde andou homisiado, primeiro, receiando a vingança de seu digno cunhado, e depois, o justo castigo que provavelmente lhe infligiriam os alliados ou Luiz XVIII. Finalmente, poude arranjar um barco, e acompanhado apenas de 18 amigos, se dirige á Italia, com a esperança de a revolucionar, e, expulsando o rei Fernando, usurpar-lhe a corôa. Desembarca no porto de Pizzo, a 8 de outubro de 1815, onde é preso pelo povo; e por um decreto do rei, datado de Napoles, em 9 do mesmo mez, é nomeada uma commissão militar, que condemna Murat a ser fuzilado, *concedendo-se-lhe apenas meia hora para receber os soccorros da religião!* Com effeito, foi fuzilado no pateo da prisão de Pizzo, no dia 13.

De todos os reis que Buonaparte havia improvisado, só Bernardote morreu soberano da Suecia e Noruega, porque o throno se achava vago; e elle, fazendo causa commum com os alliados, foi um bom rei, e seu filho é actualmente ainda rei, e amado dos seus subditos.

Assim terminaram as sanguinolentas guerras que durante 23 annos enlutaram a Europa.

—

Em 15 de julho de 1815, Buonaparte, embarca em Rochefort, na fragata de guerra britannica *Bellorophonte*, que se dirigiu a Plymouth. A 30 se dirigiu Lord Keit a bordo da fragata, e entregou a Napoleão um *ultimatum* do ministerio inglez, no qual se lia — « Não póde convir, nem aos nossos deveres para com o nosso paiz, nem aos nossos alliados, que *o general Buonaparte*, conserve meio algum de tornar a perturbar a paz do Continente. A ilha de Santa Helena foi escolhida para sua futura residencia. *O clima é saudavel* [1], e a sua situação permittirá que ahi seja tratado com mais indulgencia, do que o poderia ser em outra parte, visto as precauções indispensaveis que seria preciso empregar, afim de estar em segurança », etc.

Buonaparte gritou e protestou contra esta determinação, mas não teve remedio senão sujeitar-se a ella.

A 7 de agosto passou para bordo da nau *Northumberland*, em frente da bahia de Starpaint, e cuja nau se achava escoltada por duas fragatas, cheias de tropas, destinadas a formar a guarnição de Santa Helena. Esta esquadrilha era commandada pelo almirante Cockburn.

Buonaparte e a sua comitiva, foram desarmados, sob pena de, se Buonaparte procurasse evadir-se, ser mettido em uma prisão.

Permittiu-se aos generaes Bertrand, Montholon, e Gourgaud, e ao camarista Las-Casas, seguirem Napoleão. Foram excluidos d'esta permissão, os generaes Savary, e Lal-

[1] A ilha de Santa Helena, é no Oceano Atlantico, a 900 leguas da Costa da Africa, e a 300 do Brasil, para o 16° de lat., além do Equador. Tem 28 milhas inglezas de circumferencia. O solo da ilha é de um vulcão extincto ha muitos seculos, e a unica pedra que alli ha, são restos de lava, porosa, e tão friavel, que se desfaz com os dedos, porisso as casas são todas de madeira. Os montes são povoados de arvoredo, mas os valles são aridos e nús de vegetação, salvo os sitios a que os inglezes tem levado terra vegetal. É muito falta de agua.

A sua população é apenas de 600 almas — incluindo a guarnição — e os colonos são, na maxima parte, antigos empregados subalternos, da Companhia das Indias.

O seu clima é tão insalubre, que raros dos seus habitantes chegam á edade de 60 annos.

As suas variações athmosphericas, são consideraveis, frequentes e subitas, e a estação das chuvas é ainda mais doentia.

Sobre tudo isto, é espantosamente infestada de grandes ratos, que devoram tudo a quanto podem chegar. (Diz-se que, quando morreu Buonaparte, e quando, em virtude do seu testamento, se lhe tirou o coração, que legou á França, ficando uma noite mal guardado, foi devorado pelos ratos, e que

lemand, por estarem condemnados á morte

No dia 10 de agosto se fez de véla a esquadrilha, na direcção da Madeira. A 17, passou á vista do Cabo d'Hoga; o dia 24 foi passado em frente da Madeira, continuando a viagem a 25, chegando a Santa Helena a 15 de outubro, desembarcando no dia seguinte; e depois de estar quasi dois mezes em uma casa de campo chamada Briars (a *Çarça)* foi para a casa que lhe tinha sido destinada, em Longwood, a trez leguas da cidade, e confiado á guarda de Sir Hudson-Low, governador da ilha, que tratou sempre o seu prisioneiro com o maior rigor.

No fim de quasi seis annos de desterro, morre n'este rochedo africano, a 4 de maio de 1821, este monstro, que por muitos foi classificado de Anti-Christo.

—

Todas as honras e avultadissimos premios dados a Lord Wellington, foram mais que muito bem merecidos, pois que a este heroe, mais que a ninguem, se deve a salvação da Peninsula, e o socego de toda a Europa [1].

os medicos, vendo-se em tal apuro, mataram um carneiro, e lhe mandaram o coração para Paris. E pois o coração de um pacifico carneiro — e não o d'aquelle tigre, insaciavel de sangue humano — que os francezes (os buonapartistas, se entende) guardam com tanto respeito em S. Diniz.

Foi pois n'esta desgraçada ilha, sujeita trez quartas partes do anno aos ventos, tempestades e chuvas torrenciaes, e trez mezes á acção do sol calcinador dos tropicos, que o monstro terminou a sua negregada vida.

Foi bem leve castigo para tantos e tão horrorosos crimes!

A ilha de Santa Helena, foi descoberta por João da Nova, famoso guerreiro e navegador portuguez, em 1501, descobrindo tambem n'esse anno, a ilha da Ascenção, e, depois de ter derrotado a armada de Calicut, e deixado *feitorias* em Cochim e Cananor, na volta para Portugal, é que descobriu esta ilha, então deserta.

[1] Todos sabem que este illustre vencedor de Buonaparte, foi commandante em chefe do exercito alliado, desde 1808 até 1815, e que as maiores victorias coroaram a sua coragem e sangue frio, em Portugal, Hespanha, França e Belgica; tendo antes d'isso distinguido-se nas guerras da India.

Um conde de Torres Vedras, feito auctoritate qua fungor, e o rei da Ericeira

Tendo tratado dos titulares que tem havido n'esta villa, julgo a proposito mencionar aqui, um pobre diabo que se fez a si mesmo, *conde de Torres Vedras*, senhor de Cascaes, e alcaide-mór de Lisboa. Eis a sua triste historia.

Todos sabem que depois da desastrosa derrota de Alcacer-Kibir, onde morreu, ou ficou captiva a flor da nobreza de Portugal, e tão grande numero de populares, appareceram em differentes partes d'este reino — e até em Hespanha — varios impostores declarando serem o rei D. Sebastião, o qual, todos os portuguezes julgaram, com bons fundamentos, ter escapado com vida [1].

Estes impostores acabavam na forca ou nas galés; mas era o mesmo que nada: outros iam apparecendo, sem lhes servir de escarmento a triste sorte dos seus *antecessores*.

—

Em um eremiterio que havia nos fins do seculo XVI, junto á villa da Ericeira, se mettêra um rapaz, fingindo-se um penitente, arrependido de passadas culpas.

Quando presentia alguem aproximar-se da ermida, flagelava-se com umas *disciplinas*, e em sentidas palavras, dizia — *Ai de ti, Sebastião, que perdeste Portugal! Sujeita-te agora ás mais duras penitencias, para desconto dos teus grandes peccados!* Com estas e outras semelhantes lamentações, hia dispondo o povo para a execução do seu plano.

Em breve se espalhou por aquellas terras, a noticia d'este facto, e Pedro Affonso, rico lavrador de uma aldeia proxima, se declarou partidario decidido do improvisado rei. Reuniu e armou — em 1585 — uma guerrilha de mais de 800 homens, e tomando o

[1] Não tenho por impostor, mas pelo proprio D. Sebastião, o que foi preso em Veneza, e que o truculento conde de Lemos, governador castelhano da Italia, fez assassinar, por ordem de seu amo, o usurpador Philippe II (*o Diabo do Meio-Dia*, como lhe chamavam os francezes).

nome de *D. Pedro de Menezes* [1], se deu a si mesmo o posto de general, e os titulos de *conde de Torres Vedras, senhor de Cascaes, e alcaide-mór de Lisboa!* Achando tudo isto ainda pouco, decidiu casar uma de suas filhas com o tal rei D. Sebastião.

José Pereira Bayam, no seu *Portugal cuidadoso e lastimado,* diz que o alcunhado *rei da Ericeira,* era natural da ilha Terceira, de officio pedreiro, e se chamava *Matheus Alvares.*

Veio para o Continente, e se metteu frade, no mosteiro de Obidos, mas depois se fez anachoreta, vivendo em uma gruta entre os rochedos da costa, proximo á villa da Ericeira.

Com os supplicios que fingia impôr-se, e com as suas lamentações, illudiu os visinhos d'aquelles sitios.

Não tardou a correr entre o povo que o eremita era D. Sebastião, e que alli se achava, quem viria quebrar as algemas que roxeavam os pulsos da patria. Acercaram-se do solitario os curiosos e os patriotas, e entre estes um homem de grandes animos chamado Pedro Affonso. Para este homem pouco importava que o eremita fosse ou não fosse o rei, que fôra batalhar em Africa; o que lhe despertava os brios era encontrar um meio de quebrar o jugo de Castella.

Pelos esforços de Pedro Affonso e pelos meios artisticos, de que Matheus Alvares se serviu, dentro em pouco, foi este reconhecido como rei de Portugal pelo povo da Ericeira, reunindo em volta de si um pequeno exercito de camponezes e pescadores, agregados sobre o prestigio do nome, que o impostor assumira.

O governo de Lisboa mandou uma força contra a Ericeira, acompanhada de um magistrado, que viram dispersar-se repentinamente todo o sequito do rei da Ericeira. Pensando que tudo estava acabado, regressou o magistrado a Lisboa, mas, logo que deu costas, reorganisou-se o governo do fingido D. Sebastião, e d'esta vez com aspecto de tomar assento.

[1] Adoptou o appellido Menezes, que era o dos condes da Ericeira.

O *rei* tomou por esposa uma filha de Pedro Affonso e fel-a coroar rainha, aproveitando-se para isto de uma corôa que pousava sobre a cabeça de uma imagem da Virgem; fez despachos, e entre estes agraciou seu sogro Pedro Affonso, com o titulo de marquez de Torres Vedras, conde de Monsanto, senhor da Ericeira, e governador de Lisboa.

O soberano foi prodigo em mercês e favores, e adoptou na sua casa e proceder todo o rigor e etiqueta real, sendo pouco accessivel a quem o procurava. — Diz o auctor do *Portugal cuidadoso* que o improvisado soberano mandára um emissario ao almirante D. Diogo de Sousa, que regressára d'Africa com a esquadra que conduzira a expedição, e como o almirante interrogasse o enviado sobre o signal que o seu committente lhe havia dado, tirou-se d'aqui a illação de que o principe effectivamente não havia succumbido em Alcacer, logrando alcançar a sua esquadra, e ser abrigado pelo seu fiel almirante.

O tal *rei,* proclamou ao povo de todo o reino, e chegou a parlamentar com o archiduque Alberto, que em nome de Philippe II governava o reino em Lisboa.

Este principe, propenso para os meios da brandura e pensando na insignificancia da farça que se estava representando na Ericeira, entregou ao despreso a mensagem e as proclamações do estouvado, que se apresentava como o verdadeiro D. Sebastião.

Todavia, como o facto produzia agitação nas cercanias, mandou o archiduque, que o corregedor de Torres Vedras fosse á Ericeira syndicar dos acontecimentos. O magistrado partiu acompanhado apenas do seu escrivão e chegados á Ericeira foram ambos presos, e logo depois atirados ao mar, sendo egualmente massacrados outros individuos, que não queriam reconhecer o rei, e deram vivas a Philippe II, rei de Hespanha e Portugal.

O corregedor de Torres Vedras, Gaspar Pereira do Lago (vide *Unhos*) por não querer dar cumprimento ás ordens do falso D. Sebastião, foi por este sentenciado á morte, e enforcado!

Em presença d'estes factos e do caracter que hia tomando a rebellião, o governo de Lisboa mandou forças contra os insurgidos, cujo centro era a Ericeira, mas além d'este ponto occupavam tambem Torres Vedras.

A sorte das batalhas, que se hiam ferir contra o exercito do rei da Ericeira, não podia ser duvidosa. Os primeiros batidos e dispersos, foram os insurgentes da Ericeira, que ainda assim offereceram resistencia tenaz; e em seguida foram cortados os destacamentos rebellados que occupavam Torres Vedras e eram capitaneados pelo sogro do *rei*, Pedro Affonso.

Tanto este como seu genro se pozeram em precipitada fuga, mas como a fidelidade dos amigos não tem escoras no infortunio, o improvisado soberano não encontrou quem o escondesse, mas sim quem o denunciasse, e lá foi conduzido para Lisboa, onde entrou com as mãos atadas atraz das costas, e logo entregue a um tribunal que o julgou summariamente, baseando sua sentença na confissão explicita e franca do accusado, que declarou não ter acceitado o papel de representar o rei D. Sebastião, senão com o fim de libertar a sua patria do dominio dos castelhanos, mas que se houvera logrado o seu intento, deporia o disfarce e entregaria aos seus compatriotas a escolha do futuro rei.

O desventurado pedreiro, eremita e rei, foi executado no dia 14 de junho de 1585, cortando-lhe o algoz primeiro a mão direita, enforcando-o em seguida, e depois retalhando-o para expôr estes restos sangrentos ás portas da cidade.

Pedro Affonso, marquez de Torres Vedras, não foi mais feliz na sua evasão.

Posta a preço sua cabeça, foi apanhado e conduzido a Lisboa, onde subiu ao cadafalso.

Era então corregedor de Lisboa Diogo da Fonseca, que servia o governo hespanhol com o zelo, com que costumam os ambiciosos captar a benevolencia d'aquelles que são depositarios do poder.

Assim revestido de poderes extraordinarios e auctorisado para todas as devassas, o corregedor organisou volumoso rol de inconfidentes, que foram julgados e condemnados na maior parte á morte, e o resto a penas infamantes e dolorosas.

Não só em Lisboa, mas na Ericeira e de ahi a Torres Vedras, se levantaram as forcas, que symbolisavam o furor do conquistador, e o patriotismo mal entendido e nada esclarecido dos conquistados.

O *Portugal cuidadoso* nada nos conta do que succedera á simulada rainha, esposa de Matheus Alvares.

Haveria mais commiseração para esta soberana de alguns dias? Compadecer-se-hia d'ella o coração do archiduque? Não é possivel hoje averiguar-se. É de crêr que se contentassem em açoital-a publicamente, como se usava n'aquelles bons tempos.

Ao norte da villa da Ericeira, ha uma collina a que o povo dá o nome de *Alto da Forca*, na qual, segundo a tradição, foi justiçado o infeliz *rei da Ericeira*; mas se aqui houve forca em algum tempo, n'ella não foi enforcado Mathens Alvares, porque, segundo o dito Bayam, o seu supplicio, como o de seu *sôgro*, teve logar em Lisboa.

—

José Pereira Bayam, era natural da villa de Penacova, comarca de Coimbra. Foi presbytero secular, e morreu em Lisboa, no mez de maio de 1743.

É auctor de varios livros, entre elles — *Historia das prodigiosas vidas dos gloriosos santos, Antonio e Benedicto* — *Portugal glorioso e illustrado, com a vida e virtudes das bemaventuradas rainhas, santas Sancha, Thereza, Mafalda, Isabel e Joanna, etc.* — *Chronica del-rey D. Pedro I* — e outras mais obras, todas hoje raras e de muito merecimento.

A villa

Torres Vedras está construida em um formoso valle, muito bem cultivado e fertil, e é atravessada pela nova estrada á Macadam, de Lisboa a Peniche, mas que, por em quanto, apenas chega até á villa da Lourinhã, estando pois por fazer o resto, que são 18 kilometros.

Quando nos aproximâmos da villa, suppomos ir entrar em uma formosa povoação;

porém alli chegados, a decepção é completa! As ruas são tortuosas, estreitas, immundas, e pessimamente calçadas. Apenas a *das Olarias* é quasi direita, e mais limpa, principiando, ao sul, pelo *largo da Graça*, o melhor da villa.

Tem ainda mais algumas pequenas praças, a todos os respeitos insignificantes. Mesmo a chamada do *Pelourinho*, onde estão os paços do concelho, é bastante acanhada e mal guarnecida de edificios: nem em toda a villa ha um unico que se torne notavel por qualquer circumstancia. Mesmo as egrejas parochiaes apenas teem o merecimento da sua incontestavel antiguidade.

A egreja e o hospital da Misericordia, foram fundados em 1520. O templo está em bom estado de conservação e aceio, e tem uma bella e ampla sacristia, e o hospital tem trez contos de réis de rendimento; enfermarias aceiadas, e excellente botica.

Tem trez facultativos, um capellão, um enfermeiro, um advogado, um procurador, um tabellião, um secretario, um boticario, creados, etc.

Havia aqui um hospital muito antigo, da invocação do Espirito Santo, que se transformou em hospital da Misericordia; mas, passados tempos, como o edificio era muito pequeno, a irmandade comprou umas grandes casas, na rua da Misericordia, contiguas á egreja d'esta denominação, e para lá mandou o hospital que hoje existe.

Tambem houve n'esta villa uma mercearia, instituida pela rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte I, para sete donzellas, ou viuvas, pobres e de *boa vida* e costumes.

—

No local onde em 1544 se fundou o mosteiro da Graça, havia uma antiquissima *gafaria*, que foi então demolida, para alli se fazer a nova construcção, passando para o mosteiro as rendas da gafaria.

Tambem n'esta villa houve um antigo hospital, da invocação de *S. Gião*, que foi supprimido, e as suas rendas, e as da *confraria das Ovelhas*, ficaram pertencendo á Misericordia; assim como o hospital de Roca Amador, fundado pela rainha Santa Isabel, pelos annos de 1310.

O chafariz dos Canos

É um dos monumentos mais curiosos de Torres Vedras, pela sua architectura gothica, e pelo primor da sua construcção.

Consta de um pavilhão semi-circular, com cinco faces, nas quaes se abrem outros tantos arcos ogivaes, cada um sustentado por seis columnas, trez de cada lado. Sobre elles se levanta o entablamento, coroado de ameias adornadas de esculpturas, tendo em cada um dos cinco angulos umas bonitas pyramides conicas, com o dobro da altura das ameias.

Debaixo da abobada, de pedra, artezoada, do pavilhão, se ergue a fonte, com duas bicas, que lançam a agua para um pequeno tanque, d'onde passa para outro muito amplo, inferior ao primeiro, e tomando toda a frente do pavilhão, e que foi construido modernamente, para n'elle beberem os animaes.

Toda esta obra é de optima cantaria, muito bem lavrada; e foi mandada construir em 1561, pela infanta D. Maria, senhora de Vizeu e Torres Vedras, e filha do rei D. Manoel e de sua 3.ª mulher, a rainha D. Leonor, filha de D. Philippe I, de Castella.

—

Ha na villa mais algumas fontes publicas, pouco dignas de nota.

Ao sul da villa, sobre a estrada de Lisboa, está outra, com as armas de Portugal e as de Torres Vedras, com a data de 1529.

Ao norte, fóra da villa, e a uns 150 metros ao S. O. da estrada da Lourinhan, está outra fonte, com as armas da villa, tendo por baixo d'ellas esta inscripção:

DOMINE
DA MIHI BIBERE.
1613

—

Fortificações antigas

Foi esta villa cercada de muralhas, com trez portas — a *de Santa Anna*, a *da Varzea*, e a *da Corredoura*. Está tudo em ruinas.

A porta de Santa Anna foi demolida em 1641, para ampliar o largo da Graça. A *da*

Varzea, foi demolida em 1734, para dar passagem á estrada nova, que d'esta villa se dirige a Mafra.

A da Corredoura já tinha tambem sido demolida: pelo que, d'estas portas só restam os nomes, dados ainda aos logares onde ellas existiram.

Sobre uma collina ao O. N. O. da villa, estão os restos do seu nobre e vetusto castello, do qual se ignora a sua primitiva fundação.

É muito provavel que seja obra dos romanos, ou, pelo menos, dos godos, reedificado, (e talvez ampliado) pelos mouros em 920.

D. Affonso Henriques o reparou em 1148 — Foi ampliado pelo rei D. Diniz, em 1288 — Reconstruido em 1382, por D. Fernando I, — Em 1516, pelo rei D. Manoel, que lhe mandou esculpir as suas armas, sobre o portal da primeira cêrca, e o qual dá entrada para a egreja de Santa Maria do Castello.— O seu 9.º alcaide, D. João Soares de Alarcão e Mello (do qual já fallei n'este artigo) lhe fez varios reparos, pelos annos de 1638.

Além da torre de menagem, no centro do castello, tinha mais cinco menores, nos seus angulos. Tinha duas cêrcas de muralhas, de pouca altura, parte das quaes ainda existem.

Na primeira cêrca está um portal que era a entrada para a fortaleza, e agora (como já disse) dá ingresso para o adro da egreja. A segunda cêrca cingia toda a corôa da collina.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, arruinou todas estas fortificações, e hoje só alli existem as ruinas do palacio dos alcaides-móres, enorme casarão quadrilongo, que teve dois pavimentos, e cujas paredes das divisões interiores já não existem. As quatro exteriores ainda se conservam de pé, com uma altura de 9 ou 10 metros.

Fóra da porta que dá entrada para estas ruinas, e á direita de quem entra, estão os restos de uma construcção, que me pareceu ter servido de paiol da polvora.

Dentro da fortaleza, havia trez cisternas, e uma galeria subterranea (hoje obstruida) que hia até á margem do Sizandro.

Fortificações modernas

(*As famosas Linhas de Lisboa*)

Na guerra da Peninsula, formava esta villa o centro das grandes *Linhas de Lisboa*, por isso chamadas tambem *Linhas de Torres Vedras*, mandadas construir, em 1810, por Sir Arthur Wellesley, general em chefe do exercito alliado, quando Massena invadiu Portugal.

Eram trez ordens de reductos, fortins e trincheiras, que, desde a direita do Tejo, se estendiam sobre o espinhaço das serras e outeiros, até á costa do Oceano.

A primeira linha, principiava no *alto do Calhandriz*, proximo (ao O. N. O.) e sobranceiro á villa da Alhandra — no sitio onde em 1877 foi collocado um monumento, com a estatua d'Hercules, commemorando este facto, sendo director d'esta memoria, o general Joaquim da Costa Cascaes, escriptor e poeta bem conhecido, e que tambem construiu a monumento do Bussaco.

Era este o primeiro districto e a direita das linhas. Havia n'elle 30 reductos, com 86 bôccas de fogo — Corria por junto da villa de Arruda dos Vinhos, até ao *Moinho do Ceu*, e d'aqui seguia para Sobral de Monte Agraço, que era o segundo districto, e d'onde se descobria toda a linha. Tinha este districto 11 reductos, com 72 peças de artilheria e 3 obuzes. D'aqui seguia pelo monte do Furadouro, e serra da Mugideira, até ao terceiro districto — Torres Vedras — e ao forte de S. Vicente, a fechar no Sizandro. N'este districto havia 32 reductos — incluindo o forte e o castello — com 273 bôccas de fogo, sendo 3 obuzes.

O forte de S. Vicente está ao norte da villa, no tôpo de um dos mais altos montes que cercam o valle de Torres Vedras. Conserva-se em bom estado, porque se reparou ha poucos annos. Consta de trez reductos, e era defendido por 65 peças, tendo — o forte — sufficiente capacidade para conter 4:000 homens.

É, demais a mais, um formosissimo ponto de vista.

Este forte e o do Sobral de Monte Agraço, eram os principaes de toda a linha.

Havia em todos estes trez districtos, 73 reductos, guarnecidos com 435 bôccas de fogo, quasi todas de grosso calibre.

Eis a designação e numero dos réductos, e da sua artilheria.

1.º DISTRICTO — (ALHANDRA)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
»	— Bateria do Tejo	4
1	— Dita da Estrada	8
2	— Dita do Conde	4
3	— Boa-Vista	2
4	— S. Fernando	2
114	— 1.º de Subserra	3
»	— Novo de Subserra	2
115	— 2.º de Subserra	2
116	— 3.º de Subserra	2
117	— 4.º de Subserra	3
–	— Reducto da Freira	»
–	— Casal da Entrega	»
118	— Moinho Branco	8
119	— Dois Moinhos	7
6	— Bateria do Merlo	3
5	— Serra do Formoso	3
»	— Subida da Serra	2
8	— Trancoso	3
120	— Novo do Formoso	3
121	— 1.º da Calhandriz	3
122	— 2.º da Calhandriz	3
123	— 3.º da Calhandriz	3
124	— 4.º da Calhandriz	4
»	— 5.º da Calhandriz	2
»	— Bateria das Antas	2
»	— Dita do Alfarge	3
»	— 1.ª do Bulhaco	1
»	— 2.ª do Bulhaco	2
»	— 1.ª do Pinheiro	2
»	— 2.ª do Pinheiro	1
	Somma	87

2.º DISTRICTO — (SOBRAL DE MONTE AGRAÇO)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
9	— S. Sebastião	4
10	— Carvalha	2
11	— Moinho do Ceu	2
		8
	Transporte	8
12	— Paço	2
13	— Caneira	2
14	— Monte Agraço	27
15	— Da Frente	9
16	— Da Direita	5
17	— Da Esquerda	6
»	— Do Sobral	8
»	— Da Patameira	8
	Somma	75

3.º DISTRICTO — (TORRES VEDRAS)

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôccas de fogo
20 —	S. Vicente	39
21 —		
22 —		
23	— Olheiros	11
24	— Forca	10
25	— S. João	2
26	— Ordasqueira	9
27	— Castello da Villa	11
30	— Grillo	6
31	— Alqueiteira	6
32	— Formigal	4
111	— Paço	11
112	— Genetia	8
113	— Foz	–
128	— Cheira	–
129	— Feiteira	14
130	— Moinho	15
131	— Cruz	6
132	— Palheiros	6
133	— Pedrulhos	6
134	— Outeiro da Prata	5
135	— Carrasqueira	7
136	— Milharosa	6
137	— Outeiro da Franca	7
138	— Pombal	3
139	— Bordinheira	6
140	— Outeiro do Monte	6
141	— Mógo	8
142	— Banabal	7
143	— Carregueira	7
144	— Mouguellas	7
		233

Numero dos reductos	Localidade ou denominação	Bôcas de fogo
	Transporte	233
145	— Belmonte	13
146	— Bessecaria	12
149	— Novo da Ordasqueira	15
	Somma	273
	—	
	1.º Districto	87
	2.º Districto	75
	3.º Districto	273
	Total	435

A 2.ª *linha*, que era a principal defeza de Lisboa, pela sua posição, quasi inexpugnavel, levanta-se no *Alto do Quintella*, á retaguarda de Alverca, passa á cabeça de Montachique, segue até aos altos do Gradil e da Murgueira, em frente de Mafra, e vae terminar na *Foz de S. Lourenço*, proximo á villa da Ericeira.

A 3.ª linha — foi formada em Paço d'Arcos, era destinada a defender a barra do Tejo.

Apezar de serem feitas á pressa todas estas obras de defeza, ainda uma parte d'ellas se acham menos mal conservadas, e, mesmo as que estão em peor estado, seriam de pouco difficil e dispendioso reparo, em caso de necessidade.

Foi em frente d'estas posições, parte formadas pela natureza, parte pelos homens, subindo serras, montes e outeiros, descendo valles e quebradas, sempre erriçadas de bôccas de fogo, e defendidas por verdadeiros portuguezes, promptos a darem a vida pela liberdade da patria, que Massena, um dos mais famosos generaes de Buonaparte, empallideceu, e recuou, fugindo com os seus 80:000 homens (14 de novembro de 1810) para Leiria e Santarem; e, apezar de receber, em fevereiro de 1811, um reforço de 30:000 homens, nem assim se atreve a atacar as formidaveis *Linhas de Torres Vedras*, e a 5 de março principia a sua retirada para Hespanha, onde entra a 4 de abril.

Foi o primeiro passo dado n'essa longa retirada, que nos livrou das hordas napoleonicas, e que, apezar de torrentes de sangue derramado por tantos briosos portuguezes, castelhanos e inglezes, em mortiferas batalhas, assaltos e combates, arrojámos os jacobinos até Paris, obrigando a sahir de França o monstro corso, como fica dito n'este artigo.

Mr. Joh T. Jones, no seu livro intitulado *Memoire sur les lignes de Torres Vedras*, tratando d'estas linhas e das de Almada, ao sul do Tejo, diz —

« No momento em que as linhas se julgaram tão perfeitas quanto era possivel, consistiam ao norte do Tejo em cento e cincoenta e duas obras distinctas, fechadas, palissadas, e armadas de seiscentos e trinta e um canhões e obuzes, e de trinta e nove a quarenta mil bayonetas para as defender.

« Ao sul do Tejo, ellas consistiam em sessenta obras armadas de cento e noventa e sete canhões com quatorze a quinze mil bayonetas para sua defeza.

« Custaram as mencionadas obras, comprehendendo as indemnisações de terrenos, etc, quatrocentos contos de réis.

« Foram encarregados do seu traçado e execução, dezeito engenheiros, e levaram um anno a pôl-as em estado de defeza, e dois ao de perfeição.

« Os mencionados engenheiros, espalhados isoladamente sobre um espaço de mais de cento e cincoenta milhas quadradas, e alojados nas casas mais commodas para os seus trabalhos, foram por toda a parte tratados pelos habitantes da Extremadura com tanta civilidade, como benevolencia.

« Tinha-se recommendado o

segredo sobre a extensão, e o genero dos trabalhos em execução, e é honroso para a nação Portugueza o conhecer-se, que elle não foi violado, e que apezar da immensidade das obras, os francezes ignoravam a natureza da barreira, que se alevantava contra elles, até ao momento em que sem o esperar acharam o exercito formado em batalha para tornar vãos os seus esforços.»

O aqueducto

O aqueducto que fornece a agua para esta villa, foi principiado em 1657. Tem quasi dois kilometros de comprimento, correndo subterraneamente em metade d'esta distancia, e no resto, ora sobre uma ordem de arcos, ora sobre duas ordens. É uma obra magnifica, assemelhando-se bastante ao aqueducto da Amoreira, em Elvas.

Mosteiros

Houve em Torres Vedras e suas dependencias, os mosteiros seguintes —

1.º — *Nossa Senhora da Graça*, de frades eremitas calçados de Santo Agostinho — vulgò, *gracianos* — Foi fundado em 1266, pelo segundo provincial d'esta ordem, em Portugal, frei Felix de Santa Maria.

Este douto e virtuoso sacerdote, era muito estimado de D. Affonso III, e lhe pediu licença para fundar trez mosteiros da sua ordem; o que o rei lhe concedeu facilmente, attendendo a que na Extremadura ainda havia poucos mosteiros de Santo Agostinho.

O primeiro mosteiro que este provincial fundou, foi o de Torres Vedras, no sitio que se chamava então *Varzea Grande*, lançando-se-lhe a primeira pedra, a 29 de dezembro do dito anno de 1266.

Este sitio era pouco saudavel, e os religiosos soffriam muito por isso; mas alli se conservaram por mais de 270 annos, apezar de estar o mosteiro em um brejo, e encher-se d'agua no inverno, a ponto dos frades não poderem sahir d'elle.

Em 1544, o provincial que então era, expôz estes inconvenientes a D. João III, que deu aos frades o hospital de Santo André, que era uma gafaria, e ficava em sitio alto e bem arejado, para onde os frades se mudaram, apenas adaptaram o edificio ao fim a que era destinado.

O rei tambem deu aos frades as rendas da antiga gafaria, que estava então deshabitada, por já não haver aqui lazaros.

Até 1340, foi este mosteiro dedicado a Santo Agostinho; mas n'esse anno, frei Francisco de Monte-Rubiano, geral da ordem, decretou que todos os conventos agostinianos que d'alli em diante se fundassem, tomassem a invocação de Nossa Senhora da Graça. Não comprehendia este decreto o mosteiro da Varzea Grande, que já estava fundado; mas os seus frades quizeram logo collocal-o debaixo da protecção da Santissima Virgem, pelo que tomou a invocação de Nossa Senhora da Graça.

Está este mosteiro no largo por isso chamado da Graça, á entrada da villa, do lado do sul, e sobre a estrada de Lisboa.

Foram prelados d'este mosteiro, *S. Gonçalo de Lagos*, que a camara tomou para padroeiro da villa — e D. frei Aleixo de Menezes, que depois foi arcebispo de Gôa, e por fim de Braga.

Os liberaes venderam o edificio do mosteiro e a sua cêrca, que é hoje propriedade particular, e a egreja foi dada á irmandade do Senhor dos Passos, que a tem conservado com muita decencia e n'ella celebra os officios divinos.

S. Gonçalo de Lagos, nasceu na cidade algarvia do seu cognome, pelos annos de 1378, professou em 1398, e morreu n'este mosteiro, a 15 de outubro de 1422.

Era um dos melhores oradores sagrados do seu tempo, de grande intelligencia e de summa virtude. O papa Pio VI o canonisou em 1780. Jaz n'este mosteiro.

D. frei Aleixo de Menezes, nasceu em Lisboa, no anno de 1559. Era filho legitimo de D. Aleixo de Menezes (aio do rei D. Sebastião) e de D. Luiza de Noronha, ambos da primeira nobreza d'este reino. Creou-se no paço, e foi muito estimado pelo joven monarcha; mas, desprezando as grandezas do

mundo, se fez eremita de Santo Agostinho, sendo um religioso sapientissimo e virtuoso.

D'este mosteiro foi para arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, e d'ahi passou a arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas. Na India fez grandes serviços á religião, reduzindo á fé os christãos scismaticos do Malabar; e em Braga deu exuberantes provas de prudencia e piedade.

Foi tambem governador da India, vice-rei de Portugal, presidente do conselho supremo d'este reino, na côrte de Madrid, e capellão-mór de D. Philippe III. Falleceu em Madrid, a 3 de maio de 1617.

O pae d'este arcebispo, era filho de D. Pedro de Menezes, 1.º conde de Cantanhede. Militou, desde joven, em Africa e na India, onde se distinguiu pelo seu valor e prudencia.

Voltando a Portugal, D. João III o mandou inspeccionar as nossas praças d'Africa, commissão que desempenhou com grande intelligencia e inteireza.

Foi nomeado, em conselho, vice-rei da India, mas D. João III o impediu, nomeando-o embaixador ao imperador Carlos V, para tratar o casamento da infanta D. Maria, filha do rei, com o principe D. Philippe (depois Philippe II.)

Ajustado este casamento, foi nomeado mordomo-mór d'esta senhora, e depois foi padrinho de baptismo, do principe D. Carlos, seu filho, e testamenteiro da dita princeza.

Voltando a Portugal, foi mordomo-mór da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e este, por seu testamento, o nomeou aio de seu neto, o rei D. Sebastião, emprego que exerceu com a maior dignidade, pelo que este soberano muito o respeitou.

Por conselho ou suggestões de alguns grandes, D. Sebastiao dava pouca, ou nenhuma attenção á gente do povo, pelo que D. Aleixo o reprehendeu, com boas palavras, fazendo-o mudar de procedimento.

Foi de grande modestia, como provou, não querendo acceitar o titulo de conde de Villa de Rei, que D. João III lhe offerecia, dizendo que *era pobre para sustentar com dignidade o titulo de conde.*

Casou duas vezes — a primeira, com D. Joanna de Menezes, filha de D. Henrique de Noronha, irmã do 1.º marquez de Villa Real, da qual não teve successão.

Casou segunda vez, por ordem do rei, tendo já 75 annos, com D. Luiza de Noronha, da qual ainda teve trez filhos e duas filhas — sendo um d'elles, o referido arcebispo, D. Aleixo de Menezes.

Falleceu a 7 de fevereiro de 1569.

—

2.º — *Santo Antonio*, de frades da congregação dos missionarios apostolicos.

E' no districto da freguezia de S. Pedro, mas fica 3 kilometros ao O. da villa.

D'elle trato em artigo especial. Vide *Varatojo.*

—

3.º — *Nossa Senhora dos Anjos*, de frades arrabidos.

Está a 3 kilometros ao Sul da villa, junto e a Oeste da pequena aldeia do *Barro*, e por isso se chama vulgarmente, *convento do Barro.*

Foi fundado em 1570, pela infanta Dona Maria, senhora de Viseu e Torres Vedras, e filha do rei D. Manoel, da qual já fallei n'este artigo.

O seu primeiro assento, foi em uma baixa, junto á ribeira de Mata Cães, ao Este, do sitio actual, mas como o logar era pantanoso, os frades padeciam muitas doenças, e em 1579, houve aqui tal epidemia, que os frades morreram quasi todos, pelo que, os que escaparam, resolveram mudar de sitio, o que levaram a effeito em 1595, transferindo o mosteiro para a encosta do monte que fica ao Oeste, e a pouca distancia do primitivo assento, aonde hoje está. [1]

[1] Os eruditos editores da *Memoria historica de Torres Vedras*, alludindo em uma nota (pag. 209) á duvida do auctor do livro, sobre a existencia de um mosteiro de frades eremitas, de Santo Agostinho, em Mata-cães, são de opinião que effectivamente alli existiu um mosteiro, *fosse de que ordem fosse*, visto que o antigo nome da freguezia de Mata-cães era *Mosteiro de Mata-cães.* É verdade que á tal freguezia se dava o nome de *Nossa Senhora do Mosteiro*, ou *Santa Maria do Mosteiro de Mata-cães*, mas pela razão que digo no 5.º vol. pag. 125, col. 1.ª e 2.ª.

Tem uma boa cêrca, e contigua a ella, uma frondosa matta.

Fica uns dous kilometros a Oeste da estrada de Lisboa, em sitio alegre, apezar de estar entre montes, e vê-se perfeitamente da referida estrada.

Foi vendido pelos liberaes, e é hoje propriedade particular, dos padres lazaristas, que fundaram aqui um seminario.

O famoso orador sagrado, padre *Radmaker*, foi o fundador d'este seminario.

O mosteiro e aldeia do Bárro, é nos limites da freguezia de S. Miguel, da villa.

—

Perto da villa e junto ao *rio Alpilhão* (que apenas merece o nome de ribeiro) e na Varzea Grande, diz-se que existiu um antiquissimo mosteiro de frades franciscanos. (*Historia Seraphica*, por frei Fernando da Soledade, tomo 3.º, livro 3.º, cap. 13.º, n.º 510.) Segundo este escriptor, estava o tal mosteiro contiguo á calçada que vae para o Varatojo. Frei Manoel da Esperança, na sua *Historia Seraphica* (tomo 1.º, livro 5.º, cap. 44) refere até um *caso notavel*, acontecido n'este pequeno mosteiro.

O que é certo, é que no sitio junto á muralha da villa, onde se diz ter existido este mosteiro, tinha a egreja de S. Thiago, uma propriedade, chamada *Terra de São Francisco*, a entestar na Varzea Grande, e que n'esta propriedade existia, no seculo XVI, uma antiga ermida do mesmo santo. N'esse tempo, trazia esta propriedade emprazada, o padre Antonio Lopes, beneficiado das egrejas de S. Pedro e S. Miguel, d'esta villa.

Esta propriedade ainda é da egreja de S. Thiago, e a traz actualmente aforada, Francisco Tavares de Medeiros, d'esta villa.

Esta ermida era tão antiga, que, não existindo em 1505, já n'ella se fallava, só por tradição.

—

Em 1675, a camara, com o *clero, nobreza e povo* d'esta villa — recordando uma petição que no mesmo sentido havia feito, em tempo, a irmandade da Misericordia — requereu ao infante regente (depois D. Pedro II) que as freiras recoletas capuchas mendicantes, da ordem de S. Bernardo, que viviam no convento de Nossa Senhora da Nazareth, em Lisboa, podessem fundar um mosteiro da sua ordem, em Torres Vedras, por *ser uma das villas principaes do reino*, pela nobreza e numero de visinhos; por ser cabeça de comarca; e muito *fertil e abundante* de fructos; por não haver n'ella convento algum de freiras; ser muito util á terra e sua comarca; e terem aquellas religiosas, por missão dos seus prelados, para fundar alguns conventos da sua reforma, onde lhes dessem licença.»

Este requerimento veio a informar ao provedor da comarca, e, ouvindo este o senado e os *trez estados*, todos concordaram unanimemente no pedido. Apezar d'isto, nada se decidiu.

Em 1749, tornaram os mesmos supplicantes a requerer licença para na ermida de S. João se instituir uma irmandade da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, obrigando-se a tirar o competente *breve* pontificio, e *ficando salvos os direitos parochiaes*.

Tambem esta petição ficou sem deferimento; mas, ao menos, os habitantes d'esta villa, mostraram evidentemente a sua piedade, e o amor que consagravam á Religião.

Aguas mineraes dos Cucos

Ficam estas thermas 2 kilometros a E. N. E. de Torres Vedras, e 3 a O. de Runa, nas faldas da *serra da Macheira*, no sitio chamado *os Cucos*.

Nascem de dez mananciaes diversos, todos da mesma natureza, mas de differente temperatura.

Estão proximas ao rio Sizandro, cujas aguas, nas enchentes, cobrem os mananciaes das thermas.

Da sua composição chimica e temperatura, já tratei no 2.º volume, pag. 456, col 2.ª, no fim.

Tem uma soffrivel casa de banhos, e junto a ella ha boas casas para habitação dos doentes.

Estas aguas são applicadas com bom re-

sultado, para a cura de rheumatismos chronicos e outras doenças [1].

—

Caminho de ferro Larmanjat de Lisboa a Torres Vedras

Foi uma triste especulação do marechal Saldanha, em consequencia da qual, quebrou a *Companhia tramway a vapor.*

Este caminho de ferro, foi aberto á circulação, no dia 6 de setembro de 1873.

Além da estação principal, em Lisboa, tinha 14 intermediarias — *Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Nova Cintra, Santo Adrião, Loures, Pinheiro de Loures, Louza, Venda do Pinheiro, Malveira, Villa Franca do Rosario, Barras, Freixofreira, Turcifal,* e a estação terminus, *Torres Vedras.*

O preço das passagens (de Lisboa a Torres Vedras) era 900 reis na 1.ª classe, e 700 na 3.ª.

Não tinha 2.ª classe.

Poucos mezes durou este caminho; por que o tal systema Larmanjat deu pessimos resultados.

Os descarrillamentos eram tão continuos, e tantos os tombos, que os viajantes preferiam, com razão, as *diligencias,* e a companhia, não tendo passageiros, perdeu muito dinheiro e falliu.

—

Minas

Foi descoberta em novembro de 1874, no termo d'esta villa, uma mina de petroleo, outra de petroleo e alcatrão mineral, e duas de ferro, manifestadas por Silverio Candido Moniz.

No sitio do *Cabaço,* d'este concelho, ha uma mina de *calcareo Bituminoso,* ou *asphalto natural,* pertencente á *Sociedade geral dos asphaltos de Portugal,* que gira sob a firma de *João Antonio Pinto & C.ª.*

E' de egual, se não superior qualidade ao asphalto estrangeiro, *tendo a vantagem de resistir á temperatura de 70 graus centigrados.*

[1] Ha tambem uma fonte d'aguas ferreas, na quinta das Lapas, dos srs. marquezes de Penalva.

Quintas

Ha nos arrabaldes e no termo de Torres-Vedras, muitas, bellas e rendosas quintas, de differentes proprietarios, com formosas casas de habitação.

A *quinta da Conceição,* que foi dos antigos alcaides-móres, e é hoje da sr.ª marqueza do Lavradio, a da *Bugalheira* e outras, vão adiante em artigos especiaes.

Uma d'estas quintas, era da familia Soares d'Albergaria, e n'ella nasceram muitos dos senhores d'este appellido. Um d'elles foi o famoso Lopo Soares de Albergaria, 3.º vice-rei da India.

Regressando da Asia, vivia n'esta sua quinta em 1518, e n'esse anno o mandou chamar á côrte, o rei D. Manoel.

Foi n'esta occasião que Lopo Soares deu aquella notavel resposta, que todos os nossos historiadores transcreveram: foi a seguinte, dada ao portador da ordem — *Dizei a sua alteza, que, se me manda chamar para me cortar a cabeça, tambem n'esta villa ha pelourinho — se para me tomar a fazenda, lá a tem na casa da India — se para me fazer mercês, eu as recuso.* (J. L. Domingos de Mendonça, *Historia de Portugal,* tomo 7.º, pag. 628.)

Lopo Soares d'Albergaria, era da familia dos alcaides-móres, e irmão de Gomes Soares d'Albergaria e Mello, ao qual alguns escriptores attribuem a resposta que outros dizem dada por seu irmão Lopo.

Este benemerito portuguez, tinha feito relevantissimos serviços á sua patria; mas, como acontece a todos os homens de merecimento, foi victima das intrigas dos invejosos.

Além d'isso, D. Manoel, foi um rei ingrato para com os seus servidores, cujas acções facilmente esquecia (quando os não castigava pelos serviços prestados!)

Teve servidores dedicados, como poucos soberanos, e que lhe deram como vassallos, 34 reis do Oriente, e immensas riquezas; porém muito poucos d'esses portuguezes foram premiados, e esses parcamente.

Lopo Soares d'Albergaria, como vice-rei da India, tinha feito os seguintes serviços:

Em dezembro de 1504, toma a cidade de Congranor e destroe a grande esquadra de Calicut. Logo a 30 d'esse mez, chega a Panane (cidade de Malabar, no reino de Calicut) em cujo porto estavam fundeadas 17 náus grossas, postas em batalha, defendidas por muitas peças de artilheria e 4:000 combatentes, mouros e turcos. O vice-rei os investe, com 360 portuguezes, em 15 bateis e duas caravellas. Depois de 8 horas de terrivel combate, foram rendidas e queimadas as 17 naus, e mortos quasi todos os seus defensores. Dos nossos, morreram 23, e ficaram feridos 170.

Em 8 de fevereiro de 1516, sahiu a barra de Gôa, com 137 vellas, guarnecidas por 1:200 portuguezes e 800 malabares, na direcção do Mar-Rôxo, ao encontro da esquadra do sultão do Egypto, da qual era almirante, Raes-Soleymão, e lhe tomou e queimou trez vasos de guerra.

Na volta, tomou e incendiou Zeyla, cidade africana, situada ás portas do Estreito.

Em 30 de setembro de 1518, chega á formosissima ilha de Ceylão, a mais fertil da Asia, e que era então dominada por nove reis, ou regulos, dos quaes o mais poderoso era o de Columbo.

Lopo Soares, levava uma esquadra de 17 vellas, e com a gente da sua guarnição e com alguns naturaes da ilha, construe a fortaleza de Columbo, fazendo o seu rei tributario do de Portugal, em 300 *bahares* de canella (4:800 arrobas portuguezas) 12 anneis de rubins e saphiras, e 6 elephantes — isto annualmente.

Depois d'estes e outros muitos serviços, morreu na sua quinta de Torres-Vedras, esquecido do ingrato monarcha.

—

Quinta das Lapas — a 3 kilometros ao Este da villa, no districto da freguezia de Monte-Redondo, d'este concelho.

Pertence ao vinculo da casa de Alegrete.

Foi comprada por Dona Marianna de Menezes, condessa de Villar-Maior, mulher do conde do mesmo titulo, Fernando Telles (um dos 40 fidalgos que acclamaram D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640.)

A condessa empregou o seu dote, na compra d'esta quinta, que se compõe — extramuros — de vinhas, olivaes, pinhaes e terras de pão; e intra-muros, de um magnifico palacio (tendo sobre o portão, de ferro, da entrada, dous grandes leões de marmore fino, dadiva de D. João V, ao marquez d'Alegrete, ascendente dos marquezes de Penalva, actuaes possuidores d'esta rica propriedade.)

A quinta compõe-se de formosos e extensos jardins, hortas, pomares, e uma bella matta, povoada de sobreiros, notaveis pela sua altura e grossura, e talvez mais antigos do que a monarchia portugueza.

Entre elles, torna-se admiravel o chamado *Quatro Irmãos*. E' um só individuo, dividido em quatro hastes, ou troncos, todos de enorme grossura.

E' esta quinta abundantissima d'aguas, tendo cinco fontes, uma d'ellas, férrea.

Ha n'esta propriedade trez capellas:

1.ª — *Nossa Senhora do Rosario* — extramuros, de simples mas elegante architectura.

2.ª — *Santo Antonio* — imagem de grande devoção, não só dos seus proprietarios, mas tambem do povo da villa e de Monte-Redondo.

3.ª — *Santa Maria Magdalena* — no centro da matta e no sitio mais pittoresco d'ella. A capella é muito linda, e a imagem da padroeira, foi feita pela actual senhora marqueza de Penalva, que é uma excellente esculptora, em substituição da antiga imagem que os francezes quebraram.

Esta quinta foi muitas vezes visitada pela princeza Dona Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José (8.º vol., pag. 262, col. 1.ª) benemerita fundadora do asylo militar de Runa.

Tambem aqui esteve por duas vezes, a sr.ª infanta Dona Isabel Maria, filha do rei D. João VI, e da rainha Dona Carlota Joaquina, e irman do Senhor D. Miguel 1.º

Nicolau Tolentino tambem visitou esta quinta, e a cantou nos seus versos.

Os senhores marquezes de Penalva, recebem com a franqueza e agrado de verdadeiros fidalgos portuguezes, os visitadores da quinta das Lapas, quando aqui residem;

e mesmo na sua ausencia, a sua entrada está franca aos visitantes, que são em grande numero.

N'esta quinta nasceu, a 22 de setembro de 1790, Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Rezende (do Brasil) fallecido em Lisboa, a 8 de abril de 1875 — Vid. 6.º vol., pag. 588, col. 1.ª. — Para os marquezes de Penalva, vide no mesmo volume, pag. 586, col. 2.ª.

O 1.º marquez d'Alegrete, a cujo vinculo pertencia esta quinta, e que mandou construir o seu palacio, foi Manuel Telles da Silva, conde de Villar-Maior, e feito marquez por D. Pedro 2.º, em 19 de agosto de 1687.

—

Diversos factos e noticias

Apezar da riqueza de uma grande parte dos habitantes d'esta villa, pois quasi todos colhem uma boa porção de optimo vinho de embarque (havendo annos que se exportam d'aqui 5:000 pipas d'esse *vinho de Torres*, tão apreciado em Lisboa) bem poucos são os melhoramentos materiaes que se teem feito. Até a maior parte das casas são por caiar! Apenas trez ou quatro predios são construidos ao gosto moderno.

—

O rendimento annual da camara, anda por sete contos de reis.

—

Ha um club soffrivel, mas pouco concorrido.

—

Poucas e pouco commodas hospedarias.

—

Ha um theatro, antigo, pequeno, em pessimas condições e pouco frequentado.

—

A casa da camara, tribunal de justiça e cadeia fórma tudo um só edificio, nada digno de nota. Está ao norte da chamada *praça de Riveres*, é um pequeno quadrilongo, de uns 25 metros de comprido por 10 de largo!

—

Os habitantes da villa, são, em geral, intelligentes, pacificos, industriosos e trabalhadores: os sertanejos porem, são, pela maior parte, turbulentos e desordeiros, o que dá causa a frequentes policias correccionaes e não poucas querellas.

—

No dia 10 de julho de 1880, falleceu, na sua quinta de *Valle de Gallegos*, em Torres-Vedras, o padre José Luiz de Barros e Cunha, prior de S. Miguel da Ventosa, e irmão do sr. João Gualberto de Barros e Cunha, que foi deputado e ministro dasobras publicas [1].

O prior, deixou a sua referida quinta (que vale vinte contos de reis) ao hospital da Misericordia d'esta villa, por morte da sua governante (do prior) que é usufructuaria.

Este benemerito sacerdote e o sr. Augusto Raphael de Miranda, então vereador, projectaram estabelecer um *asylo de mendicidade e da infancia desvalida*, com uma quinta ou granja modelo, para instrucção agricola da juventude. Secundados pelo sr. Manoel Antonio da Costa, então administrador do concelho, fizeram um *bazar*, que rendeu reis 1:800$000; porém, como as despezas da fundação e conservação do asylo, foram orçadas em oito contos de reis, ainda se não levou a effeito tão util e humanitario estabelecimento.

—

Em 18 de setembro de 1434, nasceu n'esta villa, a infanta Dona Leonor, filha do rei D. Duarte e da rainha Dona Leonor, neta de D. Fernando 1.º, de Aragão. Casou (a infanta) com Frederico 3.º, imperador da Allemanha.

—

Torres, é um antigo e nobre appelido d'este reino. Vide *Villar-Maior*.

—

Esta villa foi solar de um ramo da familia dos Patos. Vide *Alcochête* e *Torrão*.

—

Ha na villa dous *passeios publicos*. O chamado *Bosque do Jardim*, com uma fonte. E' nas margens do Sizandro, entre o monte do castello, e o do forte de S. Vicente. Teve um

[1] Falleceu repentinamente na sua casa de Runa, a 10 de Janeiro de 1882.

frondoso arvoredo, que foi cortado em 1810, para serviço das *Linhas de Torres Vedras*. Em 1821, se tornaram aqui a plantar varias arvores, que uma *illustrada* vereação moderna, teve a *feliz* lembrança de mandar destruir, ninguem sabe para que. E' n'este passeio que se fazem as feiras.

Tornaram-se a plantar as arvores, em 1823, e está menos mal conservado.

O *passeio da Varzea*, na outra extremidade da villa, está em sitio desafogado, e é de construcção moderna.

Nenhum dos dous é notavel por qualquer circumstancia.

—

Ao longo das suas sahidas, tinha a villa lindos passeios, bordados de arvores silvestres, plantadas com simetria (álamos, faias e freixos.) Todas estas arvores foram cortadas em 1810, por causa das fortificações.

Em seguimento ao *Bosque do Jardim*, caminhando para o Este, no resto do campo, até á ermida da Senhora do Amial, mandou a camara plantar, em 1852, arvoredo, em simetria, que está já muito bonito.

A camara de 1789, para evitar a destruição das arvores, nomeou um *guarda* (que era official de justiça) com a gratificação de 14$400 reis annuaes. Poucos annos houve este emprego.

—

Sahindo da villa, pela estrada de Runa, e depois de passar o logar dos *Cucos* (onde estão as thermas de que já fallei) e a cousa de um kilometro do asylo militar de Runa (ou Alcobaça) está a pittoresca *Gruta da Princeza*. E' uma caverna, aberta na rocha, e toucada de arvoredo silvestre e varias trepadeiras, tendo na frente, um pequeno bosque, encostado a rochedos alcantilados.

E' um sitio summamente aprasivel, e a santa fundadora do referido asylo (Vide *Runa*) quando alli residia, gostava muito de vir passar aqui muitas horas de pacifica meditação, e fazer merendas, na companhia das suas damas.

—

Ha n'esta villa, um sitio chamado *Monte da Forca*, onde em tempos, de que não ha memoria, existiu um d'estes instrumentos de supplicio, e onde em 1810 se construiu o forte por isso chamado *da Forca*.

—

No dia 15 de setembro de 1874, falleceu, na sua *quinta da Conceição*, (que foi dos antigos alcaides-móres de Torres-Vedras) d'este concelho, o marquez de Lavradio, D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athayde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 5.º marquez de Lavradio, 8.º conde de Avintes, senhor de Lavradio e de Avintes, commendador da Torre Espada e cavalleiro de Malta e do Santo Sepulchro, nascido em 11 de fevereiro de 1794: filho do marquez de Lavradio D. Antonio Maximo d'Almeida e da marqueza do mesmo titulo D. Anna Telles, da caza dos marquezes de Penalva. Passando ao Braisl com a familia real, casou alli em 1814 com a sr.ª D. Maria Roza de Menezes, da casa dos marquezes de Vallada. Veador da princeza D. Maria Benedicta, foi nomeado, quando regressou ao reino, ajudante de Campo do sr. D. Miguel de Bragança. Em 1828 foi nomeado como embaixador para Roma, logar que exerceu até á convenção de Evora Monte.

Era ajudante de campo do Sr. D. Miguel 1.º, com as honras de capitão, desde 8 de fevereiro de 1832.

O actual sr. marquez de Penalva, era sobrinho do fallecido marquez do Lavradio, e por occasião da morte d'este seu virtuoso parente, publicou o artigo seguinte.

Cum dederit dilectis suis somnum, ecce haereditas.

Ps. de David.

Hoje, pelas 11 horas da manhan, falleceu o sr. marquez de Lavradio, na sua quinta da Conceição. A sua morte roubou ao partido legitimista um dos seus melhores soldados, e á Christandade um dos mais exemplares christãos. Não nos incumbe escrever a biographia do sr. marquez de Lavradio; a qualidade de sobrinho e afilhado (que nos tornaria suspeitos) prohibe-nos de fazer o seu elogio. Limitamo-nos portanto a pedir

os sufragios dos fieis por a alma do sr. marquez de Lavradio.

Requiescat in pace.

Quinta das Lapas, 18 de setembro de 1874.

Marquez de Penalva.

O 5.º marquez de Lavradio, teve trez filhas legitimas.

1.ª — *Dona Anna*, nascida no Rio de Janeiro, a 23 de abril de 1815, e fallecida em Lisboa, em 1840.

2.ª — *Dona Francisca*, nascida no 1.º de março de 1822, e fallecida em Roma, a 29 de julho de 1837.

3.ª — *Dona Eugenia*, actual marqueza. Nasceu em 27 de maio de 1828. Está casada com o sr. José Correia de Sá e Benevides, da casa dos viscondes de Asséca, e teem descendencia.

O 5.º marquez do Lavradio, era 7.º filho de D. Antonio Maximo de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre, 3.º marquez do Lavradio; 6.º conde de Avintes; par do reino, em 1826; estribeiro-mór da princeza Dona Maria Benedicta; mórdomo-mór da rainha Dona Maria 1.ª; grão-cruz da ordem de Christo; commendador da Conceição; deputado á *junta dos trez estados*; tenente coronel commandante do regimento de Lippe. Nasceu no 1.º de outubro de 1756, e falleceu em Paris, a 4 de maio de 1833. Tinha casado a 16 de junho de 1783, com Dona Anna Telles, dama de Dona Maria 1.ª, e da ordem de Santa Isabel, nascida no 1.º de outubro de 1762, e fallecida a 4 de dezembro de 1821. Era 4.ª filha de Manuel Telles da Silva, 2.º marquez de Penalva e 6.º conde de Villar-Maior, e de Dona Eugenia Marianna Josepha Joaquina de Menezes Caminha, 6.ª condessa de Tarouca.

Houve do casamento do 3.º marquez do Lavradio, 10 filhos.

1.º — *Dona Eugenia*, que foi duqueza de Ficalho.

2.º — *Dona Marianna*, que foi condessa da Ribeira Grande.

3.º — *Dona Maria*, dama da princeza Dona Maria Benedicta.

4.º — *D. Luiz*, que foi 4.º marquez de Lavradio, 5.º conde de Avintes, capitão de cavallaria, ajudante d'ordens do general 1.º conde de Amarante (pae do 1.º marquez de Chaves.) Casou com Dona Rita de Vasconcellos, 2.ª filha dos 2.ºs marquezes de Castello Melhor, e morrendo sem deixar filhos, herdou a sua casa e titulos, o 5.º marquez, seu irmão.

5.º — *Dona Margarida*, que foi marqueza d'Alegrête.

6.º — *Dona Francisca*, marqueza de Vallada.

7.º — *D. Antonio*, o 5.º marquez.

8.º — *D. Francisco de Almeida Portugal*, feito conde de Lavradio, no 1.º de dezembro de 1834, e já fallecido. Foi o unico da familia que seguiu o partido liberal.

9.º — *Dona Joaquina*, já fallecida.

10.º — *D. João*, que foi official de cavallaria e morreu em 1860.

Esta familia, tem as honras de parente.

—

Ha entre Runa e Torres Vedras, proximo da estrada real, o logar de Matacães, o mais formoso d'aquelles sitios, a 5 kilometros ao Sul de Torres Vedras.

Para o lado do poente, entre Matacães e o logar da Ordasqueira, vê-se um lindo monte, ao qual chamam — O Calvario — no cume d'este monte está assente uma pequena, mas linda ermida, na qual é venerada pelo povo da freguezia de Nossa Senhora da Oliveira de Matacães, o Senhor Jesus do Calvario.

Todos os annos, no mez de abril, o povo d'esta freguezia faz uma solemne festa ao Senhor do Calvario.

E' então que se póde, sem se perder tempo, subir a este monte tão lindo, tão pittoresco, tão cheio de encantos, que attrahe a attenção de todas as pessoas que alli vão.

O curioso viajante caminhando pela estrada, que vai da Ribaldeira a Runa, ao avistar o Calvario, julga-se transportado em um momento a uma nova Cintra, porém mais bella, mais encantadora, mais sublime, porque alli não existe arte, alli não trabalharam architectos, alli foi só Deus, Supremo Architecto do universo, quem trabalhou.

Tem o monte do Calvario um lindo ponto

de vista, um grande panorama; para um lado avistam-se as antigas ameias, e os derrocados muros do antigo castello de Torres Vedras, recordação historica de tantas acções; aqui não existe uma pedra que não seja um aggregado de glorias, não ha um palmo de terra que não seja uma testemunha muda de alguma nobre acção militar; além avista-se o asylo de Runa, onde existem, vergando com o peso dos annos, e de muitos trabalhos, corajosos militares, que muitas vezes expozeram as suas vidas a grandes perigos, e não poucas verteram sangue em defeza da nossa patria; mais além extensas cordilheiras cobertas de verdura, olivaes e vinhas e para todos os lados que se olhe avista-se um grande numero de grandes e pequenas povoações.

—

No meio de uma extensa charneca, entre os logares do Meixial (ou Ameixial) e Ramalhal, está o *palacio e quinta da Bugalheira*, hoje quasi sempre deshabitado, mas que em outros tempos, foi por muit as vezes habitado por varios membros da nossa familia real.

Tem uma ermida, dedicada a S. José, ao qual o sr. marquez de Penalva, quando está na sua quinta das Lapas, lhe costuma fazer brilhantes festas, concorridissimas pelos povos d'estes sitios.

São bellissimas as vistas que d'aqui se desfructam; porque, além de uma vasta planicie, se descobrem cordilheiras de montanhas, pinheiraes, e mais ao longe, a *Serra da Neve*.

—

Em abril de 1876, se estabeleceu aqui um bom collegio de educação, sob a direcção do sr. Hippolyto de Mattos Cordeiro, que tinha sido dirêctor do *Instituto abrantino*.

—

As chuvas torrenciaes do inverno de 1876 causaram grandes prejuizos n'esta villa.

O Sizandro, que muitas vezes sécca completamente na estiagem, cobriu de agua todas as varzeas das suas margens.

Todas as casas na baixa da villa foram abandonadas. A gente pobre foi recolhida no hospital, onde lhe deram alimento e agasalho. Muitos habitantes foram salvos ás costas por pessoas dedicadas e transportados em carros para sitio seguro. Andaram empregados n'este serviços, sete carros, generosamente emprestados por varios particulares. Os empregados da administração do concelho foram salvos do mesmo modo.

Houve scenas afflictivas. No largo da egreja de S. Miguel, ha umas barraquinhas que serviam de abrigo a uma pobre gente. Quando lhe accudiram dava-lhe já a agua pelos peitos. Imagine-se a sua afflicção.

Os prejuizos foram grandes em vinho, azeite, milho, etc. O campo da Feira Nova, ás portas da Varzea, ficou todo inundado, padecendo immenso os numerosos armazens que alli ha. No lagar do sr. Augusto Miranda, a cheia fez grande destroço; a rua da Olaria, onde elle está estabelecido, parecia um rio de azeite. No armazem do sr. Fivelim, na rua Nova, os cascos e pipas de vinho andaram boiando. A agua n'esta rua chegava á bocca do forno de pão que alli ha.

Ameaçavam ruina varias casas, entre outras a do sr. João dos Reis, edificada recentemente, onde morava o sr. Schiappa, conductor das obras publicas; a do medico, o sr. dr. Mauricio, etc.

Estas inundações teem-se repetido com frequencia, todas as vezes que o Sizandro, de humilde ribeiro, se torna um rio furioso, sahindo do seu leito e alagando as suas margens, é causa de grandes destroços e ruinas.

Em 1876, subiu em alguns pontos á altura de trez metros!

O lençol d'agua estendia-se pelas varzeas do Arial, Ramalhão, Maxial e Ermigeira até Villa Verde, n'uma extensão de cerca de 15 kilometros; proximo d'esta ultima povoação morreu afogado um rapaz que andava apascentando gado.

A importante povoação da Merceana, situada ao sul e nas faldas da serra de S. Matheus, esteve prestes a submergir-se.

Na estrada que vae de Monte Redondo para a Ermigeira, abateu o muro da tapada da quinta das Lapas, n'uma grande extensão, ficando impedido o transito.

Na quinta de Ermigeira, propriedade do sr. visconde de Balsemão, foi completamente

destruido um importante encanamento de agua na extensão de 500 metros.

—

Hoje que, com o rodar dos seculos, as artes como as sciencias, têem progredido, admiramos, por exemplo, a perfeição e o luxo de um livro ricamente encadernado, quando, já ha 300 annos, havia em Portugal quem os possuisse dignos de admiração.

Nas *Obras Inedictas de D. Luiz da Cunha*, livro impresso em 1821, lê-se que o arcebispo de Braga, D. Agostinho de Castro, levou do convento dos frades Agostinhos, da Graça, para o Sanctuario do Populo, onde ainda n'aquelle tempo se conservava, o Breviario por onde resava a sr.ª Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel, edificadora do convento do Barro, proximo a Torres Vedras.

«Esta obra, (diz o mencionado livro, em referencia ao Breviario) feita de mão de auctor insigne d'aquelles felizes tempos, escripta em pergaminho fino, com vivissimas vinhetas de differentes côres, encadernado em velludo verde, com brochas e guarnições de prata perfumados.»

Isto era no tempo do *obscurantismo*.

—

Na guerra da restauração, foi esta villa, das primeiras que adheriu á revolução de Lisboa, acclamando officialmente D. João IV, no dia 18 de dezembro de 1640; mas o povo já estava em armas contra Philippe IV, desde o dia 10 d'esse mez.

Por essa occasião, o provêdor de Torres Vedras, foi incumbido de hir fazer a acclamação em Alemquer, e declarar extincto o marquezado e senhorio d'esta ultima villa, [1] e annexa a sua comarca, á de Torres Vedras.

—

Do milhão e 700 mil cruzados offerecidos ao rei, pelas côrtes de 1648, coube a Torres Vedras, a quantia de 6:967$140 reis.

Em 1668, por occasião da paz com Castella, deu mais esta villa, 11:984$200 reis, para occorrer a differentes despezas do Estado. Em 1671, deu mais, outra egual quantia de 11:984$200 reis, e em 1674, ainda mais 6:375$974 reis.

—

Antiguidades

Na villa e seu termo, teem apparecido differentes moedas romanas, a maior parte das quaes foram desencaminhadas.

Em 1830, se achou uma moeda de ouro, muito bem conservada, do imperador Trajano, na serra de S. Gião.

Na quinta de *S. Gião d'Entre as Vinhas*, tambem se acharam duas moedas romanas, de cobre, em 1846; mas tão gastas, que apenas se podia lêr em uma — I M P, de um lado, e do outro, o busto de um guerreiro, coroado com um ramo de louro, e as letras T V S — e na outra, se via um busto egual ao da primeira, e só se podia ler — HISPANI.

No *Casal da Broeira*, 3 kilometros ao Oeste da villa, se achou, em 1850, uma moeda de prata, do imperador Augusto, muito bem conservada.

Na *quinta da Ribeira de Maria Affonso*, se achou em 1856, outra de prata, muito bem conservada, do imperador Galba.

Em 1858, se achou, junto ao logar da Ordasqueira, 3 kilometros a Este da villa, outra de Justino, imperador do Oriente, muito bem conservada.

Por estas immediações, appareceram varias outras de cobre, que não menciono, pelo seu pouco valor, e por serem eguaes a um grande numero d'ellas, mencionadas em varias partes d'esta obra.

Na mesma quinta de S. Gião d'Entre as Vinhas, proximo á ermida d'este santo, em uma escavação feita em 1846, se acharam muitas *talhas* grandes, de barro, cosido, tendo as boccas tapadas com discos de pedra. Tambem alli se acharam, por essa occasião, varios pequenos vasos, de barro, com duas azas, cheios de cinzas de cadaveres queimados, achando-se entre ellas, pequenas fracções de ossos e dentes: e dentro d'estes vasos, uma especie de garrafas, mui-

[1] D. Diogo da Silva Menezes, tinha sido feito 2.º marquez de Alemquer, por D. Philippe 3.º, em 1616. Passou para o serviço de D. Philippe IV, que o fez conde de Salinas (Castella) mas assignou-se sempre *marquez de Alemquer e conde de Salinas*. (Vide 1.º vol., pag. 96, col. 2.ª).

to estreitas e compridas, (*vasos lacrimatorios.*)

Estas talhas, são de extraordinaria grossura, tendo duas pequenas azas, nas quaes não póde caber a mão de um homem. Junto com as cinzas, se acharam dentro das talhas, alguns anneis, com pedras engastadas, e varias moedas de cobre.

São em grande numero os monumentos romanos achados n'esta quinta e suas immediações : mencionarei os principaes :

As ruinas de um antiquissimo edificio, de cantaria lavrada, achado em uma escavação, feita ha poucos annos, no casal do Outeiro, contiguo á dita quinta, e proximo á ermida.

Junto ás casas da mesma quinta, se teem achado, em differentes épocas, muitas sepulturas, algumas das quaes ainda continham ossadas humanas ; porém estas sepulturas, pela sua esquisita fórma, parecem de construcção anterior ao dominio dos romanos.

Estas descobertas, provam que por as immediações da ermida de S. Gião, existiu, em tempos remotissimos, uma povoação bastante extensa, habitada por uma raça d'homens cuja denominação, usos e costumes nos são totalmente desconhecidos.

Em uma valla que se abriu, em 1858, ao Sul da estrada que vae para o logar da *Ponte do Rol*, e ainda proximo á mesma quinta, se acharam soterrados, varios fornos de coser pão, e o pavimento de uma casa, feita de pedras de cantaria, quadradas. E logo proximo, no sitio chamado *Barreira da Sapateira*, proximo á *Ponte da Madeira*, sobre o Sizandro, em uma escavação feita ha poucos annos, se acharam grande numero de ossadas humanas.

Varias outras *talhas* com cinzas, e vasos lacrimatorios, de diversas fórmas, foram achados, proximo á aldeia de *Matacães*, em uma terra chamada *Moirinha*, junto á *Cruz da Prata*, por occasião de uma sorriba.

Grande quantidade das mesmas talhas, ou urnas, se acharam no *casal de Bussicólos*, da freguezia de Runa, e proximo á aldeia de Figueiredo, a uns 9 kilometros de Torres Vedras.

Na quinta das *Casas Novas*, perto do logar da Figueira, freguezia da Azoeira, que foi termo de Torres Vedras—tambem se acharam algumas sepulturas romanas, com os seus competentes vasos lacrimatorios, e varias medalhas.

No sitio dos *Bolores*, longe do povoado, se acharam muitas sepulturas, que eram caixões feitos com lageas avulsas, conservando ainda as ossadas. Estavam em uma pequena matta, ao Oeste do Varatojo.

Na *Azenha da Palha*, ao Oeste de Runa, e em *Santa Cruz de Riba-Mar*, tambem teem apparecido d'estas sepulturas.

Na *quinta da Rainha*, freguezia da Carvoeira, existem duas lapides, com inscripções romanas. A 1.ª diz :

D. M.
Q. FABI. F. ESTIVI.
AN. XL. ET.
Q. FABI. EVELPISII. FRATR.
AN. XXX. SIIIS. URBE. ITALI.
Q. FABIVS. ZOZIMUS. PRAE.
F. C.
L. 2.

Quer dizer :

Memoria consagrada aos deuses dos mortos. Quinto Fabio Zozimo, governador, fez construir esta sepultura, a Quinto Fabio, filho de Estivo, de 40 annos de edade, cidadão da cidade de Italia. [1]

A 2.ª, diz ;

DIS. MANIBVS.
Q. GAI. C. III. Q. I. GAL. C. III.
AN, I. AEDILIS. AN. XXXX.
M. GAI. C. III. O. I. GAI. AVIII. AN. XVIII.
JVLIA. M. E. MARCILIA. MARIIO.
OPTIMO . . . IIII. Θ. PIISSIMO. DE SVO. FECIT.

Parece dizer :

Memoria consagrada aos deuses dos mortos. Quinto Gaio, consul a 3.ª vez ; questor, a 1.ª ; filho de Gaio Calpurnio, que foi trez vezes consul, e um anno edil, de edade de 40 annos. Marco Galo, trez vezes consul da 1.ª ordem, filho de Gaio Avito, de edade de

[1] Italia, era uma cidade romana, junto a Sevilha, e patria de alguns imperadores romanos.

18 annos. Julla Marcilia, filha de Mario, a fez pôr (a memoria) á sua custa, a seu piedosissimo e optimo marido, da 4.ª ordem.

Na parede exterior, ao lado da porta travessa da egreja matriz, de Matacães, se vê uma lapide com inscripção latina, da qual ápenas se póde lêr o seguinte:

D. M.
C..... A.... .. D.
AVITA AN. XVII.
H. S. E.
JVLIA. M. F. C.

Quer dizer:

Consagrada aos deuses dos mortos..... Aqui foi sepultada Avita, de 27 annos. Julia *Marcilia* (?) mandou fazer esta memoria.

Na quinta da Rainha, existe uma lapide com esta inscripção:

Q. CAE. III. Q. I. GAI. CA. C. III. AN. I. AEDILIS.
AN. IXXXX
M. CAICILI. Q. I. CAI. AVITI. AN. XVIII.
IVLIA M. E. MARCILIA. MARIIO. OPTIMO.
FILIO. PIISSIMO. DE SVO. FECIT.

Quer dizer:

Quinto Cecilio, consul pela 3.ª vez, questor a 1.ª, filho de Caio Calpurnio, que foi trez vezes consul, e um anno edil, de 41 annos de edade. Marco Cecilio, questor a 1.ª vez, filho de Caio Avito, de 18 annos de edade. Julia Marcilia, filha de Mario, mandou, á sua custa, fazer esta lapide, dedicada á memoria de seu optimo marido, e do seu piissimo filho.

Na capella-mór da ermida de S. João, junto e ao S. E. da villa, está embebida na parede exterior, servindo-lhe de alicerce, uma lapide, descoberta em 1847 (porque estava mais baixa que o terreno) e com esta inscripção:

M. IVLIO. M. F. CA.
CRESCENTI
L. VALERIVS. . ARCOS. SOCR.
EX. T. C. S. T. T. L.

Parece dizer:

Lucio Valerio, [1] *arcobricense*, seu sogro, por testamento, mandou pôr esta lapide, á memoria de Marco Julio Caio Crescente, filho de Marco. A terra te seja leve.

Tambem em 1847, na antiquissima ermida de *S. Gião d'Entre as Vinhas*, 1:500 metros a Oeste d'esta villa, por occasião de ser reedificada, se achou uma lapide, com esta inscripção:

IVLIA C. F. TON.
CETA . ANN. . XX.
H . S. . E . IVLIA . I .
F . AMOENA . AA.
TER. . F. . C.

Pouco mais ou menos — *A Julia Tonceta, filha de Caio, de 20 annos de edade. Julia Amena, sua mãe; filha de Julio, mandou fazer esta memoria.*

Parece ser uma lapide sepulchral, mas falta-lhe a formula — H. S. E. — S. T. T. L.

O Rev.mo Padre Carlos Rademaker, possue esta lapide, que lh'a deu a proprietaria da quinta de S. Gião.

—

Os montes que cercam a villa, são — ao Norte e a pequena distancia d'ella, o de *S. Vicente*, — ao Sul, o do *Cá-te-fica*, o do *Barro*, e a *Serra da Villa*, sobranceira ao formoso valle da *Varzea Grande* — ao Este, as serras *d'Almofalla*, dos *Cucos*, e do *Carrascal* — ao Oeste, a serra do *Varatojo*.

—

Pestes

Apezar da sulubridade d'esta villa e seus arredores, teem aqui havido varias epidemias, e, se não tão mortiferas como em outras partes, mesmo assim, teem causado bastantes fallecimentos.

Citarei as de que ha mais certas noticias.

1569, a chamada em Torres Vedras — *peste grande*. (Vide 4.º vol. pag. 112, col. 1.ª pr.)

1580, a *peste pequena* — foi menos mortifera.

1597 a 1598 — Vide no citado vol. e pag., col. 2.ª

1810 — morreu tanta gente d'este contagio, que foi precizo benzer-se um vasto terreno, junto á egreja de S. Miguel, para servir de cemiterio.

[1] Lucio Valerio seria natural da povoação de Arcobriga, hoje villa dos Arcos de Valle de Vez? — Vide 1.º vol., pag. 235, col. 1.ª.

1857 — a *febre amarella.* Só morreram duas pessoas, e essas mesmas, porque trouxeram o mal de Lisboa, que felizmente se não communicou a mais ninguem.

E' provavel que as differentes epidemias que grassaram por quasi todo o reino, e principalmente a denominada *Morteidade*, ou *peste grande*, que houve no reino, em 1348, tambem chegassem a esta villa, mas não consta isso de nenhum documento. (Vide 4.º vol., pag. 388, col. 1.ª e 2.ª — e 5.º vol., pag. 551, col 2.ª).

—

O sino actual do relogio da villa, foi fundido em 1739, e a torre em que elle está, foi reedificada em 1763-1764.

—

Visitas reaes

Varios soberanos, e em differentes épocas, teem visitado esta villa, e alguns reis e rainhas aqui teem residido temporariamente. Mencionarei o que consta a este respeito.

Por 36 vezes aqui teem estado os reis de Portugal; vem a ser — em

1148 — D. Affonso Henriques, quando resgatou Torres Vedras, do poder dos mouros.

1287 — A rainha Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz, quando foi de Lisboa para Coimbra.

1300 — D. Diniz 1.º — esteve aqui em outubro, demorando-se alguns dias.

1305 — A rainha Santa Isabel, em março e abril.

1318 — A mesma rainha, aqui esteve em maio.

1318 — O mesmo D. Diniz, em junho, datando então d'aqui a sua lei, que foi depois encorporada no *Cod. Aff.*, livro 5.º, tit. 51. Voltou em outubro do mesmo anno, quando mandou edificar a egreja de S. Diniz, em *Porto Novo*, junto a Pena Firme.

1355 — D. Affonso IV — e d'aqui datou a lei de 12 de março d'este anno (era 1393 de Cesar) que se encorporou no *Cod. Affons.*, livro 5.º, tit. 59, §. 11.

1365 — D. Pedro I, em abril, demorando-se trez dias.

1367 — D. Fernando I, passando aqui quasi todo o mez de abril.

1375 — O mesmo D. Fernando, em dezembro, assistindo á festa do Natal.

1384 — 1385 — O Mestre de Aviz, depois rei, D. João I. — Veio pôr cerco a esta villa, sendo seu alcaide-mór, João Duque, castelhano. [1] Durou o sitio, desde 10 de dezembro de 1384, até 15 de fevereiro de 1385. Não podendo tomar Torres Vedras, retirou para Coimbra. Muitos individuos d'esta villa, eram então partidarios de Castella, pelo que o Mestre d'Aviz lhes confiscou os bens, dando-os a Vasco Martins da Cunha, *o Moço*. (*Monarch. Lus.*, parte 8.ª, pag. 594.) A João Rodrigues, da Ribaldeira, deu tambem então as rendas dos judeus de Torres Vedras. (Pag. 624 da mesma *Monarch. Lus.*)

1385 — D. João I, de Castella. Depois de ter estado cercando Lisboa, por espaço de cinco mezes, sem poder tomar esta cidade, e tendo perdido muita gente, morta nos combates e da peste, retira no principio d'este anno para Torres Vedras, e d'aqui para Santarem. De lá foi á Hespanha reunir um grande exercito, com que entrou novamente em Portugal, em julho do mesmo anno, dando a batalha e soffrendo a grande derrota de Aljubarrota, que o obrigou a fugir para Castella, a *unhas de cavallo.* (Vide *Aljubarrota.*)

1413 — D. João I, quando aqui fez reunir um conselho, para deliberar sobre a empreza de Africa; e, como teve muitos votos em contrario, deixou esquecer isto, e, em 1415, com os seus dous filhos mais velhos, e um soffrivel exer-

[1] Este João Duque, quando o rei castelhano tornou a Portugal, em 1385, se foi reunir a elle, com a gente que pôde tirar de Torres Vedras, e morreu a 14 d'agosto d'esse anno, na batalha de Aljubarrota.

cito, passa a Africa, e conquista Ceuta, a 14 de agosto d'esse anno.

1433 — D. Duarte I — d'aqui datou, em 13 de abril, uma lei, que se encorporou no *Cod. Affons.*

1434 — O mesmo soberano, com sua mulher, a rainha Dona Leonor, que a 18 de setembro d'este anno, aqui teve uma filha, a infanta D. Leonor, como fica dito.

1436 — O mesmo D. Duarte. D'aqui datou a lei de 2 de outubro d'este anno, que tambem se encorporou no *Cod. Affons*

1441 — O infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de seu sobrinho, D. Afso V — Tendo então logar aqui a convocação das côrtes, para decidirem sobre o casamento de Dona Isabel, filha do regente, com seu primo, o rei — e sobre outros objectos, relativos ao bom governo do reino. (Vide 2.º vol., pag. 395, col. 1.ª.)

1493 — D. João 2.º — Chegando aqui logo depois da Paschoa, residiu n'esta villa por mais de trez mezes.

1496 — O rei D. Manoel, aqui esteve durante os mezes de agosto, setembro e outubro, e aqui recebeu a embaixada da então poderosa Republica de Veneza, como fica dito.

1497 — O mesmo monarcha, que d'aqui datou varios diplomas.

1518 — Ainda o mesmo soberano, que de Torres Vedras datou varios documentos.

1525 — D. João 3.º, demorando-se aqui alguns dias, elevando Torres Vedras á cathegoria de comarca.

1652 — D. João IV, demorando-se aqui alguns dias, na sua volta da praça de Peniche. Como o palacio real chamado *novo*, já estava bastante arruinado, habitou na residencia do prior de S. Pedro, contigua á egreja.

1728 — D. João V, em visita ao seu distincto valido, frei Gaspar da Encarnação, quando este era noviço no mosteiro do Varatojo.

1730 — O mesmo D. João V, para assistir ao acto da profissão do dito frei Gaspar da Encarnação, indo d'aqui para Mafra, assistir á sagração da Basilica d'esta villa, que se realisou a 17 de novembro d'esse anno.

1760? — D. José I, quando foi para as Caldas da Rainha.

1782 — D. Maria I, seu marido e tio, D. Pedro III, e toda a familia real. N'esta jornada, descançaram e jantaram, na quinta da Bugalheira (pertencente á casa dos marquezes d'Alegrête) e que fica sobre a estrada das Caldas da Rainha, e a 9 kil. de Torres Vedras.

1797 — O principe regente, depois, rei, D. João VI, vindo do palacio de Mafra, visitar esta villa de Torres Vedras, e o seminario de Varatojo, no mez de outubro.

1806 — O mesmo principe regente: tanto na sua hida para Peniche, como na volta d'esta praça, em 6 de agosto d'esse anno.

1825 — O mesmo, porém já rei de Portugal, desde 20 de março de 1816. Regressava das Caldas da Rainha, de visitar sua filha, a infanta D. Isabel Maria.

Tinha por aqui passado dias antes, vindo de Mafra, em direcção á villa das Caldas, mas era de noite, pelo que passou sem ser visto senão por muito pouca gente da villa.

1830 — O sr. D. Miguel I, em 12 de agosto, vindo do seu palacio de Mafra, quando foi ver os magestosos conventos de Alcobaça e Batalha.

Foi recebido em Torres Vedras, debaixo de *arcos triumphaes*, tocando, nos trez que se constituiram ao cimo da rua da Olaria, no largo da Graça, a musica d'esta villa; e subindo ao ar, muitas girandolas de foguetes, e todas as mais demonstrações de regosijo publico, como é de costume em taes occasiões.

A camara, as auctoridades e magistrados da villa, e immensa multidão de povo d'ella e arredores, o estavam esperando junto ao magnifico arco que se tinha feito á Porta da Varzea, e á sua chegada, a multidão rompeu nos

mais espontaneos e enthusiasticos vivas e acclamações.

O sr. D. Miguel I, era adorado, desde creança, por quasi todos os portuguezes; mas, para desgraça d'elles e sua, não se soube aproveitar d'esta circumstancia!

1833 — O mesmo soberano, em setembro, vindo do cêrco do Porto (ou, para melhor dizer, de Braga, que foi a sua *Cápua!*) para o assedio de Lisboa.

Descançou então, algumas horas, nas casas da *quinta do França*, que é logo á saïda da villa, sobre a estrada real de Mafra.

1848 — O sr. D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, esposo da sr.ª D. Maria II.

Vinha acompanhado dos seus ajudantes d'ordens e do marechal Saldanha.

Entrou no hospital da Misericordia, deixando-lhe 10$000 réis de esmola.

Por esta occasião, foi vêr o castello, o forte de S. Vicente e o mosteiro do Varatojo.

1852 — A sr.ª D. Maria II — Passou aqui no 1.º de junho, mas sem parar um unico momento, [1] quando regressava do seu passeio ás provincias do norte, acompanhada por seu marido, e pelos então infantes e depois reis, os srs. D. Pedro e D. Luiz.

Tinham pernoitado no real asylo de Runa, e foram para Mafra.

1859 — O sr. D. Pedro V, e sua esposa, a virtuosa rainha D. Estephania, acompanhados pelo sr. infante D. Luiz, hoje rei, e pelo príncipe de Galles, herdeiro do throno da Grã-Bretanha.

Foram vêr o forte de S. Vicente, que a camara, prevenida d'esta visita, tinha mandado reparar em parte.

Passou por baixo de varios *arcos* triumphaes, ao som de musica, e ao estrondo de foguetes, estando os vereadores e auctoridades esperando-o ao arco que se havia feito á Porta da Varzea, lendo ahi, o presidente da camara, uma arenga laudatoria, que pouco se ouviu.

Os reaes viajantes se dirigiram á egreja de S. Pedro, onde foram recebidos debaixo do palio. Fizeram oração e assistiram ao hymno *Te-Deum laudamus*, e d'aqui foram para a casa da camara, onde os esperava uma refeição que tinha vindo do real palacio de Mafra.

Visitaram o hospital da Misericordia, e o sr. D. Pedro, com a sua caridade proverbial, foi á cabeceira de todos os doentes, fallando-lhe com o maior carinho.

Foi tambem á egreja da Misericordia, onde orou com devoção e recolhimento (como tinha feito na egreja de Nossa Senhora do Amial, quando regressou do forte de S. Vicente) porque este virtuoso rei, nunca, em parte alguma, se envergonhou de ser catholico.

Deixou de esmolas, para o cofre da Misericordia, 40$000 réis — para os doentes, 20$000 réis — para os presos, 4$500 réis — e para distribuir pelos pobres das quatro freguezias da villa, 90$000 réis.

1860 — O mesmo soberano aqui esteve no 1.º de setembro (um anno e 10 dias antes da sua morte.) Vinha de visitar a praça de Peniche, para onde tinha hido de Mafra, no dia antecedente, pela estrada da beira-mar.

D'esta vez não houve tão grandes demonstrações de regozijo, pela rapidez e imprevisto da chegada e da partida.

Além das visitas que ficam mencionadas, por muitas vezes aqui estiveram differentes rainhas, donatarias da villa, principal-

---

[1] A rainha não vinha satisfeita com a recepção que lhe tinham feito em varias partes, pelo que passou por muitas povoações em que era esperada com demonstrações de jubilo, sem attender a ellas, e sem se demorar nem um instante. Herdou este *bello* costume, de seu tio! O sr. D. Miguel, era esperado tambem, nas povoações e pelas estradas, pelas camaras e povo, com musicas, arcos, foguetes, etc., e hia sempre correndo a *toda a brida*, sem nada se importar com isto!...

mente D. Beatriz, mulher de D. Affonso III, que gostava muito d'esta villa, e a visitava com frequencia, e aqui residia, ás vezes, muitas semanas, nos paços que mandára construir, e que depois se chamaram *paços velhos*, como já vimos.

—

Factos historicos

No dia 6 de dezembro de 1807, foi esta villa invadida por duas brigadas buonapartistas, commandadas por Charlot, e obrigados os seus habitantes a fornecerem-lhes quarteis e alimentos.

Passados poucos dias, os regimentos 12 e 15, jacobinos, sob as ordens do dito Charlot, aqui vieram estabelecer os seus quarteis. Póde fazer-se idéa do que o povo soffreu com a estada aqui, de semelhantes malvados.

Sahindo para outras localidades, nem por isso a villa ficou livre de francezes, pois eram frequentes as visitas de varios destacamentos.

—

Em 1808, deram estas hordas de ladrões *saque geral* ás pratas das egrejas, ermidas e mosteiros de Portugal.

Do concelho de Torres Vedras, receberam 5:469 marcos e 5 onças de prata; e uma onça, 5 oitavas e 36 grãos de ouro, tudo no valor de 35 contos de réis.

Na chamada *contribuição de guerra*, imposta por essa occasião, á classe commercial, coube a este concelho a quantia de 3:000$000 réis; e á comarca 8 contos.

—

Em 6 de Junho d'este anno de 1808, as tropas hespanholas do general Taranco, que estavam no Porto como alliados dos francezes, sabendo da traiçoeira prisão da sua familia real, por Buonaparte, sáem da cidade em direcção á Hespanha, e de nossos inimigos se tornam fieis alliados.

Em Bragança é acclamado o principe regente (depois D. João VI) e Traz-os-Montes e Minho, com a cidade do Porto, seguem o *movimento* restaurador.

Em breve o resto do reino—onde os francezes não tinham fortes guarnições — proclamava tambem a independencia.

Em Torres Vedras, soube-se que em Leiria se tinha já feito a acclamação, e o povo esperava com impaciencia, o momento de o poder effectuar.

Poucos dias depois, consta que Dalrimple e Wellesley tinham desembarcado com as suas tropas, nas praias da Figueira e outras, o que encheu de alegria os torrejanos.

De repente, na tarde de 17 de agosto, sabe-se que os francezes tinham sido derrotados na *Roliça* — ou mais propriamente, na *Azambujeira dos Carros* — (vide 8.º vol., pag, 224, col. 1.ª).

O general francez Delaborde, com os restos das suas tropas, passa em retirada pela quinta da Bugalheira, em direcção a Runa, onde descançam poucas horas, marchando pelo *caminho da Cabeça*; mas toda a noute passavam por esta villa, soldados francezes dispersos e estropiados.

Quando o povo esperava que no dia seguinte, entrassem os alliados, chega uma ordem do trucolento Junot, para que se apromptassem viveres e forragens para todo o exercito, e, pelas 3 horas da tarde, o mesmo Junot entra na villa, com todo o seu estado-maior, e uma forte escolta de cavallaria, que immediatamente occupou todas as avenidas da povoação, não deixando sahir ninguem sem passaporte do governador da praça.

Os officiaes de estado maior, aquartelaram-se na villa, e as tropas que foram chegando pouco a pouco, acamparam nos arrabaldes.

Por esta occasião muitos *jacobinos portuguezes*, aqui se vieram reunir aos francezes, para se subtrahirem á justa vingança das suas victimas.

O exercito francez contava 20:000 homens, além do grande numero de aggregados. Junot, mandou publicar pela villa, um pregão, para que todos os seus habitantes e os dos arrabáldes apresentassem **todos** os comestíveis e forragens que tivessem, procedendo-se a um rigoroso exame, *impondo a pena de morte e o incendio das casas, àquel-*

les que subtrahissem qualquer genero alimenticio.

No dia 19 de Agosto, sahiu pela estrada da Lourinhan o Junot e outros generaes (entrando n'este numero Delaborde — o derrotado na Roliça — que se lhe havia reunido) com seus repectivos ajudantes d'ordens, para observarem a situação do exercito alliado.

Souberam então pelos seus espiões, que nas aguas de Peniche, Consolação, S. Bernardo, Paymogo, etc. estava o mar coberto de transportes inglezes, e que o exercito alliado estava acampado no Vimieiro e suas immediações.

Regressaram a Torres Vedras, e na tarde seguinte (20) fez reunir os generaes em conselho, e, em resultado da sua decisão, logo pelas 5 horas da tarde d'esse mesmo dia, todo o exercito francez, marchou pela estrada da Lourinhan, na intenção de atacar os alliados, no seu acampamento.

Pelas 9 horas da manhan do dia seguinte (21) principiou-se a ouvir troar a artilheria na direcção do Vimieiro, e pouco depois chegaram á villa alguns jacobinos com a noticia de que os alliados tinham soffrido uma grande derrota; mas em breve alguns soldados feridos e os que os escoltavam, confessaram que o exercito francez tinha sido derrotado.

Na noite d'esse dia 21, principiou a chegar o exercito francez, acampando nos mesmos logares que tinha occupado antes da batalha.

Foi tão grande a derrota d'estes soldados piratas, que algumas companhias chegaram commandadas por cabos de esquadra, por terem morrido, ou ficado prisioneiros, os seus officiaes e sargentos.

O grande trem de artilheria com que tinham sahido d'esta villa, chegou, reduzido a tres bôccas de fogo!

Apesar d'isto, Junot obrigou os habitantes da villa a illuminarem as suas casas, pela grande victoria que — dizia elle — tinha obtido no Vimieiro; e o imprudente *La Garde* (um dos maiores ladrões que tinha o exercito francez) mandava ao juiz ordinario um officio, com o *Boletim do exercito*, dizendo-lhe que só acreditasse o que elle dizia.

Apezar d'estas ridiculas imposturas, logo no dia 22, em resultado do conselho de guerra, presidido por Junot, pediram os jacobinos a capitulação, que lhe foi concedida.

O mais que respeita a este facto historico fica apontado n'este volume, col. 1.ª de pag. 202, e vae mais circumstanciadamente narrado na palavra *Vimieiro*, o 2.º

Nos preliminares da capitulação, foi o Sizandro julgado linha de separação entre os dous exercitos, ficando esta villa neutral.

O exercito alliado chega ás alturas do Amial e do Ramalhal, e muitos dos seus aggregados chegaram á villla, cujos habitantes patentearam o seu jubilo par todas as demonstrações do costume, e as suas auctoridades, foram immediatamente comprimentar os generaes inglezes.

As tropas britannicas vieram occupar as alturas ao N. e ao N.O. da villa, desde o logar de *Sarges*, até á planicie que fica a S.E. da aldeia do Paúl, na baixa do monte do Varatojo, a 2 kilometros da villa.

Ao mesmo tempo, a brilhante divisão portugueza, se adiantou pelo flanco direito, saindo da Lourinhan para o logar da Encarnação, d'onde marchou para Mafra, marchando o exercito inglez escalonado, pelas estradas de Sobral do Monte Agraço, Bucellas, Enxara dos Cavalleiros e d'ahi para Lisboa.

A divisão portugueza, desgostosa com a inqualificavel convenção, chamada de Cintra, queria perseguir os francezes, até ao seu total exterminio, porém o general Bernardim Freire, poude conter as suas tropas e a desastrosa convenção foi levada a effeito.

Vê-se pois, que com pequeno intervallo, tres exercitos, (francez, inglez e portuguez) occuparam esta villa e seus arrabaldes, causando grande destruição nos fructos; mas o anno de 1808 foi tão abundante, que os habitantes d'estas terras não soffreram falta de productos agricolas.

Grandes foram as demonstrações de alegria dadas pelos habitantes d'esta villa, á restauração de Portugal, illuminando por muitas noites successivas as suas casas, fazendo pomposas festas de egreja e outras.

—

A *Junta suprema do governo do reino* mandou aqui o tenente coronel do Real Corpo de Engenheiros, Cypriano José da Silva, acompanhado de um tenente do mesmo corpo, para procederem á reconstrucção das antigas obras de defeza, no que se empregaram alguns mezes, mesmo antes da construcção das famosas *Linhas de Lisboa.*

Por esta occasião, se organisou aqui um corpo de artilheria de 3.ª linha, que veio a fazer grandes serviços á patria, e que mereceram, não só os devidos elogios do povo, mas os do governo, como se póde vêr nas ordens do dia de 3 de maio de 1811 e 16 de abril de 1813.

—

Em 4 de outubro de 1810, se espalhou na villa a noticta de que o exercito alliado retirava para Lisboa, depois das batalhas do Bussaco, o que aterrou os seus habitantes, muitos dos quaes fugiram para a capital, apezar das grandes fortificações que defendiam Torres Vedras.

Felizmente os francezes estacaram a 12 kilometros da villa, e apenas alguns piquetes chegaram, em *reconhecimento,* á distancia de 3 kilometros.

Por este tempo a villa e seus arrabaldes foram cobertos de tropas portuguezas e inglezas.

A chuva torrencial que cahiu nos dias 7 e 8 de outubro d'esse anno de 1810, obrigou as tropas a recolherem-se nas casas da villa (pela maior parte abandonadas.)

Os soldados portuguezes e inglezes, não só devoravam os fructos que ainda estavam pelos campos, principalmente, vinho e azeite, como os que havia nos celleiros publicos e particulares.

Não se limitaram a isto, pois saquearam a maior parte das casas (roubando até a sua mobilia) e destruiram os cartorios publicos e livrarias particulares.

Os soldados inglezes (e mesmo muitos dos portuguezes!) saquearam as egrejas da villa, de modo que, á exepção da da Misericordia, n'ellas se interrompeu o culto divino. Os seus archivos foram destruidos; os templos estavam servindo de quarteis militares, e alguns até reduzidos a açougues.

Quando os francezes retiraram, a 14 de novembro, para Leiria e Santarem, o vigario da vara, obteve do general inglez, governador d'esta praça, que se despejasse a egreja de S. Pedro, por ser mais central, a qual, d'esde 2 de fevereiro de 1811, ficou servindo de parochial de todas as freguezias da villa, d'onde cada parocho administrava os sacramentos aos seus freguezes.

As outras egrejas matrizes, se foram despejando e purificando, tratando-se com solicitude dos seus reparos, de maneira que se abriram ao culto, no domingo de Paschoella.

Foi por esta occasião que teve logar o contagio que fica referido em outro logar, e ao qual deveu origem a miseria causada pela guerra.

Além de outras providencias, tomadas para se extinguir este contagio, a Inglaterra fez aos habitantes d'esta villa e arrrabaldes, varios donativos, que todos attingiram a somma total de 8:200$000 réis, e 300 pares de cobertores.

O cardeal patriarcha, eleito de Lisboa, D. Antonio de S. José de Castro, filho natural do conde de Rézende (4.º vol., pag. 278, col. 2.ª no fim) mandou 180 alqueires de trigo, para serem distribuidos pelos pobres mais necessitados.

A Regencia, mandou ferro para os carros dos lavradores pobres, e no anno seguinte (1812) 240 alqueires de milho para sementes e para os doentes pobres; e pouco depois 600 alqueires de trigo, e outros 600 alqueires de cevada, por emprestimo tambem para sementes.

O donativo dos 8:200$000 réis do governo britannico, foi assim distribuido —

Pelos habitantes pobres do concelho	1:000$000
Para o hospital da Misericordia	400$000
Para o Hospital da Aldeia Gallega da Merceana...	400$000
Para o hospital de Arruda dos Vinhos	600$000
	2:400$000

Transporte....	2:400$000
Para os habitantes da villa d'Arruda.....	880$000
Para os habitantes de Pêro Pinheiro, freguezia da Sapataria	270$000
Para os orphãos desamparados, do concelho de Torres Vedras	800$000
Para os mesmos, mais [1] ..	1:000$000
Para a roda dos expostos.	200$000
Para os lavradores pobres da comarca [2].....	494$900
Somma...	6:044$900

O resto do donativo (2:155$100 réis, foi repartido pelos pobres mais necessitados do termo do Torres Vedras.

Hospitaes e Albergarias

Houve antigamente n'esta villa um hospital, da invocação do *Espirito Santo.* [3] Ignora-se quando e por quem foi fundado, só se sabe que o foi em eras remotas, e que, além de outros fundos, possuia umas boas casas, sufficientes para n'ellas serem tratados alguns doentes.

Ainda era florescente, quando o rei D. Manoel estabeleceu as irmandades da Misericordia, por todo o reino.

Por uma carta d'este monarcha, datada d'Evora, a 26 de Julho de 1520, se mandou estabelecer nas taes casas do antigo hospital, a nova irmandade da Misericordia, passando para esta, todos os bens e rendas do Espirito Santo — o da *Confraria das ovelhas dos pobres* (instituindo *mistico* com a egreja de Santa Maria do Castello, e tambem antiquissimo) — o de São Gião (instituido pelos sapateiros d'esta villa, em 1359, com seu (*compromisso*) [1] — e o tambem antigó hospital do Machial.

Note-se que, quando o hospital do Espirito Santo se constituiu em Hospital de Misericordia, já a ella estava incorporado outro antiquissimo hospital chamado de *Santa Maria dos Farpados*, que estava no largo de N. Senhora do Rosario, na rectaguarda da egreja de S. Pedro, onde hoje ainda existe a sua ermida.

O hospital do Espirito Santo, tinha de rendimento—347 e meio alqueires de trigo e

---

[1] Este 1:800$000 réis, foi empregado em pensões para ensino de alguns orphãos, a officios mechamicos e para creação e educação de outros.

[2] Esta quantia foi assim distribuida—

Concelho de Torres Vedras.....	109$275
Dito da Ribaldeira (hoje supprimido)	51$150
Dito do Cadaval.....	120$125
Dito de Villa Verde dos Francos (hoje supprimido).....	112$050
Dito do Sobral do Monte Agraço (tambem supprimido).....	102$300
Somma...	494$900

[3] Tenho notado em grande numero de povoações d'este reino, a existencia de antiquissimos hospitaes da invocação do Espirito Santo, que no fim do seculo XV e principio do XVI, se transformaram em *Misericordias*, o que prova que, antes do reinado de D. Manoel, havia em Portugal muitos estabelecimentos de caridade.

[1] O hospital de S. Gião e a sua ermida, que era *mistica*, estavam na chamada *Varzea da Feira* (por aqui se fazer uma feira no dia de S. Pedro) a par de Santa Maria do Amial, da parte direita da rampa por onde se desce para a dita Varzea, depois de passada a *ponte da Mentira.*

Por causa das inundações do Sizandro, foi depois mudado para dentro da villa, na rua hoje chamada dos *Pelomes*, que no tempo d'esta mudança se chamava *Rua de Antão de Oliveira.* A ermida de S. Gião, ainda ficou na Varzea, mas pelo mesmo motivo, a Misericordia a mandou demolir, para com os seus materiaes se fundar a actual, á sahida da villa pela porta da Corredoura, junto á estrada real que vae para Runa e povoações do Riba-Tejo.

Aqui mesmo, por se ter levantado, por vezes, o nivel da calçada, ficou sugeita ás inundações, de modo que, em 1844, estava quasi em completa ruina. A Misericordia a mandou reedificar, sendo entulhada, e a sua porta levantada, para ficar superior á calçada. Em quanto duraram as obras, esteve a imagem do padroeiro, na casa da *Quinta das Covas*, e é proxima.

105 e meio de cevada, 36 almudes de vinho, trez potes de azeite, 2 óvos, 24 gallinhas, 13 frangos, e 11$532 réis em dinheiro.

O da *Confraria das ovelhas dos pobres*, tinha de renda—101 alqueires de trigo, 42 de cevada, 1 carneiro, 2 gallinhas, 2 frangos, e 710 réis em dinheiro.

Alem d'estas rendas, tem tambem varias esmolas e legados, e os sobejos de todos os outros hospitaes e albergarias do termo, depois de satisfeitos todos o seus encargos pios; mas d'estes *sobejos* ha muitos annos que, por desmazêllo, nada se recebe.

Havia tambem man-posteiros nas differentes fréguezias do arciprestrado, nomeados pela Misericordia, que pediam esmolas para ella.

Mais — em todas as egrejas, mosteiros e ermidas da villa e seu termo, havia *arquêtas* (cofres) em que os fieis lançavam esmolas para a *Santa Casa*; e ainda, pelo tempo das colheitas, se pediam esmolas pelas eiras, aos lavradores.

Em tempos antigos, parte das multas ou côimas, impostas pelas justiças, eram para a Misericordia, e até ainda ha poucos annos os irmãos pediam pela villa, esmolas para os presos.

Com estes rendimentos, a que depois se juntaram os da ermida de Nossa Senhora do Amial, em 1595, se sustentaram os encargos da *Santa Casa*, até 1613, anno em que poz algum capital a juro.

Por morte do usofructuario da quinta de *Valle de Gallêgos*, deixada á Misericordia pelo prior da Ventosa, como vimos atraz, fica a Misericordia em um estado florescentissimo.

—

Em 1734, ainda na parede d'esta ermida, existia um tumulo, que se suppõe ser do instituidor.

Com o aterramento da capella, ficou debaixo da terra, e não ha d'elle outro esclarecimento.

Antigamente, fazia o povo de Torres Vedras uma pomposa festividade a S. Gião, com missa solemne; sermão de manhan e de tarde; ladainha; e, depois, varios leilões, cujo producto era applicado para o culto do padroeiro. Havia tambem então, cavalhadas, jogos (*folias*) e outros divertimentos usados n'esse tempo.

Hoje, nem a Misericordia, nem o povo já fazem semelhante festa; nem até já alli se diz missa aos domingos, ao que era obrigada a Misericordia, segundo as obrigações contrahidas quando tomou pósse da ermida e do hospital.

Os rendimentos do hospital e ermida de S. Gião, eram — 31 alqueires de trigo, 4 gallinhas, um frango, e 1$640 réis em dinheiro.

O hospital do Machial, se chamava tambem de *João Gil*, porque o seu instituidor se chamava *João Gil Cuchifel*, e morava com sua mulher (e cofundadora) na aldeia da Ermigeira, freguezia do Machial.

A data da fundação e compromisso d'este hospital, é de 8 de Junho de 1472.

Apezar do rei D. Manoel o ter annexado á Misericordia em 1520, houve opposição, e só se encorporou, de facto, por ordem do governador civil do districto, em 1859.

Sobre a porta principal d'este hospital, ainda se lê esta inscripção—

Então se collocou na parede exterior do lado direito da porta principal, uma lapide, com esta inscripção —

NOC SACELLUM A SUTORIBUS
HUJUS OPPIDI ERECTUM EMPORIO
DIVI PETRI AERA CAESARIS 1397
DEINDE HUC A MISERICORDIA
TRANSLATUM ANNO CHRISTI 1586
AB IPSA INSTAURATUM EST. M. JUNII
1844

Isto é — Esta capella, foi edificada pelos sapateiros d'esta villa, no campo da feira de S. Pedro, na era de Cesar 1397, e depois, transferida para aqui, pela Misericordia, no anno 1586 de J. C., foi pela mesma reedificado em 1844.

Por baixo d'esta lapide, está outra, que era a da antiga ermida. Tem esta inscripção—

ESTE OSPITAL HE OBRIGADO PERA SEMPRE
TER HU CAPELÃ Q. DIGUA MHISA CADA
DOMINGO AOS CÕFRADES DE SÃ GIÃO HEM
A SUA CAPELA E GIRA Ã CLETA
DE INCLINA DNE E FIDELIUM DEVS.

NO AN.º DE 1635
SE REEDIFICOV
ESTE HOSPITAL
DE J.º GIL CVCHIFEL.

—

Pelo decursodo tempo, crescendo o numero dos doentes, que já não cabiam nas duas enfermarias (uma para homens e outra para mulheres) do antigo hospital do Espirito Santo, a Misericordia comprou a casa nobre que lhe ficava contigua, ao sul, e logo para as suas salas se transferiram os doentes.

Depois, foi reformada esta nova casa, com quatro enfermarias: a de medicina, a de cirurgia, a das mulheres, e a dos convalescentes — esta, feita em 1854 — nas quaes ha capacidade para 71 camas.

Tem um medico, que recebe de ordenado 120 alqueires de trigo e 36 de cevada — e dous cirurgiões, cada um com 50 alqueires de trigo e 12 de cevada.

Por uma provisão regia, do principe regente (depois D. João VI) se mandou estabelecer a botica da Misericordia, mas só se cumpriu esta provisão em 1814. Custou á Santa Casa, 1:109$650 réis.

O boticario, recebeu a botica provida de todos os remedios e vasos precisos, por um inventario, e assim deve entregar tudo, no fim do seu contracto. Tem obrigação de dar, gratuitamente, todos os medicamentos necessarios, e a casa lhe dá de gratificação, 70$000 réis annuaes, e lenha para a botica; mas com a obrigação de pagar-lhe os remedios que abonar aos doentes pobres que não estão no hospital, e as bixas para os doentes d'elle. Recebe tambem o custo dos remedios para os doentes que pagam no hospital, o seu tratamento, e dos militares n'elle tratados.

Em cumprimento de legados, a casa dá a 8 de setembro de cada anno, o dote de réis 30$000, e em quinta-feira santa, o de réis 24$000, para casamento de duas orphãs pobres.

O dote de 30$000 réis, é em cumprimento do legado do padre Domingos Francez; mas a casa já deve muitos d'estes dotes, e menos dos de 24$000 réis.

Tem mais obrigação de dar outro dote de 24$000 réis, com a mesma applicação, de 6 em 6 annos. É proveniente do legado que deixou Seraphina Henriques, e é um foro imposto em uma morada de casas que a doadora possuia n'esta villa, e que deixou á Misericordia.

O rendimento annual da Misericordia, regula, termo medio, por 4:300$000 réis, e a despeza, por 3:500$000 réis.

Na verba da despeza, entra o cumprimento de muitos legados pios.

A egreja da Misericordia, é um bom templo, e a sua magestosa sochristia, foi mandada construir pelo provedor que serviu em 1751 e 1752, como consta do inscripção que está sobre o arco que divide a sachristia do lavatorio, e diz —

ESTA OBRA E A DO CORREDOR, MANDOU FAZER
O ILL.mo SNR. NUNU DA SILVA TELLES,
SENDO PROVEDOR,
NO ANNO DE 1751, PARA 52.

Esta inscripção está sobre um retabulo de talha dourada, com as armas dos marquezes de Alegrête, que são — escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, o annel dos Menezes, e no 2.º e 3.º, o leão dos Silvas.

Este Nuno da Silva Telles, era neto do conde de Villar-Maior, Manoel Telles da Silva, que D. Pedro II fez 1.º marquez de Alegrête, em 19 de Agosto de 1687.

Esta inscripção, não é mais do que um acto de servilismo dos irmãos — A obra nem foi feita á custa do tal provedor, nem foi *feita*, mas simplesmente *concluida* no seu tempo, pois que principiou em 1747.

Estando a antiga egreja do Espirito Santo muito arruinada, foi demolida, construindo-se a actual, lançando-se-lhe a primeira pedra, em 19 de março de 1681, e concluindo-se em 1710.

Tem a porta principal virada para o nascente, e recolhida uns 7 metros da face da rua que se chamava do Espirito Santo, e hoje se chama da Misericordia. O seu adro, hoje lageado de pedra, no qual, antes de se fazer o cemiterio proprio e mistico, se enterravam até 1849, as pessoas que morriam no hospital. N'elle, e em frente da porta da

egreja, está uma campa com a inscripção já ilegivel, mas sabe-se que é de Bernardo Simões da Veiga, bemfeitor da casa.

Sobre a porta da egreja, estão as armas reaes, esculpidas em pedra.

O templo é de abobada, de uma só nave, muito claro e magestoso. No côro ha um orgam, feito no seculo XVIII, que custou 300$000 réis.

As paredes interiores da egreja, desde o pavimento até á altura de uns 3 metros, são revestidas de formosos azulejos, com scenas da vida de N. Senhora.

Do corpo da egreja se sobe, por alguns degraus de marmore para a capella-mór, cujo pavimento é lageado de marmore preto e branco, em xadrez; havendo por baixo d'elle, trez carneiros, que se communicam entre sí.

Finalmente, é uma das mais sumptuosas egrejas da Misericordia, do patriarchado.

Sendo prevedor, o principal Silva, tambem da casa de Alegrête, sollicitou e obteve um juiz privativo, para as cobranças das dividas á casa, com privilegio executivo, como a Misericordia de Lisbôa; isto por dous alvarás de D. Maria I, ambos datados de 12 de outubro de 1790, e que estiveram em execução até 1834.

Ha no termo de Torres Vedras, nada menos de 12 albergarias, são nos locaes seguintes — *Aldeia Grande*, na freguezia do Machial — *Fulgarosa*, na freguezia dos Dous Portos — *Ribaldeira*, na mesma freguezia— *Carvoeira* — *Matacães* — *Villa Facaia* — *Ventosa* — *S. Pedro da Cadeira* — *Turcifal* —*Azueira* — *Enxara do Bispo* — e *Torres Vedras*.

Quasi todas estas albergarias teem a sua esmida e casa para o eremitão, que dará agasalho aos transuentes que d'ella se queiram aproveitar, e aos quaes se dará luz, agua, cama e lenha.

Tudo isto acabou com as luzes do seculo, em que ha *associações protectoras de animaes* e se extinguiram estas casas de asylo para homens!

As ermidas d'estas albergarias, estão quasi todas em ruinas, e as casas ou estão desmantelladas, ou se applicaram a outros usos.

O pequeno hospital ou — verdadeiramente *albergaria do Espirito Santo*, do Machial, passou para a Misericordia da villa, juntamente com o hospital, chamado *Grande*, de João Gil Cuchifel.

—

Mais quintas de Torres Vedras e seu termo.

Alem da formosissima *quinta das Lapas*, hoje dos snrs. marquezes de Penalva, e da qual já tratei, ha mais as seguintes —

1.ª — *Quinta da Rainha*. E um praso de vidas, foreira ao real convento de Santa Maria de Cellas, extramuros de Coimbra. Compõe-se de 16 herdades, compradas a differentes possuidores, pelas infantas, santa Sancha, freira em Lorvão, e sua irman, santa Thereza, rainha de Leão, e depois de separada de seu marido, tambem freira em Lorvão; ambas filhas do nosso D. Sancho I (Vide *Lorvão*)

Effectuaram-se estas compras pelas referidas infantas, quando com a abbadessa e mais religiosas d'aquelle convento, residiram na villa de Alemquer, entre os annos 1225 a 1234 (1263 a 1272 da era de Cesar.)

Em uma d'estas 16 herdades, mandou construir a dita santa Thereza, umas casas, que ainda existem, e n'ellas residiu algum tempo, antes de hir para Lorvão. Foi por isso que a esta herdade, que se chamava *Baraçal*, se deu desde então o nome de *A da Rainha*.

A mesma santa Thereza, doou estas herdades ás freiras de Cellas, que as emprazaram todas a João Pedro, Martinho João, e Estevam João, e suas mulheres, sendo abadessa, D. Elvira Lopes, por *carta de foral*, passada aos 3 antes dos idos de setembro (11) da era de 1312 (31 de agosto de 1274 de J. C.) com a obrigação de pagarem ás religiosas, o quarto de todos os fructos que produzissem as mesmas herdades, menos as favas e as ervilhas.

Por este aforamento, ficou a propriedade dividida em trez casaes.

Os liberaes venderam este fôro, que é hoje do sr. José Guaudencio Ferreira Cró, da cidade de Lisboa, que julgo já fallecido.

N'esta quinta teem apparecido algumas lapides com inscripções romanas, que já ficam mencionadas no logar competente.

2.ª — *Quinta da Ribeira de Maria Affonso.* É uma bôa e antiquissima propriedade, hoje do sr. José Felix d'Almeida Carvalhosa. Tambem aqui se achou uma lapide com inscripção romana, da qual já fallei.

3.ª — *Quinta de S. Gião d'entre as vinhas.* Está junto á ermida d'este santo, e nas faldas da serra do mesmo nome.

Teem tambem aqui apparecido objectos antiquissimos, e medalhas romanas, que já ficam mencionadas no paragrapho *Antiguidades.*

4.ª — *Quinta da Bugalheira.* Fica a 8 kilometros da villa, sobre o caminho das Caldas da Rainha. Foi dos marquezes de Alegrête, e é actualmente dos senhores marquezes de Penalva.

Nas casas d'esta quinta, estava hospedada, em 1782, a rainha D. Maria I, seu tio e marido, D. Pedro III, toda a sua real familia, e o seu numeroso sequito.

Em memoria d'esta visita, se collocou sobre a porta da sala em que suas magestades e altezas jantaram, uma lapide, com esta inscripção —

MIARIAE I., ET PETRO III. LUSITÂNIAE REGIBUS,
OMNIQUE REGIAE FAMILIAE, CUM IN
OPPIDUM, CUI A THERENIS NOMEN, ITER
FACERENT, INDEQUE REVERTERENTUR, SEMEL
HIC ITERUMQUE HOSPITIO EXCEPTIS MU-
NIMENTUM HOC MARCHIO DE PENALVA,
ET COMES DE TAROUCA.
POSUERE
OPTIMORUM PRINCIPUM GRATIAM,
DOMUSQUE HUJUS GLORIAM ET
MEMOREM IPSORUM ANIMUM
POSTERIS TESTATURUM ANNO DOMINI
MDLXXXII.

Está quinta e a sua ermida de S. José, são obras de D. Nuno da Silva Telles, thesoureiro-mór da collegiada de Guimarães, sumilher da cortina, de D. João V, reitor da Universidade de Coimbra, deputado do Santo Officio, da Inquisição de Lisboa, e da Mesa da consciencia e ordens, e depois, do conselho do rei e do geral do Santo Officio. Conego da Sé d'Elvas, censor e secretario da Academia real de historia portugueza.

O fundador, annexou toda a fazenda da Bugalheira, ao vinculo de seu sobrinho, D. Fernão Telles da Silva, 5.º conde de Villar-Maior, e 4.º marquez de Alegrête.

5.ª — *Quinta das Fontainhas,* proxima á villa. Pertence á familia de Manoel Agostinho Madeira Torres, auctor da *Descripção historica e economica da villa e termo de Torres Vedras*—impressa em tomo 6.º, parte 1.ª, das *Memorias da Academia real das sciencias de Lisboa,* em 1819.

É um livro curiosissimo, mas sobremaneira confuso e atrapalhado, collocando o mesmo topico em differentes partes da obra; sendo pouco explicito em alguns pontos, e n'outros excessivamente prolixo: todavia, é obra de grande merecimento, e que me serviu de muito para a confecção d'este artigo.

Em 1797, o principe regente — depois D. João VI — sua esposa, a então princeza D. Carlota Joaquina, e seu filho, o infante D. Pedro, descançaram e jantaram n'esta quinta.

Em memoria d'esta honra, Luiz Antonio Madeira, então proprietario da quinta e pae do dito Manoel Agostinho Madeira Torres, mandou gravar em uma lapide de marmore e collocar na casa da quinta, esta inscripção —

SUAS A A. REAES,
O SER.mo PRINCIPE, O SR. D. JOÃO,
E A SR.ma D. CARLOTA JOAQUINA,
E O SR. INFANTE D. PEDRO CARLOS,
JANTARAM N'ESTA QUINTA
NO DIA 16 DE OUTUBRO
DE 1797.

6.ª — *Quinta do Franca.* É logo á sahida da villa, na estrada real que vae para Mafra. Como já ficá dito no § — *Visitas reaes,* aqui esteve em 1833, o sr. D. Miguel I com suas augustas irmans as sr.as infantas, D. Isabel Maria, e D. Maria d'Assumpção.

7.ª — *Quinta da Ribaldeira.* Foi da Rainha D. Brites, filha de Affonso X, de Castella, e 2.ª mulher do nosso D. Affonso III, senhora de Torres Vedras, e fundadora dos *Paços velhos,* e capella real annexa. O rei lhe deu o senhorio de Torres Vedras, e a sua alcaidaria-mór, assim como os padroados das quatro egrejas matrizes, por doação de 22

de Janeiro de 1279, [1] como refere a *Monarchia Lusitana.*

7.ª — *Quinta de Villa Pouca.* É muito antiga. D. Affonso III, deu esta propriedade a seu filho bastardo, D. Affonso Diniz, filho de Maria Pires, da Enxara do Bispo, [2] progenitor dos Souzas, condes de Miranda do Corvo, e outras familias nobres d'este reino. (*Hist. genealogica da casa real,* tomo 6.º, pag. 191.)

Esta quinta foi coutada em 1380, por D. Fernando I, a Affonso Annes Nogueira, filho do *mestre Joanne,* vassallo do mesmo soberano, como o tinha sido a outros fidalgos seus ascendentes, e que procediam do dito D. Affonso Diniz.

A aldeia e quinta da Villa Pouca, são na freguezia da Enxara do Bispo, hoje do concelho de Mafra, mas é no antigo termo de Torres Vedras, por isso a menciono aqui, pois não foi no logar competente.

Esta quinta pertence hoje á casa dos marquezes de Borba, condes do Redondo.

8.ª — *Quinta da Conceição,* e capella annexa, de N. Senhora da Conceição, que lhe dá o nome. Está junto ao logar da Caixaria, freguezia de Dous Portos, ou Ribaldeira, a 9 kil. de Torres Vedras. É uma vasta propriedade, comprehendendo, vinhas, terras de pão, hortas, pomar e uma boa matti. A casa não corresponde á grandeza da quinta, pois é um palacete, ainda por concluir; mas a sua capella é bonita e tem bellos marmores de varias cores. Tem sacrario, no qual está o S. S. Sacramento, quando aqui reside a familia Lavradio, e tem capellão permanente.

Os marquezes do Lavradio, herdaram esta propriedade dos seus ascendentes, Alarcões, antigos alcaides-môres, de Torres-Vedras, como vimos.

Os marquezes do Lavradio, condes de Avintes, aqui costumam vir passar alguns mezes do verão e do outono, e aqui falleceu, como fica referido, sr. D. Antonio d'Almeida Portugal d'Alarcão e Mello, 5.º e ultimo (até hoje) marquez do Lavradio.

9.ª — *Quinta de Santa Margarida.* É á entrada da aldeia do Varatojo, da freguezia de S. Pedro d'esta villa.

Dos palacios que aqui tiveram alguns fidalgos, o da quinta de Santa Margarida é o unico que ainda conserva alguns signaes de sua antiguidade e nobreza. O seu palacio foi dos marquezes do Louriçal, condes da Ericeira, e pertence hoje ao sr. conde de Lumiares. Ainda existe este palacio, posto que em bastante ruina, com a sua cêrca annexa, onde ha vestigios de antigos cannos e tanques d'agua e bem se vê que foi logar de recreio. Hoje é um praso foreiro á casa de Lumiares, do qual é emphiteuta, Antonio Thomaz Nunes, do Varatojo.

Fóra dos muros da quinta, ao N., está a ermida da Santa que lhe dá o nome, e que pertence á mesma quinta.

Desde a invasão franceza de 1810, tem a porta tapada de pedra e cal. Sobre esta porta, ainda se lê uma inscripção que diz —

D. MARGARETAE
SACRO ANO M. D.
LXVII INSTAURATU

(Dedicada a Santa Margarida e reedificada no anno de 1567.)

Esta quinta, tinha sido de Alvaro Peres de Andrade, um dos irmãos do padre e famosissimo doutor em theologia, Diogo de

---

[1] D. Affonso III, só viveu 25 dias depois d'esta doação, pois falleceu em Lisboa a 16 de fevereiro d'esse anno.

[2] D. Affonso III, teve nada menos do que DESESEIS filhos, 7 legitimos e 9 bastardos. Os legitimos foram (por ordem das edades) — *D. Branca,* abbadessa de Lorvão e das freiras Huelgas de Burgos — *D. Fernando,* que morreu de pouca edade — *D. Diniz,* seu successor — *D. Affonso,* que casou com D. Violante, filha do infante D. Manoel e neta de D. Fernando III de Castella — *D. Sancha, D. Maria,* e *D. Vicente,* que morreram creanças.

Os bastardos, foram — *D. Fernando,* cavalleiro do Templo — *D. Affonso Diniz,* o do texto — *D. Martim Affonso,* ascendente dos Souzas, condes do Prado — *D. Gil Affonso, D. Leonor, D. Urraca,* outra *D. Leonor* — *D. Pedro Affonso,* conego de Santa Cruz de Coimbra — *D. Rodrigo Affonso* conego tambem de Santa Cruz, e prior de Santa Maria da Alcáçova, de Santarem.

Paiva de Andrade, [1] e tio de outro Diogo de Paiva de Antrade, filho de seu irmão Francisco d'Andrade, chronista-mór do reino, natural de Lisboa, onde nasceu, em 1576, e ahi falleceu, em dezembro de 1660.

Este Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do theologo, tambem foi um escriptor distincto, sendo a sua principal obra, o *Exame de antiguidades*, publicado em 1616; e depois d'ella, o poema, em latim, intitulado *Chauleidos*, em que descreve o *cêrco de Chaúl*, na India, sustentado por D. Francisco de Mascarenhas, em 1570.

É mais provavel que esta quinta pertencesse ao sobrinho.

O certo, é estarem ainda as armas dos Andrades sobre o portico que dá entrada para o grande pateo que precede o palacio.

10.ª — e 11.ª — Quintas *do Clavel* e *da Gaga* proximas á villa, e na freguezia de Santa Maria do Castello. (A quinta do Calvel tem a ermida de N. Senhora da Saude. Foi dos condes de Farrobo.)

12.ª, 13.ª, 14.ª, e 15.ª — *Quinta das Fontainhas de Cima, das Fontainhas de Baixo, da Rosa* e *Quinta Nova*, todas no districto da freguezia de S. Miguel. Nenhuma d'ellas tem cousa digna de menção.

16.ª — *Quinta da Rega* — á sahida d'esta villa, pela *Corredoura*. Na frente das suas casas, em ruinas, ainda se vê o brasão dos Godinhos. A esta familia pertence hoje a da *Cêrca*, procedente de José Manoel Godinho Machado de Campos — e a dos Cordeiros Torres, do Sanguinhal, descendentes de Antonio Pedro da Silva Torres.

Além d'estas 16 quintas, ha ainda outros n'este termo, das quaes não pude obter noticias.

Casaes

N'esta mesma freguezia de S. Miguel, ha 26 casaes que são — *Casa do Eremitão, Casal de S. Miguel, Azenha dos Cucos, do Trigoso, do Vinagre, da Bôa-Visia, do Macêdo, das Barradas, da Palhoça, Fonte Nabôa, Valle da Ordem, Palheiros, da Cruz, da Torre de Cima, da Torre de Baixo, Zambujal, Parafuja, Vespeira, Azenha das Flores, Covão, Portella da Villa, Repelão, Calcachão, Mauricio, João dos Rios, e Penêdo.*

No districto da freguezia de Santa Maria do Castello, ha 20 casaes, são — o *do Charrino, Pedrulhos, Adegas, Carrasqueira, Regueiros, Outeiro, Serra, Gallegueira, Souto, Alfaiate, Valle-Verde, Roque, Padre Roque, Charneca, Almieira, Láge, do Rijo, Oliveiras, S. Gião das Maltas, e do Rocio.*

No districto das outras duas freguezias, tambem ha varios casaes, que não menciono, por d'elles não obter noticias.

A praça, e os largos, a casa da camara e a cadeia

Tem esta villa, nada menos de seis praças ou *largos* (todos muito *estreitos*) — são —

1.º — *A Praça do Pelourinho*, no centro da povoação. Éra um pequeno terreiro, onde está a casa da camara e a cadeia; e onde esteve o pelourinho, do qual adiante fallo.

2.º — *Largo da Graça*, ao sul da villa. Apezar da sua pouca amplidão, mesmo assim, é o maior. É um antigo souto d'arvores silvestres, que foram arrancadas em 1810, quando se fizeram as fortificações. Hoje tem algumas arvores da mesma especie, plantadas depois da guerra da Peninsula.

3.º — *Largo do Rosario*, na rectaguarda da egreja de S. Pedro, ao E. da villa.

4.º — *Largo dos Canos*, proximo ao antecedente.

5.º e 6.º *Largo do Terreirinho* e *Largo de S. Thiago*, ambos ao O. — Chamo-lhe *largos*, porque é o seu nome official e vulgar, mas

---

[1] O padre Diogo de Paiva de Andrade, nasceu em Coimbra, a 26 de julho de 1528, e falleceu no 1.º de Dezembro de 1575. Formou-se em theologia, na Universidade de Coimbra, e foi um sabio de fama européa, distinguindo-se pela sua eloquencia e profundo saber, no concilio de Trento, onde foi enviado, (tendo apenas 33 annos) por o rei D. Sebastião. Foi tambem um dos melhores oradores sagrados do seu tempo.

Escreveu grande numero de sermões, que foram publicados em 1603, e 1615, e ainda hoje teem muito merecimento, pela sua elevação e dignidade de pensamentos.

Foi seu irmão, o não menos famoso escriptor mistico, *frei Thomé de Jesus*. (4.º volume, pag. 223, col. 1.ª e seguintes) e o dito Alvaro Peres de Andrade.

não merecem semelhante classificação. Ha ruas muito mais largas em outras povoações.

A *casa da camara* é um bom edificio, de dous andares, tendo no 1.º a *casa das audiencias* e no 2.º, a casa das sessões da camara e seu cartorio, com um grande painel de Nossa Senhora da Conceição, na frente da meza.

É edificio antigo, muitas vezes reconstruido ou ampliado. Já em 1597 foi preciso reedifical-o: e como n'esses *tempos de obscurantismo* ainda não havia *povo soberano*, os vereadores convocaram os habitantes da villa e seu termo, por vintenas, para saber se eram contentes que se tirassem 100$000 réis do cofre das sizas, para se concluirem as obras d'estes paços, que se tinham principiado. O povo consentiu e a obra fez-se.

Em 1634, tambem aqui e na cadeia, se fizeram algumas obras, para as quaes se mandaram tirar 95$000 réis, do deposito dos bens de raiz. Então,como estavamos sob o jugo de ferro de Philippe IV, não foi consultado o povo.

Atê 1774, tinha esta casa as armas de Portugal, em pedra, sobre a sua porta principal. N'esse anno, um preso,para se evadir, lançou fogo á cadeia, o qual se communicou a todo o edificio, ardendo o cartorio municipal, e perdendo-se a maior parte de antigos e importantes documentos que alli estavam archivados.

O incendiario era filho de José Francisco da Costa, serventuario do officio do escrivão dos orphãos. Avaliado o prejuiso, se fez sequestro na legitima do preso, (na mão de seu pae) mas nunca se cobrou.

Principiou a reconstrucção em julho de 1752, arrematando-se a obra de pedreiro, por 160$000 réis, e a de carpinteiro, por 274$000 réis. Estas obras concluiram-se em 1776, sendo juiz de fóra, o doutor, Domingos de Gambôa e Liz, e ficaram no estado em que hoje se vêem. Então em logar das armas de Portugal, foram collocadas no frontispicio, por baixo das janellas do 2.º andar, as armas da villa.

Desde 1744, atê 1776, fizeram-se as audiencias na residencia do juiz de fóra, e as sessões da camara, em casa do seu presidente.

No fundo da primeira escada, logo á entrada, do lado esquerdo, foi embutida na parede, uma lapide de pedra lioz, com a inscripção que nas portas principaes de quasi todas as fortalezas mandou pôr D. João IV, em 1646. (2.º vol., pag. 398, col. 2.ª) [1] diz —

AETERNIT. SACR.
IMMACVLATISSIMAE CONCEPTIO-
NI MARIAE IOAN. IV. PORTV-
GALL. REX VNA CVM GENE-
RAL COMITIIS. SE ET
REGNA SVA SVB ANNVO CENSV TRIBU-
TARIA PVBLICE VOVIT. ADLQUE DEIPA-
RAM IN IMPERII TVTELAREM ELE-
CTAM A LABE ORIGINALI PRAE-
SERVATÃ PERPETVO DEFENSV-
RV IVRAMENTO FIRMAVIT. VI.
VERET VT PIETAS LVSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIA-
LE PERENE EXARARI IVSSIT.
ANN. CHRISTI MDCXLVI IM-
PERII SVII IV.

(Para perpétua memoria. D. João IV, rei de Portugal e as côrtes geraes, se consagrou publicamente, e aos seus reinos, á Immaculatissima Conceição de Maria, com o tributo de um censo annual. E firmou com juramento, que defenderia sempre, que a Mãe de Deus, escolhida para Padroeira do reino, fôra preservada da culpa original. Para que a piedade dos portuguezes sempre constasse, mandou lavrar em viva pedra, este monumento perenne, no anno de Christo, 1646, sexto do seu reinado.)

Havia na casa das sessões da camara, uma rica escrevaninha de prata e respectiva salva, do mesmo metal, dadiva do juiz de fóra, Domingos de Gamboa e Liz. Foi *liquidada*

---

[1] A collocação d'estas lapides commemmorativas, foi decidida em côrtes, e determinada por decreto de 24 de março de 1646, e cartas regias, de 25 do mesmo mez e anno, e de 30 de junho de 1654.

Esta lapide estava sobre a *Porta da Varzea*, em 1734, mas só em 1765, é que foi collocada na casa da camara. N'este intervalo, esteve guardada em casa de Diogo d'Almeida, morador junto á mesma porta.

ha poucos annos e apesar de se suspeitar quem foi o ladrão, não se fizeram as precisas diligencias para rehaver o roubo, ou o seu valor, que era o de 48$000 réis.

A cadeia fórma uma só frontaria com os paços do concelho. Tem, alem da enxovia, cujas paredes são de cantaria, dous andares, contando o primeiro da *sala livre* e o segundo, de dois quartos que servem de prisão para mulheres, e de outro para *segrêdo*. Tem tambem casa para o carcereiro, do lado da rua do Espirito Santo.

Em frente da casa da camara, e no centro da praça, estava o antigo pelourinho, padrão que attestava a autonomia e cathegoria da villa. Era uma columna de marmore com as armas de Portugal e tendo na extremidade superior, quatro varões de ferro, crusados, cada um com sua argola na extremidade. Já não existe porque *Mauricio José da Silva*, sendo então administrador do concelho, com o pretexto de *obstruir a praça* (o que não era verdade) o mandou derrubar, *ás escondidas*, na noite de 13 de maio de 1852, quando se esperava, a visita da sr.ª D. Maria II, o que só teve logar no 1.º de junho. (Note-se que poucos dias antes, o mesmo *monumentophobo*, ou inconoclasta de nova especie, tinha mandado retocar o pelourinho!)

Portas da circumvalação

Foi esta villa cercada por um antiquissimo cinto de muralhas, que o rei D. Diniz mandou reparar, pelos annos de 1310. Hoje, apenas alguns restos d'ellas existem, servindo de alicerces a predios particulares; e das portas apenas existe a memoria, nos nomes dos bairros em que ellas estavam. Eram quatro —

1.ª — *Porta da Varzea* — tomava o seu nome, de um vasto baldio, ou logradouro do concelho, que lhe estava immediato, ao S. da villa, na sahida pela estrada real de Mafra, e que se chamava *Varzea Grande*, e hoje tem o nome de *Varzea do Curro*, por que algum tempo alli se correram touros.

Segundo a tradição, foi n'esta varzea que acampou o nosso D. João I, quando veio pôr cêrco a esta villa, que então seguia o partido de D. João I de Castella. Consta, tambem por tradição, e o refere a *Monarchia Lusitana*, na vida do Mestre de Aviz, que alguns traidores quizeram assassinar alli este monarcha, mas, sendo descobertos, foram queimados a fôgo lento, junto á entrada do castello.

Suppõe-se que antes d'este cêrco, a *Varzea Grande*, era uma extensa vinha, pertencente ao alcaide-mór. No seculo passado, a camara deu metade da varzea á Santa Casa, que aforou, isto, por quinhões eguaes, a diversos individuos: a outra metade ficou sendo logradouro publico, para pasto de gado e eiras. Hoje, metade d'esta metade, está povoada de arvorêdo, mandado plantar pela camara, em 1851, e é uma bonita alamêda; o que desagradou a muitos, por lhes tirar os seus logradouros.

Já de tempos antigos, alguns homens poderosos tinham cubiçado esta planicie, para a reduzirem á cultura; mas o povo sempre se oppozera a isso tenazmente.

Ainda no seculo passado a camara aforou esta parte a um individuo, mas causou tal motinada este aforamento, que não houve remedio senão annullal-o.

Nos accordãos da camara, se acha, um assento, de 26 de setembro de 1734, para ser demolida a muralha da Porta da Varzea, por occasião de fazer-se a calçada, por ordem de D. João V, empregando-se na nova obra, a pedra das demolições. Esta calçada era o principio da estrada real de Mafra, e foi levantada em 1795.

N'esta porta é que estava a lapide dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que agora está na casa da camara.

2.ª — *Porta da Corredoura* — (isto é, *porta da explanada*) — Ainda se acharam vestigios d'esta porta, em agosto de 1859; por que, derrubando José Philippe Capote, uma pequena casa, junto ao *Passo* que ha n'aquelle sitio, se acharam não só restos da muralha, mas tambem do arco ou porta d'elle, tudo de bôa cantaria.

3.ª — *Porta dos Moinhos da Ponte Pedrinha* — Por um auto de posse, dado á egreja de Santa Maria do Castello, a 22 de agosto de 1379 (11 de agosto de 1341 de J. C.) se

vê que então existia esta porta, de que não ha vestigios.

Estes moinhos eram junto á Ponte Pedrinha, que hoje é no fim da rua dos *Pelomes*.

4.ª — *Porta de Santa Anna* — Tomava o seu nome, da ermida d'esta santa, que seguia logo, da parte de fóra, junto ao largo da Graça.

Por alvará de 13 de julho de 1641, se deu licença, para ser demolido o recanto da muralha d'esta porta, que desfigurava o largo da Graça, para alli se fazer uma bôa praça, e trazer-se a ella agua.

Chafariz da Praça do Pelourinho

É sustentado pela agua dos canos. Tem uma só bica, e um tanque, para beberem os animaes, hindo os sobejos por um cano subterraneo, a uma pia da enxovia da cadeia. Tem esta inscripção —

IOSEPH. I. P. P., IMP. AD CARCER.,
POPVL. Q. COMMO. D, FONT.
HVNC., PVBLE. EXP. PRAESES
PROV. ERIG. CVRAVIT AN.
MDCCLXXVI.

(No reinado de D. José I, pae da patria, para commodidade da cadeia, e do povo, o corregedor da comarca, fez construir esta fonte, á custa do publico, no anno de 1776)

Fidalgos, cavalleiros, escudeiros.

Do Cadastro mandado formar por D. João III, e concluido por Jorge Fernandes, a 15 de setembro de 1527, consta que na villa havia — *3 fidalgos, 15 cavalleiros e 23 escudeiros* — e no termo, *3 fidalgos, 19 cavalleiros e 10 escudeiros*. Isto, além de muitos nobres que residiam temporariamente em diversas quintas.

Houve até uma rua, que descia da costa do castello até á porta da Varzea, denominada, *Rua dos Cavalleiros d'espora dourada*.

Ainda ha na villa, algumas casas com brazões d'armas. Dous d'estes brazões, já não existem — um d'elles esteve na casa da rua dos Balcões, ao pé da praça, onde viveram e morreram as *senhoras Marçallas*, hoje propriedade de José Eloy da Silva. Eram as armas dos Abreus, appellido que já não existe n'esta villa.

— O outro existiu em um magnifico portico, na rua que vae do *Terreirinho* para o *Cano Real*. Julga-se que este brazão era dos Botelhos.

Na aldeia do Varatojo houve muitas casas brasonadas. Vide *Varatojo*.

Pontes

Ha na villa e seu termo, nada menos de 21 pontes — são —

1.ª — *Ponte d'El-Rei* ou *do Rei* — É na villa, sobre o Sizandro. Serve de transito para os logares a E. da villa, e para o Riba-Tejo.

É muito antiga, pois já existia com este nome, em 1336. Como subiu o leito do rio, foi levantada e a calçada contigua em 1777. (Vide a seguinte.)

2.ª — *Ponte da Mentira* — Como a antecedente, é na villa e sobre o Sizandro. Dá serventia para Obidos, Caldas da Rainha, Lourinhan, Peniche, e todas as mais terras que ficam ao N. e N. O. da villa. Fica no fim e ao N. da povoação. É tambem muito antiga, mas não se sabe quando foi construida, nem a causa do seu nome. Foi a ultima vez, reconstruida, em 1788, data que n'ella está gravada. Já tinha o nome actual, em 1597, como consta do livro dos accordãos, d'esse anno. Foi reconstruida em 1788.

Foi tambem levantada, e a calçada ao sahir da villa, desde os *Pelomes* até ás *Faias*, em 1777, com grande atêrro, muros, pégões e cortinas, que foram arrasadas em 1810, para poder jogar a artilheria dos fortes, e só fôram mandadas levantar, pela camara, em 1857.

3.ª — *Ponte de S. Miguel* — Tambem na villa, e sobre o Sizandro. Dá serventia para as povoações do O., e costas do Oceano. É muito antiga, e foi reconstruida em 1609; e os seus muros de supporte, em 1754.

4.ª — *Ponte de Nossa Senhora do Amial* — ao N. da villa, sobre a mesma estrada real da Ponte da Mentira. É sobre a valla da *Estacada* que vem dos *Amiaes*, á qual (valla)

se reune a que vem do *Reguengo*, do lado do nascente.

5.ª — *Ponte do Alpilhão* — Sobre o ribeiro do seu nome. Foi construida em 1799. Este insignificante ribeiro, a que os da villa dão o pomposo nome de RIO, nasce no sitio do *Arrepiado*, junto á estrada real de Lisboa, logo acima da *quinta do Priôr*, e entra no Sizandro, uns 500 metros ao O. da villa. Esta ponte é na estrada do Varatôjo, e a sua calçada e cortinas foram levantadas em 1826.

6.ª — *Ponte da Conquinha* — Sobre o mesmo ribeiro, na estrada de Mafra.

7.ª — *Ponte da Lagartixa* — No mesmo ribeiro, e sobre o caminho da *Portella da Villa*.

8.ª — *Ponte do Repelão* — No mesmo ribeiro, e pouco acima da antecedente.

8.ª — *Ponte da Madeira* — Sobre o Sizandro — É muito antiga, e foi originariamente de madeira, d'onde lhe provem o nome. Está a 2 kil. da villa. Subindo o leito do rio, ficou a ponte enterrada, e não dava despejo ás aguas, pelo que foi demolida, substituindo-se por uma de alvenaria, com grande altura, que se concluiu em setembro de 1860. Têm esta inscripção —

C. M. 1860.

(Camara municipal, 1860.)

Quando se demoliu a ponte velha, se achou um barril de polvora — ja pôdre — que alli tinha sido collocado em 1810, afim de fazer voar a ponte, se os francezes quizessem passar por aqui; para o que estava n'este logar uma sentinella de noite e de dia. Uma d'estas sentinellas, era tão corajosa e decidida, que, por occasião de uma grande enchente, para não dsamparar o seu pôsto, subiu a um choupo, onde se conservou 24 horas!

9.ª — *Ponte de Dous Portos* — No logar d'este nome, e sobre o Sizandro, e a estrada real. E' de cantaria.

10.ª — *Ponta da Caixaria* — Sobre o mesmo rio. E' de alvenaria e dá passagem do logar de *Caxaria* [1] para a quinta da Conceição e aldeias da *Zibreira* e *Carvoeira*.

Foi mandada construir em 1859, com ajuda de um bom donativo, do marquez do Lavradio (hoje fallecido) dono da tal quinta da Conceição, concorrendo tambem os povos visinhos.

A camara só deu 48$000 réis, e os dias de trabalhadores e carreteiros, que lhes permitte a lei.

11.ª — *Ponte de Runa* — Proxima do logar que lhe dá o nome, e sobre o mesmo rio. E' de bôa cantaria, e dá serventia para a *quinta da Granja*, dos herdeiros de Manoel Antonio de Sampaio Albuquerque de Mendonça Furtado Mello e Castro Moniz e Torres de Luziguano (!) feito conde de Sampaio no 1.º de dezembro de 1834, e marquez do mesmo titulo, a 17 de fevereiro de 1866, e que falleceu, em Lisbôa, no seu palacio de S. Vicente de Fóra, em 15 de fevereiro de 1876. (6.º vol., pag. 415, col 2.ª)

12.ª — *Ponte do Penêdo* — Sobre o mesmo rio, e tambem junto ao logar de Runa. E' de alvenaria e dá passagem para a aldeia do *Penêdo*. Foi mandada construir pela camara, em 1856, ajudada com os donativos dos póvos visinhos. Custou 106$000 réis.

Havia aqui perto uma optima ponte de cantaria, que dava passagem para o mesmo logar; mas tendo o rio mudado de leito, foi demolida, para com os seus materiaes se construira actual.

13.ª — *Ponte da Estrada* — sobre o mesmo rio. E' de cantaria, logo á entrada da povoação de Runa, e sobre a estrada real. Foi construida (ou reconstruida) em 1777, quando se fez a mesma estrada.

14.ª — *Ponte da Coutada* — Sobre o mesmo Sizandro. E' no logar que lhe dá o nome. Existiu aqui uma antiquissima ponte de cantaria, que cahiu ha seculos. A camara mandou fazer no mesmo local, uma nova ponte de alvenaria, 1854, que custou uns 110$000 réis, aproveitando os materiaes da antiga, que ainda por alli estavam espalhados.

O povo d'estes sitios, ainda dava ao logar onde esteve a antiga ponte, o nome de *Ponte de Madeira*. Talvez fosse d'esta materia.

[1] Não se confunda com outra aldeia do mesmo nome, que é na freguezia de Ceiça, concelho de Ourem, onde é a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

antes de ser de cantaria. Não ha outra memoria d'esta antiga ponte.

Disse que a ponte actual foi mandada fazer pela camara, e é certo, mas o povo da freguezia de *S. Pedro da Cadeira*, em cujo districto está esta ponte, tambem concorreu para a sua construcção.

E' a ultima ponte d'este rio do lado do mar. (O.)

15.ª — *Ponte de Dous-Portos* (2.ª d'este nome) — Sobre o mesmo rio, e junto ao logar que lhe dá o nome. Dá passagem para o logar do *Siról* e visinhanças.

E' de lagens.

16.ª — *Ponte de Pedrulhos* — Sobre o ribeiro d'este nome. Foi construida pela camara, 1855, ajudada por donativos dos povos visinhos.

Este ribeiro, vem do *Valle da Guarda*, ao pé da *Tapada de Mafra*, e entra n'este concelho de Torres Vedras, perto da aldeia da *Feixofreira*, e entra no Sizandro junto ao logar dos Pedrulhos.

Em 1810, tinham aqui os inglezes construido uma ponte de madeira, para serviço das *Linhas;* mas como precisava de repetidos reparos, e ás vezes era perigosa a sua passagem, resolveu a camara, a requerimento dos povos, construir a actual.

17.ª — *Ponte do Cordeiro* — E' de lagens, e sobre uma das vallas que desagúam no Sizandro.

18.ª — *Ponte do Seixo* — Tambem de lagens. Fica em frente da aldeia do Paúl, sobre uma outra valla, que desagúa no Sizandro.

19.ª — *Ponte Dôce* (!) — Tambem de lagens, junto ao *Casal de Gibaltar*. Ainda sobre outra valla, que desagúa no mesmo rio.

20.ª — *Ponte Pedrinha* — No fim da rua dos Pelomes, construida em fórma de cano, com lagens, por baixo da calçada, para desaguar parte das aguas da villa, para o Sizandro. (A porta da muralha n'este sitio, se chamava *Porta dos Moinhos da Ponte Pedrinha.*)

Esta ponte (ou aqueducto) é antiquissima, pois em um auto de posse, dado a 22 de agosto de 1379, á egreja de Santa Maria do Castello, já se falla n'esta ponte.

21.ª — Entre a *Ponte do Rol* (aldeia) e o logar da *Burdinheira*, existiu uma ponte de cantaria, de dous arcos, que, ou não se chegou a concluir, ou cahiu. Em todo o caso, já estava desmantelada, em 1748, porque n'esse anno o povo requereu a D. João V, para ser levantada á custa das sizas, o que não se effectuou.

Vê-se pois que o rio Sizandro, tem em todo o seu curso onze pontes, que são — 1.ª, 2.ª, 3.ª, 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11.ª, 12.ª, 13.ª, 14.ª e 15.ª, nomeadas n'esta relação.

—

N'esta villa esteve desterrado em 1559, por ordem da rainha regente D. Catharina (viuva de D. João III, e avó do rei D. Sebastião) o duque de Bragança, D. Theodosio, por ter casado em segundas nupcias, sem licença da regente, e até contra a sua ordem expressa, com D. Brites de Lencastro, filha de D. Luiz de Lencastro, commendador-mór da ordem d'Aviz.

Teve ordem de não sahir d'aqui, sem licença especial do rei D. Sebastião.

Tinha porem licença de hir ouvir missa e assistir aos officios divinos, na egreja do mosteiro do *Varotôjo*.

Termo

Por alvará de D. João I, de 7 de outubro de 1423, ficou esta villa pertencendo ao termo de Lisbôa, sendo os juizes de Torres Vedras, confirmados pelo senado d'esta cidade, e que fôssem seus moradores (da villa) obrigados a acompanhar e defender a bandeira da capital, quando sahisse fóra: tudo em premio da fidelidade e serviços, feitos á nossa independencia, desde 1383, até 1393.

—

O termo de Torres Vedras, comprehendia, até 1834, setenta kilometros quadrados de superficie, sendo a villa o centro, ficando as povoações ou terrenos mais distantes, a 12 kilometros.

A sua provedoria comprehendia 18 villas, que eram — Alhandra — Alverca — Arruda — Bellas — Cadaval — Cascaes — Castanheira (do Riba-Tejo) — Chileiros — Collares — En-

xara dos Cavalleiros —Ericeira—Lourinhan — Mafra — Póvos—Sobral de Monte Agraço— Torres Vedras — Villa Franca de Xira — e Villa Verde.

Depois creou-se a correição do Riba-Tejo, á qual se annexaram Alhandra, Arruda dos Vinhos, e Villa Franca de Xira, porem, n'estas duas ultimas, entrava o corregedor de Torres Vedras, não como corregedor, mas como ouvidor dos mestrados das ordens de Christo e S. Thiago.

Depois de 1834, tem sido o termo de Torres Vedras cerceado varias vezes, pelas repetidas *divisões territoriaes*.

Primeiro, creou-se o pequeno concelho da *Azueira*, com a sua freguezia e as de *Enxara do Bispo, Freiria, Sobral de Abelheira* e *Turcifal*.

Depois, (1856) extinguiu-se este concelho da Azueira, passando para o concelho de Mafra (que n'esse anno foi elevado a comarca) as freguezias da Azueira, Enxara do Bispo, e Sobral da Abelheira — tornando para o concelho de Torres Vedras, as freguezias de Freiria, e Turcifal.

Justiça

Alvazis — Todos sabem que *Alvazil* é corrupção da palavra árabe *Alwacil, Guazil, Wazil*, e *Wazir* — (pois de todos estes módos se encontra em documentos antigos, com a mesma significação.) Este magistrado, entre os arabes, corresponde ao nosso *ministro de estado* ou *conselheiro do rei*, e, segundo outros escriptores, a *meirinho mór*. Na India, dá-se o nome de *Alvazil*, ao governador de uma cidade. Em Portugal, tambem se dava esta denominação ao vereador de uma camara municipal — o *édil* dos romanos. [1]

O famoso conde *D. Sesmando* (vide *Tentugal*) tambem em alguns documentos se assignava *Alvasir*, por ser governador de Coimbra, e do seu (então) vastissimo territorio.

Por uma doação da egreja de Molellos, no Valle de Bésteiros, que é o actual concelho de Tondella, feita ao mosteiro de Lorvão, em 1101, consta que esta egreja foi tomada aos mouros, *In temporibus Rex Affonsi, et Alvasir Domno Sesnandi, imperatore nostro.* (N'esse tempo, D. Sesnando era tambem governador do territorio de Viseu, então sujeito a Coimbra.)

Em outros muitos documentos — como se póde vêr em Viterbo, na palavra *Alvazil*, tomou D. Sesnando este titulo, ou lh'o deram os reis de Leão e Castella.

Desde o tempo do conde D. Henrique, ou de seu filho, D. Affonso Henriques, se deu o nome de alvazil, ao *juiz ordinario*, que decidia as causas em 1.ª instancia. D'estes alvazis, ha innumeraveis documentos, dos seculos XII, XIII e XIV.

Nas côrtes de Lamego (1142-1143) se diz — *Quando aliquis gançaverit* (ganhar, lucrar) *avére alienum; vadat querelosus ad* Alvazir *et ponat querelam*, *et* Alvazir *restituat illi suum avére.*

Na era de Cesar 1264 (1226 de J. C.) já havia n'esta villa alvazis (vereadores da camara) como se vê de uma doação, feita ao mosteiro de Pena-Firme n'esse anno, onde se lê — «*Noverint universi presentes litteras inspecturi, quod nos Proetor, Alvasiles. et consiliarii de* TURRIBUS VETERIBUS *etc.*» (*Hist. Eccles. Lusit.*, tomo 4.º, pag. 221.)

Até 1834, o vereador mais velho de uma camara, era *Juiz pela Ordenação*, e é por isso que em varios documentos antigos d'esta villa — e nomeadamente nos que existem no cartorio da egreja de Santa Maria do Castello — um da era de 1348 (1310 de J. C.) e outro de 1420 (1382 de J. C.) se prova que os alvazis davam sentenças; e no ultimo

---

[1] É precizo não confundir *Alvazil* com *Atgazil*, ou *Aguazil*. Esta palavra é derivada do hespanhol *Alguacel*, como os castelhanos diziam no seculo VIII, e *Alguazil*, como elles dizem hoje. — Em Portugal dava-se este nome aos beleguins, quadrilheiros, meirinhos da vara, esbirros, agarrantes etc. — Estes individuos são os que assistem sob as ordens do juiz e escrivão, ás penhoras, sequestros e outas diligencias judiciaes, e que prendem os criminosos, conduzindo-os é cadeia e á forca. Hoje diz-se *official de diligencias*. (E' mais bonito, mas a *honra* é a mesma.)

d'estes dous documentos, se falla de um Gonçalo Annes, *Alvazil-geral* d'esta villa.

—

Correição — Já disse que este concelho foi levado á cathegoria de comarca, por D. João III, por carta regia, datada d'Evora, a 18 de julho de 1533, e que se conserva no real archivo, no livro 19 da chancellaria do dito soberano; em cumprimento da promessa que havia feito á villa, quando aqui esteve, em 1525. Na mesma carta se nomeia logo o licenciado André Farinha, para corregedor e provedor das *terças e residuos*, d'esta comarca. Note-se porém que não foi creação nova, porém uma transferencia da comarca d'Alemquer, para Torres Vedras, que ficou sendo a cabeça.

Mas o povo, e auctoridades de Alemquer, oppozeram-se tenazmente a esta mudança, e tanto supplicaram, que a tal carta regia, não teve effeito por então.

Chegou porem o tempo da desastrosissima dominação philippina, e por uma carta regia de D. Philippe III, de 27 de Julho de 1616, se mandou cumprir a de D. João III, o que só se cumpriu em 1617, mas a carta do 1.º corregedor foi passada em 1618.

O districto d'esta correição, até 1834, comprehendia—alem de Torres Vedras—as villas de Mafra e Cascaes (ambas com juizes de fóra) Collares, Bellas, Enxara dos Cavalleiros, Ericeira, Lourinhan, Sobral do Monte Agraço, e Villa Verde dos Francos — o julgado da Ribaldeira, e o Reguengo da Carvoeira, entre Mafra e a Ericeira. N'este districto ficavam encravados os Reguengos do Gradil, e da Fanga da Fé, pertencentes ás *capellas de D. Affonso IV*. N'estes dous reguengos, só entrava o corregedor de Torres Vedras, nos negocios pertencentes á fazenda real.

As villas do Cadaval, Alverca, Castanheira, Póvos, e Chileiros — que eram de grandes donatarios — não pertenciam a esta correição, mas sómente á provedoria.

—

O 1.º corregedor (quando a corregedoria era em Alemquer) foi o licenciado Amador de Queiroz, que servia em 1587 — e o ultimo foi o licenciado Manoel da Silva Cerveira.

O 1.º corregedor de Torres Vedras, foi o bacharel Nuno Vaz Fialho, por carta passada a 16 de dezembro de 1618, tomando posse, a 29 de maio de 1619.

O penultimo corregedor, foi o virtuoso e esclarecido doutor, Francisco Thomé Marques Gomes, natural de Aveiro, e pae do distinctissimo escriptor e antiquario, da actualidade, o sr. João Augusto Marques Gomes, empregado no governo civil de Aveiro, auctor de varias obras, todas de incontestavel merecimento. (Francisco Thomé Marques Gomes, tinha sido juiz de fóra de Amarante, e veio para Torres Vedras no mesmo logar, por carta de 19 de outubro de 1831, e foi depois feito corregedor da mesma comarca.)

O ultimo corregedor, foi o doutor José Ricardo Pereira de Figueiredo, por carta de de 27 de novembro de 1833, tomando posse no 1.º de dezembro d'esse anno.

Houve 50 corregedores.

—

Juizes de fóra — o 1.º juiz de fóra, de Torres Vedras, foi o licenciado Duarte Velho. Não se sabe a data da carta da sua nomeação, mas exercia o emprêgo, em 1561 e 1562.

Houve 78 juizes de fóra d'esta comarca, sendo o ultimo, o doutor Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco, por carta de 7 de dezembro de 1833.

Até 1556, era a justiça administrada por *juizes ordinarios*, ou *juizes pela Ordenação*, que eram os *vereadores mais velhos*.

Os juizes de fóra eram tambem inspectores das calçadas da villa e termo, e do julgado da Ribald-ira.

—

Juizes de direito — O 1.º que exerceu aqui este logar, foi o bacharel Francisco Boto Pimentel de Mendonça, por carta de 14 de agosto de 1835. O actual (1882) é o sr. doutor, Sebastião Frederico Rodrigues Leal.

—

Provedores — O 1.º provedor de Torres Vedras, foi o bacharel Gaspar Pereira, que servia em 1568. Ignora-se a data da sua carta de nomeação.

Houve 68 provedores, sendo o ultimo, o

doutor Antonio de Ornellas da Fonseca Napoles e Silva, por carta de 23 de setembro de 1831.

Os provedores de Torres Vedras, eram tambem superintendentes das vallas, por provisão do conselho de fazenda, de 23 de fevereiro de 1696.

—

Juizes da vintena — Até 1834, havia n'esta comarca, 38 vintenas (reunião de 20 fógos) para o civel, orphãos, e crime; e mais 7 (só no crime e orphãos) do julgado da Ribaldeira.

O juizes de vintena só julgavam até ao valor de 500 réis (!) Já no reinado de D. João I, aqui havia d'estes juizes.

Havia, tambem até 1834, meirinho, ialcade (aguazil) escrivão de alcaidaria (escrivão das armas) carcereiro, e um juiz, com seu escrivão, exclusivamente das vallas.

—

Corpo municipal — Até 1834, era esta camara composta de — juiz de fóra, (presidente nato) 3 vereadores (dous dos quaes, deviam residir na villa e outro no termo.)

O mais velho dos trez, era juiz pela ordenação — procurador do concelho (que era o vereador mais novo, do anno antecedente, e servia tambem de *alferes da camara*, levando o estandarte d'ella, nos actos publicos) — dous almotacés, com seu escrivão privativo; escrivão da camara; avaliadores do concelho; e repartidor dos orphãos.

—

Eram *coudeis-móres* d'esta comarca, os condes de Monsanto.

—

Havia ainda — *Superintendente das caudelarias*; e *guarda-mór de saude*, dos portos d'este termo — *Porto Novo, Santa Cruz, Escada e Assêca* — *juiz conservador do tabaco*, com seu escrivão e meirinho.

A infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel, senhora d'esta villa, prohibiu por uma sua provisão, de 19 de fevereiro de 1563, que as *pessoas da governança*, ou *honradas*, fossem aos açougues comprar carne ou peixe, mas que mandassem seus creados ou escravos, *por causa dos inconvenientes que d'isso se seguia, e de que fôra informada.*»

Militar

O governo militar desta villa, até 1834, consistia no seguinte —

Um capitão-mór, governando 16 companhias de ordenanças, cada uma com seu capitão, ajudante, alferes, porta-bandeira, sargentos e cabos. Treze d'estas companhias, pertenciam á villa e termo — uma á villa de Sobral de Monte Agraço — outra a Villa Verde dos Francos — e outra a Enxara dos Cavalleiros.

O ultimo capitão-mór, foi o doutor José Lourenço Peres, da nobre casa da *Quinta da Macheia*, nomeado por patente de 25 de maio de 1810.

Um regimento de melicias, com o respectivo coronel e mais officiaes (o major e ajudante, eram da 1.ª linha.) Este regimento era formado com pessoas da capitania-mór; do Reguengo, do Gradil, Aldeia Gallega da Merceana, Alemquer, Obidos, Caldas da Rainha, Lourinhan, Atouguia da Baleia, Peniche, algumas das villas dos *coutos de Alcobaça* e ultimamente do Cadaval.

Este regimento chegou a ter mais de mil praças, e foi seu ultimo coronel, Francisco d'Assis Bernardes, do logar da Encarnação.

Um batalhão de Voluntarios Realistas — formado em 1828, e que chegou a ter 600 praças. Foi sempre commandado pelo seu tenente coronel (que era major reformado, de 1.ª linha) Francisco Manoel Castellino, do Turcifal.

Mesquita Mourisca

Um dos mais antigos monumentos d'esta villa, e que ainda existia em 1734, era o *relêgo* (vide esta palavra) junto á egreja de S. Thiago, onde o rei D. Diniz mandava recolher o vinho do seu *oitavo*, ou *jugada*, e que hoje (1882) é o quintal e horta de Joaquim Pedro de Moura, e em cuja parede apenas existe, do lado da rua, um portico de architectura gothica, que está tapado. É n'este mesmo relêgo, que existia o celebre poço

de que falla o padre Carvalho na sua *Corographia* (tomo 3.º, pag. 18.) Ainda tambem no dito anno de 1734, existia aqui uma casa de abobada, que, segundo a tradição, fôra mesquita de mouros, na parede da qual existia a *celebre pia* de que tambem falla o dito Carvalho, que «*se enchia d'agua, sem se saber como.*»

Este edificio passou para a casa dos marquezes d'Alegrête, pela compra que fizeram á corôa, dos taes *oitavos*; mas, como a adega era sujeita ás inundações, o comprador edificou outra, no século passado, em frente da porta travessa da egreja de S. Pedro, com uma bella casa de residencia, sobre o chafariz dos Canos.

Alarcões

Os Alarcões, de Torres-Vedras, descendiam de D. Fernan Martinez de Zevallos, que mudou o appellido para *Alarcão*, por tomar aos mouros a villa d'este nome, a 30 de novembro de 1177, [1] reinando D. Affonso XII, de Castella e Leão, que a mandou reedificar e povoar de estremenhos, logo depois da conquista.

Este 1.º Alarcão, era rico-homem de Castella, alcaide de Tolêdo, e natural do Valle de Trasmieras, nas Asturias de Santilhana, e descendente do famoso cavalleiro, D. Fernando Martinez de Zevallos, que acompanhou o principe D. Pelayo a Jerusalem, e cujas assignaladas façanhas, são contadas nas chronicas de Hespanha.

D. João de Alarcão, o de Torres Vedras, progenitor dos Alarcões portuguezes, teve uma numerosa descendencia, da qual é representante principal, em linha recta masculina, o filho primogenito da sr.ª D. Eugenia, filha unica do ultimo marquez do Lavradio, e conde de Avintes, D. Antonio d'Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athaíde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre.

Egrejas matrizes

1.ª — *S. Pedro* — Foi collegiada, composta de prior e nove beneficiados. (Antigamente eram 10, mas um foi encorporado no priorado, *perpetuamente*, a requerimento do prior, Bento José Vicente Matheus Durão, allegando que o priorado rendia muito pouco.) Esta collegiada foi extincta ao mesmo tempo das seguintes.

Esta egreja, tinha quatro dezimarias, uma na villa, duas nas freguezias da Freiría, e do Sobral da Abelheira, e a 4.ª, em toda a freguezia de Carmões, e em parte das de Dous-Portos e Carvoeira.

Tinha cinco filiaes — Freiría, Sobral da Abelheira, Runa, Carmões, e Carvoeira.

Não pude saber a data da fundação d'esta egreja, mas é muito antiga — talvez do principio da monarchia — porque a rainha Dona Brites (ou Beatriz) viuva, havia apenas 30 dias, de D. Affonso III, [1] fez uma doação (em latim) datada de Palmella, em 27 de março da era de Cesar, 1317 (16 de março de 1279 de J. C.) ao mosteiro de Alcobaça, do padroado da egreja de Torres Vedras, de que era donataria.

Apezar da sua antiguidade, é um bom templo, e está bem conservado, graças ás suas frequentes reparações.

—

2.º — *São Miguel Archanjo* — extramuros, entre as faldas do monte do Castello e a margem do Sizandro. Foi originariamente da corôa, e passou a ser padroado dos abbades d'Alcobaça, sendo abbade commendatario

---

[1] *Alarcon*, é uma villa hespanhola, sobre o rio *Xucar*, a 60 kilometros de Cuenca; fundada (segundo Florian do Campo) pelos celtiberos, 400 annos antes de J. C. — Foi depois dos romanos, e lh'a tomou um filho do rei gôdo Alarico, que a povoou, e lhe deu o nome de *Alaricon*, em memoria de seu pae. Era então praça de guerra, cercada de muros, guarnecidos de torres, e com cinco portas. Foi occupada pelos árabes, em 714, tornando ao poder dos christãos, como se diz no texto.

Alguns fidalgos portuguezes, descendentes do mesmo tronco, ainda uzam o appellido *Sevaltos* (porque os hespanhoes pronunciam o Z, como S).

Quasi todos os descendentes de D. João d'Alarcão, nasceram em Torres Vedras; mas hoje ha fidalgos d'este appellido, em Lisboa, Coruche, do Alemtejo, e outras povoações.

[1] Este soberano, morreu, em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279.

d'este mosteiro, o famoso D. Jorge da Costa, o *cardeal d'Alpedrinha*, (vide esta palavra) por escambo, celebrado em 1457, dando o cardeal a D. Affonso V, em troca, o senhorio da villa de Beringel, no Alemtejo.

Teve uma collegiada, composta de prior e 11 beneficiados, todos *curados*; porque esta egreja tinha a singularidade de, o seu prior, o ser só nas honras e proventos, sem obrigação de parochiar — isto é — era um *beneficio* não só *simples*, mas simplicissimo! Tinha, é verdade, obrigação de officiar, nos dias mais solemnes; mas com a faculdade de nomear substituto para isso.

Muitos priores nem ainda tinham ordens de presbytero; e não poucos, residiam fóra da villa, onde lhes fazia mais conta.

Extinctos os dizimos, em 1834, os beneficiados abandonaram os seus logares, por ficarem quasi sem rendimento, visto que, na sua maior parte, procediam dos dizimos. Estava pois supprimida de facto, quando o foi de *direito*, por decreto do cardeal patriarcha, D. Manoel Bento Rodrigues, de 4 de novembro de 1859, e os seus rendimentos encorporados no seminario patriarchal.

Então o parocho ficou comprehendido, quanto á nomeação, na medida geral, e lhe foi arbitrada a congrua de 200$000 reis.

A partilha dos fructos d'esta egreja, era pelos terços, sendo para as freiras bernardas de Cós, duas partes, e uma para o prior.

O rendimento dos dizimos, regulava por um conto de reis. Eram pagos por esta freguezia, e pelas de Mata-Cães, Monte Redondo, Machial, A dos Cunhados, S. Pedro da Cadeira, e o logar da *Coutada da Rainha*.

Esta egreja é tambem muito antiga, e, com toda a certeza, do principio da monarchia — quando o não seja do tempo dos gôdos [1].

[1] O arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, na sua *Hist. Ecc. de Lisboa* (parte 2.ª, cap. 56) diz que foi erecta em parochia, pela bispo de Lisboa, D. Matheus (4.º vol., pag. 269, col. 2.ª) a 11 d'abril de 1280. Ou é engano do arcebispo, pois não adduz uma unica prova a favor do que escreve, ou — o que é mais provavel — a egreja só então principiou a ser matriz independente, sendo até essa data, filial de S. Pedro.

Teve de certo varias reparações, mas, estando muito arruinada em 1649, e tendo subido de leito o Sizandro (sobre cuja margem esquerda está construida) estava sujeita a frequentes inundações, tratou o povo de a mudar para sitio mais elevado, comprando, com licença regia, um chão para esta construcção; mas não se effectuou a mudança, resolvendo-se reedificar a antiga. Principiaram as obras em 1666 e se concluiram em 1716.

Era de abobada, mas esta cahiu, e a torre dos sinos [1], com o terramoto de 1755, e esteve algum tempo entulhada, até que a collegiada tirou uma quantia a juro, e se tratou logo da sua reconstrucção; mas o tecto, foi então feito de madeira, pintada, tendo no centro as armas de Portugal, e outras de pedra sobre o arco cruzeiro. Mas a torre dos sinos, só se fez em 1822, e o sacrario em 1805.

Foi sempre de uma só nave.

Alem do districto da villa, pertencente a esta freguezia, tem fóra, trez logares — ao E., *Sarges* — ao O., *Ribeira de Pedrulhos* — e ao S., a *Serra da Villa*, povoação muito antiga, que já existia no seculo XIII, com o nome de *Serra de Diogo Espada*.

Pertencem a esta freguezia, quatro quintas — *Fontainhas de Cima*, *Fontainhas de Baixo*, *Quinta da Rosa* e *Quinta Nova*.

Pertencem tambem a esta freguezia, 26 casaes, que ficam mencionados em outro logar.

—

3.ª — *S. Thiago*, apostolo — Era tambem collegiada, composta de prior e oito beneficiados, simples, apresentados pelo patriarcha. Deixou de existir esta collegiada, de facto, em 1834, e de direito, por um decreto do cardeal patriarcha, Manoel Bento Rodrigues, de 4 de novembro de 1859, passando os seus rendimentos para o seminario patriarchal.

Pertenciam a esta egreja, os dizimos da sua freguezia, da da Encarnação (Fanga da Fé) parte dos da Ventosa; parte do Turci-

[1] Ainda existe parte da escada, em espiral, da antiga torre.

fal; parte da Ribaldeira; e parte de Dous Portos.

Tinha trez curatos annexos — Ponte do Rol; Fanga da Fé (Encarnação)—e Ventosa.

Esta egreja de S. Thiago, é tambem muito antiga, e é provavel que fosse construida durante o reinado de D. Affonso Henriques; pois já em 1248, era considerada antiga. Nos principios do seculo XVIII, se derreteu um seu antigo sino, para a fundição de outro novo, o qual (o antigo) tinha a era de 1318 (1280 de J. C.)

Sujeita, como a antecedente, ás inundações do Sizandro, estava muito arruinada em 1586, sendo então principiada a reconstruir, mas as obras só se concluiram pelos annos de 1615; e a torre só se concluiu no seculo XVIII.

Em 1734, havia no seu ádro (que por vezes tem sido enterrado debaixo da calçada) tumulos, ou caixões, de pedra, que indicavam ser de pessoas nobres, e que tinham sido achados na egreja velha, e, sendo então alevantado o adro, ficaram estas sepulturas mais abaixo do seu nivel, o que era incommodo, pelo que foram entulhadas em 1838.

É de abobada de pedra, e tão bem construida, que não cahiu com o terramoto de 1755, como aconteceu ás da Graça, e S. Miguel: apenas soffreu algumas pequenas fendas; e o mesmo succedeu com o terramoto de 11 de novembro de 1858.

É de uma só nave.

A porta principal, é de architectura gothica, com ornatos em relêvo.

Na capella-mór, tambem de abobada de pedra, ha bonitos azulejos, com scenas da vida do apostolo S. Thiago, e allusivas á ordem militar do mesmo santo.

Além do altar-mór, tem seis altares no corpo da egreja, sendo o de Christo, privilegiado, e n'elle se admira uma *machinêta*, que é um primôr d'arte. Foi dada a esta egreja, no principio d'este seculo, por as *Senhoras Olivenças*, e tinha sido comprada em Granada. Dentro d'esta machinêta, ha varias reliquias.

Ha n'esta egreja muitas sepulturas de pessoas nobres, com ornatos e inscripções, hoje quasi illegiveis.

São nos limites d'esta freguezia, e fóra da villa, os logares — do *Paúl*, ao N. O. (em frente e ao N. do Varatojo) — *Fonte Grada d'Aquem*, ao N. O. — e *Figueirêdo*, ao S. E.

São d'esta freguezia, trez quintas e treze casaes — são — *quinta dos Francos*, proximo á egreja — *quinta da Fonte Grada* — e *quinta do Valle de Lino*, junto á aldeia do Paúl — e os casaes — da Pedreira, dos Cucos, da Alagôa, da Bombarda, do Ouriço, do Moisêbre, do Salgueiral, Broeira Velha, Broeira Nova, de São Gião, da Laranja, do Amaro, da Portella, e o dos Pinhaes.

—

4.ª — *Santa Maria do Castello* (Nossa Senhora da Assumpção) — É a primeira e mais antiga da villa. Ha mesmo quem diga que as outras trez, foram suas filiaes [1].

Foi tambem collegiada, composta do prior (que sómente era obrigado á frequencia do côro, nos dias solemnes, denominados prioraes) e dez beneficiados, apresentados pelo prior, sem cura, e só responsaveis por si, ou pelos seus *economos*, á frequencia do côro.

Pertenciam a esta egreja quatro dizimarias — a da freguezia, a do Turcifal, a da Azueira, e parte da freguezia de Dous-Portos. (*Ribaldeira.*)

A rainha D. Brites, mulher de D. Affonso III, e senhora de Torres Vedras, deu ao prior d'esta freguezia, os dizimos dos casaes de Fonte Grada, São Gião d'Entre as Vinhas, Outeiro, e Serra Gallegueira. Todos estes casaes se avistam da porta principal da egreja.

Eram suas filiaes, as egrejas — do Turcifal, Azueira, e Dous-Portos.

Ermidas da villa e termo

(Vão por ordem alphabetica, para se acharem mais facilmente.)

---

[1] Os beneficiados d'esta egreja, sustentaram, em 1727, que ella era a matriz de todas. Os priores das outras, oppozeram-se, e houve uma contenda ou pleito ecclesiastico, chegando-se a inquirir testemunhas, na Merceana (Alemquer), mas não houve decizão final — pelo menos, não consta que a houvesse.

1.ª — *Amial* (N. Senhora do) —

—

2.ª — *Amparo* (N. Senhora do) — junto aos logares da *Silveira, Secarias* e *Cêrca*, ao N. da matriz, na freguezia de S. Pedro da Cadeira. Foi feita pelo povo, no seculo XVII, para poderem ter capellão, em vista da distancia da egreja parochial, ficando-lhe, de mais a mais, entre a ermida e a egreja, o Sizandro, sem ponte n'este sitio, e invadiavel no inverno.

É um templo vasto, com capacidade de ser egreja matriz, com bôa sacristia e torre de sinos.

Em 15 de dezembro de 1675, fizeram os moradores dos trez referidos logares, uma escriptura pela qual se obrigaram á fabrica da ermida; e, em 9 de dezembro de 1676, lhe passou provisão, o arcebispo de Lisboa, D. Luiz de Souza (no 1.º anno da sua prelatura) para aqui se poder celebrar. (Vide 4.º vol., pag. 275, col. 2.ª)

—

3.ª — *Anna* (Santa) — na villa, junto á porta da muralha a que deu o nome, no largo da Graça.

É antiquissima, mas ignora-se a data da sua fundação. Está profanada, desde 1810.

—

4.ª — *Cruz de Riba-Mar* (Santa) — na freguezia de São Pedro da Cadeira. Era annexa a uma antiquissima albergaria que houve n'este logar, e que se suppõe fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques.

—

5.ª — *Desterro* (N. Senhora do) — na quinta da *Abelheira*, freguezia de Sobral da Abelheira. Foi fundada em 1622, para cabeça de vinculo, pelo mórgado, Miguel Arnaut, e que hoje pertence ao sr. Joaquim de Mello, senhor d'esta quinta. O fundador, instituiu n'esta ermida uma missa quotidiana, por escriptura de 25 de agosto do mesmo anno, e a dotou (a ermida) com 3$000 réis de renda annual, imposta n'esta quinta, para a fabrica da ermida, e para se levar d'ella o Santissimo aos enfermos, em caso de necessidade. Consta tudo de documentos existentes no cartorio da egreja matriz.

—

6.ª — *Encarnação* (N. Senhora da) — na freguezia da Fanga da Fé; que, por causa d'esta ermida, se chama tambem *freguezia da Encarnação*.

Está a ermida, no logar da Lobagueira (antigamente *Lobagueira dos Lobatos.*)

É um templo muito antigo.

Segundo a tradição, não havia na freguezia uma unica imagem da Santissima Virgem, e um individuo d'este mesmo logar da Lobagueira, foi a Lisboa, em 1590, e pediu a um conego da Sé, que lhe désse uma imagem de N. Senhora, visto haver tantas n'aquella egreja. O conego, foi a um caixão onde se guardavam as imagens velhas, e lhe deu uma de Santa Catharina, de roca, dizendo-lhe que era da Virgem, e como tal foi collocada na egreja, pondo-lhe depois, sobre o braço esquerdo, um Menino Jesus.

Foi tão grande a devoção dos povos d'estes sitios, e tantas e tão valiosas as offertas á Senhora, que passados poucos annos (1597) com ellas se construiu uma nova, ampla e magestosa egreja, dedicada a N. Senhora da Encarnação; tendo proximas, a residencia do eremitão, e bastantes casas para acolheita dos romeiros.

Fazem a esta Senhora duas festas no anno. A 1.ª, a 25 de março (Annunciação) e a 2.ª, a 15 d'agosto (Assumpção.)

Antigamente vinham aqui muitos romeiros, não só d'estes sitios, mas de muitas terras distantes, e até de Lisbôa.

O terramoto do 1.º de novembro de 1755, arruinou a egreja de S. Domingos, matriz da freguezia, e desde então até hoje, tem a grande ermida da Senhora, servido de egreja parochial.

As festas da Senhora, apezar de menos concorridas do que antigamente, ainda se fazem com grande magnificencia.

—

7.ª — *Antonio* (Santo) — na freguezia de Dous-Portos, a cujo padroeiro se faz todos os annos uma brilhante festa, com procissão, fogo de vistas e arraial concorridissimo.

—

8.ª — *Espirito Santo* — no logar do Amial. Hoje é dedicada a Santo Antonio de Lisbôa.

É muito antiga, e pertencia a uma albergaria que estava *mistica*. Não pude saber mais nada com respeito a esta ermida.

—

9.ª — *Espirito Santo* — no logar da Ribaldeira (Dous Portos.) Era pertencente a um antiquissimo hospital ou albergaria. Tem sacrario, com o SS. Sacramento. N'esta ermida se faz todos os annos uma sumptuosa festa a Santa Catharina, virgem e martyr. Vide a 28.ª ermida.

—

10.ª — *Estevam* (Santo) — no logar da *Urgeriça*, freguezia de Dous-Portos. Disse-se n'ella a 1.ª missa, em 1590.

—

11.ª — *Gião* (São) — (São Julião) — vulgarmente chamada *São Gião Entre as Vinhas*, a 1:500 metros ao O. da villa. É antiquissima, e a sua ultima reconstrucção foi em 1846. Está junto da quinta do seu nome.

É muito provavel que esta ermida tivesse sido templo dos romanos, porque houve aqui uma grande povoação, do tempo d'esses conquistadores, do que ha claros vestigios, e em nossos dias se teem por estes sitios achado grande numero de objectos d'aquelles remotos tempos, como fica dito no § *Antiguidades*.

Na sachristia, está uma lápide com a seguinte inscripção, em lettra gothica:

ESTA ERMIDA MANDOU FAZER
JOÃO ALVES, PRIOR DE SANTA
MARIA DO CASTELLO, E FOI
ACABADA NO ANNO DE NOSSO
SENHOR JESUS CHRISTO, DE
MIL, E IIII.ᶜ E TRINTA ANNOS. (*1430.*)

É porém incontestavel que este prior, apenas reconstruiu *à fundamentis*, este templosinho, sobre as ruinas de outro; porque, em um aforamento, feito na era de 1313 (1275 de J. C.) e que existe no cartorio da egreja, já se nomeia esta ermida.

A pedra do remate da porta d'esta ermida, foi de uma sepultura romana, de tamanho regular. Ainda se descobrem, sob a hombreira do lado esquerdo de quem entra, estas letras, —

I V I I
X VII I

Sabe-se, porem, que toda a pedra estava cheia de letras, que foram mandadas picar por algum ignorante. Nas paredes, tambem se acham mettidas outras pedras com inscripções, hoje illegiveis, e provavelmente romanas.

—

12. — *Gião* (São) — (S. Julião) — fundada pelos sapateiros d'esta villa, em 1359, assim como um hospital, ou asylo, contiguo, para os seus confrades.

O seu primeiro assento, foi na *Varzea da Feira* (assim chamada, por se fazer aqui uma feira, no dia de São Pedro) *a par de Santa Maria do Amial*, passada a ponte da Mentira.

Por causa das inundações do Sizandro, a que estava sujeito, foi este estabelecimento de caridade mudado para dentro da villa (1586) para a rua chamada hoje dos *Pelomes* — e chamada então, *rua de Antão le Oliveira*; mas a ermida ainda ficou no sitio primitivo; porem, pelo mesmo motivo, a Misericordia a mandou demolir, e construir outra, em seu logar, no sitio onde hoje se vê, á sahida da villa pela porta da Corredoura, junto á estrada real que vae para Runa e povoações do Riba-Téjo. N'este mesmo sitio, por a ter levantado por varias vezes a calçada, estava a ermida sujeita ás inundações, que a estragavam, e em 1844 esava em quasi total ruina, com descredito da Misericordia, á qual foram dados os rendimentos do hospital dos sapateiros, sob a condição de trazer sempre a ermida bem conservada. N'este anno, (em junho) foi entullado o seu pavimento, até ficar superior á calçada; construindo-se então o campanario, e fazendo-se todos os mais preparos necessarios.

O povo da villa festejou sempre, até ao anno de 1810, com muita pompa, o padroeiro d'esta ermida, no seu dia, havendo missa cantada, sermão de manhan e de tarde, ladainha etc., e depois, varios leilões, cujo rendimento era applicado para o culto do santo.

Havia cavalhadas, jógos (*folias*) e outros divertimentos usados n'esse tempo.

Hoje, nem a Misericordia, nem outros

quaesquer devotos festejam este santo, nem mesmo aqui se diz missa.

Para o mais que diz respeito a esta ermida e seu hospital, vide o paragrapho *Misericordia*.

—

13.ª—*Helena* (Santa)—depois chamada da *Santa Cruz*, [1] por esta santa ter achado a verdadeira, onde J. C. foi crucificado; pelo que as imagens de Santa Helena, teem uma cruz ao lado.

É um templo antiquissimo, e pretendem alguns que foi egreja matriz da freguezia de Atouguia da Baleia. O seu primitivo assento, foi junto ao mar, que a arrazou, pelo que se construiu outra nova que é a actual. Na antiga, existia uma lapide romana, que foi tampa da *sepultura de Caio, filho de Quinto... que falleceu de 25 annos de edade. Foi mandado fazer, á custa de Valerio e Julia...*, tendo na ultima linha, as letras usadas em todos os tumulos romanos—S. T. T. L. (A terra te seja leve.)

O sargento-mór, Felix José da Cunha, do Turcifal, mandando aqui construir uma casa para banhos, fez da tal lapide um assento, que collocou junto á casa, que é hoje do negociante d'esta villa, Manoel Francisco da Veiga.

Perto da actual ermida, teem apparecido grande numero de sepulturas, com ossadas romanas, o que prova que, em tempos remotos, houve aqui uma grande povoação romana, que o mar foi pouco a pouco invadindo.

Hoje apenas aqui ha uns 7 ou 8 fogos, sendo o terreno circumferente, árido, e quasi todo coberto de areias. O que é certo, é que em Atouguia houve um templo romano, dedicado a Neptuno, que no tempo dos alanos se transformou em egreja christan, de um mosteiro de freiras agostinhas descalças, do qual apenas hoje existe a egreja que é a actual matriz da parochia. (Vide 1.º vol., pag. 254, col. 1.ª)

—

14.—*João* (São)—proxima e n'uma collina, e ao S. E. da villa.

Em 1847, se descobriu, debaixo do cunhal da capella-mór d'esta ermida, uma lapide tumular, que já fica descripta no § e antiguidades.

Foi construida (a capella) pelo povo da villa, no seculo XVI, e dedicada a São João Baptista.

A camara lhe fazia todos os annos uma pomposa festividade, no seu dia (24 de junho) que attrahia numerosa e brilhante concorrencia.

Havia então, uma corrida de touros, para a qual havia uma espaçosa *praça*, no *Campo da Porta da Varzea*, cercada de trincheiras de cantaria, obra de grande magnificencia.

Supponho que esta praça de touros, foi destruida pelo terramoto de 1755, pois d'ella ja não ha vestigios.

O juiz e mordomos d'este santo, eram sempre escolhidos de entre as pessoas mais qualificadas da villa; e a ultima festa, foi no anno de 1755.

Junto a esta ermida, houve um recolhimento, do qual já tratei, no logar competente.

—

15.ª—*Livramento* (Nossa Senhora do)—É no logar da Azoeira, termo d'esta villa, mas hoje concelho de Mafra [1].

—

16.—*Marcos, evangelista* (São)—no logar

---

[1] Santa Helena, que viveu pelos annos 300 de J. C., era mãe de Constantino Magno, o 1.º imperador romano que foi christão, convertido por sua mãe. Esta santa desejou achar a cruz onde o Redemptor fôra crucificado, a qual, e as dos dous ladrões (Gestas e S. Dimas) estavam enterradas no monte do Calvario (Golgotha) e só milagrosamente a pôde differençar das outras. (Isto prova que os dous ladrões não foram atados com cordas, ás suas cruzes, mas tambem presos a ellas por cravos de ferro, como Jesus Christo).

Se fossem só atados, não era preciso um milagre para se saber qual era a Cruz de Christo.

[1] Mafra, foi elevada a comarca em 1856. Então supprimiu-se o pequeno concelho de Azoeira (que apenas existia ha 20 annos) hindo as suas cinco freguezias—*Azoeira*—*Enxara do Bispo*—e *Sobral da Abelheira*, para Mafra—e as freguezias de *Freiria* e

do *Paúl*, 3 kil. ao O. N. O. da villa. É do povo. (Vide 6.º vol., pag. 507, col. 1.ª)

—

17.ª—*Maria do Azambujeiro do Sobral* (Santa)—é a actual matriz da freguezia do Sobral da Abelheira. (Vide n'este vol., pag. 415, col. 2.ª)

—

18.ª—*Marinha* (Santa)—na *Ribeira de Pedrulhos*. Hoje apenas d'ella existem as paredes desmanteladas, tendo a imagem da padroeira, sido levada para a capella do mórgado da Ponte do Rol.

Era a unica ermida d'esta invocação, em toda a comarca.

Suppõe-se que pertencia aos donos de um palacête, cujas ruinas ainda existem junto ás da ermida.

—

19.ª—*Matheus, evangelista* (São)—no logar da *Lobagueira*. Foi annexada ao hospital da Misericordia d'esta villa. Tem tombo dos seus bens, feito em 1506 e reformado em 1540.

—

20.ª—*Nazareth* (N. Senhora de)—no logar de *Fonte-Grada*. Pertencia á parochia de S. Miguel, d'esta villa, mas os seus priores a abandonaram aos curas da freguezia da Ponte do Rol, com parte da aldeia *D'Alem* (que antigamente se chamava *De Cá*.)

É grande esta ermida, e tem uma bôa torre com sinos. É do povo. Consta que foi fundada em 1520, e a sua festa é a 8 de setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora. Apezar de se fazer hoje com sumptuosidade esta festa, foi ella ainda de maior magnificencia até ao principio d'este seculo, chegando-se até a alcançar provisão regia para se fazer um mercado n'este logar, no dia da festa; mas que durou poucos annos, acabando por falta de concorrencia.

—

21.ª—*Pena* (N. Senhora da)—no logar da *Serra da Villa*, construida pelos annos de 1611.

É do povo, que a fundou. Fica perto da villa.

—

22.ª—*Pedro da Amoreira* (São)—junto aos logares do *Codeçal* e *Xanca*, freguezia do Sobral da Abelheira. É muito antiga, e tem algumas propriedades. Tinha uma confraria, com seu *compromisso*, tambem antiquissimo. Tem tombo dos seus bens, feito em 1507, e reformado em 1541.

—

23.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—no casal de Valle-Verde. É muito antiga: não se sabe por quem ou quando foi fundada. Nada tem digno de nota. O *Sant. Mar.* não traz esta ermida.

—

24.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—É muito antiga, e tem tombo das suas propriedades, feito em 1506. Foi egreja do hospital de João Gil Cuchifel (vide o §. *Misericordia*) e é actualmente egreja parochial da freguezia de Santa Suzana, do *Maxial*.

—

25.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—no logar do Codeçal, freguezia do Sobral da Abelheira.

Foi fundada em 1625, por André Domingues, e sua mulher, Natalia Duarte, que a dotaram com 3$000 reis de renda annual, para a sua fábrica, por escriptura de 7 de março d'esse mesmo anno. (Vide n'este vol., pag. 415, col. 2.ª)

—

26.ª—*Piedade* (N. Senhora da)—Tambem chamada *N. Senhora da Ribeira*, na bonita aldeia do Paúl. (Vide 6.º vol., pag. 507, col. 1.ª)

—

27.ª—*Prazeres* (N. Senhora dos)—no logar da *Caxaria*, freguezia de Dous-Portos (Ribaldeira.)

Tem sacrario, com SS. Sacramento. Aqui se faz todos os annos uma grande festividade á Padroeira, e outra a Santo Antonio, ambas concorridissimas.

—

28.ª—*Rosario* (N. Senhora do)—no logar de Villa Franca do Rosario, freguezia de

---

Turcifal, para Torres Vedras. Tambem se juntou então ao concelho de Mafra, a freguezia de *Fanga da Fé* (Encarnação) que era do concelho de Torres Vedras.

Para a ermida da *Senhora do Livramento*, vide 5.º vol., pag. 25, col. 1.ª.

Enxara do Bispo. Foi construida pelos annos de 1560, em um sitio a 2 kilometros do logar da Enxara, e a egual distancia da aldeia do Gradil, 10 ao S. da villa. A festa da Padroeira, é no 1.º domingo de outubro. Teve trez irmandades, sendo a principal formada por gente de Lisbôa—a 2.ª, pelos moradores de Via-Longa — e a 3.ª, pelos dos Olivaes. Houve no dia da festa, uma bôa feira franca.

A pouca distancia da ermida, está uma *memoria*, em fórma de nicho, que, segundo a lenda, foi onde a Senhora appareceu a um pastorinho.

É um templo vasto e magnifico, com capacidade de poder servir de egreja parochial. Tem altar mór, e dous no corpo da egreja, sacristia muito bôa, e duas torres de sinos, mas uma ainda está por concluir. Tem algumas propriedades, cujos rendimentos são applicados para a sua fábrica.

—

29.ª—*Salvador do Mundo*—(Hoje é dedicada a *Nossa Senhora dos Anjos*) no logar e freguezia de Dous Portos.

Por escriptura de 14 de novembro de 1595, se obrigaram os moradores d'este logar, á fábrica da egreja e a terem sempre acceza a alampada do Sacrario, porque então estava aqui o SS. Sacramento, que depois se mudou para a ermida do Espirito Santo, da Ribaldeira, na mesma freguezia.

—

30.ª — *Saude* (N. Senhora da)—na *quinta do Clavel*, que foi dos condes do Farrôbo. É templo moderno, com missa de obrigação da casa, em todos os domingos e dias santos (*mesmo nos abolidos em 1844.*)

—

31.ª—*Saúde* (N. Senhora da)—no logar de Figueirêdo, freguezia de S. Miguel d'esta villa. É do povo, e festejada, a Padroeira, todos os annos.

Tem varias propriedades, e tombo d'ellas, que está no archivo da matriz.

—

32.ª—*Sebastião, martyr* (São)—na aldeia do *Barril*, na freguezia da Fanga da Fé. Foi feita á custa do povo, em 1597. Faz-se-lhe uma grande festa annual, muito concorrida.

—

33.ª—*Sebastião, martyr* (São)—no logar do mesmo nome, nas abas da serra do Soccôrro. Foi antigamente de um hospital e confraria, com seus bens, tombados em 1506, e reformado, o tombo, em 1540.

—

34.ª — *Senhora da Cátula* (corrupção de *Cáthedra*)—na freguezia de S. Pedro dá Cadeira, 11 kil. ao N. de Torres Vedras. A verdadeira invocação da Podroeira, é *N. Senhora do Ó*, ou da *Expectação*. É templo antiquissimo, mas não se sabe quando nem por quem foi fundado. A imagem revela grande antiguidade; é de pedra e tem um metro d'alto.

Tem varias propriedades, e tombo d'ellas, feito em 1507.

—

35.ª—*Senhora dos Milagres*, ou *da Fonte Santa*, ou *da Agua Santa* — junto ao logar dos *Milheiros*, freguezia de Dous-Portos. Fazem-se á padroeira duas festas annuaes—a 1.ª, no ultimo domingo d'agosto, pelo povo de *Alfaria*, que ainda conserva o antigo uso de levar á ermida uma dança de 12 meninas, ricamente vestidas — a 2.ª festa, é no 1.º domingo de setembro, havendo então aqui uma bôa feira.

A aldeia dos Milheiros, fica 10 kil. a E. da villa.

Segundo a lenda — no anno de 1578, andava aqui um pastorinho, guardando ovêlhas, e não havendo agua por aquelles sitios, chorava o menino com sêde. Então lhe appareceu a Virgem, e com suas mãos, fez uma pequena cóva em um rochêdo, d'onde immediatamente brotou um manancial de agua purissima e em grande abundancia.

Regressando o menino a casa, contou a seus paes o acontecido, e logo elles e outros visinhos foram ao sitio, admirar o milagre, e em uma pequena collina, alli perto, trataram logo de fazer uma ermida, que dedicaram a N. Senhora, sob a invocação dos *Milagres*; mas em memoria do successo que deu origem a esta ermida, lhe chamam tambem vulgarmente, Senhora *da Fonte Santa*, ou da *Agua Santa*. (Vide 8.º vol., pag. 171, col. 2.ª)

—

36.ª—*Soccôrro* (N. Senhora do) — no alto da serra do mesmo nome. É templo antiquissimo, de architectura gothica, e de abobada, com sua capella-mór, e corpo da egreja. A sua festa é a 5 de agosto (N. Senhora das Neves) e sempre concorridissima de romeiros de muitas leguas de distancia, que trazem á Senhora valiosas offertas.

Tem casas antigas para romeiros, mas n'estes ultimos tempos teem-se feito outras novas, em vista do grande concurso.

No dia da festa ha aqui uma bôa feira, que antigamente se chamava de *Montachique.*

O templo está no mais alto da serra, em sitio summamente alegre e pittoresco, e com um surprehendente ponto de vista, para todos os lados, vendo-se grande numero de povoações, valles ferteis e aprazíveis, varios montes e serras, a praça de Peniche, as Berlengas, o Baleal, a Consolação, e uma vasta extensão do Oceano.

Ao fundo d'esta serra, está a ermida de S. Sebastião, a 33.ª mencionada.

Fica a 6 kil. da villa.

Segundo a tradição, esta ermida foi originariamente mesquita de mouros, e que a imagem da Padroeira appareceu em uma lapa proxima do templo. É de pedra e de 1m,10 de altura.

Tem um ermitão que cuida na limpeza e conservação do templo e suas dependencias.

É no districto da freguezia de Enxara do Bispo, e fica a 8 kilometros de distancia do famoso santuario de *N. Senhora da Guia,* (posto semaphorico) no termo de Cascaes.

—

37.ª—*Vicente* (São)—Fundada no cume do monte do seu nome, onde está o forte tambem assim denominado, e que já mencionei, quando tratei das famosississimas *Linhas de Lisbôa.*

É templo antiquissimo, e com muita probabilidade, do principio da monarchia, porque, no cartorio da egreja de São Thiago, d'esta villa, existe o emprazamento de um olival, *a São Vicente a par do chafariz de S. Miguel,* feito na era de 1305 (1267 de J. C.)

A festa do padroeiro fazia-se no seu dia proprio—22 de dezembro—mas, exactamente n'esse dia, do anno de 1846, teve logar a batalha entre cabralinos e populares, como já fica referido, e a ermida ficou arruinada e profanada. A imagem do santo, foi então mudada para a ermida de N. Senhora do Amial, que fica em baixo, e ahi, desde então, se tem feito a festa de S. Vicente, no seu dia.

—

Ainda ha mais algumas ermidas, de quintas, que já ficam mencionadas em outros logares.

—

Alem das 37 ermidas aqui descriptas, e das particulares, que o ficam no logar competente, é provavel que haja mais alguma, no termo de Torres Vedras; porem o livro de que tomei os apontamentos para este artigo, está tão confuso e atrapalhado, que, para n'elle se achar qualquer cousa, é *como quem procura agulhas em palheiro.*

Praça de touros

Já vimos que no campo da Porta da Varzea, houve uma vasta praça de touros, feita de cantaría, pela camara, para haverem brilhantes corridas no dia de S. João Baptista, cuja ermida fica proxima.

Destruida esta praça, pelo terramoto de 1755, nunca mais se construiu outra, de pedra, para a substituir.

Em 1758, a camara, para festejar o mesmo santo, fez construir, de madeira, uma nova praça, no mesmo sitio da antiga; mas, terminadas as festas, foi mandada desfazer.

Em 1853, uma *companhia* de curiosos, d'esta villa, mandou fazer outra, tambem de madeira, e excellente, no sitio de *Entre as Hortas,* a Carcavellos, com a esperança de auferirem grandes interesses; mas, tendo aqui havido algumas corridas, em dia de S. Pedro, e não correspondendo o lucro ás suas esperanças, está actualmente abandonada e ameaçando ruina.

Antes porem d'esta praça permanente, se tinham feito algumas de madeira, que se desfaziam, findo o *humanitario divertimento.*

Homens illustres de Torres Vedras

1.º—*Padre Antonio Trigueiros Semêdo*, filho legitimo de Gregorio da Fonceca Semêdo e de D. Brites de Gouveia. Foi doutor em canones, pela universidade de Coimbra, lente de decretaes, na mesma, deputado do Santo Officio, conego doutoral, da Sé de Lamêgo, tomando posse do canonicato, em 19 de maio de 1655.

Foi depois, conego doutoral da Sé do Porto, e por fim, da de Coimbra, onde falleceu, no real collegio de S. Pedro.

—

2.º—*Gomes Martins de Vasconcellos e Alvarenga*, filho de Manoel Rodrigues de Vasconcellos.

Casou com D. Catharina Teixeira—tambem natural d'esta villa (que, depois de viuva, casou com o pae do 1.º barão d'Alvito, como vimos em outro logar.) Foi camareira-mór da infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha.

Gomes Martins de Vasconcellos e Alvarenga, seguiu as letras, e foi do conselho de D. João I, juiz da corôa, e chancellermór do reino.

—

3.º—*Ruy Gomes Alvarenga*, filho unico dos antecedentes. Casou com D. Milicia Soares de Mello.

Foi do conselho dos reis D. João I, e Dom Duarte, chanceller-mór do reino, no reinado de D. Affonso V, e embaixador a varias côrtes estrangeiras. Foi alcaide-mór de Torres Vedras, e pae de Gomes Soares d'Albergaria e Mello, que lhe succedeu na casa e na alcaidaria.

—

4.º—*Gomes Soares d'Albergaria e Mello*, filho dos antecedentes, e successor de seu pae, foi reposteiro-mór dos reis D. Affonso V, D. João II, e D. Manoel.

Foi um guerreiro intrépido, entrando em muitas batalhas, e ficando prisioneiro na de Tôro (maio de 1476.)

Morreu n'esta villa, a 12 de janeiro de 1514, e foi sepultado no mosteiro do Varatôjo, em uma capella que tinha mandado fazer no claustro.

Foi sua filha e herdeira, D. Margarida Soares de Castro, que, como vimos em outro logar, casou com D. João d'Alarcão, o 1.º dos Alarcões que foram alcaides-móres d'esta villa.

—

5.º—*João Lopes Perestrêllo*, illustre capitão portuguez, companheiro do immortal D. Vasco da Gama, na descoberta do caminho da India, por mar.

Casou com D. Philippa Lourença, tambem d'esta villa, a qual jaz sepultada na capella da SS. Trindade, da egreja de S. Pedro, e tambem seu marido, que, tendo fallecido na Ilha Terceira, foram transferidos os seus ossos para esta sepultura, mandada fazer por seus filhos, Antonio, e Raphael Perestrello, para elles, e seus paes e descendentes, em 1510.

Estes descendentes são os actuaes possuidores da quinta e mórgado *da Ermigeira*, e a quinta e mórgado *do Hespanhol*, vinculada por João Lopes Perestrêllo, filho do dito Antonio Perestrêllo.

João Lopes Perestrêllo, e sua mulher, jazem em uma urna de jaspe, assente sobre leões da mesma pedra, dentro de um arco de architectura gothica, com varios ornatos e figuras, em relêvo, mettido na parede, do lado da Epistola, e ao S. da dita capella da SS. Trindade, com esta inscripção:

NOBILIUM, DÃ, JOANNIS, LOPEZ,
PERESTRELO, ET EJUS, UXORIS
PHILIPA, LAURENTI,
OSSA TUMULATA, CUBANT.

(Aqui estão depositados os ossos dos nobres senhores, João Lopes Perestrello e de sua mulher, Philippa Lourença.)

D'ambos os lados do epitaphio, estão abertas as armas dos illustres defunctos—isto é—as dos Perestrêllos, á direita, e as dos Teixeiras, á esquerda.

Sobre o arco da capella, que defronta com a nave principal da egreja, está tambem o escudo d'armas dos Perestrellos, tendo por baixo a inscripção:

PALASTRELLUS

—

6.º—*Bartholomeu Perestrêllo*, illustre navegador portuguez, e (como seu irmão João Lopes Perestrêllo, o antecedente) companheiro de D. Vasco da Gama. Falleceu em Cochim (India) em 1515.

Instituiu na capella de seus paes (a que acabei de mencionar no § antecedente) uma missa quotidiana, por sua alma, e seis annuaes pela de seu pae, para o que designou os competentes rendimentos, em bens de raiz, *com muitas maldicções aos seus descendentes, que não cumprissem o indicado n'esta instituição.*

Não teve filhos, e, instituindo o mórgado da Ermigeira, nomeou primeiro administrador d'elle, seu irmão Antonio.

Hoje, este mórgado é, por herança, dos srs. viscondes de Balsemão.

Ha mais de 200 annos que se não dizem as missas impostas no vinculo pelo seu instituidor: apenas os donos da quinta da Ermigeira, dão annualmente, 6 potes de azeite, para estar constantemente acceza uma alampada, na capella da SS. Trindade, para o que o instituidor designou o azeite do seu olival *do Galhardo*, junto á *Fonte da Santa*, ao pé da villa.

—

7.º—*Antonio Telles da Silva*, filho dos 3.ºs marquezes de Penalva, Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, e sua mulher, D. Joanna d'Almeida.

Foi (Antonio Telles da Silva) gentil-homem da camara de D. João VI, no Rio de Janeiro. Nasceu na Quinta das Lapas, que já fica descripta.

—

8.º—*D. Eugenia Telles da Silva*, irman do antecedente, tambem nascida na Quinta das Lapas, a 9 de setembro de 1791, e falleceu a 28 de dezembro de 1834.

—

9.º—*Dona Leonor*, filha do rei D. Duarte e da rainha D. Leonor, filha de Fernando I, d'Aragão. Nasceu aqui, a 18 de setembro de 1434, casou, em 1451, com o imperador da Allemanha, Frederico III.

Falleceu, em Neustad, a 3 de setembro de 1467.

—

10.º—*Dona Garcia Froyas*, mãe de D. Pedro, conde de Barcellos, filho natural do rei D. Diniz, e auctor do celebre *Nobiliario*, intitulado, *Livro das Linhagens*.

—

11.º—*D. Manoel da Silva Francez*, bispo de Tagaste, provisor e coadjutor do arcebispo de Lisboa, D. João de Sousa, da familia dos senhores de Gouveia (de Riba-Tâmega—4.º vol., pag. 275, col. 2.ª)

—

12.º—*D. frei Eugenio Trigueiros*, bispo de Macau (China) e arcebispo eleito de Gôa, capital da India Portugueza.

—

13.º—*Padre Manoel Agostinho Madeira Torres*, prior da egreja de Santa Maria do Castello, presidente das côrtes de 1821, socio da Academia Real das Sciencias, de Lisbôa, e auctor da *Descripção historica e economica, da villa e termo de Torres-Vedras*, publicada pela mesma Academia, e encorporada nas suas obras. (D'este livro me servi, para extrahir muitas das noticias que se acham n'este artigo.)

—

14.º—*Roque Ferreira Lobo*, administrador do correio do reino, fallecido em Lisbôa, no mez de outubro de 1828.

Escreveu e publicou, a *Historia da feliz acclamação do Senhor D. João quarto, com uma serie chronologica dos senhores reis de Portugal*. Foi impressa em 1803.

—

15.º—*Frei Alvaro de Torres*, monge de S. Jeronymo, um dos melhores prégadores do seu tempo. Escreveu e publicou o *Dialogo espiritual*, e o *Directorio de confessores e penitentes*, impresso em 1556, e reimpresso, em 1558. É livro que ainda hoje goza da geral estimação, e, apezar das suas duas edições, é muito raro.

Errata

Na pagina 631, a nóta que se refere á *parochial de Santa Maria do Castello* diz respeito á egreja de *S. Thiago*.

TORRINHA — nome vulgar da freguezia da *Torre do Terranho*. *Torrinha*, *Torre*, e *Torre do Terranho*, é uma e a mesma povoação. Cada um lhe dá qualquer d'estes trez nomes, como lhe apraz. Pertenceu ao extincto concelho de *Moreira de Rei*, e agora pertence ao de Trancoso.

O *Chuço*, pae, natural de Trancoso, casou n'esta freguezia e aqui lhe nasceram os famosos dous filhos, *José* e *Antonio*. (Vide n'este vol., pag. 551, col. 2.ª)

Ha n'esta freguezia abundancia de milho, feijões, batatas, e algum vinho, *verde*: do mais pouco. Muito gado, colmeias, e caça, grossa e miuda.

Ha aqui um bom edificio brazonado, com uma linda capella, pertencente á familia Athaide, de Villa Real, de Traz-os-Montes. E' hoje propriedade da sr.ª D. Maria Bernarda Pimentel de Athaide Montenêgro, solteira, e aqui residente.

Vide *Torre do Terranho*.

TORROZÊLLO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Sandomil) 70 kilometros ao E. de Coimbra, 285 ao E. N. E. de Lisbôa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 101.

Orago, N. Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior da Varzea de Merugem, apresentava o cura, que tinha 40$000 reis de rendimento, alem do pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisbôa, a 15 de maio de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 39 vs., col. 1.ª)

TORTICEIRO — portuguez antigo — malvado, injusto, perverso, malfeitor, etc.

TORTO — pequeno rio, Traz-os-Montes, que morre na margem direita do Tua, perto de Seixes.

TORTO — portuguez antigo — injuria, damno, avaria, lesão, injustiça, aggravo, e tambem castigo.

TORTO — pequeno rio, Beira Alta, que desagúa na margem esquerda do Douro.

Nasce na *Fonte do Milho*, estrada de Trancoso. Divide a freguezia da *Torre*, da do *Terranho* — passa em *Sabadêlhe da Serra*. Divide a freguezia das *Antas*, da da *Próva* — passa á de *Ourosinho* — o concelho da *Mêda*, do de *Penedono* — a freguezia dos *Pereiros*, das de *Vallongo* e da *Póvoa* — passa ás de *Trevões*, *Villarouco*, e *Pesqueira* — divide as de *Vargens*, *Castanheiro*, e *Vallença do Douro*, da freguezia de *Ervedosa*.

Entra no rio Douro, no sitio das *Bateiras*, um pouco abaixo do *Penhão*, depois de um precurso de 40 kilometros. O seu leito (principalmente ao aproximar-se do Douro) é tão caprichosamente sinuoso, que d'ahi lhe vem o nome de *Tôrto*.

Não tem pontes de pedra, senão a nova das *Bateiras*, na estrada marginal do Douro; mas tem muitas de madeira.

No inverno, é caudaloso e imponente, mas sécca completamente no verão. Póde dizer-se que é uma *torrente* e não um rio.

Poucas quintas dignas de menção se encontram nas suas margens, por serem formadas de penedias e muito ingremes. As melhores, são — a da *Soalheira*, do sr. Francisco Cardozo Valente, do Porto — a de *Seixas* — a de *Cedavim*, do sr. desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar — a de *Santa Barbara*, da viuva do doutor Albano Coutinho, de Trevões, todas na margem direita — e na margem esquerda — a de *Canellas*, dos Pimenteis, de Sarzedinho — e a do *Seixo*, de que fallei a pag. 87, col. 2.ª, do 9.º volume (o 1.º Seixo.) [1] Todas estas quintas produzem muito bom vinho de embarque, optimas laranjas e outras varias fructas saborosissimas.

Dr. Pedro Augusto Ferreira,
Abbade de Miragaia.

(Para evitarmos repetições, vide o 1.º *Seixo*, n'este volume, pag. 87, col. 2.ª)

TORTOZENDO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 40 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisbôa, 600 fogos.

Em 1768, tinha 335.

[1] Antonio de Almeida Coutinho e Lemos (vide *Trevões*) barão do Seixo, negociante de vinhos, morreu, e esta quinta é hoje do sr. Constantino do Valle Pereira Cabral, do Porto.

Orago, N. Senhora da Oliveira.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 300$000 reis de rendimento annual.

É terra muito fertil, e tem abundancia de gado, de toda a qualidade — caça, e colmeias. Vide *Tortozes*.

TORTOZES — portuguez antigo — rolas, áves. D'aqui, segundo alguns escriptores, vem *Tortozendo*, como quem diz — *terra das rôlas* — ou, onde ha muitas rôlas. Parece-me porem mais provavel que a palavra Tortozendo seja corrupção de *Tructezendo*, nome proprio de homem, gôdo, cujo patronimico, é *Tructezendes*. Tambem se dizia *Tructezindo* e *Tructezindes*.

Talvez que algum senhor gôdo, fosse o fundador, ou possuidor, d'esta povoação e lhe désse o seu nome.

TOSTE — portuguez antigo — logo — sem demora — diligentemente, etc.

TOUCA — (*Monte da*) Beira Baixa, na freguezia de Alpedrinha, comarca e concelho do Fundão.

O antigo nome d'este monte, é, *da Conceição*; mas dá-se-lhe vulgarmente o nome de *Monte da Touca*, porque, no inverno, a neve que o corôa fórma uma especie de *touca*.

N'elle rebentam uns abundantes mananciaes de aguas sulphuricas, em diversos sitios, perdendo-se a maior parte, que se vão misturar com outras aguas.

E' tradição que, em tempos antigos, appareceu em uma vinha, propriedade de certo medico, uma nascente da mesma qualidade, mas de muito mais alta temperatura. O dono da vinha, porém, que não queria escavações n'ella, *peitou* o operario que descobriu o manancial, para que elle não dissesse onde era o seu logar.

As que actualmente se aproveitam, teem a temperatura de 22 gr., Reaumur, e são recolhidas em um grande tanque ou deposito, de cantaria, coberto com folha de zinco, indo d'elle encanadas para seis tinas de pedra (quatro de granito, e duas de marmore branco.)

São aquecidas pelo vapor, pois que, no mesmo estabelecimento onde estão as tinas, ha uma machina a vapor, da força de 2 ou 3 cavallos, correndo a agua por tubos, para as tinas; e para as mesmas correm tambem por tubos, as aguas do mesmo deposito, na sua temperatura natural, para lhes dar a temperatura desejada.

O estabelecimento thermal, é bom, e offerece sufficientes commodidades para as pessoas que precisam fazer uso d'estes banhos. Foi mandado construir pela camara municipal do Fundão, dando a irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Alpedrinha, reis 1:400$000 para ajuda das despezas da construcção.

A camara arrenda annualmente estes banhos, e recebe já uma bôa renda, mas não cura da conservação e augmento do edificio, com grande desgosto do publico em geral, e dos doentes em particular.

São uteis estas thermas, para a cura do rheumatismo, e efficacissimas para extinguir as molestias cutaneas; mas não foram devidamente analysadas.

No local dos banhos, ha ainda apenas duas casas, feitas por particulares, mas em más condições; todavia, servem de bastante utilidade aos doentes, que aqui concorrem de 35 e 40 kilometros, e já em bastante numero; porém a concorrencia seria muito maior, se houvesse outra sorte de commodidades.

A povoação mais proxima das thermas, é a villa de Alpedrinha, que fica a uns 3 ou 4 kilometros.

Devo estas informações ao Rd.mo sr. *Antonio Maria da Cunha*, parocho actual (1882) da freguezia d'Alpedrinha; ao qual dou os meus sinceros agradecimentos.

TOUÇA — Villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi da comarca de São João da Pesqueira, extincto concelho de Freixo de Numão.) 54 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1724, tinha 77.

Orago, Nossa Senhora da Pureza.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

(O *Portugal Sacro* não traz esta parochia, porque ainda não existia quando se publicou esse livro.)

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando, nem por quem foi fundada.

Foi em tempos antigos, da comarca de Pinhel; depois, da de Trancoso; depois, da da Pesqueira, e é hoje da de Villa Nova de Foz-Côa.

Está esta freguezia situada em uma dilatada campina, entre os rios Côa e Távora, a 3 kilometros da villa de Freixo de Numão, a cuja freguezia pertenceu antigamente; até que, depois de mais de 14 annos de embaraços e demandas, se separou, tornando-se parochia independente, por trez sentenças, obtidas — a 1.ª, no juizo ecclesiastico de Lamego — a 2.ª, na Curia patriarchal — e a 3.ª, na Nunciatura apostolica.

Elegeu o povo, o seu 1.º cura, em 1793.

Foi cabeça de concelho, com juiz, vereador e camara, independente do juiz de fóra do Freixo de Numão, e só sujeita ao seu capitão-mór.

Nunca teve foral (ao menos Franklin não o traz) mas teve uma antiga *carta de privilegio*, dada pelo rei D. Diniz, que coutou esta villa, isentando-a de toda a qualidade de impostos, pagando só os dizimos, e tambem não era obrigada a dar soldados para o exercito. Estes privilegios, porem, acabaram no reinado de D. José I.

Havia n'esta villa uma antiga ermida, dedicada a N. Senhora da Visitação, ou da Pureza, para a qual dava a casa de Rodrigo Pinto, de Lamego, 30$000 reis cada anno, para aqui haver capellão que dissesse missa ao povo. Dava esta quantia, porque todos os habitantes da Touça, eram seus caseiros, pois todo o termo d'esta villa era um praso fateusim, foreiro ao mosteiro de Tarouca. Este praso passou, por herança, aos Peixotos, senhores de Fermêdo, Vieira e outras terras, que recebiam *os quartos* (!) de todos os fructos; pelo que, muitos dos lavradores d'aqui deixaram de cultivar terras n'este termo, para se eximirem de tão monstruoso onus, e hiam cultivar terras nos termos de Sedavim, e do Freixo, onde só pagavam o dizimo.

Esta grande casa dos Peixotos, acabou em Antonio Peixoto, que vendeu (quasi ao desbarate) tudo quanto havia herdado de seus maiores, e, depois de ser cocheiro, no Brasil, é agora (1881) *medico homeopata* (*auctoritate qua fungor*) em Montevideu, na America Hespanhola!

Sic transeat gloria mundi.

Vide *Fermêdo*.

A ermida de Nossa Senhora da Visitação, foi erecta em egreja matriz, quando se creou esta freguezia, e é ainda a sua parochial.

O padre Carvalho, na sua *Chorographia* (tomo 2.º, capitulo 9.º) érra quando diz que a villa de Touça tem egreja parochial, e duas ermidas. Nem quando elle publicou o seu livro havia aqui *egreja parochial*, nem outra ermida, alem da que hoje, e desde 1793, é matriz da freguezia.

Fabricam-se aqui, panos ordinarios.

Tem bôas hortas, é terra fertil, por ser abundante d'aguas; cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus arredores ha bastante caça.

O documento mais antigo que achei, com respeito a esta villa, é a doação que, em 1242, fez o concelho de Numão, a *Dom Abril*, do *Campo da Touça* (ou *Granja da Touça.*)

Por morte de D. Abril — que falleceu sem descendentes — reverteu isto á corôa, e o rei D. Diniz deu esta propriedade, e outras em Sedavim, Muxagata, e Longroiva, que o mesmo concelho de Numão havia dado ao tal D. Abril, ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da *villa* d'Aveiro (hoje cidade.)

Este mosteiro, emprazou depois a Touça aos ascendentes dos Pintos (depois Peixotos) por a renda annual de 360 alqueires de trigo, ou 36$000 reis. (Então já o trigo estava *a tostão o alqueire.*)

TOUGUES — freguezia, Douro, na *Terra de Faria*, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768 tinha 49.

Orago, S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bispo do Porto, e o bailio da ordem de Malta, de Leça do Bailio, apresentavam alternadamente o abbade, que tinha 320$000 reis de rendimento.

Está situada junto ás margens do rio Áve, e é terra fertilissima, como todas as que estanceiam entre o Douro e o Minho. Cria muito gado bovino, que exporta, e nos seus montes ha bastante caça. O Ave a fornece de algum peixe miudo, mas é abundante de peixe do mar, que lhe fica a 6 ou 7 kilometros de distancia, ao O.

É povoação muito antiga; e ficava dentro da circumscripção da antiga e vastissima comarca da Maia, que comprehendia todo o territorio entre os rios Douro e Lima, e que depois se circumscreveu entre o Douro e Ave. Desde então, ficou pertencendo ao territorio denominado *Terra de Faria*; porém, a sua mais antiga denominação desde o seculo x, é o de *Terra de Santa Maria.* (Vide *Villa do Conde.*)

Não se sabe quando foi fundada a sua egreja matriz, que é tambem antiga, e provavelmente, construida com os materiaes da primitiva (ou d'outro qualquer grande edificio) porque as suas paredes são feitas, em grande parte, com pedras de esquadria lavrada, e tijolos, que já haviam servido em outra construcção.

Houve n'esta freguezia um mosteiro de cruzios, fundado (não se sabe por quem) no seculo XIII. Passou a abbadia secular, sendo bispo do Porto, D. João d'Azevedo, por bulla do papa Sixto IV, em 1475. E' pois de suppor que a pedra de cantaria que se vê na parede da egreja, sejam restos do tal mosteiro, do qual ainda ao pé do templo ha alguns vestigios.

O sr. José de Azevedo Fernandes, deu á egreja de Tougues, dous sinos—um do pêso de 705 kilogrammas — outro, de 236, que aqui chegaram a 8 de outubro de 1875. Foram fabricados em Braga.

Em 21 de abril de 1879, falleceu n'esta freguezia uma virtuosissima dama, que tem jus a ser mencionada n'este repositorio—foi *D. Maria Benedicta de Mesquita Montenegro.* Tendo 16 annos de edade, casou com Manoel Antonio de Mesquita Pimentel. Ficando viuva, quando apenas contava 21 amos, nunca mais cuidou em passar a 2.as nupcias, consagrando-se com maternal desvelo, á educação de seus dous unicos filhos — D. Anna Amalia de Mesquita Montenegro, já fallecida antes de sua mãe — e o sr. doutor Bento Joaquim de Mesquita Pimentel de Carvalho, pae do sr. Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel, que foi administrador do jornal braccarense «Commercio do Minho» e está hoje fazendo parte da direcção da «Palavra» jornal do Porto.

No decurso da sua longa vida (pois falleceu de quasi 100 annos) foi o typo perfeitissimo da mulher christan, e da mãe de familia, educando seus filhos, nos principios do mais austero catholicismo.

De seus labios, só se ouviram, até aos seus ultimos instantes, palavras de consolação, doçura e sabedoria, tanto para os seus, como para os estranhos.

Senhora de esmerada educação, foi muito inclinada á poesia, e fez bastantes versos mysticos, repassados de suavidade e de religião.

Falleceu santamente, como tinha vivido, deixando indelevel saudade, não só a seus filhos e netos, como a todas as pessoas que tiveram a ventura de a conhecer e tratar.

Para a etymologia d'esta povoação e da seguinte, vide *Touguinhó.*

TOUGUINHA — freguezia, Douro, na *Terra de Faria,* concelho e comarca de Villa do Conde, 30 kilometros ao N. do Porto, 30 ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 98 fogos.

Em 1768, tinha 134 [1].

Orago, N. Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A camara ecclesiastica de Braga, apresen-

---

[1] Regulo-me sempre pelo *Portugal Sacro,* para a população de 1768, o que não é muito seguro; mas não tenho outro livro por onde me possa regular. N'esta freguezia, acho exagerada a cifra de 134 fogos, porque a população do Minho não tem decrescido. Parece-me que o *Portugal Sacro* poz um cento de fogos a mais.

tava o vigario, collado, que tinha 400$000 reis de rendimento.

Em 26 de novembro de 1238, D. Sancho II, estando em Guimarães, deu ao arcebispo de Braga D. Silvestre, e seus conegos, as egrejas de Ponte do Lima, e Touguinha, livres e isentas de qualquer direito real.

Os arcebispos de Braga, tinham o direito de cunhar moeda, [1] e o rei lho tirou, dando-lhe em troca d'esse direito, as taes duas freguezias, e o padroado das de Pedralva, Gouviães e Adoufe.

Vê-se pois que Touguinha, é uma povoação antiquissima, pois já existia, como parochia, no principio da nossa monarchia.

Como a antecedente, é na antiga circumscripção da comarca da Maia.

E' terra fertil em todos os fructos do paiz, cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra, e nos seus montes ha bastante caça e algumas colmeias.

O rio Ave, que lhe fica proximo, e o mar, a 8 kilometros de distancia, lhe fornecem peixes, e mariscos.

TOUGUINHÓ — freguezia, Douro, na *Terra de Faria*, comarca e concelho de Villa do Conde, 30 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisbôa, 195 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, O Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 800$000 reis de rendimento annual.

Já se vê que todas estas trez freguezias são immediatas umas ás outras; e ha entre o povo, o seguinte dictado :

«Em Tougues estou;
Touguinha vejo;
Em Touguinhó me desejo»

Todas estas trez freguezias são antiquissimas, e provavelmente habitadas antes da dominação romana.

E' certo que alguns povos do Oriente (médos, persas, phenicios, etc.) povoaram grande parte do nosso litoral, entre os rios Douro e Minho, do que ha memorias escriptas, e alguns vestigios de monumentos, e em nomes de povoações, montes e valles, como temos visto no decurso d'esta obra. Uma prova d'isto, é o nome d'esta freguezia e das duas antecedentes, que provem do substantivo — *Taquia* — que nós corrompemos em *Tauga*, e por fim, em *Touca*, ornato de mulher, bem conhecido. A *Taquia* persa, porem, era uma especie de turbante, que tanto ornava as cabeças das mulheres, como as dos homens.

Como Tougues e Touguinha, é esta freguezia abundantissima de todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado bovino, que exporta; e o Ave e o mar a fornecem de peixe.

TOULÕES — freguezia, Beira Baixa, no bispado da Guarda.

Tinha por orago, Santo Antonio de Lisbôa.

Era um curato, da freguezia de S. Miguel de Monsanto, cujo prior apresentava o cura de Toulões, que tinha 30 mil reis de rendimento.

Ficava a 75 kilometros da cidade da Guarda, e a 270 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 19 fogos.

Foi, no principio d'este seculo, supprimida, por pequena, e está reduzida a aldeia.

TOURÃES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, 70 kilometros a E. de Coimbra, 264 ao E. N. E. de Lisbôa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, o Salvador.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 150$000 reis de rendimento, e o pé de altar.

E' terra fertil. Ha aqui abundancia de gado miudo e caça.

TOURAL — portuguez antigo — praça de touros. Ainda muitos logares onde houve

---

[1] Ou os arcebispos não usaram nunca d'esse direito, ou se com effeito cunharam moeda, foi em muito pequena quantidade, pois nem uma unica moeda dos arcebispos se tem até hoje encontrado em parte alguma.

antigamente corridas de touros, conservam o nome de *Toural*. A melhor praça de Guimarães, assim se denomina.

TOURÉGA — Vide *Ouréga*.

TOUREM— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 450 ao N. de Lisbôa, 130 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Orense (Galliza) [1] districto administrativo de Villa Real.

E' povoação muito antiga, e foi villa e honra, mas nunca teve foral.

E indispensavel, para intelligencia cabal d'este artigo, ver o que disse a paginas 346, col. 1.ª e seguintes, do 5.º volume, na palavra *Mixto, ou Conto mixto*.

Esta parochia comprehende unicamente a povoação que lhe dá o nome, uma das mais importantes do concelho.

Foi sempre e ainda é hoje portugueza. Nunca teve, nem tem a mais leve dependencia da Hespanha, á excepção da sujeição espiritual ao bispo de Orense.

O padroeiro d'esta egreja é o rei de Portugal, mas o parocho portuguez tem de ir receber a investidura canonica do bispo de Orense.

Não me foi possivel averiguar em que tempo ou como, aquella freguezia que, por alguns monumentos archeologicos se conhece que sempre foi portugueza, passou para a diocese de Orense. E' possivel que nos sessenta annos em que Portugal esteve dominado pelos Filippes se fizesse alguma circumscripção diocesana, e Tourem passasse para a diocese de Orense, e que na gloriosa restauração de 1640, seguisse a bandeira da sua independencia: isto é, o que me parece mais razoavel; fosse, porém, assim ou de outra maneira, o que é certo e incontestavel, é que Tourem está, unica e exclusivamente no espiritual, sujeita ao bispo de Orense.

Esta sujeição espiritual, a que os governos não tem prestado attenção, causa graves prejuizos aos habitantes d'aquella freguezia, e que bem digna era que se tractasse n'uma convenção de limites. Infelizmente não aconteceu assim, e os habitantes de Tourem lá continuam sujeitos a um bispo extrangeiro, e aos prejuizos a que uma tal sujeição lhe dá causa, como vou demonstrar.

Estes prejuizos podem, para maior clareza, dividir-se em duas classes — temporaes e espirituaes. — Vamos aos primeiros.

Os habitantes de Tourem não tem com a cidade de Orense relações algumas, e por isso todas as vezes que d'alli dependem de alguma cousa do seu bispo, tem de mandar um portador, o que lhe causa graves prejuizos.

Quem quer que um seu filho siga a vida ecclesiastica, tem de mandal-o para o seminario de Orense, e ainda que alli o tirocinio ecclesiastico seja bom, comtudo o terem os mancebos de sujeitar-se a um idioma extrangeiro causa-lhes prejuizo para o seguimento da sua carreira, e além d'isso os graus scientificos alli obtidos não lhe são admittidos aqui em Portugal.

Para satisfazerem as justificações judiciaes, que precisam para a sua ordenação, dispensas matrimoniaes, ou sobre outro qualquer objecto, precisam ir, partes e testemunhas, a uma povoação hespanhola, porque os empregados hespanhoes não podem funccionar em Tourem, que é portuguez, e tudo isto causa muitas despezas e incommodos.

Mais: o dinheiro portuguez não gira no mercado hespanhol e por isso precisam para todas as despezas, cambiar a moeda portugueza pela hespanhola, e n'este cambio perdem sempre muito dinheiro. Vá um exemplo, um peso hespanhol: o seu valor intrinseco são 850 reis, e legalmente em Portugal foi calculado em 920 reis, e no mercado custa, termo medio, de 960 reis a 1$000 reis!

Além d'estes prejuizos, que de si são já muito grandes, ha ainda outros dignos de consideração, como são, o ter de tirar uma guia da alfandega portugueza, e tirar outra da aduana hespanhola para alli transitar em

[1] O sr. E. A. de Bettencourt, na segunda edição do seu *Diccionario chorographico de Portugal*, publicado em 1874, diz que esta freguezia pertence ao arcebispado de Braga. É êrro — pertence ao bispado de Orense.

cavalgadura, ficando estas repartições, a portugueza a 15 kilometros de distancia, e a hespanhola a mais de 30, e além d'isto, como a Hespanha está constantemente em revoluções, e logo em *estado de sitio*, é preciso andar sempre munido do competente passaporte, para não ser prêso pelo primeiro partido volante que encontra.

Ora reunam-se todos estes sacrificios, e calcule-se a somma dos prejuizos temporaes, que soffrem os infelizes habitantes de Tourem, a quem o governo só conhece para lhes exigir contribuições de sangue e dinheiro.

Se os prejuizos temporaes são graves, como creio demonstrar, não são menores os espirituaes, como se vae vêr.

O almanach ecclesiastico por onde se regula o parocho de Tourem, se satisfaz emquanto á harmonia que o mesmo deve ter com as constituições diocesanas a que Tourem pertence, não satisfaz aos privilegios concedidos ao reino de Portugal, de que Tourem faz parte.

Todos sabem que o maior numero de dispensas matrimoniaes são dos graus mais remotos, e estas em Portugal são dispensadas pela nunciatura em Lisboa. Ora o nuncio de Madrid não está authorisado para conceder estas dispensas, e por isso em Hespanha vão todas a Roma, gastando-se trez e mais mezes na obtenção d'uma dispensa, além de ficar muito mais cara.

A questão de tempo n'este caso é importante, além do tempo ser dinheiro, póde prejudicar em muito as partes interessadas, e só o desconhece quem não tiver pratica d'estes negocios. Vou pôr um exemplo para demonstrar o que digo: Pedro e Maria, parentes no 4.º grau, pedem uma dispensa *com causa honesta*, vae a dispensa para Roma, tem demora d'alguns mezes e n'este tempo a promessa do casamento e familiaridade dos contrahentes causou certos reparos, que dão logar a que as testemunhas não provem a *causa honesta* que se allegou, e d'aqui a necessidade de recorrer novamente a Roma, pedindo um *brinde*, que se demora outro tanto tempo, e custa pouco menos que a primitiva dispensa.

Ora nada d'isto aconteceria, se a dispensa se tirasse em Lisboa, onde a demora não excede de 15 a 20 dias; mas os habitantes de Tourem, ainda que portuguezes, estão privados d'isto, porque o seu prelado não dá cumprimento ás dispensas, que não venham pela chancellaria real de Madrid, e por consequencia de Roma.

De passagem direi que ha aqui outra anomalia. Todas as dispensas de Roma e da nunciatura, para a sua execução precisam do beneplacito regio do respectivo monarcha. Ora o rei de Hespanha está dando o beneplacito regio para os habitantes de Tourem, que não são subditos seus! Não sei se está em uso, mas parece-me isto pouco curial, e ainda menos curial me parece, que o governo portuguez entregue ao abandono actos d'esta natureza.

Os prelados portuguezes estão auctorisados pela nunciatura para dispensar os seus respectivos diocesanos do preceito da abstinencia de carne na quaresma, isto com certas e determinadas restricções. Tourem, como não está sujeito a prelado algum portuguez, fica privado d'esta graça.

É verdade que o antecessor do actual parocho de Tourem recorria directamente á nunciatura, e esta concedia-lhe a graça que o bispo de Orense confirmava, e d'esta maneira remediava-se esta lacuna, mas este actual parocho, ou por ignorancia, ou por um indesculpavel descuido, deixa aquella infeliz freguezia sem esta graça, o que dá logar a um perfeito chaos.

No meu entender muito bem andariam as auctoridades ecclesiasticas e administrativas se levassem ao conhecimento dos seus respectivos superiores estas irregularidades, para estes representarem ao governo de sua magestade, e pelas vias competentes regularem esta desordem.

Em outros pontos da raia, ha eguaes divisões ecclesiasticas!

TOURÍA — antigo nome da actual villa de *Atouguia da Baleia*.

TOURIZ—(talvez mais propriamente *Tourís*) — Vide a 2.ª *Eufemia* (*Santa*.) Disse alli que esta aldeia pertencia á freguezia de Real. E' êrro. Pertence á freguezia do *Paraizo*, no mesmo concelho.

A 4 de janeiro de 1875, foi dada concessão provisoria de uma mina de chumbo, em Touriz, a Daniel Mauricio Ramp.

TOURO — villa, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 12 kilometros de Sortêlha, 18 da Guarda, 285 ao E. de Lisbôa, 280 fogos.

Em 1768, tinha 260.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O rei, pelo tribunal da Mesa da consciencia, apresentava o vigario, que tinha 40$000 reis de congrua e o pé de altar.

E' povoação antiquissima. O seu nome vem do árabe *Tauron*, derivado do chaldeu *Tor — o Touro*.

Está situada em um pequeno outeiro.

Foi *couto do reino* (ou de *homisiados*) com os grandes e absurdos privilegios d'estes coutos.

No 1.º de dezembro de 1220, Pedro Alvites, mestre da ordem do Templo, deu foral a esta villa (*Maço 8 de foraes antigos, n.º 11*) e n'elle a constitue *couto do reino*, pois diz — *Si homo de qualis terra venerit cum inimicitia, aut cum pignore, postquam in termino de Tauro intraverit, si inimicus ejus post ipsum introierit, et ei pignus abstulerit, aut aliquod ei malum fecerit, pectet Domino*, etc. (Se algum homem de qualquer terra, vier com inimisade, ou fugir a ser penhorado, e entrar na villa de Touro, vindo seu inimigo após elle, e lhe tirar o penhor, ou o offender, será multado, pagando a peita (mulcta) ao senhor da terra.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisbôa, a 15 de maio de 1514. (*L.º de foraes novos da Beira*, fl. 93 vs., col. 1.ª)

Os moradores do termo d'esta villa, doaram aos templarios, no mesmo dia, mez e anno em que Pedro Alvites lhes deu foral, o padroado de todas as suas egrejas, *e o dizimo de todas as suas herdades* (!) e, por auctoridade de D. Affonso II, e do concelho da Guarda, em reconhecimento d'esta valiosissima doação, é que os templarios lhe deram foral.

Em maio de 1221, quando se andava construindo o castello da Guarda, fez o concelho d'esta cidade, doação aos templarios de uma grande herdade, chamada *Cabeça do Touro*, sob condição de que, na campanha, hiria a bandeira (*balsão*) d'aquelles cavalleiros, junta com a do concelho.

Depois da extincção da ordem do Templo, se fez d'esta villa e seu termo, uma commenda da ordem de Christo, e é por isso, que o rei, como grão-mestre, veio a ter o padroado d'esta egreja.

Sendo bispo eleito da Guarda, D. Christovam de Castro, fez um compromisso (datado da Covilhan, a 11 de junho de 1550) com o mestre da ordem de Christo, no qual se declarou e estipulou a acolheita que os bispos da Guarda (depois de Pinhel) deviam ter, pela visitação das egrejas do *Rodam, Idanha a Velha, Idanha a Nova, Marmelleiro, Salvaterra do Extremo, Segura, Proença a Velha, e Touro*. D'estas terras, levava o bispo, a titulo de *acolheita*, a terça parte de todos os dizimos, *tirando o dizimo das almunhas*.

Tem Misericordia, e teve hospital.

Hoje está completamente decahida da sua antiga importancia, e já nem é parochia independente.

TOURO — freguezia, Beira Alta, concelho de Fràguas, comarca de Castro d'Aire, 24 kilometros ao O. de Lamego, 300 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 226.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O commendador de Malta, apresentava o vigario, que tinha 120$000 reis de rendimento.

Era no antigo termo de Villa Cova a Coelheira.

E' terra fertil. Gado e caça.

TOUTO — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo da Guarda (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Jarméllo) 18 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa.

Tinha em 1768, 32 moradores.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

O prior de Jarméllo, apresentava o cura,

que tinha 4$000 reis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está actualmente annexa á de Jarmêllo.

TOUTOSA — freguezia, Douro, comarca, concelho, proximo do Marco de Canavezes (foi da comarca d'Amarante, e do supprimido concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega) 9 kilometros de Amarante, 12 de Penafiel, 45 ao N. E. de Braga, 50 ao N. E. do Porto, 345 ao N. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 32.

Orago, Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 140$000 reis de rendimento.

Pertenceu ao antigo e vasto *couto de Travanca* (hoje concelho de Amarante) que comprehendia 16 freguezias.

Havia aqui uma antiquissima ermida, dedicada ao martyr S. Sebastião, que o tempo e a falta de reparações reduziu a ruinas. No logar d'esta ermida, se vê hoje a bella egreja de *Nossa Senhora da Livração*, objecto de grande devoção para os povos d'estes sitios, e de muitas leguas em redor.

Segundo a tradição, eis a origem d'esta egreja:

Um *christão-novo*, vindo em viagem, de longinquos paizes, soffreu uma espantosa tormenta, e vendo o navio em perigo imminente de submergir-se, recorreu ao patrocinio da SS. Virgem, para que o *livrasse* de tão grande risco e o trouxesse a salvamento. Sua prece foi ouvida, e o navio chegou a Portugal.

O homem, grato a tão grande beneficio, resolveu mandar construir a Nossa Senhora, uma ermida, sob o titulo da Livração.

Entre as villas de Amarante e a de Canavezes, está um formoso valle, atravessado por duas estradas, que se dirigem a diversas povoações, e allí achou as ruinas da antiga ermida.

Foi o sitio escolhido por este devoto, que logo alli mandou demolir o que ainda restava da velha ermida, e no mesmo logar deu principio, com grande perfeição, ao novo santuario, em cujo altar-mór fez collocar a imagem da padroeira.

Principiou logo o povo a ter grande devoção com esta Senhora, fazendo-lhe uma festa magnifica, a 15 de agosto de cada anno (dia de N. Senhora da Assumpção) e foram tantas as esmolas e offertas dos devotos, que o povo resolveu augmentar com ellas o templo, o que levou a effeito, construindo uma bôa egreja, de optima cantaria lavrada, e tão ampla, que póde servir de matriz a uma freguezia regular.

Para estas obras, que foram feitas no principio do seculo XVIII, concorreu com mais de dous mil crusados, Antonio Gonçalo Correia de Souza Monte-Negro, nobre cavalleiro, senhor da grande casa e quinta de Thuyas, e ascendente dos srs. doutor Albino Pinto de Miranda Monte-Negro, e seu irmão, Martinho Pinto de Miranda Monte-Negro, que até ha poucos dias foi governador civil d'Aveiro.

Alem da festa principal, a 15 de agosto, tambem se faz outra á Senhora, a 15 de setembro (Natividade da SS. Virgem) tambem muito concorrida.

Antigamente, vinham aqui muitos clamores, e em todos os sabbados da quaresma havia sempre sermões, e ás vezes missas cantadas, com acompanhamento de orgam.

Alem d'isto, em todo o decurso do anno é este sanctuario visitado por muitos romeiros, de differentes localidades.

Hoje, pela facilidade e rapidez da jornada, é ainda maior do que antigamente a concorrencia dos romeiros, porque ha caminho de ferro (do Douro) com estação em *Cahide*, e d'aqui é perto ao local da romaria, havendo então, tambem em Cahide, trens e cavalgaduras de aluguer, para o logar do sanctuario.

TOUVÊDO — freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 400$000 reis de rendimento.

E' terra fertil em todos os fructos, cria muito gado, e é abundante de caça miuda.

Existe aqui uma antiga torre, que foi o solar dos *Touvêdos*, e que depois (no fim do seculo XIV) passou para D. Leonor de Alvim, mulher do grande condestavel, Dom Nuno Alvares Pereira, e d'estes, a sua filha, unica, D. Brites Pereira, que casou com D. Affonso, 1.º duque de Bragança, filho bastardo de D. João I (vide *Barcellos*) e tronco da actual casa reinante.

TOUVÊDO — freguezia, Minho, na mesma comarca, concêlho, distancias, arcebispado e districto administrativo.

Orago, o Salvador.

Tem 60 fogos.

Em 1768, tinha 51.

O abbade da freguezia antecedente, apresentava o vigario, que tinha 30$000 reis e o pé d'altar.

E' terra fertil, como o outro Touvêdo. Gado e caça.

TRAFARÍA — grande aldeia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) freguezia de Caparica, comarca, concelho, e 8 kilometros (por terra) de Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

Ha questão sobre a etymologia da palavra *Trafaria*. Frei João de Souza (*Vestigios da lingua arábica*) diz que é corrupção do árabe *Tarifia*, que significa — *cousa extrema, final, ultima*. Outros pretendem que o verdadeiro nome d'esta povoação, é *Tarrafaria* -- logar onde ha muitas *tarrafas* — certa classe de rêdes. O que é certo, é ser bem applicado qualquer d'estes nomes.

A Trafaría, é uma povoação maior do que muitas que teem fôro de villa, e posto não tenha edificios dignos de nota, é todavia muito agradavel e bonita, e a sua posiçao é uma das mais bellas de Portugal, pelas suas extensas e variadas vistas. (Para evitarmos repetições vide *Torrão*, aldeia da freguezia, que, ficando proximo — ao O. — da Trafaría, tem as mesmas vistas que esta.)

D. Pedro II, mandou aqui construir dous fortes, que faziam fogo ao *lume d'agua*. Um, de optima cantaria lavrada, está construido sobre a margem direita do ribeiro da *Iapozeira*, que lhe fica ao O., e á esquerda do Tejo, que lhe fica ao N. D'estes dous lados, está ainda perfeitamente conservado. Neste forte está a ermida de Nossa Senhora da Saude, que ainda tem porta e telhado, mas ameaça proxima ruina. Está transformada em curral de gado!... As suas imagens, foram para a grande ermida de S. Pedro. É particular, posto communicar com o forte, e uma senhora, a quem pertence a capella — não sei com que bullas — tomou conta do forte, e o reduziu a horta e jardim.

Junto a esta ermida, houve uma fábrica de guano, que, por não dar interesse ao seu proprietario, foi fechada ha annos.

Do lado da terra (S.) tem o forte d'*Alfêna*, em ruinas.

No centro da povoação, está a grande e bonita ermida de S. Pedro, com capellão, para dizer as missas dos domingos e dias santificados. Tem altar-mór, e dous lateraes, no corpo da egreja. Esta não está ornada com luxo, mas com muito aceio, e as suas imagens são muito formosa e perfeitamente *encarnadas*, sobre tudo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que veio da sua capella, e é formosissima.

Ao E., e na extremidade da povoação, está a ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi incendiada em 1835, e só d'ella restam as paredes. É publica, e hoje está transformada em curral de ovelhas!

As suas imagens — que se poderam salvar do incendio, estão na capella de S. Pedro; e ainda aqui se faz annualmente uma brilhante festa a Nossa Senhora da Conceição, e outra a Nossa Senhora da Saude.

A Trafaria, vista do Tejo, ou da sua margem direita, apresenta um aspecto imponente, como se fosse uma grande villa.

Os seus habitantes vivem exclusivamente da pesca, e da fabricação de barcos, e de rêdes.

Quando ha pescaria, tudo é alegria; mas, se o mar a inunda (o que acontece com frequencia) ou se ha falta de pescaria, a fome, com todos os seus horrores, consterna este infeliz povo, reduzindo-o á mendicidade!

No momento em que estou revendo as provas d'este artigo (18 de março de 1882) está aqui occorrendo um facto, dignissimo de ser relatado, para honra de quem o pratica. Os pescadores d'esta costa, estão soffrendo muitas privações, por falta de pescarias, em vista dos grandes temporaes que a teem açoutado, e teriam morrido de fome, se a caridade, verdadeiramente evangelica do sr. **João Ignacio da Costa Alfama** não viesse em soccorro d'estes desgraçados, dando-lhes quatro arrobas de pão diariamente, além de outros generos alimenticios. Estes factos, relatam-se e não se elogiam, porque não ha encomios sufficientes para tão extremado beneficio. Só Deus lhe póde dar na eternidade, o premio condigno a tão sublime acto de caridade.

Tem uns 3 ou 4 moinhos de vento.

Não tem fontes; e a povoação fornece-se d'agua de um poço que ha no centro do logar.

Está sobre a margem esquerda do Tejo, e junto á restinga de areia, chamada *Ponta da Gollada*, e que vae até junto da torre de S. Lourenço (Bugío.)

Ha aqui grande numero de barcos de pesca, de differentes tamanhos, segundo a pesca a que são destinados.

A um kilometro, pouco mais ou menos, ao E. da Trafaria, está (tambem sobre a esquerda do Tejo) o lazareto, no mesmo logar onde foi a torre de *S. Sebastião de Caparica*, ou *Torre Velha*, e pouco mais acima, na mesma margem, a aldeia de *Porto Brandão*. A uns 600 metros ao O., está a pequena aldeia do Torrão, e a quasi egual distancia, porém mais para O. N. O., a *torre do Bugio*. Tudo isto fica já descripto nos logares competentes. A povoação (de pescadores) chamada *Costa de Caparica*, fica a uns 2 kilometros a S. O.

TRAFOGUEIRO, ou **TRAZFOGUEIRO**, — portuguez antigo, ainda usado. Cêpo, pedra, ou cavallête de ferro, que se põe no lar, para sustentar a lenha.

TRAGOSA, ou **TREGOSA** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 27 kilometros ao O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Nossa Senhora da Expectação, ou do Ó.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento.

Fertil, gado, e caça.

TRAIDORES — A pag. 344, col. 1.ª do 4.º volume, mencionei os fidalgos portuguezes, que em 1580 se venderam a Philippe II. Esqueceu-me então de pôr na *cabeceira do rol*, a D. Catharina, duqueza de Bragança, o que devia fazer, em vista de varios documentos d'aquelle tempo, e principalmente pelo que se lê na *Historia genealogica da casa real portugueza*, em varios logares, e mais desenvolvidamente, a pag. 117 e seguintes, do tomo 6.º

Faço esta declaração, a pedido de um assignante d'esta obra, e porque é de justiça.

TRAMAGAL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros ao O. da Guarda, 130 ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Maria da Oliveira.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario da freguezia de S. Vicente, da villa de Abrantes, apresentava o cura, que tinha quarenta mil réis de congrua e o pé de altar.

É a 4.ª estação do caminho de ferro de leste, contando do *Entroncamento*, e a 19.ª contando do principio da linha, em Lisboa.

Esta estação, fica entre a da Praia e a de Abrantes.

Fertil em cereaes, gado, e peixe do Tejo.

Em maio de 1878, foi feito visconde do Tramagal, o sr. doutor, João Themudo de Oliveira.

TRANCOSELLO — Freguezia antiquissima da Beira Alta, ha mais de 200 annos annexa á do Castello de Penalva, concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, bispado, districto administrativo e 24 kilometros a E. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa.

N'esta freguezia de Trancosello, e sobre a margem do rio Dão (antigamente *d'Om*) fun-

daram os cavalleiros do Santo Sepulchro (ou de Jerusalem) no principio do seculo XII, úm mosteiro da sua ordem, na villa que até então se chamava *Villa Nova de Penalva*, e a que elles pozeram o nome de *Villa Nova do Sepulchro*. Ainda existem vestigios d'este mosteiro, em uma grande quinta, chamada mesmo, *do Mosteiro* (por ter sido a cêrca d'elle) e que depois veio a pertencer á commenda de *Cezures*, do mesmo concelho, e tambem da ordem de Jerusalem.

Em 1123, a rainha D. Thereza, regente do reino, durante a menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques, deu a esta ordem militar, as villas de *S. Payo de Gouveia* (hoje *São Payo da Serra*) e que depois, o mesmo D. Affonso fez couto — *Ladairo* (Ladario) que depois tambem D. Sancho I coutou — e *Paços de Penalva*.

A ordem militar e canonica do Santo Sepulchro, tambem chamada de Jerusalem, foi instituida em Portugal, durante a regencia da dita D. Thereza; mas a sua origem foi mesmo em Jerusalem, pelos annos de 1080.

Depois, em Portugal, foi encorporada na ordem de Malta.

Trancosêllo e *Trancosêllos*, é diminutivo de Trancoso, como quem diz — *Pequeno Trancoso*, ou *Trancosinho*.

TRANCOSELLOS — Freguezia, Beira Alta, na mesma comarca e concelho da antecedente, 20 kilometros a E. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra fertil. Muito gado e grande copia de caça.

Parece-me que esta freguezia e a antecedente, são uma e a mesma cousa.

Na aldeia de *Lisei*, d'esta freguezia, ha a bonita ermida de São Silvestre, na qual se faz uma grande festa e romaria a Santa Eufemia, no seu dia, que é a 16 de setembro.

TRANCOSO — pequeno rio, Minho, nasce pouco acima da freguezia de Fiães, do concelho de Melgaço — Divide Portugal da Galliza, e entra na esquerda do rio Minho, 6 kilometros acima de Melgaço.

TRANCOSO — aldeia, Minho, na freguezia d'Ázere, comarca, concelho e 4 kilometros dos Arcos de Val de Vez. (Vide o primeiro *Ázere*.)

É um sitio plano e agradavel, povoado de bastos arvoredos silvestres e fructiferos, campos e hortas, tudo regado de muitas e copiosas fontes.

N'esta aldeia, viveu (em anno que se ignora) um lavrador, cujo nome tambem se não sabe, que deu á egreja, a devota imagem, denominada *Nossa Senhora do Couto de Ázere*. Eis, segundo a tradição, como esta santa imagem veio para a casa d'este lavrador.

Um doudo, entrando na egreja matriz de *Olelos*, termo da cidade de Tuy (Galliza) furtou de um altar a imagem da Santissima Virgem, cuja primeira invocação se ignora, de uns 35 centimetros de altura (pouco mais de palmo e meio) e passando o rio Minho, chegou a esta aldeia. Andava o tal mentecapto, offerecendo a santa imagem a quem lh'a quizesse comprar, ao que todos se recusavam, por entenderem que era furtada.

O dito lavrador, obteve a imagem, em troca de uma pouca de fructa, e dando parte d'isto ao seu parocho, este foi buscar a Senhora em procissão, e a levou para a egreja, onde principiou a ser objecto de grande devoção do povo, que não sabendo a sua invocação, lhe deu a de *Nossa Senhora do Couto de Ázere*, que era o titulo da freguezia n'esse tempo.

O parocho, temendo que o da freguezia de Olelos viesse reclamar a imagem, mandou fazer outra, em tudo semelhante.

Com effeito, o padre gallégo, chegou a saber onde estava a imagem, e veio reclamal-a; porém, julgando que levava a sua, levou uma perfeita imitação d'ella.

A devoção com esta Senhora foi grandle, e em todo o decurso do anno lhe faziam varias romarias.

TRANCOSO — aldeia da Galliza, na freguezia de Santa Eulalia de *Mondariz*, no bispado de Tuy, e que no tempo dos roma-

nos e depois, no dos suevos, pertenceu á chancellaria de Braga.

Mas não é por este ultimo motivo que eu a menciono aqui, é em razão das suas milagrosas aguas medicinaes (no sitio de *Mondariz*) hoje procuradas, não só por individuos de toda a nossa Peninsula, mas até de outras nações da Europa e da America, e sempre com resultados maravilhosos. Pessoas que padeciam desde muitos annos, dores agudas no estomago, vomitos pertinazes, e dyspepsias julgadas incuraveis pelos melhores medicos, com o uso das aguas de Mondariz acham prompto allivio aos seus padecimentos, e quasi sempre cura completa.

Estas aguas foram descobertas em 1850, pelo padre D. Domingos Blanco Lage, parocho d'esta freguezia.

Analysadas por pessoas competentes, deram este resultado — *Acido carbonico livre, 0,9507 — bicarbonato de sóda e de potassa, 2,3702 — bicarbonato de ferro, 0,0480 — sulphato e cloreto de sóda, 0,1486.*

Julgo prestar um bom serviço aos meus leitores, indicando-lhes estas aguas, ainda que em paiz estrangeiro.

O itinerario é hir pelo caminho de ferro até á nossa praça de Valença, ahi, atravessar o rio Minho, para a fronteira cidade de Tuy, que é pequena mas muito bonita, e ahi acha diligencias diarias para Mondariz. É, de mais a mais, uma viagem por terras muito formosas, o que tambem concorre para a cura dos doentes.

No sitio da *Chan da Gandara*, da dita freguezia, ha um manancial de agua da mesma natureza da antecedente, porém menos efficaz.

TRANCOSO — pequena villa, Douro, na freguezia de Alvarenga, comarca, concelho e 12 kilometros ao E. de Arouca, 36 ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 95 kilometros a N. E.

O orago da freguezia, é Santa Cruz.

Diz o *Portugal Sacro*, que o padroado real apresentava o reitor; mas não é exacto.

Os primeiros padroeiros d'esta egreja, foram os conegos regrantes de Santo Agostinhe (cruzios) do mosteiro de Cárquere; depois, passou este padroado para os jesuitas, e por fim, em 1759, para a Universidade de Coimbra, que até 1834 apresentava os reitores, que tinham 150$000 réis de rendimento.

Alvarenga é uma povoação antiquissima, pois, em um documento, datado de 875, e que existe no cartorio do mosteiro d'Arouca se mencionam uns pomares e algumas vinhas, em Alvarenga.

Diz o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, que o rei D. Diniz lhe deu foral, em 1298, mas Franklin não falla em semelhante foral.

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 2 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira, fl. 99, col. 1.ª*)

No principio da nossa monarchia, era couto da comarca de Lamego, e depois foi elevada á cathegoria de concelho, que se supprimiu em 1836, passando a formar parte do de Arouca.

A egreja matriz, que é um templo acanhado e desgracioso, [1] está em uma baixa, proximo (a E.) do logar chamado antiga-

---

[1] Ha mais de 60 annos que o povo tem *pensado* em construir um novo templo, digno d'esta vasta freguezia, mas ainda o não levou a effeito. Avellino Teixeira Martins, d'Alvarenga, offereceu para esta obra *cinco contos de reis;* porém, fallecendo em 31 de outubro de 1876, seus herdeiros não cuidaram mais em semelhante obra, e nunca mais se cuidou n'isso.

Já no fim do seculo passado e principio d'este, a Universidade de Coimbra, combinada com os habitantes d'Alvarenga, resolveram construir um bom templo, perto do antigo, mas em logar mais amplo. Chegaram a abrir-se os alicerces; mas, o parocho da freguezia, que era o director da obra, e depositario dos fundos para ella, morreu, e o dinheiro que havia... *perdeu-se.*

mente *Villa da Egreja*, e hoje, simplesmente *Villa*. Em quanto Alvarenga foi couto, era esta aldeia da *Villa*, a sua capital; mas, desde que foi elevada a concelho, mudou-se a sua capital para *Trancoso*, e aqui se construiu, pelos annos de 1520, a casa da camara e cadeia, que foi reedificada em 1809. D'ella hoje apenas existem as paredes, conservando ainda na fachada, as armas de Portugal.

Em frente das ruinas da casa da camara, ainda existe de pé, o pelourinho, que foi construido em 1590.

Compõe-se esta freguezia, das seguintes povoações — Toural — Gamarão — Mealhada — Pardêlhas — Villarinho — Carvoeiro — Têlhe — Silveiras — Póvoa — Métriz — Sobral — Villar — Sérvos — Cabanas — Longa — Paradinha — Chieiras — Villa da Egreja — Chan — Carvalhaes — Lourida — Bouças — Donim — Nabinha — Bustêllo — Carros — Granja — Villa Nova — Villa Gallega — Varzeas — Mindal — Casaes — Quintella de Baixo — Quintella de Cima — e Trancoso.

Até ao meiado do seculo XVII, era esta freguezia muito mais vasta, mas então foram desmembrados os logares de *Canellas de Baixo* e *Canellas de Cima*, para constituirem a actual freguezia de São Miguel de Canellas — e o logar de *Janarde*, para constituir a actual freguezia de S. Barnabé de Janarde; [1] ambas estas freguezias, do mesmo concelho d'Arouca.

—

Ha n'esta freguezia, 11 ermidas, que são — Nossa Senhora da Soledade — Santa Barbara — S. Francisco — S. João Baptista — Santo Antonio — S. Thiago — a da quinta do Paço — a de S. José, em Varzeas — N. Senhora da Conceição, no Mindal — Nossa Senhora do Monte—e S. Lonrenço, em Bustêllo.

—

Em quanto foi concelho, teve juiz ordinario; juiz dos orfãos, com seus escrivães; vereadores, e mais officiaes de justiça.

Tinha uma companhia de ordenanças com seu capitão, alferes e ajudante, e um capitão-mór. O ultimo que exerceu este cargo, foi Manoel Maria Telles de Vasconcellos, do logar de Bouças, pae do sr. Antonio Telles Pereira de Vasconcellos, bacharel em direito, que tem sido deputado, foi governador civil de Coimbra, e é conselheiro. É casado com a sr.ª D. Josefa Pignately, da Guarda.

—

A freguezia fica a distancia de um kilometro a E. N. E. do rio Paiva, que a fornece de optimo peixe, principalmente de saborosissimas trutas; mas além d'esse rio, é atravessada por differentes ribeiros, sendo os principaes — *Vessada* (ou *Avessada*) ao S. de Trancoso — e *Pellame* ao N. — e o *Senda*. Todos trez se reunem, quasi ao fundo do valle, para formarem o ribeiro que, desde aqui, toma o nome de *Ribeiro da Villa*, ou *Aguieiras*, que por uma extensa rocha, formando uma formosa cachoeira, se despenha no rio Paiva, pouco abaixo do logar da Villa, que é pequeno, porém o mais formoso da freguezia.

Além dos trez ribeiros, ainda a freguezia é cortada por varios arroyos, que regam e fertilisam seus prados, hortas, pomares, campos e bosques, sendo o principal, o *Ardêna*, que desagúa no Paiva, junto ao logar da *Espiúnca*.

O formoso valle de Alvarenga, é por toda a parte cercado de montes, e é d'elles que se desfructa o bello panorama que á vista offerecem as suas numerosas aldeias, situadas entre campos, ou frondosos arvoredos.

É terra abundantissima em todos os fructos do nosso paiz, pelo que exporta muito milho, algum centeio, vinho (verde, mas optimo), azeite, mel, cêra, lan, e outros artigos.

---

[1] Em Janarde havia uma antiga ermida, já dedicada a S. Barnabé, que é a actual egreja matriz. Fica este logar a 6 kilometros de Trancoso, e na outra margem (direita) do rio Paiva.

O antigo nome de Janarde, era *Monte da Rocha*, e pagava, por sentença de 1340, *direito de condado*, ao mosteiro de Alpendurada. (1.º vol, pag. 175, col. 2.ª)

—

Nos montes que cercam a freguezia, ha grande abundancia de caça, do chão e do ar; e, no inverno, não é raro apparecerem n'elles, alguns lobos.

—

O rêgo d'agua de que fallo na col. 1.ª de pag. 175, do 1.º vol. chama-se *Rêgo do Boi*, porque, segundo a tradição, os que o fizeram em uma noite, comeram um boi. No principio, a agua d'este famoso rêgo, servia de motor a 20 moinhos; hoje apenas serve para 16.

—

Teve mercado a 5 de cada mez, que se faz hoje na villa d'Arouca, e uma feira franca annual, que ha muitos annos não se faz. Trata-se agora de estabelecer aqui dous mercados, um a 8, outro a 22 de cada mez.

—

As ruinas da *Torre do Paço*, solar da nobilissima familia dos Alvarengas, por isso chamada *Torre dos Alvarengas*, vem mencinada no tomo 11.º da *Historia genealogica da casa real*, livro 13.º, pag. 658. — Alli se encontra a illustre genealogia dos antigos senhores d'Alvarenga, que foram Joanne Mendes de Vasconcellos, casado com D. Margarida d'Eça, 3.ª neta do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e de D. Maria Telles de Menezes, irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I (2.º vol., pag. 322, col. 1.ª) e por consequencia 5.ª neta (a tal D. Margarida) da rainha Santa Isabel, mulher do rei D. Diniz.

Esta torre, e o antigo senhorio d'Alvarenga, pertence hoje — por herança de seus maiores — aos srs. Montenégros, da Boa-Vista. Vide *Torre d'Alvarenga*.

—

Na *Casa do Barrôco*, d'esta freguezia, nasceu a 6 de janeiro de 1768, *frei José Raphael Ferreira Coelho*. Era filho de José Affonso Pinheiro e de sua mulher, Luiza Ferreira, lavradores pouco abastados.

Desde tenra edade, mostrou tão grande propensão para as lettras, que o bispo de Lamego, D. João Antonio Binet Pincio, o ordenou á sua custa, assim como ao padre Manoel Affonso Pinheiro (irmão de frei Raphael) que falleceu abbade de Santa Marinha de Nespereira, do concelho de Sinfães, que tambem foi um clerigo de vasta instrucção.

Frei José (mais conhecido pelo cognome de *Padre Mestre Ferreira*) formou-se na sagrada theologia, pela Universidade de Coimbra, á custa do mosteiro de frades agostinhos calçados (*gracianos*) em cuja ordem professára. Foi lente de theologia, na mesma Universidade, examinador synodal, e provincial da sua ordem.

Expulso do seu mosteiro, em 1834, foi professor de varias disciplinas, no collegio da Formiga, [1] e, mais tarde, na sua propria casa do Barrôco, em Alvarenga, onde teve discipulos de varias partes do reino, tanto os que se dedicavam ao estado ecclesiastico, como os que aqui vinham estudar preparatorios, para a Universidade de Coimbra. Entre estes ultimos, se conta o sr. doutor, *Antonio Cardoso Avelino*, que tem sido ministro, e é actualmente administrador da casa de Bragança.

O Padre Mestre Ferreira, falleceu em sua casa, a 30 de setembro de 1843, com 75 annos e 9 mezes (menos 6 dias) de edade, chorado por quantos o conheceram e trataram.

TRANCOSO — villa, Beira Baixa, cabeça de concelho e de comarca (de 1.ª classe) pertencente ao districto da Relação do Porto, e ao da 2.ª divisão militar. 56 kilometros ao E. de Viseu, 20 ao O. de Pinhel, 45 ao S. da Guarda, 20 de Celorico da Beira, 62 a S. E. de Lamego, 39 de Moimenta da Beira.

Bispado e 30 kilometros ao O. de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Tem actualmente só duas freguezias — *Santa Maria*, com 325 fogos. Em 1768, tinha 154. — *S. Pedro*, com 340. Em 1768, tinha 29.

Em 1768, tinha seis freguezias, que eram —

1.ª — *S. Pedro*. O padroado real apresen-

---

[1] O collegio da Formiga, que foi mosteiro de frades, fica a 10 kilometros ao N. do Porto, e proximo á estação de Ermezinde, no caminho de ferro do Minho.

tava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

2.ª — *Santa Maria de Guimarães.* Os condes de Povolide, apresentavam o abbade, que tinha 1:200$000 réis de rendimento.

3.ª — *Nossa Senhora da Fresta* (chamada antigamente, *Nossa Senhora do Sepulchro.*) O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 80$000 réis de rendimento.

Tinha então, 55 fogos.

4.ª — *S. João Baptista,* intra-muros — O real padroado, apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual — 75 alqueires de centeio, 40$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, que rendia uns 30$000 réis.

Tinha então, 93 fogos.

5.ª — *S. Thiago* — Os condes de Polvide, apresentavam o abbade, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Tinha 58 fogos.

6.ª — *S. João Baptista,* extra muros — O commendador de Malta, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tinha 44 fogos.

Todas estas freguezias pertenceram ao bispado de Viseu, até ao anno de 1774, em que D. José I, por bulla do papa Clemente XIV, creou o bispado de Pinhel, para onde passou esta villa e as freguezias que pertenciam ao bispado de Viseu.

Vê-se pois, que a população d'esta villa tem augmentado, no espaço de 113 annos (1768-1881) 132 fogos, pois que tendo antigamente 433 fogos, tem hoje 665.

—

O concelho de Trancoso, é composto de 33 freguezias, sendo 29 no bispado de Pinhel, e 4 no de Lamego.

As do bispado de Pinhel, são — Aldeia Nova — Aldeia Velha — Carnicães — Castanheira — Cogulla — Cótimos — Feital — Fiães — Fréches — Granja — Maçal da Ribeira — Moimentinha — Moreira de Rei — Póvoa do Concelho — Póvoa d'El-Rei — Rio de Mel — Souto Maior — Tamanhos — Terranho — Torre do Terranho — Torres — Valdujo — Valle de Mouro — Valle do Seixo — Villa Franca das Naves — Villa Garcia — Villares — e as duas de Trancoso.

As do bispado de Lamego, são — Guiheiro — Palhares — Reboleiro — e Sabaddhe.

Todas com 4:320 fogos.

Tem mais trez freguezias, pertencentes ao bispado de Pinhel — são — *Falachos,* que está unida a Tamanhos — *Freixial,* que está unida a Villa Garcia — e *Moreirinhas,* que está unida a Valdujo.

—

Pela nova divisão judicial, comprehende Trancoso trez julgados — *Aguiar da Beira* — *Terranho* — e *Trancoso.*

A sua comarca comprehende sómente o seu concelho.

—

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques (sem data) e confirmado, mesmo n'esta villa, por D. Affonso II, em outubro de 1217. O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de foraes novos da Beira,* fl. 14 v., col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no 8.º banco.

Tem estação telegraphica, com serviço de dia, limitado, aberta em agosto de 1875.

Tem por armas, um castello de prata, sobre um outeiro, em campo verde, tendo por cima, uma aguia d'ouro, levantando o vôo — isto é — com as azas abertas. Estas são as armas que estão na *Torre do Tombo;* mas alguns escriptores, lhe juntam uma estrella — outros, accrescentam-lhe as armas de Portugal sobre o castello, ficando-lhe d'um lado a aguia, e do outro, a estrella. Estes dizem que foi o rei D. Diniz, que accrescentou assim o brazão, em memoria de ter aqui recebido por mulher, a infanta D. Isabel, depois santa, filha de D. Pedro III, de Aragão.

—

É incontestavel que Trancoso, é uma povoação antiquissima, e se dermos credito ao padre Carvalho, na sua *Chorographia,* foi fundada por *Tarracon,* rei da Ethiopia e do Egypto, pelos annos 3274 do mundo, ou 730 antes da era christan, dando-lhe o nome de *Tarancon.* Se assim fosse, vinha portanto a

ter hoje (1881) nada menos de 2:611 annos de existencia!

Rodrigo Mendes da Silva, chronista-mór das Hespanhas, por D. Philippe IV, e que era natural da proxima villa de Celorico, na sua *Poblacion general de España*, a pag. 150, verso, diz que foi fundada pelos turdulos, entre os annos 580 a 500, antes de Jesus Christo, com o nome de *Transcudano*, accrescentando — «si no queremos dezir, la cimentasse primero, *Taraco*, o *Tarracon*, etc.» [1]

Todos sabem, e o temos visto em varios logares d'esta obra, quantos rios de sangue, romano e lusitano, custou aos conquistadores do mundo a posse da Peninsula, até que o traidor Perpena, assassinando Sertorio, chefe dos lusitanos, com 21 punhaladas, pelos annos 75 antes de Jesus Christo, se acclamou chefe d'este povo d'heroes; mas poucos dias durou o seu poder, porque em um combate contra os romanos, commandados por Pompeu, foi morto e o seu exercito desbaratado.

Os romanos, julgaram-se então senhores da Lusitania; porém as suas crueldades exacerbaram os povos conquistados.

No anno 63 antes de Jesus Christo, entrou na Lusitania, como questor do consul Tuberon, o sanguinario Julio Cesar, que depois foi imperador. Apezar do grande numero de soldados romanos que estavam espalhados por toda a Lusitania, e das esquadras romanas, que invadiam as nossas costas, os lusitanos insurgiram-se contra as crueldades de Julio Cesar, e os *pesures* (actuaes beirões) que eram os mais ferozes e rudes de todos os lusitanos, alguns dos quaes ainda tinham sido soldados do grande Viriato, *o Herminio* (vide *Póvoa Velha*) fizeram morder a terra a um grande numero de romanos.

Em 58 antes de Jesus Christo, tornaram a revoltar-se os pesures contra o pretor, Quinto Cicilio Dentato, por causa da rapacidade, e para os apasiguar foi preciso tornar á Lusitania o consul Pompeu, com grande numero de tropas escolhidas.

Socegada a Lusitania, era no anno 51 antes de Jesus Christo, governador d'ella, o malvado Cassio Longuinho. Os *herminios* (tambem beirões) se revoltaram contra as suas crueldades, e houve uma guerra tremenda, que durou mais de um anno, e só supplantados pelo grande numero de inimigos, e depois de extraordinario numero de mortos, de uma e outra parte, é que terminou.

Finalmente, a Lusitania quasi despovoada dos seus legitimos habitantes, tornou-se uma provincia romana, e tal se conservou por espaço de 456 annos.

Em 405, foi a Lusitania invadida pelos *barbaros do Norte*, e a Beira coube em partilha aos visigodos, que poucos annos depois, se fundiram com os lusitanos, formando todos uma só nação, que existiu por espaço de 310 annos.

Em 715, o emir árabe, Muça, conquista a Lusitania, quasi sem combates, porque o povo estava aterrado com a grande derrota de Guadalete, no anno antecedente.

Os mouros, julgando Trancoso um ponto importante, e, ao mesmo tempo, fertil o seu territorio, reedificaram a povoação em 930, e chegou a ser no seculo X, uma das villas mais florescentes da Beira [1].

---

[1] Não acredito na tal etymologia de *Transcudano*, porque era generico a todos os povos que habitavam a margem direita do Côa. (Vide *Caliabria*, *Pinhel*, *Riba Côa*, e *Sabugal*.) Nem tambem acredito que o nome de esta villa provenha do tal *Taraco*, ou *Taracon*. Este figurão tambem fundaria a villa de *Trancoso*, *d'Alvarenga*; o *Trancoso* de Galliza; daria o seu nome ao rio *Trancoso*? Historias. O que é certo é em livros antigos se dar a esta villa o nome de *Troncoso*, que é portuguez, e vem de *tronco*. Talvez lhe déssem este nome os antigos, por haver aqui grandes arvores.

Ainda mais — *Troncoso*, é um appellido nobre d'este reino, cuja familia veio da Galliza, no tempo do nosso rei D. Fernando I — na pessoa de *D. Pedro Troncoso*, cujo filho — D. Pedro Troncoso — foi alcaide-mór da villa de Marialva. Traziam os Troncosos por armas — em campo azul, *dous troncos*, d'ouro, em aspa. Timbre, um braço, armado de prata, empunhando um dos troncos do escudo. Já não existe este appellido, por ter tomado outros.

[1] Isto não se combina com o que se lê na *Pobl. gen. de Esp.*, pag. 150 verso. Alli se

Em 1038, D. Fernando, *o Grande*, rei de Castella, resgatou do poder dos mouros, Trancoso, assim como Cêa, Viseu, Evora, Béja e outras povoações da Lusitania, que já então se chamava Portugal.

Não se sabe que nome tinha esta povoação no tempo dos romanos, parece que lhe conservaram o antigo, e julgo que foram os gódos que lhe pozeram o nome de *Troncoso* (como se vê em documentos antigos) que facilmente se corrompeu em Trancoso.

O rei a mandou povoar de christãos, logo depois de resgatada.

Em 1093, formou esta provincia parte do novo reino de Portugal, que D. Affonso VI, imperador das Hespanhas, déra em dote a sua filha, a rainha D. Thereza, e ao marido d'esta, o conde D. Henrique.

Em 1122, segundo Brandão e outros, ou em 1131, segundo a *Monarchia Lusitana*, Al-Bulcazan (ou Al-Bucadam) rei mouro, de Badajoz, com um numeroso exercito, lhe põe um apertado cêrco; e tomando-a depois de heroica resistencia, a maior parte dos seus habitantes foram assassinados. Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de Hespaña*, diz que a praça não foi conquistada pelos mouros, porque D. Affonso Henriques e seu aio, o grande D. Egas Moniz, acudiram a tempo em soccorro dos sitiados, e atacando os mouros, os desbarataram, e pozeram em debandada, tomando-lhes ricos despojos.

De qualquer dos modos, o que é certo, é que D. Affonso Henriques e D. Egas Moniz, derrotaram então aqui os mouros, e livraram a villa.

(Vide adiante, o § *João Tição.*)

Al-Bucazan, fugiu para o seu reino, e, assim que pôde juntar um novo exercito, veio segunda vez sobre Trancoso, em 1155, e não podendo conquistal-a, destruiu tudo a quanto pôde chegar; mas o rei portuguez em breve reparou o que os mouros haviam arrazado.

(Vide a 1.ª *Fonte Arcada.*)

Desde então, não consta que os mouros tornassem a atacar esta villa.

—

N'esta villa se juntaram os reis, D. Sancho I, de Portugal, e seu genro e sobrinho, D. Affonso IX, de Leão, e aqui se decidiu o divorcio da nossa infanta D. Thereza, com o rei leonez, por serem primos, e terem casado sem dispensa do papa.

O papa tinha excommungado os dous reinos, por causa d'este casamento. O rei de Leão, deu a D. Thereza varias villas de Leão, que todas rendiam 4:000 maravidis d'ouro, por anno, e as arras que lhe havia promettido: ficando á rainha a liberdade de viver no reino que quizesse escolher, e pôr alcaides e justiças nas terras que elle lhe deu. Ella preferiu ficar em Portugal. Seu pae lhe deu ainda, Monte-Mór Velho, Esgueira e outras terras. Ella pediu ao pae o mosteiro de Lorvão e alli se fez freira (4.º vol., pag. 442, col. 1.ª e 2.ª)

—

Os ultimos dias do mez de junho de 1282, foram de regosijo para todo o reino, e ainda maior para esta villa, pois a 22, aqui chegou a infanta d'Aragão, D. Isabel, e D. Diniz lhe deu logo n'esse dia, por prenda de noivado, o senhorio de Trancoso.

Logo no dia 24, e n'esta mesma villa, se celebrou o casamento do rei portuguez, com D. Isabel, que depois a egreja canonisou. (Vide *Coimbra.*)

Foram as festas mais sumptuosas que se têem feito em Trancoso. Os campos dos arrabaldes, pareciam uma grande cidade, cobertos de tendas e de casas de madeira, que os ricos homens e outros muitos fidalgos mandaram levantar, e ornar de riquissimas tellas e bandeiras. As festas duraram muitos dias, havendo justas, torneios, jogos, *invenções*, etc. — O rei fez então muitas mercês aos fidalgos que o acompanharam.

---

diz que D. Flamula, sobrinha da célebre *Muma Dona* (3.º volume, pag. 351, col. 1.ª) sendo senhora d'esta villa, a vendeu em 930, repartindo pelos pobres todo o producto da venda, e fazendo-se religiosa. Ou Trancoso estava então em poder de christãos, ou os mouros deixavam este senhorio áquella senhora, mediante certo tributo, como fizeram em outras muitas partes. Vide (adiante o § *D. Flamula.*

—

Durante a guerra de 10 annos que assolou Portugal e Castella, por D. João I, d'aquelle reino, querer ser tambem rei de Portugal, os castelhanos invadiram este reino e nos tomaram varias povoações, entre ellas a cidade de Viseu, que saquearam.

Ufanos com esta victoria, põem cêrco a Trancoso, que tinha uma pequena guarnição, mas commandada pelo seu intrépido alcaide-mór, Gonçalo Vasques Coutinho, que resistiu heroicamente. João Fernandes Pacheco e Martim Vasques da Cunha, alcaide-mór de Linhares, com alguns fidalgos, cavalleiros, e os lavradores que poderam á pressa reunir, atacam os castelhanos pela rectaguarda, e sahindo ao mesmo tempo Gonçalo Vasques Coutinho com a guarnição, dão sobre os inimigos (25 de abril de 1385) e, apezar do numero d'estes ser incomparavelmente maior do que o dos portuguezes, aquelles são completamente derrotados, deixando no campo grande numero de mortos e feridos, e ainda maior de prisioneiros, além de todas as suas bagagens, e tudo quanto tinham roubado em Viseu e outras terras.

(D'esta batalha não falla Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de España*, porque, sendo portuguez, se tinha vendido aos Philippes III e IV.)

Tendo D. João I, de Castella, invadido Portugal, á frente de um numeroso exercito (parte d'elle commandado por D. João e D. Diniz, filhos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) muitos fidalgos portuguezes se uniram aos castelhanos, e alguns alcaides lhes entregaram os seus castellos.

Estava a ponto de fazer o mesmo Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãe, D. Brites do Moura, mulher de grandes virtudes, de alto valor civico, e de coragem superior ao seu sexo, sendo informada do intuito do filho, foi procural-o e fallou-lhe assim: — «Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguiram na lealdade e fidelidade á patria: se intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, porque não quero sobreviver á vossa infamia. Escolhei pois: ou a honra, ou a minha morte. Servi a patria, combatei os inimigos, morrei digno de ser meu filho.»

Gonçalo Vasques não poude resistir a tão energicas palavras de sua mãe, e persistiu na lealdade que devia á sua patria.

As mulheres portuguezas deram muitas vezes notaveis exemplos de coragem, valor e patriotismo.

Gonçalo Vasques Coutinho, estava muito indisposto contra Martim Vasques da Cunha, que se declarára fiel partidario do rei portuguez, e por isso queria tomar o partido de Castella! — Não foi só D. Brites que concorreu para que o filho fosse leal á patria, tambem concorreu para isso poderosamente, o bravo e fidelissimo D. João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, e alcaide-mór de Celorico da Beira, descendente do fidelissimo D. Fernando Rodrigues Pacheco, alcaide-mór de Celorico, nos reinados de D. Sancho II, D. Affonso III (vol. 2.º, pag. 234. col. 1.ª) que pôde congraçar os dous inimigos.

A batalha foi dada a dous kilometros de Trancoso.

Além da guarnição da praça, as forças portuguezas que a vieram soccorrer, reunidas por Cunha, e Pacheco, constava de 300 lanceiros, alguns bésteiros, e bom numero de lavradores.

Os portuguezes, estavam emboscados, á espera dos castelhanos, que vinham muito alegres e descuidados, na força de 400 lanças, 200 ginetes, e grande numero de bésteiros e peões.

Traziam 700 cargas, das cousas de mais valor, que tinham roubado, e muitos homens e mulheres prisioneiros.

Os lavradores portuguezes, mal armados e peor disciplinados, soffreram grande derrota, pois a cavallaria castelhana fez n'elles uma horrorosa carnificina; mas não aconteceu o mesmo com as tropas portuguezas, que, commandadas e animadas pelos trez heroes, mataram castelhanos aos centos. A batalha, que principiára pela manhan, só terminou com o dia.

Além dos lavradores, muito poucos portuguezes morreram, e dos castelhanos, mais

de 400. Os prisioneiros portuguezes, voltados contra os seus guardas, os aprisionavam ou matavam, e as 700 cargas cahiram todas em nosso poder.

N'esta batalha, morreram muitos senhores da alta nobreza castelhana, e que occupavam grandes postos na casa real, entre elles — D. João Rodrigues de Castanhêda — D. Pedro Soares de Tolédo — D. Alvaro Garcia d'Albernoz — D. Pedro Soares de Quinhones, e D. Affonso de Trujilho.

A batalha de Trancoso, foi uma das mais felizes e gloriosas d'esta guerra.

Adiante trato de D. João Fernandes Pacheco.

—

A villa, está situada em uma formosa planicie, *lavada dos ventos* por toda a parte, e apenas se levanta suavemente, em uma das suas extremidades, formando uma collina, ou outeiro, onde está edificado o castello.

Tem esta villa uma configuração circular, com a sua praça no centro, onde se vê uma torre bastante alta, em que está o relogio.

É abastecida por muita e excellente agua potavel, que lhe fornecem cinco fontes, uma das quaes, que está fóra dos muros, e perto do mosteiro de Santo Antonio, chamada *Fonte de João Durão*, dá origem ao rio Távora, que engrossado por varios ribeiros, atravessa uma grande parte das Beiras, morrendo na esquerda do Douro. (Vide *Távora, rio.*)

Além d'estas fontes, ha varias cisternas [1].

Se Trancoso é uma terra summamente fria no inverno, é tambem muito fresca no verão, e o seu clima é saluberrimo.

Faz-se aqui uma boa feira a 24 de agosto, chamada *de S. Bartholomeu*, que dura 3 dias, e é sempre concorridissima; e outra, a 13 de dezembro, chamada *de Santa Luzia*, tambem muito concorrida.

[1] Note-se que o vasto *Campo da Feira*, é um grande manancial d'agua, com a singularidade de ser salobra toda a que nasce ao sul; e potavel, toda a que nasce do lado do norte.

Além d'estas duas feiras, ha mercado, de 15 em 15 dias.

Os seus arrabaldes são amenos e bem cultivados, sobre tudo nas bellas campinas das margens do Távora. Todo o seu territorio é bastante fertil em productos agricolas, sobre tudo, milho e centeio, por ser abundante de aguas; e cria muito gado de toda a qualidade. Tem peixe miudo, do Távora, e do mar tambem lhe vem algum peixe, mas bastante caro, em razão da distancia.

Nas immediações da villa, ha tambem bastante caça.

A *Fonte do Peião*, junto á Aldeia Nova, d'este concelho, é sulphurea, quente, mas ainda não foi chymicamente analysada. Rebenta em grande abundancia, e é pena que a respectiva camara municipal não tenha construido aqui umas boas thermas, que seria uma optima fonte de receita para o municipio, e origem de bons interesses para o povo de Aldeia Nova.

—

É muito provavel que as primeiras fortificações de Trancoso sejam obra dos romanos, ou, pelo menos, dos árabes: a não ser assim, não teriam aqui cêrcos e batalhas, como vimos; pois que as povoações abertas eram abandonadas por se não poderem defender.

D. Affonso Henriques, com certeza, a achou cingida de muros, mais ou menos fortes, pois os reedificou, achando-os arruinados pelos mouros; mas não são de certo essas obras de defeza, as que hoje existem. Suppõe-se, com bons fundamentos, que tudo quanto existe, e o que se arruinou, era obra do rei D. Diniz, feita pelos annos de 1290, e reparada no reinado de D. João II.

É a villa cingida de muralhas, na circumferencia de um kilometro, ou pouco menos, defendidas por 15 torres, entre as quaes se abriam quatro portas (*d'El-Rei, do Pradlo, de S. João*, e *do Carvalho*) e trez postigos — (*da Traição, do Olhinho do Sol*, e *do Boeirinho*).

O castello, ou cidadella, tem uns 220 metros de circumferencia, com cinco torres, ligadas por fortes muros ameiados, tendo mo

centro, a torre de menagem, muito mais alta do que as outras.

É tão sólida a construcção d'estas obras, que, apezar dos seus 600 annos — pelo menos — de existencia, os seus muros ainda estão perfeitamente conservados, faltando-lhes apenas as ameias. As torres é que estão desmanteladas.

O camartello destruidor do seculo XIX, tem poupado estas muralhas, porque, como os *canniços*, das vinhas de Peniche; os laranjaes, dos Açores; o pinheiral d'Ovar, etc., servem de abrigo protector á povoação, que, como vimos, está exposta a todos os ventos. Além d'isso, a população não se tem desenvolvido, de maneira que quasi toda cabe muito bem dentro d'esta cinta de durissimo granito.

—

Por vezes se teem aqui achado moedas romanas, e tumulos abertos em rocha, que se suppõe serem árabes.

Proximo á aldeia de Moreira de Rei, ha restos de fortificações antigas.

—

Egrejas matrizes actuaes

Santa Maria de Guimarães. — É um templo elegante, porém a sua torre dos sinos ainda não está concluida.

S. Pedro. — É um bom templo, mas nada tem de notavel, senão ter aqui sido enterrado o famoso *Bandarra*. No seu tumulo se gravou esta inscripção —

AQUI JAZ GONÇALO
ANNES BANDARRA.

Esta inscripção foi mandada picar, por ordem do marquez do Pombal; porque este ministro attribuiu aos jesuitas as chamadas *Profecias do Bandarra*!

A egreja, tem uma só torre, com 5 sinos, sendo um d'elles o do relogio.

A sua capella-mór, é de uma architectura magnifica: infelizmente, o corpo da egreja, pela sua mesquinhez e simplicidade, não lhe corresponde.

Egrejas matrizes supprimidas

ERMIDAS

Ha na villa e suas immediações, as ermidas seguintes —

1.ª — *Santa Luzia*, muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada.

2.ª — *Santa Eufemia*, idem, idem.

3.ª — *Senhor da Calçada*, tambem muito antiga.

4.ª — *Senhor da Fresta* — ou *do Sepulchro*, que foi matriz. (Verdadeiramente, *Nossa Senhora do Pranto*, ou *da Piedade*.)

Foi um templo vasto e sumptuoso, matriz de freguezia, até ao primeiro quartel d'este seculo.

Segundo a tradição, já existia desde o tempo dos godos, e, quando os mouros invadiram estas terras, os christãos escónderam a imagem da padroeira, em uma *fresta* da capella-mór, que taparam com uma parede de tijolo. Resgatada a villa, do poder dos mouros, foi reparada e benzida a egreja. N'essa occasião, destapando-se a fresta, foi alli achada a santa imagem, que por isso se ficou, d'alli em diante, chamando *Nossa Senhora da Fresta*.

No tempo dos godos, tinha eremitães, que cuidavam do aceio do templo. Em uma occasião em que os mouros aqui entraram, era eremitôa uma santa mulher, chamada *Iberusa Leôa*, que elles levaram captiva. Em memoria d'este facto, se gravou em uma pedra da parede exterior da egreja, ao lado direito da porta principal, esta inscripção —

SI VIS SCIRE TEMPUS QUANDO
FUIT CAPTA IBERUSA LEOA,
ERA MCCXV.

Isto é — Na era de 1215 (1177 de Jesus Christo) captivaram os mouros a Iberusa Leôa. —

Talvez aqui haja um anachronismo de dous annos, e que isto succedesse em 1175, quando o rei mouro de Badajoz invadiu estas terras; por quanto, em 1177, D. Affonso Henriques e seu filho (depois D. Sancho I) tomaram aos mouros o seu mais forte covil, a praça de Badajoz.

Foi então que o nosso primeiro rei, vendo fóra da praça, seu genro, rei de Leão, e vindo esperal-o fóra das portas, quebrou uma perna no ferrolho da porta e ficou prisioneiro do leonez (que então andava em guerra com Portugal) e só obteve a liberdade, entregando ao genro todas as praças que lhe tinha conquistado.

Segundo a tradição, na manhan do dia seguinte, appareceu Iberusa, viva e san, á porta do templo, e captivos os mouros que a guardavam, os quaes se converteram, e baptisaram n'esta mesma egreja, e n'esta terra terminaram os seus dias.

Esta egreja é antiquissima, mesmo como matriz, pois que a sua freguezia foi creada em 1225, como consta de uma inscripção que está sobre a vêrga da porta principal da egreja.

Foi grande a devoção que os povos d'estas terras tinham com a Senhora da Fresta, á qual faziam duas grandes festas em cada anno, a primeira no dia 25 de junho (Pureza de Nossa Senhora) e a segunda, a 15 de agosto, dia da sua Assumpção.

O adro d'esta egreja, serve actualmente de cemiterio publico, até se concluir o novo que se anda construindo no campo.

N'este adro, está sepultada a virtuosissima D. Maria da Piedade, condessa de Tavaréde, e sobre a sua campa se distribuem annualmente muitas esmolas de pão cosido, vindo devotos, alguns de terras distantes, fazer esta distribuição. O povo d'aqui tem esta senhora por santa, e vem buscar terra da sua sepultura, que julgam remedio efficaz para os seus padecimentos. (Vide a ermida seguinte.)

5.ª — *S. Bartholomeu* — Onde hoje se vê esta ermida, existiu um grande templo, pelo menos tão antigo como a monarchia portugueza, e com toda a probabilidade, fundação de D. Affonso Henriques, ou, pelo menos, do seu reinado; e que então, ou pouco depois, se erigiu em egreja matriz de uma freguezia, que foi snpprimida ha mais de 300 annos.

No seculo XIII, era o templo mais simptuoso d'esta villa, e por isso, o rei D. Diniz o escolheu para n'elle celebrar o seu consorcio com a rainha Santa Isabel, a 24 de junho de 1282.

Supprimida esta freguezia — talvez porque a egreja já então estivesse em grande ruina, foi ella desmantelando-se cada vez mais, até que se demoliu, construindo-se no mesmo sitio, e com os seus materiaes, a actual capella.

O padre Escobar, na sua *Vida da Rainha Santa Isabel*, diz que ella se recebeu n'esta egreja, o que é certo. Rodrigo Mendes da Silva, diz o mesmo na sua *Pobl. gen. de Esp.* — Frei Agostinho de Santa Maria, porém, no seu *Sant. Marian.*, tomo 5.º, pag. 202, pretende que este casamento teve logar na egreja de Nossa Senhora da Fresta, fundando-se em que a egreja de S. Bartholomeu, era uma pequena ermida, onde não podia caber o grande numero de pessoas que assistiram a acto de tanta magnificencia.

Isto não passa de supposição do frade, que não sabia que, onde no seu tempo (1716) existia a pequena e arruinada ermida, tinha havido antes, como vimos, uma sumptuosa e vasta egreja.

Noticias e factos diversos

Em 23 de outubro de 1876, se inaugurou n'esta villa a *Escola Popular*, que é nocturna, e gratuita para os pobres. Comprehende — instrucção primaria, portuguez, e francez. É regida por professores muito dignos e habilitados; e foi nomeado presidente, o illustre conde de Tavaréde.

—

Na Torre do Tombo, armario 5.º, masso 7.º, está archivada a sentença do padre Costa, prior de Trancoso, datada do anno de 1478, a qual resa assim:

«O padre Fernando Costa, prior que foi de Trancoso, de edade de 62 annos, será degredado de suas ordens, e arrastado pelas ruas publicas ao rabo de cavallos, esquarte-

jado seu corpo e posto aos quartos, cabeça e mãos em differentes districtos, pelo crime de que foi arguido, e que elle mesmo não contrariou, sendo accusado de ter dormido com vinte e nove afilhadas, tendo d'ellas noventa e sete filhas, e trinta e sete filhos, de cinco irmãs teve dezoito filhos e filhas; de nove comadres, trinta e oito filhos e dezoito filhas; de sete amas, teve vinte e nove filhas e tres filhos; de duas escravas teve vinte e uma filhas e sete filhos; dormiu com uma tia chamada Anna da Cunha, de quem teve treze filhos; total duzentos e noventa e nove filhos, sendo duzentos e quarenta do sexo feminino, e do masculino oitenta e cinco, sendo concebidos de cincoenta e trez mulheres.

«D. João III, perdoou ao criminoso e o mandou pôr em liberdade, a 17 de outubro de 1541; mandando archivar na Torre do Tombo, o volumoso processo.»

Esta noticia, foi extrahida de um jornal que não prima por catholico, pelo que a dou com toda a reserva. Além d'isso, parecem-me muitos filhos juntos.

Tambem custa a acreditar, que D. João III — o rei mais devoto que temos tido, mandasse pôr em liberdade similhante homem, sem lhe impôr o minimo castigo!

—

Os Chuços — Os nomes d'estes famosos salteadores, tornou-se legendario nas provincias da Beira-Baixa, Beira-Alta, e Alemtejo. O nosso povo, sempre inclinado ao fantastico e maravilhoso, fez do *Chuço*, pae, um heroe como os de Schiler. Nunca assassinou pessoa alguma; roubava aos ricos usurarios, ou ambiciosos, para dar aos pobres, honrados e trabalhadores. Vestia-se de padre (mesmo de bispo) de general, de desembargador, d'almocreve, de mendigo, segundo a *partida que queria jogar*. Desfigurava as feições, a ponto de não ser conhecido, nem pelos seus proprios companheiros. A sua quadrilha constava de alguns centos de individuos, com um forte esquadrão de cavallaria, perfeitamente disciplinada. Tinha uma irman, tão matreira e tão intrepida como elle, que o acompanhava muitas vezes nas suas emprezas. Finalmente, o Chuço era um vulto homerico.

Desde creança que eu ouvi contar admiraveis *casos*, d'este ladrão notavel, e queria n'esta obra *biographar* o Chuço, sem faltar á verdade. Para isso, por varias vezes incommodei amigos e conhecidos, que me podessem dar informações; mas que desillusão! — Depois de tanto lidar, achei-me com um ladrão vulgar, e prosaico.

Eis a historia dos trez Chuços.

José Chuço, pae, natural de Trancoso, foi, desde os seus tenros annos, um finissimo ladrão, praticando todos os roubos mais por industria do que por força, apezar de ser um verdadeiro Hercules. Nunca porém assassinou pessoa alguma. Perseguido pelas auctoridades, muitos annos se pôde subtrahir ao castigo, e continuou a roubar, com grande habilidade. Por fim, foi preso, julgado e degredado por 20 annos, para a Costa d'Africa. Em 1829, sendo já muito velho, regressou a Trancoso, e se estabeleceu com uma pequena loja de mercearia, que poucos mezes durou, porque morreu, póbre, sem deixar nada aos seus herdeiros.

José Chuço, filho, foi fuzilado pelos milicianos, em 1822, no acto da prisão, como já fica dito na col. 2.ª da pag. 551 d'este volume.

Antonio Chuço, outro filho, foi o mais celebre de todos os trez Chuços.

Principiou a sua vida por aprendiz de barbeiro, e desde logo deu provas *que de tal pae, tal filho se esperava*. Abandonou o officio, tomando descaradamente a profissão de salteador, valente e matreiro.

Fez-se chefe de uma quadrilha, e em breve se pôz em communicação com outras de Portugal e Hespanha.

A sua maior e mais rendosa industria, era a venda de cavalgaduras roubadas, que lhe vinham ter a casa, e elle levava desaforadamente ás feiras.

Emprestava dinheiro aos lavradores pobres, para hirem ás feiras comprar juntas de bois, e depois, roubava o dinheiro aos vendedores, ou elle em pessoa, ou alguem da sua quadrilha a quem incumbia o *negocio*.

Era destro cavalleiro, e nas feiras onde não era conhecido, montava os cavallos que fingia querer comprar, e o vendedor, via-o desapparecer, sem mais tornar a saber do cavallo nem do *comprador*.

Era um bom cosinheiro, e muitas vezes exerceu este mister nas casas dos maiores figurões d'estas terras, para os quaes se mostrou sempre muito respeitoso e obsequiador.

Se uma pessoa rica queria mandar grandes porções de dinheiro, ou objectos de muito valor, de uma para outra terra, encarregava d'essa commissão o Antonio Chuço, na certeza de que tudo chegava ao seu destino.

Perseguido frequentemente por escoltas de soldados, inventava novos ardís, para lhe escapar, o que conseguia; e com varios disfarces se apresentava descaradamente nas feiras, fazendo o seu negocio de bêstas roubadas, como se fosse a cousa mais licita do mundo.

As pessoas que precisavam viajar, e se se não queriam arriscar a serem roubadas, *compravam* ao Chuço, um *passe*, e nem em Portugal nem na Hespanha, eram roubados, logo que apresentassem aos ladrões o tal *passe*.

A maior façanha que se conta d'este Chuço, é a seguinte (que todavia não affirmo ser de todo o ponto verdadeira.)

Certa tarde, na villa da Covilhan, apresentou-se em casa do juiz de fóra, dando-lhe parte que o Antonio Chuço estava na estalagem da villa, junto com outros muitos contratadores de bêstas, e dando-lhe todos os signaes (mentirosos, já se sabe) do ladrão, e mesmo offerecendo-se para acompanhar a diligencia.

O juiz, fica muito contente, e manda chamar os seus beleguins, para effectuar a prisão.

N'isto anoiteceu, e o juiz mandou accender dous castiçaes de prata, e pôz-se de conversa com o Chuço, em quanto esperava pelos seus officiaes: apenas estes chegaram, sahiu o juiz, mas o Chuço teve a habilidade de apagar as vélas, e safar-se com os castiçaes, sem mais se tornar a saber do denunciante.

Finalmente, depois de frequentissimas e baldadas diligencias, uma força de caçadores n.º 8, que estava então de quartel em Penamacor, conseguiu prender este Chuço, e o levaram para a *principal*, a prisão mais segura, da praça d'Almeida, onde então estava o regimento de infanteria n.º 11, que conservava sempre uma numerosa guarda a esta prisão.

Além d'este regimento, ainda estava de guarnição na praça um esquadrão de cavallaria n.º 8, e um parque d'artilheria n.º 3, além do regimento de milicias. Pois apezar d'isto, uma manhã em que foram levar o almoço ao Chuço, acharam a prisão vasia! Nunca se soube como ou por onde tinha effectuado a evasão.

Fugiu para a Hespanha, e estabeleceu-se em Salamanca, com uma loja de mercearia, e alli morreu, pelos annos de 1850.

Mesmo depois de estar na Hespanha, veio por algumas vezes a Portugal, comprar bêstas nas feiras d'Evora e Viseu; mas só foi conhecido por alguns seus amigos, que os teve sempre, muitos, e alguns pertencendo a familias principaes da provincia.

Deve notar-se que os trez Chuços, nunca foram mais do que ladrões; nunca assaltaram casa nenhuma de noite, e nunca commetteram um unico assassinio.

—

Durante o reinado do sr. D. Miguel I, deu-se em Trancoso um facto que muito honra trez cavalheiros d'esta villa.

Todos sabem que, depois da revolução de 16 de maio de 1828, no Porto, muitos liberaes que tomaram parte n'ella, foram perseguidos, prêsos, e alguns executados, como temos visto em varios logares d'esta obbra.

Alguns habitantes de Trancoso, tinham adherido á tal revolução, pelo que veio para aqui um juiz de fóra, escolhido d'entre os mais adeptos aos realistas, e, apezar de toda a sua *boa vontade*, nem um unico liberal ficou culpado!

Isto deveu-se a trez dos mais decididos realistas d'aqui — *Caetano Alexandre*, então dono da casa que é hoje do conde de Tavarêde — *Antonio da Costa Coutinho*, da casa hoje do visconde de Trancoso — e *Padre*

Motta, abbade da freguezia de Nossa Senhora da Fresta. Este sacerdote, que era um orador sagrado muito distincto, prégava sempre a favor do sr. D. Miguel; mas, fóra do pulpito, aconselhava e reprehendia os individuos indicados como testemunhas, para que não jurassem contra os liberaes.

—

Um valentão de Trancoso — Em 10 de setembro de 1540, era capitão de Baçaim, na India, D. Francisco de Menezes. Alguns capitães do Nizamoluco, com 800 cavallos e 9:000 infantes, vieram atacar esta praça, que estava apenas defendida por 160 portuguezes de infanteria, 20 de cavallaria e 1:200 indios. Apezar d'esta enorme desproporção de forças, os nizamolucos foram derrotados, com perda de 500 homens, perdendo nós apenas 20.

Foi n'esta batalha, que um soldado, natural de Trancoso (cujo nome infelizmente se ignora — porque não era fidalgo! —) homem que a uma estatura gigantesca reunia forças herculeas, e animo intrepido, com a mão esquerda agarrou um mouro pela cinta, e servindo-se d'elle como de um escudo, fez nos mouros uma horrivel matança. (*Ann. Hist.* vol., 2.º pag. 48.)

—

Edificios — Os principaes d'esta villa, são — o palecete dos condes de Tavarêde, e sua residencia actual — o do visconde de Trancoso — e algumas casas elegantes, construidas modernamente.

—

Ruas — As melhores, são — *Rua Direita* — e *Rua dos Cavalleiros*. Foi n'esta rua que habitaram n'outro tempo as pessoas mais nobres da villa; e ainda n'ella se veem alguns edificios brazonados, habitados por descendentes de fidalgos que os construiram.

Todas as outras ruas, são estreitas, tortuosas, sujas, e mal calçadas.

—

Estradas — Tem trez modernas (a Mac-Adam) — uma, para Lamêgo — outra, para Celorico da Beira — outra, em construcção, para Pinhel.

A que vae de Celorico para o Pocinho, tambem passa proximo á villa.

—

Ha o *theatro de Santa Barbara*, no castello, mandado fazer ha poucos annos, por alguns cavalheiros d'esta villa.

—

Ha tambem uma *assembléa*, ou *club*; mas, por emquanto, está estabelecida em uma casa arrendada.

—

João Tição — Quando os mouros atacaram esta praça, em 1131, tinham estabelecido o seu acampamento, 3 kilometros ao S. da villa, no sitio onde agora está a ermida de S. Marcos.

João Tição, natural de Trancoso, e um dos seus defensores, n'esse tempo, pediu licença ao alcaide-mór, para hir ao campo dos serracenos tomar-lhes a bandeira do crescente. Concedida a licença, montou a cavallo, e a toda a brida, chegou ao acampamento, e agarrando na bandeira, correu sobre a praça, que achou com as portas fechadas, porque os de dentro viram vir grande cópia de mouros atraz do Tição. Este, dando trez voltas em roda das muralhas, e vendo que não podia entrar, disse — *salta cavallo* — e fazendo-o dar um prodigioso salto, atirou com a bandeira para dentro dos muros. O cavallo, morrendo rebentado, fez cahir o cavalleiro; e os mouros, agarrando-o, o fritaram em azeite.

Sobre a *porta do Carvalho*, sitio onde se diz que Tição arremessára a bandeira, se collocou, em memoria d'este facto, a figura de um guerreiro, montado em um cavallo, em attitude de saltar.

—

D. Flamula — Era uma das mais nobres damas do X seculo, e riquissima. Era irman de D. Ramiro II, de Leão, e sobrinha da famosa condessa *Muma Dona*, mulher de D. Hermenegildo Gonçalves Mendes, conde de Tuy e do Porto, e governador d'Entre Douro e Minho.

Falleceu D. Flamula, em 960, *deixando sua alma por herdeira* da sua muita fazenda, que toda mandou, em seu testamento, repartir pelos pobres, e em obras pias.

Foi senhora das villas de *Trancoso*, *Moraria* (Moreira de Rei) *Longroiva*, *Numão*, *Penedôno*, *Caria*, *Sernancêlhe*, *Amendoa;* e outras na provincia da Extremadura hespanhola. Diz no fim do testamento, que deixa isto tudo — «*Omnia vendere, et pro remedio animae meae, captivos, et peregrinos, et monasteria distribuire in ipsa Terra.* (Doc. de Guimarães, de 960.)

—

Mosteiros

1.º — *Santa Clara*, de freiras franciscanas, fundado por Christovam Mendes de Carvalho, em 1539, [1] com a invocação de *Nossa Senhora do Sepulchro*, que depois se mudou para a de Santa Clara, que era a de muitos mosteiros de freiras, da mesma ordem.

Foi suprimido em novembro de 1864.

Em julho de 1870, uma quadrilha de ladrões (mais de 200) armados de machados, e alavancas, foram-se a este mosteiro e lhe arrancaram e roubaram toda a madeira, com que carregaram mais de 700 carros.

Um d'estes malvados, foi logo punido, no acto do vandalismo, pois cahiu sobre elle uma pedra, que o esmagou, morrendo instantaneamente.

Este mosteiro, era na praça, e hoje d'elle apenas restam algumas paredes desmanteladas.

—

2.º — *Santo Antonio*, de frades franciscanos, fundado em 1569, pelo mesmo fundador do mosteiro das freiras. Está em um vasto campo, povoado de frondoso arvorêdo, extramuros da villa.

O edificio do mosteiro, foi demolido pelos liberaes, e d'elle não existe vestigios. (Os frades tinham sido expulsos d'elle, no principio de junho de 1834.)

Ainda existe, em bom estado, a egreja, que foi dada á irmandade dos terceiros franciscanos.

Admiram-se n'esta egreja, soberbas imagens, primorosamente esculpidas, que ainda são do tempo dos frades.

Foi n'este mesmo campo, em que depois se construiu o mosteiro, que em 1282 se construiu um vasto e sumptuosissimo pavilhão, ricamente forrado de soberbas alcatifas e *colgaduras*, que serviu de palacio ao rei D. Diniz, durante as esplendidas festas do seu casamento.

—

Familias nobres de Trancoso — Diz frei F. Brandão, na sua *Monarchia Lusitana*, que esta villa, foi solar de muitos fidalgos, dos appellidos — Cardoso, Fonseca, Pereira, Vasconcellos, Pacheco, Sampaio, Lucêna, Amaral, Borges, Tavares, e Saraiva.

A maior parte d'estes fidalgos, moravam na *Rua dos Cavalleiros*.

Hoje ainda aqui ha descendentes de alguns d'estes nobres.

—

Uma troca — Em 1399, o mosteiro de Tarouca, deu a Gonçalo Vasques Coutinho, alcaide-mór de Trancoso (do qual já fallei) e a sua mulher, D. Leonor Gonçalves, *todas as granjas, casaes, casas, vinhas, conchosos, exidos, logares, fóros, direitos, direituras, medições, serviços, trabutos, e colheitas,, que tinham em Trancoso e seu termo: recebendo em permudaçom* (troca) *todos os direitos reaes que o dito Gonçalo Vasques, tinha e recebia do mosteiro, em terra de Hermaimar* (Armamar) *e Tões.* (Doc. de Tarouca.)

—

Uma doação — Em junho da era de 1285 (1247 de Jesus Christo) a famosa D. Maria Paes Ribeira — *a Ribeirinha* — que fôra amante de D. Sancho I, deu á ordem do Templo, tudo quanto tinha na villa de Trancoso. (*Livro dos Mestrados*, a fl. 36, na Torre do Tombo.) — Vide *Grijó*.

—

Titulares de Trancoso

D. João III, fez duque de Trancoso a seu irmão mais novo, o infante D. Fernando, que foi tambem duque da Guarda.

---

[1] Segundo o sr. Vilhena Barbosa; mas o padre Carvalho, que lhe dá o mesmo fundador, diz que a sua fundação é do anno de 1660.

—

Philippe IV, fez marquez de Trancoso, em 1653, a D. Luiz de Portugal. (Foi um marquez *in partibus fidelium.*)

—

O principe regente (depois D. João VI) fez conde de Trancoso, o marechal-general, sir G. C. Beresford, commandante em chefe do exercito portuguez, na guerra peninsular. Depois o mesmo principe o fez marquez de Campo Maior.

—

Em 12 de setembro de 1855, foi feita viscondessa de Trancoso, D. Maria do Carmo da Costa Macêdo e Ornellas Sequeira Reimão.

—

Em 15 de dezembro de 1868, foi feito visconde de Trancoso, Bartholomeu da Costa Macêdo Geraldes Barba de Menezes.

—

Trancosanos illustres

Gonçalo Annes Bandarra — Nasceu pelos annos de 1500. Foi sapateiro, poeta popular, e *propheta.* Dizem alguns que os seus *versos prcpheticos,* são obra dos jesuitas, por quanto Bandarra não sabia ler nem escrever. É érro. Sabia, e foi o proprio escriptor das suas trovas. Era muito versado na *Sagrada Biblia,* que sabia quasi de cór.

Por causa das suas *prophecías,* foi denunciado ao *Santo Officio,* que o mandou prender e o conservou algum tempo nos seus carceres; mas foi absolvido, por sentença, publicada no cadafalso da Ribeira (Lisboa) a 23 de outubro de 1541, estando elle presente a um auto de fé que houve n'esse dia.

Regressou a Trancoso, e nunca mais fez prophecias.

Falleceu, no anno de 1596, a 18 de outubro, de edade avançada (perto de 100 annos) e foi sepultado, como vimos, na egreja parochial de S. Pedro, lavrando-se na sua campa o epitaphio que lemos quando tratei d'esta egreja.

O marquez de Pombal, interpretando contra elle, algumas das Trovas do Bandarra, que julgou obra dos jesuitas, não podendo vingar-se d'outro modo, de um homem que tinha morrido havia quasi 200 annos, lhe mandou picar o epitaphio!

Por um acaso é que se achou a sepultura do Bandarra, em março de 1871, junto á porta da egreja, do lado da Epistola.

—

Affonso de Lucêna — Nasceu pelo meiado do seculo XVI, e ainda vivia em 1611. Foi cavalleiro da ordem de Christo, commendador da de S. Thiago, e alcaide-mór d'Evora.

Elle e os doutores Luiz Correia, Antonio Vaz Cabaço, e Felix Teixeira, escreveram e publicaram um livro sob o titulo de — *Allegações de direito, que se offerecem ao muito alto, e muito poderoso rei, D. Henrique, nosso senhor, na causa da successão d'estes reinos por parte da senhora D. Catharina, sua sobrinha, filha do infante D. Duarte, seu irmão, a 22 de outubro de 1579.* Foi impresso em Lisboa, no anno de 1580.

É hoje muito pouco vulgar este livro, no qual seus auctores provavam o direito que á corôa portugueza, por morte do cardeal-rei, tinha a tal D. Catharina, duqueza de Bragança.

Esta senhora, foi a primeira a inutilizar esta obra — aliás perfeitamente bem fundamentada — reconhecendo a D. Philippe II como legitimo rei de Portugal!

—

Padre João de Lucêna — jesuita. Nasceu em 1550, e falleceu no seu collegio, de S. Roque, em Lisboa, em 1600.

Era irmão de Affonso de Lucêna.

Escreveu e publicou a — *Historia da vida do padre Francisco Xavier* (tambem jesuita, e depois canonisado) *e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Jesus.* Foi impresso em Lisboa, em 1600. Teve 2.ª edição, tambem em Lisboa, no anno de 1788.

É livro raro e muito estimado, pelas interessantes noticias que dá do nosso Estado da India, e de outros paizes da Azia.

—

Padre Francisco Saraiva de Souza — Licenceado em direito e confessor das freiras do convento de Santa Martha, de Lisboa. Nasceu e falleceu no seculo XVII, mas igno-

ra-se a data do seu nascimento e da sua morte.

Escreveu o — *Baculo pastoral, de flores de exemplos, colhidos de varia e authentica historia espiritual, sobre a doutrina christan.* Foi impresso em Lisboa, no anno de 1624. Teve 2.ª edição, em 1628; 3.ª, em 1651; 4.ª, em 1657; 5.ª, em 1671; 6.ª, em 1676; e, finalmente, 7.ª, em 1738.

Já se vê a grande acceitação que teve esta obra: e, apezar das suas sete edições, não, é actualmente, livro muito vulgar.

—

O sr. *Bartholomeu da Costa Macedo Geraldes Barba de Menezes*, filho da 1.ª viscondessa de Trancoso, D. Maria do Carmo da Costa Macedo e Ornellas Sequeira Reimão, foi, como disse, feito visconde de Trancoso, em 15 de dezembro de 1868. Tanto por parte de seu pae, como pela de sua mãe, pertence a uma das principaes familias de Portugal, e parente proximo dos generaes legitimistas, José Cardoso de Carvalho, e seu irmão, Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, ambos já fallecidos.

Viuvando de sua primeira esposa, casou o sr. visconde, em segundas nupcias, em Madrid, no dia 14 de outubro de 1876, com a sr.ª D. Maria Christina de Bourbon, duqueza de Posen, Attendorf, condessa de Gurowski, filha do principe-conde, Ignacio Wenceslaus de Gurowski, duque de Posen, conde de Gurowski, senhor de Dtrigma, Wrigina e Attendorf, e principe *herdeiro do throno da Polonia;* e da infanta de Hespanha D. Isabel, tia paterna do actual rei de Hespanha. É pois uma das principaes familias da Europa, pois os Gurowskis, descendem de Maria Lescica, rainha de França, mulher de Luiz XV.

A primeira mulher do sr. visconde de Trancoso, tinha nascido em Lisboa, a 5 de abril de 1847, e falleceu tambem em Lisboa, a 22 de setembro de 1874, na florente edade de 27 annos. Chamava-se — D. Barbara Camilla Vicencia José de Noronha Gonçalo Zarco da Camara. Era filha de D. Nuno José de Noronha e Brito, 10.º conde dos Arcos, (feito em 2 de maio de 1855) e de D. Maria Rita Gonçalves Zarco da Camara, filha dos 7.os condes da Ribeira Grande.

A viscondessa, descendia, pela linha paterna, dos marquezes de Marialva e pela materna, do famoso João Gonçalves Zarco, que, com Tristão Vaz da Veiga, descobriu a ilha da Madeira, em 1419. Tinha casado (a viscondessa) a 5 de outubro de 1863, pelo que esteve apenas casada 11 annos incompletos.

Deixou filhos.

Foi uma senhora virtuosissima, e em summo grau caritativa, pelo que a sua memoria é ainda respeitada.

—

É n'esta villa a residencia dos actuaes condes de Tavarêde. Vide n'este volume, a col. 2.ª de pag. 496.

TRANDEIRAS — freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado, e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1768, tinha 42.

Orago, o Salvador.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fertil — gado e caça.

—

TRANSCUDANOS — Vide *Riba-Côa*, e *Sabugal*.

—

TRAPA (*Santa Cruz da*) — villa, Beira Alta, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, em *Terra de Lafões*. 24 kilometros ao N. O. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1768, tinha 157.

Orago, São Mamede. Bispado e districto administrativo de Viseu.

As misericordias de Viseu e Vouzella, e outros padroeiros seculares, apresentavam o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

A villa, que é pequena e antiquissima, está assente em um dos degraus da *serra de Manhôce* (que principia n'estas proximidades) em sitio aspero e fragoso; e o seu territorio não é muito fertil, mas cria muito gado, de toda a qualidade, bastantes colmeias, e é abundantissima de caça.

Foi, por mais de 600 annos, cabeça de um

concelho, hoje supprimido; tendo camara e justiça, auctoridades e empregados respectivos.

Nunca teve foral, novo nem velho. Pelo menos, Franklin não o menciona.

Trez kilometros ao S. da villa, entre altissimas serras e grandes mattas, está o famoso *mosteiro da Trapa*. Foi primeiro, *duplex*, de monges e monjas benedictinas, fundado em 865 (*Benedictina Lusitana*, trat. 1.º, cap. VII.) Pelos annos de 1120, Christovam João, e sua mulher, Maria Rabaldis (irman do bispo do Porto, D. Pedro Rabaldis, e sobrinha do celebre D. João Peculiar, frade cruzio (vide *Grijó*) depois bispo do Porto, e por fim, arcebispo de Braga) reconstruiram este mosteiro, que estava abandonado, e o deram aos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) os quaes, para augmentarem as suas rendas, compraram, em 1126, algumas fazendas, em Paradella e Valladares, em *Terra de Lafões*.

Julga-se que os cruzios se não deram bem n'este sitio inhospito, porque, pelos annos de 1135, passou a ser dos monges benedictinos, como tinha sido no seu principio; mas seguindo a regra de S. Bernardo, que era uma reforma da benedictina. Foi D. Affonso Henriques que ampliou este mosteiro, e obteve do papa Innocencio II, a mudança da ordem; mas, apezar do pouco tempo que aqui estiveram os cruzios, ficou á villa a denominação de *Santa Cruz da Trapa*, que ainda conserva.

Em 717, os mouros occuparam estas terras, obrigando os indigenas a fugir para sitios mais inaccessiveis, menos os que se quizeram sujeitar ao pesado jugo dos vencedores.

Em 865, escolheram os christãos o sitio inhospito e alcantilado da serra de Manhôce, para fundar uma egreja catholica, onde, sem receio de serem surprehendidos pelos mouros, podessem praticar o culto divino. Alguns frades dispersos, benedictinos e agostinhos, vieram residir para junto da nova egreja, construindo para a sua habitação, um pequeno mosteiro [1].

Já n'esse tempo, e havia mais de trinta annos, que a terra de Lafões e quasi todo o territorio de Viseu, estava em poder dos christãos.

Em 862, reinando D. Affonso, o *Magno*, de Leão, occupavam-se os christãos em fortificar Viseu, quando Al-Mansor, kalifa de Córdova, investe inopinadamente a cidade, que, depois de heroica resistencia, cahiu em poder dos mouros; porém o bravo D. Affonso, junta á pressa um bom numero de tropas, invade e conquista o reino de Toledo, quasi sem resistencia, e entrando victorioso em Portugal, recupéra Viseu e o seu territorio, chegando até aos muros de Coimbra.

Pelos annos de 920, Abd-el-Rhaman, kalifa de Cordova, reunindo ao seu exercito grande numero de mouros da Lusitania, e africanos, invadiu este reino, e os monges da Trapa, ou fugiram, ou foram trucidados pelos mouros, ficando o mosteiro e a povoação completamente abandonados.

Na era de 1078 (1040 de Jesus Christo) era senhor de Viseu, um *kaide* mouro, chamado *Alahuen* (Alafum.) D. Fernando Magno, de Leão, toma Viseu de assalto, e Alahun fica captivo; porém, fazendo-se christão, o rei lhe deu a Terra do Lafões, que d'elle tomou o nome. (4.º vol., pag. 11, col. 1.ª)

Quando, passados 80 annos, já por estas terras não havia mouros, senão escravos, ou convertidos, é que, como disse, Christovam João e sua mulher, reedificaram o mosteiro da Trapa.

TRATAMENTO DOS REIS DE PORTUGAL — Os nossos primeiros reis, contentavam se com o modesto tratamento de MERCÊ. Depois se lhe deu o tratamento de SENHORIA, EXCELLENCIA, ALTEZA, e por fim MAGESTADE.

Na Torre do Tombo (maço 2.º do SUPPLEMENTO DE CÔRTES, n.º 14) se lêem as actas dos CAPITULOS das côrtes convocadas em Lisboa, por D. Affonso V, no anno de 1455 (a 24 de junho, e que foram as segundas celebradas n'este anno.)

---

[1] Segundo a *Benedictina Lusitana*, estes frades adoptaram a regra de S. Bento; porém, outros escriptores sustentam que eram eremitas de Santo Agostinho. Dá causa a esta duvida, serem os primeiros frades d'aqui, uns agostinianos, outros benedictinos.

«Das vossas cidades e villas de vossos reynos, fazemos saber a vossa MERCÊ, que nas côrtes passadas, que fizestes em Santarem, nos foram por vossa ALTEZA outorgados certos capitulos, pelo sentirdes por serviço de Deos e vosso, e bem de toda a vossa republica: a qual determinação que nas ditas côrtes outorgastes, houvemos por ley santa, usando e continuando por ella. Vossa SENHORIA, a requerimento de algumas pessoas, fizestes sobre ello, algumas inovaçoens, que sam muyto contrairas ao que nós per vós foy outorgado; o que temos por fee que nam passaria, salvo por nam lembrança. E porque, senhor, esto é muyto davorrecer ante vóssa REAL MAGESTADE, por ser muyto contrairo a vossos povos; pedimos a vossa EXCELLENCIA, que lhe praza, a nos confirmar todolos capitulos que nos outorgados foram, nas ditas côrtes passadas, etc., etc.»

O rei, deferiu a este requerimento.

—

D'este documento, vê-se a variedade de tratamentos que simultaneamente se dava aos reis portuguezes.

Carlos V, rei de Hespanha, da Sicilia, de Napoles, dos Paizes-Baixos, e imperador da Allemanha, foi o primeiro soberano que ordenou se lhe désse o tratamento de MAGESTADE, que em breve foi adoptado pelos outros reis, por mais pequenos que fossem os seus estados.

Antes de Carlos V, quando se fallava com um rei, dizia-se — vossa GRAÇA, ou, vossa ALTEZA.

O primeiro rei de Portugal que exigiu se lhe désse o tratamento de magestade, foi D. Sebastião; porque, quando se avistou no Tejo com Philippe II, filho de Carlos V, o rei castelhano se apressou a tratar o nosso por magestade, para receber egual tratamento.

—

Os antigos romanos reconheciam a MAGESTADE DO POVO, que, ufanando-se com o titulo de POVO REI, o era tanto, como o nosso POVO SOBERANO.

Sob pretexto de offensa á tal MAGESTADE DO POVO, diz Tacito, que Tiberio introduziu no codigo romano, as leis LESA MAGESTADE, em quanto que o imperador e seus successores eram tratados com m REDONDO e simples TU.

—

Hoje, em Portugal, já todos se desprezam de serem tratados por vossa SENHORIA, e qualquer barbeiro, ou tendeiro quer EXCELLENCIA: o que não admira, em um reino onde metade dos subditos, são condes, viscondes, barões, conselheiros, ou commendadores; e hade vir tempo (se isto assim continuar) em que todos seremos titulares, ou, pelo menos, commendadores.

AH! CORYDON, CORIDON! QUAE DEMENTIA CEPIT.!

TRAVAÇÓ, ou TRAVASSÓ — freguezia, Douro, comarca e concelho d'Agueda, 500 metros ao N. da margem esquerda do Agueda, 1 kilometro ao S. da esquerda do Vouga, 40 ao O. N. O. d'Agueda, 12 ao E. N. E. d'Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, S. Miguel archanjo.

Bispado e districto admnistrativo de Aveiro.

Apezar de ser uma povoação muito antiga, não a traz o *Port. Sacro.*

Ha todas as razões para suppôr que esta freguezia esteve, talvez por muitos seculos, coberta pelas aguas do Oceano; pois que o seu terreno pertence á *época quaternaria*, e até 5 e mais metros de profundidade, se encontra grande profusão de *seixos roladios.*

O seu antigo nome, era *Travaçoulco*, ou *Travazolo*, e já era parochia em 1063,, pois que n'esse anno deu D. Fernando II, de Leão (*o Magno*) ao bispo de S. Thiago de Compostella, a *terça parte de Travazolco, entre o Agueda e o Vouga.*

Foi tambem um antigo couto.

É situada esta freguezia em terreno llevemente accidentado e muito fertil, entre os rios Agueda e Vouga, e sobranceiro ao *campo de Travaçô.*

Foi isento dos frades cruzios de Grijóó [1].

---

[1] Em 3 de novembro de 1093, no actto da sagração da egreja de Grijó, do mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho ((cruzios) D. Elvira Nunes, viuva de Soeiro Formarigues, e seus filhos, doaram a este mos-

Ha aqui a grande festa dos *Santos martyres de Marrocos*, que se faz todos os annos com grande magnificencia, e é notavel pelas exhibições que offerece a sua procissão da vespera e do dia.

Na vespera, sáe da egreja matriz, a procissão das mulheres, sempre muito numerosa, entrando já de noite, na pequena ermida do *logar de Baixo*, junto aos campos. Levam grande numero de vellas e archotes accezos.

As mulheres, vão nuas da cinta para cima, mas honestamente cobertas com alvas toalhas de linho.

No dia seguinte, é a *procissão dos mouros*, tambem numerosissima.

As estradas que conduzem a esta freguezia, veem-se então cheias de romeiros a pé, a cavallo, ou de carruagem.

Depois, sáe da ermida uma grande procissão, com innumeros *penitentes*. Vão tambem nús da cintura para cima, e, como as mulheres, envoltos em alvos lençóes de linho, cheios de bordados, e preciosas rendas. É por esta circumstancia que ainda se lhe chama a *procissão dos nús*.

Antigamente, hiam os homens completamente nús da cinta para cima, o que um bispo prohibiu.

Vae um homem figurando de *rei mouro*, vestido de amarello, com um enorme capacete com plumas de côres vivas.

Finalmente é uma festa que se faz desde tempos immemoriaes, e sempre concorridissima.

—

Ha tambem aqui a bonita ermida de *Nossa Senhora do Amparo*, ou *da Lapa*, nos campos de Travaçô, mas em sitio mais elevado, ao abrigo das enchentes do Agueda.

Tem capella mór e corpo da egreja; e a imagem da padroeira, é de pedra, e de 1.m,10 de alto, denotando grande antiguidade.

Faz-se a esta Senhora, uma grande festa, a 15 de agosto, sempre muito concorrida; havendo na vespera á noite, fogo preso, e do ar, musica, *entremez* e outros divertimentos.

No dia da festa, vae a procissão, da egreja matriz até á ermida.

Antigamente, tambem no fim das colheitas aqui vinha o povo, resando pelo caminho a ladainha de Nossa Senhora, e trazendo-lhe taboleiros muito enfeitados, e cheios de milho: e nos sabbados da quaresma, vinha o parocho dizer missa ao povo n'esta ermida.

É antiquissima mas não se sabe quando ou por quem foi construida.

—

TRAVAÇÓS ou **TRAVASSÓS**—freguezia, Minho, na comarca e concelho de Fafe (foi da comarca e concelho de Guimarães) 18 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 200.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor que tinha 150$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça.

Travaços, é uma povoação mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi solar dos verdadeiros Travaços (ou Travassos) de Portugal, que é um nobre appellido d'este reino, tomado d'esta aldeia, da qual foram senhores. O primeiro que consta ter-se assignado com este appellido, foi D. Pedro de Travaços, que viveu durante o reinado de D. Sancho I e D. Affonso II (1185 a 1223) e teve descendencia.

Os legitimos Travaços, trazem por armas — em campo de púrpura, 5 flores de trêvo, d'ouro, em áspa — êlmo d'aço, aberto, e por timbre, dous troncos, de púrpura, em áspa, com uma flôr de trêvo em cada extremidade superior dos troncos.

—

Em fevereiro ou março de 1874, falleceu, em Lisboa, Antonio Joaquim Vieira Montenegro, natural de Fáfe, e que tinha enriquecido no Rio de Janeiro, onde foi aberto o seu testamento, no qual, além de um grande numero de disposições particulares, lega ao

---

teiro, além de outras rendas, os padroados das egrejas de Argoucilhe, Perosinho e Cerzêdo, na Terra da Feira — as de Travanca e Bemposta, hoje do concelho de Oliveira de Azemeis — e esta de Travaçô. (Vide 3.º vol., pag. 322, col. 2.ª e seguintes).

hospital de Fáfe, 2:000$000 réis fortes; á camara municipal do concelho de Fáfe, 7:000$000, para mandar construir uma casa na freguezia de Travaçôs, para a escola do sexo masculino; 14:000$000 para a mesma camara municipal de Fáfe mandar construir uma casa para asylo de meninas pobres de differentes freguezias d'aquelle concelho, sendo a camara obrigada a dar a casa prompta 2 annos depois de receber o legado; não sendo cumpridas estas disposições dentro do praso marcado, reverterão os legados a favor do hospital de Fáfe; ao hospital de S. Domingos, em Guimarães, 1:000$000 fortes.

Estas acções não se commentam, porque não ha palavras condignas para o seu elogio. Só Deus lhe poderá dar o premio, na eternidade. Vide *Fáfe*.

—

TRAVAÇOS, ou **TRAVASSOS** — aldeia, Minho, na freguezia de Santa Cruz, 30 kilometros ao O. de Braga. Por esta freguezia passava a via militar dos romanos, vulgarmente chamada *Geira* (vide esta palavra.)

No sitio d'esta freguezia chamado *Cantos da Geira*, se acharam no seculo passado, varios pedaços de marcos milliares cujas inscripções estavam apagadas. Só uma se podia lêr, e dizia:

IMP. CAES. M.
AVR. CARO.....
....INVICTO.....
P. C. P. M. XTR. P.
....AVG. P. P. X. V.

(Dedicado ao imperador Cesar Marco Aurelio, caro, invicto. Proconsul, pontifice maximo: do poder tribunicio, 10 vezes. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.)

—

TRAVAÇOS ou **TRAVASSOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 18 kilometros ao N. O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 106.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 280$000 réis de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça.

—

TRAVAÇÓS ou **TRAVASSÓS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 15 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 40.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Martinho, de Rio-Máu, apresentava o vigario, que tinha 30$0000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça, grossa e miuda.

—

TRAVANCA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 4 kilometros a O. S. O. da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 5 ao N. d'Ovar, 44 ao N. d'Aveiro, 285 ao N. de Lisboa.

Orago, S. Mamede.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor do convento de S. João Evangelista (Loyos) da villa da Feira, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar. (O catalogo dos bispos do Porto, diz que o rendimento do cura, é de 120$000 réis.) Esta freguezia tem actualmente 210 fogos.

Em 1768, tinha 124.

Em maio de 1877, foi aqui achado, em uma terra do sr. Antonio Valente de Resende, uma sepultura, de pedra lavrada, forrada de tijolos, assentes em argamassa, com 2 metros de comprido; 0m.6 de largo, e 0m,6 de alto. Parece ser obra romana, e é provavel que por estes sitios ainda haja mais algumas, da mesma época.

Terra muito fertil. Gado de toda a qualidade, e peixe do mar, que lhe fica perto.[1]

—

TRAVANCA — freguezia, Douro, commarca, concelho, e 3 kilometros ao S. d'Oliveira

[1] Por mais que revolvi, não me foi possivel achar a etymologia da palavra *Travanca*. Havendo porém varias freguezias (como veremos) e muitas aldeias d'este nome, é provavel que seja palavra portugueza, cujo significação hoje se ignora.

de Azemeis, 45 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1750, tinha 90.

Orago, S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro dos frades cruzios, de Grijó, apresentava o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento [1].

Esta freguezia, não vem no *Port. Sacr. e Prof.*

Foi até 1855, da comarca de Estarrêja, extincto concelho do Pinheiro da Bemposta.

Fertil, gado e caça.

É atravessada pela estrada real (á Mac-Adam) de Lisboa ao Porto.

TRAVANCA — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago N. Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O commendador d'Algôso, da ordem de Malta, apresentava o abbade, nos mezes de março, junho, setembro e dezembro — nos outros mezes, era apresentado pela mitra. (Que embrulhada!) Tinha 200 mil réis de rendimento.

Pouco fertil; porém cria muito gado, de toda a qualidade e é abundante de caça.

TRAVANCA — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 75 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1768, tinha 49.

Orago, S. Mamede [2].

Bispado e districto administrativo de Bragança.

(Foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança.)

O reitor de Paçô, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

[1] Vide o 1.º *Travaçô*.

[2] O *Port. Sacro*, diz que é *o Salvador*. É engano, porque a confundiu com a freguezia seguinte.

Pouco fertil, muito fria, e cria bastante gado, de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

TRAVANCA. — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Santa Cruz de Riba Tamega) 40 kilometros ao N. E. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768 tinha 125.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O parocho, era vigario regular, monge benedictino da apresentação triennal do D. Abbade do mosteiro d'esta freguezia, e tinha 50$000 rs. de congrua.

Fertil, gado e caça.

É povoação antiquissima, e foi villa e couto do mosteiro, mas nunca teve foral, novo ou velho.

O seu mosteiro, benedictino, foi fundado em 970, tendo hoje (1882) por consequencia, 912 annos.

Foi seu fundador, D. Garcia Moniz, filho do famoso D. Moninho (ou Munio) Viegas — *o Gasco* — [1] e o dedicou ao Salvador do Mundo, ficando elle e seus descendentes, padroeiros do mosteiro. Para isto, lhe deu seu pae, a *Granja de Travanca*, e outras terras circumferentes; o que consta de uma escriptura que existia no cartorio do mesmo mosteiro de Alpendurada, e, entre outras cousas, dizia — «Vobis filio meo, Dom Garcia Moniz, licitum sit ab hac die in perpetuum, et sine partitione cum fratre vestro, Dom Egas Moniz Gascon [2] habere, et possidere meam Villam de Travanca cum terris ad se pertinentibus, ut ibi edificetis monasterium ad vestrum patronatam, etc., etc. Facta carta die sexta Augusti, era milésima octava.»

(26 de julho de 970 de J. C.)

Morrendo D. Garcia Moniz, antes de findarem as obras do mosteiro, seu filho, D. Gascão Moniz, a concluiu em 1002.

[1] Vide no 7.º vol., pag. 281, col. 2.ª e seguintes.

[2] Avô do grande D. Egas Moniz, *aio* de D. Affonso Henriques. (Vide *Paço de Souza*.)

Foi 1.º abbade d'este convento, o virtuoso e illustrado frei Domingos Teixeira.

Estes abbades, eram senhores donatarios de Travanca e capitães-móres do seu couto.

A egreja, é ampla, de trez naves, e as grossas columnas que as dividem, são adornadas com lavores e figuras, em relevo.

É tradição que a torre dos sinos, já existia antes de se construir a egreja, e era a torre de uma *masejad* (mesquita) mourisca. [1] O que é certo, é ser árabe a sua architectura; não assim a egreja, que é do estylo gothico puro.

A capella-mór, tem 9m,70 de comprido, e 14m,10 de largo. O corpo da egreja, é da mesma largura da capella-mór, mas tem 24 metros de comprimento. As suas naves são divididas por 20 arcos de optimo granito, que chegam ao tecto.

Tem altar-mór, e seis lateraes, no corpo da egreja.

A sachristia é tambem obra sumptuosa, e digna do templo a que pertence; e esta conserva ainda os excellentes paramentos e mais utensilios que foram dos frades.

A egreja é, e sempre foi, matriz da freguezia.

Depois da expulsão dos monges, em 1834, os vandalos do seculo XIX invadiram o edificio do mosteiro, roubando-lhe madeiras, telhas, azulejos, mobilia, etc.

O tempo, ajudando á devastação sacrilega dos homens, tem reduzido este magestoso edificio a um triste montão de ruinas, que attestará ás gerações porvir, até onde chegou a illustração do *seculo das luzes*.

—

Foi a rainha D. Thereza — mãe de D. Affonso Henriques — que coutou o mosteiro e instituiu a freguezia, pelos annos de 1120.

Os abbades, apresentavam seis freguezias, além d'esta de Travanca.

—

D. Gastão Moniz, neto de D. Garcia Moniz, casou com D. Munia, da familia real de Castella; e tiveram trez filhos e duas filhas.

D. Froila Gascão, successor de seu pae, e foi seu filho, D. Rosindo Moniz, que foi 41 annos padroeiro d'este convento, e lhe fez muitas e valiosas doações.

A *D. Rosindo Moniz*, succedeu seu filho, D. Payo Rosendes, que se fez monge d'este mosteiro, com o nome de *frei Rosindo*.

Foi abbade d'este mosteiro, D. João de Castro, filho de D. Diogo de Castro, senhor de Lanhoso e Santa Cruz de Riba-Tâmega, alcaide-mór do Sabugal e Alfaiates (no Riba-Côa.)

Estes Castros, descendiam do infante D. João (filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro) e de sua mulher, D. Maria Telles de Menezes, irmã da tristemente celebre rainha, D. Leenor Telles de Menezes, mulher de D. Fernando I. (Vide 2.º vol. pag. 322, col. 1.ª) [1].

O ultimo commendatario d'este mosteiro, foi D. Fulgencio, filho de D. Jayme e de D. Joanna de Mendonça, alcaide-mór de Monsão, e 4.º duque de Bragança.

---

[1] *Masejad*, *mesgad*, e, depois, *mesguida*, é substantivo arabe. Significa — *logar da oração*. De mesguida, é que os portuguezes fizeram *mesquita*.

[1] Dona Maria Telles de Menezes, era viuva de *Gonçalo Dias de Souza*, nobilissimo fidalgo portuguez.

Frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno historico* (vol. 1.º, pag. 177) diz que se chamava *Gonçalo Dias de Souza* — e no 3.º vol. da mesma obra, a pag. 548, diz que o seu nome era *Alvaro Dias de Souza*. Não sei quando errou.

Teve do seu 1.º marido, D. Lopo Dias de Souza, um dos mais bravos e leaes companheiros do nosso D. João I. (Vide n'este volume, pag. 573, col. 1.ª).

Casou segunda vez (occultamente) com o infante D. João, primeiro filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, do qual teve um unico filho, que foi *D. Fernando Deça*, o qual, de varias mulheres, teve QUARENTA E DOUS FILHOS! (*Anno hist.*, vol. 1.º, pag. 45).

Depois de assassinar sua mulher (vide 2.º vol., pag. 322, col. 1.ª, e a palavra *Sub-Ripas*) fugiu para Castella, receiando a vingança de seu enteado, e lá casou, em segundas nupcias, com Dona Constança, filha bastarda de D. Henrique II, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I (o *Crú*). Teve d'esta Dona Constança, trez filhas, e bastardas outras trez.

TRAVANCA. — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (foi, até 1855, da comarca de Rezende, extincto concelho de São Fins) 38 kilometros ao O. de Lamego, 40 ao E. do Porto, 2 ao S. E. do Rio Douro (margem esquerda) 320 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, Santa Leocadia.

Bispado de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que, segundo o *Port. Sacro*, tinha 500$000 réis, e a *Hist. Eccles. da cidade e bispado de Lamego*, diz, serem 600$000 réis, o que é mais certo.

Os monges benedictinos de S. João d'Alpendurada, pretenderam o padroado d'esta egreja, pelo que moveram uma demanda contra a mitra, da qual (demanda) decahiram.

Ha n'esta freguezia 5 ermidas:

1.ª — *Santo Antonio*, na quinta do Loureiro.

2.ª — *Na quinta do Souto.*

3.ª — *Na quinta de Miragaia.*

4.ª — *Na quinta dos Camellos.*

5.ª — *N. Senhora da Visitação*, a maior de todas, com capella-mór e dois altares, no corpo da egreja.

Para se distinguir das outras freguezias do mesmo nome, se chama a esta, vulgarmente, *Travanca do Douro*—ainda que era mais proprio, chamar-se Travanca do Paiva, pois está sobre a margem direita d'este rio, que a abastece de optimo peixe, sobre tudo saborosissimas lampreias e trutas.

N'esta freguezia viveu alguns annos, José Soares d'Albergaria (dos Albergarias, da Rêde) e aqui falleceu, ha pouco tempo. Era coronel de um regimento de cavallaria franceza, e estava reformado, com o soldo por inteiro.

Tinha hido para a França em 1807, quando Junot para lá mandou uma divisão das tropas portuguezas.

Deixou um filho, que é o sr. Manuel Soares d'Albergaria, residente na sua quinta de Travanca, casado com uma filha do coronel João Pinto de Souza Menezes Montenegro, que foi commandante da guarda municipal do Porto; nascido e fallecido na sua quinta de Vilella, tambem sobre a direita do Paiva, da freguezia de Souzêllo, contigua á de Travanca.

Teve tambem o referido José Soares de Albergaria, 4 filhas.

1.ª — *D. Maria Soares d'Albergaria*, que casou com um tenor italiano, intitulado *conde de Monte Merli.* É uma senhora de muita instrucção, e escriptora publica.

2.ª — *D. Bertha Soares d'Albergaria*, casada com Antonio Peixoto Coelho Padilha Seixas Harcourt, senhor de Fermêdo, Felgueiras e outras terras, e que, depois de vender toda a grande casa que herdou dos seus maiores, fugiu para o Brasil, onde se fez cocheiro, e hoje é *medico raspaillista*, em Montevideu!

Teve um filho e duas filhas — estas estão recolhidas em um estabelecimento de caridade, de Lisboa, e o filho é empregado de uma das alfandegas do continente.

(Vide *Villa-Marim*).

. . . . . .

Assim terminnu a antiquissima e nobilissima casa dos Peixotos, de Fermêdo, que descendiam, em linha recta masculina, do famoso Dom Egas Moniz, rico-homem, e aio de D. Affonso Henriques.

3.ª — *D. Amancia Soares d'Albergaria*, que casou com um morgado do Douro.

4.ª — *D. Thomazia Soares d'Albergaria*, que morreu (á fome!) no Porto, no estado de solteira, deixando duas filhas, na mais cruel indigencia!

Todos os cinco filhos de José Soares de Albergaria, nasceram na França, pois o pae casára com uma senhora franceza, que ainda vive.

—

Tambem n'esta freguezia, nasceu e vive, o sr. José Pinto da Silva Tameyrão, que foi tenente coronel e commandante do batalhão de *voluntarios de Sinfães*, ao serviço da *Junta* do Porto, em 1846 e 1847.

É primo dos barões do Vallado.

—

Esta freguezia é a ultima (do lado do occidente) do districto administrativo de Vizeu, e aqui termina tambem a provincia da Beira Alta. Desde a margem esquerda do

Paiva, para O., principia pelo S. do Douro, a provincia d'este nome. O bispado de Lamego ainda, porém, não termina aqui, pois todo o concelho do Castello de Paiva, que fica na margem esquerda do rio d'este nome, ainda é da diocese de Lamego.

TRAVANCA DE FARINHA PODRE — freguezia, Douro, concelho e 12 kilometros de Pena Cóva, comarca da Tábua (antiga comarca de Midões) [1] — 30 kilometros a E. de Coimbra, 24 da Louzan, 18 de Arganil, e de Santa Comba Dão, 12 de Santo André de Poiares, da Tábua, e de Mórtágua, 235 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, S. Thiago, apostolo. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Quando pertenceu ao concelho de Farinha Pôdre, era da comarca d'Arganil, depois (em 1855) ficou pertencendo ao concelho da Tábua, e, pela mudança da séde da comarca de Midões, passou para o concelho de Pena-Cóva, e comarca da Tábua.

A Sé apostolica e o bispo, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 220$000 réis de rendimento annual.

Chama-se *Travanca de Farinha Pôdre*, porque está proxima á pequena villa de Farinha Pôdre, que foi cabeça de um concelho, creado por decreto de 6 de novembro de 1836, e supprimido a 24 de outubro de 1855.

Este pequeno concelho, era formado de fracções dos concelhos de Coimbra, Pena-Cova — actuaes — e dos extinctos de Ázere, Ovôa, Pombeiro, Sanguinhêda; e da pequena freguezia de Paço Velho, que apenas tinha 27 fogos, e foi, ha muitos annos, supprimida.

Está a 6 kilometros da margem esquerda do Mondego, e 5 do rio Alva.

A egreja matriz de Farinha Pôdre, é vasta e sumptuosa. Consta ter sido fundada pelos templarios.

É terra fertil em quasi todos os fructos do nosso paiz, e os seus habitantes são muito dados ao negocio de aguardente (de que ha aqui 4 fabricas) azeite, vinho, trigo, milho, batatas e vinho, que transportam, pelo Mondego, para varias localidades.

TRAVANCA DE LAGOS — freguezia, Douro, concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Táboa, 60 kilometros a E. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Pedro, apóstolo. Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A casa do Infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É uma das freguezias mais populosas, ferteis e ricas da comarca, e mesmo das freguezias ruraes do seu districto administrativo.

TRAVANCA DE TAVARES — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Tavares) 24 kilometros de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 66.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O abbade de Santa Maria das Chans de Tavares, apresentava o cura, que tinha réis 20$000 de congrua e o pé d'altar.

É uma freguezia mais antiga do que a monarchia portugueza.

Em 1154, D. Affonso Henriques, e sua mulher a rainha D. Mafalda, doaram ao *mestre Soeiro Tedoniz, profesor de medicina*, cinco casaes, em Travanca, como recompensa da cura que tinha feito a *Rodrigo Exemeniz*, por ordem real.

Este Soeiro Tedoniz, veio depois a fazer-se monge, e fundou um pequeno mosteiro na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e que D. Affonso Henriques lhe coutou, em 1161. Chamava-se então a este couto, de *Santa Maria de Moimenta de Zurára* (*Azurára.*)

Mudaram-se d'aqui os frades, em 1173, para Maceiradão, onde tinham edificado

---

[1] Bettencourt, no seu *Diccionario Chorographico*, diz que é da comarca de Coimbra, mas é erro.

um novo mosteiro. (Vide Maceiradão.)

—

Em 1183, o mesmo D. Affonso Henriques, doou a D. João Pires, bispo de Viseu, uma outra herdade, que tinha em Travanca de Tavares.

TRAVANCAS — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 82 kilometros de Miranda do Douro, 435 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1768, tinha 103.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. João Baptista, da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 45$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

TRAVANCINHA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa; foi da comarca de Gouveia, extincto concelho do Ervedal. 65 kilometros a E. N. E. de Coimbra, 250 ao N. E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 100.

Orago, N. Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Eulalia, apresentava o cura, annual, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado (principalmente miudo) e grande abundancia de caça, grossa e miuda.

TRAVASSO e **TRAVASSOS** — Vide *Travaço* e *Travaços*.

TRAZ-OS-MONTES — Uma das duas provincias mais septentrionaes de Portugal.

Confina ao N., com a Galliza — ao E., com Leão — ao S., [1] com parte d'este reino de Leão, e com a Beira — ao O., com a antiga provincia d'Entre Douro e Minho e hoje com a do Minho e parte da nova provincia do Douro.

Toma o nome de Traz os Montes, por estar situada (com respeito á provincia do Minho) *de traz* da grande serra do Marão, ultimo ramo da extensissima cordilheira dos Pyreneus, para este lado [1].

Tem esta provincia, no seu maior comprimento, de N. a S., 180 kilometros, e 120 de largura, de E. a O.

Ha n'este vasto territorio muitas serras e montes, mas tambem vastas e fertilissimas planicies, sendo as principaes, *os campos de Chaves* e *Ribeira d'Oura* e o *Valle da Villaríça.*

No geral, é abundante de todos os generos agricolas do nosso clima, cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade, e nos seus montes e florestas se cria muita variedade de caça, bem como lôbos e rapozas, e poucos javalís. Antigamente, tambem aqui não eram raros os ursos, que hoje não apparecem.

Varios rios atravessam esta provincia, assim como innumeros ribeiros. Já vimos que o Douro lhe passa ao sul.

Os rios principaes de Traz os Montes, são — *Tâmega, Córgo, Túa, Tuella, Sabôr* e *Penhão.*

As suas principaes montanhas, são — *Marão, Cabreiro, Villarêlho, Roborêdo* e *Barroso*, além de muitas outras menores.

A maior parte da provincia, pertence ao vastissimo e absurdo arcebispado de Braga [2].

---

[1] Pelo S. está naturalmente dividida de Hespanha e Beira, pelo rio Douro. Desde Freixo de Espada á Cinta, para O., toda esta provincia e a de Entre o Douro e Minho, formavam antigamente parte do reino da Galliza, por isso a gente do S., ainda chama *gallegos* aos d'estas duas provincias do norte. Vide *Braga.*

[1] Alguns geographos, pretendem que esta e outras projeções da Estrella e dos Pyreneus, hia até ao nosso archipelago da Madeira e Porto Santo. Outros, pretendem ainda que esta cordilheira chegava até á America, e que um horroroso cataclysmo, que teve logar em eras remotissimas, subverteu todo este territorio. (Vide *Peniche.*)

[2] A diocese de Braga, ainda ficava uma das maiores de Portugal, com o que actualmente lhe pertence, desde o Marão até ao Oceano, e desde o Ave até ao Minho. O bispado de Bragança (antigo de Miranda) que é insignificante, devia comprehender toda a

Em grande parte, é Traz os Montes feudo da casa de Bragança, do infantado (o que foi dos marquezes de Villa Real e de Távora) do arcebispo de Braga, e antigamente, de varias ordens religiosas.

Até 1834, havia aqui grande numero de commendas das diversas ordens militares, principalmente da de Christo.

Tem duas cidades — Bragança e Miranda do Douro; e umas 50 villas, sendo a primeira, villa Real, depois Chaves, Mirandella, Torre de Moncorvo, Villa-Flor, Vinhaes, Montalegre, e Peso da Regua.

É n'esta provincia a maior parte do *paiz vinhateiro*, chamado do *Alto-Douro*, produzindo esse delicioso vinho que se exporta para todo o mundo, sob a denominação de *vinho do Porto*. Antes da invasão do *Oidium Tukeri*, e do *Philoxera Vastatrix*, houve annos que produziu 107:000 pipas.

O caminho de ferro de Mirandella

Em janeiro de 1882, a camara de Mirandella representou a el-rei para que lhe concedesse a graça, que é ao mesmo tempo justiça, de mandar construir no mais breve tempo o caminho de ferro da foz do Tua a Mirandella e Bragança.

Quem conhecer a fecundidade da provincia de Traz-os-Montes, quem estiver ao facto dos excellentes fructos d'aquelle solo agreste e quasi todo inculto, mas feracissimo e ao mesmo tempo souber o abatimento em que se acha a provincia, não póde abafar um grito de admiração e desespero.

Alli produz-se o mais puro e saboroso azeite, o mais fino e sadio vinho, exellentes batatas, melões, hortaliças, etc.

Ha bellissimos gados de todo o genero, suino, lanigero e bovino.

A provincia é abundantissima em tudo isto; tem searas fertilissimas de trigo e centeio e até de milhão e feijão de variadissimas e excellentes especies.

É uma provincia uberrima e os seus productos não teem competidores; lamentata-se que não tenha merecido mais attenções dos governos, pois que só ella constituiria uma fonte inexaurivel de riquezas para a nação.

Punge vel-a apenas arada de longe em longe por fracas estradas a macadam; se as locomotoras a vapor a tivessem percorrido, aquelles povos seriam mais trabalhadores e a nação só tinha a auferir proveitos.

Na maior parte das aldeias da provincia ha uma indolencia incrivel e a razão unica é a carencia de estimulos e garantias ao trabalho, e estes estimulos estão consubstanciados nos preços dos generos; alli o lavrador cultiva escassamente terras que lhe garantam o sustento annual, porque se exercer a sua actividade nas propriedades com o fim de vender os generos, acha-se lezado, porque os preços não compensam as despezas e os trabalhos.

—

As outras producções agricolas e industriaes, vão nas terras competentes.

TREBELHAR — portuguez antigo — trabalhar. Tambem jogar, brincar, dançar, saltar, divertir-se.

TREBÊLHOS — portuguez antigo — peças do jogo do xadrez, das damas, dolo gamão, etc. — Tambem vaso pequeno. Dava-se ainda o nome de *trebêlho*, ao tributo que pagavam os que vendiam vinho ao quartilho, e que era conduzido em odres.

TREGOSÁ — Já está em *Tragosa*.

TRÉGUA — Antiquissima cidade da Lusitania, na diocese de Braga, cujo assento se ignora hoje; mas suppõe-se ter existido na serra d'Arga, o *Medulio*, dos antigos. No dia 29 de novembro do anno 50 de J. C., aqui padeceu martyrio (imperando Néro) S.S. Nathanael, um dos 72 discipulos de J. C. — Foi sepultado n'esta mesma cidade, mas os suevos lhe destruiram os restos mortaes, no principio do 5.º seculo.

TREIXÊDO — Villa, Beira Alta, commarca e concelho de Santa Comba Dão, 25 kilometros de Vizeu, 25 de Coimbra, 255 ao N. de Lisboa, 370 fogos.

---

provincia de Traz os Montes; porém, na recente divisão diocesana, supprimindo-se quatro bispados, não se attendeu á monstruosa desproporção, dos dois bispados do norte, que ficaram como estavam. São divisões á portugueza, em que só se attende aos interesses dos amigos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, N. Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A abbadessa do mosteiro de Lorvão, apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento.

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos gôdos.

Em 1253, D. Pedro Gonçalves, bispo de Viseu, fez uma concordata com a abbadessa de Lorvão, sobre o que a egreja de Treixedo devia pagar de *reconhecença* á cathedral, da qual tinha recebido a mercê da isenção da *terça pontifical*.

—

Em 1133, tinha D. Affonso Henriques coutado para o mosteiro de Lorvão, o mosteiro e cêrca de *Sperandei*, com a villa do mesmo nome, *Sabugosa*, *Midões* e *Treixedo*.

O bispo de Coimbra, com auctoridade do conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral a esta villa, em 1102. (*Liv. preto da cathedral de Coimbra*, folhas 33 verso).

O *Sant. Mar.* (tomo 5.º, pag. 214) diz que o rei D. Manuel lhe deu foral dovo, em 1514, mas Franklin não falla em semelhante foral.

Segundo frei Antonio Brandão, na sua *Monarch Lus.*, quando D. Affonso Henriques regressava das côrtes de Lamego, em 1143, para a cidade de Coimbra, tomou aos mouros, as villas de *Nagozellos* e *Treixêdo*. É manifesto engano do erudito escriptor, pois estas terras já estavam em poder dos portuguezes, desde o reinado de D. Affonso VI, de Castella e Leão, sogro do conde D. Henrique.

A sua primitiva egreja matriz, está em um ameno valle, proximo e ao S. da villa. Junto á egreja, está uma copiosa fonte de agua potavel, da qual bebe o povo, e com ella rega excellentes hortas e pomares, que produzem deliciosas fructas. Nasce por baixo da capella-mór da egreja.

O templo é antiquissimo, provavelmente, do tempo dos gôdos; mas tem tido varias reconstrucções; todavia ainda revela grande antiguidade. Á sua Padroeira se dava antigamente (até ao reinado de D. João I) o titulo de *Santa Maria de Treixêdo*.

Sendo prior d'esta freguezia o doutor João Ayres Correia d'Abreu, que foi muitos annos vigario geral do bispado, e algumas vezes, seu governador, se deu principio a uma nova egreja, para matriz da freguezia.

D. Jeronymo Soares, bispo de Viseu, lhe lançou a 1.ª pedra, a 29 de maio de 1712. É o cunhal do lado direito do frontespicio, onde se gravou esta inscripção: —

D, HYERONYMUS SUARES, EPISCOPUS
VISENSES, ME JECIT, ANNO 1712.

Esta pedra era cavada, e n'ella se tinha mettido um *Agnus Dei*, e um pergaminho que dizia:—

SUMMO PONTIFICE CLEMENTE XI.º
REGE JOANNE V.º, EPISCOPO D.
HIERONYMO SOARES, PRIOR JO-
ANME AYRES CORREA DE ABREU.
ANNO 1712, 29 MAY.

Este templo foi construido com grande magnificencia.

—

Das aguas thermaes do logar do *Grajal*, d'esta freguezia, chamadas tambem *Aguas mineraes de Treixêdo*, já tratei no 2.º vol., pag. 364, col. 2.ª (as duas ultimas linhas).

—

No dia 27 de abril de 1801, nasceu n'esta villa, D. Anselmo José Maria de Gouveia Juzarte e Almeida de Figueiredo Carvalho e Souza

Professou na ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em 29 de setembro de 1821.

Em 30 de janeiro de 1839, foi nomeado para substituir o doutor José Ernesto de Carvalho Rego, na commissão dos egressos, do districto administrativo de Coimbra.

Por decreto de 31 de agosto de 1842, foi apresentado abbade da freguezia de S. Miguel de Papizios, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba Dão, onde falleceu, a 18 de julho de 1876.

Era um clerigo muito illustrado.

TREIXOMIL.— Vide *Trouxemil*.

TREMEZ.— Freguezia, Extremadura, comarca, concelho, e 18 kilometros ao Sul de

Santarem, (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alcanéde, 100 kilometros ao N. E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 55.[1]

Orago, S. Thiago, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Os condes de Villa Nova (de Portimão) apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Terra muito fertil. Gado, caça e peixe do Tejo, que lhe fica perto, ao Sul.

TRESMONDE. — Para os Mellos e Alvins, de *Tresmonde*, vide *Guimarães*.

TREVÕES ou **TROVÕES** — villa, Beira-Alta, comarca, concelho, e 6 kilometros de S. João da Pesqueira, (foi cabeça do concelho do seu nome, comarca de Taboaço), 39 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, Santa Marinha, virgem.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra, apresentava o vigario, que, segundo o *Portugal Sacro*, tinha 150$000 réis de rendimento; mas a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, que n'isto é muito mais exacta, lhe dá de rendimento annual 1:200$000 réis para o bispo e réis 200$000 para o vigario.

Para se entender isto, é precizo que se saiba, que o bispo de Lamego é abbade d'esta freguezia, que, por isso, se intitula *camara episcopal*. Era, pois, o abbade, (o bispo), que apresentava o vigario.

—

Foi cabeça de um antiquissimo concelho, com 1:600 fogos, que foi extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

D. Manoel I, lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 47 v., col. 2.ª)

Este foral, dá-lhe o nome de *Trovões*.

Diz-se que D. Affonso Henriques lhe o tinha dado foral, em 1149; mas Franklin o não o menciona.

Em 1770, passou para a comarca do Trancoso, e antes d'isso, pertencêra á de Pinhel.

Tem bôa egreja matriz, e a sua capella-mór está bem ornada, porque a sua fabrica e a da sachristia, pertence ao bispo. O corpo da egreja é do povo, e a sua torre é muito formosa. Além do altar-mór, onde está o Santissimo Sacramento e a imagem da padroeira, tem mais cinco altares, no corpo da egreja.

Junto á matriz, está o palacio dos bispos, residencia do parocho, e a casa da tulha, onde até 1833 se recebiam os dizimos.

Este palacio, foi mandado fazer pelo bispo D. Manoel de Vasconcellos Pereira, em 1777. Tem junto um grande campo, ou quinta, com pomares, hortas, vinhas, lameiros, olival, e terras de pão, tudo muito fertil pela grande abundancia d'agua de rega.

—

Ha n'esta fraguezia 11 ermidas. São o:

1.ª *Santa Barbara* — Pequena, mas muito elegante. A' sua padroeira recorre o povo por occasião das medonhas e frequentes trovoadas que ha por estes sitios.

2.ª *Santo André* — E' particular e está profanada.

3.ª *Santo Antonio* — E' uma ermidinha lindissima e muito aceiada.

4.ª *S. Francisco Xavier* — Já não existem senão os alicerces.

5.ª *São Payo* — Trez kilometros ao S. da villa, no alto do serra de São Payo. Foi reedificada em 1875, e festeja-se o padroeiro no ultimo domingo de agosto, havendo então alli uma grande feira. Do adro d'esta ermida se goza um vasto horisonte, vendo-se povoações das Beiras e Traz-os-Montes, e a praça d'Almeida, que fica a mais de 8 80 kilometros de distancia.

6.ª *S. Sebastião*, martyr — Junto ao mercado, que se faz todos os mezes, e é muito concorrida.[1]

---

[1] E', com toda a certeza, engano do *Portugal Sacro e Profano*. Não podia augmentar a população em mais de quatro quintas partes, em 110 annos: quanto mais, na *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 261, já lhe dá 232 *visinhos* (fogos) em 1740, que é quando se publicou esta obra.

[1] O padre Carvalho, diz que se faziaia aqui uma feira franca, que durava trez dias (4,

7.ª *Nossa Senhora da Graça*—Reedificada nos principios do seculo XVIII, pelo desembargador Jeronymo de Lemos Monteiro.

8.ª *Nossa Senhora da Piedade* — Foi reedificada em 1700, por D. Maria Thereza de Figueiredo, irmã do reitor Manoel Soeiro Jordão. E, em 1858, por D. Josepha de Almeida Coutinho e Lemos. E' hoje a capella do cemiterio da freguezia, feito no seu adro, que é amplo.

9.ª *Nossa Senhora da Conceição* — Pertence ao sr. Antonio Manoel de Magalhães, e é no palacête que foi dos Mellos.

10.ª *Nossa Senhora da Conceição* — Particular— da casa de Pedro Caiado.

11.ª *Nossa Senhora das Dôres* — Particular—da sr.ª D. Francisca d'Azevedo Ferrão.

—

Os condes da Vidigueira (marquezes de Niza) eram senhores donatarios d'esta freguezia.

Ainda no seculo passado, havia aqui muitas casas nobres, dos appellidos de *Cayados*, *Gambôas*, *Almeidas*, *Rebellos*, *Souzas*, e outros.

D'esta villa teem sahido muitos lentes de Coimbra, conegos, abbades, desembargadores, grandes letrados, etc., etc.

Teve Misericordia e hospital, dos quaes apenas hoje existe a tradição.

Tem esta freguezia, lavradores muito ricos; e o seu territorio é muito fertil em cereaes, azeite, vinho, séda, fructa, legumes, linho, hortaliças, e outros productos agricolas.

Nos mattos do Rio Tôrto, ainda no principio do seculo passado, andavam manadas de porcos montezes: hoje são rarissimos. Cria muito gado, e é abundante de toda a qualidade de caça.

E' tambem abundante de arvores silvestres, que produzem optima madeira para construcções, e os sobreiros e carvalhos dão bolóta e landre para o gado suino.

Na villa, ha duas copiosas fontes de optima agua potavel, e muitas no seu termo, o qual é regado pela ribeira de Gallêgos, que nasce nas grandes lameiras de Paredes da Beira, recebendo varios regatos, pelos limites de Paredes e Penella; passa junto a Trevões, sob uma bôa ponte de cantaria, e junto ás Varzeas, sob outra ponte de pedra e madeira; e morre no Rio Tôrto. Suas aguas servem de motor a grande numero de moinhos.

Esta ribeira, foi muito abundante de optimo peixe, sobre tudo, grandes e excellentes eirozes, o que dava logar a divertidas pescarias. Até os bispos muitas vezes se entregavam a este divertimento. Hoje, traz muito pouco peixe, o que se attribue ás frequentes *trovoadas* a que está sujeito este territorio, e é provavel que a essa circumstancia deva a villa o seu antigo nome de *Trovões*, que os seus habitantes mudaram em *Trevões*.

Vide *Varzeas do Bispo, ou de Trevões*.

—

Pretendem alguns, que o verdadeiro nome d'esta villa é *Trevões*, e procede da grande abundancia de trêvo que por aqui nasce, mesmo sem cultura. Será, mas em todos os livros e documentos antigos se lhe dá o nome de *Trovões*.

Nem (quanto a mim) colhe, o dizer-se que no seu antigo pelourinho, se via um escudo d'armas, com cinco folhas de *trêvo*; porque Trevões ou Trovões, nunca teve brazão. Se no pelourinho estava o tal escudo com as folhas de trêvo, é porque, em algum tempo seria senhor d'esta villa algum fidalgo de appellido Travassos, que mandaria gravar no pelourinho o seu escudo; pois vimos no 1.º *Travaços* que as *cinco folhas* de trêvo são o ornato do brazão d'este appellido.

Muitas terras que não tinham brazão de armas, adoptavam o dos seus donatarios; e esta villa NUNCA TEVE BRAZÃO D'ARMAS.

Os ultimos senhores d'esta villa, foram, como disse, os condes da Vidigueira, depois marquezes de Niza.

Tinha ella (a villa) paços do concelho, cadeia e pelourinho, assim como vereadores e mais auctoridades e empregados, como nos outros concelhos.

---

5 e 6 de agosto), mas ha mais de 150 annos que se não faz semelhante feira. A ermida é vasta e antiga, e tem 3 altares. Segundo a tradição, foi a 1.ª matriz da freguezia.

Eram os senhores donatarios, que nomeavam quasi todas as auctoridades, os escrivães do judicial e notas; e tinham aqui um ouvidor, que conhecia, por appellação ou aggravo, dos juizes ordinarios da villa, e n'ella fazia correições; mas, desde 1725, deixou d'haver aqui ouvidores, e as correições foram feitas, até 1834, pelo corregedor de Pinhel.

Quando, em 1770, a villa de Trancoso foi elevada á cathegoria de comarca, veio a Trevões, o doutor Caetano Saraiva de Sampaio, fidalgo da casa real, senhor da quinta do Ferro, e corregedor de Pinhel, pôr novas justiças.

—

Ha fortes razões para acreditar que esta povoação já existia no tempo dos romanos, e aqui se teem encontrado por varias vezes differentes moedas do *povo rei*. Só no sitio da *Barra*, se acharam, em 1761, meio alqueire d'essas moedas, todas de cobre, e de varios imperadores.

Quando, em 1775, se demoliu a velha torre da egreja matriz, appareceram pedras, com inscripções gothicas, e outras da mesma época, se teem achado em mais alguns edificios antigos.

Em uma propriedade, que foi do fallecido Albano Coutinho, foram descobertas algumas sepulturas, cavadas na rocha, revelando grande antiguidade.

—

Na ribeira de Gallêgos, e termo d'esta villa, está montada uma fabrica de moagem, propriedade de Manoel da Costa Damazo. É de motor hydraulico, 9 mezes do anno; e, em julho, agosto e setembro, são as suas rodas movidas por uma machina a vapor.

—

A egreja matriz, posto ser antiquissima, é muito elegante, é de architectura gothica, bastante alta, tendo todas as suas portas e janellas em ogiva. Ignora-se a data da sua primittiva construcção.

No altar de S. Miguel, se instituiu em tempos antigos, uma irmandade das almas, a qual, por ... incuria dos confrades, está quasi extincta, apezar de ter ainda 200$000 réis de rendimento.

Em 1778, contava mais de mil irmãos: hoje, apenas tem uns 60.

A torre dos sinos, foi mandada construir em 1775, pelo bispo de Lamego, D. M. Manoel de Vasconcellos. E' alta, elegante, com zimborio e varanda de cantaria, bem lavrada, com trez sinos e relogio.

E' notavel a imagem de Nossa Senhora da Conceição, toda em marfim, assim como o globo, em que se enrosca a serpenente, da mesma materia. E' um primor de esculptura, e, apezar de ter apenas 0m,4 d'alto, bons entendedores a teem avaliado entre 600 e 1:000 libras! Não está na egreja senão em dia de festividade: fóra d'isso, é cuidadosamente guardada, como joia d'alto preço.

Consta que foi dada a esta egreja, em 1600, por Nuno Cayado de Gambôa, distincto fidalgo, que veio para Portugal, em 1586. D'elle procedem as familias *Almeida*, *Cayado*, e *Mello*, d'esta villa.

Foi tambem o tal Nuno, que mandou fazer, á sua custa, os altares lateraes, e no fundo do de Nossa Senhora do Rosario se conservou por muito tempo um quadro, com o retrato d'este insigne bemfeitor. Estava de joelhos e com as mãos postas, em acto de orar.

Tem a egreja bons paramentos e as alfaias; bastantes objectos antigos de prata; e; merecendo especial menção, uma custodia do mesmo metal, dourada, de grande merecimento artistico.

Apezar da sua muita antiguidade, e, são as paredes da egreja tão solidamente construidas, que nunca foi precizo reparal-as. A sacristia, porém, apezar de ser mais moderna, está precizando de urgentes concertos.

—

Poucas villas da provincia da Beira Alta terão tantos palacetes brazonados, como esta, pertencentes ás familias dos appellidos mencionados no principio d'este artigo.

De tempos immemoriaes, havia, contiguo á egreja (do lado do norte) um palacio dos bispos, que foi demolido em 1777, para se construir o novo.

O primeiro palacio havia sido destruido por um incendio (não se sabe quando.) Era espaçoso, com bello portão de entrada e gran

des cavallariças. O actual, é tambem vasto, tendo na fachada nobre, seis grandes janellas rasgadas. Na face do norte, estão as armas dos Vasconcellos. Tem bôas salas; e em separado, casas para habitação do parocho, ao qual os bispos, até 1834, davam residencia n'este palacio.

Este edificio e a sua formosa e fertilissima quinta, annexa, foram vendidos pelos liberaes, em 1875, ao sr. José Pereira Loureiro (feito visconde de Fragozella, em 25 de maio de 1870) por menos do que tinham custado só as cavallariças e a cosinha. O comprador, vendeu depois isto ao sr. Francisco Xavier de Mello, seu actual proprietario.

—

O palacête dos Almeidas, foi construido em 1605. por Balthazar de Almeida Camêllo. E' um bom edificio, tendo no andar nobre, o brazão d'armas do fundador, que era uma reunião das dos Castros (de 6 aruellas) dos Almeidas, dos Mellos, dos Camêllos e dos Caiados.

E' um bom edificio, e n'elle residiram sempre os primogenitos d'esta nobre familia até ao fallecimento de Antonio de Almeida Coutinho e Lemos, 1.º, e unico, barão do Seixo. (Vide n'este vol., pag. 87, col. 2.ª, a palavra *Seixo.*)

Pela fallencia do barão do Seixo, passou este palacête a ser propriedade do sr. Constantino do Valle Pereiro Cabral, da cidade do Porto, que o vendeu ao sr. doutor Albano d'Almeida Coutinho e Lemos, irmão do tal barão do Seixo.

Assim, voltou para a familia de que fôra solar.

—

Palacête dos Mellos. Este grande edificio, solar da nobre familia dos Mellos, é o mais imponente da villa. Tem na fachada da frente (N.) DEZESETE grandes janellas rasgadas, e no interior, nove grandes salões e grande cópia de salas, quartos e mais officinas.

A capella, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, é a mais rica peça do edificio, e edificada ao mesmo tempo que elle; mas foi restaurada com grande magnificencia, em 1771, pelo mórgado, Francisco Xavier d'Almeida Caiado Mello e Vasconcellos.

Na tribuna se vê um magnifico retabulo de Nossa Senhora, em grande formato, obra do insigne pintor, Paschoal José Parente. Nas paredes interiores, pintadas a fresco, se admiram as figuras das trez virtudes cardeaes e outras primorosas pinturas; tudo obra do mesmo Parente; o qual tambem pintou o fôrro da sala de visitas, representando as quatro estações do anno; tudo ainda muito bem conservado.

Mandou construir este edificio, o doutor Francisco d'Almeida Caiado, lente de prima em canones, na Universidade de Coimbra, deputado do *Santo Officio,* e desembargador da Meza da Consciencia. Era irmão do desembargador da Relação do Porto, Nicolau de Almeida Mascarenhas.

Em 1835, foi este bello edificio vendido, pelo seu ultimo morgado e possuidor, Francisco Xavier de Mello, ao sr. Antonio Manoel de Magalhães, do Sarzedinho.

Unida ao palacête, estava uma grande cêrca, a melhor propriedade de Trevões.

O edificio conserva ainda o brazão d'armas do seu fundador.

—

Palacête dos Sármentos.—Está hoje reduzido a tristes ruinas, mas ainda conserva o seu antigo brazão d'armas.

E' propriedade do sr. Julião Sármento de Vasconcelles e Castro, feito visconde de Moimenta da Beira, em 17 de fevereiro de 1860.

—

Solar dos Caiados — É uma das maiores casas da villa, e tem na fachada principal, o competente brazão d'armas.

N'ella reside o sr. Pedro Caiado Ferrão, representante da antiga e nobre familia dos Caiados.

—

Casa dos Almeidas de Figueiredo — É muito antiga; mas foi reedificada pelo fallecido Antonio Caiado d'Almeida Figueiredo. N'ella reside a sua viuva, a sr.ª D. Francisca d'Azevedo Ferrão. Tem brazão d'armas, onde se vêem reunidas as dos Figueiredos, Leaes, e Portugaes. O timbre é o dos Silvas.

—

Casa do doutor Manoel d'Almeida Coutinho e Lemos — E' um notavel edificio, pela sua elegancía. Foi construido em 1857, e é, por consequencia, o mais moderno dos brazonados. Mandou-o fazer o dito doutor (irmão do fallecido Barão do Seixo) e lhe pôz as armas dos Almeidas. E' hoje residencia da viuva do seu fundador, a sr.ª D. Maria Candida Guedes, filha de Antonio Joaquim Guedes, de Lamêgo, e sobrinha do 1.º visconde de Valmór, par do reino, e rico capitalista. E' irmã do sr. Fausto de Queiroz Guedes, feito 2.º visconde de Valmór, em 26 de janeiro de 1870.

Mercado

Ao N. da villa, junto ao cemiterio, ha uma planicie, chamada a *Devêza*, onde se faz um bom mercado, em todas as segundas-feiras, depois do 4.º domingo de cada mez. E' muito antigo, e abundante em cereaes, quinquilherias, e gado bovino e suino.

Nos annos de 1834, 1835, e 1836, havia sempre n'este mercado grandes desordens, ferimentos e mortes, o que deu causa a que a auctoridade o mandasse suspender, e não se fez por alguns annos. *Quando os animos serenaram*, tornou a fazer-se.

Familias extinctas, ou que mudaram de domicilio

Alem das familias nobres de Trevões, que ficam mencionadas, houve mais:

Souzas Rebellos. Foi seu ultimo representante, o 1.º (e ultimo) visconde de S. João da Pesqueira, Luiz Maria de Souza Vahia Rebello, que viveu muitos annos n'esta villa, e morreu em Soutêllo, a 14 de outubro de 1841. (Vide n'este volume, a col. 2.ª de pag. 9, e a col. 1.ª de pag. 441.)

Estes Rebellos, tiveram aqui solar vinculado — *o morgado de Santo Antonio* — instituido em 1633, por Lourenço Rebello Esteves de Souza, capitão de fusileiros, e governador de Rios de Senna.

Descendem de Ricardo Rebello, irmão 2.º de Christovam Rebello, que succedeu a seu pae, no senhorio do Castello de Paiva. Casou em Ferreirim de Fonte-Arcada (o tal Ricardo) com D. Catharina de Souza, filha de Manoel de Souza, em 1570; e foi seu filho, Philippe Rebello de Souza, que casou em Trevões, com D. Anna Esteves; nascendo d'estes, Jacintho Rebello Esteves de Souza, cavalleiro da ordem de Christo, e *inspector das coutadas reaes.* Foi seu filho, o dito Lourenço Rebello, instituidor do vinculo de Santo Antonio, em Trevões, e casou em Ervedoza do Douro, com D. Eufemia Clara de Azevedo. D'estes, nasceu Gregorio Rebello Esteves de Souza; e d'este Dominggos Rebello Esteves de Souza, desembargador dos aggravos, corregedor de Lamêgo, e commendador de Santa Maria de Loures, da ordem de Christo. Era tambem fidalgo da casa real. D'este, foi filho Manoel Rebello de Souza Esteves, lente de direito, na Universidade de Coimbra, e Joaquim Rebello de Souza, que casou em Varzeas de Trovões, e foi seu filho, Luiz Rebello de Souza, que casou em Paredes da Beira, e foi seu filho, Manoel Rebello de Souza Esteves, fidalgo da casa real. Foi seu filho, José de Azevedo Rebello de Souza, fidalgo da casa real, senhor de Paredes da Beira, e que casou em Trancoso, e foi sua filha, D. Maria José d'Azevedo Rebello da Costa, que casou com Antonio de Lemos Beltrão, fidalgo da casa real e senhor da quinta do Ribeiro. D'este, descende o sr. Marianno de Lemos e Azevedo, residente em Villa Nova d'Ourem, onde possue uma das melhores quintas do districto administrativo de Leiria. E' tambem senhor das quintas do Ribeiro, e da de Azevedo, , ou dos Santos Martyres, em Paredes da Beira. E' um cavalheiro, que á nobreza da sua antiga linhagem, reune um caracter elevadissimo, e todas as qualidades que distinguem um verdadeiro homem de bem. Pertence — e sempre pertenceu — ao partido legitimista.

Outro ramo d'esta familia, procedente do dito Manoel Rebello de Sousa Esteves. Foi seu filho, Caetano Rebello, e d'este nasceu Manoel Rebello Esteves de Souza, que casou com sua sobrinha, D. Bernarda Rebello, herdeira da casa de Soutêllo, concelho de S. João da Pesqueira, e assim passou esta familia de Trevões para Soutêllo.

—

Uma grande parte do contheudo n'este artigo, devo-o ás informações que me deram, o meu esclarecido e velho amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto; e ao rev.mo Sebastião de Almeida, reitor actual de Trevões. A ambos dou os mais sinceros agradecimentos, pedindo-lhes ao mesmo tempo desculpa dos *córtes* que me vi obrigado a fazer nos seus curiosos apontamentos.

TREVUDO — portuguez antigo — tributo.

TREZ-MINAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alfarella de Jalles) 95 kilometros ao N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento.

É, incontestavelmente, uma povoação antiquissima.

Ha n'esta freguezia grandes escavações para extracção de mineral, e d'essa circumstancia lhe provem o nome.

Por cima do logar da Ribeirinha, do lado do O., junto ao caminho que vae para Alfarella, está uma grande concavidade, chamada vulgarmente *o lago*, aberta a picão, em uma rocha de schisto. Tem mais de 3 kilometros de circumferencia, e de profundidade mais de 166 metros (!) De comprimento, de E. a O., 800 metros — e de largo, de N. a S., 466. Segundo a constante tradição, foi uma mina, lavrada em tempos remotissimos. Toda a sua descida para a ribeira de Jalles, está coberta de grandes montes de cascalho e seixos, que se extrahiram da mina, por uma bem feita estrada carreteira, construida na mesma qualidade de pedra, e ao N. O., com mais de 22 metros de altura, e obra dispendiosissima.

Á entrada da serventia principal, na altura de 13 metros, em um baixo, ou penhasco que lhe faz muro, está um buraco redondo, que se affirma ser continuado pelo penhasco dentro, feito a picão. Ainda ninguem se atreveu a hir até ao fim.

Do lado esquerdo da mesma entrada, está outro buraco, feito a picão, no schisto, de tanta largura e tão alto, que facilmente póde por elle entrar qualquer homem, ainda que seja de estatura agigantada. Só tem desentupidos uns 5 metros.

Continuando a concavidade, ou lago, do E., adiante do meio d'ella, á esquerda, está um grande e largo buraco, tambem aberto a picão no schisto, por onde cabem quatro pessoas a par; e diz-se que é uma galeria dilatadissima, que ainda ninguem se atrevêra a percorrer; até que, no principio do seculo XVIII, Antonio de Sousa Pinto, por curiosidade, e para dar certas noticias á Academia Real de Sciencias, animado com a companhia do padre Silvestre de Meirelles, então parocho de Trez Minas, e de outras pessoas, preparados com archotes, entraram n'esta galeria. A distancia de 30 metros, acharam um largo, obrado na mesma pedra, a modo de sala, e tão alta, que com as luzes se lhe não podia ver o tecto: e á esquerda, viram o principio de outra galeria, levantada do pavimento, um metro, pouco mais ou menos, com um largo á direita.

Ainda descobriram outras mais galerias de menos largura e comprimento. No alto da rocha que serve de muro á concavidade, está obrada uma janella quadrada, bem feita, e de bastante largura. Tambem aqui existe uma profunda cisterna, construida na rocha, com agua na altura de uns 30 metros. Proximo a esta, está outra cisterna, tão medonhamente funda, que Antonio de Souza Pinto e seus companheiros, não se atreveram a examinal-a.

—

Em uma vinha, do logar de Filhagosa, d'esta freguezia, está, com a entrada pelo N., um grandissimo buraco, cabendo por elle trez carros a par. Diz-se ser a estrada por onde os mineiros do Campo e Cidadella se communicavam com estas de Ribeirinha.

Continúa esta galeria, sempre larga, com seus frizos, ou banquetas, feitos a picão, á

maneira de assentos, tendo em varias partes, arcos de cantaria, bem lavrada, assentes em columnas, para sustentarem a rocha mais friavel. Em distancia de uns 40 metros, está uma cisterna, tomando quasi toda a largura do pavimento da galeria, com agua da altura d'elle. Hindo pelos lados da cisterna adiante, proseguiu D. Gregorio de Castello Branco, ultimo commendador de S. Miguel de Trez Minas, a examinar esta concavidade, até ver entrar pela parte posterior, uma pequena claridade, a uns 1:500 metros da entrada. Não avançou mais.

Pela perfeição d'estas obras, se julga, com bons fundamentos, serem dos romanos, para extracção de ouro ou prata.

—

Na egreja matriz d'esta freguezia, está, no pavimento junto da porta travessa, uma campa, de 1,^{m} e 22 de comprido, bem lavrada, com uma inscripção romana, mas tão gasta pelo attrito dos pés, que apenas se póde ler, que foi de um membro da familia Reburo.

—

Sobranceiro a este logar da Ribeirinha, no alto do monte que lhe fica a S. E., se veem as ruinas de um pequeno castello, feito de schisto. Ainda se chama o *Castello da Ribeirinha.*

Ainda n'esta freguezia, no ponto mais elevado do monte que está sobranceiro ao logar de Cóvas, do lado do N., está outra grande concavidade, chamada tambem vulgarmente lago; certamente uma das *trez minas* d'esta freguezia. Tem de comprimento de E. a O., mais de 900 metros; de largo, de N. a S., 450; e de alto, na sua maior concavidade, 177. Tem no seu ambito, algumas arvores silvestres. Tem caminho, aberto na rocha, em que toda a concavidade é feita, e o qual ainda dá serventia para esta escavação. Tem na rocha que lhe serve de muro, do lado do N., entrando para ella, com a porta ao S., um buraco, feito a picão, com 2^{m},20 de alto, e o mesmo de largo, pelo qual, a distancia de 16 metros, está um lago de optima agua potavel, que serve para desalterar os caminhantes da estrada visinha, que vae de Murça de Panoias para S. M. Martinho de Bornes. No fim, se veem trez filões metalicos, d'onde rebenta a agua. No fundo d'esta concavidade, está em uma pedrara, levantada do chão 5^{m},50, uma especie d'al'altar, e sobre elle, um arco; e por baixo, uma grande sala, aberta na rocha, onde senempre está manando agua.

—

Ha ainda por estes sitios varias escavações que Argote menciona, e de que não trato, para não fatigar o leitor. Ha tambem muitas vallas, largas e profundas, e grandes montões de entulho, sahido d'estas minas.

—

Ao S. da Ribeirinha, no sitio do *Comanardão,* se diz ser a aldeia onde residiam os mineiros, e alli se veem ainda vestigios de casas, e ahi mesmo, no alto de um valle, estão oito buracos, como cisternas, abertos na rocha, proximos uns dos outros, e communicando-se reciprocamente entre si.

N'este mesmo sitio, se acharam, no seculo passado, trez pedras sepulchraes, de cantaria bem lavrada (vinda de longe, pois aqui, só ha schisto e quartzo.) Duas foram logo destruidas, e a 3.ª foi para o logar de Villarelho, d'esta freguezia, onde foi empregada em peitoril de uma janella. Tinha esta inscripção: —

C. COVNE.
ANCVS
FUSCEI E. CLV.
N. X L.
. . . . . .
V. S. C,
XXX. H. S. E.

Parece dizer — Aqui jaz, Cayo Cuneo Anco, filho de Fusco. O mais não se póde entender.

—

Tambem, no dito logar de Villarelho, foi achado, no sitio chamado *Chão dos Asnos,* hindo de Villarelho para Tinhella de Cima, um cippo de cantaria lavrada, com uns frizos, e com esta inscripção: —

I. O. M.
.....
VOL. SOI.
MIL LEG.
VII. GECA.
IVLINOE APR.

Parece dizer — Dedicada a Julio *Soio* (?) soldado da legião setima gemina..... por Julino, soldado da esquadra pretoriana.

N'esta mesma freguezia, em uma serra, sobranceira ao logar de Revel, ha outras concavidades, que foram minas de estanho. Ainda se conhecem os vestigos de um cano, por onde se conduzia a agua de um assude, destinada á lavagem do minerio. Este assude esteve construido no rio Tinhella, junto ao logar de Tinhêllo de Cima, e ficava a distancia de 9 kilometros da mina, em razão das grandes voltas que dava o referido cano, e atravessando um grande monte por uma galeria subterranea, no logar de Filhagosa.

Estas minas ainda foram lavradas no tempo dos Philippes, por Fernando Annes, natural de Madrid, e do qual foi filho, Cosme Machado, ascendente dos Machados d'estes sitios.

Parecem ser originariamente obra dos romanos, pois só elles se atreveriam a fazer um cano tão dispendioso.

(Até aqui resumido de Argote.)

> Os romanos podiam fazer grandes construcções com muito menos dispendio do que outra qualquer nação; porque obrigavam os indigenas aos trabalhos, como se fossem seus escravos.

Para complemento d'este artigo, é preciso vêr *Moreira, aldeia, T. M.*, no 5.º vol. pag. 542, col. 1.ª, e no 6.º vol.. pag. 603, col· 2.ª, *Penêdo d'Alfarella.*

—

No alto da serra das *Trez Minas,* limites d'esta freguezia, houve (segundo a tradição) uma grande cidade, romana ou mourisca, e, na verdade, ha alli vestigios de fortes muros. Diz-se que o cano de que fallei anteriormente, fornecia d'agua esta cidade, antes de hir ás minas lavar o minerio. Julgo que esta *grande cidade*, não é outra cousa senão as cazas em que já fallei, habitadas pelos mineiros.

Dizem os crendeiros d'estes sitios, que no alto da serra, mesmo no logar da tal *cidade*, andando um individuo a lavrar, achou uma talha, cheia de objectos d'ouro.

TREZOURAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Soalhães) 65 kilometros ao N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, S. Miguel, archanjo.

(O *Port. Sacro*, diz que é S. Thiago, apostolo, mas é engano.) Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de S. Salvador, de Villa Cova da Lixa, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 réis de rendimento; mas o *Catalogo* dos bispos do Porto (pag. 429) diz que o rendimento do parocho, é de 120$000 réis.

Foi commenda, de Christo, dos marquezes de Niza.

Tem duas ermidas — *N. Senhora de Calvos*, e S. Thiago, da Ponte. (Esta ermida serviu algum tempo de matriz da freguezia, e foi isso a causa do engano do *Port. Sacro.*)

N'esta ultima ermida, apenas hoje se diz uma missa, no dia do padroeiro (25 de julho.)

N'esta freguezia e immediatas, comprou o barão do Calvario (vide *Penafiel*) varios bens do ultimo marquez de Niza, comprehendendo, além das terras lavradias, grandes montados, confinando com os baldios. Em 1873, requereu o comprador, ao juiz de direito de Baião, que, com os louvados da camara, lhe medisse e demarcasse os seus montados, e, feito isto, lhe desse posse judicial.

Apenas aqui appareceu a justiça, tocaram os sinos a rebate, em varias freguezias, e ao toque de tambores, os povos (tanto homens como mulheres) se juntaram, armados, e correram a fogo, o juiz de direito e mais officiaes e louvados, que, se não fogem, seriam infallivelmente assassinados, pois

aquellla gente, até já antecipadamente tinha aberto nos montes varias sepulturas!

Para applacar este tumulto, foi preciso vir uma grande força, do regimento de infanteria n.º 6, de Penafiel, que se conservou aqui por muito tempo.

Muitos dos turbulentos, ficaram culpados e foram presos (para o que, foi preciso empregar toda a tropa) e soffreram varias penas, segundo a gravidade do delicto de cada um.

Ao sr. abbade da Teixeira, se deve o não haverem maiores desgraças a lamentar, pois pôde conseguir accommodar este povo; todavia, o comprador jámais será pacifico possuidor d'estes montados, dos quaes o povo se tinha apossado ha muitos seculos, pelo desleixo dos commendadores. (Vide *Bayão.*)

TREZOY ou **TREZOI** — freguezia, Beira Alta, concelho de Mortágua, comarca de Armamar) foi do mesmo concelho, mas da comarca de Santa Comba Dão) 30 kilometros de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado de Coimbra.

Districto administrativo de Viseu.

O cabido apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça [1].

TRIANA — Um dos bairros da villa de Alemquer. (Vide esta ultima palavra.)

A freguezia de N. Senhora da Assumpção, de Triana, tinha em 1757, 63 fogos, e a rainha é que apresentava o prior, o qual tinha 350$000 réis de rendimento annual.

A egreja matriz, que é muito antiga, como vimos no artigo *Alemquer*, foi restaurada, pela sollicitude do sr. padre J. J. Mathias, seu prior, e de novo aberta ao culto divino, no dia 2 de maio de 1875, com grande magnificencia, havendo então, missa solemne, e as mais demonstrações de regosijo usadas n'estes actos.

TRIBUNO — Entre os romanos, o emprego de tribuno, era uma dignidade popular, de grande auctoridade, pelo que a arrrogaram tambem a si, os imperadores; nasas, como era propriamente da gente do povo e não dos *patricios* (nobres) não usavaram do nome de tribuno, mas diziam = *do poder tribunicio* — Era com effeito o seu poder, logo immediato ao de *pontifice maximo*. Era emprego annual, mas o tribuno podia ser reeleito: por isso se vê nas inscripções romanas, commummente a formula.... *vezes investido do poder tribunicio.*

Tambem acontecia que os imperadores, investiam do poder tribunicio aqueleses que nomeavam *cesares*, e seus herdeiros nome imperio.

O *tribuno da plebe*, era uma espececie de *advogado do povo*, defendendo os seus interesses, contra as usurpações e prepotencias dos patricios. Tinham edificios proprios, para ouvir as queixas dos offendídos; e e d'estes edificios é que provem palavra *tribibunal*, que ao pé da letra, significa — *casa da audiencia do povo.*

TRIGOSO — port. ant. — apressadolo, sollicito, ligeiro, veloz, etc. — É tambem um appellido portuguez, procedente de alcunha.

TRIGUNDO — povoação antiquissimma, de Traz os Montes, 33 kilometros ao O. de Bragança. Ficava sobre uma das cinco viarias militares romanas, de Braga para Astororga. A unica memoria que ha d'esta povoação (que se ignora se era cidade ou aldeia) é vir mencionada no *Itinerario de Antoninino Pio.*

TRINDADE (campo da) — Vide *Milhlreu.*

TRINDADE — freguezia, Traz os Montes, conmarca de Mirandella, concelho de Villa Flôr, 150 kilometros ao N. E de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 77.

Orago, a Santissima Trindade.

Arcebispado de Braga.

Districto administrativo de Bragança.

O D. abbade cisterciense (bernardo) do mosteiro de Santa Maria de Bouro, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Tendo-se insurgido contra a constituição de 1820, os habitantes d'esta freguezia, o general Pêgo, em cumprimento de uma *lei*

---

[1] Bettencourt (*Dicc. Chor.*) diz que é do bispado de Lamego, mas engana-se.

marcial, incendiou a povoação da Trindade, em 12 de maio de 1823. (*Diorama de Portugal nos 32 mezes constitucionaes.*)

Por ser um monumento digno de memoria, e para que as gerações por vir possam julgar até aonde chegou o rancor partidario d'estes infelizes tempos, transcrevo a tal lei. — É a seguinte: —

— Dom João, *por graça de Deus e da Constituição*, etc.

«As côrtes, attendendo á necessidade de suffocar em seu principio a rebellião declarada em Traz-os-Montes, e considerando que em tal occorrencia convém sómente consultar a segurança publica e preservar a nação dos horrores da guerra civil, decretam o seguinte:

— 1.º — *As povoações que*, sem serem coactas por força militar, *se levantarem contra o systema constitucional, ficam fóra da protecção da lei e serão tratadas militarmente;*

— 2.º — Poderá o governo auctorisar os commandantes das tropas constitucionaes para que, mediando sentença proferida em conselho de guerra, cuja execução depende sómente da approvação d'elles, *castiguem até á pena de morte inclusivamente* os individuos de qualquer classe ou condição, que pegarem em armas contra o systema constitucional;

— 3.º — Poderá tambem o governo auctorisar os referidos commandantes para concederem qualquer amnistia, *excluindo sempre d'ella os cabeças de motim;*

— 4.º — As despezas do exercito de operações contra *os rebeldes*, será paga por seus proprios bens. A liquidação d'esta despeza e a designação dos individuos, que a devem pagar, será commettida a uma commissão militar; [1]

— 5.º — Ficam revogadas quaesquer disposições na parte em que se oppozerem ás da presente lei.

— Paço das côrtes, 20 de março de 1823 — Palacio da Bemposta, 21 de março de 1823. — El-rei com Guarda.

Manuel Gonçalves de Miranda. (Vide collecção de Decr. e Resol. das Côrtes, n.º 297.)

— No mesmo anno, já havia sido referendado por José da Silva Carvalho um outro decreto das côrtes, em 27 de fevereiro, suspendendo as garantias constitucionaes, durante trez mezes, por motivo da rebellião em Villa Real.

—

Quem diria que este mesmo D. João, *por graça de Deus e da constituição*, passados apenas 72 dias (1.º de junho) demittiria todos os ministros liberaes, nomeando realistas (os taes *rebeldes*) annullaria a constituição; mandaria derrubar e despedaçar o monumento do Rocio; e consentiria que os realistas fizessem em hastilhas as cadeiras dos deputados [1] que estavam abandonadas, porque os mesmos deputados se tinham dissolvido a si proprios, apenas D. João VI chegou triumphante a Lisboa, a 6 de junho, regressando da *guerra da poeira!*

Quem tambem poderia prever, que as mesmas tropas do general Pêgo, que tinham

---

[1] Esta lei, foi a *guarda avançada* da ignobil e absurda *lei das indemnisações*, que auctorisou e legalisou os roubos mais escandalosos. Esta ultima lei foi assignada pela Senhora D. Maria II, no palácio do Ramalhão, a 7 de agosto de 1835, e referendada pelo então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Muitos individuos que estavam presos por crimes civís, e outros que nada soffreram durante o reinado do Sr. D. Miguel, mas, allegando serem parentes, ou adherentes de liberaes que morreram nas cadeias ou no exilio; e até outros sem procurarem o menor pretexto, exigiram dos realistas, e até dos que não tinham *politica*, mas que tinham dinheiro, ou cousa que o valesse, grandes quantias, a titulo de *indemnisações*, e as receberam!

Muitos que se mostraram uns grandes liberaes em 1834, sem que até então o tivessem provado por nenhuma obra, expulsaram de suas casas os legitimos donos, e lá se introduziram, feitos seus proprietarios, sem a minima fórma de processo. Depois, custou muito trabalho e despezas, para expulsar estes usurpadores!

[1] N'esta ultima façanha, distinguiu-se o conde da Taipa, pelo afan com que despedaçava. D'ahi a trez annos, era o nobre fidalgo, um strenuo defensor da *rainha e carta!* Entendam lá estes *segredos da natura*...

reduzido a cinzas a povoação da Trindade, passados apenas dois mezes e 12 dias, acclamariam o *rei absoluto*, insultado atrozmente o seu general, que deveu a vida á velocidade do seu cavallo!

Os homens que, como eu, teem assistido a estas guerras fratricidas, ou já tinham n'esses infelizes tempos uso de razão, teem presenceado, ou lido, cousas bem tristes e desagradaveis, tanto contra os realistas, como contra os liberaes!

Não ha guerras mais desastrosas do que as civis, em que o filho combate contra o pae, e o irmão contra o irmão.

—

Tem annexa, a freguezia de *Val-Bom*.

TRINDADE — freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 75 kilometros a O. d'Evora (a cujo arcebispado pertenceu antigamente) e 135 ao S. E. de Lisboa. Tem 210 fogos.

Em 1768 tinha 91.

Orago, a Santissima Trindade.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 30 de cevada, de rendimento annual.

É terra fertilissima em cereaes, e cria muito gado, principalmente suino.

TRINTA — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 6 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 107.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O vigario de Fernão-Joannes, apresentava o cura, que tinha 7$200 réis de congrua e o pé d'altar.

Está sobre a margem do Mondêgo, e é terra fertil. Gado, caça e peixe do rio.

TRINTANAIRO — port. ant. — O outro mundo. D'aqui, *trintanar*, morrer. Ainda hoje se diz — *faz 30 annos á justa*, por — morreu.

TRISTEGA — port. ant. — edificio de trez andares; ou, mais propriamente, a parte superior do edificio, como eirado, mirante, ou aguas furtadas.

TRIVIM ou **ALTAR DO TRIVIM** — Douro — ponto culminante da serra da Louzan, 225 metros sobre o nivel do mar. (Vide e *Bussaco, Louzan* e *Luzo*.)

Para satisfazer aos desejos do meu esclarecido amigo e assignante, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, faço n'este logar algumas rectificações e ampliações ao artigo *Louzan*, patria d'aquelle cavalheiro.

A ribeira d'Arouce, passa 1 kilometro ao O. da villa, em direcção de S. a N. A ponte que n'este sitio a atravessa, denomina-se *ponte Guadiz*.[1]

O palacio dos Salazares, é o mesmo da sr.ª viscondessa do Espinhal, D. Maria da Piedade de Mello Sampaio Salazar, viuva do desembargador Antonio Cardozo de Faria Pinto, e unica representante d'esta illustre familia. Não está junto da fabrica de papel, mas no centro da villa. D'este palacio, á fabrica (que é no logar do Penedo) é alguma cousa mais de um kilometro.

A egreja matriz da villa, era muito antiga, e estava arruinada. Foi demolida, em 1873, para dar logar á actual, em construcção.

O hospicio dos frades de Santo Antonio, foi vendido pelos liberaes, e é hoje propriedade do cirurgião, o sr. doutor, Antonio Pinto de Campos, pelo seu casamento com uma sobrinha e herdeira do padre José de Magalhães.

A escola do conde de Ferreira, situada á entrada da villa (ao N.) ao lado da estrada de Coimbra, pela Foz d'Arouce, foi construida com a verba d'aquelle illustre bemfeitor, com 200$000 réis, que deu a dita viscondessa do Espinhal (esta senhora obteve o titulo, a 11 de julho de 1868) e o resto, á custa da camara municipal. O sr. commendador Montenegro, sómente deu a mobilia da escola.

O hospital, foi construido com o donativo de 200$000 réis da mesma benemerita titu-

---

[1] *Wad, hued*, ou *uad*, é um substantivo árabe, que significa *corrente d'agua*, rio. Os portuguezes e castelhanos, fizeram de le wad, e de hued (que se pronuncia do mesmo modo) *guad* e *ode*, como temos visto n'esta obra, nas palavras que principiam pelas sylabas *guad*, ou *ode*. Guadiz, pois, é o plural de *guad*, e vem a ser — ponte *dos rios*, ou *das correntes*.

lar (além do fôro que esta senhora recebia do terreno em que se fundou este estabelecimento de caridade) e com o producto de uma subscripção, promovida no Brasil, pelos srs., commendador Montenegro, e José Antônio de Carvalho, pharmaceutico da casa imperial, residente no Rio de Janeiro.

Para a construcção da nova egreja, muito tem concorrido o sr. Bispo Conde, coadjuvado por uma commissão, por elle nomeada, e presidida pelo revd.º sr. José Francisco Pinto, parocho da villa. A catholica e beneficente sr.ª viscondessa do Espinhal, deu para esta obra, a valiosa esmola de DOUS CONTOS DE RÉIS. — O sr. Pompeu Augusto da Costa, estabelecido no Rio de Janeiro (natural d'esta villa, e que já tinha feito um bom donativo para a construcção do hospital) deu para as obras da nova egreja, 450$000 réis fortes. Tambem tem concorrido o cofre da bulla; e uma subscripção obtida n'esta freguezia: o sr. doutor Jose Daniel, com o donativo de 100$000 reis; e 300$000 réis fortes, obtidos em uma subscripção aberta na colonia portugueza da *NovaLouzan*, em Mogy — Iurú, provincia de São Paulo do Brasil.

A fábrica de papel, de Casal d'Ermio, é hoje do sr. João Gonçalves de Lemos, d'esta villa. Tinha sido fundada por Antonio Maria de Carvalho, do Sobral d'Ermio, e depois a vendeu ao actual possuidor.

No tympano do hospital, não existe nenhuma estatua da Caridade, não obstante figurar na fachada, que se vê na gravura que traz o « Archivo Pittoresco » — nem o sr. Manuel Pinheiro Chagas, chegou a escrever o romance, cujo producto devia ser applicado a estas obras.

A ermida de N. Senhora da Piedade, que actualmente está no vertice do *Penhasco das Ermidas*, foi mandada construir, ainda pela senhora viscondessa do Espinhal, em substituição da antiga, que era muito pequena. A imagem da Padroeira, é um primor de esculptura. Foi feita em Braga, e custou 200$000 réis. Tudo isto, custou á caritativa fundadora, mais de 500$000 réis.

Tambem a esta esclarecida dama, se deve o ramal de estráda, da Louzan a Foz d'Arouce, entroncando com a estrada da Beira. Finalmente, para todos os melhoramentos que ha annos se teem feito n'esta villa, tem a sr.ª viscondessa contribuido com avultados donativos. Estes actos não se elogiam, porque não ha palavras condignas, para tantos e tão grandes beneficios. Mencionam-se, e é quanto basta.

O visconde da Foz d'Arouce, é o sr. doutor, Francisco Augusto Furtado de Mesquita Paiva Pinto, natural do logar do seu titulo, obtido em 14 de agosto de 1866.

No artigo *Louzan*, disse por engano, que o visconde da Foz d'Arouce, era o *doutor João José de Lencastre de Basto Baharem*. Este porém é o nome do actual conde da Louzan, que não é formado.

O condado da Louzan, foi creado em 27 de março de 1765, por D. José 1.º

O actual conde, o sr. Dom João José de Lencastre Basto Baharem, é o 4.º d'este titulo, e 12.º mórgado da Marinha. Nasceu a 15 de setembro de 1823, e foi feito conde, em 14 de janeiro de 1835.

É filho de D. Luiz Antonio de Lencastre Basto Baharem, 2.º conde da Louzan, senhor de Sernache dos Alhos, alcaide-mór de Celorico da Beira, 11.º senhor do mórgado da Marinha, veador da rainha, Dona Carlota Jaaquina de Bourbon, grão-cruz da ordem da Conceição, commendador da de Christo, e coronel do exercito portuguez — e de sua 2.ª esposa, Dona Francisca de Saldanha da Gama, dama da mesma rainha, e 2.ª filha dos 6.ºs condes da Ponte.

A 3.ª condessa da Louzan, foi Dona Marianna Antonia de Saldanha Côrte Real da Camara e Lencastre, — filha do 1.º matrimonio do 2.º conde, que tinha casado com Dona Maria Rosa de Saldanha Azerêdo Côrte-Real da Camara, filha e herdeira de D. José Pedro da Camara, moço fidalgo, do conselho de D. José I, governador da India, e marechal de campo — e de sua 1.ª mulher, Dona Marianna Victoria de Saldanha e Távora, senhora do mórgado de Cadafaes.

A 3.ª condessa da Louzan, casou com o 3.º conde do mesmo titulo, D. Diogo de Me-

nezes Ferreira d'Eça, 14.º senhor da casa de Cavalleiros; par do reino, em 1826; ministro d'estado honorario; mordomo-mór da princeza real, archiduqueza d'Austria, 1.ª mulher do sr. D. Pedro I, imperador do Brasil; grão-cruz da ordem da Conceição, e da imperial de São Leopoldo, d'Austria; commendador da ordem de Christo; deputado da Junta dos Trez Estados; ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda; presidente do real erario, em 1821, no Rio de Janeiro; e teve o mesmo emprego, no reinado do sr. D. Miguel I, que acompanhou sempre fielmente, até á convenção de Evora-Monte. Falleceu em 5 de fevereiro de 1863.

Era filho de D. Rodrigo José de Menezes, 1.º conde de Cavalleiros (feito em 27 de março de 1765) e de Dona Maria José Ferreira d'Eça, 12.ª senhora do mórgado de Cavalleiros, em Villa do Conde, instituido em 13 de novembro de 1515. O 2.º conde de Cavalleiros, tinha o mesmo nome de seu pae.

(Vide o ultimo periodo da col. 2.ª, da pag. 207, do 8.º volume.)

Em 30 de setembro de 1865, foi feito 5.º conde da Louzan, o sr. Luiz Antonio de Lencastre Basto de Baharen, filho do 4.º conde do mesmo titulo.

—

Junto do chamado *Altar do Trivim*, estão os *Poços da Neve*, hoje dos herdeiros de Julião Bartholomeu Rodrigues, e proprietarios do bem conhecido *Café Martinho*, de Lisboa.

A neve, apanha-se em um extenso planalto (de um kilometro de circumferencia) no meio do qual, está a bonita ermida de Santo Antonio de Lisboa — vulgarmente, *Santo Antonio da Neve* — ao qual se faz uma grande festa e concorridissimo arraial, no seu dia proprio — 13 de junho.

A ermida, tem 11 metros de comprido, por 4m,5 de largo, e 6 d'alto. É de uma só nave e de abobada. Na parede exterior da fachada principal, e aos lados da porta, tem estas inscripções: —

A do lado direito —

A ESMOLA QUE OS DEVOTOS DO GLORIOSO S. ANTONIO DEREM, SERÁ APPLICADA PARA AS OBRAS DA REEDIFICAÇÃO E ORNAMENTOS DA SUA CAPELLA. O MESMO GLORIOSO SANTO GRATIFICAIÁ A SEUS DEVOTOS O BENEFICIO

A do lado direito —

ESTA CAPELLA DO GLORIOSO SANTO ANTONIO DE LISBOA, MANDOU FAZER JULIÃO PEREIRA DE CASTRO, REPOSTEIRO DE N. R º, DA CASA DE SUA MAGESTADE, E NEVEIRO DE SUA REAL CASA, EM TERRA SUA, NO ANNO DE 1786.

Esta ermida, dista do *Alto do Trivim*, onde está o marco geodesico, uns 500 metros.

Diz-se que no tempo de Sertorio (70 annos antes de J. C.) se refugiára na Lusitania, *Estella*, augur e triunviro romano, de grande piedade, que ergueu altares e sacrificou aos deuses mythologicos, na serra da Estrella (corrupção de Estella) até então chamada *Herminio*; e n'este cabeço da serra da Louzan, que tomou desde essa época o nome de *Trivim*, corrupção de *Triunviro*. Pois sería.

TROCHEIROS — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 18 kilometros da Guarda, 330 a E. de Lisboa.

Em 1768, tinha 31 fogos.

Orago, Nossa Senhora das Luzes.

O prior de S. Pedro de Jarmêllo, apresentava o cura, que tinha 4$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia, está unida, desde o principio d'este seculo, á de Jarmêllo.

O nome d'esta freguezia, vem de *Trócha*, portuguez antigo, que significa — *atalho*, verêda pouco trilhada, e de poucos conhecida.

TRÓFA — 4.ª estação (não contando a principal) do caminho de ferro do Minho, 23 kilometros ao N. do Porto. (Vide *Ribeirão*.)

Diz-se vulgarmente que esta estação é na freguezia do Ribeirão; mas a verdade é: — A ponte pensil sobre o rio Áve, na estrada real, do Porto a Barcellos, Vianna do Mi-

nho, Caminha, Valença, etc., fica entre as freguezias do Ribeirão e São Martinho de Bougado (aquella do concelho de Villa Nova de Famalicão, e esta no de Santo Thyrso.)

A aldeia que está mais proxima d'esta ponte, chama-se *Trófa Velha*. A *Barca da Trófa* é ao O. d'esta aldeia.

A' estação do caminho de ferro, é que erradamente se dá o nome de *estação da Trófa;* porque está situada junto á egreja de Bougado, a grande distancia da Trófa.

As aldeias, da *Trófa*, *Trófa-Velha* e *Barca da Trófa*, todas estão distantes do caminho de ferro.

—

Trófa, é corrupção de *tarufa* ou *tarifia*, palavra árabe que significa — *cousa extrema, final, ultima*. (Vide *Trafaria*.) [1]

—

Em sitio sobremaneira aprasivel e cercado de grandes moutas, no kilometro 26, d'esta linha ferrea, e perto da estação chamada da Trófa, está construida a formosa ermidinha, dedicada a Nossa Senhora das Dores, á qual se faz todos os annos uma grande festividade, e concorridissimo arraial, no dia 15 de agosto. Ha então, comboios a preços reduzidos, em todas as estações da linha.

Da estação do Pinheiro (Porto) chegam aqui muitos comboios cheios de romeiros, e o mesmo de outras localidades distantes; além dos trens particulares, cavalgaduras e ranchos que veem de differentes partes. Muitos, levam cestos, malas e trouxas com os competentes *merendeiros*; outros levam violas, rabecas, clarinetes, bombos, etc., que tangem em todo o caminho e no arraial, dançando homens e mulheres, ao som d'estes instrumentos.

No vasto e lindissimo arraial, ha muitas barracas, com vinho e comidas, doces e outros generos. Tudo desapparece, apezar dos *farneis* bem recheados que para aqui são conduzidos.

Depois da festa de egreja, ha procissão de tarde, com 6 andores, quasi todos de uma altura consideravel, que é o luxo d'estas terras. Cada um, é levado por VINTE homens!

São sempre muitos os anjinhos, vestidos com grande magnificencia, e carregados de grossos cordões de ouro, em tanta quantidade, e de tão grande pêso, que as pobres creanças vão ajoujadas.

Finalmente, no Minho, onde ha tantas e tão brilhantes romarias, é esta uma das mais concorridas.

Ha uns poucos d'annos, que o opulento proprietario e capitalista, o sr. commendador Manuel José Ribeiro, é juiz d'esta festa, com a qual dispende em cada anno mais de 500$000 réis!

TRÓFA — pequena villa, Douro, comarca e concelho d'Agueda (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho do Vouga) 1 kilometro a S. E. da esquerda do Vouga, 7 a N. N. O. d'Agueda, 45 ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 282 fogos.

Em 1768, tinha 192.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Os Lemos, senhores da Trófa, apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Para etymologia, vide a *Trófa* antecedente.

É povoação muito antiga. O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de março de 1517. (*Livro de foraes novos da Extremadura. fl. 254 v.s, col. 1.a*.)

No tempo dos reis de Leão, servia o rio Vouga, n'estes sitios, de limite entre os territorios mouros e christãos, por isso os árabes deram a esta villa o nome de *Tarufa*.

Segundo se deduz de uma certidão, que existe no archivo do cabido de Coimbra, e que concorda com a tradição, a primittiva egreja matriz d'esta freguezia, estava na al-

---

[1] Mas temos tambem *trófa*, ou *trufa*, portuguez antigo, que significa, — gracejo, escarneo, zombaria: hoje diz-se *tróça*. *Trofar* ou *trufar*, era sinonymo de escarnecer, achincalhar, etc. — Descancem porém os das Trófas, que não vem d'este verbo a etymologia do seu nome; mas de *extremidade*, *termo*, *fim*, etc.

deia de Covellas, ao N. da villa; e aqui teem apparecido muitos objectos antigos, subterrados, como calumnas ou pilares de pedra, calices, tijolos, etc. — O passal do parocho, é tambem ainda em Covellas. No local onde era a antiga egreja, ainda ha poucos annos se acharam ossos humanos, tijolos, azulejos, e alicerces de paredes.

Na citada certidão diz o tabellião, José Monteiro Soares, que o reverendo conego cartonario do cabido de Coimbra lhe apresentára um caderno de quarto escripto em folhas de pergaminho cosido, mas não encadernado, e que continha o seguinte: = «N.º 110 = Jesus = livro do tombo da Igreja do Salvador da Trófa, e cousas que a elle pertencem e são da dita Igreja — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e cincoenta annos, aos desanove dias do mez de Setembro do dito anno, em o logar de Cristovães, termo da villa da Trófa, e ás portas das casas de Dominge Annes, hi morador, Juis Ordinario por Elle-Rei Nosso Senhor, ho presente anno em a dita villa e termo, logo hi presente o dito Juis apareceo Manoel Alvres Crelligo de Missa e Cura da Igreja do Salvador da Trofa, em nome de Antonio de Cabedo Priol da dita Igreja, requeria ao dito Juis que lhe fizesse Tombo das propriedades e cousas, que pertenciam á dita Igreja do Salvador, conforme a constituiçam do Senhor Bispo de Coimbra, e mandase hi vir as pessoas que trasiam os passaes e propriedades ho que pagavam á Igreja do Salvador, e por seu juramento decrarasem o que pagavam.... logo o dito Juis mandou vir hi Pero Vas, da Trofa, e Joam Gonçalves, de Cristovães, e Pero Anes, de Cristovães, e lhes deu o juramento dos Santos Evãgelhos, que elles disesem e decrarasem todas as propriedades que trasiam da dita Igreja do *Salvador de Covellas*, e que a ella pertenciam e asi ho que pagavam etc.» Até aqui o que consta da certidão, que vae copiada com a propria orthographia. Agora sobre os motivos, que determinaram o povo d'esta freguezia a abandonar a egreja de Covellas e a edificar outra no logar da Trófa, consta por tradição que, estando a dita egreja de Covellas em estado de ruina e grassando então ahi uma grande epidemia, muitos dos seus moradores fugiram para um sitio perto do logar da Mourisca, a que hoje se chama *as Choupanas* (das choupanas ou cabanas que construiram para se abrigarem), e outros para o logar de Cristovães; e como por essa occasião já os fidalgos da Trófa aqui existiam, offereceram a sua capella particular, para capella-mór de uma egreja, que alli edificassem, dando o terreno necessario para isso, mas com a condição de elles fidalgos ficarem com o direito de apresentarem o parocho (direito que até então residia no povo d'aquella freguezia de Covellas.) Acceite a proposta dos fidalgos e edificada a nova egreja, ficaram estes com o direito d'apresentação, o qual depois passou para a familia do sr. conde de Mello, Pedro de Mello Breyner, que foi o ultimo senhor donatario da villa da Trófa. Ignora-se a data da fundação d'esta egreja.

A capella-mór, que fôra a capella dos fidalgos da Trófa, é a parte mais importante da egreja, pelos primorosos ornatos com que estão lavrados os mausoléos dos Lemos, senhores d'este logar. São quatro os mausoléos e acham-se, dois de cada lado, embebidos nas paredes, debaixo de arcos, forrados de pedra de Ançan, com muitos e delicados lavores, tendo no centro as armas reaes, sendo duas tombadas. Sobre o túmulo da parte da Epistola, vê-se de joelhos e com as mãos erguidas, uma estatua da mesma pedra, representando o vulto de um guerreiro, do tamanho natural: ao lado vê-se a viseira, tambem de pedra. O tumulo tem esta inscripção:

AQVI IAZ DVARTE DE LEMOS FILHO QVE FOI DE IOAM GOMEZ DE LEMOS E NETO DE GOMES MIZ O QVAL POR SERVIÇO DE DS E POR ONRA DE SVA LINHAGEM MÃDOV FAZER ESTA CAPELA PERA SEV PAI E AVOOS PERA SI E PERA SVA MOLHER E FOI FEITA ESTA CAPELLA NA ERA DE MIL S84 ANOS O QVAL FALECEV AOS VINTE E SETE DIAS DE JVNHO ANO DE 1583 (1588.)

Esta inscripção está em parte quasi inintelligivel.

O segundo túmulo da parte da Epistola tem este epitaphio:

AQUI IAZ DONA IOANA DE MELO MOLHER
QVE FOI DE DVARTE DE LEMOS
E QVAL FALECEO AOS DOZE DIAS DO MES
DOTVBRO ANO DE MIL . S . Z . 9

Sobre este tumulo está collocada uma urna de pedra, obra de merecimento artistico pelos muitos ornatos, lavrados com grande perfeição, mas muito mal conservada, como tudo o mais. Não tem inscripção alguma.

Sobre o primeiro tumulo do lado do Evangelho acha-se uma urna com esta inscripção:

ÃQVI IAZ IOAW GVOMEZ DE LEMOS FILHO DE
GVOMEZ MARTIZ DE LEMOS QVE FOI HO
SEGUNDO SNOR DESTE LVGVAR FALECEU
NA HERA DE IS

O tumulo tem o seguinte epitaphio, no centro do qual se acham esculpidas as armas ou brazão de Lemos.

AQVI IAZ GVOMEZ MARTIZ DE LEMOS
QVE FOI FILHO DE GVOMEZ MARTIZ DE LEMOS
O VELHO SENHOR DE GVOES O QVAL FOI
O PRIMEIRO SENHOR DESTE LVGAR FALECEO
NA HERA DE MIL E QVATRO CEMTOS
HE NOVEMTA ANOS

Sobre o segundo tumulo do lado do Evangelho vê-se uma outra urna com a seguinte inscripção:

ÃQVI IAZ DONA VIOLAWTE DE SEQVEIRA
MOLHER QVE FOI DE JOAW GVOMEZ DE LEMOS
FALECEO NA HERA DE IS

O tumulo, sobre que assenta esta urna, tem a seguinte inscripção, e no centro d'ella as armas reaes:

AQVI IAZ DONA MARIA DAZEVEDO FILHA QUE FOI
DALVARO DE MEIRA E MOLHER QVE FOI
DE GVOMES MARTIZ DE LEMOS E FALECEO
NA ERA 1483 [1]

—

Dou os meus cordiaes agradecimentos, ao sr. doutor Venancio Dias de Figueiredo Vieira, da villa d'Eixo, pelos curiosissimos apontamentos que acabam de lêr-se, e que teve a bondade de mandar-me, com respeito a esta freguezia.

[1] Os mm da 1.ª, 3.ª e 4.ª inscripcão d'esta columna, estão voltados como aqui se veem. Não sei a causa d'esta extravagancia!

—

O senhorio de Trófa, era hereditario na familia de Lemos, em que se continuou desde Gomes Martins de Lemos, *o Moço*, que foi 1.º donatario, até Diogo Gomes de Lemos, entrando n'elle a varonia de — Carvalhos e Vasconcellos — pelo casamento de sua filha D. Jeronyma de Lemos com Jeronymo de Carvalho e Vasconcellos. —

Tambem o eram de Jalles e Alfarella, e na villa da Trófa, cujo senhorio comprehendia varios logares, eram senhores do rio Vouga, em que sem sua licença se não podiam armar redes, nem pescar, *na distancia de seis leguas*, até entrar na barra! E todos os barcos que passavam com carregação, a hir e vir da *villa* d'Aveiro, pagavam portagem ao respectivo donatario, conforme o foral d'el-rei D. Manuel.

— *Giral Martins de Lemos*, era terceiro neto de D. Lopo Affonso de Lemos, que passou a Portugal, irmão de D. Diogo Lopes de Lemos, representante da casa dos senhores de Lemos, em Galliza, condes d'Amarante, que são cabeça d'esta famila em Castella, e do Mestre de S. Thiago D. Sancho Fernandes de Lemos. Era fidalgo honrado de Lisboa, em tempo dos reis D. Fernando e D. João I, e foi o progenitor da casa e familia de Lemos em Portugal, de que são cabeça os senhores da Trófa, trazendo por armas em campo vermelho 5 cadernas de crescentes de ouro em aspa, apontadas: e por timbre uma aguia vermelha, armada de prata, assentada sobre um ninho de sua côr com uma caderna das armas nos peitos.

Casou com D. Berengueyra Annes.

— *Gomes Martins de Lemos*, aio do 1.º duque de Bragança, foi senhor d'Oliveira do Conde e achou-se na tomada de Ceuta, na qualidade de capitão de Galés.

Casou com D. Mecia Vasques de Góes, filha de Fernão Vasques, senhor de Góes.

— *Gomes Martins de Lemos*, o *Moço*, 1.º senhor de Trófa, de juro e herdade, com jurisdicção e imperio para elle e seus descendentes varões, por carta passada em Evora a 13 de novembro de 1449. Foi fidalgo da casa d'el-rei D. Affonso V e do conselho do mesmo rei, que lhe deu tambem a Pampi-

lhosa com suas jurisdicções, por carta passada em Ceuta aos 12 de novembro de 1458, e a terra d'Alvaro, por carta passada em Coimbra aos 16 d'agosto de 1472.

Casou com D. Maria d'Azevedo e Meira, filha d'Alvaro de Meira, senhor de Jales e dos direitos reaes das terras d'Entre Homem e Cávado, e de D. Maria d'Azevedo.

— *João Gomes de Lemos*, 2.º senhor da villa de Trófa e mais terras de seu pae, que lhe confirmou el-rei D. Manuel, em Evora, aos 7 de novembro de 1497. Foi fidalgo da sua casa.

Casou com D. Violante de Sequeira, filha de Pedro Affonso d'Aguiar.

— *Duarte de Lemos*, 3.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, que lhe confirmou el-rei D. Manuel, por carta de 8 de julho de 1514. Foi fidalgo da sua casa, commendador de Castelejo, na Ordem de Christo e capitão d'uma armada na India, em tempo do vice-rei D. Francisco d'Almeida. Diz o auctor dos — Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque, — em cujo tempo foi capitão-maior da Costa de Cambaya, que fôra o maior homem que em seu tempo houvera em Portugal e muito arrogante.

Casou com D. Joanna de Mello, filha de Alvaro Nogueira de Brito.

— *João Gomes de Lemos*, 4.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, fidalgo da casa real, com a moradia de 2$160 réis por mez e um alqueire de cevada por dia (1537).

Casou com D. Leonor Pinheiro, filha de Jorge de Cabedo e de D. Thereza Pinheiro, irmã de D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Vizeu.

— *Duarte de Lemos*, 5.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae por carta de confirmação de el-rei D. Sebastião de 1 de agosto de 1576, fidalgo da casa real. Seguiu o partido de D. Antonio, prior do Crato, pelo que foi condemnado á morte, que se lhe perdoou a rogos de Maria da Visitação, freira da Annunciada, que diziam era santa. Foi este que se precipitou a cavallo da ponte de Coimbra para não passar por D. Filippe II nem voltar para traz.

Está a sua estatua de relevo inteiro, vestida d'armas brancas, na capella da Trófa, onde estes fidalgos tinham magnificos jazigos.

Casou com D. Maria de Távora, filha de Jorge Garcia Maldonado e de D. Izabel de Tavora.

— *Diogo Gomes de Lemos*, 6.º senhor da villa da Trófa e mais terras de seu pae, cujo senhorio lhe confirmou D. Filippe III, aos 3 de julho de 1617, fidalgo da casa real.

Casou segunda vez com D. Guiomar de Almeida, filha d'Antonio Lopes de Carvalho e de D. Catharina Borges d'Ameida.

— *D. Jeronyma de Lemos*, que casou com Jeronymo de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor do mórgado da Lamaroza, filho de Pedro de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor do dito mórgado, e de sua segunda mulher D. Guiomar de Carvalho da Fonseca, neto de Christovão Mendes de Carvalho e Vasconcellos, fidalgo da casa real, desembargador do paço, chanceller mór do reino, fundador do mosteiro das freiras de Trancozo e do hospital de Tentugal, e instituidor do mórgado de Lamaroza, e de sua segunda mulher D. Francisca Couceiro, e bisneto de Ruy Mendes de Vasconcellos, pagem da lança d'el-rei D. João II e contador de Entre Douro e Minho e de sua mulher D. Anna Rodrigues de Carvalho—ella da familia de Carvalho e elle da de Vasconcellos — e descendente por linha masculina do valoroso Martim Moniz, morto heroicamente na porta do castello da cidade de Lisboa quando el-rei D. Affonso Henriques a tomou aos mouros.

— *Bernardo de Carvalho e Lemos*, 8.º senhor da villa da Trófa, Jalles e Alfarella, que lhe confirmou el-rei D. Pedro II, aos 7 de maio de 1699, por successão a seu tio João Gomes de Lemos, irmão de sua mãe D. Jeronyma de Lemos, que fôra 7.º senhor da dita villa e mais terras de seu pae, por carta de confirmação d'el-rei D. João IV, de 22 d'agosto de 1652. Foi fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo e senhor do Morgado da Lamaroza.

Casou com D. Maria Magdalena de Souza de Menezes, filha de Manuel de Souza de Menezes e D. Margarida Christina de Souza

e Vasconcellos, da antiga casa de Figueiredo das Donas.

Luiz Thomaz de Carvalho Lemos e Vasconcellos, 9.º senhor da villa da Trófa e mais senhorios de Jales e Alfarella, por confirmações d'el-rei D. Pedro II, de 15 de março de 1705, fidalgo da casa real.

Casou com sua prima co-irmã D. Caetana Rita Venancia Felicia Bernardina Margarida de Roxas e Contreiras, filha de Pedro de Roxas d'Azevedo, fidalgo da casa real, alcaide mór de Portalegre e conselheiro da fazenda, e de D. Joanna Michaela de Noronha e Menezes.

— *Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos Vasconcellos e Almeida*, 10.º e ultimo senhor da villa da Trófa e mais senhorios por confirmação d'el-rei D. José I de 2 de novembro de 1757, foi fidalgo da casa real e coronel de milicias de Lisboa.

Casou na casa dos condes da Cunha e familia Corrêa de Sá (Asseca) e d'ambos os matrimonios sem successão.

— *D. Joanna de Roxas e Lemos*, sua irmã.

Casou com Francisco Luiz Pequeno Teixeira Vahia, senhor dos mórgados de Bustêllo e Adães.

— *Manuel de Roxas e Lemos Pequeno Chaves Teixeira Vahia*, senhor dos mórgados de Bustêllo e Adães e por seu tio materno, Bernardo Manuel de Carválho e Lemos Vasconcellos e Almeida, senhor do mórgado da Lamaroza e mais vinculos da sua casa.

Casou com sua prima co-irmã D. Isabel de Roxas e Lemos Carvalho de Menezes, condessa de Subserra, dama da Ordem de Maria Luiza em Hespanha e filha de seu tio materno Pedro de Roxas e Azevedo de Carvalho e Lemos, fidalgo da casa real, tenente de cavallaria e commendador da Ordem de S. João de Jerusalem (irmão de Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos, 10.º senhor do Trofa.)

— *D. Maria Mancia de Lemos Roxas Carvalho e Menezes Pequeno Chaves Teixeira Vahia*, condessa de Subserra, condessa e marqueza da Bemposta, dama da rainha, senhora do morgado da Lamaroza e mais vinculos da casa de seu pae.

Casou duas vezes: 1.ª com seu primo Fradique Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos, fidalgo da casa real, 22.º senhor das terras de Bordonhos e seus padroados e mais mórgados da casa de seu pae, conde de Subserra, do conselho d'el-rei D. João VI, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Legião d'Honra, em França, addido á embaixada portugueza junto á côrte de Madrid e tenente coronel ajudante do Sr. D. Miguel, quando foi nomeado commandante em chefe do exercito, em 1823; 2.ª com Theodoro Estevão de Larue, conde de Saint-Leger, 2.º conde e 2.º marquez da Bemposta, tenente general, de cujo matrimonio nasceu uma unica filha, sr.ª D. Maria Izabel, casada com o actual conde de Rio Maior.

Linha de Bordonhos

Recahindo aquella linha em senhora, por morte do 10.º e ultimo senhor da Trófa, Bernardo Manuel de Carvalho e Lemos Vasconcellos e Almeida, passou a primogenitura da varonia dos senhores da Trófa para os senhores da casa de Bordonhos, em virtude do casamento do immediato varão.

Xavier Francisco de Souza e Lemos, fidalgo da casa real, segundo filho de Bernardo de Carvalho e Lemos, 8.º senhor da Trófa e de sua mulher D. Maria Magdalena de Souza de Menezes.

Casou com D. Thomazia Margarida de Souza, filha unica e herdeira de Diogo Lopes de Souza Alvim fidalgo cavalleiro, com a elevada moradia de 2$500 réis por mez e um alqueire de cevada por dia, e são 900 réis mais além da moradia ordinaria do primeiro fôro, distincção concedida ao fôro d'esta familia por alvará de 20 de dezembro de 1642; cavalleiro da Ordem de Christo, 18.º senhor da casa e terras de Bordonhos e seus padroados e administrador d'este mórgado e dos mais da casa de seu pae, e de sua mulher D. Maria Josepha Luiza d'Almeida Castello-Branco, senhora da casa e mórgado de Santar.

— *Fradique Lopes de Souza e Lemos*, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, 20.º senhor da casa e terras de

Bordonhos e seus padroados e administrador d'este e dos mais morgados da casa de sua mãe.

Casou com sua prima co-irmã D. Anna Rufina de Roxas e Lemos Carvalho e Menezes, filha de seu tio Luiz Thomaz de Carvalho e Lemos, 9.º senhor da Trófa e de sua mulher D. Caetana Rita Venancia Felicia Bernardina Margarida de Roxas e Contreiras.

— *Ruy Lopes de Souza e Lemos*, fidalgo da casa real, cavalleiro das Ordens de Christo e S. Thiago da Espada, 21.º senhor da e terras de Bordonhos e seus padroados casa e administrador d'este e dos mais mórgados da casa de seu pae.

Casou com D. Antonia Adelaide Taveira de Lira e Menezes, filha de Manuel Teixeira Pimentel de Carvalho, fidalgo da casa real e de sua mulher D. Roza Ermelinda de Lira e Menezes.

— *Diogo Lopes de Souza d'Alvim Lemos e Menezes*, moço fidalgo com exercicio no paço, cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, official de cavallaria, 23.º senhor da casa e terras de Bordonhos e seus padroados, 13.º administrador do mórgado do Pinheiro e 8.º do de Santar, por successão a seu irmão Fradique Lopes de Souza d'Alvim e Lemos, conde de Subserra, de quem já se fallou.

Casou com D. Margarida Augusta de Mello de Souza e Menezes de Figueiredo e Castro, sua prima, filha de José de Souza de Menezes d'Almeida e Vasconcellos e de sua mulher D. Maria Rita de Mello Vilhena e Castro.

— *Ruy Lopes de Souza d'Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos*, 24.º senhor da casa de Bordonhos, 14.º e ultimo administrador do mórgado do Pinheiro e 9.º do de Santar; é d'esta familia o actual varão representante.

—

Diz o auctor da *Chorographia Portugueza*, que o sangue dos Lemos toca a muitos grandes senhores d'este reino e do de Castella, porque de D. Mecia de Lemos, filha de Gomes Martins de Lemos, 1.º senhor da Trófa, e dama da rainha D. Joanna de Castella, descendem os condes de Saldanha, duqques do Infantado, os condes de Cenete, os prrincipes de Melito, duques de Frãca Villa, PPastrana, Hyjar, Medina Sidonia e os marqquezes d'Alemquer; e pelo casamento da mmesma senhora com João Alvares da Cunnha, senhor de Pombeiro, os condes de Pombbeiro, os de S. Thiago, o marquez de Mmonntebello e outros muitos a que abrange e este sangue.

E da referida D. Mecia de Lemos, era a 5.ª neta, e 6.ª de seu pae o 1.º da Trófa, a r rainha D. Luiza de Gusman, esposa do 8.º d duque de Bragança, depois el-rei D. João o IV de Portugal.

Os herdeiros de Sebastião de Castro l Lemos Magalhães e Menezes, ainda possuuem n'esta freguezia, bastantes fóros, que foorram dos mais antigos donatarios.

(Vide *Bordonhos, Côvo, Santar e Subserrra.*)

—

Os donatarios, tinham o *direito de porrtagem,* do Vouga, na extensão de 35 KILOMMETROS l

Esta familia (dos Lemos) é originaria a da Hespanha. O seu appellido, foi tomado o da villa de Lemos, na Galliza.

D. Lopo Lopes de Lemos, veio para PPortugal, em 1350 (no reinado de D. Affonso I IV.)

O brazão d'armas dos Lemos, é incoompleto, a saber — em campo de púrpurara, 5 cadernas de crescentes, d'ouro, em áspa: êlmo de aço, aberto; e por timbre, uuma aguia, de púrpura, bicada d'ouro, assentatada sobre um ninho de silvas verdes, com uuma das cadernas das armas no peito.

Outros Lemos, trazem por armas — e em campo de púrpura, 5 cadernas de crescecentes de prata, em áspa, e o mesmo êlmmo e timbre dos antecedentes.

Era da familia dos Lemos, da Trófa, o o inclito DUARTE DE LEMOS, que (como já disssse), sahindo de Coimbra, em 1582, chegandolo ao meio da ponte, viu entrar por ella, do lalado do sul, a Philippe II. Preferindo a mororte, a tirar o chapeu ao usurpador, se atirárou, com o cavallo em que montava, abaixo o da ponte!

Teve tanta fortuna (ou tão milagrosa a foi a protecção Divina) que nem elle nem o o ca-

vallo morreram, e ficaram quites apenas com léves contuzões.

N'esse tempo, ainda havia alguns verdadeiros portuguezes; e quando a maior parte dos fidalgos se tinham curvado gostosos ao ominoso jugo castelhano, Duarte de Lemos, mostrou que nem toda a nobreza de Portugal queria deshonrar os seus nobres ascendentes.

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.»

Ainda para a familia Lemos, veja-se n'este vol., a col. 2.ª de paginas 62, e 1.ª de pag. 63, — e a col. 2.ª de pag. 433. — *Marnel, e Portalegre.*

TROIA — Vide 5.º vol., pag. 407, col. 2.ª.

TROIA — Vide *Cetobriga* e *Setubal.* Depois de tudo quanto da *cidade morta*, de Cetobriga, disse no 2.º vol. e já n'este, teem havido aqui mais escavações, que deram resultados summamente satisfatorios, e que provam a remotissima antiguidade d'esta povoação.

O doutor Schliemann, encontrou subterrados entre cinzas, preciosos objectos, consistindo em armas de bronze; copos com azas; braceletes; agulhas de marfim, de 0m,14 de comprido; joias de ágatha; idolos de marmore; uma *pepita*, d'ouro, (como se teem encontrado nas minas da Australia.) Misturados com estes objectos, achou aquelle illustre archeologo, centenares de martellos de pedra, da classe primitiva; vasilhas de barro, feitas á mão — menos os pratos, que parecem os primeiros ensaios do emprego do torno.

Dentro de uma urna, que continha ossos, cinzas e outros fragmentos, estava um pedaço de *porcellana egypcia, verde lustroso;* sendo esta a primeira que se encontrou n'estas ruinas.

Nove metros abaixo da superficie da collina, achou uma roca de madeira, de 2m,30 de comprido, *carregada* com fios de lan, postos no sentido longitudinal, mas todos negros, como carvão, parecendo terem sido queimados.

—

Na *Costa da Gallé,* ao S. da facha de terra onde jazem as ruinas de Cetobriga, acharam uns pescadores, muitas moedas de prata, algumas do nosso rei D. Sebastião, e a maior parte, do tempo dos Philippes. Parecia terem antes estado soterradas, sob uma camada de argilla, que o mar desfez, por occasião do terramoto de 11 de novembro de 1858, deixando a descoberto o tal *deposito.*

TROLHO — A 16ª parte de um alqueire, ou uma maquia. Medida usada nas margens do Lima.

TROM — port. ant. — trovão, tiro de artilheria, e tambem a mesma artilheria. (Vide no 1.º vol, pag. 137, col. 2.ª.)

TROMARICO — foi uma *villa* (provavelmente casa de campo) na provincia do Minho. Não existe de tal povoação outra memoria, senão uma escriptura de venda, feita por D. Flamula, ao abbade Gonta, em 1002. (*Livro de Mumadona,* no cartorio da Collegiada de Guimarães.)

TROMBAS — port. ant. — insignias, sceptros, ou maças, usadas nas cathedraes e nas collegiadas mais insignes. Ainda se diz *maças.*

TRONCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Monforte do Rio Livre) 80 kilometros ao N. O. de Miranda, 435 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 63.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor da Castanheira, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e muita caça.

Chama-se *Tronco*, ao meio ou parte principal de uma procissão, e tambem á prisão ecclesiastica.

TROPÊÇO — port. ant. — banco tôsco, feito de cortiça. Ainda se uza na Beira Baixa.

TROPÊÇO — freguezia, Douro — Vide *Marinha* (*Santa*) *de Tropêço.*

TROPORIZ — Vide *Torporiz.*

TROUXEMIL, ou TREIXOMIL — freguezia, Douro, concelho, comarca, districto ad-

ministrativo, bispado e 6 kilometros ao N. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 138.

Orago, S. Thiago, apostolo.

A mitra apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fertil — gado e caça.

TROVELLA, ou **CORNILLA** — pequeno ribeiro, Minho. — Nasce na freguezia da Correlhan, e morre na esquerda do rio Lima.

Já no anno 1061 de J. C., tinha estes nomes.

TROVISCADA — Vide *Reguengos*, ou *Villa Nova de Reguengos*.

TROVISCAL — freguezia, Douro. concelho e 8 kilometros a O. S. O. d'Oliveira do Bairro, comarca da Anadía, 35 kilometros a N. O. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1768, tinha 123.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O prior de Oliveira do Bairro, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de congrua.

Muito fertil. Gado, caça e peixe do mar, que lhe fica proximo, ao O.

TROVISCAL — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 12 kilometros do Cráto, 190 ao S. E. de Lisboa, 275 fogos.

Em 1768, tinha 187.

Orago, S. Vicente, martyr.

Patriarchado de Lisboa (por lhe estar annexo o grão-priorado do Cráto.) Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior do Cráto, apresentava o *reitor-cura*, que tinha 120 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

Terra muito fertil em cereaes, grande abundancia de gado e caça.

TROVISCOSO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 60 kilometros ao N. O. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O mórgado de Barbeita, apresentava o reitor, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento annual.

O primeiro padroeiro d'esta egreja foi Vasco Marinho, que a deu ao rei D. Manuel, para n'ella fazer a commenda a Lôpo Malheiro, de Ponte do Lima, casado com D. Margarida Marinho, filha do tal Vasco. Depois, os Marinhos, deram este padroado aos mórgados de Barbeita, em troca de certos bens da casa da Agra.

Ha aqui o antigo solar dos Cordeiros, hoje dos Palhares, descendentes da famosa *Deu la Deu Martins*. (Vide *Monsão*.)

É tambem n'esta freguezia, a *Quinta da Pedra*, da nobilissima familia *Almada*, senhora da capella da matriz, onde foi sepultada a tal *Deu la Deu*.

Foi commendador de Troviscoso, o tenente general, Gonçalo Pereira de Caldas — e João da Cunha, casado com D. Francisca, mórgada de Sende.

Muito fertil. Gado, caça e peixe do rio Minho e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

Na aldeia de *Reiriz*, d'esta freguezia, nasceu, em 1791, D. José Manuel de Lemos. Recebeu ordens de presbytero, em 1816; tomou capêllo, em theologia, em 1824. Foi feito lente da sua faculdade (na Universidade de Coimbra) em 1840 e vice-reitor da mesma, em 1861 — bispo de Bragança, e em 1854 — de Viseu, em 1856 — e, finalmente bispo-conde, de Coimbra, em 1858. Morreu n'esta cidade, em março de 1870.).

Tudo quanto é, e quanto vale, o actual bispo conde, o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina (da freguezia de Carregosa, concelho de Oliveira de Azemeis) deve-o ao excellente prelado, D. José Manuel de Lemos, que desde o tempo de estudante (o actual bispo-conde) o tomou sob a sua protecção, e foi sempre seu dedicado amigo. Deve porém confessar-se que o sr. D. Manuel Correia, é dignissimo de tal protecção, e um dos bons prelados do continente. Filho de humildes, mas honradissimos lavradores, jámais nos seus sonhos da juventude,

se lhe afigurou vir a chegar ao que chegou; mas é digno da sorte que pelo Altissimo lhe foi destinada.

TRUTE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 54 kilometros ao N. O. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 172.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os Palhares (descendentes de Deu la Deu) da casa e quinta de Trute — *Torre dos Palhares* — apresentavam o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento.

Estes padroeiros, bem como a sua progenitora, a immortal Deu la Deu Martins, procedem de D. Ero, conde de Lugo, e de D. Rodrigo conde de Monterroso (ambos na Galliza) D. Ero, vivia no tempo de D. Affonso Magno.

Foi ultimamente padroeiro d'esta egreja, Manuel Lourenço Palhares Coelho, coronel de milicias, assistente em Guimarães, senhor da casa dos Cordeiros, e da Torre dos Palhares, solar de que fallava o foral velho de Monsão, que se perdeu na ultima entrada dos gallegos, no Minho, em 1659. N'este solar e freguezia, nasceu a heroina Deu la Deu. Vide *Monsão*.

TUA — rio, Traz-os-Montes — Nasce na Galliza, proximo á aldeia de Avioso, com o nome de *Tuano* (vide *Mirandella*) e entra na direita do Douro, abaixo de Anciães, e proximo de S. Mamede de Riba-Tua. Tem na Galliza, 40 kilometros de curso, e em Portugal, 80 — ao todo, 120. Rega grande numero de terras, e as suas aguas servem de motor a muitos moinhos, lagares d'azeite, e pisões. Vide *Mirandella*.

TUDE — nome proprio d'homem. Hoje diz-se *Antidio*.

TUDO — port. ant. — tido, havido.

TUELLA — um dos principaes confluentes do Tua. Nasce tambem na Galliza. Entra em Portugal, pela aldeia de Moimenta, e correndo pelos concelhos de Vinhaes e extincto da Torre de Dona Chama, entra no Tua, depois de um curso de 105 kilometros. Rega e móe.

TUÍDE — aldeia, Minho, da freguezia de Gandara, concelho de Valença. Segundo Argote, na margem esquerda do rio Minho, existiu um antiquissimo castello, no mesmo logar onde está fundada a nossa praça de Valença — ou muito proximo a ella — chamado *Castello de Tuy*. (Vide *Valença*.)

Faria e Souza, diz que existiu na Lusitania, septentrional, uma cidade, muito mais antiga do que a actual cidade gallega, de Tuy, sobre a direita do rio Minho, e em frente de Valença, e que, por isso, se deu áquella o nome de *Tuy Velha, que é hoje a aldeia de Tuide, na freguezia da Gandara*. Será; mas o que é certo, é não haver hoje aqui o minimo vestigio de antiga povoação, ou de um castello qualquer. Vide 3.º vol., pag. 257, col. 1.ª — a 2.ª *Gandara*.

TUIZÊLLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca de Bragança, extincto concelho de Santalha.) 80 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1768, tinha 135.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 42$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Antigamente escrevia-se *Tiozéllo*.

Tem annexa, a supprimida freguezia da Quadra. (8.º vol., pag. 5, col. 1.ª.)

Junto ao ribeiro de *Santa Maria*, d'esta freguezia, está a grande ermida de *Nossa Senhora dos Remedios* (que deu o nome ao ribeiro.)

Foi construida, pelos meiados do seculo XVI, com esmolas dos devotos, sendo o principal dos contribuintes, Gonçalo de Moraes Sarmento, nobre cavalleiro d'esta freguezia.

Tem uma formosa capella-mór, com seu altar, de talha dourada, e duas capellas lateraes, no corpo da egreja, tambem de talha dourada, e é uma das maiores ermidas do bispado.

Foi esta Senhora, objecto de grande devoção, dos povos d'estes sitios, e até da Galliza, pelo que eram aqui frequentes as romarias, em todo o decurso do anno, mas as principaes festas, eram a 15 de março e 8

de setembro, havendo então jubileu, concedido por breve pontificio. Teve uma numerosa irmandade, composta de clerigos.

Dentro da egreja, e junto ao altar de Santo Antonio, está uma fonte, cuja agua é bebida com grande devoção pelo povo, crendo que ella lhe cura os seus padecimentos.

Diz-se que a imagem da padroeira, foi achada junto á aldeia de Nogueira, em frente do sanctuario da Senhora da Serra, no sitio onde hoje se vê uma cruz. Proximo d'este sitio, está outra cruz, junto á *fonte do Peral*, a cuja agua tambem o povo attribue virtudes medicinaes.

TUNTOBRIGA — cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho. Suppõe-se ter existido no *monte Medulio* (serra d'Arga) mas ignora-se qual o logar do seu assento. Existia no tempo dos romanos, e Ptolomeu a situa em 8°,30 de longitude. Ainda existia no tempo de Theodomiro, rei dos suevos (558-570) pois ainda figura Tuntobriga na repartição que este monarcha fez das egrejas do Minho, para o bispado de Tuy.

TURCIFAL — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 8 kilometros ao S. de Torres Vedras, 45 kilometros ao N. de Lisboa. 590 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É povoação antiquissima, e foi cabeça de um concelho do seu nome, ha muitos annos supprimido.

Philippe III, fez marquez do Turcifal, a D. João Soares d'Alarcão, 9.º senhor, e alcaide-mór de Torres-Vedras.

O parocho, teve antigamente o titulo de cura, e era apresentado pelo prior da freguezia de Santa Maria do Castello, de Torres Vedras: depois passou a vigariaria perpetua, da apresentação da corôa.

A egreja matriz, de uma só nave, é das mais amplas e magnificas, das freguezias ruraes do patriarchado. É toda de cantaria, até as cimalhas da abobada, e com tribunas d'ambos os lados, com altar-mór, e 12 lateraes, no corpo da egreja. Tem de comprido, 22m,90 — e de largo, 10 metros. N'ella se veem muitas sepulturas com epitaphios brazonados, o que é uma prova das familias illustres que teem havido n'esta freguezia.

Foi concluida esta egreja, em 1751, e, em 21 de novembro d'esse anno, se fez a trasladação do S. S. Sacramento, para esta nova egreja, com uma solemnissima procissão, que levava mais de 200 padres.

Ignora-se a data da fundação da primitiva egreja; só se sabe que era muito antiga, sendo demolida, para no mesmo logar se fazer a actual. Duraram as obras, 41 annos, pois tinham principiado em 1710. Custaram mais de 408 mil crusados (160:000$000 rrs. !)

Em quanto duraram estas obras, serviu de matriz, a ermida do Espirito Santo, que era a egreja de uma antiquissima albergaria, administrada ultimamente, pela camara de Torres Vedras. (Ainda em setembro de 1876, foi vendido a Feliciano José de Vasconcellos, um fôro, pertencente a esta albergaria, e imposto em uma vinha, no sitio do Bóco.)

Ha n'esta freguezia as ermidas — de *Santo Isidoro*, da aldeia da Freixofreira — e de *Santa Margarida*, em *Majapão*, tinham tombo dos seus muitos bens, feitos em 1506, e 1540. Ambas tinham confraria.

Era n'esta freguezia a 14.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

O sr. doutor Santos, tem aqui a bonita e grande *quinta das Maias*, ao N. da egreja, com uma formosa casa de campo.

O sr. doutor Fernandes, tem, á entrada da povoação, tambem uma boa quinta, com um palacete brazonado, e bonita capella annexa.

A uns 500 metros ao S. da egreja, está a quinta da *Chapoceira*, com optima casa de habitação. É do sr. Maximiano.

Faz-se aqui uma grande feira annual, no ultimo domingo de agosto.

Muitas noticias relativas a esta freguezia, se acham já mencionadas no artigo *Torres Vedras*, para onde remetto o leitor.

TURDETANIA — nome antigo do reino do *Algarve*. Vide esta ultima palavra.

TURDULOS — antigos lusitanos, que habitavam entre os rios Guadiana e Téjo.

Os *turdetanos*, eram os turdulos que habitavam no Algarve actual; mas os que estavam mais ao O., e nas proximidades do *Cabo Cuneo* (Cabo de S. Vicente) eram designados pelo nome de *cuneos* — todavia, todos eram *turdulos*.

Segundo os nossos antigos historiadores, os turdulos e celtas, alliados, accommetteram os povos que estanciavam na Lusitania septentrional (*limicos*, *ligoros*, *spacos*, etc.) e chegados ao rio Lima, apenas o passaram para a margem direita (N.) se moveu entre elles tal discordia, e morrendo o general, *esquecidos* da alliança que tinham feito, se espalharam pelo paiz. D'este facto nasceu, chamar-se ao Lima, *Rio do Esquecimento*. (Vide *Lima, rio*.)

Alguns escriptores, teem por fabulosa esta invasão dos povos meridionaes da Lusitania, na sua extremidade septentrional; porém Avieno, copiando de um escriptor contemporaneo d'esta invasão, diz: — «Se alguem, desde as *Ostreminias*, virar a embarcação para o rumo do N., entra na terra dos *ligoros*, falta de moradores, porque, *hu pouco tempo*, os expulsaram d'alli os celtas, com o seu exercito, em muitas batalhas. E os vencidos, vendo-se despojados, vieram para estas terras, cheias de horrorosos silvados, que hoje occupam. Alli, tudo é penedia, rochedos e montes, que se vão ao céu.

E esta gente fugitiva, muitos annos passou a vida entre penhascos, arredada do mar, porque o temia, em razão do antigo infortunio.»

Estes montes, para onde fugiram os habitantes das margens do Lima, são os que ficam sobranceiros e ao N. e N. O. da actual villa de Ponte do Lima, chegando até ao concelho de Coura e margens do rio d'este nome, e esquerda do Minho.

Por toda esta serrania, ainda hoje se veem ruinas de muitas povoações, o que confirma o que diz Avieno. Vide *Arga*, serra — e *Medulio*. (Póde ver-se tambem *Areosa*, *Afife*, *Ancora*, *Goutinhães* e *Molêdo*, freguezias situadas na vertente occidental da serra de Arga.)

TURIZ (ou **TOURIZ**) e **FRADÊLLOS** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da *transferida* comarca de Pico de Regalados, extincto concelho de Villa Chan) 9 kilometros ao N. de Braga, 368 ao N. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1768, tinha, junta com Fradéllos, 122.

Orago, Santa Maria. (Nossa Senhora da Purificação — *Candeias*.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

São duas freguezias unidas ha mais de 200 annos. A freguezia de *Turiz*, tinha em 1768, 81 fogos.

A de *Fradéllos*, tinha por orago, S. Martinho, bispo, e 41 fogos em 1768.

São ambas curadas por um só parocho, abbade, que era apresentado por *giro*, por trez padroeiros — a casa da *quinta da Fraga* — a casa da *quinta da Penha de França* — e a famosa *casa da Tapada*. O abbade, tinha 320$000 réis de rendimento.

Foi em tempos remotos, do concelho de Larim, que ha muitos annos não existe, e está reduzido a uma pequena aldeia. (Vide *Larim* e *Villa Chan*.)

É povoação antiquissima, e foi villa, chamada *Telliannes*, ou *Teudilannes* (corrupção de *Tello Annes*, ou de *Theudo Annes*.) Segundo Argote, estava esta villa situada *debaixo* do monte Barbudo, aguas vertentes do rio Cávado.

Já no X seculo, aqui possuiam uma fazenda, *Affonso Guterres*, e sua mulher, *Adipia Sentaris*, que a venderam então, ao mosteiro de Santo Antonino.

TURODOS, ou **TUROLICOS**, ou **TUROLICENSES** — antigos povos que habitavam na margem esquerda do Minho, e cuja principal povoação era a cidade de *Aguas Laias*. (Vide *Lanhezes*, *Torre de Lanhellas e Udata Laia*.)

Na villa de Freixo de Numão, existiu um cippo, com esta inscripção: —

CATVENVS D.
OCQVIRINI F.
LARIB. TUROL —
IC. CONSACR.

(Á memoria dos deuses das casas dos turolicenses, dedicou, Catueno, decurião, filho de Ocquirino.)

Os *turodos*, eram um ramo dos *brâccaros*.

TURQUEL — villa, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. d'Alcobaça (uma das 13 villas dos *coutos de Alcobaça*) 81 kilometros ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 249.

Orago, N. Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O Dom abbade geral do convento de Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Fica entre as villas de Rio Maior e Porto de Mós.

O rei D. Mannel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 27 v. col. 2.ª) [1]

Foi por muitos annos, cabeça de um antigo concelho, composto d'esta freguezia e parte da freguezia da Benedicta.

Tinha paços do concelho, camara, juiz ordinario e mais empregados.

O seu velho pelourinho, que é uma curiosidade archeologica, foi pedido pelo sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, e levado em 1869 para o Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa.

Hoje, pela nova divisão judicial, é Turquel um julgado da comarca d'Alcobaça, e séde de um juiz de paz, e de uma assembléa eleitoral.

Em antiquissimos documentos, dão-se a esta villa os nomes de *Turuquel*, e de *Turuquêllo*.

A villa estende-se de N. a S., pelo dorso de uma collina, que se eleva bastante do lado do sul. É talvez d'esta circumstancia que provenha o nome da villa, porque *turúco*, na lingua celtica, significa *monte* — vindo pois *turuquel*, ou *turuquêllo*, a ser diminutivo de *turúco* — isto é — pequeno monte.

Os antigos portuguezes, corromperam *turúco*, em *curúto*, e *turuqêllo*, em *curutêllo*. (O sr. Ribeiro, lhe dá outra etymologia, como adiante se verá.)

---

[1] O padre Carvalho, diz que D. Affonso Henriques lhe deu foral, em 1162, mas Franklin não menciona semelhante foral.

A povoação é atravessada pela nova estrada, d'Alcobaça a Rio Maior.

Ha nas suas immediações, dois chafarizes, de bôa agua, álem de varias nascentes da mesma.

Conta actualmente tres edificios religiosos: a egreja parochial, erecta e sagrada pelo Cardeal-Rei, na qual é especialmente venerada por estes povos uma antiga imagem da Virgem, celebrada no *Santuario Mariànno* sob o titulo de *Senhora de Turuquel*, a egreja do *Senhor Jesus do Hospital*, fundada em 1762 na propria casa do hospital da Misericordia, e reconstruida em 1870; e a ermida de *Santo Antonio*.

Houve tambem n'esta villa uma egreja dedicada ao *Espirito Santo*, por occasião de cuja festividade havia sempre bodo, constante de carne, pão e vinho. Esta egreja foi pelo meiado do seculo XVII convertida em Misericordia, e poucos annos depois foi extincto o bodo.

Foi dada á villa, carta de povoação, pelos frades bernardos, senhorios d'estas serras, na era de 1352 (1314 de J. C.)

Em 1520, por provisão do abbade commendatario de Alcobaça, foi aqui erecta uma ermida, e dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Esta ermida foi em 1528 convertida em parochia, com curato amovivel, por alvará do supradito commendatario. O Cardeal Rei finalmente, desmembrou-a em 1565 da matriz de Santa Maria de Aljubarrota, da qual era filial (distando d'ella quasi trez leguas!) e constituia-o em vigariaria perpetua, sujeita ao padroado do mosteiro de Alcobaça.

Foi o mesmo Cardeal-Rei quem mandou alguns annos depois accrescentar a ermida que servia de parochia, tornando-a um mais airoso e vasto templo, ornado de alguns retabulos de boa talha. Estes foram substituidos pelos actuaes, pelo meiado do seculo passado. — A primitiva torre dos sinos foi tambem transformada na que ora se vê, nos principios do seculo corrente.

Esta egreja foi, n'estas visinhanças, uma das mais ricas em vasos sagrados e alfaias preciosas.

A um kilometro a S. O. d'esta villa, e a

meia ladeira, N., d'um monte denominado hoje *Cabeças Ralas* (chamavam-lhe antigamente *Cabeça Rasa*, e ao seu cume *Outeiro da Fórca*), existiu em tempos remotos uma ermida da invocação de S. Bartholomeu, da qual ainda ha vestigios. N'um documento do anno de 1352 (talvez da era de Cesar) já se faz menção d'esta ermida. É tradição que em antigos tempos foram aqui sepultados muitos dos que succumbiram a uma grande epidemia que grassou por estes sitios. Ossos quasi desfeitos, e diversos objectos encontrados ha poucos annos ao arrotear de uns terrenos circumjacentes, confirmam a tradição.

Proximo d'este sitio brota uma fontainha de excellentes aguas, a que chamam *Fonte Moreira.*

Descobre-se d'esta villa de Turquel um variado panorama. Á parte oriental desenrola-se uma vasta planicie, levemente ondulada, inculta na maior parte, e eriçada de penhascos em quasi toda a sua extensão. Forma lhe horisonte a sombria serra de Albardos.

Em toda esta plaga não brota um só manancial, não corre um unico arroio; durante as grandes invernias é porém atravessada por uma volumosa corrente (*Rio sêcco*), a qual chega muitas vezes a interceptar as communicações. A pouca distancia da villa ha tambem uma lagoa, a que chamam da *Ereira*, a qual nunca sécca.

Estes terrenos, baldios na maior parte, apresentam geralmente um aspecto triste e ingrato. Alguns olivaes; algumas tapadas; brenhas de carvalhos e carrasco; do restante apenas matto curto e rachitico vegeta por entre o pedregal.

Depara-se-nos comtudo em partes, por um capricho da natureza, grande copia de *rosas albardinas*, vicejando pomposamente por entre o fraguedo. Ha bastante analogia entre estas bonitas flores e as dhalias dos nossos jardins. — Encontra-se tambem quantidade de lirios roxos. Na serra e suas faldas ha grande abundancia de alecrim e rosmaninho.

Criam-se por estas charnecas muitos rebanhos de gado lanigero e caprino. Ha fornos de cal, pedreiras de cantaria, e variedade de alabastros gypsosos. Tem-se encontrado algum carvão mineral.

O solo d'esta parte da freguezia, é todo minado de algares e cavernas. Muitas vezes, ao agricultar de um terreno, ou ao arrancar de uma pedra, tem-se descoberto fundas voragens. A maior e mais notavel d'estas concavidades, é a denominada pelos povos d'estes sitios — *Casa da Moura.* É uma famosa gruta, situada n'um outeiro, adjacente á serra de Albardos, ao qual dão o nome de *Cabeço de Turquel.* Dista trez kilometros d'esta villa, para leste.

Dá ingresso para a gruta uma estreita fenda aberta no rochedo. Ao fim de alguns passos por entre apertada penedia, a qual fórma um como corredor, com bastante declive, ha uma espaçosa estancia que apresenta o mais original e curioso aspecto, pela phantastica decoração formada por infinitos stalactites e stalagmites, combinados de mil modos, e exhibindo as mais variadas e caprichosas fórmas, o que dá a este recinto a apparencia de um exquisito templo gothico.

D'aqui parte uma galeria, cujo solo vae gradualmente subindo, e cujas paredes e tecto são ornados tambem de engraçados arabescos, esbeltas columnatas e vistosos pingentes.

No extremo d'esta galeria, houve antigamente uma aberta, que dava communicação para o exterior.

O zeloso archeologo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva veio em 1869 aqui observar esta gruta, e mandou n'ella proceder a excavações, descobrindo diversas camadas de cinzas e ossos. (Vide Albardos). O sr. Possidonio julga ter servido de necrópole, esta gruta, aos povos primitivos; e classifica de *dolmens* umas grandes pedras que, figurando enormes tumulos, avultam sobranceiras por entre a penedia de que está cravejada a planicie adjacente.

Passa n'este sitio, e a pequena distancia da gruta, a estrada real de Lisboa ao Porto, mandada construir por D. Maria I. Acha-se abandonada e em ruinas. Junto a esta estrada, e nos confins da freguezia, a N. E.,

ha uma paragem a que chamam *Cova da Vinha*, a qual se tornou tristemente celebre pelos roubos e assassinatos que ahi se praticavam.

Fórma perfeito contraste com esta árida região a paisagem que se patenteia a O. da villa, e cujos caracteres predominam em toda a parte occidental do territorio da freguezia. — Terreno muito accidentado, montes successivos separados por valles profundos, vegetação soberba e variada, abundancia de aguas nativas.

Os suburbios da villa a esta parte são lindos, e offerecem uma agradavel perspectiva a quem os observar do alto da collina fronteira. Formam um conjuncto harmonioso e deleitavel, os pomares, soutos, hortas e laranjaes, distribuidos em pequenas propriedades, divididas entre si por cercaduras de viçosos arbustos e copadas arvores, e elevando-se graciosamente dispostos em vasto amphitheatro, desde o regato que tem sua origem no chafariz da villa, e que é ladeado de bem cultivadas hortas, até á longa fieira de casas que se prolonga pelo alto do monte. Esta amena e deliciosa estancia foi com muita propriedade appellidada por um illustre visitante — *Valle dos rouxinoes.*

—

As principaes producções agricolas da freguezia de Turquel são azeite e cereaes. É abundante de caça, tanto rasteira como do ar.

Os frades bernardos, possuiam aqui, além de outras propriedades, as quintas de *Valle de Ventos* e da *Granja.* A primeira, situada nas abas da serra de Albardos, é rica de excellentes olivedos; a ultima recommendava-se pelas excellentes fructas que produzia. (Vide *Albardos*, ou *Alvados*)

—

O nome de *Turquel*, antigamente *Turuquel* ou *Turuquêllo*, parece ser a corrupção de *Turtur querula*, titulo que primitivamente seria dado á imagem da padroeira, cujo menino segura uma rolinha *(turtur)* n'uma das mãos.

Diz-se no *Sanctuario Marianno*, que esta imagem fôra mandada fazer por D. Affonso Henriques; que havia notavel conformidade entre ella e a que se venerava em Alcobaça, na antiga egreja do primeiro convento; e que constava do cartorio do mosteiro de Alcobaça nomear-se *Senhora de Turuquel*, muito antes que aqui houvesse parochia.

Viveu aqui no seculo passado um homem cuja erudição o tornou conhecido e respeitado, e cujo recto proceder tem sido apontado como modelo de virtudes. Foi o padre Pedro Vicente Ribeiro, notario apostolico, commissario do Santo Officio, e vigario d'esta freguezia.

Era natural da Mendiga (termo de Porto de Moz).

Parochiou esta freguezia durante 57 annos, e n'ella falleceu em 1787, com 83 annos de idade.

Deixou as seguintes obras:

Despertador Pastoral, em dois pequenos tomos. Trata o primeiro das obrigações do ministerio sacerdotal, prégação e catechese; o segundo é destinado ao uso dos parochianos, e trata de mysterios e doutrina. Não chegou a ser impressa esta obra, posto fossem concedidas a seu auctor as necessarias licenças.

Epitome doutrinal, accommodado á capacidade dos pequeninos, por perguntas e respostas, dividido em seis exames.

Memorial das ceremonias que devem observar-se na parochial egreja de Turquel, com varias advertencias aos ecclesiasticos e irmãos do Santissimo, tudo conforme as rubricas e decretos pontificios, e auctores mais seguidos.

Relação exactissima da creação e presente estado da egreja de Nossa Senhora da Conceição da villa de Turquel, dividida em 18 titulos.

Estas duas ultimas obras, existem manuscriptas no cartorio da freguezia.

Além do padre Pedro Vicente Ribeiro, havia então aqui mais seis ecclesiasticos, todos naturaes d'esta villa, dois dos quaes exerciam o ministerio de educadores da mocidade.

—

Ao sr. José Diogo Ribeiro, de Turquel, devo a curiosissima descripção d'esta villa, a qual hiria muito imperfeita, se não fosse a generosidade d'este distincto cavalheiro; pe-

lo que lhe dou os meus sinceros agradecimentos.

Se em todas as villas houvesse homens tão dedicados ás cousas da sua terra, com certeza esta obra seria mais completa.

Honra pois ao sr. Ribeiro, que tão brilhantemente se desempenhou da tarefa que generosamente se impoz.

TURREGIA — Vide *Regüengos*, ou *Villa Nova de Reguengos*.

TUY ou **TYDE** — É actualmente uma cidade episcopal da Galliza, na extremidade meridional da provincia (ou reino) d'este nome, situada na margem direita do rio Minho, mesmo em frente da nossa praça de Valença, e cujas povoações (Tuy e Vallença) vão em breve estar em communicação, por uma ponte, na estrada do caminho de ferro em construcção.

No tempo dos suevos, o bispado de Tuy, estendia-se por um vasto territorio da extremidade septentrional da nossa provincia do Minho, comprehendendo as seguintes povoações — *Turedo, Tabulela, Locoparre, Aureas, Longetude, Carisiano, Martiliana, Turonio, Collessantes, Turuea, Auxone, Sacria, Erbilone, Gaudea, Ovinia e Cortese.*

Todos sabem que no tempo dos suevos, e ainda muito depois, toda a região comprehendida entre os rios Minho e Lima, eram do bispado de Tuy.

D'aquellas 16 povoações, com nomes tão exoticos, não ha hoje o minimo vestigio. Umas, não existem, outras, ha muitos seculos mudaram de nome, e ignora-se hoje quaes os actuaes que lhe correspondem.

Consta, porém, de grande numero de documentos antigos, que *Tuy* ou *Tyde* ou *Tuyde*, era um antiquissimo castello da Lusitania, construido sobre um elevado monte, sobranceiro á margem esquerda do rio Minho. Não se sabe porém a situação exacta d'este castello — se é que elle existiu. — Pretendem uns, que fosse na freguezia de Gandara, do concelho e proximo (ao O.) de Valença. (3.º vol., pag. 257, col. 1.ª.) Outros querem que fosse na immediata freguezia de S. Pedro da Torre; ao que não acho nenhum fundamento, porque não ha no seu districto, mais do que, do lado do rio, uma collina de mui pouca elevação; o mais é tudo planicie.

Se houve tal castello, o mais provavel é ter sido edificado no alto cabeço onde hoje vemos a nossa praça de Vallença, ou no môrro de *N. Senhora de Faro*; e é esta a opinião mais seguida.

O que é certo, é darem alguns documentos antigos, o nome de *Tuy Velha*, á villa de Valença do Minho.

Muitos auctores attribuem a construcção d'este castello, a Dionedes, rei da Etholia, MIL E OITENTA E UM ANNOS (!) antes do nascimento de Christo. (Vide 7.º vol., pag. 271, col. 2.ª.)

Eis a razão porque menciono aqui uma povoação que não pertence a Portugal.

Diz-se que o Tuy portuguez, foi destruido em 985 de J. C., pelo truculento *Mohamet-Ibn-Aben-Hamir*, cognominado *o Almançor*, emir do kalifa de Córdova, *Hiscem*.

—

No dia 25 de julho de 1390, depois de uma tenaz resistencia, tomou o nosso D. João I, aos gallegos, a sua cidade de Tuy. Esta conquista, custou aos portuguezes mais do que valia; porque ao atravessarem o rio, de noite, erraram o váu, morrendo muitos afogados.

D. João I de Castella, para proteger esta praça, tinha mandado seu tio, o infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro (que então se intitulou rei de Portugal) com muitos portuguezes traidores, e grande numero de castelhanos, invadir este reino, pela provincia da Beira; entrando ao mesmo tempo, pelo Alemtejo, os mestres das ordens, de S. Thiago, Alcantara, e Calatrava. Sobre Lisboa veio uma grande armada; e pela Galliza entrou um numeroso exercito, commandado por D. Ruy Lopes de Avalos, condestavel de Castella.

O grande condestavel, terror dos castelhanos, sahiu ao encontro do infante D. Diniz, que fugiu a toda a pressa para Castella.

Os trez mestres, mostraram-se mais chefes de ratoneiros, do que cabos de guerra; porque, depois de saquearem algumas povoações abertas, se recolheram a Castella,

mais ricos de despojos, do que de reputação militar.

A armada, não podendo impedir os soccorros que por terra vinham á cidade, e que pelo mar lhe vieram da cidade do Porto, levantou ferro, e foi para Cadix.

Avalos, sabendo que o nosso rei e o seu condestavel o esperavam, para lhe dar batalha, retirou com suas tropas para Castella, sem esperar os portuguezes.

A guarnição gallega de Tuy, confiada na fortaleza da praça e esperando tantos e tão grandes reforços que em seu soccorro marchavam de toda a parte, não só arrojava contra os portuguezes, toda a qualidade de projectis, e materias inflammadas, mas tambem as mais baixas injurias ao nosso rei e aos seus soldados.

Vendo, porém, que os esperados soccorros não chegavam, e que se tinham visto obrigados a fugir, pediram misericordia, e D. João I lhes perdoou, consentindo que sahissem sãos e salvos, mas desarmados.

Morrendo D. João I de Castella, em 1396, seu filho, D. Henrique III, assigna um tratado de paz com Portugal, e Tuy é restituida a Castella.

TUYAS ou **TUHYAS** — Vide *Thuias*.

TYRIOS—Vide *Phenicios*, que é o mesmo.

TYUFADO — port. ant. — O mesmo que *millenario*. O que presidiu a mil cavalleiros.

Estes corpos, de 1·000 homens, se acham no *Codigo Wisigôdo*, designados pela denominação de *Tyufadia;* e no *Fuero Juzgo*, com o nome de *Tyufa*.

Os *tyufados*, eram do numero dos que podiam julgar as causas, como os *duques*, *condes*, *vicarios*, *assertores de paz*, etc.

FIM DO NONO VOLUME

Sao 3 468
Tem Modelo

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & CARDOSOS
67 — Praça de D. Pedro — 67
1882

DP
514
P65
1873
v.10

Typ. Editora, Largo do Passeio, 15 e 16

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

U

UCA

UAD — UED — WAD — WED — Que os árabes pronunciavam *Uade*, agua corrente, rio.

Os portuguezes corromperam este substantivo árabe, em *Guad* e *Ode*.

Para evitarmos repetições, vide a col. 2.ª de pag. 332, do 3.º volume.

UALIO ou **WALI** — Palavra árabe. Significa, principe, senhor, nobre, heroe.

Nós corrompemos esta palavra, em *bailio*, e assim denominámos os commendadores das ordens do Templo e de Malta, a que estavam sujeitos os outros mosteiros das mesmas ordens, por isso áquelles se dava o nome de *bailiados*. Sobre ós bailios, só governavam os *grão-mestres*.

Depois, tambem se dava o nome de bailios, aos cavalleiros das ordens militares que possuiam grandes commendas.

UAZIR — É arabe, que nós corrompemos em *vizir* — significa ministro ou conselheiro do sultão. Ao 1.º ministro ou chefe do governo turco, se dá o nome de *grão-vizir*.

UCANHA — OCANHA — CUCANHA — e, mais antigo — **BURGO DE CUCANHA** — villa. Beira-Alta, no concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar.

Esta freguezia já ficou descripta no 2.º volume, pag. 455, col. 2.ª e seguinte.

UCA

Vide tambem no 1.º volume, pag. 506, col. 1.ª

Ainda existe a cadeia e o pelourinho, do tempo que foi couto.

Tambem ainda existe o hospital que D. Fernando (1.º do nome) abbade do mosteiro de Salzêdas, fundou em 1418. Apezar dos seus poucos rendimentos, graças ao zêlo dos seus mesarios, tem sempre tido uma optima administração, e n'estes ultimos annos, se lhe tem feito bastantes melhoramentos.

Consta a villa, de uma unica rua, em descida para a ponte do Varosa (ou Barosa) e algumas travessas.

Tem esta freguezia varias ermidas, sendo as melhores, as de Santa Cruz, e Santa Catharina.

A tôrre que está junto á ponte, apezar dos seus quatro seculos e meio de edade, é de tão sólida construcção, que ainda está optimamente conservada, apezar de o seu terraço, que está sobre o arco que dá passagem á ponte, estar já algum tanto arruinado, vegetando n'elle algumas plantas, arbustos e até sabugueiros.

Junto ao terraço, e a distancia de $5^{m},5$ da base da torre, para a parte do sul, ha uma porta, de estylo árabe, com uma varanda, por onde se entrava para a torre, por uma escada de mão; não havendo indicios de ter

havido outra de pedra, ou madeira. Do lado do E., ha uma pequena fresta; e para O., outra maior, cabendo por esta um homem; e para o N., tem a parede um cano, junto ao terraço, para despejo das aguas pluviaes. 3,m5 acima do terraço, teem as paredes menos um palmo de espessura do que as inferiores, formando uma especie de cornija, onde assentava o travejamento do 2.º andar da torre, havendo n'elle duas pequenas janellas, tambem de architectura árabe, separadas apenas por uma pequena columna. Outras duas janellas eguaes, se vêem para o O. Sobre o 2.º andar, ainda havia 3.º, como se mostra por o *resalto* onde descançavam as traves que sustentavam este pavimento, que tem duas janellas, uma de cada lado, ambas com sua varanda, e coroadas — as janellas — com uma ameia, assim como as esquinas da torre.

Do lado do E., e um pouco acima do arco da passagem, se vê um oratorio, com a imagem da SS. Virgem, denominada, *Nossa Senhora da Torre*. Um pouco abaixo d'este oratorio, para o lado direito, está gravada em uma pedra, uma inscripção, em letra gothica, que se não póde ler, por estarem apagados a maior parte dos caracteres.

Tem esta torre, medida pela parte interna, 7m,5 de comprimento, e o mesmo de largura, e 9 metros d'altura — e pelo exterior — 8m,5 de comprimento, e o mesmo de largura. De altura, para o N., tem 18 metros; para o S., 13m,5; e para E., 13 metros.

A muralha do lado do N., está quasi toda revestida de formosas heras.

E' a este curiosissimo monumento que se dá geralmente a denominação de *Castello de Ucanha*.

A' obsequiosidade do sr. Alberto Magno de Almeida e Castro, d'esta villa, devo a descripção da sua torre, pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

Tudo o mais que diz respeito a esta villa, já está descripto sob a palavra *Cucanha*, para onde remetto o leitor.

UCHA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, (foi do extincto concelho do Prado, comarca de Braga) 10 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 113.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de renda annual — mil alqueires de pão meiado (centeio, *milho alvo*, milhão e painço) — 15 pipas de vinho (!) e 16$000 réis em dinheiro.

Milho alvo é o a que hoje se dá o nome de *milho miudo* — e *milhão*, é milho grosso.

Pertenceu em tempos antigos ao couto da villa de Azevêdo, o qual se compunha, de toda a freguezia da Lama, e de algumas aldeias da freguezia de Santa Eulalia d'Oliveira (que lhe fica contigua, ao N.) e de outras aldeias d'esta freguezia da Ucha.

No civel e no crime, estava sujeito este couto, ao juiz do antigo concelho do Prado, que tinha jurisdicção municipal e sobre coimas.

A villa e couto de Azevedo, pertencia então á provedoria de Vianna do Lima.

A freguezia de Fiscal, onde é a nobilissima *casa da Tapada*, fica a uns 16 kilometros d'esta da Lama.

A villa de Azevedo já era solar da familia d'este appellido, no tempo de D. Affonso Henriques, sendo então senhor do solar, D. Pedro Mendes de Azevedo, 23.º avô do 1.º, e ultimo, visconde e conde de Azevedo.

Vide *Carrazêdo do Bouro*, *Fiscal*, *Lama*, *S. João de Rei*, e *Tapada*.

Ucha, é portuguez antigo, e significa *cosinha*. D'aqui, *ucharia*, cosinha do rei — e *uchão* (hoje *dispenseiro*) ao que administrava a ucharia, fornecendo-a de tudo quanto pertencia a generos comestiveis.

E' digno de nota, um facto acontecido n'esta freguezia, em fevereiro de 1876.

Tinha fallecido quasi de repente, em 1873, um lavrador, que tinha tanto de rico, como de avarento. Declarou poucos momentos antes da sua morte, que queria ser enterrado com a sua *roupa domingueira*, o que se cumpriu.

O filho, que era tão avarento como o pae, remechendo tudo, em busca de dinheiro e

titulos, deu pela falta de dous contos de réis em notas; e, lembrando-se que o pae os tivera na mão, poucos dias antes de morrer, *mandou desenterral-o*, no fim de tres annos (!) e com effeito, encontrou as notas, no bolso do defuncto!

Se fosse um desgraçado que não tivesse mais nada de seu, talvez não tornasse a vêr semelhante dinheiro.

E' uma das terras mais ferteis da comarca; cria muito gado, e é abundante de peixe do mar e de caça.

UDATA LAIA ou **LAIS** — antiquissima cidade da Lusitania, na actual provincia do Minho. Foi municipio do antigo direito latino, e estava situada sobre a margem esquerda do rio Minho. Idacio, no seu *Chronicon*, diz — «*In flumine Minio de municipio Lais milliario ferme quinto capiuntur pisos quatuor novi visu, et specie.*» Isto é — «No rio Minho, a 5 milhas do municipio de *Lais*, se pescavam quatro peixes de nova especie e figura.»

Ptolomeu, na descripção da chancellaria de Braga, trata d'esta cidade, na 2.ª *Tábua da Europa*, capitulo 6.º — Diz que era a capital dos povos *turolos*, ou *turodos*, e lhe dá o nome de *Udata Laia*, palavra grêga, composta, que significa *Aguas Laias* — em latim *Aquaelae*.

Já fallei d'esta maldita cidade, em *Aguas Laias*, *Laias*, *Lanhellas*, *Lanhezes* e *Torre de Lanhellas*; e — para fallar com franqueza aos meus leitores — cada vez sei menos onde estava situada! O que é incontestavel é que existiu, e foi importante no tempo dos romanos, pois a fizeram seu municipio.

Argote, engana-se redondamente, quando nas suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, diz, no tomo 1.º pag. 323, que esta cidade é a actual freguezia de Lanhezes, *que está nas margens do rio Minho*. Lanhêzes, fica uns 12 kilometros distante e ao sul d'este rio, e não nas suas margens, pelo que nunca podia ser a tal cidade de *Udata Laia*. O que é certo, é que nos principios da nossa monarchia, se dava á terra de Lanhêzes, o nome de *Laielos* (*Inquirições de el-rei D. Diniz*, livro 4.º, fl. 86, Torre do Tombo) o que parece significar *Pequena Lais*; e tambem menciona uma *Soyala de Laesses*, que cértamente é a actual Lanhezes.

Ora eu, por causa d'esta cidade, examinei com bastante attenção, toda a margem esquerda do Minho, desde Seixas, até Valença, e não achei o minimo vestigio de uma tão grande povoação, que merecesse o nome de cidade municipal.

Em Lanhellas (freguezia contigua á de Seixas, ao E.N.E., e tambem sobre a esquerda do Minho) onde muitos escriptores suppõem ter existido a tal cidade, não ha vestigio algum de edificios antigos, a não ser a torre ameiada, que é hoje propriedade do sr. Camillo de Sá (vide *Torre de Lanhellas*.

E' verdade que Idacio, como vimos, situa *Lais* a 5 *milhas* do rio Minho, e Lanhezes, fica apenas a 6 *milhas*; mas isto não prova que a tal cidade existisse onde hoje é Lanhezes, nem elle o diz.

Todos sabem que os antigos construiam as suas grandes povoações, sempre em sitios elevados, e não em baixos, como são Lanhellas e Lanhezes.

Notemos que as povoações que estanceiam na margem esquerda do Minho, desde Caminha até Valença (Seixas, Lanhellas, Gondarem, Lôivos, Villa Nova da Cerveira, Lovêlhe (ou Bréia—*Vereia*) Reborêda, Campos, Chamozinhos, S. Pedro da Torre, Segadães (ou Cristêllo Covo) [1] são todas situadas em planicie levemente ondulada. A pouca distancia de todas estas povoações (entre 1 a 3 kilometros) e pelo S. d'ellas, corre uma cordilheira de montanhas, com diversos nomes segundo as terras por onde passam, e que são um ramo do famoso *Mons Medulius* dos romanos. Pois em muitos sitios d'esta cordilheira, não só no interior, mas na sua extremidade septentrional, olhando para o rio Minho, e para a Galliza meridional, se veem claros vestigios de grandes povoações e castellos, cujos nomes hoje se ignoram; prin-

---

[1] Nomeio estas freguezias, para provar aos meus leitores, que as percorri todas, em procura do assento da tal cidade, que tanto me tem dado que pensar, pela sua antiga importancia.

cipalmente na aldeia de *Córtes*, da freguezia e proximo (ao S.) de Villa Nova da Cerveira, e em toda a encosta da serra n'este logar e até ao seu cume, como vimos na palavra *Córtes*, a pag. 391, col. 1.ª, do 2.º volume.

Julgo pois que não se deve tomar ao pé da letra, a locução de *sobre a margem do Minho*, e que a cidade, estando, com certeza, *junto* á margem do rio, não estava mesmo na margem; e que alguma das muitas ruinas de povoações que se veem na tal serra, sejam as de *Lais*, *Laia* ou *Udata-Taia*.

UFFA — nome proprio de mulher, como *Uffo*, é nome de homem, e *Uffes*, seu patronimico.

D. Uffa, filha de D. Uffo Uffes, foi senhora de uma fazenda, onde viveu e falleceu, á qual ainda hoje se dá o nome de *Quinta da Uffa*, imminente á margem direita do Douro. Vide *Linhares* (*Pedras de*) = e (*Bayão*). *Rendufo*, *Rainulfo*, *Randulfo*, etc., são tambem nomes proprios de homem. Na freguezia do Valle, concelho da Feira, ha tambem uma grande propriedade, denominada *Quinta de Saguffo*. Talvez que Saguffo seja tambem nome proprio d'homem.

ÚIMA — antigamente *Úmio* ou *Úmiae*, pequeno rio, Douro. (Vide *Crestuma*).

Em um documento do x seculo, que do cartorio do mosteiro de Pedroso, concelho de Villa Nova de Gaia, foi para o archivo da Universidade, onde hoje existe—fallando da *cidade de Santa Maria* (hoje villa da Feira) se diz que a *cidade da Portella*, é situada, *discurrente rivulo Umia*.

Esta *cidade da Portella*, é actualmente uma insignificante aldeia, no alto da serra, em cuja encosta septentrional está a povoação de Crestuma, sobre a margem esquerda do Douro.

Na *Portella*, não ha o minimo vestigio de antiga povoação, nem memoria de a ter havido: apenas, por tradição, consta que houve alli um castello, em tempos remotissimos.

UL — pequeno rio, Douro. — Nasce na freguezia a que dá o nome, e, com pequeno curso, desagúa no Antuan. (Vide 2.º vol., pag. 418, col. 2.ª)=Ull, é uma palavra vasconça, que significa *corrente d'agua*.

Este rio, sahindo fóra dos seus limites com as chuvas de janeiro e fevereiro de 1879, causou mais de 110:000$000 réis de prejuizos nas terras das suas margens, e destruiu as pontes do *Carvalhal*, *Ferral*, *Ruivo*, e *Villa-Cova*. (Vide *Ul*, freguezia.)

UL — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros ao S.O. de Oliveira de Azemeis (foi do supprimido concelho do Pinheiro da Bemposta, comarca de Estarreja) 40 kilometros ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento.

E' com certeza uma povoação antiquissima.

Na sua egreja matriz, se acha uma lapide com esta inscripção:

... ERE. AVGVSTO. TRIBUNI.
... XXVII CÕS. XIII. PATER.
... RALINUS. AGVSTALIS.

Esta lapide, foi achada em 1803, nos alicerces da antiga egreja, que então se demoliu para construir a actual, e mandada collocar no sitio onde hoje está, pelo abbade, Manoel Pereira de Campos.

No mesmo logar onde se achou esta lapide, estava uma columna, com a sua inscripção quasi apagada. Serve hoje de esteio de uma ramada do pateo da residencia parochial.

Ainda nos mesmos alicerces, e pelo mesmo tempo, se achou uma grande pedra, com uma inscripção, que os pedreiros deixaram ficar no mesmo sitio, para segurança da nova parede da egreja.

Isto faz suppor que a primittiva egreja, foi construida com os materiaes de algum edificio romano.

Na aldeia do *Crasto*, uns 400 metros a S.O. da egreja matriz, se teem achado muitas pedras quadradas, tijolos, e vestigios de alicerces, provando a existencia de uma

grande povoação alli: com toda a probabilidade, romana.

Junto a esta aldeia é o sitio da *Corredoura*. Diz o povo da terra, que se lhe deu este nome, por ser aqui que os mouros faziam corridas de cavallos, torneios e outros jogos.

Passando o rio, mais a baixo, para o O., se sóbe o *Monte das Almas da Moura*, ao qual, em antigos documentos, se dá o nome de *Mamoinhas*. E' atravessado pelos alicerces de um muro, ainda bastante visiveis em partes.

Isto prova com evidencia, que esta terra já era habitada por um povo pre-historico, que existiu muitos seculos antes da invasão dos phenicios e dos carthaginezes, pois ainda aqui se veem algumas *mâmoas* pre-celtas; e foi a ellas que o sitio deve o nome de *Mamoinhas*.

Sobre um pequeno outeiro da aldeia do *Avenal*, está uma casa, chamada *o Paço*, propriedade de um lavrador. Não tem vestigios alguns de remota antiguidade, mas é tradição que deve o nome, a ter aqui havido um nobre paço, do senhor da freguezia.

A pouca distancia d'este logar, principia a freguezia de *Madail*, onde tambem ha um monte, chamado do *Crasto*, junto do qual, no sitio de *Villa Covo*, é tradição ter havido uma sanguinolenta batalha, entre lusitanos e nórmandos; e que, ficando indeciza, se repetiu a 3 kilometros de distancia, a N.O., no logar proximo, ainda hoje chamado *Rio d'Ossos*. (Vide 2.º vol., pag. 420, col. 1.ª)

Crê o povo d'esta freguezia, que, quando d'aqui foram expulsos os mouros, deixaram grandes *thesouros encantados*, no tal monte do Crasto.

—

No condado de York, em Inglaterra, ha a cidade de Hull (*Kinston-upon-Hull*) situada na confluente dos rios *Humber* e *Hull*.

Seriam os *bretões* ou *saxões* que deram o nome a esta freguezia? Todos sabem que os bretões, juntos com os nórmandos e gascões invadiram e saqueram por muitas vezes as costas da Lusitania, e por fim, tornando-se nossos alliados, fundaram n'essas costas, ou a pouca distancia, muitas povoações, e se tornaram lusitanos, como temos visto em varios logares d'esta obra.

Como vimos na palavra *Ul*, rio — o seu nome é vasconço, significando *corrente d'agua*; e alguns escriptores modernos de grande nomeada, chamam aos antigos vasconços — *povo dos dolmens*, ou constructores dos monumentos *megalithicos* ou *men hirs*.[1] As *mâmoas* são monumentos pre-celtas ou vasconços, e portanto, é certa a existencia d'esta gente por estes sitios.

Isto prova que os mesmos povos que deram a esta freguezia e ao seu rio, o nome de Ul, deram á cidade e rio de Inglaterra o nome de *Hull*.

—

Esta freguezia é atravessada pela nova estrada á *mac-Adam*, de Oliveira d'Azemeis para Santo Amaro, construida em 1876.

No sitio da Ponte da Ribeira, d'esta freguezia, ha uma mina de cobre, que promette um auspicioso futuro, ao que a explorar devidamente. Foi manifestada, mas, não procedendo o seu descobridor á lavra, no praso da lei, foi julgada abandonada, no 1.º de junho de 1875. Tem tambem uma mina de chumbo, que se não explora.

—

A noite de 9 para 10 de fevereiro (domingo para segunda-feira) de 1879, será sempre de tristissima recordação para o povo d'esta freguezia. E' ella atravessada, de N. a O., pelo ribeiro da *Salgueirinha*, e de S. a S.O. pelo do *Pégo*, ou da *Retorta*, que juntando-se formam o Ul.

N'aquella noite, em consequencia de chuvas successivas, os dous ribeiros, tornaram-se em torrentes caudalosas, destruindo tudo por onde passou a sua corrente vertiginosa.

Esta freguezia, é, na sua maxima parte, industrial, consistindo a sua principal industria, no fabrico de pão de trigo, que é vendido por todo o concelho e pelo de Cambra—e na descascagem de arroz, que exporta para varias partes do norte do reino. Era esta principal fonte de riqueza da fregue-

---

[1] *Men hir*, é uma palavra vasconça, composta, quer dizer *pedra erguida*.

zia, sustentada por as varias casas de moinhos, que nas margens d'estes rios se tinnham fundado. Porém, chegou tambem a vez aos povos d'esta freguezia de compartilharem da sorte que ha pouco tiveram os do Algarve, e d'outros pontos do paiz, isto é, o resultado das inundações — a fome.

No domingo, desde o meio dia, nunca cessou de chover, nem o vento tempestuoso que acompanhava a chuva, abonançou; ao escurecer já os rios apresentavam grande volume d'aguas, mas ainda não promettiam os estragos que causaram. Cerrou-se a noite, mas com uma escuridão tal, que o individuo, sem o auxilio de uma luz, não podia dar um passo por caminho direito. A chuva era torrencial, e as rajadas do vento pareciam destruir tudo. Eram dez horas da noite, e já os rios sahiam dos seus leitos, arrastando na corrente penedos, traves, pinheiros arrancados, e outros objectos de destruição.

A's 11 horas principiaram a arrazar-se muitas casas de moinhos, que n'esta freguezia se achavam formadas nas margens dos rios, em numero superior a 63. Tudo cahiu por terra, ficando destruido até aos alicerces. Pontes de pedra e de madeira tudo desappareceu, ficando só a chamada de *Salgueirinha*, ponte antiga, de pedra. Ainda assim, os chamados corta-mares, que defendem os pégões d'esta ponte, ficaram quasi destruidos. Todos os assudes d'estes rios, á excepção de dois, desappareceram; terras lavradias, situadas nas margens dos rios, ficaram *esgaivadas*, e algumas até desappareceram a ponto de nem se saber aonde ellas existiam. Arvoredos inteiros, de vinha, foram arrancados, e tudo foi na cheia.

Os negociantes de arroz, e os moleiros de trigo e milho, tinham estes generos em grande quantidade nos moinhos; tudo se perdeu, e aquelles infelizes que tinham os seus moinhos como uma casa de residencia, ficaram reduzidos á miseria, pois que, só a muito custo poderam conseguir salvar-se nus, perdendo na cheia todo o fructo dos seus trabalhos.

Felizmente, não consta que n'esta freguezia houvesse victimas, isto com certeza devido a este desastre ser antes da meia noite, pois se é de madrugada, hora em que o povo d'estas casas costuma descançar, pereceriam na cheia centenas de pessoas. Calcula-se o prejuizo, só para esta freguezia, que é pequena, em cento e dez contos de réis!

ULMAR — antiquissima povoação da Lusitania, a que hoje se dá o nome de *Verride*, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho.

Aqui foram martyrisados pelos agarenos a 9 de janeiro, de anno que se ignora, os bem-aventurados *Domingos* e *João*. Consta do livro *dos obitos*, do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Vide *Verride*.

ULMAR — Era o nome de um pantano ou lagôa, junto a Leiria, que o rei D. Diniz, em 1291, mandou abrir e repartir pelo povo. Fez estas partilhas, por ordem do rei, frei Martinho, monge bernardo de Alcobaça, e esmoler-mór do mesmo D. Diniz. Hoje, é um terreno cultivado e muito fertil.

ULME — villa, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca (foi da mesma comarca, mas cabeça do concelho do seu nome) 18 kilometros ao N. de Santarem, 100 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1768, tinha 280.

Orago, Santa Maria.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

A mitra apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento.

A villa está situada em um valle, perto da margem direita do rio Alpiarça.

Era cabeça de um antiquissimo concelho de 700 fogos, que foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

O seu termo é muito fertil em toda a qualidade de generos agricolas, e cria muito gado e colmeias.

E' tambem abundante de caça, e peixe, do Alpiarça e do Tejo, que lhe fica perto, ao N.

O rei D. Sebastião, lhe deu foral, em 13 de fevereiro de 1561; mas Franklim não menciona este foral.

Foi senhor d'esta villa e da da Chamusca, o portuguez degenerado, Ruy Gomes da

Silva, que Philippe II fez *principe d'Eboli*. A pedido d'este tal *principe*, deu aquelle usurpador, o titulo de villa, á aldeia d'Ulme, em 1594.

Esta villa passou de *senhora* a *escrava*, pois sendo a Chamusca uma aldeia (ou uma quinta do tal Ruy Gomes) d'esta freguezia de Ulme, é hoje cabeça do seu concelho, e Ulme está reduzida á sua sujeição. (Vide, 8.º vol., pag. 557, col. 1.ª)

ULMEIRO — freguezia, Douro, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho. (Foi da comarca e concelho de Soure, e por carta de lei de 2 de julho de 1879, passou para Monte-Mór-Velho).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Apenas acho esta freguezia mencionada na tal carta de lei. Nem o *Portugal Sacro*; nem o *Diccionario chorographico*, de Bettencourt; nem o livro das congruas; nem os diccionarios geographicos do Flaviense, ou do José Avellino de Almeida; finalmente, em livro nenhum acho semelhante freguezia. Estou persuadido que foi êrro typographico da tal lei, ou engano do seu redactor.

ULVEIRA — antigo nome da actual freguezia de Oliveira do Douro, do concelho de Villa Nova de Gaia. E' tambem um antigo appellido portuguez.

UNDE — portuguez antigo — portanto, á vista do que, por consequencia, etc.

UNHAES — Ribeira, Douro. Nasce na encosta S. do *Picôto da Sebôla*, e, atravessando o concelho de Fajão (hoje extincto) passa ao da Pampilhosa (tambem extincto) e d'aqui, tomando o nome de *Ribeira da Pampilhosa*, vae desaguar no Zêzere, junto aos Padrões.

Suas margens (*ribas*) são agrestes e alcantiladas, e o leito da ribeira corre quasi sempre apertado entre rochedos, de maneira que as suas aguas são quasi totalmente inuteis e improductivas.

(Vide a primeira *Pampilhosa*).

UNHAES ou **UNHAS DA SERRA**—freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, e 18 kilometros ao S.O. da Covilhã, 54 kilometros da Guarda, 250 ao E.N.E. de Lisbôa, 225 fogos.

Em 1768, tinha 82.

Orago, Santo Aleixo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior do Paúl, apresentava o cura, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé de altar.

A freguezia está situada em um valle, cercado de alcantilada penedia, nas faldas da serra da Estrella, e junto ao ribeiro Alforma, que réga uma fertil e risonha varzea, e é aqui atravessado por uma bôa ponte de pedra.

E' terra muito abundante, sobre tudo, em milho, batatas e castanhas.

Está 8 kilometros abaixo da pyramide da D. Maria I. (Vide *Estrella, serra*).

Há n'esta freguezia uma optima fabrica de lanificios, cujo motor é a agua do dito ribeiro. Alem d'isso, fabricam-se aqui saragoças e bureis.

Entre 4 e 6 kilometros de distancia da egreja matriz, e no alto da montanha, ha varias nascentes d'aguas thermaes, que espalhadas por grande parte do valle, brotam em diversos sitios, sahindo com violencia e abundantemente do sólo. A sua côr é lactea, e ingrato ao paladar o seu sabôr. São hydrogenio-sulphuradas.

Vendo os bons resultados produzidos pelo uso d'estas águas, nas molestias a que costumam ser applicadas, D. Jeronymo Rogado, bispo da Guarda, mandou construir aqui uma casa com dous *banhos*, de diverso grau de temperatura; mas tão mal feitos, que pouco podiam aproveitar. Em um d'estes banhos, ou tanques, é a agua da temperatura de 88 gr. F., ou 24 3/4 R. — no outro, é de 77 graus F., ou 20 R. Tem tambem uma nascente d'aguas ferreas, para uso interno.

Não foram á exposição de Paris, de 1867.

UNHAES O VELHO — freguezia, Douro, concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Fajão), 60 kilometros da Guarda, 43 a E.S.E. de Coimbra, 250 ao E. de Lisbôa, 110 fogos.

Orago, S. Matheus, evangelista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Para evitarmos repetições, vide *Fajão* e *Penêdos de Fajão*.

UNHÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi da comarca de Lousada, e do extincto concelho de Barrosas) 35 kilometros ao E. de Braga, 12 kilometros a E. de Guimarães, 340 ao N. de Lisbôa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 144.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento.

E' povoação muito antiga, e foi villa e cabeça do concelho do seu nome.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisbôa, a 20 de março de 1515. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 109. col. 1.ª)

Este foral serviu tambem para *Cepães* e *Meinêdo*.

E' terra fertil em ceraes, fructa, vinho (verde), linho, etc. Cria muito gado de toda a qualidade, e o rio Sousa = que lhe passa proximo=a fornece de algum peixe miudo.

Teve condes. O primeiro conde de Unhão foi *Fernão Telles de Menezes*, feito por D. Philippe IV, em 7 de junho de 1630.

O 1.º conde de Unhão, era filho 2.º, de Ayres Gomes da Silva, 3.º senhor de Vagos, e de sua mulher, D. Brites de Menezes, da qual tomou o appellido; mas a sua varonia é a dos Silvas, de Vagos, em cuja casa andava, havia oito gerações, o senhorio de Unhão.

Descendia de D. Gonçalo Gomes, rico-homem, do tempo de D. Affonso Henriques, e de sua mulher, D. Leonor Gonçalves Coutinho.

O 1.º conde de Unhão, era 9.º senhor da villa d'este nome, senhor de Gestaçô, da honra da villa (hoje aldeia), de Meinêdo, e outras muitas terras.

Foi 2.º conde e 10.º senhor de Unhão, *Ruy Telles de Menezes e Castro*, do conselho de el-rei, commendador da Alcaçova, de Santarem, etc.— Falleceu em 1671. Casou duas vezes — a 1.ª, com D. Julianna Maria Maxima de Faro, duqueza viuva de Caminha, 4.ª senhora do condado de Fáro, fallecida a 22 de março de 1651. Era filha e herdeira, de D. Diniz, 2.º conde de Fáro, e de sua mulher, D. Magdalena de Lencastre, filha de D. Alvaro, 3.º duque d'Aveiro.

Ficando viuvo, casou com D. Joanna Luiza de Lencastre, filha de seu primo, D. Rodrigo de Lencastre, commendador de Coruche, e de sua mulher, D. Ignez de Noronha, filha dos condes d'Aveiras.

Foi 3.º conde e 11.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes, *Fernão Telles de Menezes e Castro*, commendador de Ourique, do conselho d'el-rei. Falleceu a 30 d'agosto de 1687. Tinha casado com D. Maria de Lencastre, que, depois de viuva, foi feita marqueza de Unhão. Era aia de D. João V e dos infantes seus irmãos, e foi depois, camareira-mór da rainha D. Marianna de Austria. Falleceu em 19 de outubro de 1739, com 83 annos de edade, e 49 de serviço no paço. Era filha de D. Martinho Mascarenhas, 4.º conde de Santa Cruz, e de sua mulher, D. Julianna de Lencastre, filha de D. Manrique da Silva, 1.º marquez de Gouveia, 5.º conde de Portalegre, mórdomo-mór de D. João IV, e de sua mulher, D. Maria de Lencastre, filha de D. Alvaro e D. Julianna, duques de Aveiro. Tiveram —

D. Rodrigo Xavier Telles de Menezes Castro e Silveira, 4.º conde e 12.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes, que era uma das mais ricas de Portugal, no seu tempo, pois, alem do senhorio do concelho e honra de Unhão, eram tambem senhores dos concelhos e honras de Cepães, Gestaçô, Meinêdo e Ribeira de Soaz; e dos coutos de Parada de Bouro e Pouzella; e das commendas de Ourique (da ordem de S. Thiago), Santa Maria d'Alcaçova, de Santarem—Nossa Senhora de Souzel — Santa Maria, de Pernes — Arruda dos Pizões — e Azoia (da ordem de Aviz) de S. Matheus, de Soure, e dos Casaes, no termo de Cintra (da ordem de Christo). Foi coronel de um regimento de ordenanças da côrte, do conselho de guerra, e védor da fazenda, da repartição do reino; gentil-homem da camara de D. João V; deputado da junta dos Trez Estados (cujo logar serviu 40 annos!) governador e capitão-general do Algarve.

Casou, a 29 de janeiro de 1702, com D. Victoria de Távora, filha de Miguel Carlos de Távora, 2.º conde de S. Vicente, e de sua mulher. D. Maria Caetana da Cunha, filha e herdeira de João Nunes da Cunha, 1.º conde de S. Vicente. Tiveram —

D. João Xavier Telles de Menezes e Castro, 5.º conde e 13.º senhor de Unhão, e de toda a casa de seus paes.

Nasceu a 13 de janeiro de 1703, e foi seu padrinho do baptismo, o principe D. João, depois rei, 5.º do nome.

Foi coronel do regimento de infanteria de Lagos, quando seu pae era governador e capitão-general do Algarve. Depois, passou no mesmo posto, para o regimento de Cascaes. Em 1750, foi feito deputado da junta dos Trez Estados, e no mesmo anno, nomeado gentil-homem da camara de D. João V. Em 1751, foi promovido a general de batalha, e governador das armas da Beira. Em 1752, foi por embaixador á côrte de Madrid. Casou, a 28 de agosto de 1741, com D. Maria José da Gama, marqueza de Niza, da qual teve 6 filhos, sendo o primogenito —

D. Rodrigo Xavier Telles de Castro e Silveira, que foi 6.º conde e 14.º senhor de Unhão, herdando, não só a casa de seu pae, mas tambem a de sua mãe, pelo que ficou sendo, conde de Unhão, e da Vidigueira, marquez de Niza, senhor do almirantado do mar da India, e dos mórgados de Boquilobo, de S. Matheus, de Santo Eutropio, da Foz; e dos casaes de Niza, Cascaes, Unhão, Castanheira, e Castro Daire.

D'esta maneira se reuniram em um só individuo, o marquezado de Niza, e os condados de Unhão e Vidigueira.

—

As armas d'esta familia, são — escudo esquartelado — no 1.º quartel, as armas de Portugal — no 2.º, as dos Telles e Silvas — no 3.º, as dos Mascarenhas — e no 4.º as dos Castros (das seis arnellas.)

—

Os condes de Unhão, como senhores donatarios d'esta villa, nomeavam todas as justiças e tinham um escrivão privativo, para instituições de prazos, execuções e penhoras por dividas á casa.

O concelho de Unhão, tinha dez freguezias.

Os seus paços do concelho deixaram de existir ha muitos annos e d'elles não ha o menor vestigio.

Foi abbade d'esta freguezia, conego da Sé de Braga, conego da collegiada de Guimarães, abbade de Tolves, e raçoeiro de S. Gens (!) o padre *Gonçalo Gonçalves Peixoto*, que, em 1222, instituiu o mórgado (como capella) no mosteiro de Pombeiro, de Riba Visella, chamado *mórgado de Pousada*, do qual é solar a quinta de Pousada, na freguezia de Azurem, suburbios de Guimarães, pertencente a uma familia da primeira nobreza, da provincia do Minho, de appellido *Pinto de Carvalho*.

—

Ha n'esta freguezia a irmandade de Nossa Senhora, com um fundo de quarenta contos de réis, e que tem prestado aos irmãos — que são quasi todos parochianos — relevantissimos serviços.

Em 1871, esta irmandade, comprou ao ultimo marquez de Niza, [1] o antigo e vasto palacio que os condes de Unhão tinham n'esta freguezia, convertendo-o em um excellente hospital para os irmãos.

O avultado capital da irmandade, é por estes sitios um grande beneficio para a lavoura, porque é emprestado por módico juro aos lavradores d'aquella e d'outras freguezias circumvisinhas, desempenhando portanto a irmandade o verdadeiro papel d'um banco rural, bem gerido e administrado. D'aqui se vê quão salutares e beneficos são os resultados d'aquella instituição religiosa, mesmo considerados temporalmente.

Olhada só pelo lado religioso, é tal a sympathia que adquiriu por todos aquelles sitios a irmandade, que raras são as pessôas que n'ella se não acham filiadas. Cada irmão que fallece, gosa, segundo os estatutos, de muitos suffragios, sendo que n'esta e n'outras vantagens que aos irmãos proporciona a irmandade, todos são tratados egualmente; a

[1] O ultimo marquez de Niza, morreu nos Pyreneus, em agosto de 1873.

todos se faz o enterro da mesma maneira, e todos disfructam as mesmas graças espirituaes, quaesquer que sejam as differenças de meios de fortuna ou de categoria social. Na verdade o ideal da verdadeira democracia só na Egreja se encontra realisado, e a todas as instituições que brotam d'essa arvore fecundissima, vivifica-as a mesma seiva. Em vista da falta de ecclesiasticos que hoje se nota por toda a parte, é alli muito difficil, ás familias mais gradas e abastadas da terra, fazer a qualquer dos seus membros um enterro tão decente como faz a irmandade ao mais humilde de seus associados.

A auctoridade civil entende serem demasiados os suffragios assignados a cada irmão, e quer obrigar a irmandade a que os reduza a quasi nenhuns. Tal medida é vexatoria, prejudicial e cruel. Aos suffragios deve a irmandade o seu engrandecimento, e a seu engrandecimento os beneficios, mesmo temporaes, que está produzindo. Se lhe cortam os suffragios, a instituição decairá, e afinal morrerá, porque irá diminuindo o numero dos que n'ella se inscrevem. Além d'isso, os irmãos teem direito a que se façam a suas almas, depois de fallecidos, aquelles suffragios que a irmandade instituiu. Aquella gente de fé, é a que salva e ha de salvar a sociedade, por isso mesmo que pensam no destino do homem além-campa, crendo nos dogmas catholicos, que se referem aos novissimos do homem, e não são dos que enentendem que com a morte acaba tudo ... Se de tal se convencessem, então os proprios poderes publicos seriam os primeiros a dar força ás irmandades para augmentarem em logar de diminuir os suffragios, se não quizessem arder tambem no incendio.

—

Conta esta irmandade mais de dous seculos de existencia. O decurso e exigencias dos tempos, tornaram necessaria a reforma de seus estatutos, e a ella se procedeu. Discutidos e organisados que foram, subiram á approvação do governador civil do Porto, e alli, depois de satisfeitos leves reparos, foram approvados por alvará de 22 de outubro de 1871.

Mais tarde, pelo ministerio do reino, baixou a portaria de 1 de março de 1872, em virtude da qual o governador civil cassou aquelle alvará, e ordenou a confecção de novos estatutos, em que se observassem as condições, que indicou até ao n.º 11.º, as quaes foram cumpridas pela irmandade, excepto a terceira, que mandava reduzir o culto e os suffragios, e a septima, que mandou fixar a esmola aos padres; isto pelos inconvenientes que ponderou.

Em vista d'esta unica excepção, baixou, pelo mesmo ministerio, a segunda portaria de 14 de abril de 1874, que de novo mandou cumprir as referidas condições, desattendendo as razões da irmandade, fundadas no direito sagrado ao culto e suffragios, dizendo a mesma portaria que a lei da irmandade, é o estatuto, que se *modifica pelo mesmo modo porque se faz*: o que não convence de modo algum, porque se a irmandade instituiu aquelle culto e os suffragios, e os quer conservar, onde está a lei que obriga a taes modificações? A irmandade reconhece o direito e a obrigação que tem o governo de exigir que no compromisso se estabeleçam as providencias necessarias para que se consigam os fins da associação, seja regular a sua gerencia, e se evitem as fraudes e descaminhos, mas se a lei commette á mesa e maioria dos irmãos, a deliberação e organisação do seu compromisso, e já desde a sua origem (1690), o culto á Virgem, as graças espirituaes e os suffragios, constituem o fim da irmandade, como, a não ser pela força e prepotencia, póde ella ser constrangida a cortar por tudo isso?

Não obstante, a irmandade, na ultima confecção de estatutos, fixou a esmola aos ecclesiasticos pelos actos do culto e suffragios segundo o uso e praxe actual, e, no que toca a suffragios, reduziu as 18 capellas de missas ao n.º de 13, cuja reducção equivale á suppressão de 208 missas, e reduziu mais as cinco missas de noticia, por qualquer irmão finado, a duas; e regulando os obitos de 60 a 70, ficam supprimidas annualmente 400 e tantas missas.

No culto, propriamente dito, ha a festividade annual da Padroeira, sem fausto, e apenas com a decencia precisa. — Que se

ha de reduzir? Querem que se extinga, sendo a religião catholica a do Estado?

Fez-se, é verdade, a reducção; mas a irmandade foi franca, e disse — que ao esplendor do culto, e á maior copia de suffragios devia o seu incontestavel augmento e prosperidade; que se o culto e os suffragios tocam ao espirito, cuja esphera está acima do poder humano, em vez de regatear, cumpria aos poderes publicos da terra respeitar a consciencia do homem livre, mantendo-os em toda a sua plenitude. Ao mesmo tempo declarou a irmandade que a necessidade resultante da falta de padres para dizer as missas os obrigava a reduzir.

Pela terceira vez, e com a modificação referida, sobem os estatutos, e o governador civil, sem dar por esta, officia ao ministerio do reino para que *lhe indique o procedimento que deve ter* (com a irmandade) *para fazer executar as ordens do governo*, e este na portaria de 21 de setembro ultimo—*Manda ao governador civil, que faça subir os estatutos da irmandade, e que os corrija e emende nos pontos em que a irmandade o não fez! Credite posteri!* E' mister que a irmandade siga os passos do Cabido de Bragança! E' necessaria a resignação; mas tambem é necessario que se diga, que todo o mal e toda a guerra que a irmandade soffre, parece vir da fatalidade de possuir um capital de quarenta contos, o que é de mais para irmandade de aldeia; não se tendo em consideração que ella tem o seu hospital, cuja casa e obras lhe custaram mais de seis contos. Não é pois só com os padres que ella gasta o seu rendimento. Em verdade é singular que se exija d'esta irmandade o que a nenhuma outra se obriga, havendo outras por esse reino, em egualdade de circumstancias.

O acerto salutar do seu antigo estatuto—fundamento do actual — e a bôa gerencia que os seus livros attestam, de pequena que era tornou-a grande e florescente. E' por isso mesmo que não convém este *fóco de reacção!*

Intervenha a auctoridade, estreitem-se as linhas, e os arautos da liberdade e egualdade, clamem e digam que a irmandade vai e está mal vista. Uma commissão magna substitua a sua meza, e reduza-se, emquanto se não póde extinguir. O seculo progride, e o progresso não admitte estas anomalas antigualhas.

UNHOS — freguezia, Extremadura, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 12 kilometros ao N.E. de Lisbôa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, S. Silvestre, papa.

A casa de Bragança, apresentava o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Segundo o *Cathalogo dos bispos de Lisbôa* do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, esta egreja foi fundada por D. Matheus, 16.º bispo de Lisbôa, em 1277. (4.º vol., pag. 269, col. 2.ª; pr.),

No cartorio d'esta egreja, porém, ha um documento, pelo qual consta que esta egreja já existia em 1257.

O que me parece provavel, é que a egreja já existia quando D. Matheus foi feito bispo, em 1259, e que foi este prelado que a elevou a matriz de uma freguezia que então creou.

Antes dos repetidos reparos e reconstrucções que tem tido esta egreja, existia, embebida em uma das suas paredes, uma lapide com esta inscripção —

JVLIVS : ITALICVS ; AVGVS : TAL :
H. S. E.

(Aqui jaz, Julio Italico, sacerdote de Augusto).

O apparecimento d'esta lapide, deu causa a dizerem alguns, que existiu por estes sitios um templo romano; porém é mais provavel, que a pedra viesse do mosteiro de Chellas, quando elle foi de vestaes.

Está esta freguezia situada em terreno pouco accidentado, junto do rio Friellas, ou de Sacavem, que o réga e fertiliza.

Ha n'esta freguezia, um pôço, cuja agua dizem ser remedio efficaz para a cura da dôr de pedra.

Ha por toda a parochia, varias e bôas quintas, sendo uma d'ellas, a da *Malvazia*, que foi do doutor *Gaspar Pereira do Lago*, corregedor do crime, da corte, que o famoso *rei da Ericeira*, mandou enforcar, por não

querer seguir o seu partido. (Vide no artigo *Torres Vedras* o § *Rei da Ericeira*).

D'este Gaspar Pereira do Lago, procedem varias familias nobres do norte do reino, tanto em Braga, como em Penafiel e outras terras; mas o actual representante d'esta linha, é a sr.ª D. Maria Felizarda Pereira do Lago PortoCarreiro, senhora do mórgado de Semêlhe, hoje unido á casa dos Bandeiras, da rua de Traz da Sé, da cidade do Porto, pelo casamento d'esta senhora, com o sr. Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, fidalgo da casa real, e que procede dos Freires de Andrade, de Leomil.

—

Foi n'esta freguezia o solar da familia *Rio*, appellido nobre em Portugal, vindo da Galliza.

Fernando Ayres do Rio, veio com seus filhos para este reino, no tempo de D. Affonso V.

Seu neto, *Lopo Mendes do Rio*, foi senhor de Unhos e Friellas. Instituiu mórgado, em uma capella do claustro do mosteiro de Bemfica.

Os Rios, trazem por armas — em campo verde, um castello de prata, sobre um contrachefe de ondas, e, em chefe, trez flores de liz, d'ouro. Timbre, uma aspa verde, carregada de trez flores de liz, como as do escudo —

Outros do mesmo appellido, trazem por armas — em campo de púrpura, uma torre de prata, com ameias, sobre ondas de azul e prata — contrachefe estreito, de verde, e nas ameias uma cara humana e duas flores de liz, d'ouro, de cada lado.

Ha ainda outra familia do mesmo appellido, mas que não descende dos senhores de Unhos. A sua origem em Portugal é a seguinte;

Christovam do Rio, veio das Asturias para este reino, no tempo de D. João III, e este rei lhe confirmou as armas que trazia, em 1530. São — em campo d'ouro, duas faxas d'ondas. Orla de prata, perfilada de negro, carregada de cinco cabeças de sérpe, verdes, lampassadas de púrpura, cortadas com sangue. Timbre, uma das cabeças de sérpe.

—

Na pequena aldeia do Catijal, d'esta freguezia, está a ermida de N. Senhora da Nazareth, entre quintas e casas de campo, e cercada de collinas, povoadas de vinhas e pomares. Aos lados do altar da Senhora, se veem uns quadros representando algumas scenas da vida da S. S. Virgem, e entre elles, o milagre que a Senhora de Nazareth, da Pederneira, fez a D. Fuas Roupinho.

Na pianha sobre que está a Senhora, se lê esta inscripção —

ESTE RETABULO MANDARAM
DOURAR E PINTAR OS DEVOTOS
DE NOSSA SENHORA. DE LISBÔA.
ANNO 1612

A capella-mór, de abobada, é a parte mais antiga do templo, e o corpo da egreja, foi construido ha pouco mais de 200 annos, como se vê da inscripção, gravada em uma pedra, sobre a porta principal, que diz—

Á VIRGEM DE NAZARETH
EDIFICARAM ESTA IGREJA OS
SEUS DEVOTOS, OFFICIAES E
MÓRDOMOS. DE LISBÔA, SENDO
IUIZ, SEGUNDA VEZ, MANOEL
RIBEIRO DE LIMA; DERRUBANDO SE
HUMA PEQUENA E ANTIGA ER-
MIDA, POR ARRUINADA, NESTE
SITIO EM QUE ESTA IGREJA SE
FUNDOU, EM O ÁNNO DE 1676.

Em frente da ermida, a distancia de uns 150 metros, junto da estrada, está uma copiosa fonte, cercada de frondosos freixos, e amendoeiras; e junto a ella, um cruzeiro. E' um sitio formosissimo.

URGEIRA — aldeia, Minho, extra-muros da praça de Vallença, a cuja freguezia, (N. Senhora dos Anjos) comarca e concelho pertence.

Está situada junto á estrada que conduz á praia, em um formoso local, sobre a esquerda do rio Minho, e quasi em frente de Tuy.

Ha aqui a bonita ermida de Nossa Senhora da Saude, á qual se faz uma explendida festa e concorridissima romaria, no 1.º domingo de julho de cada anno; e outra a Santo Antonio de Lisbôa, no 1.º domingo depois de 13 de junho.

Em janeiro de 1877, foi feito barão da Urgeira (esta aldeia) o sr. Manoel Leite Ribeiro e Silva, nobilissimo caracter, e natural da praça de Valença, da distincta familia dos *Cereijinhas*, rico proprietario e possuidor da quinta que lhe deu o titulo.

O sr. barão, ensaiou n'esta sua quinta a cultura da beterraba, com magnificos resultados. Reconheceu-se que se desenvolve perfeitamente. A percentagem do summo é de 12 % d'assucar, nos exemplares d'este anno. Em annos em que as chuvas predominem no estio, ou a produzida em terrenos humidos ou muito estrumados, a percentagem então desce a 7 %. O anno passado ensaiou-se a distillação da beterraba e obteve-se aguardente, o que animou a este anno lhe dar maior desenvolvimento. Comprou-se uma machina de distillação continua, systema *Derosne*, que em 10 horas póde produzir 500 litros (1 pipa) d'aguardente de 22.° Cartier, ou 58.° centigrados.

O sr. commendador Jeronymo Leite Ribeiro e Silva, foi premiado com a medalha de cobre, pelo grande jury, da exposição viticula, do palacio de crystal portuense, em maio de 1880, pela sua aguardente de beterraba, de 24.° Cartier, da quinta da Urgeira.

Ha tambem aqui uma bôa fabrica de cortumes de couros de boi e vitella, que foram á exposição de Philadelphia.

—

Talvez que na Urgeira fosse o primeiro assento da actual villa e praça de Valença; mas é mais provavel que fosse em *Tuide*, freguezia da Gandara. Vide Gandara (a do concelho de Valença). *Tuide*, Tyde e Valença do Minho, no § da sua antiguidade e fundação.

URGEIRA ou **URGUEIRA**—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, extincto concelho de Sortêlha), 24 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 96.

Orago, Santo Antonio de Lisboa.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O vigario de Sortêlha, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de rendimento.

Pouco fertil. Muito gado de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

URGEZES ou **URGUEZES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 170 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, Santo Estevam.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido de Guimarães apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

No logar da *Fonte Santa*, d'esta freguezia, fundou S. Francisco um mosteiro da sua ordem, reinando D. Affonso II (entre 1211 e 1223.)

Depois (1290) mudou-se para dentro do cinto de muralhas, de Guimarães, junto á *Torre-velha*, onde depois se edificou o recolhimento das irmans da ordem terceira. (Vide *Guimarães*.)

Segundo o sr. Camillo Castello Branco (*A viuva do enforcado*, parte 1.ª, pag. 8) no Casal da Lage, d'esta freguezia, nasceu Gil Vicente, não o Plauto Portuguez, mas o ourives, que fez a famosa custodia dos Jeronymos de Belem.

URMAR — Vide Samuel.

URRA — Vide *Caiolla*.

URRÔ — freguezia, Douro, comarca, concelho e 5 kilometros a O. da villa d'Arouca, 54 a O. de Lamego, 18 ao S. do rio Douro, 50 ao S.E. do Porto, 75 ao E.N.E. de Aveiro, 300 ao N. de Lisbôa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 133.

Orago, S. Miguel archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

O antigo nome d'esta freguezia, era—*Valle d'Arouca*, e é assim que vem mencionado no *Portugal Sacro e Profano*.

As religiosas bernardas, do convento de Arouca, apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Está a freguezia formosamente situada, em terreno levemente accidentado, ficando-lhe ao S. uma extensa veiga (a que deve o seu antigo nome) cortada pelo rio Arda, que

fica a um kilometro de distancia da egreja. Esta, de architectura gothica, é o templo mais antigo que hoje existe em todo o concelho. Ao N. e proximo a elle, passa a nova estrada á Mac-Adam, que de Arouca vae a Cabeçaes, já concluida, e que está em construcção até entroncar com a estrada real de Lisbôa ao Porto. E' municipal.

Dous kilometros ao S. da egreja, passa a estrada districtal de Arouca a Oliveira de Azemeis.

Sobre um cabeço, uns 200 metros ao O. da egreja, está a antiquissima ermida de S. Lourenço, com seu alpendre, sustentado por columnas de granito, do qual por estes sitios ha grande abundancia.

No logar de Lourosa, a 3 kilometros da egreja, está a ermida de Santo Antonio. Ha tambem outra ermida, dedicada a Nossa Senhora da Lage. Antigamente, havia um oratorio, pertencente á familia do capitão-mór Vasconcellos, no logar da Cella; mas hoje, já não existe, nem a casa do capitão-mór, nem o oratorio.

Urrô, é nome proprio de homem (gôdo) assim como *Urrà*, é nome de mulher.

(Vide *Pombeiro*, quando fallo de *Mendo Viegas de Sousa*.) [1]

Como todas as terras do formoso valle de Arouca, é fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado. Nos seus montes, ha abundancia de caça, e o rio Arda lhe fornece algum peixe miudo. Do mar, que lhe fica a 40 kilometros a O., lhe vem bastante peixe, fresco e salgado.

URRO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a N.E. do Porto, 335 ao N. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1623, tinha 35.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os religiosos do mosteiro de Cête, apresentavam o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

[1] Na Hespanha, ha varias povoações com o nome de *Urrô* e *Urrôs*.

Fertil. Gado, caça, e algum peixe miudo do rio Souza, que lhe passa a pouca distancia. Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

URROS — freguezia, Traz os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Moncorvo, 7 a N.O. de Foscôa, 155 a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisbôa, 490 fogos.

Em 1768, tinha 252.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Não se póde comprehender tudo quanto vou dizer d'esta freguezia, sem se ler o que disse nos artigos *Almendra*, *Caliabria*, *Perédo dos Castelhanos*, *Ravêna*, e *Senhora do Campo*. [1] Peço aos meus leitores, que leiam aquelles artigos, que não devo repetir n'este logar, o que seria sobremodo enfadonho.

Esta povoação é antiquissima, e já existia no tempo dos romanos, qualquer que fosse o nome que então tivesse — no que hoje ha duvidas e contestações.

O padre J. Contador d'Argote, na sua *Memoria do arcebispado de Braga*, liv. 2.º cap. x, § 656, diz —

«Tambem pretendem algumas pessoas cu-

[1] Cumpre-me aqui rectificar um erro, que, não sei como, deixei passar no artigo *Senhora do Campo*.

A pag. 113, col. 2.ª, d'este volume, disse que o sr. José Caetano Preto Pacheco, era padre, e prior da freguezia de Escalhão. Este prior, era o rev. Luiz José Ferreira de Carvalho, auctor das *Memorias historicas ácerca da cidade de Caliabria*. O sr. José Caetano Preto Pacheco, não é padre, mas bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e distinctissimo advogado nos tribunaes do Porto, e que, como digo no referido artigo, corrigiu e ampliou o autographo do auctor. Peço perdão ao sr. dr. Preto Pacheco de lhe dar ordens de presbytero, sem eu ser bispo.

No momento em que estou revendo estas provas (julho de 1882) acabo de saber que, em Escarigo, falleceu a sr.ª D. Maria Emilia Pacheco, virtuosa e estremecida mãe do sr. dr. Preto Pacheco, e de seu irmão Francisco Maria Preto Pacheco, aos quaes dou os meus sinceros pezames.

riosas, que na provincia de Traz-os-Montes, junto ao logar de Urrôs, existia no tempo dos romanos, uma cidade chamada *Ravêna* de que ainda se mostram os vestigios, e confirmam isto, com a historia e martyrio de Santo Apollinario, de que alli se conservam actualmente as reliquias, com grande veneração e milagres. E não ha duvida, que em uma bulla do papa Innocencio IV, passada no anno de 1247, em confirmação das terras annexas ao mosteiro de Santo Estevam, de Riba de Sil, que traz Iepes, no Appendice do tomo 4.º, se confirma e annexa ao tal mosteiro, uma terra chamada *Ravenata.* Comtudo, eu entendo que tal cidade de *Ravêna*, não houve antigamente em Traz-os-Montes, e que as religiosas de Santo Apollinario, deram motivo a chamarem Ravêna, ás ruinas da povoação acima dita, que não duvido fossem de povoação romana; e a terra Ravenata de que trata a bulla de Innocencio, entendo ser perto do monte a que chamam *Rabanal.*»

O mesmo escriptor, na obra citada, liv. 3.º, cap. III. pag. 484, diz —

«Junto ao logar de Urrôs, que dista 3 leguas da villa de Moncorvo, para a parte do sul, defronte de uma egreja, da invocação de Santo Apollinario, fica para a parte do poente da dita egreja, um cabeço, levantado com bastante aspereza para se poder subir ao alto d'elle. A corôa d'este outeiro, está cercada de muros mui fortes, segundo se colhe dos vestigios que ainda permanecem, e tambem dos vestigios de alicerces de casas, se vê houve ali antigamente povoação. Para a parte do norte, na raiz dos sobreditos muros, no fundo de uns altos rochedos, está uma concavidade subterranea, a que o vulgo chama o *Buraco dos mouros*, e por dentro, tem largura bastante para andarem cinco ou seis pessoas emparelhadas. Houve pessoas que intentaram investigar o comprimento e fim d'esta notavel concavidade, mas, á vista do muito que corria para o interior, desistiram da empreza: só depõem, que dentro, acharam largos, formados á maneira de casas, etc.»

No § seguinte (788) diz —

«Os moradores do logar de Urrôs, aos vestigios da povoação que dissemos existiam na corôa do outeiro, que lhe fica defronte, chamam *Ravêna*, e dizem que alli foi a antiga cidade de Ravêna, em que foi martyrisado Santo Apollinario, cujo corpo, dizem, se conserva no logar de Urrôs.»

—

Esta freguezia, tinha fôro de villa nos principios da nossa monarchia, mas nunca teve foral proprio, regia-se pelo da Torre de Moncorvo.

Dou agora as noticias mais recentes, que devo ao obsequio de um cavalheiro d'estes sitios, assignante d'esta obra.

O corpo do santo martyr, Apollinario, bispo de Caliabria, está guardado em um lindo tumulo, na grande capella da invocação do mesmo santo, (e não na egreja matriz, como alguns escriptores dizem.)

Esta capella, fica a 5 kilometros ao N. do monte *Calábre*, onde existiu a famosa cidade episcopal de *Caliabria.*

Segundo a lenda, os mouros amarraram o santo a dous bravos touros, e o levaram arrastado, desde Caliabria até ao logar onde está a sua capella, atravessando o Douro, da Beira-Baixa para Traz-os-Montes. Tudo isto está representado, em relevo, no tumulo do santo, e isto é — os touros e os mouros que os acompanhavam.

A terra que cobria o corpo do santo, tem sido quasi toda tirada por um buraco, feito de proposito para isso; porque o povo acredita, que bebendo uma pitada d'esta terra, misturada com agua, é remedio infalivel para curar as febres intermitentes, por mais antigas que ellas sejam.

O tecto da ermida, é apainelado, e em cada um dos quadros, estão as imagens de varios santos, primorosamente pintadas a oleo.

Junto á capella, ha um grande cipreste, denotando muita antiguidade, e, diz a mesma lenda, que nasceu de uma gota d'agua, que o santo alli vasara de uma cabacinha, que tinha enchido quando passou o Douro. (A cabaça tambem se vê gravada no tumulo.)

Tambem proximo á capella ha um chafariz de optima agua potavel; e diz-se que está clara, quando o Douro (que fica a 3 ki-

lometros ao S.) corre limpido; e se faz turva, quando o rio tambem assim vae.

A festa do santo, não se faz no seu dia proprio, mas em agosto. E' uma pomposa e concorridissima romaria.

A pouca distancia da capella de Santo Apollinario, está o alto, chamado do Castello, de grande elevação, e no seu cume se vê a ermida de *Nossa Senhora dos Prazeres* ou *do Castello*, tambem muito antiga.

N'este alto, ha uma grande caverna (a de que falla Argote) feita na rocha, e que passa por baixo da ermida da senhora, e diz o povo que isto foi habitação dos árabes, e é por isso que lhe dá o nome de *Buraco dos Mouros*, ainda que dá indicios do ser antes obra romana, pela sua perfeição, e provavelmente mina metalica.

A entrada está coberta d'heras e outras parietarias, e é hoje habitação predileta de aves nocturnas.

Em volta da ermida, ha uma cêrca, que foi pomar, e ainda conserva algumas arvores antiquissimas.

Em algumas escavações que se teem feito junto á ermida, appareceu um portal completo e varias pedras de granito, *aparelhadas*, qualidade de pedra que não ha n'estes sitios — onde só existem rochas de schisto e quartzites; do que se conclue que vieram para aqui de algumas leguas de distancia.

No seculo passado, foram aqui achadas varias moedas de ouro, prata e cobre, e outros objectos d'ouro. Ainda em 1852, se acharam aqui bastantes moedas romanas de ouro e prata, e uma grande pia, tambem de granito.

A uns 2 kilometros d'este monte, ha outro, chamado *da Matança*. Segundo a tradição, houve aqui uma grande batalha, entre christãos e mouros, *não escapando nem um só d'estes*. Disseram-me que ainda por alli existem restos de ossos humanos, o que me custa a acreditar. Ha n'este monte grande abundancia de coelhos e perdizes.

Ha tambem vestigios de minas de ferro, não só pelos restos de galerias, como por grande porção de escorias de ferro.

Junto a este monte, está a grande *quinta do Batucho*, mandada fazer pelo conego Pontes, que foi casado e lavrador, e depois de viuvo, foi estudar para o Seminario de Braga, e pelo seu muito saber, chegou a ser conego. Morreu em 1855, com pouco mais de 50 annos— dizem que, envenenado por uma criada, para lhe ficar com o dinheiro que possuia. Deixou muitos bens aos seus herdeiros.

—

Ha n'esta freguezia, minas de chumbo, estanho, enxofre, ferro e carvão; mas nenhuma se explora. No sitio chamado da *Ferraría*, ha vestigios de antiga lavra de minas, e uma nascente de aguas ferreas, que ainda não foi devidamente analysada, mas da qual muitos teem usado com bons resultados, para a cura de molestias do estomago.

Ha tambem um sitio, chamado *Sarzêda*, que foi uma antiquissima povoação, da qual ainda ha vestigios. Chamava-se *Tral'a-Aldeia de-Sarzêda*.

No *Valle da Gafaria*, ha uma fonte do mesmo nome, cuja agua causa a quem a bebe, ou um padecimento cutaneo, ou *se enche de piôlhos!* (Causará!...)

Na serra da *Machuqueira*, tambem chamada de *Minde*, ha, no mais alto d'ella, um monstruoso penedo, a que, pela sua fórma, dão o nome de *Redondo*, que se suppõe ser um monumento megalithico (anta) [1].

Do alto d'este penedo se avista uma grande extensão de territorio, não só de Traz-os-Montes, como do Douro e das duas Beiras.

Proximo a este penedo, ha uma gruta natural, a que deram o nome de *Fraga do Lapão*, com capacidade para recolher 400 boisl — Com effeito, os pastores ali recolhem os seus gados, nas horas de maior calor, no verão.

—

E' tradição que a primeira egreja matriz d'esta freguezia, foi a actual capella de Santo Apollinario. Que depois se construiu uma nova egreja no sitio dos *Lameirões*, a uns 300 metros da actual, e que, sendo destruida pelos mouros, se fez a que agora existe, no seculo XI, ou principios do XII. Tem tido va-

---

[1] *Megalitho*, é uma palavra grega, composta — significa — *pedra erguida*.

rias reconstrucções, e ainda em 1859 se lhe construiu o novo frontispicio; mas logo no anno seguinte, um terramoto lhe causou grandes prejuizos, destruindo-lhe quasi toda a abobada e causando varias brechas nas paredes. Hoje está restaurada, e é um bom templo.

Dizem outros escriptores, que destruida a egreja dos Lameirões, como fica dito, o povo não a quiz reconstruir no mesmo sitio, por ser muito insalubre. E' certo que existe alli a fonte chamada do *Pelameiro* (contracção de *Ao pé do Lameiro*) cuja agua, bebendo-se continuadamente, produz carbunculos e outras molestias cutaneas.

Junto a esta fonte, ainda ha uma casa, fórnos, e ruinas de outras casas, do tempo que n'este sitio estava a egreja. E' um valle muito bonito, ficando-lhe sobranceiros, os montes do *Poio* e *Matança*. Em 1862, andando aqui um individuo a lavrar, achou uma sepultura, com ùm esqueleto dentro, e coberta com uma lousa.

—

A actual povoação de Urrôs, está em sitio vistoso e saudavel, em uma elevação, d'onde se avistam muitas serras, incluindo as da *Estrella*, *Gata* e *Marão*; e se vê distinctamente a egreja da Sé da Guarda, apezar de ficar a 70 kilometros de distancia, ao S.E.

O seu territorio é fertil em cereaes, vinho, azeite, fructas — principalmente amendoas — e outros generos agricolas. Tambem cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes, ha abundancia de caça.

E' tambem esta terra abundante de minas de ferro, e em muitas partes se encontram vestigios de lavra d'este metal, em ponto grande.

Ha tambem nas faldas da serra, no sitio dos *Fornias*, restos de fórnos de cal, e uma pedreira de carbonato de cal, que hoje se não explora.

Ha n'este sitio um tosco cruzeiro, e diz a lenda, que está no logar onde *Santo Eufrazio* (?) appareceu a um lavrador.

Tem o povo tal devoção a este cruseiro, que, quando tem alguma rez doente, a leva alli, a dar trez voltas em roda do cruseiro, acreditando que com isto fica san. Tentam fazer aqui uma ermida ao tal santo; e, em 1853, pouco mais ou menos, morreu um lavrador, que mandou, por testamento, fazer aqui um cruseiro novo, egual ao muito elegante que está junto da ermida de Santo Apollinario, e dedicado a Nossa Senhora da Piedade. Os herdeiros ainda não cumpriram a tal clausula do testamento.

—

Ao N. da freguezia, está um álto cabêço de fórma pyramidal, chamado *Cabecinha Aguda*, tendo no vertice uma meza de pedra obra da natureza. Junto a ella estão quatro marcos, que dividem as freguezias de *Urrôs*, *Maçôres* e *Mós*, do concelho de Moncorvo, e *Ligares*, do concelho de Freixo de Espada á Cinta; pois todas estas quatro freguezias aqui terminam. Antigamente, todos os annos aqui se reuniam os quatro juizes eleitos respectivos, com *homens bôos* (louvados) e, depois de um bom jantar, pago pelas quatro freguezias, se faziam uma especie de accordãos, para que os gados não pastassem em territorio de freguezia differente da de seus donos.

—

Em 1869, appareceu em um areial da margem direita do Douro, chamado da *Brulha*, limites d'esta freguezia, um barbo, que pezou NOVE ARROBAS (!) Tinha engulido o anzol que lhe lançaram uns pescadores, mas só foi achado depois de morto, e corrupto, já devorado em parte, pelas aves de rapina. Por muitos annos os pescadores tentaram pescar este verdadeiro monstro (da sua especie), que só então morreu. Disseram-me, que já por varias vezes tinha engulido os anzóes, e que era de tanta força, que, quando fugia com o anzol, fazia virar os barcos dos pescadores. Faria.

Apezar do escabroso do sitio, muita gente foi alli vêr e admirar o esqueleto do tal peixe, cuja cabeça era maior do que a de um boi.

N'este sitio do rio, se teem pescado outros peixes, da mesma especie, de grandes dimensões, alguns de trez e quatro arrobas de pêso.

O cavalheiro que me contou isto, é pessoa muito séria e de

toda a verdade; mas estou certo que se engana quanto á denominação dos taes peixes, e que, em vez de *barbos*, serão *sôlhos*.

Antigamente, havia n'estas serras muitos porcos montezes, e bastantes lobos, o que era objecto de divertidas montarias; mas desappareceram, desde que, em 1821, se lançou fôgo ao monte onde estas féras se acoutavam, chamado da *Pucheira*. Era uma selva impenetravel, coberta de corpulentas arvores silvestres e densissimos medronheiros, carrascos, amendoeiras bravas, zimbros, etc.

Durou o fogo, mais de 60 dias.

—

Houve n'esta freguezia, em tempos antigos, uma nobre familia, de alcunha — *os Mocancas* — D'ella descendem os actuaes srs. *Pimentas*, proprietarios muito ricos e geralmente respeitados e estimados pelas suas excellentes qualidades. Ainda ha poucos annos viviam oito irmãos — duas senhoras, muito virtuosas, trez clerigos seculares, um frade, e dous seculares. Seu pae, foi capitão do exercito realista, e um fiel servidor do sr. D. Miguel I. Apezar de ser um intrepido guerreiro, todos o amavam, pelo seu bom coração e pela sua muita caridade, sendo o amparo de todos os desvalidos. Ainda vivem cinco de seus oito filhos — sendo uma das senhoras, e quatro cavalheiros — um d'elles, é o rev. sr. Alexandre Thomaz Pimenta de Souza, abbade d'esta freguezia. Seu irmão, e que reside na casa de seus paes, é o sr. doutor, José Maria Pimenta de Sousa, que por varias vezes tem sido administrador d'este concelho. Casou em Ligares, com a sr.ª D. Amalia Esteves de Mello Falcão, filha de um capitão, tambem do exercito realista, e irman do sr. Antonio Maria Esteves de Mello Falcão, que têm sido deputado ás côrtes.

O sr. abbade, a uma vasta instrucção, reune todas as optimas qualidades de seu sempre chorado pae, e seus quatro irmãos, que ainda vivem, em nada degeneram da nobre e antiga raça dos Pimentas.

—

Vive n'esta freguezia, um individuo, que nasceu em fevereiro de 1775! Goza perfeita saude, conserva todos os dentes, e não tem receios de morrer tão cedo! E' pae do sr. José Antonio Sanches, que tem 61 annos, e não é dos filhos mais velhos.

O tal macrobio tem visto nada menos de SETE reinados — D. José I; D. Maria I e D. Pedro III; D. João VI; D. Miguel I; D. Maria II; D. Pedro V; e D. Luiz I.

Para a etymologia, vide o primeiro *Urrô*.

URROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 24 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisbôa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 130.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sendim, apresentava o cura, que tinha de rendimento, apenas o pé de altar.

Fertil, gado e caça

A gente d'esta freguezia, pela sua visinhança com a Galliza, falla mais gallego que portuguez; mas nem por isso detesta menos os gallegos, do que os mais arraianos portuguezes.

USSO — portuguez antigo — *urço* — Vide 4.º vol., pag. 459, col. 1.ª (*Pinhal do Usso.*)

USSO ou **PINHAL DO USSO** — Douro, na freguezia de Lávos, comarca da Figueira.

N'este sitio do *Usso*, está a ermida de *Nossa Senhora das Ondas*, cuja lenda é a que se segue —

Em 13 de junho de 1624, appareceu sobre as ondas do Oceano, perto do *Pinhal do Usso*, da freguezia de Lavos, uma imagem da S.S. Virgem, a qual foi achada por Fernando Affonso, que a trouxe para sua casa.

Vivia então em Buarcos, o padre Antonio Vaz, natural do Sebal (12 kilometros ao S. O. de Coimbra) e que alli (em Buarcos) ensinava latim, a D. Francisco Mascarenhas e D. Antonio Mascarenhas, filhos de D. Nuno Mascarenhas. O padre pediu a este ultimo, que mandasse construir uma ermida para a imagem apparecida, ao que o fidalgo annuiu, mandando logo proceder á requerida cons-

trucção, para a qual applicou as rendas da sua commenda de *Côxa*, que era n'aquelle territorio.

Em razão de ter a imagem apparecido *sobre as ondas*, lhe deram o titulo de *Nossa Senhora das Ondas*.

Consta que esta imagem pertencêra a uma freira franciscana, do mosteiro de Monchique, no Porto, e a deu a um seu irmão, chamado Luiz Alves, o qual, indo para o Brazil a levou na sua companhia. Quando o seu navio estava apenas a 25 kilometros da foz do Douro, e em frente do castello da Feira, foi atacado por trez naus hollandezas, [1] que eram herejes. Luiz Alves, temendo os desacatos que os hollandezes fariam á santa imagem, preferiu lançal-a ao mar, no dia 30 de maio d'aquelle anno de 1624, indo, como vimos, ter á praia de Lavos, d'ahi a 14 dias.

O dito padre Antonio Vaz, que foi o director das obras da ermida, morreu em casa de seu antigo discipulo, D. Francisco Mascarenhas, que morava na sua quinta do Val de Chellas, arrabaldes de Lisboa.

Note-se que a imagem *é de pedra*, de meio metro de altura. E' provavel que o mar a arrojasse á praia, e que Fernando Affonso (o que a achou alli) para tornar o facto milagroso, dissesse que a Senhora veio sobre o dorso de uma onda, o que o povo crente d'aquelles tempos, facilmente acreditou

UVA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 18 kilometros de Miranda, concelho de Vimioso (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro) 450 kilometros ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 34.

Orago, Santa Marinha.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Ala, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

Fertil. Muito gado e grande abundancia de caça.

V

VAÇAL — Vide *Vassal*.

VACCA — antiga cidade da Lusitania, que, segundo a tradição, e as *Memorias* de varios escriptores, existiu soube um cabeço, perto da actual villa de Vouga (provincia do Douro; na freguezia de Lamas, concelho de Agueda) onde hoje se vê a ermida do Espirito Santo. Ainda alli se encontram tijólos, pedras lavradas, restos de paredes, e outros vestigios.

Segundo outros escriptores, a cidade de Vacca, existiu proximo a Viseu, onde são as famosas *Cavas de Viriato*. (2.º vol., pag. 215, col. 2.ª) Vide *Viseu*.

Diz-se tambem que Vacca, foi o primeiro nome do rio Vouga.

O que é certo, é ser *vacca* corrupção da palavra arabe *bacra* — animal domestico bem conhecido. Vem do hebreu *bacran*, que tem a mesma significação.

VACCALAR — aldeia, Beira Alta, no termo da cidade de Lamego.

Em 26 de julho de 1720, proximo a esta aldeia, em um matto, cavando certo lavrador, achou uma nascente d'agua. Como padecesse dos olhos, lavou-os com esta agua, e se achou

---

[1] N'esse tempo andava accesa a guerra entre Castella e os Paizes Baixos, e os portuguezes soffriam as consequencias d'essa guerra (com que nada tinhamos) não só dando aos Filippes, soldados, levados á força, para irem morrer em Flandres, mas concorrendo com dinheiro e navios para aquella guerra, e perdendo uma bôa parte do Brasil, que os hollandezes nos tomaram, e que só reconquistamos depois da restauração.

curado. Constou isso no povo, e os que padeciam da mesma molestia, obtiveram com a lavagem n'esta agua, egual resultado.

Para que o manancial fosse mais abundante, cavaram mais profundamente, e acharam então restos de um edificio, construido de cantaria lavrada; prova de que em tempos remotissimos, houve aqui umas thermas, provavelmente romanas.

Dá-se a este manancial o nome de *Fonte de Santa Anna.*

Nunca foi devidamente analysada esta agua.

VACCARIÇA — antiquissima povoação da Lusitania, e cabeça do couto do seu nome. Hoje pertence ao concelho da Mealhada, commarca e 9 kil. a N. N. E. da Anadia. 17 hil. ao N. de Coimbra, 3 ao O. do Bussaco, 220 ao N. de Lisboa, 560 fogos [1].

Em 1757, tinha 400.

Orago, S. Vicente, martyr. Bispado de Coimbra, districto administrativo e 36 kil. a S. E. de Aveiro.

O Collegio dos frades gracianos, de Coimbra, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 reis de rendimento.

O rei D. Manoel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro, de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 149, col. 2.ª)

No mesmo dia, mez e anno, se deu foral á villa da Mealhada, e se acha na col. 2.ª de fl. 149 verso, do mesmo livro.

A villa da Mealhada, é no districto d'esta freguezia e fica 3 kil. a E. da Vaccariça.

Na palavra Mealhada, fica descripto o que pude saber, pertencente á villa d'este nome. Aqui só accrescentarei o seguinte.

Em uma terça feira, 9 de novembro, de 1880, logo pela manhan, um pavoroso incendio reduziu a um montão de ruinas a casa da camara d'esta villa, não sendo possivel salvar-se, nem o archivo da camara, nem o da administração do concelho.

—

Supponho que o nome d'esta freguezia vem do antigo portuguez *Vacariz*, ou *Vacaris*, que significa, *couro* de boi, ou vacca.

[1] A villa da Mealhada, tem uns 450 fogos, e o resto da freguezia, 110.

Fica esta freguezia, 12 kil. ao O. de Cantanhêde, e 15 a O. de Luso. O concelho confina com o de Mórtágua (Districto Administrativo de Viseu) do N. E — com os da Anadia e S. Lourenço do Bairro, ao N. — com o de Cantanhêde, ao O. — com o de Ançan (extincto) ao S. O. — e, finalmente, com o de Coimbra ao Sul.

—

O concelho da Mealhada — ou da Vaccariça, como ainda muitos lhe chamam — é composto dos antigos coutos de Aguim, Cazal-Comba, e Vaccariça, que todos já existiam antes do principio da nossa monarchia.

Este concelho era do Districto Administrativo de Coimbra, e, por decreto de 24 de outubro de 1855, passou para o d'Aveiro. Um decreto de 10 de dezembro de 1867, o extinguia, encorporando-o no de Anadia, mas não teve effeito. Hoje é um dos quatro julgados do concelho da Anadia. Tem estação telegraphica, no Bussaco. Era couto dos bispos de Coimbra.

Houve aqui, o famoso mosteiro duplex, denominado *Bobulense*, fundado em 541. Parece que foi primitivamente de eremitas de Santo Agostinho, e depois de monges benedictinos.

É provavel que os mouros consentissem na conservação d'este convento, mediante certo tributo, como praticaram com o de Lorvão e muitos outros; porque na era de 1002 (964 de J. C.) quando todas estas terras ainda estavam em poder dos mouros [1] o diacono *Sandino*, doou ao mosteiro da Vaccariça, as suas herdades de *Roças e Penso.*

Grande numero de outras valiosas doações foram feitas até aos principios do seculo XI.º a este mosteiro, que chegou a ser um dos mais opulentos d'este reino.

Em 1064, fizeram os monges um inventario de todas as villas, coutos, e aldeias que possuiam (a maior parte, entre o Mondego e o Vouga) e, apezar de se conhecer então a sua grande riqueza, ainda esta se foi augmentando com mais doações.

[1] Só foram arrancadas do poder dos árabes, por D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, em 1064 de J. C.

A egreja de São Salvador, de Coimbra, onde depois foi o *Collegio da Graça*, era *obediencia*, priorado ou hospicio, filial do mosteiro da Vaccariça, emquanto este não foi doado ao bispo de Coimbra [1].

Parece que no Bussaco, tambem houve um outro hospicio, pertencente a este mosteiro; porque nas obras que D. Manoel de Saldanha, bispo eleito de Viseu, e reitor da Universidade, mandou fazer no Bussaco, se se acharam vestigios de um antiquissimo e pequeno mosteiro.

D. Affonso VI, de Castella, Leão, Portugal, Galliza, etc, tinha feito governador de Coimbra, ao conde D. Raymundo, casado com a *rainha* D. Urraca, filha d'aquelle soberano, e irman da *rainha* D. Thereza, mulher do nosso conde D. Henrique. Este, conservou o cunhado no mesmo governo.

Em 13 de novembro de 1094 (de J. C.) D. Raymundo e sua mulher, doaram ao bispo de Coimbra e seu cabído, o mosteiro da Vaccariça, com todas as suas propriedades e rendas. N'essa doação se diz que este mosteiro «erat sub Regali, temporalique Potestate traditum.» O papa Paschoal II, confirmou esta doação, em 1101.

Os monges continuaram a viver no seu mosteiro, sob a obediencia dos bispos de Coimbra, até 1099, mas, desde esta data, não ha mais noticia d'elles. É provavel que costumados á sua antiga opulencia, se não quizessem sujeiar á pequena renda que o bispo e cabido lhes arbitraram, e abandonassem o mosteiro, hindo viver para outro da sua ordem.

Em 1557, o bispo-conde, D. João Soares, auctorisado por um breve do papa Paulo IV, de 22 de abril do mesmo anno, doou a egreja de S. Vicente, da Vaccariça, com as suas filiaes, *Luso*, e *Pampilhosa*, ao collegio de N. Snr.ª da Graça, de Coimbra, com todas as suas rendas. Os liberaes, venderam estas, em 11 de fevereiro de 1844, por 2:801$000 reis, a Manoel Ferreira de Azevedo, da Mealhada.

—

Hoje, do antiquissimo mosteiro da Vaccariça, nem o mais leve vestigio existe! Apenas consta, por tradição, ter sido fundado a 1 kilometro da villa, no sitio hoje chamado *Fieis de Deus*, logar sêcco e acanhado, e que a sua egreja (já então dedicada a S. Vicente, martyr) era a matriz da freguezia. É certo que por estas immediações têem apparecido, por varias vezes, differentes moedas antigas.

A actual egreja matriz, é um bom templo, de construcção moderna.

—

Carlos II, de Hespanha, morreu sem filhos, em 1700, deixando a coróa a seu sobrinho, Philippe, duque de Anjou, neto de Luiz XIV, de França.

O duque, foi acclamado, sob o nome de D. Philippe V, e assim se extinguiu em Castella a dynastia austriaca, pricipiando a de Bourbon, que ainda reina.

Varios principes da Europa se apresentaram como pretendentes ao throno castelhano, sem attenderem ao determinado no testamento de Carlos II, mas, por fim, só dous se resolveram a sustentar os seus direitos pelas armas. Foi o duque da Anjou, protegido pela maior parte da Hespanha, e pela França; e o archiduque Carlos de Austria, apoiado pela Allemanha, pela Inglaterra, a Hollanda, Saboia e Portugal, que a 16 de Maio de 1703, assignaram a famosa liga denominada *Grande alliança*, e que tanto sangue portuguez nos veio a custar.

Pouco depois que o duque d'Anjou foi acclamado em Madrid, o era o archiduque em Vienna d'Austria, a 12 de setembro do dito anno de 1703, sob o nome de D. Carlos III.

D. Pedro II, de Portugal, tinha annuido por ambição, á *Grande alliança*, porque n'aquelle tratado havia dous artigos secretos, pelos quaes o archiduque se obrigava a ceder ao rei portuguez, logo que subisse ao throno de Castella, as praças hespanholas de *Badajoz*, *Albuquerque*, e *Valença*

---

[1] No anno de 1093 «*em dias de D. Martinho Moniz, e de sua mulher Elvira Sesnandiz*» fez João Goudizendiz uma doação «*ad Aulam sancti salvatoris. Obedientiæ Vaccarizae, quæ est fundata in Colimbria Civitate, juxta illos Mirleus qui dicuntur.*» (Doc. original, do Cabido de Coimbra.) Para a significação da palavra *Mirleu*, vide 5.º vol., pag. 231, col. 1.ª

d'Alcantara, na provincia da Extremadura— e *Guardia, Tuy, Baiona* e *Vigo*, na Galliza; todas com suas fortalezas e respectivos territorios, *in perpetuum*. Alem d'isso, cedia tambem os direitos que tivesse, ou podesse vir a ter, nas terras das margens do Rio da Prata, na America.

O archiduque chegou a Lisboa a 7 de março de 1704, fazendo a sua entrada solemne, a 9. O que então se passou, a guerra que sustentámos com Castella e o seu resultado, fica extensamente narrado no 4.º volume, pag. 369, col. 1.ª e seguintes; aqui só tratarei do que diz respeito à Vaccariça.

Tinha o nosso D. Pedro II e o archiduque, resolvido que este entraria na Hespanha pela nossa provincia da Beira Baixa, e o rei quiz acompanhar o pretendente até a fronteira; pelo que, sahiu de Lisboa com uma faustosa e numerosissima comitiva, a 28 de março do dito anno de 1704, chegando a Santarem a 31, e alli esperou pelo archiduque, que chegou doente, e, como não melhorava, alli ficou tratando-se, sahindo D. Pedro II para o norte, a 3 de agosto.

Chegou a Coimbra a 8, sendo esperado na capella de N. Senhora da Esperança, pelo reitor da Universidade, D. Nuno Alvares Pereira de Mello (da nobilissima familia Cadaval) e os lentes — poucos, porque era tempo das ferias grandes — todos em carruagens, e o acompanharam até aos paços da Universidade, onde se aposentou.

A 17 do dito mez, foi publicado um decreto real, que concedeu seis mezes de ferias aos academicos do continente, e oito aos do ultramar.

Recebeu alli o rei, valiosos presentes. O cabido (*séde vacante*, por fallecimento do bispo-conde, D. João de Mello) lhe deu 4:800$000 reis, para a ajuda das despezas da guerra que se hia principiar — o reitor da universidade, para o mesmo fim, lhe deu seis contos de réis, tirados das rendas da Universidade. A camara e as freiras de Santa Clara, tambem lhe fizeram magnificos presentes de doces, aves, fructos, etc, que o rei distribuiu pelos fidalgos da sua comitiva.

Sahiu o rei e os que o accompanhavam, de Coimbra, a 23 de agosto, e n'esse mesmo dia foi dormir á Vaccariça. No dia seguinte (que era um domingo) foi visitar o mosteiro e cêrca do Bussaco, d'onde continuou a sua jornada.

Trez dias depois da sahida de D. Pedro II, entrou em Coimbra o archiduque (a 27) sendo esperado tambem na ermida de N. Senhora da Esperança, pelos mesmos que alli tinham hido esperar o rei portuguez, e com as honras que se costumam tributar aos legitimos soberanos.

Sahiu de Coimbra no 1.º de setembro.

Em quanto esteve na cidade, tambem recebeu valiosos presentes — O cabido, deu-lhe 50 grandes caixas de varios doces, 20 duzias de gallinhas, 13 duzias de perús, 4 duzias de carneiros, 30 patos, e 17 vitellas — O geral de Santa Cruz, deu-lhe 27 taboleiros de varias fructas, 12 caixas de assucar, 102 caixas de doces, de varias qualidades, 6 duzias de presuntos, e quatro grandes barris de manteiga. — A camara, deu-lhe 12 duzias de gallinhas, 4 duzias de perús, 4 duzias de patos, 2 duzias de carneiros e 12 vitellas.

Passou na Mealhada o resto do dia e a noite do dito dia 1.º de setembro, e no seguinte seguiu o itinerario do rei portuguez.

—

Pela villa da Mealhada, passam sempre as nossas pessoas reaes, todas as vezes que de Lisboa vão visitar as provincias do norte, e depois, no seu regresso á capital.

—

Em 23 de dezembro de 1876, por occasião de uma grande trovoada, cahiu um raio sobre o munumento do Busseco (inaugurado a 27 de setembro de 1873) esmigalhando a estrella de crystal que o encimava, e causando-lhe outras avarías.

—

Para tudo o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Bussaco, Luso* e *Mealhada*.

VADAMALLOS — Vide *Badamallos*.

VADE — freguezia, Minho, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 24 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 64.

Orago, São Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O abbade de Santa Maria d'Azias, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 reis de rendimento.

Fertil. Gado, caça e peixe.

Vide a freguezia seguinte.

VADE — freguezia, Minho, no mesmo concelho, comarca, districto administrativo e arcebispado, e as mesmas distancias, pois fica contigua á antecedente.

Orago, São Thomé, apostolo.

115 fogos.

Em 1768, tinha 81.

Os condes da Barca, apresentavam o abbade, que tinha 700$000 reis de rendimento annual — isto, segundo o *Portugal Sacro*; mas, na realidade, o rendimento d'este beneficio, orçava por um conto de reis aproximadamente. Era uma das melhores abbadias do arcebispado.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

Ambas estas freguezias formavam uma só, no principio da monarchia. Depois a segunda, separou-se da primeira, erigindo em matriz, a ermida, de São Thomé, que ficou sendo seu padroeiro.

O antigo nome d'estas freguezias (quando estavam unidas) era *São Pedro de Vaudi*. É corrupção do verbo árabe *bada* que significa principiar, começar etc. Era mais etymologico, escrever-se *Bade* (e é como os do Minho pronunciam.) Vide *Badim* e *Monsão*.

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, feitas em 1290, se achou que na freguezia de *S. Pedro de Vaadi*, se devassou o casal de *Pinham Verde*, que se escusava *per nem migalha, e da vida e gallinha e dado ao castello*.

Em vista d'isto, parece que houve aqui um castello de alguma importancia.

Teve annexa a freguezia de Covas. Ha n'esta freguezia a *Torre de Pousada* (talvez o *castello* de que fallam as referidas *Inquirições*) que foi de Fernão Velho de Araujo, e sua mulher, D. Anna Nunes Bezêrra, filha de D. Nuno Gonçalves Bezêrra, fidalgo gallego, casado com D. Isabel de Barros, da casa de S. Gil de Perre (hoje dos marquezes de Terena e Monfalim.)

D. Fernão Velho e sua mulher, são progenitores dos Araujos, do Minho. Seus filhos (do dito Fernão Velho e mulher) eram os padroeiros da egreja de Vade, e venderam o padroado e a *Torre de Pousada*, com sua quinta e dependencias, aos senhores (depois condes) da Barca.

Este D. Fernão Velho d'Araujo, era senhor das casas de Araujo e Lóbios, e dos coutos de Gindivi, Ojos, e Tormo, na Galliza.

Assassinando Lopo Soares, e commettendo outros crimes, fugiu para Portugal, deixando o que tinha na Galliza, a seu irmão, D. Gonçalo Rodrigues d'Araujo, que lhe deu em troca a quinta da Portagem, que depois foi de suas filhas, Dona Simôa de Araujo e Azevedo e Dona Maria d'Araujo e Azevedo, assim como a casa d'Araujo.

Esta Dona Maria, casou com Gaspar de Amorim Cerqueira Calheiros, que foram senhores da casa de Oliveira dos Arcos. Estes, tiveram, entre outros filhos, o leal portuguez Antonio de Araujo e Azevedo, que serviu em Tanger, e ficou captivo, na batalha de Alcacer Kibir. Resgatado por sua mulher, Dona Maria da Costa Tâveira, regressou a Portugal, dando acolheita em sua casa, a D. Antonio, prior do Crato, que alli esteve algum tempo escondido. Sabido por Filippe 2.º, o mandou prender, e parece que morreu na cadeia.

Teve de sua mulher, varios filhos, e entre elles, a Manuel de Araujo e Azevedo, fidalgo da casa real, intrepido guerreiro da Africa, e depois, da India, para onde foi com o vice-rei, conde da Vidigueira (bisneto do famoso Vasco da Gama) em 1622, e foi capitão de Malaca. Indo por embaixador ao rei do Achem, ahi foi martyrisado, em odio da fé.

Descendem d'estes Araujos, além dos do mesmo appellido, no Minho, os capitães-móres e monteiros-móres de Valladares; os senhores de Valle de Poldras, e Campellães (junto de Lisboa) e outras nobres familias da ilha de S. Thomé, d'Angola, do Brasil, da India, da Galliza, e da Hollanda.

Tambem descendem d'este tronco, as nobres familias Araujo Gama, d'esta provincia.

Tambem d'estes Araujos procede Dona

Luiza de Castro Moura Telles, mulher de D. Nuno de Mendonça, conde de Val de Reis, dos quaes foram filhos, D. Lourenço de Mendonça, conde de Val de Reis, e D. Ruy de Moura Telles, thesoureiro-mór da Sé d'Evora, sumilher da cortina, deputado da mesa da consciencia, reitor da Universidade, bispo da Guarda, e, por fim, arcebispo de Braga.

Vê-se pois que a actual e nobilissima familia Loulé, teve por ascendentes, os taes D. Fernão Velho de Araujo e mulher, Dona Anna Nunes Bezerra.

Os condes e senhores de Murça, são tambem da mesma procedencia, apezar de não terem nenhum dos appellidos dos seus progenitores.

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa e quinta das *Insuas*, da qual é actual possuidor, o sr. José Bento Pestana da Silva, um dos mais distinctos e esclarecidos cavalheiros do Minho.

Pestana, é um appellido nobre de Portugal, já conhecido no tempo de D. João 1.º, pelas valorosas acções do bravo e leal Gil Vaz Pestana, alferes-mór da cidade de Evora. Os Pestanás, trazem por armas — em campo de prata, trez coticas de purpura, em faxa — êlmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, armado de purpura. Alguns heraldicos, lhe dão um chefe, de azul, carregado de uma estrella. — Outros, põem-lhe as coticas em palla. — Outros Pestanas, trazem por armas — em campo azul, uma quaderna de crescentes, de prata. Outros, trazem — em campo de prata, 4 coticas de purpura, em faxa, e no canto direito do chefe, uma brica, de uma estrella verde, de 6 pontas, para mostrar que foram dadas a filho segundo.

—

VAGOS — villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, bispado e 11 kilometros ao S. O. d'Aveiro, 1 a E. do vasto areal que está ao S. da ria d'Aveiro, 72 ao S. do Porto, 42 ao N. O. de Coimbra, 40 ao O. de Oliveira de Azemeis, 45 ao S. da Feira, 3 a E. do mar, 6 ao S. d'Ilhavo, 2 a O. N. O. de Sousa, 18 ao N. de Mira, 254 ao N. de Lisboa.

1:200 fogos.

Em 1768, tinha 245.

Orago, S. Thiago, apostolo [1].

Os religiosos jeronymos, do mosteiro de S. Marcos, apresentavam o cura, que tinha 15$000 reis de congrua e o pé de altar.

Este concelho, comprehende apenas trez freguezias — Covão do Lobo, Sousa (ou Sóza) e Vagos, com 2:530 fogos.

Por decreto de 10 de dezembro de 1867, foi supprimido e annexado a Aveiro, mas não teve effeito este decreto.

Foi antigamente da comarca de Anadia.

O rei D. Manuel, lhe deu foral, em Lisboa, a 12 d'agosto de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, folhas 77 verso, col. 1.ª)

A villa, tem 250 fogos, e o resto da freguezia 950, ao todo 1:200.

Pela nova divisão judicial, forma um dos julgados da comarca d'Aveiro.

E' povoação antiquissima. Ignora-se qual fosse o seu primeiro nome. Os romanos lhe chamaram *Vacus*, e é, com pequena corrupção, o seu actual nome.

Ha poucos annos se achou uma ponte, construida de tijolos e argamaça, sobre um ribeiro que as areias das dunas entupiram completamente. Esta construcção denotava uma grande antiguidade, e se attribue aos romanos.

A ponte, dava passagem para as terras que demoram ao O. da villa, e estava perto do Sanctuario de *Nossa Senhora de Vagos*.

Nas muralhas d'Aveiro, mandadas construir pelo infante D. Pedro, filho de D. João 1.º, e regente do reino, na menoridade de seu sobrinho (depois genro) D. Affonso 5.º [2] havia uma porta, ao S., denominada *Porta de Vagos*, o que induz a acreditar que no seculo XV, era esta villa a principal povoação das immediações, ao S. d'Aveiro. Esta porta, ficava junto ao actual passeio publico.

Junto a Cantanhede, que fica 26 kilome-

---

[1] Vagos foi cabeça de um concelho antiquissimo. Foi supprimido, e passou a fazer parte do concelho de Sousa, mas em 1853, tornou a ser cabeça de concelho.

Tinha uma companhia de ordenanças, com seu capitão e subalternos.

[2] Vide *Alfarrobeira* e *Aveiro*.

tros ao N. E. de Vagos, tambem existe uma antiquissima ponte, que, de tempos immemoriaes, se chama *Ponte de Vagos*.

—

Houve n'esta villa algumas familias notaveis, o que se prova pelos differentes brazões d'armas que ainda se veem em varios edificios. As principaes, eram dos appellidos *Cardosos*, *Fonseca*, *Huets Bacellares*, *Brancos de Mello* (descendentes dos Guerras, de Condeixa a Velha, e que ainda aqui residem) *Loureiros* (que hoje vivem na quinta do Bispo) e *Fonsecas Guimarães* (que hoje residem em Farminhão, concelho de Viseu.)

—

A egreja matriz, é um templo alegre, muito bem conservado, e no maximo aceio, devido ao zelo do seu digno prior, o *Rev.mo sr. João de Miranda Ascenso*, um dos parochos mais illustrados d'esta diocese.

Admiram-se n'esta egreja primorosas obras de talha, no gosto moderno, e imagens de santos, de perfeita esculptura, principalmente a de Nossa Senhora da Agonía, de tamanho natural, que é de uma belleza e perfeição pouco vulgares.

—

Tem Misericordia. E' um edificio acanhado e em más condições, porém anda em construcção outro, mais vasto, apropriado e elegante.

—

O territorio d'este concelho é muito fertil. Exporta, em grande escala, arroz, feijão, milho, batatas e outros generos agricolas. Cria muito gado, e é abundante de peixe, da ria e do mar.

—

Ha no concelho 16 fabricas de breu, e 12 de louça de barro, ordinaria.

—

Vagos está hoje cortada por uma nova e optima estrada, a Mac-Adam, que passando pelo centro da villa, é a continuação da de Aveiro á Figueira da Foz.

—

Ha aqui uma ermida, dedicada a Santo André, que, segundo a tradição, foi egreja de um hospicio dos templarios. Não ha, porém, o minimo vestigio d'este hospicio — se é que elle existiu.

—

Os condes d'Aveiras, eram senhores donatarios d'esta villa, e depois o foram os marquezes de Vagos, como veremos adiante.

—

Em fevereiro de 1876, foi, pelo ministro das obras publicas, mandada construir a *ponte de Farêja*, sobre o rio de Vagos, na estrada do Bocco. Foi orçada esta obra em 780$000 reis.

—

Em junho do mesmo anno, a camara municipal d'este concelho representou ao governo, reiterando mais uma vez o pedido para se proseguirem os trabalhos para o saneamento do pantano existente entre *Mariolinha* e os *Cardaes*, cujas exalações deleterias são cada vez maiores, com grave prejuizo da salubridade publica. O governo (na fórma do seu *louvavel* costume) fez ouvidos de mercador fallido.

—

Em 2 de janeiro de 1872, principiou a construcção da formosa ponte, chamada de Vagos, entre esta villa e a d'Ilhavo, sobre a estrada n.º 34, de Aveiro á Figueira da Foz. (E' a que atravessa a villa.) Foi inaugurada a 27 de agosto de 1873.

Esta ponte é de um systema novo, da invenção do habil engenheiro do districto administrativo d'Aveiro, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, do qual, por varias vezes, com louvor merecido, tenho fallado n'esta obra.

Apresenta esta construcção um bellissimo aspecto, e é unica, no seu genero, em Portugal. E' mixta (de ferro e madeira) apropriada ao terreno em que está construida; e a uma perfeita solidez, reune incontestavel elegancia.

Foi custosissimo solidifical-a, em razão do sitio pantanoso sobre que assenta. Só a especialidade do systema obstou a que se gastassem sommas fabulosas, para o assento dos seus fundamentos.

Só esta obra dava um nome distinctissimo, entre os nossos engenheiros, ao sr. Silverio Augusto, se elle já o não tivesse ad-

quirido por outras muitas construcções de incontestavel merecimento e valia.

A direcção das obras publicas do districto, enviou á exposição da Philadelphia o modelo d'esta ponte, que foi alli muito elogiada pelos entendedores da materia.

Templo de Nossa Senhora da Conceição
Vulgo — Nossa Senhora de Vagos

E' incontestavelmente antiquissimo este Sanctuario, mas não se sabe com certeza a data da sua fundação : o que é certo, é ser, pelo menos, do tempo dos nossos primeiros reis. Se dermos credito, não só á tradição constante, mas a varios escriptores, deve-se esta fundação a D. Sancho 1.º, e portanto, foi entre os annos 1185 e 1211.

O *Santuario Marianno*, tomo 4.º, pag. 678 e seguintes, trata extensamente d'este Sanctuario ; mas, como são milagrosas todas as varias origens que, segundo as diversas opiniões que menciona, teve este templo ; e como no *seculo das luzes* (de petroleo . . .) poucos acreditam em milagres [1] direi apenas o que, sem intervenção de santos, se sabe a este respeito.

No reinado de D. Sancho 1.º, mas em anno que se ignora, um navio francez naufragou proximo ao sitio da *Vagueira*, e o capitão apenas poude salvar uma imagem da SS. Virgem, que trazia a bordo.

Escondeu-a em uma matta, chamada *do Soalhal*, a uns 4 ou 5 kilometros de distancia do mar, *e logo com alguns dos companheiros partiu para a villa de Esgueira, que era a povoação que lhe ficava mais perto* [2], *a dar parte ao parocho d'ella, para que, com a veneração que se devia á Senhora, tratasse de a ir buscar para a sua egreja.*

O parocho de Esgueira, acompanhado de muito povo, foi com muitos dos seus freguezes, e com o tal capitão, á matta onde este havia escondido a santa imagem, mas não lhes foi possivel encontral-a.

Soube isto D. Sancho 1.º, que estava então em Viseu, e logo marchou para Vagos, e, depois da busca mais rigorosa, deu com a imagem.

Mandou immediatamente construir uma formosa ermida, no sitio onde achára a Senhora, e perto d'ella, uma alterosa torre, para defender o Sanctuario e os romeiros, das surprezas dos piratas barberescos, que com frequencia invadiam as nossas costas, saqueando as povoações e levando captivos os seus habitantes.

Ainda no principio do seculo passado existiam de pé as suas quatro paredes principaes, tendo fóra da terra (da areia) mais de 13 metros, além do que já então estava enterrado. Era uma construcção robustissima. Ainda ha poucos annos, *alguem* demoliu grande parte d'estes restos venerandos, para com os seus materiaes construir uma casa!

Hoje, apenas se veem alli algumas paredes, de uns 4 metros de altura.

D. Sancho 1.º, applicou para a conserva-

---

[1] Nem uma unica vez, n'esta já tão extensa obra, *certifiquei* que era milagroso qualquer dos factos que menciono : digo apenas — «segundo a lenda» — «segundo a crença popular» — «é tradição» etc. — Pois mesmo assim, tenho sido por varios jornaes accusado de *milagreiro*, e comparado a frei Bernardo de Brito, de thaumaturga recordação.

[2] O que está sublinhado, é copiado textualmente do *Sanct. Marianno*, tomo 4.º, pag. 682. Não me conformo porém com isto.

A povoação que então havia mais proxima, era mesmo Vagos, que, como vimos, já existia no tempo dos romanos — *a ser esta a tradição* — Mas, suppondo que não existia então, ou que estava deserta, 6 kilometros ao N., estava a povoação de Ilhavo, que, segundo varios escriptores, foi fundada pelos gregos, no anno de 1372 antes de Jesus Christo (3.º vol., pag. 288, col. 2.ª) — A 11 kilometros, tambem ao N., estava Aveiro, a Talabriga dos celtas.

A ser certo o que diz frei Agostinho de Santa Maria (logar citado do *Sanct. Marianno*) passou o tal capitão francez por duas já então importantes povoações (Ilhavo e Aveiro) para ir a Esgueira, que fica ainda ao N. d'esta cidade.

Não era pois *a povoação que lhe ficava mais perto*. Fallaria mais certo, se dissesse, *a povoação mais importante* ; porque o era, na verdade, no tempo a que o auctor se refere.

ção d'esta ermida, e para o culto da Senhora, varias rendas e o senhorio do couto de S. Romão. (Vide 9.º vol., pag. 459, col. 1.ª)

Em breve correu por todo o reino a fama dos milagres da *Senhora de Vagos*, o que deu causa a frequentes romarias a este sanctuario.

Poucos annos depois de construida a capella, Estevam Coelho, fidalgo, natural da villa de Sandomil, hoje concelho de Cêa (8.º vol., pag. 389, col. 2.ª) soffrendo uma horrorosa lepra, e depois de esgotados todos os recursos da medicina, se dirigiu á ermida da Senhora de Vagos, da qual invocou o patrocinio, e com as suas orações (d'elle) e talvez com os banhos do mar — achou-se completamente curado, o que attribuiu á protecção da SS. Virgem; pelo que se decidiu a terminar os seus dias junto do Sanctuario, dedicando-se ao serviço da sua protectora, á qual deu tudo quanto possuia em Sandomil, e varias rendas que para esse fim comprou em Vagos.

Para sua residencia, mandou construir proximo á ermida, umas casas de que ha muito tempo não existem vestigios.

O Sanctuario com todas as suas rendas, passou a ser dependencia dos crusios de Grijó, por doação de D. Sancho 1.º, feita em 1202, como disse quando tratei da 2.ª *Sóza ou Sousa* [1] pelo que, o prior do mosteiro, punha aqui um dos seus frades, e um beneficiado, curado, para o culto da SS. Virgem. Tinham junto á ermida, casas para sua residencia, e aposento para um eremitão.

Nada d'isto hoje existe, porque, tanto a capella como as suas dependencias, foi tudo demolido, e os seus materiaes empregados na actual ermida. Estevam Coelho, que estava sepultado na antiga, foi trasladado para a nova.

—

No seculo XIII, houve uma sêcca por estes sitios, que durou quatro annos.

O povo da villa de Cantanhede, consternado com este flagello, recorreu á protecção da Senhora de Vagos, vindo o parocho com grande numero dos seus freguezes, em procissão de penitencia ao seu Sanctuario. A Senhora attendeu aos seus rogos, e a chuva veio em abundancia. Os de Cantanhede fizeram voto de vir todos os annos, na 2.ª oitava do Espirito Santo, em romaria, com a sua camara, á Senhora de Vagos, e aqui distribuirem um bôdo pelos seus parochianos pobres: voto que, apezar da descrença do seculo em que vivemos, ainda hoje se cumpre religiosamente, o que muito abona a devoção d'aquelle povo.

A' distribuição do bôdo, presidia a camara de Cantanhêde, em cumprimento de uma provisão regia; mas, desde 1862, deixou isso a cargo do parocho da villa (de Cantanhêde) que todos os annos, no dia do costume, e com a Cruz processional na frente, e acompanhado de mais de 3:000 dos seus parochianos, vem cumprir o antigo voto.

—

Uns 400 annos esteve a ermida no sitio onde foi primeiramente edificada; porém, as areias do Oceano, invadindo esta praia, hiam pouco a pouco enterrando o templo, de maneira que chegou a estar mais de metade sepultado.

Os devotos então, resolveram construir-lhe novo e mais amplo e elegante templo, no sitio actual, a 2 kilometros de distancia da villa, e 800 metros da primitiva ermida.

A imagem da padroeira, é de marmore (pedra de Ançan) de um metro e 20 centimetros de alto, e de boa esculptura, com o Menino Jesus no braço esquerdo, [1] e collocada no altar-mór, que é de boa talha dourada.

O templo é bastante amplo, com capella-mór e corpo da egreja, tudo de boa construcção.

---

[1] Rectifico aqui um êrro que não sei como escapou no tal artigo *Sóza* — col. 1.ª, linha 25 de pag. 459 — Onde se lê D. Sancho 2.º, deve lêr-se D. Sancho 1.º

[1] Vê-se pois que a invocação de Conceição não é propria d'esta imagem: se o fosse, não devia ter seu Divino Filho ao collo; todavia, assim é denominada, e é no dia da Immaculada Conceição da SS. Virgem (8 de dezembro) que se faz a sua principal festa.

Nas paredes interiores, se veem sete cruzes, de differente fórma e grandeza. Segundo a tradição, significa isto, ter sido o templo sagrado por sete bispos. Seria.

Quando estas terras ainda pertenciam ao bispado de Coimbra, vinha todos os annos o prelado em visita á Senhora, pelo que lhe dava o mosteiro de Grijó uma bôa *colheita*, a que era obrigado em vista de uma clausula da doação que lhes havia feito D. Sancho 1.º e os mais doadores do couto e rendas de S. Romão, como fica dito na 2.ª *Sóza*.

Os crusios de Grijó, eram, pelas doações referidas, obrigados á fabrica do templo, e seu augmento, conservação e culto; mas, como as doações os não obrigavam expressamente á conservação das residencias dos capellães e eremitão, já no principio do seculo passado estes edificios estavam em grande ruina.

Junto á torre de que fallei no principio d'este §, ha ainda alguns vestigios de uma antiga povoação. São os restos das casas que tinham aqui mandado construir os condes de Cantanhêde, para sua aposentação, quando vinham em romaria á Senhora, e para abrigo dos romeiros do seu condado. Os condes de Villa Verde tambem aqui mandaram construir umas casas, para quando vinham visitar a Senhora, no tempo que residiam no seu senhorio d'Angéja. Além d'estas casas, e das em que viveu Estevam Coelho, ainda havia outras, mandadas construir pelos moradores de Vagos.

—

Ha uma bulla pontificia que concede indulgencia plenaria a todos os fieis que visitarem esta Senhora, nove sabbados seguidos a contar do 1.º depois do dia de S. Miguel, archanjo (29 de setembro) e outra que tambem concede muitas indulgencias aos devotos que vierem aqui em romaria, nos dias da Conceição, Natividade, Encarnação, Purificação e Assumpção da SS. Virgem.

Antigamente, costumavam aqui vir muitas procissões (quasi todas em cumprimento de votos) de varias freguezias, sendo as principaes — Avellares de Cima — Covaes — Covão do Lobo — Danços (villa Nova d'Anços) — Mamarrosa — Mira — Oliveira do Bairro — Oyan — Sangalhos — São Lourenço do Bairro — Sóza — Troviscal — e Villarinho do Bairro.

Algumas d'estas freguezias ficam a 30 kilometros de distancia do sanctuario da Senhora.

Estas procissões tinham logar nos sabbados de agosto e setembro, recebendo então a Senhora muitas offertas de cêra, milho, trigo, e dinheiro.

—

Vou contar um facto, que tem todos os visos de milagre — se o não é.—

Em outubro de 1875, estavam as terras d'entre o Vouga e o Mondego extremamente sêccas, porque havia alguns mezes que não tinha chovido.

Os povos de Cantanhede e limitrophes, decidiram vir em romaria á Senhora de Vagos, e implorar-lhe a sua protecção para que Deus mandasse a desejada chuva. Em 11 do referido mez, pois, sahiu de Cantanhede úma devota procissão de penitencia, composta de mais de 1:200 fieis, que desde a sahida da egreja da sua terra até ao templo da Virgem, foram cantando a ladainha de Nossa Senhora. Chegados ao sanctuario e depois de darem trez voltas em volta d'elle, entraram na egreja e com a maior devoção imploraram o patrocinio da sua padroeira, havendo um compungente sermão e uma ladainha.

Os incredulos, podem rir-se, mas o que é certissimo, é que o tempo principiou logo a enevoar-se, e que, quando os romeiros chegaram a Cantanhêde, hiam alagados, por terem feito a maior parte da jornada debaixo de uma chuva torrencial.

Acaso! dirão os atheus; mas nós, que cremos em Deus, dizemos de todo o coração — PROVIDENCIA!

Mais alguns d'estes *acasos*, acontecidos modernamente, e que não são contados por frei Bernardo de Brito, mas presenciados por centenares de pessoas, tenho narrado em varias partes d'esta obra.

Marquezes de Vagos, condes de Aveiras.

1.º — *Duarte Anastacio da Silva Tello de Menezes*, 6.º conde e 17.º senhor de Avei-

ras, foi feito 1.º *marquez de Vagos*, por D. João 6.º, sendo ainda principe regente, em 14 de novembro de 1802. Foi seu filho —

2.º — *Nuno da Silva Tello de Menezes*, 2.º marquez de Vagos, 7.º conde d'Aveiras, e 18.º senhor d'estas duas villas. Foi gentilhomem da camara, de D. Maria 1.ª, e seu estribeiro-mór, no Brazil; mordomo-mór da princeza viuva, D. Maria Francisca Benedicta (a de Runa) grão cruz das ordens de Christo e Torre Espada; conselheiro do supremo conselho militar e de justiça; governador das armas da côrte e provincia do Rio de Janeiro; e marechal do exercito. Nasceu a 25 de outubro de 1746, e morreu a 12 de novembro de 1813. Foi sua filha e herdeira

3.º — *Dona Joanna Maria José da Silva Tello e Menezes Corte-Real*, 3.ª marqueza de Vagos, 8.ª condessa d'Aveiras, e 19.ª senhora das duas villas; nascida a 26 de fevereiro de 1781, e fallecida a 24 de abril de 1828.

Tinha casado, em 10 de setembro de 1815, com D. José de Noronha, que foi 3.º marquez de Vagos, etc.

Foi par do reino, em 1826; veador da dita princeza viuva, D. Maria Francisca Benecdita, e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 25 de fevereiro de 1793, e morreu a 24 de janeiro de 1834. Era 2.º filho dos 9.ºs condes dos Arcos.

Não tiveram nenhum filho varão, mas cinco filhas, que foram:

1.ª *Dona Maria José*, da qual adiante trato.

2.ª *Dona Leonor Maria*, nascida a 27 de abril de 1818.

3.ª *Dona Juliana Maria*, nascida a 12 de dezembro de 1819.

4.ª *Dona Barbara Maria*, nascida a 24 de julho de 1823.

5.ª *Dona Luiza Maria*, que nasceu a 21 de novembro de 1825.

—

Dona Maria José da Apresentação Pedro Regalado Balthazar do Pé da Cruz da Silva Tello de Menezes Corte-Real de Noronha (!) primogenita dos 3.ºs marquezes de Vagos, foi 4.ª marqueza do mesmo titulo, 9.ª condessa d'Aveiras, 20.ª senhora d'estas duas villas, nasceu a 21 de novembro de 1816.

Casou, a 26 de novembro de 1836, com D. Francisco Antonio de Noronha, nascido a 4 de outubro de 1815, e era filho dos 9.ºs condes de Valladares.

Foi-lhes confirmado o titulo, a 17 de dezembro de 1835.

Tiveram um filho unico, actual marquez, que é

José Maria Tello da Silva Menezes Corte-Real, nascido a 7 de agosto de 1838, e ao qual foi confirmado o titulo, a 28 de dezembro de 1863. E' pois, 5.º marquez de Vagos, 10.º conde de Aveiras, e 21.º senhor d'estas duas villas.

Condes de Aveiras

1.º — O 1.º conde de Aveiras, foi *João da Silva Tello de Menezes*, feito por D. Philippe 4.º, a 24 de fevereiro de 1640.

D. João 4.º, em 9 de fevereiro de 1650, confirmou este titulo, dando-o de juro e herdade, para todos os successores do 1.º conde, na fórma da lei mental.

Esta casa, tem varonia dos Silvas, descendentes dos antigos reis de Leão, na pessoa de Gonçalo Gomes da Silva, rico-homem, alcaide-mór de Montemór-o-Velho, embaixador a Roma, ao papa Urbano 6.º Foi 1.º senhor donatario de Vagos, Unhão, Gestaçô, Tentugal, Buarcos e outras terras.

Casou com Dona Leonor Coutinho, filha de Gonçalo Coutinho, senhor do couto de Leonil.

Morreu pelos annos de 1386.

Era este Gonçalo Gomes da Silva (que foi o primeiro senhor de Vagos) decimo neto de D. Ramiro 3.º, rei de Leão, e 8.º avô do 1.º conde de Aveiras.

Para evitarmos repetições, vêde, com respeito á nobilissima familia dos Silvas, o que disse no 9.º volume, a pag. 365, col. 2.ª e seguintes.

São ramos legitimos d'estes Silvas, os marquezes de Alegrête, de Penalva, de Niza, de Sabugosa, e de Ponte do Lima, — os condes de Unhão, de Villar-Maior, de Tarouca, de São Lourenço, e de São Thiago — os viscondes de Villa Nova de Cerveira, e outras nobilissimas familias de Portugal.

São da mesma procedencia, em Castella

os duques de Pastrana, e de Hijar — os marquezes de Orani, Melgar, Almenára, Elisêda, e Aguiar — os condes de Galve, e outros muitos individuos da 1.ª nobreza de Hespanha.

—

O 1.º conde de Aveiras, era 11.º senhor de Vagos e de Aveiras. Foi governador do Algarve e de Mazagão; vice-rei da India (para onde partiu, a 26 de março de 1640, e d'onde voltou, a 26 de agosto de 1646) do conselho de estado e da guerra, de D. Philippe 4.º, e de D. João 4.º; regedor das justiças; commendador d'Arouca, da ordem de Christo, e de Moguellas, da ordem de S. Thiago.

D. João 4.º o tornou a nomear vice-rei da India, o que acceitou, sob promessa de o rei o fazer marquez de um dos logares de que era donatario, e do officio de regedor; porém, morreu em Moçambique, em 1651, e al l jaz sepultado. (Tinha sahido de Lisboa, a 21 de abril de 1650).

Tinha casado com D. Marianna da Silveira, que falleceu a 15 de agosto de 1666. Era irman de Fernão Telles, 1.º conde de Unhão, e de Antonio Telles, 1.º conde de Villa-Pouca.

Teve varios filhos e filhas, o que se póde vêr nas *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Sousa, a pag. 308.

O primogenito — Diogo da Silva Tello de Menezes, depois de servir nas guerras de Flandres, acompanhou seu pae a Mazagão, e alli morreu em um combate contra os mouros, pelo que herdou os titulos, o filho segundo, que foi

2.º — *Luiz da Silva Tello de Menezes*, 2.º conde de Aveiras, 12.º senhor de Vagos e Aveiras; gentil-homem da camara de D. Pedro 2.º; regedor da casa da supplicação; e presidente da mesa da consciencia e ordens. Morreu a 20 de novembro de 1672.

Casou duas vezes — a 1.ª, com Dona Joanna de Portugal, filha de D. Alvaro Pires de Castro, 1.º marquez de Cascaes. D'este matrimonio nasceram muitos filhos, que estão descriptos na obra citada, a pag, 309 e seguintes.

Casou 2.ª vez, com sua prima, Dona Maria de Lencastre, viuva de D. Gregorio de Castello-Branco, 3.º conde de Villa Nova de Portimão, e filha de D. Lourenço de Lencastre, commendador de Coruche e de Dona Ignez de Noronha. D'este casamento, não teve geração.

Succedeu-lhe seu filho primogenito (do 1.º matrimonio).

3.º *João da Silva Tello de Menezes*, 3.º conde de Aveiras, e 13.º senhor de Vagos e de Aveiras — nascido a 17 de julho de 1648. Foi alcaide mór de Lagos; commendador de *São Salvador das Varzeas* (vulgo, Salvador, freguezia do concelho de Arouca) de Santa Leocadia de Moreiras, e de S. Pedro de Aguiar, todas da ordem de Christo — e da de Santa Maria d'Alcacer do Sal, da ordem de S. Thiago. Foi deputado da junta dos Trez Estados; presidente do senado da camara de Lisboa; regedor da casa da supplicação; e do conselho de estado e guerra. Morreu a 27 de abril de 1740.

Como presidente da camara de Lisboa, fez muitas e utilissimas obras n'esta cidade, que o padre D. Raphael Bluteau descreveu em elegantes elogios latinos.

Tinha casado com Dona Juliana de Noronha, filha de D. João da Costa, 1.º conde de Soure, e de sua mulher, Dona Francisca de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, 9.º senhor de Villa-Verde, e de Dona Juliana de Menezes, filha de Vasco Martins Moniz, senhor d'Angeja.

O 3.º conde d'Aveiras, teve entre outros filhos, Luiz, que foi o primogenito, e morreu menino.

4.º *Luiz da Silva Tello de Menezes*, filho 2.º dos 3.ºs condes d'Aveiras. Nasceu a 16 de setembro de 1682, e foi o 4.º conde de Aveiras, e 14.º senhor de Vagos e Aveiras. Foi do conselho de D. João 4.º; alcaide-mór de Lagos; serviu na guerra [1] sendo mestre

[1] Esta guerra foi a que houve entre o nosso D. Pedro 2.º, unido ao archiduque Carlos d'Austria, contra D. Philippe 5.º, de Castella, desde 1703, até 1713. (Vide 4.º vol., pag. 369, col. 1.ª, e *Vaccariça*.)

de campo do terço de Moura; tenente general, coronel e brigadeiro de cavallaria; general de batalha e mestre de campo general dos exercitos de Portugal; governador das armas de Traz-os-Montes, e depois, de Entre Douro e Minho; distinguindo-se sempre em toda a guerra, pelo seu valor e lealdade. Era commendador da ordem de Christo, e gentil-homem da camara do infante D. Francisco. Falleceu em Vianna do Minho, a 22 de março de 1741[1].

Tinha casado em 25 de junho de 1700, com Dona Maria Ignacia de Távora, dama da rainha Dona Maria Sophia, princeza do Rheno (*Rhin*) e 2.ª mulher de Dom Pedro 2.º —Dona Maria Ignacia de Távora, era filha de Francisco de Távora, 1.º conde de Alvôr, e de sua sobrinha e mulher, Dona Ignez de Távora, filha de seu irmão Luiz Alvares de Távora, 1.º marquez de Távora.

D'este matrimonio (do 4.º conde) nasceu Dona Maria, filha unica, que morrreu de tenra edade, pelo que lhe succedeu no condado e senhorios, sua irman (do conde.)

5.ª — *Dona Ignez Joaquina Anna Antonia Domingas Isabel de Hungria da Silva Tello de Menezes*, nascida a 27 de outubro de 1704, e falleceu a 20 de agosto de 1742. Casára a 13 de junho de 1720, com D. Duarte Antonio da Camara, gentil-homem da camara do infante D. Francisco, e depois, veador da rainha Dona Maria Anna, d'Austria; deputado da junta dos Trez Estados. Era 4.º filho de D. José da Camara, conde da Ribeira, e de sua mulher, Dona Constança Emilia de Rohan, filha de Francisco de Rohan, principe de Soubise e conde de Rochefort.

No dia das vodas, deu D. João 5.º, o titulo de conde d'Aveiras, com grandeza, a D. Duarte Antonio da Camara, que logo se cobriu diante do rei.

Foi o 5.º conde de Aveiras, 15.º senhor de Vagos e Aveiras; alcaide-mór da Amieira, de Beja e de Villa-Real (de Traz-os-Montes) commendador de S. Salvador de Triamonde, etc. Tiveram um unico filho, que foi

[1] O 1.º marquez de Távora, obteve este titulo (dado por D. Pedro 2.º) a 18 de agosto de 1669. Era conde de S. João da Pesqueira.

6.º — *Francisco da Silva Tello de Menezes*; nascido no 1.º de janeiro de 1723, em Lisboa, e foi baptisado na capella-real do palacio da Bemposta, sendo seu padrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro 2.º Falleceu em Salvaterra de Magos, em março de 1753.

Foi Francisco da Silva Tello de Menezes, 6.º conde d'Aveiras, 16.º senhor de Vagos e Aveiras, e de toda a mais casa de seus paes.

Casou, a 22 de outubro de 1743, com D. Barbara Josepha da Gama, filha dos 4.os marquezes de Niza.

D'este casamento houve 4 filhos:

1.º — *Duarte Anastacio da Silva Tello e Menezes*, nascido a 21 de agosto de 1745.

2.º — *Nuno da Silva Tello e Menezes*, nascido a 25 de outubro de 1746.

3.º — *José da Silva Tello e Menezes*, nascido a 26 de novembro de 1749.

4.º — *Dona Maria da Silva Tello e Menezes*, nascida a 27 de março de 1752.

O primogenito, Duarte Anastacio da Silva Tello e Menezes, foi o 1.º marquez de Vagos, como disse no principio d'este paragrapho.

—

As armas dos condes d'Aveiras, marquezes de Vagos, são — em campo de prata, um leão de púrpura, armado de azul, e por timbre, o mesmo leão das armas.

Alguns senhores da casa d'Aveiras, usaram por armas, uma silva, de côr verde, por bordadura do referido escudo.

VAIAMONTE — freguezia, Alemtejo, comarca de Monforte, conselho e 30 kilometros d'Elvas, 160 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1768, tinha 84.

Orago, Santo Antonio, de Lisboa.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

A mitra apresentava o cura, que tinha 220 alqueires de trigo, de rendimento annual.

Muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Foi tomada aos mouros, por D. Sancho 2.º, em 1240, dando-a logo a D. Payo Peres Correia, mestre de S. Thiago, para os cavalleiros da sua ordem, em recompensa dos grandes serviços que elles tinham feito e

continuavam a fazer para resgatar Portugal do dominio mourisco.

Esta freguezia ja está descripta sob o nome de *Ayamonte*, no 1.º vol., pag. 301, col. 2.ª, mas repeti-a aqui, não só por dar mais esclarecimentos a seu respeito, como para rectificar um erro que alli se lê; pois disse que era a 30 kilometros d'*Evora* (guiado pelo *Flaviense*) quando é a 30 kilometros d'*Elvas*.

VAIRÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 20 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 245 fogos.

Em 1768, tinha 183.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As freiras benedictinas do mosteiro d'esta freguezia, apresentavam o cura, que tinha 50$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro*; mas o *Catalogo dos Bispos do Porto* (pag. 400, col. 1.ª) diz que eram 130$000 reis.

—

E' povoação muito antiga, e já existia no tempo dos gôdos, mas não se sabe o nome que tinha então. O actual, é arabe, e lho deu um mouro, por nome, ou appellido *Bairam* [1] que foi senhor d'esta freguezia: entretanto, o documento mais antigo que encontrei d'esta terra, é do principio do seculo XII, como se verá quando tratar do seu mosteiro.

Não teve foral, novo nem velho. Apenas na gaveta 20, maço 11, n.º 19, da Torre do Tombo, existe a *minuta* para o foral que se lhe havia de expedir, na reforma dos foraes, pelo rei D. Manuel.

Fica esta freguezia situada em terreno levemente accidentado e fertilissimo, como são quasi todas as terras da provincia do Minho: cria muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra e outros logares, e é abundante de peixe do mar, que lhe fica uns 10 kilometros a O.; e do rio Ave, que lhe fica proximo.

A 2 kilometros de Vairão, fica *Guilhabrêu*, onde foi o solar dos *Mendes da Maia*, dos quaes procede o famoso Gonçalo Mendes da Maia (*o Lidador.*) Vide *Guilhabrêu*, e *Retorta*.

A egreja matriz, que é um templo sumptuoso, é a propria das religiosas, e tem mais de 770 annos de existencia; porém tem soffrido tantas reparações, que pouco existe hoje da sua fábrica primittiva.

Mosteiro

O mosteiro de religiosas benedictinas d'esta freguezia, foi fundado em 1110, por D. *Turriz Sarna*, e chegou a ter mais de 90 religiosas.

Em 1623, tinha 80. (*Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 400, col. 1.ª)

Desde a sua fundação, até meiado do seculo XV, foi duplex porém; as freiras requereram ao papa Nicolau 5.º (1450) sendo rei de Portugal, D. Affonso 5.º, que o mosteiro fosse só de freiras, o que lhes foi concedido, indo os frades para o mosteiro de Tibães, que era da mesma ordem, ficando apenas dous monges, dos mais velhos e virtuosos, para capellães; mas vivendo em casas separadas.

N'este tempo, e muito antes, e ainda depois, a maior parte dos conventos de freiras, estavam em grande relaxação; mas as religiosas de Vairão, foram em todos os tempos, exemplarissimas.

N'esta egreja — alem de outras menores — fazem-se annualmente duas grandes festas, uma a S. Bento, que é o padroeiro do convento, e outra a S. José: ambas muito concorridas.

---

[1] *Bairam*, é palavra árabe, e é o nome que os musulmanos dão a uma das suas festas principaes. Ha *grande* e *pequeno bairam*. O primeiro dura trez dias, e assemelha-se á *paschoa* dos judeus. Para evitarmos repetições, vide *Ramazão*.

Talvez alguns dos meus leitores não acreditem que os mouros tivessem por nome ou appellido, o titulo de uma das suas festas.

E' sem motivo o seu reparo; porque, entre os christãos, ha tambem os nomes proprios de *Paschoa*, *Paschoella*, *Paschoal*, *Paschoala*, etc. — e até o appellido *Quaresma*. (Para a origem d'este appellido, veja-se no 5.º vol., pag. 367, col. 1.ª)

Alguns documentos antigos existentes no archivo d'este mosteiro

1.º — Escriptura de venda, de algumas fazendas para este mosteiro, compradas por *Dona Pala* (*confessa, deo-vota*, residente no convento) por 50 *almorabitilis*, a Maria Gonçalves, no anno de 1110.

2.º — Escriptura de doação feita a este mosteiro, em 1120 (?)[1] na qual se diz — (traducção) — «Se alguem fôr contra esta doação, *seja excommungado e separado do corpo e sangue do Senhor, e maldito até á setima geração, e ao inferno vá pagar a pena com Judas, o traidor. E dous talentos de ouro; e o damno em dobro* DES CENTAS VEZES; *e ao senhor da terra doada, outro tanto. Et insuper anathema maranata, et septuaginta, et duas maledicciones* (!) Parece alludir ás maldições do capitulo 28, do *Deuteronomio*. (O que notou esta doação, era provavelmente algarvio).

3.º — Escriptura da venda que, em 1142, fez a abbadessa de Vairão, de alguns bens do mosteiro, a sua creada, Maria Pires, *deo-vota* «*pro illas* XX *almoravidiles, quos misimus pro illo Canto.*» Estes 20 maravidis, se deram a D. Affonso Henriques, por elle ter coutado o mosteiro e a freguezia, no anno antecedente (1141.)

4.º — Escriptura de emprazamento feita pela abbadessa e religiosas de Vairão, em 1285, de alguns casaes e a *hermida* ou *hermitagio*, de Santa Maria Magdalena, *qui est in Castro de Boi* — podendo os emphiteutas receber *omnes fructus reditus, proventos, directuras, servitir, loitosas et oblationes, et ofertas, quae venerint ad ditam Haeremitam, sive ad dictum Haeremitagium*: e que podessem (os emphiteutas) arrendar, o tal *heremitagio*, a quem muito bem quizessem.

5.º — obrigação feita, em 1289, pelo reitor de Santo Estevam de Gião (então annexa ao mosteiro de Vairão, e hoje parochia independente, e do mesmo concelho) de pagar a estas religiosas annualmente «dous moyos de milho, e dous moyos de *messe* (senteio) e hum moyo de trigo, por uma medida, que é chamada *teeyga*; a qual medida dixe que *syha soo altar dessa sha Egreja*. E dixe que essa medida, era uma pedra cavada. (Pia.) E dixe, que per essa medida avyam á dar os ditos cinquo moyos ao dito Moesteiro, per *trevudo*. (Tributo.)

6.º — Sentença contra D. Guiumar de Berêdo, filha de João Mendes de Briteiros, dada em 1330, por *sobedigom* (transgressão, excesso, culpa, infracção, etc.) contra o *degrêdo* (o decretado) no mosteiro de Vairão e seu couto; *hindo ahi pouzar e comer*. (!)

7.º — Prazo feito pela abbadessa d'este mosteiro, em 1525. N'elle impõe ao emphiteuta, a obrigação de pagar ao convento «*pellos santos e per janeiro, sseis ffeixes de feeno,*[1] *posto no dito Moesteiro. E de Loytosa, cada pessoa, outro tanto como a renda.*»

Muitos mais documentos existem no cartorio d'este mosteiro, que não copio, não só para não fazer este artigo mais longo, como por serem menos curiosos; e alguns por ilegiveis.

Tratando de Vairão, não posso deixar de mencionar o seu ultimo reitor, o R.mo padre *José Gomes de Moraes*. Nasceu este virtuosissimo sacerdote, na freguezia de Santa Lucrecia do Louro, concelho de Villa Nova de Famalicão, em 1803, e falleceu na sua residencia de Vairão, a 17 de fevereiro d'este anno de 1882.

Era este, o bom pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas (*Esse pastor bonus*) o verdadeiro typo do cura d'almas; que durante a sua longa e immaculada existencia, só deu exemplos de verdadeira virtude christan. Por isso, era adorado, não só pelos seus parochianos, mas por todos quantos o conheciam.

Foi commovente e edificante, a manifesta-

---

[1] Não está bem legivel o anno, mas parece ser o indicado no texto. O nome do doador, está ilegivel.

[1] Feeno — e mais antigo *feo* — é a rama de pinheiro, sêcca, e solta do ramo. Tem hoje em Portugal differentes nomes—Em Villa do Conde e immediações, dão-lhe o nome de *pruma* (pluma) e n'outras partes chamam-lhe *molíço, carva, agulha, carúma, maravalha*, e talvez outros nomes que eu ignoro.

ção de sentimento patenteada pelo povo da freguezia, na morte d'este dignissimo sacerdote. Todos os rostos se viam cobertos de lagrimas sinceras, mostrando assim, que o parocho virtuoso, attráe a estima e a dedicação dos seus parochianos e dos estranhos. Se todos os sacerdotes fossem tão exemplarmente virtuosos como o padre José Gomes de Moraes, bem mais querida e respeitada seria a Religião Catholica!...

VALANCIANA ou **VALENCIANA** — port. ant.— panno fino, de lan, que se fabricava no reino de Valencia (Hespanha.)— *Mandamos a Marinh'Annes V covados de valenciana, e huma touga* (touca) *e umas çapatas* (chinellas.)— Doc. da Sé de Lamêgo, de 1313.

VAL-BEM-FEITO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi da extincta comarca de Chacim, e supprimido concelho dos Cortiços) 65 kilometros de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisbôa, 138 fogos.

Em 1768, tinha 134.

Orago, Nossa Senhorá da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Diniz lhe deu foral, em Santarem, a 19 de janeiro de 1295. (*L.º 2.º de Doações do rei D. Diniz*, fl. 90, col. 2.ª)

Foi villa.

Está esta freguezia formosamente situada, junto á *serra de Bórnes* — tambem chamada *serra de Mel*, ou de *Monte-Mel*, em um delicioso valle, que lhe dá o nome.

É terra muito abundante d'aguas, e por isso muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado de toda a qualidade, e na serra ha abundancia de caça, do chão e do ar.

Em um ameno prado que fica á raiz da serra, e povoado de muitas e frondosas arvores, principalmente freixos, está a devota ermida de *Nossa Senhora do Freixo*, tão antiga, que se ignora quando e por quem foi construida. Diz-se que se lhe deu este titulo, porque a imagem da padroeira foi achada na cavidade do tronco de um grande freixo. É objecto de muita devoção dos povos d'estes sitios, que a festejam na 2.ª oitava da Paschoa da Ressurreição.

VAL-BEM-FEITO — logar, Extremadura, freguezia, 6 kilometros da Amoreira, concelho e 3 kilometros a O. d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha. (Vide a 3.ª Amoreira.) Fica este logar a 10 kilometros ao E. N. E. de Peniche.

Ha n'este logar, o mosteiro de frades jeronymos, que primeiro esteve nas *Berlengas*. (Vide esta palavra.)

Este convento, foi fundado na *Berlenga Grande*, pela rainha D. Maria, 2.ª mulher do rei D. Manoel, em 1512 (e não em 1500, como por más informações disse a pag. 389, col. 2.ª do 1.º volume.) [1]

Frei Gabriel, frade jeronymo, varão de muita virtude, e confessor da rainha D. Maria, é que pediu a esta senhora e ao rei, para que fundassem o tal mosteiro nas Berlengas (a que alguns escriptores chamam *Pharos*, e outros *Ericias*.) [2]

Por uma bulla do papa Leão X, expedida em 1513 (no 1.º anno do seu pontificado) foi nomeado prior d'este convento, o mesmo frei Gabriel, com a liberdade de escolher cinco religiosos da sua ordem, para primeiros habitadores do mosteiro, que a fundadora quiz que fosse da invocação de *Nossa Senhora da Misericordia*.

Vieram para aqui os frades, em 1514, e eram tão virtuosos e exemplares, que o convento se tornou um verdadeiro seminario de santos, muitos dos quaes sahiram das Berlengas, para reformadores, de outras ordens, nomeadamente da de Christo, de Thomar, e da dos bernardos.

Mas a vida d'estes santos religiosos estava arriscadissima n'esta pequena ilha. Os africanos saquearam o mosteiro por algumas

---

[1] D. Manoel, em 1500 ainda estava viuvo de sua 1.ª mulher, a rainha D. Isabel, viuva do nosso infante D. Affonso, filho de D. João II. — Só em 1501, é que casou (em Alcacer do Sal) com D. Maria, sua cunhada, irman da fallecida D. Maria.

[2] É provavel que de *Pharos*, venha o nome de *Farilhões* dado aos ilheus que estão ao N. O. das Berlengas.

vezes, e levaram captivos os frades que não fugiam a tempo.

Além d'isso, ateou-se a guerra entre a Hespanha e França, e posto que Portugal não tomasse a minima parte n'esta guerra, os navios de ambas as nações belligerantes que aportavam ás Berlengas, causavam grandes prejuizos e affiicções aos seus habitantes; principalmente os francezes calvinistas (cuja seita principiou por esse tempo) e que tudo roubavam aos frades e os maltratavam quando não davam áquelles piratas (por o não terem) tudo quanto lhes pediam.

Como se tudo isto fosse pouco, Henrique VIII, de Inglaterra, fez-se protestante, apostatando, e os seus marinheiros tambem faziam a estes frades, o que lhe haviam feito os calvinistas.

Queixaram-se os religiosos a D. João III, e a sua mulher a rainha D. Catharina, que lhes prometteram fundar-lhes um outro mosteiro, em sitio que os frades escolhessem, e estes, depois de precorrerem varios logares, escolheram um campo solitario, chamado *Val bem feito*, na freguezia da Amóra, e que pela sua êrma situaçã coonvinha á vida contemplativa.

Principiaram as obras em 1535, e em 1548 já para aqui vieram os frades, mas o novo mosteiro se dedicou a Nossa Senhora da Conceição e Misericordia. (Consta que a imagem da padroeira — que era a mesma que estava nas Berlengas — foi dada pela *senhoria de Veneza*, á rainha D. Maria, fundadora do primitivo mosteiro.) Tinha 1^{m},20 d'alto, e está com o menino Jesus no braço direito, pelo que era improprio chamar se da Conceição. De tudo isto, que existe hoje? Ruinas e devastações.

Expulsos os frades, em 1834, o governo pôz em almoeda a egreja, o mosteiro e todas as dependencias, que tudo foi vendido por 200$000 réis (!!!) *em papeis que valiam então 10 por cento!* O actual possuidor da egreja, edificio do mosteiro e suas officinas, cêrca, grandes pinhaes e outras propriedades, é o sr. Faustino da Gama, morador no *palacio das janellas*, freguezia de Santa Maria, de Obidos.

O edificio do mosteiro, está em ruinas, e da egreja, apenas restam as robustissimas paredes. Telha, armação, portas, janellas, etc., tudo foi roubado pelos vandalos d'estes sitios!

A torre, que é muito alta e de formosa cantaria lavrada, ainda existe; porque seria precizo gastar muito dinheiro para a destruirem.

Os sinos, foram para a egreja matriz de Amoreira; mas, não se podendo collocar na sua torre, foram para a egreja do Carvalhal d'Obidos.

Os muitos e riquissimos paramentos da egreja do mosteiro, foram distribuidos pelas freguezias circumvisinhas (com a singularidade de ficar a egreja da Amoreira sem um unico!)

Os bellos quadros a óleo, formosas imagens e ricas alfaias, tudo foi roubado!

VALBOM — freguezia, Minho, concelho de Villa Verde (foi da extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 18 kilometros ao N. de Braga, 65 ao N. do Porto, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 198 [1].

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Baldrêu, apresentava o vigario, que tinha 30$000 réis.

Pouco fertil, muito gado e caça grossa e miuda.

VALBOM — freguezia, Minho, na mesma comarca e concelho da antecedente (e tambem pertence á extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) e as mesmas distancias, 80 fogos.

Em 1768, tinha 97.

Orago, S. Pedro, apostolo.

O mesmo arcebispado e districto administrativo.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

As mesmas producções da freguezia antecedente.

---

[1] É o *Port. Sacro* que dá a esta freguezia 198 fogos em 1768; mas é certamente engano do auctor. Não podia a população diminuir mais de trez quartas partes, em 114 annos.

VALBOM — freguezia, Douro, concelho de Gondomar, comarca, districto administrativo, bispado e 5 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1768, tinha 309.

Orago, S. Verissimo.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o abbade, que tinha 750$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia vasta, muito populosa, rica e fertilissima, sobre a margem direita do Douro. Tem boas quintas e casas de campo, distinguindo-se entre todas, a magnifica vivenda do sr. doutor Albino Pinto de Miranda Monte-Negro, chamada a *Quinta das Sete Capellas*, um dos mais formosos sitios dos arredores do Porto. Vide *Sete Capellas*.

N'esta freguezia nasceu, pelos annos de 1250, o virtuoso *frei Gonçalo de Valbom*, geral da ordem dos menores, e varão de grande sciencia e santidade. Enviou Scoto á Universidade de Paris, para ahi defender publicamente o mysterio da Immaculada Conceição de Maria, que hoje é dogma da Egreja Universal, por disposição de S. S. o papa Pio IX, e que já era crença geral de todos os povos catholicos.

Frei Gonçalo de Valbom, foi assassinado pelos *espiritos fortes* d'aquelle tempo (que não podiam tolerar um homem de tanta santidade) a 14 de abril de 1313.

No logar da Lagôa, d'esta freguezia, ha a formosa ermida de Nossa Senhora da Conceição, á qual se faz em todos os annos uma brilhantissima festa, em um domingo de agosto.

Ha n'esta freguezia, duas fabricas de cortumes — uma tem 8 tanques e emprega 6 operarios — a outra (na Ribeira do Abbade) do sr. Julião de Freitas Guimarães, do Porto, está em construcção (agosto de 1882) mas já tem 20 tanques e egual numero de operarios. Virá a ter 56 tanques, quando estiver terminada a mudança da fabrica que o proprietario tinha no Esteiro de Campanhan, e que se está mudando para aqui.

Ha n'este Valbom, 30 officinas de obras de verga, empregando 120 operarios — e 35 officinas de marceneiro, empregando tambem 120 officiaes e aprendizes.

VALBOM — Vide *Trindade*.

VALBOM — aldeia, Douro, na reguezia e concelho de Baiam, e situada sobre a margem direita do Douro, em frente da freguezia de S. Christovam de Nogueira do Douro, que é na margem esquerda (ao S.) Vide *Bayão*.

Em 30 de abril de 1875, foi feito conde d'este Valbom, o sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.

VALBOM—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e bispado de Pinhel, 60 kilometros de Viseu, 300 a E. de Lisbôa, 88 fogos.

Em 1768, tinha 84.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855, da comarca de Trancoso, concelho de Pinhel. (Vide *Bugalhal*.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Houve aqui um mosteiro antiquissimo, de freiras benedictinas, que no seculo XVI, o arcebispo D. Diogo de Souza, uniu ao de Santa Anna, de Vianna do Minho.

Produz esta freguezia muito milho, porém bastante ordinario.— A producção de centeio, tanto d'esta freguezia como da de Sarzêda, é verdadeiramente assombrosa. Dos outros fructos, medeania.

VAL CÉRTO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Miranda (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Algoso) 30 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 34 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Algoso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia, foi supprimida no principio d'este seculo, e unida á de Algoso.

VAL D'AFFONSIM ou de **AFFONSINHO**— freguezia, Beira Baixa, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, comarca e bispado de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 90 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa, 60 fogos.

Em 1724, tinha 100.

Orago, S. Gregorio.

Districto administrativo da Guarda.

Esta freguezia, como muitas outras do Riba-Côa, foi até ao ultimo quartel do seculo XIII, do bispado de Ciudad Rodrigo. Veio para Portugal, com outras do Riba-Côa, em dote da rainha Santa Isabel, e ficou pertencendo ao chamado *Bispado Nôvo*. Depois, passou a ser do bispado de Lamego, e, por fim, do de Pinhel.

O abbade de Freixêda, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de congrua.

Esta freguezia, não vem no *Port. Sacro e Profano*, nem d'ella pude obter outros esclarecimentos. Escrevi ao parocho, e não me respondeu. (Não saberá escrever?)

VAL D'AGUIA — aldeia, Alemtejo, freguezia e concelho d'Aviz. É um logar muito ameno e formoso, com uma planicie povoada de frondosos sobreiros, correndo-lhe ao sopé, a ribeira do seu nome, orlada por ambas as margens, de álamos e faias.

Ha n'esta aldeia, a grande e formosa ermida de *Nossa Senhora da Rabaça* (ou Arrabaça) muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi construida. Junto ao templo, ha muitas casas, para acolheita dos romeiros.

VAL D'ALGOSO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro.) 25 kilometros ao O. S. O. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 15 fogos.

Orago, Santa Engracia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Algoso, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o insignificantissimo pé de altar.

Foi em tempos antigos, uma aldeia da freguezia de Algoso, que passou a ser parochia; mas, no fim do seculo XVIII, foi supprimida, e annexada á de Algoso. (Vide no 1.º vol., pag. 129, col. 1.ª)

VAL D'AMOREIRA (ou *Val de Moreira*)— freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado, e 24 kilometros da Guarda, 310 ao E. de Lisbôa, 55 fogos.

Em 1768, tinha 24.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção, (o *Port. Sacro e Profano*, diz que é Nossa Senhora da Annunciação.)

O padroado real, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Pertenceu esta freguezia, ao antiquissimo concelho de Valhêlhas (hoje supprimido) de cuja capital dista 8 kilometros.

Está situada em uma quebrada da serra da Estrella, sendo, portanto, o seu clima excessivo, mas saudavel. É pouco fertil, porém muito abundante de gado (principalmente miudo) e na serra ha muitos lobos, alguns porcos montezes, *zôrros* (rapozas) coelhos, lebres, etc.

Passa aqui a estrada de Manteigas.

Em maio de 1847, o general realista Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas (vide Vella) com uma numerosa guerrilha de beirões, estava em Manteigas, quando inopinadamente se viu cercado por numerosas forças cabralistas, que esperavam o dia seguinte para aprisionar toda aquella gente.

O Póvoas, mandou accender algumas fogueiras, em differentes pontos, e quando o inimigo contava, pela manhan, com uma prêsa facil e segura, tinha-se o Póvoas safado com todos os seus, por esta freguezia do Val da Amora, em direcção a Lamégo, e de lá á Régua, hindo reunir-se ás forças da junta, do Porto.

Os cabralistas, quando desceram a Manteigas (que é uma cóva) apenas acharam as fogueiras, já extinctas: a gente do Póvoas, estava longe.

Foi uma bella e aventurosa retirada!

VAL D'ANTA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 3 kilometros de Chaves, 90 kilometros ao N. E. de Braga, 480 ao N. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 78.

Orago, S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O prior de Chaves, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Na aldeia do Cando, d'esta freguezia, ha a ermida de Nossa Senhora da Lapa (ou da

Assumpção da Lapa) fundada em 1678, pelos moradores da aldeia, sendo os que mais concorreram, Sebastião Alves, e Manoel Gonçalves Lizes, alferes da cavallaria de Chaves.

Principiaram as obras em janeiro d'aquelle anno, e logo a 21 de novembro se benzeu a ermida e se fez a primeira festa á padroeira.

É um templo de amplas proporções, que podia servir de matriz a uma bôa freguezia.

A festa da Senhora, faz-se na 2.ª oitava do Espirito Santo, e foi, em outro tempo, concorridissima.

VAL D'ARNEIRO — Vide o 2.º *Rebordêllo.*

VAL D'AROUCA — antigo nome da actual freguezia de Urrô, da comarca e concelho d'Arouca.

VAL D'ASNES — villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi cabeço do couto do seu nome, extincta comarca de Chacim, e — tambem extincto — concelho dos Cortiços.) 70 kilometros ao N. de Miranda, 450 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 110.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Bornes, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

O seu antigo nome, era *Val d'Asnas*, e é como está escripto no foral que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 11 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 24 vs. col. 2.ª)

Ha em Portugal varios logares com o nome de *Val d'Asnas*, *Val d'Asnes*, e *Val d'Asnos* — que é o mesmo que dizer, *Val das Burras*, e *Val dos Burros*!

VAL D'AUFRAGIA — formosa e fertil planicie, Douro, entre as freguezias de Sandim e Taréja, comarca e concelho de Felgueiras.

O *Breviario Toledano*, lhe dá o nome de *Vallem Aufragiam*. Diz-se que n'este valle existiu a famosa cidade de *Aufragia*, que Al-Coraxi, rei mouro de Sevilha, destruiu em 965. (Vide *Aufragia.*)

Muitos escriptores antigos, e modernamente, o padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, e frei José de Santa Maria, na *Vida e martyrio da insigne virgem e martyr prodigiosa, Santa Quiteria*, sustentam, com bons fundamentos, que a tal cidade de Aufragia, existiu proximo a Pombeiro, de Felgueiras, e no dito Val de Aufragia, e não em outra qualquer parte; porém (como em todas as povoações antigas, com os nomes eguaes) pretendem outros que Aufragia existiu junto á villa de Pombeiro, do concelho d'Arganil. Ha ainda outra razão para o equivoco — é dizer-se que aos povos d'estes dous logares, se dava o nome de *columbarios*. Se isto é exacto, não vem de exploradores de minas de chumbo e estanho, que então deveria dizer-se *plumbarios;* mas de *Columbarium* (Pombal.) Vide *Dictionaire des antiquités romaines*, por *Anthony Rich.*

Tambem se chamavam *plumbarios* aos povos de Aramenha, Marvão, e suas immediações, no Alemtejo. Vide 5.º vol., pag. 117, col. 2.ª, ultimo periodo e pag. seguinte.

Devemos porém reflectir, que no Val de Aufragia, de Riba Visella (antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho, e hoje Douro) não ha — que me conste — vestigios de lavra de minas de chumbo — e junto ao Pombeiro, de Arganil, ha as celebres galerias, a que o povo dá o nome de *Furados*, que parecem ter sido minas metalicas, pelo que, é possivel que aos povos d'aqui se désse o nome de *plumbarios*: todavia, o nome de *Pombeiro*, dado a ambas as povoações, torna mais provavel que o seu antigo nome fosse *columbarios*.

Temos outra causa da confusão dos escriptores de historia e chorographia. No Pombeiro de Felgueiras (ou Riba Viseila) em um monte proximo á povoação, está a antiquissima ermida de Santa Quiteria (uma das nove irmans bracharenses.) Para evitarmos repetições, vide 7.º vol., pag. 157, col. 1.ª — e no Pombeiro de Arganil, ha um monte, entre os logares da *Chapinheira* e *Salgueiral*, no qual existe a antiquissima ermida, gothica, dedicada a Santa Quiteria [1].

---

[1] Junto a esta ermida, se faz uma concorridissima feira e grande romaria, no 1.º de novembro de cada anno.

Na minha humilde opinião, esta circumstancia nada prova a favor dos que pretendem que *Aufragia* fosse no termo de Arganil (ou mesmo em Arganil, como querem outros.) Podia o povo d'aqui, dedicar uma — ou mais — ermidas, á santa bracharense, ou a outra de egual nome, alemtejana. Vide 5.º vol., pag. 499 e 501.

Até mesmo no *Martyrologio*, ha outras santas Quiterias, sem serem portuguezas, a qualquer das quaes, os povos da Beira podiam erigir quantas ermidas quizessem.

—

Ainda os que presistem em affirmar que a cidade de Aufragia existiu no territorio de Arganil, se fundam em que junto a este Pombeiro, ha um valle, ao fundo da encosta que sobe para o referido logar do Salgueiral, a que o povo dá o nome de *Adafroia*, ou *Defroia*, e que esta palavra é corrupção de *Aufragia*, nome de uma cidade que existiu aqui! Eu não acho similhança nenhuma entre *Aufragia* e *Adafroia* — mais me parece assemelhar-se com o adjectivo árabe *Alafroii* (irado) que tambem era appellido de uma familia mourisca. Tambem póde muito bem ser corrupção do portuguez *A-da-Frôila*[1]. Nós temos povoações denominadas, *A dos Cunhados*, *A dos Francos*, *A dos Ruivos*, etc. Quanto mais — admittindo mesmo que Adafroia seja corrupção de Aufragia, que duvida póde haver em existirem na Lusitania duas Aufragias?—Não houve na peninsula umas poucas de *Carteias*, e varias *Citanias?* Hoje mesmo, não temos duas *Mirandas*, duas *Viannas*, dous *Montes Mores*, etc., e grande numero de freguezias com nomes exactamente eguaes?

Em conclusão — d'aquelles remotissimos tempos, nada temos em livros ou *memorias*, tudo são lendas ou tradições, quasi sempre mentirosas ou exageradas. O *Itinerario*, de Antonino Pio, só menciona as povoações por onde passavam as vias militares romanas, e nada mais. As innumeras e valiosissimas obras *antigas*, pouco remotam além dos tempos gothicos, e muitas d'ellas, estão cheias de *milagres* e *lendas*, que lhes fazem perder o credito. Em tal caso, não ha remedio senão repetir o que disseram os antigos escriptores, ainda que muitos factos nos pareçam inverosimeis.

Vide *Arganil*, *Aufragia*, e os dous *Pombeiros*.

VAL DA AVÓ — Douro, parte da cordilheira que com diversos nomes se estende (de S. a N.) entre as villas de Arouca e Sobrado de Paiva, na distancia de 18 kilometros, hindo finalizar na grande aldeia do *Castello*, freguezia de Fornos, do concelho de Paiva, sobre a margem esquerda do rio Douro.

A serra do Val da Avó, é notavel por um écco que ha alli. Repete clarissimamente um verso de 10 syllabas, com as *mesmissimas* entonações.

Ha tambem aqui uma mina de ferro, que se não explora, por estar em más condições de transporte, e a 12 kilometros do rio Douro.

Ao O. N. O. d'este sitio, e a uns dous kilometros, ha uma grande mâmoa, que por milagre (ou porque o povo a julga um outeiro natural) ainda não foi arrombada, para vêr se continha *thesouros encantados*.

VAL D'AZARES — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 169.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O prior de Santa Maria, de Celorico, apresentava o cura, que tinha 4$000 reis de congrua, e o pé de altar.

Val d'Azares, significa, *Val das batalhas*. Vide *Ancora*.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE BÉSTEIROS — Beira Alta — é o antigo nome do actual concelho de Tondella, e que ainda se emprega vulgarmente.

Para se saber o que é o formoso e feracissimo Val de Bésteiros (evitando repetições) vide no 1.º volume, pag, 393, col. 1.ª, o 3.º *Bésteiros* — e a pag. 595, col. 1.ª, *Bés-*

---

[1] Tambem póde vir de *Alda-Frôila* = nomes de mulher *Alda* = e *Frôila*.

teiros, e todos os mais logares do mesmo nome, até pag. 397, col. 1.ª

O valle, tem 2 kilometros de comprido, de E. a O., e um kilometro de largo, de N. a S.

VÁL DE BOI — Vide 2.º vol., pag. 79, col. 2.ª

VAL DE BOI — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa (foi do extincto concelho de Freixo de Numão, comarca de S. João da Pesqueira) 65 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 53 fogos.

Orago, Santo Amaro.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Freixo de Numão, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 200$000 de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia, foi annexada, no principio d'este seculo, á de Freixo de Numão, d'onde era filial.

VAL DE BOURO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 133.

Orago, São Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino, do convento de Pombeiro de Riba Visella, apresentava o vigario, que tinha 500$000 reis de rendimento annual.

Mesmo como parochia, é povoação antiquissima, como se vê das *Inquirições reaes*, mandadas fazer por D. Affonso 3.º, em 1258. Era então senhora d'este logar, uma *Dona Stevainha*. (*Stevainha*, ou *Steveinha* — em latim *Stephania*, diz-se hoje *Estephania*.)

VAL DE CAVALLOS — freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Ulme) 95 kilometros a N. E. de Lisboa. 245 fogos.

Em 1768, tinha 209.

Orago, o Espirito Santo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

O prior de Marvilla (Santarem) apresentava o cura, que tinha 4 môios de pão meiado por anno.

Está a freguezia na margem esquerda do Tejo, em uma fertil e alegre planicie: e é abundante de peixe de agua doce, do mesmo rio, e por elle lhe vem tambem peixe do mar, que lhe fica 115 kilometros a O.

Produz muito e bom vinho, e são famosos os seus melões e melancias.

Era da casa das rainhas.

Vide *Chamusca*.

VAL DE CHELLAS — Sitio, Extremadura, 3 kilometros a E. de Lisboa, na freguezia do Beato, concelho dos Olivaes. Vide *Chellas*.

A pag. 287, col. 1.ª e seguintes, do 2.º vol., tratei extensamente do mosteiro e aldeia de Chellas, a que só accrescentarei que a ultima religiosa d'este convento, morreu a 13 de junho de 1878, e que o edificio está hoje transformado em collegio de missionarios para o Ultramar.

Tratemos agora do seu valle, que é digno da maior attenção dos archeologos e geologos.

E' evidentissimo que por muitos seculos o mar cobriu esta planicie, que se estende de N. a S., a 1 kilometro das barreiras da Cruz da Pedra (Lisboa). Principia junto á margem direita do Tejo, entre os mosteiros, da *Madre de Deus*, e *S. Francisco, de Xabregas*. Ha n'elle formosas casas de habitação, e nas collinas que o cercam, optimas quintas.

Ainda no seculo VII, o Tejo cobria todo este valle, como vimos no artigo *Chellas*.

E' este valle, muito aprasivel e offerece lindas vistas a quem o contempla de qual quer das alturas que o cercam e dominam.

Quasi no fim do valle, ergue-se o mosteiro de S. Felix e Santo Adrião, que foi de freiras conegas regrantes de Santo Agostinho (Cruzias) e junto d'elle, o logar de Chellas. (Vide *Beato*).

Consta que o primeiro nome d'esta planicie, foi *Valle de Achiles*, como disse na palavra *Chellas*, onde dou a razão por que se lhe deu tal denominação. O que é certo, é que nos seculos XII, e seguintes, até ao XV, se chamou *Valle de Acheles*.

Frei Luiz de Sousa, frade dominicano, e

um dos nossos primeiros classicos, diz que na doação que D. Sancho 1.º fez ao mosteiro de Chellas, proximo a Lisboa, na era de 1230 (1192 de J. C.) se lê — *Facio fratribus Sancti Felicis de* ACHELIS, etc.

Da *postilla*, junto áquella doação, feita por D. Affonso (depois 2.º) filho de D. Sancho 1.º, se diz — *Et concessit fratribus Sancti Felices de* ACHELIS, etc.

Domingos Rodrigues, faz uma doação a este mosteiro, datada de Lisboa, na era de 1267 (1229 de J. C.) e n'ella se lê — *In Monasterio Dominarum* ACHELIS, etc.

Uma procuração feita por Tareja Fagundes, prioreza do mosteiro, feita em 1330 (1292 de J. C.) se dá a este logar o nome de ACHELAS; mas talvez seja erro de copia; porque ainda no anno de J. C. de 1311, se chamava *Chelis*, como se vê no epitaphio seguinte, que está em uma campa do mosteiro:

II KAL. DECEMB. OBIIT
A. MARIA DOMINICI DE
COUTOS, DOMINA DE ACHELIS,
ERA MCCCLIX.

Em outras varias campas de religiosas d'este mosteiro, se dá ao logar o nome de *Achelis*, como se póde vêr na *Fundação, antiguidades, e grandezas de Lisboa*, do capitão Luiz Marinho de Azevedo, a pag. 6, do livro 2.º [1].

—

Em uma quinta d'este valle, que foi do licenciado Antonio Coelho Gasco, juiz dos orphãos de Lisboa, se lê a seguinte inscripção:

D. M.
JULIAE LABERNARIAE
C. JULIUS SILVANUS
JULIA GLAVEA
PARENTES
F.

(Dedicada aos deuses dos mortos. Caio Julio Silvano e Julia Glaveia, fizeram pôr esta sepultura, a Julia Labernaria, sua filha.)

E' provavel que lhe falte a ultima inha

H. S. E. S. T. T. L.

—

Advirto aos meus leitores, que, para completa intelligencia d'este artigo, é precizo lêr os artigos — *Beato, Chellas, Grillo, Marvilla, Val do Tejo*, e *Xabregas*.

VAL DE COELHA — Villa, Beira Baixa, concelho de Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 24 kilometros de Pinhel, 355 ao E. de Lisboa. 60 fogos.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

E' no Riba-Côa. Foi do chamado *Bispado Novo*: depois passou para o bispado de Lamego; mas, em 1770, passou para o de Pinhel, então creado.

Pertenceu ao real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ao qual os bispos de Ciudad Rodrigo deram esta freguezia; ficando os cruzios seus padroeiros, e apresentando o cura, que tinha 60$000 reis de rendimento annual.

Esta freguezia fica a 7 kilometros de Almeida, e junto á raia de Hespanha, e seus moradores fugiram todos, em 1762, por causa da guerra que então havia com os hespanhoes, em consequencia do *Pacto de familia* e que só terminou pelo tratado de paz, de 10 de fevereiro de 1763, entre Portugal, Hespanha, França e Inglaterra.

O conde de Reilli nos tomou Almeida, por capitulação, em 25 de agosto de 1762, e na vespera tinha mandado queimar as portas da egreja d'esta freguezia, saquear a povoação; e as imagens do Senhor e da SS. Virgem (que os castelhanos haviam tirado da egreja) appareceram depois, longe d'ella, em uma esterqueira!

Feitas as pazes, tornou o povo para suas casas, e os conegos de Santa Cruz de Coimbra aqui vieram consolal-o, provêl-o de cereaes e reparar a egreja.

[1] Eu supponho que *Chellas*, é palavra gallo-celta. Na França, ha a povoação de *Chelles*, 36 kilometros a E. de Paris — *S. Cheli d'Apchen*, a 36 kilometros ao N. de Margevols — e *Chelin d'Autzac*, no Aveiron. *Chella*, é tambem um vasto territorio (planalto) da Africa Occidental, proximo á nossa villa de Mossamedes. Em Portugal ha varias povoações com o nome de *Chello*. O que é certo, é ser *Cheli* nome proprio de homem. *Chella*, talvez seja nome de mulher.

Esta freguezia, em 1724, tinha 70 fogos, e era da comarca de Trancoso, tendo sido anteriormente da de Pinhel.

Dista de Lamego 100 kilometros.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro.*

—

No dia 6 de julho de 1876, pelas 9 horas da manhan, estando o parocho d'esta freguezia a conversar n'uma casa proxima da egreja, com o regedor, na occasião em que uma medonha trovoada pairava por estes sitios, foram ambos fulminados por um raio, ficando instantaneamente mortos. Outras pessoas ficaram assombradas, e só algum tempo depois se restabeleceram.

VAL DE COLMEIAS — sitio, Douro, na freguezia de Fajão, concelho da Pampilhosa, comarca d'Arganil.

Ha n'este sitio um abundante manancial d'aguas ferreas, junto ao logar de *Cavalleiros de Baixo.*

Ainda não foram analysadas.

VAL DE CORDAS — Vide o 2.º *Pombal.*

VAL DO DOURO — «Consideraremos, pois, todo o extenso Val do Douro portuguez, dividido em trez partes, ás quaes facilmente assignaremos os limites.

«Corre a primeira, desde a foz de Agueda, na fronteira hespanhola, até ás *portas* graniticas do celebre *Cachão da Valleira.* E' esta, o *Douro Superior.* — A 2.ª, acha-se comprehendida entre os granitos do Cachão da Valleira e as serras, que, continuando as cumeadas do Marão (a 1:422 metros de altitude) se unem, atravez do rio, com os pincaros do Monte-Muro, do lado da Beira, que se elevam á 1:097 metros. Esta região é conhecida com o nome de *Alto-Douro,* desde os primeiros tempos em que se tornou célebre, pelos seus preciosos vinhos. Passadas as formidaveis barreiras, que terminam ao O. a região anterior, entra-se n'aquella parte do valle, que podemos chamar, o *Douro Inferior.* N'esta região, que muito differe das anteriores, levantam-se logo, desde a margem do rio, de um e outro lado, graciosos outeiros, cobertos de soutos frondosos e bastos e odoriferos pinhaes, que revelam aptidão agricola muito diversa d'aquella que manifestam as regiões antecedentes. Aqui, a severa fisiognomia d'estas, vae-se pouco e pouco transformando na paizagem amêna e viçosa, das terras do Minho e da Beira maritima.»

. . . . . .

«Entre as ruinas das antigas eras, apenas vemos, sobranceiras ao rio, as que se denominam de *Caliabria,* coroando um môrro, proximo de São Sibrão, do lado da Beira — e, mais acima, da parte de Traz-os-Montes, em frente da raia hespanhola, as do velho *castello d'Alva,* e ambas estas, n'um estado tão adiantado de destruição, que já nada offerecem de magestoso, nem de pittoresco.

«As condições physicas do solo e do clima, não apresentam, como já dissemos, differenças muito sensiveis, tanto no Douro Superior, como no Alto Douro. Porém, n'esta ultima região, o aspecto das multiplicadas vinhas, que em toda a sua extensão vemos trepando em amphitheatro, até aos ultimos andares dos seus montes, e a frequencia das casas e officinas agricolas, alvejando por entre as verduras, em diversos pontos das encostas, indicam logo mais vida, actividade e riqueza, e, sobre tudo, denunciam que uma especialidade agricola — a viticultura — caracteriza e domina aquella região, etc.»

. . . . . .

«E' grande a variedade das perspectivas que a cada momento nos surprehendem a cada inflexão do rio : umas vezes severas, arrogantes e tristes ; outras vezes, alegres e graciosas, mas sempre nobres e magestosas.»

. . . . . .

Este artigo foi copiado da formosa e magnifica obra, *O Douro Illustrado,* do sr. Luiz Claudio de Oliveira Pimentel, feito visconde de Villa Maior, em 15 de julho de 1861. Peço desculpa ao illustrado escriptor, de lhe cortar muitos periodos revelando grande elegancia e profundos conhecimentos agricolas e geologicos, ao que fui obrigado, não só pela natureza d'este diccionario, como por que parte d'essas noticias já se acham referidas, em differentes logares d'esta obra, nas localidades a que dizem respeito.

VAL D'ÉGUAS *ou* **VAL DAS ÉGUAS** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho

do Sabugal (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villar-Maior) 120 kilometros de Lamego, 300 ao E. de Lisboa, 48 fogos.

Em 1768, tinha 45.

Orago, São João Degolado (o *Port. Sacro*, diz que é S. Sebastião).

Bispado de Pinhel (foi do bispado de Lamego).

Districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave (do Sabugal) apresentava o cura, que tinha 40$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro*; mas a *Hist. Eccles. de Lamego*, diz que eram 50$000 reis. Este livro, diz tambem que o orago é São Sebastião.

Esta freguezia, é no Riba-Côa, e uma das que vieram para Portugal, em dote da rainha Santa Isabel, em 1282.

Já se vê que é povoação muito antiga. Pertencia ao bispado de Ciudad Rodrigo, e passando para Portugal, pertenceu á comarca de Castello-Branco, e ao chamado *Bispado novo*. Depois, foi do bispado de Lamego, passando em 1770 para o de Pinhel.

Fica perto da raia e do rio Côa. Fertil. Gado e muita caça.

VAL DE ESPINHO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal, 120 kilometros de Lamego, 300 a E. de Lisboa 180 fogos.

Em 1768, tinha 71.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O reitor da Nave (do Sabugal) apresentava o cura, que tinha — segundo o *Port. Sacro*, 40$000 reis — e segundo a *Hist. Eccles. de Lamego*, 50$000 reis.

Tudo o mais exactamente como a freguezia de *Val d'Eguas*, e mais o seguinte:

Havia n'esta freguezia uma fabrica de pannos de linho, de José Lopes, que era mais receptaculo de contrabandos, do que de tecidos. A requerimento do empregado que inspeccionou a alfandega da Aldeia da Ponte, mandou o administrador do concelho do Sabugal, fechar esta fabrica, em fevereiro de 1876.

VAL DE FIGUEIRA — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo, e 9 kilometros a O. de Santarem — 84 kilometros ao N. E. de Lisbôa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 253.

Orago, S. Domingos. É no patriarchado.

O papa e a mitra, apresentavam alternativamente o prior, que tinha 600$000 reis de rendimento annual.

A *Historia de Santarem edificada* (tom. 2.º, pag. 256) diz que esta freguezia em 1740, tinha 115 vizinhos. (É pois erro do *Port. Sacro*, dando-lhe 253 fogos). O mesmo livro diz que o cura era apresentado pelo prior de S. Vicente do Paúl.

É aqui a 13.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

Ha n'esta freguezia um mosteiro de frades arrabidos, fundado em 1456, por D. Manoel de Portugal, que tinha aqui uma quinta. Era filho 2.º, do 1.º conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, e da condessa D. Joanna. Cazou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Henrique de Menezes, governador de Lisbôa e regedor da casa do civel.

Tiveram (D. Manoel de Portugal e sua mulher) muitos filhos e filhas.

Construido o mosteiro (que era pequeno) poucos frades o vieram habitar. O sitio porém era muito doentio, e os frades queixavam-se das continuas molestias que soffriam alli.

Fallecendo o fundador, succedeu-lhe o mórgado seu filho, D. Henrique de Portugal, cazado com D. Anna de Athaide, filha de D. Antonio de Athaide e de sua mulher, D. Anna de Távora, 2.ºs condes da Castanheira (do Riba-Téjo.)

D. Henrique, attendendo ás justificadas supplicas dos frades, lhe construíu um novo mosteiro, em sitio mais alto e saudavel, a 200 metros do primeiro e junto ás casas do fundador. Lançou-se-lhe a 1.ª pedra, a 26 de outubro de 1623, uma quinta feira, dia de Santo Evaristo, papa, martyr. A primeira missa, n'este novo mosteiro, foi dita a 27 de março de 1627, e logo em maio vieram para elle os frades, abandonando o primeiro convento.

Os fundadores e seus descendentes, ficaram padroeiros do mosteiro, e na capella-mór da sua egreja, tinham jazigo proprio.

—

Houve aqui uma grande festa, no dia 14 de novembro de 1875. Foi a inauguração de uma capella, no palacio do sr. commendador, Silverio Alves da Cunha. Na vespera houve bailes campestres, a que concorreram 4 mil pessoas aproximadamente; illuminação e fogo de artificio. No dia 14 houve missa por musica, magistralmente executada, orando com a maxima proficiencia o orador João Rodrigues Ribeiro. Ás 4 horas e meia da tarde foi servido um lauto jantar de mais de 60 talheres, a que concorreu a ex.ma familia e pessoas de amizade do dono da casa, da sociedade mais escolhida de Santarem. Nada faltou para a festa ser completa, e para evidenciar por mais uma vez a generosidade do sr. commendador Silverio Alves da Cunha.

No dia 21 partiu para Val de Figueira o commendador com algumas familias intimas, e com as meninas do asylo de Santo Antonio, de Lisbôa, de que elle é director, um dos instituidores e dos principaes bemfeitores: comprou na estação bilhetes para toda a comitiva, que ascendia a 45 pessoas; acompanhava tambem as asyladas o sr. Alexandre Marques de Sampaio, thesoureiro do asylo: na gare da estação de Val de Figueira, eram esperados os viajantes pelo sympathico Alexandre Marques de Sampaio Junior, amigo particular do sr. commendador, que tinha ido de vespera auxiliar o bom arranjo do palacio, e preparar com o seu bom gosto uma brilhante recepção. Á chegada do comboyo á estação de Val de Figueira, que dista uns cem passos do palacio, houve foguetes, e o palacio estava deslumbrantemente embandeirado.

Houve tambem missa por musica, e um brilhante improviso sobre a Fé, Esperança, e Caridade, prégado pelo reverendo João Rodrigues Ribeiro, cujos recursos intellectuaes e oratorios foram por mais uma vez admirados.

Seguiu-se o jantar em nada inferior ao do dia 14, em que não faltaram brindes enthusiasticos ao dono da casa, á direcção do asylo e a outras muitas pessoas. No mesmo dia houve festa na egreja parochial, em acção de graças por ter acabado ali a epidemia das bexigas, prégando de manhan, e muito bem, o reverendo Joaquim José de Barros, e de tarde, ao recolher da procissão, o reverendo João Rodrigues Ribeiro, que se houve com a mestria que todos lhe reconhecem. Ás 5 horas e meia da tarde retiraram as asyladas acompanhadas pelo sr. Alexandre Marques de Sampaio e alguns dos convidados, sendo acompanhados á gare do caminho de ferro pelo sr. commendador, que não consentiu que alguem comprasse bilhete de comboyo para a retirada, achando-se alli a banda marcial de Pernes, que tocou até o comboyo partir. Os demais convidados ficaram; dançando-se até ás 3 horas da madrugada. Do baile sairam para o comboyo do correio, ficando muito gratos aos donos da casa pelos muitos obsequios que d'elles receberam.

VAL DE FIGUEIRA — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 7 kilometros de S. João da Pesqueira. 54 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisbôa. 188 fogos.

Em 1668, tinha 84.

Orago, N. Senhora do Rosario. Bispado e 8 kilometros ao N. E. de Lamego. Districto administractivo de Viseu.

O abbade de Villarouco, apresentava o vigario, collado, que tinha 30$000 reis de congrua e o pé de altar.

A aldeia de Val de Figueira, tem apenas 28 fogos, e fica distante um kilometro da margem esquerda do Douro, em uma baixa.

É abrazador o clima d'esta terra, que é pobre, pouco fertil, e muito doentia. Só degredados aqui podem viver! Apezar de tudo, os seus habitantes são de muito bôa indole.

Os 188 fogos comprehendem casas de quatro freguezias annexas.

1.ª — *Val de Figueira*, com 28 fogos.

2.ª — *Val da Villa*, com 90 fogos. Fica 3 kilometros ao S. O. da matriz principal.

3.ª — *Ollas*, ao E. com 60 fogos, e distante da matriz principal 13 kilometros. Está

situada em uma costa, de tanta elevação, que torna muito difficil a sua subida. Ainda existe a sua antiga matriz, da invocação de Santo Antonio, de Lisbôa, que é uma ermida.

4.ª — *São Xisto*, com 10 fogos.

Está na margem esquerda do rio Douro, onde ha uma barca de passagem, do mesmo nome. Ainda existe — reduzida a ermida — a sua antiga matriz, dedicada a São Xisto, papa, martyr.

Ha mais n'esta freguezia, a capella de Santa Barbara.

As trez freguezias annexas a esta (*Ollas-Val da Villa*, e *S. Xisto*) são ferteis em azeite, vinho e fructa. Nos seus montes ha bastante caça, e o Douro as fornece de optimo peixe.

VAL DE FIGUEIRA A NOVA — freguezia, Beira Alta, concelho de Tabuaço, comarca d'Armamar (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da villa de Barcos) 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1724, tinha 58.

Orago, Nossa Senhora da Apresentação. Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Não vem no *Portugal Sacro*, porque, quando este livro se publicou, ainda não existia a freguezia.

No fim do seculo XVIII, era uma aldeia do termo e freguezia de Chavães, da qual se separou então, formando parochia independente e obrigando-se o povo a fazer ao cura a sua congrua, que, com o pé de altar, andava por 50$000 reis.

Era o povo que nomeava o parocho (cura) mas, sendo difficultoso achar quem o quizesse ser, cederam o direito de apresentação ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa, que, até 1834, o apresentavam.

Está esta freguezia situada em um profundo valle, bastante fertil, porém o seu clima é pouco saudavel.

Esta freguezia, como aldeia, é muito antiga, pois já existia no seculo XIII — Vide *Chavães*.

VAL DE FLORES — Vide *Caldas da Rainha*, e *Obidos*. (A pag. 189, col. 2.ª, no fim do 6.º volume.)

VAL DE FLORES — Vide *Ribeira de Niza*.

VAL DE FLORES — Quinta, Minho, na freguezia da Meadella, suburbios da cidade de Vianna, a cuja comarca, concelho e districto administrativo pertence.

Esta notavel quinta era, em 1878, do sr. Gaspar Augusto de Amorim Felgueiras, que, em junho d'esse anno, annunciou a sua venda.

Esta propriedade foi n'outro tempo a nobilissima familia Pinto Robyn, ha muito extincta por varonia, a qual teve palacio n'esta cidade, na rua da Bandeira, no logar onde hoje está a casa do sr. Vieira de Araujo Vianna, em frente á rua de Santo Antonio. — A quinta de *Val de Flores*, hoje desamparada, em ruinas, ornada de heras e apenas reduzida a um lavradio e matta enormes, foi, ha um seculo, a mais formosa estancia d'esta provincia. Alli, dizem os nobiliarios, passaram dias venturosos os altivos descendentes dos reis da Armenia e dos principes d'Antiochia. Por aquellas mattas, hoje devastadas e infecundas, soára, muitas vezes, a voz da buzina campestre, chamando os nobres monteadores ao encontro da caça brava.

Para amostra do que foi aquella quinta, hoje quasi desconhecida, darei a noticia que d'ella faz uma testemunha contemporanea: é o padre Antonio Machado Villas-Boas, nas suas *Memorias antigas da villa de Vianna*.

«D'este convento (de S. Francisco do Monte ou de Mirtyli, segundo Gonzaga) é visinha a nobilissima quinta de *Val de Flores*, onde a natureza e arte se empenharam em competencia querendo cada uma levar a palma no triumpho das suas excellencias, por que a natureza nos antigos e robustos troncos e nas copiozas e crystalinas aguas que lhe tributa como a senhora d'aquellas montanhas, rainha das quintas de toda a provincia, pretende anciosa apropriar-se do vencimento; porém a arte sempre industriosa se empenhou perdularia na fabrica

da mais industriosa e rica perspectiva, por que, para se congregarem as aguas, dispoz um profundo e dilatado lago fabricado de fina pedra de cantaria, assim no pavimento como nos lados, concorrendo para a sua enchente nove alphanges de crystal, [1] que esgremindo prata vomitam espumas a impulsos de violencia com que se precipitam. A este formoso lago faz perspectiva uma rica varanda de fina pedra coberta de abobada e com grades de ferro, sobre o mesmo lago, sustentando a sua machina formosas columnas com polidos capiteis.

A um dos lados fica um grande Presepio com excellentes figuras, e a outro, um jardim, formado em labyrintho de murtas e na circumferencia do tanque assentos cobertos de azulejos de Hollanda. Tem por baixo uma rua chamada de buxos, que estão uns e outros tão enlaçados a poder de industria, que fica isempta de reflexos do sol na hora da sua maior actividade; remata esta rua em uma vistosa fonte que puliu a arte, servindo-lhe de companheira outra, que dispoz a natureza para verter com abundancia o que repudia o tanque por fartura.

Tem outra rua chamada da *Magdalena*, a que lhe dá nome uma excellentissima imagem da mesma santa, que a um lado d'ella fica em uma decente e airosa capella [2], por onde se passeia entre mil arvoredos silvestres e tão altos que parece que intentam abraçar-se com as nuvens. Tem outras ruas de parreiras e arvores de espinho muito vistosas, varias fontes e capellas e, em uma d'estas está a imagem de S. Jeronymo, com tal primor disposta em acto de contemplação, que edifica aos circumstantes que a ella se chegam.

Tem na entrada da quinta um formoso portal coroado de ameias e junto a elle uma tão excellente capella e de tanta magestade e grandeza [3] que podia servir de collegiada a uma grande villa. O tecto é de abobada e o pavimento de cantaria, tendo no meio duas sepulturas de um jaspe cinzento, proprio para o ministerio e singular por não haver outras em toda esta provincia.

A quinta, que tem mais de um quarto de legua de circumferencia, é toda murada de pedra e barro, com tanta altura que só com escada se póde a ella subir; tem outras muitas grandezas que omitto por não parecer encarecido nem se me pedirem memorias individuaes.»

De tudo isto restam apenas as ruinas de algumas capellas que a devoção antiga espalhou pela matta, fragmentos de escadorios, columnas mutiladas e montões de entulhos que devem representar a ultima occupação d'alguma obra de arte. A assolação deixou alli profundamente accentuada a sua passagem, ficando unicamente o que não valia a pena vender-se ou custava muito destruir.

Era, a este tempo, senhor da quinta de *Val de Flores*, o mórgado, Balthazar Robyn de Barros, casado com D. Leonor de Sá Sotto-Maior, filha de Sebastião Pinto Corrêa, de Ponte do Lima, senhor da quinta do *Olho Marinho*. Tiveram estes fidalgos como descendentes:

D. Thereza Angelica, que foi freira em Sant'Anna, de Vianna—Balthazar Robyn, que falleceu na flôr dos annos e que era, na opinião de um apontamento de familia — «a flôr dos rapazes do seu tempo.»

D. Joanna, que falleceu na edade de 12 annos — «com muitos séculos de formosura [1] e tal que ainda depois de fallecida ficou bella.»

José Velho Robyn, que seguiu as armas e morreu coronel em Minas.

Heytor de Sá, que seguiu a carreira commercial, uso muito frequente nos fidalgos d'aquelle tempo. Tinham mais tino que alguns d'hoje.

Thomaz Robyn, que foi superintendente

---

[1] Como isto sabe á Fenix!

[2] Creio que é a unica que existe.

[3] O auctor aqui vai pelo caminho de fr. Luiz de Sousa, na descripção do convento de Bemfica.

[1] Esta belleza de estylo é copiada do grande patriarcha da sandice o sr. Luiz de Gongora.

Muchos siglos de hermosura
En pocos años de edad.

dos Diamantes no Brasil, vindo a acabar no Conselho do Ultramar, depois de servir na Supplicação.

Antonio Rodrigo, que se graduou em direito canonico e foi abbade reservatario de S. Miguel de Ruyvós.

João Robyn, que vestiu o habito de S. Bento.

Diogo Robyn, que foi frade dominico.

Francisco Robyn, que professou na ordem de Cister.

D. Isabel Mauricia, que morreu solteira «por amor de assistir a sua mãe» diz o apontamento.

Creia quem poder.

Luiz de Sá Robyn, que seguiu as armas. Morreu em capitão de infanteria, em Lisboa, em 1785.

Sebastião Pinto Robyn Sotto-Maior, que foi capitão de cavallos e succedeu na casa de seus paes. Este fidalgo foi padroeiro de S. Francisco do Monte e levantou á sua custa, na guerra de 1735, uma companhia de cavallaria armada, pelo que mereceu particular affecto ao governador das armas, o conde de Aveiras.

VAL DE FÓJOS — sitio, Minho, antiga freguezia de Santa Cruz, em Terras de Bouro, arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica *Val de Fójos*, logo abaixo da aldeia de Nazareth, e por aqui passava a famosa via militar dos romanos, vulgarmente chamada *Estrada da Geira*, mandada construir pelo imperador Vespasiano, e da qual ainda existem bastantes vestigios, e ainda estão de pé alguns viaductos, apezar dos seus 1:800 annos de existencia! Vide *Geira*.[1]

No tal sitio de Val de Fójos, existiu um marco milliar, da Geira, com esta inscripção:

. . . . . .
. VII
C. CALPETANO RANTIO
QUIRINALE VALERIO FESTO
LEG. AUG. PRO PR. VIA
NOVA. M. P XVIII.

Comparada esta inscripção com outras da mesma edade que se teem achado por estes sitios, as primeiras duas linhas que se apagaram, deviam dizer:

DIVI VESPASIANI AUG.
PONT. MAX. TRIB. POT.

Vindo a dizer toda a inscripção:

Ao divino Vespasiano Augusto, sete vezes investido do poder tribunicio, Caio Calpetano Rancio Quirinal, e Valerio Festo, legados de Augusto, e propretores da nova estrada. 1018 passos.

Isto é:

Caio Calpetano Rancio, e Valerio Festo, legados do imperador e propretores da nova estrada, dedicaram esta memoria (ou este marco milliar) ao imperador Vespasiano Augusto, sete vezes tribuno. D'aqui a Braga, são mil e desoito passos.

—

N'esta mesma freguezia, existiram outros marcos milliares, a maior parte dos quaes, foram destruidos pelo povo.

No sitio chamado, *Cantos da Geira*, tambem d'esta freguezia, que fica 30 kilometros ao N. de Braga, foi achado outro marco milliar, de 2.m50 d'alto, com esta inscripção:

IM. CAES. M.
AUR. CARO . . . . .
. . . . . INVICTO . . .
P. C. P. M. X TR. P.
. . . AUG. P. P. X V

Dedicada (esta memoria) ao imperador Cesar Marco Aurelio, o *caro*, invicto, proconsul, pontifice maximo, dez vezes tribuno. D'aqui a Braga, são 15:000 passos.

Outros muitos marcos aqui existiram, porem foram encontrados feitos em pedaços.

---

[1] Em varias partes d'esta obra, tenho fallado d'esta admiravel via militar, uma das cinco que de Braga se dirigiam a Astorga.

Vespasiano, foi feito imperador, no anno 74 de Jesus Christo. Tanto elle, como seu filho, o imperador Tito (o vencedor dos Syrios e conquistador de Jerusalem) muito favoreceram a Lusitania, mandando construir magnificas estradas, fundar povoações, e edificar obras sumptuosissimas, das quaes ainda existem muitos vestigios.

—

Na freguezia de Chorence, que fica proxima á antecedente, existiram tambem varios marcos milliarios (vulgarmente chamados *padrões*.)

Vide no 2.º vol., pag. 294 e 295.

VAL DA FONTE — logar, Extremadura, na freguezia de Carvoeiro, comarca de Abrantes, concelho de Mação. (Vol. 2.º, pag. 140, col. 2.ª)

No dito logar de *Val da Fonte*, e no do *Val de Pedro Annes*, da mesma freguezia, ha minas de carvão fossil, das quaes, em setembro de 1880, obteve diploma de descobridor legal, José Francisco de Araujo.

No mesmo dia, obteve egual diploma, por outra mina de carvão, no *Val da Pedra d'Hera*, na freguezia dos Envendos, da mesma comarca e concelho.

Em janeiro de 1882, obteve o descobridor a concessão provisoria das trez minas.

VAL DE FONTES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança).

80 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordêllo, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

A esta freguezia, está annexa a de *Zonêdo de Baixo*.

Fertil. Gado e muita caça.

VAL DE FOZ-CÔA — Beira Baixa, freguezia, comarca, concelho e 3 kilometros ao O. de Villa Nova de Foz-Côa. — (Vide esta palavra.)

E' um profundissimo e fertil valle, com 5 kilometros de extensão, na margem esquerda do Douro, e em frente do formoso e tambem fertil *Val da Villariça*, que lhe fica ao N., na margem direita do Douro, e já na provincia de Traz-os-Montes.

O *Val de Foz-Côa*, é abundantissimo em cereaes, azeite, vinho e linho. As cumiadas dos montes que o cercam, estão povoadas de amendoeiras e sumagre, que formam uma parte muito importante do rendimento da freguezia.

Este conjunto torna o sitio de uma amenidade e formosura inexcedivel; principalmente porque o valle é dominado por um ribeiro, orlado de frondosos álamos, uberrimas oliveiras, e muitas vinhas.

E' pois um dos logares mais formosos das duas margens do Douro.

VAL DE FRADES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho do Vimioso, comarca de Miranda (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Mogadouro).

24 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Vimioso, apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE FRANÇA — Vide o 3.º *Midões*.

VAL DE GALLEGOS — Vide *Torres Vedras*.

VAL DE GOUVINHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella. (Foi até 24 de outubro de 1855 do concelho da Torre da Dona Chama — então extincto — mas já então da comarca de Miranda.)

80 kilometros de Miranda do Douro, 360 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Em 1768, tinha 86.

Orago Santo André, apóstolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE GUIZO — freguezia, Extremadura, (ao Sul do Tejo) comarca e concelho de Alcacer do Sal, 54 kilometros ao O. d'Evora, 70 ao S. E. de Lisboa, 180 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Monte.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

Não vem no *Port. Sacro e Profano.*

E' terra muito fertil, mas pouco saudavel. Abundante de peixe do Tejo, e tambem do do mar, que lhe vem por este rio, e pelo Sádo.

VAL DE IDANHA — aldeia, Extremadura, na freguezia de Olalhas, comarca, concelho e 12 kilometros de Thomar. (Vide *Olalhas.*)

Esta aldeia está em um sitio muito alegre, ameno, formoso e fertil. Ha n'ella uma antiquissima ermida de Nossa Senhora da Piedade, cuja imagem é feita de marmore. Não se sabe quando nem por quem foi construida esta ermida.

Antigamente, vinham aqui muitos romeiros, pelo decurso do anno, pela grande devoção que tinham com esta senhora.

VAL DE JANEIRO — freguezia, Traz-os Montes, comarca, concelho e proximo de Vinhaes (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Bragança) 70 kilometros de Miranda do Douro, 480 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e distrticto administrativo de Bragança.

Os abbades de Candêdo, e Rebordêllo, apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Vide 6.º vol., pag. 599, col. 2.ª

Estão annexas a esta, nada menos de seis outras pequenas freguezias, são:

1.ª — *Armoniz* — supprimida ha muitos annos

2.ª — *Bairros de Vinhaes* — (Vide 1.º vol., pag. 309, col. 2.ª, o 2.º Bairros d'esta columna.)

3.ª — *Ermida* — supprimida ha muitos annos.

4.ª — *Moaz* — (Vide 5.º vol., pag. 347, col. 2.ª — O orago d'esta freguezia, era Santo Ildefonso. (Esqueceu-me alli de dizer isto.) Tambem alli digo que está annexa a Vinhaes; mas foi erro do informador.

5.ª — *Ribeirinha* — (8.º vol., pag. 187, col. 1.ª) no fim.

6.ª — *Rio de Fornos* — (8.º vol., pag. 193, col. 2.ª). Tambem alli digo que está annexa á freguezia de Vinhaes, por engano.

—

A egreja matriz de Val de Janeiro, está em um outeiro cercado de vinhas. É um templo notavel, pela sua fórma, semelhante ao da *Flor da Rosa* (3.º vol., pag. 201 col. 2.ª) parecendo mais um forte castello do que uma egreja christan. Fica 1 kilometro de distancia da povoação, em sitio de facil defeza, porque a maior parte do monte é cortado quasi perpendicularmente.

É mesmo muito provavel que, no seu principio, fosse uma fortaleza, construida pelo povo, para se defender das *entradas* dos mouros; e tanto que á padroeira se dá vulgarmente o nome de *Nossa Senhora do Castello.* É uma construcção antiquissima, e certamente anterior á nossa monarchia.

Segundo a tradição, os christãos construiram aqui um castello, com uma ermida, dedicada a Santa Maria Maior, e, quando, em 1250, os mouros foram expulsos para sempre de Portugal, foi a capella demolida, e toda a fortaleza transformada em egreja, dedicada á mesma padroeira.

Esta freguezia estava antigamente em terreno das freguezias de Candêdo e Rebordêllo, das quaes se separou ha tempo de que não ha memoria, para formar freguezia independente, ficando o direito da apresentação aos dous parochos das antigas freguezias a que havia pertencido, e que ficaram com o *direito* de receber os dizimos da nova parochia.

A festa da padroeira, faz-se no seu proprio dia (15 de agosto).

O clima d'esta freguezia, posto ser excessivo, é muito saudavel, e a terra é fertil em todos os productos agricolas, sobre tudo em vinho e azeite.

Nos seus montes, ha abundancia de caça, grossa e miuda. Cria muito gado.

VAL DE JUDIO — Vide Quarteira.

VAL DE LADRÕES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Méda (foi da comarca da Méda, e do supprimido concelho de Marialva — depois, foi do concelho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz-Côa)

58 kilometros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1724, tinha 87, e em 1768 — 147.

Orago, S. Pedro, apóstolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o reitor, que, segundo o *Port. Sacro*, tinha 80$000 réis — e segundo a *Hist. Ecclesiastica de Lamego*, réis 120$000.

O reitor, apresentava os curas das freguezias de *Pae-Penella*, e *Carvalhal*.

—

Pela carta de lei de 24 de outubro de 1855, que supprimiu o concelho de Marialva, passou esta freguezia a formar parte do concelho e comarca de Villa Nova de Foz-Côa — e em 18 de dezembro de 1872, passou para a comarca e concelho da Méda.

—

Os marquezes de Marialva, eram senhores donatarios d'esta freguezia.

Fertil em cereaes e azeite; e é muito abundante de caça.

Ha n'esta freguezia trez ermidas — de *Nossa Senhora, de Santa Barbara*, e de *Santo Antonio*.

Diz-se que a causa do nome d'esta freguezia, é porque era, em tempos antigos, uma floresta deshabitada, onde se recolhiam os ladrões que então havia por estas terras.

VAL DE LA-MULLA — freguezia, Beira Baixa, concelho de Almeida, comarca de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca do Sabugal) 105 kilometros de Lamego, 360 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1724, tinha 112, e em 1768, tinha os mesmos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e a mitra apresentávam alternativamente o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É no Riba-Côa, e proximo da raia, e pertence á casa do infantado.

Foi até ao ultimo quartel do seculo XIII, do bispado de Ciudad Rodrigo, passando para a corôa portugueza, em dote da rainha Santa Isabel, no anno de 1282.

Formou primeiro parte do chamado *Bispado Novo*; depois, passou para o de Lamego — e em 1770, para o de Pinhel, então creado.

Durante a guerra da restauração, foi esta povoação tomada pelo duque de Ossuna, general castelhano, em 1661, mas foi logo derrotado pelos portuguezes, em Perales.

Em 1663 houve aqui um combate, entre os castelhanos, e os portuguezes, commandados pelo intrépido Affonso Furtado, que fez soffrer uma grande derrota aos inimigos.

VAL DE LOBO — freguezia, Beira Baixa, concelho de Penamacor, comarca de Idanha Nova, 35 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 112.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O prior da freguezia da Murta, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil em cereaes, mas abundante de fructas. Muito gado, de toda a qualidade, e grande quantidade de caça, grossa e miuda.

VAL DE LOBO — freguezia, Traz os Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda do Douro, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 33 fogos.

Orago, S. Gonçalo, de Amarante.

Bispado e districto administrativo de Bragança,

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Esta freguezia está supprimida e annexa á de Mirandella.

VAL DE LOBOS — logar, Extremadura, na freguezia d'Azôia-de-Baixo. (Vide esta palavra.)

O sitio de Val de Lobos, é uma formosa planicie, em grande parte cultivada, e no resto, povoada de frondoso arvoredo, e atravessada pelo ribeiro do seu nome, ou de Azôia, que a rega e fertilisa [1]. Os montes que

---

[1] Este ribeiro, nasce perto de Tremez, rega uma estreita, mas comprida veiga, cha-

cercam este valle, estão povoados de grande numero de oliveiras. Fica 7 kilometros a N. E. de Santarem.

Na varzea ou valle, ha alguns moinhos, que trabalham com a agua do ribeiro, e são situados de um e outro lado da ponte que o atravessa, e que está em ruinas.

O logar compõe-se apenas da casa de habitação, que foi de Alexandre Herculano, e de uma grande quinta que lhe pertence, e que comprehende olivaes, vinhas, pomares, prados, e terras de pão.

A estrada de Santarem a Pernes, passa pela ponte de Val de Lobos, que é dentro da quinta do mesmo nome.

—

Foi nas casas d'esta quinta (e no fim de 16 annos de residencia) que a 13 de setembro de 1877, pelas 10 horas da noite, falleceu, de uma pneumonia, o famoso escriptor dos nossos dias —

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo

Nasceu em Lisboa, no *Pateo do Gil*, [1] á rua de S. Bento, a 28 de março de 1810. Foi cavalleiro da ordem de Torre e Espada, bibliothecario da Bibliotheca Publica do Porto, e, depois, bibliothecario de s. m.; e socio da Academia Real das Sciencias.

—

Seu pae lhe ensinou primeiras lettras. Depois estudou latim e latinidade, com os padres congregados de S. Philippe Nery, do convento das Necessidades, que lhe ensinaram depois, o francez, inglez e allemão, distinguindo-se pela sua aptidão para todos estes estudos.

Foi depois cursar a aula de diplomatica, na Torre do Tombo.

Aos 21 annos de edade, declarou-se liberal — ideias que cértamente lhe não haviam incutido os congregados — tomando parte na desastrosa rebelião do regimento de infanteria n.º 4 (2.º de Lisboa) em Lisboa, a 21 de agosto de 1831, [1] animado pela pro-

---

mada antigamente *Feijoal*, que chega até á margem direita do Tejo. É de differentes proprietarios.

[1] O *Pateo do Gil*, deve o nome ao seu proprietario, Antonio Rodrigues Gil, mestre carpinteiro, bisavô materno de Alexandre Herculano. Junto á casa d'este pateo, existiu a ermida de Santo Antonio, na qual Herculano foi baptisado, por licença concedida pelo cardeal patriarcha.

Nem a casa nem a ermida existem hoje. — Foram vendidas pelos pais de Herculano, e demolidas em 1830, para se construir um grande predio, hindo a familia que as tinha possuido, residir para a travessa do Pombal, que é proxima, e tudo na freguezia de Santa Isabel.

Herculano, era filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da *Junta dos Juros* (hoje chrismada em *Junta do Credito Publico*) e de D.ª Maria do Carmo de S. Bôa-Ventura, filha de José Rodrigues de Carvalho, mestre pedreiro, neto do tal Antonio Rodrigues Gil.

O pateo ainda conserva o seu antigo nome.

[1] Esta rebelião, foi escandalosissima, pela occasião em que foi levada a effeito. Como este diccionario compendía todos os factos historicos que respeitam á nação portugueza, direi aqui o que animou o regimento de infanteria n.º 4, a esta desgraçada revolta, e os seus tristes resultados.

Perdida a famosa batalha de Waterloo, pelo sanguinario Buonaparte, elle é expulso da França, e desterrado para a ilha de Santa Helena. (Vide *Torres Vedras*, a pag. 645 col. 1.ª e seguintes, do 9.º volume.)

Muitos francezes *jacobinos*, emigram para differentes nações. Um d'elles, *Edmondo Potenciano Bonhomme*, veio ter a este reino, onde se naturalisou portuguez.

Em quinta feira santa do anno de 1828, estando na Sé de Coimbra a celebrar-se a solemnidade das Endoenças, Bonhomme entrou na egreja, de chapeu na cabeça. Foi advertido para que, ou se descobrisse, ou sahisse do templo; mas, em vez de obedecer, principiou a dizer toda a casta de blasfemias, insultando a religião catholica, o rei e o seu governo.

Foi preso, julgado, e condemnado a açoites, pelas ruas publicas de Lisboa, e a degredo por dez annos, para Angola. Cumpriu-se a primeira parte da sentença, mas não se chegou a cumprir a segunda.

Estava no Limoeiro, quando em 27 de julho de 1830, teve logar a revolução franceza, que expulsou do throno o rei legitimo (Carlos X) substituindo-o por Luiz Philippe, duque de Orleans, filho do furibundo republicano, *Phillippe Egalité* (que depois de

tecção da esquadra franceza do contra-almirante, barão Roussin, que estava no Tejo.

Esta tentativa infeliz, foi debellada em menos de trez horas, porque nem mais um soldado de outros corpos annuíu a ella, e mesmo do 4, nem todos quizeram tomar parte na revolta, que principiou no seu quartel de Campo d'Ourique, pelas 10 horas da noite. Logo alli foi assassinado o capitão Diogo Joaquim José da Victoria, e feridos os capitães Antonio Manuel Ludovico, e D. Luiz Gregorio de Almeida, e varios sargentos e soldados, por não quererem tomar parte n'esta temeraria revolta.

Um rufo de tambor, e logo em seguida o toque de chamada, deu principio á desordem, que foi horrivel. A musica tocava o hymno de 1826; os soldados davam tiros nos dissidentes, e vivas á *liberdade*, ao sr. D. Pedro, á carta, á sr.ª D. Maria da Gloria, e até á republica. Estes gritos, misturados aos dos feridos pelas balas dos revoltosos, causavam um horror impossivel de descrever.

Um official *desligado*, estranho ao regi-

---

ser um dos que sentenciou á morte o santo rei Luiz XVI, foi tambem guilhotinado pelos seus.)

A ascenção de Luiz Philippe ao throno, e a morte de Jorge IV de Inglaterra (no mesmo anno) que causou a queda dos *torys*, e a subida dos *wigs*, animou os liberaes de toda a Europa, e os do Brasil.

Em 8 de fevereiro de 1831, ha uma revolta militar em Lisboa, a favor da Carta, que, sendo mal succedida, deu em resultado a prisão de varios individuos, sendo alguns condemnados a degredo, e sete garrotados no Caes do Sodré, logo a 16 de março.

A 7 de abril do mesmo anno, os brasileiros, tambem animados pela revolução franceza, e pelo ministerio *wig*, revoltam-se contra o seu imperador, e o expulsam do Brazil.

Bonhomme, vendo o seu partido victorioso em França, teve meios de fazer chegar a Luiz Philippe uma queixa contra o governo portuguez, pelo castigo que tão justamente tinha soffrido.

Luiz Philippe, manda a Portugal o barão de Roussin, com uma esquadra, pedir satisfação e uma forte indemnisação pelo castigo do criminoso!!! — A esquadra franceza, chega a Lisboa a 11 de julho do mesmo anno de 1831, tendo *aprisionado* alguns navios mercantes, portuguezes, que encontrou nas aguas de Lisboa.

Roussin mandou um officio ao visconde de Santarem, nosso ministro dos negocios estrangeiros, contendo — além do que ao mesmo visconde já tinha pedido o consul francez, em Lisboa, e depois, o capitão de mar e guerra *De Rabaudy*, em 16 de maio, que era, uma indemnisação de 20:000 francos (3:600$000 réis) a Bonhomme, a demissão dos juizes que o sentenciaram, e que isto fosse publicado na gazeta official — mais o seguinte —

1.º — A demissão do intendente geral da policia.

2.º — Annullar todas as sentenças pronunciadas contra francezes, *por crimes politicos*. (!) (Já disse que Bonhomme nem já era francez, nem fôra sentenciado por liberal, mas por blasfêmo.)

3.º — 800:000 francos (144 contos de réis!) de *indemnisação* (!) ao governo francez.

O visconde de Santarem negou-se a tão humilhantes e injustissimas exigencias, pelo que os francezes nos roubaram, e levaram para a França, nove embarcações de guerra, a saber — *náu D. João VI* — 3 fragatas, *Pérola*, *Diana*, e *Amazona* — 2 corvetas, *Lealdade*, e *Infante D. Sebastião* — 3 brigues, *D. João I*, *D. Pedro*, e *Memoria*.

Tambem nos roubaram a corvêta de guerra *Urania*, que encontraram no mar dos Açores.

Os navios mercantes que tinham apresado fóra da barra de Lisboa, e os que tambem haviam *sequestrado* em França, foram restituidos aos seus proprietarios.

Muito havia que dizer d'este acto de infame pirataria, que cousa nenhuma justificava, mas não é n'este diccionario o logar proprio para tão grandes divagações: limitar-me-hei ao seguinte —

O sr. D. Pedro, ex-imperador do Brasil, estava em Paris quando alli chegou a *queixa* de Bonhomme, e assistiu ao conselho de ministros, no qual se decidiu o roubo da nossa esquadra, e não o impugnou!

Bonhomme continuou a residir em Lisboa, ainda QUARENTA E SEIS ANNOS, morrendo alli, no principio de abril de 1877, e quiz ser enterrado como os irracionaes — *civilmente*. Nem era de esperar outra cousa de um homem que sempre tinha vivido como atheu declarado e rancoroso.

—

Ainda estava no Tejo a esquadra do contra-almirante Roussin, quando o regimento n.º 4 fez a revolta.

mento, tomou o commando d'elle, [1] e sahiram do quartel, continuando com os gritos sediciosos, e na intenção de revoltarem outros corpos. A poucos passos do quartel, um pobre professor de instrucção primaria, attrahido pelo tumulto, assomou á janella da sua casa, mas pagou com a vida a sua curiosidade, porque foi assassinado com um tiro.

Note-se que alguns officiaes acompanharam o *movimento*, por temor de serem assassinados, e fugiram, como varios soldados, quando o poderam fazer.

Um tenente do regimento poude fugir do quartel, antes da maior desordem, e foi dar parte ao commandante do 16 de infanteria, a Val de Pereiro, e a outros corpos da guarnição, do que se passava em Campo d'Ourique.

Eram 10 horas e meia quando os revoltosos sahiram, em direcção ao quartel do 16, que lhes fechou as portas, e se preparou para a resistencia.

Retrogradaram, tomando a direcção da rua de São Bento, porém, junto ao arco (em frente do mosteiro benedictino — hoje palacio das côrtes) estava o regimento de *Voluntarios Reaes de Milicias de Lisboa Occidental* e a decima companhia da *Guarda Real da Policia*, que deram nos revoltosos uma formidavel descarga de fuzilaria, fazendo-os retirar.

Seguiram por differentes ruas, assassinando ou ferindo quantos transeuntes encontraram.

Chegando á praça da Alegria, deram varias descargas contra as guardas das secretarias, do Estado-Maior-General, e da Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, depois de terem assassinado o bondoso e honradissimo conde de São Martinho e outras pessoas.

Chegados ao Passeio Publico do Rocio, aprisionaram a guarda que alli se achava.

Marcharam pela rua do Principe para o Rocio, mas alli soffreram uma horrorosa descarga, das 9 companhias da Guarda Real da Policia, que os poz em completa desordem e fuga; mas feriram ainda alguns soldados da Policia, e mortalmente o seu major de cavallaria, José Maria de Oliveira.

Muitos revoltosos, já antes d'isto, se tinham apresentado em diversos quarteis militares; uns, por terem tomado parte violentados, e por temor da morte dada pelos seus camaradas, outros por verem frustrada a tentativa.

A Guarda Real da Policia, o regimento de infanteria n.º 16, e os piquetes e patrulhas de outros corpos da guarnição de Lisboa, foram agarrando, por differentes partes, os revoltosos que hiam encontrando, de maneira que, pelas 2 horas da madrugada do dia 8, estava a cidade em completo socêgo.

Os tristissimos resultados d'esta desastrosa e temeraria revolta, foram os seguintes — serem fusilados no Campo de Ourique, junto ao quartel, na presença do resto do regimento que se conservára fiel, e de contingentes de todos os corpos da guarnição da capital, 18 desgraçados, sendo — 1 alferes, 1 cadête, 9 sargentos, 1 cabo de esquadra, 1 tambor, e 5 soldados.

A 24 de setembro, foram fusilados, no mesmo logar, e com as mesmas formalidades, mais 21 individuos, sendo — 1 musico, 1 pifano, 2 tambores, 3 cabos de esquadra, 1 anspeçada, e 13 soldados.

Trinta e nove desgraçados pagaram com a vida á sua temeridade, fructo dos maus conselhos a que deram ouvidos, escapando os que os induziram á revolta, e o que os commandou!

O conselho de guerra, condemnou por sua 3.ª sentença, mais 30 praças do regimento, a serem fusiladas — 1 tenente, 3 musicos, 1

---

[1] Nuno Augusto de Brito Taborda, coronel commandante do regimento, poude fugir com a pouca gente que se conservára fiel, e foi postar-se no largo da Bôa-Morte, onde recebeu alguns officiaes e praças de pret, que violentados tinham tomado parte na revolta. Foi o coronel Taborda que presidiu ao conselho de guerra, que condemnou á morte grande numero de sublevados. Quem diria então, que elle em junho de 1833, dezertaria para os liberaes?! (Vide 1.º vol., pag. 54, col. 1.ª)

cornêta, 1 pifano, 2 tambores, 3 sargentos, 2 cabos de esquadra, 1 anspeçada, e 16 soldados.

Felizmente, fez então (26 de outubro) 29 annos o Sr. D. Miguel, que lhes perdoou a pena ultima.

A mesma sentença, condemnou a degrêdo perpétuo, 1 pifano, e 1 soldado—e absolveu — 1 capitão, 1 tenente, 3 alferes, 1 cirurgião ajudante, 1 cadête, 1 sargento, e 2 soldados.

O regimento de infanteria n.º 4, foi dissolvido por um decreto real, *que prohibia dar-se nunca mais semelhante numero a outro qualquer regimento de infanteria que se viesse a formar; nem mesmo a denominação de 2.º regimento de infanteria de Lisbôa.* (!)

Foi uma das muitas pieguices com que se entretinha o governo realista. Outra, não menos ridicula, foi o decreto real que mandou substituir por panno *verde*, as gólas, canhões e vivos de todos os corpos que os tinham *azues claros.*

Era com estas e outras taes *acertadissimas* providencias, que os *bons* ministros do Sr. D. Miguel pretendiam aniquilar o exercito liberal!...

Com a gente que não tomou parte na revolta, e com praças de outros corpos e recrutas, se formou um regimento, em substituição do dissolvido, dando-se-lhe a denominação de *Novo Regimento de infanteria de Lisbôa.*

Era melhor para os realistas, que tal regimento se não organisasse, porque foi o seu 2.º batalhão, que muito concorreu para a derrota do seu partido, no ataque ás linhas do Porto, em 29 de setembro de 1832. (Vide no 7.º vol., pag. 351, col. 2.ª)

—

Tornemos a Alexandre Herculano.

Como vimos no principio d'esta rápida biographia, tomou parte na revolta do 4, e foi um dos poucos que poderam escapar, protegidos pela noite.

Conseguiu fugir para a fragata de guerra *Melpomene*, uma das da esquadra franceza fundeada no Téjo. D'alli, passou para um paquete inglez, com outros compromettidos na revolta, e, chegado a Plymouth, embarcou para Jersey (ilha no canal da Mancha, hoje célebre, por ser a *Pathmos* do grande poeta francez, Victor Hugo.)

De Jersey embarcou para Saint-Maló, mas o navio arribou a Grandville, d'onde Herculano seguiu, por terra, para Bennes, capital da antiga *Armorica*, hoje Bretanha, e de lá embarcou para a Terceira, onde chegou a 19 de março de 1832, sentando praça, de soldado, no batalhão de *Voluntarios da Rainha*, e, ainda como soldado, desembarcou nas praias de *Arenosa de Pampellido* [1] com o exercito liberal, em 8 de julho de 1832, fazendo toda a guerra do cêrco do Porto.

—

Terminada a guerra civil, Herculano abandonou a *politica militante*, dedicando-se ás lettras e á agricultura.

Muitas e de grande valia, foram as obras publicadas por este distinctissimo escriptor, e em nada inferiores ás de José Agostinho de Macedo, viscondes de Almeida Garrett, e de Castilho, Francisco Alexandre Lobo, e outros que, como Herculano, já não existem— eis as principaes:

Historia de Portugal, quatro volumes. Já teve quatro edições!

O Monasticon — tomo 1.º, *Eurico o presbytero* — tomo 2.º e 3.º, *O monge de Cister*, ou a *época de D. João I*— São dous magestosos romances historicos.

O Eurico, já teve 5 edições, além de duas em castelhano.

O Monge de Cister, teve — até hoje — trez edições.

---

[1] Não sei porque razão se diz officialmente que o exercito liberal desembarcou nas *praias do Mindêllo*, que ficam a 5 ou 6 kilometros ao N. da pequena enceada da *Praia dos Ladrões*, onde teve logar o desembarque, e que fica entre Lavra e Perafita, no concelho de Bouças, quando a freguezia de Mindêllo, é no concelho de Villa do Conde! (Vide 4.º vol., pag. 60, col. 1.ª— e 5.º vol., pag. 235, col. 2.ª)

Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal. Tem 2.ª edição.

Lendas e narrativas. Tem 3.ª edição.

Poesias — 1.º livro — *Harpa do crente* — 2.º, *Poesias varias* — 3.º, *Versões* — Tem tido 3 edições.

Voz do Propheta (estylo biblico.) Foi impressa no Ferrol (Hespanha) em 1836, reimpressa em Lisbôa, em 1837, e no Porto, e no Rio de Janeiro, no mesmo anno de 1837.

Além d'estas obras, publicou varios pamphletos, e artigos em periodicos scientificos, litterarios e politicos.

Quasi todos os seus escriptos são de incontestavel merecimento; alguns porém — principalmente os ultimos que publicou — estão eivados de rancor politico, e odio ao catholicismo.

Na *Historia de Portugal,* mostra a sua implacavel aversão ao systema tradicional e aos seus adeptos, o que o faz varias vezes *torcer* ou exagerar os factos, a favor dos seus, e contra os adversarios.

Nos seus primeiros escriptos (*Voz do Propheta, Harpa do Crente,* artigos no *Panorama,* a favor dos frades, e principalmente a favor das desgraçadas religiosas do mosteiro de Lorvão) mostrou-se um fervoroso catholico. Depois (infelizmente!...) esquecido das lições de seus mestres, os congregados de S. Philippe Nery, degenerou em irascivel atheu, depois de ter tão brilhante e eloquentemente defendido o Catholicismo! Dogmatisou publicamente herezias e impiedades, combatendo a *Immaculada Conceição da SS. Virgem, e a infallibilidade pontificia,* depois de definidas por um Concilio ecumenico!

Sendo algumas das suas obras condemnadas pelo *Index,* nunca se submetteu nem retratou, publica ou particularmente.

Desde que deixou de ser catholico (e principalmente, desde que, negando o milagre de Ourique, foi impugnado por alguns ecclesiasticos) mostrou um ódio implacavel aos padres, insultando-os, desprezando-os e ridiculisando-os; excluindo d'esta sanha, *um certo abbade dos arrabaldes do Porto,* e *um prior do sul*... aos quaes fazia grandes elogios, quando todos os catholicos os desprezavam pelo seu pessimo comportamento, o que lhes attrahiu as censuras e castigos dos seus prelados! Eram estes, os dous protegidos e louvados por Herculano.

Terminou a sua vida, como a tinha passado nos seus ultimos annos — no atheismo — e quando tantos descrentes se reconciliam com a Egreja — á hora da morte — elle fez ostentação da mais desbragada impiedade, morrendo, sem nem ao menos querer ouvir fallar em sacramentos! Deus se compadeça da sua alma.

—

Eis como termina um artigo que José Maria de Souza Monteiro, publicou no jornal — «O Direito.»

«Não se póde chamar *atheu* a Herculano, por ter negado *o milagre de Ourique*; mas podia-se arguil-o, de não ter sabido sustentar a sua opinião, e não merecer, n'esta parte ao menos, o titulo de «grande historiador», com que o assopram as gallinheiras da praça da Figueira litteraria, *atheu* não.

De feito elle não o era; apenas se póde suppôr que ambicionava ser classificado entre os racionalistas deistas; e que nos ultimos dias da sua vida, pareceu ter descambado para os pantheistas inconsequentes ou muito cautelosos.

Conviriamos, como convimos, em que foi um «cidadão prestante» porque tendo começado por ser *miguelista,* depois *chamorro,* depois *cartista da opposição,* e depois *historico,* acabou em *republicano*; e em todos estes partidos mostrou para quanto prestava, com escriptos accommodados a cada *phase* da sua transmigração perpétua, até nas suas concomitantes evoluções religiosas. *A bon entendeur salut.*»

—

Se fosse a transcrever tudo quanto com respeito a Alexandre Herculano se tem dito e escripto, pró e contra, teria de encher muitas paginas, que, apezar de longas, não seriam faltas de valia, pela luz que derramavam para conhecimento do caracter d'este escriptor notavel. Terminarei este já extenso artigo, transcrevendo um outro bello artigo, publicado no jornal «O Apostolo.»

Eil-o.

A. Thiers, padre Pompêo e Alexandre Herculano

Dentro de um mez o *registo civil* inclue na sua estatistica trez livres pensadores que se passaram d'este mundo.

Eram elles de elevado talento e grande illustração e usaram d'esse dom de Deus como entenderam, mas não corresponderam por certo aos altos fins da humanidade, que é a maior gloria do mesmo Deus

O livre pensamento, é a escola mais perigosa que existe; d'ella tem sahido as maiores aberrações, as doutrinas mais repugnantes e sobre tudo subversivas do Christianismo.

Seguir portanto esta escola é adoptar doutrinas, que se oppõe á de Deus; é chegar até á negação do proprio Deus.

Os trez vultos que sahiram d'este mundo se não chegaram ao extremo d'essa escola immoral, foram com tudo sectarios de muitos de seus principios, adeptos como eram e depois mestres do liberalismo moderno, dependencia do livre pensamento.

Thiers, Pompêo, Herculano, eis uma trindade humana, que se tivesse usado dos grandos talentos, que Deus lhes concedeu segundo o plano do mesmo Deus, teriam por certo feito grandes, extraordinarios e relevantissimos serviços á humanidade.

Infelizmente nenhum d'elles merece a gratidão da humanidade, á qual não serviram prestando-se a seguir e defender principios oppostos ao seu bem estar.

Não negâmos, porém, os serviços e esforços que fizeram para o desenvolvimento da escola a que viverám filiados, mas ainda assim não teem direito á gratidão da humanidade, porque não a serviram nos planos divinos, senão contra ella.

Talentos tão elevados deviam ser utilisados de modo mui differente.

Thiers, livre pensador, se fez serviços á sua patria, se a livrou das garras do maior tyranno do seculo dezenove, que não podendo destruir a França com as armas, entendeu poder opprimil-a com o peso material do dinheiro, que exigiu para resgate, ligou-se depois com os revolucionarios permanentes, com os maiores inimigos da Egreja e patrocinou todos os despropositos dos republicanos e dos livres-pensadores.

Pompêo, homem de superior talento e de illustração variada, não obstante sacerdote, sectario do livre pensamento, tirava á Egreja direitos que lhe pertenciam para o opulentar o regalismo, e confessava-se liberal e defendia a liberdade até aos seus mais dilatados extremos, avassalando, pela doutrina que desenvolvia, a Egreja, cuja dependencia punha em duvida.

Se em melhores tempos, do que os ultimos de sua vida, se apresentou defendendo os direitos da Egreja, da qual era ministro, cahiu logo depois na mais absurda contradicção, prestando-se a defender os perseguidores dos Bispos, e o que é estupendo, arrependeu-se de ter sustentado com vigor e saber a verdadeira doutrina da Egreja!

—

A. Herculano, não ha em Portugal e no Brasil quem o não conheça, pela altura em que se collocou nas letras patrias, ou pelo ardor, vehemencia e altivez, com que procedeu nas luctas em que se empenhára.

Historiador, ninguem melhor do que elle, soube desempenhar a missão de expôr as grandezas de sua patria; por demais investigador, se é que não o dirigiu a sua má vontade religiosa, chegou a negar um acontecimento, que pelo seu caracter sobrenatural, indicava a opulencia de fé de seus antepassados, e tanto os ennobrecia.

Herculano era livre pensador extremado; de um orgulho sem limites, nada admittia superior á sua razão; foi talvez guiado por sua escola, ou pela sua indole altiva e orgulhosa razão, que negou a apparição milagrosa nos campos de Ourique, que era o maior brazão da monarchia portugueza.

Este facto, que naturalmente devia despertar os espiritos religiosos e que timbravam em reconhecer o grande milagre feito para a independencia de sua patria, os fez sair ao encontro do inimigo, que pretendia destruir as grandezas da terra commum.

D'ahi uma lucta violenta em a qual tanto se degladiaram os contendores; tão profun-

dos foram os golpes, que se desfecharam, que indecisa ficou a victoria.

Esse livro que, com o orgulhoso titulo de — *Eu e o clero*, publicou Herculano, prima na ordem dos desvarios da razão, humana, ficando muito áquem do bom senso o seu apaixonado auctor.

Póde-se dizer de Herculano, que o seu grande talento foi sempre contrariado pelo seu elevado orgulho, que repellia qualquer advertencia, ainda mesmo de amigo.

Em toda a sua vida quiz ser o primeiro, e por isso abandonava os seus trabalhos ao menor aceno de um terceiro, que ousasse notar um senão em suas obras.

Contradictorio comsigo mesmo, Herculano mostrou muitas vezes a influencia da Egreja de Jesus Christo, e outras tantas desvairado pelas contrariedades da vida, sem um momento de reflexão, atirou-se contra ella, contra os seus ministros e confundindo tudo, pretendeu tudo destruir.

Elegante na phrase, correcto na linguagem, ameno na descripção, Herculano claudicava na doutrina, victima da escola, em que educou a sua intelligencia e do seu incommensuravel amor proprio.

Devendo ser utilissimo á sua patria não o foi, nem a si proprio.

É esta a historia de todos os livres-pensadores.

Baralham no mundo os bons com os maus principios: phantasiam theorias repugnantes e absurdas; zombam de tudo que lhes parece opposto á razão, mas morrem sem o triumpho que viam fugir todas as vezes que se propunham conseguil-o.

Thiers, Pompêo e Herculano, são trez vultos que directa ou indirectamente, procuraram ferir os direitos da Egreja de Jesus Christo, tirando-lhe o que lhe pertencia como sociedade independente, para augmentar a sociedade civil, da qual a queriam fazer uma *inquilina*, na phrase de um nosso estadista.

Já lá estão na presença do seu Deus, do seu Juiz...

Mais ou menos ligados á perseguição moderna contra Pio IX, estão hoje dando contas do emprego dos talentos que lhes foram confiados, e o venerando Pontifice, que tem visto partir um a um, d'este mundo, os seus inimigos, ainda vive e ora por todos elles e pela conversão dos vivos.

O Apostolo.

—

N'esta freguezia e immediatas, teem grandes e ricas propriedades, os senhores duques de Loulé.

A veiga de que fallei no principio d'este artigo, e que antigamente se chamou *Varzea do Feijoal*, está dividida em quintas e pequenas propriedades.

A principal quinta d'este valle, é a de *Cabanas*, que já está na freguezia da Romeira. Pertence ao sr. Frederico Antonio Pereira de Vasconcellos, nascido em *Val de Porco*, freguezia do *Pôço do Canto*, concelho da Mêda e residente, com a sua familia, n'esta quinta — que tem de comprido, 2:600 metros. (Vide o 2.º *Val de Porco*.)

A casa d'esta quinta está sobre a estrada e o rio que vae da Romeira a Achête.

Ha n'esta propriedade duas arvores notaveis, são — uma oliveira, que, em alguns annos, tem dado SEIS ALMUDES DE AZEITE! — um carvalho, que, em pequeno, tombou sobre um tanque, e ficou em posição quasi horisontal. O tronco principal mede 7 metros, até aos primeiros ramos, e 5 $^1/_2$ de circumferencia. Um cavallo fino póde subir por elle, até dez metros. Um homem a pé, póde percorrêl-o por dentro, a distancia de 37 metros, e affastar-se 14 metros da base! Ha tempos, cortaram-lhe dous ramos, e limparam o resto. Esta lenha, coseu 300 metros cubicos de cal! — Só o peso da sua lenha é avaliado em 25:500 kilogrammas (1:700 arrobas.)

A sua segunda pernada, daria uma *roda de prôa*, capaz de servir para a maior fragata do mundo.

Entre o musgo que cobre o seu tronco e ramos, criam-se fectos que attingem seis decimetros de altura; e em um deposito de musgo, entre dous ramos ou pernadas, teem nascido enormes troncos d'hera, quatro figueiras (que dão figos) tendo uma d'ellas, 6 metros de altura. Entre o musgo de outro

ramo, nasceu um viçoso freixo, que já tem 2 metros de alto. Por varias vezes, tem sido desenhado e photographado, este gigante vegetal.

Na capella d'esta quinta, ha uma imagem de São Pedro, que pertenceu á capella, desmantelada, da quinta do Carvalho. Diz-se que este santo foi o primeiro que os christãos tiveram no concelho de Santarem, depois da tomada aos mouros.

—

Um kilometro acima da mesma quinta, está a aldeia do *Paço*, com 12 fogos. Segundo a tradição, quando D. Affonso Henriques veio tomar Santarem, aos mouros, acampou em Pernes. Os mouros, sahiram da praça, para o combater, e, em quanto se dirigiam a Pernes, o rei portuguez emboscou-se na tal aldeia do Paço, e alli passou a noite, investindo no dia seguinte a praça, que conquistou. Do tal paço que deu o nome á aldeia, não resta o minimo vestigio.

Não merece inteiro credito esta tradição. É certo que D. Affonso I passou a noite de 7 para 8 de maio de 1147 *nos olivaes de Santarem*, e podia muito bem ser no sitio onde hoje está a aldeia do Paço; mas, nem os mouros o quizeram accommetter em Pernes — porque o julgavam então em Coimbra — nem aqui houve nunca um edificio que merecesse o nome de paço.

O que é certo, é que, em 17 de feveiro de 1882, foi feito visconde da *Ribeira do Paço* (d'este) o senhor Francisco Medeiros d'Albuquerque, que é directo senhorio de umas terras aqui situadas.

VAL DE LOBOS — logar, Extremadura, na freguezia de Bellas, (vol. 1.º, pag. 371, col. 2.º)

Em novembro de 1875, comprou o governo, ao sr. Francisco da Costa, todas as aguas potaveis que appareceram na propriedade de *Val de Lôbos*, junto a Bellas, (com exclusão das da *fonte do Castanhal*) para serem empregadas no abastecimento de Lisbôa.

Eis as clausulas da respectiva escriptura:

O vendedor receberá por cada annel de agua 1:500$000 réis, livres de qualquer encargo. Se porém as aguas encontradas medirem mais de 10 anneis até 20, o preço de cada um será só de 1:300$000 réis, e se medirem mais de 20 até 30 anneis, esse preço descerá a 1:100$000 réis. Quando a quantidade exceda a 30 anneis, o preço será regulado por accordo.

O vendedor receberá desde já a somma de 4:500$000 réis, adiantamento que será encontrado em prestações de 900$000 réis annuaes no preço a pagar pelo governo, a contar de 1876.

Todas as obras de exploração pertencerão ao governo e por elle serão feitas. As aguas da fonte do Castanhal continuarão porém a pertencer ao sr. Francisco Costa.

Das sommas que annualmente deverem ser pagas ao vendedor ficarão em deposito 15 por cento, sendo esse deposito levantado na liquidação final, que não hirá além de 1888.

Em setembro de cada anno será feita a medição das aguas exploradas.

VAL DE LUSO — logar, Alemtejo, na freguezia de Santo Antonio das Areias (vol. 1.º pag. 238 D, col. 2.ª)

A companhia geral dos phosphatos em Hespanha e Portugal, requereu ao ministerio das obras publicas, em setembro de 1880, diploma de descobridora legal, das minas de phosphorite, nos sitios de *Val de Luso— Cume do Seixo— Cancella de Ruivo—e Relva da Ceiceira*, todas n'esta freguezia das Areias.

VAL DE MACEIRAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira. 30 kilometros d'Elvas, 195 ao E. de Lisbôa. 65 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago, S. Saturnino.

Bispado de Elvas. districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento — 180 alqueires de trigo e quarenta de cevada.

Acho esta freguezia, no *Port. Sacro*, e nos diccionarios, do Flaviense, e de J. A. de Almeida; mas não a encontro no Bettencour, nem no *Mappa das congruas*. Julgo que é a que hoje se chama *Vallongo*. Sendo isto, é do concelho d'Aviz, comarca da Fronteira,

mas não é do bispado d'Elvas, é no de Portalegre.

Escrevi ao parocho d'este Vallongo, pedindo-lhe que me tirasse d'esta duvida; mas não se dignou responder-me!

Ha tantos como este!...

VAL DE MADEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 70 kilometros de Viseu, 360 ao E. de Lisbôa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Pinhel, districto adimistrativo da Guarda.

O prior do Salvador, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua, e o pé de altar.

VAL DE MADEIROS — aldeia, Beira Alta, na freguezia e 3 kilometros ao S. de Cannas de Senhorim, concelho e 6 kilometros de Nellas, comarca de Mangualde.

(Alguns dão a esta aldeia, o nome de *Val de Medeiros*, mas julgo que é êrro. Nos papeis antigos, diz-se *Val de Madeiros*.)

Houve aqui um antiquissimo mosteiro de freiras bernardas (que primeiramente foi benedictino, duples) talvez o mais pobre da sua ordem, denominado de *S. João de Val de Madeiros*.

O cardel-infante D. Henrique (depois *cardeal-rei*) supprimiu este convento, em 1560, applicando as suas poucas rendas, e o cumprimento dos seus encargos, ao mosteiro de Maceiradão, que foi tambem da mesma ordem. (Vide *Maceiradão*, e no 2.º vol., pag. 78, col. 2.ª)

Diz assim o decreto:

«Considerando Nós, que este Mosteiro tem tão pouca renda, que com ella se não póde sustentar em nenhum modo, para n'elle poder haver as Religiosas que convém para Convento e para se fazerem os Officios Divinos, como he razã: e assi as necessidades que as que n'elle ora estão, padecem, assi no que cumpre á sua sustentação, como á Clausura que convem a Religiosas: por não haver no dito Mosteiro nenhuas Officinas, nem cêrca, nem outras casas necessarias; nem renda de que se possam *ordenar*.[1] Pero que nos pareceu &.ª» (*Doc. de Maceiradão.*)

Em dous prasos, de umas fazendas, junto a Odivellas, se diz que estas propriedades eram da herança de D. Catharina d'Eça, religiosa professa, no mosteiro cisterciense, de *S. João de Val de Madeiros*, tambem chamado de *Canas de Senhorim*.

Esta D. Catharina d'Eça, era filha de Dom Jeronymo d'Eça e de D. Maria Tiba, e foi uma das ultimas freiras de Val de Madeiros. Por morte de seus paes, repartiu-se a herança entre ella e suas duas irmans, ambas religiosas — uma (D. Jeronyma) no convento da Esperança, de Lisbôa (hoje collegio, do sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello) e outra — D. Joanna, freira de Lorvão. A cada uma pertenceu de legitima, 1:134$660 réis, que n'aquelle tempo era uma grande quantia.

Pela suppressão do convento de Val de Madeiros, foi D. Catharina d'Eça para o de *Cellas* (Coimbra) e de lá para o de Lorvão.

Por sua morte, deixou a este ultimo convento, varias peças de estimação e grande prêço, algumas das quaes ainda alli se conservam; *pelo que, o seu nome — ainda que não por virtude* (diz frei Joaquim de Santa Rosa do Viterbo) *será repetido eternamente.*

Horrorosa trovoada

No dia 13 de julho de 1881, pelas trez horas da tarde, uma terrivel trovoada, acompanhada de graniso, assaltou as povoações de Cannas de Senhorim, Lápa do Lobo, Val de Madeiros, Povoa de Santo Antonio, Cabanas, Oliveira do Conde, Oliveirinha e Fiaes.

A pedra cahiu com tal força e em tanta quantidade, que os campos ficaram alastrados n'uma altura de um palmo, e mais. Duas

---

[1] *Ordenar*, então significava — pôr em ordem, arranjar, reformar, construir, etc. Ainda hoje se diz—*Ordenar uma casa, ordenar um leitão, cabrito, gallinha*, etc. (por cosinhar) e *bem ordenado*, por bem feito, bem regulado, bem construido, etc.

horas depois, quando o temporal passou e as faiscas deixaram de cruzar os ares, observava-se n'aquelles campos um espectaculo desolador. As cearas, os vinhedos, as hortas, os pomares e até as mattas, tudo havia sido devastado pela trovoada. Os troncos das arvores e as cêpas das videiras appareciam despidas de folhas e de fructo, os campos de milho completamente ceifados e alastrados pelo graniso; os batataes sem uma folha; e emfim, o completo inverno, succedendo instantaneamente a uma vegetação luxuriante e cheia de promessas.

Principalmente a freguezia de Cannas de Senhorim ficou reduzida á mais completa miseria. Avaliam-se os prejuizos para os lavradores em mais de cem contos de réis.

—

Em 14 de outubro de 1881, falleceu, em Lisbôa, o reverendo Sebastião Paes de Miranda, conego mestre escola, da Sé Patriarchal, e de edade muito avançada.

Tinha nascido n'esta aldeia de Val de Madeiros.

Fôra frade franciscano, era formado em theologia pela universidade de Coimbra, e parochiou durante o largo periodo de 20 annos na egreja do Sacramento.

Era um caracter respeitavel e foi-lhe algumas vezes offerecida a mitra do Funchal, que recusou.

Deixou extenso testamento.

Dos seus bens instituiu universaes herdeiras as suas sobrinhas Maria Delfina, Anna de Jesus, e Josepha Emilia, filhas do seu fallecido irmão Miguel Mendes de Miranda.

Thermas de Val de Madeiros

Nos artigos *Cannas de Senhorim* (vol. 2.º, pag. 78, col. 1.ª) e no de *Felgueiras* — a 8.ª — (vol. 3.º, pag. 163, col. 2.ª) fallei d'estas thermas. No *Commercio Portuguez*, n.º 76, porém, lê-se uma correspondencia anonyma, datada de Villa-Verde, a 22 de março de 1881, que, pela sua importancia, não posso deixar de transcrever n'este artigo.

É a seguinte:

«Encontram-se aquellas aguas (as de *Val de Madeiros*) a distancia de 3 kilometros de Cannas de Senhorim, caminhando para o sul, na margem direita do Mondego, concelho de Nellas, bispado de Viseu, provincia da Beira Alta.

«Denominaram-se *Banhos de Cannas de Senhorim*, tomando o nome da freguezia a que pertencem — tambem se denominaram *Banhos de Val de Madeiros*, tomando o nome de uma aldeia que se encontra a meio caminho, entre os Banhos e Cannas—finalmente denominaram-se e *muito injustamente* se denominam, *Banhos da Felgueira*, tomando o nome de uma pequena povoação que está escondida entre uns montes a dous kilometros de distancia, na outra margem (esquerda) do Mondego, e que pertence á freguezia do Seixo, concelho de Oliveira do Hospital, provincia do Douro, bispado de Coimbra!...

«E note-se que a tal povoação da Felgueira nem se lobriga dos banhos — é muito mais pequena do que a de Val de Madeiros — e distando os banhos apenas um kilometro d'esta, distam da outra o dobro, mettendo-se de permeio o rio!

«As aguas brotam em terreno abafado, pedragoso e deserto, mas pittoresco.

«Apenas alli se veem 40 a 50 casas, feitas expressamente para os banhistas, datando as construcções mais remotas dos principios d'este seculo.

«O estabelecimento dos banhos é microscopico e muito humilde, mas verdadeiramente extraordinaria a concorrencia dos banhistas, comprehendendo homens, mulheres e creanças, de todas as classes.

«São em maior numero os pobres, mas tambem alli concorrem sempre muitos banhistas da primeira sociedade.

«Alli temos visto, por exemplo, o sr. bispo de Viseu com a sua familia e outras da capital do districto — o sr. Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Povoas, e outros cavalheiros e familias da Guarda — de Ceia as familias da sr.ª viscondessa de Vallongo, Mottas, Cunhaes, etc.— de Gouveia as familias do sr. conde de Caria, Mendes Duarte, José Hygino, Brazes, Rainhas, Mouras Portugaes, etc.— e os condes e o juiz de direito de Fornos de Algodres — além de outras muitas familias de Nellas, Cannas de Senho-

rim, Mangualde e mesmo de Coimbra, do Porto, e de Lisboa!...

«De Lisboa tem hido alli, ha annos, o sr. José Maria Marques Caldeira, que se propõe erguer o pobre estabelecimento dos banhos da humildade em que tem jazido até hoje, e eleval-o á altura que merece, como acabamos de lêr no *Jornal de Viseu* (n.º 1:773) em um interessante e curioso artigo edictorial que, com a devida venia, transcrevemos em seguida.

«Eil-o:

«São muito conhecidos em todo o paiz, e ainda no estrangeiro, os maravilhosos resultados d'essas aguas. Procuram os seus beneficios, nas duas quadras do anno, mais apropriadas, centenares de pessoas, apezar de não ser commodo ainda o transporte entre a estrada real e a povoação de Val de Madeiros, e de não haver alli as commodidades que hoje se encontram em quasi todas as caldas, até mesmo de menor nomeada.

«Bastará dizer que nem ao menos alli existe um hotel, uma casa que receba hospedes. Quem fôr, ha de levar tudo o que é necessario — desde a louça da cosinha!

«Em novembro ultimo, o sr. José Maria Marques Caldeira, que ha annos costuma aproveitar-se dos beneficios e milagrosos effeitos d'essas aguas, obteve da camara municipal de Nellas, a quem pertence a posse do manancial, concessão, por 99 annos, do rendimento das aguas, mediante a prestação de 120$000 réis ao municipio, e devendo facilitar ao publico 14 a 18 banheiras — por que para abastecer mais, de uma vez, não dá agua a nascente.— Os banhos serão de 4 classes, desde 200 réis até 50 réis, de custo, cada um, sendo duas banheiras destinadas para banhos gratuitos de pobres.

«O uso das aguas para beber será tambem pago.

«O rendimento que até hoje a camara de Nellas auferia das aguas orçava por 80$000 a 90$000 réis. O estado das casas dos banhos é mau, e não seremos exagerados se o chamarmos vergonhoso. Se a bondade realmente extraordinaria das aguas não fosse a principal origem do movimento de pessoas que as procuram, difficilmente se poderia alli encontrar banhistas.

«Esse movimento ha de augmentar muito, ainda que alli não se tratasse dos melhoramentos de que vamos fallar, em consequencia do caminho de ferro da Beira, que lhe fica, póde dizer-se, á porta.

O sr. Caldeira obrigou-se a organisar companhia para alli estabelecer os melhoramentos, que consistirão em casa propria para banhos, com as commodidades adequadas a esses estabelecimentos, companhia que tirará o lucro durante aquelles 99 annos e depois deixará para o municipio os melhoramentos que fizer.

«O preço dos banhos até hoje, tem regulado entre 10 e 20 réis cada um, segundo nos informam.

«Ha annos, o sr. dr. Joaquim Paes da Cunha, a quem o concelho de Nellas deve fervoroso e mui proveitoso apostolado, e incessantes trabalhos em bem de importantes melhoramentos de que gosa, propôz á junta geral, de que era zeloso e a todos os respeitos digno membro, que ella consultasse o governo, pedindo que, estudadas as aguas e o local por pessoa technica, elle mandasse levantar a planta de uma casa propria, visto não ter a camara de Nellas meios de o fazer. O governo promptamente accedeu, e foi mandada á camara d'esse concelho uma bella planta para o edificio, comprehendendo casas de banhos, todas as suas dependencias e sala para club.

«Circumstancias que escusamos de enumerar, deixaram permanecer as cousas n'esse ponto, sendo na ultima sessão legislativa, a instancia do mesmo sr. dr. Paes da Cunha e de outros cavalheiros de Nellas, apresentado um projecto de lei para beneficio d'aquelle importante local da Felgueira — projecto que nem sequer teve as honras de sahir da commissão parlamentar.

«Eram estas as circumstancias quando o sr. Caldeira fez a proposta a que nos referimos, e que foi acceita.

«Felicitamos o sr. Caldeira, sentindo que ha mais tempo o concelho de Nellas, que é muito rico e onde ha boas fortunas e cavalheiros de iniciativa provada, não tivesse

devéras tractado de organisar uma companhia para exploração d'essas aguas. Não vae aqui censura a alguem: vae apenas a expressão d'um sentimento, por vermos um cavalheiro de fóra do concelho tomar uma resolução que muito antes, e sempre, poderia ser tomada por alguns municipes de Nellas. É notavel a inacção dos beirões em promover os seus interesses, melhorando ao mesmo tempo os do publico. É lastimoso vêr que os capitaes aqui não sahem fóra do circulo da agiotagem e usura, não porque seja mais seguro o emprego, mas porque dá menos incommodo. É por isto que não ha associação agricola; que não ha bancos para facilitar á lavoira capitaes baratos; que não ha companhia edificadora; que não a ha para abastecimento de aguas da cidade de Viseu, etc., etc.

«É por isso que nós louvamos o sr. Caldeira e todos aquelles que vêem, procurando os seus interesses, concorrer tambem para os do publico.

«A concessão a que nos referimos não foi, segundo cremos, definitiva, nem o podia ser. O sr. Marques Caldeira, não acceita a planta offerecida pelo governo, nem ainda apresentou outra, mas obrigou-se a apresental-a para ser considerada pela camara, não comprehendendo, todavia, sala para club nem casa para hotel.

«Por certo a camara de Nellas ha de ter o maior desejo de fazer a concessão definitiva ao sr. Caldeira, cuja iniciativa é altamente louvavel, e cremos que não será s. ex.ª o que deixa de offerecer todas as garantias no concurso que a camara terá de abrir para a adjudicação definitiva da referida concessão.

«Bem merece o sr. Caldeira toda a consideração dos homens que se interessam por o melhoramento das aguas da Felgueira. Foi grande o impulso que da sua iniciativa provém para alfim se curar definitivamente da acquisição de um beneficio, cujos effeitos são incalculaveis, e do qual, resultando lucros certos e importantes para a empreza, provirão inexgotaveis conveniencias publicas.

«É necessario não esmorecer de novo: é preciso não parar no caminho. É indispensavel que não haja o fatal ámanhan n'um assumpto de tamanha necessidade.

«A camara de Nellas é composta de cavalheiros devéras interessados no bem dos municipes, e os melhoramentos da Felgueira são ainda muito mais, do que do municipio — são beneficios para a humanidade.

«Associámo-nos com o sr. dr. Joaquim Paes da Cunha quando elle ergueu, na Junta Geral, a sua voz patriotica e auctorisada, em bem das caldas da Felgueira. Por outras vezes temos apostolado em favor das melhorias que ellas reclamam. Hoje folgamos por vermos as cousas dirigidas a um fim tão util, e tão bem encaminhadas, e quizemos ser dos primeiros a prestar o sincero culto de nosso respeito ao sr. Marques Caldeira, á camara e aos cavalheiros de Nellas que fomentam essas melhorias.

Que não haja agora a fatidica e desgraçada somnolencia— condão infeliz, que tem feito paralizar e inutilisar tantos outros commettimentos de subida conveniencia publica. Eis os nossos desejos e os interesses de todos os que do bem geral, auferem o quinhão que a todos enriquece.»

São estes tambem os nossos votos e os da humanidade enferma».

Depois de já estar composto o que acaba de ler-se com respeito ás thermaes de *Val de Madeiros*, vi no illustradissimo «Jornal de Viseu» de 13 de setembro de 1882, os dous annuncios seguintes, que sendo de tão grande importancia, para as pessoas que precizem uzar d'estas aguas — não quero privar os meus leitores do seu conhecimento. Eil'os:

Pequena hospedaria nos banhos da Felgueira. Maria do Espirito Santo Paes Martins e Maria d'Annunciação, sob a direcção de seus irmãos Sebastião Pereira e Lucio d'Oliveira e Silva, fazem saber aos srs. banhistas que teem alli montada a hospedaria com a devida decencia e commodos. Preços os mais resumidos. Canas de Senhorim, 12 de agosto de 1882.

Diligencias diarias entre Nellas e Vizeu, e Estarreja e Vizeu. As companhias Viação Viziense e Viação do Vouga, fazem publico que teem 3 carros diarios durante os mezes

de setembro e outubro, entre Nellas e Vizeu, saindo o 1.º ás 4 1/2; o 2.º, 7,50 e o 3.º 10,20 da manhã; de Nellas para Vizeu ás 10,50 da manhã, 1 e 30, e 7,45 da tarde. As mesmas continuam com as carreiras diarias entre Estarreja e Vizeu.

VAL DA MADRE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 185 kilometros a N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 72 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O prior do Mogadouro, apresentava o vigario, que tinha 8$000 de congrua, e o pé de altar.

Pouco fertil. Gado e caça.

VAL DE MARINHA — Ribeira, Traz-os-Montes, entre os limites da *Lagoaça*, concelho de Freixo de Espada á Cinta, e *Quinta das Quebradas*, concelho do Mogadouro.

Corre em sitio muito ameno e agradavel.

Parece-me que as margens d'esta ribeira deram origem ao nome árabe (corrupto) de *Lagoaça*, porque—

Em Argel, ha uma cidade muito antiga (hoje praça de guerra dos francezes) chamada *Laghouat*. Já antes de tomada pelos francezes, éra cercada de muralhas, com seu castello.

Tem uns 3:000 habitantes, e está situada no formoso *Oasis* do seu nome, que tem 152 hectares, e contem 18:000 palmeiras. Tem tambem muitas figueiras, romeiras, oliveiras, pecegueiros, damasqueiros, marmelleiros, larangeiras e outras arvores. Tém vinhas, hortas, meloaes e outras plantas, tudo em formosos jardins, em volta das muralhas, que são de *adobes*, mas bastante consistentes. Estes jardins, são regados pelo formoso ribeiro chamado *Oued-Mzi*, no qual se construiu um dique, a que deram o nome de *Ras el-Aioun*, com 300 metros de comprido, 10 de largo, e 3 d'alto. É um dos mais bellos, ferteis e ricos *oasis* africanos.

Talvez que a tal ou qual semelhança das margens do *Val de Marinha*, com o *oasis* de *Laghouat*, fosse a causa dos árabes lhe darem este nome.

Na sua margem esquerda (do Val de Marinha) e junto ao alveu, existe um manancial de aguas sulphuricas, denominadas *Fonte-Santa*, muito efficazes para a cura de molestias cutaneas.

Junto a esta fonte, existem os restos de umas casinholas, que em outras eras serviram de acolheita aos doentes que vinham aqui fazer uso d'estes banhos.

Ao N. da ribeira, e em frente da Fonte Santa, se levantam umas altas serras, nas quaes os pastores apascentam os seus rebanhos, e diz o povo d'aqui, que as pedras d'estas serras são de *ouro encantado*. É certo que a maior parte das pedras que se encontram soltas aqui, são amarelladas e alguma coisa sonoras. É provavel que sejam *pyrites de ferro e enxofre*, visto que ao sopé se encontram as taes aguas sulphuricas da Fonte Santa.

Nas faldas d'estas serras, o ao abrigo d'ellas, muito proximo da ribeira, existe um cerrado (campo) cercado de parede de uma altura descommunal, que denota uma grande antiguidade. Dá-se a este cerrado, o nome de *Casal dos Mouros*, e é tradição que houve aqui uma povoação mourisca.

Tudo isto nos leva a acreditar no tal nome de *Laghouat*.

VAL DE MENDIZ — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Favaios). 95 kilometros ao E.N.E. de Braga, 355 ao N. de Lisbôa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 17.

Orago, S. Domingos.

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Villa Real.

O reitor de S. Romão de Villarinho (hoje

Villarinho de S. Romão) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar

É provavel que o nome d'esta freguezia venha de *Mem Diz* (abreviatura de *Mendo Diniz*, como antigamente se escrevia) talvez senhor ou primeiro povoador d'esta aldeia.

Foi desmembrada, no principio do seculo XVIII, da freguezia de Villarinho de S. Romão, constituindo freguezia independente, mas curato da sua parochia, a qual fica na margem opposta do rio Penhão.

Não é fertil em cereaes, perém o seu vinho é de superior qualidade, e do melhor do Alto Douro. Tambem produz algum azeite, considerado como superlativo.

Está a povoação situada ao fundo de um monte, e quasi por baixo de Villarinho de Cottas (a um kilometro de distancia) e em frente da villa de Provezende.

Junto á aldeia de Val de Mendiz, estão a casa e grande *quinta do Noval*, hoje do sr. Alfredo Allen (feito visconde de Villar Allen, em 13 de janeiro de 1866.) A terra d'esta quinta, está quasi toda de vinha, e antes do terrivel phylloxera, produzia mais de 130 pipas de magnifico vinho de embarque.

O seu proprietario tem empregado os maiores cuidados e feito todas as possiveis experiencias, para atalhar o mal que ameaça a total destruição das suas vinhas, e bastante, felizmente, tem já conseguido; o que tem servido de estimulo a outros viticultores. É o sr. visconde, um dos mais infatigaveis propagadores de tudo quanto possa salvar o Alto Douro da ruina causada pelo destruidor phyloxera, Honra lhe seja.

No alto d'esta quinta ha vestigios de um pequeno e antiquissimo castello, de alvenaria; e tem aqui apparecido muitos tijollos grossos e telhas, tambem grossas e chatas. Foi talvez alguma atalaia dos antigos lusitanos.

—

A estrada que de Murça desce á estação da via ferrea da Douro, no Penhão, atravessa esta quinta e passa *rente* a Val de Mendiz; e a *Nova Companhia viação Portuense*, estabeleceu n'esta estrada uma *diligencia* diaria, passando por Val de Mendiz, Favaios, Alijó, e varias outras aldeias até Murça.

—

Sendo o vinho a principal producção da freguezia de Val de Mendiz, e tendo o phyloxera arruinado quasi totalmente esta cultura, o povo d'aqui está reduzido a grande miseria, conservando apenas a recordação da sua antiga prosperidade. Já nem póde sustentar um parocho, e hoje apenas um padre de Favaios, vem aqui dizer missa nos domingos e dias santificados.

O mesmo acontece aos parochianos da freguezia de Villarinho de Cottas, que tambem já não teem parocho, e veem aqui ouvir missa, ou vão a Casal de Loivos, que lhe fica a egual distancia (um kilometro.)

Hoje que a aldeia do Penhão, na margem direita do Douro, está sendo uma povoação importantissima, pela sua estação do caminho de ferro, era uma boa providencia, formar uma nova freguezia, com Penhão, Casal de Loivos, Val de Mendiz, e Villarinho de Cottas, sendo esta ultima povoação a séde da freguezia, por ser o ponto mais central.

O cemiterio podia servir o de Val de Mendiz, construido ha poucos annos e bem situado, em um alto e sobranceiro á povoação.

Esta freguezia está sobre a margem esquerda do rio Penhão.

—

Tem aqui um casal, o sr. Antonio Julio de Castro Pinto Magalhães, medico, e feito 2.º visconde da Ribeira de Alijó, em 30 de abril de 1874. É irmão do sr. Joaquim Pinto de Magalhães, feito visconde de Arriága, em 17 de outubro de 1871.

VAL DA MÓ—logar, Douro, junto á villa da Anadia. Ha aqui um manancial de aguas ferreas. Não me consta que tenha sido devidamente analysado, nem d'elle pude obter outros esclarecimentos.

VAL DO MONTE—monte bastante elevado, de Traz-os-Montes, na freguezia de Po-

dence (antigamente, *Lamas de Podence*). Vide 7.º vol., pag. 113, col. 1.ª.

Esta freguezia pertenceu ao termo de Bragança, e é hoje do de Macêdo de Cavalleiros.

Pelo O., tem a aldeia de Podence um outeiro pyramidal, e nas suas faldas E., N. e S. está fundada a povoação. No alto do monte, ha um plató, ou planalto, de pouca extensão, aonde está a pequena ermida de Santa Barbara. D'este plató, principia a levantar-se outro muito mais alto, chamado *Val do Monte*, e o *Monte do Facho* (por aqui ter havido em tempos antigos, um facho.)

Está n'este monte, a ermida de *Nossa Senhora do Campo*, da qual adiante fallo.

Pelo N. da ermida e a pouca distancia d'ella, ha uma fonte perenne, de bôa agua potavel; e ao fundo do monte, tambem ao N.— ha um prado e um frondozo bosque de carvalhos e freixos, pelo qual corre um regato, que tem a sua origem na fonte da Senhora, e em outros mananciaes do mesmo monte.

Este prado é fresco e amenissimo no verão, e, alem de outros fructos, produz varias plantas medicinaes, como *betonica, polygonato* (tambem chamado *sêllo de Santa Maria* ou *de Salomão*) macella e outras.

No tope do Monte do Facho, ha um pequeno plató, cercado de frondosas arvores silvestres, de grandes dimensões e grande antiguidade, que servem de abrigo á ermida.

D'estas alturas se goza um vasto e bello panorama, avistando-se algumas villas e muitas aldeias, montes e valles.

A ermida, segundo a tradição, foi construida durante a dominação gothica, e não foi destruida pelos mouros—talvez porque não tiveram noticia da sua existencia, por estar escondida entre basto arvorêdo.—É dedicada a Nossa Senhora do Campo, que nos seus principios era muito pequena e pobre.

Pelos meados do seculo XIV, veio aqui ter um santo varão, biscainho, ou navarro, que, sobre as ruinas do antigo templosinho, fundou o actual, com seu alpendre coberto, sustentado por columnas de granito, e todo construido de robusta cantaria.

A capella-mór, é de abobada de tijôlo, e tanto as paredes da mesma capella-mór, como as do corpo da egreja, são reforçadas exteriormente por oito robustos botareus. O corpo da egreja é de trez naves, divididas por oito columnas que sustentam os arcos, de ladrilho. Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja. Tem uma soffrivel sachristia do lado do norte, e ao sul as casas da residencia do ermitão. Tudo isto foi feito á custa do referido estrangeiro.

A festa principal da padroeira, é a 25 de março (Annunciação) mas se *cáe* na semana santa, faz-se depois da Paschoa.

Foi este templo muito frequentado de romeiros, principalmente no verão, e que pelo mesmo tempo hiam tambem em romaria ao Santo Christo, de Chacim, a Nossa Senhora das Flores, a Nossa Senhora da Assumpção, de Villas-Boas, ou Murça, e outras egrejas e ermidas.

Houve aqui duas irmandades—uma formada exclusivamente de clerigos, e outra de seculares; ambas com estatutos, approvados por bullas pontificiaes, com muitas indulgencias. Esta irmandade, fazia uma grande festa, a 3 de maio—dia de Santa Cruz.

Em todos os sabbados da quaresma era este sitio muito concorrido, havendo então aqui mercado. A 25 de março havia feira franca, onde vinha gente de algumas leguas de distancia. Chamava-se a *feira da Senhora do Campo.*

VAL DO MOSTEIRO—logar, Extremadura, (mas ao sul do Tejo) na freguezia e 3 kilometros da Érra (hoje Villa Nova da Érra) concelho de Coruche, comarca de Benavente. (Vide *Érra* ou *Villa Nova da Érra.)*

Situado em alto, correndo-lhe ao sopé, (ao O.) a ribeira da Êrra, confinando pelo sul, com a ribeira de *Sorráia.* É terra doentia, em razão dos pantanos e lagôas que existem por estes sitios. Tem porém dilatadas campinas, produzindo abundancia de cereaes e legumes, e vastos montados.

É n'este logar do Val do Mosteiro que se fundou o Convento de frades terceiros franciscanos de que fallei no artigo *Érra.*

VAL DE MOURO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancos, 60 kilo-

lometros de Viseu, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 37.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administractivo da Guarda. Foi até 1777 do bispado de Viseu.

O abbade da freguezia de Santa Maria, da villa de Trancozo, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar. (Vide 5.º vol., pag. 89, col. 1.ª)

Fertil. Muito gado e caça.

VAL DE MUGEM—ribeira, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) na freguezia da villa de Muge (ou Mugem.) Vide 5.º vol., pag. 584, col. 1.ª.

Em setembro de 1864, os distinctos engenheiros, Costa e Ribeiro, encontraram, em uma porção de grés, na ribeira de *Val de Mugem*, affluente do Tejo, 16 esqueletos, completos e perfeitissimos.

Isto causou grande balburdia entre os anthropologos, cuidando terem encontrado o problematico *homem terciario*. Feitas as contas, não passavam de esqueletos de celtas, antigos lusitanos ou romanos, que o grés tinha conservado, sem se decomporem. Mesmo assim, foi um achado importante para o estudo da anthropologia.

Despresando o disparate da existencia dos *homens preadamitas* (que existiram antes de Adão) o que é uma heresia, mesmo que estes esqueletos fossem antidiluvianos, seria difficil, senão impossivel, avaliar a immensa luz que tal achado derramaria nas sciencias, sobre tudo, na physica, na geologia, e na historia: resolver-se-hiam muitas questões até hoje problematicas.

Teem apparecido fosseis de quasi todos os animaes, em differentes localidades, mas até hoje, ainda não está satifatoriamente provado que apparecesse fossil algum humano.

Em Guadalupe (Hespanha) achou-se um esqueleto, incompleto, que alguns pretenderam ser antidiluviano; mas não o provaram: todavia, na Asia, devem existir fosseis humanos, a maior ou menor profundidade da terra, ou nas profundezas do mar, pois sabemos, que quasi toda a humanidade morreu afogada pelo *diluvio universal*, no anno do mundo 1656—2348 antes de J. C.—isto é—ha 4:230 annos (hoje, 1882.)

—

Em setembro de 1880, *importámos* umas poucas de duzias de sábios—e *sábias!*... de differentes nações. Uns vinham fazer um *congresso* sobre sciencias e litteratura; outros, vinham em busca do *homem terciario*, que o sr. Carlos Ribeiro julgava ter encontrado no *Cabeço da Arruda* (!), e examinar todos os nossos monumentos archeologicos—que os temos em grande copia e de incontestavel merecimento.

Tive a inacreditavel coragem, de ler, *de fio a pavio*, todas as sessões d'estes *congressistas*, e de um cento d'elles, pouco mais ou menos [1] da nossa terra, que se lhes reuniram.

Entre 600 linhas que só tratavam da descripção de jantares, *lunches*, ceias, bailes, etc.; lá pude encontrar duas ou trez linhas de litteratura, ethnologia, anthropologia, archeologia, etc. Por fim de contas, nada absolutamente descobriram (senão que os nossos vinhos eram optimos...) e nada decidiram.

Os archeologos, examinaram (*a vol de oiseau*) alguns monumentos; mas na *Citania*, de Briteiros, onde o distinctissimo archeologo de Guimarães, o sr. doutor, Francisco Martins do Gouveia Moraes Sarmento, á custa de enormes despezas, feitas exclusivamente do seu bolso, tem feito as mais notaveis descobertas, como temos visto em varias partes d'esta obra, os congressistas, nada ab-

[1] E, na verdade, *de pouco mais ou menos*, eram bastantes d'estes nossos *sábios*. Eis a prova — Um d'elles, foi meu escrevente 4 ou 5 mezes; e, não podendo fazer cousa nenhuma d'elle—apezar de me quebrar a cabeça durante todo aquelle tempo—vi-me obrigado a pôl-o na rua. Este congressista é de Lisbôa.

Outro d'estes *sábios*, é do Porto, e não havia ainda muitas semanas, que tinha ficado reprovado em um exame de instrucção primaria!

Que hiriam estes dous individuos, e outros tão bons como elles, fazer ao famoso congresso?

solutamente adiantaram, limitando-se a concordar em tudo quanto disse o sr. Sarmento.

Em Braga, foram divertir-se e jantar ao Senhor do Monte, e só de noite, e *á luz de archotes* (!) viram os marcos milliarios, da praça das Carvalheiras.

Foram de' patuscada a Cintra; mas, deram-lhes mais cuidado e mereceram-lhes mais attenção as *queijadas da Sápa*, do que o formosissimo dolmen de *André-Nunes*, o mais notavel monumento pre-historico que existe na nossa peninsula, e o primeiro depois dos de *Carnac* e de *Locmariaquer*, na Bretanha—e do célebre *penédo oscilante*, de *Peros-Guirech* (Côtes du Nord) em França.

Vamos agora aos anthropologos.

O sr. Carlos Ribeiro, fez a descripção do *homem terciario* que havia *encontrado* no Cabeço da Arruda; mas o congressista italiano Capellini, respondeu-lhe que só elle e *mais ninguem*, possuia um *homem terciario*, authentico. Ambos ficaram descontentes; porque a maior parte dos sabios estrangeiros, decidiu que a existencia do homem terciario, não estava provada!

Depois de varios discursos sobre os periodos e os homens *miocénes* e *pliocénes* proferidos por differentes sabios, sobre o *homem paleonthologico*, de Lineu, fallou-se em Darwin e nos seus macacos (nossos progenitores, segundo este figurão!)[1] Mr. Mortillet, negou esta doutrina, sustentando que o precursor do homem, foi o *anthropopitecus-ribeirosianos* (!)

Foi mau não haver ainda *darwinistas* no tempo de Faria e Souza, senão tinhamos outra poesia como a dos peguanos. (Vide 7.º vol., pag. 152, col. 2.ª)

[1] Este escriptor — aliás de incontestavel talento—teve suas manias (como acontece a todos os grandes sabios) e uma d'ellas foi querer fazer-nos acreditar que os homens procedem dos gorillas, dos chipanzés, dos orango-otangos, e de toda a casta de macacada. O que elle não diz, é como *perdemos o pêllo* e nos *cahiu o rabo*. Darwin morreu em maio d'este anno de 1882.

Uma vez, apresentaram a Cuvier, como grande raridade, o esqueleto de um *homem antediluviano*. O sabio naturalista, depois de examinar aquillo, disse ao apresentante — Isto nunca foi esqueleto de um homem; é a ossada de uma salamandra fossil (mas não preadamita) de grandes proporções.

—

Na ilha de Guadalupe, pretenderam alguns anthropologos ter achado um esqueleto humano, da época terciaria: examinado porém attentamente por homens da sciencia, conheceu-se que aquillo não passava de uma reunião de infiltrações calcareas.

Boucher de Perthes, apresentou a um congresso prehistorico de Paris, *um osso*, e estes congressistas decidiram que era a mandibula de um homem preadamita!...

Teem apparecido em differentes logares da nossa Peninsula, bastantes esqueletos do tempo dos phenicios e dos romanos; mas, apenas expostos à acção do ar athmospherico, desfazem-se em pó. Em vista d'isto não é possivel acreditar na existencia de esqueletos humanos antediluvianos entre nós, quanto mais, da época terciaria.

Nem é possivel provar a existencia do homem antediluviano n'esta parte da Europa, mesmo que elle n'essa época já existisse aqui, o que não é acreditavel.

Alem d'isso, sustentar a existencia do *homem terciario*, é uma perfeita herezia, contraria ao que lemos (e temos obrigação de acreditar, como catholicos), nos livros sagrados de Moysés. Talvez mesmo que seja com o fim de desmentir a Biblia que os *terciarios* e gorillistas inventassem o homem preadamita!...

—

Finalmente — fallemos com franqueza — os congressistas estrangeiros, passaram 9 decimas partes do tempo que cá estiveram, em comer, beber, divertir-se — e dormir.

Vide *Val do Tejo*, onde dou noticias mais circumstanciadas sobre este objecto.

—

Julgo bem cabido n'este logar, o seguinte,

A pag. 439, col. 1.ª do 9.º volume—disse eu—«Custa-me bastante a acreditar na existencia de *cyclopes*, ou *homens gigantes*, que

ninguem sabe, que caminho levaram. Apparecem com frequencia, e em differentes latitudes, fosseis de masthodontes, mamouthes, ictiosauros, megaterios, etc., etc., e ainda não appareceu, até hoje, nenhum cyclope fossil!»

Pois se é certo o que dizem varios jornaes (*e os jornaes não mentem...*) «Em maio d'este anno de 1882, no valle de *Red River* (America) appareceram varias ossadas humanas, pertencentes á antiga raça dos *trogloditas*. Alguns ossos, eram de tamanho extraordinario : entre estes, se achou uma caveira de proporções verdadeiramente gigantescas, que não póde ser senão a de um monstruoso titan.»

Acredite quem quizer.

VAL DE NACAR—logar, Beira-Alta, comarca, concelho e freguezia de Armamar (antigamente *Ermamar*). Em 1227, havia em Val de Nacar, uma vinha, pertencente a *Fernão Martins Ferreiro* e a sua mulher, D. Agueda. Estes a doaram n'este anno ao mosteiro de Salzêdas, sob a condição dos *frades tomarem os doadores por seus familiares, e os fazerem participantes de todas as boas obras d'aquella abbadia; e serem conduzidos a ela, depois de defunctos, pelos mesmos monges, para alli os sepultarem. E os doadores, emquanto vivos, dariam annualmente, por dia de S. Martinho, uma pitança de XVII teigas de pão cosido, XX pescadas, e dous modios de vinho; e por sua morte os cotemplariam do melhor modo que podessem, no seu testamento.* (Livro de doações de Salzêdas, fim 31 v.ª)

VAL DE NOGUEIRA — freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, bispado e districto administractivo de Bragança, 54 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 460 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O reitor de Salsas, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Segundo o *Sant. Mar.* (tomo 7.º, pag. 440) foi abbadia, e tinha annexa a freguezia de Salsas. Hoje mudou isto : a freguezia de Val de Nogueira é que está annexa á de Salsas; mas quasi toda a gente dá a estas duas freguezia unidas o nome de Val de Nogueira.

O mesmo *Sant. Mar.* diz que esta freguezia é no arcebispado de Braga. É êrro. Foi do bispado de Miranda, que é o actual de Bragança.

Val de Nogueira, foi villa e cabêça de julgado, á qual o rei D. Manoel deu foral, que não se chegou a publicar. (Vide processo para este foral, na gav. 20, maço 12, n.º 43).

Mas tinha foral velho, dado por Affonso Rodrigues, procurador do rei D. Diniz e seu povoador em Bragança, datado de Ventosêllo, a 6 de fevereiro de 1299, e confirmado pelo dito rei, na Guarda, a 12 de abril de 1308. (L.º 4.º de *Doações* do rei D. Diniz, folhas 47 v.ª).

Ha n'esta freguezia, a antiquissima ermida de Nossa Senhora dos Chãos, cuja festa principal se faz a 25 de março (Annunciação) e fazem-se mais duas—uma a 3 de fevereiro (dia de S. Braz) e outra na 2.ª 8.ª do Espirito Santo.

Teve ermitão com residencia propria, junto á ermida.

Em junho de 1877, se fez aqui uma procissão, que levou nada menos de CINCOENTA E NOVE andores! Os estandartes e cruzes eram ainda muitos mais; e os fieis que seguiam a procissão excediam a 4:000!

VAL DE NOGUEIRAS—freguezia, Traz-os Montes, concelho, comarca, districto administrativo e proximo a Villa Real, 80 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 345 fogos.

Em 1768, tinha 161.

Orago, S. Pedro, apostolo.

É no arcebispado de Braga.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual, 120 mil réis.

É no districto da famosa *Terra de Panóyas*.

(Vide *Constantim de Panoyas*.)

É n'esta freguezia a pequena e extincta villa de *Gallêgos*. (Vide 3.º vol., pag. 254, col. 2.ª, no pr.)

Val de Nogueiras, teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Guimarães, em 2 de abril de 1258. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, folhas, 126 v.ª, col. 1.ª)

Pretendem alguns, que a famosa cidade de Panoya fosse onde hoje se vê a povoação de Constantim, freguezia immediata a esta; mas então a tal cidade estendia-se pelo ambito que hoje occupam estas duas freguezias; porque, em qualquer escavação—e até mesmo quando se lavram algumas terras—n'esta freguezia de Val de Nogueiras, por muitas vezes se teem encontrado pedaços de columnas, capiteis e frizos de jaspe; telhões e ladrilhos de grandes dimensões, de um barro tão vermelho como a gran.

(Note-se que tanto o jaspe, como o barro, deviam ter vindo de muito longe, porque não ha por estes termos semelhantes materias.)

Nas paredes da egreja matriz, e mesmo nas de casas particulares, se vê, entre tôsca alvenaria, de schisto ou granito, muitas pedras de marmore, bem lavradas.

Nas paredes da residencia parochial, ha trez pedras de marmore, cada uma com sua palavra latina—MODESTIA—AVREOLE—e—MILIASTIPIB. (?)

Segundo a tradição, os muros de Villa-Real, foram construidos com materiaes tirados da cidade de Panoyas, destruindo-se então os restos venerandos de uma das mais notaveis povoações da Lusitania!

É certo que ainda em varios sitios d'esta freguezia, se vêem montões de pedregulho e caliças, que bem mostram ter sido as mãos dos homens, e não as injurias do tempo, os agentes d'este vandalismo.

Proximo á egreja matriz, está um monte muito elevado. N'elle ha varios rochedos, onde os romanos abriram com grande trabalho e muita despeza, sumptuosos templos (*fanos*) aos seus deuses infernaes, no tempo de *Cayo Gneo*, e *Calpurnio Rufino*, varão consular, muito dado á superstição dos idolos.

Foram estes dous patricios que mandaram construir (mais propriamente *abrir*) estes curiosissimos monumentos, que teem hoje mais de 2:000 annos de existencia!

Algumas das inscripções gravadas n'estes monumentos, ficam transcriptos no 6.º vol., pag., 416, col. 1.ª e 2.ª—mas os que desejarem saber o contheudo de todos, e até os seus perfeitos desenhos, vejam o tomo 1.º da *Memoria para a historia do arcebispado de Braga*, a pag. 327 e seguintes, de D. Jeronymo Contador de Argote—e o livro do mesmo auctor, intitulado—*De antiquitatibus conventus Bracarangustani*, pag. 132 e seguintes.

Não transcrevo aqui estas inscripções, porque são muitas e fariam o artigo ainda mais fastidioso.

Ao N. d'esta freguezia, nasce o pequeno rio *Tanha*, que vai passar a *Ponte-Pedrinha*, perto de Abáças, e entra na margem esquerda do Córgo, no sitio da *Fervide*.

VAL DE NOSSA SENHORA — logar, Beira Alta, na freguezia de *Mões* (vol. 5.º, pag. 353, col. 1.ª.)

Entre os valles de *Nossa Senhora* e da *Ribeira da Mouta da Cella*, está uma elevação onde se fundou a ermida de *Nossa Senhora do Mosteiro*, tambem chamada do *Cerdeiro*, e que deu o nome ao primeiro d'estes dous valles, povoados de vinhas e outras plantas.

Segundo a tradição, esta ermida (que é antiquissima) foi fundada por um santo ermita, o qual junto a ella mandou construir um pequeno e pobre mosteiro, onde viveu vida penitente e contemplativa, com mais alguns religiosos que o quizeram acompanhar n'este êrmo. É por isto, que á Padroeira da ermida, se dá a invocação de Nossa Senhora do Mosteiro; mas não se sabe quando este foi abandonado pelos frades, nem a que ordem elles pertenciam.

A ermida, fica entre a villa de Mões, e a aldeia do Mollêdo, a trez kilometros de distancia de cada uma d'ellas.

Em tempos de fé verdadeira, era este templosinho muito visitado em todo o decurso do anno, principalmente, nos sabbados e domingos da quaresma.

Antigamente no dia de S. João Baptista, e no da Visitação de Nossa Senhora, vinha aqui a camara de Mões e o povo da villa, em procissão; e o mesmo praticavam na quarta feira, vespera da Ascenção do Senhor — os do Mollêdo, como seu parocho.

Supprimido o concelho de Mões, pelo de-

creto de 24 de outubro de 1855,[1] deixou de existir a camara, e as duas procissões cahiram em desuzo.

VAL DA OLIVEIRINHA—e—VAL DE DONA TÓDA—Vide *Olho da Mira*.

VAL DE ORJÃES—herdade, Extremadura, junto a Thomar. Nada tem de notavel senão a sua antiguidade. Em 1190, pertencia a Pedro Ferreiro e sua mulher Maria Vasques, que a doaram então a D. Sancho I.

Orjães, e *Orjáes*, é portuguez antigo—significa *cevadáes* — campos semeados de cevada, á qual se dava o nome de *órje* [2].

VAL DO OURO—Vide no 6.º vol., pag. 611, col. 2.º, pr.—

VAL DE PAÇÓ—Antiga villa e freguezia, Traz-os-Montes, no extincto couto de Carocêdo, e depois, do tambem extincto concelho de Failde e Carocêdo,—depois do concelho, comarca, districto administrativo e bispado de Bragança e hoje comarca e concelho de Vinhaes.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Em 1768, tinha 52 fogos.

Está a 45 kilometros a E. de Miranda, e 480 ao N. de Lisboa.

O abbade de Rebordêllo, apresentava o cura, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, e está annexa á de Curópos, do mesmo concelho de Vinhaes.

Esta freguezia foi supprimida e annexa á de Curópos, bem como a de Pallas, e hoje todas trez formam uma só freguezia.

Failde, *Corocêdo* (que lhe fica a 3 kilometros) e *Val de Paço*, todas tiveram fôro de villa, e eram donatarios d'ella os condes de Athouguia, e o ultimo a perdeu, com a vida, no supplicio do Caes de Belem, (vide *Chão Salgado*) ficando estas trez pequenas villas livres para a corôa.

Diz-se que o nome d'esta freguezia, proveio de um pequeno palacio (*paçó*) que tinham aqui os donatarios.

Junto a Val de Paço, mas na freguezia de Carocêdo, se vê o alto monte do *Terradal*, onde está a egreja matriz d'esta ultima freguezia. Este monte está irriçado de penedias, mas entre ellas nasceram umas arvores, ás quaes os da terra dão o nome de *sardões*, e que não são outra cousa senão corpulentos carrascos.

Segundo a tradição, como aqui havia muitos e grandes lagartos, principiaram a dar ás taes arvores, a denominação de *arvores dos sardões*, e depois, *tranchons, le mot — sardões!* Seria.

VAL DE PAÇOS *ou* **VAL PAÇOS** — villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca, (de 1.ª classe) do seu nome, no districto judicial da Relação do Porto.

105 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 310.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 180$000 réis de rendimento annual.

Tem estação telegraphica.

Nunca teve foral novo nem velho, porque é creação nova.

Foi elevada a cabeça de concelho, por decreto de 6 de novembro de 1836.

A cabeça de comarca, por decreto de 31 de dezembro de 1853.

A cathegoria de villa, com o nome de *Val de Paços* (ou *Val Paços*; porque até então se chamava simplesmente *Paços*, ou *Passos*) por decreto de 27 de março de 1861.

—

O concelho de Val de Paços, é composto das seguintes 33 freguezias.

No arcebispado de Braga, 25, que são — Agua Revez — Alhariz — Argeriz — Canavezes — Carrazêdo de Monte-Negro — Corveira — Crasto — Curros — Emeres — Ervões (ou Hervões) — Fornos do Pinhal — Friões — Jou — Padrella — Poçacos — Rio Torto — São Fins — Serapicos — Tazem —

---

[1] Este decreto supprimiu seis concelhos no districto administrativo de Viseu — *Mões, S. Martinho de Mouros, Ferreiros de Tendaes, S. Fins* e *Trevões*.

[2] *Orja*, é um antigo gallicismo, talvez introduzido em Portugal pelos nórmandos, ou gascões. Os francezes dão á cevada o nome de *orge*.

Val de Paços — Valles — Vassal — Veiga de Lila (Santa Maria) — Veiga de Lila (S. Pedro) — e Vilarandêllo.

No Bispado de Bragança, 8, que são — Alvarêlhos — Barreiros — Bouçoães — Fiães — Lebução e sua annexa, Nuzéllos — Santa Valha (ou Santa Ovaia) — Sonim — e Tinhella [1].

Todas com 6:100 fogos.

A comarca comprehende só o seu concelho.

Pela nova divisão judicial, é a comarca composta de quatro julgados — *Carrazêdo de Monte Negro* — *Fiães* — *Santa Maria de Emeris* — e *Val de Paços*.

A villa está situada em um pequeno valle, na encosta de uma serra pouco elevada, e, quando eu alli estive, em abril de 1847, ainda mal merecia o nome de villa; mas, desde então, tem progredido muito, e está hoje uma bonita povoação.

A egreja matriz, construida no principio d'este seculo, é um amplo e magestoso templo, todo de abobada, e com uma elegante torre, de cantaria lavrada, de 25 metros de altura.

O territorio d'esta freguezia, é notavel pela variedade, quantidade e optima qualidade dos seus productos agricolas, como são — excellente vinho, azeite, cereaes, legumes, batatas, castanhas, hortaliças, fructas, cêra, mel, etc.

Cria muito gado bovino, lanigero e suino, pelo que é abundante de bôas lans, e é famosa a carne dos seus porcos. De tudo isto exporta grande quantidade.

Tem, por quasi todos os lados, collinas, povoadas de pinheiros e outras arvores silvestres, que lhe dão um aspecto sobremodo agradavel e pittoresco, tornando a povoação muito saudavel, e fornecendo-a de bôas madeiras, e bastante caça, do chão e do ar.

E' tambem abundante de optima agua potavel.

—

Ha n'esta freguezia, e mesmo dentro da villa, duas elegantes capellas particulares, muito bem conservadas, e ambas construidas pelos fins do seculo XVI, ou principio do XVII. — Uma pertence ao extincto mórgado dos Magalhães Pintos, familia antiga e nobre, de grande influencia no antigo regimen. — A outra, dedicada a S. Sebastião, foi mandada construir pelos ascendentes do actual mórgado da Teixugueira.

—

Ha n'este concelho, minas de prata, enxofre, chumbo, ferro, antimonio e outros metaes, mas nenhuma está em lavra.

—

Val de Paços tornou-se notavel nos fastos das nossas guerras civis, pela batalha que teve logar aqui, a 15 de novembro de 1846, entre as forças populares, commandadas por Sá da Bandeira, e as cabralinas, sob as ordens do Casal. Estas seriam de certo derrotadas se os regimentos n.os 3 e 15 da Junta se não passassem para os cabralinos, o que deu em resultado, a completa derrota das tropas populares. (Para evitarmos repetições, vide no 7.º vol., pag. 367, col. 2.ª e sua nota — e *Porto Manso*)

—

O procedimento da Guarda Municipal do Porto, que fazia parte das forças populares, tornou-se, n'esta conjunctura, digno dos maiores elogios, e deixou, pela sua coragem e disciplina, impressões indeleveis no animo dos habitantes d'esta villa.

Constou — não sei se com fundamento — que alguns cabralistas d'aqui assassinaram varios populares, quando retiravam, e os enterraram em uma vinha. O que é certo, é que, quando em abril de 1847, aqui chegou o meu regimento (infanteria n.º 9) e o 5.º da Legião — na ante-vespera de batermos o Vinhaes, em Mirandella, fazendo-o fugir para a Galliza — custou bastante a conter os soldados do 5.º da Legião, que se queriam vingar do assassinio dos seus camaradas, mortos (diziam elles) por alguns cabralistas d'esta villa. Eu fui nomeado — por escala — official superior do dia, e tive de estabelecer patrulhas, para evitar alguma desgraça; e, a pedido da familia de um doutor (que se escondeu, ou andava fugido) fui aquartelado para casa d'elle, para a livrar de algum

---

[1] Tinha mais a freguezia de Nuzêdo de Cima, que está hoje annexa á de Touzêllo, do concelho de Vinhaes.

insulto. Talvez houvesse justo motivo de receio...

VAL DO PARAIZO — aldeia, Extremadura, na freguezia da villa de Aveiras de Cima, concelho da Azambuja, comarca de Alemquer. (1.º vol., pag. 258, col. 2.ª)

Tanto d'esta aldeia, como de toda a freguezia, e da de *Aveiras de Baixo*, eram donatarias as commendadeiras (de S. Thiago) de *Santos-o-Novo*, inter-muros hoje, e a E. de Lisboa. Ellas recebiam os *dizimos*, *oitavos* e *fóros!*

Segundo o *Sant. Mar.*, tomo 2.º, pag. 363 e — *Hist. de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 203 — a fundação da aldeia de Val do Paraizo, teve a origem seguinte:

Pelos annos de 1570, um caçador (outros dizem um pastor) da villa, achou na *tóca* de um velho sobreiro, uma pequena imagem da SS. Virgem. Deu parte ao parocho da freguezia, o qual, logo, com outros clerigos e muito povo, foram buscar a santa imagem, em vistosa procissão, e a collocaram em um dos altares da egreja.

Depois, arrancando o tal sobreiro, no mesmo logar construiram uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora do Paraizo*, nomeando um capellão, para aqui dizer missa em todos os domingos e dias santificados, dando-lhe o povo, de esmola, pelas missas, 60 alqueires de trigo, annualmente.

Logo mesmo depois de construida a ermida, se foram tambem construindo casas em volta d'ella, e assim se deu principio á povoação.

Quando, em 10 de setembro de 1579, principiou em Lisboa uma horrorosa péste, que se propagou por todo o reino, e que, só em Lisboa, fez 40:000 victimas, e em Evora 25:000! — já esta aldeia contava uns 20 fogos, e para aqui fugiu ao contagio, a commendadeira, Dona Anna de Alencastro, que accrescentou a capella e lhe deu muitas alfaias; augmentando tambem a congrua do capellão, com mais quarenta alqueires de trigo, uma pipa de vinho e 1$000 reis em dinheiro, que a commendadeira sempre pagou, até 1833.

Foi grande a devoção que os povos d'estas terras principiaram a ter á Senhora do Paraizo, dando-lhe muitas esmólas e fazendo-lhe muitas offertas e legados, sendo o principal, o de D. Lucrecia Vaz, dona, viuva, da villa d'Aveiras, que lhe deixou em *Alpompilher*, uma fazenda que rendia uns 240 alqueires de pão. Com estas dadivas, se deu ainda maior amplidão ao templo, e se lhe compraram ricas alfaias e paramentos.

VAL DA PEDRA D'HERA — e **VAL DE PEDRO ANNES** — Vide *Val da Fonte*.

VAL DE PERDIZES — logar, Traz-os-Montes, termo da praça de Chaves.

Junto a este logar, está o monte *dos Remezeiros*, e n'elle um penedo, de 10 palmos de comprido por 8 de largo e 6 d'alto, onde se vê gravada a seguinte inscripção:

INAC CONDUCTA. CONSERVANDA
OI. IN. AC. CONDUCTA. P. MICI
INVOLV... IC. QUAECUQUE RESAT. MU
A... S. SI. L. SIQUI. EA-S. V. S. E. V.
IANCE — CI

Não é traduzivel (nem Argote a póde traduzir) esta inscripção. Apenas se póde entender:

na 1.ª linha — *alugada e que se deve conservar.*

na 2.ª, torna a lér-se *alugada.*

na 3.ª — *se alguem me furtar outras cousas.*

E mais nada!

Suppõe Argote, que estava aqui alguma fazenda, e que o rendeiro ou feitor d'ella, gravou, ou mandou gravar aquillo, para que ninguem lhe roubasse os fructos alli produzidos.

VAL DE PEREIRAS — Vide 7.º vol., pag. 177, col. 1.ª

VAL DE PEREIRO — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Mascarenhas, comarca e concelho de Mirandella. (5.º vol. pag. 120, col. 1.ª, no fim.)

Junto a esta aldeia, está um cabeço pyramidal, bastante elevado, ao qual se dá o nome de *Viso*, e do qual se descobre um vasto e variado horisonte.

No vertice d'este monte, está construido o notavel templo de *Nossa Senhora do Viso*, em fórma de castello (como o da Flor da Rosa, no Alemtejo) com robustas muralhas,

botareus e barbacans, que cercam a egreja, a qual fica no centro, como cidadella.

A povoação de Mascarenhas é muito antiga, e provavelmente já existia no tempo dos gôdos; mas a primeira noticia certa que d'ella temos, data da era de 1245 (1207 de Jesus Christo) como se vê na 4.ª parte da *Mon. Luz.*, de frei Antonio Brandão, L. 15, cap. 46, onde se diz que D. Sancho 1.º, deu a *villa* de Mascarenhas, a Estevam Rodrigues, que fundou a egreja de Santa Maria de Mascarenhas, para matriz da freguezia, e que o rei coutou n'esse mesmo anno de 1207.

Não se sabe porque razão esta villa tornou para o dominio da corôa, no reinado de D. João 1.º

E' aqui o verdadeiro solar dos Mascarenhas de Portugal. Para evitarmos repetições, vide no 3.º vol., pag. 240, col. 2.ª

Mascarenhas, é um dos mais nobres appellidos de Portugal, tomado d'esta freguezia, e Mascarenhas foram os condes de Santa Cruz, Obidos, Palma, Sabugal; marquezes da Fronteira, e o infeliz D. José Mascarenhas, ultimo duque de Aveiro. Alem dos titulares, ha tambem n'este reino familias muito nobres, da mesma procedencia.

VAL DE PEREIRO *ou* **VAL PEREIRO** — freguezia, Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncôrvo, 155 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa.

80 fogos.

Em 1768, tinha 62.

Orago, Santo Apollinario.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era, até 1855, da comarca de Alfandega da Fé, e do extincto concelho de Chacim.

O abbade de Agro-Bom, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esteve muitos annos annexa á freguezia de Agro-Bom, de que era filial, e da qual fôra desmembrada no fim do seculo XVIII, para formar freguezia independente.

VAL DE PEREIRO — logar, Alemtejo, 141 kilometros ao S. E. de Lisboa. — Estação do caminho de ferro de S. E., no ramal de Extremoz, e entre as estações de *Azaruja* e da *Venda do Duque.*

VAL DE PEREIRO — (rua do) primeira á esquerda, na rua do Salitre, indo do largo do Bàto, e finda no largo de Andaluz.

Pertence a trez freguezias (!) S. Mamede, Coração de Jesus, e S. Sebastião da Pedreira — e a dous bairros — pois que as freguezias do Coração de Jesus e S. Sebastião da Pedreira, são do bairro central — e a de S. Mamede, é do occidental.

E' n'esta rua o amplo quartel militar, que foi por muitos annos do 4.º regimento de infanteria de Lisboa (n.º 16) e é actualmente do batalhão de caçadores n.º 2.

VAL DO PESO — freguezia, Alemtejo, concelho e 6 kilometros do Crato, comarca de Niza (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Portalegre).

180 kilometros ao S. E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, Nossa Senhora da Luz.

E' no priorado de Crato, annexo ao patriarchado.

Districto adimnistrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato (da ordem de Malta) apresentava o cura, que tinha de renda — 120 alqueires de trigo, 24 almudes de *vinho crú*, meia carga de *uva preta*, e 3$000 reis em dinheiro.

É uma povoação agradavelmente situada, em uma collina pouco elevada, entre as freguezias de Flor da Rosa e Alpalhão, e a uns 250 metros, a O., da estrada real, á macadam, do Crato para Niza, Fundão, Castello-Branco, Covilhan, Guarda, etc. — Estrada importante, que liga a Beira Baixa e uma boa parte do Alto Alemtejo com a estação do Crato, no caminho de ferro de S. E., o qual liga Lisboa com Badajoz.

Esta estação, fica entre as de Chança e Portalegre. A estação do *Pêso*, na linha de Cáceres, passa tambem a poucos kilometros, ao N., de Val do Pêso.

Dá o nome a esta freguezia, um pequeno *valle*, contiguo á povoação (a E.) muito mimoso, com hortas e pomares; sendo notaveis as suas figueiras, pela sua belleza e tamanho descommunal de algumas d'ellas.

—

(Bettencourt esqueceu-se d'esta freguezia, no seu *Diccionario chorographico.*)

VAL DE PIEDADE — Vide 3.º vol., pag. 252, col. 2.ª — 7.º vol., pag. 297, col. 2.ª, e 354, col. 2.ª

Grande fabrica de louça de Val de Piedade

Este excellente estabelecimento industrial, foi fundado em 1790, ou pouco depois.

E' seu actual e unico proprietario, o sr. *João do Rio Junior;* tendo por administrador, o sr. *Manoel Alves Ferreira Pinto,* cavalheiro que aos seus vastos conhecimentos com respeito á industria ceramica, reune muita probidade, energia e maneiras delicadissimas.

O edificio da fabrica, é vasto, e foi expressamente construido para o fim a que se destinou. E' todo de optima pedra de granito, com uma ampla frontaria, toda revestida de azulejos, aqui mesmo fabricados. Recebe muitissima luz, por 30 e tantas janellas, pelo que é tambem abundantemente ventilado.

Apezar de estar muito proximo da margem esquerda do Douro, o local é superior ás maiores enchentes, e a conducção dos seus productos, para o rio, é feita com a maxima facilidade e economia.

Os seus productos, são — louças brancas e pintadas, para mesa e quarto; ditas pretas de lustro; *bidés* para lavar creanças, e pés; panellas e potes para botica, dôce e dispensa; prateiras para dôce; bacias para latrinas; potes para caixas; tanques de sala, para peixes; panellas para agua, para sala e cosinha; vazos; figuras de homem, mulher, cães e leões, para salas, portões e jardins; glôbos; pinhas e bancos para jardins; azulejos, lizos e de relevo; repuchos para tanques; jarrões e jarras para flores; louças de grés; tubos para encanamento de aguas; differentes peças para ácidos e laboratorios chimicos; potes para pilhas electricas; tijolos para limpar facas; ditos refractarios, — finalmente, todo e qualquer objecto, pertencente á industria ceramica.

Os productos d'esta fabrica, teem sido premiados nas exposições industriaes de 1857 e 1861 — nas internacionaes, *Portugueza,* de 1865 — *Philadelphia,* de 1876 — e na *Universal, de Paris,* de 1878.

Os seus operarios, fizeram aqui a sua aprendizagem: um d'elles, que tem mais de 40 annos de pratica, foi premiado pelo *Instituto Industrial do Porto.*

—

O edificio, é de trez andares, tendo os vãos do telhado aproveitados para estufas de sécca, officinas de formaria, e depositos.

No 3.º andar, estão as officinas do fabrico da louça, com os competentes tornos e ródas.

No 2.º andar, está a prensa de fabricação de azulejos — e no 1.º, as officinas de pintura e vidragem.

Nos sotãos, ha mais uma machina para fabricar os tubos de grés.

Nas lojas, ha armazens, depositos de argilla, um gral para triturar o vidro, que depois é levado a moér a uma azenha proxima.

Para os azulejos, ha *prensas-balancés,* manuaes, e os moldes são de bronze, fabricados no Porto.

Tem uma machina a vapor, que póde ser elevada até 12 atmospheras, porém está trabalhando em 6. Foi feita na Fundição do Ouro (dos srs. Luiz Ferreira de Sousa Cruz e Filhos) a qual póde rivalisar com as melhores d'este genero vindas do estrangeiro. Serve para pôr em movimento oito mós, que môem vidro, tintas, barros e outros mineraes, para consumo da fabrica.

Emprega 148 operarios — 120 homens, 6 mulheres, e 22 rapazes.

Produz annualmente, de 40 a 50 contos de reis de objectos da sua industria.

E' pois uma das mais importantes e prosperas fabricas de louça, d'este reino, e o seu proprietario e administrador são dignos de elogio, por darem pão e trabalho a tão grande numero de familias.

VAL DE PIEDADE — famosa ermida, Douro, na freguezia e concelho de Miranda do Corvo, comarca da Louzan. E' dedicada a Nossa Senhora da Piedade, e fica na garganta da serra ao E. da villa. Nos mezes de agosto e setembro, concorrem a esta ermida in-

finitos romeiros de differentes localidades, e duas bandeiras, de Coimbra — uma que sahe da egreja de S. João d'Almedina, e outra (denominada *do Theodoro*) que sahe da egreja de Santa Anna.

A ponte sobre o rio Doéça, construida pelas camaras de Coimbra e Miranda do Corvo, em 1853, é uma obra importante, que liga estas duas povoações e facilita muito a jornada para as romarias da Senhora da Piedade.

VAL DA PINTA — freguezia, Extremadura, concelho do Cartaxo, comarca e districto administrativo de Santarem, d'onde dista 12 kilometros a O., e 70 ao N. E. de Lisboa. 210 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

E' no patriarchado.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 reis de rendimento annual.

O sr. José Guilherme de Moura Pinto, d'esta freguezia, disse-me que o dizimo d'ella que o prior recebia, estava calculado no valor de seis mil cruzados (2:400$000 réis.) Eis como o *Port. Sacro* diminue o rendimento dos parochos. Hoje a congrua do prior, é de 240$000 reis.

E' terra fertil em cereaes, vinho, fructa e caça. Peixe do Tejo, que lhe fica proximo, ao sul.

No livro 4.º dos assentos dos baptismos d'esta freguezia, se acha a seguinte declaração, a fl. 29.

«No domingo 7 de outubro de 1810, depois da missa conventual, em que consumi o SS. Sacramento reservado no Sacrario, no meio de lagrimas e clamores do povo, me auzentei para Lisboa, na companhia de 52 pessoas, que quizeram e poderam fugir commigo, da barbara invasão dos francezes, que entraram n'esta parochia, na 3.ª feira, 9, do mesmo mez, e d'esta sorte cessaram os officios todos da religião, n'esta egreja, que, sem altar nem sacerdote, esteve seis mezes. — Feliciano, Encommendado.»

VAL DE PIZÃO — grande montanha, Douro, junto á villa d'Arganil, e que como a *serra da Aveleira*, sua visinha, são projecções da serra da Estrella. Ambas aquellas duas serras são atravessadas, cada uma por sua galeria subterranea *(tunnell)* aberta na rocha, junto ao rio Alva. E' difficil, senão impossivel, dizer-se hoje para que foi construida obra tão dispendiosa e que tantos obstaculos devia offerecer para se levar a effeito.

O povo dá a estas galerias o nome de *Furados*.

Ficam a uns 2:300 metros de distancia uma da outra, e são construidas em linha recta, o que prova não terem sido feitas para lavra de minas, visto que os filões metalicos descrevem muitos meandros e differentes larguras.

Suppõem alguns individuos que teem examinado esta raridade, que o fim a que foi destinada esta obra pasmosa, era desviar parte das aguas do Alva, para serem empregadas como motor de algum estabelecimento industrial, e, com effeito, recebe as aguas do rio, de um lado, e as lança pelo outro, de uma altura de 5 a 6 metros, formando, na descida, uma catadupa cujo fragôr se ouve a bastante distancia.

As suas entradas são ao nivel do leito do rio, e o pavimento offerece um mui pequeno declive — apenas o sufficiente para a agua correr com facilidade.

Os *Furados de Cima*, teem maior largura, e, mesmo durante a estiagem, recebem um grande volume d'agua, que, com a força da corrente, por espaço de mais de 10 seculos, tem cavado alguns poços, nos sitios onde a rocha é menos dura. Não consta que pessoa alguma se tenha aventurado a atravessar esta galeria, que é objecto de terror para o povo d'estas terras, fantasiando alli a existencia de explendorosos palacios de *mouras encantadas*, que, na manhan de S. João, veem para o exterior assoalhar os seus diamantes, em cobertores tecidos de ouro e prata!

Os *Furados de Baixo*, dão facil passagem de uma a outra extremidade, tendo sufficiente ar e luz, pelo que são muito frequentados no verão.

Ha ainda a notar que na extremidade inferior d'esta galeria, não ha o minimo vestigio de construcção de qualquer natureza, onde se podesse aproveitar a quéda da agua.

Faz acreditar que um obstaculo qualquer, impediu a fundação do estabelecimento para o qual a agua devia servir de motor.

Ha toda a razão para acreditar que esta obra seja romana. E' provavel que, depois da sua conclusão, e antes de se construir o estabelecimento a que ella podia aproveitar, acontecesse a invasão dos *barbaros do Norte*, que transtornou o plano dos constructores.

VAL DA PORCA — Esta freguezia está unida á de *Banrezes*. (Vide 1.º vol., pag. 318, col. 1.ª)

O nome official da parochia, é *Val da Porca*, visto que a de Banrezes é que se lhe annexou.

VAL DE PÔRCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 174 kilometros a N. E. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Orago, São Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha quarenta mil reis de congrua e o pé d'altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

VAL DE PORCO — aldeia, Beira Baixa, na freguezia do Pôço do Canto. (7.º vol., pag. 111, col. 2.ª)

Toda a freguezia tem 215 fogos, e é composta de sete povoações a saber — *Val de Pôrco*, a principal e mais antiga da parochia com 36 fogos — *Pôço do Canto*, com 65 — *Pôço*, com 10 (ha com effeito, aqui um *pôço*, a um *canto*, que é fonte publica, e dá o nome á freguezia) — a leste, *Sequeiros*, com 32 — a E., em um formoso valle, *Cancêllos de Cima*, *Cancêllos do Meio*, e *Cancêllos de Baixo*, todos com 72.

A aldeia do *Val de Porco*, ao N. da freguezia, está situada em um valle, por onde correm as aguas que vão do *Poço* entrar na Téja, a 2 kilometros d'aquella povoação, que se tornou muito conhecida, pelas façanhas de um major de milicias, d'alli natural, e cujos descendentes estão hoje ligados ás familias *Gambôas*, *Côrtes-Reaes* e *Leitões*.

Entre as diversas ramificações da Serra da Estrella, ha uma que se estende para o N., na cumeada da qual se assenta Trancoso, Pae-Penella, e Mêda. Trez kilometros ao N. d'esta ultima villa, termina a serra, em um cabeço, que se levanta uns 100 metros acima da cumeada, e chamado *Monte de Santa Colomba*, em razão de uma ermida que alli ha, dedicada a esta Santa. D'este ponto, olhando para o N., vê-se uma ingreme ladeira, de 6 kilometros, e a meia ladeira, está assente a povoação do *Pôço do Canto*, e ao fundo, *Val do Pôrco*. Seguindo d'este valle para o N. O., está o *Val da Teja*.

Do alto de Santa Colomba, se goza um extenso e variado ponto de vista. — Ao S., toda a cumeada da Serra da Estrella, desde perto de Coimbra, até se perder de vista, no interior de Hespanha, sendo a Guarda, o ponto mais perto, a 75 kilometros. Ao O., a serra de Penedôno, a de Lamêgo, e toda a do Marão, desde Bayão (a 120 kilometros de distancia.) Ao N., a maior parte da provincia de Traz-os-Montes. A E., toda a raia, desde Bragança até Penamacôr (mais de 165 kilometros) e as planicies de Hespanha, até onde a vista póde alcançar. Vê-se o *Val do Douro*, desde perto da sua origem, até Arégos — Os valles do Rio Torto, do Távora, do Córgo, do Penhão, do Túa, do Sabôr, e do Côa. Mais perto, e ao N., vê-se o ribeiro de Val de Pôrco, e ao E. — a grande profundidade — a *Ribeira da Veiga*, ou do *Pisco*, que se fórma perto de Marialva: banha Lougroiva, e vae entrar no Côa, perto de Muxagata, depois de um curso de 25 kilometros. E ao O., a tortuosa corrente do Téja.

De poucos pontos de Portugal se gozam mais extensas vistas.

Nasceu na aldeia de Val de Porco, o sr. Frederico Antonio Pereira de Vasconcellos, tenente da marinha real, e cavalheiro muito illustrado, ao qual devo alguns apontamentos para esta obra, o que muito lhe agradeço. Está actualmente na inactividade temporaria, e reside na sua quinta de Cabanas, freguezia da Romeira, concelho de Santarem.

VAL DE PORRO — Vide *Villar de Pôrro*.

VAL DE PRADOS GRANDE — Villa, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros (foi do supprimido concelho dos Cortiços, e comarca de Chacim, cuja séde se mudou para Macêdo de Cavalleiros) 58 kilo-

metros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 17 ! [1]

Orago, S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé d'altar.

E' povoação muito antiga. O rei D. Diniz lhe deu foral, na Guarda, a 9 de agosto de 1287. (*Livro 1.º de Doações do rei D. Diniz*, f. 206, verso, col. 2.ª, e gavêta 15, maço 8, n.º 11.)

Foi cabeça de concelho, com justiças proprias, casa da camara, cadeia, pelourinho, etc.

De um documento que existiu no archivo da camara de Bragança, consta que, em 1490 [2] D. João 2.º *julgou e teve por bem*, que a villa de Val de Prados tivesse *forca, picota e tronco*, sem por isso *viliar e deshonrar* a villa de Bragança; pois os moradores d'aquella (Val de Prados) eram isentos, e villa sobre si.

A picota, era signal de jurisdicção. As *paateiras* (pádeiras) *candieiras* (fabricantes de rolos de cêra) [3] carniceiros e regateiras que furtavam ao pêso ou medida, eram expostos á vergonha publica, amarrados á picota, com o objecto mal medido — ou mal pesado — pendente do pescoço.

Hoje eram bem mais precisas as picotas do que nos seculos XV e XVI!

VAL DE PRADOS DE LEDRA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do exctincto concelho da Torre de Dona Chama.) 75 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 30 fogos.

Orago, Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Guide, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida no fim do seculo XVIII, e está annexa á de Guide, d'onde se tinha desmembrado e da qual era filial.

Fertil. Gado e caça.

VAL DE PRAZERES — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Alpedrinha.)

54 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Bartholomeu, apóstolo.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

O prior da freguezia do Alcaide, apresentava o cura, que tinha 8$500 reis de congrua e o pé de altar.

Aqui nasceu, em junho de 1814, e aqui falleceu a 30 de setembro de 1876, João Pinto Tavares Osorio Castello-Branco. Era filho de João Pinto Pereira de Figueiredo Castello-Branco, da casa de Capinha, e de Dona Francisca Tavares Osorio, irman da marqueza de Queluz.

Foi educado por seu tio, o marechal José Pereira Pinto, um dos officiaes do exercito portuguez que foram para a França, em 1807, e que em 1810 veio contra Portugal, no exercito de Massena, e depois seguiu Buonaparte á Russia, em 1812. Sentenciado á morte pelos tribunaes portuguezes, como traidor á patria, só pôde regressar a ella quando se proclamou a constituição de 1820. Em 1828, porém, foi preso para a torre de S. Julião da Barra, onde esteve até 24 de julho de 1833. Já se vê que era um decidido liberal.

Seu sobrinho, seguiu o mesmo partido, e

---

[1] E' certamente engano do *Port. Sacro*. Custa a crêr que uma villa, capital de um concelho, não tivesse n'aquelle tempo senão 17 fogos.

[2] Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*, tomo 2.º, pag. 148, col. 1.ª, pr.) diz que foi em 1496. E' êrro. D João 1.º, falleceu a 25 de outubro de 1495. Em 1496, já era rei, D. Manuel 1.º

[3] J. Pedro Ribeiro, diz porém que candieiro ou candieira, era a pessoa que fabricava velas de cêbo. Note-se que os que fabricavam velas de cêra, tochas, brandões, etc., já antigamente se chamavam *cerieiros*, e não *candieiros*.

quando (de 14 annos de edade) estudava preparatorios em Coimbra, adheriu á revolta de 16 de maio de 1828, alistando-se no batalhão academico ; pelo que, aniquilada a revolta, teve de fugir de Coimbra para Val de Prazeres.

Aberta a Universidade, depois da convenção d'Evora-Monte, tornou para Coimbra onde se formou em direito. Foi delegado do procurador-regio em Idanha a Nova e, depois, da Covilhan, exercendo sempre o seu emprego com honradez e integridade.

Em 1850, abandonou a carreira da magistratura para cuidar dos negocios da sua grande casa.

Em 1857, foi eleito deputado ás côrtes, declarando-se progressista.

Voltando bastante desgostoso e um pouco descrente da marcha que levavam os negocios publicos, abandonou quasi completamente a carreira politica, que lhe não deixava gratas recordações, e a magistratura judicial, entregando-se nos seus ultimos annos exclusivamente á direcção da sua importante casa, e aos cuidados e desvellos da sua familia, sempre prompto a auxiliar com as luzes da sua intelligencia e saber, os seus amigos e patricios.

Sempre respeitado e estimado, o seu nome ficará immorredouro entre os que o conheceram e lhe admiraram as virtudes, e sua memoria servirá de exemplo e incentivo aquelles que, como elle, amarem o trabalho e o estudo.

—

Val de Prazeres, é uma bonita povoação, muito bem situada, em um delicioso valle (d'onde lhe vem o nome) muito fertil em todos os generos agricolas, e abundante de gado e caça, grossa e miuda, assim como de aguas de optima qualidade. O seu clima, ainda que excessivo, é saudavel.

VAL DE REIS — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) Comarca e concelho de Alcacer do Sal, 70 kilometros ao S. E. de Lisboa, 50 fogos.

Orago, Nossa Senhora.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisbôa. Não vem no *Port. Sacro.*

É terra fertil, mas bastante doentia.

—

O sr. Pedro Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto (filho primogenito do 1.º duque de Loulé) foi feito conde de Val de Reis, a 24 de fevereiro de 1854—duque de Loulé, a 3 de junho de 1875 (12 dias depois do fallecimento de seu pae)—e estribeiro-mór, a 14 do mesmo mez e anno.

—

Mendonça (ou Mendoça) é um appellido noblissimo d'este reino, tomado da villa de Mendoça, na Biscaia. Passou a Portugal na pessoa de D. Ruy Furtado de Mendonça, vindo no sequito de D. Constança (filha do infante D. João Manoel, senhor de Escalona, duque de Peñafiel, marquez de Vilhena, o mais poderoso e opulento fidalgo do seu tempo, em Hespanha) quando esta senhora casou com nosso infante D. Pedro (depois 1.º do nome) filho de D. Affonso IV—Este monarcha nomeou D. Ruy Furtado de Mendonça, *general do Mar*, (almirante) e no reinado de D. Fernando I, foi feito anadel-mór dos bésteiros, cargos que herdou seu filho, D. Affonso Furtado de Mendonça, no reinado de D. Duarte I.

As armas d'esta familia, são as dos Furtados, tendo de mais—élmo de prata, aberto.

Outros Mendonças, trazem por armas — em campo d'ouro, duas pallas de verde e uma de púrpura, cintadas de prata.

Ainda outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, dés folhas d'álamo, de prata, em trez palas.

Porém as armas dos condes de Val de Reis, são—escudo franchado de verde e ouro ; sobre o de verde, uma banda de púrpura, perfilada d'ouro; e sobre o d'ouro a legenda—AVE MARIA.

—

O 1.º conde de Val de Reis, foi Nuno de Mendonça, por D. Philippe IV, em 16 de agosto de 1628.

A genealogia d'esta esclarecida familia seria uma leitura longa e enfadonha (para os que lhe não pertencem) e faria este artigo extensissimo. Os nossos leitores que quizerem ter d'ella amplas noticias, consultem as *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonto Caetano de Souza, pag. 583 e seguintes.

—

Um dos homens mais notaveis d'esta familia, pelo seu saber e virtudes, foi D. Rodrigo de Moura Telles, filho de Nuno de Mendonça, 2.º conde de Val de Reis.

Nasceu n'esta freguezia, no palacio de seus paes, a 16 de janeiro de 1644. Formou-se em canones na Universidade de Coimbra em 1667, e foi logo feito thesoureiro-mór, e conego da Sé d'Evora, deputado da mesa da consciencia e ordens e sumilher da cortina, do infante regente depois D. Pedro II, que em 1690 o nomeou reitor da dita Universidade, emprego que exerceu dignissimamente por espaço de quatro annos, sendo em 1694 eleito e confirmado bispo da Guarda, passando em 1704 para arcebispo de Braga.

—

O que se segue, é extrahido de um artigo do meu esclarecido amigo, o Rev.mo sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, de Milheiroz da Maia; artigo que publicou em o n.º 1522 do jornal *A Palavra*, de 4 de setembro de 1877—apenas lhe juntei o que extrahi do *Anno Historico*, 3.º vol., pag. 18, n.º 4.—

Logo que chegou a Braga, visitou toda a cidade e em seguida a sua grande archi-diocese, andando por agrestes montanhas, que não tinham alli visto Prelado algum depois de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Os povos sahiam a recebel-o de joelhos, batendo nos peitos, o que se viu nas alturas do Barroso, em Soajo e em outras partes.

O seu paço, que elle reedificou, parecia um mosteiro de religiosos, pela observancia e regularidade que alli havia.

Devotissimo do Santissimo Sacramento da Eucharistia, na quaresma visitava todas as egrejas e capellas onde estava exposto. E, (cousa rara!) elle mesmo o levava aos enfermos.

Os parochos de Braga tinham ordem de o avisar, quando o Viatico devia ser levado a algum enfermo; e lá sahia o arcebispo, do seu paço, a toda a hora da noite, dirigindo-se á egreja d'onde havia de sahir o Santissimo. A este exemplo despovoava-se a cidade, acompanhando todos o *Pão dos Anjos* aos logares mais distantes.

Isto observou o Santo Prelado quasi até aos ultimos dias da sua vida, sendo já muito entrado em annos.

Visitava a miudo os pobres do hospital, dava-lhes o jantar pelas suas mãos; cingindo-se para isso com uma toalha como outro qualquer enfermeiro; deixava-lhes esmola, e nunca comia sem um pobre á sua mesa, durante a qual mandava ler livros espirituaes.

Não cabe nos curtos limites d'um artigo referir todas as acções magnanimas e sublimes de tão eximio Prelado. Em poucas palavras diremos tudo.

D. Rodrigo fez doutas pastoraes, e celebrou synodo diocesano em 30 d'abril de 1713. Mandou accrescentar e reimprimir o breviario bracarense, e collocou na egreja do hospital, as reliquias de S. João Marcos.

E' obra sua o zimborio que está no cruzeiro da Sé primaz, e as frestas que ficam contiguas á abobada. Mandou encostar ás paredes da mesma Sé, os altares que até então estavam arrimados ás columnas. Além d'isso, accrescentou quatro altares e rectabulos.

E' obra sua a casa do cabido, as duas torres da cathedral, aonde mandou pôr novos sinos; e a grande capella de S. Geraldo.

E' obra sua a casa da relação ecclesiastica e a do aljube, o recolhimento das convertidas no Campo de Sant'Anna e o chafariz que se vê em frente do paço; e a restauração do santuario do *Bom Jesus do Monte*, para onde hia frequentes vezes, afim de se entregar á oração.

Fundou, em Braga, o mosteiro das religiosas descalças, da Conceição. Foi bemfeitor do das religiosas, tambem descalças, da villa de Chaves; do de religiosas benedictinas, de Barcellos; e do antigo, da Conceição, de Braga.

Dormia pouco tempo, madrugando para a oração e serviço de Deus. Depois de ouvir trez missas, preparava-se para celebrar o Augusto Sacrificio, a que assistia toda a sua familia, convocada pelo sino que tocava na capella publica. Elle mesmo administrava a

Eucharistia ao innumeravel povo que sempre alli concorria.

Era tão assiduo na oração, que chegou a ganhar chagas nos joelhos; parco na mesa; tão caritativo, que não houve necessitado que não soccorresse em todo o seu arcebispado. Na virtude da caridade foi um segundo D. Frei Bartholomeu dos Martyres. Todas as ordens religiosas, tanto da cidade, como da diocese, experimentaram os beneficios da sua mão bemfeitora.

Todas as rendas da sua egreja eram dispendidas em estabelecimentos pios, em obras nos templos, em soccorrer os pobres, a quem dava pão, dinheiro e vestuario, reservando para si o absolutamente indispensavel.

Concluindo, diremos que D. Rodrigo de Moura Telles foi pastor vigilante, Prelado exemplarissimo, mestre santo e douto, verdadeiro imitador dos Martinhos, dos Fructuosos e dos Geraldos.

Falleceu piamente em 4 de setembro de 1728, pelas 11 horas da noite.

No momento em que expirou, viu-se no ceu, no meio da escuridão na noite, uma grande claridade, que muitos entenderam como signal de gloria que sua alma acabava de alcançar.

Tal foi o grande Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles: viveu 84 annos e 8 mezes, sentando-se na cadeira primacial 24 annos, passados em exercicios de santidade.

Está enterrado, segundo a sua determinação, na magnifica capella de S. Geraldo.

—

Outros varões illustres, pelas armas, pelas lettras e pelas virtudes descenderam d'esta esclarecida familia, que não menciono por serem em grande numero.

Para evitarmos repetições, veja-se *Azambuja*, *Loulé*, o 1.º Pedrozo, *Póvoa e Meadas*, *Quaarteira* e *Salvaterra de Magos*.

VAL DE REMIGIO—freguezia, Beira Alta, concelho de Mortágua, comarca de Santa Combadão. 36 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Orago, S. Mamede.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia.

Remigio, como todos sabem, é nome proprio de homem. Talvez fosse senhor d'esta freguezia, ou seu primeiro povoador, algum individuo assim chamado.

Um cavalheiro benemerito

O sr. doutor José Ignacio Homem de Gouveia, de Val de Remigio, rico proprietario e ex-deputado, torna-se digno dos maiores louvores, pelos melhoramentos que, exclusivamente á sua custa, tem levado a effeito, na terra que lhe foi berço.

Mandou construir — em 1875 — um ramal de estrada, que sahindo da freguezia, vae entroncar na estrada que segue para Viseu e Mealhada, e, por consequencia, com os caminhos de ferro do norte e leste, e o da Beira, já concluido.

Um cemiterio parochial.

Uma casa para escola de instrucção primaria.

Um côro na egreja matriz.

Fundou uma *Sociedade philantropica recreativa*, e a dotou com 400$000 réis.

É sobremaneira agradavel ter de registrar n'esta obra, actos de tão elevado merecimento, e que não carecem de elogios banaes. Basta narral-os para cobrirem de gloria o homem que os pratica.

Já vemos, pois, que esta freguezia é importante e próspera.

É tambem fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha bastante caça.

VAL DO ROSAL—formosa quinta, Extremadura (mas ao sul do Tejo) na freguezia de Caparica, comarca e concelho de Almada, e a 6 kilometros a O. de Cacilhas.

No meiado do seculo XVI, era uma charneca deserta (ainda que com formosas vistas) cheia de silvados, mattos, areias escalvadas e estereis, cercada de brenhas e pinheiraes. Em 1559, os padres jesuitas do collegio de Santo Antão, de Lisboa, compraram este terreno ao seu proprietario, e, á força de trabalho e despezas, conseguiram transformar este deserto em alegre vivenda, que possui-

ram exctamente 200 annos, sendo-lhes roubada — com tudo o mais que a sua ordem possuia em Portugal e no Ultramar—pelo decreto de 19 de janeiro de 1759, sendo 1.º ministro o feroz e sanguinario Sebastião José de Carvalho e Mello—que d'alli a seis mezes foi feito 1.º conde de Oeiras (15 de junho de 1759) e, d'ahi a 10 annos (18 de setembro de 1769) feito marquez de Pombal.

Nas casas d'esta quinta residiu por algum tempo o virtuosissimo padre Ignacio d'Azevedo, com os seus companheiros (todos jesuitas) preparando-se pelo recolhimento, orações e penitencias, para hirem prégar o Evangelho ao Brasil; mas que arribados, por causa de um temporal, a uma das Canarias, alli foram todos martyrisados pelos herejes d'esta ilha.

Os padres tambem construiram n'esta quinta uma grande e formosissima capella, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, com altar-mór e dous lateraes, ricamente dourados e adornados de bellas imagens.

Pedi, por uma carta, humilde e fervorosamente ao sr. prior de Caparica, o obsequio de me mandar dizer o estado actual, e o nome do proprietario d'esta quinta e sua capella; mas o *delicadissimo, patriotico e illustrado* ecclesiastico, entendeu (e muito bem...) no seu bestunto, que, *de minimis non curat praetor*, e não se dignou responder-me!

Tenho encontrado tantos assim!...

VAL DE SALGUEIRO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 90 kilometros do Douro, 360 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 76.

Orago, S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra pobre e pouco fertil, mas cria bastante gado, de toda a qualidade, e é abundante de caça.

VAL DA SANCHA—abundante manancial de aguas ferruginosas, Douro, junto ao *Casal de Ermio*, na freguezia e concelho da Louzan.

Estas aguas, assim como as da *Fonte de Villarinho*, da mesma freguezia, são applicadas com bom resultado, em molestias verminosas e nas debilidades do estomago.

VAL DA SANCHA — freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Mirandella, 125 kilometros ao N. E. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. 80 fogos.

Orago, S. Gonçalo de Amarante.

Arcebispado de Braga. Districto administrativo de Bragança.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia, nem d'ella pude obter outros esclarecimentos.

VAL DE SANTAREM — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto administrativo e 6 kilometros ao O. S. O. de Santarem, 61 ao N. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1768, tinha, 148.

Orago, Nossa Senhora da Expectação (o *Portugal Sacro*, diz que é Nossa Senhora da Esperança.)

Patriarchado de Lisboa.

O prior da freguezia de S. Julião de Santarem, apresentava o cura, que tinha réis 90$000 de rendimento. (Vide 9.º vol. pag. 556, col. 2.ª)

É uma formosa freguezia, situada em um ameno e fertilissimo valle (que lhe dá o nome) e proximo da margem direita do Téjo, que, não só a fornece de peixe d'este rio, como tambem do que por elle lhe vem do mar.

Pelo mesmo rio, exporta para Lisboa os generos agricolas excedentes ao consumo, no que faz constante negocio.

Fica perto da estação de Sant'Anna, a 11.ª do caminho de ferro do norte e leste.

Todas estas circumstancias a fazem uma terra sobremaneira próspera.

—

O rev.mo sr. Manoel Marques, actual e dignissimo prior d'esta freguezia, é merecedor dos maiores elogios, pelos muitos e valiosos melhoramentos que tem levado a effeito, na sua freguezia, desde 1874, pelo que é digno do respeito e geral estima dos seus parochianos.

Era geral a tristeza d'aquelle povo, pelo lastimavel estado da egreja parochial e cemiterio da freguezia.

A egreja estava quasi arruinada, e ao cemiterio faltavam todas as condições d'um tal logar.

O sr. padre Manuel Marques, ora pedindo esmolas, ora concorrendo com dinheiro do seu bolsinho, finalmente, empregando todos os meios que a religião e caridade lhe inspiraram, conseguiu obter a somma sufficiente para que a egreja e o cemiterio estejam com a decencia que deve sempre existir nos logares sagrados.

O reverendo prior tambem abriu uma subscripção para se melhorar a ponte do Valle, que estava em lastimoso estado, o que era de grande prejuizo para aquelle povoado e para os que lhe ficam visinhos, pois que tinham de atravessar as pontes d'Asseca e de Sant'Anna, que ficam muito distantes da do Valle.

Bom seria que os outros parochos de freguezias ruraes imitassem o exemplo do senhor prior do Val de Santarem, concorrendo sempre para o bem estar e commodidade dos seus parochianos.

É digno de todo o elogio o sr. padre Manuel Marques.

—

Os árabes deram a este valle o nome de *Sesserigo.*

VAL DE SÃO THIAGO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira (foi da comarca de Beja, extincto concelho de Messijava) 95 kilometros ao O. de Evora, 105 ao S. E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1768, tinha 70.

Orago, antigo, S. Thiago, apostolo, hoje, Santa Catharina. [1]

Bispado, e districto administrativo de Béja.

O tribunal da Mesa da consciencia e ordens, apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, de rendimento annual, pagos pela commenda.

Esta freguezia (á qual tambem se dá o nome de *Santa Catharina do Valle*) era antigamente do concelho de São Thiago de Cacem, e em 1835 passou para o concelho de Messejana. Sendo este concelho supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou esta freguezia para o concelho de Odemira, ao qual hoje pertence.

Foi commenda da ordem de S. Thiago.

A maior parte d'esta freguezia, é banhada pela ribeira de *Campilhas*, que a torna muito fertil em cereaes, legumes e fructas. Tem vastos montados, onde se cria muito gado, de toda a qualidade, e muitas colmeias, que produzem abundancia de cêra e mel.

Ha muitos coelhos e lebres nas charnecas de *Monte Velho* e *Casa Velha*; e nos altos cêrros que cercam a povoação, ha grande copia de perdizes.

Na herdade de Vallongo, d'esta freguezia, nasceu, pelos annos de 1560, o veneravel frei Jorge dos Santos, filho de João Affonso Rodeyo e de Margarida Pires.

Professou no convento dominicano d'Evora, a 5 de novembro de 1586, occupando por 26 annos, cargo de porteiro do mesmo convento, e falleceu a 18 de março de 1632. Floresceu em todas as virtudes christans, principalmente na caridade. Frei Francisco de Sousa, escreveu a vida d'este exemplarissimo religioso, e o *Agiologio dominicano* commemora-o a 18 de março, dia do seu fallecimento.

VAL DO SEIXO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Viseu, 365 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 38.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario da freguezia da Cogulla apresentava o cura, que tinha 8$000 reis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia confina com as de Villa Garcia, Cogulla, Póvoa do Concelho, e Falachos.

E' fertil em castanhas, cereaes, e fructa.

---

[1] Em documentos antigos diz-se que o seu primeiro orago foi Nossa Senhora da Luz. Tem tido pois esta freguezia, trez oragos—isto é—os seus habitantes, mudam de padroeiro com a mesma facilidade com que mudam de camiza!

N'esta freguezia (para o lado da de Cogulla) ha uma linda varzea cultivada, banhada pela *ribeira das Carigas* — que tira o seu nome da aldeia de Carigas, por onde passa, antes de entrar na varzea, mas antes d'isso, se chama *ribeira do Freixo*, nome da aldeia onde nasce. — Esta ribeira torna a varzea muito fertil em todos os generos agricolas.

—

Tem um bom cemiterio parochial, construido no chão onde existiu a antiquissima egreja da *Senhora a Nova*, e que fica uns 500 metros ao N. da povoação de Val do Seixo. E' tradição que esta egreja da Senhora a Nova, foi, em tempos antigos, matriz de muitas povoações que hoje são parochias independentes, incluindo as quatro confinantes, a do Cerêjo (que fica a 9 kilometros de distancia) e outras.

VAL DE SOBRAL —Vide *Maçans de Caminho.*

VAL DE SOUTO, ou **VILLA DO SOUTO** — freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, districto administrativo, bispado e 5 kilometros ao O. de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Apezar da muita antiguidade d'esta freguezia, não a encontro, em nenhum dos seus dous nomes, no *Port. Sacro!* — Bettencourt, no seu *Diccionario chorographico de Portugal*, publicado em 1874, tambem não menciona esta freguezia, nem com o nome de *Valle*, nem com o de *Villa*, no logar competente; mas inclue-a na relação das que compõem o concelho de Viseu, quando trata d'esta cidade. Foi, com certeza, esquecimento.

E' terra fertil em todos os generos agricolas do nosso clima.

Ha n'esta freguezia, a antiquissima egreja de *Nossa Senhora da Estrella*, que, segundo a tradição, foi matriz da parochia até ao seculo XV, e, construindo o povo então a actual egreja, foi erecta em matriz, ficando a primitiva reduzida a capella.

VAL DO TEJO — é uma vasta planicie, sobre a margem direita do rio que lhe dá o nome, e pertencente á freguezia de Muge.

Sobre a margem direita da *ribeira de Muge*, ha uma collina, chamada *Cabêço da Arruda*, que tem 95 metros de comprimento — de S. E. a N. O. — 40 de largura, e apenas 5 de altura, sobre a planicie arenosa, e uns 11 metros acima da planicie chamada *Paul do Duque* (do Cadaval, que era o senhor donatario d'estas terras, onde ainda possue vastas propriedades, e grandes rendas.)

Esta planicie, é toda cortada de vallas, para escoamento das aguas da ribeira de Mugem, que a inundam em occasiões de enchentes, o que acontece com frequencia.

O *Cabeço da Arruda*, é constituido de restos de animaes, areia, lôdo, e calhaus, contendo tambem pequenos fragmentos de madeira carbonisada, *tufo calcareo, lutraria compressa*, caracóes, ossos de coelho, garras de caranguejos, conchas (corroidas pelo *acido carbonico*) tudo até á profundidade de uns trez metros, tendo mais abaixo, um leito de seixos — muitos dos quaes se veem estalados, como se fossem submettidos á acção do fogo.

Foi n'esta camada de seixos que appareceram os esqueletos e ossos humanos dispersos (de que fallei no *Val de Mugem*) envolvidos na pasta de um espesso leito de detritos muito miudos de *lutraria compressa*; contendo tambem areia, fragmentos de carvão, lôdo, etc.

O fundamento do cabeço é a arenata a que os geologos dão o nome de *pliocéne novo.*

E' incontestavel que o solo que actualmente se acha a séco, em consideravel largura das duas margens do Tejo, e junto á confluencia de alguns dos seus tributarios, proximo e a montante do leito salgado actual d'este rio, esteve por muitos seculos submerso, e que n'essa época ahi viviam as especies de molluscos que hoje vivem e predominam nos lôdos do estuario actual do Tejo.

Sharpe (*On the secondary Rocks of Portugal*, Quart Journ. Geol. Soc., vol. VI, pag. 138) diz — traducção :

«Encontrei um pouco acima de Villa Franca, um leito de marne, á altura de 50 pés, sobre o actual nivel do Tejo, contendo a *lutraria compressa* commum; e na planicie

pantanosa, perto de Villa Nova da Rainha, a mesma concha, e uma pequena variedade do *cardium edole*, especies que vivem ambas actualmente, em abundancia, no estuario, ou leito salgado do Tejo, perto de Lisboa. Assim, é evidente que esta parte do paiz, foi elevada de 50 pés, pelo menos, em um periodo comparativamente recente.»

No Cabeço da Arruda, em um nivel immediatamente superior áquelle em que se achou a maior parte dos taes esqueletos humanos, assim como muitos ossos quebrados e alguns completamente queimados, pertencentes a mammiferos (bois e outros) craneos de gado bovino tambem carbonisados e reduzidos a grandes pedaços; algumas raras pedras e ossos, que parece terem sido affeiçoados pela mão do homem e por elle empregados para um fim hoje ignorado.

Todas estas circumstancias, e principalmente a presença da madeira carbonisada e a accumulação dos ossos de mammiferos, e, finalmente, a existencia de tantas ossadas humanas ahi enterradas, induzem-nos a acreditar, que houve aqui um campo, no qual, homens, de uma época mais ou menos afastada, se juntavam para fazerem as suas refeições. Este campo estava, portanto, então sêcco, e o plano em que se acham os objectos designados, era n'essa época o solo d'esta região.

Note-se que todas as conchas e ossos de animaes aqui encontrados, pertencem ás especies comestiveis que ainda hoje se empregam na alimentação do homem.

Ao longo das praias de quasi todas as ilhas dinamarquezas, se encontram monticulos formados principalmente de conchas de mariscos, das mesmas especies dos que ainda hoje alli servem para alimento. Com estas conchas existem profusamente misturados ossos de animaes que serviram de alimentação aos homens que formaram estes monticulos, aos quaes os dinamarquezes dão o nome de **kjökkenmöddings** — palavrão que se póde traduzir por — *montes, feitos com restos de cosinha* [1].

[1] A sua traducção litteral, é — *cosinha* — *estrume* — *monte*.

—

No *Porto da Amoreira*, na margem esquerda do *Paul do Duque*, retirado d'este uns 30 metros ao S. O., e a um kilometro de distancia do *Cabêço da Arruda*, ha outro monticulo formado sobre *arenata* do *pliocene novo*, e contendo os mesmos objectos de que é composto o Cabeço da Arruda; mas sem um unico osso da especie humana.

Na *Fonte do Padre Pedro*, proximo ao dito Paúl, e sobre a margem direita d'esta, 3 metros acima do seu nivel, e trez kilometros ao N. O. do Cabeço da Arruda, em sitio onde as cheias não chegam, ha uma pequena lomba, que não tem leito de cinzas, mas contém pequenos fragmentos de carvão, ossos e dentes de mammiferos, e pedaços de louça grosseira. N'este sitio se achou um esqueleto humano, deitado de costas, estendido, e com os pés voltados para o nascente.

—

Os ossos humanos encontrados no Cabêço da Arruda, e que até hoje se teem colligido, mostram que pertenceram a mais de 45 individuos, de differentes edades e sexos.

—

O que acaba de lêr-se, foi resumido do bello livro do sr. F. A. Pereira da Costa, intitulado — *Da existencia do homem em épocas remotas, no valle do Tejo*, publicado em 1865, em resultado das descobertas feitas pela *Commissão Geologica de Portugal*.

Não aproveitei nada do que se refere á época mais ou menos remota dos esqueletos, ossos e conchas, de animaes aqui encontrados, porque — segundo confessa o mesmo esclarecido escriptor, — são tudo hypotheses mais ou menos provaveis.

Eu não sou geologo, e nada entendo de anthropologia: não passo de um simples amador, desejoso de vêr e investigar, e, com effeito, tenho percorrido uma boa parte de Portugal, procurando sempre examinar tudo o que é digno de menção, nas varias terras por onde tenho divagado. Em vista d'isto, seja-me licito expôr a minha humilissima opinião com respeito aos differentes objectos que se teem encontrado em varias localidades das duas margens do Tejo.

Estou persuadido que nada do que se tem encontrado n'esta região, pertence á época antidiluviana, pois nem um unico resto das especies de animaes extinctos hoje, alli appareceu. Acredito que tudo é muito posterior á *edade da pedra*, e até ao tempo dos romanos.

Nós vimos na col. 2.ª da pagina 287 do 2.º vol., que no anno 666 de J. C., o val de Chellas estava coberto ainda pelas aguas do Tejo, que chegavam ao mosteiro de vestaes, depois convertido em convento de freiras cruzias.

Vimos na palavra *Val de Chellas*, que o Tejo chegava até um kilometro de distancia das barreiras da *Cruz da Pedra*, em Lisboa.

Mais — quasi todos os ossos humanos e de outros animaes que se teem encontrado, pertencentes a épocas anteriores do dominio dos romanos na nossa Peninsula, apenas expostas ao ar atmospherico, se reduzem a pó, o que não aconteceu aos achados no Cabêço da Arruda e suas immediações; pelo que, talvez não tenham nem mil annos de existencia.

Sendo assim, como me parece muito acreditavel, já se vê que o tal *homem terciario* do Cabêço da Arruda, não passa de uma historia da carochinha, só digna de promover o riso ao homem mais triste d'este mundo.

—

Quanto aos *instrumentos de silex*, tenho a fazer as observações seguintes:

Uma grande parte dos objectos de pedra que se teem encontrado em varias partes, e que se julgam obrados por uma raça de homens a que nós, por ignorarmos o seu verdadeiro nome, chamâmos *pre-celtas*, não passam de formações naturaes produzidas por causas desconhecidas. Talvez que muitos d'estes chamados *instrumentos de pedra*, não sejam mais do que *aereolithos*, atrahidos para o nosso planeta, pela *força centripeta*.

Exemplifiquemos.

Na freguezia de Pindêllo, do concelho de Oliveira de Azemeis, principia uma zona de *grés-molar* (parece-me que é o que os inglezes chamam *mill-stone-grit*) que, dirigindo-se de S. E. a N. O., atravessa as freguezias de Villa-Chan, Nogueira de Cravo, Cezar, Milheiroz, Romariz, etc., etc., e termina proximo da foz do Douro; mas nem sempre á *flor da terra*, ou — o que é mais provavel — com varias soluções de continuidade. Esta pedra, que o povo emprega para amolar as suas ferramentas (e á qual dá o nome de *asperões*) está disposta em camadas de parallélipipedes, *estratificados*, parecendo uma grande quantidade de milhões de tijolos, alli collocados por mãos de homens [1].

Na freguezia de Mançôres, no concelho d'Arouca, ha uma pedreira formada tambem de parallélipipides, mas de schisto.

Na freguezia de Pédorido, do concelho do Castello de Paiva, ha um caminho antiquissimo, que o attrito dos carros profundou a uns dous metros abaixo do sólo adjacente, vendo-se de ambos os lados, no córte do terreno, que este é formado exclusivamente de umas pedras de schisto, bastante fragil, todas de egual tamanho e da fórma de peixes, de uns cinco centimetros de comprido por 4 de espessura no meio.

Ainda muito mais curioso do que tudo isto, é o grande numero de *staurotidos*, formados de uma especie de silicato de alumina, e encravados em duas zonas de rochas *schistosas antigas*, como vimos na col. 2.ª, de pag. 422, do 1.º volume. Estes staurotidos (cruzes) são tão perfeitos, como se fossem feitos a compasso, por um artista consummado.

Ora — se em vez de todas estas curiosidades geologicas, formarem massas enormes e por um grande espaço de terreno, se encontrassem apenas disseminadas ás duas, trez

---

[1] Estes parallélipipedes são de differentes tamanhos, e misturados com elles, apparecem outros *amorphos* (sem fórma regular) mas todos da mesma qualidade — *sulphato de cal* (gêsso) e areia. As camadas, ou estratificações, estão, em geral, dispostas horisontalmente; porém, onde o terreno soffreu alguma depressão, tomaram uma posição obliqua, na direcção do pendor do terreno. No monte de Fafião (Romariz) é esta zona cortada por uma ravina. Alli as camadas do S., tombaram para o N., e as do N., para o S, com uma inclinação de 30 gráus, pouco mais ou menos.

ou quatro, quantos e quantos sustentariam que eram obra de homens que viveram em épocas remotissimas?!

Estou pois convencido que muitos dos chamados *instrumentos de pedra*, são obra da Natureza e não da arte, ou procedidos de algum phenomeno meteorologico. Não nego porém que muitos sejam fabricados por homens, que viviam na chamada *edade da pedra*.

Prova-se por exames recentes, feitos em varias cavernas, que a *edade da pedra*, ainda continuou depois, na *edade do bronze* e na *edade do ferro;* pois teem alli (nas cavernas) apparecido instrumentos feitos de todas estas materias; o que prova que eram usados simultaneamente.

Mais — quando em seus paizes já se usavam instrumentos de bronze, ou de ferro, ainda em outros se faziam de pedra. Hoje mesmo, ainda varios povos selvagens, usam pontas de lanças, bicos de setas, e outros objectos, construidos de *pedra polida*.

VAL DE TELHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Torre de Dona Chama) 100 kilometros ao N. de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisboa.

110 fogos.

Em 1768, tinha 92.

Orago, Santo Ildefonso.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 14$500 reis de congrua e o pé de altar.

O *Portugal Sacro*, dá a esta freguezia nome de *Val de Velhas* — talvez êrro typographico.

É povoação antiquissima. O rei D. Diniz, lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de junho de 1289. (L.º 1.º *de Doações de D. Diniz*, folhas 261 v.ª, col. 1.ª in fine.)

Proximo á povoação de Val de Têlhas, (ou no mesmo logar que hoje occupa) existiu a antiquissima cidade de *Pinéto*. (Vide esta palavra.)

Em varios sitios d'esta freguezia, teem apparecido por differentes vezes, cippos com inscripções romanas, que nos provam a existencia aqui, de familias patricias. Vão para amostra duas inscripções—

1.ª

I. O. M.
PVBLIVS
AELIVS
PLACCINVS
V. S. L. M.

(*Publia Elio Placcinio dedicou* (esta memoria) *a Jupiter Optimo Maximo.*)

2.ª

ALBINVS
BALESIN
I. LARIBVS
FIN DLNEI
ICI. SLI. BE-
JAS POSVI.

(*Albino, filho de Balesino, consagrou* (esta memoria) *aos deuses lares*.....?)

Por baixo da ponte de Val de Telhas se acharam trez cippos romanos, mas só em um se pôde ler o seguinte —

M. NUMA NUM-
ERINO NOB
CAE. AUG.

(*Dedica a Marco Numa Numerino, nobre Cesar Augusto.*)

—

Além d'estes cippos, muitas outras antiguidades teem apparecido por estes sitios, que nos provam a existencia de uma grande povoação de tempos remotissimos e da qual apenas hoje restam tenues vestigios.

VAL DE TORNO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 142 kil. ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 180 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção (vulgarmente, *Nossa Senhora do Castanheiro.)*

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira, apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Pertenceu antigamente, ao supprimido concelho de Villarinho da Castanheira.

É uma das freguezias mais ricas e ferteis do concelho, pois abunda em azeite, vinho, trigo, centeio, batatas, castanhas e outros generos agricolas. Ha tambem grande creação de bicho de seda, e houve anno que o casulo vendido, produziu um conto de réis.

A povoação é muito antiga, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada, nem d'onde lhe vem o nome de *Val do Tôrno*—porque está situada, não em um *valle*, mas em um *sêrro*. É verdade que está cercada de *valles*, e será por isso que se diria *aldeia dos valles em torno*, e d'aqui Val de Tôrno.

A egreja matriz, de architectura gothica, revela muita antiguidade. Está edificada em uma encosta, 400 metros ao S. E. da povoação; e é vasta, mas singela, e *não tem sachristia!* Na rectaguarda da capella-mór, se vê um grande castanheiro, em cuja concavidade (segundo a tradição) appareceu a imagem da padroeira—e é por isso que se lhe dá o titulo que vimos. Não produz castanhas—talvez pela sua muita antiguidade—mas é muito frondoso, conservando a verdura da primavera em todo o verão, por maior que seja a estiagem. O parocho actual tem por varias vezes pretendido arrancal-o, porem o povo oppõe-se tenazmente.

No centro da freguezia ha uma grande ermida, onde se parocheia, mas as festas, baptismos, casamentos e funeraes, são feitos na matriz. Houve n'esta ermida a confraria de Santa Cruz, que chegou a ter muitos irmãos e bons rendimentos, mas tudo acabou.

Hoje apenas ainda tem 14$000 réis de renda, que o parocho embolsa, *não sei com que bullas*...

Houve n'esta freguezia mais cinco ermidas — *Santo Christo do Prado* — *Nossa Senhora do Rosario* — e *Santo Apollinario* — que todas estão em completo abandono, apezar de terem bastantes rendas e esmolas, que o parocho vae recebendo, sem lhe importar com a conservação d'estas ermidas.

As outras duas—*S. Gonçalo* e *S. Braz*—estão completamente desmanteladas.

O parocho actual, veio para esta freguezia, logo depois de 1834, e cuida mais nos seus interesses do que em ser um bom pastor de almas...

—

A freguezia é atravessada por trez ribeiros, cujas aguas servem para regar e fertilizar as terras, e de motor a varios moinhos de pão. Depois de reunidos, desaguam na ribeira do Sabôr. Alem d'isso ha na freguezia muitas fontes de optima agua potavel. Entre estas, ha uma de bôa cantaria lavrada, dentro de um arco, com assentos dos lados, que é legendaria. Crê o povo que alli habita uma *Naiade*, que não é mais nem menos do que uma *moura encantada*, que se ouve tecêr, em um tear de marfim, uma têa d'ouro, em todas as manhans do dia de S. João, antes de nascer o sol. Ha muitos que teem *passado a noite em claro*, para terem a *ventura* de ouvir tecêr a moura, mas não o teem conseguido.

É ponto averiguado (e geralmente acreditado na freguezia...) que, hindo certa mulher a esta fonte em uma das taes manhans de S. João, em vez de agua trouxe o cantaro cheio de novellos d'ouro. A mulher, enthusiasmada com tanta riqueza, exclamou «Santo nome de Jesuz!»—Foi a sua desgraça; porque apenas pronunciou o nome de Deus, os novellos d'ouro desappareceram! (Parece que a tal *tecedeira* tinha mais de diabo do que de moira encantada!) O que é certo, é estar o terreno em volta da fonte todo *esfoçado* pelos buscadores de *thesouros encantados*.

—

Ao N. da povoação, e no vertice do mais elevado outeiro, estão os restos de uma forte muralha, pelo que a este monte se dá o nome de *Cabeça Murada*. D'este ponto se gosa uma formosa e dilatada vista, abrangendo algumas villas, muitas aldeias, montes e valles.

A uns 200 metros d'esta muralha, se veem as ruinas de um castello, e os alicerces de pequenas casas, e vasos cheios de cinzas. Diz-se que aqui se tem achado moedas mouriscas.

—

É natural d'esta freguezia, Manoel de Castro Pereira, mas o solar da sua nobre e an-

tiga familia, é em Villarinho da Castanheira. Tinha varias propriedades por todas estas terras. Foi um cavalheiro de não vulgar intelligencia. Organisou, armou e equipou, á sua custa, um excellente esquadrão de cavallaria, do qual o nomeou capitão, o principe regente (depois D. João VI) em 1801, durante a curta guerra que tivemos com a França e Hespanha, e que terminou pelo tratado de paz, de Badajoz, de 6 de junho d'esse anno, deixando nós em refens á Hespanha a praça de Olivença, que lá ficou até hoje, contra todo o direito. (Vide *Olivença*.)

Estando por nosso embaixador em Paris, no anno de 1807, fez-se buonapartista, e, com o posto de coronel, fez a campanha da Russia, em 1812.

Foram-lhe confiscados todos os bens que tinha em Portugal, e elle, julgado como traidor; pelo que ficou em França até 1820, época em que a constituição lhe abriu as portas da patria, o riscou da lista dos traidores, e lhe restituiu as propriedades confiscadas.

Depois de 1834, exerceu varios empregos publicos, como governador civil de Braga e outros; e foi feito conselheiro d'estado. Depois, abandonou a politica, indo residir na cidade do Porto, onde falleceu (na rua das Virtudes) em 1866, legando a sua grande fortuna a seu sobrinho, o sr. Luiz de Castro Pereira, filho de seu irmão Dionizio de Castro Pereira, que fôra capitão-mór de Freixo de Numão.

—

É tambem natural d'esta freguezia, o rev.mo sr. Antonio José Teixeira da Silva, digno e illustrado abbade da freguezia de Esmeriz, no concelho de Villa Nova de Famalicão.

VAL DA TORRE — Vide *Alpedrinha*.

VAL DE VARGO — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 75 kilometros ao O. de Beja, 150 ao S. E. de Lisboa, 205 fogos.

Em 1768, tinha 93.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, e 60 de cevada de rendimento annual.

Fertil em cereaes, e cria muito gado, principalmente suino, que exporta.

Por decreto de 23 de maio de 1879, foi esta freguezia annexada á de Pias, no mesmo concelho.

VAL DE VEZ — Minho — E' o antigo nome da actual villa dos Arcos de Val de Vez.

Sem repetir nada do que disse no 1.º vol. pag. 235, col. 1.ª e seguintes, accrescento aqui o seguinte —

Tem actualmente só duas freguezias —

S. Payo, da qual o abbade era apresentado pela mitra, e tinha 280$000 réis de rendimento.

Em 1768, tinha 176 fogos.

O *Salvador*. Os viscondes de Villa Nova da Cerveira (depois marquezes de Ponte do Lima) apresentavam o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Em 1768, tinha 135 fogos.

O concelho dos Arcos de Val de Vez, é composto de 59 freguezias, todas no arcebispado de Braga. São — Aboim das Choças —Aguião—Alvora—Ázere — Cabana Maior — Cabreiro — Carralcova — Cendufe e Rio Cabrão — Couto — Eiras — Ermêllo — Extrêno — Gavieira — Giélla — Gondoriz — Grade — Guilhadezes — Jólda (Santa Maria Magdalena) — Jólda (S. Paio) — Lourêda — Mei — Miranda — Monte Redondo — Oliveira — Paçô — Padreiro (O Salvador) — Padreiro (Santa Christina) — Padroso — Parada — Portella — Prozello — Rio de Moinhos — Rio Frio — Sá — Sabbadim — Santar — Santos Cosme e Damião — S. Jorge — Senharei — Sistéllo — Soajo (ou Suajo) — Souto — Tabaçô — Távora (Santa Maria — Távora (S. Vicente) — Valle — Villa Fonce Vilella — e as duas da Villa. Todas com 8:500 fogos.

A sua comarca é formada só pelo concelho — é de 1.ª classe, e pertence ao districto da Relação do Porto.

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados — Aboim das Choças — Soajo — Távora — e a Villa.

Pertence á 3.ª divisão militar.

Tem estação telegraphica municipal.

Fica sobre a estrada que vae de Braga a Monsão.

O rio Vez, que lhe dá o nome, a cerca, quasi por todos os lados.

—

Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta villa teve principio na povoação de Guilhafonse (corrupção de Gil Affonses) que está sobranceira á villa, do lado do norte; estando alli a matriz primittiva, que era apenas uma ermida, que depois se mudou, ampliando-a, para o largo do Espirito Santo, onde hoje existe, conservando o seu antigo orago — O Salvador. A matriz que existiu em Guilhafonse, era antiquissima, com certeza, anterior á monarchia, e provavelmente do tempo dos gôdos. Talvez isso constasse de algum livro antigo, existente no archivo da camara, que era importantissimo, mas foi queimado em 1808, no tempo de Junot.

Os celebres arcos que deram á villa o seu actual nome, já não existem; porque uma *illustrada* vereação os mandou demolir, *para desempachar a praça.* Em frente d'esta praça esteve o magnifico pelourinho, dourado, o mais sumptuoso de toda a provincia do Minho, construido no meiado do seculo XVI. Os mesmos *illustrados* vereadores o desterraram para o sitio das *Pôldras de Vallêta*, na margem do Vez, onde ainda existe em perfeito estado.

A rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, doou em 1125, á Sé de Tuy, o *mosteiro d'Ázére, em Val de Vez.*

Para tudo o mais, veja-se o artigo *Arcos de Val de Vez*, e *Veiga de Val de Vez.*

VAL DE VILLA POUCA D'AGUIAR—Vide *Verêa de Bornes.*

VAL DE VILLARIÇA — Traz-os-Montes, proximo á Villa da Torre de Moncorvo. (Para evitarmos repetições, vide os artigos *Moncorvo, Sabôr* e *Santa Cruz de Villâriça* — que aqui só accrescento o que diz respeito ao valle.)

Segundo a tradição, existiu n'este valle uma grande cidade romana, no chão depois occupado pela hoje extincta villa de *Santa Cruz da Villariça*, e estendendo-se pela maior parte do valle: entretanto não existe um unico vestigio de tão remota antiguidade.

Tem 22 kilometros de comprido por dous de largo, e ha n'elle algumas povoações e boas quintas: é cercado de altos rochedos, e atravessado pela pequena ribeira da Villariça, que, nascendo em uma das gargantas da Serra de Bornes (ao N.) e junto á aldeia da *Burga*, ao fundo do valle, se junta ao rio Sabôr, proximo da sua foz.

O Douro, que passa proximo e ao sul do valle, o inunda, nas suas grandes enchentes, até uns 6 ou 7 kilometros de distancia; e, antes de se romper o famoso *Cachão do Salvador do Mundo* (vide *Pontos no Douro*) que fica muito abaixo, o cobria quasi totalmente. O limo e outras materias que alli deposita, são um optimo adubo, o qual combinado com o terreno *quaternario*, ou de *aluvião*, que constitue o sólo d'esta bacia, e a alta temperatura nas estiagens, subindo ás vezes a 40 graus R., concorrem para que este valle seja de uma feracidade espantosa, e para a optima qualidade de todos os seus fructos.

Todos os cereaes progridem aqui em maravilhosa abundancia. O seu azeite é do melhor do reino; os melões teem fama pela sua excellente qualidade. (Dizem que são *os mais deliciosos do mundo!*) Teem aqui nascido pés de milho grosso, com 14 maçarocas (*espigas*) todas perfeitas; e são vulgares os que se adornam com 4, 5, 6 e mais maçarocas — podendo calcular-se uma producção d'este cereal, em mais de 300 sementes!

O *linho de inverno*, (canhamo) attinge aqui uma altura extraordinaria, fornecendo no seculo XVIII, e em abundancia, a matéria prima para as então florescentes cordoarias de Moncorvo e Villa Nova de Foz Côa.

Ha tambem aqui bastantes colmeias, que produzem mel e cêra de boa qualidade. As suas ovelhas produzem muita lan, e queijos soffriveis.

A laranja, a maçan, o pêcego, a amendoa, a pêra, o figo e a uva prosperam aqui grandemente, e são de optimo gosto; e o vinho é magnifico.

Todavia, este valle, é muito falto d'agua — se a tivesse em abundancia, era incon-

testavelmente um dos mais ferteis do mundo.

Se houvesse mais patriotismo, ou se os governos d'este reino attendessem mais ao bem estar material dos povos, já ha muitos annos que machinas hydraulicas teriam para aqui conduzido as aguas do Sabôr, ou do Douro.

E' provavel que se dessem aqui muitos dos fructos e plantas dos trópicos, e, com certeza, o tabaco d'esta terra seria de optima qualidade, e abundantissimo.

—

Do bello livro do sr. visconde de *Villa-Maior* — «O Douro Illustrado» — extrahi o seguinte :

«Olhemos agora para o *Val de Villariça*, que nos está provocando a attenção. E' este valle uma excepção entre os demais que se abrem sobre o Douro. Todos os outros, a não ser o de *Jugueiros*, junto á Regua, e de *Touraes*, que lhe fica fronteiro, da parte de Lamego, são apenas estreitas gargantas, por onde as torrentes e os rios tributarios do Douro, lhe trazem as suas aguas. O Val da Villariça, pelo contrario, é uma larga e longa depressão, entre elevadas montanhas, tendo 22 kilometros de comprimento, em linha recta, de N. a S., e 2 kilometros na sua maior largura, junto á confluencia da ribeira (que lhe dá o nome) com o rio Sabôr, que vem correndo até alli, desde Bragança, sempre em apertado e fragoso leito.

«Este valle, deve ter sido, nas antigas eras do globo, um grande lago, que successivamente se foi terraplenando, á custa dos depositos que para o seu leito arrastaram as aguas vindas das montanhas.

Assim, o sólo da planicie, é todo de origem lacustre, onde se podem distinguir trez camadas de sedimentos : uma formada de cascalho e *calhaus rodados ;* outra extremamente argillosa — e a ultima, mais recente, e que se está formando em nossos dias, constitue os fertilissimos *nateiros* das tão gabadas courellas, da parte inferior da planicie.

«No fundo d'este valle, lá para o norte, ergue-se a *Serra de Bornes*, a que os antigos chamavam *Monte Mel*, e cuja altitude, no ponto em que se acha construida uma pyramide geodesica, é de 1:202 metros, acima do nivel do mar.» (Vide 1.º vol., pag. 421, col. 2.ª — *Bornes de Monte Mel, serra.*)

«N'uma das gargantas d'este monte, onde se acha a povoação da *Burga*, é que nasce a ribeira da Villariça, que desce, serpenteando caprichosamente, por toda a extensão do valle, até entrar nas aguas do Sabôr, não muito distante da foz d'este rio.

«Os campos da Villariça, formados pelos *nateiros* que as aguas depositam, na occasião de grandes enchentes, são de uma fertilidade espantosa, e, pela sua riqueza, consagrados exclusivamente á producção do canhamo, do feijão, do milho, e dos melões, que n'outro tempo não tinham rivaes. A terra, requer apenas uma lavoura superficial, e a sementeira, sem a minima adicção de estrume. Não é raro, crescer o canhamo á altura superior a dous metros, e o milho produzir dez e mais grossas espigas.

«E' curiosa a formação d'estes nateiros, que as aguas do Sabôr e Villariça, depositam em condições singulares. Estes dous cursos d'agua, já reunidos, entram no Douro, perpendicularmente, á curva que elle fórma á entrada da veiga, contornando o *Monte Meão.* Na época das grandes cheias a velocidade e o volume que levam as aguas do Douro, obstam á entráda das que vem da planicie. Estas, refluindo, estendem-se, como estagnadas, pela veiga, que, em grande parte, inundam, e parece reformarem o antigo lago. É então, que ellas forçadamente tranquillas e reprezadas, depõem lentamente os detrictos que das montanhas arrastaram em suspensão. Denomina-se alli *rebofa*, a este refluxo das aguas. Assentam e consolidam-se estes nateiros, quando, ao passo que o Douro continúa elevado, deixam de crescer, o Sabôr e a Villariça, escoando-se o excesso das suas aguas, na corrente d'aquelle. Porém, se a enchente do Douro começa a diminuir antes que baixem as aguas do Sabôr e Villariça, estas, não tendo já quem as repréze, correm impetuosamente, arrazam, em parte, a obra que tinham formado, cortando os nateiros e arrastando-os, ora de

uma, ora de outra margem, e deixam, em vez de um sólo eminentemente fertil, a areia árida e sáfara. Assim, a propriedade, n'estas terras, é extremamente contingente. Delimitam-se as courellas, só em largura, por que o comprimento fica à mercê do rio, e, como não podem subsistir os marcos, em terra tão inconstante, estão os predios representados n'um *tombo*, ao cuidado da camara municipal. Póde um proprietario, antes da *rebofa*, possuir muitos centenares de metros quadrados, de riquissima terra, e logo depois d'ella, achar-se unicamente senhor de um pobre e triste areal.

«São já hoje raras, as grandes rebofas, que produzem rapidas e profundas alterações no regimen do rio, e que antigamente se repetiam com frequencia. Attribue-se esta mudança, á destruição do grande penhasco que ainda no seculo passado obstava á navegação, acima da *Valleira*, e represava as aguas do Douro, concorrendo poderosamente para a demora das enchentes.

«Não são unicamente as terras de nateiro que dão valor a esta veiga : todas as da planicie, ainda mesmo aquellas onde já não chegam as cheias, são notaveis pela sua fertilidade, e n'ellas se cultivam os cereaes, sem interrupção. Nas orlas do campo, vemos muitos e bons olivêdos, e já por muita parte avultam os predios vinicolas, principalmente nas orlas da zona media do valle, na parte em que elle mais se dilata, e nas encostas dos valles contiguos, que se elevam para Villa Flor, e para as terras altas de Carrazêda de Anciães. Na entrada d'estes valles, lá vemos alvejar a povoação da *Horta*, que deve a sua fortuna á riqueza das suas vinhas ; e mais acima, a povoação do *Nabo*, rica tambem, pelos seus olivaes e pelas suas vinhas, que vão já quasi tocar com as de Villa-Flôr.

«De todo o tempo, foi muito celebrado este Val da Villariça, e parece que, em remotas épocas, mais povoado do que hoje. Alli perto, sobre os rochedos graniticos que dominam a *quinta da Tarrincha*, ainda se encontram vestigios de construcções romanas, que nos não consta terem sido estudadas pelos nossos antiquarios. Por baixo d'este mesmo monte, do lado do sul, entre a Villariça e o Sabôr, está uma pequena capella, que chamam da *Derruida*, cujas paredes foram construidas com pedras de granito, e nas quaes ainda se podem lêr restos de inscripções romanas, sendo entre ellas, bem visivel, uma inscripção funebre, dedicada a *Lelia Roborina*.

«Este nome, faz-nos recordar que já no tempo dos romanos, a serra que domina Moncorvo, e cujos contrafortes assentam a sua base nas margens do Sabôr, era designada pelo nome de *Reboretum*, derivado da floresta de carvalhos que então a revestia, e cuja descendencia, apezar da incessante guerra que lhe fez o alvião dos estupidos mateiros, com o beneplacito das camaras municipaes, ainda parece protestar contra o vandalismo dos arboricidas dos nossos tempos ; pois que, por toda aquella serra, constantemente os carvalhos rebentam das raizes decepadas, e a cobrem de verdura.

«A par dos vestigios das construcções romanas, que se encontram junto á Villariça, podemos ainda citar o resto de uma *via militar*, que naturalmente conduzia de *Augusta Emerita*, a *Asturica Augusta* (Merida, e Astorga) e seguia pela crista do Reborêdo, onde são ainda visiveis ; bem como são alli patentes os vestigios da larga exploração das minas de ferro que abundam n'esta montanha, e que os romanos trabalharam, em grande escala.»

—

Não transcrevo o resto do artigo pertencente ao Val da Villariça, por já estar tudo dito em *Moncôrvo, Reborêdo, Reboreto*, e *Santa Cruz de Villariça*.

—

N'este valle acampou o nosso D. João 1.º, a 16 de março de 1386, no sitio por isso chamado *Eiras d'El-Rei*. (Para evitarmos repetições, vide no 1.º vol., pag. 296, col. 2.ª e seguintes.)

VALDIGEM — villa, Beira Alta, concelho, comarca, bispado, e 10 kilometros ao N. E. de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 268 fogos.

Em 1768, tinha 180.

Orago, S. Martinho, bispo.

Districto administrativo de Viseu.

A mitra, apresentava o vigario, collado, que tinha 150$000 reis de rendimento annual — isto, segundo o *Port. Sacro*. A *Historia ecclesiastica de Lamego* diz que o vigario era aprezentado pelo arcediago da Sé, ou *do Bago*, que tambem se intitulava *arcediago de Valdigem*, e recebia os dizimos d'esta freguezia. O vigario, segundo este livro, tinha 300$000 reis de rendimento annual. Isto é mais exacto.

E' terra fertil em cereaes, e muito abundante de optimo vinho, azeite e fructas — principalmente optimos melões. — O rio Douro, que passa 3 kilometros ao N. d'esta freguezia, a fornece de excellente peixe.

Era da corôa.

D. Affonso 1.º lhe deu foral, em Coimbra, no anno de 1182. (*Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 151, verso, col. 1.ª) D. Affonso 2.º confirmou este foral, em Santarem, no mez d'abril de 1217. (Maço 13, n.º 8, de *Foraes antigos*.) O rei D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de Foraes novos da Beira*, fl. 62, col. 1.ª)

> Foi a instancias de D. Soeiro Viegas, *principe de Lamego*, e do bispo d'esta cidade, D. Godinho (o de Boa Memoria) que D. Affonso 1.º deu foral aos *trinta povoadores de Baldigem*, com o foro á corôa, de *um moio de vinho*, um dito de pão *quartado* (trigo, centeio, milho miudo e cevada) um corazil, uma gallinha, um soldo, e uma fogaça de trigo, por cada um dos casaes; e todos elles juntos, 100 *afuzaes* de linho e 100 ovos; posto tudo á custa d'elles, foreiros, em Lamego, e medido pela teiga e quarta do celleiro; e cada casal devia pagar *condado e monte, et non rivulo*.

Em 1272, fez D. Silvestre de Lamego o seu testamento, no qual se lê — «It. Mando ipsi Ecclesiæ de Baldigem, pro meo Anniversario annuatim, in die S. Martini, unam Morabitinatam de pescanine, per meam vineam, que vocatur Anagaça. (Doc. da Sé de Lamego.)

A villa fica junto da serra de S. Domingos da Queimada, e sobre a margem direita do Varosa.

Comprehende esta freguezia, uma área espaçosa — uns 5 kilometros de N. a S., e a mesma distancia de E. a O.

A povoação, divide-se em trez grupos de casas — *Cimo de Villa, Amoreira*, e *Fundo de Villa*.

Os maiores proprietarios d'esta freguezia, são os herdeiros do padre Antonio Ferreira, fallecido em 1858. Ha n'esta terra boas quintas, pertencentes a individuos de outras localidades, entre ellas, as de *Val da Lagem*, do visconde da Varzea — a de Melchior Pereira Coutinho, de Lamego — a da *Bouça*, da familia Lacerda, de Canellas — a *dos Póços*, de Bernardo Pereira Leitão — outra *dos Póços*, dos Pachecos Pereiras, de Villar — a *do Torrão*, de Bernardo Pereira de Aragão, de Lamego—a de *Melres*, da familia Cunha Porto-Carreiro, da Bandeirinha (*o palacio das sereias*) do Porto. Esta quinta tornou-se tristemente celebre, desde que um terrivel desabamento, levou, com grande quantidade de terra e pedras, a casa da quinta, por occasião de uma grande cheia, fazendo recuar por momentos as aguas do Douro, que foram derrubar uns cedros que estavam no terreiro da quinta da Vaccaria, na margem direita do rio, e destruiram um grande estabelecimento de moagem que a opulenta familia *Ferreirinha*, da Règua, tinha no rio Córgo.

Tambem n'esta freguezia tiveram uma casa vinculada, os Bellezas de Andrade, de Villa Nova de Gaia.

Nos limites de Valdigem, e sobre o Varosa, ha uma optima ponte, de cantaria, de um só arco, mas de grande altura.

—

A villa de Valdigem foi por muitos seculos cabeça do concelho do seu nome, com paços municipaes, cadeia, pelourinho, e todas as justiças e vereadores competentes. Depois de 1834, sendo supprimido o tambem antigo concelho de Parada do Bispo, foi annexado a este, que por fim foi tambem sup-

primido, unindo-se ao de Lamego. (Vide *Parada do Bispo.*)

A egreja matriz é muito antiga, e nada tem de notavel.

Ha na freguezia seis ermidas.

1.ª — *N. Senhora da Conceição,* publica, com uma irmandade.

2.ª — *Santo André,* dos Falcões, de Braga.

3.ª — a da quinta do Torrão.

4.ª — a da quinta de Casaldronho.

5.ª — a da casa que foi dos Bellezas.

6.ª — a da casa de Melchior Pereira Coutinho.

Estas cinco ultimas, são particulares.

A de *S. Domingos da Queimada,* é nos limites da freguezia de Fontêllo, estando os marcos divisorios das duas freguezias mesmo no adro da ermida. (Vide *Fontêllo, Queimada,* e *Queimadella.*)

A montanha de S. Domingos é notavel pela sua abundancia de excellente granito, com o qual se construem a maior parte dos edificios de Lamego, Régua, e outras povoações.

Ha n'esta montanha algumas cavernas dignas de menção, principalmente a chamada *Mina,* que, segundo dizem, se prolonga até á ermida de S. Domingos, onde em tempos remotos existiu um posto fortificado, encontrando-se ainda hoje por estas proximidades, lanços de muralhas.

Nos limites d'esta freguezia, no leito do Varosa, ha um sitio pittoresco, denominado *Penêdo do Guincho,* que é um penhasco enorme, a prumo sobre o rio, que passa aqui profundo e medonho, junto dos *moinhos do Chocalho.*

—

Vive n'esta freguezia uma senhora digna de menção pelas suas virtudes. É a sr.ª D. Anna Benedicta Ferreira de Seabra, filha de Maximiano Ferreira da Silva, official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte, e irman do estimavel cavalheiro, o sr. Antonio Ferreira Machado, da nobre e antiga familia dos Seabras, de S. Pedro do Sul, da qual foi membro distinctissimo, o doutor Alvaro Vaz Correia de Seabra, que a morte roubou á sciencia e á Religião, de que era extrenuo defensor, primando, sobre tudo, os seus escriptos, por um vigor logico de argumentação cerrada, que esmagava os adversarios.

Possuindo a sr.ª D. Anna Benedicta avultados rendimentos, longe de os dissipar em luxo e ostentação vaidosa, os emprega quasi exclusivamente no exercicio da caridade, penetrando no tugurio de todos os desvalidos. É o anjo dos pobres, que considera como seus filhos adoptivos, pelo que é geralmente amada e respeitada em toda a freguezia e circumvisinhas.

—

Tem aqui um grande casal, o nobilissimo e popular fidalgo de Lamégo, o sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes, tambem muito querido d'este pôvo.

É natural d'esta freguezia o illustrado e recto juiz de direito, o sr. doutor José Ferreira da Silva Fragateiro.

Tambem d'aqui era natural, o doutor José Guedes Themes Bahamonde e Prado, notavel pelo seu superior talento e vasta instrucção, e que a morte roubou tão cêdo, no inhospito clima de Benguella, para onde foi despachado juiz de direito.

—

Existe n'esta freguezia a sr.ª Dona Rosa Themes, nascida em 1815, e que ha mais de 50 annos não come, bebendo apenas, trez vezes ao dia, uma chicara de chá ou café, quasi sempre sem assucar, vomitando immediatamente, apenas o bebe, outro qualquer liquido. Não póde vêr a luz, e está muito magra, menos no rosto, que parece de quem tem saude perfeita. Cortam-lhe o cabêllo todos os annos; toma parte nas mais importantes conversas da familia, e a sua opinião é sempre muito attendida.

A familia, que é rica, não se poupou a despezas, e esgotou todos os recursos da medicina, sem poder obter o minimo alivio a esta infeliz senhora, que padece desde a edade de 15 annos.

Foi sempre virtuosissima e o povo d'estas terras a tem por santa.

Teem aqui vindo, de proposito, medicos distinctos para a examinar, não se atrevendo a classificar molestia tão incomprehensivel.

Principiou por aborrecer o alimento de carne, de qualquer qualidade e natureza, sustentando-se apenas de peixe e fructas, que todavia vomitava ao cabo de dous ou tres minutos, e assim viveu alguns annos, com apparencia de saude, para quem ignorasse os seus padecimentos.

Em 1827, foi atacada de uma febre aguda, e, quando convalescente, o facultativo que a tratava applicou-lhe um vesicatorio sobre o estomago, apoz o qual, se lhe contrahiram os nervos, ficando tolhida de pernas e braços, e como que formando um novêllo.

Desde então, começou para ella uma vida fenomenal. Nunca mais comeu cousa solida, e só bebe — como já disse — chá ou café. Nunca mais fez dejecções excrementicias: não póde fazer movimento algum senão com a cabeça, parecendo que a alma abandonou o resto do corpo. Conserva o rosto cheio, lizo e alvo, e está no perfeito gôzo das suas faculdades intellectuaes, exprimindo-se com voz clara, e com muito acêrto e discrição.

Contam-se d'ella cousas maravilhosas, parecendo que vê os objectos distantes, atravez dos corpos mais opácos e em posições inaccessiveis á vista de quem occupa o seu escuro aposento.

A doença d'esta senhora, é mais celebre ainda do que a da *estatica*, da Arrifana. (Vide 1.º vol., pag. 238 RR, col. 2.ª)

VALDO — port. ant. — *vadio* — que só se occupa de comer o alheio, sem trabalhar, não recuando mesmo ante o roubo, e até com mão armada.

VALDOZENDE — freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde (foi da comarca da Póvoa de Lanhoso, extincto concelho de Santa Martha de Bouro — em 1855, passou para a comarca de Villa-Verde, concelho d'Amares — depois passou para o concelho de Terras de Bouro, da mesma comarca de Villa Verde, que é a antiga de Pico de Regalados) 24 kilometros ao N. de Braga, 425 ao N. de Lisboa. 145 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. Abbade cisterciense do mosteiro de Bouro, apresentava o abbade, que tinha rs. 350$000 de rendimento annual.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

Posto ser de clima excessivo, é muito saudavel.

VALDREU — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca e concelho de Pico de Regalados, que vem a ser a actual de Villa Verde) 25 kilometros ao N. de Braga, 428 ao N. de Lisboa, 275 fogos.

Orago, S. Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mesma fertilidade e clima da freguezia antecedente.

O *Port. Sacro* não traz esta freguezia.

VALDUJO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros ao S. E. de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 85.

Orago, Nossa Senhora da Consolação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O parocho tinha o titulo de cura, e era da apresentação alternativa do abbade de Santa Maria da villa de Moreira, dous annos — e um anno, do reitor de Santa Marinha, da mesma villa. Tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

A freguezia é composta de trez aldeias — a da *Egreja*, onde está a matriz — a do *Cabêço* — e a da *Quintan*.

É terra fertil em cereaes, azeite, e vinho, que é o melhor d'este concelho.

A egreja parochial, é de fabrica humilde e de acanhadas dimensões — e na aldeia do Cabêço, ha uma ermida, bem conservada.

Tem por limitrophes, as freguezias de Cótimos, Cogulla, Moreira e Rabaçal.

O maior proprietario d'esta freguezia, actualmente, é o sr. Miguel d'Almeida Fra-

de, solteiro, e um dos 40 maiores contribuintes do concelho.

A esta freguezia está annexa a de *Moreirinhas*. (5.º vol., pag. 549, col. 2.ª) É por isso que em muitos documentos se dá a esta freguezia o nome de *Valdujo e Moreirinhas*.

Nas duas Beiras, e ainda no Alto Alemtejo, se dá o nome de *ujo*, ao *bufo*, áve de rapina noturna, bem conhecida; porisso o nome d'esta freguezia vem a ser *Val do Bufo*.

VALEDEIRA — port. ant. — valiosa, firme, sem cousa que duvida faça. — « *Em sá revora* valedeira. » (Doc. do mosteiro de Vairão, de 1292.)

VAL-FORMOSO — quinta, Extremadura, freguezia e concelho dos Olivaes. Está situada sobre a margem direita do Téjo. Comprehendia todo o terreno que vae, por um lado, quasi até ao *Telhal*, e pelo outro, parece que se estendia até *Cabo-Ruivo*. Varias quintas, do outro lado da estrada, pagavam fôro, ao mórgado de Val-Formoso. Ainda no fim do seculo XVI, parte era matto. Por uma provisão do rei D. Sebastião, se concedeu ao administrador d'este vinculo, licença para aforar a parte inculta, e esta comprehendia a *quinta da Mattinha* e as duas que se seguem.

A antiga casa de Val-Formoso, era no meio da quinta, e foi demolida por João Antonio Pereira de Lacerda (avô do actual sr. visconde de Juromenha) para levantar a nova casa, junto á estrada; e, por esta occasião, desappareceu a velha ermida gothica, que existia junto ás casas antigas: o que consta de uma vistoria que existe no cartorio do dito senhor visconde. Era dedicada á Santissima Virgem. (Não vem mencionada no *Sant. Mariano*, que deixou de fallar de grande numero de ermidas de N. Senhora.)

Os *Armazens da polvora* (hoje *Escola Pyrotechnica*) estão no fim d'esta quinta, junto ao Tejo.

Foi instituido o mórgado de Val-Formoso, por Martim Lourenço, no seu testamento, de 18 de agosto de 1398 — e foi seu 15.º e ultimo administrador, o actual referido sr. visconde.

O instituidor, mandou no testamento, lançar o seu corpo em uma sepultura que tinha mandado fazer em uma capella sua, da invocação de São Martinho, no mosteiro de Santo Agostinho (hoje quartel militar da *Graça*, em Lisboa) a qual mandou ornamentar com ricos paramentos e alfaias.

Ordenou, que no dia do seu enterro, os seus testamenteiros, peçam a todas as ordens religiosas de Lisbôa, ao cabido da Sé e ás freguezias com as suas cruzes, que acompanhem o seu funeral, e na dita capella, cantem as *horas dos finados*, e digam muitas missas por sua alma; e que, no mesmo dia, ou no seguinte, cantem cem missas, no referido mosteiro graciano, *e deem, por amor de Deus, duas mil libras da moeda corrente, aos pobres da cidade*. Que os mesmos suffragios tenham logar no outavario, trigessimo dia, e anniversario da sua morte.

Deixou mais, varios legados aos hospitaes e albergarias, de Lisboa, e estabeleceu uma missa quotidiana por sua alma e de seus ascendentes; e um officio annual, com seu responso, e para este encargo, manda dar, em cada anno, duas dobras de ouro, ao prior.

Instituiu mórgado, e chamou para a successão, a seu filho, Gil Martins, e seus successores em linha legitima.

Margarida Esteves, mulher do testador, sobreviveu a seu marido, e accrescentou outra missa quotidiana, ao encargo pio.

Em 1556, tendo apparecido em Cascaes a imagem de N. Senhora da Graça, foi esta conduzida em procissão, ao mosteiro dos agostinhos, que, desde então, se denominou convento de N. Senhora da Graça. Fizeram-se, préviamente, obras no mosteiro, e foi durante ellas, pelas quaes se alargou amplamente a egreja, que a capella de S. Martinho passou a chamar-se de Santo Christo, e posteriormente, do *Senhor dos Passos*, denominação que ainda hoje conserva, e cuja imagem é a de maior veneração dos habitantes de Lisboa. (4.º vol., pag. 240, col. 2.ª)

Os ossos de Martim Lourenço, ao que parece, tiveram por esta occasião (a das taes obras) a mesma sorte, dos do grande Affonso d'Albuquerque. (4.º vol., pag. 144, col. 2.ª, no fim, e pag. 143, col. 1.ª) — Foram removidos pelos frades, como constou de uma

vistoria requerida por um dos administradores, em um pleito, com os mesmos frades; e, em virtude da tal vistoria, se encontrou, ao pé das grades da capella-mór, mais para o lado do sul, uma campa raza, com esta inscripção:

SEPULTURA DE MARTIM LOURENÇO
E DE SUA MULHER, MARGARIDA ESTEVES,
E DE SEUS SUCCESSORES; QUE MANDARÃO AOS
ADMINISTRADORES DO SEU MÓRGADO
QUE FIZESSEM DIZER N'ESTA CASA, CADA DIA
DUAS MISSAS POR SUAS ALMAS

Ou por consentimento do administrador do vinculo, n'esse tempo, ou porque este não poude evitar a expoliação fradesca, as cousas ficaram no mesmo estado, como antes da demanda — isto é — continuou a expoliação.

—

No dia 26 de abril, de 1881, falleceu uma tia do sr. visconde de Juromenha. Eis o que a este respeito diz o jornal *A Nação:*

Está de nojo um dos nossos mais queridos e respeitaveis amigos, o ex.mo sr. visconde de Juromenha.

No dia 26, pelas 9 horas e meia da noite, falleceu a ex.ma sr.a D. Maria do Carmo de Lemos Pereira de Lacerda, filha do ex.mo sr. Antonio de Lemos Fereira de Lacerda Delgado, 1.º visconde e 1.º alcaide mór de Juromenha, 14.º senhor do mórgado de Valle Formoso, commendador das ordens de S. Bento de Aviz e da Torre Espada, tenente general dos reaes exercitos, etc., etc.

Não tinha ainda completado 78 annos, quando a morte a colheu de subito, levando-a, como piamente cremos, para o logar dos Bemaventurados, mas deixando mergulhados na mais excruciante dôr, seu irmão e sua sobrinha a ex.ma sr.a D. Maria de Sousa Pereira de Lacerda, a quem damos os mais sentidos pezames.

Á nobreza do seu nome reunia a finada muitas virtudes e uma não vulgar instrucção.

Respeitadores e admiradores de s. ex.a, amigos intimos do nobre visconde de Juromenha, sentimos deveras esta morte; mas christãos devemos pagar á finada o tributo de christãos, orando e pedindo aos nossos leitores que orem pelo eterno descanço de s. ex.a.

Viscondes de Juromenha, morgados de Val-Formoso

Antonio de Lemos Pereira de Lacerda Delgado — 1.º visconde e 1.º alcaide-mór de Juromenha, 14.º senhor do mórgado de Val-Formoso, commendador das ordens de São Bento de Aviz e da Torre e Espada — condecorado com a Granada de Ouro, pelas campanhas das guerras da Catalunha e Rossilhon — com a medalha n.º 5, da campanha da guerra peninsular — por Sua Magestade Britanica, com a de 6 batalhas — e por Sua Magestade Catholica, com a de Albuera e Victoria — inspector geral das ordenanças do reino — governador da torre de São Vicente de Belem — tenente general — secretario militar, durante toda a guerra da Peninsula, cargo em que desenvolveu os vastos conhecimentos de que era dotado, etc., etc.—

Succedeu na casa, a seu pae, em 17 de novembro de 1805. Nasceu a 2 de setembro de 1761 e morreu a 9 de agosto de 1828. Casára, a 4 de julho de 1802, com D. Maria da Luz Whilloughby da Silveira, nascida a 17 de outubro de 1787, e filha de Francisco Xavier Whillougby de Araujo, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de São Bento d'Aviz, major de cavallaria, e de D. Anna Leonor da Silveira,

Foi feito 1.º visconde de Juromenha, pelo principe regente (depois D. João VI) em 17 de dezembro de 1815.

Teve do seu casamento, oito filhos, que, por ordem de edades, são —

1.º — *Dona Maria do Carmo de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 13 de julho de 1803, fallecida a 26 de abril de 1881.

2.º — *D. Maria da Penha de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 14 de outubro de 1804. Casou a 18 de fevereiro de 1827, com Francisco Victor Perrin, marquez de Belluno, cavalleiro da ordem da Conceição, e da Legião d'Honra, em França. Foi capitão do estado-maior, e nasceu a 24 de outubro de 1796. Era 1.º filho de Claudio Victor Perrin, duque de Belluno, par e marechal de Fran-

ça, grão-cruz das ordens, do Santo Espirito, São Luiz e São Miguel, etc. — e de Josephina Muguet.

3.º — *Dona Maria Joanna de Lemos Pereira de Lacerda*, nascida a 17 de novembro de 1805. Casou duas vezes — a 1.ª, a 25 de abril de 1827, com Jacome Borel (enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do rei dos Paizes Baixos, em Portugal) fallecido em outubro de 1834. — 2.ª vez, casou, a 25 de março de 1835, com Eduardo Maria Artan do S. Martin, cavalleiro da ordem de Guilherme, capitão ajudante de campo, do principe Frederico de Orange.

4.º — *João Antonio*, actual visconde, e do qual adiante trato.

5.º — *Antonio de Lemos Pereira de Lacerda*, nascido a 7 de fevereiro de 1809, e fallecido em Paris, a 8 de janeiro de 1838.

6.º — *Guilherme de Lemos Pereira de Lacerda*, capitão de infanteria, da guarda real ingleza, nascido a 30 de novembro de 1812.

7.º — *D. Maria da Luz*, nascida a 6 de setembro de 1814. Casou, a 30 de novembro de 1837, com Augusto de Souza da Silva Alcoforado, moço fidalgo, nascido a 14 de agosto de 1808, e 2.º filho de Rodrigo Xavier de Souza Alcoforado de Lencastre, moço fidalgo, cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, major de cavallaria; e de D. Maria do Carmo d'Araujo Eça de Mello Henriques da Veiga, senhora da casa do *Corpo da Guarda*, no Porto, e do mórgado dos Ruivos, em Alcacer do Sal.

8.º — *Dona Maria Ephigenia*, nascida a 19 de dezembro de 1816.

—

Além d'estes oito filhos legitimos, teve um bastardo, que foi — *Jorge Pereira de Lacerda*, tenente do regimento de infanteria n.º 15, e morreu a 31 de agosto de 1813, na brecha de S. Sebastião da Biscaia.

Esta praça estava occupada pelos francezes. O exercito luso-anglo, deu-lhe varios assaltos, até que a tomou, com admiravel intrepidez, mas com a perda de 3:000 homens, no dito dia 31 de agosto de 1813. A guarnição, encerrou-se na cidadella, porém rendeu-se logo a 8 de setembro.

O actual visconde

João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, 2.º visconde e 2.º alcaide-mór de Juromenha, 15.º senhor do mórgado de Val-Formoso, commendador da ordem de São Bento d'Aviz. Nasceu a 25 de maio de 1807. Casou a 16 de janeiro de 1837, com D. Carlota Emilia Ferreira Sarmento, nascida a 7 de janeiro de 1802, e fallecida em outubro de 1857. — Era filha de Manoel José Sarmento, fidalgo da casa real, do conselho de S. M., alcaide-mór de Alcacer do Sal, commendador da ordem de Christo e da de Carlos III, de Hespanha; conselheiro do Ultramar, official maior da secretaria do reino — fallecido a 8 de setembro de 1836. Era casado com D. Marianna Raymunda Ferreira da Silva Leitão, tambem já fallecida.

—

O senhor visconde de Juromenha, além de ser um perfeitissimo cavalheiro, e verdadeiro e impoluto fidalgo d'este reino, é um dos mais distinctos escriptores portuguezes da actualidade — sobre tudo, em historia e archeologia — pelo que as suas obras são muito estimadas por todos quantos presam as lettras. Pertence — e sempre pertenceu — ao partido legitimista, do qual é um dos mais nobres e esclarecidos campeões: mas, tão amavel e tolerante com os contrarios, que estes o estimam e respeitam como elle merece.

O sr. visconde de Juromenha, deixa obras que o immortalizam, e lhe dão um logar distinctissimo entre os escriptores d'esta terra.

VAL FORMOSO — pequeno rio, Algarve — (Vide *Faro*.)

VÁLGA ou **VÁLEGA** — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros a S. E. de Ovar (foi da comarca de Oliveira de Azemeis, extincto concelho de Pereira Juzan) 36 kilometros ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa, 1:120 fogos.

Em 1768, tinha 907.

Orago, Santa Maria (N. Senhora do Amparo.) [1]

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

O cabido da Sé do Porto, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual. (O cabido recebia duas terças dos dizimos.)

É uma das mais populosas, ferteis e ricas freguezias do districto administrativo de Aveiro.

Cria muito gado bovino, que exporta para Inglaterra e outros paizes.

O mar, que lhe fica proximo, ao O., e a formosa *Ria d'Ovar*, que lhe fica na extremidade (tambem O.) a fornecem de optimo peixe, e muita variedade de marisco.

É n'esta freguezia a aldeia da *Regedoura*, onde se fabríca a melhor têlha e tijôlo de Portugal. (Vide *Pardilhó*, e a 2.ª *Regedoura*.)

É atravessada por dous ribeiros, que a regam e fertilizam — um chamado *Rio Negro* (vide *Cucujães*) — e o outro se chamava antigamente *Foz do Conde da Feira*. Ambos desaguam na Ria de Ovar.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi primeiramente habitada.

O seu nome, vem do port. antigo — *Válego*, que (como *valegado*) significava *prêso*, *unido*, *compacto*, *atado*, etc.

A sua primeira egreja matriz, estava no logar do *Seixo Branco*; depois, foi mudada para o logar da *Espinha*, onde ainda hoje se chama *Adro Velho*, e ainda alli existem duas sepulturas, tendo uma a seguinte inscripção:

SEPULTURA DE BELCHIOR DE MACEDO,
FIDALGO DA CASA D'ELREI,
COMMENDADOR D'ESTA EGREJA DE VALLEGA.
FALLECEU EM 14 DO MEZ D'ABRIL,
DE 1575

A 3.ª matriz, foi mudada para o sitio actual, lançando-lhe a 1.ª pedra, o abbade Vicente José de Freitas, a 20 de novembro de 1746.

Em 18 de abril de 1787, sendo abbade, Domingos da Silva Chaves, um foguete que cahiu sobre a abobada, reduziu o templo a um montão de ruinas, em resultado do voraz incendio que fez desenvolver. Principiou logo a reedificação, porém ainda hoje não estão concluidas as obras. Mesmo assim, já é um dos melhores templos da comarca [1].

—

Entre os dous ribeiros de que fallei, ha um sitio, por isso chamado *Entre-Aguas*. (Vide 6.º vol., pag. 478, col. 2.ª) Está aqui a bonita ermida de Nossa Senhora das Candeias (Purificação) vulgarmente chamada *Senhora d'Entre Aguas*. É templo muito antigo, mas ignora-se a data da sua fundação.

Eis o que com respeito a esta ermida diz frei Agostinho de Santa Maria, no tomo 5.º, pagina 54 do *Santuario Mariano*.

« Entre estas duas ribeiras, é fama e tradição constante, apparecêra a santa imagem; e porque appareceu entre ellas, lhe pozeram o titulo de *Senhora d'Entre as Aguas*. Dizem mais, que apparecêra dentro de uma barca, formada de pedra (!) da qual ainda hoje (1716) se conservam vestigios, e, por esta causa, os romeiros que vão buscar a esta milagrosa Senhora, tiram pós da mesma pedra, que bebem em suas enfermidades, em que experimentam as maravilhas d'aquella poderosa Senhora.

« Foi achada junto a uma fonte, onde ainda hoje, por memoria, se conserva uma cruz de pedra, em o sitio que chamam o *Portinho*, um quarto de legua distante do logar onde a egreja está fundada, que é junto ao mesmo rio d'Aveiro.

« Está com grande veneração, esta santa imagem, recolhida em um nicho de vidraças, em o meio do altar-mór. Tem trez palmos de altura — é de pedra — no braço esquerdo, tem o amoroso filho, Jesus, menino muito lindo; e, assim o menino como a mãe, teem ricas corôas de prata em suas cabeças. Tambem a adornam com vestidos.

« Festejam esta Senhora, em dia da sua Purificação, em 2 de fevereiro.

« A egreja, é formosa e grande. Tem trez

---

[1] O seu primeiro orago, era Santa Marinha.

[1] A padroeira da 1.ª e 2.ª egreja matriz, era Santa Marinha. Quando se fez a actual egreja, é que mudou de padroeira.

altares. Não dão aquelles moradores noticia do tempo em que esta santa imagem alli appareceu; mas obra muitas maravilhas e milagres; e assim é servida de uma grande irmandade, que a festeja com grande liberalidade e devoção. [1]

«Tem muitos ornamentos, e alampada de prata, etc.»

—

O *Cathalogo dos bispos do Porto*, apezar de ser escripto por um dos seus bispos (D. Rodrigo da Cunha) é muito pouco exacto no numero de ermidas que dá a cada freguezia. Nomeia umas que nunca existiram; em outras, troca o nome do padroeiro; e finalmente em outras, troca o nome da freguezia onde estão edificadas.

N'esta freguezia, menciona 6 ermidas — 1.ª, *Nossa Senhora d'Entre Aguas* — 2.ª, *Nossa Senhora da Mâmoa* — 3.ª, *São Miguel, o Anjo* — 4.ª, *São Gonçalo* — 5.ª, *São João* — 6.ª, *São Bento*.

—

O actual abbade d'esta freguezia, é o sr. doutor Manoel Marques Pires, um dos melhores jurisconsultos da provincia do Douro, e um sacerdote exemplarissimo.

Nasceu na aldeia da Póvoa de Baixo, freguezia de S. Thiago de Beduido, a 25 de dezembro de 1819.

É filho de Manoel Marques Pires, e de D. Maria Valente da Conceição.

Matriculou-se no 1.º anno juridico, na Universidade de Coimbra, em 31 de outubro de 1838, e formou-se em 3 de julho de 1843. Tomou ordens de presbytero, nas temporas de julho de 1844. Frequentou o 6.º anno juridico, em 1844-1845, defendendo thezes, em 20 de novembro, e fazendo exame privado, a 5 de dezembro: recebeu o gráu de doutor, a 14 do dito mez, do anno de 1845. Foi estudante distincto.

Foi despachado abbade d'esta freguezia, por concurso synodal, em 3 de dezembro de 1856, e collado, a 28 de janeiro de 1857. É vigario da vara, do 3.º districto da comarca ecclesiastica da Feira; e foi eleito deputado, em setembro de 1870.

Foram abbades de Valga —

D. Diogo Lobo, prior-mór da ordem de S. Thiago, conselheiro de estado, e bispo eleito da Guarda. Falleceu a 27 de outubro de 1654. Está sepultado na ermida da Senhora d'Entre Aguas.

Sebastião de Moraes Ferreira, instituidor do vinculo da quinta da Bôa Vista, hoje do sr. Sebastião de Moraes Ferreira.

Frei Antonio de Souza Dias de Castro, monge benedictino, e doutor de capello, em theologia. Nasceu na cidade do Porto, e foi um varão de muito saber e virtudes. Era irmão de D. Vicente, arcebispo da Bahia, que foi presidente da camara dos deputados, em 1821. Falleceu a 16 de janeiro de 1830, sem deixar com que se lhe fazer o funeral, pois tudo quanto adquiriu, o repartia com os pobres. Era um verdadeiro padre do Evangelho, honra da sua classe.

—

Segundo a tradição, houve n'esta freguezia, em tempos de que não ha memoria, um hospicio de frades, que, segundo uns, eram benedictinos, e segundo outros, foi de agostinhos descalços.

Não pude averiguar o logar onde esteve este hospicio — se é que elle existiu.

VALENÇA, ou **VALENSA** — port. ant. — *fortaleza, poder, auctoridade, força*. Vem do latino *valeo*. — *Vobis dabo juvamen, auxilium, valensam, et defentionem.*» (Doc. de 1390.)

VALENÇA DO DOURO — villa. Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi do concelho de Tabuaço, comarca de Armamar) [1] 6 kilometros a O. de Ervedosa, 48 de Trancoso, 36 de Lamego; 340 ao N. de Lisboa. 150 fogos.

---

[1] Esta irmandade, foi erecta em 1650, e chegou a ser muito numerosa e rica; mas foi cahindo em decadencia, e por fim acabou ha muitos annos.

[1] Foi primeiramente da comarca de Pinhel, e, em 1704, passou para a de Trancozo, sendo até então cabeça do concelho do seu nome. Depois de 1834, foi supprimido, e passou a formar parte do concelho de Tabuaço, e por fim, passou para o de S. João da Pesqueira.

Em 1724 tinha 123 fogos.

Orago, S. Gonçalo d'Amarante.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia, posto ser muito antiga.

O abbade do mosteiro de S. Pedro das Aguias, apresentava o cura, que tinha réis 60$000 de rendimento annual.

O mesmo abbade tinha jurisdicção ordinaria n'esta freguezia.

Já no principio d'este seculo, pertenceu ao juizo de fóra da Pesqueira.

Esta terra é pouco fertil em cereaes, mas produz optimo vinho de *factoria*, azeite, e fructas de bôa qualidade. O rio Douro, que a banha pelo N., e lhe dá o nome, a fornece de saboroso peixe, e lhe serve de via de communicação com a cidade do Porto, com a qual faz um bom commercio.

No termo d'esta villa, e que pertenceram ao seu concelho, estão as freguezias de Sarzedinho, e as duas unidas, Balça e Desejosa, que — como a de Valença — eram senhorio dos marquezes de Távora, cujo progenitor (o famoso D. Thedon) conquistára aos mouros, no principio do seculo XI, todo o vasto territorio que constitue hoje as comarcas de Sinfães, Rézende, Lamêgo, S. João da Pesqueira e outras.

Tem feira a 25 de março.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 16 de maio de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira*, fl. 100 v., col. 2.ª)

Este foral, serve tambem para Balça, Casaes, e Desejosa. (Vide adiante, onde fallo do foral dado pelos frades.)

Tem minas de chumbo.

—

Esta villa é mais antiga do que a monarchia portugueza, com toda a certeza, do tempo dos árabes, e talvez do tempo dos gôdos. Ignora-se qual foi o seu primeiro nome: no seculo XIII, chamava-se *Perencia* (synonimo de *Mortandade*.) Assim se vê nomeada em um aforamento do mosteiro de S. Pedro das Aguias — que a fez povoar de novo, em 1269 — repartindo-a em 24 casaes, ou courellas.

A horrivel epidemia e *mortandade* que tinha exterminado os seus habitantes, lhe grangeou aquelle nome fatal e de máu agouro, que ainda hoje lhe não era improprio, attendendo ao pouco saudavel do seu clima.

O primeiro foral d'esta villa, lhe foi dado pelo referido mosteiro de S. Pedro das Aguias, em 1269, quando repartiu esta terra nos 24 casaes que já disse. Os monges se obrigaram n'este foral (ou *carta de aforamento*) a dar-lhes clerigo que lhes administrasse os sacramentos em Santa Maria do Rio Tôrto, trez vezes por anno, e lhes dissesse missa, de 15 em 15 dias.

—

Ha n'esta freguezia duas ermidas — uma dedicada a *Santo Antonio de Lisboa*, e outra, que era dedicada a N. Senhora da Assumpção, vulgarmente — *N. Senhora da Ribeira Velha* — hoje em ruinas, e na margem esquerda do Rio Tôrto, junto ás *Bateiras*, e na margem esquerda do Douro.

Eis — em resumo — o que, com respeito a esta ultima ermida, se lê no *Sant. Mar.*, tomo 7.º, pag. 375. (Note-se que este livro foi publicado em 1721.)

«O Sanctuario de N. Senhora da Ribeira Velha, está fundado em um alegre e fresco sitio, que é um val, ao qual dão o nome de *Terras de Limar*, passando o Rio Tôrto, proximo ao Douro (margem esquerda) e junto a uma quinta que foi de Nicolau Pereira, de Soutêllo.

«É um templo vasto, com altar-mór, e duas capellas lateraes no corpo da egreja; vendo-se nas suas paredes interiores grande numero de quadros, commemorando os muitos milagres da Padroeira. N'este sitio, se faz uma grande feira, a 25 de março, muitissimo concorrida, vindo então alli muitas procissões, de varios logares.

«Tem (teve!...) um ermitão, e tem, (teve) junto a ella, casa de residencia propria.

«Antigamente era esta egreja, a matriz de uma vasta freguezia, e aqui vinham de muito longe a enterrar-se defunctos — muitos de mais de trez leguas de distancia, por não haver então, por aquelles contornos, mais que duas freguezias — esta, e a de *Tabuêllo*, que dista trez leguas, a qual é hoje fregue-

zia do logar dos Pinheiros, termo da villa de Barcos.»

Até aqui o *Santuario Mariano.*

Esta ermida era em um deserto, e na occasião da feira e romaria, havia sempre aqui grandes desordens, ferimentos e mortes. O templo foi-se desmantelando, pelo que a imagem da padroeira foi removida para a egreja matriz, onde hoje se lhe faz a festa; e n'aquella localidade, a feira que se fazia á beira do rio (ou dos rios — Douro e Torto.) Hoje, poucos vestigios existem da ermida.

Cumpre-me agradecer n'este logar, a *delicadeza e benevolencia* do actual reverendo parocho d'esta freguezia; pois tendo lhe escripto a pedir-lhe apenas o obsequio de me dizer se Tabuêllo era alguma aldeia da sua parochia, não se dignou responder-me! Não saberá escrever? — Talvez.....

—

Todos sabem que desde 1834 até 1858 — e em algumas partes, até muito mais tarde — uma alcateia de ladrões e assassinos, naturaes de Taboaço, Valença do Douro, Moimenta da Beira, S. João da Pesqueira, São Cosmado, Tarouca, Mondim, Midões, Villa Nova de Foz-Côa e outras localidades, roubando e matando impunemente a quem lhes parecia, sem temor das auctoridades (que muitas vezes, eram mesmo instigadores d'esses crimes) causaram n'esta parte da Beira, uma verdadeira época de terror, não se julgando os habitantes pacificos, em segurança, nem pelas suas vidas, nem pelos seus haveres.

Malvados que desde 1828 até 1834 tinham perseguido os liberaes, com a mais requintada crueldade, se tornaram n'este ultimo anno truculentos perseguidores dos realistas, e mesmo de muitos que, sem terem opinião politica definida, tinham dinheiro ou cousa que o valesse, para satisfazerem a insaciavel cobiça d'aquelles vadios ociosos, devassos e malvados.

A estupida, absurda e escandalosa lei das *indemnisações*, de 1 de agosto de 1835, datada do palacio do Ramalhão, assignada pela sr.ª D. Maria II, e referendada pelo então ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, veio ainda aggravar mais as desgraças d'aquelles malfadados tempos. Muitos criminosos que estavam presos por ladrões, assassinos, falsarios, e adulteros, saindo das cadeias em 1834, allegaram que estavam presos por liberaes, e vieram completar este quadro de horror, exigindo avultadissimas indeminisações de grande numero de proprietarios, muitos dos quaes nenhuma parte haviam tomado nas nossas dissenções politicas, e que, ou por justiça (quando os magistrados eram tão perversos como os *indemnisados*) ou á viva força, eram desaforadamente perseguidos, roubados e assassinados, sem que as auctoridades dessem as devidas providencias; até em muitas terras, fazendo parte — indirecta ou directamente — dos perseguidores!

Foi n'esta desgraçada época que se tornaram celebres pelos seus horrorosos e repetidos crimes, as hordas de bandidos commandadas pelo *Espadagão*, pelos *Marçaes*, pelo *Traquina*, pelo *Cavallaria*, pelos *Leaes*, pelos *Brandões*, pelo *Trancaria* e outros.

Felizmente, estas differentes quadrilhas, pretendendo cada uma para si o exclusivo de roubar e assassinar, se guerrearam encarniçadamente, matando-se uns aos outros. Tambem por fim, magistrados energicos e integerrimos, arrostando com enormes perigos, sentenciaram alguns dos malvados á forca, ou a degredo perpetuo para as costas da Africa; e, morrendo outros de differentes molestias, foram pouco a pouco deixando em paz esta desgraçada provincia.

Em varias partes d'esta obra, tenho mencionado alguns d'estes crimes. Aqui, só tratarei de alguns que ainda não ficaram relatados.

O Traquina, da Granja do Tédo

Appareceu um dia, no *Castanheiro do Sul*, junto a Valença do Douro, um homem de torvo aspecto, desconhecido na localidade, e armado de carabina; e entrando em uma taberna, perguntou a morada dos maiores facinoras d'aquelles sitios.

Era então a *época do terror*, e os roubos, com mão armada, os assassinatos e toda a qualidade de crimes, eram por alli frequentissimos.

Manoel dos Santos, homem valente e energico, era então regedor da parochia de Valença. Mandou chamar a sua casa o adventicio, fechou-se com elle em uma sala, e apontando-lhe um bacamarte, intimou-o para que immediatamente e sem rodeios, lhe dissesse quem era, d'onde vinha, e o que hia alli fazer. O malvado, sabendo com quem tratava, revelou tudo. Disse que foi alli mandado por Manoel Cardoso Pereira, o *Traquina*, da Granja do Tédo, avisar a *sua gente* (declarando o nome de todos os da quadrilha) para se reunirem na noite de 18 d'esse mez (janeiro de 1856) na villa da Granja, para hirem roubar a casa do rico proprietario, José Ignacio de Oliveira Rebello, etc.

O regedor, prendeu-o logo, pondo-o incommunicavel, officiando logo ao referido José Ignacio, para que se acautelasse.

Apezar da prisão do tal facinora, na noite aprazada, a casa de José Ignacio foi cercada pela quadrilha ; mas vendo-a toda illuminada e occupada por gente armada, retirou.

O honrado regedor, foi pessoalmente declarar tudo ao juiz de direito e agente do ministerio publico da comarca (S. João da Pesqueira) e tão secretas, rapidas, e acertadas foram as diligencias, que em poucos dias estava a ferros *quasi toda a quadrilha*, menos alguns que escaparam *pela malha*. Os presos, foram sentenciados a degredo para a Africa. Eram nada menos de 32!!! — *Ad perpetuam rei memoriam*, ponho-lhe aqui os nomes e naturalidades. —

1.º — *Manoel Cardozo Pereira*, o TRAQUINA, da Granja do Tédo, chefe da horda. Na audiencia de 17 de dezembro de 1857, respondendo ao interrogatorio, disse ter 48 annos.

2.º — *Francisco da Costa Carlos*, ferrador. da villa de Taboaço.

3.º — *João Rebello d'Andrade*, alfaiate, idem.

4.º — *Rodrigo Antonio d'Andrade*, da mesma villa.

5.º — *Geraldo Ignacio*, idem.

6.º — *Marcos Pinto*, da aldeia de Guedieiros, freguezia de Sendim.

7.º — *Antonio d'Andrade*, ferreiro, da mesma aldeia.

8.º — *Antonio Gonçalves da Eufrazia*, o FURACÃO, de Távora.

9.º — *Daniel Gonçalves*, da mesma villa.

10.º — *José Gomes Leal*, da freguezia da Louga, concelho de Tabuaço — filho de *Antonio Gomes Leal* — e irmão de *Justo Leal*, *Antonio Leal*, e *João Leal* — todos ladrões e assassinos, e todos tambem assassinados, como veremos adiante.

11.º — *Miguel Cardozo*, o RATÃO, tambem da freguezia da Louga.

12.º — *Manoel Joaquim*, idem. (Respondeu, em 1859, no tribunal de Mirandella, onde havia commettido varios crimes, de homicidio, incendio e roubo.)

13.º — *Manoel Joaquim*, o MATHILDE, da quinta do Pinheiro, freguezia da Granjinha, concelho de Tabuaço. (Este malvado, já tinha cumprido a sentença de cinco annos de calcêta, no Porto, por varios crimes.)

14.º — *Marcellino de Macêdo*, da Granja do Tédo.

15.º — *Manoel dos Santos*, o CACHANDRO, da freguezia do Castanheiro, concelho de S. João da Pesqueira. (Era moleiro, dezertor, e assassino.)

16.º — *José Antonio dos Santos*, o VAREIRO, da freguezia da Espinhosa, concelho de S. João da Pesqueira.

17.º — *José Bernardo Felix*, do logar de Vallongo, freguezia da Póvoa, concelho de Penedôuso. (Dezertor.)

18.º — *João Portella*, do mesmo logar. freguezia e concelho. (Respondeu no juizo de direito da comarca de Miranda do Douro, onde tinha commettido crimes mais graves (de salteador e assassino, e de fazer parte de uma quadrilha, que na noite de 10 de dezembro de 1859, assaltou a casa de José Mendes, do Prado de Gatão, assassinando alli duas pessoas.)

19.º — *Francisco Baptista Sobral*, da freguezia do Pereiro, concelho de S. João da Pesqueira.

20.º — *Antonio Alexandre*, o CAFFÉ, da freguezia de Villarouco, do mesmo concelho.

21.º — *Manoel* (que por sobrenome não pérca) da mesma freguezia e concelho.

22.º — *José Manoel Nunes*, o ORELHA GATA, tambem de Villarouco.

23.º — *Antonio Ferrador*, da Senhora da Estrada.

24.º — *Antonio d'Andrade*, o PATULEIA, da villa de Ucanha, concelho de Mondim da Beira. Ferreiro.

25.º — *João da Praça*, ferrador, da villa de São Cosmado (Já tinha estado prêso por differentes roubos.)

26.º — *Bento Xisto*, caçador de perdizes, da villa de Moimenta da Beira.

27.º — *Antonio de Sá Mello Palhares*, da villa de Ucanha. (Este foi despronunciado.)

28.º — *Bernardo Caffé*, da villa da Granja do Tédo. (Tambem despronunciado.)

29.º — *Manoel da Costa Alipio*, da freguezia do Castanheiro, concelho da Pesqueira.

30.º — *Antonio d'Azevedo*, pedreiro, da mesma freguezia.

31.º — *José Pinto*, da villa de Leomil, concelho de Moimenta da Beira. (Respondeu no juizo de direito de Lamego, por crimes mais graves.)

32.º — *Antonio Joaquim*, o GRADIZ, da freguezia de Gradiz, concelho de Aguiar da Beira.

As testemunhas da accusação e da defeza, foram *cento e desesete!*

—

Ha n'este volumoso processo — que póde ver-se no cartorio do escrivão da Relação, Silva Pereira — cousas curiosas, de que farei resumido extracto.

Geraldo Ignacio (o 5.º reu) no interrogatorio de 8 de abril de 1856, disse — entre outras cousas — que achando-se reunidos 16 (que nomeou) em uma quinta, junto a Carrazêdo, na noite em que pretendiam assaltar a casa do referido José Ignacio de Oliveira Rebêllo, disse Francisco da Costa Carlos (o 2.º reu) a José Gomes Leal (10.º reu) «Então teu irmão João, não vem? — ao que o interrogado respondeu — «Não veio *por ser muito obrigado ao José Ignacio*, mas disse que nada descobrirá.»

Mais declarou que tencionavam matar o Santos, do Castanheiro (o 15.º reu) por ter denunciado os outros companheiros — o juiz de direito de Armamar — o doutor Germano Lopes Freire de Gouveia, de Goujoim, 1.º substituto do dito juiz de direito,[1] etc. — Tencionavam tambem roubar a *Fidalga do Sarzêdo*, e outros. Que o seu chefe, era o *Traquina*, e immediatos, o Francisco, ferrador, de Tabuaço, e o João da Praça, de São Cosmado.

O *Antonio da Eufrázia*, de Távora, disse no seu interrogatorio, que *arranchara* á tentativa de roubo, á casa do referido José Ignacio, porque o *Traquina* o induzira, ameaçando-o com a morte, se recusasse; e que annuiu, por temor, visto que o *Traquina* era muito capaz de o assassinar, por ser homem destemido, matador e ladrão.

Finalmente, para não enfadar o leitor, com este sudario de crimes e torpezas de toda a casta, direi, que todos os reus confessaram os crimes de que eram accusados, e outros desconhecidos; menos o *Traquina*, que negou tudo obstinadamente, mesmo na acareação com os seus co-reus, ou com as testemunhas da accusação.

> O dito 1.º juiz de direito substituto, que quasi sempre estava em exercicio, trouxe por muito tempo a vida em risco, e duas vezes esteve a ponto de ser assassinado pelo *Traquina* — uma, nos arrabaldes de São Cosmado, outra na estrada de Armamar. Anno e meio andou escoltado, recolhendo sempre de dia a sua casa, que é no centro da villa de Goujoim, e lá mesmo se não julgava seguro, porque os assassinos tinham jurado alli mesmo o hirem matar.

Para se saber qual era a *moralidade* de certos magistrados d'aquelles tempos, de triste recordação, direi o seguinte.

---

[1] O juiz de direito, era o doutor Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles, de Arouca: e, tanto elle, como o seu 1.º substituto, em quanto occupou o logar, foram incansaveis no descobrimento e mais diligencias para o castigo dos criminosos. Ambos estes benemeritos magistrados falleceram bem novos — o 1.º, em Lisboa, no anno de 1878 — e o 2.º, em maio de 1879.

O *Traquina* foi preso, no Porto, a 2 de novembro de 1857, a bórdo da barca *Carolina* (prestes a seguir viagem para o Rio de Janeiro) *com passaporte legal, tirado no governo civil de Viseu, e visado no Porto!....*

Este monstro, já anteriormente havia commettido varios crimes, no julgado de São Cosmado, pelos quaes o pronunciou o dito substituto, Freire de Gouveia, sendo então juiz ordinario alli, *sendo o Traquina, regedor e escrivão do juiz eleito da sua freguezia, e escrivão de fazenda supplente do concelho, sem que o administrador d'elle, ousasse demittil-o!.....*

Quiz obrigar o referido juiz ordinario a entregar-lhe o processo, que se lhe havia instaurado, pela tentativa de morte a um seu visinho (Antonio Verissimo) e, como o juiz se recusou, jurou assassinal-o. Isto foi em 1855.

Depois, quando foi denunciado pelo seu camarada — como vimos — foi á Granja do Tédo uma força de infanteria n.º 9, para o prender, mas elle fugiu, e mandou dizer ao official commandante, que se retirasse com a tropa: porque elle (*Traquina*) *queria hir almoçar!*

Retirado o destacamento, continuou o scelerado o passear por toda a parte, sem lhe importar com as auctoridades, pelo que o juiz de direito requisitou uma força permanente na séde da comarca, o que lhe foi concedido; porém, mais de 18 mezes, fez andar a tropa em constantes correrias, sem lhe ser possivel effectuar a prisão; e obrigando-o apenas, a homisiar-se no concelho de Rézende, e d'alli foi para Viseu, onde lhe concederam passaporte para o Brasil!

Quando já estava no Porto, para embarcar, encontrou alli o seu antigo *camarada, João Leal*, e foram para uma taberna, beber de sociedade. Depois de terem esgotado algumas *canécas* de vinho, cahiu o astuto Traquina, em contar tudo ao seu conviva, mostrar-lhe o passaporte, e dizer-lhe quando partia.

Chegado a casa, João Leal, foi revelar tudo ao juiz de direito substituto, Freire de Gouveia, o qual, *em menos de uma hora*, fez marchar para o Porto, Antonio da Trindade, um dos seus escrivães, com os competentes mandados de prisão, e um officio para o governador civil, para que este auxiliasse a captura. Recommendou a Trindade, pessoa da maior confiança, que fosse a toda a brida, (dando-lhe o juiz o seu proprio cavallo, e ordem para correr até o rebentar, e comprar logo outro e outro, seguindo, sem descanço, toda a noite, pois que o navio devia partir no dia seguinte.

O escrivão, sahiu de Armamar, pelas 3 horas da tarde, de 30 de outubro de 1857, chegando ao Porto no dia seguinte, pela uma hora da tarde, depois de ter feito uma jornada de 90 kilometros, e por caminhos então pessimos, em 22 horas!

Felizmente, o navio não pôde sahir no dia 31 de outubro, como o capitão tencionava. O escrivão, vestido com uniforme de official da guarda municipal, e uma bôa escolta, percorreu todas as hospedarias e tascas de Entre-Paredes, Batalha, e Ribeira, sem encontrar o *Traquina*.

No dia seguinte, deu-se ordem de não sahir navio nenhum, sem ser visitado pelo governador-civil. Nem era precisa tal ordem, porque a barra estava inaccessivel pelo mau tempo.

Passados dous dias, estando a barra franca, e a suspender o ferro a *Carolina*, foi a bórdo o governador civil e o Trindade, e lá acharam o criminoso, que foi logo (2 de novembro) conduzido para as cadeias da Relação.

Julgado em Armamar, foi degredado para a Africa, onde morreu.

Foi assim, que a comarca d'Armamar ficou livre da maior e mais temivel quadrilha de ladrões e assassinos, que, depois da quadrilha dos *Vasques*, e do *Cavallaria*, de Santo Adrião, infestaram esta parte da Beira Alta.

Os Leaes, de Longa

Houve na freguezia de Longa, contigua á da Granja do Tédo, uma familia, composta de sete homens vigorosos — pàe, e 6 filhos, todos perversos, ladrões e assassinos, dos quaes, só um dos filhos, matou 10 ou 11 pessoas!

O pae — Antonio Gomes Leal, por alcunha o *Trancaria*, era magro, fraca figura, e um cruel perseguidor dos liberaes, desde 1828, até 1834, *virando a casaca* n'este ultimo anno, e tornando-se implacavel perseguidor dos realistas. (Houve muitos assim!)

Os filhos legitimos, eram cinco — *Justo, Manoel, João, José* e *Antonio* — e um bastardo, chamado *José Antonio*.

O pae, *sendo ainda creança* (?) matou um pastor; e com a edade, cresceu em corpo e em malvadez.

Fez parte da quadrilha que assaltou e roubou a casa de Francisco Teixeira de Monte-Rei, suppliciando-o até que elle disse onde tinha o dinheiro.

A final, foi preso por uma *escolta*, commandada pelo tristemente célebre *Cavallaria*, de Santo Adrião (tão malvado como elle — Vide no 8.º vol., pag. 236, col. 1.ª — e pag. 595, col. 1.ª) e, ao passarem a ponte da villa da Granja do Tédo, deram-lhe uma descarga, e alli o deixaram morto.

O filho mais velho, Justo Gomes Leal, era negociante de bois, mas comprava-os fiados e nunca os pagava. Se os vendedores lhe pediam o dinheiro, espancava-os, chegando a assassinar alguns. Matou e roubou o abbade de Lacerda, de Louga, e outras muitas pessoas, que assassinava por dinheiro, como os antigos *bravos*, de Veneza. Foi o terror d'estas terras!

Nomeava publicamente os individuos que havia de matar! Entre o numero das suas indigitadas victimas, contavam-se os senhores — *Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel*, de Riodades, no concelho da Pesqueira, cavalheiro respeitavel e verdadeiro pae da pobreza — Trez cavalheiros da freguezia de Távora, homens os mais energicos e respeitados da sua terra, que eram — *o abbade Moraes* — *Joaquim Antonio de Barros* (vide *Távora*, da Beira Alta) e *Miguel de Barros*.

Disse publicamente, o tal scelerado, que os havia de hir matar, mesmo a Távora, uma das mais desordeiras d'aquellas terras; marcando até, o dia 25 de março, quando regressasse da romaria da Senhora da Ribeira Velha, de Valença.

Aos trez animosos cavalheiros indigitados, custava-lhes a crer tão grande ouzadia e perversidade; mas, quando souberam que elle estava em Valença, com um irmão tão malvado como elle, trataram de pôr-se em guarda.

Reuniram-se, armados de excellentes carabinas, bem carregadas, em uma casa, contigua ao caminho que os Leaes haviam de seguir, de Valença para Távora, decididos a desfechar sobre os assassinos, apenas os avistassem; mas não realisaram o seu intento, porque, n'esse mesmo dia, foi morto o Justo, ao lado do irmão, mesmo no meio do arraial da Senhora da Ribeira.

Foi assim:

Quando os romeiros viram chegar ao arraial o Justo, armado de uma carabina, dizendo que hia alli *de proposito para dar cabo da pelle de dous patifes*, tudo ficou aterrado, e muitos individuos abandonaram o arraial; mas um rapaz de 18 annos, por nome *Victorino*, tanoeiro, da freguezia de Sarzedinho, proxima a Valença, e do mesmo concelho, vendo milhares de homens — *e homens do Alto Douro, todos valentões* — tremendo em frente de um só homem, resolveu, *elle só tambem*, libertar a sociedade de semelhante monstro, e com um tiro de carabina o estendeu morto.

Depois do tal *Cavallaria*, foi o Justo Leal o maior faccinora, nos valles do Tédo e Távora.

Entre os muitos assassinatos que perpetrou, se conta o do *Espadagão*, de Sernancelhe, tenente da *guarda nacional* (!) d'aquelle concelho, e natural de Tabosa das Arnas — outro malvado, tão perverso como Justo Leal. Tinha sido voluntario realista, do batalhão de Lamego, e um cruel perseguidor dos liberaes, e, apenas capitularam as tropas realistas, em Evora-Monte, se declarou liberal, e foi feito tenente da guarda nacional, roubando, acutilando e fuzilando publicamente muitos realistas. Andava sempre armado de uma grande espada, que lhe adquiriu a alcunha de *Espadagão*. Era tal a sua monstruosa perversidade, que chegou a enterrar *ainda com vida* (!) algumas das suas victimas; mas, por seu turno, foi tambem com vida enterrado, d'esta maneira:

O Justo Leal, o *Chico*, de Sequeiros, e outros, invadiram-lhe a casa, em que vivia, em Tabosa das Arnas; depois de lhe terem arrombado a porta, a machado, prenderam-o, fizeram-lhe varios ferimentos com o tal machado, e fazendo-se acompanhar pelo coveiro da freguezia, o levaram para o monte de Santo Estevam, sobranceiro a Tabosa, e alli obrigaram o coveiro a abrir uma sepultura, e enterraram vivo o tal *Espadagão*.

—

Manoel Gomes Leal, sendo apenas adolescente, era já turbulento, atrevido e malcreado. Em certo dia, desavindo-se com um soldado de infanteria n.º 9, o quiz assassinar, mas o soldado, com um tiro, lhe tirou a negregada vida.

—

João Leal, apezar de ser o menos cruel dos irmãos, era tambem mau e ladrão, e fez parte da quadrilha do *Traquina*. (Foi o tal que não quiz tomar parte no roubo de José Ignacio, da Granja do Tédo, *por ser muito obrigado áquelle senhor*).

Era ferrador em Longa, mas, depois, mudou para Tabuaço, onde, em uma noite que teve altercações, em certa taberna, com *Joaquim Bairrinhos*, e *Antonio de Carvalho*, ambos de Távora, estes o assassinaram.

—

José Gomes Leal, era tão malvado como o pae e os irmãos, e tambem foi da quadrilha do *Traquina*. Foi degredado por dois annos, para a Africa Oriental, e consta que morreu no degredo.

—

Antonio Gomes Leal, era o mais novo dos 5 irmãos legitimos, e um dos mais perversos.

Sendo aprendiz de ferrador, em Lamego (na Praça de Cima) deu trez facadas em um dos officiaes da sua loja, deixando-o perigosamente ferido. Foi preso, julgado, e sentenciado a degredo para a Africa, por cinco annos (attendendo á sua menoridade.)

Voltou do degredo, da edade de 20 annos, ainda peor do que para lá foi.

Provocava a todos, *dizendo que se déra muito bem na Africa, e desejava para lá voltar* — como effectivamente voltou, pouco depois.

Estava uma noite, em uma taberna de Tabuaço, a beber e jogar, com outro malvado, por alcunha *o Pancão*, official de diligencias (!) ladrão e assassino, que pertencêra á guerrilha (quadrilha) dos *Marçaes*, de Foz-Côa, e que tinha ajudado a assassinar barbaramente, em Varzeas de Trevões (ou do Douro) concelho da Pesqueira, a Manuel Antonio do Rio, excellente pessoa e rico proprietario, depois de o terem roubado.

Estando ambos a jogar, repito, deu o Pancão, um murro no Leal, e este lhe cravou uma faca no coração, deixando-o instantaneamente morto, e fugiu.

Passado algum tempo, deu um tiro em um regedor que tentava prendel-o, e lhe varou uma costella, mas não o matou.

Depois d'isto, assassinou um homem, na freguezia de Alvite, concelho de Moimenta da Beira.

Pôde ser agarrado, julgado e sentenciado a degredo para a Africa, por 15 annos; mas, no fim d'elles, regressou, de perfeita saude, e muito aceiado, dizendo que viéra á terra, só para matar certos individuos, que nomeou, e depois voltar á Africa, onde tinha deixado mulher e filhos; mas que o Estado, é que lhe havia de pagar a passagem.

Passeiava e folgava, como grande lord; mas, estando na *quinta do Retiro* (Alto Douro) onde tinha uma irman por caseira, desavéio-se com um rapaz, tambem da Longa, deu-lhe dous bofetões, e correu sobre elle, de pistola em punho, mas o rapaz o estendeu morto com um tiro de carabina. Foi isto, em 1873.

De modo que dos Leaes, de Longa, só hoje vive a tal irman, caseira, e já viuva; porque, o tal filho bastardo de Antonio Gomes Leal (o *Trancaria*) por nome *José Antonio*, tambem muito mau, e muito valente (tanto que até o proprio pae o temia), foi assassinado por *Manoel Agostinho*, tambem de Longa, *por ordem do proprio pae*!

—

Assim terminou esta familia de *tugues* portuguezes (*talis vita, fines ita*) e assim

terminarei eu tambem, estas paginas de sangue.

Para relatar todos os roubos, mortes, ferimentos e crimes de toda a casta, perpetrados na parte septentrional da Beira Alta, no decurso de 45 annos (desde 1828, até 1873) seria preciso uma obra mais volumosa do que todo este diccionario. Alguns d'esses crimes, já ficam relatados n'esta obra, e nas terras onde foram praticados, e para lá remetto o leitor.

Hoje esta região, goza uma paz relativa, porque os castigos foram rigorosos como vimos, e os proprios malvados se destruiram reciprocamente, menos os que as leis castigaram.

Talvez que alguns dos leitores achem extenso e *maçador* este artigo; mas julgo-o necessario para se saber a que estado de desmoralisação e impunidade chegou a Beira Alta, n'aquelles horriveis tempos, e quanto as auctoridades, umas por temor, outras (e bastantes!...) por connivencia, toleraram tantos crimes.

—

Em maio de 1876, vivia n'esta parochia, Maria Rosa, viuva de José Francisco, *nascida em 1765!* Andava desembaraçadamente, trabalhava, e estava em pleno uso das suas faculdades intellectuaes. (Não sei se ainda vive.)

E' dous annos mais velha do que D. João VI — e nasceu 17 annos antes de morrer o 1.º marquez do Pombal. E' contemporanea de sete reis — D. José 1.º — D. Maria 1.ª — D. João 6.º — D. Miguel 1.º — D. Maria 2.ª — D. Pedro 5.º — D. Luiz 1.º

—

Para a etymologia — vede a 1.ª *Valença*.

—

Fallando, no principio d'este artigo, em *Tabuêllo*, cumpre-me dar aos meus leitores mais amplas informações com respeito a esta antiquissima freguezia, que ha mais de 300 annos mudou de nome.

A paginas 58, col. 1.ª, do 7.º volume, mencionei a freguezia do *Pinheiro* ou *Pinheiros*; mas não tive então outros esclarecimentos com respeito a esta freguezia, senão os que se lêem no logar citado, que são bem poucos.

Depois, li no *Santuario Mariano*, o que se leu no principio d'este artigo, onde se falla em *Tabuêllo*, nome que se não encontra hoje (que eu saiba) em nenhum livro. Escrevi, como atraz fica dito, ao parocho da freguezia dos Pinheiros, que não quiz ter o *grande incommodo* de me responder, nem o *gravissimo* prejuizo de 25 reis, em uma estampilha. Vali-me pois da *Hist. Eccles. da cid. e bisp. de Lamego*, e, ainda mais, dos apreciaveis apontamentos do meu esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, tantas vezes citado n'esta obra, e eis o que averiguei.

Com effeito — no seculo XIV, era a aldeia de *Tabuêllo* a séde da actual freguezia dos *Pinheiros*, que então se mudou para a villa d'este ultimo nome.

O rei D. Manoel, deu foral á villa dos Pinheiros (então chamada *Pinheiro*) em Lisboa, a 13 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, f. 95, col. 2.ª)

Pertenceu á collegiada da villa de Barcos (1.º vol., pag. 334, col. 1.ª) Depois, passou o padroado da egreja d'esta villa, ás freiras do Coração de Jesus (Estrella) de Lisboa.

Pelos fins do seculo XVII, se uniram as duas freguezias, de *Pinheiro ou Pinheiros*, e a de *Carrazêdo*. Aquella, tinha por orago, N. Senhora da Conceição, vulgarmente denominada *Nossa Senhora do Saboroso*; e a de Carrazêdo, Santa Eufemia, virgem e martyr, que, desde então, ficou sendo padroeira das duas freguezias.

Pinheiros e Carrazêdo, são as unicas povoações da actual freguezia, e ambas estão situadas, sobre a margem direita do Tédo, do qual distam um kilometro, aproximadamente, e dous, uma da outra povoação.

A freguezia de Pinheiros, confina, pelo S. E., com a da Granja do Tédo — a N. E., com a de Barcos, e Santa Leocadia — a E., com a de Val de Figueira — e a O., com o rio Tédo — tendo em frente (tanto Pinheiros como Carrazêdo) na margem esquerda d'este rio, as freguezias de Goujoim e São Cosmado.

Ambas as povoações que compõem esta

freguezia, são pequenas, pobres e insignificantes, e estão situadas em terreno alto e agreste, no meio de um enorme estendal de rochas graniticas.

O territorio circumjacente; produz *vinho de pasto*, azeite, milho, centeio, mas tudo em diminuta quantidade. Cria algum gado lanigero, e ha por aqui bastante caça.

No alto da montanha, entre Pinheiros e Barcos, se vê ainda hoje a antiquissima ermida de *Nossa Senhora do Saboroso*, matriz, não só da antiquissima freguezia de *Tabuêllo*, (Pinheiros) como de outras muitas povoações, até muitas leguas de distancia, pois, como vimos no principio d'este artigo, da freguezia de Nossa Senhora da Ribeira (hoje Valença do Douro) até Tabuêllo (18 kilometros) não havia outra parochia intermediaria.

Depois que a villa de Barcos erigiu, no centro da povoação, a sua bella matriz, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, o cura de Pinheiros, era obrigado a hir celebrar os officios divinos, na velha ermida da Senhora de Saboroso.

Pinheiros, tem decahido muito da sua antiga importancia. Foi villa e *honra*, e teve um pequeno castello, que, ainda em meiados d'este seculo, conservava uma torre bastante alta, e ameiada. Estava, porém, fendida e inclinada, ameaçando as casas contiguas; foi demolida, e de tal monumento apenas hoje restam tenues vestigios.

Os habitantes da pequena villa de Pinheiros, foram sempre, muito religiosos pacificos, e trabalhadores; mas os de Carrazêdo, eram vádios, dosordeiros e turbulentos, sendo por isso, e durante muitos annos, considerada esta povoação, como um covil de assassinos e salteadores.

São tão pobres as duas povoações que constituem esta freguezia, que, mesmo depois de unidas, nunca, pela sua pobreza, tiveram parocho collado, mas sómente, curas amoviveis. Hoje, nem isto tem!

No espiritual, estão annexas á freguezia da Granja do Tédo, e o parocho d'esta villa, alli vae ministrar os sacramentos e dizer a missa conventual; pois, tão grande é a falta de clerigos na diocese de Lamego, que os prelados teem annexado differentes parochias e auctorisado alguns parochos, para nos domingos e dias santificados, poderem dizer duas missas.

E' por estas razões, que o parocho da Granja do Tédo, depois de dizer missa na sua egreja, vae, no mesmo dia celebrar o mesmo sacrificio a Pinheiros, que lhe fica a distancia de cinco kilometros, pelo menos.

O parocho da villa de Goujoim, que é proxima, tem annexa á sua freguezia, a de *Santo Adrião*, e celebra tambem duas missas, nos domingos e dias santos, uma na sua egreja, outra na de Santo Adrião, que fica tambem a 5 kilometros da sua residencia, e na margem esquerda do Tédo, hindo de Goujoim para o rio Douro.

Do *monte do Crasto* (antigo castello romano) sobranceiro á villa de Goujoim, se avistava o castello de Pinheiros, mettendo-se de permeio a medonha garganta do rio Tédo. Em tempo de guerra — e ainda, desde 1807 até 1812, aquelles dous pontos se communicavam, de noite, entre si, por meio de fachos (que eram os telegraphos d'aquelle tempo) e assim, com facilidade e rapidez, davam, de um para outro ponto, signal de alarme, apenas presentiam a aproximação do inimigo.

No sopé da ingreme encosta onde estanceia a antiga villa e honra de Pinheiros, se vê, contigua ao rio Tédo, uma pequena povoação, denominada *Ribeira de Goujoim*, por que, posto esteja na margem direita do rio, pertence á freguezia de Goujoim, pouco menos distante do que a de Pinheiros, e situada na margem opposta.

A aldeia da Ribeira de Goujoim, está em sitio muito fundo e abafado, mas, por isso mesmo, quente, fertil e mimoso. Tem bonitos campos, bons pomares de laranjeiras, e de outras arvores fructiferas, e bellas videiras, que produzem optimo vinho.

VALENÇA DO MINHO — villa, Minho, cabeça do concelho e da comarca (de 2.ª classe) do seu nome, pertencente ao districto judicial da Relação do Porto, e á 3.ª divisão militar. E' praça de guerra de 1.ª classe. 13 kilometros ao N. E. de Villa Nova da Cerveira — 24, ao N. E. de Caminha — 30, ao N. O.

dos Arcos de Val de Vez — 32, ao N. O. de Ponte do Lima — 44, ao N. N. E. de Vianna do Minho — 60, ao N. O. de Braga — 108, ao N. do Porto — 430, ao N. de Lisboa — 650 fogos.

Em 1768, tinha 315.

Tem duas freguezias — Santa Maria dos Anjos (ou N. Senhora da Assumpção) e Santo Estevam.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O mestre-escola da collegiada de Santo Estevam d'esta villa, apresentava o cura da freguezia de Santa Maria dos Anjos, que tinha 60$000 réis de congrua.

Em 1768, tinha 147 fogos.

O cabido da mesma collegiada, apresentava o cura da freguezia de Santo Estevam, que tinha 40$000 réis de congrua.

Em 1768, tinha 168 fogos.

Esta egreja de Santo Estevam, e collegiada, tinha 13 beneficios — a saber — *chantre*, que era o presidente, e tinha 130$000 réis — thezoureiro-mór (2.ª dignidade) com réis 600$000 de rendimento — *mestre-escola* (3.ª dignidade) com 220$000 réis — *so-chantre* (4.ª dignidade) com 130$000 réis — 8 *conegos*, com 60$000 réis cada um — e o 9.º *conego* (que em 1768 era bispo de Constantina) com 600$000 réis de renda.

Estes *conegos*, eram da apresentação da Sé Apostolica, com *mitra plena*, excepto o chantre, e o so-chantre, o conego-sachristão e o mestre-escola, que eram da apresentação *in solidum*, da *mitra plena*.

Este concelho é composto de 17 freguezias, todas do arcebispado de Braga, e com 4:150 fogos — são: — Arão — Boivão — Cerdal — Cristêllo Côvo (ou Segadães) — Fontoura — Friestas — Gandara — Ganfei — Gondomil — Sanfins — Silva (Santa Eulalia) — Silva (São Julião) — Tayão — Torre (ou S. Pedro da Torre) — Verdoéjo — e as duas da villa.

—

A sua comarca, comprehende os concelhos de Valença e de Villa Nova da Cerveira, este com 2:400 fogos — total — 6:550.

Antigamente tinha tambem o concelho de Coura, que hoje é cabeça de comarca, de 3.ª classe.

—

Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados, são — Gondomil — Ganfei — Valença — e Villa Nova da Cerveira.

—

Tem alfandega da raia, de 2.ª classe, com delegações, em Villa Nova da Cerveira — Monsão — Melgaço — e Britêllo — todas na raia — isto é — sobre a margem esquerda do rio Minho.

Tem estação telegraphica (de serviço completo, por um decreto de setembro de 1870.)

E' aqui o 24.ª estação do caminho de ferro do Minho (*terminus*) ainda em construcção.

D. Affonso II lhe deu foral, em Guimarães, a 11 de agosto de 1217. (*Maço 12 de foraes antigos*, n.º 3, fl. 51 col. 1.ª — *Livro 3.º dos Bens proprios d'El-Rei*, fl. 31. Este foral, foi confirmado por D. Affonso III, em Guimarães, a 11 de agosto de 1262 [1] — O rei D. Manoel, lhe deu foral novo, em Lisbôa, no 1.º de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 101, col. 1.ª)

Teve tambem uma sentença, para que as mercadorias que vem da Galliza não entrem senão pela alfandega de Monsão. E' datada de 19 de dezembro de 1533. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 10, col. 1.ª)

Não é preciso dizer que esta sentença caducou ha mais de 160 annos.

—

Tinha voto nas nossas antigas côrtes, com assento no decimo banco.

—

Tem por armas — escudo azul, com as Quinas no centro, e aos lados — na parte superior, dous crescentes, de prata, com as pontas para baixo — e na inferior, duas estrellas, tambem de prata.

---

[1] J. A. d'Almeida (*Dicc. abrev.*, 3.º vol., pag. 143) diz que foi em 1300 — D. Affonso III, morreu em Lisboa, a 16 de fevereiro de 1279, e em 1300 já D. Diniz era rei, havia 21 annos. A causa d'este anachronismo, foi confundir aquelle escriptor, a *era* de Cesar — que é mais antiga 38 annos — com o anno de Jesus Christo.

—

O seu antigo foral, lhe foi dado, não só por D. Affonso II, mas tambem por sua mulher, a rainha D. Urraca, filha de D. Affonso VIII, de Castella, e por seus filhos — D. Sancho (depois 2.º) D. Affonso (depois 3.º) e D. Leonor, que depois foi rainha de Dinamarca, por casar com o rei Valdemaro III.

Não sei a razão porque não assignou seu 3.º filho, D. Fernando (*o de Sérpa*) que casou em Castella, com D. Sancha Fernandes de Lára, filha do conde de Lára, sendo este infante (D. Fernando) mais velho do que D. Leonor.

Confirmaram este foral, e o assignaram tambem, D. Estevam, arcebispo de Braga — D. Martinho, bispo do Porto — D. Pedro, bispo de Coimbra — D. Soeiro, bispo de Lisboa — D. Soeiro, bispo d'Evora — D. Pelayo (ou Pelagio) bispo de Lamêgo — D. Bartholomeu, bispo de Viseu — D. Martinho, bispo de Idanha a Velha — e varios officiaes da casa real.

—

Segundo consta da *Chronica* do rei D. Fernando (cap. 57) foi n'esta villa que existiu a 3.ª casa da moeda, que houve em Portugal. (A 1.ª, foi na cidade do Porto — e a 2.ª, em Lisboa.) As casas que hoje pertencem aos herdeiros de José Teixeira Leite Sampaio, situadas na praça do Visconde de Guaratiba, diz a tradição, que era onde se cunhava a moeda.

—

Foi, por muitos annos, praça do bravo regimento de infanteria n.º 21, que d'aqui sahiu em 1828. Pertencia á *divisão do norte*, e fazia brigada com infanteria n.º 9, e caçadores n.º 7. — Esta brigada, commandada pelo brigadeiro inglez sir Manley Power — assim como a pertencente á *divisão do sul*, composta de infanteria 11 e 23, e caçadores n.º 11, commandada pelo coronel Thomaz Guilherme Stubbs (tambem inglez) distinguiram-se em toda a guerra peninsular, pela sua intrepidez e disciplina, e, sobre tudo, a 24 de junho de 1813, na batalha de Victoria, [1] uma das mais sanguinolentas de toda a guerra, pois que os francezes, commandados pelo imbecil José Buonaparte, perderam 6:000 homens, toda a sua artilheria, thesouro e bagagens, e tudo quanto haviam roubado em Portugal e Hespanha, fugindo Buonaparte, a toda a brida, em um veloz cavallo.

Esta gloriosa victoria, obrigou os francezes a retirar para França, onde entraram logo no 1.º de julho.

O general em chefe dos alliados, (marechal general Wellington) tinha manobrado tão bem com o nosso exercito, que evitou a juncção ao grosso do exercito inimigo, de quatro exercitos, a saber — o do norte, commandado por Clausel — o de Portugal, por o general Reille — o do centro, por Droux — e o da Andaluzia, por Gazon.

Posto que José Buonaparte (que o irmão alcunhára de *rei de Hespanha*) fosse o chefe ostensivo do exercito jacobino, quem o commandava, era o marechal Jourdan, que tinha envidado todos os seus esforços e sciencia militar, para fazer uma retirada airosa para França; mas, faltando-lhe o apoio dos quatro exercitos que mencionei, viu-se constrangido a acceitar batalha junto aos muros de Victoria, onde, como vimos, foi aniquilado; o que lhe não aconteceria, se conseguisse a juncção, que nos seria fatal.

Wellington, publicou uma ordem do dia, na qual fez os maiores, mas os mais bem merecidos elogios, aos regimentos de infanteria 9, 11, 21 e 23; e aos batalhões de caçadores n.º 7 e 11; não só pela sua heroica bravura n'esta homerica batalha, mas tambem pela sua valentia e disciplina, nas de Fuentes d'Onôr, Badajoz, Albuhera, Arroyo de los Molinos, Ciudad Rodrigo, Salamanca, e outras.

O governo portuguez pela ordem do exercito, de 13 de março de 1814, premiou a bravura d'estes seis corpos, dando-lhes novas bandeiras, com as honrosissimas legendas, em letras d'ouro, que diziam — para os quatro regimentos de infanteria —

---

[1] A cidade e praça de Victoria, é capital de Alava, e uma das Vascongadas.

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE,

E aos dous batalhões de caçadores

DISTINCTOS VÓS SOIS NA LUSA HISTORIA
COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA

—

O batalhão de caçadores n.º 7, como os da mesma arma, n.ºs 8 e 9, tinham formado a bravissima LEAL LEGIÃO LUSITANA;

Os governadores do reino, por proposta do marechal Beresford, ordenaram, por portaria de 20 de abril de 1811, a creação de mais seis batalhões de caçadores, de n.º 7 a 12 (porque então só tinhamos de n.º 1 a 6) para o que foi dissolvida a *Leal Legião lusitana*, que, como vimos, formou os trez batalhões de caçadores, 7, 8 e 9.

Caçadores n.º 7, entrou na acção de Victoria, com a força de 497 praças, sendo commandado pelo tenente coronel irlandez, O'Toole, que tinha succedido ao bravo tenente coronel, João Paes de Sande e Castro.

—

Nas batalhas anteriores á de Victoria, a brigada de infanteria 9 e 21, e caçadores n.º 7, tinha sido commandada pelo brigadeiro portuguez Champlinaud, natural da freguezia de S. Miguel de Fontoura, d'este concelho de Valença.

E' precizo notar que o batalhão, não é o actual. Aquelle pertenceu sempre ao exercito realista, esteve emigrado em Hespanha, desde março de 1827, até julho de 1828, com as tropas do marquez de Chaves, e foi um dos convencionados em Evora-Monte, mas já dividido em trez batalhões. (Até esta divisão, e durante o governo do sr. D. Miguel, tinha 8 companhias, e se denominava *Regimento de Caçadores do Minho*).

O actual batalhão de caçadores n.º 7, é creação do governo liberal, e é um dos corpos mais bem disciplinados do exercito portuguez, graças aos excellentes commandantes que quasi sempre tem tido.

Club fluvial valenciano

Foi fundado em 29 de junho de 1882, por varios cavalheiros d'esta praça.

Illuminação

Em 1857, a camara d'esta villa, comprou á de Lisbôa 30 lampiões, dos que tinham servido para azeite de purgueira, e os collocou em logares competentes, principiando a illuminação da villa, no 1.º de janeiro de 1858.

Egrejas matrizes

Santa Maria dos Anjos — Foi fundada em 1276, como consta de uma inscripção que está no cunhal do sul, e diz —

VIII DIAS ANDADOS DO MEZ DE JULHO,
FUI FUNDADA.
ERA DE M. CCC. XIIII.

Vem a ser 27 de junho do anno de J. C., de 1276.

Os frades benedictinos, do mosteiro de Ganfei, deram avultadas esmolas para esta construcção. E' de uma só nave, e nada tem de notavel senão o frontispicio e a porta principal, denotando a sua antiguidade. Foi sagrada.

O mestre-escola da collegiada de Santo Estevam, intitulava-se abbade d'esta parochia, por ser annexa ao seu beneficio; e por isso apresentava o cura, por carta annual. Desde a extincção dos dizimos, passou o parocho a intitular-se *reitor* — e, desde 2 de março de 1859, *abbade*.

Ha n'esta egreja duas irmandades — a *das Almas*, instituida em 1671, com o fundo de 5:518$399 reis = e a *de Santo Antonio*, instituida em 1737, com o fundo de 2:731$888 réis.

—

Santo Estevam — é um templo elegante, de trez naves. Foi fundado em 1378, no reinado de D. Fernando [1].

---

[1] José Avellino d'Almeida, diz que foi no reinado de D. João I. — E' êrro. — Em 1378, reinava D. Fernando. D. João I foi feito regente (ou se fez elle a si mesmo) em 1383, e foi acclamado rei, em 1385. D. Fernando tinha fallecido a 22 de outubro de 1383.

Tem tido varias reparações, sendo a ultima, em 1792, concedendo para esta obra, a rainha D. Maria I [1] o *real d'agua*, por dés annos.

Ha n'esta egreja as seguintes irmandades—

1.ª — *Sacramento* — Tem de fundo, réis 2:873$680.

2.ª — *São Pedro* — Muito antiga. Tem de fundo, 2:436$981 réis.

3.ª — *Chagas* — Tambem muito antiga. Tem de fundo, 669$730 réis. Diz-se que é a mais antiga irmandade d'esta parochia.

4.ª — *N. Senhora do Rosario* — Instituida em 1742. Tem de fundo, 1:216$714 réis.

Os fundos d'estas irmandades, foram copiados do dito *Diccionario abreviado*, que sahiu á luz em 1866. Não sei se actualmente teem diminuido ou augmentado os rendimentos.

—

A primeira egreja de Santo Estevam, era muito pequena. Em 1392, houve um grande scisma na Egreja Catholica. — Em Avinhão, residia o *antipapa* Clemente VII, ao qual obedecia quasi toda a Hespanha — Em Roma, estava o verdadeiro Papa, Urbano VI, ao qual os portuguezes obedeciam. Dezenove conegos da Sé de Tuy que não quizeram reconhecer o antipapa, [2] emigraram para esta villa. D. João I, permittiu a estes conegos, que se desmembrassem do cabido de Tuy, e se reunissem em corporação, na egreja de Santo Estevam; o que foi auctorisado pelos arcebispos de S. Thiago de Compostella, e de Braga. Assim se conservaram os conegos, recebendo as rendas que a Sé de Tuy tinha em Portugal, e que lhe tinham sido dadas pelo rei suevo Theodomiro; doação que a rainha Dona Thereza e seu filho D. Affonso Henriques, depois confirmaram. Os bispos de Tuy, D. João Ramires de Gusmão, e D. João Fernandes Sotto-Maior, fulminaram censuras contra os conegos dissidentes, que, apezar d'isso, continuaram a receber as taes rendas.

—

O pontifice, e o rei D. João I, quando fallecia algum d'estes conegos, nomeavam outro; até que, o infante D. Pedro, regente do reino na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V, por uma bulla de Eugenio IV, desannexou esta comarca, da jurisdicção de Tuy, em 1444.

Depois, esta comarca uniu-se ao bispado de Ceuta, que o papa Nicolau V, fez immediata á Sé Apostolica; e, em 1493, Alexandre VI, a fez suffraganea da Sé de Braga, que n'esse tempo tinha a administração de Oli-

---

[1] Vou extrahindo (resumidamente) estes apontamentos, do *Diccionario abreviado*, do fallecido José Avellino de Almeida, natural d'esta praça. Vou porém rectificando alguns anachronismos, procedidos do auctor confundir a *era de Cesar* com o *anno de Jesus Christo*.

Tambem não foi D. Maria I que, em 1792, estava demente (ou *como tal foi julgada*) mas o principe regente, seu filho — depois (1816) rei, D. João VI — que concedeu para esta reconstrucção, o tal *real d'agua*.

[2] José Avellino do Almeida, diz que eram 19 os capitulares dissidentes, porém Sandoval (*Iglesia de Tuy*, pag. 174) diz que eram 20, e nomeia-os — são os seguintes —

1.º, *João Alonso*, sub-chantre da Sé de Tuy, e vigario administrador das egrejas e mosteiros que a mesma Sé tinha em Portugal — 2.º, *Gonçalo Martins* — 3.º, *João Rodrigues de Felgueiras*, estes dous, conegos e vigarios geraes, nas partes de Portugal — 4.º, *Alvaro Alonso*, arcediago de Villa Nova da Cerveira — 5.º, *Rodrigo Soares*, arcediago da Labruja — 6.º, *Rodrigo Estevam* — 7.º, *João Domingues* — 8.º, *Gomes Martins* — 9.º, *Domingos Estevam* — 10.º, *Lourenço Correia* — 11.º, *Gonçalo Vasques* — 12.º, *Martim Alonso* — 13.º, *João Doningues* — 14.º, *João Fernando* — 15.º, *João Alonso* — 16.º, *Gonçalo Velasques* — 17.º, *Alonso Gonçalves* — 18.º, *João Estevam* — 19.º, *Domingos Alvares* — 20.º, *Alvaro Garcia Gomes*.

—

Sendo bispo de Tuy, D. João Ramires de Gusmão, eleito em 1391, é que teve logar o scisma que soffreu a Egreja Romana, pelas pretenções de João de Bolonia, Gregorio de Arimino e D. Pedro de Luna (julgados papas intrusos, no Concilio Constanciense, até que foi proclamado verdadeiro pontifice Martinho V, em 1417). Succedeu que nos trez annos do dito scisma, se subtrahiram muitos subditos, á obediencia dos seus prelados, sob pretexto do tal scisma. Foi então que, como vimos, se recusaram a obedecer ao seu prelado, os conegos capitulares de Tuy.

vença, que D. Affonso V lhe havia dado em 1472.

No tempo do arcebispo de Braga, D. Diogo de Souza, e do bispo de Ceuta, D. Henrique (20 de setemdro de 1512) se trocou Olivença por Valença, e o rei D. Manoel, deu ao arcebispo de Braga a jurisdicção temporal; o que tudo foi confirmado por o papa Leão X, em 1513.

Julgo necessario dar mais amplos detalhes com respeito á instituição d'esta collegiada, e são os seguintes —

Negada pelos ditos capitulares e socios, a obediencia ao seu prelado, o bispo de Tuy, elegeram por seu superior ao conego Thoribio, a quem todos obedeceram, durante a sua vida; mas por morte d'elle, se submetteram e sujeitaram ao arcebispo de S. Thiago de Compostella, que não teve duvida em admittil-os; do que se seguiram muitos pleitos, e requerimentos em Roma, até que o papa restituiu tudo ao estado antigo, adjudicando, por um breve, as egrejas e mosteiros da comarca de Valença, á Sé de Tuy, a que pertenciam.

Depois, estas mesmas egrejas e mosteiros, situados entre os rios Minho e Lima, se annexaram ao bispado e egreja de Ceuta, em tempo do papa Eugenio IV (1431 a 1447) a instancias do nosso rei D. Affonso V, que allegou não ter Ceuta (Africa) territorio e precizar d'este, que, sendo do seu reino, tinha bispo de fóra d'elle.

Era Ceuta suffraganea de Braga; e, como além das referidas egrejas d'entre Minho e Lima, se lhe adjudicaram as da comarca de Riba-Côa, na Beira Baixa, que eram antigamente do bispado de Ciudad Rodrigo, e as de Olivença, no Alemtejo, que eram do bispado de Badajoz; e, como succedesse que a egreja de Braga entrasse na posse da administração do disricto de Olivença, fez uma troca, no tempo do arcebispo D. Diogo de Souza, com o bispo de Ceuta, D. Henrique, em 1512, dando-he Olivença por Valença e sua comarca; o que foi confirmado pelo papa Leão X, em 1513 — e, como legitima senhora da mesmacomarca, tomou posse d'ella, pela pessoa do seu provisor, João de Coimbra, em 154; ficando desde então, todo o districto de Valença sujeito á Sé de Braga, que fez d'elle uma comarca ecclesiastica, cuja cabeça foi a villa de Valença, onde fixou a residencia de um vigario-geral, pôsto pelo arcebispo primaz, e com jurisdicção em 32 egrejas.

Na *Historia da Egreja de Tuy*, pelo dito Sandoval (pag. 180 e 181) se diz — *Del tiempo, en que Valencia con su destrito, era del Obispado de Ceuta, hallé una escritura de apeo de herdades, que esta Iglesia tiene en Portugal: es del Monasterio de Tomino, hecha a tres de Março, año 1504: dice assi* — « *Juan Albares, Maestrescola de Africa, Sé de Tanger, Provizor Geral en espiritual y temporal, en el Obispado de Ceuta*, entre Limia y Miño, *por lo Reverendo en Cristo, Padre Señor D. Diego Ortis de Villegas, por merced de Dios e da Santa Iglesia de Roma, Obispo de Ceuta, Primaz en Africa*, etc., etc.

Os conegos de Santo Estevam, tinham grandes rendas, e apresentavam um avultadissimo numero de egrejas.

Entre estes conegos, se contam muitos varões illustres por seu saber e virtudes, e por seu amor á patria e ao throno dos nossos reis, pelo que mereceram d'estes muitos favores, especialmente de D. Manoel.

Quando em 1640 foi acclamado o duque de Bragança por legitimo rei de Portugal, estes conegos se quotizaram voluntariamente, dando metade das suas rendas, para ajuda das despezas da guerra. Este donativo montou a muitos mil crusados.

Os acontecimentos politicos, teem reduzido muito os rendimentos d'esta collegiada, que hoje apenas tem o indispensavel para a sua sustentação.

Ainda no côro, se conserva a cathedra episcopal, onde se sentaram oito bispos, e por isso a esta egreja se deu o titulo de *Sé de Valença*. Eis a relação d'estes bispos — D. frei Antonio — D. Justo Valdino — D. Martinho — D. João — D. Fernando — D. João Ferraz — D. Diogo Ortiz de Vilhegas — D. frei Henrique.

Quando para aqui vieram os taes 19 (ou 20) conegos, pertencia esta comarca (d'Entre Minho e Lima) ao bispado de Tuy, e foi por isso que elles elegeram para seu prelado, a

Turibio, ao qual obedeceram todos os parochos e religiosos da dita comarca. João, successor d'este na prelazia, creou muitas prebendas, e entre ellas, os arcediagos de Villa Nova da Cerveira e Labruja, que hoje são da Sé de Braga. Este mesmo prelado, applicou para o cabido de Valença, as rendas que o bispo e conegos de Tuy, tinham em Portugal, e que comprehendiam 230 freguezias.

Quando D. Affonso V conquistou a cidade africana de Ceuta (14 de agosto de 1415) creou alli, por auctoridade do papa Eugenio IV, o 1.º bispo; mas, faltando-lhe as rendas sufficientes, foram-lhe dadas as que o bispo de Tuy tinha na provincia do Minho, e assentou a sua cathedra n'esta collegiada, com o titulo de *bispo de Ceuta, primaz d'Africa*. Este (D. frei Antonio) passou depois a bispo da Guarda, e lhe succederam os sete que ficam referidos.

Quando fallecia algum d'estes bispos, reputava-se a comarca, em sé vaga, e o cabido apresentava *vigario sede-vacante*.

Pela distancia, porém, que havia de Valença a Ceuta, não se podendo bem dirigir os negocios ecclesiasticos, é que se fez a troca de Olivença por Valença. N'esse tempo, tinha a collegiada 32 prebendas, com suas tercenarías.

Usam estes conegos, de murça com capéllo, forrado de vermelho, e manto, por serem filhos de uma cathedral, como os de Braga, que se opposeram a isto inutilmente.

Por breve do papa Pio VII, lhes foi concedido trazer meias vermelhas, faxa da mesma côr, e cordão verde no chapeu. Este breve, custou-lhes 600$000 réis!

Com a extincção dos dizimos em 1834, acabaram de facto a maior parte das collegiadas de Portugal; porque as rendas que tinham além dos dizimos, não chegavam para a sua sustentação. D'esta ficou apenas um só conego, que, com os coreiros, a quem pagava, não deixou acabar o nome de collegiada.

Por carta regia, de 3 de dezembro de 1862, se decretou:

1.º A insigne collegiada de Santo Estevam, da villa de Valença do Minho, será conservada, com todos os bens, honras e prerogativas, que civil e canonicamente lhe pertencerem.

2.º O seu pessoal, constará do parocho da freguezia; de sete beneficiados, que, com aquelle, constituirão corporação capitular; e de um thesoureiro menor e mestre de ceremonias.

3.º O parocho, será presidente da collegiada, tanto no espiritual, como na mêsa collegial.

4.º Um dos beneficiados terá o titulo de chantre.

5.º O thesoureiro menor, e mestre de ceremonias, exercerá tambem as funcções que competem aos thesoureiros e sachristães.

6.º Os rendimentos da massa capitular, serão divididos em dez porções eguaes — e d'esta, pertencerá uma a cada um dos membros do cabido — uma á fabrica — e a ultima, ao thesoureiro-menor e mestre de ceremonias.

7.º Sempre que o rendimento annual divisivel da massa capitular, fôr maior do que um conto de reis, do excesso far-se-ha uma repartição especial, dividindo-o em duas partes eguaes; e d'estas, subdividir-se-ha uma, em 8 porções tambem eguaes, para o presidente e beneficiados da collegiada; e a outra, será entregue, como receita, á administração do seminario diocesano, para as respectivas despezas.

8.º As apresentações em beneficios da collegiada, serão feitas — a do presidente, em conformidade do decreto de dous de janeiro do anno corrente — as dos beneficiados, nos termos da lei de 16 de junho de 1848, artigo 11.º, e seu § unico.

9.º O provimento do logar de thesoureiro-mór, será sempre vitalicio, e só poderá recahir em presbyteros, ou ordinandos e ser-lhes-ha applicado, o que a respeito dos thesoureiros parochiaes vitalicios prescreve o decreto de 2 de dezembro de 1861.

10.º Os beneficiados que forem presbyteros, serão coadjutores ordinarios, e officiaes do presidente da collegiada, como parocho da respectiva freguezia, nos termos do artigo 5.º da lei de 16 de junho de 1848.

—

A torre d'esta egreja de Santo Estevam, foi edificada em 1792, mas, tão mal construida, que cahiu n'esse mesmo anno. A actual, foi construida em 1807, e n'ella está o relogio da villa, que principiou a funccionar, no 1.º de novembro de 1857.

Antigamente, os freguezes das duas parochias d'esta villa, podiam escolher aquella a que queriam pertencer; e, quando era casa nova, que se não tinha dado ao rol, ficava pertencendo áquella cujo parocho primeiro entrasse com a cruz, em 2.ª feira de Paschoa.

Esta *mastigada*, como é facil de suppor, dava causa a grandes questões, o que, sabido pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, veio a esta villa, e estabeleceu uma concordata entre ambos os parochos, no anno de 1724, dividindo as casas entre ambas as freguezias; assim como assentaram que cada freguez pagasse ao seu parocho, o dizimo de todas as propriedades que tivesse nos suburbios da povoação, até á margem do Minho; não entrando n'esta concordata as terras mixtas e confinantes com as freguezias proximas, as quaes pagavam meios dizimos.

Ermidas publicas das duas freguezias

1.ª — *Nossa Senhora da Piedade.* — Contigua á egreja matriz de Nossa Senhora dos Anjos, e apenas separada d'ella, por um portão de ferro, que lhe veda a communicação. Pertence ao morgado de Santa Luzia, extra-muros da praça. Foi fundada por um tal Sancho Pires mas não se sabe quando. (O *Santuario Mariano*, não falla d'esta ermida.)

—

2.ª — *Nossa Senhora da Saude* — Vide *Urgeira.*

—

3.ª — *Bom Jesus* — Esta ermida, que hoje está sob a protecção do governo, pertenceu antigamente á freguezia de Cristêllo-Côvo (Segadães) e só depois que se construiu a obra da *Coroada* (1700) é que passou a ser do cabido de Santo Estevam.

Em 1767, os *conegos* a cederam á irmandade de Nossa Senhora do Carmo, composta de militares do regimento de infanteria n.º 21, que muito engrandeceu este templo-sinho. Sahindo o regimento d'esta villa, em 1828, ficou a administração da ermida a cargo do governador da praça. Em 1842, veio para aqui, de quartel, o batalhão de caçadores n.º 7, que tomou conta da irmandade e regimento da ermida. Sahindo este batalhão para a cidade da Guarda, em 1846, tornou a ermida a ser administrada pelo governador da praça. Com estas alternativas, se foram... *desencaminhando* os varios objectos de prata, e as excellentes alfaias da ermida, que está hoje falta de tudo, e na maior miseria. Se não fosse a devoção do povo da villa, estaria hoje este elegante templo, reduzido a um montão de ruinas! Todavia, é aqui que se fazem as duas melhores festividades da villa = *Nossa Senhora das Dores* e *Santa Rita* — mas pedindo-se tudo emprestado, ou alugado!

Em 1865, Victorino Antonio Ferraz de Araujo, mandou, á sua custa, pintar e dourar todo o altar-mór e tribuna; encarnar as imagens do padroeiro e de Santo Antonio; deu um excellente relicario de prata, para n'elle se expôr o SS. Sacramento; e cortinas de damasco vermelho, para o camarim, arco cruzeiro e portadas da capella-mór, no que gastou uma grande quantidade de dinheiro.

Houve aqui antigamente a irmandade de Nossa Senhora da Lapa, que chegou a ser muito rica, mas que se extinguiu, porque os ultimos irmãos *esbanjaram* as alfaias e dinheiros da irmandade, que, tomadas as contas, ficou o liquido reduzido a 600$000 reis, que passaram para a Misericordia de Monsão, sob a clausula de reverterem para o hospital da Caridade d'esta praça, logo que elle se fundasse, o que se realisou.

—

4.ª — *Senhor do Encontro* — Está aqui a irmandade de S. Sebastião, que veio da sua antiga ermida, que já não existe, como veremos adiante.

—

5.ª — *Nossa Senhora da Assumpção* — vulgó, *Senhora do Fáro.* (Vide *Monte do Fáro*, no 5.º vol., pag. 477, col. 1.ª)

Segundo a tradição, foi aqui a primeira residencia dos monges benedictinos de Garifei.

—

6.ª — *Misericordia* — E' fundação do principio do seculo XVI, tem apenas 95 palmos de comprimento, desde o altar-mór até á porta principal, e 26 de largura.

Nada tem de notavel. O fundo da sua irmandade, é de 5 contos de réis.

7.ª — *Capella do Passo* — Estava na Praça Municipal. A camara determinou a sua demolição, para se dar principio ás obras dos novos paços do concelho. Principiou esta demolição a 9 de outubro de 1882.

—

Extra-muros da praça, ha a linda ermida de Santa Luzia, propriedade do sr. Tristão de Araujo Bacellar. Faz-se á padroeira, uma esplendida festa, no seu dia, (13 de dezembro) sempre concorridissima, porque o povo dos arredores tem grande devoção com Santa Luzia.

Ermidas que já não existem

1.ª — *São Sebastião, martyr* — estava fundada junto á fonte, ainda hoje chamada *de São Sebastião*, ao N., na raiz da rampa que volta para E.

Foi mandada construir pelo rei D. Manoel, em cumprimento do voto que fez, por causa da grande peste que houve em Portugal, no anno de 1505.

O rei prometteu, se o flagello cessasse, mandar construir á sua custa, nos arrabaldes de todas as cidades e villas do reino, uma ermida, dedicada a S. Sebastião, advogado contra a peste, o que cumpriu em muitas localidades. [1]

Em 1777, se principiou a demolição de varios predios, para a construcção da *Obra coroada*, e, depois de estarem alguns annos paradas as obras, se continuaram em 1810, arrazando-se então muitas casas e fazendas que havia em toda a esplanada (perdendo bastantes familias avultadas sommas com estas expropriações, que o governo prometteu pagar, mas que nunca pagou.) Foi tambem então arrazada a ermida de São Sebastião, que nunca mais se reconstruiu; e tambem, por essa occasião, se arrazou a egreja matriz da freguezia de *Cristêllo-Côvo*, que era situada onde hoje está a *horta regimental*, e que se mudou (a matriz) para a aldeia de Segadães, onde hoje existe.

Consta que a *Fonte de Cristêllo*, que foi modernamente reconstruida, pertencia aos grandes passaes do abbade de Cristêllo; e que as casas, hoje pertencentes aos herdeiros das *senhoras Lagôas*, sitas na rua da Trindade, eram a residencia do dito abbade, e que toda esta rua pertencia á sua freguezia.

A imagem do padroeiro d'esta ermida (S. Sebastião) e a sua irmandade, foram para a ermida do Senhor do Encontro, e ainda lá existem. O fundo d'esta irmandade, é de 1:837$700 reis.

—

2.ª — *São Lazaro* — (vulgó, *dos Gafos*) situada na rampa, mesmo em frente do caminho que vae para a Boa Vista. Era uma antiquissima *gafaría*, como se fundaram muitas até ao seculo XVI, nos arrabaldes de grande numero de cidades e villas de Portugal. Foi tambem demolida, para ampliar a esplanada da praça.

3.ª — *São Vicente* — Era no logar onde hoje existe a casa de campo de José Manoel Lopes da Silva, nos Fiães. Era uma grande ermida, possuindo boas e vastas propriedades, das quaes, a maior parte é hoje possuida pelos herdeiros de José Antonio da Silva Veiga, e Manoel Luiz Gomes.

Esta ermida e o seu patrimonio, foram antigamente senhorio dos Mourões, de Ganfei. Foi demolida pelo mesmo tempo das antecedentes.

—

4.ª — *São João Baptista* — Existiu no chão das casas que hoje pertencem a Manoel da Silva Ferreira, e que ficam no es-

---

[1] Vou extrahindo estas noticias do *Diccionario abreviado*, de José Avellino de Almeida; mas outros escriptores dizem que estas obras foram mandadas fazer por D. João 4.º, e por seu filho, D. Affonso 6.º — Vide 2.º vol., pag. 449, col. 2.ª

paço que olha para a rua, ainda chamada *de São João.*

—

5.ª — *São João de Deos* — Vide adiante, quando trato dos frades d'esta denominação.

—

Fundação e antiguidade de Valença do Minho

Na minha humilde opinião, é impossivel marcar a época da fundação d'esta villa, e declarar o nome do seu fundador.

Vimos no 3.º volume, pag. 257, col. 1.ª, quando tratei da freguezia da Gandara, d'este concelho, o que diz Faria e Sousa (*Epitome de las historias*, pag. 15, ultimo periodo.)

Para esclarecer mais os meus leitores, traduzirei litteralmente, o que diz este escriptor. E' o seguinte:

«Em tanto que Ulysses sahia da nossa provincia pelo Téjo, entrava n'ella Diomedes, pelo Minho, limite da parte do norte (como a do sul é o Douro) d'aquella terra fertilissima que dos nomes d'estes rios fazendo seu, por o de Entre Douro e Minho é célebre e famosa em Hespanha, e ainda no mundo; memorada de todos os geographos, com elegantes encomios. Alli, quasi onde havia desembarcado, fundou uma cidade, que foi chamada TIDE, em memoria de seu filho *Tideo*: e seus companheiros, *na margem da Galliza*, outra, que com o proprio nome se chamou *Menor* (*Tide Menor*) para se differençar da primeira, que pereceu, com ser Maior, consumindo-a o tempo; em quanto a segunda com o proprio, se fazia mais illustre, e é hoje cabeça de bispado, conservando com o nome de *Tuy*, o de *Tide*, com pouca corrupção.»

«D'estes grégos e dos gallos, que depois vieram a ser povoadores d'esta terra, se chamou ella *Grecia*, ou *Gallecia*: e, não sendo Galliza mais que um nome corrupto, ou composto de dous tão illustres, quasi é hoje (sem razão) abatimento de seus naturaes, a sua propria gloria.»

—

Vimos no 9.º volume — na palavra *Tuide*, que o Argote diz que *na margem esquerda do rio Minho*, existiu um antiquissimo castello, *no mesmo sitio onde hoje é a praça de Valença, ou muito proximo a ella, chamado Castello de Tuy.*

Vimos na palavra *Tuy*, ou *Tyde*, que, de um grande numero de documentos antigos, consta que *Tuy*, *Tyde*, ou *Tuyde*, era um antiquissimo castello da Lusitania, construido *sobre um elevado monte*, SOBRANCEIRO Á MARGEM ESQUERDA DO RIO MINHO. [1] Para não cançar mais o leitor, com repetições, remetto-o para o artigo *Tuy*, ou *Tyde*, do 9.º volume.

—

Na *Divisão dos condados d'Entre o Douro e Minho*, feita no reinado de D. Fernando Magno, de Castella e Leão, pelos annos de 1026, se menciona o *Castello de Tuy, que está nas margens do rio Minho, da parte de Portugal, e ao qual tambem se dá o nome de Valença.*

Floriam do Campo (*Hist. de Hespanha*, Livro 1.º, cap. 42) diz que *entre os rios Minho e Lima*, havia *antigamente uma povoação, chamada Tyde — isto é — Tuy, e que d'esta povoação sahiram os que povoaram nas margens do mesmo rio, e fundaram, a cidade de Tuy, em Galliza*, que *ainda hoje permanece.* Cita em abono d'esta asserção, varios auctores antigos.

—

Diz-se que por a tal Tuy portugueza ser fundada antes da gallega, se veio a denominar *Tuy a Velha.* Seria. O que eu não encontrei em escriptor nenhum, é a data da mudança do seu primeiro nome, nem qual o que immediatamente o substituiu. Pretendem alguns, que foi o nome de *Valença*, derivado do latino *valeo*, como fica dito na primeira *Valença.* Outros dizem que se chamou

---

[1] Se estes documentos dissessem simplesmente Lusitania, tanto o tal castello podia ser na Galliza, como em Portugal, porque a Lusitania dos romanos — como temos visto em varios logares d'esta obra — comprehendia tambem a Galliza, e grande parte da Extremadura hespanhola.

Valença do Cid, o que é um disparate, ligando uma palavra latina (ou *alatinada*) com outra árabe (*cid* em árabe, significa *senhor*) e os mouros só invadiram a nossa Peninsula, mais de 400 annos depois da total expulsão dos romanos.

Estou persuadido que o primeiro nome que teve esta povoação, depois de *Tuy* (se é que se chamou *Tuy*, o que de modo nenhum é *ponto de fé*) foi *Valença* simplesmente.

O que é certissimo, é que, depois se chamou *Contrasta* — e é um forte argumento em prova de que, em tempos remotissimos, já aqui havia um castello, torre, ou fortaleza, que defrontava com o castello da Tuy gallega; porque *Contrasta* vem do antigo portuguez *Contra*, que significava — *Em frente*; como se póde vêr em Viterbo.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa (*As cidades e villas da monarchia portugueza*, vol. 3.º, pag. 118) diz que o nome de *Contrasta*, *talvez* proviesse de dous vocabulos latinos — *contra-castra*, por estar fundada defronte e em opposição a Tuy.

Com o devido respeito a tão illustrado archeologo, não concordo com a sua *supposição*: acho mais verosimil que venha de *Contra*. Além de ser uma interpretação *forçada*, a que lhe dá o sr. Vilhena, devemos notar que *Castra*, na antiga architetura militar, era *o arraial de todo o exercito, com suas quatro portas, cada uma em seu lado, cercado de fosso e valle*.

A vir d'aqui a etymologia, devia então ser *Contra Castrum*, porque *Castrum*, era o *pequeno arraial, construido só para uma legião* — e não podia ser outra cousa o castello de Contrasta. (*Castello*, é diminutivo de *Castrum*.)

O doutor Emilio Hübner (*Noticias arch. de Portugal*, pag. 85) que visitou Portugal em 1870, *a vol d'oiseau*, e que por isso, em grande parte das suas noticias, se viu obrigado a *curar por informações* diz: «A terceira estrada de Braga, é geralmente conhecida, na parte comprehendida até á fronteira portugueza, isto é, até á segunda *estação de Tude (Tuy); a parte que ficava em territorio hespanhol, é completamente desconhecida*.[1] Conhecem-se seis ou oito lapides milliares d'esta estrada; a quadragesima segunda, com o nome de Claudio, existe em Valença do Minho, povoação que defronta com Tuy (*Tude, está exactamente a 43 milhas de Bracara.*)

A lapide a que allude este distinctissimo archeologo, diz:

TI. CLAVDIVS CAESAR
AVG. GERMANICVS
PONTIFEX MAX. IMP. V
CÕS. III. TRIB. POTEST.
III. P. P. BRACA XLII.

Aqui Hübner não é exacto—ou quer por força que *Tude* seja a actual Tuy.

Vemos da 5.ª linha d'esta inscripção que o tal marco milliar, estava a 42 milhas de Braga, e não a 43, como elle diz. Se a actual Tuy está a 43 milhas de Braga, é certo que este marco estava uma milha ao sul da cidade gallega. Pretendendo provar que *Tude* é Tuy, só prova que é *Tuide*, em Portugal.

Vimos a pag. 404 do 3.º volume d'esta obra, que este 3.º itinerario, de Braga a Astorga, é — 1.º, Braga — 2.º, Limia (Ponte do Lima) — 3.º, Tude — e terminou em terras de Portugal; porque *Burbida*, já é na Galliza, e ao N. de Tuy. Vê-se pois que n'esse tempo (41 annos antes de J. C.) ou Tuy não existia, ou era povoação tão insignificante, que o itinerario a não mencionou.

Tambem se engana, quando diz que é completamente desconhecida a parte da via militar (esta 3.ª) que ficava em terreno hespanhol. Não é tal — eis aqui as povoações por onde alli passava — *Burbida, Turoqua, Aquis Celenis, Pria, Asseconia, Brevis, Marciae, Luco Angusti, Timalino, Ponte Neviae, Uttaris, Bergido, Interamnio Flavio*, e, finalmente, o seu *terminus—Asturica* (Astorga).

O mesmo Hübner, no livro citado, e a pag. 106, diz que na parede da arcada do mercado, está (1871) uma inscripção, coberta de tinta d'oleo e retocada, que diz:

---

[1] O sublinhado é meu.

DIS. MANIBVS
ALLVQVI. ANDERGI. F.
AETVRAE. ARQVI. F.
MACR. ALLVQUI. F. CL.
VTIMONI ALLVQVI. F. C. VI.
EN. IIIII VIVICI. FAC. C.

O fim da 5.ª linha, e a maior parte da 6.ª, são illegiveis: acha-se alli apenas o nome de um 3.º filho. É claro que esta lapide era do tumulo de conjuges, com dous filhos.

—

Hübner, traz, com respeito a esta inscripção, uma longa tirada; e, para a evitar ao leitor, remetto-o para o logar citado.

—

E' certo que em frente da Tuy actual, existiu uma torre ou castello, sobre a margem esquerda do Minho, de construcção tão antiga, que se ignora a sua data; mas, onde era o logar exacto d'essa fortaleza, ou o que quer que era?—IGNORA-SE!—Seria na aldeia de *Tuidé*, freguezia da Gandara, proxima a Valença? — Seria em S. Pedro da Torre? — No Monte do Fáro? — (Vide adiante, onde fallo do *Itinerario* de Antonino Pio.)

José Avellino d'Almeida, diz, *sem sombra de duvida* — «O centro da povoação era no logar chamado hoje *das Lojas*, nome que lhe proveio de ser *alli onde existiam as lojas de tecidos e de generos alimenticios.*»

Então se aqui existiam as taes *lojas*, onde era a povoação que se utilisava do conteudo n'ellas? — Na minha opinião, *lojas*, aqui, não significa o que diz este escriptor, mas é corrupção de *logo*, que no portuguez antigo, significava *logar*, *morada*, *residencia*, etc. — Como tão visinhos dos gallegos, não admira que em vez de *Logo*, escrevessem *Lojo*, que tem a mesma pronuncia; e de *Lojos* para *Lojas*, era facil a corrupção.

Eu possuo um manuscripto antigo, de auctor anonymo, que — se fôr verdadeiro — derrama bastante luz n'esta questão. Diz elle — «O castello de Tuy, que depois se chamou Contrasta, e por fim VALLENÇA, era no alto do monte, onde não havia mais edificio algum além da fortaleza, e só *dentro d'ella* estavam algumas casas para quarteis da sua guarnição. O povo, ou aldeia, estava na raiz do monte, em um pequeno *valle*, pelo que se chamava *Vallença*; e, em razão da proximidade do castello, que, em caso de necessidade, lhe servia de refugio, se lhe dava o nome de *Vallença de Contrasta.*»

Não diz o manuscripto qual era o monte onde estava o castello, nem o *valle* onde existia a povoação; e, quanto a estes dous pontos, ficamos na mesma duvida.

O monte, tanto podia ser onde hoje existe a villa, como o do Fáro; e a povoação talvez fosse a actual e bonita aldeia da *Urgeira*, que fica ao sopé do monte onde hoje vemos a villa e praça de Valença.

Deixemos, pois, estes tempos de duvidas e hypotheses, e vamos aos em que ha mais probabilidade de certeza.

O legendario *Viriato Herminio*, vencedor dos romanos em centenares de sanguinolentos combates, surprezas, e batalhas campaes, como vimos na palavra *Póvoa Velha*, fôra assassinado á traição, no anno do mundo 3861 (143 antes de J. C.) mas os lusitanos, apezar da falta de tão bravo chefe, continuaram a bater-se tenazmente contra os romanos.

Pelos annos do mundo 3867 (137 antes de J. C.) era consul das Hespanhas, o patricio romano Decio Junio Bruto, que, do Sul, atravessou com o seu exercito a nossa provincia do Minho, na intenção de fazer a guerra aos *callaicos* (gallegos) mas, como habil general, não quiz deixar na sua rectaguarda um povo belicoso por inimigo; pelo que assentou pazes com os lusitanos, que, no anno seguinte (136 antes de J. C.) — talvez mesmo a pedido do consul — mandaram uma das suas *legiões* tomar conta do velho castello de *Tuy* (o lusitano) reparando-o e guarnecendo-o, ou, segundo outros escriptores, construindo-o de novo; dando assim principio á actual praça, que, como ficava fronteira a uma fortaleza inimiga, tomou o nome de *Contrasta*, como vimos. [1]

A duvida do sr. I. de Vilhena Barbosa, por o Itinerario de Antonino Pio, descrevendo a

---

[1] D. Jeronymo Contador de Argote (*De Antiquitatibus conventos bracaraugustani*,

via militar que de Braga hia a Astorga, não mencionar nenhuma povoação entre Ponte do Lima e Tuy; não colhe.

Nada menos de QUATRO vias militares romanas se dirigiam de Braga a *Asturicam* (Astorga) e, se não nomeiam Valença, é por duas razões — 1.ª, porque ella não tinha então

---

livro 4.º, pag. 178) põe em duvida — ou, mais propriamente, nega — que esta villa fosse fundada por soldados de Viriato; por que, diz elle — «Trez povoações temos em Hespanha, chamadas Valença, que deduzem a sua origem e fundação, dos soldados que militaram com Viriato — a saber — *Valença de Aragão*, cidade mui nobre, que cede a poucas de Hespanha, no esplendor e a nenhuma, na amenidade — *Valença de Alcantara*, assim chamada, em razão de ficar perto da villa de Alcantara — e *Valença*, a que vulgarmente chamamos do Minho, por estar assentada nas margens d'aquelle rio, em um logar alto e fronteiro à cidade de Tuy.

«A prova d'esta origem e fundação, se tira do Epitome de Tito Livio, que a relata por estas palavras — *O consul Junio Bruto, deu em Hespanha, campos e a cidade que se chamou Valença, aos soldados que militaram com Viriato.* — Os nossos escriptores, pois, e hespanhoes, se dividem em diversos pareceres, a respeito de assentarem, que Valença era esta; e cada uma das povoações acima referidas, tem seus patronos, que pretendem ser a de que falla o Epitome de T. Livio; porém, inutilmente se cançam em querer applicar aquellas palavras a Valença do Minho, pois o contrario se convence, da chronologia, etc., etc.»

A pag. 400, do 1.º tomo das suas *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, publicada dous annos antes da obra citada, tinha dito — «*Valencia* era uma cidade de Hespanha, edificada pelos soldados de Viriato, como consta do *Epitome* de Tito Livio, que no livro 55, diz assim — *Junius Brutus Consul in Hispania, iis, qui sub Viriato militaverant, agros, oppidumque dedid, quod Valentia vocatum est.*»

E continúa Argote a negar que esta Valença seja a do Minho.

Morales, diz que Junio Bruto, deu, não aos soldados de Viriato, mas às tropas romanas que pelejaram contra elles, o territorio onde fundaram Valença.

O que é certo, é ser tradição constante, que a nossa Valença do Minho, foi fundada por soldados de Viriato, e que o Argote se engana, attribuindo a estes a fundação de qualquer das Valenças de Hespanha; e em sustentar que ha duvidas entre os escriptores hespanhoes sobre este ponto.

Abrindo o livro intitulado *Poblacion general de España*, pelo chronista Rodrigo Mendes da Silva, e publicado em 1675, vemos a paginas 39, verso, o seguinte:

«*Villa de Valencia de D. João*..... su fundacion es antigua, sin mas memoria que Griegos, y Celtas; poblando esta Region, años ducientos y setenta y seis antes de nuestra salud; podriam cimentarla, chamando-se COYACA, a quien Almançor, Rey de Cordova, destruyó, año 996. Passó varias fortunas, hasta 1170, quando el Rey D. Fernando 2.º, de Leõ, la pobló de nuevo, etc., etc.»

A paginas 142, diz o mesmo chronista:

«*Villa de Valencia — llamada de Miño* — ..... *Fundaronla segun mas cierta opinion, los soldados viejos que militavan en las vanderas de Viriato*, a quien Decio Junio Bruto, Consul Romano, en la ulterior España, año 136, antes de nuestra redempcion, dió este sitio, reconciliandose con ellos, que la mayor gloria es trocar dominio de hazienda, a possession de agenas voluntades. ALGUNOS LO ATRIBUYEN, CON ENGAÑO, A VALENCIA DEL CID, nombrandose en sus principios *Contrasta*. Estando arruinada, la pobló nuevamente, el Rey Don Sancho 1.º, de Portugal, año 1200; aquien su hijo, Don Alonso 2.º, aumentó con grandes fueros, el año de 1217. etc., etc.»

A paginas 159, verso, da mesma obra, se lê:

«*Ciudad de Valencia*..... *Fundóla Romo, Rey de España, años del mundo criado 2641, antes de la humana* Redempcion 1320, dandole su nombre — *Roma* — interpretado del Griego, *Fuerte* y Valiente, en Hebreo, *Lança*; aviendo quien explique, *Teta*, aludiendo a la loba que crió à Romulo y Remo. Despues se apellidó *Epidropolis* (ciudad sobre agua) a causa de 30.000 poços y fuentes nativos contados de Escolano. etc.»

Vemos, pois, que os escriptores hespanhoes todos atttribuem a fundação da nossa Valença do Minho, aos taes soldados de Viriato, e não que elles fundassem nenhuma das duas Valenças de Hespanha. E' pois muito provavel que fossem antigos lusitanos, dos que serviram o grande Viriato, que fundassem esta villa, pelo tempo que fica referido.

esse nome — 2.ª, porque n'aquelle Itinerario, só se mencionam povoações, e Valença, não era então mais do que um castello.

Esta duvida do sr. Vilhena Barbosa, não serve senão de confirmar dous factos que até agora me pareceram mais ou menos duvidosos — 1.º, que a cidade de Tuy, da Galliza, não existia ainda quando se fez aquelle Itinerario, por que — apezar do que diz o sr. Barbosa — não se menciona alli nenhuma povoação com o nome de Tuy — 2.º, porque me induz a acreditar como certo, que a primittiva Valença, foi no logar onde hoje vemos a aldeia de *Tuide*, na freguezia da Gandara, proximo a Valença; porque na 3.ª via militar, de Braga a Astorga, o itinerario é este — *Bracara* (Braga) *Limia* (Ponte do Lima) e TUDE (Tuide.) — Veja-se no 3.º vol., pag. 404.

O *Itinerario* de Antonino Pio (ou attribuido a este imperador, e com certeza feito no seu tempo) é um documento digno de todo o credito, por ser official.

Nem a variante de *Tude* para *Tuide*, é objecto da menor duvida. Todos sabem que os nossos avós (e ainda actualmente quasi todos os habitantes do norte de Portugal) diziam *fruito*, por fructo — *conduito*, por conducto — etc. — Até o nosso L. de Camões, escrevia —

«Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
«De teus annos gozando o doce *fruito*.

Depois de *Tude*, o Itinerario atravessa o rio Minho, e passando por o local do Tuy actual sem o mencionar, *salta* a *Burbida*, povoação que fica alguns kilometros ao N. de Tuy.

Qualquer que fosse a situação da antiga Valença (que eu estou convencido ter sido em Tuide) é provavel que fosse totalmente destruida, sem d'ella ficarem vestigios, ou durante as encarniçadas guerras dos romanos com os carthaginezes; pelas repetidas guerras com os leonezes; ou pelas frequentes invasões dos nórmandos e gascões, terriveis piratas, que durante muitos seculos devastaram as nossas costas e as margens dos nossos rios; principalmente desde o Minho, como temos visto em differentes logares d'esta obra. [1] O que é certo, é que, tanto do tempo dos gôdos, como dos árabes (um espaço de mais de 500 annos) em nenhum livro se faz menção de Contrasta ou Valença.

—

D. Luiz Caetano de Lima (*Geographia historica*, tomo 2.º, pag. 31) depois de ter referido a tradição dos taes *veteranos de Viriato*, diz —

«Outros pretendem, que fosse fundada (Valença) por el-rei D. Sancho I, pois que dando-lhe foral, el-rei D. Affonso II, em agosto de 1217, diz que, já el-rei seu pae lhe tinha passado outra carta semelhante. [2] Porém, o dar-se foral a uma terra, não é argumento infallivel de que não fosse edificada muitos annos antes; assim o podia ser a villa de Valença, e tornal-a el-rei D. Sancho a povoar de novo, pela haverem arruinado os

---

[1] Desde o seculo x, estes piratas, que eram christãos, de nossos inimigos se tornaram nossos alliados, combatendo por nós contra os musulmanos, fundando castellos e povoações (muitas das quaes ainda conservam nomes nórmandos) e, finalmente, adoptando a Lusitania por patria, cá ficaram quasi todos, formando com os lusitanos um só povo. O appellido *Gasco* de que usam algumas familias nobres d'este reino, é uma prova do que acabo de dizer.

[2] Franklin não falla em foral nenhum, dado a esta villa por D. Sancho I.

lionezes. [1] Brévemente se tornou a despovoar a dita villa, ou por causa da guerra, ou por algum outro desastre; de sorte que el-rei D. Affonso III, lhe pôz novos moradores, declarando que já em outro tempo lhe mudára o nome de *Contrasta*, pelo de *Valença*, o qual lhe dão ainda, os povos alli visinhos, chamando-lhe *Valença de Contrasta.» Quando iterum fecimus populari ipsam villam, mutavimus sibi nomen de Contrasta et possuimus sit nomen Valenciam.* (Carta de confirmação de foral, dada por D. Affonso III.)

—

Foi tambem D. Affonso III que, achando a povoação quasi destruida e abandonada, por causa das guerras com os leonezes, a mandou reedificar, em 1262, cercando a de fortes e duplicadas muralhas, que depois, com a invenção da polvora, soffreram varias modificações. (Adiante tratarei d'estas fortificações, no § *Valença militar.*)

—

No antigo regimen, foi esta villa cabêça de uma ouvidoria. Era a mais pequena de toda a provincia, pois comprehendia apenas trez villas—*Caminha, Valença,* e *Valladares* — e dous coutos — *Fiães,* e *Paderne.*

Não sei a razão porque não comprehendia a villa de Villa Nova da Cerveira, que fica entre Caminha e Valença.

Os nossos reis, desde D. Sancho I, até D. João IV, concederam a esta villa muitos privilegios e isenções, com o fim de atrahirem para aqui povoadores; e, com effeito, desde o ultimo quartel do seculo XIII, principiou a ter grande desenvolvimento; e hoje, muito maior teria se não estivesse o povo *encurralado* em um inutil cinto de muralhas, que, em vista do progresso e grande potencia destruidora da moderna artilheria, em poucas horas seria tudo completamente arrazado.

Tambem é, não só vexatorio, mas até ridiculo, que, gozando os portuguezes de uma paz octaviana, ha 35 annos, se prohiba a entrada e sahida franca, a toda a hora do dia e da noite, como se estivessemos em guerra com alguma nação estrangeira.

Antigamente, fechavam-se TODAS as portas exteriores da praça, ao toque de recolher. Depois d'esse toque, só por *graça especial* do governador, e mediante um seu competente *passe,* é que se podia entrar ou sahir. Ha alguns annos, porém, fica aberta a porta da *Coroada,* e um postigo da porta da *Gabiarra,* para a communicação com o chamado caes, na margem do rio.

Em outubro de 1882, mandou o ministro da guerra, que ficasse aberto, de noite, o postigo das *portas do Sol,* por ser caminho mais curto, entre a estação do caminho de ferro, e o centro da villa.

Seria mais judicioso não se fechar porta nenhuma, senão em caso de guerra.

Os hespanhoes, (fallemos francamente) teem, n'este ponto, muito mais juizo do que nós, pois teem vendido, ou applicado a diversos usos, as suas fortalezas da margem direita do Minho, que hoje estão, na maior parte, convertidas em bons predios particulares.

Titulares de Valença

Foi o titulo de marquezado, *com a circumstancia de ser o primeiro de todo o reino,* dado por D. Affonso V, ao 2.º conde d'Ourem, D. Affonso, primogenito do primeiro duque de Bragança, a 11 de outubro de 1451 (6.º vol., pag. 324, col. 2.ª). [1]

---

[1] Antigamente, ao acto de dar foral a qualquer terra, dizia-se sempre *povoar.* Isto tem causado bastantes enganos e confusões em muitos escriptores; assim como as datas dos foraes, que, antes do reinndo de D. João I, quasi todos designam a *era de Cesar,* 38 annos mais antiga do que a de J. C. (Só desde o anno de 1420, é que em todos os documentos publicos se principiou a contar pelo anno do nascimento de J. C.)

[1] O 1.º marquez de Valença, D. Affonso, morreu em vida do duque seu pae, sem tomar estado; mas deixou um filho bastardo, chamado D. Affonso de Portugal, ao qual D. João II obrigou a seguir a vida ecclesiastica (dizem que, para o corrigir *das verduras da mocidade.*) Este D. Affonso foi bispo d'Evora, e teve um filho, tambem bastardo, D. Francisco de Portugal, (cuja mãe foi

Com o tempo, entrou o senhorio d'esta villa, na casa dos marquezes de Villa Real (Noronhas) onde permaneceu até á morte do ultimo marquez, e de seu filho, o duque de Caminha, que, com seus cumplices, foram degolados por traidores á patria, na praça do Rocio, de Lisboa, a 29 de agosto de 1641. (4.º vol. pag. 113 col. 1.ª) Então o senhorio de Valença e todos os mais d'estes traidores e de seus cumplices, passaram para a corôa, e de tudo isto formou D. João IV, a *casa do infantado.*

D. João V, querendo compensar ao 1.º conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, as pretenções que tinha á fazenda real, em razão do Estado de Pernambuco, lhe fez mercê do titulo de marquez de Valença.

Foi 2.º marquez, o filho do 1.º, D. Affonso de Portugal, que morreu na batalha de Alcacer-Kibir, em 1578 — Succedeu-lhe D. José Miguel João de Portugal, conde de Vimioso, escriptor distinctissimo, e 3.º marquez, que morreu sem successão. Esteve este titulo sem ser renovado, mais de 250 annos, até que no reinado de D. João V, foi dado ao 11.º conde de Vimioso, descendente dos antigos marquezes, e é o seguinte —

Philippa de Macedo, filha de João Gonçalves de Macedo e Isabel Gomes Rebello) ao qual, o rei D. Manoel fez conde de Vimioso, em 2 de fevereiro de 1516. — D. João V renovou o titulo de marquez de Valença, na pessoa de D. Francisco de Portugal (outro) 8.º conde de Vimioso, por carta de 10 de março de 1716. O 5.º e ultimo marquez de Valença, e 12.º conde de Vimioso, foi D. José Bernardino de Portugal e Castro.

O 13.º e ultimo conde de Vimioso, foi seu filho, D. Fransisco de Paula de Portugal e Castro, fallecido em 9 de julho de 1864, deixando viuva a condessa de Vimioso, condessa viuva, de Belmonte, dama da rainha D. Maria I, e filha dos 2.ºs marquezes de Bellas.

Sua filha, a sr.ª D. Maria José de Portugal e Castro, casou com o sr. D. Francisco de Souza Coutinho, filho e herdeiro dos condes do Redondo; é a actual representante do 1.º marquez que houve em Portugal, e, portanto, um dos nobilissimos ramos dos duques de Bragança. E' por isso, que esta familia goza as *honras de parente.* (Vide no 8.º vol., pag. 87, col. 2.ª, e *Vimioso.*)

Foi 4.º marquez de Valença, e 11.º conde de Vimioso, D. Affonso Miguel de Portugal e Castro, gentil-homem da Camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Christo, governador e capitão-general da Bahia, deputado á Junta dos Trez Estados, e presidente da Junta do Tabaco. Nasceu a 8 de maio de 1748, e morreu a 22 de dezembro de 1802. Casára, a 20 de junho de 1778, com D. Maria Telles da Silva, dama da ordem de Santa Isabel, 3.ª filha dos 3.ºs marquezes de Alegrête, nascida a 2 de setembro de 1758, e fallecida a 27 de novembro de 1824.

Nasceram d'este matrimonio, cinco filhos, que foram (por ordem das edades) —

1.º — *D. José Bernardino,* seu successor.

2.º — *D. Maria Francisca,* marqueza de Aguiar, por casar com seu tio, D. Fernando José de Portugal, 1.º conde e 2.º marquez d'Aguiar.

3.º — *D. Eugenia Francisca,* fallecida em 1810.

4.º — *D. Maria Luiza,* fallecida a 16 de outubro de 1835.

5.º — *D. Manoel Francisco de Portugal e Castro,* governador e capitão general de Minas-Geraes, e da Ilha da Madeira, e vice-rei da India. Falleceu em 12 de julho de 1854.

D. José Bernardino de Portugal e Castro, 5.º marquez de Valença; 12.º conde de Vimioso; *1.º marquez de Portugal;* [1] par do reino, em 1826; gentil-homem da camara de sua magestade; conselheiro e ministro de estado honorario; grã-cruz da ordem da Conceição; commendador da de Christo; brigadeiro do exercito; ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, em 1826. Nasceu, a 20 de maio de 1780. Casou, a 19 de junho de 1813, com D. Maria José de Noronha, 2.ª filha dos primeiros condes de Peniche, D. Caetano de Noronha, e D. Maria José Juliana Lourenço d'Almeida, dama da ordem de Santa Isabel, ambos já fallecidos.

Por fallecimento do 5.º marquez de Va-

---

[1] Todos os marquezes de Valença se intitulavam *primeiros marquezes de Portugal,* por ser este marquezado o primeiro que se creou n'este reino.

lença, ainda se não renovou este titulo, apezar de ter deixado quatro filhos e duas filhas.

São — por ordem de edades —

1.º — *D. Francisco de Paula de Portugal e Castro*, 13.º conde de Vimioso. Vide esta ultima palavra.

2.º — *D. Maria das Dores*, nascida a 22 de agosto de 1819. Casou a 24 de setembro de 1834, com D. Rodrigo de Menezes (Louzan.)

3.º — *D. Maria do Carmo*, nascida a 28 de abril de 1821. Casou com D. Francisco de Souza (Rio Pardo.)

4.º — *D. Affonso*, nascido a 15 de outubro de 1823.

5.º — *D. Caetano*, nascido a 22 de novembro de 1824.

6.º — *D. Pedro*, nascido a 16 de abril de 1830, e fallecido a 25 de agosto de 1878.

O seu nome era — D. Pedro de Portugal e Castro, e foi bacharel, formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Casou em 27 de setembro de 1853, com D. Maria Carlota de Bragança, 4.ª duqueza de Lafões, 6.ª marqueza de Arronches, 8.ª condessa de Miranda (do Corvo) e 34.ª senhora da casa de Souza, fallecida em 1865.

D'este casamento houve trez filhos e uma filha —

1.º — D. Caetano de Bragança.

2.º — D. José de Bragança.

3.º — D. Segismundo de Bragança.

4.º — D. Anna de Bragança, casada com o sr. conde de Bertiandos.

D. Pedro de Portugal e Castro, era um cavalheiro muito illustrado, affavel, exemplarissimo marido, pae, e cidadão, pelo que foi geralmente amado e respeitado de quantos o conheciam, sendo a sua morte muito sentida por todos elles.

Pertencia ao partido legitimista; mas, sobremaneira tolerante, tratava com egual defferencia os seus conhecidos, qualquer que fosse o partido a que pertencessem.

Valença militar

Como vimos no principio d'este artigo, é praça de guerra de 1.ª classe, e a 3.ª em cathegoria (a 1.ª é *Elvas*; e a 2.ª *Peniche* — e são hoje as unicas que merecem tal designação.)

Eis as fortificações que constituiam a defeza d'esta praça, em 1734. (*Geogr. hist.*, tomo 2.º, pag. 33.)

« Uma *Obra coroada*, no outeiro do Bom Jesus, com trez baluartes, removidos para a campanha, e dous meios baluartes, junto do fosso da praça, tudo de fábrica de pedra e cal, seus cunhaes e cordão de cantaría, estrada de ronda e segundos *rampardos*.

« Defronte da porta que fica a um lado d'esta obra, tem um revelim para sua defensa; e do outro lado, outro revelim, com suas contraguardas.

« O corpo da praça, consta de sete baluartes, de pedra e cal, que átam com a muralha antiga, a que se fizeram algumas cortinas de novo.

« Como estas muralhas fossem muito altas e se profundassem os fossos, se lhe accrescentaram trez baluartes, a cavalleiro, uns dentro dos outros; e dous d'elles, com faces e flancos baixos e altos.

« Em roda, tem trez revelins, dous que cobrem as portas, e flanqueiam os arredores, que são fundos; e o 3.º, que defende a ponte que lhe fica de fóra, e varre uma baixa que se estende até ao rio.

« Em uma cortina grande, tem uma *tenaz* da fábrica de Mr. de Vauban; e em outra, um *barbête* ou *falsa-braga*,[1] com angulo saliente, que cobre o fosso. »

—

Estas fortificações, teem sido augmentadas, com algumas obras novas, e o seu estado actual, é o seguinte. (*Dicc. abrev.*, de J. A. d'Almeida, 3.º vol., pag. 168.)

« *Fortificação permanente, abaluartada*, construida n'uma collina, ou eminencia, na margem esquerda do rio Minho, comprehendendo sete baluartes, conhecidos pelos nomes *da Lápa, da Esperança, do Fáro, de S. Francisco, do Soccôrro, do Carmo*, e *de S. João*.

---

[1] Em termo de fortificação, *barbête* ou *barbêta*, é a plataforma sem espaldar — *Falsa-braga*, é o segundo muro que defende o fosso.

« *Grande Obra exterior.* — Como adiccionamento, tem a praça uma *Grande Obra*, denominada *Corôa*, ou *Coroada*, cujo recinto contém trez baluartes, e dous meios baluartes; estes, teem os nomes *de S. José*, e *de Santo Antonio* = e aquelles, os de *Santa Anna*, *S. Jeronymo* e *Santa Barbara*.

O perimetro total da praça, e da *Coroada*, abrange dés baluartes e dous meios ditos, sendo todos pouco espaçosos, principalmente o do Soccôrro e o da Lápa; resentindo-se de serem os lados do polygono em que a fortificação está inscripta, de pequenas dimensões, estando o seu complemento, entre os limites de 146 metros e 56 centimetros — e 219 metros e 78 centimetros.

« *Relevo* — O relevo, ou altura da praça e da *Coroada*, sobre o plano do fosso, é pouco elevado (está entre os limites de $6^m,16$ — e $14^m,52$) sendo, portanto, susceptivel de escalada e surpresas.

« *Falsas-bragas* — Tanto a praça, como a Coroada, são contornadas, na maior parte do seu recinto, por umas obras que teem a indicada denominação (Falsas-bragas) as quaes consistem n'um segundo recinto, parallelo ao primeiro e a elle inferior. Estas obras são reprovadas por muitos auctores de fortificação, porque, álem d'outros inconvenientes, facilitam a escalada.

« *Fossos* — Todo o perimetro da praça e da Coroada, é cercado de fossos, com profundidade e largura proporcionaes ao relevo.

« *Revelins* ou *Meias-luas* — Todas as sahidas da praça e da Coroada, [1] estão cobertas com revelins, [2] os quaes não preenchem efficazmente o seu fim, por terem dimensões muito restrictas, e pouco flanqueamento.

« Na frente da cortina da Coroada, que liga o baluarte de Santa Anna ao de S. Jeronymo, existe um revelim, com um reducto interior, incompleto.

« *Estrada coberta* — Ha em volta da praça e da coroada, um caminho, ou estrada coberta, com as competentes praças d'armas, salientes e reintrantes, e respectivas esplanadas, mais ou menos razantes e fixantes; havendo nos pontos convenientes, para tornar o seu accesso mais difficil e perigoso, algumas lunetas, com canhoneiras e séteiras.

« *Portas* — Tem a praça quatro sahidas, e a Coroada, uma, que communica com o revelim, tendo este tambem uma porta, cujo egresso é para a campanha. Todas as sahidas tem o nome de portas, denominadas do *Meio* (estas communicam o corpo da praça com a Coroada) *da Villa*, *da Gabiarra*, [1] *do Sol*, e *da Coroada*. As sahidas, que deviam ter o nome de portas, são — o *Sol*, as *do Meio*, e as *da Coroada* — segundo as regras da arte de fortificação, por estar o seu sólo de nivel com o da campanha, que é uma das condições a que devem satisfazer — e as outras sahidas, propriamente fallando — deviam chamar-se *poternas*, ou *portas-falsas*, poisque o seu sólo vae em rampa, ou plano inclinado, terminar no fosso.

« Na frente das chamadas *portas do sol*, ha uma obra, que em fortificação tem o nome de *Cófre*.

« *Pontes* — Nas portas do Meio e nas da Coroada, ha pontes permanentes, ou *dormentes* e levadiças. Estas são de máu systema de construcção, porque é necessario empregar grande força motriz, para se levantarem. Actualmente, com grande difficuldade se levantavam, porque, não só as correntes de ferro, como os eixos sobre que giram estas, e as pontes, estão muito oxidadas, ou ferrugentas, o que tem augmentado consideravelmente o attricto, ou fricção. Este estado é devido á falta d'uso de se levantarem; e tambem, no nosso entender, á sua má construcção.

« *Frente mais fraca da praça* — Entende-

---

[1] Fallando-se tantas vezes n'este artigo em *Coroada*, noto, a quem o não souber, que *Corôa*, em termo de fortificação, consta de um baluarte no centro, e dous meios baluartes nas extremidades.

[2] *Revelim*, é a obra sobre a contraescarpa.

[1] Supponho que *Gabiarra*, é corrupção de *Gabarra*, barco grande, de fundo chato. Esta porta, que está ao norte da praça, é a que dá sahida para o caes e margem esquerda do Minho.

mos (salvo melhor juizo) que a frente ou *tenalha* [1] mais fraca d'esta fortificação, é a da Coroada, comprehendida entre os angulos salientes, ou flanqueados, dos baluartes de Santa Anna e de São Jeronymo.[2]

« *Meios de remediar o fraco da praça* — Julgâmos que seria necessario acabar de construir o revelim e respectivo reducto, a que se deu principio, na frente da cortina da Coroada, que une os ditos baluartes, de Santa Anna e São Jeronymo ; arrazar os comoros da *Costa da Ervilha*, e com a terra d'alli extrahida, formar as esplanadas na frente mais fraca. Porém estes trabalhos conduziriam a avultadas despezas. Lembrâmos pois, que se guarnêça o parapeito da estrada coberta, da apontada tenalha mais fraca, com uma bôa palliçada, ou estacada, sendo as estacas collocadas de modo que por entre ellas se possa fazer fogo de fuzil. »

Deixo de transcrever mais alguns periodos, por os achar pouco importantes e maçadores, e só copio o seguinte —

« *Agua* — Todas as fontes que a fornecem á guarnição e aos habitantes da praça, estão situadas álem das esplanadas (salvo erro, são cinco) á excepção de uma que ha no fosso de uma das frentes, ou tenalhas da fortificação; frente comprehendida entre os angulos flanqueados dos baluartes de S. João e da Lápa. Em um logar central da praça, junto ao armazem do trem, existe um poço de cantaria, de bella construcção, com a profundidade de mais de 18 metros, e bocal proporcional, sendo abundante d'agua potavel, em caso de necessidade. O referido pôço, esteve por muito tempo obstruido, mas actualmente acha-se limpo ; limpeza que se levou a effeito com pouco dispendio, e foi-lhe adaptada para extracção de agua, uma bomba hydraulica, para a compra da qual, concorreram — a instancias de alguem — a camara municipal e a irmandade da Misericordia, no que, no nosso entender, fizeram um bom serviço. »

—

Ha na praça alguns quarteis militares, que apenas poderão alojar uma guarnição de 1:200 praças, o maximo, e todos em más condições de commodidade e salubridade. As latrinas militares, além de estarem pessimamente situadas, não teem portas, algumas d'ellas, e estão no mais lamentavel estado de sordidez, exhalando um cheiro pestifero.

Tambem está mal situado o hospital militar, e apenas poderá receber de 30 a 40 doentes.

Ha o edificio que foi pádaria militar, quasi todo desmantelado.

Diversos armazens ou arrecadações de material de guerra, onde se guardam os *reparos* das peças, que *quasi todas estão desmanteladas, e estendidas no chão !*

O paiol da polvora, denominado *geral*, é abobadado, não se podendo asseverar que seja á prova de bomba. Está tambem pessimamente localisado, na góla do baluarte de S. Jeronymo, que faz parte da frente mais fraca, e, provavelmente, o primeiro que seria atacado, em caso de assedio. Tem pára-raios ; mas se, por qualquer descuido ou fatalidade, houvesse explosão, estando, como está, proximo a um dos quarteis e a muitos edificios particulares, os seus effeitos seriam horrivelmente desastrosos ; de maneira que o povo vive em continuo sebresalto. Ainda em 15 de junho de 1878, cahiu um raio bem proximo d'este paiol, e foi indizivel o terror que causou a todos os habitantes da praça. Tem-se por muitas vezes sollicitado um outro paiol fóra da praça, ficando n'este, apenas a polvora indispensavel para as salvas; mas os ministros da guerra dos varios corrilhos, teem desattendido tão urgentes recla-

---

[1] Em termo de fortificação, *tenalha*, é uma obra semelhante á *Córnea* — e *tenalhão*, ou *lunêta*, é a obra em testa das faces da *meia-lua*.

[2] E' não só prohibido, mas até considerado *crime d'alta traição*, publicar a parte fraca de uma praça de guerra; porque póde facilitar o assalto ao inimigo J. A. de Almeida, não devia divulgar semelhante cousa : eu porém, não commetto crime, visto já estar o tal *fraco* publicado ha 16 annos, em um livro que tanto podem ler os nacionaes traidores, como os estrangeiros inimigos — já não é segredo para ninguem.

mações, preferindo gastar centenas de contos em paradas e outras futilidades.

Em frente da góla do baluarte de S. João, ha um outro paiol, tambem cercado de casas particulares.

Ha ainda mais alguns paióes chamados *provisorios*, mas o unico de serviço, é o que está na góla do baluarte de Santa Anna. Os dos baluartes da Esperança, do Soccôrro, e de S. João, e os construidos sob os terraplenos dos revelins, estão arruinados.

Ruinas — A acção destruidora do tempo, e o desleixo d'aquelles a quem compete a conservação e reparos das nossas praças de guerra, junto com a vegetação das parietarias, desenvolvida pelas muralhas de revestimento, hão-de, mais dia, menos dia, reduzir tudo isto a um montão de entulho. As canhoneiras, estão quasi todas em pessimo estado : os parapeitos, banquêtas e plataformas, acham-se em más condições ; nas esplanadas, ha caminhos, chamados de *pé pôsto*, que se consentiram, sem ser pelos logares ordinarios ; o que muito tem concorrido para a destruição das esplanadas e dos parapeitos da estrada coberta.

« *Prisões* — Existem trez, debaixo dos terraplenos das cortinas, das portas do Meio, do Sol, e da Coroada, prisões que mais parecem jaulas de féras, do que casas destinadas para reclusão de homens, pela sua hediondez, falta d'ar, e este mephitico. »

« *Artilhamento* — O que ora existe, é deficiente e irregular : já se fez sentir a quem competia. » [1]

« *Guarnição actual* (1866) — Compõe-se do batalhão de caçadores n.º 7, quasi sempre com diminuta força ; [1] de um destacamento de artilheria, de *dezeseis homens* ; de uma companhia de veteranos ; e de 5 ou 6 soldados do batalhão de sapadores. A enumerada guarnição, *não chega, para, ao menos, haver uma sentinella em cada baluarte*, para lhe conservar a policia e limpeza ! (Alguns baluartes, principalmente o da Lapa, estão tão immundos e ascorosos, que causam nauseas a quem por alli transita ! »)

J. A. d'Almeida, não exagera, antes diminue, as irregularidades, decadencia e immundicie d'esta praça. Vi e examinei tudo, no mesmo anno em que elle publicou o seu diccionario, e confesso que aquillo causa não só desanimo, mas até nôjo !

Que differença entre esta praça e a de Peniche ! — Não sei de quem é a culpa de tal abandono ; mas, o que é verdade incontestavel, é que, tanto o castello, ou cidadella, de Peniche, como o seu forte de Cabanas, e o cinto de baluartes que defendem a praça do lado do isthmo, (E.) estão no mais bello estado de conservação e limpesa, sem que nas suas muralhas se veja a mais insignificante parietaria. O seu paiol principal, posto estar dentro da praça, é n'um sitio completamente isolado ; de maneira que, ainda que uma explosão o faça hir pelos ares,

---

[1] As boccas de fogo, são — peças de bronze, de calibre 3, a 30, 33 — de ferro, de differentes calibres, 38 — obuzes de 7 polegadas, 10 — um pedreiro de 9 polegadas — morteiros de 9 a 12 polegadas, 8 — arcabuzes de muralha, 5 — total, 95 ; a maior parte inuteis ! . . . . . Menos 49 do que Peniche, que tem 144, quasi todas em bom estado, menos as de ferro, que, pela maior parte, não servem senão para derreter.

Em julho de 1875, chegaram á praça de Valença — uma bateria completa de *peças estriadas*, de montanha, de 8 centimetros, com os competentes arreios — e uma divisão de peças de campanha, do mesmo calibre e systema.

Póde dizer-se que é a unica artilheria em estado de prestar bons serviços, em caso de necessidade.

[1] Eu estive em Valença, n'aquelle anno de 1866, e vi formado o batalhão. Tive a curiosidade de lhe contar as praças — eram ao todo — 70 ! Disseram-me que ás vezes nem tantas tinha.

nada teem a temer, nem a guarnição, nem os habitantes da villa.

Estado-maior da praça — Um *governador* (que é sempre um general de brigada) — um *ajudante de campo* — um *tenente-rei* (com o pôsto de coronel) um *major da praça* — um *ajudante da praça* — um *commandante do presidio e da companhia de veteranos* (tenente) — um *inspector do material de artilheria* (capitão) — um *almoxarife* (2.º tenente) — o *engenheiro da 4ª divisão militar*, que reside na praça (capitão) — um *cazerneiro* (2.º tenente, *sem accesso.*) — Todos estes individuos, vencem annualmente, nada menos de 6:466$300 réis! = Isto, sem contar o soldo e o pret da guarnição. Vê-se que o Estado, gasta em cada anno com esta praça, mais do que ella vale.

Em Portugal, os *estados-maiores*, em toda a qualidade de estabelecimentos e repartições publicas, deitam tudo a perder!... Podiamos exportar estados-maiores, para todos os reinos da Europa, e ainda cá ficavam estados-maiores para dar e vender.

Mosteiros

1.º — *Frades de São João de Deus* — (hospitaleiros) — Occupava toda a área da actual *hospedaria militar*, e casas do Ferreira, formando um espaçoso claustro quadrado. Este edificio, não era sómente occupado pelos frades; estava tambem alli o hospital militar, e uma capella. Estes frades, não podiam ser senão filhos de familias nobres, e não eram obrigados a ordenar-se. Tinham prior e capellão; e o seu dever consistia unicamente em serem os enfermeiros do hospital.

Este edificio, foi destruido por uma explosão do paiol da polvora, pelas tropas francezas de Soult, em abril de 1809. Os frades, passaram os doentes para o edificio onde hoje está o hospital militar; mas, pouco tempo se demoraram alli os frades, em razão da reforma do seu instituto. Entre este mosteiro e a muralha, havia a *Fonte das Barracas*. Esta fonte, foi depois mudada para fóra das muralhas, e lá existe.

2.º — *Freiras de Santa Clara* (franciscanas) — fundado por Fernão Caramena e sua filha, D. Leonor Caramena, que foi abbadessa perpétua d'este mosteiro. Era tão rico, que chegou a ter 70 freiras. Estas foram transferidas (bem como as de Monsão) para Braga, estando primeiramente no collegio de São Paulo, que tinha sido dos jesuitas; e mais tarde, se reuniram ás freiras dos Remedios, da mesma cidade.

Estas freiras, sahiram de Valença, a 16 de julho de 1769.

O templo d'este mosteiro, era de magestosa architectura, como attestavam as suas reliquias. As paredes, eram cobertas de azulejos, onde se viam representadas varias passagens da vida de Jesus Christo, e de S. Francisco. A tribuna, os altares lateraes, e os dous pulpitos, cuja primorosa talha ainda promove a admiração dos visitantes da egreja do supprimido mosteiro de Mosteiró, em Cerdal, lá estão ao desamparo, servindo de residencia de corujas e morcégos. O orgam, depois da suppressão das ordens religiosas, foi tirado do seu logar, e depositado em casa de um lavrador da freguezia do Cerdal, e depois, vendido pelo governo, por menos do que havia custado qualquer dos seus registos!

A egreja e edificio do mosteiro das freiras teem soffrido varias transformações. Parte do mosteiro, serviu de quartel militar; e parte foi destinado para trens de praça; e parte, para hospital militar. O regimento de artilheria de Valença (depois n.º 4) tomou conta da egreja, e a conservou com o maximo aceio, em quanto aqui esteve; fazendo n'ella sumptuosas festas a Santa Barbara, patrona dos artilheiros. Depois, foi desaderessada e abandonada, a tal ponto, que apenas servia para n'ella se guardarem utencilios militares de somenos valia. Seu grande zimborio, cahiu; o tecto desabou; as paredes, racharam, e tudo ficou em ruinas. Quasi a mesma sorte teve a parte que servira de quartel.

Por baixo da rua da Trindade, em frente do cunhal da parede do sul, do hospital da

Caridade,, foi em 1865; por occasião do empedramento da rua, entulhada uma abobada que dava passagem ás freiras, para a outra parte do seu mosteiro, onde tinham a horta, hoje occupada pelo assento militar e secretaria do engenheiro. No actual logar do assento, estava o celleiro das freiras, dormitorios, claustro, cosinha, etc., comprehendendo o sólo onde hoje está parte da egreja de Santo Estevam, hospital militar, trem, terreiro junto (agora transformado em jardim) e a parte do hospital da Caridade, onde está a cosinha, galeria, etc.

Hospital da Caridade

Em 1825, sendo provedor da Misericordia, Francisco Xavier Calheiros, brigadeiro e governador d'esta praça, alcançou de D. João VI, a concessão do terreno e paredes da egreja e edificio junto, que fôra das freiras, e do qual logo tomaram posse os mesarios. Em seguida, o provedor Joaquim de Barros, conego da collegiada d'esta villa, offereceu, em 1826, a quantia de 150 mil réis, para se dar principio ás obras do novo hospital. Não podendo, porém, levar-se a effeito a obra, porque de novo se achava aquelle edificio occupado militarmente, foi necessario obter, com bastante difficuldade, nova concessão regia, que foi passada em 1835. Sendo provedor (1836) o doutor Matheus José de Almeida, escreveu ao seu patricio e amigo, Joaquim Antonio Ferreira, barão de Guaratiba, residente no Rio de Janeiro, pedindo-lhe uma esmola para as obras do hospital. Em razão d'este pedido, a 6 de agosto de 1838, recebeu a Misericordia, 1:600$000 réis, que o barão offereceu para esta fundação. N'este mesmo mez se deu principio ás obras.

Em 18 de junho de 1840, chegou a segunda esmola do dito barão, que foram 400$000 réis.

Em 1837, já o Reverendo Antonio José Pires Rio, vigario da freguezia de villa Mean, no concelho de Villa Nova da Cerveira, tinha dado ao hospital, um praso, que rende annualmente 50 alqueires de milho grôsso; e em dinheiro, 40$995 réis.

Em 1840, já se achava transformado em hospital o antigo quartel, contendo duas enfermarias — no andar superior, a dos homens — no inferior, a das mulheres — e nos baixos, ficou sendo deposito de lenhas, palhas e outros objectos.

A egreja, ficou no mesmo lamentavel estado, por não haver meios para a sua restauração, que era dispendiosissima.

As rendas, apenas chegavam para a sustentação de 4 doentes; e ainda assim, era necessario recorrer á caridade publica.

Os habitantes da villa e arredores, concorreram para estas obras, não só com dinheiro, mas tambem com roupas, madeiras e outros generos.

Os primeiros dous doentes, entraram no hospital, no dia 26 de dezembro de 1840.

Ainda, pela terceira vez, o caritativo barão de Guaratiba, mandou para este hospital, a avultada esmola de dous contos de réis; mesmo sem lhe ser sollicitada.

Seu sobrinho, tambem chamado Joaquim Antonio Ferreira, tem, por varias vezes, dado avultadas esmolas para este estabelecimento. Póde pois dizer-se, que a estes dous cavalheiros deve o hospital da Caridade, de Valença, a sua fundação e engrandecimento. Hoje (1882) o fundo do hospital, monta á importantissima quantia de réis 93:539$775; e o seu movimento, é de 300 a 340 doentes por anno. A sua receita é de 5:500$000 réis, e a despeza, 4:575$660 réis

Em vista do estado prospero do hospital, ampliou-se este em 1856, comprehendendo então o chão da egreja, aproveitando os seus materiaes, e se construiram novas enfermarias. Em 1866, se concluiram todas as obras menos a capella. É um estabelecimento administrado com o maximo zêlo, consciencia e desinteresse.

Apezar de alguns erros que se notam na construcção e divisão d'este edificio, referentes ao fim a que é applicado, os doentes são aqui tratados com a maior sollicitude e carinho.

Paços do concelho

Antigamente eram na sala, junto á cadeia civil; e a sua secretaria, na outra sala con-

tigua, e cujo pavimento se firmava na arcaria que ainda existe, e que volta para o norte, mudou-se para onde agora está, em 19 de janeiro de 1835. Este edificio pertenceu ao arcebispo de Braga, e era a residencia do vigario-geral da comarca ecclesiastica de Valença.

A parte onde hoje se fazem as audiencias do juiz de direito, era a prisão dos ecclesiasticos, onde havia um altar, em que celebravam missa os sacerdotes não suspensos.

A sala em que hoje a camara faz as suas sessões, era onde o vigario-geral dava audiencia. O que medeia entre estas duas salas, era a habitação do dito vigario-geral. O andar superior, foi acrescimo que se fez depois, para servir de secretaria da administração do concelho — e a sala contigua, para testemunhas, e deliberações do jury, nas audiencias geraes. Todas estas divisões são acanhadissimas, para o fim a que foram destinadas, e tanto que ha annos, foi precizo alugar a casa que está defronte da cadeia civil, e para alli se mudou a administração, recebedoria, e secretaria da fazenda. [1]

Entre as casas de Antonio José Fragoso e as das senhoras Almeidas, havia um pardieiro, onde, em tempos remotos, se faziam as sessões da camara. O amplo portal, que ainda ha uns 20 annos alli se via, indicava ter pertencido a uma casa nobre.

Debaixo da arcada dos antigos paços do concelho, está uma lapide, encontrada pelo fallecido doutor, Matheus José de Almeida, nos alicerces da capella-mór, da antiga egreja de Cristéllo Côvo, que se demoliu para a construcção de obras de defeza, e foi aqui collocada pelo mesmo doutor, que lia assim a inscripção da tal lapide:

DIS MANIBUS ALLUQUIO ANDERG
DEJURAE AR QUI F. C. V. VI. E.
VII. ICC. VI. VIC. P. F. FAC. C.

Semelhante inscripção — ao menos para mim — é inintelligivel.

Ahi proximo, junto ao cruseiro, chamado *da Praça*, está um marco milliario, servindo de pelourinho, e tem esta inscripção:

TI. CLAUDIUS CAESAR AUG. GERMA.
NICUS PONTIFEX MAX. IMP. V. COR.
III. TRIB. POTEST. III. P. P. BRACA XLII.

(Tiberio Claudio, cesar augusto, germanico, pontifice maximo, 5 vezes imperador, tres vezes consul, tres vezes tribuno, pae da patria. D'aqui a Braga, 42 mil passos.)

Este marco foi achado no logar das *Lojas*, extramuros da villa: e é uma prova de que passava aqui a 3.ª via militar dos romanos, de Braga para Astorga, como vimos quando fallei do *Itinerario* do imperador Antonino Pio; e tambem prova que a *Tude* d'aquelle Itinerario, era a velha Valença e não a actual Tuy. Dá tambem visos de verdade, à tradição que diz ser a antiga Valença no local onde hoje vemos o logar das *Lojas*.

O tal *Cruseiro da Praça*, esteve antigamente na rua de S. João, no sitio onde se vêem as casas que foram do fallecido José Antonio da Silva Veiga, e antes d'este, pertenceram a um negociante, de alcunha *o Cifra*. Este foi que as mandou construir, e por essa occasião, obteve licença para mudar o cruseiro para o sitio actual.

Praça da hortaliça

Foi concluida já n'este anno de 1882. É coberta de zinco, assente em varões de ferro, collocados sobre columnatas de granito, que sustentam a grade que a cérca e fecha. Até agora, estavam os generos em barracas de páu, immundas e escalavradas. Por falta de logar, porém, em razão da villa estar cercada por um cinto de velhas muralhas, o local d'esta praça, é acanhado e em má situação.

---

[1] Ha ideia de construir-se um amplo edificio, para tribunal das audiencias; cadeia; casa para as sessões da camara municipal e suas dependencias; administração do concelho; e repartição de fazenda. — Por falta de meios, não se tem podido até agora levar a effeito esta ideia.

Cemiterio publico

Foi escolhido o logar, e cercado de sébe, em 1849, e benzido em janeiro de 1850; depois, entregue á junta de parochia.

Foi o primeiro que se construiu no districto administrativo de Vianna do Castello.

Hoje está cercado de muros, com portão de ferro; e n'elle se vêem já, alguns jazigos de bôa cantaria, estatuas de marmore, e algumas capellas particulares, de bonita construcção.

Ha uma circumstancia curiosa — a primeira pessôa que se enterrou n'este cemiterio, foi uma galléga — e no da cidade de Tuy, o primeiro sepultado, foi um portuguez.

Jardim publico

Foi principiado em 1871. É situado extramuros da praça, no crusamento das estradas de Monsão e Vianna, que conduzem a Valença. Ainda apenas está cercado de grades de madeira, mas os seus melhoramentos vão progredindo. Ainda ha poucos mezes se collocaram n'elle portões de ferro, e se restaurou o corêto, que ficou elegante. (Note-se que eu estou escrevendo este artigo, em 1882.)

Assembléa valenciana

Foi fundada, em 20 de março de 1851. Tem gabinete de leitura, bilhar, sala de jôgo de vasa, e outras para bailes. No 1.º de janeiro d'este anno, contava 77 socios.

Os seus fundos, são diminutos, todavia, devido á bôa vontade das ultimas direcções, possue a mobilia precisa, e indispensaveis utensilios, para proporcionar aos socios e suas familias, noites de agradaveis reuniões.

Associação artistica valenciana

Foi fundada em 26 de maio de 1864, e tem por fim, prestar – dentro dos limites dos seus haveres — meios de sustentação, aos socios impossibilitados de trabalharem por edade avançada, molestia, ou desastre; e ministrar soccorros aos doentes.

Presentemente, soccorre os socios, com 120 réis diarios, no caso de doença; e 60 réis, no caso de impossibilidade permanente de trabalhar. Não póde fazer mais, porque os seus recursos são, por emquanto, muito limitados.

As ultimas direcções, muito teem concorrido para a sua prosperidade; e a conclusão do theatro, hoje transformado em abundante fonte de receita, bem como a creação da *caixa economica*, e outras receitas creadas pela actual direcção, dentro em pouco, facultará os meios indispensaveis, para alargar a orbita dos soccorros aos seus associados.

Alguns apontamentos dignos de nota, pertencentes a esta praça

Cêrco de 1847.

O general de brigada, José Victorino Damazio (nascido em 1807, e fallecido em Lisboa, a 18 de outubro de 1875) era republicano. Em abril de 1847, foi mandado pela Junta do Porto, tomar a praça de Valença, occupada por tropas cabralinas. Marchou com a sua columna na direcção ordenada, e pôz cêrco á praça, construindo á pressa, algumas trincheiras em volta das muralhas. A guarnição, desprevenida, estava falta de mantimentos, e em diminuta força, pelo que estava a ponto de se render aos populares.

Já o governo cabralino tinha implorado a protecção da *quadrupla alliança*, pelo que as duas brigadas castelhanas, commandadas por Lersundi e Fuente Pitta, e pertencentes á divisão do general Concha, atravessaram o rio Minho, e vieram em soccorro de Valença. Os sitiados, quizeram ajudar os hespanhoes, no levantamento do cêrco, offerecendo a sua artilheria para a destruição dos *patuleias;* mas os dous chefes castelhanos, com verdadeiro *rompante hespanhol*, despresaram tal offerecimento, entendendo que, para derrotar *um punhado de paizanos*, bastava a sua presença.

Sahiram pois da praça todos orgulhosos, levando os soldados as armas em *mão di-*

reita, e com a semceremonia de quem fazia um passeio militar, e assim foram direitos aos populares.

J. V. Damazio, deixou-os chegar a tiro de pistola, e só então, deu a voz de *fogo!* Ao estrondo de tão rude como inesperado ataque, os castelhanos *rasgaram* a fugir para dentro das muralhas, deixando no campo bastantes mortos e feridos.

Então a artilheria da praça, destruiu os fracos intrincheiramentos dos sitiantes, que se viram obrigados a retirar.

Este combate, teve logar no dia de *Corpus Christe*, a 3 de junho de 1847. O cêrco tinha principiado no 1.º de maio. Os corpos hespanhoes que soffreram maiores perdas, foram os regimentos de *Bourbon* e *America*.

Esta praça tinha sido occupada por forças cabralistas da marinha, em 3 de dezembro de 1846. Esta gente, pertencia aos navios do cruzeiro do Porto, e era commandada pelo capitão de fragata Francisco Soares Franco (feito visconde de Soares Franco em 20 de outubro de 1862) e tinha retirado para Vigo, por temor da esquadra da Junta — que ainda então não tinha sido tomada á traição, pelas esquadras estrangeiras combinadas.

Era governador da praça, o brigadeiro José Maria de Souza, cabralista, que cedeu o governo d'ella a Soares Franco.

Tambem estavam n'esta praça, o conselheiro Reis, com poderes *discripcionarios* do governo cabralino — José da Silva Mendes Leal, hoje embaixador em Paris — alguns empregados publicos e paizanos, que formaram uma companhia de voluntarios (que pouco mais fizeram do que barulho, vexames e despezas.)

Inauguração dos trabalhos do caminho de ferro de Valença

Teve logar esta *ceremonia*, no dia 12 de agosto de 1875. Foi um dia de festa, e parece até que a natureza vestia as mais esplendidas galas para saudar este grande commettimento do progresso. De manhã nada houve de notavel; apenas o sr. Cardoso Avelino visitou os quarteis e o hospital, sendo acompanhado por diversos cavalheiros.

Á tarde, pelas 4 horas, sahiu o sr. Cardoso Avelino acompanhado do que havia de mais grado n'esta terra em direcção ao sitio de Val de Flores, onde se elevava um elegante pavilhão, que guardava os objectos proprios para o acto a que se ia proceder. As ruas do transito achavam-se por esta occasião embandeiradas, e das janellas pendiam cobertores de damasco.

Proximo do local indicado, quando o ministro passava por umas propriedades do distincto agricultor o sr. Ascencio José dos Santos, os jornaleiros d'este senhor, que se encontravam infileirados junto a cestos, que continham productos agricolas, como para significar que aquella festa era do trabalho, ergueram vivas ao ministro, e uma jornaleira foi offerecer-lhe um ramo de flores campestres, que sua ex.ª agradeceu e acceitou. Entrou depois o ministro no pavilhão, no qual se demorou alguns minutos, sendo aqui recebido pelo illustre presidente do municipio, após o que partiu com o sequito até ao local denominado Souto de Magros, onde se verificou a ceremonia. Terminada esta, abraçou elle o presidente da camara, o ex.mo sr. Gaspar Leite Ribeiro, e o vereador Domingos Pereira do Valle, dizendo-lhes n'esta occasião: «Está inaugurada a 5.ª secção do vosso caminho de ferro.»

Depois seguiram até além um pouco da egreja de Christello Côvo, onde terminava a terraplenagem, e ahi sua ex.ª recommendou actividade ao empresario hespanhol, licitante d'este ramo, e disse aos operarios «que trabalhassem, pois trabalhavam para gloria do seu paiz». Voltou em seguida o cortejo para o pavilhão, e ahi o escrivão da camara procedeu á leitura da acta, relativa ao acontecimento, que estava escripta n'um livro ricamente encadernado de veludo carmezim, onde assignaram o ministro, o governador civil, o presidente da camara, vereadores, auctoridades e demais convidados.

Inauguração do lanço da via ferrea, comprehendido entre Segadães (Cristêllo-Côvo) e a praça de Valença.

Em um domingo, 6 de agosto de 1882, foi

aberta á exploração a estação de Valença, no caminho de ferro do Minho.

O comboyo especial, a que chamam tambem explorador, sahiu do Porto ás 8 horas e 20 da manhã, e n'elle seguiram os engenheiros chefes de exploração e do movimento e varios outros engenheiros, sendo todos esperados em S. Pedro da Torre pelas auctoridades civis e militares, diversas pessoas de distincção, muito povo e a banda de caçadores 7.

D'alli partiram todos para Valença, cuja estação estava garridamente embandeirada, subindo ao ar por essa occasião grande quantidade de foguetes.

Antiguidades

Quando no fim do anno de 1878, se faziam umas escavações, para a construcção dos alicerces das novas casas no bairro de São Felix, se encontrou restos de uma antiquissima muralha, provavelmente obra romana, pois se acharam aqui duas medalhas de bronze, com a effigie de imperadores romanos. Uma d'ellas, representa no reverso uma figura de pé, talvez a Victoria; e na outra lê-se claramente—*septimus*—

Padaria militar

Era na travessa da Freitoria, e foi supprimida em novembro de 1878, transferindo-se para Vianna.

Fabricava bom pão, de trigo e milho, na importancia de 500 a 600$000 réis mensaes, que, mais ou menos, se espalhavam por este concelho, na compra de cereaes e lenha, o que foi um sensivel prejuizo para os povos.

Escola municipal de instrucção secundaria

Fo inaugurado este estabelecimento de civilisação, no dia dés de outubro de 1881, devido aos esforços colligados, da Mêsa da Santa Casa da Misericordia, e da camara municipal d'esta villa.

São nove as disciplinas que se ensinam n'este estabelecimento de educação, e oito os mestres com que se abriu a escola.

Vem a ser —

Disciplinas	Horas	Professores	Mensalidades
Portuguez.....	8—9 ½	Manoel Vieira da Cunha.	Gratis
Francez.....	1—2 ½	A. Augusto Soares.....	»
Desenho.....	3—4 »	José Antonio d'Abreu...	»
Arithmetica ...		Francisco Antonio Vaz..	1$200
Latim.....	10-11 »	Francisco X. Pereira de Magalhães.....	1$500
Geographia....	11-11 »	Albino José Rodrigues..	»
Introducção...	11 ½ 1	Dr. Augusto Domingues d'Araujo.....	»
Philosophia ...	1-2 ½	Manoel Vieira da Cunha.	»
Mathematica..	8-9 »	Albino José Rodrigues..	»

O desenho é ás terças e sextas—e mathematica, segundas quartas e sabbados.

Todas as mais aulas são diarias, excepto ás quintas feiras, que são sempre feriadas.

N.B. Quem frequentar trez disciplinas, terá abatimento de ¼ das mensalidades.

Porém introducção, philosophia e mathematica (5.º e 6.º anno) serão pagos separadamente e sem abatimento algum.

As mensalidades são pagas adiantadas.

Jacobinos

No dia 10 de abril de 1809, entrou n'esta praça uma columna de tropas francezas, da divisão de Soult. Apezar de se demorarem só até ao dia 17, deixaram uma triste memoria da sua passagem.

Por meio de uma explosão de polvora, arrazaram a abobada das portas do Sol, obra magestosa, e a mais nobre entrada d'esta praça.

A grande e ampla abobada do centro, estava ao nivel da rua de S. João, e d'alli, hia em linha recta, dar por cima do parapeito da estrada coberta que lhe ficava em frente, e voltava para o sul.

A abobada, tinha aos lados, abobadas, como hoje, porém maiores, e serviam para guarda de presos. De ordinario, uma estava sempre vazia, e quando aqui vinha alguma companhia de saltimbancos, era n'ella que construia o seu theatro. Serviu tambem muitos annos, para escola régia, de primeiras lettras.

Foram mandados para esta praça, em 1810, os engenheiros Maximiano e Azevedo, para se reedificarem estas portas e aperfeiçoar as rampas em volta. Foi por esta occasião que estes engenheiros mandaram arrazar os predios que havia dentro dos limites da explanada.

A explosão das portas do Sol, fez desmoronar muitas casas proximas, entrando n'este numero o mosteiro de S. João de Deus, como vimos em outro togar.

Hospital militar antigo

Nas casas da rua Direita, que são hoje dos herdeiros de Alexandre Pinto de Souza, consta ter sido ahi o antigo hospital militar d'esta praça.

Outro hospital antigo

As casas pequenas, contiguas á Misericordia, e que fazem parte do prazo da casa do Pôço, occupadas actualmente pelo sr. Manoel Leite Ribeiro e Silva, eram um hospital onde o administrador da tal casa do Poço, tinha obrigação de sustentar sete camas para doentes pobres.

Quinta das Carlas

Consta de documentos antiquissimos, pertencentes á casa de Santa Luzia, arrabaldes d'esta praça, que o terreno onde a primittiva Valença se fundou (das portas do Meio até a Gabiarra) era uma propriedade d'aquella casa, chamada *Quinta das Carlas.*

Antigo caes

Dizem alguns mergulhadores, que proximo ao *Caes* chamado do *Vapôr,* lá muito no fundo, ha evidentes indicios de um antiquissimo caes; existindo ainda, argolas chumbadas em pedras; escadas ainda perfeitas; uma cruz já quebrada, e outros signaes que provam que, em outras eras, a margem do rio era mais ampla do que a actual.

Outras antiguidades

Diz a tradição, que ao subir os alicerces junto ás casas do governador, appareceram duas cobras enroscadas, e o povo, em memoria d'este facto as gravou em uma pedra, collocando esta na parede do mesmo armazem.

A pedra, lá está na parede do nascente, mas não tem analogia com o facto, o que é certissimo, é denotar grande antiguidade, em vista do seu genero de esculptura, que parece obra romana.

Pela parte de cima d'esta pedra, se vê outra onde está gravado um Crucifixo, e no quadro em volta, esta inscripção —

O MUI NOBRE REI DOM JOHAM,
MANDOU FAZER ESTA OBRA. E.
CCCCXXX

Vê-se que este edificio foi mandado fazer por D. João I, em 1430.

A era de 1658, que se vê na verga da porta de baixo, talvez se refira á abertura da mesma porta, ou a alguma reconstrucção.

—

Na abobada das portas da Gabiarra, á esquerda de quem sáe, junto ao cunhal do oculo, está uma pequena porta, hoje tapada de pedra e cal. Esta porta dá para uma extensa escada de pedra lavrada, que alguns ousados teem querido descer, mas retrocedem por causa da falta de ar respiravel: Diz-se que estas escadas vão dar a uma estrada subterranea que segue até fóra das muralhas.

Querem outros, que estas escadas davam serviço para uma cisterna, onde estava, em um nicho, o santo que se vê hoje debaixo da arcada da antiga *Principal.*

—

Nas primeiras portas da Coroada, ao sahir da praça, se vê por baixo das armas de Portugal, esta inscripção —

PELOS ANNOS DE XPO DE MDCC.
IMPERANDO NA MONARCHIA
LUSITANA, D. PEDRO II, NOSSO
SENHOR, E SENDO REGENTE DAS
ARMAS DESTA PROVINCIA
D. JOÃO DE SOUZA, FOI ESTA
OBRA ERECTA.

Numeração das portas da villa

Em janeiro de 1866, concluio-se a numeração das portas *(janellas (!)* e *postigos (!!!)* —das casas d'esta villa.

Tambem então se concluiram os letreiros indicativos das ruas, dando a algumas nomes modernos. Conservou-se a antiga denominação ás ruas de — *Parada velha* — *Trindade* — *São João* — *Castello* — *Oliveira* — e *Direita.*

Mudou-se o nome ás seguintes — *Terreiro das Freiras,* que se mudou para *Visconde de Guaratiba* — *Rua das Freiras,* hoje *de São Francisco* — *do Engenho,* hoje *da Collegiada* —*do Meio* hoje *do Hospital* — *Travessa da Praça,* hoje rua *de Santo Estevam* — *Largo do Corpo da Guarda,* hoje *de D. Pedro V* — *Rua das Velhas,* hoje *de S. Christovam*—*Eirado da Feira,* hoje *Largo do Eirado*—*Campo da Parada,* hoje *Campo de Marte* — *Rua de Cima,* hoje *da Coroada* — *Rua do Bom Jesus,* hoje *do Calvario*—

—

Na fachada do E., das casas do governador, ha no andar debaixo uma porta, em cuja verga se lê —

AULA REAL DE ARTILHERIA.
1785.

Eis a explicação d'este letreiro —

Foi governador d'esta praça, um allemão, chamado *João Victoria Miron de Sabione,* que estava ao serviço de Portugal. Foi elle que cuidou mais seriamente no artilhamento de Valença. Estabeleceu uma escola de de mathemathica, na sala, para a qual dava entrada a tal porta, e ahi, elle mesmo, leccionava os officiaes e cadetes do regimento de artilheria de Valença (depois, n.º 4.) Este corpo, foi aqui creado, debaixo da sua direcção. Até essa época só havia os trez primeiros regimentos de artilheria.

Uma filha de Miron, substituia seu pae na escola, quando elle não podia.

Miron, como era protestante, e morreu n'esta seita, não teve sepultura sagrada. Jaz no paiol da polvora da Coroada, á direita, depois de entrar o portão. Na pedra da sua sepultura, se lê —

AQUI JAZ, JOÃO VICTORIA
MIRON DE SABIONE,
TENENTE-GENERAL DOS REAES
EXERCITOS E GOVERNADOR
QUE FOI D'ESTA PRAÇA
DE VALENÇA DO MINHO.
FALLECIDO EM 21 DE MAIO
DE 1810, EDADE DE 84 ANNOS.

A par d'esta sepultura, para o lado do O., está enterrada D. Julia, filha de Miron, que tambem era protestante.

D. Maria (outra filha de Miron) baptizou-se para casar em Caminha, com um tal *Caravella,* de quem não houve descendencia.

D. Julia era uma senhora muito instruida, e tinha licença régia para leccionar mathematica, no impedimento de seu pae.

Para-raios do paiol da polvora da Coroada

Este paiol tem trez para-raios, alli collocados em 3 de novembro de 1864. Depois é que se collocou o do paiol do açougue.

Vapor

No dia 8 de setembro de 1855, principiaram as carreiras do vapor chamado *Rio Minho,* entre Caminha e Valença. Foi mal succedida esta tentativa, de uma companhia de capitalistas, porque a receita não chegava para a despeza. Em vista de tal resultado, os accionistas venderam o vapor, a *Pedro Pôpa,* da freguezia de Seixas. Cessaram pois as carreiras, desde 2 de março de 1858, até 22 de julho de 1860.

Pedro Pôpa, teve a sorte da empreza precedente, pelo que retirou o vapor, em 21 de janeiro de 1863, tornando a cessar esta carreira.

Depois, o fallecido commendador Sebastião da Silva Neves, comprou um vapor velho, que empregou nas mesmas carreiras, mas que poucas fez, pois, no fim de 1864, ou principio de 1865, hindo de Caminha para Valença, não pôde passar de Seixas, tendo os passageiros de fazer a jornada por terra, em trens que Silva Neves, com a sua proverbial honradez, apromptou immediatamente, pelo preço que os passageiros tinham pago no vapor, sem

lhes augmentar cousa alguma. O proprietario foi tão feliz que nada perdeu da compra do barco, pois só a machina lhe deu o custo d'elle, lucrando ainda o preço da venda das madeiras e mais aprestes, quando mandou desfazer o vapor.[1]

Jornaes politicos

Tem havido em Valença, os seguintes jornaes —

1.º — *A Razão* — principiou a publicar-se no dia 17 de novembro de 1854. Era bi-semanal, sahindo ás terças e sextas feiras. Desde o 1.º de janeiro de 1855, porem, publicou-se nas terças, quintas e sabbados. Passado algum tempo o administrador do jornal fez bancarrôta; suspendendo-se a publicação.

Alguns accionistas, tomaram então conta da administração do jornal, e o continuaram, sob a denominação de —

2.º — *Voz do Minho*, que poucos annos durou.

3.º — *Correio do Norte* — Principiou a publicar-se, no 1.º de janeiro de 1864, sendo seu proprietario e primeiro redactor, o sr. José Maria Verissimo de Moraes; era bi-semanal, e terminou a sua publicação, em 12 de novembro de 1865.

4.º — *O Noticioso* — propriedade do mesmo sr. José Maria Verissimo de Moraes, e bi-semanal. É seu redactor, o mesmo distincto cavalheiro, e seu filho, o sr. Ladislau de Moraes, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, que é tambem director do jornal, e mancebo muito illustrado.

O Noticioso, é, sem contestação, um dos mais bem redigidos jornaes de provincia, tratando todas as questões com a maxima cordura e imparcialidade, sem jámais *descambar* para o insulto ou baixeza, como uma grande parte de jornaes politicos da actualidade. Além d'isso, justifica plenamente o seu titulo, pois é sempre *noticioso*.

5.º — *O Valenciano* — principiou a publicação, no dia 9 de fevereiro, de 1879. É propriedade do sr. Guilherme José da Silva, e tambem muito bem redigido.

Não tróco com este jornal, porque principiou a publicar-se seis annos depois de principiar a publicação d'este diccionario, e do *Valenciano*, apenas vi o numero 201, correspondente ao dia 9 de fevereiro de 1882, 3.º anniversario d'esta publicação.

Traz uma bonita lithographia com a vista de Valença, tirada do baluarte de Sant'Anna.

Este numero, foi-me dado pelo seu proprietario, o que muito lhe agradeço. Está muito bem escripto, e d'elle extrahi algumas noticias que se leem n'este artigo.

Feiras e mercados

Ha em Valença, duas feiras em cada mez — a 5 e 18 — todos os domingos, um mercado muito concorrido, que principiou a 7 de abril de 1850.

Assedios

Além do de 1847, feito pelas forças populares, a esta praça, e que já fica mencionado, teem havido mais os seguintes, no presente seculo — (Não incluo n'este numero, o bombardeamento que os francezes lhe fizeram em 1809, assestando a sua artilheria, na fronteira cidade de Tuy.)

1.º

1828 — O regimento de infanteria n.º 21, de guarnição n'esta praça, e os dous destacamentos de artilheria e artifices engenheiros, tinham adherido á revolta de 16 de maio d'aquelle anno, feita na cidade do Porto, contra o sr. D. Miguel I, e que tão fataes resultados se lhe seguiram (7.º vol., pag. 324, col. 2.ª e seguintes.)

O regimento 21, dirigiu-se ao Porto, deixando aqui um destacamento.

Na manhan de 13 de junho do mesmo an-

---

[1] Uma das duas estimabilissimas filhas do tão honrado cavalheiro, como valente e destemido portuguez, S. da Silva Neves, casou com o sr. Doutor Abilio Guerra Junqueiro, um dos mais distinctos prosadores, e dos mais elegantes poetas da actualidade. Foi secretario geral do governo civil de Vianna: mas, sendo eleito deputado, optou por uma cadeira em São Bento.

no, as ordenanças de Melgaço, Monsão e outras; sob o commando do sargento-mòr das de Monsão, Antonio Luiz Pereira Alves da Guerra, aggregando-se-lhes tambem alguns apresentados que não tinham querido unir-se aos revoltosos, e parte do regimento de milicias dos Arcos, commandado pelo capitão Caetano Pereira de Castro Godinho, se aproximaram á praça.

N'este mesmo dia, parte da guarnição, que vinha a ser — o destacamento do 21, e a *guarda civica,* fizeram uma sortida sobre *Tuido,* onde se encontraram com os taes ordenanças, havendo combate, tendo a guarnição de retirar para dentro da praça, fechando então o cêrco as forças legitimistas, havendo diariamente fogo, até ao dia 23, entre os dous partidos.

Na noite d'este dia, o destacamento do 21, commandado pelo seu major, Leite, que por doente não tinha acompanhado o regimento, fizeram dentro da praça a acclamação do sr. D. Miguel, como rei legitimo de Portugal. Foram logo presos — o tenente-rei, que servia de governador, Antonio d'Azevedo e Cunha — o tenente-coronel, Thomaz Antonio Rebôcho, que ficára por commandante da força do seu regimento 21 — o capitão do mesmo, Manoel Antonio Pereira — o juiz de fóra, José da Gama Araujo e Azevedo — o major de engenheiros, João Antonio d'Almeida Cibrão — o capitão, commandante da tal *guarda civica,* bacharel José Bernardo Gançalves Ferreira Pinto da Cunha — e, finalmente, todos os officiaes, sargentos e quasi todos os individuos que formavam a guarda civica.

2.º

1834 — No dia 31 de março de 1834 (segunda feira de Paschoa) á tarde, governando esta praça, pelo sr. D. Miguel, o brigadeiro João Joaquim Pereira da Silva, e guarnecendo-a o bravo regimento de milicias de Basto, commandado pelo seu coronel, Francisco de Magalhães Araujo Pimentel, o almirante Carlos Napier, que havia desembarcado em Caminha, e tomado Vianna, e Ponte do Lima, á testa das forças da marinha, voluntarios, e o regimento de milicias de Vianna, commandado pelo coronel João Feio de Magalhães Coutinho (feito barão da Torre, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870) que se tinha passado para os liberaes (por ver o caso mal parado...) pozeram cêrco a esta praça, havendo algum fogo entre os sitiantes e sitiados, vendo-se estes obrigados a capitular, logo a 3 de abril.

Houve n'este cêrco um episodio burlesco — foi este —

No 1.º de abril, reuniram-se aos liberaes as forças christinas, commandadas pelo capitão D. Pedro Pinheiro e Cardeñas; mas, apenas estes *heroes* ouviram troar os canhões, e zunir a metralha e bala raza, exclamaram « *Demonio! Que fuerte está el castillo!* » — E sem attenderem a mais considerações, *rasgaram* a fugir para Tuy, d'onde tinham vindo, sem que se tornasse a saber o que era feito de taes *valentes* e do seu *intrépido* commandante.

3.º

1837 — 17 de julho — Governava esta praça, o major da mesma, depois marechal de campo, reformado, Joaquim Pereira d'Eça, na ausencia do governador, Antonio Vicente de Queiroz (barão da Ponte de Santa Maria, desde 23 de setembro de 1835, e que depois — 10 de março de 1842 — foi feito conde do mesmo titulo) que estava em Braga.

Esta praça, com toda a sua guarnição, tomou parte na revolta dos marechaes Saldanha e Villa-Flor (duque da Terceira) que pretendiam restabelecer a *carta.*

A guarda nacional de Lisboa, tinha-se revoltado a 9 e 10 de setembro de 1836, contra a carta de 26, que foi destruida, e proclamada a constituição de 1822, que a sr.ª D. Maria II foi obrigada a jurar.

A 4 de novembro, os *cartistas* tentam uma restauração, que deu em resultado, a mor-

te do ministro da carta, Agostinho José Freire, no Alto da Pampulha. A revolta soccumbiu, e a rainha é novamente obrigada a ratificar o juramento que havia feito.

Em julho de 1837, tentam novamente, Saldanha e Villa-Flor, restabelecer a carta, pondo-se á frente de alguns corpos do exercito.

O batalhão de caçadores n.º 4, revolta-se, no mesmo sentido, na villa da Ponte da Barca. O barão de Leiria, poz-se á testa d'esta força, á qual se reuniram alguns *voluntarios da rainha*, que estavam em Braga, e parte do 9 de infanteria. [1]

A 17 do dito mez de julho, entrou esta gente em Valença, perseguida pelo barão de Almargem, (Marianno José Barroso) que logo no mesmo dia lhe poz cêrco, rompendo o fogo sobre os sitiantes, no dia 31 d'aquelle mez, ao meio dia, com uma *salva* de 21 tiros de bala.

Continuou o assedio, até á noite de 7 de setembro do mesmo anno, retirando-se os sitiantes pela estrada de Vianna, em direcção ao Porto.

Houve durante este cêrco, muito fogo, de parte a parte, porque os setembristas tinham collocado quatro baterias em diversos pontos, com cujo fogo maltrataram a maior parte das casas, ardendo algumas completamente.

Estas baterias estavam — 1.ª, nas *Chorentas* — 2.ª, na *Rapozeira*, para bater o barco da passagem para Tuy — 3.ª, em *Arão* — e a 4.ª, no *Forno da Cal*.

Deve porém confessar-se que as derrocadas feitas pela artilheria dos setembristas, deu causa a que, na reparação dos edificios, a villa ficasse muito mais elegante do que d'antes era.

O resultado final d'esta guerra civil, foi fatal aos cartistas, como vimos a paginas 259, col. 2.ª, do 8.º volume.

As tropas setembristas que então cercaram esta praça, foram — infanteria n.º 9 e caçadores n.º 3 (batalhões provisorios) infanteria n.º 13, um esquadrão de cavallaria, uma bateria de artilheria, uma força da guarda municipal do Porto, e alguns batalhões de voluntarios — todos, mandados proceder a este cêrco, por Francisco José Pereira (que pouco antes — 10 de maio de 37 — tinha sido feito barão de Villar Torpim) que era então commandante da 3.ª divisão militar, com quartel-general no Porto.

Depois de levantado o cêrco, o general cartista, barão de Leiria, foi unir-se a Saldanha e Villa Flor, para hirem todos ser derrotados em Ruivães. (8.º vol., pag. 259, col. 2.ª).

4.º

E' o que já fica mencionado em outro logar d'este artigo, e que teve logar em junho de 1847.

Conde das Galveias

Na guerra dos 27 annos, ou da *Restauração*, estando esta praça em poder dos castelhanos, foi tomada e restituida á corôa portugueza, pelo famoso 1.º conde das Galveias, D. Diniz de Mello e Castro. (3.º vol., pag. 256, col. 1.ª)

Valença, appellido

Valença, é tambem um appellido nobre, em Portugal, tomado d'esta praça. As armas dos Valenças, são — em campo azul, torre d'ouro, sobre contrachefe de ondas de prata e azul — élmo de prata, aberto; e por timbre, um galgo nêgro, carregado de 4 faxas d'ouro.

Outros do mesmo appellido, uzam das armas seguintes — em campo de prata, as Quinas de Portugal; orla de prata, carregada de quatro castellos e quatro leões, cada um com sua cruz de ouro,

---

[1] Era commandante de caçadores n.º 4, o major José de Figueiredo Frazão, e não querendo annuir, foi preso pelos seus subordinados. Frazão, foi feito visconde do Sardoal, em 17 de abril de 1866, e falleceu no posto de general de divisão, a 20 de janeiro de 1878. Seu filho, o sr. José de Figueiredo Pimenta Avellar Frazão, foi feito visconde do Sardoal, a 6 de agosto de 1878.

Martyres valencianos

Em 23 de abril, do anno 204, imperando Marco Aurelio, foram martyrisados em Valença do Minho, *São Felix*, e seus companheiros, *Fortunato*, e *Aquileu*.

Residencia antiga do abbade de Cristêllo-Côvo, em Valença

As casas que actualmente pertencem aos herdeiros das *senhoras Laçôas*, na rua da Trindade, eram a residencia do tal abbade, e toda aquella rua era da parochia de Cristêllo-Côvo.

A fonte ainda hoje chamada *de Cristêllo*, e ha poucos annos restaurada, pertencia ao referido abbade.

A villa

Valença do Minho, como quasi todas as nossas antigas praças de guerra, *entallada* entre vetustas e quasi inuteis muralhas, sem poder ultrapassar o seu ambito, para não invadir as esplanadas, em vista de uma lei obsoleta (a qual em muitas terras tem sido justamente despresada) [1] tem circumscripto a povoação a uma pequena área, pelo que as suas ruas são estreitas, e quasi todas tortuosas; e suas praças, ou largos, summamente acanhados. Tem todavia bons edificios, mas nenhum notavel, a não ser pela sua antiguidade, e que já fica mencionado n'este artigo.

Como suas muralhas dominam a campanha, de todos os seus baluartes se desfructa um panorama encantador; sobre tudo do baluarte do *Soccôrro*, vendo-se ao sopé (N.) o formoso Minho, espraiando-se por extensas veigas, que rega e fertiliza; e na margem opposta, sobre uma collina sempre verde, a velha mas bonita cidade de Tuy, seus arrabaldes e muitas aldeias gallegas — ao S. O., a freguezia d'Arão e outras mais — mais ao longe, entre E. e S., serras alcantiladas, mas pittorescas, formando uma extensa cordilheira, correndo parallela ao rio, desde Castella até ás praias do Oceano, e formando um angulo quasi recto, com a famosa serra d'Arga, o *Medulio* dos romanos — Ao E., a freguezia de Ganfei, com o seu venerando mosteiro, com os seus doze seculos de existencia, e hoje propriedade particular do sr. Torres e Silva — Ao O., as freguezias de S. Pedro da Torre, Chamosinhos, Campos, Roborêda, etc., vendo-se o rio Minho e ambas as suas margens formosissimas, até quasi á sua foz; e as novas estradas, á Mac-Adam, e a de ferro, cortando veigas fertilissimas e sempre verdes. Finalmente, todos os arrabaldes de Valença, e mesmo todo o territorio do seu concelho, são summamente ferteis, saudaveis, formosos e apraziveis; produzindo com abundancia, toda a qualidade de generos agricolas do nosso paiz.

O mar e o rio, a fornecem de optimo peixe, distinguindo-se o famoso salmão; a bella *truta marisca*; o saboroso savel; a apreciada lampreia; e o *sôlho* delicioso.

Cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade; e nos seus montes ha muita caça, do chão e do ar.

Valencianos illustres

Frei Matheus da Assumpção, monge benedictino, geral da sua ordem, confessor regio, e exerceu outros cargos honorificos: foi um dos mais famosos oradores sagrados, no reinado do Sr. D. Miguel I, ao qual foi sempre dedicado. Expulso do seu mosteiro, em 1834, e temendo o punhal dos assassinos que então aterravam este reino, fugiu para Roma, onde falleceu, em 1837.

Era filho de Vicente da Silva Cerqueira Brandão, cavalleiro professo na ordem de Christo.

Tinha professado no mosteiro de Ganfei,

---

[1] Em Villa Nova da Cerveira e em Caminha, já as antigas muralhas foram arrombadas, para a passagem de novas estradas, e do caminho de ferro, e parte das mesmas muralhas, cedidas pelo ministerio da guerra ás respectivas camaras municipaes. Em outras muitas antigas praças de guerra, suas portas e muros da circumvalação, se foram desmantelando, o que facilitou seus habitantes a poderem estender os seus edificios, ampliando e aformoseando as suas terras.

da sua ordem, fazendo-se o acto da sua profissão, com o maximo esplendor e sumptuosidade.

—

Era socio livre, da Academia Real de Sciencias de Lisboa — censor do tribunal da Nunciatura — deputado da junta do melhoramento temporal das ordens religiosas, etc.

Escreveu e publicou varios folhetos, em defeza da legitimidade, e um livro intitulado *Reflexões sobre a conspiração de 1817*, que fulminou, por entender que *era o primeiro assopro da hydra* revolucionaria — e uma traducção das *Revoluções de Portugal*.

Frei Matheus, a uma agradavel presença, e a um rosto formoso, reunia um comportamento ainda mais formoso. Era attencioso para com todos, esmoler, da mais rigida e intransigente rectidão, e sollicito protector de seus irmãos — um dos quaes, o padre Antonio da Silva Cerqueira Brandão, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, foi vigario geral de Valença.

O sr. D. Miguel, estimava e respeitava tanto a frei Matheus, que, em 1828, depois da sua acclamação como rei de Portugal, o mandou em missão diplomatica, a Vienna d'Austria, onde travou conhecimento com os principaes homens politicos d'aquelle imperio, pelos quaes foi muito considerado.

O sr. D. Miguel, muito desejou fazêl-o bispo, o que não levou a effeito, por não haver vagaturas.

Ainda vive em Valença (agosto de 1882) uma sua irman, a sr.ª D. Escolastica Justina Cerqueira Brandão, assistente em casa de seu cunhado, o sr. João Ferreira de Magalhães e Souza.

A vida d'este virtuoso monge, foi resumida de um artigo, publicado no « Noticioso » de Valença, de 25 de abril de 1882, pelo sr. M. J. da Cunha Brandão.

Note-se que este cavalheiro, é liberal; o que facilmente se collige do seu artigo.

—

Joaquim Antonio Ferreira, baptisado na egreja parochial do Santa Maria dos Anjos.

Era filho de Manoel Gonçalves, e Joanna Francisca Gonçalves, naturaes d'esta praça, onde eram geralmente estimados pela sua probidade e bons costumes.

Na sua adolescencia, principiou Ferreira a sua carreira commercial, como caixeiro do negociante de Valença, José Ayres de Almeida, com loja no largo hoje chamado do *Visconde de Guaratiba*.

Passados alguns annos, foi para o Rio de Janeiro, entrando como caixeiro, em uma respeitavel casa commercial, onde, pelo seu bom comportamento, em breve passou a 1.º caixeiro, e depois a socio.

Seu antigo *patrão* era-lhe tão cordialmente affeiçoado, que por seu fallecimento, e não tendo herdeiros, lhe testou toda a sua riqueza collossal.

Em 1844, o sr. D. Pedro II, do Brasil, o fez *barão de Guaratiba*, e depois, o elevou a visconde do mesmo titulo, *em attenção aos muitos actos de philantropia, praticados pelo novo titular*.

Por seu testamento, datado de 26 de junho de 1852, legou uma grande parte da sua fortuna a casas de beneficencia do Rio de Janeiro, e outras povoações brasileiras; deu *carta de alforria* a alguns dos seus escravos, e, além d'isso, 15$000 réis mensaes. Pelos escravos fallecidos no seu serviço, mandou se rezassem 50 missas; e que, no dia do seu fallecimento, se distribuissem avultadas esmolas pelos pobres, e familias honestas necessitadas.

Ao hospital d'esta praça, legou 300 acções do Banco de Portugal, de 100$000 réis cada uma, e 15:953$558 réis em inscripções e titulos de divida portugueza. A' confraria do Santissimo Sacramento, da egreja onde fôra baptisado, deixou 2:000$000 réis fortes. Além d'isto, deixou grande numero de legados pios — isto, alem do que já tinha dado ao hospital de Caridade d'esta villa, como vimos no logar competente.

E' este o mais illustre varão que Valença tem produzido. Filho de paes humildes, sem jámais se envergonhar da sua origem, soube crear para o seu nome um brazão nobilissimo, e de maior valia do que muitos de grandes fidalgos, que só os devem ás faça-

nhas (quando não á rapina) de seus avós. O nome do Visconde de Guaratiba, será abençoado, de geração em geração, por todos os valencianos, a quem deixou um monumento immorredouro do seu nome e da sua caridade, que Deus lhe recompensará na Gloria.

Instituiu por herdeiros, seus sobrinhos, os srs. — commendador, Joaquim José Ferreira, filho de Anna Maria Gonçalves Ferreira, irman do testador, e Rodrigo Pereira Felicio, casado com Maria Benta Ferreira Felicio, sobrinha do visconde.

Este caritativo valenciano, falleceu no Rio de Janeiro, a 11 de março de 1859.

Seus sobrinhos e herdeiros, pagaram immediata e integralmente todos os legados de seu tio.

—

N'esta praça residem uma sobrinha e uma bis-sobrinha do Visconde de Guaratiba: aquella é a sr.ª D. Maria José Ferreira Pereira, viuva de Manuel Carlos Pereira; esta é a sr.ª D. Maria das Neves Ferreira, casada com o sr. Antonio Luiz Affonso Salgueiro.

A sr.ª D. Maria das Neves é filha de D. Maria Perpetua Ferreira (sobrinha legitima do visconde, fallecida em dezembro de 1873) e do tenente Manuel da Silva Ferreira.

—

Adriano Mauricio Guilherme Ferreri — Nasceu a 3 de maio de 1798. Era filho de Agostinho Brandão de Castro, capitão de infanteria n.º 21, e neto de Francisco Ferreri, commandante do mesmo regimento.

Sentou praça de cadete, n'aquelle corpo, passando depois para artilheria n.º 4, que, como o 21, tinha a sua praça n'esta villa.

Em 1812, ainda estudante de preparatorios, foi mandado apresentar no seu regimento, de artilheria, que fazia parte da divisão do general inglez Trant; e em 1814, foi feito 2.º tenente do seu regimento.

Em 1815, matriculou-se na *Academia Real de Marinha*, que o principe regente (depois D. João VI) tinha instituido no collegio da Cotovia (que fôra dos Jesuitas, e que é — desde 1837 — a *Escola Polytechnica*) por alvará régio de 5 de agosto de 1799.

Em março de 1820, passou a 1.º tenente, e declarando-se liberal, serviu de adjunto ao quartel-mestre-general do exercito do *Governo Provisorio*.

Fizeram parte d'este governo trez coroneis — *Antonio da Silveira Pinto da Fonseca* (que em 1823 foi feito visconde de Canellas) irmão do bravo e leal Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 2.º conde de Amarante e 1.º marquez de Chaves — *Sebastião Diogo Valente de Brito Cabreira* (pae do 1.º barão da Batalha) — e *Bernardo Correia de Castro Sepulveda*. O 1.º, como presidente; o 2.º, como vice-presidente: e o ultimo como membro do tal governo.

Frequentou depois, a *Academia Real de Fortificação*, fundada pela rainha D. Mria I, por alvará régio, de 2 de janeiro de 1790, no palacio do Calhariz, e que foi substituida pela *Escola do Exercito*, em 1835.

Com a queda da constituição, em 1823, foi *desligado*, posição que correspondia ao que hoje se chama *inactividade*.

Foi feito capitão, em 1826; e tendo adherido á revolta de 16 de maio de 1828, contra a legitimidade, teve de fugir para a Galliza, onde entrou com os restos das tropas rebeldes, a 9 de julho d'esse anno.

Da Galliza, passou á Inglaterra e de lá a Paris, onde frequentou a *Sorbonne*, passando depois á Terceira, fazendo parte das forças que invadiram Portugal, em 8 de julho de 1832, fazendo toda a guerra do cêrco do Porto; portou-se sempre como intrepido militar.

Foi promovido a major, em 13 de novembro de 1833, e a tenente-coronel de artilheria n.º 2, em 1836.

Promovido a coronel de artilheria, foi nomeado chefe da 1.ª divisão do ministerio da guerra, e, pouco depois, feito director da Escola do Exercito. Em 1847, foi promovido a general de brigada, e, por decreto de 18 de junho de 1849, nomeado ministro da guerra, logar que exerceu até 27 de abril de 1851.

Foi promovido a marechal de campo, em 1857, e nomeado ministro da marinha em março de 1859, commissão em que falleceu no dia 14 de março de 1860.

Como official do exercito, e nas diversas commissões em que foi empregado, foi sempre um verdadeiro homem de bem; sollicito no cumprimento dos seus deveres, activo, intelligente e justiceiro.

—

Francisco Xavier da Silva Pereira — Nasceu a 14 de março de 1793, e era filho do coronel, Francisco Xavier da Silva Pereira, e de D. Antonia José de Abreu.

Rebentando no Porto a gloriosa revolução contra o ominoso jugo do execrando Junot, em 19 de junho de 1808, Silva Pereira, que apenas contava 15 annos, se alistou logo, como voluntario, em um batalhão que seu pae organizára; mas depois, passou para a *Leal Legião Lasitana*, no posto de alferes, a que foi promovido em 16 de setembro do mesmo anno, e, em novembro de 1809, a tenente da mesma legião.

Fez toda a guerra da Peninsula, portando-se sempre como militar valente, e pela sua bravura, na batalha de Nivelle (França) em 10 de novembro de 1813, foi promovido a capitão, *por distincção*, logo no dia immediato.

Foi agraciado por D. Carlos IV, de Hespanha, com as medalhas de Albuera e Victoria, e pelo governo portuguez, com a medalha da guerra peninsular, algarismo numero 6, que era a maior distincção estabelecida para os militares que durante uma guerra de seis annos, tantas vezes derrotaram os exercitos do monstro côrso, levando-os de vencida até Paris.

Na madrugada de 24 de agosto de 1820, revolucionaram-se, na cidade do Porto, contra o jugo britannico, os regimentos de artilheria n.º 4, infanteria n.ºs 6 e 18, milicias do Porto e Maia, Guarda Real da Policia; e no Campo de Santo Ovidio proclamaram a Constituição.

Silva Pereira, uniu-se aos sublevados, e serviu ás ordens do coronel Castro e Sepulveda, membro do *Governo Provisorio*.

Em 1823, com a queda da Constituição, foi *desligado*, e n'esta classe esteve até março de 1826, sendo então collocado no posto de major graduado, no batalhão de caçadores n.º 1. Em dezembro do mesmo anno, passou a major effectivo, e commandante de caçadores n.º 12; fazendo a guerra contra as forças realistas do general marquez de Chaves, desde janeiro até 8 de março de 1827, dia em que os legitimistas tiveram de emigrar por ter vindo em soccôrro dos liberaes o general Clinton, com uma divisão de 8:000 inglezes.

Uniu-se, com o seu batalhão, aos revoltosos de 16 de maio de 1828, que foram derrotados em toda a parte, perdendo mais de 5:000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

E' esta uma das *paginas negras*, na vida de Silva Pereira, e de muitos outros chefes liberaes; pois vendo a sua causa irremissivelmente perdida, abandonou o seu batalhão, que havia induzido á revolta, e na noite de 2 para 3 de junho, elle, a *junta*, os generaes Saldanha, Villa-Flor, Stubbs, e outros; Palmella, e todos os chefes da revolta, fogem para bórdo do vapor inglez *Belfast* (que poucos dias antes tinha trazido para o Porto os principaes instigadores da revolta) e vão para a Inglaterra, deixando no mais completo abandono as tropas que tinham, com as suas promessas fallazes, arrastado á rebelião, e que se viram obrigadas a fugir para a Galliza, sem chefes e na maior desordem, acossados por duas divisões realistas, e tendo contra elles os povos do Minho. Grande parte dos soldados, ou desertavam, ou se apresentavam aos realistas, e o batalhão de caçadores n.º 6, commandado por sargentos, se apresentou completo, sendo as suas praças divididas pelos batalhões de caçadores n.ºs 1, 4, 7 e 8, que se tinham conservado fieis ao sr. D. Miguel I. [1]

---

[1] Caçadores n.ºs 1, 4 e 7, tinham estado emigrados na Hespanha, porque pertenciam á divisão do marquez de Chaves (e ainda o estavam quando teve logar a revolta do Porto) e caçadores n.º 8, que tinha ficado em Portugal, prestou juramento de obediencia ao governo realista, e foi um dos seus mais bravos e fieis defensores.

N'este cobarde abandono, só um homem se portou como militar leal e valente, que sempre foi. Fallo do distinctissimo coronel de cavallaria, Rodrigo Pinto Bizarro Pimentel d'Almeida Carvalhaes, depois barão da Ribeira de Sabrosa, o mais nobre caracter de todo o partido liberal, que não abandonou um só momento os seus soldados, participando com elles de todos os incommodos e perigos de tão desastrosa retirada, e tomando o commando dos fugitivos, posto do maior perigo em tão triste conjunctura. Entrou com elles na Portella do Homem, a 9 de julho; e d'alli, no mesmo dia, passaram para a povoação de *Lóbios*, na Galliza.

Muitos officiaes e soldados recolhem depois ao reino, para gozarem o indulto concedido pelo sr. D. Miguel. Os mais compromettidos, embarcam para a Inglaterra, Madeira, França e Terceira.

O general realista, visconde de S. João da Pesqueira, manda, a 10 de julho, um dos seus ajudantes d'ordens, com um officio ás auctoridades hespanholas, para lhe serem entregues todos os objectos do Estado, levados pelos fugitivos, que tudo se recebeu em deploravel estado.

O general realista Póvoas, á frente da sua divisão, entra no Porto, no mesmo dia 3 de julho, quando ainda no Douro estava fundeado o Belfast.

Esta desgraçada guerra, que teve tão fataes consequencias, apenas durou 48 dias. (Vide no 7.º vol, pag. 328, col. 2.ª, até pag. 336.)

Tornemos a Silva Pereira.

Chegado á Inglaterra, parte d'alli, em agosto do mesmo anno, para a ilha da Madeira, onde o coronel José Lucio Travassos Valdez (depois, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde do Bomfim) era governador pelos liberaes. Em 22 de agosto do dito mez, o coronel realista José Antonio de Azevedo Lemos, com a sua brigada, entra na ilha, e Valdez e outros officiaes (incluindo Silva Pereira) fogem para bórdo de um navio inglez, e d'alli se dirigem a Londres.

Em janeiro de 1829, acompanha Silva Pereira o general Saldanha, que, com alguns outros emigrados, pretendem desembarcar na Terceira, onde dominava o partido liberal; o que não conseguem, porque o *cruzeiro* inglez lh'o não consente. Aportou a Brest, demorando-se na França até setembro d'esse anno

Sendo encarregado de reunir as praças de pret, emigradas, organizou, em Ostende, o batalhão de caçadores n.º 12, com o qual partiu para os Açores, desembarcando na Terceira, a 20 de janeiro de 1830, passando, em agosto d'este anno, para commandante do batalhão de caçadores n.º 5, o mais bravo do exercito liberal, com o qual desembarcou em Arenosa de Pampelido, a 8 de julho de 1832.

Fez a guerra do cêrco do Porto, sendo ferido logo na primeira acção que os liberaes tiveram com os realistas, em Ponte Ferreira, a 22 de julho d'esse anno.

Pela sua bravura, nos differentes combates que houve n'esta guerra, foi promovido a tenente coronel, em 23 de agosto de 1832; a official de Torre e Espada, em outubro; e coronel graduado, a 22 de novembro; encarregado do cammando da 2.ª brigada, da 1.ª divisão, em 2 de março de 1833 — condecorado com o habito da Conceição, em abril; e promovido a coronel effectivo, em julho; e pouco depois, agraciado com a commenda de S. Bento d'Aviz.

Em agosto do mesmo anno, foi para Lisbôa, com o seu batalhão; e logo em setembro, foi feito commendador da Torre e Espada. Em 17 de outubro de 1835, foi feito *barão das Antas* — em 13 de outubro de 1836, visconde — e em 4 de abril de 1838, conde, do mesmo titulo.

O titulo de barão, visconde e conde *das Antas*, não é porque tenha qualquer propriedade d'este nome, mas porque, em 17 de novembro de 1832, com o seu batalhão de caçadores n.º 5, tomou o insignificante reducto do monte das Antas, nos arrabaldes do Porto.

Terminando a guerra civil, foi nomeado governador da praça d'Elvas, e depois, da de Setubal.

Em 24 de julho de 1834, foi feito general de brigada.

Em 1835, a causa liberal de Hespanha estava em perigo, porque a dos legitimistas ganhava terreno, e o seu exercito, commandado por Carlos V, estava senhor de quasi todas as provincias Vascongadas. O governo portuguez, manda em auxilio dos christinos uma divisão de 6:000 homens, commandada por o brigadeiro Victorino José d'Almeida Serrão, feito 1.º (e unico) barão do Valle, em 9 de outubro d'esse mesmo anno de 1835.

O bravissimo capitão general realista Zumalacárregui, grande de Hespanha de 1.ª classe, conde Zumalacarregui e duque de Victoria, zombava, não só dos christinos, mas de todas as forças que a *quadrupla alliança* lançou em Hespanha contra elle. [1]

O governo portuguez, attribuindo a Serrão as nenhumas vantagens que obtinha a divisão auxiliar, o demittiu, dando o commando a Silva Pereira, que, apezar do seu incontestavel valor, pouco pôde fazer, mesmo depois da morte de Zumalacarregui. Mesmo assim, foi agraciado pelo governo hespanhol, com as gran-cruzes de Isabel a Catholica e de São Fernando; encarregado do commando geral das *Merindades de Castella* (vide *Merindade*) do vice-reinado de Navarra, do commando das Vascongadas, e do commando em chefe das forças d'Alava.

Silva Pereira, abandonando precipitadamente as suas posições do Ebro, em setembro de 1837, acossado pelo general realista Zariategui, retira para Portugal, entrando em Traz os Montes, a 15 do mesmo mez. (Para evitarmos repetições, vide a pag. 259, col. 2.ª, do 8.º volume.)

Ainda n'esse anno foi encarregado do commando das forças de observação nas provincias do Norte, e, eleito deputado, tomou assento nas côrtes constituintes.

Em 1838 foi nomeado commandante da 3.ª divisão militar, em 1839 senador e em 1840 inspector da arma de infanteria.

Quando foi proclamada a Carta Constitucional no Porto, em janeiro de 1842, o conde das Antas protestou contra esta restauração, sendo então escolhido para commandar a *divisão de operações* da Estremadura, que tinha por fim hostilisar este movimento; pouco depois, pela adhesão da soberana ao movimento, foi encarregado de dissolver as forças e guardas nacionaes armadas pelo *ministerio do Entrudo*, commissão que desempenhou com summa prudencia e acêrto.

Por carta regia de 3 de maio do mesmo anno foi nomeado par do reino, e em julho governador geral da India, sendo promovido a tenente general.

Em 1843, pretextando falta de saude, pediu a exoneração e regressou ao paiz, tomando assento na camara, onde votou sempre em opposição ao partido cartista.

Por decreto de 11 de julho de 1844 foi nomeado vogal do supremo tribunal de justiça militar, e em 1846 commandante da 1.ª divisão militar, pelo ministerio Palmella.

Transferido para a 3.ª divisão em agosto do mesmo anno e encarregado do commando de todas as forças nas provincias do Norte, o conde das Antas, por occasião do golpe d'estado de 6 d'outubro, pôz-se á frente do movimento revolucionario, assumindo a presidencia da junta que no Porto se organisou sob a designação de « Junta Provisoria do Governo supremo do reino, em nome da nação e da rainha. »

Partindo depois com uma forte columna em direcção á capital, chega a Santarem, onde toma posições. Sabendo do desastre occorrido em Torres Vedras ao conde de Bomfim, retira para o Porto.

Em fevereiro de 1847 partiu para o Minho contra o conde de Casal, então senhor do castello de Vianna.

Regressando ao Porto, o conde das Antas embarcou a 30 de maio com uma divisão de tropas escolhidas que devia seguir para Lisboa, mas logo ao sair da barra, ás 5 horas

---

[1] Zumalacarregui, quando sitiava a praça de Bilbáo, foi levemente ferido por uma balla de fuzil, na barriga de uma perna; mas o cirurgião envenenou-lhe a ferida, e fugiu para os christinos, mas foi prezo, já perto das tropas liberaes, e fuzilado. O general talvez escapasse se lhe amputassem a perna; perém, oppondo-se á operação, morreu da gangrena que a ferida lhe originou.

da manhan do dia 31, foi intimado a sustar o movimento e a ancorar debaixo de fogo da esquadra ingleza, por sir Maitland, seu commandante.

O general protestou, mas cercado por forças superiores, teve de render-se, sendo levado prisioneiro para S. Julião da Barra, onde entrou a 4 de julho, saindo porêm depois em resultado da *convenção de Gramido*, sendo restituido ao posto e honras, de que havia sido exauctorado pelo governo de Lisboa.

Viveu os ultimos 5 annos afastado da politica, no remanso do lar e já soffrendo da doença que lhe minou a existencia, dulcificada agora pelos extremos dos intimos, sobretudo da esposa, a exm.ª sr.ª D. Maria Theotonia da Guerra e Sousa (com quem casára em 1845), filha do chefe de divisão graduado, Gaudencio Guerra e de D. Maria Bernardo de Ravago Santo Estevão.

O conde das Antas falleceu em Lisboa a 19 de maio de 1852.

—

Era o 2.º filho, e teve sete irmãos, que, por ordem das edades, foram —

1.º—*D. Ignacia Carolina*, nascida em 1792.

2.º — *José Joaquim da Silva Pereira* — nascido a 22 de agosto de 1795. Casou com D. Maria Eduarda Huet Bacellar, filha de Duarte Claudio Huet Bacellar Souto-Maior, fidalgo da casa real, e senhor do morgado do Paraizo, e de sua 2.ª mulher D. Custodia Luiza Bacellar. Foram seus filhos —

A *sr.ª D. Maria José da Silva Pereira*, nascida a 31 de dezembro de 1826, e casada com o sr. doutor Francisco Joaquim de Castro Mattoso Corte-Real, ajudante do procurador-régio da Relação do Porto — e — o *sr. José Eduardo da Silva Pereira*, nascido a 8 de julho de 1833.

José Joaquim da Silva Pereira, foi tenente-coronel do exercito, e reformado em coronel, sendo despachado general de brigada, na mesma classe, e deputado ás côrtes, em 1837. Falleceu na villa da Feira, onde residia.

3.º — *Antonio Julio da Silva Pereira*, nascido a 25 de outubro de 1797. Foi sub-chefe da contadoria do thesouro, e falleceu em Lisbôa, a 22 de novembro de 1852.

4.º — *D. Anna Peregrina*, nascida em 1798. E' fallecida.

5.º — *Joaquim Narcizo da Silva Pereira*, nascido a 22 de outubro de 1799, e foi official do exercito. E' fallecido.

6.º — *Frederico Guilherme da Silva Pereira*, nascido a 28 de abril de 1806. Foi juiz de direito em Lisbôa. Casou com D. Anna Candida dos Reis, 2.ª filha de Maximo José dos Reis, capitão-mór de Cintra, e irman do tristemente celebre *Domingos Joaquim dos Reis*, um dos assassinos dos lentes e conegos, no *Cartaxinho*. (Vide *Condeixa a Velha*, e no 7.º vol., pag. 506, col. 2.ª)

7.º — *Adriano Augusto da Silva Pereira*, nascido a 20 de abril de 1808.

—

Estanislau Xavier da Assumpção e Almeida — Nasceu a 16 de maio de 1822, em uma casa contigua ao Sanctuario do Bom Jesus, d'esta praça. Era filho do major Evaristo Simpliciano d'Almeida e de D. Francisca Luiza da Silva.

Sentou praça, em infanteria n.º 14, em 1839, e foi despachado alferes, em 1847 — ajudante de caçadores n.º 5, no mesmo anno; e tenente graduado, em abril de 1851. Em fevereiro de 1852, passou, ainda como ajudante, para o regimento de infanteria n.º 2; e, ainda como ajudante, foi transferido para infanteria n.º 11, em 1855.

Em 1858, tornou para infanteria n.º 2 — Tenente effectivo, em 3 de junho de 1859; e no mesmo anno passou a capitão, por se ter offerecido para fazer parte do batalhão de Cabo-Verde, contando a antiguidade, para todos os effeitos, desde 1860, por ter feito parte da expedição que foi a Angola, reprimir a revolta de alguns *sobas* africanos.

Desembarcou em Loanda, a 7 de agosto d'esse anno de 1860, e em 1861 foi nomeado chefe da secção militar da secretaria do governo geral, commissão que exerceu até outubro de 1863, sendo então nomeado governador das ilhas de S. Thomé e Principe.

Tal foi o seu zêlo e energia n'esta commissão, que teve seis portarias de louvor, do governo da metropole, e foi feito commendador da ordem de Christo, em 1865,

regressando ao reino n'esse mesmo anno, e foi collocado em caçadores n.º 5.

Em 1867, voltou, já no posto de major, a governar as ilhas de S. Thomé e Principe, até março de 1869, sendo então nomeado governador das ilhas de Solôr e Timor, na Oceania — onde não chegou a hir; vindo para Lisbôa, onde esteve até março de 1870, por ser transferido para governador de Benguella, tomando conta do seu novo cargo, a 14 de abril. Depois, passou a governador de Mossamedes; e, tendo concluido o prazo da lei, no Ultramar, foi exonerado e regressou a Portugal, em janeiro de 1872.

Em Benguella, recebeu uma commissão, composta dos mais distinctos cavalheiros de S. Thomé, que lhe offereceram uma *espada d'honra*, em demonstração de reconhecimento da intelligencia, zêlo e probidade com que gerira os negocios d'aquella ilha, durante o seu governo.

Em 1874, foi mandado servir, em caçadores n.º 6, passando, em dezembro de 1876, a caçadores n.º 9.

Foi feito tenente coronel, em 13 de setembro de 1876, e outra vez nomeado governador de S. Thomé e Principe, onde esteve até setembro de 1879; comportando-se com a mesma honradez e actividade, como o fizera nos dous antecedentes governos d'estas ilhas.

Em janeiro de 1880, no mesmo posto de tenente coronel, foi fazer serviço em infanteria n.º 1, e, mezes depois, nomeado chefe da 2.ª repartição da direcção da administração militar, commissão que exerceu, até 7 de dezembro de 1881, data em que (sendo já coronel, desde setembro d'este anno) foi feito commandante do regimento de infanteria n.º 8, de guarnição em Braga; mas não chegou a tomar conta d'este commando, por ter fallecido em Belem, depois de uma demorada doença, a 15 de março de 1882, com 59 annos de edade.

Além de commendador da ordem de Christo, teve a medalha de prata, commemorativa da expedição a Angola — os habitos da Conceição, e Aviz — a medalha de prata, de bons serviços e comportamento exemplar — a commenda de Aviz; e finalmente, por decreto de 30 de janeiro de 1879, teve carta de conselho.

Já se vê, pois, que foi um dos filhos d'esta praça, que mais a enobreceu pelos seus serviços á patria, pela sua rigida probidade, e porque nunca manchou a sua espada em sangue portuguez.

—

Não menciono n'este artigo, *José Joaquim Champalimaud*, por que não nasceu em Valença, mas na freguezia de S. Miguel de Fontoura — nem *Antonio Vicente de Queiroz* (conde da Ponte de Santa Maria) porque é natural da freguezia da Gandara, d'este concelho, e não, como muitos julgam, nascido em Valença.

—

O sr. M. J. da Cunha Brandão, publicou no «Noticioso» umas *ephemerides*, de tão subida valia, para a historia d'esta praça, que não devo privar os leitores do seu conhecimento, pelo que as copio, com a devida venia do seu illustrado auctor —

Curiosidades

EPHEMERIDES RELATIVAS A VALENÇA

Deliberando colleccionar o maior numero possivel, já conseguimos apurar as seguintes:

136. Antes de Christo. — Presume-se ter sido n'esta data ou — melhor diremos — por esta epocha, que se construiram no pequeno padrasto fronteiro a Tyde as primeiras casas de habitação. Pouco depois os romanos levantaram um *castrum* no referido padrasto, sendo conhecido pelo nome de *Castrum Tydis* (fallam d'elle diversos geographos antigos) e a povoação incipiente que a circumdava pelo de *Valentia* sem duvida em attenção á sua excellente posição, que a devia tornar quasi inexpugnavel n'êsse tempo.

Valentia pouco prosperou: e, pela invasão dos barbaros do norte sobre o meio dia da Europa, decahiu totalmente. Em epocha, que não está precisamente determinada, reedificou-se a povoação com o nome de *Con-*

trasta, que conservou até ao reinado de D. Affonso III.

1200. Anno do nascimento. — D. Sancho I manda povoar Contrasta, isto é, augmentar o numero de moradores, concedendo-lhes certas regalias, etc. Da medida tomada pelo monarcha, a quem a historia justamente cognomina « Povoador » infere-se que Contrasta já merecia certa consideração.

1255 — D. Affonso II concede foral a Contrasta. Tem a data de 11 de agosto do referido anno.

1262 — D. Affonso III manda cercar Contrasta de muralhas: desde então começa a ser chamada Valença, nome (Valencia) que havia tido no tempo dos romanos, como vimos.

1300 — D. Diniz confirma o foral dado por seu avô a Valença.

1314 — Fundação da egreja de Santa Maria dos Anjos. Em 1834 passou a curato e em 1859 a abbadia.

1378 — Fundação da egreja de Santo Estevão.

1440 — O territorio que constituia a comarca de Valença deixa de portencer ao bispado de Tuy e passa a fazer parte do de Ceuta (Breve do papa Eugenio IV a requerimento de D. Affonso V.)

1451 — Outubro 11. D. Affonso, conde de Ourem, primogenito do 1.º duque de Bragança, é elevado a marquez de Valença.

1464 — Agosto 19. Morre o primeiro marquez de Valença. Está sepultado na collegiada de Ourem.

1472 — D. Affonso V eleva a conde de Valença a D. Henrique de Menezes, filho do 3.º conde de Vianna, D. Duarte de Menezes. D. Henrique foi tambem conde de Loulé, capitão perpetuo de Alcacer-Ceguer e Arzilla e alferes mór do referido monarcha. O ultimo conde de Valença foi D. Miguel de Menezes, 2.º duque de Caminha, decapitado em Lisboa aos 29 de agosto de 1641.

1502 — El-rei D. Manuel passa em Valença em direcção a Santiago de Compostella.

1572 — O territorio da comarca de Valença, pertencente ao bispado de Ceuta, passa por bulla de Leão X a fazer parte do arcebispado de Braga, por troca com Olivença.

1643 — Os hespanhoes tentam assaltar a praça de Valença, cuja população e guarnição correm pressurosas ás muralhas, alarmadas pelos toques a rebate dos sinos da villa e mosteiro de Ganfey. São repellidos.

1646 — Os habitantes de Valença representam em côrtes contra as violencias e extorsões commettidas pela guarnição da praça.

1647 — O conde de Castello Melhor, commandante do exercito de operações no Minho (guerra da restauração), estabelece o seu quartel general em Valença e tenta tomar Tuy.

1657 — O general hespanhol D. Vicente Gonzaga tenta tomar a praça de Valença com 30:000 homens. A praça resistiu com 200 homens, commandados por dois alferes.

1664 — Os hespanhoes, que haviam conseguido entrar na praça, são expulsos por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede.

1671 — É instituida a irmandade das Almas de Santa Maria.

1680 — É achado na margem esquerda do Minho, no sitio dos Arinhos, o marco miliario, actualmente existente em frente da porta do hospital militar.

1700 — Principia a construcção da obra coroa, vulgarmente *Coroada*.

1769 — Sahem d'esta villa as freiras de Santa Clara.

1771 — Nasce em S. Miguel de Fontoura o general José José Joaquim Champalimaud. Morreu a 5 de maio de 1825, em Elvas, onde era governador.

1778 — Nasce em Valença o dr. fr. Matheus Brandão, orador sagrado muito distincto e escriptor. Morreu em Roma em 1837.

1792 — Reedificação da egreja de Santo Estevão. É a actual.

1792 — Nasce nas Antas (extra-muros d'esta praça) o conde do mesmo titulo, que não lhe foi dado pelo facto de nascer nas Antas em Valença, mas sim pela maneira brilhante porque o valente general atacou a posição das Antas (proximo ao Porto) em 24 de março de 1833. Ha aqui apenas coincidencia de nomes.

1794 — Agosto 3. Nasce o conde de Santa Maria, Antonio Vicente de Queiroz.

1795 — Nasce n'esta praça Joaquim Pereira d'Eça, marechal de campo, fallecido em janeiro de 1874.

1798 — Nasce Adriano Ferreri, que foi general e ministro.

1809 — Fevereiro 15. Tentativa de Soult para passar o Minho entre Valença e Caminha.

1809 — Abril 10. Entram os francezes em Valença. Demoram-se até 17.

1814 — Regressa a Valença, onde lhe é feita uma recepção enthusiastica, o regimento d'infanteria n.º 21. Este bravo regimento acabava de fazer a campanha da peninsula com muita distincção.

1825 — A Santa Casa da Misericordia, por proposta do seu provedor o brigadeiro Calheiros, resolve construir um hospital, o que por então se não levou a execução.

1828 — Cerco de Valença, desde 13 a 23 de junho, pelo capitão-mór das milicias de Monsão Antonio Luiz Pereira Alvarez da Guerra.

1833 — O batalhão de voluntarios realistas de Valença, juntamente com a companhia de voluntarios realistas do Valle de Besteiros, repelle brilhantemente um ataque das tropas liberaes na estrada do Bomfim, no Porto. O commandante d'estas forças era o tenente coronel do regimento de milicias de Vianna, Francisco de Sousa Pereira de Amorim.

1834 — Napier (visconde de S. Vicente) toma Valença por capitulação, a 3 d'abril, ou segundo outros a 31 de março. Napier, ao serviço de D. Pedro, havia sahido de Lisboa em 17 de março com um vapor e duas corvetas. Desembarcou em Caminha; no dia 28 tomava Vianna, no dia immediato Ponte do Lima, e em seguida marchou sobre Valença.

1834 — A freguezia de Santo Estevão é annexada á de Santa Maria dos Anjos.

1837 — Os setembristas, commandados pelo barão do Almargem, cercam os cartistas em Valença. Estes eram commandados pelo coronel barão de Leiria.

1838 — Agosto. Inaugura-se a construcção do hospital civil.

1840 — Dezembro 26. Entram os dois primeiros doentes no hospital.

1844 — Caçadores n.º 7 (pela organisação do exercito de 1838 tivera o n.º 28) é mandado para Valença.

1846 — N'este anno sahe o referido batalhão para a Guarda.

1847 — Incendio do assento ou padaria militar. Assedio de Valença pelas tropas liberaes.

1849 — Março 17 — Entra em Valença Carlos Alberto. Principia a construcção do cemiterio, que acaba no anno immediato.

1850 — Abril 7 — Realisa-se em Valença o primeiro mercado semanal aos domingos.

1851 — Março 20 — Fundação da Assembleia Valenciana.

1852 — Morre em Lisboa o conde das Antas.

1854 — Sahe á luz o 1.º numero da *Razão*, depois *Voz do Minho*. Durou desde 17 de novembro a 12 de novembro de 1866.

1855 — Inaugurou-se uma carreira a vapor no rio Minho entre Caminha e Valença. Durou até 1863.

1855 — Artilheria n.º 3 sahe de Valença para Vianna, onde chegou no dia 11.

1857 — Novembro 1 — Principia a funccionar o relogio de Santo Estevão.

1858 — Caçadores n.º 7 regressa a Valença, vindo de Guimarães. Voltou a esta cidade em 1862.

1858 — Inaugura-se a illuminação publica da villa com 30 candieiros.

1859 — Março 11 — Morre no Rio de Janeiro o visconde de Guaratiba.

1860 — Morre n'esta praça o seu governador Peito de Carvalho.

1860 — Morre em Lisboa Adriano Ferreri, então ministro da marinha.

1863 — Caçadores 7 volta de Guimarães a Valença.

1864 — Maio 8 — E' instituida a Associação Artistica. Novembro 9 — Collocam-se os para-raios no paiol da Coroada. Tambem n'este anno (1 de janeiro) saiu o 1.º numero do *Correio do Norte*.

1868 — Fevereiro 9 — Morre em Lisboa o conde de Santa Maria.

1870 — Principia a publicar-se em Valença o jornal *O Noticioso*.

1872 — Julho 29 — Sahe caçadores n.º 7

para o Porto, onde chega em 3 d'agosto. Voltou no mesmo anno.

1873 — O mesmo batalhão marcha para Vianna, regressando a Valença no mesmo anno.

1874 — Chegou a esta praça o ministro das obras publicas Cardoso Avelino.

1875 — Agosto 11 — O mesmo ministro chega a Valença, e no dia immediato teve logar a inauguração do caminho de ferro.

1877 — Julho 2 — Benção da capella do cemiterio.

1878 — Caçadores 7 parte para Guimarães a 29 de dezembro. Regressou a esta praça em novembro de 1879.

1878 — Setembro 22 — Chega pela primeira vez a S. Pedro uma machina de serviço no caminho de ferro.

1879 — E' aberta á exploração a via ferrea entre Caminha e S. Pedro (janeiro 15).

1879 — Junho 2 — E' aberta á exploração a parte comprehendida entre S. Pedro e Segadães.

1880 — Passa em Valença o gran-duque Constantino, tio do actual czar. — Principia a publicar-se o jornal o *Valenciano.*

1882 — Maio 8 — Festeja-se o primeiro centenario do obito do marquez de Pombal.

1882 — Junho 29 — Organisa-se definitivamente o *Club Fluvial* Valenciano.

1882 — Agosto 6 — E' aberto á exploração o penultimo lanço da via ferrea do Minho, comprehendido entre Segadães e a estação definitiva de Valença.

VALEZIM — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Cêa, (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho de Loriga) 72 kilometros de Coimbra, 250 a E. de Lisboa, 215 fogos.

Em 1768, tinha 166. (Segundo o padre Carvalho, em 1705, tinha 250. Adiante dou a causa de ter diminuido a população.)

Orago, Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O prior de São Romão de Cêa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O rei D. Manoel, lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de março de 1514. (*L. de foraes novos da Beira*, fl. 60 v. col. 1.ª — e fl. 89 v.ª col. 2.ª, *in finè.*) O foral dá-lhe o nome de *Valazim.*

As parochias limitrophes, são — Loriga, ao S. — São Romão de Cêa, ao N. — ao E., a serra da Estrella — e a O., Villa Cova a Coelheira.

Até ao principio d'este seculo, foi cabeça do concelho do seu nome, com justiças, auctoridades e empregados que lhe competia — sendo, dous juizes ordinarios, trez vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da camara, um juiz dos orphãos com seu escrivão, um escrivão do judicial e notas, um inquiridor, um distribuidor, um contador, um alcaide, e uma companhia de ordenanças, com seu capitão e respectivos officiaes.

Pertencia á provedoria da Guarda.

O padre Carvalho, tratando d'esta villa, na sua *Chorographia*, diz o seguinte —

« No bispado de Coimbra, uma légua da villa de São Romão, ao sueste, na descida da Serra da Estrella, para o poente, está fundada a villa de *Vallazim*, que foi dos marquezes de Gouveia, e hoje (1708) é da corôa. »

« Tem 250 visinhos, os mais d'elles mercadores de pannos de vára (saragoças e bureis) que se fabricam n'esta terra. »

« E' gente mui briosa, *especialmente as mulheres, por serem mui formosas.* »

« Consta de uma parochia, dedicada a *Nossa Senhora da Assumpção*, curato annexo á egreja de Nossa Senhora do Soccôrro, da villa de São Romão, por esta villa de Vallazim ser antigamente do seu termo. »

« Tem mais uma ermida de São Sebastião — outra do Santissimo, no meio da villa. » (Esta ermida, serve actualmente — 1882 — de matriz da freguezia.)

« A matriz, está no caminho que vae para a villa de Loriga, junto de uma ribeira que passa perto de Vallazim, e se mette no rio Alva — e tem mais, além da dita ribeira, uma ermida do São Domingos »

—

Pertenceram aos marquezes de Gouveia (depois, duques d'Aveiro, até 1759) mórdo-

mos móres, condes de Portalegre, e alcaides-móres de Assumar — esta villa de Valezim e muitas outras, nas ábas da Serra da Estrêlla, como Villa Cóva a Coelheira, São Romão de Cêa, Gouveia, Celorico da Beira, e outras terras.

No archivo da camara de Gouveia, estão registadas as doações feitas por muitos dos nossos reis, a contar de D. Manoel I, aos ditos condes e marquezes, descendentes de D. João da Silva, que foi aio e depois escrivão da puridade, e valído do dito rei.

No competente livro do registo da referida camara, se leem muitos documentos de grande valia historica, cuja transcripção aqui, seria muito longa e enfadonha: limitar-me-hei a copiar o seguinte —

«Eu El-Rei (D. Sebastião) Faço saber aos que este alvará virem, que Eu respeito aos muitos serviços de D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, Meu muito amado sobrinho, mórdomo-mór da Minha casa, e a seus merecimentos, e aos muitos serviços d'aquelle que d'elle descende; e por Me elle pedir, houvesse por bem, que Dona Philippa da Silva, sua neta, casasse com Dom João da Silva, embaixador do Serenissimo Rei de Castella, Meu tio, que Me tambem enviou pedir; e por outros respeitos, Me praz e hei por bem de fazer mercê, por fallecimento do dito conde, á dita Dona Philippa da Silva, sua neta, das villas de *Gouveia*, *Celorico*, *São Romão*, *Vallazim*, *e Villa-Cova*, que estão na comarca da Beira; e do gado das villas de São Nicolau, e São Vicente de Cabo-Verde; e assim, das alcaidarias-móres, da cidade de *Portalegre*, e do logar de *Assumar*, e da dizima nova, do pescado, dos logares de São Jôão (da Foz do Douro) de *Leça* e de *Mattosinhos*, sem embargo da *lei mental*, em contrario, que, por esta vez, Hei por derrogada, em todos os paragraphos d'ella: tudo assim, e da maneira que o dito conde o possue e lhe pertence, por Minhas doações, para a dita Dona Philippa, sua neta, o haver por fallecimento do dito conde, seu avô, e todos os seus descendentes, segundo a fórma da dita lei mental, e para sua guarda e Minha lembrança, lhe mandei dar este alvará.....

«Lopo Soares o fez, em Lisboa, a 8 de julho de 1577.»

Tudo isto, e ainda outros muitos senhorios, perdeu D. José Mascarenhas, duque de Aveiro, pela sentença de 12 de janeiro de 1759, assim como a vida, no patibulo, com os seus infelizes companheiros, os Tavoras, em 13 do dito mez e anno. (Vide *Chão Salgado*.)

Os primogenitos dos duques de Aveiro, eram marquezes de Gouveia. O ultimo (filho do ultimo duque de Aveiro) foi D. Martinho Mascarenhas, que tinha 5 annos, quando seu pae (depois de soffrer as mais horrorosas torturas, para declarar os seus cumplices) foi despedaçado e morto, no caes de Belem, por ordem do ferocissimo Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal.

Apezar dos seus 5 annos, foi o marquez de Gouveia preso em um dos antros do forte da Junqueira, onde esteve 18 annos, sahindo no fim d'elles (1777) quando D. Maria I subiu ao throno, por morte de seu pae o imbecil D. José I, e Pombal deixou de ser ministro.

Não tinha o infeliz mancebo, nada de seu, porque tudo quanto possuia seu pae, tinha sido sequestrado. A *piedosa* D. Maria I, nada lhe restituiu, e nem ao menos se dignou responder ao requerimento commovente que ao desgraçado havia feito Paschoal José de Mello, nem lhe foi restituido o titulo de marquez de Gouveia.

D. Martinho sahiu do carcere, apenas coberto com uns ascorosos andrajos, não tendo

mais que a pelle e os ossos. Os frades de Mafra o levaram para o seu mosteiro, onde o vestiram decentemente e sustentaram por algum tempo. Depois esteve alguns annos em casa do seu parente, conde do Sabugal, que residia no seu palacio da *Rocha do conde de Obidos*, em Lisboa.

Passado algum tempo, o marquez de Alorna o fez capitão de um regimento. Por fim D. João VI, lhe deu, *por esmola*, uma mesada.

O ultimo descendente em linha recta masculina, dos duques de Aveiro, morreu em 1804, com 50 annos de edade, em uma pobre casa, da rua de *Buénos-Aires*, em Lisboa.

Custa a comprehender como em Portugal houvesse um monstro que condemnasse a 18 annos de prisão, uma innocente creança de 5 annos, e como houvesse um rei que auctorisasse tão grande ferocidade! E o mais é que, se D. José I não morresse em 1777, e o seu truculento 1.º ministro não fosse destituido dos seus empregos, o ultimo marquez de Gouveia, e ultima vergontea dos duques de Aveiro, de certo morreria de fome e miseria em uma das horriveis cavernas do forte da Junqueira.

D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, e da familia dos marquezes de Gouveia, em attenção á sua casa ser senhora da *dizema nova*, do pescado de S. João da Foz do Douro, mandou, em 1535, collocar no rio Douro (onde depois esteve uma cruz de ferro) em frente da *Cantareira*, proximo á barra, um monumento de pedra, para guia dos navegantes; como o prova a inscripção que se lê em uma grande lapide, encontrada alli, pelos mergulhadores empregados nas obras da barra, em 1868.

Ainda hoje (agosto de 1882) se vê a dita lápide, encostada ao barracão das obras, na extremidade N. O. do *Passeio Alegre*, junto á casa do *Salva-Vidas*; assim como alguns bocados das columnas que pertenceram ao monumento.

Eis a inscripção da tal lápide —

MICHAEL SILVIUS, EPISCOP.
VISEUS. NAVIGANTIUM SALUTIS
CAUSA, TURRIS II FECIT ET
IIII COLUMNAS POSSUIT.
ANNO MDXXXV.

(D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, mandou fazer duas torres, e pôr aqui estas quatro columnas, para salvação dos navegantes — no anno de 1535.)

Eis aqui a explicação d'esta lápide, o que tem feito scismar a muitos antiquarios, pelo facto de um bispo de Viseu mandar fazer aqui esta obra.

—

Tornemos a Valezim.

Vimos no principio d'este artigo, que a freguezia, tinha em 1705 — 250 fogos, e d'ahi a 63 annos (1768) apenas contava 166 — menos 84! Vou explicar esta diminuição.

Desde longa data, até aos principios do seculo XVII, foram alli importantes, a industria e o commercio do *panno de váras* (saragoças e bureis) que se vendiam em grande quantidade, nas feiras do Minho e Traz-os-Montes; mas, tanto os fabricantes como os vendedores, roubavam os compradores (como actualmente fazem os francezes) dando ás têas maior numero de varas do que ellas tinham.

Durou esta fraude muito tempo, até que os consumidores, deixaram de comprar estes pannos, e, ainda por cima, queixaram-se ao papa, de tão escandaloso roubo. Paulo V, em vista d'esta queixa, expediu uma carta de excommunhão contra os ladrões. [1]

[1] Não julgo muito digna de credito esta tradição, a ser verdade ter a povoação em 1705 — 250 fogos, ou, antes d'isso, tinha muito maior numero d'elles, visto que o papa Paulo V, foi elevado ao throno pontificio em 1605, e falleceu em 1621, e d'ahi a um seculo ainda aqui havia 250 fogos, e d'ahi a 63 annos (1768) já não havia senão 166, como vimos no principio d'este artigo.

Em vista d'isto, o fabrico e commercio dos referidos pannos, foi quasi completamente abandonado, e a povoação foi consideravelmente decahindo, por causa da *excommunhão paulina*; mas ainda ha outro ponderoso motivo para a decadencia d'este povo — é a falta de bôas vias de communicação — pois as que ha, são ainda do tempo dos gôdos (ou talvez, dos romanos) mas, em tal estado, que apenas hoje servem para peões, ou para bêstas, e não para carros.

Tambem tem contribuido para esta decadencia a destruição dos castanheiros, cujo fructo era uma das principaes producções de Valezim. Hoje, apenas alli se produz centeio, lan, algum milho, vinho e excellentes queijos (os melhores da Serra da Estrella) por haver aqui grandes rebanhos de ovelhas.

—

Valezim, é, incontestavelmente, povoação muito antiga, mas não se sabe a data da sua fundação, nem o nome do seu fundador. E' porém tradição, que foi fundada pelos mouros, que, sendo expulsos de Loriga (povoação limitrophe) se vieram estabelecer n'este *valle*, exclamando «*N'este val sim!*» — e que d'aqui lhe veio o nome. (Visto isso, os taes mouros, fallavam portuguez.....)

Tambem a tradição diz que o grande *Viriato Herminio*, nasceu n'esta freguezia, e que fundou aqui duas fortalezas, no alto de dous montes. E' certo que ao N., está o outeiro, ainda hoje chamado *Monte do Crasto* — e ao S., o *Cabeço do Castello* — e em ambos estes montes, ha vestigios de antiquissimas construcções, e alli se teem achado tijolos, e moedas romanas. (Vide *Póvoa Velha.*)

Diz o padre Carvalho, que as mulheres de Valezim eram muito formosas (no seu tempo....) Hoje, como nas outras terras, *ha alli de tudo.* [1]

Os homens d'esta terra, são, no geral, robustos, sóbrios e valentes, e bem mostram descender dos bravos e indomitos *pesures*, ou *herminios*. Nas varias luctas que teem sustentado contra os povos visinhos, foram quasi sempre vencedores. Não ha muitos annos, que trez pastores de Valezim, sustentaram, a pau e á pedra, uma renhida lucta, durante toda a noite do Natal, contra os moradores do Rosmaninhal (concelho de Idanha a Nova) muitas leguas distante de Valezim, ferindo bastantes contrarios, e sahindo todos trez vencedores e sãos e salvos.

São eminentes no jogo do páu, que aprendem desde a infancia, e que é a sua ordinaria distracção e o seu orgulho: apenas temem as armas de fogo.

Os habitantes d'esta parochia, são quasi todos pastores, ou lavradores; mas teve sempre familias nobres, e d'estas ainda hoje (1882) aqui vive a familia *Castello-Branco*, que possue os dous melhores edificios da povoação, sendo um d'elles brazonado, e da qual (familia) teem sahido varios homens illustres pelas armas, ou pelas lettras, entre elles, o sr. conselheiro José de Freitas Teixeira Spinola Castello-Branco, marechal de campo de engenharia e lente jubilado, da escola polytechnica, da qual foi director. Reside em Lisboa, e tem escripto varias obras sobre mathematica. E' irmão do contra almirante, o sr. Joaquim Pedro Castello-Branco, governador do porto da Ilha da Madeira, pae do sr. Eduardo Ernesto Castello-Branco, capitão de artilheria, e casado com sua prima, filha e herdeira de seu tio, o marechal.

São actuaes representantes d'esta nobre familia, os filhos do fallecido João de Freitas Mendonça Castello-Branco, bacharel formado em mathematica, e que, alem d'outros cargos publicos que exerceu, foi deputado ás cortes em 1865. Éra filho do juiz de fóra, o doutor Mauricio de Castello-Branco, um dos deputados ás cortes de 1820.

Tenho a honra de conhecer apenas um dos filhos de João de Freitas Mendonça Castello-Branco — é o sr. Joaquim Pedro de Freitas Castello-Branco, distincto agronomo do districto da Guarda, e um dos membros da expedição scientifica, á Serra da Estrella, em agosto de 1881.

---

[1] Vide no 2.º vol. pag. 221, col. 2.ª — e pag. 223, col. 2.ª

Depois que esta povoação entrou no periodo da sua decadencia, muitos habitantes teem emigrado para diversos pontos do reino, e em maior numero, para as cidades de Lisboa e Covilhan.

O seu clima é frio, mas saudavel, o terreno delicioso, pelo que os seus campos são em socalcos, guardados por grossas paredes de granito, pedra abundantissima na serra da Estrella e seus contornos.

A egreja matriz, é um templo espaçoso e venerando pela sua antiguidade, mas hoje está em ruinas. Serve de matriz, a ermida do Santissimo Sacramento, templo elegante, e solidamente construido, situado no centro da povoação.

Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja, todos de rica talha dourada.

Ha tambem a ermida de S. Sebastião, ao qual se faz a festa principal da freguezia—e a de S. Domingos, ambas publicas—e a particular, pertencente á familia Castello-Branco.

—

Montou-se aqui, em 1876, uma fabrica de lanificios (saragoças) junto da villa, na margem direita da ribeira de Valezim, servindo-lhe de motor a agua da mesma ribeira. Está fechada desde 1877. Era propriedade do fallecido doutor, João de Freitas Castello-Branco.

Ainda n'esta villa havia, em 1860, seis presbyteros e sete bachareis formados; em quanto que hoje conta apenas dois dos primeiros e trez dos segundos.

Como recordação de melhores tempos, ainda hoje se denomina *Passeio dos Padres*, um vistoso e pittoresco sitio, a uns 100 metros da villa, no caminho de S. Romão. Ha memoria de se verem alli passeiar simultaneamente DESESETE presbyteros, todos d'aqui!

—

Os pastores de Valezim, apezar de quasi todos analphabetos, são muito industriosos. Fabricam, com bastante perfeição, cajados, *cucharras* (colheres de cabo largo e curto) feitas de pontas de carneiro ou de boi, por vezes, muito ornamentadas; copos e merendeiras, de pontas de boi; e pifanos de páu, ou dos ossos das pernas (tibias) das betardas.

N'esta villa, como em todas as povoações da Beira-Baixa, o instrumento favorito das mulheres, é o *adúfe*, especie de pandeiro, quadrado, e que se toca com ambas as mãos, tendo pelle por ambos os lados.

—

No dia 21 de maio de 1879, pelas 3 horas da tarde, desabou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, que, por espaço de trez quartos d'hora, despediu tanta quantidade de pedra, *do tamanho d'ovos de gallinha, que tomou a altura de mais de um metro.* Causou gravissimos estragos. O arvoredo ficou esfolhado, como em dezembro—as cearas, ficaram pizadas—as hortaliças e outras plantas, destruidas—os terrenos escalavrados—tudo aniquilado e completamente perdido.

A *Lapa dos Dinheiros*, povação a 2 kilometros d'esta, ficou tambem arrazada, por tão espantosa tempestade.[1]

VALHELHAS — ou **VALLELHAS** — villa, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, concelho, comarca, e 18 kilometros da Guarda (foi cabeça do concelho do seu nome, com 1:200 fogos, supprimido em 1836) 310 kilometros ao E. de Lisboa.

150 fogos.

Em 1768, tinha 65.

Orago, Santa Maria Maior.

O padroado real apresentava o prior, que tinha 90$000 réis de rendimento annual.

E' povoação antiquissima, existindo ja no tempo dos romanos. Despovoou-se com as guerras da edade media, e D. Sancho I e seus filhos a mandaram povoar, em 1187, dando-lhe foral, com grandes privilegios, em julho de 1188, que foi confirmado por seu filho, D. Affonso II, em Santarem, no mez de outubro de 1217. O rei D. Manoel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 20 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, folhas 87, col. 2.ª) Este foral, serve tambem para *Barrellas, Famalicão, Outeiro* e *Serzêdo.*

---

[1] A maior parte d'este artigo, foi redigido pelo meu esclarecido amigo, o sr. doutor, Pedro Augusto Ferreira, abbade da Miragaia, no Porto; pelo que lhe dou os meus cordeaes agradecimentos—pedindo-lhe perdão dos varios córtes que me vi obrigado a fazer.

No foral antigo, declara D. Sancho I, que tinha dado esta villa *de juro e herdade* a Dom Gomes Ramires, mestre da Ordem do Templo, e aos seu frades; os quaes d'aqui fizeram uma commenda, e aqui construiram uma casa, em que alguns d'elles residiram temporariamente. Em 1197, fez o mesmo soberano, ao mestre da mesma ordem, D. Lopo Fernandes, nova doação de Idanha a-Velha — e em 1199, lhe doou a grande *herdade da Açafa* (que foi villa no termo de Rodam) nas duas margens do Tejo (vide *Rodam).* Esta doação foi feita *pelo amor de Deus*, pelos grandes serviços que os templarios fizeram á patria, e em troca das egrejas do Mogadouro e Penas-Royas — e para que os cavalleiros as povoassem (a *Açafa*) e aforassem, como bem lhes parecesse. Os templarios já tinham cedido á corôa, os castellos do Mogadouro e Penas-Royas, e por esta doação lhe cederam tambem as egrejas.

Pela extincção da ordem do Templo, em 1311, esteve a commenda de Valhelhas em poder da corôa, até 1319, passando então para a nova ordem de Christo, que o rei D. Diniz havia instituido. E' por isso que o rei, como grão-mestre d'esta ordem e da de S. Thiago, apresentava o parocho, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens.

Vallêlha, no portuguez antigo, significava pequeno valle — depois, se corrompeu em *Valhêlhas*.

—

Teve um mosteiro de frades franciscanos, fundado em 1680, por D. Rodrigo de Castro, senhor de Valhelhas, e seu neto e herdeiro, D. Diogo de Castro, com frades que vieram da cidade da Guarda.

Chegou a ter 25 frades, no principio do seculo XVIII. Na sua egreja se venerava a imagem do Bom Jesus, que um pastor achou em uma lapa da serra. Esta imagem foi removida para a egreja matriz, e ainda se festeja alli, na dominga da S.S. Trindade, havendo então uma boa feira e concorridissima romaria. Do mosteiro, ainda hoje (1882) existe uma grande parte: fica a 4 kilometros da villa, na estrada que vae para Famalicão. Chama-se *Mosteiro do Bom Jesus de Valhêlhas*. A egreja conserva-se em bom estado, e faz-se alli uma festa no dia de S. Miguel.

—

A villa, está na margem esquerda do Zêzere, em sitio fundo, e quasi ao nivel do rio, entre altas ribanceiras que pendem quasi a prumo, dos contrafortes da Serra da Estrella sobre o rio; mas o povoado está em um pequeno valle (d'onde lhe provém o nome) e que é uma especie de insua, rodeado de bellos campos com agradavel perspectiva.

A villa é de humilde apparencia, e revela ter decahido bastante da sua primittiva prosperidade; mas é provavel que o caminho de ferro da Beira, que lhe passa a poucos kilometros de distancia, lhe dê uma nova vida.

Pelo centro da villa, passa a velha estrada de Manteigas para a Guarda. Os seus mais notaveis edificios, são a egreja matriz, no centro da povoação, e as ruinas do seu antigo castello. O pelourinho é formado por uma columna de granito, oitavada, e com seus ornatos na cúpula. Foi feito em 1555, data que n'elle está gravada.

—

A egreja, é um templo regular, muito antigo, bastante pobre e maltratado. Tem altar-mór, e dous lateraes no corpo da egreja, todos de velha e desgraciosa talha dourada. Tem um pulpito de granito, com ornatos em relevo, bastante tôscos, e serapintados com côres vivas, que os tornam ainda mais toscos. E'muito baixo, e assenta em uma columneta de pedra, em uma das faces tem esta inscripção —

ANNO DOMINI ERECTUM
1674.

Na rectaguarda da capella-mór, se ergue um antiquissimo campanario, para o qual se sóbe, pelo lado do rio, por toscos degraus de pedra: tudo esburacado, em ruinas, e coberto de musgo. As pedras oscillam, quando dobram os sinos, mas são tão grossas, e bem travadas, que ainda não cahiram. Tem dous sinos, um com a data de 1778 — outro com a de 1797 — um relogio — e na verga da pequena casa onde está a fabrica d'elle, a data de 1789.

No angulo do N., d'este campanario, estão as armas dos Castros, bastardos (os das seis arnellas) e o mesmo brazão está no cimo do rectabulo do altar-mór, da egreja matriz; o que prova que estes Castros possuiam no seculo XVII, o senhorio de Valhelhas, e a alcaidaria-mór do seu castello.

Sobre a porta lateral da egreja, do lado do sul, está gravada uma inscripção latina que diz —

MENSE MARCII MILESIMO
DUCENTESIMO HAEC ECCLESIA
FUIT SACRATA.

(Esta egreja, foi sagrada, no mez de março de 1200.)

Esta data, deve ser do anno do Nascimento de Jesus Christo; e não da era de Cesar, que então correspondia ao anno de 1162, época em que esta terra estava despovoada.

—

A nova estrada districtal, a Mac-Adam, da Guarda a Manteigas, por Valhêlhas, na parte já construida, afastou-se, em algumas partes, do leito da antiga, que tinha declives de 20 a 30 % — e a nova apenas os tem de 5 %.

—

As freguezias confinantes, são — na margem esquerda do Zêzere — *Sameiro*, a 15 kilometros — *Val da Amoreira*, a 8 — *Famalicão*, a 6 — *Gonçalo*, a 7 — e na margem direita do rio — *Verdêlhos*, a 7 — *Sargêdo*, a 7 — e *Aldeia do Matto*, a cinco.

—

Segundo a tradição, em tempos remotos, existiu um mosteiro de frades benedictinos (ou agostinianos) a O. da villa, no sitio das *Vinhas*. E' certo que alli se encontram claros vestigios de uma antiga construcção, como tijollos, pedras *apparelhadas*, e outros objectos. Outros dizem que nas *Vinhas* é que os templarios tinham a sua casa de residencia, e que os vestigios que alli apparecem, são restos da tal casa. Parece-me mais provavel que esta casa fosse a que Manoel Pinto Pereira reconstruiu em 1693, como vimos atraz.

—

Ha n'esta freguezia as seguintes ermidas:

1.ª — *São Sebastião*, construida em 1577, e hoje tão arruinada, que a imagem do padroeiro foi removida para a matriz.

2.ª — *Corpo Santo*, que dizem ter sido a capella da Misericordia (cujo hospital ha muitos annos não existe, nem d'elle ha o minimo vestigio.) No altar-mór, que é elegante, está uma imagem muito antiga e tosca, de Jesus Christo, semelhante a uma de Santa Maria Maior (padroeira da freguezia) que está na matriz, e parecem ambas, obra do mesmo artista. Na capella-mór d'este velho templo, se lê esta inscripção —

PER ME REGES REGNANT.

Esta ermida teve magnificos paramentos, e alfaias de grande valor, do que só resta uma cazulla de velludo vermelho, bordado a matiz, dadiva de uma das condessas de Castello-Melhor.

Teve um Sacrario de pedra, de excellente esculptura, que foi destruido pelas hordas ferozes de Bonaparte, durante a guerra peninsular.

3.ª — *Bom Jesus*, que foi egreja do mosteiro, como já se disse.

4.ª — *São Miguel archanjo*.

5.ª — *S. Pedro apostolo*.

6.ª — *Santa Margarida*. Ambas estas ermidas, estão desmantelladas, e as suas imagens foram removidas para a egreja matriz.

—

Perto da egreja ha uma casa de pouca apparencia, mas denotando ter pertencido a uma familia distincta. E' brazonada, e sobre o escudo se lê esta inscripção —

MANUEL PINTO PEREIRA, FILHO DO
SARGENTO MAOR MEL. DA CA. BORGES.
MANDADA FAZER ESTA OBRA 1693 AS.

Isto, na face do edificio que olha para o sul, e que tem uma janella com lavores esquisitos e a data de 1335 — do outro lado se vê em uma pedra, já muito carcomida pelo tempo, a data de 1337.

Quer-me parecer que este edificio foi a casa de residencia dos templarios, e que as datas de 1335 e 1337, são da da era de Cesar, correspondentes aos annos 1297 e 1299

de Jesus Christo. Depois — em 1693 — o tal Manoel Pinto Pereira, reconstruiu a antiga casa, como se vê da inscripção.

—

O velho castello estava no tope de uma collina, sobranceira e contigua á povoação. Foi demolido, empregando-se os seus materiaes em outras construcções, e hoje apenas resta, *para memoria*, um resto da torre de menagem, de uns 15 metros de altura; mas a face, do lado do rio, já desabou. Consta ser obra dos templarios.

Ainda pelos annos de 1755, havia em volta da torre da menagem uma cinta de muralhas, e dentro d'ellas algumas casas, que tudo foi destruido pelo terremoto do 1.º de novembro d'esse anno. O que resta d'este venerando monumento, está litteralmente revestido de uma *esteira*, ou *tapete* de formosas heras: a não ser esta planta, já nada existiria de pé.

—

Nos principios do seculo XVIII, eram senhores d'esta villa os condes de Castello-Melhor.

Teve Misericordia e hospital, que já não existe.

Emquanto a villa foi séde de concelho, tinha juiz ordinario, vereadores, escrivão da camara, procuradores do concelho, juiz dos orphãos e seu escrivão, e dous escrivães do judicial e notas.

O seu termo comprehendia, além de Valhelhas, cinco freguezias — *Famalicão, Gonçalo, Val de Moreira* (ou da Amoreira) que, como a villa, começaram a formar parte do concelho e comarca da Guarda — *Sarzêdo*, que passou para a comarca e concelho da Covilhan — e *Sameiro*, que passou para o concelho de Manteigas, comarca de Gouveia.

A freguezia de Sameiro, pertencia á ordem de Malta; todas as mais, foram dos templarios, e vieram (1319) a constituir uma commenda da ordem de Christo.

Junto á villa, ha, sobre o Zêzere, uma ponte, de pedra, de quatro arcos.

O povoado está na margem esquerda do Zêzere, na confluencia da ribeira de Famalicão, que desce da serra, e passa junto da aldeia que lhe dá o nome.

—

Não ha actualmente n'esta villa, um unico sacerdote, além do Rev.º parocho, que não é d'aqui natural.

Nasceu em Valhelhas, o sr. *José Augusto Soares Ribeiro de Castro*, bacharel formado em direito, e distincto advogado nos auditorios da Guarda.

Foi aqui construida em 1866, uma fabrica de papel, da qual era motor a agua do Zêzere. Não trabalha actualmente.

—

As principaes producções agricolas d'esta freguezia, são — milho, feijão, batatas, castanhas, vinho, azeite, fructas, centeio e legumes. O Zêzere a fornece de optimo peixe, e é abundante em gado, principalmente miudo, e caça de toda a qualidade.

—

Esta villa soffreu muito, durante a guerra peninsular, pois que os francezes roubaram da egreja matriz e da capella do Corpo Santo, uma custodia, d'ouro — dous calices, um de ouro e outro de prata — varios peramentos, bordados, uns a ouro e outros a matiz, e tudo o mais que lhes fez conta.

Tambem saquearam as casas de varios habitantes da villa, na qual praticaram toda a casta de barbaridades, como tinham de costume estas hordas de trucullentos salteadores e assassinos, que o inferno vomitou sobre a Peninsula hispanica, para castigo dos nossos peccados.

A maior parte d'este artigo, como o antecedente, devo-o á amisade e benevolencia do sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, esclarecido abbade de Miragaia, no Porto.

VAL FREICHOSO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Mirandella, 145 kilometros ao N.E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 48.

Orago, São Lourenço.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis de rendimento.

Fertil. Gado e caça.

VALLA DE CAVALLEIROS—Ribeira, Douro, na freguezia da villa d'Ançan, comarca e concelho de Cantanhêde.

No supprimido concelho de Amçan, ha para admirar duas nascentes de agua — a *Fonte de Ançan* e a *Gruta de Portunhos* : a primeira, porque bróta de um rochedo, de um jacto, e em tanta abundancia, que logo fórma uma copiosa ribeira, cujas aguas, ainda que salobras, pelo carbonato de cal que trazem em dissolução (em consequencia das enormes massas d'esta pedra, que atravessam) é util para a irrigação, e para mótor de 18 moinhos de cereaes, e de um lagar de azeite, que ha desde a sua nascente, até proximo da *quinta do Rol*, dos senhores Pintos Bastos, da Vista-Alegre. [1] A segunda, porque sáe de um buraco, ou orificio, insondavel, existente no centro de uma extensa galeria subterranea. Sécca quasi todos os estios, e suppõe-se ser a mesma nascente que a primeira, e que só repucha quando o canal subterraneo não pode conduzir toda a massa d'egua.

A ribeira, formada por estas duas nascentes, pelas aguas da *Pena*, pelos celebres *Olhos da Loureira* (proximos á villa) pellas aguas de *Val Travêsso*, ou VALLA DE CAVALLEIROS, formada de pequenas nascentes, ao O. do lagar de *Cárquere*, e ao S. de *Enxofães*, e da nascente mais consideravel, ao pé do logar da *Ferraria*, denominada *Olho de Mouréllos*, que n'ella entra, abaixo de *Mascarenha*, no *Parisol*, correndo de N. a S., vae desaguar na *Valla de Fórnos*, abaixo do logar de *Lavarrábos*, no sitio do *Caldeirão*.

Já por vezes tem chegado barcos carregados de sal até á referida *quinta do Rol*, que fica na *Varzea de Ançan* ; e muitas vezes— de inverno — alli se teem carregado barcos, com oito pipas de vinho da Bairrada para a Figueira da Foz.

Esta ribeira, produz algum peixe miudo, enguias, sôlhos, trutas, barbos, e *ruivacos* (um peixe do tamanho de camarões, que se come cosido, tendo por môlho, apenas sumo de limão — se se lhe deitar azeite, não se póde comer — É baratissimo, porque sobe em cardumes pela agua das vallas, e basta pôr um cesto com a bocca contra a corrente, para se apanharem centos e centos.)

Na VALLA DE CAVALLEIROS ha bastantes ameijoas.

VALLADA — freguezia, Extremadura, concelho e comarca do Cartaxo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Santarem) situada perto da margem direita do Tejo, 65 kilometros a N. E. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 214. [1]

E' no patriarchado. Districto administrativo de Lisboa.

O padroado real, apresentava o vigario, que tinha 200$000 de rendimento annual.

Feira a 24 de agosto, trez dias.

Foi commenda da ordem de Christo.

Na aldeia de *Porto de Muge*, d'esta freguezia, ha uma antiga ermida, dedicada a São João Baptista.

Esta freguezia, como todas as do *Riba-Tejo*, soffreram muito com as inundações do inverno de 1876, principalmente no mez de dezembro.

Foi no dia 7, ás 9 horas da manhã, que a agua do Tejo tocou o maximo de 7m,80 de altura, galgando em muitos pontos o capêllo do dique de Vallada, produzindo-lhe quatro arrombamentos. Estes deram-se, um no sitio das *Cinco Oliveiras*, junto áquella povoação, e que produziu a inundação n'este ponto ; outro á *Casa Nova*, levando comsigo o deposito de ferramentas que alli estava estabelecido ; outro á *Serrada do Padre* ; e finalmente o ultimo á *Tapadinha*. D'estes trez ultimos arrombamentos resultou a inundação completa dos campos.

Salvou-se toda a gente, e gado, e alguns cereaes.

Os lavradores mais prejudicados foram : o sr. João Ignacio da Costa, que conta ter per-

---

[1] O doutor F. da F. Henriques, no seu *Aquilegio medicinal*, attribue ás aguas da Fonte d'Ançan, a virtude, de *facilitar os partos* (!) e curar os achaques de dôr de pedra: e á fonte do Rol, virtudes laxantes.

[1] Segundo a *Historia de Santarem edificada*, tomo 2.º, pag. 294, em 1738 tinha 252 visinhos, incluindo a povoação de *Porto de Muge*.

dido uns 200 moios de trigo, 80 de cevada e 35 de fava, calculando os seus prejuizos em 14 contos de réis; e o sr. João Augusto Seabra, 10 moios de trigo e 20 de fava.

Na noite de 8 para 9 começou o rio a descer, e á uma hora da tarde d'este ultimo dia marcava a escala 6m,56. No dia seguinte, marcava ás 2 horas e meia da tarde, 4m,67,

Algumas casas, construidas de adôbos, desabaram.

Dizem os homens antigos de Vallada que esta cheia foi muito superior á que houve em 1823, que até agora era considerada a primeira.

Os soccorros foram promptos, tanto por parte do governo, como de varios particulares.

De Lisboa, logo que se teve noticia das proporções que o Tejo hia tomando, partiram para aquelle ponto, o sr. João Guedes de Quinhones, (engenheiro chefe de secção, em commissão na direcção das obras do Tejo e seus afluentes) e o sr. D. Antonio d'Almeida, ao qual, ha muito tempo, está confiada a direcção d'aquellas obras.

O sr. Quinhones, conservou se alli durante o tempo em que a sua vida corria mais risco; e tanto este cavalheiro, como o sr. D. Antonio d'Almeida, prestaram relevantes serviços ao povo de Vallada, em tão calamitosa conjuntura, e são dignos de especial menção e louvor, pela actividade e zelo que mostraram, no cumprimento das ordens que constantemente recebiam do governo.

A gente que não poude fugir a tempo, subiu aos telhados, d'onde foi salva, em barcos.

De Lisboa, foram os vapores do sr. Bournay, e os rebocadores do Arsenal, *Operario* e *Toiro*, para salvarem os inundados. Este ultimo vapor, levou a reboque um lanchão, carregado de mantimentos, vinho, bolacha, bacalhau, azeite e aguardente, para 3:600 rações.

Depois partiram os vapores, *Leão*, *Tigre*, *Progresso*, *Tejo*, *Alcantara* e *Pescador*. N'este ultimo, é que foi o sr. D. Antonio d'Almeida, e o 1.º tenente da armada, o sr. Freitas, ajudante do superintendente do Arsenal.

Os vapores Pescador e Progresso, foram por conta da *Companhia das Lezirias*, que soffreu grandes prejuizos.

As perdas em cereaes e outros fructos, assim como em mobilias, roupas e outros objectos; em casas demolidas, ou prejudicadas, mais ou menos, e nos campos, montaram a muitos contos de réis; e em todo o Riba-Tejo, em perto de um milhão de cruzados!

Marquezes de Vallada, condes de Caparica.

O primeiro conde de Caparica (feito a 10 de maio de 1793) e 1.º marquez de Vallada (feito a 17 de dezembro de 1813) foi —

D. Francisco Menezes da Silveira e Castro, 14.º senhor do mórgado da Patameira (instituido em 1447) 12.º senhor do mórgado de Caparica (instituido em 25 de agosto de 1449) par do reino, em 1826 — veador da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon (mulher de D. João VI) e seu estribeiro mór, e mordomo-mór — grão-cruz da ordem de São Bento de Aviz — 8.º) commendador de Vallada (commenda instituida a 7 de abril, de 1573) da ordem de Christo — Cavalleiro da insigne ordem do Tozão d'Ouro, em Hespanha — membro do governo do reino, pelo fallecimento de D. João VI — encarregado de acompanhar á côrte de Madrid, as infantas D. Maria Isabel, que foi rainha de Castella, e D. Maria Francisca, as quaes sahiram do Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1816, para Cadix, a bordo da náu de guerra portugueza, *São Sebastião*.

Succedeu na casa, a seu pae, a 12 de maio de 1780.

Nasceu a 10 de março de 1754, e falleceu a 22 de julho de 1834.

Casou duas vezes — a 1.ª a 16 de julho de 1776, com D. Anna Thereza de Almeida, dama da ordem de Santa Isabel; nascida a 28 de março de 1760, e fallecida, no Rio de Janeiro, a 18 de dezembro de 1815. Era filha dos 2.os marquezes do Lavradio.

Casou 2.ª vez em junho de 1816, com D. Francisca d'Almeida, filha dos 3.os marquezes do Lavradio, nascida no 1.º de setembro de 1792, e já fallecida.

Filhos do 1.º matrimonio
(por ordem de edades)

1.º — *D. Marianna*, condessa de Castro-Marim, nascida em 10 de outubro de 1784, e já fallecida.

2.º — *D. Luiza*, condessa de Lumiares, nascida a 15 de julho de 1789, e tambem já fallecida.

3.º — *D. Maria Barbara*, dama da rainha D. Maria I, e fallecida freira professa no mosteiro de N. Senhora da Conceição, de Arroios.

4.º — *D. Francisca Quintina*, condessa de Paraty (no Brasil.) Nasceu a 31 de outubro de 1793.

5.º — *D. Maria Roza de Menezes*, condessa de Avintes e marqueza do Lavradio.

Nasceu a 6 de abril de 1798, e ficou viuva em 1874 (vide *Torres Vedras*.) Falleceu a 16 de abril de 1879.

Filhos do 2.º matrimonio

D. José de Menezes da Silveira e Castro, 2.º marquez de Vallada, 2.º conde de Caparica, 13.º senhor do mórgado de Caparica, 15.º do mórgado de Patameira.

Nasceu a 13 de fevereiro de 1826.

É do conselho de S. M., par do reino, official-mór da casa real; grão-cruz da ordem da Conceição; grão-cruz e bailio da ordem Hospitaleira e Soberana de S. João de Jerusalem; commendador da ordem de Christo; e da antiga e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, etc.

—

A freguezia de Vallada, como todas as do Riba-Tejo, é fertilissima em todos os fructos agricolas do nosso paiz; cria grande cópia de gado bovino (os celebrados *touros do Riba-Tejo*) e é abundante de peixe do Tejo, e do mar, que lhe vem por este rio.

Os homens d'aqui (campinos) são valentes e trabalhadores, mas, no geral, bastante turbulentos: As mulheres, teem fama de formosas, e são espertas, desenvoltas e trabalhadoras.

VALLADARES — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião (foi da extincta comarca de Soalhães, e do mesmo concelho de Baião), 65 kilometros ao E. N. E. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1768, tinha 120.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Os descendentes de João da Costa Athaide, apresentavam o abbade, que tinha 700 mil réis de rendimento annual. (O Catalogo dos bispos do Porto — pag. 430, col. 1.ª —diz— rende *largos* 300$000 réis.) Segundo a mesma obra, tem as ermidas do *Salvador* e *Nossa Senhora de Estozende*.

É povoação muito antiga, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e o Douro, que lhe fica proximo (ao sul) a fornece de optimo peixe; e pelo mesmo rio lhe vem peixe do mar — servindo-lhe tambem de via de communicação, com a cidade do Porto, com a qual faz grande negocio de exportação e importação.

Tambem lhe passa a pouca distancia o caminho de ferro do Douro.

VALLADARES — freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, districto administractivo, bispado e 5 kilometros ao S. do Porto, 328 kilometros (pelo caminho de ferro) ao N. de Lisboa, e 335 pela estrada ordinaria. Tem 450 fogos.

Em 1768, tinha 114.

Orago, o Salvador.

As religiosas de *Corpus Christi* (dominicanas) de Villa Nova de Gaia, apresentavam o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento annual. O «Catologo dos bispos do Porto» diz que o cura tinha 140$000 réis de rendimento. (É mais provavel isto; pois que o *Port. Sacro*, diminue quasi sempre o rendimento dos parochos.)

É n'esta freguezia a 38.ª estação do caminho de ferro do norte, vindo de Lisboa, e a 22.ª vindo do Entroncamento. É á 2.ª (a 1.ª é nas *Devezas*) hindo do Porto para Lisboa.

No domingo 5 de julho de 1874, foi benzida a nova capella-mór, da egreja matriz, em construcção, d'esta freguezia. E no domin-

go, 4 de julho de 1875, se benzeu a nova egreja, assistindo ao acto, o bispo da diocese.

Em 11 de março d'este ultimo anno (1875) se tinham collocado os sinos, na torre da nova egreja. N'esse dia, o presidente da commissão promotora, deu um jantar aos operarios,

Posto que de architectura síngela, é um templo muito bello e elegante, e uma das melhores egrejas ruraes do bispado.

E' terra fertilissima em todos os generos agricolas do nosso paiz; cria muito gado bovino, que exporta (quasi todo para Inglaterra) é abundante de peixe do Douro e do mar, que lhe fica a 3 kilometros ao O. — e é freguezia muito rica, pelo constante negocio que faz com a cidade do Porto, diariamente. Além d'isso, muitos dos seus habitantes são artistas, empregados nas obras e estabelecimentos industriaes d'aquella cidade.

VALLADARES — villa, Minho, comarca e concelho de Monsão (foi da mesma comarca, mas capital do concelho do seu nome, supprimido pelo ominoso decreto da regencia, em 24 de outubro de 1855) 65 kilometros ao N. de Braga, 500 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768. tinha 105.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 205$000 réis de rendimento annual.

D. João I lhe deu carta de foral, em Lisboa, no 1.º de julho de 1317. D. João II, a confirmou, em Santarem, a 12 de julho de de 1487; e n'esta carta de confirmação, vem incerta a de foral. (*L.º 21 da Chancellaria de D. João II*, folhas 141 vs.—Veja-se tambem um documento, na gaveta 15.ª, maço 5, n.º 11.)

O rei D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*L.º de foraes novos do Minho*, folhas 103 vs., col. 1.ª).

É uma das mais antigas povoações da provincia do Minho, e, com toda a certeza, do tempo dos gôdos.

Mesmo como concelho, é dos principios da nossa monarchia, e que devia ser conservado, não só pela sua importancia, mas — e sobre tudo — pela sua antiguidade. Não o entenderam assim os ministros do sr. D. Fernando (então regente) e, *para commodidade dos povos* (!) o suprimiram.

Emquanto foi concelho, tinha juiz ordinario, trez vereadores, procurador ds concelho, escrivão da camara, almotacés, quatro escrivães do publico, judicial e notas, meirinho, juiz dos orphãos com seu escrivão privativo, distribuidor, inquisidor e contador — tudo de nomeação régia. Tinha tambem escrivão das sizas, capitão-mór, sargento-mór, e quatro companhias de ordenanças.

A villa está situada em um formoso valle (do qual lhe procede o nome) com bellos arrabaldes, e cercada de quintas muito ferteis. Tem alguns palacetes, denotando a nobreza da povoação: finalmente, é uma das mais bonitas villas do Minho, onde quasi todas são bonitas.

Ao sul d'esta pittoresca povoacão, se eleva um outeiro, chamado de *Nossa Senhora da Graça*, e no tópe d'elle, está a formosa ermida da Senhora que lhe dá o nome. É muito antiga, com um adro ou alpendre, cercado de magnificas paredes, com columnas na entrada e em todos os quatro lados.

Do alto d'este outeiro, se avista — a E., a villa de Melgaço (a 9 kilometros de distancia) com o seu vetusto castello, e cercada de seus velhos muros, quintas e casas de campo — ao O., as villas de Monsão, e Valença, e a cidade gallega de Tuy; 30 kilometros do rio Minho, até á sua foz em Caminha — ao N., varios montes e aldeias, tanto de Portugal como da Galliza — e ao S., planicies e serras. Finalmente, é um formosissimo panorama.

A capella de Nossa Senhora da Graça, está perfeitamente conservada, e a sua padroeira é objecto de grande devoção, não só do povo da freguezia, mas das circumvisinhas, principalmente das de Sá e Badim (O *Santuario Mariano* não menciona esta ermida, apezar de já existir muitos seculos antes da publicação d'aquella obra.)

A villa, tem Misericordia e seu hospital.

—

Foi solar dos *Marinhos*, que deram o no-

me a uma pequena freguezia, hoje annexa a esta.

Marinho, é um appellido nobre em Portugal, tomado do nome proprio de homem, ou de alcunha. O primeiro que n'este reino se acha com tal appellido, é um fidalgo gallego, chamado *D. Affonso Paes Marinho*, que fez o seu solar em Marinhos. Os Marinhos de Ponte do Lima, e outras familias do mesmo appellido, procedem d'aquelle D. Affonso.

Como este tronco lançou muitos ramos, uns adoptaram por armas, uma sereia, com cabellos d'ouro (alludindo ao appellido) — outros, cinco flores de liz, de prata em campo verde — outros, trez ondas, de azul e prata—outros, cinco meias flores de liz, d'ouro.

Isto, segundo alguns heraldicos; mas, nos manuscriptos da casa Palmella, dando a mesma procedencia a esta familia, diz-se que o brazão d'armas dos Marinhos, é — em campo de prata, 4 faxas azues ondeadas — élmo de prata aberto, e por timbre, uma sereia, com cabellos d'ouro — Mas os da *freguezia de Marinho, termo de Valladares*, uzam — em campo verde, 5 flores de liz, de prata, em aspa, e por baixo d'ellas, 3 faxas de ondas de azul e prata — outros em campo de prata, 3 ondas de azul, em faxa — outros finalmente, em campo azul, 5 meias flores de liz, d'ouro, em aspa. Mas todos, têem por timbre, uma sereia.

—

Valladares, é tambem um appellido nobre d'este reino. Não se sabe se o deu a esta villa, ou se o tomou d'ella: o que se sabe, é que eram seus donatarios. O primeiro que consta ter tomado o appellido de Valladares, foi *D. Soeiro Arias de Valladares*, que se achou em duas batalhas que, no mesmo dia, tiveram os portuguezes, commandados pelo famoso D. Gonçado Mendes da Maia—o *Lidador*—contra os mouros, perto da cidade Beja, em 1169. (Para evitarmos repetições, vide no 3.º vol., pag. 347, col. 2.— *Maia*, e *Retorta*.)

De *Dom Lourenço Soares de Valladáres*, procedem quasi todos os reis da Europa, por sua bisneta a rainha de Castella, D. Beatriz, mulher de D. João I, filha de D. Leonor Telles de Menezes, mulher do nosso D. Fernando I.

Teem os Valladares por armas — escudo esquartellado — no 1.º e 4.º, de azul, um leão de prata, lampassado de púrpura—2.º e 3.º, escaquetado de prata e púrpura, de 6 peças, em faxa, e 6 em palla—élmo de prata, aberto, e por timbre, um leão de prata, com a cabeça escaquetada de púrpura e prata.

Alguns Valladares usam as armas dos Sotto-Maiores.

Condes de Valladares.

O primeiro conde de Valladares, foi *Dom Miguel Luiz de Menezes*, Commendador de S. Julião do Monte-Negro, e da Granja de Loares; filho de D. Carlos de Noronha e de D. Antonia de Menezes, filha natural de D. Miguel de Menezes, 6.º marquez de Villa-Real, e 1.º duque de Caminha. D. Miguel teve aquelle titulo e outras rendas (em 20 de junho de 1702) por ajuste com o rei D. Pedro II, pelo direito que tinha a casa de Villa-Real, depois do castigo do marquez d'esta ultima villa, e de seu filho, o duque de Caminha (4.º vol., pag. 113 col. 1.ª).

2.º *conde de Valladares* — foi Dom Carlos de Noronha (filho do 1.º conde) — gentil-homem da camara do rei D. João V, e fallecido em 8 de fevereiro de 1731.

3.º *conde* — Dom Miguel Luiz de Menezes (filho do 2.º conde) deputado da junta dos Trez Estados, casado com D. Marianna de Castello-Branco, filha do 2.º marquez de Alegrête.

A varonía d'esta casa é a mesma dos condes de Linhares, da qual se separou um ramo na pessoa de D. Carlos de Noronha, presidente da Mesa da Consciencia e Ordens, e filho de D. Antonio de Menezes, alcaide-mór de Viseu; e neto de D. Pedro de Menezes, que era filho do 1.º conde de Linhares. Este conde de Linhares era filho segundo de D. Pedro de Menezes, 1.º marquez de Villa-Real.

Pertencem tambem a esta nobilissima familia, os marquezes de Angeja e condes de Peniche — condes dos Arcos, e outras esclarecidas familias; assim como os senhores da *quinta da Prelada*, nos arrabaldes do

Porto. (As pessoas que desejarem saber a origem dos Noronhas portuguezes, vejam no 7.º vol., pag. 669, col. 1.ª e 2.ª.)

Cumpre-me aqui rectificar um erro que escapôu na palavra *Prelada*. Henrique II, de Castella, era irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I, *o Cruel* (ou *Cru*) e não como digo no logar citado.

Foi 8.º *conde de Valladares*, D. Pedro Antonio de Noronha (vide 9.º vol., pag. 621, col. 2.ª e seguintes) gentil-homem da camara de D. Maria I, grão-cruz da ordem da Conceição; commendador da de Christo; chefe de divisão, da armada real; ajudante d'ordens do infante almirante. Foi, em 1822, a Madrid, conduzir a princeza D. Maria Thereza, e seu filho o infante D. Sebastião. Nasceu no 1.º de agosto de 1778, e falleceu a 4 de agosto de 1827. Tinha casado a 24 de julho de 1810, com D. Maria Helena da Cunha, dama da rainha D. Maria I, e nascida a 29 de outubro de 1777, e fallecida a 26 de maio de 1827. (Seu marido apenas lhe sobreviveu 70 dias!) Era filha dos 3.ºs condes de Povolide.

Tiveram trez filhos —

1.º — *D. José*, do qual adiante trato.

2.º — *D. Francisco Antonio de Noronha*, nascido a 4 de outubro de 1812, e casado com a marqueza de Vagos.

3.º — D. Maria Francisca, dama da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, viuva de D. João VI — D. Maria Francisca, nasceu no 1.º de maio de 1820.

9.º *conde de Valladares* — Dom José Antonio Abranches de Castello-Branco, commendador da ordem de Christo, nascido a 11 de fevereiro de 1813 — succedeu a seu tio, o marquez de Torres Novas.

O 9.º conde, falleceu em 24 de junho de 1873. Pertenceu sempre ao partido legitimista, e era um cavalheiro afavel, bom, caritativo e tolerante; pelo que foi sempre amado e respeitado de todos quantos o conheceram.

E' actual representante d'esta nobilissima casa, o sr. D. Francisco Antonio de Noronha Castello-Branco, que não tem querido a renovação do titulo, pelo governo liberal.

Brazão d'armas dos condes de Valladares

São as mesmas dos marquezes de Villa Real e duques de Caminha — isto é — escudo esquartelado das armas dos Noronhas — no 1.º e 4.º, as armas de Portugal, com o signal de bastardia — no 2.º e 3.º, as armas de Castella, e no centro o escudo dos Menezes, de Tarouca (que é, o escudo repartido em 6 — no 1.º, o estoque, em campo d'ouro — no 2.º, 4 barras de púrpura, em campo d'ouro — no 3.º dous lobos, em campo d'ouro = e na ordem de baixo, as barras e lobos, e no meio d'este escudo, o annel dos Menezes)

Este escudo, ainda hoje se vê no palacio que foi dos duques de Caminha, em Leiria — e ainda ha dous annos se via na *porta de Vianna*, da villa de Caminha, que ficava ao sul, e foi demolida para ampliar a povoação. As armas de Portugal, estavam á direita, e as do tal duque, á esquerda.

—

O territorio d'esta freguezia e seu termo, como todos os que estanceiam sobre a margem esquerda do rio Minho, é fertilissimo em todos os generos agricolas; cria gado de toda a qualidade; nos seus montes, ha abundancia de caça; o rio a fornece de optimo peixe — incluindo salmões, lampreias e saveis — e é tambem muito abundante de peixe do mar, que lhe vem pelo dito rio.

Gil Rodrigues de Valladares

Vimos que D. Soeiro Arias de Valladares, foi senhor d'esta villa, e contemporaneo de D. Affonso Henriques.

Era filho de D. Arias Nunes e de D. Examena Nunes.

Teve (D. Soeiro) por filho, D. Rodrigo (ou Ruy) Paes de Valladares, do conselho de D. Sancho I, e seu mordomo-mór; alcaide-mór de Coimbra. Do seu segundo matrimonio, com D. Thereza Gil de Almeida, teve — en-

tre outros filhos — o famoso *São Frei Gil*, que antes de professar se chamou *D. Gil Rodrigues de Valladares*. (Para evitarmos repetições, vide no artigo Santarem (8.º vol., pag. 480, col. 1.ª — anno de 1265 — e pag. 540, col. 2.ª.)

José Avellino d'Almeida, foi mal informado em quasi tudo quanto disse com respeito a São Frei Gil no seu *Diccionario abreviado*, 3.º vol., pag. 173, col. 2.ª. e pag. 174, col. 1.ª — A verdade, é como se lê nos logares citados do «Port. Ant. e Moderno.»

D. Lourenço Soares de Valladares

Já dissemos que d'este cavalheiro, procedem quasi todas as casas reinantes da Europa. Foi bisneto de D. Soeiro Arias de Valladares, tronco d'esta nobilissima familia, em Portugal, como já fica dito.

D. Lourenço foi fronteiro-mór da *Ribeira do Minho*, em tempo de D. Affonso II, D. Sancho II, e D. Affonso III. — Foi um dos mais bravos e fieis guerreiros do seu tempo, e teve numerosa descendencia.

Os Abreus

Entraram no senhorio de Valladares (diz J. A. d'Almeida, no seu *Dicc. abrev.*) os Abreus — sendo o 1.º —

«*Vasco Gomes d'Abreu*, senhor da casa, torre e couto de Abreu, em Merufe, alcaide-mór de Lapella, Melgaço e Castro-Laboreiro, em tempo de D. Pedro I, e de seu filho, D. Fernando I. (Vide 5.º vol., pag. 194, col. 1.ª e 2.ª) Nas guerras que houve entre Portugal e Castella (por causa das pretenções de D. João 1.º de Castella, com o fundamento de ser casado com D. Beatriz, filha de D. Leonor Telles de Menezes) este Abreu, não quiz entregar ao nosso D. João I, em 1385, o castello de Melgaço. onde então se achava, pelo que o rei portuguez lhe tirou o senhorio de Valladares e outros.

Vasco Gomes d'Abreu, era parente de D. Aldonça de Vasconcellos, mãe da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e, por isso, seu partidario.

Correias, de Farelães

Perdido o senhorio de Valladares, pelos Abreus, D. João I o deu, em 1388, a Affonso Vasques Correia, descendente do valoroso D. Soeiro Paes Correia. (Vide 7.º vol., pag. 526, col. 1.ª) [1]

Depois—não sei porque titulo—passou o senhorio d'esta villa, para os Noronhas, marquezes de Villa-Real, de Traz-os-Montes.

Havia apenas sete mezes, que tinhamos sacudido o ominoso jugo de Castella, quando D. Sebastião de Mattos e Noronha, arcebispo de Braga, seduziu D. Luiz de Menezes, marquez de Villa Real, tão rico em pergaminhos, como pobre de intelligencia e patriotismo, para levarem a effeito o assassinio de D. João IV, e entregarem o reino ao *Diabo do Meio-dia*. O marquez, que era tão estupido como ambicioso, facilmente annuiu, e fez mais, arrastou á tentativa de regicidio, seu filho, D. Miguel de Noronha, duque de Caminha. [2]

Do mesmo modo, e sob as mais lisongeiras promessas, de um brilhante futuro, arrastou e arcebispo a seu sobrinho, Ruy de Mattos de Noronha, conde de Armamar, mancebo falto de experiencia — a D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, e um dos primeiros fidalgos d'aquelle tempo, e homem de basta intelligencia, mas pobre, e ao qual o arcebispo prometteu uma brilhante posição.

Alem d'estes, ainda o prelado (a quem D. João IV havia feito seu conselheiro e cober-

---

[1] Os leitores, provavelmente, se hão de aborrecêr de tantas citações; mas se eu assim não fizesse, tinha de repetir em muitos logares, o que havia dito no primeiro.

[2] O duque oppoz-se ao principio, tenazmente, a tão criminosa tentativa, notando ao pae as tristes consequencias de semelhante projecto, mesmo que o crime se realisasse; mas o marquez, tanto instou, que o filho, mais por obediencia do que por vontade, tomou o partido dos conspiradores.

to de honras e dignidades) seduziu outros individuos.

Não se sabe com certeza, quando e como se descobriu a conjuração (Vide 1.º vol., pag. 445, col. 1.ª e 2.ª) O que é certo, é que o rei foi informado de tudo, sabendo até o dia em que se havia de perpetrar o regicidio (5 de agosto de 1641.)

Andou tudo com tanta pericia e segredo, que no dia 28 de julho, foram prezos QUARENTA E NOVE dos conjurados. Um d'elles— *Pedro Baêça* (ou *Béça*) posto a tormentos, descobriu todo o plano da conspiração. Era pôr fogo a Lisboa, por varias partes, e no meio da confusão que o incendio forçosamente causaria, asssassinar o rei, a rainha, o principe e os infantes, e acclamar D. Philippe II.

Os presos foram encerrados em differentes logares, e do respectivo processo consta que o crime foi plenamente provado.

D. João IV (que era um *pobre homem*, como seu neto, D. João VI) quiz perdoar aos traidores, porém a rainha D. Luiza de Gusmão, o conselho de estado, e os grandes do reino (apesar de parentes dos principaes conjurados) se oppozeram tenazmente ao perdão.

D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, e um dos mais fieis vassallos do rei, e ainda outros padres e frades, fizeram as maiores diligencias para subtrahir ao castigo o duque de Caminha, dando como razão, que o seu crime não era tão grave nem tão plenamente provado como o dos seus cumplices ; que era um joven dotado de bizarras prendas, recem-casado, e unico successor da opulentissima casa de Villa-Real.

D. Rodrigo da Cunha, implorou o perdão d'este mancebo infeliz, á rainha D. Luiza de Gusmão, que lhe respondeu — *O mais que posso fazer-lhe, é não dizer a ninguem que me fez semelhante pedido.* (Para evitarmos outras repetições, vide no vol. 9.º, pag. 229, col. 2.ª e seguinte.)

No dia 29 de agosto (31 dias depois da prisão dos traidores) via-se na praça do Rocio, de Lisboa, do lado do O., em frente da egreja do hospital de *Todos os Santos* (proximo ao quarteirão occidental da praça, construido depois do terramoto de 1755, e que pertence á nobilissima casa dos senhores duques de Cadaval, uma morada de casas e, na sua frente, uma platafórma, elevada á altura do primeiro andar das ditas casas, e n'ella 4 cadeiras — uma, sobre 3 degraus — outra, sobre dous — outra, sobre um, e a 4.ª sobre o pavimento.

Cada uma das cadeiras estava encostada a um póste — tudo coberto de panno preto.

Na vespera, os reus haviam recebido os soccorros da religião, e confessando o crime, se mostraram arrependidos.

Pelo meio-dia, subiu ao fatal theatro, o o marquez de Villa-Real, vestido de baeta preta, roçagante, acompanhado de alguns dos seus criados, e de uns poucos de irmãos da Misericordia (da qual n'aquelle anno era provedor o reu) e alguns padres. Sentou-se na cadeira dos dous degraus — que lhe tinha sido indicada — e alli foi degolado. — Subiu o duque de Caminha, que fôi degolado na cadeira de trez degraus — Depois, o conde de Armamar, na de um degrau — e Agostinho Manoel de Vasconcellos, no que estava no pavimento. Apenas os tres primeiros foram degolados, se cobriram os cadaveres com um panno de seda preta ; mas quando morreu o ultimo, se descobriram todos os quatro e se exposeram ao publico, que rompeu em vivas ao rei, á rainha e á casa de Bragança.

Os corpos dos quatro reus, alli ficaram até á meia noute, sendo então levados, *na tumba da Misericordia*, á egreja de Nossa Senhora dos Remedios, dos carmelitas descalços, onde foram enterrados sem pompa.

Assim acabou a casa dos marquezes de Villa-Real, uma das maiores do reino, pela origem e pela riqueza, sem deixar descendentes, pois que o duque seu filho, tambem ainda não tinha successão.

Os que desejarem saber a origem da familia dos Noronhas, vejam no 4.º vol., pag. 440, col. 2.ª e seguinte.

D. Miguel de Noronha, tinha sido feito duque de Caminha, por D. Philippe IV. Este mesmo usurpador, depois de degolado o duque, fez duqueza de Caminha, a D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, casada com

D. Pedro Porto-Carrero, 8.º conde de Medilim (Hespanha) e irman do traidor. Este titulo, foi dado á familia d'esta senhora, *in perpetuum* (devia dizer, *in partibus*) e as honras de grande de Hespanha, de 1.ª classe.

No mesmo dia e logar, foram enforcados *Pedro Baeça*, *Belchior Correia da Fonseca*, *Diogo de Brito Nabc*, e *Manoel Valente*.

No dia 9 de setembro do mesmo anno, e pelo mesmo crime, foram enforcados em frente do Limoeiro, *Christovam Cogominho*, e *Antonio Correia*.

N'esta conspiração, entravam alguns judeus, a quem se tinha promettido *liberdade de culto*.

O arcebispo de Braga, foi condemnado a prisão perpetua (em attencção á sua dignidade) e morreu em um carcere da torre de S. Julião da Barra, verdadeiramente arrependido do seu crime, e pediu que o enterrassem no adro de qualquer egreja, sem inscripção alguma, *para que d'elle não ficasse memoria*.

D. Francisco de Castro, inquisidor geral, reu do mesmo crime, foi sentenciado a prisão perpetua, mas, passados, annos, foi perdoado.

Muitos dos prezos, foram julgados innocentes, e postos em liberdade; outros morreram nas prisões.

Notemos que D. João IV, tinha nomeado conselheiros de estado, entre outros, ao arcebispo de Braga, ao inquisidor geral, e ao marquez de Villa-Real.

—

Os reus d'alta traição, foram exautorados de todos os seus titulos, fóros, preeminencias e dignidades, e seus bens foram sequestrados para a corôa, formando-se então com estes bens e rendas, a grande *Casa do Infantado*, da qual foi primeiro possuidor, o infante D. Pedro, filho do rei, e depois D. Pedro II.

—

O marquez de Villa-Real, tinha 52 annos — seu filho, 27 — o conde de Armamar, 24 — D. Agostinho Manoel de Vasconcellos 58. Este ultimo, era homem muito instruido, deixando impressas varias obras — entre ellas — *Vida de Don Duarte de Menezes, tercero conde de Viana, y successos notables de Portugal en su tiempo* — *Sucession del Filipe segundo en la corona de Portugal* (impressa em Madrid, no anno de 1639)—*Vida y acciones del rey Don Joan segundo, decimo tercio de Portugal*, tambem impressa em Madrid, no anno de 1639—*Manifesto na acclamação de El-Rei D. João IV*, Lisboa, na imprensa de Manoel da Silva, 1641.

Vê-se que este homem era castelhano, até nos escriptos, posto que no ultimo se fingia portuguez.

E' n'esta freguezia, o mórgado do Hospital, tão nobre como antigo, e solar dos Queirozes Machados de Vasconcellos. Ha n'elles o fôro de fidalgo da casa real.

Foi seu ultimo mórgado, Estevam de Queiroz Machado e Vasconcellos, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de São Bento de Aviz, tenente coronel de infanteria e governador de Melgaço.

É actual representante d'esta esclarecida familia, o sr. Joaquim de Queiroz Machado e Vasconcellos, feito barão do Hospital, em 30 de julho de 1855.

VALLADARES — freguezia, Beira Alta, comarca de São Pedro do Sul, concelho de Vousella, 24 kilometros ao N. de Viseu, 295 ao N. de Lisboa. 295 fogos

Orago, Nossa Senhora do O' (Espectação) Bispado e districto administrativo de Viseu.

Pôsto ser uma freguezia mais antiga que a monarchia portugueza, não vem no *Port. Sacro e Profano!*

É em *Terra de Alafões* (ou *Lafões*.)

—

Os mais antigos documentos que achei d'esta freguezia, são — 1.º do anno de 1139. Então, D. Affonso Henriques, querendo *fazer graça e mercê*, a D. João Peculiar, bispo do Porto, fez doação do Couto de Valladares (que depois se chamou *Couto de Baixo*) ao mosteiro de S. Christovam de Alafões, e ao seu prior, João Cerita.

2.º — de 1155. N'esse anno, D. Odorio, bispo de Viseu, e seu cabido, demittiram ao

referido mosteiro de S. Christovam, todos os direitos episcopaes que tinham na *grijó* (egrejola, ou egrejinha) de Valladares.

3.º—Em 1161, o rei D. Affonso Henriques deu ao abbade D. Miguel, e a todos os seus frades, *qui Ordinini Sancti Benedicti tenent, et tenebunt*, o couto da Trapa e Paçô (chamado *Couto de Cima.*)

N'estes dous coutos— Valladares, e Trapa e Paçô — os abbades do tal mosteiro de S. Christovam, exerciam a jurisdicção episcopal, sem contradicção dos bispos de Vizeu.

O abbade da *ecclíziola* (grijó, vulgarmente) de Valladares, *doou*, ou, mais propriamente, *vendeu* — ao abbade D. Miguel e aos seus frades, *pelo muito amor que lhes tinha et pro eo quod dedistis mihi XX numus aureos* — e D. Odorio, bispo de Viseu e seu cabido, cedeu ao mosteiro, todo o direito que podiam ter nos fructos, rendas e obvenções da dita egreja, declarando, que fazem esta doação e cedencia «*pro remedio animarum nostrarum, et pro eo* quod dedistis nobis hunam Luram mensalem obtimam, apretiatam in trijinta morabttinis : et etiam insuper semper in anno pro Censura hunam Libram Cerae, per pesum de Alafões, etc., etc.» *Facta carta testamenti III, Idus Decembris E M.C. LXIII* (Era de 1163— isto é — anno de J. C. 1125.)

Assignaram e deram o seu consentimento, 17 capitulares, não se achando outra dignidade mais do que o arcediago, que se chamava *Pelagio.*

—

É em vista d'estas doações e cedencias, que o abbade do mosteiro de S. Christovam de Lafões tinha jurisdicção *quasi episcopal*, no couto e freguezia de Valladares, e apresentava o seu parocho — abbade secular —

—

É terra muito fertil em todos os generos agricolas do paiz. Cria muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes e bosques ha abundancia de madeira e lenha, e muita caça.

VALLADEIRA — logar do Alemtejo, termo da villa do Redondo e em um dos melhores sitios da serra d'Ossa.

Foi aqui construido o mosteiro de S. Paulo, tão antigo, que se ignora a data da sua fundação, e o nome do seu fundador.

Nos seus principios, não era propriamente um mosteiro, na rigorosa acepção da palavra. Era um retiro de anachorêtas, que, á semelhança dos da serra da Arrabida, no Cabo do Espichel, viviam em grutas ou cabanas, espalhadas pela serra.

Em 1182, *D. Fernandanes* (Fernando Annes) com seu capellão, Rogerio, e outros cavalleiros, depois de um rude combate que tiveram com os mouros, junto a Evora, decidiram deixar o mundo, e entregarem-se á oração e penitencia. Vieram para esta serra, onde encontraram os antigos anachorêtas, que convidaram a viver juntos, ao que elles annuiram.

Fundou então Fernandanes uma ermida, e cellas pequenas contiguas, no sitio chamado *Valladeira*, que era um dos menos agrestes da serra. O bispo d'Evora, lhes concedeu um sacerdote, para coadjuvar o capellão, na administração dos sacramentos, e para dizer missas, e assistir aos mais officios divinos.

Divulgou-se a fama das virtudes d'estes ascetas, e o povo d'aquelles contornos alli concorria a confessar-se, ouvir missas e sermões, e a dar avultadas esmolas aos anachoretas. Alem d'isso, varios individuos, desprezando as glorias do mundo, se reuniram aos religiosos da Valladeira.

Em 1386, com as esmolas dos fieis, que tinham guardado, e com donativos de D. João I, se construiu, um pouco acima da antiga ermida, uma boa egreja e um mosteiro, com os seus competentes claustros, dormitorios, e mais officinas.

Um dos principaes fundadores do novo mosteiro, foi Gonçalo Vasques, cavalleiro muito rico e de rara virtude, que, com Gil Martins, deão d'Evora, para aqui vieram residir.

Sem serem frades professos, seguiam a regra de S. Paulo, 1.º eremita.

Em 1575, o pontifice Gregorio XIII, approvou este instituto, tornando-o em verdadeiro convento de eremitas da ordem de São Paulo.

Fez-se então uma nova reforma e profissão

dos eremitas, e fundou-se uma magnifica egreja, e o vasto dormitorio do sul, tudo com muita solidez e elegancia, gastando-se n'estas obras, muitos mil cruzados. Construiu-se pouco depois um outro dormitorio, sobre a casa *De profundis*, com uma fonte que levava a agua a todas as officinas, e n'elle se fez a sala da bibliotheca, que chegou a ser importantissima. Construiu-se ainda outro dormitorio, que remata a parede da capella-mór da egreja, com varandas guardadas por grades de ferro, e com quatro capellas.

A sachristia, que era sumptuosa, estava adornáda com riquissimos quadros dos melhores pintores d'esse tempo, custosos caixões dourados, e grandes espelhos. Ha aqui uma formosa e rica ermida do Senhor dos Passos; e o pavimento da sachristia, é de pedras de marmore preto e branco, em xadrez, tendo no centro uma grande mesa de marmore preto, vindo das pedreiras de Montes Claros, e tão bello como o melhor de Italia.

Em um dos dormitorios, ha uma vasta quadra, onde se admiravam, em quadros a oleo, os retratos dos papas, monarchas e bemfeitores que favoreceram este convento. Era n'esta sala que se faziam as eleições. No dormitorio de noviciado, havia uma linda capella de Nossa Senhora da Conceição, na qual em todos os sabbados do anno, se cantava uma missa á padroeira — e outra capella, dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

A cêrca, que era vasta, comprehendia um ameno bosque, jardim, hortas, pomares, campos, e fontes, de optima agua, que alli rebentam em abundancia.

Em frente do mosteiro, estavam as hospedarias, onde os frades recebiam, gratuitamente, todos os hospedes ou romeiros que hiam visitar o mosteiro.

Era casa capitular, e aqui residia o geral da ordem. Tinha em 1834, sessenta frades, incluindo os *leigos*, e muitos creados.

As suas rendas, regulavam por 200 moios (12 mil alqueires de pão!)

Em 1834, foi saqueado este mosteiro, levando-lhe os ladrões os melhores livros, as mais ricas alfaias, e os mais custosos paramentos.

O edificio foi vendido, e é hoje uma propriedade particular.

VALLADO — quinta, Beira Alta, na freguezia de Espadanêdo, comarca e concelho de Sinfães.

Fica esta quinta, sobre a margem esquerda do Douro, e perto da direita do Paiva, na sua confluente com aquelle — e em frente (ao S.) da freguezia d'Alpendurada.

Barões do Vallado
(d'esta quinta.)

Manoel Luiz Correia, 1.º barão do Vallado, feito em 21 de janeiro de 1837. Era commendador da ordem da Torre e Espada, cavalleiro das da Conceição e Aviz, condecorado com a granada de ouro, pelas campanhas das guerras da Catalunha e Rossillon, com a cruz d'ouro, n.º 4, das campanhas da guerra peninsular, e com a medalha de commando na batalha de Nive. Nasceu a 2 de dezembro de 1772. Casou com D. Maria Magdalena Pinto Tameirão, nascida a 22 de julho de 1780, e filha de Manoel Teixeira de Novaes, e de D. Anna Margarida Pinto de Novaes Tameirão. Todos já fallecidos.

—

Raymundo Correia Pinto Tameirão, 2.º barão do Vallado, filho unico do 1.º — nasceu a 21 de maio de 1807. Casou com D. Isabel Julia Teixeira, filha de Custodio Teixeira Pinto Basto, do Porto.

Obteve o titulo, a 17 de setembro de 1851.

—

Augusto Correia Pinto Tameirão, 3.º barão do Vallado, filho do 2.º — obteve o titulo, em 9 de agosto de 1855.

—

O 1.º barão do Vallado, era filho de José Luiz Correia, que falleceu a 30 de março de 1823, e de D. Josefa Maria do Nascimento Correia, filha de Antonio José Correia, e de D. Anna Ferreira. Já fallecidos.

VALLADO — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho da Pederneira) 105 kilometros ao N. de Lisboa, 275 fogos.

Orago, S. Sebastião.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem d'esta terra pude obter mais informações.

VALLADO — (costa do) — Douro, na comarca d'Aveiro (extincta comarca d'Esgueira.) Foi villa, e solar dos *Costas*, de que procedem os condes de Soure, os senhores de Pancas, os mórgados de Villarinho e outras familias illustres d'este reino.

VALLARIÇA, ou **VILLARIÇA** — Vide *Azinhoso, Moncôrvo, Sabôr, Santa Cruz da Villariça*, e *Val da Villariça*.

VALLE — freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira (até 24 de outubro de 1855, foi do concelho de Fermedo — então supprimido — e da comarca de Arouca — mas, antes de 1834, tinha sido do mesmo concelho de Fermedo, comarca da Feira) 24 kilometros ao O. de Arouca, 12 ao N. O. de Oliveira de Azemeis, 11 ao N. E. da villa da Feira, 11 ao S. O. do rio Douro, 15 ao O. da villa de Sobrado de Paiva, 26 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa. 296 fogos.

Em 1768, tinha 179.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação.)

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 70 kilometros ao N. E.

O *Port. Sacro*, diz que o real padroado apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento annual. E' êrro. Esta parochia, era vigariaria, unida ao collegio jesuita, de S. Lourenço, da cidade do Porto, que apresentava o vigario, o qual tinha 200$000 réis de renda annual, além dos passaes. Pela suppressão da Companhia de Jesus, em 1759, passou o padroado d'esta egreja, para a Universidade de Coimbra, a qual apresentava o reitor (porque então passou a reitoria) o qual não podia ser aqui parocho, sem ser formado em qualquer faculdade, pela mesma Universidade. Depois — em 1854 — passaram os parochos da freguezia a denominarem-se abbades — O primeiro, foi Manoel José Gonçalves Tavares, que morreu abbade em Louroza (para onde tinha sido mudado a seu requerimento) em 1881. O 2.º abbade — o actual — é o Rev.º sr. Domingos Soares d'Azevedo, um dos parochos mais illustrados da comarca da Feira, irmão do não menos illustrado presbytero, o Rv.mo sr. João Soares de Azevedo, abbade da freguezia de Romariz (no mesmo concelho) e vigario da vara, do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira, primos do auctor d'esta obra.

No logar de Oliveira, d'esta freguezia, ha a antiga ermida de S. Thomé, apostolo. E' pequena, e está em pessimo estado; porque um lavrador do logar de Arilhe, da mesma freguezia, está possuindo um bom campo, patrimonio da ermida, com a obrigação de a reparar; mas só cuida em empregar os rendimentos do tal campo em sua propria utilidade.

No logar da Paradella, d'esta freguezia, existiu até ha poucos annos, um oratorio particular, da familia Soares d'Azevedo, mas foi vendido o seu altar, por um dos seus possuidores, e o oratorio, está hoje reduzido a um velho quarto.

E' d'esta familia que procede o auctor d'esta obra, e os dous referidos parochos.

Vide *Carvalhal*, aldeia — a pag. 133, col. 2.ª do 2.º volume, e *Paradella*, a 1.ª de pag. 469, col. 1.ª do 6.º volume.

E' terra muito fertil. Gado e caça.

Aqui falleceu, em 1845, o padre Bernardo da Conceição, que tinha nascido na aldeia de Tanhel, freguezia de Fermêdo, em 1740.

A Companhia de Jesus, tinha junto á egreja matriz (e só separada d'ella pelo caminho) um hospicio, e grande quinta annexa, chamada *dos Passaes*, nome que ainda conserva. Na extremidade S O. da quinta mandaram os jesuitas construir uma casa, para residencia do parocho, e lhe annexaram alguns campos e um matto, para passaes do mesmo. E' aqui onde reside actualmente o abbade da freguezia.

A *quinta dos Passaes*, que comprehende vastos e ferteis campos (com abundancia de agua para beber e regar) mattos e pinhal, tudo cercado de parede, comprehendendo no seu ambito a residencia e passaes novos, e que antigamente, como vimos, pertenceu ao hospicio dos jesuitas, era, d'esde 1759,

arrendada a varios caseiros. Depois, foi tudo (menos a residencia parochial e passaes novos) emprazado pela Universidade, a uma familia muito distincta, de appellido Castro, que a possuiu muitos annos. O chefe d'esta familia, levou-a para o Brazil, para onde foi despachado juiz de fóra, deixando a quinta entregue a uma irman, de nome D. Michaela de Castro (vulgarmente, *D. Michaela dos Passaes*, por alli ter sido nascida e creada.) Era uma bôa e simples senhora, pelo que os creados, abusando da bondade d'ella, a roubavam, e cultivavam mal os campos, de módo que a âma não tinha com que pagar a renda á Universidade; e assim foram hindo as cousas, até 1826. N'este anno, morreu o reitor — Manoel José da Conceição, irmão de centenario padre Bernardo, de quem já fallei — e veio substituil-o, o bacharel em theologia, Antonio José de Souza Ribeiro, que apenas tinha ordens menores, natural da villa de Agueda, e de uma familia de alcunha *os Cabaços*. Foi á custa dos rendimentos parochiaes d'esta freguezia, que elle tomou ordens de sub-diacono, diacono e presbytero, e disse a sua primeira missa.

Soube este *exemplarissimo e caridoso* padre, que a quinta dos Passaes devia alguns annos de renda á Universidade, e tentou uma acção de commisso contra os Castros, que já então eram brazileiros naturalisados, por estarem n'aquelle imperio quando se declarou independente. Foram os Castros citados por editos, a que não responderam, pelo que a quinta foi entregue ao denunciante, com a mesma renda de 30$000 reis annuaes, quando podia e devia render mais de 200$000 reis.

O *Cabaços*, pôz logo fora da quinta a infeliz D. Michaela, que morreu de miseria, depois de ter, por alguns annos, vivido da caridade publica, sem que o denunciante se lembrasse nunca de lhe dar a mais insignificante esmola. (Não commento, que não é precizo....)

Em 1828, transformou-se o Cabaços em um furibundo realista, e offerecendo-se para testemunha, nos processos contra os liberaes, foi a principal contra o infeliz Bernardo Francisco Pinheiro, levando com o seu requerimento — em grande parte falso — á forca, no dia 7 de maio de 1829, aquelle desgraçado! — Vide, no 7.º vol., pag. 328, col. 2.ª — e 9.º vol., pag. 452, col. 1.ª

Bernardo Francisco Pinheiro, era com effeito liberal, e annuiu á revolta de 16 de maio de 1828; mas, nem foi perseguidor de realistas, nem mesmo prestou grandes serviços aos liberaes. A unica cousa que fez a favor d'estes, foi marchar com as suas ordenanças, até Carvoeiro, na margem esquerda do Douro, na intenção de passar para o norte, e alli acclamar a *rainha e carta* (como então se dizia) mas, sabendo alli — em Carvoeiro — da derrota dos liberaes, desde a Cruz dos Merouços até ao Porto, e que elles fugiam, os principaes para a Inglaterra, e os outros para a Galliza, mandou debandar a sua guerrilha, e metteu-se em casa.

Já se vê que isto foi um acto insignificantissimo, mas o Cabaços e *outro*, que não nomeio,[1] tal juramento fizeram, que o infeliz foi comprehendido no numero dos que tiveram sentença de forca. Que bom ministro de J. C., foi aquelle padre!...

Continuemos com as infamias, que não pararam no que fica dito.

O Cabaços, em 1834, fugiu para as margens do Vouga, com justo receio da merecida vingança.

Havia então n'esta freguezia um despre-

---

[1] Não o nomeio, porque seus filhos não podem ser responsaveis pelas infamias do pae, muito mais, sendo elles — como são — verdadeiros homens de bem — e certamente se enwergonhariam se lhe nomeasse o pae. Note-se que os filhos são, não só liberaes, mas até republicanos, e o pae tambem em 1834 se fez um grande liberal!....

sivel tamanqueiro, que durante o reinado do sr. D. Miguel, foi guerrilha e feroz perseguidor de liberaes; mas em 1834, transformou-se em liberal façanhudo, sentou praça em um tristemente celebre *batalhão de voluntarios das Quatro Villas*, composto pela maior parte, de assassinos e ladrões; e que só se organisou para matar e roubar, porque os liberaes já a esse tempo não precizavam de gente.

Este tamanqueiro—chamado *Antonio José Baptista Roballo* — para dar uma prova do seu *incontestavel* liberalismo, juntando-se com outro, tão bom como elle, em uma noite de junho de 1834, foi-se ás cruzes de pedra, do Calvario da freguezia, e deitou tudo por terra! Por esta *façanha*, foi logo feito 2.º sargento do tal *batalhão* (que merecia mais o nome de *quadrilha*.)

Mas isto ainda era pouco. Principiou a dizer que sua mãe era filha bastarda do tal Castro, legitimo possuidor da *quinta dos Passaes*, e sem mais documentos, do que um mandado de sequestro, nullo, porque nem estava assignado pelo corregedor da comarca (então ainda havia corregedores) tomou posse da quinta, e mandou vender em leilão toda a mobilia, vinho, cereaes, legumes, etc., que achou em casa, e embolsou o dinheiro!

Ainda era viva a infeliz D. Michaela, que devia ser contemplada com alguma cousa, visto ser a unica parenta legitima dos Castros, em Portugal; mas o tamanqueiro, posto chamar-lhe *tia*, deixou-a andar a mendigar, e por fim, a morrer de fóme. (Era digno do Cabaços, e este digno d'aquelle — *Ejusdem furfuris*.

Fez-se, o tamanqueiro, escrivão do juiz de paz, e como tal, praticou toda a qualidade de ladroeiras e patifarias; porque n'aquelle tempo, os inventarios eram processados nos juizos de paz, e era nos inventarios que elle commettia mais ladroeiras.

Apezar de ser um miseravel covarde, como então era a *época do terror*, foi por alguns annos temido dos lavradores pacificos d'aquelles sitios; mas, nem todos o temiam — por exemplo — um dia, vinha de uma taberna, tocando viola, e encontrou no seu caminho um alfaiate velho, que tinha sido sargento da sua companhia de guerrilhas miguelistas — e disse-lhe — «Ah, seu caipira! Vossê tem a pouca vergonha de olhar para mim? Se o torno a encontrar, *acabo-lhe com a casta*.» — O alfaiate não respondeu uma unica palavra, mas fez melhor — com um varapau que trazia, atirou-lhe uma pancada, que o *valentão* amparou com a viola, que ficou feita em cavacos, e depois o bom do alfaiate — apezar de ser velho, e o tamanqueiro novo — deu n'este uma bôa toza. Este alfaiate, chamava-se *Domingos Correia*.

Já se sabe, apenas tomou posse da quinta, foi logo installar-se com uma concubina e filhos, nas casas da quinta; e posto ter a egreja a 15 ou 20 passos, nunca foi á missa, nem se confessou, nem consentia que a amazia o fizesse.

Desde que levou a tunda que lhe deu o alfaiate, ficou com tanto mêdo, que andava sempre armado de carabina, pistolas e punhal; e mandou chapear de ferro todas as janellas que ficavam ao nivel do adro da matriz.

Isto durou oito annos.

Em 1842, o Cabaços, tratou de revindicar o que — bem ou mal — era seu, o que lhe foi summamente facil, porque o juiz de direito da Feira, era um magistrado honradissimo, e a cauza — *segundo a lei* — era justa.

O intruso, foi expulso, e tudo quanto tinha em casa — que pouco valia — foi penhorado, pelas custas e rendimentos, ficando o tamanqueiro reduzido á miseria, porque então já nem era escrivão de paz.

Passados annos, veio a morrer pobrissimo, tendo apenas uma miseravel taberna, a 10 ou 12 kilometros do Valle, na freguezia de Canêdo, onde tambem tinha sido escrivão do juiz eleito, mas que fôra demittido, por ladrão.

Mas o Cabaços não era homem que se contentasse com a quinta e os moveis do tamanqueiro: obteve uma sentença com *trato successivo*, contra o tamanqueiro, protestando que, em quanto o seu antagonista fosse vivo, lhe havia de fazer penhora no

que tivesse, por mais insignificante que fosse, ainda que as custas importassem no decuplo do que valessem os objectos penhorados.

Fez mais — Mandou citar todos os que compraram a mobilia, e fructos da quinta, no leilão illegal de 1834, por quantias exorbitantes, que lhe pagaram! — Basta dizer que — um pobre lavrador de Lourêdo, chamado Manoel Ferreira Grillo, que tinha arrematado por 600 reis umas poucas de abóboras, foi citado por VINTE E QUATRO MIL REIS!... O homem era um furioso demandista, e oppôz-se á exigencia judaica do padre; mas decahiu, e alem de pagar os 24$000 reis, pagou de custas, o quadruplo d'esta quantia.

O Cabaços vendeu a quinta, que é hoje propriedade de um cirurgião.

Terminarei este sudario de patifarias, dizendo que o Cabaços, nos ultimos annos da sua vida (elle já morreu ha 10 ou 12) se fez um famoso galopim eleitoral cabralista.

Já vêem os meus leitores, que eu tive razão quando atraz disse que o Cabaços era digno do tamanqueiro, e este digno d'aquelle.

—

Houve em tempos remotos, n'esta freguezia, uma ermida dedicada a Santa Christina, da qual apenas resta a memoria, e o nome de *Santa Christina*, á aldeia onde ella existiu. Tambem n'esta aldeia houve um forno de cozer telha e tijolo, do qual apenas existem vestigios.

Nasceu e morreu n'esta aldeia, *José Francisco Antonio Correia*, o maior proprietario da freguezia, e capitão de ordenanças, que falleceu com 65 annos de edade, a 18 de fevereiro de 1848.

Foi o homem mais generoso e caritativo d'estas terras. Ao pé d'elle não havia pobreza nem miseria; porque soccorria a todos que precizavam recorrer á sua caridade. Se ardia a casa de qualquer pobre, mandava-lh'a immediatamente reconstruir e mobilar, melhor do que estava antes do incendio.

Seguiu sempre o partido legitimista até aos seus ultimos momentos, e era uma especie de Silveira, do concelho de Fermedo. Se quizesse fazer uma revolta, todos os homens validos o seguiriam; porque, alem das suas optimas qualidades que referi, era tambem um cavalheiro de forças herculeas e grande coragem, que só empregou em fazer bem.

Como capitão de ordenanças, fez toda a guerra do cêrco do Porto; mas em 1834, recolheu-se a sua casa, e apenas teve de fugir d'ella, n'um dia em que foi invadida por uma alcateia de voluntarios das *Quatro Villas*, commandados pelo seu alferes, — hoje *visconde!...* [1] que a pretexto de *procurarem armas e cartuxos* (que não acharam) fizeram *mão baixa* em tudo quanto lhes agradou, quebrando e destruindo o que lhes pareceu.

Esta *gente*, porém, não era da freguezia, mas de outras distantes.

Além d'este *saque*, nada mais soffreu; e ainda hoje é lembrado com sincera saudade de quantos o conheceram e estimaram, o *capitão Santa Christina*. [2]

—

No adro d'esta egreja, está enterrado meu virtuoso pae, o sr. José Mathias Barbosa Leal, tenente quartel-mestre do batalhão de caçadores n.º 3, convencionado em Evora-Monte, e assassinado pelos liberaes, a

---

[1] O antigo alferes, e moderno visconde, levava umas botas escalavradas, e *forneceu-se* em Santa Christina de umas novas, que alli achou, pertencentes ao capitão Correia — Hia a pé, e sahiu de lá montado n'um cavallo, que *conquistou* ao mesmo capitão. Devia aqui pôr por extenso o nome d'este... *conquistador*, mas não o faço, por caridade christan; e porque é filho de paes honradissimos, e irmão de um magistrado honesto, probo e intelligente. Teve mais 6 irmãos (que já morreram) todos verdadeiros homens de bem. («Vede da natureza o desconcerto!»)

Por esta mesma occasião, o tal *sr. alferes* e a sua quadrilha deram saque á residencia do doutor Peres Galvão, abbade de S. Miguel do Matto, e lhe *liquidaram* uma boa mula e o mais que lhes fez conta.

[2] Foi enterrado na egreja matriz, com o seu fardamento, banda e espada, e com as honras militares, dando a policia da freguezia, as tres descargas do estylo, e pegando ao caixão, quatro capitães (um d'elles, liberal.) Assistiu a camara municipal, o administrador do concelho, juiz ordinario e quasi todos os empregados publicos.

17 de junho de 1834; apezar de nunca offender nenhum, antes foi um desvelado protector de alguns, durante o reinado do sr. D. Miguel, livrando-os do homisio, ou da cadeia, depois de ter promovido as suas justificações. (Vide *Vimieiro*, villa, do concelho d'Arraiolos.)

—

Esta freguezia, como outras muitas, é uma prova da disparatada divisão territorial da nossa terra. Como vimos no principio d'este artigo, fica distante 50 kilometros da cidade de Aveiro, e não tem alli negocio algum a tratar, a não ser os da sua dependencia do districto administrativo, ao qual pertence — tendo o do Porto, apenas a distancia de 30 kilometros, onde tem todos os seus negocios, tanto da importação, como de exportação; e para onde tem, além de uma boa e nova estrada á Mac-Adam, a via fluvial do Douro, por onde faz as suas principaes transacções.

Mais uma prova da estulticia da *divisão judicial*, feita pelo decreto de 24 de outubro de 1855, no qual se diz (com certeza por ironia) que a divisão que então se fez, foi *para commodidade dos povos*, (!!!) se vê na freguezia immediata (Louredo) no 4.º vol., pag. 451, col. 2.ª — Veja-se tambem o 2.º *Entre Ambos os Rios*, que ainda tem uma divisão judicial e administrativa, mais.... CURIOSA.

Esta freguezia é atravessada pela nova estrada de Arouca ao Porto; pelo rio *Inha*, e por varios regatos que a regam e fertilizam, e cujas aguas servem de motor a grande numero de moinhos de cereaes. Vide *Inha*.

—

Comprehende 24 aldeias, que são — 1.ª *Serralva* — 2.ª *Pecegueiro* (ambas meieiras de Canedo) [1] — 3.ª *Saguffo*, um só morador, 4.ª *Valle*, onde está a egreja matriz, — 5.ª *Costa-Má* — 6.ª *Marmorinha* — 7.ª *Louredinhó* — 8.ª *Póvoa* — 9.ª *Pena* — 10.ª *Santa-Christina* — 11.ª *Pena d'Alem* — 12.ª *Carvalhas* — 13.ª *Ramalhal* — 14.ª *Moutinhas* — 15.ª *Areial* — 16.ª *Cedofeita* — 17.ª *Arilha* — 18.ª *Quinta* — 19.ª *Torre* [1] — 20.ª *Paradella* — 21.ª *Chan* (estas trez *meieiras* da freguezia de S. Miguel do Matto, que é de outra comarca e differente concelho!) — 22.ª *Carvalhal*, uma só casa e 15 da freguezia de Romariz — 23.ª *Oliveira*, 15 casas, e trez da freguezia de Romariz — 24.ª *Ponte-de-Santa-Ovaia*.

—

O cemiterio parochial, foi construido ha poucos annos, em um campo proximo á egreja. Foi um local pessimamente escolhido, por ser contra todas as indicações da hygiene, tendo um optimo logar, no sitio do Calvario, junto a Louredinho, que além de ser em um alto, e ao N. da freguezia, custava muito menos a expropriação, por ser matto.

—

A casa e pequena quinta da unica casa do Carvalhal que é d'esta freguezia, pertence ao auctor d'esta obra.

—

Desde o principio da monarchia, que Fermêdo — antes de ser concelho — era couto, dos condes da Feira. O couto de Fermêdo, comprehendia a freguezia d'este nome — e as de Mançores, Escariz (em parte) São Miguel do Matto, Valle, Romariz (em parte) e Lourêdo.

Depois de constituido o concelho, comprehendeu estas sete freguezias, na sua totalidade, e a de S. Silvestre de Duas Egrejas, hoje annexa á de Romariz.

Supprimido o concelho, pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou a freguezia do Valle, e a de Romariz, e sua annexa,

---

[1] Ainda por estas terras existe o absurdo anachronismo das povoações pertencentes simultaneamente a duas freguezias — *meieiras* — o que causa bastante transtorno, e ás vezes, desaguisados aos povos, e até entre os dous parochos. Com tantos e tão repetidos *arredondamentos*, ainda se não acabou com esta antigualha!

[1] Tem este nome, porque em tempos remotos, houve aqui uma torre, pertencente á familia *Albergaria*, á qual se uniu depois a dos Soares d'Azevedo, de Paradella. Ainda ha claros vestigios da tal torre, ao E. N. E. do logar, e proximo á aldeia de Cedofeita.

para o concelho da Feira, e as outras cinco para o de Arouca.

N'esta *acertada* divisão, arremeçaram para Arouca, a freguezia mais distante da séde do concelho d'este nome (Louredo) e mais proxima do que nenhuma outra do extincto concelho de Fermêdo, da séde do da Feira!—

Tinha o concelho de Fermêdo, uma companhia de ordenanças, da qual foi ultimo commandante, o referido *capitão de Santa Christina.*

Valle, é um appellido nobre de Portugal. O 1.º *Valle*, que o conde D. Pedro nomeia, no seu *Livro de Linhagens*, é Lôpo Fernandes do Valle. Os Valles, trazem por armas — em campo de purpura, 3 espadas de prata, com guarnição d'ouro, em palla, com as pontas para baixo — êlmo de prata aberto; e por timbre, as 3 espadas, atadas em roquête, com fita de purpura, e as pontas firmadas no virol do êlmo.

VALLE — quinta, Minho, na aldeia de Moimenta, freguezia de Cavêz, concelho de Cabeceiras de Basto.

E' uma rica propriedade, com excellente casa de habitação — jardim, hortas, pomares e terras de pão. E' seu actual proprietario, o sr. *Manoel Joaquim Alves Machado*, feito visconde de «Alves Machado» a 15 de maio de 1879. E' um opulento capitalista, do Porto, e cavalheiro que goza da estima geral, pelas suas bellas qualidades, sendo uma das principaes, a CARIDADE, que exerce em grande escala, e sem ostentação.

—

Era mais proprio, darem-lhe o titulo de *visconde do Valle*, mas não poude ser, porque, em 9 de outubro de 1835, tinha sido feito *barão do Valle*, Victorino José d'Almeida Serrão.

—

Ha ainda mais titulares do *Valle*, são — *Valle do Estevam* — barão, em 28 de novembro de 1881, o sr. Albino de Oliveira Guimarães.

Valle da Gama — foi visconde d'este titulo, feito a 19 de junho de 1867, Ignacio da Cruz Guerreiro, que falleceu em Cintra, a 31 de julho de 1877.

VALLE — Vide *Valle de S. Thiago.*

VALLE — freg., Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1768, tinha 193.

Orago, S. Cosme e S. Damião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 900$000 reis de rendimento annual.

VALLE — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho, arcebispado e districto administrativo — e nas mesmas distancias.

Orago, São Martinho, bispo.

A mesa arcebispal de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 reis de rendimento annual.

Ambas estas freguezias são muito ferteis.

VALLE — Vide *Val de Santarem.*

VALLE — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao N. O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 355 fogos.

Em 1768, tinha 300.

Orago, São Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

Muito fertil em todos os generos agricolas, gado, caça e peixe do Vez e do mar.

VALLES — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca da Torre de Moncorvo, 150 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 51.

Orago, a Santa Cruz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor de Sambade, apresentava o vigario, que tinha 16$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil — Muito gado e caça.

VALLES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Val de Paços, 105 kilametros a N. E. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768. tinha 50.

Orago, São Nicolau.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé de altar.

Pouco fertil. Muito gado e caça.

VALLÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (foi da extincta comarca de Pico de Regalados, supprimido concelho de Aboim da Nóbrega) 24 kilometros ao N. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 47.

Orago, Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil. Grande abundancia de gado, de toda a qualidade, e muita caça grossa e miuda.

VALLONGO, ou **VALLE-LONGO** — freguezia, Beira Baixa (no Riba-Côa) comarca e concelho do Sabugal. (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Villa Maior) 120 kilometros ao S. E. de Lamêgo, 330 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, Nossa Senhora das Neves. (O *Port. Sacro* diz que é Nossa Senhora da Conceição.) [1]

Bispado de Pinhel (foi do de Lamego) districto administrativo da Guarda.

O vigario da Nave do Sabugal, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé de altar; ao todo 50$000 réis.

Esta freguezia, como outras muitas do Riba-Côa, veio para a coróa portugueza, em 1282, em dote da rainha Santa Isabel, que n'esse anno casou com o nosso rei D. Diniz.

Emquanto foi dos reis de Aragão, pertencia ao bispado de Ciudad de Rodrigo, depois passou para o bispado de Lamego; e quando, em 1770, se creou o bispado de Pinhel, ficou fazendo parte da diocese d'este nome.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho, districto administrativo, arcebispado e 24 kilometros de Evora. 50 fogos.

Em 1768, tinha, 80.

Orago, São Vicente, martyr.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada, de renda annual.

Fertil — Gado e caça.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho d'Aviz, 65 kil. d'Evora, 135 a S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 70 — Orago, São Saturnino. Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha de renda annual, 80 alqueires de trigo, 90 de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, gado, colmeias e caça.

VALLONGO — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, 70 kilometros d'Evora, 140 ao E. de Lisboa, 63 fogos.

Orago, S. Saturnino.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Muito fertil em cereaes, fructas, legumes e hortaliças. Muito gado de toda a qualidade e caça.

O *Port. Sacro*, não traz esta freguezia, nem d'ella pude obter mais informações.

VALLONGO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 115 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 59.

Orago, São Gonçalo d'Amarante.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A collegiada de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua.

Fertil, bom vinho, gado e caça.

VALLONGO — Villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca, districto administrativo, bispado e 12 kilometros ao N. E. do Porto, 312 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Orago, S. Mamede.

As freiras do mosteiro de São Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 13$000 réis de con-

---

[1] E, com effeito, o seu antigo orago foi Nossa Senhora da Conceição.

grua e o pé de altar, ao todo, 200$000 réis.

O concelho de Vallongo, é composto de 5 freguezias, todas do bispado do Porto, e com 2:300 fogos. São — Alfêna, Asmes, Campo, [1] Sobrado, e Vallongo.

E' a 4.ª estação do caminho de ferro do Douro.

E' povoação muito antiga, como freguezia; mas a elevação á cathegoria de villa, foi depois de 1834.

Era no seculo passado, e ainda no principio d'este, do concelho de Aguiar do Souza, e comarca de Penafiel.

No foral da Maia, se dá a esta freguezia, a denominação de *Vallongo da Estrada*, para a differençar da aldeia de *Vallongo Jusão* (corrupto vocabulo, *Vallongo Suzão* — que é o contrario de *Jusão* — Vide *Jussãa*.) Esta aldeia, é na mesma freguezia.

O *Catalogo dos Bispos do Porto* (pag. 409, col. 1.ª) diz que ha n'esta freguezia, as ermidas de — *Nossa Senhora das Neves* — *Santa Justa* — *São Bartholomeu* — e *Santo Antão*.

E' uma das mais ricas e ferteis freguezias ruraes do bispado do Porto, com cuja cidade faz grande e valioso commercio, sobre tudo, em pão de trigo, biscoitos e pedras de lousa.

Está situada a villa, em uma planicie, ao sopé da Serra de Vallongo, famosa pelos numerosissimos vestigios de custosos e profundos trabalhos de lavra de minas de ouro e prata, feitos pelos arabes. Ainda ha aqui grandes minas de antimonio, carvão fossil, ardosias (lousas) que são as melhores de Portugal; todas em lavra activa.

A lavra das lousas, merece especial menção, e adiante tratarei d'esse objecto.

No alto da serra, ha um poço (provavelmente de antiga mineração) que sécca no inverno, e que no verão abunda em agua, com a qual se regam varias propriedades.

Na *Serra do Raio*, se vê grande quantidade de seixo miudo, espalhado pelo monte. Segundo a tradição, dá-se-lhe este nome, porque, em tempos remotissimos, cahiu aqui um raio que triturou todo este seixo.

Passava por esta freguezia a via militar romana, de Braga para Lisboa. Atravessava-se o Douro, em barcos, para o sul, no sitio de Crestuma, e perto da villa da Feira, hia entroncar na de *Calle* (Gaia) que hia a Talabrica, Conimbriga, (Condeixa a Velha) e Lisboa.

—

A egreja matriz é um templo magestoso, amplo, e sumptuosamente decorado, para o que concorreram, não sómente a confraria de Jesus, como varios devotos.

O fallecido bemfeitor, *Manoel Alves de Oliveira Queiroz*, natural d'esta villa, mandou em sua vida, dourar o altar do SS. Sacramento, e por sua morte, deixou a esta egreja —

3:000$000 réis para o douramento da capella-mór, 2:200$000 réis para dous lausperennes e 1:000$000 para um orgão.

Os altares das Almas, Senhora e Santo Antonio, foram dourados á custa dos bemfeitores, não só da villa como do Porto, e para o de Santo Antonio só o sr. Antonio Alves d'Oliveira Zina, deu a quantia de réis 100$000.

O de Jesus foi dourado á custa da confraria do mesmo nome; e o de S. João, pelos benemeritos bemfeitores os srs. Manoel Alves Saldanha e João Alves Saldanha.

Antes de tudo isto, já o sr. commendador José Alves Saldanha tinha dispendido em grades de ferro para o atrio da egreja réis 1:073$165, para um pallio 1:200$000 réis e para o cemiterio 200$000 réis; sendo pois este o primeiro iniciador das obras de ornato d'aquelle sumptuoso templo.

Tambem aqui cabe o louvor ao sr. Manoel Alves Saldanha pelos beneficios feitos á egreja no valor excedente a 800$000 reis.

Actos de tanta caridade e abnegação são dignos de que os seus conterraneos da villa de Vallongo dediquem á familia Saldanha o maior amor e respeito, porque tarde se encontrarão cidadãos tão caritativos, e que te-

---

[1] Campo, ou S. Martinho do Campo — antigamente *S. Martinho de Vallongo*, é povoação antiquissima, pois já existia em 897 de J. C. — Vide no 8.º volume, pag. 392, col. 2.ª.

nham tanto a peito os melhoramentos da sua freguezia.

O orgam, foi mandado vir de Inglaterra, por intermedio do sr. João Moreira da Costa Lima, do Porto, e custou 1:700$000 réis — sendo um conto de réis, do legado do dito Oliveira Queiroz, e 700$000 réis pela junta de parochia.

Foi inaugurado, em um domingo, 6 de fevereiro de 1881. E' um dos melhores orgãos do paiz.

—

No monte de Santa Justa — na serra de Vallongo — está a formosa ermida da mesma santa, á qual se faz em todos os annos, uma esplendida festividade, sempre concorridissima. Fica proxima á linha ferrea, e tanto na vespera da festa, como no dia, ha comboios de ida e volta, a preços reduzidos, da linha ferrea do Douro, para a estação de Vallongo.

Ermida de N. Sr.ª das Chans

Segundo memorias do tempo, conservadas por tradição, assim como se vê no *Sant. Mar.* (tomo 5.º, pag. 91) e na *Chorographia*, do padre Carvalho (tomo 1.º, pag. 374) — a origem d'esta ermida, é a seguinte:

Em 1625, um navio portuguez que regressava a este reino, soffreu tão grande tormenta, que estava a ponto de submergir-se. Os navegantes recorreram á protecção da S. S. Virgem, e um d'elles, chamado Thomé Antonio, natural de Campanhan, prometteu mandar construir uma ermida, dedicada á Senhora, se chegasse a salvamento. Ouvida a sua prece, cumpriu Thomé o seu voto; pois, apenas desembarcou, na cidade do Porto, foi procurar sitio adequado ao seu intento, e que fosse perto da sua freguezia. Escolheu um planalto, na serra de Vallongo, chamado *as Chans*, e alli se erigiu a ermida.

Os povos d'estes sitios — principalmente os pescadores e navegantes, tinham com esta Senhora grande devoção, e lhe faziam uma sumptuosa festa annual.

O fundador, em memoria da tormenta que esteve a ponto de o sepultar no abysmo do mar, e aos seus companheiros mandou fazer e collocar na ermida, um lindo navio, com a competente inscripção.

Louzeiras

A exploração da louza, é exclusiva do concelho de Vallongo. [1]

. . . . . .

«Excluindo a fabrica do *Gallinheiro*, que merece uma menção á parte, a extracção da lousa faz-se em cinco ou seis pedreiras, nas freguezias de Vallongo e São Martinho do Campo, empregando ao todo, 58 homens. D'estas, a maior, é a da *Companhia Actividade*, que por si só, emprega 12 homens.

«Tomando a collecta da companhia por base (pois todos as mais louseiras, estão excluidas da *matriz industrial)* procurámos orçar a producção total. Essa collecta, de 28$416 réis, representando 8,5 por 100 de rendimento, ou 330$000 réis, sendo liquido, 15 por cento do producto bruto, attingimos a cifra de 2:200$000 réis, que dividida pelos 12 operarios, dá a cada um, 180$000 réis — e aos 58 totaes, a somma de 10 contos de réis, approximadamente. Tal seria o producto total, excluida sempre a exploração da do Gallinheiro.

«Mas, além das 5 ou 6 officinas de extracção, ha em Vallongo 20 officinas de serra-

---

[1] Entre as freguezias de S. Pedro do Paraizo, e S. João Baptista da Raiva, ambas do concelho do Castello de Paiva, passa o ribeiro de Folgoso, que desagua no Arda. Este ribeiro, é atravessado diagonalmente, pela zona carbonifera de Paiva (2.º vol. pag. 185, col. 1.ª) e em ambas as suas margens ha uma abundante pedreira de louzas, em nada inferiores ás de Vallongo; mas sendo estas louzeiras propriedade de um lavrador da aldeia de Girellá, construiu sobre a pedreira, uns lameiros, que a cobriram, depois de se ter extrahido d'ella muitas toneladas de louzas, que se exportaram para differentes localidades.

Uma empreza que comprasse esta louseira e a explorasse convenientemente, auferiria um optimo resultado, visto que, além do consumo para o interior do paiz, o teria prompto para a cidade do Porto, da qual apenas dista uns 30 kilometros, fazendo-se a viagem pelo rio Douro, que fica apenas a 2 kilometros de distancia

ção, em que o trabalho de serra e plaina é todo braçal, e occupa de 80 a 100 operarios, vencendo o jornal medio de 300 réis.

«Nos ultimos trez annos, a industria fomentada pelas construcções industriaes do Porto, que lhe pediam principalmente placas de cobertura, tem decahido, já pela conclusão das obras do caminho de ferro, já pela preferencia dada á telha franceza, que ultimamente se tem introduzido. Que a lousa seja ou não preferida á telha, na cobertura dos edificios, é fora de duvida que a sua applicação em tanques, em ladrilhos, em infinitas peças de mobilia e adornos domesticos, póde, com vantagem, substituir a madeira e o marmore, dando um valor economico aos inexgotaveis bancos naturaes do concelho.

«E' para este fim, que a companhia ingleza *Vallongo stals and marbles, quarries*, tem dirigido os seus esforços. Fundada em 1865, constitue hoje uma exploração, já importante. A lavra dos bancos de louza, a *ceu aberto*, occupa 55 homens, 24 mulheres e 18 creanças, com os salarios respectivos, de 220 a 360, os primeiros — 120 a 140, os segundos — e 80 a 120 réis, as terceiras.

«As officinas de preparação consistem n'um systema de construcções abarracadas, contendo, uma machina motriz, de vapor, 4 plainas e trez serras mechanicas. O vapor move tambem um guindaste elevador; e as varias regiões do estabelecimento são communicadas por uma rede de pequenos trameways. Collocada na encosta fronteira da villa de Vallongo, e tendo de permeio a estação do caminho de ferro do Douro, que passa no talweg do valle, as condições de transporte, são favoraveis, por isso que as cargas são todas descendentes, e a linha ferrea põe a fabrica em communicação rapida e economica com os mercados.

«Além das officinas de preparação de louza; além da machina, cuja força é de 12 cavallos; a installação abrange uma ferraria, com 2 forjas, um torno mechanico e uma machina de furar, tocadas a braço. Tem uma carpinteria propria. As machinas que preparam a lousa, são typos inglezes, importados, ou reproduzidos aqui, sob a direcção do chefe da fabrica, Francis Ennor, inglez de nação, mas domiciliado ha muitos annos em Portugal, para onde veio como engenheiro mechanico.[1]

«A preparação na fabrica, attingiu, até 1878, o maximo de capacidade productora dos apparelhos — isto é — 3:000 toneladas. De então para cá, baixou a 1:600, das quaes são, 1:200, em pranchas; e 400, em chapas para tectos. O valor medio da tonelada, é de 8$000 réis. A qualidade da louza, é confessadamente excellente, e os productos do Gallinheiro destinam-se quasi exclusivamente á exportação. Em 1880, exportaram 24 tanques, da capacidade de 4:000 litros, com destino á Dinamarca; e verificando as estatisticas da Alfandega do Porto, encontraremos, em 1880, o seguinte, na classe 13.ª, e na especie louza —

	kil.	rs.
Para o Brazil.....	25:600	338$000
Para a Dinamarca...	23:500	36$000
Para a Grã-Bretanha.	851:362	1:324$500
Para a Russia.....	14:000	21$500
Somma...	914:462	1:720$000

«Um ensaio que a fabrica do Gallinheiro iniciou e póde vir a ter uma importancia consideravel, é o polimento ou o envernisamento da louza, para chaminés. Não se póde, por emquanto, apresentar o resultado industrial d'essa officina, em que trabalha um operario inglez, mas não ha causa nem motivo racional, para que, dada a incontestavel boa qualidade da materia prima, o resultado não seja satisfactorio.»

Tudo quanto acaba de ler-se com respeito ás louzeiras de Vallongo, é litteralmente copiado do *Relatorio apresentado ao ex.mo sr. Governador Civil do districto do Porto, etc. pela sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes* — publicado em 1881, e que o sr. doutor José

[1] Ennor, que era um velho octogenario, morreu em dezembro de 1882.

Moreira da Fonseca, actual governador civil do Porto, teve a benevolencia de me enviar, o que eu muito lhe agradeço.

—

1.º barão e 1.º visconde de Vallongo.

Luiz Pinto de Mendonça Arraes, do conselho de S. M.; official da ordem da Torre e Espada; condecorado com a cruz d'ouro, n.º 6, das campanhas da guerra peninsular; e por S. M. C., com a medalha da batalha de Albuera; brigadeiro do exercito.

Foi feito 1.º barão de Vallongo, a 28 de setembro de 1835 — e 1.º visconde do mesmo titulo, em 10 de março de 1842.

Sendo commandante do regimento de infanteria n.º 23, em 1828, reuniu-se com um batalhão ás tropas revolucionadas no Porto, a 16 de maio d'esse anno; e retirou-se com ellas para a Galliza, d'onde passou á Inglaterra, e de lá á Ilha Terceira.

Quando, com o sr. D. Pedro e o seu exercito desembarcou nas praias de — *Arenosa de Pampellido* (e não nas do *Mindêllo*, que ficam 6 kilometros ao N., e que ninguem sabe por que — se teima em dizer geralmente, que foi o logar do desembarque) quando alli desembarcou, repito, era commandante do batalhão denominado de *voluntarios da rainha*, e n'esse posto serviu, durante o cêrco do Porto. Foi nomeado prefeito da provincia occidental dos Açores, em 15 de julho de 1833, e governador civil, em 15 de setembro de 183 — commandante interino da 6.ª e 7.ª divisão militar.

Nasceu a 9 de julho de 1787 — e é fallecido.

Foi 6.º filho de Luiz Bernardo Pinto da Mendonça Figueiredo, mórgado de Nossa Senhora das Preces, em Cêa, e senhor da quinta de Pinhanços; fidalgo da C. R., cavalleiro da ordem de Christo, e desembargador da Relação do Porto — fallecido em 4 de março de 1831.

De sua mulher, D. Anna Leonor Nogueira de Abreu Abranches Homem Pessoa (fallecida a 11 de dezembro de 1802) teve QUINZE filhos, sendo 9 varões e 6 femeas.

Este titulo não se renovou até hoje.

VALLONGO — freguezia, Beira Alta, no bispado de Viseu.

Orago, Santo Amaro.

O abbade de Val-Bom, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

360 kilometros ao N. de Lisboa, 70 de Viseu.

Em 1768, tinha 46 visinhos.

Não encontro esta freguezia em livro nenhum moderno, e só no *Portugal Sacro*, tomo 2.º pag. 271.

VALLONGO DOS AZEITES — Villa, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi da extincta comarca de Tabuaço, supprimido concelho de Trevões) 48 kilometros de Lamêgo, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 56.

Orago, Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Penella, apsesentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

E' povoação muito antiga, mas nunca teve foral — novo ou velho — e foi cabeça de um concelho (ha muitos annos supprimido) com camara municipal, e seu escrivão — e juiz ordinario, e juiz dos orphãos, cada um com seu escrivão — e uma companhia de ordenanças, commandada por o respectivo capitão — e mais empregados publicos, respectivos a um concelho.

Está a freguezia situada em uma baixa, ou ladeira, que desce para o Rio Tôrto.

Produz muito e bom azeite, e algum vinho de optima qualidade; pão, castanhas e alguma fructa. E' abundante de caça.

A villa, é pequena (uma pobre aldeia) e nada tem de notavel. Era dos marquezes de Marialva.

Deve o seu nome e *sobrenome*, a estar situada em um valle, e á abundancia do azeite que produz.

VALLONGO DO VOUGA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho

do Vouga) 48 kilometros ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 594 fogos.

Em 1768, tinha 661.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Districto administrativo e bispado de Aveiro.

Os duques de Lafões, marquezes de Arronches, apresentavam o reitor, que tinha réis 300$000 de rendimento annual.

Pertencem a esta freguezia, duas povoações que foram villas, e cabeças de coutos, ambas com foral novo, dado pelo rei D. Manoel — são *Aguieira*, e *Brunhido* (vide estas duas palavras.)

E' terra muito fertil, em todos os generos agricolas — cria muito gado, de toda a qualidade; colmeias, e caça. Peixe do Vouga e do mar.

Foi senhor donatario da extincta villa da Aguieira, D. Manoel de Azevedo e Athaide, ao qual se pagavam os fóros, e rações, da villa e termo.

—

N'esta freguezia, nasceu a 8 de novembro de 1777, e falleceu no Porto, em 1862, *José Joaquim Rodrigues de Bastos*, fidalgo da C. R.; conselheiro de estado honorario; cavalleiro da ordem de Christo; e bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra. Foi advogado de numero, na Relação do Porto; depois, juiz de fóra d'Eixo; e, depois de exercer outros cargos da magistratura, chegou a desembargador do paço. Foi deputado ás côrtes em 1821. Em 1827, foi intendente geral da policia da côrte e reino. Depois de exercer ainda varios cargos importantes, abandonou a politica, e todos os empregos publicos, entregando-se ao cultivo das lettras, sendo um dos mais distinctos escriptores religiosos d'este seculo.

Escreveu varias obras de incontestavel merecimento, que se publicaram com geral louvor — entre ellas.

Meditações e discursos religiosos. Tem tido oito edições! Foi adoptada nas aulas de Portugal, e foi traduzida em francez, por M.mo J. da Silva, em 1845. — A 1.ª edição, em Portugal, foi publicada em 1842.

Collecção de pensamentos e maximas. Foi publicada a 1.ª edição, em 1845. Teve quatro edições — alem de uma no Brasil.

A Virgem da Polonia. Tem tido cinco edições. A 1.ª foi em 1847.

O Medico do Dezerto. Teve, até agora, duas edições. A 1.ª, foi em 1857.

Os Dous Artistas, ou Albano e Virginia. Teve trez edições. A 1.ª foi em 1853.

Biographia da Serenissima Senhora Infanta, D. Isabel Maria. É um opusculo de 20 pag. in-4.º. — Sahiu anonymo.

As repetidas edições das obras d'este escriptor illustre, provam a grande acceitação que tiveram, e continuam a ter.

—

Na povoação da Aguieira, nasceu, a 5 de setembro de 1794, e falleceu em Lisboa, no 1.º de maio de 1856, *Agostinho Pacheco.* Era fidalgo da C. R., bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de N. Senhora da Conceição. Foi *sub-prefeito* do districto d'Aveiro; contador-geral da fazenda, no districto do Porto; senador, eleito pelos districtos de Viseu e Aveiro, na legislatura de 1839 a 1841; mas tomou assento na camara dos senadores, pelo districto de Aveiro, por ser o da sua naturalidade.

Foi um cidadão prestante, e um verdadeiro homem de bem.

Ermida de N. Senhora da Nazareth

É na aldeia do *Béco de Baixo*, d'esta freguezia. Foi fundada esta ermida, á custa e por devoção de Domingos Teixeira Rebêllo, d'esta freguezia, pelos annos de 1600. [1]

Foi esta Senhora objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras.

Ermida de N. Senhora da Paz (vulgarmente, Senhora do Béco)

É na aldeia do *Béco de Cima*, a pouca distancia da antecedente, mas já na freguezia de Macinhata do Vouga, do mesmo concelho.

---

[1] Seu filho, Antonio Teixeira Rebello, fundou tambem, á sua custa, em 1631, uma ermida, dedicada a N. Senhora do Bom-Successo, no logar do Couto da Aguada.

Existia aqui uma edicula antiquissima, dedicada a N. Senhora da Paz, que, com o decorrer de muitos annos, estava arruinada. Pelos annos de 1570, o parocho de Macinhata, resolveu construir um novo templo, mais amplo e elegante, o que levou a effeito, á custa de avultadas esmolas e offertas dos fieis.

Fez-se pois o novo templo, com capella-mór e seu altar, e dous lateraes no corpo da egreja. E como esta ermida é a muita distancia da egreja matriz, n'ella (na ermida) se diz missa e se administram os sacramentos ao povo do logar.

Mandou tambem o referido parocho, construir algumas casas para acolheita dos romeiros — que aqui concorriam em grande numero, em todo o decurso do anno — e uma casa, para residencia do eremitão.

Visconde da Aguieira

... Sr. — No seu excellente Diccionario, de que sou assignante, fallando ainda de Sever, a fl. 362, deparei com a noticia *do meu fallecimento*, com a qual me não desanimei, porque me senti com vida.

O nome é exactamente o meu, mas não sou de Sever, nem irmão do dr. Guilherme Telles, sou tio d'elle, e de seu irmão fallecido João de Figueiredo Pacheco Telles de Araujo. A minha naturalidade, e residencia é em Aguieira, pequena villa antiga, da freguezia de Vallongo, concelho d'Agueda, districto d'Aveiro.

Se v. quizer, como é de crer, desfazer o equivoco, tem a melhor occasião quando tractar de Vallongo do Vouga, e, n'este caso, com indicação de v.... eu lhe darei alguns esclarecimentos ou qualquer noticia, de que poderá aproveitar-se.

Fico esperando as suas instrucções a tal respeito.

Tenho muita honra em assignar-me

De v. ...

Respitoso cr.º e att.º ven.or

Aguieira, 9 de junho de 1882.

(Agueda). *Visconde de Aguieira.* [1]

[1] Com esta carta, do esclarecido titular, fica rectificado o engano de paginas 362, col. 1.ª do 9.º volume.

—

Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, 1.º visconde de Aguieira, fidalgo cavalleiro da casa real, por alvará de 4 d'outubro de 1863, senhor da casa d'Aguieira, bacharel formado na faculdade de direito pela universidade de Coimbra, antigo administrador do concelho d'Agueda (cargo que exerceu durante nove annos seguidos), procurador á junta geral do districto d'Aveiro em 1863, (sendo-o egualmente no quatriennio corrente), presidente da camara municipal do concelho d'Agueda em seis annos consecutivos, e deputado ás côrtes pelo circulo d'Agueda e Albergaria a Velha na legislatura de 1879. Nasceu a 16 de abril de 1816. Casou a 22 de setembro de 1850 em primeiras nupcias com sua prima D. Maria Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco, filha de Joaquim Mascarenhas Telles de Mancellos Pacheco e de sua mulher D. Maria Carolina Bandeira da Gama, da Torre-Deita, concelho de Viseu, fallecendo sem descendencia a 7 de novembro de 1851.

Passou a segundas nupcias em 29 de abril de 1868 com D. Maria Ignez Caldeira Pinto Geraldes de Bourbon, que nasceu a 22 de dezembro de 1842, filha dos 1.os viscondes da Borralha, Francisco Caldeira Pinto Leitão d'Albuquerque, já fallecido, e de sua mulher D. Ignez de Vera Geraldes de Mello e Bourbon, da casa dos marquezes da Graciosa. Não tem descendencia.

Foram seus paes :

José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles, fidalgo da casa real, bacharel formado em leis, proprietario da casa d'Aguieira e administrador do morgado de Louroza de Bésteiros e antigo monteiro-mór do concelho de Vouga e seu districto na comarca de Aveiro ; o qual nasceu a 8 d'agosto de 1752 e falleceu a 5 de maio de 1817 ; — e *D. Maria Luiza de Magalhães*, que nasceu a 3 de abril de 1758 e falleceu a 8 de maio de 1821.

Foram seus irmãos (do visconde) —

1.º *Agostinho Pacheco Telles de Figueiredo*, que nasceu a 15 de setembro de 1794 e falleceu em Lisboa a 1 de maio de 1856. Tendo acompanhado o exercito liberal para a emigração depois do ataque do Marnel, no

dia 29 de junho de 1828, voltou em 1833. Foi fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 3 de maio de 1835, sub-perfeito do districto d'Aveiro em 1835, contador geral da fazenda do districto do Porto, por ducreto de 1 de junho de 1838, emprego que exerceu por espaço de 7 annos, deputado ás côrtes pelo Douro, por procuração de 3 d'agosto de 1836, senador eleito pelos districtos de Viseu e de Aveiro, na legislatura de 1839 a 1841. Em todos os cargos publicos que exerceu, se distinguiu pela sua rectidão e inconcussa probidade.

2.º *D. Emilia Carlota de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 8 de setembro de 1796 e falleceu a 8 de dezembro de 1861.

3.º *D. Engracia Ludovina de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 30 de novembro de 1798, e morreu a 3 de janeiro de 1858.

4.º *D. Maria Candida de Figueiredo Pacheco*, que nasceu a 19 d'abril de 1800 e é fallecida. Foi casada com João Francisco de Araujo Pacheco, capitão-mór de Sever do Vouga, que tambem falleceu, e de quem teve os seguintes filhos:

João de Figueiredo Pacheco d'Araujo, bacharel formado em direito, já fallecido; *Guilherme Telles d'Araujo Pacheco*, bacharel formado em medicina, actual medico do partido da camara, de Valença do Minho e *D. Mathilde Maxima de Figueiredo.*

5.º *Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles*, nascido a 18 d'abril de 1802. Foi fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, juiz de fóra da Figueira da Foz (decreto de 2 de junho de 1828), ultimo juiz de fóra de Torres Vedras (9.º vol., pag. 684, col. 2.ª) juiz de direito de Monte-Mór-o-Velho (decreto de 22 de setembro de 1835), da Figueira da Foz (decreto de 20 de junho de 1838), e de Midões por decreto de 7 de janeiro de 1842 — logar este que exerceu com incrivel intrepidez, desprezando as ameaças dos malfeitores, até que ás 10 horas e meia da noite de 28 de agosto de 1842, vindo de casa do visconde de Midões, ao entrar a porta da casa da sua residencia, recebeu dois tiros de espingarda, que o prostraram por terra. Foram-lhe logo prestados os soccorros da medicina e da religião, confessou-se, sacramentou-se, e em seguida fez testamento nuncupativo, em que instituiu por universal herdeiro a seu irmão João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, e deixou um legado a seu sobrinho e afilhado o bacharel Guilherme Telles de Figueiredo Pacheco, e varias esmolas a seus creados, dirigindo tudo com admiravel placidez. Declarou que fôra victima do seu dever, ao qual, ainda prevendo a morte, não fôra capaz de faltar, e despediu-se dos amigos e pessoas que cercavam o leito, fallando-lhes com o maximo acerto até o ultimo momento de vida, que apenas durou duas horas. (Vide *Varzea da Candoza*).

6.º *D. Anna Casimira de Figueiredo Pacheco Telles.* Nasceu a 16 de setembro de 1803, falleceu a 15 de dezembro de 1877.

7.º *João Baptista de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 7 de julho de 1805 e falleceu a 26 de setembro de 1849. Foi fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, administrador do extincto concelho do Vouga, procurador á junta geral do districto d'Aveiro. Como administrador gosou de geraes sympathias dos povos seus administrados.

7.º *José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 19 de abril de 1809. Foi fidalgo cavalleiro da casa real por alvará de 11 de março de 1867 e senhor do morgado de Louroza. Falleceu a 4 de janeiro de 1882.

9.º *D. Luiz Augusto de Figueiredo Pacheco Telles*, que nasceu a 28 de fevereiro de 1811 e morreu a 5 de julho de 1874.

O sr. visconde, é o 10.º e mais novo dos irmãos.

Os avós paternos do sr. visconde de Aguieira foram:

Nicolau Baptista de Figueiredo Tavora de Moraes, bacharel formado em leis, que nasceu a 21 de março de 1726, e *D. Joanna Josepha Telles Vidal Pacheco*, que nasecu em 1 de julho de 1730. Foram filhos d'estes:

1.º *João Baptista de Figueiredo Pacheco*

Telles, que nasceu a 6 de setembro de 1749 e falleceu a 18 d'abril de 1799. Foi bacharel formado em canones, e conego da Sé de Viseu.

2.º *Silvestre de Moraes Baptista de Figueiredo.* Nasceu a 6 de abril de 1752. Foi casado com D. Luiza Candida d'Oliva. Falleceu sem geração.

3.º *D. Joanna Josepha Telles de Figueiredo Pacheco.* Nasceu a 17 de abril de 1754 e falleceu a 29 de junho de 1828.

4.º *Agostinho José de Figueiredo.* Nasceu a 8 de agosto de 1756 e falleceu a 28 de julho de 1797. Foi bacharel formado em canones e conego da Sé d'Evora.

5.º *José Agostinho de Figueiredo Pacheco Telles*, pae do actual visconde d'Aguieira.

6.º *D. Luiza Clara Baptista de Figueiredo*, que falleceu a 8 de maio de 1836.

7.º *Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles.* Falleceu a 27 de março de 1811.

8.º *D. Maria Margarida de Figueiredo*, fallecida a 23 de junho de 1806.

Nicolau Baptista de Figueiredo Tavora de Moraes, de quem acima se fallou, avô do sr. visconde d'Aguieira, era filho de Silvestre de Figueiredo Tavora de Moraes, nascido a a 25 de maio de 1691 e de D. Maria Thereza Baptista Pimenta, sendo este Silvestre de Figueiredo Tavora de Moraes filho de Simão Borges de Tavora e de D. Leonor de Sequeira e Figueiredo, e aquella D. Maria Thereza filha de Nicolau Baptista.

O sr. visconde d'Aguieira foi agraciado com este titulo em sua vida, por decreto de 19 de setembro e carta regia de 5 de dezembro de 1872.

O brazão d'armas d'esta familia foi concedido por alvará de 9 de junho de 1787, e é o seguinte:

Escudo esquartelado: no primeiro quartel, as armas dos Figueiredos (cinco folhas de figueira, nervadas e perfiladas d'ouro, em campo de purpura) — no segundo, as armas dos Telles (escudo esquartelado, no 1.º qnartel, em campo de prata, um leão de púrpura, armado de azul — no 2.º, campo d'ouro, e assim os alternos) — no 3.º, as armas dos Pachecos (em campo d'ouro, duas caldeiras negras com 3 fachas, veiradas d'ouro e púrpura, e em cada encaixe das azas, 4 cabeças de serpes verdes) — no 4.º as armas dos Moraes (quartel partido em duas pallas—na 1.ª, em campo de púrpura, uma torre de prata — na 2.ª, em campo de prata, uma amoreira verde). Timbre, o dos Figueiredos (dois braços de leão de púrpura em aspa, cada um com uma folha de figueira na garra.

Eu tenho visto o timbre dos Figueiredos construido assim — duas esgalhas de figueira, da sua côr, tendo cada uma, na extremidade superior, uma folha da mesma arvore.

Acho isto mais conforme com o

«*Troncon* desagalhára,
Troncon desagalhei.»

(Vide *Figueiredo das Donas*).

=

O sr. visconde da Aguieira, é um dos mais nobres, illustrados e sympathicos cavalheiros do districto d'Aveiro, e por isso geralmente estimado e respeitado.

—

A casa da residencia do sr. visconde da Aguieira está construida com lindo gosto, havendo n'ella uma capella da invocação de *Nossa Senhora do Bom Despacho*, instituida em 31 de maio de 1735 e fundada pela bis-avó materna do sr. visconde, D. Maria Eufrazia Pacheco Telles, viuva, que na mesma se acha sepultada, segundo se lê na campa do respectivo jazigo. E' esta capella que se acha restaurada com lindo gosto, recommendavel por algumas ricas imagens que n'ella se veneram, e pela ornamentação e talha dourada da tribuna no estylo d'aquella epocha, e pelas pinturas do tecto, todo dividido em quadros, representando os passos do Senhor.

A quinta é espaçosa, com muita agua, e muito bem cultivada, tendo uma excellente posição, lançada em parte sobre uma collina sobranceira, com linda vista sobre os campos do Marnel.

—

Para mostrar a importancia que teve esta freguezia de Vallongo, especialmente a villa da Aguieira, devo dizer —

Ha na freguezia o logar do *Paço*, de Brunhido, que foi dos duques de Lafões, mas era donataria á corôa.

Estes bens foram doados por el-rei D. Diniz, a seu filho o infante D. Pedro, conde de Barcellos, o qual aqui residia em 1348. Hoje apenas resta o nome de *Paço*, e um logarejo ao pé da Arrancada. *(Hist. Gen. da Casa Real*, tomo 1.º, paginas 266).

Suppõe-se que o tal Paço era n'uma propriedade agora chamada *Quinta da Povoa*, hoje dos srs. viscondes da Aguieira; mas de semelhante paço não existe o minimo vestigio.

VALLONGUEIRAS — Vide *Val de Nogueira*.

VALLOURA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 95 kilometros ao N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1768, tinha 102.

Orago, Santa Iria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de São Martinho de Bornes, apresentava o cura, que tinha 17$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Fertil. Gado e caça.

VALLUGÃES — Vide *Balugães*.

VAL-MAIOR — freguezia, Douro, concelho e 2 kilometros a E. N. E. d'Albergaria Velha, comarca d'Agueda, 18 kilometros a E. d'Aveiro, 54 ao N. de Coimbra, 255 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768, tinha 151.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo d'Aveiro.

O mosteiro de freiras de Jesus, d'Aveiro, apresentava o reitor, que tinha 300$000 rs. de rendimento annual.

Está situada sobre a margem esquerda do Cáima.

Minas do Braçal

São n'esta freguezia, as célebres minas de chumbo, do *Braçal*. O minerio, é lavado com as aguas do Cáima, o que é tão prejudicial á agricultura, que os outr'ora formosos e ferteis campos das suas margens, estão estereis e abandonados.

Em setembro de 1873, os povos d'estas terras reclamaram (depois de terem feito varios *meetings*, sendo o principal, na freguezia de Alcorobim). Foi então nomeada uma commissão de engenheiros de minas e louvados agricolas, com assistencia do delegado de saude, do districto administrativo, administrador do concelho, e outros individuos, para se conhecer do facto.

A commissão apresentou ao governo dous relatorios circumstanciados, que resolveram a questão.

Duas são as causas (segundo os relatorios) da esterilisação dos campos — Uma d'ellas, de natureza chimica, consiste em uma materia salina branca, que repassa e satura mais ou menos as terras que bordam a margem esquerda do Cáima, desde principalmente Porto de Rendo até ao Carneiro Velho, e parece que mais além ainda, isto é, já nas bordadas do Vouga.

Esta materia salina é uma mistura de sulphatos acidos, simples e dobrados, de alumina principalmente, de ferro, de cobre, de chromio, etc. Na bordada do rio a saturação das terras por estes saes é tal, que estes efflorescem á superficie, offerecendo a certa distancia a imagem de uma camada de geada.

Os habitantes de Valle Maior chamam a esta salinagem *veneno das minas*, e com rasão, porque a terra que a apresenta, ou não cria cousa alguma, ou offerece uma vegetação entanguida e que não chega á floração.

Os relatorios explicam a formação d'este *veneno*, originado dos sulphuretos metalicos que veem nos residuos da lavagem dos minerios, e que são lançados para o rio Cáima.

«Em resultado das analyses a que procedi pude convencer-me, que se as terras e as aguas de Valle Maior não fossem tão puras, ou antes tão pobres de cal como são effectivamente, estes sulphatos causticos de que fallo não se formariam; e as minas pouco ou nenhum prejuizo haveriam causado aos terrenos agricultados por esta causa chimica, que ameaça progredir até ás margens do Vouga.

Com effeito basta o contacto da cal com

uma terra salinada de Valle Maior completamente improductiva para lhe destruir o veneno, fazendo separar os oxidos metalicos, e convertendo em gesso o acido sulphurico.

O gesso, como se sabe, é até uma materia fertilisante; e os oxidos metalicos separados do acido sulphurico tornam-se em materias inertes.

—

A segunda causa de esterilisação, toda de natureza mechanica, é devida aos assoriamentos do rio. Segundo os relatorios da commissão, as areias e cascalhos que em varios sitios de Valle Maior tem esterilisado maiores ou menores extensões de terreno util, provém não sómente da lavra das minas, como tambem das vertentes do valle, em grande parte constituidas por greses esbroadiças.

A commissão votou por uma indemnisação dos prejuizos causados, e indica o processo como se deverá calcular e distribuir pelos queixosos.

Propoz além d'isso um certo numero de medidas, umas das quaes são tendentes a evitar a repetição do damno que as minas podem occasionar; e outras tem em vista remediar os males da esterilisação, reconduzindo as terras infectadas ao seu antigo estado de fertilidade.

—

Em 7 de março de 1876, partiu de Lisboa para Val-Maior, em commissão do governo, o agronomo, Mem Rodrigues de Vasconcellos, afim de proceder á caldeagem dos terrenos marginaes do Cáima, que estavam completamente estragados, em consequencia das infiltrações das aguas das minas do *Palhal*, *Braçal* e *Talhadella*.

—

No «Jornal da Noite» n.º 1:578, de 15 de março de 1876, se lê —

« *Secretaria da camara dos deputados.* —

« Representação de alguns moradores da freguezia de Val-Maior, concelho de Albergaria, districto de Aveiro, contra os prejuizos que soffrem seus campos marginaes da Ribeira do Cáima, ha oito annos, com a exploração e lavra das minas de Telhadella, Palhal, Carvalhal e Pena, sitas a montante d'esta freguezia, e os trabalhos e despezas a que a portaria de 10 de agosto passado os obriga sem indemnisação alguma.»

—

No «Districto de Aveiro» n.º 429, de 6 de marco, do mesmo anno de 1876, se lê —

As minas da beira-Cáima em relação aos campos marginaes do Cáima e Vouga

Os estragos produzidos nos campos de Val-Maior pela lavra das minas de Telhadella, Palhal, Carvalhal, Pena e Coval da Mó, é assumpto, de que se tem occupado a imprensa e os tribunaes, e por que já se tem perguntado no parlamento; e apezar de tudo isso e não obstante o momento só da questão, ainda até hoje não teve solução alguma.

Para os que ainda ignoram os males dos campos, a sua importancia, e a marcha dos povos em face d'elles, historial-os-hei resumidamente.

Alguns annos apoz a exploração metalurgica das ribas do Cáima, principiou de sentir-se nos campos, a jusante das minas, o definhamento e morte primeiro do feijão, e depois do milho e de tudo que n'elles se cultivava. Coincidia isto com a morte do peixe, em que o rio abundava.

Se bem me recordo, foi pelos annos 1860 a 1862 que principiou a apparecer aquella molestia no feijão, e d'ahi em diante no milho e mais vegetaes. Principiou pelos campos mais proximos das minas, e que eram alagados pelas enchentes do Cáima. Com o correr dos annos foi invadindo e caminhando ate á foz do rio, na extensão de cinco kilometros approximadamente, e passou e continuou nos campos do Vouga, nos campos de Jafafe e Macinhata, que ficam abaixo da foz do Cáima.

Em 1866 estavam infectados todos os campos inundaveis do Cáima, e é de 1870 a esta parte que se tem manifestado, com bastante extensão já, nas margens do Vouga.

Desconheceu-se a principio a causa da esterilisação; mas a morte do peixe do rio e seu arrolamento para os areaes, quando as aguas vinham turvas com lama das minas,

a marcha da esterilisação, a comparação das lamas das minas e dos nateiros que as enchentes deixavam ficar nos campos, e mais circumstancias, trouxeram a convicção de que outra não era, senão a lavra das minas, a causa d'aquella esterilisação.

Convencidos d'esta verdade, procuraram os povos de Valle-Maior, quasi exclusivos proprietarios dos campos do Caima, chamar os representantes dos estabelecimentos mineiros a um accordo, para estes lhes pagarem os damnos causados, e os que de futuro se seguissem. Os concessionarios das minas, porém, recusaram-se a acceital-o, e os donos dos campos tiveram que pôr em juizo uma acção contra elles.

Como grande numero de vezes acontece, os concessionarios das minas procuraram illudir a questão com as chicanas, a que se prestam questões, como esta, entre muitos individuos, sendo uns dos contendores abastados e ricos e os outros mal remediados e quasi pobres.

Em vista d'isto, e conhecedora dos prejuizos causados, tambem a camara d'Albergaria Velha representou ao governo para que fossem tomadas providencias, tanto em relação aos males effectuados, como á continuação d'elles e sua marcha invasora. Foi em 1870 que a camara representou; e em setembro d'esse mesmo anno foi pelo governo nomeada uma commissão para estudar os prejuizos, averiguar as suas causas, e propor os meios de os remediar e prevenir.

Causas, que mais tarde discutirei, fizeram com que dos trabalhos d'esta commissão se não tirasse outro resultado mais, do que passar tempo, e ficar tudo no antigo estado ou peior.

A esterilisação seguindo sua marcha, e os povos, que do seu labôr colhiam a abastança e a riqueza, estavam agora reduzidos á miseria, porque nem o muito lidar nos seus campos os tornava productivos. N'este estado de cousas lembraram-se de convocar uma grande reunião para pedir novamente ao governo medidas energicas, contra os damnos que soffriam, e de que não eram culpados, e que por si não podiam remediar.

Era já em 1873; a reunião ou meeting estava annunciada para o ultimo domingo de setembro. O governo então, talvez melhor informado, nomeou nova commissão, e d'homens competentissimos, para vir estudar os males existentes, suas causas, seus remedios, sua prophylaxia, e o modo d'indemnisar os povos dos damnos anteriores.

A commissão reuniu-se em Albergaria, em outubro do mesmo anno; e em fevereiro seguinte, salvo erro, apresentou ao governo uma serie de medidas conducentes a remediar os males já effectuados, e que attribuia á lavra das minas; e a prevenir os futuros.

Apresentava a cal como meio de sanificar os campos e depurar as aguas e lamas das minas; aconselhava a construcção de muros de supporte e labyrintos para embaraçar a queda d'entulhos e aguas de lavagem dos minerios no rio, e por fim o pagamento d'indemnisação aos proprietarios dos campos.

Estamos em março de 1876, e de tudo isto apenas ha: uma portaria mandando intimar os representantes das minas para fazerem as construcções indicadas, os proprietarios dos campos para não deitarem ao rio as terras esterilisadas, e ultimamente um annuncio do governo civil d'Aveiro para o fornecimento de cal.

—

No mesmo jornal, continuou a tratar-se do mesmo objecto, em o numero correspondente a 20 de março do referido anno, pelo modo seguinte —

A commissão nomeada em setembro de 1870 para estudar os estragos dos campos de Valle-Maior, ou do Caima, era composta dos ex.mos srs. Silverio Augusto Pereira da Silva, director das obras publicas d'Aveiro, João Ferreira Braga, engenheiro de minas, e Antonio Filippe da Silva, agronomo.

Algum tempo depois da sua nomeação reuniu-se em Albergaria, d'onde foi a inspeccionar os campos e minas, e recolher os elementos necessarios para o completo estudo. Foram recolhidas terras e aguas dos logares esterilisados e sãos, para da sua comparação se conhecer da causa da molestia. Conhecidas pela analyse as differenças entre as terras ferteis e estereis, procurar-se-iam

nas lamas e entulhos das minas os elementos communs; e investigando se d'outra parte poderiam vir, chegar-se-ia a conhecer, por exclusão ou directamente, que outra não era a origem do mal.

Encarregaram-se os dois commisssionados, Braga e Filippe da Silva, de mandar fazer as respectivas analyses, e para isso levaram os elementos recolhidos nos campos; e assentaram em elaborar o seu relatorio, conhecidos que fossem os resultados das analyses.

Decorreu porém muito tempo sem que os encarregados da analyse dessem signal de si; o ex.mo sr. Silverio elaborou o seu relatorio, cançado talvez de perguntar aos collegas pelo resultado dos trabalhos, de que se haviam incumbido. As analyses nem se tinham feito, nem chegaram a fazer-se: a causa, não a sei; presumo-a, e talvez a minha presumpção seja a verdade. Mas vamos adeante.

No relatorio do ex.mo director das obras publicas do districto, attribuia-se a esterilisação dos campos, na maior parte, á lavra das minas. Soccorrendo-se ao conhecimento que tinha d'aquelles campos antes e depois d'esterilisados, pela inspecção d'elles quando por ventura trabalhos d'outra ordem alli o chamavam, não hesitou em considerar os entulhos e finos da lavra e lavagem do minerio como a causa efficiente dos estragos.

Enviou o seu relatorio ao devido destino; e foi talvez o seu apparecimento que instigou o ex.mo sr. Braga a elaborar tambem o seu. Mas que differença e desaccordo!?

Bem ao contrario do que no primeiro se dizia, affirmava-se n'este que a esterilisação dos campos de Val-Maior era devida á *ignavia* de seus donos.

Em resumo, o raciocinio do ex.mo sr. Braga era o seguinte: no inverno os campos são inundados pelas aguas, que descem em torrentes das serras; d'ahi arrastam muitos destroços e fragmentos metalicos e de rocha, em que abundam as serras proximas. O alveo do rio é estreito, e mais estreito o fizeram os proprietarios das terras confinantes d'uma e outra margem; por isso não basta a dar passagem ás aguas pluviaes, que se espalham nos campos; n'estes depositam-se pois, em virtude do seu peso especifico e do remanso das correntes, as areias mais grossas e tambem algumas finas, todas porém estereis. Os agricultores, seguindo antigos systemas de cultura e aragem, não sabem nem misturam e revolvem bem estes novos depositos com o subsolo; e d'ahi vem a esterilisação dos mesmos campos. Não se deve por tanto attribuir á lavra das minas; e até os mesmos proprietarios das minas deviam exigir dos campos indemnisação por estes terem estreitado o rio.

Ainda mais se affirma no mesmo relatorio: é que a lavra das minas é util á sanificação dos campos. O raciocinio, por onde o illustre commissionado pôde chegar a uma tal conclusão, é que eu não pude descortinar.

São estas duas das mais importantes conclusões, a que no citado relatorio se chegou. Analysal-as-hei, até onde chegarem meus escassos recursos.

Não eram só as areias que alli se depositavam; eram tambem os elementos que constituem o humos, e a terra verdadeiramente productiva. As mesmas areias eram precisas para a vegetação; tornando os nateiros mais permeaveis e soltos, e menos sujeitos ao desenvolvimento de vermes, concorriam para a fertilidade d'elles.

E actualmente o que se vê? Por bem definida linha se extrema o campo inundavel pelo rio, do que o não é. N'aquelle, sujeito apenas ás inundações d'algum pequeno ribeiro, conserva-se a antiga fertilidade; n'este brilham as areias ou negreja a terra, raro semeada d'alguma esteril gramma, cujas raizes ainda se vão encontrar lá no fundo, na antiga terra vegetal.

E que mudança tiveram as condições geologicas das serras, cujas vertentes se inclinam para o Caima? No volver dos seculos perderiam as suas camadas superiores humiferas, e não restarão d'ellas hoje mais que as rochas nuas e metallicas? Cessariam de produzir as urzes e tojo que d'annos a annos eram queimados, não só para não dar abrigo a feras, mas tambem para produzir tenras pastagens a gados? Nada d'isto: as serras conservam ainda elementos semelhan-

tes, e a sua producção é egual. O que se encontra a mais nas ribas do Caima são os estabelecimentos mineiros onde poderosas machinas e o lavor de centenares de braços arrancam continuamente das entranhas da terra milhares de metros cubicos de areias e cascalho e minerio, que tudo é lançado para o rio, ou depositado na sua beira, d'onde as aguas torrenciaes do inverno as arrastam para ir espalhar sobre os campos, e matar a sua vegetação.

Ainda as aguas d'esgoto e de lavagem vem augmentar a esterilidade das areias; augmentar não, que não é susceptivel d'augmento, mas damnificar mais as terras por onde passam. E bem conhecido era este facto dos lavradores, que, regando com agua turva do rio, levavam o estiolamento e morte aos sequiosos campos. Quando a esterilisação ainda não era completa, estavam os milhos condemnados a morrer á sêde para não morrer envenenados. Qual das mortes seria mais lastimosa?

Ora quem não quiz vêr tudo isto foi o ex.mo sr. Braga. Esse só viu a *ignavia* dos donos dos campos, e a *utilidade* das minas.

Ainda chegou a mais: a escrever que eram os concessionarios das minas que tinham direito a accionar os proprietarios dos campos, mas nunca estes a pedir indemnisação áquelles!

Sou obrigado a confessar que para uma tal affirmação só ha uma resposta digna; e não duvidaria dar-lh'a, se tivesse a auctoridade de Victor Hugo.

Sinceramente estranho que o ex.mo sr. Braga, que é homem de sciencia, e como tal havido, chegasse a escrever taes asserções sem ao menos ter visto o resultado das analyses, que deviam dar-lhe formal desmentido. Foi tatvez por causa d'este relatorio que os justos clamores dos proprietarios dos campos foram sempre desattendidos, e que se estenderam para as margens do Vouga os estragos, que então se limitavam aos campos do Caima.

A leviandade, e talvez parcialidade, do ex.mo sr. Braga podia acarretar (e quem sabe o que virá a ser)? graves desaguisados, se os povos não tivessem o bom senso de se dirigir novamente aos poderes publicos para prover de remedio aos prejuizos, que soffrem. Com o seu relatorio illudiu a verdade, e occasionou a extensão do mal; aquillo que então podia ainda com pouco remediar-se, custa hoje muito mais trabalho e despeza, e o povo, o pobre povo, vae soffrendo não da propria *ignavia*, mas dos desconcertos de s. ex.ª»

—

Em consequencia da minha vida *nomada*, andando de terra em terra, procurando linitivo aos meus padecimentos chronicos, tem-se-me desencaminhado alguns livros e papeis, e entre estes ultimos, o resto do artigo do «Districto d'Aveiro» com referencia a esta materia.

Mina de ferro

Em julho de 1876, foram reconhecidos como proprietarios legaes do descobrimento de uma mina de ferro, situada no *Alto da Arrota*, os srs. Patricio Luiz Ferreira Tavares Pereira da Silva, e João Domingos Lourenço da Silva.

Fabrica de papel

Principiaram as obras para o edificio d'esta fabrica, incontestavelmente, uma das melhores (se não a melhor) do seu genero, em Portugal, em maio de 1872.

São seus proprietarios, o commendador Manoel Luiz Ferreira Tavares e seu irmão, José Luiz Ferreira Tavares, opulentos capitalistas, de Albergaria Velha. [1]

Foi inaugurada em fevereiro de 1874.

---

[1] O sr. Manuel Luiz Ferreira Tavares, é pae do sr. Francisco Luiz Ferreira Tavares, feito *barão do Cruzeiro*, em 21 de outubro de 1875.

José Luiz Ferreira Tavares, um dos fundadores d'esta fabrica, e tio do referido barão, falleceu nos primeiros dias de agosto de 1877.

O sr. barão, é casado desde o principio de 1877, com a sr.ª Dona Rosa Joaquina Lebre, filha de uma das mais distinctas familias de Mogofôres, e senhora de esmeradissima educação e muito caritativa.

Está situada perto de Val-Maior, e a um kilometro da estrada real de Aveiro para Viseu; na margem direita do Caima, affluente do Vouga.

Na frente S. do edificio, é a casa de habitação, constando de *rez de chaussée* e 1.º andar, com 16 divisões.

Entrando no pateo, ao lado direito, estão dous salões — o 1.º, das machinas da fabricação do papel — o 2.º do acabamento do mesmo (dobrar, enfardar, etc.)

Ao lado esquerdo, estão, o escriptorio, e diversos armazens, e por cima, *sala das farrapeiras*, para escolha do trapo.

Ao fundo do pateo, estão as caldeiras e a chaminé.

O edificio do fundo, tem, no 1.º pavimento, diversas machinas, para barrella do trapo.

As turbinas, de motor hydraulico, e da força de 80 cavallos, assim como duas grandes bombas d'agua, tambem estão ao fundo do pateo: e no andar superior, estão os cylindros para triturar, lavar e branquear o trapo, reduzil-o a massa liquida, e d'alli seguir para a sala da fabricação do papel.

A traz d'este edificio, pelo lado de fóra, está um immenso tanque d'agua, ao nivel dos telhados, para alimentação dos cylindros; e de prevenção, para qualquer caso de incendio.

A machina a vapor, é de *systema* continuo. As caldeiras são da força de 30 cavallos nominaes.

Emprega 150 operarios, e trabalha de dia e de noíte.

Produz 1:500 a 2:000 kilogrammas de papel, em 24 horas, segundo a qualidade e grossura d'elle.

Vende promptamente quanto papel possa fabricar, e qualquer encommenda, é satisfeita tambem promptamente.

As machinas, foram feitas em uma fabrica de Anguleme, a mais acreditada de França; mas, a maior parte do anno, a força propulsora, é a agua do Caima. O vapor só se emprega durante a estiagem.

Os seus productos, rivalizam com os melhores de França ou Inglaterra.

Tem uma machina de fabricar papel continuo.

O mestre e contramestre, são francezes.

O machinista, vence 600 réis diarios — os officiaes, 360 — operarios, 300 — mulheres e rapazes, de 120 a 140 réis.

Esta fabrica foi estabelecida para fabricar papel de *caruma* (agulha de pinheiro) por haver por estes sitios vastos pinheiraes. Depressa porém se reconheceu a impossibilidade de realisar este emprehendimento, em razão do alto prêço porque sahia a sóda caustica, o chlorurêto de cal, e outros ingredientes necessarios para reduzir a carúma a pasta. Hoje a unica materia prima, é o trapo; mesmo assim, o preço dos productos d'esta fabrica, é muito rasoavel, o que tem prestado bons serviços á imprensa.

Este estabelecimento, tem feito prosperar bastante a freguezia de Val-Maior.

—

Nos principios da nossa monarchia, era o povo d'esta freguezia, propenso ao roubo e aos assassinatos dos viandantes que transitavam por estas terras. (Vide no 1.º vol., pag. 50, col. 2.ª)

Hoje é povoada por gente pacifica, trabalhadora e morigerada.

O seu territorio — exceptuando as margens do Caima, pelo motivo que fica dito — é fertil em todos os generos agricolas; cria muito gado, tem bastante caça, e o Vouga e o mar, o fornecem de abundante e variado peixe.

VAL-MEÃO — quinta, Douro, nos arrabaldes de Coimbra. E' uma bella residencia, do opulento e dignissimo proprietario, o sr. doutor José Pessoa da Silva Pinheiro, que casou, em setembro de 1874, com a virtuosissima sr.ª D. Maria José Soares d'Albergaria, filha do fallecido Alexandre Luciano Soares d'Albergaria, (da nobre *casa do Buraco*, na freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis) e irman do actual mórgado do Buraco, o sr. doutor, Alexandre Celestino Soares d'Albergaria. (Para evitarmos repetições, vide *Buraco, Couto de Cucujães*, e *Rôge)*.

VAL-PEDRE — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Penafiel, 30 kilometros a E. N. E. do Porto, 440 ao N. de Lisboa, 188 fogos.

Em 1768, tinha 142.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado e a mitra, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 600$000 de rendimento annual.

O nome d'esta freguezia procede do seguinte — Um lavrador chamado *Pedro*, deu a uma antiquissima ermida, dedicada a S. Thiago, apostolo, para a sua fabrica, um campo, chamado *Val de Pedro*, immediato á ermida, que passados annos se transformou em egreja parochial, com o nome de *Val-Pedre*, alludindo ao tal campo.

Outros dizem que o tal campo, foi dado pelo referido Pedro, para passal do abbade.

Diz o *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 415) que tem uma ermida, dedicada a N. Senhora da Assumpção.

> Quando escrevo alguma ermida, mencionada no tal *Catalogo*, cito sempre a pagina; porque esta obra érra muitas vezes: ou menciona ermidas que nunca existiram, ou deixa de mencionar outras — e, não poucas vezes — muda o nome do padroeiro!

Ao O. da freguezia, no monte que fica entre Santa Marinha da Figueira e esta parochia, existe em bom estado, um monumento chamado a *Cruz da Gésteira;* dando-se o mesmo nome, ao terreno em volta. Segundo a tradição, foi feito para marcar as leguas, o que parece confirmar a existencia do *Cruzeiro das Lampreas*, situado em um outro monte, da freguezia da Cabeça Santa, a 5 1/2 kimetros do da Gésteira.

Crê o povo, que este ultimo cruzeiro serve de *signal*, para que a uns tantos passos (distancia que se ignora, assim como a direcção que se deve dar a esses passos) se ache um riquissimo *thesouro encantado*.

Esta crendice, tem dado logar a varias escavações em volta do cruzeiro, a ponto de perigar a sua existencia; mas não se tem encontrado senão terra e pedra, como era de suppôr.

Ha n'esta freguezia, a nobre e antiga *quinta do Paço*, pertencente a um ramo do illustre appellido Porto-Carreiro.

Ao N. da povoação está o *monte do Crasto*, onde ainda ha claros vestigios de uma fortaleza, que se julga do tempo dos romanos.

VAL-PEREIRO. — Vide *Val de Pereiro.*

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo (foi do mesmo concelho, mas da extincta comarca de Chacim) 130 kilometros ao N. E. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 50.

Orago, N. Senhora da Encarnação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Para se differençar das outras freguezias do mesmo nome, chamam a esta, *Val-Verde d'Alfandega da Fé.*

Diz José Avellino d'Almeida, no seu *Diccionario abreviado*, que ha n'esta freguezia uma fonte, que *só em dia de S. João, deita agua, que é remedio para sezões e outras doenças.* (!) Deitará....

Nasceu n'esta freguezia, o servo de Deus, *frei João Hortelão*, leigo, que morreu no mosteiro de S. Francisco de Salamanca.

Diz-se que fez muitos milagres durante a sua vida e ainda depois de morto.

VAL-VERDE — Vide *Marmellos.*

VAL-VERDE — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia. Muito fertil, como todas as mais d'esta freguezia. Vide *Penajoia.*

VAL-VERDE — quinta, Alemtejo, nos arrabaldes e ao O. da cidade de Evora.

Era passal dos arcebispos e foi uma formosa propriedade; mas actualmente está em grande abandono.

—

Esta terra já era habitada desde os tempos pre-historicos, o que se prova pela existencia dos restos de dous *dolmens*, arruinados, perto um do outro, e no montado pertencente á mesma quinta.

As *mesas* desappareceram; provavelmente para serem empregadas na construcção da parede de algum matto, como tem acon-

tecido a muitos outros monumentos pre-celticos.

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 170 kilometros ao N. E. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1768, tinha 27.

Orago, São Sebastião, martyr.

(O *Port. Sacro*, diz que é S. Vicente, martyr.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Rebordãos, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

E' terra pobre. Cria muito gado de toda a qualidade, e é abundante de caça.

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, S. Miguel Archanjo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O deão da Sé da Guarda, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

Terra pouco fertil. Muito gado e caça, de toda a qualidade.

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, 35 kilometros de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, São Pedro, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de S. Pedro de Coruche (da Beira Baixa) apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento annual.

A freguezia é unicamente formada pela aldeia do seu nome.

Fertil. Gado e caça.

Foi entre esta freguezia e a villa de Trancoso, que se deu a famosa batalha de que fallei no 9.º vol., pag. 715, col. 2.ª

VAL-VERDE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 120 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1768, tinha 44.

Orago N. Senhora da Espectação (ou do O')

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O vigario, collado, de S. Sebastião do Côbro, apresentava o vigario *ad nutum*, d'esta freguezia, que tinha 8$600 réis de congrua, e o pé de altar.

Terra pobre e pouco fertil. Gado e caça.

Para a differençar das outras do mesmo nome, chamam a esta freguezia *Val-Verde de Lamas de Orelhão.*

VAL-VERDE — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 90 kilometros de Viseu, 385 a E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 60.

Orago, N. Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O vigario de São Pedro, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 1$500 réis de congrua (!) e o pé d'altar.

Terra muito pobre e pouco fertil.

VAL-VERDE — aldeia, Beira Baixa, na freguezia de Quadrazaes, comarca e concelho do Sabugal. E' a ultima povoação portugueza por este lado, e terra de contrabandistas incorrigiveis e corajosos. Fica sobre a margem direita do Côa, que divide aqui Portugal da Hespanha.

O immortal condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, derrota junto a esta povoação, a 5 de outubro de 1385, um exercito de 30:000 castelhanos, commandados pelos grão-mestres das ordens de Castella, morrendo na acção os grão-mestres de S. Thiago e de Alcantara, e o conde de Niebla, castelhanos. O inimigo, fugiu em debandada, deixando ficar no campo da batalha, muitos mortos, feridos e prisioneiros, e a maior parte do seu trem de guerra, e bagagens.

O rei portuguez, D. João I, deu ao condestavel, em premio d'esta brilhante victoria, o titulo de conde de Barcellos.

D. Nuno Alvares Pereira, tinha reunido um corpo de 1:000 cavallos, 2:000 infantes e alguns bésteiros, e com esta pequena força emprehendeu a invasão de Castella. Mas

o condestavel, era um cavalleiro de altos brios e extremada generosidade, pelo que, com antecipação, preveniu os mestres de S. Thiago, D. Pedro Nunes de Godoy, e o de Alcantara, assim como o conde de Niebla, de que os hia procurar na sua propria terra.

E, com effeito, entrou 14 leguas com mão armada, por Castella, saqueando muitas povoações, e colhendo valiosos despojos.

Acudiram aquelles chefes, com outros grandes senhores de Castella, com os taes 30:000 homens, e vieram tomar o passo aos portuguezes, junto ao rio, por onde estes deviam passar.

Chegados os nossos á beira do rio, acharam-se entre as forças triplicadas dos castelhanos; mas com a maior bravura foram estes investidos, tendo de retirar para um monte proximo; mas ahi os foram atacar os portuguezes, fazendo-os desalojar; e seguindo-os, lhe deram segunda batalha em uma planicie, e a terceira, junto a Val-Verde, sendo sempre derrotados os castelhanos.

Diz a historia, que no mais acceso d'esta 3.ª batalha, desappareceu o condestavel, da frente dos seus guerreiros, e sendo procurado por um cavalleiro portuguez, foi dar com elle, em um sitio apartado, entre dous penedos, de joelhos, e com as mãos postas, orando.

Finda a principiada oração, foi muito alegre e animado continuar o combate, em que aniquilou terceira vez os castelhanos.

VAL-VERDE — nobre e antiga quinta, Minho, nos suburbios da villa dos Arcos de Val de Vez, freguezia de São Paio, da mesma villa.

Aqui residem actualmente, o sr. Lopo Antonio Saraiva Sampaio Souza de Menezes, e sua irman, a sr.ª Dona Anna Joaquina Saraiva de Menezes.

VAL-VERDE — logar, Beira Baixa, termo, e 6 kilometros da cidade de Castello-Branco; junto ao rio Ocreza.

E' um sitio fresco e agradavel, onde está construido o santuario de *N. Senhora de Val-Verde.* A imagem da padroeira, que é de pedra, e tem apenas 0m,35 de altura, appareceu em uma lapinha muito formosa, guarnecida pela Natureza de verdes e emaranhadas heras e outras trepadeiras.

Junto á lapinha onde foi achada a Senhora, no seculo XVI, se construiu um bom templo, com uma imagem da padroeira, de um metro de altura (mas a pequenina ficou na lapa) Este templo fica apenas a 50 passos do sitio da apparição.

Junto a esta egreja, estão as ruinas de um pequeno mosteiro, onde estiveram em congregação, alguns padres do instituto de S. Philippe Nery, que depois o abandonaram por ser em logar deserto.

Tem a casa da Senhora uma bôa cêrca, com pomar de varias fructas, ciprestes, pinheiros e outras arvores silvestres. Ha aqui duas fontes, uma dentro, outra fóra da cêrca.

Além d'isto, tem outras propriedades, que em 1711 rendiam 50$000 réis.

Tem casa de residencia do eremitão—que era sempre clerigo, apresentado pelo bispo, e que recebia metade do rendimento do sanctuario.

Foi esta Senhora, objecto de grande devoção, dos habitantes de Castello Branco, e dos logares de Salgueiros, Tinalhas, Cafide, e outras muitas terras d'estas immediações, que vinham aqui em frequentes romarias.

Não sei o estado actual d'este sanctuario.

VAL-VERDINHO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Sabugal (foi da comarca da Covilhan, extincto concelho de Sortêlha) — 30 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa.

Em 1768, tinha 18 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A casa de Penedôno, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta fregnezia, foi supprimida, por pequena, e está annexa á de Sortêlha.

VAMBA ou **WAMBA** — rei — Vide *Idanha Velha.* — Muitos, teem escripto e sustentado, que o *abbade Wamba* de que trato no 2.º Briteiros (vol. 1.º, pag. 491, col. 2.ª) foi o famoso rei da Lusitania. E' êrro manifesto. O Wamba de Briteiros, é mais antigo. Este, com o santo Receswinto, abbade benedictino, do mosteiro de São Martinho de Sande (8.º vol., pag. 386, col. 2.ª e seguinte) assis-

tiram ao 10.º concilio toledano, convocado por o rei Receswindo, pelos annos 660, e falleceu pouco depois.

O outro Vamba, foi acclamado rei, e ungido, a 19 de setembro de 672. A ceremonia da uncção, teve logar na Sé de Tolêdo, com a maior magnificencia, e geral regosijo; pois foi o primeiro rei de Hespanha que se ungiu.

Consta que este rei, era natural de Idanha Velha (Beira Baixa).

Em 687, adoptou Ervigo, e abdicou n'elle a corôa, recolhendo-se a um mosteiro, onde terminou seus dias, em oração e penitencia. Consta que este mosteiro era o de Arlança (ou Pambliega) na Hespanha. Falleceu com fama de santo, pelos annos de 690 (a 20 de janeiro). Outros dizem que morreu a 6 de outubro de 688.

No 1.º volume do *Anno Historico*, a pag. 95, se diz que Vamba, rei, falleceu a 20 de janeiro de 672 — e no 3.º vol. da mesma obra, pag. 71, diz que elle foi ungido rei, a 19 de outubro de 672! *Aliquando dormitat Homerus.*

VANDALOS ou **WANDALOS** — povos barbaros e ferozes, da Germania sptentrional.—

Os hunos, e outros povos do Norte, tomaram e saquearam Roma, no anno 375 de J. C. —

No anno seguinte, os gôdos, unidos aos Vandalos, selingos, [1] alanos, suecos e outros, sahindo, em varias secções dos seus bosques e montanhas, desceram o Oder, sobre o Danubio, e o Ponto-Euxino, e se estabeleceram entre o Theiss e o Don. A maior parte d'estes barbaros, eram *ostrogôdos* (gôdos do Este) e *wisigôdos* (gôdos do Oeste.) Estavam separados pelo rio Dniester, mas tendo um unico chefe, que era Hermenerico, que tinha então 110 annos.

Os hunos foram atacar os gôdos, e os venceram. Hermenerico, perdendo a batalha se suicidou com a sua propria espada; e seu successor foi vencido e morto.

Então os ostrogôdos se uniram aos hunos (376) e os wisigôdos foram procurar asylo nas terras do imperio romano.

Valente, imperador do Oriente, desde 364, permittiu aos wisigôdos o estabelecerem-se ao Sul do Danubio, nas duas Mesias, sob a condição de abraçarem o arianismo, entregarem as armas, e dar como refens uma parte de seus filhos, que foram espalhados pela Asia-Menor.

Os barbaros tudo prometteram, porém, em breve exasperados pelas violencias dos officiaes e exactores imperiaes, se revoltaram, lançando-se sobre a Traia. Valente lhe deu batalha (sem esperar o soccorro de seu collega Graciano) proximo á cidade de Andrinopla (378) soffrendo uma derrota ainda mais completa e desastrosa para os romanos, do que a de Cannes, dada por Annibal, contra Paulo Emilio e Varrão, em 216. Apenas a terça parte do exercito romano escapou á carnificina. O imperador, gravemente ferido, foi levado para uma cabana, que os barbaros incendiaram, morrendo elle, entre as chammas.

Na Europa Occidental, corriam melhor os negocios dos romanos. O imperador Graciano, derrotou os germanos, 379, e chamando de Hespanha o filho do valoroso conde Theodosio, lhe deu o titulo de Augusto. Este joven e intrepido guerreiro, venceu os gôdos e vandalos, em differentes combates, obrigando-os a pedirem a paz, e consentiu em lhes dar terras na Tracia e na Mesia, sob a condição de defenderem a passagem do Danubio; e 40:000 d'estes barbaros foram admittidos nas fileiras do imperio. Mereceu por estas victorias o cognome de *Theodozio o Grande.*

Deixando de narrar outros acontecimentos que tiveram logar durante o imperio de Theodozio, alheios á historia dos vandalos e selingos — só direi — Este bravo e intelligente imperador, falleceu, como fiel catholico, em 395, tendo antes dividido o imperio, entre seus dous filhos, Arcadio e Honorio. A Arcadio, coube o imperio do Oriente, e a Honorio, o do Occidente.

O imperio do Occidente, não sobreviveu ao grande Theodozio, senão 81 annos, de vergonha e miseria. Uma verdadeira anarchia

---

[1] Os selingos eram uma tribu dos vandalos e tinham a mesma lingua e costumes.

Estelicon, aio e sôgro de Honorio, pretendeu que seu filho Eucherio fosse acclamado imperador — o que não conseguiu — mas deu causa a uma guerra civil, durante a qual os vandalos, suevos, alanos, etc., depois de terem saqueado Roma e destruido grande parte das Gallias, passaram os Pyreneus, e invadiram a nossa Peninsula. (Já então se achava a Italia occupada pelos ostrogôdos, e as Gallias, por algumas legiões dos mesmos, e pelos suevos e alanos.)

—

Não ha certeza do anno da invasão na Lusitania, pelos barbaros do Norte. A maior parte dos escriptores, porem, dizem que foi na era de Cesar 447, que é o anno 409 de J. C.

O *Codice de Sermonde*, uma das obras mais auctorisadas sobre a materia diz — *Alani et Vandali, et Suevi, Hispanias ingressi Æra 447 alii 4 Kalendas, alii 3 Idus Octobris memorant, die 3 feria, Honorio 8, et Theodosio Arcadii filio 3 consulibus.* » — Isto é —

«Os alanos. vandalos e suevos, entraram nas Hespanhas, na era 447 de Cesar. Dizem uns, que aos 4 das kalendas de outubro (28 de setembro) outros, que aos 3 dos idos de outubro (13 de outubro) em uma terça feira, sendo consules, a 8.ª vez, e Theodosio, filho de Arcadio.»

Vem a ser — a 28 de setembro ou a 13 de outubro, do anno 409, de J. C.

Isto é confirmado pelo bispo Idacio, na sua *Chorographia;* e note-se que este veridico escriptor vivia no tempo d'essa invasão, e foi testemunha da maior parte dos factos que relata.

(Idacio, era idolatra, e converteu-se ao catholicismo, no anno 362 de J. C., segundo o *Codice de* Alcobaça. Tomou ordens de presbytero, e veio a ser bispo de Lemica, antiga cidade da Galliza.

Parece que, emquanto uma parte dos vandalos, visigôdos e alanos, transpunham os Pyreneus, outra parte, invadiu a Lusitania, por mar, entrando a barra do Tejo; mas Lisbôa ficou livre das exacções dos barbaros, mediante um pequeno donativo, feito pelos lisbonenses. (Para evitarmos repetições, vide 4.º vol., pag. 108, col. 2.ª, e seguinte.)

Os reis vandalos que reinaram nas Hespanhas, foram — *Gunderico* (que era o seu chefe em 409) *Genserico, Humerico, Gutamundo, Isoris* e *Gamiel.*

—

Seria muito curiosa, mas longa, a historia dos vandalos e seus conterraneos, os selingos; mas requeria um livro especial, e não um artigo n'este diccionario.

Limitar-me-hei apenas, a dar um rapido resumo d'ella, por ordem chronologica, e é como se segue —

Annos de J. C.

409 — Os vandalos, visigodos, alanos, suevos, etc., invadiram a Lusitania, causando grandes devastações, tanto nos campos, como nas casas e monumentos. Alem d'isto houve um grandissimo transtorno nos usos e costumes dos indigenas, que, com a dominação romana, por espaço de mais de 200 annos, se tinham modificado e polido.

Os lusitanos e os romanos, opposeram uma tenaz resistencia áquellas hordas ferozes, porém o numero venceu a disciplina e a bravura, e os barbaros tornaram se dominadores d'esta terra, depois de terem exterminado grande parte dos seus habitantes. [1]

Pouco tempo depois, os mesmos barbaros, desavindos, se guerrearam ferozmente dando em resultado, não só a morte de mui-

---

[1] Trez reis commandavam as hordas dos invasores — a saber — *Gunderico*, os vandalos — *Ruplandiano*, os alanos — e *Hermenerico*, os suevos.

tos d'elles, como tambem dos latinos; e a destruição de muitos monumentos que haviam escapado da invasão.

Duraram estas guerras alguns annos, até que os invasores, foram pouco a pouco perdendo a sua ferocidade, e ligando-se por casamentos, com os indigenas, vieram a formar uma só familia. Houve então uma grande mudança nos usos, costumes, vestidos e e lingua dos peninsulares, que no fim de setenta annos de guerras, expulsaram os romanos.

As Hespanhas foram então divididas em dous reinos — dos gôdos, e dos suevos e vandalos — A estes ultimos, coube o vasto territorio comprehendido entre o rio Douro e a extremidade septentrional da Galliza, tendo Braga por capital.

Mas pouco podia durar uma juncção feita entre homens turbulentos e quasi selvagens. Os vandalos desavieram-se com os suevos, e estes, vencidos, desampararam Braga, que ficou em poder d'aquelles; mas em breve foram expulsos, com o soccôrro dos romanos; e a maior parte d'elles (os selingos), retirando para o sul, foram occupar a Betica, que lhe tinha tocado por sorte, e á qual deram o nome de *Wandaluzia*, que ainda hoje se conserva com pequena corrupção — *Andaluzia*.

Os invasores não tinham todos a mesma religião: uns eram idolatras, outros (a maior parte) eram herejes arianos. Não tinham pois o minimo respeito, nem aos templos, nem aos sacerdotes catholicos. Por toda a parte, sem distincção do sagrado ou profano, exerciam as maiores depredações. Não se viam senão incendios, egrejas demolidas, mosteiros arrazados, campos destruidos; e apenas se ouviam os prantos dos lusitanos emquanto os barbaros se não foram domesticando. Bispos, clerigos, frades, freiras, povo, abandonando casas e campos, tudo fugia ante a furia dos barbaros.

A divisão entre os invasores, tinha sido feita á sorte — aos vandalos, coube a Galliza oriental e do sertão — aos suevos a Galliza Occidental, situada nos fins do Occeano — e aos alanos, a Lusitania, e a provincia carthaginense — aos outros vandalos que se denominavam selingos, coube a Bética.

411 — Hunerico, rei dos suevos, era gentio. Os bracaros que se tinham refugiado nos seus castellos, vendo-se desamparados dos romanos, e que não podiam sustentar uma dilatada guerra contra os barbaros, n'este anno de 411, se entregaram aos suevos, e Hunerico fez de Braga a sua corte.

Os vandalos, visinhos dos suevos, do lado do norte, eram mais poderosos do que estes, e os expulsaram de Braga, obrigando-os a retirar para os *montes Narvasios* (que supponho ser a actual *serra de Barroso*) onde os vandalos os foram cercar. Acudiram os romanos em favor dos suevos, obrigando os vandalos a retirar, e abandonando Braga, sahindo para sempre do Norte da Lusitania.

418 — Os alanos romperam de novo contra os vandalos e selingos, em quanto os romanos colligados com os visigôdos, diligenciavam sustentar o dominio do imperio romano nas Hespanhas. Junto a Merida, se deu uma sanguinolenta batalha, perdendo Ataces, rei dos alanos, a vida, e o resto dos seus exercitos, foram procurar abrigo na Galliza e no littoral da Lusitania sptentrional. (Vide ne 2.º vol., pag. 320, col. 1.ª e seguintes.)

420 — Walia, rei dos gôdos, fez a guerra aos vandalos e selingos da Andaluzia; e os alanos por pouco tempo se acharam socegados.

Gunderico augmentava as suas tropas. Se as rebelliões dos romanos, n'estes desgraçados tempos, chamados da *anarchia*, ou do *baixo imperio*, eram continuas, os barbaros, tambem estavam em guerra permanente entre si.

Hermenerico, rei dos suevos, o menos barbaro dos principes invasores, admittiu os lusitanos a todas as honras, e deixou-lhes o livre exercicio da religião catholica; pelo que, conquistadores e conquistados, formaram um só povo.

423 — Gunderico, rei dos vandalos, querendo collocar sob o seu poder os alanos da Lusitania e os selingos da Andaluzia, rompeu a guerra com Hermenerico, mas este o venceu, obrigando a retirar com as suas tropas para as ilhas Baleares.

425 — Voltam os vandalos a Hespanha, e tomam Carthagena, que destruiram. Succedeu esta destruição, no primeiro anno do imperio de Valentiano, na olimpiada 301, segundo a relação de Idacio, que diz —

«Vandali Balearicas iresulas depraedantur deinde Cartagine Spartaria, et Hispali eversa, et Hispaniis depraedatis Mauritaniam invadunt.»

Arruinada Carthagena, tomou Gunderico tambem Sevilha, onde morreu repentinamente, succedendo-lhe seu irmão Genserico.

429 (maio) — Genserico, deixa e Hespanha, e, por convite do conde Bonifacio, que se tinha rebellado contra os romanos e por que se via perseguido por Theodoro, rei dos gôdos. O exercito dos vandalos, constava de 80:000 homens, entrando n'esta conta alguns alanos, que se lhe tinham reunido.

430 — Com a retirada dos vandalos para a Africa, ficaram em paz e muito poderosos os suevos, então em paz com os romanos.

Assim terminou o dominio dos vandalos, na Peninsula Iberica.

Os selingos, porém, que não tinham tomado parte nas guerras entre gôdos e vandalos, apesar de serem da raça d'estes ultimos, ficaram occupando a Bética, que continuou a chamar-se *Wandaluzia*.

VANDOMA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Paredes (foi do mesmo concelho mas da comarca de Penafiel.) 20 kilometros ao N. E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 87.

Orago, Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A esta freguezia está annexa a de S. Miguel de Cristêllo, que em 1757 tinha 57 fogos. Vê-se pois que, em 125 annos, só augmentaram *um fôgo*, estas duas freguezias — se é exacta a população que lhes dão os mappas.

Vide o 4.º Cristêllo. Tambem teve annexa, *Santa Eulalia de Paços*.

O padroado real, apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga, pois, segundo o *Catalogo dos bispos do Porto*, (pag. 409, col. 2.ª) foi fundada pelos gascões — isto entre os annos 984 e 1025. (7.º volume, pag. 282 e seguinte d'este diccionario.)

Ha aqui vestigios de uma antiquissima cidade, cuja fundação se attribue aos gallos-celtas; mas não se sabe qual era o seu nome.

Consta por tradição, que Dom Nunego, bispo do Porto (um dos gascões) depois de ter levantado — ou reconstruido os muros do Porto, caminhou 20 kilometros para o N. E. da cidade, até Baltar [1] e no alto do monte, construiu uma fortaleza, da qual ainda ha vestigios, e á qual poz o nome de *Vendôme*. A egreja matriz, está na falda d'este monte.

Isto induz-me a crer que a *fortaleza*, cuja fundação se attribue a D. Nonego, não é mais que os restos da tal cidade, ou povoação celta, que talvez jé se chamasse *Vendôme*. O facto de trazer D. Nonêgo, bispo de Vendôme, uma imagem de Nossa Senhora de Vendôme, quando veio da França, e que mandou collocar em um nicho, do arco, por isso chamado *porta da Vendôme*, no largo da Sé, deu provavelmente causa a confundir-se o nome da povoação, com o da Senhora.

O que é certo (segundo o logar citado, do *Catalogo dos bispos do Porto*) é que o referido D. Nonego [2] fundou aqui um mosteiro

---

[1] *Baltar*, é a juncção de duas palavras celticas — *Balt*, agua — e *Aar*, corrente.— Vem a ser — Agua corrente, rêgo, ou arrôio. A etymologia do nome d'esta serra e da freguezia de Baltar, faz-nos crer na tradição da existencia da tal cidade — ou pelo menos, uma povoação mais ou menos importante, do tempo dos gallos-celtas.

Tambem é de origem gallo-celta a palavra *Vendôme*, cidade franceza no cantão de *Loir-et-Cher*, e que antigamente (no tempo dos romanos) se chamava *Vendocinum*. Fica a 40 kilometros de Blois, 90 a N. E. de Tours, e 174 de Paris. (Vide no 7.º vol., pag. 289, col. 1.ª.)

Alguns dos leitores, certamente se hão-de desgostar de tantas citações, ou *chamadas*; porem julgo que isso é preferivel a fastidiosas repetições.

[2] Segundo alguns escriptores, este mos-

de monges benedictinos, [1] que depois adoptou a reforma de S. Bernardo. Outros dizem que este mosteiro foi de conegos regrantes de Santo Agostinho (Cruzios.) Outros dizem que era de frades premonstatenses, francezes.

Em 1570. passou este convento (qualquer que fosse a sua ordem) a abbadia secular, annexa ao collegio de São Lourenço, da *Companhia de Jesus*, da cidade do Porto. Por extincção d'esta ordem ou instituto — passou á Universidade de Coimbra, que o vendeu aos frades gracianos (vulgo — Grillos) e que hoje é seminario diocesano. (7.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

Vandôme, Paços (Paços de Ferreira) e Cristello, davam aos jesuitas, 240$000 réis por anno.

E' terra muito fertil em todos os fructos do nosso clima; exporta bastantes bois gordos para Inglaterra, e cria outras especies de gado.

VAPOR — O seu emprego como agente propulsor, foi ignorado dos nossos avós. (Vide *Vias ferreas.*)

O primeiro barco movido por vapor, foi norte-americano. Eis a sua historia —

Em 20 de agosto de 1807, uma multidão immensa achava-se agglomerada na margem occidental do Hudson, em NewYork, para assistir á mais audaciosa tentativa que o genio ou a loucura do homem poderia conceber n'aquella época.

Tratava-se de uma experiencia inverosimil. Um barco, construido para a navegação fluvial, devia, sem auxilio de vela nem de remo e contra a corrente, fazer a travessia de New-York a Albany, um trajecto de sessenta leguas.

Esta embarcação, que pouco differia dos nossos actuaes barcos a vapor, mas que, precisamente por causa d'isso, mudava todas as condições nauticas, adoptadas até então, chamava-se *Folie-Fulton.*

Era assim que a America acolhia então a invenção do homem de quem tanto se ufana, d'esse illustre Fulton que a Europa tambem havia desprezado, não obstante o feliz resultado do seu torpêdo e do barco mergulhador, nas radas de França e de Inglaterra.

Um só homem, o chanceller Livingston, tivera confiança no seu compatriota, e fôra, graças ao seu auxilio, que Fulton pudera construir o seu barco, a que deu o nome de *Clermont*, do nome da propriedade que o seu associado possuia nas margens de Hudson. Como temeram que lhes faltasse dinheiro para o ultimo momento, haviam offerecido o terço dos beneficios da empresa áquelle que lhes emprestasse o dinheiro que se julgasse necessario, mas ninguem acceitára tal offerta.

Tambem se não encontrou pessoa alguma que ousasse correr o risco de se confiar áquelle barco fantastico, que devia sem força motriz apparente navegar em um rio alteroso como o mar, e luctar contra a sua rapida corrente.

Alguns minutos mais, e o resultado ia pronunciar a sua sentença entre Fulton e os seus detractores; decidir se havia loucura ou concepção sublime n'aquelle espirito atormentado que luctava havia tantos annos.

A maioria dos assistentes, anciosos e profundamente commovidos, sentia vagamente que alguma coisa de grande e de mysterioso se podia revellar, mas alguns outros scepticos e incredulos, como os ha em toda a agglomeração de homens, chacoteavam a respeito da pretendida descoberta, riam-se e zombavam do espectaculo e dos espectadores

Os gritos e os remoques redobraram, quando se viu Fulton, só no convez do *Clermont*, dar o signal de partida a alguns operarios dedicados e intrepidos que se não viam, por estarem occultos com as amuradas do barco.

De repente um jacto de fumo saiu da chaminé do *Clermont;* engrossou rapidamente e transformou-se em uma nuvem negra; o navio move-se; as grandes rodas ferem a agua que espadana em escuma, e a proa,

---

teiro não foi sómente fundado por D. Nonego, bispo de Vendôme, em França, mas tambem por D. Moninho Viegas, *o Gasco,* e seu irmão D. Sisnando, bispo do Porto.

[1] Por isso, antigamente se dava a esta freguezia o nome de *Mosteiro da Vandôma.*

rasgando o Hudson, segue avante, deslisando por sobre as ondas.

Uma commoção electrica sacudiu a multidão, levantou-se um murmurio confuso, e de vinte mil peitos saiu o quer que fosse que alli havia de oppressivo e terrivel... depois estrugiram os *hurrahs* e os vivas, o enthusiasmo e o delirio universal tornaram-se patentes, levando ao coração de Fulton um momento de indizivel embriaguez, que recompensava dés annos de lucta e de soffrimento.

A travessia executou-se regularmente, como a tinha annunciado o programma afixado na vespera, mas foi acompanhada de incidentes, que facilmente se imaginarão, pensando no espectaculo surprehendente que devia apresentar aquella estranha embarcação, aos viajantes que passavam por perto.

A' noite, o effeito augmentou, e os habitantes das praias exultavam como os proprios marinheiros.

No regresso do Albany, Fulton foi mais feliz que á sua sahida de New-York — apresentou-se um viajante.

Como é natural, Fulton não tinha empregado para receber o dinheiro das passagens, nem para vender os bilhetes, e assim foi elle que recebeu do ousado passageiro, 6 dollars, pedidos pela passagem.

Fulton, olhava absorto, para aquelle dinheiro.

Oh! disse o grande inventor, erguendo os olhos em que brilhava a alegria — é esta a primeira receita do meu invento, e quizera para vos agradecer, offerecer-vos um calix de vinho do Porto; mas estou tão pobre, que não posso satisfazer esse desejo!

Este viajante, era o sabio francez Andrieux, a quem Fulton amou toda a sua vida, nunca se esquecendo que foi o primeiro passageiro do seu *Clermont*.

—

O primeiro barco movido a vapor que se viu no Tejo, foi no anno de 1816.

VAQUEIROS — freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho d'Alcoutim. 54 kilometros a E. de Faro, 180 ao S. de Lisboa, 375 fogos.

Em 1768, tinha 41. [1]

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

O bispo, apresentava o cura, que tinha 309 alqueires de trigo, e 106 de cevada.

Egreja ordinaria e pobre.

A freguezia é situada em um monte, rodeada de outros mais altos; e atravessada pela ribeira de Odeleite.

Muito fertil em cereaes, e grande abundancia de caça, e peixe do Guadiana, que lhe corre perto, ao sul, e do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

Proximo a esta aldeia, está a grande mina de cobre, em exploração. Vide *Cova dos Mouros*, e *Martin Longo*.

VAQUEIROS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho, districto administrativo e 24 kilometros ao N. de Santarem, 10 de Torres-Novas, e 105 ao N. E. de Lisboa. 65 fogos.

Em 1768, tinha 80.

Orago, Santa Maria. (O *Port. Sacro*, diz que é o Espirito Santo).

Patriarchado de Lisboa.

O vigario de Cazével, apresentava o cura, que tinha de renda 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 7$500 réis em dinheiro. (A *Historia de Santarem* — tomo 2.º, pag. 258 — diz que o cura era apresentado pelos freguezes.) Esteve annexa a Cazével.

Vaqueiros, é uma aldeia que foi grande e nobre, porque, em outros tempos, viviam aqui muitos fidalgos, como o provam as ruinas de varias casas brazonadas.

Junto ao logar de Vaqueiros — mas já no districto da freguezia de S. Vicente do Paúl (6.º vol., pag. 507, col. 1.ª — a ultima linha — e seguintes —) está uma grande quinta, dos descendentes de João Morato Roma, e n'ella a ermida de Nossa Senhora da Graça, ou das Mercês, que foi objecto de grande devoção, dos povos d'estes sitios.

---

[1] E' de certo engano do *Portugal Sacro*. Não podia esta freguezia (apezar da sua prosperidade) augmentar em 114 annos, mais de nove vezes a sua população.

Eis a historia (ou lenda) do apparecimento d'esta Senhora —

N'esta quinta está um monte alcantilado e n'elle uma gruta, ou lapa, natural, e sobre ella, um tronco de hera de grandes dimensões, e ao pé, um manancial d'agua, a que o povo dá o nome de *Fonte Santa*, por lhe attribuir virtudes medicinaes, e a qual bebem, na esperança de lhe curar as suas enfermidades.

Foi sobre esta fonte, e na referida lapa, que appareceu a imagem da S. S. Virgem, á qual se deu a invocação *da Graça*, e tambem *das Mercês*, e que foi levada para a ermida da quinta.

Aconteceu isto, em tempos remotos, de que não ha memoria.

A *Fonte Santa*, fica a O., e na retaguarda da ermida, e tem trez bicas, lançando copiosa agua, que serve para regar uma bôa parte da quinta.

—

E' terra fertil em todos os fructos do paiz, e o seu vinho é de superior qualidade.

VAR — Port. ant.—E' palavra hungara, e sigifica *cidade*, ou grande povoação. Na França ha *Var*, na Provença; no cantão de Nice; nas Bouches-du-Rhône, e em outras partes — Na Italia, ha tambem *Var*, nos Baixos Alpes; e nas praias do Mediterraneo.

Talvez (e é provavel) que de algumas d'estas origens, provenha o nome á villa de Ovar.

Vide no 6.º vol., pag. 364, col. 2.ª.

VARANCADA — Port. ant.— *varada*. Tambem se dizia *vangalada*. Era castigo muito usado no principio da nossa monarchia, contra os calumniadores. (Vide no 1.º vol., pag. 254, col. 2.ª)

VARATOJO — aldeia, Extremadura, na freguezia de São Pedro de Torres-Vedras, e 2 kilometros ao O. da villa d'este nome, [1] proximo á fortaleza e ermida de São Vicente, da qual fallei no artigo de Torres-Vedras.

Foi, em tempos mais felizes, uma povoação nobre e próspera, quando aqui havia varios palacios dos grandes do reino, dos quaes hoje apenas existe um, mas bastante arruinado. — (Para evitarmos repetições, vide no 9.º vol. pag. 676, col. 2.ª e seguintes).

Hoje está este logar reduzido a uma aldeia pequena e pobre, situada em um monte — por onde passavam as famosas *Linhas de Torres-Vedras* — tendo pelo sul, uma cordilheira de maior elevação, que chega até ao litoral = por onde corriam as ditas *Linhas* — e com extensas vistas para o O., e N. [1] —

É bastante fertil, e o seu vinho ainda pertence ao tão justamente elogiado, sob a denominação de *vinho de Torres*.

Nada mais notavel tem esta povoação além do seu mosteiro, do qual adiante trato — e da antiquissima —

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO

Segundo o *Santuario Mariano*, tomo 2.º pag. 68 — a imagem de Nossa Senhora do Sobreiro (ou Sovereiro) foi trazida a Portugal, pelos inglezes que em 1147 ajudaram D. Affonso Henriques a tirar Lisboa do poder dos mouros. Ignora-se a causa porque esconderam a santa imagem, na toca de um grande sobreiro, que então existia em uma brecha, que depois veio a fazer parte da cerca do mosteiro.

Quando, no seculo XV, D. Affonso V fundou este mosteiro, como adiante veremos, os frades acharam alli a Senhora, e lhe construiram uma edicula, junto ao mesmo sobreiro.

Em 1777, um devoto, cujo nome não pude saber, [2] construiu, á sua custa, no vesti-

---

[1] Do Varatojo, se vêem ainda hoje, em varios sitios da cordilheira, os restos — mais ou menos bem conservados — dos famosos reductos que tanto mêdo incutiram em Massena e nos seus soldados. E na mesma povoação, ainda existe (bem conservada, em partes) a calçada feita em 1809, para a conducção das tropas e material de guerra.

[1] No 9.º vol., pag. 654, col. 2.ª, disse que era a 3 kil. de distancia da villa, porque fui lá de carruagem, dando por isso uma grande volta, pela estrada que passa entre o Varatojo e o Paúl. por não haver para aquelle sitio outra estrada para trens.

[2] Estive no Varatojo, a 4 de outubro de 1875, dia da festa de São Francisco de Assis, patriarcha da ordem franciscana, e por-

bulo em frente da egreja do mosteiro, uma formosissima ermida á Senhora do Sobreiro, assim como umas bonitas escadas, com as paredes revestidas de azulejos, representando varias scenas da vida da SS. Virgem.

Em 1834, uns malvados, tão infames como estupidos, tiraram a picão, os olhos de quasi todas as figuras. (O mesmo fizeram outros que taes, n'aquelle anno, em outros muitos conventos e egrejas — até na da Graça, em Lisboa!... — Assim como elles estavam cegos pela descrença, pretendiam cegar as santas imagens!...)

A ermida é tambem revestida de formosos azulejos, até dous metros da sua altura, e egualmente com quadros da vida de Nossa Senhora.

A Senhora do Sobreiro, ainda hoje é objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras, e particularmente dos habitantes do Varatôjo, que lhe fazem uma pomposa festa todos os annos.

O sobreiro, era a mais antiga e mais corpolenta arvore d'estes sitios; mas um raio a fendeu, pelos annos de 1850. Ainda na sua concavidade, está um tosco altar de alvenaria e cal, e alli diziam missa os frades, e faziam uma festa solemne, no anniversario do apparecimento da Senhora.

O mosteiro

No fim da col. 1.ª, pag. 500, e seguinte; e col. 1.ª da pag. 505, do 8.º volume, tratei do infeliz casamento (2.º) de D. Affonso V, de Portugal, com a princeza de Castella, D. Joanna — a *Excellente Senhora* — e para aquelles logares remetto os leitores. Aqui só tratarei d'este facto, no que respeita ao mosteiro do Varatôjo [1].

D. Affonso V tinha n'esta aldeia uma quinta e matta annexa, que, em 1470, deu aos frades franciscanos, para alli construirem um mosteiro, dando-lhes avultadas esmolas para esta fundação.

Vimos nos logares citados do 8.º volume a historia do segundo casamento d'este rei.

Perdida a batalha de Toro (maio de 1476) D. Affonso V vae a França pedir auxilio a Luiz XI, mas o rei francez, a rogo de D. Fernando de Aragão (marido da celebre Isabel, de Castella — vulgo — os *reis catholicos*) o conserva preso, por espaço de um anno.

Posto em liberdade, manda ordem a seu filho (D. João II) para se acclamar rei, decidido a abandonar o throno e hir em peregrinação aos logares santos da Palestina.

Esta acclamação (de D. João II) teve logar a 10 de novembro de 1477; mas, logo a 14, entra o pae pela barra de Lisboa, e D. João 2.º lhe entrega a corôa, regeitando o titulo de *rei do Algarve*, que o pae lhe offerecêra.

A guerra com os castelhanos e aragonezes, tinha continuado durante a prisão do rei portuguez, e só terminou pelo tratado de paz, celebrado entre os contendores, a 4 de setembro de 1479, pelo qual D. Affonso V renuncia os seus direitos á corôa de Castella, e a infeliz princeza D. Joanna, 2.ª esposa e sobrinha do rei portuguez, é mettida em um mosteiro de Santarem, com o titulo de *Excellente Senhora*, e alli morre em 1530, com 68 annos de edade, como vimos a pag. 505, col. 1.ª, do 8.º volume.

D. Affonso V, perdidas as suas esperanças de reinar em Portugal e Castella; vendo-se obrigado a separar-se da mulher que amava; e não tendo levado a effeito a sua projectada romaria a Jerusalem, resolve con-

---

tanto, dia solemne para este mosteiro. Os padres com quem alli fallei, não me souberam responder á maior parte das perguntas que lhes fiz, com respeito ao seu seminario. Disseram-me que o que melhor me pódia informar, andava missionando por outras terras! Fiquei *desapontado*.

[1] Supponho que a etymologia de Varatojo vem do antigo portuguez — *vára* — que significa madeira miuda, propria para arcos de pipa, sebes para carros, e outros usos. Antigamente, era este logar uma brenha, que só produzia aquella qualidade de madeira, e matto; e nada mais natural do que dizer o povo de Torres Vedras — «Vamos ao monte buscar *vara e tôjo*». — Dando assim origem á denominação de *Monte de Vara e Tojo*, que depois veio a ser o da povoação.

Isto é uma etymologia minha, que póde ser ou deixar de ser approvada pelos leitores.

sagrar o resto dos seus dias á oração e penitencia, no mosteiro do Varatojo.

Mas não teve a coragem de trocar os arminhos brilhantes da realeza, pelo humilde burel dos franciscanos; como não tivera animo de emprehender a longa e perigosa jornada á Palestina; limitou-se a fazer frequentes visitas aos frades, demorando-se entre elles, alguns dias, cada vez que aqui vinha.

Em 12 de julho de 1491, morre da queda de um cavallo, na Ribeira de Santarem, o principe D. Affonso, filho unico de D. João II, e da santa rainha D. Leonor (irman do duque de Beja, depois, D. Manuel I). Seus paes, consternados por morte tão tragica, foram encerrar-se alguns dias no seminario do Varatojo, para darem livre desafogo ás suas cruciantes maguas, e buscar alivio nas orações e mais exercicios de piedade.

—

Em 1680, um cavalleiro, que no seculo se chamára *Antonio da Fonseca Soares* (vide no 9.º vol., pag. 303, col. 1.ª) depois de ter professado no convento de São Francisco, da cidade de Evora, com o nome de *frei Antonio das Chagas*, veio terminar seus dias no mosteiro do Varatojo, a 20 de outubro de 1682, tendo apenas 51 annos de edade. Foi este santo e esclarecido religioso, que transformou este convento de franciscanos, no collegio, ou congregação de missionarios apostolicos, com beneplacito regio, e por uma bula do pápa Innocencio XI, successor de Clemente X, e antecessor de Alexandre VIII.

Ainda se conserva, com geral respeito dos habitantes d'este mosteiro, a cella humilde onde residiu nos dous ultimos annos da sua vida e onde falleceu frei Antonio das Chagas.

—

Em 1725, *D. Gaspar de Moscôso*, irmão do marquez de Gouveia, e valido de D. João V, abandona as grandezas tentadoras do mundo, e troca os ouropeis da côrte — onde era tão estimado — pelo habito dos missionarios varatojanos.

Ainda quando noviço, aqui o veiu visitar o monarcha, em 1728.

Em 1730, professa o illustre fidalgo, trocando os seus appellidos de familia, pelo humilde nome de *frei Gaspar da Encarnação.*

D. João V, deu mais uma prova da amisade que sempre dedicou a este virtuoso frade, vindo, em pessoa, assistir á sua profissão.

(Vol. 9.º, pag. 666).

—

D. frei José da Assumpção, filho de Valerio José e de Joanna Vieira, honestos lavradores da aldeia de Nariz (então da freguezia de Requeixo, supprimido concelho d'Eixo, e hoje concelho d'Aveiro) e chamado (D. frei José da Assumpção) ainda José Valerio, foi assistir a um sermão que na freguezia da Palhaça, do mesmo concelho de Aveiro — mas que então era do de Soza — prègou um missionario Varatojo, e tal impressão lhe causou este orador, que foi alli ouvir mais sermões d'este missionario e de outro seu companheiro, e da Palhaça veio decidido a ordenar-se, o que effectuou, tomando então o nome de José da Assumpção. Despedindo-se da familia se recolheu ao mosteiro do Varatojo, d'onde foi nomeado, em janeiro de 1833, bispo de Lamego. Falleceu nos arrabaldes de Lisboa, a 18 de outubro de 1841.

Depois de ter sido um optimo estudante e um musico excellente, tocando com perfeição, rebeca, guitarra, flauta e orgam, foi um bispo exemplarissimo — nos poucos mezes que exerceu a prelatura — e um escriptor eloquente e primoroso.

Disse em Requeixo, que D. frei José alli tinha nascido, quando foi na aldeia de Nariz, quando ainda pertencia a Requeixo. Vide *Requeixo.*

—

Deu a santa casa do Varatojo, desde a sua fundação como seminario, sempre até 1834, virtuosissimos sacerdotes, que em todas as cinco partes do mundo brilharam pela sua vida exemplar, pelo seu zelo incansavel, na salvação das almas, e pela sua heroica abnegação em propagarem o catholicismo, a travez dos mais temiveis e variadissimos perigos. A sua humildade e simplicidade evangelica; a sua decizão inabalavel de deixarem tudo, para apostolarem pelas regiões mortiferas

da America, Africa e Oceania, além do perigo de serem martyrisados pelos selvagens d'aquelles sertões, torna estes missionarios dignos do mais profundo respeito de todos quantos presam a Santa Religião de nossos paes.

Ainda actualmente, os padres que habitam este mosteiro, exercem com grande fructo, o mister de apostolos, por differentes terras de Portugal e no seu mosteiro, edificam o povo, com os seus sermões, com a sua vida de oração e penitencia, e com as suas constantes acções de piedade, e obras de caridade; pelo que são queridos, respeitados, visitados e consultados, por grande numero de catholicos.

—

Ainda em agosto de 1879, um correspondente de Torres Vedras, para o jornal lisbonense «A Esperança» dizia n'este periodico—

OS OBSCURANTISTAS

«Existe a dois kilometros d'esta villa (Torres Vedras) no logar do Varatojo, um edificio do antigo convento da ordem de S. Francisco, hoje habitado por padres missionarios, que só teem em mira a beneficencia.

«Estes padres praticam obras de tão subido merito e sublimes sentimentos, que não posso deixar de os patentear.

«O povo do Varatojo seria completamente rustico, posto que com raras excepções, se não houvesse no seu seio aquelles homens, cujo unico interesse é espalharem a luz de que tanto carecem os povos!

«Pedem com instancia aos paes, que mandem seus filhos á escola por elles estabelecida, onde gratuitamente se ensinam instrucção primaria e algumas materias da secundaria, fazendo-lhes seguir os verdadeiros deveres do bom christão.

«Não ficam ainda por aqui os seus rasgos humanitarios; ás horas da sua refeição os pobres da localidade e os transeuntes alli se dirigem, sendo-lhes então distribuida, com a verdadeira fraternidade, uma parte da sua parca refeição.

«Estes factos nunca poderão ser esquecidos. Não é isto lisonja da minha parte, mas sim fazer ver quanto util poderiam ser muitas d'estas santas casas no paiz.»

—

A egreja do mosteiro, posto não revelar grande magnificencia, está optimamente conservada, e ornada com o maximo aceio.

Teve excellentes paramentos e alfaias, parte das quaes foram roubadas pelos francezes em 1807, e o resto, pelos vandalos modernos, em 1834. (Pelos mesmos que picaram os olhos ás imagens de azulejo da capella de Nossa Senhora do Sobreiro!)

Tem uma vasta e rica sachristia, com optima credencia de *pau santo*, em toda a sua longitude. Ha aqui uma formosa mesa, com a base de marmore branco, e a mesa de marmore preto, obra de um religioso d'este seminario.

É digna de especial menção a bellissima imagem de Nossa Senhora das Graças (SS. Coração de Maria) feita na cidade do Porto, pelo distincto esculptor Lacerda, em 1871. Tem, incluindo o glôbo, 2m,50 d'alto.

No altar de Nossa Senhora das Dores, estão as reliquias de São Benedicto, romano, martyr. Vieram de Roma. É a ossada completa d'este santo, primorosamente coberta de cera.

Á esquerda da parte principal da egreja, estão, gravadas em marmore, as armas de D. João I, sustentadas por dous anjos — e á direita, a roda de navalhas, com que foi martyrisada Santa Catharina, cercada pelo cordão de São Francisco.

A mesma roda de navalhas, se vê reproduzida, em pintura, nos paineis do tecto da *crasta*, e nos do vestibulo. Sobre a porta, se lê a palavra

SILENCIO!

Sobre a janella do vestibulo, se lê, em porcellana, esta inscripção moderna —

DE PAUPERTATE NOSTRA
FRANGAMUS
PANEM.

Santas palavras, e apropriadissimas, como vimos no artigo da «Esperança».

Sobre a grade de ferro que fecha o vestibulo (portaria) está um quadro, de fórma

eliptica, envidraçado, com a imagem de São Francisco, adorando o Menino Jesus. É em meio relevo.

—

A cêrca é bastante extensa, posto que a matta constitua a sua maior parte. Tem terras de pão, hortas, grande pomar de optimas fructas, grande vinha, que produz o excellente vinho chamado *de Torres*; e tudo regado com abundancia de optima agua.

Na primeira fonte da cêrca, se lê esta inscripção—

ESTA FONTE MANDOU FAZER
O EX.mo E R.mo SR. DOM FREI JOÃO
DO NASCIMENTO, BISPO DO FUNCHAL
E FILHO D'ESTE SEMINARIO.
1742.

Na matta se admiram bastantes arvores seculares, e muitas mais havia em 1810, que, por consentimento pleno dos religiosos, foram então cortadas, para as obras das *Linhas*.

Por entre o frondoso arvoredo d'este bosque, ha varias capellinhas, e da parte culminante d'elle — onde está outra capella, se goza um vasto panorama, discobrindo-se varias povoações, planicies, montes, e o mar.

—

Os frades varatojanos, constituiam, por si mesmo, provincia regular.

—

Os liberaes venderam tudo isto, ao snr. João Feyo de Magalhães Coutinho, feito barão da Torre, em 13 de agosto de 1847, e visconde do mesmo titulo, em 3 de agosto de 1870.

O comprador vendeu este mosteiro e suas dependencias, ao Rev.mo Sr. padre frei Joaquim do Espirito Santo, que fôra religioso d'este seminario, e que reside aqui com outros companheiros e familiares.

—

Quando escrevi o artigo de Torres-Vedras e na 2.ª col. da pag. 696, entre a relação dos varões illustres d'esta villa, mencionei o doutor, padre Manuel Agostinho Madeira Torres, prior da freguezia de Santa Maria do Castello, da mesma villa, esclarecido auctor da *Memoria historica e economica da villa e termo de Torres-Vedras*, livro que tanto me servio para escrever o respectivo artigo; tive grande pezar por não saber os nomes dos não menos esclarecidos, e louvavelmente modestos editores e anotadores, que tanta luz derramaram na obra com as suas inapreciaveis notas. O Sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, tantas vezes citado n'este diccionario, que tanto tem enriquicido com os seus curiosissimos artigos, esteve no principio do anno de 1882 em Torres Vedras e no Varatojo, é alli, teve a curiosidade de investigar, e conseguiu saber os nomes dos sábios anotadores, e teve a benevolencia de m'o dizer — são —

Doutor, José Eduardo Cesar, da quinta da Marinha, proxima ao Varatojo.

Doutor de capêllo, padre José Antonio da Gama Leal, natural de Torres Vedras.

Ambos fallecidos.

Já que os seus nomes não foram incluidos no logar competente, os menciono aqui, para se não perder a memoria de tão benemeritos cavalheiros.

Ao meu illustradissimo amigo, doutor Pedro Augusto Ferreira, dou os devidos agradecimentos por obsequio de tanta valía.

—

VARGA — port. ant. — certa armadilha para caçar peixe — O mesmo que *avarga*. Significa tambem varzea, veiga, planicie.

VARGEM — Quinta magnifica, Extremadura, na freguezia do Lavradio, concelho do Barreiro, comarca de Aldeia-Gallega-do-Riba-Tejo — 16 kilometros a E. S. E. de Lisboa, e perto da 2.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

Na formosa capella da casa d'esta quinta disse a sua 1.ª missa, o Em.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso. (4.º vol., pag. 282, col. 1.ª) [1]

Pertence esta formosa e rica propriedade aos herdeiros de Antonio Maria Cardoso de

---

[1] Este prelado exemplarissimo, falleceu a 23 de fevereiro d'este anno de 1883.

Albuquerque, que aqui falleceu, a 8 de abril de 1875. Foi um cavalheiro honestissimo, caritativo, e fervoroso catholico. Era filho do dezembargador, Domingos José Cardozo e de D. Margarida da Cunha Saraiva de Albuquerque; pessoas tambem de grande illustração e virtude.

VÁRGEM — Nós confundimos muitas vezes (e principalmente os habitantes do Sul do reino) *Várgem* com *Várzea* — que, em todo o caso, tem a mesma significação — isto é — *veiga*, ou *planicie cultivada*: por isso todas as *vargens*, procurem-se em *Varzea*.

Tambem antigamente *varga*, era synonimo de *varzea*, como vimos na palavra *varga*.

VARIZ — freguezia de Traz os Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda do Douro, 450 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1768, tinha 33.

Orago, Santo Antão, abbade.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apaesentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Terra pouco fertil e pobre.

VARLÈTE — Port. ant. — moço da camara.

É corrupção do francez *valet*.

No *Codigo Alf.* — livro 1.º, tit. 51, § 52 — se lê — «E se fôr beesteiro, ou *barlete*, ou homem de pee, ou page *cortar-lhe-ham a orelha direita*».

Os marceneiros, esculptores e carpinteiros seguram as madeiras ao banco, com um instrumento chamado *barrilête*, que tem a mesma origem. Dão-lhe este nome, porque os ajudam nos seus trabalhos, servindo-lhes de creado.

VAROSA, ou **BAROSA** — rio, Beira Alta. — Vide *Bárosa*.

Além do que fica dito, na palavra *Barosa*, accrescento aqui o que se lê a pag. 137 do formoso livro do sr. visconde de Villa-Maior, e ao qual deu o titulo de — «O Douro Illustrado».

«Na margem esquerda do Douro, desde o rio *Mil Lôbos*[1] até ao *Varosa*, numerosas quintas povoam as encostas com as suas vistosas casinhas, no meio de continuo vinhêdo matizado com arvores de variadas especies. Comtudo, a qualidade dos vinhos d'este territorio, é muito diversa d'aquella que dá tanta reputação ao vinho das regiões que até aqui temos percorrido. Não se produzem alli vinhos generosos como os do Alto-Douro; mas podem fazer-se vinhos finos e delicados, de mais vasto e salutar consummo.

No meio do magnifico e gracioso panorama que por todos os lados nos cérca, ao trespassar a magestosa ponte[2], a vista, ao principio distrahida e incerta pela multiplicidade dos objectos, acaba por se fixar na elegante e galharda povoação da Régua, que assentada na margem direita, e reclinada sobre uma viçosa collina, se está mirando nas aguas tranquillas, que o Douro aqui lhe offerece.

«Nenhuma das terras que este rio banha, desde a sua origem até aqui — sem mesmo exceptuar Zamora — apresenta um aspecto mais agradavel do que esta, a cujo cáes aportamos. A alvura, a elegancia, a grandeza e disposição das suas casas e officinas, fazem logo presentir uma povoação, rica e commercial, o que nos confirma tambem o movimento incessante que notamos no rio, no cáes e pelas ruas. É uma terra de fisionomia inteiramente moderna, principalmente na parte mais proxima do rio. Esta é propriamente a Régua, que se uniu por uma longa rua, em declive, com a antiga villa do *Pêso da Régua*.

«Ignora-se a época precisa da fundação do Peso da Regua: suspeitam alguns, que data do reinado de D. Sancho I, entre os annos de 1202, a 1207; porque então se começaram a povoar alguns logares do concelho de Penaguião, que mais tarde se consti-

---

[1] Tomo a liberdade de notar ao sr. Visconde, que este pequeno rio, se denomina *Temi-Lobos*, e não *Mil-Lobos*. É aquelle o nome que no Douro e Beira-Alta lhe dá toda a gente (Vide *Temi-Lobos*).

[2] É a ponte de que fallo no 2.º vol., pag. 481, col. 1.ª

tuiu, e a quem el-rei D. Manuel deu foral em Evora, aos 15 de dezembro de 1519.»

Continua o sr. Visconde a tratar das grandezas da Régua, que não copio, por não pertencer a este artigo.

Quanto ao que elle diz com respeito á antiguidade do Peso da Régua, vide no 6.º vol. d'este diccionraio, pag. 698, col. 2.ª e seguintes. Veja-se tambem *Martha de Penaguião (santa)* — *Penaguião*, e *Santa Martha de Penaguião.*

VÁRZEA — freguezia, Traz-os-Montes, no bispado de Miranda (Bragança).

Orago, São Miguel, archanjo.

O abbade de Meixêdo, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé de altar.

54 kilometros de Miranda do Douro, e 480 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 39 fogos.

Não acho esta freguezia em nenhum livro moderno.

VÁRZEA — freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao O. da villa de Arouca, 54 kilometros a O. de Lamego, 15 ao S. do rio Douro, 40 ao S. E. do Porto, 290 ao N. de Lisbôa.

80 fogos.

Em 1768, tinha 48.

Orago, o Salvador do Mundo.

Bispado da Lamego, districto administrativo de Aveiro, *d'onde dista 75 kilometros*, a E. N. E. ! —

A madre abbadessa do mosteiro cisterciense de Arouca, apresentava o reitor, que tinha 50$000 de congrua, segundo o *Portugal Sacro*; mas, segundo a *Historia Ecclesiastica de Lamego*, tinha 80$000 réis.

Tem duas capellas publicas — São Pedro Fins, e São Payo — e uma particular, dedicada a Santo Antonio.

Era commenda da ordem de Christo.

Esta freguezia está formosamente situada na extremidade occidental do bello e fertilissimo *Val de Arouca*, passando-lhe pelo S. e a uns 600 metros da egreja matriz, o rio *Arda*, e parallela a elle, a poucos metros ao S., a nova estrada á Mac-Adam, de Arouca a Oliveira de Azemeis.

É n'esta freguezia a antiquissima aldeia de *Cella* (proxima e ao S. da egreja) e que em tempos remotos foi villa, com o nome de *Saélla*. (Vide vol. 2.º, pag. 231, col. 1.ª)

A egreja matriz denota muita antiguidade, mas ignora-se a data da sua fundação e o nome do seu fundador; ha porém bons fundamentos para julgar que é obra das religiosas do real mosteiro da villa. Pela sua architectura, parece ser construcção do seculo XIII, o que induz a acreditar na tradição, que attribue esta obra á rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I (vide *Arouca*).

Ainda conserva vestigios das fendas que lhe causou o terramoto do 1.º de novembro de 1755.

E' pequena e baixa, mas está muito bem conservada, e o seu interior é digno de attenção, por os seus trez altares, todos novos e de talha dourada. O altar-mór, foi mandado fazer e dourar, á sua custa, em 1853, pelo fallecido e honradissimo proprietario, Bento Leite Cabral Tavares Castello-Branco, d'aqui natural, e visinho da egreja. Era irmão do morgado de Eiriz, tambem já fallecido. (Vide o 2.º *Eiriz*.) Os altares lateraes do corpo da egreja, foram feitos e dourados pelo mesmo tempo, e á custa dos fieis.

A casa do referido Bento Leite, é uma das mais distinctas do Val de Arouca, e hoje propriedade de seus filhos (do tal Bento) os srs. João Leite Cabral Tavares Castello-Branco, — e Joaquim Leite Cabral Tavares Castello-Branco, cavalheiros tão honrados como o foi seu virtuoso pae. Chama-se a casa d'estes cavalheiros, *Vinha do Souto de Cima.*

Proximo á casa d'estes senhores, está a tambem nobre e antiga casa da *Vinha do Souto de Baixo*, que foi da fallecida [1] D. Luciana Laurinda Libania d'Almeida Brandão, viuva do capitão de Malta, Manoel Joaquim de Souza Brandão (irmão do ultimo bispo de Pinhel, Dom Leonardo Brandão, do qual adianto trato — ambos naturaes d'esta freguezia.) Esta casa é hoje do mórgado d'Avan-

---

[1] Esta virtuosissima e respeitavel senhora, morreu na sua casa da Varzea, a 20 de dezembro de 1874, nomeando seu herdeiro universal, a seu sobrinho, o sr. mórgado d'Avanca, como se diz no texto.

ca, o sr. Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente, sobrinho materno d'aquella senhora, que era irman do senhor Fernando Antonio d'Almeida Tavares e Oliveira, bacharel formado em direito e theologia, e feito visconde de Baçar (aldeia, da freguezia de Castellões, concelho de Macieira de Cambra) em 28 de janeiro de 1871.[1]

Na mesma data, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. José Maria de Abreu Freire, hoje juiz de direito d'Evora — este irmão é aquelle tio do sr. Morgado d'Avanca.

Mórgados d'Avanca

O actual e ultimo morgado d'Avanca, é, como vimos, o sr. *Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente.* Seus avós paternos, foram — *João de Minho Rézende* e D. Anna Joaquina de Abreu Freire, que tiveram os seguintes filhos —

1.º — *João de Rézende Valente de Sá Abreu,* fallecido com 68 annos de edade, a 12 de novembro de 1856. Era pae do actual mórgado, do qual adiante trato.

2.º — *Antonio de Pinho Rézende Abreu,* fallecido a 13 de maio de 1868. Era casado com D. Brites de Pina Botelho e Abreu, natural da villa de Penamacôr, e fallecida a 20 de setembro de 1876.

Sentou praça de cadête no batalhão de caçadores n.º 11 (então de quartel na villa da Feira) e foi despachado alferes, a 15 de dezembro de 1814 — tenente de caçadores n.º 4, a 22 de junho de 1821 — capitão, a 23 de novembro de 1831 — major, no 1.º de janeiro de 1834 — tenente-coronel de caçadores n.º 8, a 7 de março de 1834.

Era tenente do batalhão de caçadores n.º 4, quando este corpo, commandado pelo, então tenente-coronel, José da Rosa e Souza, acclamou em Castro-Marim, sua praça, o sr. D. Miguel I, a 8 de outubro de 1826.

Rézende não tomou parte n'esta acclamação e revolta, porque estava servindo de ajudante de milicias de Idanha; pelo que, nem foi, como o seu batalhão, da divisão do marquez de Chaves (tenente general Silveira) nem esteve (como *nós*) emigrado em Hespanha, desde 7 de março de 1827, até 5 de agosto de 1828.[1]

O regimento de milicias em que servia, em 1828 (como todos os mais milicianos portuguezes) tomaram logo o partido do sr. D. Miguel — e Rézende, despachado capitão, em 1831, passou para a 1.ª linha, sendo um soldado fiel ao partido realista até á convenção d'Evora-Monte.

Em 1846, adheriu á revolta chamada da *Maria da Fonte,* e a *Junta* do Porto lhe deu o commando do regimento de Infanteria n.º 6, emprego que exerceu até á *convenção de Gramido,* de triste recordação.

Teve os seguintes filhos — os senhores —

1.º — *Augusto de Mina Rézende d'Abreu Freire,* hoje viuvo, e sem filhos.

2.º — *João Antonio de Pina Rézende de Abreu Freire,* solteiro.

3.º — *Padre Caetano de Pina Abreu Sá Freire,* actual abbade da freguezia de Pardilhó, no concelho de Estarrêja.

4.º — *Fernando de Mina Rézende Abreu Freire* — casado com a sr.ª D. Maria do Rosario de Souza e Abreu; da qual teve já trez filhos, que

---

[1] Falleceu na sua casa de Baçar, com 90 annos de edade, no dia 28 de outubro de 1882. Fez parte da camara constituinte, em 1820. Foi juiz de fóra de Castello de Vide, e depois de Vouzella. Pertenceu sempre ao partido liberal.

[1] *Estivemos* emigrados em Hespanha, 517 dias. Nunca pude entender a razão porque o sr. D. Miguel, depois de chegar a Lisboa, em 22 de fevereiro de 1828, nos deixou ainda ficar emigrados CENTO E SESSENTA E CINCO DIAS — tanto que as tropas com que debelou os revoltosos de 16 de maio de 1828, eram córpos que tinham ficado em Portugal, ao serviço dos liberaes, e que se tinham apresentado ao rei; ajudadas por alguns batalhões de *Voluntarios Realistas,* recentemente organisados; alguns regimentos de milicias; e guerrilhas (na maxima parte, indisciplinados, mal armados e ladrões.) Quanto a mim, já principiava a ser atraiçoado o sr. D. Miguel...

são — *D. Luciana, Antonio, e Miguel.*

5.º — *D. Maria Lucia*, a unica fallecida, de todos os cinco irmãos.

3.º — *José de Rézende Abreu Freire.* Falleceu em setembro de 1869. Foi casado com D. Maria Valente de Abreu Freire, fallecida a 8 de dezembro de 1874. Tiveram os filhos seguintes —

1.º — O *padre João de Rézende de Abreu Freire*, que falleceu prior da freguezia de S. Miguel d'Alfama, bairro oriental de Lisbôa.

2.º — *D. Maria José*, que ainda está solteira.

3.º — *D. Anna*, idem.

4.º — *D. Luciana*, fallecida.

5.º — *D. Margarida*,

6.º — *D. Joanna*, fallecida.

7.º — *D. Joaquina.*

8.º — *D. Maria Custodia.*

9.º — *José Maria*, fallecido quando era estudante

—

O avô materno do actual morgado foi —

O *doutor Thomaz Antonio d'Almeida Tavares e Oliveira.* Teve os filhos seguintes —

1.º — *D. Luciana Laurinda Libania d'Almeida Brandão*, viuva do capitão da Malta, d'esta freguezia da Varzea, e da qual já fallei.

2.º — *D. Margarida Michelina d'Almeida d'Abreu Freire*, mãe do actual mórgado.

3.º — O *doutor Fernando Antonio d'Almeida Abreu Freire*, 1.º visconde de Baçar, do qual já tratei.

4.º — O *doutor Rodrigo Celestino d'Almeida Tavares e Oliveira* — fallecido.

Paes do actual mórgado —

O referido *João de Rèzende Valente de Sá Abreu*, do qual já fallei — casado com D. Margarida Michelina d'Almeida Abreu Freire, da illustre casa de Baçar, em Cambra, falecida em 24 de outubro de 1854, com 64 annos de edade.

Foram seus filhos — por ordem de edades —

1.º — *D. Anna Amalia*, que falleceu de pouca edade.

2.º — *D. Luciana Laurinda d'Abreu Freire e Almeida*, que ainda se conserva solteira.

3.º — O *doutor Thomaz Antonio de Sá Abreu Freire Valente*, fallecido a 26 de agosto de 1855. Era formado em direito, pela Universidade de Coimbra.

Tomando parte na revolução de maio de 1846, foi nomeado tenente coronel do batalhão de Voluntarios Realistas d'Estarreja.

Como era o primeiro filho varão, succederia a seu pae no mórgado da *Quinta de S. José — Casa do Outeiro de Paredes* — na freguezia d'Avanca.

Este cavalheiro, um dos mais nobres e sympathicos caracteres da comarca d'Estarreja, ainda hoje é lembrado com saudade por todos quantos o conheceram. Verdadeiro portuguez, coração de pomba, e de uma adoravel affabilidade: uma tisica de laringe o roubou ao amor dos seus e á amisade dos estranhos. [1]

4.º — *D. Maria José d'Abreu Freire*, fallecida a 5 de agosto de 1838, na edade de 18 annos incompletos, sem descendentes, pois era casada havia muito pouco tempo, com seu primo, o sr. doutor José Maria de Lemos d'Almeida Valente, actual juiz de direito da co-

---

[1] D'este distinctissimo cavalheiro, e meu verdadeiro amigo, falla o sr. Camillo Castello Branco, a pag, 273 do seu formoso romance «A Brazileira de Prazins.»

marca d'Abrantes, e da illustre casa *da Areia*, na mesma freguezia d'Avanca.

Este cavalheiro, passou depois a segundas nupcias, com a sr.ª D. Brisida Soares d'Albergaria, da esclarecida casa do Buraco, freguezia do Couto de Cucujães, da qual tambem ficou viuvo e seus filhos.

E' actualmente casado em terceiras nupcias, com uma filha de Bernardo da Costa Pinto Basto, d'Oliveira de Azemeis.

5.º — *Antonio*, actual mórgado, e do qual adiante trato.

6.º — O *doutor José Maria d'Abreu Freire*, 2.º visconde de Baçar, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e actual juiz de direito da comarca d'Evora. Ainda se conserva solteiro.

7.º — O *doutor Rodrigo Celestino d'Almeida Abreu Freire*, fallecido a 18 de setembro de 1863.

8.º — *D. Anna Amalia d'Abreu Freire*, fallecida a 20 de abril de 1858.

O actual mórgado

O sr. *Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente*, tem por esposa, a sr.ª *D. Joanna d'Abreu Freire*, sua prima, e da distinctissima familia Abreu Freire. Teem já cinco filhos, que são — por ordem de edades — *José Maria, D. Maria José, D. Maria da Conceição, Abel*, e *D. Bella Augusta*.

—

Ainda que hoje, nem o mórgado de Avanca, nem qualquer dos seus irmãos, use, como vimos, do appellido *Rézende*, são geralmente conhecidos por os *Rézendes d'Avanca*.

Para o brazão d'armas dos Rézendes, vide 8.º volume, pag. 162, col. 1.ª

—

Todos os membros d'esta esclarecida familia — tanto os do *Outeiro de Paredes*, e *da Areia*, d'Avanca; como os de *Baçar* da freguezia de Castellões, concelho de Macieira de Cambra, são geralmente conhecidos pela nobreza do seu caracter, e geralmente respeitados e estimados pelas suas excellentes qualidades.

O ultimo bispo de Pinhel

D. Leonardo Brandão — nasceu a 12 de outubro de 1767, na casa da *Tulha*, do logar do Sobral, d'esta freguezia. Era filho do capitão Manoel Brandão, e de sua mulher, D. Angelica Margarida d'Almeida e Souza, da referida casa da *Vinha do Souto*.[1]

Seus paes (de D. Leonardo) tiveram onze filhos, sendo elle o 7.º na ordem de edades.

Desde creança foi inclinado ao estado ecclesiastico, e entrou na Congregação do Oratorio, cujo instituto professou, no mosteiro de Nossa Senhora de Assumpção, da cidade de Braga; onde recebeu o gráu de mestre.

Dedicou-se logo ás missões e percorreu evangelisando, com grande proveito dos fieis, varios pontos do paiz.

Passou depois a Lisboa, residiu como hospede na casa do Espirito Santo, pertencente á sua corporação, d'onde foi chamado ao paço para confessor da rainha D. Carlota Joaquina e de sua filha, a infanta D. Maria d'Assumpção.

Em 1824 nomeou-o el-rei D. João VI para um dos bispados do ultramar, dignidade que elle recusou. Oito annos mais tarde, isto é, em 1832, tendo de prover-se de prelado a diocese de Pinhel, vaga por fallecimento de D. Bernardo Bernardino Beltrão, recahiu a escolha do principe reinante no P. Leonardo Brandão, que n'aquelle mesmo anno, ou nos principios do seguinte, foi confirmado pela Santa Sé.

Achando-se em 1833 o sr. D. Miguel em Braga, alli chamou o novo bispo de Pinhel,

---

[1] A casa da Tulha, fica ao S. E. da egreja matriz — e a da Vinha do Souto, ao S. O., mas ambas a poucos metros de distancia da mesma egreja.

o qual, em seguida, andou visitando e administrando o Sacramento da Confirmação por differenres terras do Alto Minho. Nos fins d'esse mesmo anno fez a entrada solemne na sua diocese; mas apenas decorridos cinco mezes, teve de retirar-se ante a invasão liberal, refugiando-se na terra da sua naturalidade, onde, bem como nos concelhos de Cambra e Paiva, por espaço de quasi cinco annos, andou vagueando, sempre homisiado e perseguido.

Durante aquella calamitosa epoca levantava elle altares nas casas, que lhe davam asylo, e alli celebrava ou mandava celebrar missa, fazendo tambem a occultas algumas ordenações de presbytero e outras ordens.

Ferido por uma grave doença, veio a cahir no leito, em casa de seu irmão Damaso de Souza Brandão, na Tulha; e nem ao menos poderam ser-lhe prestados os soccorros da medicina, com receio de que fosse descoberto o seu homisio, e abreviada talvez a sua existencia, por algum acto violento do partido dominante.

No dia 28 de abril de 1838 soou emfim para D. Leonardo Brandão a sua ultima hora, vindo a morte libertal-o do estado attribulado, em que por tanto tempo vivêra. A sua familia teve de fazer conduzir os restos mortaes do venerando prelado, de noite e ás escondidas, á egreja de Varzea, onde se lhe deu sepultura, e ainda actualmente jaz.

Foi D. Leonardo Brandão mui versado nas sciencias ecclesiasticas, com especial predilecção pela Theologia Mystica; escreveu e publicou em 1823 uma obrinha cheia de uncção, intitulada *Ramalhete de myrra composto dos mais ternos pensamentos e maviosos suspiros da Mãe de Deus afflicta, para contemplar as suas Sete Dôres* — Antes d'este, havia dado á luz, anonymo, um outro escripto sob o titulo de *Communhão perfeita*.

—

A reguezia da Varzea, como todas as d'este formoso valle, é fertilissima em todos os fructos do nosso paiz, sobre tudo na parte que é regada pelo Arda (só a casa da Vinha do Souto, tem um campo, que produz, termo medio, 560 alqueires de milho grosso — além do vinho, linho, feijões e hortaliças — o que é rarissimo por estas terras, em que as propriedades estão muito divididas.)

Cria-se aqui muito gado bovino, para a lavoura e exportação (chamado *gado arouquez)* e o proximo rio a fornece de algum peixe, de optima qualidade, mas em pequena quantidade, em razão do pessimo systema de pesca aqui adoptado, que pescando peixe de todos os tamanhos — ainda os mais miudos — extermina-o.

Nos montes do sul da freguezia, ha bastantes perdizes e alguns coelhos e lebres.

VÁRZEA ou **VARGEM** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e bispado d'Elvas 70 kilometros d'Evora, 180 a E. de Lisboa, 185 fogos. Orago, S. Braz.

Districto administractivo de Portalegre.

Não vem no *Port. Sacro* (ao menos com este nome, ou no de *Vargem)* nem d'esta freguezia me foi possivel obter outros esclarecimentos.

VÁRZEA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Louzada) 30 kilometros ao E. N. E. de Braga, 360 ao N. Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 105.

Orago, S. Jorge.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O Dom Abbade, benedictino, do mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 80$000 de rendimento annual.

Fertil — Gado e caça.

VÁRZEA-COVA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi do concelho de Celorico de Basto, comarca de Cabeceiras de Basto) 40 kilometros a N.E de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768 tinha 54 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Apresentação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario, collado, de Santa Maria Maior, do Outeiro, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

Terra fertil e rica, como se póde julgar

pelo accrescimo da sua população, visto que augmentou duas terças partes desde 1768.

Engorda-se aqui muito gado bovino, que vae para a Inglaterra e outras localidades.

VÁRZEA DE ABRUNHAES — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho, bispado, e 3 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768 tinha 106 fogos.

Orago, São Pedro, apostolo.

Districto administrativo de Viseu.

O thesoureiro-mór da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé de altar — ao todo, uns 55$000 réis.

É povoação muito antiga, pois já existia como parochia, em 1258, sendo então, da *Ordem militar de soldados* (?). Foi villa.

Os dizimos eram para o thesoureiro-mór, padroeiro d'esta egreja.

Ha na freguezia, 5 ermidas—*Santo André* —*S. Sebastião* — *Santo Aleixo* — uma particular na *Quinta do Prado*—e outra, tambem particular, dos herdeiros de Bernardo José de Tarouca.

Fertil. Gado e caça.

Esta freguezia, é titulo de viscondado.

O primeiro visconde da Varzea, foi Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, feito por D. João VI, a 3 de julho de 1823.

Era conselheiro de estado do mesmo soberano—commendador das ordens de Christo e Torre Espada — marechal de campo — foi quartel-mestre-general da divisão dos *Voluntarios Reaes d'El-Rei,* [1] em 1816—ajudante general das tropas da côrte e provincia do Rio de Janeiro, em 1818—governador e capitão-general do Maranhão, em 1819 — governador das armas da Beira-Baixa, em 1825.

Era sobrinho do 1.º conde de Amarante, e primo e cunhado do bravo e fidelissimo 2.º conde de Amarante e 1.º marquez de Chaves. Tambem era primo do marechal Saldanha, do visconde de Canellas, etc.

Succedeu na casa a sua mãe.—Casou com sua prima, D. Marianna da Silveira Pinto da Fonseca, filha do 1.º conde d'Amarante.

Falleceu em maio de 1830.

Teve os filhos seguintes:

1.º—*João da Silveira Pinto da Fonseca* — commendador do ordem de Christo, e official de cavallaria. Casou, a 24 de maio de 1836, com D. Maria Antonia Táveira de Souza e Menezes, *nascida a 24 de maio de 1820;* filha de José Táveira Pimentel de Carvalho e Menezes, senhor do morgado de Guiães, em Villa Real de Traz-os-Montes; fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, coronel de milicias, da mesma villa; e de D. Anna de Souza Alvin Lira de Menezes, sua sobrinha (do dito José Táveira).

2.º—*Francisco da Silveira Pinto da Fonseca* — tambem official de cavallaria. Casou, a 7 de janeiro de 1838, com sua prima, D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, filha natural, legitimada, do 1.º marquez de Chaves.

3.º— *Pedro da Silveira Pinto da Fonseca.*

4.º—*Antonio da Silveira Pinto da Fonseca.*

5.º—*D. Maria Maximina.*

—

O 1.º visconde da Varzea, era filho unico de João da Silveira Pinto da Fonseca (filho 2.º de Bernardo Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, moço fidalgo, senhor das honras de Nogueira e S. Cypriano, e de D. Francisca Pereira Pinto Coutinho de Vilhena).

João do Silveira Pinto da Fonseca, era moço fidalgo; cavalleiro da ordem de Christo; marechal de campo; governador das armas da Beira — casado com D. Isabel Rita da Camara de Figueiredo e Castro, filha e herdeira de João Correia da Silva e Lacerda, fidalgo da casa real; cavalleiro da ordem de Christo; e de sua mulher, D. Dorothea Clara Moreira de Figueiredo.

—

O 2.º visconde da Varzea (feito a 8 de novembro de 1843) é o dito João da Silveira, filho primogenito do 1.º visconde.

VÁRZEA (ou *Vargea*) **DE ALEMQUER** — freguezia, Extremadura, na villa, comarca e concelho de Alemquer — actualmente annexa á da Triana, da mesma villa, como fica dito no 1.º volume, pag. 106, col. 2.ª, para

---

[1] É pleonasmo. Se eram *reaes*, já se sabe que eram *d'El-Rei.*

onde remetto o leitor, para não haver desagradavel repetição.

Ainda existe a egreja que foi matriz da freguezia da Varzea d'Alemquer; e alli se admiram dous bellos quadros, a oleo, um representando a *Crucifixão*, original de *Quintino Metrys*, nascido em Flandres, em 1450, e fallecido em 1529 — o outro, representa a *coroação de Jesus Christo*. É obra do celebre pintor *Jerenymo Bosch*, nascido em *Bois-le-Duc* (antigamente *Herzogen-Busch*) nos Paizes-Baixos (Hollanda). Estes dous quadros, foram dados á egreja, em 1545, por *Damião de Góes*, quando voltou da sua ultima viagem a Flandres.

VÁRZEA DA ALIVIADA (vulgo, da *Alviada*) — freguezia, Douro, na comarca e concelho do Marco de Canavezes (foi da comarca e concelho de Soalhães), 48 kilometros a E.N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1768, tinha 36 fogos.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado e distr.º administrativo do Porto.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Está ha muitos annos annexa á freguezia da Varzea da Ovelha. (Vide *Varzea da Ovelha e Aliviada.*)

VÁRZEA DA AMEIXOEIRA (ou *de Santa Suzana*)—Vide a 1.ª *Ameixoeira.*

VÁRZEA D'ANÇAN—vasta campina, Douro, na freguezia da villa d'Ançan, comarca e concelho de Cantanhêde, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao O.N.O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa.

Os marquezes do Louriçal eram padroeiros da egreja d'esta freguezia, e apresentavam o prior, que tinha 700$000 réis de rendimento annual.

Tem hoje a parochia, 370 fogos. Em 1768, tinha 218.

A Varzea d'Ançan, estende-se ao S. do logar da Loureira.

Pelos fins da ultima metade do XVIII seculo, houve n'esta varzea grandes sementeiras de arrôz, que já se não cultivava em 1780, por causa da horrivel epidemia que se desenvolveu na povoação da Granja e em outras d'estes sitios, e que se attribuiu (com bons fundamentos) á cultura do arrôz, pelos miasmas deleterios que exalavam as aguas estagnadas n'este logar.

VARZEA DE AYRÓ—Vide *Varzea, freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras.*

VÁRZEA DA CANDOZA — aldeia, Douro, na freguezia da Candoza, comarca e concelho da Tábua. (Vide *Candoza.*)

Esta aldeia, tornou-se celebre nos annaes do crime, por se ligar com a historia do tristemente famoso salteador e assassino, *João Victor da Silva Brandão*, de Midões. (Vide esta ultima palavra.)

Muitos assignantes se me teem queixado por eu, no artigo *Midões* (o 3.º—a pag. 209, col. 2.ª, do 5.º volume) não ter mencionado os principaes crimes do scellerado *João Brandão*, limitando me a fallar apenas, no assassinato do infeliz padre José da Annunciação Portugal. Em vista d'estas queixas, e para satisfazer a exigencia d'aquelles cavalheiros, faço aqui uma abreviada resenha dos assassinios d'este monstro. Quanto aos incendios e roubos, é difficil—senão impossivel—relatal-os todos, em vista do seu grande numero: basta dizer, que, de um pobre e réles ferreiro, chegou a ser um rico proprietario, só com a parte que lhe tocava, depois da repartição pelos seus dignos camaradas.

—

João Brandão nasceu em Midões, no anno de 1827. Era filho do ferreiro Manoel Brandão, homem de caracter violento e feroz. Seus irmãos, primos e sobrinhos, tão malvados como elle, formavam a horda de assassinos que o reconhecia por chefe. Manoel Brandão, deixou o officio de ferreiro, porque o de salteador lhe rendia muito mais.

Accusado de varios espancamentos e assassinatos, em 1827, ficou impune, pela decidida protecção de *um grande fidalgo* (!!!), que era tambem decidido liberal, e que, apezar d'esta qualidade, e de estar então *no seu tempo*, não pôde livral-o da acção da justiça, mas apenas, *pôr pedra por cima*, no processo.

Pouco depois, teve logar a revolução liberal, no Porto, a 16 de maio de 1828.

O tal fidalgo, tomou n'ella uma parte importante, e vencidos os revoltosos, o fidalgo

e o seu protegido tiveram de andar homisiados, por espaço de seis annos.

A 27 de maio de 1834, tem logar a *convenção d'Evora-Monte.* Chegára a época do triumpho de Manoel Brandão, que, com seus sobrinhos, Antonio, e José Brandão, e outros facinoras que se lhes aggregaram, formou uma guerrilha, que foi o terror dos povos da Beira, principalmente nas povoações de Avô, Villa-Cóva, Cója, Folques, Arganil, e Góes. Muitas casas ficaram completamente varridas, e o seu contheudo era descaradamente transportado, á vista de todos, em carros e cavalgaduras, sendo depois dividido pelos bandidos, cabendo ao chefe a melhor parte dos roubos.

Não se contentavam estes salteadores em roubar, muitas vezes assassinavam familias inteiras, depois de roubadas. Isto nas ruas e praças publicas das villas, publicamente, á hora do dia. Algumas das suas victimas foram por elles arrebatadas, sem jámais se saber o fim que tiveram, nem onde foram enterradas. Violavam donzellas, devastavam os campos, e incendiavam as casas, depois de as terem saqueado. Apossavam-se de bens de raiz, uns, por cartas de venda que, sob pena de morte, obrigavam a assignar aos legitimos proprietarios — outros, mesmo sem titulo algum. *Muitas d'estas propriedades assim roubadas, ainda actualmente estão pacificamente possuidas por aquelles malvados, ou por seus herdeiros!!!*

Faziam requisições de fructos de toda a qualidade, e gados de toda a especie; e ai d'aquelles que não satisfizessem immediatamente!

O mais escandaloso, é que *as auctoridades d'esse tempo, toleravam tantos e tão monstruosos crimes, e não poucas vezes tomavam parte n'elles!...* [1]

Já que os poderes da terra, nem castigavam, nem previniam tantas e tão grandes atrocidades, a Divina Providencia dispôz as cousas de modo que os mesmos facinoras se castigaram reciprocamente.

Desavindos nas partilhas, os bandidos, fortes pela escandalosissima impunidade, todos querem ser chefes, e dividindo-se em bandos, formaram varias quadrilhas, sendo uma das mais notaveis pelos seus crimes, a do famigerado *Caca.* [1]

Depois de divididos, Manoel Brandão assassinou o alferes da Varzea, e se apoderou de uma bôa propriedade que pertencia á sua victima, cuja familia fugiu, para escapar á morte.

Além de muitos e grandes roubos, conhecidos em toda a Beira, apossou-se de varias terras da familia Martins, da Pôvoa de Midões.

José Brandão, assassinou um desgraçado padre octogenario, em Villa-Mean, na margem direita do Mondêgo, e lhe usurpou uma propriedade.

Antonio Brandão, assassinou o vigario do Ervedal, e toda a sua familia, roubando-a em seguida.

Achando ainda poucas todas estas atrocidades, os bandidos fizeram espalhar por toda a Beira, o boato de que os legitimistas da provincia se queriam revoltar. Com este pretexto, reuniram-se as tres quadrilhas dos Brandões—Manoel, José e Antonio—e *acam-*

---

[1] *Arsenio de Chatenay* (pseudonimo do sr. Antonio da Cunho Azevedo Lemos Castello-Branco, das *Varzeas de Trevões*, no seu romance LA VENDETA, OU SALDO DE CONTAS, publicado em 1880, relata algumas d'estas atrocidades, e a quadra de terror e horrores, que soffreu a Beira-Alta, desde 1834, até 1869.

[1] Este malvado, de uns 30 annos de edade, era bôa figura, grandes forças, coragem a toda a prova, e um dos mais destros atiradores do seu tempo. Perseguido, em 1840, pelo povo de Lagares, concelho de Oliveira do Hospital, então comarca de Midões, e hoje da de Tábua, morreu queimado, com mais sete companheiros, dentro da casa de um lagar, preferindo esta horrivel morte, a cahir em poder do povo e da tropa que os perseguia.

No tal romance *La Vendêta*, se torna o *Caca* (o auctor, *por causa da euphonia*, chama-lhe *Caco* — que era o nome do legendario ladrão, da antiguidade; de mais a mais, era uma alcunha bem applicada, porque o *Caca*, só em uma unica letra se differençava do antigo salteador) um verdadeiro heroe de romance, fazendo-o convertido, e capitão de um navio mercante, sua propriedade.

param 12 dias na margem esquerda do Alva, lançando contribuições forçadas a todos os povos d'aquelles sitios.

Foi n'essa occasião, que, entre outras, assaltaram a opulentissima casa do *Porto da Balsa*, d'onde levaram grandes riquezas, em dinheiro, joias, e obras d'arte.

O governo, acreditando (ou fingindo acreditar....) na revolta legitimista, auctorisou Antonio Brandão a formar um batalhão de voluntarios (de assassinos e ladrões) para conter em respeito os povos da Beira; mas foram tantas as queixas feitas pelos liberaes honrados, muitos d'elles de grande representação, que o ministro da guerra, viu-se obrigado a dissolver o tal chamado batalhão — que não era mais do que uma quadrilha de salteadores e assassinos — dissolvendo tambem a *guarda nacional de Midões*, que, em grande parte, era formada por individuos tão malvados como os *soldados* do batalhão.

Os filhos de Manoel Brandão, foram crescendo, e mostrando tão ferozes instinctos como seu digno pae. Os dous mais velhos— *Manoel Rodrigues Brandão*, e *Roque Brandão*, já formavam parte da quadrilha do pae, e os dous mais novos—*Antonio* e *João*—já davam tambem optimas esperanças ao seu progenitor.

Chegamos em fim á época de

João Brandão

Tendo apenas 12 annos de edade, provou que sabia fazer bôas pontarias, assassinando, *para experiencia*, com um tiro de bacamarte, um inoffensivo cabreiro da serra da Estrella, proximo a Gouveia, merecendo os elogios de seu pae e irmãos!—Já então, revelava intelligencia muito superior á dos seus parentes.

Os quatro irmãos, sendo eguaes em ferocidade, differiam no modo de praticar os crimes—*Manoel*, era hypocrita, pranteando as suas victimas—*Roque*, ria sempre, escarnecendo dos que havia assassinado—*Antonio*, praticava os crimes com a maior indifferença, como se fosse um acto naturalissimo. Era um criminoso indolente—*João*, era um malvado sem entranhas, praticando o crime por gôsto, e regosijando-se com os actos mais crueis e monstruosos.

Estavam as cousas n'estas circumstancias, quando, em 1848, o infeliz doutor Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles,[1] foi nomeado juiz de direito da então comarca de Midões. Era um nobilissimo caracter, e um magistrado activo, energico e intelligente, que pretendeu livrar a Beira de tão ferozes malfeitores.

Manoel e João Brandão, o esperaram uma noite, mesmo quasi á porta da sua habitação (d'elle juiz), e quando sahia de casa do Visconde de Midões, o assassinaram com dous tiros. (Note-se que João Brandão tinha apenas 15 annos!)

Foram ambos pronunciados, por este e outros crimes, assim como outros malvados da sua quadrilha.

Manoel Brandão Junior, pôde ser prêso, e remettido para a cadeia de Viseu, mas pouco tempo alli esteve; porque foi despronunciado por falta de provas.

Uma escolta de infanteria n.º 14, andou, *com grande espalhafato*..... em busca dos outros criminosos, que não encontrou, como era de esperar, em vista da publicidade de tal diligencia.

N'este tempo, estavam desavindos Manoel Brandão, pae, e seus filhos, com os sobrinhos d'aquelle — Antonio e Jose Brandão, e principalmente com o filho do José, Manoel Rodrigues da Silva Brandão (o *Manoelzinho*) que João Brandão assassinou cobardemente em 1845 (como veremos adiante), porque os primos e tios auxiliavam então as auctoridades nas buscas aos seus parentes e antigos *camaradas*. (Desgraçadas auctoridades, que acceitavam o apoio de taes facinorosos!.....)[2]

Foi este o terceiro assassinato perpetrado por João Brandão.

---

[1] Este dignissimo magistrado era irmão do actual sr. visconde da Aguieira. Vide *Vallongo do Vouga*, onde vem este cobarde assassinato narrado circumstanciadamente.

[2] Os irmãos de Manoel Brandão, pae — eram José Joaquim Brandão, e Antonio Brandão, aquelle pae e este tio do *Manoelzinho*.

O *Manoelzinho*, tinha sido prêso, no 1.º de abril de 1844, por uma escolta de cavallaria, que descia pela estrada de Viseu, quando elle; o bacharel José Lopes de Moraes; o *Cascão*, de Mórtágua e outros, caminhavam pela mesma estrada, regressando de uma conferencia que tinha havido na noite antecedente, na aldeia de *Sulla* (falda oriental do Bussaco) com Jayme Garcia Mascarenhas, e outros populares.

Esta conferencia, tinha por fim annuir á revolta de cavallaria n.º 4, caçadôres n.º 1 e infanteria n.º 12, commandados pelo conde do Bom-Fim, que projectava reunir mais tropas, e marchar com ellas sobre Lisboa, para destruir o ministerio cabralista, e proclamar a constituição de 1820. O resto do exercito, porém, não quiz annuir, e Bom-Fim teve de retirar com a sua gente para a Beira-Baixa, e mettendo-se na praça d'Almeida, ahi capitula a 28 d'abril d'esse anno de 1844. Bom-Fim e os officiaes que o seguiam, emigraram para a Hespanha.

A cavallaria não vinha encarregada de effectuar semelhantes prisões, que fez por meras suspeitas; nem o governo cabralista ainda sabia, nem podia saber, de tal conferencia. O que é certo, é que os presos foram para a cadeia de Coimbra, de lá para o Limoeiro, e de Lisboa para o Ilheu da Ilha da Madeira.

Terminada esta pequena guerra civil, regressou o *Manoelzinho*, do Ilheu da Madeira. João Brandão o esperou, atraz do muro de um pardieiro proximo a Midões, e o assassinou cobardemente, com um tiro. Esta morte, teve por causa, não só a desavença que existia entre esta familia de tugs, como a politica—*Manoelzinho* e seus irmãos, eram setembristas, e João Brandão, o pae e os irmãos, eram cabralistas.

—

Desenrolando este sudario de infamias e atrocidades, que causam horror a todo o homem que tiver honra e coração, é com o maior asco e repugnancia que tenho de affirmar a tolerancia — e, o que é ainda mais ascoroso — a conivencia das auctoridades, *militares*, *administrativas* e *judiciaes*, em todas estas atrocidades, premiando até, com empregos de confiança e elogios, os perpetradores de tantos e tão horrendos crimes! Houve mesmo jornaes politicos, tão infames, que tomaram a defeza dos Brandões, pretendendo converter os seus hediondos crimes, em actos meritorios, como serviços prestados á patria!!!

Nunca Portugal desceu a tamanha immoralidade!.....

—

Em 1844, vencida a revolta do conde do Bom-Fim, João Brandão e a sua horda, que andavam fugidos por causa do assassinato do juiz de direito, [1] se declaram strenuos defensores do partido da rainha, e regressaram a suas casas, com o maior cynismo e descaramento, sem que as auctoridades tratassem (nem mesmo fingissem tratar) de os perseguir.

Mas não parou n'isto a infamia das auctoridades d'esse tempo, de horrivel recordação. O governo nomeou José Brandão (irmão do João) administrador do concelho de Midões. (Já nem me canço a pôr pontos de admiração, á vista de tantas e tamanhas immoralidades.)—Ainda mais—Em abril de 1846, o Saldanha toma o partido da côrte, e do seu velho amigo, Antonio Bernardo da Costa Cabral (já feito conde de Thomar, desde 8 de setembro de 1845). Esta revolta, teve o resultado que vimos no 8.º volume, pag. 335, col. 1.ª e seguintes.

Quando Saldanha estava na villa de Santa Comba-Dão, se lhe apresentou João Brandão, e os da sua horda, offerecendo os seus serviços áquelle general, — *que os acceitou*.....

Por essa occasião formou-se o tristemente célebre batalhão de *voluntarios de S. João d'Areias*, e João Brandão é nomeado *capi-*

---

[1] Mesmo emquanto andavam fugidos, fizeram cinco mortes, como veremos adiante.

tão da 1.ª companhia! (Não é preciso dizer-se de que qualidade eram os seus soldados.....)

—

Em 1849, vivia na freguezia de S. Pedro da Folhadosa, concelho de Cêa, a viuva do morgado d'alli, mulher bastante rica, mas que, depois do fallecimento de seu marido, adoptára uma vida escandalosa. Tinha uma filha unica, que era a legitima successora do vinculo.

Esta viuva, era filha de Estanislau Pinto de Abranches e Pina, da Varzea de Meruge, cavalheiro honradissimo, e que tinha sido capitão do batalhão de Voluntarios Realistas de Cêa. Vendo elle os desregramentos de sua filha, quiz tirar-lhe do seu poder, para a subtrahir aos maus exemplos maternos, a filha referida.

João Brandão, vivia n'esse tempo, como principe, á custa de immensos e valiosos roubos; e lembrou-se de se *nobilitar* por um casamento com uma mulher, que fosse nobre e rica, na esperança de fazer esquecer a sua antiga profissão de ferreiro. Era elle um homem de bôa apparencia, com 22 annos, incompletos, de edade, e com maneiras de cavalheiro.

O doutor Vicente de Paula Correia de Sá e Moura, que foi exercer o logar de juiz de direito de Midões, em seguida á morte do seu antecessor, Figueiredo Pacheco, e que falleceu juiz da Relação, do Porto, foi meu patricio e verdadeiro amigo.

Muitas vezes me fallou em João Brandão, e me deu muitos esclarecimentos para a biographia d'este monstro.

Dizia-me elle, que, quem fallasse com João Brandão, e ignorasse a sua procedencia, nunca diria que tinha sido um reles ferreiro; porquanto os seus modos, a sua apparencia, e os termos polidos de que usava, pareciam mais de um cavalheiro de bôa familia e illustrado, do que de um homem do povo.

Lembrou-se pois o malvado, de casar com a filha da tal viuva, e obteve o consentimento d'esta. Seu pae, que soube d'este projectado casamento, fez todas as diligencias para obstar a tão monstruoso enlace; mas quando tratava d'este negocio, é assassinado, em pleno dia, a 8 de janeiro de 1850, no caminho de Villa Pouca, quando com o escrivão Passos sahia de Lourosa, freguezia do concelho de Oliveira do Hospital.

João Brandão soubera d'estas diligencias do infeliz ancião, porque a filha lhe mandou, por seu amante, aviso para Midões.

A victima, tinha-se hospedado na casa do seu amigo Tristão Lopes da Cunha Carvalho Castello-Branco, de Lourosa, onde jantou, sahindo depois, sem a minima desconfiança; mas a pouca distancia da quinta do seu amigo, foi cobardemente assassinado por João Brandão e pelos *soldados* da sua companhia, todos fardados e armados, que alli o estavam esperando.

Horrorisa a narração de tantas e tamanhas atrocidades, e é repugnantissimo o comportamento das auctoridades d'aquellas terras, em semelhante época; mas é preciso que se saiba tudo, para se poder julgar, com conhecimento de causa, o grau de degradação a que chegaram os encarregados de manterem a ordem, o socêgo e a moralidade publica n'aquella parte da Beira-Alta (hoje quasi toda pertencendo, pela nova *e bella* divisão geographica, á provincia do Douro).

João Brandão, confessou, com o mais desaforado orgulho, este crime, a toda a gente, como se praticasse uma façanha em favor da patria e da liberdade: dizendo que a sua victima—que era realista—fôra por elle encontrada, commandando uma guerrilha por elle organisada, para derrubar o partido liberal, acclamando o Sr. D. Miguel.

O administrador do concelho de Avô (concelho extincto por decreto de 24 de outubro de 1855) prestou-se infamemente a esta horrivel comedia, escrevendo um officio antedatado, requisitando de João Brandão uma força, da sua companhia para bater a tal

guerrilha miguelista, do Estanislau, da Varzea Meruge — guerrilha que só existia na perversa imaginação d'estes dous malvados.

Não é preciso dizer, que quando o tal administrador escreveu aquelle nojento officio, já o infeliz Estanislau estava morto havia dias.

Os administradores dos concelhos de Midões, Oliveira do Hospital, e Tábua, foram tão infames como o de Avô. Um d'elles teve a impudencia de escrever um officio fingido escripto pouco antes do assassinato, no qual se lia — «Reclamo immediatamente a força da sua companhia (a do João Brandão) por não haver tempo de officiar ao commandante do batalhão, para o trazer todo.»

Vê-se pois que a força publica, estava toda, ou na mão dos Brandões, ou de auctoridades tão perversas como elles; o que trazia em constante terror, todos os habitantes pacificos, que julgavam — com razão — a sua vida á mercê do primeiro bandido que se lembrasse de lh'a tirar.

Debalde todos os jornaes da opposição — e mesmo *alguns* do governo — gritaram contra tantos e tão repetidos crimes, sempre impunes: elles continuavam sempre.

Logo a 28 de janeiro do dito anno de 1850, na camara dos pares, o nobre conde do Lavradio (irmão do marquez do mesmo titulo — ambos já fallecidos) interpellou o governo, sobre a urgencia do prompto castigo do assassinato do Estanislau, e outros, dizendo que *todas as auctoridades da terra, eram irmãos, ou parentes proximos, ou amigos dos criminosos.* Que dous *vereadores da camara de Midões, eram irmãos de João Brandão — o administrador do concelho, seu primo — e os escrivães da camara e do concelho, uns eram seus irmãos, outros seus primos, etc.*

No dia seguinte, o mesmo conde de Lavradio, tornou a interpellar o governo, sobre a mesma materia. Respondeu-lhe o presidente do conselho de ministros, conde de Thomar [1] com o leitura das participações das auctoridades d'aquellas desgraçadas terras, que bem devemos imaginar o que diziam.

O governador civil de Coimbra, fez então causa commum com taes auctoridades e com os crimes dos Brandões! — O conde de Thomar, leu as seguintes partes telegraphicas:

1.ª Um boletim do tal governador civil, dando parte do apparecimento de *uma guerrilha,* DE SEIS HOMENS (!) *commandada pelo Estanislau, que se dispersou depois da morte d'este.*

2.ª Um officio do mesmo governador civil, ampliando a parte telegraphica, segundo o qual, a *guerrilha miguelista,* resistira á *força publica,* mandada em sua perseguição, *havendo fogo de parte a parte,* retirando os guerrilhas, depois de deixarem morto no campo, o seu chefe, duas espingardas e um bornal com cartuxos. (É impossivel que esta auctoridade acreditasse tão absurda e miseravel impostura; mas escreveu-a!...)

3.ª Um officio (*confidencial!*) do commandante da respectiva divisão militar, confirmando aquelles nojentos telegrammas, e dando outras informações, inventadas pelos protectores dos malvados.

Não foi só o conde do Lavradio, outros pares tomaram parte na discussão, distinguindo-se o conde da Taipa, pela violencia com que atacou as auctoridades conniventes em tantos crimes. Disse que não acreditava em nada do contheudo em semelhantes participações, e que *estava prompto a apostar quanto possuia, em como tal guerrilha nunca existiu, senão na imaginação dos Brandões e seus adeptos.* Que o que sabia, era, que n'aquella malfadada provincia se tinham commettido os mais atrozes crimes, desde 1833, sem que a justiça tivesse processado, nem castigado os criminosos. Que calculava

---

[1] Depois da sua expulsão do ministerio, em 1846, tornára a entrar para elle, em 1849, por influencia do Saldanha, que disse nas cortes — «Antes quero todos os Cabraes na camara dos deputados, do que um só da Junta do Porto.» — D'ahi a menos de dous annos, eram os da Junta seus amigos fieis, por o terem livrado da *entaladella* de 1851, tornando-o de vencido e emigrado na Galliza, em vencedor e dictador. O que é a politica!...

em TREZENTOS, o numero d'estes crimes. Referiu parte do que fica atraz relatado, dizendo — «Não se póde entrar no conhecimento da verdade, emquanto não fôr para aquellas terras, uma força militar, que proteja as auctoridades, para que estas possam castigar os chefes dos bandos de malfeitores, e povoar com elles a costa da Africa.»

Disse que era preciso, além da tropa de linha, mandar para alli, magistrados alheios á terra, que protegidos pela força militar, podessem fazer justiça desassombradamente.

Não sei se o sr. D. Fernando Coburgo, então commandante em chefe do exercito, acreditou na patranha da tal guerrilha miguelista, ou se fingiu acreditar, o que é certo, é que elle mandou elogiar o assassino e salteador João Brandão, *pelo inapreciavel serviço que havia prestado á patria dispersando a guerrilha do Estanislau.* (!!!)

Eram estes, e outros semelhantes os *castigos* infligidos a tão truculentos malvados!

O marechal Saldanha, vencedor pela ajuda e protecção dos *patuleias*, que o tinham chamado da Galliza, para onde tinha fugido, e lhe deram o commando do exercito, faz-se dictador e ministro da guerra, em maio de 1853, escolhendo para ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães. Era Saldanha um dedicado e poderosissimo amigo, que tinha na côrte, o execrando João Brandão e a sua quadrilha. Uma prova incontestavel d'essa amisade, e da ascorosa degradação a que tinham chegado as cousas n'aquelles infelizes tempos, de horrivel memoria, é a seguinte portaria:

«Manda sua magestade a rainha pelos ministerios da guerra e do reino, que as auctoridades militares e administrativas dos districtos de Coimbra, Vizeu e Guarda, a quem o capitão do extincto batalhão nacional de Midões, João Victor da Silva Brandão, apresentar esta portaria, lhe prestem o auxilio que por elle fôr exigido, para a execução d'uma ordem do serviço nacional e real. — Esta auctorisação durará pelo espaço de 3 mezes da data da presente, depois do qual prazo, para ter validade, deverá ser renovada. — Palacio das Necessidades, 10 de setembro de 1853. Duque de Saldanha. — Rodrigo da Fonseca Magalhães.»

—

Em 20 de março de 1858, o sr. dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, dirigiu um relatorio ao então ministro, duque de Loulé, no qual, entre outras cousas, se lia:

«Juizes de direito houve em Midões, a quem um septuagenario chefe de assassinos, e seus filhos, subiam a escada, com a mesma liberdade, como se fosse sua propria. Apresentavam-lhe requerimentos, ou autos, intimavam-lhe os despachos, ou sentenças desejadas, que eram lavradas ao sabor dos assassinos. De delegados do procurador regio, mesmo em Arganil, sei eu, que das janellas do seu domicilio, trocavam com os assassinos que passavam, ou os hiam sollicitar, palavras de deshonrosa confraternidade e gracéjo, do que os mesmos assassinos muito se pagavam, para que o publico ficasse conhecendo, qual o seu alto valimento, etc.»

—

Não era só com estranhos que João Brandão exercia as suas vinganças e crueldades: nas continuas desavenças com seus irmãos — e até com seu proprio pae — se aggrediam como inimigos implacaveis, dando tiros, uns nos outros.

O ferreiro da Varzea da Candoza

João Nunes, o tal ferreiro, fôra amigo e companheiro de João Brandão e da sua quadrilha. Nas desavenças com os tios e primos, d'este, Nunes separa-se d'elle, e declara-se *patuleia*. N'umas eleições que houve em 1854 o ferreiro toma o partido da opposição, *pelo que é preso* por João Brandão!

Como é de prever, foi solto pouco depois.

João Nunes, era perverso e corajoso, e jurou publicamente vingar-se de João Brandão, e este, fez protesto de assassinar aquelle, porque era o unico homem que temia, e que ousava resistir-lhe.

A 5 de novembro d'esse mesmo anno de 1854, sob pretexto do ferreiro estar pronunciado por varios crimes (o que era certo)

João Brandão reune varios cabos de policia, e um bom numero dos seus *camaradas* — tendo já em seu poder, os *mandados de prisão, dados pelo juiz de direito*...— e com uma força de 200 homens, muitos d'elles, dos famosos assassinos de Midões e visinhanças, sendo os mais perversos, o *Juliana*, o *Anjinho*, o *Venta-Larga*, o *Palaio*, o *Medas*, e o *Grazina* — todos salteadores da mais feroz especie.

Cinco dias andaram em correrias por differentes povoações, espancando, no transito, todas as pessoas que encontravam, por lhes não darem noticias do ferreiro.

No 5.º dia (9) uma fracção d'estes canibaes, surprehendeu o ferreiro, no logar de Moura, e não se atrevendo a prendel-o de *cara a cara*, escondidos atraz de um vallado, lhe deram uma descarga, á traição, atravessando-lhe um braço, com uma bala.

Vendo o ferreiro que era temeridade resistir, fugiu na direcção da Portella do Alqueive, caminho de Arganil. Os malvados seguem-n'o, mas anoitecendo, perderam-lhe a pista.

O ferreiro muda então de rumo, e dirige-se a casa de Antonio Quaresma, sapateiro, no logar da freguezia da *Bem-Feita* (concelho de Arganil) e d'alli mandou chamar dous barbeiros — *José da Fonseca*, e *José Pedro*, de Moura — para lhe pensarem a ferida da bala, e outros ferimentos de menos importancia.

Pelas 8 e meia horas da noite, do mesmo dia 9, chega João Brandão, com parte dos seus, a casa do seu amigo Albano Antonio, da dita aldeia da Bem-Feita, onde apparece o tal barbeiro Fonseca, denunciando o paradeiro do ferido.

João Brandão, colloca dous facinorosos a uma porta da casa do Quaresma, para que o ferreiro não podesse fugir (resistir era impossivel, porque já nem os dedos podia mover) e volta para casa do tal Albano, onde mandou preparar uma lauta ceia, de gallinhas, frangos, chouriços, etc., para elle e toda a sua sucia.

Depois de cearem, e sendo mais de meia noite, entram em casa do sapateiro, e João Brandão foi o primeiro que atirou contra o ferreiro, á *queima-roupa*. O feroz *Anjinho* lhe atravessa a garganta, com outra bala; e todos os mais tomam parte n'este ignobil assassinato, descarregando as suas espingardas no já cadaver do ferreiro.

Os ferimentos foram tantos (a maior parte d'elles mortaes) que nem os peritos os poderam contar, porque o ferreiro estava varado por uma grande quantidade de balas, desde a cabeça até aos pés. Não transcrevo o que disseram os taes peritos, no auto de exame e corpo de delicto, porque é uma relação extensa e sem importancia, em vista do que acaba de lêr-se: basta dizer que o cadaver do ferreiro, estava reduzido a uma massa informe.

Como vimos, a Bem-Feita é no concelho e comarca de Arganil, cujas auctoridades administrativas e judiciaes — *por excepção* — não pertenciam ao rol dos amigos e decididos protectores dos Brandões: mas a villa de Avô, que ainda então era cabeça de concelho — como vimos n'este artigo — tinha por administrador — como tambem vimos — um dos mais cynicos partidarios dos Brandões, com o qual João Brandão se entendeu maravilhosamente.

Era pois necessario fazer acreditar que o assassinio tinha sido perpetrado no concelho de Avô. Para isto, João Brandão, disse ao traidor barbeiro — «José, vae buscar a tua egua.» — Veio logo esta, e o cadaver foi posto sobre ella, atravessado, e apertado com arrôcho e sobre-carga, e marcham todos os malvados, para a *Cruz d'Anseriz*, que então era do tal concelho de Avô, comarca de Midões. (Hoje, é comarca e concelho de Arganil.) Chegados alli, dão fortes descargas, na intenção de fazer suppor, que a morte tinha sido feita n'aquelle logar.

Para requinte de ferocidade, Miguel Nunes, irmão do ferreiro, que João Brandão levava preso, foi por elle obrigado a segurar o cadaver da victima, durante o trajecto. E não parou aqui o cynismo d'estes monstros — por todo o caminho, hiam apregoando — *Quem quer marran fresca?!*

Ainda mais — depois d'isto, como João Brandão dispunha da força, e da protecção — e connivencia... das auctoridades, prendeu por essa occasião, em differentes povoações, todos os que alli julgava seus inimigos, e espancou outros.

Deu se n'este caso outra infamia das auctoridades, similhante á que haviam praticado 12 annos antes, por occasião do assassinio do juiz de direito. Foi assim —

O administrador do concelho da Tábua, intimo amigo dos Brandões, officiou ao governador civil de Coimbra, dizendo que o ferreiro fôra morto por ter resistido tenazmente, contra a *diligencia* (!!!) que o hia prender, por ordem e com o *mandado* judicial. Para corroborar esta nojenta mentira, aproveitou-se de um officio, que obrigou a escrever ao regedor da Povoa de Midões, no qual este teve de dizer que foi o commandante da *diligencia* (quando no dia 5 (o do assassinato) estava a 30 kilometros de distancia do sitio onde o crime foi perpetrado!)

—

Apesar de tudo, João Brandão foi pronunciado por este crime, correndo o processo em Arganil, porque, apesar da estrategia do malvado, provou-se que o crime fôra commettido dentro dos limites da sua comarca.

É então que o escandalo toca a meta da ultima degradação! O reu, apresenta-se alegre e orgulhoso! Espera-o á porta do tribunal, uma banda de musica, encarregada de tocar um hymno *ad hoc*, dedicado á corrupção e á immoralidade.

Muitos figurões, acompanhados dos seus lacaios, com librés de grande gala, alli esperam o malvado, para lhe darem os parabens. O jury — como todos já esperavam — declara o reu innocente. O seu advogado tinha dito com a maior desfaçatez — «*Estamos em uma época da maior perversão da sociedade* (até aqui disse a verdade) *a não ser isso, ninguem attribuiria crime tão horrendo* A UM CAVALHEIRO DE TÃO RARAS QUALIDADES.»

É até onde póde chegar o desafôro!...

—

Nas audiencias de Tábua, João Brandão, confessa o crime da morte do ferreiro da Varzea da Candoza, com a maior sem-ceremonia, acompanhando a sua ignobil narração, de gestos significativos, imitando um actor consummado.

Quando o juiz de direito lhe perguntou pela parte que havia tomado n'aquelle crime, respondeu, com o maior desembaraço—

«Eu conto como foi. Chegámos á casa onde estava occulto, e pedimos brandamente ao dono da casa, que nos abrisse a porta. O homem, lastimava-se e não queria abrir. Dissemos-lhe que nos désse ao menos uma luz (porque ao recebel-a, entrariamos, forçando a porta.) A final, abriu.

«Atravessámos um palheiro, no qual a palha estava arrumada para os lados, deixando caminho pelo centro. No fim, havia uma porta que abria para fóra. Abrimol'a, eu e mais dous que hiam ao meu lado, e vimos o ferreiro, sentado, a curar um braço que tinha ferido. Mal nos avistou, ficou espantado, e lançou mão da faca, que era a sua arma favorita. Ouvi então dous tiros — *pum! pum!* — e vi cahir o ferreiro de joelhos, com a cabeça dentro de um cortiço de batatas. Eu apontei-lhe a carabina (*faz o gesto de apontar, alongando o pé esquerdo e collocando-se em posição*) e gritei-lhe — *Ó sô alma do diabo! Renda-se, ou morre já.* Então o irmão, pediu de joelhos que o não matassem, e eu disse-lhe que levantasse o ferreiro e que lhe tirasse a faca — e elle assim o fez; mas, quando foi levantal-o, encontrou-o morto.»

De tudo quanto fica dito, vemos, não só o grau de prevaricação e immoralidade a que tinham chegado n'aquelles infelizes tempos, muitas pessoas da Beira-Alta, com o livramento com que contava este ignobil facinoroso, pelo cynismo com que alardeava os seus crimes, adulterando os factos a seu bel-prazer, e com o maior sangue frio. Tambem admiramos a facilidade e tal ou qual elegancia, com que se exprimia um homem que principiara por um reles ferreiro a sua negregada vida.

Mas d'esta vez enganou-se, felizmente para a sociedade. Nem o juiz de direito, nem o agente do ministerio publico, nem os jurados da comarca da Tábua, eram as auctori-

dades de Midões, Arganil, e Avô; nem o antigo administrador da Tabua, e, como veremos, justiça foi feita.

Ultimo crime de João Brandão

Com uma carta de recommendação, do sr. *Manoel Firmino de Almeida Maia*, proprietario e redactor do jornal *O Campeão das Provincias*, de Aveiro, para João Brandão, chegou o padre José da Annunciação Portugal, procurador do sr. visconde de Almeidinha, em março de 1866, á aldeia da Varzea da Candoza (residencia do João Brandão) hindo hospedar-se em casa de D. Rosa Candida da Nazareth e Oliveira, agora residente em Coimbra, e n'aquelle tempo amasia de João Brandão.

Hia o padre Portugal áquella terra, para, por ordem do seu constituinte, vender varias propriedades e rendas que este cavalheiro por alli tinha.

João Brandão, tornou-se *intimo amigo* e inseparavel companheiro do padre, ajudando-o na avalição das propriedades, e na recepção do producto das vendas; e até a encartuxar o dinheiro. O padre tinha no *seu amigo* a mais plena confiança, pelo que lhe disse que tencionava partir para Aveiro, no 1.º de abril d'aquelle anno de 1866.

Entre varias propriedades do sr. visconde se comprehendiam certos bens, que estavam no seu vinculo, mas que a egreja da Candoza desfructava, e a cuja posse se oppunha o povo da freguezia.

João Brandão, comprou estes bens ao padre, por 180$000 réis, passando-lhe por elles um documento, que só seria válido, se o povo lhe consentisse a sua pacifica posse.

A 29 de março, partiu João Brandão para a villa de Avô, dizendo que ia alli assistir ás Endoenças, e passou por Villa-Chan (torcendo caminho) para fallar com um tal *Mattos*, que era um dos mais ferozes do bando do malvado, que lhe chamava a *sua faca de matto*.

—

Em casa da tal D. Rosa, havia dous cães— um d'elles, tão bravo, que accommettia toda gente, *sem mesmo respeitar o João Brandão, apesar de ser frequente visita da casa.*

Na noite de 30 para 31 de março, em que foi assassinado e roubado o padre Portugal, *os taes cães não deram um unico latido...*

João Brandão, que era astuciosissimo, tomou *as mais exageradas* precauções, e planeou de antemão o que lhe pareceu uma bem combinada defeza, para não ser arguido de auctor ou cumplice d'este assassinio. Em Avô, diligenciou reter as pessoas que estavam em casa do seu amigo, Bernardo da Costa (onde o malvado se hospedára) para não sahirem n'aquella noite a divertir-se com o fim de ter testemunhas que jurassem ter elle passado alli aquella noite.

Em vista d'isto, João Brandão, só foi pronunciado como *mandante*.

O monstro temia-se, com razão, do juiz de direito e delegado da Tábua, e andava escondido.

Uma noite, que estava em casa do parocho da freguezia de Louroza, concelho de Oliveira do Hospital, mas da comarca de Tábua, vendo a casa cercada, fugiu por uma janella, offerecendo dinheiro aos cabos de policia que o cercavam, mas sendo immediatamente preso pelo sr. Luiz Pereira Abranches, administrador do concelho de Oliveira do Hospital, e que foi o primeiro que entrou na residencia, lançando-se a João Brandão, e, luctando com elle, corpo a corpo, conseguiu tirar-lhe um revolver, que tres dias antes lhe tinha emprestado Antonio Quintino de Sousa Doria.

O governo, á força de representações de muitos proprietarios pacificos, e de repetidas interpellações de pares e deputados, viu-se obrigado a providenciar sobre os repetidos crimes dos Bradões e seus cumplices e protectores, e uma das suas primeiras providencias, foi supprimir a comarca de Midões, e pouco depois, até o concelho, encorporando tudo no concelho e comarca da Tábua — que até então, era um concelho da comarca de Midões — ou, para fallar com mais propriedade

— transferiu para a Tábua, a séde da comarca de Midões.

Em maio de 1866, era juiz de direito d'esta comarca, o doutor *João Vasco Leão*, e delegado do procurador regio, o doutor *José Gonçalves da Costa Ventura*. Foram estes os que instauraram o processo, do João Brandão e seus cumplices.

O primeiro despacho de pronuncia, foi lavrado a 19 de maio do mesmo anno, de 1866. Consta dos autos, a seguinte declaração do juiz de direito — *Algumas testemunhas deposeram timidamente, e visivelmente se conhecia, que se achavam impressionadas pelos ameaças e terror, espalhado pelos querellados, segundo o que do mesmo summario consta.*

João Brandão — como fica dito — foi pronunciado como *mandante*, e como executores do crime, foram pronunciados — seu irmão *Antonio Brandão* — o tal *Mattos* de Villa Cham — e o *Brito*, de Penalva. Estes trez, eram os mascarados que tinham sido vistos perto da Varzea da Candoza, na noite do assassinato e roubo do padre Portugal.

Os vestigios do crime foram — uma bala, extrahida do cadaver do assassinado — a púa, com que se tinha feito o buraco na porta — a lanterna e grizêta, achadas perto do logar onde se commetteu o crime — e o rewolver encontrado ao reu João Brandão, quando foi prêso.

Apurou-se que o crime fôra assim perpetrado.

Na referida noite de 30 para 31 de março de 1866, trez homens mascarados, entraram no pateo da casa do sr. visconde d'Almeidinha, na Varzea da Candoza, e na qual morava então, a tal D. Rosa Candida da Nazareth e Oliveira, solteira, de 38 annos de edade e proprietaria. Os trez mascarados, fizeram em uma das portas da sala um rombo de um palmo quadrado, pelo qual abriram a porta, depois do que, se dirigiram, alumiados por uma lanterna, para o quarto onde dormia o padre Portugal, e, tendo-lhe apontado duas espingardas, pediram-lhe o dinheiro que no dia antecedente havia recebido da venda de uma propriedade, a João Brandão — *trez contos de réis*.

O infeliz, respondeu que já tinha mandado o dinheiro para a cidade de Aveiro; porém um dos malvados, foi á cama proxima, procurou o collête do padre, e tirou do bolso do mesmo collête a chave da papeleira, e alli achou uma sacca, onde estava algum dinheiro, e disse ao padre, que apresentasse o resto. O desgraçado, disse que lh'o hia mostrar, e sentou-se na cama; porém os outros dous mascarados, que se tinham conservado á porta, com as armas apontadas para elle, temendo-o, porque era um homem de grandes forças e animo resoluto, desfecharam contra elle. Uma das espingardas, não pegou fogo, e o tiro da outra, feriu a victima, no terço inferior do antebraço esquerdo, com dous ferimentos de *zagalotes*, e com outros dous, na parte media lateral do thorax, e ainda outro, no lado direito do peito.

Pelos exames a que se procedeu, em vida do padre, e depois da sua morte, que se verificou no dia 31, ás 7 horas da noite, se conheceu que os dous projectis que lhe feriram o braço, tinham atravessado a massa muscular, sem tocar no humero, entrando no thorax, pelo lado esquerdo; tinha ficado no pulmão direito, uma das balas, sahindo a outra pelo peito direito, depois de perfurar os pulmões, e foi bater na cabeceira do leito, onde deixou vestigios.

Ao ruido do tiro, acudiu D. Rosa, gritando pelas creadas, e encontrou o padre Portugal, em pé, na sala immedíata ao quarto d'elle, bradando por soccôrro.

A estes gritos, acudiram muitas pessoas do logar, e n'esse mesmo dia 31, se apresentou descaradamente João Brandão, que tinha hido na vespera para Avô, *assistir aos officios da Semana Santa*. (Que tal era o devoto!....)

Antes de morrer, e no acto de se lhe fazer o primeiro exame, disse a victima, que não conhecêra os assassinos: consta porém dos autos, que referira em particular, ao sr. *José Maria das Neves Rebello Velloso*, então digno administrador do concelho de Tábua, as suspeitas que tinha de João Brandão e companheiros; *pedindo que d'esta sua declaração se não fizesse uso, perante o po-*

der judicial. (Este honradissimo ecclesiastico, tinha apenas *suspeitas*, ainda que bem fundadas; mas não queria que, *só por ellas*, fossem punidos os criminosos.)

—

João Brandão, era de estatura regular, magro; de cabeça pequenina e redonda; olhos pretos, vivos; de expressão altiva; nariz longo e aquilino; testa espaçosa, mas cahida para traz; cabellos negros; barba preta, crescida até lhe cahir no peito; mãos e pés pequenos.

Na audiencia do seu julgamento, apresentou-se todo vestido de preto, sobrecasaca, manta preta formando laço no peito, seguro por um alfinete d'ouro; botas de polimento; não trazia luvas — idade 39 annos.

Ao entrar, saudou o juiz e circumstantes, com sorriso affavel, dando á physionomia um ar de benevolencia.

A sala da audiencia, que é vasta, estava litteralmente cheia de espectadores, e todas as suas avenidas guardadas por sentinellas.

O reu sentou-se entre quatro soldados de caçadores, com os sabres-bayonetas nas bôccas das armas.

Presidiu a este julgamento, o integerrimo e energico doutor, o sr. Manuel Celestino Emygdio; e como agente do ministerio publico, o não menos digno doutor, o sr. João Thomaz Dias Urbano, ambos nomeados *ad hoc*, para este julgamento.

Como determina a lei, nos casos de crimes gravissimos — os jurados eram de trez comarcas.

E' de justiça, dar aqui os nomes d'estes nove cavalheiros, que, superiores ao temor da vingança dos reus; aos empenhos dos seus protectores; e a todas as mais considerações; tendo em vista sómente a imparcialidade, a justiça e a equidade, livraram, com o seu *veredictum*, estas terras, de semelhantes monstros. São os seguintes senhores:

Da Tábua — Cesar Augusto Figueiredo Costa — Agostinho Vaz Pato Abreu e Castro — Bartholomeu da Costa e Ornellas.

De Coimbra — Doutor Luiz Leite Pereira Jardim — doutor Urbano Henríques — doutor Elysiario Vaz Preto Casal — Joaquim da Costa Monteiro.

De Santa Comba-Dão — João Gomes de Leão — Francisco Rodrigues Neves.

João Brandão, tinha requerido a *separação do processo*, por isso, foi o unico julgado n'esta audiencia.

O jury, deu, por unanimidade, provado o crime com as suas circumstancias aggravantes, e por não provadas as attenuantes.

O juiz, impoz ao reu o maximo da pena comminada na nossa actual legislação — *degredo perpetuo, com trabalhos publicos.*

—

Assistiram a esta audiencia, entre outros cavalheiros, o sr. dr. *Trony*, como advogado do reu, que em um brilhante discurso, procurou (debalde) provar a innocencia do reu, com os depoimentos das testemunhas de defeza.

—

E' tambem justissimo, mencionar aqui os cavalheiros, que mais ou menos ostensivamente concorreram para o desenlace das horriveis tragedias que por tantos annos encheram esta parte do reino, de crimes monstruosos de toda a casta, de sangue, lagrimas e horrores.

João Brandão, um dos maiores facinorosos de que ha memoria nos annaes do crime, teve *sempre*, apezar da sua ferocidade, geralmente conhecida, strenuos protectores, sendo d'este numero, *personagens altamente collocados!* Alguns jornaes, tomaram a defeza d'este monstro, já publicando as suas correspondencias, e annotando-as encomiasticamente; já publicando artigos da sua propria lavra (d'elles jornaes) elogiando a *probidade, nobreza e cavalheirismo do monstro!*..... E' por isso que os homens de bem que se distinguiram n'esta crusada contra o o crime, a immoralidade, e a criminosissima tolerancia, são dignos do respeito geral, das pessoas honradas.

Eis a relação dos cavalheiros que mais se distinguiram, pugnando pela moralidade publica e pela justiça.

1.º — D. Francisco de Almeida Portugal, conde do Lavradio, par do reino.

2.º — D. Gastão da Camara Coutinho Perei-

ra de Sande, conde da Taipa, par do reino.

Ambos estes nobilissimos fidalgos, interpellaram por varias vezes o governo, por causa dos crimes frequentes, da Beira, pedindo severo castigo contra os facinorosos e seus protectores.

3.º — Joaquim Martins de Carvalho, proprietario e 1.º redactor do jornal conimbricense então denominado *Observador*, e actualmente *Conimbricense*. Este cavalheiro, por espaço de VINTE E DOUS ANNOS, pediu o mesmo que pediam os dous fidalgos nomeados: publicando por muitas vezes, artigos energicos contra as auctoridades que protegiam os scelerados.

4.º — Conselheiro Antonio Luiz de Souza Henriques Sêcco, lente da Universidade, e que sendo em 1858, secretario geral, servindo de governador civil, de Coimbra, dirigiu ao governo o relatorio de que já fallei.

5.º — Luiz Pereira Abranches, administrador do concelho de Oliveira do Hospital (na occasião da morte do infeliz padre Portugal) e que teve a coragem de agarrar o malvado, e desarmal-o, como fica dito.

6.º — Doutor João Vasco Ferreira Leão, em 1866, juiz de direito da comarca de Tábua, que instaurou o processo, e pronunciou os reus.

7.º — Doutor José Gonçalves da Costa Ventura, delegado do procurador regio, da mesma comarca, que cumpriu com sollicitude, os deveres do seu cargo, n'aquella espinhosa conjunctura.

8.º — Doutor Manuel Celestino Emygdio, juiz e presidente da audiencia do julgamento; commissão que desempenhou com a mais louvavel integridade.

9.º — Doutor João Thomaz Dias Urbano, agente do ministerio publico, na mesma audiencia, que, como o juiz, cumpriu os deveres que lhe impunha o seu cargo; e que na sua, tão brilhante como energica *oração*, provou evidentemente a culpabilidade do reu.

Relação dos assassinatos perpetrados por João Brandão (os que constam)

1.º — 1840 — O cabreiro da Serra da Estrella, proximo á villa de Gouveia.

2.º — 1842 — O doutor, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, então juiz de direito de Midões.

3.º — » — João Antonio Madeira.

4.º — » — Luciano da Cruz, cabo de esquadra do destacamento que o procurava.

5.º — » — José Simões.

6.º — » — Daniel Antonio Vaz.

7.º — » — Manuel Francisco de Santo Amaro.

Estes cinco ultimos, foram mortos no tiroteio, pelo João Brandão e parentes, contra a escolta que os procurava em 1842, quando elles andavam a monte, pela morte do juiz de direito.

8.º — 1845 — Manuel Rodrigues da Silva Brandão — *o Manuelzinho* — primo de João Brandão. Foi assassinado cobardemente, proximo a Midões, como fica dito.

9.º — 1847 — Um pobre homem da freguezia de N. Senhora da Purificação de *Curvellos*, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba-Dão.

10.º — » — Um primo de Francisco Coelho, administrador do concelho de Nellas. Foi este assassinato commettido no logar de Pindéllo, freguezia de Senhorim, concelho de Nellas.

11.º — 1849 — Estanislau Xavier de Pina, da freguezia da Varzea de Meruge, extincto concelho do Ervedal, hoje concelho de Oliveira do Hospital, comarca da Tá-

boa. Este infeliz era avô da que depois foi mulher de João Brandão, como vimos no logar competente d'este artigo.

12.º— » —Um individuo dos Fiaes, concelho do Carregal.

13.º—1851—Francisco Elysio da Silva Brandão, primo de João Brandão. De todos os Brandões, este era o menos cruel, e mais bem comportado—relativamente.

14.º—1852—Um individuo, de appellido Guimarães, do logar de Cabris, concelho do Carregal.

15.º—1854—(5 de outubro) — João Nunes (o ferreiro da Varzea da Candosa.

16.º—1866—[1] O padre José da Assumpção Portugal.

—

Os meus leitores de bôa-fé, de certo julgam que justiça foi feita, e que, estando o malvado na Africa, os seus protectores do reino o tinham abandonado completamente á sorte merecida, e que João Brandão, acorrentado a outro facinoroso, era, no degredo, empregado em trabalhos. Que illusão! O monstro, foi tratado em Loanda com as maiores attenções, como se fosse um grande senhor, nunca andou á grilhêta, como devia andar, se se cumprisse a justissima sentença; e teve sempre plenissima liberdade, gozando em paz o fructo dos seus numerosos roubos.

No degrêdo, andava por onde queria e melhor lhe convinha. Sabendo que o clima de Mossamedes era mais saudavel do que outro qualquer da costa d'Africa, e que alli havia terrenos uberrimos que se podiam cultivar facil e vantajosamente, foi para aquella nossa colonia, onde estabeleceu a sua faustosa residencia, e fundou um grande estabelecimento de distilação de aguardente.

Julgando-se em Mossamedes nos seus felizes tempos dos annos de 1840 a 1866, quiz ser tratado como grande senhor, e senhor despotico da terra.

Isto desagradou ao governador, que pretendeu mandar-lhe lançar os ferros, e obrigal-o a trabalhar nas obras publicas, como determinava a sentença, que desde o principio do degredo devia ser cumprida. Foi porém avisado a tempo, e fugiu para o *Bihé*, no interior.

Eis o que a similhante respeito se lê no illustrado jornal valenciano *O Noticioso*, de 30 de novembro de 1880.

«Os jornaes teem dado a noticia de ter fallecido no dia 20 de setembro passdo, a trinta kilometros de Catumbella, na propriedade do sr. Coimbra Vianna, o famigerado terror da Beira, João Brandão, que para alli se refugiára desde que fugira de Benguella.

«Muitas pessoas ha que não acreditam em tal fallecimento, e suppõem que a noticia fôra espalhada de proposito para encobrir uma nova fuga que aquelle malvado planeou para vir ao reino.

«Disse-se tambem, ha tempo, que João Brandão possuia valiosas propriedades que tinha comprado na Africa, que negociava com os productos d'ellas e que dispunha de muitos meios. O dinheiro, como é sabido, faz com que muita gente deixe de cumprir com os seus deveres, e por isso póde muito bem ser que a noticia do fallecimento seja um embuste para encobrir e facilitar o regresso á patria d'aquelle perverso.

«Augmentam ainda estas suspeitas a circumstancia de ter chegado ha pouco d'Africa um sobrinho de João Brandão, trazendo volumosa bagagem e outros objectos, alguns dos quaes pertenciam áquelle celebre condemnado. Todas estas circumstancias devem pôr de sobre aviso o governo e as auctoridades da Beira, para obstar a que, no caso de não ser verdade tal fallecimento, não tenhamos a lamentar novos crimes.»

—

Parece que, com effeito, morreu em Bihé, aquelle horrivel facinoroso, em setembro de

---

[1] E' provavel que nos 12 annos que decorreram de 1854 a 1866, o monstro commettesse mais assassinatos, mas não pude obter esclarecimentos a este respeito.

Note-se que João Brandão, era cobarde, como são quasi todos os assassinos. Ou matava á falsa fé, ou juntava um grande numero de malvados, para assassinar um unico homem.

1880, ficando a humanidade livre de similhante monstro. Segundo uma parte official do governador de Mossamedes, foi achado o seu cadaver, no Bihé, e a cabeça (que lhe devia ser cortada em vida) lhe foi cortada depois de morto, e enviada para Loanda, como prova do seu fallecimento.

—

Resumi quanto me foi possivel, esta narração, despresando muitos artigos de jornaes (apezar de interessantes) com respeito a esta maldita *raça de tigres*: mesmo assim, sahiu bastante longo, do que peço desculpa aos assignantes, que m'o não exigiram. A'quelles que repetidas vezes m'o tem pedido, peço desculpa da exiguidade do artigo; lembrando-lhes que a negra historia dos Brandões e seus *camaradas*, exigia um livro especial, e não o artigo de um diccionario, que tem de tratar de tantas e tão variadas materias.

VÁRZEA DE CARVOEIRO — aldeia, Douro, na comarca, concelho e 14 kilometros ao N.E. da Feira — e na freguezia de São Pedro do Canêdo.

Esta aldeia é muito mais antiga do que a monarchia portugueza, e foi parochia, que já existia como tal, em 897. Para evitarmos repetições, vide no 2.º vol., pag, 87, columna 2.ª.

Hoje dá-se a esta aldeia, o nome de *Varzea do Canêdo*.

VARZEA DE CAVALLEIROS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 370 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo. É no patriarchado (por ser do grão-priorado do Crato, que, no espiritual, está annexo áquelle) districto administrativo de Castello-Branco.

O *Portugal Sacro*, não traz esta freguezia.

Houve aqui uma batalha, dada por D. Affonso III (quando ainda era infante regente) contra o rei de Castella, que pretendia repôr no throno, o nosso D. Sancho II. — N'esta batalha, D. João Pires Amaya, cavalleiro portuguez, de sete lançadas, matou sete leonezes.

O rei de Castella, em vista das razões que lhe apresentaram os nossos bispos, approva os *factos consummados*, e retira para Hespanha. Para evitarmos repetições, vide no 8.º vol., pag. 72, nota da col. 1.ª.

Foi d'esta batalha, em que os portuguezes ficaram vencedores, e na qual muito se distinguiram os *cavalleiros* das ordens militares, que á terra (que só se denominava *Varzea*) se lhe deu o *sobrenome dos Cavalleiros*.

Muito fertil em cereaes; montados, e caça, grossa e miuda.

VARZEA DE CAVALLOS — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Lobão, comarca e concelho de Tondella. N'esta aldeia nasceu, em novembro de 1732, José de Seabra da Silva, o celebre ministro de D. José I e de sua filha, D. Maria I — Vide o 2.º *Lobão* e *Torre de Vilella*.

VARZEA DE COSELHAS — logar, Douro, suburbios de Coimbra.

Os arrabaldes de Coimbra são afamados pela sua muita formosura.

Os viçosos campos, pomares e bosques silvestres das margens do Mondego; os montes e valles por toda a parte verdejantes; a agua rebentando em fontes ou correndo em ribeiros; tudo isto são justos titulos para essa fama.

A formosa e fertil varzea, ou ribeira de Coselhas, perto de Cellas, onde existe a ermida de Santa Comba.

A ermida, segundo a tradição, foi construida no mesmo logar onde soffreu o martyrio uma formosa e santa virgem, chamada *Comba*, corrupção de *Colomba*, pomba.

Diz-se que esta virgem viera ter alli, fugida aos requestos de um individuo romano ou arabe, muito poderoso; e, recusando-lhe a mão de esposa, apesar das vantajosas e tentadoras promessas que lhe foram feitas por esse individuo, ao deparar com ella embrenhada n'uma densa selva que havia n'aquelle sitio, foi mandada, ali mesmo, crucificar.

Os restos mortaes da santa, permaneceram por muito tempo em uma ermida, que se construiu no mesmo sitio, mas depois foram trasladados para Coimbra.

A actual capella não é a primitiva, é reedificação d'aquella, e feita em 1612; está em estado de ruina.

A Fonte da Santa tambem está desmantelada. Fica n'uma propriedade do sr. visconde da Bahia.

VARZEA DO DOURO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Marco de Canavezes (foi da extincta comarca de Soalhães, supprimido concelho de Bem-Viver) 35 kilometros a E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos. Em 1768, tinha 96.

Orago, São Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, a mitra, o mosteiro de conegos de Santo Agostinho (cruzios) de Villa-Bôa do Bispo, e o mosteiro de S. João de Alpendurada, apresentavam o abbade, que tinha 320$000 réis de rendimento annual.

Fica esta freguezia, no concavo de um monte, com duas bellas casas no alto, sendo a encosta bem cultivada e abundante de *arvores de vinho* (arvores sustentando videiras.) O Douro principia aqui a ter um grande declive, até Entre-os-Rios.

O territorio d'esta freguezia, é incontestavelmente habitado desde tempos remotissimos — talvez desde tempos pre-historicos, porque na margem opposta do Douro (esquerda) e a pouca distancia da extremidade meridional d'esta freguezia (que chega até a margem direita do mesmo rio) está o dolmen singular de que fallei no vol. 2.º, pag. 185, col. 2.ª, ultimo periodo.

Vê se a pag. 79, das *Noticias archeologicas de Portugal*, do doutor Emilio Hübner, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1871, que n'esta freguezia foi achada uma lapide romana, transcripta por João Pedro Ribeiro, que diz —

TAMEOBRIGO
POTITVS
CVMELL
VOTVM
PATRIS
S. L. M.

Tambem junto ao mosteiro de Alpendurada, que fica pouco acima d'esta freguezia, se teem encontrado outras lapides, com inscripções romanas.

Já vimos que em *Thuias*, tambem proximo a esta freguezia da Varzea, ha inscripções romanas.

É isto uma prova de que no tempo dos romanos, já essa freguezia era habitada.

É terra fertil em todos os fructos do nosso clima; cria muito gado, de toda a qualidade; é abastecida de excellente peixe do Douro, e do mar, que lhe vem por este rio, e tambem por elle, faz muito commercio, de importação e exportação, com a cidade do Porto.

A quinta da Varzea do Douro, que dá o titulo de barão, ao sr. José Garcez Pinto de Madureira, é uma linda vivenda, n'um pequeno valle, mesmo sobre a direita do Douro. Os que desejarem saber mais amplas noticias sobre esta distincta familia, *Madureira*, vejam no 5.º vol., pag. 546, col. 2.ª e seguinte.

VARZEA DE GÓES — freguezia, Douro, concelho de Góes, comarca de Arganil, 30 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa. 330 fogos. Em 1768, tinha 192.

Orago, São Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os condes de Villa Nova (de Portimão) apresentavam o vigario, que tinha 60$000 de rendimento annual.

A esta freguezia está annexa ha mais de 150 annos, a antiga freguezia da *Chapinheira* — por isso, se diz vulgarmente — *Varzea de Góes e Chapinheira*.

Chapinheira, é corrupção de *Sapinheira* ou *Sapineira*, e significa o mesmo que *Abetureira* (vide esta palavra) ou bosque de *abétos*, ou *pinheiros alvares*. É antigo gallicismo, provavelmente introduzido na Lusitania pelos gallos-celtas, pelos nórmandos, ou pelos gascões. Vem do francez *sapin* (abéto.)

Os italianos dão a esta arvore, o nome de *sapino*; e é d'aqui que provém a palavra portugueza — *chapim* (especie de calçado) — porque em Italia se faziam tamancos de *sapino*.

É n'esta freguezia da Varzea de Góes, a *quinta da Costeira*, do sr. Antonio Maria Barata. Em julho de 1877, andando a concertar o tijolo do pavimento da capella d'esta quinta, acharam grande porção de peças de 8$000 réis, debaixo de uma pedra.

A egreja matriz, foi restaurada em setembro de 1881, á custa do povo, dando o governo 1:000$000 réis do cofre das bullas, para a ajuda d'estas obras.

Fertil. Gado, de toda a qualidade, e caça.

VARZEA DE LAFÕES — freguezia, Beira Alta, comarca de Vousella, conselho de São Pedro do Sul, 18 kilometros ao N.O. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 250 fogos. Em 1768, tinha 129.

Orago, Nossa Senhora da Espectação, ou do Ó. (O *Portugal Sacro*, diz que é S. Sebastião, martyr.)

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Os senhores da casa da Trôfa (Lemos) apresentavam o abbade, que tinha 480$000 réis de rendimento annual.

É n'esta freguezia a antiquissima villa do Banho, que foi cabeça do couto do seu nome.

Para cabal conhecimento das cousas d'esta freguezia, é indispensavel ver o 3.º *Banho*, na col. 1.ª e seguintes, do 1.º volume, pag. 317.

A quinta e castello da Cavallaria, (d'esta parochia) de que fallo no logar citado do 1.º volume, e a cujo castello se dá o nome de *Paço de Vilharigues*, era tambem coutada. Vide *Paço de Vilharigues* [1]

No dia 10 de setembro dê 1876, falleceu, na sua residencia, o abbade d'esta freguezia, o reverendissimo *José dos Santos Amaral*.

Era homem caridoso, e de uma prudencia e paciencia inexcediveis; o abbade modelo, a quem pessoas de todas as classes tributavam homenagem, e ligavam justa consideração; emfim o homem de um raro tacto para conviver pacificamente com uma freguezia inteira (o que não é trivial), sem menosprezar o rico ou o pobre, e sem dirigir um vilipendio, uma palavra pesada, ou uma censura a ninguem.

O seu funeral foi singelo e despido de pompa, porque — vivo — assim o recommendára: não era affecto ás vaidades mundanas.

Os seus parochianos, presentes a estes actos funebres — manifestavam, chorando, o seu sentimento, a sua magua, e a sua profunda pena — pelo seu pastor, que muito lhes valéra em muitos revezes, afflicções, e necessidades.

Na vespera do seu ultimo dia, ainda chamou o seu confessor, para perdoar-lhe algumas culpas, se é que as tinha; depois, experimentando se podia engulir uma particula sagrada, murmurou, triste: — Não póde ser!... Póde haver perigo!

Os olhos d'aquelle martyr de tantas dôres — já vidrentos, denunciavam a proximidade do seu momento final.

Á uma hora e tres quartos da tarde, expirou tranquillo e socegado, como um justo.

A sua sepultura é em frente da porta principal da Egreja.

Esta freguezia, é povoada desde tempos mui remotos. O que vulgarmente se chama hoje *Terra de Lafões* (a comarca de Vouzella) tinha no seculo x a denominação de *Terra de Alahoveinis*, *Alahobeinis*, *Alahoem*, *Alaphoen*, e *Alafoii*. (Vide *Lafões*, *ou Alafões*.)

Na *Benedictina Lusitana* (trat. 1.º, cap. VIII) está uma doação, feita por Sancho Ortiz, em 865, na qual diz que seu irmão, Paio Ortiz, lhe dera a *villa de Ortiz* «pro parte mea de Monasterio S. Christophori de Alafois, Ordinis Nigrorum S. Benedicti.»

Mesmo como parochia, já esta freguezia de Varzea é antiquissima, pois em 1070, Ximena Garcia, fez doação a Alvito Sandezi, da *oitava parte da egreja de Santa Maria da Varzea* «in territorio *Alahoveinis*. A doadora fez esta doação» pro qui liberasti me

---

[1] A quinta da Cavallaria, é hoje propriedade do sr. João Correia de Oliveira, de Vousella, que restaurou a casa e melhorou muito a quinta. Os antigos senhores da casa da Cavallaria e paço de Vilharigues, é que punham as justiças do couto do Banho, do qual eram senhores.

de manu de Joanne Arias, *qui me volebat concubare sine mea voluntate.*

Esta carta de doação, foi feita no 1.º de maio da era de MCVIII (20 d'abril de 1070) «*Regnante Adfonsus Princeps, in Galicia; in Bracara, Petrus, Episcopus; in Columbria, Sisnandus, Alvazir. Mandante Aalhoveinis Piniolo Garcias.*» O sacerdote Sindéa, a escreveu e assignou.

Ha porém n'esta carta de doação, ou anachronismos, ou erro de copia. D. Affonso, só reinou em Portugal e na Galliza, em 1071 (era de Cesar MCIX) depois de vencer e aprisionar seu irmão, o infeliz D. Garcia, ao qual o vencedor mandou arrancar os olhos, e encerrar no *Castillo de Luna*, onde morreu. (Vide *Alfaiates.*)

D. Pedro, tambem só foi eleito bispo de Braga, em julho da era de Cesar, 1109 (1071 de J. C.) — Em ambos os casos, o anachronismo é apenas de um anno.

—

É n'esta freguezia a ermida de *Nossa Senhora da Nazareth.*

Segundo o *Santuario Mariano* (tomo 5.º, pag. 273) a origem d'esta ermida, é como se segue.

No districto d'esta freguezia, se vê *uma grande pedra.* Em uma ponta da mesma, que está toda ôca, ou varada, pela parte inferior, se achou uma imagem da SS. Virgem, pelos annos de 1610, e á qual o povo principiou a dar o titulo de Nossa Senhora da Nazareth, e lhe construiu uma ermida, no ambito da qual, ficou a pedra onde a Senhora apparecêra. Instituiu-se-lhe uma irmandade, para cuidar do templosinho, e fazer a festa á sua padroeira.

Do *Santuario Mariano*, collige-se que do penedo onde appareceu a imagem da Senhora, manou antigamente petroleo.

A ermida actual, não é a primitiva. Esta é pequena, e está junto ao penedo da apparição, mas não o continha. Depois é que se construiu a que agora existe, mais ampla, servindo o tal penêdo de docel ao altar da Senhora. A antiga, porém, não se demoliu, mas ficou ao pé da nova, (a 17 metros de distancia.) Ambas são em sitio êrmo e solitario, junto ao rio Vouga, que lhe passa proximo.

Perto das ermidas, rebenta de umas fragas, uma copiosa fonte de optima agua potavel, á qual o povo attribue grandes virtudes medicinaes.

Esta Senhora da Nazareth, foi objecto de grande devoção, dos habitantes d'estas terras, que lhe faziam muitas romarias, e offereciam grandes esmolas.

Tinha um eremitão, apresentado e pago pela irmandade, e que servia tambem de *andador*, e de avisar os irmãos, para as precisas reuniões.

VARZEA DO MARÃO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros a E. N.E. de Braga, 54 ao N.E. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos. Em 1768, tinha 37.

Orago, São João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho (Cruzios) do convento de *Caramos*, apresentavam o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé de altar.

É terra pobre, muito fria, e pouco fertil. Cria bastante gado, e é abundante de caça, grossa e miuda.

VARZEA DE MERUGE [1] — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Céa (foi da comarca de Gouveia, extincto concelho do Ervedal) 70 kilometros de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 110 fogos. Em 1768, tinha 35. Orago, São Thiago, apostolo. Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

El-Rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e ordens, apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. O prior, apresentava os curas das freguezias de Torrozêllo, e Carrozêllo.

Era natural d'esta freguezia, o infeliz capitão de voluntarios realistas de Céa, Esta-

---

[1] O *Portugal Sacro*, quando trata d'esta freguezia, da-lhe o nome de *Varzea de Merugem*, mas á freguezia de *Meruge*, do concelho de Oliveira do Hospital, que é proxima, chama-lhe *Maruja.* Não sei a causa d'esta differença de nomes.

nislau Pinto de Abranches e Pina, assassinado cobardemente pelo facinoroso João Brandão, a 8 de janeiro de 1850.

Esta freguezia, como todas as mais d'estes sitios, soffreu muito, durante os 35 annos de terror, em que as quadrilhas dos dous negregados ramos dos Brandões, assolavam esta parte da Beira Alta.

Vide *Midões*, do concelho de Tábua, e *Varzea da Candoza*.

É terra fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado, principalmente miudo, e ha por aqui abundancia de caça, grossa e miuda, do chão e do ar.

A egreja matriz era antiquissima, mas a sua abobada cahiu em 1810 e nunca mais se reedificou. Depois lhe demoliram a capella-mor. As paredes do corpo da egreja foram arrazadas até á altura de 2 metros e o seu ambito está servindo de cemiterio parochial.

Ainda existe o portico da velha egreja. É de architectura gothica e revela grande antiguidade.

Está servindo de matriz a ermida de S. Sebastião.

Foi commenda da ordem de Aviz e os meus priores (até 1834) só podiam ser freires d'aquella ordem.

Tinha dous curatos da apresentação do prior — Carragozêllo (ou Carragozêla) que no fim do seculo XVIII se tornou freguezia independente, e Torrozello, que o é desde 1836.

Parte do E. com Torrozêllo — O. com Meruge — N. com Santa Eulalia de Cêa — e S. com Folhadosa.

Compõe-se de trez aldeias — *Varzea de Cima*, onde está a matriz provisoria — *Varzea de Baixo*, com uma ermida de S. Simão — *Arcozello*, com a ermida de Nossa Senhora do Ó, ou da Graça.

Todas as trez ermidas d'esta freguezia, são muito antigas, mas não se sabe quando ou por quem foram fundadas.

Tem alguns edificios particulares que denotam grande antiguidade; apezar das recentes reparações.

A freguezia é situada em um valle (do que lhe provêm o nome) e cortada por um rio, denominado *Ribeira Furtada*, por ser tirado do rio Alva, nas alturas de N. Senhora do Desterro; e cortado n'esta freguezia por duas informes pontes, uma na Varzea de Cima e outra na Varzea de Baixo.

As margens d'este rio, planas e bem cultivadas, são muito formosas e de grande fertilidade, sobre tudo, em vinho, azeite, milho, trigo, centeio e legumes. O seu clima é excessivo, porém muito saudavel.

—

Agradeço ao rev. sr. José Maria dos Santos, digno prior d'esta freguezia, as informações que me deu para este artigo. Ainda bem que não fez como os outros seus collegas do concelho de Cêa, a quem pedi o mesmo obsequio e que nem se dignaram responder-me.

VARZEA DE MOURÕES — logar, Alemtejo, 2 kilometros ao N. de Castello de Vide, na folha da Ameixoeira. Este sitio foi habitado nos tempos pre-historicos, e ainda aqui se veem os restos de um dolmen pre-celtico.

VARZEA DA OVELHA E ALIVIADA (vulgo, *Alviada*) [1] — freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 54 kilometros ao N.E. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 360 fogos. Em 1768, tinha a Varzea da Ovelha 150 fogos; e Aliviada, 36 — ao todo, 186. — O orago da Varzea, é Santo André, apostolo — e o de Aliviada, é S. Martinho, bispo. Bispado e districto administrativo do Porto.

Os duques de Lafões, apresentavam o abbade de Varzea, que tinha 750$000 réis de rendimento annual, mas o *Catalogo dos bispos do Porto*, diz que são 350$000 réis — e a mitra apresentava o abbade da Aliviada, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Estas duas freguezias, estão unidas, desde o fim do seculo passado.

A egreja matriz é muito antiga; mas não se sabe quando ou por quem foi fundada.

Ha n'esta freguezia a *casa da Cava*, da familia Pereira, cujo actual representante é o sr. José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, feito 1.º visconde de Leiria, a 20 de

---

[1] O *Catalogo dos bispos do Porto*, dá-lhe o nome de *Labiada*.

outubro de 1862. É filho da sr.ª D. Maria Benedicta de Vasconcellos e Lemos, feita baroneza de Leiria, em 27 de abril de 1842. Era filha natural, legitimada, de outro José de Vasconcellos Bandeira de Lemos, feito 1.º barão de Leiria, no 1.º de outubro de 1835 [1]. Era commendador das ordens de Torre e Espada, São Bento de Aviz e Conceição — condecorado com a cruz de prata pelas campanhas da guerra peninsular; e com a Estrella d'Ouro, pela do Rio da Prata; e por S. M. Catholica, com a da batalha da Victoria — deputado ás cortes, em 1834 e 1836 — tenente general do exercito. Nasceu em fevereiro de 1795, e é fallecido. (Não é preciso dizer que nem elle, nem seus descendentes, teem na cidade de Leiria, senão o titulo.)

Era filho de Ignacio de Vasconcellos Bandeira de Lemos, cadete de artilheria, proprietario do officio do almoxarifado da casa de Bragança, na villa de Barcellos, onde exerceu os cargos da vereação. Fallecido a 29 de junho de 1835. Era casado com D. Anna Joaquina de Souza e Vasconcellos, tambem já fallecida.

Foram filhos d'este matrimonio —

1.º *D. Maria Benedicta*, que casou com Francisco Maximo de Villas-Bôas Palmeiro. (Era tia da baroneza de Leiria, do mesmo nome.)

2.º *Antonio de Vasconcellos Bandeira de Lemos.*

3.º *José de V. B. de Lemos*, o dito 1.º barão de Leiria.

4.º *D. Luiza Leonor.*

Todos já fallecidos.

—

No districto da antiga freguezia da Aliviada, ha a antiga e nobre *casa de São Martinho*, da illustre familia *Cunha.*

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 424) diz que no districto da Varzea ha trez ermidas — *Nossa Senhora de Valladares — Santa Marinha — e São Lourenço.* Quando se publicou este livro (1623) ainda estas duas freguezias estavam separadas, e o estiveram ainda, mais de 150 annos,

VARZEA DE SANTAREM — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, e districto admnistrativo e 8 kilometros ao N. de Santarem, 83 ao N.E. de Lisboa, 311 fogos. Em 1740, tinha 150 — e em 1768, tinha 190. — Orago, Nossa Senhora da Conceição (ou Nossa Senhora da Varzea.) É nò patriarchado.

O prior da freguezia de São Martinho, de Santarem, apresentava o cura, que (segundo o *Portugal Sacro*) tinha 60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, mosto, dous cantaros de azeite e 3$600 réis em dinheiro, que lhe pagava o commendador, mórgado da Oliveira — mas aqui ha trapalhada — a verdade é esta — A collegiada da parochial egreja de S. Martinho, de Santarem, recebeu os dizimos d'esta freguezia, até 1833, e apresentava o cura, ao qual pagava os generos, e que, além d'isso, recebia o pé de altar — e o tal mórgado de Oliveira é que lhe dava os 3$600 réis em dinheiro.

Hoje o parocho da Varzea, tem o titulo de prior, e recebe dos parochianos, 150 mil réis de congrua e o pé do altar.

—

O povo d'esta freguezia, além do que habita os logares da *Varzea, Outeiro, e Villa-Gateira* (ou *Vil-Gateira*) está espalhado por varios outros logares, casaes e quintas, em uma superficie de 25 kilometros quadrados, aproximadamente; recortada por montes ou cabeços mais ou menos elevados, e por *varzeas*, regadas por alguns ribeiros e regatos, de optima agua potavel, que rega e fertiliza esta terra, em parte, coberta de olivaes, vinhas e pomares de excellentes fructas, e o resto, são terras de pão, pelo que é esta uma das mais ricas e ferteis freguezias do districto administrativo de Santarem, como o prova o progressivo augmento da sua população.

A egreja matriz, está na extremidade NE. da freguezia, em logar alto, com bellas e extensas vistas. Segundo a tradição, foi originariamente, uma ermida, dedicada ao archanjo S. Miguel (vulgarmente, *das Almas.*)

---

[1] Obteve este titulo como premio da ignobil carnificina de Leiria, em 15 de janeiro de 1834. (Vide no 8.º vol., pag. 335, col. 2.ª, e a nota 2.ª da mesma columna.)

Se isto é verdadeiro — e não ha motivo algum para deixar de lhe dar credito — foi em tempos tão remotos, que nem no archivo da egreja ha memoria de tal origem[1] Tambem se ignora quando foi construida a tal ermida de S. Miguel, e quando foi elevada a egreja matriz.

Na capella mór, existe uma campa raza, com esta inscripção —

ESTA SEPVL
TVRA QVEEIS
HE DO PADR
E IOAM LVIS
ELE PEDE A
QVEM PARA
ELA OLHAR
OM HUM PA
DRE NOSO O
QUEIRA AIV
DAR 1646

É um templo vasto, pois mede, de comprimento, desde o arco cruseiro até á porta da frente 25m,5 — e de largura, 6m,2 — A capella-mór, tem de comprimento 5m,5 e de largura 4m,6.

Sobre a porta principal, está o côro, assente sobre duas columnas de cantaria lavrada, com capiteis de ordem corynthia.

O retabulo da capella mór e o throno são de talha dourada.

Além do altar-mór tem quatro no corpo da egreja, sendo um, a capella do SS. Sacramento.

Em um dos altares lateraes, está a imagem de Nossa Senhora da Graça. É de pedra e denota grande antiguidade, e julga-se pertencer á antiga egreja matriz.

É um templo muito bem conservado, ornado com grande aceio, e com todos os paramentos e alfayas necessarias para o culto divino; tudo devido ao zelo e esmolas dos parochianos, pois é esta freguezia uma das mais religiosas do districto administrativo de Santarem: concorrendo para isto o seu encommendado prior, o rev. sr. padre Antonio de Carvalho, um parocho muito illustrado e sollicito no cumprimento dos seus deveres.

A antiga egreja parochial, era no centro da povoação, e a uns 100 metros do logar de *Pero Filho*, em uma *Varzea*, que deu o titulo á padroeira e á freguezia.

Estava edificada junto a um ribeiro, que no inverno, havendo grandes chuvas, inundava o templo. Sendo roubada e profanada pelos francezes, em 1810, ficou desde então servindo de egreja matriz, a antiga capella no sitio do *Outeiro*.

O antigo templo, depois de profanado, foi demolido, ha poucos annos, e os seus materiaes, empregados no adro da actual egreja.

Este adro serve de cemiterio parochial. É todo murado, e com duas entradas. D'elle se gosa um formoso panorama.

Havia n'esta freguezia, duas confrarias — a de Nossa Senhora da Conceição, e a das Almas — que deixaram de existir, desde 1810. Hoje só aqui ha a irmandade do SS. Sacramento, que tem compromisso com muitos confrades, e muito prospera.

As principaes povoações d'esta freguezia, são — *Varzea* (hoje denominada *Pero Filho*) *Alcobacinha*, *Aramênha*, *Arroteias*, *Graínho*, *Outeiro*, *e Villa-Gateira* (ou *Vil-Gateira*) todas com 191 fogos. As quintas, granjas e casaes, teem 120 fogos, ao todo 311, como se disse no principio d'este artigo.

Tem as quintas seguintes:

Amendoeira, *Granja*, *Freixo*, *Laranjeira*, *São Martinho*, *Mafárra*,[1] *Mata-o-Demo*, (!) *Narciza*, *Moxo*, *Pimenteira*, *Poço*, *Rosario*, e *Quintinha*.

Havia n'esta freguezia, dez ermidas, com diversas invocações. Todas foram profanadas pelos soldados de Massena, em 1810. Hoje apenas existem trez — uma publica, e duas particulares — são —

1.ª — publica — *Santo Antonio de Lisboa*, no logar de Villa-Gateira. É objecto de grande devoção dos habitantes d'este logar, que no dia proprio (13 de junho) lhe fazem uma

---

[1] O archivo da egreja d'esta freguezia, foi destruido em 1810, pelas hordas do general jacobino, Massena, e os papeis que hoje alli existem, são todos posteriores áquella data.

[1] Mafarra é corrupção do substantivo árabe *Mahfarra*, que significa *cóva*. Outros pretendem ser corrupção de *Mafalda*. Veja adiante.

explendida festa. É uma boa ermida, com seu optimo alpendre.

2.ª —particular — *Nossa Senhora da Piedade*, na quinta da Amendoeira, pertencente ao sr. Pedro de Souza Canavarro. É junto ao logar de Pêro Filho. A imagem da padroeira, é de barro. A ermida é muito pequena, mas está bem conservada.

3.ª — particular — *Nossa Senhora da Conceição*, no logar de Aramênha. Pertence ao reverendo padre Antonio Fragoso de Rhodes, prior collado d'esta freguezia. A ermida, tem tambem um bom alpendre. Está bem conservada.

Manuel de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne

Tinha aqui varias propriedades, que hoje são dos seus herdeiros, um cavalheiro de Santarem, que por esquecimento não foi na descripção d'aquella cidade, é —

O conselheiro *Manoel de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne*, fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da ordem de Christo, desembargador aposentado, com as honras de conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Nasceu em Santarem, a 24 de fevereiro de 1790, e falleceu na mesma cidade, a 5 de outubro de 1680.

Era filho do desembargador e conselheiro João de Sampaio Freire de Andrade, e de D. Barbara Gertrudes Tavares de Souza Cirne.

Tomou o grau de doutor, em 3 de julho de 1813. Entrou para a magistratura, como corregedor do crime, do bairro de Belem, (logar a que era annexo o de provedor de Oeiras) por despacho de 7 de setembro de 1815. Foi nomeado desembargador da Relação do Porto, em portaria de 16 de junho de 1821. Em 1829, foi mandado servir na *Casa da Suppliciação*, de Lisboa, emprego que exerceu até 23 de julho de 1833. No dia seguinte, entrando na capital a columna do duque da Terceira, não se quiz apresentar aos liberaes, mas não retirou de Lisboa, onde foi — pelo seu bom comportamento — sempre respeitado dos seus inimigos politicos apesar da sua dedicação ao partido legitimista.

Sendo desembargador da Relação do Porto, foi nomeado membro da alçada (de execranda memoria) para o julgamento dos crimes politicos, commissão a que honrosamente se soube eximir, pelo que se tornou respeitavel tanto aos realistas honrados e leaes, como aos seus adversarios; estimando indistinctamente uns e outros, tendo verdadeiros amigos, parentes e condiscipulos em ambos os campos.

Entre os liberaes seus condiscipulos se contavam, o marquez de Sá da Bandeira, (seu patricio); o conde do Bom-Fim o 1.º conde de Fornos de Algodres (João Maria d'Abreu Castello-Branco, fallecido em 1878); o conselheiro Elias da Cunha Pessôa; seu primo, Manoel Ignacio de Sampaio e Pina, feito 1.º visconde da Lançada, a 10 de janeiro de 1849; e outros que seguiram o partido liberal; além dos que se dedicaram á legitimidade.

Em setembro de 1836, por fallecimento de seu tio materno, Manoel Euzebio Tavares de Souza Cirne (que tinha sido tenente coronel, commandante do batalhão de Voluntarios Realistas, de Santarem) herdou o mórgado dos Cirnes, vindo residir então, para a terra da sua naturalidade.

Pela morte de outro seu tio, tambem materno, o padre Antonio Philippe Tavares de Souza Cirne, bacharel formado em canones, e cónego de Santa Maria de Alcáçova, herdou o resto da casa dos Cirnes.

Casou, em Santarem, com a sr.ª D. Maria Guilhermina de Barros Sampaio Cirne, esposa virtuosa e exemplarissima.

Teve d'este matrimonio, trez filhos—dous que falleceram na infancia, e o sr. Guilherme de Sampaio Freire de Andrade de Souza Cirne, fidalgo cavalleiro da casa real hoje representante d'esta illustre casa, nascido em 1849, e casado com a sr.ª D. Amelia da Conceição Holbeche de Oliveira Granate. Ha d'este casamento (até hoje) cinco filhos.

—

O artigo que acaba de lêr-se, com respeito á freguezia de Várzea de Santarem, assim como o de *Villa-Gateira* (que ficará para esta palavra, para não fazer mais extenso este artigo) devo-os ao meu illustrado e presadissimo amigo, o sr. Paulo Maria da Costa Barros, da quinta da Laranjeira, em Santarem; pelo que lhe dou os meus cordiaes agradecimentos.

Se todos os cavalheiros amantes das terras que lhes foram bérço, imitassem o sr. Costa Barros, este diccionario seria mais extenso, porém bem mais perfeito. Honra pois a este meu esclarecido amigo e distinctissimo cavalheiro.

Esta freguezia, é a mais rica, da comarca de Santarem.

As doze quintas que ficam mencionadas, são todas optimas.

A da *Granja*, da qual é hoje proprietario, o sr. Manoel Nicolau d'Abreu Castello-Branco, 3.º conde de Fornos d'Algodres, que costuma residir aqui por muitas vezes, e grandes temporadas, é uma vivenda magnifica.

A da *Mafárra*, era do Estado, que, incluida nos *proprios nacionaes*, foi vendida, ha poucos annos, e hoje é propriedade particular.

Diz o povo d'aqui, que n'esta quinta viveu e morreu, uma *princeza*, D. Mafalda.

É verdade que na capella da quinta está um tumulo, onde existe o cadaver de um individuo (homem ou mulher) mas a inscrição está tão apagada, que apenas se póde lêr — *Mafalda.* — Não se sabe se o cadaver é d'essa mulher, ou de pessoa que lhe pertencesse: de princeza, certamente não é, porque não ha princeza nem infanta (legitima ou bastarda) que se chamasse Mafalda, desde D. Affonso II, inclusivé, até aos nossos dias.

Só tivemos duas filhas de reis, que se chamassem Mafaldas — a 1.ª filha de D. Affonso Henriques, que foi enterrada em Coimbra — a 2.ª, filha de D. Sancho I, é a rainha Santa Mafalda, que morreu no mosteiro de Arouca, e lá está sepultada.

Póde no tal tumulo da quinta de Mafárra, estar o cadaver de alguma senhora que se chamou Mafalda; mas, com certeza, não era filha de nenhum dos nossos reis.

Tambem não acredito que Mafárra seja corrupção de Mafalda. Na minha opinião, é, como já disse, corrupção de *Mahfara* — a cova; porque, effectivamente, esta quinta está em uma baixa.

VÁRZEA DA SERRA — freguezia, Beira-Alta, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 15 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1724, tinha 105, e em 1768, 116.

Orago, S. Martinho, bispo.

Districto administrativo de Viseu.

O abbade de Lalim, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar — ao todo, uns 50$000 réis.

Ha n'esta freguezia, as ermidas de *Santa Barbara*, e a de São Sebastião.

Foi villa. Nunca teve foral, antigo ou moderno, mas tinha grandes privilegios, pois era uma das dés *beetrias* d'este reino.

Beetrias, behetrias, béatrias, ou *byatrias* (pois de todos estes modos se costumava escrever esta palavra) significava a terra cujo povo podia escolher livremente, e todas as vezes que quizesse, o senhorio que mais lhe agradasse, despedindo o antecedente, se lhe não fazia conta.

Em alguns documentos antigos, se vê escripto *benefactorias*, como synonymo de *beetrias*.

Oihenet, nas suas *Noticias de Vasconia*, 48 fim, diz que *behetria*, vem de *Beretiriac*, que quer dizer — *Cidades suas*, ou de *direito proprio*. Ou tambem *Bet Iriac*, que significa *pequena cidade* situada em logar baixo e remoto; e principalmente internada nos montes asperos, em que se usava construir fortificações, para sua defeza; ficando a povoação na encosta do monte, ao abrigo

d'essas fortificações, ou castellos.

Segundo outros, *Castella*, onde muito se usaram essas *behetrias*, tomou o nome, dos *castellos* que a defendiam.

Em Portugal, porém, *beetria*, significava sómente o povo livre, que podia mudar de senhor, quando quizesse.

As *beetrias*, acabaram em Portugal, durante a usurpação de D. Philippe II, de Castella.

Do que eram as beetrias e seus privilegios, já usados no principio da nossa monarchia, e em que differiam dos *coutos* e *honras*, se póde ver a erudita e larga *Memoria*, de José Anastacio de Figueiredo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.º, 98 fim.

VARZEA DE TAVARES — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Mangualde (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Tavares) 45 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1768, tinha 150.

Orago, *Nossa Senhora do Sobreiro*, ou *da Varzea*.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade das Chans de Tavares, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Não me foi possivel obter mais esclarecimentos com respeito a esta freguezia.

VARZEA E CRUJÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos. (Varzea 60 e Crujães 30.)

Orago de Varzea, é S. Bento; e o de Crujães, Santa Comba (Bettencourt diz que o orago d'estas duas freguezias reunidas, é Santa Catharina, mas em todos os mais livros, diz-se que é S. Bento e Santa Comba.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento do Salvador, de Villar de Frades (os *bons homens de Villar*) apresentava o cura de Varzea, que tinha réis 50$000 de rendimento annual.

Esta freguezia, em 1768, tinha 27 fogos e a de Crujães 22. — Vide *Crujães*.

—

Varzea, foi couto, do mosteiro de Villar dos Frades (loyos.)

Para evitarmos repetições, é indispensavel ver *Ayró, serra*, e o 1.º *Ayró*, freguezia, e *Ayró e Varzea*.

Pelos annos de 570, fundou aqui um mosteiro de monges benedictinos, o famoso *São Martinho de Dume*. (Vide 2.º volume, pag. 490, col. 1.ª e seguintes.) Nos seus principios, era este mosteiro *duplex* (de frades e freiras.)

Com a invasão dos mouros, em 716, foi abandonado o mosteiro, e assim esteve por mais de tres seculos, até que *Dom Soeiro Guedes da Varzea*, neto de D. Arnaldo de Bayão, e pae de Nuno Soares Velho, o reedificou (só para frades) pelos annos de 1110. [1]

Ha n'esta freguezia, vestigios de uma antiquissima torre, de alguns castellos, e de muralhas; o que induz a acreditar que existiu aqui, em tempos remotissimos, uma grande povoação, provavelmente romana.

Tambem n'esta freguezia está o paço, quinta e casa solar dos Villas-Boas, tudo em ruinas.

Consta que viveu e falleceu n'esta freguezia, Gonçalo Gil d'Ayró, e sua mulher D. Urraca Annes, sepultados na sua capella, na egreja de Villar de Frades.

VÁRZEAS DE TROVÕES, ou **VÁRZEAS DO DOURO**, e tambem **VARZEAS DO BISPO, VARGEAS DO BISPO** — freguezia (foi villa) comarca e concelho de S. João da Pesqueira (foi antigamente da comarca de Pinhel, e depois da de Trancoso) 40 kilome-

---

Tanto D. Arnaldo de Bayão, como seus filhos e netos, fundaram na Beira-Alta, Minho e Traz-os-Montes, grande numero de mosteiros, todos de monges benedictinos, muitos dos quaes (mosteiros) passaram depois para a ordem de *Cister* (bernardos) que era uma reforma dos benedictinos.

tros de Lamego, 350 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1724, tinha 81.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O *Port. Sac. e Prof.* não traz esta freguezia.

O bispo da diocese, apresentava o parocho (que primeiramente era cura, depois vigario, e por fim reitor) que tinha 80$000 rs. de rendimento annual.

E' povoação muito antiga.

Está a povoação situada em uma planicie (que lhe dá o nome) em logar baixo, junto á ribeira de Gallegos, que é aqui atravessada por uma ponte de pedra. [1]

Foi cabeça de um antigo couto do seu nome, com juiz, vereador, procurador, etc., e teve uma companhia de ordenanças, com seu capitão e alferes.

Foi do termo de Trovões (d'onde dista 3 kilometros) e da qual se separou quando obteve o titulo de villa da corôa, quando Trovões foi dada aos condes da Vidigueira, descendentes do grande D. Vasco da Gama.

Fica a 6 kilometros de distancia, da villa de Paredes da Beira, e 3 da Espinhosa.

Este couto, era dos bispos de Lamêgo (e por isso, um dos seus nomes é *Várzeas do Bispo*). Constava este couto de 22 casaes, foreiros ao senhor do couto.

Estava unida a Trovões, que, como vimos, no logar competente, era tambem dos mesmos bispos — e estes dous coutos (Trovões e Varzeas) foram dados pelos nossos primeiros reis, aos bispos de Lamego.

No anno de 1300, reinado de D. Diniz I, se fez inquirição d'estas terras, o que consta de um documento do cartorio da Sé de Lamego. Por ella se vê que estes dous coutos tinham sido dos *Bragançoes*, em tempos antigos.

Varzeas, não era só do termo, mas tambem da freguezia de Trovões, o que era incommodo para o povo d'aquella povoação, pelo que em 1708, sendo bispo de Lamego o famoso D. Thomaz de Almeída (que depois foi bispo do Porto, e por fim, 1.º patriarcha de Lisboa — 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) lhe requereram os povos da Varzea, para fazerem uma egreja onde podessem ouvir missa, e satisfazer aos mais preceitos da Egreja; o que lhes foi concedido.

Construiram pois uma egreja, dedicada ao Espirito Santo, junto á ribeira de Gallegos; mas como a povoação se foi estendendo para o alto, edificaram uma nova matriz, quasi no fim da rua, na sua parte mais elevada. A antiga egreja ficou reduzida a capella, dedicada a S. Sebastião.

Pelos annos de 1760, sendo bispo de Lamego, D. Frei Feliciano de Nossa Senhora (freire conventual da ordem de Christo, em Thomar, e natural da villa d'Obidos) lhe requereu o povo de Vargas, para esta povoação se constituir em parochia independente; o que o prelado não só concedeu, mas até mandou fazer á sua custa a capella-mór e a sachristia, e deixou dinheiro para se fazer a tribuna, e uma avultada esmola para a construcção do corpo da nova egreja e respectiva torre dos sinos: de maneira que o povo só veio a concorrer com o carreto dos materiaes. Assim se conseguiu edificar um dos melhores templos do bispado.

Este virtuoso prelado, deu paramentos e vasos sagrados, para muitas egrejas do seu bispado; e continuamente dava grandes esmolas, para sustento e vestuario dos pobres. Visitava com frequencia a sua diocese, acudindo, por todos os módos, ás necessidades dos seus diocesanos.

Falleceu, em edade avançada, no dia 15 de abril de 1771.

No alto do monte, indo para o logar e freguezia do Castanheiro — do mesmo concelho — está a antiga ermida dos santos mar-

---

[1] A *ribeira de Gallegos*, nasce em uns grandes pantanos ou marneis, junto á villa de Paredes da Beira. Recebe logo alli alguns regatos, passa junto á villa de *Trovões*, sendo alli atravessada por uma boa ponte de cantaria, e depois vem regar esta freguezia de Varzeas. Suas aguas servem de motor a muitos moinhos, e morre no rio Torto, nos fins do termo de Trovões.

tyres *Abdon* e *Senen*, que se festejam a 30 de julho.

Nas casas dos successores de Manoel Rebello de Souza Azevedo, ha um oratorio particular. Fallecendo este individuo em 1779, e acabando, por este facto, o breve de licença para alli se dizerem missas, e não sendo renovado, deixou de alli se celebrarem os officios divinos.

É pequeno o termo d'este extincto couto, porque o de Trovões o rodeia de trez lados, deixando-o apenas estender por dous *braços*, ao E. e N. até ao Rio Tôrto, e até ao alto da serra do Castanheiro, correndo esses dous braços por uma extenção de 4 kilometros.

Um d'estes braços é cheio de matagaes, (até ao rio) onde ha porcos montezes e caça miuda — o outro, comprehende soutos e terras de pão, lameiros, hortas, etc.

É terra muito abundante de azeite, centeio, milho, sumagre, algum vinho, castanhas e outras fructas.

É este territorio muito abrigado, mas abafadiço e pouco saudavel.

A maior parte das suas hortas e pomares, fertilissimos junto á ribeira de Gallegos, estão fóra dos limites d'esta freguezia, e já na de Trovões.

—

Ha n'esta freguezia e na de Trovões, abundantes minas de chumbo, ou *galêna argentifera*, das mais importantes de Portugal.

—

Aqui reside (em um bello palacete, que foi de seu avô materno, Joaquim de Azeveco) o sr. Antonio da Cunha d'Azevedo e Lemos Castello-Branco, nascido em Lourosa da Serra da Estrella, concelho de Oliveira do Hospital, a 14 de agosto de 1827.

É 3.º filho do sr. Tristão Lopes de Carvalho da Cunha Brandão Castello Branco, fidalgo da casa-real, senhor dos mórgados, de *Lourosa*— da serra — *Sameice*, concelho de Cêa — e *Moimenta da Serra*, concelho de Gouveia — (tudo na serra da Estrella) senhor donatario das egrejas de Orjães e Verdêlhos, e seus oitavos — e de sua mulher, á sr.ª D. Maria Amalia de Azevedo e Lemos de Souza Carvalho e Alvim, 9.ª neta dos srs. do couto e honra de Azevedo, por seu avô paterno, Paulo da Costa Aguiar de Azevedo e Távora, 1.º mórgado da antiga e illustre casa das Varzeas de Trovões; da mesma familia do sr. Antonio de Lemos Carvalho de Souza e Alvim, senhor da nobre *casa do Ribeiro*, concelho de Sernancêlha, pae da esposa do sr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, de Farejinhas, concelho de Castro-Daire.

É um ramo legitimo — por varonia — dos Lemos, senhores da Trófa; assim como é, tambem por varonia, procedente do mesmo tronco, o sr. Ruy Lopes de Souza Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, de Santar, concelho de Nellas. (Vide 8.º vol. pag. 443, col. 1.ª)

O dito Antonio de Lemos, senhor da casa do Ribeiro, casou com D. Maria José de Azevedo, senhora da casa dos Azevedos, de Paredes da Beira, d'esta das Varzeas de Trovões, e seus vinculos.

Todas estas familias, procedem da nobre e antiquissima casa dos Azevedos, na freguezia da Lama, concelho de Barcellos, de que foi ultimo representante legitimo, o fallecido 1.º visconde e 1.º conde de Azevedo, (para evitarmos repetições, vide *Bayão*, *Fiscal*, a 1.ª *Lama* e *Tapada*.)

—

O sr. Antonio da Cunha de Azevedo Lemos Castello-Branco, é bacharel formado em direito, pela Universidade de Coimbra (em 1851) sendo sempre um estudante distinctissimo.

A 4 de junho de 1859, casou, em Viseu, com a sr.ª D. Maria Innocencia de Bayma Forte Gato, gentilissima dama, de uma esmerada educação, e de tão nobre ascendencia, como seu marido.

D'este matrimonio, ha — até esta data (agosto de 1882) trez filhos e duas filhas.

Ambos estes conjuges, são membros da antiga nobreza de Portugal. Elle, pelos *Cunhas*, senhores de Pombeiro da Beira-Alta (hoje Douro) de cuja familia, é hoje principal representante o sr. D. Antonio de Castello-Branco, conde de Pombeiro e marquez de Bellas — e tambem procede dos marquezes de Távora (pelo mesmo ramo d'onde procede o sr. José Augusto Pinto da Cunha

Saavedra, de Provezende, e seu primo o sr. barão de Saavedra, 2.º d'este titulo). — Sua esposa (e elle tambem) descendem da referida illustre casa dos Azevedos, do Minho.

—

O sr. doutor Antonio da Cunha, sob o pseudonymo de *Arsenio de Chatenay* tem publicado alguns romances *realistas* (mesmo *ultra-realistas*) no estylo de Zolá.

O seu romance menos realista, e que póde ser lido pela donzella mais pudibunda, denomina-se LA VENDETTA, OU O SALDO DE CONTAS. N'elle descreve (*romantizados*) alguns dos crimes que pelo longo espaço de 35 annos, cobriram esta parte da Beira-Alta, de lagrimas, sangue, roubos, incendios, devastações e horrores.

Apezar do seu *realismo*, o sr. Antonio da Cunha, é um cavalheiro respeitavel, e adornado de todas as qualidades que distinguem um verdadeiro fidalgo portuguez. Custa por isso a acreditar, que elle escreva e publique, livros que suas innocentes e interessantissimas filhas não podem ler! [1]

Está no mesmo caso (ainda que as producções são de differente genero) do portuense Alexandre Garrett, com as suas VIAGENS A LEIXÕES (ou *Passeios a Leixões*, não me lembra já bem o titulo d'este apontuado de... inconveniencias).

VÁRZENA — villa antiquissima de Traz-os-Montes, no termo de Chaves, onde se fundou a egreja de S. Salvador e S. Julião, nas margens do Tâmega, para o serviço e sustentação da qual, varios fidalgos e senhoras, concorreram com esmolas que deram ao bispo D. Pedro, no anno de 1087, como consta do *Livro Fidei*, do cartorio archidiocesano.

Supponho que a antiga *Várzena*, é a actual freguezia de *Villar de Nantes*.

VARZIÉLLA — (Vide as duas *Braziellas*, no 1.º vol., pag. 488, col. 1.ª)

VARZIELLA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Louzada) 30 kilometros a E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1768, tinha 156.

Orago, S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O Dom Abbade benedictino do mosteiro de Pombeiro (de Riba-Visella) apresentava o vigario, que tinha 120$000 réis de rendimento annual.

É n'esta freguezia o sanctuario de *Nossa Senhora do Amparo*, ou da *Pedra-Maria*.

Está em um pequeno outeiro, entre o mosteiro de monges bentos, de Pombeiro, e o de cruzios, de Coramôs.

Foi achada a imagem da Padroeira, pelos annos de 1450, sobre um grande penêdo que estava entre outros de menores dimensões. Dando-se parte ao vigario d'este apparecimento, veio elle, com muito povo, buscar a santa imagem, que conduziu para a egreja, em procissão, em quanto lhe construiam ermida propria, no logar em que tinha sido encontrada.

Feita a ermida, collocaram no seu altar-mór a referida imagem.

O povo d'estas terras, principiou logo a ter grande devoção com a Senhora do Amparo, trazendo-lhe muitas offertas e esmolas, com que se pôde ampliar e adornar a pequena ermida, transformando-se em uma ampla egreja, que ainda tornou, por mais de uma vez, a ser ampliada, para poder conter os devotos que a ella concorriam.

Desejando o povo de Varziélla constituir-se em freguezia independente, requereu ao arcebispo, e lhe foi concedido.

Creem as mulheres que criam filhos, que, hindo a esta egreja, e comendo de umas hervas que estão na sua rectaguarda, se lhes augmenta o leite; pelo que veem de muito longe em busca d'este remedio.

Em tempos de mais fé, vinham aqui muitas procissões de varias freguezias, em todo o decurso do anno; mas a sua principal festa, é a 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assumpção.

Até 1833, os dizimos d'esta freguezia eram dos monges do dito convento de Pombeiro.

---

[1] Pertencem ao numero de taes obras chamadas *livros para homens*. Para maior escandalo, são *illustrados* com as gravuras mais obscenas.

É terra muito fertil, em todos os generos agricolas. Gado e caça. O seu clima, é saluberrimo, pelo que se vêem aqui muitos individuos de edade avançada. Em 1712, era aqui vigario, o padre Gaspar Pereira de Sampaio, de 90 annos de edade, e que parochiava havia 50 annos, por ter n'elle renunciado um tio do mesmo nome, que, depois de ser vigario 70 annos, morreu de mais de 100 de edade.

Não ha memoria de ter cahido aqui nenhum raio, ainda nas maiores trovoadas, e cahindo nas freguezias proximas. (Para a etymologia, ver a 1.ª *Varziella*).

VARZIELLAS—freguezia, Beira Alta, concelho de Frades, comarca de Vouzella (foi da comarca de Tondella, extincto concelho de S. João do Monte) 24 kilometros ao N. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1768, tinha 53.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João do Monte, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé de altar.

Muito fertil. Gado e caça.

VARZIELLAS, ou **VARGIELLAS** — trez boas quintas, Beira Alta, na freguezia, e concelho de S. João da Pesqueira, e sobre a margem esquerda do Douro.

Descendo esta margem, se encontra a aldeia de *Arnozêllo*, da mesma freguezia, e de cuja aldeia tomaram os nomes os temiveis *pontos* do Douro, chamados *Cannaes de Arnozêllo*, e *Cadão de Arnozêllo* (7.º vol., pag. 199, col. 2.ª). É uma extensa *galeira* de grande declive, em que as aguas correm com estrepitoso ruido ; e logo abaixo, se vê a antiga *quinta de Arnozêllo*, hoje em grande decadencia, mas cujo vinho gozou excellente reputação.

Adiante de Arnozêllo, estão as trez quintas *das Varziellas*, cujo sólo e exposição dominante, a E., fazem as suas condições eguaes ás melhores do Alto-Douro.

A 1.ª *quinta de Cima*, é dos srs. condes da Azambuja (herdada pela sr.ª condessa, de seu pae, o famoso *Ferreirinha, da Régua*, Antonio Bernardo Ferreira). Produzia antes do *phyloxera vastatrix*, 70 a 80 pipas de excellente vinho de feitoria e embarque.

2.ª *quinta do Meio*, pertencente a uma senhora da Pesqueira — cujo nome ignoro — Produzia 50 pipas de optimo vinho de embarque.

3.ª *quinta da Gallêga*, ou *Varziellas de Baixo*, do sr. Antonio Bernardo de Brito e Cunha, do Porto. Produzia 40 pipas de muito bom vinho.

Mais adiante, no ponto em que, perto do Douro, se reunem os valles *Villarouco* e da Pesqueira, está a *quinta Nova do Cachão*, fundada em 1845, pelo fallecido (e fallido) Antonio de Almeida Coutinho e Lemos, *barão do Seixo*, que póde produzir de 70 a 80 pipas de vinho, para exportação. (Vide o 1.º *Seixo*).

VARZIM DE JUSÃO — era o antigo nome da actual, formosa e grande villa da *Póvoa de Varzim*.

VASCÃO — rio — Algarve. Nasce na serra do *Malhão*, no sitio de *Val d'Éguas*. Corre pela extremidade N. da freguezia do Ameixial — Divide o Algarve do Alemtejo (por este lado). São seus tributarios os pequenos rios — ou ribeiras — dos *Cravaes*, *Alganduro*, *Val da Rosa*, *Córte Pinheiro*, *Taipas*, *Almeixares*, e *Vascanito*.

Com 54 kilometros de curso, desagúa na direita do Guadiana, entre Mértola e Alcoutim — no sitio de *Fonte do Almesse*, [1] freguezia de Alcoutim.

Rega muitas propriedades, e suas águas servem de motor a grande numero de moinhos.

Com os grandes temporaes do inverno de 1876 para 1877, desde a foz d'este rio, até ao *Barranco da Ferreira*, na distancia de mais de 20 kilometros, todas as fazendas marginaes do Guadiana soffreram prejuizos, avaliados em mais de 60 contos de réis. Terras

---

[1] *Almesse*, é corrupção do árabe *Almasnâa*, de que nós fizemos *Almácega e Almesse*. Significa *tanque pequeno, onde cáe a agua da chuva, ou de qualquer machina hydraulica*.

outr'ora povoadas de arvoredo, ficaram nuas, e reduzidas a estereis e profundos areaes.

Mais de mil proprietarios soffreram grandes perdas, ficando muitos reduzidos á miseria.

Nas immediações da villa d'Alcoutim, mais de 60 prédios ficaram arrazados.

VASCO DA GAMA — (*o Pimpão*). — Tanto se tem fallado com respeito a este navio, que julgo dever dar aqui algumas noticias e esclarecimentos aos que ignorarem o que elle é e o que vale.

Diga-se o que se disser, e por maiores que sejam os defeitos da sua construcção, e a sua má sorte nas poucas e pequenas viagens que tem feito, é certo que é o unico navio de combate que possue a nossa marinha de guerra.

Quasi todas as nações cultas do globo tinham navios couraçados, e Portugal ainda não tinha nenhum, até 1876, anno em que chegou a este reino o famoso *Pimpão!*

Disse-se ha pouco tempo, que o governo da *Sublime Porta*, propôz ao nosso, a compra do *Pimpão*, offerecendo por elle 600 contos de réis. Não sei se é verdade, porque não ha d'isso (que me conste) noticia official.

O *Pimpão* é um navio de ferro, medindo duzentos pés de comprimento entre perpendiculares, quarenta pés de bocca, vinte e cinco pés de pontal, duas mil quatrocentas e vinte e duas toneladas de deslocamento, mil quatrocentas e sessenta e tres toneladas de capacidade, cinco mil oitocentos e sessenta e seis pés quadrados de área da secção média, 17,6 de calado de agua a vante e 19 a ré.

É um bom navio da classe dos arietes, com reducto central onde monta duas peças de grosso calibre, podendo atirar em caça directa.

A marcha do navio obtem-se por meio de duas helices, cada qual movida por sua machina de vapor independente, dando a força total de quinhentos cavallos nominaes e trez mil e duzentos effectivos, podendo alcançar a velocidade de treze milhas e dois decimos.

Tem o navio duas quilhas lateraes e dois fundos distanciados um de outro dois pés e meio; esse espaço é dividido em trinta e oito repartimentos estanques, e que se podem encher de agua do mar quando se queira immergir mais o navio.

Superiormente ao duplo fundo o casco do navio é protegido por uma facha ou cinta couraçada n'uma largura de dez pés. Esta couraça tem nove pollegadas de grossura no sitio das caldeiras, e decresce para os extremos da prôa e pôpa até quatro pollegadas. Todo o convez é couraçado com chapa de pollegada e meia.

No plano da coberta e um pouco a vante do centro do navio, eleva-se um reducto, ou torre octogonal, que vem até tres pés acima da tolda. Este reducto é defendido por uma couraça de dez pollegadas nas faces de vante, e de oito pollegadas nas de ré.

É n'esse reducto e a coberto de uma tal couraça que estão collocadas duas grandes peças de aço, de carregar pela culatra, systema Krupp, do calibre de vinte e seis centimetros e do peso de dezoito toneladas cada uma, e medindo cinco metros e dois decimetros.

D'esta succinta noticia conclue-se facilmente que o *Pimpão* é um magnifico navio, que está a par de qualquer outro da sua classe, e que com as suas duas peças Krupps e o seu esporão, está no caso de combater, como poderão hoje fazel-o todos os navios das outras marinhas, que têem pimpões maiores, mas não os têem melhores e mais bem construidos.

—

Antes do *Pimpão*, tivemos uma nau de guerra (construida de madeira, e de vella) tambem *por fim* chamada *Vasco da Gama.*[1]

Desde creança, me lembra vêr esta montanha de madeira, no dique do Arsenal da Marinha (parece-me que a sua construcção principiou am 1822) até que, finalmente, no dia 3 de setembro de 1842 (*si rité recordor*)

---

[1] O seu primeiro nome, foi *Vasco da Gama* — Depois, em 1828, foi *chrismada* com o titulo de *Dom Miguel I* — e em 1834, se lhe tornou a dar o seu primeiro nome.

foi este navio lançado á agua com grande pompa.

Esteve portanto, 20 annos no estaleiro, e era construido de madeira de tão ma qualidade, que, mesmo antes de sahir do dique, teve por varias vezes de ser remendado!

Fez apenas uma viagem. Foi ao Rio de Janeiro, chegando alli em tal estado, que se gastaram 120 contos de réis no seu concerto: quantia generosamente dada por muitos portuguezes estabelecidos n'aquella cidade. Hoje está reduzido a *pontão!...* [1]

Peço aos meus leitores, que desejarem mais amplos conhecimentos com respeito á nossa marinha de guerra, desde D. Affonso Henriques, que vejam o que eu disse no 4.º vol. pag. 351 e seguintes.

VASCÕES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Coura (foi do mesmo concelho mas da comarca de Valença), 48 kilometros ao N. O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 58. Orago, S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os herdeiros de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, apresentavam o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Foi aqui o solar de um ramo dos Caldas. (Adiante fallarei d'esta familia).

Este territorio é povoado desde os tempos prehistoricos, o que se prova plenamente, pela existencia de 8 dolmens, que um cavalheiro de Paredes de Coura aqui descobriu ha poucos annos, no sitio da *Lameira.* [2]

«Fizeram-se escavações em dous monticulos, e verificámos que os mesmos, cobriam dolmens regularissimos, como o d'Ancora (Lapa dos Mouros) faltando lhes em todos, as pedras que formavam o tecto, de certo por lhe terem sido roubadas. Teem a entrada formada por um renque de pedras, de um e de outro lado, e uma formidavel pedra ao fundo, com disposição egual á de Ancora».

Vemos pois que este investigador, confunde tambem *dolmen* com *mâmoa*, monumento de fórma e applicação differente, e até de época diversa, como se vê da nota a este artigo.

Nem os dolmens teem uma ou mais lagens

---

[1] Tenho idéa de que foram ha pouco tempo postos em leilão os seus materiaes, *para lenha.*

[2] O que diz respeito a estes monumentos pre-historicos, é resumido de um artigo que o patriotico explorador da *Citania*, de Briteiros, e meu esclarecido amigo, o sr. doutor Martins Sarmento, de Guimarães, publicou no n.º 21 do notavel semanario viannense «Pero Gallego».

Com o devido respeito áquelle distinctissimo archeologo, direi que elle (na minha humilde opinião) confunde *mâmoa* — a que dá o nome de *mamôa*, que não contesto — com *dolmen*, que entendo ser um monumento de fórma muito diversa, e de applicação differente.

O *dolmen*, ou *dolmin* (mêsa de pedra) tem, com effeito, a fórma de uma *mêsa*, sustentada por esteios perpendiculares, cujo numero varia, segundo a maior ou menor amplitude da lagem horisontal que sustentam; e, quanto a mim, servia para se immolarem as victimas, nos sacrificios — o que nos induz a acreditar, a posição levemente inclinada da pedra superior. (Até em algumas d'estas pedras — não em todas — tenho visto um *rêgo*, que partindo do centro, desce para a parte mais baixa, provavelmente, por onde se escoava o sangue dos animaes sacrificados).

Mâmoa, ou *tumuli*, tem a fórma de uma *caixa* (e não de *mêsa*). O seu pavimento, é feito de uma, ou mais pedras, unidas, e as *paredes*, são construidas de lagens perpendiculares, *cortadas* todas da mesma altura, tanto na parte superior, como na inferior, acertando sobre ellas a *tampa*, tambem construida de uma ou mais lagens; e tudo isto coberto com um monte de terra, de maior ou menor volume, formando um cone, mais ou menos *achatado* — o que não acontece nos *dolmens*, que nunca foram cobertos.

Mais — Todos os dolmens que tenho visto, estão em logares que foram, ou ainda são, centros de mattos, e quasi sempre, em planicies — ao passo que as mâmoas que tenho examinado, TODAS estão em elevações.

Na palavra *Vasconços*, veremos que archeologos de grande fama, sustentam que as mâmoas, são monumentos mais modernos do que os dolmens, e já da *edade de ferro*; por isso eu sublinhei a palavra *cortadas.*

por pavimento, mas a terra sobre que foram construidos, e os *esteios* que sustentam a *mesa* são de comprimentos desiguaes, estando mais ou menos enterrados, até formarem na parte superior uma superficie horisontal nivelada, para sobre elles se poder assentar a *mesa*, ou lagem superior: porque os constructores dos dolmens ainda não conheciam o ferro, e tinham de se sujeitar á indicada operação (de enterrar mais ou menos as pedras perpendiculares) para obterem uma superficie egual na parte superior. E até na opinião de archeologos de grande nomeada, a religião dos constructores dos dolmens, mandava que todas as pedras de que elles eram construidos, fossem lagens formadas pela Natureza, sem a minima obra d'arte, nem *quebradella*. Como sahiam da pedreira, assim eram empregadas.

Está averiguado que as *antas* (megalythos — isto é — pedras erguidas) e os *dolmens* são da *edade da pedra*, e portanto, anterior ás *mâmoas*, que são já da *edade do ferro e do bronze*; apresentando claros vestigios de instrumentos de ferro — o que se não dá com os *dolmens* e *antas*.

Tenho visto que alguns escriptores, fundados na tradição do povo ignorante, que attribue aos mouros a construcção de todos os monumentos pre-celtas, druidicos, romanos

---

Os dolmens não apresentam o minimo vestigio de instrumentos de ferro.

Finalmente — os nomes de *dolmen*, *mâmoa*, *carn*, *anta*, etc., foram impostos pelos modernos archeologos, arbitrariamente, por que nós ignoramos os que os seus constructores lhes deram.

Julgo ter aqui logar, uma rectificação — ou, mais propriamente, uma explicação. —

No n.º 11 do «Pero Gallego» diz o sr. doutor Martins Sarmento — «No seu *Portugal Antigo e Moderno*, o..... Pinho Leal, *gaba-se* (o sublinhado é meu) de a ter descoberto (um dolmen em Goutinhães, a que o povo d'alli, dá o nome de *Lapa dos Mouros*) e ninguem póde levar-lhe a mal esta *vaidade* (ainda é meu o sublinhado) reflectindo que um monumento antigo, se desconhecido dos archeologos, é pouco mais ou menos, como se não existisse».

Respondo ao meu illustradissimo amigo, e esclarecido archeologo.

Terei muitos defeitos (e qual é o homem que não tenha alguns?) mas ninguem—com justiça — me póde accusar de *gabaróla* e de orgulhoso.

Conheço a minha insufficiencia em archeologia (como em tudo o mais) e seria rematadamente estupido, se me gabasse, ou tivesse vaidade do pouco que tenho feito!

O meu amigo, foi injusto a este respeito, pois que eu jamais me *gabei* da tal descoberta. O que eu disse (e ahi está o 3.º vol., pag. 306, col. 1.ª, para o provar) foi o seguinte —

«No sitio da *Barrosa*, ha um cerrado (tambem da tal casa do *Côvo*) chamado *Matta da Lapa*. No centro d'este cerrado, está um *dolmen* (*celtico* ou *pre-celtico*) dos mais bem conservados que tenho visto. O povo lhe chama *Lapa dos Mouros*, e é d'este engano que ao cerrado provem o nome de *Matta da Lapa*.

«Apezar da facilidade que ha em achar este *dolmen*, que está em um sitio plano, e proximo da estação de Goutinhães, no caminho de ferro do Minho, e do logar da Lagarteira, nenhum archeologo, antigo ou moderno, o viu, nem falla n'elle; antes *todos* dizem que na provincia do Minho, ha *só dous dolmens* — um no monte da *Polvoreira* (proximo ás Caldas de Visella) e outro no monte da *Pedeira*, perto de Pombeiro.»

Já vê o sr. doutor Sarmento, que ninguem póde colligir d'estes dous periodos, que eu me vanglorie de similhante achado — nem para isso tinha a minima razão. Disseram em Goutinhães — «Ha na *Matta da Barrosa*, uma *lapa*, feita pelos mouros.» — Fui vel-a, e achei um dolmen. Que motivo tinha eu para me gabar? Nenhum.

Continua a dizer o sr. Sarmento —

«O primeiro desengano, veio com a «Lapa dos Mouros» cuja gravura, feita sobre um desenho do nosso amigo Cezario Pinto, appareceu, ha annos, no «Boletim dos architectos e archeologos portuguezes».

Permitta-me o meu nobre amigo que lhe diga — Sete ou oito annos antes do sr. Cezario Pinto mandar o desenho d'esta antigualha, para o museu archeologico do Carmo, já lá existia (e ainda existe) um desenho da mesma, colororido e encaixilhado, feito por mim, e copiado do natural: assim como outro desenho meu, de um notabilissimo dolmen que existe na aldeia do Castello de Paiva (2.º vol. pag. 185, col. 2.ª, ultimo periodo).

Se não sou orgulhoso, ou vaidoso, tambem não gosto — mesmo nada — de ver que se dá a outro, o logar que só a mim exclusivamente deve pertencer.

e gôdos, dizem que os mouros foram os constructores dos dolmens. É um erro manifesto. *Todos* os monumentos chamados pre celticos, são muito anteriores (mais de 2:500 annos) á invasão dos mouros na nossa Peninsula.

Tambem é erro dizer-se que o famoso dolmen alcunhado *Lapa dos Mouros*, é na freguezia d'Ancora, quando elle existe na de Gontinhães. Ainda até ha poucos annos, o rio Ancora, dividia o concelho de Vianna do de Caminha. A freguezia de Gontinhães, era (como ainda hoje) do concelho de Caminha, e a de Ancora — que fica na margem opposta (esquerda) do rio que lhe dá o nome, era do de Vianna. Gontinhães é na margem direita (N.) do Ancora.

A formosissima e grande aldeia da *Lagarteira* — na freguezia de Gontinhães, é uma concorrida praia de banhos; mas ninguem diz — *banhos da Lagarteira*, ou *de Gontinhães* — todos dizem, *banhos d'Ancora*. A razão d'sto, é porque Ancora, como parochia, é muito mais antiga do que Gontinhães, que era uma aldeia da freguezia de Ancora, da qual foi desmembrada, para se constituir em freguezia independente, ha alguns seculos (Vide *Gontinhães* e *Lagarteira*.)

—

Tornemos a *Vascões*.

O sitio da *Lameira*, onde appareceram os 8 monumentos pre-celtas, é — como o seu nome indica — um pantano, que não sécca, nem com as maiores estiagens.

«No sitio chamado *Lameira do Salgueirinho*, diz a tradição, estar submergida uma cidade, e ahi, *na noite de S. João, ouve-se tocar, debaixo da terra, um sino d'ouro.*» (!)

É uma imitação da lenda da *Pateira de Fermentellos*. (3.º vol. pag. 147, col. 2.ª).

Conta-se que um d'estes maniacos, que sonham com *minas encantadas*, levou da *Lameira do Salgueirinho*, para sua casa um sápo (!) e que só se desenganou que elle não era uma *moira encantada*, quando o nojento animalejo morreu de fóme.

A existencia dos monumentos pre-historicos n'este sitio, induz-nos a acreditar que, em tempos remotissimos de que não ha memoria, este terreno era enchuto, como o resto da freguezia, pois não ha exemplo de que o *povo dos dolmens* os construissem em pantanos.

—

Disse no principio d'este artigo, que os herdeiros de Pedro Vieira da Silva Telles, de Lisboa, eram os padroeiros da egreja de Vascões. Este padroado, pertencia á familia Silva Telles, procedente de Gabriel Pereira de Castro, descendente dos Caldas, que, como vimos, fizeram aqui o seu solar. (Ainda existem bastantes familias no Minho, descendentes dos Caldas, e que usam do seu appellido).

D. Garcia Rodrigues de Caldas, rico homem de Hespanha, e tronco dos Caldas portuguezes, veio para este reino, em 1368, no reinado de D. Fernando I, fugido á vingança do fratricida e usurpador Henrique II, de Castella, por ter seguido as partes do rei legitimo, D. Pedro I, *o Cru*.

D. Henrique, depois II, era irmão bastardo de D. Pedro I, e homem turbulento, e votava odio implacavel a seu irmão legitimo. Reunindo muitos descontentes, a quem D. Pedro tinha indisposto com as suas crueldades, e grande numero de outros, tão turbulentos como elle, revoltou-se contra o rei, fazendo-lhe crua guerra.

Em um combate, vieram a braços os dous irmãos, e D. Pedro deitou por terra o bastardo; mas D. Fernando Peres de Andrade, partidario de D. Henrique, acudiu-lhe, dizendo — «*Eu não tiro rei, nem ponho rei, mas acudo pelo sr. D. Henrique*». Este, levantando-se, com uma adaga, assassinou, á traição, o rei legitimo, e lhe usurpou a corôa.

Sentado no throno, perseguiu encarniçadamente os partidarios do rei legitimo, muitos dos quaes fugiram para

Portugal, sendo d'este numero, D. Garcia Rodrigues de Caldas.

(Foi tambem pelo mesmo motivo, que para cá fugiu o tristemente celebre fidalgo gallego, D. João Fernandes Andeiro, que o nosso D. Fernando I fez conde de Ourem, e que depois — a 6 de dezembro de 1383 — foi assassinado pelo *Mestre d'Aviz* (D. João I).

Muitos fidalgos fugiram então para este reino, e por cá ficaram, e d'elles procedem muitas das familias nobres de Portugal.

D. Garcia Rodrigues de Caldas, abandonando os seus dominios em Hespanha, veio para este reino com os soldados que poude angariar, e offereceu os seus serviços a D. Fernando I, que os acceitou.

O rei portuguez disputa a D. Henrique o throno usurpado, e alliando-se com o rei de Aragão, e com o rei moiro de Granada (1369). invade Castella, chegando algumas cidades a acclamal-o rei legitimo d'aquelle reino; mas vendo que a guerra se prolongava, sem vantagem para elle, fez as pazes com o seu adversario, e a guerra terminou pelo tratado d'Evora, assignado a 31 de março d'esse anno de 1369.

D. Garcia, fizera relevantes serviços ao nosso rei, n'esta curta guerra, pelo que D. Fernando lhe fez muitas mercês, sendo uma d'ellas o senhorio d'esta terra, que D. Garcia povoou com os seus soldados; e, como elles eram *vascões*, ou *vasconços*, ficou a esta freguezia o nome de *Terra dos Vascões*. (Vide *Vasconços*).

Casou com D. Leonor de Souza Magalhães, filha de Ruy Gonçalves de Magalhães e Souza, rico-homem portuguez, da qual teve numerosa descendencia.

Construiu uma egreja, para matriz da nova freguezia, e dotou-a de bôas rendas, para o seu culto e conservação.

Foi tambem senhor das quintas de *Jolda, Campos, e Santa Ovaia de Redemoinhos* — e foi padroeiro de varias egrejas.

Os muitos ramos procedentes de D. Garcia Rodrigues Caldas, formam um compridissimo *autem genuit*, cuja aborrecidissima leitura poupo aos meus leitores; mas se algum d'elles desejar desenvencilhal-a, póde ver o *Diccionario Abreviado de Chorographia, Topographia, e Archeologia, das Cidades, Villas e Aldeias de Portugal*, por José Avellino d'Almeida, 3.º volume, pagina 181 até 188.

—

Esta freguezia, como todas as mais do Alto-Minho, é fertilissima em todos os generos agricolas; cria muito gado; é abundante de caça, e de peixe dos rios Coura e Minho, e do mar, que lhe vem pelos mesmos rios, e pelo caminho de ferro.

VASCONÇOS — são na Peninsula Hispanica, os descendentes dos *Iberos*.

Antes das invasões celticas, estacionavam os Iberos, em grande parte da Europa occidental.

Pelos annos do mundo 3:969 (44 antes de J. C.) imperando Julio Cesar, appareceram os Iberos, na nossa Peninsula, de envolta com os celtas e outros povos. É por esta razão que depois se lhes deu o nome de *Celtiberos*.

Estes Iberos, vindo das Gallias, onde occupavam uma grande parte, atravessaram os Pyreneus, e invadiram as Hespanhas.

Tambem eram Iberos, os que habitavam *Aquitania* (hoje Gascunha e Guienna (França).

Pretendem alguns escriptores, que os *Ligures* (ou *Liguros*) e os habitantes das grandes ilhas do Mediterraneo, tambem são da raça iberica.

Os Iberos, Ligures e outros barbaros, foram tambem os primeiros habitadores da Italia, e, juntos com os Iberos insulares, formavam uma grande nação, que foi desmembrada (e extincta, em grande parte) pelas invasões dos *Arianos*, que eram celtas, ou greco-latinos.

Depois, tiveram egual sorte,
a maior parte dos celtas.

Varios auctores, julgam que os antigos *Vasconços* (os Iberos) são os constructores dos monumentos megalithicos, a que hoje se dão os nomes de *dolmens, antas, carns,* e *mâmoas.*

O sabio archeelogo, *Le Hon,* sustenta que — nos tempos pre-historicos, *um povo de craneo arredondado* (brachycephalo) e de pequena estatura, habitava o occidente e o sudoeste da Europa.

Nas mais antigas *Memorias,* consta que ao sul da Europa, viviam uns povos com o nome de Iberos, que hoje são os *Bascos* ou *Euskaldunac* (Eukaros) habitando as vertentes e valles dos Pyreneus occidentaes. (Na lingua euskara, não se encontram vestigios das linguas *eranicas*).

Na primitiva raça do resto da Europa, é ainda hoje representada, ao norte, pela população *finnica,* conservando caracteres indeleveis da raça *ourgo-tartara.*

As raças de que as duas populações *basca* e *finnica,* são vestigios, occupavam toda a Europa e serviam-se de instrumentos de *pedra polida.* Estas raças, porém, são differentes das arianas. O povo chegado na época da pedra polida, é o denominado *povo dos dolmens.*

Os *tumuli* (mâmoas) e as *cidades lacustres,* são restos tambem d'estes primeiros vagabundos, vindos da Asia.

Examinando a *zona* dos monumentos megalithicos deixados no seu precurso, vê-se que o *povo dos dolmens,* invadiu a Europa pela Criméa, marchando d'alli para o norte, pela Silesia, passando para os litoraes do Mar do Norte e depois para o Oceano. Occupou a *Armorica* (Bretanha) onde fez longa residencia — e passou á Inglaterra, pelas ilhas Anglo-Nórmandas, durando seculos estas divagações.

Vestigios de outras migrações secundarias, se acham nos Pyreneus, na França central, na Suissa, na Corsega, nas Hespanhas, e outras partes.

Suppõe-se que as mâmoas, ou *tumuli* são construcções mais modernas que os *dolmens,* porque n'estes apenas se têem encontrado instrumentos de pedra, ao passo que nos tumuli, se teem achado objectos de ferro e de bronze.

Uma tribu do povo dos dolmens, passou o isthmo de Suez e estendeu-se pelo norte do continente africano.

O archeologo Desor, quando viajou pelo Saharà, viu muitos dolmens nas vertentes do Atlas. *(L'homme fossile en Europe,* par Le Hon. Paris, 1867).

O sabio Weinhold diz —

»A que povo pertencem estes monumentos?» — (Os dolmens).

«Nas regiões onde se encontram, habitaram — e ainda habitam — os Iberos, Celtas, Romanos, Germanicos, Slavos; todos — exceptuando os Iberos — ramos da raça caucasiana, á qual o *Hunenvolk* não pertence, em vista da estructura do craneo; e porque, antes das emigrações ne Europa, já conheciam o ferro e o bronze.

«Os *Hunenvolks* eram aborigenes europeus. (*Europaisches urvolk.*)

«Abstrahindo das primitivas familias do S. E. da Europa, restam para a solução, dous grandes povos — Iberos, e Finnicos.

«Tive, em outro tempo, os Finnicos, como constructores dos dolmens. Retiro agora esta opinião. Uma extensão finnica, em todo o occidente da Europa, devia deixar testemunhos historicos, e é opposta á sabida extensão dos Iberos.»

Os *Bascos,* ou *Vasconços,* descendentes dos *Iberos,* foram os primitivos habitadores da Peninsula Hispanica, nos tempos historicos.

Suppõe Weinhold, que os *Iberos,* anteriores aos *Celtas,* nas Hespanhas, foram os constructores dos *dolmens.*

O sr. Gabriel Pereira, illustre archeologo contemporaneo, diz, no seu livrinho — *Dolmens ou Antas, dos arredores d'Evora,* a pag. 17.

«Os povos dos dolmens, não são aborigenes europeus — vieram da Asia, seguindo o caminho que mais tarde as migrações indogermanicas seguiram tambem.»

«O ramo d'este povo, que estacionou na Iberia, differia, em grau de civilisaçao, dos que estacionaram na Bretanha. Ahi, apparecem, em grande numero, os dolmens, os

alinhamentos de menhirs, os cromlechs, etc. Ahi se encontram as grandes galerias, as pedras lavradas, por exemplo — o célebre dolmen de Gavr'innis. Na Peninsula Iberica, existem apenas, os dolmens de tôsca e uniforme construcção, e alguns *roulers*.

«Este povo (o dos dolmens) que deixou monumentos por quasi toda a Peninsula, parece ter estacionado principalmente na sua metade meridional. Os dolmens, são raros no norte da Peninsula. No paiz vasconço, ainda hoje habitado por descendentes de Iberos, não ha dolmens. Os Vasconços, resistiram sempre a todas as invasões e influencias estranhas, e ainda hoje conservam o seu antiquissimo idioma.»

G. de Humboldt, escrevia em 1820. [1]

«*Os povos iberos não podem considerar-se habitadores primitivos da Peninsula. Muitos testemunhos demonstram que existiam aqui diversas raças pre-historicas*»

«Duas emigrações celticas, entraram na Peninsula — *kimrica* e *gaelica* — e de ambas restam vestigios, nas designações bocativas.»

—

O sr. Gabriel Pereira, a pag. 27, do seu livro — DOLMENS OU ANTAS — diz —

Os povos ibericos

Os Iberos occupavam a Peninsula Hispanica, antes das invasões celticas. Eram tidos pelos geographos antigos por *autochtones*, ou indigenas da Iberia, o que equivale a dizer, que era tão longa a duração do seu estabelecimento n'este paiz, que as tradições das primitivas migrações, estavam completamente obliteradas. Em certos pontos, esta raça, gozava alguma civilisação; e quando os arianos e phenicios entraram com ella em contacto, não recusou as relações, mas não substituiu aos seus costumes e ao seu idioma, os costumes e os idiomas das raças invasoras. Uma tribu ibera, consentiu em erguer as suas rudes moradas, junto a uma cidade grêga, elevando, comtudo, uma muralha, entre as duas povoações.

Não havia na raça iberica espirito de nacionalidade: vivia subdividida em tribus, sem communicação entre si. Depois das invasões celticas, formidaveis tempestades, que vieram pela primeira vez, segundo a historia, fartar de sangue e de ruinas o sólo da Iberia, as tribus dos selvágens, barulhadas na convulsão, conservaram-se — umas isoladas, outras confederaram-se, outras, em fim, alliaram se — allianças de selvagens guerreiros, com as hordas das raças invasoras.

Os romanos, que por tanto tempo passearam pela Hispania as suas legiões victoriosas, que no tempo dos imperadores tantos esforços fizeram para, por meios suaves, attrahir os Iberos, pelas colonias, pelas regalias, pelo desenvolvimento do commercio e da instrucção; não conseguiram ter aqui alliados fieis. Não conseguiram mesmo, que o conhecimento da lingua latina se vulgarizasse.

Nas moedas, ha n'uma face a inscripção latina, ou phenicia, ou grêga; e na outra, a iberica.

Deu soldados valentes e aguerridos, aos generaes carthaginezes, e aos romanos, seus contrarios. Que eram valentes, soffredores, terriveis na lucta sem esmorecerem nos revezes, mostram só as campanhas immortaes de Viriato e Sertorio; mostram-n'o os cêrros escalvados da Cantabria, onde tantas vezes rojaram no pó as aguias dos Consules, e dos Cesares.

«Tão amigos da liberdade, diz Strabão, que, depois da derrota, os paes matam os filhos, e os filhos matam os paes, para não soffrerem a escravidão. Tão selvagens, que mesmo crucificados, e quasi moribundos, ainda entoam os seus cantos de guerra.»

Os representantes actuaes d'esta raça, são os *Bascos*, que occupam os pendores e valles, dos Pyrenneus Occidentaes; divididos entre si, com dialectos — uns, sob o dominio francez — outros, sob o hespanhol.

São conhecidos estes povos sob differentes designações. Elles designam-se, em ge-

---

[1] Hoje, com os progressos feitos pelas sciencias, as conclusões d'este sabio philologo, soffrem algumas alterações.

ral, com o nome *euskaldunac*, e o seu idioma é o *euskaro*.

Bascos, Basques, Biscaynhos, e Vasconços, designam o mesmo povo.

Em Alava, Viscaya, Guipuzcoa (Hespanha) — em Labourt e Soule (França) encontram-se muito condensados. Segundo Mahn,[1] o seu numero actual, é de 800:000.

Conservam ainda dialectos mui distinctos — sendo principaes, os de Viscaya, Guipuzcoa e Soule.

Não teem litteratura propria; mas ha obras impressas em basco.

As classes superiores, conhecem geralmente as linguas, franceza, ou hespanhola.

Regem-se ainda por leis, ou *costumes* antigos, a que chamam *fuéros*.[2]

Os Iberos, antes das invasões celtas, occupavam grande parte da Europa Occidental.

Linguas celticas

As linguas celticas, pertencem á familia indo-germanica, ou *oriana*. Comprehende dous ramos — *Gael* ou *Gaedhelic* — e *Kymri*. Segundo estudos recentes, o Gael, póde tomar-se como dialecto *sanscrito* — e o kymri, como dialecto *zend*.

Desde o principio dos tempos historicos, já os povos celticos occupavam o centro e o occidente da Europa.

Nos escriptores antigos, apparecem os Celtas, sob os trez nomes diversos — *Celtici* (e *Celtae*) — *Galatae*, e *Galli*. Segundo Zeuss, as duas ultimas denominações, traduzem-se por — *pugnaces, armati*.

Os *Iberos* que se uniram aos invasores celtos, formaram o povo denominado *Celtiberico* — Era o mais bravo e independente de todos os da Peninsula, e foi o mais fiel alliado do grande Viriato.

—

Apezar d'este artigo hir já bastante longo, é todavia resumidissimo, pois que a materia, dava para um volumoso livro.

Póde dizer-se que a archeologia pre-historica, nasceu n'este seculo; porém, as opiniões dos archeologos variam em muitos pontos, e, pela maior parte, esta sciencia é fundada em hypotheses, e tarde, ou nunca, se adoptará uma opinião geralmente admittida.

Vide *Anta, Carn, Dolmen, Druidas*, e *Mâmoa*.

VÁSCOVEIRO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 75 kilometros de Viseu, 360 ao E. de Lisboa, 100 fogos. Em 1768, tinha 61. Orago, N. Senhora da Assumpção. Bispado de Pinhel (foi do de Viseu) districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santo André, de Pinhel, apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Pouco fertil. Bastante gado e muita caça, grossa e miuda.

O nome d'esta freguezia virá de *Vaz, coveiro?* Parece.

VÁSO NA CABEÇA — Vide *Luto* — e suas notas.

VASSAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Val de Paços (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Chaves, da qual este concelho fazia parte) 105 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 170 fogos. Em 1768, tinha 91. Orago, N. Senhora da Expectação — ou do Ó. (O *Port. Sacro*, diz que é N. Senhora do Rosario). Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento annual.

O *Port. Sacro e Profano*, dá a esta freguezia o nome de *Vaçal*; e julgo que é menos errado do que *Vassal*.

Nesta mesma provincia, e no concelho de Bragança, ha a freguezia de *Baçal*, que si-

---

[1] *Denkmaeler der baskischen sprache*, von dr. Mahn. Berlin, 1857.

[2] Os *fuéros* das Vascongadas, foram muito reduzidos pelos governos liberaes de Hespanha, e isto tem dado origem a varias revoluções. Os Vasconços teem razão, para pugnar pelos seus *fuéros*. Não foram conquistados; uniram-se voluntariamente a Castella, sob a condição de lhes serem conservados *todos* os seus antigos privilegios.

gnifica *logar plantado de sebôlas — sebolal.*

Fertil. Gado e caça.

VASSALARIA — port. ant. — predios rusticos, que constavam de 10 ou 12 casaes, cada um, com sua junta de bois, ou de *vaccas* — e de *vacca* é que se deriva a palavra, porque *Vassalaria* é corrupção de *Baccalaria.*

Os que tinham o dominio util de qualquer d'estes casaes, se denominavam *baccalarios*, titulo então mais honrado, do que o de simples lavrador ou colono d'esses predios. Eram isentos de cargos civis.

Os reis e os mosteiros, foram *direitos senhorios* das *baccalarias.*

VASSALLO — No antigo portuguez, significava, fidalgo, aulico, ministros e seus assessores. Era, portanto, um titulo d'honra. Hoje, diz-se *subdito* — isto é — o que reconhece um soberano por seu chefe.

Na baixa latinidade se dava o honroso titulo de *vassus*, ao soldado forte e generoso, e é de *vassus* que se deriva a palavra *vassallo.*

Dos antigos vassallos, escolhiam os nossos primeiros reis, os *infanções*, e os *ricos-homens.*

Quando a um individuo qualquer, o rei dava o titulo de vassallo, consignava-lhe logo esta renda, em dinheiro ou em cereaes (e muitas vezes, em ambas as cousas) para sustentar o lusimento d'aquelle *pôsto.* A esta renda, se chamava *moradia.*

Até ao reinado de D. Pedro I, só podia ter o titulo de vassallo, o filho, neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem. Desde o rei D. Fernando até D. Manuel I, se ampliou o titulo de vassallo, aos *acontiados*, limitando-se aos *lanceiros*, de maneira que podiam ter as honras e privilegios de vassallos, os *officiaes mechanicos* e os lavradores, que formavam parte da milicia da reino. Dava-se-lhes tambem o nome de *cavalleiros peões.*

D. Affonso V, precisando de muita gente para as guerras da Africa e de Castella, e para remunerar os que n'ellas se tinham distinguido, admittiu muitos populares para a lista dos vassallos, apezar da forte opposição dos nobres, que não queriam que tal honra fosse concedida senão a fidalgos.

Seu filho, D. João II, requerido nas côrtes d'Evora (1481, primeiro do seu reinado) para que fizesse certo numero de vassallos, homens fidalgos, ordenou que houvesse 4:000 vassallos, nobres, com a designação de *vassallos de el-rei*, como sempre até alli se uzára; não podendo estes ser vassallos de outro qualquer senhor, ou rico-homem. Dois mil eram de cavallaria, denominados *Lanças de homens d'armas*, e tinham todos os antigos privilegios dos vassallos, e 2$500 réis de *contia.* Os outros 2:000, eram chamados *Piqueiros de pé*, e tendo os mesmos privilegios, não recebiam *contia.* Tanto uns como outros tinham obrigação de estar sempre promptos, *á primeira voz*, com armas e cavallos.

Esta qualidade de vassallos, terminou no reinado de D. João III.

Havia ainda outros individuos, denominados *Vassallos das lanças*, que viviam em terras *jugadeiras.* Não eram fidalgos de linhagem, nem gozavam outros privilegios, senão serem escusos das *jugadas*, em 30 alqueires de trigo, pelo *Assento*, de 7 de dezembro de 1487.

VÁU — freguezia, Extremadura, concelho e 6 kilometros d'Obidos, comarca das Caldas da Rainha, 95 kilometros a N. O. de Lisboa. 85 fogos. Em 1768, tinha 92. Orago, N. Senhora da Piedade. Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, de renda annual.

Esta freguezia, foi annexada á do Sobral da Lagôa, em fevereiro de 1879. (Vide *Sobral da Lagôa*).

A povoação do *Vau*, fica a 2 e meio kilometros ao N. da *Amoreira*, e 4 da famosa *Lagôa de Obidos*, junto da qual — para o lado do Vau — ha um grande paúl, denominado *Pôça d'Albufeira*, completamente inundado no inverno, pescando-se alli bastante peixe, e caçando-se tambem varias áves aquaticas, ou pallustres, como *galeirões*, *adens*, *caimões*, etc.

Veio aqui por algumas vezes, divertir-se com caçadas e pescaria, D. Maria I, e fez presente d'este paúl aos moradores do logar do Vau, por uma sua provisão régia;

podendo elles, não só pescarem e caçarem, ou aproveitarem este terreno, como melhor lhes conviesse, como tambem apascentarem alli os seus gados, quando estivesse livre das aguas.

É d'este paúl, que se póde passar a *vau*, no inverno, que parece provir o nome á povoação.

Comprehende esta freguezia, onze casaes, todos de bôa terra, e a excellente *quinta do Bom-Successo*, junto á Lagôa d'Obidos, da qual é actual proprietario, o sr. Antonio Manuel da Cunha e Sá, residente na sua *quinta da Torre*, freguezia de S. Barnabé do Ervedal, concelho d'Aviz, comarca da Fronteira.

N'esta quinta, residiu D. Verissimo Monteiro, bispo de Pekim (China) e foi elle que construiu a casa, hoje muito melhorada pelo sr. Cunha e Sá.

Está n'esta quinta (com a porta para a rua) a bonita ermida de *N. Senhora do Bom Successo*, que deu o nome á quinta.

Antigamente vinham a esta ermida os *Cirios* de Peniche, do Nadadouro, de Val Bem-feito, e do Vau: hoje só aqui veem os dous ultimos.

Em outros tempos, era o terreno d'esta freguezia, inculto, e povoado de matto, carrascos, e outros arbustos silvestres; e quando se principiou a povoar, ficou pertencendo á freguezia (hoje supprimida) de S. João de *Mocharro*, extra-muros da villa d'Obidos (6.º vol., pag. 185, col. 1.ª) cuja egreja está hoje reduzida a ermida, dedicada a *N. Senhora do Monte do Carmo, e S. Vicente*.

Principiou a povoar-se esta terra, e, como é muito fertil, foi pouco a pouco augmentando a povoação. Construiu-se então uma pequena ermida, da invocação de Santo Antonio de Lisboa, a qual, passados alguns annos, foi restaurada e ampliada, pintando o retabulo da capella-mór a famosa Josefa de Ayala (*Joséfa d'Obidos*).

Passou depois a pertencer a povoação do Vau, á freguezia da *Amoreira* (a 3.ª da col. 2.ª, de pag. 201, do 1.º volume) que ficava mais perto do que a de S. João Baptista de Mocharro; mas, ainda assim, o caminho a percorrer para hir á egreja matriz, era pessimo, sobre tudo no inverno, e tinha de passar-se por mattas perigosas — principalmente para mulheres, por causa da solidão, o que deu causa a alguns factos *summamente desagradaveis*....

Pelos annos de 1740, D. João V foi aos banhos das *Caldas da Rainha*, com seus filhos, D. José, principe do Brasil (e depois, rei, 1.º do nome) e os infantes, D. Carlos, D. Pedro, [1] e D. Alexandre, resolveram fazer uma caçada e pescaria, á Lagôa d'Obidos e á *Pôça da Albufeira*. [2]

Eram do logar do Vau, os remadores das *bateiras*, em que conduziram a familia real, acontecendo ter chovido bastante, alguns dias antes, e estar inundada a Pôça da Albufeira, a ponto de por ella se poder navegar facilmente.

Os remadores aproveitaram esta occasião para pedirem ao infante D. Pedro (que foi o que os tratou com mais familiaridade) que a sua terra se constituisse em freguezia independente da da Amoreira.

O infante prometteu-lhes interessar-se a favor da sua pretenção, pedindo a D. Thomaz d'Almeida, 1.º cardeal-patriarcha de Lisboa (4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) que concedesse a requerida desannexação, ao que o prelado facilmente annuiu.

Prejudicava isto nos seus interesses ao padre João Teixeira Monteiro, cura-parocho da Amoreira, que, com embargos e toda a qualidade de obstaculos a que poude recorrer, tentou annullar a decisão do prelado, obrigando os do Vau a grandes incommodos e despezas; porque o padre Arcenio Caetano, o canteiro Manuel Pereira, do So-

---

[1] O infante D. Pedro, designado no texto, era o 4.º filho varão, de D. João V, e não o primogenito do mesmo nome, e que foi principe do Brasil. Este, morreu de 2 annos e 10 dias de edade, pois nascêra a 19 de outubro de 1712, e falleceu a 29 de outubro de 1714, succedendo-lhe no principado do Brasil, e depois na corôa, o filho segundo, D. José.

[2] Albufeira, é corrupção do substantivo árabe *Albuhera*, que nós pronunciâmos *Albufeira* — substituindo o *h aspirado*, por *f*. — É diminutivo de *Bahron* — o mar — vindo pois a significar — *pequeno mar*, ou *lagôa*.

bral de Logôa, e outros, do Vau, amigos do cura da Amoreira, coadjuvaram este na sua tenaz opposição.

Os pretendentes, porém, tinham a seu favor a protecção do infante D. Pedro, e a bôa vontade e energia do padre José Alves, descendente do primeiro habitante do Vau, e um sacerdote exemplarissimo pelas suas virtudes e sabedoria, pelo que as chicanas terminaram e a parochia constituiu-se.

O cardeal-patriarcha, mandou levantar as paredes para a nova egreja matriz, em redor da ermidinha de Santo Antonio e N. Senhora da Piedade, ficando esta a ser orago da nova freguezia.

Quando o cura da Amoreira recebeu de Lisboa uma carta em que se lhe participava que todas as tricas tinham terminado, e que a parochia estava definitivamente constituida, teve tão grande pezar, que adoeceu, morrendo ao cabo de 22 dias!

O tal padre Arcenio Caetano, parcial do cura da Amoreira, pelo desgôsto de ser supplantado pelos seus conterraneos, vendeu tudo quanto tinha no Vau, e foi viver para Lisboa; mas tendo de voltar ao Vau, para terminar os seus negocios, embarcou em uma falúa do Riba-Tejo, que, virando-se, lhe causou a morte, proximo a Sacavem.

O canteiro Manuel Pereira, do Sobral — outro oppositor á pretenção dos do Vau, tendo hido á festa de N. Senhora do Bom-Successo, na 1.ª oitava do Espirito Santo, dia em que o cirio de Peniche ainda alli vinha em romaria, quando já o Vau era parochia independente, em quanto o novo parocho dizia a missa da festa, estava o canteiro, no adro, ridiculisando a parochia e os freguezes. Outros canteiros que andavam de rixa com elle, e com outros que o acompanhavam, estimulados pelos insultos de que eram objecto, vieram ás mãos com os provocadores, resultando tão graves ferimentos ao do Sobral n'esta desordem, que apenas viveu trez dias, sendo o primeiro individuo que o novo parocho do Vau teve de confessar e sacramentar, e o primeiro que estreiou a tumba da freguezia do Vau.

Estas trez mortes, todas desastrosas, attribuiu o povo do Vau a castigo das traficancias que praticaram aquelles individuos, para obstarem a que se erigisse a freguezia de N. Senhora da Piedade. Talvez tivessem razão.

—

Muitos são os milagres attribuidos á padroeira d'esta freguezia, do que resultaram varias romagens, esmolas e offertas á Santissima Virgem.

—

Conservou-se freguezia independente, por espaço de 129 annos (desde 1750, até 1879) sendo em fevereiro d'este ultimo anno — como vimos no principio do presente artigo — annexada á do *Sobral da Alagôa*, que, como vimos, tambem tinha feito parte da supprimida freguezia de S. João Baptista de Mocharros, extra-muros d'Obidos.

A freguezia do Sobral da Alagôa, tambem tinha side creada de novo, em 1837, isto é, 87 annos depois da do Vau, como vimos no volume 9.º, pag. 416, col. 2.ª.

Todos sabem o que na lingua portugueza significa a palavra *Váu*. Na antiga lingua Gauleza, significava *cidade, castello, logar fortificado*, etc.

Na França e na Suissa, ha muitas povoações cujo nome principia por *Vau*, com a mesma significação — por exemplo — *Vau-le-Court, Vau-Cluse, Vau-Coleurs, Vau-de-Mont, Vau-Girard, Vau-Vert*, etc.

VEÁDE ou **VIÁDE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros ao N. E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1768, tinha 242. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação—Candeias) arcebispado e districto administrativo de Braga.

O commendador de Malta, de Celorico de Basto, apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

Viade, *Bade* e *Biéco*, no antigo portuguez significava *Beato*, e, não só era adjectivo, mas tambem nome proprio de homem.

São Beato, presbytero, floresceu nas Asturias, pelos fins do seculo VIII, e foi o confutador da heresia do monothelitas, em Hespanha.

Terra fertil. Muito gado e caça. Grande exportação de bois gordos, para a Inglaterra.

VEADE ou **VIÁDE** — Freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Monte-Alegre, 60 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1768, tinha 185. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção). Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O *Port. Sacro* dá a esta freguezia o nome de *Veáda de Baixo.*

Fertil. Gado de toda a qualidade, e muita caça.

VEADOR ou **VEDOR**—O primeiro individuo que se encontra em Portugal com esta denominação, é João Gonçalves, no reinado de D. Fernando I.

Estes veadores ou vedores, ora se diziam *veadores da fazenda d'el-rei*, ora da fazenda do reino.

Depois de passados muitos annos é que se lhes deu a denominação de mórdomos, e se sujeitaram á obediencia do *mórdomo-mór*, emprego ainda usado, porém é mais de honra, do que de trabalho e de interesse.

Desde D. Affonso Henriques até D. Fernando, ao simples védor se dava o nome de *dapifer*, e ao primeiro (o a que depois se chamou mordomo-mór) o de *dapifer da curia.* Tambem se dizia *Villicus Curiae.* Com esta ultima denominação, se via D. Ermigio em um documento do mosteiro de Alpendurada, do anno de 1131.

Tinham a seu cargo a direcção da fazenda do rei, ou do estado, e tambem o officio de *trinchante* da casa real.

No reinado de D. João I, se deu aos *paceiros-móres*, (superintendentes das obras dos paços reaes, em todo o reino—havendo em cada paço, um d'estes *paceiros*) tambem a denominação de *Veadores da casa d'el-rei.* O 1.º que se acha com este titulo é *Affonso Gonçalves*, alojado no castello de Lisboa, onde então eram os paços reaes.

Por um *regimento* de D. Philippe II, datado de 12 de novembro de 1585, se mudou o nome de *veador da casa d'el-rei*, no de *provedor das obras.*

Os que desejarem mais amplos esclarecimentos com respeito a estes empregos, vejam a *Geographia historica*, de D. Luiz Caetano de Lima, tomo I, pag. 277, 289, 498, 515 e 520.

VEATODOS ou **VIATODOS** — Freguezia, Minho, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 215 fogos. Em 1768, tinha 151. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Apresentação.) Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o reitor, que tinha 160$000 réis de rendimento annual.

Foi commenda da ordem de Christo.

Na noite de 18 para 19 de abril de 1881, os ladrões sacrilegos, arrombaram a porta lateral da egreja matriz d'esta freguezia, e entrando n'ella, arrombaram as caixas das esmolas, e roubaram o seu contheudo, assim como bastantes objectos pertencentes ao culto divino; tudo, no valor de 200$000 réis.

Pertenceu Veatodos, em tempos antigos, ao julgado de Vermoim, que comprehendia a *Honra de Farellães*, solar dos Correias. (Vide *Correias da rua Chan*, no artigo *Porto* a pag. 526, col. 1.ª) É povoação muito antiga, assim como a Honra de Farellães, ou *Fralães*, que foi couto da casa de Bragança. Vide *Fralães* e *Pérre.*

Segundo alguns antiquarios, a antiquissima villa (hoje reduzida a aldeia, assim como tambem foi supprimida a freguezia de Farellães) foi fundada por um *patricio* romano chamado *Elio Faya* ou *Saya.*

> Isto collige-se apenas, dos restos de uma inscripção, gravada em uma pedra quebrada que hoje fórma o 3.º degrau da capella de Santa Maria de *Véatodos*—(Vê-a-todos.)

Eram notaveis os privilegios do solar dos senhores de Farellães!

No 1.º de janeiro de cada anno, se juntavam os *vassallos* dos Correias, e o *senhor*, sentado em uma cadeira debaixo de um carvalho, mandava arrimar ao mesmo a vara do juiz velho, e entre todos os presentes, escolhia o que julgava mais digno, e lh'a entregava (a vara) tomando-lhe juramento, de

que faria justiça recta, em todo o decurso d'aquelle anno. Passava-lhe *carta de ouvir*, sellada com o sello das suas armas. Sem mais formalidades, ficava feito *juiz ordinario e dos orphãos*, e este, depois, com o povo, elegia os vereadores e mais empregados do couto.

Depois d'isto, vinham umas *fogaças*, pagas por alguns caseiros do senhor, das aldeias de *Camposinhos* e da freguezia de Veatodos, que eram comidas por todos os presentes, dando-lhes o senhor bastante vinho, com que aquella sucia se alegrava. (Já se vê que, desde tempos immemoriaes, é costume haver *comezainas* em occasião de eleições. «Nada debaixo do sol, é novo...»)

A primeira imagem da padroeira, era tão antiga, e estava em tal estado, que o visitador a mandou enterrar, e que se fizesse uma nova; mas uma mulher, visinha da egreja, não consentiu, levando a imagem para sua casa, onde a conservou, com muita devoção.

A nova imagem tem um metro d'altura.

A egreja matriz, é sagrada, como se vê das varias cruzes que a cercam nas paredes interiores.

Muito fertil. Gado e caça.

VEDRO—Port. ant.—velho. *Tempo de Vedro*, quer dizer, de tempos immemoriaes. «*De ló comaro a suso, per si a parede, foi fundada de tempo vedro.*» Doc. de Alpendurada, de 1285 e 1300.)

Vem do antigo latim *vetus*, depois *veterus*.

Tambem era synonimo de *Védo* (vedação) —tapume, ou comoro que cerca uma propriedade. Vem do latino *véto*.

VEGA ou **VEGADA**—port. ant.—Vez. Em uma doação do bispo de Lamego e seu cabido, feita no anno de 1361, se emprega a palavra *vegada*, por *vez*. Em uma sentença da cidade da Guarda, do anno de 1399, se diz—«*Por estes presentes escriptos, amoéste a primeira, segunda e terceira* vegadas *todos* aquelles, etc.

VEIGA—(ribeira da)—Vide o 2.º *Val-de-Porco*.

VEIGA—É um appellido nobre de Portugal procedente de varias origens. O primeiro que acho com elle, é D. João Esteves da Veiga, tomando-o do logar da *Veiga de Santa Maria*, a 6 kilometros de Braga. Teve o titulo de *rico-homem*, e foi senhor de Salvaterra de Magos, e do conselho de D. João I.

Era filho de Leonardo Esteves de Napoles, cavalleiro nobilissimo, que ficou n'este reino depois da batalha do Sallado (30 de outubro de 1340) por ser partidario de nosso rei D. Affonso IV.

Os Veigas d'este ramo, trazem por armas —em campo de purpura, uma aguia d'ouro armada de prata—êlmo de aço, aberto, e por timbre, a aguia do escudo.

Outro ramo de familia d'este appellido, é o que procede de D. Vasco Lourenço da Veiga, filho de D. Lourenço Vicente de Lemos, arcebispo de Braga [1].

Estes trazem por armas as que se acham descriptas no 4.º vol., pag. 463, col. 1.ª

Os manuscriptos da casa Palmella, dão aos Veigas as armas seguintes:

Em campo de púrpura, cruz de prata, firmada, cantonada de uma flor de liz de ouro

---

[1] Este vulto legendario do seculo XIV, nasceu no casal da *Charrua*, freguezia e concelho de Lourinhã. Um ardente desejo de instruir-se, o levou a frequentar as universidades de Montpelier, Tolosa, Paris, e Bolonha. Voltando a Portugal, no reinado de D. Fernando I, foi feito arcebispo de Braga, prelatura que exerceu com a maior dignidade e intelligencia, mostrando quanto aproveitara em sciencia com a distincção dos seus grandes estudos.

Foi este prelado que convenceu o rei D. Fernando a seguir as partes do legitimo papa, Urbano VI, no grande schisma que então affligiu a christandade.

Nas desordens e conflictos de 1383, foi um dos primeiros que acclamou rei de Portugal ao Mestre d'Aviz (em Coimbra) pelo que, e pelos seus relevantissimos serviços posteriores, D. João I, em grande parte, lhe deveu o throno, e Portugal a liberdade.

Na gloriosa batalha d'Aljubarrota (14 de agosto de 1385) foi um dos mais intrepidos batalhadores, levando uma cutilada na face cuja cicatriz lhe durou toda a vida, e d'ella se gloriava, por ser um testemunho de ter arriscado a vida, em defeza do seu rei natural e da patria.

Em todas as conjuncturas d'esta guerra, mostrou-se sempre um verdadeiro amigo do nosso D. João I, um leal e bravo portu-

—élmo de prata, aberto, e por timbre, uma aguia de purpura.

Outro ramo d'esta familia (diz Villas-Bôas) traz por armas — escudo esquartelado— no 1.º, de purpura, aguia d'ouro, armada de prata — no 2.º e 3.º, de prata, a cruz de S. Jorge (de purpura) cantonada de uma flôr de liz, azul — no 4.º, de prata, 3 flores de liz, azues, em roquete.

Veiga de Napoles, é tambem um appellido nobilissimo d'este reino, onde um ramo da familia dos Veigas, se enlaçou com a dos Napoles, e usa das seguintes armas — Em campo de prata, 9 flores de liz, de purpura, em 3 pallas — élmo de prata, aberto; e por timbre, uma das flores de liz, do escudo.

Os *Napoles*, são tambem nobilissimos (os legitimos — porque ha *Napoles de contrabando*...)

Eis a sua origem, em Portugal:

No reinado de D. Affonso IV (1325–1357) veio de Napoles para Portugal, Estevam de Napoles, filho do Infante D. João de Napoles, pondo-se ao serviço do dito rei. Tomou parte, com distincção, na famosa *batalha do Sallado*, pelo que D. Affonso lhe deu o fôro de seu vassallo, e os senhorios das villas de Cêa e Penella, da cidade de Coimbra, e de toda a *Veiga de Santa Maria*; pelo que, muitos dos seus descendentes, tomaram o appellido de *Veiga*.

Casou com D. Margarida Annes, filha do 1.º conde de Ourem, D. João Affonso Tello do Menezes, tio de D. Leonor Telles de Menezes. (6.º vol., pag. 331, col. 2.ª)

Os d'este appellido, trazem por armas — escudo esquartelado—no 1.º e 4.º, de purpura, aguia d'ouro — no 2.º e 3.º, de azul, tres flores de liz, de ouro, em roquete—élmo de prata aberto—e por timbre, uma das aguias do escudo.

VEIGA DE LILLA — Freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Val de Paços (foi da comarca de Chaves, extincto concelho de Carrazedo de Monte-Negro) 120 kilometros ao E. N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1768, tinha 61. Orago, Santa Maria (Nossa Senhora das Neves). Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro de Lilla (a fréguezia seguinte) apresentava o vigario, que tinha 40$000 de rendimento annual.

O antigo nome d'esta freguezia, era *São Pedro dos Valles*.

No sitio do Carril (em tempos antigos, chamado *Val Saudavel*) entre as aldeias dos *Valles* e *Deimãos*, está a antiquissima ermida de *Nossa Senhora da Assumpção*, que é um templo vasto, podendo ser matriz de uma grande parochia. O tecto, é apainelado, dividido em setenta e dous quadros, representando scenas da vida da SS. Virgem. Foi tudo restaurado no principio do seculo XVIII. Diz-se que a primitiva egreja já existia no tempo dos godos.

Teve uma grande irmandade, cujos estatutos foram approvados pelo cardeal D. Verissimo d'Alencastre, sendo arcebispo de Braga.

Foi este templo muito concorrido de romagens, em todo o decurso do anno, quando o povo tinha mais fé.

---

guez, e um sabio conselheiro do rei; que dizia muitas vezes— «O condestavel D. Nuno Alvares Pereira e o arcebispo D. Lourenço, são os meus dous olhos.»

Enriqueceu a Sé de Braga com preciosos ornamentos, e foi summamente caritativo, pelo que era adorado pelos portuguezes em geral, e especialmente pelos seus diocesanos, que o tinham (e muitos ainda o teem) por santo.

Fez grandes obras na sua egreja cathedral e n'ella mandou fazer a sua sepultura, em capella particular, onde jaz.

Depois de uma vida santa e agitadissima, falleceu no seu paço archiepiscopal, a 28 de abril de 1397.

Era tão amigo de sua avó, Lourença Vicenta (por alcunha a *Longa da Fonte*) que d'ella tomou o sobrenome, tendo-se-lhe no baptismo, a pedido d'ella, dado o primeiro nome.

Em 1663, quando D. João d'Austria, filho bastardo de D. Philippe IV, de Castella, invadiu Portugal, pelo Alemtejo, tomando-nos a cidade d'Evora, o povo de Braga recorreu á protecção do seu querido arcebispo, e no dia 4 de junho d'aquelle anno, foi tirado da sua sepultura, achando-se tão incorrupto e *fresco*, como se n'aquella hora tivesse fallecido. Vide *Lourinhã*.

Tem a Padroeira, algumas propriedades, casa de residencia para o eremitão, com um pequeno quintal.

Este eremitão (que era apresentado pelo parocho da freguezia) tinha obrigação de pedir esmolas por varias comarcas do arcebispado, tratar do aceio do templo, e fazer, á sua custa, uma festa, no dia 2 de fevereiro de cada anno, a Nossa Senhora da Purificação (Candeias) dando para ella a competente cêra; e em todo o anno, azeitê para a lampada.

O sitio em que está o templo, é muito agradavel, e regado por uma fonte perenne de bôa agua potavel, e no centro de um souto de azinheiros. Alli proximo, passa um ribeiro, que torna o sitio fresco e delicioso.

VEIGA DE LILLA — Freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Val de Paços (como a antecedente, foi da comarca de Chaves, concelho extincto de Carrazedo de Monte-Negro) 105 kilometros a E.N.E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 155 fogos. Em 1768, tinha 52. Orago, S. Pedro, apostolo. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

Tanto esta freguezia, como a antecedente do mesmo nome, constituiam a antiga parochia denominada *São Pedro dos Valles.*

Em tempos de que não pude adquirir noticia, separou-se a primeira, constituindo freguezia independente, e tomando por padroeira, Nossa Senhora das Neves, que o era de uma antiquissima ermida que havia alli e que foi erecta em matriz.

Ambas estas freguezias são ferteis em todos os generos agricolas, criam muito gado, de toda a qualidade, e teem abundancia de caça.

VEIGA DE MIRA—Formosa e fertil planicie, Minho, sobre a esquerda do rio Minho, e que se estende pelas freguezias de São Pedro da Torre, Cristello-Côvo (Segadães) e Arão, junto á praça de Valença.

Este terreno é, em grande parte, pantanoso, pelo que, em 1878, foi bastante difficil e muito dispendiosa a construcção da nova estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto, Vianna, Valença, etc. desde Campos, até perto da referida praça.

Teve de construir-se n'esta veiga, uma extensa ponte—a principal obra d'arte, desde Seixas para Valença — Para se achar uma base solida, para assento dos seus pilares, que são dous, teve de profundar-se o sólo, em um, até 15 metros, e em outro, até 20, abaixo da superficie. (Vide *Arão.*)

VEIGA DE PENSO -- Vide *Paço d'Ançariz.*

VEIGA DE SANTA EUPHEMIA—Vide *Vilar da Veiga.*

VEIGAS—Vide *Quintanilha.*

VEIRINHOS — Logar, Extremadura, pertencente á freguezia da villa do Louriçal, comarca e concelho do Pombal. N'este logar existe a antiga ermida de *Nossa Senhora dos Remedios,* que foi objecto de grande devoção, dos povos d'estas terras. Em outro tempo havia aqui missa em todos os domingos e dias santos, que era sempre muito concorrida.

VEIRIZ—Vide *Beiriz.*

VEIROS—e mais antigo—**VEEIROS, VARIUM, VAIROS, VARUS, VAYRUS, VAYUS** e **VEYRUS**— port. ant. — pelles delicadas e preciosas (martas zebelinas, arminhos, etc.) que vinham para Portugal, da Hungria, da Esclavonia, e de outras nações. Serviam (e ainda servem) para guarnecer vestidos, capotes, carapuças, barretes, etc.

A esta guarnição, ou forro, se dava vulgarmente o nome de *pena.* Só fidalgos de alta estirpe, podiam usar d'estas pelles. «*Nom traga sobre si* (quem não fôr de sangue real, ou muito nobre) *pena de veeiros, nem de grizés* (pelles de côr parda) *nem de erminhos.*» (Cod. Alf. liv. v, tit. 43, §§ 2.º)

Veiros, em armaria, é uma risca *colubrada* lançada em faxa, e dando depois, a uma parte e á outra, as côres que o brazão declara. (*Nobiliarchia port.* cap. 27, folhas 229.)

VEIROS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros a O. S. O. de Estarrêja, 40 kilometros ao S. do Porto, 290 ao N. de Lisboa, 620 fogos.

Em 1768, tinha 87. [1]

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor da freguezia de S. Thiago de Beduído, apresentava o cura, que tinha reis 100$000 de rendimento annual.

O *Catalogo dos bispos do Porto* (pag. 387, col. 2.ª) diz que ha n'esta freguezia a ermida de Santa Luiza, e que a egreja matriz *foi de novo levantada.* (1623.)

Pertence á vasta circumscripção territorial, denominada antigamente, *Terra de Santa Maria*, e hoje, *Terra da Feira.*

Segundo a tradição, foi, em tempos antigos, villa e cabeça de um couto, comprehendendo o que actualmente pertence a esta freguezia, e á da Murtosa, de que então formava parte, e da qual se separou no principio do seculo XVII. Acho fundamento a esta tradição, por ainda hoje se dár á freguezia de que fez parte, a denominação de *Murtosa de Veiros*; do que se conclue que Veiros era povoação mais antiga (ou, pelo menos, de maior importancia) do que a Murtosa.

A povoação d'esta freguezia, é, na sua maxima parte, composta de pescadores e *artes correlativas.* Vide *Murtosa de Veiros*, pois o que disse alli, pode applicar-se a todos os respeitos, á freguezia de Veiros.

Para a etymologia, vide o 1.º *Veiros*

VEIROS — villa, Alemtejo, comarca de Elvas, concelho de Monforte (foi até 24 de outubro de 1855, cabeça do pequeno concelho do seu nome — tinha apenas 600 fogos — pertencente á comarca da Fronteira) 30 kilometros d'Evora, 138 ao E. de Lisboa—300 fogos. [2]

Em 1768, tinha 303.

Orago, O Salvador.

Bispado d'Elvas, districto administrativo e 40 kilometros de Portalegre.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada, e 20$000 reis em dinheiro, de rendimento annual.

E' uma das muitas povoações de Portugal, que datam — pelo menos — do tempo dos romanos.

Fica 15 kilometros ao N. de Extremôz, 16 ao N. de Bórba, 19 de Villa Viçosa, e 19 da Fronteira, 36 a E. d'Aviz.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Santarem, a 2 de novembro do 1510. (*L.º de foraes novos do Alemtejo*, fl. 50, col. 2.ª)

Não teve foral velho. Foi commenda de Aviz.

O seu brazão d'armas, é um escudo de prata, sem mais divisa.

A villa está fundada em uma elevação, passando-lhe ao sopé, a ribeira de *Anha-Loura—Anna Loura*—abundante de peixe.

Esta ribeira, é notavel pela abundancia das suas nascentes, que, mesmo durante a estiagem, servem de motor a muitas dezenas de moinhos e azenhas; regando e tornando fertilissimas as veigas por onde passa.

No seu termo correm os pequenos rios *Almuro* e *Souzel.*

E' atravessada junto á villa, por uma soffrivel ponte de pedra, de tres arcos.

Segundo o padre Carvalho, foi construida pelos romanos.

Os gôdos a occuparam, desde o principio do 5.º seculo, até 816, que foi tomada pelos arabes. O nosso D. Affonso II, a resgatou do poder d'estes, em 1217.

O seu castello — cuja fundação se attribue aos romanos — foi reedificado por D. Lourenço Affonso, 9.º mestre da ordem de Aviz, durante o reinado de D. Diniz. Tinha sete torres, e castello, com quatro portas, e no centro d'elle, a torre de menagem, que foi das mais altas e fortes de Portugal.

As suas muralhas e algumas das torres, ainda estão menos mal conservadas.

Os marquezes d'Abrantes, eram alcaidesmóres de Veiros. [1]

---

[1] Aqui, ha certamente engano do *Port. Sacro.* Esta parochia não podia augmentar mais de *300 por cento* em 114 annos.

[2] O sr. F. X. Franco, no *Alm. de Lembr.* de 1876, pag. 280, dá lhe 3:000 fogos. Só lhe accrescentou uma cifra!

[1] Depois, passou a alcaidaria para os condes de Villa Nova de Portimão, titulo hoje extincto.

Perto dos Olivaes, termina a serra d'Ayres (que principia na freguezia de S. Aleixo) e, marchando para o O., perde em Veiros o seu primeiro nome, e toma o de *Serra de Santo Antão*. (Vide *Ayres, serra.*)

Varios dos nossos reis lhe concederam grandes privilegios, e tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.º

E' terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sobre tudo, em trigo, que exporta em grande quantidade. Produz bastante azeite e vinho, e nos seus *montados* se cria grande quantidade de gado, principalmente suino, que tambem se exporta em grande numero. E' terra muito saudavel. Muita caça.

Os moradores d'esta villa, têem (dá-se-lhes) a alcunha de *tronchos*, a qual, segundo a tradição, procede do seguinte facto.

Quando D. João d'Austria, general castelhano, e filho bastardo de D. Philippe IV, foi derrotado, na gloriosa batalha do *Ameixial*, a 8 de junho de 1663, e fugiu em debandada, com o resto do seu numeroso exercito, para Castella, chegando á villa de Veiros, pasmou de ver como uma povoação pequena se preparava para lhe impedir a entrada. Mandou intimar os seus defensores, para que se rendessem, — responderam que preferiam morrer sob as ruinas das suas casas.

D. João d'Austria, que, como temos visto em varios logares d'esta obra, só era valente contra povoações indefezas, fazendo mais gala da sua crueldade do que do seu valor; e mais empenho em roubar, do que em vencer, entrou á força, depois de breve lucta, na villa, passando os seus soldados sobre os cadaveres mutilados dos habitantes, cortando as orelhas ás mulheres e creanças que haviam escapado do combate. Saquearam a povoação, incendiaram os archivos da camara, e na sua retirada, fizeram ir pelos ares, com uma explosão de polvora, a magestosa torre de menagem.

Todos sabem que *tronchar*, significa *cortar orelhas ou caudas*, e que *troncho* significa *cortado rente* — é pois da ignobil e cobarde barbaridade de D. João d'Austria e dos seus castelhanos, que proveio aos veirenses, a alcunha, tão honrosa para elles, como a de *tripeiros* para os portuenses.

—

A egreja matriz, é um bom templo, com duas torres, tudo de cantaria, mas bastante antiga e de architectura simples. Fica proximo ao castello.

Na praça da villa ainda se conserva a *casa da camara*, edificio muito antigo, pequeno e asseiado, em frente do qual está o pelourinho, insignia da autonomia de Veiros.

A villa é pequena, e não se vê aqui um unico monumento romano ou arabe, além de uma sepultura que está em frente da porta principal da egreja da Senhora de *Mileu* (da qual adiante trato.)

O seu melhor edificio, é o palacete dos srs. Coutinhos. A casa do ultimo capitão-mór de Veiros, tambem é de bôa apparencia.

Os condes da Louzam, têem aqui, mas do outro lado da ribeira, uma bôa herdade.

Tem Misericordia — pobre.

Nota-se n'esta terra, a lamentavel falta de um medico e de uma pharmacia (pelo menos, assim acontecia no fim do anno de 1876.) A villa mais proxima é Estremôz, que, como vimos, fica a 15 kilometros; de maneira que, quando aqui adoece alguem, tem de se hir chamar o medico a Estremôz. Chega elle, receita, e hade voltar-se a Estremôz, buscar o medicamento — isto é — tem de percorrer-se nada menos de 60 kilometros de hidas e vindas; e quando chega o remedio, já o doente está são — ou tem morrido. (Ao menos, se morre da doença, *não morre da cura*, o que muitas vezes acontece.....) [1]

—

Ha n'esta freguezia, cinco ermidas — *São Sebastião* — *São Bento* — *Santa Catharina* — *São Thiago* — e a legendaria —

---

[1] Isto era em 1876: hoje (1883) já tem medico e boticario permanentes, como se vê adiante.

Ermida de Nossa Senhora de Mileu,
ou de *Mil-Um*

E' uma bôa egreja — talvez do seculo XIII, ou XVI — de cantaria lavrada, com duas torres, e consta que foi a matriz primitiva da freguezia. Fica a uns 70 metros ao N. da villa.

Em frente da sua porta principal, existem duas campas, em uma das quaes, ainda pode lêr-se —

SEXTUS BUCIUS
SENAT. ROM.
H. S. E.

(Aqui está sepultado, Sexto Bucio, senador romano.)

Com certeza, falta o principio d'esta inscripção, que devia ter na 1.ª linha, a fórmula usada D. M. S. — depois o individuo que mandou fazer a obra — e na ultima linha, o costumado S. T. T. L.

A outra campa, que está partida, e com as letras completamente apagadas, consta que teve gravados alguns textos da Biblia, e palavras dos *Psalmos*, de David; mas não se sabe quem alli foi sepultado.

A pouca distancia do templo, está outra campa, onde se diz terem sido sepultados *Fernão* (ou *Pêro*) *Esteves — o Barbadão* e sua mulher, *Mafaldiannes* (Mafalda Annes) paes da célebre *Ignez Pires — Ignez Péres*, ou *Ignez Fernandes* — pois com estes trez nomes a tenho visto nomear. (Adiante fallarei d'ella e do pae.)

—

Eis a lenda da *Senhora de Mileu.*

Em tempos de que não ha memoria, e, provavelmente, do principio da nossa monarchia, foi achado (não consta por quem) sobre um pinheiro, a imagem da S. S. Virgem, á qual o povo principiou a dar o titulo de *Nossa Senhora do Pinhal.*

Resgatada já esta terra do poder dos arabes, foi a villa accomettida por DOZE MIL MOUROS (!) quando aqui não havia, para lhes fazer frente, mais do que DOZE cavalleiros christãos. N'esta conjunctura lhes appareceu a S. S. Virgem, e lhes disse — «PARA MIL EU!» — Outros pretendem que ella disse — «A'vante, christãos, para cada MIL mouros, UM de vós.» — Os christãos, animados pela S. S. Virgem, derrotaram os mouros, *não escapando nenhum*, e dos christãos, só um foi ferido!...

Por esta razão, se mudou a invocação de *Nossa Senhora do Pinhal*, para *Santa Maria de Mil-Eu*, ou *Santa Maria de Mil-Um.*

Ja no 5.º vol., pag. 230, col. 2.ª, tratei da palavra *Mileu, Milreu, etc.*

No 7.º vol., pag. 417, col. 1.ª, sob a palavra *Povoa de Mileu*, tratei de outra egreja, tambem da invocação de *N. Senhora de Mileu*, templo antiquissimo. Alli dei a significação da palavra *Mileu.*

O conego Antonio de Sequeira e Albuquerque, que escreveu nos fins do seculo XVII, a *Historia da egreja de Mileu*, proximo á cidade da Guarda (a tal da *Póvoa de Mileu*) deriva esta palavra, do arabe *Milleu*, que, segundo elle, significa *Milagre.* (E' uma etymologia como qualquer outra....)

Deixemos pois os da *Povoa de Mileu* e os de *Veiros*, com os seus *Mil-Eus*, ou *Mil-Uns*, que não offendem ninguem; pois que, é muito melhor acreditar em milagres, do que ser descrente.

Diz o *Santuario Mariano* (tomo 7.º, pag. 610.) «Festeja-se esta Senhora, a 8 de setembro, dia da sua Natividade; e correm as despezas por conta da Misericordia, por ser ella a que administra as rendas da Senhora, para o que, alcançaram uma procissão real — e dizem que, só em trigo, tem a Senhora *sete môios*, ou, SETE MOIOS EM SEMEADURA. Esta renda da Senhora, se gasta hoje com os pobres; *mas não sei se se administra com recta justiça esta renda, pois estando a Senhora em primeiro logar, e muito pobre, com ella se gasta muito pouco; porque se lhe falta até com missas que se lhe costumavam di-*

zer nos sabbados, e a sua festa parece que já não é com muita grandeza, e não sei se será por culpa dos administradores.

Quando frei Agostinho de Santa Maria, dizia isto em 1721, o que se dirá hoje? Antigamente, o povo da villa, fazia outra festa a esta Senhora, nas oitavas da Paschoa da Ressurreição.

O castello — a casa de Bragança— o Barbadão

No antiquissimo castello de Veiros, nasceu em 1370, D. Affonso, filho bastardo do mestre d'Aviz, depois D. João I.

Eis a genealogia d'este D. Affonso, que foi o 1.º duque de Bragança, e 9.º conde de Barcellos.

Ha pontos ainda bastante obscuros na historia de Portugal; e mais obscuros se tornam em vista das diversas opiniões de varios escriptores.

Um d'estes pontos, é a *historia* (a verdadeira historia) *genealogica da Serenissima Casa de Bragança*. Seguirei as opiniões dos escriptores que julgo mais dignos de credito.

D. Pedro I, havia mais de dous annos que estava viuvo de sua 2.º mulher, a infeliz D. Ignez de Castro (2.º vol., pag. 321, col. 2.ª, ultimo periodo e seguintes) quando tomou amores com uma *senhora nobre* e muito formosa, chamada *Thereza Lourenço*, da qual nasceu, a 15 de abril de 1358, o infante D. João, que seu pae fez mestre d'Aviz, e que, por fallecimento de seu irmão D. Fernando I, veio a ser rei de Portugal, sob o nome de D. João I [1].

Vimos no principio d'este artigo, que Veiros era uma commenda da ordem de Aviz. Os commendadores d'esta ordem, residiram por muitas vezes, e grandes temporadas, nos paços do castello, do qual tambem eram alcaides-móres.

O infante D. João, gostava muito de Veiros, e aqui residiu algumas vezes, sendo, come costumava dizer-se, o *idolo* d'este povo.

Fm 1368, estava aqui o infante, quando vio *Ignez Peres*, formosa filha de *Pero Esteves* e de *Mafalda Annes*, *ricos lavradores* d'esta villa.

Principiam as duvidas mais serias! — Despresando a calumniosa historia do tal *sapateiro judeu*, chamado *Mem da Guarda*, de que já tratei no 2.º volume, pag. 160, col. 1.ª e seguintes — e no 3.º volume, pag. 338, col. 2.ª restam ainda outras duvidas.

Dizem uns, que os paes de Ignez Peres não eram *ricos*, mas *pobres* lavradores, e Pero Esteves, um carpinteiro e simples *bésteiro de garrucha*, e por consequencia *pião*. Outros (talvez no intuito de darem mais nobres ascendentes á casa de Bragança) dizem que Pero Esteves, era de nobre ascendencia. Tambem ha duvidas sobre o primeiro nome d'este progenitor dos duques de Bragança, pois, uns lhe chamam *Pêro* (parece-me que é o verdadeiro), outros *Fernão*, ou *Fernando*. Dizem uns que a mulher se chamava *Maria Annes* (ou *Mariannes*) e outros — com mais fundamento — dizem que o seu nome foi *Mafalda Annes* (*Mafaldiannes*) [1].

Tambem á filha, uns dão o nome de *Ignez Pires*, outros de *Ignez Fernandes*, e outros ainda de *Ignez Peres*. É provavel que tivesse um, ou ambos, os dous ultimos sobrenomes, pois eram patronimicos de seu pae — que, ou se chamava *Pêro* ou *Fernão* (se é que não foi *Fernandes Esteves*). (Vide a nota).

Deixo pois a resolução d'estas duvidas, a quem fôr mais competente, e julgar que vale a pena proceder a mais serias investigações.

---

[1] Muitos escriptores sustentam que Thereza Lourenço era tão pobre de nobreza, como rica de formosura; pois não passava de filha de uma tendeira (outros dizem *regateira*) da Ribeira-Velha, em Lisboa. Ou fosse fidalga ou regateira, o que é incontestavel é que seu filho, foi um dos melhores reis d'este reino, e o mais amado pelos portuguezes, que lhe deram a antonomazia, bem merecida, de «D. João de Bôa Memoria».

[1] Ha todas as razões para acreditar que o pae de Ignez — ou D. Ignez — foi o doutor Pero Esteves Marques. Para evitarmos repetições, veja-se o que fica dito no 2.º volume, pag. 160, col. 2.ª, ultimo periodo e seguintes.

O que é verdade, é que — em 1369, D. Fernando I, de Portugal, disputou a corôa a D. Henrique II de Castella, irmão bastardo, assassino e successor de D. Pedro I, o *Cruel*, —e que, alliado-se com o rei de Aragão, e com o rei mouro de Granada, fez a guerra ao castelhano, mas guerra de pouca duração pois, principiando no fim de janeiro, terminou pelo tratado d'Evora, de 31 de março do mesmo anno; desistindo o rei portuguez da sua pretenção.

Pero Esteves fôra obrigado a hir á guerra na hoste dos cavalleiros d'Aviz, de que D. João era chefe; mas este, em vez de acudir á chamada de seu irmão D. Fernando, deixou-se ficar em Veiros, e, de combinação com o seu velho ayo, Fernão Martins, e tendo de antemão preparado umas ricas *andas* (especie de liteira) raptaram Ignez, de noite, levando-a para o castello d'Aviz.

Ou ella fosse filha do doutor *Pero Esteves Marques* e de *D. Izabel Pinheiro*, da mesma familia dos condes de Oriola, barões de Alvito (*condes-barões*) hoje marquezes de Alvito — ou do mestre carpinteiro, *Pêro Esteves*, de Veiros, *bésteiro de garrucha*, e de sua mulher *Mafaldiannes* — ou, finalmente do sapateiro, judeu e gallego, *Mem da Guarda* — o que é certo, é que o pae de Ignez, vendo esta barregan (mesmo a pezar de o ser de um infante) teve tal desgosto, que nunca mais fez a barba, pelo que lhe ficou a alcunha de *Barbadão*. Já se vê que, fidalgo ou plebeu, era um homem de bem, que presava a sua honra.[1]

Ignez teve do *Mestre* dous filhos, que este reconheceu.

D. Affonso[2] que foi 9.º conde de Barcellos, por casar com D. Beatriz Pereira, filha unica do 8.º conde de Barcellos, o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira — e que depois, seu irmão (legitimo) o infante regente D. Pedro, fez 1.º duque de Bragança, em 1442.

D. Beatriz, que casou com o inglez, conde de Arondel, dos quaes descenderam varios lords da Gran-Bretanha, Escocia, Irlanda e Estados Unidos da America.

Ignez Peres, morreu commendadeira de Santos, na fórma do costume de então, com as amantes dos reis que passavam á *3.ª secção*, ou á *disponibilidade*.

Ignez, teve dous irmãos — *Gil*, que não sei que caminho levou — *João Affonso Barbadão, homem bôo*, morador em Veiros, que falleceu aqui, em 1432, deixando por testamento «*Ao prioll, meu abade, de abadengo, 10 réis*». (Doc. da Graça, de Coimbra).

(*Abadengo* era o legado pio, esmola, agradecimento ou reconhecença, que se dava em vida, ou por testamento, ao parocho ou ao confessor. — Tambem se dava o nome de *abadengo* á apresentação n'uma abbadia, isto é, ao direito de ser abbade em qualquer egreja.)

Tratemos agora da origem da casa de Bragança, pela parte da sua 1.ª duqueza, D. Beatriz Pereira.

D. Gonçalo Pereira, da familia dos condes da Feira, a mais nobre de Portugal, n'esse tempo, e que foi 34.º arcebispo de Braga, teve de D. Thereza Peres Villarinho (castelhana) a D. Antonio (ou Alvaro) Gonçalves Pereira, que foi prior do Crato, e teve de varias mulheres, nada menos de TRINTA E DOUS filhos.

Uma das mães d'esta extensa prole, teve de D. Antonio, o grande D. Nuno Alvares Pereira, ao qual D. João I deveu a corôa, e Portugal a independencia, como temos visto em varios logares d'esta obra.

O referido arcebispo de Braga, progenitor dos reis bragantinos de Portugal, de todos os monarchas europeus (menos o da Turquia) e do imperador do Brazil, era filho segundo do conde D. Gonçalo Pereira, e irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos condes da Feira.

Foi creado no paço do rei D. Diniz. Fez

---

[1] Consta que o *Barbadão*, em desafronta da deshonra que lhe causara o *Mestre*, decidira assassinal-o, e sabendo que este havia de passar em Aldeia-Gallega do Riba-Tejo, em caminho para Monte-Mór-Novo, o esperou, disparando-lhe um tiro de bésta, que o errou. Parece que então fizeram as pazes; mas o *Barbadão*, nem assim, quiz tornar a ver a filha.

[2] Nascido nos paços do castello de Veiros, em 1370.

os seus estudos, com muita distincção, na Universidade de Salamanca. Vindo para Portugal, foi deão da Sé, do Porto. Foi eleito bispo de Evora, mas não confirmado. O papa João XII, o fez bispo de Lisbôa, a 21 de agosto de 1322, e arcebispo de Braga, em 1326, e aqui falleceu, a 6 de março de 1348.

Foi um dos prelados mais sabios do seu tempo. Mandou fazer valiosas obras, e enriqueceu com preciosos ornamentos a Sé de Braga. Era liberalissimo.

Nas guerras entre Portugal e Castella, em 1328, entrou em Portugal, pela provincia do Minho, D. João de Castro, governador da Galliza, com grande força militar, roubando e destruindo os logares abertos; e, quando voltava para a sua terra, carregado de despojos, lhe sahiu o valoroso arcebispo, com a pouca gente que á pressa poude reunir, e derrotou os gallegos, morrendo o seu chefe e 300 soldados, e tomando-lhes a maior parte dos roubos.

Concorreu poderosamente, para se acabarem as contendas entre D. Affonso IV, e seu filho, o infante (depois rei) D. Pedro, por causa do assassinato de D. Ignez de Castro.

Foi um dos mais intrepidos guerreiros da gloriosa batalha do Sallado, em 30 de outubro de 1340.

Jaz na Sé Cathedral de Braga, em uma nobre capella, que elle mesmo mandou construir para seu jazigo, que é contiguo á porta travessa.

Era tão decidido patriota, que no seu testamento ordenou que — *se algum dia a mitra archiepiscopal de Braga, fosse cingida por prelado castelhano, fosse arrazada sobre as cinzas do testador, a capella onde está o seu tumulo.*

—

Duas palavras, com respeito ao chronista do rei D. Manoel, e auctor da tal *lenda*, ou satyra, de *Mem da Guarda* — o famoso *Damião de Goes*.

A paginas 97, col. 2.ª, do 1.º volume, dei uma rapida biographia d'este illustrado escriptor. Disse alli, que alguns sustentam ter sido assassinado por ordem da Inquisição; mas, segundo a *Bibliotheca Sousana*, de D. Manoel Caetano de Souza, quem metteu, subreticiamente a tal satyra do *Mem da Guarda*, no gabinete de D. João III, foi um familiar do conde da Portella, que, vestido de frade, alli poude entrar.

Este conde da Portella, como Damião de Góes, era inimigo de D. Antonio de Athayde, 1.º conde da Castanheira, grande valido de D. João III [1].

O 2.º conde da Castanheira, que herdára de seu pae, o odio a Damião de Goes, o mandou *moer com saccos de areia*, pelos seus creados, mesmo no pateo da casa do pobre velho, (que tinha — 1573 — setenta e dous annos.)

—

N'uma occasião em que D. João III, veio a esta villa, acompanhado pelo duque de Bragança D. Jayme, este conduziu o monarcha á egreja de N. Sr.ª de Mileu, e lhe disse: — «Aqui está enterrado o homem mais honrado da *nossa* geração, pois que, vendo sua unica filha deshonrada, nunca mais a quiz ver, nem fazer a barba.»

O ducado de Bragança é um dos mais antigos da nossa peninsula, e mesmo na Italia ainda até ao tempo d'este ducado não havia nenhum. [2]

O 1.º duque de Bragança, do seu primeiro casamento com D. Brites Pereira, condessa de Barcellos, teve trez filhos—

1.º — *D. Affonso*, conde de Ourem e mar-

---

[1] D. Anna de Athayde, ultima condessa da Castanheira, morreu sem deixar filhos, pelos annos de 1650, passando a sua casa, por herança, aos marquezes de Cascaes, e d'elles, aos marquezes de Niza, condes da Vidigueira, que chegou a ser uma das maiores casas d'este reino, e que o ultimo marquez de Niza, dissipou. Hoje, é quasi tudo, da mulher e filhos, do doutor José Maria Eugenio d'Almeida.

[2] É erro dizerem alguns escriptores, que o ducado de Bragança foi o primeiro que houve em Portugal. Vinte e sete annos antes (1415) já D. João I tinha feito duque de Coimbra, seu 3.º filho, o infante D. Pedro, e pouco depois, mas ainda em 1415, fez duque de Viseu, seu 4.º filho, o famoso infante D. Henrique. E pois D. Pedro, o 1.º duque que houve em Portugal.

quez de Valença) do Minho) que, como vimos na descripção d'esta praça, foi o 1.º marquez que houve em Portugal.

2.º — *D. Fernando*, que foi 2.º duque de Bragança.

3.º — *D. Isabel*, infanta de Portugal, que casou com seu tio, o infante D. João, filho legitimo de D. João I.

Por morte de sua 1.ª mulher, D. Brites, casou com D. Constança de Noronha, filha de D. Affonso, conde de Gijon, da qual não teve filhos.

Até ao duque de Bragança, D. João II, que foi rei de Portugal, 4.º do nome, houve oito duques d'este titulo. (Vol. 1.º. pag. 485. col. 2.ª)

O 1.º duque de Bragança, além do seu ducado, que comprehendia uma grande parte da provincia de Traz-os-Montes, e do condado de Barcellos, que herdou de sua 1.ª mulher, foi senhor das villas de Chaves e Guimarães, com seus termos; toda a terra de Penafiel, Basto, Montalegre, Castello da Piconha, Portêllo, Barroso, e outras muitas propriedades e rendas, na provincia de Entre-o-Douro e Minho.

D. Affonso, foi sempre o filho querido de seu pae, pelo muito que com elle se parecia, e merecia-o, porque foi um principe de rara prudencia, amante das armas e das lettras, amando tanto os sabios distinctos, como os intrepidos guerreiros.

Na companhia de seu pae, e dos infantes D. Henrique e D. Pedro, seus irmãos, na jornada da Africa e tomada de Ceuta — em 14 de agosto de 1415—distinguiu-se pela sua bravura, assim como os outros infantes, pelo que o rei os armou, a todos trez, cavalleiros, na praça conquistada, logo no dia 25 do mesmo mez e anno; e deu a D. Affonso, por armas, as *Quinas* de Portugal, postas em aspa vermelha. Depois, os seus descendentes, accrescentaram a estas armas, os sete castellos, que são a orla da casa de Bragança.

As primeiras armas d'esta casa, uzava-as o duque D. Affonso, não direitas, mas inclinadas, em signal de bastardia.

Seus irmãos, de quem foi extremoso amigo, o amavam e respeitavam como pae. Por fallecimento de seu pae, teve, porém, alguns desgostos com seu irmão D. Pedro, por este acceitar a regencia do reino, na menoridade de D. Affonso V, seu sobrinho (d'ambos) contra o disposto no testamento do rei D. Duarte, seu irmão, pae de D. Affonso V, que nomeara regente, a rainha D. Leonor, sua mulher.

O 1.º duque de Bragança fundou a collegiada de Barcellos, construiu os muros e torre da mesma villa; e engrandeceu e defendeu os seus extensos estados, com grande numero de fortalezas.

Em Guimarães, mandou construir uns famosos paços, hoje em ruinas, nos quaes se recolheu sua 2.ª mulher, desde que ficou viuva.

Installou a confraria da nobilissima ordem de S. Thiago, e logo depois, a de S. João Baptista, na villa de Chaves.

Desde a gloriosa batalha e brilhante victoria de Aljubarrota (14 de agosto de 1385) sempre o 1.º duque de Bragança—ainda só conde de Barcellos — acompanhou seu pae em todas as conjuncturas, e foi um dos seus mais distinctos capitães e intrepidos guerreiros.

Falleceu nas casas do seu castello de Chaves, em dezembro de 1461, com 91 annos de edade.

Foi enterrado na capella-mór da egreja matriz d'esta villa, em sepultura raza.

Quando os claustraes se transferiram para o mosteiro da Veiga, a duqueza de Bragança, D. Catharina, filha do infante D. Duarte, e mulher do duque D. João I, mandou construir alli, um bom mausoleu para o 1.º duque, cujas cinzas se trasladaram então do seu primeiro jazigo.

Quando os franciscanos da provincia de Piedade, substituiram os claustraes, e se mudaram para o novo mosteiro de S. Francisco, cujas obras principiaram em 1637, foram segunda vez trasladados os ossos do 1.º duque de Bragança, para a capella-mór da sua egreja, onde seu 7.º neto, D. João II de Bragança e D. João IV de Portugal, lhe mandou construir, do lado do evangelho, o formoso mausoleu que ainda alli se vê, com a seguinte inscripção—

AQUI JAZ D. AFFONSO, FILHO DE D. JOÃO PRIMEIRO, DE GLORIOSA MEMORIA, PRIMEIRO DUQUE DE BRAGANÇA.

D. Affonso, 1.º duque de Bragança, foi um perfeito cavalleiro nos campos da batalha, e ninguem o excedia em coragem e sangue frio.

Fez muitas viagens, das quaes tirou muita instrucção; e do seu amor ao estudo, foram provas, a livraria que creou, no seu palacio, e os varios objectos de antiguidade e raridade, que colligiu no reino e fóra d'elle dos quaes fez um excellente museu, que foi o primeiro de Portugal.

Este homem, que em toda a sua vida tinha dado exemplos de bravura, sciencia e cavalheirismo, degenerou com a velhice, pois na edade de 78 annos, tornou-se perante o rei seu sobrinho, D. Affonso V, inimigo e calumniador do infante D. Pedro, seu irmão tio e sogro do rei, e que ainda havia 6 annos lhe tinha dado o ducado de Bragança. intrigas que deram em resultado, a morte ingloria e desastrosa do infeliz infante, nos campos de Alfarrobeira, a 24 kilometros de Lisboa, a 20 de março de 1449. (Vide *Alfarrobeira.*)

—

O auctor da *Hist. Gen. da Casa Real Port.* diz, com respeito ao escudo das armas da casa de Bragança — «O duque D. Affonso, como tinha estabelecido uma nova casa, ordenou o escudo das suas armas, na fórma seguinte—Em campo de prata, uma aspa de vermelho, com cinco escudos das armas reaes, sem orladura; e por timbre, um meio cavallo branco com trez lançadas em sangue, no pescoço, bridado d'ouro, com cabeçada e redeas vermelhas, na fórma que fica estampado.

«Este escudo, formou-o depois de se ter achado na gloriosa expedição de Ceuta, como memoria do perigo em que se achára.»

«Porém este, era o mesmo timbre antigo dos Pereiras, que tomou, por ser casado com a sr.ª D. Brites Pereira, cujos ascendentes o trouxeram, em memoria da valorosa acção do conde D. Rodrigo Forjaz, *o Bom*, quando nos campos de Santarem, em serviço d'el-rei D. Garcia de Portugal e Galliza, prendendo a el-rei D. Sancho, seu irmão, hia em um cavallo branco, o qual na batalha recebeu trez lançadas no pescoço, que chegando ao peito, deram com elle morto, em terra.»

O timbre do cavallo branco, foi mais tarde substituido pelo do dragão alado; porém o escudo d'armas, permaneceu sem alteração,

Quando D. João II, duque de Bragança, foi acclamado rei, tomou por armas, as de Portugal, como lhe competia, por serem as *armas reaes*; mas as do ducado de Bragança, continuaram sempre a ser as antigas.

Ainda hoje em alguns paços do concelho e outros edificios de que eram senhores os duques de Bragança, se veem as suas armas mas simplesmente as Quinas, em aspa, encimadas de uma corôa ducal. Assim se vêem na fachada principal da casa da camara, da villa de Sobrado, capital do concelho do Castello de Paiva — edificio construido já n'este seculo—e em outras mais.

A *Serenissima Casa de Bragança*, foi uma das mais opulentas da Europa, e os seus duques, tinham um estado como qualquer monarcha reinante. Apesar de já bastante desfalcada, ainda esta casa e a do Cadaval, são as maiores do reino.

—

Depois de escripto tudo quanto acaba de ler-se com respeito a Veiros, recebi uma carta do rev.mo sr. padre João Ribeiro de Souza, natural de Extremoz, e digno prior d'esta villa, contendo algumas noticias de que não quero privar o leitor: São as seguintes—

A egreja de Nossa Senhora de Mileu, conserva-se no melhor estado de aceio, e as suas rendas estão encorporadas nos bens do hospital da Misericordia da villa, a beneficio dos enfermos pobres. E' a meza da Santa Casa, que administra estas rendas, e cuida na conservação e limpeza da egreja da Senhora, que tem missa obrigatoria em todos os sabbados, paga pela dita meza, que tambem paga ao sachristão, o qual tem casa de residencia annexa, e cuida da ornamentação do templo.

A casa da camara conserva-se em bom estado, e estão ali estabelecidas as aulas de instrucção primaria e de musica.

O pelourinho, que ainda existe na praça, é uma columna quadrada, de marmore branco, com uma esphera da mesma materia, no tôpo, e uma escadaria em volta da baze. Nada tem de notavel.

Na villa, já ha medico, com residencia permanente, e botica com pharmaceutico, habilitado com o respectivo curso.

O ultimo capitão-mór—Antonio Joaquim de Sousa — falleceu, mas deixou numerosa descendencia.

O ramal do caminho de ferro de Extremoz, dista 16 kilometros d'esta villa, que tem para elle uma boa estrada moderna.

Os habitantes de Veiros, são quasi todos agricultores.

Os campos d'este territorio são ferteis em cereaes, pastagens e olivedos. Ha poucas vinhas.

Os gados dos principaes lavradores—Conde da Praia, Córtes, Sousa Zuzarte, e Sousa Maldonado. são das melhores raças; e os seus cavallos, com a marca de S. M., são conhecidos em todo o paiz, pelas suas optimas qualidades.

A povoação é saluberrima, sendo a media dos fallecimentos, de 2 °/₀ e sendo os nascimentos $^1/_3$ superior em numero, aos obitos; pelo que o numero dos habitantes cresce sensivelmente.

Teem-se aqui feito muitos melhoramentos. Já n'este anno de 1882, se concluiu uma nova fonte, de excellente agua potável, no sitio do *Poço Novo*.

A egreja matriz, é um bello e rico edificio de trez naves, com oito altares, sendo o altar-mór, de rica talha dourada, e muito elegante. Tem quatro columnas de marmore branco, de ordem dorica — um vasto côro, com grades tambem de marmore branco.

No pavimento, ha muitas sepulturas com epitaphios de differentes épocas, sendo um d'elles, da éra de 1300 (1262 de J. C.) por onde se prova que a fundação d'esta egreja, é muito antiga ; mas não como se vê actualmente: pois tem tido grandes reconstrucções e melhoramentos, mandado fazer pelos cavalleiros da ordem d'Aviz, a quem pertence.

As inscripções das campas d'esta egreja, são, pela sua maior parte, de cavalleiros de Aviz, aqui sepultados, e o resto, de pessoas nobres d'esta villa.

Unida á egreja, e communicando com ella por uma porta, está a capella-jazigo da familia Galvão Coutinho, e alli se vê um tumulo, tendo sobre a tampa, a estatua d'um membro d'esta familia, com a antiga armadura de cavalleiro, e outras campas, com diversos e extensos epitaphios, de individuos d'esta familia, da qual foi representante, Luiz Coutinho d'Albergaria Freire, fallecido ha pouco tempo, e que, em 2 de março de 1853, foi feito visconde de Monforte. (Por não poder ser visconde de Veiros, por haver outro do mesmo titulo.) E' hoje representado por sua filha, esposa do sr. Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Souza, 2.º visconde da Praia, feito em 30 de setembro de 1875 (em duas vidas) e conde do mesmo titulo, a 8 de julho de 1881. Este cavalheiro, tem aqui uma vasta e rica herdade, na *Quinta do Leão*.

Esta capella, está no mais cruel abandono, apesar de estarem alli os ossos dos ascendentes da sr.ª condessa da Praia, e apesar da casa d'esta senhora ser uma das maiores da provincia, e mesmo do reino!

O estado policial de Veiros, é que não condiz com o progresso da villa. O systema de centralisação adoptado pelo novo governo, deixando povoações como esta, entregues a si mesmo, e apenas com um regedor de parochia, sem força alguma material (e ás vezes nem moral) e sempre obrigado a contemporisar, ou *capitular* com o povo, faz d'esta auctoridade um magistrado *in nominè*

Dá isto em resultado, serem as propriedades invadidas por todas as formas e maneiras. Nos campos, torna-se impossivel a conservação dos arvorêdos novos, ao alcance dos gados, que tudo devastam e destroem. Nos terrenos baldios, e logradouros communs, entram promiscuamente os gados de todas as especies, quando pelos accordãos da camara, só devem alli entrar alguns. As

ruas da villa, são constantemente invadidas por bandos de porcos, que as enchem de immundicies.

A justiça d'esta terra, é denominada, com muita razão, *justiça de compadres*.

Os que trabalham na cultura das terras, apenas colhem o que os ratoneiros lhes deixam!

Viscondes de Veiros

José Leite de Sousa, fidalgo da casa real, do conselho d'el-rei D. José I, commendador da ordem de Christo, governador e capitão-general de Mazagão em 1752, governador da Torre do Outão, na foz do Sádo, tenente-general do exercito, etc.—nasceo em Santarem, a 26 de agosto de 1686, e morreu a 11 de agosto de 1766.

Casára — a 20 de março de 1724, com D. Maria Antonia Verissima Pereira de Foyos Ferrão Castello-Branco, nascida a 7 de janeiro de 1708, e fallecida a 4 de fevereiro de 1766. Era filha e herdeira, de Antonio Pereira de Foyos, senhor do morgado da Ameixoeira, moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, e sobrinho e herdeiro do secretario de estado, Mendo de Foyos Pereira — e de sua mulher (a de Antonio Pereira) D. Florisbella Maria Antonia Ursula Ferrão Castello Branco, morgada de Santo Antonio do Tojal.

Foram seus filhos:

1.º, *Fernão*—2.º, *João* — 3.º, *D. Anna Victoria*— 4.º, *D. Florisbella Antonia* — 5.º, *D. Francisca Leonor*—6.º *D. Maria Magdalena* — 7.º, *Joaquim*, frade loyo — 8.º, *D. Maria Perpétua*—9.º, *D. Maria Antonia*—10.º, *José Joaquim*—11.º *D. Verissima Maxima*—12.º, *D. Gertrudes*—13.º, *D. Rita Joséfa*—14.º, *D. Constança Eugenia* —15.º, *D. Maria Perpétua*—16.º *D. Brites*—17.º *D. Isabel Antonia* —18.º, *D. Theresa Fortunata*—19.º *José Vicente*—20.º *Francisco*, 1.º visconde, que é o seguinte:

1.º visconde—*Francisco de Paula Leite de Souza*, do conselho de D. Maria I, grão-cruz da ordem de Aviz, commendador das de Christo e Torre-Espada, conselheiro de guerra, tenente general do exercito portuguez. Nasceu em Santarem, a 7 de março de 1747 e morreu a 6 de julho de 1833.

Sentou praça de cadete, no *regimento de cavallaria do Caes*, em 1762, e no anno seguinte, passou, em guarda marinha, para a Armada Real, onde seguiu os postos, até ao de capitão-tenente, hindo então (1774) para a India, na nau de guerra, *Nossa Senhora da Madre de Deus*, da qual era commandante, o capitão de mar e guerra, Sanches de Brito.

Na Africa, distinguiu-se no ataque á praça de Argel, em 1784, sendo então capitão-tenente da nau Bom Successo, da esquadra do coronel de mar e guerra, Bernardo Ramires Esquivel, que depois foi feito 1.º visconde de Extremoz.

Em 1792, foi a Napoles, por capitão de bandeira da nau *Rainha de Portugal*, da expedição do almirante Sanches de Brito.

Achou-se, como commandante da nau *Princeza da Beira*, na divisão naval que em 1794 cruzou o canal de Inglaterra, unida á de lord Howe.

Em 1797, foi pacificar as ilhas de S. Thomé e Principe.

Em 10 de setembro de 1798, entrou a barra de Lisboa, por commandante de uma das maiores frotas, que do Brasil vieram a Portugal, pois, álem dos vasos de guerra, comprehendía 122 navios mercantes.

Sendo chefe de esquadra, regressou para o exercito, em maio de 1799, no posto de marechal de campo.

Foi governador da *Torre* (castello) do Outão, em Setubal.

Em 1807, foi feito tenente-general, e governador da praça d'Elvas.

Foi o primeiro general portuguez que se bateu em campo, com as tropas de Bonaparte, commandadas por Loison.

Em 1808, foi feito governador das armas, do Alemtejo — e em 1814, das da côrte e provincia da Extremadura.

Por duas vezes, serviu de commandante em chefe interino do exercito, na ausencia do marechal-general, marquez de Campo-Maior.

—

Casára, a 6 de novembro de 1816, com

D. Maria de Santo Antonio de Souza Freire Salema de Saldanha e Noronha, sua sobrinha, (filha de seu irmão Fernão e de D. Maria Rita de Souza Freire Salema Saldanha.)

D. Maria de S. Antonio, nascèu no 1.º de junho de 1787, e morreu a 28 de dezembro de 1820.

Foi feito visconde (em duas vidas) a 11 de março de 1822 — e foi general do exercito legitimista. (Vide *Palacio e quinta de Santo Antonio das Aguas-Ferreas*, no 7.º vol., pag. 501, col. 1.ª)

Teve duas filhas —

1.ª *D. Maria Rita Leite de Souza Freire Salema de Saldanha e Noronha*, feita viscondessa de Veiros, a 8 de agosto de 1840.

Nasceu a 31 de agosto de 1817. Casou, a 20 de janeiro de 1836, com João de Mello e Souza da Cunha Sotto-Maior, que teve o titulo de visconde de Veiros, em 7 de dezembro de 1842. (Foram pois estes conjuges, os 2.ºs viscondes de Veiros.)

João de Mello, era o 5.º senhor do prazo de Santo Antonio das Aguas-Ferreas, da cidade do Porto. Moço fidalgo e commendador da ordem de Christo. Nasceu a 14 de julho de 1793. (Successor de José de Souza e Mello, senhor do dito prazo e das quintas da Senhora da Penha de França e seu padroado, no concelho de Bouças, e de São Martinho de Fornêllo, em Vairão; fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, vice-provedor da extincta Companhia dos Vinhos do Alto Douro.)

João de Mello, era filho de Joaquim Cardozo de Souza e Mello, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Aviz, governador do castello de Mattosinhos, major de cavallaria — e de D. Bernarda Rita da Cunha Sotto-Maior.

Teve uma unica filha, que é a snr.ª D. Maria de Santo Antonio.

—

2.ª — *D. Joaquina da Madre de Deus*, recolhida no mosteiro das Commendadeiras de Santos, da ordem de São Thiago (Lisboa) nascida a 23 de dezembro de 1820.

Em setembro de 1878, foi feito 3.º visconde de Veiros, o sr. *José Leite de Souza Mello da Cunha Sotto Maior*.

—

O 1.º visconde de Veiros, não nasceu na villa d'este nome, nem alli teve, em tempo algum, a mais insignificante propriedade.

E' tradição n'esta familia, que o titulo lhe foi dado para memoria da sublime acção de lealdade praticada por um de seus ascendentes — e foi a seguinte —

Um individuo (*não se lhe sabe o nome...*) era veador de D. João, Mestre d'Aviz, e, estando este, em certa occasião, merendando no seu castello de Veiros, lhe foi servido *leite*, que, por uma causa qualquer tinha uma côr azulada. O Mestre, vivia, com razão, receioso de sua cunhada, a rainha D. Leonor Telles de Menezes, que poucos dias antes quizera mandal-o assassinar, em Evora, e agora, temeu que o quizesse envenenar. Vendo o *leite* com aquella côr extranha, disse ao tal veador que visse se podia examinar a causa de tal circumstancia. O veador, tomando o vaso que continha o *leite*, bebeu todo este, dizendo ao Mestre — *O que isto seja, não sei; mas, se é mal, melhor é, senhor, que o vejaes vós em mim, do que eu em vós.* Com effeito, o *leite* estava envenenado, e o veador, poucas horas teve de vida. D'ahi por diante, quando se fallava n'este homem, se dizia sempre — *o do leite* — e esta alcunha, foi por seus descendentes tomada como honroso appellido.

Isto é bonito — tem apenas o inconveniente de ser uma patranha — pelo menos, quanto á segunda parte.

Nos manuscriptos da casa Palmella, quasi sempre dignos do maior credito, se lê —

«*Leite* — appellido nobre em Portugal, tomado de alcunha, imposta a *Alvaro Pires, em tempo de el rei D. Affonso IV* seu brazão d'armas, é incompleto, a saber — em campo verde, trez flores de liz d'ouro, em roquete — êlmo de... timbre, uma das flores de liz, das armas.» [1]

«Outros do mesmo appellido, uzam — em campo azul, trez flores de liz, de ouro, em roquete — êlmo.... timbre, uma pomba da

---

[1] Estas são as armas dos actuaes viscondes de Veiros.

sua côr (branca) em acção de voar, com um ramo de ouro no bico.»

No 6.º vol., desde a col. 1.ª de pag. 86 até á col. 1.ª de pag. 96, se encontra uma extensa descripção com respeito a esta familia. Aqui, só accrescento—

Leite Pereira, — da familia dos *Leites*, passou um ramo para a cidade do Porto, que se aparentou com os *Pereiras*, de *Campo-Bello*, cuja ascendencia se vê no logar citado do 6.º volume.

Os *Leites Pereiras*, têem brazão d'armas completo, e é — escudo exquartelado — no 1.º e 4.º, as armas primeiras dos Leites, viscondes de Veiros — e no 2.º e 3.º, de púrpura, uma cruz, de prata, floreada e vazia do campo — élmo de aço, aberto, e por timbre, a cruz das armas, entre duas flores de liz, verdes.

Outros Pereiras Leites — trazem por armas — escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, as armas primeiras, dos Leites — e no 2.º e 3.º de verde, cruz potentea, de púrpura e vazia de prata — élmo de aço aberto; e por timbre, a cruz das armas, entre duas flores de liz d'ouro.

—

Em 1838, imprimiu-se em Lisboa um livro, intitulado, — «Memoria genealogica e biographica, dos tres tenentes generaes Leites, da casa de São Thomé de Alfama.» — Como este diccionario não é exclusivamente genealogico, só em resumo, posso mencionar as familias nobres d'este reino. Os leitores que desejarem saber mais circumstanciadamente o que respeita á esclarecida familia dos Leites, consultem o livro indicado.

A familia dos Leites (dos legitimos Leites, bem entendido) é muito numerosa, e os seus ramos, se acham espalhados por todas as provincias d'este reino.

Consta que os Leites portuguezes, procedem de trez irmãos gascões ou nórmandos que em 1093 vieram para este reino, com o conde D. Henrique. Um, fez o seu solar na quinta de Barrozão, em Cabeceiras de Basto — O 2.º estabeleceu-se na Galliza — O 3.º, fez o seu solar em Santarem, e foi ascendente dos mórgados da Senhora da Esperança, com capella propria, na egreja de S. Nicolau d'esta cidade; este mórgado, foi instituido a 25 de março de 1488, por D. Branca Annes Cavalleira, mulher de Diogo Vaz Caminha.

E' d'estes Leites, de Santarem, que descendem os viscondes de Veiros.

VEIRÓZ — grande e formosa quinta, e magnifico palacête, Beira Alta, proximo á villa do Banho, na freguezia da Varzea de Lafões, concelho de São Pedro do Sul.

Fica esta propriedade, na falda de uma aprazivel collina, e sobre a margem direita do rio Vouga. São seus actuaes proprietarios, os srs. *José Correia de Lacerda*, e sua esposa, *D. Maria Amelia da Cunha*, ricos proprietarios, e uma das mais distinctas e sympathicas familias da comarca de Vouzella.

VÊIZA — port. ant. — Toda e qualquer hortaliça, e principalmente, toda a variedade de couves. Ainda nas provincias do norte, se dá ás couves o nome de *Berças* (vêrças) corrupção de *Veizas*.

VÈLA — port. antigo — vigia, sentinella, vedêta. Dáva-se ordinariamente esta denominação, aos lavradores e camponezes, que deviam vigiar e guarnecer os castellos dos seus territorios, em tempo de guerra. Vem do verbo *velar*, que significa vigiar, e tambem passar a noite sem dormir. E' tambem nome proprio d'homem.

VÉLA ou **VÉLLA** — freguezia, Beira Baixa, bispado, districto administrativo, comarca, concelho, e 15 kilometros ao S. da Guarda, 330 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1768, tinha 164.

Orago, Nossa Senhora da Graça.

O chantre da sé da Guarda, apresentava o vigario, que tinha 30$000 reis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, e foi villa, com o nome de *Veela*.

D. Affonso 3.º, lhe deu foral, em Cête, a 25 de agosto 1255. (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso 3.º, fl. 56 fim*—e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 122 v., col. 2.ª — e *Gavêta 11, Maço 11*, n.º 36, § 25.)

Esta aprazivel povoação, está situada na extremidade de um valle profundo, que se abre para o sul, e na falda da serra de Santo Antão, um dos ramos da Estrélla.

Perto da aldeia, principia a bella, extensa e fertil bacia, chamada *Cóva da Beira*; atravessada pelo rio Zêzere, que, pouco abaixo, sáe de entre as serras proximas á antiga villa de Valhêlhas, e se extende em frente das villas de Belmonte, Caria, Teixoso, Covilhan, Fundão e outras povoações, até perto do Tejo, onde o Zêzere desagúa.

O clima d'esta freguezia, pela sua exposição ao sul, é amêno e fertil, produzindo todos os fructos agricolas do nosso paiz, e, principalmente, optimo vinho, excellente azeite, cereaes de toda a especie, muita castanha, magnificas fructas, de carôço e pevide, distinguindo-se pela sua superfina qualidade, as famosas *pèras de Vela*.

Do valle de Vela, e do do Mondêgo (que fica ao N. da Guarda) se abastece a cidade d'este nome; e muitas familias d'ella, aqui teem bellas casas de campo e bôas quintas, para onde muitas se retiram no inverno, fugindo ao frio excessivo da cidade.

Merecem especial menção, as quintas dos senhores *Póvoas* e *Saraivas*, da Guarda, ambas muito abundantes d'água, fructas, arvorêdos, bellos jardins, povoados de plantas exoticas, e lindas flores.

A dos *Saraivas*, tem um elegante e magestoso chafariz, construido de finissima pedra, de primorosa esculptura, e uma das mais sumptuosas obras, d'este genero, em todo o reino. Está assente, ao cimo de uma espaçosa escadaria, com a frente para o jardim, lançando trez abundantes jôrros d'agua, sobre uma taça, da qual vae repuchar um outro que está no centro do jardim.

Foi filho 2.º d'esta casa, Francisco Saraiva da Costa Pereira de Refogos, barão de Ruivoz, general do exercito liberal, e do qual já tratei no 8.º volume, a pag. 260, col. 1.ª

E' hoje senhor d'esta rica e sumptuosa propriedade, o filho de um sobrinho do 1.º barão de Ruivóz, o sr. *Mendo Saraiva da Costa Pereira de Refogos Mascarenhas Lobo*, cavalheiro dedicado ao partido legitimista, e filho do honradissimo *sr. Francisco Lobo Mascarenhas*, da casa de *Mouraz*, junto a Tondella.

Por morte de seu *tio-avô*, o 1.º barão (e unico até hoje) de Ruivoz, o governo quiz dár ao sr. Mendo Saraiva o titulo de visconde de Ruivoz, que elle regeitou, por ser dado pelos liberaes.

—

A dos *Póvoas*, é tambem uma magnifica propriedade, e aqui passou os ultimos annos da sua vida, e aqui falleceu, o famoso general Povoas. Eis a sua rapida biographia e a de seu pâe e irmãos.

Antonio Manoel das Povoas de Brito Marecos, fidalgo da casa real, e ouvidor no Brazil, herdou a casa de seu irmão mais velho, que falleceu sem geração. Casou com D. Marianna Victoria de Castro Souza e Almada, irman de Luiz Freire da Fonseca Coutinho, senhor de uma grande casa, em Portalegre, e desembargador do paço. Teve sete filhos, que, por ordem de edades, foram —

1.º — *Manoel Francisco das Póvoas e Brito* — Nasceu a 23 de agosto de 1772. Foi bacharel, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e morreu solteiro.

2.º — *Alvaro*, do qual adiante trato.

3.º — *Antonio das Póvoas de Brito Coutinho* — Nasceu a 22 de maio de 1776. Foi bacharel em direito e mathematica, pela mesma Universidade. Sentou praça de cadête, no regimento de cavallaria n.º 11, em 1796 — foi alferes, em 1797; tenente, em 1798; capitão, em 1808; major, em 1812; tenente coronel, em 1816; coronel, a 18 de dezembro de 1820; brigadeiro, a 14 de dezembro de 1831; marechal de campo a 14 de novembro de 1833. Foi ajudante d'ordens do Sr. D. Miguel 1.º, e cavalleiro da Torre e Espada. Seguiu sempre o partido legitimista, e convencionou em Evora-Monte. Falleceu no estado de solteiro, em *Véla* (n'esta quinta) a 11 de dezembro de 1843.

4.º *Francisco de Mello Povoas*. Nasceu no 1.º de junho de 1777. Fez os seus estudos na cidade da Guarda. Sentou praça de cadête, em cavallaria n.º 11, em 1797, e foi despachado alferes, em 1798, em cujo pôsto fez a maior parte das campanhas da guerra peninsular; mas, adoecendo em 1812, veio para esta quinta, onde falleceu no mesmo anno.

5.º — *D. Bernardina*. Nasceu a 26 de novembro de 1778. Entrou, de tenra edade,

no convento de Lorvão, onde era abbadessa D.ª Maria Archangela, sua tia paterna, e alli falleceu muito nova.

6.º — *Pedro das Póvoas e Brito da Fonseca Coutinho.* Nasceu a 29 de junho de 1782. Formou-se em canones, na Universidade de Coimbra, e foi conego da Sé da Guarda, tendo ainda apenas ordens menores. Succedeu na casa, a seu irmão Alvaro, e morreu solteiro, em 20 de setembro de 1860, herdando a casa, sua sobrinha, D. Maria Isabel, filha de sua irman, a seguinte:

7.º — *D. Maria Augusta de Mello e Póvoas*, nascida a 14 de setembro de 1796. Foi educada por sua tia paterna, a referida D. Maria Archangela, no mosteiro de Lorvão, d'onde sahiu, para casar (como casou) com seu primo em 2.º grau, Antonio Ferreira Ferião Castello-Branco Ilharco, senhor das casas de Sortêlha e S. Thiago de Côa. D'este matrimonio nasceram duas filhas.

1.ª — *D. Maria Isabel*, da qual adiante fallo —

2.ª — *D. Marianna*, que morreu solteira, em 1874.

Esta sr.ª *D. Maria Isabel Ferreira e Póvoas*, senhora actual da quinta de Véla, é casada com o sr. Antonio de Mendonça Falcão da Cunha e Póvoas, seu primo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado ás cortes, em 1868, e filho 2.º, da casa de Pinhanços e Girabôlhos, no concelho de Côa. (Vide no 7.º vol., pag. 43, col. 1.ª — Alli trato da esclarecida familia Mendonça Falcão.)

O tenente general Pôvoas

Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Póvoas, nasceu na cidade da Guarda, a 7 de setembro de 1773. Fez acto do 1.º e 2.º anno de direito, na Universidade de Coimbra; mas, sentando praça de cadête, em cavallaria n.º 11, a 28 de setembro de 1792, passou a formar-se em mathematica, concluindo os seus estudos e obtendo a formatura, em 1796. Foi um estudante distinctissimo, conseguindo sempre os primeiros prémios, nos annos em que não houve perdão d'acto.

Em setembro d'esse mesmo anno de 1796, foi despachado capitão de uma companhia de cavallaria, que organizou á sua custa, e da qual eram seus irmãos, um tenente e outro alferes.

Foi promovido a major, em 1803 — a tenente coronel, em 1809 — a coronel, em 1812 — servindo estes postos em cavallaria n.º 7, que havia sido encarregado de organizar. Foi despachado brigadeiro, em 1815 — marechal de campo, a 13 de maio de 1820 — tenente general, a 26 de outubro de 1832.

Como seu pae e irmãos, teve foro de fidalgo da casa real — foi commendador das ordens de Torre e Espada e de Christo, e senhor das commendas, de Mirandella e Santa Maria, da Covilhan — foi cavalleiro da ordem de S. Bento d'Aviz, e condecorado com a cruz d'ouro, da guerra peninsular, que fez com muita distincção [1] — com a medalha da *Fidelidade ao rei e á patria* (vulgarmente, *medalha da guerra da poeira*) — com a da *Real Efigie* (do sr. D. Miguel 1.º) e teve ainda outras condecorações.

Entre varias commissões de que foi encarregado, exerceu as de inspector-geral da arma de cavallaria, e das ordenanças.

O general Póvoas, adquiriu a sua maior fama, d'esde 1828, como commandante de uma divisão realista, sendo ainda marechal de campo. Eis a rapida historia d'este homem celebre, durante o triste periodo das nossas guerras civis.

O sr. D. Miguel, desembarca no caes de Belem (Lisbôa) a 22 de fevereiro de 1828. As tropas que sempre se lhe tinham conservado fieis, desde 1823 — e principalmente, desde a morte de seu pae, D. João VI, em 1826 — estavam emigradas em Hespanha, tendo por chefe, o bravo e fidelissimo general Silveira, conde de Amarante, e que o sr. D. Miguel fez, em 1828, marquez de Chaves.

---

[1] Foi um dos officiaes portuguezes que Junot mandou para a França com a divisão portugueza em 1808; mas, vindo para Portugal com o general francez Soult, em 1809, fugiu, vindo encorporar-se ao exercito alliado.

Era regente do reino, a sr.ª infanta D. Isabel Maria, que, para vencer os realistas, em 1826, tinha ás suas ordens, alem de mais de metade das tropas portuguezas, uma divisão ingleza, de 6 000 homens, commandados pelo general *Clifton*.

O sr. D. Miguel, sendo ainda regente, despede as tropas inglezas, que embarcaram para a Gran-Bretanha, a 25 de abril de 1828.

O exercito portuguez, liberal, e que em 1826 e 1827, tinha combatido contra os partidarios do então infante, é todo admittido e continúa no serviço[1]. Deu isto em resultado, que a maior parte d'estas tropas, se revoltou no Porto, a 16 de maio de 1828, depois de terem jurado fidelidade ao governo realista.

Apézar d'isto, o sr. D. Miguel, que já devia ter juizo, pois não era uma creança, mas um homem de 26 annos e meio, em logar de mandar logo regressar ao reino as tropas emigradas, preferiu ficar reduzido aos poucos corpos que se conservaram fieis; aos *soldados das baixas*, que mandou reunir; aos regimentos de milicias; a alguns batalhões de Voluntarios Realistas, organizados á pressa; e ás ordenanças — corpos de guerrilhas, quasi todos cobardes, mal armados, indisciplinadissimos e ratoneiros; gente que mais estorvava do que ajudava a 1.ª e 2.ª linha[1].

Entregou o commando das tropas realistas, ao marechal de campo Póvoas (que tambem *não era emigrado)* e este marchou contra os revoltosos.

Os tristes resultados d'esta guerra, já ficam extensamente relatados no 7.º volume, desde a 2.ª columna de pag. 324 e segintes. Como alli vimos, o general Povoas distinguiu-se, não só pelo seu valor e sciencia militar, como pela rigorosa disciplina e bom comportamento que fez guardar aos seus soldados, na entrada e residencia na cidade revoltada, onde não houve um unico insulto, nem o mais insignificante desgosto.

---

[1] Foi uma das primeiras tolices (se não uma das primeiras traições...) do governo do sr. D. Miguel, que de maneira nenhuma se devia confiar em tropas que sempre até então tinham feito guerra encarniçada aos seus partidarios. Devia *licenciar* o exercito liberal; mandar pôr-lhes as armas a bom recado; passar os officiaes, á classe a que então se dava a denominação de *desligados* (uma especie de *disponibilidade*) — e mandar recolher immediatamente os seus subditos leaes, que estavam em Hespanha.

Se fizesse isto, não havia, com certeza, a revolta de 16 de maio — não havia emigrados liberaes — e não havia a curta mas desastrosissima guerra de 1828, que tanto sangue, *todo portuguez*, tantas desgraças e tantas lagrimas nos veio a custar!

[1] Julgo curioso, e mesmo necessario, para a historia das nossas guerras civis d'este seculo, consignar aqui as trez secções em que estava dividido o exercito portuguez em 1828.

Corpos realistas emigrados na Hespanha desde março de 1827 e que só regressaram a Portugal em agosto de 1828.

Infanteria — 5, 11, 14, 17, 24, e numerosos contingentes de 7, 9, 21 e de outros corpos.
Caçadores — 1, 4, e 7.
Cavallaria — 2, e a maior parte de 6, 9, 11 e 12
Artilheria — 3 (quasi todo) e um contingente do n.º 2.
Milicias — alguns regimentos.

Adheriram á revolução de 16 de maio de 1828.

Infanteria — 3, 6, 9, 10, 15, 18, e a maior parte de 21 e 23.
Caçadores — 2, 3, 6, 9, 10, metade do 11 e o n.º 12.
Caçadores 5, que estava na Ilha Terceira, tambem se revoltou quando soube da revolta do Porto.
Cavallaria — 10 e parte do 6, 9, 11 e 12.
Artilheria — n.º 4
Milicias — de Coimbra, Figueira, Feira, Porto e Maia.

Em 1829, foi Póvoas nomeado general das armas da Beira-Alta; e, em 1832, commandante da 2.ª divisão do exercito de operações, em frente do Porto. N'este posto, a sua mais notavel façanha, foi a victoria de Souto Redondo, a 7 de agosto de 1832. Deve porem confessar-se, que o triumpho não foi devido ao general, mas á bravura dos seus soldados, e á disciplina admiravel, e ao heroico sangue frio, do bravo coronel, Antonio José Doutel, e do seu regimento — infanteria de Bragança (n.º 24.)

Se não existissem as rivalidades (*rivalidades?...*) fataes, entre Póvoas e Santa Martha, os realistas teriam entrado, quasi sem combate, na cidade do Porto. Para evitarmos repetições, vide o logar citado, do 7.º vol., e *Souto Redondo.*

Póvoas, foi nomeado, em 20 de dezembro de 1833, commandante em chefe do exercito realista, em substituição do caduco e bebedo Macdonell.

Voluntarios — alguns córpos em organisação.

Corpos do exercito liberal que em 1828 prestaram obediencia ao Senhor D. Miguel e combateram os revoltosos.

Infanteria — 1, 2, 4, a maior parte do 7, 8, 12, 13, 16, 19, 20 e 22.

Caçadores — 1, 8, parte do 11 e dois batalhões provisorios formados dos soldados que estavam com baixa e a que os outros chamavam *boticarios.*

Cavallaria — 1, 3, 4, 5, 7, 8 e parte do 6, 9, 11 e 12.

Artilheria — 1, quasi todo, o 2 e o n.º 3.

A guarda real da policia (infanteria e cavallaria) de Lisboa e Porto e a maior parte dos regimentos de milicias, tinham-se declarado, logo em fevereiro de 1828, partidarios do Senhor D. Miguel; assim como a maior parte dos regimentos de milicias.

Tambem já em maio de 1828 havia alguns batalhões de voluntarios realistas organisados.

Quando os revoltosos retiram do Porto para a Galliza, grande numero de praças de pret se foram aprezentando ás auctoridades realistas, para se utilisarem do indulto régio. Caçadores n.º 6, aprezentou-se completo, mas foi distribuido depois pelos batalhões de caçadores n.º 1, 4, 7 e 8.

Em razão do mau plano e pessimo resultado da batalha d'Almoster, dada a 18 de fevereiro de 1834, o sr. D. Miguel exonerou o general Póvoas do commando em chefe do exercito, logo no dia immediato á acção (19) sendo substituido pelo general José Antonio d'Azevedo e Lemos.

Na ordem do dia que exonerou Póvoas, lia-se que a exoneração era — *pelo requerer, em razão do seu estado physico e* MORAL....

Desde esta data, nada mais fez o general Póvoas digno de nota, senão entregar-se aos liberaes, em Santarem, antes de terminar a guerra...

Note-se que, desde a batalha de *Souto Redondo* (7 de agosto de 1832) em que Póvoas mandou postar toda a sua cavallaria na povoação dos Carvalhos, a 10 kilometros do Porto, *com ordem terminante de não deixar avançar as tropas do seu commando, para alem d'aquella povoação, obrigando-as a retirar empregando, em caso de necessidade, as espadas da cavallaria*—o exercito realista principiou (e talvez com razão, como o prova a sua entrega aos liberaes) a desconfiar de semelhante chefe.

As tropas realistas, corriam em perseguição dos liberaes, e, se não é a ordem do general, com certeza entravam no Porto, de envolta com estes. (Vide o que eu digo em *Souto Redondo.*)

A batalha de Almoster, acabou de perder, completamente, a pouca confiança que os realistas tinham n'elle; com effeito, esta acção, tão mal dirigida como o foram as de Ponte Ferreira, pelo Santa Martha (que tambem depois se entregou aos liberaes, antes do fim da guerra) as de 25 de julho e 29 de setembro, em frente do Porto; de 5 de setembro, e 10 e 11 de outubro, em Lisbôa — e depois, a da Aceisseira, dada em 16 de maio de 1834, pelo general Guedes — mostraram bem, que os realistas tinham ainda mais a temer dos seus generaes, do que dos do sr. D. Pedro.

Já na provecta edade de 74 annos, tornou a apparecer na scena politica, organizando no principio do anno de 1847, uma força popular, com a qual se apresentou á *Junta do Porto.*

Falleceu na sua quinta de *Véla*, com 79 annos de edade, e no estado de solteiro, a 29 de novembro de 1852.

Eis, em poucas palavras, os factos principaes da vida d'este homem notavel, que ainda no ultimo quartel da vida, praticou um acto digno de louvor, qual foi a recusa que fez do titulo de *Conde de Vela*, que o governo *patuleia* lhe quiz dar; reiterando a mesma recuza, quando depois o governo da sr.ª D. Maria II lhe fez egual offerecimento.

—

Seu patricio e condiscipulo, amigo e quasi da mesma edade, creado e educado como elle, em Véla, foi Francisco Saraiva da Costa Refogos, que veiu a ser *barão de Ruivoz* (8.º vol. pag. 260, col. 1.ª) e foi tambem general, mas do exercito do sr. D. Pedro.

—

Tornemos a Véla.

A egreja parochial, está edificada ao fundo da povoação, mas dominando as terras da ribeira que lhe corre ao sopé. E' um espaçoso e bello templo, com uma formosa capella do S. S. Sacramento, denotando pela sua architectura, mais antiguidade do que o resto da egreja, com a qual communica por um arco ogival. A' entrada d'esta capella, está uma sepultura com brazão d'armas, e com uma inscripção, da qual hoje apenas póde lêr-se, o anno, que é 1662. Por baixo d'esta capella, ha um vasto carneiro subterraneo. Na egreja, ha ainda outras sepulturas brazonadas, com datas anteriores ao seculo XVII — e, fóra da porta principal, estão outras duas sepulturas, mais modernas do que as antecedentes.

Em frente da porta lateral, no atrio, que serve de cemiterio da freguezia, está uma elegante urna funeraria, de marmore, que cobre a sepultura dos dous irmãos, generaes, Alvaro e Antonio Póvoas.

—

Póvoas, é um appellido nobre de Portugal, que parece tomado de alguma das villas e innumeras aldeias d'este nome. Frei Manoel de Santo Antonio, não nos diz quem primeiro d'elle usou, e só diz que se achàm d'este appellido, dous escudos d'armas, sem que qualquer d'elles seja propriamente seu, pois um, é o dos *Proenças*, e outro dos *Privados*.

Nos manuscriptos da Bibliotheca Publica, porém, se acham as armas dos *Póvoas*, assim construidas — em campo de púrpura um crescente de prata, entre trez flores de liz, de ouro — timbre, meio leão, d'ouro, lampassado de pùrpura, com colleira do mesmo.

Outros *Povoas*, trazem por armas — em campo de púrpura, quatro coticas, d'ouro, em palla — e o timbre antecedente.

Vela, *vella*, *velo* e *vello*, é port. ant. — significa *velha e velho*. (Doc. das religiosas benedictinas do Porto, do anno de 1305.) *Vella e Vello* pronunciava-se com os *ll molhados* (como os hespanhoes) — vinha a ter a mesma pronuncia que hoje lhe damos.

Vella, é tambem appellido nobre portuguez; mas não se sabe quem d'elle primeiro uzou, e só se acha a descripção das suas armas, que é — em campo de vêrde uma laranja de prata, carregada de uma aguia negra, e nos 4 cantos do escudo, uma *vélla* de prata, com a luz d'ouro.

Vella, é tambem nome proprio d'homem.

VELLÊDA — Já no 1.º vol., (pag. 277, col. 2.ª) disse o que significava a palavra Vellêda. Tudo quanto alli se lê, o extrahi, da 10.ª edição do bello livro, intitulado *Les mythologies de tous les peuples*, de M.me Laure Bernard; obra publicada em Paris, no anno de 1873, e que tem sempre merecido a geral estimação dos homens de sciencia. Para mostrar, porém, que não sigo a maxima dos discipulos de Aristoteles; mas que desejo dar aos meus leitores, o maior numero de explicações sobre qualquer objecto, copio aqui uma carta que me escreveu o meu esclarecido amigo, e illustre escriptor, o sr Simão Rodrigues Ferreira, auctor das *Antiguidades do Porto*. Eis a carta (da qual só copiei o que diz respeito ás *Vellêdas* —

«Tenha paciencia com as Avellêdas, e pela ultima vez.» (O sr. R. Ferreira, já me tinha fallado n'isto, em outra occasião.)

«A sua etymologia e *paridade*, dar se-ha em França, mas nunca em Portugal.

«Michelet, no 1.º volume da sua *Hist. da*

edade media, fallando das sacerdotizas dos germanos, e da sua influencia civil e politica, diz—(traducção)—«Entraram em França no 2.º seculo. Cesar, havia destruido o governo nacional das Gallias; mas, depois da victoria, serviu-se d'estes povos guerreiros, para destruir a republica. A *legião Aluete* era toda de gallos, e estes, occuparam elevados cargos, no governo d'este imperador e no de Augusto. Quando, no segundo seculo, se quiz estabelecer nas Gallias o governo nacional, os romanos chamaram os germanos, para vencerem os gallos. *Com os germanos vieram as Vellêdas.*» — Não duvido que em França deixassem o seu nome a algumas localidades; mas a Historia nos diz, que elles não passaram os Pyreneus, para a Hespanha, nem eram sacerdotizas do druidismo; porque a religião dos druidas, era muito differente da dos germanos, pois n'estes, o culto vulgar era o *Odinismo* e outras divindades escandinavas: e, quando no 5.º seculo, os *barbaros* invadiram a Peninsula Hispanica, já vinham christãos, ainda que uma parte d'elles, eram arianos.»

N'este ponto, está enganado o sr. R Ferreira. As differentes raças do Norte, que invadiram Roma, depois as Gallias, e por fim as Hespanhas, seguiam diversos cultos, mas nem um só dos invasores era catholico. Uns, eram herejes arianos — e os outros seguiam differentes religiões, sendo uma grande parte d'elles idolatras. Uma prova d'isto, são as crueldades e devastações que praticavam nos nossos templos e mosteiros.

«Assim, antes do 2.º seculo, não havia em França Vellêdos.»

Nem eu disse semelhante cousa. Mas, o que agora digo, é que, então, não só não havia Velledas, mas nem ha havia *França.* Clodion, rei dos francos, que, em 419, occupou todo o territorio das Gallias, que se estende ao norte de Somme, é que, em 428, deu a este paiz o nome de *França* (terra dos francos) que depois se estendeu a toda a vasta extensão das Gallias.

«Nem vieram para a Hespanha, estas sacerdotizas, com os suevos, vandalos, visigodos, etc, *já christãos,* nem as chronicas o dizem. Se então viessem, a sua *doutrina sanguinaria,* havia de ser fulminada pelos concilios d'esse tempo.»

Como queria V. Ex.ª que houvesse n'aquelle tempo concilios, estando a Lusitania sob o jugo cruel e despotico dos reis gôdos, suevos, e alanos, todos herejes truculentos? O primeiro concilio que houve nas Hespanhas, depois da dominação gothica, foi o *lucense,* em 568, quatro annos depois de se ter convertido ao catholicismo, o rei suevo, Theodomiro.

Eu julgo — mas não affirmo — que os lusitanos, então quasi selvagens, confundiam os nomes das sacerdotizas dos romanos, com as dos druidas, dando, por vezes, ás *Vellêdas,* o nome de *Vestaes.*

«Sem ser pertinaz, fico com a minha opinião; porque não quero implantar em Portugal, o que — a existir — só existiu em França.»

Pois fique com a sua opinião, que eu fico com a minha, e ratifico o que disse na palavra *Avellêda,* ou *Vellêda.*

Até já houve um assignante que queria que eu dissesse n'este diccionario, que *Avellêda,* vinha do latim *Ave oh Leda,* e que foram os romanos que o deram á actual freguezia de Avelleda, do concelho de Braga, pela sua formosa situação, pois quando alli chegaram, exclamaram encantados — *Ave ou leda* — (Salve ó alegre!)

Então, tambem seriam os romanos que deram o mesmo nome, ás outras freguezias de Avellêdas, a varias aldeias, e á quinta do sr. Manoel Pedro Guedes, de que fallei no 6.º vol., pag. 580, col. 2.ª?

Estas e outras semelhantes questões não podem discutir-se n'esta obra, só deviam ser tratadas em um livro especial; pelo que, ponho ponto final n'este artigo.

VELOCIDADES — um cavallo a *toda a brida*, pode correr 20 kilometros por hora.

Um homem, andando de dia e de noite, sem a minima interrupção (se o podesse fazer) gastaria 400 dias para dar uma volta ao nosso globo.

Uma locomotiva, empregando a maxima velocidade, gastaria 30 dias, para dar a mesma volta.

O vento que infuna bem as velas de um navio, percorre 20:000 metros por hora — O que move as velas de um moinho, 25:000 metros. — Vento impetuoso, 80:000 metros — Grande furacão, 100:000 metros (ou 1:666 metros e 40 centimetros por minuto.)

O som, percorre 6 kilometros por minuto.

A electricidade, anda mil kilometros por minuto.

A luz do sol, gasta 8 minutos para chegar á Terra — isto é — 204:000:000 kilometros. Uma balla de artilheria, gastaria 18 annos, para percorrer a mesma distancia!

A luz da estrella mais proxima da terra, não póde cá chegar, em menos de 5 annos! De maneira que, se, por um motivo qualquer, uma estrella se apagasse, vêl'a-hiamos ainda 5 annos. Deus criou outras estrellas, que estão mais de 100:000 vezes mais distantes de nós do que aquellas, de modo que a sua luz, só cá chegará, d'aqui a 500:000 annos.

A luz da lua, chega-nos cá, em quarenta segundos.

A terra, gasta, na sua revolução á roda do sol, um minuto, para percorrer 2:480 kilometros.

No seu movimento em volta do *eixo*, para produzir a noite e o dia, anda 1875 kilometros por hora.

VELOSA ou **VELLOSA** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 320 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1768, tinha 75.

Orago, Nossa Senhora dos Prazeres. Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado, apresentava o prior, collado, que tinha 170$000 reis de rendimento annual.

Vellosa e velloso, significa mulher ou homem coberto de pêllos, cabelludo.

Ignora-se o primittivo nome d'esta freguezia. O actual, que tem mais de 500 annos, segundo os manuscriptos da casa Palmella, teve a seguinte origem.

Temos visto em alguns logares d'esta obra, que o nosso rei D. Fernando, disputou a corôa de Castella, ao fratricida D. Henrique II — Alguns fidalgos castelhanos, partidarios do assassinado D. Pedro I, *o Cru*, uniram-se ao rei portuguez, ajudando-o n'esta guerra, que, felizmente, foi de curta duração, pois terminou pelo tratado de paz, d'Evora, feito a 31 de março de 1369.

Os castelhanos que seguiram o partido do nosso D. Fernando, temendo (e com razão) uma cruel vingança e horrivel castigo, da parte de D. Henrique II, ficaram em Portugal, e o rei lhe concedeu varias honras e bôas propriedades e senhorios. (Entre os fidalgos castelhanos que cá ficaram então, conta-se o tristemente celebre gallego, *D. João Fernandes Andeiro*, que D. Fernando — ou sua mulher — fez conde de Ourem, e que o Mestre d'Aviz assassinou, nos paços do Limoeiro, de Lisboa, a 6 de dezembro de 1383.)

D. Antonio Velloso, fidalgo gallego, descendente do famoso conde, D. Rodrigo Velloso, senhor da Ribeira e Cabreira, em Hespanha, foi tambem um dos que então ficaram em Portugal.

D. Fernando lhe deu esta freguezia — á qual elle deu o fôro de villa, e lhe chamou *Vellosa*, nome que até hoje tem conservado.

Um dos senhores de Ribeira e Cabreira, foi alcunhado o *Velloso*, por ser muito cabelludo, e seus descendentes, tomaram a alcunha, por appellido.

Os Vellosos, trazem por armas — em

campo de purpura, um castello de prata, e 3 flores de liz, de ouro em chefe. O castello está sobre um monte da sua côr, com porta, frestas e lavrado de nêgro, e junto d'elle, um açôr, armado d'ouro, com uma perdiz nas garras. Timbre, o açôr do escudo, com a perdiz nas garras do pé direito.

Os reis de Portugal, nunca confirmaram o titulo de villa, a esta freguezia, que foi, e é, sempre considerada como aldeia.

Não se confunda com *Avellosa*, que significa, terra onde ha muitas *avelleiras*.

VENADE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Caminha (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Vianna) 12 kilometros a O. de Villa Nova da Cerveira, 30 a O. da praça de Valença, 20 ao N. de Vianna do Minho, 30 ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisbôa, 240 fogos.

Em 1768, tinha 158.

Orago, Santa Eulalia. Districto administrativo de Vianna, arcebispado de Braga.

A casa do infantado, apresentava o abbade, que tinha 150$000 reis de rendimento.

Eram senhores donatarios d'esta freguezia, os marquezes de Villa-Real. O ultimo marquez d'este titulo, deu este senhorio a seu filho, 1.º e unico duque de Caminha; mas perdendo ambos a vida no patibulo em Lisbôa — por traidores — a 29 de agosto de 1641, todos os seus bens e os dos seus cumplices, formaram a casa do infantado, que veio a ser a donataria d'esta freguezia.

Consta que a primeira padroeira d'esta egreja, foi uma lavradora d'aqui, a qual convidando a duqueza de Caminha para comadre, lhe deu, por a honra de acceitar o convite, o padroado da sua egreja.

E' uma das mais ricas e ferteis parochias da comarca de Caminha, e abundantissima de optimas aguas, estando, de mais a mais, sobre a margem esquerda do rio Coura, que a abastece do seu peixe, do do rio Minho, e do do mar, que lhe vem pelo mesmo rio.

As suas veigas, são cortadas pela nova estrada, que de Caminha se dirige a Melgaço, por Paredes de Coura.

A egreja matriz está em bonita situação, no centro da freguezia. E' de tres naves, e está muito bem conservada e ornada. E' muito antiga, mas não consta por quem ou quando foi construida.

Ha n'esta freguezia duas bonitas capellas particulares — a do Senhor do Soccôrro, e a do palacête do sr. barão de S. Roque. Este palacete, é o de uma quinta do dito barão, que é a mais bonita d'estes sitios, pela sua optima posição, na proximidade da nova estrada de que fallei. E' cercada de altos muros, com extensas latadas, excellente eira de cantaria, e um magnifico pombal. O seu proprietario, aqui vem passar o verão com a sua familia, pelo que o palacête se conserva com o maximo luxo. Seu pae, o 2.º barão de S. Roque, deu n'este palacête um sumptuoso jantar, a seu primo, o fallecido arcebispo de Gôa, primaz das Indias, D. José Maria Torres.

A *quinta do Vallinho*, com a sua capella moderna, de abobada, em forma pyramidal, mandada fazer por Pedro da Rocha Pitta, em 1873, e que era então seu possuidor. Hoje pertence ao sr. doutor, João Xavier Torres e Silva, que não tem cuidado com esta capella, antes a tem tratado com o maior desprezo, o que, se continuar, brevemente a transformará em ruinas. A quinta é bastante extensa, mas o seu terreno é árido e por isso pouco fertil.

Os temporaes do inverno de 1876-1877, causaram graves prejuizos a esta freguezia, que foram avaliados do seguinte módo —

Em paredes cahidas....	800$000
Em vinhedos.....	1:000$000
Em terras lavradias....	1:224$300
Somma.....	3:024$300

Em 1860, uma mulher d'esta freguezia, chamada Emilia, teve 4 crianças de um parto, que todas nasceram vivas e foram baptizadas.

VENARIOS — Vide *Barrarios*.

VENDA — freguezia, Algarve, comarca, concelho e 12 kilometros de Fáro, 240 ao S. de Lisbôa, 95 fogos.

Em 1768, tinha 111.

Orago, S. João Baptista. Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 90$000 réis de rendimento annual.

Esta freguezia, está espalhada por casaes, ao O. de Fáro, na extremidade do *Barrocal* Tem bôas terras para cultura de cereaes; algumas oliveiras, com bom lagar de azeite; e figueiras.

Tem apenas 3 kilometros de comprimento, por 3 de largura, entre Faro e Loulé, ficando a maior parte, com a egreja de Almancil (São Lourenço) no concelho de Loulé, e o resto em Fáro; por isso, foi dividida por ambos estes concelhos, creando-se uma nova freguezia, pertencente toda ao concelho de Loulé, com o nome de *São Lourenço dos Mattos*, ou de *Almancil*.

Ficou pois supprimida a freguezia da Venda, por disposição da Junta Geral do Districto, em 1836.

VENDA — port. ant. — Dava-se este nome, ao laudemio que se pagava da fazenda aforada, quando se vendia.

Em 1251, D. Pedro Gonçalves, bispo de Vizeu, e o seu cabido, deram foral aos moradores do seu couto, da mesma cidade, e n'elle permittem, que possam vender as suas propriedades, mas, a quem lhes pague o seu laudemio «Et qui dent nobis nostram *vendam.*» (Doc. da Sé de Viseu.)

Em um documento de S. Thiago, de Coimbra, de 1356, se diz — «E se algum caseiro, quizer vender, que nós ajamos a *venda.*»

VENDA DO CÊPO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Trancoso, a 50 kilometros de Viseu.

Tinha por orago, S. Thiago, apostolo. 300 kilometros ao N. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 31 moradores — e o povo, apresentava o cura, que tinha 6$000 reis de congrua, e o pé de altar, que era insignificantissimo.

Esta freguezia, foi supprimida, no fim do seculo passado, por não haver parocho que a quizesse *curar*.

VENDA DA CRUZ — Vide *Pelariga*.

VENDA DO DUQUE — logar, Extremadura, entre Val de Pereiro e Evora-Monte, 149 kilometros a S. E. de Lisbôa. E' uma das estações do caminho de ferro no ramal da Casa-Branca a Extremôz. Não sei a que freguezia pertence.

E' notavel que, tendo eu perguntado em varias estações dos caminhos de ferro portuguezes, a que freguezia pertencem, na maior parte d'estas estações, os seus habitantes não m'o sabem dizer. Que catholicos! .... Tem um dolmen; o que prova ser este sitio povoado d'esde tempos remotissimos.

VENDA DOS MOINHOS — Logar, Douro, na freguezia do Espinhal, concelho de Penella. — No dia 19 de maio de 1876, houve por estes sitios uma horrenda trovoada, chovendo torrencialmente, na *Guia do Avellar*, e na Venda dos Moinhos, onde não ficou nem um bocado de terra, pois que a inundação tudo arrastou. Morreram uns poucos de rebanhos de gado miudo, bôis e porcos; e algumas casas ficaram arrazadas até aos alicerces.

Morreu um homem, uma mulher, e duas creanças. Diz um correspondente do Espinhal —

«Todos quantos estavam dentro d'esta fabrica iam tambem morrendo, por se não contar com tão grande inundação, em razão de não termos visto chover.

A agua vinha toda junta e fazia ondas como no mar. Vi uma serra de agua do feitio de uma onda, que não tinha menos de nove metros da altura. Era um diluvio.

Nós fugimos para um monte, e outros para as vinhas.

Se por acaso fosse de noute não te tornava a ver. Chegou-me a agua á cama, mas felizmente salvei tudo, porque gritei á gente que me acudisse, e foi tudo tirado de uma vez só, já na agua.

Homens antigos não se lembram de ver tal cousa em tempo algum.

Esperavamos que a fabrica ficasse prompta por estes quinze dias; mas agora terá demora. Em consequencia d'esta inundação ha aqui muito que fazer. O prejuizo n'ella está calculado em tres contos de reis.»

Vide *Espinhal*.

VENDA DO PINHEIRO — grande e formosa aldeia, Extremadura, na freguezia de S. Miguel do Milharado, comarca e concelho

de Mafra. 29 kilometros ao N. O. de Lisbôa, 26 ao S. de Torres Vedras.

Tem uma grande e formosa capella, de Santo Antonio, de Lisbôa, ao qual se faz uma bôa festa no seu dia (13 de junho) havendo então aqui, uma grande feira, sempre muito concorrida, principalmente de gado bovino.

Era aqui a 9.ª estação do célebre caminho de ferro Larmanjat, de Lisbôa a Torres Vedras.

(Vide *Miguel do Milharado — São —*)

VENDA NOVA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (foi da mesma comarca, mas do supprimido concelho de Ruivães) 60 kilometros a N. E. de Braga, 415 ao N. de Lisbôa. 75 fogos.

Orago, São Simão. Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Não vem no *Port. Sacro e Profano* (pelo menos com este nome) nem de tal freguezia posso dar informações. Escrevi ao parocho da freguezia, pedindo-lhe humildemente apontamentos para ella ; mas o *patriotico* ecclesiastico, *imitando tantos outros seus collegas, tão patrioticos como elle*, não se dignou responder me. (Talvez não quizesse gastar os 25 reis na estampilha!...)

VENDADA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso) 60 kilometros de Vizeu, 335 a E. de Lisbôa, 50 fogos.

Orago, Santa Luzia, bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Esteve algum tempo annexa a Manigôto.

E' povoação muito antiga. D. Affonso III, lhe deu foral, em Lisbôa, a 4 de outubro de 1276. (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso* III, fl. 140, col. 2.ª)

Este foral, lhe dá o nome de *Póvoa de Vendada em Souto Redondo.*

Não vem tambem no *Port. Sacr. e Prof.*—e com ella aconteceu-me exactamente, como com a antecedente! Ha parochos muito.... *dignos!*

VENDAS NOVAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo (foi do mesmo concelho, mas da comarca d'Arraiólos) 50 kilometros d'Evora, 65 ao S. E. de Lisbôa. 310 fogos.

Em 1768, tinha 55, (aqui ha provavelmente engano do *Port. Sacro.* Parece-me que em 114 annos, não podia augmentar 255 fogos na sua população)

Orago, Santo Antonio, de Lisbôa. Arcebispado e districto administrativo d'Évora.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 160 alqueires de trigo e 80 de cevada, de rendimento annual.

Tem estação telegraphica.

É aqui a 8.ª estação do caminho de ferro do Sueste, que dista da principal (Barreiro) 57 kilometros.

É terra muito fertil em cereaes.

Proximo á povoação, está estabelecido o *Polygono das Vendas Novas* — ou *campo de instrucção e manobras.* Foi inaugurado a 6 de setembro de 1860, e construido sob a direcção do coronel José Marcellino da Costa Monteiro.

Consta de trez baterias — uma para tiros de *recochete* — outra, para tiros de morteiro — outra para tiros de peças e obuzes de grosso calibre. Alem d'isto, tem uma *carreira*, para tiros d'artilheria. Vide o 1.º Tancos.

—

O dia 9 de novembro de 1725, foi de geral alegria, para a cidade de Lisboa, e pouco depois, para todo o reino. Foi então que se publicaram na côrte, o ajuste de dous casamentos — o do principe do Brazil, D. José,[1] com a princeza D. Marianna Victoria, filha

---

[1] Era o 3.º filho dos reis D. João V e D. Marianna d'Austria, filha do imperador Leopoldo I — O 1.º, foi D. Maria Barbara, da qual fallo no texto — o 2.º, foi o principe do Brazil, D. Pedro, que morreu de 2 annos e 10 dias ; pois nascendo a 19 de outubro de 1712, falleceu a 29 de outubro de 1714. Foi por isso, que D. José foi principe do Brazil, e depois rei.

de D. Philippe V de Hespanha [1] e o da infanta, D. Maria Barbora (nascida a 4 de dezembro de 1711) com o principe das Asturias, D. Fernando, tambem filho de D. Philippe V. — Celebrou se esta noticia na Basilica Patriarchal, e em todas as egrejas, com *Te Deum laudamus*, e com trez noites de luminarias. Na corte de Madrid, houve as mesmas festas.

Estes dous casamentos, effectuaram-se em 1728.

Foi então, que a povoação das Vendas Novas (esta) foi theatro de uma scena do maior esplendor.

D. João V, tinha por contemporaneo e rival, o faustoso Luiz XIV, de França.

O rei portuguez queria egualar — se não exceder — o francez, em riqueza e magnificencia (e, com effeito, D. João V, foi cognominado *o Magnifico*.).

Teve logar aqui, a tróca das duas princezas, e futuras noivas — junto ás margens do Cáia, como sempre foi costume, em semelhantes conjuncturas.

Não ha memoria de uma ceremonia tão deslumbrante!

N'esta povoação, mandou o rei portuguez construir um palacio, que ainda existe.

O estado da casa real, constou de 10 coches, 8 berlindas, 29 *estufas*, 2 caleças, e 141 séges — 353 *urcos*, ou *frizões*, 468 cavallos e mullas — aquelles para os coches, e estas para as seges, e creados da cavallariça — 673 cavallos de sella, e 316 muares das *galeras*, *carros de matto*, liteiras etc. — Só para o serviço dos coches e cavalgaduras, eram mais de 900 creados — isto é — 190 vehiculos, de todas as especies então usadas, e 1:810 cavalgaduras!

Alem d'isto, havia os coches e suas cavalgaduras, da creadagem dos fidalgos que hiam na comitiva, do patriarcha (que era então, D. Thomaz d'Almeida — vide 4.º vol., pag. 276, col. 1.ª) de 12 conegos, e outros ecclesiasticos.

Na volta para Lisboa, o rei e o seu sequito, embarcaram em Aldeia Gallega do Riba-Tejo — a familia real, no seu riquissimo bergantim (que ainda existe, em um barracão, no caes de Alcantara) e os fidalgos, padres e mais comitiva, em 320 barcos. No caes de Belem, onde desembarcaram todos, tinha-se construido uma magestosa *lingueta*, adornada de riquissimas e vistosas tapeçarias, vasos de flores naturaes, mastros, bandeiras, e outros varios e magnificos ornamentos.

Ainda hoje é n'esta povoação das Vendas Novas, lembrada, com justo orgulho, esta esplendorosa festa.

—

Ha em Portugal, mais de 80 aldeias com o nome de *Vendas-Novas*. Não menciono nenhuma d'ellas, por não me constar que tenha cousa digna de nota.

VENDAVAL — ABRÊGO — ou ALOUÇO — port. ant. — vento sul. Vide *Ociente*.

VENDAVIZES — Vide *Bandavizes*.

VENTES — port. ant. — Vendo, considerando, reflectindo, etc.

VENTOS — Vide *Ociente*.

VENTOSA — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Póvoa de Lanhoso, 24 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 83.

Orago, S. Martinho, bispo. Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra, apresentava o abbade, que tinha 450$000 reis de rendimento annual.

Para o mais que diz respeito a esta freguezia, vide *Caniçada e Soengas*, pois está nas mesmas circumstancias.

VENTOSA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao O. de Viseu, 290 ao N. de Lisbôa, 350 fogos.

Em 1768, tinha 127.

Orago, Santa Maria (N. Senhora da Purificação — Candeias.) Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado, apresentava o vigario, que tinha 40$000 reis de rendimento.

---

[1] D. José, nasceu a 6 de junho de 1713 — foi acclamado rei, no 1.º de agosto de 1750, e falleceu a 22 de fevereiro de 1777. Com a sua morte, terminou o *reinado* do 1.º marquez do Pombal.

É uma povoação tão antiga, que já era freguezia em 1134. Vide *Foramontãos.*

O real padroado, apresentava esta egreja, porque os reis eram grão-mestres da ordem de Christo.

Esta freguezia, tinha sido uma commenda dos templarios, que em 1319 passou á ordem de Christo, e ficou annexa á egreja matriz de S. Thiago, de Santarem (hoje supprimida) e que tambem era da ordem de Christo, porque, D. João III, *como governador e perpetuo administrador* da mesma ordem, e por sua carta regia, feita em Evora, a 26 de agosto de 1535, deu á dita egreja de S. Thiago (que fôra dos templarios) esta commenda, em troca da de Cardigo, que vagara por fallecimento do seu ultimo commendador, D. frei Nuno Furtado. Fez commendador da referida commenda da egreja de S. Thiago, a André Telles de Menezes, fidalgo da sua casa, e cavalleiro professo da ordem de Christo, com a obrigação de pagar annualmente, 12$000 rs. ao vigario de S. Thiago, e dar em troca, ao rei, as duas commendas, de São Gião, de Cambra, hoje, São Julião de Cambra, n'este mesmo concelho de Vonsella, e a de *Santa Maria da Ventosa* (esta) «*que são das cincoenta commendas,* das egrejas *do meu padroado; para eu d'ellas prover a quem houver por bem.*» — Diz a carta regia d'esta tróca.

Vê-se pois, que esta egreja foi dos templarios, e depois, dos cavalleiros de Christo, e uma das suas commendas.

Fertil. Muito gado e caça.

No logar de *Sacorêlhe*, d'esta freguezia, reside *José Correia da Silva*, que possue uma receita, pela qual prepara um remedio, QUE CURA A HYDROPHOBIA, proveniente de mordedura de animaes atacados d'esta terrivel molestia; e isto, tanto em gente como em animaes, antes e depois de terem soffrido o primeiro accesso.

Este remedio, tem sido applicado ha mais de 30 annos, *sem falhar uma unica vez.*

VENTOSA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Aldeia Gallega da Merceana) 54 kilometros ao N. E. de Lisbôa, 460 fogos.

Em 1768, tinha 207.

Orago Nossa Senhora das Virtudes. Patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

A rainha, apresentava o prior, que tinha 700$000 reis de rendimento annual, segundo o *Port. Sacro;* mas a verdade é que este beneficio rendia mais de 1:200$000 reis.

A egreja matriz, na aldeia da Ventosa, está situada em uma elevação, a egual distancia dos logares da Atalaia e Labrujeira Foi da casa das rainhas. Em outros tempos (porque esta freguezia é antiquissima) tinha sido annexa á freguezia de S. Thiago, de Alemquer, e então, os dizimos distribuiam-se — um terço, para a mitra patriarchal — um terço, para o prior da Ventosa — e do outro terço, duas terças partes eram para o mosteiro d'Alcobaça, e o resto para o prior de São Thiago, d'Alemquer. Esta repartição, foi arbitrada por D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisbôa (o famoso *cardeal de Alpedrinha* — vide Alpedrinha, e no 4.º vol., pag. 273, col. 1.ª) em 1475.

Segundo a *Chorographia Port.*, do padre Carvalho, a freguezia em 1707 tinha os seguintes logares :

	Fogos
1.º — Ventosa (provavelmente Atalaia)	25
2.º — Quentes, ou A dos Quentes....	30
3.º — Labrujeira	40
4.º — Penêdos	30
5.º — Pena Firme da Ventosa.....	20
Somma....	145

Se esta conta está exacta, a freguezia augmentou em 61 annos, 62 fogos — visto que, como vimos, já em 1768, tinha 207.

Hoje tem onze aldeias, são :

	Fogos
1.ª — Labrujeira.....	143
2.ª — Penêdo	64
3.ª — Pena Firme.....	37
4.ª — Atalaia	50
5.ª — Cortegana.....	16
6.ª — Penunzinhos.....	25
7.ª — Freixial de Cima.....	20
8.ª — Villa Chan.....	44
9.ª — Casaes Gallegos.....	14
10.ª — Parreiras.....	7
11.ª — Quentes — ou A Quentes.....	40
Somma....	460

A decima predial d'esta freguezia, importa annualmente, em 20 CONTOS DE RÉIS!

—

A primittiva egreja matriz, era de uma data remotissima; a actual, feita sobre os alicerces e com os materiaes da antiga, é construcção do meiado do seculo XVI. Na hombreira de uma das portas, está gravado a era 1235 (1197 de J. C.) E' talvez a data da fundação, ou reconstrucção da egreja antiga.

E' certo que esta egreja, foi fundação dos templarios, ou pelo menos, foi do seu padroado; o que se prova pelas cruzes d'esta ordem, que se veem servindo de lages no pavimento do alpendre, á entrada da actual egreja, que provavelmente foram campas da primitiva.

O interior do templo, é de architectura singela. D'ambos os lados, pesadas columnas, e arcos gothicos, separam as naves do corpo principal. Está decentemente tratado; mas não tanto como exigem os seus grandes rendimentos.

Esta egreja, foi restaurada em 1882 com ajuda de um valioso subsidio, concedido, no tempo do sr. Sebastião José de Carvalho, feito 1.º visconde de Chancelleiros, em 13 de setembro de 1865 — filho de Manoel Antonio de Carvalho, que foi 1.º barão do mesmo titulo, feito em 23 de maio de 1840. O sr. visconde, é um rico proprietario d'esta freguezia — e que então era ministro.

No pavimento da egreja, ha diversas campas com inscripções umas ilegiveis, e outras, pertencentes a individuos hoje desconhecidos, pelo que as não copio.

Houve entre os seus priores, alguns clerigos notaveis sendo um dos principaes — *D. Joaquim de Santa Anna Carvalho*, natural de Setubal, onde nasceu em 1775. Foi eremita de São Paulo, da Congregação da Serra d'Ossa, e doutor em theologia, pela Universidade de Coimbra. Foi depois, freire conventual da ordem de Christo, e eleito bispo do Algarve, em 1819, resignando o bispado, em 1823. Falleceu em Lisbôa, a 2 de janeiro de 1833. (Para evitarmos repetições, vide no 9.º vol., pag. 328, col. 1.ª)

Logares d'esta freguezia

Labrujeira — o mais importante logar da freguezia — tem uma ermida de Santo Antonio de Lisbôa — tem mercado no 4.º domingo de cada mez, e feira annual, em 13 de junho de cada anno.

Penedos — tem uma ermida de São José.

Pena Firme — a de N. Senhora do Amparo.

Atalaia — a grande do Espirito Santo, onde se acha o S. S. Sacramento, por não haver sacrario na egreja parochial, em razão de estar em sitio èrmo. E' atravessada pela nova estrada do Sobral, Villa Verde dos Francos e Cadaval.

Quintas da freguezia

1.ª — *Casal da Egreja* — propriedade assim chamada, por ter sido pertença da egreja. E' uma antiquissima propriedade, e as suas casas, junto á egreja, estão em ruinas. A quinta, que estava reduzida a uma vasta charneca, vê-se hoje coberta de vinhas mandadas plantar pelo seu actual proprietario, o dito sr. viscònde de Chancelleiros.

2.ª — *Quinta do Rocio* — do mesmo Visconde.

3.ª — *Q. da Saude* — do mesmo.

4.ª — *Q. do Porto Franco* — idem.

5.ª — *Q. da Bichina* — do sr. visconde de Fonte Arcada.

6.ª — *Q. da Barreira* — do sr. Luiz Ribeiro da Costa.

7.ª — *Q. Velha* — do sr. José Antonio de Oliveira Montaury.

8.ª — *Q. do Coelho* — do sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho.

9.ª — *Q. do Valle* — do mesmo.

10.ª — *Q. de Santo Antonio* — do sr. José Ferreira d'Azevedo.

11.ª — *Q. do Gambôa* — do sr. João Carlos Mauricio d'Aguiar.

12.ª — *Q. do Val de Riacho* — do sr. Raphael Francisco.

13.ª — *Q. do Bréjo* — do sr. José Pires Monteiro Bandeira.

14.ª *Q. da Ribeira* — do sr. José Pacheco de Souza.

15.ª — *Q. da Verderêna* — do sr. Antonio Maria Velloso.

16.ª — *Q. do Pipalête* — do sr. Antonio Joaquim da Costa Senior.

17.ª — *Q. do Monte d'Ouro* — do sr. Ezequiel de Paula de Sá Prégo.

Casaes

1.º — *Casal do Marco* — da sr.ª D. Maria Clara Pereira de Castro.

2.º — *C. da Piedade* — do sr. Antonio Rebello.

3.º — *C. dos Moinhos* — do sr. José Marques.

4.º — *C. da Canna* — do sr. Luiz Ribeiro da Costa.

5.º — *Cêrca do Gama e dos Silveiras* — do sr. Gaspar Casimiro dos Santos Cruz.

—

Temos visto em differentes logares d'esta obra, que a ordem dos templarios foi supprimida em Portugal, em 1311, reinando D. Diniz — e que — em 1319, passaram a maior parte das suas propriedades e rendas, para o nova ordem de Christo, que D. Diniz instituira, para que os immensos bens dos templarios não fossem para Roma, como pretendiam os pontifices Clemente V e João XXII.

Não sei porque titulo, já a commenda de Alemquer — que comprehendia esta freguezia da Ventosa — não era dos templarios, no reinado de D. Sancho I, pois que este rei a deu a sua 3.ª filha, a infanta D Sancha, que a possuiu até ao seu fallecimento, que teve logar a 13 de março de 1229.

Esta senhora, que terminou os seus dias, freira professa, no mosteiro de Lorvão, era filha de D. Sancho I, e da rainha D. Dulce, filha de Raymundo Berengario, 5.º do nome, conde de Barcelona, e de sua mulher, D. Petronilla, rainha de Aragão.

D. Sancha, foi beatificada em 1705, pelo papa Clemente XI.

Vagou esta commenda para a corôa, em cuja posse esteve 24 annos, até que D. Affonso III a deu, em 1253, a sua 2.ª mulher, D. Brites, filha de D. Affonso X, de Castella.

D'esde então, ficou pertencendo o senhorio d'esta freguezia, á chamada *Casa das Rainhas*, até 1834, anno em que foi supprimida.

Associação protectora de meninas pobres

A sr.ª viscondessa de Chancelleiros, fundou n'esta freguezia, a 30 de junho de 1874, um bello estabelecimento de caridade, com a denominação que serve de epigraphe a este §., e de cuja direcção, é secretaria uma dama estrangeira, a senhora baroneza de Lebzeltern. Tem bastantes socios, de ambos os sexos, e foi construida logo uma casa para a escola.

Actos d'esta natureza, não se elogiam, porque não ha palavras condignas, que possam exprimir o seu merecimento. Permittisse a Divina Providencia, que os capitalistas tivessem o caridoso pensamento de estabelecerem eguaes casas.

A maior parte d'este artigo, foi extrahido do livro intitulado «Alemquer e seu concelho» do sr. Guilherme João Carlos Henriques — e o que vae d'aqui por diante, são apontamentos que teve a bondade de me enviar o ex.mo sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho. N'estes apontamentos, notam-se differenças nos nomes de alguns cavalheiros, e de algumas quintas. Lá deslindem isto, os dous escriptores.

«Segundo a tradição, o nome da aldeia da Labrujeira deriva-se do seguinte — Havia, onde hoje existe esta aldeia, um só casal, cujo casaleiro dizia a quem por alli passava, e lhe perguntava a sua occupação — *Lavro geiras.*»

Com perdão do sr. Carvalho, direi que isto é uma das taes etymologias muito vulga-

res que o nosso povo costuma arranjar.

Ha em Portugal trez freguezias e varias povoações, serras e outros sitios, com o nome de *Labruja*, *Labrugia*, *Labrujeira Labrujó*. Todos estes nomes se derivam do adjectivo *Labrusco*, que significa, *agreste*, *bravio*, ou *inculto*—e aquelles nomes vêem a significar—sitio agreste; inculto, ou mal cultivado; que tambem se póde entender por *charneca*.

«Ha na Labrujeira, uma bonita ermida de Santo Antonio, onde se fazem tres festas annuaes, e alli se diz missa em todos os domingos e dias santificados, paga pelo povo.

«Tem mais, este logar, duas ermidas particulares — uma, dedicada a *N. Senhora dos Dores*, na casa em que reside o sr. João Eduardo Nobre Freire — outra, de *N. Senhora da Assumpção*, na *quinta do Coêlho*, da sr.ª D. Marianna Josefa Perestrello da Costa e Cruz.

«Ha n'este logar, tres quintas. —

«1.ª, e principal, é do sr. Joaquim Maximo Lopes de Carvalho, e chama-se *Quinta do Valle*. (O seu proprietario, é um cavalheiro muito intelligente, e que por cinco annos exerceu o logar de director da quinta regional de Cintra.)

«2.ª — A dita *Quinta do Coelho*, cujo nome lhe provem, por ter sido construida por Antonio Coelho da Gama, em 1561. Já disse a quem pertence.

«3.ª — *Quinta de Santo Antonio*, do sr. José Ferreira d'Azevedo.

«Ha aqui duas pontes — uma na estrada que vae da Labrujeira para Olhalvo, chamada, *da Prezada*, que foi construida á custa do dito sr. Lopes de Carvalho, e do sr. Manoel Joaquim d'Azevedo — outra, na estrada que vae para a Atalaia, chamada, *do Ferreiro*. Foi construida tambem á custa do sr. Lopes de Carvalho.

«Soffreu muito esta aldeia, com a invasão franceza, porque os jacobinos destruiram muitas cearas, e incendiaram grande numero de casas.

«O seu terreno é muito fertil, e produz magnifico vinho.

VENTOSA — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 50 kilometros ao N. de Lisbôa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 275.

Orago, S. Mamede. Patriarchado e districto administrativo de Lisbôa.

O prior da freguezia de S. Thiago, de Torres Vedras, apresentava o cura, que tinha, 64 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho, e 7$000 reis em dinheiro — segundo o *Port. Sacro*; mas a verdade é, que o cura, tinha 64 alqueires de trigo, 120 de cevada, 30 almudes de vinho, e 57$000 em dinheiro. (*Descrip. hist. e econ. da villa e termo de Torres-Vedras*, pag. 103, nota C)

A egreja matriz, é muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi construida. E' de trez naves, sustentadas por columnas muito bem lavradas. Tem altar-mór, e seis lateraes, no corpo da egreja.

Ha no districto d'esta freguezia, duas ermidas; mas a citada obra, não declara a quem são dedicadas.

Terra muito fertil, rica e prospera, como acabamos de ver do seu numero de fogos, que, em 114 annos, quasi tem duplicado.

No dia 21 de agosto de 1808, teve logar a batalha e gloriosa victoria do *Vimieiro*, ou *Vimeiro*. (Vide *Torres Vedras*, e *Vimieiro*.) O jacobino Crenier, brigadeiro de Buonaparte, com a sua brigada, se fez forte, em um *viso*, d'esta freguezia; mas não pôde resistir ao arrojo indomavel do exercito luso-anglo, que atacou os francezes, á *bayoneta callada*, pondo-os em completa derrota.

No mesmo dia, e quasi á mesma hora, foi derrotado outro brigadeiro jacobino — Solignac — (vide Alcoentre, e no 7.º vol, pag. 355, col. 2.ª) na estrada da Lourinhan, pouco distante d'esta freguezia.

VENTOSA—freguezia. Alemtejo, bispado, comarca, concelho, e 9 kilometros de Elvas, 180 ao E. de Lisbôa.

Em 1768, tinha 62 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Ventosa, districto administrativo de Portalegre.

A mitra, apresentava o cura, que tinha

220 alqueires de trigo e 100 de cevada, de rendimento annual.

E' terra muito fertil, sobretudo, em cereaes. Gado e caça.

Esta freguezia, foi supprimida no fim do seculo passado, ou principio d'este, e não sei a qual se annexou.

VENTOSA DO BAIRRO — freguezia, (foi villa) comarca da Anadía, concelho e 4 kilometros ao N. O. da Mealhada (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Cantanhêde.) 36 ao N. O. de Coimbra, 220 ao N. de Lisbôa, 260 fogos.

Em 1768, tinha 154.

Orago, N. Senhora da Assumpção. Bispado de Coimbra, districto administrativo de Avéiro.

O papa, o bispo-conde, e o prior do Salvador, de Coimbra, apresentavam alternativamente o prior (com quatro mezes cada um!) que tinha 400$000 reis de rendimento annual.

E' terra fertil, em todos os fructos do nosso clima, e o seu vinho já pertence ao classificado como *vinho da Bairrada*.

E' povoação antiquissima, talvez do tempo dos romanos, e com certeza, já era habitada no tempo dos gôdos.

Cahindo este territorio, como toda a nossa Peninsula, em poder dos árabes, desde 713 até 716, assim esteve, até 750, em cujo anno, D. Affonso I.º, de Leão, ajudado por seu irmão D. Frucio, entrou na Lusitania por Traz-os-Montes, recuperando Braga, Chaves, Viseu, Agueda, e a parte septentrional da Bairrada, que em breve tornou a cahir em poder dos mouros.

Pelos annos de 840, D. Affonso III, *o Casto*, de Leão, deu á Sé de Compostella, uma vasta extensão de territorio na Bairrada, e as povoações de *Viaster* (Veadores) com sua egreja — *Creixomir* (Treixomil?) — aldeia e egreja de S. Lourenço, perto do Cértoma (São Lourenço do Bairro?) — e o terço da aldeia de Travazólo (Travassô?) entre o Agueda e o Vouga.

D. Fernando, *o Magno*, rei de Castella e Leão, tomou Coimbra aos mouros, em 1064.

(Para evitarmos repetições, é preciso ver, *Coimbra, Lorvão, Monte-Mór Velho.*)

Em 1065, o mesmo D. Fernando Magno, confirmou a doação que D. Affonso, *o Casto*, havia feito á Sé de Compostella, dizendo na respectiva carta, que resgatára pouco antes este territorio, do poder dos serracenos.

Por este tempo, varios senhores e mosteiros, fizeram justificação da propriedade de bens que tinham possuido antes da restauração, para que, pelo *direito de conquista*, não fossem essas propriedades cahir ás mãos dos conquistadores, ou ao fisco.

Foi então, que o mosteiro de Vaccariça, provou pertencerem-lhe as povoações de *Moçárros*, com a sua egreja—*Villar de Correixe*, com a sua egreja — *Sangalhos* — *Barrô* (da Aguada?), com a sua egreja—*Morangaus* (Morangal?) — *Tamengos* — *Horta* — *Ventosa*, (esta) — *Cepins*, e outras mais. (Vide *Monsarros*, ou *Villa Nova de Monsarós.*)

Pelos annos de 1112, se levantou, entre o bispo de Coimbra, D. Gonçalo, e tres frades da Vaccariça, uma renhida questão, sobre a propriedade do padroado d'esta egreja da Ventosa. Transigiram a final, e por uma composição, o bispo, emprazou aos tres frades, em sua vida, e mediante a decima parte do rendimento para a mitra, o tal padroado: o que só teria effeito durante a vida dos taes frades, vagando para a Sé, por morte do ultimo.

VENTOCELLES — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia da Granja, concelho das Boticas. (Vide a 3.ª Granja, da 1.ª col., da pag. 319, do 3.º volume.)

Fica 18 kilometros ao S. de Montalegre, a cuja comarca pertence, e 3 a E. das Boticas. Pertencia á commenda de Eiró, cujos dizimos rendiam 230$000 réis, e em fóros e propinas, 50$000 réis.

A freguezia da Granja, compõe-se apenas de duas povoações — *Granja*, séde da parochia — e esta de Ventocelles.

Na Granja, tem uma ermida particular, dedicada a Santa Barbara, e pertencente ao sr. Sebastião de Miranda, descendente da nobre e antiga casa do *Cerrado*, de Montalegre, d'onde é natural; (mas residente em Villa Pouca de Aguiar, por ser alli secretario da camara municipal) e a sua irmã, a sr.ª D. Maria Ignacia, residente em Braga, e viuva

do doutor Thomaz d'Araujo Lobo, de Cabeceiras de Basto.

A freguezia, está situada na margem direita do rio *Térva*, e ao sul da *serra de Leiranco*, formando parte do valle, chamado *Ribeira de Térva*.

O seu terreno, abrigado do norte pela serra, e exposto ao meio dia, é, pela sua baixa e plana posição, e pela sua abundancia de aguas, que se despenham da serra, muito productivo, sobre tudo, em milho grôço, feijão, aboboras, hortaliças, vinho verde, fructas de varias qualidades, e castanhas.

José dos Santos Moura, abbade de Caires, e vigario da vara da comarca ecclesiastica de Amares.

VENTOZELLO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 210 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1768, tinha 101 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção. (O *Portugal Sacro*, diz que é Nossa Senhora da Annunciação.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O padroado real, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento annual.

Pouco fertil. Gado e caça.

VENTOZELLO—Extensa, magnifica e fertil quinta, Beira Alta, na freguezia de Ervedosa, comarca e concelho de S. João da Pesqueira. (3.º vol., pag. 50, col. 1.º)

Fica sobre a margem esquerda do rio Douro, e é composta de vastos vinhêdos e mattas, que occupam muitos kilometros quadrados.

Pertence ao sr. Antonio Teixeira de Souza e Silva Alcoforado Magalhães e Lacerda, moço fidalgo, com exercicio na casa real e cavalleiro da ordem de Malta; conhecido, geralmente, pela denominação de *Fidalgo do Pôço*, de Lamego.

É filho 2.º do fallecido 1.º (e unico) visconde do Peso da Régua, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, tenente general que foi, do exercito legitimista — e de D. Maria Antonia Thereza Clara Alcoforado de Carvalho e Napoles.

É neto paterno de Antonio Teixeira de Magalhães e Lacerda, fidalgo cavalleiro, e senhor dos mórgados da *Calçada* e *Celleiros* — e de sua mulher, D. Anna Thereza Pereira Pinto de Azevedo Sotto-Maior.

Neto materno do barão de Villa Pouca (d'Aguiar), Rodrigo de Souza da Silva Alcoforado, moço fidalgo com exercicio no paço, do conselho de sua magestade, alcaide-mór, commendador da ordem de Christo, e tenente general — e de D. Maria José de Carvalho e Napoles.

Casou com sua sobrinha, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Carvalho e Napoles, filha de Manoel de Carvalho Rebello e Menezes, fidalgo da casa real e desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação—e de D. Maria do Carmo de Souza Teixeira de Carvalho e Napoles. Neta paterna de Diogo Lopes de Carvalho, fidalgo da casa real—e de D. Catharina Thereza de Vasconcellos Abreu e Mello: e materna dos ditos viscondes do Peso da Régua.

O sr. Antonio Teixeira de Souza (*o Fidalgo do Pôço*), tem quatro filhos e duas filhas, que são, os srs:

1.º — *Manoel de Carvalho Rebello*, viuvo de D. Maria da Purificação Cirne, da nobilissima casa dos Cirnes, do Pôço das Patas, da cidade do Porto. É formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e advogado nos audictorios da dita cidade do Porto.

2.º — *Antonio Alfredo de Carvalho Teixeira*, formado em direito, pela Universidade de Coimbra, e advogado em Lisboa—solteiro.

3.º — *Diogo Ruy Lopes de Carvalho*, solteiro, residente no palacete de seus paes, em Lamego.

4.º — *Francisco Teixeira*, tambem solteiro, residente no mesmo palacete.

5.º — *D. Maria do Carmo de Carvalho Teixeira Mimoso*, viuva de Bernardo Mimoso da Costa Pereira Alpoim, coronel de voluntarios realistas de Lamego, com exercicio no batalhão de caçadores n.º 7, convencionado em Evora-Monte.

6.º — *D. Philomena*, casada com um filho do sr. João Baptista Pereira da Rocha, feito 2.º visconde d'Alpendurada, a 9 de agosto

de 1865, e 1.º conde do mesmo titulo, a 28 de maio de 1882.

—

O *Fidalgo do Pôço*, foi coronel das milicias de Lamego até 1834, e pertence ao partido legitimista. É cavalheiro de nobilissimo caracter, e por isso, é estimado e respeitado por todos quantos o conhecem, qualquer que seja o partido a que pertençam.

VÉR—antigamente VEER—julgo ser corrupção do substantivo germanico *Wehr*, que quer dizer — *Guerra*. Talvez que os gôdos tivessem qualquer batalha com os lusitanos, em algum dos logares assim chamados, e lhe pozessem aquelle nome.

See, é tambem um substantivo germanico, que significa *lago*, ou *pequeno mar* — e tambem *agua*. É provavel que a palavra *Sevêr*, que teem algumas das nossas povoações, provenha da juncção das palavras *See* e *Wehr*, que vem a ser—*Batalha nas Aguas* (ou proximo de algum rio) ou *Batalha das Aguas* — que tambem se póde entender por *Aguas Turbulentas*.

Parece que *Veer*, foi appellido em Portugal porque na *charóla* da Sé de Lisboa, está uma campa com a seguinte inscripção:

AQUI JAZ PERO ESTEVES DE VEER,
ESCRIVÃO DO CONDE D. MARTIM GIL,
E MORREU, SEIS DIAS ANDADOS DE MARÇO,
ERA DE MIL DUZENTOS E QUARENTA E SETE.

—

Ha duas observações a fazer n'esta inscripção — a primeira é que, referindo-se á *era* de 1247, que é o *anno* 1209 de J.-C., a orthographia não é, com certeza, do seculo XIII — e devia ser gravada uns 300 annos depois — a segunda, é que — talvez que *Veer*, aqui, não designe appellido, mas logar da naturalidade do individuo sepultado. N'este caso, o homem era da aldeia de *Vér* — a seguinte — porque a freguezia de *Vêr* (S. João de) da qual tambem logo vou tratar, nunca se escreveu com dois *ee* — porque então, vinha a ser *Vér*, e não *Vêr*.

VÉR, ou **VEER** — aldeia, Douro, na freguezia, e 2:500 metros ao N.E. de Escariz, no concelho de Arouca. (3.º vol., pag. 55, col. 1.ª)

Está esta aldeia situada em um valle, levemente ondulado, cercado de montes de pouca elevação, por todos os lados, menos pelo S.E., onde se eleva o notavel *monte do Castêllo*, onde se teem encontrado antiguidades romanas e pre-celtas. (2.º vol., pag. 168, col. 2.ª)

O territorio d'esta aldeia é bastante fertil, e abundante d'aguas, que descem do *monte do Curúto* (2.º vol., pag. 450, col. 2.ª) correndo-lhe tambem pelo S.E., o *ribeiro de Vér*, que divide os campos e mattos d'esta aldeia, do monte do Castêllo, e da freguezia de Mançôres.

É incontestavel, que este logar é povoado desde os tempos pre-historicos, pois que proximo a elle (ao O.N.O.) ha varias *mâmoas*, e no monte de *Borralhoso*, que tambem lhe fica proximo, mas ao N.O., existe um dolmen. Vide *Borralhoso*.

Ha aqui uma antiquissima ermida, dedicada ao archanjo São Miguel, ao qual se faz todos os annos, no seu dia (29 de setembro) uma bonita festa, vindo a procissão da egreja matriz.

Esta aldeia, é tristemente celebre, pelo facto seguinte:

Durante o reinado do sr. D. Miguel, era escrivão e tabellião do julgado de Fermêdo (ao qual a freguezia de Escariz pertenceu até 24 de outubro de 1855) *Antonio Joaquim Pinheiro de Castro* (*o Giesta*) que não era natural d'este concelho.

Até ao fim do anno de 1833, foi um furibundo realista, perseguindo todos os proprietarios, *que o não compravam*, chamando-lhes *malhados*, extorquindo-lhes grande numero de carradas de milho, e de forragens, sob colôr de irem para o exercito realista que cercava o Porto; mas ficando com mais de metade d'estes generos.

Os lavradores que lhe não davam promptamente tudo quanto o *Giesta* exigia, eram maltratados com pancadas e prêsos.

Note-se que um irmão d'elle, cujo nome ignoro, official de ordenanças, e conhecido pela designação de *Capitão Giesta*, foi empregado pelo governo realista, no deposito dos carros e bagagens, em Villa Nova de

Gaia, durante o cêrco, e taes *habilidades* praticou, que foi d'alli expulso, e demittido de capitão da *Bicha*.

Tornemos ao tal Pinheiro.

Quando no principio do anno de 1834, viu o caso mal parado, e que os liberaes tinham toda a probabilidade de ficar vencedores, agremia uns 50 vádios e ratoneiros (os mesmos que até alli lhe tinham ajudado a roubar os lavradores), e fórma com elles uma guerrilha, a que dá o titulo de *Companhia Franca de Fermêdo*, e foi apresentar-se aos liberaes — quando já não precisavam d'elle, e aos quaes nunca prestou o minimo serviço, e só serviu para lhes desacreditar o partido — A sua primeira façanha em Villa Nova de Gaia, foi arrombar as casas dos proprietarios (quasi todos liberaes) que as tinham abandonado por causa da guerra, e roubar-lhes todos os moveis e roupas que encontrou e lhe faziam conta, e mandar parte d'esses objectos para casa, e o resto vendel-o descaradamente, em leilão, como *cousa conquistada*, e sob o falsissimo pretexto de pertencerem a realistas.

Covarde, como todos os malvados, e apezar de ainda haverem varios combates entre realistas e liberaes, até abril de 1834, por aquellas terras, nem elle, nem os seus, entraram em nenhum, pondo-se, sempre a tempo, fóra do alcance das balas.

Finalmente, no fim de maio de 1834, terminou a guerra civil. O Pinheiro e a sua quadrilha, vieram para Fermêdo, e principiou n'esta desgraçada terra o *reinado do terrôr*. Os assassinatos, os roubos e as desordens de toda a casta, tudo se praticava com a maior impunidade, e nem — ao menos *pró* fórma — se procedia a autos de corpo de delicto. As auctoridades, se ostensivamente não animavam os malvados, o faziam em segredo (muitas vezes bem transparente) e não punham cobro a tão grande numero de atrocidades.

Este estado de cousas, durou tres longos annos, e só terminou pela causa seguinte:

Em Cabeçaes, pequena e insignificante villa, capital do concelho (hoje supprimido) de Fermêdo, ha, de tempos immemoriaes, um grande mercado, nos dias 13 de cada mez' mas nenhum dos habitantes das freguezias circumvisinhas (a não serem os de Milheiroz de Poiares, porque uma grande parte da quadrilha do Pinheiro, era d'esta freguezia) vinham a semelhante mercado, porque, com razão, temiam ser espancados, roubados ou mortos por aquella alcateia de assassinos e ladrões. Mas tambem ninguem da freguezia do Fermêdo (mesmo lavradores inoffensivos e declarados realistas — que eram a maxima parte d'elles), se atrevia a hir tratar dos seus negocios a outras feiras, porque o povo os considerava a todos malvados, e, á voz terrivel de, SÃO DE CABEÇAES!, eram furiosamente espancados, se não podiam fugir a tempo. Era o caso de se dizer: — *Pagar o justo pelo peccador*.

Já se vê, que este estado de cousas não era favoravel ao povo de outras freguezias, que precisava fazer as suas transacções (sobretudo, em gado bovino e têas de linho) na feira de Cabeçaes; e era desastroso para a freguezia de Fermêdo.

Até as outras sete freguezias do concelho, estavam contra a de Fermêdo! Vide a 1.ª *Villa Sêcca*.

Finalmente — alguns individuos (e eu fui um d'elles) resolveram pôr fim a estas desgraçadas desordens, o que conseguiram, depois de muitas conferencias e combinações entre ambas as partes. D'alli em diante, houve mais socego.

—

Quando o tal Pinheiro veio do Porto, com a sua alcateia, em maio de 1834, vivia em Vér, d'onde era natural, um alfaiate, chamado José Joaquim, muito valente, e de maus figados, que tinha sido cabo de ordenanças.

Este homem, era uma boa acquisição para a quadrilha, pelo que o Pinheiro o *mandou intimar*, para hir a Cabeçaes receber armamento e correame, e *sentar praça* (!) na chamada *Companhia franca;* mas o alfaiate respondeu ao *citote*: — «Diga ao Pinheiro, que eu não quero ser soldado de uma companhia de matadores e ladrões.» — O Pinheiro tornou a mandal-o avisar, para que viesse *sentar praça*, aliás que o mandaria assassi-

nar. O alfaiate, respondeu ao portador: — «Diga a esse patife, que antes d'elle me mandar matar, o mato eu a elle.»

Desde então, a morte do alfaiate ficou terminantemente *decretada*.

Mas o alfaiate, não se aterra: foge de casa, é verdade, mas andava sempre bem armado.

Principiou a *montaria*, a que a victima escapou por muitas vezes. Uma noite, que elle estava em uma taberna, sem desconfiança, e não tendo a espingarda ao alcance da mão, um dos espiões do Pinheiro, amigo fingido do alfaiate, se atirou a elle, á *falsa fé*, dando-lhe a voz de preso; mas o alfaiate, que tinha uma força herculea, solta-se do espião, e tirando um punhal do bolso, lh'o crava tão profundamente na cabeça, que a morte foi instantanea.

A raiva do Pinheiro, subiu ao ultimo ponto com a morte do seu emissario, e empregou todos os meios de que pôde dispôr, para haver ás mãos o alfaiate; mas este conseguiu por muito tempo escapar das ciladas dos seus perseguidores.

Decorrem alguns mezes, até que José Joaquim, atraiçoado por um taberneiro, é surprehendido em casa d'este, no principio da NOITE DE *13* PARA *14* DE ABRIL, de 1837 (peço aos meus leitores que fixem bem esta data na memoria) pelo Pinheiro, acompanhado de uns QUARENTA scelerados.

O alfaiate é agarrado por grande parte d'estes malvados, que lhe prendem os braços atraz das costas, e o levam, ora de pé, ora arrastado, para uma taberna, da aldeia do Cruzeiro d'Escariz, onde se põem todos a beber, na mais completa orgía, gabando-se da sua *heroica façanha*.

O Pinheiro, offerecia vinho á sua victima, dizendo-lhe: — «Come e bebe o que quizeres; aos sentenciados á morte dá-se-lhes o que elles querem, e tu vaes já ser fuzilado.»

O taberneiro, que era um bom homem, e sua mulher, deitaram-se aos pés do capataz d'aquelles canibaes, pedindo lhe o perdão (*o perdão!...*) do desgraçado, mas só tiveram como resposta, a ameaça de lhes fazerem o mesmo.

D'alli, arrastaram o infeliz para o souto de sobreiros, onde se faz a feira da villa de Cabeçaes, e mandaram ajoelhar o alfaiate; mas este respondeu: — «Eu só ajoelho a Deus e á Virgem Maria: não ajoelho a ladrões e matadores.» — Os malvados, recuam alguns passos, e lhe dão uma descarga, ferindo-o em varias partes. A victima cáe então de joelhos, e diz-lhes: — «Ah, cães, que ainda me não matastes!» — Então o Pinheiro carrega novamente a espingarda, e chegando-se ao pé do alfaiate, lhe dá um tiro, atravessando-lhe os ouvidos!!! — ERAM 11 HORAS DA NOITE.

Praticado este acto de ferocidade, e da mais ignobil cobardia, deixam ficar a victima, e foram para uma taberna da villa, gabar-se d'aquelle assassinato, e contando, entre gargalhadas, todas as peripecias da prisão e morte do infeliz.

Na fórma do costume d'aquelles tempos de horrivel memoria, nem o juiz, nem o administrador do concelho (então chamava-se provedor) nem outra qualquer auctoridade, quiz saber d'aquelle crime, que julgaram a cousa mais natural d'este mundo!

Pelo meio dia de 14, o abbade da freguezia, foi com algumas pessoas que levavam o esquife, para sepultar o desgraçado; mas o Pinheiro, *que era genro do abbade*, e a sua malta, correram o parocho e os seus, e *o cadaver esteve todo o dia, e a maior parte da noite estendido de bruços, insepulto, e exposto ao escarneo e insulto dos seus assassinos.* (Ainda peço aos meus leitores, que reparem bem n'estas circumstancias.)

Só na madrugada do dia 15, é que o abbade, e alguns homens corajosos, foram, em segredo, buscar o cadaver, e dar-lhe sepultura christan.

—

São passados 9 annos, e rebenta a revolução chamada da *Maria da Fonte*.

O Pinheiro, vê que torna o tempo do seu antigo *reinado*, e declara-se *patuleia!* Já se sabe—fez tão bons serviços á *Junta*, em 1846 e 1847, como tinha feito aos liberaes em 1834 — desacreditando-a com as suas patifarias.

Todos os ricos de avançada edade, eram (segundo o Pinheiro) *cabralistas* — e lhes exigia, *sob pena de morte*, avultadas quantias, *para fardar, armar, e equipar a sua*

tropa—quantias que embolsava com o mais requintado descaramento.

Aos lavradores que estavam em edade de poder pegar em armas, mandava-lhes pôr em casa, espingardas e correias, que a junta lhe tinha mandado. A pobre gente, hia ter com o *senhor capitão*, e comprava a dinheiro o direito de poder cuidar das suas terras.

Se não tinham dinheiro para dar, e recusavam pegar em armas, eram presos.

Um dia, passando eu pela villa, vi na cadeia, nada menos de 15 lavradores pacificos. Perguntei-lhes a causa da sua prisão, e soube que era por não quererem dar ao Pinheiro as quantias que elle exigia. Mandei chamar o carcereiro, e fiz pôr toda aquella gente na rua. Eu não tinha emprego nenhum, nem o minimo direito de dar ordens; mas tambem, que direito tinha o Pinheiro (que nem ao menos era cabo de policia) para mandar prender e soltar quem queria?

O Pinheiro, por isto, jurou fazer-me como tinha feito ao alfaiate de Vér; mas eu andava sempre bem armado e bem escoltado.

Note-se que o Pinheiro não trabalhava só *por sua conta*. Havia tres *figurões* tão bons como elle, mas ainda mais cobardes, que tudo punham e dispunham *de traz da cortina*, e o Pinheiro, *acceitava* com prazer, o papel de instrumento desprezivel d'elles, porque mettia no bolso todo o dinheiro que roubava.

Dois d'esses *figurões* (que eram irmãos) já morreram. O outro ainda vive — é um bacharel, e tão patife, que foi expulso de Agente do Ministerio Publico, por ladrão, e ainda tem (ha mais de 30 annos) duas querellas em aberto, na Relação do Porto, por os roubos que fez à fazenda publica e a particulares — querellas que um tio, conego da Sé do Porto (já fallecido) pôde abafar. Não nomeio este patife, em attenção a seus filhos, que são homens de bem.

Os reitores de *Escariz*, *Mançores*, e *Valle*, tres freguezias do então concelho de Fermêdo, que não quizeram dar ao Pinheiro as quantias que elle lhes exigia, e que, demais a mais, gritaram contra a ladroeira, foram presos, e remettidos para as cadeias da Relação, pelo crime (imaginario, bem entendido) de *cabralistas*, e nas ruas da cidade, por milagre escaparam de ser assassinados; mas não escaparam de grandes insultos. (Toda esta patifaria foi tramada pelos taes tres figurões, e executada pelo Pinheiro.)

Finalmente, por onze mezes, teve o concelho de Fermêdo, uma amostra de *republica*, na acepção que o povo dá a esta palavra.

Justiça de Deus

O Pinheiro, tinha casa em Cabeçaes, onde residia sua mulher e cinco filhas, todas já mulheres; mas nunca apparecia em sua casa, residindo na taberna de uma sua concubina.

Na noite de 22 para 23 de maio de 1849 (12 annos, e dez dias, hora por hora, depois do assassinio do alfaiate!) e a poucos passos do sitio onde o Pinheiro tinha perpetrado o crime, pelas 11 horas, recolhia-se o Pinheiro à taberna da amazia, quando dois tiros quebravam o silencio de uma bella noite de maio, e quatro balas de fusil, vararam o corpo do malvado, deixando-o instantaneamente morto, sem poder dizer mais uma unica palavra, e apenas deu um ronco medonho.

Ao estrondo dos tiros, acordaram os visinhos, houve gritos d'*aqui d'el rei*, gritou a amante do Pinheiro, gritaram a mulher e as filhas d'elle, e houve grande balburdia. A mulher quiz levar o cadaver para sua casa, mas o regedor de parochia, oppôz-se, dizendo que se não podia mexer no cadaver, an-

tes de se proceder a auto de exame e corpo de delicto.

Eu estava nomeado Sub-Delegado do Procurador Regio, desde 11 de janeiro. O juiz, mandou a minha casa um official de diligencias, *avisar-me* para me apresentar na villa, para se proceder ao auto de corpo de delicto. — Eu respondi, que ainda não tinha prestado juramento, nem tomado posse — o que era verdade. Em hidas e vindas, do tribunal para minha casa, e d'esta para o tribunal, recusando-me eu sempre á exigencia do juiz, passou todo o dia 24, e o cadaver esteve todo aquelle tempo, *deitado de bruços, atravessado na estrada,* [1] *exactamente como estivera o alfaiate.*

A' noite, o juiz, com um Agente do Ministerio Publico, que elle nomeou *ad hoc*, procedeu ao auto. Mas ninguem tinha visto, nem havia o menor indicio, e ninguem ficou culpado.

Os assassinos, eram dois malvados que tinham sido da sua quadrilha; e um d'elles, até era primo da mulher do Pinheiro, que pela manhã se apresentou no logar do crime, a ajudar a fazer a choradeira, e até a viuva o fez seu procurador; mas, como era de esperar, o crime ficou impune, por absoluta falta de provas.

Os *responsos* que teve o Pinheiro, em todo o tempo que esteve estendido na rua, foram semelhantes aos que elle e os seus haviam feito ao alfaiate; apenas com a differença de que, á excepção da familia, ninguem via n'aquelle assassinato, senão o cadaver de um ladrão e assassino; e todos se regosijavam de ver a terra livre de semelhante patife.

Esqueceu-me dizer que, emquanto eu não tomava posse, exercia o meu logar, um Sub-Delegado interino, que se escondeu para não assistir ao auto.

Os cirurgiões, tambem não appareciam, e o auto teve de ser feito com a assistencia de dois curandeiros.

Um dos assassinos, tinha perpetrado outro crime de morte, dois annos antes (em junho de 1847) e andava á solta, sem processo; mas, quando eu tomei posse, despresando todas as ameaças de morte feitas por elle e os seus, consegui prendel-o, querellar d'elle, e dar o competente libello accusatorio. Foi julgado, e sentenciado a degredo perpêtuo para a costa occidental da Africa, mas chegando a Angola, só viveu 11 dias. Depois de estar sentenciado, e vendo que o castigo não podia ser aggravado, é que declarou que tinha ajudado a assassinar o Pinheiro.

Já me não lembra o nome d'este malvado, só me lembra que tinha a alcunha de *Girio*.

Foi elle que contou, a quem o queria ouvir, como ajudou a matar o Pinheiro. «Démos os tiros ao mesmo tempo (dizia elle) e tão certos, que eu disse ao *José da Anna* (o tal primo da mulher do Pinheiro) — a tua espingarda não pegou! — Elle teimava que sim, e, com effeito, examinámos as duas espingardas, e ambas estavam descarregadas e ainda quentes.»

O *José da Anna*, ainda vive (setembro de 1882) mas muito velho, muito doente e muito miseravel, despresado e odiado por todos quantos o conhecem.

—

Desde que mataram o Pinheiro — e como vimos — ha já mais de 33 annos, não tornou a haver em todas as sete freguezias que constituem o antigo concelho de Fermêdo, nem um unico assassinato — o que era frequente, em quanto aquelle diabo foi vivo, pois era o promotor e instigador de todas as desordens que alli aconteciam.

Terminarei este, já bastante longo artigo, fallando de mim. Não é por vangloria, mas para completar este quadro de horrores.

Tomei posse do logar de Sub-Delegado do Procurador Regio, em junho de 1849, e declarei immediatamente guerra sem tréguas, a todos os assassinos e ladrões do meu julgado. Elles, juraram assassinar-me, e por duas vezes o pretenderam fazer, disparando-me tiros; mas Deus protegeu-me, e eu

---

[1] Deram-lhe os tiros, quando elle, da rua, chamava a taberneira, para lhe abrir a porta. Os tiros, foram dados de um quintal fronteiro, e elle cahiu de bruços, com a cara virada para a porta, e os pés para o meio da rua.

consegui exterminar os que ainda restavam. (Porque, antes d'isso, já alguns tinham morrido as mãos dos seus proprios cumplices.)

Ainda a justiça divina.

Um dos mais crueis sicarios do Pinheiro, e que pôde escapar ao castigo dos homens, não escapou ao castigo de Deus. — Os ultimos dez ou doze annos, da sua triste vida, passou-os cégo, desgraçado, tratado com desprêzo por todos, e abandonado das suas tres filhas, que o deixaram morrer ao desamparo, e na mais horrivel miseria!

—

Repito aqui, o que disse nos artigos, *Valença do Douro*, e *Varzea da Candosa*.—Ainda que os leitores da actualidade se desgostem á vista de quadros tão repugnantes, é preciso que as gerações por vir, saibam o que se passou em Portugal no 2.º quartel (e ainda no principio do 3.º) do seculo XIX.

Aqui não ha politica, ha apenas a simples narração de factos, que por tantos annos enlutaram os corações de todos os bons portuguezes, qualquer que fosse a sua opinião em politica. Liberaes sinceros, gritaram bem alto, e por varias vezes, nas duas casas do senado legislativo, contra tantos crimes, e contra a protecção e impunidade, que os malvados achavam nas respectivas auctoridades. Entre os cavalheiros que mais se distinguiram n'esta santa cruzada da civilisação, mencionarei—os deputados Macario de Castro, e Franzini, e o par, conde da Taipa. Ainda mais alguns pares e deputados, fallaram a este respeito, mas não me lembro agora dos seus nomes.

VÊR—(S. João de)—Já tratei d'esta freguezia, do Douro, no concelho da Feira, a paginas 418, col. 1.ª, do 3.º volume; mas, sendo-me moralmente impossivel deixar passar, sem honrosa mensão, factos que enobrecem os filhos d'esta terra, copio aqui o *communicado*, que o Rev.mo Sr. Manoel dos Santos Loureiro, dignissimo abbade d'esta freguezia, fez publicar, no n.º 1047, do jornal *A Palavra*, de 28 de janeiro de 1876.—É o seguinte:

Communicado

N'uma época em que a imprensa periodica adquiriu um desenvolvimento e importancia extraordinarios, e em que por isso todas as cousas, quer boas quer más, são trazidas a lume, corre a todo o homem de consciencia o dever de não deixar no esquecimento aquellas acções que, pelo seu valor, engrandecem quem as pratica, e são incitamento e exemplo para todos os corações generosos.

No numero d'estas, entra sem duvida a que ha pouco praticou o ex.mo sr. Antonio Ferreira da Silva, e que passo a narrar.

Tendo vindo ha mezes este senhor, do imperio do Brazil, a dar um passeio pela Europa e visitar seus bons paes, que moram no logar de Albergaria, d'esta freguezia de S. João de Ver, e tendo assistido por essa occasião a um baptisado, prometteu arranjar para a sua egreja um conto de réis fraco, por meio de subscripção, uma parte do qual seria para a acquisição d'um palio novo, e outra para ser applicada em obras e embellesamentos de que a mesma egreja carece. Não se esqueceu o sr. Antonio Ferreira da Silva da sua promessa, antes foi muito além do que tinha promettido, porquanto sem pedir cousa alguma, e do seu bolso, acaba de mandar do imperio do Brazil, a quantia de 510$000 réis, fortes, para ser applicada na fórma supra-indicada.

Acções d'estas exaltam quem as pratica e são boa prova de respeito pela casa do Senhor, pois é o templo o palacio do Deus vivo, onde elle quer receber as adorações e sacrificios do seu povo. «Eu escolhi e sanctifiquei este logar—dizia o mesmo Deus ao rei Salomão, depois de completa a fabrica d'aquelle grande templo de Jerusalem, o mais rico e maravilhoso que jámais ha visto o mundo —afim de que o meu nome ahi seja sempre glorificado, afim de que os meus olhos e o meu coração ahi permaneçam sempre para receberem com agrado as adorações do meu povo.»

Em vista d'isto, facil será comprehender a gratidão que, tanto a mim como aos meus parochianos, nos trasborda do coração e se acha indelevelmente gravada em nossas almas pelo beneficio que recebemos do ex.mo sr. Antonio Ferreira da Silva, que, entregue ao labutar commercial nas longinquas pla-

gas de Sancta Cruz, não se esquece da humilde egreja da terra que o viu nascer. Fique pois bem patente o nosso eterno reconhecimento pelo generoso bemfeitor e consigne-se o seu nome para exemplo e edificação dos seus compatriotas, e n'este empenho me auxiliará v., sr. redactor, dando publicidade no seu jornal a estas despretenciosas mas sinceras phrases.

Residencia de S. João de Vêr, 8 de janeiro de 1876.

Manoel dos Santos Loureiro.

VERA CRUZ—ou OUTEIRO DA FORCA— monte, Beira Baixa, proximo á villa de Gouveia.

Em tempos antigos, foi n'este outeiro construida uma fôrca, onde eram justiçados os criminosos.

Hoje, vê-se alli uma ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Vera-Cruz*, e que deu o nome moderno a este outeiro. [1]

Deu causa á construcção d'esta ermida, o facto seguinte:

Pelos fins do seculo XV, ou principios do XVI, uns judeus que então residiam na villa, roubaram, de noite, da egreja matriz de São Pedro, uma imagem da Santissima Virgem, e a dependuraram na fôrca d'este outeiro.

No dia seguinte, o povo, afflicto e aterrado, viu este sacrilego espectaculo, e accudindo o parocho de São Pedro, foi a Santa Imagem tirada d'aquelle logar, e levada em procissão, para a egreja d'onde tinha sido roubada. [2]

O povo, não contente com isto, tratou logo de construir á Senhora, junto ao logar do desacato, uma bonita ermida, onde foi collocada a santa imagem, sob a denominação de *Nossa Senhora da Vera Cruz*, porque a ermida foi edificada junto á fôrca, que foi então transformada em uma Cruz, simbolo da nossa redempção, e que ainda existe.

O famoso padre Balthazar Telles, jesuita, diz na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, parte 2.ª, livro 4.º, capitulo 43, que sob a protecção d'esta Senhora, se creára o apostolico varão, padre Ignacio Martins, natural de Gouveia, onde nasceu, pelos annos de 1512, e auctor da celebrada *Cartilha do Padre Ignacio*. Foi tambem jesuita, e distincto orador sagrado.

O Padre Ignacio, assistiu, desde menino, na ermida da Senhora da Vera Cruz, á qual em toda a vida teve grande devoção, procurando para o seu culto, obter valiosas esmolas, com que comprou ricos ornatos, frontaes e outras alfaias e paramentos.

O padre Alonso de Andrade, no tomo 5.º dos seus *Varões Illustres*, traz a vida do padre Ignacio, onde diz que esta casa da Senhora da Vera Cruz, era um dos grandes santuarios de Portugal.

A imagem d'esta Senhora, já quando estava na egreja matriz de S. Pedro, era objecto de um fervoroso culto, do povo de Gouveia e arredores.

Ainda existe, em bom estado, a ermida da *Senhora da Vera Cruz* — mais vulgarmente — da *Santa Cruz*, e n'ella se faz uma bonita solemnidade, no dia da *Invenção da Santa Cruz* (3 de maio).

Tem apenas o altar-mór, com retabulo de bella talha dourada, apezar de bastante antiga.

N'este altar, está a imagem de *Nossa Senhora das Boas Novas*.

Na rectaguarda do altar, é que está a tal cruz, feita com madeira da antiga fôrca. É de tábua, pintada a óleo. (Não consta que na fôrca do outeiro se enforcasse pessoa alguma.)

Vê-se pois que a ermida mudou de padroeiro, e que é agora dedicada á Santa Cruz, e a Nossa Senhora das Boas Novas.

---

[1] Tambem se diz — *Senhora da Santa Cruz*. A ermida está na raiz do *Monte da Fôrca* — tambem chamado *do Castello*, e na *praça da Biqueira* (na rua do mesmo nome) e já dentro da villa. Suppõe-se que no tal monte existiu um castello, mas não ha d'elle o minimo vestigio.

[2] O que frei Agostinho de Santa Maria (*Sant. Mar.*, tomo 4.º, pag 507) nos não diz, é que castigo tiveram os taes sacrilegos judeus. Alexandre Herculano, no seu livro *Do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, diz que quem enforcou a santa imagem, foram os *christãos velhos*, para attribuirem o crime aos judeus, que foram queimados vivos. Este escriptor porém, ora exagera, ora se engana em muitos logares d'aquelle livro, e por isso convém não acreditar em tudo.

Vimos que o povo dá ao *Monte da Fôrca*, tambem o nome de *Cabêço do Castello*. Não ha prova nenhuma (apenas méra supposição—como vimos) de que existisse aqui uma fortaleza de qualquer especie, nem por esta denominação se deve entender que aqui existiu; porque, todos sabem que os nossos avós, davam a um monte, proprio para a construcção de uma torre ou fortaleza, pela sua elevada posição, de facil defeza, a denominação de *Crasto*, ou *Castello*, como temos visto em varios logares d'esta obra.

VERA CRUZ DO MARMELAL — freguezia, Alemtejo, concelho de Portél, comarca de Evora (foi do mesmo concelho mas da comarca de Monsarás) 36 kilometros ao S. E. de Évora, 26 ao N. E. de Cuba, 39 ao N. E. de Beja, 28 ao O. da raia, 145 ao S. E. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1768, tinha 115.

Orago, a Vera Cruz (ou Santa Cruz).

Arcebispado e districto administrativo d'Evora.

O commendador de Malta, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando e por quem foi fundada. O que consta é que o nome antigo da actual villa de Portel, foi *Marmellar*, e que foi povoação mourisca, que abandonada pelos arabes, em 1170 a povoaram alguns portuguezes, dando-lhe o nome que hoje tem. Passados tempos, se separou da povoação do Portél, formando parochia independente.

Na chronica de D. Affonso III, diz-se que este monarcha, deu licença (em 1257) ao concelho d'Evora, para que podesse dar ao seu vassallo, D. João Pires d'Aboim, e a sua mulher D. Marinha Affonso, e a seus filhos, uma mui dilatada herdade — *onde já havia o mosteiro da Vera Cruz do Marmellar*. (Para evitarmos repetições, vide o que digo no 7.º vol., pag. 241, col. 2.ª) [1]

A egreja matriz, é um rico templo, que foi a egreja do antigo mosteiro.

Ainda aqui existe o soberbo palacio que foi dos bailios da ordem de Malta, senhores d'esta freguezia.

É terra fertil em todos os generos agricolas, e pevoação muito próspera.

Fazem-se aqui duas grandes feiras annuaes — uma, no 1.º de maio — outra, a 14 de setembro — ambas famosas em todo o Alemtejo, e concorridissimas.

Não confundir com *Marmellal*, ou *Marmellar*, que é outra freguezia, tambem do Alemtejo, mas do concelho da Vidigueira, comarca de Cuba no bispado de Beja.

VERAL — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de *Fiães do Tamega*. (3.º vol., pag. 185, col. 1.ª).

Disse em Fiães do Tâmega, que esta freguezia não vinha na *Port. Sacro e Profano*, e é verdade. Nem podia vir, pois só foi creada 71 annos depois da publicação d'aquelle livro, isto é, em 1839, por influencia e a requerimento de Anionio Gonçalves, de Fiães do Támega, e de Francisco Gonçalves Sanches, do Veral.

Comprehende só estas duas aldeias — *Fiães*, foi então desmembrada da freguezia de *Curros* — e *Veral*, da de *Canêdo*.

Fica esta nova freguezia, 6 kilometros a S. O. da capital do seu concelho (*Boticas*) e 29 ao S. de Montalegre, a cuja comarca pertence.

O parocho, cuja dotação official é de 100$000 réis, tem obrigação de dizer missa — um dia sanctificado, em Fiães, outro em Veral, alternativamente.

Em Fiães, ha uma capella publica, de um só altar, dedicada a Santa Suzana.

Em Veral ha tambem a ermida publica, dedicada a São Martinho, bispo, com tres altares. É aqui que está o S. S. Sacramento, e serve de egreja parochial.

É a unica freguezia d'este reino, que tendo por orago Santa Maria, não tem egreja propria; por isso, o povo da aldeia do Veral, pretende que a sua capella de Santa Suzana, se denomine de Santa Maria.

---

[1] Tem aqui logar uma rectificação — Não sei como no logar citado do 7.º vol. (talvez por distracção) disse que o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, foi amigo e companheiro do *rei lavrador* (D. Diniz) quando todo o mundo sabe, que o foi de D. João I.

Fica esta freguezia, situada em terreno accidentado — mesmo bastante montanhoso — na margem direita do Tàmega. É fertil em milho, centeio, vinho, azeite (de optima qualidade) castanhas, fructas de arvores silvestres — sobreiros e carvalhos — cortiça, carvão vegetal (na serra de Santa Comba) e outros generos agricolas.

Fabrica-se aqui, muita aguardente de medronhos, dos quaes ha grande abundancia na mencionada serra de Santa Comba. Ha tambem muitas colmeias.

VERÃO — (Santo) freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra, apresentava o vigario, que tinha 120 mil réis de rendimento annual.

O seu actual orago, é S. Martinho, bispo — O antigo era *Santo Verão* (Varão) que deu o nome á villa.

Esta freguezia, em 1768, tinha 128 fogos.

É a actual freguezia de Santo Varão, que fica descripta no 8.º vol., pag. 612, col. 1.ª — Repeti-a aqui, por causa da má collocação que tem no *Port. Sacro* e *Profano*

VERDALLEIRA — grande quinta da Extremadura, na freguezia de Santo Estevam, da villa d'Alemquer.

«É formada de terras, algum tempo denominadas *da Companhia*, e é um exemplo de quanto o emprego judicioso de capital na agricultura, póde fazer; oxalá que este reino possuisse bastantes homens dotados dos sentimentos do proprietario d'esta quinta.

«Ainda em 1868, não havia n'este sitio senão terras mal cultivadas, ou incultas, sem uma casa ou arvore, nem mesmo um tapume que estorvasse o gado de estragar as mesquinhas cearas.

«Hoje mudou o quadro. Bellas vinhas, tudo tapado em redor, boa casa de habitação, adegas, olivaes novos; em fim, uma combinação do util e do agradavel; do bello e do productivo.»

(*Alemquer e seu concelho* — por G. J. Carlos Henriques, pag. 219.)

Parece-me que Verdalleira, é uma palavra composta — *Verdal-Leira* — isto é — *Leira Verde.*

VERDÊLHA — logar, Extremadura, na freguezia, de Alverca, comarca e concelho de Villa Franca ne Xira, e sobre a margem direita do Tejo — na circumscripção denominada *Riba-Tejo.*

A opulentissima casa dos conde de Farrobo, entre grande numero de vastas e riquissimas propriedades, que possuiam em varias localidades d'este reino, eram tambem senhores de uma grande marinha, denominada, do *Quintella* (appellido dos condes de Farrobo) n'este logar da Verdelha.

Esta marinha, foi penhorada aos condes, a requerimento de Adelbert Wellington Browunlow, conde de Browunlow e arrematada em praça, a 17 de julho de 1876. Andava arrendada por 100$000 réis annuaes. É hoje de Alfredo Gonçalves Franco.

VERDÊLHA — aldeia, Extremadura na freguezia de Via Longa, concelho dos Olivaes. (Vide *Romeira de Cima* e *Via-Longa*).

—

Junto ao logar de Verdelha, e a pouca distancia da povoação de *Via-Longa* (e no districto d'esta freguezia) está o mosteiro de Nossa Senhora do Amparo, um dos primeiros que teve a recoléta *provincia* de Santo Antonio, e por essa razão, denominado *Casa-Nova.*

Foi seu fundador (em 1550) o 1.º conde de Idanha Nova, D. Pedro d'Alcaçova Carneiro, vedor da fazenda, de D. João III, pela grande devoção que seu tio, D. Fernando d'Alcaçova, tinha dedicado á ordem dos recoletos de Santo Antonio (capuchos.)

Este mosteiro, tinha sido antigamente de observantes, que o abandonaram (não se sabe pelo que) de módo que o edificio estava em ruinas, quando o conde de Idanha Nova tomou posse d'elle, e teve de o reedificar, *á fundamentis.* Sobre o alpendre da nova egreja d'este mosteiro, está gravada a seguinte inscripção —

ESTE CONVENTO, DA ORDEM DE SÃO FRANCISCO, DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO. FUNDOU E ACABOU, DOM PEDRO DE ALCÁÇOVA CARNEIRO, CONDE E SENHOR DA IDANHA A NOVA, DO CONSELHO DE ESTADO, E VEADOR DA FAZENDA, POR MANDADO DE

DOM FERNANDO DE ALCÁÇOVA, SEU TIO, IRMÃO DE SUA MÃE, QUE O PERFILHOU NA HORA DA MORTE, E O NOMEOU POR SEU UNIVERSAL HERDEIRO. ANNO DE 1546.

Foi este fidalgo, senhor de quasi todas as terras circumferentes, e nomeadamente, da aldeia de Vardêlha, onde fundou em 1533, uma boa quinta, que depois passou (no principio do seculo XVIII) para Diogo de Souza e Vasconcellos, e sua mulher, Dona Mécia Maria de Tavora. A data da fundação d'esta propriedade, consta de uma tarjêta que está em uma das hombreiras do portal que vae para a sala nobre.

Este Diogo de Souza e Vasconcellos e a dita sua mulher, são os progenitores dos condes, e depois marquezes, de Castello-Melhor. Esta quinta está hoje em grande decadencia, e a sua grande casa em ruinas.

No seculo passado, eram padroeiros do mosteiro, os filhos de Gonçalo da Costa Menezes, herdeiros da casa de D. Antonio de Alcaçova, descendente do fundador.

A festa de Nossa Senhora do Amparo, fazia-se — no tempo dos frades — a 2 de julho, dia da visitação da S. S. Virgem, a sua prima, Santa Izabel.

—

Sendo extinctas as ordens religiosas, em 1834, a fallecida condessa da Louzan, requereu a posse do mosteiro de N. Senhora do Amparo, como representante dos fundadores; mas o governo desattendeu-a; e, pondo a egreja, mosteiro e cêrca, em praça, foi vendido tudo a quem mais deu! É hoje propriedade de J. Francisco Moxo, da Verdêlha.

A egreja está profanada, e convertida em palheiro, o edificio do mosteiro, está transformado em abegoaria, deposito de cereaes, e outras officinas de lavoura. (Vide *Via Longa*). [1]

—

Consta que n'este logar da Verdelha, nasceu o famoso D. Frei Bartholomeu dos Martyres arcebispo de Braga. (4.º vol. pag. 325; col. 2.ª) Ainda existe a casa em que nasceu este santo prelado.

VERDÊLHO — grande aldeia, Extremadura, na freguezia d'*Achête*. (1.º vol., pag. 23, col. 2.ª, no fim.)

É a principal povoação da freguezia, pois, tendo esta 400 fogos, [1] Verdêlho tem mais de 200. Em 1800, não havia aqui nem uma só casa. Era uma quinta, cujo dono morreu sem deixar herdeiros, ficando a propriedade abandonada, e em breve se tornou baldia. A camara municipal de Santarem, cedeu este terreno á freguezia de Achête, para o povoar. A junta de parochia, cedeu gratuitamente a todos quantos aqui quizessem vir morar, terreno para uma casa e quintal. Em menos de trinta annos, teem-se construido mais de 120 casas, terreas, todas com o seu competente quintal, e a povoação continúa crescendo consideravelmente. Já aqui passa um ramal da estrada que sáe da Póvoa de Gallêgos.

—

Se os nossos governos tivessem attendido com mais criterio, e amor ás nossas cousas, já ha muito tempo tinham destruido todas as ridiculas formalidades e absurdas péias, que difficultam a povoação e cultura dos vastos terrenos incultos, e inuteis, por improductivos, que occupam uma vastissima área no nosso continente, comprehendendo nada menos de QUATRO MILHÕES TREZENTOS E QUATORZE MIL HECTARES. (Vide 4.º vol., pag. 491, col. 1.ª e 2.ª) isto, sem comprehenderem 72:000 hectares de médões de areias na costa maritima — e 45:613 de terrenos encharcados, como tambem se póde vêr no logar citado do 4.º volume.

Se se tivesse facilitado a povoação e cultura dos nossos extensissimos baldios, pondo em execução a lei previdente de 1794 — se se tivesse promovido a plantação de eucaliptos, e outras arvores que crescem e prosperam na areia — se se tivesse procurado

---

[1] Na egreja d'este mosteiro, existia o Santo Crucifixo que o pae de Santo Antonio levava, quando hia para a forca.

[1] Quando descrevi esta freguezia no 1.º volume, disse — por mal informado — que ella tinha 296 fogos, quando a verdade é ter 400.

tornar enchutos todos os pantanos em que a despeza não excedesse muito o juro do dinheiro empregado n'essas obras — se, em vez de difficultar (quasi impossibilitar!) o aforamento dos baldios, se fizesse uma lei, que, mediante um pequeno fôro, facultasse ao povo, a cultura e a construcção de povoações n'esses vastos e inuteis desertos, o governo auferiria d'ahi um bom rendimento, e não veriamos sahirem annualmente tantos milhares de emigrantes, que, na maxima parte, vão fazer serviços pesadissimos e morrer de febre amarella, no Brazil, e de lepra nas ilhas de Sandwich. Em vez das esterelisadoras areias do litoral invadirem os campos das immediações, os arvoredos obstariam a essa invasão, como vemos nos pinheiraes de Leiria, Ovar, Camarido e outros. Os pantanos, em vez de serem fócos de miasmas deleterios de toda a qualidade, e a causa permanente de febres intermitentes, tornar-se-hiam feracissimos e salutiferos campos, produzindo toda a casta de cereaes e legumes; e o povo bemdiria o governo que tomasse tão acertadas providencias.

—

O verdadeiro nome da padroeira d'esta freguezia, é Nossa Senhora da Purificação (Candeias) e o patriarcha é que apresentava o vigario, que, segundo o *Port. Sacro*, tinha 40$000 réis de rendimento annual.

A *Hist. de Santarem edificada* (tomo 2.º, pag. 261, diz que é vigariaria, da apresentação do cabido da Sé Oriental (Lisboa) e era dada por concurso synodal — e tinha então (1739) 221 fogos — mas, em 1768, já tinha 275, segundo o *Port. Sacro*.

Diz a referida *Historia de Santarem*, que a freguezia de Achête, tem annexas as aldeias de *Fonte da Pedra*, *Comeiras*, *Dovagar*, *Dom Fernando* e *Verdêlho*. (Como vimos, Verdêlho, não era então verdadeiramente uma *aldeia*, mas uma *herdade*.)

VERDÊLHOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de Valhêlhas) 24 kilometros da Guarda, 265 ao E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 54.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello-Branco.

O capitão mór de Gonçalo, apresentava o prior, collado, que tinha 160$000 réis de rendimento annual.

Clima excessivo, mas terra muito fertil em todos os fructos agricolas, e abundante de gádo, colmeias, e caça, grossa e miuda.

VERDEMILHO — aldeia, Douro, na freguezia de Aradas, bispado, [1] districto administrativo, comarca, concelho, e 2 kilometros ao S. d'Aveiro.

Como o logar de Verdemilho é hoje o principal da freguezia, por estar proximo á nova egreja parochial, dá-se agora geralmente á freguezia, a denominação de *Verdemilho*.

O antigo nome d'esta aldeia, era *Villa de Milho*, e é este que lhe dão os foraes de Ilhavo (a cujo concelho então pertencia) tanto o que o rei D. Diniz lhe deu em Coimbra, a 13 de outubro de 1296, como o que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 8 de março de 1514. Servia pois o foral d'Ilhavo tambem para a aldeia de *Sá*, e a esta da *Villa do Milho*, que em tempos antigos, foi julgado, e cabeça de um couto, supprimido ha mais de 200 annos.

Vimos no 1.º vol, pag. 225, col. 2.ª, que a pequena villa d'Arádas, teve foral, dado pelos conegos regrantes de Santa Cruz, de

---

[1] No momento que estou descrevendo esta aldeia (setembro da 1882) foram supprimidos em Portugal, cinco bispados, sendo Aveiro um dos que teve esta infeliz sorte, que deu um profundo golpe á cidade, e causou graves incommodos aos diocesanos, porque Aveiro era ponto muito central para o bispado, e os povos teem agora de precorrer longas distancias para as suas novas dioceses (Coimbra e Porto.) Mas... manda quem póde!... Os outros bispados supprimidos, foram — Castello Branco, Elvas, Leiria e Pinhel e priorado do Crato e a prelezia de Thomar.

Pela mesma razão que dei no 4.º vol., pag. 444, col. 1.ª, continúo a dar ás povoações os seus antigos bispados. No fim da obra, darei um mappa com a organisação dos novos bispados, assim como das comarcas supprimidas ou creadas de novo, durante esta publicação.

Coimbra, em 1219; e é por isso que os foraes d'Ilhavo não comprehendem esta villa.

Os cruzios a possuiram por doação que lhe fez d'ella, em 1181, o seu primeiro donatario, Jacob Mendes.

O antiquissimo concelho d'Aradas, foi supprimido por decreto de 6 de novembro de 1836.

Ainda ha poucos annos se viam ás ruinas dos paços do concelho, onde hoje é a entrada da quinta do senhor Manoel José Ferreira do Amaral.

A primittiva egreja matriz d'Aradas, que, como vimos no logar citado do 1.º volume, já existia em 979, foi construida no tempo dos gôdos, e, apesar das frequentes reparações, estava bastante arruinada pela sua vetustez. Além d'isso, era situada no logar das *Ribas*, assim chamado, por estar junto a um dos ramaes da famosa *ria d'Aveiro*, e na extremidade da freguezia.

Em vista de todas estas circumstancias, o povo resolveu construir nova egreja matriz, em um ponto mais central, e foi escolhido o sitio do *Outeirinho do Bom Successo*, que fica no meio da freguezia e junto a Verdemilho, entre Aveiro e Ilhavo.

Esta freguezia é composta de quatro logares — *Arádas*, *Bom-Successo*, *Quinta do Picado*, e *Verdemilho*.

A actual egreja, que é um templo elegante, muito claro e formoso, está deliciosamente situada, em uma planicie levemente ondulada, e foi construida em 1855, tendo contiguo (ao N. E.) um bonito cemiterio, tambem construido em 1855.

O terreno d'esta freguezia, é feracissimo em todos os generos agricolas do nosso clima, e sobretudo, em opulentos campos de milho.

É um encanto, percorrer esta frequezia, e ainda a immediata (ao O. S. O.) de Ilhavo, até a *Vista-Alegre*, que fica sobre a margem esquerda da *ria* — principalmente nos mezes de julho, agosto e setembro, quando os milharaes (mesmo os de sequeiro) se apresentam ricos de suas fortes e veridentes folhas, robustos caules, e grandes e bellas maçarocas (espigas) produzindo uma farta colheita aos sollicitos lavradores.

Consta que ao O. de Verdemilho, e nas praias da ria, teve logar a primeira sementeira de arroz, n'este reino; mas, em 1770, o marquez do Pombal, mandou arrazar os pantanos que produziam esta graminia, por causa das febres paludosas que originavam. (*Mem. para a hist. de agricultura em Portugal*, no tomo 1.º das *Memorias da Academia*.)

A povoação de Verdemilho, é notavel, pelo seguinte:

A Nathercia, de Camões [1]

D. Affonso III, teve de sua 2.ª mulher, D. Brites, filha de D. Affonso X, de Castella, sete filhos legitimos, que foram (por ordem de edades):

1.º — *D. Branca*, abbadessa de Lorvão, e das Huelgas, de Burgos.
2.º — *D. Fernando*, que morreu menino.
3.º — *D. Diniz*, que foi rei, 1.º do nome.
4.º — *D. Affonso*, casado com D. Violantè, filha do infante D. Manoel, filho de D. Fernando III, de Castella. [2]
5.º — *D. Sancha*, que falleceu creança.
6.º — *D. Maria*, idem.
7.º — *D. Vicente*, idem.

—

Teve nove filhos bastardos, de differentes mulheres — foram:

1.º — *D. Fernando*, cavalleiro templario.
2.º — *D. Affonso Diniz*, tronco dos Souzas, condes de Miranda, e outras casas illustres do mesmo appellido.
3.º — *D. Martim Affonso*, tronco dos Souzas, condes do Prado, e outros.
4.º — *D. Gil Affonso*.
5.º — *D. Leonor*.
6.º — *D. Urraca*.
7.º — *D. Leonor*.

---

[1] *Nathercia*, é anagramma de *Catherina*.

[2] Este infante D. Affonso, disputou a corôa a seu irmão D. Diniz, com o fundamento (bastante plausivel) de que era filho adulterino, pois havia nascido em vida de sua madrasta, D. Mathilde, condessa de Bolonha; em quanto que D. Affonso nascêra depois da morte d'esta senhora.

8.º—*D. Pedro Affonso*, conego de Santa Cruz, de Coimbra.

9.º—*D. Rodrigo Affonso*, conego do mesmo mosteiro, e prior de Santa Maria de Alcáçova, de Santarem.

D. Affonso Diniz (o 2.º dos filhos bastardos) tinha por mãe, *D. Maria Peres Enxára.*

Casou (D. Affonso) com D. Maria Ribeiro, filha de D. Constança Mendo de Souza — e foi seu descendente, Diogo Lopes de Souza, do qual foi filho primogenito —

Alvaro de Souza, veador da casa da rainha D. Catharina, mulher de D. João III. — Em 1516, casou com D. Philippa d'Athaide, dama do paço da mesma rainha, e filha de Christovam Correia, commendador (da ordem de S. Thiago) da villa de Alvallade, no Alemtejo. D'este casamento, nasceram varios filhos, e entre estes, *D. Catharina d'Athaide*, que Luiz de Camões immortalizou com as suas poesias, dedicadas a *Nathercia*, anagramma de *Catherina.*

Por fallecimento da 1.ª mulher de Alvaro de Souza, passou a segundas nupcias, com D. Genebra Ribeiro, e viviam em Coimbra.

Foi durante este 2.º casamento, segundo uns, que Camões frequentava a Universidade, e que viu e amou D. Catharina; mas a opinião mais seguida, é que estes amores principiaram em Lisboa, onde D. Catharina era dama da rainha D. Catharina, por herança de sua mãe.

Estes amores, causaram graves desgostos e incommodos ao poeta. (Para evitarmos repetições, vide 4.º volume, pag. 306, col. 1.ª)

—

O pae e familia de D. Catharina d'Athaide, obrigaram-a a casar, ahi pelos annos de 1548 (tendo ella 28 annos de edade) com Ruy Borges Pereira de Miranda, filho de Antonio Borges de Miranda, senhor de *Carvalhaes, Ilhavo Verdemilho*, e de sua mulher, D. Antonia de Berrêdo, ex-amante de D. João III. [1]

D. Catharina, e seu marido, foram residir para os seus dominios de Verdemilho, mas não chegou a viver tres annos, depois do seu casamento, pois falleceu aqui, a 28 de setembro de 1551, tendo, pouco mais ou menos, 30 annos de edade. Foi sepultada na egreja de S. Domingos, d'Aveiro, onde ainda existe o seu modesto tumulo, com o competente epitaphio.

—

O senhorio de Verdemilho, Ilhavo e Carvalhaes, veio depois a passar para os *condes-barões* d'Alvito, e por fim, para os condes de Carvalhaes, pela maneira seguinte:

Uma filha de André Pereira de Miranda, casou, no tempo de D. Philippe III, com Christovam d'Almada, provedor da Casa da India, levando em dote aquelles tres senhorios.

D. Ignez d'Alencastre, descendente directa de Christovam d'Almada e de sua mulher, e herdeira d'elles, nos referidos senhorios, casou com D. Vasco Lobo, barão d'Alvito e conde de Oriôla, e foram 3.ºs avós de José Maria d'Almada Castro de Noronha Lobo, feito 1.º conde de Carvalhaes, por D. João VI, em 1824. e que veio a ser o 13.º senhor de Verdemilho, Ilhavo e Carvalhaes, senhorio que D. Affonso V deu aos Mirandas, em 26 de dezembro de 1464.

(Vide *Villa Franca d'Azeitão.*)

Ermida de Nossa Senhora da Lomba ou da Conceição

Fica a uns dois kilometros ao N. E. de Ilhavo, e a mesma distancia ao S. d'Aveiro, em uma *lomba*, no logar de Verdemilho.

Eis o que o *Sant. Mar.* (tomo 4.º, pag. 382) diz, com respeito á Senhora da Lomba:

«Está esta ermida em um logar que se chama Verdemilho. Ha n'elle um cabeço, ou lomba de terra, em o qual se affirma (por constante tradição) que apparecêra, *ha muitos annos*, [1] uma imagem de Nossa Senhora, á qual, por se lhe não saber a invocação, lhe deram o nome do logar e sitio levantado, em que apparecêra, invocando-a *Nossa Senhora*

---

[1] D. João III, apezar de ser cognominado o *Piedoso*, teve algumas amantes; mas não sei que tivesse filhos bastardos, além de *D. Duarte*, que foi arcebispo de Braga e prior de Santa Cruz, de Coimbra.

[1] Este livro, foi publicado em 1712.

da Lomba, titulo tambem de que vemos usar algumas familias de Portugal.

«É o sitio em que esta milagrosa Senhora appareceu, muito fresco e agradavel; porque está cercado de loureiros. Fica alguma cousa afastado do logar, para a parte do Occidente, e fica-lhe o mar á vista, em distancia de quasi uma legua, e pouco distantes, as marinhas em que se faz o sal.

«Ignora-se, não só o tempo em que esta sagrada imagem appareceu; mas o modo — que seria muito prodigioso e notavel: que *a incuria e descuido da nossa nação é tanta, que nunca faz memoria das cousas que eram muito dignas d'ella, e assim, sempre os escriptores encontram materia para o sentimento e para a censura.*

«É esta santa imagem, de esculptura de madeira, estofada, e de grande formosura. Está sentada em uma cadeira, e terá quatro palmos de estatura.

.....

«Festejam a esta Senhora, em 8 de setembro, dia da sua Natividade. Está collocada no altar-mór. A egreja é muito linda, e com bastante capacidade para o concurso da gente que concorre a venerar esta Senhora. Fica-lhe defronte, um formoso cruzeiro de pedra. É annexa esta ermida, á parochia de São Pedro das Arádas, logar do mesmo termo d'Ilhavo.»

Esta capella, está actualmente profanada e *servindo de palheiro!*

Ermida de S. João Baptista

Fica a pouca distancia da antecedente. É do povo, que n'ella ouve missa. Ainda está bem conservada.

Fronteira a esta ermida, está a casa do conselheiro Joaquim José de Queiroz e Almeida, um elegante palacête, mas hoje em ruinas.

Ermida de S. Thomé

É muito bonita, e está dentro de uma propriedade particular. É romaria concorridissima.

Ermida de Nossa Senhora das Dores

É um dos mais notaveis sanctuarios do districto administrativo de Aveiro. Alli se vêem representados, em figuras de tamanho quasi natural, os *passos* da paixão de Jesus Christo. As imagens, ainda que não primam pela perfeição da sua esculptura, dão causa á admiração e á grande concorrencia de povo que vem aqui em romaria, no dia proprio da Senhora, em que se lhe faz uma sumptuosa festividade.

A ermida e a grande quinta que lhe fica contigua, pertencem aos senhores viscondes de Almeidinha.

O 1.º barão de Almeidinha [1] foi José Osorio do Amaral Sarmento, feito a 4 de março de 1840.

Em 20 de dezembro de 1865, foi feito visconde do mesmo titulo, o sr. João Carlos do Amaral Osorio (o actual) filho do 1.º barão de Almeidinha. (Vide *Varzea de Candosa.*)

O Dr. Manoel Mendes Barbuda e Vasconcellos

Nasceu em Verdemilho, no anno de 1607. Era filho de Manoel Barbuda e Vasconcellos, e de D. Joanna Manoel de Loureiro. Falleceu n'esta mesma aldeia, a 30 de março de 1670.

Foi magistrado e poeta gongorico.

Formou-se em direito, pela Universidade de Coimbra. Foi juiz de fóra de Caminha; ouvidor, em Valença do Minho; e provedor em Lamego.

Escreveu e publicou, as obras seguintes:

Virginidos ou vida da Virgem Senhora Nossa. Poema heroico, de 20 cantos, em oitava rima, dedicado á rainha D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV.—Dois volumes, em 4.º pequeno, impressos em 1667.

É obra de bastante estimação e pouco vulgar.

Silva panegyrica, ao nascimento da Serenissima Princeza, filha do principe D. Pedro, etc.— Um vol. em 4.º, impresso em 1667.

---

[1] Almeidinha, é uma aldeia, da Beira Alta, na freguezia de S Julião, da villa de Mangualde. (Vide 1.º vol., pag. 148, col. 1.ª)

É livro hoje rarissimo (nem a litteratura portugueza perde muito com a raridade).

O Dr. Joaquim José de Queiroz e Almeida

Nasceu na aldeia das Quintans, freguezia da Oliveirinha, d'este mesmo concelho de Aveiro, a 9 de janeiro de 1774. Era filho de José Marcellino Prospero de Queiroz e de D. Joaquina Leonor d'Almeida. Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra.

Em 1820, declarou se liberal. Em 1828, sendo desembargador da Relação, do Porto, proclamou a *rainha e carta*, na praça do commercio d'Aveiro, no mesmo dia 16 de maio em que se fez a infeliz revolta do Porto, que foi aniquilada.

O doutor Queiroz, teve pois de fugir para o estrangeiro, e foi um dos que em Portugal teve sentença de morte de garrote, *por liberal*, em 25 de novembro de 1829, sendo seu defensor, o doutor Antonio Cyro Pinto Osorio—sentença que se não executou, por estar ausente.

Vide no 7.º vol., pag. 333, col. 2.ª, o ultimo periodo.

Vide tambem o que, com respeito a estas sentenças — que tinham mais de ridiculas do que de sanguinarias — o que eu disse no mesmo 7.º volume, pag. 335, col. 2.º

Regressando a Portugal, foi reintegrado no logar de desembargador da Relação do Porto, e depois presidente do mesmo tribunal, e feito fidalgo da casa real, e cavalleiro professo na ordem de Christo.

Em 1846, tomou parte activa na guerra civil, como partidario dos Cabraes, pelo que a *Junta do Porto*, o demittiu de presidente da Relação, por *decreto* de 13 de outubro do mesmo anno.

Tornou a occupar o seu logar de presidente da Relação, em julho de 1847, e a 18 de dezembro d'este mesmo anno, foi nomeado ministro da justiça, emprego que exerceu até 21 de fevereiro de 1848.

Foi por varias vezes eleito deputado ás côrtes.

Falleceu, com 76 annos de edade, na sua casa de Verdemilho, a 16 de abril de 1850, e está sepultado no respectivo cemiterio parochial.

—

É seu filho, o sr. doutor José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, actual juiz da Relação de Lisboa — e é filho d'este magistrado, o sr. José Maria Eça de Queiroz, bacharel em direito, pela Universidade de Coimbra, actual consul de 1.ª classe, em Bristol. É um escriptor publico distinctissimo, e tanto elle como seu pae, são cavalheiros de muita illustração, e geralmente estimados pela sua honradez e probidade.

VERDIZÉLLOS — portuguez antigo — galhetas.

VERDOÊJO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Valença, 62 kilometros ao N. O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 114 fogos.

Orago, Santa Marinha, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o vigario, que tinha 40$000 rs. de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça. São notaveis, pela sua grandeza, as nozes d'esta freguezia, ás quaes se dá o nome de *nogões*.

Na exposição de Philadelphia, de 1876, foi premiado o sr. padre Antonio Luiz Gomes, d'esta freguezia, o qual, entre outros objectos, expôz alli, *nogões* de admiravel tamanho, sendo estes que obtiveram o premio.

N'esta freguezia, e junto á estrada que de Valença se dirige a Monsão, está a ermidinha do *Senhor da Telheira*, cuja imagem é todos os annos esplendidamente festejada, havendo na vespera illuminação, fogo de artificio, musica, etc. — e no dia, concorridissimo arraial.

VERDOÊJO — insua (ilha) do rio Minho na freguezia de São Fins (ou Sánfins) do mesmo concelho de Valença.

Produz muito pão, e grande quantidade de herva para pasto de gado.

Na mesma freguezia, ha outra insua, tão fertil como a de *Verdoêjo*, chamada *Lagos de Rei*.

VERÊA — portuguez antigo — significa — *estrada, carreira, caminho,* de pouca largura. Hoje diz-se *Verêda.*

VERÊA, ou **VEREIA** — freguezia, Minho, concelho e contigua a Villa Nova da Cerveira (ao N.E.). Vide o 1.º *Lobêlhe.*

VERÊA DE BÓRNES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 90 kilometros ao N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 194 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi uma aldeia, pertencente á freguezia de S. Martinho de Bornes (contigua) da qual se desmembrou, tornando-se parochia independente, mas vigariaria filial de Bornes, cujo reitor, apresentava o vigario, collado, que tinha 80$000 rs. de rendimento annual.

Verêa de Bornes — significa — *Verêda dos Falcões* — porque — *Verêa,* como vimos, significa *Verêda,* e *Bornes,* é o plural de *Borni,* que significa *falcão.* [1]

No Minho e em Traz-os-Montes, dizem *Brêia,* o que é êrro, procedido do vicio patrio, de mudarem alli o *v* em *b.*—Tambem é êrro, escrever-se *Vrea,* como vemos na maior parte dos diccionarios chorographicos e geographicos. Nos papeis antigos, diz-se *Urea.*

—

É n'esta freguezia, onde o general escocez, Reynaldo Macdonell foi cobardemente assassinado pelos soldados cabralistas do general Vinhaes, no 1.º de fevereiro de 1847. (Vide no 8.º vol., pag. 283, col. 1.ª no fim e seguintes — *e principalmente a pag. 287, col. 1.ª e 2.ª*)

—

Esta freguezia, está, toda, situada no extenso *Valle de Villa Pouca d'Aguiar,* e o seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas. O seu clima, apezar de excessivo, é muito saudavel.

A egreja matriz, está separada da povoação principal (Verêa) tendo apenas algumas casas proximas; mas a residencia do parocho, é na aldeia de Eiriz, que é a povoação menos distante da egreja.

O melhor edificio d'esta freguezia, é a bella casa do sr. Francisco Antonio de Madureira e Castro, que tem unida uma extensa e fertilissima quinta. Este distincto cavalheiro, que a uma antiga e nobre ascendencia, junta as qualidades mais sympathicas e apreciaveis, é o actual presidente da camara municipal de Villa Pouca d'Aguiar.

—

A egreja parochial, principiada para ser construída de tres naves, apenas mostra vestigios dos seus amplos e robustos fundamentos; e ficou reduzida á nave central! Por estas circumstancias, suppõe alguem, que foi principiada para egreja de algum mosteiro, o que não parece provavel, por não haver contiguo a ella outro algum edificio. A opinião mais seguida — e mais verosimil — é que — sendo antigamente concorridissima e famosa em toda a provincia a magnifica festa de Nossa Senhora da Natividade, com as esmolas e offertas dos romeiros se deu principio a um sumptuoso templo, que se não pôde concluir.

Está pobre de alfaias, e nada tem de notavel, além da summa perfeição da esculptura de algumas imagens, sobre tudo a de *Nossa Senhora da Agonia,* que é um primor da arte.

Contiguas á egreja, estão as capellas do Senhor dos Passos e do Santo Christo; e fóra do adro, em frente da porta principal da egreja, está a do Senhor do Horto.

Junto á egreja está em construcção um cemiterio parochial.

Ha n'esta freguezia, varias ermidas, pouco notaveis; menos a de N. Senhora do Lorêto, na aldeia de Sabroso, que é um templosinho muito interessante. É perfeitamente quadrada, tendo sómente portas lateraes. É toda de abobada de cantaria, com um ele-

---

[1] *Borne,* é tambem palavra franceza, e significa marco, limite, medida, etc.—Na França, ha tambem a povoação de *Born* (Lot-et-Garonne) a 30 kilometros ao N. de Ville-Neuve-d'Angen.

gante zimborio, sendo as suas paredes interiores, bem como o tecto, revestidas com quadros, representando varios factos da vida da S. S. Virgem.

As paredes da todos os quatro lados, estão coroadas com as estátuas dos 12 apóstolos; e em cada um dos angulos, uma de N. Senhora, symbolisando a *Turris Davidica.*

Tem um só altar, onde se admira a belíssima imagem da Senhora do Lorêto. Dos lados, tinha em nichos, as imagens dos apostolos e dos evangelistas; mas hoje apenas restam alguns, e mutilados. Não me consta que haja em Portugal, outro templo de egual estylo architectonico.

Apezar de todas estas maravilhas, este templo está em completo e reprehensivel abandono!

É tradição constante na freguezia, que um individuo natural de Sabrôso, chamado Antonio Machado, fôra para a Italia, d'onde regressou a esta freguezia com ordens de presbytero, e que, em cumprimento de um voto, mandou construir esta ermida, onde foi sepultado, em uma campa raza, onde se gravou esta inscripção —

SUB TUUM PRAESIDIUM
HIC ESPETABO, DONEC VE-
NIAT IMUTATIO MEA.

O *Sant. Mariano,* não menciona esta interessante ermida.

Foi construida em 1751, pelo architecto Diogo Lopes, hespanhol; o que consta de uma inscripção que está na parede interior.

Proximo a esta ermida, se veem algumas sepulturas, cavadas na rocha, o que nos leva a crer que esta terra foi habitada pelos mouros, e que era aqui o seu *almocabar.*

—

O formoso valle onde esta freguezia é situada, é atravessado pelo meio, pela estrada de Villa Real a Chaves, a qual forma uma extensa linha recta, desde perto de Bornes, até á referida aldeia de Sabroso, d'esta freguezia.

—

Na descida da *Portella de Sabroso,* e no sitio chamado *as Piaś,* termina o concelho de Villa Pouca d'Aguiar, e principia o de Chaves.

São Martinho de Bórnes

Como vimos, d'esta freguezia foi desmembrada a da Verêa de Bornes, que ficou sendo filial d'aquella, até 1834.

Bórnes, dista de Villa Pouca d'Aguiar 5 kilometros (ao N.) O seu territorio é bastante extenso, ficando-lhe na parte montuosa as povoações de *Tinhella de Baixo, Tinhella de Cima, Ballugas,* [1] e *Lagoa.* N'estas povoações, cujo clima é frigidissimo, só se côlhe centeio, bolota e algum milho, grosso e miudo. Seus habitantes são, em geral, pouco abastados.

Na parte da freguezia situada no extenso e aprazivel valle, ao N. de Villa Pouca, e atravessado pela estrada de Chaves, estão as bonitas aldeias de *Villa-Mean, Rebordechão, Lago-Bom,* e *Bórnes* — sendo esta ultima, que dá o nome á freguezia.

Este valle é fertilissimo em quasi todos os generos agricolas, principalmente, em milho grosso e castanhas.

Estas aldeias, teem bons predios, e ricos proprietarios, distinguindo-se Bórnes, que mais parece villa do que aldeia.

Ao O. de Bórnes, e a pouca distancia, é o magnifico estabelecimento thermal das *Pedras Salgadas,* que já fica descripto no logar competente, e que foi principiado em 1871. Tem já boas casas de habitação para os banhistas e uma hospedaria.

Foi ultimamamente (1875) vendído pelos herdeiros do seu primeiro proprietario, Manoel Ignacio Pinto Saraiva, de Villa-Real, e pelo doutor Henrique Ferreira Botelho, de Villa-Pouca, a Thomaz Antonio das Neves, e irmão, e Ferreira Guimarães e irmãos, da cidade do Porto, por 30:000$000 réis.

Passa junto ás thermas, a estrada municipal das Boticas de Barrozo.

---

[1] *Balugas* e *balegões,* é portuguez antigo. Significa *borzeguins,* especie de calçado de que usavam os nossos antepassados.

—

A egreja matriz, de S. Martinho, fica a uns 500 metros da povoação principal (Bórnes) na encosta da serra que corre do S. ao E. da aldeia, d'onde, pela sua elevada posição, se descobre um vasto horisonte, que termina a O. e N. pelas serras de Barroso; e a E. e N. E., pela immensa cadeia de serranias da Galliza, projecções da serra de Senabria.

—

Esta egreja, foi fundada no principio do seculo XII, de cuja antiguidade ainda conserva muitos vestigios.

Foi sagrada pelo famoso S. Geraldo, arcebispo de Braga (1109) na occasião em que, andando de visita á sua archi-diocese, veio de Barroso aqui, praticar esta ceremonia; e aqui terminou a sua visita e a sua vida, como adiante se dirá.

É de uma só nave. O seu retabulo, é de talha dourada, e de primorosa escultura, bem conservada. Alem do altar-mór, tem dous lateraes no corpo da egreja.

Foi commenda da ordem de Christo, e apresentava as egrejas de N. Senhora da Natividade, da Varêa de Bórnes, e de Santa Iria, de Valloura.

Vê-se no archivo d'esta egreja, que em 1569, era reitor d'ella, *Manoel Lourenço de Guadalupe*, fallecido em 1594. É o livro mais antigo que existe n'esta freguezia, com respeito aos seus parochos. Desde então até hoje tem havido os seguintes —

2.º— *Antonio Nabo de Pina*—de 1594 a 1616.

3.º— *João de Fontoura* — 1616 e 1639.

4.º— *João de Souza* (de Villa Pouca de Aguiar) — de 1639 a 1656.

5.º— *João de Fontoura Camêllo* — de 1656 a 1660.

6.º— *Duarte Pinto Ribeiro* — de 1660 a 1679.

7.º— *Pedro Meirelles d'Andrade* — de 1679 a 1685.

8.º— *Francisco Ferreira* — de 1685 a 1717. — Foram no tempo d'este parocho, mandadas demolir as capellas do Espirito Santo, e São Sebastião, de que falla o padre Carvalho, na sua chorographia. Reedificou-se então a parte da parede da egreja, do lado do norte. A este parocho foi prohibido, *sob pena de excommunhão*, deixar fazer os officios de defunctos nas ermidas da freguezia.

9.º— *Manoel de Souza Botelho* (natural de São João da Pesqueira) — de 1717 a 1754. Este parocho, foi nomeado, em 1735, visitador dá 2.ª parte da comarca de Villa-Real.

Foi no seu tempo levantado o arco cruzeiro, por ser de acanhadas proporções, e reedificada a capella-mór, que estava em ruinas. Foi então que se fez e dourou o retabulo do altar-mór.

A este parocho, foram concedidos dous coadjuctores — o que continuou até a extincção das commendas, em 1834.

No seu tempo, hia-se perdendo o costume, antiquissimo, de virem as freguezias filiaes d'esta, no dia de São Martinho, bispo, á egreja matriz, *offerecer-se* ao santo padroeiro. Em 1720, o abbade de São Clemente de Basto, Sebastião Pinto de Carvalho, então visitador, auctorisou o parocho de Bornes, a condemnar *em cincoenta réis*, os que deixassem de cumprir esta antiga obrigação; assim como a trazerem ao parocho, *um quarto* de castanhas.

10.º — *Manoel da Silva Nunes* — de 1754 a 1784.

11.ª— *José da Silva* (natural de S. João da Pesqueira) de 1784 a 1800.

Foi no seu tempo feita de novo a parte da casa da residencia parochial, que fica para E.

Deixou perder o costume de pagar ao parocho, cada um dos fregezes das egrejas filiaes, em dia de S. Martinho, o tal quarto de castanhas.

Comprou junto ao passal um souto para ser encorporado n'elle. Seus herdeiros, oppozeram-se com uma demanda, provando que a propriedade era sua, e venceram. Assim se perdeu para o passal o dito souto.

12.º— *Antonio Corrêa Botelho* — de 1800 a 1805. (Era natural de Villa-Real, e alli falleceu, sendo sepultado na egreja de S. Diniz).

Continuou e concluiu a parte da casa da residencia parochial.

13.º— *Antonio Gomes Rôxo*, (natural da fre-

guezia de Santa Maria Magdalena de Negrões, na Terra de Barrozo) — de 1806 a 1836.

Foi no seu tempo — por alvará de D. João VI, 27 de julho, de 1824 — desannexada d'esta freguezia, para formar parochia independente, a aldeia da Lagôa, com o titulo de *freguezia da Santo Antonio da Alagôa*, com o fundamento (verdadeiro) de ficar distante da sua antiga matriz, cinco kilometros de máu caminho. Ao novo cura, fei assignado no mesmo alvará, a congrua annual de 60$000 réis em dinheiro; 60 alqueires de centeio; 25 almudes de vinho; 3 alqueires de trigo—*para hostias* — 3 almudes de azeite para a alampada do S. S. Sacramento; 3 arrateis de cêra; dous arrateis de sabão; e 3$000 para a fábrica: tudo pago pelo rendimento da commenda de São Martinho de Bornes.

O cura, era subordinado ao parocho da matriz, e apresentado, annualmente, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens; não podendo gastar mais de 1:000 réis da fábrica, sem ordem do mesmo tribunal.

O parocho de Bornes, considerava o tal cura, como um mero capellão, pelo que houve queixa ao rei, que mandou, em 1828, declarar que o cura da Lagôa, era um parocho independente, como outro qualquer.

Foi seu primeiro e unico parocho, José Joaquim de Macedo. Sendo extinctas as commendas, e portanto o rendimento d'este parocho, foi a freguezia supprimida em 1834, tornando a Lagôa a ser uma aldeia da parochia de Bornes.

—

O tal reitor de Bornes, 13.º parocho d'esta freguezia, Antonio Gomes Rôxo, e um sobrinho, tambem padre, tomaram parte na revolta de 16 de maio de 1828, pelo que foram presos para as cadeias da Relação do Porto, onde estiveram desde 1829 até 1834. Regressou para aqui, em 1834, e aqui falleceu, em 1836.

No seu tempo, se construiram as paredes do cemiterio parochial.

14.º— *Luiz da Veiga e Souza*, freire de Christo, natural de Sabroza — desde 1837 até 1857.

Apenas aqui residiu 5 a 6 mezes, retirando-se para Sabrosa, onde falleceu n'aquelle ultimo anno.

No seu tempo, foi forrado e pintado o tecto da egreja.

N'estes vinte annos de ausencia do parocho, muito se deteriorou a egreja, e muito mais a residencia parochial, que desabou parte d'ella e o resto ficou em ruinas.

15.º—*Antonio dos Santos Lopes*—natural da villa de Montalegre—de 1857 a 1871.

Como a residencia estava inhabitavel, foi residir para a povoação de Bórnes, o que ainda mais arruinou a egreja e a residencia.

16.º—O rev.mo sr. Manoel Henrique da Silva Machado — natural da freguezia de Villarinho das Paranheiras — desde 5 de fevereiro de 1872, e é o parocho actual — um dos mais illustrados d'esta comarca, e varias vezes citado com louvor n'esta obra, pelos preciosos esclarecimentos que tem tido a generosidade de me mandar, para varias terras, pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos.

Honra a este esclarecido sacerdote, que não quiz imitar a muitos dos seus collegas a quem escrevi, e que nem se dignaram responder-me.

É pois este dignissimo parocho que tem promovido as precisas reparações na egreja e a reconstrucção da residencia parochial, que elle habita—e o termo das obras do cemiterio, que ja está servindo, desde 6 de janeiro de 1875, dia em que foi benzido. Vae tambem construir-se a respectiva torre dos sinos, um dos quaes, foi fundido em 1874, e é o maior do concelho.

—

Ha n'esta egreja a irmandade Nossa Senhora do Rosario, da qual são irmãos quasi todos os habitantes da freguezia, que teem de 7 annos para cima; e ainda pessoas de outras parochias. Esta irmandade, manda fazer por cada irmão que fallece, um officio de defuntos e dizer 7 missas pela sua alma.

—

Perto da egreja, com porta para o seu àdro, e contigua á residencia do rev.º parocho, está a capella de S. Geraldo.

É a seguinte, a origem d'esta capella:

Quando em 1109, o santo arcebispo de Braga — depois, S. Geraldo — veio sagrar esta egreja, como disse no principio d'este artigo, aqui terminou os seus dias, na residencia parochial. Passados annos, e depois da canonisação do São Geraldo, o povo da freguezia construiu uma capella magnifica. na parte da residencia onde o santo fallecêra, e lh'a dedicou. [1]

Ignora-se o anno d'esta construcção, mas é evidente a sua muita antiguidade. Esta circumstancia induz até acreditar que o povo não esperou pela canonisação do santo prelado, para lhe dedicar este templosinho; mas isto é pouco provavel, pois não é lícito erguer templos ou altares a pessoa alguma, antes de estar canonisada.

O retabulo do altar-mór d'esta capella, é de primorosa talha, mas o seu douramento está bastante dannificado, em razão da sua grande antiguidade.

No corpo da egreja, tinha dous altares lateraes (ou cousa que pretendia sêl-o) de uma construcção extravagante, cada um com uma imagem da S. S. Virgem, ambas de uma esculptura grutesca e quasi indecente, e além d'isso, muito carunchosas. Foram retiradas e os taes *altares* demolidos, em 1872, e a capella reparada.

Ainda no seculo XVIII existia n'esta capella, o caixão, de pedra, em que, segundo a tradição, foram depositados os intestinos de S. Geraldo; porque se vê em um capitulo de visita, que em 1722, o visitador, doutor Matheus Pereira Pacheco, abbade de S. Thiago de Priscos, mandára que se cobrisse o tal caixão, de madeira, de fórma que podessem n'elle revestir-se os sacerdotes que alli tivessem de dizer missa. Ignora-se o que foi feito d'este caixão, pois d'elle não ha outra memoria, além da tradição, e do que consta da tal visita.

Na rectaguarda da capella, existiu por muito tempo, uma amoreira, que, segundo a lenda, deu fructo quando adoeceu S. Geraldo, apesar de ser em dezembro, porque o santo pedira amoras. É por isto que, ainda hoje, os devotos cercam as reliquias do santo, de varias qualidades de fructas, e com as mesmas ornam os frizos do seu altar, na capella, da Sé primaz (Braga) que lhe é dedicada — no dia da sua festa, a 5 de dezembro.

Tambem no àdro da egreja matriz de Bórnes se vê ainda uma amoreira secular, em memoria do tal *desejo* do santo.

—

Subindo a serra, ao sul da capella, e pouco distante d'esta, está a *Fonte de S. Geraldo*, que, pela sua architectura, mostra ser tão antiga como o templosinho. A sua agua é de excellente qualidade, e diz a lenda, que principiou a brotar quando o santo adoeceu. Crê o povo que esta agua é remedio efficaz contra as *sesões*, pelo que a veem procurar de longe, hindo tambem resar ao santo, na sua capella, porque se diz que elle morreu de sesões.

Logo que o santo falleceu, foi o seu corpo mandado transportar para Braga, por seu mórdômo, D. Bernardo (depois, bispo de Coimbra) e mais familiares, sendo coadjuvados por uma dona rica e nobre, chamada Cassandra, que lhes deu gente bastante para os acompanhar até ao rio Tâmega.

—

A uns 600 metros da egreja matriz, está a ermida do SS. Sacramento, no centro da povoação de Bórnes, restaurada com elegancia e magnificencia, ha uns 20 annos. Tem ricos paramentos, vasos sagrados, e mais objectos pertencentes ao culto divino. Tem altar-mór, e quatro lateraes no corpo da egreja. É n'esta bonita capella que está o S.S. Sacramento, e d'alli é administrado aos enfermos, em razão da egreja estar em logar bastante remoto.

A despeza feita com a sua illuminação e fabrica, é tirada dos rendimentos da capella.

—

[1] Os que desejarem mais amplas informações com respeito a S. Geraldo, vejam no 1.º vol., pag. 441 e 445 — 3.º vol., pag. 353 — 5.º vol., pag. 559 e 577, 8.º pag. 622, col. 1.ª, pr.

Ha n'esta freguezia a aldeia de *Tinhela de Baixo* — antigamente *Tinéla*, que tem foral, dado por D. Affonso III, em dezembro de 1257 (*Livro 2.º de Doações de D. Affonso III*, folhas 20 verso; *Maço 9 de foraes antigos*, n.º 8, fl. 14; *Livros de Foraes antigos de leitura nova*, fl. 108, col. 1.ª) O foral lhe dá o nome de *Tinéla*. [1]

Este foral determina que «*cada casal é obrigado a fazer de fôro a El-Rei, huu ferro de arado, ou quarenta Reaes por elle, o que monta a 640 Reaes.* [2] *Disseram os moradores da dita aldeia, por seu juramento, que sabiam e ouviram dizer a seus paes, que estes ferros se não deviam; soomente que o pay de diogo dazevedo, e o dito diogo dazevedo, inovaram o dito tributo dizendo, que no dito logar se lavrava ferro, que se tirava hi perto, em outra aldeia, e que d'este lavrar de ferro se devia pagar o dito fôro. E disseram os ditos moradores, que era verdade que na dita aldeia se achavam* escoryaes, *porque parecia na dita aldeia se lavrar já ferro antigamente.*»

—

Junto á egreja matriz, existem vestigios de fortificações romanas, e teem alli apparecido (assim como na *Quinta da Cabana*) moedas, com efigies de varios imperadores.

Perto da povoação de Bórnes, teem apparecido algumas sepulturas, cavadas na rocha, o que induz a acreditar que são restos de um cemiterio (*almocabar*) mourisco.

—

Na *Benedictina Lusitana*, de frei Leão de São Thomaz — na *Descripção de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão — e em outros auctores, se diz que Bórnes, é em Barroso. É êrro. O rio Tâmega, que dista d'esta freguezia 10 kilometros, divide o concelho de Villa Pouca d'Aguiar, do de Boticas de Barroso.

[1] Tenho as minhas duvidas com respeito a este foral. Não ténho a certeza d'elle pertencer a esta aldeia, ou á freguezia de *Tinhelta*, concelho de Val de Passos: entretanto, o esclarecido abbade de S. Martinho de Bórnes, diz que pertence a esta aldeia de Tinhela de Baixo.

[2] Vinha portanto a ter a aldeia, n'esse tempo, 16 casaes.

VERÊA DE JALLES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho d'Alfarella de Jalles), 95 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1768, tinha 40 fogos. [1]

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Trez Minas, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Terra de clima excessivo e pouco fertil. Algum vinho (*verde*), porém muito ordinario. Bastante gado de toda a qualidade, e muita caça na serra da *Quintan*.

Vide *Alfarella de Jalles*, e *Trez Minas*.

VEREAR — portuguez antigo — fazer justiça; governar no respectivo concelho, cidade ou villa, com equidade.

VERÊDE — portuguez antigo — pomar. Vem do latino *Viridiarium*. Em 903, doou o padre Adulfo, a D. Ansur e a sua mulher, D. Ejeuva (vide *Arouca*) a sua egreja de S. João de Lozim, nas margens do Tâmega, a qual havia fundado «*In casali, quos fuit de Patre meo, Prudenzo, quos edificavi de Verede.*» (Doc. do real mosteiro de Arouca.) Vide 4.º vol., pag. 506, col. 2.ª

VERGÁDA — Vide *Abaregada*.

VERIM — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de Villarêlho da Raia, comarca e concelho de Chaves.

Ha n'esta aldeia, uma nascente de aguas mineraes — *alcalino-gazosas* — muito diureticas; porém, as que se vendem nas boticas, com o nome de *Agua de Verim*, são (ou deviam ser...) de outro Verim hespanhol, que está em frente d'este, e cujas aguas mineraes, sendo da mesma natureza, são todavia mais efficazes.

O Verim portuguez, fica proximo á fregue-

[1] Ha certamente êrro no *Portugal Sacro*. Em 114 annos, não podia a população augmentar nove vezes. E' provavel que em 1768 tivesse 240 fogos, e que o 2 ficasse no tinteiro—ou no caixotim dos compositores.

zia de *Lama d'Arcos* e *Villa Frade*, do mesmo concelho de Chaves.

As aguas mineraes do *Verim gallêgo*, em frente de Lama d'Arcos, e as mais famosas, ficam mencionadas na pag. 453, col. 1.ª do 9.º vol., sob a palavra *Souzas*, que é a aldeia onde ellas nascem.

O doutor em medicina, Francisco Tavares, nas suas *Instrucções e Cautellas Praticas*, etc., publicadas em 1810, não menciona estas aguas — mencionando as de Chaves, de menos fama.

Uma amostra das aguas do Verim portuguez, foi á *Exposição universal de Paris*, de 1867, e eis o que consta do respectivo *Relatorio*. (Traducção.)—

Nascentes Alcalinas de Villarêlho da Raia.

Estas aguas, tiraram o seu nome, de um pequeno logar, proximo ás nascentes, e quasi na fronteira de Hespanha. São frias, tendo uma temperatura de 16º 4 c. A agua é limpida, com um gôsto azêdo e alcalino, como as aguas de Vichy, e sólta uma consideravel quantidade de acido carbonico livre. Deixam no leito do rêgo por onde correm, um deposito branco, de incrustações salinas, que é uma mistura de carbonato de cal, de magnézia, de sóda, de ferro, etc.

A mineralisação das Aguas de Villarêlho da Raia (*Verim*) é mais fraca do que das de Vidago.

Um kilogramma d'esta agua, contém 1 gr. 900 de principios fixos, que são da mesma natureza da agua de Vidago.

VERIM—freguezia, Minho, concelho e comarca da Póvoa de Lanhoso (foi da mesma comarca, mas do extincto concelho de São João de Rei), 12 kilometros a N. E. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

É terra muito fertil, cria muito gado — principalmente bovino, que exporta — e nos seus montes, ha bastante caça e colmeias.

VERMÊLHA — freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, concelho do Cadaval, 70 kilometros ao N.E. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1768, tinha 89 fogos.

Orago, São Simão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O Sacro Collegio Patriarchal, e os beneficiados de Santa Maria, d'Obidos, apresentavam o cura, que tinha de rendimento annual, 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e duas pipas de vinho.

Não pude obter mais informações com respeito a esta freguezia. Escrevi ao rev.º parocho, mas não se dignou responder-me. (Já nem ponho pontos de admiração.)

VERMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 12 kilometros ao N.E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1768, tinha 59 fogos.

Orago, São Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de São João de Brito, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de rendimento annual.

VERMIOSA — freguezia, Beira-Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello-Rodrigo (foi do mesmo concelho, mas da comarca de Trancoso), 95 kilometros de Lamego, 380 ao E. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1768, tinha 142 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

Fertil. Gado e caça.

VERMOÍL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal, 18 kilometros de Leiria, 155 ao N.E. de Lisboa, (pelo caminho de ferro, 162) 600 fogos.

Em 1768, tinha 491 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A mitra, apresentava o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

Isto, segundo o *Portugal Sacro*. *O Couseiro* (pag. 169) diz que tem de *ordinaria*, 20 alqueires de trigo; 25 almudes de môsto;

5$000 réis em dinheiro; algumas *amentas* perpetuas, de um alqueire de trigo, e outras voluntarias, de alqueire, e de meio alqueire; e as *falhas* da freguezia; as offertas da egreja, e as das ermidas—o que tudo importava em mais de 360$000 réis.

É aqui a 6.ª estação do caminho de ferro do norte, desde o Entroncamento; e a 22.ª, desde Lisboa.

A Sé de Leiria, era obrigada aos reparos e mais despezas da capella-mór, sacristia, e residencia do parocho — e os freguezes, ao corpo da egreja (matriz).

A egreja é muito antiga, mas não se sabe por quem nem quando foi construida. Estando muito arruinada, se reedificou, terminando as obras, em 1656.

Tem uma *confraria de defunctos*, chamada *d'Alcamem*, com o respectivo compromisso, feito em 1465. O juiz d'esta confraria tinha jurisdicção para impôr *penas* (multas) até 50 réis, sem appellação nem aggravo.

Houve aqui um hospital, junto da egreja matriz, logo abaixo das casas do cura. Constava de duas casinhas, juntas, e um *chouso* (pequeno campo, tapado sobre si) e outra fazenda, da qual anda de posse, a fábrica da egreja, e n'ella se despende a renda. Não se sabe quem fundou este pequeno hospital, nem quando; assim como se ignora quando e por auctoridade de quem foi extincto, e porque titulo as suas rendas se annexaram á fábrica da egreja.

Ermidas d'esta freguezia.

1.ª — *São João Baptista*, no logar da Arranha de Cima.

2.ª — *Santo Eloy*, na ribeira, entre os moinhos.

3.ª — *São Francisco*, no logar das Meirinhas.

4.ª — *Santo Elias*, no logar de Carnide.

5.º — *Santa Maria Magdalena*, perto do logar dos Claros.

Todas estas ermidas, foram construidas para d'ellas se administrarem os sacramentos aos moradores das aldeias onde são situadas, os quaes são obrigados á sua fabrica.

6.ª — *Santo Antonio*, está logo abaixo da antecedente.

Foi mandada fazer pelo famoso *João de Barros*, o celebrado auctor das *Décadas da India*. [1] Obrigou á fábrica d'esta ermida a sua quinta, que está proxima, mas já no bispado de Coimbra.

João de Barros, falleceu n'esta quinta, em 1571, e foi sepultado na sua ermida de Santo Antonio.

Em 1610, o bispo de Viseu, D. Jorge de Athaide, abbade commendatario do mosteiro d'Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos, para a capella-mór da egreja matriz da dita villa (que o mesmo bispo tinha mandado concluir) por ter sido João de Barros, seu padrinho do baptismo. (Vide *Discursos politicos*, de Manoel Severim de Faria, chantre da Sé d'Evora.) A quinta é hoje propriedade da familia *Barbas*.

Ainda nas casas d'esta quinta, se conserva o retrato de João de Barros.

—

Corre n'esta freguezia o pequeno rio, tambem chamado de *Vermoil*, que réga e fertiliza uma formosa ribeira, muito productiva.

É terra fertil em cereaes, vinho, legumes, fructas, linho e outros generos agricolas.

VERMOIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1768, tinha 103 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

---

[1] João de Barros, nasceu na cidade de Viseu. Era fidalgo da casa real, e foi capitão da fortaleza e conquista de S. Jorge da Mina.

Além das Décadas, escreveu muitas outras obras sobre varios assumptos, todas de grande valia, e hoje rarissimas. Vide *Viseu*.

O prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de renda annual.

É notavel esta freguezia, por ter sido d'aqui arcediago, o padre *Pedro Julião*, prior-mór da collegiada de Guimarães, abbade commendatario do mosteiro de Pedroso, e finalmente, em 1276, pontifice romano, com o nome de João XXI. (4.º vol., pag. 303, col. 2.ª)

—

É povoação antiquissima, pois já existia, pelo menos, no tempo dos romanos, e era defendida por um castello, fundado pelo conde D. Vermuiz Forjaz, tronco da nobilissima familia Pereira Forjaz, cujo ramo principal foram os condes da Feira. Foi do conde D. Vermuiz que esta povoação tomou o nome.

Junto ao rio Ave, e no districto d'esta freguezia, ainda existe a *quinta da Pereira*, que, em 1096, era de D. Gonçalo Rodrigues, que, do nome d'esta quinta se appellidou *Pereira*, e d'elle descende o famoso conde D. Gonçalo Pereira. D. Gonçalo Rodrigues descendia do conde D. Vermuiz.

Foi julgado, cuja capital era Villa Nova de Famalicão — e era um dos arcediagados da Sé de Braga.

—

Em 977, reinando D. Ramiro III, o feroz Al-Mançor, kalifa de Córdova, invadindo a parte occidental da Lusitania, «*Caminó con su acustrumbrada fiereza distruiendo, aniquilando y desasiendo todas las ciudades y pueblos de estas regiones, tomando a Coimbra, Vizeo, Braga, y otras poblaciones, apoderóse de la ciudad de Tuy, y llegó a Santiago*, etc.» (Gandara, chronista-mór de Galliza, nas suas *Armas y Triunfos de Galliza*, liv. 2.º, cap. 8.º, pag. 160.)

O Monge de Silos, escriptor quasi contemporaneo d'Al-Mançor (*Bergauz Ant. de Esp.*, tomo 2.º, App. sec. 2, n.º 68) diz que aquelle truculento chefe musulmano, destruira cidades e castellos, arrazára casas, egrejas e mosteiros, e *despovoára tudo*. «*Devastavit quidem Civitates, Castella, omnemque terram depopulavit, usquequo pervenit ad partes occidentalis Hispaniæ et Gallaeciæ civitatem, etc..... Ecclesias, Monasteria, Palatia fregit, utque igne cremavit.*»

Em 998, o conde D. Forjaz Vermuiz (ou Vermuiz Forjaz — que é o mesmo — pois de ambos os modos tenho visto escrever o nome d'este heroe lusitano) [1] fez frente aos mouros com a sua hoste, dando tempo que se lhe reunissem outros chefes christãos, entre elles, o conde D. Garcia Fernandes, e D. Bermudo, rei de Navarra, e assim, poderam aniquilar completamente os mouros, sendo mortalmente ferido Al-Mançor. Esta sanguinolenta batalha foi dada nas planicies de Alcantanazor, junto a Osma, nas margens do Douro, e perto dos rios *Abion*, e *Uzero*.

Vermoim, como todas as mais povoações d'esta parte do Minho, ficou destruida, e fugitivos os habitantes que poderam escapar ao furor dos mouros.

—

Pouco depois d'esta desastrosa invazão, e logo no 2.º anno do reinado de D. Ramiro, *Gumdarèdo*, chefe (outros dizem, rei) dos normandos, desembarcou com a sua horda, em uma das praias do Minho, e saquearam e destruiram todas as povoações que estanceavam entre os rios Minho e Lima.

Diz a *Historia dos Gôdos* (*Chron. Gothor.*, in *Monarch. Lusit.*, tomo 3.º, pag. 271), que os Nórmandos (Normões ou Lórmanos—pois todos estes nomes lhes dão as nossas historias) chegaram ao castello de Vermoim, no territorio de Barcellos (*Venerunt Lormanes ad Castellum Vermudii, quod est in Provincia Bracharensi*), praticando as atrocidades do seu costume. E diz D. frei Prudencio de Sandoval, bispo de Tuy (Igles de Tuy, pag. 49 v.), que os nórmandos destruiram então esta cidade, que esteve *146* annos deserta.

—

D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas *Memorias de Braga* (L.º 4.º, pag. 484), diz que Gondarêdo e os seus nórmandos, por

---

[1] Este conde, era filho do conde *D. Vermudo Forjaz*, pelo que usava o patronimico e o appellido de seu pae. (Vermuiz, é patronimico de Vermudo—Veremudo ou Bermudo.) A Historia não nos diz (que eu sáiba) o nome do baptismo do conde.

tres annos occuparam o territorio situado entre os rios, Minho e Lima, devastando todas as terras até ao Douro.

Tendo despojado estas infelizes povoações, e opulentos com a preza, se preparavam para regressarem á França; mas, o conde D. Gonçalo Sanches, á frente de um exercito de christãos, marchou contra os invazores, deu-lhes batalha, derrota-os, queima-lhe toda a armada (100 navios), mata Gundarêdo, toma-lhes todas as suas bagagens, e captiva os que não morreram no combate.

Diz o mesmo escriptor — fundando-se na auctoridade da *Chronica dos Gôdos*, que os *Normanos* tornaram a invadir estas terras no *anno de mil e desasseis*, e chegaram ao castello de Vermoim, sendo então, conde d'aquelle districto, *Alvito Nanes*.

Aqui ha anachronismo, causado pela confusão entre a era de Cesar e o anno de J.-C.

Argote, diz, na pag. 484 da obra citada, que a invasão de Gundarêdo, fôra no *anno de 968* — não póde ser—Todos os escriptores dizem que esta invasão teve logar no reinado de D. Ramiro III — entre 967 e 982—e Argote diz que os Nórmanos tornaram em 1016 — isto é—48 annos depois da 1.ª invasão.

Quer-me parecer que ambas estas invasões se reduzem a uma unica, e que 1016 é a era de Cesar, que vem a ser o anno de J.-C. 978—havendo apenas differença de um anno, como fica dito no principio da rapida descripção d'esta invasão.

Tanto os mouros, como depois os nórmandos, prevaleciam-se das desuniões e turbulencias dos christãos, durante a menoridade de D. Ramiro III (que foi acclamado rei, tendo apenas cinco annos) e a ambição de D. Bermudo II, que pretendia e disputava a corôa; desuniões que só terminaram por morte de D. Ramiro, em 982, tendo apenas 20 annos de edade.

—

Vê-se pois que Vermoim é uma povoação legendaria, e da qual fallam as mais antigas historias da Peninsula Hispanica.

—

No antigo julgado de Vermuim, fundou, no anno de 1032, Arias de Brito, o mosteiro de Santa Maria de Oliveira, de conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios), fazendo-lhe valiosas doações, e fazendo-o povoar de frades, e dando-lhes por superior, um servo de Deus, por nome D. Antão.

Dom Soeiro (outros dizem Sesnando) Ocriz, neto do fundador, reparou e ampliou o edificio do mosteiro.

A sua egreja é muito bonita, e foi sagrada.

Foi aqui prior, ou commendatario, Dom Fernando Annes Coelho, que foi sepultado n'este mosteiro, e morreu com opinião de santo. Era irmão de Pedro Annes Coelho, que, com sua mulher, D. Margarida Esteves Teixeira, fizeram doação ao mosteiro, de tres casaes que tinham em Vieira (do Minho) com a obrigação de uma missa quotidiana, e de terem sempre os frades, uma alampada accesa, diante da imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

Em 1599, entraram n'esta casa os conegos de Santa Cruz, de Coimbra, por breve do papa Clemente VIII, e por seu 1.º prior triennal, entrou então, D. Bernardo da Piedade.

Em 1712, não tinha senão dois religiosos, e os rendimentos da casa, eram applicados *in perpetuum*, para o real mosteiro de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, que tambem era de cruzios.

Foram estes frades, que, em 1692, mandaram levantar a capella-mór, fazendo-lhe um novo arco de pedra lavrada.

—

É n'esta freguezia, a nobre e antiquissima casa da *Brêia* (corrupção de *Veréa*), do sr. Francisco Ignacio de Aguiar Pimenta Carneiro.

Em 23 de dezembro de 1873, pelas 8 horas da noite, e por descuido de uma criada, se desenvolveu um pavoroso incendio n'esta casa, reduzindo-a a cinzas, com todos os moveis, incluindo mais de 50 carros de pão,

(2:000 alqueires) dois cavallos, uma grande porção de aguardente e azeite. Apenas se salvou a familia da casa, que teve de pedir asylo, comida e vestuario, em casa de um amigo!

O prejuizo, foi superior a dez contos de rs.

Pouco depois, esteve a esposa do sr. Pimenta Carneiro, e a do sr. visconde de Santa Luzia (José Joaquim Machado Ferraz) filhas do interdicto conselheiro, Felix de Magalhães, a ponto de soffrerem um grande roubo, que montava a muitos contos de réis, praticado por um tal *Pereira de Castro*, e por *Soledade de Jesus*, governante do interdicto, contra os quaes, os queixosos o o Ministerio Publico, deram querella — aquelle, pelo crime de roubo, com a circumstancia aggravante de carcere privado, em que tinha o interdicto — e esta, como receptadora. Foi presa em Villa Real, e deu entrada na cadeia de Lisboa, bem como o seu cumplice. Pôde pois haver-se todo, ou quasi todo o roubo.

Este facto, deu muito que fallar em Lisboa e nas provincias.

VERMOIM — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 10 kilometros ao N. do Porto, 200 fogos.

Em 1768, tinha 102 fogos.

Orago, São Romão.

Dista de Lisboa, 324 kilometros (ao norte).

Bispado e distr.º administrativo do Porto.

A mitra, e o papa, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Ha muitos mezes que escrevi ao R.mo Abbade d'esta freguezia, e debalde tenho esperado até hoje pela resposta; não tendo portanto que dizer mais nada d'esta freguezia, por não ter podido obter esclarecimentos de outra parte.

N'esta difficuldade, recorri ao meu velho amigo, o R.mo Sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, distincto escriptor catholico, natural da freguezia de Milheiros, d'este mesmo concelho, e que já por varias vezes me tem valido n'estas afflicções (porque são verdadeiras afflicções, termos de escrever de qualquer localidade, e não ter d'ella nenhuma noticia)

Não foi baldada a minha supplica, e eis o que diz o R.mo Sr. Padre Castro da Cruz.

No logar da *Agra da Portella*, d'esta freguezia, houve em tempos remotos um mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, pequeno e de poucos rendimentos, e cujas religiosas, com as suas rendas, foram para o real mosteiro de Arouca, da ordem de S. Bernardo, que era uma reforma da benedictina. Ainda no sitio onde existiu o mosteiro, ha claros vestigios do velho edificio.

Ha um documento do seculo XI, que falla d'este mosteiro. É um processo da questão que teve *Dom Oseredo Tructesindes*, filho de *Dona Unisca Mendes*, padroeira de Leça do Bailio e Vermoim (este) contra um tal *Ranimiro*, procurador de *Flaviano*. Tem a data de 30 de dezembro, de 1016. Lê-se n'elle o seguinte:

«Não ha duvida, que houve demanda entre Oseredo Tructesindes, em seu nome, dos frades e das freiras que com elle habitavam, nos mosteiros de Leça e do Vermoim; allegando que Trastemiro fizera doação a seus avós, de tudo quanto tinha em Pedroiços.»

D'este documento se deduz, que no anno de 1016, havia o mosteiro de Vermuim, certamente annexo ao de Leça do Bailio, que fica em distancia de cinco kilometros; e é provavel que já existisse muitos annos antes d'esta demanda. Talvez a sua fundação fosse da mesma data da do de Leça — isto é — do anno 900 de J.-C., pouco mais ou menos.

No citado documento, que é escripto no latim barbaro d'aquelle tempo, *Vermoim* vem como nome de *Vermundi*. É provavel que o fundador do mosteiro se chamasse *Vermudo* ou *Veremudo*, nome muito vulgar na Lusitania, desde a invasão dos gôdos; e d'elle tomou o nome a freguezia.

A aldeia de Pedroiços, a que o tal documento dá o nome de *Petrouzo*, é na freguezia de Aguas Santas, tambem d'este concelho.

Vermoim, tem uma boa residencia parochial, mas está carecendo de promptos reparos.

A egreja matriz, é pequena e muito pobre.

Tem um cemiterio, construido em 1880.

Faz-se aqui uma pomposa festividade a S. João Baptista, no dia proprio (24 de junho) com arraial concorridissimo.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e ha aqui muitos tamanqueiros e *colhereiros* (feitores de colheres de páu).

Vulgarmente, dá-se a esta freguezia a denominação de *São Romão de Baixo*, para a distinguir de *São Romão d'Alem*, ou *de Cima* (São Romão de Coronado).

—

O papa, o bispo do Porto, e o abbade d'este Vermoim, apresentavam, alternativamente, o abbade de S. Maméde de Coronádo, hoje concelho de Santo Thyrso.

Dava-se entre os abbades de Vermoim e o de S. Mamede de Coronádo, um caso curiosissimo — uma *costumeira* digna de ficar em memoria: era a seguinte —

No dia de S. Mamêde (17 de agosto) hia o abbade de Vermoim, a Coronádo, assistir á missa, *com todos os seus criados, cavalgaduras, gados* (e não sei se tambem com os seus porcos, gatos, gallinhas.....) e a tudo isto tinha o abbade de Coronádo, de dar de jantar!

O abbade de Coronádo, offerecia ao de Vermoim (que estava revestido de sobrepeliz e estola) sete varas de bragal,[1] que este media, e acceitava, voltando com isto para a sua freguezia.

Ainda em 1706, havia esta especie de fôro, segundo a *Corographia*, do padre Carvalho.

Não se sabe quando cessou semelhante extravagancia; mas parece que foi no principio d'este seculo, porque, na freguezia de Coronádo, ainda vivem individuos, que se lembram de hir alli o abbade de Vermoim, no dia da festa do orago; mas, já não levando o seu *estado-maior*. Hia o abbade só, e assistia á missa, de sobrepeliz e estola; jantava e hia-se embora. As taes varas de *bragal*, eram medidas em outro qualquer dia, e levadas ao seu destino, por um criado do offerente.

VERMOIM — aldeia, Douro, na freguezia de Pindéllo, comarca e concelho de Oliveira d'Azemeis. Passa aqui a estrada real, n.º 60, que sáe de Oliveira d'Azemeis, e passa pelo Côvo, Vermoim, e Penhão. Foi principiada em 1878.

VERRÍDE — villa, Douro, comarca, concelho, e 4 kilometros ao S. de Monte-Mór-Velho (foi cabeça de concelho, da comarca de Soure), 30 kilometros a O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1768, tinha 210 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e distr.º administrativo de Coimbra.

O mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 70$000 réis de rendimento annual.

O rei D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. (*L.º de foraes novos da Extremadura*, fl. 94 v., col. 1.ª.)

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, com o nome de *Ulmar*. (Vide o 1.º *Ulmar*.)

Tem annexa, ha muitos annos, a tambem antiga freguezia da *Abrunheira*.

Verríde era um antigo couto do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Depois, passou a ser cabeça de concelho, que foi supprimido, por decreto de 31 de dezembro de 1853 passando para Monte-Mór-Velho, Verride, Villa Nova da Barca, e Revelles — e para o concelho de Soure, Samuel, Vinha da Rainha, Gésteira, e Brunhoz. Tinha pois o concelho de Verride, sete freguezias, com uns 1:600 fogos.

A este concelho se annexaram, pelos decretos de 7 de outubro e 5 de novembro de 1844, dois pequenos e antigos concelhos — de *Samuel*, que foi da casa ducal d'Aveiro, até 1759, passando então para a corôa; (foram os duques de Aveiro que lhe deram foral, em 1714) — e *Urmar*. Vide *Samuel*.

Estes tres concelhos — *Verride*, *Samuel* e *Urmar*, em 1836, pela divisão territorial que então se fez, ficaram formando um unico

---

[1] Bragal, é portuguez antigo. Dava se este nome a 7 varas de panno de linho grosso, atravessado com muitos cordões. Hoje, ainda nas provincia do norte se dá o nome de bragal, á roupa branca que possue qualquer casa ou individuo.

No texto diz-se 7 varas de bragal, porque em outras partes, o bragal constava de 8 varas.

concelho, com a séde na *Abrunheira*, que era uma das principaes povoações d'elle. Em 1844 (como fica dito) é que a séde do concelho se mudou para Verride, annexando-se-lhe tambem a *Ereira* e seus campos (que antigamente — em parte — pertenciam aos concelhos de Monte-Mór-Velho e Maiorca) e que formam uma ilha, cercada pelas aguas do Mondêgo, e da *Valla Real*, de Monte-Mór. Foi supprimido em 1853, como vimos no principio d'este artigo.

—

A villa está fundada em um alto, e fronteira á de Monte-Mór Velho (medeando o famoso *Campo de Coimbra*) e perto das margens do Mondêgo.

—

A tradição dá uma origem ao actual nome d'esta villa, fundada no facto seguinte:

Certo capitão, chegando ao alto do monte de *Ulmar*, olhou para Monte-Mór, e disse aos seus soldados—«*Vêr?—Ide.*» (Se isto foi verdade, o que eu não creio, o tal capitão, antes queria *mandar* do que *hir*. Era prudente....) Desde então, o seu antigo nome se mudou em *Verride*. Pois mudaria.

Os d'esta villa, abonam esta tradição com a inscripção de uma lapide sepulchral, que está embebida na parede da egreja matriz, para onde a trouxeram do alto do monte que olha para Monte-Mór, onde foi achada.

Eis a inscripção —

C Æ M.
EQ. QU. ABB. IUS.
IN MATTAI
DIC.
VER. IDE.
EX HOC SVBL. LOC.
JVGVL
PER. VIRG. GRAT.
VID. REDIV.
S. T. T. L.

Não entendo esta inscripção—além de estar evidentemente incompleta, pois lhe falta, pelo menos, a primeira linha — D. M. S. — e a penultima — H. S. E. — como era a fórmula de todas as inscripções sepulchraes (e esta é incontestavelmente uma d'ellas), tem quasi todas as palavras em breve; e eu não me quero deitar a adivinhar. A 5.ª linha, que de proposito puz em letras maiores do que as outras, são provavelmente duas abreviaturas que podem dizer muita cousa.

—

Os montes d'esta freguezia, são formados de carbonato de cal (pedra calcaria) de que ha abundantes pedreiras.

Devido á sua formação calcaria, é o territorio d'esta freguezia, muito fertil em todos os generos agricolas; o Mondego e o mar, que lhe fica a pouca distancia (ao O.) fornecem a povoação de bastante e optimo peixe.

O Mondego, passa entre Verride e a Ereira, e banha parte d'este territorio, que tambem é regado pelo rio Soure; que desagúa a 2 kilometros de distancia da villa, e logo abaixo da *Ladroeira* (ou *Casal do Rio*) entre a *Costa d'Arnes* e o monte do *Merujal*, proximo á *Valla Real d'Alfarêllos*, que desagúa no Mondego, junto do rio Soure. O rio *Louriçal*, tambem rêga parte d'esta freguezia.

Apezar de toda esta abundancia d'aguas —que são mais prejudiciaes do que proveitosas, por diminuirem muito no verão, e trasbordarem no inverno — é a terra falta de agua, quando ella é mais necessaria, e a potavel é de má qualidade.

A egreja matriz é muito antiga, mas a sua reconstrucção data do seculo XVI, e foi feita pelos seus padroeiros, os cruzios de Coimbra.

É um bom templo, restaurado em 1868, sendo então levantadas as paredes do corpo da egreja, e o seu tecto estucado. Actualmente (outubro de 1882) ainda alli andam obras, que constam do alteamento das paredes da capella-mór, estucamento do tecto e *escaiolamento* das paredes. Concluido isto, fica uma egreja muito linda e aceiadissima.

Capellas e ermidas d'esta freguezia

1.ª—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*.—Tem entrada pelo corpo da egreja matriz, e está hoje a cargo da junta de parochia.

Foi mandada construir pelo doutor Manoel Pinto da Silva e por sua mulher, D. Paula Martins Pereira, em 1680, para cabeça de um vinculo que então instituiram n'esta fre-

guezia. É de abobada, e está em perfeito estado de conservação.

2.ª—*Capella do Santissimo Sacramento*—tambem com entrada pelo corpo da egreja matriz. Segundo a data que está gravada no lado direito do seu arco, foi construida em 1543. Está magnificamente dourada e decorada.

3.ª—*Capella das Bemdictas Almas*—como as antecedentes, está tambem na egreja matriz, fronteira á de Nossa Senhora dos Remedios. Está a cargo da confraria das Almas. Tem n'um dos cunhaes exteriores, a data de 1677: foi provavelmente então fundada, ou reconstruida. É de abobada, e está muito bem conservada.

4.ª—*Ermida de S. Sebastião.*—Está ao E. do logar, e não se sabe quando ou por quem foi construida, ou mandada fundar. É vasta, e está optimamente conservada, praticando-se n'ella os actos religiosos. Parece fundação do seculo passado.

5.ª—*Ermida de S. Pedro.*—Está ao S. da povoação. Sobre a porta principal, se lê—1624—provavelmente, é a data da sua construcção, ou reedificação.

Está muito bem conservada e aberta ao culto divino.

Tanto esta, como a antecedente, estão a cargo da junta de parochia.

No archivo da mesma junta existe um documento, do qual consta que esta ermida foi fundada pelo reverendo doutor João Rodrigues Pinto, d'Abrunheira.

Houve n'ella uma irmandade, denominada *dos Clerigos*, instituida pelo fundador da ermida, que foi um dos seus primeiros confrades. Falleceu em 1695.

O seu primeiro orago, foi São Payo; porém, ha muitos annos—não se sabe porque motivo—é que se mudou para São Pedro.

6.ª—*Ermida do Senhor Jesus do Adro.*—Está no centro da povoação, e parece obra do seculo passado. Apezar de se conservar em bom estado, um dos reverendos parochos antecessores do actual, deixou-a profanar, e foi cedida, para *casa de ensaios*, a uma philarmonica que ha n'esta freguezia.

7.ª—*Ermida de Nossa Senhora do Rosario.*—Está no centro da povoação. Não se sabe quando nem por quem foi fundada, mas, segundo se deprehende de um antigo documento, do anno de 1567, já então existia, e pertencia a um hospital, denominado do *Nome de Jesus*. Actualmente é da confraria das Almas, que n'ella celebra as suas sessões.

É vasta e tem campanario e boa sachristia.

Está em optimo estado de conservação, e serve actualmente de matriz, emquanto duram as obras da egreja parochial.

Lê-se no *Santuario Marianno* (tomo 4.º, pag. 707) que a padroeira se festejava com grande pompa, nas 1.as domingas de maio, e de outubro. N'esse tempo (1712) em todos os sabbados da quaresma, havia aqui sermões, de tarde, muito concorridos.

8.ª—*Ermida de Santo Antonio* (particular)—na *quinta do Cardal*, hoje propriedade do Sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, residente em Lisboa. Tem serventia para a rua publica, e celebram-se n'ella os actos religiosos. Está reclamando urgentes reparos.

Foi fundada pela familia Macedo, que existiu n'esta freguezia, cujos bens pertencem hoje ao referido Barbosa.

E' antiga, mas ignora-se a data da sua fundação.

9.ª—*Ermida de Nossa Senhora da Assumpção*—na quinta *d'Almiara*, do mesmo sr. Barbosa. Apezar do seu bom estado de conservação, está profanada, servindo de armazem de madeiras, deposito de fructas e outros generos, e foi por algum tempo casa de officina de carpinteiro.

Foi fundada pelos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra—aos quaes pertenceu esta quinta.

10.ª—*Ermida de Santo Antonio*—no logar da *Ereira*. (Hereira?) Foi mandada construir pelos moradores d'esta aldeia, em 1866, concluindo-se toda a obra em 1872. E' exclusivamente dos seus fundadores.

—

Foi natural d'esta freguezia, Fernando Luiz de Souza Barradas, o qual, fallecendo, pelos annos de 1840, deixou todos os seus haveres a seu sobrinho materno, Jeronymo

Pereira Vasconcellos, marechal de campo, reformado, feito 1.º barão da Ponte da Barca, em 14 de outubro de 1845, e visconde do mesmo titulo, em 12 de outubro de 1847. Era filho do desembargador, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, da cidade de Ouro Preto (Brasil), e de D. Maria do Carmo de Souza Barradas, tambem brasileira, e natural da cidade de Marianna.

O dito 1.º visconde, veio para Verride, pouco depois da morte de seu tio e doador. Em dezembro de 1872, foi residir para a Figueira da Foz, onde falleceu a 21 de janeiro de 1875 (e não em Verride, como eu disse no 7.º vol., pag. 165, col. 1.ª, guiado pelo que disseram varios jornaes d'esse anno).

E' 2.º visconde da Ponte da Barca, feito em 11 de março de 1875, o Sr. Fernando Pereira de Vasconcellos, filho do 1.º visconde.

—

Pedi ao Rv.mo Sr. José Simões Cantante, illustrado e benemerito prior de Verride, varias informações sobre diversos objectos relativos á sua freguezia, ao que este esclarecido cavalheiro promptamente satisfez, pelo que lhe dou os mais sinceros agradecimentos; com muito mais razão, porque, NEM A DECIMA PARTE dos reverendos parochos a quem me dirijo para o mesmo fim, se dignam responder-me.

Ainda outra vez, agradecidissimo, sr. Prior de Verride.

VÊRSAS — portuguez antigo — hortaliças em geral, e em especial, *couves*. Nas provincias do norte, dá-se o nome de *bêrças*, unicamente ás *couves gallegas*.

VERTÚDE—portuguez antigo—valor, fortaleza, valentia, etc.

VESSADÁ—vide *Vessadélla*.

VESSADÉLLA—portuguez antigo — acto de lavrar e semear qualquer campo — porque a qualquer campo, prado ou lameiro, se dava o nome de *Vessada*, se a sua extensão era tal que occupasse duas ou tres juntas de bois, para o lavrarem em um dia.

Hoje, dá-se o nome de *vessada* (no Minho, *bessada*) a qualquer porção de terra cultivada, sem differença de tamanho.

Vessadélla, é tambem a designação d'uma vessada muito pequena; porque *ella*, é um antigo diminutivo da lingua portugueza, v. gr. — gandara, *gandarella* — porta, *portella* — parada, *paradella* — cóva, *covella*, etc.

VESTÁL — Virgem consagrada á deusa Vésta. Segundo a mythologia, Vésta era filha de *Saturno* e de *Ops*, ou *Cybele*. Tinha dois templos em Roma; um, fundado pelo seu primeiro rei, Rómulo, e outro por Numa Pompilio, sabino, e segundo rei de Roma. Foi este rei que consagrou a Vésta sete virgens para cada templo, ás quaes deu o nome de *Vestaes*. Guardavam a mais rigorosa castidade, e eram obrigadas á conservação do fogo sagrado, perpetuamente accêso, o qual se renovava todos os annos, nas *kalendas* de março, por meio dos raios do sol. Se uma vestal faltava a qualquer d'estas duas obrigações, era enterrada viva.

Eram sustentadas á custa do estado, e tinham muitos e grandes privilegios; sendo os principaes — quando sahiam do templo, eram precedidas por um *lictor*, como se pertencessem á familia real — podiam testar, mesmo em vida de seus paes — se um criminoso, por maior que fosse o seu crime, podesse tocar o vestido de uma vestal, estava perdoado — etc.

Os romanos, fundaram templos e mosteiros, dedicados a Vésta, em varios paizes do seu vasto imperio. Em Portugal, está provado que houve um templo e mosteiro de virgens vestaes, em *Chéllas*, o qual, depois, se transformou em mosteiro de freiras cruzias (*conegas regrantes de Santo Agostinho*). Vide *Chellas*.

A ultima freira do mosteiro de Chéllas, falleceu a 13 de junho de 1878; e hoje o mosteiro, está convertido em *seminario ou collegio das missões ultramarinas;* mas as obras para o seu novo destino ainda não estão concluidas.

Estou convencido que um edificio romano que se admira em Cetobriga (*Troia*) e que fica quasi na extremidade sul, proximo ao esteiro, foi um mosteiro de vestaes. E' o monumento mais importante, e menos des-

truido, de todos quantos alli vi — que não são muitos, por emquanto. [1]

Desde tempos remotissimos existem communidades de homens e de mulheres, dedicados a uma divindade qualquer.

Na China e no Japão, ha os *bonzos* — os *tharapeutas*, os *essenios* e outros, eram tambem congregações religiosas.

Nas Gallias, havia *druidissas*, ou *druzas* — na Grecia, as *vestaes* (virgens consagradas á deusa *Vesta*, que symbolisava o fogo, religião instituida na Persia, por Zoroasto) e outras muitas, incluindo as sacerdotizas de Paphos, na ilha de Chypre, consagradas a Venus, e celebres pela sua ascoroza devassidão.

O sabino Numa Pompilio, 2.º rei de Roma, fundou, no anno 39 da fundação d'esta cidade (715 antes de J.-C.), um convento de vestaes romanas. Eram estas sacerdotizas, obrigadas á mais rigorosa castidade e a conservarem no seu templo, o *fogo sagrado* sempre accêzo, o qual se renovava todos os annos, nas kalendas de março, por meio dos raios do sol. Se as vestaes faltavam a qualquer d'estas obrigações, eram enterradas vivas. [2]

—

Em Portugal, houve—

Em Cintra, um mosteiro de virgens, consagradas á deusa *Cêa* [3] e sujeitas ás do convento d'Evora, dedicado á deusa *Falas*.

Em *Chellas*, houve, com certeza, um convento de vestaes, como vimos nas palavras *Chellas* e *Val de Chellas*. Eram tambem sujeitas ao mosteiro de vestaes, d'Evora.

Muitos escriptores antigos, dizem que o mosteiro dedicado a Vésta, em Chellas, foi fundado por Ulysses, quando reedificou Lisboa, e que uma sua irmã, fôra a primeira superiora d'este mosteiro. Hoje, como todos sabem, a vinda do rei d'Ithaca a Lisboa, é tida por fabulosa; mas, o que não é fabula, é a existencia do convento de vestaes em Chellas, porque ha d'isso provas evidentes.

No *Perú* (America) tambem havia conventos de sacerdotes e sacerdotizas do Fôgo.

No principio do seculo XVI, acharam os portuguezes, no Brasil, um mosteiro de virgens, consagradas ao *Sol*. Este astro, foi (e é ainda em algumas partes) considerado um deus, e o symbolisavam pelo fôgo.

VESTEARÍA ou **VESTIARIA** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça, 105 kilometros ao N.E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1768 tinha 91 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Ajuda.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

O Dom Abbade do mosteiro cisterciense, d'Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha de rendimento annual—60 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, e 6$000 rs. em dinheiro.

E' terra fertil.

Não pude saber a etymologia d'esta palavra (*Vestiaria*) nem d'esta parochia pude obter outras informações. Mandei uma circular ao parocho, mas não me respondeu.

VESUVIO — grande quinta do Alto-Douro — antigamente, chamada *Quinta das Figueiras*, Beira Baixa, nos limites da freguezia de Freixo de Numão, concelho de S. João da Pesqueira.

Esta quinta, e a *do Paúl* na Gollegan (Extremadura) são as maiores, mais ricas e mais bem conservadas e cultivadas, de todo o reino.

A quinta do Vesuvio, era um terreno que, na sua maxima parte, pertencia aos condes da Lapa, e se chamava *quinta das Figueiras* (e é o nome que os povos d'aqui ainda dão á quinta.)

---

[1] Os templos e cellas das vestaes, era tudo de fórma circular, e é o que se nota no edificio de Cetobriga. Isto induz a acreditar que, com effeito, era dedicado á deusa Vésta.

[2] *Rhea Sylvia*, filha de Nomitor, rei d'Alba, era vestal, mas, apezar d'isso, teve Romulo e Remulo. Seu tio Amulio, successor de Numitor, não a mandou enterrar viva, mas afogar no rio Tibre.

[3] Cêa, era o nome da ultima amante do poeta Anacreonte, natural de *Téos*, cidade da Ionia, e que morreu engasgado, com um bago d'uvas de Corynthe, aos 85 annos de edade (no anno 280 da fundação de Roma), estando a cantar com Cêa e outros amigos. Eu supponho que os gregos divinisaram a amante de Anacreonte.

E' hoje propriedade da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, prima e viuva de Antonio Bernardo Ferreira — o legendario *Ferreirinha da Régua*. E' mãe da sr.ª condessa da Azambuja, e do sr. Antonio Bernardo Ferreira, residente no seu palacio da Trindade, do Porto. Depois de viuva do seu primeiro marido, o *Ferreirinha*, casou com F. J. da Silva Torres, do qual tambem já é viuva.

O *Ferreirinha* comprou a quinta das Figueiras aos condes da Lapa, e varias propriedades contiguas, a diversos possuidores, para fundar a actual quinta.

Principiaram as magnificas obras que hoje se admiram, em 1820. E o seu fundador lhe pôz o nome fantasioso de quinta do Vesuvio. (Tambem, d'ahi a uns 16 ou 17 annos, comprou um bonito barco a vapôr, a que deu o nome de *Quinta do Vesuvio*. Foi, provavelmente, alguma recordação agradavel das suas viagens pela Italia.)

Até então, a quinta era destinada á cultura de cereaes — principalmente centeio — tinha varias oliveiras, e grande numero de figueiras, que deram á propriedade o seu antigo nome. Hoje já alli não ha figueiras.

O Ferreirinha, um dos maiores capitalistas de Portugal, no seu tempo,[1] resolveu transformar a velha propriedade, na mais sumptuosa quinta d'este reino, e o levou a effeito; pois só passados quarenta e seis annos (1866) é que o fallecido doutor José Maria Eugenio de Almeida, comprou, por 400 e tantos contos de reis, ao marquez de Niza, a quinta do Paúl. (3.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

Negociante de vinhos, em larga escala, e muito conhecedor da viticultura, quiz que a sua quinta produzisse vinho de 1.ª qualidade, e em grande quantidade, visto que a constituição geologica do terreno (schistoso) a isso se prestava, em grande parte, maravilhosamente.

Principiaram as obras com grande actividade, e com alguns centenares de operarios, mas, apezar d'isto, só terminaram em 1833 — e, ainda, em 1850, a sua viuva adquiriu novos terrenos contiguos, que reuniu, e a que deu o nome de *Quinta Nova*. Fica junto ao grande olival da parte mais alta da quinta, ao S. O.

Pelos annos de 1872, ou 1873, ainda a sr.ª D. Antonia Adelaide, lhe juntou a propriedade do Monte do Espinho, que desce até á margem esquerda do Douro, e á qual deu o nome de *quinta da Alegria*, plantando n'ella alguns centenares de videiras, de castas escolhidas.

A superficie cultivada da quinta, é superior a 300 hectares. Da base do Monte de Espinho, á ribeira da Téja, ao longo do rio Douro, mede trez kilometros — e d'este rio á cumeada do olival de que já fallei, tem 2:500 metros, na sua maior largura. Toda a quinta, tem 12 kilometros de circumferencia.

Diz o sr. visconde de Villa-Maior, no seu esplendido livro «O Douro Illustrado» pag. 95 — fallando d'esta vasta propriedade — «A constituição geologica, não é identica em tão accidentado terreno. Os granitos, d'este lado do rio, cercam a quinta do Vesuvio, penetrando ainda n'ella, em varios pontos. Ao O., nos limites da propriedade, e á esquerda da Téja, é granitico o *monte da Cabreira*, que do Douro sóbe para o elevado sêrro em que estão as ruinas do antigo castello de Numão.

«E' tambem granitico, o *Monte da Picanceira*, já dentro do prédio; e estas rachas, vão sem descontinuar, pelo lado do S., constituindo os andares superiores dos montes que sóbem a direita da Téja, para Freixo de Numão.

«A base da quinta, que o Douro banha, a não ser na extrema do O., é formada pelos schistos do *periodo siluriano*, cujas camadas seguem a direcção E. S. E., para O. N. O., com inclinação de 45°, aproximadamente, para o S. O.

«As encostas do *Monte do Raio*, dos *Trez-*

---

[1] A sua *fortuna*, calculava-se em DÉS MILHÕES DE CRUSADOS, que, a 6 % de juro ao anno, lhe davam um rendimento annual, de 240 contos — mensal de 20 contos; e diario de 666$666 réis e 2/3! Morreu em Paris, com uma indigestão de óstras, em 1844, sem que os seus milhões lhe podessem salvar a vida.

Castellos, do *Pombal*, e de *Espinho*, pertencem a esta formação.

«Do lado do S., entre os montes do Olival e da Picanceira, encontram-se os *mica-shistos*.

«Na margem do Douro, as terras mais baixas, sujeitas ás inundações, são de aluvião recente.

«É, portanto, o solo aravel d'esta propriedade, formado, na maxima parte da sua superficie, pela desagregação dos schistos argillosos silurianos, tendo alem d'isso, uma porção de terreno selicioso, proveniente da decomposição dos granitos.

«As analyses d'estes terrenos, cujos resultados, adiante se encontrarão, pódem dar ideia da sua composição.

«E' especialmente destinado este prédio, á producção do vinho generoso, do azeite, e da amendoa. São estes os productos que d'alli se exportam, sendo os outros geralmente consumidos na quinta.

«A producção media, é avaliada em 300 pipas de vinho fino, de 30 a 40 de azeite, e em 200 arrobas de amendoa.[1]

«O que avulta n'esta quinta é incontestavelmente a vinha, que cobre a maior parte dos valles e quebradas.

«A plantação primittiva, foi de 600:000 bacêllos, e ainda hoje não será por certo menor o numero das cêpas existentes, e occupando cêrca de 140 hectares.

«Para tão grande quantidade de vinha, é muito limitada a producção; mas consta que ella já em outros tempos chegou a produzir 600 pipas de vinho.[2]

«A edade actual das cêpas (1876) que orça por meio seculo, e o esgotamento do sólo, ao qual nada se restitue, no systema agricola do paiz do Douro, explicam bem a diminuição do producto.» (E ainda mais o fez diminuir o *phyloxera vastatrix*.)

«Um dos montes mais altos, está coberto de olivêdo, extremamente cerrado, e álem d'isto, muitas oliveiras se acham dissiminadas pela vinha.

«As amendoeiras, espalhadas em tão extensa área, não avultam á nossa vista; veem-se apenas seguidas, bordando os caminhos interiores, e só n'uma das encostas, para o lado da Téja, e nas escarpas inferiores, proximas ao rio, é que a sua plantação é mais compacta.

«Quando ha poucos annos a sericultura começou a receber n'este paiz um certo impulso, com a exportação do casúlo, fizeram-se alli bastantes plantações de amoreiras, e, modernamente, se creou tambem um pomar de laranjeiras.

«As terras destinadas á producção dos cereaes, são poucas. Ao longo do rio (Douro) e na parte onde chegam as inundações, estão alguns hectares de pastos, de terras de nateiro, em que se cultiva o milho e o feijão; e outras, onde existem denços cannaviaes, hoje tão necessarios á região vinicula, para suprir a falta de madeira, para supportes da vinha.

«As arvores fructiferas e silvestres, não são numerosas, acham-se muito dissiminadas.

«Para bem admnistrar um predio d'aquella extensão, era indispensavel dividil-o em *cantões*, nos quaes os trabalhos se podessem fazer simultaneamente, sem confusão, evitando, principalmente, a grande accumulação dos trabalhadores, n'um ponto. Foi isto o que se fez, dividindo a quinta em tres *cantões*, cada um com a sua esquadra, ou rancho de trabalhadores, que alli teem alojamentos separados, a que chamam *cardênhas*.

«Na plantação primittiva da vinha, na sua constante renovação, nas operações da sua cultura annual, e nas do fabrico do vinho, seguiram-se e seguem-se ainda aqui, os methodos do Alto-Douro, que descrevemos resumidamente, nas generalidades sobre este paiz.»

. . . . . .

«As officinas na quinta do Vesuvio correspondem á grandeza de tão notavel predio; e pódem apresentar-se como modelo das que

---

[1] Isto era em 1876, quando o sr. visconde escreveu o seu livro; hoje o maldito philoxera, tem destruido grande parte das vinhas de ambas as margens do Douro.

[2] Aliás, 900 a 1:000. Vide 6.º vol., pag. 182, col. 1.ª

se usam no paiz do Douro — as que são particularmente destinadas a recolher o vinho.

«Os lagares e adégas do vinho, constituem um só, mas grande, edificio isolado, cuja disposição interior já fizemos conhecer.

«O engenho, fabrica, ou lagar de azeite, com as suas dependencias, e uma adéga subterranea em que está a frasqueira, para guarda das amostras dos vinhos, formam um grupo de edificios separados, e distantes do primeiro. Tanto uns, como os outros, estão situados no prolongamento do caminho que corre parallelo ao rio (Douro) e assentes sobre o declive da encosta. Esta circumstancia permitte que as differentes partes das officinas, estejam dispostas da maneira mais accommodada ás operações a que se destinam. Assim, os lagares em que se faz o vinho, ficando superiores a adéga em que elle se recolhe, permittem que o liquido corra naturalmente para os toneis, sem mais trabalho do que o necessario para dirigir e regular o seu curso, pelos cannaes a esse fim dispostos. Da mesma fórma, a azeitona, entrando pela parte superior da casa do engenho soffre successivamente as operações de moenda e pressão da massa, de módo que o azeite sáe pela parte inferior, para o armazem que fica immediato, evitando-se d'este módo o transporte de massas consideraveis.

«O moinho do azeite, é posto em movimento por meio de uma grande róda hydraulica, que trabalha á custa da agua que um canal traz da Téja. Este cannal, é uma das obras de mais vulto e maior utilidade que se podem observar na quinta do Vesuvio.

«Tem elle uma extensão superior a um kilometro, praticado quasi todo em rocha viva, de durissimo granito, ao longo da aspera encósta e através dos rochedos, que desde aquella officina vão até á torrente da Téja, e na altura necessaria para colher as aguas, com a queda sufficiente para pôr em movimento a roda hydraulica.

«Póde visitar-se todo este cannal, seguindo um passeio que o acompanha de uma a outra extremidade, com a largura bastante para permittir aos visitantes uma agradavel e curiosa excursão, em que se pódem admirar, na estação propria, as caprichosas quédas, os arrojados saltos e repuchos espumosos que a Téja faz, entre os penhascos do seu atormentado leito, antes de entrar no Douro, que alli a recebe, bramindo furioso, ao entrar no estreito corredor das alcantiladas rochas que precedem o *ponto de Arnozello*.

«Em frente do Vesuvio, está a *quinta da Coelheira*, que pertence ao sr. Lereno, do concelho de Carrazeda de Anciães, perfeitamente situada n'um outeiro, de mediana elevação, que domina o rio, abrigada do norte pelas encostas que sobem para Villarinho da Castanheira e terras altas de Anceães; disfructando todas as condições naturaes, propicias á vinha. Produz de 30 a 40 pipas de vinho fino, que tem excellente reputação.

—

Por esta quinta, vae passar o caminho de ferro do Douro, que da cidade do Porto se dirige á estação *terminus*, em Portugal, no logar da Barca d'Alva. Está orçado o custo kilometrico d'esta secção, em 44:480$000 réis.

Supponho que se quer aqui construir uma estação, que se denominará *do Vesuvio*.[1]

—

Peço desculpa aos meus leitores, de me estender tanto na descripção da quinta do Vesuvio, mas esta bella e magnifica propriedade, tudo merece.

VETONES — povos da antiga Lusitania, a cujo paiz servia de divisão o rio Douro; sendo na margem opposta, o paiz dos *astures*, e cuja capital era *Vetonia*, que ficava per-

---

[1] A não ser o costume que teem os engenheiros do caminho de ferro do Douro, de darem ás estações, nome de povos que ficam em frente, na margem opposta, como fizeram em *Arégos*, *Mollêdo*, *e Porto de Rei* — não sei como o caminho de ferro hade passar por esta quinta, a não ser por uma ponte que se construa no Douro, passando o caminho de ferro para a margem esquerda, e, por conseguinte, para a Beira Baixa; o que não seria muito difficil, porque o rio aqui fórma uma estreita garganta.

to da actual villa de Freixo de Espada á Cinta. O paiz dos vetones, pertence hoje á Galliza.

VÊZ — pequeno rio, Minho. — Nasce no Val de Pôldras, freguezia de S. João de Sistêllo — passa pela villa dos Arcos de Val de Vez, e desagúa no Lima, proximo a S. Pedro do Souto, 5 kilometros abaixo da villa dos Arcos, depois de ter recebido, por ambas as margens, alguns regatos e ribeiros.

O seu antigo nome era *Vice.*

Em fevereiro de 1879, houve por estes sitios um grande temporal. O rio Vez, adquiriu uma corrente temerosa, e trasbordando muito fóra do seu leito, causou grandes prejuizos nas suas margens. Destruiu algumas pontes, e arrastou na sua corrente, arvores, traves, barcos, e tudo quanto encontrava no seu caminho. A estrada de *Lamélla*, pôsto ser defendida por um muro de suporte, de grande altura, foi inundada. A *Estrada Alta*, *Fonte do Piôlho* e campos proximos, ficou tudo coberto d'agua. A *rua de Lira*, na villa dos Arcos, ficou transformada em um rio, que chegou até ao *Caffé Arcoense!*

Ao tempo em que o *rio Vez* estava no maior grau do seu furor, destruindo tudo a quanto pôde chegar, foi que (a 13 de fevereiro de 1879) foi feito seu visconde — do *rio Vez* — o sr. Boaventura Gonçalves Roque. Foi uma compensação!....

VIADE — está em *Veade.*

VIA GLORIA — freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola (foi da comarca e concelho de Mértola) 120 kilometros ao O. de Beja, 215 ao S. de Lisbôa, 110 fogos.

Em 1768, tinha 91.

Orago, São Bartholomeu, apostolo. Bispado e districto administrativo de Béja.

O rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o capellão, curado, que tinha de rendimento annual, 120 alqueires de trigo, 90 de cevada, 10$000 reis em dinheiro.

Fertil em todos os generos agricolas, gado, caça, e peixe do Guadiana, que lhe fica proximo, e do mar, que lhe vem, fresco, pelo mesmo rio.

VIA LONGA — freguezia, Extremadura. Concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado 3 kilometros ao N. O. d'Alverca, e 16 kilometros ao N. de Lisbôa. 410 fogos.

Em 1768, tinha 305.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

O povo apresentava o cura, que tinha 150$000 reis de rendimento annual.

A povoação de Via-Longa, está situada em uma elevação, a distancia de 5 kilometros de S. Julião do Tojal.

Consta que o seu 1.º nome, foi *Villa Longa.*

E' povoação muito antiga. Em 1390, ainda não era parochia, e os seus habitantes construiram uma ermida, e pediram licença, ao arcebispo de Lisbôa, D. João Annes (4.º vol., pag. 271 col. 2.ª) para terem n'ella um capellão que lhes dissesse missa e administrasse os sacramentos; porque a sua egreja matriz, era — e ainda foi por muito tempo — a de Santo André, de Lisbôa, que lhe ficava a 18 kilometros de distancia, e para hirem a ella, tinham de atravessar varias freguezias!

D. João Annes, foi feito bispo de Lisbôa em 1383, e primeiro arcebispo, em 1394. Já se vê, que, quando deu a tal licença aos moradores de Via Longa, era apenas bispo.

O prelado, concedeu-lhes o que pediam, mas *sem prejuizo dos direitos parochiaes do prior de Santo André.*

Em 1440, tornou este povo a representar ao seu prelado, os grandes vexames que soffria, por ter a egreja matriz a tão grande distancia. Governava então o cabido, em *séde vacante*, por estar desterrado o arcebispo, D. Pedro de Noronha, por ter seguido o partido da rainha D. Leonor, viuva do rei D. Duarte, contra o infante D. Pedro, duque de Coimbra, na questão da regencia do reino, durante a menoridade de D. Affonso V. (Vide no 4.º vol., pag. 272, col. 1.ª, no fim, e 2.ª)

O cabido, concedeu-lhes um cura, na ermida, mas sob condição de só receber metade dos rendimentos parochiaes, entregando a outra metade ao prior de Santo André, que ficou com o direito da apresen-

tação do parocho; mas este oppoz-se a esta decisão, e houve uma longa demanda. Por fim, venceu o povo, que ficou com o direito de apresentar o seu parocho, sendo este apenas obrigado a dar ao de Santo André, 8$000 reis annuaes.

Tornada freguezia independente, o povo ampliou a sua antiga ermida, que é a actual egreja matriz.

E' n'esta freguezia, o mosteiro de Nossa Senhora do Amparo, que já fica descripto na 2.ª *Verdêlha*.

Mosteiro de N. Senhora dos Poderes

Dona Brites de Castello-Branco, era filha herdeira de Heitor Mendes Valente, senhor e alcaide-mór da villa de Terêna, e de D. Mecia Paes de Castello-Branco,

Foi dama da infanta D. Isabel, mulher do infante D. Duarte, filho do rei Dom Manoel.

Casou com Dom Antonio da Silveira Henriques, primo do conde de Portalegre, e que, pelo seu casamento, veio a ser senhor e alcaide-mór de Terêna.

Dona Brites, herdou de seus paes uma propriedade, chamada *quinta de Via Longa*, na qual elles tinham mandado fazer um oratorio, onde D. Brites orava frequentemente.

Decidiram D. Brites e seu marido, fundarem na tal quinta um recolhimento de terceiras franciscanas. Pediu ella, a sua exoneração de dama da infanta, para se dedicar exclusivamente a este estabelecimento; o que lhe foi concedido.

Impetrou licença do papa Pio IV, para esta obra, dedicada a *N. Senhora da Encarnação*; porém o pontifice, dando-lhe a pedida licença por um breve de 1561, mandou que o recolhimento fosse dedicado a *N. Senhora dos Poderes*.

Obtida tambem a licença da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e regente do reino, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, principiaram as obras, logo em 1561.

A rainha, e a dita infanta D. Isabel, mandaram fazer, á sua custa, a capella-mór da egreja do recolhimento.

D. Antonio da Silveira falleceu n'este anno de 1561, durante a construcção do recolhimento, deixando-lhe todos os seus bens. O conde de Portalegre, impugnou o testamento de seu primo, havendo uma questão judicial, que foi decidida a favor do recolhimento.

Terminaram as obras, e foi inaugurado o recolhimento, dizendo-se a primeira missa na sua egreja, a 15 de agosto de 1563.

Consta que a imagem da padroeira foi dada pela duqueza de Parma, a infanta portugueza D. Maria, filha do infante D. Duarte, a sua irman, a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, e que esta a deu à fundadora.

Conservou-se como recolhimento, até 1576, em cujo anno, por auctoridade do papa Gregorio XIII, passou a convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) em cuja ordem professaram as recolhidas, bem como a fundadora, sua mãe, cinco sobrinhas e uma cunhada, que todas estavam no recolhimento.

A fundadora, doou ao mosteiro todos os seus bens, por sua morte, que teve logar alguns annos depois, tendo ella sido sempre a sua 1.ª abbadessa.

Apezar de algumas reedificações parciaes, estava o mosteiro ameaçando ruina imminente, pelo que, por uma portaria de 24 de outubro de 1838, foram as freiras transferidas para o mosteiro de Nossa Senhora da Annunciada, do logar de Sub-Serra, de freiras *claristas*, (da mesma ordem) da villa da Castanheira, do Riba-Tejo. (Vol. 2.º, pag. 160 col. 1.ª e 9.º vol., pag. 461, col. 2.ª)

O edificio do antigo mosteiro, ficando em completo abandono, hia cahindo aos pedaços. Em 1844, as freiras de Sub-Serra, foram-lhe vendendo as madeiras, telha, pedra etc., ficando de pé apenas a egreja; mas, em 1854, tendo a camara municipal reformado as calçadas de Via-Longa, e tendo obtido licença para se utilisar da pedra que restava d'este mosteiro, quando se derrubou uma parede que pelo E. fazia encontro com a parede da egreja, cahiu a abobada d'esta, ficando tudo um montão de ruinas.

As religiosas, já então tinham aforado ao padre José da Expectação a casa da residencia dos seus capellães — outra casa, com um bocado da cêrca, a José Ribeiro Podre

— e o resto da cêrca, a João Martins de Freitas, que fôra creado (hortelão) das mesmas freiras.

Em 1873, ou 1874, o governo pôz em praça, a venda do terreno em que tinha sido edificado o templo e o mosteiro, e o resto da pedra que ainda existia. Foi tudo arrematado por João Antunes Pombo, que n'aquelle chão construiu uma abegoaria e loja de ferrador.

Hoje, debalde o viajante procurará em Via-Longa, vestigio do historico mosteiro de N. Senhora dos Poderes!

—

Agradeço ao rev.mo sr. Antonio Nunes de Moraes, dignissimo prior de Via-Longa, os esclarecimentos que — a meu pedido — teve a bondade de me mandar, com respeito ao fim que levou este mosteiro: não fez como a maior parte dos seus collegas, a quem tenho pedido informações, e que teem tido a *delicadeza* de me não darem resposta.

Honra pois ao actual senhor Prior de Via-Longa.

—

Pretendem alguns escriptores, que no logar da Verdêlha, d'esta freguezia, nasceu o famoso arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres. (Vide a 2.ª *Verdêlha.*)

—

E' n'esta freguezia, o tristemente célebre logar da *Alfarrobeira*, onde, a 20 de março de 1449, foi morto o infante D. Pedro, filho de D. João I, e tio e sogro de D. Affonso V. (1.º vol., pag. 115 col. 2.ª) Vide tambem o 1.º *Pombalinho.*

—

Ha em Via-Longa, duas quintas de muita valia — são —

Quinta da Alfarrobeira, na aldeia d'este nome. Pertence á nobilissima casa dos duques de Cadaval. Tem grande numero de frondosas arvores, e um grande e formoso palacio, com magnifica ermida. A' entrada d'este palacio, se admira um bellissimo vaso de pórfido.

Junto a esta quinta, passa a ribeira da Alfarrobeira, junto da qual, é o sitio do *Arraial*, onde se deu a desastrosa batalha que relatei no logar citado do 1.º volume.

Quinta dos duques de Loulé, chamada de Via-Longa. Tem tambem um optimo palacio, uma rica ermida, dedicada a Nossa Senhora da Graça, e bellas ruas do bosque.

Este palacio foi construido com grande magnificencia, no gosto moderno, pelo cardeal patriarcha de Lisbôa, D. José Francisco Miguel Antonio de Mendonça (4.º vol., pag. 278, col. 2.ª) pelos annos de 1800.

VIAMONTE — Vide *Ayamonte.*

VIANNA DO ALEMTEJO — Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca, districto administrativo, arcebispado, e 30 kilometros ao S. O. d'Évora, 12 ao N. d'Alvito, 42 ao N. de Beja, 43 ao S. de Monte-Mor-Novo, 105 ao S. E. de Lisbôa (pelo caminho de ferro, 110) 550 fogos.

Em 1768, tinha 469.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação.

O provedor das capellas de D. Affonso IV, apresentava o reitor, que tinha 250$000 reis de rendimento annual.

O seu concelho é composto de 3 freguezias — Alcáçovas, e Vianna, no arcebispado d'Evora, e Aguiar, no bispado de Béja — todos, com 950 fogos.

E' aqui a 12.ª estação do caminho de ferro do sueste, contando da estação do Barreiro.

Segundo a nova divisão judicial, é um dos quatro julgados da comarca d'Evora (Sé) Arrayolos, e São Manços.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 17.º

Teve por armas — em campo azul, um leão rompente, de oiro, collocado no centro do escudo, entre dous escudetes de prata, esquartèlados por uma cruz de púrpura, um de cada lado — tendo sobre o leão, um *signo de Salomão*, e por baixo d'elle (leão) outro signo, ambos de púrpura.

O padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, diz que Dom Gil Martins a povoou e lhe deu foral, pelos annos de 1180, e que o rei D. Diniz lhe concedeu a cathegoria de villa, e lhe deu foral, em 1313, com os privilegios do de Santarem; mas Franklin, não falla em semelhantes foraes, e só traz o que lhe deu o rei D. Manoel, em Lisbôa, a 25 de dezembro de 1517. *(L.º de foraes novos do Alemtejo*, folhas 101 v.º col. 1.ª) Este

foral, dá-lhe o nome de Vianna d'Alvito; mas, em outros documentos se chama *Vianna de a par de Alvito.*

—

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nas suas *Cidades e villas da monarchia portugueza*, (3.º vol., pag. 126), conta de outro modo, a repovoação d'esta villa.

Diz este illustre escriptor—

«A memoria mais antiga, que se encontra d'esta terra, é que — achando-se em ruinas e abandonada, a mandou reconstruir e povoar, Dom Gil Martins, que lhe deu o seu primeiro foral. Este D. Gil Martins, *viveu nos principios do seculo* XIII, *reinando D. Affonso II*, e foi avô de D. Martim Gil, conde de Barcellos, e alferes-mór d'el-rei D. Diniz.

«Pelos annos de 1313, el-rei D. Diniz a fez villa, concedendo-lhe novo foral, com muitos privilegios, um dos quaes determinava, que não poderiam residir n'ella fidalgos, sem licença da camara.

N'esta época era senhor de Vianna, o conde D. Martim Gil, acima mencionado. Por sua morte, fez D. Diniz doação d'este senhorio, a seu filho e herdeiro, o infante D. Affonso, com a condição de o não poder doar, senão á infanta sua mulher, ou a algum filho seu. Por isto se vê que a villa de Vianna, era tida por este sobêrano em muita consideração, ou pelas suas rendas, ou pela importancia do seu castello.»

Senhores de Vianna

O meu velho e esclarecido amigo, o sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, no Porto, diz que «esta villa foi povoada por D. Gil Martins, e sua mulher, D. Maria Annes, e que depois — em 1269 — estes fizeram uma composição com D. Martinho, bispo d'Evora, sobre os dizimos da egreja de *Foxim*, (?) em que a Sé teria sómente a 4.ª parte dos dizimos de Vianna; a qual, por fallecimento dos seus povoadores, passou para seu filho, D. Martim Gil de Souza, conde de Barcellos. Por morte d'este, vagou para a corôa, e o rei D. Diniz a fez villa, em 1313, dando-lhe por termo, Alvito, Villa Nova, Villa Ruiva, e *Malcabron* (terra de que hoje não ha memoria). E aos seus moradores deu 1:000 libras para ajuda da construcção de 400 braças de muralha, o que se não effectuou senão passados annos, mandando-lhe o dito D. Diniz, construir o castello.

D. Affonso IV, instituindo as dez capellanias na Sé de Lisboa (ás quaes se dá o nome de *Capellas de D. Affonso IV*), applicou para ellas (no seu testamento, feito em Leiria, a 13 de fevereiro de 1345) a maior parte dos dizimos de Vianna do Alemtejo, assim divididos—formavam-se 16 montes—9, para as taes capellas—4, para a Sé d'Evora—e 3, para o reitor d'esta villa. Das 9 partes das capellas, se tiravam nove *quarteiros*, para certo fidalgo.

«O rei D. Fernando I, estando em Juromenha, deu a villa de Vianna (esta) em titulo de condado, a D. João Affonso, em 30 de março de 1368, dando este, para as taes capellas, a sua *quinta das Cachoeiras*, com outras fazendas. [1]

«Já, em 17 de outubro de 1314, o rei D. Diniz tinha dado esta villa a seu filho D. Affonso, depois rei, 4.º do nome.»

D. Affonso V, deu o senhorio d'esta villa, a D. João, irmão de D. Fernando II, duque de Bragança, em troca de metade da sua *Quinta das Ilhas*, no termo de Mafra, e que fôra da duqueza sua mãe, e que, por este contracto, ficou pertencendo ás ditas *capellas de D. Affonso IV.*

Condes de Vianna

Foi 2.º conde de Vianna, D. Pedro de Menezes (filho do 1.º) que falleceu a 21 de setembro de 1437. Foi casado com quatro mulheres, mas de nenhuma d'ellas teve filho varão. Teve porém um filho bastardo, que foi o famosissimo—

---

[1] Souza, no seu *Agiologio Lusitano* (tomo 4.º, pag. 338, col. 2.ª), diz que este 1.º conde de Vianna, tomando em 1383 o partido de D. João I, de Castella, contra o mestre de Aviz, foi por esta razão assassinado em 1384, pelos moradores da sua villa de Penella.

D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna, cuja mãe foi Isabel Domingues, por alcunha *a Bexigueira*. Para evitarmos uma extensa repetição, veja se no 8.º vol., pag. 496, col. 1.ª — anno de 1464.

D. José de Menezes, 4.º conde de Vianna, foi 2.º filho do 1.º marquez de Marialva, e conde de Cantanhêde, D. Antonio Luiz de Menezes, terror dos castelhanos, durante a guerra da restauração.

Foi D. Pedro II, que fez conde a D. José de Menezes, seu estribeiro-mór, e alcaide-mór de Vianna, em fevereiro de 1692, e em attenção de ser descendente do 1.º conde.

Este 4.º conde, falleceu em 13 de setembro de 1713, sem deixar descendencia legitima.

Este titulo, está actualmente extincto.

—

A villa assenta na encosta da serra do seu nome, que abriga a povoação pelo lado do sul, ficando exposta ao vento norte, o que a torna fria, mas salubre, e como abunda em optimas aguas potaveis e de irrigação, o seu territorio é fertilissimo em todos os generos agricolas do paiz, principalmente cereaes, vinho, azeite e fructas.

Os arrabaldes da villa são sobremodo aprazíveis, pelas hortas, pomares, olivedos, vinhas, arvoredos silvestres, e fontes que comprehendem. No seu termo ha abundancia de caça; e nos montes que circumdam a villa, ha pedreiras de marmores finissimos, de muito diversas qualidades, d'onde tem hido bastantes para as officinas de Lisboa. Uma parte d'aquella preciosa collecção de marmores portuguezes, que figurou nas exposições de Londres e Paris, e que, pela sua belleza, attrahiu a attenção dos visitantes, foi d'aqui extrahida, pelo fallecido engenheiro, e sympathico cavalheiro francez, mr. Dejeant, irmão do proprietario do *Hotel Club*, do Bom-Successo, em Belem.

—

O padre Carvalho, na sua *Corographia portugueza*, fundando-se no que diz Rodrigo Mendes da Silva, *Poblacion general de España*, pretende que esta villa seja fundação dos gallos-celtas, 300 annos antes de J.-C., que lhe deram o nome de *Vienne*,[1] em memoria da sua terra natal. Outros escriptores seguem esta opinião; porém note-se que Rodrigo Mendes da Silva, não marca a época d'esta fundação, e só diz — *Su fundacion se atribuye à Celtas-Galos, algunos siglos antes de la venida de Christo.*

É certo, porem, que, ainda que esta povoação não fosse fundada pelos gallos-celtas, é incontestavelmente muito antiga, e já no tempo dos gôdos tinha o nome actual.

Côrtes em Vianna d'Apar de Alvito

Apezar dos chronistas de D. João II (Ruy de Pina, e Garcia de Rezende) não mencionarem convocação alguma de côrtes, n'esta villa, durante o reinado de D. João II, é certissimo que ellas aqui tiveram logar em 1482, e foram as 73.as d'este reino. Principiaram em Evora, no anno de 1481, e terminaram aqui, por causa da terrivel peste que então fez grande numero de victimas, sendo uma d'ellas D. Affonso V (pae de D. João II), o qual morreu d'ella, em Cintra, a 28 de agosto de 1481.

N'este mesmo anno, convocou D. João II côrtes em Evora, mas, como a epidemia alli causava grandes estragos, as fez mudar para esta villa.

Para evitarmos repetições, os que desejarem saber o que se legislou nos *194* capitulos d'estas côrtes, e a sua grande importancia, vejam no 2.º vol., pag. 396, col. 1.ª

---

[1] Não fallando em Vienna d'Austria, que não vem para este caso, pois nunca pertenceu ás Gallias, ha em França (que eu saiba) *duas* povoações com o nome de Vienne — a cidade de Vienne, do Isére, sobre a margem esquerda do Rhone, a 35 kilometros ao S. de Lyon — outra no Maine. Ha tambem na França alguns rios com o nome de Vienne. — Não sei a qual das duas cidades alludem os escriptores portuguezes e hespanhoes, dando-a como patria dos fundadores das Viannas portuguezas.

E talvez que não fossem os gallos-celtas, mas os povos do Norte, que lhe deram o nome, em memoria da sua Vienna, capital da Germania — hoje *Vienna d'Austria*.

A villa

Quem viaja no caminho de ferro do sueste, atravessa uma vastissima planicie—pela maior parte inculta!—entre as estações de Monte-Mór-Novo, até Beja. N'este precurso de muitos kilometros, se encontra um extenso, basto e formoso olival, que occulta completamente a pequena mas formosa villa de Vianna, que — como quasi todas as povoações alemtejanas — é composta de bonitas casas, cuidadosamente caiadas, e alegres; porém, não fallando nos edificios publicos de que adiante trato, não tem a povoação edificios dignos de especial menção, ainda que bastantes d'elles sejam elegantes e bem construidos.

As suas ruas, são quasi todas direitas, e muito alegres, com extensas e bonitas vistas para o lado do norte. Para o sul, apenas se vê a serra que serve de abrigo á povoação.

Dá-se porém n'esta villa uma circumstancia de mais valia do que se tivesse sumptuosos palacios ou jardins magnificos.—E' a boa indole dos seus habitantes, pela maior parte, francos, sinceros e hospitaleiros, tratando com a maior benignidade os estranhos que por aqui passam, ou veem aqui fazer a sua residencia.

Egreja matriz

Foi mandada construir pelo rei D. Diniz, nos primeiros annos do XIV seculo, e consta que o seu primeiro orago foi Santo Aleixo. Foi reconstruida durante os reinados de D. João II e D. Manoel, e suppõe-se que n'essa occasião se lhe mudou o orago para o actual.

E' um templo claro e espaçoso, de tres naves, e muito elegante, de estylo *manoelino*, ou gothico moderno. Tem altar-mór, e seis no corpo da egreja. As suas janellas, como as da egreja da Batalha e outras, eram ornadas com magnificas pinturas em vidro: hoje só uma das janellas conserva os seus primitivos vidros, onde se admira um formoso retrato de S. Pedro, muito bem conservado.

A capella do Santissimo Sacramento, que está do lado da Epistola, foi construida em 1851, á custa de um legado do benemerito padre Luiz Antonio da Cruz, natural de Vianna, e que foi parocho d'esta freguezia.

A egreja está encostada á muralha do S.E., que circumda parte da povoação.

O castello

Já vimos que foi mandado construir pelo rei D. Diniz, em 1300, pouco mais ou menos. E' muito provavel que aproveitasse para esta construcção os materiaes de alguma antiquissima fortaleza, romana, gothica, ou arabe. E' de fórma pentagona irregular, coroado de ameias, e tendo nos angulos, torreões circulares, cobertos de abobada conica. Está ainda perfeitamente conservado.

—

Dentro do recinto do castello, está a egreja da Misericordia e edificios annexos.

Tambem no mesmo ambito era o cemiterio parochial; mas, em 1871, por medida hygienica, muito acertada, foi mudado para fóra da villa.

Convento do Bom Jesus

E' de freiras *jeronymas*, unico em Portugal d'esta ordem. Foi fundado por *Soror Brites da Columna*, [1] residente n'esta villa, em 1553 (no mesmo anno em que na India falleceu S. Francisco Xavier), concluindo-se todas as obras em 1560. Era então arcebispo d'Evora, o infante D. Henrique (depois cardeal rei), que tambem deu avultadas esmolas para esta fundação. O edificio do mosteiro, que está no Rocio arborisado, á entrada da villa, é vasto e muito bem conservado, e a sua egreja é magnifica, conservando-a as religiosas no maximo aceio.

Ainda é habitado por algumas freiras, meninas do côro, educandas, recolhidas e creadas.

---

[1] Em um velho manuscripto que possuo, se diz que Brites Rodovalho (depois soror Brites da Columna) fundou este mosteiro em umas suas casas, com esmolas dos fieis, do cardeal D. Henrique, e principalmente, por uma avultada esmola, dada pelo corregedor, Antonio Correia, e por sua mulher, D. Maria da Fonceca.

Estas virtuosissimas religiosas exercem em alto gráu a caridade christã, tornando-se a providencia dos pobres da villa e immediações.

As primeiras religiosas que habitaram este mosteiro, foram — além da fundadora (*Soror Brites da Columna*) — Leonor das Chagas — Brites do Presépio — Catharina de Christo — Sebastianna da Madre de Deus — Helena da Conceição — Antonia do Monte Calvario — Brites de Santa Paula — Maria do Espirito Santo — Isabel de S. Jeronymo — e Ignez da Cruz.

Na capella de Nossa Senhora da Conceição, da egreja d'este mosteiro, se lia no seculo passado, esta inscripção:

ESTA CAPELLA DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO, É DO DOUTOR
JORGE CARDIM, DESEMBARGADOR
DOS AGGRAVOS, EM LISBÔA,
E DE DONA CATHARINA DE
ANDRADE, SUA MULHER, QUE
TIVERAM DÉS FILHOS, NOVE
RELIGIOSOS E UM DA ORDEM
DE CHRISTO — TREZ DA COMPANHIA
DE JESUS — TREZ RELIGIOSAS DE
SANTA CLARA — E DUAS NESTE
CONVENTO, ORNADA EM 1643.

Convento de Jesus

Foi de religiosos terceiros regulares de Jesus, da ordem de São Francisco — ou 3.ª da Penitencia.

Foi fundado em 1528, por Isabel Cardoza e seu marido, Manoel Fernandes Rodovalho. Estes piedosos conjuges mandaram construir umas casas para asylo de mulheres pobres e desvalidas, dando-lhe a denominação de *Recolhimento de beatas*, e impondo-lhes a regra de S. Francisco.

N'este recolhimento viveu algum tempo D. Brites Rodovalho, filha dos fundadores, e fundadora do mosteiro de freiras do Bom Jesus (o antecedente) e que, depois de professa jeronyma, se chamou Soror Brites da Columna, como vimos.

Este recolhimento foi mudado, em 1580, para a rua do Pôço Novo, para umas casas da mesma D. Brites Rodovalho, onde hoje reside a familia do fallecido medico Souza.

Os frades da terceira ordem da Penitencia, tomaram posse (por consentimento e cessão de D. Brites, já então professa) do edificio do antigo recolhimento, e á custa de esmolas dos fieis, construiram o seu novo mosteiro e bonita egreja, sendo a maior bemfeitora, D. Luiza Cabral, ascendente da familia dos mórgados d'este appellido, a qual concorreu com uma avultadissima esmola, para esta construcção; pelo que, em 1590, lhe deram os frades o padroado da capella-mór da egreja.

Em 1622, Rodrigo Proença, instituiu n'esta egreja uma capella, á qual deu grandes rendas, sob a condição de serem empregadas em soccorrer os pobres, as viuvas e orphãos desamparados, e outras quaesquer pessoas que precizassem d'estes soccorros.

N'este mosteiro residiu algum tempo, até 1774, D. frei Caetano Brandão, arcebispo de Braga (4.º vol., pag. 454, col. 2.ª), antes de ser nomeado bispo do Pará, sendo para aqui mandado pelos seus superiores, para se restabelecer, em razão da salubridade d'esta terra.

Expulsos dos seus mosteiros, em 1834, os religiosos dos mosteiros portuguezes, esteve este de Vianna alguns annos deserto e abandonado, em risco de arruinar-se. Felizmente, hoje acha-se reconstruido, adaptando-se ao piedoso fim a que o destinou uma caritativa associação de Senhoras, e por iniciativa do benemerito doutor (medico) Antonio José de Souza, fallecido ha dois ou tres annos. A este prestantissimo cavalheiro, deve a villa de Vianna muitos e importantes beneficios.

Esta associação, mantem no edificio que foi mosteiro de franciscanos, um *Asylo de infancia desvalida, do sexo feminino*, regido por quatro *irmãs hospitaleiras*, das Trinas do Mocambo, de Lisboa, e uma CRÉCHE, que está aberta durante a época dos trabalhos agricolas.

As Créches

Estas instituições de caridade são modernas. As primeiras foram fundadas em Paris,

em 1844. O fim d'estes estabelecimentos, é recolher os filhos das mulheres, que sahem todos os dias para o trabalho em pontos distantes, o que as obriga á ausencia do domicilio durante a maior parte do dia. Por este modo evita-se, que as creanças fiquem abandonadas em casa ou entregues a outras de pouca mais edade, sem os soccorros alimenticios e hygienicos de que necessitam.

Em 1866, havia 18 creches em Paris e 57 nas provincias. Recebem-se n'estes asylos, creanças da edade de 15 dias até 2 ou 3 annos, e sem molestias. Exige-se ás mães bom procedimento, que venham á crêche 2 vezes por dia amamentar os filhos, até ao tempo do desmame, e paguem a quota diaria de 10 a 20 centimos (18 a 36 réis) por cada dia que tiverem as creanças depositadas na créche.

Suscitaram-se algumas duvidas sobre a utilidade e fins humanitarios d'estas instituições, tanto no campo da moral, como no campo da hygiene. O governo francez, para esclarecer o assumpto, consultou, em 1870, a academia de medicina de Paris, que deu um voto favoravel ás créches, prescrevendo os preceitos mais convenientes para o bom regimen d'estes estabelecimentos.

Em Portugal, funccionam apenas 5 créches, duas em Lisboa, uma no Porto, fundada em 1856, esta de Vianna, fundada em 1866, e a da freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira d'Azemeis, fundada exclusivamente, e sem ajuda de mais ninguem, pela Sr.ª Viscondessa da Gandarinha, no seu proprio palacio do mesmo nome do seu titulo. (Vide no 3.º vol., pag. 258, col. 1.ª, no fim.)

Ha ainda outra qualidade de estabelecimentos de caridade, que tambem são verdadeiras créches, — são os *Albergues nocturnos*, destinados a dar acolheita ás pessoas que, por falta de habitação, não teem onde passar a noite. D'estes — que eu saiba — ha em Portugal apenas dous — um, fundado em Lisboa, em 13 de novembro de 1881 — outro, no Porto, inaugurado no dia 31 de outubro de 1882.

Tornemos a Vianna.

Outros estabelecimentos de caridade

Não ha n'este reino outra villa, com tantas casas de beneficencia publica como esta de Vianna.

Além do asylo e da créche, estabelecidos no mosteiro franciscano, ha mais os seguintes:

A *Misericordia*, fundada no principio do seculo XIV, pela rainha Santa Izabel, mulher de D. Diniz. Além do seu hospital, com a competente pharmacia, tem uma *albergaria* antiquissima — subsidia o medico do partido municipal, e fornece medicamentos aos doentes pobres, nos seus domicilios.

O benemerito padre *Luiz Antonio da Cruz*, do qual já fallei, no § *Egreja matriz*, mandou, por testamento, fundar um *Instituto de caridade*, com asylo para creanças do sexo feminino, de 3 até 7 annos de edade — escola de instrucção primaria para meninas — capella annexa, com respectivo capellão — aula publica de portuguez, latim e francez. Mais. — Deixou ao seminario archidiocesano d'Evora, um importantissimo legado, sob a condição de serem favorecidos por elle, todos os estudantes pobres de Vianna, que se destinassem á vida ecclesiastica, durante os seus estudos no mesmo seminario.

O mesmo caritativo padre Cruz, legou a varios individuos, o usofructo de valiosas propriedades, revertendo por morte dos doados, para o referido *Instituto*, o qual, apenas possuia um rendimento designado pelo testador, ficando obrigado a fundar um albergue, ou asylo, para velhos impossibilitados de trabalharem.

Na semana santa, ainda por disposição testamentaria do padre Cruz, este Instituto é obrigado a vestir 12 pobres — 6 de cada sexo — e seis creanças desvalidas: o que a direcção tem até hoje cumprido religiosamente. Tambem fornece, em todo o decurso do anno, dietas aos doentes pobres, soccorridos pela Misericordia.

Se o povo d'esta villa bemdiz a memoria d'este santo ecclesiastico, que foi seu patricio e pastor, e cujas adoraveis virtudes serão perpetuamente lembradas aqui, o premio d'ellas, já o beneficente padre Cruz está recebendo da divina Misericordia, pois não só foi o instituidor de tantas obras de

caridade, como deu um salutar exemplo para ser imitado. E, com effeito:

Em 6 de junho de 1875, falleceu o rico morgado, Francisco de Mello Cabral e Souza, deixando para legados pios, a quantia de 600$000 réis, para do juro se vestir um pobre, no anniversario da sua morte, e o resto ser applicado em obras de caridade.

Em abril de 1880, falleceu Manuel Lopes, mandando que depois da sua morte, fossem vendidos *todos os seus bens*, e depois de cumpridos alguns legados, fosse o resto entregue ao hospital da Misericordia.

—

Ha n'esta villa.

Uma escola official de instrucção primaria, para o sexo masculino.

Um soffrivel *theatro*, construido em 1843, por uma sociedade.

Algumas *olarias* de louça de barro vermelho e vidrado, de boa qualidade, que se exporta.

As avenidas da villa são de optimas estradas á Mac-Adam.

Paços do concelho

É bom edificio, e um dos mais importantes da villa. Estão n'elle todas as repartições publicas do concelho, e a cadeia civil. N'esta casa, existe uma antiga fonte, vinda, por um aqueducto subterraneo, de uma das torres do castello. A agua é de excellente qualidade e foi muito abundante até ha poucos annos; porém actualmente (talvez por descuido nos concertos do aqueducto) tem diminuido em quantidade.

Factos historicos

Além dos que já ficam referidos, temos mais os seguintes:

Nas côrtes convocadas em Evora, por D. João II, em 1490 (foram as 11.ª d'Evora, e as 75.ª de Portugal) se tinha decidido o casamento do principe D. Affonso, filho unico do rei, com a infanta D. Izabel de Castella, filha e herdeira dos reis de Hespanha. Para as despezas feitas com as festas d'este casamento, offereceram os povos, 100:000 cruzados (40 contos de réis.)

Tratou-se immediatamente do casamento, principiando as grandes festas d'elle, em Evora; mas, como alli grassasse então uma epidemia, sahiu da cidade toda a familia real e a côrte, para os arrabaldes, mas logo depois, decidiu o rei que as festas continuassem em Vianna, onde todos entraram, no meio do mais estrondoso regosijo publico, e das mais esplendorosas festas, a 10 de janeiro de 1491, e aqui se conservaram até ao fim do mez, regressando a Evora, porque tinha cessado a epidemia.

Mal diria o rei, a rainha e o povo, que estas brilhantes festas, dentro em seis mezes se transformariam em lagrimas e lucto; porque o principe morreu, da queda de um cavallo, na Ribeira de Santarem, logo a 12 de julho do mesmo anno!

Em 25 de outubro de 1495, morre em Alvôr, D. João II, e succede-lhe na corôa, seu cunhado, D. Manuel, duque de Beja — que, em outubro de 1497, casou com a viuva do principe D. Affonso; pelo que, foi jurado em Toledo principe herdeiro de Castella, em 28 de abril de 1498. Mas, D. Izabel morre de parto, em Zaragoça, dando á luz o principe D. Miguel da Paz, herdeiro de Portugal e Hespanha; que morreu creança, perdendo por isso, o rei portuguez, a esperança de ser *imperador da Peninsula Hispanica*.

Ficando viuvo, casou com sua cunhada, D. Maria, tambem filha dos reis catholicos, da qual teve 10 filhos.

1.º — D. João, depois rei, terceiro no nome.

2.º — D. Izabel, que casou com o imperador Carlos V.

3.º — D. Brites, que foi duqueza de Saboia.

4.º — D. Luiz, duque de Beja, e pae do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

5.º — D. Fernando, duque da Guarda.

6.º — D. Affonso, cardeal.

7.º — D. Henrique — o tristemente *cardeal-rei*.

8.º — D. Duarte, duque de Guimarães.

9.º — D. Maria, que morreu creança.

10.º — D. Antonio, que tambem morreu de pouca edade.

Ficando viuvo d'esta segunda mulher, tornou a casar com D. Leonor, filha de Philippe I de Castella, e ainda d'este terceiro anniversario, teve dois filhos.

D. Carlos, que morreu menino.

D. Maria, senhora de Vizeu e Torres Vedras.

Vindo ao todo a ter 13 filhos legitimos. Não teve (que conste) nenhum bastardo.

Apezar de tão grande descendencia, terminou esta dynastia em seu bisneto, o rei D. Sebastião, o que deu causa ao nosso horrivel captiveiro de 60 annos.

—

Em 28 de outubro de 1846, houve aqui uma pequena batalha, entre as tropas populares e as cabralistas.

—

Em 15 de abril de 1482, estando D. João II n'esta villa, d'aqui datou a carta de nomeação de vedor da fazenda, a D. Pedro de Castro, dada n'aquelle dia.

—

Ainda em 29 de outubro de 1490, aqui esteve D. João II, e d'esta villa, datou, do dia referido, a carta de nomeação de mórdomo-mór do principe D. Affonso, a favor de D. João de Menezes, irmão do conde de Cantanhede.

—

Tambem em 7 de janeiro de 1374, aqui tinha estado D. Fernando I, e n'este dia, por carta aqui passada, separou do termo de Lamego o concelho de Panoyas, como se póde vêr na *Monarch. Luz.*, tomo VIII, pag. 188.

—

O 1.º juiz de fóra que teve esta villa foi Manuel Pereira Peres, em 1683.

—

Em 1714, se descobriram n'esta villa, as ruinas de um antiquissimo aqueducto, com todos os indicios de ser obra romana.

—

Em 2 de janeiro de 1573 (sexta feira) aqui dormiu o rei D. Sebastião, hindo d'Evora para Beja.

—

Estando n'esta villa, D. Affonso V, em 22 de abril de 1449, n'esse dia, e a instancias do 1.º duque de Bragança, passou uma carta de privilegio a Manuel Ananias, boticario, vindo de Ceuta, e a todos e quaesquer boticarios que o desejassem, para se estabelecerem em Portugal.

—

Em 6 de outubro de 1531, estando n'esta villa o cardeal infante D. Affonso, ultimo bispo d'Evora, concedeu a ermida de S. Thomé, d'esta cidade, ao convento do Carmo da mesma, a instancia de D. Frei Balthazar Limpo, que depois foi arcebispo de Braga.

—

Em 6 de julho de 1743, se acharam aqui quatro lapides romanas, com as seguintes inscripções. —

1.ª

HIS LOPENCAS SELSAS
FLORENTIR. D. D.

2.ª

D. M. S.
MUSA VIXIT
ANN. LX. LIVIA
LIBERATOS ET.
H. S. E. S. T. T. T.

3.ª

D. M. S.
DIENITAS
VIXIT ANN.
X XI CHRISERO
MARITUS POSUIT
H. S. E. S. T. T. T.

4.ª

D. M. S.
PERENIA MARTH.
POR EVA
MOR XXXI

Estas quatro inscripções, foram as que frei Francisco d'Oliveira publicou na *Gazeta.*

Em 1745, o mesmo frade, achou ainda outra inscripção romana, do theor seguinte:

D. M. S.
MARIA EUPREI
AQUA I FAT. C.
CONCESSERUNT.
VIVERE A.
NIS XXXX I LAN.
ERNEVENTI MO.
DESTUS CONIV.
GI. SVE POSUIT.

O manuscripto antigo, d'onde extrahi estas cinco inscripções, era de tão má lettra, que algumas palavras foram mais *adivinhadas* do que *copiadas*, e mesmo assim não res-

pondo pela sua fidelidade. Esta 5.ª, principalmente, é impossivel que não esteja errada em varias partes.

Na 1.ª linha, além das tres iniciaes D. M. S. (Deuses manes sacros) tinha mais um U, que não escrevi, por achar que era erro, pois não se vê em mais nenhum monumento romano.

Na 2.ª linha EUPREI, ninguem sabe o que quer dizer, assim como as cinco ultimas lettras da 3.ª linha.

Na 4.ª linha a ultima lettra (A) devia ter mais um N, para formar a primeira syllaba de ANNIS que termina na sexta linha — e n'esta, as ultimas lettras LAN., estão certamente erradas, pois deviam ser BEN, para formarem com a primeira palavra seguinte — BENEMERENTI.

Fiz a diligencia por explicar tudo, e julgo que não sou a mais obrigado [1].

Minas

Não me consta que n'este concelho hajam mais minas metalicas, do que uma de cobre, manifestada em abril de 1876.

Santuario de Nossa Senhora d'Ayres

Cousa de quatro tiros de mosquete (diz o *Sant. Mar.*, tomo VI, pag. 286) ao N. de Vianna, fica esta magestosa ermida, que mais merece o nome de egreja. Está no centro de uma formosa planicie, constante de alegres e ferteis terras cultivadas, e que pela sua salubridade e amenidade, se lhe deu, em tempos remotissimos, o nome de *Aer*, que significa *Ar*. Suppõe-se que por ser palavra latina, que deram os romanos esta denominação, como quem diz *Ar puro*.

Foi em todos os tempos, a senhora d'Ayres, objecto de grande devoção, não só dos habitantes de Vianna, mas de todos os alemtejanos, que aqui concorriam em repetidas romarias, em todo o decurso do anno, havendo occasiões em que se reuniam mais de DOZE MIL ROMEIROS; principalmente no quarto domingo de setembro, dia em que ha n'este sitio uma grande feira de toda a qualidade de gado, e grande quantidade de mercadorias de differentes especies; havendo tambem no mesmo dia grande festa de egreja, ainda actualmente muito concorrida de romeiros e feirantes.

Para que nenhum dos meus leitores me chame *milagreiro*, vou copiar fielmente, o que diz frei Agostinho de Santa Maria, no logar citado, do seu *Santuario Marianno*, com respeito a este santuario.

«Havia n'aquelle districto, uma herdade de um lavrador rico, o qual tinha um curral, onde recolhia os seus bois, no mesmo sitio em que hoje se vê a egreja. Ficava a casa do lavrador distante, como cousa de 100 passos, e tinha esta herdade o nome de *Vaqueiros*.

«Reparavam em algumas noites, os creados do lavrador, em que, deixando fechada a porta do curral, viam os bois de noite, pastando na herdade, e pela manhã os achavam recolhidos, e a porta do curral fechada, sem poderem saber quem fosse o que lhes fazia esta, que tinham por travessura.

«Fizeram queixa a seu amo, que se resolveu a ir dormir uma noite, junto á porta do curral, para saber quem obrava estas cousas. N'esta noite, lhe appareceu Nossa Senhora, em sonhos, e lhe disse que era ella a que abria a porta e soltava os bois, para irem pastar, sem fazerem damno ás ceara^s. Que lhe fizesse n'aquelle sitio uma casa, porque era vontade de Deus, que n'ella fosse louvada, e Seu Santissimo Filho; e que ella o ajudaria.

«Não se póde crer, o exessivo goso do lavrador, que, sollicito em dar á execução, o que a Senhora lhe ordenava, tratou logo de juntar materiaes para dar principio á egreja: e, sendo-lhe necessario dinheiro para começar a obra, vendeu para isso alguns bois, que, levando-os o comprador, se não achavam menos na manada.

«Deu principio o lavrador á obra, em um sitio que ficava distante do curral, julgando-o por mais oportuno; porém a Senhora, que havia elegido o do seu apparecimento,

---

[1] Na egreja matriz, ha muitas campas com inscripções de varias pessoas, mas, como nenhuma d'ellas é notavel por armas, lettras ou virtudes, não as copio.

dispoz que tudo o que se havia obrado no primeiro dia, se achasse desfeito no segundo, e, continuando a edificação em o segundo e terceiro, em a mesma paragem, lhe succedeu o mesmo que na primeira vez; com que desistindo do seu parecer, se resolveu em edificar a egreja, no mesmo logar em que a Senhora lhe havia apparecido. E fez-se em tal fórma, que a capella-mór se fabricou no mesmo logar aonde estava a porta do curral.

«Fabricou-se a egreja, que tem bastante capacidade, com tres altares, ou capellas, a maior e duas colateraes. No meio do retabulo do altar-mór, está collocada a sagrada imagem da Senhora, recolhida em um tabernaculo de vidraça, e com muita veneração.

«A egreja, está muito bem ornada, e pintado o tecto, que é de abobada; e as paredes azulejadas todas, de alto a baixo.

«Tem uma sachristia muito boa, tambem fabricada de abobada, e ao redor de toda a egreja, um *taboleiro* labrilhado; e, encostadas á egreja, cinco casas de romagem, que são poucas para a muita gente que no verão concorre de todo o Alemtejo; onde veem muitos povos unidos em varios dias, a fazer á Senhora a sua festa especial de cada um.

«Além d'estas casas, tem outras que servem ao eremitão.

«Junto á egreja, tem uma formosa e copiosa fonte, de excellente agua, a qual cahe por uma bica, em um tanque de pedra lavrada, e d'esta corre para uma pia em que bebem as bêstas — e d'esta pia, se encaminha a agua a outro tanque triangular, que serve para regar uma vistosa alameda de choupos, dispostos á linha, em seis ruas, cada uma do comprimento de uma grande carreira de cavallo; que faz aquelle sitio mui alegre, vistoso e agradavel.

«Uns devotos da Senhora, compozeram varios sonetos, para gravar — um, na fonte milagrosa, que a Senhora alli quiz brotasse, não só para alivio e refrigerio dos corpos; mas, para remedio e saude das enfermidades.

«N'este anno de 1702, intentaram de o gravar, e duvidavam qual dos que se haviam feito seria; e, como eram dous os escolhidos para este effeito, os quero lançar aqui ambos, em louvor de Nossa Senhora, que é a fonte da graça, e de toda a consolação, como lhe chama Santo Ephrem — *Fons gratiae et totius consolationis.*

SONETO 1.º

Fonte, cuja corrente não se ouvia
Lá no valle onde tendes nascimento,
E aqui, com doce som, com passo lento,
Encheis todo este prado de alegria.

Já que soaes, correndo noite e dia,
E sois honra do liquido elemento,
Porque gozaes, com brando movimento,
Dos Ares da Santissima Maria.

Correi em seu louvor, tão copiosa
Que logrem estes álamos sombrios,
Vosso puro crystal, prodigamente.

Correi, que em seu louvor, fonte ditosa,
Ainda que se sequem mares, rios,
Nunca se hade seccar vossa corrente.

SONETO 2.º

Suspende embarga o passo, oh peregrino
Aqui, onde a ventura te depara,
Para a sêde do corpo a fonte clara,
E para a da alma, um poço crystalino.

D'este crystal, o liquido destino,
Um alento, a teu ardor prepara,
D'esta agua viva, a maravilha rara,
Vida te offerece em extasi divino.

Oh, não prosigas, bebe affectuoso,
Da Rainha do Ceu, celestes Ares,
Do poço celestial, licor precioso.

Verás, como apesar de teus pezares,
Te concede a Senhora, venturoso
Graças a montes e mercês a mares.

—

«Tambem se diz um epigramma, em dous disticos, em louvor da Senhora d'Ayres (em que se declara, com segunda tradição, que o lavrador rompendo a terra, a descobrira em o mesmo logar onde hoje vemos a egreja)

para se descrever no portado da mesma egreja, que é na maneira que se segue. —

HINC MAURO EXPULSO, DUM TERRA SULCAT ARATOR,
INVENIT EFFIGIEM, QUAM VETUS ARA TENET.
OH FELIX TELLUS, FOECUNDIOR OMNIBUS UNUS:
PLUS TIBI DAT SULCUS, QUIAM SEGES ULLA DEDIT.

Esta inscripção foi composta pelo padre Antonio Francisco, jesuita em 1690.

TRADUCÇÃO

Expulsos os mouros d'estas terras, quando um lavrador arava o seu campo, encontrou a imagem que se vê no antigo altar. Oh, feliz terra, mais fecunda do que nenhuma outra! Um só rego, te deu mais do que ceara ou colheita alguma dará em tempo algum.

—

«Não consta do anno, nem do dia, em que a Senhora appareceu, ou foi achada do lavrador, e menos, onde esteve collocada no tempo em que se lhe edificou a egreja. Podia bem ser, a tivesse em sua casa e a bom recado, como joia merecedora de toda a estimação.

«É esta santa imagem, de excellente esculptura, e parece fabrica de artifices mais que humanos. É estofada e tem de alto, palmo e meio. Está na fórma em que se costumam fabricar as imagens da *Senhora da Piedade*, com o Santissimo filho defunto, em seus braços, e com uma representação d'aquelle passo, muito devota. Ignora-se de que materia seja, porque é muito pesada, e de peso que excede o da pedra. Refere-se que, querendo um clerigo examinar de que materia fosse, com um canivete, lhe saltara este fóra das mãos, ficando bem assustado e pesaroso, da sua imprudente curiosidade; e se conhece o logar onde quiz examinar a materia, que se vê, em fórma triangular, de côr azul e branca.

«Não constando nada, do tempo do apparecimento da Senhora, consta, e se vê junto á capella da Senhora; uma sepultura na qual se veem abertas estas lettras. —

ESTA CAPELLA E SEPULTURA,
É DE MARTIM VAQUEIRO,
FUNDADOR D'ESTA CASA, DA
NOBRE E ANTIGA GERAÇÃO
DOS VAQUEIROS

«E por baixo, uma cruz do habito da ordem de Christo, como se vê, e não tem a era, nem o dia em que morreu.

«Vê-se pois, que o fundador, era cavalleiro da ordem de Christo.

Até aqui o *Santuario Mariano*. Não transcrevo o resto do artigo, por ser de pouca ou nenhuma importancia.

Quanto aos factos milagrosos que refere o auctor do livro, cada um lhe dê o credito que julgue merecerem, que eu faço o mesmo.

Em 6 de julho de 1743, se acharam aqui, varias inscripções, que o padre frei Francisco de Oliveira, dominicano, fez publicar na *Gazeta* de 30 de janeiro de 1744.

Este mesmo religioso, achou n'este logar, em 1745, outra inscripção que fez publicar no 1.º tomo do *Diccionario*, como elle proprio diz, nas suas *Memorias da villa de Vianna do Alemtejo*, e que existiu manuscriptos no *Codice* 104, na *Bibliotheca municipal do Porto*.

No mesmo *Codice* se encontra tambem, um manuscripto do mesmo auctor, datado do anno de 1742, contendo curiosos apontamentos para a historia da villa de Cuba.

Este frade, era natural da cidade de Beja, mas tinha familia em Cuba, e alli residiu muitos annos.

Viannenses illustres

1.º — *Padre Antonio Francisco Cardim*, fallecido em Macau (China) no anno de 1659. Escreveu e publicou-se —

Elogios e ramalhete de flores, borrifado com sangue dos religiosos da Companhia de Jesus, a quem os tyrannos do Imperio do Japão, tiraram as vidas, por odio da Fé Catholica. Com o catalogo de todos os religiosos e seculares, que por odio da mesma Fé, foram mortos n'aquelle imperio até ao anno de 1640.

Foi publicado em Lisboa, no anno de 1650. Tem muitas estampas, representando varios supplicios dos martyres.

No fim da obra, e como appendice d'ella, traz uma *Relação de quatro embaixadores*

portuguezes, da cidade de Macau, com 57 christãos da sua companhia, degolados todos pela Fé.

É livro raro e muito estimado.

—

2.º — *Padre João da Fonseca*, da Companhia de Jesus, fallecido no seu collegio de Santo Antão, de Lisboa, em outubro de 1701.

Foi mestre de philosophia, e reitor do noviciado, em Lisboa, e afamado theologo, o que ainda hoje provam os seus escriptos, estimados pela elegancia e correcção de linguagem.

Escreveu e publicou muitas obras, sendo as principaes —

Norte espiritual da vida christã, etc.

Espelho de penitentes.

Escola da doutrina christã.

Guia de enfermos, muribundos e agonizantes.

Instrucção espiritual.

Alivio dos queixosos, na morte dos que amaram em vida.

Antidoto da alma, para medicina de exemplos.

Sylva moral e historia, etc.

Satisfação dos aggravos, e confusão de vingativos.

Todos estes livros são de muito merecimento, e pouco vulgares.

—

3.º — *D. Joanna da Gama*, filha de Manuel Gasco e D. Philippa da Gama, pessoas de muita nobreza e virtudes, tambem naturaes d'esta villa.

Morreu em Evora, a 21 de setembro de 1586. Não se sabe a data do seu nascimento, nem o nome do individuo que foi seu marido, e que falleceu 18 mezes depois do seu casamento.

Ficando viuva, na flor da edade, e sem filhos, não quiz contrahir segundas nupcias, para se dedicar exclusivamente ao serviço de Deus.

Fundou na cidade d'Evora, um recolhimento, a que deu o titulo de *Salvador do Mundo*, onde se recolheu com algumas companheiras, sendo as principaes, *D. Catharina d'Aguiar*, e *D. Brites Cordeira*. Adoptaram a regra de S. Francisco.

O cardeal D. Henrique, arcebispo d'Evora (*o cardeal-rei*) mandou demolir o edificio do recolhimento, para dar maior extensão ao collegio dos jesuitas, ordenando ás recolhidas que fossem residir em suas casas, até se lhes fundar novo recolhimento; o que jamais se effectuou.

D. Joanna foi viver para uma casa sua, na rua de S. Pedro, da mesma cidade d'Evora, onde falleceu, e foi sepultada na egreja da Misericordia, em sepultura propria, da qual hoje não ha vestigio.

Escreveu um pequeno livro, que intitulou (ou o editor intitulou) *Ditos da freyra. Ditos diversos, por hua freyra, da terceira regra. Dos quaes se cõnte sentenças muy notaveys, e auisos necessarios. Com licença.*

Diz o sr. Ricardo Pinto de Mattos, no seu *Manual bibliographico portuguez*, pag. 288.

«Desde muito que em portuguez corria um livro rarissimo, conhecido pelo titulo de *Ditos da Freira*, attribuido a Joanna da Gama. Parece que o livro fôra algumas vezes reimpresso; mas isso não obstou a que fosse muito raro, a ponto de que, nem Barbosa Machado, nem o colleccionador do catalogo da Academia, nem I. Francisco da Silva, lograram vel-o sequer, mencionando-o todos, com o titulo menos exacto.

«No leilão da livraria de Manuel Antonio Figueira, em 1871, havia só um exemplar d'este livro raro, comprado pelo conde de Azevedo, por 23$100 réis.»

O fallecido conde d'Azevedo, com aquelle amor á propagação das lettras, que todos lhe conhecemos, franqueou o original que tão caro havia comprado, para se reproduzir em uma nova edição, tornando-se assim mais vulgar.

Este livro foi publicado pela livraria internacional de Ernesto Chardron, editor, em 1872, com o titulo de *Ditos da freyra* (*D. Joanna da Gama*) conforme a edição quinhentista. Revistos por Tito de Noronha.

Noto porém aos meus leitores que D. Joanna da Gama, nunca foi freira professa, e apenas *beata, terceira franciscana*, como o prova o seu testamento, que existe transcripto, no

Livro das Mercearias, do archivo da Misericordia d'Evora. No tal documento, diz a testadora..... *Como eu Joanna da gama, beata, por não fazer profissão e estar sempre em posse da minha fazenda*, etc.

—

4.º — *Thomazia Nunes*. Faz d'ella honrosa menção, o *Theatro Heroico*.

—

5.º — *Manuel Luiz Loureiro*. Nascido a 9 de janeiro de 1639, e baptisado a 16 do dito mez e anno. Falleceu a 9 de abril de 1712.

Escreveu. — *Extracto mistico — Ditos de philosophos antigos*, etc. — Não se chegou a imprimir nada d'isto, e existiu (e não sei se ainda existe) na livraria dos condes de Soure.

—

6.º — *O desembargador dos aggravos, Jorge Cardim*, que de 10 filhos que teve, 7 foram religiosos e duas religiosas, como vimos na descripção do convento de freiras jeronymas.

—

7.º — *O doutor em medicina, Antonio José de Souza*, fundador do *Asylo da infancia desvalida*, do sexo feminino, e de uma *Créche*, a segunda de Portugal, como vimos quando tratei do edificio que foi mosteiro de religiosos da terceira ordem de S. Francisco.

—

8.º — *O padre Luiz Antonio da Cruz*, fundador de outro instituto de caridade, com asylo para creanças do sexo feminino, e de uma escola de instrucção primaria, para meninas — e aula publica de portuguez, latim e francez, como vimos quando tratei dos *estabelecimentos de caridade* d'esta villa.

Em quanto em Vianna existirem corações agradecidos, a memoria d'estes dois homens verdadeiramente illustres, será sempre abençoada e nunca esquecida; pois são mais dignos da gratidão do povo, do que todos os que illustraram a sua terra por escriptos, ainda que de bastante curiosidade e merecimento.

Ambos já falleceram, e na Patria Celestial estão recebendo o premio das virtudes que, m tão alto grau, exerceram na terra.

—

Ainda n'esta villa teem nascido outros varões, notaveis pelas suas virtudes e por algumas publicações de alguma valia. Não os menciono, por não fazer este artigo ainda mais extenso.

—

Mais uma vez, tenho de agradecer ao meu esclarecido amigo, o rev.mo sr. doutor Pedro Augusto Ferreira, os preciosos apontamentos que me deu com respeito a Vianna do Alemtejo, e com ajuda dos quaes ficou este artigo mais completo e interessante.

VIANNA DO CASTELLO — Cidade, Minho, cabeça do districto administrativo, da comarca e do concelho do seu nome, no arcebispado de Braga. É comarca de 1.ª classe, do districto judicial da Relação do Porto. Pela nova divisão judicial, tem quatro julgados: *Darque, Portozêllo, Vianna do Castello* e *Villa de Punhe*. Pertence á 3.ª divisão militar. O seu castello é classificado como fortaleza de 2.ª classe. É uma das 18 capitanias dos portos, departamento do Norte, alfandega maritima de 2.ª classe, com delegações em Caminha e Espozende. Possue estação telegraphica de 1.ª classe. É actualmente quartel de infanteria n.º 3 e artilheria n.º 3.

Fica 56 kilometros ao N. do Porto, 35 ao O. de Braga, 18 ao S. de Caminha, 30 ao S. de Villa Nova da Cerveira, 48 ao S. da praça de Valença, 360 ao N. de Lisboa.

A cidade tem duas freguezias:

Nossa Senhora da Assumpção (Santa Maria Maior) com 1:360 fogos. Em 1768 tinha 146. O parocho era arcipreste da collegiada, e da apresentação, *in solidum*, da Meza Arcebispal de Braga, e tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Nossa Senhora de Monserrate, com 900 fogos. Em 1768 tinha 679. O parocho era conego prior da collegiada, e da apresentação da Mesa Arcebispal de Braga, e tinha réis 200$000 de rendimento annual.

O districto administrativo comprehende 10 concelhos, que são — Arcos de Val de Vez, Caminha, Coura, Melgaço, Monsão, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Valença do Mi-

nho, Vianna (esta) e Villa Nova da Cerveira, todos com 71:000 fogos.

A sua comarca é composta só do seu concelho com 10:700 fogos.

O concelho comprehende 40 freguezias, que são — Afife, Alvarães, Amonde, Anha, Areosa, Caparreiros, Cardiellos, Carrêço, Carvoeiro, Castello de Neiva, Darque, Deão, Deuchriste, Freixieiro, Geraz do Lima (Santa Maria), Geraz do Lima (Santa Leocadia), Lanhezes, Mazarefes, Méadella, Meixedo, Montaria, Moreira do Geraz, Mujães, Neiva, Nogueira e S. Claudio, Outeiro, Pérre, Portella Suzan, Portozêllo, Serreleis, Soutêllo, Sub-Portella, Torre, Villa de Punhe, Villa Franca, Villa Fria, Villa Mou, Villar de Murtêda e as duas da cidade.

Foraes

O 1.º foral de *Vianna da Foz do Lima*, foi-lhe dado, em Guimarães, por D. Affonso III, a 18 de junho de 1258. (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III*, folhas 32, col. 1.ª — *Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei*, folhas 13 verso).

O mesmo soberano lhe deu outro foral, tambem em Guimarães, no anno de 1262 (*L.º 1.º de doações de D. Affonso III*, folhas 62 verso, col. 2.ª e no *Livro 3.º dos bens proprios d'el-rei*, folhas 25).

O rei D. Manoel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. (*L.º de foraes novos do Minho*, folhas 79 verso, col. 2.ª)

Veja-se a verba posta n'este foral, a folhas 99 *in fine*, em data de 29 de agosto de 1516.

Todos estes foraes concediam grandes privilegios a Vianna.

O rei D. Sebastião lhe outhorgou o titulo de NOTAVEL, em 26 de março de 1563.

Tinha voto em côrtes, com assento no 5.º banco.

Tem por armas, escudo de prata, coroado, com uma nau d'ouro, á vela, sobre ondas azues, tendo na vela do mastro grande as armas de Portugal, e na prôa uma ancora.

Foi elevada á cathegoria de cidade, por decreto de 20 de janeiro de 1848. Foi participado á camara municipal, em officio do governador civil, de 27 do dito mez e anno.

A cidade

Está vantajosamente situada sobre a margem direita do Lima e proximo da foz d'este formosissimo rio.

Tem uma vista surprehendente sobre as duas margens, sempre cobertas de verdura e orladas de frondoso arvoredo, alternado de bonitas povoações, magnificos edificios, e poeticas egrejas e ermidas. De qualquer ponto da cidade se descobre uma vasta extensão do Occeano Atlantico; porém, o panorama que se gosa do alto de Santa Luzia é sobremaneira dilatado e admiravel.

Ao longo da margem direita do rio, tem um bello caes de cantaria, construido ha poucos annos, e que é um agradavel passeio até á barra, e muito mais agradavel será, quando (como está projectado) a camara d'alli remover o ignobil mercado do peixe, que, além do cheiro pestilente que espalha pelo ambiente, obriga a ouvir com frequencia as phrases obscenas que os peixeiros e as regateiras costumam proferir.

Junto ao caes e entre a parte occidental da cidade e o castello, existe o passeio publico, construido depois de 1834, e que se vae mudar em mercado de peixe.

A uns 400 metros ao N. do castello (do qual trato em artigo especial) se vê a formosa egreja de Nossa Senhora da Agonia, com o seu vasto e bonito adro, ficando-lhe ao S. e E. o extenso *Campo da Agonia*, onde se faz uma das maiores e mais importantes feiras da provincia, como adeante se verá. Ao N. N. O. d'este campo e sobre o cume de um monte, com 680 metros de elevação sobre o mar, alveja a historica ermida de Santa Luzia (8.º vol., pag. 420, col. 2.ª no fim e seguintes).

Ao Campo da Agonia, no rumo do N., se seguem as freguezias da Areosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Molledo, Cristêllo, Villarelho e Caminha, sempre á beira-mar, todas atravessadas pela bella estrada real á macdam e pelo caminho de ferro, constituindo um passeio encantador, e le-

vemente ondulado, sempre por terrenos ferteis, e bonitas egrejas e povoações, como vimos quando descrevi estas freguezias.

É pois o Campo da Agonia o mais bello sitio de Vianna e passeio predilecto dos seus habitantes e dos *touristes*.

Fallando a verdade, com risco de desagradar aos viannenses, direi que o interior da cidade pouco interesse póde inspirar ao viajante. Tem ruas bastante compridas, é verdade, mas todas estreitas, e quasi todas tortas. Seus largos ou praças, são pequenos e muito irregulares; os seus *hoteis* são insignificantes (e caros) para uma cidade capital de um districto administrativo, praça de guerra e quartel de dois regimentos do exercito. Exceptuando uma fabrica de moagem e serragem, na margem esquerda do rio, não ha na cidade uma unica fabrica movida por vapor.

Vianna do Castello, que quando era *Vianna Cabeça do Lima*, *Vianna do Lima* ou *Vianna do Minho*, foi uma povoação importantissima pelo seu commercio, está actualmente quasi reduzida ao movimento commercial de duas casas inglezas, de importação de bacalhau, pertencentes aos negociantes, os srs. *Hunt Murat* e *Noble & Teage*, que importam annualmente mais de 300 contos de réis de bacalhau, quantia superior em valor a todos os mais generos importados por esta barra.

É porém natural que o caminho de ferro do Minho e o estabelecimento de uma das suas principaes estações aqui, façam recuperar a Vianna a sua antiga prosperidade.

Deve porém dizer-se, em abono da verdade, que o assento da cidade é um sitio formosissimo, e os seus arrabaldes são summamente encantadores.

Está assente a poucos metros de sua barra, abrigada do N. pelo monte de Santa Luzia e outros — projecções da grande *serra d'Arga* — e do S., por uma cadeia de collinas, cobertas de densos pinheiraes, e cercada de extensos, ferteis e bem cultivados campos, cobertos de perenne verdura.

Vianna militar

Foi esta povoação cercada de muralhas, construidas no seculo XIV. Principiava a circumvalação na *Porta da Ribeira*, seguindo pela rua do Caes, Victoria, arco de S. Crispim, rua do Caxuxo, direita ao *Eirado* (hoje casa dos srs. Malheiros Reimões), voltando d'alhi á *Praça da Herva*, e terminando na da Picota.

Tinha cinco portas, de *S. Thiago* ao norte, de *S. João* e *Senhora da Victoria* ao sul, de *S. Pedro* a E. e *S. Philippe* ao O. Hoje, apenas leves vestigios d'estas muralhas se divisam na praça da Herva e na rua dos Fornos. Ainda porém existe o arco de S. Crispim. (Porta de S. Philippe).

Todas estas portas — menos a de S. Thiago — tinham ao pé ermidas dedicadas, a da porta de S. Philippe aos Santos Crispim e Crispiniano, e as outras aos santos da sua invocação.

O castello

Desejando D. Affonso III defender a barra do Lima, porto da sua nova povoação, das surpresas dos invasores, os viannenses se obrigaram, em 1253, a construir á sua custa uma forte torre, a que deram o nome de *Roqueta*, [1] concorrendo para esta obra, assim como para o cinto de muralhas da villa (e a defendel-as em tempo de guerra) todo o povo de Vianna, pelo que o mesmo soberano lhe concedeu muitos e valiosos privilegios.

Em 1498, passando por esta villa o rei D. Manuel, para ser jurado em Toledo herdeiro de Castella, visitou a Roqueta, mandando alli levantar uma alta torre, guarnecida de artilheria, para defeza da barra, e ainda alli se vêem as armas do *Rei venturoso* (e ingrato).

Em 1592, o usurpador Philippe II mandou accrescentar e fechar o castello com as competentes cortinas, defendido por cinco baluartes e dois revelins, e cercado de fossos.

---

[1] Chama-se castello *roqueiro* ao que é construido sobre uma rocha (roca) e supponho que a esta torre, por ser construida sobre algum recife chamado *Roquêta* (pequena rocha) se lhe deve o nome que já tinha o recife. Roquêta corresponde ao francez *Rochelle*.

Ainda estas obras não estavam concluidas quando teve logar a feliz acclamação de D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640, sendo então governador d'este castello, por D. Philippe IV, o castelhano D. Bernardino Polanco e Santilhana.

Não se querendo render, os viannenses levantaram contra a fortaleza tres reductos, um na bôcca da barra, outro na Ribeira e o terceiro junto á ermida de Nossa Senhora da Conceição. Os castelhanos, aterrados com estes preparativos, capitularam logo a 20 de dezembro, sendo immediatamente substituidas as armas de Castella pelas de Portugal.

Quatorze annos depois, foram concluidas todas as obras d'esta fortaleza, como consta de uma inscripção que está sobre a porta principal, e que diz:

FEZ ESTA OBRA NOS ANNOS
DE 1650 ATÉ 1654 GOVERNANDO
AS ARMAS D'ESTA PROVINCIA
DE ENTRE DOURO E MINHO
DOM DIOGO DE LIMA NONO
VISCONDE DE VILLA NOVA DA
CERVEIRA

O meu generoso e esclarecido amigo, o sr. Doutor Pedro Augusto Ferreira, ao qual esta obra tanto deve, publicou no *Commercio Portuguez* uns curiosissimos e importantissimos artigos com respeito a Vianna do Castello, e, tratando d'esta fortaleza, diz:

«Junto á base de uma das cortinas da muralha, que dá para uma porta por onde se vae para o castello ou fortim da barra, na foz do Lima, se vê uma grande pedra quadrangular, embutida no muro sem saliencia nem lavores, com a inscripção seguinte em caracteres latinos, bem gravados e bem visiveis, mas que hoje com difficuldade se lêem, por terem abreviaturas e estarem cobertos de musgo bastante alto.

«Em portuguez, e, pondo de parte as abreviaturas, diz o seguinte:

«*Por mandado de Sua Magestade, seja notorio ás embarcações portuguezas, que passarem por esta fortaleza, que nem á entrada n'este porto, nem á saida d'elle me devem salario, propina nem direito algum, nem a ella, nem ás pessoas, que n'ella servem; e ás embarcações estrangeiras seja notorio, que por entrada não me devem tambem cousa alguma, e á saida ande* (sic) *pagar um cruzado por cada embarcaçam, e nenhuma outra cousa mais. Lisboa XIX de Novembro de M.D.LVII.*

«É uma inscripção importante para a historia d'esta cidade, e nenhum dos livros que consultamos a menciona, nem mesmo o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida, sendo o seu auctor natural de Vianna!

«Prova ella claramente as franquias que os nossos reis concederam a esta cidade, emquanto que outras praças maritimas, como mostraremos quando fallarmos do castello da Foz do Douro, eram uma grande peia para a navegação e commercio.

«Este castello (de Vianna) foi importante ainda no seculo passado; é espaçoso, tem no centro um bonito largo e quarteis, assenta todo em rocha firme, e as cortinas S. e O. são banhadas pelo oceano; mas está completamente desguarnecido, — é dominado por pontos muito proximos, e em frente da poderosa artilheria moderna voaria como um castello de cartas ao sopro de uma creança.

«Tem hoje apenas o valor das suas tradições.

«Ainda por occasião da ultima guerra civil ou da Junta do Porto (1847) a elle se acolheu uma pequena força que não adheriu á revolução, e n'elle se sustentou mezes contra forças muito superiores, em quanto teve munições e viveres. E a rainha, a sr.ª D. Maria II, em premio da valentia dos sitiados, que se lhe conservaram fieis, elevou a villa á cathegoria de cidade, e lhe deu o nome de Vianna *do Castello*, para memoria do facto, que logo desenvolveremos.»

Foi em 1654 que se construiu o baluarte de S. Pedro, voltado ao N. e o terrapleno do sul.

Foram estas as primeiras obras que a *fazenda real* mandou á sua custa fazer no castello; todas as antecedentes tinham sido feitas á custa da camara de Vianna.

Esta fortaleza pode conter 3:000 homens de guarnição, com os competentes quarteis, casa para residencia do governador, egreja, casa d'armas, paiol, etc.

Em 1700, sendo governador das armas da provincia d'Entre o Douro e Minho, D. João de Sousa, se construiram os revelins exteriores.

Os ultimos melhoramentos são devidos ao general David Calder, em 1799.

Tinham os pescadores, ao tempo da primeira obra de fortificação, construido uma pequena ermida, dedicada a Santa Catharina, na foz do rio, com o respectivo capellão; mas, com as obras mandadas fazer por D. Philippe II, ficou dentro dos muros, e os pescadores privados de irem alli fazer as suas orações a toda a vez e hora que quizessem, do que se queixaram áquelle usurpador, que (grande milagre!...) mandou que se lhes pagasse o damno, determinando que a egreja ficasse annexa ao castello, e que tivesse por orago S. Thiago, padroeiro da Hespanha; mandando-lhes construir uma ermida, dedicada á mesma Santa Catharina, fóra dos muros da fartaleza, e é a que ainda existe.

No meio da barra está um fortim semicircular, que pode jogar terrivel artilheria para o mar, sem receber damno, pela sua pequena elevação ao nivel das aguas. Serve de registo.

Familias nobres de Vianna, em 1883

São muitas as familias nobres que em Vianna tiveram casa, e posto que vamos dar uma noticia genealogica das que ainda hoje teem representação, não deixaremos comtudo de mencionar as outras, porque de todas se encontram memorias, se não em seus descendentes, por se acharem extinctas, ao menos nos brazões d'armas que se vêem em muitas capellas das egrejas d'esta terra, e em casas nobres, d'onde a contar da extincção dos morgados, vão desapparecendo, ao passo que por venda estas casas passam para possuidores estranhos.

Relacionando-as pela letra alphabetica, existem ou existiam em Vianna as seguintes familias nobres:

Abreus Limas

Senhores da casa e quinta do Ameal, situada no fim da rua da Bandeira em Vianna, em frente da capella de S. Vicente.

É esta familia um ramo dos antigos srs. de Regallados e descende de

1.º — Pedro Gomes de Abreu, senhor de Regallados, do qual se faz menção a pag. 14 do 7.º volume d'este *Diccionario* na palavra *Pico de Regallados*, onde se diz que tivera de D. Catharina d'Eça, abbadessa de Lorvão, 6 filhos e filhas.

Um d'esses filhos foi:

2.º — Antonio d'Abreu de Lima, que do senhorio de seu pae ficou com a quinta do Paço d'Atães, no concelho de Regallados, e casou em segundas nupcias com D. Brites Velho Barreto, de quem entre outros filhos teve a

3.º — Leonel d'Abreu de Lima, senhor do Paço d'Atães, que casou em Vianna com D. Maria Carneiro Jacome e teve, além d'outros filhos, a

4.º — Antonio d'Abreu de Lima, senhor do Paço d'Atães, que casando com D. Joanna de Mello Alvim e Grado, natural de Vianna, da antiga casa da Carreira, hoje conhecida pela do Camarido, teve entre outros filhos a Leonel de Lima d'Abreu, fidalgo da casa de Sua Magestade, senhor do Paço d'Atães, e fundador da capella de Nossa Senhora do Bom Despacho, com sua mulher D. Anna Carmena de Barbosa, viuva de Manuel Pereira Barreto e Fagundes.

Esta capella, que está nos claustros da Misericordia em Vianna, tem o brazão partido em pala, com as armas dos Abreus e Limas e a seguinte inscripção:

CAPELLA Q MANDOV FAZER LIONEL DE LIMA ABREV FIDALGO DA CAZA DE SVA MAG. COM HVA MISSA COTEDIANA POR SI E SVA M. DONA ANNA CARMENA DE BARBOZA P. Q DEIXOV JVRO A ESTA SANTA CAZA.

Fallecendo sem filhos legitimos este Leonel de Lima Abreu, succedeu no Paço d'Atães seu irmão

5.º — Pedro Gomes d'Abreu, que foi tambem senhor da casa do Ameal e teve de Catharina Cerqueira um filho natural, chamado

6.º — Antonio de Lima d'Abreu, que sen-

do legitimado por seu pae, foi fidalgo da casa real, senhor do Paço d'Atães e casa do Ameal, e casou duas vezes; a primeira com D. Anna da Rocha Portocarreiro, de quem teve uma unica filha chamada D. Joanna, que casou com Lourenço Ferreira Brandão, de quem descende a familia da casa de Santo Isidoro, em S. Salvador da Torre.

A segunda vez casou com D. Maria de Mello de Lima e entre outros filhos teve a

7.º — Pedro Gomes d'Abreu, que foi fidalgo da casa real, senhor do Paço d'Atães, casa do Ameal e capella do Bom Despacho e casou com D. Francisca de Barros Rego, de quem, entre outros nasceu

8.º — Antonio de Lima e Abreu, fidalgo da casa real, senhor dos Morgados, que casou em Braga com D. Antonia Joaquina Pereira da Silva, senhora herdeira da casa dos Travessos, chamada hoje dos Limas, e entre outros filhos teve a

9.º — Pedro Gomes d'Abreu, senhor de toda a casa de seus paes, fidalgo da casa real, que casou com D. Anna Gertrudes Malheiro, da casa da Torre de Refoijos, em Ponte do Lima, da qual se falla n'este *Diccionario*, na palavra *Refoijos*, a pag. 100 do 8.º volume, e teve a

10.º — Leonel d'Abreu de Lima, actual senhor do morgado d'Atães, casa do Ameal e outras, fidalgo da casa real, o qual, servindo como capitão de voluntarios realistas na guerra civil, foi prisioneiro dos liberaes.

Ultimamente nomeado sargento-mór de Vianna, não chegou a exercer este cargo.

Vive hoje na sua casa do Ameal com suas irmãs D. Maria, D. Francisca e D. Anna e estão todos solteiros.

Abreus Pereiras Cyrnes

Senhores do Paço de Lanhezes (condes d'Almada).

Já n'este *Diccionario* se tratou d'esta familia, a pag. 135 do volume 4.º e nas palavras *Paço de Lanhezes*, volume 6.º, pag. 382 e *Pombalinho*, a pag. 145 do 7.º volume.

Aqui só accrescentaremos que pertenceu a esta familia e foi irmão de José Pereira de Brito e Abreu, o Dr. Sebastião Pereira de Castro, fidalgo da casa real, desembargador do Paço, procommissario geral da Bulla da Santa Cruzada, que fez as vezes de 1.º Ministro no tempo de D. João V e principios do reinado de D. José, e pelos seus grandes serviços alcançou para a casa de seu irmão duas commendas, a alcaidaria-mór de Ferreira e o senhorio de Lindoso, que mais tarde, por decreto de 29 d'Abril de 1793, foi transferido para a freguezia de Lanhezes, onde esta familia tem o seu Paço, e que foi creada villa em remuneração dos valiosos serviços de seu sobrinho e filho natural do dito José Pereira de Brito, o dr. José Rical-de Pereira de Castro, tambem desembargador do Paço e chanceller-mór do reino.

O primeiro senhor de Lindoso d'esta familia foi Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, filho legitimo do referido José Pereira de Brito e Abreu, do qual se falla n'este *Diccionario*, na palavra *Paço de Lanhezes*, a pag. 382 do 6.º volume, e irmão de D. Catharina Josepha Pereira Cyrne, mulher de Joaquim Pereira da Silva Bezerra Fagundes, senhor dos morgados dos Pereiras Fagundes e capella de S. Roque em Vianna, e de D. Marianna Pereira Cyrne de Castro, mulher de João de Barros de Barbosa d'Abreu e Lima, senhor da casa da Carcaveira, em Ponte do Lima.

Abreus Tavoras

Senhores da casa da Carreira (viscondes da Carreira).

Esta familia tem a mesma origem dos Abreus Limas da casa do Ameal e como esta descende de

1.º — Pedro Gomes d'Abreu, senhor de Regallados, por um dos seis filhos e filhas que a pag. 14 do 7.º volume d'este *Diccionario* se diz tivera de D. Catharina d'Eça, abbadessa de Lorvão.

Foi elle:

2.º — Ruy Gomes d'Abreu, que casou com D. Ignez Brandão, filha de Fernão Brandão, commendador de S. João de Cabanas e Santa Christina d'Affife, do qual se fallará ao tratarmos dos Brandões Castros e de sua mulher D. Catharina Fagundes e teve entre outros filhos a

3.º — Diogo Gomes d'Abreu, que a 15 de Novembro de 1611 instituiu o morgado e capella de S. Lourenço de Lapella, em Monsão, e casou com D. Catharina Malheiro, de quem teve, além d'outros filhos a

4.º — João Gomes d'Abreu, senhor do morgado de Lapella, que casou com D. Angela Burgueira, de quem, entre outros, nasceu:

5.º — O Dr. Diogo Gomes d'Abreu e Lima, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Lapella e da casa da rua de Sant'Anna, em Vianna, a que mais tarde se deu o nome de casa da Carreira. Foi juiz de fora em Ponte do Lima e casando com D. Anna Lopes de Castro, da casa de Calheiros, teve duas filhas, uma que falleceu menina, e a que succedeu na casa chamada

6.º — D. Archangela d'Abreu de Lima, que foi senhora do morgado de Lapella e casa da Carreira e casou em Vianna com o seu parente Luiz Alvares de Tavora, fidalgo da casa real, commendador na ordem de Christo, da commenda de Santo Apolinario de Villa Verde em Traz-os-Montes, mestre de campo de auxiliares na comarca de Barcellos e senhor da casa do Outeiro na Ponte da Barca, o qual falleceu a 2 de Outubro de 1707 e era bisneto do celebre Alvaro Rodrigues de Tavora, chamado o Viannez, que foi capitão de naus da India em 1592 e pelos seus serviços 1.º commendador de Santo Apolinario de Villa Verde.

Devemos notar aqui que o magestoso palacio da Carreira, de architectura manuelina, não é obra d'aquella época, como muitos têem dito, mas construcção do seculo XVII, posterior ao enlace d'este ramo dos Abreus com os Tavoras, como o attestam os emblemas heraldicos d'estas familias que se vêem nos arcos dos dois portaes da fachada principal.

Do casamento de D. Archangela com o commendador Luiz Alvares de Tavora, houve muitos filhos, entre os quaes foi um

7.º — Diogo Gomes d'Abreu e Lima, que foi commendador de Christo, senhor das casas de seus paes, mestre de campo de auxiliares e fidalgo da casa real. Sendo capitão de infanteria, foi prisioneiro na batalha de Almança, na guerra de Carlos III, e deixou de usar o appellido Tavora, em virtude da sentença que condemnou ao supplicio a familia do marquez de Tavora e prohibiu o uso d'este nome n'este reino.

Casou duas vezes, a primeira com D. Anna Maria Pereira de Sotto-Maior, da casa de Barbeita, de quem teve filhos, que não chegaram a succeder na casa, e a segunda á hora da morte com D. Isabel Gonçalves, de quem havia tido um filho chamado

8.º — João Gomes d'Abreu e Lima, que foi senhor da casa da Carreira, Lapella e Outeiro, commendador de Christo e fidalgo da casa real e casou com D. Maria Josepha de Queiroz Gayoso, de quem teve a

9.º — Diogo Gomes d'Abreu e Lima, senhor da casa da Carreira, Lapella e Outeiro, commendador na Ordem de Christo, fidalgo da casa real, 2.º visconde da Carreira, em verificação de vida concedida a seu irmão Luiz Antonio d'Abreu e Lima, 1.º visconde e 1.º conde da Carreira. (Veja-se a nota 2 a pag. 589 do 7.º volume d'este *Diccionario*, onde se encontram as datas das concessões d'estes titulos).

Casou Diogo Gomes, 2.º visconde da Carreira, com D. Maria José d'Alpuim da Silva, senhora do Morgado da Boa Vista na Villa da Barca e teve filhos a Alvaro Bravo, que falleceu demente, Luiz Bravo d'Abreu e Lima, que foi senhor da casa da Carreira, 3.º visconde, com grandeza, d'este titulo, e falleceu sem geração, tendo casado com D. Amalia Augusta de Faria Schiappa Robym, e

10.º — D. Maria José d'Abreu e Lima, senhora de toda a casa da Carreira, por morte de seu irmão o 3.º visconde da Carreira, que está viuva de Antonio de Faria da Costa Pereira Barreto Villas Boas, senhor da casa d'Agrella, na Barca, morgado do mosteiro de Victorino das Donas e outros, fidalgo da casa real, commendador de Nossa Senhora da Conceição, de quem teve dois filhos que falleceram e duas filhas que vivem e estão casadas na casa da Carreira, em companhia de sua mãe, a mais velha, D. Maria Luiza, com Bento Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, e a segunda, D. Joanna, com José da Cunha Guedes de Brito.

Agorretas

Senhores do Paço d'Anha e d'uma casa nobre na rua de S. Sebastião em Vianna.

Descende esta familia de

1.º — Lucas d'Agorreta, ou Gorreta, como escreviam outros, que vindo a Portugal serviu em Africa; d'elle foi filho

2.º — João d'Agorreta, que depois de ter servido em Marzagão como capitão, foi a França, onde casou.

3.º — Miguel d'Agorreta, seu filho, viveu em Vianna e aqui casou com Maria Ferreira, tendo além d'outros filhos a

4.º — João d'Agorreta Ferreira, que foi mordomo do Castello de Vianna, administrador da artilheria do Porto e fornecedor de mantimentos da provincia do Minho no tempo de Filippe IV. Fundou a capella de Santo Antonio em 1640, na casa do Paço d'Anha, que instituiu em morgado, e na qual dizem que estivera o sr. D. Antonio, prior do Crato, antes de embarcar para França; e casou com Catharina da Rocha, de quem não houve geração, tendo porém de Maria Carvalho um filho natural chamado

5.º — João d'Agorreta Ferreira, que foi senhor do morgado do Paço d'Anha, e casando com D. Ignez de Miranda Pereira, entre outros filhos teve

6.º — Filippe Pereira d'Agorreta, senhor do morgado e familiar do Santo Officio, que casou com D. Joanna Baptista Velloso d'Azevedo, da villa da Barca, de quem foi filho

7.º — Gregorio d'Agorreta Pereira Velloso de Miranda, senhor do morgado, que casou com D. Maria Josepha Alves da Torre, e teve, entre outros filhos, a

8.º — Antonio José de Agorreta Pereira de Miranda Velloso, senhor do morgado do Paço d'Anha, que em 1778 casou com D. Maria Barbara Felicissima de Sousa Godinho, natural de Pombal, e entre outros filhos teve a D. Anna Augusta d'Agorreta Pereira de Miranda, mãe do laureado poeta Antonio Pereira da Cunha, e a

9.º — Candido d'Agorreta Pereira de Miranda Velloso, que por fallecimento de dois seus irmãos veio a ser senhor da casa do Paço d'Anha e casou com D. Maria Augusta de Sá Coutinho, de Ponte do Lima, irmã do 1.º visconde d'Aurora, de quem teve alguns filhos, que falleceram, á excepção de

10.º — D. Maria Augusta d'Agorreta, que é senhora do Paço d'Anha e mais casa de seus paes e tias.

Alcamins

Familia que vivia em Vianna no seculo passado e que hoje aqui não tem representação. Exerceu cargos militares n'esta terra e na America.

Alpoins Silvas

Senhores do Paço de Villa Fria, de que é actual senhor Jeronymo d'Alpoim da Silva e Menezes.

O outro ramo dos Alpoins, senhores de Merece, por alliança com os Regos, é representado por D. Jeronyma Thereza d'Alpoim da Silva, que está viuva de seu primo Severino d'Alpoim da Silva e Menezes.

Araujos Azevedos

Condes da Barca, senhores que foram da casa do largo de Santo Homem Bom, hoje reduzida a armazem de bacalhau da casa ingleza Hunt Roope Teage and C.ª

Um dos ascendentes dos actuaes representantes d'esta familia foi

1.º — Fernão Velho d'Araujo, neto d'outro Fernão Velho d'Araujo e de sua mulher D. Leonor d'Azevedo, que casou em Vianna com D. Anna Nunes Bezerra, de quem entre os filhos que teve mencionaremos dois, o mais velho Paio d'Araujo d'Azevedo, em quem seguimos este ramo, e o outro Tristão d'Araujo d'Azevedo, de quem vem os Azevedos da Torre da Passagem, representados hoje pelo visconde da Torre das Donas.

2.º — Paio d'Araujo d'Azevedo, casou na villa da Barca com D. Anna Gomes Pimenta e entre outros filhos teve a

3.º — Fernão Velho d'Araujo, que tambem casou na Barca com D. Catharina da Costa Velloso, e teve filhos, dos quaes um foi

4.º — João d'Araujo d'Azevedo, que casando com Catharina Pereira, filha bastarda de Antonio Pereira, vigario de Cabana-maior e instituidor do morgado das Choças, teve dois filhos, que foram Fernão Pereira d'Araujo d'Azevedo, em quem continuamos este ramo, e Antonio d'Araujo d'Azevedo, tenente general de infanteria, fidalgo da casa real, que succedeu a seu irmão no morgado das Choças, por lhe não ficar geração legitima, e que casou em Vianna com D. Luiza Maria d'Araujo Bandeira, de quem teve a Luiz d'Araujo d'Azevedo, que foi senhor do morgado das Choças, e de sua primeira mulher D. Clara de Magalhães e Abreu teve a D. Marqueza d'Araujo e Azevedo, senhora que foi do morgado das Choças, e casou com o seu primo Antonio Pereira Pinto d'Araujo Fagundes, abaixo mencionado com o n.º 7.

5.º — Fernão Pereira d'Araujo e Azevedo, foi senhor do morgado das Choças e teve filho bastardo legitimado a

6.º — Tristão Pereira Pinto d'Azevedo, que, seguindo a magistratura, foi provedor em Guimarães, e casou com D. Violante Pereira Pinto, senhora da casa de Sá, em Ponte do Lima, de quem teve entre outros filhos a

7.º — Antonio Pereira Pinto d'Araujo Fagundes, senhor da casa de Sá, que casou com a sua prima D. Marqueza d'Araujo e Azevedo, senhora do morgado das Choças, que fica acima mencionada no n.º 4, e teve alem d'outros filhos Antonio d'Araujo d'Azevedo, 1.º conde da Barca, senhor de toda a casa de seus paes, do qual falla este *Diccionario*, na palavra *Ponte da Barca*, a pag. 166 do 7.º volume; Antonio Fernando, abbade de Lobrigos, D. prior da collegiada de Barcellos e inspector das Obras Publicas no Minho, que teve uma filha, casada na casa da Tapada com D. Luiz d'Azevedo Sá Coutinho, senhor de S. João de Rei; João Antonio, de quem tambem se falla a pag. 166 do 7.º volume d'este *Diccionario;* D. Rosa d'Araujo e Azevedo, que foi viscondessa de Midões pelo seu casamento; e

8.º — Francisco Antonio d'Araujo e Azevedo, de quem tambem falla este *Diccionario* a pag. 166 do 7.º volume, que foi senhor da casa da Quinta Fresca na freguezia da Meadella, fidalgo da casa real, do conselho d'el-rei, brigadeiro dos reaes exercitos, commendador de Christo e capitão general dos Açores, onde morreu, tendo casado com D. Francisca Antonia de Sá Sotto-Maior, de quem foi segundo marido e da qual teve um filho e uma filha. Esta foi D. Marqueza, que casou com Luiz Borges Teixeira, de quem ha geração, e o filho foi

9.º — Antonio d'Araujo Pereira Pinto d'Azevedo, que por testamento de seu tio João succedeu no direito ao titulo de conde da Barca e mais mercês que haviam sido do mesmo conde, e por esse motivo, sendo ainda muito novo, assentou praça em capitão e falleceu na sua casa da Quinta Fresca, sendo tenente coronel de infanteria reformado.

Foi tambem senhor da casa de Santo Homem Bom, em Vianna, e por morte de seu tio João, succedeu ao conde da Barca, senhor dos morgados das Choças, casa de Sá e Prova, na Ponte da Barca.

Casou com D. Anna dos Prazeres Calheiros de Magalhães Barreto, e deixou quatro filhas; a mais velha, D. Maria Philomena, que está viuva de Antonio Pimenta da Gama, a segunda, D. Marqueza, que ficou com os prasos da casa, está casada com o bacharel José Mimoso de Barros e Alpoim, filho segundo da casa da Carcaveira; a terceira, D. Francisca, que está casada com João Marinho Gomes d'Abreu; e a quarta, D. Anna, solteira.

Azevedos

Viscondes da Torre das Donas, senhores da casa da Torre da Passagem, hoje mais conhecida pela Torre das Donas.

Um dos ascendentes d'esta familia foi

1.º — Fernão Velho d'Araujo, em quem tambem começamos o titulo dos Araujos Azevedos, do conde da Barca, e que ali se diz casara em Vianna com D. Anna Nunes Bezerra.

D'um seu filho descendem os Araujos do conde da Barca e d'outro os Azevedos da Torre das Donas.

Foi este

2.º — Fernão Velho d'Araujo, que casou

com D. Isabel d'Araujo da Gama, e entre outros filhos teve

3.º — Fernão Velho d'Araujo e Azevedo, que casando com D. Ignez d'Amorim d'Antas, teve muitos filhos e entre elles

4.º — Gaspar d'Araujo e Azevedo, que foi o primeiro senhor da Torre da Passagem em Victorino das Donas, capitão de infanteria, em remuneração dos serviços que fez no Brazil, cavalleiro de Christo e fidalgo da casa real por alvará de 1647. Casou tres vezes e de sua segunda mulher D. Francisca Barbosa teve a

5.º — Amaro d'Azevedo e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, capitão de infanteria, que casou com D. Suzanna Bezerra e teve entre outros filhos a

6.º — Gaspar d'Araujo Azevedo, senhor da Torre da Passagem, fidalgo da casa real, que casou com D. Paula da Gama e teve entre outros filhos a

7.º — Amaro José d'Azevedo e Vasconcellos, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, casado que foi com D. Venancia de Sousa, de quem entre outros nasceu

8.º — Joaquim José d'Azevedo Araujo e Gama, [1] fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, que casou com D. Francisca Angelica de Barros, da casa do Quintal, em Geraz do Lima, e d'elles nasceu entre outros

9.º — Amaro d'Azevedo de Vasconcellos Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor da Torre da Passagem, que casou em Sepões, com D. Rita Josepha d'Araujo, senhora da casa da Castanheira, de quem nasceu além d'outros

10.º — Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor das casas de seus paes, que casando em Coura com D. Maria Luiza Pereira da Cunha de Barbosa, da casa de Montalães e outras, teve entre outros filhos a

11.º — João d'Azevedo Araujo e Gama, fidalgo da casa real, senhor da casa da Torre da Passagem, da casa da Lameira, em Cerdal, junto a Valença e outras.

Casou com D. Maria Rita d'Oliveira Almada, senhora da casa da Barrosa, junto a Villa Verde, e d'ella teve filho unico a

12.º — Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, bacharel formado em direito, fidalgo da casa real, 1.º visconde da Torre das Donas, ex-governador civil de Vianna, que está casado com sua prima D. Maria Emilia do Rego, irmã de José de Barros Lima d'Azevedo do Rego Barreto, do qual se fallará nos Barros Limas, n.º 5, e não tem geração.

Pertence tambem a esta familia, por ser filho reconhecido de João d'Azevedo, e por tanto irmão do visconde das Donas, o Dr. Manuel d'Azevedo d'Araujo e Gama, lente cathedratico da faculdade de theologia, na Universidade de Coimbra.

Bandeiras

Tambem em Vianna vivia no seculo passado, na rua da Bandeira, esta familia, que se uniu á dos Velhos Fonsecas pelo casamento de Antonio Luiz Bandeira, coronel de infanteria paga e cavalleiro de Christo, cujo pae fôra vedor geral da provincia do Minho, com D. Maria da Fonseca, que era neta paterna de Martim Velho da Fonseca, sargento-mór de Vianna, cujos ascendentes deram n'esta terra o nome á Rua de Martim Velho, onde tinham a sua casa nobre, e de sua mulher D. Gracia da Rocha Fagundes, que foram tambem quintos avôs do 1.º conde d'Azevedo, do qual falla este *Diccionario* a pag. 513 do 7.º volume.

Barros Limas

Senhor da casa dos Barros, na rua da Bandeira.

Deu origem em Vianna a esta familia o

1.º — Dr. Gonçalo de Barros, que casou com D. Marianna de Lima e como diz um manuscripto do seculo passado «foi excellente medico e fez cousas grandes, porque doutorou de capello tres filhos, formou de bacharel a dois, metteu seis filhas freiras em S. Bento e fez uma casa nobre.»

---

[1] Falleceu em Vianna, a 30 d'agosto de 1883. (V. Victorino das Donas).

2.º — O Dr. Bento de Barros Lima, seu filho, foi fidalgo da casa real, desembargador da Supplicação, conselheiro da fazenda, alcaide-mór de Villa do Conde, cavalleiro de Christo e senhor da casa dos Barros.

Casou em 1755 com D. Maria Josepha d'Azevedo d'Araujo e Gama, irmã de Joaquim José d'Azevedo, mencionado com o n.º 8 nos Azevedos do Visconde da Torre das Donas, e teve dois filhos, que foram José de Barros Lima d'Azevedo Araujo e Gama, em quem se continua este ramo, e o dr. Gonçalo de Barros Lima, do qual se fallará ao tratarmos dos Figueiredos da Guerra.

3.º — José de Barros Lima d'Azevedo Araujo e Gama, foi senhor da casa dos Barros, fidalgo da casa real, alcaide-mór de Villa do Conde, por alvará de 23 de outubro de 1782, e commandante d'uma brigada de ordenança no Minho, na guerra peninsular.

Casou com sua prima D. Maria Rosa d'Azevedo, irmã de Joaquim d'Azevedo, que nos Azevedos da Torre das Donas se menciona com o n.º 10, e teve a

4.º — Bento de Barros Lima, senhor da casa, fidalgo da casa real, coronel graduado das milicias de Vianna, que nasceu em 1801 e casou em 1825 com D. Maria Emilia do Rego Barreto, filha primogenita do general Luiz do Rego Barreto, 1.º visconde de Geraz de Lima e de sua 1.ª mulher D. Luiza Maria Ruseleben, e teve entre outros filhos a

5.º — José de Barros Lima d'Azevedo do Rego Barreto e a D. Maria Emilia do Rego, viscondessa da Torre das Donas.

O dito José de Barros é o actual representante d'esta familia e está casado com D. Catharina Candida Furtado de Mendonça, de quem tem filhos e filhas, alguns dos quaes já estão casados.

Bezerras

Senhores do Couto de Paredes, na Meadella e da casa de S. Gil de Perre, hoje representados pela sr.ª marqueza de Terena e Monfalim, que tambem é viscondessa de S. Gil de Perre. Da genealogia d'esta senhora já este *Diccionario* se occupou nas palavras *Meadella*, vol. 5.º, pag. 147, *Perre*, vol. 6.º, pag. 695, *Porto*, vol. 7.º, pag. 496 e *Terena*, vol. 9.º, pag. 548.

Bottos

Familia que hoje não tem representação propria, mas se acha ligada a algumas familias de Vianna sem usarem d'este appellido. D'ella ha memoria na egreja matriz, na capella de Nossa Senhora dos Desamparados, padroeira dos artistas d'esta terra, outr'ora chamada de S. Bartholomeu, onde se vê o seu brazão d'armas, que tambem está misturado com outros appellidos nos brazões de duas casas n'esta cidade, uma situada na praça da Rainha e pertencente a familia estranha do seu fundador e a outra na rua da Bandeira, pertencente á familia Bertiandos.

Brandões Castros

Senhores do morgado e capella de S. Bernardo.

Foi tronco d'esta familia

1.º — Fernão Brandão, filho de João Sanches e de sua mulher D. Isabel Brandão, natural do Porto, o qual, depois de ter servido em Africa, nas tomadas de Çafim e Azamor, veiu para Vianna e aqui casou com D. Catharina Fagundes.

Foi commendador de S. João de Cabanas e Santa Christina d'Affife e instituiu um morgado na capella de S. Bernardo, que com sua mulher fundou em 1547, dentro da capella dos Clerigos, na matriz de Vianna, na qual sobre o arco tem dois brazões d'armas, o dos Brandões e o dos Fagundes, com a inscripção seguinte:

ESTA C. MANDOV FASER FERNÃ BRÃDÃ E SVA MOLHER C. FAGVDES.
1547

Um dos seus filhos foi:

2.º — Miguel Brandão de Mesquita, senhor do morgado, que casou duas vezes, a 1.ª com D. Maria Gomes, de quem, entre outros filhos, teve a João Brandão de Mesquita, em quem seguimos este ramo, e a 2.ª com D. Maria Barreto, bisneta de João Velho, o *Ve-*

lho, e d'este 2.º casamento descendem os Brandões Barretos, de que adeante nos havemos de occupar.

3.º — João Brandão de Mesquita, foi senhor do morgado de S. Bernardo, casou com D. Gracia Maciel Garcia, e entre outros filhos teve a

4.º — Miguel Brandão de Mesquita, senhor do morgado, que casou em Vianna com D. Maria Malheiro Quesado, e por falta de geração de seus filhos varões, entrou n'esta casa a varonia de Castros, por sua filha

5.º — D. Margarida Antonia Malheiro Brandão, que casou com Diogo de Sousa e Castro, e teve, além d'outros filhos, a

6.º — João Brandão de Castro, que veiu a succeder nos morgados de S. Bernardo e dos Macieis, instituido este em 1530, por Thiago Pires Maciel, filho do alcaide-mór de Villa Nova da Cerveira.

Casou com a sua prima D. Marianna Antonia Brandão de Castro e teve, entre outros filhos, a

7.º — José Caetano Brandão de Castro, senhor da casa, que casou com D. Benta Marcelina Maciel Caminha da Rocha, senhora da quinta da Granja, em Santa Martha de Portozello e d'outras de quem nasceu o actual representante d'esta antiga e nobre familia.

8.º — João Brandão de Castro, que está viuvo de sua prima D. Maria Emilia de Magalhães, e vive com suas irmãs, D. Marianna e D. Maria Clara.

Brandões Barretos

Senhores do paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima.

Descende esta familia, como se diz no n.º 2 dos Brandões Castros, do 2.º casamento de

1.º — Miguel Brandão de Mesquita, com D. Maria Barreto, bisneta pela varonia de João Velho, o *Velho*, do qual fallaremos no appellido dos Velhos.

Seu filho

2.º — Vasco Brandão Velho Barreto, casou com D. Maria Caminha e teve a

3.º — Antonio Brandão Barreto, que casou com a sua parenta D. Ignez Barreto, filha de Miguel Correia Pinto e de sua mulher D. Anna Gago Barreto, e teve além d'outros filhos a

4.º — Vasco Brandão Barreto, senhor do Paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima, instituido em morgado por sua 3.ª avó materna, D. Anna Gago Barreto. Foi fidalgo da casa real, e em 1706 era sargento-mór de infanteria paga, de Vianna. Casou com D. Catharina da Rocha Soares, e entre outros muitos filhos teve a

5.º — Pedro Pinto Lobo Brandão, que serviu na guerra de Carlos III, e em 1713 era sargento-mór de infanteria paga, de Vianna e senhor da casa de seu pae. Casou com D. Anna Maria Rosa de Sotto-Maior, e entre outros filhos teve a Vasco Brandão Barreto de Sotto-Maior, que foi senhor da casa e poz questão com a irmandade dos marcantes de Vianna, por causa do jazigo de seu 7.º avô João Velho, o *Velho*, como havemos de dizer ao tratarmos dos Velhos; e

6.º — D. Maria Dionizia Brandão Barreto de Sotto-Maior, que casou com Antonio José de Mello e Sousa, senhor do morgado dos Torneiros, em Braga, de quem entre outros filhos teve a

7.º — Francisco José de Sousa Lobo Brandão, que foi senhor da casa e casou com D. Emerencianna Clara Rosa Tenebros, e d'estes é neto o actual senhor do Paço de Santa Leocadia e mais casa de seus ascendentes, Francisco de Sousa Lobo Brandão, que a 22 de janeiro do corrente anno (1883) casou em Vianna com a sua parenta D. Maria José Monteverde da Cunha Lobo, filha do Dr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo.

Brochados

D'esta familia, que veiu para Vianna no principio do seculo passado, foram os vedores geraes d'esta provincia, Antonio José Pinto Brochado e Manuel Pinto Brochado; este ultimo fez em 1730 a casa nobre do Assento, na Portella, hoje padaria militar, fallecendo em 1775, e sua mulher D. Brizida Pinto, em 1764. Sua filha D. Maria Josepha Pinto Brochado, não tendo successão, legou por sua morte, em 1796, ao hospital da caridade, a

sua casa da Portella; mas o estado apropriou-se d'ella e ainda a retêm hoje sem a ter pago.

A esta familia pertenceu a excellente quinta e matta das Corredouras, em S. Salvador da Torre, que legaram aos religiosos dominicos, e o pinhal dos Cruzios, em Santa Luzia, hoje junto á quinta de Valverde, de Antonio Emilio Correia de Sá Brandão.

Caldas

Senhores do morgado do Paço da Estrella, em Santa Martha, unido aos Pintos, senhores do morgado da Boa Vista, dos quaes fallaremos no logar competente.

Calheiros

Senhores do Paço de Calheiros.

Já d'esta familia tratou este *Diccionario*, na palavra *Paço de Calheiros*, vol. 6.º, pag. 381, mas como a noticia genealogica que alli se dá não está exacta, vamos aqui dar uma nova noticia d'esta familia, que para a não estender muito principiaremos a deduzil-a de

1.º — Garcia Lopes Calheiros, que sendo escrivão da camara de Vianna, pelos annos de 1610, veiu a succeder na casa do paço de Calheiros, por falta de geração de seu tio materno, Diogo Lopes.

Casou com D. Genébra Jacome Fagundes e teve tres filhos, que foram Francisco Lopes Calheiros, em quem seguimos este ramo, Balthazar Jacome Fagundes, morto na pendencia de Calheiros, e D. Anna Lopes de Castro, casada na casa dos viscondes da Carreira, como se disse nos *Abreus Tavoras*, n.º 5.

2.º — Francisco Lopes Calheiros foi senhor da casa, casou com D. Marianna Fajardo da Cunha e teve duas filhas: a mais velha, D. Genebra, foi senhora da casa e tendo casado com Francisco de Mello Pereira, filho de Maltez Lopo de Mello, quiz annullar o casamento por sentença que foi dada a favor do marido, e indo este á casa de Calheiros buscar sua mulher, deu origem a um conflicto grave, de que resultou ser morto Francisco de Mello, dois seus irmãos e um creado, e por parte dos Calheiros Balthazar Jacome Fagundes. Seguiu-se devassa ácerca d'esta pendencia, que veiu a terminar pelo 2.º casamento de D. Genebra com Luiz de Mello, irmão de seu 1.º marido, de quem tambem não teve filhos.

A filha 2.ª foi

3.º — D. Victoria Fajardo da Cunha Calheiros, que casou duas vezes, a 1.ª com João Velho Barreto, mestre de campo de auxiliares, senhor do morgado d'Ancede, de quem foi filho Francisco Jacome Lopes de Calheiros, e a 2.ª vez com Guilherme Rubim de Lima, de quem tambem teve filhos.

4.º — Francisco Jacome Lopes de Calheiros, foi senhor do morgado e casa do Paço de Calheiros, que elle reedificou, e d'outros; fidalgo da casa real, mestre de campo de auxiliares, e casou com D. Maria de Benevides Pereira, de quem entre outros nasceu

5.º — Pedro Lopes Calheiros e Benevides, senhor do paço de Calheiros e outros morgados, fidalgo da casa real, que casou com D. Maria Quiteria de Lira Manuel de Menezes, e foram estes os avós de Antonio Lopes Calheiros de Menezes e bisavós de Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, e não Diogo Lopes Calheiros, como se diz a pag. 381 do volume 6.º d'este *Diccionario*.

Teve o dito Pedro Lopes um filho e uma filha. Esta, chamada D. Maria Rosa Ermelinda de Lira e Menezes, casou com Manuel Teixeira Pimentel de Carvalho e Taveira, senhor da casa dos Taveiras, em Villa Real e Lamego, e teve geração, que é a dos viscondes de Guiaens e da Varzea.

O filho foi

6.º — Francisco Lopes de Calheiros Menezes e Benevides, fidalgo da casa real, senhor do Paço de Calheiros, coronel de milicias de Villa do Conde, que casou com D. Maria Thereza de Barbosa Falcão Marinho de Sotto-Maior, de quem nasceram onze filhos e filhas, um dos quaes foi Antonio Lopes, de quem se falla no 6.º volume d'este *Diccionario*, a pag. 381, e o mais velho foi

7.º — Pedro Lopes Calheiros de Menezes, que succedeu na casa, foi fidalgo da casa real, ajudante d'ordens da inspecção geral

de cavallaria do reino na guerra peninsular, com patente de major, e casou com D. Angela Jacome do Lago Moscoso, irmã da 1.ª marqueza de Terena, de quem teve, entre outros, Francisco Lopes Calheiros de Menezes, em quem seguimos este ramo, Pedro Jacome de Calheiros e Menezes, que foi juiz de fóra na villa da Praia, na ilha Terceira, e regressando a Portugal, foi em 1834 nomeado auditor do exercito, em cujo cargo se aposentou e falleceu em 1882, deixando de sua mulher D. Maria Rosa Malheiro de Sousa e Menezes, um filho, Francisco Lopes Calheiros de Menezes, que vive em Vianna e está casado com D. Joaquina da Conceição de Abreu Bacellar, da qual tem uma unica filha chamada D. Maria Anna.

O par do reino Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, que é ministro d'estado honorario, coronel d'estado maior, do conselho de Sua Magestade, grã-cruz de Carlos III e da ordem da corôa d'Italia, e do qual se falla no volume 6.º, a pag. 381 d'este *Diccionario*, tambem é irmão do mencionado Pedro Jacome, e está casado com D. Maria Emilia da Silveira Pinto da Fonseca, sua parenta e viuva do 1.º conde da Costa.

8.º — Francisco Lopes Calheiros de Menezes, foi senhor do paço de Calheiros e mais morgados d'esta casa, fidalgo da casa real, e casou com D. Maria Emilia Falcão Cotta, dos Falcões de Braga, de quem nasceu Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, senhor do paço de Calheiros, que casou no Porto em 1882 com D. Maria da Gloria Alves Guimarães.

Calheiros Bezerras

Senhores da casa da Torre, em Santa Maria de Geraz.

Pertenceu a esta familia o arcebispo de Lacedemonia, D. Antonio Caetano Maçiel Calheiros, que nasceu em Vianna a 25 de julho de 1738. Seu irmão, Francisco José Calheiros d'Araujo, foi cavalleiro na ordem de Christo, capitão de infanteria, fidalgo da casa real, e casou com D. Rosa Maria Barbara da Cunha, de quem entre outros filhos teve a Francisco Xavier Calheiros Bezerra d'Araujo, que foi brigadeiro e governador da praça de Valença e senhor da quinta de Santa Maria de Geraz, na qual succedeu seu irmão Manuel José Calheiros Bezerra, que foi fidalgo da casa real, commendador na Ordem de Christo e desembargador da Relação do Porto antes do governo liberal, e casou com D. Sebastianna Maria de Menezes e Noronha, da casa d'Ois do Bairro, de quem entre outros nasceu Francisco Xavier Calheiros de Noronha, que vive na sua casa da Torre, em Santa Maria de Geraz de Lima, perto de Vianna, com a sua mulher D. Joaquina Werneck de Vasconcellos, de quem tem dois filhos, José Calheiros e D. Sebastianna.

Caminhas

Familia que se alliou a muitas das que tem ainda representação em Vianna. D'ella ha memoria na capella dos reis magos, em S. Domingos, d'esta terra, pertencente aos Vellosos Barretos, representados pela familia Pamplonas Rangeis, senhores do morgado de Beire, que depois tiveram o titulo de visconde.

Campener

Deu origem a esta familia o negociante hollandez Guilherme de Campener, natural de Antuerpia, que vindo para Vianna, no reinado dos Philippes, aqui casou com D. Francisca de Lima (senhora da quinta do Barco, em Victorino das Donas), filha de Manuel d'Abreu.

Fundaram em 1647 a capella do Santo Christo, na egreja do convento do Carmo, onde tem o seu brazão d'armas, e instituiram em morgado a quinta do Barco, a 3 de fevereiro de 1653.

Tem tambem esta familia casa em Vianna no largo de Santo Homem Bom, onde fazia a sua residencia, e é seu representante Francisco d'Abreu Lima Pereira Coutinho, senhor do paço de Victorino das Donas.

Cavalcantis

Familia que se extinguiu em Vianna, onde possuia fortuna, conservando algumas propriedades o seu appellido. Vivia no largo de

Santo Homem Bom, junto ao arco chamado de Cavalcanti, demolido ao tempo da extincção de tal familia n'esta terra. Alguns d'este ramo passaram ao Brazil, onde existem.

Cerveiras

Esta familia, que vivia no Campo de Santo Antonio, e estava aparentada, além d'outras, com os Brandões Castros, está extincta pelo fallecimento de Rodrigo Antonio de Cerveira, que pelos annos de 1820 era escrivão da camara de Vianna.

Coelhos

Senhores da casa do campo da Feira.

Tem esta familia o morgado de Fonte de Gatos, na Ponte da Barca, a casa de Leiras, em Caminha, a quinta da Boa Viagem, na freguezia da Areosa, a pouca distancia de Vianna, e outras; e é seu representante João Coelho de Castro Villas Boas e Sá, bacharel formado em direito, que foi coronel de voluntarios realistas de Vianna, e está viuvo de D. Maria José de Couros e Vasconcellos, senhora que foi do morgado de S. Bento, em Ponte do Lima.

Teve muitas filhas e dois filhos, que todos casaram, sendo d'estes o mais velho João Coelho de Castro, que vive na quinta da Boa Viagem, casado com D. Anna Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, de quem tem muitos filhos.

Da genealogia d'esta familia, trata este *Diccionario*, a pag. 383 do 6.º volume.

Costas Barros

Senhores d'uma casa nobre na rua de S. Pedro, onde se vê o brazão d'armas partido em pala, com as armas dos Costas Barros e que é notavel por uma magnifica janella manuelina, cuja estampa foi publicada no n.º 10 do jornal *Pero Gallego*.

É representante d'esta familia Antonio Felix Mancio da Costa Barros, filho de Manuel Felix Mancio da Costa Barros, e sua mulher D. Thomasia Clara Barbosa de Magalhães e Menezes.

Costas Regos

Familia que tinha o padroado da capella-mór do convento de Santo Antonio, de Vianna, onde tem grandioso sarcophago, com as armas dos Costas Regos, e o corpo em pedra vestido d'armas brancas de Antonio Martins da Costa, cavalleiro professo na Ordem de Christo, fundador d'esta capella, que falleceu a 23 de Junho de 1615.

Pertencia a esta familia o morgado do mosteiro de Victorino das Donas, a casa d'Agrella, na Ponte da Barca, e outras mais, que todas estão unidas á da Carreira, pelo casamento do fallecido commendador Antonio de Faria da Costa Pereira Barreto Villas Boas, com D. Maria José d'Abreu e Lima, senhora da casa da Carreira, pelo fallecimento de seu irmão Luiz Bravo d'Abreu e Lima, 3.º visconde, com grandeza, da Carreira e senhor d'esta casa.

Cunhas (Pereiras)

Senhores da casa da Torre da Cunha e Parque de Portuzello, em Santa Martha.

Para a genealogia d'esta familia, que é representada pelo conhecido poeta Antonio Pereira da Cunha, veja-se este *Diccionario*, nas palavras *Paredes*, vol. 6.º, pag. 484, *Portuzello*, vol. 7.º, pag. 588, e *Torre da Cunha*, vol. 9.º, pag. 601.

Cunhas Lobos

Senhores da quinta das Torres, no castello de Neiva.

É representante d'esta familia Manuel Joaquim da Cunha Sotto-Maior, que vive solteiro, e de avançada edade, na sua casa do Castello.

Sua irmã D. Ursula, que passou a assignar-se D. Thereza de Jesus da Cunha Lobo, casou a 24 de julho de 1820 com o Dr. Luiz Vital Monteverde, que então era juiz de fóra, em Caminha, e falleceu juiz da Relação do Porto. D'estes é filho João Luiz Monteverde da Cunha Lobo, bacharel formado em direito, que casou no Porto com D. Maria Emilia Gonçalves, de quem tem dois filhos e quatro

filhas, e d'estas, a mais velha, D. Maria José, está casada com o seu parente Francisco de Sousa Lobo Brandão, como se diz nos Brandões Barretos.

Cunhas Sottos-Maiores

Senhores do magestoso palacio dos Cunhas, na rua da Bandeira.

Este magnifico palacio, que ainda está incompleto, foi fundado pelo brigadeiro de cavallaria Sebastião da Cunha, e por elle instituido em morgado, com outros bens, e unido aos vinculos já instituidos pelos seus ascendentes.

Seu irmão, Pedro da Cunha Sotto-Maior, foi senhor do morgado do Bellinho e outros, fidalgo da casa real e commendador de Troviscoso na Ordem de Christo, e casou em Lisboa com D. Martha Eugenia de Figueiredo, senhora da casa de Rebellos, de quem nasceu entre outros o chanceller-mór da Bahia, Manuel Antonio da Cunha Sotto-Maior, que casou com D. Vicencia Luiza Pereira de Sotto-Maior, que entre outros filhos teve a Pedro da Cunha Sotto-Maior Rebello, que foi sargento-mór de infanteria, ajudante das ordens do general Bernardim Freire, fidalgo da casa real, senhor dos morgados, e casou com D. Clara Maxima Pacheco Pamplona de Tovar e Menezes, de quem nasceu Gonçalo da Cunha Sotto-Maior, fidalgo da casa real, actual senhor do palacio dos Cunhas, da Bandeira, morgados de Bellinho e outros, que está casado com D. Maria Adelaide Pereira Caldas de Barros e tem uma unica filha, D. Ignacia da Cunha Sotto-Maior de Faria e Silva, que a 4 de fevereiro do corrente anno de 1883 casou, na sua capella da casa de Bellinho, com o bacharel em direito, José Bernardino d'Abreu Gouveia, de Vizeu.

Figueiredos da Guerra

Senhores da casa da Via-Sacra.

Esta bonita casa de campo está situada á cancella d'Areosa, proximo á capella de Nossa Senhora da Agonia, e da sua extensa varanda gosa-se uma ampla vista sobre o Oceano.

Tem uma grande quinta e matta, e o seu jardim, outr'ora franqueado ao publico e notavel pela sua cascata com louça da India e numerosas estatuetas, está completamente arruinado.

Foi seu fundador, nos fins do seculo passado, o Dr. Gonçalo de Barros Lima, filho segundo da casa dos Barros Limas, como se disse ao tratarmos d'esta familia, no n.º 2.

Gonçalo de Barros, seguindo a magistratura, foi juiz de fóra em Evora, fidalgo da casa real, cavalleiro na Ordem de Christo, e depois, abandonando a carreira judicial, veio para a sua terra, casou com a sua prima D. Maria Engracia d'Azevedo, irmã do 1.º visconde de S. Paio dos Arcos, e fez a sua casa da Via Sacra.

Teve um filho e uma filha. O filho, Gonçalo de Barros Lima d'Azevedo, casou com D. Maria Emilia da Cunha Sotto-Maior, senhora da casa da Seara, junto a Ponte do Lima, de quem ha geração; e a filha, D. Marianna Benedicta de Barros e Azevedo, ficou com a casa da Via Sacra, e casou em 1833 com Joaquim José da Conceição de Figueiredo da Guerra, doutor em canones, juiz de fóra na Barca e em Vianna, e pelo sr. D. Miguel I agraciado com as commendas da Conceição e Christo e com a medalha d'ouro da sua real effigie.

Entrou pois por este casamento na casa da Via Sacra a varonia dos Figueiredos da Guerra, de Condeixa a Nova, a cuja familia pertencia o dr. Joaquim de Figueiredo, do qual existem dois filhos e uma filha.

O mais velho, Gonçalo de Barros Figueiredo, está casado com D. Maria Nazareth Mimoso da Costa Alpuim, de quem tem uma unica filha, D. Maria Anna de Barros Figueiredo da Guerra.

O segundo, Luiz de Figueiredo da Guerra, é bacharel formado em direito, e está casado com D. Maria Rosa Cerveira, de quem tem uma filha chamada D. Maria Engracia.

A filha, D. Maria da Conceição de Figueiredo da Guerra, ficou com a casa da Via Sacra, e está casada com o major reformado

José Monteiro de Vasconcellos Mourão, do qual já se deu uma noticia genealogica, a pag. 383 do 6.º volume d'este *Diccionario*, e tem muitos filhos e filhas.

Fagundes

Uma das mais antigas familias de Vianna, representada em muitas casas.

Em varias capellas, fundadas no seculo XVI, na egreja matriz, vêem-se os brazões d'armas d'esta familia, e poucas são as casas nobres do Minho, que por João Alvares Fagundes, descobridor, no seculo XVI, do Banco da Terra Nova, chamado do Bacalhau, e por sua irmã D. Catharina Alvares Fagundes, não tenham sangue dos Fagundes.

Franças

Familia que no tempo da guerra de Carlos III exerceu altos cargos militares, e que tinha a sua casa nobre na rua das Rosas. Unindo-se á de Couto de Paredes, por um casamento entre primos co-irmãos, representa-a hoje a sr.ª marqueza de Terena e Monfalim.

Furtados Mendonças

Senhores da quinta da Preguiça em Santa Martha.

Esta familia veiu d'Angola, nos principios d'este seculo, e fez a sua residencia na quinta da Preguiça, que era de seus passados. Hoje é representada por Luiz Candido d'Antas Furtado de Mendonça, que é casado com D. Anna Pereira Velloso Barreto, de quem ha geração.

Tambem pertencem a esta familia e são irmãos de Luiz Candido:

1.º — O Dr. João Candido Furtado d'Antas, que é juiz de direito, e está casado, e com filhos.

2.º — D. Carlota, viuva do desembargador da Relação de Goa, João Caetano da Silva Campos.

3.º — D. Anna, viuva de José Francisco Pereira, de quem é filha D. Sophia Candida Furtado d'Antas, mulher de José Alfredo da Camara Leme, conservador na comarca de Vianna.

4.º — D. Catharina, mulher de José de Barros, como se diz no n.º 5 dos Barros Limas.

Gouveas Coutinhos

Familia que se acha extincta, mas da qual se vê ainda o brazão na casa da Argaçosa, cabeça de morgado d'esta familia.

Jacomes do Lago

Familia que se uniu á do Couto de Paredes e por isso representada pela sr.ª marqueza de Terena. Ha memoria d'esta familia na egreja do convento de S. Domingos, onde em um magnifico altar e sarcophago, com o brazão esquartelado dos appellidos Jacomes Lagos e a seguinte inscripção:

ESTA CAP. E SEP. HE DO D R IACOME DO
LAGO CAVAL. DO HABITO DE XPO DESẼ-
BARGADOR DA CA DA SUPPÇÃO
HE IVIS DAS 4 ORDẼS MILITARES N R D PORTU-
GAL F A. 4. DE MARÇO DE 1614 DEXO NESTE
ALTAR 3 M REZA-
DAS CADA S. EO DOS CARTAS E CESTAS FRAS 4
MISAS CANTA-
DAS NAS 4 FS DO ANO E F. DE N SRA CON S
RESPOSOS
E MS. D OBRIGÃ. 6 MIL RES CADA NO DESMLA ALEM
DESTA CPA ESTETVIO OVTRA COM OBRIGÃ D 30 M.
CADA NO 3 MIL RS DESMOLA OS DIRAM NESTE
M. ALTAR [1]

Lunas

Familia que unindo-se á dos Barbosas, foi progenitora do infeliz secretario d'estado Mi-

---

[1] Quer dizer: — Esta capella e sepultura é do Dr. Balthazar Jacome do Lago, cavalleiro do habito de Christo, desembargador da Casa da Supplicação, e juiz das quatro ordens militares, n'este reino de Portugal. Falleceu a 4 de março de 1614. Deixou n'este altar, tres missas rezadas, cada semana, aos domingos, quartas e sextas feiras; quatro missas cantadas, nas quatro festas do anno, e festas de Nossa Senhora, com seus responsos e missas de obrigação; 6$000 réis cada anno, de esmola. Alem d'esta capella instituiu outra, com obrigação de trinta missas, cada anno, de 3$000 réis de esmola, e se dirão n'este mesmo altar.

guel de Vasconcellos, cujos avós paternos e seu pae eram de Vianna e senhores da casa da rua do Poço, fronteira á matriz d'esta terra.

Magalhães

Senhores d'uma casa nobre na rua da Piedade, da qual ha pouco, por estar alheada, se tirou o brazão, que era esquartelado com os appellidos Pereiras, Magalhães, Paços e Figueirôas. Alliada aos Caldas, só existe geração d'este ramo, porque o principal se acha extincto.

Malheiros Reimões

Senhores do palacio da Praça, na rua 8 de maio.

Pertenceu a esta nobre familia o bispo d'Angola e depois do Rio de Janeiro, D. fr. Antonio do Desterro Malheiro, que teve 14 irmãos e irmãs, casando uma d'estas, D. Susanna, na casa dos Falcões de Braga, com Manuel Falcão Cotta, fidalgo da casa real, de quem ha representação.

Seu irmão mais velho foi

1.º — Gaspar Malheiro Reimão, mestre de campo de auxiliares, fidalgo da casa real e senhor dos morgados de seus passados, que casou com D. Maria Telles de Menezes, de quem nasceu entre outros

2.º — Ventura Malheiro Reimão Marinho Lobato, que succedeu na casa e casou com sua prima D. Margarida Luiza Pereira Ferraz Sarmento, de quem nasceu

3.º — Gaspar Malheiro Reimão Marinho Lobato, senhor dos morgados, que casou com D. Clara Josepha Lobo de Sotto-Maior, senhora do morgado da Pedreira, S. Chrispim e mais bens, e teve um filho e uma filha. Esta, chamada D. Margarida, casou com o brigadeiro de engenheria José Carlos Mardel, de quem não houve geração.

O filho,

4.º — Ventura Malheiro Reimão Marinho Lobato Lobo, foi senhor de toda a casa, casou com D. Thereza Victoria Calheiros de Menezes, irmã de Pedro Lopes Calheiros de Menezes, mencionado com o n.º 7, nos Calheiros do paço de Calheiros, e teve duas filhas, uma que falleceu de pouca edade, e a outra foi

5.º — D. Clara Carolina Malheiro Lobato Lobo Telles de Menezes, que nasceu em 1800, e é a actual senhora de toda a grande casa de seu pae. Casou com seu tio materno José Lopes Calheiros de Menezes, fidalgo da casa real, capitão de cavallaria, e teve além d'outros filhos, que não deixaram successão, D. Clara Carolina das Dôres Malheiro, que está casada com o capitão de infanteria José Maria Pereira de Castro, fidalgo da casa real, de quem tem filhos, e

6.º — Ventura Malheiro Reimão Telles de Menezes, moço fidalgo com exercicio, por alvará de D. João VI, que assistiu em 1877 ao casamento do sr. D. Miguel e falleceu em Vianna em 1882, deixando dois filhos e duas filhas de sua mulher D. Maria Candida do Patrocinio de Sá Pinto Mendonça, irmã de Camillo de Sá Pinto, senhor da casa da torre de Lanhellas.

Marinhos Gomes

Descende esta familia do casamento de D. Margarida Marinho, filha de D. Vasco Marinho, com Lopo Malheiro, moço da camara d'el-rei D. Manuel, cavalleiro fidalgo da sua casa e 1.º commendador de Troviscoso, na Ordem de Christo.

Tinha esta familia morgado, do qual foi ultimamente administrador Francisco Marinho Gomes d'Abreu, que de sua mulher D. Catharina de Sena Cardoso Pinto, teve quatro filhos, dos quaes o mais velho, Antonio Marinho Gomes d'Abreu, está casado com D. Joanna Pereira Pimenta de Castro, da casa de Pias.

Marinhos Pachecos

Descende esta familia de D. Vasco Marinho, pelo casamento de sua 2.ª filha D. Joanna Marinha com Lançarote Falcão, fidalgo gallego, que passando a Portugal pelos annos de 1489, ao serviço d'el-rei D. Manuel, foi fidalgo de sua casa e 1.º commendador de Santa Maria dos Anjos, de Monsão, na Ordem de Christo.

D'estes foi 3.º neto o Dr. Pedro Marinho Falcão, juiz de fóra de Villa Real, que casou com D. Maria Brandão de Vasconcellos, da Villa dos Arcos, de quem teve alem d'outros a Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, fidalgo da casa real, senhor da quinta dos Marinhos, em Lanhezes, que casou com sua prima D. Marianna Luiza Pereira de Castro, de quem nasceu entre outros D. Maria Xavier de Castro, casada que foi com Gabriel Pereira de Castro, de Valença, e Pedro José Marinho Brandão de Castro, senhor da casa dos Marinhos, fidalgo da casa real por alvará de 13 de setembro de 1714, cavalleiro na Ordem de Christo, com tença em remuneração dos serviços prestados por seu pae e tambem por seu avô materno, o capitão Amaro Rebello da Gama.

Casou o dito Pedro José Marinho com D. Luiza Velho Soares d'Albergaria, natural de Vianna, e d'estes foi filho Pedro Marinho Brandão de Castro, que casando com D. Luiza Maria do Rego Bezerra de Mesquita Brandão, teve, entre outros, a Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, senhor da casa dos Marinhos, e, por sua mãe, do praso de Cardiellos, que pertenceu aos seus ascendentes Mendes Aranhas, e d'outros hoje unidos á casa dos Pereiras Fagundes, pelo casamento de sua filha D. Leonarda Maria do Carmo, com Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, como se diz nos Pereiras Fagundes.

Mellos Alvins Pintos.

Condes do Camarido.

Tem esta familia casa nobre em Vianna, a qual era antigamente conhecida pela casa da Carreira, antes d'este nome ser adoptado pela casa dos viscondes d'este titulo. Hoje é conhecida pela casa dos Camaridos.

Representa esta familia, e tem direito aos titulos de condessa do Camarido e Bobadella, D. Maria Isabel Freire d'Andrade e Castro, senhora das grandes casas do Camarido, Bobadella e outras; que vive em Lisboa, viuva de seu tío Bernardino Freire de Andrade, sem geração.

Pedras Palacios

Esta familia que vivia na rua da Piedade, em casa propria, nos fins do seculo passado mudou a sua residencia para o Campo do Forno (Praça da Rainha), em virtude d'uma subrogação.

Teve morgado, de que foi senhor no principio d'este seculo Balthazar da Cunha Pedra Palacio, sargento-mór de Vianna, que falleceu sem geração, assim como seus irmãos e irmãs, alguns dos quaes succederam no morgado, que, á morte da ultima sua irmã, passou para a familia dos Quesados, por se julgarem ser os parentes mais proximos dos Pedras Palacios.

Pelos annos de 1860 veiu porém do Pará Aniceto Constantino Pimenta, que mostrou melhor direito a este morgado e está senhor d'esta casa, como representante dos Pedras Palacios, por um ramo 2.º d'esta familia, que tendo ido para o Brazil exercer cargos militares alli permaneceu.

Peixotos Cyrnes

Familia que por casamento se uniu aos Abreus Pereiras, da casa do paço de Lanhezes, e da qual a representação está nos condes d'Almada.

Pereiras Fagundes Bezerras

Senhores dos morgados da Bandeira e da capella de S. Roque.

Tem esta familia morgado instituido em Vianna no seculo XVI, e descende de

1.º — Pedro Gomes Pereira do Lago, que sendo dos Pereiras Lagos, do solar do Sopegal, em Monsão, veiu viver para Vianna nos principios do seculo XV [1] e aqui casou com

---

[1] Consta isto de uma carta de provisão, passada em Setubal a 28 de março de 1496, que existe no *foral grande* da camara de Vianna, a folhas 40 e 40 verso, (Tombo da camara) na qual o rei D. Manuel o trata por escudeiro fidalgo de sua casa e lhe faz a *graça e mercê* de o nomear *alcaide das saccas*, da villa de *Vianna de Caminha* e seu termo.

Catharina Alvares Fagundes, viuva de Ayres Pinto. Era esta senhora irmã do celebre João Alvares Fagundes, que com gente de Vianna descobriu o Banco da Terra Nova do Bacalhau, onde teve fortificações de que foi senhor, assim como o foram tambem seus descendentes, até que Portugal perdeu estas terras; e ambos foram filhos de Alvaro Rodrigues Fagundes.

Do 1.º matrimonio de Catharina Alvares Fagundes, descende a casa de Bertiandos, porque tendo ella de seu 1.º marido Ayres Pinto, uma filha chamada Leonor Pinto, casou esta com Martim Fernandes do Castello, irmão de Antonio Fernandes do Caes, e d'este casamento nasceu Ignez Pinto, que estando viuva de Lopo Pereira, de quem foi 2.ª mulher, instituiu em 1566 os dois morgados de Bertiandos, a favor de dois de seus filhos, vindo estes morgados a reunirem-se em 1792, pelo casamento de Damião Pereira da Silva de Sousa e Menezes, senhor do 1.º dos morgados de Bertiandos, com sua prima D. Maria Angelina Pereira da Silva Forjaz e Monte Negro, herdeira do 2.º morgado tambem de Bertiandos.

Do 2.º matrimonio com Pedro Gomes Pereira do Lago, teve Catharina Alvares Fagundes, entre outros filhos, a Gonçalo Pereira do Lago, em quem continuamos esta familia, e a D. Anna Pereira do Lago, que casou com Antonio Fernandes do Caes, escudeiro fidalgo, padroeiro do mosteiro de S. Bento em Vianna, fundado em 1545, irmão de Martim Fernandes do Castello, o de Bertiandos, e d'este casamento houve onze filhos, dos quaes um foi Fernão Rodrigues Pereira, que casou com D. Branca Leitão de Barbosa e Brito, natural de Pinhel, filha do alcaide mór de Castello-Bom; e outro, Gonçalo Pereira do Lago, que casou com D. Ignez de Miranda; e d'ambos estes casamentos houve geração na casa da capella de S. Roque, que, como se verá, se reuniu á da Bandeira.

2.º — Gonçalo Pereira do Lago, casou com Leonor Gomes da Silva e d'estes, entre outros, nasceu

3.º — D. Catharina Alvares Pereira, mulher do seu parente Simão Fagundes, que foi cavalleiro fidalgo e com sua mulher mandou edificar na Misericordia de Vianna a capella de Nossa Senhora, que é hoje a de Santo Antonio, para lhe servir de jazigo e a seus descendentes.

Simão Fagundes foi filho de Alvaro Gonçalves Raymundo, que tambem era cavalleiro fidalgo e de sua mulher Margarida Fagundes, e neto por seu pae de Gonçalo Martins Caldeira e Margarida Rodrigues Raymundo, que passou a segundas nupcias com Fernão Gonçalves Bezerra, senhor da quinta de Paredes, na Meadella, que é solar de Bezerras.

Na capella de Simão Fagundes succedeu seu filho

4.º — Gonçalo Pereira Fagundes, que, como seu pae e avô, era cavalleiro fidalgo e foi o instituidor d'um morgado chamado da Bandeira, juntamente com sua mulher D. Maria de Barbosa da Rocha, por testamento de mão commum, feito a 25 de setembro de 1594, com a obrigação do morgado se appellidar Fagundes.

Era D. Maria de Barbosa da Rocha, filha de Martim Barbosa da Rocha, cavalleiro fidalgo e de D. Leonor Gomes Barreto, sua 2.ª mulher, filha esta de Alvaro Velho e Lucrecia Lobo Barreto, senhora do praso de Varaes, que lhe fez seu cunhado Fernão Velho, commendatario de S. Claudio e de S. Pedro de Varaes, d'onde se intitulava abbade-reitor.

D'este praso, do qual durante a vida do commendatario Fernão Velho, nunca se pagou fôro, por uma quitação que este havia dado, faz menção o padre Carvalho na sua *Corographia*, quando trata de S. Miguel de Azevedo, dizendo pertencer a Ascencio Pereira da Silva, que era o senhor dos morgados da Bandeira, ao tempo em que elle escrevia a sua obra.

5.º — Gonçalo Pereira da Silva, 3.º filho de Gonçalo Pereira Fagundes, foi senhor dos morgados dos Pereiras e Fagundes por morte de dois seus irmãos, Martim Pereira, que morreu em Lisboa, sendo juiz do crime, e Manuel, que não deixaram successão.

Casou com a sua parenta D. Sebastianna Leitão Pereira do Lago, morgada de S. Ro-

que—Bezerras—filha de Roque Pereira Bezerra, senhor da capella e morgados de S. Roque e de sua mulher D. Anna Pereira do Lago, filha de Gonçalo Pereira do Lago e sua mulher D. Ignez de Miranda, dos quaes acima se fez menção, sendo a referida D. Sebastianna neta paterna de Manuel de Xisto Bezerra, senhor da capella de S. Roque e seus morgados, instituidos, um por testamento feito a 16 de novembro de 1595, e outro por escriptura de 13 de junho de 1598, e de sua mulher D. Anna Pereira Leitão, filha dos tambem acima mencionados Fernão Rodrigues Pereira e D. Branca Leitão de Barbosa e Brito.

Um dos filhos de Gonçalo Pereira da Silva foi Ascencio Pereira, de quem o padre Carvalho faz menção na sua *Chorographia*, e que por morte de seu irmão mais velho, Manuel, foi senhor dos morgados da Bandeira —Pereiras Fagundes—dos de S. Roque—Bezerras—e 1.º dos Pereiras Machados, instituido este, em 1656, por o seu parente Francisco Pereira Machado.

Ascencio Pereira não foi casado, mas teve de Eulalia de Araujo uma filha natural, chamada D. Anna Pereira da Silva, que foi legitimada por S. M. D. Pedro II e por breve de S. Santidade Innocencio XII do anno de 1700, e succedeu nos morgados e prasos de seu pae.

Casou esta senhora com o seu parente Matheus Pereira de Castro, fidalgo e cavalleiro na Ordem de Christo, capitão-mór de Monsão e senhor do morgado do Sopegal, mas não teve filhos.

Além de Ascensio Pereira e d'outros irmãos que militaram e deixaram os seus serviços militares para serem remunerados, aos senhores d'esta casa, foi tambem filho de Gonçalo Pereira da Silva

6.º—Manuel da Silva Pereira, que seguindo a vida militar, assentou praça a 23 de maio de 1662 e fez a campanha da acclamação até ao posto de capitão de infanteria. Serviu depois na guerra de Carlos III como sargento-mór de infanteria, e sendo promovido a tenente do mestre de campo general, ficou prisioneiro na batalha de Almança, a 25 de abril de 1707, d'onde passou a França, e d'ahi, recolhendo á sua patria, teve o habito de Christo e com o posto de coronel de infanteria o governo da praça de Valença do Minho, onde falleceu em 1726.

Não casou, mas teve dois filhos legitimados, que foram Manuel da Silva Pereira, que sendo capitão de cavallaria serviu com seu pae na guerra de Carlos III, e foi morto n'uma noite, sahindo a acudir a uma fingida bulha que fizeram á porta de sua casa, e

7.º—Felix Pereira da Silva Bezerra Fagundes, a quem seu pae, o governador de Valença, nomeou a mercê do habito de Christo, que tinha, e todos os serviços militares que havia feito, pedindo a Sua Magestade D. João V os remunerasse n'elle seu filho, concedendo-lhe tambem o habito de Christo, tendo em attenção que elle governador havia gasto quasi tudo que possuira no real serviço. (Testamento de Manuel da Silva Pereira, coronel e governador de Valença, feito a 11 de novembro de 1726, em Valença).

Felix Pereira, filho 2.º do governador de Valença, foi legitimado por breve de Sua Santidade Clemente XI, e por carta regia de 12 de junho de 1714, registada no livro 2.º dos registos geraes, a folha 240, e no livro da camara de Vianna, a folha 126, e succedeu nos morgados da Bandeira, S. Roque e mais bens d'estas casas, a sua prima D. Anna (filha do já mencionado seu tio Ascensio Pereira), da qual ficou herdeiro por testamento de 22 de agosto de 1729.

Casou por escriptura dotal de 25 de novembro de 1729, feita em Vianna, com a sua parenta, da casa de Pias, em Monsão, D. Isabel Pereira de Castro, filha de Manuel Pereira de Castro, senhor do morgado de Pias, capitão-mór de Monsão, cavalleiro de Christo e fidalgo da casa real, e de sua mulher e parenta D. Maria Magdalena de Lançoes e Andrada, da casa do Sopegal, e d'aquelle casamento houve um unico filho, que foi

8.º—Joaquim Pereira da Silva Bezerra Fagundes, que foi senhor de toda a casa de seus paes, tenente coronel de infanteria, governador do forte do Cão, em Ancora, e casou por escriptura dotal, feita no Paço de Lanhezes a 13 de dezembro de 1752, com D.

Catharina Thereza Pereira Cyrne de Castro, irmã de Francisco d'Abreu Pereira Cyrne, senhor do Paço de Lanhezes, alcaide-mór de Ferreira, senhor de Lindoso, senhorio que depois foi transferido para a freguezia de Lanhezes, onde tinha o seu solar, e que foi creada Villa por a rainha D. Maria I, em 1793, governador do castello de Vianna, commendador na Ordem de Christo e moço fidalgo da casa real, dos quaes tambem foi irmão natural o desembargador do paço, José Ricalde Pereira de Castro, que no tempo d'el-rei D. José e D. Maria I exerceu os mais altos cargos do Estado. (Vide este *Diccionario*, na palavra *Paço de Lanhezes*).

Do matrimonio de Joaquim Pereira da Silva, com D. Catharina Cyrne, nasceram dois filhos e quatro filhas. D'estas, só deixou descendencia D. Anna Guilhermina Pereira Cyrne de Castro, que casou com o seu primo Manuel Pereira Pimenta de Castro, senhor da casa de Pias, fidalgo da casa real, e teve entre outros a Joaquim Pereira Pimenta de Castro, que por morte de seu irmão mais velho foi senhor de todos os morgados da casa de Pias, uma das mais nobres e ricas do Alto Minho, e que hoje é representada por seu filho Caetano Firmino Pereira Pimenta de Castro.

Felix Pereira da Silva Bezerra Fagundes, primeiro filho de Joaquim Pereira da Silva, foi senhor dos morgados e da casa de seus paes e ajudante do governador das armas da provincia do Minho, com o posto de tenente coronel de infanteria. Morreu coronel reformado, deixando de sua mulher D. Maria d'Araujo, um unico filho, chamado Manuel Pereira, que morreu sem descendencia a 22 de abríl de 1823, na villa da Lavaneza, na provincia de Leão (Hespanha), pelo que passaram os morgados a seu tio

9.º — José Pereira Cyrne de Castro da Silva Bezerra Fagundes, filho do sobredito governador do forte do Cam. Foi monteiro-mór de Vianna e voluntario realista, e casou com D. Maria Ludovina Pereira de Castro, de quem nasceu o actual representante d'esta casa e familia

10.º — Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, que é senhor dos morgados da Bandeira (Pereiras e Fagundes) e dos de S. Roque (Bezerras), e pelo seu casamento senhor, além d'outras terras, do praso, casa e quinta d'Arcellos, em S. Lourenço do Matto; do da Barageira, em Affife; do praso, casa e quinta de Cardiellos, que pertenceram aos ascendentes de sua mulher, Mendes Aranhas, onde viviam pelos annos de 1600, e do praso do Rego, em Lanhezes.

Casou a 11 de agosto de 1852, na sua capella de S. Roque, com D. Leonarda Maria do Carmo Pacheco Marinho Brandão de Castro, filha legitimada e herdeira de Francisco Pacheco Marinho Brandão de Castro, senhor, além d'outras terras, dos prasos e casas referidas e tenente de infanteria na guerra peninsular, e houve d'este casamento oito filhos, dos quaes o mais velho, José Pereira, é formado em direito.

Pimentas da Gama

Senhores do praso de Balthazares, em Affife. Já se deu a noticia genealogica d'esta familia, a pag. 383 do vol. 6.º d'este *Diccionario*.

Pintos

Senhores do morgado da Boa Vista, em Santa Martha, de que foi ultimo administrador José Pinto d'Araujo Correia, fidalgo da casa real, major de infanteria n.º 19, commendador na Ordem de Christo, de S Pedro de Lomar, e alcaide-mór de Caminha, por decreto de 14 de novembro de 1820, em remuneração dos serviços prestados por seu irmão, a quem succedeu no morgado (Sebastião Pinto, que foi um dos chefes da expedição a Montevideu, e na volta para o Rio de Janeiro morreu afogado, em 1818, no naufragio da nau *Maria Thereza*.)

Pittas

Tambem viveram em Vianna alguns ramos d'esta familia dos Pittas, de Caminha, que hoje aqui não têem representação, mas possuem bens. O representante d'esta familia e senhor da casa dos Pittas, de Caminha, Rodrigo de Castro Menezes Pitta, par do rei-

no, juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, acaba de fallecer (março de 1883) n'aquella villa, ficando seu successor seu irmão, o general barão de Proença.

Portos Pedrosos

Familia extincta pela morte de Felix de Andrade Rubym do Porto Pedroso, senhor do morgado dos Portos Pedrosos, instituido no seculo XVI, com capella de Nossa Senhora do Pé da Cruz, na matriz de Vianna, e do qual era cabeça a casa nobre da rua da Bandeira, onde se vê ainda o brazão dos Pedrosos. Foi casado com D. Maria do Carmo de Brito Amorim da Gama Lobo, senhora dos morgados dos Britos, dos Arcos, Villar de Mouros, junto a Caminha, e outros, e não teve filhos.

Quezados

Senhores do morgado dos Quezados, na rua da Bandeira, e além d'outros muitos bens, da quinta de Santa Margarida, em Deão.

Pertenceu a esta familia o grande Dr. Marçal Quezado Jacome, que foi lente de prima de leis e desembargador do paço, e hoje está extincta, pelo fallecimento, em 1862, de D. Maria Xavier Quezado de Villas Boas, que, não tendo successão do seu parente José Lobo da Cunha Barreto, de quem estava viuva, deixou a sua fortuna a D. Maria Angelina Quezado Villas Boas, filha natural de seu irmão José Maria Quezado, a qual casou com Joaquim d'Azevedo d'Araujo e Gama, e ambos já falleceram sem geração.

Regos Barretos

Condes de Geraz de Lima, padroeiros que foram da capella do capitulo do convento de Santo Antonio de Vianna.

Tinha esta familia morgado, do qual foi um dos administradores, no seculo passado, Antonio do Rego Barreto, fidalgo da casa real, cavalleiro de Christo, sargento-mór de infanteria, e em 1775 ajudante d'ordens do conde de Bobabella, no governo das armas do Minho.

E d'este foi filho legitimado Luiz do Rego Barreto, 1.º visconde de Geraz do Lima, do conselho d'el-rei, tenente general reformado, commendador na Ordem de Christo, governador e capitão general de Pernambuco, fidalgo da casa real, que falleceu em Vianna a 7 de setembro de 1840 e foi sepultado na capella de Nossa Senhora da Agonia.

Casou em primeiras nupcias com D. Luiza Maria de Ruseleben, e teve duas filhas, a mais velha, D. Maria Emilia, que casou com Bento de Barros Lima, como se diz no n.º 4 dos Barros Limas, e a 2.ª, D. Ignacia Candida, que casou a 26 de maio de 1823 com Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro e secretario d'estado, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem da Torre e Espada, deputado ás côrtes em varias legislaturas, e teve filho unico a Luiz do Rego Barreto da Fonseca Magalhães, que foi 1.º marido da actual condessa de Geraz de Lima e deixou successão, sendo o seu filho mais velho conde de Geraz de Lima.

Ricaldes

Familia que de Hespanha passou a Portugal e adquiriu parte do padroado da egreja de Lanhezes, na qual tem um tumulo alto, com as suas armas, pertencente hoje, pelo ramo dos Abreus Pereiras Cyrnes, representantes dos Ricaldes, aos condes d'Almada. N'elle está sepultada D. Maria Francisca d'Abreu Pereira Cyrne Peixoto, 2.ª condessa d'Almada, fallecida em Vianna a 9 de setembro de 1860.

Rochas Paes

Senhores que foram do morgado do Hospital Velho, em Vianna, onde tinham obrigação de dar pousada aos pobres peregrinos que passassem por esta terra.

É actual representante d'esta familia Gaspar da Rocha Paes de Barros Cação, que vive na sua casa de Belinho, e está viuvo de D. Josepha Werneck de Vasconcellos, de quem tem dois filhos e duas filhas, todos solteiros.

Rochas Paris

Familia que no seculo XVII se tornou notavel na pessoa de Francisco da Rocha Paris, o *Cavallão*, que, segundo uma tradição e noticias manuscriptas, foi encarregado de tratar negocios importantes junto da côrte de Inglaterra.

D'esta familia se encontra memoria na egreja de Monserrate, e na capella de S. Francisco, em S. Domingos, de Vianna, onde se vê, na parede do lado do Evangelho, um brazão esquartellado com os appellidos Rochas Peixotos Paris Maciel, e por cima do capacete, como timbre, a cruz de S. Thiago.

Por baixo do brazão, em uma lapide, tem a seguinte inscripção:

1610
ESTA CAPELA DA INVOC
ÃO DO GLORIOSO P. CERA
PHICO SAO FRC.° HE DE F
RC.° DA ROCHA PARIS CA
PITAO DE INFANTERIA PO
R SVA MAIESTADE CAVALL
EIRO FIDALGO DE SVA CASA
PROFESO DO ABITO D S TIAGO E DE SVA
M MA FRS PEIXOTA FALESEO DI
A DE S IM° BAVTISTA DE 609 E NA
SEO DIA DA ENCARNASÃO DE N
SNOR DE 546 E ELE DIA DA SOR
EISÃO DE XPO DE 544 E FALCEO
. . . . . .

Pertence a esta esclarecida familia o sr. Alberto Feio da Rocha Paris, feito visconde da Torre (de Soutello) em 14 de junho de 1883. (Vide o 2.° Soutello, da col. 2.ª pag., 441, do 9.° volume).

Rournat

Oriunda da França, passou esta familia a Vianna e unindo-se aos Sás Sottos-Maiores, hoje tem d'ella representação os Coelhos de Vianna.

Rubys

Familia que de Amsterdam veiu para Vianna, onde se alliou a algumas d'esta terra, e adquiriu o padroado do convento de S. Francisco do Monte, fazendo junto á egreja do mesmo, uma casa, chamada da Hospedaria, onde se vê um brazão d'armas, com um letreiro por baixo, que diz:

ESTA CASA MANDOV FAZER
SEBASTIÃO PINTO ROBIN SOTTO MAYOR
FIDALGO DA CAZA REAL, CORONEL DE IN
FANTARIA DO REGIMENTO DE VALENÇA,
PADROEIRO D'ESTE CONVENTO

Este Sebastião Pinto, que a pag. 51 d'este volume, na palavra Val de Flores, se diz ser capitão de cavallos, foi posteriormente brigadeiro de infanteria, governador de Valença, senhor da casa dos Rubins, na rua da Bandeira, em Vianna, e da quinta de Val de Flores, da qual no logar citado se dá uma larga noticia, assim como dos ascendentes do mesmo Sebastião Pinto Rubim, que casou com D. Anna Francisca Bezerra.

Sua filha, D. Maria Casimira Rubym Pinto de Barros, succedeu em toda a casa de seus paes, e casando em Braga com Gaspar José da Costa Pereira de Gouveia, do qual foi 1.ª mulher, teve por successora em toda a casa dos Rubins a D. Maria Ignacia Pinto Rubim da Costa Pereira, que casou na casa das Hortas, em Braga, com João de Faria Machado de Gusmão Abreu e Lima, e teve entre outros filhos a Sebastião de Faria Machado, que, sendo senhor da casa dos Rubyns, por sua mãe, emprazou por um grande fôro a quinta de Val de Flores a Gaspar Augusto d'Amorim Felgueiras.

Casou o dito Sebastião de Faria com D. Anna Augusta de Sousa Gomes, e d'estes é filha a actual representante dos Rubyns, D. Maria Ignacia de Faria Machado Rubym, mulher de seu primo José Borges de Faria Pacheco Pereira, da casa de Infias, em Braga, bacharel formado em direito, o qual, por direito de opção, em arrematação judicial, rehouve a mesma quinta de Val de Flores, dos Rubyns, da qual por seu casamento era directo senhor.

Sás Sottos-Maiores

Senhores da torre de Lanhellas e d'uma casa ameiada na praça da Rainha, em Vianna, que indica muita antiguidade.

Tinha esta casa tambem uma bonita tor-

re, que o seu actual possuidor, Camillo de Sá Pinto, derrubou para lhe accrescentar o salão.

Para a genealogia d'esta familia veja-se este *Diccionario*, nas palavras *Lanhellas*, pag. 45 do 4.º vol., e *Torre de Lanhellas*, vol. 9.º, pag. 605.

Sousas Menezes

Senhores d'uma casa nobre na rua de S. Sebastião, onde se vê ainda o brazão dos Sousas Arronches, com o annel de Menezes, e na qual nasceu o chronista da provincia da Conceição, Fr. Pedro de Jesus Maria José, que pertencia a esta nobre familia, extincta pelo fallecimento de Antonio de Sousa Araujo e Menezes, fidalgo da casa do principe regente, que, tendo casado, em Vianna, a 3 d'agosto de 1803, com D. Josepha Pereira Cyrne de Castro, não deixou successão.

Teixeira Macieis

Senhores da casa do largo de S. Domingos.

Esta bonita casa, na qual se vê esquartelado o brazão dos Têixeiras Barbosas Macieis, foi instituida em morgado com a quinta d'Ancora e outros bens, pelo Dr. João Barbosa Teixeira Maciel, cavalleiro professo na Ordem de Christo, que foi provedor-mór e ouvidor geral da Bahia, pelos annos de 1710.

Era ultimamente senhor d'este morgado João Barbosa Teixeira Maciel, que estando viuvo de D. Candida Carolina Homem Pimentel Leite de Magalhães, falleceu sem geração, em novembro de 1880, succedendo-lhe em toda a casa sua irmã D. Maria da Natividade Barbosa Teixeira Maciel.

Tourinhos

Familia que no seculo XVI deu nome á rua que ainda hoje se chama do Tourinho, e que se alliou a muitas familias nobres de Vianna, vindo para aqui do logar do Tourim, freguezia do Amonde.

Pertenceu a esta familia Pedro do Campo Tourinho, a quem pelos seus serviços el-rei D. João III fez mercê de juro e herdade do senhorio da capitania de Porto Seguro, no Brazil, com jurisdicção civel e crime, e hoje não tem representação propria em Vianna.

Velhos

D'esta familia, que se uniu aos Barretos, foi tronco o celebre João Velho, o *Velho*, que vivia em Vianna pelos annos de 1463 e prestou tantos serviços á sua terra, que a gente de Vianna, emquanto elle foi vivo, sempre o escolheu para ser o seu representante em côrtes.

Foi valido da casa de Bragança e padroeiro de Nogueira e Perre, direito que ficou aos seus descendentes, que todos tinham voto na apresentação do parocho de Perre.

Foi sepultado este varão illustre em um sarcophago do lado do Evangelho do altar principal da capella dos Mareantes, na matriz de Vianna, onde tinha a inscripção em letra gothica, que dizia:

«Aqui jaz João Velho, o qual houve uma provisão, por onde esta villa tornou a ser d'el-rei realenga.»

Allude ao facto de D. Affonso V ter dado o senhorio de Vianna ao conde d'este titulo e de João Velho ter conseguido que por morte d'elle voltasse este senhorio para sempre á corôa, e não mais fosse dado a qualquer outro fidalgo, conforme a regalia do foral de D. Affonso III.

Este tumulo, sendo desfeito em 1780, pela irmandade dos Mareantes, que fazia obras na sua capella, deu logar a uma demanda que lhe moveu Vasco Brandão Barreto de Sotto-Maior, 7.º neto de João Velho, e seu representante, terminando por uma composição que foi julgada por sentença, e da qual existe o processo.

Esta familia de Velhos Barretos, aparentou-se com quasi todas as casas nobres de Vianna, e até se extendeu a muitas d'esta provincia e de fóra, occorrendo-nos as seguintes familias com sangue de João Velho:

A casa do Ameal; dos Calheiros, e por estes a dos condes da Guarda; Malheiros Reymões; Ferrazes Gouvêas, de Barcellos; casa d'Agrella, unida hoje á da Carreira; Pereiras Fagundes, de Vianna; Brandões Barretos, do Paço de Santa Leocadia, de Geraz do Lima; Cunhas Lobos, do castello de Neiva; Alpuins, pela casa de Merece; Perestrellos, pela casa de Sinde; Barões de Pombeiro; Viscondes de Pindella; Regos Barretos, hoje representados pelos Barros Limas, de Vianna, e filhos da condessa de Geraz de Lima; Pamplonas Rangeis, visconde de Beire, e por este, os condes de Resende e do Covo; Ferros Ponce de Leão; Wernecks; Viscondes d'Aurora e da Torre das Donas; Figueiredos da Guerra, de Vianna; Abreus, do paço de Victorino das Donas.

Vellosos Barretos

Esta familia tinha morgado em Santa Martha, e pertencia-lhe a capella dos Reis Magos, em S. Domingos de Vianna, de que se falla no appellido Caminhas, e na qual se vê o brazão esquartelado com os appellidos Caminhas Macieis Barros Regos.

Era herdeira d'esta casa, nos fins do seculo passado, D. Antonia Ignacia Velloso Barreto de Miranda Correia e Araujo, que falleceu em 1828, tendo sido casada com José Pamplona Carneiro Rangel, moço fidalgo da casa real, senhor do morgado de Beire e coronel de infanteria, de quem foi filho o 1.º visconde de Beire, que deixou successão nas casas dos condes de Resende e do Covo.

Wernecks

Deu origem a esta familia, em Vianna, o hollandez Gaspar Werneck, que casou com D. Maria de Magalhães.

Teve esta familia morgado com capella, na Misericordia de Vianna, do qual foi ultimo administrador seu 5.º neto Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos, viuvo de D. Marianna Rita de Noronha Menezes Pitta, que falleceu sem geração em 1879, e deixou o seu palacete da rua da Carreira a suas tres irmãs solteiras, D. Luiza, D. Ignacia e D. Anna.

Balthazar Werneck era tambem irmão de D. Josepha e D. Joaquina Werneck, das quaes se falla nos appellidos Calheiros Bezerras e Paes da Rocha, e foi bom poeta.

Algumas das suas poesias estão ineditas e outras acham-se publicadas em diversas folhas litterarias.

Viannas

Familia que no seculo XVII instituiu a capella de Nossa Senhora do Loreto, na egreja de Monserrate, com tumulo alto de estylo normando. Sem representação propria actualmente.[1]

Vieiras Guedes

Vivia esta familia na rua dos Manjovos e tornou-se distincta nas armas.

No tempo da guerra de Carlos III era seu chefe Fernando Vieira Guedes, sargento-mór de infanteria paga, que foi ajudante de sala dos generaes conde d'Alva e marquez d'Angeja.

Seu filho, Antonio Vieira Guedes, seguiu tambem as armas, foi cavalleiro de Christo, e falleceu em 1776, sendo coronel de infanteria. Foi casado com D. Anna Rosa Campello, de quem entre outros filhos teve a Fernando Antonio Vieira Guedes, que, seguindo tambem as armas, foi como seu pae coronel de infanteria e falleceu em 1792, tendo sido casado com sua prima D. Anna Josepha de Sá Gondim.

Hoje em Vianna não tem representação esta familia.

Villas Boas

Familia que no seculo XVI se achava ligada á dos Bottos Rochas e Reimondos, e

---

1 *Vianna* é appellido nobre d'este reino, tomado d'esta Vianna. As armas dos Viannas, são — em campo d'ouro, uma aguia da sua côr.

que hoje tem representação, pela quinta da Boa Viagem, na Areosa, nos Coelhos de Vianna.

—

O artigo pertencente ás familias nobres de Vianna, devo-o á obsequiosidade do meu presadissimo e esclarecido amigo, o sr. Dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, pelo que me confesso summamente obrigado a este illustrado cavalheiro.

Origem de Vianna

A actual cidade de Vianna do Lima, é uma povoação moderna, pois conta apenas 330 annos de existencia, como vimos em *Britonia do Lima* e *Santa Luzia* (Monte), vol. 8.º, pag. 420, col. 1.ª, no fim. Mas isto não quer dizer, que junto á foz do rio, e talvez que mesmo no assento da actual Vianna, não existisse uma povoação, mais ou menos importante, em tempos remotissimos, ainda que d'essa povoação não nos restem hoje os menores vestigios.

Eis o que com respeito á fundação d'esta cidade me diz o meu erudito amigo, o sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, abbade de Miragaia, tantas vezes citado n'esta obra, em carta de 15 d'abril de 1877:

«Segundo a opinião de varios escriptores, foi Vianna fundada com o nome de *Calpe* no anno 2806 da creação do mundo — 1156 annos antes da vinda de Christo, por Diomedes, filho de Tydeu, rei da Etolia na Grecia, poucos annos depois da destruição de Troya. Errando aquelle valente capitão com muitos dos seus em vida aventurosa pelos mares, entrou a foz do Lima, e convidado pela amenidade do rio e das suas margens, fundou aqui a velha *Calpe*.

«Caetano de Souza Brandão, no seu *Jardim Politico*, narra isto mesmo nos versos seguintes:

Diomedes, capitão, heroe valente,
A Troya deixa em cinzas convertida,
E sulcando do mar prata fingida,
Esquece o fogo em liquida corrente.
Navega o estreito, aporta felizmente
Onde onda de crystal bate esquecida;
Calpe edifica, povoação luzida,
Que hoje em *Vianna* luz mais excellente.
Oh! da fortuna casual portento,
Com quem fórte Diomedes tanto alcança;
Sobre o *Lethes* fundando novo assento,
Sobre o rio fundou do esquecimento
O grande capitão sua lembrança.

«Dizem mais que a primitiva *Calpe* já contava sete seculos de existencia quando pelos annos 3603 da creação do mundo os celtas e turdetanos, invadindo a parte occidental da peninsula, feriram entre si grande batalha nas margens do Lima, e que invocando os celtas a protecção dos habitantes de *Calpe*, estes os receberam generosamente e os penhoraram, tanto que os dous povos em breve se confundiram e identificaram, e para melhor resistirem ás aggressões dos turdetanos, transferiram para o monte, hoje denominado — de Santa Luzia, proximo e muito mais defensavel, a primitiva *Calpe*, dando-lhe os celtas o nome de Vianna, em memoria da sua cidade de Vienna, em França.

«Querem outros que o nome de Vianna seja modificação de *Biduana*, por ter sido a nova cidade feita com grande rapidez, por assim dizer — em dous dias.

«Mas a opinião geralmente seguida é que a nova cidade tomou o nome de Vianna de um templo de Diana, que existia no local para onde a transferiram.

«Pelos annos 3827 da creação do mundo, foi esta cidade, já então florescente, conquistada pelos romanos, e em memoria do feito o seu conquistador Decio Juno Bruto, lhe impoz o nome de *Brutonia*, depois *Britonia* que Ptelomeu denomina *Bretoleum* e outros *Britonium*, cidade famosa sob o dominio do povo-rei, e tanto que teve presidentes, um dos quaes fez martyrisar os santos Theophilo, Revocata e Saturnino, e chegou a ser cidade episcopal, [1] mas soffreu muito, como todas as terras da peninsula, nas luctas com os godos, alanos, suevos e

[1] Diz D. Rodrigo da Cunha, que assistira á consagração da egreja de Compostela um bispo d'esta cidade por nome Theodomiro ou Theodosindo.

arabes, sendo tomada e saqueada differentes vezes, e arrasada até aos fundamentos pelo sanguinario Almançor. Os infelizes habitantes de Britonia que escaparam ao massacre, foram habitar o sitio denominado as *Povoanças*, e por essa occasião fundaram um templo no local que hoje occupa a egreja matriz da freguezia da Areosa, com a invocação de Santa Maria de Vianna, que com o tempo se denominou Santa Maria *da Vinea, da Vinha* e *da Vinda.*

«Deram principio á nova povoação (tambem denominada Vianna) pelos annos 983 de Jesus Christo, e em breve se estendeu até á foz do Lima, desde as *Povoanças* até á freguezia da Meadella; mas no anno 997 foi tambem destruida pelo barbaro Almançor, e os habitantes que sobreviveram passaram a habitar o *Atric*, aproximadamente o sitio onde hoje se vê a capella de Santa Catharina, n'esta cidade.

«Desenvolveu-se lentamente a nova povoação, e quando em 1253 alli esteve D. Affonso III, já ella explorava com vantagem o commercio maritimo, o que determinou el-rei a construir um forte castello para o proteger, dando-lhe ao mesmo tempo foral.

«Sobre a porta do antigo castello se gravou a *modesta* inscripção:

TODO O MUNDO ME TEMERÁ E SÓ O TEMPO ME VENCERÁ...

«O foral existe no archivo da camara e diz entre outras cousas o seguinte:

Volo facere populum...

«Ou em vulgar:

Quero crear uma povoação no sitio denominado Atrio, na foz do Lima, e essa povoação de novo se chamará Vianna...

«D. Affonso III foi por tanto quem determinou a existencia d'esta cidade no local que hoje occupa, antigo Atrio, ou simples bairro de pescadores, impondo-lhe de novo o nome de *Vianna.*

«Descendo do monte para a planicie, perdeu os assomos guerreiros que por bom preço pagára, e á sombra do seu foral em breve se desenvolveu, explorando o mar e o Lima, e a riqueza dos seus campos; mas foi no reinado de D. Manoel que attingiu o maior grau de esplendor, quando a vida do paiz se concentrou nas terras do litoral com a conquista e exploração das nossas possessões ultramarinas. E tanto se distinguiu Vianna n'essa lucta de gigantes, que lhe foi dado por brazão *um navio á vela*, com as armas reaes na véla grande, e uma ancora na prôa.

«Fr. Luiz de Souza, na vida do arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, diz o seguinte:

«Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica, e muito nobre, de grande tacto e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas e terras novas do Brazil; por outra com a França e Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia (1560) muitos generos de mercadorias, e despedia outros; para os quaes traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravelas, com grossas despezas, a que respondiam eguaes retornos, e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa...»

«E em outro logar accrescenta:

«Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vai em tamanho crescimento, que ao tempo que isto escreviamos (1619) traziam no mar 70 navios de toda a sorte, com que a terra está massiça de riqueza, por que se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra.»

«Datam ainda d'esse periodo de esplendor, alguns dos edificios de Vianna, ornamentados no estylo manuelino, de que é padrão o grandioso convento dos Jeronymos em Belem.

«Visitando D. Manoel em 1502 esta villa, mandou restaurar o castello de D. Affonso III; é d'esse tempo ainda a parte do actual, denominada *Roqueta*, onde se veem as armas reaes e a esphera armillar, divisa d'aquelle rei.

«Taes eram n'esse tempo os recursos da villa, que os seus habitantes generosamente fizeram á sua custa todas as obras de defeza, ordenadas por D. Manoel, e este os remunerou confirmando e ampliando as isempções e privilegios do foral de D. Affonso III; deu-lhes o brazão das suas armas, entregou á camara a jurisdicção de capitão-mór da villa e seu termo, e lhe permittiu prover todos os officios d'ella. Decahiu, porém, muito Vianna do seu antigo esplendor, apezar da sua vantajosa posição geographica. Determinaram essa decadencia varias causas, nomeadamente a obstrucção da barra, a dominação philippina, a occupação de Pernambuco pelos hollandezes e a extincção dos dizimos e das ordens religiosas; graças, porém, á sua excellente situação, aos recentes melhoramentos materiaes, á libertação do solo e ás magnificas estradas a *mac-adam* que a ligam a todo o paiz, Vianna vae recobrando nova vida, e o caminho de ferro do Porto a Valença, já aberto á circulação até Barcellos, muito poderosamente contribuirá para rehaver a sua antiga prosperidade.

—

Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion General de Espana*, publicada em 1675, diz no capitulo CXXIII, a pag. 141:

«La famosa Villa de Viana, que llaman de Foz de Lima, por estar plantada en las corrientes, y desaguaderos deste rio, dista de Braga seis leguas, es puerto maritimo, capaz de muchas embarcaciones, cenida de fuertes muros, inexpugnable fortaleza, guarnecida, y artillada, sumptuosos edificios, magnificos Templos, rica de tratos, fertil de pescado, y demás regalos.

«Es cabeça de corregimento, que alcança seis Villas, otros tantos Concejos, tres Iuzgados (casi lo mismo) com preeminencia de Voto en Cortes.

«Habitanla tres mil vezinos, nobleza; *pero gente algo inquieta*, [1] e vna Parrochia, Iglesia Colegial, levantada, año 1490, a instancia de Don Iusto Valdino, Obispo de Ceuta, que consta de Arcipreste, Dignidad principal, Tezorero, seis Canonigos, tres conventos de Frayles, vno de Monjas, Casa de Misericordia, y bueno Hospital.

«*Fundaronla Celtas, y Griegos 996 años antes de nuestra Redempcion*, nombrandola Viana, en memoria de la Francesa suya. Aviendo quen diga, sobre las ruinas de la antigua Bretonia, que fue, segun mas cierta opinion, Mondoñedo, en Galicia. [1]

«Corriendo tiempos, se vino a arruinar, sin quedar memoria, ni vestigio della, y poblóla nuevamente el-Rey Don Alonso III de Portugal, año 1260, a quien algunos atrybuen su origen, siendo segunda reedificacion.

«Gozó silla Obispal asta el año 610 [2] vnió a Tuy, despues encorporada al Arçobispado de Braga.

«El-Rei Don Pedro dió titulo de conde desta Villa a D. Juan Alonso: tambien su hijo, Don Fernando, [3] a Don Juan Alonso Telles de Meneses. Vltimamente, D. Alonso Quinto, a Don Duarte de Meneses, nó permanece.»

O auctor enganou-se. Os condes eram de Vianna do Alemtejo e não d'esta. Vide adiante.

—

D. Luiz Caetano de Lima, na sua *Geographia Historica*, tomo 2.º, pag. 13, diz (em resumo):

Vianna (esta) foi fundada por D. Affonso III, pelos annos de 1253, declarando que queria fazer uma povoação, no logar chamado

---

[1] Bem sei!... O auctor era um judeu, natural de Celorico da Beira, e portuguez renegado, que foi viver e morrer em Madrid, onde o usurpador Philippe III o fez chronista *destos reynos* (Hespanha e Portugal). Os viannenses, como vimos, foram dos primeiros que em 1640 sacudiram o detestado e detestavel jugo castelhano. É por isso que Rodrigo Mendes da Silva os acha *gente algo inquieta*.

[1] Já vimos o que a semelhante respeito eu disse em *Britonia do Lima* e na 1.ª *Santa Luzia*.

[2] O bispo era de Britonia e não de Vianna.

[3] D. Fernanno I de Portugal.

Atruim, e *pôr-lhe de novo o nome de Vianna.*[1]

É defendida (além dos seus muros de circumvalação) pela parte do mar, com as seguintes fortificações: (Note-se que o livro foi publicado em 1736).

O castello de S. Thiago, sobre a barra, com cinco baluartes, dois revelins e seu fosso aquatico, aberto em rocha viva, que é obra de Philippe II.

Em frente da mesma barra, na extremidade de um caes, tem tambem uma plataforma meia circular, para defeza da entrada.

Divide-se esta villa em differentes bairros, a saber: o que está dentro dos muros, o *bairro da Bandeira*, o *da Carreira*, o *de Monserrate*, o *de São Bom Homem*, o *do Postigo*, o *de São Bento* e o *Campo do Forno.*

Todos estes bairros são de tal modo povoados que passam de 3:000 visinhos, repartidos por duas parochias. Estas são: a egreja de Nossa Senhora da Assumpção, situada dentro dos muros e erigida em collegiada, pelo papa Sixto IV, entre os annos de 1483 e 1490,[2] á instancia de D. Balduino, bispo de Ceuta, a cuja mitra se deram as egrejas que se haviam desannexado da cathedral de Tuy, antes de passarem aos arcebispos de Braga.[3]

A dita collegiada é hoje egreja matriz, em logar da egreja de S. Salvador, que o fôra muitos annos antes que se murasse a villa.

A outra parochia é de Nossa Senhora de Monserrate, que fica já fóra dos muros.

. . . . . .

[1] Porque a povoação, fundada no monte de Santa Luzia, com o povo fugido de Britonia, já se chamava *Vianna.* (Para a etymologia, vide Vianna do Alemtejo.)

[2] É engano do auctor. Sixto IV foi elevado ao papado, em 1471, e falleceu em 1484, succedendo-lhe, n'este ultimo anno, Innocencio VIII. Devia dizer — *entre os annos de 1471 e 1484.*

[3] O rio Lima dividia antigamente o arcebispado de Braga do bispado de Tuy. Todo o vasto territorio comprehendido entre os rios Lima e Minho, foi do bispado gallego até 1440, passando então para o bispado de Ceuta (Africa) e em 1512 é que foi encorporado no arcebispado de Braga. (Vide Braga).

É Vianna porto de mar, e a sua barra foi tão capaz em outro tempo, que por ella entravam as maiores embarcações; porém hoje está muito entupida de areias, de sorte que só dá logar a navios pequenos, que, pela maior parte, navegam para o norte, especialmente para a Inglaterra.

O seu commercio foi muito grande, no principio do seculo passado, pois chegou a ter 70 navios de alto bordo, pertencentes todos a negociantes de Vianna, e foi talvez esta a rasão de tomar uma nau por armas.

Está hoje a villa de Vianna encorporada na corôa, sendo que antigamente foi de alguns senhores particulares.

El-rei D. Pedro I a erigiu em titulo de condado, a favor de D. João Affonso Tello de Menezes, progenitor dos marquezes de Villa Real e duque de Caminha.

No tempo de D. João I, houve um D. Pedro de Menezes, conde de Vianna e Villa Real, capitão de Ceuta e 1.º almirante, depois dos Passanhas.

D. Affonso V fez tambem conde de Vianna ao famoso D. Duarte de Menezes, 1.º capitão de Alcacer-Cequer (Africa) e seu alferes-mór.[1]

Houve antigamente outra povoação com o nome de Vianna, conforme mostram as palavras que já citámos, do foral de D. Affonso III.

Esta povoação estava assentada mais ao norte, no alto de um monte, onde hoje se vê a egreja de Santa Luzia, e commummente se attribue a sua fundação aos gallos-celtas, uns 300 annos antes de J. C., accrescentando que *elles lhe pozeram o nome de Vianna, em memoria de Vianna, de França, d'onde eram naturaes.*

Esta etymologia ou derivação, não nos parece muito provavel, porque a haver de seguir-se, sem mais fundamento, a semelhança dos nomes, tambem se diria que os moradores de Vianna, do Delfinado, fundaram Vianna, d'Austria; Vianna, na parte meri-

[1] Adeante verei se posso deslindar esta trapalhada dos condes de Vianna do Lima e de Vianna do Alemtejo.

dional da Hollanda; Vianna, no reino de Navarra; e, finalmente, Vianna, no ducado de Bar, sobre o rio Aisne.

(Esqueceu ao auctor mencionar a nossa villa de Vianna d'Alvito).

É Vianna cabeça de correição e assento de um corregedor, de um provedor, e de um juiz de fóra.

O governo particular da villa, se compõe de tres vereadores, um procurador do concelho e outros ministros. Costuma ser a praça d'armas, onde reside o mestre-de-campo-general, que governa esta provincia.

Até aqui a *Geographia Historica*.

—

Em um manuscripto intitulado *Livro das Carregações*, de Gaspar Caminha Barreto, refere este, em relação aos annos de 1621, 1622 e 1623, as exportações de assucar e outros generos coloniaes que se fizeram d'esta villa para Dunquerque, Ruão, Callais, Amsterdam, Amburgo e Veneza, e de cobre, ferro, panno de linho, cordas, ferragens, e muitos outros objectos, para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

—

Attendendo ao engrandecimento de Vianna, em resultado da sua prosperidade, o rei D. Sebastião lhe concedeu o titulo de NOTAVEL, a 26 de março de 1563.

—

Desde o meiado do seculo XIII, até ao reinado de D. Manoel, as pescarías eram a principal e quasi unica industria dos habitantes de Vianna e Darque; mas, desde que D. Vasco da Gama descobriu o caminho da India por mar (1497), Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil, em 1500, e outros arrojados navegadores portuguezes (antes e depois d'aquelles) adquiriram para este reino esse grande numero de ilhas que povoam o Oceano, na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, a maior parte das quaes ainda possuimos, e um vastissimo territorio na costa oriental e occidental da Africa, e alguns *presidios* no interior d'esta região, os viannenses, abandonando a industria da pesca, e a maior parte das suas navegações e negocios com as cidades maritimas da Europa, se arrojaram a mais longinquas e productivas viagens, na America, Africa e Asia, e foi então que o rio Lima, em frente de Vianna, se viu coberto de navios, dos seus habitantes, e o seu porto um emporio de grande quantidade de generos de todas as procedencias, que exportavam em grande escala, para differentes terras do Minho e para o estrangeiro. Tambem muitos navios sahiam d'este porto para os Bancos da Terra Nova, empregando-se na pesca do bacalhau, o que lhes produzia um avantajado lucro, e grande movimento commercial.

A decadencia d'esta povoação principiou no fim do seculo XVI, com a ominosa dominação dos Philippes, que lançaram pesadissimos tributos sobre a navegação.

Tambem durante os tristes sessenta annos que estivemos sugeitos a estes tres usurpadores, e á insaciavel rapacidade castelhana, os hollandezes invadiram varias das nossas possessões do Brazil, apossando-se de algumas d'ellas. Tudo isto causou immensos prejuizos aos viannenses e a paralisação — em grande parte — do seu commercio.

A diuturna guerra da Restauração (1640-1668) tambem concorreu poderosamente para a decadencia de Vianna, decadencia que progrediu durante os reinados de D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e ainda parte do de D. João V.

Em 1715, descobrem-se no Brazil as ricas minas d'ouro e diamantes (*diamantoides*), o que fez engrandecer e prosperar com rapidez a civilisação, o commercio e a população d'aquelle estado.

O commercio de Portugal com o Brazil fez então reviver a até então decadente industria dos viannenses, que continuou a prosperar no reinado de D. José I, época em que a navegação se estendeu, além dos paizes mencionados, á Suecia, á Russia e outros portos.

Porém o destino tinha marcado no seu livro fatal, nova serie de calamidades, não só a Vianna, mas a todo o reino.

As invasões das hordas buonapartistas, desde 1807 a 1811, que roubaram, incendiaram e devastaram a maior parte das povoações portuguezas; a abertura dos portos

do Brazil ao commercio das nações estrangeiras, e a separação d'aquella nossa riquíssima colonia da mãe patria, deram um golpe profundo no commercio portuguez em geral, e no de Vianna em particular.

Como se fossem poucas todas estas calamidades, as areias foram pouco a pouco obstruindo a barra de Vianna, a ponto de não permittirem a entrada de navios de grandes lotações, circumscrevendo o movimento commercial ao que vimos no principio d'este artigo.

—

Vimos em diversos escriptores, a origem de Vianna do Lima e a etymologia do seu nome, com mais ou menos variantes. Vejamos agora o que diz um dos seus mais illustrados filhos e meu presado amigo, o sr. Dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, que em varios livros e innumeros artigos de jornaes tem immortalisado o seu nome e honrado a sua terra.

Sendo ainda estudante de direito, na Universidade de Coimbra, publicou, em 1878, um curiosissimo livrinho, sob o titulo *Esboço historico de Vianna do Castello*, e em 1879 a sua *Guia do caminho de ferro do Minho, de Nine a Valença*. Já em 1877 havia publicado o seu livrinho intitulado *Celtiberos*. Todas estas obras revelam profundos conhecimentos archeologicos e historicos e um entranhado amor á formosa povoação que lhe foi berço.

Com expressa auctorisação do seu esclarecido auctor, resumirei dos seus escriptos o que julgar necessario para a confecção d'este artigo, não tocando nos pontos em que elle concorda com o que fica dito, para evitar fastidiosas repetições.

Celtiberos

Nos tempos primitivos, é provavel que a peninsula hispanica fosse povoada por duas migrações successivas, vindas da Asia, por vias oppostas — a dos *iberos* e a dos *celtas*, segundo Haekel, *Histoire de la creation*, table XV, pag. 319 e 674.

D'estes dois povos se formou a raça *celtiberica*, que os romanos acharam na Peninsula, quando a invadiram; mas foram os phenicios que estabeleceram colonias n'esta vasta região. [1]

Foram pois os celtiberos, que, protegidos pelas colonias phenicias e romanas, deixando a sua vida vagabunda, principiaram a edificar grupos de choupanas, construidas de pedras toscas, e cercadas de um fosso ou valla, para os defender dos animaes ferozes e das tribus inimigas.

São estas edificações as mais antigas que se teem descoberto no monte de *Santa Luzia*, como vimos no vol. 8.º, pág. 421 e seguintes.

Calpe

Pelos seculos XI ou XII antes de J. C. [2] aportavam os gregos ás margens do rio Lima, onde fundaram, junto á sua foz, uma povoação, á qual, attendendo á pressa com

---

[1] Com o devido respeito ao meu esclarecido amigo, dir-lhe-hei: — Segundo a maior parte dos escriptores que tratam da materia, os primeiros habitantes provaveis (*aborigenes*) das Hespanhas, foram os *chaldeus*, que vieram do Oriente, pelos annos do mundo 1792 (2212 antes de J. C.)

Depois, pelos annos do mundo 1900 (2104 antes de J. C.) vieram os babylonios, que se ligaram e confundiram com os chaldeus, (que eram da mesma raça) e só desde então é que se chamaram iberos, por habitarem nas margens do rio Ebro, dando a este territorio o nome de Iberia, hoje Andaluzia. Parece que o nome de iberos lhe provem do rei *Ibero*, que era babylonio.

No anno do mundo 2632 (1372 antes de J. C.) foi a Lusitania invadida pelos gregos, que, não vindo *em som de guerra*, ou como conquistadores, se encorporaram com os iberos.

Pelos annos do mundo 3009 (995 antes de J. C.) houve na Peninsula uma horrorosa secca, que durou 26 annos. A maior parte do povo emigrou para as Gallias; mas, passada a secca, regressaram com os *celtas* francezes, formando-se então a raça denominada *gallo-celta*.

Os phenicios só aportaram á Lusitania, no anno do mundo 3050 (954 antes de J. C.) e em 3412 (592 antes de J. C.) é que vieram os *carthaginezes*, que tambem eram phenicios.

[2] Aliás XIV.

que foi feita, deram o nome de *Calpe*, que significa *pressa, galope*.

«Extincta Troia, Diomedes appulit oris
Lethes, erexit urbem cognomine Calpe
Postque Viannam sic dixere Coloni.
.....
In ripa Lethes Diomedes condidit urbem
Nomine Calpem, nunc pulchra Vianna tenet:
Tyde hine; atque Argua Calpe.....»

(*Rufus Festus Avienus*, poeta godo, do 4.º seculo.)

Consta que ainda em 1710 se dava aos pescadores do Lima a denominação de *Calleyros*, corrupção de *Calpeiros*.

Ainda hoje, em Vianna, existe a *rua dos Calleiros*, que se suppõe ter a sua origem n'aquelle nome.

Vianna antiga

Os gregos e celtas viviam promiscuamente na cidade de *Calpe* (o assento da Vianna actual) [1] mas, como era situada em uma planicie, sujeita ás surpresas dos inimigos, resolveram mudal-a para sitio de mais facil defeza.

Escolheram o sitio mais alto, do monte que lhes ficava sobranceiro, que é uma projecção da *serra d'Arga*, da qual tantas vezes se tem fallado n'esta obra. É o cabeço onde hoje se vê a ermida de Santa Luzia.

Cingiram o ambito da nova povoação com tres cintos de fortes muralhas parallelas, das quaes ainda ha claros vestigios, como vimos no artigo *Santa Luzia*, e são as construcções mais antigas d'este monte.

Segundo a *Benedictina Lusitana*, de Frei Thomaz, o *Compendio de Historia*, de João Castellão Pereira, e outros auctores, esta mudança teve logar no anno do mundo 3708 (296 antes de J. C.) Vide adeante, quando fallo de Diomedes.

Datando a fundação da primitiva Calpe, do anno 359 antes de J. C., vieram os seus fundadores a residir alli apenas 63 annos, antes de se mudarem para o alto.

Segundo a maior parte dos escriptores que tratam d'esta terra, [1] os habitantes da nova povoação lhe deram o nome de *Vianna*, em memoria da cidade de Vianna (Delfinado) nas margens do Rhodano. (Vide no artigo *Vianna do Alemtejo*, o que se diz com respeito a esta palavra.)

Alguns auctores, porém, sustentam que, tendo os *Gallos Celtas* sahido da sua patria no anno do mundo 2988 (1016 antes de J. C.) não era provavel que d'ahi a 657 annos ainda conservassem tão viva memoria da sua patria. [2]

Segundo estes, *Vianna* é corrupção de *Diana*, e deu-se este nome á nova povoação, por haver n'este sitio um famoso templo, dedicado áquella divindade mythologica. [3]

---

[1] Que significa a palavra *Calpe?* Ignora-se. Todos sabem que *Calpe* é um monte da Europa, no reino da Hespanha (hoje praça de guerra ingleza de *Gibraltar*), fronteiro ao monte *Abyla*, na Africa. A estes dois montes chamavam os antigos as *Columnas d'Hercules*. Entre os dois montes se communica o Atlantico com o Mediterraneo, pelo *Estreito de Gibraltar*, corrupção de *Gib-al-Tarik* (monte de Tarik). Seriam os iberos (actuaes andaluzes) que deram o nome de *Calpe* ao monte da antiga *Betica?*

Notemos que *Cal* é um adjectivo grego, que significa *Bello*, como *Calta*, na mesma lingua, significa *Bella-Margem*.

Call, na lingua celta, quer dizer *Gallo* ou *Gaulez;* e *Pen*, na mesma lingua, significa *Cabeço, Cume, Elevação*, etc. *Calpen* vem portanto a significar *Monte* (ou *Cabeço*) *dos celtas*. É escolher.

Pinho Leal.

[1] R. M. da Silva, *Poblacion General de Espana.* — Cuvarruvias, *Thesouro da lingua castelhana.* — Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, e outros.

[2] Aqui ha um anachronismo de 21 annos. Os *Gallos-Celtas* vieram para a Lusitania, no anno do mundo 3009 (995 antes de J. C.)

[3] Estou persuadido que esta etymologia apenas se funda na semelhança do nome. Nem em Santa Luzia, nem junto á foz do Lima, existe o minimo vestigio de semelhante templo, nem a tradição de ter alli existido. É muito mais verosimil a primeira etymologia. Veja-se o que digo adiante, com respeito á etymologia d'esta palavra.

Ainda ha outras etymologias, que se não mencionam por disparatadas.

A velha cidade de Vianna (qualquer que fosse a sua etymologia) existiu por mais de 22 seculos, no alto do monte, até que D. Affonso III a fez mudar para o sitio actual. [1]

Ainda muitos dos antigos escriptores attribuem a *Diomedes* a fundação de Calpe, o qual se diz tambem que foi o fundador da *Tuy da Lusitania* (vide *Valença do Minho*).

Rufo Festo Aviena diz:

«..... Protendit latius arva
Ociani Vianna solo, quae glauca recumbit
Hispaniae Oceano: *Tyde* hinc, atque Argua Calpe
Hinc Hispanus ager, tellus hinc.» [2]

—

Consta que o consul romano, Decio Junio Bruto, pelos annos 136 antes de J. C., atacou a povoação fortificada de Vianna pelos dois castellos que a defendiam, um do lado do norte, construido no sitio onde ainda hoje conserva o nome de *Crasto*, e o outro ao sul, cujas ruinas se vêem ainda, junto á ermida de Santa Luzia.

Depois de obstinada resistencia, não tiveram os viannenses remedio senão capitular, mas com todas as honras da guerra, como diz o poeta de Vianna:

«Victis Gallecis, Decius cognomine Brutus
Obsedit Romanorum dux inclitus urbem,
Quam Galli Celtae semper dixere Viannam.
Fortiter armatis Romanis illa risistit;
Sed tandem.....»

Avieno diz:

«Sed tandem manibus Decii Bruti excidit altis,
Ille sus cognomine ductus tuné Brutonia dixit:
Magna Viannae armis oppressae gloria semper.»

Ruinas

Emquanto nas chronicas e documentos da edade media se lê o nome de *Brutonia* corrompido em *Brutonium*, *Britonium*, *Britonia*, *Britinia*, *Betonica* e *Bretoleum*, parece que o de Vianna fôra completamente esquecido, mas não é assim. Flavio Dextro (Martyr. Rom.) diz:

«Anno Domini 260 octavo Kal. febr. VIANNAE, prope Tudem civitatem, passi sunt San-

---

[1] Não se pense porém que com a mudança para o alto, ficou a planicie completamente deshabitada. Sempre aqui ficaram algumas casas, povoadas por pescadores, que só em caso de perigo se recolhiam á nova povoação.

[2] Diomedes, era filho de Tydes, o rei de Etolia, na Grecia. Passava, no cerco de Troia, pelo mais bravo dos gregos, depois de Achilles e Ajax. Protegido por Pallas, feriu a Marte e Venus, em um combate (diz a mythologia). Depois da tomada de Troia, irritado pelas infidelidades de sua mulher, Egiale, passou á Apulia, onde fundou a cidade de *Argos*, capital da Argolida, e hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza.

Diz-se que fôra morto por Enéas, na Italia, e que seus companheiros tiveram tanta pena, que foram convertidos em garças.

Houve outro Diomedes, que foi rei da Thracia, que sustentava seus cavallos de carne humana, e que foi morto por Hercules.

Segundo os escríptores antigos (e, porventura, sonhadores) foi o primeiro d'estes Diomedes o fundador dos dois Tuys (portuguez e gallego) da povoação de *Calpè*, na foz do Lima, e do *Calle*, na foz do Douro.

Se isto fosse verdade, a fundação de Calpe, datará do anno do mundo 2810 (1184 antes de J. C.) que foi quando Troia foi destruida — ou poucos annos depois — e não no anno do mundo 3708 (296 antes de J. C.) como se diz nas obras citadas n'este artigo.

Na minha opinião, a vinda de Diomedes á Lusitania, e, por consequencia, a fundação por elle dos dois Tuys, de Calpe e de Calle, ou não passa de fabula, ou então foi um outro Diomedes muito mais moderno e tambem grego. (A gente é que se vê *grega* com as historias e patranhas dos escriptores antigos).

Pinho Leal.

cti Martyres Theophilus, Saturninus et Revocata virgo sub Julio Minervio.» [1]

E ainda:

«Prope Tudem in Gallecia in oppido VIANNENSE Sancti Pontifices Maximilianus et Valentinus clarent.»

(Vol. 8.º, pag. 629, col. 2.ª — pag. 630, col. 1.ª e pag. 631, col. 2.ª Veja-se tambem no 1.º vol., pag. 495, col. 2.ª)

—

Alguns escriptores dizem que os tres ultimos martyres foram mortos por não quererem sacrificar-se aos *deuses* do templo de Diana, e que alli mesmo foram martyrisados. [2]

Dizem outros, que os bispos Maximiliano e Valentim padeceram martyrio, a 29 de outubro do anno 424, *na mesma cidade* onde ostentavam as suas virtudes — *in oppidum Viannense.* [3]

---

[1] É erro. No anno 260 de J. C., imperando Marco Aurelio, um exercito africano invadiu a Lusitania, e em Britonia martyrisaram os santos Saturnino, Theophilo e Revocata. Não foram pois os romanos, como alguns escriptores pretendem.

O *Martyrologio Romano*, e Luitprando, dizem que alguns d'estes martyres foram assassinados em Pádua, quando iam para Cesarea, da Capadocia; porém quasi todos os escriptores portuguezes sustentam, com bom fundamento, que foi em Britonia.

Pinho Leal.

[2] Eu não quero crér na existencia do tal templo de Diana, em Britonia: quanto mais, vimos na nota antecedente que não foram os romanos que assassinaram estes tres martyres, mas os mouros africanos, que se importavam tanto com Diana, como com toda a grande sucia de deuses (machos e femeas) dos romanos.

Pinho Leal.

[3] Isto não se pode tomar a serio!

Todos sabem que desde o anno 306, em que foi feito imperador Constantino Magno, que se fez christão (a rogos de sua mãe Santa Helena), gozou toda a christandade uma profunda paz religiosa, e a liberdade do culto christão; não havendo portanto mais martyres, até ao anno 407, em que a Lusitania foi invadida e occupada pelos *barbaros do norte.*

Em 424, era imperador Honorio, e reinava n'esta parte da Lusitania o suevo Hermenerico, quando os suevos, godos, alanos, etc., já se tinham ligado com os lusitanos pelos laços do casamento e já se não perseguiam os christãos.

Nem estes martyrios tiveram logar *in oppido Viannense*, mas na velha Britonia. Custa-me tambem a acreditar que n'esta cidade houvesse *dois bispos* ao mesmo tempo.

Pinho Leal.

—

Rufo Avieno, natural d'estes sitios, e que viveu no quarto seculo, diz tambem que Diomedes edificou a cidade de *Calpe, onde agora está a formosa Vianna.*

Marco Maximo diz:

«Episcopatus Viannensis in Gallecia reducitur ad Tudensem anno 610.»

Castellão é de parecer que os seus bispos mudaram de domicilio por causa das frequentes correrias dos piratas, na foz do Lima, e se estabeleceram na cidade de Bretonia, que estava dentro da sua jurisdicção. [1]

—

Nada pude obter com certeza do occorrido durante o dominio dos suevos, com respeito a Vianna; a chronica é obscura e confusa.

Desde 716 até 739, que Vianna esteve sob o jugo musulmano, foi uma quadra de terriveis provações para estas terras. No interior, os sarracenos praticavam toda a qualidade de devastações e crueldades; no litoral, as repetidas *saltadas* dos nórmandos, deixavam tambem um rasto de sangue e lagrimas por onde passavam.

Em 739, Dom Favilla, successor do immortal D. Pelayo, morreu despedaçado por um urso, n'uma caçada; mas por este tempo, já os kalifas se tinham tornado independentes nos seus kalifados, sendo o primeiro a subtrahir-se da auctoridade do soberano commum, *Al-Boacem-Ibem-Alhamar*, alcaide de Coimbra e sobrinho de Tarik.

---

[1] Entendo que nem em Calpe, nem na Vianna do monte de Santa Luzia, houve bispos em tempo algum. Talvez habitassem temporariamente em qualquer d'estas *cidades*, mas o seu titulo foi sempre *bispos de Britonia.*

Pinho Leal.

Foi esta circumstancia que deu folga aos soffrimentos dos christãos, que da defensiva tomaram a offensiva.

Elevado ao throno D. Affonso I (cunhado de D. Favilla e filho de D. Pedro, duque de Byscaia e Navarra, descendente do santo rei Ricaredo), entrou pela Galliza, acompanhado de seu irmão, D. Frucia, e resgatou Chaves, Braga, Vizeu, Agueda e outras povoações.

Os capitães christãos, foram-se estabelecendo na provincia d'Entre o Douro e Minho, e d'aqui faziam constante guerra aos mouros, e seus nomes, castellos, torres e almenaras, passaram aos vindouros como solares das principaes familias illustres d'esta provincia.

D. Pelayo Vermudes, conde de Tuy, descendo o rio Lima, conquistou toda esta região até ao Oceano.

O truculento *hajib* [1] Almançor, aproveitando-se das dissensões entre D. Ramiro III e D. Bermudo, filho de D. Ordonho, e ajudado pelo traidor conde Vella, entrou n'esta provincia, derrotou o hajib de Braga, arrazando o famoso mosteiro de S. Martinho de Dume e foi pôr cerco a Britonia, que, depois de tenaz resistencia, cahiu em poder d'Almançor, no anno de 997, e este transformou a velha cidade em um montão de ruinas.

Retirados os mouros, voltaram os infelizes britonicos, que haviam escapado ás atrocidades de Almançor; mas vendo o misero estado da sua cidade, resolveram fundar uma nova povoação, na formosa planicie que se estende entre o monte e o mar, com os materiaes de Britonia, [1] e á qual deram o nome de *Povoança* (hoje *Povoença*).

Trataram logo de erigir um templo á SS. Virgem, sob a invocação de *Santa Maria de Vianna*, ou da *Vinha*, (*Vinea non praebet nomen, sed nota Viena* — Castellão Pereira) nome que se estendeu a toda a povoação.

Vianna moderna

A villa de *Povoança* foi crescendo e prosperando pelo seu commercio e navegação, formando uma nova povoação na foz do Lima, no sitio chamado *Atrio*, povoação que prestou grandes serviços ao nosso primeiro rei, que a fez *couto* e a deu a D. Pelayo, bispo de Tuy, e aos seus successores. Depois, o nosso D. Affonso III, a permutou com D. Gil, bispo de Tuy, dando-lhe por este couto os padroados de *Sá Riba Lima* (hoje *Santa Maria de Sá*, no concelho de Ponte de Lima), *Fife* (hoje *Affife*), *Balthazares* (hoje *Ancora*) e *Villa-Mou* (hoje *S. Martinho de Villa-Mou*) d'este concelho de Vianna, ficando outra vez do padroado real.

Pelo decorrer dos annos, appareceu a egreja de S. Salvador, de Vianna, encorporada no bispado de Tuy, pois vemos documentos por onde consta, que, sendo prelado d'esta diocese, D. João Fernandes Sotto-Maior, (no reinado do nosso D. Diniz) se uniu, para sempre, á corôa de Portugal.

D. João I deu ao primeiro bispo de Ceuta a comarca de Valença e com ella o padroado da egreja de S. Salvador, de Vianna; sendo porém incommodo aos bispos de Ceuta visitar esta comarca, e aos arcebispos de Braga o irem a Olivença, que era da sua diocese, trocaram os padroados, em 5 de agosto de 1514, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Sousa.

Em 1253, tendo o nosso D. Affonso III feito as pazes com o rei de Castella, D. Af-

---

[1] *Hajib, agi, haji* ou *haggi*, é um titulo honroso entre os arabes, e significa peregrino. Dão este titulo aos que teem ido a Mecca e visitado o tumulo de Mafoma. O titulo de hajib é anteposto ao nome proprio, vgr. o que até alli se chamava *Ali*, toma o nome de *Agib-Ali*. A palavra *agib*, deriva-se do verbo surdo *hajja*, que significa *visitar os logares sagrados, peregrinar*.

O nome proprio do hajib de que se falla no texto, era *Mohamet-Ibne-Aben-Hanur-Almançor*. Era emir de *Hiscem*, rei de Cordova, mas Mohamet governava despoticamente, era rei de facto.

Pinho Leal.

[1] Este facto está em opposição ao que dizem a maior parte dos escriptores, que pretendem que os fugitivos de Britonia foram construir a sua nova povoação no monte de Santa Luzia, o que me parece mais admissivel. Vide *Santa Luzia*.

fonso X., pelo casamento do rei portuguez com D. Brites, filha do castelhano (apesar de ainda ser viva sua primeira e legitima mulher, a condessa de Bolonha, D. Mathilde), resolveu ir em peregrinação a S. Thiago da Galliza, e, passando pela povoação do *Atrio*, e vendo a sua importancia, lhe concedeu o titulo de villa, e lhe deu o seu primeiro foral, datado de Guimarães, no 1.º de junho de 1258 (como vimos no principio d'este artigo), concedendo-lhe privilegios de muita valia, e n'este foral diz o soberano:

«Quero fazer *povoação* o logar que se chama *Atrio*, na foz do Lima. A esta povoação, *de novo chamarei Vianna.*»

No mesmo foral se lê:

«Eu, D. Affonso III, rei de Portugal e conde de Bolonha, [1] faço saber, que concedo aos habitantes de Vianna, quanto possuo, e posso por direito vir a ter, na mesma villa e seu termo, emquanto que os seus nobres estiverem a favor dos Infanções, em todo o meu reino: e isto, para não terem outro Senhor, senão a mim, minha mulher e filhos, segundo o direito hereditario, para sempre, etc.»

A este appello do rei, de toda a parte do reino concorreram habitantes, que, em reconhecimento dos privilegios concedidos á povoação, se obrigaram a pagar annualmente *1:100 maravedis velhos* (50$185 réis), levantar, á sua custa, os muros de cantaria, e defender a villa das aggressões dos inimigos.

Pequeno e acanhado foi o plano da antiga villa, como vimos no principio d'este artigo.

Os normandos

Reinava Carlos Magno em França (de 768 a 814) [1] quando os nórmandos principiaram a assolar as costas occidentaes do seu vasto imperio.

Nos ultimos annos da sua vida os viu chegar impunemente até ás terras do centro, subindo os rios, saqueando tudo, e desapparecerem com a mesma rapidez com que appareciam.

Em 853 reinava D. Ramiro II, quando pela primeira vez os *homens do Norte* (*nort-*

---

[1] O titulo de *conde de Bolonha*, de que, ainda usava em 1258, era não só um disparate, mas uma descarada basofia. Elle só era conde de Bolonha, por ter casado com a condessa D. Mathilde, casamento que elle havia — *de seu motu proprio* — annullado havia cinco annos, perdendo o titulo — ainda que honorifico — de semelhante condado.

[1] Carlos Magno foi um grande rei, um insigne legislador, mas tambem um usurpador.

Por fallecimento de *Carloman*, ultimo rei de França, da raça merovingiana, Carlos Magno se apoderou dos seus estados, que pertenciam aos sobrinhos do rei fallecido (771).

Sustentou por 32 annos (772 a 804) a guerra contra os saxonios, sempre vencidos, mas revoltando-se constantemente, apesar dos meios crueis que Carlos Magno empregava para os submetter e obrigar a abraçar o christianismo. Witikind, seu chefe, consentiu em se fazer christão, e os saxonios se submetteram ao jugo francez.

Didier, rei dos lombardos, invadiu os *Estados Pontificios*. Carlos Magno, corre em soccorro do papa, cerca Didier, em Pavia, sua capital, e a toma, fazendo o rei prisioneiro. Assim terminou o reino lombardo, e Carlos Magno tomou o titulo de *rei de Italia*, e como tal se fez sagrar em Milão.

Como aqui se não escreve a historia de França, limitar-me-hei a dizer que Carlos Magno foi o fundador da dynastia *carlovingiana*, submetteu a Peninsula até ao Ebro (778), combateu os bretões, os arabes, os lombardos (que tinham chamado os gregos em seu soccorro), os thuringios e os bavaros, cujo paiz foi encorporado ao imperio dos francos, e os *avares*, colonia de tartaros, nas margens do Danubio e de Theiss, que se tornou tributaria. No anno 800, Carlos Magno, *imperador do Occidente*, e senhor de um imperio quasi tão vasto como tinha sido o romano, foi coroado imperador pelo pontifice Leão III, no dia de Natal d'este ultimo anno.

Depois de 43 annos de batalhas e victorias, morreu este vulto legendario, em *Aix-la-Chapelle*, a 28 de janeiro de 814, com 71 annos de edade.

Tinha feito reconhecer seu filho Luiz por seu successor, com o titulo de imperador, e seu neto rei de Italia.

Pinho Leal.

mans) appareceram nas costas da Galliza. Achando n'estas terras muito que saquear, repetiam com frequencia as suas invasões, e até tentando estabelecer-se em algumas localidades.

Quando D. Affonso Henriques guerreava sua mãe, D. Thereza e os seus alliados, encontrou nos pantanos do Lima uma povoação de homens do mar, que pareciam alli plantados pelas ondas do Occeano, que devassavam.

Sua linguagem era o bretão, aspero e barbaro, como o dos conquistadores da Inglaterra, em 1024.

É d'elles que a *Chronica dos Godos* falla, quando diz:

«Era de 1054, a 23 de setembro,[1] vieram os *Lormanes* a Castello Vermoim, no districto de Braga.»

Muito differentes eram então as condições dos habitantes christãos do occidente da Peninsula, e dos sarracenos hespanhoes e africanos. Aquelles, possuiam pequenos barcos costeiros, estes, navios armados, com que tentavam expedições militares, correndo as costas de Portugal e Galliza, roubando, incendiando, captivando e assassinando, a ponto de que o bispo de Compostella mandou, em 1116, construir galés para defender os seus portos, atrahindo os normandos para o litoral gallego, para ajudarem o povo contra os mouros.

Como, em 1093, Portugal se tornasse independente do reino de Leão, os normandos tinham formado uma pequena povoação junto á foz do Lima, e foi esta povoação que D. Affonso Henriques coutou.

—

A existencia dos normandos na provincia do Minho (diz o sr. Theophilo Braga — *Epop. da raça mosarabe*, pag. 102 a 103, e *Mon. hist.*, tomo 1.º, pag. 9, col. 1.ª) é attestada pela lenda do ferreiro de Veland, e pelo glossario das palavras scandinavas.

Ha um facto, que vem confirmar a nossa opinião, da origem normanda de Vianna.

Quando Al-Mançor fez a ultima entrada n'estas terras, a sua vingança foi terrivel; e como não encontrasse na nova povoação de *Povoança*, gente em quem cevasse o seu odio, não quiz deixar de pé a villa, arrazando-a completamente. (*Antiguidades de Lethes*, liv. 2.º, cap. 2.º, n.º 265).

Não degeneraram os viannenses, pelo tempo adiante, das tradições dos seus antepassados, pois foram os novos reis do mar.

A Matriz de Santa Maria Maior

Concluidas as obras de defeza da villa, cuidaram os viannenses de erigir um templo, dentro dos muros.[1] Não faltaram donativos; mas, sendo insufficientes os particulares, se pediu ao infante regente, D. Pedro, (o da Alfarrobeira) algum subsidio para estas obras, ao que elle annuiu, construindo-se então a sachristia e uma das torres, na qual se collocaram os sinos e as armas da villa, em 1440.

D. Justo Balduino, bispo de Ceuta, obteve licença do papa Xisto IV, em 26 de maio de 1483, para crear no novo templo uma collegiada de seis conegos, tendo um d'elles o titulo de arcipreste.

Em 1538, visitando o cardeal D. Henrique (depois rei) esta collegiada, lhe deu mais dois conegos.

Foi sómente durante a construcção do novo templo, que a velha egreja das Almas serviu de matriz, ficando-lhe por isso a denominação de *Matriz Velha*, e não porque fosse erecta n'ella a collegiada.

Esta egreja velha (*S. Salvador das Almas*) foi a primeira parochia de Vianna, até se concluir o novo templo. Dava-se-lhe a denominação de *São Salvador do Atrio*, que, desde D. Affonso III, se começou a chamar Vianna, como fica dito. Este monarcha engrandeceu a villa, com terras que tirou á ordem de Malta, indemnisando esta com as terras das freguezias de Santa Maria e S.

---

1 12 de setembro de 1016 de J. C.

1 Principiou esta construcção em 1400, reinando D. João I, que contribuiu para as obras.

Vicente, de Távora, no concelho dos Arcos de Val de Vez. [1]

Primitivamente, esteve esta parochia reunida a *Santa Maria da Vinha*, hoje está annexa á matriz de Santa Maria Maior.

A egreja matriz tem tres naves, divididas por dez arcos eguaes, correspondendo-lhe outras tantas capellas.

A capella-mór foi do real padroado, e, depois de varias permutações, veio a ser (em 1514) do arcebispo de Braga. Visitando-a (em 1695) o arcebispo D. José de Menezes, e vendo-a em ruinas, a mandou levantar de novo, concluindo se estas obras no tempo do seu successor, Rodrigo de Moura Telles.

As duas capellas das naves, são, á direita a dos Mareantes, e á esquerda a dos Clerigos, ou do Senhor dos Passos.

A capella de Jesus dos Mareantes é uma das mais antigas da cidade, e privativa dos homens do mar, que entraram na posse d'ella, em 1506, como consta do documento existente no cartorio dos Mareantes, titulo n.º 376, que diz:

«Em nome de Deos, Amen. 1.º de maio de 1506, na dita villa de Viana de Foz do Lima, dentro da Collegiada Egreja da mesma, estando ahi o honrado Alvaro Pereira, escudeiro fidalgo e juiz ordinario na dita villa e seu termo.—Perante mim se reuniram Fernão Gonçalves e outros muitos mareantes e pescadores d'esta villa e arrabaldes, os quaes todos, por si, etc., determinaram fazer uma capella *acatada* (em frente) á egreja, da banda do *aquilão* (norte) a qual está começada; e que se digam varias missas, na ermida de Santa Catharina, etc.—Escudeiro, tabellião, Pedro do Rego.»

Possuiam os mareantes, antes d'esta, outra capella, como consta d'este documento:

«El-rei — (o usurpador Filippe III) Marquez de Castello-Rodrigo (vol. 2.º, pag. 187, col. 1.ª), do meu conselho e capitão-general no reino de Portugal. Por parte da confraria do nome de Jesus, da villa de Viana, me ha sido feita relação, que se tomou a sua egreja Parochia e enterro dos mareantes e ficou dentro do Castello que se fez na dita villa, e que mande a Alvaro Trancoso, meu cavalleiro, que fizesse o inventario e a avaliação dos ornamentos, retabulos e calices da dita egreja, ao tempo que ficou dentro do dito Castello. por pessoas de consciencia, que o entendessem e m'o enviassem. O que fez e veio a montar tudo 900 ducados, e que havendo-se visto o dito inventario no meu Conselho de guerra, os mandei remeter, *no mez de Agosto do anno passado, de 1601*, [1] e vos ordeno que de qualquer dinheiro mais prompto que houvesse, fizesseis pagar; e que, por não haver tido effeito, se lhe seguiu grande damno.

«Supplicando-me, seja servido de mandar que se lhes pague a dita quantia, d'aquillo que procedêsse das condemnações que o Doutor Praza fizer n'aquella terra, por ser cousa da Egreja, e não ter onde se enterrar, do que *Hei* querido adevertirvos, encarregarvos e mandarvos, como o faço, pois que vedes o que é justo o que por parte da dita confraria se me supplica, *Dei* ordem que se lhes dê satisfação, pagando-lhe o que justamente lhe devesse, á custa de multas e embargos que fizesse o dito Doutor Praza, e me pertencesse; que assim é minha vontade. Dada em Ventozela, a 19 de outubro de 1610.

«Eu El-Rei (pelo proprio punho) — Por mandado de el-rei nosso senhor, *Estevão de Ibarra.*»

(Cartorio dos mareantes, tit. n.º 245).

Começou esta capella a ser servida por provedores e escrivães, em 1447, exercendo aquelle primeiro cargo Luiz Velho.

Concederam os nossos reis a esta capella grandes privilegios, sendo os principaes:

Andarem armados (em caminho de seus barcos e pinaças de pesca) depois do sino corrido. (Carta de D. João III, de 16 de outubro de 1530).

---

[1] Estas duas freguezias, com Santar, Portella do Extremo, e com o couto de Aboim da Nóbrega, formavam uma rendosa commenda da ordem de Malta.

[1] Não entendo lá muito bem isto. A carta regia é datada de 19 de outubro de 1610. Então como o *anno passado* era 1601? Aqui ha de certo erro de copia.

Os provedores da villa não lhes exigirem contas. (Carta de D. Filippe II, de 2 de maio de 1590).

Não darem casa nem cama a soldados. (Carta de D. Filippe III, de 7 de janeiro de 1612).

E outros muitos, que seria longo enumerar.

Muitas questões houve, por causa d'estas prerogativas, e varias vezes tiveram os reis de intervir.

O documento seguinte, prova uma d'essas questões.

«D. João III, por graça de Deos, etc. Fazemos saber a vós, vereadores e procuradores do concelho, da nossa villa de Viana, que os mareantes e povos da villa, nos enviaram a aggravar, dizendo, terem elles antigamente uma capella e confraria, governada e administrada por elles, sob o nome de Bom Jesus; e vós a quereis governar pela governação geral da dita villa, vos pedem que lhes não seja tirada a confraria, visto serem elles os seus fundadores: *advertindo-vos* que não bulaes com a dita confraria, e deixeis livremente governar cada um. Mando que assim o cumpraes. Lisboa, 8 de julho de 1521. — Simão de Mattos, a fez. — Rei.»

Gosava tambem esta irmandade do privilegio de expedir bullas para fóra do reino, (Cartorio dos Mareantes, tit. n.º 89) o que lhe rendia importantes quantias.

No 1.º de junho de 1589, protestaram os mareantes, por causa do novo caminho que seguia a procissão de Corpus Christi, dizendo a D. Filippe II que se se lhes não usurpasse a ermida (agora dentro do castello), elles teriam visita da procissão, o que agora não acontecia. Attendeu D. Filippe a este protesto, mandando fazer a ermida de Santa Catharina, cujas obras se concluiram em 1604.

Na parede exterior d'esta ermida, se encontra o — talvez — mais antigo monumento de Vianna, a *lapide dos mareantes*, redigida em portuguez incorrecto. Diz: *Ave Jesus e Mãe Maria — mandou fazer os mareantes. Era de 1404* (1366 de J. C.)

É pois esta inscripção anterior á fundação da actual ermida. É provavel que pertencesse á primitiva, que ficou dentro do castello, e que foi para aqui mudada (a pedra) quando se construiu a nova.

Se nos demoramos na historia da ermida dos mareantes, é porque a prosperidade antiga de Vianna, assim como a sua decadencia, estão ligadas a esta confraria de *homens do mar*, que a tornaram rica e importante.

Capella do Espirito Santo ou irmandade de S. Pedro

Não é menos notavel do que a ermida de Santa Catharina, a do Espirito Santo, ou irmandade de S. Pedro, dos Clerigos, de antiquissima origem, pois nos consta que foi erecta na egreja de Santa Maria da Vinha, na freguezia da Areosa, e transferida depois para a *Egreja Velha*. Ahi residiu, até se levantar o novo templo, para o qual mudaram, depois de terem ajudado a fazer a parte esquerda do cruzeiro, que escolheram por ter mais espaçosas sachristias que a defrontam, e que é dos mareantes.

Foi esta confraria, no seu principio, de seculares; mas depois tornou-se privativa dos sacerdotes viannenses.

As casas annexas da capella, foram concluidas em 1808.

O padre João Castellão Pereira, que tão diligente foi nos negocios da sua terra, e que morreu a 3 de setembro de 1722, colleccionou n'um livro da irmandade todos os seus privilegios, sentenças, etc.

Está annexa a esta, a irmandade do Senhor dos Passos, cuja procissão se faz no 2.º domingo da quaresma.

Sobre este braço esquerdo do cruzeiro, se abre uma capella do Senhor da Canna Verde, que pertenceu á familia Brandão, notavel (a capella) pelos dois capiteis, feitos em 1547.

A capella do Sacramento é de excellente architectura e gosto moderno.

Merece tambem menção, a capella manuelina, onde jazem Pedro Pinto, o Velho, e sua mulher Brites Fernandes de Carvalho, instituidores do morgado da Carreira, hoje conde de Camarido (Freire de Andrade).

Concorreram as mais antigas familias e nobreza de Vianna, para a conclusão do templo, comprando ahi seus tumulos, entre os quaes ainda se notam os dos *Rochas*, *Cunhas*, *Britos*, *Brandões*, *Sousas*, *Fagundes*, *Bottos*, *Villas-Boas*, *Carvalhos*, e outros.

Apesar do aspecto vetusto do exterior do templo, o seu interior está perfeitamente conservado. O corpo do edificio é sustentado por dez amplos arcos ogivaes, aos quaes correspondem varias capellas, que somam VINTE ALTARES, todos com bastante luz.

O frontespicio é de cantaria bem lavrada, no estylo bisantino-romano. A porta principal abre-se sobre arcadas, sustentada por figuras, representando os apostolos, com as insignias do seu martyrio. O mais externo dos arcos é formado por mais de vinte anjos, tendo no meio o Salvador, com os braços abertos, mostrando as chagas. Aos lados, estão anjos com tubas e com rotulos, que dizem:

SURGET MORTUI; VENIT AD JUDICIUM

Duas torres, de magnifica cantaria e coroadas de ameias, terminam a fachada, de pesada construcção.

Na torre que fica ao norte, está o sino e relogio da camara, e um antigo monogramma da cidade. A do sul, reedificada em 1873, conserva as armas de D. Affonso V.

Varios incendios tem soffrido este templo, porém, o mais terrivel foi o de 1656, que devorou a sachristía principal, perdendo-se alfaias de grande valor.

Nossa Senhora da Agonia

Esta bonita e bem situada egreja, foi principiada em 1752, e concluida em 1755; sendo a sua capella-mór feita á custa de Bento José Alves, d'esta cidade, mas residente em Lisboa. Tem prosperado a irmandade d'esta egreja. Em 1768, levantou-se a alta e bella torre que domina o *Campo do Castello*, ou *Campo da Agonia*, onde se faz a grande feira annual, nos dias 18, 19 e 20 de agosto de cada anno, e que ordinariamente dura até setembro. É a melhor feira franca da provincia do Minho.

Em 1873, accrescentaram a egreja, deformando o risco primitivo, que era muito elegante.

Egreja de Monserrate

Foi construida em 1601, e tão boa ficou, que, visitando-a o arcebispo D. Affonso Furtado de Mondonça, em 1621, a instituiu em parochia, sem aggravo da irmandade da mesma egreja.

Tem a capella do SS. Sacramento.

Tem alguns quadros a oleo, de bastante merecimento, mas os melhores foram roubados.

Pelo correr do tempo, arruinando-se, transferiram a parochia para a egreja do mosteiro de Santa Cruz, vulgo S. Domingos, mas sob a antiga denominação de Nossa Senhora de Monserrate.

Ha pouco tempo, foi restaurada esta egreja, á custa da confraria que a possue, sob o nome de *Coração de Jesus* ou *Irmãs de Maria*.

Egreja das Almas

A matriz velha, ou S. Salvador das Almas, foi a primeira parochia de Vianna, até se fazer dentro dos muros o novo templo.

Cahiu em ruinas, em 1719, e o seu cura, o Dr. Domingos de Campos Soares, a reedificou. N'ella ha a irmandade de Nossa Senhora da Guia, instituida em 1620, com estatutos de 1632.

Primitivamente, esteve reunida a Santa Maria da Vinha, e hoje está annexa á matriz. Sua historia acha-se exposta na sachristia, em um quadro impresso. No adro ha varias campas e sepulturas rasas.

Ermidas

Havia antigamente muitas ermidas em Vianna; hoje só existem as seguintes:

Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias, Nossa Senhora da Conceição, S. Roque, S. Vicente, Nossa Senhora do Resgate, e Nossa Senhora da Victoria.

As antigas, de que hoje apenas resta a memoria, eram:

Santa Clara, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Penha de França, S. Sebastião, Nossa Senhora da Soledade (*Via Sacra*, hoje casa Figueiredo), Nossa Senhora da Annunciada, Santos Reis Magos, S. Chrispim, Nossa Senhora da Assumpção, S. Mamede e Espirito Santo.

É notavel que, entre tantas ermidas, tanto das que ainda restam, como das que já não existem, não mencione *uma unica* o *Santuario Mariano*, que traz tantos centenares d'ellas, tanto do continente, como do ultramar!

Apenas a pag. 234 do 4.º volume trata da ermida de Nossa Senhora das Areias, que, posto ser proximo a Vianna (na foz do Lima, do lado do sul), é já na freguezia d'Anha.

D'esta ermida já se tratou a pag. 216 e 238 do 1.º volume e a pag. 169 do 6.º volume.

Santa Casa da Misericordia

A sua instituição data do anno de 1520, mas só dois annos depois é que principia a serie dos seus provedores, precedendo-os Gonçalo Rodrigues Cavalleiro.

Na provedoria de João Jacome de Lima fizeram-se as varandas sobre a praça, obra que deu logar a contendas com a casa fronteira, de Martinho Quesado Jacome, chamada do *Pateo*, hoje demolida, para o alargamento da rua da Carreira.

Por fim, venceu o pleito o provedor, mas, para vingança das offensas dos Quesados e seus parentes, mandou gravar na porta principal da egreja, aos pés da Virgem, este letreiro:

DA MIHI VIRTUTEM
CONTRA HOSTES TUOS

Como a egreja estivesse em ruinas, por ser muito antiga, se mandou demolir em 1714, sendo provedor Guilherme Robim Ferreira.

Fez o plano da nova egreja o coronel de engenheria Manuel Pinto de Villa-Lobos; mas, como as rendas fossem diminutas, concederam os viannenses os 20:000 cruzados que D. Pedro II pedira emprestados para a conclusão das obras da praça de Monsão, governando as armas da provincia o conde da Atalaia, D. Luiz Manoel. Foram emprestados em 1704, e só se pagaram em 1719, por ordem de D. João V.

Em tres annos, e com este rendimento, se fez obra perfeita.

Durante as obras, viveram juntos os irmãos da Misericordia e os sacerdotes do Espirito Santo, mas em 1722 se separaram, como consta da escriptura existente no archivo dos Clerigos.

Sustenta esta Santa Casa, além do seu hospital, annexo, o recolhimento de S. Thiago.

O hospital velho, de S. Salvador, fundado por João Paes, em 1468, e hoje extincto, pertence actualmente ao sr. Gaspar da Rocha Paes, que extraordinariamente dá alimentação aos presos da cadeia, medico, remedios e mortalha aos pobres.

O edificio do hospital tem recebido modernamente bastantes melhoramentos.

A receita ordinaria d'este estabelecimento de caridade é de 4:340$700 réis, e a despeza é de 4:048$470 réis.

Merece especial menção a varanda d'este edificio, unica no estylo, concluida em 1589, e que devia fechar o templo, se o espaço o permittisse. Consta de dois andares, de cantaria, sustentados por cariatides e terminados em frontão, tendo no vertice um crucifixo, e nos acroterios as estatuas da SS. Virgem e de Santa Maria Magdalena. O templo é amplo e bem concluido.

Teve a irmandade da Misericordia grandes demandas com os mareantes, por causa da campainha com que iam aos seus enterros e de carregarem as tumbas aos hombros, allegando os mareantes que gosavam estes privilegios, visto serem mais antigos. Por sentença se decidiu que os mareantes iriam sem campainha e levariam seus leitos á mão. Em 1638, se fez uma convenção entre estas duas irmandades, sobre a admissão de mareantes na irmandade da Misericordia e os d'esta na dos Mareantes, sob pena da

multa de 80$000 réis, no caso de contravenção.

Edificios publicos

Védoria.—Está na rua de S. Sebastião, n.º 142, á esquina da rua das Vaccas. É uma construcção vasta, que pertence actualmente á companhia de veteranos. Foi esta casa edificada, em 1690, durante o reinado de D. Pedro II, sendo governador das armas D. João de Sousa, por isso as suas armas se veem na porta principal. Estas mesmas armas se vêem no revelim, á entrada do Castello.

Parece-nos que foi n'este governo que se reconstruiu o forte do *Porto da Vinha*, 3 kilometros ao O., e onde se diz que fôra o primeiro porto d'estes sitios.

—

Quartel de infanteria.—Na rua das Rosas, em frente da egreja de Nossa Senhora de Monserrate. Foi construido em 1790, governando as armas da provincia David Calder, então marechal de campo.

É um dos melhores edificios d'este genero, amplo e com todas as commodidades que se requerem para tal destino.

—

Casa do Assento, á Portella.—Era da familia (hoje extincta) Pinto Brochado, a qual, como fosse devedora á fazenda nacional, esta reclamou uma parte dos seus bens, sendo a outra vendida, em 1792, pelo testamenteiro de D. Thereza Feliciana Pinto Brochado, o padre Antonio José de Figueiredo, a Gonçalo de Barros Lima, para construir a casa que terminou em 1808. (N'esta época, já a *Casa do Assento* era padaria militar.)

—

A cadeia.—Termina pelo E. a casa da camara, é obra mais moderna do que esta, e feita, sendo superintendente da camara o corregedor Manuel Mexia Galvão (1698).

O rei D. Manuel mandou construir o edificio da camara, no Campo do Forno, para onde se mudou em 1502. Até então estava na Ribeira.

—

Alfandega.—Foi construida no reinado de D. João V, mas o seu armazem parece mais antigo, segundo indicam as armas reaes da porta principal, que são as de seu pae D. Pedro II.

O seu rendimento ordinario é de 187 contos de réis, annualmente.

Edificios particulares

Merecem especial menção os seguintes:

Palacio dos Távoras, hoje dos Abreus e Limas, na rua da Carreira.

Casa e excellente capella dos Malheiros Reimões, ao cimo da rua *Oito de Maio*.

O palacete do general Luiz do Rego, na praça hoje chamada de D. Fernando.

Palacete de Balthazar Werneck, na Carreira.

Casa de campo dos Figueiredos da Guerra, á Cancella da Areosa.

São notaveis, pela sua antiguidade, os seguintes edificios:

Casa dos Rochas Ribeiros Cyrnes, na rua da Bandeira.

Casa de Pero Gallego, na viella da Parenta.

Casa dos Costas Barros, na rua de S. Pedro.

Casa dos Regos Barretos, na rua de S. Sebastião.

Além dos edificios particulares que ficam designados, ha em Vianna muitas casas de boa apparencia e *confortaveis*, na sua maxima parte, construidas por individuos d'esta terra, que fizeram a sua *fortuna* no Brazil.

Chafarizes

Abundam em Vianna os chafarizes, mas ultimamente tem-se-lhes feito uma guerra de exterminio, escapando todavia o mais notavel, que é o do Campo do Forno (hoje *Praça da Rainha*), que fica em frente da

casa da camara. Segundo a data que n'elle está gravada, foi construido em 1554.

Porto, caes e pontes

O porto de Vianna é formado pela foz do rio Lima, a qual tem 90 metros de largura (em baixa-mar), entre o *Bugio*, na ponta do paredão do N., e o *Cabedello*, ou ponta do Sul. Na baixa-mar, tem 300 metros.

A barra abre ao S. O, e tem de profundidade 3 metros, nas maiores baixa mares.

Da ponta do N. sae uma restinga de pedras, que abrigam o cannal, e na qual ha duas estreitas passagens, a que dão o nome de *Portas*.

Está em 41°,42 O. de longitude, do meridiano de Lisboa.

No porto ha uma estação electro-semaphorica, estabelecida no terrapleno da *Roqueta*.

Do antigo e florescente porto, de que nos falla frei Luiz de Sousa,[1] resta apenas a tradição.

O *dique* ou *barra* que se construiu em 1859 até ao Bugio (pyramide que marca a entrada da barra), pouco melhorou a passagem, pois que o affluxo das areias mudou para o sul, sem que se tente impedir esta obstrucção da barra, e abrir de novo o caminho do progresso e riqueza para a cidade!

A doka, que anda em construcção, parece-nos um trabalho inutil, ou antes, um sorvedouro de dinheiro, sem proveito. Melhor fôra cannalisar o rio, entre dois extensos caes, desde a ponte do caminho de ferro, e ormar um ancoradouro seguro no Cabedêllo.

Nos invernos, as correntes do Lima causavam algumas inundações na povoação e arrabaldes. Com o fim de se evitarem grandes prejuizos, se construiu um caes de pedra, cuja obra teve principio em 1440.

Principiava no mosteiro de S. Bento, e devia terminar no fortim da barra, mas estava bem longe de ser o magnifico passeio que é privilegio da cidade.

Era um caes estreito e sinuoso, do qual já não restam vestigios, porque a moderna construcção entrou mais pelo leito do rio, fazendo desapparecer a antiga.

Por alvará de 26 de maio de 1630, concedeu D. Philippe IV para obras do caes 1:500 cruzados, do excesso das sizas.

D. Pedro II mandou construir um ancoradouro, no Cabedello, além do Lima, onde estivessem surtos, em maior profundidade, os navios que visitassem este porto.

Sendo grande a despeza, se lançou finta no Brazil, que era o mais interessado n'esta obra. Veio para a dirigir o coronel de engenheiros Miguel Lescol, chefe dos trabalhos no Minho.

D. João V continuou esta obra, concedendo aos viannenses, que o imposto da entrada e sahida das fazendas, d'este porto, fosse applicado para este melhoramento.

Ao francez Miguel Lescol, succedeu, em 1712, o seu patricio João Thomaz.

—

(Até aqui, o sr. Dr. Figueiredo da Guerra).

Ponte velha

Os primeiros passos dados para a construcção d'esta ponte, foram dados em 4 de fevereiro de 1807, porém as obras só principiaram em 1819, sob a direcção de Antonio Fernando d'Araujo e Azevedo.

Mas não abraçava todo o rio, terminava na ermida de S. Lourenço, que estava no meio do rio e se ligava com a margem esquerda por um pessimo caes de pedra.

Do lado do E., tinha esta inscripção:

AUSPICE
ANTONIO FERDINANDO ARAUJO
AZEVEDIO OPERIBUS PUBLICIS
IN PROVINCIA INTER AMNEM PROEFECTO
ET CURANTE CAITANO JOSEPHO
SEQUEIRA TEDIM JUDICE OPPIDI
FORANEO

---

[1] Em 1600, tinha Vianna, no mar, 70 navios. Hoje terá uns 3 de vella, de alto bordo, 7 costeiros, e uns 70 barcos de pesca. Annualmente, frequentam este porto, uns 160 navios, 100 nacionaes, 50 inglezes e 10 de diversos paizes.

e do lado do Occidente:

JOANNES VI
AUG. P. F. P. P.
UT FLUMINIS NAVIGATIONIS
PERICULA VIT ARENTUR ET FACILIOR
COMMEANTIBUS POTERET VIA
PONTEM LIGNEUM
CONSTRUI JUSSIT
A. D.
M.D.C.C.C.XIX

Era uma construcção de apparencia sobremaneira desagradavel e torta, muito inferior em segurança e alinhamento á ponte que atravessa o Coura, em Caminha.

Em 2 de fevereiro de 1880, uma cheia do Lima desmantelou este acervo de paus de pinheiro, podres e desgraciosamente conjunctados.

Morreu, sem deixar saudades.

Ponte do caminho de ferro

Em uma sexta-feira, 16 de junho de 1876, principiaram os trabalhos do caminho de ferro, dentro da cidade.

Começou a abrir-se a linha, a partir do campo de Santo Antonio para o rio, atravessando alguns quintaes, e a julgar pelo desenvolvimento que nos dois dias passados se deu aos trabalhos, devemos crer que em poucas semanas estará o terreno todo rompido e aberto desde a estação até ao rio.

Em março de 1877, principiaram os trabalhos da construcção da ponte metalica, mas a sua inauguração só se fez a 27 de junho do mesmo anno, em presença do presidente do conselho de ministros, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e o ministro das obras publicas, Lourenço de Carvalho. Foi uma festa pomposa, effectuada no meio das maiores manifestações de regosijo, este ponto da via ferrea, que, atravessando o rio Lima, põe Vianna em communicação com o Porto, Aveiro, Coimbra, Santarem, Lisboa e outras muitas principaes povoações das provincias do Douro, Extremadura, Alemtejo e Algarve, pelo sul; Elvas e Badajoz, pelo este; com a provincia do Minho, pelo norte, desde Caminha, Villa Nova da Cerveira e Valença; e ainda com a Hespanha, por esta ultima villa, pela ponte metalica (tambem de dois taboleiros) que anda em construcção, sobre o rio Minho, entre Valença e Tuy.

O estaleiro de toda aquella grande fabrica installou-se em 3 de outubro de 1876; os pilares principiaram a assentar-se em 10 de março de 1877; e, apesar do inverno desastroso de 1876-1877, que assolou todo o paiz, os nove pilares e os dois pegões encontros em que se baseia a ponte, estavam terminados a 20 de agosto de 1877.

O grande taboleiro da ponte, que tem cerca de 550 metros, tinha corrido de lado a lado em 12 de março de 1878, e no dia 23 do corrente ficaram completamente montados os dois viaductos lateraes para a via ou taboleiro superior, porque, como sabem, a ponte tem dois taboleiros, para as locomotivas e para os peões.

Esta bella ponte é construcção da casa Eiffel, de Paris. Tem sómente nove pilares, estreitando consideravelmente o rio.

Foi a primeira ponte d'este systema (dois taboleiros) que se construiu em Portugal.

Presentemente (novembro de 1883) andam em construcção duas de egual systema, uma no Porto, outra em Valença do Minho.

—

Esta ponte é formada por um taboleiro de 563 metros de comprido, a dupla via, superior e inferior; e está um pouco acima do logar onde existiu a ponte velha.

Entre os dois ha a distancia de 6 metros e 975 centimetros.

O inferior é destinado á passagem dos comboyos e o superior ao serviço de pé e de viação ordinaria.

Do lado de Darque ha um viaducto de 83 metros, e do lado de Vianna, um outro do mesmo comprimento.

A distancia do estribo do lado de Darque ao eixo do 1.º pilar é de 47,75; seguem-se-lhe nove pilares com intervallo de eixo a eixo 58 metros e 44 centimetros e o ultimo intervallo de 47,74.

O taboleiro é formado por duas vigas de ferro batido, de 7 metros e 50 centimetros de altura, ligadas na parte superior e infe-

rior por solidas travessas e encrutadas por cruzetas de Santo André.

Ao taboleiro superior dão accesso duas rampas, uma do lado de Darque, com 215 metros de comprido, e a segunda do lado da cidade, com 135 metros.

A largura d'este taboleiro é de 6 metros e 65 centimetros, sendo: fechada empedrada, 5 metros e dois passeios de 825 centimetros cada um.

A via inferior tem de distancia entre as vigas 5 metros e 20 centimetros, e de largura inferior livre 4 metros e 80 centimetros.

A profundidade maxima de fundação foi de 22 metros, abaixo do zero hydrographico, e a minima é de 7 metros e 20 centimetros.

A altura do carril acima do zero hydrographico é de 9 metros e 62, e altura livre entre a agua e a chapa inferior das vigas na occasião das maximas cheias é de 4 metros.

O taboleiro foi montado sobre uma plataforma de 200 metros de extensão, e lançada por tres vezes por um systema de redotes proprio do constructor.

O pezo total da ponte eleva-se a 2,062:432 kilos. Os caixões pesavam de 300 a 400 toneladas.

O maior numero de operarios que trabalharam n'esta obra subiu a 300.

Assistiram aos trabalhos, como engenheiro representante, mr. Charles Nouguier, chefe do trabalho, mr. Ganjareuques, e engenheiro ajudante Sautter.

O custo das obras construidas pela casa G. Eiffel & C.ª, é de réis 322:940$259.

—

Dizem os *pessimistas*, que os engenheiros portuguezes, cheios de trabalho e responsabilidade, *a ajudaram a ver construir por uns francezes rudes e sem letras.*

Que os passeios do caminho de ferro são feitos de barro a fingir tijolo ou asphalto. Que é uma cousa muito bonita, tendo apenas o inconveniente de não servir senão para pardaes, moscas e outros bichinhos alados. Que a mais leve pégada humana faz tudo aquillo em cacos. Quem pensaria, o *sapientissimo* constructor de semelhante obra, que havia de passar alli? Os anjos? As sylphides? Os

Powers and dominions, deities of Heav'n

de que falla Satanaz a Milton?

Que poucos dias depois de abertos ao transito publico estes passeios lateraes, estavam, em grande parte, quebrados e afundidos.

Estação do caminho de ferro

No dia 25 de março de 1882, abriu-se ao publico o magestoso edificio d'esta estação, que substituiu o colossal mosteiro dos Cruzios.

Em agosto de 1877 foi demolido o mosteiro de S. Theotonio dos conegos regrantes de Santa Cruz, e arrazado parte do quintal da casa dos Camaridos, Mellos Alves Pintos, para dar logar á construcção da estação do caminho de ferro do Minho, n'esta cidade. Na ordem da grandeza, esta estação é a terceira do reino, mas pelo gosto da sua architectura, que lembra a egypciaca, e mestria da execução, é sem duvida a primeira do paiz, e quasi que diria da peninsula.

A fachada principal, que olha para o sul, está dividida em cinco partes: corpo central com andar nobre, duas alas, e pavilhões com as competentes sobrelojas.

Mede o edificio 70 metros de comprido sobre 15 de largo: a altura dos andares terreos é de 7 metros, desde a soleira até á cornija, e a do corpo central de 14; vinte e seis janellas e portas dão luz a este elegante frontespicio. As dez portas, cinco de cada lado, communicam para um corredor coberto e fechado por grades de ferro e columnas espaçadas por elegantes arcos, tambem de ferro fundido, dando facil accesso dos pavilhões para o atrio.

A construcção do corpo principal termina por um frontão de pequenas volutas, que remata por uma corôa real; dos lados estende uma balaustrada. Á maneira do rosaceo, sobresahe o relogio de grandes proporções e mostrador transparente, para de noite ser illuminado.

Os madeiramentos e soalhos são de Riga e pinho de Flandres; nas portas, janellas e mostrador do restaurante, empregou-se o acapú, uma especie de castanho do Amazonas.

O interior do edificio está magistralmente acabado, como se pode verificar nas salas d'espera de 1.ª e 2.ª classe, do magnifico atrio e restaurante, onde sobresahem sob um primoroso estuque a esmerada pintura e excellentes azulejos da Allemanha. Os candieiros são muito bonitos.

As accommodações do andar nobre são para o inspector, chefe da estação e demais empregados de serviço.

As restantes pertenças conjunctas ao edificio principal condizem com elle.

O custo d'este verdadeiro monumento orça por 60 contos de réis; o seu projecto é obra do distincto e intelligente engenheiro director d'esta secção, o sr. Alfredo Soares.

Dirigiu a construcção, como chefe dos trabalhos, o sr. Henrique Simões dos Reis, hoje no caminho de ferro de Mormugão, sendo empreiteiro o mestre d'obras Manuel Corbal, que se esmerou quanto pôde.

—

Este edificio está construido nas melhores condições, quasi no centro da cidade e em um dos seus locaes mais pittorescos.

Edificio dos passageiros

A orientação da sua frente, e sensivelmente de E. O.

Area occupada pelo mesmo, 1:036^{m} quadrados.

Comprimento total da frente occupada pelo edificio principal e edificios lateraes annexos, 106^{m}.

Area occupada pelos tres edificios, caes do lado da via, e espaço annexo do lado da cidade até á grade que o limita, 4:200^{m} quadrados.

Altura do edificio no corpo central, 13^{m}.

Dita nos corpos lateraes, 6^{m},5.

O edificio principal compõe-se de 3 corpos, central e lateraes, ligados entre si por duas alas.

Simúla ter 2 pavimentos, terreo, e no corpo central o andar nobre, havendo comtudo sobre-lojas nos comprimentos que exigem menos pé direito, bem como amplos compartimentos para arrecadações, por cima do andar nobre, onde se acha o machinismo do relogio que funcciona na fachada principal.

Pavimento terreo — Corpo central compõe-se de «vestibulo de entrada» (17^{m},44 $\times$6^{m},25), «bilheteira» (4^{m},50$\times$3^{m},50), «telegrapho» (6^{m},25$\times$3^{m},575), «sala de conductores» (6^{m},25$\times$3^{m},045), gabinete do chefe da estação (6^{m},25$\times$3^{m},575) e caixa da escada que dá accesso ao pavimento superior.

Ala da direita (entrando) compõe-se de sala para recepção de bagagens» (12^{m},36 $\times$9,72) e dois gabinetes ao fundo, sendo um para «bagagens retidas» (4^{m},62$\times$2^{m},94), e outro para «carregadores» (5^{m},0$\times$2^{m},94).

Corpo da direita — «Sahida de passageiros e entrega de bagagens» (13^{m},24$\times$8^{m},64).

Ala da esquerda (entrando) — Comprehende as salas de espera de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, sendo a 1.ª de 7^{m},$\times$2^{m},76, a 2.ª de 7^{m},$\times$6^{m},40 e a 3.ª de 9^{m},72$\times$6^{m},30.

Corpo da esquerda — Contem o restaurant com um gabinete reservado e cozinha.

As alas que ligam entre si os corpos central e lateraes são mais estreitas 3^{m},50 do que esses corpos, o que faz que haja entre elles umas passagens de 3^{m},50 de largura do lado da cidade, passagens que são cobertas por uma cobertura metalica, apoiada sobre columnas. Do lado da via ha uma marquise geral, egualmente apoiada sobre columnas, a qual cobre todo o caes de embarque e a via proxima.

—

Sobre-lojas — Destinadas a aposentos e arrecadações.

Pavimento superior — Sómente no corpo central, e é destinado a aposentos do chefe da estação e mais empregados.

Aos lados do edificio principal da estação de passageiros ha dois pequenos elegantes edificios, um para latrinas, outro para lampisteria.

—

Os pavimentos do andar superior e sobre-

lojas, as salas de espera e os differentes gabinetes do andar terreo são soalhados a madeira. A sala de recepção de bagagens, a de sahida de passageiros e entrega de bagagens, e a cozinha, bem como o passeio do lado da via, são asphaltados. O vestibulo de entrada e as passagens cobertas entre o corpo central e os corpos lateraes e o restaurant, tem o pavimento ladrilhado a mosaico.

—

A pedra da construcção é magnifico granito de Affife, de grão finissimo, e admiravelmente trabalhado. A madeira das portas e janellas é de fóra, de excellente qualidade, e foi adquirida por preço muito commodo.

—

A divisão interna do edificio está cuidadosamente estudada, havendo entre as differentes casas relações de áreas determinadas pelas regras estabelecidas para este genero de construcções, e contando-se com o futuro desenvolvimento da cidade, pelos melhoramentos introduzidos no porto e barra. O serviço deve fazer-se sem nenhuma confusão, achando-se separados o serviço de entrada e saida de passageiros, e tudo disposto por fórma que o passageiro é naturalmente levado ao seu destino sem necessitar interrogar os empregados.

—

Este esplendido edificio publico, é — no seu genero — o melhor do paiz (e talvez da Europa), e por isso, digno, a todos os respeitos, de ser visitado.

Inauguração do caminho de ferro, de Barcellos a Darque, em frente de Vianna [1]

Teve logar no domingo, 24 de fevereiro de 1878.

Eis o que, com respeito a esta inauguração, diz o excellente jornal portuense, *O Commercio Portuguez*, de 26 de fevereiro (dois dias depois d'esta inauguração).

«A barreira do Tamel, para ganhar a qual se precisava prefurar um monte na extensão de perto de um kilometro, foi transposta afinal definitivamente pelos comboios, entregando-se á exploração toda a extensão da linha, desde a margem do Cavado até á do Lima, entre as estações de Barcellos e a de Darque.

«Vinte e sete kilometros de linha ferrea, em que á vista do passageiro surgem os mais pittorescos specimens das paisagens da provincia do Minho: ao sahir da estação de Barcellos, a encosta da Silva, em que o horisonte se perde indefinidamente em longinquas cordilheiras, e da qual se avista Braga, o Bom Jesus e o monte Sameiro; ao desembocar do Tamel o valle do Neiva, que se contorna pela margem até Capareiros, disfructando-se a margem fronteira sob variadissimos aspectos, e finalmente o famoso valle do rio Lima, que logo ao sahir de Barrozellas começa a apparecer em toda a sua magestosa belleza, mostrando na margem direita o caprichoso recorte de alterosas montanhas, por cujas faldas e encostas se extende a mais viçosa vegetação e alvejam casaes sem conta.

«Fecha esta agradavel paisagem, de um lado, na margem esquerda, o monte denominado Faro d'Anha, e do outro a serra de Santa Luzia, coroada por uma ermida de grande nomeada.

«Nos 27 kilometros novamente entregues á exploração, tres estações se seguem á de Barcellos: Tamel, serventia de Ponte do Lima, quando se concluir a estrada de Barcellos áquella villa; Barrozellas, importante por ser o centro de um grande numero de povoações dispersas em torno, e pela proximidade da séde de uma concorridissima feira semanal; e Darque, onde affluem as estradas da margem esquerda do valle do Lima, testa de linha por dois mezes ainda, emquanto se não concluir a ponte do Lima, e durante o mesmo tempo serventia da cidade de Vianna do Castello.

«As obras d'arte mais notaveis são o tunel do Tamel, que tem 980 metros de com-

[1] Quando n'esta obra se tratou de *Darque* e *Barcellos*, ainda não existia o caminho de ferro do Minho, pelo que julgo bem cabida aqui a noticia d'esta inauguração.

primento, o de Santa Lucrecia com 200 metros de comprimento, o viaducto de Durães, que mede proximamente 200 metros de comprimento, e a ponte sobre o rio Neiva, tramo metallico de 30 metros de abertura.

«O dia convidava ao passeio, e concorreu para que o comboio n.º 1, que sahiu do Porto ás 8 horas e 45 minutos da manhã, chegasse a Darque apinhado de viajantes.

«Nas novas estações, profusamente embandeiradas, a passagem do comboio era festejada pelos innumeros foguetes, que estrugiam nos ares e pelas acclamações dos camponezes, que em massas compactas invadiam a linha e saudavam freneticamente a chegada da locomotiva e de tão longo comboio.

«A estação de Darque sobretudo fazia um effeito surprehendente pelas *toilettes* das formosas damas de Vianna, e pelo matiz variegado dos trajes das camponezas dos arredores, que compunham uma como tapeçaria ondulante, extendendo-se sobre a plataforma, sobre os muros, sobre os outeiros.

«Um photographo de Barcellos tirou uma vista instantanea d'este bello quadro, bem como da estação de Barcellos e da ponte do Cavado, na occasião da passagem do comboyo.

«Os srs. Joaquim Simões Margiochi, director geral das obras publicas, João Joaquim de Mattos, ex-director da linha ferrea do Minho e actualmente vogal da junta consultiva de obras publicas, os directores da construcção e exploração dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e mais engenheiros da construcção, partiram em comboyo especial ás 10 horas da manhã, e, depois de pararem em differentes pontos da linha para visitarem as obras principaes, chegaram a Darque perto da uma hora da tarde.

«Uma banda de musica, entrando na estação de Barcellos, acompanhou este comboyo, executando sempre hymnos e marchas festivas até á margem do Lima.

«Ás 5 horas e meia da tarde regressou este comboyo especial, chegando ao Porto ás 7 e 3 quartos.

«Todos os outros comboyos seguiram regularmente os horarios annunciados, apesar da extraordinaria concorrencia de passageiros.»

Outra etymologia da palavra Vianna

O escriptor Flores, diz na sua *España Sagrada*, tomo 7.º, pag. 200 e 201:

«O nome de Vianna, vem de *Diana*, como aconteceu a *Denia*, [1] pois que ambas foram fundadas pela mesma colonia, que tantos altares levantou á sua *Diosa*. *Confirma isto a etymologia da palavra Ariosa, ou Aradiosa, povoação onde aportaram os gregos-phocenses, na foz do Lima.* Estes, e os gallos-celtas, de commum accordo, fundaram no monte visinho uma cidade, da qual ainda se vêem vestigios.»

«Estas ruinas, que estão no alto do monte, são a velha Vianna. (*Antig. de Tuy*, por frei Prudencio Saldoval, Braga, 1610, pag. 45).

«E não era Britonia, que ficava em Mondoñedo, na Galliza.» (Flores, tomo XVIII, cap. 1.º)

Vejam o que aqui vae de erudição... *para nada!*

Vou expender a minha humilde opinião com respeito a tudo isto, pela ordem em que está redigido.

É caso de se dizer:

«*Força de consoante, a quanto obrigas!*»

Nós vimos no artigo *Vianna do Alemtejo*, a etymologia mais racional, e mais provavel, da palavra *Vianna*.

Pretender que esta palavra proceda da divindade mythologica *Diana*, só por se assemelhar na pronuncia, é uma d'aquellas etymologias *forçados* que se dão a muitas povoações, não só de Portugal, mas tambem de varios outros paizes.

Não sei (nem me importa saber) a origem do nome *Denia*, da cidade hespanhola, nem tenho encontrado em um unico livro, que á Diana se chamasse *Denia*. *Diosa*, não é nome proprio, mas generico, e se d'aqui

---

[1] Porto maritimo de Hespanha, 18 leguas ao S. E. de Valencia, e 2 ao N. E. de Alicante.

procedesse o nome d'esta cidade (Vianna) vinha a ser *Cidade da Deosa*, e não o nome actual.

Diana, como todos sabem, era filha de Jupiter e de Latona (segundo a Fabula) e nasceu na ilha de *Délos*, pelo que tambem é conhecida com o nome de *Délia*, que nada se parece com *Vianna*.

Não sei como algum sonhador de etymologias se não lembrou de dizer (com tanto fundamento como se diz de Diana) que o nome d'esta povoação proceda de *Dione*, filha do Oceano e de Thetys, e mãe de Venus, que, por isso, esta (Venus) tambem se chamava *Dione* e *Dionea!*

Mais. — Todos sabem que nem os iberos, nem os celtas, nem os gallos-celtas, nem os phenicios, nem os carthaginezes (provaveis fundadores de Vianna, do monte de Santa Luzia) prestaram culto a Diana, que só foi uma divindade dos gregos, e depois dos romanos. Nem eu acredito que no referido monte, ou na foz do Lima, existisse em tempo algum, qualquer templo, dedicado a esta, ou a qualquer outra divindade.

A tal historia da *Ariosa* ou *Aradiosa*, não passa de uma *torcedella* geographica. Nem são palavras portuguezas, nem de outro qualquer paiz (que eu saiba).

O nome da freguezia contigua a Vianna, e á qual pertence o monte de Santa Luzia, foi sempre AREOSA, muito apropriado á sua posição, que é uma zona de terra — na sua maxima parte *areia* — sempre á beira-mar.

Quanto á tal *Aradiosa*, é melhor não fallarmos n'isso — a não querermos tambem dar a nossa *torcedella* — que não é de todo disparatada — dizendo que vem de *Ara Diosa*. — Altar da Deusa.

Ahi vão mais duas etymologias. (Deixem estar que por falta de etymologias não hade Vianna perder).

A freguezia da AREOSA, foi antigamente chamada Santa Maria da VINHA [1], e não é nenhum milagre, que *Vianna* seja corrupção de *Vinha*. Todos sabem que os habitantes das nossas povoações do norte, dizem — *Poárto, sêaja, freásca, vianha*, etc., por *Porto, seja, fresca, vinha*, etc. — e como os hespanhoes escrevem *ñ* por *nh*, e, portanto, escrevem *Viña*, ahi temos *Vinha* transformada em *Vianna*.

Mais. — Vimos no 3.º vol., pag. 332. col. 1.ª e 2.ª, que *Anna* é palavra phenicia, que significa *ádem*, ave aquatica [1], e *Ana*, palavra púnica (o mesmo que phenicia) e nome proprio d'homem ou de mulher. — *Vi*, é grego antigo de que os latinos fizeram *Vicus* (lago, rio) não podia dar-se a esta Vianna o nome de *Vi-Anna* ou *Vi-Ana* (como antigamente se escrevia) significando *Rio do Lago* ou *Rio d'Anna*?

(Esta etymologia vae por minha conta e risco).

—

Quanto a Britonia ser na margem do Lima, ou em Mondoñedo, vide o que eu disse a este respeito, na *Britonia do Lima*.

—

O sr. doutor Figueiredo da Guerra, diz a pag. 102 da sua *Vianna*:

«Com relação a Santa Maria da Vinha ou VINEA, accrescentaremos o que achámos n'uma escriptura do anno 1112.

«A Naustio, bispo de Tuy, succedeu um bispo chamado Affonso, que deu em paga de serviços, a um seu privado — Nunes Soares — a VILLA DE VINEA, entre os rios Ancora e Lima, etc.»

Isto corrobora a minha opinião — de que *Vinea* póde muito bem ser d'onde procede o nome de Vianna, dado á povoação de Santa Luzia, e que D. Affonso III mandou que se désse á cidade actual.

Uma curiosidade archeologica

A pag. 97 da sua *Vianna do Castello*, diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra:

---

[1] E Santa Maria da Vinha é ainda hoje a padroeira d'esta freguezia.

[1] Segundo alguns escriptores, a palavra rio *Guadiana*, é trilingua, isto é, composta de tres palavras de idiomas diversos (portuguez, arabe e celta — *rio Wad, ana*) de modo que o seu conjuncto forma — *Rio, Rio, Rio!*

«Existe no *Pateo da Morte*, na rua da Bandeira, uma estatua de granito, que tem chamado a attenção dos amadores de antiguidades.

«Nada de notavel offerece, pelo lado artistico; está bastante deteriorada; cabeça truncada, pés rachiticos, e braços disformes: apenas symbolisa um facto historico.

«É tradição, que um antigo senhor d'aquella casa — Rocha — fôra ferido mortalmente no ventre, quando entrava no pateo, mas, animoso, com o escudo segurava as visceras, e com a dextra prostra aos pés o inimigo; e que n'esse logar jaziam ambos.

«O escudo que mostra de frente, tem esculpidas as armas dos Rochas [1], o que vem desvanecer o caracter fabuloso de antiguidade que lhe attribuem, [2] a não querer suppor o escudo lavrado em época muito mais moderna, o que todos rejeitam. Quem tiver algumas noções de heraldica, saberá que o appellido Rocha, é representado na armaria, por cinco vieiras, postas em santor, em campo vermelho, o que exactamente corresponde a este escudo [1].

«A vinda dos Rochas a Portugal, data dos primeiros tempos da monarchia. Vejamos.

Manuel de Faria e Sousa (*Europa Port.* tomo 3.º, parte 4.ª, cap. 8.º, n.º 13) affirma que *D. Arnaldo da Rocha, fue de los primeros nueve instituidores de los Templarios.*

«Frei Bernardo de Brito (*Mon. Lus.*, parte 3.ª, livro 9.º cap. 11.º) diz — que *Arnaldo da Rocha, era companheiro em Portugal, do Grão-Mestre Provincial d'este Reino, D. Gualdim Paes, de Thomar.*

«Antonio Villas-Boas e Sampaio, na sua *Nobiliarchia*, segue o mesmo erro que o padre Brandão e Brito, a respeito de A. da Rocha.

«Um e outro o fazem Templario, divirgindo, se foi dos primeiros nove da ordem principiada em 1119, se companheiro de Gualdim, já mestre do Templo, que creio não foi o primeiro em Portugal, mas um dos primeiros.

«E o doutor Alexandre Ferreira (*Mem. da Ord. Militar dos Templ.*, tomo 2.º, pag. 751, n.ºs 836, 840, 841):

> *Os Rochas, de origem franceza (do condado de Roche, em Borgonha — segundo Moreri) fizeram assento em Vianna, no arcebispado de Braga, d'onde sahiram os muitos que d'este appellido ha.*
>
> *Dos nove cavalleiros que fundaram esta Ordem, só de dous se sabe o nome, e são de origem franceza. É provavel que Arnaldo da Rocha, ainda que nascido em Portugal, se unisse aos oito cavalleiros, talvez parentes seus, principal-*

---

[1] Rocha (segundo os manuscriptos da casa Palmella) é appellido castelhano. Passou a este reino, na pessoa do doutor Pedro Fernandes da Rocha, que por desgostos veiu para Portugal. Sua filha casou em Guimarães, com João Fernandes da Ramada, e deixou successão. Villas Boas, porém, diz que veiu de França, e fez o seu solar em Vianna do Minho, e que já em 1126 se acha Arnaldo da Rocha, companheiro do mestre do Templo, D. Gualdim Paes. Os Rochas, trazem por armas — em campo de prata, aspa vermelha, firmada e carregada de cinco *vieiras* d'ouro, realçadas de azul, timbre, a aspa do escudo entre duas vieiras, uma em cada ponta da aspa, e outra no meio. Albergaria (folhas 166) diz que estas armas foram alcançadas na Galliza, por um portuguez, derrotando os mouros, que se tinham fortificado sobre uma *rocha*, em dia de Santo André, apostolo — e que estas armas lhe concedeu D. Affonso VII, de Leão, dando-lhe o appellido Rocha.

Pinho Leal.

[2] O doutor Emilio Hübner, nas *Not. Arch.*, pag. 104 e 105, e o seu traductor, o sr. Augusto Soromenho, meu mestre e amigo, cuja perda hoje deploramos, attribuem esta estatua ás remotissimas eras dos celtas e dos romanos, conforme a inscripção que lhe fantasmagoriam — «L (*luci*) S esti Clodomeni f (i) l (ii) Coroc (o) corocauci (Tit. Cla) udius (Ti.) f. sempron (ianus) contu (bernalis eius) et frater.»

Figueiredo da Guerra.

[1] Esta grutesca estatua (na minha opinião) é contemporanea das duas de que fallei no 4.º vol., pag. 55, na palavra *Lasenho*.

mente sendo borgonhezes, e fosse um dos nove, a quem esta Ordem deveu á gloria e principio. Demais, D. Gualdim, era natural de Braga [1] *a cinco leguas de Vianna, e é possivel que com elle passasse á Syria, e se fizesse cavalleiro templario.*

«Sabemos pela genealogia que Martim da Rocha, fidalgo francez, que se intitulava conde de Quinzal, veiu a Portugal em tempo de Affonso III, e foi tronco dos Rochas, e senhor de Torres Novas.

«*A arvore genealogica dos Rochas, existe na casa dos Rochas, hoje do sr. Gaspar Malheiro d'Azevedo Araujo e Gama.*

«Um seu neto — mr. de la Rocha (talvez D. João da Rocha) pelos reinados de D. Pedro ou de D. Fernando, fundou o solar de Vianna.

«D'estas citações concluimos, que é muito duvidosa a época, ou antes, o verdadeiro Rocha, que fundára em Vianna o solar; podendo-se sómente dizer, que foi durante a primeira dynastia.

«Sendo o *Pateo da Morte* o solar dos Rochas, e estando n'elle uma estatua com o mesmo escudo, que concluir? etc.»

—

No 2.º volume dos seus inapreciaveis *Narcoticos*, a pag. 101, diz o sr. Camillo Castello Branco, referindo-se ao que diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra, com respeito a esta singular estatua — que me parece contemporanea das duas que existiram no *Outeiro Lesenho*, e estão hoje no jardim do palacio real da Ajuda (1.º vol., pag. 43, col. 2.ª — e 5.º vol., pag. 440, col. 1.ª, pr.):

«Não duvido que um Rocha fosse assassinado n'aquelle *Pateo da Morte*; mas a estatua não tem que ver com o successo. O caso verdadeiro, com quanto seja sandeu, é de todo incruento. O solar dos Rochas era, desde o seculo XIV, em S. Payo de Meixedo, no termo de Vianna, entre o monte d'Arga e a serra de Geraz, em uma antiquissima quinta chamada Portella, onde havia vestigios celtas e musulmanos, cisternas e estatuas romanas ou godas. (5.º vol., pag. 163, col. 1.ª — o 1.º Meixedo).

«Um clerigo d'esta casa, D. Affonso da Rocha, abbade de duas freguezias contiguas, de uma das quaes andava o padroado na familia, foi quem mandou abrir o seu escudo, no ventre da estatua, com uma perfeição relativa, que muito destaca das brutescas fórmas da figura. Em 1622, era senhor d'aquella casa solarenga, Francisco da Rocha, possuidor da estatua, que, só decorridos muitos annos, veiu para Vianna, quando alli os Rochas estabeleceram residencia.

«Um frei Manuel Correto, genealogico citado por frei Manuel de Santo Antonio, no seu *Thesouro da Nobreza*, conheceu o fidalgo que vivia fragueiramente *n'aquella terra asperissima e de grandes mattos.* Nunca elle sonhou que, passados 250 annos, viria lá do norte um sabio dizer aos portuguezes, que os Rochas punham vieiras na barriga da sua estatua romana, porque S. Thiago e as costas banhadas pelo oceano, explicam as conchas.

«Quanto á versão do sr. J. V., devemos presumir que Hübner não é responsavel pelos erros de syntaxe do seu traductor, que principia d'este feitio:

«Na região mais formosa do norte de Portugal, que se chama na divisão antiga, provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da peninsula iberica ou *Callaicos, terem* estabelecido suas vivendas, etc.»

Parecem terem estabelecido?! Não sejamos todos... *callaicos.*

Correição de Vianna

No antigo regimen, tinha esta correição na sua dependencia, 9 villas, 11 concelhos e 13 coutos — eram:

---

[1] Aliás, de *Marecos*, hoje Amares, 10 kil. de Braga. Vide 1.º vol., pag. 192, col. 1.ª, no pr.

Villas — Arcos de Val de Vez, Monsão, Pico de Regalados, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Prado, Souto da Ribeira do Homem, Vianna e Villa Nova da Cerveira.

Concelhos — Albergaria de Penella, Bouro, Coura, Entre Homem e Cávado, Geraz do Lima, Lindoso, Santa Martha de Bouro, Santo Estevam da Facha, Soajo, Souto de Rebordãos e Villa Garcia.

Coutos — Aboim da Nobrega, Azevedo, Baldreu, Bouro, Cervães (ou Villar de Areias) Freiriz, Luzio, Manhente, Nogueira, Queijada (unido com Boilhora) Sabariz, Sãofins e Souto.

—

Era pois Vianna, então, cabeça de correição, assento de um provedor, um corregedor, e um juiz de fóra. O governo particular da villa, se compunha de tres vereadores, um procurador do concelho e outros ministros e mais empregados publicos. Era praça d'armas, onde residia o *mestre de campo general*, que governava as armas da provincia.

Condes de Vianna

Tenho-me visto seriamente atrapalhado por causa d'estes condes! Uns escriptores, dizem que esta Vianna é a do Alemtejo, outros sustentam que é a do Minho.

O sr. doutor L. de Figueiredo da Guerra, diz que só o 1.º e 2.º condes, o foram da do Alemtejo, e que o 3.º (D. Duarte de Menezes) foi o *primeiro* conde de Vianna do Lima, e não o 3.º da de Alvito.

Revolvi toda a minha livraria (que não é muito pequena) e nenhum escriptor diz que Vianna é a dos condes, senão Rodrigo Mendes da Silva, que na sua *Poblacion general de España*, a folhas 141 verso, tratando de *Viana de Foz de Lima*, diz — «El-Rey D. Pedro dio titulo de Conde *desta Villa* a D. Juan Alonso: tambien su hijo Don Fernando a Don Juan Alonso Tellez de Meneses. Vltimamente Don Alonso Quinto a *D. Duarte de Menezes*, no permanece.»

O mesmo escriptor, fallando de Vianna do Alemtejo (folhas 133, verso) não diz que em tempo algum tivesse conde.

Nós vimos, quando n'esta obra tratei de Vianna do Alemtejo, que D. Fernando I, estando em Juromenha, deu a *villa de Vianna*, em titulo de condado, a D. João Affonso em 30 de março de 1368.

Se é verdade o que diz R. Mendes da Silva, a nomeação de conde, feita por D. Fernando I, a D. João Affonso, não foi mais do que a confirmação da nomeação de seu pae, D. Pedro I.

Nós vimos a pag. 498, col. 2.ª, d'esta obra, a inscripção do tumulo monumental de D. Duarte de Menezes, designado como *terceiro* conde de Vianna, sem dizer de qual.

Diz-me o sr. dr. Figueiredo da Guerra, em carta particular: — «A inscripção pelo seu estylo e orthographia, está-nos revelando que foi muito posteriormente gravada. E mais comprova esta nossa asserção, o fallar-se alli no — *tronco dos condes de Tarouca*. — Sabemos que o 1.º conde, foi agraciado 35 annos depois da morte de D. Duarte de Menezes — a 24 de abril de 1499. Ora *tronco dos condes*, revela já terem decorrido algumas gerações, até se gravar a lapide.

«Egual duvida tem D. Antonio Caetano de Souza (*Hist. Geneal.*, tomo 5.º, pag. 460) quando se refere ao epitaphio da irmã do nosso heroe, D. Leonor de Menezes, e diz — *parece que depois se lhe pôz este epitaphio*

«Para remate do meu argumento, lembro o que diz a *Hist. de Santarem edificada*, no tomo 2.º, de pag. 203 a 205. — Alli se diz que faltam alguns epitaphios na capella das Almas, em São Francisco, de Santarem, e que, *o cenotaphio de D. Duarte, não tem inscripção alguma.*»

Tem razão o meu esclarecido amigo. Vasconcellos, nos logares citados da *Hist. de Santarem*, diz claramente que *o tumulo de D. Duarte de Menezes não tem* (não tinha quando o auctor escreveu o seu livro) *inscripção alguma*. Foi evidentemente gravada depois de 1740, anno em que se publicou a *Hist. de Santarem edificada*. Mas ninguem se persuada que os condes de Tarouca distavam muito em parentesco, de D. Duarte de Menezes. O 1.º conde de Tarouca, foi D. João de Menezes (feito pelo rei D. Manuel, a 24 de abril de 1499) e era

5.º filho de D. Duarte. (Veja-se no 8.º vol., pag. 497, col. 1.ª, e 9.º vol., pag. 492, col. 1.ª *in fine*).

E' 8.º conde de Tarouca, e 4.º marquez de Penalva, o sr. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes (6.º vol., pag. 586, col. 2.ª)

Mas toda esta erudição nos deixa na duvida com respeito à villa que deu o titulo aos condes de Vianna.

Em 1817, publicou-se em Lisboa, na *officina* de Simão *Thaddeo* Ferreira, uma obra singular, intitulada *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza*, etc, etc., — sem nome de auctor. Chamei-lhe *singular*, porque, além de não ter indice, nem ao menos tem numeração de folhas. (Tive de o numerar e fazer-lhe o indice, tudo manuscripto, aliaz, era-me difficil achar o que pretendia).

Quando este livro trata de D. Duarte de Menezes, diz, no fim do artigo, fallando do tumulo d'este heroe: — «N'elle não havia Epitafio; porém, quando *n'estes ultimos annos*, se mandou alargar e reformar a Capella, se lhe fez escrever na face da pedra, a seguinte letra.» (Copia o epitaphio que lemos no artigo *Santarem*).

Mas note o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o artigo d'esta obra, principia assim: — «*D. Duarte de Menezes*, illustre cavalleiro, e de mui distincto valor, *conde 3.º de Vianna*, etc.»

Finalmente — quer os primeiros condes de Vianna fossem da do Alemtejo, quer da do Minho, o que é certo, é que foram condes de Vianna:

1.º — D. João Affonso, por D. Fernando I, em 30 de março de 1368 [1].

2.º — D. Pedro de Menezes (filho do 1.º conde).

3.º — D. Duarte de Menezes, filho bastardo do 2.º conde e de Izabel Domingues, a *Bexigueira*.

4.º — D. José de Menezes, 2.º filho do 1.º marquez de Marialva e conde de Cantanhede. Falleceu em 13 de setembro de 1713, sem deixar descendencia legitima, pelo que o titulo ficou extincto. (Vide no artigo *Vianna do Alemtejo*, onde trato dos seus condes).

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no 3.º vol., das suas *Cidades e Villas*, a pag. 135, tratando de *Vianna do Castello*, diz:

«D. João VI, sendo principe regente, creou conde de Vianna, em 13 de maio de 1810, a D. João Manuel de Menezes, irmão do quarto marquez de Tancos; e sendo rei, elevou-o a marquez do mesmo titulo, em 3 de julho de 1823. Ao presente (1862) é segundo marquez, e *segundo* conde de Vianna, seu filho, o senhor D. João Manuel de Menezes [1].»

Já vê o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o sr. Vilhena Barbosa, um dos mais esclarecidos escriptores contemporaneos, designando por *segundo* conde de Vianna do Castello a D. João Manuel de Menezes, não acredita que os outros o fossem d'esta Vianna, mas sim da de Alvito.

Mais — quando o mesmo illustrado escriptor, na mesma obra trata de Vianna do Alemtejo, não falla dos seus *tres* primeiros condes, mas diz (a pag. 127): — «Em fevereiro de 1692, fez mercê el-rei D. Pedro II, do titulo de conde de Vianna, a D. José de Menezes, seu estribeiro-mór, e alcaide-mór *da dita villa*, do qual não ficou successão.»

A pag. 148 (edição de 1755) das *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal*, por D. Antonio Caetano de Souza, se lê: — «D. José de Menezes, foy Conde de Vianna, por mercê d'el-Rey D. Pedro II, feita no anno de 1690, de quem foy Estribeiro-Mór, e Gentil-Homem da sua Camara, do Conselho de Estado, e do Despacho, e que todos estes logares conservou depois,

---

[1] Segundo Rodrigo Mendes da Silva, o 1.º conde de Vianna foi João Affonso, feito por D. Pedro I, e o 2.º foi D. João Affonso Telles de Menezes, por D. Fernando I. Note-se porém que estes condes só os nomeia em Vianna do Minho, o que, em todo o caso, é erro.

[1] D. João Manuel de Menezes, foi agraciado com estes titulos, não só por ser descendente de D. Duarte de Menezes, mas tambem por ser almirante da esquadra que em 1821 conduziu do Brazil a este reino, a familia real portugueza. Segundo o sr. Vilhena Barbosa, este conde, era-o de Vianna do Minho.

no serviço d'el-Rey D. João V. e foi Commendador de Idanha a Nova e de Nossa Senhora do Loreto, de Juromenha, na Ordem de Aviz, Cavalleiro da dita Ordem, Alcaide-Mór da dita Villa, e da Idanha Nova, Donatario do Reguengo da Villa de Almada, que morreu a 30 de setembro de 1713, havendo casado com Dona Maria Rosa de Lencastre, que morreu no mesmo dia, do anno de 1715, filha dos segundos Condes das Sarzedas, sem successão.»

A pag. 703 da mesma obra, no capitulo denominado — TITULOS *que tiveram muitas familias que hoje existem, e que, ou se mudaram, ou se supprimiram*, diz: — «*Vianna do Minho* — Menezes: El Rey D. Affonso V, antes no filho segundo da Casa de Bragança [1].»

—

O *Almanach Burocratico* para 1876, já não traz titulares de nenhuma das Viannas.

—

O sr. doutor L. de Figueiredo da Guerra, publicou no jornal viannense *Aurora do Lima* dous folhetins (nos n.os 4:163 e 4:164, de 14 e 17 de setembro d'este anno de 1883) que, com a devida auctorisação do seu esclarecido auctor, passo a transcrever:

D. Duarte de Menezes

1.º e ultimo conde de Vianna

Este heroe das nossas guerras de Africa teve a mercê do condado de Vianna, por carta dada em Santarem, a 6 de julho de 1460:

«Queremos, escreve D. Affonso V, que d'aqui em diante se chame Conde de Vianna de Caminha, e lhe fazemos pura doação d'aqui em diante, em toda a sua vida, do senhorio e jurisdicção, mero e mixto imperio da dita villa e seu termo, alcaidaria e direitos d'ella, reservando para nós a correição e alçada. Fazemos-lhe mercê dos padroados que havemos nos mosteiros e egrejas da dita villa e termo, e lhe damos a alcaidaria das saccas, e sua escrivaninha.

E por esta carta havemos por revogadas quaesquer outras, bem como as cartas, capitulos de côrtes ou privilegios que por nós e nossos antecessores sejam dados á dita villa, ou outra promessa que nós aos moradores d'ella tenhamos dado, para que declarassemos e promettessemos o senhorio e jurisdicção da dita villa, não darmos a alguma outra pessoa, mas que sempre fosse da corôa dos nossos reinos: as quaes por esta carta havemos por annulladas e revogadas.

Outrosim lhe fazemos mercê em toda a sua vida da dizima do pescado, que nós havemos na dita villa, e de quaesquer outras pescarias que nós ahi havemos na villa e seu termo, do nosso direito de Nabão [1] e Malatosta [2], que os barcos de fóra pagam quando veem pescar aos mares e rio da dita villa; e do serviço real e novo dos Judeus que ora moram ou morarem na villa e seu termo, e todas as outras rendas, direitos, fóros, tributos, censos, emprazamentos, montes, fontes, rocios, portos e rios, reservando para nós a dizima de todas as outras cousas arrecadadas na alfandega da dita villa, sizas geraes e os direitos do arcebispo de Braga, que ahi tem certo tributo, pelo escambo que com elle fizemos.»

D. Duarte de Menezes era filho natural de D. Pedro de Menezes, 1.º capitão donatario da cidade de Ceuta, e 1.º conde de Villa Real, e que alguns historiadores chamam 2.º conde de Vianna.

Como no decurso d'esta biographia temos de fallar mui especialmente no condado de Vianna, vamos apresentar uma succinta no-

---

[1] Isto está pouco claro. Expliquemos. — Morrendo sem descendencia o conde D. José de Menezes, segundo filho do primeiro marquez de Marialva, ficou este titulo unido á corôa até 1692. Mas este condado é com certeza de Vianna do Alemtejo.

[1] Nabão é o tributo que pagavam os pescadores de fóra de pescarem nas costas do nosso termo, e consistia n'um peixe por cada barco de pesca.

[2] Malatosta ou Moltosta eram os tributos sobre os vinhos que embarcavam; todavia aqui designa o imposto sobre o peixe do rio.

ticia dos diversos individuos que apparecem como condes de Vianna, para d'este modo ficarem bem demonstrados os enganos e erros em que tem cahido todos os nossos escriptores quando tocam n'este assumpto.

El-rei D. Fernando I, quando, pouco tempo depois de subir ao throno, pretendeu a corôa de Castella, fez grandes concessões e graças aos fidalgos castelhanos, que se passaram ao seu serviço.

Assim a D. Alvaro Pires de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, lhe deu o condado de Vianna, da foz do Lima, no dizer do A. da Historia Genealogica, por carta do 1.º de junho de 1371, e o fez tambem conde de Caminha, 1.º condestavel do reino, e em 1377 conde de Arrayolos; falleceu em 1383.

Cremos que aquelle condado foi o de Vianna da Galliza; se foi da nossa do Minho, nunca chegou a tomar posse d'ella; pois do archivo da camara não consta que n'esse reinado fossem violados seus privilegios.

N'aquella occasião fez D. Fernando egual graça a D. João Affonso Tello de Menezes, sobrinho de D. Leonor Telles, que foi o tronco dos condes e marquezes de Villa Real; e porque seguiu o partido de Castella, perdeu os titulos que gozava em Portugal. Depois da sua morte, a mulher e o filho D. Pedro de Menezes voltaram ao reino: este acompanhou el-rei na jornada de Africa, onde se distinguiu, e se intitulava conde (2.º) de Vianna, do Alemtejo, onde tinha os senhorios d'Alvito e Villa Nova. O que nos quer parecer é que D. Pedro tivera sómente o condado de Villa Real, e tão sómente nos ultimos tempos, como se deduz de um periodo da sua chronica, de Azurara (Ineditos da Academia, 1792, tomo 2.º pag. 522); «nunca a este D. Pedro quiz el-rei chamar conde, até este tempo, em que veiu de Cepta a este reino.»

El-rei D. Duarte nomeou-o alferes mór, e vindo a morrer em 1437, se enterrou em Santarem, no convento de Santo Agostinho.

Casou D. Pedro de Menezes com D. Margarida de Miranda, filha de João Rodrigues Portocarreiro, senhor de Villa Real, e d'ella teve duas filhas:

— D. Leonor de Menezes, que desposou D. Fernando, 3.º duque de Bragança, degolado por ordem de D. João II, e

— D. Brites de Menezes, casada com D. Fernando de Noronha, que por seu casamento foi por mercê de 7 de setembro de 1434 nomeado 2.º conde de Villa Real, que depois seguiremos.

D. Pedro de Menezes houve em Izabel Domingues Pecegueira um filho, D. Duarte de Menezes, que legitimou a 15 de março de 1424.

D. Duarte foi um estremado cavalleiro e seus serviços foram assaz importantes, que D. Affonso V o elevou a seu alferes mór, e pela carta transcripta gosou do titulo de conde de Vianna, terceiro, no dizer do seu chronista D. Agostinho Manuel: o que é um grave engano, como referimos.

Constando em Vianna o que o rei acabava de conceder, violando e postergando tão propositadamente seus privilegios, confirmados por todos os reis seus antecessores, resolveram o senado e povo censurar o monarcha com uma bem frisante queixa, despedindo logo dois procuradores para levarem o aggravo, acompanhando-o com os documentos comprovativos de que os viannenses nunca tinham tido senhorio particular e que a villa, por contracto com o seu fundador, era praso fateuzim da corôa, a quem pagavam pensão annual, e por isso era do principe, conforme a immunidade do foral de D. Affonso III.

No numero seguinte mostraremos a lição que os viannenses deram ao rei, que os vexava. Registre hoje a historia este facto olvidado.

Conheceu D. Affonso V a verdade e justiça do allegado pelos viannenses, mas porque não queria retirar a tão prestimoso vassallo a graça concedida, limitou-se a restringil-a em sua vida, voltando depois, como d'antes, á corôa, despachando a João Velho o Velho com a seguinte provisão, dada em Lisboa a 6 de setembro de 1460, que se encontra no archivo da camara, a folhas 51 do foral grande, e onde se lê, entre outros, este curioso periodo: «Como o dito D. Duarte por os serviços que a nós tem feito e seus gran-

des merecimentos o fizemos conde da dita villa, e tirar-lh'a agora não é coisa conveniente a nós de o fazer por alguns respeitos. A nós prouve que o dito D. Duarte haja a dita villa em sua vida e não mais, e logo agora para o trepassamento do dito D. Duarte, fazemos mercê ao dito principe, meu filho, da dita villa, direitos e jurisdicção, que nós em ella havemos, e de direito devemos de haver; e queremos que a haja depois do fallecimento do dito D. Duarte, como coisa sua, se elle vier a estado de rei: e d'ahi em diante sempre seja real, e da corôa dos nossos reinos, e jámais possa ser d'ella desapropriado, nem dada a alguma outra pessoa de qualquer estado ou condição que seja. Promettemos pela nossa fé real não dar logar ao dito D. Duarte que em sua vida possa a dita villa dar nem poer em outra pessoa nem escambar nem trocar por outra alguma cousa: e em caso que elle fazer quizesse, nós lhe não daremos logar a algum seu herdeiro que a possa haver: porque logo agora para então, queremos que seja do dito principe, meu filho, e depois realenga, e para sempre da corôa.»

Pouco mais de tres annos logrou D. Duarte o titulo, pois foi morto combatendo valorosamente em Benacofú, quando governava Alcacer Ceguer, a 20 de janeiro de 1464.

Tanto que em Vianna constou a morte de D. Duarte, mandaram logo seus procuradores á côrte para lembrar a el-rei o cumprimento da provisão, indo ao encontro d'elle a Evora, onde se mostrou bem lembrado, e passando a Olivença, os despediu a 15 de junho com a seguinte provisão, a folhas 13 verso do foral grande:

«Vimos a carta que nos mandastes, pela qual entre as outras cousas, em conclusão, nos enviastes pedir por mercê, que, pois a Deus prouvera levar para si o conde, que nos prouvesse guardarmos os privilegios dos antigos foraes, que dos reis nossos predecessores tinheis, e isso mesmo a carta que nós, em sua vida deramos, porque promettemos por seu fallecimento logo havermos por dada a dita villa ao principe meu amado e presado filho, e depois d'elle, por graça de Deus, vir a ser rei d'estes reinos: e se tornar á corôa d'elles, e não ser mais dada a pessoa alguma: a qual presente logo por vossa parte nos foi apresentada. E visto por nós tudo, e a grande obrigação que os reis e principes devem ter, manter e cumprir semelhantes cousas, e a justiça e a muita razão que em ello tendes: determinamos com os do nosso conselho, de vos mandar guardar em tudo a dita nossa carta, como n'ella é contheudo.»

E para maior segurança e mais publicidade, lhe pediram mandasse passar esta carta em pergaminho, com sello pendente; o que se fez estando o rei na cidade do Porto a 31 de dezembro de 1466.

Com menos verdade diz Rui de Pina na chronica de D. Duarte de Menezes (nos ineditos da academia, tomo 3.º, pag. 371): «D. Affonso V deu ao filho de D. Henrique de Menezes todas as mercês do pae, e ainda que ao diante lhe tirou a villa de Vianna de Caminha, lhe tornou a dar Valença, por requerimento do principe, seu filho.»

Já vimos qual a razão porque Vianna ficou ao principe D. João, depois 2.º do nome.

D. Antonio Caetano de Sousa, e anteriormente D. Agostinho Manuel de Vasconcellos escreveram o mesmo, e ha pouco o sr. Pinheiro Chagas, na sua Historia de Portugal, edição illustrada, tomo 3.º, pag. 405, nota 1.ª, repete o que affirmam aquelles escriptores.

Na occasião da morte de D. Duarte de Menezes estava el-rei em Ceuta, e consolando seu filho D. Henrique, lhe prometteu muitas mercês, e na referencia d'ellas não se menciona a da villa de Vianna: o que é plenamente comprovado pela carta de restricção de 6 de setembro de 1460, que trasladamos em parte.

Portanto o engano dos chronistas e historiadores em chamarem a D. Duarte de Menezes 3.º conde de Vianna do Minho, provém evidentemente de verem que seu pae e avô se intitulavam condes de Vianna, quando é certo que tal titulo nada tem de commum com a nossa Vianna, mas sim se refere á do Alemtejo.

Termino este, já bastante fastidioso artigo, transcrevendo o que se lê a paginas 258 e 259, da *Resenha das familias titulares do*

reino de Portugal, publicado em 1838, sem nome de auctor, mas que eu julgo serem dois, João Carlos Feo, e Manuel de Castro Ferreira de Mesquita:

Vianna — conde — (Manoel)

«*D. João Manuel de Menezes*, SEGUNDO conde de Vianna, commendador da Ordem de Christo, segundo tenente da armada real. Succedeu no condado a seu pae, a 20 de abril de 1831. Nasceu no Rio de Janeiro, a 25 de janeiro de 1810. Casou a 27 de janeiro de 1827, com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, que nasceu a 29 de outubro de 1814 — primeira filha dos quartos condes da Cunha.

Filhas

1.ª — *D. Anna*. Nasceu a 2 de agosto de 1829.

2.ª — *D. Maria Gertrudes*. Nasceu a 2 de dezembro de 1830. Falleceu a 15 de maio de 1852.

Seus paes

D. João Manuel de Menezes, 1.º marquez (creado a 3 de julho de 1821) e PRIMEIRO conde de Vianna [1], par do reino em 1826, gentil-homem da camara da rainha D. Maria I, grão-cruz da Ordem da Torre e Espada, commendador da de S. Bento d'Aviz, conselheiro do real conselho da marinha, major-general da armada real. Serviu com distincção em 1806, na esquadra do Estreito, do commando do chefe de divisão Luiz da Motta Fêo. Foi commandante da fragata *Urania* (a unica embarcação que na viagem para o Brazil, em 1807, nunca desamparou a nau *Principe Real*, em que iam a rainha D. Maria I, seu augusto filho e netos). Achou-se na expedição do Rio da Prata, em 1817, como chefe da flotinha que obrava de accordo com o general Lecór; e, na volta de el-rei D. João VI para Portugal, em 1821, foi o almirante da frota que o conduziu a este reino. (Era filho terceiro dos terceiros marquezes de Tancos — vide Cêa). Nasceu a 27 de abril de 1783, e morreu a 20 de abril de 1831 — tendo casado a 7 de fevereiro de 1809, com D. Anna de Castello Branco, que nasceu a 9 de setembro de 1789, segunda filha dos primeiros marquezes de Bellas (vide Figueira). Falleceu a 13 de abril de 1855.

Filhos

1.º — *D. João*, actual conde.

2.º — *D. Maria Domingas*. Nasceu a 9 de abril de 1822.

Creação — *conde* — 13 de maio de 1810.

Residencia — palacio do largo do Rato, e actualmente em Paris.

—

Peço perdão aos meus leitores, por ser tão diffuso, com respeito a estes condes, e por fim, nada decidir de positivo.

Procedi a muitas investigações, e examinei grande numero de livros, sem poder apurar mais do que fica escripto.

Jornaes litterarios, politicos e de annuncios que se teem publicado n'esta cidade desde 1856

POLITICOS

1.º — *Aurora do Lima* — desde 15 de março de 1856, e ainda continúa.

É sustentado por varios cavalheiros pertencentes ao partido denominado *progressista*, sendo redactor principal o sr. doutor José Affonso Espregueira. Tem prelos proprios. É optimamente redigido; collaborado por cavalheiros illustradissimos, e um dos jornaes politicos mais serios e dignos da actualidade.

2.º — *O Viannense* — o 1.º numero, sahiu em março de 1858, e terminou em 31 de dezembro de 1868, com o seu n.º 1:620.

Tinha prelo proprio, e era custeado por varios cavalheiros, á frente dos quaes estava o sr. José Mendes Ribeiro, actual presidente

---

[1] Vê-se pois que este livro só considera condes de Vianna estes dois individuos, sem dizer de qual das Viannas. Não falla nos antigos condes de Vianna, porque só trata dos que existiam em 1838.

da camara municipal de Vianna (1883) e um dos 7:500 do Mindello.

3.º — *O Timbre* — durou poucos mezes.

4.º — *O Commercio de Vianna* — que depois se publicou sob o titulo de

5.º — *O Echo do Povo* — e desde o 1.º de outubro de 1883, tomou o nome de

6.º — O *Imparcial* — (este e o 1.º são os unicos periodicos que actualmente se publicam n'esta cidade). É seu redactor e proprietario o sr. José Maria Caldeira.

7.º — *O Districto de Vianna* — sahiram poucos numeros, haverá uns dez annos (em 1873, pouco mais ou menos). Era seu redactor, o sr. João Caetano da Silva Campos.

8.º — *O Diario de Vianna* — no prospecto, sahido em agosto de 1879, dava-se como seu redactor, o sr. Viriato Silva, brasileiro. Ficou no prospecto.

LITTERARIOS

9.º — *O Sillographo* — principiou em 1856, e sahiram poucos numeros. Era seu redactor, o sr. Bartholomeu da Silva Magalhães.

10.º — *A Briga* — principiou pelo mesmo tempo do antecedente, e teve egual sorte.

11.º — *Pero Gallego* — principiou a 26 de janeiro de 1882, e findou no n.º 36, que se publicou em novembro do mesmo anno. Era propriedade do sr. Domingos Pereira Gomes Rosa.

Este interessantissimo semanario, teve a sorte que teem tido quasi todos os jornaes litterarios e scientificos de Portugal.

Era redigido e collaborado por alguns dos mais sympathicos e esperançosos mancebos de Vianna, dirigidos por um d'elles, quasi adolescente, de 19 annos, o meu presadissimo amigo, o ex.mo sr. Alberto Feio da Rocha Páris, feito 2.º visconde da Torre (de Soutello) em 14 de junho de 1883. É sobrinho do sr. João Feio de Magalhães Coutinho, 1.º visconde da Torre, de Soutello, feito em 3 de agosto de 1870, sendo barão do mesmo titulo, desde 13 de agosto de 1847. (Veja-se no IX vol., 2.ª col. de pag. 441, o 2.º *Soutello)*.

ANNUNCIOS

12.º — O *Jornal de Annuncios* — principiou em outubro de 1868, e apenas publicou oito numeros. Era propriedade do sr. Domingos Pereira Gomes Rosa, livreiro, d'esta cidade.

13.º — *Vianna a Camões* — por occasião do *centenario de Camões* (10 de julho de 1880 — vide IV vol., pag. 306, col. 1.ª e seguintes) se publicou em Vianna um esplendido jornal (unico) por iniciativa da casa impressora do sr. André Joaquim Pereira — hoje de seu filho, o dito sr. Domingos Pereira Gomes Rosa.

Minas

Ha n'este concelho varias minas de differentes metaes. Tenho conhecimento das seguintes:

De ferro — no sitio de Nossa Senhora do Soccorro. Foi declarado seu descobridor legal, em dezembro de 1874, o sr. José Pereira Vianna.

—

Carvão de pedra. — Em janeiro de 1875, foram manifestadas na camara municipal — duas minas de *anthracite*, e outros metaes.

—

Estanho e outros metaes — manifestada em março de 1875.

—

Estanho — sete minas — antimonio, uma — *manganez*, uma.

Todas manifestadas em novembro de 1876.

—

Manganez — cinco minas — *estanho e outros metaes*, duas. — Todas manifestadas em dezembro de 1876.

—

No monte de Laborádes e suas immediações ha um vasto jazigo de *turfo*, do qual se aproveitam os povos d'estes sitios. Ficam estes jazigos a E. da freguezia d'Ancora, e ao N. O. da de Affife.

Factos historicos

ANNOS ANTES DO NASCIMENTO DE CHRISTO

1174 — Dizem alguns escriptores, que Diomedes, rei da Etolia (filho de Tydeo e

Defile, filho de Adrato, rei d'Argos) um dos heroes gregos, que tomaram e arrazaram Troia, depois de dez annos de cruentas batalhas, desgostoso pela infidelidade de sua mulher Egiale, abandonou o seu reino, e depois de andar divagando (pirateando) por espaço de outros dez annos pelo Mediterraneo, passou o Estreito entre *Calpe* e *Abyla* (hoje Estreito de Gibraltar) e percorrendo as costas da Lusitania, fundou *Calle* (Gaia, em frente do Porto) *Calpe*, na foz do Lima, e *Tuy* ou *Tyde*, na margem esquerda do rio Minho (Vide *Valença* [1]).

Pretendem pois os *diomedistas*, que o tal Diomedes da Etolia, entrou pela foz do Lima, no referido anno 1174 antes de Jesus Christo, e aqui fundou uma colonia a que deu o nome de *Calpe*.

Outros dizem que este facto teve logar no anno do mundo 2806 — 1156 antes de Jesus Christo. — Não póde ser. Nem o anno do mundo 2806 é o 1156 antes de Christo, mas o 1198, nem foi n'este anno que Diomedes aportou á Lusitania (se é que aportou, do que duvido [2]).

Se elle andou errante dez annos depois da destruição de Troia, só passou o Estreito de Gibraltar, no anno 1174 antes de Jesus Christo.

Mas, desde o anno 1372 (2632 do mundo) já cá estavam gregos, conduzidos por Baccho, filho de Semele — segundo diz o sr. J. L. Carreira de Mello, na sua *Historia chronologica de Portugal*, a pag. 12.

Vamos agora á palavra *Calpe*.

Pretendem alguns escriptores que a palavra *Calpe* é arabe e significa *montanha*. Duvido. Montanha em arabe, é *Jabal*. Calpe, é o nome grego de Gibraltar, a que os arabes deram o nome de *Jabal-Tarik* (monte de Tarik) desde que Tarik-ben-Zarea, por ordem de Muça, rei ou kalifa da Africa, invadiu a Peninsula hispanica em 713, e a conquistou no anno seguinte.

O que é certo, é que *Cal*, é palavra grega, e significa *Bello*, do substantivo *Call*, Belleza. *Calta*, é termo da mesma lingua, e quer dizer — *Bella Margem*.

Call, é tambem palavra celta, e quer dizer, *Gallo* ou *Gaulez*. *Cala* é um substantivo arabe, e significa *fortaleza, castello, fortificação*, etc.

Ptolomeo, na sua *Geographia de Hespanha*, dá á serra d'Arga o nome de *Promontorio Avaro*. Arga é uma projecção do *Medulio* dos romanos. Ha nas abas da serra d'Arga tres freguezias do seu nome. Vide *Arga*, monte, e *Argas*, freguezias [1].

Diz-se tambem que á *serra d'Arga* se chamou antigamente *Argua-Calpe*. Notemos porém que *ar* ou *aar*, é palavra celta, e significa *corrente d'agua*; e que *arg*, quer dizer *branco*, na lingua grega.

Inclino-me mais a que *Arga* seja corrupção do arabe *Argan*, fructo de certa arvore espinhosa da Africa (Marrocos) o qual (fructo) é semelhante á amendoa, e dá um azeite tão bom como o da oliveira. Os ara-

---

[1] A mythologia só nos falla de dois reis de nome Diomedes — um rei da Thracia (VI vol., pag. 148) que sustentava os seus cavallos com carne humana, e foi morto por Hercules, — outro, o heroe de quem se falla no texto. Mas este, segundo a mesma mythologia, nunca passou para o oeste do Mediterraneo. Depois da tomada de Troia, arribou á Italia e, na Apulia, fundou a cidade de Argos. Outros mythologos dizem que elle fundou a cidade de Argos, capital da Argolida, no Peloponeso, que é hoje uma aldeia da Moréa, sobre Planizza, na Grecia. Os da primeira versão dizem que elle foi vencido e morto por Enéas, na Italia, e que os seus companheiros tiveram tanta pena, que Pallas os converteu em graças. Já se vê que qualquer dos dois Diomedes, são entidades fabulosas.

[2] Duvido que fosse o Diomedes rei da Etolia, ou o outro rei da Thracia; mas não nego que um outro grego do mesmo nome, cá viesse em qualquer d'aquelles annos ou em outro, e fundasse no litoral da Lusitania, ou pouco distante d'elle, qualquer colonia ou pequena cidade (vide VII vol., pag. 271, col. 2.ª — IX vol., pag. 763 — X vol., pag. 121.

[1] Entendo que foram os celtas que pozeram o nome de *Medulio* á serra d'Arga. Medulio, é um districto da Gironda (França) hoje chamado *Medoc*, e fica entre Gironda e o mar. É celebre pelos seus optimos vinhos tintos e pelas suas excellentes ostras.

Vide *Medulio*.

bes africanos chamam-lhe *Lauz-el-barbar* (amendoa dos rusticos).

—

314 (anno do mundo 3690) — Florian del Campo, diz: «que n'este anno, os celtas, os turdulos e os andaluzes, marchando unidos (ou alliados) para o norte da Lusitania, fundaram colonias, ás quaes deram o nome de *Vianna*, em memoria da Vianna franceza.

(Por signal que os taes *andaluzes* só vieram ao mundo d'ahi a NOVECENTOS ANNOS! (Vide IX vol., pag. 463, col. 2.ª)

—

296 (anno do mundo 3708) — Os gallos-celtas, atravessando a Lusitania, chegaram ao rio que denominaram *Lethes*. Isto, segundo alguns escriptores [1].»

Aqui temos outro anachronismo de Florian del Campo. Este é de 699 annos! — Os gallos-celtas entraram na Lusitania no anno do mundo 3009 — 995 antes de Jesus Christo. — Ficamos pois ignorando em que anno os taes gallos-celtas chegaram a *Calpe* ou a *Vianna*.

—

135 (anno do mundo 3869). — Decio Junio Bruto, chegando ao rio Lima, lhe pôz o nome de *Lethes*; mas Estrabão diz que antes do anno 135 (antes de Jesus Christo) já o *Lima* se chamava *Lethes*. Vide *Leça do Bailio; Leça da Palmeira; Lima*, rio — e *Mattosinhos*.

Annos de Jesus Christo

260 — 6 de fevereiro. — Foram martyrisados n'esta Vianna (outros dizem que em Britonia do Lima) os santos Theophilo, Saturnino e Revocata — na 7.ª perseguição, sendo imperador Valeriano (*Ann. Hist.*, vol. I, pag. 164).

É mais provavel que isto acontecesse entre os annos 162 a 180, sendo imperador Marco Aurelio. Então os africanos é que martyrisaram os tres santos.

Foi durante o governo d'este grande imperador, que uma terrivel invasão de mauritanos rebeldes ao imperio romano, assolou a Lusitania, matando, roubando e incendiando tudo por onde passavam, apezar da heroica resistencia dos lusitanos. O imperador mandou para aqui novas legiões, que derrotaram os barbaros, obrigando-os a retirar para a Africa.

O *Martyrologio romano* e Luitprando, dizem que os tres santos foram martyrisados em Pádua, quando iam para Cesarea da Capadocia; mas a maior parte dos bons escriptores portuguezes dizem que foi em Britonia do Lima ou em Vianna (Vide *Britonia do Lima* e *Romarigães*).

Já antes d'estes martyres, tinha havido outros (e estes é que foram pelos romanos) nos annos 55, 66 e 254 (Veja-se no vol. I, pag. 495, col. 2.ª)

—

424 — Os bispos de Vianna estavam arriscados ao captiveiro, por causa das frequentes invasões dos piratas africanos, pelo que n'este anno foram estabeler-se em Britonia do Lima, que ficava mais distante da foz d'este rio, e era logar fortificado.

Flavio Dextro diz: — «In Gallecia in oppido viannensi Santi Pontifices, Maximilianus et Valentinus clarent.»

D. Rodrigo da Cunha diz que, além de florescerem aqui, eram tambem naturaes de Vianna.

Outros pretendem que em Vianna nunca houve bispos, e que os de Britonia abandonaram a cidade d'este nome, que era frequentemente invadida pelos piratas africanos, por estar na margem do Lima e muito proximo da sua foz, e que fugiram para a povoação de Vianna, que então estava no alto do monte de Santa Luzia, onde residi-

---

[1] É preciso notar que LIMAN em grego, significa *Porto* — e LIMNE na mesma lingua, quer dizer *Lago* ou *Lagoa* (Vorgien, *Dicc. Geogr. Universal*, pag. 906).

ram muitos annos, mas sempre intitulando-se *bispos de Britonia* [1].

—

564 — Theodomiro, rei dos suevos, sendo ariano, converte-se ao catholicismo, e logo em 568 convoca o 1.º *concilio lucense*.

—

569 — Dizem alguns escriptores, que n'este anno (o penultimo do seu reinado) Theodomiro *creou o bispado de Vianna*. Não é exacto. Supponho que em 569 é que os bispos de Britonia mudaram a sua residencia para a povoação de Vianna, no alto de Santa Luzia.

Nós vimos no vol. I, pag. 494, que no seculo IV, na divisão dos bispados da Lusitania, imperando Constantino Magno, já Britonia era cidade episcopal.

Isto mesmo se deprehende de uns apontamentos manuscriptos que o meu estudioso amigo, o sr. doutor Figueiredo da Guerra, teve a bondade de me mandar, nos quaes se lê: — «O bispado de Vianna, *foi erecto* na era de 607 (569 de Jesus Christo) pelo rei Theodomiro, durante o dominio dos suevos. TEVE MUITOS ANNOS a séde do bispado, até 572 de Jesus Christo, unindo-se *n'este anno* á sé de Tuy, como diz Marco Maximo: — (*Episcopatus Viannensis in Gallecia reducitur ad Tydensem, anno 610*).» — Este ultimo anno, é o da era hespanhola, então usada.

Vê se que — segundo diz o sr. doutor Guerra — tendo Vianna *por muitos annos* a cathegoria de bispado, já muitos annos antes havia aqui (ou em Britonia, que vinha a ser o mesmo) bispos, suffraganeos de Tuy, porque, de 569 a 572, vão apenas *tres* e não *muitos* annos.

Mais: — Nós vimos no logar citado do volume I, que no *anno cincoenta e cinco*, imperando Nero, foi martyrisado santo Aristobulo Zebedeu, *bispo de Britonia*, pae de S. Thiago e de S. João Evangelista.

Eu bem sei que é ponto contestado — e muito contestavel — a existencia de bispos na Lusitania (e mesmo de christãos) no meiado de seculo I de Jesus Christo; mas não se póde negar que Britonia tivesse bispos, desde os primeiros seculos da nossa era.

N'esse mesmo anno de 572, sendo rei dos suevos Ariamiro, filho de Theodomiro, teve logar o 2.º concilio braccarense, ao qual assistiu *Mailoc, bispo de Britonia*.

Em 633, convocou-se o 4.º concilio de Toledo, e a elle assistiu *Santo Izidoro, bispo de Britonia*.

Não sei como se hade dar credito a Marco Maximo, a não pretendermos que havia simultaneamente bispos em Britonia e na velha Vianna, distando uma da outra apenas duas leguas!...

O que me parece acreditavel é que em 572, o rei Ariamiro, e o concilio determinaram que o bispado de Britonia fosse suffraganeo do de Tuy.

—

716 — Muça e Tarif (ou Torik) capitães musulmanos, invadem a Lusitania, e apossando-se do paiz, incendeiam e arrazam todas as povoações que lhes resistem. Os britonienses fogem para um alto de facil defensão, e ahi fundam, ou reconstruem a velha cidade de Vianna, no logar a que os romanos deram o nome de *promontorio Avaro*, hoje Santa Luzia.

Os mouros occupando Britonia, e encantados com tão formoso e fertil paiz, ahi se estabelecem, augmentando a povoação, que durante o seu dominio chegou a ser muito florescente.

—

880 — D. Affonso Magno, rei de Castella e Leão, resgata Britonia e muitas outras terras, do poder dos mouros, e as povôa de christãos.

—

970 — Por este tempo, o truculento *Abou-Amer-al-Mansour* kalifa de Cordova, invade a Lusitania; os britonienses se defenderam obstinadamente, mas tiveram de succumbir ao numero, e os que puderam escapar se foram unir aos outros christãos do alto do

---

[1] A notável cidade de Britonia, ficava a 10 kilometros de distancia da foz do Lima, no sitio onde hoje é a freguezia de Bretiandos (Vide no volume I, as duas primeiras *Britonias*.) Mais natural era, pois, que para fugirem aos piratas se internassem no paiz, do que fossem para a beira mar.

monte, hoje de Santa Luzia. Os mouros, arrazam a povoação, sem deixarem pedra sobre pedra, a ponto de não haver hoje o mais leve vestigio de semelhante cidade — que, em todo o caso, não devia ser muito vasta (Vide *Britonia do Lima* e *Santa Luzia*).

—

983 — Segundo J. A. d'Almeida — que era natural de Vianna — (*Dicc. Abrev.*, tomo 3.º, pag. 205) foi n'este anno que teve principio a cidade de Vianna. Eis em resumo, o que diz este escriptor :

«Teve principio esta nova povoação, no anno de 983, e pelo espaço de 14 annos se estendeu até á foz do Lima, occupando todo o territorio que dista das chamadas POVOANÇAS, até á freguezia de SANTA CHRISTINA DA MEADELLA. Esta nova povoação, já chamada VIANNA, foi novamente destruida pelo barbaro Al-Mançor, no anno de Jesus Christo 997. Depois da morte d'este barbaro, vieram de novo *dar principio* a uma nova habitação, a que chamavam ATRIO, onde hoje existe a ermida de Santa Catharina, etc.»

Este escriptor engana-se. Nem elle, nem outro qualquer, ainda até hoje pôde saber quando teve principio a primeira Vianna.

O que se sabe com certeza, é que ella já existia muitos annos (talvez muitos seculos) antes do nascimento de Jesus Christo, o que ainda hoje o attestam as suas ruinas, não só romanas, mas até algumas anteriores á occupação da Lusitania pelos romanos, como vimos na palavra *Santa Luzia*.

Não sei de qual Almançor falla J. A. de Almeida, houve muitos com esta antonomazia. Vimos que em 970, *Abou-Amer-al-Mansour*, arrazou a cidade de Britonia, e sabemos pela historia, que durante os annos 985, 986 e 987, outro *Almançor*, por nome *Mohamet-Ibne-Aben-Hamir*, emir de Cordova, sendo então rei *Hiscem*, fez repetidas entradas na Lusitania, saqueando e arrazando as povoações por onde passava, e matando ou captivando os seus habitantes; até que, em 998, foi ferido mortalmente e completamente desbaratado o seu exercito, junto a Osma. É muito provavel que em 997 destruisse a primeira Vianna, como destruiu outras muitas povoações da Galliza — que então, e muito depois, chegava até á margem direita do Douro, como temos visto em varios logares d'esta obra.

Eu supponho que os fugitivos de Britonia deram primeiro á povoação que foram fundar no alto de Santa Luzia, o nome da que abandonaram, o que foi causa de muitos escriptores julgarem que a Britonia das margens do Lima, a 10 kilometros da sua foz, e a do alto do monte eram uma e a mesma povoação. Só assim se podem entender algumas passagens dos escriptores antigos. Vaseo, diz : — *Britolensis Civitas est in Portugalia inter amni prope Vianam, quae dicitur de Caminha, quae Bracharensem agnovit Metropolitanum Episcopum.* Isto mesmo dizem outros muitos escriptores. Vê-se, pois, que a povoação de Caminha é mais antiga, ou, pelo menos, foi de maior importancia e fama, em tempos antigos, visto dizer-se então *Vianna de Caminha*.

O auctor do *Diccionario abreviado*, escreve tambem (pag. 204, vol. III) : — «Já dissemos que Bretonia florecera no mesmo sitio em que existiu a antiga Vianna, e que *não era mais que uma e unica cidade, que teve dois nomes, Vianna e Bretonia.*» Se os de Britonia não deram á povoação do alto do monte o nome da cidade abandonada — como eu julgo, — antes de lhe chamarem Vianna, — o que diz aquelle escriptor não merece credito, porque vimos em *Britonia do Lima*, *Santa Luzia*, e já n'este artigo, que Britonia (a primeira) estava fundada em uma ou em ambas, as margens do Lima distante do mar duas leguas a Vianna antiga, e que estava no alto do monte de Santa Luzia, como dizem quasi todos os escriptores dignos de credito, menos frei Bernardo de Brito, que na sua *Monarchia Lusitana*, diz : — «Vianna, é povoação moderna, renovada dos arruinados fundamentos da cidade que Ptolomeu chama BRETOLEUM, florecentissima, não só em tempo dos godos e romanos (devia dizer *dos romanos e godos*) mas ainda depois de serem os mouros lançados fóra d'esta terra ; e notou Vasco, por auctoridade do arcebispo D. Rodrigo, que teve egreja cathedral, e bispo, o qual se achou na consagração da egreja de S. Thiago de Compostella, e se chamava

Theodosinho (em outra parte, diz *Theodomino* [1]) e ser Vianna de Caminha a cidade de Bretoleum, *ou muito pegada com ella*, mostra o sitio que lhe dão os cosmographos, e dil'o claramente Diogo Mendes de Vasconcellos, em suas *Anotações.*»

Quando (em 1392) o beato frei Gonçalo Marinho, veiu fundar o mosteiro de S. Francisco do Monte, a 2 kilometros da cidade de Vianna, ainda esta povoação não era mais do que (segundo diz frei Martinho, chronista d'aquella ordem) — «Uma povoação pobre, composta de umas pequenas casinhas, que mais propriamente se podiam chamar choupanas, edificadas junto da foz do rio Lima, tres leguas da Insua [2], em que moravam pescadores e alguns mareantes.»

Diz o referido José Avelino de Almeida ser tradição constante, que o primeiro templo que fundaram aqui os christãos, foi no mesmo logar em que hoje está a egreja parochial da *Areosa*, com a invocação de *Santa Maria de Vianna*, que com o tempo se veiu a chamar *Santa Maria da Vinea*, ou da *Vinha* — e tambem da *Vinda*.

Outros escriptores sustentam que o primeiro assento de Vianna foi em Affife, no *monte Britonia*, hoje *Cividade*, e que por isso lhe chamaram *Vianna de Caminha*, mais tarde destruida por uma grande batalha que alli se deu, do que resultou mudar-se-lhe o nome para *Osseira*, pelos muitos ossos que ficaram no campo da batalha (vide no vol. I, pag. 28, col 1.ª).

Diz tambem o *Diccionario abreviado*, (pag. 206, vol. III) que o nome de *Vianna* — segundo a tradição — procede de uma notavel mulher assim chamada, a qual deu principio á povoação, e se vê ainda hoje representada em uma estatua de pedra, na rua do Caes.

Outros dizem que, perguntando certo rei de Hespanha a um homem que por aqui transitara, o que tinha visto, respondeu *Vi Anha.*

Esta etymologia é das taes muito frequentes no nosso povo, e até em alguns escriptores de pouco criterio, que acreditam facilmente qualquer tradição, por mais disparatada que seja.

—

São tantas e tão contradictorias as noticias com respeito ao local e á fundação da primeira Vianna, que, para as reunir e analysar, seria preciso fazer um livro mais volumoso do que qualquer volume d'este diccionario. Recommendo aos meus leitores que quizerem profundar mais a questão, as *Memorias do arcebispado de Braga*, por D. Jeronymo, contador de Argote, tomo II, pag. 682 e seguintes — vol. III, pag. 20 e seguinte. — De *Antiquilalibus Conventus Bracarangustani*, pag. 325.

Segundo este distincto escriptor, quasi sempre exactissimo, das *Escripturas* de D. Affonso, o *Casto*, (800 a 824) consta que a sé e dignidade episcopal de Britonia, foram transferidas para Oviedo. E do concilio de Lugo (569) celebrado no tempo dos suevos, consta que tinha sido instituida a cadeira episcopal de Britonia, *entre os rios Lima e Minho.*

Como havemos de acreditar que já no tempo do imperador Constantino Magno (no III seculo do nascimento de Jesus Christo) havia bispos em Britonia?

E ainda mais! Como podemos dar credito aos que dizem que Santo Aristobulo Zebedeu, *bispo de Britonia*, foi martyrisado no anno 55?

Deixo esta questão para ser resolvida por quem se julgar mais competente.

—

1126 — N'este anno fazem assento na antiga Vianna (*Calpe* ou *Atrio*) os Rubins, fidalgos francezes.

—

1258 — 18 de junho. — D. Affonso III, estando em Guimarães, dá o primeiro foral a Vianna, e a cathegoria de villa, com grandes privilegios. Em 1262 dá-lhe ainda outro foral, tambem datado de Guimarães, augmentando-lhe os privilegios do primeiro.

---

[1] O seu verdadeiro nome era *Theodozindo.*
[2] É o forte da Insua, no meio da foz do rio Minho.

Por esta occasião, pertencia o senhorio de Vianna a D. Gil, bispo de Tuy, e o rei lhe deu em troca d'este couto os padroados de *Sá de Riba Lima* (hoje Santa Maria de Sá, no concelho de Ponte do Lima) — *Tife* (hoje Afife) — Balthazares (hoje Ancora) — e *Villa-Mean* (hoje S. Payo de Villa-Mean, no concelho de Villa Nova da Cerveira) — ficando Vianna padroado real.

O rei disse: — «Volo facere populam in loco qui dicitur ATRIUM, in foce Limae, cui populae *de novo impono nomen* Vianna», etc.

A copia que tenho d'este segundo foral está com certeza errada na data, como demonstrarei depois de o copiar. É o seguinte: «Ego Alphonsus III, de Portugaliae Rex, et Boloniae Comes, et edo et concedo vobis habitatoribus de Vianna, quantum habeo, et de jure habere debeo, in ipsa villa, et suo termino, et quod nobiles stent pro infansonibus in toto meo regno; do etiam ut non habeatis alienum dominium, nisi me regem, et uxorem meam, et filios nostros jure hereditario in perpetuum, etc. — Facta rege maudant ex VIII junii EMCCCLXVI.»

Ora — nós sabemos que D. Affonso III, foi acclamado rei em 1248, e falleceu em 1279. — A era de Cesar 1366, corresponde ao anno de Christo 1328, e n'esta ultima data era rei de Portugal D. Affonso IV, neto de D. Affonso III. — Ha, pois, um anachronismo de 66 annos.

—

Reconhecidos os viannenses, pelos privilegios e regalias que D. Affonso III lhes concedera n'estes dois foraes, se obrigaram a pagar lhe cada anno — a elle e successores — 1:100 maravedis velhos, e fazerem á sua custa os muros de circumvalação, construidos de cantaria, defendidos com torres, e as precisas portas (que são as cinco que ficam mencionadas no principio d'este artigo).

—

1398 — Fundação do mosteiro de S. Francisco (frades capuchos) 2 kilometros ao N. de Vianna. Tem contigua uma linda matta com varias capellas e bonitas fontes.

Foi inteiramente reconstruido em 1584. (Vide o § em que trato dos mosteiros d'esta cidade).

—

1440 — Concluem-se as obras da egreja matriz (Santa Maria Maior) feitas á custa do povo, e de uma avultada esmola, dada por D. Affonso V, pelo que lhe foi cedida uma das torres, onde se collocou o relogio da camara e competentes sinos. Era então regente o infante D. Pedro, tio e sogro do rei, na menoridade d'este.

—

1459 — Nas côrtes de Lisboa de 1459, pediram os procuradores de Vianna a D. Affonso V, licença para tomarem qualquer nau que se achasse na sua barra, vindo para piratear, como acontecia com os normandos, bretões, gascões e outros piratas francezes.

O soberano deferiu a esta petição, o que enriqueceu os armadores de Vianna (quasi todos fidalgos) que fizeram grandes casas, muitas das quaes ainda hoje existem.

—

1483 — É creado o titulo de arcipreste para o parocho da matriz de Santa Maria Maior; titulo que ainda conserva; mas a collegiada foi supprimida em 1848.

—

1484 — 31 de agosto. — Morre em uma cisterna secca do castello de Palmella o bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes, filho do famoso D. Duarte de Menezes, 3.º conde de Vianna.

D. Garcia era um dos mais illustres prelados de Portugal, tanto pelas lettras como pelas armas. Na batalha de Toro (maio de 1476) foi um valoroso capitão, e concorreu para que o principe D. João (depois rei, segundo do nome) ficasse victorioso, ao mesmo tempo que seu pae era derrotado. Foi por general de uma armadá contra os turcos, quando estes tomaram a cidade de Otranto, na entrada do Golfo de Veneza; mas, quando alli chegou a esquadra portugueza, já os turcos tinham retirado. Praticou outras muitas acções de valor, como bravo guerreiro.

Tomando parte na conspiração do duque de Vizeu, D. Diogo, e d'outros fidalgos, contra D. João II, teve o fim que fica dito, no principio d'este paragrapho. (Vide nos loga-

res competentes *Lisboa*, *Palmella* e *Setubal*, onde trato d'esta infeliz conspiração).

—

1502 — O rei D. Manuel visita Vianna e manda reedificar o forte da *Roquêta*. O povo, em reconhecimento d'isto, offereceu se para construir á sua custa os muros da villa, e defender esta contra os inimigos. O rei acceitou o offerecimento, e premiou a villa com grandes privilegios, liberdades e isenções, dando á camara o seu brazão e a jurisdicção da capitania-mór e alcaidaria-mór da villa e seu termo, assim como o provimento de todos os officios publicos, da mesma villa.

Isto diz J. A. d'Almeida; porem outros escriptores dizem que este offerecimento dos viannenses foi feito, não ao rei D. Manuel, mas a D. Affonso III. — Vide o anno 1258.

—

1502 — Ainda n'este mesmo anno foi fundado o mosteiro de Santa Anna e o seu magnifico templo, esmeradamente conservado ainda hoje (1883) por algumas, poucas, freiras que habitam o mosteiro, e pelas recolhidas.

—

1508 — D. Manuel I, funda a Santa Casa da Misericordia, dotando-a com rendas e privilegios. A sua egreja é uma das melhores da cidade, e a sua fachada exterior um dos mais bellos especimens da architectura manoelina, entre muitas que esta cidade offerece.

—

1512 — 1.º de junho — O mesmo soberano dá foral novo á então villa de Vianna, com todos os privilegios dos antigos, accrescentando outros.

—

1514 — 5 de agosto — D. João I deu ao 1.º bispo de Ceuta (Africa) a comarca de Valença do Minho, e com ella o padroado da egreja de São Salvador, de Vianna; mas, sendo incommodo aos bispos de Ceuta o irem visitar aquella comarca, e aos de Braga o irem a Olivença — que era então da sua diocese — n'aquelle anno e dia, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Sousa, rocaram os dois prelados, ficando o de Braga com o que era do de Ceuta, e este com o que pertencia áquelle.

—

1516 — 29 de agosto — Tendo-se desencaminhado o foral de 1512, o rei D. Manuel lhe deu outro n'esta data. Ainda n'este augmentou os fóros e regalias de Vianna, e um d'elles foi — na representação em côrtes. — Passou-a do 7.º banco para o 5.º

—

1531 — 5 de agosto — O arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, lança a 1.ª pedra no edificio do mosteiro das Ursulinas (Santo Agostinho) nas vertentes do monte, para casa de educação. Alli se veneram as Santas Martyres viannenses.

—

1538 — O cardeal D. Henrique (depois rei) visita Vianna n'este anno — sendo então arcebispo de Braga; juntou mais dois conegos á collegiada da nova egreja de São Salvador, e para não haverem em Vianna duas egrejas do mesmo orago mudou-lhe a invocação para *Santa Maria Maior* — Nossa Senhora da Assumpção. — A antiga egreja de S. Salvador ficou extra-muros, quando a villa se fechou com um cinto de muralhas; e feitas estas, o povo fundou o bello templo que hoje serve de matriz principal da cidade. O infante D. Pedro, regente na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, juntou aos donativos dos fieis para esta construcção, algumas das suas rendas, construindo-se com ellas a torre do norte, onde estão os sinos e o relogio da cidade. Em attenção ao donativo do infante, foram postas no edificio as armas reaes. (Vide o anno 1440.)

—

1545 — 28 d'abril — N'este anno, trinta e sete homens nobres de Vianna (outros dizem que eram 42) fundaram para suas familias e descendentes o mosteiro de São Bento, sobre o rio Lima. A egreja foi concluida em 1549. É o mais espaçoso de todos os mosteiros da cidade. Hoje apenas poucas religiosas e algumas recolhidas seculares habitam este vasto edificio.

—

1546 — O famoso *Pero Gallego*, com alguns amigos e marinheiros, sahem de Vianna em uma caravella; durante dous annos andaram pirateando, e com o producto das suas rapinas contra os mouros e outros inimigos recolheram á patria ricos e honrados. Vide *Viannenses illustres*.

—

1550 — Dona Isabel de Mello, freira benedictina do convento de Victorino das Donas, veiu para o convento da sua ordem, em Vianna, novamente fundado, para o reger por tres triennios. Este mosteiro tinha sido construido por 42 habitantes illustres e ricos de Vianna, para alli terem as suas filhas e parentes.

O papa Paulo III auctorisou esta edificação e isentou o convento da jurisdicção do ordinario e do geral, ficando sujeito ao conservador — isto em 1549.

Os padroeiros quizeram vender logares do convento, para outras tomarem o habito, ao que se oppozeram os conservadores, por isso as freiras se sujeitaram ao ordinario; mas em vão, porque D. frei Bartholomeu dos Martyres fez com que Dona Genebra da Conceição continuasse a presidir ao convento, como abbadessa, por não ser parenta dos fundadores, emquanto durou a causa, que se decidira contra os padroeiros.

Este convento tinha quatro egrejas annexas.

—

1563 — 26 de março — A rainha Dona Catharina, viuva de D. João III e regente do reino na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião, concede a Vianna do Lima o titulo de NOTAVEL.

—

1563 — abril — D. frei Bartholomeu dos Martyres, com licença da rainha Dona Catharina, regente do reino na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião (licença que esta senhora déra ao santo arcebispo. em 1560) — e por consentimento pleno da camara de Vianna, pediu ao papa Pio IV auctorisação para fundar aqui o mosteiro de religiosos dominicanos. Todas estas licenças levaram tres annos a conseguir. pelo que só em abril de 1563 se lançou a 1.ª pedra n'aquelle edificio.

A egreja do mosteiro é actualmente matriz da freguezia de Monserrate.

No edificio do mosteiro, se estabeleceram as repartições do governo civil, administração do concelho, recebedoria, pagadoria, obras publicas, districtaes, fazenda e telegrapho. [1]

No côro da egreja estão guardadas as bandeiras que ao extincto regimento de infanteria n.º 9 concedeu o governo portuguez em 1814, em premio da sua bravura e disciplina na sangrenta batalha e gloriosissimo triumpho de Victoria (Hespanha) que teve logar a 24 de junho de 1813.

Eguaes bandeiras foram dadas aos regimentos de infanteria n.º 11, 21, e 23 — e aos batalhões de caçadores n.º 7 e 11.

Estas bandeiras tinham a honrosissima legenda, em letras de ouro — as de infanteria:

JULGAREIS QUAL É MAIS EXCELLENTE
SE SER DO MUNDO REI, OU DE TAL GENTE

as de caçadores:

DISTINCTOS VÓS SOIS NA LUSA HISTORIA
COM OS LOUROS QUE COLHESTES NA VICTORIA [2]

---

[1] É hoje moda dizer que os frades eram *inuteis*, *egoistas*, *estupidos*, *inimigos das luzes*, etc., etc., mas tambem é moda os *uteis*, *philantropicos*, *sabios e illustrados* utilisarem-se dos edificios que tiraram áquelles para alli estabelecerem as suas repartições publicas, os seus theatros, as suas praças de touros, fabricas, armazens e o mais de que se lembraram (quando por não terem applicação que lhes dar, nem quem lh'os compre — os não mandam demolir ou os não deixam derrocar pelo abandono.

Esses mosteiros, em quanto foram habitados pelos seus legitimos possuidores, eram não só academias gratuitas para o povo, asylo dos desenganados do mundo, hospedaria dos viajantes, recurso dos famintos; mas tambem *escolas de artes e officios*, o que provam os conventos que ainda existem de pé, attendendo ao primor da sua construcção.

[2] Por fallar d'estas bandeiras, lembra-me um facto *engraçado* das nossas desastrosas

—

Em uma cella d'este mosteiro passou os ultimos annos da sua vida o seu fundador, D. frei Bartholomeu dos Martyres, e aqui falleceu a 16 de julho de 1590.

No seu tumulo se gravou uma inscripção em latim, cuja traducção é:

«Aqui jaz D. frei Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisboa, [1] religioso da ordem de S. Domingos, primaz das Hespanhas, Adão tres vezes grande: o qual, tirado da cella para a cadeira e arcebispado de Braga, que, como elle dizia, foi o mesmo que do reino para a Cruz, resplandeceu entre os demais prelados, como o sol entre as menores estrellas, n'aquella graça de bem governar a Egreja. Amado dos Summos Pontifices, e estimado dos padres do concilio de Trento; conhecido e admirado da patria e do mundo, carregado d'annos, deixou, de bôa vontade, o arcebispado, e tornou-se para a cella d'este mosteiro, que tinha edificado; no qual passou o resto da sua vida, até que foi arrebatado, entre os osculos do Senhor. Ai! Verdadeiro pae dos pobres, amante da virtude, martyr em desejos, mestre da profissão, tocha ardente e resplandecente, espelho de raras virtudes episcopaes, e entre todos como a banha apartada da carne. Morreu no anno do Senhor, de 1590, aos 16 de julho, com 76 annos de edade, 62 de religioso, e 32 de arcebispo. Descance em paz. Amen.»

Diz o sr. doutor Figueiredo da Guerra, que o latim d'este epitaphio está muito errado, devido ao pintor que o dourou. Em vez de 1590, tem 1500, e além d'isso, está truncado. Foi composto pelo doutor Jacome de Villas-Boas Quezado.

Este arcebispo nasceu em março de 1514.

Vide no 4.º vol., pag. 325, col. 2.ª—N'este logar disse que elle morreu a 16 de junho, porque assim o vi escripto em varios auctores. Não sei se é erro d'elles, se o tal pintor que decorou a inscripção errou a data.

—

1566 — 22 de janeiro — D. frei Bartholomeu dos Martyres, tendo chegado a Braga, de volta do concilio de Trento, e tomado posse da sua prelazia, no principio do anno de 1564, partiu para Vianna, no principio de janeiro de 1566, e se apresentou no seu mosteiro dominicano, que já estava habitado, mas não concluido. Ainda então não se havia principiado a egreja; o santo prelado lhe mandou logo abrir os alicerces e n'elles, por sua propria mão, lançou a 1.ª pedra, neste dia 22 de janeiro de 1566, com grande pompa.

Sahiu o prelado da egreja matriz em procissão com toda a clerezia da villa, camara, auctoridades e immensa multidão de povo, levando quatro religiosos dominicos, em um andor muito adornado, a pedra fundamental.

Acompanhavam a procissão musicas e danças, ao uso d'esse tempo.

Chegando ao novo mosteiro, disse o arcebispo missa de pontifical, prégou com a costumada unção, e, depois de proceder á benção da pedra e ás mais ceremonias do ritual, lançou-a nos alicerces da capella mór do templo, ao qual deu a invocação de *Sancta Cruz*, doando ao mosteiro, n'esse mesmo acto, uma reliquia do Santo Lenho.

—

1567 — O rei D. Sebastião (isto é — o Cardeal D. Henrique, depois rei, regente do reino em nome do seu sobrinho D. Sebas-

---

guerras civis. A senhora infanta D. Isabel Maria, regente do reino em nome de seu irmão, o sr. D. Pedro, deu em 1827 ao batalhão de caçadores n.º 8, uma bandeira *bordada pelas suas proprias mãos* (dizia o decreto) em premio da bravura com que se portára nos combates *contra os rebeldes*, que eram os *realistas* do general Silveira. Esta bandeira tinha por legenda — tambem em letras de ouro — os dois versos de Camões:

VENCEREI NÃO SÓ ESTES ADVERSARIOS,
MAS QUANTOS AO MEU REI FOREM CONTRARIOS.

D'ahi a um anno este batalhão *com a mesma bandeira* distinguiu-se pela sua bravura *contra os rebeldes*, que d'esta vez eram os *liberaes* da Juncta do Porto.

O que é o mundo! O que é a politica!

[1] Julgo que é erro. Consta que elle nasceu na aldeia de Verdêlha, freguezia de Via-Longa, no concelho dos Olivaes. Vide a 2.ª *Verdêlha* e Via Longa, n'este vol. a pag. 322, col. 1.ª

tião) reconstruiu e augmentou as obras de defeza do castello de Vianna.

—

1569 — N'este anno estabeleceu a camara de Vianna os preços seguintes, para a venda do peixe:

	Réis
Arratel de pescada fresca ou lanhada	5
Dito de congro	6
Dito de raia fresca	3 1/2
Dito de peixe sapo	6
Dito de rodovalho	14
Dito de *robalitos* e sôlhos	8
Dito de cação fresco ou lanhado	10
Dito de cação sêcco	8
Dito de badéjo fresco	5
Dito de ruivo	5
Dito de savel lanhado	8
Dito de *tamba*	6
Uma lagôsta bôa	15
Uma caranguejola	20
Uma aranha	20
Duas navalheiras	1 ceitil
Ouriços, 4, sendo grandes	1 ceitil
Caramujos cosidos, lamparões, mexilhões, e camarões, alqueire	8

—

1571 — 4 de agosto — disse-se a 1.ª missa na capella-mór da egreja do mosteiro de S. Domingos, por ser o dia d'este santo.

—

1574 — 8 de setembro — Chega ao porto de Vianna uma armada franceza composta de 8 navios, bem armados e guarnecidos de tropas aguerridas. O seu unico intento era saquear a villa, pela fama que tinha de ser muito rica.

Os viannenses tinham sabido a tempo o designio d'aquelles piratas, os quaes trataram de forçar a barra a todo o risco; mas foram briosamente rechaçados pela guarnição do castello e pelo povo da villa, soffrendo os ditos piratas tão grande destroço, que fugiram sem tornarem a querer tentar fortuna.

—

1580 — 4 de novembro — A camara de Vianna do Minho presta juramento de fidelidade ao usurpador Philippe II, nas mãos de D. Pedro de Castro e Andrade, conde de Lemos e marquez de Sarria.

—

1580 — 4 de dezembro — O usurpador Philippe II, tendo noticia de que D. Antonio, prior do Crato, depois da derrota de Alcantara em Lisboa, a 25 de agosto d'este anno, se tinha retirado para o Minho e estivera escondido em Vianna, ou suas immediações [1] e que embarcára para a França protegido pelos mareantes e pescadores viannenses, manda proceder a uma devaça pelo juiz de fóra Martim Leitão, pelo escrivão João Casado Jacome e por Francisco da Costa.

Teve logar a inquirição das testemunhas no dito dia 4 de dezembro. Ninguem ficou culpado.

1584 — É reconstruido o edificio do mosteiro de frades capuchos de S. Francisco, que se tinha edificado em 1398. As varias capellas e bonitas fontes da sua formosa matta tambem foram então restauradas.

—

1588 — Fundação do hospital da Misericordia.

—

1590 — 16 de julho — morre no seu convento de S. Domingos o virtuoso arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, que em 1582 tinha resignado o seu arcebispado, e se recolhera a este mosteiro onde exercia os mais humildes misteres, como o ultimo dos religiosos.

—

1592 — D. Philippe II manda ampliar as obrás do castello e augmentar-lhe a sua artilheria. Já o cardeal D. Henrique, regente na menoridade de seu sobrinho, o rei D. Sebastião, tambem tinha mandado construir varias obras de defeza e ampliado outras.

—

1600 — N'este anno tinha a collegiada de Vianna as seguintes riquezas (além de grande quantidade de ornamentos perfeitamente

---

[1] D. Antonio estava escondido em uma casa de Vianna, que ainda existe, perto do *Arco da Cocheira* (antiga Porta da Villa) quando perseguido pelo feroz duque d'Alba.

acabados, custosas tellas, ricas sedas e brocados, alguns bordados a ouro fino).

Objectos de prata

Formosas alampadas	22
Castiçaes, tambem muito lindos	50
Outros de extraordinario tamanho	20
Calices (a maior parte dourados)	30
Galhêtas e competentes pratos	30
Gomis muito grandes e competentes bacias para servirem ao lavabo, nas missas solemnes	3
Cruzes grandes com hastes do mesmo metal — algumas douradas — e quasi todas de grande peso, além d'outras mais pequenas	10
Varas grandes do palio	14
Outras mais pequenas	8
Lanternas grandes	6
Cereaes com seus pedestaes	2
Cantaros grandes	2
Frontaes ricos	1
Custodias, primorosamente lavradas	5
Thuribulos	5
Navêtas	5
Caldeirinhas d'agua benta	3

Além d'isto, e ainda tudo de prata, havia mais—muitos vasos sagrados para o Viatico aos enfermos — outros para o lavatorio — oito missaes com pastas de velludo, guarnecidos de grossas laminas de prata — estantes, sacras, cruzes dos altares, reliquias de santos, corôas, diademas, insignias das santas imagens, campainhas e as peças de adorno dos 20 altares, *tudo de prata!* A capella do Santissimo tinha um frontal tambem de prata, de grande valia pela materia e pelo primor da arte: não sei se ainda existe.

—

1601 — Principia a construcção da egreja de Nossa Senhora de Monserrate, proxima á de S. Thiago e á raiz do monte de Santa Luzia.

—

1606 — 19 de junho—N'este dia falleceu em Lisboa o famosissimo doutor em Leis, Pedro Barbosa, e foi sepultado na egreja de S. Roque. tendo nascido em Caminha e rezidido em Vianna. Foi muitos annos lente de prima, na Universidade de Coimbra, desembargador do Paço, no reinado de D. Sebastião e do cardeal-rei, e chanceller-mór do reino. Philippe II o levou para Castella e o fez ministro do conselho de Portugal, n'aquella côrte. Compoz doutissimos e numerosos livros sobre direito civil e foi um dos mais insignes jurisconsultos do seu tempo, pelo que o cognominaram *Segundo Papiniano.*

—

1609 — No fim de 19 annos, n'este de 1609, se fez a trasladação dos restos mortaes de D. frei Bartholomeu dos Martyres para o mausuleu de marmore, onde jaz.

Por esta occasião concorreu a Vianna muita gente das provincias do norte e da Galliza; mais de 30:000 pessoas!

As festas foram taes, que nunca a villa presenceou outras tão pomposas nem antes nem depois. Veja-se a *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres*, por Frei Luiz de Souza.

—

1610 — 19 de julho — O rei D. Manuel tinha, por uma provisão datada de Valença do Minho em 19 de novembro de 1502, mandado expropriar um quintal no *arrabalde*, em frente de Ponte do Lima (!) o qual media 30 covados de largo e 23 *d'ancho*, terreno que se entremettia no chão dos estaleiros que ao tempo alli havia, pertencentes a Vianna. Tal era então a importancia d'esta villa e o movimento na construcção de navios. O mesmo D. Manuel concedeu para uso commum dos navios d'alto bordo, os rocios e praias, desde Gontim até Santa Catharina.

D. Philippe III, por carta regia do referido dia 19 de julho de 1610, confirmou as concessões do rei D. Manuel.

—

1612 — Funda-se o mosteiro de Santo Antonio dos Capuchos, da provincia da Conceição, á custa das esmolas do povo de Vianna.

—

1624 — Os viannenses soccorrem a Ba-

hia, atacada pelos inglezes. O auxilio que foi de Portugal era todo d'esta villa, que — honra lhe seja — á porfia se armou e offereceu para aquelle fim.

—

1631 — 5 de agosto (dia de Nossa Senhora das Neves) — O arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, lança a primeira pedra no mosteiro de S. Theotonio (de cruzios, conegos regrantes de Santo Agostinho) em um sitio muito aprazivel, sobranceiro á cidade. Foi fundado pelo prior geral de Santa Cruz de Coimbra, D. Miguel de Santo Agostinho.

No mesmo dia, mas 500 annos antes (1131) se tinha principiado a fundação do sumptuoso mosteiro da mesma ordem, de Santa Cruz, em Coimbra.

Foi feita esta obra com as rendas de tres pequenos mosteiros, tambem cruzios, da provincia do Minho — S. Simão da Junqueira, Santa Maria de Mohia e S. Martinho do Crasto.

Vieram para aqui os frades em 1642.

—

1640 — 1.º de dezembro — Pelas 8 horas da manhã, 40 fidalgos e outros muitos individuos ajuramentados, decididos a libertar o reino do jugo oppressor dos usurpadores castelhanos, se dirigem aos paços reaes da Ribeira, onde residia a princeza Margarida, duqueza de Mantua, vice rainha regente em nome de Philippe IV, e ao signal combinado entre os conjurados (um tiro de pistola) atacaram inopinadamente a guarda castelhana, que desarmaram, e invadiram a sala dos tudescos e o forte, arrombando as portas interiores das casas do execrando Miguel de Vasconcellos, que atravessaram com uma bala, e o lançaram de uma janella ao Terreiro do Paço (hoje Praça do Commercio) onde o seu cadaver esteve todo aquelle dia e parte do seguinte, exposto aos desprezos, chufas e oprobrios da mais infima plebe.

Outros restauradores subiram aos quartos da regente, e na presença d'esta acclamaram D. João IV, duque de Bragança, como legitimo rei de Portugal. Ella tentou chegar a uma janella, para pedir soccorro ao povo, porém D. Carlos de Noronha a impediu, mandando-a recolher aos seus aposentos, para não dar logar a que se lhe perdesse o respeito. — «A mim? e como?» disse ella. — «Como, senhora?» respondeu D. Carlos; «obrigando V. A. a que, se não quizer entrar por aquella porta, saia por esta janella!...» A pobre mulher (que não era muito má) teve de ceder e assignar as ordens para a entrega do castello de S. Jorge e das outras fortalezas de Lisboa.

Este Miguel de Vasconcellos, secretario de estado de Philippe IV, tão castelhano e tão cruel perseguidor dos portuguezes como o mais cruel castelhano, era natural de Vianna do Minho. A sua casa estava em frente da matriz gothica, e tinha as janellas de columnas floreadas. É actualmente propriedade dos herdeiros de João Taveira Pimentel de Carvalho, commendador da ordem de Malta, e irmão de José Francisco Pimentel de Carvalho, feito 1.º visconde de Goiães em 26 de julho de 1850. Hoje (1883) é viscondessa de Goyães, feita em 10 de fevereiro de 1869, a sr.ª D. Maria Antonia Taveira de Sousa Lira e Menezes.

—

1640 — 20 de dezembro — Apenas em Vianna soou a noticia da gloriosa (e milagrosa!) revolução do 1.º de dezembro, todo o povo da villa e arrabaldes pegou em armas a avor da restauração.

O castello tinha uma numerosa guarnição hespanhola, commandada por D. Bernardino Golanco de Santilhana. Os viannenses lhe pozeram apertado cêrco, construindo um forte, para privar os sitiados de reforços ou auxilios por mar, e dois outros para os bombardearem por terra. Os castelhanos, vendo estes preparativos e a coragem dos portuguezes, pediram capitulação, que lhes foi concedida a 20 de dezembro, evacuando o castello no mesmo dia e recolhendo-se á Galliza.

—

1646 — outubro — Nos primeiros dias d'este mez saiu do Porto para Vianna uma caravella carregada de artilheria, destinada a guarnecer as praças da fronteira do Minho. Quando a caravella chegou ás alturas

de Fão e Espozende, dois corsarios francezes, de Dunquerque, lhe sahiram ao encontro e a tomaram, depois de brava resistencia dos portuguezes.

Apenas isto constou em Vianna, todos á porfia queriam ir vingar esta affronta ás armas portuguezas.

Em uma caravella portugueza e em um navio hamburguez se lançaram dois punhados de corajosos viannenses; e com tanta rapidez navegaram, que ainda poderam encontrar os francezes. Curto mas terrivel foi o combate, pondo os audaciosos viannenses em fuga os piratas, retomando-lhes a caravella, com toda a sua artilheria, e assim entraram victoriosos a barra de Vianna.

Ainda hoje, no archivo da camara d'esta cidade (*L.º dos Reg. da Camara de Vianna, de* 1641, folhas 220, verso) existem duas cartas de D. João IV (uma de 10 de outubro de 1646) elogiando este brilhante acto de bravura e patriotismo dos viannenses.

—

1652 — D. Diogo de Lima, 9.º visconde de Villa Nova da Cerveira, governador das armas na provincia de Entre o Douro e Minho, por ordem de D. João IV reedificou o castello de Vianna. Findaram as obras em 1654.

—

1670 — 23 de maio — Por alvará regio é creada uma *feira annual de cavallos e mais sorte de cavalgaduras, no dia de S. Thiago, no campo do mesmo santo, na villa de Vianna.*

—

1698 — Reinando D. Pedro II, se construiu a casa da camara e cadeia d'esta cidade. Duas lapides embutidas aos lados da porta principal dizem:

A do lado do poente:

ESTA OBRA SE FEZ
NO ANNO DE 1698, SE-
NDO SUPERENTEND-
ENTE DELLA

e a do lado do nascente:

O CORREGEDOR
D'ESTA COMARC
A O DOUTOR MANOEL
MEXIA GALVÃO

A differença unica é que por aquelle tempo a entrada para o senado era feita pela parte do edificio que hoje está occupada com o oratorio, ficando assim o tribunal e a cadeia em estreita communicação, como era indispensavel, em razão da auctoridade que, pela nossa antiga organisação social, cabia aos juizes de fóra, presidentes perpetuos das assembléas municipaes. Hoje essa communicação está, como disse, occupada com o oratorio, dando entrada para o paço do conselho uma porta larga e apparatosa, aberta no frontão do edificio, onde, á época a que me tenho referido, estava uma alpendrada sustida por arcos ogivaes. Esta ultima innovação é obra das primeiras decadas d'este seculo.

O alvará regio de D. Pedro II é datado de 31 de maio de 1697, e foi passado a requerimento da camara, feito em 1696. O rei concedeu o levantamento de 3:750$000 réis do deposito dos sobejos das sizas. Deu esta quantia para expropriação de quatro moradas de casas, contiguas á cadeia velha, na importancia de 650$000 réis, e para demolição d'esta cadeia e construcção da nova.

Estas obras foram feitas por José Luiz Fiuza, que as entregou concluidas no fim do anno de 1700.

—

1714 — É reedificada a egreja da Misericordia.

—

1736 — setembro — É trasladado o cadaver do famoso D. Gonçalo Marinho para a sua nova sepultura do convento de S. Francisco do Monte, que havia fundado. Foi um bravo guerreiro no reinado de D. João I, distinguindo-se pela sua coragem no cêrco de Guimarães. Foi legado do Papa e fundador do dito mosteiro, e alli morreu com opinião de santo.

Na sua sepultura se gravou esta inscripção:

AQUI JAZEM OS OSSOS DO BEATO
E VENERAVEL FR. GONÇALO MARINHO,
VARÃO SANTO. EDIFICOU ESTE
CONVENTO, E OUTROS D'ESTA ORDEM.
FORÃO PARA AQUI TRASLADADOS
.... EM SETEMBRO DE 1736.

—

1752 a 1755 — No formoso e vasto *Campo da Agonia*, contiguo e ao norte do castello, se construiu a grande ermida octogona, de Nossa Senhora da Agonia, que deu o nome ao referido campo, no qual se faz uma das melhores feiras da provincia do Minho, que dura ordinariamente mais de 15 dias.

A festa da Senhora faz-se a 18, 19 e 20 de agosto, por occasião da referida feira.

Com as reparações que tem havido n'este templo, está desfigurada a sua fórma primitiva. É uma egreja de bonita e elegante architectura, clara e alegre, possuindo boas imagens e optimos quadros. Tem uma elevada torre, construida desde 1869 até 1871, onde foi assente um bom carrilhão.

D'esta torre se gosam largas e formosissimas vistas, e muito commodamente, subindo-se a uma varanda de pedra com grades de ferro, que circumda a dita torre na altura do pavimento, onde está o carrilhão.

Na capella môr se lêem as seguintes inscripções:

Do lado da Epistola:

SENDO JUIZ DA MESA DE DEVOÇÃO
NICOLAU JOÃO BARBOSA DA SILVA,
E ESCRIVÃO GONÇALO BARBOSA DE
ARAUJO LIMA, DESDE O ANNO
DE 1752, QUE TEVE PRINCIPIO,
ATÉ 1755, QUE SE BENZEU.

Do lado do Evangelho:

ESTA CAPELLA-MÓR, MANDOU
FAZER, POR SUA DEVOÇÃO
BENTO JOSE ALVES, NATURAL DESTA
VILLA, E ASSISTENTE EM LISBOA,
CONCORRENDO PARA TODO O
ORNATO DELLA E CORPO DA EGREJA.

—

1777 — 17 de outubro — Nasce em Vianna o tenente coronel Luiz do Rego Barreto, feito 1.º visconde de Geraz de Lima, em 27 de abril de 1835, e aqui falleceu, em 7 de julho de 1840.

Em 26 de agosto de 1868 foi feita condessa de Geraz do Lima Dona Julia Sophia Brandão da Fonseca Magalhães, e na mesma data, conde do mesmo titulo, Rodrigo Brandão da Fonseca Magalhães.

No bello palacio que foi do general Luiz do Rego (proximo ao Campo da Agonia) está hoje estabelecido o lyceu districtal.

—

1797 — 15 de março — Achando-se as costas de Portugal infestadas por piratas francezes, os negociantes de Vianna mandaram construir um vaso de guerra, completamente guarnecido, tripulado e artilhado, que offereceram ao principe regente (depois, D. João VI) para defeza da costa. O regente mandou que este navio se chamasse LEAL E INVICTA VIANNA.

Foi muito bem empregado o dinheiro, porque o *Leal e Invicta Vianna* prestou brilhantes serviços á patria, como um dos mais audazes navios da esquadra portugueza.

—

1799 — O tenente general David Calder manda construir os quarteis do castello.

Esta fortaleza soffreu muito desde 1846 a 1849, porém foi posteriormente reparada e hoje acha-se em bom estado. Junto aos quarteis estão o paiol da polvora, a capella, a casa d'armas, cisternas, carcere, armazens, a fonte e outros edificios.

Um terrapleno que se ergue do lado sul protege o fortim semi-circular que está no meio do porto. Este terrapleno tem ampla vista sobre o mar e a terra, e é occupado pelo serviço costeiro e semaphorico, e estação telegraphica. Uma longa *barra* de pedra defende o porto e o fortim da furia das ondas.

—

1805 — A barra de Vianna é dividida em tres canaes por varios rochedos denominados: *Barra Grande* ou do *Sul*, *Portas do Castellão* e *Portas*.

Apesar d'isto a entrada não é difficil para navios de pequeno lote.

A bocca do porto é apertada por um cabedêllo, que se estende do sul contra o norte [1] e que o tem obstruido bastante com areias. É porém guarnecido, de ambos os

---

[1] É notavel que TODOS os cabedêllos nas fozes dos nossos rios são do lado do sul! — Taes são os de Caminha, Vianna, Espozende, Villa do Conde, Porto, Aveiro, Figueira,

lados, por bons muros de cantaria, cuja construcção principiou ha mais de 160 annos. Esteve esta obra parada por muito tempo, até que continuou desde 1805 até 1807, tornando então a parar por causa da guerra da Peninsula. Recomeçaram as obras em 1815, mas não se concluiram. Só em 1857 continuaram e teem constantemente progredido, com grande utilidade da navegação.

Construiu-se um grande muro, que liga a terra firme com a *baliza* denominada *Bugio*, erguida sobre uns rochedos á entrada do porto.

Esta obra foi habilmente dirigida pelo distincto engenheiro hydraulico, o sr. Manoel Affonso Espergueira. As obras modernas custaram á nação, até ao fim de 1868, *cento e treze contos de réis*, approximadamente; mas a barra de Vianna melhorou muitissimo e promette um futuro lisongeiro ao commercio d'esta cidade.

Vae concluir-se a *caldeira* chamada *Dizima*, obra tambem de grande utilidade.

—

1807 — 6 de janeiro — Nasce na freguezia de Nossa Senhora de Monserrate José Avelino d'Almeida, professor regio na praça de Valença, onde falleceu. Publicou um optimo livro, em tres volumes, que intitulou: *Diccionario abreviado de chorographia, topographia e archeologia, das cidades, villas e aldeias de Portugal.* — Valença, typographia do sr. Verissimo de Moraes (proprietario do jornal *O Noticioso*) 1866.

É obra de grande merecimento, da qual muito tenho aproveitado para este meu diccionario. Custa-me a comprehender como nos confins septentrionaes d'este reino, sem uma bibliotheca onde podesse consultar os livros precisos, e tendo (como me dizem) apenas uma pequena e insignificante livraria, podesse concluir uma obra que, apesar de bastante deficiente (por isso que é *abreviada*) e attentas as circumstancias do benemerito auctor, é um livro que merece o bom credito de que sempre tem gosado e gosará.

—

1807 — 27 de novembro — A familia real portugueza embarca em Lisboa, e a 29 se fez de vela toda a esquadra para o Brazil, abandonando os portuguezes ao furor, insultos, crueldades e rapinas do fero Junot e seus soldados.

Foi n'esta tristissima conjunctura que o desembargador Gonçalo de Barros Lima, natural de Vianna, auxiliou com os seus navios (com os quaes commerciava em atanagens entre o nosso paiz e os portos de Hamburgo, Riga e Brazil) a fuga do principe regente e do seu sequito, e soccorreu o governo com emprestimos avultados, que *nunca lhe pagaram!...*

Pouco depois o mesmo desembargador pôde conseguir salvar a sua patria ao saque das hordas francezas.

Quando estes salteadores arregimentados fugiram, a gentalha de Vianna assaltou a casa do benemerito Barros Lima e destruiu o seu magnifico jardim, sob pretexto de que aquelle illustre viannense era jacobino!!!

Em Portugal é este muitas vezes o premio das acções patrioticas!...

—

1813 — 13 de novembro — Decreto do governo portuguez, concedendo ao antigo regimento de infanteria n.º 9, bandeiras de distincção, pela sua inimitavel bravura e rigorosa disciplina na BATALHA DE VICTORIA, em 21 de junho do mesmo anno de 1813.

—

1815 — 29 de janeiro — São benzidas na egreja matriz de Vianna, as bandeiras mencionadas no periodo antecedente, e no mesmo acto o regimento 9 presta juramento de fidelidade ás suas novas bandeiras. Por essa occasião o doutor José de Castello Branco, auditor da 8.ª brigada de infanteria, fez a este regimento um discurso patriotico e brilhantissimo.

O regimento tinha regressado em triumpho á sua praça de Vianna em 1814.

—

1819 — D. João VI manda construir a

Lisboa, Setubal, Villa Nova de Portimão, etc.

Não poude ainda saber a causa d'isto!...

Porque não haverá em Portugal nenhum cabedéllo do lado do Norte? Digam-n'o os geologos.

ponte de madeira que atravessava o Lima em frente de Vianna, e que o rio principiou e os engenheiros acabaram de demolir. Era uma pessima construcção, que deu logar a bastantes sinistros.

Em uma das columnas tinha a seguinte inscripção:

JOANNES VI, AUG. P. F. P. P.
UT FLUMINIS PERICULA NAVIGATIONIS
VITARENTUR, ET FACILIOR COMEATIBUS
PATERET VIA PONTEM LIGNEUM
CONSTRUI JUSSIT A. MDCCCXIX.

—

AUSPICE ANTONIO FERDINANDO
ARAUJO AZEVEDIO, OPERIBUS PUBLICIS
IN PROVINCIA, INTER AMNEM
PERFECTO, ET CURANTE CAIETANO
JOSEPHO SEQUEIRA TEDIM JUDICE
OPPIDI FORANEO

Valia mais a inscripção do que a ponte!

—

1821 — 3 de julho — Desembarca em Lisboa D. João VI com a familia real, menos o principe D. Pedro, que ficou no Rio de Janeiro *como logar-tenente d'el-rei, no governo provisorio do reino do Brazil.*

N'este mesmo dia, mez e anno, foi creado 1.º marquez de Vianna (era PRIMEIRO conde do mesmo titulo, desde 13 de maio de 1810) [1] Dom João Manuel de Menezes, par do reino, em 1826; gentil homem da camara da rainha D. Maria I; grão cruz da Torre-Espada; commendador da de S. Bento d'Aviz; conselheiro do real conselho da marinha, e major-general da armada real.

Serviu com distincção em 1806, na esquadra do Estreito, do commando do chefe de divisão Luiz da Motta Feo. Foi commandante da fragata *Urania*, a unica embarcação que na viagem para o Brazil, em 1807, nunca desamparou a náu *Principe Real*, em que iam D. Maria I, seu filho e netos. Achou se na expedição do Rio da Prata, em 1817, como chefe da flotilha que obrava de accordo com o general Lecór. Na volta do rei para Portugal (sahiu do Rio de Janeiro a 26 de abril de 1821) foi almirante da frota que o conduziu a este reino.

Era o 1.º marquez de Vianna 3.º filho dos 3.ºs marquezes de Tancos.

Nasceu a 27 de abril de 1783, e falleceu a 20 de abril de 1831.

Casou a 7 de fevereiro de 1809 com D. Anna de Castello Branco, 2.ª filha dos 1.ºs marquezes de Bellas, nascida a 9 de setembro de 1789 e fallecida a 13 de abril de 1855.

Foi SEGUNDO conde e 2.º marquez de Vianna D. João Manoel de Menezes (filho do antecedente) commendador da ordem de Christo e 2.º tenente da armada real. Nasceu na capital do Brazil a 25 de janeiro de 1810. Casou em 27 de janeiro de 1827 com D. Maria do Carmo da Cunha Quintella, 1.ª filha dos 4.ºs condes da Cunha, nascida a 29 de outubro de 1814.

Tiveram duas filhas:

1.ª — *Dona Anna*, herdeira presumptiva, que nasceu a 2 de agosto de 1829.

2.ª — *Dona Maria Gertrudes*, que nasceu a 2 de dezembro de 1830 e falleceu a 16 de maio de 1852.

—

Eis-aqui o que, relativamente aos condes e marquezes d'esta Vianna, diz a referida *Resenha das familias titulares*.

Não sei se ainda restarão algumas duvidas sobre os condes das duas Viannas portuguezas.

O que é certo é o seguinte:

Os marquezes de Vianna tinham um sumptuoso palacio no largo do Rato, em Lisboa, que foi vendido em praça publica no dia 20 de fevereiro de 1876. Foi comprado (adjudicado) pelo sr. Luiz Coutinho d'Albergaria Freire (feito visconde de Monforte em 2 de março de 1853) por 50:100$000 réis. Nos dias seguintes continuou o leilão das magnificas mobilias que ornavam este palacio principesco, sendo alguns objectos de grande valia, tanto pela materia como pela parte artistica. Vendeu-se tudo ou quasi tudo por preços muito inferiores ao seu valor. Apesar d'isso, o leilão de joias, ouro e prata produziu mais de 40 contos de réis. Um

[1] *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, por João Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira de Mesquita. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1838.

pente foi arrematado por 1:280$000 réis; uma fita com brilhantes por 6:280$000 réis; uns pingentes por 4:000$000 réis; um bulle de prata por 374$000 réis; duas terrinas de prata por 1:383$400 réis; uns brincos por 1:230$000 réis; uma medalha por 800$000 réis; um *plateau* por 508$500 (113 libras); um centro de mesa por 164$250 réis.

—

1846 — 7 de agosto — Um pescador de Vianna, andando no mar a 3 leguas da costa, sentiu um enorme peso na sua rede. Cheio de jubilo entra pela barra com a sua rede carregadissima. Era um cetaceo que, tendo engolido uma grande parte da rede, que continha enorme quantidade de pescada e outros peixes, morreu suffocado. Foi preciso o auxilio de muitas juntas de bois para arrastarem para terra este monstro marinho. Tinha 40 palmos de comprido e 12 de circumferencia. A sua bocca immensa era guarnecida por OITO ORDENS DE DENTES, collocados symetricamente. Os intestinos deram 11 almudes de azeite e pesavam 41 arrobas, a pelle perto de 50, e o seu todo calculou-se em 260 arrobas!

Um naturalista classificou-o no genero *squalus*, e suppoz ser uma especie de *squalús maximus*. Outro disse que era um pequeno *cachalote* (da mesma familia dos 10 que em 21 de julho de 1877 o mar arrojou á costa entre a Torreira e o Furadouro). — Para evitarmos repetições, os que desejarem saber o que são estes mamiferos do mar vejam n'este diccionario o 9.º volume, pag. 618; porque, segundo a descripção que me fez um individuo que viu este peixe e os da Torreira, vinham todos a ser da mesma especie.

Um sujeito *humoristico*, que viu o tal peixe de Vianna, classificou-o de outra maneira — disse que aquella *avantesma* não era mais nem menos do que o *chefe do partido devorista*, que n'esse tempo *dominava a situação*. Talvez fosse!

—

1846-1847.—São tantos e tão variados os modos de contar a historia dos cércos de Vianna, durante a guerra civil d'estes dous annos, que o escriptor imparcial não sabe a quem ha de dar credito, porque cada um conta o caso segundo o partido politico que segue.

No meio d'esta barafunda escolhi d'entre todos os escriptores do facto, unicamente os meus dois respeitaveis amigos, os srs. Doutor Pedro Augusto Ferreira (tantas vezes citado com louvor e gratidão n'esta obra) resumindo d'este esclarecido escriptor o contheudo em tres folhetins, que publicou no *Commercio Portuguez* — e o sr. Doutor Luiz de Figueiredo da Guerra, que tanto tem concorrido para que o artigo de Vianna — sua patria — seja o mais completo possivel, sem exceder os limites proprios de um diccionario, porque para se escrever a historia completa de Vianna, hoje chamada *do Castello*, seria precizo um livro mais volumoso do que qualquer dos d'esta obra.

Principiarei pelo que diz o sr. Abbade de Miragaya, reduzindo tudo aos mais estreitos limites que me fôr possivel:

—

«Quando em maio de 1846 a provincia do Minho se revoltou contra o governo dos Cabraes, á voz das mulheres da Povoa de Lanhoso, commandadas pela famosa *Maria da Fonte*, que deu o seu nome á guerra civil *da Patuleia*, [1] a villa de Vianna do Lima tambem se *pronunciou* pela causa do povo.

«Estava então aqui, um destacamento de infanteria n.º 3, commandado pelo tenente

---

[1] Muita gente, entendendo na sua consciencia que eu tenho obrigação de saber tudo, me tem escripto, perguntando quem era a *Maria da Fonte*, onde nasceu, onde residia, etc., etc., e eu sabia tanto como elles; porque lhe tinha ouvido dár differentes patrias, e varias edades e filiações.

Depois de ter escripto e publicado os artigos de *S. Thiago de Oliveira* e *Santa Maria de Verim*, freguezias do concelho da Povoa de Lanhoso, li no curiosissimo jornal da praça de Valença, *O Noticioso*, que a tal *Maria da Fonte* se chamava *Anna Maria Esteves*. Nasceu na dita freguezia de Oliveira a 12 de março de 1827 — casou com Antonio Joaquim Lopes, natural da freguezia de Verim (a referida) e alli residente, onde falleceu, com 47 annos, 8 mezes e 4 dias de edade, na noite de 7 para 8 de dezembro de 1874.— S. T. T. L.!

Jacintho Mendes de Oliveira, official brioso e destemido, que, não querendo annuir ao *movimento*, se recolheu ao castello com os seus soldados e com os veteranos.

«Os populares augmentavam de numero diariamente e assaltaram o castello, fazendo sobre elle um fogo continuado. O castello tinha algumas velhas bôcas de fogo, mas faltavam-lhe artilheiros: mesmo assim sustentava-se sem grande difficuldade. Infelizmente porém, estando o valente Pinotes na muralha, uma bala dos populares (outros dizem que dos seus mesmos soldados. . .) varando-lhe a cabeça, o matou instantaneamente.

«Este facto cobriu de desânimo a pequena guarnição, o que, sendo sabido fóra deu coragem estranha aos populares, que no dia seguinte investiram como loucos contra o castello, tomando-o quasi sem rêsistencia; e, ebrios com a victoria, sem disciplina e dominados pela exaltação do momento, saquearam e desmantelaram tudo, e a fogo e ferro frio mataram e trucidaram parte da indefeza guarnição; e trucidal-a-hiam toda se não acudisse a irmandade da Misericordia incorporada com o seu capellão e a sua bandeira, intercedendo pelos pobres que restavam com vida, o que enfreou a populaça, sedenta de sangue (outubro de 1846, dia 23.)

«Ficou em seguida o castello abandonado, e guarneciam n'o apenas os veteranos, alli aquartelados, quando em principios de janeiro de 1847 chegou a Vianna com a sua divisão o Casal, vindo de Valença; poucos dias porém ahi se demorou. Constando-lhe que o general conde das Antas sahira do Porto com uma divisão para o norte, o Casal marchou, como em observação, ao longo da margem direita do Lima, deixando no castello uma guarnição formada por contingentes de diversos corpos do seu commando, e nomeou governador o capitão Malheiros, pertencente á nobre familia Malheiros, de Ponte do Lima.

«No dia 15 de fevereiro de 1847 entrou em Vianna o conde das Antas, formou a sua divisão no *Campo do Forno* (hoje de *D. Maria II*) em frente da casa da camara, e, sabendo que no castello estava uma guarnição cartista, escreveu ali mesmo, no sotão d'um barbeiro, uma mensagem que immediatamente enviou ao governador, convidando-o a unir-se-lhe, e a entregar-lhe o castello.

«O governador não annuiu, e poz se logo na defensiva, fazendo fogo sobre a povoação; o Antas não investiu com o castello, mesmo porque não levava artilheria; e sem demora (no dia 17) deixou Vianna e marchou para o sul, por constar que o duque de Saldanha partira com uma divisão sobre o Porto.

«O Casal, que vimos internar-se na margem direita do Lima, foi á Ponte da Barca e Valença, e, pouco depois de Antas se retirar, regressou a Vianna. Pediu-lhe logo o capitão Malheiros exoneração do governo do castello; o Casal não sabia o que resolvesse, quando se lhe apresentou o capitão d'artilheria 3, Francisco María Melquiades da Cruz Sobral [1] ido do Porto, onde ficou sob palavra quando se organisou a Junta, e que, desejando prestar serviços á causa da Rainha, se determinou a sair do Porto com varias praças de artilheria 3 (approximadamente 60) dirigindo-se a Vianna.

«A Junta (1846) sabendo que elle era partidario exaltado da politica opposta, collocou-o na 3.ª secção, mas sob fiança lhe permittiu o continuar a residir no Porto, onde estava o seu regimento (artilheria 3).

«O Casal immediatamente lhe deu o governo do castello, e com elle ficaram alli de guarnição, alem dos artilheiros que o acompanharam, 20 praças de infanteria 3, 20 de infanteria 13, 20 de infanteria 15, alguns caçadores do batalhão n.º 3 e approximadamente 50 veteranos, além das praças doentes que não poderam marchar com a divisão.

«Com estes contingentes ficaram os officiaes seguintes: de infanteria 3 os alferes Nunes, Carmo e Andrade, o tenente Fonseca, o capitão Cunha commandando os veteranos, e o cirurgião-mór Monteiro; de infanteria 13 o alferes Pimentel; de infanteria 15 o alferes Joaquim Thomaz; de caçadores 1 o tenente Valle; da 3.ª secção do exercito o capitão Meira, e por ajudante do cas-

---

[1] É hoje general de divisão reformado.

tello Custodio José de Castro, alferes de veteranos.

«Alli se demorou o Casal, até que, constando lhe que o Antas marchava sobre Vianna com uma grande divisão, mandando uma brigada pelo Norte e outra pelo sul do Lima para o envolver, o Casal deixou immediatamente Vianna e marchou para o nascente até ás proximidades do castello de Lindoso; d'alli, encostando-se á raia, seguiu até ás alturas de Chaves, e atravessando a provincia de Traz-os-Montes por Villa Real, passou o Douro na Regoa, e seguiu para Lamego, Arouca e Oliveira d'Azemeis, onde fez juncção com o Saldanha.

«O Antas não chegou a Vianna, mas mandou o barão d'Almargem bater e sitiar o castello com artilheria, ida do Porto, cerca de 2:000 baionetas, 25 cavallos e 30 artilheiros.

«Entrou o general barão d'Almargem ás nove e meia horas da noute do dia 14 de março em Vianna, e logo teve mortos e feridos.

«Sabendo o governador do castello que o inimigo se approximava, mandou de dia assestar dois morteiros, tomando por alvo o Campo do Forno, certo de que por ser um dos pontos mais centraes de Vianna, alli havia de cruzar a força. E não se enganou, pois logo que lhe disseram que o Almargem tinha entrado na villa, fez disparar os morteiros, e cahindo as granadas no dito campo, mataram e feriram algumas bagageiras e soldados que ao tempo ali se achavam.

«Sem demora os sitiantes tomaram posição; montaram duas baterias no monte de Santa Luzia, proximidades do convento das Ursulinas, ao norte de Vianna, a cavalleiro do castello, outra no Cabedello, ao sul, e outra a noroeste, junto a um forno de cal; ergueram muros, abriram vallados e estabeleceram linhas cerradas entre Vianna e o castello, cortando-lhe completamente as communicações com o exterior; e pelas onze horas e meia do dia 17 principiou o bombardeamento na bateria que montaram junto ás Ursulinas.

«Pela sua parte o governador do castello não descurava os multiplices deveres que o seu cargo lhe impunha, e durante o prolongado sitio se houve como um dos mais valentes, mais energicos, mais illustrados e mais briosos cabos de guerra, sendo para lamentar que por ultimo, na occasião mais critica, *para salvar-se a si, abandonasse como abandonou a guarnição!...*

«Depois de proclamar enthusiasticamente aos seus soldados, distribuiu convenientemente a artilheria do castello, construiram-se espaldões e travessos onde eram necessarios, tornou-se o fosso aquatico, aproveitando uma nascente que ha n'elle, conseguindo ao mesmo tempo um grande deposito d'agua potavel para abastecimento da guarnição, quando os sitiantes cortassem o encanamento da agua que vae para o castello. Os muros mais baixos foram guarnecidos de duplas paliçadas; reformaram-se os parapeitos que não cobriam os soldados, empregando cofragem de madeira, e pozeram-se as abobadas á prova de bomba por meio de palha, terra e estrume. As grandes reservas foram divididas em pequenos depositos, inutilisou-se tudo o que podia occasionar incendios, construiu-se um forte entrincheiramento reforçado com tres ordens de estacaria, pela parte de dentro da porta principal, regulou-se convenientemente o serviço da guarnição, e para maior estimulo denominou o governador o 1.º baluarte á direita da porta do castello, *bateria de D. Maria II;* o 2.º á esquerda *bateria de D. Fernando;* o 3.º *bateria do duque de Saldanha;* o 4.º *bateria do Principe Real;* e o 5.º *bateria de D. Pedro IV.*

«Os seus respectivos commandantes rivalisavam em vigilancia, ordem e aceio, e toda a guarnição até ao final desenlace mostrou-se superior a todo o elogio pela sua pontualidade no serviço, pela sua coragem e intrepidez e pela submissão aos seus commandantes, não havendo a registrar durante o longo e doloroso assedio um unico acto de indisciplina!...

«Os meios offensivos dos sitiantes augmentavam sempre. Só as baterias a cavalleiro do castello, servidas por dous morteiros, um obuz e tres caronadas, metteram dentro da praça no dia 4 de abril nada menos de cem projectis!...

«Todos os quarteis, casas e outras officinas do castello, tudo voou pelos ares, e em breve o campo interior parecia cavado para sementeira; tal era a intensidade e acção das bombas e granadas que choviam noite e dia sobre elle!...

«Um inimigo, porém, mais terrivel do que todo aquelle graniso de bombas e balas principiou a accommetter a briosa guarnição: a falta de viveres; porque o conde do Casal, quando se afastou de Vianna, prometteu regressar sem demora, e n'essa supposição deixou no castello viveres apenas para 20 ou 30 dias, em quanto que o assedio durou cerca de dois mezes!... [1]

«Imagine-se a fome e privações que a guarnição supportou!!...

«No dia 31 de março appareceu ao norte um vaso de guerra portuguez que seguido de mais dois fez raiar no coração dos defensores do castello as melhores esperanças. Correram todos ás muralhas com grande alvoroço e uma só voz se ouvia:

«Lá vem a nossa esquadra! agora sim... vamos a elles!»

«O brigue que vinha na frente fez um tiro de intelligencia que foi correspondido pelo castello, e logo o mais vivo combate se travou com as baterias do Cabedêlo e Forno da Cal, inimigas. A guarnição do castello, cheia de enthusiasmo, já se dispunha a chegar ás mãos com os sitiantes, mas o resto da esquadra não se moveu nem deu um tiro. Conservou-se de braços cruzados e quando bem lhe pareceu navegou para o sul!...

«O governador e officiaes ficaram espumando de raiva, sem poderem explicar semelhante facto que cobriu de desalento a guarnição, em quanto que os sitiantes cobraram novo animo; pois quando viram approximar-se a esquadra se prepararam para levantar o cerco, persuadidos de que o desembarque era combinado com as forças da rainha que se achavam em Valença.

«Tudo phantasmagoria!...

«Pouco depois cruzou tambem para o sul uma fragata de guerra que nem ao menos fez um tiro de signal!

«Vendo o governador que o cerco se prolongava e que por mais que instava por soccorro e munições de bôca, nada, absolutamente nada, recebia, reduziu o rancho a metade e depois a um quarto; e nos ultimos dias sustentou-se toda a guarnição quasi exclusivamente com *farellos e hervas* das muralhas e dos fossos — *soldados, officiaes e o proprio governador*, pois que por ordem d'este todos comiam do mesmo caldeiro; os soldados nas suas marmitas e — governador e officiaes em pequenas escudellas de pau, expressamente feitas e bem mal acabadas.

«Não cessava, porém, o governador de instar por soccorro e abastecimento, dirigindo-se ao consul inglez em Vianna, João Roberto, com quem estava d'accordo, e por intermedio d'este ao director do circulo; mas, como o castello ao sul e a oeste é cercado pelo mar, os sitiantes cerraram as suas linhas ao norte e nascente por fórma tal, que era difficilimo para os sitiados o corresponderem-se com o consul.

«Sendo já grande a anciedade do governador por noticias de fóra, offereceu-se-lhe o alferes Andrade para ir procurar o consul, e, alta noite, suspenso por uma corda, desceu da Roqueta, que é o forte que deita para a barra, no angulo sudoeste do castello, e lá foi com imminente risco de vida, por vezes *de gatinhas*, collado com o chão, mas com tanta felicidade que passou as linhas dos sitiantes e chegou a casa do consul sem ser apanhado. Entregou a correspondencia, e na noite seguinte pôde pela mesma fórma atravessar as linhas dos sitiantes e entrar no castello com a volumosa correspondencia que estava detida no consulado britannico.

«Passado outro periodo de anciedade sem communicações exteriores, alguem disse ao governador que mandasse a casa do consul um soldado da guarnição, afiançando-lhe que era homem intrepido de toda a confiança, e o mais apto para aquella missão, por ser natural de Vianna e conhecer por consequencia o terreno perfeitamente. Era o n.º 35 da 2.ª companhia de infanteria 3. Cha-

[1] De 14 de março até ao dia 6 de maio.

mou-o o governador; acceitou de boa vontade a incumbencia, e, guindado tambem, desceu pela Roqueta uma noite com officios importantes; marchou, e em breve se perdeu de vista; mas, em vez de cumprir como promettera, foi apresentar-se aos sitiantes, e não só lhes entregou os officios, mas revelou-lhes tudo o que se passava no castello! ..

«Mudou logo o inimigo a direcção dos seus fogos, escolhendo os pontos e as horas mais prejudiciaes á guarnição; redobrou de vigilancia e cerrou as linhas a ponto que não foi possivel transpol as outra vez.

«Como se tornasse extremamente critica a posição dos sitiados, offereceu-se de novo ao governador o intrepido alferes Andrade para ir buscar a correspondencia que devia estar em casa do consul inglez, e entregar-lhe a do governador. E ainda d'esta vez a fortuna coroou tão difficil como arriscada empreza.

«Uma noite desceu tambem pela Roqueta e collado com a areia pôde lançar mão d'um barco de pesca que estava na praia, junto das linhas inimigas, e com elle atravessou o rio, atracou a um barco inglez (a escuna *Flora*) que se achava fundeado no Cabedêlo esperando licença para seguir com um carregamento de milho para Glasgow. Dirigindo-se ao capitão, que já conhecia, este no dia seguinte levou ao consul os officios do governador e lhe trouxe a correspondencia que se achava retida no consulado; na noite immediata o alferes Andrade atravessou outra vez o Lima no mesmo barco, e sem ser apercebido entrou no castello e entregou a correspondencia ao governador, pelo que este em uma ordem do dia muito o elogiou, e com razão.

«Vendo os sitiantes o barco solto, concluiram que alguem do castello se utilisára d'elle, e desde essa data removeram para longe os barcos todos; mas, passados dias, vendo o alferes Andrade que o *Flora* se dispunha a suspender ferro e seguir viagem, concebeu o projecto de sahir n'elle, e ir pessoalmente entregar officios do governador ao Duque de Saldanha ou ao barão de Sanhoane, commandante da 4.ª divisão militar, ao tempo ainda senhor da praça de Valença, ou ao consul geral de Portugal, em Vigo. E ainda d'esta vez o benemerito e audacioso alferes foi feliz, e mais feliz do que elle proprio esperava.

«Elle e um coronheiro do 9 de infanteria fizeram com fragmentos de taboas uma amassadeira de seis palmos de comprimento, quatro de largura e tres de borda, calafetaram-na com farrapos, brearam os farrapos com cotos de velas de cebo, e, sabendo que o *Flora* devia partir no dia 15 d'abril [1], na noite do dia 14, depois de receber do governador varios officios e instrucções oraes, desceu da Roqueta com a amassadeira, lançou-a á agua, metteu-se dentro d'ella, fez uma pequena evolução d'experiencia, e, posto que não sabia nadar, seguiu com fé rio acima, collado á margem norte e ao muro do caes até ficar *vis-à-vis* do *Flora*, que estava ancorado na margem sul, encostado ao paredão do Cabedêlo, a poucos metros de distancia do forte dos sitiantes; notando, porém, que a maré subia e que se tentasse atravessar em linha recta o Lima com tão esdruxulo barco, seria levado pela corrente para além das linhas inimigas, seguiu para oeste em direcção á barra até ao Bugio.

«D'alli se fez ao largo; descahindo, ganhou a outra margem e se approximou do *Flora*, sem ser apercebido dos sitiantes, porque a noite estava escura e fria, e um pequeno aguaceiro, tocado por vento nor-

---

[1] Em 1846-1847 houve falta de cereaes na Inglaterra, e por isso differentes barcos d'aquella nação vieram comprar milho a Portugal. O *Flora* foi um dos que se dirigiram a Vianna, e já alli se achava antes do assedio. Com os transtornos da ordem publica tornou-se morosa a sahida, e por ultimo o governador fechou a barra; mas a instancias do ministro inglez, em Lisboa, o governo auctorisou a sahida do *Flora*; e quando no dia 13 de abril de 1847 um emissario do Almargem (era o commandante da artilheria de sitio, José Victorino Damazio) e o capitão do *Flora* foram ao castello mostrar a licença ao governador, o alferes Andrade, que muito calculadamente o acompanhou, pôde saber do capitão que tencionava partir no dia 15.

deste, tinha feito recolher á guarita a sentinella que costumava passear no alto do paredão do Cabedêlo. Além d'isso, a microscopica embarcação com os seus dois pequeninos remos, muito subtilmente agitados, não fazia ruido algum.

«O que parece impossivel, e que nós não acreditáramos, se não tivessemos dados de sobra para nos convencermos do facto, é que houvesse um homem tão temerario que, sem saber nadar, e sem outro estimulo além do desejo de ser util aos seus camaradas, tentasse em similhantes condições transpôr a foz do Lima, mesmo na bocca da barra!...

«Fez o nosso heroe, com a maior felicidade, a travessia para o Cabedêlo. Estavam, porém, junto do *Flora* outros barcos, e quando tractava de vêr se o distinguia, e procurava com a vista uma figura de mulher que elle tinha na prôa, a fragil amassadeira bateu em uma corrente e logo se afundiu, mas rapidamente o corajoso alferes se abraçou ao ferro, aliás seria victima, pois não sabia nadar.

«A amassadeira lá foi ao som da agua, e elle subiu pela corrente e ganhou a prôa do barco, que, por fortuna, era o *Flora*, não perdendo no naufragio a correspondencia porque a levava no seio. Atravessou com passo de ladrão o convez, para não ser apercebido da marinhagem; desceu á camara do capitão, que acordou e o recebeu bem, e lhe deu roupa enxuta, carne cosida, bolacha e cognac, cuidando o bom do alferes de devorar tudo, porque, além dos trabalhos que acabava de passar, ia extenuado com fome.

«Disse ao capitão que queria seguir com elle barra fóra até fugir ás vistas dos sitiantes e poder desembarcar em qualquer ponto da nossa costa ou da Galliza. O capitão concordou; mas indo no dia seguinte a Vianna dispôr a saída, voltou afflicto, dizendo ao alferes que encontrára na villa, em procissão, a amassadeira, levada pela corrente fóra e apanhada logo de manhã junto da ponte, e que os sitiantes, convencidos (não se enganavam) de que alguem fugira n'ella do castello para bordo do *Flora*, deram ordem para este não sair sem lhe passarem busca.

«O alferes, desesperado com tal noticia, chamou o secretario do consul inglez, que acompanhou o capitão e lhe disse:

«— Peço lhe que diga ao sr. consul, que lhe incumbe fazer respeitar a bandeira ingleza; que se opponha formalmente a que eu seja capturado aqui, certo de que, apenas eu veja forças inimigas a bordo, subirei ao convez e bradarei com toda a força dos meus pulmões á guarnição do castello, que faça fogo sobre mim e sobre os que pretendam levar-me preso, até sermos todos despedaçados pela artilheria ou sepultados nas ondas. Que hei-de morrer aqui, vendendo a vida cara, e não em terra, ás mãos dos rebeldes. E póde estar certo d'isto, porque, se no castello ha falta de viveres, ha ainda abundancia de polvora e balas!—

«Seguiram outra vez para terra o secretario do consul e o capitão, e quando este regressou já ia mais animado.

«Os sitiantes vendo a opposição formal do consul inglez, desistiram da busca ordenada e no dia seguinte o *Flora* suspendeu ferro e navegou livremente para o norte; mas nas alturas de Ancora tomou para o sul, entrou a barra de Lisboa ás oito horas da manhã do dia 17, fundeou no Tejo, e logo o alferes desembarcou e foi entregar ao ministro da guerra a correspondencia.

«E ia elle galantemente vestido, com calças pretas, uma vestia de pelles e chapéo á maruja (sueste), breado e com aba descida sobre as costas, dado pelo capitão do *Flora*, por haver perdido o seu no naufragio da amassadeira.

«O ministro recebeu-o com *boas palavras*, e *com boas palavras* lhe disse que se apresentasse sem demora a SS. MM. Observou-lhe o alferes que não se atrevia a ir assim vestido ao paço, e que não podéra levar comsigo o uniforme...

«Accrescentou ainda, *com boas palavras*, o ministro — que fosse mesmo assim, para que SS. MM. vissem quanto estavam soffrendo os seus vassallos.

«E logo o alferes seguiu para o palacio das Necessidades, em companhia do falleci-

do Salvador de Oliveira Pinto da França, ajudante de ordens do general commandante da primeira divisão militar, visconde da Fonte Nova.

«Os archeiros ficaram estupefactos mirando e remirando a exotica *toilette* do intruso, mas deixaram-no passar, por ir com o ajudante Pinto da França, que seguiu para o interior do paço, deixando o alferes em uma das salas, na qual d'ahi a pouco entrou o allemão Dietz, professor dos principes, trazendo á direita o sr. D. Pedro (chorado rei D. Pedro V) e á esquerda o infante D. Luiz, (hoje el-rei, o sr. D. Luiz I), aos quaes o alferes beijou a mão. Disse-lhe o mestre dos principes:

«— SS. MM. estão acabando de almoçar; queira demorar-se um pouco.

«O sr. D. Luiz, com a curiosidade propria da sua tenra edade, vendo tão estranho hospede, perguntou-lhe:

«— Vós quem sois?

«— Um official do exercito de S. M. a rainha, lhe respondeu o alferes.

«— E de que regimento? accrescentou o sr. D. Pedro.

«— Do 3 de infanteria.

«Não se mostraram bem convencidos, mas não proseguiram com o dialogo. E logo o alferes foi introduzido na sala onde estava el-rei o sr. D. Fernando e a rainha, a sr.ª D Maria II. Pediram-lhes contasse o que se passava no castello; e quando o alferes pintou a fome com que luctava a guarnição, observou lhe a sr.ª D. Maria II:

«— Então esses soldados já não podem fazer serviço...

«— Effectivamente, accrescentou o alferes, estão muito extenuados de forças, e, exceptuando alguns mais robustos e vigorosos, já com difficuldade se movem!...

«As lagrimas borbulharam nos olhos da rainha, que logo se retirou; e o sr. D. Fernando promettendo providenciar convenientemente, despediu tambem, *com boas palavras*, o alferes que ficou em Lisboa servindo de alvo a todos com a sua engraçada *toilette*, sem uma camisa para mudar a que levava vestida, nem um ceitil para comer, vendo-se obrigado a acceitar o pão de amigos seus! Tão generosos foram para com elle, tanto os ministros como SS. MM.

«Passados oito dias, o ministro chamou-o e lhe disse:

«— Em virtude dos desgostos que se deram no castello de S. Jorge (referia-se á *revolução dos carrascos*) foi demittido o ajudante de ordens do governador, e vae o sr. alferes substituil-o. Queira apresentar-se immediatamente ao governador.

«— Mas não posso ir assim vestido... disse o alferes; o meu uniforme está em Vianna, e não tenho meios para comprar outro.

«— Então ainda lhe não deram dinheiro algum? accrescentou *como admirado* o bom do ministro.

«— Desde que cheguei a Lisboa nem sequer me perguntaram ainda se tinha que comer!...

«— Quantos mezes se lhe devem?

«— Cêrca de quatro.

«— Pois bem, accrescentou o ministro, tocando uma campainha; vae receber dois. O que equivalia a pouco mais do que um, taes eram os rebatimentos da epocha e o agio das notas.

«Estava presente o distinctissimo official, então commandante da guarda municipal, D. Carlos Mascarenhas, que, indignado com similhante miseria, chamou o alferes para um gabinete contiguo e lhe deu uma carta para o celebre alfaiate *Barão das Agulhas*, que tinha sempre bom sortimento de uniformes militares, e logo poz o seu deposito á disposição do alferes. Alli mesmo se uniformisou, voltando em seguida para o ministerio da guerra, onde ainda se achava D. Carlos Mascarenhas que, vendo-o sem banda, *lhe deu a sua* e uma espada de cavallaria. Assim uniformisado, e com a ordem para receber os magros cobres, marchou o alferes para o castello de S. Jorge, onde ficou como ajudante de ordens do governador.

«O governo entretanto fez sair um vapor[1]

---

[1] *Duque de Cornwals*, vapor mercante inglez ao serviço da nossa Rainha, a senhora D. Maria II.

com munições e viveres para Vianna, e encarregou de acompanhal-o o conselheiro Anthero Albano da Silveira Pinto, que ao tempo se achava em Lisboa.

—

«Quando em 1840 (se bem nos recordamos) surgiu entre Portugal e Hespanha o serio conflicto da *exigencia injusta* por causa da navegação do Douro, o nosso governo, imaginando Catilina ás portas de Roma, creou immediatamente (no papel...) um exercito que faria conter o da Russia em movimento contra a Turquia. Por essa occasião foi o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto nomeado tenente do regimento de cavallaria nacional do Porto, e logo, como bom patriota, se armou e equipou, [1] mas nem teve uma unica formatura, porque as nuvens condensadas no horizonte se sumiram.

«Rebentando em 1846 a guerra civil, permaneceu o sr. Anthero fiel á rainha; desejando entrar na fileira, foi apresentar-se ao Casal, ao tempo, commandante de uma divisão de operações em Traz-os Montes, e se uniu como tenente (voluntario) ao regimento de cavallaria n.º 7 que fazia parte da divisão, mas pouco tempo serviu na fileira porque o Casal o occupou sempre em missões importantes, em cumprimento das quaes foi por vezes a Lisboa; achando-se alli quando o alferes Andrade foi no *Flora* solicitar viveres e munições para o castello, o governo o incumbiu de acompanhar o vapor *Duque de Cornwals*, no qual seguiu para Vianna com os viveres e munições, levando a reboque um lanchão para o desembarque, lanchão que se distanciou partindo as espias nas alturas do cabo da Roca, porque o novoeiro era denso e o mar muito agitado.

«Nas aguas do Porto encontrou a esquadra da rainha; seguindo as instrucções que levava, dirigiu-se ao commandante Soares Franco e lhe entregou os officios do governo. Mandou o Soares Franco com elle para auxiliarem o desembarque, a corveta *8 de julho* commandante Andrade, e o brigue *Douro*, commandante Lima, recommendado ao sr. Anthero que deixasse aquelles dous barcos nas alturas de Vianna e fosse com o vapor a Vigo, arranjar um pratico e lanchões para o desembarque, o que o sr. conselheiro cumpriu.

«Regressando ás aguas de Vianna com o pratico e dous lanchões, no dia 25 de abril, depois de conferenciar com os commandantes da corveta e do brigue, foi com este dar alguns bordos sobre a terra para reconhecerem as baterias do inimigo, pôrem de intelligencia o castello e marcarem as posições que o brigue e a corveta deveriam tomar no momento do desembarque, resolvendo em seguida tental-o n'essa noite por surpreza e sem darem um tiro, emquanto o inimigo não rompesse o fogo.

«Foi o sr. Anthero para bordo do *Cornwals*; apenas anoiteceu fez passar para os dous lanchões parte dos viveres e navegou no seu bote, com o pratico, para a barra, mas ainda iam longe da terra quando a corveta rompeu o fogo! Principiaram logo a jogar tambem as baterias dos sitiantes, o castello e o brigue, tornando-se o espectaculo imponente e medonho, e o desembarque impossivel, porque as balas crusavam sobre a barra em todas as direcções e a noite estava muito clara. Apenas o barco do pratico pôde largar junto da Roqueta o que levava, e logo se fez ao largo. O outro lanchão, tripulado por gente estranha e mercenaria, fugiu, e o sr. Anthero, em vista de similhante desordem recolheu-se a bordo do *Cornwals*, notando, ao passar pela corveta, que a artilheria d'ella fôra montada na direcção do castello. E não se enganou.

«Effectivamente a corveta, além de romper o fogo quando tudo estava em silencio, jogou sempre contra o castello!!...

«No dia seguinte, 26 d'abril, logo de manhã, fez a corveta signal para conferencia a bordo, e para ella seguiram o sr. Anthero e o commandante do brigue. Principiou este por estranhar ao commandante da corveta

---

[1] É primeiro bibliothecario do Porto, e já foi governador civil d'Aveiro e de Vianna, presidente da camara municipal de Villa Nova de Gaya, administrador do 2.º bairro do Porto, etc.

Reside no seu elegante palacete mourisco em S. Paio, na margem esquerda do Douro.

o haver rompido o fogo contra o estipulado na vespera, e o dirigil-o de fórma que cortou parte do maçame ao brigue. Defendeu-se o sr. Andrade com egual energia e muito *subtis* argumentos. O commandante do brigue vociferava, e o sr. Anthero não sabia como sahir da entalação, quando todos tres resolveram ir expôr o caso ao commandante da esquadra.

«Assim terminou a pendencia, e logo o sr. Anthero se dizpoz a ir para o *Cornwals*, mas oppoz-se o commandante da corveta, convidando-o a almoçar com elle. Bem quiz recusar-se o sr. Anthero, mas as instancias subiram de ponto e tomaram tal caracter que annuiu—*ou fingiu annuir*—e ficou passeando na camara em quanto se apromptava o almoço; vindo, porém, ao tombadilho em um dos seus *descuidados* passeios, desceu rapidamente para o seu bote pelo cabo que o prendia á corveta — mandou remar com força para o vapor — fez-lhe signal para se approximar, e, saltando para elle, deixou a corveta e o brigue, navegou para o sul, e apenas topou a esquadra foi a bordo da fragata do commandante e expoz-lhe tudo.

«D'ahi a pouco approximaram-se o brigue e a corveta; aquelle parou, mas a corveta fez-se no bordo da terra, a panno largo, muito astutamente; entrou a barra do Porto sem que a esquadra tivesse tempo de mover-se, e foi entregar-se á junta!

«Como alguns officiaes d'ella se opposessem, foram detidos na camara, quando almoçavam e se fazia a manobra, e da camara foram levados para as cadeias da Relação!

«Depois de tantos incommodos, tanta despeza, tanto barulho e *tanta miseria*, tudo o que a faminta guarnição do castello recebeu na memoravel noite de 25 de abril, foi o seguinte: 7 quartos de vinho de 4|2 almudes, 1 de azeite, 10 barricas de polvora, e 20 arrobas de bolacha!

«No dia 5 do mesmo mez o cahique de guerra *Mindello*, commandado pelo 2.º tenente da armada, Oliveira, mettêra tambem no castello um caixote com charutos (já então os soldados estavam a tres cigarros por dia) e dois barris com aguardente, trocando correspondencia e praticando o desembarque com toda a galhardia.

«Navegando do norte (Vigo) para o sul, apenas chegou á barra de Vianna, fez o signal de intelligencia, que foi correspondido pelo castello, e logo as baterias do Cabedêlo e Forno da Cal romperam vivo fogo sobre elle; mas sem fazer mais um tiro, nem se importar com o graniso dos projetis dos sitiantes, arreou um escaler, desembarcou junto da Roqueta, deixou os officios que levava, recebeu-os do governador, fez-se ao largo e navegou para o seu destino muito placidamente, como que deleitando-se com o ribombo da artilheria.

—

«Tornando-se cada vez mais critica a posição dos sitiados, cuidou o governador de vêr se podia salvar-se e salval-os em caso extremo, e com esse intuito, tanto instou por intermedio do director do circulo, que conseguiu que um vapor de guerra inglez (o *Jakall*) fosse fundear no Lima; e logo o governador escreveu ao capitão commandante, G. Westers, pouco mais ou menos n'estes termos:

«—Ill.mo sr. Dou-me os parabens pela entrada de v. s.ª n'este porto, e sinto não sei que bem, para a guarnição do meu commando por similhante successo. Se por ventura, apesar dos tractados e outras relações de amisade entre Portugal e a Grã-Bretanha, não fôr possivel a v. s.ª auxiliar-me com alguns recursos para que eu possa conservar-me por mais tempo n'esta posição, continuando a fazer um bom serviço á causa de S. M. a rainha a senhora D. Maria II, permitta-me v. s.ª ao menos que eu peça a sua valiosa protecção para estes valentes e fieis soldados, em caso extremo. Fallo por elles e não por mim, porque em nada tenho a vida em presença da honra e do dever.—

«—Ill.mo sr. (respondeu o commandante) Apesar das instrucções que recebi para conservar-me neutral, vendo a posição em que v. s.ª e os seus officiaes e soldados se acham, estou prompto a receber a bordo do vapor de S. M. britanica, *Jakall*, debaixo do meu commando, a v. s.ª e todos aquelles officiaes

e soldados que quizerem refugiar-se sob a bandeira britannica.—

«Á vista d'esta resposta, e affiançando o director do circulo que o *Jakall* se demoraria, redobraram os esforços do governador sobre a introducção de viveres no castello, mas nada conseguiu, posto que o director do circulo e o agente João da Agonia, cirurgião civil, chegaram a ter mantimentos comprados e tudo dispostó para os mandarem uma noite, rio abaixo, para o castello.

«Participaram esta resolução ao governador, e este, satisfeitissimo, immediatamente respondeu, pedindo, ao mesmo tempo, informações com relação á estrada de Valença, no caso de falhar o embarque, para o que sollicitava tambem os meios indispensaveis, visto que o vapor tinha ancorado na margem sul, e era necessario atravessar o rio; mas, por fatalidade, os sitiantes descobriram o unico meio de communicação que restava, apossaram-se da correspondencia, e a crise subiu de ponto!

«Era realmente facil e curioso aquelle meio de se corresponderem os infelizes sitiados, a despeito de toda a vigilancia dos sitiantes, atravez do cerramento das linhas, em pleno sol e á vista d'elles.

«Parece incrivel, mas é verdade!

«Um 2.º sargento dos veteranos do castello tinha familia na cidade (ainda então villa) e uma cadellinha branca, pequena, felpuda, com algumas manchas pretas. Costumava a cadellinha ir varias vezes ao castello, e quando este se fechou, ficára ella na villa; um dia, porém, já depois que o alferes Andrade havia passado na amassadeira para bordo do *Flora*, e quando no castello era maior a anciedade por noticias, appareceu alli, como por encanto [1], a boa da cadellinha, saltando de contente; dirigindo-se ao amo, este, ao afagal-a, notou que levava no pescoço uma colleira escondida no pello, que era alto, e, apalpando a colleira, encontrou por dentro d'ella um bilhete da sua familia para elle.

«Foi geral e immenso o regosijo no castello, e logo o governador, aproveitando a discrição da cadellinha, prendeu-lhe á colleira, muito subtilmente, um officio, e com varios bilhetes mais, partiu, muito alegre, sahindo pelo mesmo cano por onde entrára. No dia seguinte, eil-a de volta com outros bilhetinhos, muito alegre e satisfeita, como se tivera consciencia dos relevantes serviços que prestava!

«Dias e dias andou em continuo vae-vem.

«Tão bons serviços prestava, que a officialidade da guarnição se cotisou em favor do veterano, dono d'ella, para que a tratasse o melhor possivel.

«Soube-se, porém, no acampamento inimigo, que os sitiados se correspondiam com a villa. Redobraram a vigilancia, mas não lhes era possivel descobrir o meio da communicação; até que por um presentimento fatal resolveram dar caça aos cães que atravessavam a esplanada, prenderam a pobre cadellinha ao regressar do castello, e, encontrando na colleira os bilhetinhos, vieram no conhecimento de tudo, e a mataram!

«E ella parecia adivinhar, porque n'essa fatidica viagem, antes de chegar ás linhas dos sitiantes, muitas vezes, contra o seu costume, parou, olhando para o castello, como despedindo-se d'elle pela ultima vez!...

«Morta a cadellinha mensageira, ficou o castello sem meio algum de communicação com o exterior, e como os soldados já andavam cobertos de bichos, rotos e mal calçados, tendo por unico alimento farellos e hervas, era impossivel sustentarem-se por mais tempo. Com o intuito de salvar-se e salval-os passou o governador um bilhetinho ao commandante do *Jakall*, quando, pela segunda e ultima vez foi ao castello diligenciar a sahida de barcos mercantes inglezes, que se achavam ancorados no Lima. Pedia-lhe o governador que lhe facilitasse o embarque; mas como obter a resposta? Chamou dois soldados que sabiam nadar, e convidou-os para irem a bordo do *Jakall*, ancorado na margem sul do Lima; prometteu-lhes interesses e o posto de 2.º sargento; mandou-

[1] Havia entrado por um cano de esgoto do castello, caminho que ella, provavelmente, já conhecia.

lhes fazer fatos proprios; organisou em duplicado um registo de signaes, de bordo para o castello, e do castello para bordo, e com uma carta para o commandante metteu tudo dentro de dois tubos de folha de Flandres, que entregou aos dois soldados. Pouco depois de escurecer lançaram-se ambos a nado, mas com tão pouca fortuna que, não podendo vencer a corrente, um a custo retrocedeu e ganhou a terra, e o mais animoso foi levado pela barra fóra!

«Mallograda esta tentativa de correspondencia, offereceram-se ao governador para irem a casa do consul inglez, o tenente Valle e o alferes Carmo.

«Na noute do dia 4 de maio, os dois officiaes, descendo da Roqueta, seguiram pela beira do rio, na vasante da maré, por entre os penedos, mettendo-se, por vezes, na agua até ao peito, levando signaes de convenção, para se indicar do rio — 1.º, que estavam salvos — 2.º, que o *Jakall* mudaria o ancoradouro do sul para o norte na vespera da sahida — 3.º, que era realisavel a fuga para Valença.

«No dia seguinte, esperado com a maior anciedade, foi o governador para as muralhas observar os signaes; fez-se o primeiro, mas nenhum dos outros se seguiu, nem os dois officiaes deram mais conta de si!

—

«O estado da guarnição era extremamente angustioso, e foi mister tomar uma resolução.

«Se o *Jakall* mudasse o ancoradouro, como o governador pedira, effectuado o embarque, faria saltar todo o lado norte do castello por meio de fornilhos, que já havia mandado preparar pelo fiel do deposito, assim como já havia dado as ordens convenientes para a inutilisação de todo o material de guerra; mas o *Jakall* não se movia, e por isso no dia 6 de maio o governador convocou a conselho a officialidade, expoz-lhes a critica situação em que se achavam, e a necessidade de adoptar um meio qualquer de sahir d'ella, lembrando-lhes, como mais honroso, tentarem abrir, por alguma fórma, caminho atravez dos sitiantes, e seguirem para a praça de Valença, ainda fiel á rainha.

«Todos os officiaes foram unisonos com o governador, e continuando este com a palavra, disse que não podiam seguir para Valença pelo littoral, porque o inimigo dominava a estrada, e em Caminha se achava uma força de populares que já haviam batido as forças mandadas de Valença [1] em soccorro do castello; que elle não conhecia bem o terreno, e por isso, se algum dos officiaes presentes soubesse de algum caminho pelo interior, quizesse indical-o.

«Os que eram d'aquelles sitios titubiaram, e os que eram estranhos nada disseram. Tomou então a palavra o cirurgião-mór Monteiro, indignado por similhante hesitação, e, em termos energicos, propoz que se tentasse a sahida e a passagem para Valença, qualquer que fosse o caminho e a sorte que os esperasse. No mesmo sentido e com egual energia fallou tambem o tenente Fonseca.

«Todo o conselho os apoiou, e logo o governador dispoz a sahida e a marcha.

«Ás oito horas e meia da noite d'esse mesmo dia formou a guarnição do castello, e, deixando os soldados doentes e os mais abatidos de forças, distribuiu os veteranos pelas muralhas, ordenando-lhes que continuassem, na fórma do costume, a bradar alerta, para illudir o inimigo; formou com o restante da força (approximadamente 200 homens) quatro pelotões, um de artilheria 3, commandado pelo sargento (alferes graduado) Joaquim de Mattos; outro de infanteria 3, commandado pelo tenente Fonseca; outro de infanteria 13, commandado pelo alferes Botelho Pimentel; e outro de infanteria 15, commandado pelo alferes Joaquim Thomaz, collocando na frente os artilheiros, em seguida infanteria 3, depois infanteria 13, e na rectaguarda infanteria 15.

«Ás nove horas e meia da noute começou o governador a fazer sahir a força. Mandou

---

[1] Era esta força commandada pelo major José Ricardo Peixoto, e foi batida por tropas da junta em Lanhelas, junto de Caminha, morrendo na refrega parte dos soldados, e outros afogados no Coura, ficando os restantes prisioneiros.

abrir na porta interior do castello, tapada a pedra e cal, uma fenda e depois o postigo, por onde passaram os soldados um a um, e d'alli, na mesma fórma, por um pranchão que lançaram sobre o fosso [1] para o recinto que fica entre o fosso e a porta principal, que não abriram, por terem os sitiantes em frente d'ella um forte piquete.

«D'aquelle recinto seguiram pela estrada coberta (ou contra-fosso) para o lado norte, e subiram pelo muro para o campo da Senhora da Agonia, onde formaram a nordeste do castello. Quando a força acabou de passar a porta interior do castello, o governador, que alli se postara com os seus dois ajudantes, o alferes Nunes e o tenente Cunha, cerrou a porta, correu o ferrolho, deu volta á chave e lançou-a (ou fez menção de a lançar) ao fosso aquatico, dizendo: — *Vamos lá com Deus!...*

«Isto tudo nos asseveraram testemunhas fidedignas. [2]

«Os quatro pelotões formaram na esplanada, como dissemos, e pararam esperando o governador, mas este não apparecia; pelo que o alferes Mattos, commandante da vanguarda, foi até ao ultimo pelotão perguntando pelo governador, e não o lobrigou nem pôde haver novas d'elle!

Debalde o procuraram tambem os commandantes dos outros pelotões!... Não podendo conservar-se por mais tempo assim parados, em campo aberto e a poucos passos do inimigo, o commandante do 1.º pelotão mandou avançar, e logo todos marcharam na direcção do templo da Senhora da Agonia.

«Apenas se approximaram das linhas, o inimigo deu rebate e concentrou-se sobre aquelle ponto, cruzando-se vivo fogo entre os sitiantes e os fugitivos, que, sem commando, extenuados de forças, e mal podendo atravessar os muros e vallados das linhas, muitos ficaram logo alli prisioneiros, e outros mais corajosos e mais felizes seguiram por onde poderam caminho da praça de Valença, que era o seu objectivo; mas só o tenente Mira com um pequeno grupo (8 a 10) alli chegou. Os restantes, perseguidos sem tregoas pelas tropas do Almargem e pelos populares das aldeias, foram apanhados desde Vianna até Caminha, dispersos pelas estradas, pelos montes e pelos campos, rotos, descalços e prostrados pela fome!

«Assim deram entrada em Vianna approximadamente 184 prisioneiros no dia seguinte; alli se conservaram tres dias e em seguida foram levados para o Porto, sendo mettidos nas cadeias da Relação os officiaes e officiaes inferiores, os artilheiros mandados para a Serra do Pilar, com grilheta, para os trabalhos de fortificação, e as praças de infanteria enfileiradas nos corpos da Junta.

«O governador, que ficara com os seus dois ajudantes encostado aos muros do castello, prevendo o triste desenlace do drama, e receando ser passado pelas armas se cahisse nas mãos do inimigo, apenas na fatal noute do dia 6 viu os seus, engajados em fogo com os sitiantes, estes concentrados nas proximidades do templo da Senhora da Agonia, e o resto das linhas abandonado, envolto nas trevas da noute, tratou de salvar-se caminhando pela rua do Loureiro, em frente do castello, para a casa do consul inglez *n'essa mesma noute*, e na do dia 8 passou d'alli para bordo do *Jakall*, que no dia 11 deixou as aguas do Lima e navegou para o Porto. No dia 14 passou para o navio de guerra inglez *Poliphemus*, e n'elle seguiu viagem para Lisboa.

«No dia 19, o ex-governador, com os officiaes que o acompanharam, e o alferes Andrade, ao tempo, como dissemos, ajudante do governador do Castello de S. Jorge, foram apresentar-se a S. M. a rainha e ao sr. D. Fernando, commandante em chefe do exercito, que os receberam com muito agra-

---

[1] A ponte levadiça estava sem corretans e foi levada para o interior do castello no principio do cerco.

[2] Dois officiaes que fizeram parte das forças sitiadas, José Domingues d'Andrade e Joaquim Thomaz, ambos majores reformados quando eu escrevia estas linhas (março de 1877) e hoje (1884) ambos já fallecidos.

Pedro A. Ferreira.

do; e o ex-governador dirigiu a el-rei uma breve allocução n'estes termos:

«Perdoe V. M. o não apresentar n'este momento a V. M. como commandante em chefe do exercito, o relatorio da defeza do castello que me foi confiado, e que infelizmente apesar de todos os meus esforços e valor da guarnição, tive de abandonar na noute fatal de 6 do corrente, pois que, julgando ser a ultima da minha vida (!...) mandei inutilisar todos os esclarecimentos. Honro-me, porém, de depositar nas mãos de V. M. a bandeira e a chave da porta exterior do castello, como prova da minha fidelidade.»

«E logo entregou a S. M. uma chave e uma bandeira.

«O facto fez sensação; o ex-governador foi appellidado — 2.º Martim de Freitas — pela similhança do caso com o heroico procedimento do lendario governador do castello de Coimbra, e S. M. o agraciou com um posto de distincção e a commenda da ordem da Torre e Espada.

«No momento, a coisa passou; mas, com o tempo, fez-se a luz, e o quadro mudou muito.

«O desenlace foi triste, podendo e devendo ser outro.

—

«Fiquemos por aqui.

«A historia apreciará o facto convenientemente um dia.

«Em todo o caso a defeza do castello de Vianna em 1847 constitue uma das paginas mais importantes dos nossos fastos guerreiros contemporaneos.

«O ex-governador recebeu, como dissemos, um posto por distincção, e a commenda da ordem da Torre e Espada; toda a guarnição foi condecorada com a mesma ordem, e, para memoria d'aquelle feito de armas, S. M. a senhora D. Maria II elevou a villa á cathegoria de cidade, dando-lhe o nome de Vianna do Castello.

«Ao valente e temerario alferes Andrade, que tanto se distinguiu durante o assedio, e que tão relevantes serviços prestou, sempre com pasmosa felicidade e risco imminente de vida, nas mais apuradas circumstancias, apenas deram a condecoração commum a toda a guarnição (foi nomeado official porque já tinha o habito da ordem) — e nem sequer um posto d'accesso, melhoria de reforma ou uma pensão qualquer.

«Sendo tenente, requereu ao visconde de Fonte Nova, commandante da 1.ª divisão militar, um attestado dos serviços que prestou durante o cerco do castello de Vianna, passado pelo ex-governador, então major de Estado Maior d'artilheria.

«Vamos transcrever esse documento porque prova o que levamos dito.

«Resa assim: [1]

«Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, major de Estado Maior por S. M. a Rainha, etc., etc.

«Em virtude do despacho retró, attesto que o sr. José Domingues de Andrade, tenente de infanteria n.º 6, sahiu do castello da barra de Vianna por tres vezes, a fim de ir buscar a correspondencia que me era dirigida, na qualidade de governador da fortaleza; sendo a ultima na noute do dia 14 de abril, em que lhe incumbi a importante missão de ir a Vigo, Valença, e ao quartel general de s. ex.ª o sr. duque de Saldanha, com officios sobre a urgentissima necessidade de viveres que havia. Apesar da opportunidade da maré para empregar os botes que se usam no rio, este official, pela falta de semelhante meio, teve o arrojo de passar o rio na noute do dia 14 referido, dentro de uma amassadeira, [2] com imminente risco de vida. Os seus serviços durante o tempo que esteve no castello o tornam credor de subida estima, e mesmo não ha expressões com que se encareçam. — Activo, corajoso e com a melhor vontade, mostrou sempre um zelo inexplicavel, e a

---

[1] Copiamos fielmente o original, reconhecido por um tabellião.

[2] Isto mesmo nos foi asseverado por outros officiaes da guarnição, mas, repetimos, custa a crêr que um homem, sem saber nadar, atravessasse em uma amassadeira o Lima, mesmo na pendente da barra, em noite escura, com mar picado por chuva e vento!...

mais decidida adhesão a S. M. a Rainha e á Carta Constitucional da Monarchia.

«Lisboa, 28 de maio de 1847.

«F. M. M. da Cruz Sobral, major de Estado Maior d'artilheria.»

«E a ordem do exercito que o nomeou official da Torre e Espada é do theor seguinte:

«N.º 55. Quartel General do Paço das Necessidades, em o 1.º de agosto de 1847.

«Ordem do exercito.

«Sua Magestade El-rei, como Commandante em chefe do exercito, manda publicar o seguinte:

«Por decreto de 18 de julho ultimo, foi o tenente do regimento de infanteria n.º 6, José Domingues de Andrade, nomeado official da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito, porque além da parte distincta que tomou na gloriosa defeza do castello de Vianna do Minho, desempenhou cabalmente arriscadas commissões fóra da fortaleza, dando novos testemunhos de intrepidez e energia.»

«A isto se reduz o que podemos apurar com relação ao cerco do castello de Vianna em 1847, e muito espontaneamente retiramos qualquer palavra que possa melindrar alguem.

P. A. Ferreira.»

—

1848 — 20 de janeiro — Por decreto d'esta data houve por bem S. M. a Rainha, a sr.ª D. Maria II, elevar á cathegoria de cidade a villa de Vianna da Foz do Lima, dando-lhe ao mesmo tempo o nome de *Vianna do Castello*, em attenção á heroicidade com que o seu castello defendera a causa da mesma soberana.

—

1848 — 28 de janeiro — Por decreto d'esta data foram agraciados com o habito da ordem de Christo os ecclesiasticos que no dia 23 de outubro de 1846, foram, com a cruz alçada, da egreja Matriz ao Castello, implorar da plebe enfurecida e sangui-sedenta, misericordia em favor de alguns empregados publicos que se tinham refugiado na Roqueta, salvando os ditos ecclesiasticos, por meio d'este acto de heroicidade christã, e com imminente risco da propria vida, muitas vidas.

A maior parte dos agraciados não acceitou a distincção, uns por modestia, outros para não pagarem os direitos de mercê.

—

1853 — 1.º de março — Nasce em Vianna o sr. Doutor Luiz de Figueiredo da Guerra. Formou-se em direito, na Universidade de Coimbra, em 12 de julho de 1879. Casou tambem em Coimbra, a 26 de agosto do mesmo anno de 1879, com a sr.ª D. Emilia Rosa Cerveira de Figueiredo, nascida a 22 de agosto de 1858, e ha d'este matrimonio ainda apenas uma filha, de nome Maria Engracia, nascida em Vianna a 6 de junho de 1880.

O sr. Doutor Figueiredo da Guerra exerce com muita distincção a advocacia em Vianna, e é tambem um escriptor publico illustradissimo, tendo até hoje dado á estampa os seguintes livros:

Apontamentos de geographia, em 1876.

Notas á Viagem á Terra Santa, do commendador de Malta, Taveira, em 1877.

Syllabario hebraico, em 1876.

Celtiberos, em 1877.

Esboço historico de Vianna, 1878.

Guia do caminho de ferro do Minho, em 1879.

Além d'estas obras, todas de muito merecimento, está escrevendo a segunda edição da sua *Historia de Vianna* e *Elementos de Heraldica*.

Tem publicado tambem varios artigos sobre historia, geographia e archeologia, em differentes semanarios de litteratura, pelo que foi nomeado socio correspondente da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*: é tambem associado do *Instituto de Coimbra*, na secção de Archeologia, e socio ordinario da *Sociedade de Geographia de Lisboa*.

Sobre as publicações do sr. Doutor Figueiredo da Guerra falla exhuberantemente o sr. Seabra d'Albuquerquo na sua curiosa *Bibliographia da Imprensa da Universidade*, nos volumes dos annos de 1876 e 1877.

E não é só um escriptor primoroso e infatigavel, é tambem um caracter nobilissimo.

A este prestante cavalheiro devo não só

grande parte das noticias de Vianna, como preciosos apontamentos para outras terras do Minho.

É filho do Doutor em Canones, Joaquim José da Conceição de Figueiredo da Guerra, e da sr.ª D. Marianna Benedicta de Barros Lima e Azevedo, ambos já fallecidos.

Foi este cavalheiro juiz de fóra da Barca, nomeado em 1828, e depois (1830) de Vianna. Pelos seus relevantes serviços foi commendador das Ordens de Christo e Conceição (quando as commendas se não davam senão a quem as merecia) e condecorado com a medalha de ouro da *Real Effigie*, pelo sr. Dom Miguel I. Era filho do penultimo capitão-mór de Coimbra e irmão do ultimo, João Pedro de Figueiredo da Guerra Carneiro e Mello.

A familia do sr. Doutor Figueiredo da Guerra soffreu muito em 1834. Seu pae teve de fugir, em março d'esse anno; viveu homisiado algum tempo, e, além de perder o seu logar na magistratura, perdeu os seus bens paternos a titulo de *indemnisações*, em virtude da *carta de lei*, publicada em 7 de agosto de 1835, datada do palacio do Ramalhão, sanccionada pela sr.ª D. Maria II e referendada pelo ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Que coincidencia! Rodrigo da Fonseca Magalhães, o auctor d'aquella lei execranda, era tio do sr. Doutor Figueiredo da Guerra!

—

1853 — 27 de junho — Nasce em Vianna o sr. Doutor José Pereira Cyrne de Castro da Silva Bezerra Fagundes. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra a 22 de junho de 1877. Não exerce, porém, a advocacia, já porque, sob a direcção de seu pae, administra a sua opulenta casa e grande fortuna, já porque não quer acceitar nem exercer emprego algum.

É filho do venerando ancião, o sr. Antonio Pereira Cyrne da Silva Bezerra Fagundes, chefe do partido legitimista na provincia do Minho, senhor dos morgados da Bandeira e São Roque, e um dos mais respeitados e respeitaveis fidalgos d'esta provincia.

O sr. Doutor José Pereira, filho d'este cavalheiro e primeiro nomeado n'este paragrapho, tem ajudado muito o sr. Doutor Figueiredo da Guerra (segundo este mesmo senhor me informou) nas investigações genealogicas, com os seus vastos conhecimentos na materia, pois é geralmente conhecido como um dos primeiros genealogistas de Portugal, na actualidade; mas a sua modestia excede ainda os seus raros conhecimentos. A noticia com respeito ás *Familias nobres de Vianna, em 1883*, que se leu n'este artigo, e que eu disse dever ao sr. dr. F. da Guerra (porque a recebi escripta pela sua letra) pertence ao sr. Doutor Bezerra Fagundes, o que declaro por ordem do sr. Doutor Guerra, que, apenas leu o paragrapho, exigiu logo que eu fizesse esta rectificação, pois, como um verdadeiro sabio que é, não quer nem precisa aproveitar-se das locubrações alheias.

Honra pois ao sr. Doutor F. da Guerra; e ao sr. Doutor Bezerra Fagundes os meus cordiaes agradecimentos e o protesto da mais sincera amisade.

—

1863 — 6 de janeiro — Nasce em Vianna, na casa de seus paes, no Campo de Santo Antonio, o sr. Alberto Feio da Rocha Páris, esclarecido mancebo, que, ao sahir da adolescencia, em vez de se entregar aos prazeres proprios da sua curta idade, emprega as horas de ocio em instruir-se e instruir os outros com as suas valiosissimas publicações. Aos 18 annos de edade tomou a direcção litteraria, e foi o fundador e principal redactor do excellente semanario de litteratura *O Pêro Gallego*, publicação que n'outro reino faria a fortuna do seu edictor, e que em Portugal — n'esta terra adversa aos que estudam e desejam a propagação das boas doutrinas — apenas pôde durar 36 semanas. Mas, se os illustrados mancebos que tentaram e levaram ao cabo este bello emprehendimento, não poderam achar a devida protecção no publico, podem pelo menos dizer, como disse o nosso Camões:

..... amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

Ou:

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha patria amei e a minha gente.

Hoje em dia (valha a verdade) nem sempre se dão titulos a nullidades, ou para *mascarar* nomes de triste recordação; ainda algumas vezes se conferem ao merecimento.

Por decreto de 14 de junho de 1883 foi dado o titulo de visconde da Torre (de Soutêllo) ao referido sr. Alberto Feio da Rocha Páris, em verificação de mais uma vida, concedida n'este titulo a seu bis-tio materno, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho (vide 9.º vol., pag. 441, col. 2.ª, o ultimo *Soutêllo* d'esta pagina).

O sr. visconde da Torre, Alberto, é filho do sr. conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, commendador da Ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, deputado da nação em varias legislaturas pelos circulos de Melgaço, Monsão e Vianna, governador civil d'este districto desde junho de 1879 até março de 1881, cavalheiro distincto entre os mais respeitaveis d'esta provincia; — e de sua esposa, a sr.ª D. Maria José d'Araujo Azevedo Vasconcellos Feio, senhora da quinta de Santa Cruz, no concelho da Ponte do Lima, filha de José d'Araujo Azevedo Mello e Vasconcellos, capitão môr de Villa-Chan e Larim, senhor do morgado do Fundão, na Loureira, e de sua mulher D. Maria Guilhermina de Magalhães Sá Coutinho, irmã do dito 1.º barão e 1.º visconde da Torre, o sr. João Feio de Magalhães Coutinho, senhor do morgado de Santo Antonio, da Torre de Soutêllo, que está viuvo da sr.ª D. Marqueza d'Azevedo de Sá Coutinho, da illustre e antiquissima *Casa da Tapada*. (9.º vol, pag. 489, col 2.ª)

—

1866 — Terminam as obras do formoso caes de Vianna, no largo do Pombal, um dos seus melhores passeios sobre a margem direita do Lima.

—

1871 — 27 de março — Principiaram os trabalhos de esgoto da doka, que anda em construcção no porto d'esta cidade para abrigo dos navios que o frequentam.

O esgoto é feito por duas bombas a vapor, que extrahem 234:000 litros de agua por hora. É um grande melhoramento para o commercio de Vianna, se fôr executado segundo os preceitos da arte.

—

1872 — Tendo sido abandonada, pelo seu mau estado, a velha egreja matriz de Nossa Senhora de Monserrate — querendo até alguns individuos que ella fosse demolida — se transferiu a parochia para a egreja do mosteiro de S. Domingos.

Frei Alexandre da Expectação, porém, varão de muita virtude e geralmente estimado, pediu esmolas aos seus amigos, e com ellas, e com as de muitas outras pessoas que espontaneamente concorreram para este fim, se conseguiu restaurar a egreja. Em dezembro d'aquelle anno de 1872 já estavam as obras terminadas e a egreja aberta ao culto divino, mas a matriz continuou a ser a egreja de S. Domingos.

—

1876 — 7 de agosto — Principia a ser demolida para de novo ser levantada a fachada da egreja do mosteiro do Santo Antonio dos Capuchos, que ameaçava ruina.

—

1876 — 30 de novembro — Um horrivel temporal, que fustigou todo o reino, cahiu tambem n'este dia sobre Vianna e seus arredores, que assolou por espaço de cinco dias, causando incalculaveis prejuizos.

Desde as 2 até ás 6 horas da manhã do dia 1.º de dezembro, uma terrivel trovoada, acompanhada de vento furioso, atterrou toda a gente d'estes sitios.

A povoação de Darque, em frente da cidade, foi a que mais soffreu. Pelas 3 horas da madrugada d'este ultimo dia, um medonho furacão arrancou e quebrou um grande numero de pinheiros, arvores de fructo, vinhedos, telhados, etc. Na casa do sr. Carteado não só lhe levou os telhados, mas até o madeiramento. Cahiu uma faisca electrica na torre da egreja matriz, e todas as casas soffreram mais ou menos, inundadas por chuva verdadeiramente torrencial. Os seus habi-

tantes atterrados fugiram implorando a misericordia Divina. As estradas transformaram se em rios caudalosos, tornando se intransitaveis.

Por esta occasião abateu em tres partes a ponte de Caminha. A estrada de Vianna para Nine (hoje estação do caminho de ferro do Minho) ficou muito deteriorada. Parte do atterro que se andava construindo para dar accesso á ponte viaducto do caminho de ferro, na margem direita do Lima, submergiu-se com o impulso da furiosa corrente do rio. A ponte da Ariosa, pertencente ao mesmo caminho de ferro, e a ponte provisoria sobre o rio Cavado, tudo foi levado pela corrente. Só o prejuizo (para o empreiteiro) causado n'esta ponte, foi avaliado em perto de oito contos de réis! Finalmente grandes foram os prejuizos em muitas outras partes d'estas redondezas, e se calcularam em muitas dezenas de contos de réis.

—

1877 — abril — Lê-se no *Commercio Portuguez*, de 29 de abril d'este anno:

«N'esta data trabalha-se activamente na demolição das ruinas do hospicio de S. Theotonio (Cruzios). Nota-se que a egreja, o corpo central e frontão foram construidos com mais esmero e argamaça superior, emquanto que o restante do convento do lado occidental, isto é, a zona em que haviam de erguer-se os claustros, capellas particulares e outras officinas, é tudo menos solido.

«A causa d'esta differença foi talvez a grande interrupção de perto de cem annos que se deu na construcção d'aquellas obras, pois havendo principiado quando agonisava a negra occupação philippina (1630–1632) foram suspensas durante a guerra da independencia.

«Proseguiram depois no reinado de D. João V, mas não chegaram a concluir-se; comtudo alli celebraram os cruzios festas pomposas, e d'alli sahiu a primeira *procissão dos nús* que se fez em Vianna, á similhança da que fôra celebrada em Coimbra no meiado do seculo XV, e d'outras, muito anteriormente, na Lombardia.

«Estimaremos que na demolição se encontre e ponha a bom recato a lapide commemorativa da fundação, que, segundo dizem os chronistas, deve estar em um dos cunhaes da egreja com a inscripção seguinte:

SUB URBANO VIII
ET REGE NOSTRO PHILIPPO III

DONNUS RODRICUS A CUNHA HISPANIARUM
PRIMAS, ET DONNUS HIERONIMUS A CRUCE GENERALIS
CONGREGATIONIS SANCTAE CRUCIS, UNAM LAPIDEM

POSUIT.
A. D. 1630, 8, AUGUST:

P. A. Ferreira.»

—

1878 — 6 de dezembro — Na praia do *Castello de Neiva*, 6 kilometros ao sul de Vianna, appareceu morta uma enorme baleia. Os individuos que estavam na praia, vendo ao longe fluctuar nas ondas aquelle grande vulto, suppozeram ser o casco de algum navio que naufragasse em consequencia dos temporaes que houve n'essa época.

—

1879 — janeiro — Fallece em Vianna Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos, varão respeitavel e respeitado por quantos o conheciam.

Entre outros legados deixou á Misericordia d'esta cidade 1:000$000 réis para fundo da creação e sustentação de um albergue, no qual haja sempre seis camas para recolher até seis peregrinos ou viajantes pobres; 2:500$000 réis ao Asylo das orphãs desamparadas, e 800$000 réis á Ordem Terceira do Carmo.

No ceu terá recebido o premio de tanta caridade.

1879 — 27 de fevereiro. — Aqui falleceu Sebastião da Silva Neves, um dos mais activos e intelligentes industriaes do Minho. Principiou pobre e chegou a ter por sua conta, um dos mais importantes estabelecimentos de *diligencias* de Portugal, pois contava mais de 400 optimos cavallos, grande numero de empregados, e muitas dezenas de carruagens, de varias denominações, e carros de recovagem. Os seus carros, não só cruzavam por todo o Minho e até á cidade do Porto, onde tinha uma sucursal, mas por toda a provincia de Traz os Montes, e pela Galliza, até ao Ferrol e Corunha.

Chegou a ser um grande capitalista e rico proprietario, legando uma fortuna superior a 200 contos de réis.

Era de estatura agigantada e robustissimo: pela bôa administração em que trazia os seus negocios, e pela sua energia e actividade, chegaria em breve a ser millionario, se a morte o não arrebatasse aos 55 annos de edade, pois tinha nascido em 1820.

Em todos os seus negocios, portava-se sempre como um perfeito cavalheiro, pelo que era geralmente estimado e respeitado.

Uma das suas sympathicas filhas, é esposa do meu estimavel e illustradissimo amigo, o sr. Doutor Abilio Guerra Junqueiro, primoroso poeta e elegantissimo escriptôr publico bem conhecido. Casou quando foi secretario geral do governo civil de Vianna, logar que abandonou quando foi eleito deputado para a actual legislatura (1883).

—

1880 — 16 de fevereiro. — Uma cheia do rio Lima arrebata a ponte de madeira, feita em 1819.

1881. — Reedifica-se a antiquissima capella de S. Vicente no fim da rua da Bandeira, no limite da cidade.

1881. — 26 de dezembro.—A Camara Municipal, porque pretende ajardinar a Praça do Pombal, transfere d'alli o mercado quotidiano, para o proximo largo do Principe, junto ao convento de S. Bento.

Procede-se ao alargamento da rua da Carreira, defronte da estação do caminho de ferro.

1882 — janeiro. — Principia a demolição do ultimo arco da porta da antiga muralha que fechava a villa. Denominava-se de S. Filippe e ultimamente de S. Chrispim, por cauza do nicho d'este santo que sobrepujava a dita porta, que dava sobre o rio, e onde havia um postigo.

27 de janeiro.—Morre o prestimoso cidadão Matheus Barbosa e Silva.

3 de março. — Fallece na avançada edade de 84 annos Pedro Lopes de Calheiros e Menezes, que em outubro de 1824 foi despachado Juiz de Fóra da Villa da Praia. Exerceu por muitos annos o cargo de Auditor do Exercito, reformando-se com honras de Juiz da Relação. Era um espirito culto e de uma rectidão pouco vulgar.

25 de março.—Franqueia-se ao publico o novo edificio da estação do caminho de ferro, que desde 1879 andava em construcção.

Abril.—Com o gradeamento fica concluido o novo passeio no largo do Pombal; n'esta mesma occasião prolonga-se a estrada para o Carmo em volta de S. Bento, e sob a ponte metalica. Este melhoramento facilitou o transito, independente das passagens de nivel da linha ferrea, que era perciso attravessar para sahir da cidade para as freguezias da parte oriental.

Poucos mezes depois a rua da Amargura e o seu prolongamento até ao cemiterio são alargadas, para communicarem, em estrada de circumvalação provisoria, com a projectada rua, do cemiterio ao Carmo.

1883 — março. — Abre-se a nova rua do Carmo.

19 d'abril.— É nomeado visconde da Carreira Bento Malheiro Pereira Pitta de Vasconcellos, governador civil substituto.

23 d'abril. — Morre D. Clara Carolina Malheiro Lobato Telles de Menezes, senhora cujas virtudes realçavam sobre o seu illustre nascimento.

Administrava a melhor caza, em bens, de todo o concelho de Vianna.—É de notar que n'este anno de 1883 falleceram tres grandes proprietarios do nosso concelho. Assim a

7 de maio — acaba seus dias o dr. João Coelho de Castro de Villas Boas e Sá, senhor de varios morgados e chefe de uma numerosa familia, que está espalhada por todo o reino.

Seu genio caritativo tornou a sua falta muito sensivel á pobreza d'estes sitios.

29 de maio.—Morre no vigor da edade, na sua quinta de Santa Maria de Geraz, Francisco Xavier de Calheiros e Noronha, possuidor de grossas rendas.

14 de junho. — Decreto concedendo mais uma vida no titulo de visconde da Torre ao sr. Alberto Feio da Rocha Paris.

30 d'agosto. —Victima de uma lesão cardiaca fallece na edade de 50 annos o visconde da Torre das Donas, e não seu 3.º avô,

como se diz em nota a pag. 343 d'este volume.

14 de setembro.—Fallece n'esta cidade o grande jurisconsulto dr. Sebastião Luiz da Silva Faria, residente em Caminha.

1884—3 de fevereiro.—Inaugura-se o novo theatro.

Dizem os intendedores que é um dos melhores da provincia e rivalisa com os das principaes cidades do reino. Tem 20 frizas, 21 camarotes na primeira ordem, 16 na segunda, e uma galeria que accommodará 260 espectadores, além d'uma espaçosa plateia.

Viannenses illustres

PRELADOS E DIGNIDADES ECCLESIASTICAS

D. Gil de Vianna, bispo da Guarda, confirmado pelo Papa Gregorio IX.

D. Gil de Vianna, sobrinho do antecedente e tambem bispo da mesma diocese, confirmado pelo Papa Pio II,

D. Lourenço Rodrigues, arcebispo de Lisboa.

D. Fr. Manuel de Jesus Maria, primeiro bispo de Nankin, na China.

D. Fr. Antonio do Desterro, da nobre familia Malheiros Reimões, de que se tracta n'este volume, a pag. 351.

Foi bispo d'Angola e do Rio de Janeiro.

D. Antonio Caetano Maciel Calheiros, arcebispo de Lacedemonia, do qual se fallou a pag. 347.

Rejeitaram a cadeira episcopal os seguintes:

Dr. Domingos Ribeiro Cyrne, eleito arcebispo de Goa. Posteriormente acceitou a mitra d'Elvas, mas falleceu antes de tomar posse.

Fr. Ambrosio de Santo Agostinho, bispo eleito de S. Thomé. Falleceu em 1717 no convento de Santo Antonio.

Dr. Marçal Quesado Jacome, o grande jurisconsulto que, depois de viuvo, foi bispo eleito de Portalegre. D'elle se falla a pag. 356 d'este volume.

—

O Dr. Fr. Antonio de Barros, nomeado inquizidor de Gôa, tomou posse a 5 d'outubro de 1593; exerceu aquelle logar durante 12 annos, e naufragando na sua vinda para o reino, tornou a Gôa, onde recebeu o habito de S. Francisco.

D. Francisco de Sousa foi, por mercê de D. João V, nomeado commissario geral da bulla n'este reino e seus dominios.

Fr. Antonio de S. Bento, filho de Gaspar Caminha Rego, o maior commerciante viannense do seculo XVII, foi geral da ordem de S. Bento.

Fr. Manoel de S. Bernardino foi provincial de Santo Antonio.

D. João da Assumpção, da familia dos Pittas Ortigueiras, foi geral dos Conegos de Santo Agostinho.

Fr. Ambrozio de Jesus foi provincial da Observancia de S. Francisco.

Fr. Manoel Lobato foi provincial da ordem do Carmo, no Brazil.

Fr. Manoel das Chagas foi eleito pelo Papa Clemente XI provincial da Conceição, e está sepultado no convento de Santo Antonio, d'esta cidade de Vianna.

Padre Manoel Barbosa, da familia Freitas, de Vianna, passou á India, onde foi provincial da Companhia de Jesus.

O *Padre Luiz da Grã* foi o primeiro noviço que em Portugal entrou na Companhia de Jesus, vivendo ainda Santo Ignacio de Loyola, e pelo seu talento o nomearam provincial para o Brazil.

Balthazar Vaz Fagundes, cuja virtude e caridade menciona D. Rodrigo da Cunha, foi deão de Braga, dignidade que renunciou em seu sobrinho —

Balthazar Fagundes.

O *Dr. Gaspar da Rocha Paes*, cuja familia se menciona a pag. 356 d'este volume, Vigario Geral do arcebispado de Braga. Foi sepultado sob as escadas do coro da igreja matriz de Vianna.

—

D'entre os antigos commendatarios do concelho de Vianna apontaremos os seguintes:

D. Affonso da Rocha, commendatario de S. Salvador da Torre.

D. Gomes Velho, do mosteiro de S. Claudio.

Vasco Velho Barreto, tambem do mesmo convento.

Fernão Velho Barreto, idem.

Fernão Brandão, commendatario de S. João de Cabanas.

Braz Brandão, idem. Era filho do antecedente e falleceu em 1590. A elle se faz referencia a pag. 344 d'este volume e adeante no topico dos *viannenses illustres nas armas*.

Jacome Rodrigues de Luna, commendador de S. João de Brito — foi o terceiro avô de Miguel de Vasconcellos, secretario d'Estado de Philippe III.

Pedro Gomes Pereira do Lago foi juiz da alfandega de Vianna no reinado de D. Manoel e commendatario de S. Salvador da Torre, como se disse a pag. 353.

Bento do Rego Barros foi commendador de Villa Franca.

D. Gomes Madriz foi commendatario do mosteiro de S. Romão de Neiva.

Não devemos omittir *Isabel de S. Francisco*, tão celebrada na Chronica da Conceição. Por iniciativa sua se fundou o Recolhimento dos Santos Martyres Viannenses, que depois se erigiu em *Convento de Ursullinas*.

Falleceu a 11 de maio de 1745.

Viannenses illustres nas lettras

Sobresahiu entre todos o grande jurisconsulto dr. Pedro Barbosa, filho de Ruy Vaz Aranha e Gracia da Rocha, moradores no Campo do Forno, hoje Praça da Rainha. [1]

Não alcançamos o anno do seu nascimento, mas sabemos que foi collegial de S. Paulo, donde passou a reger uma cadeira na Universidade e depois ao Desembargo do Paço, onde incitou os seus collegas a acclamarem o Cardeal D. Henrique, posto que o seu estado ecclesiastico não promettia successão á corôa.

Sujeito o nosso reino a Castella e vindo D. Philippe I a Portugal, em tão alto conceito teve o douto viannense que o levou para a côrte de Madrid, onde foi tido como primeiro legista de toda a Hespanha, e o nomeou deputado do conselho d'estado de Portugal e em seguida Chanceller-mór d'este reino.

Pedro Barbosa reformou e accrescentou as nossas *Ordenações*, recopilando as leis dispersas que então vigoravam.

Entre varias allegações compoz 4 volumes sobre materia juridica e foram tão estimados que tiveram successivas edições, mas as suas obras completas só fôram publicadas no anno de 1737, em Colonia da Allemanha.

Em satisfação dos seus relevantes serviços fôram-lhe concedidas muitas mercês que, por não deixar successão, reverteram em favor de seu sobrinho o dr. Pedro Barbosa de Luna, Dezembargador dos Aggravos na casa da Supplicação e Corregedor do crime na côrte.

Falleceu Pedro Barbosa em Lisboa, a 15 de julho de 1606, e não em 1615, como refere o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*, volume 7.º pag. 209.

—

Em não menor conta foi tido o dr. *Marçal*, cognominado o *grande orador*.

Colleccionou as *Donationibus Regiis*, publicadas posteriormente por Manoel Antunes de Portugal, a quem emprestára o seu trabalho em manuscripto.

Marçal Quesado Jacome passou da Universidade ao Dezembargo do Paço. Perdendo a mulher e os seus 4 filhos, ordenou-se; exerceu varios logares e por ultimo foi reitor do Collegio de S. Pedro. Recusou uma mitra e falleceu a 15 de maio de 1656.

Sabia de memoria todo o direito do seu tempo. D'elle se fez já menção a pag. 356 d'este volume.

—

O *Padre Antonio Fagundes Jacome*, natural de Vianna do Minho, presbytero secular, escreveu o *Ramalhete de Myrra e memorial da paixão de Christo nosso Redemptor. Primeira parte*. Lisboa, por Antonio Alvares, 1630, 8.º.

Este livrinho em dialogo é raro e estima-

---

[1] Aproveitamos o ensejo para declarar que este insigne jurisconsulto Pedro Barbosa, nasceu effectivamente em Vianna e não em Caminha, como dizem alguns auctores, e nós, guiados por elles, dissemos tambem algures.

do pela pureza e elegancia da sua lingoagem.

Fr. Pedro de Jesus Maria José, nasceu em Vianna do Minho no anno de 1705; foi franciscano da provincia da Conceição e seu chronista. (Vide pag. 358 d'este volume, titulo *Sousa Menezes*).

Escreveu a *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal...—a Mystica Cidade de Deos...—e a Corôa Sorafica meditada*,—3 obras ainda hoje muito estimadas.

Antonio Moniz de Carvalho, natural de Vianna do Minho, fidalgo da Casa Real, formado em direito, commendador da Ordem de Christo, etc.

Falleceu em Lisboa no anno de 1654 e escreveu as obras seguintes:

Memoria da jornada e successos que houve nas duas embaixadas que sua Magestade mandou aos reinos da Suecia e Dinamarca. Lisboa, por Domingos Lopes Rosa. 1642, 4.º de 24 pag.

Traducção de uma breve conclusão e apologia da justiça d'El-Rei Nosso Senhor e dos motivos da sua feliz acclamação. Lisboa, 1641, 4.º de 12 folhas.

Sentimento da fé publica quebrantada em Allemanha por industria de Castella, na restauração da pessoa do Serenissimo Senhor Infante D. Duarte. Lisboa, 1641. 4.º de 8 pag.

Em castelhano escreveu:

Francia interesada con Portugal en la separacion de Castella... Paris, 1644, 4.º—Reimpressa em Barcellona no mesmo anno.

Esfuerzos de la razon para ser Portugal incluido en la paz general de la Christandade... Paris, 1647.

NA MAGISTRATURA

Dr. João Velho Barreto.

Dr. Rui Machado de Gouveia.

Dr. Rui Botto.

Dr. Pedro Barbosa de Luna, já referido.

Dr. Antonio Sanches Brandão, da familia *Brandões.*

Dr. Gaspar Barbosa.

Dr. Jacomo Quesado Villas Boas, irmão de *Marçal Quesado Jacome*, já referido.

Dr. Francisco Quesado de Carvalho e muitos outros que seria fastidioso enumerar, não esquecendo o

Dr. Sebastião Pereira de Castro e seu sobrinho.

Dr. José Ricalde Pereira de Castro, já referidos a pag. 339 d'este volume.

O *Dr. Gonçalo de Barros Lima* (vide pag. 344) nasceu a 12 de julho de 1708; tomou o grau de doutor em Leis no dia 30 de julho de 1732, passando logo em seguida a ler em varias cadeiras; na de Direito Romano esteve desde 1742 até 1753. Em 1750 teve as honras de Dezembargador da relação do Porto e posteriormente as da Casa da Supplicação. Em 1760 foi nomeado conservador da Junta do Commercio e, por ultimo, dezembargador da fazenda, sendo-lhe dado o titulo de conselheiro por alvará de 27 d'outubro de 1778. Teve tambem o fôro de fidalgo da Casa Real por alvará de 20 de novembro de 1758 e foi cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Como galardão do seu talento e dos seus serviços foi-lhe dada a alcaidaria-mór de Villa do Conde, em 22 de setembro de 1778.

Aposentado em 1772, retirou-se á sua casa de Vianna, onde falleceu no dia 31 de maio de 1780.

—

Na Universidade occuparam logares distinctos os viannenses seguintes:

Dr. Fr. Antonio de S. Bento, Reitor em 1644.

Dr. Raphael Burgueira.

Dr. Francisco Pereira do Rego.

Dr. Hiacinto Rebello.

Dr. Miguel Fernandes d'Andrade e o

Dr. Caetano Correia de Seixas, fundador do convento do Desterro de Jesus Maria José (Carmelitas) de Vianna, em 1780, fallecendo 6 annos depois.

Escriptores

Além dos já mencionados, occorrem-nos ainda os seguintes:

EM MATERIAS RELIGIOSAS

Fr. Estevão Fagundes.
Fr. Gregorio de Figueirôa.
Padre Xavier de Mattos, jesuita e
Fr. Jeronymo de Jesus.

NA CIRURGIA

Ignacio Vaz Dantas.

NA MATHEMATICA

Manoel Pinto Villaslobos, coronel d'artilheria, engenheiro da provincia do Minho e mestre da aula de fortificação que D. Pedro II mandou abrir em Vianna.

EM ASSUMPTOS VARIOS

Fr. Manoel de Lima, auctor do *Agiologio Dominicano.*

O licenciado *Pedro Sanches Vianna.*

Fr. Manoel Homem.

João Gonçalves Ligaria, auctôr comico, e *João Barbosa e Silva*, deputado por Vianna, fallecido a 16 de setembro de 1865.

NA HISTORIA

O *Padre João Castellão Pereira.* Foi o primeiro que escreveu em volume a historia da sua patria, intitulando-a *Epilogo de Noticias sobre Vianna e sua fundação.*

Falleceu a 2 de setembro de 1722.

Antonio Machado Villas Boas, ecclesiastico doutissimo. Honrou a Vianna, sua patria, escrevendo 2 volumes in-folio — *Antiguidades do Lethes e fundação da mui notavel villa de Vianna.* Datam de 1712 a 1715.

Esta obra de per si tornaria o seu nome inolvidavel, mas deixou-nos ainda duas interessantes *Memorias* e um 3.º volume sobre *Solares do Minho.*

Padre Pedro d'Almeida Couraça. Collecionou em 1722, n'um pequeno livro, singulares apontamentos, a que deu o titulo *Fenix Vianneza* ou *Vianna renascida no Atrio.*

Antonio Lucio de Porto Pedroso, secular da casa d'estes appellidos (vide pag. 356) legou-nos extensissimas noticias no manuscripto, cujas copias correm muito adulteradas, e se intitula—*Memorias das pessoas que no meu tempo se distinguiram em nobresa, lettras e armas, e merecimentos, com que adquiriram a estimação universal da minha patria, a mui notavel villa de Vianna da Foz do Lima, até o prezente anno de 1756.*

Tinha instrucção varia e póde avaliar-se a importancia do seu *Diario*, em que registrou todos os acontecimentos contemporaneos desde a sua juventude até á idade de 81 annos. Falleceu em 1776.

O *Padre Luiz Lourenço Alves* é o auctor de um grosso volume que no catalogo da livraria do sr. Camillo Castello Branco tem o n.º 1885 e se intitula — *Miscellanea de obras varias e successos memoraveis.*

Falleceu em Vianna em 1790.

O frade capucho, Manoel do Bom Jesus.

Publicou em 1812 no *Jornal de Coimbra* uma interessante *Memoria sobre a villa de Vianna do Minho.* D'ella se têem servido varios escriptores contemporaneos.

José Caetano da Costa Correia escreveu—*Diario de acontecimentos de 1846 a 1847 em Vianna*, obra notavel pela imparcialidade do seu auctor, proprietario abastado, que vivia afastado das luctas politicas.

Falleceu na sua grande casa da rua da Piedade a 21 de março de 1879, com 66 annos de idade.

Manoel José Dias (Gaio).

Recopilou de Castellão e Couraça succintas noticias de Vianna com a epigraphe:

Resumo da historia antiga e moderna da muito notavel villa de Vianna, para uso do Padre Manoel José Dias. 1836,

Creio que accrescentou alguns capitulos até o seu tempo.

Foi muitos annos capellão do mosteiro de S. Bento até que falleceu em 24 de dezembro de 1877, com 73 annos de idade, tendo nascido na freguesia de Areosa.

NA POESIA

O licenciado Manoel Antunes Vianna.

Caetano de Sousa Brandão, da familia mencionada a pag. 344.

Dr. José Antonio de Brito.

Visconde da Carreira (Luiz Bravo) de quem já se fallou a pag. 340, e

Balthazar Werneck Ribeiro d'Aquilar e Vasconcellos, nosso chorado amigo, de quem já fizemos menção, e que falleceu a 16 de janeiro de 1879, deixando Vianna inteira coberta de luto e na nossa primeira sociedade um vacuo difficil de preencher.

NA MUZICA

Francisco de Sá Noronha, auctor de varias operas.

Foi um rabequista notavel e maestro. Deu com geral applauso beneficios em muitos dos primeiros theatros da Europa e da America.

Falleceu ha poucos annos.

NAS ARMAS

Diogo de Barros, adail-mór na batalha de Toro.

Antonio Fernandes do Rego, adail-mór d'Africa.

Bernardo de Barros, fronteiro-mór no reinado de D. Manoel.

Gastão Velho Barreto, que tanto se distinguiu na tomada de Azamor, a 3 de setembro de 1513.

Fernão Brandão, militou tambem na Africa, já referido a pag. 344.

Gaspar da Costa Rego, neto de Antonio Fernandes do Rego, governou muitos annos a cidade de Cochim e jaz na capella mór do convento de Santo Antonio de Vianna, onde mandou fazer uma formosa crypta, singular em toda a provincia.

Falleceu a 16 de setembro de 1630, tendo succedido na casa de *Victorinho* a seu tio Antonio Martins da Costa, padroeiro e fundador do Convento de Santo Antonio dos Capuchos, cabeça da provincia da Conceição.

Matheus Ferreira Villas-Boas, que obrou prodigios de valor na tomada da Bahia em 1638, e depois na guerra da acclamação.

Gregorio Correia Rebello, que tambem prestou relevantes serviços na guerra da restauração, bem como

Martim do Rego Barreto, que fundou e defendeu a fortaleza de Salvaterra.

NAS GUERRAS POSTERIORES

Manoel Gomes d'Abreu.

Sebastião da Cunha Sottomaior.

Manoel Coutinho d'Abreu.

Antonio Gomes d'Abreu, o *Tranca.*

Francisco d'Abreu Pereira.

Manoel da Silva Pereira.

Fernão de Villas-Boas, morto na batalha de Victoria, e

Sebastião Pinto Correia, que se afogou no naufragio da nau *Maria Theresa*, quando regressava da expedição a Montevideu com os *Voluntarios Reaes*, em 1818.

D'estes todos ha menção nas familias, a que pertenceram.

NO GOVERNO DA PROVINCIA

Diogo Alves Correia, o celebrado *Caramurú*, tendo naufragado na barra da Bahia, territorio então dos indios *Tupinambas*, soube fazer-se respeitar por estes a ponto de lhe serem offerecidas pelos chefes das tribus suas filhas. Uma d'estas foi, depois de baptisada, sua esposa, mudando o nome de Paraguassú no de Catharina, quando Thomé de Sousa, em 1549, fundou a cidade da Bahia. Segundo se lê em um velho manuscripto que temos prezente, realisou-se este baptismo na côrte de França, assistindo a elle Pedro Sardinha, que foi encarregado de communicar a D. João III a homenagem de Diogo Correia.

Falleceu em 1557 e jaz na igreja de Nossa Senhora da Graça, onde tem o epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE CATHARINA
ALZ. SENHORA DESTA CAPITA-
NIA DA BAHIA, A QUAL ELLA
E SEU MARIDO DIOGO ALZ. COR-
REYA, NATURAL DE VIANNA,
DERÃO AOS SENHORES REYS DE POR-
TUGAL, E FES E DEU ESTA IGRE-
JA AO PATRIARCHA SÃO BENTO.
ERA DE 1582.

Pedro do Campo Tourinho, pelos serviços que prestou á corôa de Portugal, foi remu-

nerado por D. João III com a mercê de 50 leguas de largo, 10 de fundo e ilhas visinhas na Costa do Brazil, para elle e seus descendentes, de juro e herdade, com jurisdicção civel e crime, — o que formou a capitania de *Porto Seguro*. Alli abordou Pedro Alvares Cabral a primeira vez, quando descobriu a America, e lhe deu aquelle nome pelo seu excellente ancoradouro.

A carta d'esta concessão tem a data de 27 de maio de 1534.

Com Pedro Tourinho partiram de Vianna a sua familia, parentes e amigos, e encontraram grande opposição ao seu estabelecimento da parte dos indios *tupiniquins*.

Fallecendo Pedro Tourinho, succedeu-lhe na capitania seu filho Fernão do Campo, que morreu antes de receber a confirmação, vindo para passar o governo a sua irmã D. Leonor, em 1556, a qual, obtida auctorisação d'El-Rei, vendeu a capitania aos Duques de Aveiro, em 1559, em cuja familia houve o marquezado de Porto Seguro.

Pertenciam estes Tourinhos á familia mencionada a pag. 358.

Lourenço Peixoto Cyrne, governador do Rio Grande.

Roque de Barros Rego, governador de Cabo Verde.

Bento Maciel Parente, illustre pelo seu nascimento e ainda mais pelas suas acções. Recebeu de Philippe III, de juro e herdade, o senhorio e dominio das terras que ficam entre o rio Amazonas e o Iapoc ou Oyapok, que era mais conhecido pelo nome de *Vicente Pinzon*.

Além d'este governo, foi-lhe dada a capitania do Maranhão; como porém não tivesse filhos, legou tudo á corôa portugueza.

Estes 500 kilometros de costa no Cabo do Norte pretende-os ha muito a França, cujo direito nos impugnou, obstando á sua colonisação; mas o capitulo 8.º do tratado de Ultrecht, de 1713, nos reconheceu como legitimos senhores do mencionado territorio.

Já n'este seculo a França visa de novo arredondar a sua Guyana, e ainda ha poucos dias o barão de Marajó publicou em Lisboa um vehemente protesto sobre o territorio dos rios Oyapok e Arauary.

Gaspar de Puga Pinto. Por seu valor e merecimentos lhe conferiram boas tenças e lhe offereceram a alcaidaria-mór do Rio de Janeiro, em 1602. Voltando á patria, exerceu o cargo de vereador, no anno de 1609. D'elle descendem os Coelhos indicados a pag. 348.

Dr. Antonio Monteiro Maciel. Foi capitão e governador da Ilha de S. Thomé, e falleceu em 1683, legando á Misericordia de Vianna oitenta mil réis cada anno, somma importante n'aquelle tempo.

Jaz em moimento elevado na capella-mór da dita santa casa.

Antonio Martins da Costa, referido a pag. 348, militou na India, no reinado de D. Sebastião. Alli passou nada menos de 45 annos, obrando proezas em sitios e armadas.

Teve o governo da cidade de Cochim e varias commendas. Falleceu em 24 de junho de 1615, e não a 25 de julho do mesmo anno, como erradamente se lê no seu nobre jazigo no convento de Santo Antonio, de Vianna, de que foi generoso padroeiro.

Comprou o convento ou mosteiro de Victorinho das Donas, em 1605, e n'elle estabeleceu a sua residencia, como diremos no artigo *Victorinho das Donas*.

João da Cunha Sottomaior, da familia mencionada a pag. 349.

Ignacio da França Bezerra, da familia mencionada a pag. 350.

Bento Pereira Mendes, governador interino das Armas.

Sebastião Pinto Rubim Sottomaior, tambem exerceu o cargo de governador interino d'esta provincia, em 1767. (vide pag. 357).

Luiz do Rego Barreto, depois visconde do Geraz do Lima.

Este illustre general nasceu a 28 de outubro de 1777 e administrou o vinculo de seu pae, Antonio do Rego Barreto, a quem succedeu no 1.º de abril de 1789.

Assentou praça aos treze annos de idade no regimento de Vianna, depois infanteria n.º 9, onde foi reconhecido cadete em outubro de 1792, e, seguindo seus postos, era tenente em 1807.

Ao tempo da entrada do exercito francez de Junot achava-se Luiz do Rego vivendo no

remanço da vida particular; mal porém ouviu o grito de insurreição, poz-se á frente do movimento, acclamando em Vianna o principe regente, no dia 20 de junho de 1801. Nomeada uma Junta Provisoria, auxiliou-a com os seus conselhos, enfreando os anarchistas.

Foram premiados por ella aquelles importantes serviços, nomeando-o major de infanteria 9, e offereceu-lhe o corpo commercial de Vianna uma medalha d'ouro com a legenda *A patria agradecida.*

A *Junta Suprema* do Porto confirmou-lhe aquella patente e incumbiu-o de organisar em Vizeu o celebre batalhão de caçadores n.º 4, que commandou até o assalto de Castello Rodrigo e de S. Sebastião, onde lhe foi dado o commando da 3.ª brigada, e o conservou até 1815.

Brilhante é a pagina da sua vida militar, que decorreu entre aquellas duas datas, distinguindo-se nas acções de Santo Antonio do Cantaro, Mortagoa, Bussaco, Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, Fuentes de Onôro, e assaltos das praças de Cidade Rodrigo e Badajoz.

Na batalha do Bussaco, a 27 de setembro de 1810, o batalhão de caçadores n.º 4, do commando de Luiz do Rego, teve conducta tão distincta e tal valor mostrou, que o marechal Beresford disse na parte official — que foi elle que supportou todo o fogo do inimigo, dando a Luiz do Rego o epitheto de *bravo.*

Lord Wellington elogiou-o igualmente em um officio dirigido ao governo, em 30 de aquelle mesmo mez.

E que diremos da coragem e bravura posteriores d'este valente soldado peninsular?

Salamanca, Victoria e os assedios de S. Sebastião e Badajoz o elevaram ao zenith da gloria, como soldado intrepido e official intelligente.

Leiam-se as ordens do exercito d'esses annos e as paginas frisantes dos srs. Claudio Chaby e Soriano, e todos se convencerão de que não exageramos.

Finda a guerra, Luiz do Rego voltou pobre á patria, encontrando arruinada a sua casa, que vendeu para pagar as suas dividas contrahidas durante a longa campanha. Passadas as primeiras expansões da victoria, o governo esqueceu e quasi que desprezou tão benemerito cidadão!...

Em 1816 resolveu partir para o Rio de Janeiro, onde D. João VI o recebeu muito bem, e por carta regia de 26 de abril de 1817 lhe confiou o governo geral de Pernambuco, provincia que já ao tempo se pronunciava pela republica, dando assim o primeiro passo para a separação da metropole.

As medidas energicas adoptadas por Luiz do Rego foram aproveitadas pelos invejosos para o accusarem e denegrirem á sua brilhante reputação.

Salvo, como por milagre, de varios attentados, reprimiu a revolução do norte e ao mesmo tempo adheriu ao grito liberal de 1820.

Cançado das injustiças e calumnias de que fôra alvo, retirou-se em 1821 para Portugal, não tardando em demonstrar a falsidade das accusações, perante as côrtes.

São dignos de leitura o *Elogio historico de Luiz do Rego Barreto*, publicado em Coimbra em 1822, e a *Memoria justificativa sobre a conducta do Marechal de Campo Luiz do Rego Barreto, durante o tempo em que foi governador de Pernambuco*, publicada em Lisboa no mesmo anno.

Em 1822 foi nomeado governador das armas da provincia do Minho, passando então a residir em Vianna, onde comprou o palacete de Gonçalo Pereira Caldas de Barros, no Campo da Penha, ainda hoje conhecido pela casa de Luiz do Rego.

Nomeado em 1823 general em chefe das forças das tres provincias do norte, dirigiu a campanha contra os partidarios de Silveira.

Preso e deportado em 1830, não pôde tomar parte na guerra civil.

Restabelecido o governo liberal, de novo foi encarregado do governo das armas na provincia do Minho, sendo destituido em setembro de 1836.

Vogal do Supremo Conselho de Guerra e Senador, foram as ultimas honras que gosou tão prestante cidadão, vindo a fallecer na sua casa de Vianna, a 7 de setembro de 1840, e

foi sepultado na capella de Nossa Senhora da Agonia.

Era do conselho de Sua Magestade, commendador das Ordens de Christo e da Torre e Espada, condecorado com a cruz d'ouro da guerra peninsular, com a medalha do commando n.º 7, e com varias distincções concedidas por Suas Magestades britanica e catholica.

Tinha a patente de tenente general.

Por decreto de 30 de maio de 1835 foi agraciado com o titulo de visconde de Geraz do Lima.

Da familia de Luiz do Rego já fizemos menção a pag. 356.

NO MAR

Fernão Martins da Costa, por alcunha o *Mourão*, obrou maravilhas no mar, principalmente contra os mouros, d'onde lhe proveiu o cognome, commandando uma esquadra que no reinado de D. João II foi á Africa.

João Velho o Velho, apenas indicado a pag. 358, sobrelevou-se entre todos os heroicos filhos de Vianna.

A fama das suas acções ainda não passou ás paginas da historia, mas é tempo de o salvarmos do esquecimento e de pagarmos tão justa divida.

Filiado na casa de D. Fernando I, segundo duque de Bragança, foi seu secretario, vedor e valido. Posteriormente passou ao serviço d'el-rei D. João II, sendo indigitado como uma das testemunhas que depozeram contra o duque, seu amo.

Em 1497 embarcou na flotilha que foi mandada ás costas da Guiné a descobrir o reino de Angola ou Congo, e n'esta empreza obrou façanhas taes que em galardão lhe foi concedido um mui particular escudo d'armas para elle e seus descendentes, — escudo que ainda se vê na sua casa e que os nobiliarios omittem.

Varias vezes foi escolhido para ir como procurador ás côrtes, já por Vianna, já por toda a provincia do Minho ; por sua diligencia conseguiu deferimento a diversas petições dos povos que representava e subsidios para melhoramentos locaes, e obteve certos officios e liberdades para o senado viannense, pelo que Vianna o proclamou *Pae da Patria.*

Da sua dedicação e alta valia deu prova singular no requerimento de que foi encarregado para com el-rei D. Affonso V, de quem obteve provisão de 6 de setembro de 1460, restringindo a doação de conde de Vianna da Foz do Lima (*primeiro* e *ultimo*) a D. Duarte de Menezes, fazendo sentir ao desmemoriado monarcha, que acima da sua ignorancia estavam os privilegios de Vianna, generosamente concedidos pelo conde de Bolonha.

Mereceu a distincta honra de hospedar em sua casa, no dia 2 de novembro de 1502, el-rei D. Manuel, tornando-se por isso aquella habitação digna de ser considerada e conservada como um monumento nacional, tanto pelo facto historico que representa, como pela sua architectura civil medieval, em perfeito estado de conservação ainda hoje (1884).

Está o inclito João Velho sepultado na capella dos Mareantes, na egreja matriz. O seu jazigo foi tapado em 1780.

João Casado Maciel, acompanhou D. Vasco da Gama com um navio armado e tripulado á sua custa, quando foi ao mar Roxo queimar as galés do Grão Turco, sendo armado cavalleiro pelo proprio D. Vasco no Monte Sinai.

João Alvares Fagundes é outro heroe não menos lendario do que João Velho. A elle se deve a descoberta do Banco da Terra Nova, onde foi arribar, perdido da expedição dos Corte-Reaes.

Voltou alli de novo já com a donataria do Banco, em navios á sua custa e gente para o povoar, tomando posse effectiva da ilha, que depois seus descendentes abandonaram por inhospita e fria e com ella as grandes pescarias do bacalhau que os inglezes aproveitaram.

Fizemos leve menção d'este illustre navegante a pag. 350.

Pero Gallego era homem de elevados brios e altos pensamentos, posto que de pequeno corpo.

Aos 23 annos de idade reuniu 30 mancebos e, a occultas das suas familias, com elles embarcou em uma caravella, dirigindo-se ao mar alto em busca de aventuras, de gloria e de riquezas.

Na altura dos Açores encontraram e bateram os piratas argelinos, tomando-lhes o navio e armas e fazendo captivos os mouros, cujo espolio foram vender a Sagres, onde se lhe uniram novos companheiros. D'ali navegaram para o Mediterraneo, onde em continuas proesas e aventuras passaram mais de tres annos limpando aquelles mares das setias barbarescas, voltando á patria cançados de abater o crescente e ricos de despojos. No seu regresso uma tempestade os obrigou a arribar á bahia de Cadiz, onde estava surta a armada do celebre D. Pedro Navarro. O nosso Pero Gallego fundeou n'aquelle porto sem fazer os cumprimentos do estylo, e sendo admoestado pelo almirante castelhano para abater a bandeira portugueza e salvar a hespanhola, respondeu fazendo fogo sobre a nau capitanea, ferindo muita gente e o proprio almirante D. Pedro; e, antes que este viesse a si do espanto, o audaz viannense levantou ferro e se fez ao mar.

Tanto sentiu o almirante hespanhol esta affronta, que participou a occorrencia ao imperador Carlos V, e este trocou varias notas com o nosso rei D. João III, pedindo satisfação; mas Pero Gallego regressou a Vianna, onde viveu sem ser inquietado por semelhante occorrencia, até que por desgostos d'outra ordem se retirou á vida monastica.

Sobre as façanhas d'este heroico filho de Vianna escreveram o nosso Fr. Manuel Homem, Fr. Francisco de Santa Maria e Ferdinand Denis, esse vulto entre os sabios da França, tão amigo de Portugal e tão sincero e benemerito admirador das nossas glorias, — e, copiando aquelles illustrados escriptores, tambem ultimamente o *Diccionario Popular* fez honrosa menção do nosso Pero Gallego.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso mestre e amigo, descreveu nos seus primorosos folhetins, publicados no *Commercio do Porto*, em 1869, os amores e feitos do grande heroe. O sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem devemos a maior parte d'este artigo, pelo que mais uma vez lhe protestamos a nossa gratidão, nos auctorisa para declararmos que no seu *Esboço historico de Vianna*, fallando de Pero Gallego, seguira a opinião commum, mas que, depois de consultar a *Dissertação Apologetica*, prologo aos *Fastos politicos da Luzitania* (Lisboa, 1745) de Ignacio Barbosa Machado, procurando obter base para a identidade e veracidade dos factos, reconsiderou e descreu completamente da tradição.

O acontecimento culminante de Pero Gallego (diz o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra) é o da Bahia de Cadiz, que Fr. Manuel Homem, na sua *Memoria das Armas Castelhanas* (Lisboa, 1655, cap. 8.º) refere ao anno de 1546, e, segundo assevera o douto academico, já a esse tempo Pedro Navarro jazia sob a lousa tumular, havendo decorrido nada menos de 21 annos!...

Na viella da *Parenta* existe ainda hoje (1884) em Vianna um casebre que apontam como havendo sido a casa de Pero Gallego, pelo facto de ter na padieira da porta d'entrada uma gâlé esculpida; e Balthazar Werneck compoz um poemeto em que celebra os feitos do lendario viannense.

Ahi fica lançada a duvida. Resolva-a quem poder e quizer.

Alvaro Rodrigues de Tavora, indicado a pag. 340, deixou de si fama immortal, que ainda se conserva viva no animo dos bons viannenses, seus compatriotas.

Desde o anno de 1575 se acham noticias d'elle nos nossos annaes maritimos.

Em 1575 armou á sua custa tres navios e pairou nas ilhas, varrendo os corsarios d'aquellas costas; em 1577 teve o commando da caravella *Victoria* e 50 cruzados para ajuda; e em 1578 foi em conserva da *Nau dos Resgates*, sendo-lhe dado por essa occasião o fôro de cavalleiro fidalgo.

Chegada a lastimosa epocha em que o nosso reino se uniu á Hespanha, Alvaro de Tavora pronunciou-se, como a maior parte dos fidalgos viannenses, em favor do partido de Castella. Gosou particular estimação dos regentes do reino, que o chamaram a Lisboa

para defender aquelle porto, e de volta ao Minho fez propaganda em favor de D. Philippe, peio que esteve preso em Ponte do Lima.

Em 1584 foi nomeado capitão do galeão *S. Matheus*, que trouxe a bom recado ao Porto de Lisboa; em 1585 foi levar soccorro ao castello da Bahia de Arguim; em 1586 commandou a *Zabra Augusta*; em 1587 a nau *Santiago*; em 1588 levou a artilheria para Sagres, e em 1589 rebocou a nau franceza *Pelicano*, vigiando a armada ingleza.

Por todos estes serviços o proveram no commando da nau de viagem á India, *S. Pantaleão*, e sahiu em março de 1592, aportando a Cochim em dezembro d'aquelle mesmo anno. No seu regresso ao reino foi agraciado com a commenda de Santo Apollinario, licença para trazer o habito de ouro e com o almoxarifado da alfandega de Vianna.

Viveu na sua quinta da Boa Vista, onde tem busto em pedra com o brazão dos Tavoras, e falleceu a 2 de novembro de 1615.

Braz Soares d'Abreu embarcou no anno de 1639 com 73 soldados á sua custa; combateu brilhantemente os hollandezes que opprimiam o Brazil, e mais tarde foi um dos primeiros a expugnar o castello de Vianna.

Manuel Velho Barreto prestou relevantes serviços, sendo louvado em varias occasiões, principalmente quando almirante d'algumas armadas.

Pedro Gonçalves Rothêa, bem conhecido e respeitado n'este reino pelos seus afortunados successos na guerra da restauração.

Em 1644, indo a commandar uma nau para as nossas ilhas, teve de bater-se com um corsario de Dunquerque, e uma bala fez explosão no paiol, indo a sua nau pelos ares. Recolhido pelo pirata e mal curado das numerosas feridas, foi respeitosamente conduzido a Portugal, mas logo se finou.

NA DIPLOMACIA

Rodrigo da Rocha Villarinho, que jaz no baptisterio da egreja matriz, onde tem a sua figura em armas brancas, hoje occulta com o relogio da torre. Foi muito estimado e considerado por el-rei D. João III, tanto que o enviou como embaixador ao Papa Paulo III.

Antonio Moniz de Carvalho occupou o importante cargo de desembargador e secretario das embaixadas e publicou em Paris um estimado e curioso livro (no anno de 1644) que intitulou: *Francia interessada com Portugal na separação de Castella.*

Luiz Antonio d'Abreu e Lima, depois conde da Carreira, da familia Abreus Tavoras (pag. 340) nasceu em Vianna a 18 do outubro de 1785. Sentou praça de cadete no regimento de artilheria do Porto em 13 de novembro de 1805 e foi despachado capitão ajudante do governador-capitão-general de Angola em 23 de março de 1806, com o qual embarcou para a Africa, onde permaneceu até 1810.

Foi addido á legação portugueza do congresso de Vienna desde 10 de outubro de 1814 até agosto de 1815, data em que partiu para S. Petersburgo como ministro plenipotenciario Antonio de Saldanha da Gama, exercendo as funcções de secretario da legação. Esteve n'aquelle paiz 8 annos como encarregado de negocios; e como nosso enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos Paizes Baixos, alli residiu até outubro de 1830.

Recusou prestar juramento de fidelidade ao sr. D. Miguel em 1828, e, sendo demittido, não abandonou aquella côrte, — antes pelo contrario dirigiu uma nota ao governo, junto do qual se achava acreditado, declarando que *continuava a considerar-se ministro e representante do governo legitimo da sr.ª D. Maria II.* Este passo teve grande alcance politico.

Duas vezes foi a Londres, á sua custa, conferenciar com o marquez de Palmella sobre a restauração da sr.ª D. Maria II, em 1829 e 1830. Em 20 de março de 1830 foi transferido para Londres pela regencia da Terceira, exercendo tão importante cargo em occasião difficilima e melindrosa desde 6 de outubro d'aquelle anno até os fins de fevereiro de 1834.

Em 11 de janeiro de 1833 havia sido nomeado ministro plenipotenciario nas tres côrtes de Londres, Paris e Madrid, tomando

conta da legação em 7 de maio de 1834. Em seguida foi transferido para Roma; não chegou porém a sair de Paris senão em 7 de junho de 1840.

Por sua iniciativa junto da Santidade de Gregorio XVI terminou o scisma religioso que ameaçava Portugal, e, concluida a sua missão, voltou a Paris em outubro de 1841, onde residiu até maio de 1847.

Foi escolhido para aio de SS. AA., espinhosa missão, a que tentou subtrahir-se, mas não foi attendido. Acompanhou os principes nas suas viagens e os dirigiu, salvando-se com louvor de tanta responsabilidade.

Na digressão da familia real ás provincias do norte, em maio de 1852, Luiz Antonio visitou com ella a sua patria e mostrou minuciosamente aos infantes todas as bellezas de Vianna e dos seus arredores.

A pedido do sr. D. Luiz foi a Turim, em 1862, pedir a mão da sr.ª D. Maria Pia, e, concluida esta missão, retirou-se á vida particular, vindo a fallecer em 18 de fevereiro de 1871, em Lisboa.

Desposou em Paris, no anno de 1840, mademoiselle Anne Luise Danemark, mas não teve successão, e a esposa apenas lhe sobreviveu quatro annos, expirando a 19 de abril de 1875.

Honras não lhe faltaram. Entre outras muitas citaremos as seguintes:

Visconde da Carreira no 1.º de dezembro de 1834, e conde a 20 de agosto de 1862. Duas vezes foi nomeado ministro, mas de nenhuma d'ellas chegou a exercer o cargo. Foi a primeira no ministerio do conde de Bomfim, em 26 de novembro de 1839,—e a segunda em 6 de outubro de 1846.

Quando falleceu era marechal de campo reformado, — camareiro-mór de SS. MM., — conselheiro de estado effectivo, — gran-cruz d'Aviz e da Torre e Espada, e commendador da Conceição, — sendo além d'isso gran-cruz de muitas ordens estrangeiras.

Não se distinguiu o nobre conde sómente na diplomacia, mas tambem nas lettras. Escreveu numerosos opusculos em francez e portuguez sustentando o credito e os direitos de Portugal, e era socio correspondente da nossa Academia Real das Sciencias.

Coordenou a sua correspondencia official dirigida ao duque de Palmella, desde 1828 até 1834, e o governo se encarregou de a fazer publicar na Imprensa Nacional, mas com a morte do nobre conde foi recolhida toda a edição, talvez com receio de que os factos n'ella comprehendidos viessem dar maior realce ao seu merecimento; a viuva, porém, melindrada fez a publicação por sua conta, concluindo-a em 1874.

Era tambem o illustre conde um bom musico e distincto amador de bellas artes, e a natureza o dotou com uma physionomia agradavel e uma alma bondosa e caritativa.

José Barbosa e Silva nascido a 30 de outubro de 1828, foi addido á legação portugueza em Paris e depois encarregado de negocios na côrte ottomana, em Constantinopla, e deputado pelo circulo de Vianna em varias legislaturas.

Escreveu um romance que intitulou *Viver para soffrer*, e expirou a 16 de setembro de 1865.

Viannenses illustres contemporaneos

Sebastião Lopes Calheiros e Menezes, já indicado a pag 347, é ministro e secretario d'estado honorario, do conselho de sua magestade, par do reino, grão-cruz de Carlos III e da ordem da Corôa, de Italia, grande official da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, commendador da ordem da Torre e Espada, e das de Christo, de S. Thiago da Espada, da Legião de Honra e da da Rosa, do Brazil,— e cavalleiro de S. Bento d'Aviz, condecorado com as medalhas de valor militar, de ouro, — de bons serviços, tambem de ouro, — e de comportamento exemplar.

Sentou praça a 26 de março de 1833, sendo promovido a alferes a 28 de julho de 1837; — formou-se em mathematica na Universidade de Coimbra; — concluiu o curso de Pontes e Calçadas em Paris, e tem a patente de coronel d'estado maior desde 21 de janeiro de 1876.

Entre outras importantes commissões desempenhou as seguintes:

Governador geral de Cabo Verde, Costa da Guiné e provincia de Angola, de 1861 a 1862; governador civil do Porto; e por ultimo director da Escola Polytechnica de Lisboa desde 1874.

Actualmente preside á commissão internacional de delimitação de fronteiras com a Hespanha.

O incidente Birnie é uma gloriosa pagina dos brios portuguezes, que será escripta em lettras de ouro na historia das nossas colonias.

Deixemos fallar o *Diario Illustrado* na biographia d'este brioso militar e honestissimo caracter:

«Finalmente Sebastião Calheiros se, como homem publico, tem sido util ao paiz, que serve com integridade e distincção, como homem particular, é um espirito alegre, um coração honesto e bom e uma consciencia pura e justissima.

A sua franqueza, que não conhece limites, cria-lhe as sympathias de quantos, sem distincção de côr politica, se acercam d'elle, porque é um verdadeiro amigo e um companheiro jovial e sincero».

Nasceu em Santa Maria de Geraz do Lima, na quinta de Louredo, a 24 de janeiro de 1816; — aqui fica rectificada a data do seu nascimento, que corre errada em varios documentos officiaes.

Nada diremos dos seus illustres progenitores, pois já estão mencionados a pag. 346 e 347 d'este volume.

O doutor *Antonio Bernardino de Menezes*, lente de Prima, decano e director da faculdade de Theologia na nossa Universidade de Coimbra, conego capitular da sé cathedral d'aquella cidade e pronotorio apostolico, nasceu em S. Thiago de Cepões a 17 de agosto de 1812, mas veiu de tenros annos para esta cidade de Vianna, onde cursou os primeiros estudos e que estimou sempre como verdadeira patria, estabelecendo n'ella a sua residencia.

É filho de Luiz Antonio de Menezes, fidalgo de nobre caracter e muito considerado. Ordenou-se em Roma, formando-se depois em Coimbra, onde se doutorou a 29 de outubro de 1851.

Leão XIII o agraciou em 24 de janeiro de 1881 com a dignidade de proto-notario apostolico, e em 1883 governou a Universidade de Coimbra na ausencia do seu reitor.

É um dos ornamentos da faculdade de Theologia, um ecclesiastico modesto, um professor bondoso, e um protector nato dos estudantes seus patricios que buscam seu paternal amparo.

A robustez dos membros sobreleva ainda a sympathica physionomia do venerando ancião, que Vianna inteira, sua patria adoptiva, estremece e adora!

A sua mão caritativa enchuga muitas lagrimas, mitiga muita fome e ampara muita miseria!...

Rara é a visita a Vianna que não distribua largas esmolas pelos asylos e hospitaes.

O ceu lhe pague em bençãos o muito que os viannenses lhe devem.

Manuel Affonso d'Espergueira, que é hoje um dos nossos mais distinctos engenheiros, nasceu em Vianna a 5 de junho de 1835.

É filho de D. Theresa Carolina Affonso, modelo de virtudes, e de Matheus Antonio dos Santos Barbosa, cavalleiro professo da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo; commendador da mesma ordem, presidente da camara em 1852, tenente de infanteria, major de milicias, e senhor do grande praso de Gil de Perne, que comprou ao conde de S. Paio. Tiveram 7 filhos, dos quaes hoje (1884) apenas vivem os seguintes:

Dr. José Affonso d'Espergueira, de quem depois fallaremos;

Dr. João Affonso d'Espergueira, bacharel formado em direito, commendador da ordem de Christo, antigo secretario geral do districto de Vianna, e governador civil do districto de Villa Real em 1879: e

Manuel Affonso d'Espergueira, director technico da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, capitão de infanteria em commissão, com o curso d'estado maior e com o de pontes e calçadas na escola central de Paris.

É tambem commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Antonio Pereira da Cunha, um dos nossos mais eruditos e maviosos poetas, nasceu na freguezia de Monserrate a 9 d'abril de 1819.

D'elle e de sua nobre familia se trata a pag. 348 d'este volume.

Foi duas vezes deputado ás côrtes por Vianna, uma em 1856, estreiando-se brilhantemente, e depois em 1860, sendo ambas as vezes eleito pelo partido legitimista, cujos principios professa e professou sempre.

Além de bom poeta, é um excellente romancista, dramaturgo e publicista notavel. Como prova, citaremos as suas producções seguintes:

O voto d'El-Rei, *As duas filhas*, *Brazia parda*, e a *Herança do Barbadão* (dramas).

Escreveu tambem um volume intitulado *Não!* em que revela o mais acrisolado patriotismo e combate a união iberica,—e em seguida publicou sobre o mesmo assumpto outro livro intitulado *Brios heroicos dos portuguezes.*

Publicou tambem um folheto com o titulo *Dom Miguel*, e depois outro folheto com o mesmo titulo e que obteve tres edições; — e ultimamente, em 1879, uma *Selecta*, que dedicou a seu filho Sebastião, tambem notavel poeta, festejado auctor do *Minho.*

Qui viget in foliis venit e radicibus humor.

Sebastião Pereira tambem nasceu em Vianna, a 9 de fevereiro de 1850, e sabemos que anda escrevendo um poema, *A Cidade Vermelha*, sobre a conquista de Granada pelos reis catholicos Fernando e Isabel, — trabalho primoroso, segundo nos affiança um nosso illustrado amigo, que já teve a honra de lêr algumas estancias.

O dr. *João Candido Furtado Dantas*, referido a pag. 350, bem como seu sobrinho *João Caetano da Silva Campos*, dedicam á poesia particular affeição, e teem publicado numerosos versos em differentes jornaes.

José Ernesto de Sousa Caldas, redactor da *Actualidade*, jornal do Porto, e inspector do sello n'aquelle districto, natural de Vianna, onde nasceu a 28 de novembro de 1842, é tambem bom poeta e jornalista de são criterio.

João Coelho de Sá Villas Boas merece especial menção pelo seu amor ao estudo da astronomia.

Tem um gabinete d'observação em nada inferior aos do ensino official.

Nasceu em Vianna a 15 de setembro de 1841, e d'elle se fallou a pag. 348.

Caetano Maria d'Amorim, alumno da Academia Polytechnica do Porto, nasceu em Vianna a 12 de setembro de 1859 e é um dos notaveis pianistas de Portugal. Dedica ao estudo da musica todo o tempo que póde furtar ao das sciencias exactas.

Alberto Feio, visconde d'Aurora (Alberto), publicou, ha annos, um drama *Os Preconceitos*, que mereceu da nossa imprensa grandes encomios.

Conventos de frades

S. FRANCISCO DO MONTE

O primeiro convento que se fundou em Vianna foi o da Observante Ordem de S. Francisco do Monte, a dois kilometros da cidade, na encosta do Monte de Santa Luzia, lado E. junto da fonte do *Myrto*, da qual provém o nome de *Myrtilense* á quinta do visconde da Carreira, Luiz Bravo, — nome escolhido por s. ex.ª — um dos poetas viannenses que formavam o alegre grupo, cujos nomes se recordam ainda com saudade nos salões da formosa princeza do Lima.

Deu principio á fundação d'este mosteiro o veneravel frei Gonçalo Marinho, no anno de 1392 e não no de 1398, como por lapso se disse a pag. 398.

O convento e a egreja são de modesta fabrica. A cerca, apesar de pequena, é um dos sitios mais adequados para meditação e das mais poeticas estancias que ha n'aquelles arredores. Uma frondente matta, que occupa a maior parte do terreno, dá lembranças do Bussaco.

A egreja, na sua nudez franciscana, está bem conservada; outro tanto não diremos do restante edificio. Reedificado em 1584, apenas teve pequenas reformas no meiado do seculo XVIII, sendo seu padroeiro o generoso coronel Sebastião Pinto.

Extinctas as ordens religiosas em 1834, vendeu se, e o comprou o visconde da Carreira, cujos herdeiros actualmente o possuem.

A matta conserva-se no seu antigo estado; a egreja serve de jazigo de familia, e o convento de habitação ao caseiro que cultiva a parte lavradia da cerca.

Do seu fundador Gonçalo Marinho já se fallou a pag. 405.

Na egreja ainda hoje se celebram annualmente duas festas, — uma em maio, outra em dezembro.

S. DOMINGOS

Depois de varias tentativas do santo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres para dotar Vianna com um instituto dominico, abriram-se os alicerces do convento em abril de 1563 e os da sua egreja em 1566. Vide pag. 400 e 401.

O edificio é amplo, bem como o templo, que desde 1836 serve de egreja parochial da freguezia de Monserrate, cuja matriz ameaçava ruinas.

Na capella-mór, em tumulo elevado, como se disse, jaz o santo fundador.

Em 19 de junho de 1877, por ordem do arcebispo D. João Chrysostomo, procedeu-se á abertura d'aquelle venerando tumulo, encontrando-se dentro d'elle um cofre de cedro, alguma coisa deteriorado, tendo tres aberturas com vidros de cristal.

Aberto o dito cofre, se achou bem conservada a ossada maior, — craneo, columna vertebral e tibias. Exhalava um agradavel cheiro, e todos de joelhos reconheceram aquellas preciosas reliquias, declarando em voz alta:

«*Esta é a ossada do sr. D. Frei Bartholomeu dos Martyres, cuja authenticidade aqui solemnemente juramos, por ninguem antes de nós aqui ter vindo*».

Resou-se então um responso, e findo elle se tornou a collocar a tampa do cofre de cedro, ficando este sellado até o dia seguinte, em que o arcebispo o foi vêr e examinar.

A cella do santo prelado foi destruida para accommodações da secretaria da administração do concelho, e o restante edificio applicaram-no para repartições publicas do modo seguinte:

No 2.º pavimento installaram as repartições do governo civil, da fazenda do districto, das obras publicas districtaes e da junta geral;

No 1.º a administração do concelho, repartição de fazenda, recebedoria, tribunal judicial e obras publicas;

No andar terreo a pagadoria, correios e telegraphos, escola primaria, detenções e armazens das obras publicas, além da sachristia principal.

A egreja está no maximo aceio, graças ao zelo do seu digno prior, o reverendissimo conego José Maria de Barros, que desde 1873 dedica todo o cuidado ao embellezamento e á conservação do magestoso templo.

Alli se celebram differentes festividades religiosas com toda a decencia, senão com pompa, taes são as de S. Gonçalo, Semana Santa, Ascenção, do Rosario e da padroeira Nossa Senhora de Monserrate.

Já se disse que no côro se vêem as bandeiras do extincto regimento de infanteria n.º 9, de Vianna, as unicas bandeiras que hoje (1884) restam da gloriosa campanha da peninsula. Foram alli collocadas em 1814.

Nas novas bandeiras que substituiram aquellas, por decreto de 13 de novembro de 1813, é que se poz a honrosa legenda, de que já se fez menção, e essas bandeiras são as que se acham no Collegio Militar, como se lê nos *Excerptos historicos* do sr. Claudio Chaby, vol. IV, pag. 734, onde se reproduzem em gravura.

Fica assim rectificado o que *alibi* se disse das mencionadas bandeiras.

A cerca d'este convento, comprada por Luiz do Rego, visconde de Geraz do Lima, vendeu-se ha annos ao negociante João Antonio de Magalhães, que cedeu parte d'ella para se abrir uma rua em volta do convento, e em outra parte edificou differentes predios, formando um bairro, quasi todo de casas pequenas, o que foi de grande utilidade para a gente maritima.

SANTO ANTONIO

Este convento dos capuchos foi muitos annos casa capitular e cabeça da Real Provincia da Conceição.

Data de 1612 (vide pag. 403) sendo seu padroeiro Antonio Martins da Costa, de quem já se fallou nos *varões illustres nas armas* e que deu 2:400$000 réis para as obras do dito convento, ficando completo e seguro.

Foi um dos melhores conventos da provincia, ainda hoje muito solido e com agradavel aspecto.

Grande parte da bella cerca, derrubados os seus magestosos carvalhos, foi aproveitada para cemiterio, em 1840; outra parte deram-na ao Hospicio da Caridade para o seu novo hospital, mas a linha ferrea cortou aquelle terreno inutilisando-o para o dito fim; — a parte restante foi annexa ao hospital militar, estabelecido, ha annos, no edificio.

O templo pertence ao municipio e serve de capella para os officios funebres. A sua fachada, estando em ruinas, foi demolida e feita de novo em 1876.

Festejam-se alli com grande pompa a Immaculada Conceição e Santo Antonio.

CARMO

Os carmelitas descalços deram principio ao seu convento no anno de 1621. Para a conclusão d'elle pediram a el-rei a pedra de uma torre da freguezia de Darque, torre pertencente á casa de Bragança, mas D. João IV, estimando em muito aquellas ruinas d'um antigo alcaçar, mandou avaliar a pedra e lhes deu o seu valor.

O templo é pequeno mas airoso, e a Ordem Terceira do Carmo, a quem o governo o cedeu depois de extinctas as ordens religiosas, o trata com todo o carinho e o conserva com decencia e mesmo com aceio, tornando-se por isso credora de justos emboras. Emprasou ella tambem parte do edificio e alli trata de estabelecer um hospital para os seus irmãos pobres, como logo diremos.

A casa, bastante deteriorada, e a cerca eram propriedade do fallecido conde de Porto Covo da Bandeira, hoje do seu irmão e herdeiro. O pomar e parte do lavradio andam em arrendamento, e uma pequena orla da quinta foi expropriada primeiramente para o caminho de ferro, e ha dois annos para a nova estrada-rua, da ponte á rua da Bandeira.

Nas aulas d'este convento frequentou os estudos o ministro e secretario d'estado Antonio Rodrigues Sampaio.

A Ordem Terceira celebra com todo o apparato e procissão a festividade da sua padroeira no dia proprio, sendo domingo, aliás transfere-se para o domingo immediato, indo na vespera a irmandade conduzir do convento a imagem processionalmente.

CRUZIOS

No dia 5 de agosto de 1631 o arcebispo D. Rodrigo da Cunha lançou a primeira pedra d'este convento, e não a 5 de agosto de 1531, como por erro typographico se lê a pag. 399.

Este magestoso edificio ficou incompleto. A vasta egreja ostentava as suas colossaes paredes apenas em meia altura; por isso o refeitorio servia de capella aos conegos regrantes, e depois alli se venerou a Senhora dos Remedios.

O convento foi totalmente arrasado, — e não com pequeno custo, em razão da extraordinaria solidez das suas argamassas, — no anno de 1876, para a estação do caminho de ferro (veja-se aquelle anno nos *factos historicos*) expropriando-se tambem para o mesmo fim parte da cerca, anteriormente concedida com o mosteiro ao regimento de infanteria n.º 3, estacionado em Vianna.

Na demolição não se encontrou a lapide inaugural por se não saber ao certo o ponto onde foi collocada. Deveria estar na soleira da porta principal.

Conventos de freiras

SANT'ANNA

Em janeiro de 1510 resolveu a camara de Vianna fazer um convento, e d'este accordam

se lavrou escriptura a 21 do dito mez e anno.

Foi confiada a construcção de uma pequena egreja, campanario e dormitorio, ao insigne mestre de pedraria que foi tambem o architecto da matriz de Caminha, segundo nos asseverou o illustrado sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra.

D'aquelle elegante templo nada resta hoje (1884) a não ser o campanario e o portal, que na reforma ou reconstrucção da egreja, em 1713, foi levado para a porta do terreiro, e no anno ultimo (1883) quando reedificaram o mirante por causa do alargamento da rua da Amargura, o collocaram no dito mirante.

O edificio occupa grande area de terreno com as suas diversss officinas e dependencias, mas tudo de acanhadas proporções. Grande parte da cerca está hoje occupada pelas agulhas da estação do caminho de ferro. Além da quinta possuem estas religiosas uma bôa matta contigua á cerca.

N'este convento habitam ainda hoje (março de 1884) 5 religiosas, 8 meninas do côro, 5 recolhidas e 10 criadas internas.

A madre abbadessa chama-se D. Rita de Cassia de S. José, natural d'Arouca, bem como duas outras freiras, suas irmãs.

Em 1876, este convento tinha 9 religiosas professas, e o seu rendimento, além do juro dos capitaes mutuados e pensões dos bens que hão de ser desamortisados, em juros de inscripções, regula por 618$000 réis.

As festas que celebram estas virtuosas senhoras são as seguintes: — a de S. Bento no dia 21 de março, e a sua trasladação no dia 21 de julho, — Semana Santa, — Santissimo Sacramento na 3.ª dominga depois da festa de Corpus Christi, — e na ultima dominga de julho a da sua padroeira Sant'Anna.

S. BENTO

A mais antiga provisão para a instituição d'este mosteiro data, como vimos no original, de 9 de dezembro de 1508, em que tres senhoras conseguiram licença para se reunirem em communidade; mas só em abril de 1545 alguns viannenses, a maior parte negociantes, resolveram levar a cabo aquella fundação, levantando um extenso dormitorio á beira do Lima, na sua margem direita e tão proximo d'elle que o rio, não contente de visitar as cellas, no inverno damnificava as paredes, pelo que em 1710 teve de ser todo reedificado, protegendo os muros com um revestimento de cantaria e accrescentaram-lhe por essa occasião um esvelto mirante.

A pequena cerca soffreu em 1878 um córte para a avenida da nova ponte do caminho de ferro, e a sachristia exterior foi demolida para a estrada real n.º 25, de Vianna a Lindoso, haverá dois annos.

O pessoal d'este convento está reduzido ao seguinte: — duas freiras professas, comprehendendo a madre abbadessa D. Rosa Candida da Conceição Bezerra, natural de Ponte do Lima; 10 meninas do côro, uma senhora recolhida e 12 criadas internas; total 25 pessoas.

Em 1876 ainda viviam 4 freiras professas. O seu rendimento excede 1:224$000 réis.

As principaes festas que n'este convento hoje se celebram são as seguintes: — a de S. Bento, em março, — a da sua trasladação, em julho, — Santissimo Sacramento — e Semana Santa.

Das sepulturas da antiga ermida de S. Bento, d'onde se transferiu o cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança, fallaremos quando tratarmos das descobertas archeologicas.

URSULINAS

No sopé da parte sul do monte de Santa Luzia se levantou com esmolas, em 1726, uma capella dedicada aos Santos Martyres viannenses Theophilo, Revocata e Saturnino. Junto da ermida existia uma casa do ermitão, na qual se recolheram quatro ou cinco devotas por iniciativa da beata Isabel de S. Francisco.

A pedido do senado de Vianna, a rainha D. Maria I obteve do arcebispo de Braga a ermida e casas annexas, e a seu rogo o bispo-conde enviou de Val de Pereira algumas religiosas para irem ali fundar um collegio

de educação, segundo o instituto ursulino, no anno de 1778.

Feito o risco do novo convento, offereceu a camara metade das sobras das sisas, terreno e agua; mas a obra não chegou a concluir-se, ficando reduzida a limitado espaço, e as freiras alojadas em dormitorio terreo.

O sitio tem lindas vistas e é muito saudavel.

Fica assim rectificada a data de 5 d'agosto de 1531, pag. 399.

Conta dentro dos seus muros hoje, março de 1884, apenas dez pessoas, — uma unica freira, a madre D. Theresa Rita Maria das Chagas, natural de Ponte do Lima (a penultima religiosa falleceu no fim de janeiro d'este anno) — 4 meninas do côro e 5 criadas internas.

Em 1876 havia aqui tres religiosas ainda.

O rendimento d'este mosteiro consiste unicamente nos juros das inscripções, 229$890 réis!...

Com tão diminutas rendas mal podem alimentar-se e prover aos reparos e conservação do templo e do mosteiro; comtudo ainda por um esforço supremo fazem na sua egreja as festividades seguintes: — aos Santos Martyres Viannenses no dia 6 de fevereiro, que é de guarda em Vianna, por serem os padroeiros da cidade, — ás Chagas do Senhor, na primeira sexta feira da quaresma, — e a Santo Agostinho, doutor da egreja, no dia 28 de agosto.

Este mosteiro é tambem conhecido pelo nome de *Recolhimento dos Santos Martyres* e *Collegio das Chagas*.

Em tempos não muito remotos foi uma das nossas primeiras casas de educação, e hoje está prestes a fechar-se, — quando era mais necessaria!

Ao sr. Arcebispo Primaz muito instantemente pedimos em nome do ceu e da sociedade que mande para alli algumas religiosas para ampararem e continuarem tão santa instituição.

Oxalá que os nossos votos sejam attendidos.

CARMELITAS DE JESUS, MARIA E JOSÉ

A provisão de 13 de agosto de 1779 concedeu ao dr. Caetano Correia de Seixas a fundação d'um convento, á sua custa, para menos de 21 religiosas. Principiou a obra no fim da rua da Bandeira, em 1780, e em outubro d'aquelle mesmo anno foram de Coimbra cinco freiras para a instituição da communidade, mas só em 1785 se installou definitivamente o convento.

Hoje, março de 1884, vivem n'este mosteiro do *Desterro*, de Jesus, Maria e José, apenas tres freiras professas, todas tres irmãs e naturaes do Porto, d'onde foram para alli na occasião do cerco (1832). Como não teem numero sufficiente para a eleição de Prioresa, governa a Vigaria *in capite* D. Isabel do Coração de Jesus, e fazem todo o serviço do côro e da casa doze meninas, porque o instituto d'este convento não lhe permitte criadas.

As principaes festas são as do Santissimo Sacramento, — Santa Theresa de Jesus, — Nossa Senhora do Carmo, — Semana Santa, — S. João da Cruz, — e dos seus padroeiros, Jesus, Maria e José, no ultimo domingo de abril.

Em 1876 ainda aqui existiam 7 freiras.

O seu rendimento regula por 285$000 réis.

RECOLHIMENTO DE SANTIAGO

Esta casa remonta ao seculo XV, e o seu oratorio era em 1527 administrado por algumas freiras franciscanas, sob a vigilancia do senado viannense; mas com a entrada de Catharina da Rocha, no anno de 1559, por sua iniciativa se reformou em *Mosteiro*, de Santa Clara, que apenas subsistiu alguns annos, durante a vida das religiosas que professaram com a madre Catharina, sendo a falta de rendas proprias a causa de tão rapida decadencia.

O recolhimento estava muito reduzido, quando em 1663 a Misericordia o amparou e lhe deu nova vida e estatutos, beneficiando-o com o legado de 30 alqueires de milho que a Santa Casa recebera em 1639 para sustentar dez recolhidas em S Thiago.

Devem-se as obras e melhoramentos, que alli se notam, a D. Domingas do Rosario, viuva do celebre engenheiro militar Miguel

de Lescolle, e a Gaspar Fagundes da Rocha. A Santa Casa apenas mandou fazer o côro.

Os ultimos reparos, feitos em os nossos dias, devem-se á caridosa e illustre sr.ª D. Maria do Carmo de Brito Amorim, viuva de Felix d'Andrade Roby Porto Pedroso, que tambem no seu testamento contemplou a dita instituição.

Em 1721 estava outra vez o recolhimento sem meios, por causa das demandas com a Misericordia, pelo que o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, por accordão de 27 de janeiro d'aquelle anno, creou de novo o recolhimento, admittindo n'elle até o numero de dez mulheres honradas (viuvas ou donzellas) de Vianna, sob a administração da Santa Casa.

Hoje (março de 1884) são doze as pensionadas, de numero, e duas *encostadas* apenas, sendo regente a sr.ª D. Theresa Ferreira.

As duas encostadas e mesmo as doze restantes vivem quasi exclusivamente do producto do seu trabalho, porque as rendas do estabelecimento são insignificantes.

Da egreja de S. Thiago sahiram tres confrarias, — a de Monserrate, — a de S. Chrispim — e a de Santa Clara.

Festas religiosas

D'entre as festividades religiosas que actualmente se fazem em Vianna com maior pompa, mencionaremos as seguintes:

Procissão de Passos na 2.ª dominga de quaresma, Corpo de Deus, e Assumpção, que sahem da egreja de Santa Maria Maior, matriz da cidade; — as do Santissimo Sacramento em ambas as freguezias de Vianna, e a de Nossa Senhora do Carmo, que sobreleva a todas.

Nas duas egrejas parochiaes se fazem tambem com todo o esplendor as festas proprias da Semana Santa, havendo todas as sextas feiras *Miserere* em S. Domingos, e *Stabat Mater*, aos sabbados, na matriz.

É tambem digna de vêr-se a festa da Ascenção em qualquer das duas mencionadas egrejas.

A festividade, porém, de Nossa Senhora da Agonia, a 20 de agosto, é sem duvida a mais concorrida do Alto Minho, por causa da feira que se effectua no grande campo ao sopé do sanctuario. Queima-se por essa occasião lindo fogo d'artificio, preso e solto, e uma brilhante illuminação guarnece o templo e o adro.

Vianna na actualidade

A cidade de Vianna está situada em formosa e vasta planicie que se estende entre a foz do Lima e o monte de Santa Luzia, ramificação da serra do mesmo nome, que lhe fica ao norte com a attitude de 205 metros.

Occupa uma area de 875 hectares, divididos em duas freguezias, — a de Santa Maria Maior, matriz, erecta em 1262, na parte oriental, e a de Nossa Senhora de Monserrate, instituida em 1621, na parte occidental da povoação, onde se encontra o bairro da Ribeira.

Um caes de 1:300 metros, desde o fortim ao mosteiro de S. Bento, não só defende a cidade das invasões do Lima nas suas enchentes, mas offerece um lindo passeio, que recorda o Aterro, de Lisboa.

Limitada ao sul e norte por agua e monte, confina ao nascente com a freguezia da Meadella, sendo pontos terminaes as Azenhas do D. Prior, ribeiro do Amial e parte da cerca do convento de S. Francisco, onde um pouco acima prende com a freguezia da Ariosa, no alto do Monte de Santa Luzia. Pertence a esta parochia de Santa Maria Maior o grande bairro suburbano da *Abelheira*, que de per si podia formar uma boa freguezia.

Os limites do poente partem dos *Penedos Ruivos*, á beira-mar, e seguem pela Veiga de Figueiredo, Pia dos Eidos e Mosqueiros, sobem pelo monte em linha recta ao cruzeiro de Santa Luzia, e d'ali aguas vertentes até o Penedo Grande, por cima do mosteiro de S. Francisco do Monte.

A linha divisoria das duas freguezias na parte central e urbana vae do Campo da Feira, no caes, pelas ruas do Salgueiro, Rubins e Pedro de Mello até o Chafariz dos Cruzios, e d'ali pelo meio da Quinta de Val-

verde, subindo a encosta, até á porta da capella de Santa Luzia.

—

Vianna, desde o reinado de D. Manuel, transpoz o recinto das suas antigas muralhas (construidas no reinado de D. Affonso III pelos viannenses e concluidas no reinado de D. Fernando) e se expandiu pelos bairros da Bandeira, Picota, Carreira e S. Sebastião.

Hoje, além do formoso passeio do seu caes, tem largas ruas que circumvallam a cidade e communicam a estação do caminho de ferro com a Praça da Rainha, que é a principal, onde se erguem os edificios da camara e da Misericordia e um bello chafariz, construcção do meiado do seculo XVI.

No aterro do *Caes da Dizima*, na Ribeira, se fez em 1846 um jardim publico, mas, como o sitio exposto ao mar, sobre a barra, o tornasse pouco frequentado, e como o projecto da doka houvesse de o absorver, a camara resolveu em 1881 mudar este jardim, transformando o aterro do Pombal em um passeio publico esplendido; e por não ter local para o mercado quotidiano, alargou a praça do Principe (largo de S. Bento) e para alli o transferiu.

Ás sextas feiras realisa-se o mercado semanal, e, porque é muita a affluencia de povo, estende-se pelo aterro, ao longo do mosteiro de S. Bento.

No dito mercado se vende excellente manteiga, chamada *de Vianna*, que provém das freguezias de Ancora, Affife e Carréço, a 180 réis cada 459 grammas; — cereaes, legumes, hortaliça de varias qualidades, proveniente da fronteira parochia de Darque; — lenhas, pannos grossos de linho, peças de *riscado* para saias, gallinhas, ovos, fructas, etc.

—

A praça do peixe estava nas arcadas dos edificios do Campo da Feira, no caes, onde antigamente estiveram os açougues e o repeso; mas no anno ultimo (1883) a camara resolveu acabar com aquelle foco de infecção e a transferiu provisoriamente para um barracão de madeira, que levantou na alameda do jardim velho.

A feira de gado bovino e suino faz-se no Campo do Castello ou da Senhora da Agonia, ao cruzeiro de S. Roque.

No mesmo Campo se faz, desde 1772, nos dias 18, 19 e 20 de agosto, a grande feira chamada *da Agonia*, concorrendo alli por essa occasião muitos negociantes de Braga, Porto, Guimarães e Barcellos, expondo em longas filas de barracas de madeira as suas mercadorias e manufacturas. A feira de objectos agricolas limita-se aos dois primeiros dias — 18 e 19 — pois na noute d'este ultimo, queimado o fogo de artificio, debanda o povo (talvez mais de 10:000 pessoas) das freguezias do districto, depois de haverem mergulhado 4 a 6 vezes o corpo no mar, em cada um dos dois dias, tanto os homens como as mulheres, sem barracas nem abrigo algum, além dos seus andrajos.

Conserva-se o abarracamento até o fim de agosto.

A feira de cavalgaduras, instituida por alvará regio de 23 de maio de 1670, fazia-se antigamente no dia de Santiago, no *Campo da Penha*, hoje *Praça de D. Fernando*.

—

Vianna, desde 1867 a esta parte, tem sido completamente transformada com melhoramentos de reconhecida utilidade e bom gosto. Que o diga quem conheceu as impossiveis praças e acanhadas ruas, que, em vez de calçada, se tornavam no inverno pantanos e regatos, deposito de toda a especie de immundicie, onde se despejavam os enormes calleiros ou goteiras de medonho aspecto.

Desde a limpeza das ruas até o dedalo dos negocios e aguas municipaes, tudo foi completamente modificado, graças á dedicação, intelligencia e bom criterio do dr. José Affonso d'Espergueira, que durante muitos annos, salvas pequenas e lamentaveis interrupções, tem estado á frente do municipio.

Vianna poderia occupar hoje a vanguarda de todas as nossas povoações de 3.ª classe, se a politica se não antepozesse aos interesses publicos.

Affirmamos bem alto que a José d'Espergueira, modelo de amor e dedicação para com a sua terra natal, se devem os mais consideraveis melhoramentos de Vianna.

Nasceu s. ex.ª a 19 de fevereiro de 1832; formou-se em Phylosophia e Mathematica na Universidade de Coimbra e recusou sempre seguir a vida publica. É o redactor principal da *Aurora do Lima* e irmão de Manuel Affonso d'Espergueira, já mencionado. Ao seu genio trabalhador e espirito culto junta uma apreciavel modestia. Ainda ha pouco tempo (janeiro de 1882) o vimos passar da cadeira de presidente da camara para a de simples vereador, calando as repugnancias que podia ter, só para levar a cabo importantes obras, o que em parte conseguiu com a força dos seus argumentos, luctando contra a maioria da camara.

—

Publicam-se actualmente em Vianna tres jornaes, — a *Aurora do Lima*, o *Imparcial*, e, desde 30 de janeiro ultimo, a *Esperança*, jornal de annuncios, impresso, como o *Imparcial*, no Porto.

É mensal e distribuido *gratis*.

Os unicos prélos que actualmente (março de 1884) existem em Vianna, além dos da *Aurora do Lima*, pertencem a André Pereira & Filho (Domingos Pereira Gomes Rosa).

Estas machinas foram estabelecidas, como as da *Aurora do Lima*, ha 30 annos. Anteriormente não houve imprensa em Vianna; e, se em 1619 se compoz no convento de S. Domingos a vida do santo Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, veiu expressamente de Coimbra o impressor com os utensilios proprios.

Ha em Vianna actualmente duas lojas que vendem livros e se encarregam de os mandar vir do estrangeiro.

No Lyceu Nacional, creado por decreto de 20 de setembro de 1853, cursam os quatro annos 42 alumnos, divididos em 139 matriculas.

Tem gabinete de Physica e bibliotheca propria desde 1880.

O collegio unico de Vianna é o *Lisbonense*, para o sexo feminino, e desde muitos annos fornece a grande numero de meninas uma educação esmerada. Conta 20 alumnas internas e 30 externas.

Nas duas parochias da cidade ha seis escolas de ensino primario official, tres do sexo masculino e tres do feminino, sendo as primeiras frequentadas por 96 rapazes e as segundas por 61 meninas.

Ha tambem na cidade cinco escolas particulares, frequentadas por 125 alumnos. Uma d'ellas ensina algumas materias de instrucção secundaria e recolhe estudantes; as outras quatro pertencem ao sexo feminino e terão 68 alumnas.

Tambem nos asylos se ensina ás creanças instrucção primaria e algumas prendas, e grande numero de meninas desde a idade de cinco annos se occupa na aprendisagem das rendas de bilros em toda a cidade e nomeadamente no bairro da Ribeira.

—

O *Asylo de Infancia Desvalida*, inaugurado em 3 de março de 1854, deve a sua existencia quasi que exclusivamente á iniciativa do benemerito e prestante viannense, já fallecido, Manuel Antonio Vianna Pedra.

A casa foi construida com todas as condições que demanda um estabelecimento d'aquella ordem, e nada menos de oitenta creanças alli recebem a instrucção necessaria para proverem de futuro aos meios da sua subsistencia e poderem ser uteis á sociedade. Não tem internato. As meninas entram de manhã; fornece-lhes a casa duas comidas, e sahem ao fim da tarde.

É uma instituição adoravel!

Em outubro de 1883 o seu capital montava a 37 contos de réis; a sua receita annual excedia a dois contos, e a despeza orçava por 1:380$000 réis.

O *Asylo de Meninas Orphãs e Desamparadas*, instituido pela Associação das Filhas de Maria, deve a sua existencia a um grupo de senhoras, á frente das quaes estava a viscondessa da Torre das Donas, D. Maria de Barros do Rego Barreto.

Admitte meninas externas de todas as idades, e internas tambem, nas condições do seu estatuto, de 5 a 8 annos.

O seu capital é muito diminuto, por ser a sua fundação muito recente. Data apenas de 1877, e a sua direcção recorre ao santo obulo da caridade.

As quatro irmãs hospitaleiras, que dirigem este benefico estabelecimento, ensinam

a 20 meninas externas e 14 internas, além da instrucção primaria, costura e varias outras prendas, francez e inglez, com resignação e dedicação verdadeiramente evangelicas, pelo que a cidade profundamente as estima.

—

O *Hospicio de Velhos e Entrevados* de Nossa Senhora da Caridade foi instituido em 1780 pelo benemerito cidadão José da Costa Pimenta Jarro, natural de Cabaços, no concelho de Ponte do Lima, com esmolas que pediu na importancia de 187$200 réis, esmolas abençoadas, pois hoje o seu fundo se eleva a 42:000$000 réis, além de 36.000$000 réis já destinados para um novo edificio!...

Como deve sorrir lá no ceu tão benemerito fundador!

Em junho de 1883 albergava este hospicio 42 velhos invalidos, sendo 29 pertencentes ao sexo masculino e 13 ao sexo feminino.

—

O *Hospital da Misericordia* teve o seu principio no anno de 1588, com o nome de *Hospital de S. João de Deus*, e concluiu-se o seu edificio no anno seguinte, sendo provedor João Jacome de Luna.

Anteriormente existiam em Vianna dois hospitaes, que lhe foram annexos, — um de *Gafos* ou *Gafaria*, junto á capella de S. Vicente, que já no anno de 1535 a confraria da Misericordia administrava; — outro denominado *hospital velho, albergue de peregrinos*, para cujas obras D. Affonso V em 1459 deu 15$000 réis, e foi instituido com rendas, em 1468, por João Paes o Velho, ascendente do ultimo administrador, Gaspar da Rocha Paes Cação Barros de Brito, em cuja administração se extinguiram os vinculos de tão antiga e nobre casa e conjuntamente as rendas d'esta albergaria.

Desde 1869 o hospital da Misericordia tem realisado melhoramentos importantes com relação aos meios de que dispõe.

A sua receita no ultimo anno economico de 1882 a 1883 foi de 3:500$000 réis, e a despeza de 2:300$000 réis.

O seu movimento desde o 1.º de junho de 1882 a 31 de maio de 1883 foi o seguinte:

	Homens	Mulheres	Total
Existiam do anno anterior.....	6	19	25
Entraram.....	68	142	210
Sahiram curados....	62	139	201
Falleceram.....	8	6	14
Ficaram existindo...	4	16	20

O hospital tem 7 enfermarias com 63 camas montadas, e alguns quartos particulares. O seu pessoal interno consta apenas de quatro irmãs hospitaleiras e um criado. Auxiliam o serviço um enfermeiro e uma ajudante privativa das mulheres.

Ha annos que a Misericordia fundou um Banco Agricola e Industrial com a cifra de 29:151$600 réis, e rendeu n'estes ultimos annos tres e meio por cento.

—

A mesa da Ordem Terceira do Carmo resolveu crear um hospital para os seus irmãos pobres, em 1862. Obtida auctorisação para emprasar uma parte do convento do Carmo, por carta regia de 23 de junho do dito anno, sendo lavrada a escriptura em setembro de 1863, logo no principio de 1864 abriu o hospital, mas pouco depois se fechou. Pretende agora abril-o de novo em melhores condições de viavilidade.

Em tempo, D. Maria II concedeu á irmandade dos Mareantes licença para fundar tambem um hospital para maritimos, mas não passou de tentativa.

Do hospital militar já se tratou quando fallámos do convento de Santo Antonio.

—

Na *Assembléa Viannense* reunem-se todas as noites 50 a 60 individuos, proprietarios e empregados publicos, que encontram alli as commodidades precisas para passarem agradavelmente algumas horas, — dois bilhares, varias mesas de jogos licitos, e salão de baile, que se abre tres vezes no anno ás familias dos socios. Na ultima *soirée masquée*, de 25 de fevereiro, reuniram-se 87 senhoras!

No gabinete de leitura se encontram jornaes politicos, scientificos e illustrados, portuguezes e estrangeiros.

Foi esta associação instituida em 1848, e o numero de socios hoje se eleva a 134.

O *Club Democratico Viannense* conta 78 socios e data de 10 de setembro de 1880. Tem gabinete de leitura, bibliotheca e mesas de jogos licitos, e é frequentado ordinariamente por 20 a 30 individuos.

O *Club Militar Recreativo* destina-se á distracção e convivencia das familias dos officiaes, e data de 20 de janeiro de 1883. Reunem-se alli as familias dos socios nos dias santificados e de gala, comparecendo termo medio 20 senhoras e outros tantos officiaes ou cavalheiros das suas familias.

Está montado na casa da Vedoria.

Em 1883 tambem os Bombeiros Voluntarios abriram um club para tão sympathica agremiação e para os socios protectores.

No 1.º de dezembro ultimo (1883) alguns estudantes do Lyceu e outros mancebos talentosos inauguraram um *Gremio de Instrucção*, onde se reunem, distrahem e illustram, fazendo conferencias e pronunciando discursos. Por vezes abrem as suas portas ao publico.

—

A *Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Vianna* foi organisada em seguida ao pavoroso incendio da rua do Caes, em abril de 1881, e conta hoje (março de 1884) 31 socios activos e 116 protectores.

Os seus estatutos foram approvados em 25 de junho de 1881.

Possue um magnifico material, avaliado em 2:026$018 réis. A bomba, que é de grande força, monta em um *break* e foi construida em Leipsig, na casa Jauck.

Tem uma secção maritima, destinada a soccorrer naufragos, para a qual encommendaram no Havre por 9:000 francos um magnifico barco salva-vidas.

Ao seu commandante, o benemerito capitão de engenheria João José Pereira Dias, se deve a prosperidade, disciplina e bom credito d'esta humanitaria corporação.

O material de incendios, pertencente ao municipio, compõe-se de um carro d'aprestes e 4 bombas, — uma do systema Flaud, offerecida pelo secretario de estado Rodrigo da Fonseca Magalhães, — duas de systema inglez antigo, — e uma portatil.

O pessoal é actualmente de 26 praças.

A bomba da estação do caminho de ferro é magnifica, systema *Latestu*, manual e montada em carro.

Os 6 carregadores formam o seu pessoal.

—

A *Associação dos Artistas*, fundada em 1860, conta presentemente 656 socios, que, mediante uma leve quota, d'ella auferem consideraveis beneficios.

A Roda dos Expostos foi instituida em 1701, data em que a camara, obtida licença regia por alvará de 20 de fevereiro de 1699, resolveu dotar o seu vasto municipio com tão santa instituição.

Vianna tem 5 pharmacias, 4 cafés de 1.ª classe, um d'elles com bilhar, e duas philarmonicas.

O *Hotel Central*, na rua de Sant'Anna, hoje a primeira da cidade, montado no palacete da marqueza de Terena, é um dos melhores hoteis da provincia. Tem bons quartos, grande sala de mesa, onde já se serviram jantares de 60 talheres, sala de visitas, piano e jardim. Os preços variam de 1$000 a 1$500 réis diarios.

Assim fica rectificada a noticia de pagina 336.

Além d'este hotel ha em Vianna mais dois que lhe são inferiores, — o *Viannense*, na rua Grande, e o *Aguia d'Ouro* sobre as arcadas da antiga Praça do Peixe, com excellentes vistas sobre o Lima e o formoso passeio do caes.

—

Fallemos agora dos theatros viannenses.

O *Theatro da Caridade*, pertencente ao *Hospicio dos Velhos e Entrevados*, abriu pela primeira vez a sua platéa na noite de 7 de abril de 1806, com uma recita dada por uma companhia hespanhola. Tem limitadas dimensões, e por isso a *Companhia Fomentadora Viannense*, instituida em 1874 para dotar a cidade com varios melhoramentos de iniciativa sua, resolveu principiar pela construcção de um novo theatro, digno de Vianna.

Os socios installadores da mencionada companhia foram José Affonso d'Espergueira, conselheiro Antonio Alberto da Rocha Paris, Sebastião da Silva Neves e José Alves de Sousa Ferreira. Tem feito varias emissões no valor aproximado de 30:000$000 réis, e com ellas e com o producto de bazares e de offertas de varios portuguezes residentes no Brazil, tem custeado as despezas.

Começou a construcção do edificio em 15 de março de 1876. Tem de comprimento 48 metros sobre 21 de largura, na fachada sobre a rua das *Correias*. A platéa é semi circular, medindo o seu raio 6m,25 e a altura 11 metros. Tem tres ordens, a 1.ª com 20 frisas, a 2.ª com 21 camarotes, a 3.ª com 16 e uma galeria no centro.

Falta concluir o palco, que é amplo e deve rivalisar com os primeiros do nosso paiz.

Toda a sua fabrica é elegante e a ornamentação de bom gosto.

Na frente sobre a rua das Correias tem um grande salão para concertos e duas salas nos topos.

Inaugurou-se no dia 3 de fevereiro d'este anno (1884) com uma serie de bailes de mascaras que produziram avultada quantia. Deve estar prompto no fim d'este anno.

—

A comarca de Vianna, séde de um tribunal commercial, tem cinco officios e um tabellião de notas.

A sua area não coincide com a do concelho, pois deu em 1874 para a comarca de Caminha as freguezias de Freixieiro de Soutêllo, Affife e S. Pedro de Soutêllo.

Nunca o tribunal de Vianna lavrou sentença de morte que se cumprisse, mas, já depois de 1834, alli se cumpriram duas, lavradas pelo juiz dos Arcos de Val de Vez, pertencente áquelle districto : — a primeira das ditas execuções effectuou-se em uma forca erguida no caes, defronte da alfandega, no sitio do pelourinho, em 21 de setembro de 1838, na pessoa do infeliz Antonio Manuel Barreto, de 27 annos, natural do Couto de Capareiros, filho de José Faustino Borges e de Theresa Maria Barreto.

Era accusado de haver commettido um avultado roubo na estrada publica, de haver assassinado João Saraiva e de ter resistido á justiça.

O jury o condemnou a ser levado pelas ruas mais publicas de Vianna até o caes, e a morrer alli de morte natural na forca, e, depois de morto, lhe seriam decepadas a cabeça e as mãos, que ficariam expostas até que o tempo as consumisse, — a cabeça no mesmo caes e as mãos no logar do delicto, — e a pagar um conto e seiscentos mil réis, metade para Joaquina Moreira Novaes e a outra metade para os herdeiros do assassinado João Saraiva, — e mais duzentos mil réis para o thesouro publico.

Foi a sentença confirmada na Relação do Porto, em accordam de 28 de novembro de 1836, supprimindo a decepação da cabeça e mãos, o que o supremo tribunal confirmou por accordam de 9 de julho de 1837 ; e em portaria de 27 de agosto de 1838 se participou ao presidente da Relação do Porto que S. M., ouvido o conselho de ministros, não usara da sua real clemencia em favor do reu.

Foi effectivamente justiçado, mas ainda hoje é voz publica em Vianna que o infeliz Antonio Manuel Barreto *estava innocente!...*

—

A segunda e ultima execução teve logar no Campo do Castello, a 22 de março de 1843, sendo enforcado Jacintho José da Silva, de 37 annos, natural da freguezia de Giella, concelho dos Arcos de Val de Vez, casado com Antonia Maria, filho de João da Silva e de Maria Angelica.

Este infeliz foi accusado de haver assassinado Maria Gaya e com ella o feto que trazia no ventre, e um menino de tres annos de idade, filho de ambos!

Foi julgado em 2 de agosto de 1840, pelo juiz dos Arcos, e a sentença confirmada na Relação do Porto em 17 de fevereiro de 1841. Recorrendo o reu de revista, foi-lhe esta negada, e em portaria de 15 de fevereiro de 1843 se participou ao presidente da Relação que S. M. não se dignou usar da sua real clemencia em favor do reu.

Depois de 1834 foram justiçados ao norte do nosso paiz, na area da Relação do Porto,

mais quatorze infelizes, — quatro na cidade do Porto e dez em differentes terras, sendo o ultimo José Maria, o *Calcas*, em 19 de setembro de 1845, no campo do Tablado, em Chaves. [1]

Lancemos um veu sobre estas paginas de sangue e passemos a outro topico.

—

A guarnição de Vianna é feita pelo regimento de infanteria n.º 3, que, ha mais de 30 annos, alli estaciona, aquartelado em um bello edificio, mandado construir pela rainha a senhora D. Maria I, em 1790.

Dentro d'este quartel ha um nicho, onde se venera o *Senhor dos Quarteis*, imagem que durante a guerra peninsular acompanhou o heroico regimento de infanteria n.º 9, extincto em 1828, cujas gloriosas bandeiras se conservam na egreja do convento de S. Domingos, como já dissemos. Ao lado d'ellas cahiu mortalmente ferido na batalha da Victoria, a 21 de junho de 1813, o valente capitão Fernando de Villas-Boas, como em honrosa commemoração refere o sr. Claudio Chaby, a pag. 707, no 4.º volume dos seus *Excerptos Historicos da Guerra da Peninsula*.

No castello reside apenas um pequeno destacamento de 5 praças de artilheria n.º 3, para salvas e serviço dos signaes do porto.

O batalhão d'artilheria n.º 3 foi removido para Santarem, haverá 10 annos. Fica d'esta fórma rectificada a noticia de pag. 335.

No quartel da antiga *Vedoria*, na rua das *Vaccas*, estaciona uma secção da companhia de veteranos, de Valença, commandada por um sargento.

—

O movimento maritimo do Porto de Vianna, durante o ultimo anno de 1883, foi o seguinte:

Sahiram 172 navios, 105 para portos nacionaes, com a lotação de 8:974 metros cubicos e 682 pessoas de tripulação; 1 para a Allemanha, 2 para o Brazil, 9 para Inglaterra, 35 para a Hespanha, 1 para a Hollanda, 3 para a Noruega e 16 para diversos destinos, com o total de 18:790 metros cubicos e 1:157 pessoas de tripulação.

Pertenciam ás seguintes bandeiras: 119 portuguezes, 3 allemães, 1 francez, 13 hespanhoes, 25 inglezes, 9 norueguezes e 2 diversos.

D'estes 172 navios sahiram com carga 133 e em lastro 39.

O movimento por procedencias foi: 97 navios dos portos do nosso reino, 2 dos Estados Unidos, 2 de França, 28 de Inglaterra, 12 de Hespanha, 2 da Italia e 6 da Noruega, com uma lotação total de 15:990 metros cubicos e 985 pessoas de tripulação, pertencentes ás seguintes bandeiras: 99 portuguezes, 3 allemães, 1 francez, 12 hespanhoes, 27 inglezes e 7 norueguezes.

D'estes entraram com carga 125 e em lastro 24.

Rendeu a alfandega de Vianna

em 1882.....	139:228$092
e em 1883.....	157:882$861
e por tanto a mais no ultimo anno, réis.....	18:654$769

A maior parte d'este rendimento proveiu dos direitos sobre o bacalhau, assucar e petroleo.

Descobertas archeologicas

No alto do monte de Santa Luzia, detraz da capella, a 205 metros de altitude, era tradição haver existido, em tempos remotos, uma povoação, e alli se encontravam vestigios de muralhas.

No principio do mez de junho de 1877, antes da visita ás ruinas da Citania, o sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva subiu o monte e procedeu a escavações que deram em resultado acharem-se varias casas arruinadas, de pequenas dimensões, a maior parte redondas. Tratou logo s. ex.ª de animar a exploração, para o que obteve da *Associação dos Archeologos e Architectos Por-*

---

[1] Póde vêr-se a relação completa nos n.os 523, 525, 526, 527 e 528 do *Dez de Março* de 1881, organisada e publicada pelo auctor d'estas linhas — *P. A. Ferreira.*

tuguezes, da qual é dignissimo presidente, uma importante quantia, pondo-se a descoberto uma pequena parte da antiga povoação. A isto se limitaram as descobertas de Vianna, que desfalleceram com a ausencia do illustre architecto e com a falta de meios.

Na pequena area das escavações, lado norte, a 0m,45 de profundidade, onde foi encontrado o piso da velha povoação, se exploraram onze casas, de 4 a 6 metros em diametro, encontrando-se alli por essa occasião algumas pequenas moedas romanas de cobre, de Cesar e Constantino, uma centena de pregos d'aquelle metal, tijolos, pedras redondas furadas e alguns fragmentos de ceramica e de vidro.

O perimetro das muralhas excede a um kilometro.

Ultimamente o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado archeologo tambem, e mais dois cavalheiros seus amigos, tiveram o pensamento de erigir uma confraria na capella de Santa Luzia, com o fim não só de venerarem aquella santa e martyr, mas de aformosearem o local, proteger as venerandas ruinas e construir uma estrada que facilmente conduza os devotos e forasteiros até o cimo do dito monte, por tantos titulos interessante.

Foi muito bem acceite pelo publico esta idéa.

Parte da empreza já se acha realisada, pois que a confraria, approvados os seus estatutos por alvará de 18 de fevereiro d'este anno (1884) tomou posse da capella no dia 3 do mez de março, e conta já cerca de 200 irmãos, comprehendendo muitos dos principaes cavalheiros de Vianna.

A mesa ficou assim composta: presidente, Luiz d'Andrade e Sousa; secretario, Luiz de Figueiredo da Guerra; thesoureiro, José da Cunha Guedes de Brito; vogaes, Antonio Pinto d'Araujo Correia, dr. José Alfredo da Camara Leme, João Coelho de Castro Villas-Boas e Manuel Joaquim Gonçalves d'Araujo, todos cavalheiros prestantissimos e benemeritos viannenses, animados do melhor desejo de realisarem as nobres e santas aspirações que os determinaram a erigir a mencionada confraria.

Fazemos votos por vêr em praso breve a capellinha transformada em um formoso sanctuario, aquellas ruinas devidamente exploradas e defendidas dos vandalos, e aquelle tão pittoresco monte convenientemente arborisado e embellezado.

Recebam ss. ex.as todos os nossos justos emboras.

A capella é antiquissima; data a ultima reconstrucção de 1664, e está a 195,59 metros de altitude (fica assim rectificada a altitude que se indicou a pag. 335). A sua latitude é de 41, 42, 0, e a longitude 0, 17, 9 E.

Do adro se gosa um surprehendente panorama sobre o valle do Lima, e o mar se perde de vista em dilatado horisonte.

—

Em agosto de 1881 publicou o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra no *Noticioso*, de Valença, curiosas noticias com relação a umas sepulturas que appareceram em Vianna, dentro da cidade, quando se principiou a preparação do terreno para o novo mercado no largo de S. Bento, nos primeiros dias d'aquelle mez.

Aquellas sepulturas eram contiguas, abertas em rocha, e estavam occultas sob o cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança. Correspondiam ao local da primitiva capella de S. Bento e n'ellas se sepultaram as primeiras devotas já mencionadas, quando se tratou do mosteiro de S. Bento.

Aquella ermida, ao pé da egreja das Almas, servia de desembarcadouro na passagem do rio Lima, e por isso vivia n'ella um ermitão, frei Hieronymo, cujos restos (muito provavelmente quando se collocou n'aquelle sitio o cruzeiro, em 1647) foram trasladados para a egreja do convento, onde estão, sob a pia baptismal.

Industria local

Vianna não é propriamente cidade industrial, todavia a sua população, sobremaneira laboriosa, dá bons artistas: assim apresenta excellentes officinas de carruagens, marcenaria (uma das quaes, de Albano da Graça Pires Franco, estabelecida no Campo do cas-

tello, é movida a vapor), sapataria, de alfaiate, de cortumes, e de phosphoros.

A freguezia de Affife, além de ter pintores habeis, fornece estucadores verdadeiramente primorosos, bem conhecidos em todo Portugal.

Defronte da cidade, alem rio (em Darque) existe desde 1874 uma fabrica a vapor, de moagem e serraria de madeira (e em tempo tambem de distillação) pertencente aos negociantes João Antonio de Magalhães & Filho.

Em janeiro ultimo (1884) abriu-se junto á ponte, no cáes de Gontim, uma fabrica de fundição de ferro para panellas e potes, que em breve será augmentada com tôrno e serralheria.

Dos estalleiros de Vianna sahiam barcos velleiros e de afamada construcção, que se armavam em patachos, escunas e hiates; porém n'estes ultimos annos a carestia de jornaes e a falta de madeiras tem afugentado d'aqui os armadores. A decadencia da nossa marinha mercante faz-se sentir em todos os portos do reino.

Desde 1840 a 1860 construiram-se em Vianna 33 embarcações; desde 1860 a 1870 apenas 4; e de 1870 até hoje 6, com os nomes e arqueação seguintes:

Em 1870 o palhabote *Senhor das Areias* com 153,439 metros cubicos;

Em 1873 a escuna *Saudade* com 182,885 metros cubicos;

Em 1873 o palhabote *Industria* com 174,103 metros cubicos;

Em 1875 o patacho *Barboza II* com 177,177 metros cubicos;

Em 1881 o cahique *Rio Lima* com 78,564 metros cubicos;

Em 1881 o cahique *Vascão* com 54,889 metros cubicos.

Na pescaria empregam-se 70 barcos ou lanchas, incluindo as 14 da volante, com uma tripulação de 350 homens. O valor da dizima d'esse pescado regula por 500$000 réis annuaes.

A maior exportação consiste em madeira de pinho para Hespanha, e cereaes para os portos do reino; e a importação principal consiste em bacalhau da Terra Nova e da Noruega (2.842:383 kilogrammas annuaes), trigo americano, petroleo, carvão de pedra, enxofre, ferro e aço em barra.

O total dos valores das mercadorias importadas e exportadas pela barra de Vianna ascende a uma media annual de 800 contos, recebendo a Alfandega de direitos 130.

Fallemos agora de uma pequena industria, mas muito florescente; referimo-nos á renda de bilros. Apresenta duas variedades: rendas de linho e entremeios, cuja largura varia de 0^{m},01 a 0^{m},36, com os preços de 30 a 2$000 réis o metro.

Trabalham nas rendas 300 feitureiras, cujos jornaes medeiam de 20 a 100 réis diarios, empregando 18 a 288 bilros.

A linha uzada é a nacional e tambem a franceza.

Ha duas ou tres senhoras que compram estas rendas ás feitureiras, e as exportam, principalmente para o Brazil. Encommendam peças, escolhendo o gosto, e uma d'ellas, Thereza de Passos Sacadura, tem obtido nas exposições varios premios, e vende annualmente oito mil metros de renda, termo medio.

No concelho de Vianna, na freguezia de Lanhezes, ha olarias de telha, tijolo e vazos para flores.

O movimento da estação do Caminho de ferro de Vianna durante o anno de 1883 foi o seguinte:

Venderam-se bilhetes em numero de 39:019, e produziram a importancia de 12:474$500 réis.

O total das encommendas, bagagens e mercadorias attingiu a quantia de 21:739$550 réis.

Districto de Vianna

A superficie do districto de Vianna comprehende 225:288 hectares: o seu solo que constitue o alto Minho, é bastante accidentado, e proveniente da decomposição de granitos, na sua maxima parte.

Entre os rios Minho e Lima levanta-se a serra da Peneda, que mede 1,446 metros d'altitude, e são ramos seus as serras de Bulhosa, e de Arga, com a altitude de 816 metros.

Estas montanhas formam a divisoria entre as bacias d'aquelles dous rios. Da serra de Arga, que vem morrer sobre a foz do Minho, sahe um braço que se dirige para Vianna, e se denomina Serra de Santa Luzia, com a altitude de 552 metros na pyramide geodesica do *Penedo da Era.*

O districto de Vianna abrange uma população de 220 mil habitantes, dos quaes 40 mil, a parte mais laboriosa do Minho, se condensa nas margens do Lima, que em fertilidade rivalisam com o terreno mais fertil de todo o nosso paiz. Se n'alguns pontos a agricultura desfallece, é porque a emigração constante para o imperio do Brazil seduz e magnetiza os nossos simplorios lavradores, roubando nos os mais vigorosos braços.

A cultura estende se até ás encostas dos montes e aos plainos das serras: a parte improductora é diminuta. Os baldios ou maninhos, até aqui logradouro commum, começam hoje a ser divididos pelos povos das respectivas parochias, que os aproveitam, sementando-os com penisco e com tojo para estrumes.

É abundante em aguas, e fertil em milho, principalmente o concelho de Coura, vinho verde (o de Monção sobre todos é excellente), centeio, cevada, linho, cebolas, nabos e hortaliças; as aguas são aproveitadas para as moendas, lima dos prados e rega dos linhos, milhos e hortaliças.

A pequena cultura é a mais usada, porque a propriedade está muito dividida e sobrecarregada com foros, reminiscencias dos prazos e senhorios d'outras eras.

O gado que faz todo o serviço de lavoura é o bovino.

Os habitos e costumes da gente do campo surprehendem agradavelmente o viajante; os trajes são elegantes e de bonito effeito, principalmente os dos arredores de Vianna, como já tivemos occasião de ver na grande festa, feira e romagem da Senhora da Agonia.

Nos concelhos dos Arcos de Val de Vez e da Ponte da Barca, no meio das serras agrestes, existem povos de costumes patriarchaes, que constituem uma especie de pequenas republicas, cujas povoações mais importantes são Suajo e Castro Laboreiro, na serra da *Peneda*, concelho dos Arcos; e Britello, na serra *Amarella*, concelho da Barca.

—

Com relação á agricultura geral do paiz, a d'este districto, como de todos os do norte, é prospera, porque é progressiva, havendo terras que produzem no anno duas e ás vezes tres novidades; mas o solo vae-se esgotando bastante, por que lhe não lançam os adubos precisos para a maxima producção que exigem das terras, e tambem porque, apezar de se fazer muito uzo das aguas, estas não são aproveitadas como deviam ser, havendo tractos de terreno em que se dispende muito dinheiro para obter muito pouca quantidade de agua, e pelo contrario outros, em que a agua se perde, deteriorando os terrenos, sem que os lavradores queiram fazer a mais pequena despeza para os aproveitarem.

As principaes culturas do districto são as seguintes:

Cereaes. Milho em abundancia, principalmente no concelho de Coura, chamado *Celleiro do Minho.* Ha annos em que se exporta grande quantidade d'este genero, para o qual convergem os esforços dos nossos lavradores, que de ordinario são *colonos* e pagam as pensões em milho, avaliando se pela sua maior ou menor produção a fertilidade do anno.

Cultiva se tambem, mas em menor escala, o trigo e o centeio.

Vinha. Em todo o districto o vinhedo é atacado pelo *oidium* e *antrachnose*, posto que esta epidemia não seja tão vulgar. Nos concelhos de Monção e Arcos apparece tambem a *anguilecte*, e, por emquanto, só n'aquelle primeiro concelho ha uma nova molestia que não está bem definida, correspondendo a uma outra observada no Ribatejo, chamada *perneira.*

Leguminosas. Feijão em abundancia, que no geral é semeado pelo meio do milho; feijão de trepar, favas, tremoços e ervilhas.

Plantas tuberosas. Batata ordinaria de muitas variedades, e em pequena porção a batata doce.

Productos de hortas. Couve gallega, nabos, cebolas, alhos, tronchuda, murciana,

saboia, penca, couve flôr, broculos, cenouras, rabanos, repolhos, etc.

Plantas industriaes. Linho, canhamo.

Pomares de espinho. Larangeiras, limoeiros, limeiras e tangerineiras.

Pomares de caroço. Ceregeiras, ameixieiras, pecegueiros, damasqueiros, ginjeiras, e amendoeiras.

Pomares de pevide. Macieiras e pereiras de muitas variedades.

Prados. Naturaes e artificiaes produzem n'esta região herva mollar, aveia, trevo, cerradella, cevada, etc.

Mattas. Pinheiro silvestre e manso carvalho, e sobreiro.

Os castanheiros, que com seus troncos gigantescos orlavam as avenidas dos solares do Minho, produzindo muita castanha e formosa madeira para construcções, vão em pronunciada decadencia.

As florestas tendem a augmentar pela grande sementeira que se tem feito de pinhões nos baldios, principalmente nas freguezias onde as juntas de parochia os dividiram pelos seus moradores.

—

Com relação á industria pecuaria é este districto o 4.º do reino em densidade, sendo a especie bovina a mais importante, seguindo-se-lhe logo a especie suina e depois a ovina, estando em inferior escalla as especies cavallar, muar e asinina.

As raças bovinas são a barrozã, a gallega, e uma variedade importante, a *bragueza*, prestando-se hoje todas tres á engorda, mas sendo preferida a primeira.

O districto é mais recreador do que creador. Engordam o gado por gráus, havendo individuos que costumam *limpar* o gado magro; outros compram crias, conservando-as até aos primeiros trabalhos; outros levam ainda o gado até meia engorda, e finalmente outros (estes em menor numero) acabam de engordar o gado, já feito.

Do que deixamos dito se conclue que sobre a engorda de gado ha muitas e variadas transacções, já em casa dos lavradores, onde os *regatões* os procuram, já nas feiras, principalmente nas de maio.

E' esta a industria que melhor retribue as fadigas ao lavrador, e por isso não só os lavradores, mas até os proprietarios, dão *gado a ganho*.

Sae d'aqui muito para embarque, mas poucas vezes directamente, passando de ordinario das feiras reguladoras do districto, (é a principal a de Ponte do Lima), para as feiras de Villa do Conde, levando-o d'alli para os suburbios do Porto, onde completam a engorda.

Os preços porque se vendem os differentes gados variam com a epoca do anno, sendo costume dar melhor offerta nos *mezes das valias* (fins de fevereiro a maio). O premio maximo que sabemos obtivera uma junta de bois, foram sessenta moedas ou réis 288$000.

Como já dissemos, o serviço agricola é feito com gado bovino, especialmente com vaccas; e, apezar de não darem muito leite, a qualidade d'este é excellente.

Ha muitos annos que a manteiga do districto é apreciada e bem conhecida nos mercados de Lisboa e Porto, com o nome de *manteiga de Vianna*. O districto, nomeadamente os concelhos de Vianna e Caminha, podiam e deviam produzir mais e melhôr manteiga, que rivalisaria com a ingleza, se fosse convenientemente fabricada.

O districto produz bastantes animaes da especie suina, sendo a principal a beirôa, e está bastante espalhada tambem a raça branca ingleza. Muitos lavradores criam os porcos para os venderem aos recreadores, e esta industria, pela sua facilidade, tende a prosperar, porque este gado ingere bem as comidas frias, e engorda a ponto de alguns exemplares terem attingido o peso de 300 kilogrammas!

A especie ovina, abundante no districto, está muito descurada, dando apenas lã grossa, que se consome quasi toda na localidade em fatos para os lavradores. Uma ou outra rêz mais gorda vae para os talhos.

Das especies cavallar, muar e azinina, uma só, a segunda, fornece exemplares muito procurados em crias para a Hespanha, onde são bem pagas.

O penso do gado bovino para trabalho consiste, no inverno, em palha de milho e

herva; ao gado d'engorda costumam dar além da herva, raizes carnosas ou tuberosas, sal e farinha de milho, ministrada ordinariamente em agua.

Em algumas freguezias do concelho como na de Vianna, Affife e n'outras do districto, ha uma especie de *seguro de gado bovino*, formado por uma associação de lavradores que *por finta* pagam ao socio o valor do animal que morrer de molestia ou de desgraça, depois de verificada a morte pelo curador.

—

O conselho de agricultura resolveu pedir ás camaras do districto que nos seus orçamentos lançassem uma verba para premiar quem possuisse melhores reproductores nos seus concelhos.

O estabelecimento da quinta Regional, para que foi comprada no mez de fevereiro ultimo pela junta geral a bella quinta dos *Rubins*, sita entre Vianna e a freguezia da Meadella, e mencionada n'este Diccionario a pag. 51 e 357 d'este volume, deverá fornecer, na forma da lei, animaes reproductores de todas as especies.

Viação districtal

Antes de apresentarmos uma nota de todas as diversas estradas que recortam o alto Minho, daremos uma succinta noticia sobre a direcção das obras publicas d'este districto.

Á frente d'esta repartição, como director, está um distincto engenheiro, o major João Thomaz da Costa, e os serviços e obras do districto acham-se divididos em seis secções:

Secção do valle do Lima.
Secção do valle do Minho.
Secção de construcção em Coura.
Secção de estudos em Melgaço.
Secção de Hydraulica em Caminha.
Secção de Hydraulica em Vianna.

Cada secção tem um engenheiro, conductores, fiscaes e cantoneiros, em numero variavel.

O pessoal administrativo compõe-se de um pagador e seu proposto, dois amanuenses, ferramenteiro e guarda de secretaria.

Estradas reaes

E. R. n.º 1. Dos Arcos a Monção comprehende 34:966,0 metros.

Esta estrada segue pela margem direita do rio Vez, e depois de passar a Portella do Extremo, ponto divisorio entre os valles do Lima e do Minho, entronca no logar d'Agras com a E. R. n.º 2, que vae para Valença; mais acima, com a estrada municipal para Sago, no sitio das Cruzes de Mazedo; e junto ás portas do Sol em Monção com a E. R. n.º 23, que sahe de Caminha para Melgaço. Está concluida.

E. R. n.º 2. Das Agras (entroncamento da E. R. n.º 1) a Valença, e liga-se com a E. R. n.º 23 no pinhal das Poças, comprehendendo uma extensão de metros 9:621,0. Está em projecto.

E. R. n.º 3. Do Porto aos Arcos, vindo do districto de Braga. Comprehende no districto de Vianna, desde a Figueirinha (limite dos dois districtos) até á villa dos Arcos de Valdo Vez, metros 10:321,5.

Entronca n'esta, dentro da villa da Barca, a E. R. n.º 26, que vae de Ponte do Lima áquella villa, e atravessa sobre pontes os rios Lima e Vez, ligando-se com a E. R. n.º 1. Está concluida.

E. R. n.º 4. De Villa Nova de Famalicão a Caminha.

Atravessa o districto de Braga e comprehende no de Vianna, desde o Campo d'Enfias até Caminha, uma extensão de metros 36:534,0.

N'ella entroncam as estradas districtaes n.º 4, de Vianna a Villa Verde, no sitio da Ola, e a n.º 3, de Vianna a Ponte do Lima, em Darque. Atravessa o rio Lima sobre o taboleiro superior da ponte metalica, em Vianna, no fim da qual se reune com a E. R. n.º 25, de Vianna a Lindozo; acompanha a linha ferrea, passando o valle do rio Ancora, e termina em Caminha, na margem esquerda do rio Coura. Está toda concluida.

Ramal da E. R. n.º 4, á estação do Caminho de ferro de Barrozellas, logar da freguezia de Capareiros.

Deve partir da E. R. n.º 4, no sitio do Ga-

meleiro, e ligar com a E. districtal n.º 3, em Capareiros, perto da estação do caminho de ferro. Deve ter, quando concluida, a extensão de metros 8:387,5.

Está construida a parte entre a E. districtal e o poetico rio Neiva, na extensão de 3:300,0 metros.

E. R. n.º 23. De Caminha a Melgaço, medindo 79:946,0 metros. Passa a ponte de Caminha na foz do rio Coura e segue pela margem do rio Minho, atravessando Villa Nova da Cerveira. D'ella sahe a E. municipal para S. Julião da Silva, cruza com a E. R. n.º 24, ramal de Coura, e depois de ser atravessada pelas E. municipaes da Gandra e Segadães, e cruzar com a linha ferrea, passa em Valença, d'onde sae para Monção, cruzando a E. R. n.º 1, junto das portas do Sol, n'esta villa, e d'alli parte para Valladares e Melgaço, devendo seguir até S. Gregorio, fronteira da Galliza. Tem concluidos até Melgaço 70:256,0 metros.

E. R. n.º 24. Ramal de Coura. Comprehende uma extensão de metros 31:924,0.

Sae da estação do Caminho de ferro do Minho, em S. Pedro da Torre, passa na Portella de *S. Bento da Porta aberta*, termo divisorio das aguas do Minho e Coura, atravessa a villa de Paredes, cabeça do concelho de Coura, e d'ahi segue para a Portella do Extremo, onde entronca na E. R. n.º 1, dos Arcos a Monção.

Está construida até a Villa de Paredes de Coura, na extensão de 17:924,0 metros.

E. R. n.º 25. De Vianna a Lindoso; comprehende metros, 75:609,0.

Sae de Vianna ligando com a E. R. n.º 4, junto á ponte metallica; toca nas estradas municipaes para Outeiro e S. Lourenço, corta Lanhezes e Ponte do Lima, no largo da Alegria, onde entronca na E. R. n.º 30, que vem do Porto a Valença — cruza com a Estrada municipal que de Rendufe e Coura vae para os Arcos, entroncando na E. R. n.º 1, dos Arcos a Monção, na rua da Misericordia d'aquella villa; passa na Barca entroncando na E. R. n.º 3, do Porto aos Arcos, e segue para Lindoso, fronteira da Galliza.

Está concluida na extensão de 43:889,0 metros, até a Villa dos Arcos.

E. R. n.º 26. De Ponte do Lima á Ponte da Barca, comprehendendo uma extensão de metros 17:000,0.

Sae do Largo de Camões em Ponte do Lima, onde liga com a E. R. n.º 30, do Porto a Valença; passa em S. Martinho da Gandra, e termina na villa da Barca, onde entronca na E. R. n.º 3, do Porto aos Arcos. Está concluida.

E. R. n.º 27. De Ponte do Lima ao Pezo da Regua. Comprehende dentro do districto de Vianna 12:235,5 metros.

Entronca na E. R. n.º 30, em Ponte do Lima, e passa para o districto de Braga, na ponte dos Córvos, em que atravessa o rio Neiva.

E. R. n.º 30. Do Porto a Valença. Vem do districto de Braga, e comprehende no districto de Vianna uma extensão de metros 49:581,0.

Entra no districto de Vianna em S. Bento de Balugães, cruzando com a E. districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde, e com a n.º 3, de Vianna a Ponte do Lima; passa n'esta villa; entronca duas vezes com a E. R. n.º 25, de Vianna a Lindoso; atravessa a Portella da Labruge, ponto divisorio entre o Lima e o Coura; cruza com a E. districtal n.º 1; segue á Portella de *S. Bento da Porta Aberta*, termo divisorio do Coura e Minho; continua na E. R. n.º 24, que aproveita até ás proximidades de S. Bento de Lagôas, seguindo depois a entroncar junto a Valença, com a E. R. n.º 23, de Caminha a Melgaço. Está concluida.

Ramal de Melgaço a Castro Laboreiro, na distancia approximada de metros 20:000,0.

Este ramal foi mandado estudar pela Portaria de 21 de dezembro de 1881.

Total das novas Estradas Reaes a macadam que o governo tem mandado construir na área d'este districto de Vianna, desde 1857, data da construcção da 1.ª E. R:

Até 31 de dezembro de 1883—	296k047m,0.
Total dos metros que faltam a construir das E. R. acima mencionadas.....	90k118m,5.
Somma a extensão das referidas estradas.....	386k165m,5.

Custo da sua construcção até aquella data 1:192:916$640 réis.

N. B. Não se comprehende n'esta quantia o custo da E. R. n.º 4, primeira construida no districto, por isso que foi feita pela companhia Utilidade Publica.

Subsidio dado pelo governo á Junta Geral do Districto para as suas estradas, até 31 de dezembro de 1883, 80:937$821 réis.

Subsidio que tem dado o governo ás diversas camaras do districto para a sua viação municipal a mac-adam, até á referida data, 21:870$626 réis.

Total que o governo tem dispendido com a viação a mac-adam, pessoal technico, estudos e outros serviços na área do districto até á mesma data de 31 de dezembro de 1883, 1.416:132$101 réis.

Estradas districtaes em 31 de dezembro de 1883

Estrada D. n.º 1. De Caminha por Coura e Arcos de Val de Vez a Melgaço, na extensão de metros 90:131.

Deve atravessar a E. R. n.º 30, proximo á freguezia de Romarigães, no concelho de Coura.

Sae de Caminha pela margem esquerda do rio Coura; atravessa a villa de Paredes, d'onde seguirá para a villa dos Arcos, e depois pela margem esquerda do rio Vez, até á Portella de Sistello, d'onde irá a Melgaço. Está construida até S. Martinho de Coura, n'uma extensão de 22:353 metros; em construcção de S. Martinho a Paredes, na extensão de 14:278 metros, e o resto por estudar.

E. D. n.º 2. De Caminha a Ponte do Lima, na extensão approximada de metros 25:268.

Deve partir da E. R. n.º 4, nas proximidades de Ancora. Nada ainda ha feito.

E. D. n. 3. De Vianna a Ponte do Lima, Parte da E. R. n.º 4, na freguezia de Darque, segue a margem esquerda do Lima e vae entrar no sitio de *Giestas* na E. R. n.º 30, que aproveita até Ponte do Lima. Comprehende 16:863 metros.

E. D. n.º 4. De Vianna a Villa Verde.

Sae da E. R. n.º 4, no sitio de *Ola*; — segue a margem direita do rio Neiva; — atravessa e E. R. n.º 30, em S. Bento de Balugães; — vae á villa de S. Julião do Freixo — e cruza com a E. R. n.º 27, no sitio da *Ponte dos Corvos*, continuando no districto de Braga até Villa Verde.

Comprehende no districto de Vianna metros 23:525.

A Junta Geral do Districto de Vianna, até 30 de setembro de 1883, tinha gasto no estudo das suas estradas, construcção, conservação e pessoal technico, comprehendendo o subsidio dado pelo governo, a quantia de réis 231:625$629.

Estradas municipaes

Segundo o plano geral das estradas municipaes do districto de Vianna, comprehenderão estas a extensão de 793:500 metros, e foram orçadas em 1.310:250$000 réis.

Na maior parte do concelho ainda não se principiaram e apenas ha alguns trabalhos nos de Ponte de Lima, Coura, Valença e Arcos de Valle de Vez.

No concelho de Vianna as estradas municipaes são as seguintes:

I. Da freguezia de S. Romão á ponte do rio Neiva. Concluida.

II. Da Meadella a Outeiro. Está concluido apenas o 1.º lanço, que chega á freguezia de Perre.

III. De 2.ª classe — de S. Salvador á E. Dist. de Ponte do Lima a Caminha. Acha-se construida até Meixedo (1.º e 2.º lanço).

IV. Da Passagem até Carvoeiro. Está em construcção o 3.º lanço, entre a Portella de *Deuchriste* e a ponte dos Reis Magos.

No concelho de Caminha ha as estradas seguintes:

I. De Seixas a Argella; já construida.

II. De Venade a Orbacem; ainda em estudos.

—

A receita do pelouro da viação do municipio de Vianna para 1884 é de 4:000$527 réis, e para o serviço de pessoas e cousas 4:455$760 réis.

As quantias pertencentes ao fundo para a viação municipal, que as camaras d'este districto tinham na caixa geral dos depositos no mez de janeiro ultimo, sommavam réis 19:608$279, a saber:

Arcos de Val de Vez.....	6:474$284
Caminha.....	1:145$694
Melgaço.....	3:750$014
Monsão.....	324$183
Ponte da Barca.....	1:000$000
Valença.....	615$370
Villa Nova da Cerveira.....	6:298$734

O contingente da contribuição predial do districto de Vianna, relativo ao anno de 1883, foi de 116 contos, pertencendo ao concelho de Vianna 28:319$460 réis.

Pelo decreto de 5 de junho de 1884, o contingente de recrutas para o nosso exercito foi de 553 e para a marinha 9, tocando ao concelho de Vianna 112 para o 1.º e 2 para o 2.º.

Rectificações e addições

A Roqueta era uma torre antiga edificada, segundo se julga, por D. Affonso III, e sobre a porta existia um famoso letreiro; D. Manuel mandou reedificar aquella torre, quando a visitou no anno de 1502; no reinado de D. Sebastião (1567) os viannenses levantaram os muros de um forte, aproveitando a Roqueta; mais tarde D. Filippe I de Portugal ampliou aquella obra, tornando-a uma fortaleza formidavel.

Os revelins exteriores datam dos fins do seculo XVII.

Assim ficam modificadas as noticias de pag. 336, e 361.

Como signal de gratidão a D. Affonso III os viannenses obrigaram-se a levantar á sua custa os muros da villa, mas só se concluiram no reinado de Fernando; por um alvará de D. Manuel se permittiu construir cazas encostadas aos muros, que desde então (1501) ficaram abafados pelas edificações; foi el-rei D. Manuel que mudou a casa da Camara do bairro da Ribeira (ao pé da porta da Ribeira) para o Campo do Forno, onde ainda hoje está.

Ignora-se desde quando Vianna uza do seu brazão; é tradição que a nau com a ancora á prôa, significa a chegada de S. Thiago áquelle porto, onde desembarcou quando veiu á peninsula.

A pag. 349 se deve lêr D. Emilia Roza Cerveira, em vez de D. Maria Roza Cerveira, e a pag. 360, quando se referem os annos que conta Vianna, leia-se 626 em vez de 330, pois que o primeiro foral data de 18 de junho de 1258.

A egreja Matriz é construcção romano-bysantino, do reinado de João I; as suas torres são obra posterior, uma das quaes mandou fazer o bispo de Ceuta D. Justo Baldino, que n'ella poz o seu escudo, e não monogramma, como se disse a pag. 374. O incendio de 1656 destruiu a sachristia principal e alfaias, mais horroroso porém foi o de 1806 que reduziu o templo a montão de ruinas; escaparam apenas a capella do Sacramento e a dos Mariantes; n'esta ultima existe um calix magnifico e uma antiga lapide que diz: «Esta capella mandou fazer os Mariantes. Era de 1502. Ave Jesus.»

A legenda do portal da Matriz apresentada a pag. 347 deve ler-se assim:

Surgete mortui: venite ad judicium.

O edificio da alfandega foi construido durante a regencia de D. João VI em 1806.

A familia dos Rubins, de procedencia flamenga, veiu estabelecer-se com negocio, em Vianna, durante o dominio hespanhol, como se disse a pag. 357, e não no anno de 1125, como fica referido a pag. 397.

A pag. 375 ler-se-ha João Jacome de Luna, do qual se falla tambem a pag. 428.

O porto de Vianna mede na preamar 300 metros, e não na baixa-mar, como por engano se escreveu a pag. 377.

A inauguração da ponte metalica teve logar no dia 27 de junho de 1878 (vide pag. 378). A largura dos passeios do seu taboleiro superior é de 825 milimetros cada um (pag. 379).

O quintal expropriado para a estação do caminho de ferro pertencia aos Camaridos-Mellos-Alvins-Pintos.

No artigo que trata dos jornaes deve-se-ha fazer as seguintes correcções e addições:

Aurora do Lima, o primeiro jornal que se publicou em Vianna, sahiu pela primeira vez no sabbado 15 de dezembro de 1855.

O 2.º jornal politico foi o *Timbre*, que publicou o 1.º numero no dia 2 de julho de 1856, terminando a 21 de outubro d'aquelle mesmo anno.

O Viannense começou a publicar-se a 17 de março de 1858, e terminou com o numero 1673, em 11 de março de 1869.

O Commercio de Vianna principiou a sua publicação em agosto de 1870, e suspendeu com o n.º 113, em 2 de maio de 1871.

Do *Districto de Vianna*, boletim eleitoral, apenas sahiram 4 numeros em junho e julho de 1875.

O *Echo do Povo* data de 16 de junho de 1877 e terminou com o n.º 200, em junho de 1879.

O *Imparcial* não é a continuação do *Echo do Povo*, mas os redactores são os mesmos. Imprime-se no Porto.

Quatro são os jornaes que tem visto a luz da publicidade em Vianna:

O *Sillographo*, cujo primeiro numero foi distribuido no domingo 2 de novembro de 1856. Sahiram poucos numeros.

A *Briza* (e não a *Briga* como por erro typographico se lê a pag. 392) sahiu no dia 21 de junho de 1857 e findou a 29 de novembro do dito anno, contando 24 numeros, que formam um volume de 192 paginas.

A *Homenagem*, tambem de pequeno formato como os antecedentes, publicou-se (nos parece) em 1858, sahindo poucos numeros.

Além do *Jornal d'Annuncios*, mencionado a pag. 392, fundou se em janeiro ultimo a *Esperança*, que se imprime no Porto, e se distribue mensalmente.

A transcripção apresentada a pag. 398, não é propriamente do foral, mas a inscripção da lápide do Pateo da Camara, que termina assim:

...Facta rege maudante XVIII
junii EMCCCLXVI

Em paga dos serviços offerecidos pelos viannenses, D. Affonso III deu ao senado a capitania e Alcaidaria-mór da mesma villa.

A pag. 430 deve corrigir-se:

José Barboza e Silva.

E a pag. 439:

Alberto Feio, Visconde da Torre, Alberto.

Por erro typographico se omittiu uma palavra no ultimo periodo da noticia do convento do Carmo, a pag. 441. — Deve emendar-se n'este sentido:

... ? indo na vespera a irmandade conduzir processionalmente do convento de freiras Carmelitas a imagem da Senhora.»

O Lyceu Nacional não está no palacio de Luiz do Rego, mas sim no dos Cunhas Sottomaiores, na rua da Bandeira.

A pag. 383 se falla de uma curiosidade archeologica, transcrevendo-se do *Esboço historico de Vianna* o capitulo que lhe é relativo; todavia posteriormente o A. modificou aquella doutrina n'um artigo, publicado no n.º 15 do *Pero Gallego:*

«A estatua da rua da Bandeira pertence ao grupo das Callaicas ou gallegas, especie de monumentos funerarios que nos deixaram as cohortes romanas acantonadas na Gallecia, nos primeiros annos da era christã.

A antiga Gallecia, ou Galliza, estendia-se até ao Douro; sómente n'esta se encontram as memorias supraditas, hoje em dia tão raras e apreciadas. Conhecemos apenas cinco, duas das quáes se acham em Lisboa no jardim botanico da Ajuda, e são as de Montealegre.

«A estatua de Vianna, como as outras congeneres, está mutilada na cabeça e pés; e o escudo transformado, pois nos meiados do seculo XV D. Affonso da Rocha, commendatario de S. Paio de Meixedo, onde estava a estatua, lhe mandou abrir o brazão dos Rochas; d'aqui porém o engano dos archeologos, a cujo erro não nos eximimos. No seculo XVII Francisco da Rocha Lobo transportou para Vianna a estatua, e a collocou no Pateo da sua caza, onde se conserva.

«Em 1878 tirámos para o Muzeu do Instituto de Coimbra um calco da inscripção

que se extende no saial e nas coxas da figura, e que é o seguinte:

L. SESTI CLODAME
NIS. FL. COROCCOROCAVCI
—VDIVS F. SEMRON—

CONTV —— | ——
FRAT —— | ——

A estatua mede, fóra da urna que lhe é extranha, e sobre que assenta, 1m,65.»

Movimento postal da estação de Vianna nos dois ultimos annos (1882 e 1883)

Cartas e bilhetes postaes *recebidos* na dita estação, média.....	200:000	por anno
Jornaes impressos.....	230:000	»
Cartas e bilhetes postaes expedidos pela dita estação, média.....	210:000	»
Jornaes impressos.....	77:000	»

Não vai incluida n'esta nota a correspondencia *não franqueada* ou com *franquia insufficiente.*

La mort, toujours la mort!...

Falleceu no dia 28 de março ultimo o sr. dr. José Affonso d'Espregueira, um dos mais benemeritos cidadãos que Vianna produziu n'este seculo, e por nós já mencionado entre os *viannenses illustres contemporaneos.*

A *Aurora do Lima* de 31 de março, noticiando o passamento de s. ex.ª, dizia o seguinte:

.....

«As ceremonias funebres começaram hoje pelas 9 horas da manhã.

«Grandioso e altamente contristador o aspecto lugubre de todo aquelle espectaculo.

«No templo, todo coberto de crepes, ornamentado com estatuas, e illuminado profusamente, erguia-se no sopé dos primeiros degraus da capella-mór a eça funeraria em que repousava o esquife.

«A multidão agglomerava-se no templo, silenciosa, divisando-se em todos os rostos os traços profundos de um intimo desgosto e da mais completa desolação ao dizerem o derradeiro adeus, ao prestarem a ultima homenagem ao que soubera ser sempre um dos mais prestimosos filhos d'esta terra, o cidadão benemerito, o trabalhador incansavel, que deixa o seu nome vinculado a uma grande parte dos emprehendimentos notaveis que mais tem contribuido para o progresso e desenvolvimento d'esta cidade.

«É por isso que Vianna inteira pranteia a sua morte, porque viu com ella o desapparecimento de um homem que, pelos seus alevantados merecimentos, se torna quasi insubstituivel e para sempre lembrado, pois jámais se apagará da memoria de todos os viannenses o nome sympathico d'este illustre conterraneo, que ainda não ha muito possuimos ufanos e que d'ora ávante relembraremos cheios de saudade.

«Vianna admirava-o e apreciava-o subidamente, e por isso concorreram a prestar-lhe as honras funebres as pessoas mais gradas d'esta terra, todos os partidos politicos, auctoridades civis e militares, vereadores da camara e todo o pessoal da mesma, direcções da Associação Commercial, Artistas Viannenses, Asylo da Infancia Desvalida, com todas as asyladas e pessoal interno, Companhia Fomentadora, Congregação da Caridade, irmandade de Nossa Senhora d'Agonia, muitos funccionarios das repartições publicas, membros da classe artistica, operarios do novo theatro, todo o pessoal typographico d'este jornal, etc.

«Findas as ceremonias funebres, foi o feretro conduzido da igreja de Santo Antonio á capella do cemiterio, com numerosissimo acompanhamento, pegando ao caixão seis amigos, que não quizeram entregar a mãos mercenarias esse piedoso encargo, os srs. Francisco Casimiro da Rocha Páris, dr. José Alfredo da Camara Leme, dr. Luiz Augusto de Amorim, Julio Carneiro Geraldes,

Manuel Joaquim Gonçalves d'Araujo e Eugenio Martins, pegando ás toalhas do caixão seis pobres asylados, e tomando a chave o superior da Congregação da Caridade, o sr. conselheiro Antonio Alberto da Rocha Páris.

«Chegado á capella, pronunciou o nosso bom amigo o sr. Francisco Casimiro da Rocha Páris, por entre soluços e lagrimas, sentidas palavras de adeus.»

«Seguidamente foram os restos mortaes encerrados no jazigo de familia do nosso dilecto amigo o sr. dr. José Alfredo da Camara Leme.

«O nosso presado amigo o sr. Manoel Affonso de Espergueira chegou a esta cidade ante-hontem no comboyo do correio.

«Não poude já abraçar seu estremecido irmão, que falleceu ás 8 horas e 40 minutos da noite de sexta-feira, 28 do corrente.

«Esteve hoje fechada a casa da camara municipal, como homenagem ao seu antigo presidente e para que todos os empregados podessem assistir aos officios funebres.

«Não houve trabalho nem hoje nem ante-hontem nas obras do novo theatro, de que era director o nosso chorado amigo o sr dr. Jose Espergueira.

«Partiu espontaneamente dos proprios operarios esta honrosa manifestação de sentimento.»

Á illustre familia do benemerito finado e a todos os bons viannenses, nomeadamente ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, seu amigo até á veneração, enviamos o nosso sentido pezame.

—

Em hora aziaga principiou este artigo. Depois de começado, não só baixou á sepultura um dos mais benemeritos viannenses n'elle inscriptos, mas o proprio auctor d'este diccionario, que principiou o artigo e não logrou concluir um nem o outro!

Falleceu o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa do Pinho Leal no dia 2 de janeiro ultimo, na casa em que residia desde 1880, em Lordello do Ouro, arrabaldes do Porto, contando 67 annos e 42 dias d'existencia, pois nasceu no dia 21 de novembro de 1816 na freguezia da Ajuda, concelho de Belem, ou na freguezia de S. Thiago de Penamacor, diocese da Guarda.

Elle *dizia* que nasceu na Ajuda; mas nos seus apontamentos biographicos *disse* que nasceu em S. Thiago de Penamacor, — e tenho certidão authentica do seu baptismo, extrahida dos livros findos d'esta ultima parochia, na qual se diz simplesmente que nasceu (sem se declarar onde) no dia 21 de novembro de 1816 e que fôra ali baptisado no dia 30 do dito mez e anno. Creio porêm que nasceu na Ajuda, como demonstrarei no *supplemento* a este diccionario, no artigo *Valle* (Santa Maria do) freguezia do concelho da Feira, onde tenciono publicar a sua biographia. Veja-se tambem n'este diccionario o artigo *Vimieiro*, concelho d'Arrayolos, naturalidade do pae.

Falleceu pobre como a maior parte dos grandes escriptores, deixando sem fortuna e expostos a viverem do seu trabalho quotidiano 2 filhos e 4 filhas; mas d'estas as duas que viviam com elle — D. Albertina e D. Augusta — a quem o finado entregou as suas pequenas economias (cerca de 400 mil rèis) como remuneração do muito que lhe haviam aturado nas suas longas doenças, quizeram pagar-lhe amor com amor (honra lhes seja!) e com aquelle donativo lhe fizeram um funeral pomposo, *de 1.ª classe*.

Foi o seu cadaver vestido com a farda d'alferes do extincto batalhão de caçadores 3 da Beira Baixa, em que militou e occupava aquelle posto na convenção d'Evora Monte [1]. Depois de conduzido em carro funebre, tirado por dôas parelhas, até á matriz de Lordello, que estava toda litteralmente

[1] Seu pae, José Mathias Barregosa, natural de *Vimieiro*, concelho d'Arrayolos, era ao tempo tenente quartel mestre do mesmo batalhão e foi barbaramente apunhalado nas reprezalias que se seguiram. Vide *Vimieiro*.

coberta de crepes, erguendo-se a meio um catafalco, teve ali exequias pomposas—e em seguida foi levado para o cemiterio d'aquella parochia, — mettido em caixão de chumbo com a farda e banda e com a medalha da *Sociedade dos Architectos e Archeologos Portuguezes*,—e ali ficou depositado na sepultura da familia do seu senhorio e amigo, o sr. Manoel Ferreira Leite de Carvalho — provisoriamente, pois espero em Deus salvar tão venerandas cinzas da solidão dos campos de Lordello do Ouro e vel-as transferidas para o cemiterio occidental portuense—ou d'Agramonte.

Os srs. Tavares Cardoso & Irmão, benemeritos editores d'este diccionario, muito generosamente se prestam a dar-lhe o mausoleu, e a camara municipal portuense, em sessão de 3 do corrente mez d'abril, depois de feito pelo seu dignissimo presidente, o sr. José Augusto Corrêa de Barros, um pomposo elogio á memoria do finado escriptor, concedeu gratuitamente o chão necessario para o mausoleu, a pedido da benemerita *Sociedade d'Instrucção do Porto*, mostrando-se as duas respeitaveis corporações dignas uma da outra e ambas crédoras de justissimos emboras.

O cadaver do meu bom amigo foi acompanhado desde a sua casa até á matriz de Lordello e d'ali até o respectivo cemiterio pela banda marcial de caçadores n.º 9 e por grande numero de visinhos e amigos do finado, sendo o mais obscuro de todos o humilde auctor d'estas linhas, que mal imaginava ter de succeder-lhe na continuação do seu querido diccionario,—tarefa muito superior ás minhas debeis forças, mas que farei por desempenhar consoante Deus for servido.

A morte do sr. Pinho Leal foi uma grande perda para as lettras patrias e quasi toda a imprensa periodica do nosso paiz lhe dedicou sentidas phrases. Como este artigo já vai muito longo, transcreverei apenas o que no mesmo dia do fallecimento disse o *Dez de Março*, que se publica de tarde, — e no dia seguinte o *Commercio Portuguez*. O primeiro abriu assim o seu noticiario:

«Falleceu hoje (2 de janeiro de 1884) pelas quatro e meia horas da manhã, na sua casa da rua de Serralves, n.º 393, freguezia de Lordello do Ouro, o sr. Pinho Leal, benemerito auctor do grande diccionario chorographico «*Portugal Antigo e Moderno*.

«Ainda no ultimo numero do *Districto da Guarda* fallando d'aquelle insigne cultor das lettras patrias, dizia o correspondente d'esta cidade o seguinte:

«Continua a residir em Lordello do Ouro, cercanias do Porto, o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa Pinho Leal, benemerito auctor do grande diccionario *Portugal Antigo e Moderno*, uma das obras de maior folego e de mais merecimento, que se tem escripto e publicado em Portugal n'este seculo. Estão completos 9 volumes e já se acha muito adiantado o 10.º e ultimo. Não se imagina o trabalho que tem tido o seu auctor, *ha quarenta e tantos annos*, para levar ao fim tão vasta como impertinente obra, mas deixa na litteratura nacional um padrão glorioso e *unico no seu genero*, que ha de immortalisar o seu nome.

«*Per aspera ad astra!*

«Parece incrivel que um homem só, sem um curso regular d'estudos, sem fortuna propria e sem subsidio do governo nem de pessoa ou corporação alguma, tivesse a coragem e a tenacidade precisas para levar tão longe o seu amor pelas lettras, deixando tudo e esquecendo tudo, inclusivamente os seus commodos, as suas precisões e da esposa e filhos, para n'este seculo d'egoismo, consagrar o melhor da sua vida,—*quarenta e tantos annos de fadigas e d'insomnias*, — ao estudo mais arido, mais fatigante e *dispendioso*, pois teve de comprar muitos livros *raros e caros* e de caminhar *annos seguidos* para as nossas bibliothecas publicas.

«Conta s. ex.ª 67 annos e está pobre e alquebrado de forças, mas muito satisfeito por ver prestes a concluir-se a publicação do seu tão querido como interessante diccionario.

«Parabens a s. ex.ª e á empreza editora.

«Quando em 1873, data em que principiou a publicação da obra, recebemos o prospecto: *Portugal Antigo e Moderno*, — diccionario geographico, estatistico, chronologico, heral-

lico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, se estas são notaveis por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tivessem logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza ali existentes; — noticia de muitas cidades e outras povoações da Luzitania, de que apenas restam vestigios ou somente a tradição, —por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal,» foi completo o nosso assombro!

«Occorreu-nos logo á mente o que algures disse Garrett: «Ha titulos que não têem livro, e livros que não têem titulo» — e com o perdão do sr. Pinho Leal e da empresa editora, convencemo-nos de que titulo tão vasto e tão complexo, depois da extincção das ordens religiosas, nunca teria livro, porque esse livro demandava *vidas* para se escrever, e a sua publicação sommas fabulosas, muito superiores aos recursos das nossas empresas editoras.

«Felizmente enganei-me! Ahi está o livro honrando o titulo, bem como o seu auctor e editores,—livro que todo o bom portuguez, amante do seu paiz e das lettras patrias, deve adquirir e ler.

«Realisaram o milagre os srs. Mattos Moreira & C.ª,[1] de Lisboa editando-o,—e o sr. Pinho Leal, escrevendo-o.

«*Sempre honor, nomen que tuum laudes que manebunt*!

«Mal imaginava o correspondente que estava escrevendo o necrologio do sr. Pinho Leal!

«Á sua desolada familia os nossos sentidos pezames.»

—

O *Commercio Portuguez*, sem contestação um dos primeiros jornaes do nosso paiz, dedicou-lhe a maior local do seu numero de 3 de janeiro ultimo. É textualmente o seguinte:

«Expirou hontem pelas 4 horas e meia da manhã, na rua de Serralves, n.º 393 em Lordello do Ouro, o sr. Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, um dos mais erudictos homens de lettras d'este paiz e auctor do grande diccionario geographico em publicação, *Portugal Antigo e Moderno*, em que trabalhava aturadamente ha quarenta e tantos annos.

«O sr. Pinho Leal era um trabalhador infatigavel; espirito investigador como poucos consumiu grande parte da sua existencia em dotar o seu paiz com um livro preciosissimo, sob todos os pontos de vista util e instructivo, e que é um padrão de gloria tanto para o seu auctor como para as lettras patrias.

«Esse livro em cuja conclusão o extincto escriptor fazia consistir toda a sua felicidade, não ficou infelizmente concluido.

«O sr. Pinho Leal, apesar dos seus 67 annos de edade, trabalhava ainda com o vigor de um rapaz no 10.º e ultimo volume, a maior parte do qual está já publicado.

«Sentimos devéras a perda d'este notavel homem de lettras, tão modesto quanto erudicto, que consagrou a melhor parte dos seus dias ao estudo sério e consciencioso das coisas patrias, manuzeando com infatigavel paciencia velhos livros e documentos, de que podesse haver subsidios seguros para a historia das povoações mais importantes do paiz.

«Pinho Leal era um excentrico, sem ser um velho rabujento e intractavel. Os que o conheciam e apreciavam as qualidades brilhantissimas do seu caracter bondoso, amavam-n'o e respeitavam n'elle o homem de saber e o trabalhador modesto e consciencioso.

«Camillo Castello Branco refere-se a elle no seu excellente livro *Brazileira de Prazins*, e o nosso estimado e scintilante collaborador Julio Cezar Machado, em um bello artigo que lhe consagrou[1] e que foi já pu-

---

[1] Desde fins de 1883 constituem a empresa editora os srs. Tavares Cardoso & Irmão.

[1] Veja-se o *Diario Illustrado* de 11 de junho de 1878, onde se encontra o citado artigo e o retrato do sr. Pinho Leal.

Na *Correspondencia de Coimbra* de 5 de fevereiro de 1876, lhe dedicou o mesmo sr. Julio Cezar Machado outro esboceto biographico não menos interessante.

blicado no nosso jornal, dá-nos de Pinho Leal os seguintas traços biographicos que de novo reproduzimos:

«Perguntam-me onde elle nasceu?

«Para que estamos agora com este frio a tiral-o das fachas infantis?

«Basta dizer-vos que foi para a Bahia com sua familia em 1822 na esquadra portugueza...

«Que, em 1826, assentou praça em Castro Marim em caçadores 4.

«E que, quatro dias depois, emigrou para Hespanha com o batalhão.

«Em seguida: *s'en va-t'en guerre...*

«Campanha de 26 a 27!

«Emigração em Arnedo!

«Regresso para Lisboa em 1828!

«Estudou um anno no Collegio dos Nobres.

«Obteve passagem para a guarda real da policia do Porto, e licença para estudar mathematica na Academia da Marinha e commercio d'aquella cidade.

«Em 1833 é do regimento de caçadores da Beira Baixa.

«Ferido na batalha da Asseiceira, prendado com uma bala que lhe atravessou a perna esquerda, ficou prisioneiro do Villa-Flor na ultima batalha dada entre realistas e liberaes em maio de 1834, — no dia em que fizera dezesete annos.

«Vem para o castello de S. Jorge.

«É solto em junho, com todos os camaradas, pela convenção de Evora Monte.

«A este tempo iam escassos os haveres de seus paes.

«O moço, sem saber ao que tornar-se para ganhar a vida, fez-se mestre-escola.

«Ao fim de um anno, sentindo-se enfastiado d'aquella profissão, o que imaginam os leitores que elle se fez?

Fez-se pintor. — *Anch'io!*

«Porque desenhasse soffrivelmente, alcançou na Terra da Feira, para onde havia ido residir depois da Convenção, uma nomeada alguns furos abaixo da do Ticciano, porém bem boa; e conseguiu ganhar com que comprasse umas casitas e uma quintarola, que ainda possue na freguezia do Valle.

«Ao mesmo tempo acorda n'elle a mar de lêr, lêr...

«Em junho de 1840, andando a pintar egreja de Santa Eulalia, de Arouca, enco trou entre uns alfarrabios de abbade, o di logo de varia historia, de Mariz.

«—Se eu fizesse um diccionario?! Um di cionario geographico de Portugal?

«Ahi principia a idéa mãe.

«A vineta do escriptor...

«O sonhar e scismar na obra...

«A febre de composição!...

«*La furia!*

«Não quiz saber de politica durante u pouco de tempo.

«Em 1846 namorou-se da causa popula

«Mais tarde, em resultado de desavenç com os setembristas, armou, á sua cust perto de cem homens, e vão agarrar o Ma Donell, que estava na quinta de Linhare em Castello de Paiva, marchando d'ali pa as provincias do norte.

«De uma occasião, rompendo de façanh aprisiona o coronel Couceiro, de artilheri que foi mais tarde ministro da guerra, l va-o ao Mac-Donell, e, por gentilesa, deixa ir sem lhe tirar a espada.

«Cahindo depois prisioneiro dos cabrali tas em Traz-os-Montes — na Regua, ao pa sar o Douro, mesmo no meio do rio, os ba queiros desarmam a escolta.

«Nomeado, mais tarde, subdelegado procurador regio no julgado de Fermed passa de capitão a curador dos orphãos, d pois de haver passado de pintor a capitã

«Compra livros.

«Cultiva a Reforma!

«Faz a côrte ás ordenações!

«Come o Pegas!...

«Bebe o Corrêa Telles!

«Coelho da Rocha é sua sobremeza; e L bão o seu café; o Codigo Penal o seu ch rutol!!

«Entretanto o diccionario vivia já dem siado dentro d'elle, para consentir taes co correncias.

«Em 1860 encontramol-o administrad da casa do Covo, junto de Oliveira de Az meis; e, em serviço d'essa casa, até maio 1865, correndo todo o Minho.

«De repente,—resolução nova:

«Vem para Lisboa.

«Sempre haviam pensado, em todo este mpo e por entre as agitações e barafunda tal vida: os camaradas, que elle fizesse a ierra... —os orphãos, que lhes curasse a causa... —e a casa do Covo, que, todos desvelos, para elle constituissem em administral-a...

«É possivel, que fosse assim. Custa a crêr, davia.

«O que elle andava fazendo, — para mim fóra de duvida — era o diccionario!

«O diccionario!»

«Assim nos pinta Julio Cezar Machado sse càracter honestissimo, esse estrenuo e nfatigavel trabalhador que hoje vae desapparecer para sempre nas brumas do sepulro, deixando incompleta a sua obra queida.

«O sr. Pinho Leal, como todos os escriptoes de merito no nosso paiz, morreu pobre deixa pobre a sua familia, a quem enviamos os nossos sentidissimos pezames.»

Depois de cruciantes padecimentos, que upportou com a resignação d'um santo, expirou, tendo pedido e recebido todos os saramentos da nossa igreja.

Paz á sua alma.

—

Por ultimo declaro em meu nome e do neu antecessor que uma grande parte d'ese artigo se deve ao sr. dr. Luiz de Figueiedo da Guerra, um dos mais illustrados iannenses contemporaneos, a quem beijo s mãos agradecido, fazendo votos por que ceu me depare muitos cyreneos, como . ex.ª, pois de tudo necessito, e a todos peço me auxiliem com as suas luzes e com pontamentos para as diversas povoações e que tenho a tratar.

E, como é humanamente impossivel escrever-se uma obra d'estas sem se incorrer m lapsos, *muito encarecidamente* peço a todos me indiquem as rectificações que deva azer, que eu de bom grado as publicarei no texto ou no *Supplemento*.

Porto e Miragaya, 12 de abril de 1884.

O abbade, *Pedro Augusto Ferreira*.

VIANNA — monte ou casal da freguesia de Odeceixe, concelho d'Aljezur, comarca de Lagos, districto de Faro, no Algarve. Vide *Odeceixe*.

Comprehende mais esta freguesia os montes, casaes, ou aldeias seguintes: Canal, Maria Vinagre, Fonte Ferrenha, Montinho das Quartas, Clerigó, Azenha, Barrancão, Reguengo, Foz dos Mastros, Zambujeirinha, Galé de Cima, Galé de Baixo, Moinho Novo, Martins Esteves, Pégo Amarello, Crato, Pica Noz, Medronheiro, Corga, Moinho da Asneira e Carvalha.

—

Ao sul do nosso paiz, nomeadamente no Alemtejo, dá-se o nome de *montes* ao que nas provincias do norte denominamos *aldeias, logares, casaes, povos* ou *povoações*,— grupos de casas; — e tambem ali se dá o nome de *herdades* ao que nas provincias do norte denominamos *quintas*.

Todas as *herdades* teem *montes*, — maiores ou menores grupos de casas, em que habitam os caseiros, jornaleiros e pastores, e se recolhem os gados, os renovos e utensilios da lavoura. Parece que tomam aquella denominação do local que ordinariamente occupam, que é quasi sempre um dos pontos culminantes das herdades, a que pertencem; — mas nem todos os *montes* teem herdades, pois alguns já constituem povoações compactas, habitadas por familias differentes, mais ou menos abastadas e algumas absolutamente pobres, como succede nas povoações ou aldeias das nossas provincias do norte.

Tambem nas provincias do sul se dá o nome de *hortejos* no que ao norte denominamos *hortas, pomares* e *quintaes*, e que vem a ser a parte regadia das herdades, ordinariamente terreno vedado, onde cultivam legumes mais mimosos, flores e arvoredo fructifero.

A *herdade* propriamente dicta é a parte despovoada, quasi sempre aberta, arida e chã, das grandes propriedades ruraes, que por vezes medem muitos kilometros de circumferencia. Vide *Aldeia* no *Supplemento* a este diccionario.

VIÃO — quinta da freguesia de Palmella,

concelho de Setubal, indicada pelo sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna*, 7.ª col. pag. 581.

Comprehende mais esta freguezia as quintas seguintes: Camarnal, Gloria, Oleiro, Alcaçovas, Queimada, Brejo, Pateo, Amoreira de Cima, Amoreira de Baixo, Varzea, Fonte da Talha, Galvão, Peixoto, Vista Alegre, Quinta Nova, d'Aires, da Feia, do Vianna, do Barradas, do Centeio, dos Acyprestes, das Machadas, dos Bonecos, e outras além de grande numero d'aldeias e casaes que podem ver-se na citada chorographia. Veja-se tambem *Palmella* n'este diccionario.

VIARIZ, VEARIZ ou **VARIZ** — freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e bispado do Porto, provincia do Douro.

Orago S. Faustino; — fogos 139 e 525 almas, segundo o Mappa das dioceses, publicado em 1882.

O padre Carvalho na sua chorographia dá-lhe apenas 67 fogos — e o senso de 1862 — 130 fogos e 400 almas.

É abbadia e foi da apresentação da mitra.

O padre Carvalho diz que rendia 100:000 réis, o Portugal Sacro e Profano assigna-lhe 200:000 réis de rendimento, mas hoje rende mais de 350:000 réis.

—

As suas freguezias limitrophes são: — Loivos do Monte, Gestaçô, Valladares e Santa Marinha do Zezere, todas do mesmo concelho de Baião; — e comprehende as aldeias seguintes: Abezudes, Cabo, Geremil, Soutello, Sub-Igreja, Varzeas, Salgueiro, Outeiro, Nozilhães, Cimo de Villa, Residencia, Buruzende ou Bruzende, Viariz ou Veariz, Amoreira e Fura-Casas.

Producções principaes: milho, trigo, feijão, castanhas e lã, pois cria bastante gado lanigero. Tambem produz algum vinho, mas verde ou *de enforcado*, pouco e de qualidade inferior, por ser o terreno alto e frio.

É' banhada por um ribeiro que dá origem ao pequeno Rio Zezere, — rio que por seu turno dá o nome á freguezia de Santa Marinha do Zezere, limitrophe d'esta, e desagua na margem direita do Douro, junto da estação da Ermida, entre esta e a foz do rio Teixeira.

Esta freguezia não tem casas brazonadas, mas bons proprietarios, sendo hoje (abril de 1884) os principaes — José Ribeiro, morador na povoação das Amoreiras, e Alberto Pereira de Castro, residente em Nozilhães, um dos cavalheiros mais importantes do concelho, onde tem sido por vezes vereador e presidente da camara.

No alto d'esta freguezia ha um morro denominado *Castello de Mattos*, e n'elle avultam uns penhascos de granito, a que o povo dá, com o perdão dos leitores, o indecente nome de *Penedos Cornudos*, — talvez pela configuração d'elles. Eu não os visitei ainda, posto que tenho estanciado repetidas vezes n'aquelle concelho e em algumas das freguezias limitrophes, onde colhi a maior parte d'estes apontamentos; mas já estive na antiquissima povoação de *Moreira de Rei* (veja-se este nome n'este diccionario e no *Supplemento*) concelho de Trancoso, onde me surprehenderam dous penhascos, formados por grandes penedos sobrepostos, que bem mereciam aquelle nome. Descrevem cada um d'elles uma meia lua, com as pontas voltadas para o ar — e com tanta symetria e regularidade de formas que cheguei a desconfiar de que fossem obra de ciclopes ou gigantes!

Tambem nunca vi tão grande collecção de sepulturas abertas em rocha (granito duro e intractavel) como ali. Em um pequeno espaço, a meio da povoação, junto das ruinas do seu antigo castello e dos celebres penedos se contam ainda hoje mais de trinta.

No *Supplemento* darei circumstanciada noticia d'ellas e d'outras muitas velharias da localidade, que mereceu as honras de ser visitada por Alexandre Herculano!...

Desculpem a digressão a que me obrigaram os taes *Penedos C...*

—

A igreja matriz d'esta parochia é um templo humilde e pobre, posto que antigo, com um pequeno adro, que ainda hoje (1884) serve de cemiterio.

No reinado de D. João III (1521 a 1557) houve n'esta parochia uma quinta de Gonçalo Moniz, que elle, sem que o fosse, quiz fazer *honra*, chegando um bello dia a prohi-

bir ao porteiro d'el-rei o entrar n'ella, dizendo-lhe que, se o intentasse, lhe cortaria um pé.

Está situada esta freguezia na velha estrada de Baião para Mezão frio, que é ainda hoje (1884) a mesma, pois no concelho ainda não passaram do projecto as novas estradas a macadam; e dista esta parochia 10 kilometros de Mezão frio, para oeste,—16 1/2 da sede do concelho, para E. N. E.—6 da margem direita do Douro (estação da Ermida)—91 do Porto e 428 de Lisboa, pela linha ferrea.

Pertenceu esta freguezia á extincta comarca de Soalhães, e é povoação anterior á fundação da nossa monarchia.

De um documento do mosteiro de Pedroso consta que D. Egas Erótes, habitando entre o Douro e o Vouga, saiu ao encontro aos mouros que se achavam entre o Douro e o Lima, e que, expulsos estes, comprára no anno de 1053 a seu cunhado D. Froja Osorediz e a sua mulher Adosinda, irmã do comprador, a villa de Viariz «*pro uno Kavallo roudane*» avaliado em 200 soldos, «*et una almandra*» avaliada em 50 soldos, «*hum escravo*» em 100 soldos e «*hum vaso de prata*» em 30 soldos.

Almandra era colcha ou alcatifa de linho e lã.

VIARIZ DA POÇA e VIARIZ DA SANTA — aldeias da freguezia de Santo André da Campeã, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

Comprehende mais aquella freguezia as povoações seguintes: — Chão Grande, Balsa, Vendas, Pereiro, Pepe, Unãosinho, União do Meio, União do Cabo, Seixo, Pereira, Estalagem Nova, Pousada, Parada, Cothurinho, Telhada e Montes ou Lomba-Meão.

Aquella freguesia está em terreno alto e aspero, no meio da serra do Marão, onde abundam as neves no inverno, mas terreno vistoso e de muito agradavel perspectiva.

Passava ali a antiga estrada do Porto para Villa Real de Traz-os-Montes, por Amarante e Ovelhinha do Marão, e por ali ficaram sepultados na neve muitos viandantes, almocreves e correios, pois a estrada se estendia cerca de quatro kilometros pela cumiada da serra. Mais tarde, aproximadamente em 1870, fez-se a nova estrada a macadam em substituição d'aquella, seguindo d'Amarante por Padronello e Campiã, para Villa Real, —estrada modelo, que muito honra os nossos engenheiros, pois apenas chega á Campiã, foge immediatamente da serra e desce pelo primeiro valle até Padronello com tão suave declive que tres cavallos tiravam a diligencia desde Padronello até o alto da escarpada montanha.

O caminho de ferro do Douro inutilisou aquella formosa estrada, toda em zig-zagues e muito digna de ver-se.

Vide *Campeã*.

VIAS FERREAS — ESTRADAS A MACADAM — RIOS E CANAES — TELEGRAPHOS CORREIOS E PHAROES — Conglobamos todos estes topicos pela intima ligação que os prende e para aproveitarmos o ensejo de registrar o que sobre tão importante assumpto hoje gosamos e vamos legar ás gerações por vir.

É innegavel que n'este ponto, bem como em outros muitos, havemos progredido consideravelmente desde o principio da segunda metade d'este seculo, mas ninguem póde calcular até onde irão os vindouros com a herança que de nós recebem, pois *uma civilisação produz outra civilisação, — e tanto mais assombrosa quanto maiores elementos herdar da civilisação anterior.*

Estamos certissimos de que, em praso não muito longo, elles rirão do nosso decantado progresso, como nós hoje rimos do que nos legaram nossos avós, — mas outros nos vingarão rindo d'elles.

Rira bien qui rira le dernier!...

—

A industria dos transportes, da locomoção e da facilidade de communicações é a industria mais importante da vida social. É para a riqueza publica o mesmo que a luz e o calor são para a vida das plantas, e é para o corpo social o mesmo que a circulação do sangue é para os animaes. Se o grau de perfeição zoologica se avalia pelo desenvolvimento e complicação do systema arterial e venoso, a riquesa e civilisação d'um paiz

tambem se podem avaliar pelo estado das suas communicações e dos seus meios de locomoção e transporte.

A livre circulação dos productos é a vida da industria, e os caminhos de ferro, as estradas, os canaes, os telegraphos e correios são o apparelho essencial d'essa circulação. Sem bons meios de transporte e de communicações não podem florescer as artes, nem o commercio e a agricultura; não ha certa ordem de confortos, não ha verdadeira acção governativa, nem vigoroso espirito publico.

A falta d'um bom systema de communicações é a maior desgraça de qualquer paiz, — uma perda geral para toda a sociedade.

É intima a relação entre o estado moral dos povos e o seu estado material. Os que possuem mais amplos meios de communicações e transporte são os mais ricos, mais felizes e mais civilisados. A Inglaterra, os Estados Unidos da America, a França a Allemanha, a Belgica e a Hollanda podem servir d'exemplo. São as nações que mais tem dispendido com os seus melhoramentos materiaes, mas por isso mesmo tambem são as nações mais civilisadas e mais florescentes do mundo.

Pelo contrario, as que mais regateiam com os seus melhoramentos materiaes são as menos florescentes, menos cultas e menos felizes, como succede ás antigas colonias hespanholas da America.

É tal a incuria e o desleixo dos seus governos n'este ponto, que ainda é frequente ver n'aquellas formosas regiões, tão ricas de gados, o transporte dos seus productos ser feito ás costas do homem. Assim conduzem das montanhas para as cidades e portos, por vezes bem distantes, as madeiras de construcção e as lenhas para combustivel; e pelo mesmo processo se transportam familias em longas viagens,—reduzindo o homem á condição de besta de carga! O mesmo succede em grande parte da Russia, da China, da India e da Africa, e por isso se conserva embrionaria a civilisação d'estes povos.

A actividade do trabalho, a vida dos campos, o movimento das cidades, a regularidade das transacções do commercio, a diffusão das luzes da sciencia, a economia das forças e do tempo, — tudo depende da facilidade de communicações.

Mas não é só isto. Este poderoso agente exerce tambem grande influencia na acção governativa, nas condições politicas dos povos, no equilibrio dos estados, na paz e na guerra. São exemplos eloquentes Roma na antiguidade — e a França, a Inglaterra e a Allemanha nos tempos modernos.

Por toda a parte por onde passaram as suas armas victoriosas, os romanos construiram magnificas e solidas estradas, que se citam como modelos, e de que existem ainda restos venerandos em muitos paizes, como succede em Portugal.

A Inglaterra é a nação que mais parece seguir as lições da antiga Roma. A Escocia, ainda ha um seculo paiz atrasadissimo, é hoje uma perola da civilisação britannica, e esta notavel transformação data da epocha em que abriu as mais bellas estradas atravez dos seus montes. Toda a Grã Bretanha offerece hoje o melhor e mais completo systema de viação. Na França a pacificação da Vendé foi a consequencia da construcção das estradas estrategicas de oeste,—e á sua magnifica rede d'estradas estrategicas deve em grande parte o imperio allemão a preponderancia que hoje tem na Europa.

O homem nem merecia o titulo de rei da creação sem a facilidade de se transportar a toda a parte do globo.

Finalmente o aperfeiçoamento dos meios de locomoção e de transporte liberta a sociedade dos serviços mais pesados, barateia os generos de primeira necessidade, minora as crises alimenticias e presta á humanidade beneficios valiosos, incalculaveis, immensos.

—

As vias de communicação dividem-se hoje em tres classes — caminhos de ferro, estradas ordinarias e vias aquaticas.

Os caminhos de ferro obram verdadeiros prodigios, dando movimento a logares ermos e vida a populações marasmadas. São o instrumento mais energico da civilisação e do progresso.

A viação accelerada é essencialmente politica, industrial, commercial e agricola. Re-

une duas condições que parecem incompativeis — a velocidade e a barateza — e se presta admiravelmente a toda a especie de transportes, — homens, gados, correspondencias e mercadorias. Não obstante todas estas vantagens da viação accelerada, não se pode prescindir de nenhuma das tres classes de meios de transporte em um bom systema geral de communicações.

A architectura foi antigamente o grande livro da humanidade e a expressão principal do seu desenvolvimento. Hoje são as linhas ferreas, as estradas e canaes o grande livro em que a posteridade tem de ler a historia da grandeza e civilisação dos povos. E se Portugal se ufana de possuir padrões gloriosos da sua grandeza e civilisação d'outras eras, tambem já lhe não faltam padrões gloriosos da moderna civilisação.

D. Affonso Henriques gravou a sua epocha no mosteiro d'Alcobaça; D. João I assignalou a sua na igreja da Batalha; D. Manoel no edificio dos Jeronymos; D. João V na basilica de Mafra e no soberbo aqueducto das Aguas-Livres;—nós empregámos em melhoramentos publicos, nos ultimos trinta annos, mais de *cem mil contos de réis!* — e não acabamos com *cincoenta mil* as obras que no momento já temos projectadas e estudadas, e algumas em via de construcção.

Demonstremos com dados officiaes:

Do interessante relatorio, apresentado á camara dos deputados pelo ministro das obras publicas, João Gualberto Barros e Cunha, na sessão de 1878, e por consequencia relativo ao anno economico de 1876 a 1877, extractamos o seguinte:

«Divide-se em dois grandes capitulos o trabalho que tenho a honra de pôr na vossa presença: um que vos mostrará tudo quanto se refere á historia do ministerio das obras publicas desde o seu começo (1852) até 30 de junho de 1877; — outro que tracta das obras a executar no presente e a emprehender no futuro.

«No primeiro capitulo vereis que dos emprestimos levantados com differentes denominações, depois de 1852 até 30 de junho ultimo, se applicou a obras de utilidade publica, no continente e ilhas adjacentes, a quantia de 98.013:206$111 réis.

«Subdividindo esta somma, teremos:

«No continente —

«Construcção d'estradas, incluiddo o pessoal technico e os estudos...	19.243:288$244
Conservação d'estradas...	2.647:953$709
Reparos d'estradas.....	719:466$120
Subsidios a districtos e municipios para estradas..	2.462:322$965
Diversas obras.....	7.730:413$944
Portos e rios.....	3.340:823$027
Pharões.....	306:147$431
Trabalhos geodesicos.....	1.236:150$784
Correios.....	7.723:848$884
Telegraphos.....	2 880:729$039
Pinhaes e mattas.....	1.728:797$508
Ensino agricola e industrial	1.840:176$876
Subsidios a empresas de navegação, etc.....	1.099:137$400
Exposições nacionaes e universaes.....	384:320$528
Despesas diversas.....	1.424:139$261
Eventuaes.....	3 330:062$577
Caminhos de ferro.....	32.656:985$788
Administração superior e pessoal technico.....	2.680:280$371
	93.435:044$456
Nas ilhas adjacentes.....	4.578:161$655
Réis...	98.013:206$111

Continua ainda o mesmo relatorio:

«Das sommas liquidas que os cofres do thesouro receberam de 1852 até 1874, por emprestimos consolidados no total de réis 72 000:000$000; — da divida fluctuante em 30 de junho de 1877, no total de 15.511:000$ réis, — das obrigações para os caminhos de ferro do Minho e Douro, 8.451:000$000 rs., — total 95.962:000$000 réis, tudo foi empregado nos melhoramentos do paiz; tudo foi convertido nas commodidades que elle usufrue; tudo foi entregue ás classes laboriosas, á agricultura, á industria, á navegação, ao progresso, ao bem-estar, em fim, do povo portuguez.

«Como consequencia d'estes factos a exportação nacional, que em 1867 era de 17 mil contos, se elevou em 1875 a 24 mil con-

tos; — e a nossa importação, que em 1867 foi de 26 mil contos, subiu a 38 mil contos em 1875.

«Os vinhos exportados em 1865, no valor de 7:465 contos, representam em 1875 a cifra de 11:238 contos; — os gados que em 1865 produziram apenas a verba de 594 contos, exportaram-se em 1875 por 2:098 contos;— os mineraes subiram de 1:400 contos a 2:700 contos;—as pescarias de 108 contos a 374 contos, e continua o progressivo augmento.

«No caminho de ferro do Norte e Leste a exploração de 502 kilometros produziu em 1871 a quantia de 604:516$000 réis,— e em 1876 a receita subiu a 1:093 contos.

«No Sul e Sueste os 312 kilometros que em 1873 a 1874 deram 390 contos, produziram em 1876 a 1877 a cifra de 411 contos.

«Os correios, que em 1870 a 1871 produziram 426:831$836 réis, attingiram no anno de 1876 a 1877 a somma de 504:591$747 rs., tendo soffrido grande diminuição as receitas, em virtude das convenções postaes e da reducção de portes.

«Os telegraphos produziram em 1867 a 1868 réis 51:233$000, e em 1877–1878, réis 81:645$000.

Prosegue ainda o mesmo relatorio:

«A rêde das estradas reaes no continente do reino deve ser aproximadamente de 5:593 kilometros (era isto no anno de 1877) dos quaes estavam construidos 3:431 em 30 de junho de 1877 e em construcção 303, faltando portanto para o acabamento da rêde auctorisar a construcção de 1:859, dos quaes foram remettidos ao ministerio até áquella data projectos na extensão de 300 kilometros, — havendo a despender com o acabamento da rêde 8:996 contos.

«Gastou-se com a construcção d'estradas de todas as ordens (2:492 kilometros d'estradas reaes, 520 de districtaes e 113 de municipaes) desde 1 de julho de 1852 até 30 de junho de 1870 a quantia de 13.244:377$128 réis. Não foi possivel separar até 1870 a despesa feita com as estradas reaes, por isso que só em 1867 se classificaram as estradas districtaes, e mais tarde as municipaes. [1]

«Desde 1 de julho de 1870 até 30 de junho de 1877 despenderam-se na construcção d'estradas reaes 4.640:591$404 réis, o que representa o custo medio kilometrico de réis 4:942$000 aproximadamente.»

O districto mais favorecido em relação á sua superficie foi até áquella data o do Porto, que por 1:000 hectares contava então (1877) 1:196 kilometros construidos. No artigo *Victoria* (N. Senhora de Victoria) daremos uma nota precisa do estado da viação a macadam no districto do Porto até 31 de dezembro de 1883.

Em relação á população o districto mais favorecido até 30 de junho de 1877 foi o de Portalegre, pois tinha n'aquella data 1:900 kilometros construidos, por 1:000 habitantes,— e o menos favorecido era o de Lisboa que tinha por 1:000 habitantes apenas 0:237 kilometros construidos n'aquella data.

Estradas districtaes

Continúa ainda o mencionado relatorio:

«Foram construidos á custa do estado 864:255,3 metros (até 30 de junho de 1877) sendo o districto mais favorecido o de Lisboa,— e os menos favorecidos Vianna e Bragança.

Estradas municipaes

«Foram construidos á custa do estado (até áquella data) 151:901,9 metros, sendo ainda o districto de Lisboa o mais favorecido.

«Concederam-se subsidios na importancia de 705:663$234 réis para a construcção de 1.552:834,0 metros, sendo a media por kilometro 455:079 reis.»

—

Poucas nações com a diminuta população e os tenues recursos do nosso paiz terão na segunda metade d'este seculo realisado tão importantes melhoramentos publicos de toda

[1] Hoje (1884) e desde alguns annos a esta parte, tambem temos estradas *vicinaes*, que ligam as reaes, districtaes ou municipaes com um ponto proximo qualquer.

a ordem, — graças ao nosso bom senso e á paz octaviana que fruimos desde 1847.

Se não afroixar a nossa marcha na senda do progresso, Portugal em pouco tempo bem merecerá o lisongeiro epitheto de *jardim á beira-mar plantado.*

O interessante relatorio do fallecido sr. Barros e Cunha é a synthese da maior parte d'aquelles melhoramentos até o fim do anno economico de 1876-1877; mas desde aquella data até hoje (abril de 1884) outros muitos se realisaram, como indicaremos d'algum modo com os poucos elementos que a *muito custo* podemos obter.

Caminhos de ferro

1.º

Construidos e já em exploração

Linha do norte, de Lisboa ao Porto na extenção de 337 kilometros. É o preço das passagens o seguinte: 1.ª classe 6$690 réis; — 2.ª 5$210; — 3$720.

Esta linha e a de leste foram as primeiras que se construiram em Portugal, de 1853 a 1868.[1] Com ellas fizemos a nossa aprendizagem — e bem cara nos ficou, principalmente na linha do norte!

O marquez de Salamanca foi o primeiro concessionario; depois formou uma companhia e lhe traspassou a concessão. Pelo contracto primitivo era a companhía obrigada a construir a linha com *via dupla*,—a fazer um ramal da estação de Valladares até Sampaio, na margem erquerda do Douro,—e a levar a linha ao Porto, etc.—mas a companhia até hoje (1884) não fez a 2.ª via, nem o ramal, nem levou a linha além da estação de Gaya, — e, ao passo que se faziam novas acclarações, todas em favor da companhia, esta *exigia* sommas fabulosas, que o nosso governo foi forçado a pagar, porque, necessitando nós de levantar emprestimos nas praças extrangeiras, a companhia de tal sorte os difficultou, quando o nosso governo se mostrava pouco disposto a ceder ás suas exigencias, que passamos pela vergonha de nos protestarem *acintosamente* uma lettra!...

Tudo isto e *muito mais* devemos ao fallecido sr. marquez de Salamanca & C.ª — accrescendo tambem a coincidencia do *desapparecimento* do *Tirant lo Blanco* da nossa Bibliotheca Municipal Portuense,— livro rarissimo, avaliado em *muitos contos de reis!...*

Linha ferrea do Minho

Pela carta de lei de 2 de julho de 1867 fo o governo auctorisado a construir e explorar por sua conta as linhas ferreas do Porto por Braga e Vianna do Castello até á fronteira da Gallisa — e do Porto pelo valle de Sousa e proximidades de Penafiel até Pinhão, no alto-Douro.

Inaugurou-se a construcção d'estas duas linhas em 9 de julho de 1872, nas trincheiras de S. Roque, sendo ministro das obras publicas o sr. Antonio Cardoso Avelino, assistindo ao acto S. M. o sr. D. Luiz I, e inaugurou-se a exploração do primeiro troço da linha do Minho, do Porto até Braga, no dia 21 de maio de 1875.

Em 31 de dezembro de 1883 achava-se em exploração toda a linha do Minho, desde o Porto até Valença, e o ramal de Braga, na extenção de 145 kilometros, e foi o seu custo total — 7:200 contos.

Preço das passagens (viagem directa do Porto a Valença) — 1.ª classe 2$470 réis, — 2.ª 1$920, — 3.ª 1$370.

Ramal de Braga, na extenção de 15 kilometros, a partir da estação de Nine, na linha do Porto a Valença.

Preço das passagens — 1.ª classe 140 réis, — 2.ª 110, — 3.ª 70 réis.

Linha ferrea do Douro

Foi o governo auctorisado a construir esta linha pela mesma carta de lei de 2 de julho de 1867 que auctorisou a construcção da linha ferrea do Minho; teve com esta inau-

---

[1] Por decreto de 6 de maio de 1852 se abriu concurso publico para a construcção dos caminhos de ferro de Lisboa á fronteira de Hespanha e á cidade do Porto, e no dia 7 de maio de 1853 se inaugurou a construcção das mencionadas linhas ferreas, no 1.º lanço — de Lisboa a Santarem.

guração commum de trabalhos com a assistencia de S.S. M.M. e do ministro das obras publicas, Antonio Cardoso Avelino, no dia 9 de julho de 1872,— e inaugurou-se a exploração do primeiro troço, de Ermezinde a Penafiel, no dia 30 de julho de 1875.

Por carta de lei de 23 de junho de 1880 foi determinado o prolongamento d'esta linha desde o Pinhão até á Barca d'Alva, a entroncar na linha ferrea de Salamanca ao Douro,— e em 31 de dezembro de 1883 já se achava esta linha do Douro construida e em exploração desde o Porto até Tua, na extenção de 139 kilometros, comprehendendo 8kil.,5 em commum com a linha ferrea do Minho, desde o Porto até Ermezinde.

Preço total da sua construcção até Tua— 7:540 contos.

Preço das passagens, do Porto até alli — 1.ª classe 2$640 rs.,—2.ª 2$050,—3.ª 1$470.

Trabalha-se activamente na continuação d'esta linha de Tua até á Barca d'Alva e Salamanca, por Boadilha, como logo mostraremos.

Linha ferrea de leste—do *Entroncamento* na linha do norte (de Lisboa ao Porto) até á estação d'Elvas, limite da fronteira portugueza na linha de Lisboa a Madrid por Badajoz e *Ciudad Rial.*

Extenção 159 kilometros;—preço das passagens: 1.ª classe 3$160 rs.,—2.ª 2$460,— 3.ª 1$760 réis.

Linha ferrea de leste, de Lisboa a Madrid por Caceres e Valencia d'Alcantara.

Troço em territorio portuguez, da estação da *Torre das Vargens* (entroncamento na mencionada linha d'Elvas) até *Marvão*, fronteira de Portugal; na extenção de 65 kilometros.

Preço das passagens: — 1.ª classe 1$240 réis,— 2.ª 1$000,— 3.ª 720 [1].

Linha ferrea do sul, de Lisboa (margem esquerda do Tejo, estação do Barreiro) a Serpa, na extensão de 138 kilometros.

Preço das passagens, comprehendendo a do Tejo, em vapor,— 1.ª classe 3$650;— 2.ª 2$890;— 3.ª 2$070 réis.

Ramal de Beja a Casevel, — 1.º troço da linha do Algarve, na extensão de 47 kilometros.

Preço das passagens: — 1.ª classe 890; — 2.º 700; — 3.ª 500 réis.

Linha de sueste, da estação da Casa Branca (entroncamento na linha do *sul*) por Evora até Extremoz, — 78 kilometros

Preço das passagens: — 1.ª classe 1$470; — 2.ª 1$140; — 3.º 820 réis.

Ramal de Setubal, a partir da estação do Pinhal Novo, na linha de Lisboa a Serpa.

Extensão 13 kilometros;—preço das passagens:—1.ª classe 250;—2.ª 200;—3.ª 140.

Linha da Beira Alta—da Figueira, na foz do Mondego, a Villar Formoso, na raia, caminho de Salamanca.

Extensão — 253 kilometros; — preço das passagens—1.ª classe 5$030;—2.ª 3$910;— 3.ª 2$700.

Logo que o *Syndicato portuense*, subsidiado pelo nosso governo, inaugure a exploração da continuação d'esta linha desde Villar Formoso, na raia, até Salamanca, na extensão de 113 kilometros, o que se espera ainda est'anno de 1884, poucas linhas ferreas portuguezas promettem melhor futuro.

O mesmo *syndicato* anda construindo a continuação da nossa linha do Douro, da Barca d'Alva a Salamanca na extensão de 166 kilometros, o que deve ser de grande vantagem para o nosso paiz, nomeadamente para o Porto; mas aquelles trabalhos correm morosos e talvez se não inaugure a exploração desde a Barca d'Alva a Salamanca antes de 1866, posto que o nosso governo, quando subsidiou o referido syndicato, concedendo-lhe, por Decreto de 30 de junho de 1882, a garantia do complemento de juro até seis por cento, lhe impoz a condição de que não abriria ao tranzito a continuação da linha da Beira Alta até Salamanca, antes de abrir ao tranzito a continuação da linha do Douro até Salamanca tambem.

Daria volumes a historia d'aquelle syndicato até hoje,—e quem sabe o que se seguirá ainda!...

---

[1] Este troço (bem como o restante da linha de Lisboa a Madrid por Caceres) foi aberto á circulação depois de 1877, e por consequencia não está comprehendido no relatorio do sr. Barros e Cunha.

Linha ferrea (via reduzida) *do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão;* — kilometros 57; — preço das passagens — 1.ª classe 1$030; — 2.ª 630 (não tem 3.ª)

Esta linha é propriedade da *Companhia do Caminho de ferro do Porto á Povoa e Famalicão.*

Inaugurou o assentamento das suas linhas em agosto de 1875 — e a exploração d'ellas em 31 de outubro do mesmo anno—no 1.º lanço. Mais tarde levou a exploração até á Povoa de Varzim,—e, annos depois, até Famalicão.

Em 31 de dezembro de 1883 explorava 57 kilometros com 8 machinas locomotoras e 44 carros de diversas classes.

Capital da empreza 500:000$000 réis.

Os carros d'esta linha são elegantes e muito commodos. Entra-se para elles pelas plataformas, como nos americanos, e teem só duas bancadas parallelas e longitudinaes, ficando a meio passagem franca, formando um amplo corredor central na extensão de todo o comboyo, pois se passa, como passam os revisores, muito facilmente de uns para os outros carros, pelas plataformas.

Esta linha tem grande movimento durante a estação balnearia, porque lhe fica a meio a bella praia da Povoa de Varzim, que é uma das mais concorridas de Portugal.

(Vide *Povoa de Varzim*).

A empreza projecta levar a sua linha de Famalicão até Chaves, por Guimarães ou suas proximidades, com o que por certo muito lucrariam a empreza e o publico.

É uma formosa linha, muito bem administrada. O director da sua exploração na actualidade é o senhor J. P. d'Oliveira Martins, um dos nossos mais illustrados publicistas, — e é presidente da assembléa geral o sr. conde da Silva Monteiro, millionario e caracter nobilissimo, um dos portuenses mais estimado e considerado pela sua grande fortuna e pelo bom uso que sabe fazer d'ella [1].

Linha ferrea (via reduzida) da *estação da Trofa*, no caminho de ferro do Minho, a *Guimarães*, por Visella, na extensão de 33 kilometros.

É o preço das passagens: — 1.ª classe 630 réis; — 2.ª 350. Não tem 3.ª propriamente dita.

A primeira empreza concessionaria d'esta linha foi a companhia ingleza *The Minho District Rail Way Company* por decreto de 28 de dezembro de 1872.

Logo em 1873 deu principio á construcção e chegou a assentar alguns kilometros de linha; mas em 1874 traspassou a concessão á *Companhia do Caminho de ferro de Guimarães* que ultimou a construcção, tendo aberto os trabalhos em 1879. Inaugurou a exploração da Trofa até Vizella no dia 31 de dezembro de 1883 — e até Guimarães no dia 14 d'abril de 1884.

Emprega 5 machinas locomotoras e 80 carros de differentes qualidades, para mercadorias e passageiros.

O seu capital são 500 contos.

Guimarães, cidade rica e centro industrial muito importante em cortumes, cutelaria, fiação e tecidos de linho e algodão, — e Vizella, o primeiro estabelecimento thermal do nosso paiz, vão lucrar muito com esta linha ferrea, que por seu turno deve remunerar bem os sacrificios da empreza.

Todo o terreno que esta linha atravessa desde a Trofa até Guimarães é muito fertil e muito pittoresco, offerecendo paisagens variadissimas sobre modo interessantes. Vide *Villa Flor*, quinta.

Linha ferrea das Minas de S. Domingos, desde o porto de Pomarão, na margem esquerda do Guadiana, até ás minas. Comprehende a extensão de 17:400 metros, e emprega na exploração quatro machinas locomotoras, termo médio por dia.

A construcção d'esta linha principiou em 1861 — e a sua exploração em agosto de 1863.

---

[1] No artigo *Miragaya*, publicamos a biographia de s. ex.ª e uma descripção do seu palacete, hoje a casa mais luxuosa ao norte do nosso paiz, — e no artigo *Victoria*, freguesia do Porto, daremos a descripção da formosa quinta da *Lavandeira*, propriedade do mesmo sr. conde, hoje sem contestação a *primeira* dos arrabaldes do Porto. Rivalisa com os bellos parques de Cintra.

É propriedade dos opulentos concessionarios e exploradores d'aquellas minas, hoje (1884) as minas mais importantes do nosso paiz. Vide *Pomarão.*

Denominam-se de *S. Domingos*, por existir uma velha capellinha d'aquella invocação em um pequeno alto a meio do plató da montanha, onde appareceram aquelles jazigos de cobre. Os seus actuaes proprietarios, apesar de serem inglezes protestantes, transformaram a pequena capella em uma formosa egreja que lhes custou 30 contos de réis, com torre e sinos e um d'estes com relogio. Ao lado da egreja construiram um palacete que lhes custou trinta e tantos contos e uma bella povoação, bem arruada, para os operarios e mais empregados, que, antes de applicarem ao serviço e exploração das minas o grande numero de machinas a vapor que hoje empregam, chegaram a attingir o numero de duas mil pessoas, — além de mais de 1:000 cavalgaduras e d'alguns centos de carros tirados por bois.

Já ia em grande adiantamento a lavra quando viram que os jazigos mais fortes estavam exactamente sob o tracto do terreno occupado pela nova egreja, pelo palacete e povoação recentemente construida para os operarios e empregados, — e, resolvendo a empreza explorar a descoberto aquella zona metallurgica, — mandou demolir a egreja o palacete e todas as outras edificações e levantar outras de novo, a distancia.

Quando ali estivemos em 1879, já tudo estava removido, e da egreja apenas restava a torre, aprumada sobre a vasta cavidade da exploração a descoberto, além das cinco extensas galerias sotopostas, a 15 metros de profundidade umas das outras.

Tambem lá vimos ainda crestados do incendio, os fórnos d'alta pressão, que a empreza mandára construir annos antes, para tratamento do minerio e que foram devorados por um medonho incendio na vespera do dia marcado para a sua inauguração, havendo custado cerca de 200 contos.

Tambem a empreza perdeu sommas importantes com o grande numero de casas e armazens que havia mandado construir á beira do rio Guadiana, em Pomarão, e que foram destruidos em 1875 pela cheia do Guadiana, a maior de que ali ha memoria, — cheia que derrubou as pontes de Merida e de Badajoz, pontes seculares e magestosas.

A empreza tem soffrido graves prejuizos, mas de tudo a compensa o lucro enorme que aufere com a grande extracção e exportação de minerio.

Já chegaram a ver-se ancorados *a um tempo* — 64 barcos de vela e vapor em Pomarão, attrahidos pelo grande movimento das minas. Veja-se no *Supplemento* a este diccionario *Minas de S. Domingos.*

Temos pois actualmente (abril de 1884) 1:366 kilometros de linhas ferreas (via larga) em exploração — e 90 kilometros de via reduzida — total 1:456 kilometros de linhas ferreas abertas ao tranzito publico.

Não comprehendemos n'este numero a linha ferrea das minas de S. Domingos, porque é privativa d'aquella empreza.

Rendimento das nossas linhas ferreas no anno de 1883

As linhas de norte e leste renderam 2.282:433$678 réis — ou 4.510$738 réis por kilometro.

As linhas de sul e sueste 465.363$225 réis — ou 1.455$226 por kilometro.

A linha do Minho rendeu 347.473$875 réis, — ou 2.396$578 réis por kilometro.

A linha do Douro rendeu 362.188$896 réis, — ou 2.764$800 réis por kilometro.

Esta linha que já n'aquelle anno rendeu mais do que a do Minho, muito mais renderia, se não militassem contra ella as 4 ponderosas circumstancias seguintes:

1.ª — Estar em exploração apenas até Tua, verdadeiro becco sem sahida. Deve augmentar consideravelmente o seu movimento logo que avance até Salamanca, o que se espera succederá em 1885 ou 1886; — e esse augmento será ainda maior depois de feito o porto de Leixões, já em via de construcção, como diremos adiante, no artigo *Victoria*, freguesia do Porto.

2.ª — Estarem, na parte aberta á exploração, quasi todas as suas estações isoladas dos povos circumvizinhos por medonhos barrancos.

3.ª — Ter sómente uma ponte, a da Regoa, sobre o Douro, achando-se por consequencia a linha separada da outra margem por um rio caudaloso e terrivel no inverno.

4.ª — Estar o Alto-Douro, centro e foco da riqueza das duas provincias — Beira e Traz os Montes — reduzido a uma charneca inculta pela maldita phylloxera, como detidamente mostraremos no artigo *Villarinho de Cottas*, uma das freguezias situadas n'aquella região do afamado *vinho do Porto*, que foi a gloria do nosso paiz e a inveja do mundo [1].

Vide — *Villarinho de Cottas*.

A linha da Beira Alta rendeu approximadamente 229.257$283 réis—ou 906$155 réis por kilometro.

O ramal de Caceres rendeu 91.495$380 réis — ou 1.270$769 réis por kilometro.

A linha do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão (via reduzida) rendeu 65.748$671 réis—ou 1.153$485 réis por kilometro.

Linhas ferreas em construcção

De Tua, até á Barca d'Alva, terminus da linha do Douro — comprehendendo um total de 61kil,317m,80 divididos em 4 empreitadas para sua mais rapida construcção. — A 1.ª, da margem direita do Tua, até Riba Longa, na extensão de 2kil,580 metros, foi arrematada por 90:000$000; — a 2.ª desde Riba Longa até á quinta do Vezuvio, na extensão de 17kil,961 metros, foi arrematada por 1.093:000$000; — a 3.ª desde a quinta do Vezuvio até o ribeiro da Bulha, na extensão de 21kil,076m,80, foi arrematada por 1.095:000$000 — e a 4.ª desde o ribeiro da Bulha até á Barca d'Alva, na extensão de 19kil,700 metros, foi arrematada por 746 contos.

Custo total d'estas 4 tarefas, de Tua até á Barca d'Alva, 3:024 contos, (afora estudos, fiscalisação, etc.) o que junto aos 7:540 contos dispendidos com esta linha, do Porto até Tua, prefaz a importante somma de 10:564 contos.

E quanto não custará a continuação desde a Barca d'Alva até Salamanca?

O preço kilometrico, base da licitação de cada uma das ultimas 4 empreitadas, foi o seguinte: — para a 1.ª 39.442$000 réis; — para a 2.ª 64.840$000 réis; para a 3.ª 53.738$000 rèis; — para a 4.ª 37.212$000. Variaram muito os preços em harmonia com a variedade do terreno a cortar, — das difficuldades da construcção, — e do numero e importancia das differentes obras d'arte, que são as seguintes:

Viaducto do Tua (kilometro 130) 6 vãos, — 4 de 30 metros e 2 de 24. Extensão total 190,30. Sobrestructura metallica da fabrica da *Société Braine-le-Conte*, da Belgica.

Estação definitiva do Tua (kilometro 132) entroncamento do caminho de ferro em via de construcção, de Tua a Mirandella.

Viaducto de Riba-Longa (kilometro 133) —um tramo de 20 metros e 2 arcos de pedra com 10 metros de luz cada um. Extensão total 57m,20. Sobres estructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte*.

Tunnel da Rapa (kilometro 133) — extensão 45 metros.

Tunnel da Valleira (kilometro 139) — extensão 700 metros [1].

Ponte do Douro (kilometro 142) para passagem da linha da margem direita para a esquerda d'aquelle rio, — 7 vãos, — 5 de 57 metros—e 2 de 45,—extensão total 412m,50. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte*.

Estação de Vargellas (kilometro 145) 4.ª classe.

---

[1] Desde o principio d'este anno de 1884 até ao dia 7 do mez de abril, o rendimento da linha ferrea do Minho subiu a 75.572$591 réis, — menos 1.517$431 réis do que em igual periodo do anno anterior; — emquanto que a linha do Douro, — apesar de todos aquelles contras — rendeu 87.469$400 réis, — mais 3.380$640 réis do que em igual periodo do anno anterior.

[1] No dia 29 do corrente mez de abril se descarregaram do hiate inglez «Mizpah» surto no Douro, 1:200 caixas com a bagatella de vinte mil kilos de dinamite, destinados á perfuração d'este tunnel.

Tunnel de Vargellas (kilometro 146) — extensão 360 metros.

Viaducto de Vargellas (kilometro 147) — 3 tramos, — 2 de 20 metros e 1 de 25. Sobrestructura metallica da mesma fabrica *Braine-le-Conte*. Extensão total—85^{m},40

Viaducto do Arnozelllo (kilometro 147)— 4 tramos, 2 de 40 metros—e 2 de 32 metros. Extensão total 170 metros,—sobrestructura metallica da mesma fabrica *Braine-le-Conte*.

Tunneis do Pombal (kilometro 148)—1 de 55 metros e outro de 58.

Viaducto da Teja (kilometro 149)—4 arcos de pedra com o raio de 7^{m},5—extensão total 89^{m},70.

Viaducto de Murça (kilometro 154)—parte de taboleiro metallico—2 tramos de 32 metros — 1 de 40 — e 7 arcos de pedra com o raio de 5^{m},0. Extensão da parte metallica 112^{m},90—extensão da parte de pedra 93 metros,—total 205^{m},90.

Sobrestructura metallica da fabrica *Sociètè anonyme de Hauts Fourneaux, Usines et Charbonages, de Sclessin* na Belgica.

Estação de Numão (kilometro 155) — 4.ª classe.

Viaducto de Gonçalo Joannes (kilometro 157) — 3 tramos, 2 de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^{m},20.

Sobrestructura metallica da mesma fabrica de Sclessin.

Tunnel das Fontainhas (kilometro 159)— extensão 160 metros.

Tunnel de Valle do Nedo (kilometro 159) — extensão 60 metros.

Viaducto do Valle do Nedo (kilometro 159) — 3 tramos de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^{m},2. Sobrestructura metallica da mesma fabrica de Sclessin.

Tunnel do Salgueiral (kilometro 161) — extensão 60 metros.

Tunnel do Monte Meão (kilometro 161) — extensão 730 metros.

Tunnel da Veiga—(kilometro 162) — extensão 90 metros.

Viaducto do Pocinho (kilometro 163) — 3 tramos, — 2 de 28 metros e 1 de 35. Sobrestructura metallica da fabrica de Eclessin.

Estação do Pocinho (kilometro 164) — de 2.ª classe, Extensão total 104^{m},20.

Deve ser uma das estações mais importantes de toda a linha, pois serve Villa Nova de Foscôa, distante 9 kilometros, na margem esquerda do Douro,—Moncorvo e valles do Sabor e da Villariça, na margem direita.

Viaducto de Canivães (kilometro 170) — 3 arcos com o raio de 7^{m},5. Extensão total 64^{m},20.

Estação de Foscôa (kilometro 173) — 4.ª classe. Ha-de ser o entroncamento da ligação do caminho de ferro do Douro com o da Beira Alta.

Viaducto do Côa (kilometro 173)—2 vãos de 28 metros e 1 de 35. Extensão total 104^{m},2. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte*.

Tunnel das Parissas (kilometro 179) — extensão 80 metros.

Viaducto d'Aguiar (kilometro 180) — 3 vãos, — 2 de 32 metros e 1 de 40. Extensão total 120^{m},65. Sobrestructura metallica da fabrica *Braine-le-Conte*.

Estação d'Almendra (kilometro 184)—4.ª classe. Serve Almendra e Castello Melhor.

Tunnel da Setteira (kilometro 185)—extensão 80 metros.

Viaducto da Gricha (kilometro 187) — 3 vãos, 2 de 28 metros e 1 de 35. Extensão 109 metros. Sobrestructura da fabrica *Braine-le-Conte*.

Estação da Barca d'Alva (kilometro 192) na fronteira.

Serve Escalhão e Figueira de Castello Rodrigo na margem esquerda do Douro, — e Freixo d'Espada á Cinta, na margem direita.

Ponte metallica sobre o Agueda (kilometro 192)—em estudo.

—

Toda esta linha do Douro é uma continuidade d'obras d'arte, principalmente desde Cahide até á Barca d'Alva, tanto que na parte aberta á exploração trabalha sempre com os lampeões accesos, mesmo no verão e de dia, desde Penafiel até Tua. E da Barca d'Alva até Salamanca, principalmente até *Fuente de Santo Estevão*, entroncamento na linha da Beira Alta, um pouco além de Boadilha, as obras d'arte não são menos numerosas, como indicamos adeante.

O custo kilometrico das nossas linhas ferreas construidas até 1879, comprehendendo estudos, fiscalisação, expropriação, etc. foi o seguinte:

De Beja a Cazevel.....	12:676$105
D'Evora a Extremoz.....	15:103$841
Das Vendas Novas a Evora...	23:698$986
Do Barreiro ás Vendas Novas	32:434$798
De Lisboa a Elvas [1].....	58:114$622
Do Entroncamento a Gaya [2].	62:415$356
Linha do Minho.....	43:925$750
Linha do Douro, até á Regoa.	61:240$003

Sendo pois a linha do Douro evidentemente a de mais difficil construcção entre todas as do nosso paiz, é para notar-se que o seu custo seja inferior ao da linha do norte, em 1:175$293 réis por kilometro; e, pelas informações extra-officiaes que pude colher, ainda será mais baixo o seu preço kilometrico na parte restante, desde a Regoa até á Barca d'Alva, que todos suppunham excedesse em custo a parte construida, desde o Porto até á estação da Regoa,—o que muito depõe a favor dos nossos engenheiros e contra a companhia concessionaria e constructora da linha do norte.

Tambem se vê da nota supra que de todas as nossas linhas ferreas o troço mais barato foi o de Beja a Cazevel, o que não admira, por ser aberto em terreno chão, sem uma unica obra d'arte, digna de mencionar-se.

—

Tambem hoje (abril de 1884) temos em construcção o complemento da nossa linha ferrea do Minho, desde a estação de Valença até á margem esquerda do rio, na extensão de 1^{k},5,—e a ponte sobre o Minho, tendente a ligar aquella nossa linha ferrea com as da Galliza.

A ponte é internacional, construida a expensas dos governos portuguez e hespanhol, em partes eguaes, e foi adjudicada a sua construcção á fabrica de *Braine-le-Conte* pela quantia de 205:766$000 réis.

Esta ponte tem 5 tramos metallicos no leito do rio, 2 de 60 metros e 3 de 66,—e 2 marginaes de 15 metros cada um. Extensão total — 400 metros.

É de dous taboleiros,—o superior para a linha ferrea, — e o inferior para a estrada ordinaria.

—

Linha ferrea da Beira Baixa. — Parte da estação de Abrantes na linha de sueste; — segue por Castello Branco, Fundão e proximidades da Covilhã, — e termina perto da Guarda, na linha da Beira Alta.

Estão ainda incompletos os estudos, mas deve comprehender approximadamente 220 kilometros.

Foi adjudicada em 15 de novembro de 1883 á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, garantindo-lhe o governo 5 $^{1}/_{2}$ por cento sobre a quantia de réis 35:800$000 por kilometro.

Deve estar concluida no praso de 4 annos a contar da approvação definitiva do contracto pelo governo.

Linha ferrea de Lisboa a Torres Vedras, com um ramal para Cintra, outro para a Merceana.

Foi adjudicada definitivamente em 10 de junho de 1882 ao sr. Henrique Burnay & C.ª e deve estar concluida no praso de 3 annos a contar d'aquella data. É de via larga, 1^{m},67 e comprehende 64 kilometros.

Linha de Torres Vedras á Figueira. Esta linha é continuação da de Lisboa a Torres Vedras; — toca em Alfarellos, na linha do norte e foi adjudicada á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em 10 de julho de 1882, garantindo-lhe o governo o complemento do rendimento liquido de 5 %.—É tambem de via larga—1^{m},67 e deve estar concluida no praso de 3 annos a contar da adjudicação definitiva. Ainda não estão completos os estudos, mas deve comprehender 140 kilometros, approximadamente.

Ramal de Vizeu á linha da Beira Alta, proximidades de Santa Comba Dão. É de via reduzida; — ainda não estão completos

[1] Pagou o governo de subsidio, réis 20:250$000 por kilometro á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, que foi a concessionaria.

[2] Subsidio kilometrico pago pelo nosso governo á mesma companhia concessionaria 24:300$000 réis.

os estudos, — mas já foi adjudicado ao sr. Henry Burnry no dia 24 de dezembro de 1883 com a garantia de 5 1/2 por % sobre 22:885$000 réis por kilometro, e deve comprehender ao todo approximadamente 45 kilometros.

Ramal da Estação de Campanhã até á Alfandega do Porto.—O primeiro lanço desde o perfil *0* aos Guindaes, perfil 112, foi adjudicado ao sr. Alvaro Alão Pacheco em 17 de junho de 1881, por 150 contos de réis. A parte restante ainda se acha em estudos, mas todo o ramal deve medir approximadamente 4 kilometros.

Linha ferrea do Algarve, de Cazével a Faro, dando um ramal para Silves e Villa Nova de Portimão.

Por decreto de 17 de setembro de 1883 foi resolvido que se proceda á construcção e exploração d'esta linha por conta do governo, — e já se acham bastantemente desenvolvidos os trabalhos de construcção, a partir de Cazevel.

Ainda não se ultimaram os estudos, mas suppomos que toda a linha com o ramal deve comprehender approximadamente 150 kilometros.

A provincia do Algarve é lindissima, principalmente nos mezes de março, abril e maio, e será com certeza o *rendez vous* de todos os forasteiros de bom gosto, logo que esta linha se abra á exploração até o littoral.

Linha da estação de Tua a Mirandella.

Esta linha é de via reduzida. Os seus estudos ainda não estão completos, mas deve medir aproximadamente 65 kilometros, e foi a sua construcção adjudicada ao conde da Foz por decreto de 23 de dezembro de 1883, sendo o preço da adjudicação o complemento do rendimento liquido de 5,5% do custo da linha, não podendo exceder 1.200$000 réis por kilometro, e comprehendendo na garantia o juro e a amortisação.

Deve estar concluida no praso de 2 annos, a contar da data em que fôr approvado pelo governo o projecto definitivo.

Esta linha é muito importante, porque não só vae servir Mirandella, uma das povoações mais centraes e de mais vida na provincia de Traz os-Montes, mas deve atravessar toda aquella provincia pelas proximidades de Macedo de Cavalleiros e de Bragança até á fronteira, a entroncar na linha de Zamora, em Hespanha.

Lamentamos pois que seja de via reduzida,—apenas de um metro de largura!...

A que demora e despeza de baldeação vae obrigar todas as mercadorias e generos que conduzir! Emquanto que, se fosse de via larga, como a do Douro e a de Zamora, os comboios de mercadorias passavam rapidamente d'ella para as outras linhas nos entroncamentos, e *vice versa*, — das linhas do Douro e de Zamora para ella, sem o grande contra e sobre cargo de despezas e demora com baldeações.

Ha economias que são verdadeiros desperdicios, e esta é uma das taes.

—

Tambem trazemos em construcção dentro da Hespanha a continuação da nossa linha da Beira Alta, desde a fronteira até Salamanca, na extensão de 113 kilometros — e da nossa linha do Douro desde a Barca d'Alva até Salamanca tambem, na extensão de 166 kilometros aproximadamente.

Esta linha entronca na da Beira Alta, de Villar Formoso a Salamanca, em Fuente de Santo Estevão (além de Boadilha) ponto distante de Salamanca 88 kilometros e da Barca d'Alva 78.

As povoações principaes em que toca ou de que se approxima desde a Barca d'Alva até ali são as seguintes:

Freigneda, Hinojosa, Lumbrales, Almêdo, Fuente Liante, Bugajo, Villa Viega, Villares de Yeltes, Retortillo Boada, e Fuente de Santo Estevão.

É difficil a sua construcção, pois desde a Barca d'Alva até ali comprehende as seguintes obras d'arte:

Ponte internacional na fronteira, sobre o rio Agueda; — 9 viaductos: das Almas, dos Riscos, dos Pollos, do Lugar, de Poyo Rubio, do Morgado, de Froia, de Camazas e de Yeltes; — e 13 tunneis: de Muelle, dos Riscos, de Purreira, da Barca d'Escalon; do Val de Lagas, do Arroyo del Lugar, dos Alamos, de Martim Gago, do Pico, de Poyo Valente, de Poyo Rubio, do Morgado e da Carretera

de Salamanca, medindo este ultimo 1:430 metros.

Foi concessionario d'aquellas obras o *Syndicato portuense*, a quem o nosso governo subsidiou, como já dissemos, attendendo á grande vantagem que da continuação d'aquellas nossas duas linhas até Salamanca deve resultar para o nosso paiz, nomeadamente para o Porto, a segunda cidade do reino, logo que esteja construido o *porto d'abrigo* em Leixões, tambem já arrematado e em via de construcção, — obra monumental de que adeante fallaremos, no artigo *Victoria*, Porto.

Além dos 1:456 kilometros de linhas ferreas já construidas, temos pois, em via de construcção approximadamente mais 450 kilometros n'esta data (abril de 1884) — e grande numero de kilometros projectados e em estudos.

Fallemos agora das nossas linhas congeneres:

Linhas ferreas americanas

Prestam grande serviço ao publico estas linhas e são de grande alcance pela belleza, commodidade e segurança que os seus carros offerecem, e pela regularidade e facilidade do transporte, pois em terreno pouco accidentado duas mulas tiram um carro com 50 a 60 passageiros, — e, adaptando-lhes o vapor, uma locomotora póde conduzir muitos carros a um tempo, como succede na linha americana do Porto (estação da Boa Vista) á Foz e Mattosinhos.

Este bello systema de viação foi introduzido no nosso paiz em 1860 e já hoje se acha bastantemente generalisado, como vão vêr:

Linha ferrea americana da Marinha Grande, de Pedreanes ao porto de S. Martinho. Foi esta a primeira.

Comprehende 36:600 metros, mais 1:194 de resguardo, — total 37:794.

O seu motor é o peso proprio nas descidas e gado bovino nas subidas, — annualmente 1:200 juntas de bois.

As suas carreiras são diarias e os seus comboios formados (termo medio) por 4 carros para mercadorias e 1 para passageiros, pois serve não só as mattas do governo mas o publico, sendo o preço das passagens 1.ª classe 370 réis, — 2.ª 300 réis. Não tem 3.ª

O percurso de um ao outro extremo da linha costuma gastar 7 horas.

Foi inaugurada a construcção d'esta linha em junho de 1860 — e a sua exploração no dia 1.º de dezembro de 1861.

—

Linha ferrea americana das minas do Braçal, da foz de Rio Mau, na margem direita do Vouga, um pouco a juzante da povoação de Pecegueiro, até á *Fundição de D. Fernando*, dependencia das minas, na extensão de 8:500 metros.

Esta linha foi subsidiada pelo governo com a cifra de 16 909$200 réis.

Inaugurou-se a construcção em 24 de outubro de 1864 — e a exploração no dia 6 de março de 1867.

Emprega 12 wagonetes, e o seu motor é gado bovino, — 4 juntas de bois por dia.

Veja-se n'este diccionario *Albergaria Velha* e *Valle Maior*, — e no Supplemento *Braçal*, onde daremos circumstanciada noticia d'estas importantes minas de chumbo e prata.

Linhas americanas de Lisboa

Pertencem á companhia *Carris de ferro de Lisboa*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Inaugurou o primeiro troço das suas linhas, desde a estação do caminho de ferro até á rampa de Santos, em 18 de novembro de 1873, e em 31 de dezembro de 1883 explorava dentro e fóra de Lisboa, 38kil,644 metros de vias ferreas suas, que lhe custaram 254:230:920 réis.

Durante o referido anno, percorreram os seus carros 1.836:530 kilometros comprehendendo as carreiras para o largo da Estrella, para o Arco do Cego, e largo de Andaluz, feitas em carros apropriados sem trilhos de ferro.

O seu rendimento no dito anno foram 280.373$270 réis, apesar da nociva concorrencia dos carros da nova companhia Rip-

pert, contra a qual tem pendente uma acção em juizo, e do abatimento nas passagens directas entre Lisboa e Belem.

Em bilhetes pessoaes apurou 14.370$000 réis.

O seu dividendo foi de 4 por cento sobre o capital realisado — ou 2$280 réis por acção.

O seu capital social é de 2.000:000$000 réis; emittiu ainda apenas a 1.ª serie de mil contos, e d'esta realisou 570 contos somente.

Tem esta companhia uma caixa de soccorros pára os seus empregados que temporariamente não possam fazer serviço. N'esta caixa lança o producto das multas impostas ao seu pessoal e o producto dos objectos achados nos carros e estações da companhia, tornadas propriedade d'ella, depois de cumpridas as formalidades da lei.

Durante o referido anno lançou na dita caixa 535$925 réis — e d'ella distribuiu soccorros na importancia de 341$590 réis.

Era o fundo da dicta caixa em 31 de dezembro de 1883 — 1.327$950 réis.

O relatorio d'aquelle anno avaliou os terrenos e edificios pertencentes á companhia em 230.421$029 réis;—as carruagens (113) em 88.780$065 réis;—os seus moveis, utensilios e ferramentas em 19.144$908 réis:—a despesa com as suas officinas, via e obras, em 98.570$217 réis;—a despesa para conservação do seu material fixo e circulante em 36.645$378 réis;—a despesa com o pelouro das cavallariças em 104 825$783 réis;—e o valor do gado, que emprega, em réis 103 971$062 réis;—comprehendendo 200 animaes existentes em 31 de dezembro de 1882 e 155 adquiridos durante o anno de 1883, ao preço medio de 111$151 réis, cada um.

Durante o mesmo anno soffreu o gado, por venda e morte, uma diminuição de 78 animaes,—e existiam 777 em 31 de dezembro de 1883.

Foram distribuidas ao gado durante o anno 268:494 rações, no valor de 79.779$819 réis.

Desde a sua fundação em 1873, até 31 de dezembro de 1883, havia esta empreza dispendido 786:687:204 reis.

O seu lucro durante o referido anno foram réis..... 284.294$447
A despeza..... 246.684$696
Saldo..... 37.609$751

Rendimento por kilometro-carro — réis 154.799.

E' prospero o estado d'esta companhia, apezar da nefasta concorrencia da companhia Ripert, que explora e deteriora as linhas americanas, sem dispender com ellas um ceitil!...

—

Linha ferrea americana do Porto (rua dos Inglezes, hoje do Infante D. Henrique) á Foz e Mattosinhos, na extensão de 11:968 metros.

E' propriedade da *Companhia dos carros americanos do Porto á Foz e Mattosinhos.* Inaugurou o assentamento das suas linhas em 1870 e a exploração em 9 de março de 1871, de Miragaya ao Passeio Alegre, na Foz.

Em 31 de dezembro de 1883 empregava 30 carros e 210 muares; e o seu movimento foi, em resumo, o seguinte:

Receita 58 981$525 reis,—menos oito contos do que no anno de 1881 a 1882.

Baixou de 120 a 100 réis o preço das passagens do Porto a Mattosinhos,—e de 80 a 60 réis o preço das passagens do Porto á Foz, pelo que augmentou consideravelmente o numero das passagens.

Além da linha do Porto á Foz e Mattosinhos, explora tambem o ramal da Alameda de Massarellos ao Jardim da Cordoaria.

Tendo a experiencia mostrado que as travessas de pinho duram apenas 3 annos, a companhia mandou substituil-as por *dormentes* de pedra, colhendo optimo resultado.

O seu activo foi calculado em 321.715$700 réis, — comprehendendo o gado em reis 24.220$347, — os carros e sobreselentes em 27.230$352 réis, — e as vias ferreas e seus accessorios em 292.636$704 réis, — além d'outras verbas menores.

Dispendeu com todo o seu pessoal réis

14.692$990; — vendeu durante o anno 771:405 bilhetes de differentes preços na importancia de 50.980$000 réis, — e deu a companhia de dividendo 4$000 réis por acção, ou 4 por cento.

Os seus actuaes directores, — reconduzidos ha muitos annos, — são os srs. Celestino Candido do Cruzeiro Seixas e João Claudio de Sousa, major reformado, cavalheiros de muito merecimento e directores zelozissimos.

Os primeiros concessionarios, fundadores d'esta empreza, foram os srs. Tavares Basto e Mello e Faro, ambos já fallecidos.

Companhia Carris de ferro do Porto

Explora esta companhia todas as linhas ferreas americanas dentro do Porto, desde a rua dos Inglezes até ao fim da rua do Costa Cabral, em frente do Hospital d'Alienados do Conde Ferreira, — desde a estação de Campanhã até á Rotunda ou praça da Boa Vista, onde tem a sua estação central, e d'ali á Foz e Mattosinhos, alem d'outros ramos dentro do Porto, na extensão total de 35:087 metros.

Inaugurou o assentamento das suas linhas em 14 de fevereiro de 1874 e a exploração em 14 d'agosto do mesmo anno.

Emprega 152 carros para passageiros e 12 wagonetes para mercadorias, — 249 muares — e 7 machinas a vapor, que trabalham sómente *extra muros*, da sua estação da Boa Vista á Foz e Mattosinhos.

Esta companhia luctou com grandes difficuldades, porque no primeiro anno da sua exploração desabou-lhe a estação provisoria, perdendo o custo do edificio e bastantes muares na importancia de muitos contos de réis, — construiu leito proprio para o assentamento da sua linha desde a Fonte da Moura até á Foz, onde fez uma bella estação com restaurante, casa para assembléa e outras dependencias, — e ultimamente, em 1881 a 1882, construiu estrada sua para assentamento da linha desde a Foz até Mattosinhos, dispendendo com todas estas obras e com a sua estação central na Rotunda da Boa Vista muitos contos de réis; mas hoje vive bem e é prospero o seu estado.

Em 1883 vendeu 1.432:571 bilhetes de diversas classes na importancia de réis...	95.263$930
Apurou mais	32.635$593
Total da receita, réis..	127.899$523
Despeza.....	90.404$678
Saldo, réis.....	37.494$845

No relatorio d'aquelle anno (1883) foi calculado o seu activo em 664.480$979 réis e o seu passivo em egual somma. O seu dividendo foram 5$000 réis por acção, ou 5 p. c.

Linha americana de Coimbra

Pertence esta linha á empreza *Rail-Road Conimbricense*, — data a sua exploração de 15 de setembro de 1874, — comprehende cerca de 2 kilometros, desde a estação do caminho de ferro ao centro do bairro baixo (Praça de S. Bartholomeu) — emprega cinco carros para passageiros, quatro para mercadorias — e 12 muares.

Preço das passagens — 80 réis.

Linha americana da Figueira

Esta linha pertence á Companhia Mineira e Industrial do Cabo Mondego.

Formou-se esta companhia em 1873, para explorar as minas de carvão de pedra e as fabricas de vidro, cal e productos ceramicos, pertencentes á mencionada empreza que promette grandes lucros, não só porque as minas de carvão, que é excellente, possuem jazigos importantes, mas porque a fabrica de vidros é a unica do nosso paiz que produz garrafas pretas; — e a facilidade e barateza com que obtem o combustivel muito contribuem para a prosperidade d'esta empreza.

O seu capital é de 300 contos, divididos em acções de 100$000 réis.

Vide *Cabo Mondego*.

Inaugurou o assentamento da sua linha em fevereiro de 1875, e a exploração em agosto do mesmo anno. Comprehende a extensão de 6:820 metros e emprega quatro carros para passageiros, 14 plataformas e zorras e 15 muares, termo medio.

Esta linha foi destinada para o serviço da empreza a que pertence e n'elle se emprega quasi exclusivamente, conduzindo material para as fabricas de vidros, cal e tijolo, e na conducção dos productos d'estas fabricas para a Figueira, mas tambem vende bilhetes de passagens. Presta bom serviço ao publico e tem bastante movimento nos mezes de agosto, setembro e outubro, ou durante a estação balnearia, pois a praia da Figueira —sob muitos aspectos a primeira do nosso paiz—é immensamente concorrida por banhistas e forasteiros não só do valle do Mondego, mas de Lisboa e d'outros pontos distantes, nomeadamente da Hespanha, depois que se inaugurou até Villar Formoso a linha ferrea da Beira; e esse movimento deve augmentar logo que se inaugure a continuação da mencionada linha até Salamanca, talvez em outubro d'este anno de 1884.

A Figueira tudo merece, pois é uma das mais formosas povoações de Portugal; e de passagem direi que foi elevada á cathegoria de cidade por decreto com data de 20 de setembro de 1882,—pouco depois de receber a visita de SS. MM. o sr. D. Luiz I, a rainha e principes (no dia 3 de agosto de 1882) quando foram inaugurar solemnemente a exploração da linha da Beira Alta.

—

Linha americana da Regoa a Villa Real de Traz-os-Montes, pertencente á *Companhia Transmontana*, fundada em 1874 com o capital de 200 contos.

Principiou o assentamento das suas linhas em abril de 1875;—inaugurou a exploração em 1876.—explorava 26 kilometros; — e liquidou em 1878. O seu motor eram mulas para os carros de passageiros e bois para os de mercadorias. Tambem possuia machinas a vapor, systema *Wintertur*, mas pouco partido tirou d'ellas por serem muito fortes os declives a vencer.

Linha ferrea americana de Braga

Em 1876 formou-se em Braga uma companhia com o fim de montar uma linha americana desde a estação do caminho de ferro até ao fundo da matta do sanctuario do Bom Jesus do Monte.

Em 20 de maio de 1877 inaugurou a exploração e liquidou em 31 de dezembro de 1882;—formou-se porém uma nova empreza intitulada *Companhia Carris e Ascensor do Bom Jesus*, que adquiriu as linhas já assentes e as explora desde janeiro de 1883, bem como o Ascensor do Bom Jesus, fundado pelo sr. Manuel Joaquim Gomes e inaugurado em 25 de março de 1882.

Comprehende a linha do ascensor 270 metros com o declive de 37% e 45%, e emprega 2 carros, presos por um cabo de ferro que os liga um ao outro.

O motor é o peso proprio e um deposito com agua. Trabalhando constantemente desde a sua inauguração até hoje (abril de 1884) ainda este engenhoso e tão simples machinismo não soffreu desarranjo algum.

A primeira companhia empregava muares somente;—a segunda emprega muares (23) mais 13 carros e 2 machinas a vapor, que trabalham *extra muros*, desde a cidade até o ascensor, a contar de 17 de junho de 1883.

A extensão total d'esta linha americana são 6:700 metros.

A companhia actual não só explora toda a linha e o ascensor, mas tambem possue trens de praça que aluga, servidos por 14 cavallos.

No relatorio da nova companhia relativo ao anno de 1883, o primeiro da sua existencia, figura o ascensor avaliado em 30 contos de réis e a sua estação em 1.384$465 réis.

A nova companhia substituiu os velhos carris por outros d'aço, systema Vignol, assentes em travessas de carvalho.

As duas machinas a vapor são do systema Wintertur, — pertenceram á *Companhia Transmontana*, que explorou algum tempo a linha da Regoa a Villa Real de Traz os-Montes,—e foram compradas á massa fallida por 4 contos de réis ambas. Fazem muito bom serviço.

A receita total durante o anno foram 20:126$871 réis, figurando n'esta somma a exploração da linha com réis 9:136$618—e a do elevador com 3:024$598 réis, deduzida

a percentagem que pagou ao sanctuario, na importancia de 534$599 réis.

A despesa total montou a 13:826$964 rs.; foi portanto o saldo em favor da empreza—6:299$707 réis.

Os accionistas de 10 acções teem o bonus de passe gratuito em toda a linha.

E' prospero o estado da companhia;—deu aos seus accionistas o dividendo de seis por cento.

Foram seus directores durante o referido anno os srs. Joaquim Dias Peixoto e Manuel Joaquim Gomes, cavalheiro de muito merecimento e industrial importante, a quem Braga deve a instituição do ascensor, *o primeiro do nosso paiz*, e a fundação da companhia de que nos havemos occupado, além d'outras emprezas, que muito recommendam a nossa terceira cidade.

—

O segundo ascensor montado no nosso paiz é o da calçada do Lavra, em Lisboa. Fez-se n'elle a primeira experiencia no dia 7 de abril de 1884,—experiencia que mereceu do jornal o *Economista* a descripção que se segue:

«Esta noite, pelas 7 e meia horas, realisou-se a primeira experiencia das ascenções pela calçada do Lavra. Com a chegada dos srs. Antonio dos Santos Beirão e Antonio Ignacio da Fonseca, directores, Raul Mesnier, engenheiro, e varios convidados entre damas e cavalheiros que logo entraram na carruagem que estacionava no fundo da calçada do Lavra; Illuminou-se logo a rampa em toda a sua extensão, por meio de archotes, e as carruagens ascendente e descendente, partiram ao som das palmas e dos *hourrahs*, de centenas de curiosos que estacionavam no largo da Annunciada.

«A subida effectuou-se não só sem o menor incidente, mas até com um bello resultado, realmente inesperado pelo proprio engenheiro, como este mesmo nos disse depois.

«Com effeito, nem o material fixo, como rails, roldanas, etc., nem o circulante, estão sufficientemente poidos para que os attrictos estejam reduzidos ao *minimum*.

«As peças que compõem o material são novas, e por isso ainda não adquiriram a facilidade de movimentos que é precisa para o completo bom exito das experiencias; e por estes motivos foi tanto mais para notar o admiravel resultado que se alcançou.

«O que é realmente phantastico é o cruzamento das duas carruagens caminhando na rampa, em sentido opposto, com rapidez verdadeiramente vertiginosa. E' claro que este cruzamento se faz sempre sem o menor perigo para os passageiros, por quanto as vidraças são todas gradeadas de largas redes de arame que não permittem que, por descuido alguem se lembre de deitar a cabeça ou um braço por ellas; e portanto apezar da pequena distancia em que se cruzam as carruagens, não ha o menor receio de desgraça pessoal.

«Fizeram-se quatro ascensões todas com o melhor resultado, e as carruagens chegavam sempre ao fundo da rampa saudadas por *bravos* enthusiasticos da multidão agglomerada no largo.

«Estas ascenções fizeram-se todas com grande regularidade, havendo apenas a notar a grande demora que ha entre a chegada e a partida. E' tal demora proveniente, como hontem dissemos, da insufficiencia da canalisação da agua que não permitte que o deposito que existe em cada uma das carruagens e que leva 3:500 litros, se encha com a rapidez desejada.

«Grandes louvores cabem por esta occasião á gerencia da companhia das aguas que, animada da melhor vontade, não só reduziu a 30 réis por metro cubico a agua destinada ao serviço da empreza, (o que afinal de contas é ainda caro) mas prometteu mudar a canalisação com a maior rapidez, devendo esta noite mesmo, começar essa obra.

«Independentemente da agua que,—como succede em Braga, no Bom Jesus onde é gratuita,—presta optimo serviço, a empreza está montando uma machina de vapor para auxiliar a acção da agua, ou mesmo substituil-a, quando ella por qualquer motivo não abunde ou mesmo chegue a faltar.

«Ouvimos varias pessoas manifestarem alguns receios de andar no ascensor, atten-

dendo á possibilidade de qualquer incidente, da ruptura do calabre, por exemplo. Não deve porém haver o menor receio, porque esse caso está previsto. O gancho de ferro que entra na calha e prende o calabre está ligado por uma forte molla a uma grande alavanca, na extremidade da qual existe um contra-peso de 80 kilogrammas.

«Se por qualquer eventualidade se quebrasse o calabre, soltava-se a molla, cahia o contra-peso, e o freio automatico, constituido por fortissimas braçadeiras de aço, apertava o eixo das rodas que pararíam instantaneamente. Para evitar o *glissement*, existe sob as rodas que são denteadas uma cremalheira que acompanha os carris e que impossibilita o menor movimento logo que o freio automatico aperte o eixo.

«Por esta singela descripção pódem os nossos leitores imaginar quão bem disposto se acha todo o machinismo para evitar os menores incidentes, e que os ascensores teem entre nós um largo futuro pela grande facilidade que ha de, por meio d'elles e por modico preço, vencer o accidentado terreno da nossa capital.»

—

Linha americana da Povoa de Varzim a Villa do Conde, na extensão de 3 kilometros. Inaugurou-se a sua exploração no dia 22 de outubro de 1874; foram seus fundadores João Ferreira Dias Guimarães e João de Araujo Guimarães, do Porto, e hoje é propriedade de José Gallisa, desde 1882. Emprega 20 muares e 6 carros.

—

São estas hoje (abril de 1884) as linhas ferreas americanas do nosso paiz.

Comprehendem ao todo cerca de 150 kilometros, e todas foram construidas por emprezas particulares sem subsidio algum do governo, exceptuando apenas duas, — a da Marinha Grande que é do estado,—e a das minas do Braçal que (não sabemos bem por que bullas) foi subsidiada com a bagatella de 16:909$200 réis, como já dissemos algures e se lê no relatorio official do sr. Barros e Cunha.

Carruagens Ripert

Temos em Portugal duas companhias de carros, systema Ripert, de que faremos aqui menção por serem companhias importantes, que prestam valiosos serviços ao publico, e porque os seus carros, além de imitarem os americanos teem a rodagem exactamente com a largura das linhas americanas e talhada de fórma que trabalham perfeitamente sobre ellas e as exploram sem dispenderem com ellas um ceitil, pelo que as companhias americanas, vendo-se afrontadas e altamente prejudicadas pelos intrusos, tentaram contra elles acção que pende em juizo.

Os carros do novo systema tambem trabalham fóra dos *rails*, mas com muito maior difficuldade e grande incommodo para os passageiros, quando o leito das ruas é de parallepidedos, como succede em muitas do Porto.

Companhia Ripert Lisbonense

Esta companhia inaugurou a exploração em 1 de julho de 1882. O seu capital é de 480 contos, mas em 31 de julho de 1883 havia emittido apenas 120 e realisado 72.

Em 31 de dezembro de 1883 possuia 34 carruagens no valor de 26:791$784 réis, — e 320 animaes (30 cavallos e 290 mulas) no valor de 35:000$614 réis. — Durante o anno de 1883 dispendeu com a alimentação de todo o seu gado 35:659:833, sendo o numero das rações 107:259—e o preço medio de cada uma 33$243 réis, em cevada, aveia, milho, fava, palha e feno.

Em 31 de dezembro de 1883 explorou as carreiras da rua Augusta ao Poço do Bispo, —do Poço do Bispo aos Olivaes,—do Rocio á Graça,—do Rocio a Algés,—do Rocio á Cruz Quebrada,—e do Terreiro do Paço ao Matadouro (além d'outras carreiras temporarias e extraordinarias) na extensão total de 104:615 metros,—sendo 14:986 sobre os carris da companhia americana—e 89:629 em ruas sem carris, prefazendo os seus carros durante aquelle anno o percurso de metros 679:418,490.

Foi a sua receita, réis.....	87:762$528
Despeza, réis.....	81:577$020
Saldo, réis.....	6:185$508
O que junto ao saldo de lucros e perdas do anno antecedente.....	1:500$000
Prefaz o saldo total de réis...	7:685$508

Dividiu 6 por cento sobre o capital realisado, e é prospero o estado economico d'esta empreza.

Companhia Ripert portuense

Inaugurou a exploração em 13 de julho de 1883;—emprega 18 carros e 100 cavallos todos normandos;—o seu capital é de 36 contos de réis;—explora todas as linhas americanas da companhia *Carris de ferro do Porto* (intra muros) e algumas ruas sem trilhos de ferro, mas, por motivos que não queremos expôr, está em liquidação.

Estradas ordinarias, a macadam

Póde dizer-se que este systema de viação foi introduzido no nosso paiz em 1852. Anteriormente apenas se haviam feito leves ensaios ou experiencias em pequenos lanços. E, para se avaliar a attenção que havemos prestado a este importante pelouro dos melhoramentos publicos, compare-se o extracto que fizemos do relatorio official do fallecido sr. Barros e Cunha, ao tempo ministro das obras publicas, com o mappa que vamos transcrever fielmente dos trabalhos de estatistica, publicados pela nossa benemerita Repartição Geodesica, relativos ao anno de 1881.

Do confronto d'estes dois documentos officiaes se vê que, desde 1852 até 30 de junho de 1877, ultimo anno a que se refere o relatorio do sr. Barros e Cunha, tinhamos construido 3:431 kilometros de estradas a macadam de 1.ª classe,—e, passados apenas 3 annos,—em 30 de junho de 1880—haviamos construido (desde 1852) nada menos de 7:451 kilometros d'estradas a macadam de 1.ª 2.ª e 3.ª classe, pertencendo á 1.ª 3:767 kilometros.

Districtos	Extensão construida				Kilometros por 10:000 hectares	Kilometros por 10:000 habitantes.
	De estradas reaes kilometros	De estradas districtaes kilom.	De estradas municipaes kilom.	Total		
V. do Castello	238,6	35,0	31,5	305,1	13,6	14,3
Braga	345,4	65,7	110,2	521,3	19,4	15,8
Porto.....	286,4	147,9	147,5	581,8	25,2	12,3
Villa Real...	241,9	22,6	29,8	294,[illegible]	6 7	12,7
Bragança ...	127,3	48,1	51,4	226,8	3,4	12,9
Aveiro	120 5	206,3	241,6	568,4	19,7	21,0
Viseu..... ..	373,3	59,5	82,0	514,8	10,4	13,1
Guarda.....	235 1	81,3	14,6	331.0	5,9	13,9
Coimbra.....	236,0	171,1	161,2	568 3	14,6	18,4
Cast° Branco	300,0	23,6	115,2	438,8	6,6	14,4
Leiria.....	179 3	87,9	54.5	321,7	9,3	16,1
Santarem ...	213.8	108 4	102 4	424 6	6.2	18 6
Lisboa.....	182,7	500 2	168.2	851.1	10 5	16,3
Portalegre...	191,9	37,7	159,7	389.3	6 2	36,0
Evora.....	189.8	38,0	134,3	362.1	5,1	31,5
Beja.....	126,9	59,6	144,7	3 1,2	2 9	19,8
Faro	178,5	90,1	172.3	440,9	8,8	21,4
Somma...	3:767,4	1:783,0	1:891,1	7:441,5		
Media por districto	221,6	104.8	111,2	437,7	8,3	17,1

Refere-se este engenhoso e interessante mappa ao dia 30 de junho de 1880. D'elle se vê o estado da nossa viação a macadam n'aquella data e o que em favor d'ella fizemos desde 1852, ou em menos de 30 annos.

Bem quizera dar egual nota até 30 de junho ultimo (1883) mas não me foi possivel obtel-a das nossas repartições publicas, a despeito de todos os meus esforços; creio porém que desde 30 de junho de 1880 até 30 de junho de 1883 a nossa viação ordinaria não adiantou menos do que de 30 de junho de 1877 a 30 de junho de 1880,—e a sua progressão continua no mesmo pé,—graças ao nosso amor para com os melhoramentos publicos e á paz octaviana que felizmente gozamos desde 1847.

Passemos a outro topico.

Rios canaes e portos

É forçoso confessar que temos descurado bastante este importantissimo ramo dos melhoramentos publicos. Todas as nossas attenções, todos os nossos sacrificios e esforços teem convergido quasi exclusivamente para a viação ordinaria e accelerada, para os correios e telegraphos e para a instrucção publica, tanto primaria como secunda-

ria. Todavia alguma coisa havemos feito no pelouro que nos serve de epigraphe, pois desde 30 de junho de 1852 até 30 de junho de 1877 gastámos no continente, em portos e rios, 3.340:823$027 réis,—e nas ilhas adjacentes 2.124:028$928 réis, sendo a maior verba, 1.732:159$858 réis, empregada na doka de Ponta Delgada, o que tudo circumstanciadamente póde ver-se no citado relatorio do sr. Barros e Cunha.

As vias aquaticas ainda hoje em toda a parte teem valor e importancia particulares, pois nenhumas outras realisam o transporte em condições mais economicas, circumstancia muito attendivel em um páiz agricola e tão pouco povoado, como é o nosso.

Os rios e canaes são eminentemente proprios para o transporte dos productos do solo, tanto do reino mineral como vegetal. As pedras, os mineraes, os estrumes, os combustiveis, as madeiras e em geral os grandes e pesados volumes os procuram de preferencia e os fazem desejados; infelizmente, porem, o nosso paiz não se presta tanto a uma boa rede de vias de navegação como outros muitos do centro e norte da Europa e da America.

Se temos um extenso littoral maritimo, as nossas bacias hydrographicas são curtas, bastante declives e quasi todas parallelas entre si, em vez de irradiarem do centro para a circumferencia, como em França e na Inglaterra,—feliz disposição que permitte ligar os mares e pontos oppostos do seu perimetro por linhas aquaticas não interrompidas, cruzando-se no interior do páiz.

A area de Portugal é proximamente a quinta parte da area da França, mas a extensão naturalmente navegavel dos nossos rios não passa de 700 kilometros, em quanto que em França excede 6:000. Com relação à Inglaterra e Paizes Baixos a proporção é ainda mais desvantajosa para Portugal. O Sena, o Tamisa e o Escalda, muito menores em extensão do que o Tejo e o Douro, teem comparativamente muito maior leito de marés, assim como outros muitos rios do norte da Europa. No Sena as marés vão a 153 kilometros da sua foz; no Tejo a 88 sómente, —e no Douro apenas a 23!...

Em França uma grande parte do solo no coração do paiz não se eleva a mais de 200 a 300 metros sobre o Oceano, emquanto que em Portugal, mesmo junto da costa, se encontram altitudes de 300 a 400 metros e muito maiores no interior. Na Europa são poucos os pontos culminantes de partição das aguas dos canaes emprehendidos até hoje, que estejam a mais de 200 metros sobre o nivel do mar,—e na Inglaterra e Paizes Baixos raros chegam a 100.

O Tejo e o Douro vem da elevada planura central da peninsula. O Douro passa em Tordesilhas a 400 metros sobre o nivel do mar, e o Tejo em Aranguez a 500 metros, o que dá para cada um d'estes nossos rios $0^m,7$ e $0^m,9$ de declive por kilometro, com muito pouca differença [1] — e uma grande parte d'este grande declive se acha accumulada no territorio portuguez [2].

O Rhodano apezar de ser o de mais queda entre os grandes rios da Europa, não tem abaixo de Leão declividade superior a $0^m,56$ por kilometro, com um producto d'agua de 400 metros cubicos, na estiagem, por segundo, emquanto que o Tejo e o Douro reunidos não dão 100; mas no Douro as cheias se elevam, em alguns pontos, a mais de 16 metros de altura.

O Tamega, entre Chaves e Amarante, tem uma declividade media de 3 metros por kilometro,—declividade maxima de quasi todos os canaes emprehendidos até o prezente.

O Douro, desde que entra no nosso paiz, junto da cidade de Miranda, não tem valle. O seu leito é quasi todo um corte profundo através d'altos montes de rocha durissima. O Tejo, acima d'Abrantes, apresenta o mesmo aspecto, — bem como o Guadiana para baixo de Olivença.

A grande queda dos nossos rios, — a estreitesa, fragosidade e pendor das suas mar-

---

[1] Boletim do Ministerio das Obras publicas, Commercio e Industria,—n.º 3 —março 1854—Lisboa, Imprensa Nacional.

[2] O declive do Douro, depois que entra em Portugal, é approximadamente de $1^m,50$ por kilometro. E este declive na estiagem se accumula nos rapidos ou *pontos* até mais de 8 metros por 100!...

gens, em muitos pontos quasi abruptas,—a falta de geleiros permanentes e de chuvas repartidas por todo o ánno,—uma forte evaporação durante o estio e um terreno em grande parte arido e desarborisado—são condições pouco favoraveis á canalisação e ao regimen uniforme das aguas correntes.

Não poderemos pois jámais possuir tão completo systema de vias aquaticas, como outros paizes. Os nossos melhoramentos fluviaes hão-de ser por muito tempo isolados, em pequena escala e de uma importancia quasi puramente local; todavia de futuro talvez venham a ligar-se as nossas principaes bacias hydrographicas e a melhorar-se muito a navegação dos nossos rios.

Até hoje o espirito publico e as vistas dos nossos governos estiveram e estão ainda concentrados sobre a viação ordinaria e accelerada, que tem absorvido todos os nossos recursos; mas no momento em que se preste a devida attenção ás vias aquaticas e se volte para ellas, como bem merecem, o favor do publico e dos nossos governos, muito poderá fazer-se a bem d'este pelouro e da nação.

Já em consulta de 17 de janeiro de 1854 o Conselho d'Obras publicas e Minas, propunha ao nosso governo o seguinte:

Melhorar a navegação do Tejo, Douro, Guadiana e Mondego;—canalisar os rios Sado, Sorraia, Vouga, Sabor, Lima e Cavado;—construir canaes lateraes ao Tejo entre Villa Nova e Tancos—e ligar o Sado ao Tejo por meio d'um canal tambem. Esta ultima obra é sobre todas recommendavel, porque, sendo pouco extensa e de facil execução, é da maior importancia. Ligando dois grandes rios e dois excellentes portos nas visinhanças da capital, creava uma extensa linha de navegação não interrompida desde o interior do Alemtejo até á Beira.

O canal de juncção do Porto de Lisboa com o de Setubal, em relação ás vias aquaticas e como tronco d'ellas, terá a mesma importancia que tem os caminhos de ferro do norte e leste com relação ás suas ramificações. E com o fito de estender ainda mais esta linha interior de navegação de norte a sul, propoz tambem o Conselho se estudasse a juncção do Tejo com o Douro pelos valles do Zezere e Côa. Offerece difficuldades a realisação d'este projecto, mas, realisado elle, seria á mais bella linha da navegação de Portugal, desde o interior de Traz-os-Montes até á fronteira do Algarve.

Penetrando pelo rio Sabor na provincia de Traz-os-Montes, que tantas riquezas agricolas e mineralogicas promette,—costeando as abas da Serra da Estrella, tão cheias de povoações industriosas,—atravessando a Beira Baixa, tão rica de fructas e tão isolada do resto do nosso paiz,—e estendendo-se além do Tejo até proximo do Algarve, aproveitava directamente a cinco provincias nossas, que tão poucas relações manteem entre si, fazendo valer numerosas riquezas desprezadas por falta de circulação economica.

Esta linha ainda poderia tornar-se mais importante ligando-se o Sado ao Guadiana pelas ribeiras de Odivellas e Odiarça, ao norte de Beja, e canalisando-se o Guadiana desde as immediações de Serpa até Mertola. Teriamos então um canal esplendido, atravessando quasi inteiramente Portugal de sul a norte, desde Villa Real de Santo Antonio até ás proximidades de Bragança, communicando com quatro portos de mar. E correndo parallelo á fronteira, e a pequena distancia d'ella, facil seria chamar a si a circulação de uma parte do reino vizinho, com cujas vias aquaticas se poderia pôr em communicação pelo Douro,—a canalisação do qual, em Hespanha, e a sua juncção com o Ebro são uma das principaes, ou antes—a principal, a mais grandiosa e ao mesmo tempo a *mais facil empreza de navegação* que se pode realisar na peninsula. Ligaria dois mares,—o Mediterraneo com o Oceano,—e o Porto com Barcellona, atravessando territorios fertilissimos.

Ahi fica o repto lançado ás gerações por vir. E para que nos não tachem de louco ou vizionario, repetiremos que tudo isto já foi lembrado em 1854 pelo nosso conselho de Obras publicas, formado pelos srs. barão (depois visconde) da Luz, José Feliciano da Costa, Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, José Victorino Damasio, João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, Francisco Antonio Pereira da Costa e Joaquim Thomaz Lobo

d'Avilla, hoje conde de Valbom,—sete illustrações superiores.

Concluiremos lamentando que não tratassemos da rede dos nossos caminhos de ferro e das nossas vias de navegação interior antes de darmos tanto desenvolvimento á viação a macadam, pois que esta, por muitas rasões que são obvias, lhes devia ser subordinada.

—

Sobre o assumpto, de que no momento nos occupamos, são tambem muito dignos de se lerem os projectos de Bento de Moura Portugal, escriptos nas prisões da Junqueira nos fins do ultimo seculo, por este martyr da prepotencia do Marquez de Pombal,—projectos relativos ao Tejo e Mondêgo, tendentes a obstar ás grandes cheias d'estes dois rios e aos grandes prejuizos causados por ellas [1].

Tambem são muito interessantes os artigos do sr. Adolpho Loureiro, director das obras publicas de Coimbra e da barra da Figueira, relativos ao Mondego e publicados no *Portugal Pittoresco;*—mas de todos os rios de Portugal aquelle, cuja navegação é mais importante, mais perigosa e mais difficil, é com certeza o Douro. Com elle temos dispendido centos de contos de réis desde a creação da extincta *Companhia da Agricultura e Vinhas do Alto Douro* (1756) — e de todos os melhoramentos n'elles realisados o mais importante e mais dispendioso foi o rompimento da catarata ou do cachão da Valleira, de que se fez menção no artigo *Pontos do Douro* (vol. 7.º pag. 199) e no artigo *Salvador do mundo* (vol. 8.º pag. 361 a 363).

Aquella medonha catadupa era inacessivel não só aos barcos, mas aos proprios peixes, e por isso ali se amontoavam e pescavam em tão grande quantidade, que a villa proxima (cerca de 3 kilometros ao sul) se denominou e denomina hoje ainda *S. João da Pesqueira* (Vide). Limitou a navegação do Douro até 1792 e era formada por enormes rochedos de granito porphyroide entalados entre dous grandes morros de granito porphyroide tambem, que ali formam um estreito canal d'alguns centos de metros d'extensão, denominando-se de *S. Salvador* o da margem esquerda por ter no curuto a capellinha ou sanctuario d'aquella invocação, na altura de mais de 150 metros talvez sobre o rio e quasi a prumo sobre elle!

Para nascente e poente o tortuoso valle do Douro, semeado de quintas que, antes da assolação phylloxerica produziam centenares de pipas do afamado vinho do Porto, em ribas agrestes, extremamente aridas e escarpadas, avultando de longe em longe uma casa ou outra com os lagares e armazens, hoje tudo negro, escalvado e inculto, semelhando o valle da morte; — para o sul, a sopé, medonha penedia, e a distancia a mesma zona de vinhedos phylloxerados; — para o norte a continuação do grande morro, tendo parallelo, a menos de 100 metros de distancia talvez, outro penhasco enorme, formando com o pincaro de S. Salvador a garganta por onde passa lá no fundo o Douro comprimido e furioso, espumando de raiva e desenhando com viva côr o bello — horrivel!

O rochedo ou rochedos que tomavam o leito do Douro não tinham raizes nas altas montanhas que se erguem nas duas margens e formam a medonha trincheira, apertando o leito do rio, que no inverno alteia espantosamente por não poder espraiar-se, precipitando-se em quéda abrupta pela estreita boca do canal, que olha para oeste.

Passámos ali embarcados em outubro de 1883, vindo de Moncorvo (foz do Sabor) para a estação de Tua, e ficámos horrorisados!

A navegação, n'aquella data, não era perigosa, mas a passagem atravez da negra e sombria garganta fazia gelar o sangue. Não nos recordamos de espectaculo tão imponente e medonho, posto que já temos feito muitas vezes a viagem entre a Regoa e o Porto embarcados, de verão e de inverno, — e já visitámos até o 3.º os lendarios cas-

---

[1] Veja-se a interessante obra intitulada *Inventos e varios planos* de Bento Moura Portugal,—Coimbra, 1821, pag. 7 e seg,—e 69 e seguintes.

tellos dos Cabriz, na margem esquerda do Tavora (Vide Cabriz e *Sindim*) estancia altamente perigosa e medonha, — e já estivemos (ás 11 horas da noite!...) no curuto do *cantaro gordo*, na serra da Estrella, em agosto de 1880, quando visitámos aquella montanha com a expedição scientifica, organisada pela sociedade de geographia, de Lisboa.

Nós sabiamos que a desobstrucção do rio Douro n'aquelle ponto durou 12 annos (de 1780 a 1792) e que ali se queimou muita polvora e quebrou muita pedra, mas ficámos surprehendidos ao ver as duas faces das altas montanhas de rocha durissima, que formam o canal na extensão d'alguns centos de metros — tão lisas como se fossem trabalhadas a plaina e sem vestigios de picão nem de um tiro, — exceptuando a raiz da montanha do lado norte, margem direita, onde, para abrirem um carreiro informe de menos de 1^{m},50 de largura, para alagem dos barcos, se vêem vestigios de mais de 2:000 tiros!

Tambem nos surprehendeu o ver atravez da altissima e escarpada montanha do lado norte as bandeiras ali collocadas para os estudos da linha ferrea do Douro, em pontos inacessiveis, ao lado de ninhos d'aguias, de ujos e de outras aves carnivoras.

Os homens que ali collocaram as ditas bandeiras foram mettidos em cestos, amarrados e guindados por cordas.

Vade retro!

Tudo aquillo é horroroso, mas muito interessante. Mil annos que nós vivessemos, conservariamos sempre aquellas paragens desenhadas na mente e saudades do passeio pelo Douro desde a Villariça, ou foz do Sabor, até Tua; mas a linha ferrea do Douro vae matar a poesia de tudo aquillo, pois atravessa em tunnel aquella massa enorme de rochedos.

Na montanha que fórma o canal, do lado sul, não se vê outro vestigio das obras além d'uma inscripção em grandes lettras de bronze de mais de um decimetro de altura cada uma, dentro d'uma tarja aberta a picão, medindo talvez 5 metros quadrados e encimada por um grosso varão de ferro chumbado na rocha, segurando uma espada.

A dita inscripção mal se lê do rio, porque está a 54 metros de altura, medindo a montanha até o curuto mais que o dobro d'aquella altura, talvez, e quasi toda em face lisa, aprumada sobre o abysmo.

Aquella inscripção diz o seguinte:

IMPERANDO D. MARIA I
SE DEMOLIO O FAMOSO ROCHEDO QUE
FAZENDO AQUI UM CACHÃO INACCESSIVEL
IMPOSSIBILITAVA A NAVEGAÇÃO
DESDE O PRINCIPIO DOS SECULOS.
DUROU A OBRA DE 1780 A 1792.

Desobstruida a celebre garganta do *Cachão de Valleira*, o Douro se tornou navegavel até á foz do Sabor em 1809, — até á Barca d'Alva em 1811 — e mais tarde até ao *Saltinho*, cerca de 12 kilometros a montante, na estiagem; mas o leito é tão descarnado que apenas alguns barcos dos mais pequenos e com menos de meia carga (2 a 3 pipas) navegam até á Barca d'Alva, emquanto que no inverno carregam ali barcos de 80 pipas.

—

É muito perigosa e difficil a navegação do Douro, porque este rio, depois que entra no territorio portuguez nas proximidades de Miranda, tem um declive de 1^{m},50 por kilometro aproximadamente, — declive accumulado nos *pontos*, e o seu leito é muito tortuoso, apertado e eriçado de medonha penedia. Na estiagem atravessa-se a pé em alguns sitios, emquanto que n'esses mesmos sitios sóbe por vezes a 16 metros de altura, nas cheias, transformando em sorvedouros medonhos *pontos* continuados perigosissimos os *poços* que foram agua morta na estiagem, taes são os da *Cardia* e *Riboura*, da Regoa para baixo, — e os da *Pedra Caldeira*, *Saião* e *Pocinho*, entre a Regoa e a Barca d'Alva; mas, a despeito de todos estes contras, acha-se organisada uma companhia que se propõe explorar a navegação do Douro com o auxilio do vapor. Uns julgam semelhante empreza uma utopia, um sonho, outros, pelo contrario, vêem n'ella sómente maravilhas e grandes lucros.

Vederemo e dopo parlaremo.

A companhia mandou estudar o rio pelos engenheiros Frank John Abeyer, de Liverpool, e Wermich, de Berlim. Eu os encontrei em outubro ultimo em Moncorvo; e nos sêus relatorios disseram que não acharam difficuldades insuperaveis e proposeram, em resumo, o seguinte: — Melhorar o leito do Douro, quebrando as pedras que tornam os *rapidos* ou *pontos* mais perigosos, formando um canal d'agua fundo e diminuindo assim a rapidez da corrente. Nos sitios, onde a areia impede a navegação, abrir um canal por meio de dragagem, o qual, segundo a experiencia em outros rios, se conservará sempre aberto pelo constante trafico. Depois collocar no fundo do Douro um fórte cabo d'arame que servirá para alagem d'esta fórma:

Um barco, bastante comprido, de fundo chato, munido d'uma machina a vapor, que moverá dous cylindros, nos quaes se enrola o cabo d'arame, deve mover-se, alando-se pelo cabo para diante ou para traz, conforme fôr preciso.

O vapor, tomando o cabo pela prôa, lança-o pela pôpa, á medida que avança, ficando assim, o cabo outra vez no leito do rio, e rebocará os actuaes barcos que transportam as mercadorias e que hoje são tripulados por 10 a 20 homens e alados a muito custo por sirgas puchadas a bois e gente nos *pontos*, em quanto que, sendo rebocados pelo vapor, esses mesmos barcos demandarão apenas 2 tripulantes.

Nas curvas do rio o cabo d'arame é seguro para as margens por outros cabos mais curtos que com um gancho de ferro sustentarão o cabo principal na direcção conveniente.

Chegando o rebocador ás curvas, levanta com a prôa o gancho, que é immediatamente aberto para dar passagem ao vapor, e se fecha de novo, logo que o rebocador passa, cahindo outra vez no rio pela pôpa do mesmo rebocador,—e poderá este rebocar a um tempo 15 ou 20 barcos.

O preço mais elevado da rebocagem é calculado em 8 réis por tonelada e kilometro, ao passo que o custo de transporte de vinho da Regoa para o Porto é hoje de 27 réis por tonelada e kilometro.

Na descida do rio os barcos são rebocados da mesma maneira, sómente nos *pontos* o vapor deixa passar os barcos de carga para diante, e, chegando á agua tranquilla, muda-se outra vez o vapor para a frente, e assim continua a viagem.

Quando o trafico tiver attingido proporções, que demandem mais promptidão, e para que se evitem as demoras com as mudanças do vapor para traz e para diante, empregar-se-hão ao mesmo tempo dous rebocadores para descerem os barcos nos *pontos*.

Então o vapor da rectaguarda regulará a descida do comboyo, e, chegado á agua tranquilla, o vapor da vanguarda continua a rebocagem descendente.

A força motriz do vapor, applicada a um cabo preso e seguro, aproveita-se n'uma escala muito maior do que por meio de rodas ou helice, e por conseguinte, é facil de comprehender que o effeito nos rapidos ou *pontos* ascendentes deve ser o desejado. Muito mais facil deve ser alar um barco por meio de vapor do que por meio de homens e de bois.

Projecta-se por emquanto estabelecer a linha do Porto para a Regoa, dividida em tres secções: uma do Porto para Entre-os-Rios, outra de Entre os-Rios para Frende, e outra entre Frende e a Regoa.

O rebocador n.º 1, sahindo do Porto, entregará o seu comboio de barcos ao n.º 2, e em Entre-os-Rios pegará nos barcos que o n.º 2 trouxe até ali, destinados para o Porto, com os quaes segue no mesmo dia para baixo, emquanto o n.º 2 vae fazer a viagem para Frende, onde encontra o rebocador n.º 3. Ali o n.º 2 larga os barcos ascendentes, pega nos descendentes, e o n.º 3 toma aquelles e segue para a Regoa.

Calcula-se que os barcos, que sahirem de madrugada do Porto, devem chegar á Regoa pela tarde, da mesma maneira que os da Regoa devem chegar ao Porto no mesmo dia.

Projecta-se fazer um convenio com os principaes arraes do Douro, fazendo-se-lhes a rebocagem por preços modicos. Uma parte dos marinheiros actuaes achariam traba-

lho nos mesmos barcos, outros nas cargas e descargas, e outros ainda no trafico augmentado do rio.

Transportam-se actualmente cerca de 100:000 toneladas de fazendas pelo rio abaixo até ao Porto, não fallando nas mercadorias a pequena distancia, como da Souza, etc., e os transportes rio acima calculam-se em cerca de 70:000 toneladas.

Ora, tomando-se como termo medio 80 kilometros de distancia a percorrer com as ditas 170:000 toneladas, a 15 réis por cada tonelada e kilometro teriamos 204:000$000 réis de fretes por anno. Os fretes actuaes para baixo e para cima, pagos entre 27 e 44 réis por tonelada e por kilometro, dão a enorme cifra de 530 contos por anno.

É facil, porém, a explicação, considerando-se, por exemplo, que hoje se paga por cada pipa de aguardente transportada rio acima, do Porto até Barca d'Alva, 10$000 réis de frete, o que corresponde a 101 réis por tonelada e kilometro.

O caminho de ferro transporta hoje a 1:500 cada pipa da Regoa para o Porto, o que corresponde a 26/2 por tonelada e por kilometro, contando a distancia como se fosse pelo rio.

O custo maximo do transporte pelos rebocadores, como acima se disse, é calculado pelos engenheiros em 8 réis por tonelada e kilometro.

Os transportes pelos caminhos de ferro em Portugal não custam menos de 10 réis por tonelada e kilometro, não fallando em juros do capital nem na depreciação do material circulante.

Além do convenio com os arraes, tenciona a Companhia estabelecer tarifas regulares para fazendas, para as quaes haverá barcos grandes apropriados.

Os barcos a vapor, ou rebocadores, demandam menos de 3 palmos d'agua, e serão construidos de ferro. O seu fundo, porém, será de madeira de carvalho e bastante grossa, porque assim se previne um arrombamento, quando por acaso batam em pedra ou rocem pela areia.

Os engenheiros, apesar de não acharem difficuldade em vencer os pontos rapidos da corrente, indicam a vantagem de estabelecer aqui e ali canaes artificiaes e *eclusas*, as quaes receberão os barcos e vapores no nivel da agua tranquilla, e, deixando-se encher ou esvasear á vontade dos navegantes, entregarão os ditos barcos ao nivel tranquillo superior ou inferior.

Havendo, porém, navegadores que se não queiram aproveitar das eclusas, podem seguir o rumo dos *pontos*, porque estes ficam como se acham hoje.

A canalisação do rio, até á Regoa, sem eclusas, — das quaes de resto parece que não haverá senão uma—está contratada com o sr. Abeyer por uma quantidade determinada, tornando-se este engenheiro empreiteiro da obra e da instalação da rebocagem.

O capital da empreza são *L.* 100:000 nominaes.

—

Eis aqui a breves traços o grande projecto da navegação do Douro por meio da alagem a vapor.

Fazemos votos pela sua realisação, porque seria de grande vantagem para o publico.

Diremos ainda que os primeiros concessionarios da empreza foram os srs. Antonio Maria Kopke de Carvalho, George H. Hastings & Son e William Paole Ruth, os quaes, por portaria com data de 28 de fevereiro ultimo (1884) transferiram á *Companhia The Douro Steam Towage Company, limited*, a consessão que haviam obtido do nosso governo para estabelecerem em todo o curso navegavel do rio Douro, em territorio portuguez, uma navegação regular para transporte de passageiros e mercadorias pelo systema de reboques *Meger e Werneigle*, ou por outro mais moderno.

—

Cumpre-nos tambem registrar com relação ao Douro outro projecto não menos grandioso, e que se nos affigura mais exequivel e de maior utilidade ainda. É a construcção de 2 grandes canaes, um pela margem esquerda e outro pela margem direita do rio, tomando a agua d'este nas proximidades de Miranda e prolongando-se até o extremo da zona vinhateira, hoje toda phylloxerada e quasi toda inculta, — a jusante de

Lamego, até á freguezia da Penajoda, — e a jusante de Villa Real de Traz os Montes, até Mezão-frio.

Feito um grande dique nas proximidades de Miranda para levantamento das aguas do Douro, que ali corre fundo por entre penedia abrupta, escalvada e sem valor, e dividindo-se a agua pelos dous canaes, estes serviriam para navegação em barcos apropriados, e para irrigação dos terrenos que ficassem entre elles e o Douro e que representariam uma área de 2 a 10 kilometros de largura com a extensão de 250 a 300.

Comprehendendo as grandes curvas das gargantas que se abrem sobre uma e outra margem do Douro e que obrigariam os canaes a um grande desenvolvimento, beneficiariam como vias navegaveis muitas povoações, e, como canaes d'irrigação, terras hoje sem valor, na sua maxima parte incultas depois da invasão phylloxerica, mas fertilissimas e mimosissimas, logo que tenham agua para rega, como a experiencia evidentemente está mostrando nos pequenos tractos de terra que n'aquelle vasto perimetro são regados.

Construam-se os dous canaes e ninguem mais lamente os habitantes do Douro.

Aquelles aridos montes que hoje semelham o valle da morte, desde que a maldita phylloxera aniquilou os seus vinhedos que produziam o afamado *Port Wine*, os vinhos mais generosos do mundo, — rapidamente se transformariam em um vasto e delicioso jardim, onde a vegetação seria verdadeiramente tropical. Aquelle chão hoje agreste e nu subiria espantosamente de valor, ao passo que os dous canaes fossem avançando e o tornassem regadio, porque, tendo agua, produz tudo, absolutamente *tudo* quanto a terra póde produzir na zona torrida e temperada, desde as fructas mais mimosas e saborosas até os simples prados para hervagens. Podia transformar-se todo, por exemplo, em um immenso pomar de larangeiras, que ali se desenvolvem admiravelmente e dão laranj finissimas, como temos saboreado.

Diz-se que toda a agua do Douro na estiagem não era sufficiente para regar tão grande extensão de terras. Será assim; mas a empresa dos canaes poderia e deveria reforçal-os com grandes depositos como o de Tibi, em Alicante, nas quebradas das montanhas, e dos rios confluentes, Subor, Tua, Pinhão, Ceira, Corgo e Sermanha, na margem direita do Douro, — e o Agueda, Coa, Torto, Tavora, Tedo e Varosa, na margem esquerda.

Estamos certos de que, aproveitadas convenientemente as aguas fluviaes e d'estes rios todos, haveria sempre abundancia de agua para rega, mesmo na estiagem.

A empresa demandaria talvez vinte mil contos, mas, ao passo que os canaes fossem avançando e beneficiando os terrenos a jusante, iria colhendo juro do capital dispendido e cremos piamente que auferiria bons lucros, como succede a empresas similhantes, taes são as dos canaes do Moselle, do Meurilhe, de Vaucluse, do Rhodano e de Marselha, na França;— dos canaes de Ivrea, Cigliano, Rotto e Cavour, — e dos de *Naviglio Grande*, Bereguardo, Pavia, Muzza, Martezana, Paderno e outros da Lombardia, na Italia;—do grande canal de ligação entre os rios *Meuse* e *Escaut*, desde Liége até Anvers, na Belgica; — e dos de Alicante e Valencia, na Hespanha.

É muito digna de lêr-se sobre o assumpto a *Memoria ácerca das irrigações na França, Italia, Belgica e Hespanha por Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida d'Eça*, distincto engenheiro civil, publicada pelo nosso governo em 1866.

Construidos aquelles dous grandes canaes, o Douro volveria a ser *d'ouro*, como já foi, —o cantão mais mimoso e mais rico de Portugal—e um dos mais mimosos e mais ricos do mundo!

—

Fecharemos este topico mencionando o projecto da camara de Lisboa para saneação da capital, — projecto extensissimo elaborado pelo sr. Ressano Garcia, distincto engenheiro.

O orçamento monta a 7:000 contos, incluindo 500 contos da parte da canalisação actual, que se julga aproveitavel,—um grande canal ou cano collector desde as portas

de Santa Apolonia até á ponta de Rana, junto de Cascaes, — e um cano duplo desde Santa Apolonia até Algés.

Devemos tambem aqui registrar a proposta para a construcção do porto do Funchal, orçado em 450 contos e apresentada pelo governo ás camaras na sessão de 10 de maio ultimo (1884).

Não deve ficar tambem no olvido a proposta de lei com data de 25 d'abril d'este mesmo anno, para a construcção e melhoramentos do porto de Lisboa, comprehendendo grandes aterros e uma longa fila de caes nas duas margens do Tejo, pontes girantes, dokas d'abrigo e para carga, descarga e reparações, armazens de deposito, guindastes hydraulicos, etc. o que tudo foi orçado na bagatella de 15:000 contos.

Tambem já temos em via de construcção os dous grandes molhes do porto de Leixões. Foram adjudicados em 16 de fevereiro ultimo (1884) aos srs. Jean Baptiste Dauderni e Jean Alexis Duparchy por 4:500 contos— e as obras restantes d'este porto d'abrigo e o canal de ligação com o Douro não devem custar menos d'outros 4:500 contos.

Sommando pois as obras em projecto e em via de realisação no momento com relação a este topico dos *rios*, *portos* e *canaes*, temos o seguinte:

Projecto para o saneamento de Lisboa.....	7.000:000$000
Porto do Funchal.....	450:000$000
Porto de Lisboa.....	15.000:000$000
Porto de Leixões:	
Parte adjudicada.....	4.500:000$000
Parte restante.....	4.500:000$000
Total.....	21.450:000$000

Não pode exigir-se mais de uma nação com os tenues recursos da nossa.

Correios

É espantoso o nosso progresso n'este ramo de melhoramentos com relação a um periodo não muito remoto, — graças aos nossos caminhos de ferro,—ás nossas estradas a macadam,— ao nosso pacifico viver—e ás boas relações com todos os paizes estrangeiros.

Na *Taboada Curiosa* de João Antonio Garrido (4.ª edição de 1747) se encontra a pag. 165 o seguinte:

«*Conta para se saber quando se deitão, e tirão as cartas do Correyo, e o tempo que tardam em ir, e tornar a varias partes do Reino, desde Lisboa.*

«Trez dias tarda uma carta em ir e tornar desde Lisboa a Setubal, *sem perder correyo.* Vão de Lisboa sabbado, e terça-feira, e tornão segunda e sexta-feira [1].

«Sete dias tarda em ir, e tornar desde Lisboa a Alemquer, a Santarem, a Torres Vedras, a Thomar, Evora, Elvas, e Beja, pelo correyo.

«Quatorze dias tardão as cartas em ir, e tornar desde Lisboa a Leiria, Coimbra, Aveiro, Faro, Esgueira, Porto, Campo de Ourique, Algarve, Portalegre, e Vizeu.

«Vinte e hum dias tardão em ir, e tornar desde Lisboa a Guimarães, Moncorvo, Braga, Lamego, Guarda, Castel-Branco, Vianna do Minho, Pinhel, e Almeida.

«Trinta dias tardão em ir, e tornar desde Lisboa a Bragança, Chaves, Miranda, Monção, e Montalegre.»

E faziam-se por aquelle tempo em Lisboa apenas duas expedições na semana, — ás terças-feiras para leste e sul (Alemtejo e Algarve, França, Hespanha e Italia)—aos sabbados para o norte (Beira, Minho e Traz-os-Montes).

Era isto no meiado do ultimo seculo; o mesmo, com pouca differença, se dava nos fins d'elle, — e já depois do meiado d'este seculo, em 1854-1855, uma carta não ia e voltava de Lisboa ao Porto em menos de 5 a 6 dias,—quando já funccionava o nosso caminho de ferro do norte, de Lisboa ao Carregado,—e do Carregado até Coimbra a mala-posta, montada pelo nosso governo com todo o luxo e esmero, rivalisando com as primeiras da Europa, sendo a regularidade

[1] E note-se que as cartas representavam as noticias mais simples, que hoje pelo telegrapho pódem dar volta ao globo em 24 horas.

e prestesa do nosso correio entre Lisboa, e Porto um verdadeiro assombro n'aquella data, com relação á morosidade e ronceirismo dos nossos correios nos outros pontos do paiz.

Por aquelle tempo indo o humilde auctor d'estas linhas d'Aveiro para Coimbra, sobreveiu chuva forte que tomou um pontão da estrada junto das Vendas Novas. Nem eu nem o correio nos atrevemos a transpor a torrente; ali pernoitámos e só no dia seguinte chegámos a Coimbra.

Gastou pois o correio mais de 24 horas para vencer uns 40 a 50 kilometros, e o mesmo lhe succedia trivialmente no inverno em outros pontos do nosso paiz, — quando não ficava sepultado na neve ou nas torrentes!...

Em 1854-1855, e muitos annos depois, mal se acreditava o que diz o interessante *Guia Postal de Algibeira*, relativo ao anno findo — 1883 — no engenhoso mappa seguinte:

Tempo provavel que gastam no trajecto as correspondencias trocadas entre as capitaes dos districtos do continente do reino

HORAS E MINUTOS

	Aveiro	Beja	Braga	Bragança	Castello Branco	Coimbra	Evora	Faro	Guarda	Leiria	Lisboa	Portalegre	Porto	Santarem	Vianna	Villa Real	Vizeu
Aveiro	17,15	20,45	32,0	22,0	48,30	8,30	28,0	40,30	43,0	13,0	15,15	20,45	30,30	30,30	2,0	7,20	15,0
Beja	5,30	49,30	22,0	34,45	67,20	39,0	48,45	43,0	40,0	42,0	49,30	34,0	29,0	27,0	21,0	14,0	22,40
Braga	33,45	16,0	8,30	14,30	33,0	23,0	20,30	39,0	16,0	13,30	15,30	12,0	18,0	21,0	8,0	9,30	30,0
Bragança	16,0	3,0	13,30	5,30	10,30	21,45	14,45	23,15	5,30	7,30	6,15	13,45	17,30	22,0	6,0	14,0	26,30
Castello Branco	35,0	10,0	24,15	15,30	24,15	50,0	35,30	25,30	15,45	10,0	17,0	11,40	19,0	10,15	16,15	11,0	15,45	22,0
Coimbra	7,30	9,40	15,45	21,40	21,30	3,15	8,15	6,40	12,15	9,25							
Evora	19,30	8,0	20,45	2,30	11,45	25,0	7,20	29,30	25,30								
Faro	13,0	15,15	49,30	30,30	40,15	34,0	29,0	38,30	15,0								
Guarda	40,0	42,0	15,30	18,0	12,0	21,0	27,0	22,40	9,30								
Leiria	16,0	13,30	5,30	7,30	6,15	8,0	14,0	30,0	47,30	7,30	13,45	22,0	21,40	12,0	14,0	15,45	22,0
Lisboa	35,30	25,30	16,0	6,15	18,0	22,0	26,30	46,15	46,15	21,30	18,30	20,30	28,30	9,0	19,15	11,0	
Portalegre	14,0	15,15	21,30	12,30	14,30	16,15	21,30	7,30	13,45	22,0	12,30	2,15	8,0	13,0	15,0	20,30	
Porto	50,0	37,0	17,0	9,30	11,30	19,0	12,30	37,15	17,30	10,0	28,0	40,30	46,15	21,30	7,30	47,30	
Santarem	21,45	17,30	12,30	17,15	14,30	8,0	6,0	10,0	5,0	13,45	18,0	22,0	26,30	14,0	9,30	30,0	
Vianna	10,30	6,15	7,30	13,45	18,0	5,0	6,0	28,0	40,30	46,15	21,30	16,15	18,30	20,30	13,45	22,0	
Villa Real	5,30	16,0	16,0	13,30	15,30	18,0	12,0	21,0	34,0	29,0	38,30	22,40	30,30	27,0	21,40	12,0	
Vizeu	23,15	35,30	14,0	7,30	13,45	17,30	10,0	28,0	40,30	46,15	21,30	16,15	18,30	20,30	13,45	22,0	

E note-se que o *Guia Postal de Algibeira* é de todo o ponto authentico e digno de credito, pois foi coordenado pelo sr. Ernesto Ribeiro de Menezes, digno chefe de secção da direcção geral dos nossos correios, telegraphos e pharoes.

D'este pequenino mappa se vê qual é hoje (1884) a demora no percurso das cartas entre as sedes dos nossos districtos; — e não só das cartas, mas de bilhetes postaes, livros, vales, amostras, encommendas, jornaes, recibos d'assignaturas, etc. Pela demora no percurso entre as capitaes dos districtos se póde calcular a demora com relação aos respectivos concelhos e povos de cada concelho, pois a direcção geral (honra lhe seja!) se esforça por bem servir não só as cidades e villas, mas até as proprias aldeias, algumas das quaes já tem *posta rural*.

O serviço dos correios é complicadissimo e de grande responsabilidade, mas poucas repartições temos tão bem montadas e tão zelosa e intelligentemente dirigidas.

Desde o dignissimo director geral, que é, ha muitos annos, o sr. conselheiro Guilhermino Augusto de Barros, até os simples carteiros, todos capricham em cumprir os seus deveres. É raro dar-se uma simples falta, e, apenas alguem a note, as providencias são promptas. Este importantissimo pelouro dos melhoramentos publicos é o nosso orgulho, mas não nos está barato! Só desde 1852, data em que reorganisámos completamente esta repartição, até 1877, haviamos dispendido com ella a cifra de 7.723:848$884 réis, — não contando o que tambem no mesmo periodo dispendemos com a nossa viação accelerada (35.337:266$159 réis) e com a viação ordinaria (25.073:031$038 réis [1]) — os dous elementos mais poderosos para o bom desempenho do serviço postal.

Por decreto de 7 de julho de 1880 juntaram-se na mesma repartição os correios, telegraphos e pharoes; no anno de 1880-1881 a receita d'estes 3 pelouros se elevou a réis 777:541$162 — e a despesa a 798:661$482, havendo portanto um deficit na importancia de 21:120$320 réis.

No mesmo anno de 1880-1881 occuparam-se n'aquellas 3 repartições 2:769 pessoas;— venderam-se sellos de diversas taxas na importancia de 474 contos; — as cartas particulares do continente e ilhas adjacentes foram 12:727$523; — os bilhetes postaes 792:772; — os jornaes e impressos do continente e ilhas 13.189:585;—as cartas de officio 1.339:470;—correspondencia das nossas provincias ultramarinas, cartas 91:256; — correspondencia de paizes estrangeiros, cartas 1.651:780; — bilhetes postaes 1.097:761; — correspondencia da *posta interna*, isto é —colhida nas caixas postaes, na área do serviço das estações para ser distribuida na mesma área, 3.101:674 objectos,—pertencendo ao Porto 579:634, — a Lisboa 2.191:200, — e 230:840 do resto do paiz.

O numero de correspondencias de todas as classes, manipuladas nas 12 ambulancias que circularam nas linhas ferreas do norte, leste, sul e Minho [1] durante o mesmo anno de 1881, montou a 15:011:832, pertencendo d'este numero ás correspondencias internacionaes 5:297:527 objectos—e ás nacionaes 9:714:296.

Em 31 de dezembro de 1881 existiam em Portugal e nas ilhas ádjacentes 903 estações postaes de todas as classes e 1:511 caixas para recepção de correspondencias.

Durante o mesmo anno o percurso diario do transporte de malas foi de 20:699 kilometros no continente e ilhas adjacentes, — e o percurso annual de 7:555:469 kilometros,— sendo 1:290:640 em caminho de ferro,—1.308:379 em carruagem, — 2.219:712 a cavallo,—2.396:593 a pé,—e 340:145 em barco.

---

[1] Relatorio official do sr. Barros e Cunha.

[1] Datam em Portugal as ambulancias de 1878; mas em 1881 ainda se não haviam montado nas outras nossas linhas ferreas.

Itinerario dos paquetes portuguezes

CARREIRA D'AFRICA OCCIDENTAL

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	6
Madeira	8	8
S. Vicente	12	12
S. Thiago	14	15
Bolama	18	19
Principe	24	24
S. Thomé	25	26
Zaire	29	29
Ambriz	30	1
Loanda	2	3
Benguella	7	7
Mossamedes	9	–

Chegam a Lisboa, na volta, de 15 a 18.

CARREIRA DOS AÇORES

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	5
S. Miguel	8	9
Terceira	10	10
Graciosa	11	11
S. Jorge	11	11
Pico	11	11
Faial	12	12
Flores	13	–

Chegam a Lisboa, na volta, a 21 ou 22.

CARREIRA DA MADEIRA E AÇORES

PORTOS	Data da chegada	Data da partida
Lisboa	–	20
Madeira	22	23
Santa Maria	25	25
S. Miguel	25	26
Terceira	27	27
Faial	28	–

Chegam a Lisboa, na volta, a 5 ou 6.

Principaes companhias de navegação transatlantica, cujos vapores tocam no porto de Lisboa, na viagem de ida, e recebem malas.

Booth Line of Steamers — para o Pará, Maranhão e Ceará, tres vezes por mez.

Chargeurs Réunis—para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 6 a 7 e de 21 a 22; e para o Pará, Maranhão e Ceará, de 28 a 29.

Hamburg Sud Americk Dampfschiff Gesellschaft — para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 12 a 13 e em 26.

Harrison Line of Steamers—para Pernambuco, em 3, 13 e 23.

Liverpool, Brazil and River Plate Steamers —para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá *(Santa Catharina)*, e Rio Grande do Sul (*Portalegre*), tres vezes por mez.

Liverpool and Maranham Steam Ship — para o Maranhão todos os mezes.

Messageries maritimes—para a Gorea, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres, de 8 a 9 e em 23.

Norddeutsche Lloyd — para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, de 5 a 6.

Pacific Steam Navigation—para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Punta-Arenas, Talcahuano e Valparaiso, de 4 em 4 quartas-feiras, a contar de 9 de janeiro de 1884; e para o Rio de Janeiro, Montevideu, Punta-Arenas, Talcahuano e Valparaiso, de 4 em 4 terças-feiras, a contar de 22 de janeiro de 1884.

Pernambuco Line of Steamers—para Pernambuco, tres vezes por mez.

Um dos vapores d'esta companhia segue de Pernambuco para Maceió, e outro para a Parahiba do Norte.

Red Cross Line — para o Pará, Maranhão e Ceará, tres vezes por mez.

River Plate Steamers Navigation—para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, em 5.

Royal Mail Steam Packet—para S. Vicente de Cabo Verde, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres, em 13; e para Pernambuco, Maceió, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres em 29.

—

Eis aqui um pallido reflexo dos nossos correios na actualidade. Não desço á indicação das tarifas e taxas porque são variadissimas e já vai excepcionalmente longo este artigo.

Bem quizera tambem dar em resumo a historia dos nossos correios desde o seculo

XVI até os nossos dias, o que me era facil, pois tenho sobre a mesa o trabalho mais completo que possuimos sobre o assumpto. É o *Relatorio Postal* de 1877-1878, publicado pela direcção geral dos nossos correios em 1879 (Typographia *Lallemant Frères*. Lisboa) precedido de uma interessante *Memoria Historica*, relativa aos correios portuguezes, desde o reinado de D. Manoel. Não devo porém abusar da paciencia dos leitores, e por isso fecharei esta secção indicando-lhes simplesmente aquelle precioso trabalho.

Passemos a outro topico.

Telegraphos

Os telegraphos electricos foram introduzidos no nosso paiz com a grande refórma postal em 1852, e operaram uma revolução completa no pelouro das nossas communicações.

Até 1852 tinhamos apenas os telegraphos de taboas, uma especie de cancellas moveis, e as suas estações estavam collocadas em pontos elevados e distantes, ordinariamente desertos [1] com grande discommodo para os pobres telegraphistas que no inverno muitas vezes se viam bloqueados pela neve e pelas féras, expostos a morrerem de frio e de fome ou a serem devorados pelos lobos. Além d'isso funccionavam lentamente, apenas de dia e com ceu claro. Uma tenue neblina que se interpozesse entre duas estações era o bastante para interromper o serviço e suspender a transmissão de qualquer despacho, vindo por vezes de grande distancia.

Na estação das chuvas adiantavam quasi sempre mais os correios a pé ou a cavallo, pois correios em carros (mala-posta) só depois de 1852 se viram em Portugal tambem.

E os mesmos telegraphos de taboas só posteriormente á guerra da peninsula se estabeleceram no nosso paiz.

Ainda durante a dicta campanha (1807 a 1814) fizemos uso dos fachos para annunciar o afastamento ou a approximação dos francezes.

Estavamos n'este ponto tão adiantados, como os lusitanos e os outros povos anteriores á vinda de Christo!

Vide *Almenára* e *Facho*.

—

Foram pois introduzidos os telegraphos electricos em Portugal em 1852;—em 1866-1867 já tinhamos funccionando por conta do estado 108 estações — e 119 em 1867-1868.

Em 1869 crearam-se as repartições telegraphicas municipaes separando-se das 119 do estado, 33 para differentes municipios.

Desde 1852 até 31 de junho de 1877 (Relatorio do sr. Barros e Cunha) haviamos dispendido com os nossos telegraphos réis 2 880:729$039.

Por lei de 7 de julho de 1880 fundiram-se na mesma repartição os nossos correios, telegraphos e pharoes, e por isso na estatistica publicada pela direcção geral em 1883, com relação ao anno de 1880-1881, — base do nosso humilde trabalho — mal póde discriminar-se das outras duas a secção relativa aos telegraphos [1]; mas, para que as gerações por vir saibam o que n'este momento historico elles são entre nós, bastará o seguinte:

—

Em 31 de dezembro de 1881 compunha-se de 1:486 empregados todo o pessoal dos nossos telegraphos.

A nossa rede telegraphica no mesmo periodo comprehendia 4:427^{k},922 de linhas aerias e se elevava o desenvolvimento total dos fios conductores a 10:964^{k},549, — comprehendendo as linhas sobre estradas ordinarias 3:720^{k},585 e ao longo dos caminhos

---

[1] Ainda em 1851, por occasião da nossa primeira visita ao Bussaco, vimos um d'aquelles apparelhos no topo da serra, a cavalleiro da matta.

[1] Ainda hoje (abril de 1884) não temos publicada sobre o assumpto estatistica mais recente do que aquella!...

de ferro 707k,337; — e os fios conductores sobre estradas ordinarias 7:940k,330, e ao longo dos caminhos de ferro 3:024k,219, — não entrando n'este numero as linhas telegraphicas pertencentes aos caminhos de ferro do estado nem a companhias particulares, por não estarem a cargo da direcção geral dos correios, telegraphos e pharoes.

Partem de Portugal e o servem, embora pertençam a companhias particulares, os cabos submarinos seguintes:

De Lisboa a Pernambuco, pela Madeira e S. Vicente; — de Lisboa a Falmouth, — de Lisboa a Gibraltar, — e de Lisboa a Vigo; — de Caminha a Vigo tambem, — e de Villa Real de Santo Antonio a Gibraltar.

Em 31 de dezembro de 1881 tinhamos 202 estações telegraphicas, e o termo médio de kilometros quadrados para cada uma d'ellas era de 444, tomando-se para base d'este calculo o numero de 89:712 kilometros quadrados, sendo 89:162 a superficie do nosso continente e 550 a superficie da nossa ilha da Madeira.

O termo médio de habitantes para cada uma das referidas 202 estações era de 21:242, segundo o censo de 1 de janeiro de 1878 que deu 4.290:899 habitantes ao continente e á ilha da Madeira.

Das referidas 202 estações 151 pertencem ao estado, — 39 a municipios, — 1 á companhia exploradora das minas de S. Domingos — e 11 semaphoricos tambem a cargo do governo e ligadas com a rede telegraphica.

Nas diversas estações funccionavam 316 apparelhos do systema Morse, 14 de Breguet e 16 translatores.

O numero de telegrammas particulares elevou-se a 430:956 — o que dá uma média de 9 habitantes para cada telegramma.

O rendimento liquido nacional no anno de 1881 foi de 186:028$597, — e o rendimento nacional e extrangeiro 291.207:857$558.

Não se pôde separar a despesa com os telegraphos porque a fusão d'estes com os pharoes e correios tornou commum grande parte da despesa.

O serviço de *telegrammas especiaes* no mesmo anno de 1881 foi o seguinte:

Interiores

Urgentes (triplo da taxa).....	5:334
Noticiosos (meia taxa).....	5:528
Urbanos (1/4 da taxa).....	4:652
Sub-urbanos (meia taxa).....	14:027
Conferidos (augmento de meia taxa)	19
Com certificado de recepção.....	18
Com resposta paga.....	12:496
Conduzidos por proprios	9:922
	51:996

Internacionaes

Urgentes (*triplo da taxa*).....	transmittidos	548
	recebidos	1:463
		2:011

Nos penultimos 548 telegrammas comprehendem-se 378 *transmittidos* directamente e com destino a estações hespanholas; — e dos 1:463 *recebidos* foram originarios da Hespanha 1:348.

Telephones

Consignaremos tambem aqui este novo invento pela sua intima affinidade com os telegraphos electricos.

A primeira proposta para a concessão do estabelecimento de redes telephonicas no nosso paiz foi apresentada em 23 de dezembro de 1879 por M. A. Herman e C. A. Bramão. Seguiram-se-lhe mais tres, datadas de 23 de junho, 20 de julho e 14 de dezembro de 1880, apresentadas pela *International Lell-telephon company limited*, Mathoso da Camara e Achuch. Por não estarem as referidas propostas em harmonia com as nossas leis vigentes e por outras rasões, abriu-se concurso publico, sendo o programma publicado no Diario do Governo, em 12 de fevereiro de 1881.

Tendo ficado sem effeito este concurso, annunciou-se outro em 10 de setembro de 1882, a que unicamente concorreu a companhia *Edison Gower Bell Telephon of Europe limited*, de Londres, á qual, por portaria de 12 de dezembro do mesmo anno foi approvada a adjudicação do estabelecimento e exploração das redes telephonicas nas cidades de Lisboa e Porto pelo tempo de vinte annos, obrigando-se a companhia a pagar ao

estado 7 1/8 por cento da sua receita liquida.

Os telephones representam um progresso admiravel no pelouro das communicações. Rivalisam já hoje com os telegraphos electricos e ameaçam supplantal-os.

Datando do fim de 1882 a sua introducção no nosso paiz, como dissemos, já hoje (abril de 1884) em Lisboa e no Porto os seus fios conductores, na extensão de muitos kilometros, crusam ambas as cidades em todas as direcções e ligam entre si e com a rede geral não só todas as repartições publicas mas grande numero de casas e estabelecimentos fabrís e commerciaes.

Os apparelhos são simples e baratos e mais se hão de simplificar e baratear com o tempo. Alem d'isso transmittem o som a distancia d'alguns kilometros e tão distinctamente que já em Lisboa a nossa familia real tem ouvido do palacio da Ajuda operas cantadas no theatro lyrico de S. Carlos.

Um dos nossos jornaes da provincia publicou nos principios d'este mez d'abril uma correspondencia de Lisboa que parecia invenção americana. Dizia ella:

«Foi um *successo* brilhante a primeira representação da opera «Laureana,» do maestro portuguez Machado, no real theatro de S. Carlos [1]. A casa estava cheia. Nos camarotes via-se a *fina flôr* da nossa sociedade elegante; nas plateias os *diletantti* mais distinctos, amadores, artistas e escriptores, todos cheios de enthusiasmo para saudar o primoroso author de uma opera portugueza.

«S. A. R. a senhora D. Aldegundes de Bragança, portugueza amantissima, como é, quebrou o proposito de não ir a espectaculos publicos, para assistir á estreia da opera «Laureana» no camarote dos snrs. condes de Azambuja. A gentil princeza vestia de luto rigoroso e conservou-se sempre recolhida no fundo do camarote. Havia na sala grande desejo de ver S. A. R. e por isso todos a procuravam com os binoculos.

É uma bella e elegante senhora, de estatura regular. Tem o rosto alvo e corado com a linha dos Braganças, cabello louro, singelamente penteado. A princeza é muito sympathica e o seu todo indica bondade. Ao camarote dos srs. condes foram cumprimentar S. A. muitas pessoas da aristocracia. Voltemos, porém, á opera.

«A «Laureana» teve um successo. Borghi Mamo cantou primorosamente a sua parte, como artista de raça que é, merecendo as mais calorosas demonstrações de applauso e tendo de repetir a *arietta* do 2.º acto. Devoyod muito bem, tendo de repetir o *arioso* do 1.º acto. Mantelli, adoravel no desempenho do papel de Mario, mereceu muitos applausos. Rapp, Ortisi, Piazza e Bertocchi concorreram para o exito brilhante da opera.

«Augusto Machado teve uma ovação enorme. Chamado a espaços no meio dos actos, ao acabar alguns dos melhores trechos, recebeu do publico as mais evidentes provas de justo apreço. Além de muitos *bouquets* e *corbeilles*, foram-lhe offerecidas quatro corôas pela empreza de S. Carlos, pelo snr. marquez de Fronteira, e outros amadores, pela orchestra do real theatro, e pela academia dos professores de musica. O maestro Dalmau regeu notavelmente a orchestra.

«A familia real ouvia a opera no palacio da Ajuda por meio do telephone. A audição foi perfeitissima. Na sala dos concertos do paço estava collocada uma grande jardineira coberta com um panno de velludo carmezim franjado a ouro. No centro via-se um grande açafate de camelias e nas extremidades dois candelabros illuminando os oito receptadores destinados á transmissão da opera. Aos auditores de S. Carlos haviam sido addicionados dois microphones.

«No final do 2.º acto el-rei D. Luiz fez chamar o maestro Machado, por meio do telephone, e disse-lhe: — «Parabens pelo seu triumpho. Assim que puder ir ao theatro, irei applaudil-o.» Machado agradeceu commovido.»

Tambem poucos dias antes, quando em S. Petersbourg se cantou pela primeira vez a nova opera de Rubinstein, os imperadores a ouviram igualmente do seu palacio por meio do telephone; e o presidente da republica franceza tem uma communicação telephonica entre o Elyseu e a «Grande Opera.»

---

[1] Na noute de 29 de março de 1884.

—

S. A. R. a sr.ª D. Aldegundes, a quem se fez referencia, é filha do proscripto e já fallecido sr. D. Miguel I, casada com o principe allemão, conde de Bardi, que ao tempo se achava em Lisboa muito doente, hospedado no «Hotel Bragança» e como o nobre enfermo não podesse ir ao theatro e desejasse ouvir a mencionada opera, fez ligar os seus aposentos com o theatro por meio do telephone, e do proprio leito a ouviu.

São estes os maiores progressos realisados até hoje pelo telephone em Portugal, mas estamos certos de que outros mais assombrosos se realisarão em praso breve, e de que o telephone, ainda hoje circumscripto a Lisboa e ao Porto, ha de generalisar-se em todo o nosso paiz, como succede já em outras nações.

Na Belgica, por exemplo, já diversas cidades e povoações se acham ligadas entre si por aquelle simplicissimo e maravilhoso processo de communicação.

Os assignantes do telephone não só fallam entre si para as differentes terras, mas tambem pelo telephone lhes são transmittidos com a maior presteza para as suas casas e para os seus estabelecimentos os telegrammas que lhes são expedidos do paiz e do extrangeiro, sem que tenham de pagar esse serviço.

—

O telephone de um dia para o outro offerece novas modificações e novos aperfeiçoamentos.

Em uma revista litteraria extrangeira acabamos nós de ler:

«Mr. de Argy, depois de ter construido um engenhoso apparelho microphonico, acaba de imaginar um pequeno instrumento de uma sensibilidade extraordinaria. O apparelho que quasi se fecha na palma da mão, e que pesa apenas algumas grammas, é formado por um pequenino tubo de caoutchouc, no qual está collado um dado de carvão, que pode ter menos de um centimetro. Um segundo dado da mesma dimensão applica-se fortemente do outro lado. Entre as duas superficies está comprimida a camada de carvão, de coke, de plombagina, etc. Este orgão electrico fórma pois um cylindro, do qual alguns specimens não excedem 17 millimetros. Quando o instrumento é bem feito, o cylindro fallante, diz a *Luz Electrica*, póde ser arremessado á terra, depois adaptado a uma mesa, a uma parede, a um armario, a um cofre, etc., e transmittirá, como antes, a palavra com uma clareza surprehendente.

«Na pratica, mr. de Argy adapta o seu apparelho a uma pequena caixa em fórma de losango. A parede interior (de pinho, nogueira, etc.) póde ter tres milimetros e mais. Para evitar muita sonoridade; o losango é muitas vezes cheio de algodão fino. Só se emprega a bobina de inducção para grandes distancias.»

Outra revista publicou ha dias o seguinte:

«Entre os inventos mais recentes e notaveis merece menção o do *phototelephone*, apparelho que permitte que se conserve marcado no vidro o contheudo d'uma conversação sustentada durante meia hora. As vibrações transmittidas a uma lamina de vidro são acompanhadas de um raio de luz, que vae marcando as linhas.

«A composição typographica facilitou-se consideravelmente por meio de um mechanismo imitado do processo da typographia. Póde seguir a palavra fallada empregando signaes convencionaes de facil escripta para as lettras, e além d'isso outros, sempre identicos, para as terminações e combinações mais frequentes em cada idioma. Tendo estas já compostas, o typographo póde terminar mais depressa o seu trabalho, formando syllabas e palavras em vez de lettras. Foi já concedido privilegio de invenção para este invento, que não deixa de ter importancia.»

Tudo isto parece uma fabula, um sonho; mas é tão possante e tão fecundo o laboratorio do progresso na actualidade, que a uma maravilha se segue rapidamente outra, qual d'ellas mais assombrosa!

Fecharemos este topico dizendo que o telephone foi ensaiado pela 1.ª vez no Porto, em 1879, no palacete da familia Pachecos Pereiras, na rua de Bellomonte, quando ali se achava montada a empresa do «Commercio Portuguez» um dos nossos primeiros jornaes, fundado pelos meus bons amigos, os

srs. Apollino da Costa Reis e Eduardo Monteiro de Carvalho, dous trabalhadores benemeritos.

Fez-se a experiencia entre o escriptorio da redacção e o 1.º andar do palacete, sendo dirigida pelo illustrado lente da 8.ª cadeira (Physica) da Academia Polytechnica, o sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, que regressava do extrangeiro e havia trazido os apparelhos proprios.

O resultado foi surprehendente.

Pharoes

Em 31 de dezembro de 1881 havia no nosso paiz os 13 seguintes, que vamos mencionar pela sua ordem chronologica:

Bugio, na Torre de S. Lourenço da barra, em Lisboa. Data de 1755; — funcciona em uma torre circular, systema catoptrico; luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

Luz, na Foz do Douro. Data de 1761; — funcciona em uma torre quadrangular; — é de systema lenticular, 4.ª ordem; luz branca e clarão de minuto em minuto.

Guia, em Cascaes. Data de 1761; funcciona em uma torre oitavada; — é de systema lenticular, 3.ª ordem;—luz branca e fixa.

Cabo da Roca, na Serra de Cintra. Data de 1772; — funcciona em torre quadrangular; é de systema catoptrico; luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

S. Julião, na Torre de S. Julião, em Lisboa. Data de 1775; — funcciona em torre quadrangular; systema lenticular, 3.ª ordem, — luz branca e fixa.

Cabo Carvoeiro, na peninsula de Peniche. Data de 1790; funcciona em torre quadrada, — e é de systema catoptrico,—luz branca e fixa.

Cabo de Espichel, em Setubal. Data de 1790; — funcciona em torre hexagonal; — e é de systema catoptrico, — luz branca e fixa.

Duque de Bragança, na ilha Berlenga. Data de 1841;—funcciona em torre quadrangular; — e é de systema catoptrico, — luz branca de rotação completa com eclipses e relampagos.

D. Fernando, no Cabo de S. Vicente. Data de 1846;—funcciona em torre quadrada;— e é de systema catoptrico,—luz branca, rotação completa, com eclipses e relampagos.

Santa Maria, entre Faro e Olhão. Data de 1851; funcciona em uma torre de quatro corpos,—3 cylindricos e o ultimo em fórma de pyramide conica troncada. É de systema lenticular, 3.ª ordem,—luz branca e fixa.

Cabo Mondego, na cidade da Figueira. Data de 1857; funcciona em uma torre de tres corpos principaes,—o 1.º quadrangular,—o 2.º octogono—e o 3.º cylindrico;—e é de systema lenticular, 3.ª ordem, — luz branca e fixa.

Torre do Outão, em Setubal. Data de 1863; funcciona em torre hexagona,—e é de systema lenticular, 3.ª ordem,—luz branca e fixa.

Cabo de Sines, em Sines, no Alemtejo.

Data de 1880;—funcciona em um edificio de 3 corpos, os 2 inferiores com pavimento cada um—e o 3.º é torre cylindrica com um corpo de menor diametro, sobre o qual assenta a lanterna, que é de 2.ª ordem, — luz branca e fixa.

Tambem temos desde 1870 um pharol na *Ponta de S. Lourenço*, na ilha da Madeira, —e desde 1876 outro na *Ponta do Arnel*, ilha de S. Miguel, nos Açores.

Pharolins

Em 31 de dezembro de 1881 tinhamos no continente 8 e 1 nos Açores, outro na Madeira.

Vamos mencional-os tambem por ordem chronologica:

Belem, na Torre de Belem.

Data de 1847 e é de systema lenticular, luz vermelha.

Ericeira, na villa do mesmo nome. Data de 1864 e assenta as lanternas sobre 2 columnas de ferro. Tem duas luzes d'enfiamento, — uma branca e outra vermelha.

Espozende, na barra da povoação d'este nome. Funcciona no antigo forte desde 1866, e é de systema lenticular, luz vermelha.

Santa Martha, na serra de Cintra. Data de 1868 e é tambem de systema lenticular, luz vermelha.

Medo Alto, em Villa Real de Santo Antonio. Data de 1870 e tem uma lanterna de olho de boi, luz branca.

Vianna do Castello, no castello da cidade d'este nome. Data de 1878 e é de systema lenticular, luz vermelha.

Porto Covo, em Caxias. Data de 1878 e tem um candieiro com luz d'enfiamento.

Mirante, em Caxias tambem. Data do mesmo anno de 1878 e tem igualmente um candieiro com luz de enfiamento.

O pharolim do archipelago dos Açores está em Ponta Delgada desde 1863 e tem 2 pharolins lenticulares de luz vermelha. O da Madeira está no *Forte do Ilheu* e é de systema lenticular e luz vermelha tambem.

O nosso governo, já depois de 1882 resolveu augmentar o numero dos pharoes e pharolins e procede-se a estudos para a sua montagem.

Com os existentes em 1881 dispendeu-se n'aquelle anno 18:180$882 réis, comprehendendo o quadro do seu pessoal em numero de 68 homens. Vide *Postos Semaphoricos*.

É muito deficiente e mesquinha a illuminação das nossas costas, pois comprehendem desde a foz do Minho até á do Guadiana, 725 kilometros ou 435 milhas, e todos os jactos das luzes dos nossos pharoes e pharolins representam o alcance de 198 milhas apenas, jazendo nas trevas durante a noite 237 milhas de costa, o que tem dado causa a uma grande parte dos naufragios que se registram no nosso littoral e que representam a perda de muitas vidas e de valores enormes. Bem avisado andou pois o governo augmentando a illuminação do nosso littoral, creando mais 5 pharoes e 7 estações electro-semaphoricas, hoje (maio de 1884) em via de realisação.

—

Os leitores devem estar fatigados com as dimensões d'este artigo. Desculpem-nos por quem são e convençam-se de que mais fatigados e aborrecidos estamos nós.

Suámos e tressuámos para haver das nossas repartições publicas os variados elementos que se nos tornavam precisos, mas infelizmente pouco, muito pouco obtivemos d'ellas. Apenas recebemos da direcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro as notas relativas a esta ultima linha,—graças ao seu digno e zeloso director o ex.mo sr. Augusto Luciano Simões de Carvalho.

Todas as outras repartições não quizeram fatigar-se, exceptuando o governo civil do Porto, que nos tem muito efficazmente auxiliado.

Recebam pois a expressão do nosso reconhecimento o ex.mo sr. visconde de Guedes Teixeira, dignissimo governador civil, o sr. Joaquim Taibner de Moraes, seu secretario geral, e o sr. conselheiro Frederico Soares d'Ancede, 1.º official d'aquella repartição.

VIATODOS — freguezia do concelho de Barcellos. Vide *Veatodos*.

Está situada esta freguezia na estrada real de Barcellos para Villa Nova de Famalicão, e a egreja matriz dista 1 kil. a N. O. da margem direita do rio Este,—10 de Barcellos para S. E.—12 de Braga para O.—50 do Porto—e 387 de Lisboa, para o norte.

As suas freguezias limitrophes são: Nine a E.—Louro a S.—Grimancellos a O.—e Silveiros a N.

Segundo as informações que obtive por intermedio do ex.mo sr. administrador do concelho, esta freguezia comprehende as aldeias seguintes: Febros, Luvor, Monte do Luvor, Barreiro, Egreja, Monte da Feira, Sixto, Rua Nova, Souto, Bacello, Palmeira, Vendo, e a Quinta do Sá, pertencente ao sr. João Ayres de Sá.

A *Geographia Moderna* do sr. João Maria Baptista accrescenta ainda os logares de Campezinhos, Ponte, e Quinta da Fonte Velha;—e denomina, talvez por lapso de revisão, *Venda* e *Lavor* as aldeias de *Vendo* e *Luvor*.

Além da egreja matriz, que é um templo regular e se acha em bom estado de conservação, ha n'esta freguezia uma capella com a invocação de Santa Cruz, em bom estado tambem.

As festividades religiosas principaes que hoje (1884) se celebram n'esta parochia são as de Nossa Senhora das Dores e do Coração de Maria.

Ha aqui uma feira annual de certa importancia na 1.ª oitava da Paschoa.

Foi couto.

As suas producções principaes são milho e vinho verde ou de *enforcado*, como é quasi todo o da provincia do Minho e de parte da provincia do Douro, nomeadamente no districto do Porto, nos concelhos de Arouca, Feira e Castello de Paiva, pertencentes ao districto d'Aveiro,—e nos de Rezende e Sinfães, pertencentes ao districto de Vizeu.

Dá-se a este vinho o nome de *enforcado*, porque as videiras que o produzem são altas e suspensas em arvores, ordinariamente cerdeiras, castanheiros e carvalhos, em volta dos campos.

Por ser o terreno forte, fresco, estrumado e regadio, as videiras desenvolvem-se admiravelmente e produzem muito vinho, mas por isso mesmo é verde, aspero e *rascante*, o que não obsta a que tenha amadores e mais facil consumo do que o vinho maduro do Douro e d'outras procedencias.

Em algumas freguezias do Minho, principalmente nas que se approximam do rio d'este nome, tambem usam ramadas d'esteira, horisontaes e verticaes. É este o systema adoptado pelos hespanhoes na Galliza, margem direita do Minho.

Em Pontevedra, por exemplo, vimos nós ramadas d'esteira horisontaes, como não tem o nosso paiz, pois cobrem por vezes grandes tractos de terreno chão ou levemente accidentado, sem divisões nem socalcos, havendo ali ramada que produz 8 pipas de vinho, e talvez mais.

No nosso paiz as freguezias em que mais abundam as ramadas d'esteira horisontaes são as de Cambres, Samodães e Penajoia, no concelho de Lamego; mas, como o terreno que occupam é muito declivoso, são todas divididas em lotes correspondentes aos differentes socalcos e por isso difficilmente se encontra ali uma que, sem solução de continuidade, produza 4 a 6 pipas de vinho.

Antes de se manifestar a doença que tem destroçado os castanheiros, houve na provincia do Minho castanheiro de grandes proporções, que amparava muitas videiras, chegando a colher-se em um só 3 pipas do tal vinho verde, rascante, ou de *enforcado*.

A proposito, diz a lenda que certo viandante estranho á provincia, provando o tal rascante, perguntou:

—Este é o vinho enforcado?

—É sim, lhe responderam.

Accrescentou o bom do homem:

—Pois não foi sem motivo que o enforcaram!...

E proseguiu ávante.

Eu tambem, talvez por ser filho do Douro, mal posso distinguir o tal *rascante* do vinagre.

Concluirei este topico dizendo que o vinho de grande parte dos concelhos d'Amarante e Basto é o mais toleravel de toda a provincia do Minho. Tem pouca asperesa e é muito grato ao paladar.

Constitue uma especialidade distincta e muito apreciavel entre os nossos vinhos de mesa.

São tambem muito estimados, como vinhos verdes, os vinhos de Monção.

No Alto Douro, ou n'essa região do Cima-Corgo, que antes da invasão phylloxerica produzia o famoso *Port Wine*, os vinhos mais generosos do mundo, não havia uma ramada unica,—e mal se conhecem tambem na importante zona vinhateira da Bairrada, na Estremadura, no Alemtejo, no Algarve, na Beira Baixa e na provincia de Traz os Montes, que produz os melhores vinhos do Alto Douro e excellentes vinhos de mesa, taes são os da Villarica, entre Moncorvo e Villaflor, —ou da ribeira d'Oura, entre Chaves e Villa Pouca d'Aguiar, e os das Arcas, junto de Bragança.

—

Pelo mappa das congruas em vigor, foi computada a congrua do parocho d'esta freguezia em 210$000 réis;—o rendimento do paçal em 3$000 réis;—o pé d'altar em 124$700 réis,—e tem de derrama em dinheiro 82$300 réis.

—

Em 1878 (diz o censo official) contava esta freguezia 236 fogos; — população de facto 363 individuos do sexo masculino e 548 do sexo feminino,—total 911 habitantes;—po-

pulação legal 483 individuos do sexo masculino e 557 do sexo feminino,—total 1:040 habitantes,—sendo 32 de 61 a 65 annos—28 de 66 a 70,—9 de 71 a 75,—15 de 76 a 80, —e 6 de 81 a 85.

Ao tempo não contava pessoas de mais longa idade.

Tem esta freguezia hoje apenas uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

—

VIAVAI — logar ou aldeia da freguezia de Penella (Santa Eufemia) concelho do mesmo nome, districto de Coimbra. Vide *Penella* n'este diccionario (a 1.ª)

Comprehende mais esta freguezia os logares ou aldeias seguintes: Cerejeiras, Fetaes, Farello, Freixiosa, Carvalhaes, Thomazinho, Besteiro, Casal do Pinto, Porto Judeu, Carvalhinhos, Lapa do Corvo, Ribeirinho da Serra, Caldeira ou Caldeirão, Val do Espinhal, Santo Estevam, Taliscas, Serrada da Freixiosa, Pastor, Senhora da Gloria, Ponte do Espinhal e Rosas.

Ha tambem na mencionada freguezia os casaes seguintes: Mestra, Ponte da Aveia, Pombaes, Moinho da Cava, Forneas, Serrada das Cerejeiras, Souto, Nogueiras, Chans, Casal do Mathias, Porto da Villa, Carregão, Algarinho, Dueça, Freixieiro e a quinta das Cerejeiras, alem das 11 quintas mencionadas no artigo proprio (*Penella*).

VIBORA — aldeia da freguezia de *Monte Redondo*, concelho de Leiria. Vide *Monte Redondo*, (o 1.º) vol 5. pag. 531.

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes: Mattos, Brejo, Leziria, Montijo, Levegadas, Pinheiro, Graveto, Lage, Bouças, Casal Novo, Bajouca ou Beijouca, Agua Formosa, Braçal, Paul, Santo Aleixo, Paço, Covadas, Fonte-Cova, Porto Longo, Aroeira, Casas, Termos, Carvalheiras, Porto do Junco, Sesmaria, Grou, Fontainhas e Montal.

VICA — logar ou aldeia da freguezia de *Boim* concelho de Lousada. Vide *Boim*.

Comprehende mais esta parochia as seguintes aldeias: Carcavellos, Villa Chã, Costa Velha, Costa Nova, Tunim, Corgo, Tapada, Outeiro, Arcas, Eiras, Real, Engenho, Poupa, Barroca, Outeirinho, Sedoira, Penedo, Sá, Marelco, Cimo de Villa, Varanda, Guim, Lage, Tapado, Fonte, Reguengo, Presa, Monte, Ameixieira, Corgas, Campos e Gerovilla.

VICA — logar da freguezia de *Nespereira*, concelho de Lousada. Vide *Nespereira*, vol. 6.º pag. 37, col. 1.ª

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes: Chamusca, Senra, Igreja, Cruzeiro, Cimo de Villa, Carvalho, Boavista, Outeiro, Villa Verde, Cabo de Villa, Ribeira, Carcere, Marchães, Corredoura, Bolla, Bairral, Passadiço, Pinheiro, Lama, Valle e Devesa.

VICAINHA — logar ou aldeia da freguezia de *Tabosa*, concelho de Braga. Vide *Tabosa*.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes: Cadós, Riba, Olho, Devesa, Monte, Roças, Lazão, Calvario, Ramada, Padrão do Paço, Aboinha, Vendas, Barreiros, Lameirinha e Corredoura.

VICENÇO — portuguez antigo nome d'homem, hoje *Vicente*.

«*No Lugar que chamam S. Vicenço, freiguezia de S. Martinho d'Alvaiedo...*» Documento de Tarouca, de 1323.

VICENTE — aldeia na freguezia de Santo André de Frades (Vide *Frades*) concelho da Povoa de Lanhoso, districto de Braga, distante 3 kilom. e meio da margem esquerda do Cavado, para S. E. e 6 kilom. da Povoa de Lanhoso para N. N. E.

Comprehende mais esta freguezia os logares seguintes: Rego, Souza, Portellinha, Souzellas, Torre, Pereira. Barrio, Seara, Requeixo, Passadiço, Quintãs, Via Cova, Outeiro, Costa, Fontellas e Torrão.

VICENTE (S.) — Cabo. — Vide *Cabo de S. Vicente*.

Este cabo, bastante notavel pela sua posição, pelas lendas que o cercam e pelos factos n'elle occorridos, é formado por uma pequena peninsula de 80 metros de comprimento na ponta meridional da Europa, entre 37,02' e 9'' de latitude e 8,09' de longitude; prolonga-se a S. O. e liga-o ao continente um isthmo de 40m de largo com duas pequenas enseadas abertas a NE. e SE.

As suas margens são rochedos cortados a

pique, tendo em partes mais de 60m de altura sobre o nivel do mar e na sua summidade um convento de frades capuchos, extincto em 1834 e construido sobre tres pincaros de rocha nua, por entre os quaes passa o mar, que ali é muito fundo e escuro. Quando embravece, bate encapellado nos rochedos e salta por cima dos telhados do convento e mesmo do pharol, que está sobre a capella-mór, onde foi construido, de uma á outra banda.

Aqui appareceu o corpo de S. Vicente, martyr, e d'ali foi transferido para Lisboa em 1173, como resa o *Breviario Bracarense*, impresso em 1549.

Suppõe-se que a apparição das reliquias de S. Vicente deu origem a mudar se para *Cabo de S. Vicente* o nome de *Promontorio Sacro*, que desde tempos remotissimos era dado a este pontal.

Pondo de parte as lendas que cercam este promontorio, diremos apenas que em nossos dias dous factos o tornaram celebre e mereceram a dous illustres capitães do mar, ambos inglezes, o titulo de conde pelas assignaladas victorias que alcançaram nas suas aguas.

Lord Gervis em 1797 bateu e derrotou completamente a esquadra hespanhola vinda de Cadix, pelo que o agraciou o seu governo com o titulo de *Conde de S. Vicente*.

Carlos de Ponza (Napier) commandante da pequena esquadra ao serviço de D. Pedro IV, composta de tres fragatas, um brigue, uma escuna e uma corveta, bateu e fez prisioneira no dia 5 de julho de 1833 a esquadra de seu irmão D. Miguel, composta de duas náus de linha, duas fragatas, dous brigues e tres corvetas, — brilhante feito d'armas que muito contribuiu para fazer baquear o partido de D. Miguel, acabando com a sua marinha e deixando franca a entrada no porto de Lisboa, pelo que o duque de Bragança no mesmo dia 9 de julho, apenas recebeu no Porto a noticia, condecorou o bravo Napier com a patente de almirante e o titulo de *Visconde do Cabo de S. Vicente;* e em 17 d'abril de 1834 o fez conde do mesmo appellido. Foi-lhe concedida tambem a pensão annual de 2:400$000 pelos seus relevantes serviços prestados ao throno da rainha, a sr.ª D. Maria II, quando se concederam por igual motivo cem contos de réis em bens nacionaes a cada um dos duques da Terceira e de Palmella e ao marquez de Saldanha.

—

Ao norte d'este cabo está a *Villa do Bispo*, séde do concelho d'este nome (Vide) muito lavada dos ventos e por isso mesmo sadia. O seu terreno é muito fertil, bem como todo o restante do Cabo de S. Vicente, pelo que é com razão denominado *celeiro do Algarve*.

A leste d'esta villa e a 5 kilometros de distancia fica a povoação da Raposeira, seguindo-se-lhe a de Budens e outras na estrada real de Lagos, todas em terreno feracissimo.

Ainda a leste e distante 6 kilometros do Cabo fica a memoravel praça de Sagres, um dos primeiros monumentos das nossas glorias, por ter sido habitação do famoso infante D. Henrique desde 1419, depois que voltou de Ceuta. O infante a povoou e lhe deu o nome de *Terça Naval*, depois *Villa do Infante*, com muitos privilegios e franquias, e n'ella creou e educou os iniciadores das grandes descobertas que fizemos na Africa, Asia e America, antecipando-nos n'este ponto a todas as nações da Europa (Vide Sagres).

Quasi todos estes apontamentos nos foram fornecidos pelo digno coronel do batalhão de caçadores n.º 2, o ex.mo sr. Francisco Corrêa Leotte, a quem mais uma vez protestamos o nosso reconhecimento.

—

Nós já vimos o Cabo de S. Vicente, mas de 2 a 3 kilometros de distancia, em 1879, quando visitámos o baixo Alemtejo e o Algarve.

Partindo do Porto, fomos a Lisboa,—Casa Branca (na linha ferrea do sul), — Evora, Extremoz, Borba e Villa Viçosa;—voltámos á Casa Branca e seguimos para Beja, pela linha ferrea, — depois em diligencia para Mertola, porque a linha do Algarve ainda não passava de Cazevel. Em Mertola embarcámos no vapor *Gomes II* e fomos pelo Gua-

diana para Pomarão; — visitámos as minas de S. Domingos, e seguimos para Villa Real de Santo Antonio. Fomos ver Ayamonte, na Andaluzia (margem esquerda do Guadiana) e seguimos em diligencia para Olhão,—d'ali para Tavira,—de Tavira para Faro,—e d'esta cidade para Lagos, retrocedendo a Villa Nova de Portimão, por não haver ainda n'aquelle tempo diligencia nem estrada a macadam de Lagos para oeste, pois bem desejavamos ver Sagres e o Cabo de S. Vicente.

De Portimão fomos a Silves, Monchique e Ferragude, e, para não repetirmos o mesmo trajecto que levaramos, seguimos para Lisboa no paqnete inglez *Gibraltar*, da carreira do mediterraneo a Liverpool.

Passámos ainda com sol em frente do cabo, cerca de 3 kilometros ao sul, e de bordo o vimos, bem como as pittorescas furnas que o varam.

Quando transpunhamos o cabo, ia parallelo e na mesma direcção outro vapor, mas cerca de 3 kilometros mais ao sul, e passou a meio dos dous um patacho em direcção opposta, correndo mais do que os vapores, porque soprava norte rijo e o patacho ia em lastro com todo o panno solto.

Não longe de S. Vicente deu-se um facto curioso, que muito agradavelmente nos surprehendeu:

Era em maio, tempo da pesca do atum; soprava norte rijo, como dissémos, e por isso o vapor ia a pequena distancia da costa. De repente fendeu um cardume d'atuns e corvinas e estes grandes peixes principiaram a nadar e saltar como loucos a bombordo e estibordo, correndo á compita com o vapor e podendo matar-se a tiro facilmente. Durou a brincadeira alguns minutos, e ficámos anciosos por ver *copejar* o atum,—divertimento interessante que em Portugal é só conhecido no Algarve.

—

Desde tempos remotos são ali muito importantes as pescarias do atum, feitas por empresas denominadas *armações*. Comprehendem muitos barcos, grandes redes, armazens, tanques para salga, etc. demandando cada uma 20 a 30 contos de réis, mas por vezes só em um anno apura esta somma qualquer armação.

O atum vive a distancia no alto mar, mas vai desovar ao Mediterraneo e, feita a creação, volve ao largo, approximando-se das costas do Algarve na ida e vinda, sempre em numerosos cardumes.

As armações estendem as suas redes, tomando alguns hectares, nos pontos em que elles costumam passar. As redes para pesca *de direito* são armadas com a bocca voltada ao poente, quando o atum e as corvinas se dirigem para o Mediterraneo,—e voltam-lhes a bocca ao nascente para a pesca *de revéz*, quando, depois dos atuns desovarem, se retiram com os filhos para o alto mar.

Sómente de dias a dias costumam os armadores colher as suas redes, fechando-as e apertando-as de modo que o atum fica todo em um pequeno espaço e tão junto que fórma um maciço no mar, e então os pescadores saltam sobre elles com fisgas e os harpoam e vão lançando nos barcos. É isto o que em phrase propria se denomina *copejar* o atum. Semelha uma tourada no mar, e muitas pessoas, inclusivamente senhoras, costumam ir ver a festa, — não sem tal ou qual risco e discommodo, porque as armações estão quasi sempre distantes da terra e dos povoados, e o divertimento obriga a perder um dia e parte da noute, sobre o mar!...

Termidado o copejamento, fica o mar tinto de sangue; por vezes só uma armação colhe *centos* e não sei se *milhares* de atuns.

Em Tavira, por exemplo, (segundo ali nos disseram) têem desembarcado em um só dia 2:000 atuns.

A maior parte d'este peixe vai para a Italia e para os Estados Unidos da America, salgado ou preparado em barris e latas de diversas dimensões, formando *carregamentos completos* de navios. O restante é consumido pelas classes pobres do Algarve e da Extremadura, pois as provincias do norte preferem o bacalhau.

—

Sobre o assumpto é muito digna de ler-se a *Chorographia do Algarve*, capitulo III *Pescarias*, de pag. 76 a 133 (edição de 1841) com diversos mappas e 2 gravuras repre-

sentando as armações do atum,—obra muito interessante publicada por João Baptista da Silva Lopes, socio da Academia Real das Sciencias.

Além das corvinas e atuns, as costas e rios do Algarve produzem grande quantidade e variedade de peixes, taes são os seguintes:

Abrotea, agulhão, agulhas, albafar, alfaqueque ou peixe gallo, alvacóra ou bonito, anequim, aranha, arraia, arreganhadas, azevia, badejo, bailas, barbos, barroso, bicabispo, bocca-doce, bodião, boga, boqueirão bordalo, borregata, boto ou golphinho, breamante, cabra, cabra francesa, cação alvarinho, cação dentudo, cachucho, calamar caneja, carapau, caroxo, cavalla, cavallos do mar, chaputa, cherne, chicharro ou farello, chicharro francez, choco, choupa, chuço, cobro, congro ou safio, cornuda, corvina, dentão, dentelha, enguia ou eiró, caxarroco, enxova, espadarte, faneca, ferreira, galhudo, garoupa, goraz, imperador, judeu, leitão, linguado, lirio, lixa, lixa de lei, lixa de pau, lula, Marianna, melga, melro, mugem, moreia, muxarra alvar, muxarra branca, paião, pailona, palmoneto, pargo, pargo de mitra ou capatão, pargnete, pata-roxa, peixe-agulha, peixe-anjo, peixe-coelho, peixe-escolar, peixe-espada, peixe-prego, peixe-porco, peixe-rato, peixe-rei, peixe-roda, peixe-zorra, pescada, pescada bicuda, pica d'elrei, pilrão, polvo, pota, quelme, rascasso, roás, robalo, rodovalho, rolim, romeiro, roncador, ruivo, saboga, safata, salema, salmonete, sarda, sardinha, sargo bicudo, sargo veado, sarrajão, savel, savelha, séfia ou olho de boi, seima, solho, tagarra ou tainha, tamboril, tenca, tintureira, tonina, tremelga, uje, vesugo, viola e voador.

Para as outras producções e noticias geraes d'esta provincia veja-se o artigo *Algarve.*

VICENTE (S.)—freguezia, ou—*S. Vicente de Fóra* — orago S. Vicente, concelho d'Elvas, arcebispado d'Evora, districto de Portalegre, provincia do Alemtejo. Vide *S. Vicente*, IX vol. pag. 44, col. 1.ª

Dista d'Elvas 11 kilometros para N. E.—8 kilometros para S. E. da estação de Santa Eulalia, na linha ferrea de leste, com a qual se acha ligada por uma estrada a macadam; 245 de Lisboa e 369 do Porto.

A linha ferrea passa a 3 kilometros da séde d'esta parochia, mas a estação mais proxima é a de Santa Eulalia.

Foi curato e capellania da apresentação do bispo d'Elvas, a cuja diocese pertenceu, mas desde 1882, data da nova circumscripção diocesana e da extincção d'esta diocese, ficou pertencendo ao arcebispado d'Evora, e tem o titulo de priorado.

Segundo as informações que me enviou o seu digno prior, conta hoje (1884) esta freguezia 190 fogos e 468 habitantes, mas pelo censo de 1862 contava 160 fogos com 604 almas, e pelo censo de 1878 a sua população era a seguinte:

Fogos 173;—habitantes (comprehendendo os ausentes) — 894, sendo 512 do sexo masculino e 382 do sexo feminino;—sabiam apenas ler 3 homens e 4 mulheres;—sabiam ler e escrever 16 homens e 10 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever 410 homens e 366 mulheres!...

Andava e anda muito descurada a instrucção n'esta parochia, pois ainda hoje (1884) não tem uma unica aula, nem de instrucção primaria elementar!

Que vergonha para a *illustrissima* camara d'Elvas!...

O mesmo recenseamento de 1878 dava a esta freguezia 4 pessoas de 70 a 80 annos de idade,—4 de 80 a 90 e 1 com mais de 90.

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, *S. Vicente*, onde está a igreja matriz, e tem uma rua principal a macadam, denominada *rua d'Elvas*, por fazer parte da estrada a macadam, ainda em construcção, que deve ligar Elvas com a estação de Santa Eulalia, atravessando esta parochia.

Tambem toca n'esta freguezia outra estrada a macadam, já construida, d'Elvas a Barbacena.

A estatistica parochial que serviu de base ao recenseamento de 1862 diz que ha n'esta freguezia 14 habitações isoladas, cujos nomes não indica, mas, pelo que se lê na *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista, julgo serem as seguintes: montes do Mestre, do Pinto, do Lemos, da Brita, dos Negros,

Penna Clara, Reimendes, Apostolos, Agua de Banhos, Cortina, montes do Ruivo, dos Pequeninos, das Pereiras, e talvez tambem o monte dos Frades e o da Maia.

Comprehende 2 quintas principaes—uma denominada *de S. João*, pertencente ao abastado lavrador José Joaquim Gonçalves, e a *d'Agua de Banhos*. As herdades mais notaveis são — Penna Clara, Pereiras e Alcolença.

A herdade e quinta *d'Agua de Banhos* nunca teve (que nos conste) aguas mineraes ou estabelecimento algum de banhos, como parece indicar o seu nome. O que podemos apurar é o seguinte:

Em uma herdade proxima existe uma arca d'agua, distante cerca-de um kilometro, d'onde por encanamento subterraneo a agua vai abastecer uma fonte para os transeuntes na estrada d'Elvas a Santa Eulalia, e d'ali passa para a dita quinta, onde fórma um bello lago;—e, como esta quinta foi propriedade e talvez *breira* dos frades de S. Domingos, é possivel que elles e os seus caseiros costumassem banhar-se no dito lago, no verão, e que d'ahi proviesse o nome da quinta; mas a agoa é potavel, fresca e leve, como toda a d'esta parochia.

Direi ainda que os frades de S. Domingos possuiram não só a herdade e a quinta denominadas dos *Banhos*, nas quaes se vêem ainda em differentes pedras gravadas as lettras S. D. mas outras propriedades annexas, que, depois da extincção das ordens religiosas em 1834, passaram para differentes possuidores.

—

A ordem de S. Domingos teve na cidade d'Elvas 2 conventos, — um de frades, outro de freiras.

O 1.º tinha o titulo de *Nossa Senhora dos Martyres*, e d'elle falla a chronica da ordem na 1.ª parte, vol. II pag. 23 e seg. (3.ª edição de 1861)—o 2.º intitulava-se *Nossa Senhora da Consolação*, e d'elle falla a mesma chronica na parte 3.ª vol. IV, pag. 150 e seguintes.

—

A *Chorographia* d'Almeida dá a esta parochia o titulo de *S. Vicente de Fóra*,—e o sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna* dá-lhe o simples titulo de *S. Vicente*, —bem como o censo official de 1878 e o Mappa das Dioceses.

Causou-nos extranheza o denominar-se esta freguezia *S. Vicente de Fóra*, não havendo em toda a extincta diocese outra com a invocação de S. Vicente e tendo sido esta povoação sempre aberta, sem muros nem fortificações de especie alguma. Expusémos o nosso reparo ao seu digno prior e nosso collega, o sr. Affonso Manoel de Carvalho, e s. ex.ª respondeu-nos muito judiciosamente o seguinte:

«Em todos os livros antigos d'esta parochia, tanto nos que tenho em meu poder, como nos que existem na camara ecclesiastica d'esta diocese, e mesmo nos das visitas dos ex.mos prelados, se dá a esta freguezia o titulo de *S. Vicente de Fóra*, desde 1670 até 1849. De 1849 em diante na maior parte dos termos escreveram os reverendos parochos *S. Vicente Martyr*: mas eu, sendo-me confiada esta egreja ha cinco annos, tenho escripto e escrevo *S. Vicente de Fóra*, como se escreveu sempre até 1849.

«Não encontrando a explicação d'este titulo nos livros da parochia, lembrei-me de consultar a *Relação do Bispado d'Elvas*, obra que anda junta ás *Constituições* d'esta extincta diocese, e na dita *Relação* vi que D. Antonio Mendes de Carvalho, 1.º bispo d'Elvas, natural de Caminha, na foz do Minho, foi nomeado por El-rei D. Sebastião e sagrado em Lisboa, no convento de *S. Vicente de Fóra*, na 3.ª dominga de setembro de 1581. Julgo que o piedoso prelado, em memoria da egreja da sua sagração, daria a esta igreja de *S. Vicente Martyr* o titulo de *S. Vicente de Fôra*, quando a mandou construir em 1586, 5.º anno do seu episcopado, pois sobre a verga da porta principal, que olha para poente, se lê, gravada na pedra, a inscripção seguinte: *Esta Egreja mandou fazer o Ill.mo Sr. D. Antonio, 1.º Bispo d'Elvas Cura Pero Giz. Anno 1586.*

«Não encontro outra explicação e esta parece-me sufficiente.»

—

As freguezias limitrophes são — Ventosa,

Santa Eulalia, Barbacena, Villa Fernando e S. Lourenço.

A egreja matriz é um templo singelo e nada tem de notavel. Data, como vimos, de 1586 e está bastante arruinada.

N'esta freguezia ha uma capella publica na quinta de S. João, onde por vezes se celebra missa.

Está muito bem tractada e bem conservada.

Os edificios mais notaveis d'esta parochia são os seguintes: as casas brazonadas da quinta de S. João, que foi de João de Mello de Lacerda e hoje pertence, como dissémos, ao sr. José Joaquim Gonçalves, — o *monte* d'Alcobaça, tambem brazonado,—e o *monte* de Pena Clara [1].

—

Banham esta freguezia 2 regatos, — um tem o nome de *Agua de Banhos*, porque atravessa a herdade assim denominada e corre a 1 kilometro da egreja matriz, — o outro denomina-se do *Pombal*, porque atravessa a herdade do mesmo nome e passa a 2 kilometros da igreja matriz. São ambos de pequeno volume, vadiaveis em todo o tempo e não movem fabricas, moinhos nem azenhas nos limites d'esta parochia.

Producções principaes—cereaes e bolota.

Additamento

A egreja matriz tem de comprimento 14m,25 e de largura 6m,40 — interiormente, —altar-mór, com o sacrario, e 2 lateraes— um das almas e outro de Nossa Senhora do Rozario, cuja imagem está dentro de um nicho envidraçado, — é alvo de grande devoção — e tem festa, a mais pomposa da localidade, feita, á vez, pelos mais ricos proprietarios d'esta freguezia, a ex.ma sr.a D. Violante do Carmo Caldeira e seus irmãos.

Não tem torre, mas um simples campanario, no angulo esquerdo do frontespicio da egreja matriz.

—

O cemiterio é de fórma irregular e tão humido que no inverno, apenas se cobrem as sepulturas, immediatamente se enchem d'agoa!... Tem a porta fronteira á porta principal da matriz, mettendo-se de permeio apenas o espaço comprehendido pela estrada publica.

—

A egreja matriz dista da estação de Santa Eulalia 9 kilometros, approximadamente.

—

Tanto o ribeiro d'Agua de Banhos como o do Pombal desagúam no Caia, a distancia de 9 a 10 kilometros,—o primeiro junto do monte do *Brito*, freguezia da Ventosa, — o segundo junto do monte do *Rico*, freguezia de Caia.

O clima d'esta parochia é frio e muito saudavel. Rarissimas vezes ali se manifestam molestias contagiosas e tanto que, tendo a variola atacado cruelmente as parochias circumvisinhas, desde fevereiro ultimo até o corrente mez de junho, fazendo grande numero de victimas, esta parochia apenas registra alguns casos, todos benignos.

—

Rende este beneficio actualmente 230$000 réis.

O seu movimento parochial no anno de 1883 foi o seguinte: baptisados 29, casamentos 10, obitos 23.

—

É importante a creação de gado suino n'esta freguezia, por ter abundantes pastos e *gostadouros*. Tambem cria grandes manadas de gado cavallar e muar e grandes partidas de gado bovino, que d'aqui vae para os talhos de Lisboa e d'outras terras.

Cria tambem bastante gado lanigero, em numero de milhares de cabeças, e gado caprino em menor quantidade.

—

O chão d'esta freguezia é bastante fertil em todos os generos agricolas, exceptuando *azeite e vinho*. São estes os unicos artigos que importa.

[1] Os leitores do norte do nosso paiz devem extranhar esta denominação de *montes* dada a povoados, mas nós já dissemos algures o que significavam nas provincias do sul, nomeadamente no Alemtejo, os nomes de *montes*, quintas, hortas e herdades. No *supplemento* a este diccionario daremos mais desenvolvimento ao assumpto, no artigo *Aldeia*.

Não tem uma carvoaria unica, emquanto que a parochia lemitrophe — Santa Eulalia — tem vastas carvoarias e exporta grande quantidade de carvão grosso e miudo para Lisboa e para outras muitas povoações, pelo que a mencionada parochia se denomina tambem *dos carvoeiros*.

—

Tem esta freguezia de S. Vicente bons lavradores e ricos proprietarios, avultando em primeiro logar a ex.ma sr.a D. Violante do Carmo Caldeira, viuva muito virtuosa e muito esmoler, que nasceu em Olivença no anno de 1801, transferindo-se pouco depois com seus paes para esta parochia, onde tem vivido até hoje, conservando ainda muito vigor, apesar da sua longevidade.

Depois d'esta veneranda senhora, os proprietarios mais ricos são seus irmãos, nomeadamente o sr. Miguel Joaquim Caldeira, morador no *monte* da Pena Clara, que antigamente pertenceu aos frades de S. Domingos. Quasi no centro d'este *monte*, que é grande, se eleva uma torre quadrada com janellas no 2.º pavimento, encimada por uma varanda descoberta, ou eirado, com extensas vistas.

Occupa tambem logar distincto entre os primeiros proprietarios d'esta freguezia o sr. José Joaquim Gonçalves, dono da quinta de S. João, a mais mimosa de toda a freguezia, pois é a unica que tem pomares d'arvoredo fructifero de differentes qualidades, vinha, olival, terras de semeadura, abundancia d'aguas de réga, uma azenha, etc. distando da egreja matriz pouco mais de 1 kilometro.

—

Pela tabella em vigor, o parocho recebe de cada baptisado 500 réis e dos casamentos uma gallinha e um *frasco de vinho*, offerta antiquissima, que o parocho actual tenta substituir por 500 réis em dinheiro.

Tambem pertencem ao parocho 60 réis pela desobriga de cada parochiano, — 120 réis por cada exame de doutrina,—240 réis por cada certidão extrahida dos livros do registro parochial—e 420 réis pela leitura e certidão dos banhos ou proclamas.

—

Os casamentos são aqui muito interessantes. Depois das ceremonias religiosas, sahem os noivos da egreja, variando de porta, *para não irem contra a fortuna* (?)—e logo começam os padrinhos a semear amendoas pelo rapazio, continuando a sementeira até á porta dos noivos, onde é sempre mais basta e se despeja o saco. Segue-se a comezaina e beberete que duram horas, e, depois de bem attestados, começa o *balhico* á porta aberta e franca para todos os visinhos, ao rouco som de um ou mais adufes e castanhetas. Dura a festa toda a noute e se prolonga ainda no dia seguinte, sendo raro o finalisar sem pancadaria, contusões e ferimentos, por causa da effervescencia do vinho que desperta sempre valentias, despiques e ciumes.

O barulho, a desordem, os murros e a pancadaria são parte integrante da festa, e por isso nunca se segue procedimento. Todos os luctadores pompeiam as suas valentias, batem e levam, mas logo ali se congraçam na fórma do estylo.

Santa gente!

—

O *rol de confessados* mais antigo que se encontra no archivo parochial, é de 1839 e dava a esta freguezia 126 fógos e 485 almas. O de 1883 dá-lhe 190 fógos e 825 almas. Augmentou a sua população nos ultimos 44 annos — 64 fógos e 340 almas,—e continua a mesma progressão, o que é devido á fertilidade e salubridade do local,—terreno alto e com bons ares.

—

A herdade da *Lentisca*, onde appareceu a lapide supra mencionada, com uma inscripção, não pertence a esta freguezia de S. Vicente de Fóra, mas á de Santa Eulalia, sua limitrophe, onde ha tambem uma herdade com aquelle nome, e se vêem as ruinas da antiga egreja de *Nossa Senhora da Lentisca*, que foi a matriz de uma das dez freguezias do termo d'Elvas, mencionadas nas Constituições d'este bispado (1635).

—

Ao meu presado collega, o reverendo sr. Affonso Manoel de Carvalho, digno prior

d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me,—alguns directamente e outros por intermedio do ex.mo sr. dr. João Anastacio d'Aguiar Pacheco, digno administrador do concelho d'Elvas, a quem mais uma vez beijo as mãos agradecido.

VICENTE (S.)—freguezia—ou *S. Vicente de Lafões*, — concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, districto e bispado de Vizeu, provincia da Beira Alta.

É e foi sempre abbadia. Segundo a Chorographia do padre Carvalho, era da apresentação do bispo, mas tambem foi algum tempo apresentada alternadamente pelo pontifice, pelo rei e pelo bispo.

Orago S. Vicente martyr.

Pertenceu ao extincto concelho de S. João do Monte, no tempo em que vivia o padre Carvalho, e tinha 200 fogos; — o censo de 1862 deu-lhe 181 fogos e 771 almas,—e pelo de 1878 tinha então 185 fogos e 773 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 334 do sexo masculino e 439 do sexo feminino;—d'esses 773 habitantes 19 contavam 70 a 80 annos de idade,—eram 4 de 80 a 90 —e 1 tinha mais de 90 annos.

Sabiam ler e escrever 147 homens e 5 mulheres; — sabiam apenas ler 20 homens e 3 mulheres — e não sabiam ler nem escrever 148 homens e 424 mulheres.

Pelas informações que recebi do reverendo parocho tem esta freguezia hoje (maio de 1884) 200 fogos—exactamente a mesma população que tinha nos principios do ultimo seculo, ou no tempo em que o padre Carvalho escreveu a sua Chorographia.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes: Corredoura, onde está a egreja matriz, — Vandonagens, Ferreiros, Cernada, Cernadinha, Postaneiros, Cajadães, Santiaguinho, S. Vicente e Agoa-Levada.

As freguezias limitrophes são — Paços de Vilharigues, Cambra, Souto de Lafões e Oliveira de Frades, a séde do actual concelho, d'onde dista 3 kilometros, — 5 da séde da comarca, — 34 de Vizeu, séde do bispado e do districto — 6 da margem esquerda do Vouga—53 da estação d'Estarreja, na linha ferrea do norte, — 341 de Lisboa — e 102 do Porto.

—

Toca em um montado d'esta freguezia, na extremidade norte, a estrada districtal n.º 41, de Vizeu a Estarreja, por S. Pedro do Sul, Vouzella, Oliveira de Frades, Ribeiradio, Pecegueiro (onde atravessa o Vouga) Val Maior e Albergaria Velha,—estrada servida por diligencia diaria.

A egreja matriz actual é um templo novo. Foi construida em 1845 a 1846, e tem 13m,60 de comprimento e 6m,10 de largura, interiormente, — altar-mór com tribuna e sacrario, onde está o Santissimo,—e 2 altares lateraes com retabulos de talha dourada antiga, pertencentes á egreja que se demoliu, quando foi construida esta.

O retabulo do altar-mor foi feito em 1872 a 1873.

A sacristia está na rectaguarda do retabulo do altar-mór.

Tem uma boa torre com 2 sinos; já existia ao lado da egreja velha, ultimamente demolida, e occupava precisamente o chão que occupa a egreja actual.

A primeira egreja d'esta parochia esteve junto da povoação de Santiaguinho, no local denominado *Egreja velha*, hoje monte inculto e sem vestigios alguns do antigo templo nem de outras edificações. Apenas ali se vêem alguns carvalhos.

O local da nova egreja é agradavel e pittoresco, e posto seja uma especie de bacia, formada por pequenas eminencias que limitam o horisonte a leste, oeste e sul, tem amplas vistas sobre o norte e domina grande extensão das encostas e montes que se erguem na margem direita do Vouga.

Tem um adro espaçoso, e uma parte d'elle serve de cemiterio (lado norte) vedada por muros com duas portas de ferro.

—

Ha n'esta freguezia tres capellas publicas, antigas, mas bem conservadas, — uma com a invocação de Santa Eufemia, na povoação de Ferreiros;—outra com a invocação de S. Thiago, na aldeia de Santiaguinho; — outra na povoação de Cajadães, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

A 1.ª tem festividade e romagem a 16 de setembro, dia da padroeira, com grande con-

curso de fieis. Tambem é muito visitada no dia de S. João Baptista, no de Santo Amaro e em todos os domingos e dias santos.

A 2.ª tambem alguns annos tem festa propria no domingo immediato ao dia 16 de julho.

A 3.ª tem uma irmandade antiga, legalmente erecta com estatutos proprios sob a invocação da padroeira,—*Nossa Senhora da Assumpção de Cajadães.*

Os mesarios lhe fazem todos os annos pomposa festa, com jubileu e muitas indulgencias, no dia 15 d'agosto,—e tem outro jubileu com anniversario e grandes indulgencias no dia 3 de novembro.

As festividades principaes que actualmente se celebram na egreja matriz são as do Corpo de Deus e Resurreição, — e, alguns annos, a do padroeiro, S. Vicente.

As *ladainhas* ou *rogações* de maio celebram-se na egreja matriz, e d'ali vão os *clamores* ás tres capellas supra mencionadas.

Tambem o povo d'esta freguezia, em cumprimento d'antigos votos, costuma ir com procissão á capella de Santo Amaro, na freguezia de Paços de Vilharigues, no dia da Ascenção do Senhor,—e á capella do Espirito Santo, na freguezia de Cambra de Lafões, concelho de Vouzella, na dominga de Pentecostes.

Esta freguezia tem proprietarios abastados e casas decentes, mas nenhum edificio brazonado.

A residencia parochial é muito confortavel. Uma parte d'ella foi recentemente reedificada e a parte restante concertada a expensas do seu zeloso e digno abbade, o reverendo Ricardo José da Maia, e dos seus parochianos.

Teve esta abbadia bons passaes, mas a maior parte d'elles já foi desamortisada, por 3:300$000 réis.

Os principaes proprietarios d'esta freguezia são hoje os seguintes: João d'Almeida Ferreira, Daniel da Silva Bastos, Marcellino Ferreira d'Almeida e Narciso dos Santos Aragão, que traz um filho na nossa Universidade cursando o 3.º anno juridico, e outro em Vizeu, estudando preparatorios.

Aqui só as pessoas abastadas podem obtêr alguma instrucção, pois em toda esta freguezia não ha nem ao menos uma escola d'instrucção primaria elementar!

Mirem-se n'este espelho os *illustrados* vereadores, verdadeiras luminarias do progresso, *honra* e *lustre* dos nossos municipios.

—

As producções principaes d'esta parochia são milho, centeio, feijões, batatas e vinho *de enforcado.*

O seu chão é bastante fertil, como todo o do antigo districto de Lafões, mas muito mal agricultado, pois sendo muito ingreme demandava maior numero de paredes ou muros de supporte.

Atravessam e banham esta freguezia alguns regatos que desaguam no Vouga, a 4 kilometros de distancia, e movem 25 rodas de moinhos.

Ainda aqui se não manifestou a phylloxera; mas ha muito que o *oidium* affectou as videiras e pouco vinho produzem não sendo enxofradas.

Cria-se n'esta parochia bastante gado bovino, e a carne das suas vitellas é saborosissima, como em todo o territorio de Lafões.

Vide *Banho*, couto extincto, na freguezia de Varzea de Lafões (tomo I, pag. 317, col. 1.ª) e *Vouzella.*

—

Ao rev.mo sr. Ricardo José da Maia, meu collega, digno abbade d'esta freguezia na actualidade, agradeço penhoradissimo os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'ella.

Nasceu s. ex.ª na freguezia de Paços de Vilharigues, concelho de Vouzella; recebeu a ordem de presbytero em dezembro de 1852; foi apresentado n'esta egreja de S. Vicente por decreto de 11 de março de 1880; recebeu a instituição canonica em 17 de junho e tomou posse em 20 do mesmo mez e anno (1880).

É filho de Custodio José da Rocha e de D. Maria Joaquina de Figueiredo. Seu pae militou nas luctas civis do segundo quartel d'este seculo, seguindo a bandeira liberal. Foi sargento dos *Voluntarios da Rainha*;

emigrou em 1828 para a Inglaterra e d'ali passou para a ilha Terceira, onde assistiu á acção da Villa da Praia. Foi um dos 7:500 soldados que desembarcaram no Mindello com o sr. D. Pedro IV;—fez o cerco do Porto, entrando em todas as acções que durante elle se feriram, e por ultimo na batalha da Asseiceira, que obrigou o sr. D. Miguel a capitular. Em seguida deu baixa e recolheu ao seio da sua familia. Foi lhe offerecida uma banda em outro qualquer corpo, se quizesse proseguir na carreira militar, mas elle recusou pela sua fanatica adhesão ao regimento da sr.ª D. Maria II.

Annos depois foi alferes da *Guarda Nacional.*

Custodio José da Rocha era irmão do rev.º Manoel Rodrigues Ferreira, vigario de Cambra de Lafões, e do dr. José Rodrigues Ferreira Negrão, que foram cruelmente perseguidos pelas suas ideias liberaes, principalmente o vigario.

VICENTE (S.)—freguezia, ou—*S. Vicente da Raia* — orago Nossa Senhora da Natividade, concelho de Chaves, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, bispado de Bragança.

Dista de Chaves, sede do concelho e da comarca, 28 kilometros,—de Villa Real 90, de Bragança 50,— da Regoa 115,—do Porto 218,—de Lisboa 555.

Carvalho deu-lhe 66 fogos, Almeida 150, o censo de 1862 — 153 e 584 almas, e o de 1878—186 fogos e 773 habitantes, sendo 395 do sexo masculino e 378 do sexo feminino. D'estes 773 habitantes eram 4 de 70 a 80 annos e 1 de 85 a 90; — sabiam apenas ler 19 homens e 16 mulheres; — sabiam ler e escrever 124 homens e 4 mulheres—e eram analphabetos, ou não sabiam ler nem escrever, 252 homens e 358 mulheres.

—

Esta parochia é reitoria e pertenceu sempre e pertence ao bispado de Bragança. Tambem já foi simples curato e o apresentava o reitor da freguezia da Castanheira no termo do extincto concelho da villa de Monforte de Rio Livre.

Estão hoje annexas a esta freguezia de S. Vicente as pequenas freguezias de Avelleda, Segirei e Orjaes.

S. Vicente e Segirei pertenceram até 1853 ao concelho de Monforte de Rio Livre, mas, sendo extincto este concelho por decreto de 31 de dezembro d'aquelle anno, passaram para o de Valpassos, e por decreto de 24 de outubro de 1855 passaram para o de Chaves.

As suas freguezias limitrophes são—Roriz, Travancas, Cimo de Villa da Castanheira e Sanfins. Tambem pelo lado norte confina com a Hespanha e fórma parte da raia, pelo que vulgarmente se denomina *S. Vicente da Raia.*

Comprehende as aldeias seguintes — S. Vicente, séde da parochia, — Segirei, Avelleda e Orjaes, sédes das tres parochias annexas.

Alem da egreja matriz, tem outra egreja, ainda em bom estado, na povoação de Segirei, que foi a matriz d'esta parochia extincta, e ali costuma o reitor celebrar a missa conventual nos domingos e dias santos, depois de celebrar na de S. Vicente, pois tem auctorisação para celebrar duas missas nos domingos e dias santos, para maior commodidade dos seus freguezes mais distantes, o que é vulgar na diocese de Bragança, na de Lamego e em outras do nosso paiz,—tal é hoje (1884) a escacez de presbyteros.

Em Avelleda ha uma capella publica, talvez a velha matriz, com a invocação de S. Thomé, já em ruinas;—em Orjaes outra com a invocação de Santa Luzia, — e em S. Vicente outra, com a invocação de Nossa Senhora do Rosario.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são a do Corpo de Deus na egreja de S. Vicente, — a de S. Gonçalo na egreja de Segirei, por ter sido o seu orago, —a de S. Thomé na capella d'Avelleda, —e outra a Santa Luzia, em Orjaes.

—

Atravessam e banham esta freguezia dous ribeiros, o de *Avelleda* e o de *Mouce* que vão desaguar ao pé da ponte de *Val d'Arneiro,* a distancia de 6 kilometros, no rio *Mente,* confluente do Rabaçal — e este do Tua. Movem muitos moinhos.

A estrada a macadam em via de construcção, de Chaves a Vinhaes, deve passar a distancia de 10 kilometros d'esta freguezia de S. Vicente. Não tem nem espera ter outra mais proxima.

As producções principaes d'esta parochia são batatas, centeio e castanhas. O seu chão é frio e pouco mimoso.

Tem uma aula municipal d'instrucção primaria para o sexo masculino, na povoação de S. Vicente.

Esta freguezia é pobre e pouco importante. Vive exclusivamente da agricultura, que, pelo isolamento d'estes povos, se conserva no estado rudimentar primitivo.

O seu commercio reduz-se a algumas tabernas em que se vende vinho e pouco mais, — e a sua industria á moagem de pão nos moinhos que movem os seus dous ribeiros e ao contrabando com a Hespanha.

—

Estes apontamentos me foram enviados pelo ex.mo sr. dr. Augusto dos Santos Pinto, natural de Carrazedo de Montenegro, concelho de Valpassos, e distincto jurisconsulto residente em Chaves.

Agradeço penhoradissimo tão assignalada finesa:

VICENTE (S.)—freguezia,—ou *S. Vicente de Redondello*,—ou simplesmente *Redondello*, — orago S. Vicente, concelho de Chaves, districto de Villa Real de Traz-os-Montes, arcebispado de Braga.

Ao que já se disse na palavra *Redondello* (Vide) accrescentaremos o seguinte:

—

O censo de 1878 deu-lhe 193 fogos com 826 habitantes, sendo 406 do sexo masculino e 420 do sexo feminino. D'estes 826 habitantes sabiam apenas ler 19 homens e 7 mulheres,—sabiam ler e escrever 97 homens e 14 mulheres, — e não sabiam lêr nem escrever, ou eram analphabetos 265 homens e 388 mulheres. E quanto a longevidade contavam 70 a 80 annos 4 homens e 6 mulheres, — e era desconhecida a idade de uma mulher.

Pelas informações recebidas directamente do rev.º parocho, esta freguezia conta hoje (1884) 202 fogos.

Dista de Chaves, séde do concelho e da comarca, 10 kilometros, a O., — 55 de Villa Real, a N.,—70 de Braga, a N.E.,—80 a N. da Regoa,—183 a N.E. do Porto, — e 520 a N. de Lisboa.

—

Foi vigairaria collada da apresentação da mitra; hoje é reitoria.

As suas freguezias limitrophes são—Anelhe, Sapiães, Soutello, Curalha e Villela do Tamega, mettendo-se de permeio o rio Tamega, linha divisoria das duas freguezias, estando a de Redondello na margem direita.

Comprehende as aldeias seguintes, — Redondello, séde da parochia, — Pastoria — e Casas Novas, sendo esta ultima a maior, mais bonita e mais importante das tres. Parece uma villa,—tem boas casas,—differentes estabelecimentos commerciaes—e uma capella com a invocação de S. Bernardino e feira a 20 de maio.

Ha n'esta freguezia mais duas capellas publicas—uma bastante espaçosa, com sacrario, Santissimo Sacramento permanente e pia baptismal, na povoação de Pastoria, para mais commoda administração dos sacramentos, pois dista esta aldeia cerca de 4 kilometros da egreja matriz; — a outra capella, notavel pela sua architectura e magnificas imagens do Senhor dos Passos e *Ecce Homo*, de tamanho natural, verdadeiramente primorosas, está na *Veiga de S. Domingos*, juncto da estrada em construcção de Braga a Chaves.

Tem mais duas capellas particulares, — uma que foi de José Philippe de Vilhena, hoje de sua filha e herdeira,—e outra, quasi em ruinas, na quinta de Santa Cruz.

A egreja matriz é um templo regular, bem tratado, bem conservado e bem situado em terreno vistoso, junto d'um souto de castanheiros, na povoação de Redondello;— tem 3 altares e ali se fazem differentes festas, sendo 2 as principaes, — uma ao padroeiro S. Vicente,—outra a Santo Antonio.

O chão d'esta freguezia é quasi plano e o seu clima favoravel. Produz centeio, trigo, milho, feijão, batatas, vinho, azeite, muitas castanhas e muito boas, fructas de differentes qualidades, muito saborosas, linho e cor-

tiça. Tambem cria bastante gado vacum e muar, muito estimado, e algum lanigero.

Tem bastante agua de rega, pois é atravessada de N. a S. por dois ribeiros, um no termo da povoação das Casas Novas, outro no da Pastoria, que vão desaguar no Tamega, a distancia de 2 kilometros e com o percurso de 4 desde as suas nascentes. Estes ribeiros não movem moinhos, mas a freguezia tem alguns no Tamega.

Ha n'esta freguezia varias quintas, sendo 3 as mais notaveis, — uma, denominada de *Santa Cruz*, tem grande matta de sobreiros, e foi do morgado de Villar de Perdizes, hoje de Manoel de Barros, de Samaiões; — outra é de Thimoteo Alvaro de Vilhena, de Anelhe; — outra pertence a José Xavier de Carvalho, de Carrazedo da Labugueira.

—

Na mesma direcção da nova estrada a macadam de Braga a Chaves, O. a E. passava aqui uma via militar romana, que de Braga seguia para Astorga por Chaves. No logar da Pastoria esteve um marco milliar, dedicado a Trajano, com IV. M. P. a Chaves.

Têem apparecido n'esta parochia differentes moedas romanas de cobre, e no sitio denominado *Mosteirão* ha uma sepultura aberta em rocha.

Tem esta freguezia duas aulas municipaes de instrucção primaria elementar, uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino.

Ha finalmente n'esta freguezia uma casa brazonada, que foi dos condes de Penamacor, e hoje é de Antonio Teixeira de Moraes, das Casas Novas.

—

Ao meu illustrado collega, o rev.º sr. José dos Santos Moura, digno abbade de Caires, agradeço estes apontamentos, bem como outros muitos que se dignou enviar-me para differentes freguezias.

VICENTE (S.) — moeda portugueza antiga.

Posto que na chronica d'El-Rei D. João III apenas se faz menção de moedas de cobre mandadas cunhar por este monarcha, é certo que no seu reinado se cunharam moedas de todos os metaes e particularmente uma moeda d'ouro, chamada *S. Vicente*, tendo de uma parte a figura d'este santo com uma nau na mão esquerda, uma palma na mão direita e em volta a legenda — *Zelator usque ad mortem* — (*zelador da fé até á morte*). Da outra parte se vê o escudo real coroado e em volta a legenda — *Joannes Tertius Rex Portu & Al.* — (*João III Rei de Portugal e dos Algarves*).

D'este cunho se lavrou outra mais pequena, com as mesmas insignias, mas valendo metade, e por isso estas moedas se chamavam *meios Vicentes*.

O titulo de *zelador da fé* que se via n'estas moedas e de que usou D. João III lhe foi dado pelo papa Urbano III, em attenção ao zelo e ás instancias com que pediu e obteve para Portugal o estabelecimento da Inquisição.

—

O mesmo rei mandou cunhar outra moeda d'ouro denominada *Calvario*, por ter de um lado uma cruz comprida sobre um monte, como ordinariamente pintam o calvario, e a legenda — *In hoc signo vinces*. Do outro lado o escudo real com a corôa, e em volta esta legenda — *Joannes Tertius Port. & Al. R. D. Guiné* — que em vulgar quer dizer: «D. João III, rei de Portugal e dos Algarves e senhor da Guiné.»

Tambem na India se bateu outra moeda d'ouro no anno de 1548, governando Garcia de Sá. Tinha de um lado as armas portuguezas com esta legenda — *Joannes III Portug. & Al. Rex* — e da outra parte a imagem de S. Thomé com a legenda — *India tibi cessit* — ou em vulgar «A India foi convertida por ti.»

D'esta moeda se faz menção na *Decada* 6.ª l. 7. c. 2.

Tambem no anno de 1555, sendo Vice-Rei da India D. Pedro Mascarenhas, se lavrou em Goa outra moeda de prata, denominada patacão, — a maior moeda de prata que se cunhou nos nossos estados da India.

Lavrou-se tambem no reinado de D. João III uma moeda de prata com o valor de dous vintens, tendo de um lado uma corôa, por baixo o nome d'el-rei n'esta cifra — *Jo. III* — e ainda por baixo d'esta cifra a legenda —

Rex. Portugaliae Al. Do outro lado tinha a cruz de S. Jorge e estas lettras—*In hoc signo vinces.*

Fez tambem outra moeda d'estes reaes, de prata, *dobrados*, ou de quatro vintens, com as mesmas insignias, differindo apenas em terem por baixo do nome do rei os algarismos—80—para indicarem a valia de 80 réis, e na cercadura esta legenda: *Rex. Portugaliae, Al. D. G.*

Mandou tambem cunhar *ceitis* de 18 grãos, como os que ao tempo vogavam, — e *reaes* de seis ceitis com meia oitava de peso cada um, tendo de uma parte, no meio, uma legenda que, em abreviatura, dizia: *Joannes Tertius Portugaliae & Algarbiorum Rex;* — e da outra parte um *R* encimado por uma corôa, indicando o nome da dicta moeda — *Real.*

Mandou lavrar outra moeda com o peso de oitava e meia, tendo de um lado uma corôa e em redor uma legenda que dizia: — *Portugaliae, & Algarbiorum Rex Africae.* Do outro lado tinha um escudo com as armas reaes.

Cunhou tambem *patacoens* de cobre, que valiam dez réis e pesavam 5 oitavas. De um lado tinham o escudo real coroado com lettras que, em breve, diziam: *Joannes Tertius Portugaliae, & Algarbiorum;* do outro lado um X ao centro e em volta a legenda: *Rex Quintus Decimus.*

—

De todos os nossos reis o que mandou cunhar moeda em mais variedade e com maior infelicidade foi D. Fernando I.

Este capitulo do seu vergonhoso e tristissimo reinado é um dos mais curiosos e que mais frizantemente revelam a inconstancia e falta de tino de semelhante rei.

Cunhou *gentis, barbudas, graves, pilares, fortes, meios fortes, petites,* etc. que foram uma verdadeira praga! Marcando estouvadamente o preço á maior parte d'aquellas moedas, depois o baixou e rebaixou e por ultimo o reduziu quasi que a zero, dando causa a prejuizos espantosos e á paralização do commercio e transacções de toda a ordem.

VICENTE (S.) — monte ou serra, ao sul da villa de Vianna do Alemtejo, na direcção N. S.

Tem de comprimento 5 kilometros, 3 de largura e 387 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

VICENTE (S.) — sitio na freguezia, villa, e concelho de Taboaço, districto de Vizeu, bispado de Lamego. Vide *Taboaço.*

Dista cerca de 200 metros da villa para N. E. na pendente sobre a margem esquerda do Tavora e é um sitio alegre e vistoso.

D'ali se descobre para o sul a maior parte da villa, nomeadamente o palacete da familia Macedos Pintos;—para S. E. a povoação de Tavora e a imponente serra de Chavães; — para leste a povoação do Castanheiro do Sul;—para norte as povoações da Balsa e Dezejosa — e para N. O. as quebradas do Tavora e do Douro, a villa de Provezende e grande extensão da provincia de Traz-os-Montes.

N'este vistoso e pittoresco local de S. Vicente está uma antiga capella da mesma invocação e junto d'ella se veem hoje (1884) algumas pequenas casas terreas desabitadas, feitas pelos habitantes da villa, antes de 1833, por mandado do juiz de fóra, para n'ellas guardarem as suas lenhas e palhas, com o fim de obstar a incendios; e ainda hoje (1844) n'ellas guardam os seus donos os utensilios e productos da lavoura; mas em tempos remotos houve aqui povoado importante, o que revelam as muitas velharias que ali se teem encontrado, — fragmentos de tijolo (havendo a pequena distancia boa pedra de granito para construcções) — grandes pedaços de cimento, — pregos, um punhal e um prato, tudo de bronze,—moedas romanas de prata e cobre, etc., etc.

—

Vae passar n'este sitio a estrada districtal n.º 40, de Vizeu por Moimenta da Beira á foz do Tavora (Espinho) na margem esquerda do Douro, e que atravessa este concelho de S. E. a N. O.—estrada importante mas de difficil construcção na area d'este concelho, tanto da villa até o Douro, cerca de 8 kilometros, como da villa até Sendim, cerca d'outros 8. Da villa até o Douro o

terreno é muito declivoso e todo schisto, mau de romper; — da villa até Sendim a construcção offerece difficuldades de primeira ordem, que fizeram titubiar e desesperar muitos dos nossos engenheiros.

O terreno que atravessa é quasi todo rocha nua de granito durissimo, descrevendo ravinas profundas, quebradas e barrancos medonhos com declives de 30 a 50 por cento e mais, principalmente na passagem do ribeiro *Fradinho* e da cordilheira, antemural da serra de Chavães, tocando na raiz da *penha amarella* ou *penha d'aguia*, onde ainda hoje fazem creação aguias e ujos!...

Não sabemos quaes foram os engenheiros que fizeram os primeiros estudos d'esta estrada em 1875, data em que teve principio junto de Moimenta da Beira; mas, resolvendo o governo desenvolvel-a atravez d'este concelho de Taboaço, em seguida á medonha trovoada que sobre elle pesou em 15 de maio de 1883, causando prejuizos enormes, avaliados em 70 contos de réis, principalmente nas freguezias de Tavora, Granginha, Paradella e Sendim, o sr. director das obras publicas de Vizeu mandou o conductor Augusto Cid fazer os respectivos estudos. É elle um moço vigoroso com bastante pratica de trabalhos de campo, mas, apenas defrontou com a medonha garganta do tal *Fradinho*, — esmoreceu! Disse que *era impossivel* atravessar semelhante despenhadeiro, e resolveu levar a estrada a montante, pelo alto da serra de Chavães, partindo da capella de S. Vicente e contornando por N. O. a villa em zig-zagues de 7 por cento até ganhar a dita serra. Fez os respectivos estudos d'esta directriz e regressou a Vizeu.

A villa de Taboaço e os povos do seu concelho, nomeadamente os habitantes da freguezia de Tavora, ficaram magoadissimos com semelhante solução, porque, adoptado o traçado pela serra, a estrada cortaria nos arrabaldes da villa terrenos mimosos de muito valor, cujas expropriações representavam uma cifra importante. Além d'isso a tracção ficaria muito violenta, pois vindo a estrada desde a margem do Douro com o declive de 5 por cento e sem descanço, continuava com o declive de 6 e 7 até o alto da serra, — e seguiria atravez d'esta por terreno completamente deserto e nu, furiosamente batido das tempestades e durante muito tempo coberto de neve no inverno; — emquanto que, seguindo por Tavora, o declive baixava de 5 a zero, a partir de S. Vicente, e a estrada, passando atravez d'aquella parochia, uma das mais importantes do concelho, cortaria terreno excepcionalmente mimoso e fertil, todo povoado d'arvoredo fructifero, — pereiras, macieiras, cerdeiras, oliveiras, castanheiros e laranjeiras, pois desde Lamego e Regoa até muito além da raia de Hespanha, não se encontra freguezia tão mimosa e abundante de fructa como a de Tavora. Bem desejavam os seus habitantes e os de Taboaço oppor-se ao traçado pela serra, mas que fazer, se a sciencia julgou *impossivel* a passagem atravez da garganta do *Fradinho?*

Chamaram do Porto o distincto engenheiro e nosso bom amigo, o sr. Tito de Noronha, socio correspondente da Academia Real das Sciencias. Foi elle ao local e, depois de o reconhecer e estudar, disse que o traçado por Tavora não só era realisavel, mas até, por muitas rasões, preferivel ao traçado pela serra, — e levantou a respectiva planta. Foram a Vizeu em commissão os primeiros proprietarios de Tavora e Taboaço, e apresentaram-na ao sr. Antonio Casimiro de Figueiredo, dignissimo director das obras publicas, encarregado pelo governo da construcção d'aquelle lanço. Mandou logo s. ex.ª proceder a novos estudos pelo sr. major Cid, engenheiro muito auctorisado, que, por fortuna, seguiu a opinião do sr. Tito de Noronha.

Posto de parte o traçado pela serra, mandou o sr. director das obras publicas proceder a estudos definitivos atravez de Tavora pelos distinctos engenheiros D. Francisco de Mello e Faro e tenente Garcia, e, concluidos os estudos de campo e de gabinete, poz s. ex.ª a concurso duas tarefas, — uma das proximidades de Taboaço até á medonha garganta do tal *Fradinho*, — outra na propria povoação de Tavora, achando-se n'este momento já concluida a segunda e muito adiantada a primeira.

Uma vez triumphou a justiça.

Parabens a todos quantos pugnaram em prô de tão justa causa.

Tambem n'este momento (julho de 1884) andam em construcção mais 3 tarefas n'esta estrada desde Taboaço até a povoação de Santo Aleixo, comprehendendo 5 kilometros; — e desde Santo Aleixo até o Douro já se acha a dita estrada aberta ao transito publico, na extensão de 3 kilometros.

Não se imagina a satisfação d'aquelles povos ao verem que em praso breve trotarão as diligencias atravez das suas freguezias, até hoje separadas do resto do paiz por medonhos barrancos e condemnadas ao ostracismo.

A nova estrada fica em optimas condições de viação;—atravessa medonhas fragosidades e terreno muito mimoso e muito fertil, o que a torna altamente pittoresca e interessante;—serve numerosas povoações dos concelhos de Taboaço, Moimenta da Beira, Pesqueira e Cernancelhe — e deve ter grande movimento, principalmente depois de construida a ponte em projecto, sobre o Douro, que deve ligal-a com a via ferrea d'este nome, junto da foz do Tavora, — ponte de muito alcance para a provincia da Beira Alta e já pedida pela junta geral do districto de Vizeu em uma das suas ultimas sessões.

Fazemos votos pela realisação de tão importante melhoramento.

—

Deve-se quasi que exclusivamente esta estrada aos srs. Macedos Pintos, de Taboaço, cavalheiros de muito merecimento, muita illustração e muita dedicação pela sua terra natal, representantes da maior fortuna do concelho e de uma das primeiras do districto e da *provincia!*... É orçada em 400 contos de réis.

A iniciativa da proposta para a construcção da ponte sobre o Douro, junto da foz do Tavora, partiu do ex.mo sr. conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado de medicina e procurador á junta geral do districto de Vizeu,—bem como a s. ex.ª e a seu fallecido irmão Antonio, depois visconde de Macedo Pinto,[1] quando deputados, se deve a estrada marginal da Regoa até á Pesqueira, que foi a primeira estrada a macadam que teve o alto Douro.

Tambem a s. ex.ª e aos seus tres irmãos, visconde, Bernardino e Joaquim se deve a escola complementar *Macedo Pinto* e a bibliotheca municipal que hoje tem a villa de Taboaço;—e a seus irmãos os srs. dr. Bernardino de Senna Macedo Pinto, muitos annos administrador do concelho, e Joaquim Ferreira de Macedo Pinto, muitos annos tambem presidente da camara, se devem quasi todos os grandes melhoramentos realisados na villa de Taboaço desde o segundo quartel d'este seculo, taes são o cemiterio municipal, um dos mais antigos da provincia, mandado fazer em 1839 — pelo sr. dr. Bernardino, sendo presidente da camara e ampliado *á custa de s. ex.ª* em 1863 com o plano inferior, do lado norte,—o theatro da villa, comprado e restaurado pelo sr. Joaquim Ferreira de Macedo Pinto e por s. ex.ª generosa e gratuitamente cedido sempre que haja quem n'elle pretenda representar,—o novo bairro e parte dos edificios que o povoam,—a *companhia edificadora*,—os novos paços do concelho,—a *Associação fraternal taboacense*, de soccorros mutuos, inaugurada em 8 de dezembro de 1867 e que hoje tem um fundo superior a 7 contos de réis, —a philarmonica da villa [2].

Para todos estes melhoramentos ss. ex.as concorreram com a sua iniciativa, com a sua illustração e com o seu dinheiro.

—

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao artigo *Taboaço:*

Falleceu no dia 22 de março de 1884 o

---

[1] Para a biographia de s. ex.ª vejam-se os artigos Miragaya (Porto) e Sendim.

[2] Tem hoje tambem Taboaço uma *Sociedade Recreativa*, com bilhar e jogos licitos, jornaes politicos e litterarios e gabinete de leitura, inaugurada em 25 de novembro de 1883, — e desde 23 de junho de 1884, illuminação publica a petroleo, inaugurada com 20 candieiros.

Poucas terras de segunda ordem terão progredido tanto, como Taboaço nos ultimos annos.

sr. Antonio Joaquim d'Oliveira Guimarães, deixando de si boa memoria e vivas saudades aos taboacenses, pois era uma excellente pessoa, rico proprietario e acreditado negociante.

Sendo presidente da camara, mandou fazer a estrada municipal de Taboaço até Barcos, e abasteceu a villa de excellente agua potavel, conduzindo-a de 1 kilometro de distancia por encanamento de granito.

Achando-se em ruinas a pequena, pobre e antiquissima capella de S. Placido, uma associação de devotos mandou erigir outra mais ampla, mais elegante e com a mesma invocação junto da nova estrada municipal a macadam de Taboaço a Barcos, a meia distancia entre estas duas villas. Principiaram as obras no dia 24 de setembro de 1882 e continuam n'esta data.

A egreja matriz tem primorosas decorações de talha dourada e tecto apainelado de muito preço com boas pinturas a oleo, nomeadamente as da capella mór.

—

Os srs. Macedos Pintos estão construindo no seu palacete uma espaçosa e elegante capella com um precioso retabulo de talha dourada antiga, verdadeira obra d'arte, que pertenceu á igreja do convento de S. Francisco de Coimbra, na margem esquerda do Mondego.

Por causa d'uma partilha d'aguas, foi assassinado com uma pedrada, em agosto de 1882, o abbade d'esta parochia, Antonio Soares Martinho.

—

A quinta de Fornêllo e não de Fontêllo, da familia Macedos Pintos, não era, como por lapso se disse, *a melhor e mais extensa vinha de Portugal*, mas *uma das mais luxuosas vinhas do Douro*. Comprehendia 70 a 80 milheiros de vides e custou a plantação de cada milheiro 300 a 350$000 réis. Parecia um jardim, e hoje está quasi toda semeada de pinheiros e giestas, porque a maldita phylloxera aniquilou completamente o seu formoso vinhedo, bem como todos os do Alto-Douro, que produziam o vinho mais generoso do mundo!

Os srs. Macedos perderam n'esta quinta e nas do Espinho, Panascal, Rio Bom e Caldeirão, cerca de 200 pipas por anno, o que representava uma fortuna; mas, apesar d'isso, ninguem os lamente, porque ainda colhem cerca de 40 pipas de vinho de consumo na villa e no seu grande casal de Sendim,—18 a 20 pipas de azeite, em annos de safra,—1:500 medidas de pão de rendas e fóros,—igual numero de kilos de batatas, — cerca de 300 rasas de baga de sabugueiro, em que já apuraram 1:500$000 réis; —em fructa dos seus pomares (verde, secca e preparada em doce) apuram tambem cêrca de 1:000$000 de réis por anno,—e póde calcular-se em 500$000 réis o rendimento annual da lenha e madeira da sua grande matta descripta no artigo *Taboaço*. E note-se que a maior parte da fortuna d'aquelles senhores é em numerario.

São bem mais ricos do que eu!...

VICENTE (de S.) — titulo de condado. Vide *S. Vicente*, tomo IX, pag. 45, col. 2.ª

Em 1666 D. Affonso VI nomeou conde de S. Vicente a João Nunes da Cunha, da familia dos marquezes de Tavora e dos condes d'Alvor.

Pode ver-se no logar citado a resenha d'estes condes de S. Vicente. Não se confundam com os dois condes de S. Vicente, ambos inglezes (Lord Gervis e Carlos Ponza, Napier) de quem já fizemos menção no artigo *Vicente* (*S.*)—cabo de (pag. 504, col. 2.ª vol. X).

VICENTE DA BEIRA (S.) — freguezia e villa, séde do concelho do mesmo nome no districto de Castello Branco.

Vide *S. Vicente da Beira*, tomo IX, pag. 44, col. 2.ª

Ao que ali se disse, accrescentaremos o seguinte:

É orago d'esta parochia Nossa Senhora da Assumpção, mas em tempos anteriores o orago foi S. Vicente.

Este concelho pertenceu ao bispado de Castello Branco até 1882, data em que se effectuou a nova circumscripção diocesana e foram supprimidas as dioceses d'Aveiro, Elvas, Pinhel e Castello Branco, em virtude da auctorisação concedida pela carta de lei de 20 de Abril de 1876.

Pela nova circumscripção diocesana ficaram pertencendo á diocese da Guarda, como já outr'ora pertenceram, todas as quatro freguezias que constituiam este concelho, e eram—Almacêda, Louriçal do Campo, Ninho do Açôr e *S. Vicente da Beira.*

—

Pelo recenseamento de 1878 tinha esta freguezia 578 fogos e 2:336 habitantes, sendo 1:173 do sexo masculino e 1:163 do feminino;—sabiam apenas ler 16 homens e 34 mulheres;—sabiam ler e escrever 113 homens e 51 mulheres,—e eram analphabetos, ou não sabiam ler nem escrever, 979 homens e 1:055 mulheres!...

Dos seus 2:336 habitantes 24 contavam 70 a 80 annos de idade—e 11 tinham 80 a 90 annos.

Pelas informações que recebi do digno administrador d'este concelho, conta hoje (1884) esta freguezia 570 fogos; pertence ainda á comarca de Castello Branco, e é vigairaria.

As suas parochias limitrophes são—pelo norte Souto da Casa, do concelho e comarca do Fundão,—pelo sul Sobral do Campo, do concelho e comarca de Castello Branco,—pelo nascente Louriçal—e pelo poente Almacêda, ambas d'este concelho de S. Vicente da Beira.

Comprehende os povos seguintes: Mourello, Tripeiro, Violeiro, Partida, Val de Figueiras, Pradanta, Casal da Serra e Pereiros. O sr. J. M. Baptista, na sua *Chorographia Moderna*, menciona ainda os casaes da Fraga e Clerigos e a quinta de Monte Surdo,—e nos apontamentos que recebi do digno administrador d'este concelho se lê que hoje (1884) as propriedades principaes d'esta freguezia são a residencia (casa e quinta) do sr. visconde da Borralha,—a residencia (casa e quinta) da sr.ª viscondessa de Tortuzendo,—o *monte* (propriedade de sobro, vinha, etc.) pertencente ao conde da Borralha,—o casal (terras de semeadura de centeio, milho, etc.), pertencente á sr.ª viscondessa de Tortuzendo,—e a quinta da Vella (vinha) pertençente ao sr. João dos Santos Vaz Raposo.

Tem este concelho:

Superficie em hectares	32:704
Predios inscriptos na matriz	12:629
Freguezias	4
População (recenseamento de 1878).	
Fogos	2:247
Almas	5:290

—

Esta parochia é servida pela estrada real n.º 16, pela districtal n.º 65—e pela municipal d'esta villa ao Ramalhoso, lanço que segue para Castello Branco.

A linha ferrea mais proxima é actualmente a da Beira Alta; dista d'ella (estação da Guarda) cerca de 70 kilometros;—mas deve passar a pequena distancia d'esta villa a linha ferrea da Beira Baixa, em via de construcção, adjudicada á Companhia Real dos caminhos de ferro portuguezes.

—

A egreja matriz, situada na praça, centro da villa, é um templo espaçoso em bom estado de conservação.

Foi reedificada em 1831 por iniciativa do benemerito padre João Ribeiro, exceptuando a capella mór, que é muito antiga, como revelam a sua architectura e decorações. Suppõe-se que data do seculo XV.

A egreja da misericordia, contigua aos paços do concelho e muito proxima da egreja matriz, é menos ampla e foi reedificada em 1643.

Alem d'estes dois templos ha n'esta freguezia 3 capellas publicas:

1.ª de Nossa Senhora da Orada, que foi da familia Costas e hoje, por doação, pertence á camara municipal. D'ella se tractou no artigo *S. Vicente da Beira.*

2.ª De S. Sebastião, construida já n'este seculo.

3.ª De S. Francisco, reedificada recentemente.

—

N'esta villa não ha feiras, mas apenas mercado no primeiro domingo de cada mez.

Os seus edificios principaes são os seguintes: a casa brazonada do conde da Borralha, fundação dos seus ascendentes no ultimo

seculo; — a casa dos Galaches [1], hoje pertencente a João dos Santos Vaz Raposo; — os paços do concelho edificados em 1762, — e a casa da viscondessa de Tortuzendo, comprada em tempos já remotos pelos ascendentes de seu marido.

—

Esta villa nunca foi murada ou fortificada, mas distante cerca de 3 kilometros existiu na serra um castello, desde tempos muito remotos. D'elle se conservam ainda as ruinas, claros vestigios da antiga fortificação, e o local se denomina *castello velho.*

—

Esta povoação é villa desde os tempos de D. Sancho I, que foi o primeiro rei que lhe deu foral, em março de 1195; — ainda conserva os antigos paços do concelho e o pelourinho, construcção irregular.

—

Esta freguezia é abundante de centeio, trigo, milho, vinho, azeite gado e caça. Tambem colhe boas hortaliças e muita fructa nas hortas e nos pomares que a cercam, regados pelo rio *Ramalhoso,* diz a *Chorographia Moderna,* mas nos apontamentos que me enviou o digno administrador do concelho se diz que a banham as ribeiras seguintes:

1.ª—Ocresa. Nasce no casal da Serra, 3 kilometros distante da villa, — vai ás freguesias de Louriçal do Campo, Lardosa, Povoa, Cafede e outras e desagua no Tejo com cerca de 120 kilometros de curso.

2.ª—Ribeira do Tripeiro. Nasce junto da povoação d'este nome, que banha, atravessa varias povoações e vae desaguar na Ocresa.

3.ª—*Ribeirinha.* Nasce tambem a 3 kilometros d'esta villa, passa nos suburbios d'ella, — banha as freguezias do Sobral do Campo e Cafede — e vae desaguar na Ocresa.

Banham tambem esta freguezia alguns ribeiros de menor importancia, — tomam os nomes das povoações que atravessam, e desaguam na *Ribeirinha.* Tem esta duas pontes junto d'esta villa, — uma de pedra, na estrada districtal nº 65, — outra de pau, feita pela camara, — e diversos pontões de pau tambem nos outros ribeiros.

Ha n'esta villa 6 azenhas movidas com a agua da *Ribeirinha,* — mais 3 com a agua da Ocresa — e nos outros povos varios moinhos.

É pois esta parochia muito abundante d'agua e por isso a sua producção dominante é milho e azeite, mas não tem uma fabrica unica este concelho, posto que a *Geographia Commercial e Industrial* do sr. João Felix diz que ha n'este concelho fabricas de tecer, cardar e fiar lã *á mão,* — simples theares ou *obradores* particulares, que abundam nas duas provincias da Beira, principalmente nas abas da serra da Estrella.

—

Consta que em 1760 viera a esta villa uma força castelhana em desforço de aggravos feitos a dois hespanhoes, e que praticára grandes excessos; que incendiára a maior parte da villa, exceptuando apenas o convento e a casa do capitão mór (Caldeira) e que enforcára um homem e maltractara outros muitos, incluindo o parocho. Em seguida a esta grande calamidade manifestou-se na povoação, talvez pela falta de meios e de commodos, uma epidemia horrorosa, de caracter desconhecido, que victimou muitas pessoas e determinou esta villa a fazer voto publico permanente de uma festa á imagem do Santo Christo da egreja da Misericordia, — voto que ainda hoje (1884) se cumpre, fazendo-se a festa por meio de subscripção geral, na 3.ª segunda feira de cada anno.

—

Registraram-se, ha annos, n'esta parochia duas minas de cobalto, mas acham-se em completo abandono. É de suppor que a linha ferrea da Beira Baixa, em via de construcção, dê vida a estes e outros muitos elementos de riqueza d'esta provincia, até hoje por explorar.

—

Ha n'esta villa apenas duas aulas publicas municipaes d'instrucção primaria elementar, — uma para o sexo masculino, — outra para o sexo feminino.

---

[1] Resta hoje muito pouco da edificação primitiva.

—

O hospital da Misericordia é insignificante, pequeno e pobre.

—

N'esta freguezia têem apparecido varias moedas portuguezas dos reinados de D. Sancho I, D. João II e D. Manoel. Não consta que apparecessem moedas romanas ou arabes.

—

Esta villa foi cabeça de condado, que D Affonso VI deu a João Nunes da Cunha. Vide *Vicente* (de S.)—titulo—e *S. Vicente*, vol. IX pag. 45, col. 2.ª

Houve aqui duas commendas — uma da ordem de Christo e outra da ordem de Aviz; a primeira pertenceu aos Sequeiras, fidalgos distinctos, cuja linhagem se encontra no 2.º vol. da *Chorographia Portugueza*, pag. 387 a 390; — a 2.ª era dos Costas e d'ella foi commendador em 1708 D. Antonio da Costa, armeiro-mór, cuja linhagem póde ver-se na citada *Chorographia*, 2.º vol., pag. 390 e 391.

—

Tem a villa dous largos — *praça velha* e *praça nova*—contiguos,—e as ruas de Nicolau Velloso, da Igreja e do Convento. São estas as principaes.

O Convento de S. Francisco

Da *Historia Seraphica*, tomo V, pag. 129 a 178, extractámos o seguinte com relação ao importante convento que existiu durante seculos n'esta villa, com a invocação de S. Francisco, e de que hoje (1884) apenas restam vestigios.

O nosso preito á memoria d'esses monumentos venerandos, cuja falta é tão sensivel!...

—

Theodosia Vaz, benemerita fundadora d'este convento, era natural d'esta villa e tão pobre que todos os seus bens se reduziam a uma pequena casa, em que vivia. Eram egualmente pobres seus paes e irmãos, e pobre o moço visinho, de nome Antonio Fernandes, com quem casou, mas que falleceu pouco depois.

Ficando viuva aos 25 annos e sendo formosa e virtuosissima, offereceram-se-lhe allianças vantajosas, mas não quiz passar a segundas nupcias.

Levou para a sua companhia outra mulher igualmente virtuosa, — separou para si e para ella uma parte da sua casa e na outra recolhia e agasalhava pobres, enfermos e peregrinos. Tão nomeada se tornou a sua virtude que todos lhe davam as esmolas de que necessitava para curar dos seus pobrezinhos.

Bateu um dia á porta do santo albergue uma servente do convento da terceira ordem, que ao tempo se havia fundado na aldeia e freguezia da Nave, concelho do Sabugal, bispado da Guarda,[1] e que andava esmolando para o novo convento.

Theodosia recebeu-a com toda a caridade, e, apenas a servente lhe narrou a vida que viviam as religiosas do seu mosteiro, Theodosia ficou anciando por fazer-lhes companhia,— pediu á servente que intercedesse por ella perante a sua abbadessa,—e esta e toda a communidade lhe abriram francamente as portas em attenção ás suas raras virtudes. Entrou para o convento da Nave, tomando o sobrenome *da Paixão*, e não tardou muito que as freiras a elegessem sua prelada.

Concebeu a nossa heroína o desejo de fundar outro convento na sua terra natal. Com este intuito obteve licença do padre Fr. Mathias, provincial da ordem, e, acompanhada por um seu irmão, se dirigiu á villa de S. Vicente da Beira (1556 a 1564), — expondo porém o seu intento ás pessoas principaes da villa, ellas se opposeram, considerando as grandes despezas inherentes a uma tal obra. Em breve mudaram de opinião e

---

[1] Este convento foi abandonado, ha muito. As freiras se transferiram para o que fundaram na villa e praça d'Almeida; — extinctos os jesuitas, passaram para o vistoso collegio que os padres da Companhia de Jesus tinham em Gouveia—e, por occasião da guerra peninsular, fôram d'ali expulsas e distribuidas pelos conventos do Couto e Vinhó, ha muito extinctos tambem. Vide *Vinhó*.

sollicitaram d'el-rei D. João III a precisa licença; mas el-rei indeferiu, emquanto não houvesse padroeiro que se obrigasse á despesa com a fabrica do edificio e sustentação da communidade.

N'esta conjunctura a nossa heroína foi a Lisboa;—apresentou-se á rainha D. Catharina, regente do reino (na menoridade de D. Sebastião) que não só deferiu, mas tão affeiçoada ficou á supplicante e ao novo mosteiro, que d'elle se lembrou nas suas disposições testamentarias.

Regressando Theodosia a S. Vicente, chamou do convento da Nave tres freiras, que lhe eram particularmente affeiçoadas—Anna da Conceição e Gracia da Corôa, irmãs, pertencentes á nobre familia dos Sellas Falcões, de Pinhel [1] — e D. Maria Centeno, senhora illustre hespanhola, natural de Cidade Rodrigo. Demoraram-se ellas tres mezes para obterem auctorisação dos seus superiores, mas, quando chegaram a S. Vicente da Beira, já a nossa heroina tinha arranjado o seu domicilio de fórma que uma parte servia para n'ella viverem, e na outra improvisou côro e capella, onde logo se disse missa e celebraram os officios divinos.

Tal foi o principio d'este mosteiro pelos annos de 1560.

A fama das virtudes da nova communidade attrahia muitas esmolas, muitas visitas e muitos pedidos de mulheres devotas para entrarem no pequeno cenobio. Duas d'estas se offereceram para irem esmolar em favor da nova instituição, o que a fundadora acceitou, e logo resolveu dar mais amplidão á pequena capella e transformar o seu humilde recolhimento em um mosteiro regular.

Voltou a Lisboa e de lá trouxe uma linda imagem de Nossa Senhora, boa esculptura de pedra, que existiu longos annos na egreja do convento, — e muitas alfaias que lhe deram varias senhoras.

Apenas regressou, deu principio á nova egreja e ao novo mosteiro, e as obras em breve se concluiram, graças ao zelo e dedicação dos habitantes da villa, que acudiam pressurosos — uns com as suas esmolas em dinheiro, outros com os materiaes necessarios, outros com terras, campos e olivaes para se venderem e empregarem nas obras,—outros com os seus serviços pessoaes, tanto homens como mulheres.

Em 1572 já no mosteiro viviam 9 freiras com sufficientes commodos e uma linda cerca.

Prestou relevantes serviços á nova communidade uma senhora ingleza que deixára com outras muitas a sua patria por causa das luctas religiosas que ao tempo assolavam a Inglaterra.

Apenas apresentou as cartas da rainha D. Catharina, foi promptamente recebida; mas aquella boa senhora, apesar de pertencer a uma familia importante e de ser primorosamente educada, escolheu o officio de serva; esmolava para o convento; fez larga colheita, — e em attenção para com ella, a rainha, entre outras esmolas, mandou de Lisboa um grande sino e 100 cruzados, somma consideravel n'aquelle tempo. Obteve tambem da rainha os livros de cantochão para o côro e d'ella e d'outros bemfeitores os meios para construcção d'um novo dormitorio, não cessando de esmolar até que, sentindo-se exhausta de forças, passou para o mosteiro que as inglezas tinham em Lisboa e ali falleceu.

Adoptou em Portugal o nome de Joanna Baptista.

—

Renunciou a fundadora o cargo de abbadessa em 1577, por se ver alquebrada de forças, e lhe succedeu D. Maria Coutinho alguns mezes, sendo em seguida eleita soror Gracia da Corôa. A ésta senhora succedeu, em 16 d'abril de 1580, soror Brites de S. Francisco, que já havia sido abbadessa dous trienios no seu mosteiro de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria, bispado de Coimbra.

Sendo muito affavel, tornou-se extrema-

---

[1] D'esta nobre familia, nomeadamente de Luiz de Figueiredo Falcão, secretario d'estado, ministro da fazenda, escrivão da casa da India, fundador do convento de S. Luiz, de Pinhel, de freiras franciscanas tambem, no reinado de Philippe II, fallámos detidamente no artigo Pinhel, tomo VII, pag. 84, col. 2.ª e segg.

mente austera e rispida até implantar n'este convento a regular observancia no côro, nas ceremonias e em tudo.

Durante o seu triennio fez uma egreja nova e mais ampla com dous côros, inferior e superior, locutorios, enfermaria, o dormitorio principal e outras officinas de que o mosteiro necessitava. Accrescentou tambem a cerca, addiccionando-lhe varias propriedades que adquiriu, nas quaes havia excellentes pomares, fontes e tanques.

Era tal a sua dedicação pelo augmento do mosteiro, que ella propria ajudava os trabalhadores, movendo pedras, terra e telha — e toda a communidade espontaneamente seguia o seu exemplo e a acompanhava nos mesmos mistéres.

Foi reconduzida alguns triennios e depois lhe succedeu soror Maria de Jesus, regressando em seguida aquella boa senhora ao seu convento de Figueiró, onde falleceu no dia 15 de março de 1602.

Com o desejo de accelerar as muitas obras que fez no convento, ficaram ellas pouco solidas, pelo que á meia noute do dia 25 de julho de 1606 desabou o tecto do grande dormitorio, onde dormia toda a communidade, que ao tempo se elevava ao numero de 38 freiras.

Foi tal o estrondo que acordaram os moradores da villa e, correndo logo ao convento, acompanhados pelo padre confessor, Fr. João Ravasco, mal poderam vir a si do espanto! Encontraram o dormitorio todo entulhado com os destroços do tecto,— os leitos e roupas despedaçados — e as freiras todas incolumes, sem uma unica ferida; apenas 15 com algumas contusões, pelo que foram sangradas. Faltando porém uma e dirigindo-se ao local onde ella tinha a cama, encontraram tal montão de destroços que durou tempo a remoção e já todos se convenciam de que tinha dado a alma a Deus, quando depararam com ella incolume tambem!

—

A madre soror Brites de S. Francisco erigiu este convento, egreja e casas a leste da villa, incorporando n'elle a cerca e o chão que occupava o antigo, um pouco a juzante da primitiva fundação.

Professavam estas religiosas a terceira regra de S. Francisco, e a sua abbadessa usava d'um sello representando o santo patriarcha recebendo as chagas, com esta legenda — *Gloria mea haec est.*

—

Theodosia da Paixão foi muito tempo o oraculo do céu e o conforto da villa nas grandes crises, e todos lhe davam o titulo de *Santa Abbadessa*, mas ella queria sómente o de *madre peccadora.*

Sendo já decrepita, mandou fazer na cerca uma pequena choupana de ramos d'arvores, onde vivia a maior parte do tempo encerrada com um crucifixo, como os eremitas da Thebaida. Falleceu em 1577 e foi sepultada na egreja do seu convento junto do unico altar que então tinha. Sobre a sua campa mandou uma senhora da Covilhã, por nome Anna Corrêa, pôr uma lapide com esta inscripção:

AQUI JAZ THEODOSIA DA
PAIXÃO ABBADEÇA PRI-
MEYRA QUE FOI DESTE
MOSTEYRO

O povo tal devoção tinha com a *santa Abbadessa* que não cessava de extrahir terra da sua sepultura, attribuindo-lhe grande virtude.

Soror Brites de S. Francisco, feito o novo convento, transferiu os restos mortaes da fundadora para a nave do claustro, e os collocou junto da parede contigua á nova egreja, continuando o dicto claustro a servir de cemiterio a toda a communidade.

Ali estiveram os despojos mortaes da fundadora, até que em 1634 a abbadessa soror Jeronyma dos Serafins mandou fazer no mesmo sitio uma capella, em que foi collocada a imagem da Virgem, que a nossa heroina trouxe de Lisboa, e que ao tempo se conservava no côro, ficando os restos da fundadora debaixo do altar; mas depois, para maior veneração, os recolheu em um cofre de madeira e os collocou no centro do mesmo altar.

—

Além da fundadora, produziu este convento muitas senhoras insignes pelas suas virtudes, taes foram as seguintes:

D. Maria Centeno que, pertencendo a uma familia castelhana, nobre e rica, e devendo succeder em um grande vinculo, tudo abandonou pela clausura, fallecendo no dia 20 de janeiro de 1621. D'ella faz menção o *Agiologio Lusitano.*

Soror Ventura dos Anjos, natural da Guarda, edificou a todos com a sua humildade extrema e falleceu em 1625.

Soror Philippa de Santiago e soror Catharina das Chagas, irmãs, naturaes d'Alcongosta no termo da Covilhã. A primeira foi abbadessa e muito illustrada. Consignou em um interessante livro as *Memorias* d'este mosteiro e vivia ainda em 1618;—a segunda falleceu em 1636.

Soror Maria da Cruz, natural de Castello Branco, filha de Fernão Sotto Maior e de D. Agueda de Valladares. Foi abbadessa zelosissima. Mandou fazer uma imagem de Christo com a cruz ás costas, — deu-a aos moradores da villa para a procissão dos Passos — e obteve do romano pontifice muitas indulgencias para todos os fieis que assistissem á mencionada procissão. Era irmã de soror Isabel dos Anjos e falleceu em fevereiro de 1641.

D'ella faz menção tambem o *Agiologio Lusitano.*

Soror Maria do Espirito Santo, natural da mesma villa de S. Vicente da Beira, falleceu tambem com opinião de santidade no dia 16 de junho de 1620, e d'ella faz menção tambem o *Agiologio Lusitano.*

Soror Maria da Assumpção, soror Maria da Vizitação e soror Ventura dos Anjos fôram tres religiosas contemporaneas virtuosissimas e instituiram a procissão de Passos no interior do Mosteiro.

Soror Guiomar da Cruz, natural da mesma villa de S. Vicente, foi uma das freiras mais virtuosas d'esta casa.

Soror Joaquina dos Serafins foi abbadessa e falleceu em 1646.

Soror Francisca de S. Marçal, no seculo D. Francisca de Vilhena, natural de Lisboa, foi um modelo de virtude e pertencia a uma das primeiras familias da côrte.

Soror Isabel de S. João, natural de Cambas, termo da Covilhã, falleceu em 1685.

Maria de Proença, natural da Guarda, foi um anjo de humildade e falleceu aos 14 annos, sendo ainda noviça, em 1648.

—

Concluiremos esta rezenha mencionando tambem o nome de um dos mais benemeritos bemfeitores d'este convento — o padre Antonio Gonçalves Brochado, da freguezia d'Alcains, concelho de Castello Branco. Não só fez a este convento grandes donativos, mas no seu testamento, com data de 28 de maio de... lhe doou varias terras declarando que era sua vontade ser sepultado na egreja do mosteiro e que sobre a sepultura lhe gravariam estas lettras:

UM PREGADOR AQUI SE ENTERROU,
DEUS O DESCANCE NA GLORIA,
POIS NA VIDA NÃO DESCANÇOU. AMEN.

No mesmo testamento declarou que escolheu este epitaphio, porque andára toda a vida em motu constante, nunca vivendo tres annos successivos na mesma casa [1].

—

D'este importante convento, fechado ha muito, apenas resta o seguinte — o portão da entrada, a cêrca e um cazarão que foi a egreja, conservando tão sómente parte das paredes.

As ruinas da egreja pertencem á junta de parochia;—a cêrca é de dous proprietarios, a sr.ª viscondessa de Tortuzendo e o sr. Lino Miguel Lopes.

—

Desappareceram os conventos de frades e estão prestes a desapparecer egualmente os de freiras, *porque estas instituições se oppunham ao espirito do seculo* — dizem os arautos do progresso; — mas em compensação pullulam os alcouces e a prostituição tem

---

[1] Eu tambem soffro da mesma doença, pois além da casa em que nasci, já habitei 19 em Lamego, Coimbra, Tavora e Porto.
P. A. Ferreira.

fóros de cidade;—não ha crendices *nem crenças;*—mofa-se de Deus e dos santos;—não se respeita os paes nem os superiores, o rei nem as auctoridades;—augmentam os suicidios;—perderam-se as noções da honra, do pudor e da dignidade;—corre tudo á maravilha!...

VICENTE DA CHÃ (S.)—freguezia,—concelho e comarca de Montalegre—provincia de Traz-os-Montes.

Ao que já se disse d'esta parochia no artigo—*Chan* ou *S. Vicente da Chan* (tomo II, pag. 267, col. 2.ª) accrescentaremos o seguinte:

—

Esta freguezia é a mais populosa e mais importante da comarca de Montalegre.

Pelo censo de 1878 contava 301 fógos e 1:550 habitantes, (comprehendendo os ausentes) sendo 733 do sexo masculino e 817 do sexo feminino. Sabiam apenas ler 2 mulheres;—sabiam ler e escrever 222 homens e 32 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever ou eram completamente analphabetos, 478 homens e 776 mulheres. D'aquelles 1550 habitantes 23 contavam 70 a 80 annos,—e 10 contavam 80 a 90,—ignorando-se a edade de 7.

Vê-se pois que o seu clima é saudavel.

—

A egreja matriz, templo espaçoso, muito antigo e venerando, tinha 5 altares, e no anno de 1869 foi feito outro, dedicado ao Coração de Maria.

No côro ha, desde tempo immemorial, uma roda de campainhas afinadas. Foi composta em 1688 e é costume tocar-se nas missas dos domingos e dias sanctificados, desde *Sanctus* até á elevação do calix.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Torgueda, Castanheira, Penedones, Travaços, Firvidas, Gralhós, Peireses e Medeiros,—e além da egreja parochial os templos ou capellas seguintes:

1.ª—S. Matheus, no monte e a E. de Firvidas;

2.ª—Santo Amaro, no centro d'esta povoação;

3.ª—Santo André, com capella-mór e 3 altares, a O. e junto da aldeia de Gralhós;

4.ª—Nossa Senhora da Encarnação, no logar de Peireses;

5.ª—Nossa Senhora da Assumpção, com 2 altares, no centro da povoação de Medeiros;

6.ª—Nossa Senhora das Tribulações, ao norte d'esta aldeia, no cume da serra de Avellar;

7.ª—Sancta Luzia, a oeste e junto do logar de Torgueda;

8.ª—S. João Baptista, no logar da Castanheira;

9.ª—Santa Anna, no monte e junto d'este logar;

10.ª—Nossa Senhora da Natividade, com capella-mór, no logar de Penedones;

11.ª—Santo Aleixo, junto do logar de Penedones;

12.ª—S. Salvador, no centro da aldeia de Travaços, reedificada em 1875.

Todas estas capellas são publicas e sustentadas pelos habitantes das respectivas povoações.

13.ª—S. João Baptista, a E. e junto da povoação de Travaços. E' particular e pertence a Josepha Gonçalves da Costa, d'esta aldeia.

14.ª—S. Gonçalo d'Amarante, a O. e junto da aldeia de S. Vicente da Chã, séde d'esta parochia. E' particular tambem e está em principios de ruina.

—

N'esta ultima capella instituiu, em 1638, um vinculo *de S. Gonçalo* o rev.º Francisco Mendes d'Araujo, que ao tempo era vigario d'esta freguezia.

O seu testamento foi registrado e legalizado em Braga, no anno de 1664.

—

Em 1705, achando-se em acto de vizita na villa de Montalegre o arcebispo primaz, D. Rodrigo de Moura Telles [1] os habitantes das duas povoações de Gralhós e Firvidas lhe requereram e pediram a erecção d'aquellas 2 povoações em parochia independente, allegando a distancia que as separava e separa da matriz. Depois das formalidades do esty-

[1] Conservou-se em Montalegre desde 28 de julho até 3 d'agosto e chrismou 691 pessoas d'esta freguezia de S. Vicente da Chã.

lo, — citações, vistorias, louvados, testemunhas, arrasoados, etc. a relação ecclesiastica de Braga deferiu, auctorisando a nova *erecta*, como ao tempo lhe chamavam; mas tudo voltou ao *statu quo*, depois de grandes questões, muito dispendio e sérios desgostos, inclusivamente uma morte.

Apenas os habitantes d'esta freguezia tiveram conhecimento do despacho que auctorisava a nova erecta, e por consequencia a separação d'aquelles dous povos, seguiram-se embargos por parte do parocho (vigario) e das freiras de Villa do Conde, como padroeiras,—appellações,—rescriptos apostolicos, — aggravos e uma série infinda de contestações e chicanas, até que em 1813 foi denegada a concessão.

Durante a pendencia exerceram-se alguns actos parochiaes na pretensa erecta e ministraram-se baptismos, etc. na capella de Gralhós, dedicada a Sancto André, á qual os habitantes das 2 povoações chamam *egreja* e n'ella conservam ainda, como protesto, a cadeira parochial e o baptisterio.

Eis a ephemera duração da nova erecta, que foi descripta no vol. I d'este diccionario, pag. 214, col. 2.ª sob a denominação de *Santo André de Firvidas*. Deveria dizer-se — *Santo André de Gralhós*, pois a capella destinada para egreja matriz e na qual se exerceram alguns actos parochiaes, é sita na povoação de *Gralhós*, e está ainda muito bem conservada.

Tambem, como rectificação ao que no logar citado se disse, accrescentaremos que as aldeias de Gralhós e Firvidas estão na raiz meridional do *Monte Gordo*, cabeça da cordilheira que se prolonga desde *Pedrario* até Codeçoso da Chã e d'ali não se avistam povoações algumas da Hespanha.

Houve equivoco por certo, com a parochia de Santo André de *Villar de Perdizes*, que demora na raia. (Vide).

—

Quando principiou a questão da *erecta*, era reitor d'esta freguezia de S. Vicente da Chã o rev.º João Gonçalves Baptista, pessoa de muita illustração e muito merecimento, natural da povoação de Medeiros e commissario do Santo Officio.

Em 1720, indo a Lisboa o rev.º Gonçalo Dias Pereira tractar da demanda por parte do mencionado reitor e commissario, os partidarios da erecta ali mesmo o mandaram espancar, e do espancamento falleceu em Lisboa no mesmo anno de 1720, sendo sepultado na egreja de Santa Justa.

A' hora da morte recommendou ao reitor o seu *desvalido de Ladrugães*.

Era este *desvalido* Bento Dias Pereira Chaves, filho d'elle Gonçalo Dias Pereira e de uma mulher de Ladrugães. O reitor entregou o pobre pupillo ao seu bis-sobrinho, dr. João Gonçalves Pereira, de quem logo fallaremos; este, quando foi para Lisboa tractar do seu despacho de juiz, levou-o comsigo e ali o arrumou como lavrante de prata, o que foi a sua fortuna, porque chegou a ser prateiro da casa real e por ultimo copeiro-mór da rainha D. Maria I.

Sendo já fidalgo da casa real, obteve de D. Pedro III as terras e o dinheiro precisos para fundar a celebre quinta do *Dias*, em Collares, ainda hoje uma das mais notaveis nos arrabaldes de Cintra.

Teve, entre outros filhos, José Dias Pereira Chaves, que lhe succedeu no emprego do paço, e Francisco Dias, cujo nome é ainda hoje popular em Lisboa pelos seus dictos e façanhas bisarras.

Vejam o que são os caprichos da sorte, os vaivens do mundo.

O pobre moço encontrou a fortuna onde seu pae encontrou a desgraça e a *morte!*...

—

A povoação da Castanheira principiou por um simples casal, e D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu foral, em 28 de maio de 1258, como se disse no vol. II, pag, 164, col. 1.ª

—

A povoação de *Peireses*, segundo Argote, foi *pagus* e parochia no tempo dos suevos, com o nome de *Bereses*, e, segundo outros, foi cidade romana.

É certo que entre esta povoação e a de *Medeiros* se têem encontrado em varios sitios,—*Veiga de Carigo* e—*Outeiro do Rouxo*, na veiga da Portella,— e *Outeiro de Villarinho*, na veiga da Raposeira, vestigios d'anti-

quissima povoação, taes como fragmentos de tijólos, telhas chatas, moedas romanas e sepulturas abertas na rocha; e por aqui passava uma via militar romana, de que fallaremos no artigo *Villarinho dos Padrões*, aldeia da freguezia da *Venda Nova*.

—

A tradição local diz que a aldeia de Medeiros foi povoada por familias que vieram directamente das Asturias.

Esta tradição se harmonisa com a historia da restauração neogotica.

É possivel que aquelles povoadores ou fossem godos refugiados nas Asturias em seguida à invasão mussulmana, ou descendentes dos habitantes das povoações extinctas (godos-romanos) de que acima se falla.

Breve noticia d'um antigo morgado na aldeia de Travaços

D. Gomes Affonso, D. Prior da collegiada de Guimarães, deu em dote por escriptura publica a sua aldeia de Travaços a Leonor Gonçalves, sua sobrinha, casada com Antonio Vieira, impondo-lhe a obrigação de 3 missas resadas (a 85 réis) nas primeiras sextas feiras de cada mez, pela alma do rev.º Affonso Pires, abbade de Montalegre e pae do dicto D. Gomes Affonso.

No anno de 1567, sendo duque de Bragança D. Duarte, o mesmo D. Prior vinculou um casal que tinha em Negrões, do qual recebia 15 rasas de centeio e 2 coelhos,—e outras herdades em Villarinho de Negrões, das quaes recebia 12 rasas de centeio, para que mandassem dizer pela mesma tenção 12 missas resadas e uma cantada, no mez de setembro, na egreja de S. Vicente, onde jazia o pae do instituidor (Livr. das Missas perpet. fl. 41).

Estas missas foram abolidas por provisão regia e os fóros vendidos ao padre Domingos Gomes Pereira, do mesmo logar.

Varões illustres

Esta freguezia, nomeadamente a povoação de Medeiros, produziu sempre grande numero de pessoas respeitaveis pela sua illustração e virtudes. Citaremos apenas aquellas que no momento nos occorrem:

Familia Marques Pereira

1.º—O dr. Bento Alvares Pereira de Moura, filho de Domingos Marques Pereira e de Maria Alvares de Moura, nasceu no logar de Medeiros, no dia 10 d'agosto de 1825;—matriculou se em direito na Universidade de Coimbra em outubro de 1847. Uma grave doença o obrigou a interromper a formatura que por isso concluiu em julho de 1853.

Foi nomeado professor de grammatica portugueza, latina e latinidade para Villa Nova de Famalicão, em 15 d'agosto de 1855, —e das cadeiras 5.ª e 6.ª (oratoria, poetica, litteratura classica, historia, chronologia e geographia) do Lyceu Nacional de Vianna do Castello, em 28 de julho de 1857.

É um professor muito illustrado e muito digno.

—

2.º — João Gonçalves Pereira, ascendente do anterior, nasceu na mesma povoação de Medeiros, e foi baptisado na matriz de S. Vicente, em 21 de janeiro de 1704. Foi licenciado em Canones e concluiu a sua formatura no anno de 1727. Mandou imprimir as suas theses em um véu de seda que offertou á Senhora das Tribulações, d'esta parochia.

Foi advogado em Montalegre, em 1728 a 1729; em seguida foi para Lisboa ler no desembargo do paço.

Foi juiz de fóra d'Algoso, em 1731,—ouvidor em Minas Geraes muitos annos—e por ultimo desembargador na relação da Bahia, pelos annos de 1748 a 1750.

Temos presente uma carta que em 5 de julho de 1744 escreveu de Cuyabá a um irmão. Por ser muito interessante, daremos d'ella um extracto:

«... No dia 31 de maio se convocou na camara d'esta villa huma junta, na qual se proposeram varios particulares do serviço de S. Mag.ᵉ e entre elles se seria ou não conveniente mandar-se intimar um protesto ao governador da cidade de Santa Cruz de La

Tocoma e aos P.es da Companhia das missões dos Magos do reino do Perú, nas Indias de Castella, para abrirem mão da missão intitulada *Santa Rosa*, a qual levantaram de novo, ha pouco mais de um anno, junto do rio Amazonas, em terras do dominio de Portugal,... e se ajuntou ser não só conveniente, mas preciso mandar-se intimar o dicto protesto; e todas as pessoas da junta, que erão perto de 50, votarão uniformemente em mim, para ir á dicta diligencia; fiz todos os exforços para me escusar da empresa, mas não foi possivel deixar de ir, por ser materia grave, que toca á usurpação de terras da corôa e prejuiso das conquistas... D'aqui até Matto Grosso vou por terra, e d'ali para diante em canôa pelo rio das Amazonas abaixo. Levo em minha companhia Antonio Carneiro, Joseph das Aguas Cordeiro, que foi meu meyrinho, natural d'Elvas, Antonio Rodrigues Pereira, que foi meu feitor, natural de Villa do Conde, João Antonio da Costa, que tambem foi meu feitor, natural de Guimarães, Joseph da Motta Leitão, mõço de toda a conta, natural de Azambuja, e Sebastião Bahia para ficar em Matto Grosso, tractando das cousas para a volta. Espero em Deus ser bem succedido, e hei-de gastar na viagem o melhor de quinze mil cruzados, por ser preciso vestir-me, como tambem aos camaradas e mais dezesete ou dezoito negros e indios para me acompanharem. Poderei gastar sete a oito mezes na ida e volta; e, se Deus me der vida, como espero, logo que chegue hei de seguir viagem para o Rio de Janeiro, e faço tenção de ir na frota do anno futuro, e talvez chegue esta á sua mão no mesmo tempo, ou pouco antes que eu chegue a Lisboa [1].

«Não tenha V. M.ce susto com esta noticia, se a receber antes da minha chegada, porque esta viagem é por partes por onde tem andado muita gente, e anda. Até Matto Grosso tenho ido duas vezes; temos lá hum arrayal que passa de tres mil pessoas; e d'ali ás missões de Castella são quinze dias por rio morto.

[1] Tal era n'aquelle tempo a facilidade de communicações entre o Brazil e Portugal!...

«... N'esta occasião dá o dr. ouvidor, meu successor, conta a S. Magd.e sobre esta materia, e eu tambem escrevo aos Srs. Cardeal Motta, Secretario de Estado, e aos Conselheiros do Ultramar.»

—

O dr. João Gonçalves Pereira exerceu a magistratura no Brazil durante quatorze annos e foi desembargador na relação da Bahia os ultimos tres a quatro annos do reinado de D. João V.

No Brazil consumiu a saude e a vida, e, podendo facilmente locupletar-se, como fizeram muitos, comprometteu o seu patrimonio. Os seus successores tiveram de resgatar em hasta publica a legitima paterna e materna d'elle.

Por ser um magistrado integro e da maior exempção, foi escolhido para Minas Geraes, para pôr cobro ás grandes depredações que ao tempo lá se commettiam. Na residencia tirada ao seu antecessor, tão compromettido o achou, que o prendeu!

Mandou abrir uma estrada por mattos virgens desde S. Paulo até Matto Grosso.

Nas suas cartas fállava muitas vezes de João Gonçalves da Costa, seu patricio e amigo, natural de Torgueda, condestavel d'uma náu de guerra.

—

3.º—José Severiano Moreira, neto do trisavô paterno do dr. Bento Alvares Pereira de Moura, da extincta casa dos Malafaias, na *Fonte da Eira*, cujo solo é hoje pertença do patrimonio ecclesiastico do rev.º José Joaquim Alvares Pereira de Moura. Foi capitão de mar e guerra e tinha uma quinta em Lisboa junto da ponte de Sacavem, onde vivia no fim do ultimo seculo.

—

4.º — O rev.º Bento Marques Pereira, tio paterno do dr. Bento Alvares Pereira de Moura, já mencionado. Foi tambem natural de Medeiros,—parocho collado na freguezia do Banho, concelho de *Barcellos*, e na de S. Pedro de Figueiredo, concelho d'Amares, desde agosto de 1818 até 31 de julho de 1870, data em que falleceu. Jaz na egreja parochial de Figueiredo e era um ecclesiastico de costu-

mes irreprehensiveis, modesto e muito instruido em Theologia Moral.

—

5.º—O rev.º José Marques Pereira, irmão do antecedente.

Foi parocho em Moreiras, concelho de Chaves, e era tambem um ecclesiastico instruido e de bons costumes.

Falleceu ha muitos annos.

Familia Mouras

Esta familia é uma das mais importantes e mais consideradas n'esta freguesia e n'este concelho. Tem produzido muitos varões notaveis pela sua illustração e virtudes; mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os seguintes:

1.º—O rev.º João Conçalves de Moura, natural da mesma povoação de Medeiros.

Foi abbade de Santa Maria de Meixedo, n'este concelho de Montalegre, no seculo passado e, apesar do tenue rendimento do seu beneficio, reedificou *desde os alicerces* tanto a egreja matriz como a residencia parochial, em 1796.

Era um ecclesiastico illustrado e virtuoso e parocho modélo.

Foi muitos annos consecutivos examinador dos padres confessores da comarca e informador do procedimento dos mesmos, desempenhando estas commissões com tal rigidez que mereceu o cognome de *escova de ferro.*

—

2.º — O rev.º Bento Gonçalves de Moura, irmão do antecedente.

Foi abbade do Salvador de Donim, concelho de Guimarães. Estudou preparatorios com os jesuitas do collegio de Braga, que o chamavam o *Memorião*, por ter uma memoria tão feliz que, apenas terminada a prelecção d'um seu professor, a repetiu integralmente com geral espanto do collegio todo, pelo que os padres da Companhia de Jesus tractaram de havel-o para si!?...

Era dotado não só de grande memoria, mas de talento superior e pronunciada vocação para a geometria e sciencias do calculo, que estudou, como Pascal, sem auxilio de mestre.

De todos os parochos do nosso paiz foi talvez o unico que terminantemente recusou entregar as pratas e alfaias da sua egreja, quando lhe foram exigidas em 1808 pelos francezes. Apresentou-se pessoalmente á commissão expoliadora que se achava em Guimarães, e assim o declarou perante ella, com imminente risco de ser passado pelas armas.

O venerando arcebispo D. Fr. Caetano Brandão o estimava muito.

Renunciou em seu sobrinho que segue:

—

3.º—O rev.º Bento José Alvares de Moura, natural da mesma povoação de Medeiros. Resignou a abbadia pelo meado d'este seculo e falleceu ainda ha poucos annos na cidade de Braga.

—

4.º — O dr. João Alvares de Moura, filho de Manuel Martins de Moura e de Maria Alvares de Moura; era sobrinho do antecedente e nasceu na mesma povoação de Medeiros, no dia 15 de novembro de 1805.

Estudou preparatorios no seminario de S. Caetano, em Braga; em 1826 tomou o gráu de bacharel na extincta faculdade de Canones, na Universidade de Coimbra — e na mesma concluiu a sua formatura em 1827.

Em 1828 recebeu no mesmo seminario de S. Caetano a ordem de sub-diacono, conferida pelo bispo de Carrhes,—e n'esse mesmo anno abriu banca de advogado em Braga.

Em 1829 foi nomeado desembargador honorario da relação primacial e desembargador ordinario em 1830, pouco depois de receber a ordem de presbytero.

Foi nomeado conego da sé de Coimbra em 1855, e depois conego da sé do Porto, onde era chantre, quando falleceu, no dia 24 de dezembro de 1880.

Exerceu mais os seguintes cargos: vigario geral de Moncorvo, procurador geral da mitra primacial de Braga, secretario do ex.mo bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Bento, e do ex.mo sr. D. João da França Castro e Moura, bispo do Porto, e ultimamente provisor do em.mo sr. Cardeal D. Americo, tam-

bem bispo do Porto, que muito o estimava e considerava, bem como o seu antecessor, D. João da França.

Foi tambem professor de sciencias ecclesiasticas nos seminarios de Coimbra e Porto e por vezes governador d'estas dioceses na ausencia dos prelados proprios.

Tambem exerceu no Porto, e *com grande credito*, a profissão de advogado.

Era uma intelligencia robusta, um caracter nobilissimo da maior integridade e exempção,—muito austero, muito virtuoso e caritativo e por consequencia muito respeitado e considerado por todos.

Deixou no cabido e clero portuense um vacuo difficil de preencher,—uma memoria immaculada, honrosissima!

Eram seus irmãos, como elle tambem muito virtuosos, os dous ecclesiasticos que se seguem:

—

5.º — O rev.º Antonio Alvares Martins de Moura, que foi reitor de S. Thiago de Ronfe [1] e falleceu em junho de 1876. Era muito estimado e respeitado pela sua prudencia, affabilidade e probidade.

—

6.º—D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura.

Nasceu no dia 11 de janeiro de 1814 e foi conego regrante de Santa Cruz de Coimbra. Já depois d'extinctas as ordens religiosas no nosso paiz (1836) formou-se em Theologia pela Universidade de Coimbra, sendo premiado em 3 annos e não nos outros dous, por haver n'elles perdão d'acto.

Foi um prègador distincto em quanto teve forças, e é um ecclesiastico virtuoso e muito illustrado.

Não podendo esquecer o seu convento, tem sido incansavel em promover o culto e a veneração do seu patriarcha S. Theotonio, de quem é devotissimo.

Ao seu zelo apostolico se deve a *Associação espiritual* dos devotos de S. Theotonio, da qual fallaremos,—a creação dos differentes centros da mesma, — e a multiplicidade das imagens do dicto patriarcha, que nos ultimos annos foram expostas á veneração na provincia.

Fez reimprimir em 1855 na imprensa da Universidade a *Vida do admiravel Padre Santo Theotonio*, escripta por um seu discipulo anonymo, religioso do mosteiro de Santa Cruz, com additamentos do Padre D. Joaquim da Encarnação, tal como se publicou na primeira edição de 1764.

Em 1869 mandou imprimir no Porto, na typographia de Sebastião José Pereira, um folheto, cujo titulo é «Santo Theotonio conhecido e venerado, ou noticia compendiosa da vida, virtudes, beneficios, milagres e culto do primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, obrigações e lucros da associação espiritual de seus devotos»—exercicios piedosos em honra de tão efficaz protector, com approvação do Ordinario do Porto.

Deu e distribuiu gratuitamente quasi todos os exemplares d'estas duas publicações.

—

Daremos agora uma breve noticia da *Associação dos devotos de S. Theotonio*, erecta na matriz d'esta parochia.

Em maio de 1862, com prévia auctorisação do Ordinario da archidiocese, collocou o sr. D. Fr. Joaquim da Boa Morte na egreja matriz d'esta parochia uma imagem de S. Theotonio, expondo-a ao culto e adoração dos fieis com grande festividade.

Fez-se por essa occasião um appello a todos os fieis para de futuro promoverem o culto do mesmo santo, e logo muito espontaneamente se inscreveram em grande numero, homens e mulheres.

Tomaram a iniciativa do convite os rev.os srs. D. Joaquim, Domingos Lopes Pereira e o digno abbade José Adão dos Santos Moura, os quaes, para melhor firmarem e regularisarem aquella tão auspiciosa devoção, requereram em 30 d'abril de 1863 ao ordi-

---

[1] Fernão Mendes Pinto nas suas *Peregrinações* diz que Salvador Ribeiro, o *Massinga*, era natural do *couto de Ronfe*, no concelho de Guimarães. A tradição local ainda ha pouco indicava na povoação das *Quintans*, pertencente áquella freguezia, e junto do rio Ave, o pequeno e obscuro edificio onde nasceu o nosso heroe.

Parte da dicta casa era coberta de colmo!...

nario da archidiocese, expondo-lhe o que se passava e pedindo-lhe se dignasse conceder que os fieis já alistados e que de futuro se alistassem como devotos de S. Theotonio, formassem uma *Associação*, meramente espiritual, e lhes concedesse algumas indulgencias com a condição de rezarem em louvor das 5 chagas do Salvador 5 Padre Nossos e 5 Ave Marias, sendo o 1.º pelas necessidades proprias e dos mais devotos, — o 2.º pelos seus conjunctos e por todos os attribulados,—o 3.º pelas necessidades da Santa Egreja e manutenção da fé catholica no reino de Portugal,—o 4.º pelas almas das obrigações de cada um—e o 5.º pelas almas do purgatorio, especialmente dos devotos de S. Theotonio.

Dignou-se s. ex.ª rev.ma deferir, em data de 16 de maio de 1863.

Em breve se alistaram milhares de fieis d'ambos os sexos na *Associação espiritual dos devotos de S. Theotonio*,—multiplicaram-se as suas imagens e obtiveram de s. ex.ª rev.ma nova auctorisação para em outras egrejas se formarem associações identicas [1].

N'esta devoção, como em outras já ántes existentes e approvadas pela nossa egreja, consideram-se todos os associados unidos espiritualmente e é mutua a participação nas orações, indulgencias e suffragios da communidade.

As vantagens de que gosam os associados de S. Theotonio são, em resumo, as seguintes:

1.ª — Participação especial dos exercicios que se fazem nos differentes centros (missa semanaria, festa annual, anniversario solemne pelos devotos fallecidos, etc.)

2.ª—Indulgencias concedidas pelo SS. Padre Pio IX no seu Breve *Gravissima mala* — de 4 de setembro de 1866,—a saber: indulgencia plenaria a todos os fieis que se inscreverem ,confessarem e commungarem; — indulgencia plenaria no artigo de morte aos verdadeiramente contrictos, etc.—indulgencia plenaria no dia 18 de fevereiro (festa de S. Theotonio) ou em qualquer dos sete dias seguintes, confessando-se, commungando, etc. — indulgencia plenaria no dia 2 de fevereiro, Purificação de Nossa Senhora, — na festa da Annunciação, a 25 de março, — na da Assumpção, a 15 d'agosto,—na da Natividade, a 8 de setembro, — na da Conceição, a 8 de dezembro,—e na de S. José, a 19 de março, postas as diligencias prescriptas.

Pódem ganhar muitas outras indulgencias, que não enumeramos, para não fatigarmos os leitores.

—

Ha tambem na matriz de S. Vicente da Chã a confraria do SS. Sacramento, desde tempos remotos, e as irmandades de Nossa Senhora do Rosario e das Almas.

Estas piedosas corporações têem concorrido sempre para a conservação e aceio da egreja matriz e para o esplendor das festividades que n'ella se celebram.

No anno de 1756 deram para o torreão 180$000 réis — e para os sinos, que são os melhores da comarca, 132$720 réis,—sommas consideraveis n'aquelle tempo.

—

Ainda com relação á familia *Moura* d'esta freguezia, nos cumpre mencionar o dr. Manuel Martins Alvares de Moura.

Nasceu no dia 18 de junho de 1825; em 1854 concluiu a sua formatura na faculdade de direito na Universidade de Coimbra; foi advogado na comarca de Montalegre; exerceu por differentes vezes os cargos de juiz de direito substituto, de presidente da camara e de administrador do concelho, e em 1861 foi eleito deputado pelo circulo de Montalegre, obtendo 1:099 votos e o seu antagonista apenas 636.

Falleceu, quasi repentinamente, em Montalegre, no dia 7 de janeiro de 1879.

Foi um magistrado incorruptivel, pae modelo, amigo sincero e muito illustrado.

Casou na freguezia de Covellões, e deixou

---

[1] Os centros até hoje (1884) estabelecidos com prévia auctorisação do ordinario são os seguintes:—S. Vicente da Chã, no concelho de Montalegre,—convento da Conceição, em Chaves,—egreja do antigo mosteiro de Santa Maria de Oliveira, no arcyprestado de Villa Nova de Famalicão, — S. Thiago de Ronfe, no arcyprestado de Guimarães,—e Santa Maria de Caires, no arcyprestado d'Amares.

sete filhos, sendo o mais velho José Joaquim Alvares Pereira de Moura, que nasceu no dia 5 de julho de 1863, em Covellões. Matriculou-se na faculdade de direito em outubro de 1878 e concluiu a sua formatura em julho de 1883.

Familia Gonçalves dos Santos

1.º — Fr. José da Assumpção, cujo nome do baptismo era *Custodio*, filho de Pedro Gonçalves, cirurgião, e de Domingas Gonçalves. Nasceu na povoação de Medeiros; foi baptisado em 5 d'outubro de 1701 — e professou na ordem carmelita.

2.º—Fr. Estevam, irmão do antecedente, nasceu na mesma povoação a 2 e foi baptisado a 3 d'agosto de 1709. Foi professo na mesma ordem.

3.º—Fr. João das Dores, parente d'aquelles dous religiosos, nasceu no dicto logar, á meia noute do dia 24 de dezembro de 1782; —professou na mesma ordem; — foi examinador synodal em Braga, — ultimo prior do convento carmelita da mesma cidade—e bispo eleito de Moçambique, pelo sr. D. Miguel, em 1833.

Fallecen em março de 1854.

4.º — O rev.º José Gonçalves dos Santos Moura, irmão do antecedente. Foi parocho collado n'esta freguezia de S. Vicente da Chã e tornou-se notavel pelo seu zelo em ensinar a doutrina christã aos seus freguezes.

Falleceu a 12 de março de 1820.

5.º — Bento Gonçalves dos Santos Moura, irmão dos ultimos nomeados, foi quartel mestre do batalhão de voluntarios realistas de Montalegre [1].

Instigado pelos drs. Antonio Corrêa de Sousa Botelho, juiz de direito d'esta comarca, e Francisco Antonio Barroso Pereira, advogado na mesma, e acompanhado pelo povo das freguezias da Chã, Viade e Negrões, fez em Montalegre, no dia 10 de maio de 1846, a revolução popular da *Patuleia* ou *Maria da Fonte*, queimando-se por essa occasião os impressos destinados á formação do cadastro predial. Em seguida, muito satisfeitos pela acção que acabavam de praticar, e muito tranquillos e socegados, recolheram-se todos a suas casas, sem precaução alguma; eis que no dia seguinte, ao nascer do sol, uma força d'infanteria 13 e de cavallaria 6, vinda de Chaves, cercou a casa do nosso heroe, que felizmente se evadiu, por ter sido avisado minutos antes. Tocaram logo a rebate os sinos da egreja matriz e as sinetas das differentes capellas da freguezia, o que determinou a dicta força a marchar apressadamente para a villa de Montalegre, onde poucas horas se demorou, pois vendo acercar-se da villa grande multidão de povo, retirou-se para Chaves, seguindo a estrada de Sarraquinhos e tendo de trocar alguns tiros na serra de Cepeda com paizanos d'esta freguezia que, sob o commando do respectivo regedor, se dirigiam para Montalegre.

N'aquelle recontro um soldado de cavallaria, chamado o *Poulas*, das Quintas, acutilou alguns populares, um dos quaes, poucos dias depois, falleceu dos graves ferimentos que recebeu na cabeça.

N'este mesmo dia 11 reuniu-se em Montalegre enorme quantidade de povo, homens e mulheres, — escalaram a alfandega e a administração do concelho, — queimaram muitos papeis importantes e causaram bastantes prejuizos.

No dia 16 do mez de junho do dicto anno, o nosso heroe, acompanhado pelos padres João Baptista Rosa, Antonio Teixeira, das Quintas, Antonio Alves, de Cepeda e mais de 300 homens de povoações visinhas, fez em Montalegre a acclamação do sr. D. Miguel e de tudo lavraram acta no livro das sessões da camara.

Conservaram-se ali até o dia 18 do dicto mez, em que dispersaram, apenas sentiram a approximação de tropa mandada de Chaves, correndo imminente risco de serem acutilados por um esquadrão de cavallaria.

---

[1] Os outros officiaes d'este batalhão foram os seguintes: capitão — João Gonçalves Teixeira, das Quintas, — tenente — Bento Gonçalves Rosa, de Codeçoso da Chã, — alferes —Vicente Alvares de Moura, de Gralhós—e capellão—P.e Venancio, de Outeiro.

Ainda assim ficaram feridos alguns populares que foram alcançados pela cavallaria no sitio chamado *Cancellos de Donões*, mas felizmente não morreu ninguem.

Era lhano, sincero e prestadio,—exerceu alguns cargos de eleição popular com honra e probidade—e falleceu em 1863.

—

Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro*, fidalgo da casa real, nasceu na dicta povoação de Medeiros; fugiu furtivamente da casa paterna, sendo ainda rapaz, e foi ter a Lisboa onde começou a sua carreira exercendo o mister de aguadeiro; — depois foi marçano,—e por occasião do terramoto de 1755 já era negociante da praça de Lisboa.

Sendo já rico e nobre, foi muito bajulado pelo fidalgo de Villar de Perdizes, que lhe deu carta de parente com o intuito de ficar, como ficou, *seu herdeiro*.

Da copia do testamento com que falleceu, ha pouco encontrada entre papeis velhos, na casa de Domingos Marques Pereira, do dicto logar,[1] consta que o tal *manteigueiro, marçano* e *aguadeiro*, deixou a bagatella de *seis e meio milhões de cruzados* — ou *dous mil e seiscentos contos de réis*, — somma fabulosa n'aquelle tempo.

Ignora-se como adquiriu tão grande fortuna. Uns dizem que foi lanço feliz de rede por occasião do terramoto, — outros referem-n'a á expulsão dos jesuitas,—outros finalmente attribuem-n'a ao contrabando.

No palacio mandado fazer pelo opulento capitalista em Lisboa, na rua da *Horta Secca*, se alojou em 1807 o general francez Junot, pertencendo ao tempo o dicto palacete aos herdeiros do fidalgo de Villar de Perdizes.

Aquelle palacio foi vendido em 1860 ao visconde de Condeixa por trinta e tantos contos de réis, segundo nos informam.

—

Pedro Dias d'Abreu, natural da freguezia das Alturas, avô do padre Manuel Gonçalves Mendes (este natural de Medeiros) foi capitão de mar e guerra e morreu no dicto logar de Medeiros.

Diz a tradição que, vendo-se perdido no mar, invocou o auxilio de Nossa Senhora da Penha de França e que depois mandou fazer a imagem da mesma Senhora que ainda hoje (1884) se conserva na casa dos parentes d'elle.

Teve esta familia tres padres do mesmo nome, todos bastante instruidos:

1.º—Padre Manuel Dias d'Abreu, filho de Domingos Dias d'Abreu e de Domingas Ferreira. Ordenou-se pelos annos de 1730.

2.º — Padre Manoel Mendes Dias, filho de João Mendes e Helena Dias da Cruz. Ordenou-se pelos annos de 1760 e foi parocho encommendado em Sarraquinhos.

3.º—Padre Manuel Gonçalves Mendes, filho de Bento Dias e Joanna Gonçalves. Foi bom prégador e falleceu ha poucos annos.

—

Padre João Gonçalves, natural de Peireses e baptisado em 26 de junho de 1707, foi tambem prégador notavel.

—

Fr. João Affonso, natural da povoação da Castanheira, foi professo na ordem franciscana e d'elle se conserva apenas uma leve tradição.

—

João Gonçalves da Costa, natural da povoação de Torgueda, viveu pelos annos de 1740 a 1750 e foi condestavel de uma nau de guerra.

—

Candido Barroso, natural da mesma povoação e filho de paes extremamente pobres, foi preso para militar em 1840, — sentou praça de soldado raso em cavallaria 6 — e chegou a ser capitão da mesma arma.

Falleceu em Bragança, em 1882.

—

Manuel Dias do Couto, natural da mesma aldeia de Torgueda, foi fabricante e depois ensaiador e contraste d'ouro, no Porto, onde falleceu em 1867.

—

Vicente Manuel de Moura, natural da povoação da Castanheira, foi tambem fabrican-

---

[1] O *manteigueiro* era primo coirmão do bisavô de Anna Dias Leal, casada com o mencionado Domingos Marques Pereira.

te, ensaiador e contraste d'ouro, no Porto, onde vive, na sua casa do Campo dos Martyres da Patria, n.º 34, casado e com successão, possuindo uma fortuna que deve approximar-se de *oitenta contos de réis!...*

Parochos collados d'esta freguezia [1]

Vigarios

1.º—Francisco Mendes d'Araujo, natural de Braga. Foi parocho d'esta freguezia pelos annos de 1638 a 1664;—passou para a abbadia das Tarandeiras — e fez, elle proprio, a imagem do Santo Christo, tamanho natural, que ainda hoje se vê no altar das Almas.

2.º—Francisco Velloso Saraiva—de 1667 a 1677.

3.º—Cosme d'Amorim — de 1680 a 1693.

Reitores

1.º — Antonio de Mello,—de 1693 a 1695. Permutou com o seguinte, que havia estado sete annos e meio em Santa Eulalia de Rio Covo.

2.º — João Gonçalves Baptista, natural de Medeiros. Foi aqui parocho desde 1695 até 16 de janeiro de 1731, data em que falleceu.

3.º — Manuel de Magalhães e Silva, — de 1731 a 1733.

4.º—Manuel Gomes Barroso, — de 1740 a 1776. Permutou com o seguinte.

5.º — Manuel Alvares, natural de Cepeda, freguezia de Sarraquinhos, — de 1776 a...

6.º — José Gonçalves dos Santos Moura, natural de Medeiros, — de 18... a 12 de março de 1820.

7.º— Custodio Leite Pinto Saldanha, natural de Basto, — de 1820 a 23 de março de 1831.

8.º — Antonio Leite, natural tambem de Basto, — de julho de 1831 a 20 d'abril de 1839.

Abbades

1.º — José Adão dos Santos Moura, cujo nome de baptismo era *Adão*, filho natural do medico José dos Santos Dias e de Anna Moura; nasceu no logar do Cortiço, freguezia de Cervos, a 6 d'abril de 1814, e foi exposto na roda de Montalegre.

Entrou, como exposto, no seminario ou collegio dos Orphãos de S. Caetano da cidade de Braga, no dia 26 de novembro de 1826, e sahiu a 8 de julho de 1832, dia em que desembarcou no Mindello o sr. D. Pedro IV.

Foi um estudante distincto.

No dia 2 de junho de 1831 recebeu na egreja de Santa Christina da Ramalhosa, diocese de Tuy, as ordens menores, conferidas pelo bispo d'aquella diocese, D. Francisco Garcia Casarrubias y Melgar,—e recebeu as ordens sacras em Cidade Rodrigo, nos dias 16, 17 e 19 de março de 1839, conferidas por D. Pedro d'Alcantara Jimanez, bispo de Lima, governador *sede vacante* e bispo eleito de Cidade Rodrigo.

Em 25 d'abril de 1839 foi nomeado parocho encommendado d'esta freguezia de S. Vicente, e por decreto de 8 d'agosto do mesmo anno foi nomeado parocho da mesma freguezia, collando-se no dia 10 de janeiro de 1840.

Foi nomeado arcypreste do districto ecclesiastico de Montalegre, no dia 17 d'outubro de 1848, e foi-lhe dada a seu pedido a exoneração, em 18 d'agosto de 1874.

Em virtude de certas declarações feitas á hora da morte pelo mencionado D. Pedro

---

[1] Segundo deixou escripto o illustrado e benemerito reitor João Gonçalves Baptista, em 1709, os livros do registro parochial d'esta freguezia não passavam além de 1666, porque (diz elle) *era fama os queimára o inimigo*. Referia-se por certo ás invasões dos castelhanos na fronteira durante a guerra da restauração que se seguiu ao memoravel dia 1.º de dezembro de 1640, como refere o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, parte 1.ª liv. 4.º pag. 275 a 281.

Diz a tradição que durante a mencionada guerra fôram incendiadas n'esta freguezia a residencia parochial,—umas casas junto do adro da matriz, lado norte,—e outras no caminho de Torgueda, cujas ruinas ainda se viam em 1856.

Em 1693 extraviou-se do archivo parochial d'esta freguezia o livro dos Capitulos das Vizitas.

d'Alcantara, bons theologos julgaram nullas as ordens por elle conferidas a muitos ordinandos portuguezes, pelo que houveram de as repetir, como repetiu o nosso biographado, em segredo e *sub conditione*, sendo-lhe conferidas em junho de 1854 pelo virtuoso, benemerito e muito illustrado bispo de Lamego, o sr. D. José de Moura Coutinho, [1] da nobre casa do Telhô, na freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto. D'esta nobilissima casa e d'este venerando prelado se fallou no artigo *Telhô*.

—

José Adão dos Santos Moura foi tambem professor particular de latim em Montalegre, desde outubro de 1835 até maio de 1839, e varios annos na sua residencia parochial de S. Vicente.

Foi seu discipulo o ex.mo sr. Antonio José de Barros e Sá, nascido em Montalegre a 14 de julho de 1822. É actualmente juiz relator militar, conselheiro de estado, ministro de estado honorario, par do reino, etc.

Collaborou no *Panorama*, *Revista Universal Lisbonense*, *Archivo Pittoresco* e *Almanach Luso-Brazileiro*—e foi correspondente de varios jornaes politicos,—*Moderado*, *Bracharense*, *Commercio do Minho*, *Nacional*, *Jornal do Porto*, etc.

Deu a Innocencio Francisco da Silva, de quem era amigo, apontamentos e informações para o seu *Diccionario Bibliographico*, — fez parte de todas as commissões de beneficencia e melhoramentos publicos que no seu tempo se organisaram na comarca de Montalegre e, quando se tractava de dirigir ás auctoridades locaes ou aos poderes publicos representações, era elle encarregado de as escrever.

Foi um parocho de costumes irreprehensiveis, muito zeloso no cumprimento dos seus deveres, e á sua iniciativa se devem grandes melhoramentos feitos na egreja matriz e em differentes capellas da freguezia.

Foi tambem um arcypreste muito digno e muito considerado e estimado pelos seus superiores.

Vindo de tomar banhos na Povoa de Varzim, falleceu em Reigoso, no dia 3 d'outubro de 1874, e jaz na capella-mór da sua egreja de S. Vicente da Chã.

Nasceu pobre e pobre morreu, pois era muito caritativo.

—

2.º—Manuel Gonçalves, natural da povoação do *Antigo*, freguezia de Sarraquinhos. É o parocho actual.

Collou-se n'esta egreja no dia 28 de setembro de 1877, tendo sido parocho em Ardões, no concelho de Boticas, onde se collou no dia 24 de maio de 1858.

Foi agraciado com o grau de cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, mas recusou a mercê.

É um parocho muito digno e prégador afamado.

—

Atravessa esta freguezia de N.E. a S.O. o rio Regavão que aqui recebe como tributa-

---

[1] O sr. D. José de Moura Coutinho era um prelado muito bondoso e muito trabalhador. Estava sempre prompto para conferir ordens em todas as temporas e mesmo *extra tempora*, e, condoído dos padres portuguezes que receberam do sr. D. Pedro d'Alcantara ordens, que foram julgadas nullas, de bom grado se prestou a conferil-as ou repetil-as *sub conditione* ao nosso biographado e a muitos outros.

Durante o seu longo episcopado conferiu ordens a *milhares* de ordinandos da sua diocese e de dioceses extranhas, sendo um d'elles o humilde auctor d'estas linhas (em 1857).

Tambem devemos a s. ex.ª rev.ma — *além d'outras muitas finesas* — a de nos nomear professor d'Instituições Canomicas e de Historia Ecclesiastica, Examinador Synodal e Vigario Geral interino, e de nos collar na abbadia de Tavora, concelho de Taboaço, n'aquella diocese, onde estivemos desde 1861 até 1864, data em que nos transferimos para esta abbadia de S. Pedro de Miragaya, no Porto.

Para a nossa obscura biographia pódem lêr-se n'este diccionario e no *supplemento* os artigos *Penajoia*, freguezia, onde nascemos (em 14 de novembro de 1832!...) e *Curvaceira*, povoação d'aquella freguezia.

Pedro Augusto Ferreira.

rios os ribeiros Ferronho, Sabugueiro, Cancellos e o riacho da Castanheira.

Réga, móe e cria peixe miudo.

A leste da povoação de Firvidas nasce o riacho de Avessó que, tendo corrido 4 kilometros na direcção de N. a S. vae entrar no rio Beça junto do logar do Cortiço.

Règa, móe, e cria tambem peixe miúdo.

Ao norte e parallelo a este riacho corre, desde Firvidas até ás Pias e Veiga de Morgade, um pequeno outeiro, em que se vêem varias escavações e movimentos de terra, vestigios claros d'antiga exploração de minas d'ouro, segundo a tradição local. N'estes sitios abundam seixos, quartzo e crystal de rocha.

—

Agradeço mais uma vez ao meu illustrado collega, o rev.mo sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, os interessantes apontamentos que se dignou mandar-me para a descripção d'esta freguezia, que, por seu turno, a s. ex.a deve tambem agradecer o logar honroso que occupa n'este diccionario.

Se não fôra s. ex.a era-me impossivel organisar artigo tão longo, tão interessante e tão variado, porque todas as nossas chorographias, publicadas até hoje, pouco, muito pouco dizem d'esta importante parochia e nós não a conheciamos, posto que já cruzámos a provincia de Traz-os-Montes desde a Regoa até Verim, por Lobrigos, Santa Martha de Penaguião, Cumieira, Villa Real, Villa Pouca d'Aguiar, Pedras-Salgadas, Vidago e Chaves;—de Chaves até Bragança por Carrazedo de Montenegro, Jou, Franco, Lamas d'Orelhão, Passos, Mirandella, Cortiços, Macedo de Cavalleiros e Santa Comba de Roças;—e de Mirandella outra vez até á Regoa por Villa Flor, Villariça, Moncorvo, foz do Sabor, Tua e Pinhão.

Tambem já estivemos em Sabrosa, Favaios, Alijó, Donello e em quasi todas as povoações dos concelhos da Regoa e de Mezão-frio.

Não nos é pois extranha a maior parte da provincia de Traz-os-Montes,—bem como das outras provincias do nosso paiz.

De todas as nossas cidades apenas nos resta visitar Miranda, Castello Branco e Covilhã.

VICENTE DE FÓRA (S.)—freguezia de Lisboa, bairro oriental, tendo annexas as freguezias de S. Thomé e S. Salvador.

Vide *Lisboa*, tomo IV pag. 102 e seg.—pag. 247, col. 2.a—pag. 292, col. 2.a—pag. 384, col. 2.a e seg.—e *S. Vicente de Fóra*.

Data de 21 de novembro de 1147 a fundação da matriz d'esta parochia.

Foi lançada com grande pompa a pedra fundamental pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, 30 dias depois da conquista de Lisboa, e, quando no tempo de Philippe II d'Hespanha, se reconstruiu esta egreja e o seu mosteiro, encontrou-se a dicta pedra com uma inscripção latina que em vulgar dizia o seguinte:

ESTA IGREJA FUNDOU
EL REI D. AFFONSO I DE PORTUGAL,
Á HONRA DA BEM AVENTURADA
SEMPRE VIRGEM MARIA, E DE
S. VICENTE MARTYR, EM 21
DE NOVEMBRO DE 1147

Teve pois esta egreja a invocação de Santa Maria e S. Vicente,—depois prevaleceu a de S. Vicente—e mais tarde se denominou e denomina ainda hoje S. Vicente *de Fóra*, para se distinguir das egrejas em que se veneravam as reliquias do mesmo Santo e Martyr, que em 1173 foram trasladadas do Cabo de S. Vicente para Lisboa.

Estiveram primeiramente na egreja de Santa Justa e Rufina, e, como esta egreja fosse completamente destruida pelo terramoto de 1755, fez-se-lhes egreja propria na rua dos Fanqueiros, tambem já demolida e convertida em casa particular,—sendo por ultimo transferidas para a sé, onde se conservam em uma arca de prata.

Assim como no Porto ha duas imagens de S. Vicente, alvo de grande veneração e devoção,—uma na egreja de S. Nicolau, outra na Sé,—pelo que os devotos as distinguem denominando-as S. Vicente *da Sé* e S. Vicente *de S. Nicolau*, assim em Lisboa, depois que na cidade se collocaram e exposeram ao culto as reliquias de S. Vicente, tor-

nando-se desde logo tão veneradas que aquelle santo e martyr foi sem perda de tempo proclamado padroeiro de Lisboa, o povo, para indicar a egreja dos conegos regrantes, que já existia com a mesma invocação, lhe addicionou muito naturalmente o titulo de S. Vicente *de Fóra*, isto é—de *fóra* de portas ou *éxtra-muros*, pois effectivamente D. Affonso Henriques erigiu este templo e o mosteiro dos frades cruzios no arrabalde ou *fóra* dos velhos muros, no sitio onde teve o seu arraial, quando sitiou Lisboa, até que a tomou aos mouros, e onde erigira uma capella a Nossa Senhora e uma enfermaria.

A egreja e parte do mosteiro occupam o chão que D. Affonso mandou benzer e que foi o cemiterio onde se enterraram os soldados christãos que pereceram no assedio.

Data pois de 1147 a egreja de S. Vicente de Fóra; e esta parochia é das mais antigas de Lisboa, pois já existia em 1551, data em que, segundo diz João Baptista de Castro, foram resolvidas certas duvidas sobre jurisdicção entre a mitra e os conegos regrantes; —e o *Summario* de C. R. d'Oliveira a menciona e próva que já existia antes de 1551, comprehendendo 1711 habitantes.

—

É isto o que se lê na *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista; mas a *Chronica dos Conegos Regrantes* (Parte II, Liv. 8.º cap. 8.º pag. 128-129) adianta mais.

Diz ella que, tendo D. Pelayo, 3.º prior d'este mosteiro, obtido de D. Alvaro, ao tempo bispo de Lisboa, reconhecimento da isempção do seu convento e da sua egreja, *como os creára D. Affonso Henriques*, d'accordo com o 1.º bispo de Lisboa, D. Gilberto [1], pedira confirmação ao papa Lucio III e este lh'a concedeu em bulla com data do anno de 1184. Passados porém quatro annos (1188) D. Sueiro, bispo de Lisboa, successor de D. Alvaro, demandou o mesmo D. prior por causa dos dizimos e mortuarios;—elegeram arbitro a D. Martinho, bispo de Coimbra, e este os compoz no anno de 1189, sendo em seguida confirmada a composição pelo papa Clemente III em bulla datada de 1190, «em que não só confirma a dita composição (diz textualmente a *Chronica*) mas declara tambem ser o Mosteyro de S. Vicente *com a sua Parrochia* isento de toda a jurisdicção Episcopal.»

Vê-se pois que esta parochia, se não foi creada com a primitiva egreja de S. Vicente, já existia antes de 1190.

—

Foi curato com quatro capellães, todos apresentados pelos conegos regrantes.

Em 1708 comprehendia esta parochia o Adro da Egreja, o Arco de S. Vicente, a Cruz do Mau, o Marco Salgado, a Alfugeira, a Cruz de Santa Helena, o Outeiro da Madeira, as ruas de S. Vicente, do Loureiro, do Tijolo e das Escolas Geraes, a travessa das Bruxas e o becco dos Biguinos.

O padre Carvalho na sua Chorographia deu-lhe 400 fogos,—J. A. d'Almeida 548,—e João Baptista de Castro 544, antes do terramoto de 1755, e depois do terramoto 494, em 1763, ou decorridos oito annos.

Pelo recenseamento de 1878 esta freguezia com as duas annexas comprehendia 1:478 fogos e 5:578 habitantes (incluindo os ausentes) —sendo 2:854 do sexo masculino e 2:724 do sexo feminino. D'estes 5:578 habitantes 95 contavam 70 a 80 annos de idade; —27 contavam 80 a 90 annos; — 1 mais de 95, — e 3 eram de idade desconhecida. Sabiam apenas lêr 152 homens e 116 mulheres;—sabiam lêr e escrever 1:103 homens e 741 mulheres,— e não sabiam lêr nem escrever ou eram completamente analphabetos, 1521 homens e 1832 mulheres.

—

O sumptuoso edificio de S. Vicente de Fóra está situado a pouca distancia para S.E. do monte da Graça, em uma pequena chã, quasi a meia encosta e $^1/_2$ kilometro de distancia da margem direita do Tejo, para N.O. em descida aspera; — $^1/_2$ kilometro a E. do Castello de S. Jorge,—e 1 kilometro a E.N.E. da praça do Commercio.

Achando-se em ruinas o convento em 1582, foi completamente reedificado por Philippe II de Hespanha, e se empregou nas obras a cantaria de uma igreja começada a

[1] Chronica citada, parte II, liv. 8.º cap. 3.º pag. 115.

construir por el-rei D. Sebastião em 1571, junto do Terreiro do Paço, e que tencionava dedicar ao santo do seu nome, como próvam as flechas com que se marcava a cantaria e que ainda hoje (1884) se vêem em varias pedras do friso da cimalha real do dicto convento.

O frontespicio da igreja é dos melhores de Lisboa, mas o acanhado terreiro em que se acha situada lhe prejudica o realce.

Tem uma boa escadaria para o seu ingresso, tres porticos soberbos e sete colossaes estatuas de marmore.

O seu interior corresponde ao exterior. É de uma só nave e todo decorado de finos marmores de diversas côres.

As capellas do corpo da egreja são fundas e com pouca luz; as do cruzeiro mais claras, — e todas de marmore com alguns mosaicos preciosos.

Na capella do cruzeiro, da parte do evangelho, se venera a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Enfermaria, a mesma que o nosso primeiro rei trazia nas suas campanhas.

A magestosa cupula, que se elevava sobre o cruzeiro, arruinou-se com o grande terramoto de 1755 e foi substituida por outra de mesquinha construcção, que desdiz da grandeza e magestade do edificio.

A capella-mór é imponente e toda de finos marmores tambem, desde o pavimento até á cupula, que é de abobada de marmore, bem trabalhado, como o tecto de todo o vasto templo, no estylo do tecto da ampla sachristia do Convento de Santa Cruz de Coimbra, tambem da mesma ordem dos conegos regrantes.

A proposito:

Dizem os cicerones do convento de Coimbra que visitando-o certo rei nosso e achando-se na sachristia, perguntára ao seu D. Prior:

— Onde está o templo correspondente a esta sachristia?

— Em S. Vicente de Fóra,—respondeu o D. Prior.

— Adivinhaste,—accrescentou o rei, mostrando-se plenamente satisfeito com a resposta.

Em verdade o tecto da sachristia do convento de Santa Cruz de Coimbra é todo em pequenos quadrados com almofadas e diverge muito do tecto da igreja, que é não menos magestoso, mas em aduelas com laçaria, emquanto que o tecto da igreja de S. Vicente é ornamentado á similhança do tecto da mencionada sachristia de Coimbra.

—

O altar-mór d'esta igreja de S. Vicente está sob um elegante baldaquino ao modo das bazilicas de Roma.

É uma bella obra de madeira, delineada e dirigida por Joaquim Machado de Castro; — e são de discipulos seus, artistas nacionaes, as bellas estatuas da mesma capella-mór.

Nas paredes lateraes da dicta capella abrem-se duas amplas tribunas para a familia real.

O côro, que fica detraz do altar-mór, é espaçoso e o seu orgão magnifico.

Pela parte detraz do côro está o jazigo ou *pantheon* dos reis da dynastia de Bragança, cuja entrada é pelo claustro.

«É uma casa espaçosa, muito decente e apropriada ao seu fim» — segundo se lê na *Chorographia Moderna*, que vamos extractando; mas (perdoe-nos o seu illustrado auctor, o sr. João Maria Baptista) nós já visitámos o dicto *pantheon* e não podemos deixar de dizer que é *uma casa indecente e impropria para tal fim*, — uma vergonha, uma miseria para Portugal.

Reduz-se a uma *loja* quadrilonga de paredes nuas e lisas, sem ornamentação de qualidade alguma, tendo ao fundo, logo á entrada, um mausoleu, que é o unico, pertencente a D. João IV (se bem nos recordamos)— obra vulgarissima, inferior a *muitos* que se vêem nos cemiterios de Lisboa, pertencentes a pessoas particulares;—e ao longo das paredes lateraes se ergue um simples degrau de pedra com $1^{m},25$ d'altura e largura, approximadamente, sobre o qual repousam a esmo, *como fardos de mercadorias em transito*, os differentes caixões com os restos mortaes dos nossos reis, — caixões muito defumados, muito empoeirados e mui-

to despresados, — revelando tudo aquillo uma pobreza verdadeiramente franciscana!

E entra-se para aquelle *pantheon*, que é a antithese de todos os *pantheons*, por um corredor estreito e escuro, que mais contrista e confrange a alma.

Com o que se dispenderia hoje para se fazerem só os dous mauzoleos, em que repousam no mosteiro da Batalha D. Pedro I e D. Ignez de Castro, podia fazer-se uma duzia de *pantheons*, como aquelle, em que repousam todos os nossos reis, rainhas, principes e infantes da dynastia de Bragança [1], — incluindo o chorado rei D. Pedro V e sua santa mulher, a rainha D. Estephania,—irmão e cunhada de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, — bem como sua virtuosa mãe, a sr.ª D. Maria II.

E menos decente ainda era o antigo jazigo real, jazigo dos patriarchas de Lisboa, na actualidade.

Deve-se aquelle melhoramento a S. M. o sr. D. Fernando, sendo regente na menoridade do sr. D. Pedro V, de saudosissima recordação.

Fazemos votos porque em praso breve os nossos governos acordem e substituam aquelle mesquinho *pantheon* por outro em tudo digno das venerandas reliquias que encerra, aproveitando-se o convento dos Jeronymos ou o da Batalha.

—

Sob as abobadas d'esta igreja de S. Vicente repousam tambem as cinzas do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, trasladadas do convento do Carmo, havendo-se destruido totalmente com o terramoto de 1755 o soberbo mausoleu que as continha.

Os seus dous claustros são magestosos e em volta d'elles estão as salas onde outr'ora os conegos regrantes regiam cadeiras de varias disciplinas; e em uma capella d'estes claustros se vêem dous tumulos de marmore onde repousam os filhos legitimados d'el-rei D. João V, bem conhecidos pelo nome popular de *meninos de Palhavã*.

[1] Pódem vêr-se os nomes de todos no artigo *S. Vicente de Fóra*, vol. IX, pag. 46, col. 1.ª

Divide estes dous claustros a sachristia que se edificava ao tempo em que o padre Carvalho publicou o 3.º volume da sua *Chorographia* (1712). «A sachristia nova (disse elle) será brevemente o *non plus ultra* das obras, pois toda vai de embutidos de pedras de varias côres.»

É effectivamente primorosa e muito digna de ser visitada.

«Tem dous claustros (continua o mesmo auctor) com huma portaria tão régia que bem mostra que n'ella se empenhou a arte pelo vistoso da pintura e perspectiva da obra.»

O tecto d'esta portaria foi pintado a oleo pelo insigne pintor italiano Baccarelli e, segundo a opinião d'um professor da arte, era uma das melhores pinturas que existiram em Lisboa, n'aquelle genero; mas infelizmente perdeu todo o seu brilho com as mãos de cal que uns barbaros lhe deram, quando os conegos regrantes foram transferidos para Mafra, e com os trabalhos da restauração, a que os mesmos procederam depois.

—

Antes da suppressão das ordens religiosas em 1834, foi esta egreja entregue á patriarchal, e por isso, segundo se lê na *Chorographia Moderna*, que vamos extractando, ainda ali se conservam todos os vasos sagrados, alfaias, paramentos e mais objectos preciosos que foram dos conegos regrantes e que são muito dignos de se ver e apreciar.

—

O edificio do convento é hoje habitação dos patriarchas de Lisboa, e n'elle se acham montadas a camara ecclesiastica e outras repartições e officinas do patriarchado, sobrando ainda um vão immenso.

É um paço enorme com amplas e surprehendentes vistas sobre o Tejo, sobre Lisboa e seus arrabaldes e principalmente sobre a margem sul do formoso rio; mas infelizmente as rendas dos nossos patriarchas hoje não correspondem á vastidão do seu paço, pelo que este, o seu terreiro, cerca, jardins e mais dependencias causam dó pela falta d'aceio e mesmo de limpeza que se nota em tudo.

O paço de S. Vicente era digno dos nossos patriarchas, se ainda tivessem as rendas que lhes assignou D. João V; mas essas rendas foram muito cerceadas e reduzidas a um terço talvez. A vastidão do seu paço é pois uma irrisão, uma affronta para S.S. Em.as

Rendas muito superiores têem hoje os bispos do Porto e os arcebispos de Braga e Evora, sem serem obrigados a tantas despezas, como os nossos cardeaes patriarchas, pela altissima posição que estes principes da egreja occupam na gerarchia ecclesiastica e por *terem de viver em Lisboa*, em contacto com a côrte, com o Nuncio, com o corpo diplomatico e com os nossos ministros.

Tem o paço de S. Vicente boas salas e em uma d'ellas 12 formosos quadros a oleo, representando o apostolado.

A livraria, que era a mesma do convento, continha cerca de 12:000 volumes.

A quinta e jardins, delicioso recreio no tempo dos frades, estão hoje em grande abandono e apenas revelam o antigo esplendor nas ruinas das suas cascatas, dos seus lagos, das suas estatuas, dos seus viveiros, etc.

—

Pertencia ao districto d'esta parochia de S. Vicente o mosteiro das Monicas, assim denominado por ser de religiosas da ordem de Santo Agostinho com a invocação de Santa Monica, fundado em 1586 e extincto approximadamente em 1870 pela morte da ultima freira professa.

Ali se estabeleceu uma casa de correcção para rapazes vadios. Na egreja, que é pequena e sem coisa alguma notavel em architectura ou adorno, ainda se conserva o culto divino.

A egreja de S. Vicente de Fóra tem sido por differentes vezes a séde patriarchal; a ultima foi de 1860 a 1864, durante as obras que se fizeram na Sé.

—

Em 1837 se annexaram a esta de S. Vicente as duas freguezias do Salvador e S. Thomé, como já se disse no artigo *Lisboa*, tomo IV pag. 222, col. 2.ª

A freguezia do Salvador era uma das mais antigas de Lisboa, pois no anno de 1391 obteve D. João Esteves d'Azambuja, 2.º arcebispo de Lisboa, o padroado d'esta egreja para si e seus descendentes collateraes;—e, segundo diz J. B. de Castro, tambem consta que o mesmo arcebispo a constituiu priorado com beneficiados; mas C. R. d'Oliveira no seu *Summario* a menciona como vigairaria com thesoureiro, 2 capellães e 782 habitantes.

Em 1708 comprehendia o Adro da Egreja, Castello Picão, Regueira, rua do Loureiro, dous beccos e alguns freguezes na Porta do Sol.

O padre Carvalho assigna-lhe 200 fogos; — J. A. d'Almeida 660 (incluindo a de S. Thomé);—e J. B. de Castro 266 fogos antes do terramoto de 1755,—e 196 depois do terramoto (1763).

—

Na pendente do castello, sobre a margem do rio, foi achado em tempos remotos, entre silvas e arvores agrestes, um crucifixo, e no mesmo local se lhe erigiu uma ermida com a invocação do *Salvador da Matta*. Algumas mulheres devotas fundaram junto d'ella uma especie de recolhimento, que depois teve existencia legal,—e n'este meio tempo a ermida foi arvorada em parochia com a mesma invocação do Salvador, ignorando-se a data.

Em 1392 passou o dito recolhimento a ser mosteiro da ordem de S. Domingos, fundação de João Esteves, o *Privado*, alcaide-mór de Lisboa, irmão do referido arcebispo D. João Esteves d'Azambuja e ascendente dos condes dos Arcos, posto que estes hoje usem o appellido de Noronhas, os quaes têem ainda defronte da egreja o seu palacio.

Depois da annexação da freguezia á de S. Vicente, ficou a igreja pertencendo ao mosteiro.

O templo é espaçoso, mas nada tem de notavel em architectura ou decorações.

A porta é voltada ao sul, tendo na frente o largo do Salvador, no principio do bairro d'Alfama, vindo do Arco de Santo André.

—

A freguezia de S. Thomé tambem foi uma das primeiras de Lisboa, pois já em 1320 ID.

Diniz e a rainha Santa Isabel a doaram ao mosteiro d'Alcobaça; — depois passou para a Universidade — e por ultimo para o ordinario.

No *Summario* de C. R. d'Oliveira vem mencionada com 887 habitantes;—Carvalho a denomina S. Thomé *do Penedo*, por estar sobre uma rocha;—era priorado com 5 beneficiados e comprehendia as ruas da Porta do Sol, das Escolas Geraes, dos Cegos, de Santo André até á portaria do Salvador, e varios beccos.

O padre Carvalho deu-lhe 220 fogos;—J. A. d'Almeida 660 (comprehendendo a do Salvador)—e J. B. de Castro 275 fogos, antes do terramoto de 1755,—e 250 depois do terramoto (1763).

—

Depois da annexação d'esta freguezia á de S. Vicente, foi demolida a igreja. Estava ella em um pequeno terreiro, pouco adeante da Porta do Sol, indo de Santa Luzia para a Graça ou S. Vicente, e d'ella não restam vestigios; mas, pelo espaço que occupava, se vê que devia ser, e effectivamente era, muito pequena. *D'isso tenho bem certa lembrança* — diz o sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna.*

No districto d'esta freguezia estava a egreja do Menino Deus, recolhimento e hospital de *Mantelatas* (pertencente á ordem terceira de S. Francisco de Xabregas) que se fundou em umas casas de João Antonio d'Alcaçovas, filho de Gonçalo da Costa de Menezes e de D. Antonia Theodora Manoel de Moura, o qual as vendeu á dita ordem.

A imagem do menino Jesus, bem conhecida em Lisboa com o titulo de *Menino Deus*, foi dada á referida ordem pela madre Cecilia de Jesus, do mosteiro da Madre de Deus.

O templo é fundação de D. João V e data de 1711.

Soffreu muito com o terramoto e depois com um grande incendio.

Hoje algumas reparações lhe tem feito a irmandade do Menino Deus, á qual foi legalmente entregue, e rende o devido culto á milagrosa imagem, fazendo-lhe todos os annos esplendida festa pelo Natal.

O templo é grandioso, de figura orbicular, e a capella-mór muito proporcionada e elegante, com um decente camarim.

Está situado em uma pequena elevação, junto do Arco de Santo André, á direita, indo do Rocio.

—

Em 1668, data em que D. Fr. Nicolau de Santa Maria publicou a 2.ª parte da *Chronica dos Conegos Regrantes*, tinham elles em Portugal 20 conventos que, pela ordem da sua precedencia [1], eram os seguintes:

1.º — O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cabeça de toda a congregação, reformado no anno de 1527.

2.º — Mosteiro de S. Vicente de Fóra, reformado em 1537.

3.º—O Collegio de Santo Agostinho (dentro do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra) reformado em 1538.

4.º — O mosteiro de S. Salvador de Grijó, reformado em 1539.

5.º—O mosteiro da Serra do Pilar, reformado em 1542.

6.º—O mosteiro de S. Salvador de Moreira, reformado em julho de 1563.

7.º — O mosteiro de Nandim, reformado em agosto de 1563.

8.º — O mosteiro de Santa Maria de Refoios de Lima, reformado em 1564.

9.º — O mosteiro de S. Jorge de Coimbra, unido e reformado em 1568.

10.º — O mosteiro de S. Salvador de Paderne, reformado em 2 de fevereiro de 1595.

11.º — O mosteiro de Villa Nova de Muhia, reformado em 8 de fevereiro de 1595. (Vide *Muhia* e *Villa Nova de Muhia.*)

12.º—O mosteiro de S. Simão da Junqueira, reformado em 12 de fevereiro de 1595.

13.º — O mosteiro de Santo Estevam de Villela, reformado em 16 de fevereiro de 1595. (Vide *Villela* — freguezia do concelho de Paredes).

---

[1] As *Constituições* da Congregação dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, approvadas por Paulo V em 15 d'abril de 1615, mandavam que a precedencia dos mosteiros pertencentes á dita congregação, se regulasse não pela data em que foram erectos, mas pela data em que se reformaram e uniram á congregação.

14.º—O mosteiro de S. Martinho de Caramos, reformado em 10 de março de 1595.

15.º—O mosteiro de S. Pedro de Folques, reformado em 24 de março de 1595.

16.º — O mosteiro de Santa Maria de Oliveira, unido e reformado em 1599.

17.º — O mosteiro de Villa Boa do Bispo, reformado em 1605. (Vide Villa Boa do Bispo).

18.º—O mosteiro de S. Miguel de Villarinho, unido e reformado em 1610.

19.º—O mosteiro de S. Martinho do Castro, unido e reformado em 1615.

20.º—O mosteiro de S. Theotonio de Vianna do Castello, fundado em 1630. (Vide *Vianna do Castello*).

Quantos milhares de contos não representavam hoje estes 20 mosteiros, se ainda existissem e se conservassem no seu estado de florescencia?!... E sommas muito superiores representavam todos os outros conventos de frades e freiras, que tivemos em Portugal e seus dominios.

—

Era pois o mosteiro de S. Vicente o 2.º da congregação na precedencia, bem como na antiguidade, nas rendas e na consideração de que sempre gosou por todos os titulos e por se achar em contacto com a côrte.

Entre muitas pessoas notaveis que este importante mosteiro produziu, mencionaremos as seguintes:

D. Ayres Vasques, bispo de Lisboa, natural de Orense, na Galliza, e irmão de Fernão Hermiges, que casou em Lisboa com D. Maria Paes, herdeira do vinculo e albergaria de *Paio Delgado*.

Professou em S. Vicente em 1215; cursou as aulas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; succedeu ao bispo de Lisboa D. João I, fallecido em 1241; assistiu ao concilio de Leão; convocou synodo em Lisboa e deu *Constituições* ao seu bispado; acompanhou D. Affonso III na conquista do Algarve, distinguindo-se como valente e muito intelligente capitão na tomada de Faro, Albufeira e Loulé; sagrou com o bispo de Coimbra D. Egas a igreja do mosteiro d'Alcobaça;—assistiu ás côrtes que D. Affonso III convocou em Leiria no anno de 1254; renunciou o seu bispado, por se vêr decrepito, e falleceu 4 annos depois, no dia 6 d'outubro de 1258.

—

D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, arcebispo de Lisboa, foi tambem conego e prior n'este mosteiro de S. Vicente.

Era filho do primeiro conde de Penella, D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha do primeiro conde d'Abrantes, D. Lopo d'Almeida; — foi discipulo do grande theologo D. Diogo Ortiz Vilhegas, tambem prior de S. Vicente; — deão e depois capellão-mór da capella real;—D. prior d'este mosteiro de S. Vicente, succedendo ao mencionado D. Diogo Ortiz, quando este foi nomeado Bispo de Vizeu. Foi tambem bispo de Lamego,—e por ultimo arcebispo de Lisboa. Não querendo acceitar para residencia os paços episcopaes, conservou-se sempre no seu mosteiro, nas casas do prior-mór com serventia para a rua, pela porta que dá para o campo de Santa Clara, e que tomou o nome de *postigo do Arcebispo*.

Zelou muito os interesses do seu mosteiro; ganhou mais de 40 sentenças reivindicando bens que andavam sonegados, e obteve d'el-rei D. Manuel um alvará, depois confirmado por el-rei D. João III, em 1538, concedendo a este mosteiro todos os annos certa quantidade de pimenta, cravo, incenso e canella.

Sendo ainda Bispo-capellão-mór, assistiu ao juramento e coroação d'El-Rei D. João III e, estando o mesmo rei nos paços d'Almeirim, lançou o capello de cardeal ao infante D. Affonso, filho d'el-rei D. Manuel. Foi o dito infante arcebispo de Lisboa e, fallecendo em 12 d'abril de 1540, lhe succedeu D. Fernando, que ao tempo era bispo de Lamego, e logo confirmou a doação que o infante e cardeal, seu antecessor, havia feito ao convento de S. Vicente, para as obras d'elle, das esmolas da caixa de S. Vicente da Sé.

Fez na sua cathedral muitas obras,—as cadeiras do côro de baixo e de cima, as grades de bronze da capella-mór, os orgãos grandes e pequenos, etc. e a dotou com ricas alfaias.

Falleceu no dia 7 de janeiro de 1564.

—

Foram tambem conegos regrantes e priores d'este mosteiro, D. Nicolau e D. Diogo Ortiz, já mencionado, bispos de Vizeu. D'estes venerandos prelados fallaremos mais detidamente no artigo *Vizeu*.

—

D. Nuno d'Aguiar, primeiro bispo de Tanger, tambem foi conego e prior d'este mosteiro de S. Vicente.

Por fallecimento do prior D. João Gil, em 1463, o papa Pio II deu o priorado d'este mosteiro em commenda [1] ao seu Cardeal D. Rodrigo. O nosso rei D. Affonso V levou muito a mal a doação e escreveu ao papa fazendo-lhe ver que o mosteiro e a igreja de S. Vicente de Fóra eram, desde a sua fundação, padroado real, isentos de toda a jurisdicção ecclesiastica, e que por isso os papas não podiam dispôr d'elles e dal-os *em commenda*.

Era papa Pio II, que falleceu antes de chegarem a Roma as cartas do nosso rei, mas, sendo em seguida eleito Paulo II, este, deferindo, fez com que o cardeal D. Rodrigo traspassasse em subdito portuguez, com reserva de certa penção, o *direito que tinha*(?..) ao priorado.

Achando-se ao tempo em Roma D. Nuno, abbade do convento de Santa Maria d'Aguiar da Beira, da ordem de Cister, varão de grandes lettras, o cardeal renunciou n'elle; mas, apresentando-se em S. Vicente para tomar posse, os conegos o não receberam, por ser d'outra ordem, e mandaram um commissionado a Roma com cartas d'el-rei D. Affonso para o papa Paulo II, que por um breve mandou dar posse ao dito D. Nuno, com a condição de que tomaria o habito de conego regrante e se conformaria com a regra e constituições da nova ordem, o que tudo se cumpriu, tomando posse no fim do anno de 1466.

Fixou a sua residencia no mosteiro de S. Vicente, que governou muitos annos, e foi um prior benemerito, muito zeloso da observancia regular e dos interesses da communidade.

Resgatou varias peças da sachristia que achou empenhadas e entre ellas o *bago* de prata, de que usavam os priores nos pontificaes, — libertou o mosteiro de dividas, — e applicou algumas rendas da mesa prioral e a igreja de Santa Maria d'Arruda para a mesa conventual, melhorando consideravelmente a posição dos seus conegos.

Em 1471 passou com el-rei D. Affonso V á Africa na grande armada de 308 vélas e 24:000 homens de tropas escolhidas, afóra marinheiros e servidores. Assistiu á tomada d'Arzilla e de Tanger, e D. Affonso V o nomeou bispo d'esta cidade, que governou por espaço de 20 annos, vivendo em commum com os seus conegos, segundo a regra augustiniana, que professára.

Falleceu no dia 15 de junho de 1491.

—

Os antigos conventos eram quasi todos duplices, ou de frades e freiras, mas divididos entre si por paredes e claustros *em forma que não podesse perigar a honestidade*. Foram assim desde a sua fundação este de S. Vicente, o de Santa Cruz de Coimbra e outros, sendo tal a devoção das senhoras d'aquelle tempo, principalmente das da côrte, que quasi todas queriam ser conegas [1].

Para satisfazer a tanta devoção instituiu o padre S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra, 3 ordens ou classes de *conegas*, como havia já instituido tambem 3 ordens de conegos.

A 1.ª comprehendia as religiosas que viviam *com todo o rigor e perfeição da regra augustiniana dentro dos mosteiros*, e se denominavam *inclusas* ou *emparedadas*.

---

[1] Os reis e pontifices, durante muito tempo, deram os mosteiros em *commenda* a quem lhes aprazia, e foram os taes commendatarios uma verdadeira praga que pesou sobre os mosteiros, pois, com rarissimas excepções, empolgavam todo o rendimento, sem proverem á congrua sustentação dos religiosos nem ás despesas do culto, pelo que muitos mosteiros, tendo aliás grandes rendas, ficaram reduzidos á maior pobreza, e outros se fecharam e extinguiram!...

[1] D. Nicolau de Santa Maria. *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes*, Part. II, liv 12, cap. V, pag. 535 e segg.

A 2.ª comprehendia as *sorores* ou *conegas* que professavam a mesma regra das *inclusas*, mas viviam em suas casas, fóra dos mosteiros, — davam obediencia aos priores — e administravam os seus bens e d'elles se sustentavam, tendo porém sómente o usofructo, porque, segundo a praxe em vigor até o concilio de Terento, no acto da profissão doavam todos os seus bens aos mosteiros.

A 3.ª comprehendia as religiosas chamadas *conegas terceiras* e n'ella podiam entrar senhoras solteiras, viuvas e casadas; mas estas ultimas faziam 3 votos — de obediencia aos priores, — de *castidade conjugal* — e de *pobresa relaxada* [1], como ainda nos ultimos tempos faziam as Commendadeiras de Santos, da ordem de S. Thiago.

Foi esta a praxe não só dos antigos mosteiros dos conegos regrantes, mas dos mosteiros anteriores á refórma augustiniana.

Estas 3 ordens de conegas existiram muito tempo em Lisboa, dando obediencia aos priores de S. Vicente, mas vivendo as mesmas *inclusas* fóra do mosteiro dos conegos, em casa separada, na rua Direita de S. Vicente, casa que os chronistas chamavam Mosteiro de S. Miguel, ou *Mosteiro das Donas*.

No dito mosteiro viveu pelos annos de 1287 a *conega inclusa* D. Anna Martins, e pelos annos de 1322 foi prioreza das ditas conegas D. Elvira Silvestre.

Tanto estas conegas como as da 2.ª e 3.ª ordem eram senhoras nobres e ricas, pelo que se chamaram *Donas*.

—

Foi conega da 2.ª ordem, pelos annos de 1267, D. Maria João, irmã de D. Gonçalo, prior de Santa Maria, nos arrabaldes de Cintra, — e pelos annos de 1294 foram conegos da 3.ª ordem D. Soeiro Pires e sua mulher D. Toda, prestando obediencia ao mosteiro de S. Vicente.

[1] *Pobresa relaxada* ou *dispensada*, queria dizer que as taes *conegas*, sempre senhoras ricas, podiam, mesmo depois da sua profissão, viver faustosamente e não estavam obrigadas ao voto de pobreza, como todas as outras religiosas professas.

Foram tambem conegos regrantes da 3.ª ordem não só muitos homens e senhoras da primeira nobreza, mas alguns dos nossos reis, rainhas e infantes, taes como D. Affonso Henriques, D. Sancho I, D. Sancho II, D. Gil e D. Nuno, seus filhos bastardos, D. Fernão Pires, filho do infante D. Pedro, irmão de D. Affonso II, etc.

—

Depois que o meu antecessor e velho amigo de saudosa memoria, o sr. Pinho Leal, escreveu o artigo *Lisbôa*, muitos factos importantes se passaram na nossa capital. Mencionaremos apenas alguns, para não abusarmos demasiado da paciencia dos leitores e da bondade dos editores, que estão anciosos por verem este seu diccionario concluido; — e, principiando pelos factos que prendem mais de perto com o artigo de que no momento nos occupamos, mencionaremos o fallecimento do sr. D. Ignacio, ultimo cardeal patriarcha, — a sua substituição temporaria pelo sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene, hoje arcebispo de Braga; — e a sua substituição definitiva pelo sr. D. José Sebastião Neto, cardeal patriarcha na actualidade.

I

O cardeal patriarcha D. Ignacio I

Ha pouco tempo um homem elevado ao pinaculo das grandezas da terra, coberto das bençãos d'um povo inteiro, refulgindo com o deslumbrante brilho das suas virtudes, cahiu para sempre na catacumba mortuaria; — mas o seu nome glorioso entrou aurifulgente no livro da historia da igreja, de que foi ardente apostolo; — mas a sua alma virtuosa subiu, segundo cremos, á mansão dos justos, deixando apoz de si uma longa esteira de luz, que para sempre brilhará intensissima aos olhos de todos, como estrella a nortear-nos no procelloso mar da vida.

Queremos fallar do ex.mo sr. cardeal patriarcha de Lisboa, D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso.

A sua vida foi uma cadeia de virtudes, a sua morte foi uma corôa de saudades, a sua

existencia foi um exemplo vivo d'abnegação, o seu finamento um doloroso gemido que convulsionou o seio de todos os que tiveram a ventura de o conhecer.

—

Em 20 de dezembro de 1811, na antiga villa de Murça, provincia de Traz-os-Montes, nasceu um menino, filho de Hypolito de Moraes Cardoso e de D. Euphemia Joaquina Cardoso, o qual recebeu no baptismo o nome de Ignacio, que lhe dera seu tio Fr. Ignacio da Purificação, provincial da ordem da Arrabida.

Educado no extremoso seio da familia, recebeu uma solida instrucção religiosa e, depois de estudar humanidades, que cursou com muita distincção, matriculou-se em direito na nossa Universidade; mas teve, como outros muitos, de interromper a formatura com os acontecimentos politicos de 1828 a 1834.

Durante estes seis annos, em que esteve fechada a Universidade, resolveu-se Moraes Cardoso a abraçar a vida ecclesiastica.

Dirigiu-se a Braga, séde do arcebispado a que então pertencia Murça [1], e ali se conservou seis mezes hospedado no convento da Falperra, dispondo-se para receber as ordens, segundo as instrucções de seu tio e padrinho, Fr. Ignacio da Purificação.

Recebeu ali ordens menores, mas não pôde concluir a sua ordenação n'aquella cidade por não ter n'esse tempo prelado sagrado.

Recebeu em Villa Real de Traz-os-Montes a ordem de sub-diacono das mãos do bispo d'Astorga, que acompanhava o principe D. Carlos de Bourbon, e em Lisboa recebeu as ordens de diacono e presbytero das mãos do bispo de Cabo Verde, D. Jeronymo da Soledade.

O sr. D. Ignacio deveu em grande parte a sua brilhante carreira á sollicitude, aos exemplos e á dedicação do seu venerando tio e padrinho, Fr. Ignacio da Purificação, que foi bibliothecario em Mafra, por nomeação da Sr.ª D. Maria II, — logar que, mais tarde, desempenhou o rev.mo sr. Antonio da Purificação Moraes Cardoso, conego honorario, vigario da vara em Cintra e irmão do fallecido sr. patriarcha D. Ignacio.

Dedicou-se com grande applauso á predica e com muito fructo ao confessionario, e foram os seus meritos proprios, a sua abnegação, a sua caridade prodigiosa que o elevaram ás altas dignidades que tão dignamente exerceu.

Felizes aquelles que têem paes e tios virtuosos e dedicados,—e felizes os paes e tios que têem filhos e sobrinhos tão doceis e de tanto merecimento como o nosso biographado.

—

Desejando concluir a sua formatura, voltou a Coimbra; matriculou-se em theologia no anno de 1848 e formou-se em 1853, obtendo informações distinctas e os primeiros premios que a nossa Universidade costuma conceder.

Concluida a sua formatura, voltou para Lisboa.

Era Deus que o chamava para o engrandecer.

Foi confessor do sr. D. Pedro V, — d'esse desditoso soberano que se finou pranteado pelas lagrimas d'um povo inteiro, — d'esse rei modelo e santo, que viveu, como disse Malherbe, o tempo que vivem as rosas, — o espaço de uma manhã!...

Foi tambem thesoureiro da real capella das Necessidades, conego da Sé patriarchal e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Eleito bispo do Algarve em 13 de maio de 1863, foi preconisado no consistorio de 1 de setembro do mesmo anno e, finalmente, sagrado em S. Vicente de Fóra no dia 14 de fevereiro de 1864,—sendo prelado sagrante o sr. cardeal patriarcha D. Manuel Bento Rodrigues, a quem succedeu o sr. D. Ignacio, e assistentes os fallecidos srs. bispos de Vizeu e do Porto—D. Antonio Alves Martins e D. João da França Castro e Moura.

Em novembro de 1869 partiu para Roma com o fim de assistir ao concilio ecumenico

---

[1] Hoje pertence á diocese de Lamego, em virtude da bulla *Gravissimum Christi Ecclesiae* do Santissimo Papa Leão XIII, com data de 30 de setembro de 1881.

do Vaticano; sendo, porém, interrompido o mencionado concilio, regressou magoado pelos tristes acontecimentos que encheram de amargura o generoso coração de Pio IX nos ultimos annos do seu pontificado.

Pouco depois do seu regresso, foi eleito patriarcha por decreto de 23 de janeiro de 1871, confirmado por bulla pontificia de 17 de maio do mesmo anno e feito cardeal no consistorio de 22 de dezembro de 1873, recebendo no paço da Ajuda a solemne imposição do barrete cardinalicio no dia 15 de janeiro de 1874.

—

Em 1877, resolvendo o mundo catholico festejar d'um modo solemne o dia 3 de junho de 1827, quinquagessimo anniversario episcopal do summo pontifice Pio IX, s. em.ª incorporou-se na peregrinação portugueza, assumindo a presidencia d'ella, e tomou o caminho de Roma. Chegou em fins de maio d'aquelle anno e, sendo concedida pelo venerando pontifice, no dia 29 do dito mez, audiencia solemne aos portuguezes, s. eminencia leu ao Santo Padre uma felicitação, na qual testemunhou a sua obediencia, o seu respeito e o seu amor para com a Santa Sé e ao mesmo tempo, como portuguez, recordou as glorias de Portugal, as suas conquistas pela cruz, a sua civilisação pela fé e o seu poderio d'outr'ora com o manifesto auxilio da Providencia.

Bem quizeramos transcrever aqui na sua integra aquella inspirada felicitação, que temos sobre a banca, mas não nos atrevemos, porque vae assumindo grandes dimensões este artigo.

—

O sr. D. Ignacio teve a honra de receber do venerando chefe da christandade o annel e o chapeu cardinalicios, com o titulo presbyterial dos Santos Nereu e Achilleu, em consistorio do mez de junho de 1877, e em seguida regressou a Lisboa.

A 7 de fevereiro de 1878 falleceu o venerando Pontifice Pio IX, e sendo s. eminencia pouco depois convidado para assistir ao conclave que devia eleger o novo pontifice, partiu novamente para Roma, fazendo uma viagem rapida, precipitada, cheia de incommodos, e assistiu á eleição do actual chefe da Egreja Catholica,—Leão XIII,—o pontifice da sciencia e da paz, — o brilhante sol do christianismo, o fulguroso *lumen in coelo*, —tomando parte n'esse acto tão importante e tão solemne, ao qual nenhum outro na terra se assimilha.

Regressando ao reino, começou de soffrer uma longa e pertinaz enfermidade que o levou ao tumulo.

O sr. D. Ignacio possuia uma bondade e meiguice d'alma que prendiam a todos; nos labios brincava-lhe sempre o sorriso da benevolencia; no seu coração reinava a paz do evangelho, no rosto a serenidade da consciencia e nas palavras a gravidade do Mestre em Israel.

Foi um digno successor dos apostolos e, depois de cruciantes padecimentos, que supportou com a resignação d'um santo, expirou no dia 23 de fevereiro de 1883, pelas 4 horas e 20 minutos da manhã.

—

No dia 28 do mesmo mez se fizeram por sua alma exequias solemnissimas, que um jornal descreveu n'estes termos:

«No magestoso templo de S. Vicente de Fóra tiveram logar no dia 28 do mez proximo passado, as solemnes exequias por alma do fallecido prelado d'esta diocese. O templo achava-se armado com bastante riqueza, e com especialidade a capella-mór, onde se levantava uma tarima forrada de velludo escarlate, em que se depositou o caixão que escondia os restos mortaes d'aquelle, que fôra a primeira dignidade ecclesiastica d'este paiz. Eram perto de onze horas quando no templo entrou o corpo do Em.mo Cardeal Patriarcha. Era pequeno o espaço que tinha de percorrer o cortejo funebre; mas ainda assim a imponencia e a gravidade das ceremonias, que o ritual justamente estabelece para estas occasiões, fizeram com que o cortejo gastasse mais de uma hora desde que saiu a porta do paço de S. Vicente, que fica voltada ao sul, até que poude entrar no templo. Logo que o caixão foi collocado na tarima, começou a missa cantada pelo presidente do cabido. Aquellas melodias funebres

do Mosart echoando debaixo das magestosas, embora denegridas, abobadas do vasto templo que data desde os principios da monarchia, vinham tristemente repercutir-se-nos na alma, e mais uma vez lembrar-nos o pensamento que jámais devêra esquecer-nos, que esta vida é uma luz, que o mais pequeno sopro apaga,— que não ha glorias nem grandesas humanas, que resistam á fouce cruel e implacavel da morte, e que só a virtude deixa após si um rasto, que não se desvanece facilmente.

«O Em.mo Cardeal Patriarcha, que tão alto subira na hierarchia sagrada, caiu fulminado pela morte, exactamente como cae fulminado por ella o mais humilde membro da sociedade catholica, que tendo fé e esperança, sabe tambem morrer abraçado á cruz do Redemptor.

«As homenagens, porém, que no dia 28 se prestaram em S. Vicente, eram devidas á alta posição ecclesiastica que occupára o finado, e ás virtudes de que constantemente deu testemunho durante toda a sua vida.

«Estavam ali representadas todas as classes e cathegorias da sociedade. Desde o primeiro magistrado da nação até ao mais desconhecido proletario, via-se enchendo litteralmente o vastissimo templo de S. Vicente uma multidão immensa, que ali foi de certo orar a Deus pelo eterno descanço do Em.mo Sr. Cardeal D. Ignacio I.

«As duas tribunas da capella-mór estavam occupadas—a da direita por Sua Magestade El-Rei, pelo Sr. D. Fernando, e pelo Principe Real D. Carlos; a da esquerda pelos ex.mos srs. arcebispo de Mytilene, e bispos de Cabo Verde [1] e de Teja [2].

«No cruzeiro levantaram-se duas tribunas, uma, a da esquerda, destinada para o corpo diplomatico, a cuja frente estava o ex.mo nuncio de Sua Santidade; a outra, a da direita, para as commissões das camaras dos pares e dos deputados. O ex.mo bispo de Bragança estava n'estat ribuna, como membro da camara dos pares, que é.

«Não nos incumbe dar noticia de todas as pessoas e corporações que assistiram a estes obsequios funebres em honra do Em.mo Cardeal Patriarcha. O espaço de que podemos dispôr não chegaria para tanto. O clero estava ali representado em grande numero; nem podia deixar de ser assim, visto que se tratava de prestar as ultimas homenagens áquelle que fôra o seu melhor e mais dedicado amigo. Do ministerio estava parte. Vimos ali os srs. presidente do conselho, ministros, da justiça, dos estrangeiros e o das obras publicas, que chegou por fim e muito á pressa.

«Depois de terminada a missa, que foi primorosamente cantada, seguiram-se as absolvições, que foram feitas pelos srs. conegos da Santa Sé Patriarchal, Menezes, Diâs, Rodrigues e Napoles, sendo a ultima cantada pelo conego officiante.

«As absolvições, celebradas com toda a pompa, deram áquelle acto uma solemnidade verdadeiramente imponente, que nos imprimiu na alma as mais santas e piedosas recordações. Aquella musica triste, casando-se perfeitamente com a letra triste e lugubre do dia e da occasião, quasi que nos estava dizendo, que pedissemos a Deus que livrasse da morte eterna a alma do prelado, que partira d'este mundo com a consciencia tranquilla, porque jámais offendêra a alguem.

«Nas ruas proximas de S. Vicente e ainda no Terreiro do Paço formavam todas as tropas da divisão commandadas pelo respectivo general, as quaes deram as descargas do estilo, quando o corpo do sr. D. Ignacio deu entrada no jazigo dos patriarchas, e que fica ao lado do evangelho na capella-mór da egreja de S. Vicente.

«O povo de Lisboa apinhava-se em toda a parte donde presumia que poderia vêr o cortejo funebre. Milhares de individuos foram assistir áquelle imponentissimo acto, que as ceremonias prescriptas pela liturgia catholica revestem de uma magestade e grandesa tão tocante como deslumbrante. Ha muito tempo que em Lisboa se não presta uma homenagem tão sincera e tão leal, como aquella que acaba de ser dispensada ao fal-

---

[1] José Corrêa de Carvalho.
[2] Thomaz Gomes d'Almeida.

lecido prelado d'esta vastissima archidiocese.

«Em quanto o corpo do Em.mo Cardeal esteve exposto na camara ardente, revestido de todos os paramentos, houve para ali uma perfeita romaria. Milhares e milhares de individuos ali foram vêr o seu prelado e beijar o annel e a mão que tantas vezes os havia abençoado. E no meio de um concurso immenso, enorme, como poucas vezes se terá visto, nenhum desacato se notou. As pessoas, que foram a S. Vicente, iam impellidas pelos sentimentos de piedade e devoção. Um pensamento alegre nos dominou o espirito no meio da tristeza e da dôr que nos causou a morte do nosso venerando prelado. O povo de Lisboa é ainda bom; é ainda religioso. Mostra-o em todas as occasiões solemnes. Vê o seu prelado morto, e immediatamente acode pressuroso a manifestar os sentimentos de piedade e de devoção por aquelle que fôra o seu pae espiritual. Os esforços da impiedade não tem ainda produzido todos os seus satanicos effeitos. Ha ainda, mercê de Deus, muita fé e muita caridade nos habitantes da capital.

«É necessario que trabalhemos constante e continuadamente por conservarmos pura e intemerata uma e outra.

«Muito depende isso do zelo dos ministros do altar, e com especialidade d'aquelles que mais alto collocados estiverem e dos quaes deve partir o exemplo e o impulso.

«Não queremos dar conselhos a ninguem; porque ninguem nol-os pede; no entretanto não hesitamos em affirmar que ainda é grande, enorme a influencia e o prestigio do sacerdote. Saiba elle aproveital-o convenientemente, e saberá os bons serviços que póde prestar ás almas e ao bem estar dos povos.»

—

Assim terminou a sua gloriosa carreira tão eminente prelado.

A sua vida foi uma cadeia de virtudes,—a sua morte uma corôa de saudades,—a sua existencia um exemplo de abnegação, — o seu passamento um doloroso gemido que abalou o seio de todos os que o conheceram.

A luz da bemaventurança illumine a sua alma com os eternos resplendores da gloria, e descance em paz no seio do Omnipotente o indefesso soldado da cruz, o ardente apostolo do catholicismo.

—

Foi dez annos consecutivos vigario geral de sua eminencia e por sua morte vigario capitular do patriarchado o sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene e hoje arcebispo de Braga.

Eleito em 26 d'abril e confirmado em 9 d'agosto de 1883, fez a sua entrada solemne na cidade primacial no dia 25 de outubro do mesmo anno.

Daremos a biographia de s. ex.ª no *Supplemento* a este diccionario, artigo *Braga.*

II

O sr. D. José Sebastião Netto

Tendo fallecido o sr. patriarcha D. Ignacio em 23 de fevereiro de 1883, era necessario dar-lhe um successor, e a providencia divina, que rege os destinos dos povos e assiste á egreja, dignou-se conceder a Lisboa um prelado virtuosissimo, zeloso das coisas de Deus e da salvação das almas, — o sr. D. José Sebastião Netto.

Nasceu sua eminencia na cidade de Lagos, no dia 20 de janeiro de 1841, e é filho de Raymundo José Netto e de D. Catharina Lucia.

Em 1855 entrou o sr. Netto para o seminario de S. José de Faro, onde estudou com distincção os preparatorios. Recebeu prima tonsura e as ordens menores em 25 de maio de 1861; e ali cursou a theologia, sendo premiado no primeiro anno e classificado com *accessit* no segundo e terceiro.

Recebeu o subdiaconado em 20 de dezembro de 1862, — o diaconado em 30 de maio de 1863—e a ordem de presbytero em 1 de abril de 1865, das mãos do sr. D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, então bispo do Algarve.

Em 17 de agosto de 1865 foi nomeado coadjuctor do prior de Boliqueime, logar que exerceu até 1873; n'este mesmo anno

lhe foi dada a encommendação d'aquella freguezia, — e em 15 d'agosto de 1875 entrou para o convento do Varatojo (Vide esta palavra no diccionario) d'onde sahiu em 27 de setembro de 1879, depois de confirmado bispo d'Angola e Congo.

Foi sagrado na egreja parochial de S. Julião, em Lisboa, no dia 18 de abril de 1880, e seguiu viagem para Loanda no dia 5 de agosto do mesmo anno.

Como prelado de Loanda, fez um logar distinctissimo, ora cathechisando no seu paço, ora visitando a sua diocese, sempre sollicito na salvação das almas, sempre disposto a dar a vida pelas suas ovelhas n'aquelle pestifero clima.

Tão alto soava o echo das suas virtudes que, vagando a sé patriarchal de Lisboa, foi s. ex.ª apresentado n'ella por decreto de 26 de abril de 1883 e confirmado no consistorio de 17 de agosto do mesmo anno. Tomou posse do patriarchado no dia 29 de setembro e fez a sua entrada solemne em 7 de outubro do dito anno.

No dia 21 de novembro publicou a sua primeira pastoral, — documento honrosissimo, testemunho edificante das virtudes de sua eminencia

No dia 11 de novembro d'aquelle mesmo anno sentiu o sr. D. José III uma grande dôr, uma perda enorme para o seu bondoso coração: falleceu a sua carinhosa mãe, que de certo voou á mansão celeste com o sorriso da satisfação por ver guindado ao apogeu das grandesas o filho que nascera no obscuro seio de tantas humildades.

No dia 16 de janeiro de 1884 o sr. D. José tomou assento na camara dos dignos pares e em abril recebeu a imposição do barrete cardinalicio no paço real, das mãos de S. M. o sr. D. Luiz I.

O sr. D. José III faz-nos lembrar os tempos apostolicos. Não perde tempo. Na salvação dos fieis é o mais prompto,—no governo da sua diocese o mais diligente,—na virtude exemplar,—na abnegação o primeiro.

Entra no confessionario, que foi sempre o seu throno de gloria, e ali permanece horas e horas para sanar as enfermidades da alma,—sobe ao pulpito e ali manifesta o seu ardor, o seu empenho na regeneração dos costumes. Procura o pobre e soccorre-o, — busca o humilde e exalta-o, — explora as sombras da miseria e leva-lhe a luz, — vê o habito talar esquecido e lembra, aconselha e persuade o seu uso;—dá tudo, ensina tudo, véla por tudo e faz-se tudo para salvar a todos.

—

Ao meu bom amigo e muito illustrado collega, o ex.mo e rev.mo sr. dr. Egydio d'Azevedo, primoroso estilista, conego honorario e professor de disciplinas ecclesiasticas no seminario de Lamego, agradecemos estas duas interessantes biographias.

—

Antes de deixarmos o mosteiro de S. Vicente de Fóra, não podemos resistir á tentação de indicar uma interessantissima *Carta*, que temos sobre a mesa e que prende com elle. Intitula-se assim:

VIDA E MILAGRES DE ANTONIO
LUIZ DA VEIGA CABRAL E CAMARA,
BISPO DE BRAGANÇA
CARTA DO
REV.º INNOCENCIO ANTONIO DE MIRANDA,
ABBADE DE MEDRÕES,
AO PRIOR DE S. LOURENÇO,
ESCRIPTA EM LISBOA
AOS
30 DE NOVEMBRO DE 1812

É manuscripta, copiada por mim, em 1880, d'outra que encontrei em Gouvêa.

O diccionario de Innocencio Francisco da Silva, fallando de Innocencio Antonio de Miranda, abbade de Medrões, deputado ás côrtes constituintes de 1821, mencionando as suas obras, não menciona a dicta *Carta*, porque ao tempo (1859) ainda não tinha sido publicada, e suppomos que até hoje (1884) apenas o sr. Joaquim Martins de Carvalho a publicou nas columnas do seu interessante jornal, o *Conimbricense*[1].

—

No *Supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Bragança* um extracto da

[1] *Conimbricense* n.º 2:416 de 20 de setembro de 1870, até o n.º 2425 de 22 de outubro do mesmo anno.

dita *Carta*, que é a biographia do bispo D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, muito illustrado, muito austero e virtuoso, mas tão excentrico e tão falto de censo que se expoz a grávissimas censuras, chegando a ser compellido pelo governo a ir a Lisboa responder ao processo, contra elle instaurado, em 1799, e regressou a Bragança apenas em 1811, tendo passado uma parte d'aquelles 12 annos *retido* por ordem do governo no mosteiro de S. Vicente. E em 1814 foi compellido pelo governo a recolher-se ao convento do Bussaco.

Emquanto esteve retido em S. Vicente de Fóra, tinha por homenagem o vasto mosteiro, seus jardins e mais dependencias, mas conservou-se sempre recluso no seu quarto, porque declarou *excommungados vitandos*, não só o principe regente e seus ministros, mas o D. Prior e os conegos regrantes, e como taes tratava uns e outros, chegando a magoal-os e incommodal-os vivamente, pois fanatisou as damas da primeira nobreza e o povo de Lisboa a ponto de todos se convencerem de que era *santo e fazia milagres!...*

A mesma convicção se apoderou do povo de Bragança e da provincia de Traz-os-Montes, pelo que de toda a parte affluiam em bandos homens e mulheres, mesmo da Hespanha, para elle os benzer, exorcismar e curar.

Foi um bispo verdadeiramente extraordinario.

Sendo tão caritativo, que chegava a dar aos pobres a propria roupa que levava vestida e a pôl-os á sua mesa,—nunca deu cinco réis á sua familia, tendo mãe e irmãs luctando com a miseria;—e, sendo tão illustrado e tão zeloso pelas coisas de Deus e pela salvação das almas,—nunca se importou com o governo da sua diocese, que abandonou e deixou correr á revelia *vinte e tantos annos*, não querendo saber senão das rendas para as consumir (mais de 12 contos de réis por anno) em dois recolhimentos de *Beatas do Menino Jesus*, com as quaes, em numero de cento e tantas, vivia *em commum* na Mofreita e no Loreto, aldeias distantes de Bragança.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Veja-se no *Supplemento* o artigo *Bragança*, onde daremos a biographia de tão excentrico prelado.

—

Aproveitando o ensejo de fallarmos de Lisboa, bem desejavamos consignar aqui o projecto da camara para o saneamento da nossa capital, comprehendendo um grande cano collector desde a estação de Santa Apolonia até á ponta de Rana, junto de Cascaes, e outras obras, muito intelligentemente elaborado pelo nosso distincto engenheiro, o sr. Ressano Garcia, e por s. ex.ª orçado em 7:000 contos;—bem como o vasto projecto apresentado pelo governo ás camaras na sessão de 25 de abril ultimo, para melhoramento do porto de Lisboa, comprehendendo grandes aterros e uma longa fila de caes em ambas as margens do Tejo, dokas para carga, abrigo e reparos d'embarcações, etc. tudo orçado em 15:000 contos.

Desejára tambem consignar aqui as grandes festas da Kermesse, promovidas pela nossa Augusta Rainha, a Senhora D. Maria Pia, em favor das Creches, e realisadas nos dias 17, 18 e 19 de maio ultimo na Tapada da Ajuda,—as festas mais luzidas e esplendidas que em Portugal se tem visto n'aquelle genero, e que só nos mencionados 3 dias produziram cerca de 30 contos de réis!...

Tambem quizera descrever o grande incendio que no dia 20 de maio ultimo devorou o convento da Graça, onde se achava aquartelado o regimento de infanteria n.º 5, sendo avaliados os prejuisos em 80 a 90 contos de réis, — e a inauguração do Jardim Zoologico no parque do palacio que foi de José Maria Eugenio, em S. Sebastião da Pedreira, realisada com grande pompa e extraordinaria concorrencia no dia 28 do mesmo mez de maio, etc. etc. mas, como este artigo vae muito longo, no *Supplemento* a este diccionario, artigo *Lisboa* (Vide) publicaremos mais detalhadamente estas e outras noticias que prendam com a nossa capital.

VICENTE LUCAS—aldeia ou casal, pertencente á freguezia, villa e concelho de *Salvaterra de Magos*, (Vide) districto de Santarem.

Comprehende mais esta freguezia as aldeías seguintes: Bilrete, Figueiras, Montregos ou Montrogos, Coelhos, Colmieiros, Magos de Baixo, Magos de Cima e Fóros; — os casaes: Saloio, Magalhães, Antonio Lopes, José Marques, José Felix, José Coelho, Gabriel, Netto, Pinto, Silva, José das Neves, Fernandes, do Rosa e Val Queimado; — as habitações isoladas: — Sargento Mór, Escaroupim, Guarda e a herdade da Misericordia.

O cognome d'esta villa proveiu do grande *Paul dos Magos*, mandado abrir por D. João IV.

Luiz Mendes de Vasconcellos no *Sitio de Lisboa* diz que este paúl rendia no seu tempo 900 moios de trigo, e que o paul da Asseca dava ao dizimo (em annos de fartura) *mil moios?!...*

—

Pelo ultimo censo (1878) tinha esta parochia 696 fogos e 2:527 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 1:289 do sexo masculino e 1:238 do sexo feminino; — d'estes 2:527 habitantes 23 contavam 70 a 80 annos de idade, — 8 contavam 80 a 90 annos,—90 a 100 annos 3—e eram de idade desconhecida 14.

Sabiam apenas lêr 55 homens e 78 mulheres;—sabiam lêr e escrever 205 homens e 161 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos, 1:019 homens e 1:019 mulheres.

Se o mencionado recenseamento é a expressão da verdade, foi talvez esta a *unica* freguezia do nosso paiz em que se deu a coincidencia de ter *precisamente* tantos analphabetos do sexo masculino como do sexo feminino.

Arcades ambo!...

Tanto nos impressionou a coincidencia que verificámos as sommas e achamol-as exactas.

Os 1:019 analphabetos subdividiam-se da fórma seguinte:

Varões

Solteiros	672
Casados	319
Viuvos	28
Somma	1:019

Mulheres

Solteiras	532
Casadas	358
Viuvas	129
Somma	1:019

Estamos certos de que estas cifras baixarão consideravelmente no recenseamento proximo futuro, pois nunca se prestou no nosso paiz tanta attenção á instrucção primaria e secundaria, como na actualidade.

N'este pelouro, bem como no dos correios, telegraphos e telephones, e no da viação ordinaria e accelerada, é *muito sensivel* o nosso progresso, no momento.

Veja-se o longo artigo *Vias Ferreas*.

VICENTE DE MASCOTELLOS (S.) — freguezia,—ou simplesmente *Mascotellos* (Vide) —orago S. Vicente, concelho de Guimarães, districto administrativo e arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

O padre Carvalho deu-lhe 16 fogos, — J. A. d'Almeida 35,—a *Estatistica Parochial* [1] de 1862—36 fogos e 148 habitantes,—o censo de 1864—161 habitantes,—e o censo de 1878 — 39 fogos e 158 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 68 do sexo masculino e 90 do sexo feminino, — e 4 de 70 a 75 annos. Não tinha pessoa alguma de idade mais avançada.

Sabia apenas ler 1 homem e das mulheres *nem uma!* Outra especialidade. Sabiam ler e escrever 19 homens e 13 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 48 homens e 77 mulheres.

Pelas informações que recebi directamente do seu rev. parocho, esta freguezia conta hoje (agosto de 1884) — 186 habitantes em 44 fogos.

É hoje reitoria;—pertence á comarca e ao districto ecclesiastico de Guimarães — e ao julgado ordinario das Caldas de Vizella.

---

[1] Collecção dos relatorios dos parochos, existente na secretaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e da justiça e que se refere a junho de 1862.

Havemos de citar esta curiosa *Estatistica* muitas vezes.

P. A. Ferreira.

—

As suas freguezias limitrophes são — S. Miguel de Creixomil, ao norte, — ao sul S. Thiago do Candoso e S. Pedro de Polvoreira,—a leste Santo Estevam de Urgeses, — e a oeste S. Thiago de Candoso.

Comprehende as aldeias seguintes: Bogalhós, Santo Amaro, Leça, Boucinha — e os casaes do Assento, Bufo e Peixoto.

A quinta principal d'esta freguezia é a de *Bugalhós de Baixo*, geralmente conhecida por *Casa dos Abreus*, porque *ha seculos*, pertence a uma respeitavel familia d'este appellido.

Ha n'esta casa titulos de 1602 — tal é um praso feito no reinado do intruso D. Philippe II e referendado pelo conde de Linhares, D. Fernando de Noronha, em Lisboa, a 24 de outubro de 1602, no qual se invoca a posse pacifica do casal pela mesma familia Abreus, *desde mais de 50 annos* anteriormente áquella data.

Possue e representa muito dignamente esta boa quinta na actualidade a ex.ma sr.a D. Maria Alves d'Abreu Pereira, casada com o sr. Jacyntho Gomes d'Oliveira, — paes do muito illustrado e digno reitor d'esta freguezia, o rev.mo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, de quem adiante fallaremos, e que por sua mãe ainda é parente do sr. visconde de Benalcanfor.

Merecem tambem especial menção a quinta de *Bugalhós de Cima*, pertencente ao sr. Francisco José Ribeiro—e a do *Assento*, propriedade do sr. Francisco Martins d'Abreu.

—

Dista esta freguezia 3 kilometros de Guimarães, — 25,400 metros de Braga, — 59 do Porto—e 396 de Lisboa.

É servida pela linha ferrea (via reduzida) da estação da Trofa, na linha ferrea do Minho, a Guimarães — e por um ramal de estrada a macadam que liga esta freguezia com a de Santa Eulalia de Nespereira.

Tambem passa ao nascente d'esta freguezia a estrada real a macadam para o Porto, por Santo Thyrso,—e ao norte outra estrada real a macadam para o Porto por Villa Nova de Famalicão.

—

Esta freguezia é banhada por um pequeno riacho que tem a sua origem nos campos do Bufo e vai desaguar no Selhinho, que por seu turno desagua no Selho.

As suas producções dominantes são — legumes, cereaes e vinho verde ou *d'enforcado*.

O seu clima é saudavel. Não ha aqui doenças predominantes nem memoria de grandes epidemias.

—

Não se sabe com certeza de onde proveiu a esta parochia o titulo de *Mascotellos*, — e, não havendo n'ella povoação, familia ou sitio com este nome, encontra-se na freguezia de S. Thiago de *Candoso*, sua limitrophe, uma casa nobre e muito antiga, pertencente ao morgado de Sezim, denominada *Casa de Mascotellos* [1].

É possivel que os senhores da dita casa fossem em tempos remotos padroeiros d'esta

---

[1] Não conhecemos em todo o nosso paiz outra casa, quinta, casal ou aldeia com o nome de *Mascotellos*, mas não faltará quem diga que *Mascotello* é diminutivo de *Mascote*, e *Mascote* se denomina um casal pertencente á freguezia de Cachoeiras, concelho e comarca de Villa Franca de Xira, districto de Lisboa, na provincia da Extremadura,— e uma quinta pertencente á freguezia, villa, concelho e comarca d'Alemquer, no mesmo districto e provincia.

Estão bastante distantes da casa e freguezia de *Mascotellos*, mas isso póde explicar-se como se explica á identidade e similhança dos nomes de muitas freguezias, aldeias, quintas, casaes e sitios em varios pontos do nosso paiz e de paizes estrangeiros, nomeadamente na Hespanha e no imperio do Brazil.

Tambem se denomina *Mascate* (não *Mascote*) um dos principaes estados da Arabia, bem como uma praça de guerra e posto de mar, capitania dos mesmos estados, grande centro de commercio das mercadorias da India e das perolas d'Ormuz, a 2:000 kilometros de Meka, sobre o golpho d'Oman.

Foi uma das nossas possessões asiaticas, conquistada por D. Affonso d'Albuquerque em 1507 e perdida em 1644.

Mascozello é uma aldeia da freguezia de Villa Cova, concelho de Villa Real de Trazos-Montes.

freguezia—ou concorressem para a creação d'ella, pela visinhança do seu solar.

Accresce ainda a circumstancia de que os morgados de Sezim, da casa de *Mascotellos*, têem, desde longa data, capella sua na collegiada de Guimarães, á qual pertencia o padroado d'esta parochia, talvez por cedencia, traspasse ou doação dos morgados de Sezim.

—

Approveitando o ensejo que se nos offerece, faremos aqui algumas rectificações:

O Padre Torquato Peixoto, na *Antiga Guimarães*, diz ser esta parochia uma *vigairaria* da Real Collegiada d'aquelle titulo, — e o Padre Carvalho, na sua *Chorographia*, diz ser um *curato* da mesma collegiada.

Nem um nem o outro são rigorosamente exactos.

Esta egreja era simultaneameete apresentada pelo *D. Prior* e pelo *cabido* da dicta collegiada, segundo consta de documentos existentes no archivo parochial.

Diz tambem o primeiro — que n'esta freguezia está situada a quinta de *Creixomil*, celebre por haver sido doada por Pedro Ouceo e sua mulher Fafa ao mosteiro de Muma Dona – o que é menos exacto.

A dita quinta está na freguezia limitrophe—S. Thiago de Candoso—e contigua ao logar de Bugalhós, d'esta freguezia de Mascotellos.

Não será isto mais uma razão para suppormos que esta freguezia foi padroado dos senhores de Mascotellos? Talvez não existisse então a freguezia de S. Thiago de Candoso, e estes dous casaes e quiçá outros pertenceriam a esta freguezia de Mascotellos, sendo aquella instituida posteriormente e á custa d'esta.

—

Diz tambem Carvalho haver n'esta freguezia a ermida de Nossa Senhora do *Monte*.

Não ha memoria de que pertencesse a esta parochia tal ermida, que está a distancia de 3 a 4 kilometros, no extremo da freguezia de Santa Christina de Serzedello. Para se chegar ali é necessario atravessar uma parte da freguezia de S. Thiago de Candoso e outra da de Santa Eulalia de Nespereira.

Estranhamos que nem o Padre T. Peixoto nem o Padre Carvalho fizessem menção da capella de Santo Amaro, que ao tempo em que escreveram existia n'esta parochia de Mascotellos, desde longa data.

De um documento existente no archivo da Sé de Braga, com data de 1651, consta que o vigario d'esta freguezia foi auctorizado para benzer a *nova capella* de Santo Amaro, recentemente edificada, porque a *velha* ameaçava imminente ruina.

—

Tem hoje esta freguezia um templo unico, — a igreja matriz, que não é a primitiva. Essa estava no meio da quinta do *Assento*, onde ainda se vêem restos do adro. Foi demolida pelos annos de 1792 a 1793, por se achar em ruinas, e desde então se arvorou em egreja matriz a capella de Santo Amaro, accrescentando-se-lhe em 1793 a capella-mór, como revela a data que se vê no tecto e se prova com documentos existentes no archivo parochial;—e em 1882, por iniciativa do seu parocho actual, o sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, coadjuvado pela junta de parochia e pelos seus parochianos, se lhe accrescentou o comprimento, ficando um templo não luxuoso nem muito espaçoso, mas limpo, decente e em condições de satisfazer ás exigencias do culto.

Tem de comprimento hoje $19^{m},40$ e de largura $5^{m},50$ (interiormente) incluindo a capella-mór. Esta de per si tem $6^{m},80$ de comprimento e $3^{m},40$ de largura; — o arco cruzeiro $3^{m},75$ d'altura e $2^{m},25$ d'abertura, — e o corpo da igreja $7^{m},10$ de comprimento.

Além do altar-mór, onde está o Santissimo, tem 2 altares lateraes,—um dedicado a Nossa Senhora do Rosario,—outro a Santo Amaro, com festa propria, sempre muito luzida e concorrida, no domingo immediato ao dia 15 de janeiro,—havendo por essa occasião tambem, desde tempos remotos, grande romagem e feira de gado vaccum, talvez a melhor da provincia n'aquella especialidade.

É conhecida por *feira de Santo Amaro;* tem logar no dia 15 de janeiro — e a ella concorre sempre grande quantidade de gado

bovino, sendo alguns exemplares dignos de admiração pela sua belleza e corpulencia.

Ainda no ultimo anno (1883) ali se venderam duas juntas de bois por 520:000 réis.

Pertenciam ambas ao mesmo lavrador.

A feira faz-se no sitio de *Santo Amaro*, quasi todo revestido de carvalhos, — e ali concorrem por essa occasião tendeiros, doceiras e taberneiros, vendendo-se muito vinho, ordinariamente 8 a 10 pipas, em cada feira.

—

A egreja tem apenas um torreão com um sino.

O cemiterio parochial dista da egreja 139m,10,—tem de comprimento 36m.70 e de largura 25m,80.

Este cemiterio foi o primeiro e é ainda hoje (1884) o *unico* cemiterio rural do concelho de Guimarães. Está muito bem acabado; tem uma frontaria elegante e magestosa e foi muito bem situado. D'elle se descobre um panorama vastissimo encantador!

Foi feito á custa do rev. Antonio José Lisbão, benemerito parocho encommendado d'esta egreja (que n'elle está sepultado em jazigo proprio) em 1876 a 1877 e solemnemente benzido em 27 de outubro de 1877.

—

Os primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os srs. Jacyntho Gomes d'Oliveira, Francisco José Ribeiro e Francisco Martins d'Abreu.

—

Póde computar-se o rendimento d'este beneficio em 200$000 réis, provenientes de derrama, oblatas, pé d'altar e esmolas offerecidas á imagem de Santo Amaro, que estão computadas em 80$000 réis no lançamento da congrua.

—

Fazem-se n'esta egreja tres *clamores*, que antigamente íam — um, na quinta-feira da Ascensão, á capella de Nossa Senhora do Monte, freguezia de Serzedello, — outro á capella do Bom Jesus de Barrosas, freguezia de Idães, na primeira oitava do Espirito Santo; — outro no dia de S. João Baptista, á capella de Nossa Senhora dos Remedios, na freguezia de Urgeses; — mas hoje fazem-se todos na igreja matriz, com prévia auctorisação do ex.mo prelado.

—

Por escriptura de 31 de janeiro de 1869, o rev. Antonio José Lisbão, já mencionado como fundador do cemiterio, doou á Santa Casa da Misericordia de Guimarães a quantia de 1:600$000 réis, com a obrigação *in perpetuum*, desde a morte d'elle doador, de satisfazer a esta freguezia, em sexenios, o legado seguinte: — No 1.º e 2.º anno dar a 5 homens pobres um vestido completo, composto de calças e jaqueta de saragoça, colete de palmilha, camisa, meias, sapatos, chapeu, manta e rosario;—no 2.º e 3.º anno um vestido completo a 5 mulheres, tambem pobres, comprehendendo saia, roupinhas, ou quinzena de baeta, camisa, meias, sócos, lenço, manta e rosario;—no 5.º e 6.º anno comprar 40$000 réis de milhão graúdo e distribuil-o por todos os chefes de familia d'esta parochia.

O mesmo Padre Lisbão, pelo testamento com que falleceu, legou á dita santa casa o remanescente da sua herança em moveis e dinheiro, impondo-lhe a obrigação de, com metade do rendimento d'este legado, mandar ensinar instrucção primaria aos meninos e meninas pobres d'esta freguezia, devendo tambem cada um d'estes receber nos anniversarios do fallecimento do instituidor uns sócos e um lenço.

Que benemerito sacerdote!

O ceu lhe pague na gloria tanta virtude, tanta caridade, tanta dedicação para com os seus parochianos!

E, se tanto fez a bem d'elles, sendo um simples *encommendado* em parochia tão humilde, o que não faria se fosse abbade de Santiago d'Anta, prior de Santa Isabel ou de Santos, o Velho, em Lisboa, deão d'Evora ou D. prior de Cedofeita, no Porto, — hoje os primeiros beneficios de Portugal?!...

O que não faria elle se fosse, antes da extincção dos dizimos, abbade de S. Miguel de Lobrigos, no concelho de Santa Martha de Penaguião, hoje bispado de Lamego, e tivesse, como tinham aquelles abbades, *dez a doze contos de renda por anno*, que por cer-

to equivaliam a mais de *quinze contos de réis* na actualidade?

Parochos

Daremos agora aqui uma lista dos parochos d'esta freguezia, desde 1716, por não haver memorias dos anteriores no archivo d'esta egreja.

1.º—*Gualter da Costa*, de 1716 a 1728.

2.º — *Domingos Francisco Barbosa*, de 1729 a 1732.

3.º — *Manoel Ribeiro*, de 1732 a 1741.

4.º — *Luiz Antonio d'Abreu*, de 1742 a 1744.

5.º — *Domingos Dantas e Tavora*, de 1746 a 1747.

6.º — *Lourenço Gomes*, de 1747 a 1755.

7.º — *Jeronymo Ribeiro Salgado*, de 1755 a 1784.

8.º — *Bento José Pereira*, de 1785 a 1786.

9.º — *João Dias Martins*, de 1786 a 1798.

10.º — *Francisco José Antunes*, de 1798 a 1819.

11.º — *Francisco Teixeira da Cunha*, de 1819 a 1828.

12.º — *Manoel José de Carvalho*, de 1828 a 1837.

13.º — *José Antonio Rodrigues Cardoso*, de 1837 a 1846.

14.º — *Antonio José Lisbão*, o benemerito, de 1846 a 1867.

15.º — *Antonio d'Araujo Azevedo Bacellar*, de 1868 a 1869.

16.º—*Carlos Antonio Vieira de Carvalho*. de 1870 a 1873.

17.º — *José Joaquim Tinoco Nogueira*, de 1873 a 1880.

18.º — *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, desde 13 de janeiro de 1881. É o parocho actual — o 1.º (reitor) collado, que tem tido esta freguezia e que, pelas suas virtudes e superior illustração, promette deixar tambem de si boa memoria.

A s. ex.ª deve já esta freguezia o accrescentamento da egreja matriz, como dissemos, e o logar honroso que occupa nas paginas d'este diccionario, envergonhando outras freguezias mais populosas e mais importantes, pois a s. ex.ª devo todos estes apontamentos, emquanto que d'outras freguezias pouco, muito pouco ou nada recebi, tanto dos seus parochos, como dos seus parochianos, e por isso não me censurem as omissões e lapsos.

Sibi imputent!...

Tanto eu, como o meu antecessor, não cessámos de *pedir*, *rogar* e *instar*,—e a todos os que se dignaram attender-nos, consignamos aqui mais uma vez justos emboras com os protestos do nosso reconhecimento.

—

O benemerito vigario Antonio José Lisbão era natural de S. Pedro do Sul e falleceu em Guimarães, sendo sepultado na matriz d'esta parochia de Mascotellos, em caixão de chumbo, onde esteve até ser trasladado para jazigo proprio no cemiterio d'esta freguezia, mandado construir por elle, *á sua custa*, como já dissemos.

—

João Gomes d'Oliveira Guimarães é natural d'esta freguezia de Mascotellos, filho de Jacyntho Gomes d'Oliveira e de D. Maria Alves d'Abreu Pereira, parente do sr. Visconde de Benalcanfor, um dos nossos mais primorosos estylistas.

Nasceu a 29 do dezembro de 1853;—concluiu com distincção o curso de preparatorios no lyceu de Braga em 1872;—terminou o curso triennal no seminario de Braga em 1875, obtendo no 1.º anno *nemine cum laude* e nos dous ultimos *nemine* com distincção. Recebeu ordens menores em 1871, de subdiacono em 1875, de diacono em 1876 e de presbytero em 23 de setembro do mesmo anno.

Foi apresentado n'esta egreja por decreto de 21 de janeiro de 1880 e, alcançando distincção no exame synodal, collou-se no dia 30 de dezembro de 1880, sendo-lhe conferido o titulo de *reitor*, e tomou posse no dia 9 de janeiro de 1881.

É o 1.º *parocho collado* e o 1.º *reitor* que teve esta egreja, quasi todos os outros parochos foram vigarios ou curas amoviveis.

—

O melhor edificio d'esta freguezia é a residencia parochial, construida pela collegiada de Guimarães e acabada ainda nos prin-

cipios d'este seculo, para arrecadação dos dizimos e fóros.

É grande, solidamente construida e uma das melhores do concelho de Guimarães.

—

É notavel o picôto (vulgarmente *côto*) de Santo Amaro, a cavalleiro da antiga capella d'esta invocação, hoje egreja matriz. Corôam-no grandes penhascos de granito, achando-se no mais saliente uma pyramide geodesica para a triangulação do paiz.

D'ali se descobre largo horisonte, — um panorama vastissimo.

Dizia um ancião da localidade que não deviam dirigir mina alguma para este *côto*, por que surgiria uma foz d'agua que arrasaria toda a parochia?!...

Santas gentes são as d'estas aldeias, que ainda acreditam em bruxas, feiticeiras e *lobishomens*,—talham o ar, — cosem os pés desfiados ou torcidos,—erguem a espinhela, —attribuem grande virtude a certas hervas colhidas na manhã de S. João e ás pinhas e cêpo do Natal,—conjuram as trovoadas com ramos bentos, etc. Tal é ainda a falta de illustração n'esta parochia, pois não tem aula alguma publica; — apenas uma particular para o sexo feminino, dirigida por uma professora com bem poucas habilitações.

Com vista á ex.ma camara municipal de Guimarães.

—

Junto á povoação de Bugalhós, d'esta freguezia, se têem encontrado e encontram ainda em um campo e no monte contiguo muitos fragmentos de telha romana e, a certa profundidade, alguns tractos de terreno ladrilhados com tijolo, mas nem uma moeda, inscripção ou coisa que nos guie na investigação d'aquellas velharias. Apenas uma vaga tradição local diz que fôra ali a séde do *imperio mouro de Creixomil?!...*

Creixomil é o nome de uma quinta proxima.

Visconde de Benalcanfor

Com razão se ufana esta freguezia de ser oriundo d'ella, pelo lado de seu pae, o ex.mo sr. Ricardo Augusto Pereira Guimarães, Visconde de Benalcanfor, que ainda hoje (1884) aqui tem muitos ascendentes, como vamos indicar:

1.º—Paulo Pereira (fallecido em 11 de janeiro de 1788) casou com Anna Gonçalves (fallecida em 15 de outubro de 1782)—moraram na povoação de Leça d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos e tiveram:

—

2.º—José Pereira, fallecido a 20 de janeiro de 1815.

Casou com Custodia Maria, fallecida a 14 de novembro de 1807, filha de Francisco Lopes e Anna Maria, e tiveram os filhos seguintes, todos nascidos e baptisados n'esta freguezia de Mascotellos:

—(*a*)—Maria. Ignora-se a data do seu nascimento, porque o respectivo livro de Baptismos não vae além de 1766; mas é mencionada no testamento dos paes, copiado no livro dos obitos d'esta freguezia.

—(*b*)—Joanna, nasceu a 15 de março de 1767.

—(*c*)—Antonio José, nasceu a 25 de fevereiro de 1768.

—(*d*)—Francisco, nasceu a 12 de janeiro de 1770.

—(*e*)—Theresa Maria, nasceu a 19 de outubro de 1771.

—(*f*)—Domingos, nasceu a 8 de abril de 1773.

—(*g*)—Antonio Maria, nasceu a 26 de setembro de 1774.

—(*h*)—Joaquim, nasceu a 7 de novembro de 1775.

—(*i*)—José, nasceu a 4 de novembro de 1777.

—(*j*)—Manuel José, nasceu a 8 de outubro de 1779 e foi baptisado pelo padre Jeronymo Ribeiro Salgado, parocho d'esta freguezia, a 10 do mesmo mez, sendo padrinhos Manuel Francisco Pereira, morador na cidade do Porto, tio do baptisado, e Anna Gonçalves, mulher de Paulo Pereira, avó paterna;—foram testemunhas o dito Paulo Pereira, avô paterno, e Bento Gonçalves.

—(*k*)—Anna Maria, nasceu a 14 de julho de 1781.

—(*l*)—Josepha Maria, nasceu a 10 de agosto de 1783.

—

3.º—Manuel José[1] o 10.º filho supra-mencionado, foi como caixeiro para a casa do seu tio e padrinho Manuel Francisco P reira, morador na rua das Flores, no Porto;—ali casou com D. Margarida Claudina Maxima, natural da mesma cidade, e tiveram entre outros filhos (V. *Resenha* de Silveira Pinto):

—

4.º—José Pereira Guimarães, proprietario e negociante de grosso tracto no Porto e ali varias vezes vereador da camara municipal, etc.

Casou com D. Candida Carlota Alves Pereira de Sousa, filha de Joaquim Alves de Sousa e de sua mulher D Perpetua Felicidade de Sousa Ferreira, e tiveram

—(*a*)—Ricardo Augusto Pereira Guimarães, que segue,

—(*b*)—Guilherme, nascido em 1832 e fallecido em viagem de Hamburgo para o Brazil. Sem geração.

—(*c*)—Eduardo, nascido em 1834 e fallecido com geração de dois matrimonios.

—(*d*)—Adolpho, nascido em 1838, engenheiro civil.

—

5.º—Ricardo Augusto Pereira Guimarães, —1.º Visconde de Benalcanfor, *em sua vida*; commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa;—gran-cruz da Real Ordem Americana de Isabel a Catholica de Hespanha;—deputado da nação nas legislaturas de 1860-61 e 1861-64 por Damão, e na de 1865 a 1868 por Sinfães;—ajudante honorario do procurador geral da corôa e fazenda;—bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra;—socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., é um dos nossos mais estimados escriptores contemporaneos e primoroso estylista.

Nasceu a 11 de outubro de 1830 na cidade do Porto, e casou no dia 1 de janeiro de 1858 com D. Maria Magdalena Paes Guerreiro de Sande Salema, natural da Villa de Grandola, viuva de Joaquim Carlos Champalimaud, moço fidalgo com exercicio na casa real, por successão,—filha de João Alexandre Guerreiro Barradas de Sande Salema, fidalgo da casa real.

A viscondessa de Benalcanfor teve do seu 1.º matrimonio com Joaquim Carlos Champalimaud um filho, de nome José Joaquim, nascido a 3 de maio de 1855,—e do seu 2.º matrimonio com o actual visconde de Benalcanfor tres filhos,—João Alexandre, nascido a 9 de dezembro de 1860,—D. Maria Magdalena, nascida a 9 de setembro de 1864,—e Ricardo Augusto, nascido a 1 de julho de 1868.

—

O sr. Ricardo Augusto Pereira Guimarães foi feito visconde de Benalcanfor *em sua vida* por decreto de 14 de julho de 1870 e carta de 6 de maio de 1871.

Veja-se a citada *Resenha das familias titulares*, tomo I, unico publicado até esta data (agosto de 1884) pag. 253, — e os *Additamentos e correcções*, pag. 667.

—

Na dita *Resenha* o seu illustre e benemerito auctor, Silveira Pinto, fallando dos bisavós do sr. visconde de Benalcanfor,—José Pereira e D. Custodia Maria—menciona apenas um filho d'estes, Manuel Pereira, que, como já dissémos, deveria chamar-se *Manuel José Pereira Guimarães*—e declara que ignora se teve outros irmãos. Teve os 11 mencionados supra, com relação aos quaes podemos ainda accrescentar o seguinte:

—*Joanna* (b) casou a 23 de maio de 1790 com Francisco José Salgado, filho de Domingos José Salgado e Josepha Maria Lopes, da freguezia de Santa Maria de Infias, concelho de Guimarães;

—*Theresa Maria* (e) casou a 8 de julho de 1800 com Rodrigo José Ribeiro, filho de

---

[1] Não era natural da villa (hoje cidade) de Guimarães, como diz o sr. A. Silveira Pinto na *Resenha das familias titulares*, pag. 252, mas d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos, concelho de Guimarães;—e não deveria chamar-se Manuel Pereira Guimarães, como diz o sr. Albano da Silveira Pinto, mas Manuel José Pereira Guimarães, porque no Baptismo recebeu o nome de *Manuel* e o sobrenome de *José*.

Custodio José Ribeiro e de Anna Maria Ribeiro, da freguezia de Santa Christina de Serzedello, então do termo de Barcellos e hoje do concelho de Guimarães;

—*Anna Maria* (k) casou a 17 de setembro de 1802 com Antonio José de Macedo, filho de João de Macedo Pereira e de Josepha Maria do Lago, da freguezia de Santa Maria do Souto, concelho de Guimarães;

Josepha Maria (l) casou a 24 de janeiro de 1802 com João Alvares d'Abreu, filho de Manuel d'Abreu e de Catharina Alves, d'esta freguezia de S. Vicente de Mascotellos.

Dos outros irmãos, além de Manuel José, nada mais sei, senão que foram destinados ao commercio, e que em 21 de outubro de 1807, data do testamento dos paes, eram fallecidos Domingos (f) e Antonia Maria (g).

—

Manuel Francisco Pereira, tio e padrinho do avô do visconde de Benalcanfor, era uma excellente pessoa e muito sinceramente religioso e temente a Deus, pois além da grande protecção que dispensou áquelle seu sobrinho e afilhado, protegeu e dotou todas as outras sobrinhas, que eram pobres, filhas de *lavradores caseiros* e não de *proprietarios abastados*, como diz o sr Silveira Pinto;—e dotando-as conseguiu que todas casassem muito rasoavelmente.

Á sobrinha, avó materna do rev.mo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, actual reitor d'esta freguezia de Mascotellos, [1] a quem devo estes apontamentos, deu elle réis 1:100$000, somma consideravel para uma aldeia, n'aquelle tempo.

Além d'isso deu para a egreja matriz de S. Vicente de Mascotellos, onde fôra baptisado, uma custodia, um thuribulo e uma naveta, tudo de prata, objectos avaliados aquelle tempo (1793) em 160:700 réis, alem d'outras esmolas.

—

Tambem foi benemerito protector d'esta egreja de S. Vicente o capitão Antonio de Abreu Guimarães, da casa do Assento, natural d'esta freguezia

Morando em Lisboa pelos annos de 1793, de lá enviou para a matriz onde nascera,—um paramento completo de damasco branco,—dalmaticas, pallio, casula e capa d'*asperge;*—mas de todos os protectores d'esta egreja o mais benemerito de que ha memoria na localidade foi o rev. Antonio José Lisbão, já mencionado supra.

—

N. B. A casa e quinta de Mascotellos, de que fizemos menção, e que se acham situadas na parochia limitrophe—S. Thiago de Candoso — pertencem na actualidade ao barão de Pombeiro, senhor do vinculo ou morgado de Sezim, e não foram jamais pertença d'aquelle vinculo, mas do de S. Braz, annexo ao de Sezim, pelo menos desde os principios do ultimo seculo.

A dicta casa de Mascotellos não era vinculada, mas *reguenga*, e tão antiga que já se encontra de posse d'ella em 1586 Fernão Affonso *Lebrão*, ou *Leborão*. Instituiu elle vinculo na citada capella, tendo esta sido feita por Alvaro Gonçalves de Freitas, que simplesmente a fundou, mas não instituiu n'ella morgadio, como por mal informados dizem o Padre Carvalho, Caldas, etc.

Pelo casamento de Anna Barbosa, filha de Fernão Affonso Leborão, com Fernão de Freitas, passaram a casa e mais bens de Mascotellos, incluindo o vinculo de S. Braz, para o morgado de Sezim e seus descendentes.

—

A feira de Santo Amaro, de que acíma fizemos menção, é hoje annual, mas em outros tempos foi mensal, como se vê do seguinte:

Em 1680, Dionizio do Amaral, morgado de Sezim, e Antonio Paes do Amaral, senhor das quintas de Leça, d'esta freguezia, tomaram-se de razões, originadas pela venda do vinho na referida feira. Levado o pleito á

---

[1] Tem uma irmã de nome Joanna, ainda solteira e residente na mesma freguezia de Mascotellos, e um irmão, de nome Joaquim, residente em Jaguarão, no imperio do Brazil, todos tres primos em 2.º grau do sr. visconde de Benalcanfor;—e são filhos da sr.ª D. Maria Alves d'Abreu Pereira, que ainda vive e reside com seu marido na dita parochia de Mascotellos, sendo por consequencia prima, em 1.º grau, do mesmo sr. visconde.

presença do principe regente D. Pedro II, expediu o corregedor de Guimarães, em 4 de junho de 1680, uma provisão em que ordenou que os dictos senhores assignassem termo de não promoverem mais questões por occasião da venda do seu vinho na feira que *todos os mezes* se fazia junto á ermida de Santo Amaro, arrabaldes de Guimarães.

Tudo isto consta de documentos authenticos, pertencentes á casa do sr. barão de Pombeiro.

—

Concluirei agradecendo mais uma vez ao meu bom amigo e muito illustrado collega o rev. sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, digno reitor d'esta freguezia de Mascotellos, os apontamentos que se dignou enviar-me.

VICENTE DE MÓRA — casal pertencente á freguezia de *S. Barnabé* e *Santa Susana*, (Vide) concelho de Almodovar, districto e bispado de Beja.

Comprehende mais esta freguezia os casaes, montes ou herdades seguintes:

Serro das Covas, Seixo, Monte da Cruz, Moita Redonda de Baixo, Moita Redonda de Cima, Moita Redonda do Meio, Casa Nova de Baixo, Casa Nova de Cima, Córte do Cabo, Valle, Val de Loulé, Ingrez, Cruz Alta, Felizes, Monte da Ribeira, Pexigueiro, Almoinha, Fojos, Monte dos Soeiros, Cannafichal de Baixo, Cannafichal de Cima, Lendreiro, Ribeira de Odelouca, Almeixoafra de Baixo, Almeixoafra de Cima, Pereiras, Pomar da Varella, Cançados, Brunheira, Serro da Córte, Casa Branca, Fornalha, Pé de Boi, Carabalho, Pampilhaes de Baixo, Pampilhaes de Cima, Cortinhola, Monte Velho, Córte, Figueira dos Coelhos, Cumeada, Monte da Cumeada, Cercas, Aldeia dos Buracos, Respingadoiro, Alcaria, Monte Abaixo, Serro da Ursa, Monte da Figueira, Casinha, Portella, Zebro de Baixo, Zebro de Cima, Córte Amarella, Val de Casas, Monte das Pereiras, Moutinho, Varzea Redonda, Sarnadas, Carneiro, Lontra, Pereira, Pomar, Foz do Carvalho, Monte da Vinha, Monte Branco, Carriços, Cravaes e Córte Fidalgo.

Por todos estes *montes*, herdades, casaes, quintas e aldeias se acha disseminada (segundo o ultimo censo de 1878) a população de 221 fogos com 1:071 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 586 do sexo masculino e 485 do sexo feminino; — contavam 70 a 80 annos 20,—tinham 80 a 90 annos 4,—1 mais de 90—e ignorava-se a idade de 35.

Vê-se pois que é saudavel o clima d'esta freguezia.

Dos seus 1:071 habitantes sabiam apenas ler 2 homens e nem uma só mulher; — sabiam ler e escrever 30 homens e 5 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 561 homens e 475 mulheres?!...

Pedimos á ex.ma camara de Almodovar que se condôa d'aquelles infelizes e lhes dê, pelo menos, as noções da instrucção primaria elementar.

VICENTE DO PAUL (S.)—freguezia,—ou simplesmente *Paul* (Vide) orago S. Vicente, concelho de Santarem.

Pelo recenseamento de 1878 contava 360 fogos e 1:600 habitantes (comprehendendo os ausentes);—sendo 832 do sexo masculino e 768 do sexo feminino;—de 70 a 80 annos de idade 24,—de 80 a 90—4;—e 1 de idade desconhecida.

Sabiam apenas ler 25 homens e 9 mulheres; — sabiam ler e escrever 36 homens e 8 mulheres,—e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos—787 homens e 754 mulheres?!...

Com vista á ex.ma camara de Santarem, pois se acha hoje a cargo das camaras a nossa instrucção primaria.

—

Esta freguezia é priorado e a sua igreja matriz está isolada, 1 1/2 kilometro a E. do casal do Bairrinho e cerca de 3 kilometros ao sul da quinta d'Agua de Lupe ou Guadalupe; — 15 kilometros de Santarem,—90 de Lisboa e 3 da linha ferrea do norte (estação de Matto de Miranda).

Tocam n'esta freguezia a estrada districtal de Santarem á Barquinha e a municipal da estação de Matto de Miranda a Pernes.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:

Casaes da Carrapateira, Comeiras de Cima, Comeiras de Baixo, Casaes da Portella,

Sobral, Outeiro de Pernes, Corredoura, Reguengo de Alviella e Torre do Bispo; — os casaes de Cullão, Egreja, Pixeleira, Gasalho, Grillo, Val Verde, Aciprestes, Bemfica, Lamas, Caeiro, Pedregal, Ponte Palheiro, Casal Novo, Val do Brejo, Morgados, Alfagueiros, Bica, Figueira, Passo, Porto do Pisco, Travassos, Lameiras, Espinhal, Carpinteiros, Torrão, Lamurracha ou Cumeirancha, Laurencia, Cambeiro, Quartos, Tojeiro, Sesmarias, Mortinhaes, Boa Vista, Celleiro, Torrinha, Fonte da Serra, Bonito, Matta do Almoxarife, Valles, Tojosa, Casalinho, Casaes Novos, Garnacho, Bairrinho, Casal do Louco, Casal do Infante, da Cruz, de Val das Fontes, da Inveja, do Belchior e de João Chrysostomo.

Comprehende tambem as quintas d'Agua de Lupe ou Guadalupe, Çomeiras, Bonito, Ponte de Alviella, Gunha de Baixo, Gunha de Cima, Raposeira, Alpompé, Leziria, Ventosa, Torre Secca, Bica, Outeiro, Fonte Santa e Comeiras, — a herdade de D. Marianna — e o sitio da ponte de S. Vicente.

E' isto, com pouca differença, o que se lê na *Chorographia Moderna*, e, segundo as informações que recebi da localidade, por intermedio do ex.mo sr. administrador do concelho, as propriedades que mais avultam hoje n'esta freguezia são o Reguengo de Alviella, a Torre do Bispo (casaes)—e a quinta do Outeiro, pertencente ao barão d'Almeirim,—a da Romeira, pertencente ao visconde de Porto Carrero,—a *Quintinha*, pertencente a Januario d'Almeida Trigoso, — e a de *Alpompé* [1], pertencente ao sr. Emilio Infante da Çamara.

—

Esta quinta de *Alpompé* com certeza tomou o nome da velha capellinha de Nossa Senhora de *Alpomper*, mencionada pelo meu antecessor no artigo *Paul* (Vide)—ou a capella tomou o nome d'esta quinta (ou do sitio que occupa) hoje denominada *Alpompé* (segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o sr. administrador de Santarem) mas deve denominar-se *Alpomper*, porque assim se denominava a capella que existia em um monte d'esta parochia nos principios do seculo passado (1721) quando Fr. Agostinho de Santa Maria escreveu o tomo 7.º do *Sanctuario Marianno*, pois ali, a pag. 210 e não a pag. 217, como erradamente se lê no indice, o auctor falla detidamente da mencionada capella, e, alem do que o meu antecessor tirou para o artigo *Paul*, se diz, entre outras coisas, o seguinte:

A imagem da Senhora era de pedra e representava a Virgem com o Menino Jesus ao collo, no acto de dar-lhe o peito, pelo que tinham muita devoção com ella as mulheres das circumvisinhanças, quando andavam criando e lhes faltava o leite. Costumavam fazer-lhe votos e offertar lhe bilhas de leite.

Os apontamentos que recebi, fallando dos templos d'esta parochia, mencionam apenas a egreja matriz, templo antigo, sem coisa alguma notavel, tanto na sua architectura exterior como nas decorações interiores, — e não mencionam a dicta capella.

Talvez já não exista, porque já em 1721, segundo se lê no *Santuario Marianno*, ella se achava *em decadencia e grande abatimento;*—não tinha ermitão nem festa propria e apenas ali se celebrava uma ou outra missa, em cumprimento de votos dos fieis.

Dava-se tambem a circumstancia de estar em sitio ermo, sem visinhança alguma, e os paramentos se guardavam no casal mais proximo, denominado *Casal d'Altares*, que não encontro nos meus apontamentos nem na *Chorographia Moderna*.

Será este casal a quinta hoje denominada *Alpomper?*

O auctor do *Santuario Marianno* diz que a dicta capella distava de Santarem cerca de *legoa e meia* e ficava *perto* do convento arrabido de Val de Figueiras, mas no termo d'esta parochia de S. Vicente; — que já n'aquelle tempo (1721) era muito antiga e se ignorava quem a fundou, bem como a data da sua fundação;—que na frente d'ella estava uma figueira que todo o anno tinha

---

[1] A *Chorographia Moderna*, no artigo proprio e no *Supplemento*, enumera como casal esta quinta e dá lhe o nome de *Apompé*. Julgo ser lapso.

figos[1] — e que os doentes de sezões e de outras enfermidades costumavam colher um d'aquelles figos e o julgavam *remedio santo*, trazendo-o ao pescoço.

—

As freguezias limitrophes d'esta são — Cazevel, Pombalinho, Achete, Azinhaga e Val de Figueira.

—

Como dissemos, todos os templos d'esta parochia se reduzem á sua egreja matriz, e mesmo n'ella não costumam fazer festa ou romagem alguma. Não admira, pois, que deixassem abater e desapparecer a veneranda capellinha da Senhora de *Alpompér*.

—

Ha aqui uma feira de gado, na Torre do Bispo, a 8 de setembro de cada anno.

—

Esta freguezia é atravessada e banhada pelo rio Alviella que no seu termo tem uma ponte — move seis moinhos — e desagua no Tejo a 500 metros da extremidade d'esta parochia.

—

As suas producções principaes são vinho, milho e azeite.

—

Não tem aula alguma, — nem sequer de instrucção primaria elementar para o sexo masculino?!...

Mirem-se n'este espelho os illustres vereadores de Santarem.

VICENTE DE PEREIRA (S.) — freguezia do concelho e comarca d'Ovar, districto de Aveiro, bispado do Porto, provincia do Douro.

Vide *S. Vicente de Pereira* 9.º vol, pag. 46, *in fine*, — *Pereira Juzã*. 6.º vol. pag. 683 — e *Valga* 10.º vol. pag. 101, col. 2.ª e seg.

—

Pelo ultimo recenseamento (1878) contava esta freguezia 303 fogos e 1:172 habitantes (comprehendendo os ausentes) — sendo 534 do sexo masculino e 638 do sexo feminino; — 29 de 70 a 80 annos e 10 de 80 a 90.

Sabiam apenas ler 42 homens e 10 mulheres; — sabiam ler e escrever 157 homens e 29 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever, ou eram completamente analphabetos — 336 homens e 600 mulheres.

Tem hoje 312 fogos.

—

Esta freguezia pertenceu antigamente á comarca e ouvidoria da Villa da Feira, cujos condes eram seus donatarios; — depois pertenceu ao antigo concelho de Pereira Juzã, comarca e provedoria d'Esgueira, ouvidoria da Feira e algum tempo tambem á comarca d'Aveiro, depois que a rainha D. Maria I, por alvará de 19 de julho de 1790 extinguiu o poder e jurisdicção dos donatarios, bem como os juizes chamados *ouvidores*.

Extincto o concelho de *Pereira Juzã*, pelos decretos de 28 de dezembro de 1852 e 31 de dezembro de 1853, passou esta freguezia para o concelho d'Ovar, comarca de Oliveira d'Azemeis — e finalmente para o concelho e comarca d'Ovar, desde 1855, data em que se creou esta ultima comarca.

—

O seu orago é e sempre foi *S. Vicente Martyr* — e comprehende as aldeias seguintes:

Pereira, séde da matriz, Casal, Agoncida, S. Lourenço, Formal, Azevedo, Porto da Egreja, Formiga, Castanheiro, Monte, Matta, Quinta Nova, Herdade, Cova, Rossada, Solheira, Torre, Cassemes, Cruzeiro, Corgo, Devesa, Mouquinho, Outeiro, Aveneda, Cavadinha, Quinta da Motta e Relva.

—

Parece-nos que havendo aqui desde tempos remotos duas povoações, não muito distantes, com o mesmo nome de Pereira, para não se confundirem, se denominavam *Pereira Juzã*, ou *de baixo* e *Pereira Suzã*, ou *de*

---

[1] Não se julgue extraordinario ter a figueira figos *todo o anno*. Isso se observa em muitas. Junto da casa onde eu nasci, na pequena povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, concelho de Lamego, na margem esquerda do Douro, — mesmo em frente da actual estação das Caldas do Molledo — tinhamos uma figueira assim. Dava muitos figos lampos *enormes!* — depois figos vindimos, mais pequenos, — e, quasi ao mesmo tempo, outros que ficavam presos á arvore *todo o inverno*, — amadureciam no anno seguinte com os lampos — e eram os melhores, posto que pequenos.

cima, porque no antigo portuguez — *juzaã, jussan, jusan* e *jusam* queriam dizer *debaixo*—e *susãa, susan e susam* significavam *de cima*.

Addicionados ás duas povoações de Pereira os sobre-nomes de *Juzã* e *Suzã*, bem as distinguiram sempre os seus visinhos, mas confundiram-se d'um modo lastimosó os escriptores estranhos á localidade, que tiveram de fallar d'ellas, — e ainda hoje (1884) reina a mesma confusão em *todas as nossas chorographias* e nas proprias *publicações officiaes*.

Nós mesmos, depois de consultarmos, combinarmos e estudarmos com *trabalho insano* todas as chorographias e publicações antigas e modernas, que podemos haver á mão, ficámos perplexos e, para sahirmos airosamente do labyrintho, consultámos os dignos parochos de S. Vicente de Pereira, Vallega e Ovar, que promptamente e muito satisfatoriamente se dignaram responder-nos, e por isso lhes beijamos as mãos agradecidos.

Post tot tantos que labores podemos dizer, como Archimedes:—*Inveni, invenil*

Está decifrado o enigma!

Terminou para os nossos chorographos o jogo da cabra-cega, sobre este ponto, como vão ver:

—

Em tempos remotos, os senhores da villa e da grande comarca da Feira, que ainda em 1834 comprehendia a bagatella de 96 freguezias, algumas muito populosas (V. *Feira*, tomo 3.º pag. 157), hoje pertencentes ás comarcas da Feira, Ovar, Aveiro, Arouca, Estarreja e Oliveira d'Azemeis, crearam um concelho denominado *Pereira Jusã*, tendo por séde a pequena povoação de *Pereira Jusã*, que arvoraram em villa, ao tempo — *e ainda hoje*—pertencente á parochia de Santa Maria de Vallega.

Era o dicto concelho formado por uma parte da freguezia de Vallega,—parte da de S. Vicente de Pereira—e parte da de Ovar.

Depois, quando se criou o concelho de Ovar, ficou pertencendo a Ovar toda a freguezia d'este nome — e ao concelho de Pereira Jusã as freguezias de Vallega e de S. Vicente de Pereira,—e, extincto o concelho de Pereira Jusã e creada a comarca d'Ovar, ficaram pertencendo aquellas 3 freguezias ao concelho e comarca de Ovar. V. *Valga* e *Ovar* n'este diccionario e no *Supplemento*.

—

A dicta povoação de *Pereira Jusã*, pertencente á freguezia de Vallega, depois que foi arvorada em villa e séde de concelho,—concelho antiquissimo, anterior aos de Angeja, Estarreja, Ovar e Oliveira d'Azemeis—teve foral *velho*, dado não sabemos quando nem por quem, e D. Manuel lhe deu foral *novo* [1], *confirmando e ampliando o antigo*, em 2 de junho de 1514. Liv. dos *Foraes Novos* da Estremadura, fl. 75, col. 1.ª

N'este foral se deu á dicta villa o nome de *Pereira Jusão*, para se distinguir da povoação de Pereira, cerca de 6 kilometros a E. N. E. ainda hoje (1884) séde da freguezia de S. Vicente de Pereira, de que no momento nos occupamos, posto que no foral que o mesmo rei D. Manuel e no mesmo anno de 1514 havia dado (em 10 de fevereiro) á villa da Feira, mencionando muitas das parochias pertencentes áquella villa e comprehendidas no dicto foral, menciona tambem esta de S. Vicente, dando-lhe o nome de *Pereira de S. Vicente de Goncida* [2], pois *Goncida* ou *Agoncida*, era e é ainda hoje, como já dissemos, uma das muitas povoações d'esta freguezia de S. Vicente.

—

Não sabemos se por aquelle tempo a povoação de Pereira, pertencente á freguezia de S. Vicente, se denominou tambem (como era natural) Pereira *Suzã*, ou *de cima*, pois estava um pouco mais distante (cerca de 2 kilometros) da beira-mar e mais ao norte do que a villa de Pereira Juzã, ou *de baixo*, que ficava e fica mais ao sul e mais proxima do mar.

É certo que a *Pereira* de Vallega, villa e séde de concelho, se denominou sempre *Pe-*

---

[1] Este foral ainda hoje se conserva no archivo da camara de Ovar. E' um folio de 20 folhas, encadernado e tencionamos dar d'elle alguns extractos no *supplemento*, art. *Vallega*.

[2] V. *Feira*, tomo III pag. 155, col. 2.ª *in fine*.

reira Jusã — e que a povoação de *Pereira*, séde da freguezia de S. Vicente, nunca se denominou Pereira *Jusã*, mas simplesmente *Pereira*—e a sua freguezia *S. Vicente de Pereira*. Tambem *nunca* foi villa, mas uma simples povoação pertencente á freguezia de S. Vicente e (a principio *parte* e depois *toda*) ao extincto concelho de Pereira Jusã. Appareceu porém a *Chorographia Portugueza* do P.e Carvalho, e no 2.º volume, publicado em 1708, mencionando a villa e concelho de *Pereira Jusã*, deu-lhe por lapso, ou talvez erro de impressão, o nome de Pereira *Suzã*.

Seguiu-se em 1736 a *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima que, aproveitando os trabalhos do P.e Carvalho, deu á mencionada villa o mesmo nome de Pereira *Susã*. (V. *Geogr. Hist.* de Lima, II vol. pag. 108.)

Em 1745 João Baptista de Castro, approveitando os trabalhos de D. Luiz Caetano de Lima e do P.e Carvalho, tropeçou egualmente dando á dicta villa o mesmo nome de Pereira *Susã* no seu *Mappa de Portugal*;— e ainda por ultimo o sr. Manuel Bernardes Branco, — sendo aliás um escriptor consciencioso e muito illustrado — na 3.ª edição da dicta obra, publicada em 1870, *correcta* e *continuada* por s. ex.ª, cahiu no mesmo lapso, como póde ver-se a pag. 39 do tomo I.

—

Erraram pois estes e outros escriptores dando á villa de Pereira *Jusã* o nome de Pereira *Susã*, — e erraram tambem o *Flaviense*,—J. A. d'Almeida no seu diccionario chorographico, — o sr. João Maria Baptista na sua interessante e muito conscienciosa *Chorographia Moderna*, — o *Diccionario de Geographia Universal*, obra de grande folego, publicado em 1883, — e outras muitas chorographias, dando a esta parochia de S. Vicente de Pereira o nome de Pereira *Jusã* — e dizendo que foi *villa*, séde do extincto concelho d'este nome.

Tambem laboram em erro o *Mappa das Congruas*, publicado em 1868, — os *Censos* de 1864 e 1878, — o *Mappa* das novas dioceses, publicado em 1882 — e outras muitas publicações officiaes denominando S. Vicente de Pereira *Jusã* esta freguezia de S. Vicente de Pereira.

—

Ainda mais:

A *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista, trabalho muito conscienciosо, elaborado com importantes subsidios que nós não podemos haver, por estarmos escrevendo no Porto, a grande distancia das secretarias do estado, fallando d'esta freguezia de S. Vicente de Pereira, principia por dar-lhe o nome de *Pereira Jusã*;—diz que foi a antiga villa de Pereira *Susã*, mencionada pelo P.e Carvalho, — e que, entre outras aldeias que menciona, comprehende a de Pereira *Jusã*.

Em seguida, no artigo *Vallega*, diz que esta freguezia pertenceu á villa de Pereira *Jusã*, no tempo de Carvalho [1],—que passou a ser dos suburbios da mesma villa, *quando se erigiu n'esta a igreja parochial de S. Vicente*,—e em uma nota accrescenta que esta egreja de S. Vicente se erigiu em tempo posterior ao P.e Carvalho.

Tudo isto (desculpe-nos s. ex.ª) é menos exacto, como levamos exposto.

A freguezia de S. Vicente de Pereira não se erigiu na *villa de Pereira*, mas foi sempre parochia á parte, distante cerca de 6 kilometros para E. N. E. mettendo-se de permeio a freguezia de S. Martinho da Gandra, —nem foi erecta em tempo posterior ao P.e Carvalho. É uma parochia muito antiga.

D'ella se faz menção, como já dissemos, no foral que D. Manuel deu á villa da Feira, em 10 de fevereiro de 1514,—no *Catalogo dos Bispos do Porto*, em 1623,—nas *Constituições* d'este bispado, em 1687 — e na *Chorographia* do mesmo P.e Carvalho, em 1708.

—

Por seu turno o *Diccionario de Geographia Universal*, obra recentissima e de grande tomo, feito por uma *Sociedade de homens de sciencia, debaixo da direcção do sr. Tito Augusto de Carvalho*, uma das nossas illustrações contemporaneas, — alem de dar a esta

---

[1] Carvalho disse que pertencia á villa de Pereira *Susã*, não *Jusã*.

parochia o titulo de *villa* de S. Vicente de Pereira *Jusã* — titulo que *não tem nem teve nunca*, diz que pertence ao concelho e comarca de Aveiro!...

—

Resumindo temos o seguinte:

1.º — Esta parochia de S. Vicente *nunca foi villa*—nem se denominou, nem denomina ou deve denominar S. Vicente de Pereira *Jusã*, mas *S. Vicente de Pereira* — sómente.

2.º — Pertenceu á villa e concelho extinctos de Pereira *Juzã* e não *Suzã*, como erradamente disseram o P.e Carvalho e outros chorographos; — extincto aquelle concelho, ficou pertencendo ao de Ovar, comarca de Oliveira d'Azemeis, — e, depois da creação da comarca de Ovar, pertence ao concelho e comarca d'este nome.

3.º—A villa de Pereira *Jusã*, séde do antiquissimo concelho d'este nome, *nunca* foi freguezia, mas uma *simples aldeia*, que *sempre* pertenceu e pertence á freguezia de Vallega, hoje tambem do concelho e comarca de Ovar.

Ainda hoje (1884) se vê na dicta povoação de Pereira *Jusã* a casa da camara, onde funcciona a escola parochial de instrucção primaria do sexo feminino,—a antiga cadeia nas lojas da mesma casa,—e a pequena distancia o velho pelourinho, que nada tem de notavel.

Fica assim rectificado tudo o que sobre assumpto tão nebuloso *até hoje* se disse nos artigos *Pereira Juzã*, 6.º vol. pag. 683, — *S. Vicente de Pereira*, 9.º vol. pag. 46, *in fine*, —e *Valga*, 10.º vol. pag. 101, col. 2.ª

—

Outra bulha:

Tambem dizem *todos os chorographos* que esta freguezia de S. Vicente de Pereira era um *curato* da apresentação do *reitor* de S. Martinho da Gandra.

Pelo contrario, — os parochos (*curas*) de S. Martinho da Gandra eram apresentados pelos *reitores* d'esta freguezia de S. Vicente de Pereira;—mas alguns reitores d'esta freguezia—porque bem lhes approuve—residiram na de S. Martinho da Gandra, mandando para esta de S. Vicente o cura por elles posto na de S. Martinho.

D'aqui proveiu a confusão.

O ultimo reitor d'estas duas freguezias foi o rev. João da Cunha Ribeiro, que poz um cura n'esta de S. Vicente de Pereira e elle residia na de S Martinho da Gandra, da qual *sómente* ficou sendo reitor, quando em 30 de abril de 1844 se collou n'esta de S. Vicente o rev. Antonio Joaquim Gomes Alberto Nunes, antecessor do parocho actual, o rev. sr. João Valente de Rezende, — *1.º abbade d'esta freguezia*, porque o ex.mo prelado do Porto, D. João da França Castro e Moura, lhe conferiu o titulo de *abbade* na sua collação, em 14 de julho de 1864.

Passemos adeante e deixemo-nos de *bulhas* que bastante devem fatigar os leitores.

Desculpem-nos pelas chagas do duque de Aveiro, lembrando-se de que bem mais nos fatigámos nós para desenredarmos similhante meada, suando sob uma athmosphera de 30 graus á sombra e sob as ameaças do cholera, que n'este momento (julho de 1884) tantas victimas faz em Toulon e Marselha e tanto intimida o mundo todo!

Vade retro Satan!...

—

As freguezias lemitrophes d'esta de S. Vicente são Mosteiró, S. Martinho da Gandra, Ovar, Souto e Cucujães.

Dista esta freguezia 8 a 9 kilometros da actual matriz de Vallega;—9 a 10 da beira-mar [1]; — 12 a 13 da villa da Feira; — 5 de Ovar, séde do concelho e comarca; — 33 de Aveiro, séde do districto;—41 do Porto, séde do bispado—e 306 de Lisboa.

---

[1] A extincta villa de Pereira *Jusã*, aldeia da freguezia de Vallega, dista da beira-mar 7 a 8 kilometros; — do *Seixo Branco*, onde se suppõe que esteve a primeira matriz de Vallega, 2 a 3;—da *Espinha* ou *Adro Velho*, onde esteve a segunda matriz e está a matriz actual, 1 a 2;—de Ovar 4 a 5;—da povoação de Pereira, séde da freguezia de S. Vicente, 6 a 7—e da villa da Feira, 18 a 20.

V. *Vallega* no *Supplemento*. Estas distancias me foram indicadas da localidade e referem-se ao percurso entre os diversos pontos. As distancias em linha recta são muito differentes.

—

Esta parochia é servida pela linha ferrea do norte, (estação de Ovar) distante 4 a 5 kilometros para oeste, — e por uma estrada a macadam de Ovar para Cucujães, que passa pelo meio d'esta freguezia de S. Vicente e vai para Oliveira d'Azemeis e Arouca.

—

A egreja matriz é um bom templo de uma só nave, espaçoso, elegante, extremamente limpo e bem alfaiado. Tem boas decorações de talha dourada, altar-mór e dous lateraes, 2 pulpitos, côro, guarda-vente, duas sachristias, torre com 3 sinos, um d'elles com relogio, armação, paramentos e alfaias para todas as festividades,—tudo em perfeito estado de conservação, o que não é trivial nas aldeias e muito depõe a favor do seu rev. parocho e dos seus parochianos.

No dia 14 de fevereiro de 1756 se assentou a primeira pedra d'este formoso templo —e no dia 26 de agosto de 1764 se fez com grande pompa a trasladação do Santissimo e das imagens da velha matriz para esta.

A tradição ainda conserva a memoria do local onde esteve a matriz anterior, de que já não restam vestigios, e consta que o Santissimo Sacramento fôra n'ella collocado pela primeira vez no dia 26 de maio de 1709 — d'onde se infere que não foi aquella a primitiva egreja matriz d'esta parochia, pois, como vimos, já d'ella se fez menção no Catalogo dos Bispos do Porto em 1623 e no *foral novo*, dado á Villa da Feira por D. Manuel, em 10 de fevereiro de 1514.

—

O dicto foral, mencionando muitas das povoações principaes que ao tempo pertenciam ao termo da Villa da Feira, menciona a de *Pereira de S. Vicente de Goncida* (ou Agoncida) que era com toda a certeza esta parochia hoje denominada *S. Vicente de Pereira* e que, segundo se deprehende do dicto foral, tambem já se denominou S. Vicente de *Pereira* de *Goncida* (ou *Agoncida*) duas das muitas aldeias que ainda hoje (1884) constituem esta parochia.

Boa desculpa teriam pois as chorographias e publicações officiaes que citámos, se, em vez de lhe darem o titulo de S. Vicente de Pereira *Jusã*, — titulo que *nunca* teve, — a denominassem antes S. Vicente de Pereira de *Agoncida*,—ou mesmo Pereira *Suzã*—ou *de cima*, pois effectivamente está mais ao norte, mais distante do mar e em nivel superior á *Pereira* de Santa Maria de Vallega, que por isso mesmo se *denominou sempre* e *denomina ainda hoje*, como dissemos, Pereira *Jusã*—ou *de baixo*.

—

Ha n'esta freguezia 4 capellas — 2 publicas, — uma de S. Lourenço, na aldeia do mesmo nome, — outra de S. Giraldo, na aldeia de Cassemes,— e 2 particulares, — uma na aldeia da Torre — outra na quinta do Formal, pertencente a uma familia nobre de Penafiel.

Todas se acham abertas ao culto e em bom estado de conservação, exceptuando a ultima, já profanada e em completo abandono.

—

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são as seguintes:

Santissimo Sacramento, S. Vicente (o padroeiro) S. Sebastião, Santo Antonio, Coração de Maria, Nossa Senhora da Boa Nova — e S. Lourenço e S. Giraldo, nas suas capellas.

—

Banha esta parochia um pequeno rio que vem da freguezia de Cucujães e vae para a de Ovar, cortando a meio esta de S. Vicente e dando n'ella movimento a diversas rodas de moinhos, na maior parte do anno. Tem uma ponte de pedra no logar de Porto de Egreja e mais algumas de madeira insignificantes.

—

As producções principaes d'esta parochia são — milho, trigo, centeio, aveia, cevada, feijões e vinho verde.

—

Houve n'esta freguezia uma importante fabrica de chapeus, de que se fez larga e justa menção no art. *S. Vicente de Pereira*, (vol. IX pag. 47) mas infelizmente ha muito se acha fechada com grande prejuiso dos seus donos e dos povos da circumvisinhança.

—

Tem hoje esta freguezia apenas uma aula de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

O sr. Marques Gomes na sua excelllente *Memoria O Districto d'Aveiro*, fallando d'esta freguezia, dá como pertencente a ella um homem que se tornou notavel pela sua illustração e virtudes — Antonio Pereira [1], freire de S. Thiago, etc., etc.

Foi equivoco. Pertence á freguezia de Vallega, por que nasceu na *villa de Pereira* (antiga villa de *Pereira Jusã*) *situada entre Ovar e Aveiro*, como diz Innocencio Francisco da Silva, no logar citado pelo mesmo sr. Marques Gomes (tomo I pag. 221 do *Diccionario Bibliographico*).

V. *Vallega* no *Supplemento*.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio em optimas condições para os enterramentos. Foi construido pela camara municipal de Ovar em 1869, mas hoje pertence á junta de parochia d'esta freguezia de S. Vicente.

—

O clima d'esta parochia é muito saudavel. Não ha n'ella doenças predominantes nem memoria de grandes epidemias — e sempre contou e conta varias pessoas de 80 a 90 annos de idade.

—

Concluirei agradecendo aos meus prezados collegas os rev.mos srs. João Valente de Rezende, muito digno abbade d'esta freguezia, — Manuel Barbosa Duarte Camossa, dignissimo abbade d'Ovar e ao ex.mo sr. dr. Manuel Marques Pires, illustrado jurisconsulto e muito digno abbade de Vallega, os preciosos apontamentos que se dignaram enviar-me e a presteza com que se dignaram responder-me, — não tendo eu a honra de conhecer pessoalmente a ss. ex.as

Por tudo lhes beijo as mãos agradecido, protestando-lhes eterna gratidão.

—

Aproveitando o ensejo, devo tambem declarar que, tendo-me dirigido *repetidas vezes* a outros muitos meus collegas pedindo-lhes apontamentos, *nem um* até hoje (honra lhes seja!) deixou de responder-me e de satisfazer *com a melhor vontade* aos meus importunos pedidos.

Igual fineza devo a muitos cavalheiros de varios pontos do nosso paiz.

A todos quantos se têem dignado attender-me e aturar-me, aqui lhes protesto a minha eterna gratidão.

—

Peço finalmente mais uma vez *a todos* me auxiliem com apontamentos para as terras de que tenho a fallar—e com *addições* e *rectificações* para o *Supplemento* á esta obra, pois pelo seu caracter e pela sua vastidão não póde estranhar-se que tanto eu, como o meu antecessor, cahissemos em lapsos.

Seria até o contrario *humanamente impossivel*.

A todos quantos se dignem auxiliar-me— outra vez a minha eterna gratidão.

VICENTES — aldeia da freguezia, villa, concelho e comarca de Pombal, districto de Leiria, bispado de Coimbra. (Vide *Pombal*).

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes:

Granja, Carnicha, Carvalhaes, Arrothéa, Covã, Gistola, Charneca. Ranha ou Arranha, Mendes, Cunqueiros, Covões, Marinha ou Meirinha, Cova Grande, Carvoeiros, Motes, Crespos, Barroco, Affonsos, Malhos, Pinheirinho dos Malhos, Monte, Cavadinha, Redondos, Carregueiro, Estrada, Gamella, Carrascos, Aldeia dos Anjos, Souto, Santorum, Gandra, Escoural, Moinho da Torre, Flandres, Rôssa, Fernão João, Cotofre, Casal Velho, Mancos, Travaço, Carrinhos, Cruta, Valdeira, Casaes Novos, Casalinho, Melga, Carvalhaes, Ameixoeira, Assa Massa, Pedras, Guistolla, Cumieira, Outeiro de Gallegos, Val da Serra, Cazeirinhos, Barrocal, Governos, Casal Novo, Caeira, Corãa, Covão da Silva, Val de Cubas e Vinagres —e os sitios de Outeiro de Gallegos, Maria Pires e Agua Formosa.

---

[1] Na *Memoria O Districto d'Aveiro*, pag. 293, lê-se *Antonio Ferreira*, o que foi erro typographico, por certo.

VICENTINHOS — aldeia ou casal da freguezia de *Lamarosa*, concelho de Coruche, comarca de Benavente, districto de Santarem, na provincia da Extremadura. Pertenceu ao patriarchado, mas pela nova circumscripção diocesana, effectuada pela carta de lei de 20 de abril de 1876, ficou pertencendo ao arcebispado d'Evora.

Está annexada civilmente á freguezia de Villa Nova de Erra, do mesmo concelho, comarca, districto e diocese. Vide *Lamarosa*, *Erra* e *Villa Nova da Erra*.

—

Comprehende esta freguezia de Lamarosa as casas e aldeias seguintes:

Peta, Sião, Carvoeira, Cabecinhas, Amei xial, Sesmarias de S. José, Pocilgaes, Cantinho, Foro Novo, Bica do Cão, Salgueira, Outeiro, Bemfica, Zebro, Zebreira, Zebrinho, Bunheira, Caneira, Caneirinha, Venda, Pipa, Paios ou Penos, *Vicentinhos*, Ovelhas, Arieiro, Martim Gil, Olheiros, Maxoqueira e Medronheira.

—

Esta freguezia foi antigamente villa com o titulo das *Enguias* e eram seus donatarios os Telles de Menezes.

Está em um valle, cercada de montes, 25 kilometros a E. da margem esquerda do Tejo e 15 a NNE. de Coruche.

É abundante de centeio, gado, caça, montados e colmeias.

—

Pelo censo de 1878 tinha 78 fogos e 392 habitantes, sendo 214 do sexo masculino e 178 do sexo feminino;—dos seus 392 habitantes apenas 1 contava mais de 65 annos!

Vê-se pois que o seu clima é pouco saudavel por causa da grande lagoa que tem proxima e que na estiagem é um pantano ou marnel pestifero,—accrescendo a circumstancia de estar em terreno cercado por montes e sem ventilação franca.

Dos seus 392 habitantes sabia apenas lêr um homem; das mulheres nem uma;—sabiam ler e escrever 12 homens; das mulheres nem uma tambem;—e não sabiam ler nem escrever 195 homens e 178 mulheres, —ou *todas* as d'esta pequena e desgraçada freguezia!...

Á illustrissima camara municipal de Coruche lembramos este facto, que é *unico* talvez em todo o nosso paiz.

VICISCLO—villa junto de Braga, debaixo do monte de Santa Martha. Já existia no seculo X, pois no anno de novecentos vendeu Vindisclo Guntildes parte da dicta villa a Astra Mundis e Agnitrudia. Consta do livro *Fidei*.

Vejam-se as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* por D. Jeronymo Contador d'Argote, tomo III, pag. 358, n.º 546.

Nada mais podemos apurar com relação a esta antiquissima villa!

VIÇO — portuguez antigo — *vicio*.

VIÇO DE PALAVRAS—portuguez antigo, exuberancia, enfeite, pompa, elegancia de palavras e expressões.

VIÇOSA—nome de uma herdade, de uma quinta e de um moinho, na freguezia de *S. Manços*, concelho, comarca, districto e arcebispado d'Evora, no Alemtejo. Vide *Manços* (*S.*)—freguezia—orago *S. Mancio*.

Comprehende mais esta freguezia os *montes* (casaes) ou herdades seguintes:

Alamo da Horta, Horta do Alamo, Cume, Carvalho, Quinta de D. Pedro, Laginha, Figueira, Cabida do Raposo, Framilheira, Oliveiras, Cimalhas, Burrazeiro, Alamo de Cima, Alamo do Gavião, Curraes, Casão, Casanito, Conqueiros ou Cunqueiros, Mestras de Cima, Mestras de Baixo, Monte Novo, Capellinha, Hospital, Mesquita, Venda do Albardão, Cabida da Venda, Correia, Cabeça, Carrascosa, Pereira, Cazinha, *Viçosa*, Val de Ricome ou Val de Rico-Homem, Val Vazio, Monte do Ribeiro, Monte dos Frades, Montinho, Amoreiras, Castello, Baldio, Freixo, Botaréos, Cabacinhos, Terra de Baixo, Outeiro e Barro.

As herdades do Alamo de Cima, Alamo da Horta, Cabida do Raposo, Amoreiras, Freixo, Figueira, Buzarreiro e parte das herdades das Mestras de Baixo, Mestras de Cima e a herdade do Baldio pertencem ao digno par do Reino, o sr. Carlos Eugenio de Almeida.

Tambem comprehende esta freguezia as quintas seguintes:

Viçosa, Parreira, Baldio, Quinta Nova, Albardão, Casinha, Capellinha, Cimalhas, Barro e Carvalho, — e os moinhos da *Viçosa*, Parreira, Livreiro, Ponte, Alcaide, Rocha, Lagartos, Cabida do Raposo, Mesquita e Pisão.

A *Estatistica parochial* de 1862 deu a esta freguezia 199 fogos e 768 habitantes, — o censo de 1864 deu-lhe 766 habitantes — e o ultimo censo (1878) 211 fogos e 901 habitantes (comprehendendo os ausentes)—sendo 517 do sexo masculino e 384 do sexo feminino.

Contavam 70 a 75 annos, 4 — e apenas 1 contava mais de 75 annos.

Sabiam sómente ler 18 homens e 2 mulheres; — sabiam ler e escrever 38 homens e 6 mulheres — e não sabiam ler nem escrever — ou eram completamente analphabetos — 471 homens e 362 mulheres!...

Com vista á ex.ma camara municipal de Evora.

Temos mais n'este districto de Evora 1 herdade e 1 monte com o titulo de Viçosa, além da séde do concelho de *Villa Viçosa*, a que daremos adiante o logar de honra que merece.

VIÇOSO — herdade pertencente á freguezia de S. Braz (Vide *Braz* (S.) tomo I pag. 487) concelho de Serpa.

Comprehende mais esta freguezia as herdades seguintes:

Monte Novo, Santa Maria, Barretos, S. Braz, Pevide, Morenos, Reluto, Alfanadas, Monte do Outeiro, Margalhos, Cascalheira, Monte do Lobo, Mora Loba, Crespa, Graciosa, João Affonso e Bogalhos—e as quintas de Santo Antonio, Santa Maria, Provença, Barretes, Graciosa, Junqueira, Morenos, Almirante, Malhadas, Pau de Esteva, Roxa, Caça Lobos, Pacheco, Lapa, Serro d'Aguia e as Hortas de S. Braz.

Temos mais no districto de Faro, concelho de Alcoutim, freguezia de *Giões*, uma aldeia com o nome *Viçoso* — e outra com o mesmo nome na freguezia de Nossa Senhora das Neves da villa e concelho de *Borba*, no districto de Evora.

VICTOR—habitação isolada pertencente á freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho, comarca e diocese de Coimbra.

Comprehende mais esta freguezia os logares seguintes:

Monte-São, Povoa, Casaes, Assugeira, Crugeira, Espadaneira, Falla, Bem Canta, Casas Novas, Pé de Cão, S. Martinho do Bispo, e Coalhadas;—os casaes do Ribeiro da Povoa, Chafariz, Parreiras de Monte-São, Bemposta, Espirito Santo, Figueiras e Abrunheira;— as quintas dos Covões, de Esteves, do Bispo e outras—e as habitações isoladas do Casal do Marques, Freixo, *Victor*, Thiago Duarte, Geralda e Cortiços.

—

O padre Carvalho deu a esta importante freguezia 570 fogos,—a Estatistica parochial de 1862 deu-lhe 842 fogos e 3:185 habitantes, — pelo censo de 1864 tinha 3:212 habitantes e pelo censo de 1878 tinha 924 fogos e 3572 habitantes (população de facto) sendo 1681 do sexo masculino e 1:891 do sexo feminino;—de 70 a 80 annos 87,—de 80 a 90 annos 20,—e de 90 a 95 annos 2.

Conclusão — Clima saudavel—apezar da proximidade do Mondego.

Sabiam apenas ler 94 homens e 12 mulheres;—sabiam ler e escrever 71 homens e 251 mulheres, — e não sabiam ler nem escrever 1516 homens e 1628 mulheres.

Com vista á ex.ma camara municipal de Coimbra.

—

É hoje priorado e conta 950 fogos com 3:770 habitantes,— segundo as informações que se dignou enviar-me directamente o seu rev. prior.

—

O padre Carvalho diz que esta parochia foi vigairaria da apresentação da mitra — e a *Estatistica parochial* de 1862 diz que era da apresentação dos condes d'Almada.

—

Entre as diversas povoações d'esta freguezia merece especial menção a de S. Martinho, denominada do *Bispo* e que deu o nome a esta parochia, porque na dicta povoação ha uma grande casa e quinta, desde tempos remotos propriedade da mitra, ou dos srs. bispos — condes de Coimbra.

A casa é immensa,—um verdadeiro paço episcopal; mas infelizmente mal situada,

como quasi todas as casas antigas, e por isso talvez votada ao desprezo e abandono pelos ex.mos prelados, que rarissimas vezes aqui apparecem,—achando-se, bem como a grande quinta, entregue, ha muitos annos, a cazeiros e arrendatarios, pelo que uma e a outra causam dó!...

A quinta é espaçosa. Comprehende muitas terras de semeadura, bons vinhedos, muitas arvores de fructo, bellas mattas, muita agua de diversas nascentes, que vem encanada de grandes distancias, reunindo-se em differentes pontos e abastecendo espaçosos tanques. Já teve tambem jardins, grutas, cascatas e outros muitos embellesamentos, de que apenas se conserva a memoria.

Foi uma vivenda de luxo, verdadeira residencia senhorial dos bispos-condes de Coimbra, como já foi tambem a de Fontello, dos bispos de Vizeu, no tempo de D. Miguel da Silva (V. *Vizeu*)—e a de *Santa Cruz do Bispo*, dos prelados do Porto, no tempo do seu fundador D. Rodrigo Pinheiro (V. *Cruz do Bispo*, tomo II, pag. 152, *in fine*).

Hoje todas se acham em lastimosa decadencia.

—

São tambem dignas de menção outras muitas quintas d'esta parochia, mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

A do rev. dr. José Antonio de Campos Vieira, no logar de *Bem Canta*. É uma vasta e antiga propriedade. Confina pelo norte com o Mondego e pelo sul com a estrada coimbrã, sobre a qual tem boa casa de habitação com uma capella de Nossa Senhora da Graça.

A do dr. Augusto de Sousa, de Coimbra. É quasi contigua,—tem as mesmas confrontações,—boa casa de habitação tambem sobre a dicta estrada a macadam,—e junto d'ella uma mimosa propriedade com uma bella nascente d'agua.

Entre estas duas quintas está a residencia parochial, muito antiga, pois tem na frente gravada em uma pedra a data—1648, mas vantajosamente situada, muito limpa e bem conservada.

É pequena. Tem apenas duas janellas na frente, sobre a estrada de Coimbra, mas tem boa cerca ou passal, terreno mimoso e muito fertil, como todo o afamado *Campo de Coimbra*.

Em frente da residencia passa a 15 metros de distancia a linha ferrea do norte.

—

N'esta aldeia de *Bem Canta* e no sitio chamado *Gorgulão*, ha uma formosa e abundante nascente de agua potavel. Fórma uma grande bica que alimenta um chafariz e abastece um tanque e lavadouros.

Esta nascente rebenta ali mesmo, junto da estrada publica, dando, mesmo no estio, seguramente uma telha d'agua!...

Nascentes como esta—e ainda mais abundantes—são frequentes n'estes sitios, ao sul de Coimbra.

Que ferro para os habitantes da Guarda, tão ciosos do seu tanque da *Dornal*...

—

Na aldeia de *Monte São* ha tambem boas quintas, tal é a de D. Leonarda Forjaz, viuva do conselheiro Adrião Forjaz de Sampaio.

Tem bella casa de habitação, luxuosamente mobilada, bom jardim moderno, muito bem tractado, e espaçosos chãos contiguos, bem cultivados, com grande quantidade e variedade de arvoredo fructifero e extensas e ricas insuas.

É tambem notavel n'esta aldeia a quinta do bacharel em medicina — Bento Malva — com boa casa, linda capella de Nossa Senhora da Conceição, tractada com todo o esmero,—e muita agua conduzida de distancia por um bello aqueducto em arcaria.

É tambem digna de menção a quinta do dr. José Leite.

A casa de habitação é um luxuoso palacete brazonado, e tem no centro da quinta uma pequena, mas formosa capella de Nossa Senhora da Conceição, muito bem tractada e ricamente alfaiada.

Torna-se tambem digna de menção n'esta mesma aldeia a quinta de José Ferreira das Neves, muito bem situada, com uma bella nascente de agua e boa casa de habitação, recentemente construida.

—

Na povoação da *Crugeira* é digna de especial menção a quinta bem conhecida pelo nome de *Quinta dos Fidalgos da Crugeira*, — extensa e formosa propriedade com lindas ruas, arvoredo magestoso, secular e imponente casa de habitação de fórmas apalaçadas com dous torreões nas extremidades da fronteira e no centro uma capella com a invocação de Nossa Senhora do Carmo.

Pertence hoje ao dr. Luiz Augusto de Mancellos Ferraz, juiz de direito aposentado, descendente d'aquella nobre familia.

—

Na povoação dos *Casaes* é muito digna de menção a antiga *Quinta do Seminario*, assim denominada, porque pertenceu ao Seminario de Coimbra e n'ella costumavam passar as ferias os alumnos d'aquelle estabelecimento scientifico.

Hoje pertence ao subdito francez José Augusto Orcel.

É uma extensa e fertilissima propriedade, com abundancia de agua potavel e para rega, espaçosa e linda casa,—e uma capella da invocação de S. Braz, hoje em abandono e profanada.

—

É tambem notavel n'esta aldeia a casa e quinta dos *Vieiras*.

Tem um grande edificio apalaçado e bem tractado, com uma espaçosa varanda do lado do nascente e grande terreiro do lado norte, com cocheiras.

A quinta é contigua e extensa, muito fertil e abundante de agua e de arvoredo fructifero.

Ha ainda n'esta povoação outras quintas importantes, taes são a de D. Maria Augusta, — a de José Ferreira Lopo, do Barril, — e a do dr. Antonio Paes da Silva, d'Eiras, conhecida pelo nome de *Quinta do Giraldo*. Tem um bom lagar de azeite com quatro varas e dous moinhos de pão, tudo movido por agua.

—

Na povoação do *Chafariz* ha tambem duas quintas notaveis; — uma pertence aos herdeiros de Manuel Abilio Simões, de Coimbra,—a outra é do Cergio, de Cellas, suburbios de Coimbra.

Ambas se tornam dignas de menção pelo seu valor e pelo espaçoso rocio que têem na frente com um chafariz no meio e duas bicas de excellente agua potavel.

D'aquelle chafariz tomou a povoação o nome porque é conhecida.

—

Esta freguezia é atravessada pela linha ferrea do norte, de Lisboa ao Porto,—e por uma estrada a macadam, — de Coimbra a Monte-Mór, o Velho.

Dista de Coimbra, séde do concelho, districto e diocese, cerca de tres kilometros,— 3 kilometros tambem da estação de Taveiro, na linha ferrea do norte, — outros 3 da de Coimbra, — 122 do Porto — e 215 de Lisboa.

—

As suas freguezias limitrophes são—a E., Santa Clara de Coimbra,—a S., Antanhol,— a O., Ribeira de Frades ou *Nazareth* (V. vol. VI pag. 17, col. 1.ª)—e ao norte o Mondego.

—

A egreja matriz é um templo espaçoso, elegante, muito limpo, bem conservado, soffrivelmente alfaiado. Tem torre e bons sinos e está em uma eminencia com amplas vistas. Sobe-se para ella por uma larga escadaria de dous lanços, terminando em um espaçoso patim lageado, na frente do templo.

N'este patim se vê junto da porta principal da egreja uma sepultura rasa e, na lapida que a cobre, a inscripção seguinte:

SEPULTURA DO PADRE
ANTONIO DA CUNHA REBELLO
INDIGNO PAROCHO
D'ESTA FREGUEZIA
ANNO DE 1780

Consta que o dicto padre foi um vigario benemerito e muito virtuoso, e que elle proprio, vivendo ainda, mandou abrir aquella sepultura e gravar n'ella a citada inscripção.

—

Além das capellas particulares mencionadas supra, ha n'esta freguezia as capellas publicas seguintes:

Santo André, no logar da Povoa;—Senhora da Memoria, com romaria no logar do Espirito Santo;—Senhora da Tocha, em Monte São, com festa propria no mez de julho;—S. Fructuoso, nos Casaes;—S. Thomé, nas Casas Novas;—S. Thiago, na povoação de Fàlla,—e S. João Baptista na aldeia de Pé de Cão, tendo grande festa todos os annos no dia proprio e na vespera, com romaria e arraial.

Todas estas capellas se acham em bom estado de conservação, posto sejam muito antigas, pois já foram mencionadas pelo Padre Carvalho nos principios do ultimo seculo,—exceptuando unicamente a de Nossa Senhora da Memoria;—mas em compensação menciona a de Nossa Senhora da Nazareth, que hoje não pertence a esta parochia, mas á de Ribeira de Frades, sua limitrophe.

Tambem já não existem n'esta parochia a povoação nem a ponte de *Rebolim*, mencionadas por Carvalho, e só na dicta parochia de Ribeira de Frades existe uma casa antiga com o nome de *Rebolim*. Talvez que em outros tempos o limite d'esta parochia abrangesse aquella e outras casas, bem como a tal ponte de que hoje não ha memoria [1].

Tambem se eliminaram, ha muito, das festas de S. João as *cavalhadas*, a que allude a *Chorographia Portugueza*.

São ainda muito alegres e ruidosas as dictas festas, mas o que n'ellas predomina, bem como em todas as grandes festas do *Campo de Coimbra*, são as canções e danças populares ao som de *banzus* e da classica e horripilante *gaita de-follet*

—

Na mencionada capellinha de Nossa Senhora da Nazareth se faz todos os annos grande festividade com apparatosa romagem, no dia 15 de agosto. Por essa occasião vai ali uma imponente e vistosa cavalgata, no citado dia 15, logo de manhã, conduzindo da egreja parochial de Santa Cruz de Coimbra a *bandeira* de Nossa Senhora da Nazareth, regressando pelo fim da tarde á dicta egreja, o que dá um caracter particular á funcção e muito alegra os romeiros e devotos da Senhora, bem como esta freguezia, pois a cavalgata da *bandeira* faz caminho pelo meio d'ella, tanto na ida como na volta.

Escusado é dizer que no dia da festa, tanto de manhã como de tarde, os habitantes das povoações que medeiam entre Coimbra e a mencionada capella, fórmam todos em columna cerrada ao longo da estrada publica para verem passar a *bandeira* e que todo o arraial, quando a bandeira ali chega, fica boqui-aberto.

—

No logar de S. Martinho, séde d'esta parochia houve um grande edificio, de que hoje (1884) apenas restam memorias e algumas ruinas. Consta que foi seminario diocesano em epocha remota, pelo menos temporariamente. E' certo que pertenceu á mitra de Coimbra e que, achando-se muito arruinado, o bispo D. Manuel Bento o cedeu á junta de parochia d'esta freguezia, para no seu chão se fazer, como fez, o cemiterio parochial,—um dos melhores d'este concelho.

E' bastante amplo, bem situado a pequena distancia da egreja matriz, arruado com buxo, e já conta cinco mausoleus com as suas respectivas inscripções.

Data de 1869.

—

Esta freguezia é muito saudavel. Apenas aqui no verão incommodam algum tanto as sezões, embora bem menos do que na maior parte das freguezias das margens pantanosas do Mondego, desde Coimbra até á Figueira.

Não tem sido poupada pelas grandes epidemias, e tanto que já n'este seculo entrou aqui duas vezes o cholera e por varias vezes a variola; mas nunca foram aqui relativamente tão numerosos os casos fataes como em outras muitas povoações, nomeadamente em Coimbra, por isso para aqui emigrou sempre n'essas occasiões grande parte da população d'esta cidade.

---

[1] A *Chorographia Portugueza* e o *Portugal Sacro e Profano* nem sequer mencionam a dicta parochia de *Ribeira de Frades*, o que leva a crer que até o 3.º quartel do ultimo seculo não existia e que foi erecta posteriormente.

Para aqui emigraram por vezes os proprios prelados com os seus seminaristas e a mesma camara municipal, residindo os prelados na sua grande quinta e os seminaristas no grande edificio que esteve no local hoje occupado pelo cemiterio.

A camara fazia as suas sessões na celebre *Casa da Torre*, que ainda existe na aldeia de Pé de Cão. N'ella funcciona actualmente a eschola primaria elementar do sexo feminino.

—

Tambem para aqui emigraram e aqui viveram até 1612, as freiras do convento de Santa Anna, eremitas descalças de Santo Agostinho, hoje, mas n'aquelle tempo ainda *conegas*. Vide *Vicente de Fôra* (S.) vol X.

O seu primitivo convento foi fundado pelo bispo de Coimbra D. Miguel Paes, em 1174, junto do Mondego e tão perto d'elle que já em 1284 foi inundado pelo rio, pelo que o bispo D. Americo, em 1285, as mudou para outro convento em sitio um pouco mais distante do Mondego, na *Vinha da Varzea*, doada para esse fim pelo *mestre Estevam*, deão da Sé;—e d'este local, por ser doentio, passaram para esta parochia, onde viveram [1] até 1612, data em que se transferiram para o seu actual convento, fundado pelo bispo D. Affonso Castello Branco. V. *Chronica dos Conegos Regrantes*, L. 12, cap. 10.º, pag. 550 e seguintes.

—

Tem esta freguezia duas aulas municipaes de instrucção primaria elementar, — uma para o sexo feminino — outra para o sexo masculino.

—

O visconde de Monte São tomou o titulo da aldeia d'este nome, pertencente a esta freguezia, por ser d'ali natural a esposa. Dos paes d'ella herdou aqui muitas e boas propriedades, mas não a casa brazonada em que viviam, e por isso fixou a sua residencia na freguezia de Lamarosa, concelho de Tentugal, onde é grande proprietario tambem.

No *Supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Monte São* a biographia dos nobres viscondes d'este titulo.

—

Consta que para esta parochia de S. Martinho do Bispo se retirou el-rei D. Diniz, quando sitiava Coimbra, onde ao tempo se achava o seu filho rebelde D. Affonso, depois rei D. Affonso IV,—por este assim o exigir como condição para se submetter, como submetteu, á obediencia paterna, a instancias da rainha Santa Isabel.

—

Ha n'esta freguezia, junto da povoação de Falla, uma boa nascente d'aguas ferreas, já conhecidas na localidade desde tempos remotos e hoje muito recommendadas pela medicina para tratamento de certas enfermidades, por terem particulas de ferro em abundancia, como poucas das nossas aguas mineraes.

O sitio onde brotam denomina-se *Aguas Ferreas* e a Camara de Coimbra (honra lhe seja!) o mandou, ainda ha pouco, limpar e aformosear.

—

As producções principaes d'esta parochia são milho, feijões, azeite e vinho.

Tem 4 lagares para azeite e 2 para farinha, movidos por agua, mas trabalham sómente no inverno, durante a estação das chuvas, pois esta freguezia não tem rios ou ribeiros d'agua perenne, exceptuando o Mondego, que a limita e banha do lado N. O., chegando a inundar algumas das suas povoações, não formando, porem, pantanos depois que se abriram differentes vallas que enxugam os terrenos alagadiços.

As povoações que nas cheias costumam ser visitadas pelo Mondego são as seguintes: Pé de Cão, Gorgulhão, Casaes e Corugeira.

—

N'esta freguezia não se cultivam arrosaes, tão nocivos á saude, mas cultivam-se nas de Villa de Frades, Taveiro e outras circumvisinhas.

[1] Na localidade não resta memoria alguma do convento nem do sitio onde esteve. Suppõe-se que seria o casarão demolido em 1869 para se fazer o cemiterio, — casarão que, desde tempos remotos, se achava em completo abandono e muito arruinado. Alguem diz com certa firmesa que viveram na quinta dos bispos.

—

É parocho (prior) actual d'esta freguezia e parocho muito digno, o rev. Dionizio Garcia Ribeiro, natural da freguezia de S. Paio, concelho d'Oliveira do Hospital, onde nasceu a 22 de agosto de 1821, sendo seus paes João Garcia Ribeiro e D. Maria da Conceição Alves Rodrigues.

Foi primeiramente reitor collado na egreja do S. João Baptista de Moimenta da Serra, bispado de Coimbra, hoje da Guarda, concelho de Gouvêa, d'onde se transferiu em 1864 para esta de S. Martinho do Bispo, para velar pela educação de seu sobrinho Antonio Garcia Ribeiro Vasconcellos, de quem vamos fallar.

É cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, arcypreste de Sernache e arcediago de Coimbra, [1] dignidade em que se collou no dia 14 de outubro de 1882.

—

Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, sobrinho do rev. prior actual d'esta freguezia, nasceu no 1.º de junho de 1860 na freguezia de S. Paio, concelho d'Oliveira do Hospital, e é filho de Seraphim Garcia Ribeiro, da mesma freguezia de S. Paio, e de D. Maria José Candida de Vasconcellos, da villa d'Arganil.

Matriculou-se na faculdade de theologia em outubro de 1879 e concluiu a sua formatura em junho de 1884,—obtendo no 1.º anno o 2.º premio pecuniario,—no 2.º anno o 1.º *accessit*—nos tres annos restantes o 1.º premio e nas suas informações 17 M. B.

É um estudante distinctissimo.

Vai frequentar o 6.º anno para se doutorar e seguir a carreira universitaria.

Entre os seus parentes do lado materno é digno de especial menção o rev. reitor d'Arganil, Manuel da Costa Vasconcellos Delgado, que foi insigne nas lettras, na muzica e nas artes.

Na sé de Coimbra ha 4 arcediagados, achando-se no momento 3 providos, todos em ecclesiasticos extranhos á corporação capitular—e 1 vago.

São da escolha e nomeação do prelado, que faz d'elles proposta ao ministro,—este confirma—e em seguida se procede á *collação* dos agraciados. Nas outras dioceses não ha nos cabidos *dignidades honorarias*—e menos ainda com o adminiculo da *collação* e sem vencimentos de especie alguma, como na Sé de Coimbra. Pelo contrario—as dignidades dos outros cabidos são e foram sempre conegos capitulares com preeminencias e vencimentos superiores—hoje muito reduzidos, mas outr'ora por vezes muito consideraveis, antes da extincção dos dizimos, pois quasi todas as dignidades tinham egrejas proprias, da sua apresentação.

VICTOR (S.) — freguezia da cidade de Braga. Vide vol. 1.º pag. 440, col. 2.ª artigo *Braga*.

Ao que ali se disse d'esta parochia e do antiquissimo convento do mesmo titulo accrescentaremos o seguinte:

—

Governando a egreja bracarence o arcebispo Sinagio ou Sinagrio, XIII na *Hist. Ecclisiastica* de D. Rodrigo da Cunha (cap. 32 e 33, pag. 171 e seg. *mili*) houve n'ella um cathecumeno de nome Victor, que, já antes de ser baptisado, vivia como christão e abominava os idolos, sendo natural da aldeia de Paços, nos suburbios de Braga.

Andando em abril de 306 os gentios a percorrer os campos com as suas grandes festas em honra dos deuses Ceres e Silvano, sacrificando-lhes em certas paragens varios animaes e confundindo em uma duas solemnidades, a que chamavam *ambarualia* ou *cerco dos campos*, em razão das grandes voltas que por entre elles davam com a dicta procissão, — e tambem *Suilia*, porque nas mencionadas festas costumavam sacrificar muitos porcos, defrontaram com Victor e o convidaram para se unir ao prestito. Escusando-se elle, quizeram obrigal-o pelo menos a coroar de flores a cabeça, como elles

---

[1] Os arcediagos da sé de Coimbra são *meras dignidades honorificas*, independentes dos conegos capitulares. Teem assento abaixo d'estes e acima dos conegos honorarios, exceptuando o arcediago do Vouga que, por costume antiquissimo, se assenta acima dos conegos capitulares.

todos as levavam. Recusou-se tambem obstinadamente, pelo que se amotinaram e enfureceram contra elle, clamando e pedindo vingança da affronta a Sergio, governador da cidade, que no momento chegava ao local Chamou-o este á sua presença, — fez-lhe ver o grande crime que perante as leis do imperio commettêra e o intimou para que reconsiderasse e adorasse os deuses que o povo no momento venerava.

Exprobou-lhe o mancebo a inanidade de semelhantes deuses, fazendo ao mesmo tempo a apologia do Deus unico, o Deus de todos os christãos.

O governador o mandou logo prender a uma arvore mesmo ali e açoutal-o cruelmente,—e, como Victor permanecesse firme, o fez passar pelas torturas de laminas de fogo e pentes de ferro, e por ultimo o mandou degolar com grande applauso da multidão enfurecida.

Executou-se a sentença sobre uma ponte de pedra, por onde passava um pequeno regato confluente do rio Deste, regato que ainda hoje se denomina as *Golladas* ou de *S. Victor*, em memoria do seu martyrio.

Ficou insepulto e exposto ás feras o cadaver, mas alta noute os christãos, um dos quaes foi S. Silvestre, o sepultaram não longe do local do martyrio, onde depois fundaram e lhe dedicaram uma egreja e um convento benedictino.

Apenas os romanos notaram o desapparecimento do cadaver, trataram de perseguir os que eram tidos por christãos; prenderam e trucidaram logo S. Silvestre e em seguida Santa Suzana, irmã de Victor, S. Cucufate e S. Torquato, cujos corpos os christãos mais tarde poderam reunir no mesmo sepulchro de S. Victor e ali se conservaram até o anno de 1120, data em que D. Diogo Gelmires, bispo de Compostella, os trasladou para a sua egreja, deixando em Braga apenas alguns ossos, no tempo do arcebispo de Braga D. Giraldo.

Em outubro de 1590, o arcebispo D. Agostinho de Castro mandou abrir o sepulchro de Santa Suzana e d'elle trasladou ainda algumas reliquias para o sanctuario do convento do Populo, que o mesmo arcebispo fundou em Braga,—e por essa occasião mandou tambem erigir uma capellinha, na qual fez guardar uma pedra que se conservava ao longo do caminho, sempre tida em grande consideração pelos fieis, por dizer a tradição que sobre ella fôra degolado S. Victor, no dia 12 de abril do anno 306, segundo a melhor opinião.

—

Decorridos 260 annos—ou em 566—o chão em que fôra martyrisado S. Victor, a egreja em que ao tempo já se venerava e as terras adjacentes eram propriedade d'um sacerdote — Vasco Mendes, que doou tudo aos monges do mosteiro benedictino de Moure, para ali fundarem um mosteiro, em que vivessem.

Acceitaram os ditos monges a doação e ali fizeram casa e viveram, como em priorado seu, largo tempo; até que o mosteiro de Moure foi dado ao arcebispo S. Giraldo e conjuntamente este de S. Victor, cuja egreja ficou unida á camara archiepiscopal com o titulo de abbadia, pelo que os arcebispos de Braga d'ahi em diante se denominavam *abbades de S. Victor*.

Os mouros arrazaram este mosteiro,—depois foi restaurado, mas desappareceu ha muito.

A egreja foi reconstruida e sagrada pelo arcebispo D. Payo Mendes, no tempo do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, — e em 1686 foi novamente restaurada, pelo arcebispo D. Luiz de Sousa [1].

VICTOR (S.) — rua do Porto, no bairro oriental.

Esta rua é bastante espaçosa e pertence á freguezia do Bomfim;—prolonga-se em linha recta desde a rua e do jardim de S. Lazaro até ás proximidades do cemiterio oriental ou prado do Repouso — e é notavel por ser toda cheia be becos, denominados

---

[1] Além da *Hist. Eccl. dos arcebispos de Braga* por D. Rodrigo da Cunha, veja-se a *Benedictina Luzitana* de Frei Leão de S. Thomaz, tomo 1.º, pag. 400 e seguintes — e no *Elucidario* de Viterbo a palavra—*Abbade-Conego*.

ilhas, — grandes focos de infecção, em que vivem centenares de familias pobres, habitando pequenas casas terreas, sem ar nem luz.

No Porto abundam as taes *ilhas*, mas em nenhuma rua tanto como n'esta de S. Victor.

VICTORIA—freguezia da cidade do Porto no bairro occidental.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

No ultimo recenseamento (1878) contava 1:403 fogos e 8:804 habitantes (população legal, comprehendendo os auzentes) — e 8:908—população de facto.

Pelas notas colhidas na administração do respectivo bairro, a sua população em 31 de dezembro ultimo (1883) era a seguinte: — fogos 1:860;—habitantes 6:396.

Nos ultimos 5 annos recebeu pois a mais 457 fogos e perdeu 2:408 habitantes (população legal)—ou 2:512 habitantes (população de facto).

É um contra-senso, um disparate de todo o ponto incrivel e que prova o lastimoso estado em que se acham entre nós as estatisticas.

A população d'esta freguezia deve ter augmentado em fogos e *habitantes*, nos ultimos cinco annos, como tem augmentado e augmenta de dia para dia a população do Porto, o que é obvio a todos e o provaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

Não deve ter augmentado tanto como as freguezias de Cedofeita e do Bomfim, por que esta da Victoria é muito central e n'ella não se tem aberto nem podem abrir novas ruas, como se teem aberto em outras freguezias do Porto nos ultimos annos, nomeadamente n'aquellas duas; mas tambem n'ella se não tem feito demolições importantes que lhe cerceassem a população, como tem succedido na de S. Nicolau e vae succeder na da Sé. Além d'isso conserva a mesma area que tinha em 1878.

E que a sua população não diminuiu nos ultimos 6 annos, se prova com a nota do seu movimento parochial, que no mencionado periodo foi o seguinte:

Annos	Baptisados	Casamentos	Obitos
1878	299	117	195
1879	283	111	281
1880	274	139	229
1881	263	120	335
1882	271	122	229
1883	290	140	278

D'esta nota, que é de todo o ponto authentica e digna de fé, porque foi por nós extrahida do registro parochial, um dos pelouros mais bem montados que temos no nosso paiz, vê-se que n'esta freguezia houve em 1883 menos 9 nascimentos e mais 83 obitos do que em 1878;—mas nos 5 annos posteriores a 1878 houve 1:381 nascimentos e 1:353 obitos, o que dá um accrescimo de 28 individuos na sua população total.

A differença é pequena, insignificante, mas em todo o caso revela e prova que a sua população augmentou.

—

Em 1881 foi notavel o accrescimo dos obitos com relação aos nascimentos e mesmo com relação aos obitos de 1880 e 1882. A causa foi a epidemia da variola, que em 1881 pesou cruelmente sobre o Porto e ceifou centenares de vidas em todas as parochias d'esta cidade,—exceptuando unicamente a de Miragaya, onde matou apenas 7 creanças e 1 adulto,—sendo a freguezia em que naturalmente devia fazer maior numero de victimas porque, alem de ser a que mais abunda em pobreza, é a mais insalubre do Porto.

A parte baixa, o bairro de Miragaya propriamente dicto, onde se acha concentrada e amontoada cerca de metade da população da dicta parochia em um labyrintho de ruas, bitesgas e viellas immundas, velhissimas, foi a antiga *Calle* dos romanos, nucleo do Porto, segundo o roteiro d'Antonino Pio (edição correcta de Party e Pinder, Berlim, 1848). Além d'isso está em um amphitheatro sem ventilação e tão baixo que o Douro nas cheias a inunda. (V. *Miragaya*, vol. 5.º, pag. 242 e seg.)

Registraram-se n'aquella freguezia menos casos fataes do que em nenhuma das outras

do Porto, porque eu, como seu parocho e presidente da respectiva commissão de beneficencia, fiz vaccinar todas as creanças ainda não vaccinadas,—*mesmo durante a acção da epidemia e contra a opinião do conselho de saude.* Para attrahir as creanças ao posto vaccinico que montei, offereci-lhes a vaccina *gratis* e a esmola de 300 réis para cada uma das creanças pobres, além dos soccorros domiciliarios e do meu apostolado constante.

Foi uma lembrança felicissima e que muito me lisongeia, porque tive a satisfação de ver que das creanças vaccinadas *não succumbiu uma só*—e das que a epidemia encontrou não vaccinadas apenas matou 7, emquanto que nas outras parochias do Porto, onde se não applicou em tão grande escala a vaccina, a mortandade foi horrorosa, como havemos de provar com cifras no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto.*

Tudo isto deve constar nas repartições superiores, pois de tudo dei conhecimento ao ex.mo sr. Thomaz Ribeiro, então governador civil d'este districto, e lhe entreguei um minucioso relatorio com mappas demonstrativos, organisados por mim e pelo benemerito facultativo que dirigiu o posto vaccinico e tratou os meus parochianos durante a epidemia — *gratis e com a maior dedicação* (honra lhe seja)—o ex.mo sr. dr. Alfredo Candido Garcia de Moraes, a quem o governo pagou tão relevantes serviços *com a maior ingratidão!...*

Sendo facultativo da armada, o governo o mandou para Cabo Verde e ali o retem ainda hoje.

Creação d'esta parochia

Até o anno de 1583 havia no Porto *intra muros* [1] uma unica freguezia,—a da Sé,—e n'aquella data o bispo D. fr. Marcos de Lisboa, com grande reluctancia dos portuenses, creou mais 3,—esta da Victoria,—a de S. Nicolau—e a de S. João de Belmonte, intermedia e ha muito supprimida [1] obrigando-se o dito prelado *por si e pelos seus successores* a todas as despesas inherentes ás fabricas das novas erectas, em firmesa do que se lavrou escriptura publica, em 16 de julho do dicto anno, nas notas do tabellião Ruy de Couros.

Para evitarmos repetições veja se no tomo 6.º pag. 42, o artigo *S. Nicolau,* freguezia do Porto, onde fallamos das 3 erectas e se acha na sua integra a mencionada escriptura,—documento interessantissimo.

Era pois a mitra fabriqueira d'esta parochia e obrigada a todas as despezas do culto, etc., mas ha muito que todos esses encargo pesam sobre a confraria do Santissimo, como succede na parochia de S. Nicolau e na de Miragaya, das quaes a mitra era igualmente fabriqueira.

Egreja parochial

O TITULO E O TEMPLO

A matriz de N. S. da Victoria foi fundada sobre uma velha capellinha do mesmo titulo; ma tentanto prescrutar a origem d'este, encontrámos divergencia de opiniões.

Dizem uns que a origem de *Riotinto,* Campanhã, Batalha e Victoria provieram d'um grande combate ferido entre mouros e christãos em volta d'esta cidade (vide *Porto,* volume 7.º, pag. 281, col. 1.ª e seguintes) — e que os titulos supra commemoram os triumphos alcançados pelos christãos n'aquella sanguinolenta batalha.

Dizem outros que o titulo de N. S. da Victoria provem da conversão de grande parte dos judeus que viviam na segunda judiaria do Porto, em volta do local onde se erigiu a mencionada capella, e que esta symbolisa uma conquista moral, não um triumpho guerreiro.

---

[1] Referimo-nos á ultima cinta de muros principiada por D. Affonso IV em 1336, — continuada por D. Pedro I e concluida por D. Fernando em 1376.

V. artigo *Porto,* vol. 7.º pag. 278, col. 2.ª —e pag. 285, col. 1.ª e seguintes.

[1] Foi supprimida em 1592 e dividida pela de S. Nicolau e por esta da Victoria, quando se fundou o convento graciano de S. João Novo. V. vol. 6.º pag. 77, col. 2.ª

Seguimos sem hesitação os primeiros, porque estão mais em harmonia com as tradições do fervoroso culto que os christãos de aquelles tempos votavam á Virgem, culto de que nos dão solemne testemunho tantos templos que se ergueram na peninsula; e mais ainda porque a segunda judiaria que teve o Porto e que foi effectivamente n'este sitio, não acabou pela conversão mas sim pela expulsão dos judeus.

Não póde dizer-se qual o sitio que occupou a primeira ermida de N. Senhora da Victoria, nem assignalar-se a epoca da sua fundação; parece porem que foi em outro local, pois não permittiria a fé dos povos que permanecesse aberta ao culto dentro do bairro dos judeus.

—

O documento mais antigo que nos falla da confraria da Victoria é o seu estatuto, que existe na bibliotheca do Porto, e tem a data de 1638. Diz que é de novo instituida e falla do *altar da padroeira na sua egreja e das missas que deviam ser ditas pelo abbade*, o que prova que já havia egreja parochial d'esta invocação de *Victoria*.

O actual templo é obra do bispo D. Frei Antonio de Sousa, como se vê da descripção que existe no archivo da confraria e que vamos extractar.

Achando muito arruinada a pequena e antiga egreja matriz d'esta parochia, o bispo D. Frei Antonio de Sousa a mandou reedificar, lembrando-se dos compromissos contrahidos pelo seu antecessor D. Frei Marcos de Lisboa em 1583, quando erigiu *intra muros*, além da parochia da Sé, as tres já mencionadas supra [1].

Foi o Santissimo Sacramento transferido para a capella de S. José das Taipas no dia 4 de maio de 1755, e em seguida se deu principio ás obras, não se poupando a despesas o benemerito prelado para que o novo templo ficasse em tudo perfeito; mas infelizmente não logrou vel-o concluido e aberto ao culto, pois falleceu na sua quinta de Santa Cruz, no dia 11 de junho de 1766. Continuaram sem interrupção as obras por conta do cabido, *sede vacante*, e no dia 7 de agosto de 1769 se fez com extraordinaria pompa a trasladação do Sanctissimo Sacramento da capella de S. José das Almas, de que adiante fallaremos, e que durante as obras serviu de egreja matriz.

—

O rev. Francisco Antonio, ao tempo abbade d'esta parochia, desejando que a trasladação fosse o mais solemne possivel, convocou os seus parochianos Manuel da Costa Santiago e Manuel Francisco de Carvalho, moradores na Ferraria de Cima, Damaso Coelho, morador na Ferraria de Baixo, e Manuel Ferreira Velho, morador na rua de S. Miguel,— communicou-lhes o seu pensamento, que elles gostosamente applaudiram, — combinaram logo ali o plano da grande festa—e em seguida foram participar a sua resolução ao cabido, por se achar ainda vaga a Sé, e pedir-lhe a sua coadjuvação e assistencia, ao que tudo se prestou aquella respeitavel corporação, de bom grado.

Constou a grande festa de apparatosa procissão e triduo solemne.

Foi a nova egreja benzida em uma sexta feira, dia 5 d'agosto de 1769— fez-se a procissão no domingo immediato, 7, e deu-se começo ao triduo no dia 8 do mesmo mez e anno.

A procissão percorreu as ruas da Porta do Olival, Ferraria de Cima e Flores, largo de S. Domingos, e ruas de Bellomente, Taipas e S. Miguel, todas vestidas de gala.

—

Resadas vesperas e completas na cathedral pelo cabido, sahiu este procissionalmente em direcção á egreja de S. José das Almas, onde se achava depositado ainda o Santissimo Sacramento, desde o dia 4 de maio de 1755, e logo se dispoz a sahida da procissão na ordem seguinte:

Na frente ia uma estrondosa musica formada, ao modo d'aquelle tempo, de clarins, tambores, boazes, trompas e timbales;—seguiam-se diversas confrarias e irmandades

---

[1] O mesmo bispo D. Frei Antonio de Sousa mandou tambem reedificar a egreja matriz de S. Nicolau, e por isso na frente d'ella e d'esta da Victoria se vêem ainda hoje as suas armas.

e grande numero de andores e anjos. Depois a cruz parochial da Victoria, levada por Bento Corrêa de Mello, parochiano e fidalgo distincto; — seguiam-se 3 figuras allegoricas representando a *Victoria*, *Confissão* e *Sacramento;*—depois a commissão promotora das festas, composta dos quatro parochianos já mencionados, e os quatro primeiros mordomos da confraria do Santissimo — Antonio José da Fonseca, Isidoro Carvalho dos Santos, Francisco Gonçalves da Fonseca e José Pinto de Meirelles.

Seguiam-se as communidades de S. Francisco e dos Meninos Orphãos da Graça, cantando alternadamente os versiculos proprios —depois as communidades dos Eremitas de de Santo Agostinho (gracianos) do convento de S. João Novo, — muitos religiosos dos outros conventos do Porto — o clero da parochia e o cabido, levando o deão (João Pedro Pedrossem [1]) a sagrada custodia com o Santissimo Sacramento debaixo do palio da camara, sustentando as varas d'este magistrados e pessoas da primeira nobreza da freguezia — e a umbella Bernardo de Mello e Sá.

Seguiam-se depois em corpo de Relação os ministros, conselheiros, officiaes do tribunal, muitas pessoas de notoria distincção e por ultimo milhares de pessoas de ambos os sexos, do Porto e seus arrabaldes.

—

Recolhida a procissão á nova egreja, subiram logo os musicos para um tablado de ante-mão erguido junto dos pulpitos, no qual estiveram continuamente tocando sonatas em diversos instrumentos (rebecas, rebecões, trompas e baixão) até se collocar no altar o Santissimo Sacramento.

Em seguida se cantou um solemnissimo *Te-Deum*, e regressou á cathedral o cabido.

—

No dia immediato deu-se começo ao triduo com missa solemne e o Santissimo exposto, officiando o rev. deão da Sé, João Pedrossem.

Conservou-se o Sanctissimo Sacramento exposto, e de tarde, antes da encerração, prégou o rev. padre Mc. Fr. José de S. José, religioso franciscano, natural do Douro, de ante-mão convidado, por ser um dos primeiros oradores n'aquelle tempo.

—

No dia seguinte houve tambem missa solemne; foi celebrante o reverendo Alvaro Leite Pereira do Lago, thesoureiro-mór da Sé e fidalgo da Casa Real; — conservou-se tambem o Santissimo exposto — e de tarde prégou o rev. padre M. F. João de Santa Thereza, religioso franciscano da provincia de Portugal, orador distinctissimo, natural d'esta mesma parochia.

No 3.º dia officiou o rev. Luiz Brandão Pereira de Lacerda, conego prebendado da Sé do Porto e capellão da Casa Real, e pregou de tarde o rev. padre Manuel José de S. Bernardo de Brito, conego secular de S. João Evangelista, natural tambem d'esta freguezia da Victoria, orador eloquentissimo.

Assim terminaram as grandes festas da reposição do Santissimo Sacramento na sua nova egreja.

«E para memoria se fez n'este livro (diz o archivo parochial) a presente lembrança. Porto, aos 24 do mez de setembro de 1769. Domingos José Antunes Guimarães.»

—

Em 1808 foram inventariadas as pratas pertencentes á confraria do Santissimo e entregues por ordem do Governo Intruso ao recebedor das decimas, João Pinto Soares. Como, porém, a confraria entregasse pratas que pesavam 170 marcos e 4 onças, reservando as restantes como indispensaveis ao culto, foi de novo obrigada a entregar o restante, prefazendo todo este latrocinio (que outro nome não tem) um valor importante, pois toda a prata que a confraria perdeu pesava 560 marcos e 5 onças!

Em 1829, sendo juiz da confraria Antonio Bernardo de Brito e Cunha, que n'esse anno foi enforcado na Praça Nova por seguir o partido liberal [1], tal medo se apoderou dos mesarios por este funesto aconteci-

---

[1] Vide o vol. 8.º pag. 46, col. 2.ª e seg..

[1] Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º pag., 328 e seg.

mento, que, receando as perseguições da Alçada, uns esconderam-se, outros emigraram, — a egreja ficou entregue ao parocho, ao sachristão e procuradores e a sua administração no mais completo abandono.

—

Apenas formadas as linhas de defesa do Porto em 1832, foi escolhido o paredão que está junto da egreja para bateria de onde podessem os liberaes varejar a trincheira erguida no Pinhal de D. Leonor, em Villa Nova de Gaya, pelo que se mudou a matriz para a egreja do mosteiro de S. Bento dos Frades, onde se conservou até ao anno de 1852. Abandonado assim o templo e exposto aos tiros das fortalezas inimigas durante a guerra civil, ao terminar o cerco ficou no mais completo estado de ruina, chegando alguem a conceber o plano de o demolir para continuação da rua de S. Miguel. Alguns parochianos mais dedicados ao esplendor do culto, reunidos com o abbade Antonio de Sousa, egresso da ordem de S. Domingos, bem como a meza do Santissimo e a junta de parochia, resolveram abandonar a egreja de S. Bento que pela vastidão tornava mais dispendiosas as festividades, e abrir uma subscripção entre os parochianos para reedificar a egreja da Victoria. Sendo esta resolução acceite e coberta com importantes esmolas a subscripção, principiaram as obras em março de 1852 e terminaram pela inauguração e transferencia do Santissimo, em 8 de dezembro do mesmo anno, celebrando se então a festividade da padroeira d'este reino, N. S. da Conceição.

Uma inscripção gravada sobre a porta lateral do lado sul designa este facto da reconstrucção e uma bala das chamadas *balas razas*, encravada na parede, ainda ali está a relembrar a lucta cruenta que originou o abandono em que o templo esteve por espaço de 20 annos.

—

A meza que o reconstruiu era composta de Simão Duarte de Oliveira, juiz presidente, Thomaz Alves Guimarães, thesoureiro, Antonio José Gonçalves Basto, escrivão, Manuel Rodrigues de Azevedo, fiscal,—Joaquim José Ferreira d'Oliveira, Manuel José Lopes d'Azevedo, Francisco Nogueira Basto, José Joaquim Pereira de Lima, Francisco dos Santos Fonseca e José Antonio da Silva Braga, mordomos.

N'esta reconstrucção melhorou muito o templo e foram tirados para a nova egreja alguns adornos e peças importantes da egreja de S. Bento, que ficou abandonada. Desde essa epocha até á actualidade, tem prosperado a administração da confraria do Santissimo (que é a fabriqueira) por tal modo que o esplendor das suas festas e a riqueza dos adornos a tornam opulenta. Tem um rico cortinado de damasco vermelho com ramagem amarella para todos os altares e frestas, lustres para servirem nas solemnidades, muitas e valiosas pratas, custosos paramentos, um palio bordado a oiro com varas de prata, tudo de muito valor e merecimento, e uma grande quantidade d'opas de seda carmezim para os mezarios e irmãos.

—

Em 1874 um incendio casual destruiu toda a entalha do altar da padroeira; mas logo a meza do Santissimo promoveu na freguesia uma subscripção com que arranjou meios para fazer uma completa reforma no templo e outras obras que continuou até o pôr na decencia, luxo e esplendor com que hoje (1884) se vê. Depois d'este incendio foi de novo inaugurada a egreja e benzida a devota imagem de Nossa Senhora da Victoria (esculptura do professor Soares dos Reis) fazendo a entrada solemne n'este templo o reverendissimo bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos Silva, hoje cardeal da Santa Egreja, cantando a missa o rev. parocho, bacharel em direito e theologia José Domingues Mariz, que na vespera tinha tomado posse como abbade, e orando o rev. Francisco José Patricio, prégador regio. Esta solemnidade teve logar a 18 de julho de 1875. Desde esse anno em diante tem sahido uma procissão no dia da festa do Corpo de Deus, celebrada n'esta egreja, que é acompanhada por um regimento da guarnição do Porto, concedido por Alvará Regio de 15 de maio de 1802, renovado por decreto de 13 de junho de 1874. Este privilegio foi concedido a esta confraria pelos serviços que presta

promptificando as alfaias para a administração dos sacramentos aos presos da cadeia.

—

A egreja é pequena mas bem construida; mede 31 metros de comprimento e 10 de largura; tem um frontispicio todo de granito bem lavrado, mas singello; recebe luz por uma espaçosa janella da frontaria, seis janellas, que são tribunas, e duas frestas na capella mór. Tem um retabulo no altar mór de boa entalha toda dourada, quatro altares no corpo da egreja e um debaixo do côro; uma sacristia regular com ampla credencia, um altar e dois quadros grandes a oleo, um dos quaes representa a *Discussão no templo* e é de muito merito artistico.

A egreja está actualmente muito bem cuidada; toda a entalha foi dourada de novo; tem um bom orgão com apparatosos ornatos exteriores e muitos registros, feito em 1872 por Manuel Joaquim da Fonseca.

Além da confraria do Santissimo, que é a fabriqueira, ha tambem installadas n'esta egreja a confraria da Senhora da Conceição e da Senhora da Victoria, que promovem o culto aos seus respectivos oragos. Celebram-se annualmente as seguintes festividades: S. Sebastião, Senhora das Dores, da Conceição, da Victoria, Semana Santa, Corpo de Deus, Communhão dos Meninos e lausperenne ás quartas feiras.

Circumscripção d'esta parochia

Até 1842, data em que se fez o ultimo arredondamento parochial d'esta cidade [1], era muito differente a circumscripção d'esta parochia.

Até áquella data esta freguezia e as da Sé e S. Nicolau comprehendiam apenas a população *intra-muros*. Toda a população *extra-muros* pertencia á parochia de Santo Ildefonso, que era immensa. Chegou a contar cerca de 6:000 fogos e de 25:000 almas!?... As coisas passaram-se assim:

Concluida por D. Fernando em 1377 a grande muralha de defesa do Porto, obra monumental, cuja construcção durou 40 annos e comprehendia cerca de 3:000 passos [1], toda a população existente e a que de futuro se creou *extra-muros*, ficou pertencendo á freguezia de Santo Ildefonso, por estar a sua matriz *extra-muros*.

Estendia-se pois esta parochia desde o Largo das Virtudes e rua dos Fogueteiros *inclusive* (lado norte) — rua da Liberdade (lado E.)—praça do Duque de Beja (lado S.) —até Paranhos e Campanhã, exclusivamente, — descendo á margem do Douro e comprehendendo nos Guindaes e na Ribeira tudo o que hoje ali tem a freguezia de S. Nicolau *extra-muros*.

Era limitada pelos muros de D. Fernando e pelas freguezias de Miragaya, Cedofeita, Paranhos, Campanhã e Riotinto.

—

Principiou por uma simples capella [2] que estava junto d'uns grandes carvalhos e d'uns grandes penedos no mesmo local que hoje occupa a sua matriz *fóra dos muros*, e por isso mesmo, feitos os muros, se arvorou a dicta capella em matriz, para se ministrarem d'ella com mais commodidade os sacramentos á população exterior, então muito limitada; mas com o tempo de tal fórma se desenvolveu que já em 1842 se julgou uma necessidade o dividir-se, como se dividiu. Com uma pequena parte d'ella se creou toda a freguezia do Bomfim, hoje (1884) a mais populosa do Porto [3], dando além d'isso para as

---

[1] Foi ordenado por decreto de 3 de junho de 1839; mas a commissão nomeada só em 1841 concluiu os trabalhos do arredondamento, que foi confirmado por decreto de 11 de dezembro do dito anno e principiou a vigorar em 1 de janeiro de 1842.

[1] V. art. Porto, no logar supra citado—e a *Descripção do Porto* por Agostinho Rebello da Costa, cap. II pag. 21.

[2] Suppomos ser a do antiquissimo hospital de *Santo Alifon*, de que adeante fallaremos.

[3] Pelo recenseamento de 1878 contava 3:773 fogos e 15:240 habitantes, mas hoje deve contar cerca de 5:000 fogos e de 20:000 almas.

O seu movimento parochial nos ultimos 2 annos foi o seguinte:

1882.—Nascimentos 750—casamentos 138 —obitos 500.

freguezias da Sé, S. Nicolau e Victoria tudo o que hoje lhes pertence *extra-muros* — e para a de S. Pedro de Miragaya um largo quinhão tambem.

Pelo ultimo arredondamento de 1842 perdeu esta freguezia da Victoria em favor da de S. Nicolau tudo o que até ali lhe pertencia desde a fonte das Taipas e da entrada da rua de S. Roque para o sul, mas em compensação avançou para norte e leste e recebeu da de Santo Ildefonso tudo o que hoje lhe pertence *extra-muros* e que vamos indicar.

Ruas d'esta parochia

Até 1842 comprehendia as ruas seguintes:

Ferraria de Baixo (antigamente rua das *Rosas*) da rua de S. João Novo para cima,—rua e largo de S. João Novo,—rua de Bellomonte (a de Ferreira Borges ainda ao tempo não existia)—rua das Taipas (foi isto o que pelo arredondamento de 1842 cedeu para a de S. Nicolau até á fonte das Taipas e entrada da rua de S. Roque)—becco das Taipas, entre o lado sul do extincto convento benedictino, hojo quartel militar de caçadores n.º 9, e as trazeiras da rua de S. Miguel (lado norte)—rua e escadas de S. Roque,—escadas da *Esnoga*, corrupção de Sinagoga, entre a rua de S. Roque e a de Bellomonte,—rua de Traz da Victoria, continuação da de S. Roque até á rua de Traz, — postigo, hoje rua, das Virtudes, entre a fonte das Taipas e o largo ou passeio das Virtudes exclusivamente, — rua de S. Miguel, largo ou bateria da Victoria, — rua e travessa de S. Bento,—rua dos Caldeireiros ou Ferraria de Cima,—rua e viella do Ferraz,—rua de Traz,—viellas do Pastelleiro e da Lagea, entre a rua dos Caldeireiros e a de Traz,—praça do Olival, pequeno largo *intra-muros*, junto da antiga *Porta do Olival*, no cimo das ruas de S. Bento, de Traz e Caldeireiros, — rua da Assumpção e calçada, hoje rua, dos Clerigos, antiga calçada da Natividade (lado sul) que ficava *intra-muros*.

—

Com o arredondamento de 1842 avançou, como dissemos, para norte e leste e recebeu da freguezia de Santo Ildefonso o seguinte:

Praça da Cordoaria, depois Campo e hoje Jardim dos Martyres da Patria, exceptuando a rua occidental, que é da freguezia de Miragaya, — rua do Carmo, — viella do Carmo ou do Assiz,—viella dos Poços, entre a rua do Carmo e a frente do Hospital da Misericordia,—praça do Anjo,—rua dos Passeios da Graça, — praça dos Voluntarios da Rainha,—praça de Carlos Alberto, antigamente praça dos Ferradores e Feira das Caixas,—rua das Oliveiras,—rua da Conceição,—rua do Almada, desde a travessa da Trindade para baixo, — travessa do Pinheiro, entre a rua da Conceição e a do Almada,—largo dos Loios, (lado norte e oeste, pois a parte restante pertence á freguezia da Sé) — rua dos Clerigos, toda,—travessa dos Clerigos,—rua e largo do Correio, — largo de S. Philippe, entre a praça do Anjo e o largo do Correio —rua das Carmelitas,—rua, largo e travessa da Picaria, — rua da Fabrica,—rua e praça de Santa Theresa,—rua, largo e travessa do Moinho de Vento—e praça do Ferro Velho, entre a rua de Santa Theresa e o fundo da rua das Carmelitas.

—

E' curioso o motivo porque á rua das Taipas se principiou a dar este nome nos fins do seculo XV.

1883.—Nascimentos 702—casamentos 150—obitos 592,—tendendo a augmentar cada vez mais por ser o bairro fabril do Porto,—por estar em contacto com a estação dos caminhos de ferro—e por ter largos chãos para edificações, — emquanto que a freguezia da Victoria se conserva estacionaria—e as freguezias da baixa, S. Nicolau e Miragaya, estão muito reduzidas e tendem a diminuir ainda mais.

O movimento parochial d'estas duas freguezias no ultimo anno foi o seguinte:

S. Nicolau.—Baptisados 182—casamentos 23—obitos 162.

Miragaya.—Baptisados 177—casamentos 42—obitos 131.

É pois da maior urgencia proceder-se a uma nova circumscripção parochial d'esta cidade, dividir melhor a sua população e erigir uma ou duas parochias na parte alta, além das existentes, como se erigiu em 1842 a do Bomfim.

No *supplemento* seremos mais explicitos sobre este topico, no artigo *Porto*.

Até áquella data era conhecida pelo nome de rua do Olival. Nos fins do anno de 1485 appareceu n'ella uma medonha epidemia, a *peste*, pelo que a camara por accordão de 14 de janeiro de 1486, a mandou *entaipar* nas duas extremidades. D'aqui lhe proveiu o nome de *Taipas*.

Pelo mesmo accordão se ordenou que os doentes affectados da tal *peste* fossem recolhidos na antiga torre de *Pedrossem* [1], na qual seriam tratados á custa do municipio. (Cartorio da camara do Porto, *Livro das Vereações* de 1486, fol. 26).

—

O largo dos Loios foi formado pela antiga rua de *Mend'Affonso* e outras.

A rua dos Caldeireiros ou da Ferraria de Cima tambem antigamente se denominou rua do Souto e era continuação da rua d'este nome.

A praça de Santa Theresa tomou o nome da egreja que foi das religiosas carmelitas. Anteriormente denominava-se *Campo da Via Sacra*.

O largo dos Ferros Velhos era o *largo do Ermitão*.

O terreno onde se edificou o mosteiro das religiosas carmelitas chamava-se *Calvario Velho* por haver ali uma capella muito antiga com aquella invocação.

A rua dos Clerigos chamou-se *Calçada da Natividade* e tambem *Calçada da Arca*.

O chão onde se fez a egreja dos Clerigos denominava-se *Cassoa*—e *Campo das Malvas* [2] o chão onde se fez a torre e o largo contiguo até junto da *Porta do Olival*.

Este *Campo das Malvas* foi desde tempos remotos até 1796 o cemiterio dos justiçados, pelo que deu origem ás locuções do povo—*ir para as malvas — vae para as malvas — está aqui está nas malvas!...*—referindo-se a alguem com aspecto moribundo, cadaverico, patibular, como o dos padecentes caminhando para a forca ou para o tal *Campo das Malvas*.

Deu tambem origem á cantiga popular que nos meus bons tempos ouvi em Baião:

Ai Jesus, que eu vou p'ras malvas,
Caminhando pr'as urtigas!
Vão os rapazes p'ra forca,
Por causa das raparigas.

Concluiremos este topico dizendo ainda que se chamava *Horto do Olival* o largo do Carmo,—*Largo dos Ferradores* e *Feira das Caixas* a Praça de Carlos Alberto,—*Campo das Hortas* e depois *rua das Hortas* a parte sul da rua do Almada—e *rua de S. Miguel* a de S. Bento da Victoria, antes da fundação do convento benedictino.

—

Esta parochia é um dos melhores beneficios do Porto por ser muito central e boa de curar, pois a sua area é relativamente pequena;—além d'isso é de todas as freguezias do Porto a que tem menos pobresa.

Em toda ella não ha uma só *ilha*.

—

Tem esta parochia grandes edificios e grandes estabelecimentos que nada rendem pará o seu parocho, mas tambem não o incommodam, taes são—a Escola Medico-Cirurgica, a Academia Polytechnica, o tribunal da Relação, o tribunal militar, a direcção das obras publicas, a Ordem Terceira do Carmo, o Collegio dos Orphãos da Graça e a irmandade dos Clerigos.

Ha tambem n'esta parochia grandes edificios e grandes estabelecimentos que pouco rendimento dão ao parocho e tambem pouco o incommodam, taes são o quartel da Guarda Municipal, no extincto convento carmelita, e o quartel de Caçadores n.º 9, no extincto convento benedictino;—ha porém um grande edificio e um grande estabelecimento que *muito* o incommodam e nada lhe rendem, —a cadeia da Relação que tem sempre 300 a 400 presos sem capellão proprio, pelo que

---

[1] Veja-se o art. S. *Nicolau*, vol. VI pag. 45 e seg. onde fallamos dos ultimos representantes d'esta lendaria familia, aqui no Porto.

Suppõe-se que a tal celebre torre, já *antiga* no seculo XV, é a mesma que ainda hoje (1884) se vê ao fundo do palacete que foi dos *Brandões da Torre da Marca*, depois marquezes de Terena, e ultimamente do marquez de Monfalim, em frente do nosso Palacio de Cristal.

[2] V. art. *Miragaya*, vol. V pag. 314, columna 1.ª

o parocho tem de os confessar e desobrigar e de ministrar-lhes os sacramentos durante o anno. Ossos do officio!...

Escola Medico-Cirurgica

D'este importante estabelecimento scientifico já se fallou no artigo *Miragaya*, vol. V pag. 259 e por isso, para evitarmos repetições, veja-se o logar citado.

Aqui daremos apenas noticia do novo edificio em que se acha hoje montado este estabelecimento.

—

Occupa o angulo S.O. da cerca dos frades carmelitas; — tem a frente voltada ao sul e prolonga-se para o norte em fórma d'um parallelogrammo, a oeste do convento carmelita, hoje quartel da Guarda Municipal, ao sul do Jardim Botanico e a leste do magestoso hospital da Misericordia, mettendo-se de permeio apenas o espaço da rua occidental do Campo dos Martyres da Patria.

Tem capacidade sufficiente para as diversas repartições da Escola, mas pouca imponencia, pois a sua architectura é extremamente singela e a sua fronteira estreita e baixa, ostentando apenas um pavimento, posto que tem outro, mas ao rez do chão e quasi subterraneo, sem portas nem janellas na frente.

O edificio é dividido em dous corpos — um mais espaçoso [1], para as aulas, bibliotheca, secretaria, salão de conferencias, museu, gabinetes de chimica e physica, etc. etc. — outro mais pequeno e annexo, na extremidade norte, destinado para as dissecções e theatro anatomico, aulas de anatomia, de partos e pathologia externa.

Foi auctorisada a construcção d'este edificio por carta de lei com data de 14 de abril de 1875; — principiaram as obras em janeiro de 1881 — terminaram em outubro de 1883 — e custaram 41:669$435 réis.

A bibliotheca está em um salão espaçoso e comprehende hoje cerca de dez mil volumes.

[1] Tem de largura 26m,50 — e de comprimento 46m,10.

—

No anno lectivo de 1883-1884 frequentaram esta Escola os alumnos seguintes:

1.ª cadeira	36
» » repetentes	28
2.ª »	39
3.ª »	12
4.ª »	18
5.ª »	17
6.ª »	14
7.ª »	18
8.ª »	31
9.ª »	43
10.ª »	12
11.ª »	14
12.ª »	17
1.º anno	36
2.º »	39
3.º »	18
4.º »	14
	125

Pharmaceuticos

1.º anno	3
2.º »	3

Parteiras

1.º anno	6
2.º »	5

No artigo *Miragaya* vol. V já citado, podem vêr-se as doutrinas que se leccionam em cada uma das mencionadas cadeiras e outras muitas noticias com relação a esta Escola.

—

O pessoal d'este estabelecimento é na actualidade o seguinte:

Director — conselheiro Manuel Maria da Costa Leite.

Secretario — Ricardo d'Almeida Jorge.

Lente de Anatomia — João Pereira Dias Lebre.

Lente de Physiologia — Antonio d'Azevedo Maia.

Lente de materia medica — José Carlos Lopes.

Lente de pathologia externa—Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

Lente de operações—Pedro Augusto Dias.

Lente de partos — Agostinho Antonio do Souto.

Lente de pathologia interna—Antonio de Oliveira Monteiro.

Lente de clinica médica — Manuel Rodrigues da Silva Pinto.

Lente de clinica cirurgica—Eduardo Pereira Pimenta.

Lente de anatomia pathologica — Manuel de Jesus Antunes Lemos.

Lente de medicina legal e hygiene publica — José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.

Lente de pathologia geral — Illydio Ayres Pereira do Valle.

Substitutos de medicina—Vicente Urbino de Freitas e Antonio Placido da Costa.

Substitutos de cirurgia—Augusto Henrique d'Almeida Brandão e Ricardo d'Almeida Jorge.

Demonstrador de cirurgia—Candido Augusto Corrêa de Pinho.

Professor do dispensatorio pharmaceutico —Izidoro da Fonseca Moura.

Preparador e conservador do museu de anatomia—Joaquim Pinto d'Azevedo.

Director do posto meteorologico—Antonio Placido da Costa.

Ajudante—Miguel José Maia.

Academia Polytechnica

Já tractámos d'este importante estabelecimento scientifico no artigo *Porto*, vol. VII pag. 365, col, 1.ª e seg. *Vide.*

Pessoal da Academia Polytechnica

Director—vago.

Director interino — Dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso.

Lente da 1.ª cadeira (arithmetica, algebra elementar, geometria, synthetica elementar e trignometria plana) — Joaquim d'Azevedo de Sousa Vieira da Silva Albuquerque [1].

Lente da 2.ª cadeira (geometria analytica a duas e tres dimensões, algebra superior, calculo differencial e integral e calculo das variações)—dr. Luiz Ignacio Woodause.

Lente da 3.ª cadeira, 1.ª parte (geometria descriptiva, mechanica racional e cinematica applicada ás machinas)—dr. Francisco Gomes Teixeira [2].

Lente da 4.ª cadeira (desenho)—Dr. Francisco da Silva Cardoso.

Lente da 5.ª cadeira (uranographia, astronomia pratica e geodesica)—Dr. Manuel da Terra Pereira Vianna.

Lente da 6.ª cadeira (mineralogia, geologia, metallurgia e arte de minas)—Dr. Wenceslau de Sousa Pereira Lima.

Lente da 7.ª cadeira (zoologia, mineralogia, geologia e metallurgia)—Dr. José Diogo Arroyo.

Lente da 8.ª cadeira (physica e artes phycas) — Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva [3].

Lente da 9.ª cadeira (chimica, artes chimicas e lavra de minas) — Dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão [4].

Lente da 10.ª cadeira (botanica, agricultura e veterinaria)—Dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso.

Lente da 11.ª cadeira (commercio e escripturação commercial)—José Joaquim Rodrigues de Freitas.

Lente da 12.ª cadeira (economia politica e principios de direito administrativo e com-

---

[1] E' tambem no momento, presidente da *Sociedade d'Instrucção do Porto*, da qual adeante fallaremos.

[2] Fez concurso e tomou posse ha poucos mezes.

Foi lente da Universidade de Coimbra e é hoje o primeiro mathematico do nosso paiz e um dos primeiros da Europa.

[3] E' tambem director do *Laboratorio Chimico Municipal* do Porto, montado e aberto ainda este anno, junto dos paços do concelho.

D'este *Laboratorio* fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao art. *Porto*.

[4] V. volume VI pag. 89, col. 2.ª

mercial)—conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado.

Lente da 13.ª cadeira (mechanica) — Roberto Rodrigues Mendes, tenente de engenheria militar.

Lentes jubilados — conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, dr. José Pereira da Costa Cardoso (digno par do reino) e Pedro de Amorim Vianna, mathematico distinctissimo, por antonomasia o *Newton*.

Substituto de philosophia — dr. Manuel Amandio Gonçalves.

Substituto da secção do commercio—Antonio Alexandre de Oliveira Lobo.

Substituto da secção de mathematica — vago.

Substituto de desenho—Guilherme Antonio Corrêa.

Movimento escolar

No anno lectivo ultimo (1883-1884) frequentaram as 13 cadeiras d'esta Academia 207 alumnos, cujas naturalidades são as seguintes:

Do districto do Porto	71
» » de Aveiro	21
» » de Beja	3
» » de Braga	25
» » de Bragança	5
» » de Castello Branco	2
» » de Coimbra	1
» » de Faro	1
» » da Guarda	3
» » de Leiria	3
» » de Lisboa	6
» » de Portalegre	1
» » de Santarem	1
» » de Vianna do Castello	14
» » de Villa Real	12
» » de Vizeu	18

Ilhas adjacentes

Do Faial	1
De Santo Antão	1

Possessões ultramarinas

Estados geraes da India	3
Total	192

Transporte	192

Paizes estrangeiros

Brazil	14
Republica do Uruguay	1
Total geral	207

Edificio da Academia Polytechnica [1]

Este imponente e magestoso edificio é uma amalgama irrisoria, uma união hybrida de estabelecimentos diversos que não podem tolerar-se misturados e confundidos com um estabelecimento scientifico de primeira ordem, taes são o antigo *Collegio dos Orphãos*, ainda habitado por grande numero de alumnos em pessimas condições de ar e luz, esperando que o governo lhes dê nova casa em troca da que lhes tirou;—o *Instituto Industrial do Porto*; — e no pavimento terreo —a egreja dos pobres Orphãos, bastante espaçosa, mas já em ruinas e interdicta ao culto, — uma mercearia, duas lojas de cordoeiros, dois cafés com bilhares, tres sotãos de barbeiros, dois talhos de carnes verdes, uma relojoaria, quatro tabernas, uma loja de tamanqueiro e varias lojas com louça ordinaria, vermelha, amarella e preta!...

Total—uma vergonha!...

Lançaram-se ha oitenta annos (em 1804) os primeiros fundamentos d'este edificio e ainda hoje se acha muito longe da sua conclusão e já em parte *arruinado*.

Outra vergonha!

Os orfãos occupam os restos do *seu* antigo collegio, emparedados pelo novo edificio da Academia.

---

[1] E' muito emmaranhada a historia d'este edificio e, para não tornarmos este artigo extremamente longo, veja-se n'este diccionario o artigo *Porto*, vol. VII pag. 365, col. 1.ª e seg. e n'este vol. X, n'este artigo *Victoria* o topico relativo ao *Collegio dos Orphãos da Graça*.

Veja-se tambem na interessantissima collecção dos *Annuarios* d'esta Academia o de 1877-1878, pag. 210-219;—o de 1878-1879, pag. 152-154;—o de 1879-1880, pag. 240-242; —o de 1880-1881, pag. 179-224 e 261-262; —o de 1882-1883, pag. 17 e o de 1883-1884, pag. 248-251.

Os predios sitos entre a rua da Graça e a travessa do Carmo, no chão sobre que tem de completar-se o grande edificio, ainda não foram expropriados. O resto do edificio, em parte definitivo, em parte formado de construcções provisorias, algumas das quaes se acham tão arruinadas que por ellas já foi prohibido o transito, accommoda a Academia Polytechnica e o Instituto Industrial.

—

O conselho da Academia tem reiteradas vezes instado com o governo pedindo a conclusão do edificio, pois como está não póde por forma alguma satisfazer ao seu fim.

O primeiro passo a dar para se resolver tão momentosa questão é remover os pobres orfãos para casa apropriada, que por todas as considerações deveria estar feita ha muito. Emquanto se lhes não der nova casa, como é de rigorosa justiça, viverão os pobres torturados, espoliados e emparedados, —e não podem proseguir as obras no interior do edificio.

—

Em virtude da lei de 19 de junho de 1880 que permittiu applicar a dotação para as obras á expropriação das lojas situadas no pavimento terreo d'este edificio, foi necessario instaurar um processo para se saber quaes eram as que pertenciam ao Collegio dos Orphãos e as que pertenciam á Academia. Uma commissão mixta da Academia Polytechnica e da Camara Municipal do Porto, administradora do collegio, chegou a um accordo sobre tão importante questão, o que muito facilitou o acabamento do grande edificio.

Fazemos sinceros votos por que elle em praso breve se conclua,—mas sem prejuizo dos pobres orfãos, legitimos senhores da maior parte d'aquelles chãos.

—

A primeira planta das obras foi levantada em 1807 pelo capitão de infanteria servindo no real corpo de engenheiros, Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante.

O alçado da fachada que olha para o nascente foi feito por outro architecto em maio de 1817 sobre a planta baixa do engenheiro Amarante; em 1862 se elaborou o novo plano que hoje vigora e que alterou consideravelmente os anteriores—e maiores alterações terão de fazer-se removido que seja o Collegio dos Orphãos.

A fachada norte mede 61^{m},85, a de leste 89^{m},19; e a do sul 35^{m},55.

A linha do poente, da fachada do edificio, ainda incompleta, quebra-se a 38^{m},95, contados da extremidade norte, e d'ahi corre na direcção S. S. O. na extensão de 55^{m},88 até acabar na quina da fachada sul.

Os angulos entre os lados sul e poente, e entre as duas linhas d'este ultimo quadrante são obtusos; os outros são rectos.

Segundo a lei de 23 de junho de 1857 a dotação para as obras é de 4:000$000 de réis annuaes.

—

Por muito tempo a Academia não teve espaço sufficiente para as suas aulas, e estas se accomodavam no collegio dos pobres Orfãos, exceptuando a de desenho, que ainda no anno de 1804 funccionou no Hospicio dos religiosos antoninos, hoje hospicio dos Expostos, no Campo dos Martyres da Patria.

O observatorio andou em casas de renda; a secretaria ainda em 1824 estava no Collegio dos Orfãos.

—

Durante o cerco do Porto (1832 a 1833) o edificio da Academia foi convertido em hospital militar.

Em 13 de outubro de 1834 começaram os estudos no palacete dos viscondes de Balsemão, hoje do sr. conde da Trindade, na praça dos *Ferradores*, hoje de *Carlos Alberto*. Só as aulas de desenho e manobra continuaram nos seus antigos locaes, que eram as construcções provisorias do lado poente.

O hospital militar só em 1836 deixou livres as aulas da Academia.

Instituto Industrial do Porto

D'este importante instituto já se fallou no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 365, mas tão summariamente que não podemos deixar de desenvolver um pouco mais este topico.

Por decreto de 1 de dezembro de 1853 foi creada a *Escola Industrial do Porto*, sendo

ministro das Obras Publicas o actual presidente de ministros, Antonio Maria Fontes Pereira de Mello,—e por decreto de 20 de dezembro de 1864, sendo ministro das Obras Publicas João Chrysostomo de Abreu e Sousa, foi reformada a antiga *Escola Industrial*, passando a denominar-se *Instituto Industrial do Porto*.

N'este importante estabelecimento ha hoje os seguintes

Cursos Industriaes

1.º—De instrucção geral para operario habilitado.

2.º—De director de fabricas e officinas mestre e contramestre.

3.º—De conductor de obras publicas.

4.º—De conductor de minas.

5.º—De conductor de machinas e fogueiro.

6.º—De telegraphista.

7.º—De mestre d'obras.

8.º—De pharoleiro.

9.º—De mestre chimico e tintureiro.

As disciplinas que constituem os cursos acima designados são distribuidas pelas seguintes

Cadeiras

1.ª—Arithmetica, algebra e geometria,—trignometria—topographia e levantamento de planta.

2.ª—Desenho linear—geometria descriptiva applicada á industria—stereotomia—desenho de modelos e machinas, topographico e architectonico.

3.ª—Physica e suas applicações ás artes—telegraphia electrica—pharoes.

4.ª—Principios geraes de chimica—chimica applicada ás artes—tinturaria e estamparia.

5.ª—Principios geraes de mechanica industrial—applicações á construcção de machinas, especialmente ás de vapor—mechanica applicada ás construcções civis.

6.ª—Construcções civis—elementos de technologia geral.

7.ª—Mineralogia, geologia e a docimasia na parte que diz respeito á analyse e ensaios dos mineraes uteis—arte de minas.

8.ª—Desenho de ornato—desenho pelo natural—modelação.

9.ª—Contabilidade e principios de economia industrial—noções de direito commercial e administrativo e estatistica.

10.ª—Lingua franceza e ingleza.

—

No anno lectivo de 1883 a 1884 foram estas cadeiras regidas pelos professores seguintes:

1.ª—João Vieira Pinto, professor proprietario [1].

2.ª—Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa—Idem.

É o director d'este iustituto e já foi tambem director das obras da *Bolsa* ou do *Palacio do Commercio*, d'esta cidade [2].

3.ª—Illidio Ayres Pereira do Valle, professor em commissão.

4.ª—1.º curso—Manuel Nepomuceno, professor em commissão.

4.ª—2.º curso—Agostinho da Silva Vieira—professor proprietario [3].

5.ª—José Guilherme de Parada e Silva Leitão—Idem.

6.ª—Vaga. Foi regida pelo professor da 5.ª

7.ª—Manuel Rodrigues Miranda Junior—professor proprietario.

8.ª—Guilherme Antonio Corrêa—Idem.

9.ª—Domingos Agostinho de Sousa—Idem.

10.ª—João Baptista Pereira Leal—Idem.

Pessoal da secretaria

Director—Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa.

Secretario e bibtiothecario—Joaquim Casimiro Barbosa.

Escripturario servindo de thesoureiro pagador—Augusto Alves Novaes.

---

[1] Falleceu no dia 24 do corrente mez de agosto de 1884. No fim d'este topico daremos em resumo a sua biographia.

[2] V: art. *Porto*, vol. 7.º pag. 429, col. 2.ª *in fine*.

[3] Vide vol. 5.º pag. 258, col. 1.ª art. *Miragaya*, freguezia do Porto, onde publicamos a biographia d'este distincto professor.

Conservador—Bernardo José Maria da Motta.

Preparador de physica e chimica—Nuno Freire Dias Salgueiro.

Mais um porteiro e 4 guardas.

—

Tem este instituto os seguintes gabinetes de instrucção pratica:.

1 Bibliotheca de 2:000 volumes.

1 Laboratorio chimico.

1 Gabinete de physica.

1 Gabinete de mineralogia.

1 Museu technologico e 1 officina annexa ao mesmo museu.

—

A despeza votada para este instituto no orçamento é a seguinte:

1 Director, gratificação.....	300$000
1 Secretario.....	500$000
1 Escripturario.....	300$000
1 Conservador.....	300$000
1 Preparador de physica e chimica.....	300$000
1 Porteiro.....	240$000
4 Guardas a 182$500.....	730$000
9 Professores a 700$000.....	6:300$000
1 Professor de linguas, franceza e ingleza.....	500$000

Os professores em commissão e os proprietarios que exercem outro magisterio recebem mais a gratificação de 450$000 réis.

—

Ha n'este instituto duas classes de alumnos: a de *ordinarios* para os que pretendem frequentar as disciplinas segundo a ordem estabelecida nos programmas dos diversos cursos — e a dos *voluntarios* para os que frequentarem qualquer disciplina isoladamente.

Para a matricula nos cursos industriaes requerem-se as habilitações seguintes: — saber ler, escrever e pratica das quatro operações sobre inteiros e decimaes, haver completado doze annos de idade e não padecer de molestia contagiosa.

Os individuos que não apresentarem documentos que provem possuir as habilitações acima designadas são examinados por um jury nomeado pelo conselho escolar.

Os exames de habilitação para os cursos industriaes verificam-se na primeira semana d'outubro.

Movimento escolar

No anno lectivo de 1883 a 1884 matricularam-se n'este instituto os alumnos seguintes:

Na 1.ª cadeira.....	390
» 2.ª »	345
» 3.ª »	48
» 4.ª »	10
» 5.ª »	7
» 6.ª »	8
» 7.ª »	3
» 8.ª »	108
» 9.ª »	25
» 10.ª »	279
Numero total de matriculas.....	1:223
Numero total de alumnos.....	494

Além dos alumnos matriculados segundo as disposições regulamentares, frequentaram como ouvintes mais os seguintes alumnos:

1.ª cadeira.....	146
2.ª »	95
8.ª »	57
10.ª »	18

As profissões declaradas pelos diversos alumnos no acto das matriculas foram as seguintes:

Abridores 2 — Alfaiates 2 — Alquilador 1 — Armadores 2 — Caixeiros 2 — Canteiros 56 — Carpinteiros 62 — Chapellèiros 3 — Commerciantes 3 — Constructores de pianos 1 — Correeiros 1 — Douradores 1 — Empregados 53 — Entalhadores 4 — Esculptores 3 — Estucadores 3 — Estudantes d'outros estabelecimentos 41 — Fabricantes 7 — Fundidores 1 — Funileiros 1 — Gravadores 1 — Jardineiros 1 — Lithographos 1 — Luveiros 1 — Marceneiros 15 — Milita-

res 11 — Ourives 11 — Pedreiros 11 — Photographos 3 — Pintores 20 — Professores de instrucção primaria 7 — Relojoeiros 3 — Retratistas 1 — Sapateiros 4 — Serralheiros 21 — Tamanqueiros 1 — Tanoeiros 1 — Telegraphistas 13 — Tintureiros 2 — Torneiros 2 — Trabalhadores 1 — Trolhas 10 — Typographos 3 — Vidraceiros 1 — sem profissão designada 100. — Total 494.

Os cursos industriaes que estes alumnos frequentaram foram os seguintes:

Instrucção geral para operario habilitado	232
Directores de fabricas e officinas	12
Conductores d'obras publicas	127
Conductores de minas	22
Conductores de machinas e fogueiros	28
Telegraphistas	35
Mestres d'obras	35
Mestres chimicos e tintureiros	3
Total	494

A edade dos alumnos foi a seguinte:

De 12 a 15 annos	131
» 16 a 20 »	191
» 21 a 25 »	108
» 26 a 30 »	50
» 31 a 35 »	8
» 36 a 40 »	3
» 41 a 43 »	3
Total	494

A media da edade foi 12,2 — sendo os limites 12 e 43.

Para occorrer ás despezas d'este instituto, alem dos vencimentos do pessoal encartado, ha no orçamento a seguinte dotação:

Para subsidiar o ensino auxiliar	1:200$000
Para a bibliotheca, experiencias e despezas diversas	1:200$000
Para acquisição de machinas, modelos e apparelhos	1:200$000
Total	3:600$000

—

Ficaremos por aqui para não fatigarmos os leitores; mas quem quizer iniciar-se melhor na historia e organisação d'este importante estabelecimento consulte a Memoria — *L'Institut Industriel de Porto — Histoire, Organisation, Enseignement* — publicada em francez na Typographia Lusitana de Bellomonte, em 1878, para ser, como foi, profusamente distribuida pelos institutos analogos das outras nações.

É trabalho primoroso e o mais completo que possuimos sobre o assumpto.

João Vieira Pinto

Falleceu no dia 24 do corrente mez d'agosto de 1884 o dr. João Vieira Pinto, lente proprietario da 1.ª cadeira do *Instituto Industrial do Porto* e delegado de saude n'esta cidade.

O *Commercio Portuguez* noticiando o seu fallecimento dedicou-lhe as linhas seguintes:

«Era um bibliomaniaco curioso, doido por livros e trastes velhos. Sempre e invariavelmente de galochas, dois enormes casacos e um *cache-nez* que apenas lhe deixava a descoberto o nariz, póde dizer-se que não sahia á rua que não fosse em cata de um exemplar antigo, ao qual conhecia o valor e a importancia.

«No Porto, suppomos que foi elle o primeiro que explorou as tendas dos Ferros Velhos e varias outras baiucas de adeleiros pobres, onde se jactava de ter feito optimas acquisições de livros e objectos rarissimos.

«Não havia leilão de livros onde João Vieira Pinto não apparecesse de catalogo em punho, licitando como um damnado, ás vezes levando a preços exageradissimos obras que não valiam muito e das quaes já possuia ás vezes tres e quatro exemplares. Elle, o pobre velho, ardente adorador dos livros, deixava-se arrebatar pela sua paixão dominante e não queria que ninguem possuisse mais e melhores exemplares do que elle. Se tivesse nascido millionario, João Vieira Pinto teria, elle só, comprado quantas livrarias antigas existem no paiz.

«Ainda assim, a sua livraria, que não é escolhida, visto que, cego pela paixão de possuir tudo, tudo comprava, possue obras muito raras, de grande valor, e é, póde dizer-se, uma das opulentas do paiz.

«O dr. João Vieira Pinto, se não era positivamente um sabio, era todavia um homem douto, muito lido e illustrado, excellente caracter e incapaz de prejudicar quem quer que fosse.

«A originalidade de seu trajo e a excentricidade das suas maneiras, como delegado de saude, cujas funcções jámais cuidou em exercer, preso como trazia o pensamento aos livros que ainda lhe faltava adquirir, valeram-lhe por vezes inoffensivos epigrammas de que não fazia caso e que até talvez nem chegasse a lêr.

«Morreu, pois, o bom João Vieira Pinto, como lhe chamavam os seus amigos, e não deixou, ao que nos consta, testamento.

«Ou nunca se lembrou de que morreria, ou, o que é mais certo, nunca pôde conformar-se com a idéa de que havia deixar e separar-se para sempre dos seus queridos livros, o seu enlevo de todas as horas, a paixão unica de toda a sua vida.

Pobre velho! descança em paz depois do affanoso lidar de tantos annos para a conquista de um thesouro, que ainda que vivesse dois seculos, nunca chegaria a julgar completo.»

A bibliotheca do dr. Vieira Pinto que é uma das primeiras do Porto, suppõe-se valer 10:000$000 réis.

Entre os seus 14:000 volumes, ha uma boa camoneana onde avulta a primeira edição dos *Lusiadas*, de 1572, a chamada dos Piscos e outras raras.

A par das obras de grande merecimento bibliographico contam-se a primeira edição do theatro de Gil Vicente, que lhe custou 30 libras; a *Rhopica* de João de Barros, primeira edição, muito rara, que lhe custou 70$000 réis; o *Cancioneiro dos Nobres*, A *Imagem da Virtude*, etc.

O dr. Vieira Pinto tambem possuia o *Tratado da esphera*, de Pedro Nunes, mas vendera-o ha tempos por 200$000 réis.

Tribunal e cadeia da Relação

O grande edificio onde funccionam estas duas repartições foi principiado em 1583, mas a planta era acanhada e a obra mal passou dos alicerces.

Em 1647, Diogo Lopes de Sousa, 2.º conde de Miranda, sendo governador das armas e regedor das justiças d'esta cidade do Porto, mandou concluir o edificio principiado em 1583.

Em janeiro de 1765, D. João d'Almada e Mello, sendo tambem governador das armas e regedor das justiças no Porto, demoliu a antiga cadeia e lançou a primeira pedra do grandioso edificio actual.

Fallecendo D. João d'Almada sem concluir o grande edificio, succedeu-lhe seu filho D. Francisco d'Almada, que deu grande impulso ás obras, [1] deixando-as interiormente completas, mas sem os remates exteriores do lado norte, como ainda hoje se vêem.

Durou a construcção d'este soberbo edificio cerca de 20 annos e custou mais de 200 contos de réis.

Agostinho Rebello da Costa, na sua *Descripção do Porto*, publicada em 1789, diz, a pag. 128, o seguinte:

«A Relação he um edificio notavel, formado em triangulo, e de uma elevação prodigiosa. As suas casas da cadêa publica são dispostas por tal ordem, que os presos de maior graduação vivem isentos de communicação com os outros presos, e assim mesmo os que são culpados de crimes graves e infames não podem communicar-se com os das culpas ordinarias. Todo este edificio he faixeado com pedra de esquadria, e as paredes tem nove palmos de largura, principalmente as dos quartos das enxovias. Todo elle

---

[1] Muitas das obras que hoje se attribuem ao benemerito corregedor D. Francisco d'Almada foram feitas umas e outras principiadas por seu pae, D. João d'Almada.

Veja-se o art. *Porto*, no *Supplemento* e o art. *S. Nicolau*, vol. 6.º, pag, 58, col. 1.ª

he repartido em tres andares, e aberto por cento e tres janellas altas, e largas, atracadas com duas ordens de grades de ferro grosso e portadas chapeadas do mesmo. As janellas principaes, e assim mesmo as salas, e casas em que se ha de ajuntar o Senado nos dias da Relação ainda não estão acabadas. Os tectos de todas as prisões são de abobada, e alguns dos pavimentos de ladrilho.

«Ha ordinariamente n'estas cadêas trezentos a quatrocentos presos, não sómente d'esta cidade e termo, mas tambem das tres provincias do Minho, Traz-os Montes e Beira. Todos elles tem agua perenne para o seu serviço, e os que são pobres tem medico, cirurgião, sangrador e botica, tudo pago pela santa casa da Misericordia. Principiou-se a reedificar, desde os fundamentos, este grande edificio, que póde conter dentro em si até mil presos, em o mez de janeiro de 1765. Na sua fabrica se tem dispendido mais de trezentos mil cruzados, e chegará a meio milhão o seu complemento.»

É effectivamente um edificio magestoso e muito solido, todo de granito bem trabalhado, com paredes de grande espessura,[1] muito pé direito, luz e ar com abundancia e formosas vistas da fachada norte sobre o Jardim da Cordoaria e grande extensão da cidade e seus arrabaldes até o oceano, mas hoje é um edificio improprio para cadeia e torna-se urgente substituil-o por uma *penitenciaria* com as devidas condições de hygiene e segurança.[2]

Entre a fachada norte e o mencionado Jardim da Cordoaria ou dos Martyres da Patria mettiam-se de permeio os muros da cidade. Lucrou muito com a demolição d'estes e mais ainda com a demolição de uns velhos e immundos casebres que se haviam levantado entre aquelles muros e o grande edificio e que muito o afrontavam.

Os taes casebres foram demolidos em 1862 a 1864.

Vide o artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 447, col. 2.ª e seg.

Tribunal da Relação

Funcciona este tribunal no pavimento superior do edificio que acabamos de descrever.

Não occupa todo aquelle pavimento, mas sómente o lado E. da fachada principal que olha para a rua de S. Bento, sobre a qual tem entrada propria e independente da entrada da cadeia.[1]

Constituem hoje este tribunal os seguintes desembargadores:

Presidente — conselheiro Antonio d'Almeida e Sousa Novaes.

1.ª sessão (ás terças feiras) — os srs. Antonio Augusto Cabral de Sousa Pires, Francisco Manoel da Fonseca e Castro, Francisco Maria Gaspar Martins, Bazilio Alberto de Sousa Pinto, Lino Antonio de Sousa Pinto, Ayres Frederico de Castro e Solla, Rodrigues Leal e Pereira de Carvalho.

2.ª sessão (ás sextas feiras) — os srs. José Luciano da Silveira Freire Themundo, José Augusto Osorio Sarmento Mosqueira, Manoel José Botelho, Francisco Manoel da Ro-

---

[1] No portão da fachada principal que olha para o nascente e dá entrada para o tribunal da Relação têem de largura 2m,60; no portão da fachada norte, que dá entrada para a cadeia, 2m,5; e na parte restante do primeiro pavimento 1m,40.

[2] Decora a fachada E. um soberbo timpano com os emblemas da justiça.

No angulo N. E. que é quebrado, tem ao rez do chão um chafariz com duas bicas jorrando de dois golfinhos sobre um tanque, e no topo do edificio um magestoso escudo com as armas reaes portuguezas, ladeado por dois tropheus com emblemas bellicos.

Na fachada norte principiaram mas não acabaram o timpano, que devia ser tambem apparatoso.

[1] No anno ultimo (1883) o movimento d'esta cadeia foi o seguinte:

Em 31 de dezembro de 1882 existiam n'ella presos 334 homens e 28 mulheres; total 362.

Durante o anno de 1883 entraram 1:322 homens e 237 mulheres; total 1:559.

Sahiram 1:392 homens e 225 mulheres; total 1:617.

Em 31 de dezembro de 1883 ficaram existindo 264 homens e 40 mulheres; total 304.

cha Peixoto, Costa Macedo, Rocha Fradinho, Taveira, Alexandre Marques da Paixão e barão de Paçô Vieira.

O pessoal da secretaria da presidencia é o seguinte: 1 secretario (guarda-mór), bacharel Luiz Antonio d'Andrade, 1 official da secretaria, 2 amanuenses, 4 guardas-menores e 1 continuo.

Completam o quadro da Relação 1 revedor, 1 contador, 4 escrivães e 2 officiaes de diligencias.

Jardim da Cordoaria

Campo dos Martyres da Patria
Alameda e Campo da Cordoaria Nova
e Alameda e Campo do Olival

Desde tempos remotos eram povoados de oliveiras o chão hoje occupado por este jardim, bem como os chãos adjacentes até ás praças de Carlos Alberto e Santa Thereza, largo dos Ferros Velhos, parte das ruas dos Clerigos e Ferraria de Cima, e por isso, quando em 1316 a 1376 se construiram os muros denominados de D. Fernando, por ser este rei que os ultimou,[1] deu-se o nome de *Porta do Olival* á porta que estava junto da extremidade S. E. do mencionado campo, no cimo das ruas de *S. Bento*, de *Traz* e *Caldeireiros*, no sitio que ainda hoje conserva o mesmo nome de *Porta do Olival*.

—

Tambem antigamente o chão occupado hoje pela rua e largo do Souto e os chãos contiguos eram povoados de castanheiros e carvalhos; os chãos onde hoje se vê a rua de Santo Antonio do Penedo e o mosteiro de Santa Clara foram tambem povoados de grandes carvalhos, pelo que a dita rua se denominou rua dos *Carvalhos do Monte* e *Carvalhos do Monte* o chão onde se erigiu aquelle mosteiro.

Tambem se denominou *Postigo do Carvalho* ou dos Carvalhos o postigo dos velhos muros de D. Fernando, que estava no cimo da dita rua de Santo Antonio do Penedo, depois *Postigo do Sol*, porque D. Francisco d'Almada, quando demoliu aquelle lanço dos muros e o velho postigo, fez no mesmo local um arco espaçoso e elegante, tendo na fachada E. o emblema do sol. Este ultimo arco foi por seu turno demolido em 1875.

Tambem ainda no seculo XVII se viam grandes pinheiros nas ingremes encostas de Miragaya, a cavalleiro da egreja matriz e da rua de S. Pedro. No chão em que se fundou em 1434 a albergaria do Espirito Santo se cortou em 1654 um enorme pinheiro que ameaçava cahir sobre a egreja; foi arrematado por 6$000 réis, somma importante n'aquelle tempo; e em 1673 se cortaram e venderam outros pinheiros por 27$000 réis. Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302, col. 1.ª, 442, col. 2.ª, 491, col. 1.ª e *Miragaya*, vol. 5.º pag. 267, col. 1.ª

—

Em 1611, tendo o Campo do Olival já poucas oliveiras e quasi todas rachiticas, a camara o transformou em alameda ou passeio publico, arrancando as poucas oliveiras que restavam e povoando-o de choupos, negrilhos e outras arvores, á custa do imposto do vinho, pelo que este campo tomou o nome de *Alameda do Olival*, e era guardado por 4 homens, vencendo cada um oito mil réis por anno pagos pela camara, á custa do mesmo imposto. No terceiro quartel do ultimo seculo, D. José I, ou antes o marquez de Pombal, montou aqui uma grande cordoaria, pelo que desde essa data este campo se denominou *Alameda do Campo da Cordoaria*, nome que conservou até que pelo meiado d'este seculo o visconde de Gouvêa, sendo governador civil do Porto, alterou os nomes de varias ruas, largos e praças d'esta cidade e deu a este campo o pomposo nome de *Campo dos Martyres da Patria*, para commemorar o morticinio de que logo faremos menção, ordenado pela alçada que julgou os reus do levantamento contra a Companhia dos Vinhos.

Tendo acabado a grande cordoaria e achando-se em lastimoso abandono este campo, a camara o transformou no actual jardim publico, em 1868 a 1870.

Agora mais alguns detalhes:

---

[1] Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º, pag. 285, col. 1.ª e seg.

Cordoaria Nova

Desde tempos muito remotos se exerceu no Porto a industria da cordoaria, como cidade maritima que era, vivendo em grande parte da pesca e da navegação.

Os cordoeiros estiveram muito tempo estabelecidos e concentrados junto do antiquissimo bairro de Miragaya, ò *lôgo dos mareantes*, na calçada da Cordoaria, hoje rua da Esperança, desde o largo de S. Pedro até á porta dos muros de D. Fernando, denominada *Postigo dos Frades* e *Porta da Esperança*, por estar junto do convento graciano de S. João Novo e ter contigua uma capella que ainda hoje lá se vê aberta ao culto, com a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Occupavam tambem a rua ainda hoje denominada *Cordoaria Velha*, que se prolongava e prolonga desde a mencionada capellinha até ao largo das Virtudes, — rua que tambem se denominou da *Esperança* e da *Via Sacra*, porque os frades antoninos do hospicio que fundaram no *Campo da Cordoaria Nova*[1] costumavam na quaresma resar com grande apparato a *via-sacra*, principiando na dita capella da Esperança e seguindo até á frente do convento do Carmo, pelas ruas da Cordoaria Velha e do Calvario, que tambem se denominou rua do *Senhor Jesus do Calvario Novo*. (*Miragaya*, vol. 5.º pag. 267, col. 1.ª *in fine*) — ao longo das quaes erigiram grandes cruzes de pedra, correspondentes ás diversas estações da *via-sacra*.

—

Esta corporação dos cordoeiros chegou a ter certa importancia e organisação propria, analoga á dos ourives, ferreiros, serralheiros, carpinteiros, anzoleiros e dos outros officios e mesteres, de que adiante mais detidamente fallaremos, quando tratarmos da capella de Nossa Senhora da Silva.

Formavam uma irmandade que promovia o culto e as festas de S. Pedro de Miragaya.

Ainda hoje a confraria do Santissimo Sacramento d'aquella freguezia conserva uma linda bandeira de damasco vermelho, bordada a ouro com os emblemas de S. Pedro, bandeira que pertenceu á irmandade dos cordoeiros e que foi encontrada no espolio do seu ultimo juiz.

—

Vendo o marquez de Pombal que o nosso paiz dava para os paizes estrangeiros, nomeadamente para a Russia, sommas enormes pelo maçame e cordame dos nossos navios, e sabendo que os nossos afamados e fertilissimos campos da Villariça, no alto Douro, produziam quasi espontaneamente linho canhamo do melhor do mundo,[1] resolveu aproveital-o. Montou cordoarias nas duas grandes povoações mais proximas — Moncorvo e Foscôa — e uma de grandes proporções aqui no Porto, no Campo do Olival, que desde então se denominou, como já dissemos, *Alameda e Campo da Cordoaria*

---

[1] Veja-se no artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 281, col. 2.ª e seg. a *edificante* historia da fundação d'este hospicio e das grandes questões entre os frades e os irmãos trinitarios, ao tempo seus visinhos.

[1] Os campos da Villariça, na confluencia da ribeira d'este nome com o Sabor e o Douro, junto de Moncorvo, em Traz os Montes, são inquestionavelmente os mais ferteis de Portugal.

Sem adubo além dos nateiros que n'elles deposita o Douro nas cheias, e sem outra rega além da humidade propria, é verdadeiramente admiravel a sua producção. Em 1861, depois da grande cheia de 1860, o sr. Antonio J. F. Margarido Senior, de Moncorvo, semeou ali apenas 14 alqueires de milho e colheu 2:400!... É trivial um grão de milho dar 3 a 5 canas e 15 a 20 grossas espigas!

Nas quintas de vinho que ha tambem na mencionada ribeira o milheiro de vides baixas produz 3 a 5 pipas.

Os melões e melancias, sem outra preparação alem da simples sementeira, produzem fructo saborosissimo de tamanho enorme e em tal quantidade, que em pequenas veigas apuram 200 a 300 mil réis, sendo o preço ordinario da duzia 6 a 8 tostões.

O canhamo, tambem cultivado sem regas, costuma attingir a altura de dois metros e mais!...

Vide *Villariça*.

Nova, para distincção das velhas cordoarias de Miragaya.

Ignoramos a data da fundação e extincção da grande cordoaria, mas sabemos que foi fundada antes de 1770, e ainda no tempo em que Agostinho Rebello da Costa escreveu a sua *Descripção do Porto* (1789) era um estabelecimento importante, — a primeira entre todas as fabricas d'esta cidade.

N'ella se empregavam mais de 100 rodas e de 300 operarios diariamente, entre rapazes, officiaes e aprendizes, além de grande numero de mulheres e raparigas que assedavam o linho para as obras miudas.

O volume de todo o linho que se gastava por anno em cordagens, cabos, etc. passava de 32:000 arrobas.

Fabricavam-se ali amarras de todas as grossuras até o comprimento de 120 braças com o peso de 268 arrobas, valendo cada uma d'estas peças mais de 600$000 réis n'aquelle tempo, que seguramente correspondiam a 1:200$000 réis da nossa moeda actual.

Segundo se vê na citada *Descripção* (pag. 232) aquellas amarras eram superiores a todas as que se fabricavam nos paizes estrangeiros, por ser o seu fio mais igual e mais bem torcido e ellas mais bem cochadas e por consequencia de maior duração.

Conseguiu-se esta vantagem desde 1775, data em que um fabricante do Porto, Antonio Baptista de Sá, foi a Londres e penetrou o segredo de tal melhoramento; mas, sem que elle o communicasse a ninguem, Antonio Moutinho de Menezes, um dos principaes fabricantes da grande cordoaria, descobriu outros melhoramentos mais faceis e mais proveitosos ainda, pelo que o marquez de Pombal o chamou a Lisboa para o elucidar sobre as descobertas que havia feito.

D'aquelle importante estabelecimento sahiram mestres e officiaes para a *Cordoaria Real de Lisboa* e para outras cordoarias de diversas cidades, villas e aldeias de Portugal e das suas possessões.

As cordagens e o maçame se apuravam em seis estufas, umas de cabrestantes e outras de roda, entre as quaes havia uma caldeira que levava 50 almudes d'alcatrão e outras 30 a 40.

—

Quando o marquez de Pombal montou a grande cordoaria conservou o arvoredo plantado pela camara em 1611, mas em 1832, durante o cerco do Porto, foi todo cortado por ordem do sr. D. Pedro IV, por ser ao tempo muito sensivel a falta de lenha n'esta cidade e tanto que se desmancharam algumas casas velhas para combustivel.

D'aquelle magestoso arvoredo, que já contava 221 annos, foi poupado apenas um negrilho (*ulmus campestris*) que ainda hoje (1884) se vê junto da extremidade N. O. do jardim. O seu tronco ao nivel do chão tem 3m,48 de circumferencia. [1]

---

[1] Os negrilhos abundam ao norte do nosso paiz, principalmente na Beira e Traz-os-Montes. Lembramo-nos de ter visto um exemplar soberbo em Moreira de Rei no concelho de Trancoso, e outro na freguezia de Santa Comba de Roças, no concelho de Bragança, medindo este ultimo 4m,50 de circumferencia no tronco.

Tambem ali vimos uma pereira com 3m,50 de circumferencia no tronco. A altura de 1m,50 dividia-se em duas hastes, tendo uma 2m,15 e a outra 2m,30 de circumferencia.

Na mesma freguezia vimos um castanheiro com 10m,0 de circumferencia no tronco, a 2m,0 do chão, e outro com 10m,50, ambos já muito carcomidos.

Em Traz os-Montes ha castanheiros de maior corpulencia ainda, nomeadamente na freguezia de Pinella, no mesmo concelho de Bragança. Asseveraram-me haver ali um com cerca de 15 metros de circumferencia no tronco!...

A madeira dos negrilhos é magnifica para carros, muito superior á de freixo, sobro e carvalho.

Em Villa Nova da Foscôa e em algumas terras de Traz-os-Montes se usam *carros de varas*, denominados assim, porque o cabeçalho e as chedas são formados por um pau só, serrado e fendido a meio para formar as chedas e o taboleiro, abrindo-o e moldando-o a fogo. Todos estes *carros de varas* são de negrilho, porque só o negrilho offerece a elasticidade e consistencia precisas; e os bois trabalham melhor com elles do que se o cabeçalho e as chedas fossem formados de tres peças distinctas, como todos os outros carros para bois, usados no nosso paiz.

V. no *Supplemento*, *Comba de Roças* (*Santa*) e *Moreira de Rei*.

É um colosso do reino vegetal que muito embellesa o mencionado jardim e que foi conservado e muito convenientemente aproveitado pelo distincto engenheiro paisagista allemão Emilio David, quando traçou este jardim, como logo diremos.

—

O auctor d'estas linhas, estando em 1870 a palestrar no mencionado jardim com um respeitavel ancião, [1] este lhe disse que ainda se recordava de vêr grande movimento na extincta cordoaria e de ouvir aos officiaes dizerem para os rapazes que moviam as rodas:

Vira da banda da villa!...

Vira da banda do mar!...

A villa a que se referiam os cordoeiros era com certeza o Porto.

Seria o Porto em algum tempo villa?

Na parochia da Sé, entre o largo da Batalha e a rua Chã, se vê ainda hoje uma rua com o nome de Cima da Villa, o que parece dar a entender que o bairro da Sé, a juzante, já foi villa.

Bem sabemos que a palavra villa não se tomou sempre na mesma accepção em que hoje a tomamos, mas não me consta que fosse em algum tempo synonimo de cidade, nem que o Porto se denominasse villa.

Mas deixemos na paz do tumulo os cordoeiros com o segredo do seu estribilho e prosigamos.

O jardim

Em 1868 a 1870, achando-se ha muito extincta a celebre *Cordoaria Nova* (bem como a Cordoaria Velha) e jazendo ao abandono o seu chão, ao tempo já officialmente e *muito impropriamente* denominado *Campo dos Martyres da Patria*, occupado apenas por algumas insignificantes rodas de cordoeiros e por vendedeiras de cebolas e de louça ordinaria, mandou a camara transformal-o em jardim publico, porque o Porto apenas tinha o jardim publico de S. Lazaro, alem dos jardins do Palacio de Crystal, que simultaneamente se crearam tambem, mas pertencentes á empreza fundadora do dito palacio.

Foi bastante morosa e dispendiosa a transformação, porque no centro do campo onde se fez o lago, se encontrou a pequena altura rocha compacta de granito, que foi mister explorar; construiram-se em toda a circumferencia do campo largos passeios; macadamisaram-se as ruas parallelas exteriores; vedou-se o lago e o jardim todo com gradeamento de ferro e povoou-se de flores, plantas e arvores, todas novas, exceptuando unicamente o velho negrilho de que já se fallou e que n'esta data vae contando 273 annos, cada vez mais viçoso e forte, porque nunca foi tão bem tratado.

É um jardim bastante espaçoso, de fórma quadrada interior e exteriormente, bem traçado e delineado no estylo moderno pelo mesmo paizagista que traçou e delineou os jardins do Palacio de Crystal, o allemão Emilio Duvid.

Tem a meio um bom lago com cysnes brancos e pretos, que ali fazem creação; em volta do lago um passeio circular, descrevendo uma meia laranja do lado norte; largas carreiras nas 4 faces; na de leste, a *banda da villa*, dois marcos fontenarios de ferro fundido com valvulas, e a meio uma pequena casa rustica para deposito das ferramentas e utensilios dos jardineiros; na face do sul uma bonita casa com café e bilhares e duas entradas, uma pelo lado interior e outra pelo exterior do jardim; e na face oeste, a *banda do mar*, uma carreira mais espaçosa do que todas as outras, ensombrada por dois renques de platanos, tendo a meio, do lado oeste, um lindo pavilhão de ferro, onde tocam bandas marciaes nos domingos e quintas-feiras.

—

Desde que se extinguiu a cordoaria real, até que este campo foi transformado em jardim publico, fazia-se aqui a feira de S. Miguel. Feito o jardim, ainda nos primeiros

---

[1] Pedro Marques d'Oliveira, o iniciador do grande estabelecimento d'Horticultura e Floricultura de José Marques Loureiro, ainda hoje, no seu genero, o primeiro estabelecimento do Porto, de Portugal e da peninsula. V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 262, col. 2.ª

annos se fez a feira nas ruas exteriores que o circumdam, armando-se ao longo d'ellas as barracas de quinquilherias, nozes, feras, arlequins e comestiveis; na praça do Duque de Beja se vendiam as cebolas e os utensilios da lavoura; depois removeu-se para a nova praça da Rotunda da Boa Vista. Alguns annos se fez tambem a dita feira na grande avenida do Palacio de Crystal mas depois fixou-se na mencionada Rotunda.

—

Quem hoje vir este jardim com o seu aspecto risonho e alegre, principalmente nos dias de musica, mal imagina as lugubres scenas de que o seu chão já foi theatro, o sangue e as lagrimas que n'elle se derramaram e os gritos lancinantes de dôr e desesperação que n'elle se repercutiram no tenebroso dia 14 de outubro de 1757 e desde 1822, data em que a forca se removeu da Ribeira para aqui.

Referimo-nos ás execuções que n'este campo tiveram logar e de que a nossa missão nos obriga a dar noticia.

Assim como os parisienses transformaram em um dos seus mais formosos parques o chão em que faziam as execuções, o mesmo fizemos nós aqui no Porto, embora não haja parallelo nem comparação possivel entre este nosso jardim e o parque *Buttes Chaumont*, tão bem descripto ha annos nas columnas do *Commercio Portuguez* pelo nosso primeiro pintor contemporaneo, Francisco José de Rezende.

Prosigamos:

Paginas de sangue. — A Companhia dos Vinhos

Na rua das Flores, á esquina da rua do Souto, havia em 1756 um elegante palacete. No principio d'este seculo um incendio o reduziu a cinzas e no seu chão se edificaram, annos depois, novas casas.

Este palacete, cuja entrada principal abria sobre a rua das Flores e cujas trazeiras cahiam sobre a praça de S. Roque, demolida em 1882 por occasião da abertura da nova rua Mousinho da Silveira, era propriedade de D. Bartholomeu de Pancorvo, rico negociante de vinhos.

Pancorvo era hespanhol, natural de S. Sebastião de Biscaia; tinha vindo aos 10 annos para o Porto e ao tempo era um dos negociantes mais ricos e mais acreditados da praça, homem cordato e rigorista em assumptos commerciaes.

A sua casa era talvez a mais commoda e a mais elegantemente mobilada de toda a cidade do Porto. As muitas viagens, que rasões commerciaes o tinham obrigado a emprehender, lhe tinham apurado o gosto. Assim, D. Bartholomeu tinha transportado para o seu palacete tudo o que vira de mais commodo e mais garboso nas terras por onde andára. Além d'isto era elle quem dava os bailes mais apparatosos, as assembléas e partidas mais agradaveis, e as *furias do rio* mais esplendidas que se faziam pelo Douro acima. [1]

A estas prendas reunia D. Bartholomeu excellentes dotes moraes e, apesar de estrangeiro, extremado amor pela terra onde ganhara a sua grande fortuna.

Este amor e as necessidades do commercio, a que especialmente se dedicava, lhe inspiraram a primeira idéa da formação da *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, com o intuito de restaurar o credito dos nossos vinhos nos differentes mercados da Europa e de dar aos agricultores meios para se libertarem das garras do monopolio que os esmagava.

N'aquella época o commercio dos vinhos do Douro era quasi que propriedade exclusiva dos negociantes da feitoria ingleza. O furor da especulação tinha-os levado a tentar imprudentemente o paladar do consumi-

---

[1] Denominavam-se por aquelle tempo *furias do rio* os passeios fluviaes, merendas, *lunchs* e serenatas no Douro, analogos aos que ainda hoje (1884) se usam, principalmente por occasião de regatas e da festa de Sant'Anna d'Oliveira, em barcos de remos e vapores de recreio, toldados e embandeirados, com mesas ao centro, boa *petisqueira* e musica, regressando ao fim da tarde ou já de noute, no verão, ostentando caprichosas illuminações.

dor britannico com milhares de invenções de qualidades de vinhos, resultantes de preparos exquisitos. Esta imprudencia depravou o gosto e obrigou a depravação dos vinhos, seguindo-se muito naturalmente o descredito e a diminuição do consummo, de forma que o desgraçado agricultor, além de se ver obrigado a vender o genero pelo preço que lhe impunham aquelles que se incumbiam de o levar ao mercado, via escacear o consummo.

O mal aggravou-se de fórma que os proprios negociantes da feitoria chegaram a receiar por si. Desandaram então em queixumes contra os lavradores, aos quaes attribuiam os males de que só elles eram os culpados. D'esta cegueira, porém, desvendaram-nos os seus proprios commissarios no Douro, dizendo-lhes francamente a verdade na resposta que, por escripto, deram ás queixas que sobre este assumpto alta e ruidosamente faziam.

Este documento importante, que o marquez de Pombal fez publicar, como rasão justificativa da instituição da Companhia, acha-se no 1.º volume da legislação josephina, precedendo os estatutos de 1756.

Para obviar a tantos males, D. Bartholomeu de Pancorvo, negociante emprehendedor e intelligente, ideou a *Companhia da Agricultura dos Vinhos*, formulou o plano e communicou-o ao seu amigo fr. José de Mansilha, frade dominico, homem ambicioso, mas illustrado, astuto e importante que, depois de discutido, o levou a Sebastião José de Carvalho, então ministro omnipotente d'el-rei D. José. O ministro achou boa a ideia; meditou-a; fez os estatutos de 1756 e creou a *Companhia*, que chegou a ser um verdadeiro estado no estado, — uma das companhias mais poderosas do mundo!

Com ella conseguiu o atilado ministro os dois fins que visára — enriquecer o Douro e o nosso paiz e abater o orgulho da Inglaterra.

—

Eis aqui muito em resumo a historia da fundação da *Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro*, que fez a felicidade e a *desgraça* de muita gente, pois o omnipotente ministro acercou-a de um apparato enorme de exempções, prerogativas, privilegios e penas que faziam tremer!

No Douro era prohibido aos lavradores estrumar as suas vinhas; estas foram divididas em lotes por marcos de pedra (muitos dos quaes ainda lá se vêem hoje) indicando o terreno para vinho d'exportação ou *de feitoria*, e para vinho *de ramo* ou de consummo e queima. Por este processo ficaram em alguns sitios cortadas a meio propriedades do mesmo dono e era *crime horrendo* passar uvas ou vinho de um lote para o outro, o que deu occasião a muitos desgostos.

Na minha terra natal (a freguezia da Penajoia), por exemplo, certo patife denunciou á Companhia um meu ascendente, dizendo que passára uvas da sua propriedade de Alquetes (hoje minha), que estava no lote *de ramo*, para outra, tambem sua, pertencente ao lote *de feitoria*. O meu parente, apesar de ser *sargento-mór*, foi processado; só depois de grandes despezas e incommodos se viu livre e, quando regressou do Porto com a sentença absolutoria e dava á esposa a noticia de que estava livre, tal foi a satisfação, que uma apoplexia fulminante o matou instantaneamente!

O processo instaurado pela Companhia contra elle, pela supposta mudança d'alguns cachos d'uvas de uma para outra das *suas* propriedades, intitulava-se *Crime horrendo!?...*

—

Antes da Companhia fazer as suas compras, ninguem podia no Douro vender vinho algum; a Companhia não justava, impunha o preço e podia comprar todo o vinho, se quizesse, sendo o lavrador obrigado a ceder-lh'o, e só podia dispôr do que a Companhia deixasse, ou do *rateio*, que os negociantes inglezes e portuguezes compravam sempre por preço muito mais subido, brindando ainda os proprietarios pela preferencia. Os inglezes costumavam dar-lhes magnificos cobertores, alguns dos quaes eu ainda conheci na minha casa.

Tinha tambem a Companhia o exclusivo das aguardentes. Só ella podia queimar vinho na Beira, Minho e Traz-os-Montes.

Tinha tambem uma alçada especial, juiz privativo para julgar os seus pleitos, que assistia em Relação, e, além d'outros muitos privilegios, tinha tambem o exclusivo das tabernas no Porto.

Só ella podia vender vinho a retalho no Porto e seus arrabaldes, até quatro legoas de distancia, e pelo preço que muito bem lhe aprouvesse estipular!...

O motim

Este privilegio feriu muitos interesses e magoou profundamente milhares de pessoas do Porto e dos seus arrabaldes, — negociantes, taberneiros e consumidores — pelo que, depois de varias demonstrações de descontentamento, requereram a el-rei, pedindo a suspensão de semelhante privilegio e, como não obtivessem deferimento, no dia 23 de fevereiro de 1757, quarta feira de Cinza, ajuntou-se um bando de povo — homens, mulheres, rapazes, gallegos, marinheiros e escravos, tudo gente da plebe — n'este *Campo da Cordoaria*, pelas 9 horas da manhã. D'ali se dirigiram pela rua de S. Bento e escadas da Esnoga, ao largo de S. Domingos, onde ao tempo morava o juiz do povo, José Fernandes da Silva, o *Lisboa*, gritando: *Viva o povo! Morra a Companhia!*

Convidaram o juiz para que os acompanhasse e, como este se achasse ou fingisse doente, metteram-n'o em uma cadeirinha e seguiram com elle para a casa do chanceller governador.

Entretanto alguns rapazes subiram aos campanarios da Misericordia, da Victoria e da Sé e, tocando a rebate, attrahiram ao tumulto mais povo.

—

Quando os desordeiros, tendo atravessado a rua das Flores, o largo da Feira de S. Bento, a rua do Loureiro e a rua Chã, defrontaram com a porta do chanceller, já iam em numero superior a 5:000, não cessando de gritar: *Viva el-rei! Viva o povo! Morra a Companhia!*

O chanceller, governador da cidade, em vista de caso tão estranho e instado pelo juiz do povo que pedia a abolição da Companhia, deu ordem para que todos podessem comprar e vender vinho livremente, como antes.

Ficou a turba satisfeita e todos, acenando com os lenços e chapéos, gritaram: *Viva a liberdade!*

Entretanto um grupo dos desordeiros accommetteu a casa do vereador da camara e provedor da Companhia, Luiz Belleza d'Andrade, morador na mesma rua.[1] Um criado do provedor e um homem que ali casualmente se achava dispararam dois tiros contra o povo, ferindo apenas alguns rapazes; mas o povo enfureceu-se com a provocação, — arrombou as portas da casa, — destruiu e despedaçou os espelhos, mezas, cadeiras e outros moveis preciosos e trucidaria o provedor e os que haviam disparado os tiros, se não tivessem fugido a tempo pelas trazeiras da casa, refugiando-se no proximo quartel do Corpo da Guarda. Não os podendo os desordeiros haver ás mãos, retrocederam e saciaram a sua ira acabando de despedaçar os moveis e reposteiros e todos os papeis que encontraram pertencentes á Companhia.

Acudiu tropa, commandada pelo tenente coronel Vicente da Silva, ao tempo governador das armas, subordinado ao governador das justiças no que respeitava aos negocios e regulamentos da Companhia; mas, recebendo d'este ordem expressa para não usar da força contra o povo, não se moveu e foi testemunha impassivel da desordem, acalmando-se repentinamente os animos.

Ás tres horas da tarde sahiram com a procissão os irmãos terceiros de S. Francisco, sem se notar o mais leve vestigio da desordem.

Os chefes do tumulto foram quatro taberneiros, um alfaiate, que era o tal juiz do povo, e um sargento *supra*.

A Alçada

A isto se reduziu o alvoroto, em que to-

---

[1] É hoje minha cunhada uma senhora, D. Maria Belleza d'Andrade, bisneta de Luiz Belleza.

mou parte, como já dissemos, apenas a gentalha das ruas.

Não houve mortes nem outros excessos; mas com tão negras côres pintaram as auctoridades locaes o motim na participação a el-rei, que este mandou logo para o Porto uma alçada com o regimento dos Dragões da Beira, commandado pelo seu coronel D. Antonio Manuel de Vilhena, — dois regimentos de infanteria, um do Minho, sob o commando do coronel Luiz de Mendonça Furtado, outro de Traz os Montes, commandado pelo coronel Vicente da Silva, — e um esquadrão de cavallaria ligeira de Chaves, commandado pelo tenente coronel João Pinto Ribeiro, — alem do regimento de 1:200 praças d'infanteria da guarnição d'esta cidade, do qual foi nomeado commandante João d'Almada e Mello.

Nomeou tambem el-rei para juiz da alçada João Pacheco Pereira — e para escrivão da mesma seu filho José Mascarenhas, investidos de plenos poderes sobre o civel e militar.

A estes dois magistrados se devem as desgraças que se seguiram.[1]

—

O desembargador filho, homem ambicioso de poder e de caracter perverso, assumiu a si toda a auctoridade de que *usou e abusou*, não obstante o haver sido nomeado escrivão ou ajudante de seu pae, geralmente considerado homem douto e bom, mas já decrepito e doente.

José Mascarenhas aterrou com os seus excessos de zêlo todos os habitantes do Porto. Fazia-se acompanhar sempre por uma escolta de cavallaria e na devassa que abriu mostrou todo o empenho em envolver pessoas importantes para inculcar ao governo que havia aplacado uma rebellião formal. Dando grande vulto a uma insignificante e inofensiva agitação só para fazer jus ao premio (bem premiado foi!...) encheu de lucto, lagrimas e sangue toda a cidade do Porto, pois a elle se deve a sentença proferida pela alçada em 12 de outubro de 1757, sentença que se acha na sua integra de pag. 585 a pag. 593 nas notas no interessante romance historico de Arnaldo Gama, *Um motim ha cem annos*, muito digno de ler-se sobre o assumpto.

«Esta sentença (diz Arnaldo Gama) é uma das mais ominosas monstruosidades juridicas que até hoje teem sahido dos tribunaes portuguezes — e uma das paginas mais negras e mais desairosas da administração do ministro d'el-rei D. José. Do espirito de injustiça e do proposito sanguinario que a inspiraram encontram-se provas clarissimas em cada linha, para assim dizer, de cada um dos paragraphos. Entre todos é notavel o que diz respeito a Marcos Varella. Este homem *supposto se não podesse averiguar, se foi ou não no dito Motim, ou concorresse para elle* (diz a sentença na sua algaravia) foi condemnado a ser *enforcado e esquartejado*, porque era vendeiro e mercador, e como tal *era natural* que andasse no tumulto; — porque comprou oito pipas no armazem da Companhia e depois mais dezeseis no Douro; — porque lá deu a noticia da revolta do Porto, mesmo deante do provedor da camara de Lamego; — porque era *gallego* — e porque nunca quizera vender *os seus cascos das pipas!...*

«Para honra da humanidade, da justiça e do bom senso é preciso acreditar que esta foi a primeira e a ultima vez que por taes *crimes* se condemnou um homem á morte.»

Mas não foi o pobre Marcos Varella a unica victima do sanguisedento José de Mascarenhas, como vão ver:

Mappa das pessoas
que foram presas e condemnadas e das que sahiram livres de culpa[1]

Condemnados na pena ordinaria do delicto, 21 homens e 5 mulheres.

D'estes 21 executou-se a pena de morte

---

[1] Vej. *Jacome Ratton — Recordações*, § 56, pag. 229, Londres, 1813. *Descripção do Porto* por Agostinho Rebello da Costa, pag. 239, 263 e pag. 309, 314, e *Um motim ha cem annos* por Arnaldo Gama.

[1] Extracto fiel da mencionada sentença da alçada.

em 13. Os 8 restantes lograram ausentar-se do reino e foram banidos. Das 5 mulheres não se executou a pena de morte em uma por estar gravida.

Em açoutes, galés e confiscação de metade dos bens, 26 homens.

Em açoutes com a dita confiscação e degredo para Angola e Benguela, 8 homens e 9 mulheres.

Em degredo para Angola e confiscação dos bens, 3 homens e 1 mulher.

Em degredo para Mazagão, confiscada a terça parte dos bens, 9 homens.

Em degredo para Castro Marim e em penas pecuniarias, 3 homens.

Em degredo para Castro Marim e confiscação da quarta parte dos bens, 9 mulheres.

Em degredo para a Africa e confiscação da quarta parte dos bens, 22 homens.

Em degredo para fóra da comarca e confiscação da quinta parte dos bens, 26 homens e 5 mulheres.

Em seis mezes de prisão e diversas penas pecuniarias, 54 homens e 9 mulheres.

Impuberes condemnados a irem ver as execuções, etc., 17 homens.

Absolvidos, 32 homens e 1 mulher.

Mandados soltar em diversas audiencias de visita, 183 homens e 12 mulheres.

Facinorosos remettidos á Relação para serem julgados pelos meios ordinarios, 16 homens.

Condemnados para os estados da India, 4 homens.

Somma total 424 homens e 54 mulheres.

O Supplicio

> Fique de tão cruel e fera historia
> Para sempre no mundo esta memoria.
>
> Côrte Real —*Nauf. de Sepulveda*, canto XVII.

Amanheceu o dia 14 de outubro de 1757, marcado para as execuções, o dia de maior consternação que jámais raiou para o Porto.[1]

Silencio profundissimo reinava em toda a cidade Parecia que o anjo da morte a tinha fulminado com todo o rigor da justiça de Deus, transformando a ruidosa e activa capital do norte do reino em enorme cemiterio, onde as casas se erguiam como cenotaphios de grande população extincta.

Desde a meia noite até o romper d'alva, differentes bandos de serventuarios da Misericordia tinham precorrido, segundo a praxe, as ruas, pedindo orações pelas almas dos condemnados. De quando em quando, á esquina ou no meio das ruas soava o tinido funerario de uma campainha e uma voz bradava em tom lamentoso:

Rezae um padre nosso e uma ave maria pela alma dos nossos irmãos que hão de padecer ámanhã.

Mal raiou o sol, grande numero de irmãos da santa casa se espalharam por toda a cidade, pedindo esmola para suffragios pelas almas dos padecentes.

Os sinos da Misericordia começaram então a dobrar a finados, e, minutos depois, todos os sinos de todos os campanarios do Porto dobravam a finados tambem. Ao mesmo tempo uma grande multidão de aldeãos e de gente da ralé caminhava apressada para o *Campo da Cordoaria*, onde iam fazer-se ás execuções e já se achavam erguidas as forcas, a vêr quem primeiro se apossava dos logares d'onde melhor se podia presencear a carnificina.

Jámais condemnado algum havia sahido para o logar do supplicio antes das 11 horas da manhã; mas d'esta vez o grande numero d'elles e o extenso giro que a ferocidade de José Mascarenhas tinha ordenado que dessem pelas ruas do Porto, em conformidade com a sentença que elle proprio lavrara, obrigou a antecipar a sahida da funebre procissão.

—

Os padecentes que iam ser enforcados eram os seguintes:

Homens, 13: — José Fernandes da Silva, o *Lisboa*, juiz do povo;

Caetano Moreira da Silva;

José Antonio Bessa;

Domingos Nunes Botelho;

Filippe Lopes d'Araujo;

Thomaz Pinto;

---

[1] Resumo do *Motim*, de Arnaldo Gama, cap. 22, pag. 523 a 538.

Balthazar Nogueira;
Marcos Varella;
José Rodrigues, o *Grande;*
João Francisco, o *Mourão;*
Manuel da Costa, sargento do regimento de infanteria da guarnição do Porto;
José Pinto d'Azevedo e
Antonio de Sousa, ambos soldados do mesmo regimento.

Mulheres, 4: — Micaela Quiteria, mulher de Caetano Moreira da Silva;
Maria Pinto, mulher do soldado Antonio de Sousa;
Anna Joaquina e
Pascoa Angelica, solteira, filha de Thomaz Pinto.

A *Estrellada* escapou d'esta vez por andar gravida; mas foi enforcada quatro mezes depois.

—

Com relação aos 8 homens que foram tambem condemnados a pena de morte na forca, mas que tiveram a ventura de não serem presos, por se haverem ausentado a tempo em barcos inglezes, dizia a sentença: «... *mandam que a pena de morte natural seja executada em estatuas de suas figuras, e os julgam banidos, e ordenam ás justiças do mesmo senhor (el-rei) appelidem contra elles toda a terra para os prender, e qualquer os poderá matar, não sendo seu inimigo.*»

Apenas José Mascarenhas chegou á Relação, que ao tempo funccionava provisoriamente na praça das Hortas, hoje *Praça Nova*, no edificio transformado hoje em paços do concelho, deu ordem para sahir o prestito; e, logo que os officiaes e mais pessoas que tinham de caminhar na frente acabaram de ordenar-se, principiaram a sahir dos oratorios os padecentes.

As mulheres, que haviam passado as ultimas 48 horas em gritos e em desmaios, mal podiam ter-se de pé. Dos homens apenas Manuel da Costa, Caetano Moreira, Domingos Nunes e Thomaz Pinto, estavam firmes e serenos, como se nada fôra com elles; os outros tinham todos succumbido, e o velho Lisboa mal dava signaes de vida. Para conduzirem aquelle quasi cadaver foi mister amarral o a uma cadeira de pinho que dois gallegos levaram a pau e corda.

Ataram-lhes os punhos um ao outro; depois prenderam-lhes nos pescoços enormes gargalheiras, d'onde pendiam pesadas correntes que iam arrastando apoz elles, innovação devida ao feroz José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.

O prestito poz-se em movimento. Ás nove e meia já elle caminhava pela rua de Traz dos Muros, d'onde pela dos Caldeireiros desceu á das Flores, e d'ahi seguiu pelas ruas do Loureiro, Chã, Bainharia, largo de S. Domingos, Bellomonte e Taipas, até entrar no Campo da Cordoaria, onde terminou aquella medonha tragedia.

—

Rompia a marcha um forte pelotão de trezentas praças do regimento commandado por Vicente da Silva, e o resto do corpo caminhava em alas aos lados, até o couce da procissão, que era fechada pelo regimento de dragões da Beira. Seguia-se a bandeira da Misericordia, precedida por um servente que nas paragens tocava uma campainha. Depois a irmandade formando alas e no centro d'ellas os condemnados. O primeiro era o juiz do povo, conduzido ás costas dos gallegos, sem accordo e já meio cadaver.

Seguiam-se as mulheres: primeiro Paschoa e depois as outras tres, mais mortas que vivas.

Após ellas iam os homens, sendo o primeiro Manuel da Costa; depois todos os outros condemnados á forca, acompanhados por frades franciscanos e d'outras ordens; depois os condemnados a açoites e a presencear as execuções. Atraz d'elles os carrascos vestidos de vermelho e com gorros da mesma côr na cabeça. Seguia-se o escrivão da alçada, acompanhando-o grande numero de officiaes de justiça, o ultimo dos quaes era o *meirinho das cabeças*, com uma vara na mão, rodeado por um bando de serventes da cadeia com baldes pendentes de paus, que dois a dois sustentavam pelas extremidades. Iam em seguida os salafrarios da Misericordia em fileira, conduzindo as tumbas,

e por ultimo o regimento de dragões com as espadas desembainhadas.

Marchavam vagarosamente pelo meio das ruas inteiramente desertas, ao som dos brados fervorosos dos padres e ao tirlintar das cadeias sobre o lagedo.

Era horroroso o espectaculo que offerecia aquella longa fileira de padecentes, vestidos d'alvas, cingidos d'esparto, de corda e gargalheiras ao pescoço, macilentos como cadaveres e com os olhos fixos nas imagens do redemptor que levavam entre as mãos algemadas, seguidos pelos tres homens vestidos de vermelho, com as barbas e os cabellos compridos, os tres carrascos que lhes haviam de separar as cabeças d'ahi a pouco, e pelas 17 tumbas em fileira.

—

Vagarosa e pausadamente caminhava o prestito, parando não poucas vezes, ou para revesar aquelles sobre que iam encostados os padecentes desfallecidos, ou quando algum d'elles desmaiava, ou quando o pregoeiro lia o *Portanto* da sentença que devia trespassar o coração d'aquelles infelizes, quando ouvissem as palavras — *condemnam os reus... a que com baraço e pregão pelas ruas publicas d'esta cidade, sejam levados ao campo da alameda fóra da porta do Olival, onde principiou a horrenda sedição; e nas forcas, que para este supplicio se levantarão, morram de morte natural para sempre, depois do que lhes serão as cabeças separadas e postas nas ditas forcas; e seus corpos, feitos em quartos, serão postos nas outras forcas que tambem se levantarão defronte da porta do dito infame juiz do povo, na rua Chã, fóra das portas de Cima da Villa e no terreiro de Miragaya, onde tudo estará até que o tempo o consuma.*

—

O prestito chegou emfim á Cordoaria.

Os regimentos que haviam occupado militarmente o Porto formavam em quadrado no dicto campo, deixando no centro vasta clareira. Pelo lado de fóra d'esta muralha humana tumultuava a multidão do povo.

O prestito entrou no campo, a meio do qual estavam erguidas seis forcas e ao lado quatro.

A pequena distancia das forcas havia um pequeno taboleiro formado de taboas de pinho, tendo no meio um grande cepo, a que estavam encostados tres manchis.

Para o lado do sul, a dez passos da frente da tropa, estavam bancos para os condemnados se sentarem, em quanto os carrascos lhes davam tempo para isso.

Leu-se primeiro o *Portanto* e em seguida os algozes dependuraram das forcas lateraes as oito figuras de palha, vestidas de alvas e cobertas de capuz, representando os condemnados ausentes, que ficaram baloiçando ao grado do vento.

Era a comedia a par da tragedia, o burlesco a par do horrivel.

Depois começou a carnificina, acompanhada pelas exhortações dos sacerdotes, pelos gritos e choros do povo e pelas bofetadas que os paes batiam com toda a força nas faces dos filhos, para lhes avivar a memoria e fazel-os ter horror ao crime.

Ao anoitecer a obra de José Mascarenhas estava consummada e cahia a ultima gota de sangue, com que Sebastião José de Carvalho baptisou a Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

—

Os corpos dos infelizes justiçados, ainda quentes e vertendo sangue, foram logo ali feitos em quartos e em seguida distribuidos pelas 6 forcas das execuções e pelas que d'ante mão se haviam levantado na rua Chã, nos largos de S. Domingos e da Batalha e na alameda de Miragaya, onde permaneceram até serem devorados pelos bichos.

Emquanto ao sanguinario José de Mascarenhas Pacheco Pereira, auctor de tantas desgraças, direi que, se não recebeu o premio condigno, tambem não ficou sem remuneração.

Apenas el-rei D. José se convenceu dos excessos por elle praticados, enviou-o ao Rio de Janeiro, como encarregado de uma importante commissão, que ali lhe seria indicada pelo vice-rei. Este o encarregou de passar á ilha de Santa Catharina e de construir ali uma prisão digna de um homem que tinha abusado, em prejuizo dos

povos, da auctoridade em que o soberano o investira.

Acceitou elle com prazer tal incumbencia; mas apenas concluiu a prisão, foi encerrado n'ella e n'ella jazeu até que falleceu D. José e foi deposto o marquez de Pombal, recobrando a liberdade com o perdão que a rainha D. Maria I na sua exaltação ao throno concedeu a todos os presos politicos.

Se bem preparou a cama, bem a saboreou — e sabia a sorte que o esperava, se não morresse D. José!...

—

Foram aquellas 16 execuções as primeiras que tiveram logar no chão d'este jardim, mas d'outras muitas foi theatro desde que em 1822 (approximadamente) para aqui se mudou da Ribeira a forca para os reus de crimes communs. Os reus politicos foram executados na Praça de D. Pedro.[1]

Em 1831 aqui foram enforcados tres facinorosos que haviam assassinado e roubado uma familia nos arrabaldes de Coimbra. Quando o prestito se approximou do patibulo, dois iam em cadeiras e já quasi mortos; mas o terceiro chorou muito ao subir os degraus da forca e mostrou grande arrependimento.

Felizmente a pena de morte foi abolida entre nós,[2] ha muito e por isso, apenas como apontamentos para a historia indicaremos os ultimos desgraçados, a quem foi tirada a vida n'este campo.

Justiçados no Porto
e ao norte do nosso paiz depois de 1834

Segundo as notas que pude colher nos livros da cadeia da Relação, na Procuradoria Regia e em differentes cartorios, os individuos justiçados *por crimes communs* ao norte do nosso paiz, depois de 1834, foram 16. No *Campo da Cordoaria, Jardim dos Martyres da Patria*, hoje, — 4 — e em diversas localidades, 12.

---

[1] Vej. vol. 6.º pag. 69, col. 2.ª e vol. 7.º pag. 328, col 2.ª e seg.
[2] Decreto de 1 de julho de 1867.

Justiçados no Porto

1.º — *Antonio Pena*, trabalhador, de 42 annos de edade, natural de Vieira, filho de José Pena e Isabel Maria, casado com Thereza Maria Martins.

Por haver assassinado com premeditação Francisco Antonio Ramalho, foi condemnado a pena de morte na forca pelo juiz de direito de Braga, em 26 de março de 1836.

A Relação do Porto, em accordão de 18 d'agosto do mesmo anno confirmou a sentença da 1.ª instancia — e por portaria de 20 de dezembro do dito anno se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do reu.

Foi enforcado no Campo da Cordoaria em 11 da abril de 1837.

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

—

2.º — *Domingos Baptista*, official de sapateiro, de 21 annos de idade, solteiro, natural de Villa Real de Traz os Montes e morador em Vizeu, filho de João Baptista e de Rita de Santo Antonio.

Foi condemnado á pena ultima pelo juiz de direito de Vouzella por matar e roubar José dos Santos no sitio da Povoa dos Castanheiros, na serra de Manhouse, concelho de Vouzella, — e Sancho Joaquim, de Vizeu, na quelha de S. Lazaro, na dicta cidade.

A sentença da primeira instancia, com data de 9 de julho de 1836, foi confirmada na Relação do Porto em 12 de janeiro de 1837, e no Supremo Tribunal por accordão de 20 d'outubro do mesmo anno; e por portaria de 14 de junho de 1838 se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do reu.

Foi justiçado no Campo da Cordoaria em 23 de julho de 1838.

(Cartorio do escrivão Albuquerque).

—

Segundo a praxe e costume antigo, assistiu á execução a irmandade da Misericordia

e, acto continuo, tomou na sua tumba o cadaver e o conduziu á sepultura, d'antemão aberta na cerca do Hospital de Santo Antonio, onde por aquelle tempo se enterravam os cadaveres dos justiçados e dos doentes que falleciam no dito hospital; — quando, porém, lançavam na sepultura o cadaver d'aquelle infeliz, notou-se *que elle se movêra, abrira os olhos e dava outros signaes de vida!?...*

Immensa multidão de povo acompanhava o funebre cortejo e todos se acercavam da tumba, para se certificarem de tão extranho facto, sendo geral e profunda a commoção, mesmo porque o infeliz justiçado, como nos disseram *testemunhas oculares fidedignas*, além de contar apenas 22 annos, era um moço sympathico.

Em vista de tão extraordinaria occorrencia, foi aquelle infeliz recolhido ao hospital da Misericordia, *onde falleceu*, — segundo se disse e constou; mas alguem suppõe que fôra sepultado outro cadaver com o nome d'aquelle infeliz que sobreviveu, como por milagre, chegando muitas pessoas a pedir e guardar, como reliquias, fragmentos do habito com que o tinham visto na tumba.

Ainda hoje (1884) vivem n'esta cidade muitas das testemunhas que presencearam o facto, — sendo uma d'ellas um cavalheiro muito illustrado, despido de preconceitos.

Tambem se disse e diz a meia voz ainda hoje (1884) que o infeliz Domingos Baptista fôra effectivamente recolhido ao Hospital da Santa Casa ainda com vida, mas que ali expirára, porque lhe abriram uma arteria para evitarem conflictos com a justiça, — e que assim costumava praticar-se em casos taes n'aquelles tempos.

Não sabiam tambem dizer-nos com firmesa as diversas pessoas que presencearam a execução e nos contaram o facto, se o infeliz justiçado que deu signaes de vida foi o Domingos Baptista ou algum dos outros tres justiçados no Campo da Cordoaria, depois de 1834. Desejando nós inquirir a verdade e obter a certesa, tanto lidámos que obtivemos um documento positivo e authentico que prova evidentemente haver-se dado o facto com o Domingos Baptista; — que este apresentou signaes de vida antes de ser lançado na cova, em seguida á execução; — que fôra effectivamente recolhido a uma das enfermarias do Hospital de Santo Antonio; — que alli se lhe applicaram todos os recursos da medicina tendentes a chamal-o á vida, mas que não foi possivel valer-lhe e que o infeliz expirou pelas tres horas da tarde do mesmo dia da execução, — 23 de julho de 1838.

—

Sendo-nos facultado no cartorio da Santa Casa um dos livros das entradas geraes de enfermos no Hospital de S. Antonio, a fl. 109 do dito livro, sob o n.º 18 encontramos o seguinte:

«Aos vinte e tres dias do mez de julho de «mil oitocentos trinta e oito, estando para «ser sepultado no cemiterio dos justiçados o «réo Domingos Baptista, deu este mostras de «vida, pelo que foi conduzido na tumba á «enfermaria de cirurgia de Santo Antonio, «e, sendo-lhe applicados todos os soccorros, «comtudo expirou pelas tres horas da tar«de, e ficou depositado para ser sepultado «no cemiterio da casa no dia seguinte. E para «constar se fez este termo que assignou o «mordomo e o rev. capellão, o padre Marcel«lino Gomes que o ungiu. E eu Manuel de «Sousa Leão, escripturario do Hospital, o es«crevi. João Baptista de Macedo. O padre «Marcellino Gomes.»

Nada mais positivo e terminante.

Temos pois hoje profunda convicção de que o infeliz expirou na enfermaria de Santo Antonio no hospital da Santa Casa, e que ali não só lhe foram ministrados todos os soccorros medicos, mas que foi tratado com disvélo e caridade, pois era mordomo n'aquelle mez João Baptista de Macedo, cavalheiro respeitabilissimo, cuja bondade, nobresa de sentimentos e proverbial virtude nos attestam muitas pessoas fidedignas que de perto o conheceram.

Sabemos até que o dito mordomo havia dado alem d'outras esmolas uma das suas melhores camisas ao infeliz justiçado, — camisa com que subiu ao patibulo e deu entrada no hospital.

Foi João Baptista de Macedo muitos an-

nos vereador d'esta cidade, tendo a seu cargo o pelouro dos expostos, e foi tambem um dos primeiros provedores do Asylo da Mendicidade.

Vivem ainda entre nós dois filhos seus que bem comprovam o aforismo — *qui viget in foliis venit e radicibus humor!...* São os srs. Joaquim Teixeira de Macedo, official do correio do Porto, e Antonio Teixeira de Macedo, thesoureiro do Banco Lusitano.

—

Nós (mercê de Deus!) nunca presenceámos execução alguma nem chegámos a vêr a forca armada. Apenas vimos o lageado do pavimento, onde em tempos remotos se erguera uma, a cavalleiro da villa de Tavora, concelho de Taboaço, no Alto Douro, no sitio ainda hoje denominado *Cabeço da Forca* — e defronte de Barcèllos, no alto de Barcellinhos, o celebre *monumento do gallo* e as pedras em que se armou a forca, na qual se fez a execução que creou a *lenda do gallo.*

Não formamos, pois, idéa precisa do que eram as execuções na forca; mas pessoas que assistiram a muitas asseveram que, embora o justiçado apresentasse, depois da execução, signaes de vida, era impossivel sobreviver; leva-nos, porém, a crer a opposta o que sobre o artigo *Canas de Senhorim*, concelho de Nellas, se lê n'este diccionario:

«Aqui nasceu Agueda Lopes (diz o citado «artigo). Era casada, e accusando-a seu ma«rido, do crime de adulterio, foi presa e sen«tenceada a pena ultima, sendo enforcada «em Lisboa, a 9 de maio de 1494. Indo a en«terrar á egreja dos Anjos, e, vendo os fra«des dominicos que ella dava *signaes de vida*, «a levaram para a sua igreja, no meio de «grande multidão de gente. Ella *escapou* e «acabou os seus dias no serviço da dicta «igreja, morrendo em cheiro de santidade.»

Demorámo-nos um pouco mais com este topico por prender directamente com o Porto e versar sobre um facto que muito impressionou toda a cidade.

—

3.º—*José Moreira de Carvalho*, solteiro, de 50 annos de idade.

Por sentença do juiz de direito do julgado de Santa Catharina d'esta cidade do Porto, com data de 1 de julho de 1836, foi condemnado a soffrer a pena de morte na forca — e a pagar 200$000 réis á queixosa, alem das custas do processo—por haver assassinado traiçoeira e violentamente Manuel da Silva Pontes, na noute de 24 para 25 de junho de 1828, no sitio da Cancella do Loureiro. Foi confirmada a sentença na Relação por accordão de 9 de março de 1837,—e por portaria de 4 de julho de 1839 se communicou ao presidente da Relação que S. M. em harmonia com o parecer do conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do réo.

Soffreu a pena capital na forca do Porto no dia 19 de julho de 1839.

(Cartorio do escrivão Sarmento).

—

4.º — *Manuel Monteiro Pereira* (o Manuel Custodio), de 24 annos de idade, solteiro, filho de Francisco Monteiro Pereira e Thereza Maria, natural da freguezia d'Ancede, concelho de Baião. Foi condemnado a pena ultima pelo juiz de direito criminal do Porto, em sentença de 4 de março de 1841, por haver assassinado João Pinto Monteiro (o Brazileiro), José Monteiro e sua mulher Josepha Antonia — sentença que a Relação confirmou por accordão de 20 de dezembro do mesmo anno. E por portaria de 28 de agosto de 1844 se communicou ao presidente da Relação que S. M. ouvido o conselho de ministros, não usára da sua real clemencia em favor do réo.

Foi enforcado na praça da Cordoaria no dia 7 de setembro de 1844.

(Cartorio do escrivão Sarmento).

Justiçados nas provincias do norte, mas fóra do Porto, depois de 1834

Como já dissemos, foram 12 estes infelizes.

1.º—Francisco José Martins, o *Jejum*, natural de Braga e ali justiçado no dia 6 de setembro de 1838. V. *Braga*, no *supplemento*.

2.º—Antonio Manuel Barreto.

Foi justiçado em Vianna, no dia 11 de setembro de 1838.

D'elle se fallou no art. *Vianna do Castello*, vol. 10.º, pag. 449, col. 1.ª

3.º— José da Costa Casimiro.

Foi justiçado em Coimbra no dia 2 de julho de 1839.

Veja-se *Coimbra*, no *supplemento*, onde fallaremos d'este desgraçado e rectificaremos alguns lapsos que se deram n'aquelle artigo.

4.º— Manuel Joaquim Lopes Queijo.

No artigo *Freixieiro* daremos no *supplemento* larga noticia d'este infeliz, que foi justiçado no dia 11 de julho de 1840, na mencionada villa.

5.º— Jeronymo dos Santos Brandão.

Foi justiçado em Aveiro, no dia 3 de setembro de 1841.

Veja-se *Aveiro*, no *supplemento*.

6.º— Manuel Braga, o *Champina*.

Foi justiçado em Penafiel, no dia 14 de janeiro de 1842.

V. *Penafiel*, no *supplemento*.

7.º— Manuel Joaquim de Magalhães.

Foi justiçado no dia 2 d'abril de 1842 no Padrão da Legoa, freguezia de S. Thiago de Custoias, concelho de Bouças.

8.º— Jacintho José da Silva.

Foi justiçado no dia 22 de março de 1843 em *Vianna do Castello*. V. logar citado.

9.º— Seraphim José Gonçalves.

Foi justiçado no dia 24 de março de 1843 em Braga. V. no *supplemento*.

10.º — José Fernandes Begueiro, natural de Codeçoso.

Foi justiçado no dia 17 de setembro de 1844 em Montalegre.

11.º— Manuel Pires.

Foi justiçado no dia 8 de maio de 1845, na villa da Rua, hoje concelho de Cernancelhe. Daremos circumstanciada noticia d'este desgraçado no artigo *Vide*, sua terra natal, pertencente á freguezia e villa da Rua.

Ainda nos recordamos de o ver passar no meio de uma grande escolta nas Caldas do Molledo, seguindo das cadeias da Relação do Porto para o patibulo.

Contavamos nós então 13 annos de idade e viviamos brincando e estudando latim na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, onde nascemos (no dia 14 de novembro de 1832) — mesmo em frente da actual estação do Molledo, na linha ferrea do Douro.

12.º — José Maria, o *Calças*.

Foi justiçado no dia 19 de setembro de 1845 no Campo do Tablado, em *Chaves*. Veja-se esta palavra no *supplemento*.

Ultimos executores da alta justiça

1.º — *José Ramos*,[1] pescador, natural da extincta freguezia de S. Salvador do Mondego e residente na Boa Vista de Lavos, julgado da Figueira. Foi condemnado a pena ultima por haver assassinado Francisco Maria, do extincto concelho de Lavos.

A Relação do Porto confirmou a sentença por accordão de 3 de julho de 1836; mas, por decreto de 2 de julho de 1837, S. M. houve por bem commutar-lhe a pena, nomeando-o *executor d'alta justiça*.

(Cartorio do escrivão Cardoso Guimarães.)

—

2.º — *Luiz Antonio Alves*, por alcunha o *Negro*, de 32 annos de idade, casado e carpinteiro, filho de Ignacio Alves dos Santos e Joanna Bernarda Pimenta, natural do logar e freguezia de S. João Baptista de Capelludos, julgado de Villa Pouca d'Aguiar e ali residente. Accusado de haver assassinado Manuel Antonio Alves, José Vilella e Rodrigo Antonio Vaz, de ter forçado e ferido Marianna Luiza, de ter juntamente com outros, roubado a casa do padre Amaro de Villarinho de S. Bento e de haver concorrido para o arrombamento da cadeia de Chaves, foi pelo juiz de direito de Villa Pouca d'Aguiar (em novembro de 1842) condemnado a morte de forca.

A Relação confirmou a sentença por ac-

---

[1] Rosto comprido; olhos castanhos, cabellos e barba pretos e estatura elevada.

Era casado com Leonor Maria, natural da freguezia dos Arcos, bispado d'Aveiro, filha de Joaquim Rodrigues d'Almeida e Anna Maria.

Foi degredada perpetuamente para a Africa por cumplicidade nos crimes do marido e não sabemos bem porque mais.

Partiu da cadeia do Porto para Lisboa no dia 16 de fevereiro de 1839.

O marido José Ramos tinha 43 annos de idade quando foi preso, — e era filho de outro José Ramos e de Francisca Simões.

cordão do Supremo Tribunal com data de 15 d'abril de 1844; mas, por decreto de 14 de julho de 1845 houve por bem S. M. commutar-lhe a pena de morte na de *executor de alta justiça.*

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

—

Foram estes dois desgraçados os ultimos que ao norte do nosso paiz exerceram o negro mister de *executores de alta justiça,* conhecidos pelo nome de...

Nem me atrevo a pronuncial-o!...

Recolhimento e Praça do Anjo

Já se fallou d'este recolhimento e d'esta praça no artigo *Porto,* vol. 7.º pag. 306, col. 1.ª e pag. 487, col. 2.ª mas tão concizamente, que não podemos deixar de transcrever do folheto *Archeolcgia Religiosa,* publicado em 1882 pelo meu bom amigo e ex-deputado o reverendissimo sr. Francisco José Patricio, benemerito filho d'esta parochia, o seguinte:

«Foi uma senhora distincta pelos meios de fortuna e pela nobreza, D. Helena Pereira da Maia, que fundou e dotou este recolhimento na capella de S. Miguel, no sitio do Olival, para recolher dez donzellas nobres que ficassem orphãs.

Para isso pediu licença e terreno á camara em 24 de fevereiro de 1672 e em 9 de julho do mesmo anno obteve um alvará em que se declarava este instituto debaixo da protecção real.

A camara ajudou este recolhimento com a doação dos terrenos e varios beneficios, e quando elle começou a admittir que ali estivessem recolhidas varias senhoras e fosse augmentado o numero d'ellas, deu em 1684 a quantia de 100:000 réis para que tambem fossem recebidas as orphãs e viuvas dos officiaes que serviam no Ultramar.

Em 19 de julho de 1755 foram ainda applicados os sobejos do rendimento do concelho de Bouças para as obras dos novos dormitorios com que se estava ampliando a casa.

Á vista d'isto se vê que o instituto deixou em breve de ser, como fôra, destinado só para dez orphãs nobres e se tornou um recolhimento que recebia senhoras, que por falta de meios ou por desejos de viverem em clausura, ali se recolhiam.

Na descripção do Porto, publicada em 1708 pelo padre Rebello da Costa, diz este distincto escriptor que viviam ali oitenta e duas pessoas, contando as criadas e pensionistas, pois havia senhoras que se internavam n'esta casa emquanto os maridos estavam ausentes do reino.

Usavam as recolhidas um habito de côr parda e touca branca; resavam em côro o officio de Nossa Senhora; tinham missa conventual; estavam sujeitas á jurisdicção do prelado do Porto desde 9 de janeiro de 1686 e era preciso aviso regio para entrar qualquer senhora para a communidade.

A construcção do edificio era modesta, e a capella denotava mais decencia do que apparato.

Extincto este recolhimento no tempo das luctas politicas que tiveram por termo a victoria do partido liberal, e mandadas as ultimas recolhidas para o convento da Ave-Maria, foi o edificio cedido por decreto de 20 de maio de 1833, á camara, para ali fazer um mercado e passeio publico.

Em 30 do mesmo mez declarava-se ao municipio que tomasse posse, mas não entrega por estarem lá alguns doentes (talvez feridos do cerco) e só em 5 de junho é que a camara ficou senhora e possuidora do recolhimento.

Em 8 de fevereiro de 1834 mandou o senado portuense levantar a planta do mercado e approvou-a em sessão de 8 de março do mesmo anno.

Para realisar esta construcção quiz a camara formar uma empreza e para isso pediu o auxilio da Associação Commercial, mas não podendo esta dar-lh'o, como fez saber por officio com data de 5 de junho de 1836, resolveu então o municipio aforar os terrenos para a construcção de barracas e lojas, e assim realisou a sua obra, vindo a demolir o convento em 7 d'outubro de 1837 e abrindo o mercado, já completo, em 9 de julho de 1839.

As imagens da capella do recolhimento

foram dadas a algumas egrejas, e o padroeiro, que era S. Miguel, foi para a capella das almas de S. José das Taipas, aonde se conserva.»

—

Eis aqui em resumo a historia do Recolhimento do Anjo, organisada pelo meu illustrado collega com bastante custo, por lhe faltarem os elementos precisos; mas no *supptemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*, desenvolveremos muito mais o interessantissimo topico da fundação d'este recolhimento, o que nos é facil, porque, entre outros manuscriptos, nos cabe o orgulho de possuirmos a *Chronica* do mencionado recolhimento.

E' uma raridade bibliographica, exemplar *unico*, em boa calligraphia, muito bem tratado, bem encadernado e completo, escripto em 1739 pelo academico Antonio Cerqueira Pinto, annotador do *Catalogo dos Bispos do Porto* e auctor da *Historia do Senhor de Mattosinhos*, etc.

Comprehende o citado manuscripto 92 paginas em quarto, incluindo a dedicatoria e o protesto.

—

Como é possivel que tão interessante manuscripto desappareça antes de o publicarmos, como desejamos, daremos d'elle mais algumas noticias.

Abre a pag. 1 com o seguinte:

Dedicatoria á veneravel
imagem do Bom Jesus do Anjo,
precioso retrato
do Santo Christo de Mattosinhos

«Sr. — Como já no anno de 1737, por casual fortuna nos coube a sorte de escrever huma rezumida Historia da prodigiosa Imagem do Bom Jesus de Bouças, que no lugar de Mattosinhos se venera, e então saiu á luz... etc.»

A pag. 3 se lê o seguinte:

Protesto

«Tudo quanto vae escripto, e ponderado n'estas memorias do Recolhimento da Rainha Sancta, chamado do Anjo, sugeitamos humildemente á correcção da Sancta Madre Igreja Catholica Romana, com todos os reverentes requisitos e protestos necessarios, que havemos por individualmente expressos e declarados.

Antonio Cerqueira Pinto.»

—

A pag. 5 principia a *Chronica* por estes termos:

Memorias do Real
e Insigne Recolhimento da Raynha
Sancta Isabel, erecto na Capella
do Archanjo S. Miguel,
fóra do Olival, na Cidade do Porto
por D. Elena Pereyra, veneravel fundadora
do mesmo Recolhimento,
Escriptas
por Antonio Cerqueira Pinto
cidadão da Cidade do Porto e Academico
Real da Historia Portugueza

«A Providencia Divina, sempre admiravel nas mysteriosas disposições, com que em todos os seculos se tem visto attender ao Reyno de Portugal, e com especial favor á provincia de Entre Douro e Minho, pelos altissimos fins já largamente ponderados em particular Historia que escrevemos do Senhor de Mattosinhos, e em outros escriptos... permittiu que na Cidade do Porto (não menos favorecida pela Divina Providencia) entre outros particulares, com que tem sido prodigiosamente singularisada, houvesse no tempo, por sua mysteriosa disposição, destinado o nobre, insigne e Real Recolhimento, vulgarmente chamado do Anjo, que na mesma Cidade admiravelmente florece, ha mais de cento quarenta e tres annos, e de que, para perpetua memoria agora se escrevem as presentes noticias, a diligencias da sua esclarecida e zelosa Regente, D. Angela Luiza Brandão, no terceiro trienio do seu governo, e no anno de 1739 da Redempção do mundo. Mas, para se proceder com clareza na gloriosa materia d'este assumpto, notabilidades, que lhe precederão, e effeitos admiraveis, que se lhe seguirão, as dividiremos nos seguintes paragraphos.

§ 1.º

Da primeira fundação da Capella do Archanjo S. Miguel, em que depois se erigiu o Real Recolhimento, vulgarmente chamado do Anjo.

Comprehende, ao todo, 36 paragraphos e conclue a pag. 92, d'esta fórma:

Fim

«Seja tudo para maior honra e gloria de Deus, e da Virgem Santissima, particularmente no especioso titulo da Apresentação da Virgem Nossa Senhora no Templo.»

—

Fica indicada a obra. No *supplemento* daremos o resumo d'ella, para não alongarmos demasiadamente este artigo.

Passemos a outro topico.

Convento de S. José das Carmelitas Descalças [1]

A ordem do Carmo teve um notavel impulso na peninsula, devido aos esforços e trabalhos de Santa Theresa e S. João da Cruz, que foram não só os reformadores, como tambem fundadores de um sem numero de conventos.

Esta reforma realisou-se em 1562 e foi approvada por Pio IV. Gregorio XIII dividiu em 1580 a ordêm em duas secções — carmelitas calçados e carmelitas descalços; — e depois Gregorio XV a fez participante dos privilegios concedidos ás ordens mendicantes.

A provincia de Portugal compunha-se de 16 conventos de frades no continente, — um em Loanda e dois no Brazil, que eram o da Bahia e o de Pernambuco.

Os conventos de freiras eram 7 — dois em Lisboa, S. Alberto e Conceição; — os outros em Aveiro, Carnide, Evora, Porto e Coimbra.

—

No tempo da dominação castelhana estabeleceram-se no Porto os frades carmelitas vindo para umas casas da rua de S. Miguel (pertencente á freguezia da Victoria, de que estamos tratando) e depois conseguiram da camara concessão gratuita de terreno no *Horto do Olival* (da mesma freguezia da Victoria hoje) onde fizeram o convento, sendo lançada a primeira pedra em 5 de Maio de 1622 por D. Rodrigo da Cunha, bispo d'esta cidade, e em 16 de junho de 1628 já estava no caso de receber os religiosos e de ser, como foi, inaugurado com toda a solemnidade.

Oitenta annos depois cuidaram os carmelitas de estabelecer tambem no Porto um convento de religiosas da sua ordem. Effectivamente, o geral frei Pedro de Jesus pediu a el-rei D. Pedro II licença para a edificação de um convento de religiosas carmelitas da regra de Santa Theresa, fóra dos muros da cidade, no logar do *Calvario Velho*, onde apenas havia uma ermida com aquella invocação. [1] O alvará de 26 d'abril de 1601 dava a licença pedida e permittia á camara do Porto o poder fazer doação dos terrenos precisos para a edificação d'esta casa.

A camara deferiu em 19 de julho de 1702; depois, a instancias da superiora do convento, Madre Theresa de Jesus, concedeu em 22 de dezembro de 1702 que a edificação se estendesse para os terrenos baldios que havia junto da estrada, hoje rua das Carmelitas.

Feitas pela camara estas cedencias de terreno, trataram as religiosas da edificação para a qual tiveram de vencer ainda algumas difficuldades por causa de uns embargos interpostos por Manuel de Sousa Porto, como tambem depois litigaram, em 1732, com Domingos Alves Seixas.

Nas duas doações de terreno foi procu-

---

[1] *Archeologia Religiosa*, já citada, *Noticia dos ultimos conventos de religiosas do Porto*, escripta pelo meu illustrado collega Francisco José Patricio, — pag. 50 a 57. V. tambem o art. *Porto*, vol. 7.º pag. 306, col. 2.ª, anno de 1704.

[1] Vej. vol. 5.º pag. pag. 288, col. 2.ª — e vol. 7.º pag. 476, col. 1.ª

rador das religiosas o padre Antonio Pereira Guedes.

As confrontações do local e a medida d'elle foram descriptas da seguinte fórma:

«*Das costas da capella mór para o poente sete varas e meia, e, correndo para o norte até entestar com as casas foreiras do collegio dos orphãos, 45 varas; correndo para o nascente pela divisão do quintal do Ermitão do dito Calvario, tem fóra da cerca quatro varas; e d'ahi corre-lhe em direito ao sul até entestar na calçada, noventa e cinco varas; e vae faceando a dita calçada para o poente até o rumo direito do cunhal do frontespicio da dita egreja, em cujo cunhal ha de fenecer o muro da cerca, ficando terra, tanto ao nascente como ao poente, para lugradouros publicos da cidade.*» (Archivo da Camara Municipal do Porto).

Estas doações tinham como onus a seguinte condição:

«*Que de todas as mulheres que pedissem para ser admittidas seriam preferidas as mais nobres da cidade e as senhoras que fossem do Porto.*»

(Do mesmo archivo).

Em 1738 foi o convento augmentando a cerca para o lado do sul, conseguindo os terrenos por doação com data de 3 de setembro.

Assim se estabeleceram as religiosas carmelitas n'este convento do Porto, vindo as primeiras dos conventos de Lisboa e d'Aveiro, formando a communidade que, segundo a regra de Santa Thereza, não podia exceder o numero de vinte e uma.

—

Tinha este convento uma egreja pequena mas elegante, com boas decorações de talha dourada, claustro, grandes dormitorios, amplas officinas e mimosa cerca com tanques e chafariz, onde corria a agua que lhe fôra cedida pela camara e que era a terça parte das vertentes da fonte municipal que lhe fica proxima.

—

Não alcançam as chronicas da ordem a epocha da fundação d'este convento e nenhuns documentos restam para lhe fazer a historia; apenas o archivo do municipio conserva algumas copias dos que, a pedido da prioreza, foram trasladados das escripturas publicas para os livros da camara em 7 de janeiro de 1823. É pois impossivel dar mais desenvolvimento a esta noticia.

—

Quando desembarcou D. Pedro IV e o Porto foi constituido centro de operações para a cruzada liberal, cerraram-se as linhas e ergueram-se as trincheiras. Os religiosos carmelitas, havendo-se tornado salientes no tempo da dominação miguelina, fugiram do seu convento e pouco depois fugiram tambem as religiosas.

Na noute de 19 de janeiro de 1833 os vigias nocturnos que guardavam a cidade encontraram um grupo de mulheres disfarçadas dirigindo-se para fóra das linhas das trincheiras.

A noute estava escura e tempestuosa e a chuva cahia abundante impellida pelo vento sul; os vigias assestaram as lanternas e reconheceram nas surprehendidas alguma coisa de extraordinario, o que revelava bem o cabello cortado em todas e a sua timidez. Não foi preciso longo interrogatorio para as reconhecerem, e logo foram detidas.

Chamado o juiz do bairro de Santo Ovidio e feitas as devidas participações ao quartel general onde se achava D. Pedro, foram enviadas com acompanhamento de uma escolta para o mosteiro de S. Bento da Ave-Maria

Era já mais de meia noute quando á porta d'este mosteiro batiam o juiz e os soldados, uns á portaria do lado da Feira, outros á porta da egreja.

Decorreu muito tempo até que as religiosas benedictinas se resolvessem a abrir as portas a hora tão estranha, mas por fim receberam e deram agasalho ás pobres fugitivas, que iam em um estado desolador, desfiguradas com fatos alheios, salpicadas de lama, molhadas pela chuva, fatigadas do caminho, banhadas em lagrimas e tremendo de vergonha.

As religiosas fugitivas eram dez e declararam que no seu convento ainda ficára doente e prostrada no leito uma outra, D. Maria José do Amor Divino, que depois foi trasladada tambem para o mesmo mosteiro

de S. Bento, onde falleceu passados poucos dias.

Em 22 de janeiro de 1833 baixou ordem regia para serem mudadas algumas das religiosas carmelitas para o convento franciscano de Santa Clara, mas essa determinação foi revogada por decreto de 25 do mesmo mez e anno, pelo que ficaram as pobres carmelitas no convento da Ave-Maria. Depois do cerco foram mandadas cinco para o convento de Vianna do Castello;—uma retirou-se para casa de sua familia,—e no mosteiro de S. Bento da Ave-Maria ficaram as quatro restantes, das quaes ainda ha pouco tempo falleceu a ultima.

—

Assim se extinguiu o convento de S. José das Carmelitas Descalças da cidade do Porto, que teve de existencia 131 annos, pouco mais ou menos.

A egreja ficou abandonada e o convento deserto até que, depois do cerco, foram aproveitados alguns objectos que lá havia. A entalha da egreja foi dada para a capella de Fradellos; a sanefa grande do arco cruzeiro está hoje na egreja dos Congregados —e foram distribuidas por differentes templos do Porto varias alfaias.

A camara apenas herdou o chafariz que está hoje na praça do Anjo, e o sino que está no cemiterio do Repouso.

A casa tem tido differentes applicações.

Quando em 1836 se extinguiram as ordens religiosas, foi arvorada em deposito das livrarias de todos os conventos do Porto.

Ali estiveram muito tempo em montão e a granel nos corredores e claustros mais de 100:000 volumes, confiados á guarda de um pobre veterano, como se fossem roupa de francezes! Amadores, mercieiros e taberneiros roubaram uma immensidade de livros, alguns raros e de muito valor, em troca de qualquer gratificação ao guarda, chegando a ter a gratificação preço fixo. Por 240 réis podia qualquer tirar um carrego de livros á *sua escolha!*

Assim se formaram no Porto boas livrarias particulares.

Ali esteve tambem o Deposito Publico até que foi removido para o extincto convento graciano de S. João Novo.

Ali estiveram tambem o escriptorio, as cavallariças e mais officinas da Mala-posta Real do Porto a Lisboa até á inauguração da linha ferrea do norte.

Estiveram ali tambem a Escola Normal,—a direcção das obras publicas,—uma estação telegraphica,—uma casa de recreio, intitulada *Salão Americano*, de Jovani,—uma associação academica,—o *Collegio Portuense*[1] —e uma estação da policia civil, que ainda lá se conserva.

Do lado norte tem estado uma escola publica e um armazem de cereaes. Na cerca estão: — do lado norte, uns estabulos onde se recolhem cavalgaduras,—do lado sul um barracão de madeira com um theatro popular, uma relojoaria e uma casa com bebidas e doce.

—

Em 23 de abril de 1839 teve a camara de pagar aos Proprios Nacionaes a quantia de 210$000 réis para alargar a rua de Santa Thereza, cortando uma parte da cerca, a leste, e em 1840 foi a mesma camara encarregada de informar com respeito á planta para a construcção d'um theatro n'aquelle local, theatro que não chegou a construir-se.

—

Tudo o que restava d'este convento e da cerca das religiosas carmelitas foi arrematado pela quantia de 48:001$000 réis em 1873, perante o ministerio da fazenda, pelo fallecido sr. Francisco Pinto Bessa, presidente da camara municipal do Porto, para a camara alli estabelecer um mercado de cereaes.

Foi o dicto mercado comprehendido no *grande plano de melhoramentos*[2] d'esta cidade, feito pelo seu actual presidente, o sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, e já re-

---

[1] V. art. *Porto*, vol. 7.º pag, 484, col. 2.ª.

[2] D'este *grande plano de melhoramentos* e d'outras muitas obras importantes que esta cidade deve á iniciativa do seu illustrado presidente, o sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

cebeu a approvação das estancias superiores em 1880, mas até hoje ainda se lhe não deu principio.

Convento dos Carmelitas Descalços

Este convento ergue-se no largo do Carmo e segue até ao novo edificio da Escola Medico Cirurgica; foi fundado no tempo da dominação dos Filippes, quando na peninsula mais se desenvolvia a ordem carmelitana depois da reforma n'ella operada por S. João da Cruz e Santa Thereza.

Em 10 de junho de 1617 entraram no Porto os religiosos e apresentaram-se ao governador D. Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, a quem vinham recommendados para fundarem n'esta cidade um mosteiro proprio. Acolheu-os o conde com tanto agrado, que se tornou o seu primeiro e principal protector; conseguiu-lhes permissão da camara depois de se empenhar com os vereadores; foi pessoalmente pedir as devidas licenças ao bispo D. Gonçalo de Moraes, que estava perigosamente doente; removeu todas as difficuldades promovidas pelas ordens já estabelecidas no Porto e arranjou-lhes uma caza na rua de S. Miguel, aonde provisoriamente se installaram. Crê-se que esta casa era a que está junto da egreja da Victoria pelo lado do norte na rua de S. Bento, que n'esse tempo se chamava rua de S. Miguel. Não achamos titulos em que fundamentar esta asserção, mas tambem não conhecemos ponto da mesma rua aonde haja vestigios de ter estado o primeiro convento. O chronista da ordem diz que pertencia ao abbade de S. Vicente do Pinheiro, que a alugou por uma quantia muito modica.

—

Os reverendos Fr. Thomaz de S. Cyrillo e Fr. Sebastião da Resurreição, que foram os dois enviados para realisarem a fundação do convento, auctorisada por decisão do definitorio geral celebrado em Lisboa no dia 14 de janeiro de 1617, receberam com grande contentamento as licenças que lhes conseguira o governador e com elle ordenaram as obras a fazer no predio para se transformar em capella e habitação religiosa.

Começaram as obras ás 6 horas da tarde, e á meia noite retirava-se para a sua habitação o conde, depois de ficar apeada uma parede interna do predio, tirado o entulho, alevantado o altar, toda a capella adornada com cortinas que emprestaram os padres da Companhia de Jesus, o sino *posto em um eirado e a campainha á porta* (diz a Chronica).

Quando ás 5 da manhã do dia seguinte tocou á missa, ficaram surprehendidos os visinhos com a rapidez da construcção e concorreram em grande numero. O conde veiu assistir a outra missa ás 11 horas e jantou com os religiosos, continuando a dispensar-lhes a maxima protecção.

—

Os invejosos não viram com bons olhos tão rapida fundação e tanto favor dispensado aos carmelitas. Alguns ecclesiasticos se despeitaram e um *mester* chegou a apupar os religiosos, pelo que o governador o prendeu.

Corriam-lhes os ventos tanto de feição que logo receberam tambem um legado de dez mil cruzados, somma importante n'aquelle tempo. Manuel Fernandes Calvo, fallecido em Ormuz, o deixára em testamento aos jesuitas para fazerem a capella-mór do seu collegio do Porto, que depois pertenceu aos frades *grillos* e hoje (1884) é seminario diocesano; mas os jesuitas declinaram para outro instituto aquella doação logo que o bailio de Leça, Luiz Alvares de Tavora, generosamente se prestou a fazer-lhes, como fez, com tanta sumptuosidade não só a dicta capella-mór, mas todo o templo, ainda hoje um dos primeiros do Porto [1]. A instancias do conde foi cedido aquelle legado aos religiosos carmelitas e com elle muito adiantaram a fundação do seu convento fóra dos muros, como elles muito desejavam.

---

[1] Vide art. *Porto*, 7.º vol. pag. 297, col. 2.ª e 298, 2.ª

Este templo com o seu collegio, extinctos os jesuitas, passou para a Universidade; depois para os frades *grillos* — e, extinctos os frades, n'elle se estabeleceu o seminario diocesano.

—

Com o tempo foram augmentando as esmolas do povo e, logo que se julgaram com recursos sufficientes, cuidaram da nova fundação.

O conde desejava que erigissem o convento no alto do monte a oeste da porta e fonte das Virtudes, hoje largo de Viriato, e promptificava-se a pedir á camara que fizesse sobre o ribeiro das Virtudes uma ponte para mais facil communicação entre o projectado convento e a cidade, mas a falta de agua n'aquelle sitio e outras circumstancias determinaram os religiosos e o seu nobre bemfeitor a escolherem o *Horto do Olival* [1], onde effectivamente se estabeleceram.

—

Depois de obterem licença da camara, um subsidio de dois mil cruzados e a promessa de lhes permittir a conducção da agua nos encanamentos municipaes, compraram o terreno a 13 de janeiro de 1618 e começaram a dispol-o para o lançamento da primeira pedra, o que se realisou depois da posse do bispo D. Rodrigo da Cunha, em 5 de maio de 1622, vindo este insigne prelado presidir á solemnidade, que tomou as proporções d'uma grande festa, apesar do tempo estar bastante aspero e muito ventoso, como aponta a chronica.

A 16 de junho de 1628 estava muito adiantada a obra do convento e concluida a egreja e torre, fazendo os religiosos n'este dia a mudança do Sacramento para a nova egreja com toda a solemnidade. [2]

—

O templo tem um bom retabulo no altar mór, uma capella do Santissimo muito elegante e bem adornada, um espaçoso côro, nove altares e tres nichos pequenos com imagens debaixo do côro, uma boa sacristia toda coberta de entalha cheia de nichos com pequenas imagens de barro (genero de esculptura que é vulgar nos conventos d'esta ordem) uma capella ao lado com altar e muitos quadros a revestirem as paredes. Pena é que muitas d'essas imagens se tenham extraviado e hajam desapparecido muitos d'esses quadros, que eram em vidro e de muito merecimento. Tambem ha no templo muitos quadros com paineis a oleo que representam os santos da ordem, alguns mysterios da Virgem, a paixão de Jesus Christo e a vida de Sancta Thereza. Fóra da porta da sacristia, em um espaço que lhe serve de atrio, encontram-se varios retratos de prelados distinctos que foram carmelitas. Entre elles está ainda bem conservado o retrato de D. fr. Ignacio de S. Caetano, arcebispo de Thessalonica, o unico bispo que teve Penafiel, confessor da rainha D. Maria I, que tanta influencia teve no seu tempo [1].

—

A egreja tem forma de cruz latina e uma capella de Nossa Senhora das Dôres ao lado do altar do Santissimo, com entrada para o extremo da nave; pertenceu a Manuel Tavares, que a fez e dotou em 1639.

Os altares lateraes com as imagens de S. José e Santa Theresa foram feitos e dotados —o primeiro por Domingos Gil da Fonseca, —o segundo por Jeronymo da Motta Teixeira.

---

[1] O dicto *Horto* fazia parte da zona que n'aquelle tempo era povoada de oliveiras e se estendia, como já dissemos, desde o alto da rua dos Clerigos até o extremo occidental do Campo da Cordoaria—e desde a Porta do Olival até á praça de Carlos Alberto e rua de Cedofeita.

[2] Fica assim rectificado o que se disse d'este convento no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302, col. 1.ª

O convento velho foi provisoriamente fundado na rua de S. Miguel, no mez de junho de 1617, e do novo, que é o actual, se inauguraram as obras no dia 5 de maio de 1622.

Tambem no logar citado se confundiu a egreja d'este convento com a dos terceiros carmelitas, que está a paredes meias para o nascente.

Veja-se n'este artigo *Victoria* o topico relativo á *Ordem Terceira do Carmo*, onde rectificamos o equivoco. A dos terceiros é a que tem a frontaria muito ornamentada.

[1] Veja-se o que a respeito d'este prelado escreve o sr. Latino Coelho na *Historia Politica e Militar de Portugal; Epitome da vida de D. Frei Ignacio de S. Caetano*, por frei Manuel de S. Ambrozio; *Chronica* (manuscripta), de D. Maria I, e varios escriptores que tratam d'esta notavel epoca.

Ha nos claustros varias capellas, que eram ao mesmo tempo jazigos de diversas familias com instituição de suffragios *in perpetuum*, das quaes ainda se conservam a de João Corrêa, junto da porta travessa, fundada em 1657,—a da Senhora do Amparo, de Pedro de Brito, fundada em 1654,—a da Senhora da Piedade, de Damião Cardoso, fundada em 1700—e outras que já teem as inscripções apagadas.

—

No convento estão hoje o quartel da Guarda Municipal,—as cavallariças do esquadrão de cavallaria da mesma Guarda—e as prisões para *custodia* dos retidos á ordem da auctoridade administrativa até serem entregues ao poder judicial.

Das muitas transformações porque tem passado o edificio, a parte que resta menos alterada é o claustro. O chão que occupa ainda denota a grandesa que tinha. A cêrca era espaçosa. N'ella estão hoje: a parada do quartel, a Escola Medico Cirurgica, edificada no sitio aonde depois da extincção dos frades estiveram as cavallariças de differentes alquiladores,—o Jardim Botanico,—o Azylo da Ordem Terceira do Carmo, o quintal da mesma Ordem, o edificio das suas escolas, ainda em construcção.

—

Desde o tempo das ordens religiosas se acha instalada n'esta egreja e é hoje a sua administradora, a Irmandade do Escapulario de Nossa Senhora do Carmo, que promove o culto. Em tempo foi muito importante e dispoz de grandes rendimentos. Fazia a procissão solemne da Senhora do Carmo seguindo pela rua dos Passeios da Graça, circumdando a espaçosa alameda da Cordoaria Nova, que por essa occasião se vestia de gala, bem como as ruas do prestito, por devoção dos cordoeiros que durante a passagem d'ella atroavam sempre os ares com morteiros e foguetes.

Ha muitos annos que essa procissão se não faz e hoje são muito limitados os recursos da irmandade.

Tambem n'esta egreja esteve installada a archi confraria do sagrado coração de Maria até que passou para o extincto mosteiro de S. Bento da Victoria, salvando da ruina aquelle venerando templo, como póde ver-se no topico relativo áquelle mosteiro.

—

Como dissemos que n'este convento carmelita está o quartel da *Guarda Municipal*, diremos alguma coisa d'esta instituição.

Em 1814 o marechal Bersford creou os dois corpos da *Guarda Real da Policia*, um em Lisboa, outro no Porto, que foram os corpos mais luxuosos do nosso paiz.[1]

Na noite de 8 para 9 de julho de 1832, quando entrou n'esta cidade o exercito libertador, a *Guarda Real da Policia*, não sendo affeiçoada ao partido do sr. D. Pedro IV, fugiu para o exercito do sr. D. Miguel, pelo que os liberaes a substituiram creando o corpo denominado *Nocturnos*, para fazer a policia da cidade.

Em 1836 foi dissolvido este corpo e substituido pela *Guarda Municipal*.

Esta Guarda tem outro quartel para uma companhia na rua de S. Braz, feito em 1872 a 1873, para facilitar o serviço da policia.

Teve tambem junto do Postigo do Sol, na Batalha, uns barracões, onde se aquartelava uma parte do seu esquadrão de cavallaria, mas foram demolidos approximadamente em 1876.

A Guarda Municipal comprehende hoje 527 praças d'infanteria e 47 de cavallaria, — paga-lhes o ministerio do reino e (segundo o ultimo orçamento do estado) dispende com as primeiras 47:112$400 réis — e com as segundas 5:396$400 réis, por anno.

Mosteiro de S. Bento da Victoria

Dois mosteiros teve no Porto a congregação benedictina — um de freiras com o titulo de *S. Bento da Ave Maria*, outro de frades ou mónges, com o titulo de *S. Bento da Victoria*. Do primeiro já se fallou no vol. 7.º pag. 295, col. 2.ª e d'elle fallaremos mais d'espaço no supplemento ao artigo *Porto*, pois agora tratamos sómente da freguezia

---

[1] No artigo *Porto*, tomo 7.º pag. 436, col. 1.ª descrevemos o seu riquissimo uniforme.

da Victoria e aquelle está na circumscripção da freguezia da Sé. Do segundo tambem já se fallou no vol. 7.º pag. 301, col. 1.ª — mas tão concisamente que não podemos deixar de dizer d'elle mais alguma coisa.

—

No anno de 1596 deliberou o capitulo geral da congregação benedictina fundar o convento de Lisboa e este do Porto, pelo que obtida a licença d'el-rei e da cidade e removidas as difficuldades que esta oppoz, se lhe deu principio, sem demora.

Lançou-lhe a primeira pedra, bem como ao de S. Bento de Lisboa, Fr. Balthasar de Braga, geral da congregação reeleito em 1596. A chronica não marca o dia da inauguração das obras; simplesmente diz que foi no 2.º triennio d'aquelle prelado e por consequencia entre os annos de 1596 a 1598.

Foram muito infelizes na escolha do local, — centro da judiaria, todo povoado de casas, na sua maior parte velhas e immundas, mas todas de preço por estarem *intra muros*, o que obrigou os frades a muitas questões e grandes despezas para ficarem ainda por ultimo mal accommodados em uma especie de ilha, cercados de ruas por todos os lados e — *sem um palmo de cerca!...*

Mais avisadamente andaram os fradès antoninos e carmelitas, estabelecendo-se *extra muros*. Se fizessem o mesmo os benedictinos, com facilidade n'aquelle tempo encontrariam fóra dos muros chão alegre, espaçoso e desafrontado para maior convento e boa cerca por muito menos do que dispenderam com as expropriações na immunda e velhâ judiaria.

—

Post tot tantos que labores ficou o convento mettido entre a rua de S. Miguel (hoje de S. Bento) a leste, — a rua das Taipas, a oeste, — a travessa de S. Bento, ao norte — e a viella, hoje becco das Taipas, ao sul, com as janellas aprumadas sobre as ruas publicas e sem um palmo de cerca.

Uma vergonha!

Diz-se que os frades se propunham levar as expropriações mais longe e fazer do lado norte da egreja outro corpo de edificio igual ao que fizeram do lado sul, ficando a egreja no centro, mas que se oppozeram primeiramente os Philippes e depois o nosso rei D. José, tomando com o edificio da Relação todo aquelle terreno.

—

As obras principiaram pela egreja e pelas fachadas leste e sul do convento, mas não poderam levar por deante a egreja e tiveram que suspender a sua construcção por algum tempo em virtude de certas difficuldades (nas expropriações talvez) — e, em quanto estas se não removeram, celebraram os officios divinos na casa do capitulo.

É pois infundada a opinião dos que dizem que a egreja era a synagoga dos judeus e que os frades a apropriaram ao culto catholico.[1]

Suppõe-se que a velha synagoga da segunda judiaria do Porto esteve effectivamente n'aquelle local ou nas suas immediações, pelo que os frades pozeram no alto de uma porta do convento que abria sobre o pateo do lado leste e que dava para a egreja e para o convento, a inscripção seguinte, que ainda hoje lá se vê:[2]

QUAE FUERAT SEDES TENEBRARUM,
EST REGIA SOLIS.
EXPULSIS TENEBRIS SOL BENEDICTUS OVAT.

«A casa que foi centro das trevas é hoje sede da verdadeira luz.

«Expulsas as trevas, brilha o sol de S. Bento.»

---

[1] Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 301, col. 1.ª

[2] A dicta porta foi tapada quando em 1853 o governo deu a egreja a archi-confraria dos devotos do Sagrado Coração de Maria, ficando todo o pateo pertencendo á egreja e o quartel com serventia unicamente pelo lado opposto (rua das Taipas).

A porta com a inscripção mal se vê hoje, porque a archi confraria quando mandou restaurar o templo, notando que o côro ameaçava ruina, mandou fazer duas paredes sob a larga abobada que o sustenta, roubando assim ao pateo, que fica sob o côro e a dicta abobada, 4m,50 do lado norte e 4m,50 do lado sul, ficando a dicta porta com as lettras occulta no pequeno vão do lado sul.

—

Tambem suppomos que a egreja actual não foi a primitiva d'este convento, porque a Benedictina Luzitana (tomo 2.º pag. 433) diz que no altar-mór tinha um precioso sanctuario de reliquias de santos *em 32 meios corpos, 14 braços, 2 pés, 4 piramides e 6 anjos* — e que todas estas 58 peças estavam *cobertas de prata moida com oleo, invenção nova vinda de Roma*, de sorte que o sanctuario parecia todo de prata.

Nada d'isto se vê hoje no soberbo retabulo do altar-mór, todo de entalha dourada.

Diz a chronica tambem que as paredes da egreja foram cobertas de azulejo fino em 1644 a 1646 — e hoje apenas se vê azulejo antigo em algumas das capellas que formam os altares lateraes, e uma cinta de azulejo muito moderno nas paredes da capella mór.

Diz a chronica tambem que em 1644 a 1646 foi pintado curiosamente o forro de baixo do côro. Era portanto de madeira o côro e forrado de madeira *por baixo*, — emquanto que o actual é sustentado por abobada de pedra e tijolo, sem visos de revestimento inferior de madeira.

E sendo tudo isto *coisas insignificantes* relativamente ao primoroso tecto do templo, todo de abobada de granito, nem uma palavra diz d'elle a chronica, o que nos leva a crer que ao tempo não existia e que a egreja actual é posterior.

—

Em virtude da deliberação tomada em 1598, applicaram-se para as obras d'este convento as rendas do de Alpendurada, que por esse motivo esteve 12 annos, desde 1599 até 1611, sem abbades nem religiosos e governado por simples presidentes ou administradores; mas em 1611 a congregação lhe restituiu outra vez os seus abbades e uma pequena communidade com a renda de réis 1:200$000, continuando a applicar para este do Porto as grandes rendas d'aquelle.

Do mosteiro d'Alpendurada [1] vieram tambem para este sinos, um orgão, retabulos, madeiras, etc., attenta a commodidade de conduzirem tudo pelo Douro, pois aquelle mosteiro estava sobre a margem direita do rio, a 40 kilometros do Porto.

—

Em 1646 ainda duravam as obras, mas já n'elle viviam religiosos desde 1599, sendo n'este anno eleito o seu 1.º abbade triennal, Fr. Pedro de Basto, e em 1645 Fr. Paulo do Rosario, que no seu triennio ornou a egreja d'azulejos (diz a chronica) e *mandou pintar curiosamente o forro debaixo do côro.*

—

A egreja actual é muito ampla, magestosa, perfeitamente acabada e sem contestação uma das primeiras do Porto e do nosso paiz.

Tem uma só nave, decorações riquissimas e desde a soleira do atrio, na rua de S. Bento, até á face exterior da capella mór do lado da rua das Taipas, mede de comprimento a bagatella de 68^{m},90, que se subdividem d'esta fórma:

Comprimento do atrio	11^{m},90
» do corpo do egreja..	23^{m},14
» da nave do arco cruzeiro.....	12^{m},10
Comprimento da capella mór até a » parte posterior do altar.....	17^{m},30
Comprimento d'ali até á face exterior.....	4^{m},46
Total.....	68^{m},90

Largura do atrio hoje [1]	12^{m},20
» do corpo da egreja.....	12^{m},
» da nave do arco cruzeiro.	24^{m},
» da capella mór.....	8^{m},80

Não podemos medir a altura, mas é consideravel por ser proporcionada no grande vão do templo.

Tem altar mór com um precioso retabulo

---

[1] V. *Alpendurada* e a *Benedictina Luzitana* tomo 2.º pag. 200 a 235, nomeadamente a pag. 231, col. 2.ª.

[1] Como já dissemos, a archi-confraria para amparar a abobada que sustenta o côro e fórma o tecto d'este atrio, mandou recentemente fazer duas paredes a toda altura do atrio, cerceando-lhe na largura 4^{m},50 de cada lado. Era pois a largura total d'elle 21^{m},20.

de entalha dourada, — 4 altares no vão do arco cruzeiro, — mais 5 no corpo da egreja, — total 10 altares, todos com riquissimas decorações de entalha dourada.

O retabulo do altar mór tem no sopé do throno, ao centro, a imagem de Nossa Senhora da Consolação, — do lado do evangelho a de S. Bento e do lado da epistola a de Santa Escholastica.

No grande vão do arco cruzeiro tem de frente 2 altares, um de N. S. das Dores, do lado do evangelho, outro de Santa Gertrudes, do lado da epistola, — e nas paredes lateraes, *tête à tête* um do outro, do lado do evangelho o altar de Jesus, Maria e José, — e do lado da epistola o do Sagrado Coração de Maria, *hoje*; no tempo dos frades era de Santa Anna.

Poucos altares temos visto tão imponentes como estes ultimos dous.

Os seus retabulos de preciosa entalha dourada são magestosos, elegantes, perfeitamente symetricos, com muita largura e immensa altura, pois as suas grandes fabricas se elevam quázi até o tecto da espaçosa nave, abundantissima de luz.

Tanto estes dous retabulos como a tribuna do altar mór são tres obras de arte, cujo preço se não calcula hoje facilmente.

—

No corpo da egreja tem do lado do evangelho dous altares, — o 1.º (vindo da capella mór) é do Santissimo Sacramento, — o 2.º de N. S. de La Salete [1]. Do lado da epistola tem 3, — o 1.º (vindo da capella mór) é de Santo Amaro, — o 2.º da Senhora de Lourdes, — o 3.º de Sant'Anna.

Na capella mór tem o côro baixo com duas ordens de cadeiras de pau preto, bem trabalhadas — e no fundo da egreja, sobre o pateo e o guarda-vento, está o côro alto, muito espaçoso e riquissimo, com duas ordens de soberbas cadeiras de pau preto e superiormente 30 quadros de madeira a meio relevo, pintados e dourados, representando a vida de S. Bento. Formam um precioso entablamento fixo, revestindo as paredes.

Na frente do côro ha uma rica balaustrada de pau preto e aos lados dous orgãos symetrtcos e imponentes com preciosos varandins ou coretos muito ornamentados e dourados e altas decorações com as armas da ordem.

O do lado do evangelho é simulado e só para symetria, mas o do lado da epistola foi e é ainda hoje um dos primeiros orgãos do nosso paiz.

Já vimos córos de grande preço, nomeadamente o do real mosteiro d'Arouca, um dos mais bellos de Portugal, — o da egreja de S. Martinho em Santiago de Compostella — e o da nossa Sé de Braga, mas nenhum mais rico do que este de S. Bento da Victoria, lamentando que a benemerita Archi-Confraria ainda o não podesse restaurar.

—

Recebe este templo muita luz de 22 grandes frestas envidraçadas que tem no corpo da egreja e da capella mór, — além de 6 nos topos da nave do arco cruzeiro e de uma grande vidraça que tem na frontaria sobre o côro e de outras 6 contiguas, mais pequenas.

O tecto é uma preciosidade — todo de abobada de granito artesonada, — tão firme, tão limpa e tão linda como na data em que foi feita, graças á benemerita archi-confraria, que na restauração d'este templo a mandou lavar com escova d'arame. Imita os tectos da sacristia de Santa Cruz de Coimbra e da egreja de S. Vicente de Fóra, — notando-se que aquelles dous são de pedra molle e muito tractavel, emquanto que este da egreja de S. Bento é de granito duro, difficil de obrar.

Os tectos das egrejas que foram dos jesuitas e dos gracianos, aqui no Porto, são tambem todos de granito, mas nenhum d'elles tem a magestade, a solidez e a belleza d'este.

—

A sacristia é a mesma dos frades, — sufficientemente espaçosa, com tecto d'abobada de tijôlo, e aduelas de granito, — uma bella credencia de pau preto com govetões para os

[1] D'este lado havia no tempo dos frades um 3.º que se supprimiu para se fazerem as escadas do côro.

paramentos,—um grande espelho[1],—e tres bons armarios de pau preto tambem com guarnições de metal branco, 2 encimados pelas cruzes d'Aviz e de Christo—e o do centro pelas armas da congregação benedictina.

Ao fundo tem um altar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Em 1856 se collocou esta imagem no grande templo e se lhe fez pomposa festa para se solemnisar a definição do dogma da Immaculada Conceição de Maria, pregando o lente da Escola Politechnica, José Gregorio da Camara Sinval, egresso da congregação do Oratorio e ao tempo o primeiro orador do Porto.

—

Em 1845 alguns ecclesiasticos respeitaveis pelo saber e virtudes, acompanhados de algumas pessoas de piedade, fundaram a *Archi-Confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria para a conversão de peccadores*, sendo os estatutos approvados por decreto de 30 de setembro e alvará de 4 de novembro d'aquelle mesmo anno.

Estabeleceu-se esta archi-confraria provisoriamente na egreja de Santo Antonio da extincta congregação do Oratorio, n'esta cidade do Porto, e ali começaram os exercicios proprios da sua instituição; mas alguns *exaltados patriotas*, influenciados pelo espirito revolucionario que dominou os homens de 1846 a 1851, quizeram ver na dicta agremiação intuitos que ella não tinha, pois era religiosa e não politica; promoveram um dia scenas violentas e grande tumulto no proprio templo, o que fez com que os directores da archi-confraria se retirassem magoados para suas casas e interrompessem por alguns annos os seus exercicios religiosos.

—

Achando-se no Porto em 1851 o marechal duque de Saldanha em seguida á Regeneração, conseguiram os mesarios da Archi-confraria auctorisação para recomeçarem os seus exercicios na egreja dos extinctos frades do Carmo e ali fizeram n'aquelle anno festa pomposa ao Sagrado Coração de Maria, assistindo a ella o proprio duque de Saldanha, patenteando assim aquelles devotos que a sua associação não tinha outro intuito além dos actos religiosos e não era uma *conspiração miguelista* como os seus detractores inculcavam.

Installaram-se pois na egreja dos extinctos frades carmelitas e ali se conservaram dous annos em virtude da portaria de 2 de junho de 1851; mas em 1852, vendo que a matriz da Victoria se transferira da egreja de S. Bento dos Frades, onde estivera desde 1832, para a sua antiga egreja, depois de restaurada, como já dissemos, ficando a egreja dos frades bentos devoluta e em completo abandono, lembraram-se de a pedir ao governo, e, sendo-lhe concedida por portaria de 25 de julho de 1853, para ella se transferiram e n'ella se conservam ainda hoje.

—

Deve-se pois á mencionada archi-confraria a conservação d'este venerando templo, por que na data em que lhe foi concedido se achava em completo abandono, muito mal tratado e ameaçando ruina,—em quanto que hoje, graças á benemerita archi-confraria, se acha quasi todo restaurado e extremamente limpo, havendo a archi-confraria gastado com as obras da restauração até hoje mais de *doze contos de réis!*... E não conclue as obras em projecto com outros *doze contos*, porque intenta não só restaurar o côro e o pateo, mas expropriar as casas em frente do grande templo para o desafrontar, como bem merece.

Foi 1.º director d'esta archi-confraria o padre José de Oliveira, da congregação do Oratorio, confirmado pelo sr. D. Jeronymo, bispo diocesano.

O 2.º director foi o rev. padre mestre Balthazar Velloso de Sequeira, egresso benedictino, confirmado pelo mesmo sr. bispo.

O 3.º e actual é monsenhor Antonio Joaquim d'Azevedo Couto, confirmado pelo fallecido sr. D. João da França Castro e Moura.

---

[1] No tempo dos frades tinha outro espelho e outra credencia iguaes, que hoje estão na sacristia da egreja da Victoria. Levou-os a confraria em 1852, bem como 2 sinos e outras peças, quando se removeu d'aqui a matriz e ficou esta egreja em completo abandono.

Esta pia instituição não tem nem jámais teve fundos proprios.

Tem vivido e vive do zelo e piedade das mesas gerentes e da protecção dos bemfeitores, entre os quaes não me atrevo a indicar nomes, porque comprehendem quasi todos os habitantes do Porto e seu districto, aos quaes se devem as grandes obras da restauração d'este templo e o esplendor das festividades que n'elle se celebram, taes são as seguintes:—Coração de Jesus, Coração de Maria e Mez de Maria, Senhora de Lourdes, Senhora de La Sallête, Santo Amaro, Menino Jesus e Lausperenne nos quartos domingos de cada mez, além d'outras muitas festas e exercicios de piedade durante o anno.

Tambem a *Associação Catholica* do Porto [1], desde a sua instituição escolheu esta egreja para as suas prácticas e exercicios religiosos e n'ella faz grande festa com jubileu á sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição,—e n'este mesmo templo celebram ha muito os egressos benedictinos festa pomposa ao seu santo patriarcha, festa que por muitas considerações bem merece um topico especial.

Festa de S. Bento

Sendo director da archi-confraria, senhora d'esta egreja, o rev. padre mestre Balthazar Velloso de Sequeira, egresso benedictino, como já dissemos, lembrou-se de crear, approximadamente em 1868, uma festa annual ao seu patriarcha, no dia proprio. Assistimos á que se celebrou em 1883, no dia 11 de julho e por essa occasião publicámos no jornal religioso a *Palavra* (de 15 d'aquelle mez) as linhas seguintes, que prendem com este templo:

Reliquias venerandas

«Fui no dia 11 do corrente ao vasto e sumptuoso templo do extincto mosteiro de S. Bento da Victoria assistir á festividade que alli, na fórma dos annos anteriores, celebraram em honra do seu patriarcha os poucos filhos que ainda restam da congregação de S. Bento.

«Tem aquella festividade uma expressão particular, uma significação altissima, por ser exclusivamente celebrada por egressos benedictinos; mas que dolorosa impressão me causou!

«Foi instituida, haverá quinze annos, pelo fallecido padre mestre Balthazar (Fr. Balthazar Velloso de Sequeira) e continuada pelo conego padre mestre Antonio Roberto Jorge, egualmente já fallecido e que tambem foi frade bento. No primeiro anno ainda alli se reuniram, por occasião da dita festividade, cerca de trinta egressos, mas este anno apenas poderam reunir-se seis, todos gastos e decrepitos, contando ao todo os ditos seis anciãos nada menos de 459 annos!...

«Officiou o mais velho d'aquelle venerando grupo, o sr. Fr. João de Santa Rosa Martins, da freguezia de S. Pedro da Torre, junto de Valença do Minho, d'onde veiu expressamente para cantar a missa, vergado ao peso dos seus 83 annos.

«Quando foram extinctas as ordens religiosas era prior e parocho no mosteiro de Santo Thyrso, tendo sido já prior tres annos no seu convento de Lisboa, hoje palacio das côrtes.

«É s. ex.ª tio do sr. dr. José Gomes Martins, conego-chanceller em Braga, um dos primeiros theologos do nosso paiz, e que ultimamente foi indigitado pela imprensa de todas as côres para arcebispo bracarense.

«Officiou, pois o snr. Fr. João de Santa Rosa com os seus 83 annos, tendo por acolytos os snrs. Fr. Francisco de Carapeços, com 80 annos de edade, e Fr. Francisco da Ave Maria, com 75 annos.

«O snr. Fr. Francisco de Carapeços foi prior no convento benedictino de Alpendurada e vive na sua nobre casa de Travanca, no concelho de Amarante, junto da estação de Villa Meã, pertencente á linha ferrea do Douro.

«O snr. Fr. Francisco da Ave-Maria professou no convento de Tibães; foi collegial em Rendufe, e, depois de extinctas as ordens

---

[1] D'esta importante instituição fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

religiosas, abbade collado na egreja de Mesãofrio, junto de Guimarães, mas renunciou por se vêr alquebrado de forças e ter meios de sobra para viver com decencia e independencia.

«Vive na sua casa de Souzellas, concelho de Louzada.

«Serviu de mestre de ceremonias o sr. Fr. Carlos de Jesus, natural da freguezia de Dume e residente em Braga.

«Professou em Tibães e era collegial em Rendufe quando foram extinctas as ordens religiosas.

«Tem hoje 73 annos de edade.

«Orou o rev. Fr. Antonio de Santa Joanna Soares, hoje Antonio Joaquim Soares, abbade de S. Nicolau n'esta cidade, tendo sido muitos annos parocho na freguezia de Gondalães, junto de Penafiel, pelo que ainda hoje é conhecido por *abbade de Gondalães* [1].

«Conta apenas 70 annos e é de todos os seis egressos que alli se reuniram o mais novo e o *mais rico*, pois tem uma fortuna superior a *cem contos de reis*, obtida com as suas economias de muitos annos e com muito trabalho, principalmente no pulpito. Tem prégado milhares e milhares de sermões, por vezes cinco e seis no mesmo dia.

«Professou em Tibães; foi corista em Santo Thyrso e era collegial em Rendufe, apenas com ordens menores, quando foram extinctas as ordens religiosas.

«Assistiu tambem á mencionada festividade, vestido de preto com a garnacha da ordem, o snr. Fr. João de Guadalupe, natural de Grijó, concelho de Villa Nova de Gaya.

«Professou em Tibães; foi collegial e cantor no collegio de Coimbra, hoje lyceu, e, apesar dos seus 78 annos, ainda o vimos na estante com os outros cantores, revelando boa voz e muitos conhecimentos de musica.

«Além d'aquelles seis venerandos egressos benedictinos restam em todo o nosso paiz hoje apenas mais quatro,—um aqui no Porto, o rev. sr. Domingos do Nascimento Pinto da Fonseca Telles, conego e thesoureiro-mór do nosso cabido e que já foi tambem conego em Lamego; outro em Chaves, o sr. Fr. José da Natividade que, depois d'extinctas as ordens religiosas, foi capellão militar e hoje se acha decrepito e reformado; e os dous irmãos Fr. José Semblano e Fr. Augusto Semblano, residentes em Sinfães, um na freguezia de Tarouquella e outro na de Santa Marinha de Nespereira.

—

«A isto se reduz hoje em Portugal a congregação de S. Bento, que chegou no seculo VI a este recanto da peninsula [1] e que atravessou nada menos de treze seculos, rivalisando em esplendor e magestade com a congregação de Cister ou de frades bernardos, que era a mesma benedictina reformada, e com a dos cruzios ou conegos regrantes de Santo Agostinho, as tres ordens religiosas que assumiram mais importancia no nosso paiz.

«Ainda nos principios d'este seculo o rendimento da congregação benedictina portugueza era computado em 70 contos de réis, que correspondiam a mais de 140 contos da moeda actual. Só o mosteiro de Santo Thyrso, um dos mais opulentos da congregação, tinha de rendimento cerca de oitenta mil cruzados.

—

«A congregação pagava para o erario cerca de 18 contos de réis por anno, afóra as imposições extraordinarias; sustentava nos seus diversos conventos approximadamente 200 religiosos, 100 moços das sacristias e dos diversos mosteiros, 300 de lavoura, mais de 600 jornaleiros nas suas cercas e quintas e distribuia annualmente cerca de doze mil alqueires de pão pelos pobres que frequentavam as portarias dos seus mosteiros. Celebrava milhares de festas com todo o esplendor nas suas egrejas; sustentava collegios como universidades, taes eram o de Rendufe e o de Coimbra; e nos seus conventos dava aposentadoria franca e esplendida a todos e quaesquer magistrados e funccionarios publicos, tanto militares como civis e judiciaes.

---

[1] Vide tomo VI pag. 57, col. 1.ª

[1] V. «Benedictina Lusitana» por Fr. Leão de S. Thomaz, tomo 1.º, parte 2.ª, pag. 307 e seg.

«Que valores immensos, que milhares de contos não representavam os seus numerosos mosteiros com os seus templos e alfaias, as suas bibliothecas, cercas e quintas!

«E tudo se perdeu, tudo se sumiu, tudo se aniquilou com um decreto!

«É bem mais facil demolir e derrubar, do que erigir e construir.

—

«Concluirei estas despretenciosas linhas consignando aqui os nomes de dous frades bentos dos mais notaveis que a congregação produziu n'este seculo; dous vultos, a cuja memoria devo a maior veneração. Foram elles os srs. D. Fr. Francisco de S. João Baptista Moura e José Ernesto de Carvalho e Rego.

«Era o sr. D. Fr. Francisco de S. João Baptista (no seculo D. Francisco de Moura Coutinho), natural da freguezia d'Arnoia, no concelho de Celorico de Basto; nasceu na sua opulenta e nobilissima casa do Telhô; foi um homem virtuosissimo, uma illustração, um dos primeiros mathematicos do seu tempo e geral da congregação, reconduzido ou reeleito em 2.º triennio.

«No Atheneu portuense de S. Lazaro se vê ainda o seu retrato, um dos poucos que existem da immensa galeria de retratos dos geraes da ordem que se guardavam nos conventos de Tibães e de Pombeiro.

«Nasceu em 12 de fevereiro de 1773 na sua casa de Telhô, freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto.

«Em março de 1834 foi residir na sua casa do Telhô; em 10 de junho de 1844 partiu para a sua casa da Cumieira, junto de Villa Real de Traz os Montes, e d'alli passou para Lamego, para a companhia do seu irmão D. José de Moura Moutinho, então Bispo d'aquella diocese; no domingo, 11 d'agosto d'aquelle mesmo anno, cahiu fulminado por uma apoplexia e, apesar dos desvélos do irmão e dos esforços da alta medicina, expirou no paço episcopal de Lamego no dia 15 do mesmo mez d'agosto de 1844, pelas 8 horas da manhã, e jaz no cemiterio d'aquella cidade.

«Era s. ex.ª irmão do sr. D. José de Moura Coutinho, egresso de S. João Evangelista e penultimo prelado de Lamego, de quem recebi todas as ordens desde a prima tonsura até á de presbytero e que até expirar me honrou sempre com a mais cordeal estima.[1]

—

«Nasceu o sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego na minha freguezia natal, Penajoia, concelho de Lamego;—foi lente e vice-reitor da nossa universidade e n'ella meu lente, meu prelado e sempre meu protector e meu dedicado amigo até que falleceu pranteado por todos os que tiveram a ventura de o conhecer e tractar, coberto de honras conquistadas pelo seu relevante merecimento.

«Foi s. ex.ª conselheiro, fidalgo da casa real, commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da imperial ordem da Rosa do Brazil, decano da faculdade de theologia e ornamento distincto da nossa Universidade, caracter nobilissimo,—muito tratavel, muito modesto, muito prestimoso, muito accessivel—um santo!

«Depois de meus paes, que Deus haja, foram os ex.mos e rev.mos srs. D. José de Moura Coutinho e dr. José Ernesto de Carvalho e Rego as pessoas a quem devo mais profunda gratidão.

«Deus os tenha em bom logar e lá do empyreo, onde repousam, elles se dignem pedir a Deus a restauração das ordens religiosas, pois nunca se tornaram tão precisas como n'este seculo para combaterem o egoismo, a descrença, a desmoralisação e a impiedade, que de um ao outro angulo d'este planeta que habitamos campeam altivas, infrenes.

«Porto e Miragaya, 13 de julho de 1883.

«O Abbade *Pedro Augusto Ferreira.*»

—

Se muito nos contristou a festa que n'este templo fizeram ao seu patriarcha os egressos benedictinos em 1883, mais nos contristou a d'este anno de 1884, pois de todos áquelles 6 venerandos egressos apenas pôde

---

[1] Para a biographia e genealogia d'estes dous venerandos prelados veja-se o artigo *Telhô.*

comparecer Fr. João de Santa Rosa Martins que officiou vergado ao peso dos seus 84 annos, acolytado por simples presbyteros seculares.

Dos seis anciãos que ainda em 1883 aqui se reuniram falleceu n'esta cidade, em 4 de junho ultimo, o rev. Antonio Joaquim Soares, abbade de S. Nicolau e que era o mais novo. Todos os outros se acham decrepitos e completamente inutilisados.

Tambem dos 4 egressos benedictinos que em 1883 não compareceram, mas que eu mencionei, já falleceram 3,—em Arouca Domingos do Nascimento Pinto da Fonseca Telles,—em Chaves fr. José da Natividade—e em Santa Marinha de Nespereira, concelho de Sinfães, fr. José do Amaral Semblano.

De toda a numerosa congregação benedictina restam, pois, hoje (que nós saibamos) apenas 6 egressos em todo o nosso paiz!...

—

Contiguo á egreja, do lado sul, está o convento, que é bastante espaçoso, pois occupa, como já dissemos, todo o chão comprehendido entre a rua de S. Bento, a leste,—a das Taipas, a oeste,—e a viella das Taipas, ao sul, tendo sobre esta 4 pavimentos e 3 nas outras duas fachadas.

N'elle esteve um hospital de feridos durante o cerco do Porto (1832-1833);—depois n'elle se montaram os tribunaes civel e crime;—tambem n'elle estiveram aquarteladas tropas da *Junta do Porto* durante a revolução popular de 1846 a 1847—e por ultimo n'elle fixou até hoje o seu quartel o batalhão de caçadores n.º 9,—passando o tribunal crime para a rua das Flores e o civel para a rua do Almada, onde estiveram até que se installaram as duas repartições civel e crime no extincto convento graciano de S. João Novo em 1864.

—

Desejando obter algumas noticias d'este convento e dos seus ultimos priores, no acto da extincção das ordens religiosas e não encontrando quem me esclarecesse, dirigi-me ao meu venerando amigo, o rev.mo sr. fr. João de Santa Rosa Martins, o mais idoso de todos os egressos benedictinos portuguezes na actualidade, que foi prior no convento de Lisboa (hoje palacio das Côrtes) e que era prior no de Santo Thyrso, quando se extinguiram os frades. A sua resposta foi a seguinte:

«Saude e a paz do Senhor a todos nós. Ao favor de v. que muito preso respondo: a minha idade de 84 annos não me permitte satisfazer aos seus desejos nem eu sei quem fôram os prelados do Mosteiro de S. Bento da Victoria do Porto, só sei que no tempo dos meus estudos ali encontrámos um, por nome fr. Domingos Varella, a quem algumas noutes pedimos de joelhos para tocar o orgão arranjado por elle, assim como um mimoso harmonico que elle inventou: umas cordas de tripa colladas em uma escala de vidros e feridas com arco de rebeca, tocando piano com a outra mão. Que sons, que harmonia! Só os Anjos!!! Publicou uma arte de musica feita por elle. Poucos a comprehendem; mas o mimo da muzica talvez não appareça n'ella, porque a fez no fim da vida. Tambem lá ouvimos outro tocar divinamente harpa, unico na benedictina, por nome fr. Antonio dos Anjos. Emquanto ao Mosteiro pode ver e pouco colher na *Benedictina Luzitana*, que falla ainda mais das freiras do que dos frades. D'estes tenho um pequeno manuscripto que não merece a pena de o rever. Emfim, estou no ultimo quartel da vida!... Receba os protestos d'amisade e consideração do que se assigna de v. Fr. João de Santa Rosa Martins.—S. Pedro da Torre 11 de setembro de 1884 [1].»

—

Eu já sabia que o grande orgão actual foi obra do insigne amador de muzica fr. Domingos de S. José Varella, natural de Guimarães, segundo se lê no *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

A dicta arte intitula-se: *Compendio de musica theorica e pratica*, que contem breve instrucção para tirar musica; lições de acompanhamento em orgão, cravo, guitarra, ou

---

[1] D'este venerando ancião e do seu sobrinho e meu ex-condiscipulo na Universidade, o rev. dr. e conego José Gomes Martins, já este diccionario fallou no artigo *São Pedro da Torre*.

qualquer instrumento... e methodo de afinar os mesmos. Porto, na Typ. de Antonio Alvares Ribeiro, 1806, 4.º de VIII—104 pag. com 5 estampas.

O grande orgão foi completamente restaurado em 1880 pelos organeiros de Mangualde Antonio dos Santos e Antonio dos Santos Junior, sob a intelligente direcção do sr. Theotonio José Pereira, distincto professor de muzica e um dos primeiros organistas do Porto depois de haver visitado e estudado os orgãos de Sevilha, em Hespanha, de *Notre Dame*, em Paris, e de S. Paulo, em Londres, alem d'outros muitos em Portugal e nos paizes estrangeiros.

Conserva a caixa exterior com as suas ricas decorações antigas, mas addiccionaram-lhe uma caixa interior com muitos registros novos, mandada vir expressamente de Paris.

É o mesmo sr. Theotonio quem o toca.

Ordem Terceira do Carmo

Já se fallou d'esta ordem no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 308, col. 1.ª — mas é tal a sua importancia que não podemos deixar de dizer d'ella mais alguma coisa n'este artigo dedicado á freguezia da Victoria, em cuja circumscripção ella se acha.

Duas Ordens Terceiras ha hoje no Porto —a de S. Francisco e esta [1]. Da de S. Francisco já se tractou no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 303, col. 2.ª—e pag. 478, col 1.ª e seg. —fallaremos pois agora sómente da de Nossa Senhora do Carmo, hoje a Ordem Terceira mais florescente do Porto e de todo o nosso paiz talvez.

---

[1] Teve o Porto tambem outra, a dos *Terceiros de S. Domingos*, mas foi extincta em 1755 e no mesmo anno restaurada, não como ordem terceira, mas como simples irmandade com o titulo de *Celestial Archi Confraria da Santissima Trindade e Redempção dos Captivos*. Depois de grandes trabalhos estabeleceu-se no largo do Laranjal, hoje praça da *Trindade*, e ali se conserva prospera e florescente.

Vide vol. 7.º pag. 311, col. 1.ª—e vol. 5.º pag. 281, col. 2.ª e seg. onde historiámos largamente os trabalhos porque passou.

—

Esta ordem teve principio na capella de Nossa Senhora da Batalha, no largo do mesmo nome, em 13 de julho de 1736.

O seu primeiro irmão inscripto foi Thomaz Antonio de Sousa Cirne. Pagou *800 réis* de joia (?) e serviu de prior na primeira meza, inaugurada com a eleição feita em 26 de julho de 1737, sendo tambem por essa occasião nomeada priora D. Leonor Francisca d'Alpoim da Silva.

Tratando de edificar templo proprio, deliberou que fosse junto á egreja dos religiosos carmelitas, pelo lado do nascente, no *horto do Olival*, onde effectivamente o erigiu e se vê.

Foi lançada a primeira pedra com grande solemnidade no dia 29 de agosto de 1756 por D. João da Silva Ferreira, bispo de Tanger, deão da real capella de Villa Viçosa, governador apostolico do bispado do Porto e prior da ordem.

Do novo templo sahiu pela primeira vez em 1772 a procissão da sexta feira da semana de Ramos, procissão que esta ordem continuou a fazer todos os annos e que é digna de ver-se. São conduzidas n'essa procissão em ricos e elegantes andores as imagens de Jesus Christo nos passos da sua dolorosa Paixão desde o Horto até o Sepulchro,—todas de tamanho natural e preciosa esculptura, feitas em Roma e que durante o anno se acham expostas á veneração dos fieis nos diversos altares da egreja da ordem.

D'estas imagens é alvo de particular devoção a do Senhor Crucificado, e por isso nas grandes calamidades publicas tem sahido algumas vezes em procissão de penitencia. Fez-se a ultima d'estas procissões em 1864 [1].

---

[1] Tambem n'outros tempos de mais fé, por occasião de grandes calamidades foi trazida ao Porto em procissão de penitencia a imagem do Senhor de Mattozinhos.—Ha tambem memoria de ser conduzida (3 vezes) em procissão de penitencia até á egreja das religiosas de S. Bento da Ave-Maria a imagem do Senhor Jesus de Miragaya,—e até á cathedral a imagem do *Senhor Jesus d'Alem*, que se venerava e venera na margem esquerda do

—

O templo tem seis altares, além do altar mór com um soberbo retabulo de entalha dourada,—nove tribunas, um orgão magnifico, mandado vir de Inglaterra em 1879,—e uma frontaria exterior com muitos lavrados em granito e seis estatuas, alem de uma imagem de Sant'Anna, collocada em um oratorio. É uma bella frontaria de muito preço no estylo da renascença, predominando a architectura corinthia [1].

A porta principal do templo olha para sudoeste e prolonga-se com elle para o norte, na extensão de 124 metros, com a face voltada ao nascente e defrontando com a praça de Carlos Alberto, o espaçoso edificio do hospital da ordem, com dois andares e lojas amplas occupadas por diversos estabelecimentos commerciaes, de que a ordem recebe importantes alugueis.

A primeira pedra d'este grande edificio foi collocada em 6 de abril de 1791 e no dia 8 de fevereiro de 1801 se abriu solemnemente.

O chão que occupa foi em parte adquirida pela ordem; a outra parte, que era cerca dos carmelitas, foi cedida pelo governo para cemiterio de irmãos e ali se fizeram muitos enterramentos; mas, sendo extinctos no Porto os cemiterios particulares em 1866, comprou a ordem no cemiterio municipal de Agramonte uma porção importante de terreno e ali fez e tem hoje o seu cemiterio privativo,[1] com uma elegante capella e muitos mausoleus e catacumbas.

Foi este cemiterio benzido em 1 de fevereiro de 1869 e a capella em 18 de agosto de 1878.

—

Removido o cemiterio das proximidades do seu hospital, continuaram as obras do prolongamento d'este, na extensão de 18 metros de frente, no anno de 1879, o que permittiu augmentar e melhorar consideravelmente as enfermarias.

No local do extincto cemiterio fez a ordem um jardim e uma casa espaçosa para *asylo* dos irmãos pobres, que foi aberta e benzida em 18 de outubro de 1875 e n'ella se acham albergados hoje 68 irmãos.

Na parte que faceia com a travessa do Carregal anda a ordem construindo actualmente um edificio para as suas escolas.

—

No templo celebra com todo o esplendor as festividades seguintes:— Semana Santa, festa da padroeira, festa do Senhor Jesus, festa da Senhora da Conceição, um anniversario solemne pelos irmãos fallecidos, sermões doutrinaes em todas as sextas feiras da quaresma (instituição do barão de Castello de Paiva)—laus-perenne todos os domingos desde 1774, e outro laus-perenne em todas as terças feiras instituido por um legado de Manuel Pereira Penna, em janeiro de 1861, — e tem varias capellanias a horas determinadas, nos domingos e dias santos.

Tambem costumava fazer a procissão de sexta feira de Ramos, que interrompeu ha annos, por ser muito dispendiosa e ter os seus cofres sempre exhaustos com as obras e outras muitas despezas, mas conserva cuidadosamente as alfaias todas e alguns annos arma e expõe na egreja os riquissimos andores.

Douro, a juzante do convento da Serra do Pilar e a montante da nova ponte de D. Luiz.

Hoje, graças ao decantado progresso do seculo das luzes (do gaz e do petroleo), zomba-se das procissões de penitencia e fazem-se *procissões civicas*.

Valha-nos a Senhora do Carmo!...

[1] A paredes meias do lado poente, está a egreja dos extinctos frades carmelitas, cuja fachada é muito pobre e singella.

Fica assim retificado o que por engano se disse no artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302, col. 1.º (anno 1619) confundindo-se a egreja dos frades com esta dos *terceiros do Carmo*, da qual, e não da dos carmelitas, costumava sahir a magestosa procissão de passos, de que adiante fallaremos.

[1] No mesmo cemiterio municipal fizeram tambem os seus cemiterios privativos a Celestial Archi-Confraria da Trindade e a Ordem Terceira de S. Francisco. Occupam estes dous o lado norte e aquelle o lado sul do grande cemiterio de Agramonte.

—

Em 1804 a Ordem creou a instituição dos *entrevados*, onde recolhe e sustenta 80 irmãos, sendo 40 do sexo masculino e outros 40 do sexo feminino.

Um dos pelouros mais importantes e mais sympaticos d'esta ordem são as suas escolas.

Foram fundadas em 1 de outubro de 1869 pelo seu benemerito prior (é ainda o actual) o sr. Thomaz Alves Guimarães, para meninos de ambos os sexos, filhos dos irmãos da ordem, e n'ellas se ensina instrucção primaria elementar e complementar, desenho, francez, bordados e outras muitas prendas.

São actualmente frequentadas por 374 alumnos,—214 do sexo masculino e 160 do sexo feminino.

Em 1 de fevereiro de 1880 foi tambem inaugurado o *Orpheon*, esplendida escola de musica instrumental e coral. Tem habilitado muitos alumnos que actualmente já executam grande parte das funcções que se fazem no templo, poupando á ordem despesas com orchestra e cantores.

Em 7 de outubro de 1870 foi instituida a *sopa economica* para sustento dos irmãos pobres que queiram utilisar-se d'ella,—podendo leval-a para alimento nos seus domicilios.

D'ella se utilisam hoje mais de 100.

—

O hospital tem amplas enfermarias, abundantes de ar e luz,—um bom pessoal medico, — pharmacia propria, sendo os doentes tractados pelo systema allopathico ou homeopathico, á escolha d'elles. — e uma linda capella onde, desde 1801, se conserva o Santissimo Sacramento permanente para com maior commodidade e prestesa se ministrar aos enfermos.

Na dicta capella se vêem e admiram 4 frescos da escola italiana, pintados em cobre, representando os 4 evangelistas.

Pela sua vastidão e feliz situação em terreno alto, enxuto, plano e desafrontado, com amplas e formosas vistas sobre o jardim da praça de Carlos Alberto a N. E. e sobre o Jardim Botanico e praça do Duque de Beja a S. O. é este hospital o terceiro do Porto, depois dos hospitaes de Alienados, do Conde de Ferreira, e do militar, de D. Pedro V.

—

Havendo principiado esta ordem, como dissemos, em 1736, n'ella se inscreveram até 31 de dezembro de 1883, como irmãos 20:693!...

É um verdadeiro colosso de caridade.

Sem outros recursos além de esmolas e legados, sustenta, cura e instrue muitos irmãos,—dá vestidos e casa a outros,—subsidia para banhos de mar e de caldas a outros — e nas grandes calamidades publicas abre as portas do seu hospital a todos os individuos que possa recolher, sejam ou não sejam irmãos!

Por occasião da guerra peninsular ali recolheu bastantes officiaes francezes que lá deixaram um eloquente testemunho da sua gratidão, assignado por todos; — durante o cerco do Porto, em 1832 a 1833, recolheu e tratou tambem muitos feridos; — ainda em 1881, por occasião da grande epidemia da variola que pesou cruelmente sobre o Porto ali recebeu e tratou muitas creanças pobres—e ali recebe e trata generosamente, ha muito, todas as creanças que adoeçam no Collegio dos Orphãos da Graça, mostrando-se sempre benemerita e caritativa.

O ceu ampare e proteja tão santa instituição e cubra de bençãos todos os seus bemfeitores.

Collegio dos Orfãos da Graça

Um dos portuenses mais caritativos e benemeritos foi sem contestação o padre Balthazar Guedes, fundador d'este *Collegio dos Meninos Orfãos* e do primeiro *Hospicio d'Expostos* que teve esta cidade [1].

---

[1] Era um santo e um sabio.

Nasceu na freguezia de S. Nicolau no dia 6 de fevereiro de 1620 e falleceu repentinamente no dia 6 de outubro de 1693, contando por consequencia 73 annos de idade.

Como se lê no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio F. da Silva, escreveu o *Breve epitome da vida de S. João de Deus* e traduziu do castelhano o Epitome da vida de S. Filippe Nery,—os *Casos raros da confissão*, —o *Retrato do padre Fr. João da Cruz*— e

Foi este collegio instituido em 1651 e 42 annos depois, ainda na vida do seu santo fundador, já tinha dado 212 religiosos para diversos conventos, 39 padres, 8 mestres de theologia, 6 doutores em canones e leis, 2 qualificadores do Santo Officio e 1 bispo.

Foi sempre este Real Collegio uma excellente casa de educação. Teve aulas de portuguez, latim, musica, nautica, desenho e outras artes e ainda hoje tem um grande numero de orphãos com rendas sufficientes para a sua sustentação e um bom quadro d'estudos, mas o novo edificio da *Academia Polytechnica* e do *Instituto Iudustrial* o afronta muito, privando-o de ar e luz, dous elementos essenciaes á vida, — compromette a saude e o vigor dos pobres orfãos,—e nada recommenda os governos e as vereações que tal consentem.

—

No *Commercio Portuguez* de 28 de abril, 17 de maio, 21 de junho e 19 de julho de 1877 publicou o meu illustrado collega Francisco José Patricio, com o pseudonymo de *Mario Veiga*, uma serie de folhetins, sob o titulo de *Cartas ao Ex.mo sr. Visconde da Ermida*, ao tempo vereador encarregado do pelouro d'este Collegio, nas quaes (honra lhe seja!) tratou muito bem a questão, advogando a causa dos pobres orfãos, como orfão que fôra (mas pensionista) educado n'este real collegio.

No 1.º d'aquelles folhetins, que vamos extractar, se lê o seguinte:

«Em todos os collegios se patenteia a vida, o desenvolvimento progressivo e as reformas continuas nos diversos meios de instruir, educar e desenvolver;—ali, onde com os limitados recursos de uma instituição incipiente se educaram bispos, doutores, ecclesiasticos, artistas e litteratos... o que vemos hoje?

«Sabe-o v. ex.ª (dirigia-se ao vereador, encarregado d'aquelle pelouro) mas não se dispõe a reformar aquelle estabelecimento, onde se encontram ainda elementos para ser uma das primeiras casas de educação do nosso paiz.

«O que se faz em beneficio d'aquelles, a quem a sorte roubou o amparo e as consolações da familia?...»

Com magua o dizemos: tem sido muito descurada até hoje a administração d'este importante estabelecimento, tão sympathico e tão recommmendavel por todos os titulos.

Pobres orfãos!...

Historia d'este collegio

Nos seus estatutos, escriptos pelo padre Manuel de Sousa, se lê o seguinte:

«Em tempo, em que a villa de Guimarães, cabeça da Luzitania, se coroava com a laureola portugueza, e se recolhiam a ella, como a sua Côrte, da cidade de Coimbra, os Monarchas d'este Reyno, D. Affonso Henriques e D. Mafalda sua mulher; passando pela cidade do Porto, em o monte do Olival, cahiu em um sorvedouro a azemola, em que vinha a recamara d'estes Princepes. A' vista do grande perigo encommendou El Rey o bom successo ao Archanjo S. Miguel, a quem tinha grande devoção e... sahiu a azemola livre; o que attribuindo El Rey á intercessão do Santo Archanjo, lhe mandou edificar hua Ermida (a cuja sombra D. Elena Pereyra, Senhora muito calificada, edeficou hum recolhimento [1] para orfãs nobres, e desamparadas, e nelle viveu, e morreu com raro exemplo e universal admiração).

«A rainha, á imitação do seu marido, mandou edificar outra Ermida no mesmo sitio (o monte do Olival) quasi cem braças apartada da do Archanjo S. Miguel, em a qual collocou hua Imagem de Nossa Senhora da

---

o *Epitome e breve explicação das ceremonias da missa.*

Tambem corre impresso o *Testamento do P. Balthazar Guedes, por elle dictado aos 13 de janeiro de 1693* no formato de 4.º e contendo 10 folhas não numeradas.

Ao mesmo P. Balthazar Guedes se deve tambem uma nova edição dos *Soliloquios* que andam em nome de D. Antonio, Prior do Crato.

Agostinho Rebello da Costa diz que nasceu a 6 de fevereiro de 1693. Confundiu a data do obito com a do nascimento.

[1] D'este *Recolhimento do Anjo* se tractou já n'este mesmo artigo *Victoria.*

Graça, de alabastro, sentada em hua cadeyra, com um sceptro na mão esquerda e o Menino Jesus na mão direita, á qual imagem tinha a Rainha grande devoção, e por isso a trazia sempre na sua companhia[1]; e porque attribuio a ella o milagre, pois vindo na mesma azemola, nada do que ella trazia padeceo perigo ou lezão, lhe mandou edificar Ermida, em que esta milagrosa imagem foi mais de quinhentos e tantos annos venerada, athe que o Padre Balthazar Guedes, natural da mesma Cidade, clerigo de muita virtude e raro exemplo de vida, por moção propria, levado de hum pio zelo pellos Meninos Orphãos, e desamparados, em o anno de 1651; pedio á Camara lhe desse licença para na dicta Ermida fazer um Collegio de Meninos Orphãos, ao que lhe deferiu que requeresse a Sua Magestade,—o que fez.»

A petição foi attendida; e El-Rei mandou á camara do Porto que «dos crescimentos das *Alças*» désse annualmente uma esmola para vestiaria dos orfãos.

Logo que o padre Balthazar obteve a permissão regia, apresentou-a á camara e collocou o seu projectado instituto sob a protecção d'ella.

—

Foi inaugurado o collegio em 25 de março de 1651, tomando o habito 7 meninos e assistindo á grande festividade a Relação, a camara, todas as justiças, muita nobresa e muito povo. Celebrou o santo sacrificio da missa o chantre da collegiada de Cedofeita e prégou o rev. Gaspar de Araujo, dominico.

Foi tão bem acolhida por todos esta instituição que em breve se elevou o numero dos orfãos a 12, os quaes viviam em umas casas tão pequenas que o instituidor tractou de promover a edificação do collegio. Lançou-se a primeira pedra no dia 1.º de novembro do mesmo anno, presidindo á solemnidade o chantre da Sé, Fernão de Freitas Mesquita, e assistindo tudo o que havia de mais distincto no Porto. Tractou-se tambem logo de organisar os estatutos, modelando-os pelos do real collegio de Lisboa e pelos do collegio d'Evora.

—

Eis o começo d'esta sancta instituição, devida á iniciativa d'um sacerdote benemerito, coadjuvado pela camara, pelas auctoridades civis, por todos os portuenses e por muitos bemfeitores extranhos, nomeadamente pelos nossos compatriotas residentes no Brazil.

Aos domingos fazia-se o peditorio em Villa Nova de Gaya; nas quartas feiras em Miragaya e Massarellos; nos outros dias em toda a cidade; e o santo fundador ia tambem á Foz pedir peixe e esmolar pelas tripulações dos navios surtos no Douro.

Todos os enthusiasmos são poucos e as maiores acclamações são pequenas diante de Balthazar Guedes, d'esse pobre e humilde presbytero que não teve outra divisa senão a cruz, nem outro pensamento que não fosse a caridade. Viveu orando e pedindo:—orando pelos mortos e pedindo para os vivos, para os desventurados orfãos.

O dia não tem para elle uma hora de descanço. Vem encontral-o erguido o despontar da aurora e, concluida a oração matinal, vae celebrar a missa quotidiana, cuja esmola é religiosamente lançada no mealheiro do seu instituto; sae em seguida a mendigar para os seus queridos orfãos e regressa a ministrar-lhes o pão do corpo e do espirito.

Umas vezes se afadiga instando com os poderes publicos em pró de tão santa missão,—outras muitas se fecha no seu quarto onde os mais apreciaveis adornos são uma tela com a Virgem do Populo e uma imagem do Redemptor, herança de familia, e, manuseando os seus livros, prepara as diversas publicações já indicadas, empregando o producto de todas no seu tão querido collegio, bem como as esmolas das missas e o honora-

---

[1] Em uma nota ao folhetim que vamos extractar se lê:

«O humilde auctor d'estas cartas (Francisco José Patricio, *Mario Veiga*) ainda viu ha poucos annos (referia-se ao de 1877) essa curiosa preciosidade, coberta com o pó do desleixo e tristemente abandonada ás teias d'aranha que *bordavam* o throno da egreja da Graça; hoje (1877) não se sabe aonde essa imagem pára...

«O que é certo é que o desapparecimento d'esta reliquia historica não incommodou pessoa alguma.»

rio da sua capellania,—ao todo mais de *setenta mil cruzados!*

Nem o seu proprio patrimonio reservou, pois, obtida licença do prelado, o converteu em dinheiro que empregou na construcção do edificio.

—

Mais ainda. Regeitou cargos importantes que lhe foram offerecidos; entre outros o de director do collegio de Lisboa e o de capellão da rainha D. Catharina, que muito instou para que elle a acompanhasse a Inglaterra [1].

Foi tambem muito efficazmente coadjuvado por Pantaleão da Cruz, seu irmão que, a pesar de ser *surdo* e *mudo*, foi varias vezes ao Brazil e percorreu a pé mais de 1:500 legoas sempre a mendigar em favor dos pobres orfãos.

Parece incrivel tão extraordinaria dedicação!

Como não podia fallar, pois era, como já dissemos, *surdo* e *mudo*, levava comsigo uma bandeira com uma legenda indicando a sua missão e, depois d'um calvario de perigos, fome e sêde, ao fim de 15 annos regressou pela ultima vez ao Porto alquebrado de forças, mas *muito satisfeito* por haver arranjado para os seus queridos orfãos cerca de *quinze mil cruzados*, somma importante n'aquelle tempo [2].

Foi o pobre Pantaleão da Cruz—*surdo e mudo*—o primeiro bemfeitor d'este collegio.

Abençoada memoria!

Balthazar Guedes o tractou com o maior carinho toda a sua vida e no seu testamento mandou que fosse sustentado pelo collegio,—unico encargo que deixou á communidade.

Nada mais justo.

—

O collegio era, a principio, sujeito á visita de um delegado da camara, como consta do capitulo 3.º do estatuto. Serviam de *moços de coro* na cathedral 6 orfãos (capitulo 5.º),—os alumnos do collegio deviam conservar-se n'elle apenas até aos 15 annos, podendo ficar até aos 21, se tivessem patrimonio para se ordenarem (capitulo 7.º) aos orfãos que pretendessem sair, daria o reitor um fato de saragoça—e, ao despedil-os do collegio, os abençoaria *em nome de Nossa Senhora da Graça.*

Estes estatutos foram confirmados por D. João IV em 11 de outubro de 1655 e o papa Clemente XIII os approvou em bulla de 18 de julho de 1712, a instancias do segundo reitor, o padre Manuel de S. Bento.

—

Balthazar Guedes querendo que fosse sempre independente das ordens religiosas a instituição que á custa de tantos sacrificios fundára, determinou no seu testamento que as dictas ordens jámais poderiam em tempo algum tomar conta do collegio, receándo que viesse a ser absorvido por alguma d'ellas, e accrescenta o seguinte:

«Dado o caso de que alguma corporação pretenda tomar conta do collegio e para isso seja auctorisada, é necessario ponderar as conveniencias dos orfãos, pois alem de serem herdeiros de tudo quanto ha n'este collegio, tudo adquiri e fiz para elles, e com este intuito me foram dadas as esmolas que aqui tenho dispendido, que montam perto de *oitenta mil cruzados*, e os mesmos orfãos de per si ajuntaram parte das esmolas, e trabalharam de dia e de noite nas obras d'esta casa.

«Pelo que, se a dita fôr dada a alguns religiosos ou religiosas, tem de ser com obrigação, feita por escriptura publica, de darem todos os annos, até ao fim do mundo, aos ditos orfãos, trezentos mil reis, ou ao menos, duzentos e cincoenta de renda, todos os annos, segura e posta no seu collegio, para seu sustento; e assim mais lhe farão

---

[1] Esta rainha era irmã do nosso desventurado rei D. Affonso VI e de D. Pedro II. Casou com D. Carlos II de Inglaterra, em 31 de maio de 1662 e, enviuvando em 1685, recolheu-se a Lisboa, onde falleceu.

Vide no artigo *Lisboa* o *Palacio da Bemposta*, tomo 4.º pag. 131, col. 2.ª—e o artigo *Pinhel*, tomo 7.º pag. 71, col. 2.ª e seg.

[2] Balthasar Guedes e Pantaleão da Cruz nasceram na freguezia de S. Nicolau d'esta cidade e por isso d'elles já fizemos menção entre as *pessoas notaveis* d'aquella freguezia no artigo *S. Nicolau*, vol. 6.º pag. 59, col. 2.ª,—e artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 302.

um collegio capaz para quarenta pessoas, com as suas officinas, ermida e cerca, com a largueza que baste, etc.

«Com estas condições e com as que parecerem aos senhores do senado, venham na dicta mudança; e não sendo assim, os notifico para deante de Deus Nosso Senhor; e a todos aquelles que o contrario obrarem ou forem, em parte ou em todo, contra esta minha ultima vontade, lhes encarrego muito as suas consciencias para que deante de Deus vão dar contas de tudo que obrarem em menos utilidade d'estes pobres orfãos; e prostrado aos pés do Ill.mo sr. Bispo, lhe peço pelas chagas de Jesus Christo, e a todos os senhores Bispos seus successores e ao reverendo Cabido em sua falta, que muito inteiramente o façam cumprir.»

—

O santo instituidor já previa as difficuldades com que haviam de luctar e estão luctando, ha muito, os seus queridos orfãos, por falta de casa propria, pois o governo lhes absorveu o collegio com o grande edificio da Academia Polytechnica, promettendo como que por irrisão *beneficial-os* [1] até hoje (1884)—nem acabou o edificio da Academia nem deu nova casa aos pobres orfãos, conservando-os enjaulados como feras, *sem ar nem luz*, em uma parte do seu collegio, *emparedados* e *enterrados* no meio do edificio da Academia.

Nada mais revoltante nem mais horroroso!

—

Foi em 27 de novembro de 1779 que a rainha D. Maria I instituiu no Collegio dos Orfãos as aulas de desenho e debuxo, inauguradas em 17 de fevereiro de 1780, e por decreto de 9 de fevereiro de 1803 D. João VI principe regente, mandou o seguinte:

1.º — Que se fundasse no Porto aulas de mathematica, commercio, e das linguas franceza e ingleza.

2.º — Que essas aulas funccionassem no Collegio dos Orphãos.

3.º — Que se procedesse sem pérda de tempo á edificação de casa propria.

4.º — Que se lançasse o imposto do *real d'agua*, durante dez annos, para o costeio das obras.

5.º — Que a Companhia dos Vinhos se encarregasse da cobrança e mandasse tirar a planta.

6.º — Que as obras ficassem debaixo da sua inspecção.

Começaram ellas com os melhores auspicios, mas parece que as persegue o mesmo fado das obras de Santa Engracia, pois até hoje não se concluiram nem ha esperanças de que tão cedo se concluam,—nem se deu nova casa aos orphãos!

A principio fazia parte da planta uma nova egreja para aquelles infelizes e chegou a dar-se-lhe começo a meio da fachada que olha para o sul, mas depois foi modificada a planta e excluida a egreja, continuando o resto do novo edificio da Academia a cercar o velho templo e o collegio, reduzindo os pobres orphãos á triste condição de *emparedados!* Apenas de longe em longe se tem fallado na mudança do collegio, mas não se mudou ainda, e a situação d'aquelles infelizes é cada vez mais lastimosa.

—

Já em tempos antigos os padres da congregação do Oratorio quizeram lançar mão d'este collegio e n'elle rezidiram algum tempo, mas em 9 de julho de 1670 foram obrigados a deixal-o e a tomar outro rumo, indo estabelecer-se na Porta de Carros.

Tambem um bispo do Porto, esquecendo as supplicas feitas pelo fundador no seu testamento, quiz apropriar-se d'este collegio e tansformal-o em Seminario diocesano, mas obstou a isso a camara municipal.

No tempo em que o Porto se achava cercado (1832-1833), crusando as balas em todas as direcções sem poupar este collegio, foi o seu reitor intimado para se transferir com os orphãos para o collegio da Lapa, mas não obedeceu e não sahiu, receando que dessem outro destino á casa.

Em 1835, achando-se vago o convento dos frades carmelitas pela fuga d'aquelles reli-

[1] Alvarás de 9 de fevereiro e 29 de julho de 1803.

giosos no principio do cerco (1832) a camara o pediu a S. M. a rainha para n'elle installar os orphãos, mas S. M. respondeu que resolveria a petição em *tempo opportuno* e esse *tempo opportuno* ainda não chegou!

É de rigorosa justiça que lhes deem nova casa em compensação da que lhes tiraram.

Em quanto lh'a não derem e os pobres orphãos se conservarem *entalados* e *emparedados* dentro do edificio da Academia,—nem esta poderá desenvolver-se e satisfazer ao seu fim—nem os orphãos poderão respirar e menos ainda reorganisar-se convenientemente o seu quadro de estudos, em harmonia com as exigencias da epocha. E nada mais urgente do que essa reorganisação. Basta dizer-se que os seus estatutos e regulamentos foram approvados por D. João IV em 1655!...

—

Outr'ora preparavam-se os orphãos para irem professar nos conventos e lá se ordenavam, mas os conventos foram extinctos, ha muito, e o systema de educação é o mesmo.

Alguns estabelecimentos analogos mandam os seus alumnos para o Brazil, mas isso hoje repugna a muita gente.

Que fazer pois?

Reformar o velho estatuto imitando convenientemente os estabelecimentos de educação que ha nos paizes estrangeiros, cujos educandos sahem d'elles sabendo já uma profissão ou pelo menos os principaes rudimentos d'aquella para que mostram mais pronunciada tendencia; de sorte que não sahem a procurar collocação, porque ali os vão procurar as fabricas, os empregos e as diversas repartições.

Queixamo-nos de que as artes progridem pouco entre nós e de que os nossos artistas são rotineiros. É isto devido á carencia de instrucção e de *habilitações especiaes* por falta de vontade em muitos,—falta de meios em outros—e sobretudo por falta do que lá fóra se chama *escolas-officinas*.

Que importantes não seriam, pois, os serviços prestados pelas casas de educação onde se iniciassem essas aulas?

Aqui mesmo no Porto nós temos um exemplo muito digno de louvor e de imitação,—a *Officina de S. José*[1], esse tão sympathico e tão auspicioso instituto, recentemente fundado e dirigido pelo benemerito padre Sebastião Leite de Vasconcellos, onde se professam e ensinam diversas artes e officios.

E muito póde e deve fazer-se n'este sentido a bem dos Orphãos da Graça, pois no mesmo edificio do collegio funcciona o *Instituto Industrial do Porto*, estabelecimento esplendido, de que damos ampla noticia n'este mesmo artigo.

Mandem-se os pobres orphãos ás aulas d'aquelle Instituto, havendo o cuidado de *estudar-lhes e aproveitar-lhes a vocação* na escolha dos diversos cursos que ali se professam e de que tanta utilidade podem e devem tirar.

Aproveitem-se as aulas do Instituto, já que estão sob o mesmo tecto, e este collegio se transformará de *repente* em um seminario ou viveiro de excellentes artistas,—directores e mestres de fabricas, conductores de obras publicas e de minas, mestres d'obras, telegraphistas, etc.

Mandem-se mesmo ás aulas da Academia de Bellas Artes aquelles orphãos que mais pronunciada vocação tiverem para a pintura, architectura e esculptura.

Montem-se no collegio *Aulas-Officinas* em que se ensinem e pratiquem as artes de livreiro encadernador, typographo, photographo e outras tão decentes e tão proprias para individuos com uma certa educação.

Não se reduza a sorte d'aquelles infelizes a cantar o *Libera me* nos enterros, habilitando-os unicamente para sacristães. Garanta-se-lhes melhor o seu futuro;—deem-se-lhes meios com que possam prover á sua subsistencia sem serem pesados a ninguem;—tornem-se cidadãos uteis á patria.

Assim o ousamos esperar da illustração, do

---

[1] Esta casa de educação foi inaugurada na rua de Traz da Sé, no dia 4 de outubro de 1883 e já hoje sustenta, veste e educa 21 meninos pobres.

D'ella fallaremos no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*.

zelo e bom criterio da ex.ma camara a quem o santo fundador d'este collegio encarregou a superintendencia d'elle.

Em nome do ceu, dos bons creditos do Porto e da triste sorte d'aquelles *infelizes emparedados* appellamos para o vereador encarregado d'aquelle pelouro e nomeadamente para o ex.mo sr. dr. José Augusto Corrêa de Barros [1], digno presidente da camara, que é sem contestação um dos presidentes mais illustrados e de *maior iniciativa* que até hoje tem tido o municipio portuense.

Que seja a reforma e transformação d'este collegio o alvo das suas attenções e o seu maior padrão de gloria são os nossos ardentes votos.

—

Leccionam-se actualmente n'este collegio as disciplinas seguintes:—instrucção primaria, portuguez, francez, latim, desenho, cantochão e musica de piano e canto.

As disciplinas preparatorias para os cursos superiores são leccionadas *gratuitamente* aos orfãos no excellente *Collegio de Nossa Senhora da Gloria*,—graças ao seu benemerito director, o rev. bacharel João Antonio Pinto de Rezende.

São 68 os orfãos recolhidos e educados actualmente n'este collegio, todos *gratis*.

No anno lectivo ultimo (1883 a 1884) frequentaram dentro d'este collegio:

Instrucção primaria	47
Portuguez	19
Francez	17
Latim	11
Desenho	53
Cantochão	50
Muzica de piano e canto	20

No Collegio de Nossa Senhora da Gloria

Mathematica	8
Geographia	3
Geometria	7
Introducção	3
Legislação	1
Philosophia	1
Litteratura	3
Algebra	1

No Seminario episcopal

Theologia (3.a anno)	1

Na Academia Polytechnica

Physica, desenho e 1.o anno de mathematica	1

Vê-se pois que, apesar de tudo, é este *Collegio de Nossa Senhora da Graça* ainda hoje um estabelecimento importante, um monumento de caridade.

Muito devem os pobres orfãos ao santo Balthazar Guedes e não menos os infelizes expostos, pois foi elle tambem, como já dissemos, o iniciador da *Casa da Roda* no Porto [1].

Abençoada memoria!...

—

Este collegio tinha no centro um claustro e na face norte uma egreja, hoje em ruinas e já interdicta, com altar mór, dois na frente do arco cruzeiro e cinco lateraes no corpo da egreja,—total 8 altares, tendo o altar mór e 2 lateraes ricas docorações d'entalha antiga, mas infelizmente a capella mór foi cerceada pelas obras da Academia e o retabulo do altar mór substituido por outro, singelo e barato.

Tem mais 2 pulpitos, côro sobre abobada de pedra de arco abatido, tecto de tijolo com aduelas de granito, 6 frestas no corpo da egreja e 3 na frontaria, que é pobre e singela. Apenas tem uma porta rectangular olhando para N. O. encimada por um nicho com a imagem da padroeira,—nos lados 2 pyramides torcidas,—superiormente as 3 frestas,—timpano com um escudete e um A

[1] No *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Porto*, daremos a biographia de s. ex.a e mostraremos o que esta cidade lhe deve.

[1] Veja-se o artigo *Miragaya*, vol. 5.o pag. 308 a 313, onde tractamos desenvolvidamente da *Roda*, hoje *Hospicio dos Expostos*.

e um M em anagramma,—no topo uma cruz singela e contigua do lado sul a torre, tambem muito singela e baixa, terminando em um eirado de pedra com varandim de ferro.

O espaço interior comprehende 28m,80 de comprimento desde a porta principal até á parede do arco cruzeiro, 10m,95 de largura no corpo da egreja, e 15m,40 no vão do arco cruzeiro, onde tinha 2 portas lateraes, uma do lado sul, dando entrada para o claustro e para o collegio,—outra do norte abrindo sobre a rua publica; mas esta ultima foi tomada pelas obras da Academia, que avançaram alguns metros mais para o norte, bem como para o sul, nascente e poente, ficando no centro do grande edificio a egreja e o collegio sem vistas para nenhum dos quadrantes, recebendo apenas alguns raios de luz de prumo, pelo que os orfãos andam sempre amarellos, macilentos e nunca podem ter saude!

Em todo o nosso paiz não ha collegio com tão más condições d'ar e luz. Accresce ainda a circumstancia de que pelo facto de se julgar coisa assente a sua remoção desde que se deu principio ás obras da Academia, nunca mais se reparou tal collegio e hoje se acha cahindo de podre, velho, immundo e negro como uma masmorra, tendo por unico passeio e recreio dos pobres orfãos o claustro, antigo cemiterio, todo ainda cheio de sepulturas e ossadas com as antigas tampas de madeira rotas e lixo em montão.

Senhor Deus,—misericordia!...

—

Na egreja d'este collegio se celebravam as festas seguintes:—S. João de Deus, S. Marçal e nos ultimos tempos o nascimento do Menino Jesus com presepio apparatoso, novena e leilão de prendas.

Tambem alguns annos fizeram os orfãos no claustro a procissão de Passos com muita decencia, como era costume fazer-se nos claustros dos conventos.

Até á extincção dos cemiterios particulares se sepultaram no claustro d'este collegio muitos cadaveres de individuos pertencentes ás diversas freguezias do Porto e ali se enterrou tambem o santo fundador em sepultura rasa, sepultura que apenas se distingue pela inscripção seguinte, gravada na parede:

AQUI JAZ O REV. BAL
TAZAR GUEDES FUNDADOR
E P.ro R.or DESTE REAL
COLLG.o FUND.o EM
1651, O QUAL FALE
CEU EM 6 D'OUTUBRO 1603

Se elle voltasse a este mundo e visse o estado lastimoso em que se acha o seu collegio, cahiria fulminado de horror!...

Capella das Almas de S. José das Taypas

Ao cimo da rua do Calvario, no angulo S. O. do Campo da Cordoaria, ergue-se esta capella, hoje um dos templos mais bem divididos, mais limpos e mais asseados do Porto. Alta, ampla, com muita luz e bella architectura (composita) é sustentada por esmolas dos fieis, muito concorrida nas missas e festas e administrada por uma irmandade propria.

Esta irmandade já existia no Porto em 1634, sob a invocação de *S. Nicolau Tolentino e Almas*, com estatutos approvados e uma bulla pontificia em que se concediam muitas indulgencias aos irmãos. Estava instituida na egreja de S. João Novo, dos Eremitas de S. Agostinho [1]; mas, dando-se varias dissidencias entre aquelles religiosos e os administradores da irmandade, que na sua maior parte eram negociantes de bacalhau, resolveram estes, em 29 de novembro de 1780, mudar para a capella de S. José das Taypas, onde estiveram até edificarem junto da dicta capella novo e mais amplo templo.

—

Depois de instalados na dicta capella (fundada em 1666, como diz uma inscripção que d'ali se tirou quando em 1860 foi demolida) resolveram unir as duas irmandades, de *S. José das Taypas* e a de *S. Nicolau* e *Almas*, em uma só, fazendo estatuto que foi approvado pelos irmãos em 18 de dezembro de

---

[1] V. art. *Nicolau* (*S*)—vol. 6.º pag. 77, col. 2.ª

1783 e confirmado por D. Maria I em 7 de novembro de 1788. Um breve do delegado da Santa Sé n'este reino, condecorou em nome do Papa Pio VII esta instituição com o titulo de *Irmandade de N. S. da Consolação, S. Nicolau Tolentino S. José* e *Almas.*

A capella em que hoje funcciona principiou a construir-se em 27 de abril de 1795 e terminou-se em 1822, externamente, custando a somma de 41:939$710 réis; depois proseguiu a obra interior que terminou pelo douramento dos altares e retabulo da capella-mór, em 1878.

—

Está collocada esta capella entre a rua das Taypas e a do Calvario, tendo a frente voltada para o mar. Mede 44 metros de comprimento e 10m,20 de largura; tem uma frontaria de bem lavrado, embora singelo, granito, e uma torre com quatro sinos; um côro amplo sobre um arco de granito, de volta abatida, um orgão, dois pulpitos, um retabulo de entalha bem lavrada que fórma o altar-mór, quatro altares com imagens de boa esculptura, sendo uma de Santo Antonio e as outras da Virgem das Dores, da Conceição e da Consolação.

Debaixo do côro ha dois altares em um dos quaes se vê um bello quadro de Nossa Senhora da Divina Providencia, pintura da escola raphaelina, que tem muito merecimento, e em um recanto, juncto de uma porta lateral, está uma imagem do Senhor da Saude, antigo cruzeiro de granito que se venerou por muitos annos junto da Praça do Peixe e que foi transferido para aqui quando a camara do Porto decretou a mudança de todos os cruzeiros que estavam ao longo das ruas, expostos a irreverencias [1].

—

Recebe esta capella muita luz de onze frestas lateraes e de uma larga janella no frontispicio, além de 16 frestas sobre a cornija do corpo principal e da capella-mór; tem uma sacristia com altar e throno; bons almarios com gavetas para a guarda dos paramentos; sobre os almarios uma grande meza para os ecclesiasticos se paramentarem, um quadro da Virgem, a oleo, e dois magnificos espelhos; um zimborio guarnecido com boa entalha—e muitas accommodações para o serviço do culto. Entre a sacristia, a egreja, as casas do sacristão e outros dois predios que a irmandade possue para o lado da rua das Taipas e que occupam o chão da antiga capella de S. José, ha um pequeno pateo central e, nas padieiras de duas portas que abrem sobre elle, se veem gravadas no granito duas inscripções.

Diz uma:

Jesus, Maria e José
1666

A outra comprehende quatro versos maus de ler, por terem lettras incluidas em outras lettras—e más de traduzir.

Eil-a:

Josephus Joseph permutat sede sacellum:
Alter amat requiem: praebet et alter opem.
Divus habet templum: fruitur Josephus olimpo:
Filius dediculam: [1] *Divus at* [2] *astra capit.*

Traducção nossa:

Um homem por nome José transferiu do seu antigo local para aqui esta capella de S. José.

Se uns gostam de descanço, outros gostam de trabalhar.

S. José tem templo proprio—e o fundador está no ceu.

O bom filho lhe dedicou esta capella e S. José o premiou levando-o para o reino da gloria.

—

Durante muitos annos recebeu esta irmandade uma importante quantia proveniente de certa percentagem nos lucros da venda do bacalhau,—percentagem muito provavelmente offerecida pelos seus antigos confrades, que eram, como já dissemos, quasi todos negociantes d'aquelle genero.

---

[1] V. *Miragaya*, vol. V pag. 319, col. 2.ª

[1] *Sic;* julgamos porem que deve ser *aediculam.*

[2] *Sic;* mas em vez de *at* julgamos que deve ler-se *ad.*

Em seguida á luctuosa catastrophe da ponte que fez milhares de victimas no dia 29 de março de 1807, por occasião da entrada do exercito francez no Porto [1], alguns devotos collocaram no muro da Ribeira, junto da dicta ponte, um quadro a oleo representando a catastrophe e uma caixa destinada a receber esmolas para suffragar as almas dos que alli pereceram.

Em breve tomou vulto (e viva se conserva ainda hoje) aquella devoção. Passados alguns annos, aquelles devotos chamaram esta irmandade para receber as esmolas e suffragar aquellas victimas, por entenderem que esta irmandade, como *Irmandade das Almas*, era a mais propria para se incumbir de tão piedosa missão.

Tentou oppor-se a *Irmandade das Almas* de Santa Catharina e travou-se pleito entre as duas, mas em 20 de outubro de 1812 se decidiu o pleito em favor d'esta de S. José, que tomou posse do dicto quadro e da respectiva caixa das esmolas com as condições seguintes que até hoje (1884) tem religiosamente cumprido:—fazer todos os annos no dia 29 de março um anniversario com exequias solemnes,—mandar dizer missa diaria e duas nos domingos e dias santos na capella do Senhor da Ascenção, na Lada, junto da margem direita do Douro e do local da catastrophe, todas applicadas pelas almas das victimas.

O rendimento da caixa das esmolas que está na Ribeira, junto do painel das almas, é ainda hoje importante e constitue uma das maiores fontes de receita d'esta irmandade.

As exequias celebradas todos os annos no dia 29 de março são pomposas; mas foram mais pomposas até 1832, porque assistiam a ellas as anctoridades; toda a guarnição militar do Porto ia prestar as *honras funebres* —e havia dous sermões apropriados, um no templo e outro em um pulpito que se erigia junto do painel das Almas, na Ribeira, até onde vai ainda hoje em procissão n'aquelle dia a irmandade.

[1] Veja-se o artigo S. *Nicolau*, vol. 6.º pag. 68, col. 1.ª e 2.ª e pag. 69, col. 1.ª *in-fine*.

Aos cuidados e extrema dedicação com que serviu de secretario d'esta irmandade —desde 1848 até 1877—ou 29 annos seguidos—o benemerito irmão e respeitavel negociante João Luiz de Sousa, se deve o esplendor d'esta piedosa corporação e do seu formoso templo.

N'elle se celebram as festas de S. Nicolau Tolentino, Senhora da Divina Providencia, Senhora da Consolação, Senhora das Dores, Senhora da Conceição, Senhor da Saude e S. José — além do anniversario pelas almas dos que falleceram na catastrophe da ponte.

Durante alguns annos se fez tambem aqui uma imponente festividade a S. Miguel.

Ha tambem n'este templo todas as segundas-feiras *lausperenne*, que é sempre muito concorrido pelos fieis.

Este templo é por este lado o ultimo edificio d'esta parochia. Todas as casas que se lhe seguem a jusante pertencem á freguezia de Miragaya.

Em frente d'elle estava a antiga capella do Senhor Jesus de Bouças ou do *Calvario Novo*,—depois capella dos *trinos*—hoje um restaurante immundo, tendo contiguo do lado norte o velho hospicio dos frades *antoninos* de Val de Piedade, hoje Hospicio dos Expostos. Vide Miragaya, vol. V pag. 281, col. 2.ª e seguintes.

Irmandade, egreja e torre dos Clerigos

Data a fundação d'esta irmandade do meiado do seculo XVII, em que foi estabelecida no collegico dos Orfãos, de que acima fallamos, com o titulo de *Irmandade de S. Phylippe Nery*, como se vê da licença para a instituição e approvação dos estatutos que teem a data de 20 de setembro de 1665.

Esteve ali oito annos sómente, mudando em seguida para a egreja dos Congregados, como se vê d'uma licença dada pela camara do Porto em 5 de julho de 1673, — e d'ali passou para a egreja da Misericordia em 26 de julho de 1688.

Os capellães do côro da Misericordia desejando que houvessé tambem no Porto uma irmandade de clerigos, reuniram os elemen-

tos da de S. Phylippe Nery e da de S. Pedro, que estava em decadencia, e fundaram a *Irmandade dos Clerigos Pobres de Nossa Senhora da Misericordia, S. Pedro ad vincula e S. Phylippe Nery*, continuando a funccionar na egreja da Misericordia; surgindo, porem difficuldades e desgostos por não ter templo proprio, resolveram os irmãos construil-o, — resolução que foi approvada em sessão de 31 de maio de 1731, prezidida pelo deão do Porto, Jeronymo de Tavora Noronha de Leme e Sernache.

N'aquella sessão foi apresentado e approvado o plano do novo edificio, para o qual o rev. Bento Freire da Silva, Manuel Mendes Machado e João da Silva Guimarães deram á irmandade por escriptura publica uma *terra baldia, onde chamam a Cruz da Cassoa que fica ao cimo da calçada que vai da Fonte da Arca até o principio do Adro das Oliveiras e entre este e o muro da cerca do Real Recolhimento do Anjo.*

—

Nomeou logo a assembleia para administradora da obra uma commissão de quatro irmãos, que foram os rev.os Manuel Ferreira da Costa, Antonio Gomes de Sousa, Francisco Fernandes Paulino e João da Herdade Coelho.

Resolveu tambem a mesma assembleia mudar o titulo da irmandade. Foram lembrados differentes e, como não houvesse accordo, lançaram sortes sobre estes tres—Senhora do Soccorro, Senhora das Necessidades, Senhora da Assumpção. Favoreceu a sorte este ultimo, que foi por todos adoptado.

—

Concedida em 4 de setembro de 1731 pelo governador do bispado, o rev. João Guedes Coutinho, licença para edificação e approvada a planta em assembléa de 13 de dezembro do mesmo anno, foi a obra de pedreiro posta em praça no pateo da Misericordia e adjudicada ao mestre Antonio Pereira por trinta e tres mil cruzados.

O chão cedido e em que se levantou o templo era foreiro á camara, pelo que a irmandade lhe pediu que o isentasse de qualquer onus, obrigando-se a não occupar mais de 82 palmos de largura e 150 de comprimento, deixando uma rua de cada lado, o que, depois de varias replicas, foi concedido.

A planta havia sido feita pelo architecto italiano Nicolau Nazoni, que dirigiu a obra toda.

—

Em 23 de abril de 1732 o architecto Nazoni e o mestre Antonio Pereira principiaram a cavar os alicerces e a dispôr tudo para a inauguração solemne. Foi esta pomposissima e teve logar no dia 2 de junho do mesmo anno, que era o primeiro da oitava do Espirito Santo, havendo na vespera vistosa illuminação com balões de diversas côres, segundo o estylo e uso da Italia, pois foi dirigida pelo proprio architecto Nazoni.

O prestito para o lançamento da primeira pedra sahiu no mencionado dia 2 da Misericordia na ordem seguinte: — na frente a cruz da irmandade clerical ladeada pelos dous presidentes, Jeronymo de Tavora e Manuel dos Reis Bernardes, seguiam-se os conegos de Cedofeita, depois os irmãos clerigos, após estes as ordens religiosas e as irmandades e por ultimo a camara municipal, a nobreza e os cavalleiros da ordem de Christo. Seguia-se um andor com a imagem de Nossa Senhora da Assumpção e no mesmo andor a pedra com a inscripção seguinte:

Em 2 de junho de 1732.

Fechava o prestito o rev. Manuel Carneiro d'Araujo, conego e mestre escola da Sé, devidamente paramentado e acompanhado por muitos clerigos.

—

Parou a procissão no local designado, onde se havia feito d'ante-mão uma capella de de madeira *ad hoc*, na qual foi benzida a pedra com todas as formalidades do ritual. Depois foi aberta uma pia em que se lançaram algumas moedas d'aquelle tempo e em seguida a pedra sobre a seguinte inscripção gravada em chumbo:

Sodalitas Dominae nostrae de Mizericórdia, Sancti Petri ad vincula, et Sancti Phi-

lippi Neri, hujusce templi lapidem fundamentalem jecit[1]...

Em vulgar quer dizer:

«A irmandade de Nossa Senhora da Mizericordia lançou a pedra fundamental d'esta egreja de S. Pedro *ad vincula*, e de S. Phylippe Nery no dia 2 de junho e na primeira oitava do Pentecostes do anno de 1732...»

—

Com ruidosas manifestações de jubilo terminou esta solemnidade imponente e em breve começaram com actividade as obras do templo e da torre que hoje admiramos.

Em 22 de dezembro de 1732 o mestre pedreiro Antonio Pereira abandonou a obra e a irmandade o substituiu pelo mestre Miguel Francisco.

O templo, externamente octogonal, é de architectura composita, tendo duas entradas lateraes e uma capella inferior collocada na frente com entrada pelo patamar do primeiro lanço da escadaria; internamente é redondo, afóra a capella mór. Tem 4 portas, 2 frestas na frontaria obliquas e grandes, mais 12 frestas no corpo central e na capella mór, —um côro espaçoso e dous coretos com orgão,—dous pulpitos, quatro altares lateraes, dous oratorios e uma espaçosa sacristia.

O retabulo da capella mór é de marmore. Foi desenhado por Manuel dos Santos, do Porto, e custou, incluindo a pedra e obra de canteiro, 18:484$284 réis.

—

Em um oratorio collocado entre o sacrario e o throno estão as reliquias do martyr Santo Innocencio dadas pelo bispo D. Thomaz de Almeida e que chegaram ao Porto no dia 24 de março de 1752, a bordo do hiate *Senhor do Bomfim*.

Em 4 de junho de 1803 o bispo D. Antonio de S. José e Castro fez a sua entrada solemne n'esta egreja e n'ella deu ordens a 120 ordinandos.

Segue-se á egreja para o lado N. E. um quadrilongo onde estão estabelecidas as habitações dos empregados, a secretaria, o cartorio e o hospital, terminando o edificio com a torre, do lado do mar.

São dignas de ver-se as divisões e escadas internas d'este edificio e os tectos dos seus tres andares, tudo de bom granito ornamentado.

Os escriptores que se teem occupado d'este edificio seguiram a *Descripção do Porto* do padre Rebello da Costa e cahiram com elle em differentes lapsos[1].

Não foi em 1748, como alguns dizem, que principiaram as obras do templo, mas em 1732,—e terminaram passados 17 annos, ou em 1749, como se lê em duas inscripções gravadas nas pias da agua benta, que estão junto das portas lateraes da egreja. A do lado da epistola diz: *PR 1732*,—a do lado do evangelho *Fim 1749*.

A parte do edificio, onde estão as habitações dos empregados, etc., concluiu-se em 1757, como diz uma inscripção que se vê junto da cimalha exterior do lado N. E.

A torre foi principiada em 1748 e concluida em 1763, como diz uma inscripção gravada na frente, entre a ultima varanda e os ultimos campanarios, inscripção muito legivel ainda.

Oxalá que assim estivesse a outra do lado sul, já desfeita e apagada pelo tempo.

No archivo da irmandade se conservam officios da camara datados de 1763, mandando tocar os sinos e illuminar a torre em festas nacionaes, o que prova que estava concluida.

Tem 70 metros d'altura, 11 campanarios e 9 sinos, sendo o maior feito em Braga por João Ferreira de Lima, em 1790, como se lê no proprio sino. O 1.º veiu de Hamburgo, —custou 794$476 réis—e pesava 80 arrobas, mas tendo-se inutilisado, foi substituido

---

[1] Esta inscripção é immensa. Póde ler-se toda no excellente artigo que vamos extractando e que sobre o assumpto publicou o meu illustrado collega Francisco José Patricio no *Commercio Portuguez* de 27 de julho de 1884.

[1] Tambem nos cumpre dizer o *poenitet me*... pedindo aos leitores que rectifiquem por este artigo o que se lê no 7.º volume, pag. 307, col. 2.ª

pelo actual, que tem approximadamente o mesmo peso e se conserva firme e são, contando hoje 94 annos.

Tambem a torre se conserva firme e segura. Nada soffreu com os abalos do grande terramoto de 1755 nem do grande morteiro da meridiana que n'ella esteve muitos annos.

—

Nos livros das contas da construcção não póde apurar-se quanto se dispendeu com as obras da torre nem da egreja. Apenas d'elles se vê que os salarios dos differentes operarios eram de 150 a 240 réis e os dos moços de 60 a 90 réis,—as ferias quinzenaes de 40 a 50 mil réis—e houve annos em que a irmandade gastou com as obras apenas 1:300$000 réis.

A egreja foi sagrada pelo bispo D. Thomaz d'Almeida em 12 de dezembro de 1779.

O architecto Nicolau Nazoni acompanhou as obras até á sua conclusão; pediu que lhe dessem sepultura na egreja que tão intelligentemente dirigiu, e n'ella foi sepultado.

Esta irmandade possue grande numero de custosas alfaias, ricos paramentos bordados a ouro e fundos ainda hoje importantes.

É administrada por uma mesa sempre presidida pelo prelado diocesano e conta grande numero de irmãos ecclesiasticos e seculares. Tem lausperenne áos sabbados; celebra a festividade da padroeira a 15 de agosto, as de S. Pedro, Santo André Avelino e Senhora das Dores, o jubileu das 40 horas, a semana santa e a dedicação da egreja a 31 de agosto.

Em 1827 mandou a mesa limpar toda a esquadria, as tribunas e o retabulo do altar mór.

Em 1863 um forte temporal derribou a esphera e a cruz que encimam a torre, estragos que de prompto foram reparados.

Dentro em breve vão começar as obras com que a actual administração entendeu que devia aformosear o templo.

Conta esta irmandade grande numero de bemfeitores benemeritos, mas por seu turno não se esqueceu de os suffragar, bem como a todos os irmãos fallecidos,—veste um grande numero de pobres em cumprimento de differentes legados, soccorre os membros do clero que necessitem, sejam ou não sejam irmãos, e exerce outros muitos actos de beneficencia.

Nas suas *cartas patentes* intitula-se *Veneravel Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, S. Pedro ad Vincula e S. Filippe Néri, do Soccorro dos Clerigos pobres da cidade do Porto.*

Casa da Senhora da Silva

Depois de haver passado por varias transformações, existe ainda na rua dos Caldeireiros a casa da irmandade da *Senhora da Silva*,—um predio de um só andar nobre na frente, dividido por muitos e pequenos quartos com um salão em fórma de capella, onde se vê um altar, e na frontaria um nicho com a imagem de Nossa Senhora.

É antiquissima esta irmandade e tem passado por differentes phases a sua longa existencia.

Não podemos assignar-lhe o anno da fundação. Agostinho Rebello da Costa na sua *Descripção do Porto*, fallando da cathedral, diz o seguinte: «A Senhora da Silva, cujo vulto é de pedra fina e o rosto ternissimo, dizem que fôra achada entre um silvado, no tempo em que se abriam os alicerces para a fundação d'este templo, e que a rainha D. Mafalda lhe fizera varias doações, conservando-se ainda entre as joias do thezouro algumas que a mesma rainha lhe deixou».

—

O culto d'esta imagem, que se acha collocada em um dos altares da Sé, do lado da epistola junto do arco cruzeiro, apparece-nos desde longa data entregue aos cuidados d'uma irmandade de ferreiros, caldeireiros, ferradores e anzoleiros, com todas as disposições e regimen que tinham as irmandades proprias de cada officio e que durante muito tempo conservaram uma organisação completa.

No archivo da irmandade encontram-se ainda os varios estatutos com as modificações e alternativas porque passaram. Datam os mais antigos de 1593–1598 e 1648; é certo porem que esta instituição ja existia no se-

culo XII; assim o testemunham varias referencias que encontramos em escriptos e documentos d'essa epoca.

Segundo algumas noticias archeologicas, colhidas nos cartorios do Cabido, da Camara Municipal e da irmandade, vê-se que esta foi fundada para promover o culto á *Senhora da Silva* na cathedral e que depois se tornou uma instituição de benificencia cuidando da manutenção d'hospitaes.

O erudito escriptor Arnaldo Gama em uma nota ao seu *Motim ha cem annos* diz que no seculo XIII estava a gafaria de *Roche Amador* a cargo das irmandades da *Senhora da Silva* e *Corpo de Deus*. Pela rapida leitura que fiizemos dos estatutos acima mencionados, estas duas confrarias formavam um só.

—

Além das gafarias de *Roche Amador* houve no Porto os hospitaes ou albergarias de S. Thiago, S. Lourenço, S. Salvador do Mundo[1] e S. João Baptista, cuja administração passou para a irmandade da Senhora da Silva, installando-se na casa da rua do Souto (hoje *Caldeireiros*) onde estava o hospital de S. João Baptista, tendo pelo lado norte (rua *de Traz*) o hospital de Santa Catharina, que havia sido mudado de Belmonte para ali, havendo estado primeiramente em S. Nicolau, nas casas que o bispo D. Nicolau de Sousa Monteiro expropriou para reconstruir a egreja parochial d'aquella freguezia. (V. vol. 6.º pag. 44).

Que nós saibamos; houve tambem no Porto as albergarias do Espirito Santo (em Miragaya) Santo Alifon, S. Crispim, S. Domingos, Santa Clara, de Redemoinhos, da Thereza e do Vaz (na Bainharia) e os hospitaes ou gafarias de Cima de Villa, dos Lazaros e do Olival[2].

[1] D'este hospital de Salvador ainda hoje (1884) resta uma antiquissima capella em uma sala tambem, na rua das Cangostas, hoje *Mouzinho da Silveira* (á esquerda, descendo) com algumas rendas e alfaias e festa propria.

[2] Para evitarmos repetições veja-se o artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 287, col. 2.ª e seguintes—o art. *S. Nicolau*, vol. 6.º pag. 82, col. 1.ª e pag. 44, col. 2.ª—e o vol. 7.º pag. 465, col. 1.ª

—

A albergaria ou hospital de Santa Catharina esteve nos primeiros tempos entregue a uma irmandade de anzoleiros; foi cedida pela camara á irmandade da Senhora da Silva em 1451, e nas casas que occupou ainda hoje se vê uma imagem da padroeira em um oratorio na janella do predio da rua de Traz, que hoje tem o numero 57.

Depois da instituição da Misericordia do Porto (em 1499 nos claustros da Sé, transferida para a rua das Flores em 1555) passaram para ella os rendimentos das velhas gafarias, albergarias e hospitaes de menor importancia e foi transformada em hospicio de peregrinos a casa da rua de Traz, onde estivera o hospital de Santa Catharina[1], dedicando-se a irmandade da Senhora da Silva unicamente ao culto do altar da padroeira na Sé, ao regimento do officio e *examinas* da industria dos ferreiros e serralheiros, bem como ao exercicio da beneficencia para com os irmãos indigentes.

—

Arnaldo Gama no seu romance historico *A ultima Dona de S. Nicolau*, fallando da casa onde esteve a irmandade da Senhora da Silva no seculo XV e onde se conserva ainda hoje, diz:

«Aquella casa tinha então construcção muito differente da de hoje. Era um casarão de um só andar, muito acanhado em altura, com cinco janellas bastante espaçosas, estreitissimas, e terminadas em arcos ponteagudos. Tinha uma só porta, baixa, larga e da mesma architectura. Esta porta dava passagem para um atrio ou pateo, ao fundo do qual se via outra porta mais pequena, mas da mesma feição, que abria para o interior da casa. No pateo, aos lados, havia quatro cubiculos ou cellas, tres das quaes estavam n'esta occasião abertas e patentes; e a quarta, a que ficava á esquerda de quem entrava, tapada a pedra e cal, de modo que só se denunciava pelas umbreiras da pequena

[1] Ainda no rol parochial de 1820 se mencionam os peregrinos que ao tempo ali se achavam albergados.

porta e por uma fresta, em fórma de cruz, aberta ao meio d'aquelle tapamento.

«Esta casa era propriedade da confraria da Senhora da Silva, antiquissima corporação, que existia no seculo XII, segundo se vê de muitos documentos do cartorio da camara do Porto. Fazia parte do hospital, que ella tinha a cargo, e que era então o principal dos que havia na cidade. As cellas do pateo eram porção do grande numero das que tinha aquelle edificio para asylo das *emparedadas* ou *donas de S. Nicolau*, como tambem se chamavam.

—

«O hospital da Senhora da Silva era o local preferido para os emparedamentos — barbarissima penitencia que as idéas religiosas da epocha inspiravam ás mulheres, e de que, sobretudo nos seculos anteriores, se abusou extraordinariamente no Porto.

O emparedamento — seja dito com venia dos eruditos e para esclarecimento dos que o não são — podia considerar-se o enterro de uma mulher viva. A cella da emparedada era um verdadeiro tumulo, tanto mais medonho e terrivel que n'elle se sepultava não o corpo inanimado e frio, mas o corpo animado e ás vezes cheio de energia, de mocidade e de affectos e paixões violentas. Um estreito cubiculo de sete ou oito palmos de comprido como uma sepultura l—de quatro ou cinco de largo, fechado a pedra e cal por toda a parte, e apenas n'uma das paredes uma estreita fenda em cruz, que servia para a confissão e communhão e para passar o *alimento indispensavel* á vida, o qual em geral se reduzia a pão e agua. Aqui tem o leitor o que era uma cella de emparedada. Accrescente a isto a completa sequestração de todos os affectos e a separação total da familia, a total solidão, um ermo, um deserto artificial collocado no meio d'um grande povoado, com a inteira privação dos grandes espectaculos da natureza, com a perpetua ausencia das flôres, das arvores, do ar puro e até dos raios do sol, porque em geral estas cellas ou eram nos pateos dos hospicios ou nas cathedraes, ou então nos cantos mais escuros das ruas solitarias, e fará perfeita idéa do que era um emparedamento, e do que era uma emparedada.

«Nos fins do seculo XV o abuso do emparedamento tinha diminuido muito no Porto e em todo o paiz.»

—

Em 1761 tinha a casa outra construcção e media de norte a sul, pelo lado do poente 132 palmos, e do lado do nascente 124; a frente para a rua dos Caldeireiros tinha 22 palmos e do lado da rua de Traz 33 —(Archivo da irmandade). Hoje está transformada internamente, mas ainda dá habitação gratuita aos irmãos pobres.

Tambem soffreu grandes modificações a irmandade, mas continua a ser constituida quasi exclusivamente por ferreiros e serralheiros, depois que se extinguiu no Porto a industria dos *anzoleiros*;—sustenta o culto da padroeira, fazendo-lhe pomposa festa no mez de setembro, — paga a um capellão que celebra nos domingos e dias santos,—suffraga os irmãos e bemfeitores fallecidos e distribue bastantes esmolas.

—

Em 1844 o distincto paleographo da camara do Porto fez uma circumstanciada relação dos documentos antigos d'esta irmandade e a prefaciou com as palavras seguintes:

«*Reportorio do Cartorio da Senhora da Silva da Cidade do Porto por Januario Luiz da Costa, Anno de 1844*,

«requerido e mandado fazer por Antonio Rodrigues Maia, morador na rua da Torrinha.

Advertencia

«Desejando descobrir documento, que me desse uma exacta epoca do estabelecimento, ou fundação da albergaria e confraria de Nossa Senhora venerada desde seculos remotos e denominada Santa Maria de Rocamador (que ainda era administrada pela camara municipal em 16 de julho da era de 1418, como se vê pelo instrumento d'esta data que se acha no livro segundo de Pergaminhos a folhas 55, no cartorio da mesma

camara, porque esta nomeára ao homem bom Pedro Vicente por Vigario e Administrador para bem procurar e administrar as herdades e bens da mesma albergaria que estava sita na rua do Souto)—procurei meio de poder entrar no cartorio da mesma albergaria (denominada hoje hospital da Senhora da Silva) no mez de janeiro de 1843, aonde julgava achar abundante materia, mas não encontrei documento que falle n'aquelle ou semelhante nome. Encontrei sim um cartorio pobrissimo que de antiguidades só lhe resta, mas por certidão, a escriptura de 19 de junho de 1451, pela qual a camara d'aquelle mesmo anno largou mão da administração dos hospitaes de S. Thiago e Santa Catharina da Reboleira, e os trespassou á irmandade do Corpo de Deus dos Ferreiros, que era a mesma da Senhora da Silva.

Nada mais achei antigo; e dos documentos soltos que este cartorio contém formei o livro de sentenças. Á vista de todos fiz este *Reportorio*, não por interesse, mas sim por devoção que tenho a Maria Santissima, Padroeira da Irmandade com o actual titulo de Senhora da Silva que como já disse, é a antiga Sancta Maria de Rocamador, que se acha citada no meu indice das *Proprias* do anno 1836, e n'outros meus trabalhos, como paleographo e cartorario da camara municipal d'esta cidade.

«Porto, 4 de janeiro de 1844.

Januario Luiz da Costa.»

—

Em outro livro denominado *Indice chronologico dos documentos*, escreveu o mencionado paleographo o seguinte:

«*Advertencia*

«Não tendo encontrado documento pelo qual possa verificar a epoca em que foi fundada a albergaria de Santa Maria de Rocamador (hoje da Senhora da Silva) do mesmo modo não tenho encontrado o local da sua ermida, sendo a Senhora venerada já com aquelle nome, principalmente na comarca d'entre Douro e Minho, nos principios da nossa monarchia. Na dicta comarca tinha alguns casaes adquiridos por testamentos, como se vê nas Inquirições d'el-rei D. Affonso III da era 1296; d'entre outros um na povoação das Picotas, freguezia de S. Martinho no julgado de Paiva, que lhe dera a condessa D. Toda Palacinho (Liv. gd.e da camara do Porto fol. 155 v.º col.ª 2.ª até fol. 156 col.ª 1.ª)—varios bens na freguezia de S. Nicolau no concelho de Mesão Frio (mesmo livro fol. 180 v.º até fol. 181 v.º)—e dous casaes na freguezia do Salvador de Freamunde no julgado d'Aguiar de Sousa (mesmo livro fol. 118 col. 2.ª) E a Inquirição de 2 de agosto, era de 1346, declara possuir seis casaes no Paço, freguezia de Santa Maria de Seixezello, julgado de Gaya, dados por D. Gil Vasques (mesmo livro fol. 68 v.º)

«Portanto afoito-me a dizer (em quanto não achar documento em contrario) que a sua ermida é a de Santa Maria que a rainha D. Theresa doára ao bispo D. Hugo a 14 das Kal. de Maio da Era 1158, e estava aonde é a actual cathedral, ainda que na doação se não exprima o nome de Rocamador, mesmo porque a irmandade conserva ainda nos nossos dias o altar da Senhora da Silva na mesma Sé d'esta cidade.

«Porto 4 de janeiro de 1844.

Januario Luiz da Costa.»

Judiaria

Já se fallou da *Judiaria* do Porto nos artigos *Cinuna*, vol, 2.º pag. 307, col. 2.ª — *Miragaya*, vol. 5.º pag. 296, col. 1.ª e 322, col. 2.ª — e *Porto*, vol. 7.º, pag. 301, col. 1.ª e pag. 502, col. 2.ª para onde remettemos os leitores. Aqui apenas transcreveremos a interessante *nota* que sobre o assumpto se lê na *Ultima dona de S. Nicolau*, lindissimo romance historico do fallecido Arnaldo Gama, infatigavel e muito consciencioso investigador das antiguidades do Porto.

É do theor seguinte a dita *nota*:

«Até o tempo de D. João I a judiaria ou bairro dos judeus era no sitio ainda hoje chamado *Monte dos Judeus*. Como, porém, não fosse sufficiente para o grande numero d'elles que havia no Porto, viviam espalhados pela cidade, entre os habitantes chris-

tãos. D. João I, provavelmente para pôr os judeus fóra do perigo que corriam, vivendo a tanta distancia dos muros da cidade, ordenou á camara que dentro d'elles lhes assegurasse logar, onde podessem fazer uma *judiaria*. A camara assim o fez, assignando-lhes o terreno que comprehende pouco mais ou menos a área que circuita quem hoje segue da bocca da rua de S. Bento da Victoria, pelas Taipas abaixo, Bellomonte, até ás escadas da *Esnoga*. A pouca distancia d'esta a judiaria subia pela montanha acima até á esquina da viella do Ferraz, e d'ahi continuava para a Ferraria de cima, até de novo ir fechar na rua de S. Bento. Este terreno foi aforado pela camara aos judeus...

«A 3 de março de 1390 deu D. João I a esta judiaria o privilegio de não dar aposentadoria a pessoa alguma, excepto estando el-rei no Porto.

«A judiaria do Olival tinha duas portas apenas; uma ao norte na bocca da actual rua de S. Bento da Victoria, e outra ao sul, que fechava a sahida das escadas ainda hoje chamadas da *Esnoga*. Os limites da área, que occupava a judiaria, eram traçados por casas que não tinham sahida para a rua christã, que com ellas visinhava, e em partes por muros fortes e altos.»

—

O assumpto é bastante nebuloso e por isso não admira que tropeçassemos; aproveitando, porêm, o ensejo, faremos algumas rectificações:

Houve no Porto duas *judiarias*; a 1.ª foi a do *Monte dos Judeus*, — a 2.ª foi esta do *Olival* ou da *Victoria*.

A 1.ª não estava a *tanta distancia dos muros* como diz Arnaldo Gama. Confinava com elles a leste (vol. 7.º pag. 502. col 2.ª) desde a *Porta das Virtudes* até a margem direita do Douro (*porta Nova*)—seguia pela margem do Douro até Monchique,—subia pela calçada de Monchique e rua da Bandeirinha até o largo de Viriato—e d'ali pela rua dos Fogueteiros até á *Porta das Virtudes*.

A sua circumscripção (segundo se suppõe) era a mesma da freguezia de Miragaya até 1842 (vol. 5.º pag. 278, col. 1.ª) excep-tuando a parte que esta freguezia teve *intra muros* até áquella data.

Ainda hoje n'aquella freguezia o *largo do Monte dos Judeus*, a *rua do Monte dos Judeus* e as *escadas do Monte dos Judeus* commemoram e *provam* a existencia da velha judiaria n'aquellas paragens.

O cemiterio ou jazigo dos judeus estava junto da *Porta das Virtudes* (*extra muros*) no alto e ao poente da rua da Cordoaria Velha, a montante da rua de S. Pedro, como dissemos e *provámos com um documento positivo* á pag. 297. col. 1.ª do 5.º volume,—e não no ponto que se indica no 7.º vol. pag. 322, col. 2.ª

—

Parece que a *sinagoga* da primeira judiaria esteve perto do *largo do Monte dos Judeus* como dissémos no vol. 5.º, pag. 322, col. 2.ª e se infere da inscripção hebraica ali mencionada, que esteve (nós a vimos) na face exterior e lado norte do corpo principal do extincto convento de Monchique, olhando para o terreiro do dito convento, hoje occupado por grandes armazens, — inscripção que actualmente se acha no Muzeu Archeologico do Carmo, em Lisboa.

Concluiremos dizendo que a *sinagoga* da 2.ª judiaria esteve onde se levantou e se vê o mosteiro de S. Bento da Victoria,—talvez no proprio local de egreja benedictina, mas esta foi *com toda a certeza* feita pelos frades e não era a *sinagoga dos judeus*, como se disse por lapso no artigo *Porto*, vol, 7.º pag. 301, col. 1.ª

Leia-se o topico relativo ao mencionado convento.

Parece-nos estar vendo *certa ordem de leitores* a rir de tantos lapsos.

Mettam os hombros a uma empreza semelhante e depois conversaremos!...

Rirá bien qui rira le dernier.

Fabrica do Tabaco

Existiu durante muito tempo n'esta freguezia e deu o nome a uma das suas ruas. Agostinho Rebello descreveu assim:

«A Real Fabrica do Tabaco, unida com o Contracto de Lisboa, rende annualmente li-

vres para a Magestade, dous milhões e quatro mil cruzados. Dirige-se por dous Administradores: o primeiro é o caixa, Inspector do escriptorio, em que trabalham quatro Escripturarios, com um Guarda-livros, e tem cinco mil cruzados de renda; o segundo tem um conto de réis e é o que assiste na fabrica.

«No trabalho d'esta, occupam-se mais de cem pessoas, umas nos fornos, e esfolha, outras nos pilões e engenhos, e o resto na empapelação, repartição, arrecadação, etc. Todos os dias, excepto nos feriados, coze-se a folha do tabaco em quatro fornos, que algumas vezes não bastam. Fazem-se tabacos das seguintes qualidades: Cidade, Simonte verde, Simonte amarello, Esturro de côr e Esturro preto.

«Depois que n'esta fabrica entrou por seu principal Administrador, D. Vicente Gregorio Garcia, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, ella se augmentou notavelmente. A incansavel vigilancia d'este honrado cavalheiro, a sua bella instrucção, e os meios que excogita para beneficiar o publico, tudo concorre para este augmento. Elle mesmo sub-ministrou a idêa de uma qualidade de tabaco entre esturro preto e de côr, tão agradavel, balsamico e suave ao olfato, que é hoje o mais estimado. Dão-lhe o nome de *Esturrinho de S. Vicente* em memoria do auctor, que o inventou.

«A causa de ser geralmente mais reputado o tabaco do Porto, que o de Lisboa, procede de que no Porto cosem-se fornadas mais pequenas e a lenha para os fornos não é de pinho, mas de matto, cuja flôr, e rama communica ao tabaco um cheiro suavissimo.

«De salarios miudos paga esta fabrica em cada anno doze mil cruzados, e passam de trinta mil, os salarios de portas a dentro, não fallando nas despezas do papel, grude, matto, e outras miudezas, que importam grande cabedal. As causas, e dependencias judiciaes decidem-se diante dos seus juizes privativos, que são um Conservador, e um Superintendente, ambos Desembargadores, servidos por dez Meirinhos, dez Escrivães, um Meirinho da Superintendencia, e um Escrivão da mesma...»

Quando foi decretada a liberdade do tabaco em 1864, já a fabrica funccionava ha muito n'um edificio junto á casa da camara municipal, onde estão hoje as repartições da administração dos dois bairros do Porto.

Festas publicas

Durante muitos annos fez-se no Campo da Cordoaria, antes de ser convertido em jardim, a romaria do *Senhor da Saude* [1]. Havia na vespera um vistoso fogo de artificio e no dia muita concorrencia ao arraial. Terminou esta festa depois que a imagem foi mudada para a Capella das Almas e o jardim se concluiu.

Na rua dos Caldeireiros festeja-se annualmente com fogo de artificio e arraial o Senhor da Boa Fortuna, que está collocado em um nicho na frontaria do predio que faz esquina para a viella do Ferraz. Alguns annos houve maior animação n'esta festa quando os armadores José da Silva e Domingos Moreira Lisboa se incumbiam de fazer elegantes pavilhões que eram illuminados com muito gosto.

Na rua do Almada houve durante muitos annos vistosas illuminações ao S. João [2], que tambem foi por muitas vezes festejado na praça do Anjo, na rua da Assumpção e nos Caldeireiros.

A rua dos Clerigos tem feito vistosas illuminações por occasião das solemnidades nacionaes e entrada de pessoas reaes no Porto.

Tambem se conta que no largo da porta do Olival se fizeram em tempo umas solemnidades commemorando a execução dos decapitados em 1828. Erguia-se no meio do largo uma grande columna com tantas corôas quantos foram os martyres da liberdade.

Era obra do armador Antonio José Patri-

---

[1] Vide vol. 5.º pag. 317, col. 2.ª

[2] Estas illuminações e fogo de artificio iam até ao largo da Lapa e n'este templo se fazia, e ainda hoje se faz, a festividade religiosa do Santo Precursor.

No periodo de 1828 a 1832 tomou esta festa caracter politico. O S. João da Lapa era alcunhado de liberal e o que se festejava no Bomfim apodado de miguelista.

cio, liberal muito enthusiasta, que já em 1820 ornára a propria habitação na rua de Traz guarnecendo as janellas com vistosa illuminação e adornando o frontispicio do predio com um frontão encimado por uma aguia que movia cadenciadamente as azas.

Esta e outras manifestações liberaes trouxeram-lhe a perseguição que o levou ao exilio; voltando depois á patria fez parte de varios batalhões, foi porta bandeira da Guarda Nacional e morreu em 19 de maio de 1857, sendo bibliothecario da Academia Polytechnica. Deixou dois filhos que são: o bem conhecido orador sagrado Francisco José Patricio e Antonio José Patricio, que tem sido por vezes presidente da commissão do recenseamento e é actualmente juiz ordinario d'esta freguezia.

Seminario dos Meninos Desamparados

Na rua das Hortas, hoje do Almada, foi instituido em 6 de janeiro de 1814 o Seminario dos Meninos Desamparados pelo padre José de Oliveira, da Congregação do Oratorio, coadjuvado pelo dr. Simão da Costa e Silva. Era destinado a receber e educar cinco creanças em memoria das cinco chagas de Christo, mas em 1819 já tinha trinta alumnos e hoje educa um numero superior a noventa.

Foi depois transferido para umas casas junto da capella do Senhor da Boa Nova, na Torre da Marca; em 1825 passou para a rua de Cimo de Villa, para o *Paço da Marqueza* — e em 1863 para a actual residencia da quinta do Pinheiro em Campanhã que, a instancias do virtuosissimo prelado portuense D. João da França Castro e Moura, foi cedida por um bemfeitor ao Seminario.

Vide artigo *Campanhan*, vol. 2.º pag. 60, col. 2.ª *in fine*.

Casas com brazões d'armas

Ha n'esta freguezia 9 casas com brazões: — 3 na rua das Taipas (uma com o n.º 74, á direira de quem entra na rua de S. Miguel,—outra com o numero 76, á esquerda de quem entra na mesma rua, — outra com o n.º 129) — 1 na rua dos Caldeireiros, com o numero 225, — 2 na praça de Carlos Alberto (uma que foi dos viscondes de Balsemão e é hoje do conde da Trindade, — outra no angulo que olha para esta praça e para a dos Voluntarios da Rainha) — 1 na praça de Santa Thereza, no edificio hoje occupado pela photographia União, a primeira photographia do Porto na actualidade,—1 na rua da Fabrica, no palacete habitado pelos seus legitimos donos, bem conhecidos por *fidalgos da Fabrica*— e 1 finalmente na rua de S. Bento da Victoria, n.º 10, hoje habitada por Antonio La-Rocque, importante industrial que n'ella tem um grande deposito de machinas.

—

Este ultimo edificio brazonado pertenceu a Gaspar Cardoso de Carvalho da Fonseca, fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo, provedor da Companhia dos Vinhos e senhor dos morgados de N. S. da Conceição, em Armamar, de N. S. dos Remedios do Pinhal, em Baião, do Praso de Novaes em Braga e de S. João Baptista, no Porto.

Nasceu em Armamar no dia 25 de outubro de 1746; casou com sua prima D. Maria Joanna Barba de Menezes, filha de Gonçalo Barba Alardo de Pina e Lemos, Alcaide mór de Leiria e 10.º senhor do morgado da Romeira, em 29 de junho de 1788,—falleceu na dita casa da Victoria em 1826—e jaz sepultado no seu carneiro de S. João Novo na egreja dos extinctos frades gracianos.

Teve do referido matrimonio varios filhos, entre elles José Cardoso de Carvalho Fonseca e Vasconcellos e Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, ambos fidalgos da casa real e generaes *fieis* de D. Miguel.

José Cardoso nasceu na dicta casa da Victoria em 7 de maio de 1790 e falleceu na sua casa de Armamar no dia 3 de outubro de 1852.

Gonçalo Cardoso (que foi senhor de toda a casa de seus paes por fallecimento de seu irmão mais velho José Cardoso, que falleceu solteiro e sem descendencia) nasceu tambem na dita casa da Victoria no dia 10 de março de 1791. Casou em 16 de novembro de

1847 com D. Maria Amalia Rangel Alpoim de Quadros Mascarenhas, filha de José Maria Rangel, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo e senhor da casa do Carmo, em Aveiro, e seus morgados.

Falleceu na dita casa da Victoria no dia 12 de outubro de 1866.

Teve entre outros filhos — D. Maria Joanna Cardoso Rangel Barba de Menezes, hoje casada com o bacharel em direito Albano Pinto de Mesquita Carvalho e Gama, actuaes possuidores da dita casa da Victoria, pertencente ao morgado de S. João Baptista instituido por Gaspar da Silva Guimarães, cavalleiro professo da ordem de Christo, em 13 de abril de 1711, na capella de S. João Baptista na egreja dos frades gracianos de S. João Novo,—capella que havia comprado aos dictos religiosos em 27 de março de 1700, bem como o carneiro que ao mesmo altar fica contiguo e no qual poz as suas armas.

—

A casa brazonada da rua das Taipas, n.º 76, pertence aos fidalgos de *Villar de Perdizes* (sob este titulo daremos uma nota genealogica d'esta nobre familia).

Na dicta casa funcciona actualmente o tribunal militar.

Direcção das obras publicas

Acha-se hoje montada esta repartição no melhor edificio particular da rua de S. Bento da Victoria n.º 20, onde funccionou muitos annos a direcção geral dos correios do Porto até que foi transferida para o palacete da nobre familia Guedes situado no largo da Batalha (vol. 7.º pag. 497, col, 2.ª).

D'este edificio da rua de S. Bento já se fallou no vol. 5.º pag. 253, col. 1.ª. *Vide.*

O pessoal d'esta repartição é hoje o seguinte:

Director — Faustino José da Victoria, coronel de engenheiros.

Chefe da 1.ª secção — Diogo Pereira de Sampaio, capitão d'engenheiros.

Chefe da 2.ª secção — Tito de Noronha, conductor, socio correspondente da Academia Real das Sciencias. *Vide* vol. 5.º pag. 295, col. 1.ª

Chefe da 3.ª secção — Affonso do Valle Coelho Cabral, engenheiro civil.

Chefe da 4.ª secção — Alberto Alvares Ribeiro, engenheiro civil.

Chefe da 5.ª secção—Theodoro d'Oliveira, engenheiro civil.

Pessoas notaveis

Luiza Marescoti, filha de pae italiano e de mãe portugueza, natural do Porto, nasceu n'esta freguezia da Victoria, na rua de S. Miguel.

Aos 10 annos fallava correctamente as linguas castelhana, italiana e latina,—recitava de cór a Eneida de Virgilio, os 4 evangelhos da paixão do Redemptor e largos trechos da Sagrada Escriptura, — e aos 18 annos havia aprendido philosophia, mathematica e outras sciencias que lhe grangearam o epitheto de *sabia.*

Um nobre e rico italiano, fascinado por tantas prendas, casou com ella e a levou para Bolonha, em cuja universidade tomou o grau de doutora, tendo apenas 25 annos, e em seguida se formou em theologia.

Escreveu sobre historia e poesia, e falleceu ao 40 annos de idade, nos principios do seculo XVII.

—

Luiza d'Aguiar Todi — posto que não era natural d'esta freguezia, n'ella viveu algum tempo, na rua do Almada.

Nasceu em Setubal no anno de 1753 e falleceu no 2.º andar da casa n.º 2 da travessa da Estrella em Lisboa, no dia 1 de outubro de 1833, já cega e contando 80 annos de idade e alguns mezes.

Foi uma das primeiras cantoras do seu tempo. Cantou nos principaes theatros da Europa e cobriu de gloria o nome portuguez.

Fallando da sua estreia na capital da França escreveu Fetis:

«Chegando a Pariz no mez de outubro de 1778, causou a mais profunda impressão no *Concerto Espiritual* e nos concertos da rainha, em Versalhes.»

—

José Cardoso de Menezes Sotto Maior —

fidalgo da casa real, filho de José Cardoso de Carvalho da Fonseca Vasconcellos e de D. Luiza de Menezes Sotto Maior Montenegro, nasceu no dia 26 de agosto de 1750, na casa brazonada, n.º 10, da rua de S. Bento da Victoria, e assentou praça de Guarda Marinha por decreto de 24 de agosto de 1765. Com este posto fez varias campanhas no continente e nas nossas possessões ultramarinas; foi tenente de mar, capitão de infanteria do 1.º regimento do Porto, capitão de granadeiros, sargento mór d'infanteria e ajudante d'ordens do governador das armas da provincia do Minho, etc.

—

Conde da Trindade, José Antonio de Sousa Basto. Vide vol. 7.º pag. 494. col. 1.ª — pag. 311, col. 2.ª e pag. 497, col. 1.ª.

Reside no seu palacete da praça de Carlos Alberto.

Foi feito conde em 1882.

Não é natural d'esta freguezia, mas n'ella rezide ha muitos annos.

—

Barão d'Ancede (2.º) nasceu n'esta parochia a 23 de setembro de 1831 e tem vivido na rua da Picaria. O seu nome é Henrique Soares, filho do 1.º Barão d'Ancede, José Henriques Soares e de D. Anna Maxima de Lima Soares. Formou-se em direito na universidade de Coimbra em 1853 e tomou posse do pariato depois do fallecimento de seu pae, em 1857.

É um proprietario importante e um cavalheiro distincto; não toma parte muito activa na lucta dos partidos, mas frequenta a camara quando as sessões tem mais importancia[1].

Seu irmão *Frederico Soares d'Ancede* nasceu tambem n'esta freguezia a 17 de maio de 1834, — formou-se em Direito na nossa universidade em 1855; em 1856 foi nomeado sub-delegado da 3.ª vara do Porto, logar que exerceu até ser nomeado administrador do 1.º bairro d'esta cidade em 1859; — em 1866 administrou o 3.º bairro, e em outubro do mesmo anno foi nomeado official maior do governo civil, logar que exerce com toda a solicitude, dignidade e aptidão.

—

Wenceslau de Sousa Pereira Lima, nasceu n'esta freguezia da Victoria no dia 15 de novembro de 1858.

É filho do respeitavel negociante José Joaquim Pereira Lima, commendador das ordens de Christo e da Conceição—e de D. Izabel Amalia de Sousa Guimarães Pereira Lima.

Depois de cursar com grande distincção a nossa universidade, formou-se em mathematica e philosophia em 1881, e tomou o grau de doutor n'esta ultima faculdade em novembro de 1882. N'esse mesmo anno foi por concurso despachado lente da Academia Polytechnica do Porto e eleito deputado pelo circulo de Guimarães—e na eleição geral de 1884 para as côrtes constituintes foi novamente eleito deputado pelo circulo de Lamego. Em maio de 1884 foi nomeado governador civil do districto de Villa Real, cargo que muito dignamente exerce n'esta data.

Tem feito algumas viagens ao estrangeiro, é um habil professor, cavalheiro de muitas sympathias e um distincto orador parlamentar. Foi o relator do projecto de lei para a cultura do tabaco no Douro e tem tratado com proficiencia varias questões d'instrucção publica.

É casado com a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, filha do commendador Antonio Bernardo Ferreira e neta da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, hoje viuva em segundas nupcias, muito digna representante da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa.

—

Francisco José Patricio (padre). Nasceu na rua de Traz em 15 de janeiro de 1854, —filho de Antonio José Patricio e de D. Anna Amelia Teixeira. Aos treze annos entrou para o Collegio dos Orphãos, onde começou a sua carreira litteraria, e em 1871 concluiu o curso triennal do Seminario do Porto.

Ordenado presbytero, disse a primeira missa a 19 de janeiro de 1873 na matriz d'esta parochia. Sendo ainda estudante de theologia, começou a dedicar-se ao exercicio do pulpito e é hoje um dos oradores sagrados mais conhecidos no paiz.

---

[1] Vide vol. 7.º, pag. 495, col. 2.ª e vol. 1.º pag. 204, col. 1.ª

Em 1874 foi nomeado prégador regio; em 1877 foi encarregado de parochiar a freguezia de Paranhos no bairro oriental do Porto, onde fez notaveis serviços, principalmente na restauração do templo que estava quasi em ruinas.

Demittindo-se da vida parochial em 1880, continuou a fazer-se ouvir no pulpito.

—

Eleito deputado ás côrtes em 1881 pelo circulo occidental do Porto, foi incansavel propugnador dos melhoramentos de que tanto carecia a cidade que o elegêra; principalmente a obra do Porto de Leixões mereceu os seus mais dedicados esforços. Em varias occasiões chamou a attenção da camara sobre differentes assumptos, não se esquecendo tambem da sua qualidade de ecclesiastico, pois sustentou a defeza do artigo 6.º da Carta e propôz que as eleições não fossem feitas nos templos catholicos.

Terminados os seus trabalhos parlamentares pela dissolução das côrtes em 1883, voltou o rev. padre Patricio a dedicar-se ao exercicio do pulpito, trabalhando egualmente na imprensa e dando-se com proveito a investigações archeologicas.

Do *Diario Illustrado* de 13 de fevereiro de 1884 colhemos estes dados biographicos.

Accrescentaremos ainda o seguinte:

Fez parte do *comitè* da imprensa por occasião do centenario de Calderon de la Barca indo como representante do *Commercio Portuguez* a Madrid, onde discursou com applauso em algumas occasiões solemnes.

Além dos seus trabalhos anonymos como jornalista, conhecemos as seguintes publicações por elle dadas á estampa:

Elogio funebre de D. Pedro IV—1874.

Oração gratulatoria pelas melhoras de S. M. a Rainha D. Maria Pia—1879.

Pratica sobre o Matrimonio—1877.

Mimo á juventude catholica—1879.

Discurso proferido no dia 9 de julho na Associação liberal Portuense—1882.

Descripção dos Conventos do Porto—Archeologia Religiosa—1882.

Oração gratulatoria no 1.º de dezembro, em Lisboa—1883.

Sermão da Paixão de Christo e Soledade de Maria Santissima, prégado em Vianna do Castello—1884.

—

O padre Patricio pertence ás seguintes aggremiações litterarias:

Sociedade d'Instrucção do Porto,—Sociedade de Geographia de Lisboa,—Luce e Veritá, de Napoles,—*Economica Matritense de Amigos do Paiz*, de Madrid,—*Economica*, de Granada,—*Propaganda para o ensino popular*, de Madrid,—*Ordem academica dos cavalleiros de Buenos-Ayres* — e *Real Associação dos Archeologos e Architectos civis portuguezes*.

Concluirei, agradecendo a s. ex.ª a sua valiosa cooperação n'este artigo.

VICTORIA (Santa)—freguezia do concelho e bispado de Beja.

Vide *Santa Victoria*, vol. 8.º pag. 440, col. 2.ª.

VICTORINO DAS DONAS — freguezia, Minho, concelho e comarca de Ponte do Lima, da qual dista 7 kilometros, 18 de Vianna, séde do districto, e 27 de Braga, séde da archidiocese.

Pelo ultimo recenseamento (1878) contava 142 fogos e 642 almas; hoje conta 150 fogos e 660 habitantes.

Orago S. Salvador — e antigamente Santa Eulalia.

Era vigairaria apresentada pelas freiras do Salvador de Braga; hoje é reitoria.

Victorino das Donas está na margem esquerda do Lima, no sopé do monte da Facha, que lhe fica ao sul, confinando pelo nascente com as freguezias da Correlhã e Seara; — pelo sul com Santo Estevão da Facha (V. vol. 3.º pag. 130) e Victorino dos Piães; — pelo poente com Santa Leocadia e Santa Marinha de Moreira de Geraz do Lima — e pelo norte, alem rio, com a freguezia de Lanheses.

—

A primitiva parochia foi na capella de *Santa Maria do Barco*, titulo d'esta freguezia n'esses tempos, e em 1605, supprimido o mosteiro das Donas, se arvorou em matriz d'esta parochia a egreja d'elle e d'elle tomou o nome.

Nos meiados do seculo XIV foi transferido

este mosteiro do sitio do Barco (hoje Santo Antonio) para o sitio actual, onde existia uma torre, solar dos *Velhos*, seus padroeiros, — torre que veiu a cahir em poder das religiosas, sendo para aqui transferidas as freiras do mosteiro de S. Salvador de Bulhente, em Ancora, e as de Santa Eufemia de Calheiros.

Este convento já teve os nomes de *Victorinho* e *Vulturino*, — data de tempos remotos e foi primeiramente de frades (*Benedictina Lusitana*, tomo 2.º pag. 134). Com o decorrer dos tempos as freiras viviam muito livremente, pelo que o arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, cançado de admoestações, lhes mandou edificar em Braga no Campo da Vinha o convento do Salvador e resolveu transferil-as para ali, mas, como ellas obstinadamente se recusassem, teve de empregar a força.

Durante 12 annos instou com ellas o arcebispo até que, esgotados todos os meios de prudencia e brandura, se queixou a el-rei (então Philippe II, o *prudente*) que mandou ir do Porto um desembargador e varias justiças para Braga ás ordens do arcebispo D. Fr. A. de Castro. Reuniu este tambem as suas justiças e certa noite partiu de Braga com grande sequito de liteiras para a condução das religiosas e muitos homens armados de machados; chegou de madrugada ao mosteiro; intimou-as para que o acompanhassem e, como desesperadamente se oppozessem, mandou partir as portas com machados. Refugiaram-se as freiras em outra casa, trancando as portas; foram estas tambem despedaçadas; fugiram depois para o côro e n'elle estiveram sitiadas tres dias até que se renderam obrigadas pela fome, — entraram nas cadeirinhas e foram conduzidas para o seu novo mosteiro de Braga.[1]

Deu-se tão extranho acontecimento em 1602.

—

Ficando devoluto o mosteiro de Victorino, foi comprado por Antonio Martins da Costa, de quem já se fallou n'este vol a pag. 348, col. 2.ª, — 432, tambem col. 2.ª — e 441, col. 1.ª. Reedificou a antiquissima torre dos *Velhos* e accrescentou a egreja, que cedeu para matriz da parochia em 1605, no mesmo anno em que comprou os ditos bens, hoje pertencentes á casa da Carreira pelo ramo Farias, da Agrella.

Além d'esta quinta do Mosteiro, ha n'esta freguezia outras quintas importantes, taes são a do Paço, cuja casa por ter sido incendiada nas luctas civis conserva o nome de *Queimada*. Pertence a Francisco d'Abreu de Lima Pereira Coutinho, representante dos Abreus Coutinhos, mencionados a pag. 347 d'este volume, e descende d'Alvaro d'Abreu Soares, senhor da quinta do Barco ou do Paço, e de sua neta D. Francisca de Lima e Abreu que em 1638 casou em Vianna com Guilherme Kempenaer, fidalgo d'Antuerpia, da familia Logier, cujo brasão usava e consiste em uma asna entre tres cabeças de leão. Estes fundaram a capella de Santo Christo em 1647 no convento do Carmo, em Vianna, onde instituiram morgado.

A quinta da Torre da Passagem, hoje *Torre das Donas*. é outro predio notavel d'esta freguezia, e pertence á viuva do visconde da Torre das Donas, de quem já se fez menção a pag. 342 e 343 d'este volume.

E' tambem notavel a quinta das *Trelamas*.

No sitio da Almoinha apparecem vestigios de remota povoação, entre elles sepulturas feitas de tijolos.

O extincto couto de Santo Estevão da Facha comprehendia esta parochia.

Banha estes fertilissimos terrenos o ribeiro d'Avel, que se despenha dos montes do Castello e da Facha.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal n.º 4, de Vianna a Ponte do Lima.

Comprehende as aldeias de Fonte Nova, Carvalhas, Almoinha, Ribeiro, Pecegueiro, Aldeia, Brufe, Viso, Tres Moinhos, Regueira, Boucinha, Godella, Milheiroz e Garrido.

VICTORINO DOS PIÃES — freguezia, Minho, concelho e comarca de Ponte do Lima, donde dista 11 kilometros, 20 de Vianna, séde do districto, e 25 de Braga, séde da archidiocese.

Reitoria, — orago Santo André. — Pelo

[1] Hist. Eccles. de Braga por D. Rodrigo da Cunha, parte 2.ª cap. 93, pag. 408.

ultimo recenseamento (1878) contava 239 fogos e 949 habitantes.

Foi commenda de Christo, apresentada pelos monteiros móres do reino.

Confina pelo nascente com Friastellas e Cabaços; pelo norte com Victorino das Donas e Santo Estevão da Facha; pelo sul com Poiares e Navió — e pelo poente com Santa Leocadia de Geraz do Lima.

E' cortada pela estrada real n.º 30, do Porto a Valença, na extensão de 3 kilometros — dista 7 kilometros da estação de Tamel, no caminho de ferro do Minho — e 5 da margem direita do Neiva.

Comprehende as povoações de Folão, Fidalga, Bouça, Borboraque, Olivande, Passos, Corredoura, Belmonte, Cacheiro, Boucinha, Codeçal, Regueira, S. Pedro Fins, Carcavellos, Soutinho e varias quintas, cujos nomes podem ler-se na *Chorographia Moderna* do sr. Baptista. Mencionaremos apenas duas — a do Paço, da familia Gajos, de Barcellos, e a de Sanoffe, dos Carneiros, de Villa do Conde.

E' banhada por um ribeiro que desagua no Neiva, a 4 kilometros de distancia, na freguezia de Cossourado, passando pela de Poiares e dando movimento a varias rodas de moinhos.

E' rodeada por elevados montes, — ao norte pela serra da Nó, Nahor ou Nora e ao poente pelo monte do Castello, seguindo-se-lhe outros chamados da *Padella*, já do concelho de Vianna.

E' séde de julgado e de juizo de paz.

—

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionairio tanto deve, mais uma vez beijo as mãos agradecido pelos apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta freguezia e da de Victorino das Donas.

VIDA — portuguez antigo — sustento, comida, refeição.

Pagava-se o *direito da vida* ao rei, aos senhories das terras ou aos seus mordomos e feitores, segundo o estipulado nos aforamentos e contractos que com os respectivos colonos se faziam: «*Daram a El-rei tres vidas, e a galinha do açôr.*» — «*E quando malhar a messe, denlhe uma teiga da messe, ou vida para quatro homens... E se lhe der vida, devem-lhe a dar pam segundo, e borôa, e leite, e falhôas...*»

Esta *vida* ordinariamente se dava em cousas já cosinhadas, v. g. caldo, carne, leite, filhós, etc., mas algumas vezes se pagava em dinheiro ou em comestiveis não cosinhados. Segundo documentos do convento de Grijó a *vida d'El-rei* era um alqueire de trigo, outro de milho, outro de cevada e duas gallinhas; — em outros eram seis soldos; — em outros pão cosido, etc. «*E vidas tres vezes no anno, convem a saber, por Natal pam, vium e carne; por Mayo pam, vium, e huum frango, ou dous... E da outra freguezia de Vouvado* (Bougado [1]) *dam por Vida no tempo da carne huma calaça de carne...*» Doc. de Santo Thyrso de 1279.

VIDA DE SEMPRE — Portuguez antigo — a vida eterna. «*Ajuntão fruto para a vida de sempre.*»

VIDAES — freguezia do concelho e comarca das Caldas da Rainha, districto de Leiria, provincia da Extremadura, patriarchado de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

A *Chorographia Portugueza* deu-lhe 132 fogos, — e o recenseamento de 1878 — 284 fogos e 1:150 almas.

Tem augmentado consideravelmente a sua população.

A *Chorographia Portugueza* diz que foi curato da apresentação do cabido de Lisboa, — o «Portugal Sacro e Profano» e o «Diccionario Geographico Manuscripto» dizem que era da apresentação da collegiada de Obidos.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Vidaes, Crastos, Cortem ou Cotem, Mosteiro, Mathueira, Casaes, Ribeira, Rabaceira, Maias, Carrasqueira, Carrascal, Santa Maria, Casal do Rei, — e as quintas de Val Verde, Pinheiro, Matta, Bogalhos, Saude, etc.

A egreja matriz está na aldeia de Vidaes que domina um valle aprazivel, mimoso e fertil, banhado por uma ribeira, e dista das

---

[1] Vide *Bougado* (S. Thiago de) vol. 1.º pag. 426, col. 2.ª

Caldas da Rainha cerca de 12 kilometros para E. S. E.

Em 1708, Belchior Botelho de Sequeira possuia na dicta povoação de Vidaes uma quinta importante, com boas casas, muitas vinhas, grandes olivedos, muita creação de gados, extensas mattas e uma boa fonte, passando a meio da quinta um ribeiro.

Esta freguezia em tempos remotos formava um concelho com a villa d'Alvorninha ou Alvorinha, que teve foral dado por D. Manuel em 1 d'outubro de 1514. Vide *Alvorinha*, tomo I pag. 187, col. 1.ª

Algumas chorographias denominam esta parochia *Vidães*.

VIDAGO — aldeia da freguezia d'*Arcossó* no concelho de Chaves, d'onde dista 18 kilometros, 47 de Villa Real de Traz-os-Montes, sede do districto, 77 da linha ferrea do Douro (estação da Regoa) 180 do Porto e 517 de Lisboa.

A freguezia d'Arcossó é limitada pelas de Oura, Salhariz, e Villarinho das Paranheireiras, todas 3 do concelho de Chaves,—Capelludos do concelho de Villa Pouca d'Aguiar — e Pinho do de Boticas, mettendo-se de permeio o Tamega.

É formada apenas por duas grandes aldeias, — Arcossó, sede da matriz, com uma capella em ruinas,—e Vidago, distante cerca de 2 kilometros, povoação antiquissima e maior e mais importante do que Arcossó, pois tem cerca de 200 fogos, feira mensal no dia 3 e annual ou de S. Simão, no dia 28 d'outubro,—1 pharmacia, 2 escolas officiaes d'instrucção primaria elementar para os dous sexos—e 4 capellas, sendo 2 publicas (uma de S. Simão no campo do Olmo ou da Feira, outra de Nossa Senhora da Expectação na rua Direita)—e 2 particulares, uma pertencente á familia Machados, outra á familia Campilhos, ambas com porta franca ao publico, sendo esta ultima a de mais merecimento. Tem as paredes forradas d'azulejo, retabulo de talha dourada com 6 pinturas antigas a oleo e a meio a imagem da Virgem.

Tem esta povoação tambem bons edificios, um d'elles com brazão d'armas, pertencente á nobre familia Machados,—outro com jardim, pertencente á familia Campilhos,—outro feito recentemente e o mais vistoso e alegre de todos, a meio da encosta e a cavalleiro do *Grande Hotel*, sendo hoje o *Grande Hotel* absolutamente o primeiro edificio da localidade e no seu genero um dos primeiros do nosso paiz. Foi feito pela companhia exploradora das aguas alcalino-gazozas-sodicas, bem conhecidas na Europa, Africa e America sob o nome de *aguas de Vidago*.

Tem a mesma empresa tambem aqui um pequeno hotel e ha na povoação outros hoteis de modestas proporções, entre elles o das *Aurelias*.

—

Vidago está em uma encosta arredondada olhando para o valle de Oura e para a ribeira que o atravessa e d'elle toma o nome, indo desaguar no Tamega a 5 kilometros de distancia, movendo 3 moinhos e uma fabrica de serrar madeira e sendo atravessada por 5 pontes das quaes a mais notavel é a que foi feita pelas obras publicas na estrada real da Regoa a Chaves e que toca n'esta povoação, separando-a do *Grande Hotel*.

No cimo da encosta em que assenta a povoação ha um morro com amplas vistas que muito provavelmente foi atalaia ou ponto fortificado em tempos remotos, pois era muito defensavel.

Bem merecia que o arborisassem e embellezassem, porque é um dos sitios mais pittorescos da localidade.

O largo da Feira ou campo do Olmo é pequeno e irregular, está a meio da povoação e tomou o nome de um magestoso negrilho (*ulmus campestris*) que o ensombra e tem de circumferencia no tronco $5^{m},70$.

—

Esta povoação já teve as honras de côrte, pois aqui esteve no *Grande Hotel*, S. M. el-rei o sr. D. Luiz fazendo uso das celebres aguas nos annos de 1875, 1876 e 1877 — e ainda ultimamente S. M. o sr. D. Fernando, sua esposa, a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, achando-se no proximo estabelecimento thermal das Pedras Salgadas, aqui vieram de vizita no dia 3 de outubro de 1884, pousando no *Grande Hotel*,

nos mesmos aposentos que occupou el-rei o sr. D. Luiz.

Tambem esteve aqui em 1874, fazendo uso d'estas aguas, Rodrigo da Fonseca Magalhães, ao tempo ministro do Reino.

Tem Vidago uma delegação do correio e uma estação telegraphica, datando esta d'aquelle anno. (1874).

Foi inaugurada com grande pompa, assistindo aquelle ministro que expediu para Lisboa o 1.º telegramma cumprimentando a familia real.

—

Houve aqui em 1875 um grande incendio que devorou quasi todo o palacete da nobre familia Machados, incluindo a capella, mas tudo foi restaurado em seguida.

Tambem na noute de 15 d'abril de 1877, achando-se aqui uns comediantes representando, extravasou-se um pouco de petroleo e incendiou-se a casa arvorada em theatro, quando n'ella se achavam reunidas cerca de 400 pessoas. Foi tal a confusão que pereceram no incendio a sr.ª D. Eugenia, esposa do sr. Evangelista, um dos primeiros proprietarios da localidade, — e um pobre homem que dias antes havia recolhido com baixa do serviço militar, ficando outras muitas pessoas feridas e contusas.

Esta freguezia d'Arcossó produz cereaes para consumo, algum azeite, muita lenha e madeira e muito vinho de pasto de superior qualidade. Gosam de justa fama os vinhos da *Ribeira d'Oura*. Suppõe-se que dos seus formosos vinhedos proveiu a esta povoação o nome de Vidago, mas hoje é mais conhecida pelas suas aguas alcalino-gazosas-sodicas, rivaes das de Vichy e Hauterive.

—

A empresa explora hoje 9 nascentes, — a de Vidago propriamente dicta (*La Reine*) a 1 kilometro do *Grande Hotel*, — 2 em Villa Verde, — 3 em Oura, — 1 em Sabroso—e 2 nos Reigaes, ao sul de Oura, quasi todas já analysadas pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço, lente de chimica na Escola Polytechnica de Lisboa e socio da Academia Real das Sciencias.

A nascente destinada para bebida e exportação é a de Vidago (*La Reine*)—empregam-se ali constantemente 3 homens e 2 mulheres que preparam 1:000 a 1:500 garrafas por dia. A empresa exporta annualmente para varios pontos do nosso paiz e da Europa, Africa e America 4 a 5 mil garrafas de 1 lito (preço 240 réis)—de $^1/_2$ litro (preço 200 réis) — e de $^1/_4$ de litro (preço 120 réis).

A pequena distancia do *Grande Hotel* e separado d'elle apenas por uma estrada publica, está o *Pequeno Hotel* e a casa para banhos com 7 banheiras e um compartimento para *duches*, banhos de chuva, etc. sendo o preço de cada banho 300 réis. A agua para elles é conduzida de 2 a 3 kilometros de distancia, em carros tirados por bois.

—

A *Empresa das Aguas de Vidago* formou-se em 1870 com o capital de 75:000$000. Os seus socios installadores foram os srs. conselheiro José Pedro Antonio Nogueira, Augusto Cesar Falcão da Fonseca e o commendador Miguel Augusto de Carvalho, digno gerente da empresa e do *Grande Hotel* desde a sua fundação até hoje, sendo muito efficazmente auxiliado por sua esposa, M.me Isabel Carvalho.

Principiaram as obras do *Grande Hotel* em maio de 1871; — foi aberto ao publico em 1874;—dispendeu-se com a sua construcção 35:339$450 réis; — com o *Pequeno Hotel* 4:800$000 réis;—com a casa para o correio e telegrapho 300$000 réis;—com as cocheiras e encanação 200$000 réis;—com a compra do terreno para o *Grande Hotel* e jardim contiguo, seu gradeamento e arborisação 3:000$000 réis;—com a exploração d'agua potavel e seu encanamento para o *Grande Hotel* 832$000 réis; — com a *meia laranja* em frente do *Grande Hotel* 700$000 réis — e com a exploração d'aguas mineraes nas diversas nascentes e *Chalet* na fonte de Vidago 1:500$000 réis.

É prospero o estado actual d'esta importante empresa, devido em grande parte á sua boa gerencia.

—

A composição chimica d'estas aguas é muito semelhante á das *Pedras Salgadas*, outro estabelecimento thermal hoje muito

importante, perigoso rival d'este de Vidago e distante d'elle apenas 17 kilometros para S. O., no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, junto da mesma estrada 9 que da Regoa conduz a Chaves.

V. *Pedras Salgadas*, v. 6.º pag. 526, col. 2.ª

Tambem é muito semelhante a composição chimica das aguas de *Bem Saude*, no concelho de Villa Flor, margem direita da Villariça.

V. *Villa Flor* de Traz os Montes.

Tambem ha pouco tempo (em 1883) o sr. Augusto Cesar de Moraes Campilho, abastado proprietario d'esta povoação de Vidago, descobriu em uma das suas propriedades uma nascente d'agua alcalino-gazosa, cuja applicação therapeutica é a mesma das aguas da empreza, segundo a analyse feita pelo chefe dos trabalhos praticos do laboratorio chimico da nossa Universidade.

VIDAR E VIDRAR — Portuguez antigo — plantar vinha, lançar mergulhas. «*Virdes á vinha hum dia a cavar, e outro a rredrar, e a vidar.*»

De *vidar* provieram os nomes de *Vidago* e *Avidagos*, povoações de Traz os Montes, aquella na *Ribeira d'Oura* e esta na *Terra Quente*, duas afamadas regiões de vinho.

Veja-se n'este diccionario *Vidago* e *Avidagos*—e no *supplemente Terra Fria* e *Terra Quente*.

VIDE—aldeia da freguezia da Rua, no antigo concelho de *Caria e Rua*, hoje concelho de Cernancelhe, districto de Vizeu na provincia da Beira Alta.

V. *Cacia*, vol. 2.º pag. 108. col. 1.ª—e *Rua* vol. 8.º pag. 253, col. 2.ª.

Esta povoação de *Vide*, celebre na historia antiga da peninsula (vol. 2.º pag. 109, col. 1.ª) tristemente celebre se tornou no 2.º quartel d'este seculo, pois foi natural d'ella o famoso assassino e salteador Manuel Pires (o *Pires da Rua*) penultimo dos individuos justiçados ao norte do nosso paiz, enforcado na villa da Rua, séde d'aquella parochia, no dia 8 de maio de 1845.

Só de uma familia da Rua matou barbaramente tres pessoas e foi o terror d'aquelles sitios muito tempo.

Ainda nos lembramos de o ver caminhar para o patibulo, quando no meio de uma grande escolta passava nas *Caldas do Molledo*—e já vimos o local da execução.

No *supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Rua* circumstanciada noticia de tudo, por nós extrahida dos proprios autos e já por nós publicada no *Dez de Março* de 7 e 8 de julho de 1881.

VIDE—freguezia do concelho de Cêa, districto e bispado da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago N. S. da Assumpção.

Em 1768 contava 146 fogos, — Almeida deu-lhe 352 — e o ultimo censo 418 fogos e 1:932 almas.

É vigairaria. Pertenceu até 1882 á diocese de Coimbra e em tempos anteriores foi curato da apresentação do parocho de Penalva d'Alva.

Em 1840 era do concelho de Loriga e sendo este extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para a comarca e concelho de Cêa; hoje pertence á comarca de Oliveira do Hospital.

—

As suas freguezias limitrophes são — Alvôco da Varzea, Alvôco da Serra, Piodão, Teixeira, Loriga, Cabeça, Sandomil, Sazes, S. Gião e Aldeia das Dez.

Comprehende as povoações seguintes:

Barriosa, Gondufe, Vide, Balocas, Baloquinhas, Ribeira, Baiol, Cide, Casal do Rei, Casas Figueiras, Silvadal, Rodeado, Outeiro, Borracheiras, Malhada, Abitureira e as quintas do Muro, Chao Cimeiro, Foz de Gondufe, Foz do Val, Foz da Regueira, Obra, Monteiros, Fradigas, Pavão, etc.

Está na margem direita da ribeira d'Alvôco da Varzea, confluente do Alva, na pendente S. O. da Serra da Estrella—e dista 15 kilometros da séde da comarca para S. E. —20 da séde do concelho para S. O.—70 da séde do districto e do bispado,—150 do Porto—280 de Lisboa—e 35 da estação de Santa Comba Dão na linha ferrea da Beira Alta.

—

A egreja matriz é um templo pequeno e humilde com ampla sacristia, altar mór e

2 lateraes, um dedicado a Santo Antonio, outro a Santa Luzia.

Tem esta parochia 7 capellas publicas, uma do Senhor do Calvario em Vide, outra de S. Pedro em Baloquinhas, outra de N. S. do Carmo em Balocas, outra de Santo Antonio em Barriosa, outra do Bom-Jesus em Cide, outra de Santo Evaristo em Gondufe e outra de S. José em Casal do Rei. A capella de S. Pedro tem festa e romaria, mas a festa principal d'esta parochia hoje é a do Sacramento na egreja matriz.

Esta egreja contará 200 annos.

A velha datava de tempo immemorial; por se achar em ruinas foi demolida e no seu chão se construiu o cemiterio.

—

Esta parochia foi antigamente villa e séde de concelho com justiças proprias, casa de camara, cadeia e pelourinho. A casa da camara e o pelourinho desappareceram ha muito; a cadeia foi vendida e é hoje propriedade particular.

Esta freguezia é atravessada por uma ribeira que toma o nome das povoações por onde passa e desagua no rio Alva, a 10 kilometros de distancia, no sitio da *ponte das tres entradas*.

Esta ribeira move cerca de *30* moinhos e tem uma ponte de pedra na povoação de *Vide*.

As producções principaes d'esta parochia são milho, azeite, vinho e medronhos, pois abundam n'ella, bem como nas parochias limitrophes, grandes montados de medronheiros, cujo fructo distillado produz muita aguardente.

Colhem-se os medronhos nos mezes de outubro e novembro.

Tambem abunda n'esta parochia o gado caprino.

—

Depois das luctas civis, que findaram em 1834, foi esta freguezia theatro de horriveis tragedias que tiveram por actores os celebres Cuca e Brandões, contando-se grande numero de mortes e roubos feitos por aquelles bandidos. Foram o terror e açoute da Beira, nomeadamente d'este concelho e dos de Taboa, Midões e Arganil muitos annos, mas *talis vita, finis ita!* [1]...

—

Em 1874 celebrou-se aqui uma grande festividade a S. Sebastião por haver cessado a epidemia da variola que assolou esta parochia.

Muitas tempestades medonhas se têem desencadeado sobre esta freguezia, causando enormes prejuisos, por ser toda cercada por altas montanhas com profundas ravinas, mas a maior tempestade foi a de 1844. Destruiu quasi todas as casas da povoação de Gondufe, levando d'envolta muitos animaes domesticos.

Esta freguezia está situada no meio de um dos pontos mais agrestes e montanhosos da Serra da Estrella, sendo muito altos e escarpados os montes que a circumdam, nomeadamente o *Colcuninho*, de medonho aspecto na sua pendente sobre esta parochia; mas pelo facto de a cercarem e abrigarem montes altissimos, o seu clima é temperado, o seu chão bastante fertil e produz incluzivamente vinho.

—

Tem uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

É povoação muito antiga, o que revelam differentes inscripções e hieroglyphicos que ainda aqui se encontram em varias rochas.

Aponta-se tambem como grande curiosidade um penedo onde se vê exteriormente uma abertura de fórma circular como a boca d'um cantaro e interiormente uma cavidade com a fórma d'um cantaro tambem.

No *supplemento* a este diccionario daremos mais amplas noticias d'esta parochia, das suas inscripções, da pedra cavada, etc.

VIDE—freguezia do concelho de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

---

[1] Vide *Midões*, vol. 5.º pag. 211, col. 1.ª — *Oliveira do Hospital*, vol. 6.º pag. 280, col. 2.ª — *Taboa*, vol. 9.º pag. 467, col, 2.ª — *La Vendetta* ou o *Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, Porto, 1880,—*Varzea de Meruge*, vol. 10.º, pag. 232, col. 1.ª—e nomeadamente *Varzea de Candosa*, vol. 10.º, pag. 214 e seguintes.

Orago S. Lourenço.

Carvalho deu-lhe 25 fogos, — Almeida 30 —e o ultimo recenceamento (1878) — 51 fogos e 217 almas.

Pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882,—era curato da apresentação do reitor de Moncorvo—e rendia 30$000 réis.

O logar de *Vide* está situado ao sul de uma pequena ribeira affluente da da Villariça na margem direita d'ella, 6 kilometros o N. O. da margem direita do Sabor e 13 a N. O. da villa de Moncorvo.

As suas producções principaes são—trigo, centeio, azeite e vinho.

Tambem cria algum gado lanigero.

Esta freguezia está civilmente annexa á da *Horta*, sua limitrophe, hoje tambem pertencente á diocese de Bragança, bem como todas as dos concelhos de Moncorvo, Villa Flor e Carrazeda d'Anciães. V. *Horta*.

VIDE ENTREVINHAS — ou *Vide de Entre as Vinhas*—freguezia do concelho e comarca de Celorico da Beira, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago N. S. da Annunciação.

Em 1768 era priorado da apresentação da mitra, — rendia 200$000 réis e contava 61 fogos; o ultimo recenseamento de 1878 deu-lhe 134 fogos e 572 habitantes.

Este beneficio tambem foi algum tempo apresentado pelo convento de S. Jeronymo do Campo de Coimbra.

Ainda é priorado.

Comprehende esta parochia unicamente 2 povoações, Gallisteu e Vide, séde da matriz, distando 2 kilometros para o nascente da nova estrada a macadam de Celorico a Coimbra pela ponte da Murcella,—e 6 de Celorico para S. O. — 8 da linha ferrea da Beira (estação de Celorico)—18 da Guarda para N. O. —273 do Porto e 386 de Lisboa, pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte.

—

Os seus templos reduzem-se á matriz na aldeia de Vide e a uma capella publica na aldeia de Gallisteu, ambas em bom estado de conservação, mas sem coisa alguma notavel.

Esta freguezia está nas abas da serra da Estrella e é banhada pela ribeira de Vilhagre, que desce da montanha, passa por entre as duas povoações d'esta parochia e desagua na margem esquerda do Mondego.

As suas freguezias limitrophes são — Cadafaz, Villa Cortez do Mondego, Valle de Azares, Jejua, Salgueiraes e Corticô.

Producções principaes — vinho, legumes, cereaes e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Tem uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Clima saudavel, mas bastante frio por causa da visinhança da grande serra.

VIDE MONTE—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, d'onde dista 15 kilometros para O. S. O. e 2 kilometros da margem esquerda da Mondego, que aqui já corre de S. O. para N. E.

É priorado. Foi da apresentação da mitra e do termo e concelho extinctos de Linhares.

Orago S. João Baptista.

Em 1768 contava 141 fogos e rendia réis 300$000;—pelo ultimo recenseamento conta 220 fogos e 858 habitantes.

—

Esta freguezia é formada pela unica povoação de *Vide Monte*, sede da parochia, e segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev.º prior, não comprehende quintas nem propriedades dignas de especial menção, exceptuando o praso de *Vide Monte;* mas a *Chorographia Moderna* menciona as quintas de Monoita, Cabris, Ereira, Barroca Alta, Morenas, Valles e Taberna.

Freguezias limitrophes — Moios, Fernão Joannes, Prados e Trinta.

As suas estradas são as mesmas dos principios da monarchia,—barrancos medonhos; apenas se espera que passe na freguezia dos Trinta, a 4 kilometros de distancia, uma estrada a macadam em via de construcção.

A matriz é um bom templo, muito solido, elegante, bem conservado e com uma torre soberba. Tem mais 2 capellas publicas—uma de Santo Antonio, pequena e singela, outra de Santo Antão, reedificada ha pouco tempo; n'ella se faz todos os annos festa ao padroeiro e romaria; mas hoje as festas principaes d'esta freguezia são a do Santissimo

e de N. S.ª do Rosario feitas pela junta de parochia.

—

Passa n'esta freguezia o Mondego, mas tão fundo e com margens tão eriçadas de fraguedo que mal pode aproveitar-se; em compensação é banhada por muitos ribeiros, nomeadamente pelos da Calçada e Barrocaes, que movem 20 moinhos e regam espaçosos terrenos.

As suas producções principaes são — milho, batatas, feijão, hervagens, feno, linho, castanhas e muita lã da melhor da Serra da Estrella. Cria bastante gado lanigero, cabrum e bovino, pois o seu termo comprehende grande extensão da Serra da Estrella.

—

Nos alcantis da grande serra e nos limites d'esta parochia se refugiaram durante a guerra da peninsula muitas familias da Guarda.

Aqui se manifestou approximadamente em 1870 uma medonha epidemia de typhos que fez grande numero de victimas, deixando muitas casas desertas e muitas creancinhas orphãs de pae e mãe.

O clima d'esta parochia é frio e aspero, porque está em um plató da grande serra, muito alto e desabrigado, mas em compensação tem largas vistas e excellentes pastagens para os gados, *no verão*, pois no inverno as nêves attingem aqui grande altura durante mezes.

Ha n'esta freguezia, no curuto da serra, uma pyramide geodesica marcando 1728 metros de altitude sobre o nivel do mar!...

É um ponto interessante com vastissimo horisonte.

Tambem ha no alto da serra 7 carvalhos seculares que têem salvado muitas vidas, pois durante a estação das neves servem de guia e orientação aos viandantes.

Chamam-se os *sete carvalhos juntos* e provam evidentemente que toda a grande serra podia e devia estar assim arborisada.

—

Tem esta freguezia uma escola d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Em varios pontos d'esta parochia se têem encontrado moedas antigas de cobre, prata e ouro, que não foram archivadas nem classificadas, e no cume da serra encontrou, ha poucos annos, um lavrador de Folgosinho tres argolas d'ouro que pareciam argolas de bahus. Foram vendidas por uma somma importante na Guarda, ao ourives Antonio Ferreira, que depois, segundo dizem, vendeu uma ao sr. dr. Martins Sarmento, benemerito archeologo de Guimarães.

É muito digno prior actual d'esta parochia o rev. sr. Maximiano Corrêa de Figueiredo, a quem muito cordealmente agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIDIGÃO — freguezia do concelho de Arrayolos, comarca de Extremoz, districto e archidiocese de Evora, provincia do Alemtejo.

Foi curato da apresentação do arcebispo d'Evora no termo d'Evora Monte, segundo se lê no *Diccionario Geographico* manuscripto.

A *Estatistica Parochial* de 1862 diz que era filial da matriz d'Evora Monte.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho de Vimieiro e, extincto este concelho em 1855, passou para o concelho d'Arrayolos. Tambem pertenceu algum tempo á comarca de Monte-Mór o Novo.

É priorado.

O ultimo recenseamento deu-lhe 84 fogos e 469 habitantes, mas pelos apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. prior tem hoje apenas 77 fogos e 365 almas.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

—

As suas freguezias limitrophes são: Vimieiro, Evora Monte e S. Bento do Ameixial.

Comprehende 38 herdades, entre ellas 4 pertencentes á serenissima casa de Bragança e são—Monte Longo, Monte Ruivo, Garnaxa, Outeiro do Falcão e Valle da Lage,— a da Marmeleira, pertencente ao sr. Manuel Augusto Mendes Papança — e a do Monte Novo, pertencente ao sr. Francisco Antonio da Guerra.

Dista 24 kilometros d'Arrayolos, 12 d'Extremoz, 30 d'Evora e 146 de Lisboa.

Passam n'esta freguezia a estrada real das Vendas Novas á fronteira e o caminho de

ferro de sueste, da Casa Branca a Extremoz.

A egreja parochial é o templo unico d'esta freguezia; está bem conservada, mas nada tem de notavel.

—

Banham esta parochia os ribeiros da Egreja, da Vidigueira, da Amieira, da Defesa, da Barroqueira e do Sirigado, que desaguam na ribeira de Tera, o 1.º a 500 metros de distancia, o 2.º a 1 kilometro, o 3.º a 2, o 4.º a 3, o 5.º a 2 e o 6.º a 4.

Tambem atravessam e banham esta freguezia e desaguam na mesma ribeira de Tera o regato d'Almanfarra a 5 kilometros de distancia, o de Val da Burra a 6 kilometros e o da Farrachinha a 2.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra, uma no ribeiro do Sirigado, outra na ribeira da Farrachinha,—mais um moinho de vento e 11 d'agua.

Poucas freguezias do Alemtejo são tão mimosas e abundantes d'agua como esta.

As suas producções dominantes são cereaes, carne de porco, lã e cortiça, pois tem grandes montados de sobro e azinho e cria grandes *varas* de porcos.

—

Foram registradas duas minas de cobre e outros metaes nas herdades da Cacharroeira e Carrilha; deu-se começo á exploração, mas acha-se parada no momento.

Em tempos que passaram foi muitos annos a vergonha e o terror d'esta parochia o famigerado assassino e salteador — Antonio João Catita.

Anda muito descurada a instrucção n'esta parochia, pois não tem uma unica aula nem de instrucção primaria!

Com vista á ex.ma camara d'Arraiollos.

Cerca de 2 kilometros a N. O. da matriz d'esta parochia ha junto da estrada real uma pyramide geodesica marcando 244 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

Que differença entre a altitude d'esta parochia e a da ultima que descrevemos—Vide Monte!...

VIDIGUEIRA — freguezia, villa e séde do concelho do seu nome, comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, na provincia do Alemtejo.

Orago S. Pedro.

É priorado.

Em 1768 contava 600 fogos; o recenseamento de 1878 deu-lhe 938 fogos e 7:434 habitantes; hoje deve ter aproximadamente 1:000 fogos e 4:000 almas.

Pertenceu á camara de Beja e ao arcebispado d'Evora.

Esta villa está situada a 38º, 13',3 de latitude e 1º, 20',1 de longitude E., a 213 metros de altitude sobre o nivel do mar com relação á torre da sua egreja matriz, segundo se lê na «Geog. de Portugal e Colonias» por G. A. Perry (Lisboa, 1875) mas a sua pyramide geodesica marca 219 metros de altitude.

—

É uma das mais formosas villas do Alemtejo, situada em terreno plano e cercada por espaçosos *rocios*, entre duas ribeiras affluentes da ribeira de Odearce, 20 kilometros á O. N. O. da margem direita do Guadiana, 10 a N. E. da estação de Cuba na linha ferrea do sul, 27 de Beja, 87 d'Evora e 147 de Lisboa, pelas linhas de Sul e Sueste.

Esta formosa villa está muito bem servida de estradas, pois d'ella parte uma das mais pittorescas do nosso paiz para Cuba, atravessando Villa de Frades. — outra para Portel,—outra para Moura, tocando em Pedrogam,—outra para Beja por Villa de Frades e S. Mathias,—e outra para a freguezia do Torrão, concelho de Alcacer do Sal, por Villa Alva, Villa Ruiva, estação de Alvito e Villa Nova da Baronia.

—

Este concelho é um dos centros viniculas mais importantes do Baixo Alemtejo, sendo para lamentar que na fabricação do vinho os seus proprietarios ainda geralmente empreguem os processos antigos e rotineiros, cozendo-o em talhas de barro silicioso da capacidade media de 800 litros cada uma, com a fórma de *rabão*, como disse o sr. conselheiro Antonio Augusto d'Aguiar, hoje ministro das obras publicas, na sua 3.ª conferencia sobre os nossos vinhos. Constitue porem uma muito louvavel excepção o sr. Fer-

nando Palha, de Lisboa, que tem feito extensissimas plantações de bacellos nos vastos chãos que aqui possue, empregando na plantação as charruas *Medoc* e no fabrico do vinho os processos mais aperfeiçoados.

—

Esta villa teve differentes donatarios desde o mestre Thomé, thesoureiro da Sé de Braga, no reinado de D. Sancho II ou D. Affonso III, até que passou para a casa de Bragança e d'ella, em 1519, para D. Vasco da Gama e seus descendentes, condes da Vidigueira, depois marquezes de Niza.

Esta parochia comprehende além da villa as *hortas* do Lampreia, do Lourenço, de Luiza Maria, da Vargem de Cá, do José Domingos, do Falcato, de Sebastião Polido, do Carmo, do Almeida, das *Malas-cáras* do Silva, de D. Monica, do Leitão e a Horta Nova;— os *montes* (casaes) de Malhadinha, Malhada, Pedro J. Covas, Montinho do Carmo, Convento do Carmo, Monte dos Alfaiates e Monte da Melroeira.

—

Este concelho é formado por 5 freguezias —Marmellar, Pedrogam, Selmes, Vidigueira e Villa de Frades.

Pelo recenseamento de 1878 a sua população era a seguinte:

Fogos	2:136
Almas	8:148
Superficie em hectares	28:616
Predios inscriptos na matriz	7:897

A egreja parochial d'esta villa é um formoso templo de tres naves, bem decorado e muito vantajosamente situado em um amplo rocio.

Houve n'esta parochia 2 conventos, — um de Nossa Senhora da Assumpção, de religiosos capuchos da provincia da Piedade, —outro de Nossa Senhora das Reliquias, de carmelitas calçados,—ambos extinctos. O 1.º foi fundado pelo segundo conde da Vidigueira em 1545 sobre uma ermida de S. Bento e, por ser o local insalubre, se mudou para outro edificio fóra da villa, começado a construir em 1701 e concluido em 1716. O convento de Nossa Senhora das Reliquias foi fundado em 1495 pelos donatarios da villa que n'elle tinham o seu jazigo.

Estava em uma formosa varzea no recosto da serra que prende com a de Portel, banhado por uma ribeira.

—

Tem a villa casa de misericordia muito antiga, pois já existia quando se fundou a egreja em 1598, cujo edificio foi devorado por um incendio em 1687 e reedificado em 1688, como consta de uma inscripção gravada no lavatorio da sacristia.

Ha tambem n'esta parochia 3 capellas — uma do Senhor Jesus, no interior da villa, — outra de S. Pedro e outra de S. João Baptista. Teve tambem uma de S. Raphael, que foi muito notavel, mas cahiu em ruinas. D'ella fallaremos d'espaço no *supplemento*.

Em uma eminencia sobranceira ao rocio em que está a matriz se vêem as ruinas do antigo castello, que foi um dos mais notaveis da provincia. Dentro d'elle tinham os condes da Vidigueira um bom palacio, hoje em ruinas tambem.

As producções principaes d'esta parochia são vinho e cereaes.

Tem feira annual de tres dias, começando em 20 de janeiro.

O seu brazão d'armas é um escudo bipartido (em aspa) — na parte superior o busto de Vasco da Gama, na inferior um castello enlaçado por uma vide e sobre o escudo a corôa de conde.

Esta villa da Vidigueira, antigamente *Vitigeria*, tomou o nome das videiras que desde tempos remotissimos abundaram nos seus arredores.

Parece que a primeira povoação esteve no sitio das *Ferrarias*, cerca de 2 kilometros distante da antiga villa, onde se fundou um convento de carmelitas. Mais tarde se formou a pouco e pouco nova povoação em torno da matriz, que haviam mudado para a erdade de *Santa Clara dos Olivões*, — e ainda depois abandonaram este sitio e foram fundar nova parochia onde hoje está a misericordia.

A actual egreja matriz de S. Pedro foi fundada em 1598 pelo prior Pedro Lopes Pinto, como diz uma inscripção gravada na sua sepultura.

—

Tem esta villa um pequeno theatro denominado *Vasco da Gama* e duas sociedades recreativas, uma d'ellas com casa propria.

Ergue-se na praça um bom edificio apropriado para as diversas repartições publicas e cadeia.

Na mesma praça se vê tambem ainda a casa onde nasceu em 25 de junho de 1631 o inclito varão Antonio da Fonseca Soares, depois bem conhecido por Fr. Antonio das Chagas, missionario eloquentissimo, pois desenganado das vaidades do mundo deixou a profissão das armas e acabou santamente em 1688 no convento do Varatojo, onde os virtuosos missionarios, que restauraram e habitam o dicto convento, guardam com veneração a humilde cella em que viveu Fr. Antonio das Chagas.

Vide *Varatojo*, vol. 10.º, pag. 204, col. 1.ª —e 9.º vol., pag. 303, col. 1.ª e seguintes.

—

Além do venerando Fr. Antonio das Chagas, aqui nasceram, entre outros, os seguintes escriptores publicos, mencionados por Innocencio Francisco da Silva no seu Diccionario Bibliographico:

Francisco Martins Pulido, commendador da ordem de Christo, doutor em medicina, director do hospital de alienados em Rilhafoles, deputado ás côrtes e socio da Academia Real das Sciencias.

Gabriel de Mattos, padre jesuita, missionario no Japão e reitor no collegio da Companhia em Macau.

Manuel Mendes, professor de latim na cidade de Lagos, em 1614, e que traduziu as Fabulas de Esopo.

J. A. d'Almeida menciona tambem como natural d'esta villa o famoso litterato, theologo e escriptor publico, *Achilles Estaço*, nascido em 15 de junho de 1524 e fallecido em Roma, no dia 28 de setembro de 1581.

Tambem aqui viveu e foi ouvidor o celebre poeta *João Xavier de Mattos*.

Ignora-se onde nasceu, mas falleceu no dia 3 de novembro de 1789 em Villa de Frades, freguezia d'este concelho.

D. Manuel deu foral a esta villa da Vidigueira em 1 de junho de 1512.

Livro dos Foraes Novos do Alemtejo, fl. 34 col. 2.ª

Póde ver-se o processo para este foral na Gav. 20, Maço 12, n.º 24.

—

Ha n'esta villa uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino, outra para o sexo feminino e uma de instrucção secundaria com o titulo — *Instituto Gama Herculano*. É particular mas recebe da camara o subsidio de 240$000 réis annuaes.

Este instituto foi fundado em outubro de 1880; n'elle se professam 8 disciplinas — portuguez, francez, latim, desenho, mathematica, geographia e historia, introducção e legislação, desdobradas em 19 cursos, segundo o programma dos nossos lyceus.

N. B. — Desejando concluir o diccionario com este volume 10.º somos forçados a aligeirar e resumir quanto possivel este e todos os outros artigos subsquentes; mas no vol. destinado ao *supplemento* faremos as *correcções* e *addicções* que nos occorrerem e *nos indicarem* relativamente ao diccionario *todo* — e completaremos os artigos aligeirados por nós no texto, nomeadamente este da *Vidigueira*, porque bem merece mais desenvolvimento e porque desejamos extractar e salvar do olvido a excellente memoria, ainda manuscripta, *Descripção da Vidigueira*, trabalho muito interessante, devido á illustrada penna do sr. dr. Agostinho Albino Garcia Peres, de Setubal, já fallecido, e que muito generosamente nos foi confiada por seu pae, o sr. dr. Domingos Garcia Peres, antigo deputado e cavalheiro respeitabilissimo, a quem agradecemos tão assignalada fineza.

No supplemento ao artigo *Setubal* daremos a biographia do mallogrado auctor da memoria sobre esta villa da Vidigueira e seu concelho,—memoria de que não tirámos para este ligeiro artigo uma unica palavra, para não a mutilarmos e profanarmos.

No *supplemento* a daremos ou extractaremos fielmente *toda*.

VIDIGUEIRAS—freguezia extincta do extincto concelho de Monsaraz no arcebispado d'Evora.

Orago N. S. das *Vidigueiras* ou das *Neves*. Foi curato da apresentação do arcebispo de Evora e commenda da ordem de Christo, apresentada pelos duques de Bragança.

O «Portugal Sacro e Profano», deu-lhe 91 fogos — e a Geographia de Lima 56 fogos e 350 almas.

Hoje é uma simples povoação pertencente á freguezia e villa de *Santo Antonio do Reguengo*, séde do concelho d'este nome na comarca do Redondo,—povoação ainda denominada *Vidigueiras*,—unica d'este nome em todo o nosso paiz.

VIDOEDO ou **VIDOEDO DO PESO**—freguezia extincta no concelho do Mogadouro, bispado de Bragança.

Orago S. Apolinario.

Julgamos ser esta a freguezia de *Vidoedo*, hoje annexa á de S. Paio do mesmo concelho do Mogadouro.

V. *Paio* (S.), vol. 6.º pag. 415, col. 1.ª n'este diccionario—e a *Chorographia Moderna*, vol. 1.º pag. 451.

VIDOEDO ou **VIDUEDO** — freguezia extincta, no concelho de Bragança.

Orago S. Bartholomeu.

Esta freguezia não vem mencionada no Portugal Sacro e Profano, mas encontra-se na Chorographia Portugueza, tomo 1.º pag. 503 da 1.ª edicção — e na Chorographia de Lima, tomo 2.º pag. 250.

Está hoje annexa á freguezia de *Sortes* do mesmo concelho de Bragança.

Tambem foi annexa á mesma freguezia de *Sortes* a de *S. Miguel de Lanção*, mencionada por Lima e por Carvalho e pelo Portugal Sacro e Profano. Vide *Sortes* e *Lanção*.

VIDUAL ou **VIDUAL DE CIMA**—freguezia do concelho da Pampilhosa, comarca de Arganil, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago Santo Antonio, — 96 fogos, 400 almas.

É curato; pertenceu á diocese da Guarda e ao concelho de Fajão, extincto em 1855, data em que passou para o da Pampilhosa.

Comprehende as aldeias de Vidual de Baixo e Vidual de Cima.

As suas freguezia limitrophes são—Cabril, Fajão, Janeiro de Baixo e Unhaes o Velho. Dista da Pampilhosa 15 kilometros, d'Arganil 25 e de Coimbra 55.

Esta parochia não tem nem d'ella se approxima estrada alguma a macadam. Todas as suas estradas são barrancos e precipicios, porque o seu chão é muito escabroso e accidentado.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e duas capellas—uma de Santa Barbara e outra de Santo Antonio,—templos insignificantes e maltratados.

Tambem n'esta freguezia não ha um unico edificio digno de menção. Total — uma pobresa franciscana e clima frio e agreste.

As suas producções principaes são milho, mel, centeio, batatas e lã, pois cria algum gado lanigero.

Não tem aulas nem sequer de instrucção primaria elementar.

VIDUEDO—veja-se *Vidoedo*.

VIEIRA — appellido nobre e concha de marisco.

Começaram as conchas a chamar-se *vieiras* quando se tornaram distinctivo dos romeiros de S. Thiago de Galliza.

Tambem ha um peixinho que se chama *vieira* e é como ameijoa maior, de cujas conchas se ornavam os romeiros—e d'aqui nasceria esta voz; assignar porém o tempo fixo d'este costume não é facil nem talvez possivel.

A origem das *vieiras* ou conchas attribue-se ao decantado prodigio que se deu em Bouças por occasião dos desposorios de Cayo Carpo, natural da Maia, e de Claudia Loba.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Bouças*, *Leça da Palmeira*, *Maia* e *Mattosinhos*, tomo V pag. 139, col. 1.ª onde se descrevem aquelles desposorios e se menciona o facto ou lenda de ir Cayo Carpo pelo mar dentro até o navio em que passava para a Galliza o corpo do apostolo S. Thiago, —de regressar á terra incolume, todo coberto de *vieiras*,—e da conversão immediata d'aquelle regulo e dos seus convivas todos ao christianismo.

Como quer que fosse, é certo que os Barrosos, Barradas, Calvos, Calças, Rochas, Saraivas, Sequeiras e outras familias nobres se presam de trazer nas suas armas as con-

chas ou *vieiras*, affirmando uns que descendem d'aquelles apostolos da Maia e dizendo outros que as tomaram por se acharem os seus chefes na batalha d'Ourique, no dia de S. Thiago, a cuja intercessão se attribuiu a victoria. Os *Vieiras* e *Pimenteis* nomeadadamente blasonam de descendentes de Cayo Carpo. Os primeiros trazem por armas *seis vieiras d'ouro em duas pallas realçadas de preto e por timbre dous bordões de Santiago*; —os segundos têem por armas *cinco vieiras de prata em campo verde.*

VIEIRA—freguezia do concelho, comarca e districto de Leiria, bispado de Coimbra desde 1882 e anteriormente do bispado de Leiria tambem, provincia da Extremadura.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

Fogos 839—e 3:554 habitantes.

Em 1768 contava apenas 200 fogos,—era curato da apresentação da mitra e rendia para o pobre cura 90$000 réis!...

A grande povoação de Vieira, séde da parochia, está em terreno plano, 2 kilometros ao sul da margem esquerda do Liz, 4 a E. do occeano e 22 a N. O. de Leiria.

Comprehende mais esta parochia as aldeias ou casaes dos Lobos, das Raposas, de Anja, Passagem e Bóco.

Vieira foi uma povoação da freguezia hoje limitrophe de S. Lourenço de Carvide até o anno de 1740, data em que se erigiu em parochia independente.

Em 1615 fez-se na povoação de Vieira uma ermida de Nossa Senhora dos Milagres para mais commoda administração dos sacramentos, por contar ao tempo a dicta povoação já grande numero de habitantes e se achar a distancia da egreja de S. Lourenço de Carvide, á qual então pertencia.

Creada a nova erecta em 1740, serviu de matriz a mencionada ermida até 1767, data em que se concluiu a matriz actual de Vieira;—apenas em 1783 se fez de novo o arco da capella-mór por se julgar pequeno o primeiro.

As outras freguezias limitrophes são—Marinha Grande, ao sul, e Coimbrão, ao norte, na margem direita do Liz.

—

Em outubro de 1876 as chuvas torrenciaes causaram enormes prejuizos no districto de Leiria, nomeadamente n'esta parochia. O Liz trasbordando quebrou no sitio do Porto de S. Sebastião alagando e inundando as vastas campinas de Amor e Vieira e pendendo para o sul chegou a entrar n'esta ultima povoação, arrebatando muitas casas de madeira em que viviam os pescadores e outras destinadas para os banhistas.

Como ainda se achavam por colher as uvas e os milhos, foram grandes as perdas; — só de milho mais de 1:000 moios!

Bem mais felizes foram os lavradores este anno corrente de 1884.

No Minho os lavradores, não tendo vazilhame para tanto vinho, foram obrigados a vender a pipa a 4:500 réis — e na Galliza um bom homem (disseram os jornaes) encheu de vinho toneis, pipas, pipos, cantaros e inclusivamente *as caixas e os bahus!*

Não ha memoria de um anno tão abundante de tudo—vinho, milho, centeio, trigo, castanhas, batatas, fructas, etc.—nem de melhor tempo para todas as colheitas.

Louvado seja Deus!...

VIEIRA—titulo de concelho e de comarca no districto e diocese de Braga.

Até 1875 este concelho pertencia á comarca da Povoa de Lanhoso.

O concelho comprehende as 20 freguezias seguintes — Anjos, Annissó, Campos, Caniçada, Cantelhães, Cova, Eira Vedra, Guilhofrei, Louredo, *Mosteiro*, Parada de Bouro, Pinheiro, Rossas, Ruivães, Salamonde, Soengas, Soutello, Taboaças, Ventosa e Villar Chão.

A séde do concelho, do julgado e da comarca está na povoação de *Brancelhe*, freguezia do Mosteiro, orago S. João Baptista.

V. *Mosteiro* n'este diccionario, vol. V pag. 561, col. 1.ª e no *supplemento.*

Tem o concelho 3:344 fogos e 14:067 almas,—superficie em hectares 23:532,—predios inscriptos na matriz 14:385.

O antigo concelho de Vieira, em tempos remotos chamado *Vernaria*, tinha apenas 6 freguezias — S. João de Vieira, Taboaças, Eira Vedra, Cantellães, Pinheiro e Villar Chão. D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no dia 15 de novembro de 1514.

Liv. de Foraes Novos do Minho, fl. 122; col. 1.ª

—

Foi ultimo donatario d'este concelho Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva, fallecido em 1845, 13.º senhor de Felgueiras e Vieira, 15.º de Fermedo e Prestimo da Marinha com a villa de Cabeçaes, Honra e morgados de Calvilhe e Pendilhe, da grande quinta dos Cedros na Regoa e d'outras muitas. Casou em Lamego com D. Maria do Carmo Pinto de Sousa e Lencastre, filha unica e herdeira de Rodrigo Pinto de Sousa, senhor dos morgados e casa da Rede e da honra de Villar de Touça, etc.

D'esta riquissima e nobilissima casa, hoje quasi de todo perdida, são representantes (entre outros) os srs. D. Antonio Peixoto Coelho Padilha Seixas Harcourt e seu primo D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa de Mello da Veiga Cabral que sustentam entre si porfiada demanda sobre as quintas dos Cedros, Calvilhe, etc. —demanda iniciada por seus avós, ha *quarenta e tantos annos!...*

V. *Fermêdo*, vol. III pág. 164, col. 2.ª e seg.—*Felgueiras* no mesmo vol. pag. 162, col. 1.ª—*Travanca*, vol. IX pag. 731, col. 1.ª e 2.ª—*Villa-Marim*, n'este vol. 10.º—e *Vieira* no supplemento.

VIEIRO—freguezia extincta no concelho de Pinhel.

Orago S. Vicente Martyr.

Ha muito que foi annexa á da *Ervedosa* ou *Ervedosinha* ou *Ervedosa do Azévo* ou *Ervedosa da Serra*, sua limitrophe e pertencente ao bispado de Lamego, districto d'Entre o Côa e Tavora, até 1882, data em que pela nová circumscripção das dioceses, passou para o bispado da Guarda.

V. *Ervedosa* (a 2.ª) vol. III pag. 50, columna 1.ª

VIEIRO—pensão ou *fôro real* que se pagava á corôa. Era o terço do ouro, da prata e do cobre que nas minas do reino se tirava.

Veja-se no supplemento, *Vieiro* e *Villa Real* de Traz-os-Montes.

VIGARIA (da)—serra do Alemtejo, ramo da de Borba. V. *Borba*, vol. I, col. 2.ª

O sr. J. M. Baptista na sua *Chorographia Moderna* diz que esta serra se prolonga de O. N. O a E. S. E.—a S. O. da villa de Borba e que é uma ramificação da serra *d'Ossa*. V. *Ossa*, vol. VI pag. 296, col. 2.ª

VIGARIO D'EL-REI.—Assim se denominava antigamente o regedor supremo da justiça.

VIIR—portuguez antigo *vir*.

Documento de 1280.

FIM DO DECIMO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — Largo do Camões — 6

1886

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
15, Praça dos Restauradores, 16
1886

DP
514
P65
1873
V.11

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIL

VIL DE MATOS—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—S. João Evangelista—fogos 148—almas 592. Carvalho deu-lhe 160 fogos.

Foi curato amovivel da apresentação do parocho da freguezia de Barcouço,—pertenceu ao extincto concelho d'Ançã—depois ao de Catanhede—e hoje pertence ao de Coimbra por decreto de 24 de outubro de 1855.

Comprehende as aldeias seguintes:—Vil de Matos (sede da parochia) Vendas de Sant'Anna, Mourellos, Costa e Rios Frios,—os casaes da Murteira, Cartaxos e Cova de Coelhos—e a quinta da *Zombaria*, pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, benemerito director do Jardim Botanico de Coimbra e muito illustrado lente de botanica na Universidade,—a quinta do *Barreiro*, pertencente ao barão do Cruzeiro, de Mogofores,—a do *Burlegão*, pertencente a Joaquim Maria Diniz—e a do *Paraiso*, pertencente ao sr. conselheiro dr. Francisco de Castro Freire.

VIL

As suas freguezias limitrophes são:—Antuzende e Trouxemil, do concelho de Coimbra, — Ançã, concelho de Cantanhede, — e Barcouço do concelho da Mealhada.

—

Dista de Coimbra 12 kilometros para N. E. —da estação de Souzellas (C. de ferro do N.) 7 kilometros para O,—119 do Porto—e 232 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal da ponte da Carvalhinha á povoação de Vil de Mattos;—dista 3 kilometros da estrada districtal de Coimbra a Cantanhede—e 2 da estrada real de Lisboa ao Porto.

A egreja matriz é pequena e tem altar-mór e 2 lateraes com decorações de talha singela;—em um dos altares lateraes se vê uma lindissima imagem de Nossa Senhora

270

PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

DECIMO PRIMEIRO VOLUME

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — Largo do Camões — 6

1886

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
15, Praça dos Restauradores, 16
1886

DP
514
.P65
1873
V.11

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIL

VIL DE MATOS—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—S. João Evangelista—fogos 148—almas 592. Carvalho deu-lhe 160 fogos.

Foi curato amovivel da apresentação do parocho da freguezia de Barcouço,—pertenceu ao extincto concelho d'Ançã—depois ao de Catanhede—e hoje pertence ao de Coimbra por decreto de 24 de outubro de 1855.

Comprehende as aldeias seguintes:—Vil de Matos (sede da parochia) Vendas de Sant'Anna, Mourellos, Costa e Rios Frios,—os casaes da Murteira, Cartaxos e Cova de Coelhos—e a quinta da *Zombaria*, pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, benemerito director do Jardim Botanico de Coimbra e muito illustrado lente de botanica na Universidade,—a quinta do *Barreiro*, pertencente ao barão do Cruzeiro, de Mogofores,—a do *Burlegão*, pertencente a Joaquim Maria Diniz—e a do *Paraiso*, pertencente ao sr. conselheiro dr. Francisco de Castro Freire.

VIL

As suas freguezias limitrophes são:—Antuzende e Trouxemil, do concelho de Coimbra, — Ançã, concelho de Cantanhede, — e Barcouço do concelho da Mealhada.

—

Dista de Coimbra 12 kilometros para N. E. —da estação de Souzellas (C. de ferro do N.) 7 kilometros para O,—119 do Porto—e 232 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal da ponte da Carvalhinha á povoação de Vil de Mattos;—dista 3 kilometros da estrada districtal de Coimbra a Cantanhede—e 2 da estrada real de Lisboa ao Porto.

A egreja matriz é pequena e tem altar-mór e 2 lateraes com decorações de talha singela;—em um dos altares lateraes se vê uma lindissima imagem de Nossa Senhora

do Rosario. Tem mais nas Vendas de *Santa Anna* uma capella publica d'esta invocação, com festa propria e romaria annual no 1.º domingo depois de 26 de julho,—em Rios Frios a de S. Thomé, tambem publica, sem festa ha muitos annos,—e uma capella particular na quinta da Zombaria.

A capella de Sant'Anna já foi a matriz d'esta parochia e é bastante antiga, porque já se vê mencionada na *Chorographia Portugueza*, bem como a de S. Thomé.

—

Banham esta freguezia o rio de Cavalleiros, que atravessa o *Valle Travesso* e desagua na *Valla do Norte* (parallela ao Mondego) a distancia de 5 kilometros,—e as vallas da *Linteira* e do *Carregal*, que desaguam no rio de Cavalleiros, em Valle Travesso.

Tem 2 pontes,—3 moinhos em Cadavae, Paraiso e Carvalho, que moem milho, trigo e centeio—e 1 em Valle Travesso, que se emprega em preparar o arroz.

Produz milho, trigo, centeio, cevada, feijões e nomeadamente *vinho* de mesa, muito bom, e arroz.

Este ultimo artigo constitue hoje uma das producções mais importantes d'esta parochia, mas tem dado origem a febres devastadoras, muitos desgostos, muitas desordens e grandes questões que promettem reviver.

A cultura do arroz tem sido uma mina para muitos proprietarios d'este districto, mas foi uma *verdadeira praga* para esta e outras muitas parochias!...

Daria grossos volumes tudo o que se tem escripto sobre tão momentoso assumpto e bem quizeramos aproveitar o ensejo para consignarmos aqui os topicos principaes da grande questão, mas somos forçados a aligeirar e resumir e portanto apenas indicaremos muito summariamente a parte que prende com esta parochia:

Data de 1864 ou 1865 a cultura do arroz n'esta parochia. [1]

O dr. Eusebio Rodrigues Manique, de Coimbra, comprou uma grande porção de terreno no sitio de Val Travesso, semeou-o todo de arroz em um d'aquelles annos e, como auferisse lucros, proseguiu com a mesma cultura nos annos de 1866, 1867 e 1868; desenvolveu-se porém logo uma medonha epidemia de febres pestilenciaes n'esta freguezia e na de Barcouço, sua limitrophe, a ponto tal que os habitantes das duas parochias e da de Ançã resolveram fazer justiça por suas mãos.

Em certo dia aprasado (um domingo) reuniram-se na ponte de Maurelles alguns centos de pessoas,—homens e mulheres, velhos e novos, padres e seculares,—invadiram os arrosaes do dr. Eusebio e d'outros —e destruiram-nos completamente todos.

Nem o dr. Eusebio nem outro algum dos proprietarios d'arrosaes colheram n'aquelle anno um grão unico de arroz!...

Instaurou-se processo contra os delinquentes, mas ninguem ficou culpado, porque todas as testemunhas inqueridas disseram que aquelles destroços foram causados pelos habitantes das tres freguezias em *massa, sem distincção de pessoas.*

—

Em vista de facto tão estranho o dr. Eusebio e os outros exploradores da mina da orysicultura esmoreceram; não mais semearam arroz desde 1868 até 1876, pelo que o estado sanitario d'esta parochia e das limitrophes foi excellente durante aquelle periodo; mas em 1876 a *sacra fames auri* determinou varios egoistas a posporem á saude publica os seus interesses;—repetiram a cultura do arroz e a desenvolveram em larga escala, desenvolvendo-se logo na mesma proporção as sezões malignas, como consequencia evidente, necessaria, fatal, ameaçando converter esta e as parochias limitrophes em um deserto. Graças, porém, á dedicação do ex.mo sr. Bispo Conde (D. Manuel Correa de Bastos Pina) e d'outros cidadãos benemeritos, ha 3 annos que foi extincta a cultura do arroz n'esta e em outras parochias d'este districto de Coimbra onde a orysicultura era mais nociva á saude publica.

---

[1] Referimo-nos á cultura *em grande escala*, pois já desde 1853 se haviam feito ensaios e tentativas.

Foi optimo o estado sanitario d'esta freguezia até 1883, mas este anno dois especuladores de Mira arrendaram ao sr. Alberto Ferreira Pinto as terras de Val Travesso e de novo as semearam d'arroz, pelo que o parocho d'esta freguezia e todos seus parochianos representaram ao governo contra semelhante sementeira e em abril ultimo foram pessoalmente entregar a representação ao sr. governador civil de Coimbra, que prometteu fazer-lhes justiça; receiam porém que sejam obrigados a appellar para meios violentos, como já fizeram duas vezes, — a 1.ª unidos aos habitantes das freguezias de Ançã e Barcouço — a 2.ª de per si sòs e com menos felicidade, porque ficaram pronunciados em numero de 14.

—

No *supplemento* ao artigo *Coimbra* volveremos ao assumpto e iremos um pouco mais longe; entretanto quem quizer iniciar-se na grande questão dos arrozaes pode ler — a lei de 1 de julho de 1876, os *officios* que o sr. bispo-conde dirigiu ao governo com data de 7 de janeiro e 26 de fevereiro de 1881, — e 15 de fevereiro de 1882, — a *Pastoral* do mesmo sr. com data de 3 d'abril de 1882, — os decretos de 23 de março e de 5 d'abril do mesmo anno, — o n.º 1 das *Instituições Christãs*, 1.ª serie, 1883, pag. 14, — e o n.º 8 das mesmas *Instituições*, 1.ª serie do 2.º anno, 1884, pag. 249.

Tudo isto corre impresso e torna evidentissima a nefasta influencia dos arrozaes sobre a hygiene publica, nomeadamente nos concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho, Figueira, Soure, Pombal, Condeixa e Leiria; — mas, para se formar idéa de quanto podem o sophisma e a sêde do lucro, ou a *sacra fames auri*, devem ler-se tambem, como reverso da medalha n'este assumpto, as celebres *cartas de Amaro Mendes Gaveta*, pseudonymo de um dos nossos mais laureados poetas contemporaneos, grande proprietario e grande cultivador dos malditos arrozaes no districto de Coimbra.

Apesar de haver sido terminantemente prohibida a cultura dos arrozaes em 1867 e 1882, ella teve um *incremento* de 80 p. c. nos ultimos 10 annos, calculando-se em 1:880 hectares o chão empregado hoje na dita cultura??!!!...

Isto é official.

—

Na correspondencia de Coimbra para o *Commercio do Porto*, que é sem contestação o jornal menos faccioso e mais serio de todo o nosso paiz, se lia com data de 20 de setembro ultimo (1884) o seguinte:

«Já principiou a colheita do arroz, cuja producção é abundantissima. A este respeito podemos informar que nunca a oryzicultura no districto de Coimbra tomou tanto desenvolvimento como no presente anno. E isto apesar de todas as leis, portarias, decretos e commissões! As doenças originadas nas emanações deleterias d'estes verdadeiros pantanos tambem este anno recrudesceram, havendo povoações onde as febres intermittentes teem feito grandes estragos.

«E' lamentavel que a saude dos povos assim esteja á mercê do capricho e ambição dos potentados monetarios e das influencias politicas, que são os que aqui, como em toda a parte, querem e defendem os arrozaes.»

VIL DE SOUTO — Freguezia. V. *Villa de Souto*.

VILHARIGAS ou **VILHARIGUES** — Freguezia do concelho de Vouzella. V. *Paços de Vilharigues*, vol. 6.º, pag. 397, col. 2.ª

VILIAR — portuguez antigo — despresar, ter em pouco, desestimar.

De uma sentença de 1496 consta que a villa de Val de Prados, em terras de Bragança, devia ter *forca, picota e tronco por ser villa sobre si, sem por isto viliarem e deshonrarem a villa de Bragança.*

VILLA — designação de centenares de povoações, casaes e quintas do nosso paiz.

Só este topico (em boa hora o encetemos!...) daria um volume, se não fossemos obrigados a aligeirar e resumir quanto possivel para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume, reservando para o *supplemento* as *rectificações* e *addicções*.

VILLA. — Em todos os nossos documentos até os fins do seculo XII se tomou villa não por uma povoação grande, superior a uma aldeia e que tivesse juiz, senado

e pelourinho com os mais distinctivos de jurisdicção civil e criminal, mas sim por uma pequena ou grande herdade, casal ou granja, comprehendendo terrenos com sua casa rustica e abegoaria para recolher os fructos e criar os gados e outros animaes domesticos.

Dividia-se a *villa*, segundo Columella, em *urbana*, *rustica* e *frutuaria*. A primeira constava de uma casa mais elegante e aceada (casa nobre) em que o senhor da *villa* residia temporaria ou permanentemente; — a segunda pouco ou nada tinha de polida e era destinada para habitação do colono e sua familia; constava tambem de curraes, cortes e cobertos para os animaes e aprestes da lavoura; — a terceira finalmente era o que chamamos *adega* ou *celleiro*. A *villa* (herdade ou quinta) menos importante era denominada *villula*, *villar* e *villarinho*.

Desde os fins do seculo XII até os do seculo XV tambem algumas vezes se tomou villa como synonimo de cidade, assim se encontra em muitos documentos *villa de Bragança*, *de Lamego*, *de Coimbra*, *da Guarda*, etc., mas desde o tempo de el-rei D. Affonso III se começou a chamar *villa* uma povoação grande ou cabeça de concelho, na qual se decidiam as causas na primeira instancia e n'esta ultima accepção se toma hoje em Portugal a palavra *villa*.

V. *Aldeia* no *supplemento*.

VILLA D'ALA — freguezia do concelho do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago — Nossa Senhora da Assumpção, — fogos 122, — almas 535.

Reitoria. Foi curato annual da apresentação do marquez de Tavora, da corôa e da mesa da consciencia.

Dista 9 kilometros do Mogadouro para E., 35 de Miranda para S. O., 56 de Bragança para S. E. e 10 da margem direita do Douro. Toca na povoação de villa d'Ala, séde d'esta freguezia, a estrada da villa da Bemposta para o Mogadouro.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Paçô e Santiago.

As suas parochias limitrophes são Thó, Mogadouro, Variz e Villa de Rei.

Ha n'esta freguezia uma pyramide geodesica que marca 816 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

O seu chão é aspero e frio e as suas producções dominantes são batatas, lã e cereaes.

Entre esta parochia e a de Variz está a serra d'Ala, onde se encontram vestigios de povoação importante antiquissima que talvez fosse cidade outr'ora.

Vide *Ala*, serra, vol. 1.º, pag. 45.

VILLA ALVA ou **VILLALVA** — freguezia do concelho e comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, provincia do Alemtejo.

Orago Nossa Senhora da Visitação, — fogos 370, — almas 1:400.

Foi villa e teve por donatario o duque de Cadaval. Pertenceu ao concelho de Villa de Frades e á comarca de Beja.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa com data de 1 de junho 1512. *Livro dos Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 56, col. 2.ª

Veja-se o processo para este foral na *Gav.* 20, *Maço* 12, n.º 24.

Está situada em planicie na margem esquerda de uma ribeira affluente da de Odivellas, 10 kilometros a E. da estação d'Alvito e 12 ao N. da de Cuba, na linha ferrea do sul, 29 ao N. de Beja e 134 a S. E. de Lisboa.

Comprehende além da villa, povoação unica d'esta parochia, os *montes* ou casaes de Gandra, Zambujal, Farelôa, Ribeira, Chouriça, Marqueza e Antas.

É priorado e em 1768 rendia 600:000 rs.

As suas producções dominantes são vinho, que é o melhor do districto, azeite e lã, pois cria bastante gado. Tambem produz muita fructa de pevide e de caroço e cortiça.

—

A sua herdade mais importante é hoje a do Zambujal, pertencente ao sr. José Maria Ayres Parreira Capas.

Freguezias limitrophes — Cuba, Oriolla, Villa Ruiva, Villa de Frades e Albergaria dos Fusos.

Tem uma estrada a macadam por Villa de Frades para a estação de Villa Nova da Baronia e outra para a estação de Cuba.

A sua egreja matriz é pequena; está no meio da villa e a poucos metros de distancia ha uma torre que foi feita quando trouxeram de um dos conventos d'Evora um bom relogio que n'ella collocaram.

Diz-se que esta freguezia tomou o nome do antiquissimo casal de *Monte Alvo*.

Tem casa de Misericordia, hoje em decadencia. A sua egreja soffreu varias modificações, mas ainda conserva alguma obra de talha dourada de merecimento.

Ha ainda n'esta parochia mais 2 templos publicos pouco notaveis, — ao todo 5.

A industria local reduz-se a uma fabrica de rolhas de cortiça, que são exportadas quasi que exclusivamente para a America do Norte.

Tambem exporta alguma madeira d'alamo.

A distancia de 4 kilometros d'esta villa (approximadamente) no sitio de *Malk-abrão* ou *Malcabrão* teem apparecido algumas moedas antigas de prata e cobre. Em uma se lia *Cesar Tib*.

—

Ha n'esta villa um edificio brasonado, pertencente ao sr. Fernando Guilherme Guedes Pimenta. Está na Praça Velha, junto da torre do relogio. Tem mais dois bons edificios, embora sem brazões, — um na Praça Nova, pertencente a Joaquim Antonio da Fonseca, — outro na rua da Misericordia, pertencente á sr.ª D. Anna Rita da Cruz Arce.

Esta villa nunca foi fortificada, nem teve convento algum, nem feiras ou mercados.

Ainda n'ella se veem os antigos paços do concelho e a cadeia. O pelourinho já desappareceu.

Tem um largo arborisado e 5 ruas principaes — de Lisboa, Misericordia, Figueira, Carreira e Outeiro.

Ha n'esta freguezia 5 moinhos de vento e 3 d'agua na ribeira de Odivellas, onde ha tambem uma ponte de pedra junto da extremidade d'esta parochia.

Villalva assenta nas vertentes septentrionaes d'uma pequena cordilheira de montes que fazem parte da serra d'Alpedreira, ramificação da serra d'Ossa. V. *Alpedreira*.

Tem duas escolas d'instrucção primaria elementar para os dois sexos, — 1 hospital, que é o da Misericordia, — e 1 hospedaria de Manuel Calado da Luz.

—

Temos em nosso poder uma copia do foral que D. Manuel deu a esta villa e bem quizeramos extractal-o, porque é muito interessante, mas como este artigo vae já bastante longo, no *supplemento* encontrarão os leitores o extracto do dito foral sob o mesmo titulo *Villa Alva*.

VILLA D'ALVA — villa acastellada e freguezia em 1240, hoje uma pequena e pobre aldeia pertencente á freguezia de Poiares no concelho de Freixo d'Espada á Cinta, provincia de Traz os Montes.

V. *Alva*, vol. 1.º pag. 169, — *Barca d'Alva* no mesmo vol. pag. 324 — e o *Douro Illustrado*, pag. 66 a 68.

VILLA D'ALVARO — villa e freguezia do concelho de Oleiros, comarca da Certã no antigo priorado do Crato, até 1882 patriarchado de Lisboa e desde 1882 bispado de Portalegre.

E' priorado. Conta hoje 356 fogos e 1:374 habitantes.

Orago S. Thiago Maior.

Comprehende esta freguezia, alem da villa, os logares de Gaspulha, Povoa da Talvinheira, Povoa do Meio, Povoa de Cima, Val da Carreira, Sendinho de Santo Amaro, Quartos d'Alem, Quartos d'Aquem, Quartinhos, Valinho, Pandos, Bexinheira, Corugeira, Longra, Sarnadas d'Alem, Sarnadas d'Aquem, Val dos Vascos, Portella, Corga, Povoas, Povoas da Ribeira, Casal da Ordem, Beco, Frazumeira, Pecegueiros, Maria Gomes, Travessa e Portalegre.

V. *Alvaro*, n'este diccionario, tomo 1.º e no *supplemento* — e as *Memorias da Villa de Oleiros* pag. 236, pelo rev.mo Sr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel, bispo d'Angra.

VILLA DO BISPO — villa, freguezia e séde do concelho d'este nome, comarca de Lagos, districto e diocese de Faro na provincia do Algarve.

Orago Nossa Senhora da Conceição, — fogos 277 e 1:181 habitantes.

A *Chrographia Portugueza* em 1708 deu-

lhe 200 fogos, a *Chrographia do Algarve* em 1837 deu lhe 211 — e o Portugal Sacro e Profano 144 em 1768, accrescentando que o seu parocho tinha de rendimento oito moios de trigo e era prior da apresentação alternativa do papa e do prelado. E' hoje vigairaria.

Dista 4 kilometros para O. e 6 para o N. do oceano, que aqui fórma um pontal, especie de peninsula tendo na sua extremidade S. O. o cabo de S. Vicente a 10 kilometros d'esta villa, a qual dista de Lagos 25 kilometros e de Faro cerca de 100 para oeste.

—

Em 1840 esta villa com a de Sagres e as freguezias de Bordeira, Budens Barão, Raposeira e Carrapateira constituiam o concelho de *Villa do Bispo*, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando as ditas freguezias para o concelho de Lagos; mas por decreto de 10 de setembro de 1861 foi restaurado o antigo concelho de Villa do Bispo com as mesmas freguezias, exceptuando a de Bordeira e a sua annexa de Carrapateira, que passaram para o concelho de Aljesur; mais tarde a de Carrapateira passou outra vez para este.

Comprehende pois este concelho hoje 4 freguezias — Budens, Raposeira e Carrapateira, sua annexa, Sagres e Villa do Bispo, com o total de

Fogos	953
Almas	4:151
Superficie em hectares	22:867
Predios inscriptos na matriz	7:504

—

Esta freguezia tem uma area bastante extensa; o seu chão é alto, lavado dos ventos e muito saudavel, pelo que outr'ora vieram residir para este concelho, como para uma estação de saude, muitas familias abastadas e cavalleiros de pontos distantes, o que ainda revelam os claros vestigios de embellesamentos que se notam nas quintas de Val Santo, Guadalupe, Lontreira, Alagôas, etc.

Comprehende esta freguezia, alem da villa, os casaes, quintas e hortas seguintes: Tabual ou Atabual, Pedralva, Santo Antonio, Horta Garcia, Pena Furada, Monteso e Murração.

As herdades principaes hoje são *Fonte dos Monteiros*, pertencente a José Cardoso e *Valle do Paço*, de José de Sousa Marreiros Cintra, ambos d'esta villa.

Freguezias limitrophes: — Budens, Raposeira, Sagres e Bordeira, sendo esta ultima do concelho de Aljesur.

—

É atravessada pela estrada do litoral, em via de construcção.

Os seus templos reduzem se á egreja matriz, que se acha em bom estado de conservação e tem boas alfaias, avultando entre ellas uma custodia de muito merecimento. As festas principaes que n'ella se celebram são a da padroeira, N. S. da Conceição, no dia 8 de dezembro, e a de S. Vicente no dia 22 de janeiro.

Costuma haver aqui annualmente um pequeno mercado de gado bovino que dura duas a tres horas e que chamam *feira da villa*.

O seu terreno é muito fertil, como todo o Cabo de S. Vicente, por justos titulos denominado *celleiro do Algarve*; as suas producções são trigo, cevada, milho, batata redonda, chicharos, grão de bico, algum vinho, lã e queijos, pois cria bastantes cabras e ovelhas e do leite fazem queijos excellentes e manteiga.

Tem igualmente abundancia de peixe, lebres, coelhos e perdizes.

A sua agua potavel é boa.

Foi conduzida para a villa por um pequeno aqueducto.

—

Apesar da fertilidade do solo, os seus habitantes em geral são pobres, porque a maior parte da propriedade pertence a estranhos.

As mulheres vestem surianos e estamenhas e occupam-se na colheita do espartó para diversos usos.

Segundo a *Geographia Commercial* do sr. João Felix, ha n'este concelho 23 theares de lã.

A antiga povoação de *Santa Maria do Cabo*, hoje séde d'esta parochia, foi doada aos bispos do Algarve por el-rei D. Manuel, quando visitou o Cabo de S. Vicente, pelo que desde então se ficou denominando *Al-*

deia do Bispo e *Villa do Bispo* depois que D. Pedro II a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral (diz a *Chorographia Moderna*) mas nem Franklim nem a *Chorographia do Algarve* o mencionam.

Ha aqui um vasto Reguengo que pertence aos *proprios nacionaes* e um baldio para logradouro commum e pastagem dos gados. Se fossem divididos em courellas pelos habitantes da freguezia e convenientemente agricultados, podiam transformar-se em um bom elemento de riqueza.

Nas *Memorias para a Historia Ecclasiastica do Algarve*, escriptas pelo mesmo auctor da *Chorographia do Algarve*, João Baptista da Silva Lopes e publicadas pela Academia Real das Sciencias em 1848, se diz a pag. 641 (nota):

«Estes dous concelhos (Villa do Bispo e Aljesur) não devem subsistir por insignificantes: os seus moradores vão a Lagos consultar Medico, Cirurgião, Advogado, e prover-se de tudo que lhes falta, levando ali todos dias os seus generos para vender».

—

Ainda existem os antigos paços do concelho e a cadeia d'esta villa, mas já não existe o pelourinho, que estava na praça, porque foi derrubado por um tufão no dia 4 de fevereiro de 1871, pelas 5 horas da manhã.

Esta freguezia é banhada por uma ribeira que tem uma pequena ponte na estrada do litoral e desagua no oceano a 12 kilometros de distancia.

Ha n'esta freguezia 2 minas de manganez e de outros metaes, simplesmente registradas, no sitio de *Morração*.

N'esta parochia é sensivel a falta de arvoredo, inclusivamente de figueiras que tanto abundam na maior parte do Algarve.

João Baptista da Silva Lopes menciona na sua *Chorographia* um benemerito prior d'esta parochia, José Pedro da Silva Gonçalves Reis que, *em premio do seu zelo pela prosperidade dos seus parochianos*, foi perseguido e preso em 1823 e veiu a morrer martyr da liberdade poucos mezes depois de sair pela segunda vez da prisão, em 1833.

Causou aqui muitos prejuisos o grande terremoto de 1 de novembro de 1755. Desmoronou todas as casas da villa, exceptuando unicamente uma!...

Este beneficio foi um dos melhores do Algarve. O seu prior recebia os dizimos das *miuças*, que eram importantes.

Os dizimos da *massa grossa* d'esta freguezia e da de Sagres foram alguns annos arrendados por 1:600$000 réis, cento e dez alqueires de trigo e duas pipas de mosto.

VILLA BOA — Aldeia da freguezia de *Serapicos* no concelho de Valpassos, pertencente á diocese de Braga desde 1882.

Foi séde da extincta freguezia de Santo Estevão de Villa Boa de Carças. O sr. J. M. Baptista na sua *Chrographia Moderna* menciona mais 27 aldeias ou simples povoações e 4 quintas ou casas com o nome de *Villa Boa*.

VILLA BOA—Aldeia da freguezia de *Boivão*, concelho de Valença do Minho, da qual já se fallou no vol. 1.º, pag. 407, col. 2.ª *Vide*.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Lordello, Pedreira, Paço, Cimo de Villa e *Villa Boa*.

N'esta foi publicamente exautorado com todas as formalidades do estylo, em 10 de outubro de 1839, o 2.º sargento de infanteria n.º 10. José da Silva Rosa, condemnado em ultima instancia a ser-lhe despida a farda com todos os signaes de despreso, e degredado para um dos logares da Africa por 10 annos.

O crime do dito sargento foi o ter abusado da sua auctoridade e extorquido dinheiro a varios moradores d'aquella aldeia.

Toda a guarnição da praça de Valença foi assistir ao acto da exautoração.

VILLA BOA—freguezia do concelho e comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança na provincia de Traz os Montes.

Orago Santa Maria Madaglena,—fogos 67, almas 304.

Em 1768 contava 43 fogos e rendia réis 30$000.

Pertenceu ao concelho de Lamas d'Orelhão, extincto pelo decreto de 31 dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Mirandella, e até á ultima circumscripção dioce-

sana feita em 1882, era do arcebispado de Braga.

É reitoria, hoje annexa civilmente á freguezia do Franco. Foi apresentada pelo vigario de Lamas de Orelhão, mas os dizimos d'esta parochia, da do Franco e das outras d'aquelle extincto concelho pertenciam ao convento das freiras franciscanas de Santa Clara de Villa do Conde.

Comprehende além da povoação, séde da freguezia, a pequena aldeia da Gricha, que tambem já foi parochia.

As suas freguezias limitrophes são—Franco, Avidagos e Abreiro.

Dista 3 kilometros para S. E. da estrada nova de Villa Real a Mirandella e Bragança, — 20 da séde do concelho e 92 da séde do districto.

É atravessada por uma estrada municipal; deve passar a 15 kilometros de distancia a linha ferrea de via reduzida em construcção da foz do Tua (linha do Douro) a Mirandella,— e dista da foz do Tua e da linha do Douro 30 kilometros para N. E.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella sem terem coisa alguma digna de menção.

E' banhada por dois pequenos ribeiros que nascem na serra do Franco e desaguam na margem direita do Tua a 12 kilometros de distancia, sem terem pontes nem moverem moinhos.

As suas producções dominantes são vinho, azeite e cereaes.

O seu vinho é bom, como vinho de pasto, por estar esta freguezia comprehendida na região da *Terra Quente*, mas os seus vinhedos acham-se compromettidos e doentes, como todos os do Douro, depois da invasão phylloxerica.

É uma aldeia pequena e pobre.

Muito tinhamos a dizer com relação á freguezia do Franco, hoje identificada com esta, mas como somos obrigados a *aligeirar* e *resumir*, veja-se *Franco* n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA BOA — Freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga. Abbadia. Orago S. João Baptista, fogos 60, almas 280.

Em 1768 contava 66 fogos; era da apresentação da mitra e rendia 300 mil réis.

Dista de Barcellos 3 kilometros para N., cerca de 20 de Braga para O. e 4 da margem direita do Cavado para N. O.

Comprehende as aldeias de Villa Boa, séde da freguezia, Covello, Egrega, Estrada, Tornada, Forca Velha, Jordão, Bermil, Serodio, Cachada, Curujo, Ribada e Sindim.

As suas producções dominantes são vinho verde e cereaes.

Foi da apresentação da mitra.

VILLA BOA — freguezia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago S. Pedro *ad Vincula*, — fogos 200, almas 801.

Em 1768 era curato da apresentação do reitor da Nave; — contava 109 fogos e rendia 40$000 réis; — depois foi annexa á freguezia da Nave, 3 kilometros distante para leste, mas desde 1834 é abbadia independente.

Pertenceu ao bispado de Lamego, — depois ao de Pinhel — e desde 1882 ao da Guarda pela suppressão legal do de Pinhel e pela ultima circumscripção diocesana operada em 1882.

—

Esta freguezia é formada por uma povoação unica. Não tem aldeias nem quintas, casaes ou herdades dignos de menção. O seu predio mais consideravel é a *quinta do Costa*, entre esta freguezia e a de Rendo.

Parochias limitrophes — Souto e Nave, a leste, — Ruvina, ao norte, — Rendo, a oeste — e Quadrazaes, ao sul.

Dista 8 kilometros do Sabugal para N. E. — 28 da Guarda para S. O. — 15 da estação da Cerdeira na linha da Beira Alta, — 242 da cidade da Figueira, — 296 do Porto — e 420 de Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia as 3 capellas seguintes — Nossa Senhora da Assumpção na séde da parochia; S. Gregorio 2 kilometros a leste, no *cabeço* do seu nome e Santo Antão 1:500 metros ao sul, entre Villa Boa e Ouzendo, freguezia hoje annexa á de Guadrazaes.

A de S. Gregorio tem festa e romagem no dia 12 de março e a de Santo Antão 2 festas com romagem tambem a 17 de janeiro, dia do orago, e na 2.ª feira immediata á dominga *in Albis*

Santo Antão é particularmente venerado pelos povos circumvisinhos que, em satisfação de votos, costumam offertar-lhe no dia 17 de janeiro, trigo, centeio, dinheiro, chouriços e pés de porco. E' tal a fé com este santo que as mulheres de Quadrazaes costumam esfregar a capella com lenços e depois com os lenços a cara, julgando que isto as preserva das bexigas!...

—

Esta parochia é banhada pelo ribeiro da Murganheira que move 6 moinhos, 4 pisões e 2 fabricas de cobertores de lã. Não tem pontes e desagua a menos de 1 kilometro d'esta parochia na ribeira de *Poucafarinha*, confluente do Côa.

As suas producções dominantes são — batatas, milho, centeio, trigo e castanhas.

Tem uma escola d'instrucção primaria para o sexo masculino, creada em 1882.

Ao digno abbade actual d'esta freguezia, o sr. padre Francisco da Ressurreição Quelho, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA BOA — freguezia do concelho e comarca de Sattam, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Orago S. Miguel, — fogos 349, almas 1:573.

Em 1768 era vigairaria do padroado real, contava 200 fogos e rendia 40$000 réis.

Comprehende 8 aldeias — Abrunhosa, Ladario, Serraquim, Travaço, Travacinho, Travancella, Portella, Villa Boa, Carvalho, Crujeira, Fervença, Forno Telheiro, Outeiro, Prechocas, Sequeiros, Torneiros e Villa Nova.

As suas quintas principaes são — *Ramada* e *Paços*, de Antonio Maria Lopes d'Almeida Ferreira, — *Tapada*, de José Cardoso de Carvalho Homem, — *Regada* e *Torneiros*, de Antonio e Manuel de Figueiredo, — *Sequeiros*, do conego Francisco d'Abreu, — *Corugeira*, do dr. Valeriano Pinto de Queiroz, — *Egreja*, de Manuel de Figueiredo — e *Villaboinha*, do Visconde de Loureiro.

Freguezias limitrophes — Villa d'Egreja, S. Pedro de Franco, Povolide, Pindo, Luzinde e Rio de Moinhos.

—

Dista da séde do concelho, que é a parochia de Villa da Egreja, 7 kilometros para S. O. — de Vizeu 20 para N. E. — da linha ferrea da Beira Alta (estação de Mangualde) 20, — da Figueira 148, do Porto 204 e de Lisboa 328.

A povoação de Villa Boa está em um valle, cerca de 3 kilometros a E. da margem esquerda do rio Sattam, rio que dá o nome a este concelho e desagua no Dão, confluente do Mondego.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal n.º 40 e passa a 7 kilometros a estrada municipal de Castendo a Mangualde.

Ha n'esta freguezia 4 capellas publicas — Senhora da Esperança, privativa da sua irmandade, S. Silvestre, S. Paulo, S. Domingos e 5 particulares — uma em Torneiros, outra em Serraquim, outra na Abrunhosa e duas em Villa Nova, — todas em bom estado de conservação.

Ha tambem n'esta freguezia, além da sua egreja matriz em Villa Boa, outra egreja no Ladario, que era a matriz da villa e parochia d'este nome, hoje extincta e annexa á Villa Boa.

V. *Ladario*, vol. 4.º pag. 10, col. 1.ª

A capella de Nossa Senhora da Esperança na aldeia da Abrunhosa é um dos mais formosos templos das circumvisinhanças, muito elegante, bem alfaiada, muito bem tratada e situada em local muito interessante e pittoresco. Pertence a uma rica e numerosa irmandade[1] com muitas indulgencias e privilegios especiaes e todas as indulgencias concedidas á veneravel archiconfraria do Santissimo Sacramento da Basilica lateranense de Roma, á qual foi agregada em 1743.

---

[1] Esta irmandade foi erecta em 1690, sendo bispo de Vizeu D. Jeronymo Soares, e em 1716 contava 350 irmãos. O papa Alexandre VIII lhe concedeu muitas indulgencias. V. *Sant. Marian.* vol. 5.º pag. 476.

Tem luzida festa e grande romaria no dia da padroeira, 8 de setembro.[1]

Ha na povoação e villa extincta do Ladario, hoje parte integrante d'esta freguezia de Villa Boa, uma feira consideravel todas as segundas feiras depois do 4.º domingo de cada mez, avultando em gado bovino preto e cereaes.

Na mesma povoação ha um grande edificio brasonado, hoje em ruinas, pertencente ao conde da Lapa, e outro na povoação de Torneiros. Pertenceu ao dr. Diogo do Amaral e hoje é de Antonio de Figueiredo.

Ha tambem no Ladario um edificio importante e digno de menção, embora não seja brasonado, — é a antiga *Casa de Borba*, hoje em reedificação e pertencente a Luiz Philippe de Carvalho Homem.

—

Esta freguezia de Villa Boa nunca foi villa, mas sim a do Ladario, hoje extincta e annexa a esta.

Ainda conserva o seu vetusto pelourinho como tropheu da gloria perdida.

Banham e fertilisam esta parochia o Sattam e 8 ribeiros, dos quaes 3 desaguam no Côja e 5 no Sattam.

Tem 12 moinhos, uma azenha e 2 pontes de pedra, — uma em Villa Boa, outra em Fervença.

As suas producções dominantes são — cereaes, vinho e fructa.

Tem apenas uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Appareceram e conservam-se ainda na aldeia de Travacinho duas moedas romanas, uma de cobre e outra d'ouro, do tempo de Constantino Magno (dizem os apontamentos que recebi da localidade) — e o dr. Hübner diz que appareceu aqui uma lapida sepulchral na aldeia de Villa Boa, mas não deu a copia d'ella. *Notic. Arch. de Port.* pag. 66, na traducção feita pela *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1871.

—

A séde d'este concelho e d'esta comarca de Sattam está, como dissemos, na parochia limitrophe — *Villa da Egreja*, mas muito injustamente, pois por todas as considerações a séde d'este concelho e d'esta comarca devia ser a importante povoação do *Ladario*, hoje pertencente a esta freguezia de Villa Boa.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Sattam*, vol. 9.º pag. 64 — e *Villa da Egreja*.

VILLA BOA DO BISPO — freguezia do concelho e comarca de Canaveses, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago Santa Maria, — fogos 362, almas 1:360.

A *Chorographia Portugueza* (vol. 1.º pag. 398 a 400) deu-lhe em 1706 — 260 fogos — e o *Portugal Sacro e Profano* em 1768 deu-lhe 329 fogos e 60$000 réis de rendimento ao seu vigario, que era apresentado pelo prior dos conegos regrantes de Villa Boa.

Pertenceu esta freguezia ao antigo concelho de *Bem Viver* (vol. 1.º pag. 382 col. 2.ª) extincto, bem como o de *Soalhães*, pelos decretos de 31 de março e 28 de dezembro de 1852 — e 31 de dezembro de 1853, passando as freguezias que os compunham e outras a constituir o novo concelho do *Marco de Canaveses*.

—

Comprehende esta freguezia os logares de Retiro, Lamoso, Pinheiro, Pombal, Veiga, Formiga. Casal, Casadella, Casal de Mattos, Lages, Meixide, Estrada, Sidraes, Cavalhões, Cavalhõesinhos, Bairral, Uzenda, Deguilhas, Fafiães, Bouça, Ribeira do Barco, Ribeira de Cima, Ribeira de Baixo, Albello, Valle, Valverde, Mirijeiro, Quebradas, Villar, Outeirinho, Coalva, Quintãs, Carcavellos, Eidinho e Lavandeira — e as habitações isoladas de Baceira, Bremes e Gandra.

Está na margem esquerda do Tamega e as suas freguezias limitrophes são — a O. S. Paio de Favões e Ariz [1], — Sande a S. —

---

[1] «A riqueza do templo e o magestoso do arraial não tem igual entre nós» — diz um jornal de Vizeu.

[1] Esta parochia pertence ao concelho de Canaveses e não ao de Baião, como por lapso se disse quando se fallou d'*Ariz*. Tem aqui a sua casa o visconde d'Ariz, na povoação da Feira Nova, onde se faz uma feira importante bimensal, nos dias 12 e 27.

Avessadas a E. — e ao norte Abragão, na margem direita do Tamega.

—

Dista cerca de 12 kilometros da foz do Tamega e da linha ferrea do Douro, (estação de Marco) — 9 da sede do concelho e 72 do Porto.

Passa ao nascente d'esta freguezia a estrada n.º 12, de Basto a Entre os Rios, que a liga com a estação do Marco — e já chega á freguezia limitrophe de Abragão a nova estrada a macadam de Penafiel ao apeadeiro da Palla na linha do Douro.

Moninho Viegas, o *gasco*, em cumprimento d'um voto feito quando andava por estes sitios pelejando contra os mouros, fez aqui um mosteiro de conegos regrantes, ao qual deu principio em 990 N'este mosteiro passou os ultimos 5 annos da sua larga vida o bispo resignatario do Porto D. Sizenando, irmão do fundador.

Vivendo aqui o santo e decrepito D. Sizenando, costumava ir todas as sextas-feiras dizer missa em uma capella que havia no monte proximo, cerca de 2 kilometros para o nascente do mosteiro, dedicada a S. Salvador, e, estando um dia a celebrar o sancto sacrificio, os mouros que ainda habitavam terras não muito distantes na margem esquerda do Douro, o surprehenderam e trucidaram, em 1035. Os conegos regrantes o sepultaram sob o altar da capellinha onde foi morto e alli se conservaram os seus restos mortaes 107 annos, até 1142, data em que D. Pedro Ribaldis, bispo do Porto, indo ao dicto mosteiro, mandou abrir o tumulo de D. Sizenando, cujo corpo encontrou intacto e o fez trasladar para a egreja do mosteiro, onde foi mettido em um outro tumulo de pedra (á direita, entrando pela porta principal). O 1.º tumulo tinha a inscripção seguinte:

III KAL. FEBR. OBIIT
IN DOMINO D. SESNANDUS, EPIS
COPUS PORTUGAL. A MAURORUM
TELIS CONFOSSUS, DUM SACRUM
FACERET. ERA MLXXIII.

«Aos 30 dias do mez de janeiro falleceu o bispo do Porto D. Sizenando, morto ás lançadas pelos mouros, quando estava a dizer missa. Na era de 1073 (anno de 1035).»

O 2.º tumulo (na parede da egreja do convento) tinha esta inscripção:

MARTYR, & ANTISTES JACET HIC
RITE SEPULTUS V. IDUS OCTOB. IN
ERA M. C. LXXX.
SESÑADUS NOMINE, QUĒ CHRISTUS
AD AETHERA SŪPSIT
III KAL. FEB. IN ERA M.LXXIII.

«O martyr e bispo D. Sisnando, a quem Christo levou para o ceu em 30 de janeiro do anno de 1035, foi aqui sepultado com solemne rito em 2 d'outubro de 1142.»

—

Esta parochia tomou o titulo de *villa* desde que el rei D. Affonso Henriques visitou este mosteiro e o coutou, em 12 de fevereiro de 1141.

Dizem que se denominou *Villa Boa* por ser o seu chão mimoso, saudavel e fertil, — e *do Bispo* para commemorar e perpetuar o martyrio de D. Sizenando.

Tambem se diz que foi este santo e martyr o primeiro christão que se sepultou dentro de um templo (a capellinha de S. Salvador) no bispado do Porto, honra que nem aos fundadores das egrejas se concedia, como prova o terem sido sepultados seu irmão e sobrinhos em jazigos nas paredes da egreja do convento para o lado dos claustros, onde ainda hoje se conserva a inscripção seguinte:

ERA M. C. LX.[1] OBIT D. MUNIŌ
VIEGAS, PRIOLI, QUI DICITUR GASCUS,
ET FILII EJUS, EGAS MUNIZ, ET
GOMEZ MUNIZ. REQUIESCĀT
IN PACE. AMEN.

«Na era de 1060 (anno de 1022) morreu o prior D. Moninho Viegas, chamado o *gasco*, e jazem aqui com elle seus filhos Egas Moniz e Gomes Moniz. Dencancem em paz. Amen.»

---

[1] Assim se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes*, vol. 1.º pag. 288, mas deve lêr-se: *Era M. LX.*

—

Este mosteiro de Villa Boa, originariamente de cruzios, passou em 1740 para os jesuitas, que alli viveram até á sua extincção, revertendo em seguida para a corôa; depois foi vendido por uma bagatella a um particular, que o revendeu á familia Ribeiro Vieira, em cuja posse ainda hoje se conserva.

A sua egreja foi sempre a matriz d'esta parochia e o mosteiro, sempre pequeno, está bem conservado, bem como a cerca, que tem solidos muros.

A torre foi n'este anno de 1884 reformada á custa do governo, sendo para lamentar que lhe pozessem uma cupula de madeira e lousa, havendo na localidade bom granito. Nos claustros e na egreja se conservam differentes sepulturas antigas, além das mencionadas, com as suas respectivas inscripções, tal é a de Julio Geraldes fallecido na era de 1419, cuja familia é hoje representada por Antonio Carneiro Geraldes de Figueirôa, da Casa Nova, na freguezia limitrophe de S. Paio de Favões,—e outra do D. prior Salvador Pires, fallecido em 1392.

Tambem alli jaz Pedro Gonçalves Cabral, filho do commendatario D. Nicolau, casado com D. Brites Affonso Vieira de Mello, de quem descendem os Vieiras Lemos da casa do Ribeiro, em S. Lourenço, representados hoje pela viscondessa de Negrellos;—os Vieiras de Mello, da casa do Pinheiro, tambem de S. Lourenço do Douro, representada por Luiz Carneiro de Vasconcellos, casado com D. Maria Thereza Nobre, de Penafiel, — e os Mellos das casas da Lage e Foz, de S. Thomé de Covellas, representadas por D. Maria de Mello e sua irmã D. Anna Amelia Pinto da Cunha; a 1.ª casou com João da Silveira Pereira Bravo, da Quintã, de S. Thiago de Piães;—a 2.ª que tambem succedeu na casa de Carrapatello, freguezia de Penhalonga [1], casou com Duarte Huet Bacellar, de quem faremos menção em Villa Boa de Quires.

—

Villa Boa do Bispo é uma das freguezias mais importantes d'este concelho. As suas producções dominantes são fructas, vinho verde e cereaes, e tem muitas casas nobres, tal é a do *Casal*, junto da grande capella publica do Pinheiro, que tomou o nome d'um monstruoso pinheiro, ha poucos annos derrubado por uma tempestade. Deu taboas que mediam 1m,30 de largura, e ainda lá se vêem outros pinheiros de notavel grandeza, pertencentes á dictá quinta do Casal, do visconde de Alemtem, cavalheiro respeitabilissimo e o primeiro proprietario do concelho de Lousada. Entre os seus nobres ascendentes conta D. Christovam d'Almeida Soares, 1.º bispo de Pinhel (V. vol. VII pag. 64, col. 2.ª e seg.)

Outra familia nobre é a d'Alvêlo, dos Geraldes, da Casa Nova;—outra era a de Oleiros (Pereiras Bravos) cuja casa passou a extranhos; — outra é a da Lavandeira, dos Britos Corte-Reaes, representada pelo dr. Antonio Pimentel Corte-Real e por seu irmão Carlos Corte-Real.

São tambem dignas de menção as casas de Carcavellos, Eidinho, Côrtes, Cavalhões, Cavalhõesinhos e a do Bairral, pertencente ao dr. Augusto Anthero de Madureira, que foi commissario geral da policia no Porto e é hoje official do governo civil d'este districto, casado com D. Carlota de Lencastre, irmão do visconde d'Alemtem.

—

No alto d'esta freguezia está o Monte Arado (*mons aratus*) e na cumiada d'elle se vêem as ruinas d'um grande castello que se suppõe estar occupado pelos mouros quando D. Moninho o cercou e tomou, pelo que fez o voto de edificar o mosteiro.

Foi tal a mortandade nos mouros fugitivos (diz a lenda) que a uma ponte proxima se deu o nome de ponte da *Degola*, nome que ainda hoje conserva.

Este D. Moninho Viegas reedificou a cidade do Porto, depois de expulsar d'ella os mouros, e, unido á hoste de Mendes de Sousa e de Arnaldo de Baião, levou os mouros de vencida até Rezende, havendo lhes tomado entre outros, os castellos de Villa Cova, de Vez d'Aviz e de Abragão, na margem direita do Tamega, hoje concelho de Penafiel, no

[1] Vide *Penha Longa* no vol. 6.º d'este diccionario e no *supplemento*.

ultimo dos quaes mataram o seu alcaide Agam e fizeram prisioneira Zaara, sua filha, a qual depois resgataram os mouros e era casada com o rei de Lamego Iben Alboacem, que veiu com grandes forças vingar a morte do sogro, ficando por seu turno vencido na grande batalha do *Mons Aratus.*

—

N'esta freguezia se vê ainda hoje em uma bouça, junto da estrada publica, um arco de granito em ogiva, denominado *Marmoiral* (Memorial) sendo muito diversas as opiniões relativamente á sua fundação e significação.

Para evitarmos repetições veja-se no 1.º vol. pag. 503 o artigo *Bugefa*; no 5.º vol. pag. 87, col. 1.ª o artigo *Marmoiral*—e no mesmo volume, pag. 67, col. 2.ª o topico *Santa Maria de Villa Boa do Bispo*, no artigo *Marco de Canaveses.*

O padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*, tomo I pag. 399, diz que o *Marmoiral* commemora o sitio onde esteve a capella em que foi martyrisado D. Sisnando.

Tot capita, tot sententiae!..

Com relação ao mosteiro de Villa Boa do Bispo e ao martyrio de D. Sisnando, leia-se a *Chorographia Portugueza*, logar citado, e a *Chronica dos Conegos Regrantes* por D. Nicolau de Santa Maria, vol. I pag. 287 a 294.

Ao ex.mo sr. Duarte Huet Bacellar agradeço os apontamentos que se dignou fornecer-me para este artigo.

VILLA BOA DO CARCÃOZINHO—freguezia do concelho e bispado de Bragança, hoje extincta e annexa á de Serapicos do mesmo concelho.

Villa Boa e *Carcãozinho* foram outr'ora freguezias independentes e pertenciam ao concelho de Izeda, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855. Hoje são duas pequenas aldeias da mencionada freguezia de Serapicos ou Sarapicos, parochia (abbadia) independente, mas que por seu turno já foi curato annexo á abbadia de S. Pedro *de Carças*, do mesmo concelho de Bragança.

Vide *Carcãozinho*, vol. 2.º pag. 105, col. 1.ª — e *Serapicos* (a 1.ª, orago N. S. da Assumpção) vol. 9.º pag. 150, col. 1.ª n'este diccionario e na *Chorographia Moderna*, vol. 1.º pag. 320.

VILLA BOA D'OUZILHÃO — freguezia do concelho de Vinhaes em Traz-os-Montes.

Já se tratou d'esta freguezia no artigo *Miguel de Villa Boa de Ouzilhão* (S.)—vol. 5.º pag. 220, col. 1.ª *Vide.*

Esta parochia está hoje annexada civilmente á de *Ouzilhão. Vide*, vol. 6.º pag. 363, col. 2.ª

VILLA BOA DE QUIRES — freguezia do concelho do Marco de Canaveses, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Orago Santo André,—fogos 430, habitantes 1:700.

A *Chorographia Portugueza* deu-lhe 212 fogos,—o *Port. Sacro e Prof.* 304,—Almeida 383 — e o *Almanach Ecclesiastico do Porto* para o anno de 1857 deu-lhe os mesmos 383 fogos e 1:317 almas.

É hoje abbadia, mas já foi reitoria apresentada pela casa de Bragança, rendendo apenas 90$000.

O *Almanach Eccles.* diz que rende 250$000 rs, sendo 50$000 rs. provenientes do passal, 104$000 réis do pé d'altar e benesses e 96$000 réis de derrama.

Tem coadjutor com 67$960 réis pagos pela freguezia, — residencia e cemiterio parochial.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Penafiel, mas por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o de Canaveses.

Em tempos anteriores foi commenda da ordem de Christo, pertencente á casa de Bragança e cabeça do couto de Villa Boa de Queires no antigo concelho de Porto Carreiro, comarca ou provedoria do Porto, de onde dista 56 kilometros, pela linha ferrea do Douro (estação de Villa Meã), — 5 kilometros d'esta estação — e approximadamente 8 das estações do Marco de Canaveses, Penafiel e Cahide, com as quaes se acha ligada pela estrada real n.º 34, que passa ao nascente d'esta freguezia.

As suas parochias limitrophes são a leste Sancta Eulalia de Constance, Canaveses e o Tamega, — ao poente Villa Cova de Vez de Aviz, Rande e Croca, — ao sul Mourelles e Abragão,— ao norte Castellões e S. Martinho de Recesinhos, no concelho de Penafiel.

Teve foral dado por D. Manuel em Lisboa, no dia 1 de setembro de 1513. Era o mesmo do antigo couto e villa extinctos de Porto Carreiro e comprehendia tambem a freguezia de Abragão.

—

A egreja matriz é um templo muito antigo, pequeno, mas de merecimento, estylo gothico, paredes revestidas d'azulejo, no cimo d'ellas varias figuras e sereias esculpidas em granito, capella-mór abobadada com apainelados e boas pinturas a oleo representando os Passos do Redemptor; altar-mór e 4 lateraes, todos de entalha antiga dourada, e confrarias ou irmandades do Santissimo Sacramento, Senhora do Rosario e Menino Deus, todas de remota fundação.

Como a egreja fosse muito pequena para a população actual d'esta parochia, ampliaram-n'a recentemente, accrescentando-lhe quasi o dobro em comprimento, prolongando-lhe as paredes lateraes até absorverem a galilé ou alpendrada que tinha na frente, e que era um pouco mais baixa do que a egreja, tapada pelo sul por uma parede, — pelo norte e poente firme em columnas de pedra—e pelo nascente presa ao frontispicio da egreja, que olhava e olha para o poente.

Tambem lhe addicionaram uma torre, pois só tinha um campanario de duas sineiras que rematava a frontaria do templo.

Houve todo o cuidado em respeitar o seu estylo architectonico, pelo que a sua frontaria actual é com pequena differença a mesma que tinha antes da ampliação. Apenas avançou alguns metros para a frente, conservando o seu elegante portico, hoje mais vistoso e desafrontado, com as suas quatro ordens de columnas e correspondentes arcadas firmes em capiteis muito ornamentados, representando cabeças de boi e outros animaes, tudo de granito, e superiormente a fresta do velho templo, no mesmo estylo do portico.

No acto da demolição e remoção da frontaria, encontrou-se uma pedra com uma data que se julgou ser 1180.

Em seguida á ampliação do templo foram restaurados e dourados de novo os altares, —e tambem se alargou o cemiterio e se restaurou e accrescentou a residencia parochial.

Todas estas obras foram levadas a effeito por espontanea generosidade d'alguns parochianos benemeritos, debaixo da activa e zelosa inspecção do não menos benemerito padre Victorino José Alves, professor regio n'esta parochia, sendo muito efficazmente auxiliado pelo sr. Antonio de Vasconcellos, da nobre casa dos Chãos.

—

As producções principaes d'esta parochia são fructas, cereaes e vinho verde—e os seus habitantes são muito trabalhadores e industriosos, pois n'ella abundam pedreiros, carpinteiros, trolhas, ferreiros, serralheiros, alfaiates, soqueiros, chapelleiros de palha e tecedeiras.

Tambem aqui ha uma boa banda de musica, desde longa data.

No *Alto do Crasto*, ao cimo e poente d'esta freguezia, houve em tempos remotos um castello, de que ainda hoje se vêem os alicerces, a 6 kilometros da margem direita do Tamega, approximadamente;—e no logar da Torre ainda existe a casa da camara e cadeia do antigo concelho e couto de Porto Carreiro, ha poucos annos vendida pelo estado a um particular que a modificou e apeou o velho pelourinho.

—

A pequena distancia da dicta casa se vêem tambem ainda hoje as ruinas do antiquissimo solar da Torre de Porto-Carreiro, dividido em emphyteuse por varios lavradores, alguns dos quaes ainda reconhecem por directo senhorio a nobre familia Porto Carreiro, do palacio das Sereias ou da Bandeirinha, no Porto, hoje representada por João Pinto Pisarro da Cunha Porto Carreiro, casado e com successão, descendente de D. Reymão Garcia Porto Carreiro que veiu para Portugal com o conde D. Henrique e foi o primeiro que usou d'este appellido, depois que o dicto conde D. Henrique lhe deu e coutou a terra e concelho de Porto Carreiro n'esta freguezia, onde estabeleceu o seu solar, na celebre quinta e casa da Torre.

D. Reymão Garcia Porto Carreiro era fi-

lho de D. Garcia Affonso, rico-homem do tempo de D. Ordonho III de Leão e descendente dos mesmos reis de Leão.

D'esta familia Porto-Carreiros descendem muitas familias da primeira nobreza de Portugal e da Hespanba, taes são os Viscondes de Porto Carreiro, de Laborim e de Bovieiro, os condes da Costa, os Vasconcellos da casa de Villa Boa de Quires, os Huets e Guedes do Ruibal, Padornello e Fojo, os Cyrnes do Porto, os Guedes d'Avelêda, etc. — e em Hespanha os condes de Teba e de Montijo, Medelim, Puebla del Maestro, Palma, Montalvim e Monclava, — os marquezes de Villa Nueva del Fresno, Alcalá, Alameda e Barca-Rota e os duques de Ossuna, todos grandes de Hespanha, muitos dos quaes se appellidam ainda hoje Porto-Carreros.

Os condes de Montijo são em Hespanha os representantes do ramo primogenito dos Porto-Carreiros portuguezes, e por isso a ultima imperatriz dos francezes, D. Eugenia, viuva de Luiz Napoleão, se appellida Gusman de *Porto Carrero*, por ser filha dos mencionados condes.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Porto*, vol. 7.º pag. 519, col. 1.ª e seg. — e pag. 500, col. 2.ª — e o art. *Porto Carreiro*, no mesmo vol. pag. 565, col. 1.ª

—

Ha n'esta freguezia 4 capellas publicas: Senhora do Pilar, (em ruinas) S. Sebastião, Senhora do Penedo e Calvario, em substituição da antiga capella de S. Miguel—e 4 particulares das casas de Villa Boa, Penidos, Buriz e Telha. Esta ultima foi da nobre familia Camellos Leites e é hoje d'um lavrador, por compra.

Tem aqui o conde de Rezende o *Paço do Pombal*, que foi tambem dos Porto Carreiros, mas venderam-no a Duarte Carneiro Rangel. Estava fóra do antigo concelho de Porto Carreiro, no antigo couto que houve na parte norte d'esta freguezia.

É natural d'esta parochia, da nobre casa dos *Chãos*, o sr. Duarte Huet Bacellar, cavalheiro respeitabilissimo, casado com a ex.ma Sr.ª D. Anna Amelia Pinto da Cunha e Abreu, residentes no Porto.

No supplemento a este artigo darei uma nota genealogica de ss. ex.as

Foi muitos annos abbade d'esta freguezia, collado em 19 de junho de 1841, o rev. José Joaquim Duarte Pinto Bandeira e Castro, egresso franciscano da provincia da Soledade, prégador eleito em capitulo geral da sua ordem, no dia 15 de novembro de 1823.

Veja-se no supplemento a este diccionario o artigo *Villa Boa de Quires*.

VILLA BOA DA RODA—concelho extincto na antiga comarca de Guimarães; distava cerca de 24 kilometros de Braga para N. E. e comprehendia sómente a freguezia de S. Thiago de *Guilhofrei*, hoje pertencente ao concelho e comarca de *Vieira*. V. *Guilhofrei*.

Era da corôa; tinha juiz ordinario e de orfãos, 2 vereadores e procurador do concelho feitos por pelouro e eleição triennal do povo, a que presidia o corregedor de Guimarães,—2 escrivães, distribuidor, inquiridor, contador, almotacé e meirinho, que servia de carcereiro.

El-rei D. Manuel lhe deu foral em Lisboa no dia 8 d'agosto de 1514 [1].

Pela divisão judicial feita por decreto de 7 d'agosto de 1835, ficou pertencendo ao julgado de primeira instancia de Cabeceiras de Basto e pelo recenseamento de 1820 contava 310 fogos; o Flaviense deu-lhe 1:108 habitantes e o padre Carvalho 130 fogos.

Agradeço estes apontamentos ao meu illustrado collega o rev. José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires.

VILLA BOIM — freguezia e villa extincta no concelho e comarca d'Elvas, hoje diocese d'Evora, districto de Portalegre, na provincia do Alemtejo.

Até 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertenceu ao extincto bispado d'Elvas.

---

[1] *Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes* fl. 23, col. 2.ª

Tambem teve *foral velho*, dado por el-rei D. Affonso III em Guimarães no dia 15 de fevereiro de 1261. *Livro I de Doações do sr. Rei D. Affonso III, fl. 51. col. 2.ª*

Veja-se a Inquirição para o *Foral Novo* no *Maço unico de Inquirições*, armario 17, n.º 15.

Orago S. João Baptista,— fogos 120, almas 1:697.

Em 1708 contava 60 fogos — e 120 em 1767.

É priorado; foi da apresentação da casa de Bragança e pelo meiado do ultimo seculo rendia apenas 90:000 réis.

Dista d'Elvas 10 kilometros para O. S. E. — 60 de Portalegre e 70 d'Evora, 12 da estação d'Elvas, no caminho de ferro de leste, e é atravessada pela estrada real a macadam d'Elvas para Extremoz, construida de 1848 a 1857.

—

Comprehende além da villa, séde da parochia, as hortas de Chamorra de Baixo e Chamorra de Cima (que formam a herdade da *Chamorra*, pertencente á casa de Bragança) — Ponte, Magdalena, Monte Velho, Azenha de Pariz — e os montes (casaes) Novo, Valbom, Valverde, Cavalleira, Teixugo, Serra e e um casal na travessa da Magdalena.

A maior parte d'estes montes são herdades; pertencem á casa de Bragança as de Atalaia, Valbom, Castello, Valverde, Cavalleira, Teixugo, Serra, Monte Novo e Ramalha, hoje quasi todas divididas em courellas pelos habitantes d'esta freguezia, que as cultivam e usufruem, mas pagam fôro á casa de Bragança.

Tambem ha n'esta freguezia a herdade de *Carnagem* ou *Canugem*, pertencente a Joaquim Marques Pinto—e a do *Baldio*, grande parte da qual foi cedida para logradouro commum aos habitantes d'esta parochia, sendo tambem foreira á serenissima casa de Bragança.

—

Freguezias limitrophes: S. Lourenço a E. —Santo Antonio da Terrugem a O. — Villa Fernando a N.—e Ciladas a S.

A egreja parochial é um bom templo. Já se achava construida em 1446 e foi reedificada em 1778 a 1785. Tem capella-mór e duas lateraes, uma dedicada a S. Miguel e Almas, outra á Senhora dos Remedios, todas tres revestidas de marmore.

A imagem da Senhora dos Remedios é alvo de muita devoção e desde tempos remotos tem luzida festa e grande romagem.

Ha tambem aqui a egreja da Misericordia e houve (não sei se ha ainda) n'esta freguezia, duas capellas mencionadas na *Chorographia Portugueza*,—uma de S. Bartholomeu, outra de Santa Maria Magdalena.

Tem feira annual importante nos dias 10, 11 e 12 de maio.

Esta parochia foi villa e concelho, até 1836, pertencentes á provedoria ou comarca de Villa Viçosa. Ainda existem os antigos paços do concelho, a cadeia e o pelourinho.

As suas ruas principaes são a d'Elvas, a meio da qual tem um largo,—a de Borba e a de Villa Viçosa.

Banham esta freguezia os ribeiros de Valverde, do Teixugo, dos Chiqueiros e o de *Todo o Anno* que desaguam a 2 kilometros de distancia na ribeira de Moures — e esta na margem direita do Guadiana.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra e uma azenha, movida por agua.

—

Producções dominantes — vinho, azeite, trigo, cevada e aveia, caça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

É saudavel o clima d'esta parochia, mas fez aqui bastantes victimas o cholera em 1855.

Entram n'esta parochia as serras de *Moises* (?) — do *Maluco* (?) — e o monte do Ferreiro, que nada offerecem de notavel.

Tem uma escola publica d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e tres particulares para o sexo feminino, — uma casa de Misericordia muito antiga, mas hoje decadente—e duas estalagens.

Têem apparecido aqui, em differentes pontos d'esta parochia, moedas romanas e vasos de vidro e de louça, revelando muita antiguidade.

Os duques de Bragança tiveram aqui uma grande coutada para os seus entretenimentos venatorios.

—

A povoação de Villa Boim, outr'ora *Villa d'Aboim*, está muito vantajosamente situada em alegre e vistosa planicie; foi fundada por D. João Pires d'Aboim, de quem tomou o

nome [1], como consta da 5.ª parte da Monarchia Lusitana, liv. 16, cap. 53, fl. 124, e teve antigamente um bom castello, com hortas, casas e fontes dentro e fóra d'elle, mas foi arrasado pelos castelhanos, quando D. Luiz d'Haro sitiou a praça d'Elvas. A este castello foi el-rei D. Philippe I, quando estava em Elvas, visitar a duqueza de Bragança D. Catharina, sua prima co-irmã.

Hoje (1884) apenas restam os alicerces d'alguns lanços do mencionado castello e algumas paredes servindo de muro aos quintaes de diversas habitações.

A pequena distancia d'este castello e á vista d'elle, se erguia uma atalaia na eminencia da serra, occupando o ponto mais alto que ha de Lisboa até Madrid (diz a *Chorographia Portugueza*). D'ella se descobria um vastissimo horisonte e tres reinos—Portugal, Castella e Leão, — 3 cidades episcopaes, Elvas, Portalegre e Badajoz—uma archiepiscopal, Merida, a antiga capital da Lusitania, — e grande numero de villas nos tres mencionados reinos.

Até 1836 teve esta villa juiz ordinario, feito por pelouro, na fórma da Ordenação, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara e da almotaçaria e outro dos orfãos, do judicial e notas.

Têem foral dado por D Manuel em Lisboa no dia 1 de julho de 1518. *Livro de Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 111, v. col. 1.ª

—

Em junho de 1876 Braz Leon Alvares sollicitou do governo o diploma de descobridor legal de uma mina de cobre no sitio de Valbom, d'esta freguezia.

Falleceu no dia 6 d'abril de 1876 o abastado e honrado lavrador d'esta parochia, Luiz Marques Pinto, cavalheiro muito estimavel e muito obsequiador. A sua casa e a sua mesa estavam sempre á disposição dos seus numerosos amigos e mesmo de quaesquer pessoas extranhas que em passeio ou jornada por aqui fizessem caminho.

Era um *quartel general* permanente a sua casa, pois n'ella recebeu innumeras vezes officiaes de differentes corpos e os generaes, principalmente quando a séde da divisão do Alemtejo estava em Extremoz. Seus paes foram egualmente generosos e hospitaleiros e tiveram a honra de receber inclusivamente a rainha, a sr.ª D. Maria II e seus augustos filhos, o principe D. Pedro, depois rei, D. Pedro V, e o infante D. Luiz, hoje imperante, quando em outubro de 1843 foram a Elvas, sendo ainda hoje proverbial a admiração que a Sua Magestade causou o *lunch* que os donos da casa lhe offereceram, *lunch* que podia abastecer um exercito!

É digno prior actual d'esta freguezia o rev. sr. Marcos da Cruz Serpa, a quem agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA-CÃ — freguezia do concelho e comarca de Pombal, districto de Leiria, diocese de Coimbra, na Estremadura.

Fogos 358, almas 1687, orago S. Bartholomeu.

Em 1768 contava apenas 253 fogos, era vigairaria da apresentação d'el-rei pela Mesa da Consciencia — e rendia 40$000 réis para o pobre parocho.

Foi commenda da ordem de Christo.

Está situado o logar de Villa Cã (Villa *Cãa* ou Villa *Cão*) entre duas pequenas ribeiras que formam a ribeira de Valmar, uma das nascentes do rio Nabão, 3 kilometros a O. S. O. da villa de Abiul e da estrada de Pombal para Thomar, 11 a E. da Estação de Vermoil, 9 a N. N. E. da estação de Albergaria (C. de ferro do N.) e 10 a S. E. de Pombal.

Comprehende mais esta freguezia os logares ou aldeias de Tourilhe ou Touril, Garriapa, Castello, Carvalhal, Chão de Ulmeiro, Alcaria, Aroeiras, Valle, Outeiro da Gallega, Casaes, Lameiros, Baltaria, Traz os Mattos, Gonçalvinho, Outeiro, Vicentes, Fontainha, Viuveiro, Val da Vinha, Souto, Pipa, Villa Pouca e os casaes de Tojeira, Mont'agudo, Cardeaes, Casal Novo, Matta, Serodia e Fonte Nova.

---

[1] Este D. João d'Aboim foi grande privado de D. Affonso III e de D. Diniz e um dos homens mais ricos de Portugal no seu tempo. É o mesmo de quem já extensamente se fallou nos artigos *Aboim da Nobrega*, vol. 1.º pag. 14, col. 2.ª — e *Mosteiro* (de Nobrega) vol. 5.º pag. 557. *Vide*.

Vem mencionados na *Chorographia Portugueza* os logares de Garriapa com uma capella de S. João Baptista, Chão d'Urmeiro com outra capella de Nossa Senhora da Conceição, Valle com outra de Nossa Senhora do Amparo e Traz os Mattos com outra de Nossa Senhora do Soccorro.

As suas freguezias limitrophes são Litem, Abiul, Pousa Flores e S. Simão.

—

Ha n'esta freguezia de Villa Cã um ribeiro, em cujo leito, de tal a tal ponto apenas, apparece mui frequentemente ouro de apuradissimo quilate, sendo certo que até os proprios pastores, sem terem conhecimento algum dos processos empregados para a procura d'aquelle metal, o encontram sem grande difficuldade.

Temos visto já por muitas vezes alguns boccados de ouro do tamanho de grãos de milho e outros maiores ainda, que vão ser vendidos nas differentes feiras, e que, apenas vistos pelos ourives, são immediatamente comprados. Isto indica que a sua qualidade é excellente.

Parecia-nos que alguem, conhecedor de terrenos auriferos, não perderia o seu tempo, vindo a estes sitios orientar-se e fazer as pesquizas convenientes.

VILLA CAHIZ E PASSINHOS — freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago S. Miguel e S. Julião, — fogos 250, almas 900, comprehendendo as duas freguezias, que hoje constituem uma só. É orago da 1.ª S. Miguel — e foi orago da 2.ª S. Julião.

A aldeia de Villa Cahiz, séde da parochia, dista 3 kilometros da margem direita do Tamega para O.—8 de Amarante para S. O.—cerca de 20 de Penafiel para E. N. E. — 30 da foz do Tamega — e 3 da linha ferrea do Douro, (apeadeiro da Livração).

Freguezias limitrophes—Louredo e S. Julião de Passinhos [1], annexa de Villa Cahiz, a E.—Santa Eulalia de Constance a O.—Banho e Carvalhosa a N.—e Toutosa a S.

—

Esta parochia é abbadia; pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da nova circumscripção diocesana; — em 1768 era da apresentação da condessa d'Alva, — rendia 400$000 réis—e contava 130 fogos.

Foi *villa*, *couto* e *honra* do antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, em virtude do qual passou para o concelho de Amarante.

Em um alto, na proxima freguezia de *Louredo* e não de S. Martinho de *Recezinhos*, como por engano dissemos [1], se vê ainda a antiga capella de Santa Cruz, que dava o titulo ao concelho, e ao lado d'ella se notam claros vestigios d'uma velha fortaleza.

Esta *honra* foi dos senhores de Unhão. Ayres Gomes da Silva a vendeu por 120$000 réis a Gomes da Silveira, que casou com Isabel Pinheiro, dos Pinheiros de Barcellos, de quem teve entre outros filhos a Leonardo da Silveira que foi o 2.º senhor d'esta *honra* e casou com Isabel Teixeira da casa de Cergude, cuja successão póde ver-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 1.º pag. 132 e seg. Vagando para a corôa em 1673 por fallecimento do ultimo donatario Francisco da Silveira, que não deixou filhos, D. Pedro II a deu a Roque Monteiro Paim, do seu conselho e seu secretario, juiz presidente da junta da Inconfidencia, commendador de Santa Maria de Campanhã na ordem de Christo, senhor dos concelhos da Maia e Refojos, etc. Pode ver-se a sua nobilissima ascendencia e descendencia na *Chorographia Portugueza*, logar citado.

Aqui tiveram os donatarios d'esta *honra* um palacete, venerando solar, denominado da *Pena*, hoje pertencente a um capitalista que o obteve por compra modificando-o e destruindo com a restauração do edificio uma formosa capella, que tinha o privilegio de n'ella poder conservar-se o Santissimo permanente

---

[1] Não se confunda esta freguezia com a de *S. Miguel de Passinhos*, annexa á de *Boêlhe*, no concelho de Penafiel. V. *Boêlhe*.

[1] V. *Recezinhos*, orago S. Miguel, vol. 8.º pag. 77, col. 2.ª

—

Ha n'esta freguezia, em um vistoso pincaro, a linda capella de Nossa Senhora da Graça, luxuosamente reedificada nos ultimos annos pelo benemerito e zeloso padre Antonio Augusto Pinto de Magalhães, distincto orador sagrado que, com o auxilio dos fieis e com o producto da predica, alli tem feito obras importantes. Não só transformou a vetusta e humilde capella em um esplendido sanctuario, mas fez um collegio onde vivem algumas piedosas mulheres, irmãs do Coração de Maria, que se dedicam ao culto da Virgem e ao ensino de meninas, quasi todas pobres.

Este virtuoso ecclesiastico, sendo ainda novo, tem arruinado a saude com o seu trabalho insano em pró de tão santa instituição, dando-se por bem pago das suas fadigas por vêl-a prospera e florescente.

É hoje esta capella um dos mais formosos sanctuarios do Minho;—n'ella se fazem muitas festas com romagens, clamores e grande concorrencia de fieis dos povos circumvisinhos.

D'ali se descobre um largo horisonte e a linha ferrea do Douro que lhe fica ao sul, distando apenas 3 kilometros o apeadeiro da Livração, que tomou o nome do santuario de Nossa Senhora da Livração, pertencente á freguezia de *Toutosa* [1].

O *Santuario Marianno* (vol. 7.º pag. 442) publicado em 1721, fallando da capella de Nossa Senhora da Graça, diz que a imagem da Virgem estava em um retabulo de talha dourada; que era de pedra, mas muito linda, tendo tres palmos e meio d'altura e sobre o braço esquerdo o Menino Jesus, amparando-o com a mão direita. Que a egreja era bonita e tinha na porta travesssa uma galilé muito elegante sobre 6 columnas de pedra com 3 entradas e que a egreja mostrava ter sido reconstruida.

Que o dicto templo era muito concorrido pelos fieis e a elle íam com romarias e clamores em certos dias do anno varias parochias, tal era a de Villa Boa de Queiris e outras, então do arcebispado de Braga, mas que a estas lhes fôra prohibido o irem incorporadas.

Que antigamente tivera ermitães que velavam pelo sanctuario, mas que n'aquella data (1721) já os não tinha, porque lh'os não permittiram os prelados bracarenses. Finalmente que nada se sabia ao certo, nem mesmo pela tradição, relativamente á origem d'este sanctuario.

—

O antigo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega teve foral, dado em Lisboa por D. Manuel a 1 de setembro de 1513.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 87, v. col. 2.ª

O dito foral comprehendia as terras seguintes, pertencentes ao mencionado concelho:

Castellãos, Athayde de S. Pedro, Cahide de Rei, Constance, Ermida, Figueiró de Santa Christina (sic), Louredo, Oliveira de Sampaio, Recezinhos, Rial, Sansinhos, Travanca e *Villa Cahiz*.

As producções dominantes d'esta parochia são — milho, trigo, centeio, azeite e vinho verde *d'enforcado*.

—

Cahiz ou *cafiz* era antigamente o nome de uma medida dos solidos ou grãos.

Havia *cahiz grande*, ou maior, e *cahiz pequeno*, ou menor; o 1.º constava de 16 alqueires, que formavam um *quarteiro*, quarta parte do moio ordinario ou geral, a que davam além dos 15 um alqueire mais de *verteduras*;—o 2.º constava só de 8 alqueires.

No anno de 1229 se deu uma sentença apostolica por um rescripto de Honorio III contra D. Durão de Corces e Domingos Marcos, o *barba de porco*, que haviam feito graves damnos ao mosteiro de Santa Maria de Aguiar e lhe tinham furtado da granja de Turões *14 bois, 5 carneiros e seis cafizes e meio de trigo e centeio*. D'esta medida ainda hoje se usa na Hespanha.

Villa Cahiz quer pois dizer—a villa onde se pagavam os taes *cahizes*.

---

[1] V. *Toutosa*, vol. 9.º pag. 705, col. 1.ª

A pequena distancia do sanctuario da Livração ha um cruzeiro antiquissimo, chamado do *Paço*. Diz a tradição que foi erguido em memoria d'um *rei mouro* (?) que alli falleceu.

Talvez que do mesmo *cahiz* provenha tambem o nome da freguezia de S. Pedro de *Cahide de Rei*, outr'ora do mesmo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega e hoje do concelho de Lousada, posto que o meu antecessor opinou por outra etimologia bem differente.

Veja-se *Caíde* (ou Cahide) *d'El-Rei*, vol. 2.º pag. 33, col. 2.ª *in-fine*.

—

O extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega pertenceu á provedoria ou comarca de Guimarães até 1776, data em que por uma provisão d'el-rei D. José, de 5 de julho d'aquelle anno, passou para a comarca de Penafiel.

«Houve por bem ordenar que da comarca de Guimarães se separassem o concelho de Unhão, o de Santa Cruz de Riba Tamaga, o de Govêa de Riba Tamaga, o de Gestacô, a *Honra de Vila Cahiz* e a villa de Canavezes e Tuhias, e se aggregassem á de Penafiel, ficando precipuos para a comarca do Porto os concelhos de Gondomar, Aguiar de Sousa, Maia e Refoios, que sempre constituiram o termo d'ella» — diz a citada provisão, que póde ler-se na sua integra na *Descripção historica e topographica de Penafiel* por Antonio d'Almeida, publicada no tomo X, parte II da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, pag. 167 a 168.

Esta freguezia comprehende as aldeias seguintes: Villa Cahiz, séde da parochia, Esporões, Carvalhal, Pena, Outeiro, Aldeia Nova, Villarinho, Coura e Passinhos, freguezia annexa e que hoje tem apenas 22 fogos.

A egreja parochial de Villa Cahiz é um bom templo, feito em 1774, bem tractado e com uma torre moderna e elegante, mandada fazer por João Pereira de Magalhães.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do Menino Deus, no dia 6 de janeiro, e a do Santissimo Sacramento a 15 d'agosto.

Ha n'esta freguezia uma capella de S. Pedro na aldeia de Coura. É particular, pertencente a Victorino Ferreira de Magalhães, da freguezia de Santo Isidoro.

—

Os edificios principaes d'esta parochia são a casa de Cimo de Villa, onde viveu e morreu o capitão-mór do extincto concelho de Santa Cruz, Bento Corrêa,—a casa da Pena, antigo solar do conde d'Alva, marquez de Santa Iria, comprada pelo captalista Francisco José Cardoso, hoje restaurada e possuida por seu filho Joaquim Augusto Ferreira Cardoso,—e a de José Augusto Moreira de Mattos. em Coura.

Até 1835 teve casa de camara, cadeia, pelourinho, as auctoridades proprias do concelho e um capitão-mór; extincto o concelho, foram supprimidas todas as auctoridades, mas ainda existem o pelourinho e a casa da cadeia.

Esta freguezia vai pelo nascente até o Tamega onde tem 12 rodas de moinhos.

Além da serra da Senhora da Graça ha n'esta freguezia o monte das Costeiras, sobranceiro ao Tamega, — monte que tem de notavel um penedo denominado *Penedo da Moura* com um lagar, uma lagareta e uma *lagarinha* (dizem os apontamentos que me enviou o rev. parocho)—tudo obra dos mouros, segundo reza a tradição.

Tem finalmente esta freguezia uma aula d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma archi-confraria do Santissimo Coração de Maria, erecta com grande pompa no santuario de Nossa Senhora da Graça, no dia 14 de maio de 1876.

VILLA CHÃ — aldeia importante na freguezia da Penajoia, concelho, comarca e diocese de Lamego.

V. *Penajoia* n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA CHÃ — freguezia do concelho de Esposende, comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Orago S. João Baptista,—fogos 166,—almas 694.

Em 1708 contava 110 fogos, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, — e o *Port. Sacro e Profano* deu-lhe os mesmos 110 fogos em 1768.

Foi sempre abbadia e da apresentação da casa de Bragança até 1836.

Comprehende os logares da Egreja, Outeiro, Aldeia de Cima, Aldeia de Baixo, La-

goeira, Bicudo, Lages, Sovereira, Chouso, Casaes e Abelheira.

Freguezias limitrophes — Antas, S. Paio, Marinhas, S. Bartholomeu do Mar, Forjães, Belinho, Curvos, Palme e Feitos.

Dista de Esposende 5 kilometros, 16 de Barcellos, 34 de Braga e 11 da estação de Barrosellas no C. de F. do Minho.

Nenhuma estrada a macadam construida ou em via de construcção atravessa ou toca esta freguezia, mas passa a 2 kilometros d'ella a estrada real de Barcellos a Vianna.

A egreja matriz é um templo regular e decente. N'ella se fazem duas festas principaes —a do padroeiro, S. João Baptista, — e a da Assumpção do Senhor.

Ha n'esta freguezia uma capella com a invocação de S. Lourenço. É publica e tem festa e romagem no dia 10 d'agosto.

—

Banha esta freguezia o ribeiro da Abelheira, que desagua no occeano a 3 kilometros de distancia, na praia das Marinhas, freguezia limitrophe. Move uma fabrica de serrar madeira e 2 moinhos; não tem ponte alguma.

Producções dominantes — cereaes, vinho verde e algum azeite.

O termo d'esta freguezia comprehende parte da serra de S. Lourenço, que se ergue a poente, encimada pela vistosa capellinha d'aquelle nome, de que já fizemos menção— e o monte de *Figueiró* ao nascente. É pouco elevado e bastante plano, sem pincaros nem morros e baldio ou logradouro commum.

Ha n'esta parochia apenas uma aula de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Em uma escavação que se fez, haverá 10 annos, na serra de S. Lourenço, appareceram algumas moedas romanas pequenas e de cobre.

Ha na dicta serra um pequeno penedo com uma cavidade, na qual por vezes se encontra agua, proveniente do *influxo das marés* (diz o povo)—agua que julgam milagrosa e por isso denominam aquelle penedo *Fonte da Virtude.*

É certo que muitas pessoas das circumvisinhanças, até 15 e 18 kilometros de distancia, costumam levar pequenas porções da dicta agua para lavarem com ella creanças que padecem certas molestias, julgando-a remedio efficaz.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca da Ponte da Barca, districto de Vianna do Castello, diocese de Braga, na provincia do Minho.

Orago S. João Baptista,—fogos 227,—almas 663.

Em 1708 contava 160 fogos e 192 em 1768.

Reitoria; foi da apresentação do arcediago da Nobrega e Neiva; rendia para o vigario 100$000 réis e 300$000 réis para o arcediago. Foi outr'ora vigairaria.

A egreja parochial dista 4 kilometros da margem esquerda do Lima para S. S. E.—8 da Ponte da Barca para E· S. E. na estrada de Lindoso para Pico de Regalados — e 49 de Vianna.

Comprehende esta freguezia as aldeias de Portuzello, Paradella, Seixas, Golfeiro, Egreja, Santa Marinha, Quinteiro, Loureiro, Saborido, Barral e Cajaneiro.

Producções dominantes — cereaes, vinho de enforcado e batatas.

Limitam esta freguezia a E. o riacho de Germil, — a N. o rio Lima e a freguezia de *Villa Chã* (S. Thiago) — a O. a freguezia de Touvedo — e ao S. a de Sibões, do concelho de Terras de Bouro.

Banham-na varios ribeiros, que alimentam 14 moinhos, um lagar d'azeite e uma fabrica de burel.

A quinta principal d'esta parochia pertence a D. Carlota Amalia de Paços, viuva do desembargador José de Vasconcellos Athaide e Menezes—e compõe-se das terras chamadas da *Patriarchal* e do *Passal da Egreja.*

Ha n'esta freguezia o monte do *Outeirinho*, que lhe fornece matto para estrume e pastagens para os gados. Tambem fica proxima a serra do *Galinheiro.*

Tem finalmente esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca da Ponte da Barca, districto de Vian-

na do Castello, diocese de Braga, na provincia do Minho, Reitoria.

Orago S. Thiago,—fogos 107,—almas 436.

Em 1708 contava 80 fogos, diz a *Chorographia Portugueza*; o *Portugal Sacro e Profano* deu-lhe 74 em 1768.

Foi vigairaria annexa á abbadia de S. Miguel d'Entre os Rios, apresentada pelo abbade d'aquella parochia e rendia em 1768 apenas 40$000 réis. Hoje é parochia independente.

O logar de Villa Chã, séde d'esta freguezia, está na margem esquerda do Lima, 3 kilometros a S. S. E.—10 a E. da Ponte da Barca, na estrada que d'esta villa vae para Lindoso, — 51 a N. E. de Vianna — e 36 a N. E. de Braga.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Seixenha, Barreiro, Eido de Baixo, Eido de Cima e Lamellas.

As suas producções dominantes são vinho de enforcado e cereaes.

Limitam-na ao nascente a freguezia de S. Miguel d'Entre os Rios,—ao sul e poente a de S. João de Villa Chã,—e ao norte o rio Lima.

Até 1859 teve feira mensal, no dia 26 de cada mez.

Banham-na differentes regatos que desaguam no Lima.

V. *Entre Ambos os Rios*, vol. 3.º pag. 37, col. 2.ª

VILLA CHÃ—ou *Villa Chã da Montanha* —freguezia do concelho e comarca de Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Thiago, — fogos 276, — almas 1:019.

Em 1706 contava 100 fogos, — e 153 em 1768,—era vigairaria collada da apresentação do reitor de Alijó e rendia 100$000 réis.

Tambem já esteve annexa algum tempo á villa d'Alijó, mas hoje é reitoria independente.

Foi do arcebispado de Braga até 1882, data da nova circumscripção diocesana.

Comprehende as aldeias de Villa Chã, séde da parochia, Chã e Carvalho.

As suas freguezias limitrophes são—Alijó, Villar de Maçadá, Parada do Pinhão e Ribalonga na margem direita do rio Tinhella, confluente do Tua,—e na margem esquerda Santa Eugenia e Carlão.

Dista 3 kilometros da margem direita do rio Tinhella para poente, 6 d'Alijó para N.N.O. — 18 da estação de Pinhão na linha ferrea do Douro, — 145 do Porto e 482 de Lisboa.

Producções dominantes — vinho, azeite e cereaes.

VILLA CHÃ — freguezia do concelho de Macieira de Cambra, comarca de Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Até 1882 pertenceu á extincta diocese de Aveiro e anteriormente pertenceu á comarca d'Arouca.

Orago Nossa Senhora da Purificação, — fogos 230—almas 897.

Em 1708 contava apenas 150 fogos,—pertencia ao termo da extincta villa de Bemposta, de que foi donatario o conde de Villa Verde, — e era um simples curato da apresentação das freiras benedictinas do Porto; —mas em 1768 já era priorado da apresentação do convento d'Arouca, — rendia réis 400$000 e contava 201 fogos.

Hoje é priorado e comprehende as aldeias seguintes: Villa Chã, séde da parochia (a egreja matriz está um pouco isolada) Boucinha, Cancella, Corredoura, Devesa, Gandra, Leiras, Lordello, Moradal ou Muradal, Moinho Vedro, Picão, Pedreira, Portella, Povoa, Refoios ou Refojos, Relva, Regadas e Theamonde.

O logar de Villa Chã dista 2 kilometros de Macieira de Cambra para oeste e (approximadamente) 15 de Oliveira d'Azemeis para N. E.—20 d'Arouca para S. O.—e 23 da estação d'Ovar, na linha ferrea do norte.

Passa n'esta freguezia a nova estrada a macadam, n.º 40, de Ovar para Entre os Rios e Arouca, por Oliveira d'Azemeis, servida por diligencias—e deve atravessar tambem esta freguezia a nova estrada districtal, de Vizeu ao Porto, em via de construcção.

—

Freguezias limitrophes—Castellões a S.—Macieira de Cambra a E.—Carregosa e Villa Cova do Perrinho a N.—Ossella a O.—e Cedal a N. O.

A egreja matriz é um templo regular bastante antigo, demandando nova capella-mór, e tem a freguezia 3 capellas publicas—uma de Santo Antonio, na Gandra,—outra da Senhora das Dores, em Lordello,—e outra da Senhora da Ribeira, em Theamonde, sendo esta *meéeira* com a freguezia de Carregosa. Tem mais 3 capellas particulares—uma em Refojos, outra na Cancella e outra no Moradal.

Feiras—uma mensal, no logar da Gandra, no dia 9,—outra tambem mensal no dia 2, em Coelhosa, aldeia de Castellões, freguezia limitrophe.

—

Banham e fertilizam esta parochia 2 rios —o *Vigues*, que corre de N. para S. O.—e o *Trancoso*. que corre de N. para S.—mais 2 ribeiros, o dos *Cães* e o dos *Pelames*, que desaguam no rio Trancoso, bem como este no Vigues, no sitio da ponte da Gandra,—e o Vigues no Caima junto de Areias de Castellões.

Tem o Vigues duas pontes de pedra na estrada n.º 40, de Ovar a Entre os Rios, a da *Berbolga* e a da *Gandra*—e outra no *Moradal*, feita ha poucos annos.

O rio Trancoso tem uma, prestes a concluir-se, no *Souto*, junto da egreja matriz, e no regato dos Pelames ha outra em via de construcção, já com o arco fechado.

Esta parochia não tem fabricas, mas tem bastantes moinhos, todos movidos por agua.

As suas producções dominantes são milho e vinho verde.

É natural d'esta parochia o barão de Salgueiro, que vivendo em Leiria alli casou.

Tocam n'esta freguezia os montes de *Ario* e *Perrinho*. que nada offerecem de notavel.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis, districto de Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Orago S. Pedro, apostolo,—fogos 225,—almas 1:030. Abbadia.

Em 1708 contava apenas 120 fogos e já era abbadia apresentada pelo bispo do Porto;—em 1768 contava 134 fogos, rendia réis 320$000 e era apresentada pelo cabido e pelo bispo da mesma diocese do Porto.

Até 1802 (approximadamente) pertenceu á grande comarca da Villa da Feira, passando em seguida para o concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis.

Comprehende as povoações de Villa Chã, *Costa-Má*, Bustello, Gandra, Lomba, Samil e Travessas.

O sr. J. M. Baptista menciona mais—Outeiro, Ramillos, Covada, Farrapa e Fonte-Chã.

Está tambem nos limites d'esta parochia a grande quinta, casa e fabrica dos fidalgos, hoje condes, do Côvo.

Freguezias limitrophes — Nogueira do Cravo, Pindello e Ossella a E. — Couto de Cucujães e S. Thiago de Riba d'Ul a O.—S. João da Madeira e Macieira de Sarnes a N.—e Oliveira d'Azemeis a S.

—

Dista 4 kilometros de Oliveira d'Azemeis, — 12 da estação d'Ovar, na linha ferrea do norte,—34 do Porto, pela estrada real a macadam do Porto a Lisboa, mas 48 pela linha ferrea do norte (estação d'Ovar) — 40 de Aveiro—e 313 de Lisboa.

Atravessam esta freguezia uma estrada districtal a macadam, servida por diligencias, da estação d'Ovar, no caminho de ferro do norte, á villa d'Arouca, tocando em Oliveira d'Azemeis e na casa e fabrica do Côvo — e outra estrada tambem a macadam de Oliveira d'Azemeis para a villa de Arouca e que toca no logar de Bustello. Esta ultima é municipal.

Emquanto a templos, tem esta parochia, além da sua egreja matriz, 2 capellas publicas, muito decentes,—uma de Sant'Anna, em Villa Chã, que data de tempo immemorial,—outra de Santo Antonio, em Bustello, edificada pela junta de parochia em 1882. Tem mais uma de Nossa Senhora da Conceição, particular, mas franca ao publico, pertencente á nobre casa do Côvo. Foi feita em 1862 pelo fallecido sr. Sebastião de Castro e Lemos, pae do actual sr. conde do Côvo. Está extremamente limpa e ricamente decorada e tem um mausoleu para sepultura da familia, com as armas dos *Castros Lemos*.

—

O chão d'esta freguezia é bastante accidentado, mas fertil e muito abundante de agua potavel e para irrigação e moagens, pois banham-na 3 rios — o de *Samil* e o da *Ribeira Verde* que desaguam no rio Ul, a 2 kilometros de distancia, e o rio *Antuan* que desagua no Vouga, junto de Aveiro, a 39 kilometros d'esta parochia.

Tem o Antuan uma ponte de pedra no local da *Fuzeira*, dentro da grande quinta do Côvo,—tem outra a Ribeira Verde no local de *Silvares*, — e outra o *Samil*, todas 3 nos limites d'esta parochia. Movem tambem dentro d'ella o rio *Antuan* 8 moinhos de milho e centeio, 1 d'azeitona e a importante fabrica de vidros da nobre casa do Côvo,—o de *Ribeira Verde* 2 moinhos de milho e centeio— e o de *Samil* 28 moinhos de milho, centeio e trigo, — total 39 moinhos, e 2 fabricas, a de vidros, no Côvo, e uma de cortumes de couros, na povoação de Bustello.

Tem só esta freguezia mais agua perenne do que metade da provincia do Alemtejo!

As suas producções dominantes são milho, vinho verde, trigo, centeio, feijões, azeite e hervagens. Tambem engorda muitos bois que vende para Lisboa e para a Inglaterra.

—

Posto que desde tempos remotos é S. Pedro o orago d'esta freguezia e seja officialmente denominada *S. Pedro de Villa Chã*, o povo a denominou sempre e a denomina ainda hoje *S. Roque de Villa Chã* ou *Villa Chã de S. Roque!...*

Talvez que S. Roque fosse o seu primeiro orago ou que houvesse aqui em outros tempos alguma capella dedicada a S. Roque.

Em 1857 era abbade d'esta freguezia (collado em 12 de janeiro de 1846) um venerando sacerdote, D. João da Natividade, prégador e egresso da congregação dos conegos regulares de Santo Agostinho (cruzios) e contava então esta parochia mais 6 presbyteros, naturaes d'ella — Domingos Luiz Valente e Manuel Marques de Pinho, de *Costa-Má*, — João José Ferreira e Manuel Dias da Costa, de *Samil*, — José Luiz Ferreira, de *Villa Chã*—e Lourenço Luiz Dias da Costa, de *Bustello*.

—

A casa e a quinta do Côvo são uma das mais importantes vivendas da provincia, verdadeira residencia senhorial.

O edificio para habitação é espaçoso, foi reedificado em 1850 — e com a fabrica de vidros e suas dependencias fórma uma povoação.

A quinta é um *condado!* Tem de circumferencia 10 kilometros e comprehende grandes tractos de terra lavradia, vinhedos, olivaes e um vastissimo pinheiral que occupa a maior parte do grande predio, não só montes asperos, mas valles fundos e ferteis que, se fossem arroteados e convenientemente agricultados, podiam produzir milhares de alqueires de pão e muito azeite e vinho.

Toma grande parte d'esta parochia e das tres parochias visinhas—Pindello, Ossella e Oliveira d'Azemeis, sendo cortada e servida pela estrada a macadam d'Ovar para a villa d'Arouca e banhada por differentes rios e ribeiros.

A dicta estrada corre a jusante do palacete e da fabrica, na distancia d'alguns metros apenas.

É hereditaria e proverbial nos donos d'este grande predio a nobreza do sangue e dos sentimentos, pelo que os povos circumvisinhos, longe de se insurgirem contra tão opulentos senhorios, sempre os acataram e respeitaram.

Como prova da magnanimidade e generosidade de ss. ex.as basta notar-se que desde tempos remotos, todas as semanas, em dias determinados, franqueiam ao publico a sua grande mata e permittem que todos indistinctamente se abasteçam de lenha para o consumo domestico, o que para a pobreza é uma grande esmola, de que usa e *abusa*.

Tambem são proverbiaes n'esta familia o vigor e força herculea.

De um ascendente do nobre conde se diz que em um momento de bom humor dobrára e partira com os dedos uma ferradura nova de grande espessura, bom ferro e bem forjada!...

—

A fabrica de vidros do Côvo foi a primeira fabrica de vidros que houve em Portugal.

É anterior a 1484. A 2.ª foi a de Coina, no Ribatejo—e a 3.ª a da Marinha Grande, em substituição da de Coina.

Entre os muitos privilegios que os nossos reis outr'ora concederam a esta fabrica do Côvo, um d'elles era o seguinte: — só ella poderia vender vidro em todo o norte do nosso paiz, até á margem direita do Mondego.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Côvo*, tomo 2.º pag. 436 — e *Marinha Grande*, tomo V, pag. 79, col. 1.ª e 2.ª

—

Do ultimo *inquerito industrial*, ordenado pelo nosso governo em 1880, extractámos com relação a esta fabrica o seguinte:

«Produz productos de vidro branco e de côres, copos, garrafas, frascos, chaminés para candieiros, etc.

Não produz chapas de vidro.

Possue um pisão com motor hydraulico para triturar os differentes materiaes, e quatro fornos aquecidos a lenha dos pinhaes, consumindo annualmente 6 a 7:000 steres, que reputa no valor de 400 réis cada stere.

Emprega a argilla extrahida em terreno perto e pertencente á fabrica, ligada com a do Casal dos Ovos, do districto de Leiria; o manganez é das minas da Anadia; não usa areia, mas seixo moido, extrahido a 5 kilometros da fabrica, em Vermoil, onde possue jazigos inexgotaveis de quartzo, casco de vidro em pó, cal fina nacional, e soda, arsenico, e productos córantes de origem estrangeira, comprados no Porto.

Occupa o seguinte pessoal: um director que tem interesse na producção, 4 officiaes ganhando 800 a 900 réis diarios, 4 primeiros ajudantes 400 réis diarios, 4 segundos ajudantes 285 réis, 16 aprendizes menores 100 réis diarios, 2 atiçadores 200 réis diarios, 2 olheiros 400 réis, 1 fundidor 345 réis, 2 lapidadores, que se empregam a tirar ponteis, a 2$000 réis diarios. Estes operarios trabalham 5 horas em cada dia. Emprega mais 6 rachadores de lenha a 300 réis diarios e 4 mulheres a 100 réis, que trabalham de sol a sol, com as horas de descanço do costume.

Os potes refractarios são fabricados com argilla plastica do Côvo e da Bairrada, e bem assim os tijolos refractarios.

Declarou que julga ser sufficiente a protecção concedida á sua industria, de 160 réis cada kilogramma, direito estabelecido na pauta aos productos similares da industria estrangeira, e entendia podia ser diminuido esse direito, se lhe fossem concedidas livres de direitos as materias primas que precisa importar, e que muito lhe sobrecarregam os productos.

Ensaiou em tempo a soda nacional produzida por Deligny; teve de a abandonar por ser pouco graduada; tem assim de a importar do estrangeiro, pagando direito elevado; o mesmo acontece nos productos córantes, que pagando muitos d'elles mais de 20 por cento do respectivo valor, de direitos, lhe custam preço elevado, e não se fabricam no paiz.

Declarou mais terem os seus productos sahida, sendo vendidos no deposito da fabrica, na rua de D. Pedro, no Porto, e não ter falta de capital.»

A exploração é feita por conta do ex.mo sr. Gaspar Maria de Castro e Lemos, hoje conde do Côvo, proprietario da dicta fabrica.

—

Thereza Luiza Dias, casada com Manuel Alves da Costa, do lugar da Farrapa, d'esta freguezia, deu á luz na noite de 9 para 10 de julho de 1881, uma creança do sexo masculino com duas cabeças, quatro braços, quatro pernas, uma só barriga e duas partes genitaes; ao nascer ainda tinha vida uma das cabeças, mas logo morreu.

O pae, quando viu tal aborto, começou a gritar, acudindo toda a visinhança para ver aquelle triste espectaculo, e sem detença enterraram o feto, perdendo-se um interessante exemplar para estudo.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago S. Mamede, — fogos 150, — almas 618. Abbadia.

Em 1706 pertencia ao concelho da Maia; era da apresentação do collegio da Companhia de Jesus, de Braga, e tinha apenas 46 fogos; — em 1768 era da apresentação do pa-

droado real, — contava 55 fogos e rendia 70$000 réis. Tambem foi algum tempo apresentada pela universidade de Coimbra.

Comprehende as aldeias de *Villa Chã*, séde da parochia, Rio da Egreja, Outeiro, Lavandeira, Rio da Gandra, Figueiras, Cimo de Villa, Fundo de Villa e Poça.

As suas freguezias limitrophes são Mindello a N. O. — Modivas a leste e Labruge a S. E.

Ao poente é banhada pelo occeano, do qual a povoação de Villa Chã dista pouco mais de 1 kilometro,—8 de Villa do Conde para S.S.E.—3 da estação de Modivas na linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Famalicão,—19 do Porto (pela linha ferrea) —e 356 de Lisboa.

Passa tambem ao nascente d'esta freguezia a estrada a macadam do Porto a Villa do Conde.

As suas producções dominantes são cereaes e vinho de enforcado, muito *rascante* e muito verde.

VILLA CHÃ—freguezia do concelho e comarca de Fornos d'Algodres, districto da Guarda, diocese de Vizeu, na provincia da Beira Baixa.

Fogos 54,—almas 230,—orago Nossa Senhora das Boas Novas, ou da Assumpção.

Em 1768 contava apenas 32 fogos; — era curato da apresentação do vigario d'Algodres, que recebia os dizimos e dava ao pobre cura 15$000 réis e o pé d'altar.

Ainda é hoje um simples curato, — comprehende uma unica povoação, Villa Chã,— e tem por freguezias limitrophes Maceira, Figueiró da Granja, Corticô d'Algodres, Muxagata e Sobral Pichorro.

Dista 7 kilometros de Fornos d'Algodres e da estação d'este nome na linha da Beira Alta, — 69 da Guarda, — 30 de Vizeu,—160 da cidade da Figueira, — 216 do Porto — e 340 de Lisboa.

A estrada a macadam mais proxima é a districtal n.º 41-*A*—de Vizeu a Celorico da Beira e que toca em Fornos d'Algodres.

—

A egreja matriz é um templo singelo e pobre sem coisa alguma notavel.

O melhor edificio d'esta parochia hoje é a casa de Antonio Pedroso de Sousa Coutinho, um dos 40 maiores contribuintes d'este concelho. É bastante antiga, mas foi ha pouco reedificada e bem mobilada. Tem uma linda capella contigua com porta franca ao publico e boas decorações,—retabulo de talha dourada com a imagem da padroeira, Nossa Senhora do Carmo,—e tecto apainelado com bastante obra de talha, dourada tambem, formando vãos quadrados, todos com pinturas religiosas sobre madeira, antigas e bem conservadas.

Tem esta povoação duas ruas (?) principaes—a da Fonte e a da Egreja.

Banham esta freguezia 3 ribeiros — o do Gallego, o do Valle de Gavinho e o do Preto, —passam a 2 kilometros as ribeiras da Muxagata e a de Corticô—e o Mondego 4 kilometros ao sul. Producções dominantes—cereaes, vinho e azeite.

Era natural d'esta freguezia o valente major Joaquim José Pedroso, que muito se distinguiu no cerco do Porto em 1832 a 1833, merecendo a honra de ser condecorado pelo proprio imperador, o sr. D. Pedro IV, no campo da batalha.

Está sobranceiro a esta freguezia o monte do Crasto, que pelo nome que ainda conserva e pela sua posição, muito defensavel para os tempos d'armas brancas, se suppõe ter sido fortificado em outras eras.

Do alto d'elle se gosa um vasto e muito interessante panorama sobre a bacia hydrographica do Mondego. D'ali se descobre grande parte dos concelhos de Celorico da Beira, Cêa e Gouvêa, Linhares, Folgosinho, Figueiró da Serra, Sampaio, Nabais, Nabainhos, Mello, a linha da Beira, a estrada de Vizeu á Guarda, o Mondego e grande extensão do antemural da Serra da Estrella, na parte que olha para o norte.

Ha finalmente n'esta freguezia uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma sepultura aberta na rocha, ao poente da povoação, junto da quinta da familia Pedrosos.

VILLA CHÃ DE BACIOSA ou **DA BARCIOSA**—freguezia do concelho e comarca de Miranda do Douro, districto e diocese de Bragança, na provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia, — orago S. Christovam, — fogos 204,— almas 825 (comprehendendo as duas freguezias annexas).

Em 1768 já era abbadia do padroado real, —contando apenas 93 fogos e rendendo réis 500$000, somma importante n'aquelle tempo e n'aquelles sitios.

Antes da creação da comarca de Miranda, pertenceu á do Mogadouro.

Comprehende 3 povoações — Villa Chã, séde da parochia, — *Fonte d'Aldeia* e *Freixiosa*, que já foram freguezias independentes, mas ha muito se acham annexadas a esta de *Villa Chã da Barciosa*.

A de *Fonte d'Aldeia* tambem outr'ora esteve unida algum tempo á freguezia de Picote, e por seu turno esta á de Sendim, todas d'este concelho.

Freguezias limitrophes — Palaçoulo, Senhora do Monte das Duas Egrejas, Picote e Sendim.

Dista 12 kilometros de Miranda, para S.O. —55 de Bragança para S. E. —80 da linha ferrea do Douro (estação da Barca d'Alva, que é a mais proxima)—e 2 da margem direita do Douro, que aqui corre fundo por entre medonha penedia escarpada, bem como desde o alto d'este concelho de Miranda, desde o ponto em que fórma a raia ou linha divisoria entre Portugal e Hespanha, até á Barca d'Alva e, com pequenas excepções, até o Porto; — são, porém, as suas margens levemente accidentadas do alto do concelho de Miranda para cima, emquanto não toca em Portugal.

—

Atravessa esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira, pelo Pocinho, Foscôa e Marialva, mas infelizmente a sua construcção ainda se acha muito atrazada na provincia de Traz-os-Montes, onde tão precisa era. Apenas tem alguns kilometros construidos a partir de Miranda, emquanto que na margem esquerda do Douro, desde Celorico da Beira até o Pocinho, se acha quasi concluida. Apenas lhe falta um pequeno lanço entre Marialva e Foscôa.

As 3 melhores propriedades ou quintas d'esta parochia hoje são — a dos herdeiros de Manuel Paulo, de Fonte d'Aldeia,—a dos herdeiros de Fructuoso Antão e a de Domingos Martins, do Prado de Gatão.

Tem esta freguezia 3 egrejas, — uma em Villa Chã, outra em Fonte d'Aldeia, outra na Freixiosa

A 1.ª, que é a matriz actual, tem 20 metros de comprimento, 10 de largura e 8 de altura, 5 altares, capella-mór de construcção mais moderna, boa sacristia e grande campanario com 2 sinos e 4 sineiras. A 2.ª é mais pequena do que a 1.ª — tem 3 altares, pequena sacristia e um pequeno campanario com 2 sinos. A 3.ª é ainda mais pequena do que a 2.ª, mas de construcção igualmente antiga,—e tem como ella 3 altares, sacristia e campanario com 2 sinos. Foram estas duas egrejas as matrizes das duas parochias extinctas, annexadas a Villa Chã da Barciosa.

—

Ha no limite da extincta parochia de Fonte d'Aldeia uma capella da Santissima Trindade; é muito antiga,—tem de comprimento 15 metros, 5 de largura e 6 d'altura—e todos os annos festa, romagem e grande feira, sempre policiada por um destacamento de tropa, vinda de Bragança, por ser uma das feiras mais importantes da provincia.

A capella está em um pittoresco monte povoado de sovereiros, distante da Freixiosa cerca de 1 kilometro.

O melhor edificio particular de toda esta freguezia é a casa, a que chamam das *Familiares*, bastante espaçosa, mas sem brazão. Foi da familia Moraes e hoje é de Antonio Delgado. N'ella houve um sargento-mór, Manuel Antonio de Moraes, que teve dois irmãos conegos, José Francisco e Paulo Miguel. Este ultimo foi deão e governador do bispado de Bragança.

Foi tambem natural d'esta freguezia um monteiro mór.

Posto que esta parochia tenha o nome de Villa, nunca foi villa.

As ruas principaes de Villa Chã são a do Bairro da Egreja, Bairro do Carvalho e Bairro de Baixo.

—

Banha esta freguezia pelo lado norte um ribeiro que desagua no Douro—e pelo lado E. o mesmo Douro, movendo o dicto ribeiro

20 moinhos de pão — e o Douro 3 azenhas, nos limites d'esta parochia. Ha tambem um lagar d'azeite na Freixiosa.

Tem esta freguezia cemiterio e uma aula official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Producções dominantes—vinho bom para mesa, centeio, trigo, *serodio*, batatas, azeite e lã, pois tambem cria algum gado lanigero. A industria principal d'esta parochia — industria muito importante — é a criação de gado vaccum da celebre *raça mirandeza*, por justos titulos muito estimada em toda esta provincia.

Os bois d'esta raça são escuros, muito corpolentos, muito valentes e doceis, com armação pequena e magnificos para todo o trabalho.

Por vezes se encontram nas feiras de Traz-os-Montes exemplares soberbos, chegando a vender-se a junta por 60 a 70 libras — ou 270 a 315 mil réis da nossa moeda!...

Ha n'esta freguezia lavrador que tem 30 vacas para creação!...

VILLA CHÃ DE CANGUEIROS—freguezia do concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar, districto de Vizeu, diocese de Lamego, na provincia da Beira Alta.

Curato—fogos 90,—almas 381,—orago S. Sebastião.

O *Portugal Sacro e Profano* não menciona esta freguezia e mal pode suppor-se que ao tempo (1768) estivesse annexada a outra, porque todas as freguezias limitrophes demoram a grande distancia, mettendo-se de permeio montes desertos e muito asperos no inverno. Menos póde suppor-se que ao tempo ainda não existisse, pois é povoação muito antiga e tanto que teve foral, dado pelo mosteiro das Salzedas no anno de 1295, foral que Franklin não menciona. N'elle se diz, entre outras coisas, que os moradores d'esta povoação de Villa Chã não pagariam coimas, *salvo d'omem morto*, e *rouso*, e *lixo em boca*.

Doc. das Salzedas.

—

A *Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego*, escripta na 2.ª metade do sec. XVIII, diz que este curato rendia com o pé d'altar 50$000 réis,—contava 85 fogos e 221 habitantes — e era apresentado pelo abbade do mosteiro das Salzedas, que pretendia ter n'esta parochia jurisdicção ordinaria, não sendo porém reconhecida pelo bispo de Lamego.

Esta parochia é formada por uma povoação unica de aspecto pobre e humilde, situada em terreno alto, agreste e frio, mas pouco ingreme e com formosos campos e lameiros, nas abas das serras de Santa Helena e Almofala.

As suas freguezias limitrophes são — Granja Nova, Cimbres, Passô, Cever e Sarzedo.

Dista 6 kilometros de Mondim da Beira para E. N. E.—11 d'Armamar para S. — 15 de Lamego para S. E. — 35 de Vizeu e 27 da estação da Regoa, na linha ferrea do Douro.

Passa a 5 kilometros d'esta freguezia a estrada real a macadam da Regoa a Celorico da Beira, por Lamego e Trancoso.

A egreja matriz é bastante antiga e pobre. Tem altar-mór e 3 lateraes, um de Nossa Senhora do Rosario, outro do Espirito Santo e outro do Senhor da Misericordia—e ha na povoação 3 capellas publicas—uma de Santo Antonio, que foi a primeira matriz,—outra de S. Pedro — e outra de S. Mamede, todas abertas ao culto e bem conservadas.

—

Banha parte d'esta freguezia o rio Galhosa, que atravessa as freguezias da Granja Nova e Salzedas, — desagua no rio Barosa entre Salzedas e Gouviães, na distancia de 5 kilometros, e move em todo o seu percurso 7 moinhos de cereaes e um d'azeite.

As producções principaes d'esta parochia são milho, centeio, trigo, cevada, feijões, batatas, hervagens e castanhas.

Tambem cria algum gado lanigero e vaccum.

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar mixta para os dous sexos.

No dia 5 de maio de 1864 pairou uma medonha trovoada sobre esta freguezia e, quando de manhã se tocavam os sinos, chamando os fieis para a missa da Ascenção do Senhor, cahiu na torre da egreja matriz um raio que destroçou a cupula, fendeu a abobada e ma-

ou instantaneamente tres rapazes que estavam tocando os sinos, deixando mais dous em misero estado e um incolume; — partiu grande quantidade de telha no telhado da egreja, e, descendo ao interior d'esta, despedaçou a porta principal e a pia do Baptismo, lascou a porta travessa e, correndo ao longo da parede, deslocou muita cal, foi ao altar do Espirito Santo, onde deixou apenas leves vestigios da sua vertiginosa carreira e, chegando ao arco cruzeiro, penetrou no chão e sumiu-se, deixando a egreja toda cheia de fumo e a povoação tranzida de susto e banhada em lagrimas!

Por fortuna a egreja se achava inda erma de povo, aliás seriam mais numerosas as victimas.

VILLA CHÃ e **LARIM**—titulo de dous concelhos extinctos que outr'ora pertenceram á comarca de Barcellos,—depois á de Pico de Regalados — e por ultimo se fundiram no actual concelho e comarca de Villa Verde, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Para evitarmos repetições veja-se *Larim*, vol. 4.º pag. 54, col. 1.ª — e *Villa Verde* — villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome.

VILLA CHÃ DO MARÃO — freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia,—fogos 237,—almas 913,—orago Santo Estevam.

Em 1706 contava apenas 80 fogos — e 99 em 1768, sendo o seu parocho abbade da apresentação da mitra e tendo de rendimento 700$000 réis!...

Foi do extincto concelho de Gestaçô, comarca de Penafiel; — até 1882 pertencia ao arcebispado de Braga—e teve algum tempo como annexa a freguezia de S. Martinho de Carneiro, d'este mesmo concelho d'Amarante.

Comprehende as aldeias seguintes:—Villa Chã, séde da parochia, Barreiro, Paço, *Egreja e Pedra*, Rua Nova, Ribas, Ribeiro, Ribeira, Novios, Boa Vista, Real, Cadafaz e Motta;—os casaes do Outeiro, Real, Ribeiro da Azenha, Marãozinho (isolados) Uveira Branca, Regadinhas, Souto, Burgo, Casaria, Tapada dos Mouros, Val do Caez (isolado) — e as quintas de *Lama*, pertencente a José Pessoa Alão de Moraes.—*Sandrigo*, de João Teixeira Mendes, — *Paço*, de D. Joaquina Emilia Pereira Peixoto, — *Lage*, de Antonio José Xavier Ferreira,—*Santa Eutalia*, de Francisco José da Motta — *Burgo*, de Manuel Gomes Pereira Pinheiro — e a do *Rio*, que foi do conde de Villa Real.

Freguezias limitrophes—Santo Isidoro de Sanche, a E.—S. Salvador de Lufrei, a S. e O.—e a N. os rios Ollo e Tamega.

—

O logar de *Villa Chã de Marão* demora na antiga estrada de Amarante para Ermello e dista 1 kilometro da margem esquerda do rio Ollo,—5 d'Amarante para N. E.—20 da estação de Villa Meã, no caminho de ferro do Douro—e 71 do Porto.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal n.º 12, d'Amarante a Fridão e deve atravessal-a tambem a estrada municipal, em projecto, d'Amarante ás pedreiras calcareas de *Sobrido*, na serra do Marão.

A egreja matriz data de 1600;—é um templo decente, mas simples—com altar-mór e 4 lateraes.

A freguezia não tem capellas publicas, mas sómente duas particulares,—uma de S. Bento, na povoação de Ribas, — outra de Santo Antonio, na quinta do Rio.

As producções principaes d'esta parochia são—milho, vinho verde e azeite.

Banham-na os rios Tamega e Ollo, que desagua no Tamega (margem esquerda) no sitio de *Varões*, limite d'esta parochia.

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

Esta parochia é muito antiga, nomeadamente a aldeia da *Motta*, *meieira* com a freguezia de Lufrei.

Na dicta povoação teve uma quinta importante Mem Gondar, nobre cavalleiro asturiano que veiu para Portugal com o conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques. Estabeleceu-se na freguezia de Gondar, d'este concelho d'Amarante, onde fundou o seu solar, que deu o nome áquella freguezia, e seus descendentes

tomaram da mencionada quinta o appellido de *Mottas*.

O primeiro que se acha com este appellido é Ruy Gomes de Gondar da Motta, no tempo de D. Affonso II, porque fixou a sua residencia n'esta quinta da Motta e n'ella teve o seu solar.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Mota* ou *Motta*, vol. 5.º pag. 563, col. 1.ª — e *Gondar*, vol. 3.º pag. 301, col. 1.ª e 2.ª

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu nos tempos modernos, avultam quatro grandes patriotas, bem dignos de que os recommendemos á veneracão da posteridade:

Francisco Xavier Ferreira de Sousa Gavião Pessoa distinguiu-se pelas armas e pela dignidade com que exerceu diversos cargos publicos.

Na segunda invasão franceza elle com o seu filho José Ferreira de Sousa Gavião Pessoa, mancebo ainda imberbe, de 16 ánnos de idade, não podendo conter a sua indignação contra os invasores, alarmou os povos d'este concelho d'Amarante e dos concelhos limitrophes, foi o primeiro a levantar o brado da revolta contra os malditos corsos e a acclamar a soberania do principe regente, depois rei, D. João VI. — Á frente de milhares d'homens que acudiram ao chamamento, — dirigiu-se ao juiz de fóra e obrigou-o a tomar o estandarte da villa d'Amarante e a incorporar-se na procissão civico-religiosa que organisou no intuito de determinar o povo a tomar as armas em defeza da patria, levantando-o do torpor em que jazia.

Mais tarde, quando o paiz se determinou a sacudir o vergonhoso dominio estrangeiro, foi um poderoso auxiliar do valente general Silveira, marquez de Chaves e conde d'Amarante, na heroica defeza d'esta villa, como juiz de fóra e vereador mais velho, fornecendo-lhe não só munições de guerra e de bocca para o seu exercito, mas tambem combatentes, aliciando muitos á sua custa, collocando-se denodadamente á frente d'elles e batendo-se como um heroe!

Antonio Cerqueira de Moura Coutinho, major de cavallaria n.º 6 (Dragões de Chaves) e seu irmão, o *padre Francisco Cerqueira Moniz Coelho de Magalhães*, não menos se distinguiram por essa occasião, nomeadamente o ultimo, animando e alarmando os povos, espiando o inimigo, levando ordens a toda a parte, expondo a todo o momento a vida em defeza da patria e dando repetidas provas de grande coragem, illustração e atilamento em tão medonha conjunctura!

Terminarei consignando um facto muito honroso para esta freguezia. Tal foi a heroicidade dos seus habitantes, que os francezes não se atreveram a passar além dos limites d'ella.

Ainda hoje se denomina *Valle dos Francezes* o ponto em que fizeram alto e foram obrigados a retroceder.

VILLA CHÃ DA MONTANHA. V. *Villa Chã*, freguezia do concelho e comarca de Alijó.

VILLA CHÃ DE POYARES—freguezia extincta no bispado de Coimbra, orago S. Miguel.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*, era curato da apresentação da Universidade,—rendia 40$000 réis—contava 112 fogos—e distava de Coimbra 3 leguas.

O *Flaviense* tambem a menciona e lhe dá 200 fogos, mas não a encontramos na *Chorographia Portugueza*, nem na *Chorographia Moderna*, nem no *Diccionario* d'Almeida, nem na *Chorographia* de Lima, nem nos *Censos* de 1864 e 1878, nem no *Mappa das Dioceses*, nem no *Districto de Coimbra* pelo sr. dr. Secco.

Suppomos que era a povoação de *Villa Chã*, que deu o nome á ribeira de *Villa Chã* no concelho de Poyares—aldeia mencionada na *Chorographia Moderna*, como pertencente ás duas freguezias de S. Miguel e Santo André de Poyares, sendo esta ultima hoje a séde do concelho de Poyares, no districto e diocese de Coimbra; estranhamos porém que o sr. J. M. Baptista, mencionando na sua *Chorographia Moderna* a dicta povoação, não lhe addicionasse a nota de *freguezia extincta* e *annexa*, como addicionou a todas as povoações que fôram sédes de parochia e perderam a sua autonomia.

Veja-se *Poiares* n'este diccionario, vol. 7.º pag. 114—e *Villa Chã de Poyares* no *supplemento.*

VILLA CHÃ DA RIBEIRA—freguezia extincta na diocese de Bragança. O *Portugal Sacro e Profano* diz que em 1768 era curato da apresentação do abbade de Villar Secco (então concelho de Miranda e hoje de Vimioso)—que tinha como orago S. Lourenço—rendia 35$000 réis, afóra o pé d'altar—e contava 31 fogos.

O *Flaviense* diz que era da comarca do Mogadouro e contava 98 fogos, no seu tempo; — a *Chorographia Moderna* menciona-a como simples povoação pertencente á freguezia de *Uva*, no concelho de Vimioso, actualmente,—e a *Chorographia Portugueza* diz que em 1706 era parochia annexa á de S. Pedro da Silva!...

V. *Silva*, freguezia de Traz-os-Montes, vol. 9.º pag. 365, col. 1.ª—e *Uva* n'este 10.º vol. pag. 23, col. 2.ª

VILLA CHÃ DE SÁ—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Vigairaria,—orago S. João Baptista,—fogos 187,—almas 760.

Em 1708 era curato da apresentação do bispo e do cabido da Sé de Vizeu — e em 1768 era curato da apresentação do bispo, —contava apenas 94 fogos—e rendia para o cura a bagatella de 6:000 réis, afóra o pé d'altar.

Esta freguezia é formada por uma povoação unica, tendo apenas fóra d'ella o casal de Soutulho e a quinta dos *Lagares.*

É banhada por uma ribeira que desagua na margem esquerda do rio d'*Asnes*, confluente do *Dão* e este do Mondego.

A povoação de Villa Chã é uma aldeia grande e bonita com bons edificios, algumas casas nobres e uma elegante e vistosa egreja matriz, bem tractada e muito vantajosamente situada a cavalleiro da povoação, dominando-a toda e os seus mimosos e ferteis arrabaldes. Tem uma boa torre a meio da frontaria, — um bom adro para o qual se sobe por amplas escadas de granito—e á entrada d'estas um grande cruzeiro de pedra.

As suas producções dominantes são—vinho em quantidade e do melhor da Beira, milho, feijões e castanhas.

Ha tambem n'esta freguezia muitos pinheiros mansos, alguns de grande porte.

Não tem serras nem baldios. Todo o seu chão é productivo e muito bem cultivado.

Dista de Vizeu 8 kilometros para S. O.—e passa ao poente d'esta freguezia a estrada real a macadam de Vizeu para Tondella e Mealhada.

VILLA DO CONDE—freguezia, villa e séde do concelho e da comarca do seu nome, districto do Porto, arcebispado de Braga, provincia do Douro.

Priorado,—orago S. João Baptista,—4:963 almas em 1:135 fogos (comprehendendo a sua annexa Formariz).

Em 1706 era vigairaria da apresentação da abbadessa do mosteiro de Sancta Clara d'esta villa, quando o vigario não renunciasse, — contava 900 fogos—e rendia 200$000 réis para o parocho.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação, — contava 1:078 fogos — e rendia 500$000 réis.

Está muito vantajosamente situada na margem direita do rio Ave em terreno vistoso, alegre e pittoresco, distando da beira-mar cerca de 500 metros para leste,—3 kilómetros da Povoa de Varzim para S. — 25 do Porto para N. O. — e 54 de Braga para S. O. pela linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Famalicão, seguindo depois pela linha ferrea do Minho até á estação de Nine e d'alli pelo ramal até Braga.

Tem estação propria na linha ferrea do Porto á Povoa e Famalicão, que passa a leste da villa, e boas estradas a macadam para o Porto, Povoa de Varzim, Barcellos, Esposende, e diversos pontos do concelho, quasi todas servidas por diligencias, e a de Villa do Conde á Povoa de Varzim por uma linha ferrea americana, cuja exploração se inaugurou no dia 22 de outubro de 1874[1].

—

Villa do Conde é povoação muito antiga. Suppõe-se que os romanos aqui tiveram um

---

[1] V. n'este 10.º vol. o art. *Vias Ferreas*, pag. 484, col. 1.ª

castro no sitio em que hoje se vê o convento de Santa Clara e que pelos annos de 1093-1112 o conde D. Henrique a doara ao conde D. Mendo Paes Rofinho, ou *Rufino*, tomando esta povoação desde essa epocha o titulo de *Villa do Conde*. Alguem duvida da existencia de tal *castro* e da doação feita a D. Mendo, tronco dos Azevedos, mas todos concordam em que D. Sancho I aqui fez um palacio e o doou á sua favorita, D. Maria Paes Ribeira, a celebre *Ribeirinha* de quem tanto fallam as chronicas e lendas e que foi uma das mulheres mais formosas do seu tempo. O Padre Antonio Carvalho da Costa na sua *Chorographia Portugueza* disse que D. Maria Paes Ribeira foi amante não de D. Sancho I, mas de D. Diniz. O mesmo se lê no *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida por haver copiado a *Chorographia Portugueza*—e o mesmo se encontra na *Chorographia Moderna* do sr. J. M. Baptista por haver copiado o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida,—e nas *Villas e Cidades* do sr. I. de Vilhena Barbosa,—mas Alexandre Herculano, a nossa primeira auctoridade n'estes assumptos, fallando de D. Sancho I, diz[1]: «Era o concubinato vicio commum naquelle tempo, commum nos principes como entre os nobres e o clero; e a historia conservou o nome de duas amantes do rei de Portugal (D. Sancho I) D. Maria Ayres de Fornellos e D. Maria Paes Ribeira. Foi filho d'aquella Martim Sanches que tão importante papel fez no meio das ultimas discordias de Affonso II com Leão: da outra teve *cinco filhos*, um dos quaes, Rodrigo Sanches, tambem pertence á historia. D'estes que mencionamos, e dos outros, cujos nomes deixamos na sua tranquilla obscuridade, descende mais de uma nobre familia da Hespanha.» E em uma nota manda ver ácerca d'este ponto a *Mon. Lusit.* L. 12 c. 21[2] e L. 14 c. 24,—o Testamento de D. Sancho I, ibid. App. escr. III, e os antigos Nobiliarios.

[1] *Hist. de Portug.* tomo 2.º pag. 86, *in fine*.
[2] Ali se diz que D. Maria Paes Ribeira teve de D. Sancho *6 filhos*—D. Theresa Sanches, D. Constança Sanches, Gil Sanches, Rodrigo Sanches, Nuno Sanches e Dona Maior Sanches.

É pois incontroversa a existencia d'esta povoação no reinado de D. Sancho I,—1185 a 1211.

—

Ha n'esta villa tres obras monumentaes, o convento de freiras de Santa Clara,—o aqueducto do mesmo convento—e a egreja matriz. É tambem muito importante o caes, que se prolonga pela margem direita do Ave desde a ponte de madeira, proximidades do grande convento, até o mar,—e não menos importante e digna de menção era a ponte de granito sobre o Ave, mandada fazer pelo benemerito corregedor D. Francisco d'Almada, no ultimo seculo, mas que infelizmente desabou no dia 11 de janeiro de 1821.

O grande convento foi fundado por D. Affonso Sanches, filho natural d'el-rei D. Diniz, e por sua mulher D. Theresa Martins, filha de D. João Affonso Tello de Menezes, conde de Barcellos, senhor d'Albuquerque e Villa do Conde. Lançou-lhe a primeira pedra no anno de 1318 e, depois de concluido, o entregou ás religiosas franciscanas de Santa Clara, doando-lhes ainda na sua vida muitos bens e por sua morte e de sua mulher deixou-lhes o senhorio d'esta villa e d'outras terras, com avultadas rendas.

Lograram as freiras este senhorio muito tempo, mas el rei D. Duarte começou a contestar-lhes tão grandes privilegios e regalias;—D. João III as desempossou d'elles, em 1537, dando este senhorio ao infante D. Duarte, seu irmão,—e pelo casamento de D. Catharina, filha d'este infante, com D. João I, sexto duque de Bragança, passou este senhorio para a real casa de Bragança.

—

O convento de Santa Clara e o seu famoso aqueducto, diz o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa[1], são dous monumentos grandiosos, que avultando gigantescamente sobre todas as construcções da povoação, dão á Villa do Conde um aspecto nobre e particular.

Ergue-se senhorilmente em sitio um pouco elevado e sobranceiro á villa. A primeira fabrica de D. Affonso Sanches conservou-se com algumas leves modificações até o seculo

[1] *Villas e Cidades*... livro 3.º pag. 150.

passado, mas, achando-se então em ruinas, foi mister proceder-se a uma reedificação completa. E tão avultadas eram ainda as suas rendas, apesar do muito que haviam diminuido com a perda dos direitos senhoriaes da villa, que a nova fabrica, *verdadeiramente sumptuosa*, foi levantada á custa da ordem. Não chegou a concluir-se, mas ainda assim *é um dos mais vastos mosteiros que ha no reino, e quanto á regularidade, bellesa e magestade da sua architectura* (diz o sr. Vilhena Barbosa) *é muito superior aos melhores de Lisboa e a todos os que conhecemos no paiz.*

A frontaria principal está voltada para o sul e era digna de um palacio real. Compõe-se de tres andares com dezesete grandes janellas em cada um e divide-se em cinco corpos por duplicadas pilastras. O do centro é coroado por um frontão, ornado no tympano com um baixo relevo, e no vertice com uma estatua colossal representando uma mulher com uma cruz na mão, montada em um elephante. Nos acroterios tem quatro grandes vasos ou pyras por decoração superior, — outros quatro vasos eguaes nas extremidades de cada um dos corpos—e a meio de todos os grupos de vasos um castello em baixo relevo.

A egreja é boa, posto que pequena;—tem formosos tectos de madeira em cume, um bello pulpito de pau santo, um orgão com linda caixa, alfaias de muita riqueza e primor e no corpo da egreja, do lado do evangelho, uma sumptuosa capella de architectura manoelina, onde jazem os fundadores d'este convento em dous magnificos mauzoleus, do lado da epistola, tendo em frente outros dous mauzoleus mais pequenos, onde jazem (segundo se suppõe) dous filhos seus.

Com o corpo da egreja se prolongam os dous vastos e lindissimos córos, alto e baixo, havendo n'este ultimo um outro mauzoleu, em que jaz D. Brites Pereira d'Alvim, filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, primeira mulher do conde de Barcellos, D. Affonso, que foi tambem depois o primeiro duque de Bragança.

Falleceu a dicta senhora em Chaves, onde foi sepultada, bem como o seu marido, no mosteiro de S. Francisco, mas depois a trasladaram para Villa do Conde.

Este convento foi riquissimo e chegou a ter 120 religiosas professas. Com a perda dos seus direitos senhoriaes e por ultimo com a extincção dos dizimos, em 1834, as suas rendas baixaram lastimosamente, comtudo ainda tem podido provêr á conservação da sua grande casa e da pequena communidade.

Conta hoje apenas 5 religiosas professas, mas, comprehendendo as meninas do côro, as senhoras recolhidas e as creadas, ainda alberga um pessoal numeroso e sustenta e ampara muitas familias pobres, que não cessam de pedir ao ceu a conservação d'este convento.

São estes tambem os nossos ardentes votos.

Depois do grande aqueducto dos *Arcos das Aguas Livres*, em Lisboa, é o d'este convento o *primeiro* de Portugal [1], muito superior ao de Coimbra e mesmo aos d'Evora e Elvas, que já vimos.

Tem de extensão mais de 5 kilometros e contava 999 arcos, todos de solido granito, quazi todos symetricos, prolongando-se em columna cerrada e quasi em linha recta desde o convento até á raiz da montanha que fecha o horisonte ao norte.

Alem d'este grande convento de freiras, teve a ordem de S. Francisco outro convento de frades n'esta villa.

Era muito mais pequeno,—foi extincto em 1834 — e n'elle se acha installado o *Azylo da Ordem Terceira de S. Francisco*, á qual pertence.

Foi este hospicio ou pequeno mosteiro fundado em 1522.

O pequeno convento dos frades de S. Francisco estava a leste do grande convento das freiras e contiguo á Ordem Terceira.

Tiveram tambem os frades carmelitas um *Hospicio* a O. d'esta villa, com uma pequena egreja e uma cerca mimosa e muito fertil. Foi tambem extincto em 1834 e n'elle funccionam hoje diversas repartições publicas, —o tribunal judicial, a conservatoria, admi-

---

[1] Foi feito á custa das freiras sob a direcção do architecto italiano Filipe Terzio.

nistração do concelho, escrivania da fazenda, etc. A cerca é hoje um largo publico, denominado *Largo da Alfandega*, revestido de elegantes predios. A egreja é administrada pela confraria de Nossa Senhora do Carmo. Tem uma só nave,—altar mór e 2 lateraes.

—

A egreja matriz é um templo vasto de tres naves e um dos mais perfeitos exemplares d'architectura manoelina que se encontram ao norte do nosso paiz.

Não custava hoje menos de 80 a 100 contos de reis, talvez.

É toda de bella cantaria de granito, com uma soberba frontaria muito ornamentada, e coroam as paredes em toda a sua dimensão duas ordens d'ameias correspondentes ás paredes que formam as suas tres naves.

Interiormente tem capella-mór, duas lateraes formando a cruz latina, — grande numero d'altares com boas decorações de talha dourada recentemente restaurados, — duas ordens de arcaria de granito em que assentam as tres naves,—e sobre o guarda-vento um bom côro com grandes cadeiras d'espaldar, pois tambem foi collegiada, erecta em 1518.

Tem a villa outros muitos templos, taes são os seguintes:

A capella de S. Thiago, a primeira matriz d'esta villa, veneranda pela sua remota antiguidade, erecta no *bairro velho* com a mesma denominação de S. Thiago tambem.

Foi esta capellinha restaurada e accrescentada em 1857 a 1858 e com tão pouco criterio que despedaçaram uma pedra, em que se achava gravada a inscripção seguinte:

SAC . SACR . DIV . JAC . APP . MAI .
EREC . OLIM . TEMP . AZVREI . PRIM .
EDIF . IN . AC . PART . P . CASTR .
—HODIE . RCUP . RELIG . ZELO .
DEV . PIE . ET . VOT . D . MENDO .
BOFINHO . CONDECIUS . ET . DOM. .
HUI . TER . ANNO . KRIS . DOM .
M. C. C. C. XIV.

«*Esta capella é consagrada a S. Thiago Apostolo Maior; erigida n'outro tempo pelos Templarios d'Azurara, foi a primeira edificada n'esta parte do povo de Castro. — Hoje restaurada pelo religiosissimo zêlo, devoção, piedade e voto de D. Mendo Bofinho, conde e senhor d'este territorio. No anno de Christo Nosso Senhor, de 1314.*

Foi esta inscripção copiada e traduzida pelo benemerito sr. padre Thiago Cesar de Figueiredo Mendes Antas e por elle offerecida ao meu antecessor, de saudosa memoria, o sr. Pinho Leal, com a carta seguinte:

Ex.mo Snr.

.....

«Esta capella foi accrescentada em 1857 a 1858, á custa d'alguns devotos, e, quando apeavam a frontaria, copiei essa inscripção da pedra em que se achava e que os pedreiros partiram para metterem em outro logar, picando-a e despedaçando a corôa de conde que a encimava, em alto relevo. A minha curiosidade salvou o que remetto por copia; e pela leitura d'alguns livros tirei essa interpretação, que submetto ao juizo de V. Ex.ª

«Villa do Conde 15 de janeiro de 1883.

«Padre Thiago Cesar de Figueiredo Mendes Antas.»

Bem haja o meu illustrado collega,—bem haja!

—

As outras capellas de Villa do Conde são a de Nossa Senhora da Guia ou de S. Julião, na boca da Barra, lado norte, tambem muito antiga e muito interessante, cercada por uma plataforma e alguns casebres que foram a primeira obra de defesa da barra, muito antes de se construir o pequeno forte contiguo e o castello de que adiante fallaremos.

Tem esta capellinha o tecto apainelado com pinturas a oleo, que alguem attribue a el-rei D. Duarte, e foi ella oratorio dos fundadores do grande convento.

Exteriormente tem um pequeno farol denominado da *Senhora da Guia.*

Capella de S. Roque,—tambem muito antiga. Suppõe-se ter sido fundada por occasião de uma grande peste que assolou esta villa no tempo em que se fez tambem o antigo cemiterio que ainda hoje se nota junto da capella de S. Thiago.

Capella de Nossa Senhora do Soccorro, muito antiga tambem.

Foi fundada por Gaspar Manuel, cavalleiro do habito de Christo e piloto-mór da carreira da India.

É de fórma quadrada, coberta por um zimborio liso redondo e assenta em uma plataforma com vistas esplendidas, dominando o Ave que a banha pelo sul, todo o caes, o seu vasto campo e o estaleiro, a villa, o grande convento, Azurara, o castello e grande extensão do occeano.

É um dos mais interessantes e concorridos miradouros de Villa do Conde.

Capella de Santo Amaro, tambem antiga. Olha para o poente e se ergue na extremidade norte da pequena cordilheira que cinge a leste a villa.

Tem festa e feira, hoje pouco importante, no dia do seu orago — 15 de janeiro,—mas ainda no seculo passado a feira durava 3 dias e 8 em tempos anteriores.

Capella de Santa Catharina—olha para o poente, — ergue-se sobre uma rocha pouco elevada no extremo norte da villa, a oeste da estrada da Povoa de Varzim, na direcção do mar. Tem do lado sul uma porta lateral com galilé cercada de assentos e d'alli se gozam amplas vistas sobre a terra e o mar.

É administrada pelo povo e tambem muito antiga.

Não tem festa nem irmandade propria.

Capella de Santa Lusia.—É um dos templos de mais regular construcção e dos mais modernos da villa, mas estando todos muito limpos e bem tractados, este infelizmente se acha em completo abandono!

É toda de bella cantaria com boa distribuição de ornatos, tem um frontispicio elegante e interiormente tres altares e um *carneiro*, pois era cabeça de um morgado, instituido por Martim Vaz de Villas Boas.

Capella de S. Bento — não é muito antiga e foi tambem cabeça de um morgado instituido por Manuel Barbosa, natural de Villa do Conde.

Capella do Espirito Santo—está em frente da egreja da Misericordia e foi tambem cabeça de um morgado, instituido pelo abbade de Ballasar.

Não tem confraria e é zelada pelos visinhos.

Capella de S. Sebastião. — Era bastante antiga e foi sempre administrada pela camara, que a mandou demolir em 1859, para o alinhamento e construcção da nova estrada a macadam d'esta villa á Povoa de Varzim, mudando-a para o cemiterio publico, onde se acha.

Estava na boca da rua de S. Sebastião, que tomou o nome da vetusta capella e suppõe-se que era tão antiga como a de S. Roque.

Capella do Senhor da Agonia, — fronteira aos paços do concelho.

É bastante antiga e foi cabeça d'um morgado instituido por um ascendente do dr. Eusebio da Novoa Sarmento, medico residente no Porto pelos fins do seculo passado, e já então tinha confraria propria.

—

Ha tambem n'esta villa mais tres egrejas — a da Misericordia, a dos Terceiros de S. Francisco e a de Nossa Senhora da Lapa.

A egreja da Misericordia foi fundada, bem como a irmandade que a representa, em 1525, no local onde existia desde tempos muito anteriores a capella do Anjo.

É um templo espaçoso, singelo mas elegante, de uma só nave com as paredes interiormente forradas d'azulejo, côro sobre o guarda-vento, altar-mór e 4 lateraes, um de Nossa Senhora da Piedade, outro do Senhor dos Passos, outro do Senhor *Ecce Homo* e outro do Bom Pastor.

Toda a esculptura dos retabulos é simples, mas decente — e a egreja está muito limpa e bem conservada.

Tem contigua a casa das sessões da mesa ou do *despacho*, coeva da egreja, concluida porém mais tarde.

Na frente da egreja ha um pequeno adro com um grande cruzeiro de granito — e a poucos passos de distancia do lado N. O. se ergue o hospital da Misericordia, fundado em 1634 por Diogo Pereira e sua mulher Filippa Nunez, naturaes de Ponte Vedra, na Gallisa, e por elles dotado com a somma de 444$000 réis de juro.

Da frente d'este hospital e da egreja da Misericordia vai hoje em linha recta até á beiramar uma ampla rua, denominada de

Bento de Freitas, recentemente construida para serviço da nova praia de banhos, tendo a dicta rua na sua extremidade oeste, junto da praia, dous bellos renques de casas parallelas destinadas para os banhistas e feitas por uma *Companhia Edificadora*, formada *ad hoc*, esperando que a concorrencia dos banhistas a indemnisaria de toda a despeza, o que infelizmente não se deu até hoje; não obstante a companhia ainda não perdeu as esperanças de realisar o *desideratum*.

A egreja dos Terceiros de S. Francisco — ergue-se a poucos metros de distancia do grande convento de Santa Clara, para o norte, — é bastante antiga e pouco espaçosa, — tem uma linda portada, estylo renascença — e d'este templo sae todos os annos a procissão de cinza com muitos andores, muitos *anjos*, e muitos irmãos *terceiros*.

É absolutamente a primeira procissão da villa e do concelho, muito concorrida pelos fieis das circumvisinhanças, nomeadamente da Povoa de Varzim e do Porto, depois que se fez a linha ferrea do Porto á Povoa e Famalicão, estabelecendo sempre varios comboyos a preços reduzidos e sempre regorgitando de fieis e forasteiros n'aquelle dia para verem tão apparatosa procissão.

Egreja de Nossa Senhora da Lapa — construida no proprio local onde esteve a antiquissima capella de S. Bartholomeu, na extremidade N. E. da villa, ao lado norte da estrada municipal a macadam que da villa conduz á freguezia de Ferreiró, mas que deve proseguir até Villa Nova de Famalicão.

É um templo espaçoso e elegante com duas torres na frente, muito bem situado em alta e vistosa planicie e com uma ampla e formosa avenida que lhe dá ingresso. Olha para o poente; — tem do lado norte casas para o sacristão e na retaguarda um pequeno cemiterio.

Temos no nosso paiz centos de egrejas parochiaes muito inferiores a esta.

Foi sempre do povo e da administração publica e data a sua ultima reconstrucção do 3.º quartel do seculo XVIII.

—

A barra é estreita e só permitte entrada a navios de pequena lotação. Defende-a um forte, denominado *castello*, com cinco baluartes, principiado no seculo XVI por ordem de D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte e neto d'el-rei D. Manuel.

Fez o risco e dirigiu a obra Filippe Terzo, architecto italiano que esteve ao serviço de Filippe II de Hespanha, pelo que alguns escriptores attribuem a este soberano a edificação d'aquelle forte.

Pelos annos de 1624, pertencendo já então o senhorio d'esta villa á casa de Bragança, mandou o duque D. Theodosio II continuar as obras da fortaleza que vieram a concluir-se durante as guerras da restauração do reino.

Um operario que trabalhava nas dictas obras achou alli, no anno de 1636, uma bella saphira que vendeu ao conego Belchior Maio. Este vendeu-a na cidade do Porto por vinte e cinco mil réis a um estrangeiro que a levou a Paris, onde dizem que a vendera por *setenta mil crusados!...*

Na mesma occasião appareceram mais algumas saphiras, mas todas de menos valor.

Antes da fundação d'este castello havia para defesa da barra apenas uma platafórma com 4 peças, junto da capella de Nossa Senhora da Guia, já por nós mencionada.

—

Villa do Conde é povoação muito farta e saudavel. Os seus habitantes pela maior parte se empregam no commercio e nas pescarias e, antes da lastimosa decadencia da nossa marinha mercante, muitos se empregavam tambem na construcção do grande numero d'embarcações que pejavam o seu estaleiro, hoje quasi sempre nú!

Tambem é muito importante ainda hoje n'esta villa a industria das formosas rendas de bilros, em que se empregam centenares de mulheres desde a idade de cinco annos, o que lhes dá uma certa delicadeza e distincção de maneiras, mesmo ás filhas do povo.

Villa do Conde, Vianna do Castello e Peniche são as tres povoações do norte do nosso paiz em que se fabricam em maior escala as dictas rendas, sendo porém as de Peniche muito superiores absolutamente a

todas as de Portugal em mimo, variedade e perfeição.

Em Villa do Conde e Vianna apenas fazem fitas de renda, de 2 centimetros a 2 decimetros de largura e do preço de 100 a 1$500 réis o metro,—emquanto que em Peniche fazem com bilros por vezes fitas de meio metro de largura até o preço de tres libras (13$500 réis) por metro corrente. E, além das fitas, fazem tambem lenços, punhos, golas, almofadas, travesseirinhas [1], cobertas para guarda-soes de senhora, chailes de fio de seda no valor de 200 a 300$000 réis cada um e toalhas para altares com as imagens dos santos a que se destinam, desenhadas e executadas a bilros, — trabalho admiravel e difficillimo, que faz o espanto de nacionaes e estrangeiros [2]!...

—

As producções principaes dos arredores d'esta villa são trigo, centeio, milho, cebolas, vinho verde ou *de enforcado*, fructas e hortaliça.

Tem uma feira annual, a de Santo Amaro, no dia 15 de janeiro, e 4 mensaes, nos dias 3, 12, 20 e 27 de cada mez, — todas muito concorridas e muito abundantes, nomeadamente de gado bovino, cereaes, louça branca e amarella nacional, artigos de tenda, aprestes de lavoura e peixe secco.

N'ellas se ostenta o typo sympathico e vigoroso das lavradeiras do Minho, carregadas de saias, saiotes e cordões d'ouro com pequenos chapeus de panno enfeitados com espelhos, fitas, pennas de côres e flores artificiaes,—grandes lenços de seda e algodão com ramagem de côres vivas ou brancos de cambraia, bordados a rétalho, e pequenas chinelas ponteagudas, de couro ou de verniz.

Entre o castello e a capella de Nossa Senhora da Guia se vê na praia uma pyramide que commemora a chegada da esquadra do sr. D. Pedro IV, duque de Bragança, no dia 8 de julho de 1832, e o desembarque de Bernardo de Sá Nogueira, depois marquez de Sá da Bandeira, enviado pelo imperador, como parlamentario ao brigadeiro realista José Cardoso que se achava a pequena distancia com a sua brigada, convidando-o para se unir aos defensores da liberdade e do throno de D. Maria II,—convite que aquelle brigadeiro recusou altivamente, mas, em virtude de instrucções superiores, longe de se oppôr ao desembarque, marchou sobre o Porto, deixando a praia livre.

O monumento ou obelisco é uma das duas pyramides que se erguiam á entrada da avenida da grande ponte de pedra, mandada fazer por D. Francisco d'Almada sobre o Ave e que desabou no dia 11 de janeiro de 1821, como já dissémos. A outra pyramide lá se conservou até o mez de julho d'este corrente anno, data em que a camara mandou apeal-a e demolir a avenida que se prolongava de poente a nascente na margem direita do Ave, quando tractava da construcção e nivelamento da nova estrada que da villa conduz á estação da linha ferrea.

A pyramide ou monumento erguido á beira-mar é de granito, tem quatro faces, e 5^{m},50 d'altura, desde o chão até á cuspide, que era encimada por uma corôa real, tambem de granito, mas ha annos, uma faisca electrica despedaçou-a com a extremidade superior da pyramide, arrojando os fragmentos a distancia.

Assim se conserva o pobre monumento!...

Levantou-se este padrão por iniciativa de Antonio José d'Avila (depois duque d'Avila e Bolama) sendo governador civil do Porto, e por iniciativa sua se ergueu tambem outro padrão analogo na praia de Pampelido ou do *Mindello*, onde desembarcou o exercito libertador, no mesmo dia 8 de julho de 1832, um pouco ao sul de Villa do Conde [1].

—

A passagem sobre o Ave, entre esta villa e a margem opposta é feita por uma ponte

---

[1] Tenho eu uma com as minhas iniciaes, toda feita com bilros e linha de Guimarães. E' muito linda, mas custou-me 13$500 réis!...

[2] V. *Peniche* n'este diccionario e no *supplemento*.

[1] V. *Mindello*, vol. 5.º pag. 235, col. 1.ª— e *Lavra*, vol. 4.º pag. 59, col. 2.ª

de madeira que se construiu depois que desabou a grande ponte de pedra. Anteriormente á construcção da grande ponte era feita em uma barca que crusava entre o *caes das lavandeiras*, contiguo á velha capellinha de S. Thiago — e á entrada sul da ponte actual de madeira.

Cortava o Ave em angulo obliquo, porque ainda ao tempo não existia o grande caes que formou o *campo da feira*, enxugando com o aterro um braço do Ave que se estendia para o norte, na direcção da estrada actual da Povoa de Varzim, até ás proximidades da Capella de Santo Amaro.

Ainda em 1860 vivia na rua de S. Sebastião d'esta villa o mestre pedreiro que lançou a primeira pedra na obra do caes. Era appellidado o *Mansinho* e falleceu contando mais de noventa e tres annos de idade.

Tambem ainda hoje existem n'esta villa mulheres appellidadas *as barqueiras* por descenderem da ultima familia que trouxe arrendada a velha barca da passagem muitos annos.

Junto do *caes das lavandeiras* ou do lagedo onde abicava a dicta barca do lado da villa, estava um nicho com a imagem do Redemptor, denominado *nicho do Senhor das Pautas*, porque nas costas d'aquelle nicho costumavam afixar-se as *pautas* com os preços e regulamentos da passagem.

Quando se fez a ponte actual de madeira transferiu se o mencionado nicho para a avenida ou entrada norte d'ella, e conserva ainda hoje (1884) bem vizivel a inscripção seguinte que prova o que levamos exposto:

TAXA DA
PASSAGE
CADA P.ª
M.º REAL
BESTA MAY
OR HO REAL
BESTA MEN
OR M.º REAL
OS DONOS
DELLAS NA
DA NEM OS
M.res DESTA
VILLA
SOB AS PE
NAS DO FO
RAL
1634

—

Esta villa teve foral dado por D. Diniz em Lisboa a 10 de fevereiro de 1296. *Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Diniz* f. 119, v. col. 1.ª—e D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa tambem, no dia 10 de setembro de 1516. *Liv. de Foraes Novos do Minho*, f. 14, v. col. 1.ª

Foi esta villa muito estimada e considerada por D. Manuel, como provam o foral que lhe deu, a soberba egreja matriz com que a ornou e os paços do concelho que ainda hoje existem e conservam a esphera armilar e a cruz da ordem de Christo, signaes que se vêem em todos os edificios mandados fazer pelo rei venturoso.

Esta villa teve sempre muita nobreza e desde remotas eras produziu muitas pessoas notaveis.

Poderiamos citar uma extensa lista d'essas pessoas, mas, como este artigo já vai longo, no *supplemento* a daremos, bem como outras noticias que prendem com ella e que agora omittimos.

Por decreto de 23 de maio de 1867 foi annexada a esta villa a velha parochia de Formariz, cujo orago é S. Pedro Apostolo,

Em 1768 era abbadia da apresentação do abbade de Touguinhó, contava 14 fogos e rendia 30$000 réis.

V. *Formariz*, vol. 3.º pag. 215, col. 1.ª

Tem este concelho:

Superficie em hectares.....	12:775
População — fogos.....	5:426
» — almas.....	23:660
Freguezias.....	31
Predios inscriptos na matriz.....	21:748

Nas antigas cortes d'esta villa tinha assento no banco oitavo—e o seu brasão d'armas é uma nau á véla em mar azul.

—

A freguezia de Formariz, hoje annexa á de Villa do Conde, está situada ao norte do rio Ave e ao norte da villa, distante d'esta cerca de 800 metros, 50 da margem direita do Ave, cerca de 1 kilometro da freguezia de Touguinha e 100 a 200 metros da freguezia da Retorta, mettendo se de permeio o Ave.

No chão de Formariz se edificou na margem direita do Ave uma grande fabrica de fiação e tecidos pela companhia denominada —*Industrial e agricola portuense.*

Formou-se esta companhia em 1 de junho de 1875 e no mez de julho do mesmo anno deu principio ás obras, conservando as azenhas para moagem que alli existiam e existem.

O seu capital é de trezentos contos.

A fabrica é movida pelo Ave. A dicta companhia comprou todo o passal da extincta parochia e destinou a casa da residencia para habitação dos seus operarios.

Junto do convento de Santa Clara tinham as freiras um grande açude com um grupo d'azenhas para moagem de cereaes, mas ha annos o dr. Faria, de Villa do Conde, comprou as dictas azenhas e lhes addicionou, para servir no tempo da estiagem, uma machina a vapor e moinhos correspondentes.

VILLA CORTEZ DA ESTRADA—ou *Villa Cortez da Serra* — freguezia do concelho e comarca de Gouvêa, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Conceição,— fogos 160,—almas 674. É priorado.

Em 1768 pertencia ao bispado de Coimbra, — contava 91 fogos, — rendia 160$000 réis — e era da apresentação dos condes de Mello.

Para se distinguir da parochia de *Villa Cortez do Mondego*, d'esta mesma diocese, denomina-se Villa Cortez da *Estrada*, por que demora na estrada real de Celorico da Beira para Coimbra, pela ponte da *Murcella* e Oliveira do Hospital,— ou Villa Cortez da *Serra* por estar a pequena distancia do pendente N. O. da serra da Estrella.

Algumas chorographias, entre ellas o *Diccionario abreviado* de J. A. d'Almeida, dão-lhe como orago *Nossa Senhora da Expectação*, mas o *Portugal Sacro e Profano*, os Censos de 1864 e de 1878 e o *Mappa das Dioceses*, publicado em 1882, dão-lhe como orago *Nossa Senhora da Conceição.*

—

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia pertenceu ao concelho e termo de Linhares, mas que extincto este concelho por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o de Gouvêa.

Isto não é absolutamente exacto.

A povoação de Villa Cortez, séde d'esta parochia e a unica que a constitue, posto que é uma povoação compacta, dividia-se d'um modo curioso em differentes grupos ou bairros — um pertencente ao termo da extincta villa de *Linhares*,—outro ao termo da extincta villa de *Folgosinho* — e outro ao termo da villa de *Gouvêa*. Ainda hoje (1884) n'esta povoação se distiguem aquelles 3 grupos de casas, bem como os seus habitantes, dizendo-se: — *estes são do termo de Gouvêa*, — *aquelles são do termo de Folgosinho*. No termo de Linhares já se não falla.

As suas freguezias limitrophes são — *Figueiró da Serra*, a 4 kilometros de distancia,—*Villa Ruiva*, a 2:500, — *Villa Franca da Serra*, a 4,—a villa de *Cabra*, a 5, mettendo-se de permeio o valle d'Arinte,—*Nabaes*, *Nabainhos* e *Mello*, a 4 kilometros, — *Folgosinho* a 6 — e Freixo da Serra a 4.

Dista de Gouvêa 9 kilometros para N. E. — da estação de Gouvêa ou da de Fornos d'Algôdres, na linha da Beira Alta, 7 kilometros,—6 da margem esquerda do Mondego, — 41 da Guarda para O. pela estrada a macadam.—65 pela linha ferrea (estação de Fornos d'Algodres) — 152 da cidade da Figueira (pela linha ferrea, estação de Gouvêa)—207 do Porto—e 332 de Lisboa.

—

Esta freguezia é pouco saudavel por estar em planicie funda, no sopé da serra da Estrella e na margem direita de uma grande ribeira, formada pelas de Mello e do Freixo que fazem juncção na grande ponte de pedra da estrada a macadam de Celorico a Coimbra,—estrada que toca n'esta povoação, do lado sul, e a separa da sua egreja matriz, correndo de leste a oeste.

As dictas ribeiras, por occasião das chuvas e do desgêlo da grande serra proxima, avolumam d'um modo espantoso com a grande quantidade d'agua que se despenha da serra em torrentes e inundam parte da povoação e da campina marginal, causando por vezes prejuizos consideraveis e compromettendo a salubridade publica.

Tem havido aqui epidemias devastadoras, matando familias inteiras e deixando casas deshabitadas!...

A egreja parochial é um templo espaçoso e elegante, muito vantajosamente situado a cavalleiro da estrada a macadam e da povoação, em sitio relativamente alto, alegre e vistoso.

Foi mandada fazer nos fins do ultimo seculo ou principios d'este pelos condes de Mello, donatarios d'esta parochia e que apresentavam o seu prior.

Tem altar-mór com um bello retabulo de talha dourada e tres lateraes,—côro sobre o guarda-vento, torre com 4 sineiras, muito elegante e bem acabada, cemiterio em volta de toda a egreja,—ampla escadaria que dá entrada para o cemiterio—e outra d'este para a porta principal da egreja.

Circumdam o cemiterio ciprestes e oliveiras—e ha na egreja duas irmandades—uma do Santissimo, que é a fabriqueira,—e outra do Senhor das Almas.

No centro da povoação ha uma capella de S. Bartholomeu, que foi a *velha matriz* e teve festa propria e grande feira, em outros tempos, no dia de S. Bartholomeu, 24 d'agosto.

—

Ha n'esta parochia um edificio brasonado, antigo, pertencente á familia Mendonças, de Freches, no concelho de Trancoso; entre os não brasonados os que mais avultam hoje são os seguintes:—um de Joaquim Tavares Ferreira, pae de 3 presbyteros, sendo dous formados em direito,—outro de Francisco Maria, de Sandomil,—e outro dos herdeiros de Ruy d'Almeida, que foi negociante e deixou boa fortuna. Este ultimo é o melhor e mais moderno.

Além das ribeiras já mencionadas e que, depois de se fundirem em uma só, desaguam no Mondego, junto da povoação, antiga villa de *Cábra*, banha esta freguezia o ribeiro do *Ollo*, cerca de 500 metros ao norte e pouco importante.

Na grande ribeira ha duas pontes de pedra,—uma mesmo na povoação de Villa Cortez,—outra alguns metros a montante, feita pelas obras publicas na estrada real a macadam—e dous pontões tambem na povoação para serventia do pequeno bairro que foi e ainda hoje se chama *termo de Folgosinho*.

Ha tambem na grande ribeira 3 moinhos de pão, 1 lagar d'azeite, 1 fabrica de fiação de seda, que foi de Ruy d'Almeida,—e outra de queimar vinho, pertencente a Joaquim Tavares Ferreira.

Houve tambem aqui n'outros tempos um bom estabelecimento de tinturaria, a que o povo chamava e chama o *Tinte*. D'elle restam hoje apenas uns grandes casarões e grandes fornalhas, tudo em ruinas.

—

Esta parochia nunca foi villa, mas gosou de todos os privilegios das villas de Gouvêa, Folgosinho e Linhares a cujos termos pertencia, como já dissémos. D'ellas se fallou já n'este diccionario e se fallará mais detidamente no *supplemento*.

Ha no limite d'esta parochia um pequeno morro denominado *Castelejo*, que se suppõe ter sido *atalaia* em tempos remotos,—e n'elle uma cavidade denominada *capella dos moiros*.

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

As suas producções principaes são—milho, feijões, batatas, vinho e azeite. Exporta todos estes artigos em quantidade. Tambem produz muita hortaliça, com que abastece os mercados de Gouvêa,—muito queijo que vende para o Porto e Lisboa, onde é bem conhecido por *queijo da serra da Estrella*,—centeio para consumo e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

Como passava n'esta freguezia a antiga estrada militar, que é, com pequenas variantes, a mesma estrada nova a macadam, soffreu muito esta povoação com os movimentos de tropa, principalmente na guerra peninsular, quando o exercito francez, commandado por Massena, retirava das linhas de Torres Vedras pela ponte da Murcella e Celorico da Beira para a Hespanha.

Occuparam litteralmente esta povoação durante a passagem de todo o exercito e aqui tiveram um hospital de sangue na casa dos

Sequeiras Corte-Reaes, pagando-lhes generosamente incendiando-a, bem como grande parte d'esta povoação, quando se retiraram.

A tradição local ainda conserva muitas recordações d'aquelle tempo e entre ellas a lenda seguinte:

Em certo recontro que os francezes tiveram com o exercito anglo-luso na *Carrapichana*, um soldado da cavallaria franceza recebeu tal golpe no pescoço que lh'o cortou, ficando a cabeça pendente sobre as costas,—e, partindo o cavallo á desfilada sem governo, só parou junto d'esta povoação, trazendo na sella o cavalleiro decapitado!...

A freguezia da Carrapichana está tambem na mesma estrada de Celorico, que atravessa Villa Cortez, mas distante cerca de 4 kilometros para leste.

Diz tambem a tradição local que no sitio da *Coutada*, pequeno cabeço nos limites d'esta parochia, houvera em tempos remotos um *vulcão* ou *olho marinho*, de tal ordem que levou d'envolta um espaçoso tracto de terra com arvoredo, inclusivamente um castanheiro, indo parar tudo na ribeira proxima, a distancia de 200 a 300 metros.

Assim o affirma a tradição local, mas *quem não acreditar não pecca.*

Ao rev. sr. José Nunes Morgado, digno prior d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA CORTEZ DO MONDEGO — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Priorado. Orago S. Sebastião, — fogos 91, —almas 365.

Em 1708 contava 67 fogos, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*; — o *Portugal Sacro e Profano* em 1768 deu-lhe 62 fogos e 100$000 réis de rendimento, — e J. A. d'Almeida em 1866 deu-lhe 185 fogos, o que foi erro typographico por certo. Suppomos que o benemerito auctor do *Diccionario chorographico abreviado* escreveu—85.

O seu prior era collado e da apresentação da corôa em 1768, mas até 1758 foi da apresentação dos marquezes de Gouvêa, condes de Portalegre e por ultimo, para sua desgraça, tambem duques d'Aveiro, tornando-se os fidalgos mais ricos e poderosos que Portugal teve no ultimo seculo.

> Tudo perderam com a propria vida—e não só os duques d'Aveiro, marquezes de Gouvêa, mas os marquezes de Tavora, condes d'Athouguia e muitos dos seus familiares, no dia 13 de janeiro de 1759, em seguida ao attentado contra D. José I, na noute de 3 de setembro de 1758.
>
> V. *Chão Salgado*, vol. 2.º pag. 271, col. 1.ª e seg.

—

Os marquezes de Gouvêa foram senhores e donatarios das villas de Gouvêa, Vallezim, Villa Cova a Coelheira, Celorico, etc. etc. e por isso apresentavam o prior d'esta freguezia de Villa Cortez do Mondego, porque pertencia ao termo de Celorico.

V. *Gouvêa* n'este diccionario (vol. 3.º pag. 312, col. 2.ª) e no *supplemento*, onde ampliarei consideravelmente aquelle artigo.

O padre Carvalho diz que o orago d'esta parochia de Villa Cortez era S. Domingos em 1708,—e o mesmo orago lhe deu D. Luiz Caetano de Lima em 1736, — mas o *Port. Sacro e Prof.* em 1768 e todas as chorographias e publicações officiaes posteriores lhe deram como orago *S. Sebastião.*

Esta parochia é formada por uma unica povoação — *Villa Cortez* — situada a 1 kilometro da margem esquerda do Mondego, a 11 da Guarda para N. N. O. — e a 8 de Celorico para E. S. E.

Comprehende as quintas da Banha e Insua—e os moinhos da Videira, Lage, Entre Aguas e Lagarteira.

As suas producções dominantes são vinho, azeite e cereaes.

VILLA COVA—freguezia do concelho e comarca de Fafe, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia — orago S. Bartholomeu, — fogos 110,—almas 481.

Em 1706 já era abbadia do padroado real pertencente á grande comarca de Guimarães, contava apenas 40 fogos e estava unida

ao arcediagado de Guimarães, que tinha o titulo de *Villa Cova*;—em 1736 pertencia á mesma comarca de Guimarães,—já contava 89 fogos e e 225 habitantes, — em 1768 era tambem abbadia do padroado real,—contava 94 fogos e rendia 450$000 réis;—nos principios d'este seculo pertenceu ao concelho e julgado de Celorico de Basto, comarca de Fafe;—em 1840 pertencia ao concelho e comarca de Guimarães — e, por decreto de 31 de dezembro de 1853, passou para o concelho e comarca de Fafe.

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, o logar de *Villa Cova*, *Assento* ou *Egreja* está situado na margem direita do rio Vizella, do qual dista 1 kilometro para N. O. —e 7 de Fafe para o N.—17 de Guimarães, 73 do Porto e 410 de Lisboa.

Comprehende mais esta freguezia os logares ou povoações de Vallado, Lameira, Passos, Cotelhe, Outeiro, Toutiço, Casaes, Padinho, Crujeira, Valdelhe, Lamas, Bairro, Moure, Castanheira, Sancha, Rio, Loureiro, Fornello, Portella, Boa Vista, Calçada, Carvalhal, Quinta Má, Portellinha, Aidro e Lata.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam de Guimarães para Celorico de Basto, passando a meio da villa de Fafe e da povoação da Lameira, que está em sitio alto, alegre e vistoso, mas muito frio no inverno.

As suas producções dominantes são—vinho verde, cereaes e lã, pois tambem cría gado lanigero.

—

Nasceu n'esta freguezia, nos principios d'este seculo, o famigerado salteador e assassino Manuel Joaquim Lopes Queijo, sapateiro, que fixou a sua residencia na freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto.

Foi preso e julgado por arrombamento e roubo feito na casa e quinta de Manuel Joaquim da Motta, — por assassinar o dito Manuel Joaquim da Motta,—por ferir e roubar Manuel Matheus, — por assassinar Antonio Teixeira Tendeiro,—por usar d'armas defesas—e por extorquir dinheiro a differentes pessoas com armas e ameaças.

Em audiencia geral, de 6 de junho de 1838, no julgado de Celorico de Basto, presidida pelo juiz de direito da comarca de Fafe, foi condemnado á pena de morte na forca, que para isso deveria erguer-se na praça da villa de Freixieiro, sendo-lhe em seguida cortada a cabeça e suspensa alli mesmo em um poste.

O reu appellou, e por accordão da Relação do Porto, com data de 15 de fevereiro de 1839, foi confirmada a sentença da 1.ª instancia. Interpoz ainda recurso de revista, que lhe foi negado por accordão do supremo tribunal de 18 de novembro do mesmo anno; —e por portaria de 11 de junho de 1840 se communicou ao presidente da relação do Porto que S. M. ouvido o conselho de ministros, houve por bem que a sentença se cumprisse.

Foi justiçado em 11 de julho de 1840 na villa de Freixieiro.

(Cartorio do escrivão Silva Pereira).

No *supplemento* a este diccionario daremos no artigo *Freixieiro* circumstanciada noticia d'este infeliz, extrahida por nós dos proprios autos.

Foi este o 4.º dos ultimos (16) individuos justiçados por crimes communs ao norte do nosso paiz, depois de 1834. Veja-se este vol. 10.º pag. 604 e seg.

VILLA COVA—freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Thiago Apostolo,—fogos 107,—almas 470.

Em 1706 contava apenas 54 fogos e era da apresentação dos frades Jeronimos do convento de Belem, mas em 1768 já contava 62 fogos e era vigairaria da mesma apresentação dos Jeronymos, que davam ao pobre parocho apenas 19$000 réis e o pé d'altar.

Foi uma das muitas parochias que formavam o termo da antiga comarca de Villa Real. Em 1840 pertencia ao concelho de *Ermêllo*, de que já se fallou no vol. 3.º pag. 45, col. 2.ª — concelho extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, passando em seguida para o de Villa Real.

É hoje parochia independente, mas já esteve annexa á freguezia de *Quintã*, com a qual confina pelo sul,—com a de *Bardelhas*

pelo norte,—com a de *Villa Marim* pelo nascente — e com a de *Campanhó*, do concelho de Mondim de Basto, pelo poente.

Está situado o logar de *Villa Cova*, séde d'esta freguezia, ao norte da estrada real de Villa Real para Amarante, pela Campeã e Padornello,—estrada hoje ampla, suave, macadamisada e das mais bem traçadas que tem o nosso paiz, emquanto que a estrada velha foi uma das mais concorridas, mais, desabridas e medonhas!

O antigo traçado seguia pelo alto da serra, desde a Campeã até Ovelha do Marão, atravessando muitos kilometros com tanta altura de neve, durante mezes, no inverno, que ali pereceram muitos viandantes, almocreves e correios, pois foi até o meiado d'este seculo a estrada principal e mais seguida do Porto e do Minho para Traz-os-Montes.

Suppõe-se até que a freguezia de *Ovelha do Marão*, em que tocava a velha estrada, principiou por uma especie de *albergaria* para abrigo dos desgraçados viandantes e que pelos serviços, *bemfeitorias* ou *benefactorias* que lhes prestava em tão ermas e desabridas paragens (recorda-nos o convento de S. Bernardo, nos Alpes) os nossos primeiros reis lhe deram o titulo e privilegios especiaes de *beetria*,—titulo e privilegios de que se ufanam apenas 10 povoações em todo o nosso paiz!...[1]

—

O novo traçado não entra, como o antigo, na povoação da Campeã; passa a cavalleiro d'ella, pelo sul, e desce logo em ziguezagues suavissimos pelo primeiro valle abaixo, fugindo da serra do Marão, que atravessa rapidamente, deixando a grande distancia a humilde parochia e *beetria* da Ovelha.

A antiga estrada era uma medonha sequencia de barrancos e precipicios — em quanto que a nova estrada, feita approximadamente em 1860 a 1870, é ampla e suave e foi servida por boas diligencias, que trabalharam entre o Porto e Villa Real até que se inaugurou a linha ferrea do Douro, acabando com aquellas diligencias e com as que desde 1857 trabalhavam (por vezes 3 ao mesmo tempo) entre o Porto e a Regoa, por Penafiel, Casaes, Amarante, Quintella, Mezãofrio e Rede[1].

As diligencias, *galéras* e *carros mattos* acabaram com as liteiras, arrieiros e almocreves;—os caminhos de ferro vão acabando com as diligencias—e, por seu turno, outro systema de viação acabará com os caminhos de ferro.

Le monde marche!...

Esta freguezia de Villa Cova dista de Villa Real 10 kilometros para O. N. O. — 38 da linha ferrea do Douro (estação da Regoa)—142 do Porto—e 479 de Lisboa.

O seu clima é frio e aspero;—as suas producções dominantes são cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Em dezembro de 1881 foi concedida por tempo illimitado a Maximiliano Schereck a propriedade de uma mina de chumbo, situada no Valle de *Cieio* (?) n'esta freguezia.

VILLA COVA e **BANHO**—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria;—oragos Santa Maria e o Salvador,— fogos 300,— almas 1:291,— comprehende a freguezia de *Villa Cova*, propriamente dicta, e a de *Salvador do Banho*, sua annexa desde antes de 1840, da qual já se fallou no vol. 1.º pag. 316, col. 2.ª (*Vide*).

Esta freguezia de Villa Cova em 1706 contava 200 fogos;—tinha por orago Santa Maria,—era commenda da ordem de Christo e reitoria da apresentação da mitra, rendendo

---

[1] V. *Ovelha do Marão*—vol. 6.º pag. 371, col. 2.ª—*Villa Marim*, freguezia do concelho de Mezãofrio, n'este diccionario — e *Beetria* no supplemento.

[1] Em todo o nosso paiz não ha nem houve caminho para diligencias peior do que era este!

Desde Amarante até o alto de Quintella (15 kil.) — e desde a Rede até o dicto alto (outros 15 kil.) ha declives de 10 a 12 por cento, pelo que as diligencias na subida eram morosamente arrastadas por 2 juntas de bois — e na descida largavam os bois e fugiam sempre em carreira vertiginosa, desde Quintella até á Rede e Amarante, *quando não ficavam despedaçadas pelo caminho*, o que succedeu muitas vezes!...

para o parocho 140$000 réis — e 600$000 réis para o commendador.

O *Portugal Sacro e Profano*, publicado em 1768, diz que esta parochia tinha como orago Nossa Senhora da Expectação,—rendia réis 150$000 e contava 173 fogos.

Está situado o logar de Villa Cova 3 kilometros ao norte da estrada real de Esposende á villa de Barcellos, da qual dista 9 kilometros para O. N. O.—4 da margem do Cavado para N.—10 da beiramar (foz do Cavado) para E.—28 de Braga (pela linha ferrea) para O.—60 do Porto e 388 de Lisboa.

Passa a N. E. a estrada real a macadam do Porto a Valença por Barcellos e Vianna do Castello, — bem como a linha ferrea do Minho.

As suas producções dominantes são — vinho de enforcado, cereaes, e madeiras, que exporta em quantidade.

Além da povoação de *Villa Cova*, séde da egreja matriz, comprehende esta freguezia as povoações de Samo, Xate, Mereces, Outeiro, Portella e Banho.

—

Nos montes de *Mereces* tem uma das suas nascentes o pequeno rio *Agro do Banho* e outra nos montes da freguezia de S. Claudio. É pobre no verão, mas no inverno, com as chuvas, torna-se caudaloso, trasborda e inunda os campos marginaes. Na sua maior extensão é placido, mas em alguns sitios, por ter margens fragosas e asperas, a sua corrente é muito precipitada.

Cria trutas, escallos, eiroses e *panchorcas* —e desagua na margem direita do Cavado [1], onde chamam o *Rio-grande da Barca do Lago*, um pouco a jusante do vau do *Rio Grande*, limite da freguezia de *Geneses*.

---

[1] J. A. d'Almeida disse que desagua no *Lima*. Foi lapso. E, fallando da freguezia do *Banho*, annexa hoje a esta de *Villa Cova*, disse que «tem uma ponte de pedra de dez arcos sobre o *Vouga*.»

Confundiu a freguezia do *Banho*, na margem direita do *Cavado*, com a extincta e antiquissima *villa do Banho*, onde brotam as celebres aguas thermaes de *S. Pedro do Sul*, na margem esquerda do *Vouga*.

Solatium est miseris socios habere!...

Esta freguezia de Villa Cova foi mosteiro de freiras benedictinas, em tempos muito remotos, e n'elle foi abbadessa no reinado de D. Diniz uma filha de Paio de Moles Corrêa, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas nem a *Benedictina Lusitana*, nem a *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga* fazem menção de tal convento.

Extincto o dicto convento passou esta freguezia a ser commenda da ordem de Christo e reitoria da mitra.

Freguezias limitrophes — Perelhal, Geneses, Palme e Feitos, Palmeira do Faro e Villar do Monte.

Templos—a egreja matriz actual,—a matriz velha em ruinas,—a capella publica de S. Braz—e as particulares, de S. João, no casal dos Curvos, e a de Nossa Senhora, de Luiz dos Santos Portella.

Em tempos remotos existiu tambem no monte de S. Mamede uma capella dedicada ao santo d'este nome.

Edificios brasonados—a casa nobre (em ruinas) na quinta da *Espinheira*, da viscondessa d'Azevedo.

Industria local—azenhas para moagem de cereaes e uma fabrica de serrar madeira, movidas por agua.

Escolas—uma official de instrucção primaria para o sexo masculino.

VILLA COVA DE CARROS—freguezia do concelho e comarca de Paredes, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia,—orago S. João Evangelista,—fogos 70—almas 295.

Em 1706 já era abbadia da apresentação do mosteiro de Côte, *com reserva*, contava 66 fogos, rendia 200$000 réis e pertencia á *beetria* de Louredo, julgado d'Aguiar de Sousa, na antiga comarca do Porto.

Em 1768 era da apresentação alternativa do Papa, da mitra e do collegio dos eremitas de Santo Agostinho (gracianos) de Coimbra.

Pertenceu á comarca de Penafiel até 1875, data em que se creou a comarca de Paredes.

Comprehende as aldeias seguintes: — Egreja, Cruz, Outeiro, Cavada, Cimo de Villa, Villa Meã, Corujeira, Granja, Gran-

jão, Seixo, Olho do Mouro, Cavadinha, Ribeiro, Fermentões e as quintas ou casaes de *Cima de Villa*, de D. Custodia Maria de Jesus, *Ribeiro*, de Luiz Coelho Leal, *Granjão*, de Antonio Guimarães, de Penafiel, e *Fermentões*, de D. Margarida Maria da Torre, de Braga.

Freguezias limitrophes—Besteiros a E.—S. Romão de Mouriz a S. — Baltar a O. — e Vandoma a N.

Dista de Paredes (séde do concelho e da comarca) 5 kilometros—10 de Penafiel—40 do Porto e 377 de Lisboa.

—

Actualmente não entra n'esta freguezia estrada alguma a macadam; deve porém atravessal-a uma estrada districtal, já estudada, que partindo da de Paredes a Paços de Ferreira (do sitio do *Barro Branco*) a deve ligar com a que está em construcção de Cêtte (estação do caminho de ferro do Douro) a Mouriz.

As estradas a macadam que mais se approximam hoje d'esta parochia são a real, n.º 33, do Porto á Regoa, que toca em Mouriz, — e a districtal, de Paredes a Paços de Ferreira, que toca em uma das extremidades d'esta freguezia.

Passa tambem a 5 kilometros de distancia o caminho de ferro do Douro, que tem uma estação em Paredes.

O templo unico d'esta parochia é a sua egreja matriz, templo muito antigo, muito pobre e singelo, mal decorado e quasi em ruinas, principalmente a capella-mór, tanto que o parocho já não consente que se façam n'ella festividades, mesmo porque não tem throno para exposição do Santissimo. Accresce ainda a circumstancia de que está em sitio fundo, (a *cova* de que tomou o nome) abafado e muito humido. Total — uma vergonha e *vergonha flagrante*, porque, se a freguezia é pequena, tem bons proprietarios e nem um parochiano mendigo.

Além d'isso esta abbadia ainda hoje, mesmo depois da extincção dos dizimos, é uma das *primeiras* e *mais ricas* do bispado do Porto.

Rende cerca de 900$000 réis e póde considerar-se um *beneficio simples*, sem encargos ou serviço algum, porque, attenta a sua diminuta população — apenas 70 fogos — é trivial decorrer um anno inteiro sem haver n'ella 1 obito — e por vezes em 2 e 3 annos seguidos não ha n'ella 1 casamento?!...

O pé d'altar é pobrissimo, mas tem bons passaes, em parte já vendidos em hasta publica, por ordem do governo, mas averbado o seu producto em inscripções, na forma da lei, aos abbades, que recebem os juros correspondentes ás dictas inscripções, — tendo além d'isso casa de residencia muito decente com uma boa horta contigua, etc.

—

Houve n'esta egreja uma confraria ou irmandade, cuja fundação ignoramos, mas que datava de seculos e decahiu ou se dissolveu em 1850. Tinha por padroeira *Nossa Senhora da Batalha* e todos os annos lhe fazia pomposa festa com grande romagem. Tudo acabou, excepto a romagem.

N'esta parochia não ha feiras nem mercados, pelo que os seus habitantes procuram as feiras de Paredes (dias 1 e 18 de cada mez) —a de Baltar (dia 16) tambem mensal, a— dos Chãos, freguezia de Bitarães (dia 8) — e as do *Cô*, *Freamunde* e *Penafiel*, todas muito proximas.

Não tem edificios brasonados ou sem brasões, dignos de especial menção, nem vestigios d'algum convento, posto que o *Diccionario Chorographico* de J. A. d'Almeida diz que houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas! Julgamos ser lapso, pois não o encontramos mencionado em chorographia alguma, nem no *Catalogo dos Bispos do Porto*, nem no *Almanach Ecclesiastico* d'esta diocese, nem na *Benedictina Lusitana*.

Tambem nunca foi villa, mas teve diversos foraes, que eram os mesmos do extincto concelho *d'Aguiar de Sousa*, nos quaes se fazia menção d'esta parochia como uma das que formavam aquelle termo.

Foram os dictos foraes concedidos — um por D. Affonso III, em 1269,—outro por D. João I, em 1411—e outro por D. Manuel, em 1513.

Provam os dictos foraes que esta pequena povoação data, pelo menos, dos principios da nossa monarchia.

Veja-se *Aguiar de Sousa*, tomo 1.º pag. 39, col. 2.ª

Nasce nos montes d'esta freguezia um regato que atravessa a de Mouriz e desagua a 6 kilometros de distancia no rio Sousa, junto da estação de *Côtte*, caminho de ferro do Douro.

Producções dominantes — milho, centeio, feijões, painço, linho e vinho verde enforcado e pessimo.

Tem desde 1879 uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

N'esta parochia não ha vestigios de fortificações, mas encontram-se, aliás muito importantes ainda, em um monte proximo, denominado *Montanha do Muro*, pertencente á freguezia de *Vandoma*, de que já se fallou n'este volume a pag. 199, col. 1.ª

Alli se vêem ainda os alicerces d'um largo *muro* que cinge toda a explanada e cumiada do dicto monte e que defendeu e abrigou uma cidade ou povoação antiquissima.

V. *Vandoma*, logar citado.

VILLA COVA A COELHEIRA — freguezia do concelho e comarca de Ceia, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Curato, — fogos 119, — almas 520. Orago S. Mamede.

Em 1708 era villa e séde de concelho da provedoria e comarca da Guarda e do bispado de Coimbra; — tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da camara, um juiz dos orphãos, um tabellião de notas, um alcaide e uma companhia de ordenanças,—contava 150 fogos, tinha 3 capellas publicas e era abundante de pão, vinho, frutas, gado e *coelhos, d'onde tomou o appellido*, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Foi dos marquezes de Gouveia, condes de Portalegre e por ultimo tambem duques de Aveiro, mas em seguida á medonha catastrophe que levou ao cadafalso no dia 13 de janeiro de 1759 aquelles duques, bem como os marquezes de Tavora e os condes d'Athouguia, sendo-lhes sequestrados todos os seus bens, passou para a corôa [1].

[1] Vide *Chão Salgado*, vol. 2.º pag. 271, col. 1.ª e seg.

—

Em 1768 era curato da apresentação do reitor de Ceia, — pertencia ao bispado de Coimbra—contava 97 fogos e rendia para o cura 6$000 réis, além do pé d'altar.

Em 1840 pertencia ao concelho de *Sandomil*, extincto pelos decretos de 10 de fevereiro de 1846 e 24 d'outubro de 1855, pelos quaes passou para o concelho e comarca de Ceia, — e, em virtude da nova circumscripção diocesana, realisada em 1882, passou da diocese de Coimbra para a da Guarda.

Comprehende uma povoação unica, *Villa Cova*, séde da freguezia, e os casaes de *Anciães*, da *Fraga*, do *Joguinho*, dos *Niombos*, dos *Valles*, de *Miguel Gil* e do *Val da Trave*.

As suas freguezias limitrophes são—Vallezim,—S. Romão de Ceia,—Sandomil e Torrozello.

Dista 6 kilometros de Ceia para S. O., — 45 da Guarda,—20 da estação de Nellas, na linha da Beira Alta, — 138 da cidade da Figueira,—193 do Porto—e 318 de Lisboa.

Teve foral dado por D. Manuel em Lisboa no dia 21 de julho de 1514, — diz a *Chorographia Portugueza*, ou no dia 12 do dicto mez e anno, segundo se lê em Franklim.

Liv. de Foraes Novos da Beira, fl. 44, col. 2.ª

Veja-se na *Gav.* 6, *Maço* 1.º o n.º 239, onde se menciona este foral.

—

A egreja matriz é um templo venerando pela sua muita antiguidade. Tem a porta principal em ogiva, altar-mór, 2 lateraes e baptisterio em mau estado, apesar das reparações que n'elle se fizeram em 1876, por occasião da visita do benemerito bispo-conde de Coimbra, o ex.mo e rev.mo sr. D. Manuel Corrêa de Basto Pina, incansavel em visitar a sua diocese.

A egreja está fóra da povoação, 60 metros ao sul, e junto d'ella o cemiterio da parochia, mandado construir em 1831, como se lê em uma inscripção gravada entre a porta lateral e a da sacristia da mesma egreja.

Á entrada do adro se ergue uma faia soberba, de magestoso porte e grande altura. No seu genero é um dos mais formosos exemplares que se encontram em todo o nosso paiz.

Tem 4 metros de circumferencia no tronco?!...

Na egreja matriz se celebram as missas conventuaes, nos dias sanctificados; as outras, nos dias de semana, celebram-se em uma capella que ha no meio da povoação,—capella publica muito antiga, onde, para maior commodidade, se conserva o Santissimo Sacramento. Foi reparada em 1862, mas apezar d'isso demanda obras urgentemente, pois ameaça esboroar-se com o peso dos seculos. Tem um campanario com dous sinos e relogio, comprado em 1875 a expensas do povo.

—

Ao norte e contigua á povoação, existe outra capella, tambem publica e muito antiga, com a invocação de S. Pedro e tambem muito arruinada. Tem altar-mór, dous lateraes, uma irmandade com o titulo do orago e estatutos approvados ha mais de 400 annos!... Conta actualmente 50 confrades e celebra todos os annos um anniversario com jubileu e muitas indulgencias pelas almas dos irmãos fallecidos.

Ha tambem instituida n'esta capella a confraria do Santissimo Sacramento, administrada por tres mordomos, que todos os annos, no 1.º domingo do mez de janeiro, mandam celebrar uma festa, para a qual a junta de parochia, desde tempo immemorial, dá 6:000 réis e o povo varias esmolas em dinheiro e em generos. É denominada *as janeiras*.

Os apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador d'este concelho não fallam da 3.ª capella mencionada na *Chorographia Portugueza*. Provavelmente já não existe.

—

No centro d'esta povoação se ergue um vasto e formoso edificio de architectura moderna, denominado *as obras* [1]. Foi mandado construir no 2.º quartel d'este seculo pelo dr. José Pinto Fontes, lente de prima na nossa Universidade, e é hoje da ex.ma sr.ª D. Maria Pinto Clementina de Mello, sobrinha do fundador.

Possue tambem a mesma sr.ª outra casa muito notavel pelas suas tradições historicas e remotissima antiguidade—é o *paço* e a *cadeia* d'este extincto concelho.

Em frente dos dictos paços se vê tambem ainda hoje o *velho pelourinho* que os habitantes d'esta povoação (honra lhes seja!) conservam como padrão dos seus antigos foros.

Esta povoação tem apenas uma rua e tres largos—o da *Praça*, onde se ergue o vetusto pelourinho,—o da *Fonte*—e o do *Rocio*.

Cerca de 300 metros ao sul d'esta povoação corre o Alva, que vem da serra da Estrella e, depois de receber como tributarias as ribeiras da *Caniça* e de *Vallezim*, banha os ferteis campos d'esta povoação de Villa Cova, os de Sandomil e Penalva d'Alva, atravessa a historica ponte da Murcella, onde as aguias francezas foram *bem feridas*, e desagúa no Mondego, um pouco a jusante da *Raiva*, tendo nos limites d'esta parochia uma antiquissima ponte de granito com 2 arcos ogivaes, ligada a esta povoação por uma bella *calçada*, feita em 1872.

Tem esta freguezia no Alva 10 rodas de moinhos de moer pão, que fornecem farinha para esta parochia e para as de Torrozello, S. Thiago de Ceia e outras muito mais distantes.

—

Uma das coisas mais notaveis que ha n'esta freguezia e que muito depõe a favor da illustração e bom criterio dos seus habitantes é o grande *açude* ou *levada* que rega e fertilisa os seus montes e campos, duplicando ou triplicando o valor que tinham anteriormente e que prova o grande partido que outras muitas parochias do nosso paiz podiam e deviam tirar dos rios que o cruzam em differentes direcções.

O dicto açude parte do Alva, do sitio dos *Pisões Velhos*, junto da ponte de *Jogaes*,—tem de percurso mais de 5 kilometros,—foi construido em 1815—e custou 3:200$000 réis, somma importante n'aquelle tempo, nomeadamente para estes povos sertanejos.

---

[1] Assim se denomina tambem o palacio da viscondessa de Vallongo, na villa de Ceia, mandado fazer pelo 2.º bispo de Pinhel, D. José Pinto de Mendonça Arraes. V. *Pinhel* e *Cêa*.

Tem um *procurador*, um *conservador* e um *repartidor*, sendo este ultimo de eleição popular e encarregado da distribuição das aguas no verão, por todos os proprietarios d'esta parochia, desde o dia de S. Pedro, data em que é sempre eleito, até o dia 8 de outubro de cada anno.

Que lindissima instituição!

Que exemplo tão digno de imitar-se!...[1]

—

As producções principaes d'esta parochia são — milho, feijões, centeio, batatas, castanhas, algum vinho, azeite, fructa abundante, variada e saborosa, lã e bom *queijo da Serra da Estrella*, pois tambem cria muito gado lanigero.

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu n'este seculo, são dignos de menção — o dr. José Pinto Fontes, lente da Universidade, — seu irmão Joaquim Pinto Fontes, capitão de mar e guerra, — os capitães de infanteria Antonio Joaquim Botto Machado e Manuel José Ferreira—e o cirurgião-mór do regimento de Castello de Vide, Francisco de Brito Freire, — todos já fallecidos.

Cerca de 1:500 metros a N. O. da povoação de Villa Cova ha jazigos de estanho, ainda por explorar.

Esta freguezia está em um enorme *covão*, formado por elevadas montanhas, ante-mural da grande serra da Estrella, que o circumdam a leste e sul e das quaes muito naturalmente lhe proveiu o nome de *Cova*, assim como lhe provém a amenidade relativa do seu clima e a fertilidade dos seus campos.

Junto da povoação, para N. E. ha um grande fojo, denominado *barroca*. Não se póde atravessar com um tiro de pedra, — tem de profundidade cerca de 40 metros—e faz eriçar os cabellos a quem d'elle se aproxima!...

Esta freguezia não tem aula alguma official, nem sequer d'instrucção primaria elementar. O seu ultimo professor foi o venerando padre Antonio Lobo Pinto Monteiro, fallecido em 1860 com 73 annos de idade e 43 de serviço!...

Cerca de 200 metros a N. E. da povoação apparecem claros vestigios d'antigas construcções, entre elles muitos tijòlos de grande espessura.

N'esta freguezia não ha, como em outras das abas da serra da Estrella, fabricas de lanificios, regularmente montadas. Tem sómente um pisão e alguns *obradores* particulares para bureis e saragoças.

VILLA COVA A COELHEIRA — freguezia do antigo concelho de Fragoas, hoje *Villa Nova do Paiva*, comarca de Castro d'Ayre, districto de Vizeu, bispado de Lamego, provincia da Beira Alta.

Abbadia,—orago S. João Baptista,—fogos 418,—almas 1690—segundo rezam os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. parocho, mas o censo de 1878 deu-lhe 352 fogos e 1:284 habitantes.

A differença é consideravel!...

Em 1708 contava 300 fogos e era vigairaria da apresentação do commendador da ordem de Malta, pois tinha aqui esta ordem uma commenda que comprehendia tambem a freguezia do Touro e era orçada em réis 1:200$000 de rendimento,—pagava de *responsão* 88$800 réis—e de pensão *magistral* 94$000 réis.

> *Responsão*, portuguez antigo, significava contribuição, subsidio, cóta, finta, tributo e toda a qualidade de desembolso que se fazia por obrigação e com que o vassallo, emphiteuta ou colono respondia ao soberano ou directo senhorio.
>
> *E dem em cada anno 2:500 libras de Responsom ao convento.* Doc. de Thomar, de 1321.

A *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego* deu-lhe, pelos annos de

---

[1] Na freguezia de *Alvarenga*, hoje do concelho e comarca d'Arouca, ha tambem um açude muito similhante e muito notavel, mas não tem a organisação d'este.

V. *Alvarenga* n'este diccionario e no *supplemento*, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo e daremos noticia do mencionado açude.

1720, apenas 167 fogos e 634 habitantes—e o *Portugal Sacro e Profano* deu-lhe em 1768 apenas 180 fogos e 300$000 réis de rendimento. Custa-nos pois a crer que em 1708, segundo diz a *Chorographia Portugueza*, tivesse 300 fogos!

—

Comprehende 5 aldeias e quintas (—diz o seu rev. abbade nos apontamentos que se dignou enviar-me) e não as menciona. A *Chorographia Moderna* menciona apenas as quintas de *Carvalha*, *Mieiras* e *Malhada*.

As suas freguezias limitrophes são—Pendilhe, Touro, Fragoas, *Villa Nova do Paiva* [1], e o proprio rio Paiva.

Dista 10 kilometros da nova séde do concelho (a tal freguezia das *Barrellas*, chrismada em *Villa Nova do Paiva*) para N. O., —15 de Castro d'Ayre para E. S. E.,—25 de Lamego e de Vizeu — 141 do Porto — e 478 de Lisboa.

Não tem estrada alguma a macadam; deve porém passar perto a districtal de Vizeu a Lamego, em via de construcção.

A linha ferrea mais proxima é a do Douro (estação da Regoa) da qual dista 37 kilometros.

A egreja matriz é um templo pequeno e singelo, mas bem conservado. Tem altar-mór e 2 lateraes, — um de S. João Baptista, outro do Senhor do Calvario.

Foi antigamente villa, pertencente á comarca e provedoria de Lamego; nada porém resta da casa da camara, da cadeia e do pelourinho, *por terem sido vendidos*—diz o meu informador.

—

Banha esta freguezia um ribeiro que desagua na margem direita do Paiva a 3 kilometros de distancia. Tem uma ponte e alguns moinhos que moem pão.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, batatas e lã, pois tambem cria algum gado lanigero e vaccum.

Tambem produz algum vinho de enforcado, muito verde e pessimo!...

Foi natural d'esta freguezia o barão de Villa Cova, João Antonio d'Almeida.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Teve n'esta parochia uma quinta o regedor das justiças, Ayres Pinto de Mendonça Coutinho, do qual passou a seu filho Manuel de Mendonça Cardoso Figueira d'Azevedo —d'este a seu neto Ayres Pinto de Mendonça e d'este a uma sua bisneta, que a vendeu.

A povoação de Villa Cova está em terreno alto;—o seu clima é aspero e frio;—as suas casas são de humilde aspecto e quasi todas cobertas de *colmo e lageas*.

É cercada por altas serras, a que no verão lançam fogo para afugentarem os lobos e terem melhores pastagens para o gado no anno seguinte.

No meio da villa ha um pequeno largo, onde está a egreja matriz com a sua galilé na frente e guardas de pedra que servem de assentos, tendo do lado da epistola um campanario com dous sinos.

Passa n'esta povoação a antiga e escabrosa estrada de Vizeu para Lamego por Côtta (Sanguinhedo) Sobrado de Paiva, *Villa Cova a Coelheira*, Tarouca e Britiande.

Ha n'esta freguezia bastantes *sorveiras*, que dão *sorvas*, especie de peras bravas, grande mimo para os pobres serranos, — e sovereiros, de que fazem muito carvão, bem como de urze, arbusto espontaneo e muito abundante nos montes d'este concelho.

É o fabrico do carvão a principal industria d'esta parochia e costumam ir vendel-o á cidade de Lamego, distante 25 kilometros, em carros tirados por vaccas, — o de sobro para as brazeiras—e o de urze para os ferreiros.

—

N'esta freguezia e nas limitrophes, tanto os homens como as mulheres costumam vestir-se de burel muito aspero e grosseiro, de que fazem capotes que, pela sua singeleza e barateza, formam a antithese dos denominados em Traz-os-Montes *honras de Miranda*.

Os de Miranda, tambem de burel, mas muito mais grosso e mais caro, são uma es-

---

[1] Esta freguezia denominou-se sempre *Barrellas*, mas, quando em 1883 foi arvorada em séde do concelho de Fragoas, foi-lhe dado ao mesmo tempo o nome de *Villa Nova do Paiva*, por ser mais bonito.

pecie de *gabões* com bandas, bolsos e capuz luxuosamente bordados a retalho, custando por vezes muito mais o feitio do que a propria peça — emquanto que os capotes dos serranos d'esta freguezia de Villa Cova e das limitrophes são do burel mais barato e singelos quanto possivel,—sem bolsos, nem fôrro, nem ornato algum. Reduzem-se a uma especie de pano de guarda-chuva sem armação, terminando a parte superior em um pequeno capuz collado na cabeça nua, d'onde muito desgraciosamente pendem, como de um cabide!

Os homens usam calças e calções do mesmo burel e no inverno costumam revestir a extremidade inferior com polainas grosseiras do mesmo estôfo ou de junco fendido e entrançado como o das *caroças* ou *palhoças*, muito usadas tambem pela gente do campo na Beira, no Minho e em Traz-os-montes para abrigo da chuva, sendo Penafiel a povoação do nosso paiz em que mais aperfeiçoada se acha aquella industria.

Dá-se com as *palhoças* o mesmo que se dá com os capotes de burel.

Os de Miranda, sendo bem feitos, custam 20 a 30 mil réis,—emquanto que os do concelho de Fragoas custam 2 a 3 mil réis. Assim as taes *palhoças* na Beira e em outros pontos do nosso paiz custam 2 a 3 tostões e em Penafiel chegam a custar 2 a 3 mil réis, — mas são verdadeiras *obras d'arte*, e todas as outras *singelissimas*.

Voltando á freguezia de Villa Cova, — as mulheres usam tambem saias de burel e meias de lã *sem pés* sobre as tibias, para as não ferir a aspereza do burel das saias;—e tanto os homens como as mulheres calçam tamancos muito grossos, ferrados com enormes pregos forjados *ad hoc* e revestidos na frente com uma chapa (*biqueira*) de ferro, forjada *ad hoc* tambem.

Formam igualmente os taes tamancos uma perfeita antithese com os de Penafiel, — aquelles grosseiros, lisos, pesados e ferrados como arietes, — estes muitos leves, elegantes, bordados e ornamentados com todo o luxo, hoje imitados perfeitamente pelos artistas de Braga e do Porto, onde têem largo consumo.

VILLA COVA DO COVELLO—freguezia do concelho de Penalva do Castello, comarca de Fornos d'Algodres, districto e diocesse de Viseu, na provincia da Beira Alta.

Curato—fogos 150,—almas 612.

Orago Nossa Senhora da Expectação ou *da Esperança*, como diz o seu rev. parocho.

Em 1768 contava apenas 91 fogos,—era da apresentação do abbade do Castello de Penalva e rendia 40$000 réis para o cura, incluindo o pé d'altar.

Esta parochia é formada por uma povoação unica; apenas tem fóra d'ella o casal do *Rio Carapito*.

Demora na margem esquerda do rio *Dão*, do qual dista 3 kilometros para S. E.—10 de Penalva, séde do concelho para leste,—outros 10 de Fornos d'Algodres, séde da comarca, para N. O.,—13 da estação de Fornos, na linha da Beira Alta,—40 de Viseu, —221 do Porto—e 346 de Lisboa.

É banhada pelo rio Carapito que passa a distancia de 1 kilometro ao sul e desagua na margem esquerda do rio Dão, a distancia de 3, bem como este na margem direita do Mondego.

—

Em 1708 era do mesmo concelho de Penalva do Castello, mas da comarca de Viseu, provedoria da Guarda — e antes da creação da comarca de Fornos d'Algodres pertenceu á comarca de Mangualde.

As suas freguezias limitrophes são—Castello de Penalva, Mareco e Antas.

A egreja parochial é de modestas proporções, mas decente e bem conservada.

Tem apenas uma capella publica da invocação de Santo Antonio.

Producções dominantes—milho, centeio, batatas, vinho e castanhas.

Tem uma escola de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Ha n'esta freguezia uma industria importante, privativa d'ella e unica,—é o fabrico de variados artigos de fêno, *barça* [1] ou *bar-*

---

[1] No *Grande Diccionario Portuguez*, de Fr. Domingos Vieira se encontra o seguinte: «*Barça*, s. f. O mesmo que *Brasa* ou *Balsa*; especie de palham com que se forram

cejo, a que dão o nome de *bracejo*,—uma especie d'herva com que fazem esteiras para forrar templos e salas,—capachos, ceiras para azenhas ou moinhos d'azeite, ceirões para cavalgaduras, capas ou cobertas para garrafões e garrafas, etc.

São estes artigos exportados *em grande quantidade* para varios pontos d'esta provincia e da de Traz-os-Montes e mesmo para o Porto, Coimbra e Lisboa.

Na dicta industria se occupam quasi todos os habitantes d'esta parochia no inverno e mesmo no verão, em todo o tempo que lhes sobrá dos trabalhos da agricultura.

Representa a dicta industria muitos contos de réis e não ha nas circumvisinhanças outra povoação que a explore.

VILLA COVA DA LIXA—freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria,—orago S. Salvador, — fogos 320 —almas 1:303.

Em 1706 pertencia ao concelho de Felgueiras e á comarca e provedoria de Guimarães, arcebispado de Braga;—tinha 120 fogos;—era reitoria da apresentação dos arcebispos e commenda da ordem de Christo;—rendia para o parocho 120$000 réis e para o commendador 750$000 réis.

Em 1768 contava 250 fogos e rendia réis 150$000 para o parocho.

Tambem foi algum tempo apresentada alternativamente pelo papa, pelo rei e pelos arcebispos.

Em virtude da ultima circumscripção diocesana passou para a diocese do Porto, desde 14 de setembro de 1882,—e, antes da creação da comarca de Felgueiras, pertencia ao concelho e comarca de Guimarães.

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes:—Monte, Quebrada, Assento, Quintella, Souto, Boa Vista, Espenca, Tojal, Casarias, Ferreira, Traz-Cova, Picoto, Campo, Campo da Presa, Barreiros, Passos, Costa, Campello, Arraido, Eira Vedra e *Lixa*, segundo se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador do concelho, mas a *Chorographia Moderna* diz que pertence a esta parochia apenas metade da povoação da *Lixa*, quasi contigua á egreja.

Comprehende tambem os casaes de Lamas, Gondariz, Assento, Ribeira, Padraços, Loureiro, e Sabariz—e as quintas ou habitações isoladas de Torre, Villa, Lordello, Padroucellos, Logarinho, Quinta, Estrada e Teixeira.

As suas freguezias limitrophes são—Caramos, Borba de Godim, Refontoura, Macieira da Lixa, Santão, Figueiró, Freixo e Ayrães.

—

Dista 7 kilometros de Margaride, séde do concelho,—14 da estação de Cahide, na linha ferrea do Douro,—61 do Porto—e 398 de Lisboa.

Atravessam esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.º 27, de Ponte do Lima á Regoa, e a real d'Amarante ao Porto.

A egreja matriz é um templo modesto, mas decente, edificado em 1719 e muito bem tractado.

Ha n'esta freguezia tres capellas publicas —uma da Senhora do Desterro, outra de Santo Antonio e outra de S. Roque,—e uma particular, na *Casa da Torre*,—todas bem conservadas e a matriz e a capella de Santo Antonio muito asseadas.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são a do Santissimo Sacramento, na egreja matriz.—e a de Nossa Senhora do Desterro na capella da sua invocação, na 1.ª segunda feira de setembro com arraial, romaria e grande feira,—*a mais importante do concelho.*

Ha tambem n'esta freguezia 2 feiras mensaes na povoação da Lixa, uma na 1.ª segunda feira de cada mez, outra no dia 18—e todas as semanas dous mercados de cereaes, tambem muito importantes, nas terças e sextas feiras, na mesma povoação da Lixa.

Ha n'esta freguezia um edificio brasonado. É a *Casa da Torre*, pertencente ao ba-

---

os vasos de vidro. Capa de vimes, propria para louça. Citado por Fr. Marcos de Lisboa, Fernão M. Pinto, Couto e Franco Barreto.

«*Barceiro*, s. m. Que faz Barças ou cestos de vime que envolvem garrafões ou quaesquer outros vasos de vidro, para que não quebrem.»

rão da Torre de Villa Cova da Lixa, Antonio de Magalhães Menezes e Lencastre.

No *supplemento* a este artigo daremos a genealogia de s. ex.ª

A rua principal d'esta parochia é a *estrada-rua* da Lixa.

Tem mais de 500 metros de comprimento e um largo espaçoso.

Producções dominantes—milho, centeio, feijões, batatas e vinho verde.

—

Em 3 d'abril de 1834 feriu-se aqui, no monte de Nossa Senhora da Victoria, uma batalha importante, entre as tropas liberaes sob o commando do general Torres e as tropas realistas commandadas pelo general José Cardoso, retirando estas com grandes perdas.

Tem esta parochia uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino—e uma casa de pasto, ou hospedaria, na povoação da Lixa, denominada *Hospedaria da Franqueira.*

Houve n'esta freguezia, em tempos muito remotos, um convento de freiras benedictinas, que passou a ser commenda da ordem de Christo; [1] ignora-se porem a data da sua fundação e extincção.

A *Benedictina Lusitana* (Livro 2.º cap. 3.º pag. 90) apenas diz o seguinte:

«Já que estamos nos contornos d'Amarante, não sayamos d'elles sem primeiro fazermos menção de dous Mosteyros de Monjas Bentas, que n'aquellas partes florecerão, dos quaes melhor sabemos o fim que tiveràm, do que o principio que a devoção dos fieis lhes deu.

«O primeiro foi o do Salvador ou de Santo André de Villa Cova, posto perto do de Tolões, [2] de que temos tratado no capitulo antecedente. As religiosas d'elle viveram em grande observancia, e santidade, e a prova d'isto é chamarem-se vulgarmente *padrinhas da terra,* porquanto os moradores, e visinhos d'ellas, nas preces e orações d'aquellas religiosas achavão o remedio certo de seus trabalhos, e da necessidade que tinhão de sol ou chuva.

. . . . . .

«Que o dito mosteiro fosse de S. Bento, consta dos Registros antigos de Braga. De prezente he commenda, com suas annexas.»

O convento de Tellões foi duplex (de frades e freiras)—primeiramente da ordem benedictina e depois de conegos regrantes (cruzios).

V. *Tellões*, vol. 9.º pag. 533, col. 1.ª

VILLA COVA DA MORREIRA—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga.

V. *Morreira*, vol. 5.º pag. 550, col. 1.ª onde se descreveu esta freguezia.

VILLA COVA DO PERRINHO — freguezia do concelho de Macieira de Cambra, comarca d'Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Priorado. Orago S. João Baptista,—fogos 51,—almas 212.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, pertencia ao termo da villa da Bemposta, comarca de Esgueira, tendo o titulo de Villa Cova do *Porrinho*, era curato annexo á freguezia de Macieira de Cambra e contava 200 fogos, o que nos parece erro de cifra. Talvez quizesse dizer 20 fogos, pois ainda hoje conta apenas 51 — e n'aquelle tempo era uma freguezia tão pouco importante que estava annexada a outra. O *Portugal Sacro e Profano* nem a menciona!...

Tambem já esteve annexada á freguezia de S. Salvador de Roge e pertenceu á comarca d'Arouca.

Em 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertencia ao bispado d'Aveiro.

Comprehende tres povoações, quasi juntas,—Fundo d'Aldeia, Meio do Logar e Cimo do Logar.

Freguezias limitrophes—Villa Chã, no nascente, — Macieira de Cambra, ao norte,—Chave e Carregosa, ao poente.

Dista 5 kilometros de Macieira de Cambra, séde do concelho,—18 de Oliveira d'Aze-

---

[1] D. João V a deu ao marquez de Penalva em duas vidas.

[2] *Santo André de Tellões*, freguezia do concelho d'Amarante.

Em todo o nosso paiz não ha freguezia alguma denominada *Tolões.*

meis,—37 d'Aveiro—39 do Porto—310 de Lisboa—e 29 da estação d'Ovar, que é a mais proxima, na linha ferrea do norte.

As distancias com relação ao Porto e Aveiro são contadas pela estrada real de Oliveira d'Azemeis ao Porto e pela districtal de Aveiro a Oliveira d'Azemeis.

—

Emquanto a templos tem apenas a egreja parochial, bastante antiga, mas pequena, singela e pobre.

Banha esta freguezia um ribeiro que corre de N. a S. e desagua no rio Trancoso, na freguezia de villa Chã. Não tem fabricas nem pontes, mas move alguns moinhos.

Producções dominantes—cereaes e vinho verde. Tambem cria algum gado laginero nas serras ou montes denominados do *Perrinho*, que nada offerecem de notavel.

Ao sr. dr. José Gomes d'Almeida, digno administrador do concelho de Cambra, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, por intermedio do sr. governador civil d'Aveiro, a pedido do sr. visconde de Guedes Teixeira, digno governador civil d'este districto do Porto.

VILLA COVA DE SUB-AVÓ—freguezia e villa extincta do concelho e comarca d'Arganil, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Priorado.

Orago—Nossa Senhora da Natividade,—fogos 314,—almas 1380.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era villa e concelho da comarca de Viseu, provedoria da Guarda e priorado com 250 fogos, [1] pertencente á diocese de Coimbra, cujos bispos eram donatarios d'este concelho, por ser parte integrante do condado *d'Arganil*. Veja-se esta palavra no vol. 1.º pag. 238—*M*—col. 2.ª

Tinha esta villa 1 juiz ordinario, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 3 do judicial, notas e orfãos e uma companhia de ordenanças.

Como recordação do tempo em que foi villa e séde de concelho, ainda conserva na praça o seu antigo pelourinho. A casa da camara e da cadeia foi vendida e é hoje propriedade particular, pertencente a Antonio Maria Madeira.

Esta parochia em 1840 pertencia ao concelho de Coja, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Arganil.

Está nas faldas da Serra da Estrella, na sua pendente N. O., a juzante da extincta e antiquissima villa e concelho d'Avô, pelo que se denominou *Villa Cova de Sub-Avô*, para se distinguir das muitas freguezias que ha no nosso paiz, denominadas *Villa Cova*.

Não sabemos se teve foral, posto que Franklin menciona um, dado por D. Manuel, em 22 de setembro de 1514, a *Villa Cova*, da provincia da Beira. Tanto pode referir-se a esta como a outra qualquer das villas que ao tempo existiam na provincia da Beira com o mesmo nome de *Villa Cova*, e só pela leitura do dicto foral poderá resolver-se a questão.

Encontra-se elle na Torre do Tombo, no *Liv. de Foraes Novos da Beira*, fl. 44, col. 2.ª

Veja-se na *Gav.* 6, *Maço 1.º o n.º 239*, onde menciona o dicto foral.

—

Esta freguezia comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Vinhó, Barril e Villa Cova, séde da egreja matriz;—os casaes de S. João e da Ladeira—e as quintas de—Fonte Espinho, Candosa, Figueira do Ouriço, Casal, S. Miguel, Joaninho ou *Dejouninho*, e Ortigal.

As suas freguezias limitrophes são—Avô a N. E.—Coja a S. O. Villa Pouca da Beira a N.—e Cerdeira a S.

Está na margem esquerda do Alva, d'onde dista cerca de 200 metros,—18 kilometros d'Arganil, 25 da linha ferrea da Beira, 44 de Coimbra,—163 do Porto—e 262 de Lisboa.

É atravessada por uma estrada a macadam em via de construcção e passa a distancia de 7 kilometros a estrada real de Coim-

---

[1] O *Portugal Sacro e Profano*, escripto 60 annos depois (1768) da-lhe apenas 195 fogos!... Diz mais—que era da apresentação da mitra e que rendia trezentos mil réis.

bra á Guarda, pela ponte da Murcella, Gallises e Celorico da Beira.

Tem dous magnificos templos na villa—a egreja matriz e a do extincto convento dos capuchos, hoje da Misericordia,—2 capellas publicas—a capella (antiga egreja) da Misericordia com a casa do despacho e a de S. Miguel. Fóra da villa tem as capellas seguintes:—na povoação do Barril 3 publicas e 1 particular, pertencente a José Freire de Carvalho,—1 publica em Vinhó,—outra publica no casal de S. João, e outra, tambem publica no sitio de S. João d'Alqueidão. Total—2 egrejas, 8 capellas publicas e 1 particular, todas bem conservadas e bem tractadas.

A capella d'Alqueidão foi em tempos remotos a egreja matriz, como assevera unanime a tradição local. Ainda hoje aprezenta vestigios de ter sido mais ampla.

Ha n'esta parochia duas festas com grande romagem—a de S. João d'Alqueidão, no dia 24 de junho—e a Santo Antão, em Vinhó, na segunda feira immediata ao domingo de Paschoa.

—

Tem tres edificios brasonados,—um do conde da Guarda, residente em Lisboa,—outro do digno par do reino Miguel Osorio Cabral, residente na Quinta das Lagrimas, em Coimbra,—e outro que foi de Francisco de Brito da Costa, hoje pertencente a Antonio Mendes Ferrão d'esta villa.

Dos edificios não brasonados os que mais avultam hoje n'esta parochia são os seguintes:—o convento, pertencente ao dr. Alexandre Cupertino Castello Branco,—a *Casa da Praça*, pertencente ao mesmo senhor,—a do rev. Esequiel de Moura Velloso,—a do rev. José Nunes d'Oliveira—e a de José Freire de Carvalho Lopo d'Albuquerque, no Barril.

Houve n'esta parochia um convento de frades *antoninos* (*capuchos*) com cerca e matta. Foi extincto em 1834;—pertence, como já dissemos, ao dr. Alexandre Cupertino—e está bem conservado. A egreja foi dada pelo governo á Misericordia e está muito bem tractada e bem conservada tambem.

Esta villa é atravessada por um ribeiro confluente do Alva, que vem da Serra da Estrella e desagua no Mondego um pouco a jusante do *porto da Raiva*, tendo junto d'esta villa uma soberba ponte de pedra (granito) com quatro arcos.

Atravessa tambem a povoação de Vinhó e o casal de S. João, d'esta freguezia, uma ribeira que desagua tambem no Alva em Coja, a distancia de 5 kilometros.

Ha n'esta freguezia dous lagares ou moinhos para moer azeitona e fabricar azeite,—e oito moinhos ou azenhas no Alva para moer cereaes.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, feijões, vinho, castanhas, azeite, e fructas variadas, muito saborosas, nomeadamente melões.

Posto que está contigua ao Alva, não tem fabricas de lanificios, sendo para lamentar que até hoje (1884) não seguisse o exemplo de tantas outras freguezias das abas da Serra da Estrella, nomeadamente da Covilhã, Gouvêa e Cêa.

A sua unica industria reduz-se ao fabrico de canastras, feitas de vergas, castanheiro, que exporta em grande quantidade para todo o districto.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia tem produzido, avulta o desembargador Luiz da Costa Faria que, depois de voltar da India onde foi governador, mandou edificar *á sua custa* o convento d'esta villa,—deu para a reedificação da egreja matriz, alem de muitas madeiras, *seiscentos mil réis em dinheiro*,—instituiu na matriz a irmandade das Almas (hoje incorporada na da Misericordia)—dotando-a com *um conto e seiscentos mil réis* em dinheiro e com ricos paramentos e damascos de seda da India—e instituiu um morgado em Oliveira do Conde, impondo ao seu administrador o onus de dar á dicta irmandade a quantia de quarenta mil réis annualmente,—onus que foi religiosamente cumprido até á extincção dos vinculos.

Falleceu n'esta villa tão benemerito cidadão, no dia 24 d'abril de 1730. D'elle se pode dizer, sem lisonja:

Semper honor, nomenque tuum laudesque manebunt!...

Foi tambem natural d'esta freguezia o rev. bacharel formado em canones, Silvestre Freire de Faria e Costa, vigario geral d'Aveiro e depois muitos annos advogado n'esta villa.

Juntou grande fortuna em dinheiro, mas todo lhe foi roubado por differentes no ultimo quartel da vida.

Tambem cabe a esta parochia a honra de ser a terra natal do conselheiro José Cupertino da Fonseca e Brito, juiz de fóra, corregedor, desembargador honorario, secretario geral do governo civil de Coimbra e deputado ás côrtes constituintes de 1826.

Tem esta freguezia uma escola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino e uma irmandade de Misericordia muito antiga que, apesar de haver perdido grande parte das suas rendas d'outrora, ainda presta relevantes serviços á pobreza.

—

N'esta freguezia, bem como em todo este concelho e nos limitrophes, praticaram muitas violencias e extorsões, pelo meiado d'este seculo, os celebres assassinos e salteadores *Caca*, e Brandões, de Midões, que foram o terror d'estes povos, muitos annos. Incendiaram muitas casas e roubaram e mataram muitas pessoas, mas *talis vita—finis ita!*...

O *Caca* foi queimado vivo com um bando dos seus em um lagar, pelo povo enfurecido e que tentava prendel-os. Dos ultimos Brandões,—João e Antonio—o 1.º foi degredado perpetuamente para a Africa e ali assassinado,—o 2.º vive homisiado, ha muitos annos, coberto de vergonha e de remorsos e tremendo com a lembrança de que o espera a mesma sorte do irmão!...[1]

VILLA COVA DE VEZ D'AVIZ—freguezia do concelho e comarca de Penafiel, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadía,—orago S. Romão,—fogos 135,—almas 542.

Em 1706 pertencia ao termo da honra e beetria de Gallegos, comarca, provedoria e diocese do Porto,—era da apresentação da mitra tendo sido anteriormente da apresentação da *casa da Calçada*, (Peixotos)—rendia 250$000 réis e contava apenas 72 fogos.

Em 1768 era outra vez da apresentação da casa dos Peixotos,—rendia 450$000 réis—e contava 82 fogos.

Em 1614 era da apresentação do collegio d'Evora,—depois passou para a Universidade,—e em 1820 era alternativa da Universidade e dos Peixotos de Guimarães.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Paço, Quintella, Cruzes, Senhora, Ribella, Roubins, Pinheiro, Riba Boa, Ventozella, Corcovido, Outeiro, Outeiral, Barral Campo e Aspero. Não tem quintas ou casaes que mereçam especial menção.

Freguezias limitrophes—Perozello, Duas Egrejas, Villa Boa de Quires, Aragão e Luzim.

A povoação de Villa Cova está na margem direita do Tamega, do qual dista cerca de 4 kilometros,—9 de Penafiel,—11 da linha ferrea do Douro (estação de Penafiel)—50 do Porto—e 387 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia ma estrada municipal a macadam de Penafiel pela aldeia de Perafita, da parochia de Duas Egrejas,—Ribaçaes, aldeia da freguezia de Abragão,—Villa Boa do Bispo e Feira Nova, onde entronca na estrada districtal de Basto a Entre os Rios ou Santa Clara do Torrão, na margem direita do Douro, passando esta ultima estrada em Amarante e no Marco de Canavezes.

—

Além da egreja matriz, que é um vasto templo e muito bem conservado, tem uma capella particular em Riba Boa, que foi cabeça de um morgado dos Sousas Lopes,—e uma capella publica, de Nossa Senhora do Rosario, anterior a 1500, mas por vezes reedificada, conservando um precioso retabulo de talha dourada antiga. É administrada por uma irmandade propria,—tem lusida festa annual no mez d'agosto—e missa nos domingos e dias santos, em cumprimento d'um legado de José da Silva Leão, capitalista natural d'esta parochia, tendo emigrado para o imperio do Brasil, onde adquiriu boa fortuna.

---

[1] Veja-se n'este vol. 10.º o art. *Vide*, freguezia do concelho de Céa, pag. 652, col. 2.ª—e os artigos citados na respectiva nota.

Os edificios principaes d'esta parochia são a casa de *Villa Flor*, brasonada e que pertenceu á familia Pereiras Meneses, de Cabanellas,—e a casa do *Aspero* (antigamente *Cadeade*) onde viveu o abbade d'esta freguezia Domingos Borralho, por alma de quem ainda hoje se resam no fim da missa conventual 5 *Padre Nossos* em cumprimento de uma verba testamentaria, na qual assim o recommendou, deixando aos abbades 60 litros de cereaes para aquelle serviço.

—

Esta freguezia tomou o nome do local onde se acha a matriz, pois é uma grande *cova*, cercada a leste pelos montes do *Portêllo*, —a oeste pelos montes da *Lagoa* e da *Ermida*—e ao norte pelos montes de *Perafita*, e *dos Castellos*, tendo horisonte aberto e com largas vistas unicamente do lado sul, para alem do Tamega e do Douro.

Diz-se que os franceses, por occasião da guerra peninsular, estiveram em Abragão e marcharam para o norte por esta freguezia de Villa Cova, mas que, apenas defrontaram com a grande *cova* e se viram cercados de montes por todos os lados, mudaram immediatamente de rumo!...

No monte da Ermida se encontram restos de antiga povoação e de velhas fortificações, a que o vulgo chama *horta dos mouros*.

Tambem no *monte dos Castellos* ha grossos muros e claros vestigios de antiquissimas obras de defesa, as quaes deram o nome ao dicto monte.

Nasce n'esta freguezia o ribeiro *dos moinhos* ou dos *pedreiros*, que move muitos moinhos de cereaes, no inverno, e desagua na margem direita do Tamega, a 4 kilometros de distancia, no sitio da *Rainha*.

Producções principaes — milho grosso, azeite, centeio, feijões, vinho verde de inferior qualidade e fructa. Em outros tempos tambem produziu muitas castanhas.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino e outra para o sexo masculino na proxima povoação de Ribaçaes da freguezia d'Abragão.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia tem produzido merecem especial menção—o rev. Manuel Joaquim de Sousa Moreira, abbade de Britello, em Celorico de Basto, homem de grande valimento,—o padre Francisco Paula Mendes, jornalista distincto,—seu irmão José Anastacio Mendes, litterato e bom latinista—e José da Silva Leão, capitalista e muito esmoler [1].

É abbade actual d'esta freguezia o rev. João Pinto da Motta, da freguezia d'Avessadas, concelho do Marco de Canavezes. Tomou posse em fevereiro do corrente anno de 1884.

Foi abbade anterior o rev. Joaquim da Cunha Coelho Barbosa Brandão, da casa da *Maragoça*, freguezia de Val Pedre, concelho de Penafiel, fallecido a 20 de janeiro de 1883 —e que succedeu ao abbade Bento Pereira de Menezes Sotto Maior, da casa de Cabanellas.

Ha n'esta freguezia um bom cemiterio parochial. Foi benzido e inaugurado com grande pompa nos principios de outubro de 1883, assistindo ao acto religioso (durante o qual tocou a banda de Villa Boa do Bispo) alem de muitos ecclesiasticos e parochianos, os srs. drs. Soares de Moura, administrador do concelho e Adriano de Sequeira, sub-delegado de saude.

Na mesma occasião foi exumado o cadaver de Antonio Soares da Silva Mattos e trasladado para um jazigo de familia, erecto no mesmo cemiterio, sendo o cadaver do dito sr. Silva Mattos o primeiro que ali se sepultou.

—

Esta parochia é muito antiga.

D. Paio Petriz e sua mulher D. Godo haviam dado a oitava parte d'ella ao mosteiro de Paço de Sousa e tendo-se alienado, o prior D. Diogo a recuperou de Diogo Gratiz e

---

[1] Falleceu solteiro no Porto, em julho de 1876 e, apesar de ter ainda viva a mãe, que herdou duas terças partes da sua grande fortuna, deixou legados no valor de muitos contos de réis em favor d'esta parochia e de differentes ordens, amigos, parentes e indigentes.

No supplemento a este artigo daremos um extracto do testamento de tão benemerito cidadão.

Diogo Furtuniz, a 28 de setembro da era de 1145, que corresponde ao anno de 1107, como consta das cartas de cedencia feitas por elles no sobredicto mez e anno.

Das mesmas cartas se vê tambem que n'aquelle tempo eram oragos d'esta freguezia o apostolo S. Filippe, S. Romão e S. Marcello, pois ali se diz:

... *de Ecclesia Sanctorum Martyrum Filipi Apostoli, Romani, et Marselli, quorum aula sita est in Villa Cova, subtus monte Petrafixa, et monte Batial, discurrente ribulo Tamice territorio Portugalensis Ecclesiae*...

«Da egreja dos santos martyres S. Filipe apostolo, *S. Romão* e *S. Marcello*, cuja matriz está na povoação de Villa Cova, na raiz do monte de *Petrafixa* (Perafita) e do monte *Bacial* (?) junto do rio Tamega, na diocese do Porto.»

—

Esta parochia nunca foi villa nem teve foral proprio, mas gosou de todos os privilegios, exempções e regalias da *honra* e *beetria* de Gallegos, em cujo termo se achava, bem como dos privilegios concedidos a Penafiel no foral de D. Manuel, com data de 1 de junho de 1519, pois no dicto foral claramente se diz que comprehende esta freguezia de *Villa Cova* e todas as outras que ao tempo pertenciam ao termo de Penafiel.

Veja-se o processo para este foral na Gav. 20, Maço 12, n.º 19.

Penafiel teve tambem foral velho, dado pelo conde D. Henrique e confirmado por seu filho, o nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques [1].

É o foral de D. Manuel dividido em 30 titulos, pertencendo a esta freguezia o n.º 18, no qual se diz que ao tempo *comprehendia 17 casaes* e pagaria para a corôa os direitos seguintes:

Bragal—(varas)	64 1/2
Cabritos	3
Cacifos	7
Capões	8
Carne (costas)	8
Carneiros	2 1/6
Centeio (cacifos)	4 1/3
Cevada (cacifos)	10
Espadoas	2
Gallinhas	16
Maravidiz (moeda)	1/4
Meado (milho e centeio) alqueires	56 1/2
Miunça	1/2 1/3
Ovos	70
Pão	1/4
Pretos (moeda)	86
Reaes (moeda)	51
Vinho	13 1/2

Outras freguezias d'este reguengo pagavam tambem mel, marrã, patos, trigo, linho, botinas, feijões, manteiga, calaças, peixotas, etc.

Veja-se a *Memoria* citada, pag. 21 a 25— e no *supplemento* a este diccionario o artigo *Penafiel*.

VILLA DIANTEIRA—aldeia.

V. *Dianteira* n'este diccionario e *Villa Dianteira* no supplemento.

VILLA DA EGREJA—villa e freguezia, séde do concelho e da comarca de Sattam, districto e diocese de Viseu, na provincia da Beira Alta.

Vigairaria,—orago Nossa Senhora da Graça,—fogos 447,—almas 1:905.

Em 1708 era vigairaria do padroado real e commenda da ordem de Christo,—contava 276 fogos e o vigario apresentava o curato de S. Pedro de Mioma, freguezia de 126 fogos, que com a de Villa da Egreja constituiam o antiquissimo concelho de Sattam, comarca de Viseu e provedoria da Guarda. Comprehendia o dicto concelho apenas 402 fogos e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 do judicial e notas, 1 alcaide, 2 companhias de ordenanças e 1 capitão mór, a quem obedecia tambem o extincto concelho de *Gulfar*, onde havia outra companhia de ordenanças.

Em 1736, segundo se lê na *Chorographia* de Lima, contava esta parochia 297 fogos e

[1] V. *Descripção Historica e Topographica de Penafiel* por Antonio d'Almeida, pag. 20, publicada em 1830 na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo X, parte II.

972 habitantes—e o concelho de Sattam, 744 fogos e 1:506 habitantes, pertencendo á freguezia de Mioma (D. Luiz Caetano de Lima dá-lhe o nome de *Meimoa*) 180 fogos e 534 habitantes.

Em 1768 contava esta freguezia de Villa da Egreja 312 fogos,—era vigairaria do padroado real—e rendia para o vigario réis 100$000.

—

Alem da povoação de Villa da Egreja, séde da parochia e da matriz, comprehende as aldeias de Sarrazella, Cruz, Tojal, Samorim, Paço, Villa Cova, Pedrosas, Pedrosinha, Muxós, Contigem, Avellosa, Concão, Lameira, Cigarral, Villa d'Alem—e as quintas e casaes da Granja, Pereiro, Lavandeira, Prado, Porto Largo, Val da Lebre, Pontão, Fonte Arcada, Gandra, Val da Zebra e Calha Bem, todos pouco importantes.

As suas freguezias limitrophes são—Mioma, Barreiros, S. Miguel de Villa Boa, S. Pedro de France, Queiriga e Ferreira d'Aves.

Está na margem esquerda do Vouga e na direita do Sattam, distando do Vouga cerca de 7 kilometros para S.—8 do Sattam, confluente do rio Dão, para N. O.—20 de Viseu para E. N. E.—22 da estação de Mangualde, a mais proxima, na linha da Beira Alta—e, por esta linha e pela do Norte, 130 da Figueira,—206 do Porto—e 229 de Lisboa.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal a macadam de Viseu a Lamego.

A egreja matriz que, se attendermos ao titulo d'esta parochia, *Villa da Egreja*, devia ser uma obra monumental, é um templo singelo, pobre, maltratado e em ruinas!

Tem mais os templos seguintes:—na povoação do Tojal a capella do Espirito Santo, publica, e a egreja do extincto convento de Freiras dominicas,—em Muxós a capella de Santo Amaro,—a de S. Saturnino na aldeia de Pedrosas,—a de S. Sebastião na Villa da Egreja,—todas publicas,—e em Contigem uma capella particular, de Nossa Senhora do Desterro,—todas ordinarias, mas abertas ao culto.

A do Espirito Santo está em local muito interessante e pittoresco e tem festa com romagem, bem como a de S. Sebastião.

—

O unico edificio brasonado d'esta parochia são os novos paços do concelho; mas o brasão não é o do concelho,—é o da familia a quem foi comprada a dicta casa, aproximadamente em 1876, pouco depois da creação d'esta comarca.

Ali funcciona o tribunal e se acham installadas quasi todas as repartições publicas do concelho e da comarca, vivendo ainda no mesmo predio a familia do seu ultimo possuidor, Antonio Miguel de Carvalho, na parte que reservou, quando o vendeu á camara.

Ainda existem os velhos paços e a cadeia do concelho,—edificio humilde, hoje habitado pelo carcereiro.

O pelourinho já desappareceu.

A villa é uma povoação pequena. Reduz-se a um largo ou praça e tres ruas insignificantes, mas datam de tempo immemorial, tanto esta povoação como esta villa e este concelho, pois já o conde D. Henrique e sua mulher D. Theresa, paes do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, lhe deram foral em 9 de maio de 1111, confirmado em Santarem por D. Affonso II, em 31 de janeiro de 1218. D. Sancho II lhe deu outro foral, estando na cidade da Guarda, em 10 de julho, de 1240—e D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, com data de 6 de maio de 1514.

Para evitarmos repetições, veja-se com relação á historia d'este antiquissimo concelho o artigo *Satam, ou Sattam*, vol. 9.º pag. 64, col. 1.ª

Ali se mencionam as 12 freguezias que hoje constituem este concelho; note-se porem que d'aquellas 12 freguezias a de Aguas Boas e a de Forles estão hoje annexadas civilmente á de Ferreira d'Aves,—e as de Decermillo, Silvã de Baixo e Villa Longa estão egualmente annexadas á de Romãs.

Pelo ultimo recenseamento de 1878 comprehendia este concelho:

Fogos	2:958
Almas	12:767
Superficie em hectáres	22:995
Predios inscriptos na matriz	10:917

—

Banham esta freguezia os rios Vouga e Sattam, confluente do rio Dão, no qual desagua perto de Alcafache,—e os ribeiros de Muxós, Tabolado, Pedrosas e *da Villa*, que desaguam no Sattam.

Producções dominantes — centeio, trigo, milho, batatas, vinho de mesa, hervagens, hortaliça, gado e caça.

Tem uma escola official de instrucção primaria elementar do sexo feminino e outra do sexo masculino, prestes a transformar-se em escola complementar.

No sitio denominado *Santos Idolos* (?) termo d'esta parochia, se encontram ruinas de velhas fortificações e de antiquissimo povoado, o que alguem attribue á occupação do povo—rei.

Ali teem apparecido em differentes datas varios artigos de ceramica e de ferro e cobre bem como algumas moedas romanas.

No povo do Tojal houve minas e fornos de cal, hoje em abandono—e um convento de freiras dominicas, fundado em 1640, segundo se lê no *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, ou em 1630, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*; mas a chronica da ordem diz que este convento de Nossa Senhora da Oliva foi fundado pelo rev. dr. Feliciano de Oliva e Sousa, tendo alcançado licença do bispo de Viseu, D. Bernardino de Senna, em 7 de julho de 1632,—alvará de Filipe IV de Hespanha e III de Portugal, em 15 de maio de 1638,—e breve apostolico da Santidade de Urbano VIII, em 27 de maio de 1640 [1].

Inauguraram-se as obras com grande pompa no dia 6 d'abril de 1633 e com grande pompa n'elle deram entrada em 8 de setembro de 1640 as primeiras religiosas, que foram 11,—duas chamadas do convento de *Corpus Christi*, do Porto, (Villa Nova de Gaya) para fundadoras e directoras da nova communidade, uma com o titulo de Prioresa e outra com o de subprioresa,—mais 3 irmãs e 6 sobrinhas do benemerito fundador, ainda noviças.

Foi este convento do Tojal o 1.º que teve a ordem dominica na provincia da Beira, e por isso fr. Lucas de Santa Catharina, lhe prestou toda a attenção e lhe dedicou dous largos e muito interessantes capitulos, que extractaremos no *supplemento* a este diccionario. Vamos fechar este artigo consignando algumas noticias que o rev. vigario d'esta parochia se dignou enviar-nos com relação ao mencionado convento, relativas á sua extincção e ao que d'elle resta na actualidade.

—

Este convento foi extincto por falta de meios e de pessoal, approximadamente em 1830. Não chegou pois a completar 200 annos de existencia.

Na data da sua extincção contava apenas 1 religiosa professa, já muito velhinha, e 5 seculares.

A pobre senhora professa foi recolhida no mosteiro benedictino de *Ferreira d'Aves* [1], tambem d'este concelho, onde, passado pouco tempo, falleceu.

O edificio do convento nunca foi muito espaçoso nem muito notavel.

O breve pontificio de Urbano VIII apenas auctorisava a reclusão de 33 religiosas;—outro breve posterior auctorisou a reclusão de mais 7, mas não ha memoria de que a communidade preenchesse em tempo algum o numero de 40 religiosas professas.

Extincto o convento, passou para os proprios nacionaes, achando-se a egreja em perfeito estado de conservação e o edificio do convento muito velho e deteriorado, mas não em ruinas e ainda muito habitavel. Passado algum tempo o governo vendeu os materiaes do edificio a differentes, que o demoliram para aproveitarem a pedra e as madeiras;—depois vendeu ao grande proprietario José Antonio da Silva, de Aguiar da Beira, a cerca, o chão que havia sido occupado pelo convento, o mirante e a casa da hospedaria, o que tudo hoje está em tercei-

---

1 *Historia de S. Domingos* por fr. Luiz de Sousa, continuada por fr. Lucas de Santa Catharina, Parte IV, vol. V, cap. 35, pag. 6 da 3.ª edição.

1 V. *Ferreira d'Aves*, vol, 3.º pag. 171, col. 2.ª—e a *Benedictina Lusitana*, vol. 2.º pag. 240, col. 1.ª e seg.

ro possuidor e é propriedade do sr. dr. João Paes d'Almeida Leitão, aqui residente. O mirante, de que apenas restavam as paredes, foi restaurado e unido á casa de habitação do seu proprietario, que restaurou tambem a casa da hospedaria e tem a cerca perfeitamente agricultada, constituindo o todo uma das primeiras vivendas d'esta parochia e d'este concelho.

—

A egreja foi cedida pelo governo á povoação do Tojal e ainda existe, mas muito deteriorada, o que é para sentir, pois era um lindo templo.

Ainda conserva o altar-mór e os dous lateraes com soberbos retabulos de preciosa talha dourada e as paredes todas litteralmente revestidas de bom azulejo.

Nos ultimos tempos faziam aqui as religiosas tres grandes festividades—uma a Nossa Senhora da Oliva, a padroeira do convento,—outra a S. Domingos, o patriarcha da ordem,—e as *endoenças* ou festas proprias da semana santa.

A egreja não tem brasões d'armas; consta porém que existiram em differentes capellas no interior do convento, o que tudo foi destruido pelos vandalos d'este *seculo das luses!...*

Salvemos as inscripções que ainda restam:

Na verga da porta que dá entrada para a veneranda egreja se lê a seguinte:

DEDICADO A NOSSA SENHORA DA
OLIVA A 6 D ABRIL DE
1633.

Na capella mór, em uma lapide sepulchral:

S. DO DOTOR FELICIANO DE
OLIVA E SOUSA FUNDADOR
DESTA CASA. FAL.º A 2 DE
FEVER.º DE 1656.

No forro da capella mór:

ESTA OBRA DE TREBUNA E
FORROS MANDOV FAZER
O ABBADE DE RERIS
FELICIANO DE OLIVA E
SOUZA CABRAL.
ANNO 1744

No mirante:

ESTA OBRA MANDOV
FAZER A M.ª M.ª
DE Xp.lo BAP.ta
PRIORESSA DESTE MOS-
TEIRO DE N N.
SS.ª DA OLIVA
ANO DE 1694.

Note-se que muitas lettras das 4 inscripções supra estão incluidas umas nas outras como ao tempo se usava.

Agradeço ao meu illustrado collega os apontamentos que se dignou enviar-me, lamentando que a sua modestia me não deixe consignar aqui o seu nome.

VILLA FACAIA—freguezia do concelho e comarca de Pedrogam Grande, districto de Leiria, bispado de Coimbra, na provincia da Extremadura.

Curato. Orago Santa Catharina d'Alexandria, Virgem e Martyr,—fogos 350,—almas 1:565.

O padre Carvalho deu-lhe o titulo de Villa *Faquay*, mencionando as freguezias que no seu tempo constituiam o concelho de Pedrogam Grande, da comarca de Thomar, e simplesmente indicou em globo a população do concelho.

D. Luiz Caetano de Lima nem sequer mencionou tal parochia!

O *Port. Sacro e Profano* apenas diz que em 1768 era um curato da apresentação do cabido da sé de Coimbra, rendendo 24$000 réis e contando 189 fogos.

Em 1852 contava 295 fogos,—e o *Diccionario* d'Almeida deu-lhe 307 em 1866.

O chão d'esta freguezia é bastante pedregoso e muito accidentado, principalmente o de Villa Facaia, séde da parochia, pequena aldeia de 40 fogos, aspecto triste e pouco saudavel.

Comprehende mais 16 aldeias,—6 a jusante da matriz: Pé da Lomba, Cume, Lameira Cimeira, Lameira Fundeira, Ramalho e Aldeia dos Freires ou das Freiras;—e 10 a montante: Gravito, Salaborda ou Sellaborda Velha, Salaborda ou Sellaborda Nova, Campello, Rabilgordo, Valle de Nogueira, Casal d'Alem, Pobraes, Alagôa, Varzea,—os

casaes de Moleiros e Pinheiro de Bollin—e a quinta ou habitação isolada, de Sabrosa.

As suas freguesias limitrophes são—Graça a S.—Campello e Castanheira de Pera a N.—Pedrogam Grande a S. E.—e Figueiró dos Vinhos a S. O.

—

A povoação de Villa Facaia, séde da parochia, está na margem direita da grande ribeira de Pera, da qual dista 4 kilometros, —8 de Pedrogam Grande,—10 da margem direita do rio Zezere, no qual desagua a ribeira de Pêra,—24 d'Alvaiazere, séde do arcyprestado,—42 de Coimbra—e 60 de Leiria.

A egreja parochial é um templo soffrivel, forrado de madeira, aproximadamente em 1880. Tem altar mór com retabulo e throno de talha e uma linda imagem da padroeira Santa Catharina, imagem feita em Braga. Tem mais 2 altares lateraes com decorações modestas.

Ha n'esta freguezia as capellas seguintes, todas publicas—Senhor do Calvario, em Villa Facaia,—Santo Antonio, em Sellaborda Nova,—Senhora do Resgate, em Aldeia dos Freires ou das Freiras—e Senhora da Piedade, na povoação do Ramalho.

Tem esta parochia uma confraria maior, muito antiga e com bastante rendimento ainda,—e 8 menores, ou simples *devoções;* a maior é a do Santissimo,—as menores são a de Santo Antonio de Sellaborda Nova, Santo Antonio da Egreja, Santa Catharina (padroeira) S. Caetano,—S. José,—Senhor do Calvario,—Senhora do Resgate—e Senhora da Piedade.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as do Santissimo Sacramento, Santo Antonio da Egreja, Santo Antonio de Sellaborda Nova, S. Sebastião, Senhora da Piedade e Santa Catharina, no dia 25 de novembro, com romaria e feira.

Segundo se lê no *Santuario Marianno* (vol. 4.º pag. 667) a capellinha de Nossa Senhora da Piedade era em 1712 já bastante antiga e particular, pertencente a uma quinta do sargento mór Luiz da Vide de Andrade, suppondo se ter sido feita pelos ascendentes do dicto sargento mor. A imagem da Senhora era de pedra, reprezentando-a com o seu amado filho morto nos braços, medindo a imagem da Senhora 5 palmos e 6 a do Senhor. Era alvo de grande devoção, mas não tinha festa em dia determinado.

—

Esta parochia não tem passal, mas a residencia é soffrivel.

Recebe o parocho 80$000 réis de derrama em dinheiro, mais cerca de tres moios de pão de *ementas* [1] e de cada fogo uma quarta pela missa dos sabbados. Tem alem d'isso de cada baptisado uma gallinha, dada pelos paes da creança, e 120 réis dados por cada um dos padrinhos que tambem, por costume antiquissimo, lhe dão a *competente bucha* (diz o meu informador) servida no logar destinado junto da sacristia.

D'aqui vem talvez a locução do povo, usada mesmo nas provincias do norte,—*pagar a bucha.*

Tambem o parocho recebe dos casamentos 240 réis pela missa dos noivos, mais 120 réis de cada um dos padrinhos e a *competente bucha,* dada pelos padrinhos e convidados e servida tambem no local proprio, contiguo á sacristia.

Por occasião da dicta *bucha* costumam concorrer ao *beberete* os visinhos, compadres e amigos dos noivos (diz ainda o meu informador) caprichando em levar as denominadas *amostras* (grande variedade) de vinhos «fazendo muitas vezes com que os convivas joguem o sôco e apanhem a sua *piteira.*»

Note-se que a producção dominante d'esta parochia é vinho e que os seus habitantes são turbulentos e de genio caprichoso e irascivel, tanto os homens, como as *mulheres,* algumas das quaes chegaram a conquistar uma certa celebridade no crime, matando os filhos, envenenando os maridos e *batendo nas suas proprias mães?!...*

[1] V. *Amenta,* vol. 1.º pag. 199, col. 1.ª

—

«A séde da comarca foi subtrahida ainda ha pouco tempo (diz o meu informador) de Figueiró dos Vinhos para Pedrogam *por artes de berliques e berloques*, com bastante prejuiso do publico.»

Ha n'esta freguezia uma eschola official de instrucção primaria elementar, creada em 1870, mas foi provida apenas em 5 de abril de 1873, sendo regida, aliás muito dignamente, desde aquella data até 1879, pelo rev. Albino Simões Cardoso Dias, então parocho encommendado aqui tambem [1].

Esta freguezia, além do vinho, sua producção dominante, produz tambem cereaes, fructas, batatas, azeite e lã, pois cria algum gado lanigero nos seus amplos montados, mas *nada exporta* (diz o meu informador) pelo que é pobre.

Não tem nem d'ella se approxima estrada alguma a macadam e, quanto a linhas ferreas, a mais proxima é a do norte, distando 44 kilometros da estação de Coimbra e pouco menos da de Pombal.

A confraria do Santissimo acompanha e suffraga todos os irmãos que fallecem; mas, se o fallecido não fôr confrade e quizerem que ella o acompanhe, teem de dar-lhe uma gratificação,—ordinariamente 1$200 réis *ou uma oliveira*.

VILLA DA FEIRA. V. *Feira*, villa, n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA FERNANDO—freguezia do concelho e comarca d'Elvas, districto de Portalegre, arcebispado d'Evora, provincia do Alemtejo.

Priorado,—fogos 127,—almas 492,—orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era villa,—contava 80 fogos,—todos lavradores,—pertencia á casa de Bragança e á comarca e ouvidoria de Villa Viçosa—e tinha uma capella de S. Romão, da qual hoje nem vestigios restam.

Em 1768 (segundo se lê no *Port. S. e Profano*) contava apenas 30 fogos,—era priorado da apresentação da casa de Bragança—e rendia 200$000 réis.

Até 1882, data da nova circumscripção diocesana, pertenceu ao bispado d'Elvas, hoje extincto.

Freguezias limitrophes—Santa Eulalia a N.—Villa Boim a S.—S. Vicente de Fóra a E.—Terrugem e Santo Aleixo a O.

—

Comprehende, alem da povoação de Villa Fernando, séde da parochia e villa extincta, os *montes* (casaes) seguintes:—S. Romão, Casas velhas, Paço, Carrão, Chaminé, Alcarapinha, Defesa, Serranos, Serranicos, Alcobaça, Velhinhos, Barrocal, Villa Fernando e Pegaxa,—a quinta das Casas Velhas e cinco *hortas* [1].

A maior parte d'estes *montes* são *herdades*. Pertencem á serenissima casa de Bragança as de Villa Fernando e Barrocal—e as de Serranos ou Serrões e Velhinhos ao digno par do reino Carlos Eugenio d'Almeida.

Esta freguezia está situada ao norte da estrada d'Elvas a Extremoz, pela freguezia da Orada, distando da dicta estrada 4 kilometros,—15 d'Elvas para N. O.—35 de Portalegre para S.—50 d'Evora para N. E.—15 da estação de Santa Eulalia, na linha ferrea de leste,—261 de Lisboa—e 384 do Porto.

Em toda esta freguezia apenas ha 2 kilometros d'estrada a macadam, da estação de Santa Eulalia até á herdade, hoje *Colonia* ou *Eschola Agricola* de *Villa Fernando*.

—

Este priorado está hoje ecclesiasticamente unido ao de Barbacena, por ser muito sensivel a falta de presbyteros e não ter parocho proprio.

O prior de Barbacena, em virtude de auctorisação especial do seu prelado, depois de dizer a missa conventual aos seus freguezes nos domingos e dias santos, vae celebrar 2.ª missa na egreja parochial de Villa Fernando.

---

[1] É natural a freguezia da Bemfeita, concelho d'Arganil, e primo do illustrado professor e poeta, dr. José Simões Dias.

[1] No *supplemento* a este diccionario, artigo *Aldeia*, explicaremos o que ao sul do nosso paiz, nomeadamente na provincia do Alemtejo, se entende por *montes*, *herdades*, *quintas* e *hortas*.

Por egual motivo se dá hoje tambem o mesmo facto nas dioceses ao norte do nosso paiz, nomeadamente na de Lamego.

Alguns presbyteros se acham ali encarregados de duas e por vezes *tres* parochias, celebrando tambem duas e por vezes *tres* missas conventuaes nos domingos e dias santos,—uma em cada freguezia a seu cargo.

Deus vele pela sua egreja e ponha cobro a semelhante anomalia.

—

Em quanto a templos ha hoje n'esta parochia apenas a egreja matriz, que nada tem de notavel e se acha em grande abandono, ameaçando cahir em ruinas.

Tambem não tem edificios que mereçam especial menção, exceptuando as novas construcções na *Colonia Agricola*.

Nada resta dos antigos paços do concelho nem da cadeia e do pelourinho d'esta villa.

Suppõe-se que estiveram no chão hoje occupado pelo *monte* de Villa Fernando.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as de S. Pedro, Senhora do Rosario e Senhora da Conceição, a padroeira, a 8 de dezembro.

A povoação de Villa Fernando, séde da parochia, tem sete pequenas ruas, sendo a *de Elvas* a principal.

Banham esta freguezia um regato e a ribeira de *Villa Fernando*, que passa junto do monte assim denominado e d'elle tomou o nome.

Tanto esta ribeira como aquelle regato são atravessados pela nova estrada a macadam da *colonia agricola* para a estação de Santa Eulalia, tendo uma bella ponte de pedra de 2 arcos sobre a dicta ribeira e outra sobre o regato. Desaguam no rio Caia e este no Guadiana.

Banham tambem esta freguezia outros ribeiros e regatos menos importantes.

Tem duas minas de cobre hoje abandonadas.

Producções dominantes — trigo, centeio, cevada, aveia, favas, feijões e mel, pois cria bastantes colmeias.

Tem algumas serras pouco importantes, sendo apenas digna de especial menção a da *Atalaia dos Sapateiros*, cujo nome ainda hoje faz eriçar os cabellos, pois muito tempo foi povoada e dominada por salteadores e assassinos.

N'este concelho fazia *pendant* com o pinheiral d'Azambuja e com a serra da Falperra!...

Tem esta freguezia uma escola official mixta de instrucção primaria elementar—e a *Colonia* ou *Escola agricola de reforma*, com uma estação telegraphica e um observatorio.

A casa de Bragança obteve o senhorio d'esta villa por compra que fez a sr.ª D. Catharina, mulher do duque D. João I, dando por ella o juro que tinha na alfandega das Almadravas, no Algarve.

Ao digno prior de Barbacena, o rev. Joaquim Francisco Celestino Mouquinho, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

—

Esta *Colonia* ou *Escola Agricola de Reforma* foi instituida pelo nosso governo para n'ella recolher e educar, *nomeadamente nos misteres da agricultura*, os vadios e presos por culpas leves.

Na escolha do local deu-se a preferencia á provincia do Alemtejo, por ser entre todas as do nosso paiz aquella em que a agricultura se acha em maior abandono e mais necessita de protecção e estimulo.

A dicta *Escola* é um verdadeiro *Seminario d'Agricultores*, que deve prestar muito relevantes serviços áquella provincia e a todo o nosso paiz—e foi montada na grande herdade de *Villa Fernando*, por ser uma propriedade vastissima e comprehender terreno que se presta a todas as culturas.

Esta grande herdade pertence (como já dissémos) á serenissima casa de Bragança e foi arrendada pelo governo por um praso sufficientemente largo para n'ella se poderem fazer as muitas construcções e modificações que demanda um estabelecimento d'aquella ordem,—construcções a que se deu principio em janeiro de 1884 e que vão

já muito adiantadas, mas que por certo não se nltimarão tão cedo, pois são vastas, variadissimas e não devem custar menos de 200 a 300 contos de réis?!...

N'esta data (janeiro de 1885) está construido um lago de *mil metros cubicos*, onde já corre a agua das nascentes do chafariz proximo á estrada de Barbacena, elevada por um moinho de vento americano—e está em construcção um chafariz para o publico, junto da aldeia da Conceição.

Tambem já se fez a estrada a macadam com duas boas pontes de pedra, até á estação de Santa Eulalia,—preparou-se o terreno, encheram-se todos os cavoucos e as alvenarias vão a 1 metro e mais de altura fóra do chão para as *cazernas dos colonos, edificios escolares, armazens, lavanderia, cozinhas, refeitorios, enfermaria*, etc.,—e vae dar-se começo ás edificações para *casa do director, secretaria, instrucção militar, egreja, rezidencia do capellão, mais casernas para os colonos, estação telegrapho-postal* e *observatorio*, pois estas duas ultimas repartições estão provisoriamente montadas em casas de madeira.

Tambem já se acham montados dois *observatorios agricolas*, um no ponto mais alto da *Colonia*, outro no *viveiro das plantas*, na baixa, junto do *monte*, onde estão actualmente a secretaria das obras e casas d'alguns empregados.

Tambem já se fez o desmonte para as edificações da *Granja*, ao norte da estrada de Barbacena, fronteira á *Colonia*—e tem-se regularisado a directriz dos ribeiros que banham a grande herdade de *Villa Fernando*, aberto vallas e feito outros melhoramentos n'aquella vasta propriedade.

As grandes plantações d'arvoredo, principiadas em 1882, em volta das edificações e do *monte* da *Colonia*, estão esplendidas e, alem de aformosearem o local, teem beneficiado muito a athmosphéra e favorecido a salubridade publica.

Finalmente a proxima aldeia da Conceição tem prosperado bastante com a vida que recebe da *Colonia*, já pela convivencia com os muitos empregados e operarios que se occupam n'ella, já pelo commercio de comestiveis e d'outros generos, já pelo trabalho que os jornaleiros n'ella encontram e encontrarão por muito tempo.

VILLA FERNANDO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria,—fogos 237,—almas 1:020,—orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era da apresentação do thezoureiro mór da sé da Guarda e tinha 500 fogos—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

O *Portugal S. e Profano*, em 1768, ou 60 annos depois, deu-lhe 406 fogos e 150$000 réis de rendimento—o *Flaviense*, em 1852, deu-lhe apenas 71 fogos—A *Estatistica Parochial*, em 1862, ou passados apenas 10 annos, deu-lhe 234 fogos e 978 habitantes,—Almeida, em 1866, deu-lhe 228 fogos—e o ultimo censo deu-lhe 237 fogos, em 1878.

É espantosa e parece incrivel tão grande oscillação na população d'esta parochia e nós não podemos dar a razão d'ella, porque, infelizmente, havendo estado por vezes na Guarda, nunca estivemos em Villa Fernando nem *até hoje* recebemos d'ali apontamentos alguns. Dá-nos porém alguma luz a *Chorographia Moderna* do sr. José Maria Baptista, pois no vol. 3.º pag. 741, citando o *Diccionario Geographico Manuscripto* (collecção dos relatorios dos parochos existente no Archivo Nacional, referida ao anno de 1758) diz que esta parochia n'aquelle tempo comprehendia *cinco* (aliás *seis*) pequenos concelhos:—*Villa Fernando* (o principal) com as quintas do Monte Carreto, do Meio e de Cima,—*Albardo* (hoje freguezia independente) com a quinta de João Dias,—*Villa Mendo*, hoje uma simples aldeia d'esta parochia de Villa Fernando,—*Adão*, hoje freguezia independente tambem,—*Pousa Folles*, hoje talvez a freguezia de *Pousa-Folles do Bispo*, no concelho do Sabugal,—e *Roto*, hoje outra simples aldeia d'esta parochia de Villa Fernando.

—

É possivel e até *provavel* que a *Chorographia Portugueza* e o *Portugal Sacro e Profano* conglobassem no titulo de *Villa Fernando* a população d'aquelles *seis concelhos*,

dous dos quaes são hoje simples aldeias e os quatro restantes parochias independentes, com a população total de 674 fogos e 2:764 habitantes, segundo o ultimo recenseamento.

Sendo porem esta parochia *séde de seis concelhos*, parece que devia tambem ser villa, ter foral e senhorio proprio, mas nem Franklim nem chorographia alguma dizem tal!..

O padre Carvalho em 1708, indicando todas as villas, parochias e concelhos da comarca da Guarda, apenas a menciona como *simples parochia* entre as do termo d'aquella cidade (vol. 2.º pag. 348)—e D. Luiz Caetano de Lima em 1736 (*Geographia Historica*, tomo II, pag. 128) fallando da comarca e correição da Guarda, diz que se compunha de uma cidade, um couto e trinta villas que menciona, mas não encontramos entre ellas *Villa Fernando* nem algum dos outros cinco concelhos indicados em 1758 no *Diccionario Geographico Manuscripto.*

Valha-nos Deus!

—

A povoação de Villa Fernando está em planicie, na estrada da Guarda para Villar Maior, 1 kilometro ao sul da margem direita da ribeira de Noeime, confluente do rio Côa;—dista da Guarda 12 kilometros para E. S. E.—e 18 da margem esquerda do rio Côa, para oeste.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Villa Mendo, Roto, Val de Carros, Pombaes e Cravella;—os casaes do Carreto e do Cimeiro—e as quintas do Meio, de Cima, de João Dias, Corte e Moinho.

As suas freguezias limitrophes são—Casal da Cinza a N.—Adão a S.—Panoias a N. O.—e Albardo a N. E.

Producções dominantes—cereaes e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

D'esta freguezia tomou o nome de *Villa Fernando* uma das estações do caminho de ferro da Beira Alta.

É a 24.ª (apeadouro) partindo da Figueira para Villar Formoso e Salamanca. Dista 218 kilometros da cidade da Figueira e 35 de Villar Formoso, ainda hoje, (15 de janeiro de 1885) a estação *terminus* da mencionada linha, na fronteira de Portugal; brevemente porem se inaugurará a exploração até Salamanca, talvez antes de chegarmos ao artigo *Villar Formoso.*

VILLA FLOR—palacio e quinta *extramuros* da cidade de Guimarães, na circumscripção da freguezia de *Urgeses*, sub-urbana e em contacto com a cidade. V. *Urgeses* vol. 10.º pag. 17, col. 2.ª

Este palacio e quinta formam uma das mais pittorescas e interessantes vivendas de Guimarães e da formosa provincia do Minho.

Pertenceram a Thadeu Luiz Antonio Lopes de Carvalho Fonseca e Camões, fundador do palacio e da maior parte da quinta, 7.º senhor dos coutos d'Abbadim e Negrellos e dos morgados da Camoeira, em Aviz, Carvalhos, em Alemquer, Landim, Torneiros e Monte Longo, padroeiro das respectivas egrejas, cavalleiro professo da ordem de Christo, familiar do Santo Officio, academico supra-numerario da *Academia real de Historia portugueza*, da dos *Infecundos* e da *Arcadia*, em Roma, patrono da *Academia Vimaranense* e um dos homens mais illustrados do seu tempo.

Na *Academia Real* tinha o nome de *Tagomello Coriteo*; —imprimiu e compoz em parte o *Guimarães Agradecido* (2 vol.) e deixou manuscriptas as *Memorias ecclesiasticas, seculares e genealogicas da Villa de Guimarães.*

Nasceu em 21 de fevereiro de 1692.

—

O palacio e quinta de *Villa Flor*, por morte de Thadeu Luiz, passaram a uma sua filha e depois a uma neta, a qual casou com Antonio José d'Almeida e Mello, 2.º visconde de Villa Nova de Souto d'El-rei, cujos filhos venderam as dictas propriedades a sua prima, D. Maria Leonor de Sousa Peixoto de Carvalho, senhora do morgado de Pousada em S. Pedro d'Azurem;—esta as vendeu em 1829 a Lourenço d'Arcochela, que por sua morte as doou ao seu sobrinho Nicolau, conde d'Arrochela. D'este passaram a sua filha

D. Leonor d'Arrochela e d'esta a seu irmão Heitor d'Arrochela que em 1881 as vendeu por 39:500$00 réis a Antonio de Moura Soares Velloso, capitalista, socio, director e gerente da *Companhia do caminho de ferro de Bougado a Guimarães*, casado com uma filha do visconde de Godim.

Tem a mencionada linha ferrea a sua estação *terminus* dentro da quinta de *Villa Flor*, a poucos metros de distancia do palacio, em terreno que o sr. Antonio de Moura Soares Velloso vendeu á companhia por 19:000$000 de réis.

—

O palacio, posto que ainda se acha incompleto, é um dos melhores de Guimarães. Occupa um planalto vistoso, muito pittoresco e (segundo resa a tradição local) foi fundado por um vice-rei da India, deportado para aqui; mas o meu illustrado collega, João Gomes d'Oliveira Guimarães, reitor de S. Vicente de Mascotellos, diz que vira um *in-folio* manuscripto, que foi da casa de Thadeu Luiz A. L. C. F. C.—casa e manuscripto hoje pertencentes ao dr. Motta Prego,—e que no dicto *in-folio* se lê que o fundador do palacio em questão fôra, como já dissemos, o mencionado Thadeu Luiz.

Tem este palacio hoje as armas dos Arrochelas (*Vieiras*) seus ultimos possuidores, em substituição das de Thadeu Luiz (*Carvalhos*) que ainda hoje lá se veem quebradas e dispersas em fragmentos pelos recantos dos jardins!...

N'este palacio se hospedou a familia real na sua vizita ás provincias do norte—em 1852.

SS. MM. a rainha, a sr.ª D. Maria II e el-rei o sr. D. Fernando, o principe D. Pedro (o *santo* e *chorado* rei sr. D. Pedro V)—e o infante D. Luiz (hoje S. M. el-rei o sr. D. Luiz I) entraram em *Villa Flor* no dia 15 de maio d'aquelle anno e ali se conservaram até ao dia 17, ás 4 e meia horas da manhã, dando SS. MM. e AA. beijamão no dia 16, para o que se improvisou um throno na sala nobre do palacio,—e foram convidados por SS. MM. para o jantar d'esse mesmo dia os titulares e as auctoridades de Guimarães.

N'este palacio se realisaram tambem no ultimo anno (1884) duas festas memoraveis e esplendidas,—a abertura da exploração da linha ferrea, no dia 14 d'abril,—e a *Exposição Industrial de Guimarães*, pomposamente inaugurada no dia 15 de junho e encerrada no dia 26 de julho do mesmo anno.

Com relação a esta linha ferrea veja-se n'este volume 10.º o artigo *Vias Ferreas*, pag. 473, col. 2.ª—e com relação ás dictas festas vejam-se os jornaes do tempo, nomeadamente o *Commercio Portuguez* e o *Commercio do Porto*—e o *Relatorio* da dicta Exposição, publicado no mesmo anno.

Projectam-se no momento duas amplas avenidas,—com 24 a 30 metros de largura—da estação de *Villa Flor* ao centro da cidade de Guimarães,—uma em direcção ao *Campo da Feira*, outra em direcção ao *Toural*.

No *supplemento* a este diccionario darei mais desenvolvimento aos differentes topicos d'este artigo, aproveitando os interessantes apontamentos que se dignou enviar-me o meu illustrado collega, João Gomes de Oliveira Guimarães, pelo que mais uma vez lhe beijo as mãos agradecido.

VILLA FLOR—villa e freguezia extincta, hoje simples povoação de 25 fogos e 84 habitantes, pertencente á freguezia de S. Thiago da Amieira, concelho de Gavião, comarca de Nisa, districto e bispado de Portalegre na provincia do Alemtejo [1].

Em 1708 era villa e freguezia da comarca de Portalegre,—contava 80 fogos—tinha por seu orago S. Bartholomeu Apostolo (como *Villa Flor* de Traz-os-Montes) egreja parochial e duas capellas publicas—e era commenda da ordem de Christo e titulo de condado.

Em 1768 era villa e freguezia do bispado de Portalegre e da apresentação d'el-rei pelo tribunal da Mesa da Consciencia,—contava

---

[1] V. n'este diccionario *Amieira*, a penultima, vol. 1.º pag. 200.

Amieira foi villa fortificada e teve foral dado por D. Manuel em 15 de novembro de 1512, posto que Franklim o não menciona.

No *supplemento* a este diccionario daremos mais desenvolvimento ao art. *Amieira* bem como a este de *Villa Flor*.

apenas 38 fogos—e rendia para o parocho 96 alqueires de trigo, 6 almudes de vinho e 20$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar.

Dista 1 kilometro da villa da Amieira para E.—2 da ribeira de Figueiró para S.—3 da margem esquerda do Tejo,—19 de Gavião, séde do concelho, para E. N. E.—10 de Nisa para O.—25 da estação do Peso, na linha ferrea de Caceres,—229 de Lisboa—e 352 do Porto.

Tem diligencia diária entre Nisa e a estação do Peso.

Esta freguezia de Villa Flor acha-se annexa á de S. Thiago d'Amieira desde 1836 para os effeitos civis—e desde 1856 para todos os effeitos.

Em 1834 ainda era villa e séde de concelho.

As suas producções dominantes são—trigo, centeio, milho, vinho, gado e caça.

—

Esta *Villa Flor* foi sempre uma povoação insignificante, mas muito notavel por ser titulo do condado instituido por D. Affonso VI em 23 de junho de 1661 na pessoa de D. Sancho Manuel, general das provincias da Beira e do Alemtejo e um dos maiores vultos na guerra da independencia ou dos 27 annos, em seguida á memoravel revolução de 1 de dezembro de 1640.

Foi D. Sancho Manuel o 1.º conde e 1.º donatario de Villa Flor, graça que D. Affonso VI lhe conferiu como galardão da heroicidade com que se portou na batalha e victoria das *Linhas d'Etvas* (14 de janeiro de 1659) sendo governador d'aquella praça, quando D. Luiz d'Haro a sitiou com um poderoso exercito castelhano, para ficar completamente derrotado, sendo tido como *primeiro general da Hespanha* n'aquelle tempo!...

Para evitarmos repetições, veja-se no vol. 3.º o art. *Elvas*, pag. 18, col. 2.ª

Na batalha das *Linhas d'Elvas* o exercito portuguez foi commandado pelo conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, feito marquez de Marialva em 11 de junho de 1661.

D. Sancho Manuel, já conde e donatario de Villa Flor e general em chefe do nosso exercito, derrotou os hespanhoes commandados por D. João d'Austria, na celebre batalha do *Ameixial*, no dia 8 de junho de 1663 [1].

—

Era D. Sancho Manuel de sangue nobilissimo, descendente do infante D. Manuel, de quem tomou o appellido, filho do rei de Castella D. Fernando, o *santo*, e de sua mulher a rainha D. Brites; mas á nobreza do sangue soube juntar, como poucos, a nobresa do caracter e dos grandes feitos.

Foi conde e donatario de Villa Flor, do concelho d'estado e da guerra, commendador das commendas de S. Nicolau de Celorico de Basto, de Santo Adrião de Penafiel e de Santa Maria do Marmeleiro, governador da cidade do Porto, da Torre de Belem e da praça d'Elvas e por ultimo nomeado vice-rei do Brazil.

Falleceu coberto d'honras e de gloria no dia 3 de fevereiro de 1677.

Foi 2.º conde de Villa Flor D. Chrystovam Manuel,—3.º conde D. Martim de Sousa e Menezes Manuel,—4.º D. Luiz Manuel de Sousa e Menezes,—5.º (me parece) D. Joaquim Manuel de Sousa e Menezes,—6.º D. Antonio do Populo Manuel de Sousa e Menezes Severim de Noronha—e 7.º e *ultimo conde* de Villa Flor, por successão na nobilissima casa dos *Manoeis*, como todos os outros 6 condes d'este titulo,—D. Antonio José de Sousa Manuel e Menezes Severim de Noronha,—um dos vultos mais proeminentes da accidentada historia de Portugal, n'este seculo.

Não nos sentimos com força para escrever a sua biographia, nem ella cabe nas estreitas columnas d'este diccionario. Indicaremos apenas *muito ligeiramente* alguns topicos:

—

Foi s. ex.ª 1.º marquez e 7.º conde de Villa Flor, 1.º duque da Terceira, 9.º copeiro-mór e gentil-homem da camara de S. M., condestavel temporario, par do reino, conselheiro, ministro e secretario d'estado honorario, grã cruz das ordens da Torre e Espada, S. Bento d'Aviz e de Nossa Senhora

---

[1] V. *Ameixial*, vol 1.º pag. 195, col. 1.ª

da Conceição de Villa Viçosa, das de S. Fernando em Hespanha, de Ernesto Pio, da Saxonia, e de Leopoldo, da Belgica, commendador da de Christo, condecorado com a cruz d'ouro da guerra peninsular por 6 campanhas e com a medalha de commando em batalha por S. M. Catholica,—com a da de Victoria,—governador da Torre de S. Vicente de Belem, presidente do supremo concelho de justiça militar, marechal do exercito, etc.

Entrou no serviço militar em 1803, no regimento de cavallaria n.º 4 e, sendo alferes no mesmo corpo, passou a ajudante d'ordens do general visconde de Souzel, em 1808; foi em 1813 ajudante do marechal Beresford com o posto de capitão; fez *todas as campanhas da guerra peninsular* e passou ao Brazil em 1816. Em 1817 voltou com uma expedição ao Brazil, commandando um regimento da divisão dos *Voluntarios Leaes* e n'esse mesmo anno foi nomeado governador e capitão general do Pará. Estando nomeado em dezembro de 1820 governador e capitão general da Bahia, voltou com el-rei D. João VI para a Europa em 1821.

Foi ajudante da pessoa do infante, commandante em chefe do exercito em 1823 e então enviado a Hespanha a comprimentar S. A. R. o duque d'Angouleme;—foi governador das armas do Alemtejo em 1826 e, pouco depois, commandante de uma divisão, á frente da qual combateu os absolutistas n'aquella provincia e nas do norte, ganhando as victorias de Coruche da Beira, Ponte do Prado e Ponte da Barca, obrigando-os a refugiar-se em Hespanha, onde foram desarmados.

—

Foi governador das armas do Porto, desde 25 de agosto de 1827 até fevereiro de 1828.

Tendo-se mostrado affecto ás idéas liberaes, emigrou para o extrangeiro em março d'esse mesmo anno e voltou ao Porto em junho do anno seguinte para auxiliar os movimentos constitucionaes.

A celebre alçada que levou ao patibulo os 10 *martyres da liberdade*, o exautorou e privou de todas as honras, privilegios e dignidades, por sentença de 21 d'agosto de 1829, e o condemnou a ser com baraço e pregão conduzido pelas ruas publicas do Porto até á Praça Nova e a morrer ahi, de morte natural de garrote, e depois de lhe ser decepada a cabeça, seria pregada em um poste na estrada de Mathosinhos (onde tinha desembarcado) ficando exposta até que o tempo a consumisse;—*o corpo e o cadafalso seriam reduzidos a cinzas e lançadas ao mar para que d'elle e da sua memoria não houvesse mais noticia.*

Accrescenta ainda a famosa sentença — *confiscação e perdimento de todos os seus bens!...*

Valeu-lhe o ter emigrado e achar-se auzente.

Na mesma sentença e nas mesmas penas eram comprehendidos o marquez de Palmella, os condes de Sampaio e das Taipas, —João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, depois duque de Saldanha,—o barão de Rendufe,—o marechal de Campo Francisco de Paula d'Azeredo, depois 1.º conde de Samodães,—Thomaz Pinto Saavedra, tenente de cavallaria, tio paterno do meu bom amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra de Provezende, no alto-Douro, e outros muitos, que não foram justiçados, por haverem emigrado a tempo.

Veja-se o art. Porto, vol. 7.º pag. 328, col. 2.ª até pag. 336.

Sendo capitão general da Ilha Terceira, em 1829, repeliu na Villa da Praia a expedição mandada de Lisboa pelo sr. D. Miguel contra ella. Em 1830 foi membro da regencia e commandante das tropas liberaes na mesma ilha; em 1831 restaurou do poder absoluto as outras ilhas dos Açores;—em 8 de julho de 1832, sendo commandante em chefe do exercito libertador, desembarcou nas praias do Mindello com o sr. D. Pedro IV e ganhou nome e gloria no cerco do Porto. No fim d'aquelle anno foi dispensado do commando que o sr. D. Pedro tomou a si e, nomeado 1.º ajudante d'ordens do mesmo senhor, continuou na defesa do Porto até 21 de junho de 1883, data em que partiu como general da expedição ao Algarve. Desembarcou em Cacella e, atravessando o Algar-

ve e o Alemtejo com uma marcha rapida e atrevida, chegou a Cacilhas, onde bateu e derrotou a 23 de julho de 1883 a divisão do feroz general Telles Jordão, quatro vezes maior do que a sua, deixando morto no campo o dicto Telles Jordão e entrando triumphante em Lisboa no dia seguinte.

Foi depois encarregado de diversos commandos na defesa das linhas de Lisboa; capitaneou por vezes as tropas d'observação a Santarem—e, sendo finalmente escolhido por S. M. Imperial para commandante de uma divisão expedicionaria ao norte, sahiu do Porto a 5 d'abril de 1834. Depois de haver percorrido e libertado todo o Minho, Traz-os-Montes e Beira, ganhou na Extremadura, a 16 de maio do mesmo anno, a decisiva batalha da Asseiceira,—passou ao Alemtejo e concluiu a campanha no dia 27 do mesmo mez e anno com a completa submissão do inimigo, estipulada na convenção d'Evora Monte.

—

Foi nomeado conselheiro de estado em 1833,—ministro da guerra em 1835,—e presidente do conselho de ministros em 1836.

Nasceu a 18 de março de 1792,—succedeu no titulo de conde de Villa Flor e na casa de seu pae no dia 6 de março de 1795—e falleceu no dia 26 d'abril de 1860, contando 68 annos de edade.

Casou duas vezes, mas não deixou successão.

Para a sua genealogia e outras minudencias biographicas veja-se a *Chorographia Portugueza*, tomo 2.º cap. 6.º pag. 566 e seg.—as *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, pag. 623 a 631,—a *Rezenha das Familias titulares do Reino de Portugal*, (Lisboa, 1838), pag. 235 a 238,—o *Diario Mercantil* de 26 de abril de 1860—e o *Universo Pittoresco*.

—

As armas dos condes de Villa Flor eram as seguintes: escudo esquartelado, no primeiro as dos Sousas, esquartelado das quinas de Portugal e armas de Leão,—no segundo as dos *Manoeis*, tambem esquartelado; no primeiro de vermelho um coto d'aguia com uma mão, segurando uma espada guarnecida d'ouro,—no segundo um leão de purpura armado em campo de prata. No meio do brasão o escudo dos Menezes, tendo em campo d'ouro o annel. Tinha a principio a corôa de conde,—depois a de marquez—e por ultimo a de duque.

A pobre villa de Villa Flor, titulo d'estes nobres condes, nunca teve armas proprias nem foral.

—

Esta pequena povoação é muito antiga, pois nas *Memorias de Nisa* se encontra o seguinte: «Como os templarios foram os que libertaram as margens do Tejo e n'ellas arvoraram o pendão de D. Affonso, tambem foram d'estes as primicias que lhes deu. Segundo Manuel Severim de Faria, nas suas *Noticias de Portugal*, as primeiras que elles houveram foram Thomar, Alpalhão, Nisa, *Villa Flor* e Montalvão.

Passa no antigo termo d'esta parochia extincta a ribeira de Figueiró, que nasce entre Alpalhão e Castello de Vide,—atravessa os termos de Nisa e de Arez e desagua no Tejo, nas proximidades de Villa Flor, no sitio denominado as *Oleiras*. Tem diversas pontes de pedra, sendo uma das mais antigas a que se acha proxima de Villa Flor. Na margem esquerda da dicta ribeira, junto da mencionada ponte se vê gravada em uma pedra a inscripção que temos por copia, desenhada pelo rev. parocho da Amieira. É muito curiosa, mas só em gravura póde reproduzir-se, porque não tem semelhança alguma com os caracteres conhecidos, usados na imprensa.

Parece um anagramma arabe, especie de jeroglíphico.

VILLA FLOR de Traz-os-Montes—villa, freguezia e séde de concelho, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança.

Reitoria,—orago S. Bartholomeu Apostolo,—fogos 432,—almas 1850,—segundo os apontamentos que d'ali me enviaram e que muito agradeço.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 427 fogos e 2:067 almas, no que acho grande desproporção.

Em 1706 (diz Carvalho) era *abbadia* do padroado real,—contava 300 fogos, 12 ca-

pellas e 10 fontes—e rendia para o parocho mais de 800$000 réis, somma importante n'aquelle tempo.

Em 1768 (diz o *Portugal Sacro e Profano*) era *reitoria* do padroado real,—contava 274 fogos—e rendia apenas *cem mil réis!*

Aqui houve grande lapso, pois só para a capella real davam annualmente os *abbades* ou *reitores* e deram até á extincção dos dizimos *duzentos mil réis!...*

Note-se tambem que os *abbades* ou *reitores* d'esta villa apresentavam os parochos de *Roios* e *Nabo*, freguezias limitrophes [1].

—

Até 1834 pertenceu esta villa á grande comarca de Moncorvo, a maior das quatro em que se dividia toda a provincia de Traz-os-Montes.

As outras 3 eram Bragança, Miranda e Villa Real.

Foram donatarios de Villa Flor os Sampaios de Mello e Castro, depois condes e marquezes de Sampaio, [2] tambem senhores da villa e honra de S. Paio, onde tinham o seu solar, na freguezia do mesmo nome, hoje d'este concelho de Villa Flor.

Os seus primeiros donatarios foram os Aguilares, cujo senhorio e outras muitas terras e honras o nosso rei D. João I lhes tirou por seguirem o partido de D. João I de Castella na guerra da successão, em seguida á morte do nosso rei D. Fernando, o *formoso* e *inconstante*, filho de D. Pedro, o *justiceiro*.

Para a genealogia e armas dos ultimos donatarios d'esta villa, veja-se *Paio* (S.) vol. 6.º pag. 415.º, col. 1.ª—e *Moncorvo*, vol. 5.º pag. 386, col. 1.ª tambem.

—

Villa Flor está situada em terreno alto, mas relativamente abrigado, mimoso e muito fertil entre Mirandella e o Douro, na linha N. S.—e entre a ribeira da Villariça e o Tua, na linha E. O.—em uma leve depressão de terreno, ao sul e nas faldas da serra de *Val Frichoso*, serra quasi toda aravel e bem cultivada.

Pela contagem antiga distava 3 legoas de Moncorvo, 3 de Mirandella, 3 da margem direita do Douro, foz do Sabor, e 3 da ponte d'Abreiro, sobre o Tua.

Tambem contavam antigamente 3 legoas de Mirandella a Murça, a Val Passos, a Carrasedo de Montenegro e a Macedo de Cavalleiros—e outras 3 leguas de Carrazedo de Montenegro a Val Passos, a Murça e a Chaves, o que hoje causa riso.

Parece que em Traz-os-Montes não havia para distancias outra craveira alem da de 3 leguas!

Villa Flor dista hoje de Moncorvo, pela nova estrada a macadam, 27^{k} $687,^{m}78$ para N. O.—de Mirandella os mesmos 27 a 28 kilometros, para S.—10 (approximadamente) da margem esquerda do Tua, para E.—20 da margem direita do Douro (*Rego da Barca* ou foz do Sabor)—23 da estação do Pocinho, commum a Villa Nova de Foscoa e Moncorvo, na linha ferrea do Douro,—30 da

---

[1] Em 1675 contava 400 fogos e rendia 1:500 ducados, segundo se lê na *Poblacion General de España* de Rodrigo Mendes da Silva, pag. 144, v.

Nenhum dos nossos chorographos foi mais lisongeiro para com Villa Flor do que Rodrigo Mendes da Silva, no logar citado.

As poucas linhas que lhe dedicou são um primor de estylo, um *bouquet* de mimozas flores.

[2] D'esta nobre familia ha dous ramos em frente de Villa Flor, na margem esquerda do Douro, provincia da Beira Baixa,—um na freguezia do Rabaçal, concelho e comarca da Meda, hoje representado pela viuva e filhos de Antonio Homem da Silveira Sampaio e Mello,—outro na villa de Marialva, representado pelo rev. Dionisio Ignacio de Sampaio e Mello e sobrinhos.

estação de Tua, na mesma linha do Douro, —169 do Porto (pela estação de Tua)—e 506 de Lisboa.

Logo que se inaugure a linha ferrea da estação de Tua a Mirandella, hoje (1885) em construcção e que deve dar estação a Villa Flor, todo o movimento entre esta villa e o Porto será feito pela mencionada linha e as distancias marcadas variarão um pouco.

—

Freguezias limitrophes — Roios, Villas Boas, Freixial, Candoso, Nabo, Junqueira, S. Paio, Samões, Seixo de Manhoses e Meirelles, freguezia hoje annexa á de Villas Boas.

Villa Flor comprehende alem da Villa a povoação do Arco, [1] outr'ora pertencente á freguezia do Nabo,—e as quintas do Carrascal, Athayde, Val d'Espinho, Val de Castellares e S. Domingos, segundo se lê na *Chorographia Moderna.*

Os meus apontamentos fazem tambem menção da quinta de S. Gonçalo.

As producções dominantes d'esta villa e d'este concelho são—vinho, trigo, centeio, azeite, castanhas, batatas, hortaliça, muita fructa, especialmente *melões e melancias* na ribeira da Villariça, [2] linho canhamo e lan, pois cria bastante gado ovino, caprino, bovino e suino.

Tambem é abundante de caça miuda—lebres, perdizes e coelhos.

O vinho foi a sua producção principal. Ainda em 1880 produziu (a freguezia de Villa Flor)—2.758:225 litros;—em 1881—2.697:894—e em 1882—apenas 1.796:000 litros de vinho,—2.400:400 de trigo,—3:600 de centeio,—940 de milho e 360 de cevada; —mas hoje (1885) o *oidium tukeri* a *phyloxera*, a *angnillula*, a *clorose*, a *antrechnose*, o *mildin*, a *termes* ou formiga branca, a *maromba*, a *cicada atra*, o *vermelhão* e outros muitos inimigos das videiras que já destruiram a maior parte dos vinhedos do Alto Douro e que ameaçam de morte os vinhedos de todo o nosso paiz, já reduziram tambem os d'esta parochia, d'este concelho e d'esta provincia a um estado que inspira dó e faz recear o seu aniquilamento em praso breve!...

No artigo *Villarinho de Cottas* volveremos ao assumpto e lhe daremos mais desenvolvimento.

—

Não se sabe quando nem por quem foi fundada esta povoação, mas é com certeza muito antiga,—anterior mesmo talvez á occupação romana, pois dos romanos aqui se teem encontrado moedas e outros vestigios.

Teve *foral velho confirmado* por outro de D. Diniz em Lisboa, no dia 24 de maio de 1286.

Liv. do sr. Rei D. Diniz, fl. 166, v. e fl. 167. col. 1.ª e *Monarchia Luzitana*, parte 5.ª liv. 16, cap. 51, pag. 119, v.

Este foral se conservava no archivo da camara, mas desappareceu ha pouco tempo.

Teve tambem *foral novo*, dado por el-rei D. Manuel em Lisboa, a 4 de maio de 1512, *Livro dos Foraes Novos de Traz-os-Montes* fl. 17 col. 1.ª

Este foral se conserva ainda hoje no archivo da camara,—*completo, bem tractado* e *bem conservado.* É muito curioso e muito interessante. Já o tivemos em nosso poder e d'elle fizemos um longo extracto, que daremos no *supplemento*, para não alongarmos demasiadamente este artigo.

Comprehende 14 folhas de pergaminho com o indice, escriptas em portuguez, mas em caracteres gothicos, tendo a primeira pagina uma vistosa tarja com illuminuras a côres e grandes lettras a côres, tambem, no principio dos diversos topicos. Tem mais 3 folhas de pergaminho e 2 de papel commum com os *vistos* dos corregedores de Moncorvo, desde 1538 até 1831, sendo este ultimo firmado pelo corregedor Oliveira Malafaia.

Este foral julgou-se perdido, mas nós tanto lidámos que o descobrimos em Vinhaes e conseguimos fazel-o reentrar no archivo da camara, d'onde fôra levado por emprestimo.

—

Foi D. Diniz o rei mais benemerito para esta villa, pois não só lhe confirmou e ampliou o seu velho foral e a cingiu de mu-

---

[1] Em 1708 contava 20 fogos; hoje tem 46.
[2] V. *Villariça.*

ros, [1] mas lhe mudou o antigo nome de *Povoa d'Alem do Sabor* para o actual de Villa Flor,—e el-rei D. João I lhe deu por brasão uma flor de liz e o escudo das armas reaes com as quinas e 7 castellos, em substituição das armas dos Aguilares, seus primeiros donatarios e que eram 5 aguias, como ainda hoje se vêem nos paços do concelho, que revelam muita antiguidade.

—

Até o fim do seculo XV foi terra importante e rica. Era habitada então por grande numero de judeus que a tornavam florescente pela industria e tracto commercial de todo o genero, incluindo a ourivesaria e joalharia, mas, pela barbara e mal entendida expulsão dos judeus, em virtude da condição expressa no contracto matrimonial de el-rei D. Manuel com a princesa D. Isabel de Castella, sua primeira mulher, começou a decadencia de Villa Flor, porque não só perdeu a actividade e o genio mercantil e industrioso que caracterisaram sempre os israelitas, mas tambem os capitaes que ao tempo eram apanagio quasi exclusivamente seu.

Assim veiu a diminuir consideravelmente a população d'esta villa e muitos dos seus edificios cahiram em ruinas [2].

O mesmo succedeu em Bragança, Moncorvo, Villa Nova de Foz Côa, Gouvêa da Beira Baixa, Covilhã e n'outras povoações em que abundavam os judeus.

Sobre este assumpto, nomeadamente com relação á villa de Gouvêa, é muito digno de ler-se o que Alexandre Herculano diz na sua interessante obra *Do Estabelecimento da Inquisição em Portugal.*

V. *Gouvêa*—villa da Beira Baixa, no *supplemento.*

[1] Veja-se o artigo *Moncorvo*, vol. 5.º, pag. 332, col. 1.ª

[2] Só de 1675 até 1768, como já dissemos no principio d'este artigo, a sua população baixou de 400 fogos a 274.

Em 93 annos perdeu pois 126 fogos e 500 a 600 habitantes—e mais devia perder nos 179 annos que decorreram desde 1496, data da expulsão dos judeus, até 1675.

—

Os velhos muros d'el-rei D. Diniz tinham 4 portas (alguem diz 5) das quaes hoje apenas resta a denominada da *Villa* que olha para o sul.

É de arco e tem 3m,50 de largura e 4m,0 d'altura.

A camara demoliu em 1868 a *do Rocio*, que dava para o largo d'este nome. Das outras não ha memoria.

Junto da *porta da Villa* ainda hoje se vê um pequeno lanço dos velhos muros, tendo contigua uma casa de dous andares, reformada nos ultimos annos, e que denota grande antiguidade.

Parece ter sido uma torre ou fortim para defesa da dicta porta.

Tambem se veem ainda junto da mencionada porta, *intra-muros*, bastantes casas velhissimas, formando *bitesgas* que a tradição aponta como resto da *judiaria* que houve n'esta povoação.

—

No local que hoje occupa a egreja matriz e que é o ponto culminante do bairro murado, pequeno outeiro que se ergue a meio da villa, houve em tempos remotos um castello ou torre de menagem. Tendo cahido em ruinas e tornando-se inutil depois da invenção da artilheria, não mais restauraram aquellas obras de defesa e com a sua pedra construiram a egreja anterior á egreja actual, no mesmo sitio do castello ou da torre, como fizeram em Ceia e Mirandella e *deviam fazer* em Moncorvo [1].

A egreja matriz de Villa Flor, alem de estar muito vantajosamente situada, é tambem vasta e sumptuosa,—talvez a 3.ª da provincia, depois da sé de Miranda e da egreja de

[1] A egreja matriz de Moncorvo é um templo monumental, o primeiro da provincia de Traz-os-Montes, depois da Sé de Miranda e *sem contestação* um dos primeiros do nosso paiz! Custou 6 vezes mais do que a sé actual de Bragança, *vergonha de todas as Sés*; mas brilharia *em dobro* se estivesse onde hoje estão os novos paços do concelho, no local do antigo castello. Infelizmente ficou abafada e sem horisonte em um dos pontos mais baixos d'aquella grande villa.

V. *Moncorvo*, vol. 5.º pag. 383, col. 2.ª

Moncorvo, da qual parece imitação, pois tem como ella *gigantes* em toda a circumferencia para ampararem as suas altissimas paredes,—mas tem interiormente uma só nave em quanto que a de Moncorvo tem duas,—e na frontaria duas torres, em quanto que a de Moncorvo tem só uma;—é porém muito mais elegante e mais ornamentada a frontaria da de Villa Flor.

Tem de altura exteriormente 15m,20,—de largura 14m,0,—de comprimento 42m,20—2 torres com 24m,60 d'altura, cada uma, e do lado sul um bom relogio.

Interiormente: — largura 9m,20,—altura 14m,0,—comprimento 39,m20—e 6 altares, tendo os 4 lateraes retabulos de boa talha antiga dourada e o altar mór um espaçoso e elegante retabulo de talha dourada mais moderna, dos fins do seculo XVIII (1787).

Tambem tem interiormente uma capella que foi dos condes de Sampaio, donatario d'esta villa, conservando ainda os brasões d'elles.

—

Este magestoso templo foi feito no ultimo seculo em substituição da egreja matriz, que esteve no mesmo local e desabou no dia 31 de janeiro de 1700. Tractaram logo da nova construcção, mas, como a obra fosse muito dispendiosa, durou annos e por vezes se interrompeu.

A tradição ainda hoje repete uma cantiga popular feita a proposito;—é a seguinte:

Villa Flor já não és villa,
Nem villa te chamarão,
Porque te cahiu a egreja
E tarde a levantarão.

Achando-se paradas as obras, um benemerito filho de Villa Flor apresentou-se á commissão promotora com um chapeu cheio de luzentes peças d'oiro e lhes disse: *continuem as obras emquanto durar este dinheiro!!.*

E as obras proseguiram—e a egreja se ultimou.

Sentimos que a tradição local, repetindo ainda hoje unanime o facto, não conservasse o nome de tão benemerito cidadão.

Tambem consta que a camara da villa vendêra alguns bens do concelho para auxiliar a construcção da egreja—e que os judeus ou *christãos novos* ao tempo domiciliados na villa, mediante certa somma que deram para as obras, se libertaram de irem á missa sob prisão, acorrentados por uma fita, e de outros vexames, taes como serem obrigados a *commungar por um buraco* aberto na parede da egreja [1].

—

Alem da sua magestosa egreja matriz tem Villa Flor a egreja da Misericordia, hoje em reconstrucção, e as 5 capellas publicas seguintes:

1.ª—De *Santa Luzia*, no cimo da Praça descendo, á esquerda.

É pequena e muito singela, mas veneranda pela sua antiguidade.

Foi a primeira matriz de Villa Flor e *mesquita dos mouros*. Tem ainda bem vizivel a porta d'arco de volta inteira, apertando na parte inferior em *fórma de ferradura*, no estylo arabe, posto que modernamente metteram dentro do arco em *fórma de ferradura* um portico rectangular.

É tambem muito interessante interiormente, mas como este artigo vai ja muito longo, no *supplemento* completaremos a descripção d'ella com as notas que tomamos quando ali estivemos em outubro de 1883.

2.ª—De *S. Sebastião*, a leste e já fóra da villa, junto da *Fonte das Bestas*.

Foi reconstruida, ha poucos annos, em substituição d'outra muita antiga, tambem attribuida aos mouros. Teve tambem um portico em *fórma de ferradura* [2] e interior-

---

[1] Nas venerandas ruinas do antigo convento de S. Pedro das Aguias, da ordem de Cister, denominado *S. Pedro Velho*, na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, diocese de Lamego, ainda hoje (1885) lá se vê na parede da capella mór, do lado da epistola, o *buraco* por onde commungavam os judeus ou *christãos novos* d'aquelles sitios.

V. *Tavora* da Beira Alta, n'este diccionario, vol. 9.º pag. 516, col. 1.ª e no *supplemento*.

[2] Conserva ainda hoje tambem a mesma *fórma de ferradura* a porta principal da soberba egreja matriz da freguezia da Trindade, n'este concelho de Villa Flor — e consta-me que no concelho de Lousada existe outra egreja matriz com um portico muito ornamentado e a mesma *forma de ferradura*, na freguezia de Santa Maria de Meinedo.

mente 3 altares, como a de Santa Luzia, e as mesmas dimensões.

3.ª—De *Nossa Senhora da Lapa*, tambem fóra da villa e a cavalleiro d'ella, dominando-a perfeitamente toda, com vastissimo horisonte sobre esta provincia e sobre as da Beira Alta e Beira Baixa.

O altar foi aberto a pico em uma rocha ou *lapa* de que tomou o nome.

Está na pendente sul da serra de Val Frichoso.

4.ª—De *Nossa Senhora da Encarnação* ou da *Veiga*, hoje dentro do cemiterio parochial.

5.ª—Do *Santo Christo*, na Praça e a pequena distancia da de Santa Luzia.

Todas estão bem tractadas e abertas ao culto, posto sejam muito antigas. Acham-se porem já em ruinas e prestes a desapparecerem as seguintes: de *S. Martinho*, na rua do mesmo nome,—de *Santo Antonio*, fóra da villa, junto da estrada de Moncorvo,—de *Santa Marinha*, no alto da serra de Val Frichoso, na estrada de Roios (apenas lá se veem as paredes)—mais uma do *Espirito Santo* e outra de *S. José*.

Todas estas capellas eram publicas e suppomos serem as 10 indicadas pelo padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*.

Ha hoje tambem n'esta villa uma formosa capella particular, mas com porta franca ao publico, no palacio de Diogo Augusto Pinto de Lemos, sobrinho do visconde de Lemos, — e houve mais 3 capellas particulares, hoje todas tres em ruinas, na quinta de S. Gonçalo, uma de *S. Gonçalo*, outra de *S. Jeronymo* e outra de *Santa Barbara*.

Total dos templos d'esta villa—2 egrejas e 14 capellas.

—

Tem a villa cemiterio parochial, mas infelizmente está em sitio fundo e humido, no valle da Veiga, a jusante da povoação e distante d'ella cerca de 500 metros.

O local é bonito, mas improprio para cemiterio.

Inauguraram-se n'elle os enterramentos no dia 18 de junho de 1876.

Houve outr'ora n'esta villa fabricas de cortumes. Ainda existe no sitio dos *Pelames* um pôço ou tanque, resto d'aquelles estabelecimentos.

Nem a guerra peninsular, nem as guerras civís posteriores causaram aqui grande damno.

Dos *excessos* praticados por occasião das mencionadas guerras civis, apenas citarei um que é *original* e muito depõe a favor de uma illustre dama d'esta villa: Foi multada *por excesso de caridade* para com uma leva de presos?!..

—

Tem esta villa casa de Misericordia muito antiga. Data dos fins do seculo XV ou principios do seculo XVI e d'ella fallaremos mais d'espaço no *supplemento*.

É seu actual provedor, aliás muito digno e zeloso, o sr. José Manuel Teixeira Malheiro, pharmaceutico e vogal da mesa gerente do santuario de *Nossa Senhora da Assumpção*, n'este concelho, hoje o 1.º santuario d'esta provincia. D'elle fallaremos no artigo *Villas Boas*, em cuja freguezia se acha.

É tambem o mesmo sr. dono da quinta de *Bemsaude* [1] e das aguas *alcalino-gazosas*, d'este nome, que brotam na mencionada quinta, a pequena distancia d'esta villa e dentro d'este concelho, na sua pendente sobre a ribeira da Villariça,—aguas bem conhecidas em Portugal e no extrangeiro pelas suas propriedades medicinaes e que são congeneres das de *Vidago* e das *Pedras Salgadas*, orgulho d'esta provincia.

V. *Villariça*.

A egreja da Misericordia tinha 7,^{m}0 de largura e 18 de comprimento; por ser muito antiga, desabou em 1882, mas em 11 de no-

---

[1] *Bemsaude* ou *Bem-Saude* é claramente o nome hebraico *Bensaude*.

N'esta data vive em Lisboa o capitalista e banqueiro muito notavel entre a colonia israelita Abraham *Bensaude*, um dos fundadores e directores da grande *Companhia do Zaire*, recentemente ali formada com o capital de 500:000 libras esterlinas ou réis 2.250:000$000, para exploração das nossas possessões africanas.

Suppomos, pois, que a mencionada quinta tomou o nome d'algum dos muitos israelitas que viveram n'esta villa, chamado ou appellidado *Bensaude*.

vembro de 1883 se deu principio á sua reconstrucção por iniciativa do seu actual provedor J. M. T. Malheiro, coadjuvado por alguns irmãos benemeritos, entre os quaes é digno de especial menção o rev. Fr. José da Santissima Trindade, venerando egresso franciscano do convento ou seminario do *Monte da Falperra*, que deu para ajuda das primeiras obras 100$000 réis e para hospital *a propria casa em que vivia e vive!...*

No *supplemento* daremos a interessante biographia d'este venerando ancião que pelas suas acrisoladas virtudes é geralmente estimado e respeitado como um *santo*, qual outro Fr. João de Neiva.

—

Este concelho de Villa Flor confina ao N. com os de Mirandellá, Macedo de Cavalleiros e Alfandega da Fé,—a S. com o de Carraseda d'Anciães,—a E. com a ribeira da Villariça—e a O. com o rio Tua.

Comprehende hoje as 19 freguezias seguintes:

Assares, annexada civilmente á de Santa Comba,—*Bemlhevae*, annexada civilmente á de Valle Frichoso, — *Candoso*, — *Carvalho d'Egas*, annexada civilmente á de Valle de Torno,—*Freixiel*,—*Lodões*, annexada civilmente á de Villa Flor,—*Mourão*,—*Nabo*, annexada civilmente á de Villa Flor tambem, —*Roios*, annexada civilmente á de Valle Frichoso,—*Samões*, *Santa Comba*, *S. Paio*, annexada civilmente tambem á de Villa Flor, —*Seixo de Manhoses*, annexada civilmente á de Valle de Torno,—*Trindade*, annexada civilmente á de Valle Frichoso,— *Valle Frichoso*,—*Villa Flor*,—*Villarinho das Azenhas*, annexada civilmente á de Villas Boas—e *Villas Boas*.

D'estas 19 freguezias as mais importantes são *Villa Flor*, *Villas Boas*, *Santa Comba e Freixiel*.

Fogos (total).....	2:510
Almas.....	10:112
Superficie em hectares.....	21:590
Predios inscriptos na matriz.....	13:600

—

Em 1798 este concelho de Villa Flor differia bastante do concelho actual e, segundo se lê em um manuscripto existente na *Bibliotheca Municipal do Porto*, [1] tinha 864 fogos, 3:083 habitantes (1:495 mulheres, e 1:588 homens) 6 barbeiros, 38 presbyteros seculares e 2 religiosos, 6 pessoas litterarias, 53 sem occupação, 51 negociantes, 3 cirurgiões, 3 boticarios, 232 lavradores, 222 jornaleiros, 29 alfaiates, 30 sapateiros, 3 carpinteiros, 5 ferreiros, 5 tosadores, 1 pintor, 6 moleiros, 2 cerieiros, 50 criados e 35 criadas. Pastores *nem um*, — emquanto que o concelho de Villas Boas, limitrophe, contando apenas 234 fogos, tinha 134 criados, 87 criadas e 25 pastores.

—

Conta hoje este concelho de Villa Flor 8 bachareis formados:—João Antonio Teixeira de Castro, pertencente á freguezia de Villas Boas,—Manuel Antonio de Azevedo, pertencente á freguezia de S. Paio,—Antonio Alexandre Pinto Barroso e Pedro Gomes de Magalhães Pegado, pertencentes á freguesia de Roios,—Candido Augusto d'Oliveira, pertencente á freguezia de Santa Comba (delegado no Porto)—e 3 pertencentes á freguesia de Villa Flor, Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, que já foi deputado ás côrtes filho de Manuel Antonio Ferreira d'Aragão, marechal de Campo,—Bento Manuel da Costa Vaz, delegado em Baião,—e Jorge Leite Pereira, sobrinho do visconde de Seabra. Tambem já foi deputado e é recebedor em Vinhaes.

Conta hoje tambem este concelho 18 presbyteros,—4 na villa e 14 nas 18 freguezias restantes.

Os 4 da villa são o seu digno reitor, Daniel José de Moraes,—o santo fr. José da Santissima Trindade, egresso do convento da Falperra,—Fr. Alberto de Maria Santissima e o rev. Francisco da Conceição Pereira Cabral, que já foi professor no collegio de S. Luiz, em Braga, depois no do *Padre Roseira*, em Lamego, e actualmente é professor, aliás muito digno, no novo *Seminario de*

---

[1] Codice n.º 486, *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da dicta provincia.

Nossa Senhora do Rosario, ou dos *Carvalhos*, na diocese do Porto.

Ainda no ultimo anno (1884) falleceram em Villa Flor 2 presbyteros,—o rev. arcypreste, João Caetano Pereira, contando 84 annos de idade,—e o rev. Albino José de Moraes Ramos.

Em 1854 só na matriz de Villa Flor costumavam celebrar o incruento sacrificio da missa 10 presbyteros *diariamente*. Hoje rareiam d'um modo lastimoso em todo o nosso paiz e tanto que já n'esta diocese de Bragança, na de Lamego e em outras, muitos parochos estão curando *simultaneamente* 2 e por vezes 3 freguezias e com previa auctorisação celebrando nos domingos e dias santificados 2 e por vezes 3 missas?!...

Deus se condôa da sua egreja e pônha termo a tão anomalo estado de cousas!

—

Dos 40 maiores contribuintes d'este concelho couberam a Villa Flor no anno ultimo os 15 seguintes—dr. Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, Martinho José Pinto de Figueiredo, administrador do concelho [1], Adrião Maximo da Silva Magalhães, Alexandre Cesar Lopes Pastor, Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, Francisco Pinto de Lemos, Elias Ribeiro Commenda, Francisco Diogo Pereira Cabral, João Pedro Miller, João Teixeira de Figueiredo, Sebastião José Lopes (engenheiro civil) Paulo José Pinto (presidente da camara) Pedro José Ribeiro, Manuel Joaquim Teixeira e Francisco de Moraes Leite Sotto Maior e Castro.

Tem a villa estação telegrapho-postal, uma casa para escola feita com o subsidio do benemerito conde de Ferreira, 2 aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dous sexos, 1 casa de Misericordia, 4 agencias bancarias, 1 boa philarmonica ou banda marcial, 3 machinas de queimar vinho, 2 largos (o *Rocio* e a *Praça*) 7 edificios brasonados, muitas familias nobres e ricas, 1 pharmacia, 2 hospedarias e varios estabelecimentos commerciaes, contando entre elles um a leste da Praça, que é dos melhores da provincia, pertencente a Belmiro Benevenuto de Mattos e Sá, montado em uma elegante casa nova de dois pavimentos com portas d'arco em ogiva.

—

Até 1834 esta villa teve um ouvidor, apresentado pelos condes de Sampaio, senhores d'ella, 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 juiz dos orfãos, 1 capitão-mór, 1 sargento-mor, 4 companhias de ordenanças na villa e seu termo e mais 3 companhias com 3 capitães nas villas de Frechas, S. Paio e Villas Boas.

O corregedor de Moncorvo apenas aqui entrava em correição.

Villa Flor nunca teve convento algum, mas houve aqui um *hospicio* de Nossa Senhora da Assumpção, fundado em 1791, que em 1798 contava apenas 2 leigos e não tinha rendas algumas certas ou incertas,—diz o *codice* da *Bibliotheca portuense*, já citado.

Na rua do *Paço* ao nascente d'esta villa, um pouco a jusante da *Casa do Paço* que foi dos condes de Sampaio, appareceram ha annos, por occasião de um desaterro, varias moedas romanas. Muitas outras se teem encontrado em differentes pontos da villa e arrabaldes.

No valle da Veiga, por exemplo, se encontrou junto do actual cemiterio uma moeda d'ouro do tempo de Trajano e ruinas d'um

---

[1] Era casado com a ex.ma sr.a D. Maria Pinto de Figueiredo e apenas com o intervallo d'alguns dias falleceram *ambos* em dezembro de 1884.

Bom esposo, bom pae, excellente cidadão, affavel no tracto, lhano para com todos, tendo por norma do seu proceder a mais rigida probidade e o mais inquebrantavel cavalheirismo, soube o venerando ancião crear em volta de si um circulo de sympathias profundas, contando os amigos pelo numero das pessoas que tinham a ventura de o conhecer.

Era tio segundo do sr. dr. Augusto dos Santos Pinto, de Carrazedo de Montenegro, distincto jurisconsulto e cavalheiro respeitabilissimo tambem.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

aqueducto antiquissimo, talvez romano tambem.

—

Os paços do concelho são muito antigos, mas singelos.

Para n'elles se accomodarem as diversas repartições publicas, a camara mandou tapar 4 arcos sobre que assentava a frontaria.

O velho pelourinho já não existe.

Estava na praça, em frente dos paços do concelho, mas foi demolido ha annos, quando se regularisou e arborisou a dicta Praça, cujo chão foi antigamente um *souto de carvalhos*, pertencente aos duques de Lafões, que tiveram muitas propriedades n'esta villa e n'este concelho e ainda hoje aqui teem bastantes foros.

—

Diz a tradição que, em tempos remotos, veiu a Villa Flor um destacamento *expressamente* para conduzir a *importante somma* de 720 réis para o castello d'Almeida!...

Tem esta villa feira mensal muito importante e muito abundante de gado bovino, suino e caprino, cereaes, etc., no dia 15 de cada mez—e mercado todas as quintas feiras.

O clima d'esta parochia é muito saudavel e não ha n'ella memoria de grandes epidemias. Apenas o typho appareceu aqui ha annos e fez 4 ou 5 victimas.

Nos limites d'este concelho foi manifestada uma mina de varios metaes, na serra de Val Frichoso, do lado de Roios;—e na serra do Faro, em frente do pincaro onde se ergue o santuario de Nossa Senhora d'Assumpção, ha importantes jazigos de ferro, o que em parte revelam as nascentes d'agua ferruginosa que brotam na pendente do dicto monte sobre o Tua.

Houve em tempos remotos n'esta villa uma mulher, chamada Anna Borges, que *era obrigada* a tocar uma charamella na egreja matriz, durante a elevação da hostia!...

Este concelho tem apenas uma estrada a macadam, de Mirandella a Moncorvo, que atravessa Villa Flor de N. O. a S. E. e fórma a sua principal rua, sendo todas as outras tortas, estreitas e mal calçadas, o que não depõe muito em favor dos seus edis. [1]

—

Na estrada nova a macadam, de Villa Flor a Moncorvo, ha duas grandes pontes de pedra, de maxima utilidade para o publico,—uma sobre o rio Sabor,—outra sobre a ribeira da Villariça. A 1.ª era já muito antiga mas foi restaurada e alteada pelas obras publicas, porque as cheias do Douro a cobriam, como succedeu em 1860;—a 2.ª denominada da *Junqueira*, por ficar a pequena distancia da freguezia d'este nome, foi feita pelas obras publicas, quando se construiu a nova estrada.

É hoje a *unica* ponte que ha sobre a grande ribeira da Villariça; todos os povos das duas margens a demandam no inverno, desde a margem do Douro até cerca de 15 kilometros para o interior, quando necessitam de atravessar a grande ribeira.

Demanda este concelho mais duas estradas urgentemente,—uma da foz do Tua, por Carrazeda d'Anciães, a Villa Flor, entroncando na de Mirandella a Moncorvo,—outra da séde do concelho á estação de Villa Flor, na linha ferrea do Tua.

A 1.ª já se acha estudada, approvada e construida desde a Foz do Tua, ou da estação d'este nome na linha do Douro, até Carrazeda d'Anciães,—a 2.ª ainda não passou de projecto, mas para desejar seria que se convertesse em realidade, antes de se concluir a linha ferrea do Tua, em via de construcção.

Para evitarmos repetições veja-se com relação a esta linha o artigo *Vias Ferreas*, n'este 10.º vol. pag. 478, col. 1.ª

—

Tem Villa Flor 6 fontes d'agua potavel, 3 de poço e 3 de bica.

Os 3 poços são o da Praça, o do Rocio e o que está ao sul da villa, junto da estrada

---

[1] Inaugurou-se a construcção da dicta estrada n'esta villa em 1868—e em 1874 n'ella se estabeleceram as primeiras diligencias, entre esta villa e Mirandella.

O cemiterio data de 1875.

nova, á esquerda indo para Moncorvo, sendo este ultimo notavel pela sua fabrica, attribuida aos mouros ou aos romanos! [1]

Tem 3 metros de profundidade e boa agua nativa,—é coberto por abobada de pedra com portico em ogiva,—tem superiormente um recinto quadrado, formando uma especie de *kiosque* ou mirante com pavimento e guardas de granito, coberto por uma cupula em forma de pyramide, sustentada por 4 columnas tambem de granito—e na cornija da cupula tem varios emblemas, sobresahindo entre elles uma cara e duas cornetas partindo da boca da dicta cara, cada uma para seu lado,—tudo em baixo relevo.

Do lado superior havia um tanque muito antigo tambem com duas bicas. Foi demolido quando se fez a estrada nova e substituido por outro que a camara mandou fazer junto do exotico poço, para o lado da villa e tambem á esquerda da nova estrada, indo para Moncorvo.

É um tanque espaçoso com 2 bicas e tem na parede, a meio d'ellas, um escudo com uma flor de liz,—superiormente um *bouquet* —e inferiormente a data da construcção, 1859.

Os outros 2 poços são redondos e muito singelos; teem cerca de 9 metros d'altura e 4 de diametro cada um — e apenas uma guarda de pedra lisa no bocal.

Sobre o do Rocio, que está junto da egreja da Misericordia, houve até 1870 um cruzeiro, onde se prégava um sermão nas festas de *endoenças* [2],—festas que foram sempre muito notaveis e são ainda hoje as primeiras da provincia, no seu genero.

Os outros 2 tanques são o do *Toural*, feito pela camara em 1864—e o das *Bestas*, junto da capella de S. Sebastião.

—

Dos 7 edificios brasonados que tem hoje esta villa 2 são publicos,—o novo tanque, já descripto, e os paços do concelho,—os outros 5 são particulares,—3 no Rocio:—a casa que foi do visconde de Lemos, por elle edificada em 1846, e hoje pertencente a uma sua sobrinha,—o vistoso e elegante palacete, sem contestação o 1.º da villa, com uma linda capella, pertencente a Diogo Augusto de Lemos, sobrinho do dito visconde,—e o palacete que foi de Luiz Antonio de Moraes e Castro, ultimo capitão-mór d'esta villa, hoje pertencente por compra (desde 1881) á familia Pinto de Figueiredo e que ainda conserva as armas dos seus fundadores. O 4.º edificio particular brasonado é a *Casa do Paço*, que foi dos condes de S. Paio, hoje pertencente a João Pedro Miller, que a restaurou e modificou, mas conservando o brasão dos ditos condes, depois de a obter por compra, bem como todos os bens que aqui possuiam os mesmos condes, entre os quaes avulta a grande quinta do *Carrascal*, na Villariça.

O outro edificio brasonado é de humilde apparencia, mas muito notavel pela sua antiguidade e tradições. As portas teem as quinas boleadas;—foi solar dos Cardosos de Menezes—e hoje pertence por successão a a monsenhor D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo titular de Mytilene e vigario geral do patriarchado de Lisboa.

Está em ruinas com o peso dos seculos e foi muito privilegiada.

Todo o criminoso que fosse perseguido pela justiça e lançasse a mão a uma argola que havia na frente da dicta casa, não podia ser preso no momento.

—

Manuel de Faria e Sousa no seu *Epitome de las Historias Portuguezas*, pag. 344, diz que esta Villa Flor de Traz-os-Montes foi titulo de condado.

Aliquando dormitat Homerus!...

Villa Flor, titulo de condado, não foi esta, mas sim a do Alemtejo, como dissemos no logar proprio. *Vide*.

Aqui nasceu em 1795 e aqui morreu o 1.º visconde de Lemos, Antonio Pinto de Seixas Pereira de Lemos, do conselho de

---

[1] Rodrigo Mendes da Silva o mencionou em 1675 sob o nome de *Poço do Arco*.

[2] Em Moncorvo ha tambem junto da Misericordia e para o mesmo fim um *pulpito de pedra*, muito notavel! É talvez o 1.º do nosso paiz, depois do de Santa Cruz em Coimbra. V. *Moncorvo* no *supplemento*.

S. Magestade e marechal de campo graduado [1].

Foi governador civil de Villa Real.

Não se confunda este visconde de Lemos, general e marechal, com o general José Antonio de Lemos que foi o ultimo general em chefe das tropas do sr. D. Miguel e que negociou e firmou a convenção d'Evora-Monte. Este general realista nasceu na freguezia de Santa Maria de Villar, concelho de Villa do Conde, em 1 de outubro de 1786 e falleceu no dia 16 de fevereiro de 1870, em Lisboa, onde jaz, no cemiterio occidental.

V. *Villar* (Santa Maria de).

—

Foram tambem naturaes d'esta villa, entre outros escriptores, o poeta *Paulo Montes de Madureira Roubão*, auctor do poema heroico *Progressos Luzitanos*, em louvor das acções do exercito portuguez na guerra da successão de Hespanha;—*Manuel Antonio de Meirelles*, capitão d'engenheiros, auctor de varias obras publicadas nos annos de 1746, 1748, 1749 e 1750, com relação ás nossas conquistas da India,—e *Diogo Barrassa* ou *Barros*, judeu portuguez, medico e astrologo.

Foi auctor do *Prognostico e lunario do anno de 1635... tirado do arabigo, que traduziu do syriaco de Jonathas Abenizel Rabbi Israel de Ulmasia*,—Sevilha, 1630, 4.º—obra hoje rarissima.

—

Com rasão se orgulha esta villa de haver, desde tempos remotos, produzido muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas virtudes e pelas lettras,—familias de nobre linhagem,—cavalleiros e commendadores de differentes ordens, prelados de muitos conventos, jurisconsultos, desembargadores, deputados, titulares, generaes, marechaes de campo, etc.

Poderiamos dar uma extensa lista de muitas d'essas pessoas com as suas genealogias, mas este artigo vae já muito longo e não podemos alargal-o mais.

—

Foi nosso principal Cyreneu n'este artigo o sr. Antonio José de Moraes, uma creança na idade, pois conta apenas 21 annos, mas um cavalheiro de muito merecimento pela sua illustração e bom criterio e que tem diante de si auspicioso futuro, se Deus lhe prolongar a vida.

É s. ex.ª filho de Alipio Corrêa de Moraes e de D. Josefa Pinheiro de Moraes;—nasceu na povoação e freguezia do *Amêdo*, concelho de Carrazeda d'Anciães, no dia 10 de agosto de 1863—e, perdendo o pae aos 7 annos, passou em seguida para a casa do seu bom tio paterno, o rev. Daniel José de Moraes, digno parocho de Villa Flor, onde tem vivido até hoje.

Em outubro de 1878 foi admittido no seminario de Braga, onde cursou com muito aproveitamento as aulas de preparatorios até ao mez de maio de 1880, data em que uma grave doença o obrigou a interromper os seus estudos.

Em outubro de 1883 matriculou-se no 1.º anno do curso theologico no seminario de Bragança, por haverem passado em 1882, os concelhos de Villa Flor e de Carrazeda d'Anciães, com outros da provincia de Traz-os-Montes, da diocese de Braga para a de Bragança.

A todos os cavalheiros que se dignaram enviar-nos apontamentos para este artigo protestamos a nossa eterna gratidão,—nomeadamente ao sr. Antonio José de Moraes, a quem já devemos tambem apontamentos *interessantissimos* com relação aos prelados de Miranda e Bragança e outras muitas finesas, posto que não temos a honra de o conhecer pessoalmente.

VILLA FONCHE—freguezia do concelho e

---

[1] Nasceu em 1 de junho de 1795 n'esta villa e n'ella falleceu, solteiro e sem successão, no dia 16 de janeiro de 1862, sendo sepultado na egreja matriz, por não estar ainda feito o cemiterio.

Deixou os 7 irmãos seguintes:—Diogo de Lemos, que herdou o morgado,—D. Sophia, D. Emilia, D. Anna e D. Genoveva, todos ainda vivos e solteiros,—Padre Manuel e Dionysio, já fallecidos.

comarca dos Arcos de Valle de Vez, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria. Orago Santa Comba, fogos 94, almas 361.

Freguezias limitrophes. — Parada a N. — Rio Frio e Guilhadeses a O.—e S. Salvador dos Arcos a S. E.

Comprehende as aldeias seguintes—Egreja, Eira, Fijó, Quinta, Casal Soeiro, Fojo, Arrancado, Cepa, Facho, Pontilhão, Thomada, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Torim, Santa Barbara e duas quintas notaveis—a de *Casal Soeiro*, vendida pelos marquezes de Terena e Monfalim ao visconde de Rio Vez,[1] —e a de *Santa Barbara*, com capella, pertencente ao dr. Gaspar d'Azevedo Araujo e Gama, advindo-lhe por sua mulher e prima D. Philomena Pinto Pisarro Gil Vasques da Cunha Coutinho Porto-Carreiro, da casa da *Bandeirinha* ou *Palacio das Sereias*, no Porto.

V. Vol. 5.º pag. 271, col. 2.ª e pag. 296 col. 1.º *infine*—e vol. 7.º pag. 519 e 565, col. 1.ª

Passa junto d'esta freguezia a estrada real dos Arcos a Monsão—e o ribeiro *Tourim* que desagua no rio Vez a dois kilometros de distancia.

É povoação muito antiga. O seu primitivo nome foi *Gilifonte*,—depois *Guilhafonxo*, *Guilhafonce* e *Guilhafonso*.

Veja-se esta ultima palavra n'este diccionario, vol. 3.º pag. 349, col. 1.ª onde já se fallou d'esta freguezia, que foi da apresentação dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna do Castello, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FORMOSA—quinta da freguezia de Sacavem, no concelho dos Olivaes, districto de Lisboa.

Foi esta uma das primeiras propriedades em que se manifestou a maldicta phyloxera na provincia da Extremadura.

Manifestou-se tambem, quasi ao mesmo tempo, nas quintas de S. João, Restaurada, Francelha de Cima, Prior Velho e Marchante, todas da mesma ferguezia de Sacavem.

Comprehende mais esta importante parochia as quintas seguintes: Moxo, Ferro, Pretas, Cangalheiro, Penicheiros, Penamacor, Fonte, Archeiro, Couve, Pinheiro, St.º Antonio da Serra, Varzea, Victoria, Torres Vedras, Mercador, Meirinho, Senhora da Saude, Casquilhos, Manteiga, S. José, Nova, Nuncio, Fonte Perra, Chouriço, Roldão, Calçada, Anjos, Rio, Aranha, Francelha de Baixo, Serra, Cabeço, Areias, Malvasia, Condessa, Queimada, Sequeira, Alto, Quinta Velha e Horta do Meio.

V. *Sacavem*, vol. 8.º pag. 310, col. 1.ª

VILLA FRADE—antigamente freguezia e hoje simples povoação da freguezia de *Lama d'Arcos* no concelho de Chaves, districto de Villa Real de Traz-os-Montes. V. *Lama d'Arcos*, vol. 4.º pag. 29, col. 1.ª

—

Na povoação de *Villa Frade* existiu em 1738 e não sei se existirá ainda hoje um padrão redondo, junto da egreja, com a inscripção seguinte:

IMP. CAES
M AUR CA
RINO : : : : :
P. F. AUG
FR P : : : : : :
PP.

Quer dizer: *Esta memoria se dedicou ao Imperador Cesar, Marco Aurelio, Carino. Pio, Felix, Augusto, do poder tribunicio, pae da patria.*

VILLA DE FRADES—freguezia do concelho da Vidigueira, comarca de Cuba, districto e bispado de Beja, na provincia do Alemtejo.

Fogos 470, almas 1915.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, em 1708 pertencia á comarca de Beja e contava 800 fogos (?)—era da apresenta-

---

[1] Esta quinta adveiu aos Terenas pelos Gomes d'Abreu, vulgó *Trancas*—e anteriormente foi dos *Britos Cações*.

ção dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra,—tinha casa de Mizericordia,—uma capella do Espirito Santo,—outra de Santo Antonio dos Açôres—e a meia legua de distancia outra de S. Thiago, fundação dos mouros, toda cercada de vinhas;—eram senhores d'esta villa os marquezes de Nisa — e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 tabellião do judicial e notas e mais officiaes.

Em 1768—ou decorridos apenas 60 annos —esta villa e freguezia contava 326 fogos (diz o *Port.* S. e Profano)—pertencia ao arcebispado d'Evora—e rendia 200$000 réis.

Priorado. Orago S. Cucufate.

Foi villa e séde do concelho do seu nome até depois de 1840.

Ainda conserva a antiga cadeia e os velhos paços do concelho, onde actualmente funccionam duas aulas officiaes d'instrucção primaria elementar,—uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino. Já desappareceu o pelourinho.

—

Comprehende os *montes* (casaes) de St.º Antonio, Senhora de Guadalupe, Outeiro, Macabrão, Azeiteira—e as *hortas* d'Aparissa, Aroeira, Hortão, Malhada do Carneirinho, Ratoeiras, Córte do Judeu, Moia de Baixo, Moia de Cima e Motta.

Freguezias limitrophes — Cuba, Selmes, Vidigueira, Sant'Anna e Villalva.

Dista 2 kilometros da Vidigueira, séde do concelho, para oeste,—8 de Cuba, séde da comarca e estação da linha ferrea do sul, para N. E.—25 de Beja,—145 de Lisboa—482 do Porto—e 612 de Valença do Minho.

Tem boas estradas a macadam para Cuba, Vidigueira e Portel, já construidas—e para Beja e Villalva, em via de construcção.

Em quanto a templos tem hoje, alem da egreja matriz, a egreja da Misericordia e 4 capellas—S. Braz, dentro da villa, e St.º Antonio dos Açores, assim denominada por ter sido feita por um conde da Vidigueira em cumprimento de um voto se achasse um açor que encontrou no monte onde erigiu e se vê a mencionada capella, fóra da villa e a pequena distancia.—Tem mais a de S. Thiago que se suppõe ter sido *mesquita* dos mouros, [1]—e a de N. S.ª de Guadalupe, na serra d'este nome,—todas 4 muito antigas e quasi em ruinas.

Teve mais tres capellas, que já desappareceram—a do Espirito Santo, mencionada pelo padre Carvalho, a de S. Bento—e a de S. Sebastião.

A egreja matriz é de abobada,—tem altar mór e 4 lateraes—e paredes com *17 palmos de espessura!*—segundo se lê na *Descripção da Vidigueira e seu concelho*, pelo dr. Agostinho Albino Garcia Peres, de Setubal, ainda manuscripta, e de que já fizemos menção no artigo *Vidigueira*.

O altar mór e 2 lateraes teem boas decorações de entalha dourada. Os outros dous são de gesso ou estuque.

Data este templo de 1707 e tem de comprimento (interiormente) 33,^{m}15—e de largura 12,^{m}35.

O movimento d'esta parochia em 1883 foi o seguinte—baptisados 44,—casamentos 17 —obitos 26.

—

Nascem n'esta freguezia dous ribeiros, um que parte para N. O. e desagua na ribeira de Odivellas, confluente do Sado,—outro que parte para S. O. e desagua na ribeira de Odiarse, confluente do Guadiana.

É temperado e saudavel o clima d'esta villa, que está na encosta da serra de Guadalupe no cimo da qual e distante da villa pouco mais de 2 kilometros para S. O. se vê uma pyramide geodesica marcando 317 metros d'altitude sobre o nivel do mar.

Producções dominantes—vinho, azeite, cereaes, fructa, caça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Pesou sobre esta freguezia, em 21 de junho de 1849, uma trovoada medonha que destruiu toda a propriedade, causando prejuizos enormes!

Foram donatarios d'esta villa os marquezes de Nisa—e antecedentemente os conegos

---

[1] Dista cerca de 2 kilometros de Villa de Frades. Diz a tradição que foi a 1.ª matriz d'esta parochia e das circumvisinhas, inclusivamente da de Cuba.

regrantes de St.º Agostinho, que lhe deram o seu primeiro foral, não sabemos quando.

D. Manuel o confirmou em Lisboa a 1 de junho de 1512. *Liv. de Foraes Novos do Alemtejo*, fl., 35, v. col. 2.ª

Veja-se o processo para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 12, n.º 24.

—

Houve aqui 2 conventos um de S. *Covado* ou Cucufate, de monges negros ou benedictinos,—outro de Nossa Senhora da Assumpção, de frades *capuchos*, franciscanos da Provincia da Piedade.

O primeiro foi um dos mais antigos e mais notaveis de Portugal e da peninsula. O seu prelado se intitulava, como os de Cluni e do Monte-Cassino *Abbade dos Abbades*.

Foi muito anterior á invasão do mouros, —conservou-se aberto ao culto muito tempo durante a occupação mussulmana—mas por fim os mouros o destruiram.

Teve grandes rendas e fabrica sumptuosa —e já depois da completamente arrasado e deserto, foi dado com esta freguezia pelo nosso rei D. Sancho II, em 1225, aos cruzios de S. Vicente de Fóra, os quaes (segundo me parece) nunca o restauraram nem habitaram, mas povoaram o sitio e crearam esta villa, dando-lhe o seu primeiro foral, pelo que a povoação se denominou *Villa dos Frades* ou *de Frades*.

Estranhamos que a *Chronica dos Conegos Regrantes* não mencione este convento, mas menciona-o a *Benedictina Lusitana*. L. 1.º pag. 446 e 447, para onde remettemos os leitores.

Veja-se tambem no *Elucidario* de Viterbo a palavra *Abbade Magnate*, pag. 17, col. 2.ª *mihi*—e a *Monarchia Lusitana*, parte IV, fl. 200, v.

—

O segundo convento foi fundado em 1545 pelo conde da Vidigueira D. Francisco da Gama (filho de D. Vasco da Gama) e por sua mulher D. Guiomar de Vilhena, no local onde existia uma antiquissima capella da invocação de S. Bento.

Era guardiania de 13 a 14 frades e foi extincto em 1834, tendo apenas 6 ou 8 religiosos.

Do 1.º convento nada resta. O seu chão e a sua cerca passaram dos cruzios para os marquezes de Nisa,—está tudo plantado de vinha—e ali se teem encontrado alicerces das antigas fundações e muitos fragmentos de louça.

Do 2.º apenas se conservam as ruinas do convento e da egreja. A cerca é hoje vinha e olival—e o seu bello aqueducto, de 2 kilometros d'extensão aproximadamente, está em completa ruina tambem!...

Veja-se a *Chronica da Provincia da Piedade*, Liv. III, cap. 22.

No *supplemento* a este diccionario completaremos a historia do antiquissimo e venerando convento de *S. Cucufate*.

—

Na noite de 24 de dezembro de 1882 commetteu-se n'esta freguezia um desacato repellente! Foi violado e roubado o tumulo do benemerito filho d'esta villa, par do reino e conselheiro, Justino Maximo de Baião Mattoso, fallecido em junho d'aquelle mesmo anno.

Os ladrões forçaram a grade da capella onde se acha o jazigo do finado e, na incerteza do logar em que se encontrava o cadaver, arrombaram mais tres sepulturas.

Encontrando o que procuravam, abriram o caixão de madeira e o interior, que era de zinco, e despojaram o cadaver, do espadim, condecorações, botões e galões da farda de par do reino, que vestia.

Pelo exame do local em que se praticou o delicto, conheceu-se que os malfeitores sacrilegos operaram com todo o vagar a sua sinistra tarefa e que, não satisfeitos da injuria exercida sobre o morto, damnificaram os ornatos interiores da capella.

Não se commenta semelhante vandalismo!

Aqui falleceu em 3 de novembro de 1789 o poeta João Xavier de Mattos. Ignora-se a sua terra natal. Escreveu varias obras em prosa e em verso, indicadas por Innocencio Francisco da Silva, uma das quaes foi mandada á Exposição de Paris, em 1867.

O seu amigo, dr. Joaquim Antonio Alho Mattoso, lhe fez o funeral com a maior decencia, no dia 4 de novembro de 1789, na egreja parochial d'esta villa, e mandou gra-

var sobre a sepultura do finado um soneto que anda impresso.

—

Ao meu presado collega, o sr. Joaquim Freire de Carvalho, digno prior d'esta villa, agradeço os apontamentos que me enviou.

VILLA FRANCA — freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Orago, S. Miguel — fogos 140 — habitantes 880.

Em 1706 contava os mesmos 140 fogos — e 145 em 1768.

Foi da apresentação da mitra e commenda da ordem de Christo, do commendador de Lanheses (C. d'Almada) no termo de Barcellos.

Comprehende as aldeias seguintes—*Villa Franca*, Gondufe (são estas as principaes), Egreja, Figueiredo, Bairrinho, Pereira, Conceição, Estrada, Mosteiró, Pinheiro, Barrosas, Monte, Santa Cruz, Vallada, Rua Cega, Lomba, Visos, Estivada e Afranco,—a quinta que foi dos Cunhas Sotto-Maiores, hoje da viuva de João da Silva S. Miguel, negociante de Vianna,—e a quinta da *Barroca*, propriedade importante, que D. Maria do Carmo Pinto d'Almeida e Menezes, em 1877, deixou com suas pertenças e grandes capitaes (cerca de 300 contos!...) a Antonio Ribeiro da Silva, que falleceu em 1884. Tem capella e boa casa de residencia.

—

Até 1834 pertenceu esta freguezia ao termo de Barcellos.

Está na pendente norte do monte de *Roques*, onde apparecem, em volta da sua pyramide geodesica, ruinas de uma grande povoação que (dizem) era a cidade *Armenia*.

Este monte de *Roques* é tambem denominado monte do *Santinho* pelo povo que julga ver em uma pedra do dito monte as pégadas de S. Silvestre.

Freguezias limitrophes — Sub-Portella, ao nascente,—Mujães e Villa de Punhe, ao sul, —Mazarefes e Darque, ao poente—e ao norte o rio Lima, defrontando com as freguezias de Santa Martha e Serraleis.

Passa em *Villa Franca* a estrada districtal n.º 3, de Vianna a Ponte de Lima, pela margem esquerda do rio d'este nome.

Dista 3 kilometros da estação de Darque, na linha ferrea do Minho,— 8 de Vianna do Castello — e 34 de Braga.

—

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, pelo que mais uma vez lhe beijo as mãos reconhecido.

—

Falleceu no dia 11 de março de 1884 no Rio de Janeiro, capital do Brazil, Manoel Antonio Ribeiro, natural d'esta freguezia, solteiro, capitalista e que foi ali negociante muitos annos.

Não tendo herdeiros forçados, dispoz dos seus bens da maneira seguinte:

Deixou 2:000$000 réis, a cada uma de suas irmãs, Rosa, Maria, Maria Thereza e Joanna, 2:000$000 réis, a cada um de seus irmãos, João e Antonio, 2:000$000 réis, para serem divididos entre seus cinco sobrinhos, filhos de seus finados irmãos Agostinho e José, rs. 500$000 fortes, a seu sobrinho Manoel Antonio, filho do seu finado irmão José, réis 100$000 fortes á sua madrinha de baptismo, 100$000 réis fortes, para a coadjuvação os reparos da egreja da freguezia onde nasceu, 4:000$000 réis em moeda brasileira, a seu sobrinho e segundo testamenteiro, João Gomes da Silva, 2:000$000 réis a seu sobrinho e terceiro testamenteiro Manoel Gomes da Silva, 300$000 réis a Manoel Gonçalves Penedo, o usofructo de duas apolices da divida publica do Brazil, do valor nominal de réis 1:000$000 cada uma, a seu sobrinho José Affonso Fortes, 300$000 réis a seu afilhado Manoel, filho de seu compadre Manoel Ferreira da Silva, 300$000 réis á sua afilhada, filha de seu compadre Victorino Joaquim de Carvalho, 300$000 réis a seu afilhado Francisco Pereira d'Azevedo, 300$000 réis á sua afilhada, filha de seu compadre Clemente José Ferreira Guimarães, 300$000 réis á filha do finado José Gonçalves Corrêa, o usofructo de uma apolice da divida publica do Brazil, do valor de 1:000$000 réis, a Margarida Ribeiro Guimarães, a parte que pos-

suia em um terreno na rua de Avila a seu compadre Clemente José Ferreira Guimarães e a seu primeiro testamenteiro; 500$000 réis á preta Manoella, 500$000 réis ao patrimonio da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 300$000 á menor filha de Manuel Antonio da Silva Cruz, além de outros muitos legados a diversas pessoas.

Instituiu herdeiros universaes do remanescente de seus bens, em partes iguaes, as suas irmãs e irmãos Rosa, Maria, Maria Thereza, Joanna, João e Antonio e sua cunhada Rosa Ribeiro Machado.

VILLA FRANCA—quinta na margem direita do Mondego a S. *O.* de Coimbra, entre a Arregaça e a Portella.

Foi até 1754 casa de recreio e de convalescença dos jesuitas e é local muito aprazivel pela sua luxuriante vegetação e pelo seu frondoso arvoredo.

N'esta quinta residiu o famoso jesuita padre Antonio Vieira e aqui escreveu algumas das suas obras.

—

N'esta data (fevereiro de 1885) annuncia a *Empresa Litteraria Fluminense*, com succursal em Lisboa, que vae fazer uma luxuosa edição de *todas as obras* d'aquelle afamado escriptor, comprehendendo as suas cartas, sermões, etc., precedida de um estudo critico sobre a vida do auctor e valor litterario das suas producções.

A edição será *illustrada* e d'ella se fará uma tiragem de 5:000 exemplares—e a impressão em typo elzevir será feita pela *Typographia Elzeviriana de Lisboa.*

Vae o *principe dos oradores portuguezes* receber a consagração do seu extraordinario talento.

—

Com relação á mencionada quinta de *Villa Franca* é muito digno de ler-se o curioso e consciencioso folhetim que o sr. Joaquim Martins de Carvalho, indefesso investigador das antiguidades patrias, lhe dedicou no *Conimbricense* de 9 de janeiro de 1869.

Esta quinta pertence hoje ao sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena,—e, em tempos remotos, pertenceu a Diogo Rodrigues e sua mulher D. Guiomar da Costa, de Coimbra, dos quaes se apoderou a inquisição, confiscando-lhes todos os bens e a mencionada quinta. D. Sebastião—a mandou entregar á Companhia de Jesus, por carta de 27 de maio de 1571, pretendendo a Companhia compral-a, para o que offerecia certas cousas.

Os padres da Companhia deviam fazer vir de Roma a necessaria licença do seu geral para essa transacção, dentro de 8 mezes. O mesmo D. Sebastião lhes prorogou por mais 6 mezes aquelle praso, em provisão de 29 de janeiro de 1572—e finalmente, em 9 de dezembro de 1573, fez doação da quinta á Companhia de Jesus, em attenção á cedencia de certas casas que eram da mesma Companhia e que háviam passado para a inquisição de Coimbra.

Ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, muito illustrado redactor e proprietario do *Conimbricense*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DA CARDOSA — hoje Castello Branco.

Foi o 2.º nome que teve esta cidade, se é que primeiramente se donominou *Castraleucos.*

V. *Castello Branco*, vol. 2.º pag. 177, col. 1.ª e 2.ª

VILLA FRANCA DO DEÃO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. Fogos 126, almas 461, orago S. Thiago Maior.

Em 1708 contava 120 fogos e era da apresentação do chantre da sé da Guarda.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, contava 94 fogos,—era da mesma apresentação—e rendia 12$000 réis para o pobre vigario, além do pé d'altar.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe apenas 83 fogos.

O logar de *Villa Franca do Deão* está na encosta de uma pequena serra, 5 kilometros a O. da margem esquerda da ribeira de Massueime.

Comprehende mais a povoação de Trajinha — e as quintas de Almas, Picota e Migueis.

—

Freguezias limitrophes—ao nascente Codeceiro e Avelans da Ribeira,—ao poente Vellosa,—ao norte Alverca—e ao sul Rocamonde e Avelans d'Ambom.

Dista da Guarda 18 kilometros para N.[1] —22 de Trancoso para S. E.—6 da estação de Pinhel na linha da Beira Alta—e 13 de Villa Franca das Naves para S. pela mesma linha ferrea.

Esta freguezia de *Villa Franca do Deão*, não se vê no mappa do conselheiro Folque, mas sómente *Villa Franca das Naves*, tambem ao norte da Guarda, porem mais distante alguns kilometros.

Não se confunda pois uma com a outra.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, bem conservada, mas sem coisa alguma notavel,—e ha uma capella de S. Sebastião, muito simples e em mau estado.

Tem 3 moinhos na ribeira de Massueime, confluente do Côa.

Fazem-se os enterramentos no adro da egreja matriz, por falta de cemiterio.

Ha n'esta parochia uma escola official de instrucção primaria elementar, mixta.

O seu clima é frio, mas salubre,—e as suas producções dominantes são batatas e centeio.

Ao meu bom amigo e collega, o rev. José Abrantes Martins da Cunha, illustrado redactor do *Districto da Guarda*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DE LAMPAÇAS—freguezia extincta e annexada desde muito á freguezia de *Quintella de Lampaças*, sua limitrophe, concelho, comarca, districto e diocese de Bragança, na provincia de Traz os Montes.

Esta freguezia de Villa Franca teve por orago S. Bento—e foi villa da comarca, ouvidoria e correição de Bragança, bispado e provedoria de Miranda.

Ainda em 1768 era freguezia independente, mas o seu parocho (vigario) já era da apresentação do abbade de Quintella de Lampaças,—rendia 8$000 réis de congrua, afóra o pê d'altar—e contava a extincta parochia apenas 40 fogos.

—

N'esta pequena, insignificante e extincta parochia de *Villa Franca de Lampaças* nasceu em 1543 D. Frei Gonçalo de Moraes, que foi monge benedictino, 4.º abbade triennal do convento de Tibães e geral da congregação, eleito em 1590, e depois bispo do Porto, aliás *muito virtuoso* e *benemerito*. Foi elle quem mandou reconstruir *a fundamentis* a capella mór da sé portuense, onde jaz sepultado, tendo fallecido no anno de 1617 com 74 annos de idade.

Tambem deu principio ao convento do *Santo Milagre* em Santarem, no qual viveu e foi prior alguns annos, edificando a todos com as suas extraordinarias virtudes.

Tambem restaurou e decorou luxuosamente a sachristia da sé do Porto,—fez em toda a cathedral grandes obras e a dotou com alfaias riquissimas,—visitou *todas as egrejas* da sua diocese *repetidas vezes*—e em esmolas e obras pias gastou *todas as suas grandes rendas*, fallecendo pobre como Job!...

—

Foi o 56.º bispo do Porto e *bispo modelo a todos os respeitos*, durante 15 annos, succedendo-lhe outro prelado tambem dignissimo—D. Rodrigo da Cunha, depois arcebispo de Lisboa. No seu *Catalogo dos Bispos do Porto* lhe dedicou paginas que ninguem lerá sem compunção e que todos os bispos *devem ler e decorar*.

Veja-se o referido *Catalogo*, pag. 349 a 363, *mihi*—e n'este diccionario os artigos *Lampassas*, vol. 4.º pag. 42, col. 1.ª—*Quintella de Lampaças*, vol. 8.º pag. 35, col. 2.ª —e *Bragadinha*, vol. 1.º pag. 480, col. 2.ª

Nasceu tambem n'esta parochia, hoje extincta, e professou no convento da Graça de Lisboa em 1594, Fr. Diogo de Sant'Anna.

Morreu em Gôa, a 6 d'outubro de 1646, e escreveu *a Verdadeira relação do grande e portentoso milagre que aconteceu com o Santo Crucifixo do coro da Igreja das Freiras de Santa Monica de Goa, em 8 de fevereiro de 1636*. Lisboa, por M. da Silva, 1640, 4.º

---

[1] A *Chorographia Moderna* diz 27:500^{m} ($5\frac{1}{2}$ leguas) confundindo esta freguezia com a de *Villa Franca das Naves*.

—

Esta obscura povoação de *Villa Franca de Lampaças*, freguezia extincta, foi, em tempos remotos, povoação importante com o nome de *Bragadinha*, mas os seus moradores, um bello dia, apurando não sabemos que odios e rivalidades, com inaudito furor *se mataram todos uns aos outros em um só dia*, sobrevivendo apenas alguma mulher que pôde esconder-se?!...

Consta isto das *Inquirições* de D. Affonso III, de 1260.

D. Diniz, achando-se em Thomar em 9 de dezembro de 1286, resolveu povoar de novo a dita aldeia e com esse fim lhe deu foral n'aquella mesma data, mudando-lhe o nome de Bragadinha para o de *Villa Franca*.

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Dinis, fl. 187, col. 1.ª

No *Corpo Chronologico, Parte II, Maço 11, documento 154*, acha-se tambem a *Inquirição* para o seu *foral novo* na reforma d'el-rei D. Manoel.

No dito *foral velho* se declara «que todo o homem, ou mulher, que for *maninho*, possa vender o seu á sua morte, a quem muito quizer.»

Maninho quer dizer—*que não tivesse ou deixasse successão.*

Era de grande alcance aquella disposição do foral, porque os frades do riquissimo convento de *Castro d'Avelans* (Vide) ao tempo senhores da tal *Bragadinha* e de outras muitas terras em Traz-os-Montes, costumavam, não sabemos bem com que jús, levar a terça parte dos bens de todos aquelles que nos seus coutos e terras falleciam sem filhos, embora anteriormente os tivessem.

A' vista da isempção de que ficaram gosando os habitantes de Villa Franca de Lampaças, insurgiram-se os povos visinhos contra as extorsões de *Avelans*. Não foi surdo aos seus clamores o primeiro duque de Bragança e conde de Barcellos, D. Affonso, pois no anno de 1452 escreveu á camara de Bragança e aos seus termos e concelhos mandando-lhes que não guardassem *o depravado costume que o Mosteiro de Castro de Avelans tinha introduzido de levar a terça parte dos bens de qualquer defuncto contra a Ordenação do Reino, e toda a boa razão que ordena—fiquem as duas partes aos filhos do defuncto, e que do Terço disponha livremente a beneficio da sua alma.*

Apesar d'isto os frades d'Avelans não se deram por vencidos e continuaram a exigir a terça em questão, o que determinou os duques de Bragança a publicarem outras disposições mais explicitas.

Chamava-se aquelle odioso tributo *maninhado, manería* ou *maninhadego.*

VILLA FRANCA DAS NAVES—freguezia do concelho e comarca de Trancoso, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. Orago, Nossa Senhora dos Prazeres, fogos 158, almas 640, segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev.º parocho, mas o censo de 1878 deu-lhe apenas 133 fogos e 519 habitantes. A differença é sensivel, mas aceitavel, attendendo á vida que lhe insufflou a linha da Beira Alta, primeiramente com as obras da construcção em que se empregaram annos muitos homens, mulheres e creanças d'esta parochia, auferindo interesses, — e depois com o movimento da estação que tem aqui a mencionada linha, dentro dos limites d'esta parochia,—estação muito bem situada e de bastante movimento, denominada *Villa Franca.*

Dista apenas 1 kilometro da povoação, séde da egreja matriz, e está a juzante d'ella, em ampla, vistosa e agradavel planicie, onde, antes da construcção da linha ferrea, costumavam os amadores da caça correr as lebres a cavallo e com galgos, por ser a campina aberta e prestar-se admiravelmente para aquelles divertimentos venatorios.

Como o terreno era lindissimo e chão, mas deserto, teem pullulado as edificações junto da estação e ali se formará com o decorrer do tempo um povoado importante.

Já hoje (1885) ali se véem tres casas com tabernas, uma hospedaria rasoavel, differentes armazens para depositos de sal e d'outros generos, etc.

O terreno presta-se admiravelmente para toda a sorte de construcções. Além d'isso parte da estação uma estrada antiga, mas

quasi plana e muito viavel que, atravessando esta parochia, segue para a Povoa do Concelho, freguezia muito populosa, e d'ali para Villa Garcia, Cotimos, Cogulla, etc., sendo a Cogulla hoje a freguezia *mais rica e endinheirada* de Trancoso, pois tem abastados proprietarios, negociantes de vinho, aguardente e lã, e differentes capitalistas que, ha muitos annos, não cessam de dar dinheiro a juro.

—

Esta freguezia de Villa Franca das Naves em 1708 contava apenas 90 fogos—e 80 em 1768.

Foi curato da apresentação dos abbades de S. Thiago de Trancoso e pertencia ao bispado de Viseu, do qual passou para o de Pinhel e d'este para o da Guarda desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Até 1834 pertenceu ao termo da villa de Trancoso e á provedoria e comarca de Pinhel.

Denominou-se sempre e se denomina ainda hoje Villa Franca das *Naves* e não das *Neves*, como se lê no *Diccionario Chorographico* de Bettencourt, no censo de 1878, no *Mappa das Novas Dioceses* e em varias chorographias.

Tomou o titulo *das Naves* para melhor se distinguir das outras parochias denominadas *Villa Franca*—e o titulo é apropriado, por ter ao sopé e dominar grandes planicies fundas ou valles abertos, a que em alguns pontos d'esta provincia dão o nome de *naves* [1]. Dentro da serra da Estrella, por exemplo, vimos nós a *Nave da Argenteira*, de *Santo Antonio* e outras, quando ali estivemos com a *Expedição Scientifica*, em 1881.

Tambem na serra da Estrella denominam *covões* as depressões mais pequenas, fundas e abafadas.

Lembramo-nos do *Covão do Boi*, *Covão da Vacca*, *Covão do Homem* e *Covão da Mulher*, alguns pittorescos e muito interessantes, nomeadamente o *Covão do Boi*, a montante dos celebres cantaros *Raso* e *Magro* e contiguo a elles.

—

Esta freguezia não tem aldeias nem quintas. É formada por uma humilde povoação unica e compacta, mettida entre arvoredo, um souto de carvalhos e oliveiras, em terreno levemente accidentado, nas faldas de uma encosta e na sua pendente sobre a *nave*, onde passa a linha ferrea e se ergue a estação de *Villa Franca das Naves*, vendo-se perfeitamente da estação.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella publica, ambas muito antigas e decentes, mas sem coisa alguma notavel.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Nossa Senhora da Boa Esperança.

Banham esta freguezia alguns pequenos ribeiros, que não têem pontes nem moinhos, e desaguam na ribeira de Macoeime, a 5 kilometros de distancia, bem como esta no rio Coa—e o Coa no Douro.

Parochias limitrophes—Maçal da Ribeira, Villares e Feital.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, batatas, vinho e lã, pois tambem cria algum gado lanigero.

Dista 1 kilometro da sua estação no caminho de ferro da Beira Alta,—3 da margem esquerda da ribeira de Maçoeime,—15 de Trancoso,—33 da Guarda,—72 de Villar Formoso,—183 da Figueira,—238 do Porto —e 326 de Lisboa.

—

Fez aqui bastantes victimas o cholera, em 1855, e nos ultimos annos o typho,—não só n'esta parochia, mas nas limitrophes e em outras muitas d'este concelho e d'este districto, nomeadamente em Manteigas, Folgosinho e Gouveia, o que se deve attribuir á falta de limpesa das *ruas*, das *casas* e do *povo*, pois n'esta provincia (exceptuando as vilias e cidades) as ruas são estrumeiras *propriamente dictas*;—as casas são quasi todas velhas, immundas, esboracadas e negras, lobrigando-se *por excepção* uma ou outra caiada;—o povo apenas de longe em longe

---

[1] No portuguez antigo *navas*, campos planos, cercados de bosques.

Em Hespanha tornaram-se celebres as *Navas de Tolosa* pela batalha que n'ellas deu e grande victoria que alcançou contra os mouros D. Affonso VIII de Castella, em 1212.

lava *unicamente* as mãos e o rosto,—veste burel ou saragoça baixa, que *nunca* lavam, formando com o uso uma crusta de esterco, densa e asquerosa,—e vive em *intimo contacto* com bois, gallinhas, cavalgaduras, porcos e gado lanigero!...

Em toda esta provincia, bem como na da Beira Alta e na de Traz-os-Montes, apenas *por excepção* se lava uma casa ou outra nas *villas* e *cidades*, duas ou tres vezes *por anno?!...*

VILLA FRANCA DO ROSARIO—aldeia ou sitio no concelho e comarca de Torres Vedras, provincia da Extremadura.

Denominou-se *Villa Franca do Rosario* uma das 14 estações do *Caminho de ferro Larmanjat*, que em 6 de setembro de 1873 se inaugurou entre Lisboa e Torres Vedras, para se suspender passado pouco tempo, com prejuizo total dos accionistas.

Eram tão frequentes os tombos e os descarrilamentos, que os passageiros preferiam as diligencias—e a companhia falliu!...

As outras estações eram—Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Nova Cintra, Santo Adrião, Loures, Pinheiro de Loures, Lousa, Venda do Pinheiro, Malveira, *Villa Franca do Rosario*, Barras, Freixofreira, Turcifal e Torres Vedras,

V. vol. 9.º pag. 656, col. 1ª

VILLA FRANCA DA SERRA—freguezia do concelho de Gouveia, comarca de Fornos d'Algodres, districto e diocese da Guarda, na provincia da Beira Baixa.

Priorado. Orago S. Vicente martyr,—fogos 152,—almas 630—segundo os apontamentos que recebi do seu digno prior.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 142 fogos e 563 habitantes.

Em 1708 era priorado do padroado real —e pertencia ao termo da villa e do concelho de Linhares, provedoria e comarca da Guarda. Em 1768 era priorado da diocese de Coimbra e da apresentação da Casa do Infantado,—contava apenas 70 fogos—e rendia 200$000 réis.

Em 1852 pertencia ao concelho de Linhares e á comarca de Celorico da Beira; mas, desde 24 de outubro de 1865, data da extincção do concelho de Linhares, passou para o concelho de Gouveia e para a comarca de Fornos d'Algodres, além do Mondego!...[1]

O *Flaviense*, publicado em 1852, menciona outra freguezia de *Villa Franca*, pertencente á comarca de Gouveia.

Foi lapso, pois *nunca* pertenceu á comarca de Gouveia freguezia alguma com o nome de *Villa Franca*.

—

Esta freguezia está situada na pendente N. O. da Serra da Estrella, da qual tomou o titulo para melhor se distinguir das outras freguezias do mesmo nome de *Villa Franca* (ha 3 n'este districto da Guarda)—e fica na margem esquerda do Mondego, do qual dista 3 kilometros para S. E.—5 da linha ferrea da Beira (estação de Fornos d'Algodres)—7 de Fornos d'Algodres, séde da comarca,—13 de Gouveia pelo ramal de S. Paio ou da sua estação na linha da Beira,—45 da Guarda pela estrada a macadam e 69 pela linha ferrea,—158 da cidade da Figueira,—209 do Porto—e 321 de Lisboa.

É formada unicamente pela povoação de *Villa Franca da Serra*, erguendo-se do lado norte um pequeno outeiro que a esconde ás vistas da séde da comarca, Fornos d'Algodres, que demora na outra margem (direita) do Mondego.

Comprehende apenas duas quintas—Val das Casas e Ponte Nova, junto do Mondego, onde vivem hoje 4 familias.

As suas freguezias limitrophes são—Cabra, Mesquitella, Juncaes, Villa Ruiva, Villa Cortez da Estrada—e Fornos d'Algodres além do Mondego.

—

A egreja matriz está no centro da povoação. É templo muito antigo, mas singelo e pouco elegante. O altar mór tem boas decorações de talha dourada de merecimento;

---

[1] Bellesas da nossa divisão administrativa e judicial, pois a villa de Gouveia é séde de concelho e de *comarca* tambem, comprehendendo o concelho do seu nome e o de Manteigas.

as decorações dos altares lateraes são muito simples e baratas.

A tradição diz que esta egreja foi fundada em tempos remotos por dois fidalgos—D. *Ozerão* ou *Ozores* e sua mulher D Urraca—que para aqui vieram viver homisiados ou degradados—e que não só fundaram a egreja, mas por sua morte a dotaram com todos os bens que aqui possuiam, legando-os para patrimonio ou passal do parocho e alguns para patrimonio da confraria do Santissimo.

Constituiam elles um bello passal. Com o decorrer dos seculos perdeu-se uma parte d'aquelles bens, mas ainda ultimamente, quando o governo mandou inventariar e louvar os passaes, foram avaliados em *nove contos de réis*—e da parte que pela lei da desamortisação foi vendida em hasta publica e averbado o seu producto em inscripções a favor dos parochos, recebem estes hoje 270$000 réis de juro, annualmente.

—

Com os bens legados á Confraria do Santissimo, hoje representada pela junta de parochia, imposeram a condição de mandar dizer todos os annos, no dia da festa do padroeiro S. Vicente (22 de janeiro) oito missas resadas com dois responsos no fim de cada uma,—e por ultimo uma missa cantada pelas almas dos instituidores, o que a junta de parochia, como fabriqueira e possuidora dos dictos bens, ainda actualmente cumpre, dando *mil réis* de esmola por cada uma das missas resadas.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do padroeiro S. Vicente e as do Santissimo Sacramento e Santo Antonio.

Alem da egreja matriz, ha n'esta parochia tres capellas particulares e uma publica.

O edificio mais notavel d'esta parochia é a casa de Jeronymo Henriques da Cunha, posto não seja brasonada.

Este senhor é grande proprietario e muito *progressista*—e, como o penultimo parocho Eduardo Cabral, fosse muito *regenerador*, travou-se entre os dois tal desintelligencia, que durou annos! A freguezia dividiu-se em dois grupos de fanaticos e praticaram-se os maiores excessos, desordens e perseguições entre uns e outros.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam. As que mais se approximam d'ella são a de Mangualde a Celorico, que passa na distancia de 4 kilometros ao norte, pela margem direita do Mondego—e a de Coimbra pela ponte da Murcella a Celorico tambem, que passa ao sul, na distancia de seis kilometros.

Ha n'esta freguezia um penhasco imponente, denominado *mazorro*,—e duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar—uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino.

Producções dominantes — milho, trigo, centeio, vinho, batatas, fructa e lan, pois tambem cria gado lanigero.

Ao rev. prior d'esta freguezia agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA FRANCA DE XIRA — villa e freguezia, séde do concelho e da comarca do seu nome, districto e diocese (patriarchado) de Lisboa, na provincia da Extremadura [1].

Orago S. Vicente Martyr,—fogos 1:120, —almas 4:900.

Priorado.

Rodrigo Mendes da Silva deu-lhe 400 fogos, em 1675,—o padre Carvalho 900, em 1712, — João Baptista de Castro 950, em 1758,—Paulo Dias de Nisa 387, em 1768,—o *Flaviense* 1:017, em 1852,—J. A. d'Almeida 1:116, em 1866—e o censo de 1878 deu-lhe 1:041 fogos e 4:204 habitantes.

—

Esta risonha e populosa villa, sem contestação hoje uma das mais importantes da Extremadura e de todo o nosso paiz, está

---

[1] Desde já peço desculpa dos lapsos e omissões, porque nunca visitei Villa Franca de Xira. Apenas a tenho visto a *vol d'oiseau* da linha ferrea muitas vezes, desde 1858, data em que, vivendo em Lamego, fui pela primeira vez a Lisboa, achando-se ainda ao tempo aberta á circulação a linha ferrea do norte apenas até o Carregado.

Peço tambem desde já a todos quántos conheçam esta importante villa—nomeadamente aos seus illustrados habitantes—me indiquem os *lapsos e omissões* para os reparar no *supplemento*.

muito vantajosamente situada a 38 gr. e 57 m. de longitude e 9 gr. e 20 m. de latitude[1], em mimosa e fertil planicie, no classico *Riba-Tejo*, na margem direita do rio d'este nome, dominando as afamadas *Lezirias*, que se estendem desde a *Ponte da Herva*, junto de Alhandra, até á *Bocca do Vau*, defronte da Azambuja, sendo limitadas a S. e E. pelo rio de Samora Corrêa e a N. e O. pelo Tejo, medindo ao todo cerca de 68 milhas quadradas e produzindo approximadamente milhão e meio de litros de cereaes, alem de crearem muito gado bovino e cavallar.

Tem uma só freguezia, cujo prior é *vigario da vara*. Pertenceu á comarca de Torres Vedras; foi do padroado real e commenda da ordem de Christo, da casa dos marquezes d'Arronches; e em 1768 o seu parocho era vigario da apresentação do padroado real e recebia quatro moios e meio de trigo, uma pipa de vinho, cinco cantaros d'azeite e oitenta e cinco mil réis em dinheiro, afóra o pé d'altar.

—

Dista de Alhandra 5 kilometros, 6 do carregado, 16 da Azambuja, 31 de Lisboa, 44 de Santarem, 306 do Porto, 351 de Braga e 436 de Valença do Minho.

Comprehende além da villa a povoação de A dos Bispos, — os casaes de Prilhão da Matta, Conde, Raposa, Carvalheira, Manuel Luiz, Fonte de Baixo, José de Pinho ou do *Fidalgo*, José da Casa, João Francisco, Manuel Ramos, Manuel Alves ou do *Tivoli*, Pedra, Santo Amaro, Remedios, Novo da Estrada, Novo do Prilhão, Palyart, Prilhão da Estrada e Boa Vista;—as quintas de Paraiso Sevadeiro, Torres, Santa Catharina, Borrecho, Salgado, Fonte, Prilhão da Matta, Desterro, Bom Retiro, Pinheiro ou *do Palyart*, Farrobo, Secta e Bairro;—as vinhas de José Maria Ogando, Cerquinha, Corrieiro, Torricada, Bolonha, Caracol de Cima, Baeta, Barreteira, Santa Sophia, Lameiros, Boa Vista, Corvo, Marromeiro, Bom Proveito, Bolhão, Leal, Torre, Torrinha, S. João, Fonseca, Provella, Monte Gordo, Serralheira, Ginja, Bacello de Pontével, Barrada, Barrão, Confeiteira, Pedra Furada—e os moinhos d'Alberto Affonso e da Boa Vista?!...

—

Note-se que além dos elegantes palacetes alvos de neve, que abundam na villa, cercados de formosos jardins, quasi todos os casaes, quintas e vinhas que mencionámos teem vastos edificios para os caseiros e jornaleiros, armazens e mais dependencias e alguns tambem casas nobres em que vivem temporaria ou permanentemente os seus proprietarios.

Todo este magestoso e esplendido conjuncto fórma o que se chama *Villa Franca de Xira*—ou Villa Franca dos *mattos e silvedos* —porque a palavra *xira* no portuguez antigo *cira* vem do arabico *xara* e significa *mata, brenha, logar cheio de silvas e matagaes.*

«Á direita do Tejo, e cinco legoas de Lisboa (diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario*) havia uma dilatada *cira* ou *mata*, que el-rei D. Sancho I doou a D. Raulino, e outros flamengos no anno de 1200 para ali se estabelecerem, e com as maiores franquias. Parece não fizeram largos progressos, e que havendo roteado alguma pequena parte, a dimittiram á corôa, pois no de 1206 o mesmo rei fez doação da sua villa de Villa Franca de *Cira* (que hoje dizem *Xira*) a D. Fruilla, ou Froilhe Hermiges, pelos muitos serviços que lhe tinha feito.»

—

No anno de 1228 a mesma sr.ª D. Froilhe doou esta sua Villa Franca de *Cira*, então simples *quintã*, *quinta* ou *casal*, e outros muitos bens que possuia em Portugal, Leão e Castella aos templarios, pelos serviços que tinha recebido e esperava receber d'elles. (Doc. de Thomar) E nos *Concilios de Hespanha* por Aguirre (tomo 3.º fl. 168) em uma escriptura do mosteiro *d'el Pino* se lê o seguinte, que prova claramente ser então *cira* synonimo de mata: — *Et concluide per illa semita antiqua... usque Cira de Lupos* — ou em vulgar: *E vae pela estrada ve-*

[1] *Mappa de Portugal* de J. B. de Castro.

lha... até á povoação de Cera ou Mata de Lobos [1].

—

Ignoramos quando e por quem foi primitivamente fundada esta povoação. O que sabemos é que, em virtude das guerras d'exterminio que assolaram e despovoaram a peninsula, já na lucta entre os seus antigos habitantes e os phenicios, gregos, cartaginezes e romanos, ja entre estes e os barbaros do norte, já entre os godos e arabes e entre os arabes e portuguezes, ella se achava deserta e convertida em montes e silvedos, quando D. Affonso Henriques tomou Lisboa aos mouros em 1147, com o auxilio dos crusados de diversas nações.

A prova está em que na distribuição que D. Affonso Henriques fez das terras circumvisinhas de Lisboa pelos crusados que o ajudaram na conquista, dando esta villa aos soldados inglezes, a denominou *Xira*, *Cira*, *Cera* ou monte inculto, nome que os inglezes substituiram pelo de *Cornwalia*, por serem oriundos de *Cornwall*, na Inglaterra. Prevaleceu, porem, o de *Xira*, porque os inglezes pouco tempo a occuparam e mal arrotearam as suas brenhas,—e o de Villa *Franca* em rasão dos muitos privilegios e *franquias* que os nossos reis lhe concederam.

—

Foi-lhe dado o seu primeiro foral por D. Fruilla ou Froylhe Ermiges, em novembro de 1212.

Maço 3 de Foraes antigos, n.os 12 e 13; —*Gaveta* 7, *Maço 11*, n.º 7—e *Livro de Mestrados*, fl. 70, v. col. 1.ª

N'este foral, entre outras coisas, se lê: *Huum petintal, e dous spetaleiros, e dous ploeiros, mando que hajam foro de Cavaleiro.*

Petintal era *carpinteiro da Ribeira*, calafate ou constructor de todo o genero de embarcações, segundo se lê no *Elucidario* de Viterbo, mas João Pedro Ribeiro diz que era *official do mar.*

No mesmo foral se lê o seguinte:

O Coelheiro, que fôr á soieira, e hi ficar, déé de foro huum coelho com a sua pelle.

Isto prova que ao tempo esta, como outras muitas terras do nosso paiz, se achava *inculta*, pelo que os seus habitantes costumavam exercer a profissão de caçadores *por industria e negocio.*

Teve tambem esta villa foral *novo*, dado em Santarem por D. Manuel, com data de 1 de junho de 1510, confirmando e ampliando o foral *velho.*

Livro de Foraes Novos da Extremadura, fl. 45, col. 1.ª

Mas deixemos a velha Villa Franca de *Cira*, dos silvedos e *coelheiros* e fallemos da villa actual, que bem póde denominar-se *Jardins de Villa Franca.*

—

Entre as suas vastas e riquissimas propriedades, muito summariamente indicadas supra, alem das afamadas Lezirias, cuja companhia só no celleiro d'esta villa costuma recolher mais de 1.200:000 litros de cereaes, merecem especial menção as quintas seguintes:

1.ª—*Quinta do Paraiso*, onde nasceu em 1453 D. Affonso d'Albuquerque, o *grande.* É hoje de Antonio de Sousa e Mello.

Para evitarmos repetições veja-se n'este n'este diccionario o artigo *Paraizo*, vol. 6.º pag. 472, col. 2.ª—no artigo *Lisboa* o topico em que se fallou da *Casa dos Bicos*, 4.º vol. pag. 140, col. 1.ª—e no supplemento a este artigo *Villa Franca* o topico das *pessoas notaveis*, onde daremos ao grande D. Affonso d'Albuquerque o logar d'honra, que bem merece.

2.ª—*Quinta de Palyart*, hoje de D. Manuel Telles da Gama, descendente do grande Vasco da Gama, descobridor da India.

3.ª—*Quinta do Farrobo*—com um palacio esplendido, mandado edificar pelo grande capitalista barão de Quintella. Deu o titulo de 1.º conde de Farrobo ao mesmo barão e pertence ainda hoje aos seus herdeiros.

---

[1] V. *Cira* no *Elucidario* de Viterbo.

D. Froilhe Hermiges era viuva e familiar da ordem do Templo, – vivia no convento de Fontearcada, bispado do Porto—e, por morte d'um *seu filho unico*, ficou riquissima!

Ainda no anno de 1239 deu aos templarios muitas herdades e egrejas nos bispados de Lamego, Braga e Coimbra.

4.ª *Das Torres*, com um soberbo palacio tambem.

Foi do mesmo barão de Quintella e é hoje do conde da *Torre de Novahes*, hespanhol [1].

5.ª—*Desterro*, pertencente á firma commercial da *Viuva Lima & Filhos*, de Lisboa.

6.ª—*Casal do Linheiro*, pertencente a D. Amalia Affonso de Carvalho, de Villa Franca de Xira.

Além d'estas, são tambem muito importantes as quintas do *Borrecho*, *Sevadeira*, *Secta* e outras.

Ha tambem nos limites d'esta parochia (ou d'este concelho) uma propriedade denominada *Quintinha*, pertencente ao visconde de Coruche e n'ella uma nascente d'agua sulfurea, muito propria para o tractamento de molestias cutaneas e como tal reconhecida ha muito.

D'aquellas aguas miraculosas costumam fazer uso em banhos muitas pessoas, por concessão especial do mesmo sr. visconde.

—

Freguezias limitrophes—Povos, ao nascente,—Cachoeiras, ao norte,—S. João dos Montes e Alhandra, ao poente,—e rio de Samora Correia, ao sul.

Atravessam esta freguezia a linha ferrea do norte,—a estrada real a macadam de Lisboa ao Porto—e outra d'esta villa, pelo Farrobo, a Santo Antonio da Castanheira.

A linha ferrea tem aqui a sua 7.ª estação, partindo de Lisboa.

Poucas terras do nosso paiz teem tão boas vias de communicação, pois alem das mencionadas accresce um esteiro ou caes que a liga ao Tejo, com bastante movimento de faluas e barcos de toda a ordem, que navegam entre uma e a outra margem do grande rio,—entre Lisboa e Alcantara, cerca de 40 kilometros a montante de Villa Velha de Rodam [2]—e entre todas as povoações marginaes intermedias, sendo para lamentar a falta de policia e regulamentos com relação a esses barcos e falúas, o que tem dado logar a muitos naufragios e perdas de vidas e mercadorias.

Em 29 de junho de 1874, por exemplo, naufragou um barco nas aguas d'esta villa, perecendo Manuel de Mesquita, muito estimado por todos, e sete raparigas que eram a flôr de Villa Franca;—poucos annos antes se haviam submergido tambem aqui dois barcos, um da Povoa e outro d'esta villa, morrendo varias pessoas;—mas, de todos os naufragios que Villa Franca tem presenceado n'este seculo, o mais luctuoso foi o que teve logar no dia 26 de maio de 1875.

Partia do Carregado uma falua com mercadorias para Lisboa, e, achando-se ali muitas pessoas que desejavam ir ver a procissão do Corpo de Deus, o falueiro offereceu-lhes passagem pela modicidade de 100 réis?!...

Entulhou-se immediatamente a falúa, mas por infelicidade, indo á vela e soprando vento rijo, voltou-se com uma rajada e sossobrou entre esta villa e a da Castanheira.

De cento e tantas pessoas que iam a bordo pereceram mais de sessenta!

Acudiram varios barcos e salvaram alguns dos passageiros, mas os que iam *debaixo da coberta* e que constituiam o maior numero, *pereceram todos!*...

Imagine-se a afflictiva situação d'aquelles desgraçados, sem ar, vendo a agua precipitar-se sobre elles pela escotilha, debatendo-se em vão, soltando inutilmente dolorosos gritos, sem poderem respirar, sem poderem ser ouvidos, sem esperança de se salvarem, e fazer se-ha idéa da suprema agonia d'aquelles infelizes e do quadro horroroso de tão angustiosa scena!...

«Era um espectaculo verdadeiramente afflictivo (diz um correspondente do *Diario Illustrado*) ver as innumeras pessoas que

---

[1] Veja-se o art. *Farrobo*, vol. 3.º pag. 151, col. 1.ª e rectifique-se o que ali se lê com o que lá vamos exposto.

[2] V. *Tejo*, vol. 9.º pag. 525, col. 1.ª onde por lapso dissemos que este rio é hoje navegavel até Villa Velha de Rodam *sómente*.

Vão ainda hoje (1885) muitos barcos até *Alcantara*, povoação hespanhola, donde costumam conduzir para Lisboa grande quantidade de minerio, alem d'outros artigos.

corriam banhadas em lagrimas junto ao logar do sinistro, procurando no meio de espantosos gritos umas o marido, outras o pae, o irmão e os filhos, e pouco distantes, alguns dos naufragos, debatendo-se com as ondas!

Uma rapariga de 15 annos, dos arredores de Alemquer, teve a rara coragem de se agarrar ao mastro e de subir por elle á medida que o barco se ia afundando, esperando no topo que alguem a salvasse conjunctamente com tres ou quatro desgraçados que a ella se agarraram.

Ao vêr já perto a lancha, que foi em seu auxilio, não esperou que ella se aproximasse; lançou-se á agua e foi salva felizmente com aquelles que a acompanharam.»

—

Esta villa, como póde vér-se na gravura que o *Diario Illustrado* de 13 de junho de 1876 publicou, acompanhada de uma ligeira descripção, e como nós temos visto da linha ferrea muitas vezes, tem um aspecto senhoril e pittoresco, — bons largos, praças e ruas,—vistosos palacetes e formosos jardins.

Alem da *Praça*, que fórma o coração da villa, são dignos de especial menção os largos do *Conde de Ferreira*, do *Espirito Santo*, de *S. Sebastião*, do *Sapal* e do *Campo da Feira*.

As suas ruas principaes hoje são — *Direita*, *Ribeira*, *Alegrete*, *Corredoura*, *Nova*, *Ribeiro*, *de Baixo* e *das Pedras*.

Dos seus edificios mencionaremos apenas os seguintes:

Na Praça os paços do concelho e a cadeia, fundados em 1773 e conservando ainda em rente o vetusto pelourinho.

Nas *Cidades e Villas*... que teem *brasão d'armas*, — interessantissima publicação do meu bom amigo e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, não se encontra o brasão d'armas d'esta villa, nem no archivo da *Torre do Tombo*, mas, segundo lemos algures, o seu brasão é o dos condes de Pombeiro, antigos alcaides móres d'esta villa,— *em campo branco um leão rompente de ouro*.

— Na rua Direita o palacete que foi do morgado Baracho Saccotto Encerrabodes e que é hoje de Antonio Francisco de Jesus.

— Na rua de S. Francisco o grande edificio da Ordem Terceira do Carmo, que pertenceu aos abastados lavradores *Apparicios*.

—Na rua da Barroca o grande predio mandado edificar pelo *nobre* e rico *lavrador* Basilio Lopes da Guerra [1]. Pertence actualmente a Joaquim Ambrosio da Fonseca Esguelha.

— Na rua Nova o palacete que foi do capitão mór José Pereira de Sousa. É hoje da viuva Esguelha.

—Na rua da Ribeira o palacete onde actualmente se acham montados o tribunal judicial, a administração do concelho, a repartição de fazenda, etc.

Foi rezidencia do capitão de ordenanças José Carlos de Sousa e é hoje de Antonio Pereira Caldas.

—Na rua do Caes o palacio que foi da nobre familia Garcez Palha e que depois pertenceu a José Maria Pereira.

É hoje de Luiz Antonio de Sousa.

Em 1820 foi este palacio aposentadoria do supremo governo de Portugal, generaes, etc.

—No largo de S. Sebastião o palacio do barão de Villa Franca, hoje do seu neto Miguel José de Sousa.

N'este palacio residiu D. João VI emquanto esteve n'esta villa, no anno de 1823, por occasião da famosa *campanha da poeira* ou *Villafrancada*. [2]

---

[1] N'esta provincia da Extremadura, bem como na do Alemtejo e no Alto Douro, denominam-se *lavradores* os proprietarios, por vezes cavalheiros distinctissimos, fidalgos da primeira linhagem.

[2] Depois de abolir a constituição que jurara, regressou a Lisboa, no dia 5 de junho do mesmo anno. Foi tal o enthusiasmo dos absolutistas que alguns em Arroyos desprenderam os cavallos do coche real e *elles proprios o conduziram*. Celebrou-se depois *Te Deum* pelo restabelecimento dos *direitos inauferiveis* e houve grandes demonstrações de regosijo publico.

Mitigaram a sua dôr os liberaes d'aquelle tempo fazendo publicar na *Gazeta de Lisboa*, n.º 138 de 12 de junho do mesmo anno, o *annuncio* seguinte:

«Para o dia 25 do corrente mez se hão de arrematar em hasta publica *umas parelhas de bestas* que puxaram o carrinho d'el-rei, quando mudou de bestas em Arroyos.»

Preludios do drama que ensanguentou Portugal e terminou em *Evora-Monte*, no dia 27 d'abril de 1834.

Além d'estes edificios são ainda importantes — os hospitaes da Misericordia e da Caridade, a casa de Miguel Antonio de Sousa e Mello, na rua Direita,—a da viuva Pires, na rua do Caes,—a de Jeronymo José Monteiro, na Praça, — a de Antonio José Baeta, na rua do Alegrete — e o grande *Celeiro* da *Companhia das Lezirias*, onde costuma ter em deposito *um a dois milhões de litros de cereaes?!*

Tudo isto *sómente na villa*, não contando os palacetes disseminados pelo seu termo.

—

Esta villa, por estar em planicie, nunca foi murada ou fortificada.

Tambem não teve conventos. Apenas houve aqui um *hospicio de frades* (ignoramos de que ordem) na quinta assim denominada.

Pertence a Joaquim Ambrosio da Fonseca Esguelha e está bem conservado ainda.

Os templos d'esta villa são—a sua egreja parochial, feita pela Ordem Terceira de S. Francisco, em 1677,—a egreja da Mizericordia, pertencente á irmandade d'este titulo, —a do *Senhor Jezus dos Incuraveis*, pertencente á confraria do *Hospital da Caridade*, — a capella de S. Sebastião, pertencente ao municipio, — e os santuarios da *Ordem Terceira do Carmo* e da de *S. Francisco*.

Todes estes templos se acham limpos, bem tratados e bem conservados.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as da Semana Santa e da Quaresma e as das confrarias de Nossa Senhora da Purificação e Assumpção.

Ha tambem no termo d'esta parochia differentes capellas publicas e particulares. A *Chorographia Portugueza* menciona ao todo as seguintes:—Nossa Senhora dos Remedios, Santa Sophia, Santo Amaro, Senhora das Mercês, S. Sebastião e Senhora do Desterro.

—

Foram alcaides mores d'esta villa os condes de Pombeiro, pela casa de Bellas—e até 1834 tinha um juiz de fóra, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com os seus officiaes, 1 capitão mor, 1 inquiridor, 1 distribuidor, 1 contador, 1 alcaide e 3 escrivães do judicial e notas.

Tem uma feira annual, que dura 4 dias, principiando no 1.º domingo d'outubro. Em outros tempos foi *franca*, e tão privilegiada como as de Vizeu e de Trancoso. Data de tempos remotos, pois já Rodrigo Mendes da Silva a mencionou em 1675.

J. A. d'Almeida no seu *Diccionario abreviado* disse que havia aqui outra feira annual de tres dias, começando no 3.º domingo de maio,—e o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, copiando J. A. d'Almeida, disse o mesmo; creio porem que ambos se enganaram, porque os apontamentos que recebi do *proprio administrador d'este concelho*, a quem beijo as mãos agradecido, não mencionam tal feira.

Tem a villa estação telegrapho-postal;—diversas hospedarias muito decentes, sendo superior a todas a que se acha contigua á estação do caminho de ferro, pois tem sala com piano, bilhar e bons quartos;—uma *Associação fraternal de artistas Villafranquense;*—dois hospitaes, um da *Mizericordia*, outro da *Caridade*, e duas escolas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos. No anno ultimo estava prestes a crear-se (não sei se já se creou) outra escola official de ensino complementar,—e teve em 1876-1877 (não sabemos se tem ainda hoje) um *Collegio de instrucção primaria e secundaria* dirigido pelo rev. João Antonio Simões, em que se leccionava instrucção primaria, o curso completo de portuguez (3 annos) geographia, chronologia e historia, introducção aos tres reinos, chimica, physica, etc.

Ha tambem n'esta villa um club com dois bilhares,—dois theatros de pequenas dimensões, mas muito elegantes, em que os amadores e artistas costumam dar frequentes recitas,—e uma boa praça de touros, em que os afamados touros do *Riba-Tejo* ou da *borda d'agua*, que são de *raça pura*, costumam fazer *proesas* e o encanto dos amadores dos divertimentos tauromachicos.

Ahi vae uma amostrinha do panno — e bem recente:

—

Quando no dia 14 de setembro ultimo (1884) era conduzida para a praça d'esta villa uma manada de touros, tresmalhou-se

um—e seguindo direito ao pelourinho, alli varou com as pontas dois homens. Um d'elles, de 82 annos, morreu pouco depois — e outro ficou em misero estado!...

Digam os caturras o que muito bem quizerem,—não ha divertimento mais *innocente* nem mais *civilisador*; mas as touradas em Portugal nunca valeram um caracol. Touradas *brilhantes* são as de Sevilha e de Madrid, onde o sangue e as tripas dos touros, dos cavallos e por vezes tambem dos capinhas e cavalleiros, *enchem litteralmente as praças.*

Em outubro de 1880 assistimos nós em Madrid a uma, que nos deixou as *mais gratas recordações.*

Em menos de 3 horas foram *espatifados* 8 touros e 22 cavallos, ao som das ruidosas ovações de 19:000 espectadores [1],—homens, mulheres e creanças de todas a cathegorias, incluindo S. M. catholica o sr. D. Affonso, duas irmãs e varias damas e fidalgos da sua côrte [2].

Hurrah pela Hespanha!...

—

Esta freguezia no momento atravessa um periodo excepcional de *prosperidade*, porque, alem do negocio importante que sempre fez com Lisboa, cria muito gado bovino, suino e cavallar — e produz muita fructa, muita uva d'embarque, muito azeite e sobre tudo— *muitos cereaes* e *muito vinho*, encontrando venda facil e remuneradora para todas as suas producções.

Em todo o nosso paiz é hoje esta a freguezia que produz maior quantidade de cereaes.

Só a *Companhia das Lezirias* colhe annualmente cerca de *milhão e meio* de litros de trigo, milho, cevada e centeio, sendo para lamentar os destroços e prejuizos que as enchentes do Tejo causam nas suas afamadas Lezirias, alguns annos. Ainda em abril ultimo soffreu prejuizos avaliados em *oitenta contos* e não foram talvez menores os que soffreu com as inundações em dezembro de 1876, pois não ha memoria de maiores inundações ao sul do nosso paiz, tanto nas margens do Tejo, como nas do Guadiana.

É pois muito importante a producção cerealifera d'esta parochia, mas hoje é *muito mais importante* a sua producção vinicola.

—

Depois que o maldito phyloxera aniquilou os vinhedos do Alto Douro, que eram a a riqueza e orgulho de Portugal e que produziam o famoso *Port Wine*, inveja do mundo inteiro, [1] a nossa primeira região vinicola é *sem contestação* a provincia da Extremadura, na qual se comprehendem e occupam logar distincto *este concelho* e *esta parochia* de Villa Franca.

Exceptuando os seus terrenos alagadiços. hoje muito bem cultivados e aproveitados pela Companhia das Lezirias, todos os outros,—valles, encostas e montes,—estão litteralmente cobertos de luxuosos vinhedos que produzem milhares de pipas de vinho, sendo nos ultimos annos quasi todo comprado *a bom preço* pela França, para supprir com elle a falta dos vinhos proprios, depois que o phylloxera invadiu e destroçou grande parte dos seus vinhedos,—em quanto que, por fortuna, até hoje (1885) tem poupado os nossos vinhedos da Beira, Bairrada, Estremadura, Alemtejo e Algarve,—embora achem-se infelizmente já todos *manchados* e *ameaçados* pela mesma epidemia!...

Nunca a provincia da Estremadura produziu *tanto vinho* nem o vendeu *tão facilmente* e apurou *tanto dinheiro* como na actualidade!

Tem muitos proprietarios que colhem uma a duas mil pipas por anno—e um no concelho de Obidos, o sr. Francisco Romeiro da Fonseca, da aldeia do Sanguinhal,—que é

---

[1] É de 19:000 logares a lotação da grande praça de touros—e estava *litteralmente cheia.*

Nunca vi espectaculo tão estupido, tão barbaro, tão sangrento e revoltante.

Uma vez a Cascaes, — uma vez e não mais!...

[2] Já estivemos em Badajoz tambem, na ante-vespera d'uma *grande tourada* e da *execução de dois salteadores*, achando se a forca já erguida *no mesmo campo da praça de touros* e a *pequena distancia d'ella?!...*

[1] V. *Villa Flor* de Traz-os Montes, *Villarinho de Cottas*—e *Villa Formosa.*

hoje absolutamente o *maior colheiteiro de vinho em Portugal—e talvez na peninsula!...*

Colhe *seis a sete mil pipas* por anno *em propriedades suas* e costuma comprar para negocio *nove a dez mil* e por vezes *mais ainda!?...* [1]

—

Tem esta freguezia grandes montes sendo o maior denominado *Monte Gordo*, encimado por 3 moinhos de vento. Ha n'elle grandes cavernas, muito dignas de serem visitadas, e do seu cume se gosa um panorama encantador, largo horisonte e vistas esplendidas sobre o Tejo, arredores de Villa Franca, Povos, Cachoeiras, Alhandra, etc.

No alto d'este monte, antes da invenção dos telegraphos electricos, esteve uma estação telegraphica do systema antigo (madeira), que foi incendiada em 1837 pelas forças do general, depois marechal e duque de Saldanha.

Ha n'esta freguezia uma *fabrica de cintas* que produz grande quantidade d'estes artigos, muito usados na Extremadura, nomeadamente no *Riba-Tejo*,—e uma outra de moagem a vapor, cujas machinas estão paradas, ha muito.

Banham esta freguezia o Tejo e o ribeiro de *Barbas de Bode*, que tem tres pequenas pontes.

—

Em 1807, mandando a camara concertar a estrada publica d'esta villa para a povoação de *A dos Bispos*, ao cortar-se um comoro no sitio denominado a *Torre*, encontrou-se um vaso de barro, tapado com um tijolo. Os trabalhadores partiram-n'o para verem o que continha e para que não ficasse com elle um só. No mesmo momento se espalharam pelo chão muitas moedas romanas, de differentes epochas, pertencendo a maioria baixo imperio.

No mesmo vaso se encontrou tambem um annel d'ouro com um camafeu, tendo gravado um corço fugindo a um cão. Era quadrilongo, medindo de comprimento uma polegada e de largura 8 linhas.

O rev. Luiz Duarte Villela foi o primeiro que observou as medalhas;—escolheu as mais antigas—e comprou por 1$200 réis o annel ao trabalhador que o possuia.

O mesmo Villela examinou e classificou as dictas moedas e escreveu sobre o assumpto uma *Memoria* que enviou á Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo que esta o premiou com uma medalha especial.

Offereceu o annel ao distincto archeologo D. fr. Manuel do Senaculo, arcebispo d'Evora. *Revista Universal Lisbonense*, tomo 4.º n.º 15, pag. 175 a 177.

Junto da capella de S. Sebastião, na extremidade d'esta villa e sobre a estrada real, se vê uma lapide tambem bastante antiga.

Pertence ao reinado de D. Sebastião (1557-1578).

—

Esta formosa villa não é muito saudavel por estar em planicie baixa, poucos metros superior ao nivel do Tejo e em intimo contacto com as grandes Lezirias, que, apezar da sua belleza e riqueza, são pantanosas.

São triviaes aqui no verão as febres intermittentes—e, desde abril até agosto de 1833, foi esta villa cruelmente açoutada pelo cholera, fazendo grande numero de victimas; comtudo não rareiam entre os seus habitantes pessoas de longa edade. Ainda em setembro de 1883, por exemplo, aqui falleceu Florinda Rosa, contando a bagatella de 104 annos!...

—

Quem hoje defrontar com esta villa, tão alegre e tão risonha, contemplando descuidosa os encantos e a magestade do Tejo e dos seus vastos jardins das Lezirias, saudada a todo o instante pelos *hurrahs* do progresso, o silvo das locomotoras, e por milhares de viajantes e forasteiros, mal imagina o que ella tem soffrido!

Sem remontarmos aos tempos em que as guerras a converteram em *xira* ou monte inculto, ainda na primeira metade d'este se

---

[1] A pipa é de 27 almudes ou 486 litros.

O grande proprietario e negociante Francisco Romeiro da Fonseca mora na aldeia do Sanguinhal, freguezia do Senhor Jesus (outr'ora de S. Pedro) do Carvalhal, concelho d'Obidos, onde tem varias quintas, bem como nos concelhos da Lourinhã, Caldas da Rainha, Cadaval e Torres Vedras.

culo passou duras privações e foi cruelmente flagellada pela *peste, fome* e *guerra*, que dizimaram a sua população e, se a Deus não prouvera dar-nos a paz octaviana que felizmente gosamos desde 1848, esta gentil flor da *Borda d'agua*, princesa do *Riba-Tejo*, volveria a ser a *xira* d'outras eras,—silvado, brenha, monte inculto.

Soffreu muito,—roubos, incendios, depredações, violações e mortes—com as tres invasões francezas, nomeadamente com a ultima, por estar em contacto com Lisboa e com as *linhas de Torres Vedras* [1]—e por ser atravessada pela *primeira estrada militar* do nosso paiz, o que n'aquelles tempos era *uma verdadeira praga*!...

Soffreu tambem muito com as guerras civis posteriores até 1847 e em 1833 com o flagello do cholera.

Felizmente, desde o principio da 2.ª metade d'este seculo volveu á vida com a paz e liberdade que temos gosado e com os assombrosos progressos que n'aquella data se iniciaram entre nós e que fizeram de Portugal um *jardim á beira-mar plantado*, sendo esta formosa villa uma das suas mais mimosas flores [2].

—

Comprehende este concelho as 9 freguezias seguintes: — Alhandra, Alverca, Cachoeiras, Calhandriz, Castanheira, Povoa de Santa Iria, Povos, S. João dos Montes e *Villa Franca de Xira* com a população total de 3:178 fogos e 13:003 habitantes—segundo o ultimo censo, de 1878, mas a sua população tem augmentado consideravelmente.

Superficie, em hectares..... 19:481
Predios inscriptos na matriz..... 6:402

—

Com rasão se orgulha esta formosa villa de haver em todos os tempos produzido muitas *pessoas notaveis* pelas armas, virtudes e lettras.

---

[1] V. vol. 9.º pag 651, col. 1.ª e seg.

[2] Para se avaliar a sua riqueza, note-se que hoje o seu rendimento collectavel se approxima de 170.000$000 de réis!?...

Podiamos e *bem desejavamos dar aqui* uma extensa lista d'essas pessoas, desde o grande D. Affonso d'Albuquerque, famoso vice-rei da India, até o nobre marechal de campo, actualmente provedor e director do *Asylo dos Invalidos de Runa*; mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores *e dos editores*, no *supplemento* daremos essa tão longa como interessante lista.

VILLA FRESCA D'AZEITÃO — freguezia do concelho e comarca de Setubal, districto e diocese de Lisboa na provincia da Extremadura.

Orago S. Simão,—fogos 286,—habitantes 1:076, pelo ultimo recenseamento.

Priorado.

—

Temos em nosso poder interessantissimos apontamentos, muito generosamente fornecidos pelo sr. Antonio Maria de Oliveira Parreira, que nos habilitavam para darmos, como era intenção nossa, um *longo e variado artigo* com relação a esta parochia e outro com relação á de *Villa Nogueira*, sua limitrophe, tão cheias de palacios e de recordações historicas; *somos*, porem, *forçados a aligeirar e resumir*, para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume, e por isso reservamos aquelles *dois artigos* para o *supplemento*, pedindo desculpa aos leitores e ao sr. Antonio Maria de Oliveira Parreira, a quem mais uma vez beijamos as mãos agradecido pela sua relevante finesa.

Entretanto remettemos os leitores para o art. Azeitão, onde, embora *muito superficialmente*, já se fallou d'esta parochia.

V. *Azeitão* ou *Villa Fresca d'Azeitão*. vol. 1.º pag. 289, n'este diccionario—e *Azeitão* no *Diccionario Universal Portuguez*, onde se encontra um excellente artigo, devido á mesma penna do meu illustrado informador.

VILLA FRESCAINHA (orago S. Martinho) — freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 105—almas 442.

Em 1706 contava apenas 42 fogos—e 62 annos depois, ou em 1768, contava 51 fogos, —era vicariato da apresentação do D. prior

da collegiada de Barcellos—e rendia para o vigario 40$000 réis.

Comprehende esta freguezia os logares ou aldeias seguintes:—Capucha, Egreja, Ordem, Outeiral, Adão, Areial, Peneda, Queimado, Carregal, Villa Meã, Bouça da Ponte, Barral, Gestido, Casal de Nique (ou Nil) Nique de Baixo, Senra, Paço Velho (parte) Bemfeito, Peneda—e as quintas de Nique, pertencente a Candido Augusto de Moraes Campello,—Paço Velho e Mattos, de Manuel José Gomes Graça,—e *Berneque* (ou *Wernek*) dos Mendanhas.

Freguezias limitrophes—Barcellos a leste, —Mariz a oeste,—Santa Maria do Abbade de Neiva ao norte,—e S. Pedro de Villa Frescainha e o rio Cavado, ao sul.

—

Está na margem direita do Cavado, do qual dista meio kilometro,—2 de Barcellos e da estação de Barcellos, no caminho de ferro do Minho,—16 de Braga pela estrada a macadam e 28 pela linha ferrea,—52 do Porto—e 389 de Lisboa.

Passa n'esta freguezia uma estrada a macadam de Barcellos para Esposende.

Alem da egreja matriz, que é um templo regular, tem hoje as capellas seguintes—Santo André,—Senhora da Oliveira em Casal de Nique ou Nil, e S. João Baptista, em Paço Velho, todas publicas e abertas ao culto, mas sem coisa alguma notavel.

Tem dous edificios brasonados—um em Casal de Nil, que foi de Ayres Mendanha, —e outro em Paço Velho, que foi d'um capitão mor de Barcellos.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce em Villar do Monte,—passa na aldeia de Casal de Nil—e desagua na margem direita do Cavado.

Tem moinhos para moer cereaes e um engenho de serrar madeira.

Producções dominantes—cereaes e vinho verde *rascante* ou *de enforcado*.

Comprehende esta freguezia parte do monte da *Peneda*, que é muito penhascoso.

VILLA FRESCAINHA (orago S. Pedro Apostolo)—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 72,—almas 295.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do reitor de S. Salvador do Banho,—contava 30 fogos—e rendia apenas 25$000 réis, —em 1768 era vigairaria da mesma apresentação,—contava 58 fogos—e rendia para o vigario 50$000 réis.

Comprehende as aldeias seguintes:—Paço Velho (parte; a outra parte é da parochia de S. Martinho de Villa Frescainha)—Monte, Gestido, Egreja, Agueda—e as quintas de *Paço Velho* (parte) de Manuel José Gomes Graça—e *Agueda*, de D. Emilia de Sá Vianna Barbosa de Faria.

—

Está na margem direita do Cavado, do qual dista para o norte meio kilometro,—5 de Barcellos,—20 de Braga pela estrada a macadam e 31 pela linha ferrea do Minho, —55 do Porto—e 392 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—S. Martinho de Villa Frescainha e Santo Emilião de Mariz.

—

Atravessa esta parochia a estrada a macadam de Barcellos para Espozende—e passa a leste a linha ferrea do Minho, distando esta freguezia 6 kilometros da estação mais proxima (Barcellos).

Templos—a egreja matriz—e a capella da *Torre* em estado lastimoso, na aldeia de Paço Velho. Foi edificada em 1735 por Antonio José Barbosa de Faria e D. Maria Rosa Leite.

N'este mesmo logar existiu a egreja de S. Simão, de que hoje apenas restam vestigios.

Esta parochia é banhada ao sul pelo rio Cavado, onde tem uma pesqueira ou açude, pertencente a João José Gomes de Faria.

Este e outros açudes e pesqueiras circumscreveram muito a navegação do Cavado, que outr'ora foi navegavel desde a sua foz até á villa de Barcellos.

Comprehende esta freguezia parte do *Monte Alto*, em cujo cimo tem uma pyramide geodesica.

O *Flaviense* deu como orago a esta freguezia *S. Salvador*.

Foi lapso, porque os apontamentos que recebi, bem como todas as chorographias e publicações officiaes, dizem que o seu orago é (e foi sempre) *S. Pedro*.

Tambem estranhamos que J. A. d'Almeida no seu *Diccionario Abbreviado* não fizesse menção d'esta parochia nem da de *S. Martinho de Villa Frescainha*, sendo parochias independentes e autonomas e como taes mencionadas em todas as outras chorographias e publicações officiaes.

Producções dominantes—milho, trigo, centeio, batatas e vinho verde.

VILLA FRIA—orago Santa Maria,—parochia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Até setembro de 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga.

Abbadia. Fogos 130,—almas 652.

Em 1706 pertencia ao concelho e á grande comarca de Guimarães,—era abbadia do padroado real,—tinha 80 fogos—e rendia para o parocho 200$000 réis;—em 1768 era abbadia da mesma apresentação,—contava 133 fogos—e rendia 400$000 réis;—pelo ultimo censo (1878) contava 122 fogos e 465 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Fria*, séde da parochia,—Rua, Sá, Assento, Arco, Bouça, Boucinhas, Tathoz, Telhado, Devesa, Barroco, Eiró, Eiriz, Rapozeira, Souto e Boa Vista;—os casaes de Lampada, Vinha e Bairrinho—e as quintas e habitações isoladas de Portas, Quintã e Outeiro.

Freguezias limitrophes — S. Jorge de Vizella, Penacova, Lagares, Pombeiro de Riba-Vizella, Santa Maria de Gemeos e S. Lourenço de Calvos, pertencendo estas ultimas duas freguezias ao concelho de Guimarães —e todas as outras ao de Felgueiras.

—

Está na margem esquerda do rio Vizella do qual dista 1 kilometro,—6 de Margaride, séde do concelho e da comarca, para N. O. —6 da estação das Caldas de Vizella, no caminho de ferro de Guimarães á Trofa,—54 do Porto—e 391 de Lisboa.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz que só tem de notavel o ser muito antiga e estar muito arruinada com o peso dos seculos—e a uma capella particular, pertencente á *Casa das Portas*.

Não tem festas nem romarias—nem escola alguma, mesmo de instrucção primaria elementar!...

Banha esta freguezia o rio Vizella, que tem aqui uma solida ponte e alguns moinhos.

Producções dominantes — milho, feijões, batatas, centeio e vinho de enforcado, muito verde ou *muito rascante*.

O *Port. S. e Prof.* deu como orago a esta parochia *Nossa Senhora da Assumpção*.

VILLA FRIA — orago S. Martinho Bispo, —parochia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga na provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 130,— habitantes 517.

Em 1706 contava 80 fogos,—era vigairaria do convento de S. Romão de Neiva,—rendia para o convento 90$000 rs. e 40$000 réis para o vigario — e pertencia ao concelho de Espozende, comarca de Barcellos.

Em 1768 contava 115 fogos, — era vigairaria da mesma aprezentação do convento benedictino de S. João de Neiva — e rendia para o vigario 50$000 réis.

O censo de 1878 deu-lhe 121 fogos e 600 (?) *habitantes*.

Alem da povoação de Villa Fria, séde da parochia, comprehende as de Sabariz, Souto, Ribeiro, Coutos, Cabase (ou Cabaje) Bouça — Cova, Junqueiro, Monte Froi — e duas quintas historicas e muito notaveis — *Paço* e *Sabariz*.

Parochias limitrophes — Mazarefes e Darque, ao norte,—Anha e S. Romão de Neiva, ao poente, — Alvarães, ao sul, — e Villa de Punhe, a leste.

—

Passa n'esta freguezia a linha ferrea do Minho, sendo a sua estação mais proxima a de Darque, da qual dista 2 kilometros, — 6 de Vianna do Castello, — 55 de Valença do Minho e de Braga,— 79 do Porto — e 416 de Lisboa.

Tambem passa ao norte d'esta freguezia a estrada districtal n.º 4. Dentro d'esta parochia cruza com a linha ferrea do Minho, que a acompanha em plano inferior com uma grande trincheira.

O terreno d'esta parochia é plano, mas

muito humido e frio. As suas producções dominantes são milho e vinho *muito verde*, colhido em videiras suspensas em arvores e em *bardos* e *ramadas de esteira*, formando *talhões* atravez dos campos, o que não é trivial no Minho.

—

Na interessante *Noticia Biographica das cidades, villas e casas illustres do Minho*, publicada em 1873 pelo rev.º dr. Antonio Lopes de Figueiredo, illustrado conego de Braga, se lê a pag. 138, com relação á quinta do Paço, d'esta parochia, o seguinte: «*Paço de Villa Fria.* Esta casa é a principal da familia Alpoim, cuja nobresa é conhecida n'este reino desde a conquista de Santarem por el-rei D. Affonso Henriques, onde muito se distinguiu o fundador d'esta notavel geração. São os Alpoins d'esta casa senhores da de *Merece*, solar dos Regos, em S. Pedro de Calvello, no concelho de *Penella* (sic).»

Isto não é absolutamente exacto, como provaremos no artigo *Villa de Punhe*, onde havemos de fallar da nobre familia *Alpoim;* entretanto diremos que n'esta quinta do *Paço*, solar dos Alpoins, se estabeleceu no principio do seculo XVI João Martins d'Alpoim, natural da villa d'Atalaia e que em 1545 foi em soccorro de Tanger.

O seu actual proprietario é o sr. Jeronymo d'Alpoim da Silva Menezes, 7.º neto d'aquelle heróe.

A quinta de *Sabariz*, hoje da familia Ferraz Gouveia, de Barcellos, foi tambem primitivamente dos Alpoins, e n'ella (segundo consta) esteve escondido D. Antonio, prior do Crato, antes de embarcar para França, depois de se haver acclamado rei e de ser derrotado pelas tropas de Philippe II, de Hespanha, o *Diabo do Meio Dia.*

D. Antonio era filho do infante D. Luiz, duque de Beja, e da formosa *Pelicana.*

Veja-se o artigo *Crato*, vol. 2.º, pag. 442, col. 1.ª e seg.

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, meu illustrado amigo e benemerito cyreneu, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

VILLA FRIA — quinta muito antiga, outr'ora pertencente aos religiosos agostinhos do convento da Graça, d'Evora, e que elles haviam emprasado em 1716.

Demorava a S. E. (margem esquerda) da ribeira Xarrama, uma das nascentes do Sado, distando d'ella cerca de 4 kilometros, nos arrabaldes de Evora.

Houve na mencionada quinta uma capella de Nossa Senhora da Esperança, tão antiga que em 1716 já não havia memoria da sua fundação!

A dita capella era pequena; tinha cerca de 6 metros de comprimento e 3 de largura, — tecto d'abobada e capella-mór com o formato de meia laranja. A imagem da Senhora era de roca e muito linda, com cerca de 5 palmos d'altura;—estava em um nicho, tendo á direita a imagem de Santo Agostinho — e á esquerda a de S. Nicolau Tolentino. Era pomposamente festejada todos os annos pelos frades do convento da Graça, em um dos domingos entre a Paschoa da Ressurreição e a de Pentecostes, com assistencia da communidade, que ali tinha permanentemente um religioso para receber as oblatas e velar pela decencia do culto.

Celebravam-se na dita capella outras muitas festividades em cumprimento de votos dos fieis—e missa nos domingos e dias santos pelos religiosos agostinhos.

VILLA GARCIA — antigo concelho da comarca de Vianna da Foz do Lima e do termo da villa de Pico de Regalados, na provincia do Minho.

Este concelho distava cerca de 30 kilometros de Braga, para o norte, e em 1706, segundo diz Carvalho, comprehendia as parochias do *Espirito Santo de Villa Garcia* (ou de *Bruffe*) annexa á da *Carvalheira*,—*Santa Maria de Moz*, — *S. Mamede de Gondiães*, —*S. Claudio de Geme* — e *S. Thomé de Lanhes.*

Tambem comprehendeu as 4 aldeias ou povoações seguintes— *Cotello*, *Cabenco*, *Logarinhos* e *Gil Barbedo* ou *Gilbarbedo*, pertencentes á freguezia de *Cibões.*

Na aldeia de *Cabenco* ou *Cacunco* (segundo se lê na Chorographia Portugueza) pagava cada morador dous alqueires de pão e uma gallinha á casa de Gil Barbedo, *onde estava*

o foral [1], casa que deu origem à povoação d'este nome e que foi vivenda e solar dos fidalgos d'este appellido. Passou depois esta casa para os Abreus, senhores de Pico de Regalados; mas por morte de Leonel d'Abreu coube ao seu filho Lopo Gomes d'Abreu, cuja filha e herdeira, D. Maria d'Abreu e Noronha, a vendeu a Luiz de Sousa e Silva, seu sobrinho, então morador nas *Goladas*, em Braga.

—

Até 1835 teve este concelho juiz ordinario e camara propria com 2 vereadores, procurador, meirinho, carcereiro, e quadrilheiro,—e vinha escrever aqui, por distribuição annual, um escrivão de Pico de Regalados, a cujo termo pertencia.

O juiz era nomeado por seis homens — e estes pelo povo.

Ainda hoje (1885) vivem alguns individuos que exerceram aquelle cargo, — e dizem elles que eram juizes do *crime*, *civel* e *orfãos*.

Um d'aquelles antigos juizes é Antonio Affonso, do logar de Bruffe, que mal sabe escrever o seu nome.

N'aquelles tempos as cousas corriam *assim*, — e talvez melhor do que nos nossos dias?!...

Foi este concelho extincto em 1835, passando então para o julgado da primeira instancia (comarca) de Pico de Regalados. Pela divisão judicial, feita em virtude do decreto de 28 de dezembro de 1840—e pela divisão administrativa, feita por decreto de 18 de março de 1842, ficou pertencendo ao concelho e julgado de Terras de Bouro, comarca do Pico de Regalados; — actualmente é do mesmo concelho de Terras de Bouro, mas da comarca de Villa Verde.

—

A séde d'este concelho extincto era (como diz Carvalho) na aldeia de *Gilbarbedo*. Ali se conservam ainda as casas da camara, do tribunal e da cadeia. Foram vendidas; são hoje de João Ferreiro — e estão bem tratadas e bem conservadas.

—

No artigo *Bruffe* dissemos que esta parochia esteve muitos annos annexa á de *Villa Garcia*.

Foi lapso.

Esteve annexada—e somente um anno—à de *Cibões*.

Comprehende apenas duas aldeias—*Bruffe* e *Cortinhas*, com o total de 22 fogos e 126 habitantes,—61 do sexo masculino—e 165 do sexo feminino.

A egreja matriz de *Bruffe* está isolada das duas povoações e a meio d'ellas, distando cerca de 2 kilometros tanto de uma como da outra.

Foi reconstruida nos annos de 1881 a 1882 por iniciativa e esforços do seu digno parocho (encommendado) actual, filho da mesma parochia,—o melhor caçador d'estes sitios,—P.e Antonio José Francisco.

Deu o estado 300$000 réis para ajuda das obras — e o cofre da bullas da Santa Cruzada 30$000 réis.

A tradição local diz que antigamente o orago d'esta parochia de *Bruffe* era S. Silvestre e que o parocho da freguezia da *Carvalheira*, a pedido do povo, o substituira pelo *Divino Espirito Santo*, cuja imagem se venerava em uma capella da mesma invocação no logar de *Freitas*, da parochia de *Covide*, havendo pomposa festa no dia da trasladação.

—

N'esta freguezia de *Bruffe* não ha capella alguma — e a povoação d'este nome conta apenas sete fogos, quatro dos quaes possuem e apascentam na serra *Amarella* mais de 500 cabeças de cabras, sendo muitas devoradas todos os annos pelos lobos, que no inverno abundam por estes sitios,—bem como raposas, teixugos e tourões, fazendo estes ultimos grande damno nas colmeias, pois gostam muito de mel.

No cume da serra *Amarella* ha um fojo para caçar os lobos.

Faz se a montaria em todos os sabbados da quaresma, sendo obrigados a concorrer os povos das freguezias de Lindoso Ermi-

---

[1] Franklim não menciona este foral, mas apenas um dado a *Villa Garcia*, no termo de Celorico de Basto.

da, Cibões, Germil e Bruffe, bem como os habitantes de *Loure*, povoação da freguezia de Entre Ambos os Rios, e os de *Villarinho da Furna*, aldeia da freguezia de S. João do Campo.

—

Ainda nos principios do seculo actual os habitantes d'esta freguezia de Bruffe trajavam d'um modo exotico. Os homens vestiam calção, colete, casacão e barrete, tudo de burel; as mulheres por seu turno cortavam das teias do mesmo burel vara e meia de pano, que enroscavam na cintura, prendendo-o apenas com um botão do mesmo pano ou de sola no cimo da abertura—e assim caminhavam por toda a parte!...

Tambem por aquelle tempo não havia n'esta parochia estrada alguma para carros, —*nem boa nem má*! Todos os carretos eram, como nos sertões da Africa, feitos ás costas dos seus habitantes.

—

Um pouco a montante de *Pontido* ou *Rio Secco* (vol. 2.º pag. 298, col. 1.ª) sae do rio *Homem* uma levada d'agua para o logar da *Infesta*, da freguezia da *Carvalheira*, formando a dicta levada ou açude um outro *Pontido* mais pequeno, mas que tristemente foi assignalado pelos dois factos seguintes:

No dia 25 de julho de 1883 José Fortunato Martins, viuvo, *de 87 annos de idade*, lavrador natural da povoação de Ervideiros, freguezia da Carvalheira e ali residente, suicidou-se, afogando-se no dicto orco ou buraco;—e no dia 14 de outubro do mesmo anno fez o mesmo outro infeliz velho da mesma povoação, tambem viuvo e lavrador, —João Antonio Corrêa, *de 77 annos de idade!*...

É tal o sorvedouro que não mais appareceram os cadaveres d'aquelles dois infelizes.

V. *Bruffe*, vol. 1.º pag. 497, col. 2.ª—*Carvalheira*, vol. 2.º pag. 135, col. 2.ª—*Cibões* no mesmo vol. pag. 298, col. 1.ª—*Geme*, vol. 3.º pag. 264, col. 2.ª—e *Gondiães*, no mesmo vol. pag. 303, col. 1.ª *in fine*.

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. João dos Santos Moura, digno abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA GARCIA — freguezia do concelho e comarca d'Amarante, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria. Orago o Salvador,—fogos 80,—almas 328.

Em 1706 contava apenas 32 fogos e era vigairaria annexa ao prestimonio ou commenda da freguezia de Santa Maria d'Alvarenga, em Lousada,—e em 1768 era da apresentação do reitor d'Alvarenga,—contava 98 fogos—e rendia para o seu vigario apenas 12:000 réis, além do pé d'altar.

Comprehende as aldeias de *Villa Garcia*, séde da parochia, *Massa Corte*, *Roussadas*, ou *Roçadas*, Taleigos, Herdade, Fundego, Tapada, Raposeira, *Crasto*, Rebolão, Presa Soutello, Ferreiro, *Cobrada* ou *Quebrada*, Estres, Alambique, Valles, Barral, Carreira e Bouças.

Freguezias limitrophes — Gatão, Aboim, Chapa e Tellões.

O logar do *Assento de Villa Garcia* dista d'Amarante 5 kilometros para o norte,—20 da estação de Villa Mean, na linha ferrea do Douro,—71 do Porto (pela linha ferrea)—e 408 de Lisboa.

—

Pertenceu antigamente ao concelho de Celorico de Basto, da grande comarca de Guimarães, e ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Corta esta freguezia a estrada districtal a macadam de Amarante para Freixieiro, capital do concelho de Celorico de Basto, mas até hoje apenas tem concluidos 9 kilometros ou a parte que toca ao districto do Porto.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, muito pobre e muito simples,—e á pequena capella de Santo Amaro, que tem festa annual em janeiro.

No monte do *Crasto* d'esta freguezia houve um *castro romano* de que apenas restam vestigios nas largas escavações feitas pelo povo para aproveitar e empregar em outras obras a pedra dos alicerces.

Tambem se teem encontrado ali muitas moedas romanas.

Demora esta freguezia na margem direita

do Tamega, do qual dista 3 kilometros e é banhada a N. O. pelo rio ou ribeiro de Santo *Anatario* (?...) que desagua no Tamega.

«*Sobre este rio* (dizem textualmente os méus apontamentos) ha uma ponte que liga esta freguezia com a de S. Pedro d'Aboim. É grande, de um só arco e de granito—e parece ser do tempo de D. João III, pelos restos de um escudo que se vê no meio da ponte.»

Ha *n'este rio* (julgo que os apontamentos se referem ao tal rio de *Santo Anatario*, confluente do Tamega) 16 rodas de moinhos para cereaes e alguns engenhos para *descascar* linho no tempo proprio, na circumscripção d'esta freguezia.

Producções dominantes — vinho, cereaes, fructa e linho.

Note-se que o vinho é verde, mas não *rascante*. É vinho de pasto *delicioso*, do melhor entre os afamados vinhos de meza *de Amarante e Basto*,—vinhos que constituem uma especialidade distincta entre todos os do nosso paiz, muito estimados e muito procurados no Porto e fóra do Porto.

A fructa d'esta freguezia é tambem deliciosa, nomeadamente *os pecegos*, variadissimos e saborosissimos, muito estimados e muito bem pagos no Porto como *pecegos d'Amarante*. Ali os temos visto vender a 100 réis cada um?!...

São os melhores de todo o nosso paiz.

—

Ha n'esta freguezia duas casas muito importantes e que absorvem a maior parte das propriedades d'ella,—são a *Casa da Egreja*, solar dos viscondes de Villa Garcia, alliados com os representantes do visconde de Montalegre,—e a *Casa das Roçadas*, que foi do dr. Joaquim Augusto Rodrigues Coimbra, hoje dos seus herdeiros.

Foi 1.º visconde de Villa Garcia José Vaz Pereira Pinto Guedes, irmão do 2.º visconde de Montalegre, Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, filhos segundos da *Casa do Arco*, de Villa Real.

O 1.º visconde de Villa Garcia teve um filho, seu herdeiro o successor, Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes que, sendo capitão de cavallaria, foi morto na acção de *Santa Barbara*[1] em 1823.

Succedeu-lhe sua filha unica e herdeira, D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto, que ficou senhora da casa de Villa Garcia e da de Rio de Moinhos, no concelho de Lousada.

Casou com seu primo Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar, filho e herdeiro do 2.º visconde de Montalegre, senhor da Casa de *Villar d'Ossos*, em Vinhaes,—e d'este casamento houveram 17 filhos, entre elles os seguintes:—*Luiz Vaz*, 2.º visconde de Villa Garcia, casou com uma filha de José Maria Pereira de Vasconcellos, da casa de *Val Melhorado*, no concelho de Felgueiras;—*Manuel Pinto* casou com uma filha de Sebastião Manuel de Sampaio, visconde da *Bouça*, freguezia d'este nome no concelho de Mirandella, onde rezide, sendo visconde do mesmo titulo;

—*D. Ignez Candida* casou com Manuel de Mello Vaz de Sampaio, da freguezia da Espinhosa, junto de Trovões, na Beira Alta, e vivem hoje na casa de *Villar d'Ossos*, antigo solar dos viscondes de Montalegre, no concelho de Vinhaes.

Esta parochia de *Villa Garcia* teve foral dado por D. Manuel, a 29 de março de 1520. É o mesmo dado ao concelho de *Celorico de Basto*, de que já se fez menção no 2.º vol. pag. 233, col. 1.ª—*Vide*.

VILLA GARCIA — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda na provincia da Beira Baixa.

Orago — S. Thiago,—fogos 122, — almas 470.

Priorado.

Em 1708 contava 100 fogos e era da apresentação dos Saraivas, da cidade da Guarda.

Em 1768 ainda era da apresentação da mesma familia Saraivas,—rendia 100$000 réis—e contava 88 fogos.

Comprehende as aldeias de Cume, Cairão, e Carapito,—os casaes de João Saraiva e de José de Pina, de Lobão,—e as quintas de

---

[1] V. *Santa Barbara*, vol. 8.º pag. 403, col. 1.ª e 405, col. 1.ª tambem.

Villa Garcia, Ordonho, Naves e Carapito da Legoa.

A egreja parochial esteve na quinta de Villa Garcia, segundo se lê no *Diccionario Geographico* manuscripto, existente na secretaria do Reino.

Freguezias limitrophes—Guarda, Panoias, Arrifana e Casal da Cinza.

O logar de Cume, séde actual d'esta parochia (segundo supponho, pois não recebi apontamentos para a descripção d'ella) está em planicie, na margem esquerda da ribeira de Noeime, confluente do Côa, da qual dista muito pouco—e da Guarda 7 kilometros para E. S. E.

Passa a pequena distancia d'esta freguezia a linha ferreá da Beira Alta.

As suas estações mais proximas são a da Guarda e a de Villa Fernando.

—

Em cumprimento d'antigos votos foram muitos annos os habitantes d'esta freguezia em romagem á capella de *Nossa Senhora das Azenhas* junto da villa e praça de Monsanto, distante d'esta parochia de Villa Garcia cerca de 70 kilometros para S. S. E.?!...

Suppõe-se que fizeram aquelle voto á *Senhora das Azenhas* para se verem livres d'uma medonha praga de gafanhotos que infestava os campos e destruia as searas.

O dia da romagem era o 3.º domingo de maio e por essa occasião davam aos pobres um grande bôdo.

Veja-se o artigo *Monsanto*, (villa da Beira Baixa)—vol. 5.º pag. 416, col. 2.ª *in fine*—e pag. 417, col. 1.ª

—

Foi 10.º e ultimo senhor do padroado d'esta freguezia o barão de *Ruivoz*, Francisco Saraiva da Costa Refoyos, marechal de campo, etc.

V. *Ruivós* ou *Ruivoz*, freguezia da Beira Baixa, vol. 8.º pag. 260, col. 1.ª e seg.

VILLA GARCIA E FREIXIAL—freguezia do concelho e comarca de Trancoso, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.—Curato.

É orago de Villa Garcia Nossa Senhora dos Prazeres,—fogos (d'este curato sómente) 90,—habitantes 315.

Em 1708 contava 64 fogos e era curato annexo á reitoria de S. João Baptista *intra-muros* da villa de Trancoso. Estava no termo d'esta villa, mas pertencia á comarca de Pinhel e ao bispado de Vizeu, do qual passou para o de Pinhel e d'este para o da Guarda em 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Em 1768 era ainda do bispado de Vizeu e da apresentação do reitor de S. João Baptista de Trancoso,—rendia 25$000 réis—e contava 72 fogos.

Esta parochia era formada por uma povoação unica (hoje comprehende tambem a do Freixial, sua annexa)—está na margem esquerda da ribeira de Massueime, confluente do Côa, da qual dista 2 kilometros para oeste,—e 12 de Trancoso para E. N. E.

—

A egreja parochial é um templo pequeno muito antigo, mas bem tractado e bem conservado.

Cerca de 200 metrós a O. está a capella de Santa Barbara, tambem muito bem tractada e muito querida dos devotos, que lhe fazem todos os annos uma festa no 3.º domingo de dezembro.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella de Nossa Senhora das Necessidades, pertencente a João Diogo de Andrade, hoje o primeiro proprietario d'esta parochia.

Na matriz ha uma importante irmandade das Almas, instituida em 1694, com prévia auctorisação do rev. Manuel Cardoso Monteiro, reitor de S. João *intra-muros* de Trancoso, por ser esta parochia da sua apresentação.

Foi confirmada a dicta irmandade em 1751 pelo dr. Caetano Velloso de Figueiredo Abranches, desembargador d'el-rei,—e ainda hoje conta mais de 500 irmãos!...

—

Freixial é hoje uma pequena, pobre e triste aldeia de 40 fogos e 130 almas, annexa a Villa Garcia e distante d'ella pouco mais de 1 kilometro para leste, mas já foi *villa* e *muito considerada*, pois teve foral dado por D. Sancho Fernandes, prior da ordem do Hospital, em abril de 1112,—e D.

Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 19 de julho de 1515?!...

Nós já ali passámos, indo da Cogulla para Figueira de Castello Rodrigo, Barca d'Alva, Escalhão, Pinhel, Almeida, e ainda nos recordamos com dó da *pobre villa*!

O seu chão é de agradavel aspecto e prestava-se admiravelmente para a cultura da vinha, de olival e cereaes, mas está quasi todo inculto, porque é quasi todo foreiro á grande *Mordomia* de Trancoso, o que torna a propriedade immovel e converte os seus habitantes em simples colonos ou *servos de gleba* cujas habitações revelam a pobresa dos seus inquilinos.

São todas muito humildes e estão todas muito negras e arruinadas.

Ainda conserva a sua antiga egreja matriz aberta ao culto, mas pobre, pobrissima —e uma capella, tambem muito antiga, muito humilde e prestes a desabar!

No termo d'esta *pobre villa* vimos boas oliveiras, plantadas em terreno baldio, mas *pertencentes a extranhos*,—bem como uma bella quinta, recentemente plantada de vides e oliveiras, mas pertencente a um cavalheiro de Trancoso.

O parocho de Villa Garcia celebra nos domingos e dias sanctificados missa nas duas povoações alternadamente,—dous dias na de Villa Garcia e um na do Freixial, sua annexa.

Teem as duas povoações apenas uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino, desde 1883.

Producções dominantes—em Villa Garcia bom vinho de meza, cereaes, castanhas e azeite,—no Freixial pouco vinho, pouco azeite e cereaes que mal chegam para as rendas, foros e juros que os seus habitantes são obrigados a pagar.

É uma das povoações mais pobres da provincia!

V. *Freixial*, vol. 3.º pag. 231, col. 1.ª

Freguezias limitrophes,—Povoa do Concelho, Povoa d'El-rei, Falachos, Cotimos e *Cogulla*, sendo esta ultima freguezia hoje a *mais rica e mais endinheirada de todo o concelho de Trancoso.*

Ao meu bom amigo, o sr. Miguel Antonio d'Almeida Crespo, cavalheiro respeitabilissimo e um dos primeiros proprietarios da Cogulla, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA GATEIRA ou **VIL GATEIRA**—aldeia da freguezia de *Varzea de Santarem*. V. vol. 10.º pag. 233, col. 2.ª e seg.

Dista 8:200 metros de Santarem, para o norte,—está em uma pequena elevação,—conta 51 fogos com 220 almas—e tem, como já dissemos, uma capella de *Santo Antonio*.

Suppõe-se que esta capella foi edificada em 1623, pois tinha esta data gravada sobre a porta. Como ameaçasse ruina, foi restaurada a expensas dos habitantes d'esta parochia, por iniciativa do seu prior encommendado, o rev. e benemerito padre Antonio de Carvalho.

Ficou lindissima e um pouco mais ampla do que a capella antiga.

Tem hoje 10,^{m}8 de comprimento, 4,^{m}5 de largura—e côro assente sobre duas columnas de pedra, contiguo á porta de entrada.

Principiaram as obras nos fins d'abril de 1880, sendo no dia 25 d'aquelle mez removida em procissão a imagem do padroeiro para a egreja matriz, onde se conservou até o dia 14 d'agosto do mesmo anno, data em que a nova capella se concluiu e foi solemnemente benzida e de novo aberta ao culto, do que tudo se lavrou auto do theor seguinte:

»Aos 14 dias do mez d'agosto do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1880, pelas seis horas da tarde, o rev.º padre Antonio de Carvalho, prior encommendado da freguezia de N. S. da Conceição da Varzea, concelho de Santarem, benzeu solemnemente, por se achar com a decencia devida, a capella de Santo Antonio de Villa Gateira, conforme o ritual romano, com auctorisação do Eminentissimo Patriarcha, na presença da junta de parochia e da irmandade do Santissimo Sacramento da mesma freguezia.»

—

D'este auto se mandou uma copia para a camara ecclesiastica.

Concluida a cerémonia, se trasladou processionalmente a imagem de Santo Antonio da egreja matriz para o seu altar;—em se-

guida subiu ao pulpito o rev. Manuel de Carvalho, que em uma breve mas commovente pratica, avivou a devoção dos fieis para com o padroeiro da nova capella e agradeceu a efficaz cooperação de todos para a rapida conclusão das obras.

O tridue continuou nos dias 15 e 16 com missas cantadas e sermões, — musica de egreja e d'arraial pela banda de *Rio Maior*, —e na tarde dos dois ultimos dias as celebres *cavalhadas*, enlevo dos povos d'estes sitios.

N'esta aldeia houve outra capella dedicada a S. Francisco. Foi profanada pelas hordas francezas do general Massena, em 1810, e assim se conserva ainda.

—

Na distancia de 50 metros d'esta aldeia para o nascente demora a quinta do *Freixo*, de José Augusto Galaxe, onde actualmente vive seu irmão Antonio Galaxe, afamado cavalleiro.

Tinha tambem esta quinta outra capella, que foi igualmente profanada pelos francezes em 1810, e assim se conserva tambem ainda.

Cerca de 100 metros ao norte d'esta aldeia está a quinta da *Narcisa*, pertencente á viuva de Antonio da Costa Rebello, que foi um dos maiores proprietarios de Santarem,—e cerca de 1:200 metros ao sul d'esta mesma povoação demora a quinta da *Laranjeira*, confinando com a mimosa e formosa quinta de *S. Martinho*, encantadora vivenda e habitação de sr. Paulo Maria da Costa Barros, cavalheiro estimabilissimo e dono d'estas ultimas duas importantes propriedades.

Na quinta de S. Martinho ha tambem uma capella de Nossa Senhora do Amparo, que os francezes profanaram em 1810.

Banha esta quinta o rio de *Perofilho* que move alguns moinhos e rega formosas varzeas. Junto de uma d'estas esteve a velha egreja matriz, que tomou d'ella o nome, bem como esta freguezia da *Varzea*.

—

Houve aqui um devoto do deus Bacho (diz a tradição) que costumava embriagar-se com *agua-pé*, pelo que o denominavam *Vil-Gateira*, ou vil bebedeira,—e d'elle tomou asta povoação o nome de *Villa Gateira*.

Póde ser, pois com *agua-pé* costumavam embriagar-se tambem os trabalhadores nas quintas do Alto-Douro, antes do phyloxera as aniquilar; mas suppomos que esta povoação tomaria o nome de *Gateira* dos *gatos* montezes ou teixugos que em outros tempos talvez abundassem n'estes sitios, como dos mesmos *gatos* provieram os nomes de muitas freguezias, aldeias e casaes do nosso paiz.

Com o proprio nome de *Gato* temos nós 2 aldeias, 4 casaes, 3 quintas e um monte; —com o nome de *Gata*—1 aldeia, 2 herdades e 2 sitios;—com o nome de *Gatos* 1 aldeia, 1 casal, 1 quinta e 1 sitio;—com o nome de *Gatas* 1 casal;—com o nome de *Gatão* 1 freguezia, 6 aldeias e 2 casaes;—com o nome de *Gatões* 1 freguezia e 2 aldeias;—com o nome de *Gateira* 11 aldeias e 1 quinta;—com o nome de *Gateiras* 1 aldeia, 1 casal e 1 sitio—e com o *mesmo nome* de *Villa Gateira* 1 sitio na parochia de *Litem*, concelho de Leiria.

Julgamos, pois, que o nome de *Gateira* proveiu dos *gatos*, como dos *coelhos* provieram os nomes das terras do nosso paiz denominadas *Coelho*, *Coelha*, *Coelhal*, *Coelheiro*, *Coelheiros*, *Coelheirinha*, *Coelhoso*, *Coelhosa*, etc.

Lembramo-nos ainda de duas parochias denominadas Villa Cova a *Coelheira*, — uma no concelho de Fragoas e outra no concelho de Ceia.

Desculpem-nos a diversão.

VILLA DA IGREJA—V. *Villa da Egreja*, freguezia do concelho de *Sattam*.

VILLA JUSÃ—freguezia do concelho de Mezãofrio, comarca da Regoa, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho Bispo,—fogos 127,—almas 410.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, contava 115 habitantes, — em 1687, segundo se lê nas *Constituições* do bispo D. João de Sousa, contava 27 fogos com 116 habitantes, e em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, contava 50 fogos e rendia 12$000 réis, afora o pé d'altar.

Até 1836 foi curato annexo á abbadia de

S. Pedro da Teixeira—e já em 1623 era da mesma apresentação.

Administrativamente pertenceu ao antigo concelho de Santa Martha de Penaguião, comarca de Lamego—e até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ecclesiasticamente ao bispado do Porto. [1]

—

A população d'esta freguezia está disseminada pelas aldeias seguintes:—*Villa Jusã*, S. Martinho, séde da parochia, Mattos, Cima do Douro, Bernardo de Cima, Registro, Monte, S. Fr. Gil, *Ponte Henrique* e *Fundo de Villa*.

Comprehende tambem as quintas do *Bernardo de Cima*, da familia Rangeis, do Porto, *Quelhas*, da familia Mesquitas, de Mezãofrio, *Quarteirões*, da familia do barão Fornellos, —*Souto Maior*, que foi do fallecido Antonio Augusto d'Almeida e Castro e é hoje do seu herdeiro Carlos Negrão, a de Antonio Manuel Pinto d'Abreu, e a da *Ferreira*, da familia Xavier.

Fundo de Villa não é povoação ou aldeia independente e autonoma como as outras; —é *parte integrante* da villa de Mezãofrio; comprehendendo as casas da sua extremidade sul e que ficam em plano mais baixo, na pendente sobre o Douro, formando o *fundo da villa*, seguindo-se a pequena distancia e na mesma pendente a aldeia de *Villa Jusã*, assim denominada por estar *a jusante* de Mezãofrio. [2]

Comprehende, pois, Mezãofrio uma parte d'esta parochia de *Villa Jusã*, além das duas parochias de *S. Nicolau* e *Santa Christina* formando um amalgama insupportavel!

As 3 freguezias deviam formar *uma só*— e os concelhos de Baião e de Mezãofrio *uma comarca*, tendo por séde esta villa.

No *supptemento* trataremos a questão.

—

Freguezias limitrophes—Barqueiros, S. Nicolau, Santa Christina e o rio Douro, ao sul.

A povoação de *S. Martinho*, [1] séde d'esta parochia de Villa Jusã, dista de Mesãofrio 1 kilometro, para S.—1 1/2 da margem direita do Douro, para N.—3 da estação da *Rede*, na linha ferrea do Douro, para N. O., — 12 da Regoa pela estação da Rede, 94 do Porto pela estação do Bernardo—e 490 de Lisboa.

Esta povoação é antiquissima, pois comprehende a aldeia da *Ponte Henrique* sobre o rio Teixeira, que a banha a N. O.—ponte de que hoje só resta o nome, mas que, segundo se suppõe, foi mandada fazer por D. Affonso Henriques, bem como se attribuem ao mesmo rei e a sua mulher a rainha D. Mafalda, a egreja matriz da parochia de S. Nicolau e a celebre *Ponte do Piar* sobre o Douro, na parochia de Barqueiros, junto d'esta de *Villa Jusã*.

Foi esta parochia tambem sempre parte integrante de Mesãofrio e por consequencia da behetria d'este nome, uma das poucas que houve em Portugal e que era cabeça das behetrias de *Villa Marim*, parochia sua limitrophe, — e da de *Cidadelhe*, limitrophe de *Villa Marim*.

Veja-se *Mesãofrio*, vol. 5.º pag. 196,—*Cidadelhe*, (a 2.ª) vol. 2.º pag. 399—*Villa Marim* n'este diccionario e Behetria no *supplemento*. Entretanto, quem quizer estudar a a questão das nossas behetrias leia no tomo 1.ª das *Memorias de Litteratura Portugueza*, pag. 98 a 257, a excellente *Memoria* de José Anastacio de Figueiredo, que é o trabalho *mais completo* que possuimos sobre o assumpto.

Pela nova circumscripção diocesana o bispado de Lamego ficou limitado a leste pela ribeira de Maçoeime e rio Côa — e a oeste pelo rio Paiva, passando para o bispado do Porto as freguezias que o de Lamego tinha na margem esquerda d'este rio, nos concelhos d'Arouca e Castello de Paiva, mas em compensação recebeu na margem direita do Douro, *onde nada tinha*, os concelhos de Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião, Alijó e Murça, com o total de 71 freguezias, comprehendendo tambem 2 no concelho de Villa Real.

[2] V. *Jussã*, vol. 3.º pag. 430,—*Pereira Jusã*, vol. 6.º pag. 685 — e *Vicente de Pereira* (S.) vol. 10. pag. 562.

[1] Não se confunda a povoação de *S. Martinho* com a de *Villa Jusã*. São duas povoações distinctas.

A egreja matriz e a casa da residencia parochial estão na primeira.

Falla repetidas vezes d'estas 3 behetrias, citando documentos muito interessantes.

—

As *behetrias*, povoações excepcionalmente honradas e privilegiadas, principiaram em tempos muito remotos por simples estalagens, montadas em sitios ermos sobre as estradas publicas e, por serem muito uteis aos transeuntes, os nossos reis lhes concederam privilegios extraordinarios.

Esta de Mezãofrio e Villa Jusã estava então em sitio ermo, tambem na *importantissima* estrada de Entre o Douro e Minho para a Beira, por Penafiel, Canaveses e Bayão—e por Amarante, Quintella e *Padrões* [1] da Teixeira até Mezãofrio e Villa Jusã, seguindo depois para as antiquissimas cidades de Cidadelhe e Panoias, em Traz os Montes, pela ponte *Cavalar*, sobre o rio Sermanha, — e para Lamego, Caria, etc., na Beira, atravessando o Douro na barca do Molledo, depois barca do *Por Deus*.

—

Destruidas Cidadelhe e Panoias e as vias militares romanas, a estrada mais seguida da provincia d'Entre o Douro e Minho para a Beira era por Canaveses e Bayão até Mezãofrio; atravessando depois o Douro na barca do Molledo, seguia pelas encostas da freguezia da Penajoia até *Santiaguinho*, nas abas do monte do *Poio*—e d'ali por *Avões* para Lamego, etc.

Tambem se suppõe que nos principios da nossa monarchia a dicta estrada passava o Douro na celebre ponte do *Piar*, de que já se fallou nos arligos *Barrô*, *Barqueiros*, e Mezãofrio, e que estava entre a freguezia de Barqueiros, junto d'esta de *Villa Jusã*, e a freguezia fronteira—Barrô,—na margem esquerda do Douro.

Ainda ali se veem restos authenticos dos grandes pilares da dita ponte, que foi a primeira que houve sobre o rio Douro.

Alem dos logares citados, veja-se o que d'esta ponte disse Ruy Fernandes em 1532 na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, descripção que se acha nos *Ineditos de Historia Portugueza*, tomo 5.º pag. 546 a 613—e n'ella, a pag. 563 e 564, os interessantissimos topicos relativos á ponte, sob os titulos *Piares do Douro*, e *Menja frio*.

Bem quizeramos dal-os na sua integra, mas a necessidade de *aligeirar* e *resumir* nos força a passar adiante.

—

Esta freguezia desce até ao Douro e acompanha-o pela margem direita desde a quinta de Villa Verde a leste, pertencente á parochia de Santa Christina, até á casa do *Registro*, a oeste, limite d'esta parochia de Villa Jusã e da de Barqueiros, comprehendendo cerca de 1 kilometro da linha ferrea.

Toca tambem n'esta freguezia a estrada a macadam da Regoa ao Porto, que é plana desde a Regoa até á Rede, mas muito ingreme desde a Rede até o alto de Quintella, na extensão approximada de 15 kilometros, bem como desde Amarante até o mesmo alto, na extensão de 10 a 12 kilometros, pelo que as diligencias eram arrastadas desde Amarante e da Rede até Quintella por duas juntas de bois,—*a passo de lesma e com muda a meio caminho*—ficando os pobres bois sempre cobertos de suor, porque a estrada tem declives de 12 a 15 por cento!

Na descida de Quintella até Amarante e até á Rede as diligencias largavam os bois, atrelavam os cavallos e fugiam em carreira vertiginosa por aquellas medonhas ladeiras abaixo, vencendo em uma hora o espaço que na subida consumia 4 a 5 e a paciencia dos passageiros!...

Nunca se viu em Portugal caminho peor para diligencias e tão concorrido até á inauguração da linha ferrea do Douro.

Muito tempo trabalharam na dicta estrada simultaneamente tres diligencias diarias—e muitos foram os tombos, contusões e ferimentos, mas não nos consta que alguem perecesse, emquanto que nas viagens pelo Douro, antes de se montarem as diligencias, pereceram *milhares de pessoas!*...

Só em um naufragio do barco da carreira

---

[1] Este sitio tomou o nome de *Padrões* dos marcos milliarios que se erguiam na estrada romana que por alli passava para Cidadelhe, Panoias, Lamego, Caria, etc. Vide *Cidadelhe*, a 2.ª

junto das Caldas de Aregos, approximadamente em 1850, morreram afogadas 30 a 40 pessoas—e muito posteriormente mais de 30 no naufragio d'outro barco de carreira entre Pinhão e a Regoa, *em uma vespera de natal*?!...

—

Aquella medonha estrada foi feita nos fins do ultimo seculo pela *Companhia dos Vinhos* —não para diligencias, mas para liteiras, que eram o melhor transporte n'aquelle tempo. E para que os *nobres* [1] empregados da *Companhia* tivessem onde pousar commodamente entre Penafiel e a Regoa, desviou a estrada para Amarante, abandonando o traçado seguido até aquella data—e muito mais suave—por Canaveses e Baião,—traçado que os nossos engenheiros indicaram como preferivel a todos os respeitos para a estrada a macadam; mas, como a estrada feita pela *Companhia* já tivesse bastante largura [2], o governo provisoriamente a mandou reparar e macadamisar, emquanto não construia a estrada por Canaveses e Baião,—obra muito mais morosa e muito mais dispendiosa.

É a estrada real, n.º 34, de Penafiel á Barca d'Alva.

Ainda hoje (1885) vae na altura da estação de *Mosteiro*; tem de atravessar a parte restante do concelho de Baião e depois esta freguezia de Villa Jusã e a de Santa Christina até á povoação da Rede, onde entronca na parte já construida da mesma estrada n.º 34, da Rede até á Pesqueira.

Principiava então a febre das diligencias ao norte do nosso paiz, pelo que, apenas viram a estrada da *Companhia* macadamisada, logo se organisou, approximadamente em 1858, uma empreza de diligencias para a explorar—e pouco depois outra e outra!

Muitas vezes fiz a viagem entre a Regoa e o Porto nas taes diligencias e em barcos, pelo Douro, vendo a morte a cada instante.

Horresco referens!...

—

Atravessava e atravessa ainda hoje esta freguezia a velha estrada do Porto e Mezãofrio ao fundo da povoação da Rede e que seguia para Lamego e Beira pela barca do *Por Deus*.

Na Regoa, hoje a villa mais formosa do Douro, nem se fallava antes da *Companhia dos Vinhos* ali estabelecer a sua grande casa e os seus grandes armazens, nem havia da Rede para ella estrada alguma alem da de Sirga, que foi sempre um medonho carreiro de cabras *no verão*, pois no inverno a cada passo o Douro a cobre e desapparece!...

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e a 3 capellas.

A egreja é muito pequena, muito velha e pobre, e foi construida com a pedra d'outra egreja antiquissima, ou do mosteiro ou hospicio que (segundo resa a tradição local) existiu n'esta parochia, cerca de 150 metros ao nascente da matriz, no chão (hoje campo e vinhas) onde esteve a eira da quinta que foi do reitor de S. Nicolau, da familia *Tovar*,—bens que passaram para a familia Fornellos e d'esta para estranhos,—mesmo em frente e no mesmo nivel do convento de freiras franciscanas (hoje collegio de meninas) que estava na margem opposta do Douro, na freguezia de *Barrô*.

No dicto local teem apparecido e continuam a apparecer muitas pedras em esquadria.

Ao passo que a pobre egreja matriz, com o abandono em que jaz, vae perdendo o reboco, vê-se entre a alvenaria das paredes pedras em esquadria e fragmentos de columnas, claros vestigios de construcção mais antiga e mais importante.

Interiormente tem altar mór e dois lateraes com retabulos de talha muito antiga, formando paineis com pinturas a oleo sobre madeira, mas nota-se tambem que os tres retabulos pertenceram a outro templo mais espaçoso e que foram cerceados e violenta-

---

[1] O alto e numeroso pessoal da poderosa *Companhia*, desde o seu provedor até os provadores, era quasi todo constituido por *filhos d'algo*!...

Era assombrosa a série de banquetes de *centos de talheres* que dava na sua grande casa da Regoa a todos os lavradores do Douro *indistinctamente*, nos dias destinados para a compra dos vinhos.

[2] Com relação ás nossas estradas antigas era uma estrada esplendida!..

mente adaptados ao pequeno e mesquinho templo em que se acham.

O retabulo do altar mór é formado por tres paineis, representando o do centro Nossa Senhora,—o do lado do Evangelho S. Martinho, o padroeiro—e o do lado da Epistola um frade a cavallo, com a cruz em uma mão e uma espada na outra, partindo a capa para dar a um pobre.

As capellas são—uma de *S. José*, de Antonio Manuel Pinto d'Abreu e outra de *S. Vicente Ferreira*, na quinta da *Ferreira*, de Antonio Xavier Pinto, ambas particulares e em mau estado—e uma de S. Silvestre, publica, no monte de S. Silvèstre.

—

Houve tambem n'esta freguezia mais tres capellas,—uma de S. Fr. Gil, publica, na povoação d'este nome,—outra, de Nossa Senhora da Conceição, na quinta da *Quelha*, da familia Mesquitas,—e outra, da invocação de S. Bernardo, na quinta do *Bernardo de Cima*, que foi cortada pela linha ferrea, ficando a dicta capella ao sul e junto da dicta linha, do lado do Douro. Ambas eram particulares;—a 1.ª já desappareceu e a 2.ª está em ruinas [1].

Esta parochia não tem cemiterio. Os enterramentos fazem-se no adro da egreja matriz.

Tem tres edificios brasonados,—a casa de Antonio Manuel Pinto d'Abreu, sobre o largo onde se suppõe que esteve antigamente o pelourinho, na aldeia de Villa Jusã—a de Carlos Negrão, em *Fundo de Villa*—e a do *Registro*, que foi da extincta Companhia dos Vinhos, tendo esta ultima casa por brasão as armas reaes portuguezas.

—

Pela organisação despotica da *Companhia dos vinhos*, creada pelo marquez de Pombal em 1756, [2], foi a região vinicola do Alto-Douro (Cima-Corgo e Baixo Corgo) dividida em dois lotes,—um de vinhos de *feitoria*, ou de embarque (os superiores) destinados para exportação,—outro de vinhos de *ramo*, destinados para queima e consumo no Porto e seus arrabaldes, onde a *Companhia* tinha tambem o *exclusivo* das tavernas.

O 1.º lote acompanhava as margens do Douro e dos seus affluentes desde esta freguezia de *Villa Jusã* e da de Barqueiros até os confins do concelho d'Alijó, na margem direita—e desde as freguezias de Barrõ e da Penajoia até os confins do concelho da Pesqueira, na margem esquerda.

O 2.º lote acompanhava o 1.º, comprehendendo uma certa faxa de terreno immediatamente superior, sendo ambos divididos por grandes marcos de pedra, muitos dos quaes ainda hoje existem, o que deu causa a *serios desgostos*, porque por vezes ficaram divididas propriedades compactas do mesmo dono e era *crime horrendo* [1], fulminado com graves penas, o passar uvas ou vinho de um lote para outro.

—

Os dois mencionados lotes comprehendiam—no todo ou em parte—48 freguezias na margem direita do Douro, sendo as primeiras, para quem vae do Porto, esta de *Villa Jusã*, Barqueiros, S. Nicolau e Santa Christina. Todas 4 formavam a raia ou extremidade O. d'aquella região priveligiada, ao norte do Douro.

Na margem sul, ou esquerda, eram aquellas freguezias em numero de 22, formando a extremidade oeste as de Barrô e Penajoia, fronteiras a *Villa Jusã*, pois a barca do *Bernardo*, que atravessa aqui o Douro, toca na margem direita nas extremidades S. O. de Villa Jusã e S. E. de Barqueiros, — e na margem esquerda nas extremidades N. O. da Penajoia e N. E. de Barrô.

—

Villa Jusã olha para o sul. O seu clima é saudavel e temperado,—as suas producções dominantes são vinho maduro, bem conhecido por *vinho do Porto*, milho e fructas variadas e muito saborosas, como todas as do

---

[1] A capella de *S. Vicente Ferrer* ou *Ferreira* deu o nome á quinta da *Ferreira*,—assim como as quintas, o sitio e a barca do Bernardo tomaram o nome da antiquissima capella de *S. Bernardo*—e a capella de *S. Frei Gil* deu o nome á povoação assim denominada.

[2] Veja-se o art. *Victoria*, vol. 10.º pag. 597 a 601.

[1] Logar citado, vol. 10.º pag. 598, col. 2.ª

Douro,—e o seu chão é mimoso e muito fertil. Basta dizer-se que faz parte da abençoada região por justos titulos denominada *coração do Douro*, comprehendida no vasto triangulo formado por *Lamego*, *Villa Real* e *Mezãofrio*, tendo por corôa e centro a formosa villa da *Regoa*.

Não se encontra em todo o nosso paiz—e *difficilmente se encontrará nos paizes extrangeiros*—um tracto de terreno de eguaes dimensões tão fertil, tão mimoso, tão povoado tão lindo e de tanto valor como é este!

Queremos-lhe muito e conhecemol-o de perto, porque tivemos a ventura de nascer n'elle, mas não nos cega o amor da terra natal.

Appellamos francamente para o testemunho de quem saiba o que é o *coração do Douro* e já o visitasse desde abril até novembro.

—

Jaz na egreja matriz d'esta parochia João Pereira Soares d'Albergaria, filho bastárdo de Manuel Soares d'Albergaria, fidalgo distincto, mas muito excentrico e *algo mas*... que viveu nas suas casas da Ribeira da Rede, tendo vinculos e outras casas importantes em Aveiro, Oliveira do Conde, Sinfães, Midões, Resende e Villa da Feira.

O tal sr. João Pereira foi muito tempo o açoute e terror d'estes sitios.

Valente, desordeiro e chefe de uma quadrilha de malfeitores, praticou muitos excessos e crimes de toda a ordem, mas *talis vita, finis ita!*...

Foi preso e fuzilado no *Fundo de Villa*, povoação d'esta parochia, por uma força de caçadores n.º 3, mandada para esse fim *expressamente* de Villa Real, no 2.º quartel d'este seculo.

—

Esta parochia de *Villa Jusã* e as outras duas que com ella formam a villa de Mezãofrio, pelo facto de estarem na importante estrada militar do Minho e do Porto para a Regoa e para as provincias da Beira e Traz-os-Montes, e por formarem a maior povoação que se encontrava no espaço de trinta e tantos kilometros desde Amarante até a Regoa, soffreram sempre muito em tempos de guerra e mesmo de paz com os repetidos movimentos de tropa e conducções de presos, desde as epochas mais remotas até á inauguração da linha ferrea do Douro.

Ainda n'este seculo foram cruamente açoutadas durante a guerra da peninsula e as guerras civis posteriores.

—

Em junho de 1808, por exemplo, chegou aqui o sanguinario Loison com a sua divisão, em marcha de Almeida sobre o Porto, que ao tempo já se havia sublevado contra os invasores, bem como Amarante e as provincias do Minho e Traz-os-Montes. Tentando seguir para o Porto, foi surprehendido por grande numero de populares armados que lhe interceptaram á passagem nos Padrões da Teixeira e pelos que, descendo de Villa Real, se dispunham a mettel-o entre dois fogos. Retirou precipitadamente sobre Lamego, talando e saqueando as terras que deixava apoz de si, matando muitas pessoas indefesas e incendiando varias casas, a principiar por esta parochia e pelas de Mezãofrio, onde reduziu a cinzas a egreja dos franciscanos, o hospital da Misericordia, etc.

Batido pelos valentes transmontanos, passou o Douro na Regoa e chegou a Lamego na tarde do dia 21 do dito mez de junho, marchando na manhã do dia immediato para Vizeu com tal precipitação que deixou no paço episcopal de Lamego parte da sua bagagem e dos roubos feitos n'esta freguezia de Villa Jusã e em outras d'este concelho de Mezãofrio e do da Regoa.

Entre a dita bagagem se encontraram as peças de prata seguintes:—13 castiçaes, 2 serpentinas grandes, 2 escrivaninhas, 3 bacias de mãos e 2 jarros, 6 duzias de garfos, facas e colheres, 4 clarins, 2 grandes cruzes processionaes, 1 imagem de Christo, 2 vasos sagrados, uma rica banqueta d'altar com 51 peças, 6 grandes salvas, 7 pucaros e 13 bacios [1], sendo 6 de cadeira, grandes, —*tudo de prata* e com o peso total de 462

[1] Extracto fiel do inventario, feito por ordem do nosso governo, em fevereiro de 1809.

marcos e 6 onças,—além de uma caixa forrada de marroquim, contendo 13 peças de louça da India.

Vejam que salteador?!...

—

Esta parochia tem na villa de Mezãofrio, de que é parte integrante, muitos mercados e feiras, escolas officiaes para ambos os sexos, um theatro, casa de Mizericordia com hospital, muitos estabelecimentos commerciaes, etc.

É tambem mimosa de peixe do Douro e do mar, principalmente depois da inauguração da linha ferrea.

Foi baptisado n'esta freguezia o sr. José Caetano de Carvalho, residente no Porto, cavalheiro estimabilissimo, dono das quintas da *Gafaria* e de *Villa Nova*, na freguezia de Santa Christina—e da de *Freixieiro*, na de Barqueiros, todas d'este concelho de Mezãofrio.

É s. ex.ª irmão do sr. Antonio Caetano de Carvalho, nosso vice-consul em Angra dos Reis, provincia do Rio de Janeiro, no Brazil.

—

A *Chorographia Portugueza* não menciona esta parochia, nem as de S. Nicolau e Santa Christina de Mezãofrio, nem a de Villa Marim, todas d'este concelho, sendo aliás *muito importantes e muito antigas*. Foi lapso da impressão, talvez. Consta porem que esta parochia de *Villa Jusã* foi antigamente *villa* e n'ella ha ainda memoria do seu ultimo pelourinho. Dizem que estava no pequeno largo que ainda hoje se vê na aldeia de Villa Jusã, cerca de 1 kilometro a oeste da egreja matriz.

Dizem mais—que *era de madeira*, e que foi roubado uma noite pelas auctoridades e pelo povo de Santa Martha de Penaguião!...

O facto hoje não é muito facil de explicar, pois Santa Martha de Penaguião dista d'esta freguezia cerca de 20 kilometros para N. E.; mas é possivel que o facto se désse, porque outr'ora chegava até aqui o concelho de Penaguião e comprehendia, como já dissémos, esta parochia de Villa Jusã.

Da cadeia e dos paços do concelho não ha memoria alguma nem nos consta que tivesse foral proprio, alem dos da villa de Mezãofrio, de que é parte interessante.

—

Foi natural d'esta parochia Fr. Antonio da Annunciação, agostinho descalço (*grillo*) religioso de muita illustração e virtudes.

Professou no seu convento do Porto (hoje seminario diocesano) no dia 26 de janeiro de 1804.

Foi tambem natural d'esta parochia Fr. José da Ave Maria, religioso da mesma ordem e que professou no convento do Monte Olivete ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 9 de abril de 1804.

Foi dr. de capello em theologia pela Universidade de Coimbra, e padre mestre na sua religião, muito considerado pelos seus vastos conhecimentos.

—

Por alvará da rainha D. Maria I, com data de 15 de fevereiro de 1791, se mandou concluir a ponte *d'Alvarenga*, sobre o rio Paiva, no concelho d'Arouca, principiada pelo benemerito bispo de Lamego.

Importaram as obras em 3:300$000 réis que, em virtude do mesmo alvará, foram derramadas pelas comarcas da Villa da Feira e de Lamego. Pagou a 1.ª 1:000$000 réis—e a 2.ª 1:300$000 réis, que foram divididos por todos os concelhos d'aquella vasta provedoria, pertencendo a este de Mezãofrio 46$000 réis, dos quaes esta parochia de Villa Jusã pagou tambem a sua quota.

Mal imaginarão hoje os municipes de Mezãofrio que tambem contribuiram para a construcção do celebre *ponte d'Alvarenga?!...*

VILLA DE LEDRA—parochia extincta no concelho e comarca de Mirandella, provincia de Traz-os-Montes.

V. *Fornos de Ledra*, vol. 3.º pag 219, col. 1.ª—e *Guide*, no mesmo vol. pag. 346, col. 2.ª.

VILLA LONGA—freguezia do concelho e comarca de Sattam, districto e diocese de Vizeu, na Beira Alta.

Curato. Fogos 68, — almas 296, — orago Nossa Senhora da Graça.

Em 1768 já era curato da apresentação do vigario da freguezia das *Romans*, á qual

hoje está civilmente annexa,—rendia para o pobre cura 6$000 réis, além do pé d'altar, e contava 38 fogos.

Além da povoação de Villa Longa, séde da parochia, situada em um valle, que é um souto de castanheiros por onde corre a ribeira de *Coja*, uma das nascentes do rio *Dão*, comprehende esta freguezia as quintas do Seixo, Pégo d'Urso, Buraco e Malcata.

Freguezias limitrophes—Dornellas, Cortiçada, Romans, Cesures e Silvã.

Segundo se lê no *Diccionario Geographico Manuscripto* (collecção dos relatorios dos parochos, existente no Archivo Nacional, referida ao anno de 1758) esta freguezia estava no termo da villa de *Douro Calvo*, hoje simples aldeia da freguezia de *Romans*.

—

Producções dominantes—vinho, cereaes, batatas e castanhas.

Dista de *Villa da Egreja*, séde do concelho, 15 kilometros para E. N. E.—32 de Vizeu,—e 28 da estação de Mangualde, que é a mais proxima, na linha ferrea da Beira Alta.

Tem uma ponte e duas estradas a macadam, todas estas obras em via de construcção;—a ponte é sobre o rio Coja, que desagua no Dão a 18 kilometros de distancia, e dá movimento a 2 pisões e uma azenha nos limites d'esta parochia;—das estradas a macadam uma parte de Castendo e deve passar a 2 kilometros de Villa Longa,—a outra deve passar a egual distancia e parte de Vizeu.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella de S. Thiago,—templos muito singelos, sem coisa alguma que mereça especial menção.

V. *Romans*, vol. 8.º pag. 224 col. 2.ª

VILLA MAIOR—freguezia do concelho e comarca da Feira, districto d'Aveiro, diocese do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia. Orago S. Mamede,—fogos 170, —almas 695.

Em 1708 era reitoria da apresentação da *Companhia de Jesus*—e contava 100 fogos.

Em 1768 era do padroado real,—contava 113 fogos—e rendia para o seu reitor réis 200$000.

Tambem foi algum tempo da apresentação da Universidade.

Freguezias limitrophes—Canedo a E.—Gião e Lobão a S.—Sanguedo e rio *Uima*, que as divide, a O.—e Sandim, a N.—todas do concelho da Feira, exceptuando a ultima que pertence ao de Villa Nova de Gaya.

Comprehende as aldeias seguintes: Lobel, Cedofeita, Boa Vista, Padrão, Serrão, Tojal, Quintão, Gaeta, Redondo, Estrada, Pombal, Passaes, Moinho, Lavandeira, Rubina, Carvalho, Valle, Salgueiro, Moliceiro, Cal, Barreiro e Cimo d'Aldeia.

—

Ha n'esta parochia tres quintas importantes:—uma no logar de *Quintão*, pertencente aos condes d'Alcaçovas, senhores de grande parte d'esta parochia e d'algumas limitróphes;—a do *Serrão*, que é pequena, mas muito embellesada e muito bem tractada, pertencente ao negociante e capitalista do Pará, benemerito filho d'esta parochia, Bernardo Ferreira d'Oliveira,—e a de *Gaeta*, que a oeste confina com o rio Uima. É grande e importante;—n'ella ha muitos moinhos de cereaes e uma excellente ponte de granito feita em 1884.

Pertence ao abastado proprietario d'esta freguezia, Joaquim de Fontes.

Demora esta freguezia na margem esquerda do Douro, do qual dista 6 kilometros para S. O.—15 de Villa da Feira para N. N. E.—e 16 do Porto para S. E.

Passam nas freguezias de Lobão e Gião, ao sul d'esta e suas limitrophes, a estrada districtal d'Ovar a Carvoeiro e a municipal d'Arouca á praia de Espinho, ambas em construcção e que devem crusar na aldeia da *Corga*, freguezia de Lobão:—e ha em projecto outra estrada municipal de Milheirós a entroncar na de Avintes a Sandim e que deve atravessar de sul a norte esta freguezia de Villa Maior.

—

A egreja matriz é pequena, mas bem tractada e bem conservada.

Tem cinco altares e tres d'estes boas decorações de talha antiga dourada. N'ella se fazem varias festas, sobresaindo a do Espirito Santo, que é a mais pomposa e attrahe

muitos habitantes dos povos circumvisinhos.

N'esta freguezia não ha feiras, mas tem uma muito importante e mensal no dia 7, na povoação do Mosteiro, da freguezia de Canedo, sua limitrophe. N'ella se fazem valiosas transacções em pannos de lã e de linho, lenços, bois, etc.

Ha n'esta parochia dous edificios notaveis, —um antiquissimo brasonado e em ruinas, pertencente aos nobres condes d'Alcaçovas, que ali passavam parte do anno. Teve tambem contigua boa e grande capella, da qual já nem restam vestigios!

Esta casa e a quinta que a rodeia eram priviligiadas e o *couto* dos mancebos apurados para o serviço militar, pois ali não entravam as justiças nem os podiam ir prender.

O outro edificio demora no largo da aldeia do *Serrão*;—foi feito pelo commendador José Pinto de Fontes—e pertence hoje ao abastado capitalista Bernardo Ferreira d'Oliveira, que o restaurou e embellesou.

É uma linda vivenda.

Em frente d'esta casa, no dicto largo do *Serrão*, se faz um bom mercado nos domingos e dias santos—e outro na aldeia do Padrão, das 7 ás 11 horas da manhã.

—

Banham esta parochia o rio *Uima*, a oeste, que corre de sul a norte e desagua na margem esquerda do Douro, em *Crestuma*, a 7 kilometros de distancia,—e um ribeiro que desagua no rio *Uima*, na aldeia de *Gaçamor*, freguezia de Sandim.

Producções dominantes—cereaes e madeiras de pinho, que exporta em grande quantidade. Tambem produz alguma cortiça e algum vinho, muito verde, e cria bastante gado bovino para serviço da lavonra e para embarque, depois de gordo.

Comprehende esta freguezia grande parte do monte de *Gaeta*, com vastos pinheiraes e pastagens para o gado lanigero e vaccum, sendo tambem abundante em optimo granito.

Ha tambem n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino, desde tempos remotos, e uma hospedaria no logar do Padrão, cuja especialidade são caldos de gallinha e frangos guisados.

—

Foi presa no Porto, no dia 25 de abril de 1884, Maria Moreira, de 56 annos de edade, natural d'esta parochia e moradora na rua das Eirinhas, por exercer a profissão de *bruxa* ou *feiticeira*, deitando cartas, preparando certas drogas e usando d'outras artes *ejusdem fusfuris*, para extorquir dinheiro aos papalvos, que, mesmo no Porto, ainda acreditam em bruxas!...

A policia aprehendeu na casa da dicta intrujona uma pequena porção de terra embrulhada em um papel, que (segundo ella disse) era do cemitério do Prado do Repouso,—uma bolsa com diversas sementes —um vidro com oleo, etc.

Eram os ingredientes das nigromancias que a levaram á cadeia.

A pequena distancia da egreja matriz d'esta parochia ha uma nascente d'aguas ferreas medicinaes, de que muitos doentes fazem uso.

VILLA MAIOR—freguezia do concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, districto e diocese de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Purificação,—fogos 264—habitantes 1:156.

Em 1768 era abbadia do padroado real, —contava 168 fogos—e rendia 205$000 réis

Estava no antigo termo de Lafões, mas não conseguimos lobrigal-a na *Chorographia Portugueza*, nem nos nossos mappas.

Freguezias limitrophes—S. Pedro do Sul séde do concelho,—Sul,—Pinho,—S. Felix— e Figueiredo d'Alva.

Dista 5 kilometros de S. Pedro do Sul,— 13 de Vouzella,—15 de Castro d'Ayre—26 de Vizeu—73 da estação de Estarreja, na linha ferrea do norte,—122 do Porto—e 361 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes: — *Cobertinha*, Goja, Peso, Valle, Sendas, Joazim, Outeiro, *Estercada*, Castello—e as quintas ou casaes de Salgueiroso, Amarante, Pedraes, Ribeira, Dardão, Estrada, Fontainhas

Pousadouros, Ucharia, Agua Fria, e Mal Pensa.

Os templos d'esta freguezia reduzem-se á sua egreja parochial e a duas capellas.

Producções dominantes—cereaes e vinho.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar.

A isto se circumscrevem os apontamentos que se dignou enviar-me o seu rev. parocho, terminando por dizer que *esta freguezia nada offerece de notavel* e que *nunca foi villa.* Não sabemos pois se o foral dado a *Villa Maior* por D. Affonso III, em Lisboa, a 7 d'abril de 1257 e mencionado por Franklin, se refere a está ou a outra freguezia ou povoação do mesmo nome.

Veja-se o *L. I de Doações do Sr. Rei D. Affonso III. fl. 20, col. 2.ª in medio.*

—

Nós nunca visitámos esta parochia, mas passámos por ella muitas vezes, desde 1851 até 1856, quando frequentavamos a Universidade, porque de Lamego para Coimbra o caminho então mais curto e mais seguido era por Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul, Vouzella e Sardão,—total 21 leguas de caminho diabolico (segundo a craveira d'aquelles tempos) principalmente desde Lamego até Castro d'Ayre, atravez da serra do Mezio—e desde Vouzella até o Sardão, atravez da serra das Talhadas e da de *Rompe Cilhas*!...

De Castro d'Ayre a S. Pedro do Sul contavam-se 3 leguas,—duas muito rasoaveis, de Castro d'Ayre á villa d'Alva e de Cobertinha (aldeia d'esta parochia de *Villa Maior*) a S. Pedro do Sul; mas a intermedia—d'Alva a Cobertinha—era rival da celebre *legoa da Povoa*,—uma legoa interminavel, insupportavel, immensa! E poucos tiveram occasião de a medir e saborear, como eu e o meu bom patricio e sempre amigo, dr. Antonio Rodrigues Pinto, actualmente juiz de direito em Sinfães, e n'aquelle tempo (1854) meu contemporaneo na Universidade.

—

Em seguida á grande desordem que houve em Coimbra no carnaval de 1854, a 28 de fevereiro, [1] depois da marcha da Academia até Thomar, recolhemos a Coimbra e, como o governo (entre outras muitas coisas) nos concedesse férias de 30 dias,—ferias que depois prolongou até o fim das de Paschoa,—resolvemos ir ver as nossas familias.

Fieis ao programma da celebre *thomarada*, [1] partimos *a pé* de Coimbra para os Fornos; alugámos ali *gericos* até á Mealhada e proseguimos *a pé* para *Avelans do Caminho*, onde pernoitámos. De Avelans fomos em *gericos* para o Sardão e alugámos ali dois garranos para S. Pedro do Sul, onde chegámos pelas 11 horas da manhã, tendo percorrido bons 60 kilometros, porque o meu garrano não tinha outra andadura além do passo ordinario, muito moroso e *galope bravio.* Atravessei, pois, a galope (?!...) a serra de *Rompe Cilhas* e a das Talhadas.

Quizemos alugar cavalgaduras em S. Pedro do Sul, mas não as encontrámos e por isso resolvemos ir *a pé* para *Cobertinha*, esperando encontral-as ali, mas debalde as procurámos tambem.

Como ainda o sol fosse alto e ali não houvesse hospedarias, fomos *a pé* para Alva, povoação já nossa conhecida e muito mais importante.

Surprehendeu-nos a noite a meio da maldita legoa, sobrevindo chuva glacial e uma escuridão medonha!

Levavamos percorridos talvez 70 kilometros desde Avelans,—iamos já moidos como salada e não podiamos dar um passo; mas o terreno era completamente deserto e só em Alva poderiamos encontrar abrigo. Fazendo pois *ex tripis coraçonem*, esforçámo-nos por transpor aquelle humido, escabroso e negro deserto, mas succumbimos muitas vezes e—só depois de esgotadas as ultimas forças—chegámos a Alva moidissimos, suados e encharcados em agua e lama!

Batemos a muitas portas, mas nenhuma

---

[1] V *Lamego* no *supplemento*—e os *Apontamentos para a Historia Contemporanea* pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho, pag. 241 a 248.

[1] Note-se que não me filiei na *Liga Academica*, associação secreta, muito similhante a *Carbonaria*, formada pelos estudantes meus contemporaneos, em seguida a grande desordem.

se nos abriu; apenas nos indicaram a casa do regedor, como a unica em que poderiamos pernoitar.

Depois de muitos tombos, chegamos á dicta casa, nossa ultima esperança; fallou-nos uma mulher dizendo que não nos podia receber, porque estava o seu marido auzente.

E fechou immediatamente a porta.

—

Não se imagina o nosso desapontamento e a tristesa que de nós se apoderou, vendo-nos sem esperanças de encontrarmos abrigo —*post tot tantosque labores?!...*

Sentámo-nos nos degraus do pateo, expostos á chuva e ao vento, tiritando com frio, silenciosos e chorando a nossa desgraça, convencidos de que, antes de amanhecer, ali morreriamos, porque a noite estava chuvosa e glacial e nos era *absolutamente impossivel* transpormos a grande legoa que ainda nos separava de Castro d'Ayre.

N'aquella tristissima e angustiosa situação passámos uma hora talvez, *chorando* encostados um ao outro, até que de repente subiu as escadas um homem com um varapau na mão. Defrontando com os dois vultos, disse em voz de Estentor:

— Quem está ahi?

— Somos dois pobres estudantes que vão de Coimbra para Lamego (respondemos nós com as lagrimas nos olhos). Vimos já hoje de Avelans do Caminho e pediamos por esmola abrigo para esta noite!...

Recebeu-nos o santo homem promptamente. Exposemos-lhe a nossa desgraça;—pedimos-lhe que nos mandasse matar uma gallinha e nos désse agua quente para banharmos os pés, que nós tudo pagariamos.

Annuiu a tudo o bom do homem;—appareceram logo muitas raparigas da terra que vinham (na fórma do costume) fazer serão para a mesma sala onde estavamos; cantaram e palestraram—e nós comemos, palestrámos e *cantámos* tambem; passámos o resto da noite em um palheiro enxuto—e de manhã seguimos *a pè* para Castro d'Ayre, onde alugámos cavalgaduras que nos levaram até ás nossas casas, nos arrabaldes de Lamego.

Que viagem a nossa—e que extensa nos pareceu a maldita legua *d'Alba a Cobertinha?!...*

Horresco referens! [1]

Desculpem-nos o desabafo e a digressão.

—

Passa hoje n'esta freguezia de *Villa Maior* e nas mesmas povoações *d'Alva* e *Cobertinha* uma estrada districtal a macadam, servida por boas diligencias, de Lamego a Vizeu—e anda em construcção outra, muito mais curta, de Lamego a Vizeu tambem, por Mondim da Beira, Barrelas [2] e Fragoas.

Muito temos progredido desde aquella data, no artigo viação!

Ainda eu frequentava a Universidade quando em Coimbra se estabeleceu a 1.ª estação telegraphica e ali chegou pela 1.ª vez a mala-posta, vinda do Carregado, em 1855 ou 1856.

VILLA MAIOR—quinta pertencente á freguezia de *Cabeça Boa*, concelho e comarca de Moncorvo, em Traz os-Montes.

Comprehende tambem a dicta parochia as aldeias de *Cabanas de Baixo* e *Foz do Sabor* ou *Torrão de Murça*, na margem direita da Foz do Sabor e da ribeira da Villariça, na sua confluencia com o Douro,—ficando-lhe em frente, na margem esquerda da foz do Sabor e da mesma ribeira da Villariça, na sua confluencia com o Douro tambem, a povoação do *Rego da Barca*.

O sr. João Maria Baptista, na sua *Chorographia Moderna*, fallando d'esta parochia diz que deveria denominar se *Cabeço* e não *Cabeça*, por estar perto de um grande penhasco, na serra que vae do Sabor ao Tua, atravez do concelho de Carrazeda d'Anciães, formando a região denominada *Terra Fria*, em contraposição á *Terra Quente*, sua limitrophe a N. O. comprehendendo o concelho

---

[1] Os roteiros d'aquelle tempo marcavam de Avelans do Caminho até Alva 12 leguas, que correspondiam seguramente a 18 d'hoje —ou a 90 kilometros, dos quaes no memoravel dia transposemos talvez 15 *a pé*, 20 *em gericos* e 55 nos garranos, *em marcha bravia!...*

Contava eu então 21 annos e frequentava o 4.º theologico.

Bom tempo era esse!...

[2] Hoje *Villa Nova do Paiva*.

de Murça e parte dos de Alijó e Mirandella, na margem direita do Tua. Diz mais que por antithese lhe deram o titulo de *Bôa*, «pois eu (continua s. ex.ª) que por ali andei mais do que me convinha (acompanhando o marechal duque de Terceira em 1837) *nunca vi nada peior!*...

—

Em verdade a pendente d'esta parochia para leste, sobre a ribeira da Villariça, é muito escabrosa—e *mais ainda* a pendente sul, sobre a margem direita do Douro, como tivemos occasião de notar em outubro de 1883, quando visitámos a provincia de Traz-os-Montes, subindo pela Regoa até Verim, regressando a Chaves,—passando d'ali para Bragança por Carrazedo de Montenegro, Franco e Mirandella,—volvendo a Mirandella e seguindo por Villa Flor para Moncorvo, d'onde descemos á Foz do Sabor e seguimos em um barco pelo Douro até á estação de Tua, deixando á nossa direita as medonhas e ingremes ladeiras de *Cabeça Boa* e atravessando todas as cachoeiras do Douro desde o Sabor até o Tua, nomeadamente a escura e medonha garganta do *Cachão da Valleira*, onde perdeu a vida o barão de Forster [1].

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos?!...

—

Na dicta parochia de *Cabeça Boa* está, como dissemos, a quinta de *Villa Maior*, da qual tomou o titulo o 1.º visconde de Villa Maior, Luiz Claudio d'Oliveira Pimentel, pae do 2.º visconde do mesmo titulo—Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, que foi um dos homens mais illustrados e mais notaveis d'este seculo—socio da Academia Real das Sciencias, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da Torre Espada e da Legião de Honra, condecorado com o habito d'Aviz, lente da Eschola Polytechnica de Lisboa, director do nosso Instituto Agricola, fundador e director da fabrica de productos chimicos da Povoa, fidalgo da casa real, bacharel formado em mathemathica pela Universidade de Coimbra, major graduado de infanteria, deputado ás côrtes em varias legislaturas, vereador e presidente da Camara Municipal de Lisboa, membro de varias associações scientificas e por ultimo reitor da Universidade de Coimbra, onde falleceu no dia 20 de outubro de 1884, tendo nascido em Moncorvo, no dia 11 de outubro de 1809.

—

Foi s. ex.ª um caracter nobilissimo e uma das maiores illustrações contemporaneas auctor do *Douro Illustrado* e d'outras muitas obras, das quaes Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* registrou em 1860 a bagatella de 33!...

Era s. ex.ª neto paterno de João Carlos d'Oliveira Pimentel, capitão-mór de Moncorvo que, por alvará de 1 de setembro de 1807, foi auctorisado a formar, como formou, uma companhia por acções para tornar o rio Douro navegavel desde o *Cachão da Valleira* até á *Barca d'Alva*, obra de grande utilidade e que em 1811 já se achava concluida, apesar das contrariedades provenientes da guerra da peninsula [1].

Foi seu tio paterno o general Claudino, que desempenhou um papel notavel nas luctas entre os constitucionaes e realistas no 2.º quartel d'este seculo, fallecendo nas cadeias da Relação do Porto, depois de preso pelos realistas junto da actual estação do Molledo, quando em um barco descia pelo Douro, de Moncorvo para o Porto.

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, 2.º visconde de Villa Maior, casou em 18 de julho de 1839 com a ex.ma sr.ª D. Sophia de Roure Auffdiener, senhora muito illustrada e auctora de varias publicações tambem, hoje (1885) viuva, da qual teve filhos que vivem com sua mãe em Lisboa.

Teve tambem muitos irmãos, todos já fallecidos, exceptuando um, rezidente em Braga.

Não podemos ser mais extensos; mas quem desejar mais amplas noticias de Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, 2.º visconde de Villa Maior, leia as duas interessantes biographias de s. ex.ª—uma publicada pelo sr.

---

[1] Veja-se n'este 10.º vol. e no art. *Vias Ferreas* a pag. 488, col. 1.ª e seg.

[1] *Douro Illustrado*, pag. 104.

Latino Coelho na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (tomo 2.º pag. 439 a 455 —e 559 a 570—e vol 3.º pag. 11 a 17)—a outra publicada pelo sr. dr. Antonio Candido no ultimo *Annuario* da nossa Universidade, relativo ao anno de 1884-1885.

Para as suas obras consulte-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

VILLA MARIM—freguezia do concelho de Mezãofrio, comarca da Regoa, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Mamede,—fogos 469, habitantes 1:749, segundo o ultimo recenseamento.

Em 1532 contava apenas 80 fogos e era da apresentação da ordem de Christo [1].

Em 1768 era reitoria da apresentação do prelado do Porto, contava 220 fogos e rendia para o parocho 200$000 réis.

Tambem foi algum tempo da apresentação do Papa.

Esta freguezia (bem como todas as d'este concelho e parte das do concelho da Regoa) pertenceu ao bispado do Porto até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes: — Ventozellas, Miradouro, Egreja, Donsemil ou D. Somil, Paço, Venda Nova, Pereira, Martyr, Villa Cova, Ladoeiro, ou Lodoeiro, Reimonde de Cima, Reimonde de Baixo, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Reduida, Santiago, Rede, (parte, sendo a outra parte de Santa Christina), Villa Pouca, Ponte Cavallar [2], Pousafolles, Granjão de Baixo, Salgueiro, Salgueiral, Moinhos, Serradouro, Val de Ferreiros, Fonte Ribeiro, Mosteiro, Boa Vista e Corredoura;—os sitios de Fonte Condessa, Camatonga, Morganhos, S. Lourenço, Azenha, Valcovo, Serro, Paredes, Vigaria, Moledo, Fraguinhas, S. Thiago (sitio e azenhas), Barca, Lombo, Sermanha, Reimonde de Baixo, Ermeiro, Guarita, Casal, Capelleda, Barreiro e Santo Antonio;—as quintas *do Paço*, hoje de Mauuel de Queiroz e Vasconcellos,—*S. Lourenço*, de João Baptista de Figueiredo, negociante, natural d'esta parochia, mas residente em Lisboa,—*Reimonde de Cima*, que foi da familia Sequeiras e é hoje da familia Victorinos, d'esta parochia,—*Reimonde de Baixo*, da familia Alpoim,—*Molledo*, que foi do general miguelista José Cardoso, d'Armamar,—*Bebereira*, assim denominada por ter junto das casas nobres e da estrada real, que da Regoa conduz ao Porto, uma bebereira gigantesca, magestosa, — *Casal* que foi de Miguel Peixoto e é hoje de seus filhos e herdeiros,—*Salgueiral*, da familia Azevedos,—*Villa Cova*, *Mochinhos*, etc.

—

Freguezias limitrophes—Santa Christina de Mezãofrio a S. O.—Santa Maria d'Oliveira e Cidadelhe a N. E.—Sediellos a N.—rio Douro a S.—e Penajoia além do Douro.

A séde da parochia dista 3 kilometros da estação (apeadeiro) da Rede, na linha ferrea do Douro,—4 de Mezãofrio,—13 da Regoa—24 de Lamego, pela estação da Regoa, —51 de Villa Real de Traz-os-Montes, pela mesma estação,—98 do Porto—e 435 de Lisboa.

Tem esta freguezia uma estrada municipal a macadam para a villa de Mezãofrio, séde do concelho,—estrada que deve seguir até Santa Martha de Penaguião, a N. E.

Passam tambem n'esta freguezia, pela sua extremidade sul, a estrada real a macadam do Porto á Regoa, da qual já se fallou em *Villa Jusã*, e a linha ferrea do Douro, desde a povoação da Rede, a S. O., até á do Granjão de Baixo, a S. E.—tendo na Rede um apeadeiro d'este nome, o apeadeiro de mais movimento nas linhas do Minho e Douro e que por isso ha muito devêra ter sido elevado á cathegoria de *estação*, com tarifa pro-

---

[1] Na mesma data *Cidadelhe*, freguezia limitrophe, contava 20 fogos, *Santa Maria d'Oliveira* outros 20, *Fontes* 25, o *Peso da Regoa* 60 e *Mezãofrio* 200, comprehendendo as 3 freguezias de S. Nicolau, Santa Christina e Villa Jusã—e talvez as de Barqueiros, Trezouras, Frende e Loivos da Ribeira.

V. Ineditos de Hist. Portugueza, tomo 5.º pag. 550 e 583.

[2] Esta aldeia está junto da *Ponte Cavallar*, a N. E. de Cidadelhe e tem casas pertencentes a 3 parochias—*Cidadelhe, Cediellos* e *Villa Marim*?!...

pria. Serve todo o concelho de Mezãofrio e grande parte da populosa freguezia da Penajoia, na margem esquerda do Douro.

—

Tem esta parochia os templos seguintes: —a egreja matriz, muito antiga e bastante arruinada, com uma capella e uma confraria das Almas, 4 altares e boas decorações de talha antiga.—e a egreja de S. Caetano, mais moderna, mais solida, mais central e já aberta ao culto, mas incompleta ainda; —as capellas de S. Sebastião, Santo Antonio e Senhora do Rosario, todas publicas— e 6 particulares, a de S. João Baptista, com um bom retabulo de talha dourada e lindas imagens, pertencente á quinta e casa do Salgueiral, da familia Azevedos,—a de Nossa Senhora da Ajuda, pertencente á familia Queiroz,—a da quinta de Reimonde, da familia Victorinos, — a de S. Lourenço, na quinta d'este nome,—outra na quinta da *Bebereira*,—e a de Santa Luzia, que esteve na povoação de Villa Pouca e hoje está contigua ao palacete do visconde do Granjão, na aldeia d'este nome, e tem festa annual com romagem, no dia sanctificado mais próximo ao dia da padroeira.

Teve mais na povoação do Outeiro a capella de S. Francisco, publica, já demolida e transformada em casa de habitação,—e na quinta do Molledo uma capella particular, que foi demolida para passagem da linha férrea do Douro.

—

Ha n'esta freguezia duas familias muito nobres e muito antigas—a dos Azevedos, do *Salgueiral*, e a dos Peixotos Pinto Coelhos.

A 1.ª conta entre os seus ascendentes aqui nascidos o dr. João Alberto da Silva Azevedo, que foi juiz de fóra em Lamego, ouvidor em Barcellos e uma das victimas do marquez de Pombal, e D. Fr. Alberto da Silva Vasconcellos, arcebispo de Goa, onde falleceu em 1675.

Da nobre familia Peixotos, da quinta do *Casal*, é hoje representante D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral, um dos muitos descendentes e representantes de Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques.

Entre os seus nobres ascendentes conta s. ex.ª os senhores de Felgueiras e Vieira, Travanca, Fermedo, Cabeceiras de Basto, etc.

É o sr. D. Francisco Peixoto primo do sr. D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Padilha Seixas Harcourt, entre os quaes se pleitêa uma grande demanda, iniciada por seus avós ha *quarenta e tantos annos* (?!...) e que versa sobre um certo lote de bens, comprehendendo a quinta do *Cedro*, a mais mimosa e mais fertil da encantadora bacia de Jogueiros, na Regoa,—e a quinta de *Calvilhe*, outro predio soberbo tambem, nos arrabaldes de Lamego.

Pouco mais hoje resta da grande casa dos Peixotos Pinto Coelhos, — *tão grande* que chegou a ter um desembargador *privativo* com um escrivão e um cartorio *privativos tambem*?!...

Para evitarmos repetições, veja-se *Felgueiras*, vol. 3.º pag. 162, col. 1.ª—*Fermedo*, no mesmo vol. pag. 164, col. 2.ª—*Travanca*, vol. 9.º pag. 731, col. 1.ª e seg. — *Vieira*, n'este vol. 10.º e no *supplemento*—e *Lamego* no *supplemento* tambem.

Aproveitando o ensejo de fallarmos d'esta nobilissima familia, faremos uma rectificação:

O sr. D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Padilha tem (do seu consorcio com a sr.ª D. Bertha) dois filhos e uma filha, e não duas filhas e um filho, como se disse por lapso no artigo *Travanca*.

A mencionada filha, por nome D. Bertha, não se acha em estabelecimento algum de caridade, como no mesmo artigo se lê, mas na companhia de sua tia paterna, a ex.ma sr.ª D. Maria da Madre de Deus Peixoto Coelho Padilha, rezidente em Lisboa.

Em nome do meu antecessor, peço desculpa dos lapsos.

—

Hoje os edificios mais notaveis d'esta parochia são os seguintes:—a casa do *Paço*, com brasão d'armas, outr'ora da familia Alpoins e hoje propriedade de Manuel de Queiroz e Vasconcellos,—a do *Miradouro*, tambem brasonada, que foi da familia Mirandas e é hoje de Antonio Victorino de Quei-

roz,—a de *Reimonde* de Baixo tambem brasonada, pertencente a D. Carolina d'Azevedo Alpoim,—a do visconde do Granjão, na aldeia d'este nome, com as armas da familia, —a da *Egreja*, de Manuel d'Almeida Coutinho,—e a da *Pereira*, de José Victorino de Queiroz, bons edificios, mas sem brasões. Tambem é digna de especial menção a *casa de S. Thiago*, na Rede, que foi de Manuel Soares d'Albergaria e é hoje do barão de Fornellos.

—

Banha esta freguezia o Douro, desde a aldeia do *Granjão de Baixo*, a S. E. pertencente a esta parochia, até á povoação da Rêde, a S. O., pertencente á parochia de Santa Christina de Mezãofrio e a esta de Villa Marim, como logo explicaremos.

Banham tambem esta parochia o ribeiro da Rêde, o de Reimonde e outros e o rio *Sermanha*, que nasce nas abas da serra do Marão, corre de norte a sul por entre as freguezias de Cidadelhe e de Villa Marim, á direita, e as de Moura Morta, Santa Maria de Oliveira e *parte* da de Villa Marim, á esquerda,—e desagua na margem direita do Douro, precisamente no *ponto* da *Sermanha* formado por elle, (V. no art. *Pontos do Douro* o n.º 24)—passando por baixo do grande viaducto da *Sermanha*, na linha do Douro e dividindo na sua confluencia á aldeia do *Granjão de Baixo*, na margem esquerda, da de *Villa Pouca*, na sua margem direita,—ambas pertencentes a Villa Marim.

Veja-se o art. *Sermanha*, vol. 9.º pag. 155, e note-se que este rio *não nasce nem toca* na serra de Santa Christina nem na freguezia de Fontellas, como disse por lapso o meu antecessor.

—

A circumscripção d'esta parochia é uma das mais curiosas que se encontram no nosso paiz.

Achando-se Villa Marim entre Mezãofrio e Cidadelhe, quasi na mesma altitude e a igual distancia da margem direita do Douro (cerca de 3 kilometros) em uma larga zona de terreno, cortado a leste pelo rio Sermanha, a oeste pelo rio Teixeira e ao sul pelo Douro, nas faldas da serra do Marão que se ergue ao norte, podiam e deviam dividir proporcionalmente entre si aquella zona, respeitando como linhas divisorias os tres rios, —dando-a Cidadelhe, que é a freguezia mais proxima do Sermanha, a margem direita do rio d'este nome, e a Mezãofrio a esquerda do Teixeira,—dividindo proporcionalmente entre si a margem direita do Douro; mas que succede?

A villa de Mezãofrio foi caprichosamente dividida pelas suas tres parochias.

Descendo pela *estrada-rua* central, deram as casas e o terreno do lado direito (aliás muito limitado) á freguezia de S. Nicolau até á margem esquerda do rio Teixeira;—as casas e o terreno do lado esquerdo á parochia de Santa Christina, prolongando-a escandalosamente para E. S. e O., na extensão de bons 3 kilometros, até á margem do Douro, comprehendendo a maior parte da aldeia da Rêde, que está a jusante de Villa Marim e que devia pertencer *toda* a esta parochia. [1]

—

Deram o fundo da Villa de Mezãofrio á parochia de Villa Jusã, prolongando-a até o Douro—e suspenderam Cidadelhe a meia encosta, não a deixando tocar no Douro, mas sómente no Sermanha.

Villa Marim, partindo da sua extremidade O., desce para o sul sobre a caprichosa faxa de terreno pertencente á parochia de Santa Christina, até á povoação da Rêde,—ali toca na margem do Douro e segue para leste, acompanhando-o com uma estreita faxa de terreno até á margem direita do Sermanha comprehendendo a povoação de Villa Pou-

---

[1] É formada a separação pelo ribeiro que vem de *Fonte-Condessa* e desagua no Douro, cortando de N. a S. a povoação da Rêde.

Ficaram pois pertencendo a Santa Christina as terras e casas da margem direita do dicto ribeiro, e a Villa Marim as da margem esquerda, taes são as casas e azenhas de S. Thiago, a casa que foi de Bernardo Teixeira, hoje de José Pinto Leite—e a estação da *Rêde*, na linha do Douro.

Fica assim *em parte* rectificado o que se disse no art. *Rêde*, vol. 8.º pag. 78, col. 1.ª

ca, [1] a jusante e proxima de Cidadelhe, não permittindo a esta freguezia tocar no Douro. Para maior escandalo Villa Marim passa o Sermanha e vae buscar á margem esquerda d'este rio a pequena aldeia do *Granjão de Baixo, sómente*, [2]—aldeia que devia pertencer á freguezia d'Oliveira, na qual está encravada, pois (exceptuando a dicta povoação) pertence á freguezia d'Oliveira todo o terreno da margem esquerda do rio Sermanha, desde Moura Morta, a N., até á margem direita do Douro, a S., acompanhando este rio para leste, na extensão approximada de 1 kilometro, até um pequeno ribeiro que ha na povoação das Caldas do Molledo e que divide o concelho de Mezãofrio do da Regoa e a parochia de Fontellas da de Oliveira, pertencendo a esta ultima *todo o estabelecimento dos banhos* e os quarteis da margem direita do dito ribeiro—e á de Fontellas todas as casas da margem esquerda do *ribeirinho* [3].

[1] A casa e quinta do *Jayme*, n'esta povoação, pertenceu á freguezia de Cidadelhe, cuja matriz está cerca de 1 kilometro a montante, emquanto que a de Villa Marim dista mais de 3?!..

[2] O *Granjão de Cima* comprehende apenas uma casa, cerca de 1 kilometro a montante do Granjão de Baixo, e pertence á freguezia de *Oliveira*!...

[3] Chamamos a attenção dos leitores para o que levamos exposto, *que não se encontra em chorographia alguma* e que serve para rectificar *muitos lapsos* em que teem cahido outros auctores, fallando das *Caldas do Molledo*, incluzivamente o meu benemerito antecessor, por não as conhecerem tão bem, como nós, pois nascemos quasi em frente d'ellas, na pequena povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, á qual pertence tambem a povoação do *Molledo*, que deu o nome a estas Caldas.

Não se confundam, pois, as *Caldas do Molledo*, que estão na freguezia de Oliveira, concelho de Mezãofrio, e na de Fontellas, concelho e comarca da Regoa, na margem direita do Douro, provincia de Traz-os-Montes, —com a povoação do *Molledo*, de que tomaram o nome e que está cerca de 2 kilometros a O. na margem esquerda do Douro, freguezia da Penajoia, concelho e comarca de Lamego, provincia da Beira Alta.

Vejam-se os artigos—*Corvaceira, Fontellas, Molledo* (aldeia) *Penajoia* e *Rêde*, n'este diccionario e no *supplemento*.

Note-se tambem que passa *pelo meio* do Granjão de Baixo, freguezia de Villa Marim, a estrada publica e *unica* de Oliveira á foz do Sermanha e ás Caldas do Molledo, cujos banhos e parte dos quarteis são da dicta parochia de Oliveira, como já dissemos.

Só quem ali tenha estado muitas vezes, como nós, poderá comprehender semelhante amalgama!

O rio Sermanha devia ser a linha divisoria dos concelhos da Regoa e de Mezãofrio —e não o pequeno e microscopico ribeiro das Caldas,—passando para o concelho da Regoa a freguezia de Oliveira;—e o mesmo Sermanha devia dividir a parochia de Oliveira da de Cidadelhe, com exclusão da de Villa Marim, pois a de Cidadelhe deveria descer até o Douro e comprehender na margem d'este rio um espaço approximadamente egual ao que tem a O. da sua matriz, até á fronteira da parochia de Villa Marim.

—

Esta freguezia tem a fórma d'um L prolongando disparatadamente a sua haste inferior e horizontal pela margem direita do Douro até além do Sermanha, servindo-lhe de remate a leste a pequena aldeia do Granjão, escandalosamente roubada á freguezia de Oliveira, suspendendo na mesma haste a freguezia de Cidadelhe, para que não toque no Douro.

—

Esta parochia pela sua extensão e populacão, pela amenidade e salubridade do seu clima, pela fertilidade do seu terreno, todo comprehendido no *coração do Douro*, [1] e pela variedade e quantidade das suas producções, é sem contestação uma das parochias mais importantes do nosso paiz.

Produz muitos cereaes, batatas, azeite e fructa variadissima da mais saborosa do Douro, nomeadamente laranjas, pois comprehende parte da fertilissima e mimosissima *Ribeira da Rêde*, que faz *pendant* com a *Ribeira dos Fornos*, outro chão extrema-

[1] Vide *Villa Jusã*.

mente mimoso e fertil na margem opposta (esquerda) do Douro, pertencente á grande freguezia da Penajoia,—e com as ribeiras de Jogueiros, na Regoa, e da Villariça, junto de Moncorvo,—todas formadas e adubadas pelos gordos nateiros que as cheias do Douro n'ellas depositam, sendo as producções dominantes d'esta da Rede—vinho de feitoria e laranjas.

As *laranjas da Rede* constituem uma especialidade distincta. Foram sempre das mais afamadas do Douro, rivaes das de S. *Mamede de Riba-Tua*, que são talvez as *melhores* de todo o nosso paiz; mas a producção dominante d'esta parochia é o vinho *de ramo* ou de consumo, na parte alta,—e de *feitoria*, na parte baixa, [1] pois comprehende cerca de 3 kilometros ao longo da margem direita do Douro, desde a Rede até o Granjão, produzindo ao todo talvez mais de 1:500 pipas de vinho, *ainda hoje*, o que no Douro é muito.

Para se formar idéa da importancia d'esta freguezia, note-se que já em 1532,—contando apenas 60 fogos, como já dissemos,—produzia 900 almudes d'azeite,—12:000 alqueires de pão,—15:000 alqueires de castanhas, —e 15:000 almudes de vinho,—segundo se lê na conscienciosa *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandez e publicada pela Academia Real das Sciencias no tomo V dos *Ineditos da Historia Portugueza*, pag. 546 a 613.

Imagine-se a riqueza d'aquelles 60 fogos!...

E note-se que aquella avaliação foi feita pela *dizimaria*, sempre inferior ao rendimento das propriedades.

Os dizimos d'esta parochia pertenciam então á ordem de Christo.

—

Além de ser sempre esta parochia muito considerada pela sua riqueza, mais considerada era ainda pelos seus extraordinarios privilegios, pois não só foi *villa*, *honra* e *concelho* com justiças proprias, comprehendida nos foraes de Mezãofrio, mas tambem *behetria*—povoação excepcionalmente *honrada e privilegiada*.

Tivemos em Portugal muitos coutos, villas e honras com grandes privilegios, mas *behetrias* muito poucas;—apenas as 16 seguintes:—esta parochia e as de Mezãofrio e Cidadelhe, suas limitrophes, — Britiande, Varzea da Serra, Mezio, Campo Bem Feito, na Beira Alta, junto de Lamego,—Amarante e Ovelha, a S. O. do Marão,—e Canaveses, Thuias, Gallegos, Louredo, Gontigem, Paços de Gaiolo e Santo Isidoro, nas comarcas de Penafiel e Canaveses.

Para não alongarmos demasiadamente este artigo, veja-se o que sobre o assumpto já dissemos no artigo *Villa Jusã* — e *Behetria* no *supplemento*.

—

Datam de eras remotas as behetrias em Portugal e na Hespanha. Principiaram por simples estalagens montadas nas estradas publicas e, pela sua grande utilidade para os viandantes, os reis as cercaram de grandes privilegios.

Esta de Villa Marim, bem como as de Mezãofrio e Cidadelhe, estavam na estrada, aliás importantissima desde o tempo da occupação romana, de Entre o Douro e Minho para Penaguião e Panoias, pela ponte *Cavallar*—e para Lamego, Caria, Trancoso, Alafões, Vizeu, etc., na Beira Alta (V. *Cidadelhe*, a 2.ª)—atravessando o Douro na barca do Molledo ou do *Por Deus*,—ou na do Carvalho,—ou na da Regoa,—ou na celebre ponte do *Piar*, de que já se fallou em Villa Jusã,—se é que chegou a concluir-se.

—

Segundo se lê nas *Memorias sobre os foraes*, por Franklim, o foral *novo* de Mezãofrio, dado por D. Manuel em 27 de novembro de 1513, confirmando e ampliando o de D. Affonso Henriques, comprehende tambem esta parochia de *Villa Marim*. Nós accrescentaremos—*e a de Cidadelhe*, pois temos

---

[1] V. *Villa Jusã*.

Os terrenos mais proximos das margens do Douro são os mais abrigados, mais mimosos e que produzem os vinhos superiores. D'aqui vem o dizer-se—e com rasão—que o *melhor vinho do Douro é o que ouve ranger a espadella*.

V. *Douro Illustrado*, pag. 45.

sobre a nossa banca de estudo o dicto foral, que a fl. 6 diz:

—«Cidadelha pagua os foros que antiguamente pagou, sem nisso haver mais emnovação... e na homrra de Villa Marim se recadará por direito real o gaado do vento segundo nossa ordenaçam.

«Outrosim ha hi uma quintã no limite da dita homrra e Julgado, a que chamam *Miradouro*, com certos casaes decrarados no tombo do dito Julgado de Villa Marim, a qual é propria do senhor que fôr da dita terra e recebe della os direitos e foros, a que são obrigados os caseiros, em virtude dos prasos ou aforamentos...»

—

Entre os *vistos* do dicto foral se encontram 4 muito curiosos relativos á mencionada quinta.

No 1.º, com data de 21 d'agosto de 1743, disse o corregedor Proença:—«Acho mais que El Rei tem huma Quinta, chamada do *Miradouro*, na Honra de Villa Marim, de que havia Tombo e varios prasos, de que colhe alguma renda o Almoxarife de Villa Rial, mas não consta o que he. Tambem acho que tem huns foros em Cidadelhe, mas não se me dá noticia d'isto, para o que ordeno aos Juises e Vereadores façam dilg.ª por tudo, p.ª na pr.ª Corr.ªm se arrecadarem...»

No seu visto de 1744 mandou o mesmo corregedor Proença que os juizes e vereadores satisfizessem áquelle provimento, sob pena de 6$000, etc., etc.

No de 1745 disse o mesmo corregedor:—«Não se me deu cumprimento aos provimentos supra, por tanto hey aos Juizes *do anno passado* por incursos na pena dos 6$000 réis, e mando que o Escrivão os torne a intimar aos Juises d'este anno na fórma referida, tudo debaixo das mesmas penas.»

Trovejava o olympo, mas rapidamente serenou, pois logo em seguida, com data de 14 de novembro do mesmo anno, disse o mesmo corregedor Proença:—«Visto os juizes estarem auzentes e não lhe ser intimado o provimento senão em novembro, por onde *não podem* dar comprimento ao 1.º e 2.º provimento, *os absolvo* da condemnação imposta, etc.»

E não mais fallou em semelhante coisa?!...

—

Lembramo-nos da phrase attribuida aos corregedores, quando viam escacear os prezentes e queriam encher o estomago, as copas, capoeiras e algibeiras—*Toca a mover a vara!*—pois apenas se annunciava correição, ferviam os prezentes e brindes *de toda a ordem.*

Vem isto a proposito dos *aprumos* e do *zêlo* do tal sr. Proença com relação ao descaminho dos fóros e direitos reaes, para de prompto em um dado momento reconsiderar e indultar os juizes, e vereadores, com o futil pretexto de que *estiveram auzentes*?!...

Como póde crer-se que estivessem auzentes desde 21 de agosto de 1743, data do 1.º despacho, até novembro de 1745?

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Era pois *reguengo* a tal quinta do *Miradouro*, que ainda hoje existe com o mesmo nome e,—graças ao *zêlo* e *dignidade* dos corregedores Proença e quejandos—ficou *livre* e *allodial!*...

—

Temos encontrado em differentes foraes *centos* de *vistos* dos taes corregedores apenas com o *titulo*, *data* e *assignatura*, o que prova que aquelles magistrados *nada viam* alem da *colheita* e da *comezaina*, pois tambem nos consta que as aposentadorias eram uma verdadeira praga para os povos! E, quando iam alem do sacramental *visto*, a desconsideração era certa.

No mesmo foral d'esta villa e da de Mezãofrio, por exemplo, mandou em 1819 o corregedor Pimentel que se traduzisse *immediatamente* para boa lettra o foral, *para que podesse ser de todos lido;* [1] mas em 1828 ainda se não havia copiado, pelo que no visto do corregedor Tavares, em correição d'aquella data, se lê: «Deve ser copiado em boa letra este Foral. *Cuide* disso os Srs. Ve-

[1] É escripto em portuguez, mas em caracteres goticos, com illuminuras, e comprehende 10 folhas de pergaminho, mais 2 com o indice no principio e 2 no fim com os *vistos* dos corregedores, desde 1583 até 1831.

readores até á futura correição, *sub pena de se mandar copiar á sua custa* (*sic*).»

Agora a nota comica:

Em 1829 o corregedor, vendo ainda o foral por traduzir, com manifesto desprezo das terminantes ordens dos seus collegas, desde 1819, lavrou o chistoso *visto* seguinte: *Não se copie este Foral para que não se escarneção mais os Provimentos das Correições. Zuzarte.*

Obedeceram os illustres vereadores, pois só em 1866—ou 47 annos depois do 1.º provimento—foi o dicto foral traduzido pelo sr. Kerubino Lagoa, cartorario da Santa Casa da Misericordia do Porto.

—

Banham esta freguezia o Douro a S. e o Sermanha a S. E.

O Douro tem nos limites d'esta parochia os *pontos* (*rapidos, galeiras* ou *cachoeiras*) do *Conde* e da *Sermanha*.

V. *Pontos do Douro*, n.os 23 e 24.

O do *Conde* tomou o nome dos condes de Marialva, antigos alcaides móres de Lamego, porque no dicto *ponto* cobravam certos direitos;—o da *Sermanha* tomou o nome d'este rio, em cuja embocadura se acha e que o formou com a grande quantidade de pedras que tem despejado sobre o Douro, bem como o ribeiro da *Curvaceira* e o rio *Corgo* formaram os *pontos*, a que deram os seus nomes.

O ponto da *Sermanha* tambem podia denominar-se *Ponto do Frade*, porque muitos annos, até 1834, foi uma das quintas mais rendosas de um frade da Penajoia, bem conhecido por *Fr. Bernardo do Molledo*,—um dos homens mais valentes e mais temidos n'aquella grande freguezia e *em todo o concelho de Lamego*, no 2.º quartel d'este seculo.

Não sabemos bem porque bullas todos os barcos que subiam o dito ponto eram obrigados a dar-lhe 480 réis por cada sirga que lançassem a terra, pois só com os bois do dito frade podiam ser guindados n'aquelle ponto. E, sendo os marinheiros rabellos *de pelle diabi*, nomeadamente os *afamados valentões* de Barqueiros e de Porto Manso, *todos* se curvavam á despotica imposição do fradinho e pagavam *pontualmente!...*

Morava elle na povoação do *Codorneiro* (uma das muitas da Penajóia) junto da do Molledo e do dicto *ponto*, e deixou boa fortuna, hoje de um seu 2.º sobrinho, Antonio Rodrigues França, que habita a mesma casa do tio, a melhor d'aquella povoação e que avulta a meio d'ella, distinguindo-se perfeitamente do Douro, d'esta parochia de Villa Marim e do mencionado *ponto*, por ter um espaçoso mirante envidraçado.

—

Tem esta parochia uma fabrica de queimar vinho e duas azenhas na Rede, movidas por agua, — outras duas mais distantes, movidas por gado — e no Sermanha um bom estabelecimento de moagem de pão.

Tem na foz do Sermanha tambem uma grande ponte de pedra de um só arco, na estrada real da Regoa ao Porto [1]—e o grande viaducto da *Sermanha*, uma das primeiras obras d'arte na linha férrea do Douro. V. *Sermanha*.

—

A jusante do *ponto* da *Sermanha* e a montante do *do Conde* crusa entre esta freguezia e a da Penajóia a celebre barca do Molledo ou do *Por Deus*, que tomou o nome da antiga povoação do Molledo, na margem sul,—povoação que deu o nome ás *Caldas do Molledo* e á quinta do *Molledo*, uma das muitas d'esta parochia, por estar em frente d'aquella povoação, na margem norte (direita) do Douro.

—

Ha n'esta parochia, na vinha e montes da *Capelleda*, junto da egreja de S. Caetano (lado norte) uma mina de estanho, registrada e principiada a explorar na segunda metade d'este seculo por Miguel Peixoto, de sociedade com alguns capitalistas de Lisboa.

O minerio era de excellente qualidade,

---

[1] Esta ponte foi mandada fazer pela *Companhia dos Vinhos*, quando fez a estrada do Porto á Regoa. V. *Villa Jusã*.

Anteriormente havia, um pouco a montante d'esta, outra ponte para communicação entre os povos das duas margens d'este rio. Era tambem de pedra e ainda lá se vê, sendo denominada *ponte velha*.

mas os filões descobertos muito frouxos, pelo que suspenderam a lavra.

N'ella se encontraram vestigios de remota exploração,—galerias, pratos de estanho, picaretas, etc.

—

Entre esta parochia e a de Cidadelhe, sua limitrophe, ha um morro, denominado *Castello dos Mouros,* onde se vêem ainda hoje ruinas consideraveis de um castello antiquissimo, cuja fundação se attribue aos romanos.

Ali se teem encontrado muitas medalhas romanas, de cobre, prata e ouro. Uma de ouro, de Cesar Augusto, encontrada depois do meiado d'este seculo, tinha de valor réis 4$100, avaliada pelo preço corrente do nosso ouro. Outra, encontrada tambem pelo mesmo tempo, e tambem de ouro, tinha no anverso a efigie de uma mulher e no reverso a efigie d'outra mulher, e pelo preço corrente do nosso ouro em barra valia 800 réis.

Alguem diz que n'este morro esteve no templo dos romanos uma cidade ou povoação muito importante, com os restos da qual se formou a freguezia e povoação de *Cidadelhe*, muito proxima.

V. *Cidadelhe*, a segunda.

—

Ao norte d'esta freguezia se ergue imponente a serra do Marão, notavel pela sua altitude, tendo sobranceiras a esta parochia e á de *Cediellos* as medonhas *Fragas da Ermida,*—um dos maiores despenhadeiros que se encontram em Portugal!

D'ali se gosa um panorama vastissimo sobre a bacia hydrographica do Douro e sobre as provincias da Beira e Traz-os-Montes, ficando aos pés do observador desenhado o abysmo com as mais vivas cores do bello horrivel.

Deslumbra o assistir do alto d'aquelle penhasco ao nascer do sol.

Existe ali, no ponto mais elevado,—*Cabeço da Lousa,*—um pequeno poço, aberto pela natureza na rocha, com alguns litros d'excellente agua potavel, que não trasborda nem secca. «Mais de uma vez a saboreámos pela aba do nosso chapeu»—diz o meu informador.

A serra do Marão, ao norte, e a do Monte do Muro, ao sul, abrigam e defendem das intemperies o Alto Douro e contribuem para a excellencia das suas producções, nomeadamente do vinho, como se lê no *Douro Illustrado*, pag. 28 e 29.

—

A povoação da Rêde foi na primeira metade d'este seculo a vergonha e o açoute d'esta freguezia e de todo este concelho.

Era um covil d'assassinos e salteadores que tinham por valhacouto a casa de Manuel Soares d'Albergaria, mas com a morte d'este e do seu filho bastardo João Pereira, fuzilado em Mezãofrio, aquelles meliantes mudaram de rumo.

V. *Villa Jusã* n'este diccionario—e *Rede* no supplemento.

—

Na aldeia do *Granjão* ha duas pessoas notaveis—o visconde d'aquelle titulo e o venerando e benemerito cirurgião Joaquim José de Sousa.

Antonio Botelho Teixeira, 1.º barão do Granjão por mercê de 7 de maio de 1867, e 1.º visconde do mesmo titulo por mercê de 28 d'abril de 1879, nasceu no *Granjão de Cima*, parochia de Santa Maria d'Oliveira, nos principios d'este seculo, e foi capitão do exercito realista do sr. D. Miguel, que o condecorou com a sua *real effigie*.

Depois da convenção d'Evora Monte, recolheu-se a sua casa, abraçou o partido liberal—e *ha bons trinta annos* é presidente da camara de Mezãofrio, *sem interrupção?!..*

Casou em Fornos d'Algodres com a ex.ma sr.ª D. Carlota d'Albuquerque Pimentel e Vasconcellos, já fallecida, senhora muito virtuosa. D'este consorcio houveram uma filha unica, D. Amelia Teixeira Botelho d'Albuquerque, senhora virtuosissima tambem, hoje casada com o dr. José Abranches Homem da Costa Brandão, antigo deputado ás cortes e cavalheiro de muito merecimento, natural do concelho de Ceia, districto da Guarda.

O sr. visconde do Granjão ainda vive n'esta data e teve um irmão. que falleceu ha poucos annos, dr. José Botelho Teixeira, excellente pessoa, advogado distincto e muitos

tos annos juiz de direito substituto na Regoa.

—

Joaquim José de Sousa, filho natural de uma mulher de Villa Pouca, povoação d'esta freguezia de Villa Marim, nasceu na villa de Moimenta da Beira, em agosto de 1804.

Protegido por um abbade de Cidadelhe, formou-se em cirurgia na Escola do Porto, matriculando-se em 1825 e terminando com distincção a formatura em 1830.

Passou em viagem de instrucção pelo nosso paiz o anno de 1831, que foi um vulcão de revoluções!...

Em principios de 1832 foi nomeado pelo sr. D. Miguel cirurgião ajudante do regimento de infanteria n.º 19, de Cascaes.

Sitiado o Porto pelas tropas do sr. D. Miguel, prestou Joaquim de Sousa relevantes serviços nos hospitaes de sangue que se improvisaram em volta d'aquella cidade para os sitiantes e sitiados prisioneiros, nomeadamente no hospital que se creou no convento da Formiga, no qual só no dia de S. Miguel de 1832 entraram cerca de 1:000 soldados feridos.

Desgraçados tempos!...

—

Em 1833 foi despachado cirurgião mór para o regimento d'artilheria de Faro;—em abril de 1834 passou com a mesma patente para cavallaria n.º 8—e, em seguida á convenção d'Evora Monte (27 de maio d'aquelle mesmo anno) deixou a carreira militar, que tão auspiciosa lhe sorria, e recolheu-se a sua casa.

Recebeu convite para servir no exercito liberal com a mesma patente de cirurgião mór (contava elle então 30 annos!...) mas não acceitou, sustentando inabalavel *até hoje* as suas crenças realistas,—sempre respeitado e muito considerado por todos, incluindo os proprios liberaes,—porque foi sempre um cavalheiro a toda a prova e exerceu sempre a clinica particular com grande proficiencia, muito zelo e muito desinteresse nos concelhos de Mezãofrio, Regoa e Lamego, nomeadamente na freguezia da Penajoia.

Fixou a sua rezidencia no *Granjão de Baixo*, onde tem vivido e vive ainda, mas já completamente inutilisado com o peso dos seus 81 annos!

Poucos cirurgiões ruraes terão trabalhado tanto e deixarão de si tão abençoada memoria!...

—

Falleceu no dia 9 de abril de 1882 na sua quinta do *Casal*, n'esta freguezia, o sr. Miguel Peixoto Pinto Coelho de Sá Carneiro, pae do sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral.

Chamava-se *Miguel*, por ser afilhado do sr. D. Miguel I, que no baptismo se fez reprezentar pelo marquez de Bellas.

O finado era filho de Anselmo de Andrade de Sá Carneiro e de sua esposa D. Maria Henriqueta Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello,—neto pela parte paterna do general Antonio José Baptista Sotto-Maior de Sá Carneiro e Castro, e pela parte materna de Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva, ultimo senhor donatario de Felgueiras, Vieira e Fremedo, legitimo descendente e representante do famoso Egas Moniz.

Nascêra Miguel Peixoto em Lisboa, no dia 19 de julho de 1831.

—

Em volta de Lamego ha muitas povoações cujos nomes terminam em *im*, taes são Lalim, Lazarim, Ferreirim, Magustim, Mondim, Gojim, Goujoim, Sendim, Sedavim, Cantim, Contim, Gondim, Penim, Almeirim, etc.

Todas estas povoações foram restauradas pelo benemerito emir ou rei mouro de Lamego, *Zadam-Iben-Huim*, de quem por gratidão tomaram e ainda hoje conservam o appellido.

Talvez que do mesmo regulo tomassem tambem a desinencia *im* esta parochia de Villa *Marim*, a de S. José de *Godim*, junto da Regoa, e a povoação de *Nostim* da freguezia de Moura Morta, visinha de Villa Marim, pois todas estas povoações estão a pequena distancia de Lamego, embora na margem direita do Douro, e é possivel que no tempo da occupação arabe pertencessem ao reino de Lamego, assim como posteriormente pertenceram á provedoria da mesma cidade e agora pertencem áquella diocese.

—

Esta parochia soffreu muito em 1808 com os excessos de toda a ordem, praticados pelo sanguinario general francez Loison, n'este concelho de Mezãofrio e no da Regoa. V. *Villa Jusã.*

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos—e na villa de Mezãofrio, séde do concelho e sua limitrophe, tem muitas feiras e mercados importantes, muitas lojas de commercio bem sortidas, um theatro, um hospital da Misericordia, pharmacias, etc.

Os primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são—Manuel d'Almeida Coutinho, Victorino de Queiroz e o visconde do Granjão.

Aos meus illustrados collegas, os rev.os Antonio Corrêa da Silva e Abilio Pereira Dias, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLA MARIM—freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Marinha,—fogos 303,—habitantes 1:260.

Em 1706 contava 135 fogos,—era da apresentação dos jeronymos de Belem—e pertencia á comarca, ouvidoria e corregedoria de Villa Real, provedoria de Lamego.

Em 1768 era da mesma apresentação,—contava 194 fogos—e rendia para o seu vigario 40$000 réis.

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes: *Villa Marim*, Ramadas, Gallegos, Quintella, Arnal, Outeiro, Barroca, Muas ou Mecas, Agares, Pombal e Refontoura;—os casaes ou quintas de Cabril, Fojo, Covello e Veiga;—a casa, habitação isolada, dos *Machados*—e os sitios da Marinheira e Coucieiro.

—

Freguezias limitrophes—Mondrões a S. O.—Borbella a N. E.—Villa Real a S. E.—e Villa Cova a O.

Dista de Villa Real 3 kilometros para N. O.—30 da Regoa,—134 do Porto—e 471 de Lisboa.

Producções dominantes—cereaes, castanhas, batatas, melancias, maçãs e vinho *muito aspero.*

—

No seculo XIV D. Martinho d'Oliveira, quarto do nome, natural d'Evora, annexou ao convento benedictino de Pombeiro esta parochia de *Villa Marim*, e as de Santa Maria de Canedo, em terras de Basto, S. Miguel de Vargiella, S. Diniz de Villa Real de Traz-os-Montes, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de *Bobadella*, S. Fins de Torno, S. João de Cavez, S. Salvador de Moure, S Mamede de Villa Verde, S. Martinho d'Armil e Val de Bouro, segundo se lê na *Benedictina Luzitana*, L. 2.º pag. 72, col. 1.ª

—

Esta parochia é muito antiga e muito considerada pois já no tempo do nosso primeiro rei D. Affonso Henriques era *honra;*—pertencia como tal a *Mem-Guedes*—e d'elle passou por varonia, durante seculos, aos Guedes Alcoforados, descendentes de Mem Guedes.

Tomaram o appellido *Alcoforados* depois que Diogo Guedes, 3.º neto de Mem Guedes, casou com D. Goldora Goldares Alcoforado.

Caetano Guedes Alcoforado foi o 17.º neto d'aquelle avoengo e teve uma irmã, D. Magdalena Maxima Souto e Medeiros, que casou em Provezende com José Botelho d'Azevedo Cão, fidalgo distincto, capitão mor do Couto de Provezende, morgado e descendente do celebre Diogo Cão, descobridor do Congo.

Do consorcio com D. Magdalena teve José Botelho uma filha unica e herdeira, D. Quiteria Liberata Souto Maior d'Azevedo Cão, que casou com Affonso Botelho de S. Payo e Sousa, morgado de Passos, junto de Sabrosa, descendente de Affonso Botelho, o *velho*, primeiro alcaide-mór de Villa Real de Traz-os-Montes, por graça d'el-rei D. Diniz.

Por esta fórma os vinculos de Passos e Provezende se reuniram em uma só familia, que pelo lado materno procedia dos Guedes Alcoforados, senhores da *honra* de Villa Marim, concelho de Villa Real, desde o principio da nossa monarchia.

—

Estas casas e estes vinculos foram em nos-

sos dias representados pelo notavel campeão das medidas restrictivas do Douro, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, Affonso Botelho de S. Payo e Sousa, [1] mas não representava a casa de Villa Marim. Apenas tinha o sangue d'ella.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação de *Quintella*, uma torre antiquissima, acastellada e ameiada, com o aspecto da *Torre da Marca*, hoje dos Terenas, no Porto. Antes da fundação de Villa Real de Traz-os-Montes já existia a mencionada torre de Villa Marim—e em 1721 era senhor d'ella o conde de Vimioso.

Ignoramos a quem pertence na actualidade e quem foi o seu fundador.

—

Ao meu illustrado cyreneu e bom amigo, o ex.mo sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

—

Com relação a esta parochia diz J. A. de Almeida:

«No logar de *Agares* está a ermida de S. Torquato, aonde concorriam muitos romeiros. Aqui junto ha memoria de um castello demolido, com uma cova no meio, entulhada de pedras lavradas, e com o seu recinto de muralhas por fóra, de que se vê ainda hoje parte, e que dizem ser obra dos mouros. Mais perto do mesmo sitio vê-se uma cova em terra de salão, d'onde, affirmão algumas pessoas, se tirára um caixão com muitas peças d'ouro.»

Foi natural d'esta parochia Fr. Seraphim da Conceição, carmelita descalço.

Nasceu a 6 de janeiro de 1734 e falleceu a 6 de fevereiro de 1814. Passou a maior parte da sua vida em Braga, onde, pela sua illustração e virtudes, foi bem acceito aos arcebispos D. Gaspar, D. Fr. Caetano Brandão e D. José da Costa Torres, de quem foi confessor.

Escreveu varias obras, indicadas por Innocencio Francisco da Silva.

—

No *supplemento* a este diccionario — se Deus nos der vida e forças e elle estiver ainda a nosso cargo—desenvolveremos consideravelmente este artigo.

VILLA MARTIM—hoje *Martim*, freguezia do concelho e comarca de Barcellos, da qual já se fallou no vol. 5.º pag. 100, col. 2.ª

E' povoação muito antiga, pois d'ella faz menção o livro *Fidei* dizendo que estava nas faldas do monte *Bascio* (ou Bastucio) e que ali tivera certas propriedades Anagildo,—propriedades que vendeu a Guthierre Lovesende e a sua mulher D. Aragunta, no anno de 1024.

—

Comprehende hoje esta parochia as aldeias ou povoações seguintes: *Martim*, séde da parochia, Venda, Pousada, Pomares, Riquinha, Lousa, Caldellas, Logar d'Alem, Tapada, Portella e Carcara.

A aldeia de Martim, outr'ora *Villa Martim*, é atravessada pela estrada real a macadam de Braga para Barcellos e demora na margem esquerda do rio Cavado, do qual dista 3 kilometros,—10 da villa de Barcellos —62 do Porto—e 399 de Lisboa.

VILLA DE MATTOS — V. *Vil de Mattos*, n'este vol. 10.º pag. 661.

VILLA MEÃ—freguezia, convento e couto extinctos no concelho de Sinfães.

V. *Escamarão* e *Souzello*.

Note-se que o concelho de Paiva, de que se fallou nos logares citados, já não é do bispado de Lamego. Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, ficou pertencendo ao bispado do Porto, bem como todo o concelho d'Arouca, exceptuando unicamente a freguezia d'Alvarenga, por estar na margem direita do rio Paiva, linha divisoria adoptada para extrema dos bispados do Porto e de Lamego, como já se disse em *Villa Jusã*.

VILLA MEÃ—freguezia do concelho de Villa Nova da Cerveira, comarca de Valença do Minho, districto de Vianna do Castello, diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago S. Paio,—fogos 102,—habitantes 404, comprehendendo a povoação de *Chamosinhos* que lhe foi annexada administrativamente, mas que para os effeitos espirituaes pertencia e pertence á parochia de S. Pedro da Torrre.

---

[1] V. *Sabrosa* e *Provezende*.

Esta freguezia é formada pela povoação do seu nome, em cujo centro está a egreja matriz, e pela de *Montorros*, que apenas tem 3 fogos.

A aldeia de Chamosinhos em tempos mais remotos esteve annexa á freguezia de Santa Maria da Silva, d'este mesmo concelho de Valença, mas depois, por contracto feito com o convento de Oia, em Galliza, padroeiro da dicta parochia da Silva, passou para a de S. Pedro da Torre, mediante o pagamento de 80 alqueires de pão por anno ao convento de Oia.

—

Em 1706 denominava-se esta freguezia *Villa Meão*,—contava 40 fogos—e era vigairaria da apresentação da collegiada de Valença.

Em 1768 era da mesma apresentação—contava 65 fogos—e rendia para o seu vigario 30$000 réis.

Demora na margem esquerda do Minho, do qual dista 2 kilometros para S. E.,—5 de Villa Nova da Cerveira e de Valença,—35 de Vianna do Castello,—70 de Braga,—116 do Porto—e 453 de Lisboa.

Os campos de *Villa Meã* foram cortados ao sul pela estrada real de Caminha a Valença,—e ao norte pela linha ferrea do Minho, cuja estação mais proxima é a de S. Pedro da Torre, a distancia de 3 kilometros.

Producções dominantes—cereaes,—vinho verde e hervagens.

Tambem é mimosa de peixe do mar e do Minho, nomeadamente de salmões, saveis, e lampreias.

Esta parochia já esteve algum tempo annexada á de Campos, sua limitrophe, mas hoje é freguezia independente, com parocho proprio.

V. *Campos*, vol. 2.º pag. 75, col. 1.ª

—

A *Villa Meã*, a que se referem as Inquirições de D. Affonso III, no termo de Vianna, e a troca feita com D. Gil, bispo de Tuy, era um logar da freguezia *d'Affife*, concelho de Vianna do Castello.

V. *Afife, in fine.*

VILLA MEÃ—quinta antiquissima junto de *Prime*, no termo de Vizeu, em 1207, data em que D. Sancho I a doou a Martinho Salvador, como se lê em Viterbo no artigo *Calumpnia*, e como nós já dissemos tambem no art. *Prime.*

Suppomos que a tal quinta de *Villa Meã*, mudou de nome, pois no concelho de Vizeu não conhecemos quinta ou povoação assim denominada, alem da povoação de *Villa Meã* na parochia de Povolide, distante de Fragosella cerca de 10 kilometros, para N. E.—em quanto que *Prime* é hoje uma das aldeias da parochia de Fragosella. As outras povoações d'esta parochia são—Fragosella de Cima, Fragosella de Baixo, Sarnadinha, Tapado, Espadanal e Granja.

A *Chorographia Moderna* não menciona quinta alguma pertencente á esta parochia. E possivel que outr'ora se denominasse *Villa Meã* alguma das mencionadas aldeias.

V. *Prime, Fragosella* e *Povolide.*

VILLA MEÃ DE BAIXO [1] —aldeia da freguezia de *Real*, concelho d'Amarante.

V. *Real*, vol. 8.º, pag. 63, col. 2.ª

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Real, Outeiro, Ribeira, Rubim, Salgueiras, Salvador, Souto, Cruz do Souto, Pardieiros, Aldeia, Aldeia Nova, Aldeia Velha, Pias, Eirado, Bemfica, Ponte da Pedra, Monte, Moinhos, Outeiro, Fundo de Villa, Terça, Eira, Fonte de Cima, Penedo, Santa Comba Rua, Adega Velha, Agro Maior, Salgueirinhos, Feitoria, Casas Novas, Assento, Montinchol, Cotovial e differentes casaes e quintas.

—

Passa junto da aldeia de Villa Meã de Baixo a linha ferrea do Douro, que tem ali a sua 10.ª estação a contar do Porto, denominada *Villa Meã.*

Ha na dicta aldeia uma importante industria de mortalhas de palha de milho para cigarros, que são exportadas para o Brazil, nomeadamente para o Rio de Janeiro, *em grande quantidade*, — e temos ao norte do nosso paiz outras muitas terras que explo-

---

[1] *Villa Meã de Cima*, aldeia proxima, pertence á freguezia d'Athaide, tambem do concelho d'Amarante.

ram a mesma industria, nos concelhos de Amarante, Lousada, Sinfães, etc.

São no Rio de Janeiro actualmente conhecidas 50 marcas differentes de palha portugueza, que representam outras tantas casas expedidoras.

As ditas mortalhas foram a principio enviadas da ilha de S. Miguel (Açores) mas acabou ali esta industria por ser a palha toda mais grossa e não poder competir com a palha do nosso continente.

—

Para se avaliar a importancia d'esta industria, note-se que só uma casa do Rio de Janeiro costuma ter em deposito palha no valor de 20 a 30 contos de réis fracos?!...

A palha portugueza é ali conhecida por palha *especial* e *fina*, de 1.ª e 2.ª qualidade —e vendida em pacotes de 500 mortalhas cada um, regulando actualmente o milheiro de 2.ª por 800 réis,—o de 1.ª por 1$000 rs. —e o da especial por 1$300 a 1$500 réis fracos.

O governo brazileiro a principio cobrava na alfandega 200 réis por kilo;—hoje cobra 1$500 réis—e o consumo tem subido em dobro nos ultimos annos.

Ha no Rio de Janeiro fortunas feitas só com este artigo.

A palha de milho, portugueza é a melhor que se conhece para as mortalhas dos cigarros. Lamentamos que na maior parte do nosso paiz ainda hoje se ignore esta particularidade e o grande partido que podiam tirar d'ella, como tiram esta aldeia de Villa Meã e algumas outras do Minho e da Beira, nomeadamente de Sinfães.

—

Esta aldeia de *Villa Meã* foi a séde do antiquissimo concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Amarante.

Ainda ali se vê a casa da camara e da cadeia, bem como o pelourinho.

Era pois uma povoação importante, em quanto foi séde do concelho; extincto este, decahiu bastante, mas hoje, depois da construcção da linha ferrea do Douro, que lhe peu estação propria, Villa Meã recobrou nova vida e rapidamente ultrapassou a importancia que perdeu.

Alem da estação e das suas dependencias, já tem muitas casas novas, differentes estabelecimentos commerciaes, dois hoteis como nunca teve, etc. [1]

VILLA MEÃ DE BORNES—aldeia da freguezia d'este nome, junto das *Pedras Salgadas*, no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, provincia de Traz-os-Montes.

V. Bornes e *Pedras Salgadas*.

A freguezia de S. Martinho de Bornes comprehende as aldeias seguintes:—*Villa Meã*, Rebordechão, Lago Bom, Tinhella de Cima, Tinhella de Baixo, Valhegas e Lagôa todas muito antigas,—e a das *Pedras Salgadas*, muito moderna, mas hoje a mais notavel e mais importante, formada pela benemerita companhia exploradora das aguas *alcalino-gazosas-sodicas*, bem conhecidas em Portugal e nos paizes extrangeiros como aguas das *Pedras Salgadas*, rivaes das de Vichi, em França, das de Verim, em Hespanha, e das de Vidago e Bensaude, n'esta mesma provincia de Traz-os-Montes.

—

O dia 9 de setembro de 1884 foi altamente lisongeiro para esta povoação de Villa Meã.

Achando-se nas *Pedras Salgadas* el-rei o sr. D. Fernando com a sua esposa actual, a sr.ª condessa d'Edla, e com seu filho o sr. Infante D. Augusto, fazendo uso das aguas alcalino-gazosas, — para fugirem á monotonia e para respirarem a pulmões cheios o ar puro do campo, não cessavam de passear pelas cercanias d'aquelle estabelecimento balnear. Um dia espraiavam-se pelos montes caçando,—outro dia alongavam o passeio até ás margens dos rios mais proximos, entretendo-se com a pesca,—outro dia foram nos seus trens até Villa Pouca d'Aguiar; — visitaram tambem o Vidago e Chaves—e no mencionado dia 9 offereceram um *pic-nic* aos hospedes do *Grande Hotel*, onde a familia real se achava hospedada tambem.

---

[1] Dão-lhe tambem muita vida 2 boas estradas a macadam, que partem da estação para o concelho d'Amarante, servidas por diligencias.

Realisou se a festa em um dos sitios mais pittorescos das visinhanças das *Pedras Salgadas*,—um souto de castanheiros na aldeia de que nos occupamos.

Teve a honra de ser um dos convidados o sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, ao tempo tambem ali a banhos, chronista e redactor do *Commercio do Porto*, para o qual enviou no dia immediato uma interessante correspondencia da qual extractamos o seguinte:

—

Pedras Salgadas 10 de setembro de 1884.

«Ficarão memoraveis no espirito de todos os que tivemos a honra de ser convidados para o *pic-nic* realisado hontem pela familia real, as impressões agradabilissimas que nos proporcionou aquella festa, já pela magnificencia com que foi disposta, já pela occasião que tivemos de conhecer, melhor do que nunca, o trato delicado e captivante de el-rei o senhor D. Fernando e de sua esposa a senhora condessa d'Edla, do infante o senhor D. Augusto e ainda das pessoas que n'esta localidade formam a sua pequena e despretenciosa côrte.

Estas qualidades excellentes, que são tradicionaes na familia real portugueza, só bem se apreciam quando, como hontem, nos encontramos par a par com os seus membros, sentindo o magnetismo suave das attenções com que nos penhora e das amabilidades com que nos confunde.

— Aqui somos todos iguaes—disse el-rei.

E effectivamente, ao vêr-se a convivencia franca e desprendida que durante a tarde reinou entre todos os convivas, ninguem julgaria que entre nós, simples cidadãos, estava por exemplo, o pai do chefe do Estado, um monarcha, emfim, que por mais de uma vez tem presidido aos destinos d'esta patria, que já de ha muito é tambem a sua, se não por nascimento, comtudo pelos laços da familia que o prendem a um torrão, pequeno em dimensões, é verdade, mas grande nos feitos gloriosos que ennobrecem as paginas brilhantes da sua velha historia.

El-rei e sua familia pareciam sentir-se bem n'este grupo, que apesar da liberdade que lhe era dada pelo exemplo do mais amavel convivio, se via apenas embaraçado por vezes em não poder testemunhar-lhes bem claramente o reconhecimento de que estava possuido perante uma affabilidade tão lhana como expontanea.

Nós, os hospedes do Grande Hotel, estavamos já habituados ao trato familiar e attencioso de el-rei, de sua esposa e filho, pelas conversações a cada passo travadas entre tão elevados personagens e nós, mas todos esses requintes de cortezia e de fina educação duplicaram na festa de hontem.

. . . . . .

O dia apresentou-se perfeitamente adequado á diversão que se effectuava, porque até o calor dardejante do sol tornava mais appetecida a sombra que projectava no sitio a ramagem frondosa dos castanheiros.

Os snrs. Ferreira de Almeida, Mendes de Araujo e eu preparamos o terreno e dispozemos o local para a mais commoda permanencia n'elle.

Desbravou-se o chão, collocou-se um tolde para interceptar algum raio solar mais indiscreto, disposeram-se as ramagens e as bandeiras e procurou-se emfim dar ao sitio um aspecto festivo e uma disposição aprazivel.

A's quatro horas da tarde estavamos ali todos os hospedes convidados. Pouco depois chegaram os regios personagens, que foram recebidos por nós, proximo do souto destinado ao banquete; ao mesmo tempo estrondeavam os foguetes e a musica [1] executava o hymno d'el-rei.

O povo que se juntára, attrahido pelos signaes da festa, collocára-se a distancia e saudava respeitosamente S. M. e a sua familia.

Emquanto se tratava dos preparativos, o senhor D. Fernando, a senhora condessa e o senhor infante faziam as honras do *campo* com a maxima urbanidade e cortezia, já conversando com todos os convidados, já dispensando as maiores attenções ás senhoras,

---

[1] Era a banda marcial do regimento d'infanteria n.º 13, que esteve nas Pedras Salgadas, emquanto ali se conservou a familia real.

que a senhora condessa tinha chamádo para junto de si.

Estendida a branca toalha no chão, no centro da qual se destacava um modesto centro das pobres flores que trabalhosamente conseguíramos reunir, alfombrado o chão com um macio tapete de fetos sobre os quaes se estenderam os chailes e as mantas de viagem, el-rei deu ordem para que nos sentassemos e procurassemos os lugares que melhor nos approuvesse sem distincções de cathegorias, e cada um se acommodou perfeitamente, dando-se principio ao *pic-nic*.

—

«Eram quasi cinco horas e a tarde principiava a tornar-se amena. Collocados em uma eminencia, a nossa vista dominava um formoso panorama emoldurado ao fundo pelas curvas das serras, cuja cadeia parecia prolongar-se infinitamente, contrastando o negrume das suas massas granitivas com o viço dos valles que lhes contornavam a base.

A refeição correu animadissima, por entre os dictos alegres e as conservações prasenteiras de uma sociedade composta na apparencia e na sua totalidade de amigos velhos, tal era a cordialidade com que a todos tratava a familia real.

Do serviço o maximo elogio que se pode fazer d'elle é declarar simplesmente que era da casa d'el-rei.

Ao champagne, S. M. congratulou-se por ver alli reunidas pessoas cuja companhia summamente disse ser-lhe agradavel pelo prazer que duplamente lhe tinham dado com a acceitação do seu convite, e brindou por todas ellas, agradecendo a participação que haviam tomado n'aquella festa sem pretensões.

Respondeu em nome d'estes o sr. dr. Navarro de Paiva (procurador regio na Relação do Porto), saudando o rei e a familia real. Em seguida brindou tambem a S. M. el-rei o sr. D. Luiz I.

O sr. Ferreira de Almeida, deputado ás côrtes, brindou pela rainha a senhora D. Maria Pia e depois pelo senhor infante D. Augusto.

O sr. Mendes Araujo, como filho do Porto, relembrando a memoria de D. Pedro IV, brindou pelos seus descendentes.

O sr. Navarro de Paiva brindou pela senhora condessa d'Edla.

El-rei D. Fernando por ultimo saudou todas as presentes.

.....

Entardecia já, quando nos dispozemos a regresar ao hotel. Deu-se antes um pequeno passeio, durante o qual a senhora condessa afagava com carinho verdadeiramente maternal as creancinhas do povo, e depois dirigimo-nos a pé, pela povoação de Villa Meã até á estrada onde estavam os trens, erguendo-se durante o percurso calorosos vivas a el-rei, ao senhor infante e á senhora condessa.

A familia real pôz de novo á disposição dos convidados um dos *breacks* e uma outra carruagem, e pouco depois seguíamos para o hotel, á porta do qual nos despedimos de el rei e de sua familia, exprimindo-lhes o nosso agradecimento pela distincção com que nos penhorára, e as gratas impressões que em nós permanecerão indeleveis pelas attenções de que foramos objecto.»

—

Terminado o banquete, a senhora condessa d'Edla mandou dar ao povo, que se achava reunido a pequena distancia, tudo o que sobrou e que era muito, inclusivamente champagne e outros vinhos generosos.

Foi uma *rasia* completa, — a nota mais alegre da funcção!

Os criados a custo salvaram a louça e os talheres, porque o povo cuidava de metter *tudo* no estomago—e, se não interviessem os policias civis que acompanharam a familia real, não sabemos o que succederia!...

Conclusão:—Graças ao sr. D. Fernando, á sr.ª condessa d'Edla e ao sr. infante D. Augusto, é hoje o pittoresco souto de *Villa Meã* uma das estancias mais salientes e de mais gratas recordações nos arredores das *Pedras Salgadas*.

VILLA MEÃ DO BURGO—(hoje simplesmente *Burgo*)—aldeia da freguezia de S. Salvador do Burgo, concelho e comarca de Arouca, districto d'Aveiro, hoje diocese do Porto na provincia do Douro.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu esta freguezia ao bis-

pado de Lamego, mas pela nova circumscripção passou para o bispado do Porto com todas as do concelho d'Arouca, exceptuando a d'Alvarenga, por estar na margem direita do rio Paiva, que ficou sendo por este lado a linha divisoria dos bispados do Porto e de Lamego.

Tambem passaram para o bispado do Porto todas as freguezias do concelho de Paiva, que eram do bispado de Lamego.

V. *Burgo*, vol 1.º pag. 505, col. 1.ª—*Salvador do Burgo*, vol. 8.º pag. 360—e *Lamego* no *supplemento*.

—

Esta aldeia de *Villa Meã do Burgo*, hoje simplesmente *Burgo*, é antiquissima e já foi villa e séde de concelho com justiças proprias, casa de camara, pelourinho e cadeia, mas nunca foi freguezia.

Era uma das povoações que constituiam e constituem a freguezia ainda hoje, denominada *S. Salvador do Burgo*, porque foi sempre seu pádroeiro S. Salvador até os fins do ultimo seculo, data em que o substituiram pelo Santissimo Sacramento.

Alem das povoações mencionadas no artigo *Salvador do Burgo*, comprehende esta parochia as seguintes:—Forcada, Lourosa, Figueiredo, Romariz d'Alem, Romariz d'Aquem, Vessada, *Villa Meã do Burgo*, ou simplesmente Burgo, Ponte do Burgo, Alhavaite, Monte Calvo, *Povos* e *Morta* [1] e a quinta da Torrena, aldeia de Lourosa ou Leirosa dos Campos.

N'esta quinta houve (não sabemos se ha ainda hoje) uma torre antiquissima, da qual partia uma estrada subterranea para as faldas do monte, onde estava ou está a dicta torre.

—

Esta parochia do Burgo é muito antiga, tanto que alguem pretende que a sua egreja matriz (S. Salvador) foi a 1.ª que houve em todo este valle d'Arouca; inclinamo-nos porem a crer que a 1.ª foi a de *Urrõ*.

O abbade era aprezentado pela abbadessa do real mosteiro d'Arouca. Recebia elle a terça dos dizimos, das *sanjoaneiras* e do rendimento do passal, afóra o pé d'altar;—as outras duas partes eram das freiras, donatarias d'esta freguezia e de todas as outras d'este concelho e que, além dos dizimos, tinham aqui muitos foros.

Rendiam os dizimos, *sanjoaneiras* e passal 420$000 réis, pertencendo ao parocho 140$000 réis—e ás freiras 280$000 réis.

O chão d'esta parochia é fertilissimo, ameno, saudavel e de formoso aspecto, pois é parte integrante do valle d'Arouca, um dos mais formosos tractos de terreno que se encontram em todo o nosso paiz.

Passa pelo meio d'esta parochia o rio *Arda*, que banha e fertilisa os seus vastos campos e recebe aqui, como tributarios, diversos ribeiros, entre elles um que nasce no sitio da Forcada e desagua na povoação da Pimenta.

V. *Arda*.

—

A maior parte d'esta freguezia era do termo e couto d'Arouca; a parte restante formava o antiquissimo concelho de *Villa Meã do Burgo* que, apesar da sua diminuta população, tinha juiz ordinario e vereadores proprios; mas, como as freiras d'Arouca fossem donatarias d'elle, os escrivães d'este concelho eram os do couto d'Arouca, pelo que nos dois concelhos se faziam as audiencias em dias differentes.

A extincta e antiquissima villa do Burgo, outr'ora *Villa Meã do Burgo*, compõe-se apenas de uma estreita e tortuosa rua, que era a antiga estrada d'Arouca para Olíveira de Azemeis, na qual, *por influencias politicas*, metteram ou antes *entalaram* a nova e lindissima estrada actual a macadam, feita em substituição d'aquella.

Todas as suas casas são de humilde apparencia e revelam muita antiguidade, sobresaindo entre ellas a que foi do capitão-mór Vaz Pinto e que hoje é do seu herdeiro e representante Verissimo Albino Teixeira Vaz Pinto, o primeiro proprietario d'esta freguezia e um dos primeiros d'este concelho.

—

Esta casa é bastante espaçosa, irregular e

---

[1] A *Chorographia Moderna* diz—*Possos* e *Manta*.
Foi lapso.

muito antiga, mas revela muito maior antiguidade ainda um appenso, já sem tecto e que foi talvez o nucleo d'esta casa e o solar d'esta familia.

Facêa o dicto appenso com a mesma *estrada rua*;—tem apenas duas portas e duas janellas—e a meio d'estas uma lapide com uma inscripção muito gasta e quasi inintelligivel.

Estando nós ali em 1883 com os nossos bons amigos, os srs. Tito de Noronha, engenheiro, escriptor publico e socio correspondente da Academia Real das Sciencias,—e dr. Manuel de Barros Nobre, então delegado do procurador regio n'esta comarca d'Arouca e hoje (1885) juiz de direito nos Açores, —a custo podémos ler o seguinte:

FERN. VAZ PINTO
FIL. ESTEVAN VAZ PINTO
MORT. AFRICA MAGN
VIRT... REGIS SEBASTIAN.
... SELERUM COMES FACTUS
ANNO DI. 5 8 4.

Eu mesmo a copiei *attentamente*, mas não me responsabiliso por ella, porque os caracteres estavam muito gastos e tanto que não me foi possivel decifrar alguns.

Parece que diz:

FERNÃO VAZ PINTO, FILHO DE
ESTEVAM VAZ PINTO, MORREU NA
AFRICA E FOI UM VALENTE
MILITAR NO REINADO DE
D. SEBASTIÃO

A data 584 (anno de 1584) refere-se talvez ao anno em que ali poseram a lapide, pois o reinado de D. Sebastião terminou em 1578.

Em 1584 já Filippe II de Hespanha, o *demonio do meio dia*, dominava Portugal.

—

A pequena distancia d'esta casa e do mesmo lado (norte) da rua, se lê na padieira da porta d'outra casa muito mais humilde, esta inscripção

O P.e ANTONIO ARANHA.
JESUS MARIA JOSÉ.
1 6 7 9.

Em frente d'esta ultima casa, do outro lado (sul) da mesmar ua, se vê uma casa nova, simples, pouco espaçosa, mas elegante, pertencente aos fidalgos de Paço de Sousa que possuem aqui um bom casal.

Tem a dicta casa um brasão esquartelado: —no 1.º 3 flores de liz,—no 2.º uma cruz aberta, em campo vermelho:—assim os contrarios—e por timbre a mesma cruz e duas flores de liz.

—

Pretende alguem que a primitiva villa d'Arouca foi esta aldeia de *Villa Meã do Burgo*, o que não acreditamos, porque Arouca já existia no tempo dos romanos e foi uma povoação florescente no tempo dos godos.

Na doação que o conde D. Henrique fez em 1102 de Jesus Christo, a Echa Martins, ultimo rei mouro de Lamego, menciona-se Arouca e outras povoações adjacentes, mas não se falla n'esta de *Villa Meã* ou do *Burgo*. Com certeza já então existia, mas era uma aldeia de pouca importancia.

Quero dizer com isto que o Burgo (na minha humilde opinião) não foi a velha *Arauca, Aruca* ou *Araducta* dos romanos,—nem como villa tem a antiguidade de Arouca.

No artigo proprio já dissemos que Arouca teve foral *velho*, dado por D. Affonso I em abril de 1151 e que D. Manuel lhe deu foral *novo* em 20 de dezembro de 1513—e não nos consta que esta Villa Meã tivesse foral *velho* nem *novo*.

Franklim menciona um foral dado a *Villa Meã, aldeia*, por D. Affonso III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255.

Maço 9 de Foraes Antigos, n.º 8. fl. 18, v. —Liv. 1 de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 10, col. 1.ª—Liv. 2.º de Doações do mesmo Sr. Rei, fl. 55, in medio—e Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova, fl. 146, col. 1.ª

Não diz porem Franklim qual a parochia, concelho ou provincia da tal *aldeia de Villa Meã*,—e, havendo em Portugal tantas aldeias com o nome de *Villa Meã*, só pela leitura do foral póde saber-se a qual das dictas aldeias pertence;—suppomos porem não ser a esta, porque em Arouca não ha memoria alguma de semelhante foral. E mesmo que elle fosse

dado a esta Villa Meã, isso provava que Villa Meã ainda em 1255 era uma simples *aldeia*, o que eu não nego. O que sustento é que a villa de Arouca é povoação muito mais antiga e foi sempre mais importante do que a villa do Burgo.

Talvez que o Burgo já fosse aldeia antes d'Arouca ser villa, mas isso não prova que a primitiva *Arouca* fosse a aldeia do *Burgo*, como alguem pretende.

—

É inegavel que esta aldeia de Villa Meã do Burgo data de tempos muito remotos.

Sabemos que na era 958 de Cesar (920 de Jesus Christo) eram senhores do valle de Arouca D. Ansur [1] Godsteiz e sua mulher D. Eleva, que reedificaram e ampliaram o convento d'Arouca, doando-o com muitas rendas e senhorios ao abbade Hermigildo, por escriptura feita a 12 d'abril da era 999 de Cesar, ou 961 de Jesus Christo, na qual escriptura se declara que os doadores viviam em *Villa Meã do Burgo*.

Não sabemos quando esta aldeia foi feita villa—nem quando deixou de ser concelho independente. O que sabemos é que foi demolida em 1864, para passagem da nova estrada a macadam, a sua casa da camara e da cadeia. Já não tinha tecto, nem portas, nem janellas e era um edificio pequeno e modesto, mas construido de granito e muito solido ainda.

Como padrão dos seus antigos foros ainda conserva o seu velho pelourinho, que se vê junto de uma capella, a N. E. da villa.

—

Cerca de 300 metros a S. O. do Burgo se vê tambem junto da nova estrada, do lado sul, a capella de Santo Antonio e contiguo a ella um arco, a que o vulgo erradamente chama *moimento da Rainha Santa*.

É um arco de granito de architectura musarabe, sem inscripção alguma e com uns toscos relevos,—obra muito antiga.

A tradição diz que foi feito para n'elle descançar o feretro da rainha Santa, *quando veiu de Castella*—e que por essa occasião se construiram outros muitos arcos semelhantes desde Castella até aqui, sendo dois d'elles, o do *Marmoiral* e o que se vê á entrada da quinta da Boa Vista, em Sobrado de Paiva.

Isto é um disparate dos muitos que abundam nas nossas lendas;

1.º—Porque o monumento do *Marmoiral* é o tumulo de D. Souzino Alvares. V. *Bugefa* e *Marmoiral;*

2.º—Porque a sepultura que está junto do portão da Boa Vista é evidentemente o jazigo d'um guerreiro (não de uma senhora) como revelam as espadas que n'elle se veem esculpidas;

3.º—Porque Santa Mafalda não morreu em Castella, mas sim no convento d'Arouca, onde professou e rezidiu durante 70 annos, approximadamente, no que todos os chronistas e historiadores concordam.

—

O monumento de Santo Antonio do Burgo é incontestavelmente um mausoleu d'alguma pessoa notavel,—talvez d'algum nobre guerreiro que fallecesse na batalha ferida aqui pelo conde D. Henrique e por Egas Moniz contra o ultimo rei mouro de Lamego.

Poderia tambem ser o tumulo de D. Ansur, depois transferido para o convento de Arouca,—ou de algum seu ascendente—ou de outro qualquer cavalleiro d'estes sitios.

Está ainda bem conservado, posto que não ha memoria da data em que d'elle tiraram o ataude com os ossos da pessoa que ali jazia.

Note-se finalmente que este monumento estava alguns metros mais ao norte; mas, quando se fez a nova estrada a macadam, por causa do alinhamento, removeram-no (approximadamente em 1864) para o ponto onde hoje se vê, ao sul da dicta estrada e contiguo a ella,—*sem a minima alteração ou mutilação*,—graças ao engenheiro que superintendeu na transferencia.

—

A rainha Santa Mafalda concedeu aos ha-

---

[1] D. Ansur era tambem senhor—e *senhor de baraço e cutelo?!...*—da cidade ou comarca *d'Anegia*, a cujo termo Arouca pertencia n'aquelle tempo.

V. *Areja* n'este diccionario—e em Viterbo a palavra *Cutelo*.

bitantes d'este concelho de *Villa Meã do Burgo* o privilegio de não serem obrigados a ir ás montarias nem aos clamores ou preces que se faziam na quaresma em differentes freguezias d'este valle.

A mesma rainha no seu testamento mandou que se désse annualmente a 12 viuvas d'este concelho do Burgo 12 medidas de pão 12 de vinho e 500 réis em dinheiro, a cada uma, o que ha muitos annos se não cumpre.

Veja-se o artigo *Arouca*, onde se fazem muitas referencias a esta *Villa Meã do Burgo*—e para a sua etimologia leia-se o artigo *Burgo*, vol. 1.º pag. 507, col. 2.ª *in-fine*.

VILLA MEÃO ou **VILLA MEÃ**—freguezia extincta no concelho, comarca e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Tinha como orago Santa Olaya ou Santa Eulalia,—era curato da apresentação do reitor da freguezia de *Rabal*—e commenda.

Em 1706 contava 40 fogos;—em 1768 contava 41—e rendia para o seu cura 8$000 réis além do pé d'altar.

Desde muito se annexou á freguezia de *Rabal*. *Vide*.

—

Esta freguezia de *Rabal* demora na provincia de Traz-os-Montes (concelho, comarca, districto e diocese de Bragança) e não na do *Douro*, como se disse por lapso no artigo proprio.

Conta hoje 102 fogos e 426 habitantes.

Em 1706 estava dividida por 4 commendas, a que chamavam *quartos*, rendendo cada um cerca de 50$000 réis,—total 200$000 réis, dos quaes os commendadores davam ao reitor d'esta freguezia 42$000 réis.

Tinha tambem annexa a commenda de *Villa Meão*, que rendia 130$000 réis—e a de *Grademil* que rendia 50$000 réis. Ambas eram curatos.

Era pois esta parochia de Rabal (com as suas duas annexas) patrimonio de 3 parochos e de 6 commendadores?!...

Ditosos tempos!

VILLA MENDE—aldeia da freguezia de *Ferreira*, concelho e comarca de Coura, provincia do Minho.

V. *Ferreira*, vol. 3.º pag. 170, col. 1.ª

Esta parochia de *Ferreira* comprehende as povoações seguintes:—*Villa Mende*, Ferreira, Valle, Venade, Quintão, Cascalhal, Portella, Morim, Cruz, Centieira, Quingustos, Barrocas, Villares, Veiga, Fijó, Penedo e Tourem.

A povoação de *Villa Mende*, notavel por muitos titulos, está na vertente meridional do monte de S. Silvestre, na margem direita do rio Coura, d'onde dista cerca de 1:500 metros. Demora no valle de *Ferreira*, banhado por um ribeiro d'este nome.

Antigamente esta parochia de Ferreira pertenceu á comarca de Valença, como se disse no artigo proprio, mas em 1874 passou para a de Coura.

—

Na mencionada aldeia de *Villa Mende* é muito digna de menção a antiquissima *Casa do Paço*, que por alliança passou para a familia Champalimaud, a qual ainda hoje a possue.

Junto da dicta *Casa do Paço* existia desde tempos muito remotos a celebre *Torre de Ferreira* ou de *Villa Mende*.

Foi demolida ha muitos annos, talvez nos fins do seculo XVII ou nos principios do XVIII, e com a sua pedra se edificou a capella de Nossa Senhora dos Remedios, como consta da inscripção seguinte, que se vê no frontispicio d'ella:

EX TURRI FERREIRA OLIM
EST DIMENSA SACELLUM
STRUXIT SED LAPSO CONDIT
IPSA MODO

—

É tradição que fora senhor da dicta *torre*, e nascera na dicta *Casa do Paço* D. Antonio Mendes de Carvalho, 1.º bispo d'Elvas.

Assim o asseveram tambem alguns dos seus biographos; outros porem dizem que nasceu na casa de *Boi a Monte*, em Formariz, parochia d'este mesmo concelho de Coura, limitrophe da de Ferreira, para leste e muito proxima. Parece porem fóra de duvida que foram senhores da *Casa do Paço* e *Torre de Villa Mende*, solar dos *Mendes*, os paes do benemerito bispo D. Antonio Mendes.

Pouco mais de seis annos haviam decorrido depois que tomara posse da sua diocese, quando se perdeu na Africa el-rei D. Sebastião com os 18:000 portuguezes que o acompanharam, ficando captivos cerca de 16:000. Tractando-se logo do resgate, o santo bispo D. Antonio Mendes—á custa dos maiores sacrificios—*resgatou todos os que pertenciam ao seu bispado,* no que empregou *todas as rendas* da diocese, ficando reduzido ao estrictamente necessario para a sua parca e modesta subsistencia!...

Mandou tambem fazer o paço episcopal e viveu sempre com grande parcimonia. Era só generoso para com a pobreza e tanto que, sendo ainda parocho de S. Miguel de Rebordosa, concelho de Paredes, no bispado do Porto, [1] chegou a passar privações com a sua generosidade para com os pobresinhos.

Sendo ainda ali parocho, foi um dos primeiros que adoptaram os livros do registro parochial para os nascimentos, casamentos e obitos, pouco depois que o infante D. Affonso, arcebispo d'Evora e de Lisboa e abbade d'Alcobaça, filho d'el-rei D. Manuel, creou o mencionado registro.

—

Falleceu D. Antonio Mendes em Elvas com opinião de santidade, no dia 9 de janeiro de 1591 e jazeu muitos annos em sepultura raza na capella mór da sua sé (hoje extincta) até que fazendo-se de novo a dicta capella e achando-se o seu corpo incorrupto, o bispo D. Antonio de Mattos e Noronha o collocou em tumulo alto na mesma capella, do lado do Evangelho, com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DE D. ANTONIO
MENDES DE CARVALHO, PRIMEI
RO BISPO D'ESTA CIDADE E
BISPADO D'ELVAS.

Deus o tenha em bom logar!...

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA MENDO — aldeia da freguezia de Abrunhosa Velha, concelho e comarca de Mangualde, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

V. *Abrunhosa-A-Velha*, vol. 1.º pag. 23.

Esta freguezia tem hoje 270 fogos com 1891 habitantes (em 1708 contava apenas 176 fogos) e comprehende unicamente duas aldeias ou povoações—*Abrunhosa Velha*, séde da parochia, e *Villa Mendo*,—alem dos casaes seguintes:—Manteiro, Covello, Abrunhal, Pedrogo, Feiteira, Pisão, Senhora dos Verdes, Poço Mourão, Fojo, Eiras e Pousada —e as quintas da Retorta, Boa Vista, Cabral, Caducas, Bochinhas e Carregal.

No seculo XVIII as duas povoações de *Villa Mendo* e *Abrunhosa Velha* foram desmembradas do antigo concelho de Tavares e arvoradas em concelho proprio com o titulo de *Villa Nova de Abrunhosa Velha*, por estar a séde do concelho em Abrunhosa Velha.

Foram senhores donatarios d'este concelho os Paes de Mangualde, hoje condes da Anadia.

—

Na aldeia de Villa Mendo ha uma casa nobre, muito importante. É a do visconde de Villa Mendo, que tomou d'esta aldeia o titulo,—Antonio de Gouveia Osorio, irmão do dr. José de Gouveia Osorio, dignissimo juiz de direito no Fundão, e de Manuel de Gouveia Osorio, tenente coronel de engenheiros, actualmente inspector de Engenharia na 2.ª divisão militar, com residencia em Vizeu —e do dr. Francisco Augusto de Gouveia Osorio, juiz de direito na cidade de Bragança.

O visconde de Villa Mendo, Antonio de Gouveia Osorio, ainda solteiro, nasceu na casa de Villa Mendo em 1826. Foram seus paes Manuel de Gouveia Osorio e D. Maria Maxima de Gouveia Osorio, sua sobrinha, d'este, filha do dr. José de Gouveia Osorio, desembargador da Relação e Casa do Porto, procurador da corôa e deputado ás côrtes de 1820.

É o dicto visconde bacharel formado em direito com distincção e actualmente conselheiro do supremo tribunal de Contas, tendo sido deputado ás côrtes em differentes legis-

[1] Foi ali parocho durante 14 annos.

laturas e governador civil nos districtos de Angra, Madeira, Evora, Aveiro, Villa Real de Traz-os-Montes, Faro, Coimbra, etc. Não quiz ser governador civil de Vizeu, por ter n'aquelle districto a sua terra natal,—nem do Porto, por ter ali uma parte dos seus parentes,—a familia Ayres de Gouveia. V. *Vouzella.*

Os ministros do reino duque de Loulé e Rodrigues Sampaio o consideravam como magistrado de superior merecimento.

Tem o solar da sua casa em *Selvite*, freguezia de *Ventosa*, no concelho e comarca de Vouzella.

Aos trabalhos do dicto sr. visconde e ao seu notavel discurso na camara dos deputados contra o monopolio da Companhia dos Vinhos se deve (em grande parte) a abolição dos privilegios d'esta.

—

O clima d'esta freguezia d'Abrunhosa é temperado e muito saudavel, pelo que n'ella se encontram muitas pessoas de 80 a 100 annos.

Ainda em março ultimo aqui falleceu uma mulher, por nome Maria Ferreira, contando a bagatella de 100 annos.

Era muito jovial e dotata de excellentes qualidades. Não obstante o ser pobrissima, os seus visinhos (honra lhes seja !) fizeram-lhe um funeral pomposo e a philarmonica d'esta parochia acompanhou gratuitamente o cadaver da boa centenaria até o seu ultimo jazigo.

Falleceu tambem ha pouco tempo a mãe do sr. visconde de Villa Mendo, que era uma santa senhora e contava mais de 80 annos de idade.

Não succede o mesmo nas parochias dos campos de Coimbra, depois que n'elles se desenvolveu a cultura dos malditos arrosaes, transformando-os em um medonho foco de febres endemicas !

VILLA DE MILHO, V. *Verde Milho*, vol, 10.° pag. 296, col. 2.ª

VILLA MOU—freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Fogos 107,—almas 512.

Vigairaria. Orago S. Martinho Bispo.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, — contava 60 fogos, — era da apresentação das freiras de S. Bento, de Vianna,—rendia para o vigario 80$000 réis —e para ás freiras 200$000 réis, comprehendendo os dizimos dos prazos que ellas tinham n'esta parochia.

Em 1768 era da mesma aprezentação — rendia 40$000 réis para o seu vigario—e contava 83 fogos.

Comprehende as aldeias seguintes :—*Villa Mou*, Agra, Lameiro, Valle, Coixinho, Aldeia Cruzeiro, Pedreiras, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Calvario, Eiras, Quelha, Rasas, Lombo, Medros, Carvalhal, *Torre*— e os casaes ou quintas de Carvalhal, Ponte, Eirado, Torre, Terrados, Cunhas e Rasas.

—

O logar de *Villa Mou* está na margem direita do Lima, do qual dista 1 kilometro,— 12 de Vianna,—35 de Braga,—61 de Valença do Minho,—142 do Porto—e 349 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Meixedo a N.— Lanheses a E.—S. Salvador da Torre a O.— e o Lima a S.

Producções dominantes—vinho de enforcado e milho, pois comprehende extensos e formosos campos, uma veiga fertilissima que se estende até o rio Lima.

Esta parochia é muito antiga; — a sua egreja matriz data do seculo XVI e é a mais pobre de todo o concelho de Vianna.

Corta esta freguezia a lindissima estrada real a macadam, de Vianna a Ponte do Lima.

Segundo se lê na *Benedictina Luzitana*, vol. 1.° parte II, cap. 29, pag. 413, esta freguezia (ou a povoação) de *Villa Mou*, já existia no tempo dos mouros e lhes foi tomada pelo capitão Payo ou Pelagio Vermudez, que alguns chamam *conde de Tuy*.

Este conde a possuiu muitos annos e no seu termo restaurou o convento benedictino de S. Salvador da Torre, primitivamente fundado por S. Martinho dumiense. Pelos annos de 1068 de novo o restaurou, ampliou e generosamente dotou Fr. Ordonho, descendente de D. Pelagio—e por ultimo D. Frei Bartholomeu dos Martyres o uniu ao seu convento de S. Domingos de Vianna.

Este mosteiro deu o nome á freguezia de *S. Salvador da Torre*, limitrophe a O. d'esta de *Villa Mou*.

V. *Torre*, freguezia,—vol. 9.º pag. 599, col. 2.ª

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Concluiremos dizendo que um pouco a montante da egreja matriz d'esta parochia se veem ruinas de uma fortificação antiquissima.

VILLA NOGUEIRA D'AZEITÃO — villa e freguezia do concelho e comarca de Setubal, districto de Lisboa.

Orago—S. Lourenço.

Bem desejavamos dar aqui na sua integra o bello artigo que o sr. Antonio Maria d'Oliveira Parreira se dignou enviar-nos com relação a esta formosa villa e que agradecemos com profundo reconhecimento, mas *somos forçados* a aligeirar e resumir para vermos se fechamos o diccionario com este 10.º volume—e por isso no *supplemento* publicaremos aquelle interessantissimo trabalho.

Desculpem-nos o sr. Oliveira Parreira e os leitores. Entretanto veja-se n'este diccionario o art. *Azeitão*, vol. 1.º pag. 288, col. 1.ª, onde já se fallou d'esta freguezia.

Póde tambem ver-se no *Diccionario Geographico Universal* o excellente artigo *Azeitão*, devido á illustrada penna do mesmo sr. Antonio Maria d'Oliveira Parreira.

VILLA NOVA—aldeia da freguezia de S. Cypriano, concelho e comarca de Rezende, districto de Vizeu.

V. *Cypriano* (*S.*) vol. 2.º pag. 462, e *Miumães*, vol. 5.º pag. 345, col. 1.ª

Alem das aldeias indicadas no artigo proprio, comprehende a freguezia de S. Cypriano as seguintes: — Louredo, Vau, Carril, Prado, Venda, Gallises, Outeirinho, Torrinha, Major, Pinheiro, Telhado e *Villa Nova*; —os casaes de Brejo, Ceara, *S.* Christovam, Torre, Chã das Quartas, Mattinho, Valle, Firvida, Sobro, Regada, Ponte, Quintans, Pinhel e Vinha—e a quinta da Torre.

—

A freguezia de S. Cypriano pertencia ao antiquissimo concelho d'Aregos, extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou para o de Rezende.

O extincto concelho d'Aregos comprehendia mais as parochias d'Anreade, Frei Gil, S. Romão, Panchorra e Oradas — e desde 1834 até 1855 a sua séde,—a casa da camara e a cadeia—estiveram na freguezia de S. Cypriano, na aldeia de Villa Nova, supra indicada

VILLA NOVA—aldeia da freguezia de Carvalhaes, concelho e comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança.

V. *Carvalhaes*, vol. 2.º pag. 132.

Comprehende esta freguezia as aldeias de *Villa Nova*, *Contins* e *Villar de Ledra*, que antigamente foram (todas tres) parochias independentes.

Em 1706 *Villa Nova* contava 28 fogos e era curato da apresentação do vigario de *Suzães* ou *Suzains*, [1] no termo de Lamas d'Orelhão; — *Contins* apenas contava 20 fogos,—era da apresentação do reitor dos *Valles*, no termo de Chaves,—e rendia para o commendador dos Valles 30$000 réis;— *Villar de Ledra*, era da apresentação do reitor de *Mascarenhas*, hoje freguezia do concelho de Mirandella, e contava 30 fogos.

VILLA NOVA—aldeia da freguezia de *Donai*, concelho e comarca de Bragança.

Orago S. Justo.

V. *Donai*—vol. 2.º pag. 478.

Esta aldeia já foi parochia independente, cujo orago era S. Jorge. Em 1706 contava apenas 16 fogos—e estava annexa á reitoria de Castro d'Avelãs..

Tambem n'aquelle tempo a freguezia de S. Justo de Donai contava apenas 50 fogos e era um simples curato annexo á reitoria da Carregosa.

Em 1768 este curato de S. Jorge de Villa Nova era da apresentação do cabido de Mi-

---

[1] Assim se lê em *Carvalho*, mas o *Port. S. e Profano* escreveu *Succães*—e hoje na localidade leem e escrevem *Sucções*.

V. *Sucções*, vol. 9.º pag. 463, col. 1.ª

Em 1768 este curato de *Villa Nova*, tinha por orago Santo Antonio (antigamente foi Santa Comba)—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 30 fogos.

randa,—contava 23 fogos—e rendia para o cura 8$500 réis, afóra o pé d'altar.

VILLA NOVA D'ABRUNHOSA VELHA. Vide *Villa Mendo.*

VILLA NOVA D'ALVITO. Vide *Alvito* e *Villa Nova da Varonia.*

VILLA NOVA D'ANÇOS—freguezia do concelho e comarca de Soure, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago—Nossa Senhora de *Finis Terrae,* ou Finisterra.

Priorado. Fogos 298,—habitantes 1:203, segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o proprio administrador do concelho, mas pelo ultimo censo (1878) contava 380 fogos e 1:070 habitantes, população pouco acceitavel, pois 380 fogos deviam ter *pelo menos* 1:420 almas.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* contava 500 fogos (?)—já era priorado, da apresentação do duque de Cadaval, conde de Tentugal, e tinha casa de Misericordia, hospital e duas capellas,—Senhora dos Remedios e Santo André, ambas publicas. Era tambem villa e séde de concelho de que eram senhores os duques de Cadaval, tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 tabeliães, 1 alcaide, 2 companhias de ordenanças,—e pertencia á comarca e provedoria de Coimbra.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação,—rendia para o seu prior 300$000 réis—e contava 280 fogos, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano.*

Perdêra pois nos ultimos 60 annos—ou de 1708 a 1768—220 fogos,—e tem hoje, 1885, ou passados 117 annos, apenas mais 18 fogos, o que tudo é pouco acceitavel e parece depôr contra as nossas estatisticas.

O *Flaviense* deu-lhe 233 fogos, em 1852—e Almeida, em 1866, deu-lhe 246 fogos,—população muito inferior á que o Padre Carvalho e o *Port. S. e Profano* lhe deram no ultimo seculo!...[1]

—

Comprehende as aldeias ou povoações de *Villa Nova d'Anços,* séde da parochia, Val d'Azurva e Ribeira da Matta ou *Monte,*—os casaes de Almoinhas, Giraldo, Valente, Martins, Regato, Brito, Marqueza e dos Montes e as quintas do Azevedo e da Caramancha.

Freguezias limitrophes—Soure, Gesteira, Alfarellos, Brunhoz, Villa Nova d'Anços, Ega e Figueiró do Campo.

É cortada pelo rio Soure, que a banha e fertilisa, e pela linha ferrea do norte, distando 5 kilometros da estação para N. N. O.,—6 da villa de Soure,—8 da estação de Formoselha para *S. S. O.*—24 de Coimbra,—143 do Porto—e 191 de Lisboa.

Anda em construcção uma estrada districtal que deve atravessar a séde d'esta parochia.

—

Tem esta freguezia hoje 7 templos — a egreja matriz,—a egreja da Misericordia,—as capellas do Santissimo Sacramento, da Senhora da Conceição, da Senhora da Piedade e de Santo Antonio, todas dentro da villa—e a 1 kilometro de distancia a capella de Nossa Senhora dos Remedios, que tem festa e romagem na 1.ª oitava da Paschoa.

Foi villa, como já dissemos;—nada porem já resta da casa da camara, da cadeia e do pelourinho.

Tem uma feira mensal no dia 3, mas é pouco importante.

Villa Nova d'Anços tomou o nome do rio *Anços,* (antigamente *Anceo, Anco* e *Arunce*) assim denominado por nascer junto das aldeias de *Anços* e *Outeiro d'Anços* na freguezia da Redinha, concelho de Pombal.

O mesmo rio Anços se denomina tambem *Soure* pelo facto de tocar na villa d'este nome.

V. *Soure,* vol. 9.º pag. 431, col. 1.ª—e *Anços,* vol. 1.º pag. 213, col. 2.ª—e note-se que este rio *não passa pela villa de Monte-Mór o Velho,* como por lapso ali se disse, pois esta villa demora na margem direita do Mon-

---

[1] A extraordinaria oscillação que se nota na população d'esta parochia talvez provenha das grandes epidemias que teem pesado sobre ella, geradas nos seus pantanos e nos malditos arrosaes, que a tornam muito insalubre.

dego—e o rio Soure desagua na margem esquerda, cerca de 5 kilometros a jusante de Monte Mor e de 4 a montante de Verride.

—

N'esta parochia de Villa Nova d'Anços, que está sobre a margem direita do rio *Anços* ou *Soure*, tem este rio uma boa ponte de pedra, de um só arco,—duas em Soure —uma na Redinha—e junto da de Villa Nova d'Anços, na margem direita, varios moinhos de cereaes e um lagar d'azeite.

Producções dominantes—trigo, milho, cevada, batatas, azeite e vinho.

Tambem colhe algum arroz em terrenos pantanosos, que muito prejudicam a salubridade publica, pois são um verdadeiro foco de febres intermittentes. V. *Vil de Mattos*.

Tem uma escola official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza* e na *Charographia Moderna* esta villa teve foral, dado por D. Affonso IV, sendo ainda infante e por consequencia durante o reinado de seu pae D. Diniz (1279 a 1325).

D. Manuel lhe deu foral *novo* em Lisboa, no dia 12 de dezembro de 1515. *Liv. do Foraes Novos da Extremadura*, fl. 117, v. col. 1.ª

Veja-se a *Minuta* para este foral no *Corpo Chronologico, Parte II, Maço 28, Documento 78*.

—

Houve — e não sabemos se ha ainda hoje aqui—uma associação dramatica, de que em 1878 era presidente o sr. Antonio de Napoles, benemerito filho d'esta villa, — e um theatro em que se representaram diversas composições, entre ellas o drama sacro *Santo Antonio*, na noite de 11 d'outubro de 1874.

Os actores eram todos curiosos, filhos d'esta villa, que mostraram ter pronunciada vocação para o palco, distinguindo-se entre elles o ferreiro José Antonio d'Azevedo, artista muito intelligente, premiado nas exposições *Districtal* de Coimbra e *Internacional*, de Vienna d'Austria.

Desempenhou admiravelmente o papel do thaumaturgo.

Um dos primeiros proprietarios d'esta villa é o sr. Pedro Henrique de Castro Finali, cavalheiro de muito merecimento.

—

Sob a epigraphe *Campos do Mondego*, publicou em 1875 um jornal de Coimbra um curiosissimo artigo ácerca dos estragos causados pelos arrosaes e dos bons resultados obtidos posteriormente com o saneamento dos pantanos. Diz a folha alludida que um casal da freguezia das Alhadas, atacado pelas febres paludosas, ficou reduzido a um só homem valido; que em Montemór o Velho, foram atacadas 897 pessoas de 1:363, que eram a sua população; e que em Cioga do Campo, Ameal, S. Fagundo e S. Fino se fecharam muitas casas por falta de habitantes.

Felizmente tem-se limpado já muitas vallas, que estavam obstruidas ha mais de 40 annos; tem-se aberto outras para dar escoante ás aguas; tem-se feito as vallas reaes do norte e sul do Mondego, Cidreira, Pereira, Arzilla, Valle Travesso, Gesteira, *villa Nova d'Anços*, Alfarellos, S. Fagundo, etc., despendendo-se n'estas obras, por conta do governo e de particulares, cerca de 100 contos, até 1875.

Mais de 2:000 hectares de terreno foram conquistados para a cultura. Campos que não produziam coisa alguma estão arrendados por bom preço. Os exemplos são muitos. Um proprietario que tinha 2 hectares de paul, e que havia mais de 56 annos nada lhe rendiam, feitas as primeiras obras, obteve uma renda de 200 alqueires.

—

São effectivamente importantes os melhoramentos realisados nos campos de Coimbra e de Leiria, mas pouco tem lucrado a hygiene, porque, apesar dos clamores da imprensa [1] e do publico e das repetidas leis e portarias prohibindo a cultura do arroz, ella

---

[1] Na crusada contra os arrosaes merece especial menção o *Conimbricense*, pois desde a sua fundação até hoje lhes tem feito crua guerra, cabendo por isso justos emboras ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, benemerito e muito illustrado filho de Coimbra, proprietario e redactor do *Conimbricense*.

tem assumido n'aquelles dois districtos *proporções espantosas!*

Tanto póde a *sacra fames auri?...*

—

Ao ex.mo sr. administrador de concelho de Soure agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me por intermedio dos ex.mos srs. governadores civis de Coimbra e do Porto, aos quaes igualmente beijo as mãos agradecido.

—

Por carta régia de 24 de julho de 1481 el-rei D. Affonso V deu ao conde de Tentugal, D. Alvaro, para elle e para um seu filho *lidimo*, em satisfação da villa de Torres Novas que o dito conde cedeu á corôa, esta *Villa Nova d'Anços* e as villas e logares de Tentugal, Povoa, Pereira, Buarcos, Rabaçal e Anobre, com todas as suas rendas, reguengos e jurisdicções, e os padroados das egrejas de S. Miguel e da Magdalena de Monte-Mór o Velho, alem dá villa d'Alvaiazere, que já tinha.

Foi esta doação confirmada por D. Manuel em 1496 e 1516—e por D. João III em 1523, —exceptuando a villa de Pereira, que passou para a corôa em troca dos disimos novos de Buarcos e de Monte-Mór ô Velho.

VILLA NOVA DA BARCA — freguezia do concelho e comarca de Monte-Mor o Velho, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Orago Nossa Senhóra da Conceição,—fogos 152,—habitantes 460,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o proprio administrador do concelho,—pois o ultimo recenseamento official (1878) deu-lhe 149 fogos e 507 almas.

Em 1708 era curato da apresentação da mitra, contava apenas 80 fogos—e pertencia ao termo e concelho de Monte-Mór o Velho, comarca de Coimbra.

Em 1768 era curato da apresentação do prior de S. Miguel de Monte-Mór o Velho, —rendia para o cura 15$000 réis, afóra o pé d'altar—e contava 142 fogos, segundo se lê no *Portugal S. e Profano.*

Em 1840 pertencia ao concelho d'*Abrunheira*, que pelo decreto de 7 d'outubro de 1844 passou a denominar-se *Verride*. Depois, sendo extincto este concelho por decreto de 31 de dezembro de 1853, foi transferida esta parochia para o concelho de Monte-Mór o Velho.

Ainda hoje é curato.

—

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes—*Villa Nova da Barca*, séde da parochia, Marujal, Caixeira, (parte) e Laranjeira—o casal de S. João—e as quintas de *Marujal*, da viscondessa de Maiorca,—*Boa-Vista*, da viscondessa da Ponte da Barca,—*Vigia*, de Antonio Ferreira de Mattos—e *Cardosas*, do visconde da Bahia.

A aldeia de *Villa Nova da Barca* está em um pequeno monte na margem esquerda do Mondego, do qual dista 1 1/2 kilometro,—6 de Monte-Mór o Velho,—8 da estação de Formoselha, na linha ferrea do norte,—24 de Coimbra,—143 do Porto—e 210 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Villa Nova d'Anços, Afarellos, Brunhoz e Samuel, no concelho de Soure,—e Verride no de Monte-Mór.

Tem já construida uma estrada municipal da povoação da Caixeira a Verride—e anda em construcção um lanço da estrada districtal n.º 60 A de Lares a Formoselha, o qual atravessa toda a freguezia.

—

A egreja matriz é templo muito antigo;—tem varias sepulturas com inscripções — e, porque ameaçava ruina, foi reconstruida em 1884.

Tem duas capellas publicas, hoje pertencentes á junta de parochia, uma de Nossa Senhora da Conceição, para a qual se transferiu o Santissimo Sacramento durante as obras da matriz,—outra de S. João—e a particular, de *Santa Leocadia*, na aldeia do Marujal, pertencente á viscondessa de Maiorca. A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Nossa Senhora do Rosario, no primeiro domingo de Maio, com grande romaria.

Em outros tempos viveram aqui muitas familias nobres, das quaes restam ainda differentes casas apalaçadas, taes são as dos Napoles, Athaides, Mellos, Cardosos e da Telhada, todas em ruinas com o peso dos seculos e com a ausencia dos seus donos.

—

Em um largo de Villa Nova da Barca se vê uma columna de pedra, encimada por uma pequena cruz. O povo chama a esta lapide *pelourinho,* mas não nos consta que esta povoação fosse villa.

Esta parochia é banhada a N. pelo Mondego *Velho* (dizem os apontamentos que recebi) e a leste pelo rio Soure, que nos limites d'esta parochia não tem pontes, nem move fabricas, moinhos ou azenhas.

Producções dominantes — cereaes, vinho, azeite, fructas e arroz; pelo que é na estiagem cruelmente açoutada pelas febres paludosas, — graças aos *benemeritos* exploradores, dos malditos *arrosaes,*—a maior praga que pesa sobre os districtos de Coimbra e Leiria, desde o meiado de ultimo seculo.

Por ser muito lucrativa a agricultura, tem attingido extraordinario desenvolvimento nos ultimos annos n'esta parochia e nas circumvisinhas.

Rem, rem, quomodo cumque rem—dizia o satirico romano.

Como a coisa rende (dizem os nossos cultivadores dos arrosaes) *pouco nos importa que o povo clame e grite,—que viva ou morra—ou que o leve o diabo!*

Ao inferno almas tão vis, o seu nome á execração!

Esta freguezia não tem aula alguma official, nem sequer d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino!...

Com vista á camara de Monte Mor o Velho.

Consta que teem apparecido aqui em differentes datas moedas muito antigas.

Esta parochia foi completamente saqueada pelos francezes, durante a guerra peninsular.

—

Ao ex.mo sr. administrador d'este concelho de Monte Mór agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me por intermedio dos ex.mos srs. governadores civis de Coimbra e do Porto, aos quaes igualmente beijo as mãos agradecido.

VILLA NOVA DA BARONIA—villa e freguezia do concelho d'Alvito, comarca de Cuba, districto e bispado de Beja, na provincia do Alemtejo.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção,—fogos 300,—habitantes 1:220,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho.

O censo de 1878 deu-lhe 276 fogos e 967 almas.

Em 1708 esta freguezia denominava-se *Villa Nova d'Alvito,*—era séde de concelho com casa de camara, cadeia, pelourinho e justiças proprias,—2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 2 tabelliães do judicial e notas, 1 alcaide, e uma companhia de ordenanças,—e contava 550 fogos!...

Em 1768 contava apenas 189!...

Perdeu pois 361 fogos em 60 annos, por que uma medonha epidemia pesou cruelmente sobre ella,—dizem os meus apontamentos.

Ainda hoje em quaesquer escavações se encontram nos seus quintaes alicerces das habitações que ficaram desertas.

Bem medonha e horrorosa foi por certo a tal epidemia!...

—

Foram senhores donatarios d'esta villa e seu concelho os condes-barões d'Alvito, mas o seu parocho (reitor) era da apresentação da mitra ou dos arcebispos d'Evora—e tinha de rendimento apenas 40$000 réis, afóra o pé d'altar que, antes da grande epidemia, foi muito importante.

Note-se que esta freguezia até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ecclesiasticamente ao arcebispado d'Evora. Judicialmente pertenceu outr'ora á comarca de Beja. Administrativamente, quando foi extincto o concelho de Villa Nova da Baronia, passou esta parochia para o concelho d'Alvito;—extincto este concelho, por decreto de 23 de dezembro de 1873, esta freguezia, com as outras que o formavam, passou para o concelho de Cuba,—mas, restaurado o concelho d'Alvito, voltou para elle e hoje é formado sómente por esta parochia e pela d'Alvito, séde do concelho, ambas da comarca de Cuba, judicialmente.

—

Esta parochia é formada pela villa do seu

nome, povoação ainda hoje importante, pois comprehende cerca de 230 fogos,—e pelas *hortas* e *herdades* seguintes, todas habitadas:

Herdades: a de *S. Brissos*, pertencente ao dr. Borges, d'Alcaçovas, com 1 fogo,—a do *Miradouro* e a do *Sobral*, pertencentes a Francisco Manuel Fragoso, tambem d'Alcaçovas, com 4 fogos,—a do *Pego do Couto*, pertencente aos filhos de José Augusto Fragoso, tambem de Alcaçovas, com 1 fogo,—a dos *Marmellos* e a de *Faimais*, pertencente á casa pia de Vianna do Alemtejo, com 2 fogos,—a das *Amoreiras*, pertencente ao dr. Ramalho, d'Evora, com 1 fogo,—as de *Cabreiros*, *Cadema* e *Horta Grande*, pertencentes aos Cabraes, de Vianna do Alemtejo, com 3 fogos,—a dos *Albardeiros*, pertencente a José Leonardo, de Vianna do Alemtejo, com 1 fogo,—as de *Vallongo*, *Outeiro* e *Minas*, a Luiz Ignacio de Paiva, de Alcaçovas, com 2 fogos,—a de *Rio Secco*, pertencente á baroneza de Mesquita, com 1 fogo,—as das *Pedras*, e das *Barras de Cima* e *Barras de Baixo*, pertencentes aos herdeiros de Thiago da Silva Monteiro, d'Evora, com 3 fogos,—as do *Azinhal*, *Patas*, *Fontes* e *Ayres*, pertencentes a Manuel Nunes Serrão, de Villa Nova da Baronia, com 3 fogos,—a de *Covas Ruivas*, pertencente ao marquez d'Alvito, com 1 fogo,—a de *Santa Agueda Velha*, pertencente a José Maria de Carvalho e Costa, de Lisboa, com 1 fogo, — as de *Bolorina* e *Freixieira*, pertencentes a José Maria Parreira Capas, de Villa Ruiva, com 2 fogos,—a de *Maria Pires*, pertencente a João Thiago da Silva Monteiro, d'Evora, com 1 fogo,—a de *Galas*, pertencente a Antonio Isidoro de Sousa, de Vianna do Alemtejo, com 1 fogo,—a do *Zambujal*, pertencente a Pedro José Limpo Toscano, d'Alvito, com 1 fogo,—as de *Telheiros* e *Vendas*, pertencentes a João Antonio Martins Morom, de Vianna do Alemtejo, com 2 fogos,—a de *Monte Conde*, pertencente ao visconde da Serra de Tourega, d'Evora, com 2 fogos,—e a de *Monte-Barão* pertencente a D. Maria Rita Rosado Perdigão, d'Evora, com 2 fogos.

—

Comprehende tambem as hortas seguintes:—a da *Lameira*, pertencente aos herdeiros de José Filippe, de Villa Nova da Baronia, com 2 fogos,—a de *Privanes*, pertencente a Gertrudes Maria, tambem d'esta parochia, com 1 fogo,—a de *S. Neutel*, pertencente ao conde da Esperança, de Cuba, com 1 fogo,—a da *Fonte da Rata*, pertencente a Francisco Gonçalves Godinho, d'Alvito, com 1 fogo,—a de *Freixo da Cruz*, pertencente a Manuel Nunes Serrão, d'esta villa, com 1 fogo,—a *Horta a Baixo*, pertencente a Domingos José Fialho, d'esta villa, com 1 fogo,—e a *Hortinha*, pertencente a Manuel Valerio, tambem d'esta villa, com 1 fogo.

Comprehende ainda as herdades de *Albardeiros*, *Ayres*, *Amoreira*, *Cabreiros*, *Castello Ventoso*, *Freixieira*, *Monte Pires*, *Toscanos*, *Pego do Couto*, *Cavallinha* e *Conde* — e as hortas de *Fonte Coberta* e *Almoinhas*.

Tem mais na povoação, denominada *Aldeia de S. Neutel*, cerca de 3 kilometros ao sul da villa, 7 fogos,—8 a 10 na *Mina d'Ayres*, vivendo uns nas casas do dono da mina outros em choças ou cabanas, feitas de pedra solta e cobertas de junco e palha,—e alguns fogos tambem na estação do caminho de ferro.

Do exposto se vê que esta parochia, apesar de haver perdido cerca de *tres partes da sua população* com a medonha epidemia que pesou sobre ella no ultimo seculo—e de perder tambem posteriormente a sua autonomia como concelho, é uma freguezia muito importante, sendo para lamentar que a maior parte das suas numerosas herdades pertençam a estranhos, como vimos.

—

Parochias limitrophes—Torrão e Alcaçovas a O.—Alvito a E.—Vianna do Alemtejo a N.—e Odivellas a S.

Producções dominantes—azeite, cereaes, cortiça, laranjas, vinho e lã, pois cria bastante gado lanigero.

A séde da parochia está entre dois regatos que mais abaixo se juntam e formam a ribeira *Sobrena* ou de Villa Nova da Baronia, confluente da de Odivellas.

A ribeira de Villa Nova tem duas pontes de pedra,—uma denominada *ponte Carvalha*,

outra *ponte do Azinhal*, ambas insignificantes e muito estreitas.

Um dos ribeiros que desagua na ribeira de Villa Nova denomina-se *Ribeiro das Passadeiras* e tem uma ponte denominada *Ponte do Tabellião*, tambem de pedra e muito acanhada.

Banha tambem esta parochia o ribeiro de *Santo Antonio*, que desagua na ribeira de Odivellas e tem uma ponte como as antecedentes.

Movem estas ribeiras 3 moinhos--e ha n'esta parochia mais 3 movidos pelo vento.

—

Tem esta freguezia estação propria na linha ferrea do sul,—denominada estação de *Villa Nova*, e é a 13.ª partindo de Lisboa.

A séde da parochia dista cerca de 500 metros da sua estação,—8 kilometros e 500 metros [1] da de Alvito, séde do concelho,—20 kilometros e 500 metros da de Cuba, séde da comarca,—37 kilometros e 500 metros de Beja,—43 kilometros e 500 metros d'Evora,—127 de Lisboa,—464 do Porto—e 594 de Valença do Minho.

Atravessa uma parte d'esta parochia a estrada districtal n.º 115, do Torrão a Portel, tocando na estação d'esta villa.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se a 2 egrejas,—a matriz e a da Mizericordia—e a 4 capellas, todas publicas.

A egreja matriz é um templo não muito antigo, mas vasto, elegante e sem contestação um dos melhores da provincia. Pela sua amplidão bem revela que esta freguezia já foi muito mais populosa.

É toda exteriormente revestida de *columnas* (talvez *gigantes* para contraforte das paredes) que se elevam acima do telhado e terminam em ponta de lança, dando ao todo agradavel perspectiva.

Interiormente é digna de especial menção a tribuna do altar-mór, precioso e valioso retabulo de talha dourada com soberbas columnas torcidas, cobertas de ramos de videiras, cachos e seraphins, tudo em alto relevo.

A egreja da Mizericordia é mais antiga e mais pequena, mas tambem muito elegante, imitando no estylo a egreja matriz.

Tem sobre o arco cruzeiro a data 1613 que ou se refere á sua construcção ou restauração.

—

As capellas são as seguintes:

1.ª—*S. Neutel*, a mais antiga de todas, em estylo manoelino, obra de muito preço e digna de attenção.

Está no centro da *Aldeia de S. Neutel*, á qual deu o nome,—e foi do municipio.

Teve outr'ora grande romagem, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, [1] mas ha muito que essa romagem terminou

2.ª—*Nossa Senhora da Conceição*,—templo pequeno e simples, forrado interiormente d'azulejo.

Demora na praça da villa e julgamos ser a capella da *Senhora da Assumpção*, mencionada na *Chorographia Portugueza*.

3.ª—*S. Sebastião*, sem ornato algum e tambem mencionada por Carvalho, em 1708.

Está hoje dentro do cemiterio da villa.

4.ª—*Santo Antonio*, tambem muito simples e com alpendre ou galilé á porta.

Carvalho não a menciona, mas em vez d'ella menciona uma ermida de S. Pedro, que não encontro nos meus apontamentos.

Ha hoje n'esta parochia apenas uma romaria, na dominga *in Albis*,—é a de Santa Agueda, a que o povo chama *festa* e *romaria do leite*, porque todos os lavradores, desde eras remotas, costumam offerecer a Santa Agueda n'aquelle dia o leite dos seus rebanhos, que é vendido aos romeiros á porta da ermida de *S. Neutel*.

Foi outr'ora muito concorrida esta romagem (suppomos ser a mencionada na *Chorographia Portugueza*, como *romaria de S.*

---

[1] Em 1708 contavam apenas meia legua, d'Alvito a esta parochia.

Muito grandes eram as leguas n'aquelle tempo!

[1] Diz tambem a *Chorographia Portugueza* que esta ermida distava *um quarto de legua* da villa. Esse *quarto de legua* da hoje cerca de 3 kilometros!...

Neutel) mas hoje vae em pronunciada decadencia.

—

Houve tambem n'esta villa antigamente uma feira a 3 d'outubro, mas cessou ha muitos annos.

A *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista, copiando o *Diccionario abreviado* de J. A. d'Almeida, menciona como existente ainda a dicta feira e diz que dura 3 dias. Foi lapso.

Os edificios mais notaveis d'esta parochia na actualidade são a egreja matriz pela sua vastidão e elegancia—e a capellinha de S. Neutel pela sua antiguidade e pela sua architectura em estylo gothico florido.

Esta villa nunca foi fortificada, mas tem a pequena distancia um morro, denominado *castello*.

Não se veem ali hoje vestigios alguns de obras de defesa, mas é possivel que as tivesse em outros tempos.

Esta villa ainda conserva os paços do seu extincto concelho. N'elles funcciona uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Tambem esta parochia tem outra eschola official de instrucção primaria para o sexo feminino.

Conserva tambem ainda a sua antiga cadeia.

O pelourinho foi derrubado em certa noute e d'elle resta hoje apenas o pedestal, mas removido para um canto do largo onde se erguia e pompeou durante seculos.

—

Tem esta villa um largo, a que dão o nome de *Rocio da Fonte*, sem embellesamento algum,—e 2 praças, *nova* e *velha*, ambas muito acanhadas e sem embellesamento algum tambem.

As suas ruas principaes hoje são as seguintes:—*rua Nova, rua d'Evora, rua da Praça, rua Grande* e *rua dos Lagares*.

Ha n'esta freguezia hoje em exploração duas minas de ferro,—uma na herdade dos *Ayres* e outra na do *Zambujal*, ambas exploradas pelo cidadão inglez—Thomaz Jorge Elliatte. Alem d'estas, ha n'esta freguezia outras, mas simplesmente registradas.

Em 21 d'agosto de 1877, por exemplo, registrou na camara d'Alvito uma de ferro e outros metaes, M. Gonçalves d'Azevedo Caruço, que descobriu na herdade dos *Albardeiros*,—e em outubro de 1881, José Duarte Alves pediu ao governo o diploma de descobridor legal d'outra mina de ferro no sitio do *Monte do Conde*.

—

Ha nos limites d'esta parochia dois serros denominados *Outeirões das Barras*, cobertos de espesso matto, coito e viveiro de javalis, pelo que ali se fazem grandes caçadas, tendo el-rei assistido a algumas d'ellas.

A unica associação de beneficencia que ha hoje aqui, depois da extincção da Misericordia d'esta villa e do seu hospital, é a junta de parochia. Em cumprimento de differentes legados e com o subsidio que recebe da camara de Beja, como senhora dos bens da extincta Misericordia, tem a seu cargo soccorrer os pobres com medicamentos e dietas. Nada mais resta do antigo hospital e da Misericordia d'esta villa, extinctos e transformados em patrimonio da Casa Pia de Beja.

Ha finalmente n'esta villa uma estalagem insignificante e unica na *Praça Nova*.

—

Em julho de 1874 falleceu n'esta villa, de fome e de miseria, um professor que deixou avultada fortuna á junta de parochia.

Encontrou-se grande porção de dinheiro nos forros de um immundo collete que trazia sempre vestido e com o qual morreu.

Na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, districto de Vizeu, onde já fomos parocho, de 1861 a 1863, conhecemos nós outro professor que podia fazer *pendant* com este.

Chamava-se *padre Sebastião*,—viveu sempre só em uma casa immunda, envolto em andrajos e *litteralmente coberto de bichos*, sendo proprietario e pertencente a uma das primeiras familias da localidade.

Falleceu velhissimo e por sua morte os herdeiros encontraram boa somma em luzentes peças de ouro, escondidas pelos recantos do immundo albergue,—alem das que lhe haviam roubado.

Deus lhe perdôe!

—

Segundo se lê nas *correcções* e *addicções* ao tomo II do *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro, houve tambem n'esta parochia uma egreja de *Santa Agueda*, erecta no proprio local onde em tempos muito remotos existiu um templo de *Diana*, como affirmou e communicou a J. B. de Castro o rev. Fr. Francisco d'Oliveira, baseado em uma inscripção que ali encontrou e que fez collocar em 1761 no frontispicio da *nova* casa do despacho da Misericordia da mesma villa.

Não sabemos se ainda lá se encontra.

Este Fr. Francisco d'Oliveira, frade dominico, natural de Beja, homem muito illustrado e profundo investigador, é muito nosso conhecido, e d'elle fallaremos detidamente no *supplemento* a este diccionario, quando chegarmos aos artigos *Beja* e *Cuba*.

—

No *Codice* n.º 104 da *Bibliotheca Municipal Portuense* se encontram os tres manuscriptos seguintes, todos muito interessantes:

1.º — *Dialogos* de Christovão Rabello de Macedo, escriptos em 1625 e que tratam das antiguidades de Beja.

A pedido nosso foram publicados, ha annos, em folhetins no *Bejense*, com o titulo de *Peregrinos de Beja*.

2.º—*Memorias da Villa do Alemtejo.*

Não teem data nem nome do auctor; mas julgo serem escriptas pelo mesmo Fr. Francisco d'Oliveira e d'ellas fiz um extracto que offereci ao meu antecessor e bom amigo Pinho Leal, para o artigo *Vianna do Alemtejo*. Veja-se este vol. 10.º pag. 322, col. 2.ª e seguintes.

3.º—»Memorias Historicas que do Logar de Cuba escreve no anno de 1742 Fr. Francisco de Oliveira, da ordem dos Pregadores.»

D'este ultimo trabalho existe no archivo da camara de Cuba hoje uma copia tirada por mim em 1883, a pedido do sr. dr. José dos Santos Pegas Cabrita, benemerito filho da mesma villa de Cuba.

—

A villa de que nos occupamos denominou-se *Villa Nova da Baronia* por fazer parte do grande senhorio dos *barões d'Alvito*.

Veja-se esta ultima palavra no vol. 1.º pag. 180, col. 2.ª e seguintes.

Tambem esta parochia se denominou *Villa Nova d'Alvito*, por ser fundada depois da de Alvito; comtudo, já existia no seculo XIV, pois no *foral velho*, dado por D. Diniz a Vianna do Alemtejo em 1313, lhe assignou por termo Alvito, *Villa Nova d'Alvito*, Villa Ruiva e Malcabron.

V. *Vianna do Alemtejo* n'este vol. 10.º pag. 322, col. 2.ª, e particularmente a pagina 323 col. 1.ª *infine* e seguintes.

É mesmo anterior ao seculo XIV, pois lhe deu o primeiro foral o provincial da ordem da Trindade pelo foral de Santarem, por Carta, de 18 d'agosto de 1280. *Maço II de foraes antigos* n.º 2 e 3.

D. Manuel lhe deu tambem *foral novo* em Lisboa, no dia 20 de novembro de 1516.

Liv. de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 100 v. col. 1.ª.

—

No artigo *Alvito* se fez menção do convento de *Mujadarem* ou *Mongedarem* (*monges d'além*) convento benedictino do tempo dos godos, destruido pelos arabes e depois reedificado e dado aos franciscanos com o titulo de Nossa Senhora dos *Martyres*, em memoria dos monges n'elle martyrisados pelos mouros. [1]

Alguem diz que o velho convento de *Mongedarem* foi fundado por Santo Eleuterio (outros pretendem que o seu fundador foi S. *Lauteno*, monge francez) abbade do convento benedictino de S. Marcos junto á cidade de Espoleto, na Italia, fundador de varios conventos da mesma ordem na Hespanha. Pelo menos é fóra de duvida que Santo Eleuterio viveu e depois teve culto no convento de Mongedarem e que em uma das invasões dos mouros alguns fieis esconderam as imagens que ali se venera-

---

[1] O convento de *Mongedarem* era um dos que obedeciam ao de *S. Cucufate*, pelo que o prelado d'este se intitulava *Abbade dos Abbades*.

V. *Villa de Frades*.

vam, entre ellas a de Santo Eleuterio e a de Nossa Senhora dos *Ares*.

Esta ultima, passados seculos, appareceu no termo da villa de Vianna de Alemtejo, no local onde lhe erigiram e ainda hoje se vê o sanctuario da *Senhora dos Ares* ou d'*Ayres*, de que já se fez menção n'este vol. 10.º pag. 330, col. 1.ª e seguintes.

Por ser aquella imagem muito querida dos povos do Alemtejo lhe dedicaram outras ermidas; e d'estas e da dicta imagem tomaram e conservam o nome varios sitios e herdades d'esta freguezia de Villa Nova da Baronia, já indicados supra.

—

A imagem de *Santo Eleuterio* appareceu no termo d'esta parochia, precisamente no local onde lhe erigiram e se vê ainda hoje a capellinha de S. *Neutel*, na povoação d'este nome, ambas tambem já mencionadas, pois o vulgo com o andar dos tempos fez de Eleuterio *Neutel*—como de Cypriano *Cibrão*—de Eduardo *Duarte*,—de Jacob *Jaco*, *Jacques*, *Yago* e *Thiago*,—de Eulalia *Olaia* e *Ovaia*,—de Juliano *Julião* e *Gião*,—de Isidoro *Isidro* e *Cidro*,—de synagoga *esnoga*,—e de Magdalena *Madanella*, como ainda hoje teima em denominar uma freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, etc.

Com relação ao convento de *Mongedarem* e á capellinha de *S. Neutel* ou Eleuterio é muito digno de lêr-se o artigo publicado na *Benedictina Luzitana*, vol. 1.º pag. 448 e seguintes.

VILLA NOVA DA BARQUINHA—villa, freguezia e séde de concelho, districto de Santarem, provincia da Extremadura.

V. *Barquinha*, vol, 1.º pag. 337, col. 2.ª

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao mencionado artigo:

—

Tem hoje esta parochia 235 fogos e 980 habitantes—e já não pertence á comarca de Torres Novas, mas á da Gollegã.

Este concelho comprehende 4 freguezias,—tem de superficie em hectares 6:771,—fogos (pelo ultimo recenseamento de 1878) 871,—habitantes 3:675,—predios inscriptos na matriz 3:017.

A villa tem por brasão d'armas um escudo bipartido (em palla) orlado interiormente na parte inferior com duas palmas crusadas, atadas com uma fita azul e a legenda *Villa Nova da Barquinha* 1836. No quartel da direita um barco á véla—e no da esquerda uma oliveira, tendo no chão de cada lado uma infusa preta,—tudo em campo branco.

—

Freguezias limitrophes—Atalaia, Tancos, Asseiceira, S. Thiago de Torres Novas, Nossa Senhora da Conceição da Gollegã e Santa Maria do Pinheiro Grande, da Chamusca.

Partem d'esta parochia para Santarem a estrada districtal n.º 75 e para Coimbra a estrada real n.º 51.

A 1.ª está em via de construcção d'aqui para Abrantes.

A estação da *Barquinha* dista cerca de 400 metros d'esta villa.

Os templos d'esta parochia reduzem-se á sua egreja matriz, da invocação de Santo Antonio, recentemente construida, ainda em obras no interior,—e a uma capella de Nossa Senhora, muito antiga e já bastante arruinada, com um retabulo de talha de muito merecimento.

Tem esta villa uma feira annual no dia do seu padroeiro Santo Antonio, 13 de junho. Abunda em artigos commerciaes, madeiras de pinho e de castanho para construcções e vazilhame, coiros de boi e de bezerro cortidos, etc.

—

A rua principal d'esta villa é a da *Barca*;—tem um largo, o do *Caes Novo*,—um jardim publico, denominado *Jardim da 3.ª secção das obras do Tejo*,—uma *Alameda*, no largo das Amoreiras—e uma praça com o nome de *Praça do Commercio*.

Esta villa é banhada pelo Tejo, que tem aqui um bom caes para serviço dos muitos barcos que se empregam na navegação entre esta villa e Lisboa, a jusante — e entre esta villa e a de Alcantara (hespanhola) a montante—e portos intermediarios.

Tambem crusa sobre o Tejo uma barca de passagem entre o dicto caes, na margem direita do rio, e a povoação da Carregueira,

do concelho da Chamusca, na margem esquerda, atravessando tambem os ribeiros do Valle e do Arôz que passam n'aquella povoação e desaguam no Tejo.

As producções dominantes d'esta parochia são azeite e cereaes.

Esta villa soffreu muito em 1875 com a grande cheia do Tejo, que foi a maior d'este seculo ao sul do nosso paiz [1] e que inundou dois terços da povoação muitos dias, chegando a derrubar alguns predios.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar e complementar para o sexo masculino e outra elementar para o sexo feminino,—e uma hospedaria de Manuel Nunes da Silva, na Praça do Commercio.

N'esta villa e nos seus arrabaldes teem apparecido differentes moedas romanas e outras velharias.

—

Esta parochia foi creada por decreto de 2 de maio de 1838. Anteriormente era uma simples povoação da freguezia da Atalaya—e foi arvorada em séde de concelho por decreto de 2 de julho de 1839, fundindo-se n'este concelho os d'Atalaya, Tancos e Paio Pelle.

Esta villa é um centro commercial muito importante, principalmente nos artigos madeiras de differentes qualidades e cortiça, que exporta para Lisboa e outros pontos em grande quantidade, pelo rio e pela via ferrea.

Decahiu bastante com a inauguração da linha ferrea, mas volveu de novo á vida e hoje o seu estado é prospero e florescente.

VILLA NOVA DO CASAL—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda.

V. *Casal*, vol. 2.º pag. 142,—*Tazem* (a 1.ª) vol. 9.º pag. 521—e *Villa Nova de Tazem*, n'este 10.º vol.

VILLA NOVA DA CERVEIRA—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Valença, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

[1] Ao norte a cheia maior d'este seculo foi a de 1860.

Abbadia. Orago S. Cypriano, outr'ora S. Cibrão, [1]—fogos 356,—habitantes 1:440.

Em 1706 contava 250 fogos,—era da comarca de Vianna,—tinha muita nobresa e voto em côrtes, com assento no banco 17,—juiz de fóra por creação de Filippe IV, em 1622 (anteriormente tinha 2 juizes, um nobre e outro plebeu)—3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos com seu escrivão, 1 juiz da alfandega e outro da dizima, aprezentados pela casa de Bragança, 1 escrivão das cizas, 3 escrivães do judicial e notas, 1 contador, 1 distribuidor, 1 inquiridor e 1 meirinho, todos de nomeação regia—e 1 alcaide apresentado pelo visconde de Ponte de Lima, Alcaide mór d'esta villa, que apresentava tambem o parocho.

Tinha no concelho 4 companhias de ordenanças, servindo de capitão-mór a camara, na ausencia do alcaide-mór,—e na villa e praça 3 companhias de infanteria paga.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação,—rendia para o parocho 160$000 réis—e contava 212 fogos.

—

Comprehende alem da villa as povoações seguintes:—Córtes, [1] Feira do Gado, Veigas, Prado e Outeiro da Forca e outras mais pequenas.

Esta villa demora na margem esquerda do rio Minho, 15 kilometros a S. O. da Praça de Valença, 34 a N. N. E. de Vianna, séde do districto, 91 de Braga (pela via ferrea) 116 do Porto e 452 de Lisboa.

O concelho tem:

Superficie em hectares.....	8:048
Predios inscriptos na matriz	21:736
Fogos (pelo ultimo recenseamento).	3:041
Habitantes.....	10:446
Freguezias.....	15

S. Cypriano na villa, ficando-lhe a N. E. Lobêlhe, Roboreda, Campos e Villa Meã; —a S. O. Loivo e Gondarem, todas estas

[1] V. n'este diccionario os artigos *Cibraão* vol. 2.º pag. 298, col. 1.ª—e *Córtes*, no mesmo vol. pag. 391, col. 1.ª

Veja-se tambem o art. *Cibraão* no *Elucidario* de Viterbo.

confinando com o Minho;—Sôppo, Covas, Mentrestido e Gondar a S.;—Nogueira, Cornes, Candemil e Sapardos, a L.

—

O concelho é na maior parte accidentado e montanhoso—e se estende pelas fraldas do elevado monte de S. Paio.

A villa está em um sitio muito agradavel e pittoresco sobranceira ao Minho; atravessa-a a estrada-real n.º 23 (como dissemos a pag. 456 d'este volume) que vem de Vianna e Caminha, e segue para Valença e Melgaço pela margem esquerda do Minho.

Entra aquella estrada no concelho de Villa Nova da Cerveira, no começo da freguezia de Gondarem,—atravessa as freguezias de Loivo, Cerveira, Lobelhe, Reboreda, Campos e Villa Meã, todas d'este concelho—e continua atravez do concelho de Valença.

Alem d'esta estrada, córta tambem este concelho na mesma direcção e seguindo o mesmo traçado a linha ferrea do Minho, que passa na villa entre o caes e a capella de S. Sebastião e tem a sua estação a 500 metros da villa.

A camara projecta construir duas estradas municipaes cujos estudos já se acham feitos—uma ligando esta villa com a freguezia de Covas, passando nas freguezias de Loivo, Gondarem, e Sôppo;—a outra, partindo de Lovêlhe, onde entronca na estrada real n.º 23, corta as freguezias de Roboreda, Candemil, Gondar e Mentestido e vae até S. Martinho de Coura, no concelho d'este nome.

—

A egreja matriz era um templo muito antigo, de uma só nave e com um excellente retabulo, tambem antigo de talha dourada. Um furioso vendaval derrubou parte d'este edificio na manhã de 2 de janeiro de 1877, poupando apenas a capella mór; acha-se porem já reconstruida com 3 naves e 2 torres ainda incompletas, por falta de meios.

Ha tambem na villa a egreja da Misericordia dentro da cidadella, junto ao hospital da Santa Casa,—e as capellas de *Nossa Senhora da Ajuda*, á entrada do Castello,—de *S. Sebastião*, junto ao cáes, com um bom retabulo antigo,—e a do *Anjo da Guarda*, todas publicas,—e 4 particulares:—a de *S. Gonçalo*, com boa obra de talha, pertencente a José Augusto Pereira Pinto Maldonado,—a de *S. Pedro de Rates*,—a de *S. Roque*, e a de *Santo Antonio de Lourido*, na quinta e casa do mesmo nome, pertencente hoje a Francisco Pereira Sanches de Castro [1].

—

Tem esta villa duas feiras mensaes muito importantes, nos dias 3 e 16. São das melhores do Alto Minho.

O castello mandado fazer por D. Diniz, ainda se conserva, mas já em ruinas, bem como as suas velhas torres, exceptuando a denominada dos *Mouros*, que foi demolida ha annos para alargamento da rua do *Arrabalde*. As torres e muros da praça ainda se conservam em pé, mas os quarteis estão em misero estado.

Dentro do Castello se levantam—a egreja da Misericordia, os paços do concelho e a cadeia da villa, em más condições.

Foi esta villa praça de guerra, cercada por muros e fossos, mandados fazer em 1660 por ordem do governador das armas d'esta provincia, D. Diogo de Lima, 9.º visconde de Villa Nova da Cerveira. Por carta de lei de 22 de março de 1875 foi a camara d'esta villa auctorisada para apear aquelles muros desde as portas de Vianna até á da Campanha, comprehendendo o lanço que circumdava a villa pelo sul, para que a povoação podesse estender-se para aquelle lado, desafrontando a rua do *Arrabalde* e aproveitando-se o local para a feira e passeio publico. A parte restante dos muros está em poder de particulares.

—

No anno de 1321, no dia 1.º d'outubro, foi dado a esta villa foral por D. Diniz, seu fundador.

Veja-se o *Liv. IV de Doações do sr. Rei*

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Córtes*, vol. 2.º pag. 391 col. 1.ª

[1] Carvalho menciona tambem uma capella de *Nossa Senhora da Encarnação* e outra do *Espirito Santo*, alem das 7 mencionadas supra.

D. Diniz, fl. 91, v. col. 2.ª—Gaveta 15, Maço 3, n.º 12—e o *Liv. III dos bens dos proprios d'El-Rei*, fl. 164.

D. Manuel lhe deu *foral novo* em Lisboa, no dia 20 d'outubro de 1512.

Liv. de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 21, col. 1.ª

Veja-se tambem a *Minuta* para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 11, n.º 23.

O foral de D. Diniz lhe concedeu muitos privilegios,—couto para 7 criminosos, feira franca em S. Paio, isenção de direitos para tudo o que importasse da Galliza ou exportasse para ali, eleição livre dos vereadores e juiz ordinario, terça dos dizimos para conservação do castello, etc.

No alto do monte de S. Paio, nos limites d'esta villa, houve um convento de religiosos franciscanos, instituido por fr. Gonçalo Marinho nos fins do seculo XIV. Está hoje em ruinas e pertence aos herdeiros de Manuel José de Faría Pereira.

Tem a villa duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos—e uma associação de soccorros mutuos denominada *Montepio Cerveirense de Nossa Senhora da Boa Nova*, com estatutos approvados em 1876.

—

Ha n'este concelho uma mina de carvão de pedra, chumbo e outros mineraes, simplesmente registada.

O melhor edificio da villa é a casa que foi da nobre familia Castros, do Côvo, hoje representada pelo conde de Côvo.

Ergue-se aquelle edificio no Terreiro da villa;—conserva ainda o brasão dos seus antigos senhores, mas hoje pertence a José Augusto Pereira Pinto Maldonado, filho do fallecido dr. José Narciso Barbosa Pereira Pinto.

—

Da freguezia de Gondarem, d'este concelho, eram naturaes Manuel Marinho Falcão, ministro da justiça no tempo d'el-rei D, João VI,—e o desembargador João Manuel Guerreiro d'Amorim, conselheiro da fazenda, n'aquella mesma epoca.

Lembramo-nos de um litterato distincto e homem de grande virtude natural de Villa Nova da Cerveira e citado por Innocencio, *Fr. Bernardo de S. Miguel*, monge de Cister, companheiro de Fr. Antonio das Chagas nas missões d'este varão apostolico.

Nasceu pelos annos de 1634 n'esta villa e falleceu em 1697 no convento d'Alcobaça.

Escreveu o *Espelho da rasão, amor acertado*... Lisboa, 1690, 8.º de 388 pag.

O auctor hombrea com os mais cultos da sua epoca, mas, como o seu livro não anda no Catalogo da Academia, não gosa de estimação alguma e corre por baixo preço!...

Citaremos ainda dois grandes litteratos que, posto não fossem filhos d'esta villa, d'ella foram arcediagos:

1.º—*Francisco Ferreira Barreto*, presbytero secular e dr. em theologia.

Nasceu em Lisboa em 1554,—falleceu em 1610—e escreveu e publicou varios sermões muito estimados ainda hoje.

2.º—*Francisco Vellasco de Gouveia*,—dr. e lente de canones na Universidade de Coimbra, arcediago de Villa Nova da Cerveira e desembargador dos aggravos na Casa da Supplicação, natural de Lisboa, onde falleceu em 1659, contando cerca de 80 annos de edade.

É auctor de varias obras de muito merecimento, indicadas por Innocencio.

—

Ha n'esta freguezia e n'este concelho muitas quintas importantes.

Indiquemos as principaes:

1.ª—A de *Lobêlhe*, na freguezia d'este nome. Foi dos jesuitas e pertenceu a um hospicio que estes padres ali tiveram;—hoje é dos filhos de João Antonio da Rocha Pereira.

V. *Lobêlhe*, vol. 4.º pag. 432—e *Sôpo* vol. 9.º pag. 424 e 425, onde já se fallou d'esta rica propriedade.

2.ª—*Agua Branca*, n'aquella mesma freguezia. Pertence hoje a Luiz de Caldas Osores Sottomaior.

3.ª—*Penafiel*, na freguezia de Reboreda, solar dos *Reboredas*, com uma torre brazonada.

Foi da familia Pereira da Cunha, de Vianna, que a emprasou ao seu actual possuidor Francisco Pereira Sanches de Castro.

V. *Reborêda*, vol. 8.º pag. 68.

4.ª—A *Quinta*, assim denominada, na freguezia de Cóvas, propriedade dos Pittas, de Caminha, hoje muito dignamente reprezentados pelo sr. João Filippe Menezes Pitta.

5.ª—*Louceira* na freguezia de Gondarem, com casas e capella brasonadas, pertencente a Francisco de Sousa Cadaval.

V. *Gondarem*, vol. 3.º pag. 301.

6.ª—Da *Torre*, na freguezia de *Loivo*. É brasonada;—pertenceu a uma illustre familia hoje extincta,—e é actualmente de João Manuel Pereira dos Santos.

V. *Loivo*, vol. 4.º pag. 434, col. 1.ª

7.ª—Das *Laranjeiras*, mesmo na villa.

É brazonada e pertence a D. Rosa Josefa Pereira da Cunha e Castro.

—

As armas d'esta villa são um veado ou *cervo* da sua côr, em campo verde sustentando o veado nas pontas um escudo com as quinas portuguezas, sem os castellos.

Estas armas alludem ao primitivo local d'esta villa, denominado *Cervaria*, por ser então deserto e abundarem n'elle veados. Segundo esta opinião *Villa Nova da Cerveira* quer dizer Villa Nova da *Cervaria* ou dos veados;—outros porem se inclinam a crer que o titulo de *Cerveira* lhe provem do seu primeiro senhor, João Nunes de Cerveira, que teve o seu solar por aquelles sitios, no tempo de D. Sancho II. Os que se inclinam a esta ultima opinião escrevem *Villa Nova de Cerveira* e não *Villa Nova da Cerveira*, como nós escrevemos e *geralmente* e *officialmente* se escreve. São questões de pouca monta.

Ha n'esta villa um Club ou Assembléa para distracção dos seus socios.

O forte de Lobêlhe, ou do *Azevedo*, é ainda do estado e tem alguma importancia estrategica.

No dia 25 de setembro de 1643 vieram os hespanhoes atacar Villa Nova da Cerveira, mas foram repellidos pelos portuguezes, capitaneados por Manuel de Sousa d'Abreu.

Defronte d'esta villa está em terreno hespanhol, na margem direita do Minho, o forte da *Barca de Goyão*, que fazia *pendant* com as fortificações portuguezas da margem opposta, como a praça de Tuy se oppunha á nossa de Valença, a de Monte Rei á nossa de Chaves, a da Conceição á nossa d'Almeida, a de Badajoz á nossa d'Elvas, a de Ayamonte á nossa de Castro Marim, etc.

Em 25 de novembro de 1876 pesou sobre este concelho, nomeadamente sobre a freguezia de Covas, um medonho vendaval, causando prejuizos enormes, como já dissemos no vol. 9.º art. *Seixas*, pag. 84, col. 2.ª—vol. 8.º art. *Riba d'Ancora*, pag. 168, col. 1.ª—e n'este vol. 10.º art. *Venade*, pag. 276, col. 2.ª

—

Por carta de D. Affonso V, passada em Touro, a 4 de março de 1476, foi feito visconde de Villa Nova da Cerveira D. Leonel de Lima, fidalgo de boa linhagem, alcaide mór de Ponte de Lima, senhor da villa dos Arcos de Val de Vez e d'outras muitas terras.

Era filho 2.º de Fernão Eannes de Lima (fidalgo a quem D. João I doou Val de Vez e outras terras) e de sua mulher D. Theresa da Silva, filha de João Gomes da Silva, alferes mór do reino.

D. Leonel de Lima foi o 1.º visconde que houve em Portugal, pelo que os seus descendentes com orgulho se intitulavam *Primeiros viscondes de Portugal*.

Casou com D. Filippa da Cunha e foi seu 3.º neto o 5.º visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Francisco de Lima, no qual terminou a varonia de tão illustre familia, porque tendo casado com D. Brites de Alcaçova, filha do 1.º conde da Idanha, succedeu-lhes sua filha D. Ignez de Lima, que casou com Luiz de Brito e Nogueira, senhor dos morgados de Santo Estevam de Beja e S. Lourenço de Lisboa, entrando por este casamento na casa dos *primeiros viscondes* a varonia dos Britos.

Seu filho D. Lourenço de Lima Brito e Nogueira recusou o titulo de conde, para não se perder a memoria de terem sido os seus ascendentes os *primeiros viscondes de Portugal*; foi-lhe porem concedida por carta de 19 de dezembro de 1623 a prerogativa de *grandeza*, de que usam os nossos condes.

—

Casou D. Lourenço de Lima com D. Luiza

de Tavora e tiveram muitos filhos, dos quaes o primogenito foi o 1.º conde dos Arcos. O 6.º filho, D. Diogo de Lima, succedeu no viscondado de Villa Nova da Cerveira e casou com D. Joanna de Vasconcellos e Menezes, senhora de Mafra e Soalhães.

Conservou-se em seus descendentes a varonia dos Britos atè que sua bisneta D. Maria Xavier de Lima e Hohenloe adveiu ao viscondado, desposando em 1720 Thomaz da Silva Telles, filho do 2.º marquez d'Alegrete, entrando assim na casa dos *primeiros viscondes* outra varonia, a dos Telles da Silva.

Foi seu filho e herdeiro D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira Vasconcellos Telles da Silva, que ao titulo de visconde de Villa Nova da Cerveira juntou o de marquez de Ponte de Lima, por carta de 17 de dezembro de 1790.

Foi um dos homens mais notaveis do seu tempo: secretario d'estado dos negocios do reino e da fazenda, da junta do commercio, presidente da Academia Real das Sciencias, etc., e casou com D. Eugenia Maria Josefa de Bragança, filha dos 4.ºs marquezes d'Alegrete, seus parentes.

Acha-se alliada tambem esta illustre geração aos marquezes de Nisa, Abrantes e Castello Melhor—e aos condes de Ficalho e Obidos, etc.

Seu filho D. Lourenço foi o 1.º conde de Mafra e o primogenito, D. Thomaz Xavier de Lima Nogueira e Vasconcellos Telles da Silva, foi visconde de Villa Nova da Cerveira, não chegando a ser agraciado com o marquezado de Ponte de Lima, por fallecer antes de seu pae. Casou em 1777 com D. Maria José d'Assis Mascarenhas, filha dos 3.ºs condes d'Obidos, de quem teve uma filha, e um filho que foi

—

D. Thomaz José Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira e marquez de Ponte de Lima, por successão a seu avô, sendo assim o 2.º marquez d'este titulo.

Casou em 1804 com D. Helena José d'Assis Mascarenhas, filha dos 4.ºs condes d'Obidos e d'este consorcio nasceram os filhos seguintes:

— D. José Maria Xavier de Lima e Vasconcellos Brito e Nogueira Telles da Silva, que nasceu em 1807 e falleceu sem geração em dezembro de 1877.

Foi elle o 17.º e ultimo visconde de Villa Nova da Cerveira, 3.º marquez e alcaide-mór de Ponte de Lima.

V. vol. 7.º pag. 176 e 183.

Soldado valente e de animo generoso, viu desabar a sua grande fortuna, soffrendo stoicamente os incommodos da pobreza, desprezando honras e empregos.

Aqui terminamos a genealogia dos viscondes de *Villa Nova da Cerveira.*

— D. Maria Xavier, fallecida tambem sem geração.

— D. João Xavier de Lima.

Falleceu em 1878, sem geração tambem.

— D. Anna Xavier de Lima.

Foi a ultima vergontea de tão nobre familia e falleceu em Lisboa, no dia 3 de fevereiro do corrente anno (1885) tambem sem geração.

— D. Helena Luiza Xavier de Lima, marqueza de Castello Melhor pelo seu casamento com o 4.º marquez Antonio de Vasconcellos e Sousa Camara Caminha Faro e Veiga. D'estes é filha a actual marqueza de Castello Melhor D. Helena do Santissimo Sacramento Maria Josefa Francisca d'Assis Anna de Vasconcellos de Sousa Ximenes, hoje viuva de D. Manuel Maria Ximenes d'Azevedo, de quem teve filhos, vivendo porem actualmente um só,—D. Helena do Santissimo Sacramento, nascida em 1871.

—

De D. Helena Luiza Xavier de Lima e de D. Antonio de Vasconcellos, 4.ºs marquezes de Castello Melhor, nasceram 4 filhos dos quaes sómente 2 deixaram successão.

— D. Helena do Santissimo Sacramento, 6.ª marqueza de Castello Melhor em 1879, por fallecimento de João de Vasconcellos, seu irmão e 5.º marquez, sendo já viuva de D. Manuel Ximenes, de quem teve os filhos seguintes:

— D. Helena do Santissimo Sacramento, mencionada supra, nascida em 1871;
— D. Miguel e
— D. Antonio, fallecidos de tenra idade.

— D. João de Vasconcellos, nascido em 1841, já mencionado.

Foi 5.º marquez de Castello Melhor e falleceu em Lisboa no dia 11 de janeiro de 1878, perfilhando no seu testamento

— D. Maria da Puresa, que nasceu a 28 de abril de 1877.

—

Do exposto se vê que a casa dos *primeiros viscondes* cahiu na de Castello Melhor e se acha representada, como esta, pela filha de D. João de Vasconcellos, D. Maria da Pureza, e por sua tia paterna D. Helena do Santissimo Sacramento, actual marqueza de Castello Melhor.

—

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira não eram senhores da villa que, por alvará de D. João II, foi sempre da corôa;—tiveram sómente d'ella o titulo e o padroado da egreja matriz.

—

As producções principaes d'esta parochia e d'este concelho são—milho, trigo, centeio, feijões, hortaliças, castanhas, fructas, hervagens, vinho verde, excellente mel e muito linho, do melhor da provincia.

Tambem criam muito gado de differentes especies e teem abundancia de caça grossa e miuda e de peixe do Minho e do mar, principalmente de salmões, saveis e lampreias, constituindo os salmões uma especialidade distincta e um rendoso artigo d'exportação, pois vão d'aqui *em grande quantidade* para todo o nosso paiz e para a Hespanha.

Para se formar idéa da importancia d'este artigo, veja-se o que sobre o assumpto já dissemos no vol. 9.º pag. 84, col. 1.ª e 2.ª

A maré chega até esta villa e ainda passa um pouco acima d'ella.

—

Falleceu ha poucos annos em S. Pedro da Torre o venerando Diniz Ferraz d'Araujo, abbade d'aquella freguezia, mas natural d'esta, onde nasceu em 1790!

Contava pois mais de 90 annos de idade.

Era muito caritativo;—perdeu completamente a vista alguns annos antes de fallecer, mas vivia resignado com a sua sorte e mesmo apparentemente satisfeito, costumando dizer sorrindo que *por sua morte não haveria demandas por causa da herança.* Dava tudo aos pobres.

V. *S. Pedro da Torre*, vol. 9.º pag. 12, col. 2.ª

Tambem já falleceu (em janeiro do corrente anno) o rev. dr. José Gomes Martins, conego e chanceller em Braga, de quem se fallou n'aquelle artigo e que foi meu condiscipulo na Universidade e sempre muito meu amigo.

Era considerado por pessoas competentissimas o primeiro theologo de Portugal?!...

Deus o tenha na gloria.

—

Em tempos muito remotos houve no termo de Villa Nova da Cerveira 2 conventos de freiras da ordem de S. Bento, ha muito extinctos, unindo-se as suas rendas ao de Sant'Anna de Vianna do Castello.

Referimo-nos aos conventos de *Santa Maria de Valbôa*, e *Santa Marinha de Loivo.*

O 1.º estava junto do rio Minho e d'elle parece fallar o conde D. Pedro no seu *Nobiliario*, tit. 58, fallando dos *Silvas*, pois faz menção de Soeiro Gonçalves, filho de Gonçalo Pires, de *Belmir* (antigo couto no arcebispado de Braga) um dos cavalleiros que se acharam com el-rei D. Fernando, o *santo*, no cerco de Sevilha pelos annos de Christo 1248,—e diz que Soeiro Gonçalves teve uma filha, por nome D. Urraca Soares, que foi abbadessa de Valbôa.

É mais terminante o *Registro de Valença*, pois n'elle se lê que no anno do Senhor 1444 Ignez Barbosa *foi confirmada abbadessa do mosteiro de Santa Maria de Valbôa, da ordem de S. Bento.*

Benedict. Lusit. vol. 2.º pag. 97.

—

O 2.º convento estava na freguezia de *Loivo* e parece que a primitiva egreja matriz d'esta parochia foi a mesma das freiras.

D'este antiquissimo convento diz o citado *Registro de Valença*:

«Em novembro do anno do Senhor 1487, na cidade do Porto, dentro nos Paços Episcopaes, onde pouza o sr. Bispo de Ceuta D. Justo Balduino, confirmou em Abbadeça do Mosteiro de S. Marinha de Loivo da ordem de S. Bento a Brites de Sousa...»

V. no art. *Valença do Minho*, a col. 1.ª da pag. 117, n'este vol. 10.º—no vol. 4.º pag. 434, col. 1.ª o art. *Loivo*—e a *Benedict. Luzit.* no logar citado.

Parece que o convento de Santa Maria de Valbôa esteve na freguezia de Villa Meã, solar antigo dos Valbôas, da qual foi transferido para a de *Loivo*, ambas d'este concelho de Villa Nova da Cerveira,—e que no principio do seculo XVI foi unido ao de *Sant'Anna*, de Vianna. Deixaram então estas religiosas o habito de S. Francisco e tomaram o benedictino.

V. vol. 2.º pag. 75. col. 2.ª e vol. 10.º pag. 441 e 442.

—

O concelho de Villa Nova da Cerveira estava comprehendido no condado d'entre o Minho e Lima, segundo a divisão feita no seculo XI por D. Fernando o *Magno*, rei de Leão e Castella.

V. *Romarigães*.

—

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA NOVA DE CONSTANCIA—ou simplesmente *Constancia*—outr'ora e ainda hoje *Punhete*, — villa, freguezia e séde de concelho, comarca d'Abrantes, districto de Santarem, bispado de Portalegre, provincia da Extremadura.

Orago S. Julião. Priorado.

V. *Constancia*, vol. 2.º pag. 380, col. 1.ª onde já se fallou d'esta parochia e por isso apenas accrescentaremos o seguinte:

Esta villa demora em um local muito pittoresco, alegre e vistoso, precisamente na confluencia do Zezere com o Tejo, na margem direita d'este e na esquerda d'aquelle, na estrada real d'Abrantes para Santarem, 2 kilometros ao norte e montante da linha ferrea de leste, da estação da Praia e da ponte sobre o Tejo, do qual se descobre perfeitamente a villa toda e nós a vimos já por vezes, afastando-nos d'ella sempre com saudade e com vivo desejo de a visitarmos expressamente.

—

A villa reveste parte da encosta, mas desce até á praia, onde tem um caes importante, de muito movimento ainda hoje e maior ainda antes da construcção da linha ferrea.

A parte baixa d'esta formosa e alegre villa soffreu sempre muito com as inundações por occasião das cheias dos dois grandes rios que a banham. Tornaram-se tristemente memoraveis n'esta villa e nas margens do Tejo as inundações de 1872 e de 1876, pois foi esta ultima a maior ao sul do nosso paiz n'este seculo, emquanto que ao norte do nosso paiz as aguas attingiram muito maior altura em dezembro de 1860.

Em uma das cheias a agua chegou a entrar na egreja matriz d'esta villa, pelo que se removeu o Santissimo Sacramento em uma bateira.

—

Comprehende alem da villa as povoações de Santa Barbara, Santo Antonio, Charneca, e Moinho de Vento;—as quintas de S. Vicente, Santa Barbara, Cruz, Trombeiro, S. João, Areias, Alegria e Lameira;—as habitações isoladas de Horta do Zezere, Val Escuro, Almegue, Larião, Escorrega, Pinhal, Couto, Pedras da Quinta; — e os sitios de Preanes, Pinhal e Capareira.

Carvalho menciona a quinta de Santa Barbara, nome que tomou de uma capella da mesma invocação, e diz que era n'esse tempo (1708) do desembargador João Pinheiro. Menciona tambem uma ermida de *Santo Antonio d'Entre as Vinhas*, ao sul do Tejo, talvez na povoação actual de Santo Antonio, e diz que a imagem do padroeiro da tal capella foi a 2.ª feita em Portugal—e de *pederneira*,—imagem de grande devoção e roma-

rias, tanto que o ermitão era nomeado ou apresentado pela camara da villa.

Menciona tambem Carvalho as ermidas de Sant'Anna, S. Pedro, S. João e a egreja de Nossa Senhora dos Martyres, ao tempo ainda incompleta e situada na chã de um monte com alegre e dilatada vista para todas as partes.

Tambem teve e não sabemos se ainda hoje tem casa de Mizericordia e hospital.

—

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, é do bispado de Portalegre.

Em 1708 contava 350 fogos, mas pelo ultimo recenseamento (1878) contava 305 fogos e 1:187 habitantes. Não sabemos o motivo porque baixou tanto a sua população!...

Tem este concelho ainda hoje apenas 3 freguezias — Constancia ou Villa Nova de Constancia,—Mont'Alvo e Santa Margarida da Coutada,—fogos (total) 724,—habitantes 2:912,—superficie em hectares 8:304,—predios inscriptos na matriz 2:250.

Diz M. Leitão d'Andrade (*Miscellanea*, dialogo XIX pag. 574) que esta villa foi denominada pelos romanos *Pugna-Tegi* e que o dicto nome com o tempo perdêra a ultima syllaba ficando *Pugnate*, depois *Punhête*.

Diz o mesmo Leitão d'Andrade que el-rei D. Sebastião a fez villa a pedido de Simão Gomes, o *sapateiro santo*, natural do Marmeleiro, junto a Thomar, referindo-se ao que se lê na vida do dito Simão Gomes, pelo padre Manuel da Veiga; mas Carvalho diz que aquelle soberano a fez villa em attenção aos serviços que lhe prestaram 40 homens filhos d'ella, acompanhando-o com seus criados e cavallos, quando em 1574 foi pela primeira vez á Africa, como consta de uma provisão do mesmo rei que se conserva no cartorio da camara.

—

Entre as pessoas notaveis de que esta villa foi berço, merecem especial menção as seguintes:

—*Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa*—do concelho de S. Magestade, commendador das ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro da Torre e Espada e de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha, official maior graduado da secretaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, deputado ás côrtes em varias legislaturas, etc.

Viveu no 2.º e 3.º quartel d'este seculo, mas ignoramos a data do seu nascimento e fallecimento.

Publicou uma *Memoria sobre a allocução do S.mo Padre Pio IX no Consistorio Secreto de 17 de Fevereiro de 1851.* Lisboa,, 1851, 8.º gr. de 24 pag.

—*Fr. Damazo da Apresentação*, franciscano da provincia de Santo Antonio e n'ella por duas vezes *Custodio*, exercendo anterior e posteriormente outros cargos de distincção.

Nasceu n'esta villa em 1577 e falleceu em Lisboa em 1642.

É auctor da *Obrigação do Frade menor*... 1.ª edição 1627, por Antonio Alvares,—2.ª por Pedro Ferreira, Lisboa, 1727.

D'esta obra diz o diccionario de Innocencio: «É estimada entre os livros asceticos pela correcção e propriedade da linguagem, com estylo adequado aos assumptos de que tracta.»

VILLA NOVA DA ERRA—villa e freguezia do concelho de Coruche, comarca de Benavente, districto de Santarem. Orago S. Matheus. Priorado.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao patriarchado,—mas desde 1882 pertence ao arcebispado de Evora.

Em 1708 contava 200 fogos—e pelo ultimo recenseamento apenas 160 com 621 habitantes.

Baixou consideravelmente a sua população, talvez por causa das epidemias que teem pesado sobre ella, provenientes da sua agua potavel, que é pessima, e da má visinhança dos brejos e paues que tem nas margens da ribeira da *Erra*, que lhe dá o nome e fertilisa os seus vastos campos, mas que torna o seu clima *pouco saudavel*.

Tem feira annual na 1.ª oitava da Paschoa.

Gaspar Barreiros diz que esta povoação foi a antiga *Aritium Praetorium* dos roma-

nos, [1] indicada no *Itinerario d'Antonino Pio*, entre Lisboa e Merida.

—

Alem da villa comprehende os casaes seguintes :—Mourão, Alegrete, Retiro, Farinheira, Paul, Moinho do Lagar, Acipreste, Corredoura, Juncal, Feixe, Concelhos, Barrancosas, Bicas, Cortiçada, Cascalheira, Montinho da Vinha, Horta do Telheiro, Maratecа da Pereira, Val Vidro, Val Mosteiro, Varje ou Varzea d'Agua, Catarroeira, Moinho do Couto, Moinho do Alves, Pé da Erra e as quintas de Montinho, Barbas e Maia.

V. *Erra*, vol. 3.º pag. 48, col. 2.ª

VILLA NOVA DE FAMALICÃO — villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago Santo Adrião—fogos 460, —habitantes 1:915.

Em 1706 contava apenas 100 fogos,—era abbadia da apresentação da mitra,—rendia para o seu parocho 200$000 réis,—tinha como orago Santa Maria Magdalena,—pertencia á grande comarca de Barcellos,—era séde do julgado de Vermoim,—tinha um simples juiz *pedaneo* (anteriormente era *ordinario*) que julgava sem appellação até á somma de 400 réis, eleito pelo povo sob a presidencia do ouvidor de Barcellos;—um escrivão sem notas, — um almotacé, — um meirinho,—feira franca de 15 em 15 dias, e uma d'anno, de bestas e gados, no dia de S. Miguel, 29 de setembro.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—tinha tambem como orago Santa Maria Magdalena;—rendia para o seu parocho 240$000 réis—e contava 156 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, já contava 284 fogos;—em 1878 o ultimo recenseamento deu-lhe 386 fogos e 1:793 habitantes;—hoje (1885) segundo os nossos apontamentos, conta, como já dissemos, 460 fogos e 1:915 habitantes—e a sua população tende a ir muito mais longe, porque o estado actual d'esta formosa villa é prospero e florescente; ha porem quem diga que a linha ferrea a prejudicou.

É certo que, antes da construcção da linha ferrea lhe dava muita vida o extraordinario movimento de viandantes, diligencias, carros e trens do toda a ordem que, noite e dia, cruzavam incessantemente na rua central, a rua Formosa, por onde passava a importantissima estrada real do Porto para Braga, — para toda a provincia do Minho — e para a Galliza.

Antes da construcção da linha ferrea havia mais movimento na dicta *estrada-rua* em um mez do que agora em um anno.

—

Situada em ampla, mas vistosa, mimosa e fertil planicie, embora um pouco funda, cercada de bellos campos orlados d'arvoredo e sempre cobertos de luxuriosa vegetação como toda a provincia do Minho, tão justamente denominada—*jardim de Portugal*— o seu chão era completamente despovoado e deserto quando el rei D. Sancho I, *o povoador*, tentado pela belleza e amplidão do sitio e pela sua vantajosa situação no meio da provincia do Minho entre as cidades do Porto e Braga e cortado por uma estrada importantissima desde o tempo dos romanos, se determinou a povoal-o.

Com esse intuito, no anno XX do seu reinado, no dia 1 de julho de 1205, deu *foral* [1] aos que haviam de povoar o *seu reguengo de Villa Nova de Famalicão*, segundo se lê em *Viterbo*, na palavra *Feira*.

Entre outras graças e privilegios conce-

---

[1] V. *Noticias archeologicas de Portugal* pelo dr. Emilio Hubner, pag 96, na traducção da Academia—e o interessante, mas *muito cego e conciso* trabalho do dr. Levy Maria Jordão — *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, pag. 360, col. 2.ª e pag. 144, onde sob o n.º 320 se encontra uma inscripção enorme, relativa á velha cidade *Aritium*.

[1] Que nós saibamos, foi este o 1.º e *unico* foral d'esta villa, mencionado por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Estranhamos que D. Manuel lhe não desse *foral novo* e que Franklin nem faça menção do de D. Sancho I.

O seu *foral novo*, (se foral póde dizer-se) foi-lhe dado pela rainha, a sr.ª D. Maria II, em 22 de julho de 1841, elevando-a á cathegoria de villa — ou permittindo-lhe que se chamasse *Villa Nova de Famalicão*, nome de que sempre usára!...

deu D. Sancho aos futuros povoadores d'este seu reguengo uma feira quinzenal aos domingos e a mesma taxa das portagens que pagavam os de S. Pedro de Rates, etc., pois no dicto foral se lê o seguinte:

Mando etiam, ut faciatis feiram in Dominico die, de XV in XV diebus, et detis Portagium, quomodo dant in S. Petro de Ratis. Et omnes, qui venerint ad illam feiram quidquid ibi fecerint de Calumpnia in illo die, non sint pignorati, vel retenti.

Livro dos *Foraes velhos.*

Em vulgar é o seguinte:

«E mando que façaes ahi feira aos domingos, de 15 em 15 dias, e que pagueis de portagem o mesmo que se paga em S. Pedro de Rates. E todos os que vierem á dicta feira não poderão ser presos n'aquelle dia por qualquer crime que n'ella commettam.»

D'este grande privilegio ou *franquia* lhe proveiu o nome de *feira franca.*

—

Em vista não só d'aquelles privilegios e franquias, mas da belleza do local e da sua vantajosa situação topographica, parece que a população ali devia desinvolver-se rapidamente; mas não succedeu assim, pois, segundo dizem o padre Carvalho na *Chorographia Portugueza*, (vol. 1.º, pag. 324)—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco* (vol. 4.º pag. 298)—e o meu illustrado e mallogrado collega Domingos Joaquim Pereira, abbade do Louro, na sua interessante *Memoria Historica* de Barcellos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão (pag. 211) esta villa era ainda um *ermo despovoado,* quando em 1298 a 1578 um vendeiro, por nome *Famelião,* aqui montou uma *venda,* que foi a 1.ª casa e o 1.º estabelecimento do dicto logar e por consequencia o nucleo d'esta formosa villa que da mencionada venda, denominada *Venda Nova de Famelião,* tomou o nome de *Villa Nova de Famalicão.*

Diz ainda o abbade do Louro que em vez de *Famalicão* deve escrever-se *Famelicão,* porque o nome do tal vendeiro, 1.º povoador d'esta villa, era *Famelião* e não *Famalião.*

Tambem se lê *Famelião* no citado artigo do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa e na *Chorographia Portugueza;* mas eu (salvo o respeito devido a tão illustrados auctores) escreverei *Famalicão* pelas considerações seguintes:

1.ª—Porque, se houvessemos de seguir o rigor etymologico, deveriamos dizer Villa Nova de *Famelião,* pois o pretendido fundador ou povoador era (dizem) *Famelião* e não *Famelicão;*

2.ª—Porque vemos dar *geralmente* e *officialmente* o nome de *Famalicão,* não só a esta villa, mas a outras muitas povoações do nosso paiz.

3.ª—Porque duvido da existencia do tal vendeiro e do facto a que se allude, pois não vejo citar outra auctoridade alem da do padre Carvalho, que para mim não faz fé.

Bem podia succeder que lhe *impinggissem* a lenda do Famelião, como lhe *impinggiram* outras muitas.

4.ª—Porque não citam documento algum em que se leia *Famelião*—nem eu até hoje encontrei tal nome.

5.ª—Porque, em geral, n'isto de etymologias *tot capita, tot sententiae!*

A de *Villa Nova de Famalicão* está muito comesinha,—graças ao padre Carvalho ou a quem o brindou com ella; mas eu não posso acceital-a, pois temos no nosso paiz outras muitas povoações, todas muito distantes e com o mesmo nome de *Famalicão,* v. g. *Famalicão,* tambem villa, no concelho da Guarda, ao sul da Serra da Estrella,—*Famalicão* freguezia do concelho d'Alcobaça, na Extremadura,—*Famalicão,* aldeia da freguezia de Moure, no concelho de Felgueiras,—*Famalicão,* aldeia da freguezia dos Arcos, no concelho da Anadia,—*Famalicão de Baixo* e *Famalicão de Cima,* aldeias da freguezia de *Famalicão,* no concelho d'Alcobaça,—*Famalicão,* aldeia da freguezia de Córtes, no concelho de Leiria,—e *Famalicão,* quinta ou casal da freguezia de Samuel, no concelho de Soure.

É provavel que todas estas villas, freguezias e aldeias com o mesmo *mesmissimo* nome de *Famalicão* tenham a mesma etymologia; mas poderá crer-se que todas fossem occupadas e povoadas pelo triste vendeiro *Famelião?*

Póde tambem crer-se que houvesse no nosso paiz em tempo algum tantos homens com o nome de *Famelião* e que tivessem a ventura de fundar tantas povoações?

Não creio.

—

Volvendo ainda á *lenda* do padre Carvalho, diz elle—e com elle o abbade do Louro e o meu presado amigo e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa,—que o tal vendeiro Famelião casou com uma mulher de appellido *Motta*, criada dos condes de Barcellos, e que a dicta sr.ª *Motta* plantara um carvalho no sitio que ainda hoje se chama *Carvalho da Motta*.

Accrescenta o abbade do Louro que aquelle sitio se chamava o *Terreiro* e que posteriormente se denominou *Praça da Motta*, para commemorar e perpetuar o nome da mulher do 1.º povoador d'esta villa, o que acha justissimo, pois (diz elle) se Famelião é o Adão de Villa Nova, Motta é a sua Eva.

Fiat voluntas tua.

Mas passemos adiante, porque estamos a gastar tempo com questões *lanae caprinae*. *Villa Nova de Famalicão* não necessita de taes lendas para ser, como de facto é, uma villa das mais formosas e mais interessantes do nosso paiz na actualidade.

—

Demora na importantissima estrada real a macadam do Porto a Braga, Barcellos, Vianna, Caminha e Valença,—estrada que a corta pelo centro e que é com pequenas variantes a antiga estrada romana de *Bracara Augusta* a *Cale* (hoje Porto) indicada no roteiro de Antonino Pio.

Passa tambem hoje n'esta villa, a O. a linha ferrea do Minho, que lhe deu *estação propria*, distante da villa pouco mais de 1 kilometro,—e é *terminus* da linha ferrea de via reduzida, do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão, devendo seguir pelas proximidades de Guimarães até Chaves, como dissemos no artigo *Vias Ferreas*. Vide.

Servem-na tambem e ao seu vasto concelho outras muitas estradas a macadam.

Ora, se as vias de communicação, como é obvio a todos, são as arterias das povoações, pelo exposto póde calcular-se a vida d'esta.

Note-se tambem que, ha muitos annos, esta villa e este concelho teem dado um forte contingente de emigrados para o Brazil, d'onde teem regressado e continuam a regressar muitos com avultadas fortunas, aos quaes, como bons filhos que não esquecem a sua terra natal, *o que muito os nobilita e recommenda*, se deve em grande parte a prosperidade d'esta formosa villa e muitos dos melhores edificios que a povoam.

—

É banhada ao nascente pelo ribeiro de S. Thiago d'Antas—e ao poente pelo do Vinhal; —ambos se juntam no sitio dos *Vargos*, freguezia de S. João do Calendario, e desaguam na margem direita do rio Ave, no sitio da *Bogueira de Lousado*, um pouco a jusante da ponte da *Lagoncinha*, com 6 a 7 kilometros de curso.

Villa Nova de Famalicão dista 1:500 metros da sua estação na linha ferrea do Minho, —6 kil. do rio Ave,—20 de Barcellos,—22 de Braga,—23 de Guimarães,—29 da Povoa de Varzim,—32 de Villa do Conde, 34 do Porto,—50 de Vianna do Castello,—98 de Valença do Minho,—129 da Regoa—e 371 de Lisboa.

Freguezias limitrophes—Louro, Gavião, S. Thiago d'Antas, S. João do Calendario e Brufe.

Comprehende alem da villa as aldeias ou povoações seguintes:—Cruz Velha, Santo Adrião, Poço, Fornello, Pinheirinho, Painçaes, Pereiras, Mões, Ribeira, Poido, Sinções e Louredo de Baixo; as quintas de Vinhal Eira, Salgueiro e Sinções; — os casaes de Mões (antigamente *Mós*) e Serrões (antigamente *Serós*)—os sitios da Bandeira e Bandeirinha;—a estação propria da villa na linha ferrea do Minho—e a estação *terminus* (entroncamento) da linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão.

—

Póde dizer-se que esta villa data de 1205, ou do anno em que D. Sancho I lhe deu foral;—mas, segundo a lenda do tal Famelião, a sua 1.ª casa foi feita pelos annos de 1298

a 1578, como diz o abbade do Louro, o que nós não acreditamos.

Tendo-lhe dado D. Sancho I foral com tantos privilegios, como já dissemos, e concedido *feiras francas* de 15 em 15 dias,—feiras que n'aquelles tempos tinham uma importancia immensa e eram grandes focos de vida;—estando alem d'isso em chão mimoso e fertil, que se prestava admiravelmente para toda a sorte de construcções e cortado a meio por uma das estradas mais importantes do nosso paiz,—*era naturalmente impossivel* que ao lado do campo das suas grandes feiras se não levantasse edificio algum, nem sequer *uma simples venda* ou estalagem, e que o seu chão se conservasse completamente *deserto* e *despovoado* durante *noventa e tres* a *tresentos setenta e tres annos*!

É porem fóra de duvida que nos principios d'este seculo não contava 200 fogos e que ainda em 1835 era uma povoação pequena e triste.

Todo o seu progresso e toda a sua florescencia datam de 1836 e particularmente desde que se fez a nova estrada a macadam do Porto a Braga, que não só lhe insufflou muita vida, mas lhe deu a sua 1.ª rua,—a *estrada-rua* central, por justos titulos denominada *Rua Formosa*, que immediatamente se vestiu de predios elegantes, alguns muito luxuosos, dando á villa a bellesa e regularidade que lhe faltavam. E a esta rua accresceram logo as ruas de *Santo Antonio*, *Municipal* e *da Ponte*—e por ultimo a *Estrada-rua da Estação*, denóminada *Avenida do Barão da Trovisqueira*, que valem muito mais do que toda a villa velha.

—

Até 1835 as ruas, campos, largos, terreiros e praças d'esta villa eram os seguintes: *Rua da Egreja*, apenas o principio ou uma pequena parte da nova rua de *Santo Antonio*, indo do poente para o nascente;—o *Terreiro*, hoje *Praça da Motta*;—o *Beco das Laranjeiras*;—a *Rua Direita*;—a *Viella dos Enchidos*;—o *Largo da Lapa*;—o *Largo da Cruz Velha*—e o *Campo da Feira*, que até 1841 era menos espaçoso do que hoje e tinha apenas algumas barracas de madeira, cobertas de colmo e sem alinhamento, destinadas aos feirantes, e algumas casas em volta.

Em toda a povoação não havia uma unica fonte de bica ou chafariz, mas apenas alguns póços, emquanto que hoje tem 2 chafarizes com boa agua potavel,—um junto da Praça da Motta, outro junto do Campo da Feira.

—

Tambem até 1835 apenas tinha feiras de 15 em 15 dias, ás quartas feiras, e duas annuaes e grandes em 8 de maio e 29 de setembro;—era a séde do extincto julgado de Vermoim;—tinha apenas o pequeno numero de funccionarios publicos indicados na *Chorographia Portugueza*, de que já fizemos menção no principio d'este artigo,—e era villa apenas *in nomine*.

Foi só em 22 de julho de 1841 que S. M. a rainha D. Maria II lhe deu nova carta de *Foral* (636 annos depois do seu *Foral velho* concedido por D. Sancho I) e a elevou á cathegoria de *villa*, concedendo aos seus habitantes todos os privilegios, honras, prerogativas e mais isempções das outras villas do reino.

Desde 1835 principiou a ter camara municipal, de que foi 1.º presidente o dr. Antonio Ribeiro de Queiroz Moreira, da nobre casa do *Vinhal*, hoje muito dignamente representada pelo sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto; [1]—depois teve arcypreste, administrador do concelho, juiz de direito, delegado com os seus respectivos escrivães e officiaes subalternos, contador, conservador, estação telegraphica, etc.

Foi seu 1.º juiz de direito o dr. Silverio da Silva e Castro, [2] da casa de *Villar*, de S. Thiago d'Antas, [3] nomeado em 1835, data da

---

[1] V. *Vinhal*.

[2] Foi tambem governador civil de Braga em 1846 e falleceu sendo juiz na Relação do Porto.

É hoje muito dignamente representado pelo sêu filho José da Silva e Castro, senhor da casa de *Villar*, e da de *Sinçães*, onde reside.

[3] É seu juiz de direito na actualidade o sr. dr. José Ferreira da Silva Fragateiro magistrado dignissimo e que foi anteriormente

creação d'este concelho e d'esta comarca,—e o primeiro administrador d'este concelho foi Francisco Jeronymo de Castro, da casa de Villa Bôa, na freguezia de Joanne.

Tambem logo em 1835 se principiaram a construir novos edificios, particulares e publicos, entre estes os novos paços do concelho,[1] em que se acham installados tambem o tribunal, a administração do concelho, a conservatoria e escrivania da fazenda.

—

Esta comarca de Villa Nova de Famalicão é de 1.ª classe, formada apenas pelo concelho do seu nome. Tem este:

Superficie em hectares.....	21:922
Predios inscriptos na matriz.....	25:573
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	7:346
Almas	29:549
Freguezias.....	48

São as seguintes: Abbade de Vermoim, Antas, Arnoso do Mosteiro, orago o Salvador, Arnoso, orago Santa Eulalia, annexa á antecedente, Arnoso, orago Santa Maria, Avidos, Bairro, Bente, Brufe, Cabeçudos, Calendario, Carreira, Castellões, Cavallões, Cruz, Dellães, Esmeriz Fradellos, Gavião, Gondifellos, Jesufrei, Joanne, Lagôa, Landim, Lemenhe, Louro, Lousado, Mogege, Mouquim, Nine, Oliveira, Outiz, Pedome, Portella, Pousada, Requião, Riba d'Ave, Ribeirão, Ruivães, Seide, orago S. Miguel,—Seide, orago S. Paio, Sezures, Telhado, Valle, orago S. Cosme,—Valle, orago S. Martinho, Vermoim, Villa Nova de Famalicão e Villarinho.

No ultimo anno economico de 1884 a 1885 pagou este concelho:

Contribuição predial.....	17:512$136
» industrial.....	2:605$497
» renda de casas e sumptuaria...	618$705
» de juros.....	5:404$828
Total..	26:141$166

Já vêem que é muito importante este concelho.

Note-se que na verba supra se incluem a dos *addicionaes* e a do sello.

—

Tem este concelho 3 juizes ordinarios,—2 na villa e 1 na freguezia de Dellães,—e 5 circulos de juizes de paz,—um com a séde na villa; os outros nas freguezias de Fradellos, Oliveira, S. Cosme do Valle e Ruivães.

Os templos d'esta villa são os seguintes:—egreja parochial,—4 capellas publicas,—2 particulares—e na aldeia de Santo Adrião a *pequena capella* d'este titulo, que foi a 1.ª matriz d'esta parochia.

A egreja matriz actual ergue-se ao nascente da *Praça da Motta*,—tem a fronteria voltada ao poente—e é um templo bastante espaçoso, mas muito irregular, com duas portas na fronteria e *duas naves* no interior!...

Expliquemos este aborto de architectura:

A primitiva egreja parochial era a de Santo Adrião, que ainda hoje existe, com a sua velha residencia e passal, cerca de um kilometro ao norte da villa.

No proprio local da nova matriz houve desde tempos muito remotos uma simples capella de *Santa Maria Magdalena*, que alguem suppõe ter sido tambem matriz, antes da matriz passar para a egreja de Santo Adrião, em 1522, pois diz a *Memoria* do abbade de Louro que em 31 de outubro de 1522 o arcebispo D. Rodrigo de Souza *annexou* á egreja de Santo Adrião a ermida de *Santa Maria Magdalena*.

Não comprehendemos bem isto.

Se a capella foi annexada á egreja de Santo Adrião em 1522,—ou era já matriz e deixou de o ser—ou pertencia a outra pa-

---

juiz em Pombal; Castello Branco, Regoa e Baião.

É primo do sr. dr. João Ferreira da Silva Fragateiro, muito digno secretario geral do governo civil de Vianna do Castello.

[1] Principiou a construcção dos novos paços do concelho em outubro de 1877 e terminou em junho de 1881.

Custaram 21:099$550 réis.

rochia; mas o abbade de Louro *nada diz a tal respeito*! [1]

—

Por seu turno a egreja de Santo Adrião deixou de ser matriz e foi arvorada em matriz a mencionada capella, não sabemos quando. O abbade de Louro (*Memoria* citada, pag. 322) diz que foi antes de 1540, o que nos parece pouco acceitavel, pois logo em seguida diz—que em 1583 a irmandade de S. Thiago, até então erecta na egreja de S. Thiago d'Antas, se mudou para a dicta capella, estabelecendo-se no altar do Archanjo S. Miguel, que já existia na mencionada capella, tomando a irmandade por essa occasião o titulo de *S. Miguel*, e que d'esta transferencia se lavrou escriptura publica em dezembro do dicto anno.

«Parece comtudo, que não se verificou logo a mudança da irmandade (continua a citada *Memoria*) porque por outra escriptura de 9 de março de 1586... foi pactuado e resolvido que, visto que a egreja de Santo Adrião estava apartada do logar de Villa Nova e que n'este haviam crescido os freguezes, de licença do prelado diocesano *se collocasse pia baptismal na ermida de Santu Maria Magdalena*... e que n'esta ermida se ordenasse a dita irmandade, no altar da ermida, da parte do norte; e que depois se alargaria mais a mesma ermida, e se faria uma sachristia e outras obras, etc.

Ora se em 1586 ainda *se não havia collocado pia baptismal* na capella de Santa Maria Magdalena, claramente se vê que ella ainda não era matriz n'aquella data. Como acreditar pois que ella já fosse matriz em 1540?

—

É certo que a matriz se mudou da capella de Santo Adrião para a mencionada ermida que posteriormente se ampliou e transformou na egreja actual, construindo-se o corpo e a fronteria e ficando a velha ermida servindo de capella-mór.

Havia tambem já em 1540 outra ermida no mesmo local, contigua e parallella á de Santa Maria Magdalena, da parte da epistola, ou do lado sul, que foi posta em communicação com a nova egreja por meio d'arcos abertos nas paredes divisorias e depois se prolongou tambem parallelamente até á fronteria da egreja, formando com ella um só todo. [1]

Correspondem, pois, as duas portas da frente e as duas naves do interior ás duas antigas capellas.

Em 1702 e 1703 se fizeram os 2 córos das 2 naves e a torre dos sinos na do lado norte, correspondente á antiga capella de Santa Maria Magdalena.

N'aquella mesma data se prolongou a capella do Santissimo Sacramento e se harmonisou a sua fronteria com a da egreja.

—

A capella do Santissimo Sacramento foi feita em 1540 pelos habitantes d'esta freguezia de Villa Nova de Famalicão e das circumvizinhas, por iniciativa de Rodrigo Annes, ao lado da capella de Santa Maria Magdalena, *que poucos annos antes tinha passado a ser a Egreja parochial*—repete ainda a citada *Memoria*, pag. 234, o que mal se harmonisa com a lettra das citadas escripturas!

No mesmo anno de 1540 se constituiu a irmandade do Santissimo Sacramento e se fizeram os seus estatutos, que foram reformados e confirmados pelo Ordinario em 10 de junho de 1596—e addiccionados em 1659.

A esta irmandade concederam os romanos Pontifices muitas graças e indulgencias.

A egreja matriz com o addiccionamento da capella do Santissimo mede ao todo 10 metros de largura, 7m,70 d'altura e 28 de comprimento.

Tem 6 altares:—Senhora das Dores, Santissimo Sacramento, Senhora do Rosario,

---

[1] Os topicos relativos á matriz e oragos d'esta villa são *muito emmaranhados* e demandam investigações morosas, a que estamos procedendo.

No fim d'este artigo ou no *supplemento* a este diccionario informaremos os leitores.

[1] Entre a capella do Santissimo e a de Santa Maria Magdalena mediava o espaço em que se fez a nave do lado sul e que poz em communicação as duas capellas.

Archanjo S. Miguel, Chagas e Senhor *Ecce Homo*.

N'ella se fez *Laus Perenne* no 3.º domingo de cada mez, em cumprimento do legado de uma piedosa senhora e, desde 1882, se festeja com grande pompa e extraordinaria concorrencia o *Mez do Rosario*.

—

Ha hoje n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*S. Vicente*, no logar da *Bandeirinha*. Tem festa annual.

Foi esta ermida feita ha poucos annos.

2.ª—*A do cemiterio municipal*.

Ignoramos a sua invocação.

3.ª—*Nossa Senhora da Lapa*, no largo d'este nome, contigua ao *Hospital da Misericordia*.

O seu orago primitivo foi *S. Sebastião*, cuja imagem ainda ali hoje se venera.

É um templo espaçoso, rico em obra de talha, e extremamente limpo e aceado, — graças ás piedosas *Irmãs Hospitaleiras*, que d'elle cuidam e dos doentes do hospital.

N'esta capella se faz com grande pompa o *Mez de Maria*.

4.ª—*Santo Antonio*, no Campo da Feira, outr'ora logar da Granja, com grande festividade annual no dia 13 de junho.

O orago d'esta capella foi antigamente *Santo Ivo*, mas já em 1696 ali se venerava e venera ainda a imagem de Santo Antonio.

N'esta capella se instituiu a veneravel ordem 3.ª de S. Francisco, por zelo e devoção do rev. abbade d'esta villa, *Manuel Rebello de Souza*, natural da villa de Trevões, concelho e comarca da Pesqueira, districto de Vizeu, que em 1664 havia estado em Roma e falleceu em 1781, tendo renunciado em seu sobrinho, o rev. *Manuel Rebello de Sousa* tambem.

O 1.º commissario e visitador d'esta ordem 3.ª foi Fr. Manuel de S. Mauricio, religioso observante de Portugal, morador no convento dos Franciscanos de Villa do Conde.

Em 1707 esta ordem se desligou d'aquelle convento e passou a prestar obediencia ao do *Monte da Franqueira*, pertencente á provincia da Soledade, que lhe deu por commissario visitador *Fr. Placido de Villa Nova de Famalicão*, natural d'esta villa.

Cahindo em grande abatimento a dicta ordem, o abbade d'esta villa, dr. *Caetano José de Sousa Rebello*, sobrinho do ultimo *Manuel Rebello de Sousa*, se propoz restaural-a e para isso pediu novo commissario e vizitador ao provincial da santa e reformada provincia da Soledade, que do mesmo convento da Franqueira lhe mandou fr. André do Porto Silva e, sendo eleita nova meza em 1 de setembro de 1771, foi nomeado ministro o mesmo rev. e benemerito abbade, dr. Caetano José de Sousa Rebello, que muito fez prosperar a dicta ordem.

Em 1690 já ella tinha estatutos e actualmente se rege pelos de 24 de janeiro de 1797, confirmados pelo provincial da Soledade, *Fr. Antonio da Capinha*, morador no convento de Santo Antonio de Valle da Piedade, em Villa Nova de Gaya.

Usando todos os irmãos 3.ºs habito côr de saragoça, estes *por excepção* usam habito preto, porque era preto o habito dos frades franciscanos do convento de Villa do Conde, o 1.º a que prestaram obediencia.

Todas as mencionados capellas são publicas; mas ha ainda n'esta parochia mais 2 particulares, — uma de *Nossa Senhora do Carmo* pertencente á nobre casa e quinta do *Vinhal* (V. *Vinhal*) — e outra no logar do *Barreiro*, pertencente á casa das *Lameiras* e em lastimavel abandono!

—

Tem esta villa um bom cemiterio municipal, mas pessimamente situado no logar da *Segonheira*, cerca de 200 metros distante da egreja matriz, em terreno fundo, abafado e pantanoso!

Foi principiado em 1858 e concluido e benzido em 24 de novembro de 1867.

O 1.º cadaver que n'elle se enterrou foi o da sr.ª D. Adelia Ermelinda Ferreira de Mancio Franco. mulher de João Mancio da Silva Franco, no dia 27 do mesmo mez e anno.

Ha hoje n'elle dois bons mauzoleus,—um do barão de Joanne, outro da sr.ª D. Maria

Isabel da Costa Macedo Castello Branco, [1] esposa que foi de Nuno Castello Branco, filho do grande escriptor Camillo Castello Branco, *o solitario de S. Miguel de Seide*, freguezia d'este concelho, onde vive ha muitos annos, a 5 kilometros d'esta villa, para leste.

—

Não consta que esta villa tivesse em tempo algum pelourinho—nem ha n'ella vestigios de monumentos historicos. Apenas consta que na *Praça da Motta* tiveram os condes de Barcellos um edificio denominado *Paço* e *Casa do Foral*, com uma quinta annexa que depois emprasaram a Domingos Thomé da Fonseca e é hoje dos *Aguiares* de Santa Maria de Vermoim.

O velho edificio, hoje restaurado, ainda se conserva no mesmo local, ao sul do dicto campo.

Diz a *Chorographia Portugueza* que no mencionado edificio esteve uma columna dedicada ao Imperador Elio Trajano.

O dr. João de Barros tambem falla da mesma columna nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, dizendo que tinha 20 palmos d'altura e que era um marco milliario da estrada romana de Braga ao Porto, que por ali passava e que foi concertada no tempo d'aquelle imperador.

Segundo se lê em Argote (Liv. 2.º pag. 598) a dicta columna tinha a inscripção seguinte:

IMP. CAESARI TRAIANO
HADRIANO AUG. PONT.
MAX. TRIB. POT. CONS III
IMP V ABRACA A]A. R.
M. P. VIII

Quer dizer: — *Este padrão se levantou, sendo imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio, consul tres vezes, imperador cinco.*

D'aqui a Braga são oito mil passos.

D'este marco ou *padrão* se vê que a dicta estrada se reedificou no tempo de Adriano; mas como a inscripção não diz quantas vezes já tinha sido tribuno, d'ella não póde saber-se em que anno se fizeram aquellas obras.

Diz a inscripção que Adriano tinha sido já 5 vezes imperador, mas Pagi, na *Critica a Baronio*, citando a Grutero, menciona outra inscripção dedicada a Adriano no ultimo anno do seu imperio e diz que só *duas vezes* foi acclamado imperador; pelo que ou a nossa inscripção está errada ou não foi bem copiada.

A sobredicta columna ainda em 1734 existia na adega das dictas casas, mas já toda picada e posta em esquadria tendo cada uma das faces cerca de 2 palmos de largura e as lettras já todas apagadas, exceptuando um pequeno espaço ainda redondo, em que se lia claramente TRAYANO. Ultimamente a possuidora actual das dictas casas, mandando fazer um muro, metteu nos alicerces o resto da pobre columna!...

—

Esta inscripção é a que sob o n.º 208 se encontra no *Portugalliae Inscriptiones Romanae* (pag. 87) do sr. dr. Levy Maria Jordão.

O dr. Hubner [1] diz: «Havia em Villa Nova de Famalicão, alem de alguns marcos truncados, o oitavo e o duodecimo de Adriano. Certamente os marcos d'esta estrada andam desencaminhados, por isso que em Santiago d'Antas se encontrou o decimo quarto de Caracalla.»

—

Esta villa, pelo facto de ser atravessada por uma estrada militar importante e de estar a meia distancia entre o Porto e Braga, soffreu sempre muito com os movimentos e aboletamentos de tropa em tempos de paz e mais ainda em tempos de guerra, nomeadamente n'este seculo por occasião da guerra peninsular e das guerras civis posteriores, mas em compensação a mesma estrada lhe deu sempre muita vida, principalmente depois que se macadamisou e se tornou viavel para diligencias e trens de toda a ordem, que ali tiveram sempre *descanço forçado*.

---

[1] Nasceu no dia 5 de maio de 1864 e falleceu no dia 30 de agosto de 1884, na freguezia de Villaça, concelho de Braga.

[1] *Noticias archeologicas de Portugal* (traducção da Academia) pag. 68.

«Achando-nos no Porto, — diz o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa no seu bello artigo publicado no *Archivo Pittoresco*, em 1861, —referiu-nos uma pessoa que acabava de chegar de Villa Nova de Famalicão, que vira e contára, em um dia d'esse mez, nas ruas d'esta villa, trinta e cinco carruagens publicas e particulares paradas ás portas das hospedarias.»

Não succede o mesmo depois que se inaugurou a linha ferrea do Minho e posteriormente a do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão, mas tambem já não é tão massacrada pela tropa—e das mencionadas linhas aufere muita vida tambem.

Sustenta bons mercados semanaes todas as quartas feiras,—nos dias 8 de maio e 29 de setembro duas feiras d'anno, das mais importantes da provincia,—e tres hospedarias na rua Formosa,—uma de Augusto Folhadella, denominada *Hotel Villanovense*, muito limpa e espaçosa, a melhor da villa, —outra de Leonardo José Rodrigues—e a da *Carolina*.

Ha tambem na mesma rua dois cafés e um no *Campo da Feira*. O melhor denomina-se *Gato d'ouro*;—outro tem o pomposo titulo de *Saldanha*.

N'estes cafés e em algumas casas particulares tambem ha sempre por occasião das grandes feiras jogo rijo de *monte e roleta*, em que se arruinam muitas familias, fazendo a auctoridade *vista grossa!*...

—

Para se formar idéa da vida que esta villa aufere das duas mencionadas linhas ferreas, note-se que o movimento da sua estação em 1884 foi o seguinte:

Bilhetes de 1.ª classe	1:324	1:078$815 rs.
» de 2.ª »	5:033	2:710$950 »
» de 3.ª »	22:847	7:354$800 »
Total — bilhetes	29:204—réis—	11:144$565.

Mercadorias expedidas e chegadas á mesma estação, kilos...	1:086:777
Recovagens, kilos.....	65:147
Bagagens, kilos.....	40:000
Mercadorias manipuladas na dicta estação por trasbordo da linha da Povoa de Varzim para as do Minho e Douro, kilos...	1:735:203
Recovagens, kilos.....	681:973
Bagagens, kilos.....	10:950
Mercadorias manipuladas na dicta estação por trasbordo das linhas do Minho e Douro para a da Povoa de Varzim, kilos..	1:613:505
Recovagens, kilos.....	65:929
Bagagens, kilos.....	14:000

—

Tem esta villa hoje os seguintes edificios brasonados:

1.º—A casa da sr.ª D. Bernardina Brandão, na rua Direita.

Foi de uma familia nobre extincta e houve-a por compra o abbade d'esta villa José Joaquim Ferreira Brandão, tio da sua actual possuidora, que é prima em 6.º grau de Ignacio Teixeira Brandão de Vasconcellos, da Villa d'Arouca,—sendo este cavalheiro, por parte da sua bisavó materna,—D. Caetana Mathilde Aranha Brandão de Mendonça —parente do venerando arcebispo de Braga, *D. Fr. Caetano Brandão*, do qual existem ainda hoje mais parentes n'esta villa.

Em 5 de maio de 1852 hospedou-se n'esta casa a rainha D. Maria II, quando visitou as provincias do norte [1].

Adiante fallaremos d'esta e d'outras visitas da familia real.

2.º—A casa do fallecido barão de Joanne, no *Campo da Feira*. É hoje do seu filho dr. Bernardino Machado, lente cathedratico de philosophia na Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes, etc.

3.º—A casa da sr.ª D. Sophia Ferreira de Macedo na povoação das *Lameiras*, termo d'esta villa.

4.º—A casa do *Vinhal*, do sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto. Tem o brasão d'armas na frente da capella.

São estes os edificios brasonados, mas os mais notaveis são os seguintes:

---

[1] Frequentava eu então o 1.º anno theologico em Coimbra, onde S. M. se demorou dias e foi muito obsequiada.

Bom tempo era esse!...

1.º—O Hospital de S. João de Deus, no largo da Lapa.

2.º—O tribunal e paços do concelho, no alto da rua Formosa.

3.º—O elegante, espaçoso e sumptuoso palacete do barão da Trovisqueira, hoje absolutamente o 1.º edificio particular d'esta villa.

N'elle o seu proprietario deu hospedagem esplendida a el-rei o sr. D. Pedro V, em 29 d'agosto de 1861,—e a el-rei o sr. D. Luiz e a sua esposa a sr.ª D. Maria Pia, em 25 de novembro de 1863.

Demora este esvelto palacete na rua Formosa tambem.

Nos arrabaldes avultam:

4.º—A casa de *Sinçães*, de José da Silva e Castro.

5.º—A casa do *Vinhal*, de José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto.

6.º—A casa de *Louredo*, de Francisco de Oliveira, contigua á estação da linha ferrea.

—

O *Hospital de S. João de Deus*, verdadeiro monumento de caridade e piedade, que muito honra e ennobrece Villa Nova de Famalicão, é um edificio elegante e espaçoso, muito vantajosamente situado no vistoso e pittoresco *Largo da Lapa*, defrontando com a estação da linha ferrea, da qual dista cerca de 1:500 metros, e vendo-se d'ella perfeitamente.

Foi fundado pela piedosa *Associação das Filhas de Maria* em 1869, por conselho e direcção dos ex.mos e rev.mos srs. D. João Rebello Cardoso de Menezes, hoje vigario geral do patriarchado e arcebispo de Mytilene, —e padre Carlos João Rademaker, ao tempo em missão n'esta villa ambos.

O commendador Antonio da Costa Faria, que Deus haja, cedeu gratuitamente a sua casa n.º 18, na rua Direita, onde provisoriamente installaram o novo hospital as piedosas Filhas de Maria e n'elle superintenderam até 22 de dezembro de 1870, data em que o entregaram a uma commissão administrativa, creada para dirigir e promover a construcção do novo edificio.

Entre aquellas piedosas senhoras merece especial menção D. Balbina do Patrocinio Corrêa da Costa.

Annos depois instituiu-se a *Irmandade da Misericordia*, cujo compromisso foi approvado em 2 de março de 1874 pelo conde de Margaride, ao tempo governador civil de Braga.

A 15 do dicto mez teve logar a 1.ª assembléa geral dos irmãos da nova Misericordia, na qual se elegeu a sua 1.ª mesa, saindo provedor Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, benemerito filho d'esta villa e grande bemfeitor da nascente instituição, — vice-provedor o rev. abbade d'esta villa, Domingos de Paula Pereira de Mesquita,—secretario Antonio Luiz Machado Guimarães,—thezoureiro José Constantino Pereira d'Azevedo,—vogaes: Antonio José Corrêa de Sousa, Manuel da Costa Freitas, Albino Joaquim Ferreira Tinoco, José Augusto de Carvalho e Sá e José Bernardino da Costa e Sá.

—

No dia 13 de julho do mesmo anno abriram os fundamentos para a construcção do novo hospital, junto á capella de Nossa Senhora da Lapa—e no dia 25 de outubro do mesmo anno lhe lançaram a pedra fundamental com grande pompa, assistindo o governador civil do districto, as auctoridades da villa, muitas pessoas gradas e grande multidão de curiosos.

Proseguiram as obras sem interrupção e no dia 27 d'outubro de 1878 se inaugurou solemnemente a abertura do novo hospital, mudando-se para elle os doentes que estavam na dicta casa n.º 17 da rua Direita.

Alem das auctoridades e pessoas principaes d'esta villa, honraram com a sua presença a grande festa os srs. conselheiro José Dias Ferreira, Pinheiro Chagas, visconde de Moreira de Rei e o dr. José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, deputado por este circulo.

—

No dia 2 d'outubro de 1881 teve logar outra grande festa,—a da inauguração dos retratos dos dois cidadãos que mais se distinguiram entre os fundadores do novo hospital,—Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, 1.º provedor e o seu mais generoso bemfeitor [1],

[1] Havia este santo varão já fallecido em 21 de dezembro de 1880 e,—não satisfeito

—e José Constantino Pereira d'Azevedo, 1.º thesoureiro da irmandade.

Celebrou de pontifical,—*o primeiro de que ha memoria n'esta villa*,—o actual senhor arcebispo de Mytilene, com assistencia de numeroso clero, auctoridades da villa, grande concurso de fieis e muitas pessoas de distincção. Terminada a ceremonia religiosa seguiu-se a inauguração dos referidos retratos, em sessão solemne, descerrando a cortina s. ex.ª rev.ma o sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Mytilene, a convite do provedor José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto, dignissimo representante da nobre casa do *Vinhal*, que n'esse dia offereceu um *lauto banquete* a numerosos convidados e ás pessoas que tomaram parte em tão brilhante funcção.

—

O movimento clinico d'este hospital no ultimo anno economico de 1884 foi de 120 doentes.

Sahiram curados	86
» melhorados	13
» no mesmo estado	10
Falleceram	5
Ficaram em tratamento	6

O serviço das enfermarias, desde 31 de outubro de 1880, é desempenhado por *Irmãs Hospitaleiras*—com o maior zelo e caridade.

São 3 aquellas santas senhoras, que repartem entre si o serviço interno do hospital, sendo uma cosinheira, outra enfermeira e outra superiora, recebendo cada uma apenas 240 réis diarios para se alimentarem e vestirem.

Ha tambem no Hospital um enfermeiro.

A limpesa, o aceio, as alfaias e os paramentos que se notam na linda capella da Lapa, contigua ao hospital, tudo se deve á piedosa iniciativa das boas *Irmãs Hospitaleiras*, bem como importantes donativos em favor da capella e do hospital, constantes dos diversos relatorios.

—

A parte do novo *Hospital de S. João de Deus*, ou da *Misericordia*, já construida, custou 13:549$860 réis. [1]

Pelo relatorio de 1880 a 1881 se vê que no decurso de dez annos a excelsa virtude da caridade deu esmolas á Santa Casa no valor de réis 22:080$295!

Os fundos da referida Santa Casa, no fim do ultimo anno economico de 1884, eram 30:500$000 réis (valor nominal).

Dinheiro mutuado 2:081$910 (metalicos).

Com destino ás obras 2:000$000 em deposito a 4 p. c.

—

Ha n'este concelho grandes romarias. As principaes são:

1.ª—*Senhor dos Afflictos*, a 25 de julho, na freguezia de S. Thiago da Cruz, cerca de 2 kilometros ao norte d'esta villa.

Conta-se que o terreno, em que se erigiu o santuario, foi doado por um nobre senhor da casa de *Pindella*, (V. vol. 7.º pag. 25) em cumprimento d'um voto, *para que Deus o livrasse dos malhados* ou constitucionaes.

2.ª—*Senhora das Candeias*, a 2 de fevereiro, na freguezia de *Landim*, cerca de 5 kilometros ao nascente d'esta villa, com feira no largo fronteiro ao extincto convento dos cruzios, hoje propriedade de Antonio Vicente de Carvalho.

É um dos sitios mais povoados e mais pittorescos d'este concelho.

3.ª—*Senhora do Carmo*, no domingo immediato ao dia 16 de julho, na sua capella sita no monte *d'Agua Levada*, freguezia de Lemenhe.

4.ª—*Coração de Maria*, na parochia de Santa Maria de Lousado.

Esta festividade e romagem foram creadas recentemente e teem sido feitas á custa do visconde de S. Bento, *brazileiro millionario*, de Santo Thyrso, que despende por anno *contos de réis*, com as festas e roma-

---

com os relevantes serviços prestados á Santa Casa,—no seu testamento lhe legou a importante somma de dose contos de réis!... Deus o tenha em bom logar.

[1] A parte restante demanda igual somma talvez, porque o risco é amplo e magestoso!

gens do seu concelho e dos concelhos circumvisinhos.

Ha annos assistimos nós á da Senhora das Dôres, na *Trofa*, em que elle foi juiz. Deu *oito bandas de musica*, sendo duas marciaes (uma do 9 de caçadores, do Porto, outra do 8 de infanteria, de Braga) e 300$000 réis só para o fogo preso e solto,—além d'espaventosa armação da capella e da egreja e de grande numero d'andores, os *maiores* que os meus olhos teem visto!

Ha muitos annos que ninguem n'esta provincia e em todo o nosso paiz despende tanto dinheiro com festas e romarias como o visconde de S. Bento!

5.ª—*Santo do Monte*, na freguezia do Louro, cerca de 3 kilometros ao poente d'esta villa.

A esta romagem concorrem sempre muitos valentões e desordeiros que, depois de embriagados, costumam distribuir *grossa pancadaria!*

—

Em outros tempos as grandes desordens eram parte integrante e a *mais interessante* dos grandes arraiaes. Por vezes até os proprios *administradores* dos concelhos se incumbiam d'aquelle pelouro e se *immortalisaram* a dar bordoada! Referimo-nos ao *celebre fidalgo* Chrystovam de Campos, de quem se fallou no vol. 9.º pag. 162, col. 2.ª

Veja-se tambem o vol. 5.º pag. 112, col. 1.ª—e vol. 2.º pag. 218.

Felizmente as taes *brincadeiras*, vão cahindo em desuso.

—

Em 5 de maio de 1852 visitou esta villa S. M. a sr.ª D. Maria II, acompanhada por el-rei o sr. D. Fernando, pelo principe D. Pedro (o *santo* e *sempre chorado* rei D. Pedro V) e pelo infante e hoje rei, o sr. D. Luiz.

Hospedaram-se na casa da rua Direita, de que já fizemos menção.

Em 29 d'agosto de 1861 visitou tambem esta villa o mallogrado rei D. Pedro V, acompanhado pelo infante D. João,—e em 25 de novembro de 1863 coube tambem a esta formosa villa a honra de ser visitada por el-rei o sr. D. Luiz e por S. M. a rainha, a sr. D. Maria Pia.

Tanto em 1861 como em 1863 a familia real foi recebida e esplendidamente hospedada pelo sr. José Francisco da Cruz Trovisqueira, no seu lindo palacete da rua *Formosa*, dispendendo *largas sommas* para que a hospedagem fosse digna dos regios hospedes.

Por este motivo foi s. ex.ª nomeado *barão de Trovisqueira*.

—

Noticias diversas recebidas á ultima hora:

No auto da collação do actual abbade d'esta villa, Domingos de Paula Pereira de Mesquita, se menciona a parochia de *Santo Adrião* e a sua annexa de *Santa Maria Magdalena*. Consta que em tempo estes 2 oragos representavam 2 parochias distinctas e que houve rija pendencia entre os dois parochos por causa da annexação. Ainda hoje ambas as matrizes teem pia baptismal e em ambas o abbade ministra baptismos, assiste a casamentos e exerce indistinctamente outros actos parochiaes.

O meu illustrado informador já foi duas vezes á camara ecclesiastica de Braga para ver se deslindava a questão, mas nada encontrou de positivo e terminante.

A irmandade da Misericordia funcciona *por emprestimo* na capella da Lapa, que pertence á junta de parochia e que antes da fundação da Misericordia e do seu hospital jazia em completo abandono. Até serviu de *espigueiro*; mas hoje é a mais formosa capella da villa—e a Misericordia já tem dois contos de réis em deposito, doados pelo insigne bemfeitor Francisco Ignacio Tinoco de Sousa, para restauração e ampliação da dicta capella e construcção de uma torre.

—

Algumas casas do *Campo da Feira*, d'esta villa, pertencem á freguezia de S. Thiago d'Antas, cuja egreja parochial dista d'esta villa apenas 1 kilometro.

O movimento parochial d'esta villa no anno ultimo (1884) foi o seguinte:—baptisados 67,—casamentos 10,—obitos 46.

As feiras *semanaes* d'esta villa são, depois das de Barcellos, as feiras *semanaes* mais importantes do Minho. Abundam principalmente em cereaes e gado bovino gordo, para embarque.

A estação d'esta villa no caminho de ferro do Minho foi aberta no dia 20 de maio de 1875, havendo festa official, a que assistiram as Magestades. V. *Hist. Universal* de Cesar Cantu, traducção de M. B. Branco, vol. 13, pag. 299.

A nova estrada real a macadam do Porto a Braga foi principiada (approximadamente) em 1846 e concluida em 1850 pela *Companhia Viação Portuense*, d'accordo com o governo.

Hoje este concelho é servido pelas seguintes estradas a macadam:

Real n.º 3 (supra) de Famalicão ao Porto, extensão.....	32kil,500m,0
Real n.º 3. De Famalicão a Braga	18kil,905m,3
Real n.º 4. De Famalicão a Vianna.....	51kil,000m,0
Real n.º 31. De Famalicão ás *Portas Fronhas*. (Povoa de Varzim).....	22kil,428m,4
Real n.º 31. De Famalicão a Guimarães.....	22kil,140m,0
Estrada concelhia, n.º 9, de Famalicão a Villarinho.....	6kil,461m,9
Avenidas—Da estação de Famalicão ao Vinhal.....	943m,0
Avenidas—Da estação de Nine a Isabelinha.....	1kil,284m,0

—

Esta comarca de Villa Nova de Famalicão foi creada por lei de 21 de maio de 1835, sendo as suas freguezias desannexadas do concelho de Barcellos. A 1.ª sessão da camara teve logar no dia 28 de setembro d'aquelle mesmo anno.

A sua estação telegraphica foi creada em 20 de janeiro de 1862.

O banco hypothecario tinha mutuados n'este concelho 2:768 contos de réis, em 1884.

Os tres maiores proprietarios d'esta villa na actualidade são os seguintes:—barão da Trovisqueira, José de Castro e José d'Azevedo Menezes Cardozo Barreto.

Os tres maiores proprietarios d'este concelho na actualidade são estes:—João Carneiro d'Araujo Telles, José Augusto de Carvalho e Sá e Francisco Ignacio d'Aguiar Pimenta Carneiro.

—

Ao ex.mo sr. José d'Azevedo Meneses Cardoso Barreto, da nobre casa do *Vinhal*, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA NOVA DE FOSCOA—villa, freguezia e séde de concelho e comarca, districto da Guarda, diocese de Lamego, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago Nossa Senhora do Pranto, —fogos 806,—habitantes 3:210. [1]

Em 1708 contava 60 fogos dentro dos muros do seu castello e 500 nos arrabaldes,—era abbadia do padroado real,—tinha casa de misericordia, hospital e 9 ermidas,—feiras a 8 de maio e 29 de setembro,—1 ouvidor, 2 juizes ordinarios, 1 dos orfãos com seu escrivão, 2 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 2 tabelliães, 2 almotacés, 1 capitão-mór, 1 sargento-mór com 2 companhias de ordenanças e 1 companhia de auxiliares que obedecia á praça d'Almeida.

Era dos condes de Villa Nova de Portimão, dos quaes adiante fallaremos.

Em 1768 era tambem abbadia do padroado real;—contava 581 fogos—e rendia para o seu parocho 300$000 réis.

A *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo, conego regrante de Santo Agostinho e abbade reservatorio de Sedavim, [2] publicada em 1877, dedicou um bello artigo a Villa Nova de Foscôa e lhe deu 862 fogos com 3:268 habitantes e 600$000 réis de rendimento.

—

Esta villa demora na altitude de 439 metros sobre o nivel do mar, em um amplo, vistoso e alegre planalto, na margem esquerda do rio Côa, do qual dista 3 kilometros para O.—5 da foz do Côa (da qual tomou o nome) e da margem esquerda do Douro, para S. O.—9 da barca e da estação do Pocinho, pela estrada nova, para S. E.—22 de

---

[1] O seu movimento parochial no ultimo anno foi o seguinte: baptisados 145,—casamentos 17,—obitos 169?!...

[2] V. *Villa Nova d'Ourem*.

Moncorvo, pela barca do Pocinho, para S. O.,—24 da Barca d'Alva, para E. O,—70 da Guarda,—81 de Lamego, pela linha ferrea do Douro,—173 do Porto—e 510 de Lisboa.

Esta parochia é formada pela villa do seu nome, povoação compacta e *unica*. Não comprehende aldeias, mas sómente 75 fogos na *Veiga*, junto da barca e da estação do *Pocinho*, onde tem duas tavernas e varios casaes e quintas, entre as quaes avulta a do *Reguengo*, hoje a 1.ª d'esta parochia e d'este concelho, pela sua extrema fertilidade e grande producção de vinho. Adiante lhe daremos o logar d'honra que merece.

—

No formoso e mimoso local da *Veiga*, (embora bastante doentio) deve desenvolver-se um povoado importante logo que se ultime a linha ferrea do Douro e se abra a estação do Pocinho, commum á grande villa de Moncorvo e a Villa Nova de Foscôa.

Esta villa tem estação propria e mais proxima na foz do Côa, mas deve convergir naturalmente sobre a do Pocinho por estar a N. O. 10 kilometros a jusante da de *Foscôa* e por consequencia 10 kilometros mais proxima do Porto, centro dos maiores interesses d'esta villa,—por ter para ella já construida uma bella estrada a macadam—e por haver ali uma barca de passagem sobre o Douro, que a liga a Moncorvo e á provincia de Traz-os-Montes.

Deve procurar a estação da *Foz do Côa* unicamente quando tenha interesses a leste sobre a Barca d'Alva, Freganeda e Salamanca.

—

N'este concelho de Villa Nova de Foscôa ha hoje as estradas seguintes a macadam:

1.º—*Real*, de Celorico da Beira a Moncorvo e Mirandella, tocando em Villa Nova de Foscôa, lado O. e na estação do Pocinho, atravessando o Douro na barca d'aquelle nome.

Já se acha toda construida, exceptuando alguns kilometros entre Foscôa e Langroiva e entre Moncorvo e barca do Pocinho.

De Moncorvo deve seguir tambem para a cidade de Miranda, mas n'esta parte complementar tem apenas alguns kilometros construidos junto de Miranda.

É uma estrada de grande alcance estrategico e de muito interesse para as provincias da Beira e Traz-os-Montes—e deve dar extraordinario movimento á estação do *Pocinho*.

2.ª—Tambem *real* de Villa Nova de Foscôa para a Pesqueira, medindo cerca de 16 kilometros.

Está em via de construcção e é a continuação da estrada real n.º 34, do Porto á Barca d'Alva.

3.ª—*Districtal*, entre a freguezia d'Almendra e a de Castello melhor, na extensão de 5 kilometros, em via de construcção.

4.ª—*Municipal*, entre a freguezia de Freixo de Numão e a da Touça, na extensão de 4 kilometros, em via de construcção tambem.

5.ª—*Municipal* tambem, entre a freguezia de Sedavim e a da Horta, na extensão de 5 a 6 kilometros. Em estudos.

—

Passa tambem n'esta freguezia pela sua extremidade N.—N. E.—N. O.—e O.—a linha ferrea do Douro, comprehendendo na area d'esta parochia cerca de 15 kilometros de via corrente com as seguintes obras d'arte:

1.ª—*Tunnel do Salgueiral*, na pendente O. do *Monte Meão*, baldio d'esta parochia. Extensão 60 metros.

2.ª—*Tunnel do Monte Meão*,—atravessa de O. a E. o monte d'este nome e tem de extensão 730 metros.

3.ª—*Tunnel da Veiga*, no sitio d'este nome. Tem de extensão 90 metros.

4.ª—*Viaducto do Pocinho*,—com 3 tramos, —2 de 28 metros e 1 de 35,—total 81 metros d'extensão.

Sobrestructura metalica da fabrica de *Eclessin* (Belgica).

5.ª—*Estação do Pocinho*—de 2.ª classe, com a extensão total de 104m,20,—1 kilometro a montante do viaducto do Pocinho.

6.ª—*Viaducto de Caniviães*,—3 arcos com o raio de 7m,5—e a extensão total de 64m,20.

7.ª—*Estação de Foscôa*, de 4.ª classe, na margem esquerda do Côa.

E' destinada para entroncamento da ligação do caminho de ferro do Douro com o da Beira Alta, em projecto.

8.ª—*Viaducto do Côa*, sobre o rio d'este nome, nos limites d'esta freguezia e da de Castello Melhor.

Tem este viaducto 2 vãos de 28 metros e 1 de 35,—extensão total 104m,2 —e sobrestructura metalica da fabrica *Braine-le-Conte*, da Belgica tambem.

V. n'este volume o artigo *Vias Ferreas*, de pag. 467 a 502—e particularmente as paginas 475 e 476, onde descrevemos todas as obras d'arte da linha ferrea do Douro na parte que se acha em construcção desde Tua até *Fuente de Santo Estevão*, entroncamento na linha da Beira Alta, da Figueira a Salamanca, *terminus* da linha do Douro.

—

Freguezias limitrophes:—Muxagata ao sul —Santo Amaro a N. O.—a leste o rio Côa —e o Douro a N.—N. E.—e N. O.

Esta freguezia tem uma area muito extensa.

De leste a oeste, seguindo da Foz do Côa pela margem esquerda do Douro, deve medir cerca de 20 kilometros d'extensão, por causa das grandes sinuosidades que o Douro aqui descreve;—e de norte a sul deve ter metade d'aquella extensão, approximadamente.

Está comprehendido no seu termo, a N. O. o monte *Meão*, quasi todo baldio, logradouro commum d'esta parochia e um dos seus grandes mananciaes de riqueza, pois n'elle apascenta muitos gados e colhe muito pão e lenha.

Note-se que nas freguezias de ambas as margens do Côa hoje ha grande falta de combustivel.

Poucos são os proprietarios que teem lenha sufficiente para todo o anno;—o povo vae buscal-a (*roubal-a*) a grandes distancias; —queima inclusivamente os *excrementos dos bois*,—e cosinha e aquece os fornos *com palha!?*...

Para augmentarem a cultura dos cereaes de pragana, destruiram os mattos e lavraram os montes todos. O resultado é—não terem lenha para queimar,—nem madeira para construcções,—nem matto para estrume.

—

Volvendo ao monte *Meão*, diremos que é granitico e bastante espaçoso. Mede talvez mais de 5 kilometros quadrados e tem penhascos horrorosos, fojos e despenhadeiros medonhos que os proprios caçadores da localidade não podem transpor sem guia, mas comprehende tambem muito terreno chão, aravel e fertil.

É cercado pelo Douro a N.—E. e O.—Ali houve uma importante povoação fortificada no tempo dos romanos.

Ali se veem *ainda hoje* ruinas de largos muros, edificios e fontes, principalmente onde chamam o *Castello Velho*,—sitio muito defensavel para os tempos d'armas brancas; —e ali se tem encontrado muita pedra de esquadria, muitas moedas romanas e varias inscripções.

Não se sabe ao certo quando se fundou nem quando se extinguiu tal povoação, mas todos concordam que foi o germen e o nucleo d'esta Villa Nova de Foscôa.

Suppõe-se com todo o fundamento que, destruido o povoado do *Monte Meão*, os habitantes que sobreviveram se dispersaram pelos recantos vizinhos, formando differentes povoações mais pequenas na *Veiga*, no *Paço*, no *Azinhate*, etc.

Na *Veiga*, ainda lá se vê a capella antiquissima de *Nossa Senhora da Veiga*, que alguem diz fôra parochial, pois ainda nos fins do ultimo seculo pagava a *censuaria* ao cabido de Lamego, como as outras egrejas matrizes;—e a pequena distancia d'ella se teem encontrado em escavações ruinas de edificios e sepulturas antiquissimas soterradas.

Em uma d'ellas, segundo se lê na *Historia Ecclesiastica de Lamego*, se encontrou um esqueleto mui grande, inteiro, e uma estatua de jaspe branco, que parecia de mulher.

Accrescenta a mesma *Historia*—que «por ser o logar doentio e acometido por tropa de faccinorosos,» fugiram os seus moradores para o planalto onde se fundou o castello e a *villa nova* actual.

—

Tambem ha memoria de casas no sitio do *Paço* ou do *Relento*, cerca de 1:200 metros a leste da villa, onde ainda hoje se veem os restos da ermida ou egreja de S. Vicente, que foi outr'ora parochial tambem,—e no sitio do *Azinhate*, junto da capella de Nossa Senhora do Amparo,—bem como junto da antiquissima capella de Nossa Senhora da Conceição, que foi do chantre de Lamego e tambem *matriz*, em cujo adro se encontram sepulturas. Suppõe-se que todas estas e outras aldeias que existiram no termo d'esta parochia se despovoaram por serem abertas e estarem expostas a serem roubadas pelos salteadores e saqueadas em tempos de guerra; [1]—que os seus habitantes foram procurar abrigo no castello—e que, attrahidos pelas vantagens que lhes offereciam o castello e os seus tres amplos foraes, bem como pela bellesa do local, em breve se desenvolveu ali uma povoação importante, que por isso mesmo se denominou *Villa Nova*.

Tambem dizem que, antes da fundação do castello, as aldeias que n'elle se concentraram obedeciam á cidade de *Numancia*, hoje *Numão*, simples parochia d'este concelho, que, ou fosse ou deixasse de ser a *Numancia* dos romanos, foi com toda a certeza povoação antiquissima muito importante e muito bem fortificada, distante cerca de 20 kilometros de Villa Nova de Foscôa, para oeste.

V. *Numão*, vol. 6.º pag. 178—e a *Hist. Eccl. de Lamego*, pag. 175.

É portanto muito antigo o povoado de *Villa Nova de Foscôa*, pois antes de se fixar no ponto onde hoje se vê, esteve no *Monte Meão* e depois andou disperso por differentes sitios do termo da villa actual.

—

Que nós saibamos teve esta villa os 3 foraes seguintes:

1.º—Dado por D. Diniz em Portalegre, a 21 de maio de 1299.

Liv. IV de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 13, v. col. 2.ª *in-fine*.

2.º—Dado pelo mesmo rei em Lisboa, no dia 24 de julho de 1314.

Maço 8 de Foraes antigos, n.º 18.

3.º—Dado por D. Manuel em Lisboa, no dia 16 de junho de 1514.

Liv. de Foraes Novos da Beira fl. 126, col. 1.ª

D. Diniz fundou e povoou *Foscôa*, dando-lhe 2 foraes;—depois D. João I a elevou á categoria de *villa*—e por ultimo D. Manuel mandou edificar a egreja parochial.

É por isso que na frente da egreja e no pelourinho se veem flores de liz, emblema de D. João I—e a esphera armillar, emblema d'el-rei D. Manuel.

O castello não foi mandado fazer por D. Diniz. Foi feito *muito mais tarde*, talvez nos fins do seculo XV, pelos habitantes da nova villa, *á sua propria custa*.

Quando rebentou a lucta entre o nosso rei D. Affonso V e os reis de Castella,—lucta que durou desde 1473 até 1479—ainda o castello não havia sido feito, pelo que D. Affonso V, para determinar os habitantes de Villa Nova a construil-o, lhes offereceu o privilegio de não pagarem direitos *d'alcaidaria*, como não pagava o castello de Freixo de Espada á Cinta; mas nem assim então se resolveram.

Parece-nos ser isto o que se deprehende da *Monarchia Luzitana*, parte V, cap. 3.º fl. 181, col. 2.ª

—

O terreno em volta da villa é plano e de agradavel aspecto, mas muito arido e muito falto d'arvoredo.

Apenas de longe em longe se veem algumas oliveiras e amendoeiras e junto da povoação algumas hortas. São aqui tambem raros os vinhedos.

O chão é fertil e produz bastante trigo, centeio e cevada, mas, como não o estrumam, necessita de folga e é semeado *á folha*,—exceptuando o terreno proximo da villa que, por ser mais chão e receber alguns adubos, é semeado todos os annos.

---

[1] Note-se que até os principios do seculo XIV o reino de Leão confinava com o rio Côa. Foi el-rei D. Diniz que tomou aos leonezes tudo o que hoje é de Portugal desde o Côa até o Agueda, pela margem esquerda do Douro. V. vol. 7.º pag. 66.

Tem a villa 2 feiras antiquissimas, já indicadas na *Chorographia Portugueza*,—uma no dia 8 de maio,—outra no dia 29 de setembro,—denominadas *feiras de S. Miguel*, e se fazem no campo do mesmo nome, ou da *lagôa*.

Tambem já teve mercado diario importante *de quanto produziam as terras da comarca* (então era Trancoso e antecedentemente foi Pinhel) *sendo continuos os carretões de pão, vinho, castanhas, melões, cerejas, uvas e outras fructas no tempo*,—diz a *Hist. Eccl. de Lamego*.

Fazia-se o dicto mercado na *Praça*, mas suspendeu-se ha muito.

Não sabemos quando nem porque; foi porem restabelecido depois que principiou no termo d'esta parochia a construcção da linha ferrea do Douro. É outra vez diario—e de 15 em 15 dias mais importante.

—

As obras da linha ferrea teem dado muito dinheiro e muito movimento a esta villa. N'ella se abastecem de differentes generos milhares d'operarios; n'ella rezidem alguns engenheiros, empreiteiros e varios empregados—e n'ella montou um francez outro hotel, além do que a villa já tinha.

Tambem os empreiteiros aqui montaram um hospital provisorio, pois infelizmente a santa casa da Misericordia d'esta villa se extinguiu, ha muito, bem como o seu hospital, que esteve na rua do mesmo nome, entre o Campo do *Tabolado* e a egreja matriz.

—

O fertilissimo chão da *Veiga* foi quasi todo *reguengo*, propriedade particular dos nossos reis;—depois passou para o municipio, que costumava arrendal-o por 300 a 400 mil réis annualmente;—por ultimo foi vendido em hasta publica e comprado por D. Antonia Rachel Ferreira, viuva do capitão-mór d'esta villa [1]. É hoje d'esta senhora e do seu filho unico Augusto Lopes Pereira da Silva, residente no Porto, hoje o *primeiro proprietario* d'esta villa, pois não só é dono da quinta do *Reguengo*, hoje a 1.ª d'este concelho, mas d'outras muitas.

Tem a quinta do *Reguengo* hoje uma boa casa d'habitação, grande armazem e lagares soberbos, d'onde vae o vinho encanado para os toneis, tudo nas melhores condições, sendo a planta para todas estas obras feita pelo engenheiro Joaquim Maria Fragoso, de Coimbra, casado em Villa Nova de Foscôa.

Esta quinta do *Reguengo*, em quanto foi do municipio, apenas produzia cereaes, mas o seu actual possuidor a plantou toda de vinha e produz cada milheiro de vides baixas 3 a 4 pipas de vinho, como na ribeira da Villariça, que é o chão mais fertil de Portugal.

V. *Villariça*.

Comprehende a formosa quinta do *Reguengo* pouco mais de 30 milheiros de vides baixas, e produziu no ultimo anno 155 pipas de vinho!...

Foi comprada por seis contos de réis em 1876;—metade do *Reguengo* pertencia ao municipio e a outra metade ao passal do parocho d'esta freguezia.

—

A camara de Villa Nova de Foscôa ainda possue na fertil varzea da Veiga alguns chãos na margem do Douro e que o rio cobre e aduba nas cheias. Costuma arrendal-os e produzem admiravelmente milho, trigo, feijões, aboboras, melões e melancias.

Colhe tambem esta parochia muitos melões e melancias em outros pontos do seu termo, nas hortas dos arrabaldes da villa e nas da *Flor da Rosa*, sendo todos os seus meloaes de *seccadal*—e os melões e melancias da *Flor da Rosa* saborosissimos,—talvez os melhores de Portugal;—mas os que abundam nas feiras e nos mercados da villa vão da grande ribeira da Villariça, da freguezia da Muxagata e da quinta da Veiga termo de Langroiva, excellente propriedade do conde de Tavarede.

—

Ha n'esta villa 5 industrias principaes:—a dos carretões e vendilhões de diversos generos,—as do fabrico de cordas, calçado e carros para bois—e a da preparação do sumagre.

---

[1] Foi o *ultimo* e chamava-se Francisco Antonio Lopes Cardoso.

As cordoarias d'esta villa foram muito importantes no tempo do marquez de Pombal, pois este ministro, para libertar o nosso paiz das grandes sommas que pagava aos paizes estrangeiros, nomeadamente á Russia, pelas cordas para a nossa marinha de guerra e mercante, vendo que o fertil torrão da Villariça, distante d'esta villa apenas 12 kilometros, produzia bello canhamo, creou no Porto, em Moncorvo e aqui grandes cordoarias.

Veja-se n'este volume o artigo *Victoria*, freguezia do Porto, nomeadamente a pagina 594.

Gosam de justa fama os carros que aqui se construem. Denominam-se *carros de varas* e são feitos de negrilho (*ulmus campestris*).

Para evitarmos repetições veja-se o mesmo artigo *Victoria*, pag. 595, col. 2.ª

Houve aqui outr'ora importantes cortumes de couros. Fizeram-se fortunas com aquella industria, mas desappareceu, ha muito. É porém ainda importante aqui uma industria congenere,—a dos fabricantes de calçado e de couros para arreios de cavalgaduras e apeiro dos bois. Da preparação do sumagre fallaremos adiante.

—

Esta villa em 1708, como já dissemos, pertencia á comarca de Pinhel;—passou depois para a de Trancoso;—em seguida para a da Mêda;—extincta esta, [1] passou para a da Pesqueira;—desde 1854 (me parece) foi elevada á cathegoria de séde de comarca propria, formada pelo seu concelho sómente, com 25 freguezias; mas hoje, depois da creação da comarca da Mêda, que lhe roubou as 8 freguezias já mencionadas, comprehende apenas as 17 seguintes:—Cedovim, ou Sedavim, Chãs, Custoias, Freixo de Numão, Horta, Moz, Murça, Muxagata, Numão, Santa Comba, Santo Amaro, Sebadelhe, Seixas, Touça e *Villa Nova de Foscôa*,—todas estas do bispado de Lamego,—e Almendra e Castello Melhor, do bispado da Guarda, com o total de 3:168 fogos e 12:631 habitantes, segundo o ultimo recenseamento.

—

Aquellas duas freguezias de *Almendra* e *Castello Melhor* pertencem ao bispado da Guarda, porque estão na margem direita do rio Côa, pois desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, o Côa e a ribeira de *Maçoeime*, sua confluente, formam por este lado a linha divisoria entre os bispados de Lamego e da Guarda.

Pertencem pois á diocese da Guarda todas as freguezias da margem direita do Côa e da ribeira de Maçoeime até á raia da Hespanha,—freguezias que outr'ora pertenceram á diocese de Caliabria,—depois á de Cidade Rodrigo,—em seguida á de Lamego—e por ultimo á de Pinhel, creada em 1770 e extincta em 1882.

V. *Caliabria* e *Pinhel*.

—

Esta villa é a povoação compacta mais populosa que se encontra em toda a margem esquerda do Douro desde o mar até á Hespanha, exceptuando unicamente *Lamego* e *Villa Nova de Gaya*.

Tem bons edificios e bons proprietarios, muito commercio, ruas bem calçadas, embora estreitas, um espaçoso campo, industrias differentes, feiras importantes, um lindo cemiterio, hoteis rasoaveis, etc., mas tem dois grandes contras:—muita falta *d'agua* e *d'arvoredo*.

Como está em um planalto, cujo subsolo é schisto e só a grande distancia se erguem elevações superiores, a villa, sendo tão populosa, não tem *uma unica* fonte de bica, mas sómente poços e charcos, sendo quasi toda a agua d'elles *salôbra*.

---

[1] A comarca de Mêda foi restaurada em 1872 (me parece) á custa d'esta de Foscôa, da qual recebeu as 8 freguezias seguintes:—Barreira, Carvalhal, Coriscada, Gateira, Marialva, Pae Penella, Rabaçal e Valle de Ladrões.

Quasi todas lamentam ainda hoje a desmembração, porque o municipio da Mêda é pobrissimo—em quanto que este de Foscôa é um dos mais ricos da Beira, pelo que as contribuições municipaes são muito mais violentas na Mêda.

Deus perdoe ao fallecido Antonio Homem da Silveira Sampaio e Mello, do Rabaçal, que foi quem promoveu a creação da comarca da Mêda, para ter a séde mais proxima da sua rica e muito nobre casa.

A sua agua potavel reduz-se quasi exclusivamente á do charco ou poço coberto, denominado *Fonte Nova*, contiguo á capellinha de S. Pedro, a leste da villa,—fonte que nos annos mais áridos sécca e obriga a população a ir dessedentar-se na fonte da *Flor da Rosa*, ou de S. Bibre, distante 2 a 3 kilometros para oeste, ao sul do caminho da Pesqueira e da Mêda.

—

Tambem não tem agua para rega, exceptuando a d'alguns poços, que extrahe com difficuldade e por isso no verão a villa é de uma aridez extrema!...

Não tem bosques, ribeiros, alamedas, matas, soutos, pinheiraes nem pomares e, como a producção dominante dos seus arrabaldes é o trigo, colhido este, fica o rastolho, como succede no Alemtejo e em volta de Madrid, vomitando fogo durante o rigor da estiagem.

Tem muitos bois para carretos e serviço da lavoura e muito gado azinino e muar para transportes e serviço da lavoura tambem;—todo o gado porem bebe quasi exclusivamente agua de uma lagôa que por absoluta necessidade formaram no *Campo da Feira*, aproveitando a depressão d'uma zona de schisto que se inclina para N. E. e construindo d'esse lado um muro para represa das aguas pluviaes que ali se conservam todo o anno *batidas pelo sol, estagnadas, esverdeadas e pôdres*, formando um terrivel foco d'infecção!

Na dicta lagôa, cuja altura maxima é de 2m,50, entram e se banham e bebem os bois, os porcos, as cavalgaduras e todos os outros animaes [1]. A sua agua é tão limpa ou tão immunda, que *só os animaes da villa*, criados com ella, a bebem. Os de povoações extranhas—*nem lhe tocam!*

E é a lagoa, este grande foco d'infecção, a providencia da villa, pois quando sécca, o que succede muitos annos no fim do verão, veem-se na necessidade de ir buscar em pipas agua ao Douro, distante 5 a 6 kilometros, para entreterem a existencia dos seus gados—e quando a estiagem se prolonga emigram com elles para as margens do Douro.

Se d'outra qualquer fórma podessem abastecer a villa d'agua, a primeira coisa que deviam fazer e que por certo fariam, era arrasar a lagôa, porque é *um viveiro de sezões,—um manancial de peste!...*

—

Os templos d'esta villa e seu termo reduzem-se hoje á sua egreja matriz,—a 8 capellas publicas—e a 1 particular.

A egreja matriz é um templo dos maiores e melhores da provincia, mandado edificar por el-rei D. Manuel.

Tem uma bella frontaria com um rico portal em estylo gothico florido, encimada por um campanario com tres sineiras e dois grandes sinos;—a meio um *oculo*, ou *espelho* liso;—2 escudos com as armas reaes portuguezas (5 chagas e 7 castellos)—no centro dos 2 escudos a imagem da Virgem com o filho morto nos braços, representando a Senhora do Pranto, que é a padroeira;—aos lados 2 espheras armillares, uma com a cruz da ordem de Christo, emblema d'el-rei D. Manuel, outra com uma flor de liz—e no cunhal, do lado da epistola, a inscripção seguinte:

ESTA OBRA SE FEZ NO
ANNO DE 1757, SENDO
ABB.º D'ESTA IGREJA ANTO-
NIO ESTEVES PEREIRA.

D'este conjuncto se vê que este templo foi fundado por el-rei D. Manuel—e restaurado e *ampliado* em 1757.

—

Interiormente tem tres naves, firmadas sobre 6 columnas de granito, redondas e lisas, —capella-mór com um soberbo retabulo de talha dourada e boas pinturas antigas no tecto e nas paredes,—côro espaçoso sobre o guarda-vento,—no corpo da egreja 2 altares lateraes de boa talha antiga e 2 aos lados do arco cruzeiro com decorações de talha moderna, mais barata,—tecto liso de madeira com larga e vistosa pintura; no centro a imagem da padroeira, aos lados muitas figuras biblicas com muitos versiculos da biblia tambem, e ao fundo, perto do coro e no

[1] Ali se banham e nadam tambem no verão *centenares de creanças* da villa?!...

mesmo tecto, o retrato do abbade que promoveu a restauração e ampliação d'este templo, como dizem as legendas que tem aos lados:

ESTA OBRA FOI FEITA
NO ANNO DE 1767

—

SENDO ABB.e D'ESTA IGREJA ANTONIO ESTEVES PEREIRA.

E por baixo do retrato est'outra:

UBI SUNT DUO, VEL TRES
CONGREGATI IN NOMINE MEO,
IBI SUM IN MEDIO EORUM.
ECCLES, CAP. 25.

Tem um só pulpito de granito com 8 faces, pintado e encostado a uma das columnas que sustentam as naves, do lado do evangelho—e entre as sepulturas que ainda se veem no interior do templo avulta uma com a inscripção seguinte:

S.a DE GONÇALO DE
MORAES E CASTRO, ABB.e
QUE FOI N'ESTA IGREJA.
FALLECEU A 22 D'AGOSTO
DE 1685.

Tem boa sachristia com ampla credencia e ricas decorações de talha dourada—e tecto de madeira bem trabalhado e bem pintado, com ornamentação de talha dourada tambem.

Teve tambem esta egreja preciosas alfaias de prata sendo algumas do tempo d'el-rei D. Manuel; mas todas foram roubadas pelos francezes nos principios d'este seculo, por occasião da guerra peninsular.

Concluiremos este topico dizendo que esta magestosa egreja foi mandada fazer por el-rei D. Manuel e ampliada pelo benemerito abbade Antonio Esteves Pereira em 1757, accrescentando lhe em toda a sua extensão 3m,40 por banda;—o mesmo abbade a mandou cobrir, forrar e pintar em 1767;—hoje mede interiormente 13m,74 de largura e 36m,15 de comprimento,—e os seus abbades foram sempre tão considerados que usam de *murça* e *annel*, como os conegos, desde tempos muito remotos.

—

As capellas que hoje existem n'esta parochia são as seguintes:

1.a—*Senhora da Veiga*, no sitio d'este nome, junto do Douro e da barca e estação do Pocinho, bem tractada e bem conservada, posto que muito antiga, pois já o padre Carvalho a mencionou, dizendo que a ella concorriam *muitos concelhos* em procissão na 2.a feira depois da dominga *in Albis*.

Outr'ora foi matriz de uma das povoações que se concentraram na villa actual—e ainda hoje tem festa e grande romagem no dia 8 de setembro na sua capella, feita com as esmolas dos devotos por uma commissão nomeada pela junta de parochia.

Costumam tambem os lavradores fazer-lhe grande festividade na egreja matriz, com procissão.

2.a—*S. Sebastião*, tambem muito antiga e bem conservada, cerca de 400 metros ao norte do cemiterio, á direita da estrada nova do Pocinho.

Tem festa feita pelos *sapateiros*.

3.a—*Santo Antonio*, hoje dentro do cemiterio da villa, a O. do *Campo da Feira* e muito bem tractada.

Tem altar mór e dois lateraes—e festa annual, feita pelos *cordoeiros*, com procissão—e até 1865 (approximadamente) tanto no dia d'esta festividade como das outras da villa costumavam correr touros, creados no Monte *Meão*.

4.a—*Senhora da Conceição*, muito antiga e em mau estado, dentro da villa, no largo do seu nome, que é povoado quasi exclusivamente pelos cordoeiros e n'elle fazem as cordas.

Esta capella, como já dissemos, foi matriz d'um pequeno curato do chantre de Lamego, annexo á egreja (abbadia) de Numão, que era do mesmo chantre.

5.a—*Senhora do Amparo*, do *Azinhate* ou *Azinhaga*, no sitio d'este nome, cerca de 1 kilometro a O. da villa.

Revela muita antiguidade e está hoje em abandono, mas já teve grande festa, feita pelos *almocreves* [1].

---

[1] A *Hist. Eccl. de Lamego*, pag. 193, *in fine*,

6.ª—*Santa Barbara*, tambem antiga e maltratada, a leste da villa, distante cerca de 400 metros. A esta imagem costumavam pedir bom tempo, pelo que a sua festa era feita pelos *cavadores*, com procissão, corrida de touros, etc.

7.ª—*Senhora da Aldeia Nova*, junto do castello, para S. O.—muito antiga e mal tractada.

Ha muito que não tem festa propria. Apenas ali os estudantes festejavam Santa Luzia.

8.ª—*S. Pedro*, tambem muito antiga e já em ruinas e profanada, mas ainda com portas e tecto.

Está a leste da villa, junto da *Fonte Nova*, o poço coberto que abastece toda a villa d'agoa potavel.

A pobre ermida olha para N. e tem capella-mór, que parece ter sido a primitiva capella, — um pequeno arco de granito de volta inteira com as quinas quebradas e ornamentação simples—e tem ainda no seu velho retabulo duas lindas columnas de talha antiga com aves e uvas. Teve festa feita pelos *moleiros*.

Este sitio, posto seja arrabalde, é um dos mais frequentados da villa pela proximidade da fonte, sobre a qual toda a grande povoação converge em motu constante e fieira interminavel.

Quando visitámos esta villa em 1 de setembro de 1881, vindo da Serra da Ertrella, onde passámos muito agradavelmente oito dias (de 4 a 12 d'agosto) com a *Expedição Scientifica*, visitámos tambem esta fonte.

Era ao cahir da tarde e—tendo crusado todo o nosso paiz em differentes direcções e tendo alargado tambem um pouco mais os nossos passeios até Madrid e Paris,—não nos recordamos de ter visto em tão pequeno espaço de tempo tanta gente em fonte alguma!

—

Todas as 8 capellas mencionadas são publicas e ha ainda n'esta villa uma outra.

9.ª—De *Santa Quiteria*, particular, mas com porta franca ao publico, na rua de *Santa Quiteria*, contigua a um bom predio que foi de Jacinto Lopes Tavares, de Carnicães, do concelho de Trancoso, e é hoje dos seus herdeiros, que possuem aqui um bom casal.

Era lindissima;—tem ainda bons azulejos e um rico frontal de talha antiga dourada, —mas está em completo abandono.

Tambem houve n'esta villa mais 4 capellas publicas; eram as seguintes:

10.ª—*S. Vicente*, a leste da villa, no sitio do *Paço* ou do *Relento*.

Em tempos muito remotos foi egreja matriz, não sabemos de que parochia.

11.ª—*S. Miguel*, a S. O. do campo a que deu o nome, hoje *Campo da Feira*, ou da *Lagôa*, na rua denominada tambem *de S. Miguel*.

Achando-se em ruinas, foi demolida na 2.ª metade d'este seculo para alinhamento da dicta rua, hoje a 1.ª da villa.

Tinha *galilé* ou alpendre e contiguos varios *cobertos* para os feirantes.

A sua festa era feita pelos habitantes da villa, *extra-muros* do castello [1].

12.ª—*Senhora da Encarnação*.

Não ha memoria d'ella.

13.ª—*Senhora da Expectação*.

Tambem já se perdeu a memoria d'ella, mas a *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo, a mencionou, bem como a antecedente.

Tambem suppomos que houve n'esta villa uma egreja da Misericordia com seu hospital, na rua ainda hoje denominada *do Hospital*, pertencentes á antiquissima irmandade da Misericordia,—corporação extincta ha muitos annos e da qual não restam documentos alguns!

—

Depois da egreja matriz, o primeiro edificio publico d'esta villa hoje é o seu tribunal, um dos melhores do districto.

Foi principiado em 1857 e ultimado em

---

deu a esta capella o titulo de *Nossa Senhora do Pranto*. Foi lapso, porque a imagem da padroeira representa a Virgem com o *Menino Jesus ao collo*—e não com o *Senhor morto no regaço*, como se vê na matriz.

[1] Os habitantes do bairro do castello *intra-muros*, faziam a festa á imagem de *Nossa Senhora do Castello*, que estava e está em um nicho sobre a porta voltada a S. O.

1868. Ergue-se a N. da *Praça*, no proprio sitio onde estiveram os velhos paços do concelho. Tem ao *rez de chaussé* um pavimento onde está a cadeia, com 6 grandes janellas, além do espaçoso portão d'entrada;—no andar nobre outras 6 grandes janellas de frente com uma porta rasgada e uma varanda ao centro—e no topo as armas reaes portuguezas com as quinas e 7 castellos. Tem janellas nas outras tres faces,—muito pé direito, — bastante fundo — e accommoda em boas condições o tribunal, recebedoria, paços do concelho, conservatoria e todas as outras repartições publicas da villa.

Em frente está na mesma praça o velho pelourinho restaurado e muito bem conservado.

É uma grande columna de granito quadrada, tendo a meio ornamentação de cordas em relevo e no topo quatro piramides e uma esphera armillar, com a cruz da ordem de Christo e flores de liz, emblemas de D. Manuel e de D. João I, aos quaes esta povoação, como já dissemos, deve a sua egreja parochial e a cathegoria de villa.

—

Visitàmos tambem o antigo bairro do *Castello*, nucleo da villa e que se ergue em um pequeno morro a meio d'ella, formado por differentes ruas muito estreitas, que foram o bairro dos judeus, todas povoadas, e conservando ainda alguns lanços dos velhos muros.

Tambem subimos ao alto da velha *Torre do relogio*, hoje restaurada, caiada e bem conservada. Tem um bom relogio novo com um sino—e termina em um eirado, que é o mais bello *miradouro da villa*.

D'elle se gosa um largo horisonte, embora muito irregular, e um interessante panorama, posto que bastante agreste.

D'ali e *só d'ali* se descobre toda a villa e seus arrabaldes;—a leste as capellinhas de S. Pedro e Santa Barbara e mais ao longe as Freichedas;—ao norte, além do Douro e já na provincia de Traz-os-Montes, a egreja d'Urros e as freguezias do Prêdo e Assureira; —a N. O. o *Monte Meão* e a freguezia da Lousa, lá ao longe, na margem direita do Douro, e mais ao perto a capellinha de Santo Amaro;—na villa, ao poente, o tribunal, a egreja matriz, o *Campo da Feira*, a lagôa, o cemiterio, as capellinhas de S. Sebastião e Santo Antonio e a varzea da *Flor da Rosa*; —e para o sul grande extensão da Beira Baixa, avultando ao longe em todos os quadrantes montes agrestes.

—

As festividades religiosas principaes que hoje aqui se celebram são as de *endoenças*, a de *Corpus Christi* e a da Senhora da *Veiga*, no dia 8 de setembro, feita na matriz, além da que se faz na sua capella com romagem.

N'esta villa e n'este concelho não ha memoria de convento algum.

Tem a villa os largos seguintes:—do *Tabolado*, onde se fazem os mercados, da *Conceição*, junto da capella d'este nome, a *Praça* em frente do tribunal,—e o *Campo de S. Miguel* ou *da Feira*, o mais espaçoso de todos, cercado a leste pela villa, a norte pelas atafonas do sumagre, a sul pela rua de S. Miguel com bons edificios, entre os quaes hoje avulta a escola feita com o subsidio do conde de Ferreira, e a poente pelo cemiterio, ficando a meio do dicto campo a *lagôa*.

—

O cemiterio está no mais bonito e interessante local da villa, dominando-a quasi toda, bem como o vasto *Campo da Feira*, que lhe fica a jusante—e a montante a nova estrada do Pocinho, que tem aqui um formoso lanço em linha horisontal, caminhando de sul a norte e offerecendo um agradavel passeio.

Parece um jardim publico e em jardim devéra transformar-se, removendo-se o cemiterio para outro ponto um pouco mais distante, pois está em intimo contacto com a pestilenta *lagôa* e com a villa, envenenando a athmosphera e compromettendo a salubridade publica.

Chamamos para este topico a attenção dos illustres camaristas, pois sabemos que projectam fazer um jardim publico, ao lado sul do cemiterio e *contiguo a elle!*...

—

Banham esta freguezia o Côa ao nascente, —ao norte o Douro—e ao poente o ribeiro

do *Valle*, que tem a sua origem no monte *Angrão*, entre Villa Nova de Foscôa e a freguezia de Santo Amaro, e desagua no Douro, na Veiga, junto da barca e da estação do Pocinho.

Pelo leito d'este ribeiro (*credite posteri!*) seguia a antiga estrada militar de Traz-os-Montes pela barca do Pocinho para Villa Nova de Foscôa e para a provincia da Beira, sendo intranzitavel, medonha e perigosissima no inverno, pois por vezes a agua attingia grande altura e se despenhava em caudalosa torrente, levando d'envolta para o Douro tudo quanto encontrava diante de si,—não só no inverno, mas mesmo no verão e na primavera por occasião de trovoadas.

—

Ali pereceram muitas pessoas;—mas na maior parte do verão aquelle ribeiro sécca e a dicta estrada é encantadora, porque o *valle* que atravessa é fundo, por extremo fertil, todo povoado de amendoeiras e sumagraes nas encostas e de oliveiras na parte baixa,—oliveiras como grandes castanheiros,—magestosas, admiraveis, immensas,—*as maiores de todo o nosso paiz*;—e grandes faias e negrilhos ensombram e cobrem litteralmente grande extensão da dicta estrada, transformando-a em um bosque frondoso, suavissimo, verdadeiro oasis no meio das candentes margens do Alto Douro, no verão.

Para se formar idéa do porte e magestade das dictas oliveiras, note-se que *uma só* ainda no ultimo anno produziu 40 *alqueires d'azeitona*! Está no sitio de *Mariannes* e pertence á familia Carvalho, d'esta villa.

No fundo da *Costa*, um pouco a montante d'aquella, se veem 4 oliveiras que são talvez as maiores do termo. Quatro homens difficilmente varejam cada uma d'ellas em um dia de trabalho. São todas de um só pé; mas junto d'ellas ha uma formada por tres pés, que as supplanta. Foi vendida, ainda ha pouco, por dose libras—ou 54$000 réis!—e ha por ali muitas de 8 a 10 libras de preço?!...

É digna de especial menção tambem uma oliveira que existe no *Valle*, pertencente a Antonio Mallavado. É formada por tres pés,—custou 50$000 réis—e tem produzido em um só anno sessenta rasas d'azeitona, de 17 litros e meio cada uma!...

Tambem no termo d'esta parochia se encontram oliveiras admiraveis em outros sitios,—no Saião, Patões, Valverde, Valle do Abbade e nas *olgas* [1] da Veiga, junto da barca e da estação do Pocinho e da famosa quinta do *Reguengo*.

Aberta á exploração a linha do Douro, de Tua até á Barca d'Alva, com alguns minutos de demora na estação do *Pocinho*, todos podem vêr e admirar tão magestosas oliveiras e convencer-se de que não é fantasia, mas realidade, o que levamos exposto.

—

Fugindo da ribeira para a serra, mencionaremos outra especialidade de ordem muito diversa no termo d'esta parochia, mas não menos admiravel.

É uma pedreira de schisto, duro como aço, que ha no *Monte do Poio*, cerca de 4 kilometros a S. E. da villa, d'onde se extrahem pedras de todas as grossuras e dimensões á vontade dos *montantes*, [2]—umas estreitas e delgadas, de que fazem balaustres para varandas, esteios, etc.,—outras de enormes proporções, até 8 e mais metros de comprimento e 1 metro e mais de largura, de que fazem tanques, lagares e inclusivamente pontes *de uma só pedra*, sendo por vezes necessarias 7 e 8 juntas de bois para as arrastarem!

No ribeiro do *Valle*, por exemplo, ha uma ponte bastante espaçosa, cujo taboleiro é formado por *uma só* das dictas pedras, deno-

---

[1] Assim se denominam aqui e na ribeira da Villariça as *courellas* ou *sortes* das campinas fundas e proximas do Douro.

[2] *Montantes*, pelo menos ao norte do nosso paiz, são os trabalhadores que habitualmente se occupam em extrahir a pedra das pedreiras, segundo as instrucções e medidas que recebem dos mestres das obras;—*apparelhadores* ou *canteiros* são os que depois trabalham e affeiçoam a pedra;—*assentantes* os que por ultimo collocam e assentam a pedra nos edificios.

Os *assentantes* são sempre os *mestres* ou *contra-mestres* e os officiaes de maior confiança.

minadas *louzas*. Tem 1m,20 de largura—e 8 de comprimento!

Podem tambem ver-se e admirar-se as enormes pranchas da dicta pedra com que a camara mandou forrar as paredes e os tectos das prisões no edificio dos novos paços do concelho.

Ficaram as dictas prisões segurissimas e á prova de fogo, como se fossem *couraçadas*.

—

Em muitos pontos das margens do Alto Douro, onde predomina o *schisto* ou *louzinho*, por vezes se encontram pedreiras d'onde se extrahe pedra magnifica para construcções, como pode ver-se nos muros de supporte da linha ferrea e da estrada marginal, e em algumas pontes d'esta estrada, nomeadamente na da foz de *Mil Lobos* ou do rio *Temi Lupus*, entre a Folgosa e Bagauste, na margem esquerda do Douro,—ponte de um só arco de grande abertura e grande altura, feito do tal schisto.

Tambem quasi todos os lagares do Alto Douro são feitos com tampos do mesmo schisto, alguns dos quaes medem 6 a 7 metros de comprimento sobre um metro de largura e 18 a 20 centimetros d'espessura, como podem ver-se na quinta do *Ferrão*, da nobre familia *Pessanhas*, junto da estação d'aquelle nome na linha ferrea do Douro, extrahidos em Donello, aldeia da freguezia de Covas;—mas todas as pedreiras d'aquelle schisto são muito differentes.

Não se conhece em todo o Douro outra pedreira igual a esta de Foscôa—ou da *Fraga do Poio*.

—

As producções principaes d'esta parochia são:—trigo, centeio, cevada, vinho, azeite, lã, caça miuda, melões, melancias, amendoas e *sumagre*.

Outr'ora em ambas as margens do Alto Douro havia muitos *sumagraes*, que constituiam uma industria e um ramo de negocio importantes, mas, depois que o marquez de Pombal creou a grande *Companhia dos Vinhos*, (veja-se o artigo *Victoria*) desenvolveram-se espantosamente os vinhedos nas duas margens do Douro e desappareceram quasi todos os *sumagraes*. Apenas aqui se conserva ainda aquella industria, mas bastante decahida com o descredito proveniente das contrafacções, pois costumam addiccionar ao pó do sumagre a poeira que no verão aqui abunda nas estradas publicas e que, por ser proveniente do schisto, tem a mesma côr do pó do sumagre, sendo muito mais barata e muito mais pesada;—mas é tolice, porque os compradores já estão prevenidos e sabem dar-lhe o devido desconto no preço. Andam pois os vendedores do sumagre *carregados com terra* sem proveito algum!

Prevaleceu aqui a industria da preparação do sumagre por 3 rasões,—já porque a demarcação feita nos terrenos das margens do Douro pela *Companhia dos Vinhos* não passava dos concelhos d'Alijó e da Pesqueira,—já porque os vastos montes e ladeiras do termo d'esta parochia produziram sempre muito sumagre espontaneamente,—já porque o sumagre do termo d'esta villa foi sempre *de 1.ª qualidade*. É o melhor d'ambas as margens do Douro, pelo que ainda hoje—apesar das contrafacções—é o que encontra venda mais facil e obtem melhor preço.

—

Além dos sumagraes espontaneos que abundam no monte *Meão*, baldio, e nas ladeiras incultas, por entre o fragoedo, ha aqui muitos sumagraes plantados de estaca nas ladeiras mais pobres de *humus* e que se não prestam a outra cultura.

Plantam-nos á enxada *muito superficialmente* e cavam-nos tambem *muito superficialmente* apenas de dois em dois annos, mas é tão vivaz a planta, que se conserva em boas condições de producção tempo indefinido!

Fazem a colheita com o maior desamor tambem.

Quando a planta attinge o seu maior desenvolvimento, cortam-lhe todas as hastes, deixando-lhe apenas as raises que, decorridos annos, formam uma grande *cêpa*, á superficie da terra.

Conduzem aquella ramagem para o *Campo da Feira;*—estendem-n'a ali ao sol sobre a terra,—depois de mirrada é batida por mangoaes ali mesmo, — e d'ali a levam

para as atafonas, onde é moida e redusida a pó.

—

As atafonas são actualmente 4 e estão todas no mesmo Campo da Feira, lado norte, montadas em humildes casas terreas.

São formadas, como os nossos antigos lagares d'azeite, por um *pio* ou tanque circular, tendo a meio uma trave, firmada perpendicularmente, e presa a ella por um eixo uma grande roda de pedra, que tem cerca de 3 metros de diametro e 3 a 4 decimetros de grossura;—trabalha perpendicularmente tambem e é movida por uma junta de bois, em rasão da falta d'agua para motor.

Cada pio tem uma roda sómente.

No verão ultima-se cada *piada* em um dia, por estar o sumagre ressequido, mas no inverno demanda cada *piada* dois a tres dias de moagem.

Costumam dar no verão pela moagem de cada *piada* 1$600 réis,—sendo 1$000 réis para aluguel da atafona e 600 réis para o dono do gado.

Quando ali estivemos em 1881 regulava o preço de cada arroba do dicto sumagre por 500 réis, mas ha ali memoria de se ter vendido a 1$200 réis, antes de se generalisar a contrafacção.

No ultimo anno (1884) a ceifa do sumagre produsiu 154 *piadas* de 60 arrobas e regulou por 600 réis o preço de cada arroba. Apurou pois esta villa em sumagre 5:544$000 réis!...

Costumam exportal-o para Alverca e para o Porto, e é gasto nas tinturarias e nos cortumes.

Outr'ora consumia-se tambem muito aqui na villa nas fabricas de cortumes que houve n'ella, como já dissemos.

Além das 4 atafonas do sumagre ha hoje n'esta freguezia, na margem esquerda do Côa, 4 moinhos para moerem pão, com 16 rodas;—no Douro 6 azenhas com 15 rodas, para moerem pão tambem—e na villa 6 moinhos para azeitona, movidos por bois.

—

Apesar da grande falta d'arvoredo e de agua—e da má visinhança da lagôa e do cemiterio, o clima de Foscôa não é insalubre, por estar a villa em sitio alto e muito lavado dos ares.

Na *Hist. Eccl. de Lamego* se lê textualmente o seguinte:

«É Villa Nova mui saudavel, sem obstar a intemperança do ar, por extremo frio de inverno, sem lenha,—e no verão ardente com excesso, sem aguas, fructas ou hortaliças, ainda que de tudo abunda por lhe vir cada dia de fóra. Os naturaes costumam chegar a velhice muito avançada; alguns passam de cem annos. Um existe em 1794 que militou na guerra da liga, e acompanhou o exercito que entrou em Madrid. As queixas mais frequentes são rheumatismos, paralysias, apoplexias, flatos hypocondricos, carbunculos, pleurises, e *sezões perniciosas* (?). Os estrangeiros que se vem aqui estabelecer teem pouca saude e duração.»

O clima não é muito insalubre, mas aqui teem pesado com força varias epidemias, nomeadamente o colera em 1855.

Grassou desde março até o fim d'agosto d'aquelle anno, fez centenares de victimas, não se podendo hoje saber ao certo o numero, porque se não lavrou registro algum do obituario. O que se sabe é que foi uma mortandade medonha, sendo poucos os vivos para enterrarem os mortos!...

Dias houve em que os enterramentos foram feitos por mulheres, sem acompanhamento algum religioso, pois o parocho d'então, Caetano Esteves de Mattos, fugiu covardemente para a villa de Trancoso.—Morreriam todos os cholericos sem os soccorros espirituaes se não fôra o intrepido sacerdote, hoje aqui abbade, Antonio Augusto d'Almeida, que se tornou por essa occasião benemerito, indo promptamente, com risco da propria vida, a toda a parte, noute e dia, ministrar os sacramentos aos empestados e distribuir-lhes palavras de conforto e soccorros de toda a ordem.

Tambem muito honrosamente se distinguiu em tão negra conjunctura o digno administrador d'este concelho, Fernando dos Santos Sequeira, que se conservou como um heroe no seu posto, não se poupando aos maiores sacrificios para valer aos seus administrados.

É o digno abbade Antonio Augusto d'Almeida irmão do rev. José Maria d'Almeida, distincto orador e digno abbade tambem de Freixo de Numão, tendo sido anteriormente abbade nas freguezias de Tavora e de Santa Eulalia de Arouca, n'esta diocese de Lamego.

—

N'esta villa viveu outr'ora grande numero de judeus que a tornaram rica e florescente com o seu genio economico, laborioso e industrial. Soffreu muito com a impolitica e barbara extincção d'elles, bem como Villa Flor de Traz-os-Montes, Moncorvo, Gouveia da Beira Baixa, Covilhã, etc.

Veja-se este vol. 10.º pag. 732, col. 1.ª

Expulsos os judeus em 1496 e sendo depois os restantes concentrados em *judiarias* ou bairros proprios, aos d'esta villa se lhes marcou o pequeno *bairro do castello* e ainda hoje sobre os habitantes d'aquelle bairro pesa o labeu de judeus, posto que, depois de extincta a odiosa distincção entre *christãos velhos* e *christãos novos*, passaram a viver onde muito bem lhes approuve; e hoje os habitantes d'esta villa são todos catholicos sem distincção alguma, e sinceramente religiosos, como provam os muitos templos já mencionados e as festividades que n'elles se celebram.

A proposito da religião e piedade dos villanovenses, diz José Antonio d'Almeida:

«Em tempo de grandes séccas, e quando as searas pedem agua, recorrem os habitantes de Foz-Côa, por meio de preces, á Virgem Nossa Senhora para que fertilise seus campos, mandando a desejada chuva. Raras são as vezes que a Mãe de Deus lhes não acode. Quando isto, porem, acontece, não tendo mais a quem dirigir-se, juntam-se nove donzellas, *que é essencial se chamem Marias*, vão em procissão a distancia de meio quarto de legua, a um sitio chamado *Lameira d'Azinhate*, [1] e ali voltam de baixo para cima uma grande pia de pedra, que pesará 30 arrobas, *se não mais*, regressando depois para casa á espera da chuva. N'esta operação é preciso a maior parte das vezes serem as nove donzellas auxiliadas por braços viris, pois que suas forças não são sufficientes para voltar aquella massa enorme.»

Isto ainda hoje se pratica.

Tambem por occasião das grandes estiagens costumam conduzir em procissão pelas ruas da villa a imagem do Senhor dos Passos;—outras vezes vão buscar em procissão de penitencia á margem do Douro a imagem de *Nossa Senhora da Veiga*,—collocam-na no altar mór da egreja matriz,—fazem-lhe preces,—ali a conservam até terminar a estiagem—e depois a levam outra vez em procissão para a capella.

—

Esta villa é muito hospitaleira e obsequiadora para com os estranhos, mas quem fixar n'ella domicilio necessita de viver com muita prudencia e muito criterio para se livrar de trabalhos, porque, desde tempos remotos, esteve sempre dividida em partidos exaltados que á mais leve provocação se não poupam a hostilidades *de toda a ordem*,—vinganças, perseguições, pancadas, facadas, tiros, incendios e mortes! E, como a villa é compacta e muito populosa—e por vezes tem estado dividida em dois bandos de fanaticos politicos armados,—nas suas proprias ruas se teem ferido grandes desordens,—batalhas sangrentas que a teem coberto de sangue, de cinzas e de vergonhas!

Sem evocarmos reminiscencias muito longinquas, poderiamos citar grandes excessos, incendios e mortes, praticados ainda n'este seculo por occasião das luctas civis, nomeadamente durante a revolução da *Junta do Porto* (1846 a 1847) que obrigaram algumas das principaes familias d'esta villa a expatriar-se e abandonal-a *até hoje*, fixando a sua residencia no Porto, Lisboa, Moncorvo, Pinhel e n'outras localidades, para salvarem a vida e o resto dos seus haveres, com o que muito soffreu esta povoação.

Algumas das suas primeiras casas foram reduzidas a cinzas em 1847 com toda a sua mobilia, generos e valores importantes—e outras se acham ainda desertas, taes são as da numerosa e abastada familia *Campos*, do.

---

[1] Local da capella n.º 5, de *Nossa Senhora do Azinhate* ou da *Azinhaga*, — *Nossa Senhora do Amparo*.

Barão de Villa Nova de Foscôa. Em uma d'ellas, na rua de S. Miguel, talvez ainda hoje o 1.º edificio particular da villa, se acha montado um hotel!...

Em poucas povoações do nosso paiz se terão praticado tantos excessos,—provenientes uns da odiosa distincção entre *christãos velhos* e *christãos novos*, ou pelo menos acobertados com ella;—outros provenientes da exaltação partidaria; — outros provocados pelo facciosismo e prepotencia de certas auctoridades, nomeadamente dos escrivães da fazenda, um dos quaes, não ha muito, determinou o povo a um levantamento em massa e a incendiar todos os papeis da recebedoria e da repartição da fazenda,—salvando-se *como por milagre* o dicto escrivão de ser trucidado e talvez queimado com elles!...

—

Nos excessos praticados durante as ultimas guerras civis desempenharam o *primeiro papel* Antonio Joaquim Marçal e Manuel Marçal, irmãos do general de brigada João Antonio Marçal.

Capitaneando uma numerosa guerrilha ou antes *quadrilha de ladrões* e assassinos, mataram e roubaram ou mandaram matar e roubar muitas pessoas e incendiaram muitas casas n'esta villa e fóra d'ella.

Só nas freguezias de S. Martinho de Mouros e de S. Pedro de Paus, concelho de Rezende, saquearam a povoação toda e incendiaram trese das primeiras casas, [1] mas por seu turno lhes incendiaram tambem as d'elles e ambos foram barbaramente mortos a tiro, como féras [2].

Talis vita—finis ita!...

Os *Marçaes de Foscôa*, fizeram *pendant* com os *Brandões de Midões*—e foram como elles o açoute e terror da Beira muitos annos! [1]

—

Para se formar idéa do que esta pobre villa tem soffrido com as dissenções e perseguições politicas e religiosas não necessitamos de remontar-nos á cruel, impolitica e barbara expulsão dos judeus, ordenada por D. Manuel, nem á ominosa occupação Filippina. Basta que nos circumscrevamos a este seculo e recordemos alguns factos.

Horresco refferens!

1.º—Em 1808 os *christãos velhos*, fanatisados e dirigidos pelo abbade José Maria Leite, cahiram em massa sobre os *christãos novos*, apodados de *jacobinos* ou parciaes dos francezes,—espancaram e trucidaram barbaramente a muitos,—homens e mulheres, velhos e creanças,—e lhes saquearam e arrasaram as casas. Por seu turno os *christãos velhos*, auctores do massacre, foram depois severamente punidos e massacrados pela justiça. Muitos entulharam as cadeias e n'ellas pereceram;—outros se homisiaram e passaram os maiores trabalhos escondidos pelas brenhas e montes;—outros foram degradados para a Africa; — outros jaseram nas prisões até 1820 e n'essa data foram amnistiados por influencia do generoso liberal e patriota Joaquim Ferreira Soares de Moura, de quem logo fallaremos.

2.º—Em 1828 e nos annos seguintes os partidarios do sr. D. Miguel perseguiram

---

[1] V. *Paus*, vol. 6.º pag. 509, col. 2.ª e seg. Pessoa de todo o credito nos asseverou que a tal guerrilha ou quadrilha dos Marçaes, *só em um dia de marcha*, desde Villa Nova de Foscôa até Ranhados, freguezia distante de Foscôa cerca de 25 kilometros para S. O. *assassinou barbaramente desenove paisanos*, sendo o ultimo um pobre pastor que encontraram junto de Ranhados!...

[2] Antonio Joaquim Marçal nasceu n'esta villa em 1803 e foi barbaramente assassinado em 11 de janeiro de 1851 no sitio do *Farfão*, freguezia da *Lousa*, concelho de Moncorvo.

Manuel Antonio Marçal nasceu em 1819 e foi assassinado pelo seu parente, Rodrigo Balsemão, no dia 18 de maio de 1861, na *Venda do Valle*, freguezia de *Mouronho*, concelho de Taboa.

O general, irmão dos antecedentes, João Antonio Marçal, nasceu em 1808 e falleceu a 27 de fevereiro de 1878, em Angra do Heroismo.

[1] V. *Midões, Oliveira do Hospital, Taboa, Varzea de Meruje, Varzea da Candosa, Vide*, freguezia do concelho de Ceia — e *La Vendetta* ou *O Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, pseudonymo de Antonio da Cunha, de Varzea de Trevões.

cruelmente os liberaes;—culparam e prenderam nada menos de 102 homens e mulheres — e houve por essa occasião muitos espancamentos, ferimentos e mortes, confiscações de bens e insultos e excessos de toda a ordem.

3.º—Em 1834 e nos annos seguintes, por seu turno os liberaes exerceram cruel vindicta sobre os realistas, havendo por essa occasião tambem muitos espancamentos, ferimentos, incendios e mortes, tornando-se tristemente celebre entre os perseguidores dos realistas João Antonio Tronfe, por alcunha o *Paróla*, que fez, ou pelo menos se jactava de haver feito, *vinte e oito assassinatos?!...*

Morreu miseravelmente.

4.º—Em 1837 a 1840 os liberaes em guerra uns contra os outros praticaram tambem muitos excessos e mortes.

Por essa occasião as forças do conde do Bomfim saquearam pela 1.ª vez a casa de Antonio Marçal, uma das mais importantes da villa.

5.º—Em 1846 e 1847 reappareceram as mesmas luctas entre os liberaes. Dividiu-se a villa em dois partidos e formaram-se e armaram-se dois batalhões, — um *cartista*, commandado por Antonio Marçal, que abraçou a causa da rainha, a sr.ª D. Maria II,—outro *setembrista* ou *patuleia*, que seguia a causa popular, ou da junta do Porto.

Em 24 de dezembro de 1846 as forças do Marçal entrando n'esta villa saquearem e destruiram tudo quanto encontraram nas casas dos seus adversarios, [1] tendo estes respeitado sempre as dos cartistas; mas não se fizeram esperar as represalias.

No primeiro ensejo as forças da junta por seu turno saquearem as dos cartistas e incendiaram as de Manuel Marçal e de Antonio Marçal, que perdeu no incendio sommas importantes, pois além da mobilia ficaram redusidos a cinzas uns bahus que havia escondido em um falso, cheios de pratas e d'outras preciosidades.

Tambem por essa occasião lhes tomaram muito gado e queimaram todos os papeis da camara, municipal, da administração do concelho e d'outras repartições publicas.

6.º—Em 1855 até os elementos se conspiraram contra esta villa, pois durante mezes o *cholera morbus* a devastou cruelmente, fazendo centenares de victimas!...

7.º—Em 1863, havendo o escrivão da fazenda Vicente Augusto d'Araujo Camisão, [1] elevado escandalosamente o rendimento collectavel das matrises, o povo se levantou em massa e reduziu a cinzas tudo quanto encontrou na repartição da fazenda e na recebedoria do concelho, seguindo-se a punição, que foi severa!...

8.º—Em 1876 manifestaram-se a deshoras da noute varios incendios em propriedades urbanas, attribuidos a vinganças partidarias provenientes de umas eleições muito renhidas.

—

Mas lancemos um veu sobre tão negro sudario, que a missão de historiador nos obrigou a descobrir e, em contraposição, consignemos tambem aqui os nomes de alguns dos muitos cidadãos benemeritos que Villa Nova de Foscôa tem produsido desde os tempos mais remotos até hoje.

Nos fins do ultimo seculo a *Hist. Eccl. de Lamego*, mencionou os seguintes:

—Guilherme Cardoso de Campos, fidalgo cavalleiro e coronel d'infanteria. Militou com distincção nas guerras da *Liga* e foi governador do castello de Alfaiates.

—Verissimo Cardoso de Campos, fidalgo cavalleiro professo da ordem de S. Bento d'Aviz, commendador de Meimôa e capitão-mór d'esta villa.

—Antonio Cardoso de Campos,

—Fr. João Guilherme e

—Fr. Bento Cardoso, mestres jubilados na

---

[1] Entre as casas que saquearam e destruiram merecem especial menção tres formosos palacetes dos srs. Joaquim de Campos Henriques, José de Campos Henriques e Manuel de Campos Henriques. Estes tres cavalheiros tiveram de mudar a sua rezidencia,—o 1.º para a cidade do Porto, onde falleceu,—os dois ultimos para a cidade de Pinhel, onde falleceram tambem.

[1] Falleceu em 1884 na Guarda, sendo ali delegado do thezouro.

ordem de S. Domingos, e todos tres irmãos de Verissimo Cardoso de Campos.

—Guilherme Cardoso, fidalgo cavalleiro de S. Bento d'Aviz, alferes da cavallaria d'Almeida e commendador de Meimôa,

—Antonio Cardoso, tambem alferes de cavallaria, e

—João Cardoso, capitão-mór d'esta villa, todos tres irmãos e filhos de

—Verissimo Cardoso, com o fôro de fidalgo, desde o 6.º avô.

—Padre Manuel d'Azevedo, abbade de Aldeia Rica. Falleceu n'esta villa contando 92 annos de idade!

—Francisco José d'Azevedo e seu filho,

—Luiz José d'Azevedo, foram ambos sargentos-môres d'esta villa, á qual fizeram grandes bens.

—João Rodrigues de Vasconcellos Bravo, capitão de cavallaria. Por suas heroicas acções nas guerras de 1705 e 1712 conquistou o appellido de *Bravo*.

—Manuel Rodrigues de Vasconcellos, irmão do antecedente, foi capitão de cavallaria nas mesmas guerras e valente militar tambem.

—Pedro de Seixas, cavalleiro professo na ordem de Christo, teve o fôro de fidalgo e foi capitão mór d'esta villa.

—Balthasar Mendes de Seixas, alcaide-mor d'esta villa, foi armado cavalleiro em Africa e proprietario de muitos officios publicos.

—Simeão de Seixas, sargento-môr das caudelarias.

—Manuel Ferreira de Seixas, sargento mór da Praça de Penamacor.

—Sebastião de Seixas, governador da praça de Castello Rodrigo.

—Fr. Gabriel da Trindade e Seixas, D. abbade na ordem de Cister.

—Dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial dos gracianos.

Foi doutor em theologia pela Universidade de Coimbra; viveu como prior no convento dos gracianos, em Lamego, e ali foi mestre de moral e philosophia e examinador synodal.

—Joaquim Manuel de Seixas, cavalleiro professo na Ordem de Christo e juiz de fóra em Serro Frio.

—Manuel de Campos Ferreira Saraiva, sargento-mór e governador da praça de Salvaterra da Baia.

—Luiz Domingos Nozes, distincto jurisconsulto.

—Gabriel Ferreira, capitão d'infanteria d'Almeida.

—Jacyntho Lopes Tavares, mestre de campo d'auxiliares.

—Isidoro Saraiva, cavalleiro de conhecida nobreza, distincto pelo seu nascimento e virtudes,

—Padre Manuel Lopes, abbade de S. Romão.

—Padre João Saraiva, abbade de Penedono.

—Padre Francisco d'Almeida, abbade de Tropêço.

—Padre José d'Almeida, reitor de Leomil.

—Padre João Antonio de Moura, abbade de Espinhosete, bispado de Bragança.

—Fr. Manuel dos Anjos e Moura, da ordem dos Pregadores, leitor em Vianna.

—Bartholomeu Luiz Ferreira, sargento-mór de ordenanças, pae do grande patriota José Joaquim Ferreira de Moura.

—Padre Luiz Bernardo Botelho, abbade d'esta villa nos fins do ultimo seculo, pessoa de muita illustração e virtudes, e que foi o informador de D. Joaquim d'Azevedo, auctor da *Historia* que vamos extractando [1].

—

Mencionaremos ainda 3 benemeritos filhos de Foscôa, nascidos no ultimo seculo. São os seguintes:

1.º—José Joaquim Ferreira de Moura.

Nasceu em 1776 e falleceu no dia 27 de junho de 1829, no sitio de Palhavã, freguezia de S. Sebastião da Pedreira, no patriarchado.

Era filho de Bartholomeu Luiz Ferreira, pharmaceutico, proprietario e sargento-mór d'ordenanças, e de D. Margarida de Moura. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, nos principios d'este seculo,—e foi juiz de fóra em Aldeia Gallega do Ribatejo, tomando posse em 1804. Por occasião da

[1] Para a genealogia de D. Joaquim d'Azevedo, V. *Villa Nova d'Ourem*.

primeira invasão franceza o general Junot o incumbiu de trasladar para portuguez o *Codigo Napoleão*, pelo que se tornou suspeito de *jacobinismo* e esteve alguns annos fóra do quadro da magistratura, retirando-se para a sua terra natal, onde entretanto exerceu a advocacia.

Consta que por esse tempo escrevera e publicára anonyma uma interessante Allegação ou Memoria juridica em defesa de seu pae, que fôra accusado d'um crime gravissimo,—condemnado nas instancias inferiores—e por ultimo declarado innocente.

Em 1820 já estava outra vez em exercicio no quadro da magistratura, servindo o logar de juiz de fóra em Pinhel.

Liberal decidido, abraçou com enthusiasmo as idéas politicas proclamadas no Porto em 24 d'agosto de 1820, e em janeiro de 1821 tomou assento no congresso constituinte, como deputado eleito pela provincia da Beira.

Ligado intimamente a Manuel Fernandes Thomaz, foi com elle redactor do jorual *O Independente*, e tomou parte activa e muito saliente nos trabalhos d'aquellas côrtes, em que foi membro e varias vezes presidente das commissões mais importantes. [1]

—

A popularidade, de que se mostrára tão sequioso, não o abandonou, pois nas côrtes immediatas de 1822 foi simultaneamente reeleito pelos circulos de Trancoso Coimbra, Castello Branco e Aveiro.

Em junho de 1823 emigrou para a Inglaterra e ali se conservou até 1826, data da proclamação da *Carta Constitucional*.

Regressando ao seu paiz, dedicou-se novamente á profissão de advogado em Lisboa, até que uma pertinaz hydropisia o levou á sepultura em 1829.

Além de varias obras anonymas, sabe-se que escreveu e publicou as seguintes:

Reflexões criticas sobre a administração da justiça em Inglaterra... 2.ª edição, Lisboa, 1836. 4.º de 180 pag.

Abolição da Companhia do Alto Douro... Londres, 1826,—1.ª edição anonyma. Da mesma obra se publicou 2.ª edição posthuma, em Londres tambem, no anno de 1832.

Suppõe-se que foram escriptas por elle tambem, mas publicadas se mnome d'auctor, as obras seguintes:

Diccionario d'algibeira politico e moral... Madrid (sem data) 12.º de 120 pag.

O Catavento... Paris, 1826, 8.º gr. de 54 pag.

O *Bota-fóra do Catavento, ou a Cabeça de bacalhau fresco, burletta em dois actos*... Lisboa, 1827.

Alguem lhe attribuiu tambem as *Cartas politicas de Americus*.

Para as mais circumstancias relativas a estas obras leia-se o *Diccionario bibliographico* de Innoconcio Francisco da Silva.

—

José Joaquim Ferreira de Moura casou com uma senhora muito illustrada e de grande prestigio tambem,—D. Maria Perpetua Lobo de Moura, e tiveram os filhos seguintes:

A.—João Antonio Lobo de Moura, visconde de Moura, fallecido em S. Petersburgo, capital do imperio da Russia, em 1868, onde era nosso embaixador, tendo ali casado com a condessa Anna *Aproxina* (?), hoje condessa de Moura, irmã da princesa *Bolgrouski* (?) esposa morganatica do Czar Alexandre II.

B.—Eduardo Lobo de Moura, artista muito distincto, considerado o *primeiro pintor caricaturista do mundo*!...

Ainda hoje (1885) vive perto de Londres, contando cerca de 70 annos de idade.

C.—D. Maria Barbara Lobo de Moura. Casou com Julio Antonio de Luna e Vasconcellos, medico-cirurgico pela escola do Porto, já fallecido, e tiveram—Julio Antonio Luna de Moura, cavalheiro de muito merecimento, bacharel formado em direito e advogado em Villa Nova de Foscôa, onde rezide e é prezidente da camara municipal.

D.—Augusto Lobo de Moura, fallecido em

---

[1] *Galeria dos deputados*... pag. 238 a 258—e *Revelações*... por J. M. Xavier de Araujo, pag. 81.

Nas camaras distinguiu-se pelos seus vastos conhecimentos de sciencias sociaes, especialmente sôbre o regimen parlamentar francez.

Caritiba (?) no Brazil, onde era magistrado.

—

José Joaquim Ferreira de Moura teve varios irmãos. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas um,—João Antonio Ferreira de Moura, que foi conselheiro de estado, deputado ás côrtes, governador civil do Porto e d'outros districtos, e 1.º barão do Mogadouro.

Falleceu no Porto e deixou uma unica filha,—D. Anna Isabel Maria de Moura Pegado e Oliveira, actual baronesa do Mogadouro, casada com o barão do mesmo titulo, —Antonio Saraiva d'Albuquerque e Vilhena, rezidentes na freguezia das Freixedas, concelho e comarca de Pinhel, tendo uma filha casada com seu primo, o dr. Julio Antonio de Luna e Moura, supra mencionado.

—

Dos tres benemeritos filhos de Villa Nova de Foscôa, nascidos nos fins do ultimo seculo, já mencionamos um, Joaquim Ferreira Soares de Moura; mencionemos agora os outros dois:

2.º—*Joaquim José de Campos Abreu e Lemos.*

Nasceu n'esta villa em 1780 e, se não occupou altos cargos publicos, teve uma vida interessante, cortada de peripecias;—foi homem muito illustrado—e deixou de si boa memoria.

Provido por concurso em 1809 na cadeira de grammatica latina da Villa de Freixo de Numão, hoje uma das freguezias d'este concelho de Villa Nova de Foscôa, deixou o dicto emprego e o de escrivão da camara da mesma Villa de Freixo para entrar na repartição do commissariado do exercito, na qual serviu até o fim da campanha peninsular, merecendo ser condecorado com a medalha respectiva.

Terminada a guerra, continuou ao serviço da mesma repartição—primeiramente em Elvas e depois em Lisboa, desempenhando diversas commissões tanto no tempo de paz, como no das guerras civis.

Desde 1828 se alistou sob as bandeiras do sr. D. Miguel, cujo exercito acompanhou até que a convenção d'Evora Monte (26 de maio de 1834) o obrigou a regressar á sua casa de Freixo de Numão, onde permaneceu algum tempo, occupando-se exclusivamente nos negocios domesticos.

Instado por alguns amigos e pela falta de meios, abriu uma aula de grammatica latina—primeiramente na freguezia d'Outeiro de Gatos (hoje concelho da Mêda)—depois na villa de Trancoso—e por ultimo na do Fundão, leccionando em todas estas localidades numerosos discipulos que muito aproveitaram com as lições de tão sabio mestre.

Exerceu no Fundão alguns cargos municipaes—e em 1851 foi nomeado escrivão da fazenda d'aquelle concelho, cargo que parece ainda servia em 1857.

Ignoramos a data e a localidade do seu fallecimento, mas sabemos que falleceu contando mais de 75 annos de idade e que escreveu e publicou as obras seguintes:

Grammatica elementar da lingua latina... Lisboa, 1822, cuja edição foi de 1:500 exemplares e promptamente se esgotou.

O desaggravo da Grammatica... Lisboa, 1820,—publicação anonyma.

Sustentação do desaggravo da Grammatica... Lisboa, 1822.

Para as outras circumstancias d'estas obras, veja-se o *Diccionario Bibliogr.* de Innocencio.

—

3.º — *Francisco Antonio de Campos,* 1.º barão de Villa Nova de Foscôa, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes de 1823, 1834 e 1835, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda em 1835, par do Reino etc.

Nasceu n'esta villa em 1 de dezembro de 1780 (ignoramos a data do seu fallecimento) e foram seus paes Luiz de Campos Henriques e D. Angelica Mendes da Silva.

Deixou grande fortuna;—foi homem muito illustrado,—e escreveu e publicou as obras seguintes:

Relatorio do Ministro e secretario d'estado dos Negocios da Fazenda... Lisboa, 1836.

A lingua portugueza é filha da latina... Lisboa, 1843, publicação anonyma.

Burro d'Ouro d'Apuleio, traduzido em portuguez, Lisboa, 1847,—publicação anonyma tambem.

São tambem seus varios artigos philologicos, publicados com a assignatura—*Y*—em varios numeros do jornal *O Pantologo*, a pag. 28, 46, 86, 103, 111, 120, 121, 146 e 171.

O barão de Villa Nova de Foscôa falleceu sem successão, pelo que instituiu universaes herdeiros da sua grande casa os seus dois sobrinhos seguintes:

—*José Caetano de Campos* e

—*Joaquim de Campos Henriques*, ambos conselheiros formados em direito, e magistrados distinctos, juizes aposentados do supremo tribunal de justiça,—ambos ainda vivos e rezidentes em Lisboa.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Pinhel* no vol. 7.º—nomeadamente a pagina 97, col. 1.ª [1]

—

Esta nobre familia *Campos* teve e não sabemos se tem ainda um ramo na freguezia de *Freixo de Numão*, d'este concelho.

Fez parte d'aquelle ramo e parte muito distincta Manuel d'Almeida Campos, natural d'aquella freguezia, medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, casado com D. Joanna Maria Rosa de Campos, natural de Lisboa, onde viveu e teve uma filha, D. Maria José Augusta Campos de Gusmão.

Casou esta senhora com Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., um dos nossos mais distinctos escriptores contemporaneos, natural de Tondella e já viuvo de D. Efigenia Victoria Balbina Pereira Pinto Maciel, natural de Faro.

Do seu primeiro consorcio não teve filhos o sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, mas do 2.º, teve os seguintes:

1.º—Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão Junior, formado em philosophia pela Universidade de Coimbra;

2.º—Maria Francisca Campos de Gusmão;

3.º—Manuel d'Almeida Crmpos de Gusmão;

4.º—D. Maria José Campos de Gusmão;

5.º—D. Maria Joaquina Campos de Gusmão.

O sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão (pae) nasceu na aldeia do Carvalhal, termo da villa de Tondella, no dia 6 de janeiro de 1815.

V. *Tondella* no *supplemento* a este diccionario, onde completaremos a biographia de s. ex.ª

Entretanto póde consultar-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, que lhe dedicou um bello artigo e mencionou nada menos de 27 obras suas, publicadas até 1859.

—

Posto que natural da Villa de Monção, mencionaremos tambem aqui um escriptor distinctissimo, Padre João Salgado d'Araujo, porque foi abbade d'esta villa e n'ella viveu muitos annos.

E' o auctor da obra seguinte:

Successos militares das armas portuguezas... com a geographia das provincias e nobreza d'ellas. Lisboa 1644.

Parece que não publicou outras obras em portuguez, mas, seguindo a moda do seu tempo, escreveu e publicou em castelhano as seis indicadas por Innocencio e deixou manuscriptas diversas obras importantes, mencionadas na *Bibliotheca Luzitana.*

Foi zelosissimo portuguez e douto escriptor—segundo a auctorisada opinião de D. Francisco Manuel de Mello.

—

Entre os senhores d'esta villa conta-se Vasco Fernandes Coutindo, 1.º conde de Marialva, o qual se achou na jornada dos infantes a Tangere, em 1437.

Foi um dos homens mais ricos e mais notaveis do seu tempo, 5.º marechal meirinho-mór do reino, valido de D. João I, D. Duarte

---

[1] O barão de Villa Nova de Foscoa é hoje muito dignamente representado n'esta villa pelo seu 2.º sobrinho Eduardo de Campos Henriques, pessoa de muito merecimento e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

e D. Affonso V, senhor d'esta villa e dos coutos d'Armamar e Leomil, bem como de Numão, Marialva, Ferreiros de Tendaes, etc.

Em 1708 eram senhores d'esta villa os condes de Villa Nova de Portimão, hoje muito dignamente representados pelo sr. D. João de Lencastre e Tavora, que por linha hereditaria de seus maiores devia ser 9.º marquez de Fontes, 7.º marquez d'Abrantes, 10.º conde de Figueiró, 13.º conde de Sortelha, etc., mas renunciou todos estes titulos, por não querer renunciar as idéas legitimistas de seus paes e avós.

Nasceu em 28 de dezembro de 1864 e casou em 16 d'abril de 1885 com a ex.ma sr.a D. Maria Carlota de Sá Pereira e Menezes, que nasceu em 4 de março de 1864, sendo filha da marqueza de Oldoini e neta dos viscondes da Torre de Moncorvo.

V. *Portimão* e *Abrantes* n'este diccionario e no *supplemento*—e a *Memoria historica, genealogica e biographica da Casa d'Abrantes*, publicada no Porto em 1883 pelo sr. José Augusto Carneiro, gerente liquidatario do ramo da casa d'Abrantes no concelho de Villa Nova de Gaya.

Os marquezes d'Abrantes tambem possuiram um morgado em Villa Nova de Foscôa.

—

No ultimo anno economico pagou este concelho:

Contribuição predial.....	6:994$049
Contribuição industrial.....	2:438$707
Sumptuaria e renda de casas..	840$594
Decima de juros.....	630$000

Conta actualmente este concelho 16 bachareis formados, filhos seus, sendo naturaes da freguezia de Villa Nova de Foscôa (ou *Fozcôa*, como muito bem quizerem) os 10 seguintes:—1.º Julio Antonio Luna de Moura, 2.º José Luiz Moutinho d'Andrade, 3.º Eduardo de Andrade, 4.º Luiz José Ferreira Margarido, 5.º Alfredo Antonio d'Almeida, 6.º Antonio Joaquim Margarido Pacheco, 7.º José Joaquim Cavalheiro, 8.º Adriano de Sousa Cavalheiro, 9.º Antonio Augusto d'Almeida Silvano e 10.º Ramiro Leal.

O 1.º é prezidente da camara e advogado;—o 2.º é tambem advogado n'este auditorio;—o 3.º vive das suas rendas;—o 4.º é recebedor d'este concelho;—o 5.º é advogado no Porto;—o 6.º é juiz de direito;—o 7.º é 1.º official no ministerio da marinha, tendo sido delegado em Lisboa e governador civil na Guarda;—o 8.º é medico e cirurgião ajudante do exercito;—o 9.º é escriptor publico e jornalista;—o 10.º é professor d'instrucção primaria complementar em Sernancelhe.

Conta este concelho tambem actualmente 25 presbyteros, sendo filhos de Villa Nova 16.

Poucas villas do nosso paiz contarão na actualidade tantos presbyteros.

—

Dos 40 maiores contribuintes d'este concelho hoje, pertencem a Villa Nova os 11 seguintes:—Padre José Maria d'Almeida, Dr. Julio Antonio Luna de Moura, Commendador Eduardo de Campos Henriques, Antonio Joaquim Ferreira, Cypriano Antonio Saraiva, Padre José Joaquim Pereira de Sousa, José Julio Ferreira Margarido, José Pedro Saraiva, Joaquim Manuel de Sousa, José Marçal Chiote e João Antonio Martinho de Andrade.

Os actuaes vereadores d'este concelho são:—Dr. Julio Antonio de Luna e Moura, presidente,—João Antonio Moutinho de Andrade, Julio Ferreira Margarido, José Costa, Manuel Joaquim d'Albuquerque, Augusto Aranda, José de Campos e José Felisberto de Vasconcellos.

Os 3 maiores proprietarios de Villa Nova de Foscôa na actualidade são—D. Antonia Rachel Pereira, o commendador Eduardo de Campos Henriques e Antonio Joaquim Ferreira.

A estação do *Pocinho* dista da barca d'este nome apenas 35 metros para leste.

Concluiremos este longo artigo retirando qualquer palavra ou phrase que possa melindrar alguem.

VILLA NOVA DE FREIXIEIRO—ou simplesmente *Freixieiro*—ou *Villa de Freixieiro*—ou *Villa de Freixieiro de Basto*—ou *Villa de Basto*—ou *Villa Nova de Basto*—ou *Villa de Celorico de Basto*—aldeia e villa da fre-

guezia de Britello, hoje séde do concelho e comarca de Celorico de Basto, no districto e diocese de Braga.

V. *Freixieiro*, vol. 3.º pag. 231, col. 2.ª — e *Celorico de Basto*, vol. 2.º pag. 233, col. 1.ª

—

Na freguezia de Britello, sobre uma grande e fertil veiga e junto do pequeno rio de *Freixieiro*, confluente do Tamega, está hoje situada a *Villa de Basto*, que antigamente se chamou *Villa Nova de Basto* e vulgarmente *Villa Nova de Freixieiro*, prevalescendo o nome de *Villa de Basto*, vulgarmente *Villa de Celorico de Basto*, séde do concelho e comarca d'este nome, para se distinguir da *Villa de Mondim de Basto* e da de *Cabeceiras de Basto*, sédes d'estes julgados e concelhos, que por varias vezes pertenceram á comarca de *Celorico de Basto*.

Chamou-se *Villa Nova* porque a sua fundação n'este sitio é relativamente moderna, pois a antiga e primeira séde do concelho de *Celorico de Basto*, denominada *Villa de Basto*, era na freguezia d'Arnoia, junto do antigo castello de Celorico de Basto—e, por provisão d'el-rei D. João V, com data de 21 d'abril de 1719, foi mudada para o sitio actual, tomando o nome de *Freixieiro*, porque foi fundada ao norte e em continuação da antiga aldeia de *Freixieiro*, pertencente á freguezia de Britello, — junto do rio denominado *Frexieiro* tambem.

—

Logo que os habitantes do concelho de Celorico de Basto obtiveram provisão para a mudança da sua séde, principiaram ali as obras publicas da nova villa, taes foram o pelourinho, os paços do concelho, a cadeia, o tribunal, residencia dos ministros e uma capella ;—depois fizeram uma ponte sobre o rio Freixieiro—e em seguida se edificaram algumas casas particulares; mas a população pouco se desenvolveu, porque o local é de pouco movimento e tem só a vida propria da séde de um concelho grande e rico e de uma comarca importante.

Quando se fundou a villa n'este sitio, repartiram-se chãos por varias familias do concelho com o fim de as determinar a fazerem casas aqui, mas pouco partido o se tirou d'esta medida.

O melhor edificio particular situado na nova villa e habitado por uma familia nobre, foi a casa mandada fazer pelo pae do dr. José Bernardo Ferreira de Castro, [1], pessoa muito considerada n'este concelho o e que teve os filhos seguintes:

—Dr. Joaquim de Castro Pinto de Athaide, corregedor de Bragança;

—Dr. Francisco Pinto Coelho de Castro, juiz de fóra em Penalva, depois auditor em Traz-os-Montes e no Porto, corregedor em Beja e do civel na côrte, desembargador da relação do Porto, fazendo o logar na casa da supplicação, e ajudante do intendente geral da policia. Foi este magistrado demittido de desembargador, com muitos outros, em satisfação ao governo de Luiz Philippe, quando em 1831 uma esquadra franceza invadiu a barra de Lisboa. Desde então ficou o doutor Francisco Pinto Coelho de Castro vivendo em Lisboa e deixou filhos, entre outros o dr. José Pinto Coelho d'Athaide e Castro, que foi o ultimo juiz de fóra de Lamego,—e o dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, advogado distinctissimo em Lisboa e um dos primeiros jurisconsultos de Portugal n'este seculo.

Foram tambem filhos do dr. José Bernardo Ferreira de Castro os dois presbyteros seguintes:

—José Pinto Coelho de Castro, conego secular do Evangelista, muitos annos lente proprietario de theologia moral no seminario de Lamego, e

—Manuel Pinto Coelho de Castro, tambem conego secular do Evangelista e beneficiado da egreja de Tendaes, no mesmo bispado.

—

Desde os tempos mais longinquos este concelho de Celorico de Basto produziu ho-

---

[1] Uma tia paterna d'este dr. José Bernardo casou na casa da *Soalheira*, freguezia d'Arnoia, com Manuel de Moura Coutinho, senhor da dicta casa. D'este Manuel de Moura Coutinho é bisneto o rev. Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, conego da Sé de Lamego e vice-reitor do Seminario d'aquella diocese desde 1858 até hoje.

mens distinctissimos nas virtudes, nas armas e nas lettras.

Em uma epoca não muito remota contava o desembargo do paço nada menos de quatro filhos seus—e com rasão se jacta de ter sido um dos berços dos nossos réis.

Cortam hoje este concelho as seguintes estradas a macadam :

1.ª—De Guimarães e Fafe para Freixieiro, Cabeceiras de Basto e Villa Pouca d'Aguiar.

Concluida e servida por diligencias.

2.ª—Da estação de *Cahide*, na linha ferrea do Douro, para Freixieiro e Traz-os-Montes.

Tambem já concluida e servida por diligencias.

3.ª—Da estação de Villa Mean, na mesma linha do Douro, para Freixieiro.

Está concluida na parte que toca ao concelho d'Amarante e ao districto do Porto.

—

Como rectificação ao artigo *Celorico de Basto*, nas terras comprehendidas no foral de D. Manuel,—em vez de *Cacerelhe* leia-se *Cacerilhe*,—em vez de *Gotom* leia-se *Gatom* —e em vez de *Santa Tregoa* leia-se *Santa Tecla*.

A comarca de Celorico de Basto é hoje formada pelo concelho do seu nome e pelo de Mondim de Basto.

O concelho de Cabeceiras de Basto forma hoje comarca propria,

Na villa de Freixieiro, séde do concelho e comarca de Celorico de Basto, foi justiçado em 11 de julho de 1840 o celebre Manuel Joaquim Lopes Quijo, auctor de muitos roubos e assassinatos.

V. *Freixieiro* no *supplemento* a este diccionario, onde daremos larga noticia d'este infeliz, como promettemos no artigo Victoria, a paginas 607, col. 1.ª d'este volume.

Para esta execução se erigiu uma forca de madeira, que depois reduziram a cinzas. Na *Villa Velha do Castello*, antiga séde d'este concelho, a forca era de pedra e permanente, e ainda ha pouco lá se viam as duas grandes pedras em que se armava.

—

Os habitantes d'este concelho pediram a transferencia da séde por estar a *Villa Velha* junto do antigo castello, que ainda lá existe em ruinas, em local agreste e frio.

Quizeram mudal-a para a povoação de *Outeiro Coelhos*, da mesma freguezia d'Arnoia, junto da nobre casa do Telhô; mas opposeram se os senhores d'esta casa, por não quererem visinhança tão incommoda e por vezes sanguinaria;—e, valendo-se de um seu tio, então desembargador do paço, conseguiram afastal-a para o logar de Freixieiro.

V. *Telhô*.

—

Hoje (maio de 1885) este concelho de Celorico de Basto comprehende :

Superficie em hectares	14:436
Predios inscriptos na matriz	16:460
Freguezias	22
Fogos	5:330
Habitantes	21:600

O concelho de Mondim de Basto (vide vol. 5.º pag. 400, col. 1.ª) comprehende hoje :

Superficie em hectares	24:528
Predios inscriptos na matriz	1:372
Freguezias	9
Fogos	1:861
Habitantes	7:546

Total da população d'esta comarca de Celorico de Basto :

Freguezias	31
Fogos	7:191
Habitantes	29:146

VILLA NOVA DE GAIA.

V. *Gaia* n'este diccionario e no *supplemento*.

VILLA NOVA DOS INFANTES—ou simplesmente *Infantes*—(não *Infantas*)—freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção;—fogos (segundo o ultimo recenseamento) 102,—habitantes 403.

Reitoria.

Em 1706 era vigairaria da mesma comarca de Guimarães e da apresentação do

convento de Pombeiro;—contava 70 fogos—e rendia 250$000 réis.

Em 1768 era reitoria da apresentação do abbade do convento de Santo Thyrso,—contava 75 fogos—e rendia para o seu parocho 20$000 réis, além do pé d'altar,—segundo se lê no *Port. S. e Profano*, sob o titulo *Villa Nova dos Infantes*;—e porque o meu benemerito antecessor não a procurou sob este titulo, julgou que não fez menção d'ella o *Port. S. e Profano*.

V. *Infantas* n'este diccionario, onde muito ligeiramente já se fallou d'esta freguezia.

—

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, comprehende as aldeias seguintes: Egreja, Renda, Assento, Boa Vista, Crujeiras, Bem Viver, Forte, Soutinho, Pupa, Bouça da Pupa, Pedreira das Boucinhas, Covo Novo, Covo Velho, Retorta, Retortinha, Barreiro, Fervença, Fojo, Roferta, Paço, Vinha, Cabreira, Casas Novas, Serviçaria, Temporeira, Bouça, Boucinhas, Sebello, Santa Sara, Freixieiro, Balloral (ou *Ballarda?*) Redolho, Devesa, Sardoal, Quinteiros, Pinheiral, Castanheira, Fonte, Eidos, Arieiro, Quinhões, Casal, Souto, Souto do Casal, Porta, Outeiro, Pouzadouro, Carreiro, Levada, Leira, Ribeira, Ferraz, Outeirinho e Rezidencia.

Total—54 aldeias com 102 fogos!...

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!

Com certeza são aldeias de mais; mas infelizmente não temos para este artigo apontamentos proprios e por isso as não podemos reduzir aos seus justos termos.

Ahi ficam pois as 54 aldeias sob a responsabilidade do sr. João Maria Baptista.

Agora outra questão:

—

O Padre Carvalho em 1706 (desculpem-me os seus apologistas) sendo aliás uma illustração superior, fallando d'esta freguezia, deu-lhe o titulo de Villa Nova *das Infantas*—«nome que tomou (diz elle) de alli se criarem as irmãs del Rey D. Affonso Henriques quando tinhão sua Corte em Guimaraens.» *Chorogr. Port.* vol. 1.º pag. 109.

Não obstante o exposto, D. Antonio Caetano de Lima em 1736 (*Geogr. Historica*, vol. 2.º pag. 493) denominou esta freguezia Villa Nova *dos Infantes*.

O mesmo titulo lhe deu em 1768 Paulo Dias de Nisa no *Port. Sacro e Prof.*,—bem como o *Flaviense* em 1852 e José Antonio d'Almeida em 1866—«por aqui se crearem os irmãos de D. Affonso Henriques»—diz elle; mas, apoiados na *Chorographia Portugueza*, outros muitos chorographos optaram pelo titulo de Villa Nova das *Infantass*. O meu antecessor e com elle o sr. João Maria Baptista, denominaram-na simplesmente *Infantas*—e assim a denominam o *Censo* de 1878, o *mappa das Dioceses*, em 1882,—e outras publicações officiaes.

O sr. João Maria Baptista (*Chorographia Moderna*, vol. 2.º, pag. 454) insurge-se até contra os que dão a esta parochia o tittulo *dos Infantes*.

«A E. P. (*Estatistica Parochial*) e D. C. (*Diccionario Chorographico* d'Almeida) dizem que o chamar-se esta freguezia Villa Nova dos *Infantes* é por ali terem sido creados os irmãos de D. Affonso Henriques; *erro manifesto* (diz o sr. João Maria Baptista) pois declara Carv.º e o confirma o D. G. M. (*Diccionario geographico manuscripto*) que alli se crearam as infantas D. Sancha, D. Urraca e D. Thereza, irmãs de D. Sancho I, filhos de D. Affonso Henriques.»

Em *erro manifesto*, porem, laboram (desculpem-nos s. ex.as) todos quantos deram e dão a esta parochia o titulo *das Infanttas*, pois deve denominar-se Villa Nova *dos Infantes*, como vamos demonstrar:

—

Segundo se lê na *Historia de Portugal* de Alexandre Herculano (vol. 2.º pag. 86) e na *Monarchia Luzitana* (Parte IV, fl. 33, v.) D. Sancho I teve de D. Maria Ayres de Fornellos dois filhos naturaes, Martim Sanchhes e D. Urraca Sanches.

D'estes *dois infantes*—e não das irmãs nem irmãos de D. Affonso Henriques—neem das irmãs de D. Sancho I—tomou esta parochia o titulo, porque a *estes dois infanttes* a doou D. Sancho I e n'ella foram creados.

No testamento de D. Sancho (*Monarchhia Lusitana*, Parte IV, fl. 290, v.) se lê o sseguinte: «... *Et istae sunt haereditates quas*

dedi filiis meis quos habeo de Donna Maria Arias, Villa Nova, etc.»

Em vulgar diz esta verba do testamento de D. Sancho I o seguinte:—«...E estas são as herdades que dei aos meus filhos que tenho de D. Maria Ayres,—*Villa Nova*, etc.»

E em seguida na mesma verba menciona os nomes dos ditos dous filhos,—D. Martim Sanches e D. Urraca Sanches, dizendo que déra mais áquelle oito mil morabitinos e a esta sete mil, da torre de Belver.

—

Viveram os ditos *dois infantes* n'esta *Villa Nova* e depois a venderam, como se lê na *Benedictina Luzitana* (vol. 2.º pag. 32) pois fallando do Mosteiro de Santo Thyrso e do abbade D. Silvestre, que governou pelos annos de 1225, n'ella textualmente se lê o seguinte:—«Em tempo d'este Prelado venderam ao Mosteiro aquelles dois irmãos *Dom Martym Sanches, e Donna Urraca Sanches*, filhos ambos do dito Rey *D. Sancho*, e de *Donna Maria Ayres de Fornelo*, venderão como digo Gulains e *Villa Nova dos Infantes* (que fica entre *Guimaraens*, e *Pombeyro*, terras que seu pay lhes tinha dado). E *D. Urraca*, como mais pia, e devota, deixou liberalmente ao Mosteyro certa vinha e casaes alem do couto de Villa Nova, que vendeu. A qual venda o nosso Papa Gregorio IX auctcrisou, e confirmou. Tinha este couto de Villa Nova civel, e crime, como diz el Rey *D. João de Boa Memoria* em hua demarcação, que d'elle mandou fazer.»

—

Julgo pois ter provado exuberantemente que esta freguezia foi *propriedade*, *vivenda* e *couto* dos infantes D. Martim Sanches e D. Urraca Sanches, filhos de D. Sancho I—e que, em attenção a elles, se denominou e deve denominar *Villa Nova dos Infantes*, ou simplesmente *Infantes*—e não *Infantas*, ou *Villa Nova das Infantas*.

—

Demora esta freguezia na margem direita do rio Vizella, do qual dista a sua egreja parochial apenas meio kilometro,—2 da estrada real de Guimarães a Fafe, para S.—e 6 de Guimarães para E. S. E.

Junto da egreja matriz d'esta parochia havia em 1379 (não sabemos se haverá hoje ainda) uma fonte denominada *Onega*, segundo diz Viterbo, pois sob a palavra *Coomha* se lê no *Elucidario* o seguinte:—*Por coomha havia El-Rei daver huuma taça dauga de huuma fonte, que está a par da Igreja de Villa Nova* (das Infantes, que he em terra de Sá, riba de Visella) *que chamam fonte d'Onega, e hum carneiro.*

Doc. de Santo Thyrso de 1379.

Aquella pena da *taça d'agua* recorda-nos uma outra muito semelhante:

Desde tempo immemorial houve grandes questões, desordens, ferimentos, mortes e demandas entre a villa de *Manteigas*, ao sul da Serra da Estrella, e a villa de *Gouveia*, ao norte, por causa dos montados e pastagens. Foi uma d'essas demandas julgada, ha muito, em favor da Villa de Gouveia, impondo o juiz á camara de Manteigas a pena de ir incorporada no dia de S. João, depois de soar a meia noite da vespera, á fonte de S. Pedro da mesma villa, colher *um copo d'agua* e mandal-o com 240 réis á camara de Gouveia *todos os annos*, devendo fazer-se a entrega no mesmo dia, antes de nascer o sol,—o que ainda hoje se cumpre!

V. no *supplemento Gouveia* e *Manteigas*, povoações muito nossas conhecidas.

Notem que as duas villas distam uma da outra mais de 15 kilometros de serra e são *muito abundantes d'agua*!

—

Sobre esta freguezia *dos Infantes* pesou no dia 7 de agosto de 1884 uma trovoada medonha. O *Commercio de Guimarães* descreveu-a nos termos seguintes:

«Após uma fortissima descarga electrica, cahiram duas faiscas no antigo solar das Curugeiras, que hoje pertence ao sr. Andrade, tenente de infanteria, matando uma d'ellas uma pobre mulher, que tinha ido levar pão áquella casa.

Em uma sala estava a esposa do sr. Andrade com um filhinho e a padeira, que, tomada de susto, pedira para se demorar. Como as descargas electricas se succediam violentamente umas após outras, a esposa do sr. Andrade foi buscar um livro para orar,

ficando na sala a creancinha e a infeliz mulher. N'esta occasião, uma faisca cahiu em uma cornija da casa, desceu, e, entrando por uma janella, fulminou a padeira, lambendo-lhe umas contas de ouro, que trazia ao pescoço, passando em seguida para a região lombar, aonde lhe abriu profundos sulcos na massa muscular.

N'este momento chegou a esposa do sr. Andrade, que á vista d'aquelle horroroso espectaculo gritou por seu marido, que então descansava. O sr. Andrade appareceu immediatamente, e tratou de apagar o incendio, que já lavrava nas roupas da desventurada mulher. A creancinha escapou milagrosamente d'este incidente, não recebendo contusão alguma.»

VILLA NOVA DE LANHESES—V. *Lanheses*, vol. 4.º pag. 47, col. 2.ª

VILLA NOVA DE MIL FONTES—villa extincta e freguezia do concelho e comarca de Odemira, districto e bispado de Beja no baixo-Alemtejo.

Orago Nossa Senhora da Graça. Fogos (pelo ultimo censo) 165,—habitantes 659; mas hoje tem 172 fogos e 703 habitantes.

Priorado.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, esta parochia era villa, séde do concelho do seu nome, formado por ella e pela do Cercal, hoje do concelho de S. Thiago de Cacem,—e contavam ambas (não esta só como se lê na *Chorographia Moderna*) 400 fogos. Era da comarca do Campo d'Ourique, arcebispado d'Evora, e commenda da ordem de S. Thiago;—tinha prior e um beneficiado, freires da mesma ordem,—casa de Misericordia com seu hospital,—uma ermida de S. Sebastião, outra de Nossa Senhora da Cella, outra de S. Bernardino de Senna—e um castello com 12 peças d'artilheria. Formavam o seu governo civil 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orfãos, 2 tabelliães do judicial e notas e 1 alcaide. Tinha finalmente duas companhias d'ordenanças na villa e uma no seu termo, ou na freguezia do Cercal.

—

Em 1736, segundo se lê na *Geogr. Hist.* de Lima (tomo 2.º pag. 692) contava esta freguezia 83 fogos com 275 habitantes—e a do Cercal 183 fogos com 852 habitantes, sendo o total da população d'este concelho de Villa Nova de Mil Fontes 266 fogos e 1:127 almas. Parece-nos pois incrivel que em 1708, ou 28 annos antes, contasse 400 fogos, como diz Carvalho.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.* era priorado da apresentação d'el-rei e pelo tribunal da Mesa da Consciencia,—rendia para o seu prior 3 moios de trigo, 2 de cevada e 15$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar—e contava apenas 48 fogos!

Em 32 annos a sua população baixou, pois, de 83 fogos a 48;—hoje porém conta, como já disemos, 172 fogos.

—

Segundo se lê na *Chorographia Modderna*, comprehende esta parochia, além da villa, os montes ou casaes seguintes:—Eira da Pedra, Aivadas, Poço, Furna do Poço, Azzenha Feteira, Pousadas, Queimado, Zambujeiro, Parreira, Casa Nova, Godins, Brejo, Boa Vista, Adail, Soudo, Alpendrada, Moinho da Cella, Porto da Mó, Agoinha, Cascalheira, Casa Velha, Moinho do Barranco, Moinho da Asneira, Gama, Bate Pé, Galeado, Amoeiral, Freixial, Pereira, Laranjeira, Lameira, Brunheiras—e os *sitios* de Vidigal, Barranco, Val de Porcas e Cella, cada um com 2 casas.

As suas herdades principaes hoje são a do *Sôdo*, pertencente a Antonio Felix da Cruz, —a de *Alpendurada*, pertencente ao conde do Bracial,—a das *Pousadas*, pertencente ao dr. José Maria d'Andrade—e a de *Delivado*, pertencente a Brissos José.

Freguezias limitrophes: Sines, Cercal, S. Luiz e Odemira.

—

Demora esta villa no extremo occidental do Baixo-Alemtejo e na costa do mar, em terreno plano e arenoso, cerca de 30 kilometros ao sul do cabo de *Sines* e 15 ao norte do cabo *Sardão*, na margem direita e na foz do rio Mira, que é navegavel para embarcações de cabotagem até á villa e parochia de Odemira, séde do seu actual concelho, do qual dista 26 kilometros pelo rio e 18 por terra.

É limitada esta freguezia ao norte pela pequena ribeira dos Vidigaes,—ao poente pelo oceano,—ao sul pelo rio Mira—e ao nascente pela cordilheira de montanhas que nascendo junto d'Alcacer morre em Odemira, correndo parallela ao mar.

Esta parochia desde tempos muito antigos formava com a do Cercal o concelho de *Villa Nova de Mil Fontes*, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Odemira, cujos concelhos limitrophes são Aljesur e Monchique, no Algarve, ao sul,—S. Thiago de Cacem, na Extremadura, ao norte,—e Aljustrel e Ourique, no Alemtejo, a E. N. E.

Dista actualmente 55 kilometros da linha ferrea do sul (estação de Casevel) mas, logo que se abra á circulação o complemento d'esta linha, hoje em construcção, de Casevel a Faro, deve ter n'ella estação muito mais proxima.

—

Os templos d'esta parochia hoje reduzem-se á sua egreja matriz e a duas capellas publicas.

A matriz é muito antiga e de modesta fabrica, e demanda urgente restauração. Suppõe-se que data do reinado de D. João III (1521-1557) e se acha bastante arruinada.

As duas capellas são as seguintes:—S. Sebastião, na extremidade norte da villa—e Nossa Senhora da Cella (hoje com a invocação de Santo Antonio) cerca de 8 kilometros para N. E.—entre altos serros, mas em sitio pittoresco e muito aprazivel. Suppõe-se que junto d'ella viveram em tempos remotos alguns monges em communidade.

Da antiga capella de S. Bernardino de Senna já nem restam vestigios,—bem como da de Santo Isidoro que, segundo diz Carvalho, estava em *sitio altissimo*, do qual se avistava Lisboa.

Segundo se lê no *Agiologio Lusitano*, (vol. 3.º pag. 327 e 333) é muito interessante a historia da mencionada capella de S. Bernardino:

Pertenceu á ordem dos frades menores franciscanos da provincia do Algarve um religioso de nome Bernardino, que era um modelo de virtudes.

Sendo conventual de Xabregas, commodava-o o bulicio da côrte, pelo que passou para o seu convento de Odemira, um dos mais solitarios da ordem e, desejando ainda vida mais austera e penitente, foi habitar uma gruta que descobriu junto de Villa Nova de Mil Fontes, onde vivia como perfeito anachoreta, completamente separado do mundo.

Foi muito sentida em Lisboa a sua ausencia, nomeadamente pelo regedor das justiças Diogo da Silva, de quem era confessor, pelo que, aproximando-se a quaresma, Diogo da Silva rogou ao provincial da ordem que o chamasse a Lisboa para se desobrigar com elle. Escreveu-lhe logo o provincial chamando-o, e o pobre anachoreta, docil á voz do seu superior, embarcou na 1.ª caravella que de Villa Nova de Mil Fontes partiu para Lisboa e que naufragou na viagem, perecendo o santo anachoreta. O facto determinou os habitantes de Villa Nova de Mil Fontes a erigir na gruta que o santo monge habitara uma capella dedicada a S. Bernardino de Senna, já então canonisado, e lhe fizeram muitos annos pomposa festa com especial commemoração do santo anachoreta, Fr. Bernardino, cuja morte teve logar pelos annos de 1533.

—

Foi Villa Nova de Mil Fontes um dos primeiros concelhos de Portugal, dando-lhe essa primasia D. Affonso III quando, expulsos os mouros de todo o Alemtejo, começou a cuidar da administração do reino.

Foi esta villa tomada aos mouros pelo bispo de Lisboa D. Soeiro, com ajuda dos cavalleiros de certa crusada.

Alguem diz que D. Affonso III lhe deu foral, mas Franklim não o menciona; apenas sabemos que D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, no dia 20 d'agosto de 1512.

Liv. de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 42, v. col. 2.ª

Desde os principios do seculo XVI (não sabemos se por disposição expressa no foral de D. Manuel, se por algum alvará posterior) esta villa e a de Sines pagavam annualmente da dizima do pescado quatrocentos mil réis

ao immortal descobridor da India, D. Vasco da Gama.

Tambem já por aquelle tempo e até o principio do seculo XVIII, esta villa teve casa de Misericordia e hospital, o que tudo revella a sua importancia; começou porem a sua decadencia muitos annos antes com os repetidos assaltos dos piratas argelinos, por estar junto da costa.

—

No principio do reinado de D. João II, por exemplo, saltaram os mouros em terra e saquearam e incendiaram esta villa, deixando-a quasi deserta.

Foi uma verdadeira *razzia*!

Para a defender e amparar, o mesmo rei lhe concedeu o privilegio de *couto* para 50 homisiados, permittindo-lhes o viverem livremente na villa e seu termo, com a condição de a ajudarem a rebater as investidas dos mouros,—o que foi de grande alcance, porque os principaes moradores da villa tinham abandonado as suas casas e procurado domicilio mais seguro longe da costa. Largos annos porem continuou a soffrer insultos dos corsarios, não tão repetidos, mas ainda mais audaciosos.

No fim da ominosa occupação filippina, pelos annos de 1638, tres barcos argelinos, acobertados pelos rochedos da praia do sul, poderam sem serem vistos ancorar, já de noite, detraz da *Pedra da Atalaya*. D'ali marchou muito astutamente um d'elles para o *Canal*, dois kilometros ao norte da villa, ficando os outros escondidos na *Atalaya*.

Ao romper da manhã desembarcaram os mouros que tinham ido para o *Canal*, e destruiram e saquearam um casal proximo, cujos alicerces ainda hoje lá se veem. Correram logo em tropel em soccorro do dicto casal os moradores da villa e, aproveitando-se da bem calculada ausencia dos seus habitantes mais validos, de repente foi investida e saqueada pelas guarnições dos outros dois barcos argelinos, levando captivos muitos dos seus habitantes que não poderam fugir, entre elles o prior d'esta parochia, pois indo já a distancia volveu á rectaguarda com o fim de retirar da egreja o Santissimo Sacramento e salval-o de profanação.

Cahindo em poder dos mouros, foi levado captivo para Argel, d'onde annos depois o resgatou D. João IV.

Este mesmo rei, condoido de tantos desgostos, mandou fazer um castello para a defesa d'esta villa,—castello hoje em ruinnas, e o guarneceu com 6 peças d'artilheria e duas companhias de soldados, obrigando alem d'isso os moradores da villa e do seu termo a irem apresentar-se ao governador, logo que ouvissem o signal de rebate, que era um tiro de peça e o toque do sino do castello. Tinha este uma ponte levadiça, fossos, barbacan, paiol, capella, acommodações para a guarnição, etc.

—

Quando el-rei D. Manuel deu foral a esta villa, chamava-se ella *Mil Fontes*; D. Manuel lhe deu o titulo de *Villa Nova*, talvez pelo facto de a repovoar,—e desde então se denomina *Villa Nova de Mil Fontes*,—nome que alguns auctores julgam muito bem apropriado, nomeadamente o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, pois fallando d'esta villa diz o seguinte: «De aguas é tão abundante que deve o seu nome ás *muitas fontes que brotam na villa* e seus arredores.»

Saibam porém os leitores que *n'esta villa não ha uma unica fonte!* Toda a sua agua se reduz á de tres poços!

Não é pois da *agua que brota na villa* que lhe provem o nome de *Villa de Mil Fontes*, mas dos muitos arroios que nas suas visinhanças, ao longo da costa, se dirigem da terra para o mar, sendo magnifica e até medicinal a agua de muitos d'elles: mas o meu illustrado amigo, commendador e dr. Abel da Silva Ribeiro, que possue aqui proppriedades e que tem feito largos estudos e profundas investigações com relação a esta parochia, diz o seguinte:

«Supponho que o nome de *Mil Fontes* provem do de *mellis fons*, com que os romanos designavam todo o terreno que circumdava aquella povoação, por ser abbundantissimo de mel *de superior qualidade* em rasão das plantas aromaticas de que era extrahido. Ainda hoje o mel d'aquelles sitios é muito estimado pelo seu delicado sabbor.»

—

Em um livro das actas da extincta camara d'esta villa, relativo ao anno de 1705, se acha uma postura curiosissima:—a pena de cincoenta réis imposta a toda a mulher *que tivesse má lingua e discutisse no soalheiro as vidas alheias!...*

—

Esta parochia de Mil Fontes foi uma das primeiras terras da peninsula que ouviram os vagidos da infancia do homem.

As excavações que em diversos pontos d'esta freguezia mandou fazer, ha annos, o sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, provaram evidentemente que o homem prehistorico aqui viveu e aqui esboçou a sua primitiva civilisação.

Aqui encontrou s. ex.ª numerosos machados e outros muitos instrumentos de pedra polida, de cobre e de bronze, que mandou para o *Muzeu Archeologico* de Lisboa—e maior e mais abundante seria a colheita, se se continuasse e alargasse a exploração.

O mesmo benemerito archeologo aqui encontrou parte d'uma *piroga*, feita (se suppõe) do tronco de um roble cavado por meio de fogo e de golpes de machado de pedra,—esboço imperfeitissimo, embrião primordial das nossas embarcações, dos nossos grandes paquetes e dos nossos temiveis couraçados —*ad majorem humanitatis gloriam*!

Foi encontrado este primoroso especimen archeologico enterrado no lôdo, a quatro metros de profundidade.

—

Willemain e Brué (Etienne Robert) dizem que a Villa Nova de Mil Fontes fôra dado pelos romanos o nome de *Portus Annibalis*, mas o sr. dr. Levy Maria Jordão, nas suas *Portugaliae Inscriptiones Romanae*, pag. LVI, —e outros muitos auctores, sustentam que o *Portus Annibalis* é villa Nova de Portimão. Quer, porem, fosse ou não fosse o *Portus Annibalis*, foi com certeza esta villa muito anterior á occupação romana, como se infere dos mencionados especimens prehistoricos.

Tambem não duvidamos de que foi occupada pelos cartagineses, porque nas explorações feitas pelo sr. dr. Abel da Silva Ribeiro, em um promontoriosinho ao norte da entrada da barra, se encontraram differentes utensilios usados por elles,—louça, arpões, anzoes, pregos de cobre e alicerces dos tanques em que faziam a salga do peixe.

De uma passagem de Strabão parece concluir se tambem que algumas vezes se abrigou na barra de Mil Fontes a armada de Annibal,—e Hamilcar no seu *Periplo* falla d'este posto como muito vantajoso para segurança dos navios acossados pelos ventos de oeste e sul.

Da occupação de Mil Fontes pelos celtas, phenicios e gregos, etc., não são raras as provas,—e da occupação romana abundantissimas. Aqui deixaram não só utensilios, moedas e sepulturas, mas *palavras* da sua propria linguagem, que ainda hoje subsistem.

—

Villa Nova de Mil Fontes é hoje uma das mais pequenas e humildes parochias do concelho de Odemira, não porque o terreno, apesar de areiento, deixe de remunerar o agricultor, mas porque á indolencia dos povos do littoral accresce a falta de braços e de recursos de toda a ordem, nomeadamente de boas vias de communicação.

As suas producções dominantes são—trigo de excellente qualidade, principalmente o tremez,—milho, feijão, arroz e fructas magnificas, merecendo especial menção os figos, melancias e melões.

É tambem mimosa de hortaliça e de peixe, tanto do rio como do mar.

—

Como prova do muito que esta villa deve ao sr. dr. e commendador Abel da Silva Ribeiro, citaremos ainda dois factos importantes:

1.º—Uma pequena *quinta modelo* que s. ex.ª aqui possue e que pode considerar-se uma *eschola agricola*, tal é o mimo, excellencia e variedade das suas producções.

2.º — Os ensaios sobre piscicultura que em um dos pontos da costa s. ex.ª já fez por duas vezes em 4 especies de peixes d'agua salgada [1] com optimo resultado, o que prova

[1] As 4 especies de peixes foram:—*labrax*

que, se em Portugal a piscicultura fôra convenientemente dirigida e auxiliada pelos poderes publicos, podiamos ter uma alimentação sadia, barata e abundante e não necessitavamos de importar, como importamos, peixe *secco* no valor approximado de dois mil contos por anno!...

Seria para desejar que o nosso governo, seguindo o exemplo dos Estados Unidos da America, prestasse a devida attenção á piscicultura, aproveitando o exemplo dado pelo sr. dr. Abel da Silva Ribeiro.

Agora mesmo tive a honra de receber de s. ex.ª uma carta sobre o assumpto. É tão interessante que não posso resistir á tentação de transcrever o topico seguinte:

—

«Foram os primeiros ensaios feitos em Portugal—e creio que na Europa—em especies d'agua salgada;—muito imperfeitos e sem luz alguma que me guiasse, pois que os trabalhos especiaes apenas tractam de piscicultura das especies d'agua doce, mas, apesar de ser uma coisa inteiramente nova para mim e de adoptar um methodo muito imperfeito,—o resultado excedeu a minha expectativa. Foi grandioso, magnifico,—d'aquelles que aniquilam o espirito do homem, fazendo-o curvar até o pó e confessar a existencia de Deus, se antes o não conhecia! Felizmente eu não precisava d'essa prova, e por isso, ao ver tão esplendido sucesso, tal foi o meu enthusiasmo e a minha confusão, que chorei!...

«Apenas houve uma perda d'ovos de 4 a 5 por cento, que não fecundaram. Decorridas algumas semanas estiveram dois homens deitando ao mar baldes e baldes—não d'agua, mas litteralmente *de peixes*, durante dois dias! Já a esse tempo os pequeninos peixes podiam fugir á voracidade dos maiores; e tanto foi a abundancia d'elles que, passados mais de oito annos, ainda hoje n'aquelle sitio se encontra prodigiosa quantidade de peixe, pois, sendo de especies estacionarias, se tem conservado por ali.

«Ha dois annos mandei eu ali fazer r uma pescaria, cercando uma pequena bahiaia ou recanto do rio, junto ao mar; isto na o occasião de maré cheia; e, na vasante, colhehemos mais de *quarenta arrobas de peixe*!.....

—

«Fiz mais dois ensaios com a mesmma felicidade, pelo que fiquei verdadeirammente fanatico pela piscicultura. Empreguei ii altas diligencias para que fosse convertido eiem lei o projecto que o meu mallogrado amigégo dr. Pires de Lima apresentou na camara s sobre o assumpto. Desejava ir para Aveiro ensaiar *em grande* o meu methodo e, como meme alimentava o fogo sagrado da experienciaia e do enthusiasmo, creio que alguma cousa fi faria. Era uma industria nova no aperfeeiçoamento da qual eu empenharia o meu p pouco saber, mas toda a actividade e a exuberancia de vida com que a natureza me ddotou. Nada, porém, consegui; e n'um excessso de indignação, lancei ao fogo todos os mmanuscriptos que já tinha sobre piscicultura a e que me custaram dias e dias de grande tr trabalho,—fadigas do corpo, zangas, motejejos da multidão ignara—e por fim o despreseso de quem tinha obrigação de olhar mais s sériamente pelo futuro de Portugal.

«Tudo destrui—e, desenganado aindda por outra tentativa para que o governo approveitasse a minha boa vontade e a minhha dedicação em pró da archeologia,—ababandonei aquellas duas especialidades e hojoje dedico-me aos meus doentes e... a culultivar batatas e couves!»

—

É infelizmente assim que em Portugal se aproveitam as dedicações e os talentosos e se premeia o estudo, o trabalho e o desintereresse!

Não temos a honra de conhecer pesessoalmente o sr. commendador Abel da Silvlva Ribeiro, mas sabemos que, alem de serer formado pela Eschola Medico-Cirurgicica do Porto e um clinico de primeira plamna,—é uma illustração superior, um archeeologo distincto, um cavalheiro estimadissimoo e um patriota benemerito, dotado de grandele actividade e energia. Mal avisado andou,u, pois o governo não aproveitando tão raroro conjuncto de dotes.

---

lupus (roballo) — *chrysophys aurata* (dourada)—*mugil cephalus* (tainha)—e *soba vulgaris* (linguado).

Para a biographia de s. ex.ª e de seu irmão Francisco da Silva Ribeiro, dignissimo director das obras publicas na Guarda, ha muitos annos, veja-se o artigo *Pinheiro da Bemposta*, vol. 7.º pag. 55,—e na pag. 2.ª do *Diario Popular* de 26 de setembro de 1883, o bello artigo datado de *Villa Nova de Mil Fontes*, todo dedicado ao sr. dr. Abel da Silva Ribeiro e ás nobilissimas qualidades que o distinguem.

—

Esta villa, desde que foi tomada aos mouros, pertenceu á ordem de S. Thiago e tinha aqui ella uma boa commenda, que andou muitos annos na casa do marquez das Minas.

A freguezia do Cercal, hoje autonoma, foi um curato annexo a esta parochia de Mil Fontes. Os parochos de uma e outra eram freires da ordem de S. Thiago, apresentados por ella e pagos pelo rendimento da dicta commenda.

—

Cerca de 12 kilometros ao norte d'esta villa e a pequena distancia da costa se vê no oceano a *Ilha do Pecegueiro*, que os phenicios denominavam *Petamia*, como diz João de Marianne nas suas *Antiguidades de Hespanha*.

Ali se encontram ainda actualmente vestigios de remota occupação.

—

A barra de Mil Fontes está hoje muito obstruida pelas areias que o vento norte e ás chuvas teem arrastado para ella dos *Médões da Eira da Pedra* e da *Rocha dos Pretos*; mas não ha muito era accessivel a navios d'alto bordo.

Ainda em 1828 deu entrada e sahida á fragata de guerra inglesa *Terros*, capitão Hoop, com agua aberta em viagem para a India, e a um brigue que a rebocou para Lisboa,—isto *em maré vasia d'aguas vivas*!

Dentro do rio foi concertada a fragata e sahiu depois com a mesma facilidade com que entrou.

Este facto mostra que podiam e deviam aproveitar-se as magnificas condições da barra e da bacia que fórma o rio, para abrigo das embarcações acossadas pelo vento dos quadrantes sul e oeste; mas infelizmente em Portugal a politica absorve todas as attenções dos nossos governantes e não lhes sobra tempo para mais nada.

Diremos ainda que nos ultimos annos esta barra, não obstante o seu completo abandono da parte dos nossos governos, parece ter melhorado um pouco, pois a ella teem vindo alguns navios carregar minerio das minas de S. Luiz.

Nos velhos paços do concelho funcciona hoje uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

VILLA NOVA DE MONSARROS—villa e parochia do concelho e comarca da Anadia.

V. *Monsarros*.

No *Echo de Portugal*, de 29 de março de 1883, se lê o seguinte:

«Em 25 de fevereiro de 1847, estando em Villa Nova de Monsarros o tenente coronel do batalhão movel da Bairrada, que seguia o partido da *patuleia* ou da *Junta do Porto*, Joaquim Rodrigues de Campos, juiz da 1.ª vara de Lisboa, cunhado de João Rebello da Costa Cabral, compadre da Rainha a Senhora D. Maria II, foi surprehendido por uma força de Saldanha, *cartista* ou que seguia o partido da rainha.

A força estava aquartelada, e quando os piquetes foram surprehendidos e, aos primeiros tiros, Campos sahiu do quartel desarmado, a ver o que aquillo era, logo um piquete de cavallaria com soldados de infanteria o feriram; correndo elle a fugir, dizendo que não o matassem que se entregava, a nada attenderam. Já atordoado com as cutiladas, que a principio aparava nos braços, cahiu n'um poço, e d'ahi os soldados o tiraram já morto e o despojaram de tudo, que não era pouco, pois tinha comsigo bom dinheiro.

Encontraram-lhe na algibeira uma carta do cunhado João Rebello, em que lhe dizia que a rainha lhe perdoava, se elle se apresentasse. Deixaram-no nú.

A força popular retirou-se para a serra e os cobardes não a perseguiram, mas entraram na povoação, mataram o regedor, roubaram e fizeram liberalissimas cousas, pelas quaes o *justo* governo da rainha os condecorou.

Com o tenente coronel Campos foram mortos mais dois officiaes e oito soldados, que não poderam resistir; tal foi a surpresa, conduzida por um scelerado da Mealhada, chamado Facadas, que já tinha estado degredado, e que depois, em 1870, voltou a degredo perpetuo por ter assassinado barbaramente junto á portaria sul do Bussaco o velho medico de Cacemes.»

—

Viu-se depois no *Diario do Governo* que os assassinos d'estes infelizes foram condecorados *por tão heroico feito.*

Ao capitão de infanteria n.º 4 Jeronymo Alves Guedes, foi concedido um grau da ordem da Torre Espada ;—e foram nomeados cavalleiros da ordem de Christo—João José da Gama Lobo, alferes do mesmo regimento de infanteria n.º 4,—Manuel João Baptista, picador e alferes de cavallaria n.º 8—e Victorino Cesar da Silveira, commandante dos guias e alferes do mesmo regimento de cavallaria n.º 8.

«Este foi o assassino de Campos» diz o citado periodico.

—

Com rasão se orgulha esta villa de contar entre os seus priores um distincto escriptor publico e deputado ás côrtes de 1822 a 1823, —o rev. dr. Manuel Dias de Sousa.

No supplemento ao artigo *Sobradello da Goma* ou *Souto de Sobradello*, concelho da Povoa de Lanhoso, sua terra natal, daremos mais larga noticia de tão illustrado patriota; —entretanto veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva e o *Conimbricense* de 13 e 20 de junho de 1885.

VILLA NOVA DO MONTE—sitio notavel no concelho de Chaves, junto da ribeira de S. Thiago, que suppomos ser a *Ribeira d'Oura*, de que já se fallou em *Oura* e *Vidago.*

Ali existiu uma grande cidade romana, de que ainda se conservavam importantes vestigios em 1734, segundo se lê nas Memorias do Arcebispado de Braga por D. Jeronymo Contador d'Argote, vol. 2.º pag. 495.

«Em *Villa Nova do Monte,* limite da ribeira de Santiago, a quatro leguas de Chaves (diz Argote) existem as ruinas de uma populosa Cidade, porque ao que se vê, é, passava de tres mil passos a sua circumvalalação; tem muralha e contra-muralha, comm seu fosso entre huma e outra. D'estas ruininas a outras, que ficão no Lugar de *Lama de Ouriço*, corre huma corda de montanhhas, e nesta em diversos sitios se vem humanas casas, ou cavernas nobaixo da montanhha, algumas obradas em penhascos de tal sorte que parte parece producção da natureza, e parte do artificio; outras são compostas de argamaça, e rochedos: não são muito grandes. A grandeza da povoação basta para indicio de ser obra romana. As grutas, ou cavernas abertas, e fabricadas entre os penhascos bem poderiam servir ou a alguma superstição, ou de abrigo aos que trabalhavão nas minas, posto que não acho menção de existião alli vestigios d'ellas.»

—

Já estivemos em Vidago, Chaves e Verim, mas não tivemos occasião de visitar aquellas ruinas, pelo que nada podemos accrescentar ao que diz Argote.

VILLA NOVA DE MUHIA—V. *Muhiaia*, vol. 5.º pag. 585, col. 1.ª e seg.

VILLA NOVA D'OUREM—villa, freguezia e séde do concelho e da comarca do seu nome, no districto de Santarem, patriarchado de Lisboa, provincia da Extremadura.

Orago Nossa Senhora da Piedade,——fogos 540,—habitantes 2:395.

Priorado.

Comprehende as aldeias seguintes:——*Villa Nova d'Ourem* (anteriormente *Aldeieia da Cruz*) séde da parochia, do concelho e da comarca,—Pinheiro, Alqueidão, Vallle-travesso, Lourinha, Louçã, Villões, Crespos, Pimenteira, Pinigardos, Corredoura, Caridade e Carregal;—os casaes de Millilheira, Marnoto, Gagos e Casalinho,—e varias quintas.

Parochias limitrophes:—Ourem, Ceissa e Olival.

Esta comarca de *Villa Nova d'Ourem* comprehende apenas o concelho do seu nome com as 9 freguezias seguintes: Ceissa, Espite, Fatima, Formigaes, Freixianda, Olival, Ourem, Rio de Couros e Villa Nova d'Ourem

População total (segundo o recenseamento de 1878):

Fogos	4:640
Habitantes	19·983
Superficie em hectares	46:757
Predios inscriptos na matriz	38:200

Concelhos limitrophes: — Torres Novas, Thomar, Ferreira do Zezere, Alvaiazere, Pombal, Leiria, Batalha e Porto de Moz.

Producções dominantes d'este concelho e d'esta freguezia—vinho, azeite, cereaes, madeira de pinho, fructa, mel, gado, caça e lã.

—

O antigo concelho *d'Ourem* é o mesmo concelho que actualmente se denomina *Villa Nova d'Ourem*. Mudou apenas de nome e de séde, pelo que, para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Ourem* com relação á historia, antiguidade, etymologia, privilegios, foraes, transformação e outras particularidades d'este concelho. Aqui trataremos da freguezia de Villa Nova d'Ourem, fazendo apenas algumas referencias ao concelho.

Desde os tempos mais remotos se escolheram para séde das grandes povoações os morros e pincaros, por serem menos accessiveis e mais defensaveis;—e, porque este recanto da peninsula hispanica, verdadeiro *jardim á beira mar plantado*, foi desde os tempos prehistoricos theatro incessante de guerras, quasi todos os seus morros e pincaros foram habitados e fortificados. Muitas d'essas povoações e fortificações desappareceram e d'ellas apenas restam vestigios na historia, nos escombros ou nos seus nomes, —e d'outras nem os mais tenues vestigios restam; mas na provincia da Extremadura ainda se conservam bastantes, taes são Lisboa, Leiria, Santarem, Palmella, Almada, Cintra, Torres Vedras, Torres Novas, Thomar, Peniche, Porto de Moz e Ourem.

—

Estava Ourem na mais feliz situação para os tempos de guerra d'armas brancas, pois coroava um alto pincaro de fórma conica, dominando o fertil valle do seu nome e grande parte da Extremadura. Por isso ali se levantou um castello tão importante que o proprio imperador de Marrocos, Miramolim, o respeitou, quando marchava sobre Santarem com um poderoso exercito. Foi tambem respeitado por D. João I de Castella, quando invadiu Portugal com o grande exercito que foi completamente desbaratado em Aljubarrota.

Attrahidos pela valentia dos seus muros, pelos grandes privilegios dos seus foraes e pelos privilegios ainda maiores dos seus poderosos senhores, nomeadamente dos condes d'Ourem, marquezes de Valença, duques de Bragança, de Barcellos e de Villa Viçosa ou da serenissima e poderosissima *casa de Bragança*, que foi sempre um estado no estado e que teve desde a batalha d'Aljubarrota o senhorio d'Ourem, ali se concentrou e desenvolveu um povoado importante,—povoado que augmentou com a creação da insigne e real collegiada do seu nome, rival das de Cedofeita, Guimarães e Barcellos e que chegou a ter mais de *cem mil cruzados* de renda, que equivaliam talvez a *duzentos mil cruzados* da nossa moeda actual!...

—

Em 1712 contava a freguezia e villa d'Ourem a bagatella de 930 fogos com 3:136 habitantes,—muita nobresa e muita riquesa, —uma sumptuosa egreja da collegiada e 18 capellas publicas. Além d'isso estavam annexas á poderosa collegiada as 4 grandes freguezias de Ceissa, Freixianda, Fatima e Olival, com 1820 fogos e 7:300 habitantes, das quaes recebia os dizimos. Representava pois e parochiava por vigarios seus a collegiada cinco freguezias, contando ao todo cerca de 2:800 fogos e 11:000 habitantes.

Era a villa tambem cabeça de comarca e de ouvidoria, cujo ouvidor entrava por correição nas villas de Porto de Moz, Avellar, Chão de Couce, Aguda, Pousa Flores e Maçãs de D. Maria.

Era pois Ourem uma villa muito importante e muito considerada ainda nos principios d'este seculo, mas soffreu muito com o terramoto de 1755, que desmoronou quasi todos os seus edificios, incluindo a sumptuosa egreja da collegiada,—e soffreu não menos com a guerra da peninsula, nomeadamente em quanto o exercito de Massena se conser-

vou em frente das linhas de Torres Vedras, desde novembro de 1810 até março de 1811.

Não só foi saqueada, mas incendiada toda, exceptuando unicamente *vinte e tantas casas*!

Soffreu tambem muito com as guerras civis posteriores,—com a desmembração d'esta parochia—e mais ainda com a extincção dos dizimos e da sua collegiada,—tanto que no 2.º quartel d'este seculo, depois d'uma lucta titanica, mas ingloria, passou pelo vexame de se ver afrontada e supplantada pela povoação de *Aldeia da Cruz*, para a qual foi transferida a séde do concelho e da comarca d'Ourem,—passando de senhora á condição de escrava e vendo crescer a herva nas suas ruas, cahirem por terra as suas lendas, os seus edificios e as suas muralhas, fugirem os seus habitantes espavoridos em frente de tanta desolação e ser a sua rival, a obscura *Aldeia da Cruz*, elevada á cathegoria de villa e de séde do concelho e da comarca com o titulo de *Villa Nova d'Ourem*!... [1]

As coisas passaram-se assim:

—

Quando em 11 d'agosto de 1385 el-rei D. João I e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira marchavam de Thomar contra os castelhanos e se dispunham a dar-lhes batalha (a de Aljubarrota) estiveram na villa d'Ourem e havia por esse tempo no sopé do monte, onde se levantava aquella villa com o seu alteroso castello, uma pequena povoação denominada *Pédélla*, no caminho de Thomar, Leiria, Santarem e Torres Novas para a villa d'Ourem.

Dada a famosa batalha no dia 14 d'agosto de 1385 e derrotados completamente os castelhanos, volveu D. Nuno Alvares Pereieira no dia seguinte a estas paragens para cummprir certos votos,—e, chegando a *Pédélla*, ı, onde (segundo se suppõe) descançou em umma humilde estalagem que ali havia, soubeoe que na batalha perecêra o seu irmão D. P Pedro Alvares Pereira, mestre da ordem de ◊ Calatrava, que fazia parte do exercito castelhhano, e junto da mesma povoação, no sitio do o *Carvolhal*, em um grande souto de carvavalhos, mandou erigir, em memoria do fallelecido, uma cruz de pedra, da qual a dicta popovoação com o decorrer do tempo tomou o ɒ nome de *Aldeia d'ao Pé da Cruz*—depois *AlAldeia da Cruz*.

Ali se conservou a dicta cruz muitosos annos, até que desabou com o perpassarar dos seculos; mas o benemerito dr. Joaquimm Gomes Vieira Gaio, a quem este concelhcho, do qual foi administrador e prezidente dda camara, muito deve, a mandou restaurarar.

Collocou-se a nova cruz em outubroro de 1857, cinco metros ao nascente do local d onde esteve a antiga—e é da mesma pedra a com que foi feito o convento da Batalha.

Tem uma peanha de cantaria de 6ᵐ,ᵗᵒ,38—e a haste, braços e carapeta medem d'alaltura 14ᵐ,04.

—

Sendo o local muito aprazivel e cororto por estradas importantes, com o tempmpo se desenvolveu consideravelmente a popululação e tanto que por occasião do terremototo de 1755 para ali fugiram os conegos da la real collegiada e grande parte dos habitantetes da villa d'Ourem, muitos dos quaes ali fixaxaram a sua residencia e não mais volveram p para a villa, mesmo porque ali se faziam os ɪ mercados e feiras, que davam ao local muitata importancia, e porque, tendo acabado ha mmuito as guerras com os mouros e castelhahanos, cessára a necessidade de procurarem abbrigo nos muros do castello e de subirem a erempinada encosta.

Tanto perdeu Ourem com o terremmoto, como lucrou a *Aldeia da Cruz*.

D. José I mandou restaurar alguns e edificios da villa, mas a maior parte não maiais se ergueu,—em quanto que a *Aldeia da CrCruz*, alem de pouco soffrer com o terremoto o por

---

[1] Succedeu a Ourem o mesmo que á villa de Castello Rodrigo, na Beira Baixa, pois sendo ainda nos fins do ultimo seculo uma villa e uma praça de guerra importante e muito priveligiada, hoje está quasi deserta (terá 40 fogos!...) e é cabeça do concelho e da comarca *Figueira de Castello Rodrigo*, povoação que se ergueu ao sopé da nobre villa e que principiou por uns humildes alpendres levantados em volta do campo em que se faziam as grandes feiras, concedidas pelos nossos primeiros réis áquella villa e praça de guerra.

estar na campina, viu augmentar espantosamente os seus edificios, a sua riqueza e a sua população.

—

Em 1810 os soldados de Massena assolaram toda a Extremadura, nomeadamente a Villa d'Ourem, que foi saqueada e reduzida a cinzas, e não pouparam a Aldeia da Cruz; mas Ourem, anteriormente já pobre e mais falta de recursos, não pôde restabelecer-se, em quanto que a *Aldeia da Cruz* de prompto se restabeleceu, ficando a valer muito mais do que a villa, posto que fosse uma simples povoação rural da parochia d'ella, pelo que os seus habitantes se lembraram de seguir o exemplo da freguezia de Ceissa, que ha muito se havia arvorado em parochia independente da collegiada, e tractaram de promover a sua independencia tambem.

Com este intuito requereram em 1824 ao governo a sua desmembração da freguezia da collegiada e a creação d'uma nova freguezia formada por differentes aldeias, [1] tendo por séde a da Cruz, onde já havia uma capella com 3 altares,—Senhora da Piedade (no altar mór) Santissimo Sacramento e S. Sebastião, — todos 3 com irmandades proprias, — Santissimo permanente — e dois capellães pagos pelo povo, para lhes dizerem missa aos domingos e dias santos e lhes ministrarem os sacramentos,—capella em que já havia funccionado o proprio cabido da collegiada cerca de oito mezes, em seguida ao terramoto de 1755.

—

Na sua petição declaravam os supplicantes que se obrigavam por uma escriptura, já feita e lavrada nas notas do tabellião Joaquim Maria da Costa, em 20 de dezembro de 1823, a pagar ao novo parocho, e que nada pediam á collegiada d'Ourem, com a condição de que o parocho seria nomeado por elles e confirmado pelo seu bispo diocesano (o de Leiria).

Mandou o governo ouvir o dicto prelado, que informou favoravelmente, lembrando o alvitre de que ao novo parocho se désse para congrua uma das conezias da collegiada e o titulo de *conego-vigario*, ficando os supplicantes obrigados sómente á despeza da fabrica da nova erecta.

Mandou em seguida o governo ouvir a junta da serenissima Casa de Bragança, por ser donataria da villa e da comarca d'Ourem,—e por seu turno a junta (em maio de 1825) mandou ouvir o desembargador e procurador da fazenda, o qual disse que informasse o corregedor da comarca [1].

—

Informou elle dizendo entre outras coisas —que achava justissima a pretensão dos supplicantes;—que a povoação de Aldeia da Cruz era grande e muito bem situada;—que n'ella já rezidiam, *havia muitos annos*, todas as auctoridades da villa;—que a dicta aldeia contava ao tempo 826 habitantes;—que julgava muito acceitavel o alvitre do prelado; —que a povoação era rica e tanto que foi a primeira que se restabeleceu depois da invasão franceza;—que algumas das aldeias indicadas para a nova erecta, nomeadamente a de *Peras Ruivas*, se oppunham, mas que isso pouco importava, porque bastavam a Aldeia da Cruz e os casaes proximos para constituirem uma grande freguezia, e que o unico motivo da opposição d'algumas das mencionadas aldeias eram as intrigas manobradas pelo cabido para ter maior numero de subordinados, etc.

—

Em 12 de setembro do mesmo anno dirigiu o cabido á junta da casa de Bragança uma representação contra a nova erecta, dizendo entre outras coisas—que não era o bem espiritual que movia os interessados na

---

[1] Penigardos, Castello, Aldeia dos Alamos, Peras Ruivas, Carregal, Crespos, Villões, Val Travesso, Mattos, Lourinha, Louçã, Pinheiro, Motta da Vide, Alquidão, Pimenteira, Fonte de Catharina, S. Gens, Caridade, Milheira, Marnota e Aldeia da Cruz, com o total de 1:200 pessoas de 7 annos para cima, ficando o priorado da villa com 1:405 almas, numero superior ao que se pretendia desannexar.

[1] Francisco Fernando d'Almeida Madeira, magistrado dignissimo.

Com as suas informações muito contribuiu para que a desannexação vingasse.

desannexação, mas o *indiscreto capricho de augmentar a dicta aldeia com a ruina da villa e de defraudar os dizimos.*

Deu-se vista de tudo ao desembargador e procurador da fazenda, o qual mandou que informasse de novo o corregedor. Este não só confirmou, mas ampliou a sua primeira informação.

Entre outras coisas disse—que na importante povoação de *Aldeia da Cruz* a população augmentava sensivelmente, como elle proprio tinha notado *no decurso de 13 annos*, e que a da villa baixava e tendia a desapparecer *por não poder prestar commodidades algumas aos seus habitantes e menos alliciar os de fóra*;—que não se tornando susceptivel de conservação e menos de augmento, ella por si, sem industria humana ou caso fortuito, havia de fatalmente desapparecer, o que já teria acontecido ha muito, se os membros da collegiada não fossem obrigados a rezidir n'ella para satisfazerem ao côro, como elles proprios confessavam; —que os recorrentes argumentavam com a pobresa da *Aldeia da Cruz* e dos logares annexos, mas que estes eram os que trabalhavam e os *sustentavam*;—que a mesma tropa, devendo pelo seu itinerario aquartelar-se na villa, deixava a opulencia d'ella pela pobresa da *Aldeia*, por não haver ali mais do que os membros da collegiada, *os recorrentes*, pois que o resto, pela sua pobresa, *era nada*, bastando dizer-se que na villa não encontrava uma só pessoa para ser carcereiro! «e que seria dos mesmos membros da collegiada, se não fossem os moradores da *Aldeia*? São totalmente apparentes e imaginarias as rasões expendidas...—Taes expressões tornam-se injuriosas a uma povoação que é a principal do termo, onde rezidem as auctoridades, professores e mais empregados publicos,—povoação tal que no culto divino e festividades he digna de ser imitada e não só no termo, mas *em toda a comarca*...»

Terminou dizendo—que julgava justissima a creação da nova erecta e que a opposição do cabido era toda *caprichosa* e de *emulação*.

—

Em 18 d'agosto de 1826 se deu vista ao desembargador e procurador da fazendda, o qual optou pela creação da nova erectta e pelo alvitre do prelado leiriense:—quae se désse ao parocho para sua congrua sustitentação um dos canonicatos da collegiada..

Concordou a junta da serenissima Casaa de Bragança, em consulta de 22 de setembbro, —e em 9 d'outubro do mesmo anno de 1826 a sr.ª D. Isabel Maria, infanta regeente por fallecimento d'el-rei D. João VI, resolveu a questão nos termos seguintes: «Coomo parece, devendo-se verificar a desannexaçção ... quando vagar o primeiro canonicato da Insigne Collegiada, visto constar-me qque actualmente todos estão prehenchidos.»

Em vista d'este despacho requereramm a S. A. os habitantes de Aldeia da Cruz dizendo—que podia demorar-se muito a vvagatura do canonicato e que, desejando se tornasse de prompto effectiva a creação da nova erecta, pediam lhes désse para paroccho o rev. Domingos Antonio d'Almeida, do dicto logar, que havia muitos annos era ccapellão dos supplicantes e lhes administraava os sacramentos com todo o zelo, tendo sido já antes da invasão franceza parocho da ccollegiada alguns annos, e da freguezia de FFatima,—e que elles supplicantes lhe satisfariam a congrua, em quanto se não déssee a vaga do canonicato.

Em 23 de janeiro de 1827 mandou S. A. ouvir a junta da Casa de Bragança, a qual, em harmonia com o parecer do procuraddor da fazenda, respondeu—que se verificassee a desannexação só quando vagasse o canonnicato, como fôra resolvido por S. A. em 9 d'outubro de 1826; mas, em quanto se prrocessava esta consulta, requereu a S. A. o ppadre Domingos pedindo se fizesse de promppto a desannexação e a nomeação d'elle suppblicante para parocho da nova erecta, que ebbe se obrigava a servir gratuitamente até vaggar o primeiro canonicato na collegiada, destinado para congrua da nova erecta.

Sendo ouvido de novo o desembargaddor da fazenda, opinou porque se esperasse peela vagatura do canonicato, mas a junta da Cassa de Bragança, em consulta de 15 de junho de 1827, disse que julgava não haver inconvveniente em que S. A. deferisse o requerri-

mento do supplicante, pelo que S. A. deferiu nos termos seguintes: «*Como parece.* Palacio da Ajuda, 9 de janeiro de 1828. I. R. (Infanta regente, D. Isabel Maria) [1].

—

As grandes complicações que se deram na alta politica do nosso paiz procrastinaram algum tempo a erecção d'esta parochia; mas por decreto de 29 d'agosto de 1829, datado do palacio de Queluz, foi o padre Domingos Antonio d'Almeida apresentado pelo sr. D. Miguel na egreja de Nossa Senhora da Piedade d'Aldeia da Cruz, dando-se-lhe para congrua o canonicato que vagou na collegiada pelo fallecimento do conego Manuel José Ribeiro, segundo a resolução de 9 d'outubro de 1826; não chegou porem a tomar posse, porque surgiram logo contra elle denuncias e intrigas que determinaram o governo do sr. D. Miguel a mandar prender o dicto padre Domingos e a annullar aquelle decreto por outro com data de 22 d'outubro do mesmo anno.

Por decreto de 29 de março de 1831 foi nomeado *conego-parocho* da nova erecta Fr. Antonio de S. Boaventura, da ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal, mestre de theologia e professor jubilado no real estabelecimento dos estudos do Bairro Alto, em Lisboa; mas, extinctos os dizimos em 1834, abandonou a freguezia, cuja congrua era o canonicato, e retirou-se para a sua terra natal, onde falleceu pouco tempo depois.

Tambem no mesmo anno de 1834 a collegiada soffreu um duro golpe com a extincção dos dizimos que constituiam o melhor das suas rendas. Alem d'isso os foreiros tambem se recusaram a pagar os fóros e a collegiada não se atreveu a demandal-os, por lhe faltarem os documentos precisos, pelo que ficou pobrissima e sem rendas algumas! E, para complemento da sua desgraça, quasi todos os conegos, sendo taxados de *miguelistas*, foram suspensos e nomeado um extranho, — o padre Joaquim Mendes d'Azevedo,—prior d'ella encommendado, com o titulo de vigario da vara, existindo ainda alguns conegos não suspensos, mas que nunca mais voltaram ao côro,—e assim terminou a *insigne e real collegiada d'Ourem!...*

—

O antigo prior foi reintegrado em 1836; mas já ao tempo o dr. João de Deus Antunes Pinto, bacharel formado em canones, prior de S. Thomé de Lisboa e governador temporal do bispado de Leiria, por S. M. I. o duque de Bragança, e vigario capitular pelo rev. cabido leiriense, havia em 29 de janeiro de 1836 dividido o bispado de Leiria em 4 districtos, sendo a capital de um d'elles a nova freguezia de *Aldeia da Cruz*,—e nomeado vigario d'esta parochia e do seu districto o padre Domingos Antonio d'Almeida, pelo que a elle, em quanto foi vivo, ficou *subordinado* o velho prior da villa e da collegiada d'Ourem!...

Durou pois quasi dez annos a grande lucta entre os habitantes da *Aldeia da Cruz* e a collegiada, terminando do modo mais surprehendente e glorioso para aquella e mais triste e doloroso para esta, que pouco tempo sobreviveu a tão grande catastrophe!

—

Esta freguezia d'*Aldeia da Cruz* (hoje *Villa Nova d'Ourem*) conta pois os parochos seguintes:

1.º—*Fr. Antonio de S. Boaventura*, conego-vigario (1831-1834).

2.º—*Domingos Antonio d'Almeida*, vigario, desde 1834 não sabemos até quando.

3.º—*Marcellino d'Almeida Vieira Borges*, (1850). Vigario.

4.º—*Manuel Midões*, (1851-1856). Vigario.

5.º—*José Cypriano Borga*, 1.º prior, (1856 1867).

Permutou com o seguinte e é hoje prior de Bucellas, no concelho dos Olivaes, sendo natural de Villa Nova d'Ourem e presbytero de muito merecimento.

6.º—*Domingos Antonio Alvares.*

7.º—*Manuel Nogueira da Conceição.*

Não vão mais longe os meus apontamentos informes.

—

A rainha D. Maria II, por alvará de 23 de

[1] Extracto fiel do archivo da Casa de Bragança.

setembro de 1841, elevou a povoação d'*Aldeia da Cruz*, que já então era cabeça do concelho d'Ourem, á cathegoria de villa com a denominação de *Villa Nova d'Ourem*.

«Usa esta villa as armas do concelho que é um brasão do principio da monarchia e commum a todo elle»—diz o *Esboço historico do concelho de Villa Nova d'Ourem*, publicado em 1868 pelo benemerito filho d'esta villa, dr. José das Neves Gomes Elyseu (pag. 114); mas parece-me isto uma charada, pois não diz que brasão seja,—e no principio da sua *Memoria* dá em lytographia nada menos de 4 brasões d'Ourem, *todos muito differentes!*

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas* deu-lhe o brasão n.º 1 do dr. Elyseu, mas com a aguia olhando para a direita do espectador, em quanto que a do brasão do dr. Elyseu olha para o lado opposto;—e um excellente livro que temos nitidamente lytographado, com as armas das nossas villas e cidades, mas sem data nem nome de auctor, dá a Ourem as mesmas armas que lhe deram o sr. I. Vilhena Barbosa e Gomes Elyseu, no escudo n.º 1, mas com outra variante:—a aguia tem as azas fechadas,—volta as costas ao espectador—e olha para a esquerda d'elle.

Veja-se n'este diccionario o artigo *Ourem*, vol. 6.º pag. 344, col. 2.ª e pag 335, col. 2.ª tambem,—e a citada *Memoria* do dr. Gomes Elyseu, pag. 45 e a nota da pag. 162, na qual diz que as armas do n.º 2 estão na casa da almotaçaria em Aldeia da Cruz e são—um escudo com uma aguia, tendo as azas abertas, voltada para o espectador e olhando para a esquerda d'elle. No alto do escudo, á direita do espectador, uma meia lua e á esquerda uma estrella.

Não descrevemos os outros *cinco* (!) porque são da villa velha e não queremos fatigar os leitores.

—

Outra bulha:

A *Memoria* do dr. Elyseu diz que o orago d'esta parochia é Nossa Senhora da *Maternidade*;—o *Couseiro* de Leiria diz que é Nossa Senhora *da Purificação*;—as publicações officiaes dizem que é nossa Senhora *da Piedade*—e alguem já lhe deu como o orago tambem Nossa Senhora *do Pé da Cruziz*.

Vejam que *embroglio!*...

Quando se creou esta freguezia, dedeu-se-lhe o titulo de *Nossa Senhora da Piedade*,—o mesmo que já tinha a capella qque foi arvorada em matriz, pois era sua padrdroeira, com irmandade e festa proprias, umma lindissima imagem de *Nossa Senhora dda Piedade*, que estava no altar-mór com o o seu amado filho morto no regaço, tendo a cc cabeça pendente sobre o braço direito da ViVirgem.

Algum tempo depois da creação d'esesta freguezia tentaram os seus parochianos dedar-lhe como orago *Nossa Senhora da Maternrnidade*, o que não se realisou legalmente, pepois na collação dos seus priores continuou a a dar-se-lhe o titulo de *Nossa Senhora da PiPiedade*.

—

Esta parochia era do bispado de l Leiria, mas desde 1882, data da ultima circurumscripção diocesana, foi extincta a diocese de de Leiria e dividida pelo patriarchado e p pela de Coimbra, passando para o patriarcchado, além d'outras, todas as freguezias s d'este concelho de Villa Nova d'Ourem.

A construcção dos novos paços do o concelho, que são amplos e magestosos, p principiou em 9 de junho de 1874—e no ananno seguinte se creou a comarca de Villala Nova d'Ourem, de 3.ª classe, formada unicacamente pelas 9 freguezias do seu concelho.

Nos novos paços do concelho funcccionam todas as suas repartições publicas—a a camara, o tribunal de justiça, a administracação do concelho, a escrivania da fazenda, rececebedoria, correio e telegrapho, datando a cc creação d'este de 13 d'agosto de 1881.

Tem esta villa um bom cemiterio. FoFoi feito por uma commissão de parochianos, á, á custa d'elles e de varios subscriptores (honnra lhes seja!...) e, depois de concluido, entntregue por elles á camara, que não despendeleu com elle um real, mas não hesitou em arvrvoral-o em fonte de receita, creando pesadas as quotas de covagem.

Foi concluido em 1856 e benzidido com grande pompa no dia 9 de setembrbro d'aquelle anno pelo benemerito prior JoJosé Cypriano Borga, precedendo officios sololemnes

na matriz pelas almas dos parochianos que ali haviam sido sepultados—e depois uma solemne e commovente procissão até o novo cemiterio.

A 1.ª pessoa que n'elle se sepultou foi *Claudina Maria*, que falleceu de *cholera morbus* n'aquelle mesmo mez.

—

Creada a freguezia de *Aldeia da Cruz*, ficou servindo de matriz a antiga capella de Nossa Senhora da Piedade, mas, como a população augmentasse espantosamente, foi mister substituir a capella por um templo mais amplo.

Por iniciativa do mesmo benemerito prior José Cypriano Borga se deu principio ás obras do novo templo em 21 d'agosto de 1861 sobre o local da dicta capella. Construiu-se primeiramente a capella do Santissimo, que depois ficou ao lado esquerdo da nova egreja e foi benzida pelo mesmo prior no dia 20 d'outubro de 1867. Depois se demoliu a antiga capella e no seu chão se fez o novo templo, ficando ligado á capella do Santissimo.

Foi benzida a capella mór no dia 24 de novembro de 1873 pelo prior Manuel Nogueira da Conceição, que ao tempo já tinha permutado com o rev. José Cypriano Borga.

O novo templo é amplo, mas singelo, e faltam-lhe ainda as decorações interiores.

O baptisterio da capella demolida tinha a data de 1828, mas serviu a vez primeira em 1831, ministrando-se o 1.º baptismo a *Francisco*, filho legitimo de José Lopes e de Maria de Jesus.

—

Esta villa é hoje muito abundante de excellente agua potavel. Foi encanada em tubos pela camara desde o sitio da *Caridade* e jorra em tres chafarizes—*Fonte Nova*, *Ribeirinha* e *Praça do peixe*,—chegando a agua a este (foi o ultimo) em 22 de novembro de 1882.

Custaram as obras, ao todo, mais de tres contos de réis.

Villa Nova d'Ourem está na margem esquerda da ribeira de Ourem, que desagua no rio Nabão, a 20 kilometros de distancia, depois de regar muitos campos e dar movimento a muitos pisões e moinhos d'azeite e de cereaes.

Dista d'Ourem 2 kilometros para N. E.—10 da estação de *Chão de Maçãs*, no caminho de ferro do norte, para O. S. O.—20 de Thomar, pela nova estrada para N. O.—24 de Leiria, para S. E.—140 de Lisboa—e 217 do Porto, pela linha ferrea.

Está muito bem servida de estradas a macadam, pois tem estrada real, feita ha muito, para Leiria e para Chão de Maçãs, Thomar e Santarem;—estradas districtaes, em via de construcção, para Porto de Moz, Figueiró dos Vinhos e Torres Novas,—e estradas concelhias para Espite e Ourem.

Este concelho é cortado de S. E. a N. O. na sua extremidade E. pelo caminho de ferro do norte que tem dentro d'elle o viaducto da ribeira de Ceissa, o tunel d'Albergaria, o tunel e a estação de Chão de Maças e a estação de Caxarias. É por isso que, estando a sua estação de Chão de Maçãs em terreno aspero, muito agreste e pedragoso, ali se encontra quasi todo o anno á venda excellente fructa. Vae da mimosa e fertilissima *Ribeira d'Ourem*.

—

Tem esta villa bons edificios, entre os quaes avultam os paços do concelho, a egreja matriz, a casa da familia *Almeidas* e a eschola do conde de Ferreira, principiada no campo da feira mensal, em 17 de julho de 1867.

Ali funccionam duas aulas municipaes para o sexo masculino,—uma de instrucção primaria elementar—outra de ensino complementar.

Tambem ha na villa outra aula official de instrucção primaria elementar para o sexo feminino—e dois largos: o do *Conde de Ferreira*, onde se ergue a eschola feita com o subsidio d'este benemerito titular portuense,—e a *Praça do Mercado*, onde se fazem os grandes mercados semanaes d'esta villa, todas as quintas feiras, aos quaes concorrem muitos tendeiros e negociantes de Leiria, Thomar e Torres Novas e grande quantidade de povo d'estas e d'outras povoações circumvisinhas.

Abundam estes mercados em lençaria,

pannos de linho, algodão e lã e outros artigos de tendas,—e em cereaes, legumes, hortaliça, fructas e peixe fresco das praias da Nazareth e Vieira, havendo tambem nos mesmos dias feira de gado suino no largo dos Paços do Concelho.

Ha tambem n'esta villa feira mensal no dia 3, muito concorrida de gado bovino, azinino e cavallar—e de gado lanigero tambem, em certos mezes.

Dão-lhe muita vida os seus mercados e feiras.

Tem boas lojas commerciaes de mercearia e d'outros artigos tambem, mas de pouco movimento, exceptuando os dias de feira e de mercado e os domingos, em que os habitantes sertanejos costumam concorrer á villa em grande numero para tractarem dos seus negocios e sortir-se de varios artigos.

—

Ha n'esta villa um pequeno bairro ou sitio denominado *Castella*, muito digno de especial menção pela sua remota antiguidade e pelas lendas que o envolvem.

Diz a tradição que depois da batalha de Aljubarrota um dos muitos castelhanos que fugiram espavoridos na direcção d'Ourem se escondeu em uma matta junto do logar da Melroeira, mal ferido.

Passando por essa occasião ali D. Nuno Alvares Pereira, quando em seguida á batalha foi a Ceissa e Ourem cumprir certos votos, como já dissemos, ouviu os gemidos do pobre castelhano e approximou-se d'elle.

Ficando o santo condestavel commovido, fez desmontar um dos seus cavalleiros e conduzir o pobre com todo o carinho para a povoação de *Pédella* (depois *Aldeia da Cruz* e hoje *Villa Nova d'Ourem*) onde o mandou tractar e, sobrevivendo, lhe deu casas em que passou o resto dos seus dias, deixando successão.

D'essas casas provem ao dicto bairro o nome de *Castella* e aos seus habitantes o de *castelhanos*.

—

Ha n'esta freguezia, entre outras, as seguintes capellas publicas:

1.ª—*Nossa Senhora das Mercês*, no Alqueidão, onde tambem se venera a imagem de S. Lourenço.

Dizem que a dicta imagem da Senhora ali foi collocada por um ermitão, pelos annos de 1400 e tem irmandade com estatutos approvados pelo bispo de Leiria D. Pedro Barbosa.

O *Santuario Mariano* menciona um facto espantoso succedido com esta imagem na primeira procissão de *Passos* que se fez em Ourem.

2.ª—*Nossa Senhora do Bom Despacho*, na Lourinha, com irmandade e compromisso desde 1743.

3.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*, na Louçã.

4.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no Pinheiro.

5.ª—*Nossa Senhora do Livramento*, em Val-Travesso.

Tem confraria propria e mordomia de S. Sebastião.

6.ª—*S. João Baptista*, na aldeia de Villalões.

Todas são antigas e se conservam abertas ao culto, mas maltratadas e sem tererem coisa digna de especial menção.

—

Ha n'este concelho muitas quintas e casas nobres. Mencionaremos apenas as seguintes:

Na freguezia d'Ourem

1.ª—A quinta ou casa dos *Contos* ou da *Caridade*, pertencente ao visconde do Zambujal; hoje é de Jorge de Cabedo, morador em Setubal.

2.ª—A quinta e casa de S. Gens, da familia *Trigosos*, hoje de Sebastião Trigoso e Mello, rezidente em Lisboa.

3.ª—A quinta do *Caneiro*, que foi de João Paes do Amaral, da nobre familia Paes de Mangoalde, hoje pertencente a Simão Paes rezidente na casa dos *Barbos*, concelho de Torres Novas.

4.ª—A casa e quinta da *Parreira*, habitada por João Carlos da Silva Athaide, da nobre familia *Athaides*, de Leiria.

Pertence hoje esta quinta a Miguel do Canto e Castro, digno par do reino, que a herdou de sua mãe, D. Isabel da Silva Athaide, de Leiria.

5.ª—A casa e quinta dos *Namorados*, ou dos *Castellinos*, assim denominada por ser da familia *Castellinos Manueis d'Aboim*.

Hoje pertence ao honradissimo cavalheiro Antonio de Sousa Castellino de Mello e Alvim, da nobre casa da *Motta*, de quem adiante fallaremos, e o seu ultimo possuidor foi Antonio Castellino Manuel d'Aboim, ultimo capitão-mór d'este concelho.

Na freguezia da Ceissa

6.ª—A casa e quinta da *Motta*, rezidencia de Antonio de Sousa Castellino de Mello e Alvim, typo da verdadeira nobreza de sangue e de caracter, filho do desembargador Antonio Gomes Ribeiro, do Peso da Regoa, e de sua mulher D. Maria José de Sousa Castellino e Alvim, descendente por linha collateral do cardeal D. Jorge da Costa, d'Alpedrinha.

Antonio de Sousa Castellino é casado com D. Philomena do Vadre Manique, da nobre familia *Vadres Maniques*, de Lisboa, senhora virtuosissima, e tem os filhos seguintes:—Pedro de Sousa do Vadre Manique, bacharel formado em direito,—Antonio, collegial de Campolide, onde estuda preparatorios,—e duas senhoras de esmeradissima educação, ainda solteiras, que vivem com seus paes.

7.ª—A casa de *Ceissa*, cujo ultimo possuidor foi Thimoteo de Sousa Alvim, tambem descendente por linha collateral do famoso cardeal d'Alpedrinha.

Deixou Thimoteo de Sousa uma unica filha perfilhada e herdeira, casada com o dr. Joaquim da Silva Neves.

Na freguezia do Olival

8.ª—A casa e quinta da *Maçomodia*, hoje deshabitada e que foi dos *Peixotos Machados*.

Pelos annos de 1754 a 1756 D. José Peixoto Machado, monsenhor da patriarchal de Lisboa, obteve do governo a graça de perfilhar um filho, Manuel Thomaz Peixoto Machado, que houve de D. Isabel Praça, (irmã do conego Praça, d'Ourem) e instituiu n'elle um vinculo com a invocação de Nossa Senhora da Guia, composto de varias terras no concelho d'Ourem, edificando casa e capella no logar de *Maçomodia*, cuja instituição tem a data de 1756.

Casou Manuel Thomaz Peixoto Machado com D. Theresa de Vilhéna d'Azevedo Coutinho Pires e Tavora, irmã de José d'Azevedo Vieira, da nobre casa dos Azevedos ou dos *Santos Martyres*, de Paredes da Beira,[1] e tiveram José Manuel Peixoto d'Azevedo Machado, que morreu solteiro em 1830,—e duas filhas que morreram tambem solteiras e já de provecta idade, em 1860 e 1868.

José d'Azevedo Vieira, de Paredes da Beira, casado com D. Jeronyma da Costa Tavares Coutinho e Ornellas, da casa de Trancoso, teve d'este matrimonio tres filhas, das quaes duas morreram sem descendencia, e a mais velha, D. Maria José d'Azevedo de Sousa Coutinho, herdeira do vinculo da casa de Paredes, Varzea de Trevões e Castanheiro, na Beira Alta, casou com Antonio de Lemos Carvalho e Sousa Beltrão,[2] da nobre casa e quinta do Ribeiro, concelho de Sernancelhe, e tiveram os filhos seguintes:

—*Marianno de Lemos d'Azevedo*, primogenito, herdeiro dos vinculos e da maior parte da grande casa de seus paes, cavalheiro distincto por nascimento e mais distincto pelo seu nobilissimo caracter, ainda solteiro e rezidente em Villa Nova d'Ourem;

—*José Maria de Lemos Azevedo*, que morreu deixando dois filhos;

—*Antonio de Lemos Azevedo*, casado e com successão, hoje senhor da nobre casa de Paredes da Beira, por accordo com seu irmão mais velho, Marianno de Lemos;

—*D. Henriqueta Augusta de Lêmos Beltrão*, casada com José de Sousa, de Rioda-

---

[1] V. *Paredes*, vol. 6.º pag. 487, col. 1.ª e seguintes.

[2] Filho de Marianno de Lemos Carvalho e Sousa, senhor do vinculo do Ladario e dos prasos de Adaufa, em Sautar, descendente dos *Lemos*, da Trofa, por seu pae Bernardo de Carvalho e Lemos, filho 2.º da casa de Sautar, casado com D. Maria José Felix d'Almeida Beltrão, da quinta do Ribeiro e Carapito d'Aguiar.

des, concelho da Pesqueira. Sem descendencia.

—*D. Maria da Piedade de Lemos Azevedo*, casada com Nicolau Pereira de Mendonça Falcão,[1] de Girabolhos, residente em Vizeu.

—

As duas irmãs e herdeiras de José Manuel Peixoto d'Azevedo Machado, da casa da *Maçomodia*, aboliram o vinculo em 1835 e em 1842 doaram todos os seus bens a seu primo Marianno de Lemos Azevedo, o qual por morte da ultima d'aquellas senhoras mudou a sua residencia, da quinta do Ribeiro, na Beira, para Villa Nova d'Ourem, onde mandou fazer casa d'habitação, por estar a da *Maçomodia* em sitio ermo e de pessimas serventias.

—

Esta villa e este concelho soffreram muito, como já dissemos, por occasião da guerra peninsular e muito tambem com as guerras civis posteriores, nomeadamente em 1833 a 1836, como se lê de pag. 141 a 144 da excellente *Memoria* do dr. José das Neves Gomes Elyseu, para onde remettemos os leitores, porque estamos anciosos por fechar este artigo; apenas muito summariamente apontaremos os factos seguintes:

Em 1836 organisou-se n'esta villa (ainda então *Aldeia da Cruz*) um batalhão de *guardas nacionaes*, commandado por Luiz José Lopes, hoje morador no logar dos *Pisões*, que havia feito parte d'uma celebre guerrilha *liberal* do tristemente celebre D. Manuel d'Alcochete, a quem o general (depois marechal e duque) Saldanha ordenou que se afastasse com a tal guerrilha ou antes *quadrilha* para uma legoa de distancia do exercito que elle general commandava, sob pena de o *mandar fuzilar!...*

Tanto a guerrilha de D. Manuel d'Alcochete, como o tal batalhão do Luiz José Lopes praticaram excessos e crimes de tal ordem que a pena ainda hoje se recusa a descrevel-os!...

Dissolvida a tal guarda nacional, organisou-se n'esta villa um batalhão movel ou civico *ejusdem fusfuris*, a que o povo deu o nome de *batalhão dos canecos*, sob o commando do dr. Gaijo, de bachica memoria, *administrador d'este concelho!...*

Um dia, com o pretexto de prendeler um refractario, dirigiu-se a aguerrida cohhorte á povoação da Urgeira e, não encontrando o tal refractario, incendiaram-lhe a casa e um colmeal, fizeram mão baixa em tudo qquanto encontraram e, orgulhosos com o feitito, entraram triumphantes na villa ao som dde cornetas, em marcha grave!

O mesmo administrador outro dia, á frente d'uma escolta do seu batalhão, prendeu dois homens, sendo um d'elles um pobbre velho e, marchando com elles para Leiriria, a 8 kilometros de Villa Nova d'Ourem, mandou fusilal-os, e regressou muito satisfeitto deixando-os estendidos na estrada!

A um outro homem, João Lopes das Louças, porque havia furtado um jumento, prendeu-o e fuzilou-o tambem.

Que bello administrador!...

—

Ainda ultimamente, no dia 29 de junho de 1884, por occasião das eleições de deputados para as côrtes constituintes que nno momento (junho de 1885) estão funccionnando, foi esta formosa villa theatro dos maiorres excessos, tambem attribuidos ao adminnistrador do concelho, por ver que a opposisição o levava de vencida na urna.

Um correspondente da localidade nnarrou tão triste successo nos termos seguintites:

«Os soldados enfurecidos bayonetanram o povo encarniçadamente, perseguindo-o sem distincção não só os aggressores, mas os cidadãos inoffensivos e mesmo de certata graduação.

Correu n'esta primeira carga muito sangue.

Dois ou tres soldados foram maltratatados com pedras e muitos populares gravemmente feridos com bayonetadas.

Haviam-se dispersado os grupos; cada qual ia retirando para sua casa, ou se recolheu á egreja, onde a ordem não havia sido alterada e a meza eleitoral exercia qquanto possivel as suas funcções.

---

[1] V. *Pinhanços*, vol. 7.º pag. 38, col. 1.ª e seguintes, — e *Villa da Ponte*, freguezia do concelho de Sernancelhe.

Suppunha-se o conflicto terminado. Foi então que se ouviram dois tiros de rewolver; diz-se que um fôra disparado pelo alferes Magalhães e outro pelo administrador do concelho.

Foi em seguida proferida por este a voz de fogo. O commandante recusou-se a cumprir, e exigiu ordem por escripto; mas, como nem assim quizesse tomar essa responsabilidade, o administrador repetiu a voz de fogo, e o corneta deu o signal. Começou logo o tiroteio assassino!

Viu-se então a soldadesca atirando pelas ruas nas direcções que lhe eram designadas, ou que o haviam sido préviamente.

Os srs. José da Fonseca Ritto e o prior Nogueira escaparam como por milagre!

Uma descarga dirigida para o sitio, onde elles caminhavam pacificamente, matou duas mulheres e feriu outra.

Logo em seguida foi lançado por terra, morto, um chefe de familia e feridos muitos outros, um dos quaes está em perigo de vida.

Tres soldados espingardearam a casa do sr. José Maria Fernandes, a curta distancia, e elle foi varado por uma bala, que lhe entrou pelo peito junto ao hombro esquerdo, e saiu pelas costas. O seu estado é muito grave.

Junto d'elle estava o sr. José dos Reis, que por pouco não foi tocado por uma bala na garganta.

Contra o sr. José Pereira Marques, que se achava no portal da sua casa, disparou um soldado um tiro quasi á queima-roupa, e deixou elle de ser morto, porque se desviou da pontaria, que o malvado lhe fazia. A bala batendo na cantaria do portal e desfazendo-se em estilhaços, feriu-o gravemente n'um braço e na cara.

A um pobre homem, que estava encostado a um poste das obras da casa do sr. Francisco Lopes Pessoa, fez um soldado pontaria e varou-lhe um braço com uma bala.

Emfim, a soldadesca dispersa dirigiu os seus tiros contra os principaes progressistas da terra, que são os honrados negociantes José da Fonseça Ritto, José Maria Fernandes e José Pereira Marques.

As suas casas foram o alvo do tiroteio; attestam-n'o os estragos das balas.

Os mortos e feridos jazeram lançados por terra por espaço de mais d'uma hora, sem soccorros.

As auctoridades administrativas tornaram-se indifferentes a esse espectaculo de sangue.

Era commovedor o vêr um bando de creanças chorando sobre o cadaver de sua mãe assassinada.

Honra ao mui digno juiz de direito d'esta comarca que, affrontando as balas, veiu com a sua presença pacificar os espiritos e soccorrer os desgraçados, dando as providencias que podiam estar ao seu alcance.

Foi coadjuvado pelo digno delegado do procurador regio e pelos facultativos do partido, os srs. drs. Barjona e Aggripino, que teem prestado relevantissimos serviços.

A força de caçadores 6, aqui destacada, foi quem praticou este glorioso feito de armas.

O administrador do concelho, Joaquim José da Silva Neves, acha-se desde então installado na casa da administração, guardado por uma grande força militar, e de lá não tornou a sahír.

Vêem-se nas calçadas da villa enormes rastos de sangue.»

No mesmo dia e por occasião das mesmas eleições de deputados correu sangue e houve ferimentos e mortes em outras assembléas do nosso continente e nos Açores.

Abstemo-nos de commentarios.

—

Mais outra scena de sangue que horrorisou este concelho no ultimo anno. Os jornaes noticiaram-na assim:

«Foi encontrado morto, com o coração atravessado por uma bala, na manhã de 26 do corrente, no sitio denominado Sapataria, proximo a Villa Nova d'Ourem, Francisco dos Santos Margarida. Suspeita-se que foi assassinado por um irmão, chamado Arthur dos Santos Margarida, com quem o morto andava ha tempos desavindo e que parece ameaçava matal-o. O morto devia levar comsigo 37 moedas e um cordão d'oiro, pertencente a uma sua namorada. Tambem levava

um relogio de prata, cujo destino se ignora.

Foram já detidos a mãe e o irmão, suspeito do assassinio, emquanto se procede a mais largas averiguações. Acham-se na cadeia de Villa Nova d'Ourem.»

Passados dias, o mesmo jornal accrescentava os seguintes pormenores:

«Francisco dos Santos Margarida, o morto, tinha 30 annos. Trazia comsigo n'um cinto, 37 moedas, um relogio de prata e um cordão de ouro, que tudo lhe desappareceu. Estão presos um irmão da victima, chamado Arthur dos Santos Margarida, a mãe e mais dois rapazes. Parece que ha muito tempo que havia rixa entre os dois irmãos, chegando já por uma vez a vias de facto, recebendo o Francisco tanta pancada que ficára aleijado. Na quinta feira ultima estiveram novamente altercando os dois na feira da villa, mas as cousas ficaram por ahi. No dia seguinte o aleijado appareceu assassinado com um tiro de bala.»

Triste!

—

Para desanojar os leitores enfadados com tão lugubres scenas, vou contar lhes um facto que prende com esta villa e que parece uma anecdota d'almanach.

Ao sr. Manuel Maria Portella, meu bom amigo e Cyreneu, illustrado e benemerito filho de Setubal, devo a communicação de tão singular occorrencia, nos termos seguintes:

«Do *Almanach Burocratico* de 1876, fl. 540, consta que José Joaquim Januario Lapa, distincto official d'artilheria, foi feito barão de *Villa Nova d'Ourem* em 20 de janeiro de 1847—e visconde do mesmo titulo em 12 de março de 1853.

Alem d'outros cargos importantes exerceu o de governador geral da India e o de ministro da marinha e ultramar.

Succedeu-lhe no titulo de visconde de Villa Nova d'Ourem seu filho Elesbão José de Bettencourt Lapa, em 1 d'agosto de 1870.

Deu-se um facto notavel entre o 1.º visconde de Villa Nova d'Ourem e o padre Patricio de Moura e Brito, natural de Setubal.

Quando aquelle titular, antes de o ser, residia em Villa Franca, estando a jogar o gamão com o referido padre, que ali era prior, affirmava este que havia de dar um codilho ao Lapa, o qual por sua parte affirmava o contrario, accrescentando que faria d'aquelle prior um bispo, se d'elle recebesse um *codilho* e viesse algum dia a ser ministro, dando ás suas palavras um tom de puro gracejo.

O tempo correu, e Lapa, da modesta posição que então occupava como administrador das Lezirias do Tejo, [1] passou a elevar-se na escala social pelos seus meritos e pelos successos da politica e chegou a ser ministro de estado.

O prior de Villa Franca seguindo-lhe, por assim dizer, os movimentos, e advertido por um feliz presentimento, logo que o visconde foi nomeado ministro, se lhe apresentou, dando-lhe os parabens e reclamando o cumprimento da promessa.

O ministro, que a principio se não lembrava da promessa, recordou-se perfeitamente d'ella, por fim, e deu ao prior de Villa Franca a mitra de Cabo Verde.

D. Patricio de Moura e Brito foi depois bispo do Funchal.»

Abençoado *codilho!*...

—

Aproveitando o ensejo, daremos aqui mais alguns apontamentos biographicos do 1.º barão e 1.º visconde de Villa Nova d'Ourem, —José Joaquim Januario Lapa,—do conselho de sua magestade, ministro e secretario d'estado, commendador das ordens da Torre e Espada e das de S. Bento d'Aviz e de Isabel a catholica, condecorado com uma medalha de gratidão offerecida pelo exercito da India, marechal de campo, etc.

Falleceu com 63 annos de idade no dia 1 de junho de 1859.

Aos treze annos (em 1809) foi com seus paes para o Brazil, e dois annos depois assentou voluntariamente praça de soldado no 1.º regimento de artilheria do Rio de Janeiro.

Estudou o curso de mathematica, fortificação e desenho, e sciencias physicas e naturaes na academia militar d'aquella cida-

---

[1] V. *Villa Franca de Xira.*

de, sendo quatro vezes premiado pelo seu merecimento.

Achando-se na Parahiba do Norte em 1818, foi incumbido de fortificar a costa d'esta provincia desde a praia de Lucena, ao norte do Cabedello, até á Bahia-Formosa. Foi nomeado por provisão regia delegado do commissario inspector geral das fortalezas e postos de guerra do reino do Brazil, encarregado de organisar e instruir o regimento de artilheria a cavallo do Rio de Janeiro, e nomeado lente de mathematica na escola militar d'este regimento. Tinha então apenas vinte e quatro annos.

Seguiu ali o seu accesso até ao posto de major.

Proclamada a independencia do Brazil e tendo o novo imperio de organisar todos os seus serviços, abria-se á capacidade do moço official de artilheria um vasto campo para a conquista da sua fama e dos seus interesses. Ajudavam-no a estima geral em que era tido e as valiosas relações que lhe proporcionara o seu casamento com uma senhora das principaes familias do Rio de Janeiro.

A todas as vantagens e seducções preferiu o seu nome de portuguez e voltou a Lisboa em 1825.

N'esta viagem teve ensejo de mostrar a sua tempera de heroe praticando um d'esses assombrosos actos de valor com que os homens, ás vezes, a si mesmos se excedem.

O navio em que embarcara no Rio de Janeiro era uma galera mercante, a qual, depois de soffrer grande temporal nas alturas da Bahia, naufragou n'aquellas paragens.

Na enormidade do perigo, os marinheiros, sem ouvirem as vozes do capitão, que inutilmente os chamava á ordem e que teve de fugir diante d'elles pelo furor com que o aggrediram na brutalidade do seu instincto, lançaram o escaler ao mar, invadiram-no tumultuosamente e procuraram salvar-se, expondo á mais irremediavel perda os seus officiaes e todos os passageiros que vinham a bordo.

—

O major Lapa, formoso mancebo de 29 annos, de pé, na tolda do navio, soltos os cabellos ao açoute d'aquelle vendaval terrivel, concebe uma idéa heroica e não hesita a pol-a em pratica um instante. De espada em punho salta ao escaler, e com a voz, com o gesto, com a sublimidade da sua inspiração magnifica e com a firmeza da sua resolução decidida, elle, a mocidade scintillante e varonil, a encarnação do genio e do heroismo, impõe o respeito e o temor áquelles homens desvairados e destemidos; obriga a marinhagem a voltar ao navio, deixando apenas comsigo os remadores precisos; faz descer para o escaler as mulheres, as creanças e os doentes que estavam a bordo, e vencendo o furor das ondas vae lançal-os na praia da costa, a cinco leguas de distancia, volta de novo á galera e conduz para terra o resto dos passageiros e da marinhagem.

Mas n'isto lembra-se de dois enfermos, incapazes de se moverem, e dos quaes ninguem mais se lembrou nas angustias d'aquelle perigo. Era preciso ir salval-os ainda Ao longe, a galera desfazia-se, cançada de luctar com a violencia das vagas.

E o moço artilheiro pela terceira vez faz o difficil trajecto, chegando ainda a tempo de voltar, senhor impassivel do perigo e vencedor da morte.

Rasgo nobilissimo de coragem, merecedor de ser eternamente repetido!

—

Conseguindo voltar a Portugal, foi o seu engenho aproveitado em muitos trabalhos scientificos.

Desempenhou commissões mineralogicas e montanisticas; foi empregado no arsenal do exercito; organisou, instruiu e commandou o batalhão nacional de artifices d'este estabelecimento; dirigiu o fabrico e distribuição de todo o material de artilheria e munições de guerra das fortificações de Lisboa, Palmella e Setubal em 1833, e concorreu na mesma época, com o batalhão que commandava, para a defeza das linhas da capital.

Em seguida fez parte de varias commissões nomeadas para tratar do aperfeiçoamento do material e do serviço da artilheria. Dirigiu a manufactura dos novos arreios, que se adoptaram, por proposta sua, para as parelhas dos parques de campanha, e

montou e instruiu no respectivo exercicio uma bateria de artilheria a cavallo.

Foi depois collocado na terceira secção do exercito, em virtude da parte activa que tomou nos acontecimentos de Belem, em 1836, e na tentativa dos marechaes, em 1837, para a restauração da Carta. N'esta situação encontrou immediatamente a sua intelligencia novos trabalhos em que se applicasse. Foi empregado pela companhia das Lezirias do Tejo e Sado, como director geral das obras das suas propriedades e administrador d'ellas.

Tendo voltado depois, pelas suas convicções politicas, á actividade do serviço no exercito, foi despachado tenente coronel em 1841 com a antiguidade de 5 de setembro de 1837; coronel graduado em 23 de agosto de 1843, e coronel effectivo em 10 de março de 1845.

Em 1846 e no anno seguinte foi successivamente investido no cargo de governador militar de Santarem; commandante de uma columna movel ao norte do Tejo, com a qual reunindo-se ao exercito de operações, assistiu á acção de Torres Vedras, onde se distinguiu pelo seu valor; e commandante de uma columna destacada do dito exercito na Beira e em Traz-os-Montes.

Regressando a Lisboa no fim da lucta, foi eleito deputado ás côrtes pelos circulos da Beira Alta e da Extremadura; exerceu distinctamente, de modo que ainda hoje é com saudades lembrado, o cargo de coronel do 1.º regimento de artilheria; foi governador civil de Lisboa; ministro da marinha e ultramar; ajudante general do exercito; ministro da guerra e pela segunda vez ministro da marinha, sendo exonerado d'estes cargos sempre a pedido seu.

Como governador civil de Lisboa, cargo de que tomou posse pouco depois de terminada a lucta com a Junta do Porto, houve-se com o maximo acerto.

Foi tambem governador geral da India, etc.

—

No *Diario Illustrado* de 12 de maio de 1875 póde ver-se o retrato de s. ex.ª e a sua biographia completa, na introducção da qual se lhe deu o titulo de *Visconde de Ourem*.

Foi lapso.

Era visconde de Villa Nova d'Ourem, povoação differente da de *Villa d'Ourem*, como já dissemos supra, posto que o sr. Ignacio Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, nas *Cidades e Villas*, pag. 104, *in-fine*, fallando de Ourem diz que esta villa *tambbem é nomeada Villa Nova d'Ourem.*

Aliquando dormitat Homerus.

—

Ourem está no curuto de um pincarro—e Villa Nova d'Ourem na baixa, a 2 kildometros de distancia;—Ourem foi desde o tempo dos romanos talvez povoação muraada—e Villa Nova d'Ourem foi sempre aberta;—Ourem já era uma praça de guerra muito importante no seculo XIV—e Villa Novva de Ourem n'esse tempo era a microscopicca povoação de *Pédella*, depois *Aldeia da Cruz*; Ourem è villa e parochia desde os prrincipios da nossa monarchia—e Villa Novva de Ourem é parochia *de direito* desde 18228, *de facto* desde 1831—e villa desde 1841;—finalmente Ourem foi séde de concelho e de comarca desde tempos muito remotos até que perdeu essas preeminencias em 1834, passando a séde do concelho para *Villa Nova d'Ourem* (então *Aldeia da Cruz*)[1]—e a séde da comarca para Thomar, sendo esta *Villa Nova* séde de comarca tambem desde 1875.

Não se confunda pois a *villa velha* d'Ourem com *Villa Nova* d'Ourem.

—

N'este concelho ha minas de carvão de pedra. Sabemos que foram registradaas na camara d'esta villa uma em agosto de 1874, —outra em fevereiro de 1875—e outrra em setembro do mesmo anno.

—

Falleceu no dia 26 d'agosto de 1875, em Lisboa, José da Silva Mendes Leal, naascido em 1796 e contando por consequenccia 79 annos de idade.

Era filho de João da Silva e de D. Francisca Ignacia Mendes Leal, natural de Villa Nova de Ourem. Foi cantor da antigga pa-

---

[1] A administração do concelho d'Ourem já estava na *Aldeia da Cruz* desde 1813.

triarchal e da Sé patriarchal, musico da camara no tempo de D. João VI, até ao reinado da senhora D. Maria II, praça da 1.ª companhia do 1.º batalhão fixo de Lisboa em 1834, e quando falleceu era musico aposentado da sé e mestre de piano. Os filhos que lhe sobreviveram são o sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal e os srs. Joaquim José da Silva Mendes Leal, João Carlos da Silva Mendes Leal e D. Maria Carlota Mendes Leal Cardoso.

São tambem naturaes de Villa Nova d'Ourem o dr. Vicente das Neves Gomes Elyseu, actual juiz da relação de Lisboa, — o dr. Agostinho Albano d'Almeida, facultativo aposentado do hospital das Caldas da Rainha—e o dr. José das Neves Gomes Elyseu, magistrado dignissimo e auctor do interessante *Esboço Historico do concelho de Villa Nova d'Ourem.*

Poderiamos mencionar outros muitos filhos benemeritos d'esta villa e d'este concelho, mas não queremos abusar da paciencia dos leitores e dos editores.

Noticias que recebemos á ultima hora

O movimento parochial d'esta freguezia no ultimo anno foi o seguinte:—nascimentos 65;—casamentos 13;—obitos 33.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a de Nossa Senhora da Piedade (orago)—Santissimo Sacramento,—S. Sebastião—e Santo Antonio.

Até esta data (julho de 1885) esta freguezia conta 10 parochos[1]:

1.º—*Antonio de S. Bernardino Pereira Rebello da Fonseca,*—vigario-conego da collegiada d'Ourem.

Parochiou desde 1831 até 1834.

2.º—*Domingos Antonio d'Almeida,* natural d'esta parochia,—1834 a 1849.

3.º—*Antonio Vieira d'Almeida Borges,*—parochiou seis mezes.

4.º—*Antonio Dias André,* de 25 de junho de 1849, até janeiro de 1850.

5.º—*Marcellino Vieira Borges,* de janeiro de 1850 a janeiro de 1851.

6.º—*Manuel Midões,* de 1851 a 1856.

[1] Fica assim rectificada a lista supra.

Todos estes foram simples vigarios encommendados.

7.º—*José Cypriano Borga,* natural d'esta freguezia,—1.º parocho (prior) collado,—1856 a 1867.

8.º—*Domingos Antonio Alvares,* 2.º prior collado,—1867 a 1868.

9.º—*José Joaquim d'Almeida Pacheco,*—encommendado,—1868 a 1871.

10.º—*Manuel Nogueira da Conceição,*—o rev. prior actual.

Foi encommendado desde junho de 1871 até julho de 1874, data em que tomou posse como prior collado.

Capellas publicas [1]

1.ª—*Nossa Senhora das Mercês,* na aldeia de Alqueidão.

A imagem é bastante imperfeita e foi levada para ali por um ermitão no seculo XIV.

A capella está hoje dentro do cemiterio d'aquella povoação.

2.ª—*Senhor do Bom Despacho,* na aldeia da Lourinha. Muito arruinada.

3.ª—*Nossa Senhora dos Remedios,* na aldeia de Louçans. Mal tractada.

4.ª—*Nossa Senhora do Rosario,* na povoação do Pinheiro.

Está dentro do cemiterio da localidade, feito em 1860 por iniciativa do rev. prior José Cypriano Borga.

5.ª—*Nossa Senhora do Livramento,* na aldeia de Valtravesso e tambem hoje dentro do cemiterio da localidade.

Festejam a Virgem e S. Sebastião.

6.ª—*S. João Baptista,* na aldeia de Villões. Em ruinas.

—

Em 1855 o rev. José Cypriano Borga, sendo parocho em Coimbrão, foi convidado por alguns dos seus patricios para se collar em Villa Nova d'Ourem e promover a construcção de uma egreja que substituisse a capella de Nossa Senhora da Piedade de Al-

[1] Desculpem-nos as repetições, filhas da precipitação com que escrevemos.

Estamos no Porto revendo as provas da ultima parte d'este artigo, tendo em Lisboa já revistas as provas da parte restante!...

deia da Cruz, pois alem de ser pequena para matriz, estava muito arruinada.

Annuiu elle,—e em 1859, sendo já prior d'esta villa, determinou-se a emprehender a construcção do novo templo, arcando com as maiores difficuldades e contrariedades. Além de não haver dinheiro para a obra, não concordavam na escolha do local, pelo que elle teve de decidir a questão, optando pelo local da dicta capella.

No mesmo anno deu principio á demolição das velhas sacristias, para no chão d'ellas se abrirem os alicerces da parede lateral da nova egreja, e, depois de percorrer a freguezia, pedindo esmolas, dias de trabalho, etc., para o novo templo,—*ao que ninguem se recusou*, — no dia 21 d'agosto de 1861 o mestre pedreiro João da Silva lançou a primeira pedra do novo edificio.

As obras proseguiram muito lentamente, por falta de recursos.

Em 1864 o mesmo prior, auxiliado pelos seus parochianos, fez na praça um basar, que foi uma festa esplendida, em que tomaram parte a philarmonica e as senhoras mais distinctas da villa. Rendeu 229$540 réis, que muito contribuiram para o adiantamento das obras. Depois o dr. Antonio Eleutherio, de Thomar, e Antonio Maia, de Torres Novas, deputados por este circulo, obtiveram do governo 1:300$000 réis de subsidio para as mesmas obras.

Em 1867 estavam concluidas as capellas do Santissimo, a do Senhor dos Passos, o baptisterio, a sacristia e a casa do despacho.

A capella do Santissimo foi benzida com grande pompa pelo benemerito prior em 20 de outubro d'aquelle mesmo anno, e ficou servindo de egreja parochial;—depois se demoliu a parte restante da velha capella e foram proseguindo as obras até á sua conclusão, tractando-se ainda no momento das decorações interiores.

—

Deve-se pois em grande parte a nova egreja á iniciativa e dedicação do benemerito prior José Cypriano Borga.

Tem ella defeitos. A capella mór ficou pequena por falta de chão, pois entesta com a rua publica;—ao corpo da egreja tiraram-lhe um metro na altura, *por economia*,—e alteraram tambem o risco, abrindo muito inconvenientemente uma porta lateral *defronte do pulpito*.

Interiormente tem altar-mór,—4 latteraes e tecto de estuque, sobresahindo a meio d'elle a imagem de Nossa Senhora da Piedade em relevo, com o Menino Jesus nos braços.

—

A villa não tem edificios brasonados. Os mais importantes são a casa que foi de Antonio Joaquim d'Almeida, hoje de seus herdeiros,—e a do sr. Marianno de Lemos, que é tambem o 1.º proprietario d'esta freguezia. O 2.º é o sr. dr. Agostinho d'Almeida..

A planicie ou ribeira, onde está Villa Nova d'Ourem, estende-se desde Ceissa até S. Sebastião d'Alvejar, ficando ao norte a Lourinha e o Monte Alto—e ao sul os grandes pinheiraes da Casa de Bragança.

—

O rev. prior José Cypriano Borga nasceu no casal da *Milheira*, d'esta freguezia, a 26 de julho de 1831. Foi o ultimo filho d'esta parochia baptisado na *villa velha* d'Ourem, pois nos fins d'aquelle mesmo anno se creou e separou *de direito* e *de facto* a freguezia de *Aldeia da Cruz*, hoje *Villa Nova d'Ourem*.

Seus paes, Francisco Vieira Borga e Maria Josepha, humildes, mas honrados lavradores, o confiaram em 1843 aos virtuosissimos frades do Varatojo,—Fr. José e Fr. Manuel da Conceição,—que desde 1834 viviam como foragidos na serra de Santto Antonio de Minde, concelho de Porto de Moz,[1] onde ensinavam portuguez, francez, latim, logica e disciplinas ecclesiasticas aos ordinandos dos povos circumvisinhos, que os idolatravam. Tinham n'aquelle tempo 80 discipulos!...

Em 1852 recolheu-se ao seminario de Leiria;—recebeu a ordem de presbytero em Coimbra, a 23 de setembro de 1854,—e foi logo parochiar, como encommendado, a freguezia da Barreira, da qual passou para a

---

[1] V. *Minde*, serra,—e *Minde*, freguezia,—vol. 5.º pag. 233.

de Coimbrão, ambas do concelho de Leiria. Em 2 de junho de 1856 collou-se n'esta Villa Nova d'Ourem, onde logo prestou relevantes serviços, pois sendo n'aquelle anno açoitada pelo cholera e não havendo na freguezia outro padre,—elle não só ministrou os sacramentos a todos os cholericos, mas confortou-os e por vezes lhes applicou os remedios que os facultativos indicavam, pelo que o administrador do concelho depois lhe deu um attestado honrosissimo.

—

Em 1859 deu principio á nova egreja;—no dia 20 d'outubro benzeu a nova capella do Santissimo;—no fim d'aquelle anno collou-se em Alcabideche, no concelho de Cascaes, permutando com o prior Domingos Antonio Alvares,—e em 1872 transferiu-se para a freguezia de Bucellas, concelho dos Olivaes, onde se collou em 13 de novembro do mesmo anno.

Em 1877 foi na peregrinação portugueza a Roma;—visitou o sanctuario de Lourdes,—Marselha, Genova, Roma, Napoles, Pompeia, etc., e no dia 1.º de junho d'aquelle mesmo anno já estava com os seus parochianos e lhes deu com grande pompa e extraordinaria concorrencia de fieis a benção papal, concedida por S. Santidade Pio IX.

É ainda prior de Bucellas e prior dignissimo.

—

A estrada a macadam de Leiria a Thomar e que atravessa esta villa, forma uma ampla estrada rua. Vindo de Thomar, denomina-se *Rua Direita*, desde a entrada da villa até á Praça;—*Rua de Belfort*, desde a Praça até á *Fonte Nova*,—e *Rua dos Alamos*, d'ali até á outra extremidade da villa.

A freguezia d'Ourem, ou da *villa velha* d'Ourem, apesar da sua decadencia, ainda hoje (segundo uma nota que se dignou enviar-me o seu rev. prior) conta 880 fogos e 3:610 habitantes.

O censo de 1878 deu-lhe 830 fogos e 3:432 habitantes.

O seu movimento parochial no ultimo anno, foi o seguinte:—nascimentos 137,—casamentos 25,—obitos 59.

Vê-se pois que a população da *villa velha* não diminue, *augmenta!...*

VILLA NOVA D'OUTIL—aldeia da freguezia d'*Outil*, concelho e comarca de Cantanhede.

V. *Outil*, vol. 6.º pag. 362, col. 1.ª

Por provisão do desembargo do paço, com data de 17 de dezembro de 1574, se permittiu que os moradores das freguezias de S. Martinho d'Arvore e de Outil, bem como os da aldeia de *Villa Nova d'Outil*, podessem cortar carne nos dictos logares pelo preço estipulado para Coimbra;—e por outra provisão da mesma procedencia, com data de 10 de janeiro de 1777, se ordenou ao corregedor de Coimbra que fizesse conter na obediencia ao mosteiro de Cellas (hoje, 1885, já extincto) os habitantes dos seus casaes nos districtos de Tobim, Feteira, Lobares, Figueiró do Campo, Eiras e *Villa Nova d'Outil*, obrigando-os a pagarem todos os direitos devidos ao mosteiro, na conformidade do foral e dos arbitramentos do costume, procedendo contra os que assim o não cumprissem.

VILLA NOVA DA PALHAÇA — freguezia do concelho e comarca d'Aveiro.

V. *Palhaça*, vol. 6.º pag. 425.

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, foi supprimido o bispado d'Aveiro e dividido pelos do Porto e de Coimbra, passando para este ultimo a freguezia da *Palhaça*, ou de *Villa Nova da Palhaça*, com todas as do concelho d'Aveiro e as dos concelhos de Agueda, Anadia, Ilhavo, Oliveira do Bairro e Vagos. As freguezias restantes do districto e da diocese de Aveiro ficaram pertencendo á diocese do Porto. São as dos concelhos d'Arouca (exceptuando a d'Alvarenga) Albergaria Velha, Castello de Paiva, Estarreja, Feira, Oliveira d'Azemeis e 7 do de Macieira de Cambra. As duas restantes d'este ultimo concelho, bem como as do concelho de Sever do Vouga, pertencem ao bispado de Vizeu.

Está portanto o districto d'Aveiro dividido pelos bispados de Coimbra, Lamego, Porto e Vizeu!...

VILLA NOVA DE PENALVA.

V. *Sepulchro*, *Trancozêllo* e *Trancozellos*.

VILLA NOVA DE PORTIMÃO—villa, freguezia e séde de concelho e de comarca no districto e diocese de Faro, provincia do Algarve.

V. *Portimão* n'este diccionario e no *supplemento*, onde desenvolverei consideravelmente aquelle artigo com as notas colhidas por mim na localidade e com os interessantes apontamentos que se dignou enviar-me o muito illustrado e benemerito prior d'aquella formosa villa, o rev. sr. José Gonçalves Vieira, a quem mais uma vez reitéro os meus cordeaes agradecimentos, pedindo-lhe me desculpe o não dar agora, como bem desejava, o supplemento áquelle artigo, porque circumstancias muito extranhas á minha vontade me forçam a passar adiante.

Agradeço tambem ao sr. José Augusto Carneiro o exemplar que se dignou offerecer-me da sua interessante *Memoria historica, genealogica e biographica* da casa de Abrantes ou dos antigos condes e senhores de Villa Nova de Portimão, hoje muito dignamente representados pelo sr. D. João Maria da Piedade, José, Pedro, Paulo, Bento, Francisco de Assis e Xavier, Ignacio de Loyolla, Luiz Gonzaga, Antonio, Braz, Bernardo, Paulo Eremita, Verissimo dos Santos Innocentes, Thomaz de Cantuaria, marquez d'Abrantes e de Fontes, conde de Penaguião, de Figueiró, de Sortelha e de Villa Nova de Portimão, camareiro-mór e commendador-mór na ordem d'Aviz, de sua casa, grande de Portugal e de Hespanha, etc., etc.

VILLA NOVA DO PRINCIPE—V. *Azeruja*, vol. 1.º pag. 291, col. 2.ª

VILLA NOVA DE PUSSOS—freguezia do concelho de Alvaiazere, districto de Leiria, na Extremadura.

V. *Pussos*, vol. 7.º pag. 716, col. 1.ª

VILLA NOVA DA RAINHA—freguezia do concelho d'Azambuja, comarca do Cartaxo, districto e diocese de Lisboa, provincia da Extremadura.

Orago Santa Martha,—fogos 91,—habitantes 360.

Priorado.

Em 1712 era vigairaria da comarca de Alemquer, annexa á matriz de Santo Estevam d'aquella villa,—e contava 70 fogos, os quaes apresentavam o seu vigario, que era collado.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura 80$000 réiss—e contava 105 fogos.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho d'Alemquer, do qual passou para o da Azambuja por decreto de outubro de 1855.

Comprehende esta freguezia os casaes do Loiro, d'El-Rei, de Val da Serpe, Vall de Mouro—e as quintas do *Queimado*, pertencente a D. Catharina Rita Pereira,—de *S. Julião* e do *Caldas*, pertencentes a João Garcez Palha d'Almeida,—*Barracas* pertencente á *Companhia das Lezirias do Tejo e Sado*,—e *Arneiros*, a José Rodrigues Duarte Monteiro.

A *Chorographia Moderna* menciona tambem as quintas *do Novaes, da Mina* e *do Conde*.

A *Chorographia Portugueza* mencionaa o olivaldo *Queimado*,—uma *grande quinta* chamada *Aldeia de Pegas*, pertencente ao conde de Castello Melhor,—e outra denominada *Quinta do Rei*, que era de Antonio Pereira da Silva.

—

Parochias limitrophes—Triana ou Nossa Senhora da Assumpção d'Alemquer, a O.—Azambuja, a E. N. E.—e o Tejo a E.—bem como a linha ferrea do norte, da qual dista cerca de 200 metros,—6 kilometros d'Alemquer,—7 da Azambuja—18 do Cartaxo—40 de Lisboa—e 297 do Porto.

Passa n'esta freguezia a estrada reall a macadam de Lisboa ao Porto—e está approvado o projecto de uma estrada districtal que deve atravessar esta parochia tambem.

Esta freguezia comprehende parte da de *S. Bartholomeu do Paul d'Otta*, que foi extincta, passando a outra parte para a freguezia do *Espirito Santo de Otta*, pertencente a este mesmo concelho d'Alemquer.

V. *O'tta*, vol. 6.º pag. 304, col. 2.ª—e *Paul d'O'tta* no mesmo vol. pag. 508, col. 1.ª

Entre a povoação de Villa Nova da Rainha e o Tejo ha uma grande campina, e para o lado d'Alemquer outra com 5 kilometros de

comprimento e 2 a 3 de largura [1]. São ferteis e produzem muitos cereaes, mas por serem muito planas e em grande parte alagadiças, são um viveiro de sesões e de febres paludosas que já extinguiram a população da freguezia de S. Bartholomeu do Paul d'O'tta e que açoutam cruelmente a d'esta.

—

Diz J. A. d'Almeida que os romanos chamaram a esta freguezia *Pugna Tagi, corrupto vocabulo Punhete.*

Foi lapso. Confundiu esta parochia com a de *Villa Nova de Constancia*, ou *Punhete.*

Tambem o sr. José Maria Baptista diz que ha n'esta parochia uma feira annual a 19 de março, [2] em quanto que os apontamentos que recebi do proprio administrador do concelho dizem que não ha n'esta parochia *feira alguma.*

Os templos d'esta freguezia hoje reduzem-se á sua egreja matriz, que é muito antiga, pois n'ella se recebeu o condestavel D. Nuno Alvares Pereira com D. Leonor d'Alvim.

Era então Villa Nova da Rainha uma grande povoação e *villa*, á qual el-rei D. Fernando, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, deu foral (Franklim não o menciona) concedendo-lhe o privilegio de não pagar jugada nem oitavos;—mas os castelhanos a destruiram quando retiravam da batalha d'Aljubarrota.

Suppõe-se que a pobre villa esteve no olival do *Queimado.* Apenas pouparam a egreja matriz e junto d'ella algumas casas.

Foi tão completa a destruição, que na localidade nem a memoria se conserva de tal villa!

—

Banham esta parochia os rios d'Alemquer e de O'tta, que desaguam no Tejo, a distancia de 1:500 metros da povoação de Villa Nova da Rainha, á saida da qual teem uma ponte de pedra, na estrada do Carregado, e duas azenhas.

Producções dominantes—cereaes, vinho e azeite.

Tambem cria bastante gado.

O *cholera morbus* fez aqui muitas victimas em 1833 e 1834.

Esta freguezia comprehende os *montes de S. Pedro*, que nada offerecem de notavel.

Tem uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

—

Na interessante *Memoria* sobre estudos prehistoricos em Portugal, publicada pelo sr. Carlos Ribeiro em 1878 e por elle offerecida á nossa Academia Real das Sciencias, se lê, a pag. 19, o seguinte:

«Não ha muito que nas proximidades de Bellas, no meio das estações da epocha neolithica, encontramos objectos de *quartzite* trabalhados, d'envolta com fragmentos de pedra polida; e estes *quartzites*, pelo seu aspecto e forma não differem dos *quartzites* trabalhados por mão d'homem, que nós encontrámos tambem nos terrenos terciarios e quartenarios de *Villa Nova da Rainha*, Barquinha e Ponte de Sor.»

Do exposto se deduz que o chão d'esta parochia foi habitado nos tempos prehistoricos da *pedra polida*, bem como grande parte da bacia hydrographica do Tejo e do rio de *Odemira.*

V. *Villa Nova de Mil Fontes* e a *Memoria* citada.

VILLA NOVA DA RAINHA—freguezia do concelho de Santa Comba-Dão, comarca de Tondella, districto e diocese de Viseu, na Beira Alta.

Orago o Santissimo nome de Jesus.—Fogos 150,—habitantes 620. Curato.

Em 1708 era curato da apresentação do prior de Santa Maria de Treixedo, hoje Nossa Senhora da Assumpção do Treixedo, no antiquissimo concelho d'este nome, comarca de Vizeu,—e tinha o dicto curato 70 fogos com 206 pessoas maiores e quarenta e seis menores, segundo se lê na *Chorographia Portugueza.*

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, era curato da mesma apresentação,—

---

[1] Carvalho diz que só na campina do lado d'Alemquer semeavam *mais de cem moios de trigo*, no seu tempo,—e que tinha esta varzea um *provedor*, que era o juiz de fóra, com seu escrivão e um meirinho proprios.

[2] Almeida menciona ainda outra feira annual de 2 dias, a 28 de julho.

contava 65 fogos — e rendia para o cura 30$000 réis, afóra o pé d'altar.

Hoje tanto Villa Nova da Rainha como Treixedo são freguezias do concelho de Santa Comba-Dão.

—

É muito antigo este povoado de Villa Nova da Rainha e o seu territorio, pelo menos parte d'elle, deve ser mimoso e fertil, porque é banhado por um ribeiro, confluente do rio Dão, e demora no abençoado territorio do *Valle de Besteiros*, que produz muito milho, muito vinho e grande quantidade de laranjas, das melhores do nosso paiz.

V. *Besteiros, valle*, vol. 1.º pag. 393, col. primeira.

Em 1210 D. Sancho I doou esta *Villa Nova da Rainha*, do Valle de Besteiros, a Fernão Nunes—e confirmou a doação o seu mordomo D. Gonçalo Mendes. *Doc. de Lorvão.*

—

Nada mais posso adiantar porque, tendo passado muitas vezes em Santa Comba-Dão, nunca visitei esta Villa Nova da Rainha e, apesar das minhas reiteradas instancias, nem o sr. administrador do concelho nem o rev. parocho até hoje se dignaram mandar-me apontamentos alguns. Além d'isso por fatalidade nenhum dos meus mappas indica esta parochia; — o diccionario d'Almeida apenas a mencionou pelo titulo, como todas as chorographias que me cercam,—e o sr. José Maria Baptista nada pôde adiantar tambem por se haver perdido o *relatorio* do *Diccionario Geographico Manuscripto*, existente na Torre do Tombo!...

—

Apontamentos recebidos á ultima hora:

Esta freguezia não comprehende aldeias nem quintas ou casaes dignos de menção.

Parochias limitrophes: — Dardavaz, Muraz, Tonda e Treixedo:—as 3 primeiras pertencem ao concelho de Tondella—e a ultima ao de Santa Combadão.

Dista da séde do concelho 12 kilometros; —da séde da comarca 7;—2 da estrada real n.º 8 da Mealhada a Vizeu, por Santa Comba-Dão; — 14 da estação de Santa Comba-Dão, que é a mais proxima na linha da Beira Alta;—49 da Pampilhosa, entroncamento da linha da Beira Alta na do Norte; — 1000 da cidade da Figueira;—181 de Villar Formoso;—156 do Porto—e 280 de Lisboa.

—

O ribeiro que banha esta freguezia tem uma pequena ponte, tres moinhos para a cereaes, um para azeitona, e desagua no o rio Dão a distancia de 10 kilometros.

As producções principaes d'esta parochia são:—milho, vinho, azeite, feijões, fructetas, gado e caça.

Nunca foi villa e não tem edificios que mereçam especial menção.

Tem cemiterio contiguo á egreja matatriz.

Abundam n'esta parochia vendedeiras de queijos e de pinhões.

Não tem outra industria.

Ha n'esta freguezia uma serra bastatante elevada, mas de pequenas dimensões, — a *Serra da Senhora da Esperança*,—assim denominada por ter uma capella da mesma a invocação de Nossa Senhora, com festata e grande romagem no dia 5 d'agosto.

Não ha n'esta freguezia outra capellala— nem escola alguma.

Com vista aos illustres vereadores de Santa Comba-Dão.

A egreja matriz é um templo modesto.

VILLA NOVA DE REGUENGOS ou **REGUENGOS DE MONSARAZ** — ou simplplesmente *Reguengos*, villa, freguezia e séde do concelho d'este nome na comarca do Redondo, provincia do Alemtejo.

V. *Reguengos*, vol. 8.º pag. 115, col. 1. 2.ª *in-fine*.

VILLA NOVA DE SANDE — ou simplplesmente *Sande*, — freguezia do concelho e comarca de Guimarães, orago *Santa Mararia*, para distincção das outras freguezias de *Sande* (mais tres) pertencentes ao mesmo concelho e comarca.

V. *Sande*, vol. 8.º pag. 88, col. 2.ª

VILLA NOVA DE SEIRA.—Assim se denominava antigamente a freguezia actual de *Ceira* ou *Seira*, no concelho e comarca de Coimbra.

V. *Ceira*, vol. 2.º pag. 266, *in fine*.

Ao que já alli dissemos d'esta parochia, vamos accrescentar algumas noticias importantes:

No archivo da camara municipal de Coimbra se encontra entre os *Documentos avulsos* (em papel) o processo das vistorias que, a requerimento do juiz de Seira, fez a camara de Coimbra nas tomadias dos baldios e rocios d'aquella parochia, comprehendendo —os autos da vistoria e demarcação de 31 de maio de 1640 e de 30 de maio de 1642, — o despacho de 21 de junho de 1642, que os julgou por sentença —e algumas petições, embargos e outros documentos e termos, relativos ás dictas vistorias.

Termina com o despacho de 21 de fevereiro de 1643, que despresou os embargos e mandou dar cumprimento á sentença de 1642.

—

No mesmo archivo se encontra entre as *Cartas originaes dos infantes* uma do infante D. Pedro, duque de Coimbra, datada de 14 de maio de 1439, dirigida ao corregedor Mendo Affonso d'Antas, havendo por bem o mandar cumprir a carta d'el-rei, seu pae, confirmada por el-rei, seu irmão, que das serventias das pontes, fontes e calçadas não escusava os caseiros e lavradores do bispo, cabido, mosteiros, egrejas e fidalgos da cidade e termo, ordenando que pela mesma fórma servissem *aos giros* no corregimento do caminho de *Ceira* os homens e caseiros dos conventos de S. Jorge e de Semide, sem embargo da escusa que lhes concedêra,—ao de S. Jorge pela singular devoção do pae d'elle infante para com o dito mosteiro;—ao de Semide por ser pobre e n'elle jazerem *donas, filhas d'algo.*

—

No mesmo archivo se encontra no Liv. II das *Nomeações dos Officiaes da Camara,* uma ordem (original) da monteria-mór do reino, com data de 13 de novembro de 1794, pedindo á camara informações com relação ao officio do monteiro-mor de *Ceira.*

No mesmo archivo, fl. 213, v. do 1.º *Livro da Correia,* que comprehende os regimentos e posturas da cidade de Coimbra, feitos em 1554, se encontra a *postura da ordenança da pasagem daa barqua de seyra* — ou a tabella dos preços da passagem na dita barca, *in illo tempore,*—coisa muito interessante hoje para os amadores de curiosidades historicas.

No mesmo archivo e no *Livro III das Correias* se encontra a fl. 258, v. uma carta regia de 2 de maio de 1716, participando á camara de Coimbra o nascimento de um infante, — e em seguida uma provisão do desembargo do paço com data de 15 de julho do mesmo anno, declarando que á mesma camara competia a eleição do juiz da vintetena de *Ceira.*

—

No mesmo archivo se encontra no tomo 3.º do *Registo,* a fl. 269, v. o regimento da barca da passsagem de *Ceira,* feito em 23 de maio de 1573, muito curioso tambem.

No mesmo archivo se encontra no tomo 33 do *Registo,* fl. 44 e 45, uma carta de nomeação do monteiro-mór dos lobos e mais bichos em *Ceira,* Castello Viegas e outros logares, datada de 1644.

No mesmo archivo se encontra a fl. 396 do tomo 60 do *Registo* uma provisão do desembargo do paço, com data de 7 de novembro de 1832, dando ao juiz do tombo do morgado de *Ceira,* da condessa da Ribeira Grande, jurisdicção privativa em todas as causas com os emphyteutas e rendeiros do dicto tombo.

D'aqui se infere a importancia do morgado que os condes da Ribeira Grande tinham, —e não sabemos se tem ainda, — em *Ceira.*

No mesmo archivo se encontram a fl. 65, v. e 71 do *Registo da Correspondencia* (n.º 7) os officios e edictaes que precederam o aforamento de certos baldios em *Ceira.*

No mesmo archivo, a fl. 389, v. do tomo I do *Registo da Legislação,* se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 25 de junho de 1773, ordenando que os caseiros dos morgados que a condessa da Ribeira Grande, D. Joanna Thomasia, tinha em *Ceira* e *Sarnache,* não podessem recolher os fructos das eiras e lagares *sem previo aviso do rendeiro.*

No mesmo archivo, a fl. 202 do tomo 2.º do *Registo da Legislação,* se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 19 d'abril de 1788, concedendo a Thomaz Joaquim da Motta—*em sua vida sómente* —

a administração da barca de passagem no Mondego, chamada *barca de Ceira*, que era da corôa.

Finalmente no mesmo archivo e no mesmo *Registo da Legislação*, a fl. 19, v. do tomo 4.º se encontra uma provisão do desembargo do paço, com data de 3 d'abril de 1807, estabelecendo nas freguezias de *Almalaguez*, *Castello Viegas* e *Ceira*, á custa dos sobejos das sisas d'ellas, o partido de 150$000 réis para um facultativo que curasse os habitantes dos dictos logares e os pobres, *de graça*.

VILLA NOVA DO SEPULCHRO—ou *Villa Nova de Penalva*.

V. *Sepulchro*,—*Trancozello*—e *Trancozellos*.

VILLA NOVA DE SOUTO D'EL-REI—ou *Arneirós*,—freguezia do concelho, comarca e diocese de Lamego.

V. *Arneirós*, tomo 1.º, onde já se fallou d'esta freguezia; mas no *supplemento* desenvolverei amplamente aquelle artigo, o que agora não posso fazer, por falta de espaço.

VILLA NOVA DE TAZEM — freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Priorado. Fogos 550, — habitantes 2:310.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1768 era priorado do padroado real, —contava 247 fogos—e rendia 650$000 réis.

O censo de 1878 deu-lhe 506 fogos e 2:068 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—*Villa Nova*, séde da freguezia, com 360 fogos, — *Tazem*, com 130 e *Paçoinhos*, com 60.

Comprehende tambem os moinhos do *Cuvo* e da *Fidalga*,—e as quintas de Lagares, Regadas, Ribeira e Reguengo, todas pouco importantes, porque a propriedade se acha aqui muito dividida.

Freguezias limitrophes:—Cativellos a N.—Rio Torto a E.,—Lagarinhos a sueste,—Lages e Girabolhos a O.

Villa Nova, séde da freguezia, dista da aldeia de Paçoinhos 500 metros; — da de Tazem 1:500; — 7 kilometros da margem esquerda do Mondego;—12 de Gouveia; — 16 da estação de Mangualde (a mais proxima) na linha da Beira Alta;—60 da Guarda, pela estrada a macadam, — 99 pela linha ferrea da Beira Alta;—145 da Figueira; — 1999 do Porto—e 323 de Lisboa.

—

Esta é uma das freguezias do nosso paiz que tem tido mais nomes differentes e que mais dores de cabeça tem causado aos nossos chorographos para a discriminarem e classificarem, vendo-se todos perplexos e sem poderem sahir do labyrintho.

Notem:

Nos fins do seculo XIII denominava-se *Villa Nova de Riba-Mondego*, por estar, como já dissemos, na margem esquerda do Mondego, no termo de Folgosinho, pelo que tambem se denominou *Villa Nova de Folgosinho*.

Era então uma simples herdade ou quinta de D. Guilhelmo, que lhe deu o 1.º foral na era de 1220, anno de 1182. V. *Casal* n'este diccionario e *Exaveaduras* em Viterbo.

Hoje mal se acredita que pertencesse ao termo de Folgosinho, porque esta villa antiquissima é hoje uma pobre e obscura freguezia do concelho de Gouveia, alcandorada na Serra da Estrella, cerca de 20 kilometros a E. de *Villa Nova de Tazem*, e terá hoje apenas metade da população d'esta parochia. Alem d'isso entre ella e *Villa Nova de Tazem* mettem-se de permeio muitas parochias, algumas das quaes foram desde tempos remotos villas e concelhos tambem, taes são *Gouveia*, *Mello* e *Cabra*.

—

Desde os principios do seculo XVI denominou-se tambem *Villa Nova do Casal*, porque pertenceu á antiga *Commenda do Casal* que tinha por cabeça a aldeia do *Casal*, cerca de 18 kilometros a S. O. hoje da parochia de Travancinha, concelho de Ceia.

D. Manuel deu foral em Lisboa, a 221 de fevereiro de 1514, á dicta *Commenda do Casal* e a esta freguezia de *Villa Nova*, pois a dicta commenda e o dicto foral comprehendiam as terras seguintes:—*Casal*, *Cativellos*, *Lageosa*, *Pereiro*, *Povoa da Rainha*, *Saameice*, *Travancinha*, *Varzia do Fundo* e *Villa Nova*, hoje *Villa Nova de Tazem*.

Livro de Foraes Novos da Beira, fl. 333, v. col. 2.ª

Depois se denominou tambem *Villa Nova do Casal*, porque até 1834 esta parochia fazia parte do julgado do *Casal*, pertencente ao termo de Ceia,—julgado que comprehendia entre outras povoações *Tazem* e *Paçoinhos*.

Passou pois esta parochia (não sabemos quando) do concelho de Folgosinho, cerca de 20 kilometros a N. E., para o de Ceia, cerca de 15 kilometros a S.,—e para o julgado do *Casal*, parochia de Travancinha, cerca de 18 kilometros a S. O. mettendo-se de permeio varias freguezias!...

Deixando o julgado do *Casal* e passando para o concelho e comarca de Gouveia, não mais se denominou *Villa Nova do Casal*, mas simplesmente *Villa Nova* e tambem *Villa Nova de Tazem* (ainda hoje e não sabemos desde quando) — titulo que tomou da visinha povoação de *Tazem*, hoje simples aldeia d'esta parochia, mas *muito antiga* e que já foi povoação mais importante e matriz d'esta freguezia de Villa Nova. Ali se encontram ainda hoje claros vestigios da velha egreja, no local da capella de S. João.

—

Do exposto se vê que esta freguezia de *Villa Nova* ou *Villa Nova de Tazem*, no concelho de Gouveia, já se denominou *Villa Nova de Riba-Mondego*, — *Villa Nova de Folgosinho*, e *Villa Nova do Casal*, mas nunca se denominou *Casal*.

Tambem nunca foi villa, mas teve dois foraes, como dissemos supra, — um dado por D. Guilhelmo, outro por D. Manuel.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao bispado de Coimbra; mas desde aquella data passou com todas as freguezias dos concelhos de Gouveia e de Ceia para o bispado da Guarda.

Atravessa esta freguezia a estrada municipal de *Ponte Pedrinha* a *Cativellos*, cuja extensão é de 10 kilometros.

Passam tambem a 5 kilometros d'esta freguezia—do lado sueste, a estrada real da beira, de Coimbra a Celorico, pela margem esquerda do Mondego e ponte da *Murcella* sobre o Alva, e a igual distancia, pelo lado nordeste, a estrada a macadam de Gouveia a Mangualde, atravez do Monte Aljão, grande baldio de Gouveia, passando o Mondego na ponte Palhez e tocando na estação dos *Cuvos*, ou de Mangualde.

—

Demora esta freguezia em terreno relativamente fundo e quasi plano, ou suavemente ondulado, entre a margem esquerda do Mondego e a pendente N. O. da grande Serra da Estrella, cujo antemural é imponente e surge a distancia de 10 kilometros d'esta parochia, para S. E.

A egreja matriz é um templo modesto e pouco espaçoso, relativamente á grande população d'esta parochia,—a mais populosa e mais importante do concelho, depois da villa de Gouveia.

Ha tambem n'esta parochia as capellas seguintes: S. Miguel, S. Bartholomeu, Santo Antonio e Senhora dos Milagres, em Villa Nova, todas publicas, exceptuando a ultima;— S. Cosme e S. Damião, capella tambem publica, elegante e muito bem situada, em *Paçoinhos*,—e S. Sebastião e S. João, tambem publicas, em *Tazem*,—tendo a de S. João festa e romagem no dia do seu orago, 24 de junho.

Nenhuma das outras festas que hoje aqui se fazem merece especial menção.

Ha tambem n'esta parochia muitos edificios decentes, mas nenhum notavel,—e uma feira em Villa Nova, nas quintas domingas de cada mez.

Foi sempre povoação aberta, sem visos de fortificação alguma, por estar em planicie; — pelo contrario foram fortificadas muitas das povoações que estão no proximo antemural da Serra da Estrella, taes são Celorico, Linhares, Gouveia e Ceia.

Tambem nunca teve convento algum. Os mais proximos eram o do *Couto*, de freiras franciscanas, em Nabainhos, — o de freiras franciscanas tambem, na freguezia de Vinhó, — o do *Espirito Santo*, de frades franciscanos, junto da villa de Gouveia, para O. — e mesmo na villa o *Collegio dos Jesuitas*, depois convento das freiras franciscanas d'Almeida,—em seguida quartel militar—e por ultimo rezidencia dos condes de Caria, com vistas esplendidas e uma bella cerca.

—

Ha em Villa Nova uma linda rua, denomi-

nada de *Antonio Mendes*, formada por um lanço de estrada municipal de *Ponte Pedrinha a Cativellos*, que atravessou a povoação e lhe deu muito realce. Denominaram-na de *Antonio Mendes* por gratidão para com o presidente da camara que mandou fazer a dicta estrada,—o commendador e dr. Antonio Mendes Duarte e Silva, de Gouveia, um dos primeiros proprietarios e industriaes d'este concelho e que já foi deputado ás côrtes, secretario geral do governo civil da Guarda e Governador Civil do mesmo districto.

Ha tambem na grande povoação de Villa Nova um bom largo, junto da matriz, denominado *da Egreja*. N'elle se fazem as feiras.

Banha esta freguezia um ribeiro que divide a povoação de Villa Nova em dois bairros e desagua no Mondego, no sitio de *Porto de Rei*, cerca de 8 kilometros ao poente de Villa Nova. Tem uma ponte, de um só arco, denominada *do Castello*, na estrada de *Ponte Pedrinha a Cativellos*.

—

Producções principaes:—vinho, azeite, cereaes e fructas,—predominando o vinho, que é o melhor do concelho e gosa de justa fama na Beira, como vinho de pasto.

No ultimo anno em que se procedeu ao arrolamento do vinho para o lançamento da contribuição denominada *subsidio litterario*, verificou-se que esta parochia produzia *vinte e quatro mil hectolitros*—ou 60:000 almudes, de 40 litros! Hoje produz menos, por causa das muitas doenças que affectam os vinhedos de todo o nosso paiz, posto que a phylloxera ainda aqui não chegou.

Póde computar-se a sua producção actual em 16:000 hectolitros,—ou 40:000 almudes.

Quando em 1850 a 1860 o *oidium* assolou os vinhedos do Douro e a aguardente attingiu preços fabulosos, montaram-se n'esta freguezia tres machinas de queimar vinho, que fabricaram grande quantidade de aguardente para o Porto e Regoa.

Não tem nem nunca teve uma fabrica de lanificios, como outras freguezias d'este concelho, que actualmente conta vinte e seis das dictas fabricas, algumas das quaes tem dado fortunas importantes, nomeadamente as da opulenta casa *Rainhas*, de Gouveia, hoje avaliada em *quatro centos contos de réis!!!*

—

Produz esta parochia muita fructa de boa qualidade, principalmente castanhas, cerejas, figos, abrunhos, peras, maçãs, pecegos, melões, melancias e nesperas japonicas. Laranja muito pouca e muito azeda, por causa da vizinhança da grande serra e por falta de ravinas ou quebradas fundas.

Tem abundancia de granito para construcções e de mattas de pinho para lenha e madeira.

A propriedade aqui está muito dividida, bem agricultada e é toda pertencente aos habitantes da parochia, muitos dos quaes possuem largos chãos fóra d'ella, pelo que esta parochia é *uma das mais ricas e prosperas da Beira*!

Os seus habitantes são muito religiosos, muito tractaveis, bem morigerados, respeitadores das pessoas que consideram principaes, laboriosos e agenciadores. Costumam concorrer em grande numero ás feiras dos povos circumvisinhos, nas quaes vendem a retalho generos de mercearia, fazendas brancas, vinho, etc.

—

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido bastantes homens notaveis. Mencionaremos apenas os seguintes:

Francisco Henrique Toscano, ultimo capitão-mór do Casal.

Foi um cavalheiro respeitavel e muito religioso. Na egreja matriz se conservam ainda differentes alfaias dadas por elle.

Pela sua bondade e cavalheirismo formava um verdadeiro contraste com o seu visinho e tambem capitão-mór, o tristemente celebre Jorge Botto, de Vinhó, que foi o açoite d'este concelho de Gouveia, muitos annos.

No artigo *Vinhó* lhe daremos o logar de honra, que merece!

Apesar de ser Francisco Henrique Toscano um cavalheiro d'extrema bondade, foi *perseguido e roubado* pela celebre quadrilha dos *Brandões* de Midões, [1] que foram a ver-

[1] V. *Midões*, vol. 5.º pag. 211, col. 1.ª—

gonha da humanidade e o maior açoite das margens do Mondego e do Alva n'este seculo,—bem como os *Marçaes* de Villa Nova de Foscôa (*Vide*) nas margens do Alto Douro!...

O bom do F. H. Toscano seria victima dos Brandões, se o não defendessem os proprios liberaes, seus visinhos;—honra lhes seja!

—

O padre *José Henrique Toscano*, irmão d'aquelle capitão-mór.

Desempenhou muitos annos o cargo de vice-reitor do Seminario de Coimbra e foi elle quem salvou da rapacidade dos *pseudo-liberaes* de 1834 as riquezas d'aquelle estabelecimento scientifico e religioso, como se aprazia em confessar o fallecido e virtuoso bispo-conde de Coimbra, depois cardeal-patriarcha de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues, sendo aliás tido como *liberal*, e o padre Toscano como *realista*.

Dr. *Henrique do Couto*, lente da faculdade de philosophia e director do Jardim Botanico da Universidade muitos annos, pelo meado d'este seculo.

Eugenio Accursio Ferreira, major de engenheiros e director das obras publicas nas ilhas de S. Thomé e Principe, onde falleceu em 1881.

—

O dr. *Jeronymo Joaquim de Figueiredo*, lente de medicina e pharmacia na Universidade de Coimbra, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., auctor da *Flora pharmaceutica*, obra magistral n'aquelle tempo.

Foi uma das victimas do cobarde morticinio que teve logar no dia 18 de março de 1828, junto de *Condeixa Velha*. V. vol. 2.º pag. 371.

Nasceu na Muxagata, mas casou aqui,—aqui passava as ferias—e aqui nasceram os seus filhos seguintes:

O dr. *Venancio de Figueiredo*, 1.º director geral dos telegraphos, logar que não chegou a exercer, porque a morte o surprehendeu.

Albino Francisco de Figueiredo e Almeida, do concelho de S. Magestade, cavalleiro da Torre e Espada, coronel graduado do corpo de engenharia, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, lente da Eschola Polytechnica, deputado ás côrtes em 1856, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Nasceu n'esta parochia no dia 4 d'outubro de 1803 e morreu de um ataque apopletico em Lisboa, sendo deputado e ainda solteiro [1].

Publicou as obras seguintes:

Elementos de Arithmetica... em 1828,—*Projecto da reforma da Instrucção Publica*, em 1836, — *Curso de Mechanica Racional*, em 1839, etc.

Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva, bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra, doutor em medicina pela Universidade de Montpellier, professor do Instituto Agricola, Socio e secretario perpetuo da 1.ª classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Achando-se em Wisbaden, na Allemanha, foi accomettido de um ataque de alienação mental e suicidou-se no dia 14 d'agosto de 1857.

Foi homem muito illustrado e auctor de varias obras indicadas por Innocencio.

Para a sua biographia veja-se a *Gazeta Medica de Lisboa*, tomo VI, 1858, pag. 163 e seguintes.

—

Padre *Francisco Pires da Costa*, presbitero da congregação de S. Camillo de Lellis, etc.

Foi geral da sua ordem, orador distin-

Oliveira do Hospital, vol. 6.º pag. 280, col. 2.ª—*Taboa*, vol. 9.º pag. 467, col. 2.ª—*La Vendetta* ou *O Saldo de Contas*, por Arsenio de Chatenay, Porto, 1880,—*Varzea* de *Meruge* vol. 10.º pag. 232, col. 1.ª—e nomeadamente *Varzea da Candosa*, vol. 10.º pag. 214 e seguintes.

[1] Vive em Paranhos, concelho de Ceia, um sobrinho, — unico representante d'esta familia notavel pela intelligencia e outras prendas. Pelo menos o Venancio (diz o meu informador) fez parte da sociedade secreta dos *Divodignos*, á qual se attribuem as mortes perpetradas no Cartaxinho, em 18 de março de 1828!...

V. *Condeixa Velha*, logar citado.

ctissimo, preconisado, e não sabemos se eleito, bispo durante o governo de D. Miguel, dignidade que não chegou a exercer, porque a morte o surprehendeu.

Foi homem muito virtuoso e de superior illustração, auctor do *Novo Ministro dos enfermos*... Lisboa, 1815,—e do *Opusculo canonico*... em defeza da doctrina do S. P. Bento XIV... Lisboa, 1817.

Ainda hoje (1885) se conserva n'esta parochia de Villa Nova de Tazem um exemplar do *Oriente*, de José Agostinho de Macedo, annotado pelo padre Francisco Pires da Costa.

—

Cerca de 2 kilometros a N. O. da matriz d'esta parochia ha uma caverna, denominada *Cova da Maria do Bento*, pelo facto seguinte:

Haverá 45 annos desappareceu d'esta freguezia uma mulher, Maria do Bento. Decorreram seis mezes sem haver d'ella noticia. Suspeitou-se que tivesse sido assassinada por um cunhado, de nome Simão, com quem andava mal avinda. A justiça procedeu a devassa e minuciosas indagações sem nada descobrir; mas passado meio anno soube-se que effectivamente a pobre mulher fôra assassinada pelo referido Simão, como revelou um criado d'este, por nome Antonio de Paula, que narrou o facto, dizendo que, depois de estrangulada, a lançaram na dicta caverna.

Ali se encontrou o cadaver da infeliz, já em adiantada decomposição; — o assassino foi immediatamente preso—e em seguida julgado e condemnado a degredo perpetuo para a Africa occidental, onde falleceu.

—

Ha n'esta freguezia tres escolas officiaes de instrucção primaria elementar, — uma para o sexo masculino, outra para o feminino, diurnas,—e outra nocturna, para adultos do sexo masculino.

As do sexo masculino são pelo systema de João de Deus—e o resultado obtido tem sido surprehendente!

Ha em Villa Nova uma pequena estalagem.

Cerca de 500 metros ao nascente d'esta parochia se encontram ainda hoje claros vestigios d'uma povoação muito antiga, talvez romana, inclusivamente sepulturas abertas na rocha; não ha porém memoria de terem ali apparecido pedras com inscripções, nem moedas ou medalhas.

O clima d'esta parochia é benigno no verão e aspero no inverno, sendo a temperatura sujeita a rapidas variações.

Predominam aqui doenças agudas e chronicas do apparelho respiratorio—e tem havido tambem aqui algumas epidemias de febre typhoide, mas benigna.

O cemiterio d'esta parochia está junto da egreja matriz e foi feito em 1793 á custa do benemerito prior—Manoel da Costa d'Andrade Almeida,—que falleceu em 1854, contando 100 annos de idade!

Em 1834 as convulsões politicas obrigaram tão benemerito prior a deixar a freguezia, com grande pesar dos seus parochianos. Foi reintegrado em 1848 e continuou a parochiar até 1854, data em que falleceu.. Era natural d'Alpedrinha,—cantava muito bem —e tinha sido capellão—cantor na patriarchal.

—

Esta freguezia é séde de um partido municipal, que foi provido pela primeira vez em 1872 no actual facultativo, Joaquim Borges Garcia de Campos, alumno da Escola Medico-Cirurgica do Porto, cujo curso concluiu em 1871.

É s. ex.ª natural d'esta freguezia, cavalheiro de muito merecimento e de grande influencia n'este concelho; muito desinteressado, muito dedicado pela pobresa—e hoje senhor da melhor fortuna d'esta freguezia e de uma das melhores d'este concelho,—pois casou em 28 de janeiro do corrente anno com a ex.ma sr.ª D. Maria Candida d'Almeida Rainha, filha do fallecido industrial, capitalista e grande proprietario, Joaquim d'Almeida Rainha e de D. Clara Rita d'Almeida Rainha, donos da opulenta casa *Rainhas*, de Gouveia, hoje a primeira do districto da Guarda!...

Tem a sr.ª D. Maria Candida apenas dois irmãos, ambos solteiros,—D. Maria Guilhermina d'Almeida Rainha e Julio Cesar d'Al-

meida Rainha, bacharel formado em direito e *licenciado* (com o 6.º anno) em theologia pela Universidade de Coimbra, cavalheiro de superior illustração, que já foi o 1.º advogado d'esta comarca de Gouveia, em quanto quiz advogar, e deputado ás côrtes em varias legislaturas.

—

Esta freguezia foi muito rendosa no tempo dos dizimos. Os seus priores eram padroeiros das freguezias de Lagarinhos e Cativellos, cujos curas apresentavam. Ainda hoje rende mais de 400$000 réis, provenientes do pé d'altar, fóros e juro de inscripções. Tem além d'isso rezidencia,—um pequeno passal contiguo—100$000 réis de congrua (derrama em dinheiro) para o parocho—e 40$000 réis para o coadjutor.

O seu prior actual é o rev. Manuel Fernandes Toscano, filho d'esta parochia.

Em 1811 os francezes do exercito de Massena, quando retiravam de Torres Vedras pela ponte da Murcella, atravessaram e assolaram esta freguezia e roubaram todas as pratas da egreja matriz, incluindo tres lampadas, cruzes processionaes, thuribulos, vasos, etc. Toda a população fugiu, apenas constou que os francezes se approximávam, mas ainda poderam haver ás mãos o cirurgião Thomé Lopes de Campos (avô materno do sr. dr. Joaquim Borges Garcia de Campos) e o mataram.

Tambem esta freguezia soffreu muito em 1810, quando por aqui estacionou o exercito anglo-luso, esperando o exercito francez, pois n'esta freguezia acampou muito tempo uma divisão inglesa.

—

Em 1826 estiveram tambem n'esta freguezia o batalhão academico e as milicias de Coimbra,—forças que faziam parte da divisão do general Claudino.

Os academicos ilheus e brazileiros admiraram muito um grande *nevão* que presenciaram,—phenomeno meteorologico extranho para elles.

Dos vereadores actuaes d'este concelho pertencem dois a esta parochia,—Francisco Henrique Toscano, effectivo, e José Borges Garcia, substituto.

Dos 40 maiores contribuintes pertencem a esta parochia 8:—dr. Fernando Henriques Toscano, filho do antigo capitão-mór Francisco Henriques Toscano,—dr. José d'Almeida Pedroso,—dr. Joaquim Borges Garcia de Campos,—Joaquim Pinto Tavares,—Manuel d'Almeida Liz e Vasconcellos — Gaspar do Couto Almeida Valle,—Joaquim Ferreira dos Santos—e Francisco Henriques Toscano.

—

Um dos membros mais distinctos da respeitavel familia *Toscano*, d'esta freguezia, é o sr. dr. Fernando Henriques Toscano, juiz de direito, actualmente em Cabeceiras de Basto.

Nasceu n'esta freguezia em 1840;—foi administrador do concelho de Ceia,—juiz ordinario em Oliveira do Hospital,—delegado do procurador regio em Alcacer do Sal, Ceia e Fundão,—e juiz de direito na comarca de Santa Cruz (ilha da Madeira)—d'onde foi transferido para Cabeceiras de Basto.

É um magistrado dignissimo.

Tambem é natural d'esta freguezia o sr. dr. Gaspar Borges Garcia Pereira, bacharel formado em theologia e direito, administrador da casa da marquesa de Monfalim e advogado, rezidente no Porto.

São tambem naturaes d'esta freguezia os 8 presbyteros seguintes:—Manuel Fernandes Toscano, prior,—Joaquim Vaz dos Santos, coadjutor,—José Garcia, José do Couto Martins, Gaspar José d'Oliveira, Antonio Ferreira d'Almeida, vigario actual de Cativellos, José Pinto Ferreira Marvão, de 81 annos de idade,—e Francisco Pinto Ferreira Marvão, de 81 annos de idade tambem, tio do antecedente.

É tambem natural d'esta freguezia o sr. José d'Almeida, alferes da Guarda municipal do Porto.

—

«Ha finalmente n'esta freguezia, no sitio chamado *Pero Moleiro*, (diz o meu informador) um penedo enorme que, impulsionado sem grande esforço, faz *doze a dezeseis* oscillações.»

Aqui temos pois nós mais um dos raros *penedos oscillantes* que ainda existem na peninsula!

No *supplemento* a este diccionario,—se Deus nos conservar a vida e elle estiver ainda a nosso cargo,—daremos circumstanciada noticia do tal *Penedo oscillante;* entretanto, para elle chamamos a attenção dos archeologos.

É-lhes facil o visital-o, porque está na margem esquerda do Mondego, distante cerca de 16 kilometros da estação de Mangualde (caminho de ferro da Beira)—e passa a quatro kilometros d'elle a estrada a macadam da dicta estação para Gouveia, servida por diligencias.

Lembro ainda aos archeologos que tambem por essa occasião podem visitar um *dolmen* que se encontra, *ainda perfeito e com mesa,* servindo de choupana para abrigo de madeiras, na freguezia de Rio Torto, limitrophe de Villa Nova de Tazem, a poucos metros de distancia da nova estrada da Beira, ao norte d'ella e ao poente da ribeira de Rio Torto.

Vê-se perfeitamente da estrada da Beira.

—

O tal *Penedo oscillante* é de fórma conica: —tem de circumferencia maxima 15m,45 e de altura 3 metros. Assenta sobre outro penedo, que se eleva do solo 60 centimetros; —a sua base é approximadamente espherica—e a face superior é plana, mas ligeiramente inclinada para o norte.

O dicto penedo está em uma pequena planura, entre um pinheiral e uma vinha; —é de granito;—o seu volume deve medir approximadamente 50 metros cubicos—e, apesar d'isso, uma só pessoa com pequeno impulso imprime-lhe 12 a 16 oscillações *bem sensiveis!...*

Oscilla para *todos os quadrantes*—e mais facilmente de norte a sul, ou vice-versa.

Não é accessivel por nenhum dos lados.

Dista do Mondego ou da *Ponte Palhez* 8 kilometros—3 da ribeira de Cativellos—e 1:500 metros da egreja matriz, para N. E.

No sitio denominado *Cafail*, cerca de 500 metros ao norte do dicto penedo, ha vestigios de povoação antiquissima. Ali se teem encontrado muitos tijolos de grande espessura e outras velharias,—e a pequena distancia se vêem ainda algumas sepulturas abertas na rocha, havendo lembrança d'outras muitas.

Sepulturas d'esta especie são triviaes ainda hoje no nosso paiz. N'este diccionario se faz menção de muitas—e muitas nós temos visto; mas nunca vimos tantas em tão pequeno espaço como na freguezia de *Moreira de Rei* (concelho de Trancoso) junto da egreja matriz. Ainda hoje ali se contam mais de 50 de diversas dimensões e orientações, todas abertas em grandes penedos de granito. V. *Moreira de Rei* n'este diccionario e no *supplemento.*

Os *dolmens* são muito mais raros—e mais raros ainda os penedos oscillantes!...

O *dolmen* indicado supra já foi (me parece) reconhecido em 1881 pela secção archeologica da *Expedição scientifica,* que explorou a serra da Estrella n'aquella data; —mas o *penedo oscillante* d'esta freguezia, ou de *Pero Moleiro,* jazeu sempre ignorado e desconhecido *até hoje.*

VILLA NOVA DA TELHA—freguezia do concelho da Maia, comarca, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Expectação—ou Santa Maria;—fogos 210,—almas 850.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos bispos do Porto,* denominava-se simplesmente *Villa Nova;*—era reitoria da apresentação do convento cruzio de Moreira—e contava 162 habitantes.

Em 1687, segundo se lê nas *Constituições* do bispo D. João de Sousa, denominava se *Villa Nova da Telha,*—e contava 58 fogos com 231 habitantes.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* era vigairaria perpetua apresentada pelo prior do convento de Moreira; —contava 60 fogos;—rendia para o vigario 130$000 rs.—e para o convento 220$000 rs.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano,* era priorado da apresentação do mesmo convento;—rendia 200$000 réis—e contava 67 fogos.

Em 1857, segundo se lê no *Almanach Eccl. do Porto,* contava 185 fogos e 659 almas,—rendia 200$000 réis—e era seu reitor collado o rev. José Narciso Loureiro.

Finalmente o censo de 1878 deu-lhe 157 fogos e 710 habitantes.

—

Comprehende as povoações seguintes:— —Villa Nova, ou *Aldeia*, a principal, Egreja, Quires, Cambados, Lagiellas, Ponte, Monte, Arrabalde, Prozella, ou Perozella e Villar do Senhor.

Freguezias limitrophes:—Aveléda e Villar do Pinheiro, a N.—Moreira a S.—Villar do Pinheiro a E.—e Perafita e Lavra a O.

Atravessam esta freguezia de sul a norte a estrada a macadam do Porto a Villa do Conde e a linha ferrea (via reduzida) do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão. Tem esta linha na extremidade sul d'esta parochia a estação de *Pedras Rubras*, distando d'ella a egreja matriz cerca de 1 kilometro,—6 da séde do concelho (povoação do *Castello*, na freguezia de Santa Maria de *Avioso*) — 12 do Porto — e 349 de Lisboa.

A egreja parochial é um templo humilde e pobre, mas muito antigo, bem como esta parochia, pois no seu archivo se encontram registradas duas doações feitas a esta egreja uma de 1353,—outra de 1355. Constava ésta de tres maravedis velhos de prata lavrada, impostos em varios casaes e bens, com a obrigação dos abbades dizerem certas e determinadas missas.

—

Das dictas doações se conclue que esta paroquia é anterior ao seculo XIV — e que em 1355 era abbadia, — mas abbadia já annexa ao convento de Moreira, em virtude da renunciação que d'ella fez aos conegos regrantes o abbade e dr. Belchior Fernandes Velejo, que se recolheu ao dicto mosteiro no anno de 1298, sendo bispo do Porto D. Sancho Pires e prior de Moreira D. João Pires, seu sobrinho. Conservou porem esta parochia o titulo de abbadia até que o prior do convento de Moreira, D. Gregorio, por bulla do Papa Sixto V, datada de 30 d'agosto de 1586, uniu ao mosteiro os dizimos d'esta freguezia, passando os seus parochos a intitular-se reitores.

O mosteiro tomou posse d'ella em 21 de junho de 1589.

Em 1544 era abbade d'esta freguezia o rev. Domingos Fogaça, fidalgo da casa do infante D. Henrique e seu governador no arcebispado d'Evora. Tudo isto consta de um documento interessantissimo, cujo *original* se conserva no archivo d'esta parochia. E' um *Tombo* dos bens, encargos e rendimentos d'ella, ordenado pelo dicto abbade e feito pelo tabellião Manuel Camello em 18 d'abril de 1544.

—

Bem quizeramos dar aqui um longo extracto de tão curioso documento, mas a necessidade de aligeirar e resumir nos obriga a passar adiante. Indicaremos apenas muito summariamente um dos *itens*, em que se mencionam as diversas propriedades que ao tempo pertenciam a esta egreja, com as suas medições e confrontações:

«*Item.* Maais huma bouça que se chama *Cruz*, que anda a pão, que está fóra da dicta area; e levará de semeadura a terça que anda a pão. [1] que está cercada por vallo sobre si, que tem em comprido cento e vinte varas de medir, de cinco palmos a vara, e parte do aguião (norte) com terras do monte que *ha um outeiro e cerqua de Santo Aleixo*, e do vendaval (sul) com terras da dicta cerqua da dicta egreja, e do soão (leste) com a dicta cerqua, e do abrego [2] com a estrada publica que vai para o Porto e Villa de Conde.»

D'este *item* se infere que ao norte da dicta bouça existiu uma capella de Santo Aleixo com sua *cerca*, talvez restos d'antiga fortificação, pois estava em um *outeiro* e junto d'uma estrada publica importante (a do Porto para Villa de Conde).

A dicta bouça é hoje denominada *bouça do padrão*, nome que parece revelar a passagem d'uma estrada romana por aquelles sitios — e a existencia d'um marco milliar n'aquelle ponto.

Nem da capella, nem da *cerca* ou fortifica-

---

[1] Não diz quanto levava de semeadura.

[2] O tabellião queria indicar o *poente*, mas claudicou, pois *abrego* nos seculos XV e XVI significava o mesmo que *vendaval* ou o *sul*.

Veja-se em Viterbo — *Aguião*, *Vendaval*, *Soão* e *Abrego*.

ção, nem do marco existem hoje memorias ou vestigios alguns na localidade.

—

Diz mais o dicto *Tombo* que o caseiro daria ao abbade 40 alqueires de trigo, 10 de centeio, 10 de milho, uma marrã e metade do vinho que as vinhas dessem cada anno medido á bica do lagar, sem o abbade fazer com isso despesa alguma;—e tambemo *Tombo* menciona as doações que citámos supra.

Depois que esta parochia deixou de ser abbadia, teve entre outros reitores os seguintes: — D. Antonio de S. Thomaz d'Araujo Rangel, pelos annos de 1733,—Antonio Monteiro,—Manuel Moreira,—Antonio da Costa Villas Boas,—Antonio Gonçalves,—e Antonio José de Pinho, natural de S. Vicente de Pereira.

Quando em 13 de setembro de 1772 o benemerito bispo do Porto D. Fr. João Raphael de Mendonça visitou esta egreja, era aqui reitor Manuel Vicente de Pinho, sobrinho do antecedente; — a este succedeu tambem um seu sobrinho, Antonio José Alvares de Pinho, —e a este o rvd.º José Narciso Loureiro, natural da freguezia de Rezende, bispado de Lamego. Parochiou esta freguezia 30 annos e falleceu a 5 de janeiro de 1864.

Jaz no cemiterio parochial sob uma lapide com a inscripção seguinte:

FOSTE NO MUNDO ADORADO,
UM MODELLO FOSTE AQUI;
MAS DEUS TE QUIZ A SEU LADO,
QUE RESTA? CHORAR POR TI.

Foi o bom padre Loureiro, de Rezende, o ultimo reitor collocado que teve esta parochia. Succedeu-lhe o rev. Francisco José da Silva Arozo, da freguezia d'Avelleda, encommendado, — e a este o rev. Joaquim Antunes d'Azevedo, de Villar do Pinheiro, digno parocho na actualidade, e tambem encommendado.

—

O primeiro nome d'esta freguezia foi simplesmente *Villa Nova* ou *Villa Nova da Maia*, depois *Villa Nova da Telha* em razão da muita telha que se fabricava aqui em differentes pontos e mesmo junto da matriz, como revelam ainda hoje os nomes de varios sitios d'esta parochia, taes são — os de *Campo da Telheira, Campo do Forno, Casa do Telhado*, etc.

D'aqui foi telha para o quartel de Santo Ovidio, do Porto. Para a egreja e convento de Leça do Balio foram tambem no anno de 1798 por uma vez 38 *moios* de telha—e por outra 29 carros, importando toda em 75:400 réis, segundo a conta assignada pelo mestre telheiro, Manuel José Pereira, de Villar do Paraiso; — ha muito, porem, que n'esta parochia cessou o fabrico da telha.

E' tambem para notar-se que, tendo havido aqui tantas fabricas de telha, algumas no *proprio passal*, — e tendo ido d'aqui telha para o Porto e para as parochias intermediarias e circumvisinhas, a residencia parochial esteja *ainda hoje* coberta de *colmo?!..*

Vem a proposito o dizer-se: — *em casa de ferreiro espeto de pau.*

O documento mais antigo que encontramos, em que se dá a esta parochia o titulo de *Villa Nova da Telha*, são as *Constituições* de D. João de Souza, impressas em 1690.

—

O chão d'esta freguezia é plano, saudavel e fertil. As suas producções principaes são milho, vinho *de enforcado* e hervagens, pois engorda e exporta muito gado bovino para a Inglaterra.

Tambem teve grandes devesas de castanho, creadas e destinadas expressamente para arcos de pipas,—arcos ou vergas, que exportava em grande quantidade e no valor de muitos contos de réis para o Porto. Constituia este ramo de negocio a sua principal riqueza, mas hoje se acha muito decaido—já com a doença que desde o meado d'este seculo affectou os nossos castanheiros todos,— já com a substituição dos arcos de pau pelos de ferro.

As *devesas de castanho* d'esta parochia rivalisavam com os lindissimos *pomares de castanheiros* da villa e da serra de Monchique, no Algarve.

Tambem, como já dissemos, foi aqui outr'ora muito importante a industria do fabrico da telha,—industria hoje completamente extincta.

Atravessa e banha esta parochia o pequeno ribeiro *Cambado*, que rega os seus campos e lameiros, e que tambem move alguns moinhos de cereaes, mas sómente no inverno.

—

São naturaes d'esta freguezia os srs. Joaquim Dias de Souza Arozo, da grande casa de *Quires*, bacharel formado em direito e tabellião do concelho de Bouças, rezidente em Mathosinhos,—e Antonio Moreira do Couto, presidente da camara municipal da Maia, facultativo muito distincto, residente na sua casa de *Villar do Senhor*. Foi tambem natural d'esta parochia o abastado lavrador (proprietario) *Antonio da Silva Salgueiro*, muito conhecido e respeitado no Porto pelo seu nobre caracter e pela sua avultada fortuna.

É tambem natural d'esta freguezia e n'ella rezidente Antonio Ferreira Moreira, bom esculptor. Foram feitos por elle dois altares da egreja parochial de Leça da Palmeira (os primeiros, entrando, parallellos um ao outro) —e foi tambem obra sua um dos altares da egreja matriz de Lavra.

Em 1859 nasceu aqui uma creança do sexo masculino que foi immediatamente enterrada por se suppor que nasceu morta, ou para se occultar o seu nascimento. É certo que a pobre creança esteve enterrada algumas horas;—depois (não sabemos bem porque motivo) desenterraram-na e, sendo encontrada ainda com vida, baptisaram-na;—foi-lhe dado o nome de Manuel—e produziu um rapaz travesso e tão vigoroso que dava *sôco bravio* (diz o meu informador) em todos os outros moços seus visinhos que lhe pozeram a alcunha de *desenterrado* e se divertiam com elle, chamando-o por esta alcunha.

Embarcou ha annos para o Brazil e faz parte da grande colonia portugueza que povoa aquelle imperio.

—

Em 1834 appareceu n'esta freguezia e n'ella fixou a sua residencia um homem de má catadura, que se empregava no officio de tanoeiro e que foi durante alguns annos o *terror* d'estes povos. Era valente e perverso, indigitado como salteador e assassino e capitão de uma quadrilha de ladrões que n'aquelle tempo infestou este concelho. Deram-lhe a alcunha de *Casaca de Ferro*, porque chamava ao dinheiro ferro (*fégo*, dizia elle)—e usava habitualmente de uma casaca enorme, cujos botões eram luzentes peças d'ouro de 7$500 réis, cada uma!!...

Ignoramos o verdadeiro nome, bem como a naturalidade e o fim do tal *casa de ferro*.

Esta freguezia é pobre,—já pela decadencia do seu commercio dos arcos e da sua industria da telha,—já porque é muito propensa a demandas e pleitos *de toda ordem*.

As justiças do concelho e da comarca teem aqui um excellente patrimonio!...

—

Não nos consta que esta parochia fosse em tempo algum villa; o que sabemos é que a sua povoação principal,—*Villa Nova*,—esteve em tempos remotos um pouco mais para S. O. da egreja matriz actual, no sitio hoje denominado *Cortinhas de Figueira*. Alguem se lembra ainda de ver ali uns pardieiros ou restos do antigo povoado. Com a mudança da directriz da estrada publica, deixaram aquelle local e se transferiram para junto da nova estrada, levantando casas de um e do outro lado d'ella.

A egreja matriz tambem esteve um pouco mais para N. O. no sitio das antigas casas do caseiro do passal, onde teem apparecido sepulturas.

—

Ao rev. sr. Joaquim Antunes Gonçalves, de Villar do Pinheiro, digno reitor actual d'esta freguezia de Villa Nova da Telha, agradeço os apontamentos que muito generosa e espontaneamente me enviou.

VILLA NOVA DE THUIAS—freguezia do concelho do Marco de Canaveses, districto e diocese do Porto.

V. Thuias, vol. 9.º pag. 574, col. 1.ª

VILLA NOVA DE TURQUEL, hoje simplesmente *Turquel*,—villa e freguezia do concelho d'Alcobaça, districto de Leiria, patriarchado de Lisboa, na Extremadura.

Ao que já dissemos d'esta parochia no artigo *Turquel*, vol. 9.º pag. 760, accrescentaremos o seguinte:

Alem da celebre gruta da *Casa da Moura*, ha no termo d'esta freguezia a gruta que de-

nominam *Cova do Cabeço da Ladra*, um kilometro ao norte da *Casa da Moura*,—e a do *Algar do Estreito*, um kilometro ao poente da do *Cabeço da Ladra*.

Em 1881 foram estas grutas cuidadosamente exploradas pelo illustre geologo e anthropologo Carlos Ribeiro, que mandou n'ellas proceder a consideraveis trabalhos de excavação e movimento de terra e encontrou na do *Algar do Estreito* muitas preciosidades archeologico-pre-historicas, taes como—facas de silex,—machados, lanças, placas, amuletos e outros objectos de pedra polida,—estyletes e varios utensilios perfurantes de osso,—vasos d'argilla de diversas formas e tamanhos,—pedaços de crystal,—ossadas humanas e muitos outros objectos que passaram a enriquecer as collecções da secção geologica da Direcção geral dos trabalhos geodesicos.

—

No artigo *Turquel* dissemos que foi dada a esta villa *carta de povoação*, na era de 1352 (1314 de J. Ch.) pelo real mosteiro d'Alcobaça.

Por ser um documento muito interessante e curioso, daremos aqui alguns topicos da dicta carta, traduzida do seu original latino que esteve no cartorio do mesmo real mosteiro, no livro VI dos *Dourados*, fl. 1.ª e seguintes.

«Em nome de Deus, Amen.... Nós, Fr. Pedro, abbade da congregação do Mosteiro d'Alcobaça... de commum consentimento e beneplacito nosso damos e concedemos umas certas nossas terras proprias no circuito da nossa *Granja de Turquel*, assim como se divide com os povos d'Evora, pela parte do norte, e pela parte do oriente pela balisa que vae para a *Alagôa das Ovelhas*, e d'ahi pela mesma balisa que vae para a *Alagôa da Ereira* e caminho publico que vem de *Otta*, como melhor se vê dos marcos ali mettidos; —d'ali á *Cabeça Rasa*;—e da *Cabeça Rasa* desce além de S. Bartholomeu e encaminha para a ribeira que vae direita a Marondás, até o termo d'Evora, excepto a sobredicta *Granja de Turquel* com sua vinha, com seus olivaes e com suas hortas e pomares e com suas mattas... E aquella parte de terra que fica á *Granja* está dividida e determinada pelo nosso celareiro, e demarcada pelos sesmeiros para todos os povos da nossa povoação ou villa, a qual queremos que se chame —*Villa Nova de Turquel*,—e para os seus successores, os quaes nunca devem ser menos de quarenta, continua e pessoalmente residentes n'ella, para ser por elles possuida para sempre, com tal condição e pacto convem a saber:

«Que todos elles e os seus vindouros nos paguem e aos nossos successores annualmente a *quarta parte* de todo o pão e legumes que tiverem na eira, e do linho no tendal. Outro sim das vinhas que houverem de ser postas e dos olivaes... e de todos os fructos das arvores que tiverem ou plantarem, nos deem a *quinta parte*, assim como fazem os d'Evora. ... E da azeitona do olivedo que lhes damos, tanto elles como seus successores, *metade* em paz e salvo na eira.....E tomarão para si as dictas nossas terras, fazendo ahi depois do sexto anno casas, no tempo que lhes está assignado, morando pessoal e continuamente na dicta *Villa Nova* pelos predictos seis annos.....

«E não lhes seja licito emprasar, ou vender, ou doar, nem d'outro modo alienar as dictas nossas terras á *Clerigo*, *Militar*, *Pagem d'armas*, ou *Religioso* ou *Serraceno*, ou *Judeu*, nem a outro que nos não pague o nosso fôro...

«Outro sim não devemos fazer outra povoação, nem pôr outros agricultores entre a predicta nova povoação e a serra da *Mendiga*, excepto que o mestre de Turquel e os frades que ahi residem e guardam as ovelhas e outros animaes nossos possam no sobredicto terreno fazer suas casas, como lhes parecer conveniente....

«Feita em Alcobaça, no primeiro dia de agosto da era de 1352.»

V. *O Mosteiro d'Alcobaça*, por M. Vieira Natividade, Coimbra, 1885, pag. 70 a 73, onde se encontra a dicta *carta* na sua integra.

VILLA NUNE — freguezia do concelho e comarca de Cabeceiras de Basto, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Fogos 70,—habitantes 285.

Orago Santo André, o Apostolo.

Em 1706 era vigairaria da apresentação dos frades Jeronymos, de Coimbra; contava apenas 36 fogos;—pertencia ao mesmo concelho de Cabeceiras de Basto—e á grande comarca de Guimarães.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação;—rendia para o vigario 40$000 rs. —e contava 55 fogos.

Comprehende as aldeias seguintes, todas pequenas e pouco importantes:—*Villa Nune*, séde da parochia,—Gandra, Valle, Bouça, Casa Nova, Silva, Tojaes, Frontelheiro ou Forno Telheiro, Muro, Picoto, *Val de Mosteiro* (?) Morouço de Cima, Morouço de Baixo, Outeiro, Roçada, Crujeira, Bouça da Crujeira, Simães, Carqueijal, Vinha da Cancella, Rezidencia, Oleiros, e *Mulher Morta!...*

Freguezias limitrophes:—Arco de Baulhe, a N. — Canedo, a S. — Faia, ao poente — e Athey, ao nascente, além do Tamega, no concelho de Mondim de Basto.

—

Demora na margem direita do Tamega, do qual dista (a egreja parochial) 2 kilometros,—12 da séde do concelho e da comarca, —15 de Freixieiró, séde do concelho de Celorico de Basto,—42 de Guimarães, 50 das Caldas de Vizella,—65 de Braga,—98 do Porto (pela linha ferrea de Guimarães)—e 435 de Lisboa.

Até 12 de novembro de 1875, data da creação da comarca de Cabeceiras de Basto, Villa Nune pertencia ao concelho e julgado de Cabeceiras, comarca de Celorico de Basto.

A egreja matriz é pequena, singela, pobre e de pouco rendimento, — tanto assim que o vigario é encommendado,—rezide na freguezia de Canedo,—e não se faz aqui festa alguma digna de menção.

A mesma freguezia é tambem pequena e pobre—e *abundante de larapios* ou *ratoneiros*.

Producções dominantes:—vinho bom de mesa, bem conhecido por *vinho de Basto*,—cereaes e excellente fructa de pevide e caroço, inclusivamente laranjas, como em todas as freguezias da margem direita do Tamega.

Tambem cria bastante gado bovino, mas não tem vaccas. Compra os novilhos em Barroso.

As quintas principaes d'esta parochia são tres: a de *Oleiros*, de Francisco Lopes Pereira do Lago,—a da *Granja*, do dr. Francisco Teixeira Machado—e a da *Crujeira*, de D. Balbina Teixeira Machado.

São estes tambem hoje os seus primeiros proprietarios.

Os seus melhores edificios são a nobre casa da *Granja*, em Villa Nune, brazonada, —a de *Oleiros*—e a da *Crujeira*.

—

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. Procede-se no momento aos estudos de uma estrada districtal que, partindo da real, n.º 32 (do Porto a Villa Pouca d'Aguiar) do *Arco de Baulhe*, deve atravessar esta freguezia de Villa Nune em direcção a Fermil, e entroncar n'esta aldeia com a estrada que a liga á séde do concelho e comarca de Celorico de Basto (a villa de *Freixieiro*).

A estrada a macadam que hoje mais se approxima d'esta parochia é a real, n.º 32, indicada supra.

Não tem aula alguma, nem sequer d'instrucção primaria elementar! Não admira pois que n'ella abundem *larapios* e *ratoneiros*, por falta de conveniente educação e de instrucção.

Com vista aos illustres vereadores.

Tambem n'esta freguezia não ha memoria de convento ou mosteiro algum, posto que uma das suas aldeias se denomina *Val de Mosteiro*.

O Tamega corre aqui fundo, por entre margens escabrosas, e por isso pouca utilidade presta á agricultura; mas a parochia tem bastantes nascentes e arroios que fertilisam os seus campos e pomares.

—

Na egreja matriz ha uma capella de S. José, digna de especial menção.

Foi edificada em 1792 por Miguel Teixeira, da casa do Valle, d'esta parochia.

Este Miguel Teixeira matou um seu visinho por questões sobre agua de rega;—em seguida fugiu para o Brazil, onde juntou boa fortuna;—depois mandou construir a dicta

capella e concorreu para a fundação da confraria de S. José e Almas, que ainda hoje existe, com a pia intenção de que Deus lhe acceitaria estes actos em desconto do seu crime.

Tem a mencionada confraria hoje o capital de um conto e quatrocentos mil réis, mas deveria ser muito maior, se as administrações anteriores não fossem, como desgraçadamente teem sido, *pessimas*!

Na dicta capella se acha gravada uma inscripção, commemorando o nome do fundador e o facto a que alludimos.

—

Foi aqui parocho durante 44 annos o rev. José Caetano Lourenço de Miranda, que falleceu no dia 4 de novembro de 1876, deixando de si uma memoria honrosissima.

Viveu e morreu pobre, mas muito contente e satisfeito.

Repartiu sempre todas as suas economias pelos necessitados sorrindo, nunca dizendo que era esmola, mas *emprestimo*, traduzindo em factos este formoso pensamento:—*quem dá aos pobres empresta a Deus.*

Que nobresa de caracter! Que santo ministro do Senhor!

Não havia uma unica pessoa n'esta freguezia e nas circumvisinhas que o não conhecesse e o não adorasse.

O seu funeral foi concorridissimo e altamente commovedor, não faltando um unico dos seus freguezes a pranteal-o.

Era a viva imagem do bom pastor.

Por vezes se lhe offereceu ensejo de transferir-se para outra egreja mais rendosa, mas nunca teve forças para separar-se dos seus queridos parochianos.

Deus o tenha em bom logar.

No supplemento ao artigo *Langroiva*, pequena e pobre villa do concelho da Meda, districto da Guarda, apresentaremos tambem aos leitores um dos nossos decanos na vida parochial e parocho dignissimo, virtuosissimo e por extremo esmoler tambem,—ancião venerando e venerado por todos,—o rev. dr. *José Caetano Lopes Bandarra*—que apesar de ser uma illustração, formado em direito e em theologia, e podendo occupar um dos mais altos postos na gerarchia ecclesiastica, viveu sempre com a maior modestia e singeleza;—é simples vigario ha perto de 50 annos n'aquella pobre villa;—nunca pretendeu outro beneficio melhor—e, alem de nunca receber *um real* de congrua nem de emolumentos dos seus parochianos,—*com elles e com a pobresa tem gasto a fortuna que herdou dos seus maiores!...*

É um parocho inimitavel,—verdadeiro assombro de abnegação e virtude!

Dava honra aos tempos apostolicos e aos seculos dourados do christianismo—e seria hoje a gloria do episcopado portuguez, se na distribuição das mitras se attendesse unicamente ao merito dos agraciados.

VILLA PASCACIA—ou *Villa Pascoal*.. Assim se denominou em tempos muito remotos uma villa ou aldeia junto de Bragga e pertencente á freguezia de *Santa Ollaya* (Eulalia).

Confinava com *Dume* e *Colina*, seguindo as Inquirições d'el-rei D. Ordonho.

Memorias de Argote, vol. 4.º pag. 359).

VILLA PLANA—ou *Villa Chã*, villa que estava junto do monte Marão.

Já existia no tempo dos suevos, pois foi mencionada na *divisão* feita por el-rei Theodomiro e na bulla do papa Pascoal I.

V. *Villa Chã do Marão*—e *Argote*, vol 4.º pag. 359.

VILLA DA PONTE—freguezia do concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Tras-os-Montes.

Reitoria. Orago Santa Maria Magdalena; —fogos 72,—habitantes 298.

Em 1706 esta freguezia contava 50 fogos e estava annexa á de Santa Marinha de Ferral.

Em 1768 era curato da apresentação do abbade de Santa Marinha;—contava 483 fogos—e rendia 70$000 réis.

O *Mappa das dioceses* deu-lhe 68 fogos—*e 422 habitantes*; mas com certesa foi lapso, porque ninguem acredita que em 68 fogos haja tal cifra de habitantes.

Comprehende apenas duas povoações—*Villa da Ponte*, séde da parochia, — e *Bustello*,—ambas mencionadas na *Chorographia Portugueza*, — a 1.ª com 30 fogos — e a 2.ª com 20.

Freguezias limitrophes: — Pondras, a S. O.—Alturas de Barroso, a S. E.—Negrões, a N. E.—e Fervidellas a N. O.

—

Desde 1840 até 1853 foi do julgado e concelho de Ruivães, comarca de Montalegre, mas por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o concelho de Montalegre.

O seus templos reduzem-se á egreja matriz e a uma capella publica, da invocação de S. Mamede, na povoação de Bustello.

Por provisão de 23 de junho de 1812 lhe foi concedida uma escola de instrucção primaria.

Demora esta freguezia em um amplo valle, cortado a meio pelo rio *Regavão* (uma das nascentes do *Cavado*) que rega e fertilisa os seus campos, — move differentes moinhos— e é abundante de peixe miudo.

O seu solo é muito fertil — e as suas producções principaes são milho, feijões, centeio, batatas, linho e feno.

Villa da Ponte, a séde da parochia, está na margem esquerda do *Regavão* [1]—e dista de Montalegre 22 kilometros para O. S.—18 de Ruivães,—65 de Braga, pela estrada real n.º 28, de Braga a Chaves e que toca em *Salamonde* e *Ruivães*;—120 do Porto—e 457 de Lisboa.

—

Um pouco ao norte da séde d'esta freguezia ha sobre o Regavão uma boa ponte de pedra, [2] que dá passagem para um ramal da estrada n.º 28 de Braga a Chaves e para a de Montalegre a Basto.

Por esta freguezia passava uma via militar romana de Braga a Chaves—e segue com pequenas variantes o mesmo traçado a nova estrada real a macadam, n.º 28, já construida desde Braga até Ruivães — e da Portella de Brunhedo até Chaves,—mas ainda em estudos desde Ruivães até á Portella de Brunhedo.

Era natural d'esta parochia o bacharel Domingos Martins Pereira, que foi advogado em Montalegre e falleceu nos fins do ultimo seculo.

Tambem nasceu n'esta freguezia e na mesma povoação da Villa da Ponte, em 1859, o bacharel Domingos Gonçalves Pereira;—concluiu a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, em 1879;—seguiu a magistratura—e é actualmente delegado do procurador regio de Villa Pouca d'Aguiar.

—

Ao meu illustrado collega o rev. sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA DA PONTE—villa e freguezia do concelho de Sernancelhe, comarca de Moimenta da Beira, districto de Vizeu, bispado de Lamego, na Beira Alta.

V. *Ponte*, vol. 7.º pag. 160, col. 2.ª *in-fine* onde já se fallou d'esta freguezia; aproveitando porém o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

Esta parochia é formada por uma povoação compacta e unica. Não comprehende aldeias, mas sómente alguns moinhos e as quintas de *Feveros*, *Cardia*, *Carvalhal* e *S. Roque*.

Freguezias limitrophes:—Cernancelhe ou Sernancelhe, séde do concelho, a S.—Freixinho a N.—Ferreirim de Fontearcada a E. —e Penso a O.

Dista da séde do concelho 2 e meio kilometros,—14 de Moimenta da Beira, séde da comarca,—55 de Viseu, séde do districto,—45 de Lamego, séde do bispado—57 da estação da Regoa, na linha do Douro,—161 do Porto—e 498 de Lisboa.

Tem para a Regoa, por Moimenta da Beira e Lamego, uma estrada real a macadám, que segue d'esta villa tambem para Trancoso, Celorico da Beira e Guarda,—e desde 1883 já tem construidos tambem alguns kilometros de uma estrada districtal que, partindo da estrada real supra deve ir á estação do Pinhão, na linha do Douro, pela villa de S. João da Pesqueira.

Está construida apenas desde aquella estrada real até Ferreirim, atravessando esta parochia de *Villa da Ponte*.

---

[1] Os mappas e a *Chorographia Moderna* dizem *Rabagão;* mas hoje na localidade todos dão a este rio o nome de *Regavão*.

[2] D'esta ponte, ou talvez d'outra mais antiga, tomou esta parochia o nome de *Villa da Ponte*.

Os antigos e humildes paços do concelho d'esta villa são hoje propriedade particular, mas em frente d'elles ainda se conserva o pelourinho.

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e duas capellas publicas,—além do formoso sanctuario de *Nossa Senhora das Necessidades.*

A egreja é antiga, mas bem conservada, e tem interiormente uma capella particular.

As duas capellas publicas estão á entrada da villa, vindo da ponte que lhe deu o nome,—uma de *S. Sebastião*, a leste, antiga e com alpendre,—outra do *Senhor dos Paços*, a oeste e nova, á beira da estrada real e com luzida festa no 1.º domingo d'agosto.

—

Em um alto, pittoresco e vistoso cabeço de granito que se ergue na margem esquerda do Tavora, fronteiro á villa e distante d'ella apenas 1:500 metros, demora o formoso santuario.

A ermida de Nossa Senhora das Necessidades é ampla, elegante, bem tractada e de recente construcção;—tem um atrio espaçoso de fórma quadrilonga, com parapeito e pyramides de granito;—e para o atrio se sobe por uma escadaria da mesma pedra, bem traçada em zig-zagues ou lacetes com pateos para descanço.

Ao lado da ermida se ergue uma casa nova, onde rezide o ermitão,—e a meio da dicta casa uma torre com sinos, tambem nova.

Tem 2 festas com grande romagem no dia 15 d'agosto e na 2.ª feira depois da Paschoa, sendo numeroso o concurso de romeiros não só das circumvisinhanças, mas até da provincia do Minho, podendo calcular-se o producto das offerendas em 80 a 100 mil réis por anno.

Como o local é muito aprazivel e muito accessivel, por estar a poucos metros da estrada real e da nova estrada districtal, muitas das familias principaes circumvisinhas costumam vizital-o por mera distracção durante o anno.

No artigo *Ponte* póde ver-se a descripção das outras dependencias d'este sanctuario.

—

Tem a villa 2 edificios brasonados—um pertencente aos herdeiros de Sebastião de Gouveia Osorio—e outro pertencente ao dr. Luiz Cardoso de Lucena Araujo Coutinho.

Ha tambem aqui um edificio relativamente notavel, mais antigo e com capella, mas não brasonado. Pertenceu a José Joaquim d'Almeida Leitão e é hoje da sua filha e herdeira, rezidente em Canas de Senhorim.

Merece tambem especial menção, pela sua antiguidade e tradições a casa que foi de Salvador de Sousa Rebello, filho do dr. Balthazar d'Almeida Rebello e de D. Angela de Sousa, de Paredes da Beira.

Salvador de Sousa Rebello, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi por D. João V nomeado juiz de fóra das villas de Almodovar e de Padrões, em novembro de 1723;—em 1737 ouvidor e provedor de Faro—e mais tarde ouvidor da capitania do Pará.

Foi tambem provedor das obras, orphãos, capellas, hospitaes, confrarias e albergarias e contador das terças da cidade da Guarda, por alvará de 18 de julho de 1744,—e desembargador da relação do Porto por alvará de 15 d'abril de 1750.

—

Teve Salvador de Sousa duas filhas—D. Innocencia de Sousa Rebello e D. Thereza de Sousa Rebello. A 1.ª casou com Lourenço Carrilho Leitão de Castro e não teve successão;—a 2.ª casou com João Rodrigues Ferreira de Sousa, capitão do regimento de milicias de Lamego, e teve 3 filhos—José de Sousa Rebello da Costa Azevedo, D. Mathilde e D. Joaquina.

José de Sousa foi major do mesmo regimento de milicias de Lamego, condecorado com as medalhas da guerra peninsular, e casou com D. Margarida Augusta de Noronha e Menezes, que ao tempo vivia na Villa da Ponte com o seu tio dr. Antonio da Cunha Noronha e Menezes, abbade d'esta villa e afamado jurisconsulto, pertencente á nobre familia *Noronhas*, de S. Chrystovam de Nogueira, no concelho de Sinfães, hoje extincta.

—

D. Margarida Augusta era irmã dos tres presbyteros seguintes:

1.º—Padre Lourenço Antonio Pinto da Cunha, um dos 5 infelizes que foram cobardemente assassinados em Viseu durante os excessos que enlutaram o nosso paiz na 2.ª metade d'este seculo.

2.º—Padre Antonio da Cunha Noronha e Menezes, cavalleiro da ordem de Christo e reitor de Cabril, concelho de Castro d'Ayre.

3.º—Padre Francisco Pinto Correia de Noronha, que fez parte do corpo docente do extincto *Collegio dos Nobres*, em Lisboa.

D. Margarida de Sousa deixou dois filhos —D. Maria José de Sousa Azevedo e Noronha e José de Sousa Rebello da Costa Sobral e Azevedo, cavalheiro muito obsequiador e muito tractavel. Casou com sua prima D. Henriqueta Augusta de Lemos Azevedo, da nobilissima casa dos Azevedos de Paredes da Beira e da quinta do Ribeiro, irmã de Marianno de Lemos d'Azevedo Carvalho e Sousa, hoje residente em Villa Nova d'Ourem,—cavalheiro respeitabilissimo pela sua grande fortuna, pelo seu nascimento e mais ainda pela nobreza do seu caracter. V. *Paredes da Beira*, vol. 6.º pag. 487—e *Villa Nova d'Ourem*.

José de Sousa e D. Henriqueta não tiveram successão—e vivem na sua casa de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira.

—

Como reminiscencia do tempo em que esta villa foi dos nobres condes da Ponte, ainda hoje aqui se vê o brasão d'elles em uma parede contigua á velha casa da camara e em differentes marcos de pedra, de mais de um metro d'altura, indicando a linha divisoria entre o antigo termo d'esta villa e das parochias do Penso e da Sarzeda.

Tem esta villa a meio um largo, que denominam *Praça*, seis pequenas ruas calcetadas—e uma boa ponte de granito sobre o Tavora, com 3 olhaes e não *quatro*, como se disse no artigo *Ponte*.

Banham esta freguezia o Tavora, confluente do Douro,—e o regato de *Medreiro*, que passa ao sul da villa e desagua no Tavora, junto da ponte. Ha n'este ribeiro um *pontão* e 4 moinhos para cereaes.

Ha na villa uma eschola official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino — e alem do Tavora, junto da ponte e da estrada real, uma pequena hospedaria ou *casa de pasto*.

Esta villa, por estar em terreno plano, nunca foi fortificada.

Tambem não consta que apparecessem n'ella ou no seu termo sepulturas abertas na rocha, nem moedas romanas, mas teem-se encontrado em muitas das parochias circumvisinhas.

VILLA POUCA—aldeia da freguezia de *Arnoia*, concelho e comarca de Celorico de Basto, districto e diocese de Braga.

V. *Arnoia*, vol. 1.º pag. 238, X.

Ha n'esta aldeia de *Villa Pouca* excellentes aguas ferreas, que ainda não estão devidamente exploradas e analysadas, mas já os povos vizinhos fazem uso d'ellas com grande vantagem, bebendo-as.

Houve n'esta aldeia, em tempos muito remotos, um cavalheiro importante, chamado Pedro Peres, segundo se lê na interessantissima *Descripção de Basto* que o sr. D. José de Moura Coutinho, penultimo bispo de Lamego, da nobre casa do *Telhô* (veja-se esta palavra) deixou manuscripta, bem como 18 livros *in-folio* sobre genealogias.

É hoje possuidor d'estas preciosidades bibliographicas — *e de toda a grande livraria da casa do Telhô* — o sr. dr. Joaquim Bernardino Cardoso, da casa de *Toiando*, n'esta parochia, e habil jurisconsulto.

—

Comprehende mais esta freguezia d'*Arnoia* as aldeias seguintes:—Corredoura, Villalba, Villa Verde, Castello, antiga séde do concelho de Basto,—Souto Maior, Chélo, Salmães, Carvalho Verde, Cima de Villa, Ferreirós, *Cerqueda*, terra natal de Conetilia Retezindes, que fez a primeira doação para a fundação do convento benedictino d'Arnoia,—*Rabaldo* ou Arrabalde, Outeiro-Coelhos, Boucinha, Arnoia (*Arnoia vetus*) Senra, Lourido, Taipa, Cégoa (antigamente *Chega*) Serrazinho, Cruz de Baixo, Cruz de Cima, Travassos, Travassinho, Alcacer, Estribaria, Paço, antigo solar dos Mouras Coutinhos da casa do Telhô e d'outros Mouras, de Basto,—Lage, Tornadouro, onde está a casa da *Vista Alegre*, que foi de Manuel José

de Vasconcellos e hoje é do seu filho, o rev. Placido Augusto de Moura e Vasconcellos, conego e vice-reitor do Seminario, em Lamego,—S. Jorge, Lama, Villar, com feira mensal no dia 30 de cada mez,—Torre, Levada, Fôjo, Santo Thyrso, Pombal, Padim, hoje cása de D. Josepha Alves Lopes, casada com Agostinho Alves da Cunha, possuidor do extincto convento e cerca dos frades de Arnoia,—Figueira, Casinha, Tempéras, Cabo, Souto, Pereira, Casal de Nino, Gandra, Levada, Mosteiro e Casa Nova.

—

Comprehende tambem muitas casas e quintas importantes. Mencionaremos apenas as seguintes:—1.ª *Telhô*, que foi dos Mouras Coutinhos e é hoje de D. Joaquina Rebello Teixeira, natural da Veiga, freguezia da Cumieira, concelho de Santa Martha de Penaguião. A mesma senhora possue hoje tambem a grande quinta contigua á casa de *Telhô* por compra que fez á herdeira de D. Antonia de Moura Coutinho, ultima representante da nobre casa do *Telhó*,—herdeira que era tambem do Douro e parenta da sr.ª D. Antonia.

2.ª—*Casal.*

Foi de José Pinto de Gondar e Motta e é hoje do seu parente Antonio de Sousa.

3.ª—*Casal de Nino.*

Pertence hoje ao dr. Francisco Teixeira da Motta.

4.ª—*Toiando.*

É hoje do dr. Joaquim Bernardino Cardoso, já mencionado, possuidor da grande livraria da casa de Telhô e dos preciosos manuscriptos deixados pelo sr. D. José de Moura Coutinho.

Sendo o sr. D. José ainda deão em Lamego, em 1834, e vendo os excessos de toda a ordem, que assolavam o nosso paiz n'aquella data, recolheu-se á sua casa do Telhô, certo de que todos a respeitariam, como respeitaram, e ali se conservou até 1842, data em que regressou a Lamego.

Foi durante aquelles 8 annos que s. ex.ª, aproveitando alguns trabalhos dos seus maiores, escreveu a *Descripção do antigo concelho de Basto*—e os 18 grandes folios sobre genealogias,—um dos mais importantes nobiliarios que se escreveram em Portugal n'este seculo!

Era s. ex.ª um genealogista consummado e muito auctorisado—pelos seus vastos conhecimentos na especialidade,—pela nobresa proverbial do seu caracter—e pela sua alta posição como bispo, pelo que nos grandes pleitos sobre successão de vinculos os tribunaes superiores muitas vezes o consultaram e regularam os accordãos pela opinião de s. ex.ª

5.ª—*Bouça.*

Foi do dr. José Joaquim Teixeira da Motta e é hoje do seu filho Antonio Augusto Teixeira da Motta.

6.ª—*Casinha.*

De Joaquim Augusto de Moura e Vasconcellos

7.ª—*Taipa*,—de Joaquim Alves Machado.

—

Os melhores edificios são os de Telhô, Toiando, Casal, Casal de Nino e dois palacetes na povoação de Arnoia,—um que foi de Francisco da Cunha Coutinho e é hoje do seu herdeiro Carlos Maria da Cunha Coutinho, de Santa Marinha do Zezere, em Baião, —e outro que foi de José Joaquim Alves de Andrade e Vasconcellos e é hoje do seu genro Avelino Leite de Sampaio.

São brasonados os do Telhô, do Casal, do Paço e de *Santo Andou* (Abdon) que foi dos Pintos Ribeiros e pertence hoje, por compra, ao dr. Joaquim Bernardino Cardoso, da casa de Toiando.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia são as da Semana Santa,—S. João Baptista (o padroeiro) e Coração de Maria.

—

Conta hoje esta parochia 482 fogos—e 1:960 habitantes.

Suppõe-se que tomou o nome de *Arnoias* ou *Arnoia* de Arnaldo de Baião, seu fundador,—e que anteriormente se chamava *S. João do Ermo.*

Tambem se suppõe que esteve aqui no tempo da occupação romana a cidade de *Celiobriga*, (hoje *Celorico de Basto*) á qual se refere uma inscripção encontrada em uma pedra da egreja de Santa Senhorinha de Ca-

beceiras de Basto, segundo se lê no tomo 1.º das *Memorias d'Argote*, pag. 317 a 319.

A dicta inscripção é a seguinte:

M P. CAES
J O. HADR.
AN. PONT. M
AUG. PYO
F U R N Y U M
APROC. V I
T. A VEGETI.

Segundo Argote, quer dizer:

«Tito Valerio Vegecio, superintendente das calçadas, dedicou esta memoria ao imperador Elio Adriano, pontifice maximo augusto pio.

O dr. Hubner[1] dá esta mesma inscripção e outra encontrada nas ruinas do mosteiro de Santa Comba, na freguezia de S. Miguel de Refoios;—completou-as e disse que revelam *positivamente* a existencia de uma *povoação municipal* ou *cidade romana* por estes sitios.

A 2.ª inscripção citada pelo dr. Emilio Hubner é a mesma que se encontra sob o n.º 258, a paginas 115, no *Portugalliae Inscriptiones Romanae* do dr. Levy Maria Jordão, mas com algumas variantes.

—

Em nenhuma das citadas inscripções se encontra o titulo da cidade, a que se referem, mas tanto Argote nas suas *Memorias*, como o dr. João de Barros nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*, dizem que era *Celiobriga* (hoje Celorico de Basto) a capital dos povos *celerinos*, que por ali estanciaram. Ptolomeu na 2.ª *Taboa da Europa*, cap. VI, a menciona na descripção da chancellaria de Braga, a 6 gr. e 43 m. de longitude—e 20 m. de latitude.

Alguem diz que estava perto dos rios *Celhe* e *Celinho*, outr'ora denominados *Celium* e *Celiolum*, como se lê na doação de *Mumadona*, segundo Estaço nas suas *Antiguidades de Portugal*:—*Inter Celium et Celiolum*.

Finalmente, o *Concilio Lucense* menciona entre as parochias da diocese de Braga tres denominadas *Celo*, *Celiolis Celiotão*. «Presumo que alguma d'estas povoações era a antiga *Celiobriga*»—diz Argote.

V. *Celorico de Basto*—e *Villa Nova de Freixieiro*.

VILLA POUCA D'AGUIAR—villa, freguezia, séde de concelho e de comarca, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago o Salvador;—fogos 410,—habitantes 1:808.

D. Antonio Caetano de Lima em 1736 deu-lhe 182 fogos e 612 habitantes;—o *Portugal S. e Profano* em 1768 deu-lhe 187 fogos;—Almeida em 1866 deu-lhe 347 fogos—e o ultimo recenseamento 397 fogos e 1804 habitantes.

Tem sido pois constante o augmento da sua população. Desde 1736 até hoje (1885)—ou nos ultimos 149 annos, a sua população accusa um augmento de 228 fogos e 1:196 habitantes,—promettendo continuar na mesma progressão, porque o seu clima é saudavel, posto que bastante frio no inverno.

Aqui não ha pantanos, nem arrosaes, nem febres endemicas, como nos campos d'Aveiro, de Coimbra e de Leiria;—pelo contrario, esta villa tem ar puro e excellente agua potavel e para rega. Além d'isso está muito vantajosamente situada na importantissima estrada real, n.º 5, da Regoa a Verim, por Villa Real de Traz-os-Montes, *Villa Pouca*, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves,—estrada servida por diligencias e que atravessa pelo centro, de sul a norte, a villa de que nos occupamos, formando uma bella rua,—a do *Cruzeiro*, que é hoje a melhor da villa,—e o campo ou praça de *Luiz de Camões*.

Tem já construida e explorada por diligencias tambem outra bella estrada real a macadám para o Porto, por Basto,—e em construcção mais 3 estradas a macadam:—uma *districtal* para Murça, atravessando as importantes freguezias de Jalles;—outra *real* para Mirandella—e outra *municipal* para Boticas.

Note-se que está tambem projectada, ha muito, uma linha ferrea que, partindo da li-

[1] *Noticias Archeologicas de Portugal*, pag. 80-81, na traducção da Academia.

nha do Douro, nas proximidades da estação da Regoa, deve ir até Chaves e Verim, pelos valles do Corgo e do Tamega, approximando-se de Villa Real de Traz-os-Montes e de Villa Pouca d'Aguiar,—bem como dos importantes estabelecimentos balneares das Pedras Salgadas e de Vidago [1].

—

Esta villa em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era séde do antigo concelho d'Aguiar, que pertencia á grande comarca de Guimarães e contava 1:750 fogos em 12 freguezias:—a da villa, que era reitoria e commenda da ordem de Christo, —Tellões, Soutello, Santa Martha da Montanha, S. Martinho de Bornes, Vrea de Bornes, Valloura, Pensalvos, Affonsim, Parada de Monteiros, Bragado e Capelludos.

O seu governo civil era formado por um juiz do civel e crime, vereadores, procurador do concelho, um juiz dos orphãos com seu escrivão, um alcaide e um meirinho.

Hoje este concelho comprehende mais 4 freguezias (além das 12 mencionadas) que são:—Alfarella de Jalles [2], Gouvães da Serra, Tres Minas e Vrêa de Jalles.

Total do concelho:

Freguezias	16
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	3:603
Habitantes	16:055
Superficie em hectares	36:792
Predios inscriptos na matriz	34:712

Pagou no ultimo anno economico:

De contribuição predial	6:795$845 réis.
De renda de casas e sumptuaria	717$475 réis.
De contribuição industrial	1:010$370 »
De decima de juros	889$094 »

[1] Ha bem poucos dias, o conde de Villa Real, deputado ás cortes constituintes que estão funccionando n'esta data, apresentou na camara um projecto para a construcção d'esta linha do valle do Corgo.

[2] *Alfarella de Jalles*, ainda hoje uma das freguezias mais importantes d'este concelho, foi villa e concelho proprio, formado pela freguezia do seu nome e pelas de *Vrêa de Jalles* e *Trez Minas*. Vide.

Comprehende tambem esta comarca o concelho de Ribeira de Pena, que tem:

Freguezias	6
Fogos (pelo ultimo recenseamento)	11:834
Habitantes	88:412
Superficie em hectares	133:414
Predios inscriptos na matriz	66:730

Total d'esta comarca:

Freguezias	22
Fogos	55:437
Habitantes	244:467
Superficie em hectares	500:206
Predios inscriptos na matriz	411:442

—

Esta freguezia de *Villa Pouca d'Aguiar* comprehende a villa do seu nome com as ruas do *Cruzeiro*, hoje a melhor,—*Direita*, *Toural*, *da Cadeia* e o *Campo de Luiz de Camões*.

Comprehende tambem no seu termo as aldeias seguintes:—*Cidadelha*, S. Paio, Nosedo, Guilhado e Freiria. A *Chorographia Portugueza* menciona tambem as aldeias de *Falperra* e *Condalo*,—e a *Chorographia Moderna* accrescenta:—Mejota, Santo Antonio, Quelho, Castanheiro Redondo, Quarto do Negro, [1] Cima da Rua,—os casaes de Condado, Lavadouros e Silveiras—e 37 moinhos de cereaes movidos por agua, quasi todos habitados.

Freguezias limitrophes:—Santa Martha da Montanha a O.—Tres Minas a leste,—Soutello do Valle ao sul,—Affonsim a N. O. e S. Martinho de Bornes a N. E.

Concelhos limitrophes:—Boticas e Chaves a N.—Villa Real e Sabrosa a S.—Valle Passos a N. E.—Murça a S. E.—e Ribeira de Pena a O.

—

Nós já estivemos n'esta villa (em setembro de 1883) de passagem para as Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Verim, Carrazedo de Montenegro, Mirandella, Bragança, Villa Flor, Villariça, Moncorvo, etc.

Demorámo-nos em Villa Pouca d'Aguiar

[1] *Castanheiro Redondo* e *Quarto do Negro* são dois bairros da villa, sendo o primeiro muito maior do que o segundo.

apenas uma hora, mas impressionou-nos muito agradavelmente a sua excepcional topographia.

Está entre duas montanhas, que correm parallellas de norte a sul e formam o extenso e lindo valle de Villa Pouca, que se prolonga na mesma direcção e parece cavado artificialmente como uma grande trincheira de 1 a 2 kilometros de largura e de 15 a 20 de comprimento, com suave declive a partir de Villa Pouca—tanto para o sul, ou para o lado de Villa Real,—como para o norte, ou para o lado das Pedras Salgadas, occupando a villa o centro do grande valle e *precisamente* o vertice do angulo das duas vertentes, uma das quaes, a do norte,—leva as aguas para o Tamega,—e a do sul para o rio Corgo.

O seu horisonte é limitado muito de perto ao poente pela serra da *Falperra*, que é um ramo da do Marão,—e a leste pela de *Sandonho*, que é um ramo da de *Senabria*; mas tem amplas e formosas vistas tanto para o norte como para o sul sobre o grande valle de Villa Pouca [1].

Tambem a villa se descobre de grande distancia tanto na ida de Villa Real para Chaves, como na vinda de Chaves para Villa Real, porque o grande valle não tem curvas nem ravinas.

Descreve duas grandes rectas, uma para o norte, outra para o sul — e vae sempre alargando ao passo que se afasta da villa.

Não conhecemos outra povoação em taes condições topographicas.

O maior contra é ser asperamente açoitada pelo vento dos quadrantes norte e sul, que vae encanado contra ella sem anteparo algum e a torna frigidissima no inverno.

---

[1] A serra de *Sandonho* tem nas proximidades d'esta villa os montes do *Facho* e do *Cabreiro*—e prende com as serras de *Bornes* e *Padrella*, ambas a N. E. sendo todas tres ramificações da de Senabria, na Castella Velha.

A da *Falperra* nas proximidades d'esta villa tambem é denominada *Serra do Roxo*.

No monte do *Facho* se accendiam de noite fachos para prevenir os povos circumvizinhos em tempos de guerra, antes da invenção dos telegraphos electricos.

—

Dista das Pedras Salgadas 6 kilometros;—de Vidago 14;—de Chaves 35;—de Verim 50;—de Murça 25;—de Mirandella 40;—de Ribeira de Pena 18;—de Mondim de Basto 30;—de Villa Real, séde do districto, 28;—da estação da Regoa, a mais proxima na linha do Douro 55;—67 de Lamego;—159 do Porto—e 496 de Lisboa.

Tem hoje esta parochia os templos seguintes:

1.º—Egreja matriz, fundada ou talvez reconstruida em 1704.

É um templo singelo, mas demora em sitio alto e vistoso, na extremidade O. da rua da *Cadeia* e da villa, dominando-o toda.

A architectura d'este templo é simples, mas elegante.

A capella mór foi ha pouco accrescentada na altura e fizeram novo retabulo, que ainda não foi dourado.

Tem altar-mór e 4 lateraes:—o 1.º do lado do Evangelho é de Nossa Senhora da Conceição,—o 2.º de S. Pedro. Da parte da Epistola o 1.º é do Senhor Crucificado,—o 2.º da Santissima Trindade e almas.

A egreja carece de promptos reparos. Tem torre, mas *todos os sinos estão partidos!...*

O cemiterio está contiguo ao adro, para S. Tem um bom cruzeiro e alguns mauzoleus.

A casa da rezidencia parochial demora tambem junto do adro. É boa habitação e tem excellentes vistas sobre a villa e seus arredores.

—

2.º—*Capella do Senhor*, ou *do Santissimo Sacramento*.

É publica, — mais moderna e mais elegante do que a egreja matriz,—e está a pequena distancia d'ella.

3.º—*Capella de S. Domingos*, tambem publica.

4.º—*Capella de Nossa Senhora da Lapa*, contigua á egreja matriz e communicando com ella.

É particular e pertence á nobre familia *Canavarros*, hoje muito dignamente representada por Pedro de Sousa Canavarro, de Santarem.

5.º—*Capella de Santo Antonio*, tambem particular, pertencente á familia dos viscondes de Santa Martha.

6.º—*Capella de S. Bento*, tambem particular, pertencente á familia *Taveiras*.

Todos estes templos estão situados na villa e abertos ao culto.

7.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição Apparecida*.

É particular;—pertence á familia *Fernandes*;—tem festa com romagem no ultimo domingo de julho,—e demóra no alto do *Monte do Facho*, sobranceiro á villa do lado E.—foi fundada por José Joaquim Rodrigues Fernandes—e é hoje de sua filha D. Anna Rodrigues Fernandes d'Almeida, casada com José Joaquim d'Almeida, escrivão de direito n'esta comarca.

8.º—*Capella de Nossa Senhora da Luz*, na Falperra, a O. da villa.

9.º—*Capella de S. Sebastião*, na aldeia de Cidadelha [1].

10.º—*Capella de S. Jorge*, na aldeia de Guilhado.

11.º—*Capella de Nossa Senhora da Saude*, na mesma aldeia.

12.º—*Capella de Nossa Senhora da Purificação*, tambem na mesma aldeia.

13.º—*Capella de Santo Antonio*, na aldeia de Freiria.

14.º—*Capella de S. Sebastião*, na aldeia de Nozedo.

15.º—*S. Payo*, na aldeia d'este nome.

Estas ultimas 8 capellas todas são publicas e estão bem conservadas.

—

As festas principaes que hoje aqui se celebram são na villa a do Santissimo Sacramento e a de S. Sebastião,—ambas no elegante e vasto templo denominado *Capella do Senhor*,—e a festa e romagem de Nossa Senhora da Conceição Apparecida, no *Monte do Facho*, a pequena distancia da villa.

Ha tambem n'este concelho duas romarias notaveis:—a de *S. João do Extremo*, na freguezia de Tellões,—e a de *S. Pedro*, na aldeia de Parada do Corgo, freguezia de Soutello do Valle.

—

O nome proprio d'esta villa e d'este concelho é *Villa Pouca d'Aguiar*, mas, como esta villa e este concelho foram sempre importantes e tiveram sempre muita nobreza, julgando esta uma affronta para a sua prosapia o titulo de *Pouca*, dado á sua terra natal, substituiram-n'o por *Villa d'Aguiar da Pena* ou *Penha*, ou simplesmente *Villa d'Aguiar*,—titulo que lhe deu a *Chorrographia Portugueza* em 1706, por ser o mais corrente n'aquella data; mas não podiam ser mais injustos nem mais levianos os nobres filhos d'esta villa e d'este concelho.

O velho e antiquissimo titulo de *Pouca*, bem longe de affrontar ou *apoucar* esta villa,—exalça-a, enobrece-a e a recommenda mais do que nenhum outro.

Pouca não é o adjectivo portuguez vulgar, mas o nome da cidade romana *Cauca*,—cidade que existiu na peninsula hispanica e que foi a patria do imperador Theodosio I, o *grande*, que reinou pelos annos 392 de Jesus Christo.

—

Ninguem contesta a existencia da cidade *Cauca* nas Hespanhas; ha porem divergencia de opiniões com relação ao seu local.

Os hespanhoes pretendem que foi a cidade *Italica*, que esteve a uma legoa de Cevilha;—outros dizem que esteve onde hoje está a nossa villa de *Coura*, entre Braga e Valença do Minho, e que o nome de *Coura* é o mesmo da antiga *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Coura*; [1] mas quem ler o *Agiologio Lusitano* (tomo 1.º pag. 172 a 173)) forçosamente se ha-de inclinar a crer que a dicta cidade romana *Cauca* esteve entre Chaves e Villa Real de Traz-os-Montes, sobre *Cidadelhe*, aldeia d'esta freguezia de *Villa Pouca*, e que esta villa e este concelho d'ella tomaram e conservam ainda o nome *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Pouca*,—modificações naturalissimas, pois o diphthongo latino *au* trivialmente em portuguez se con-

[1] Ha tambem na povoação de Cidadelha uma capella particular, com o titulo de *Nossa Senhora da Conceição*.

[1] *Portugaliae Inscriptiones Romanae, Index geographiens*, pag. LX.

verte em *ou*, como *aurum* em *ouro*,—*automnus* em *outono*, etc. E tambem nada mais natural do que dizermos *Villa Pouca* em vez de *Villa Couca*, por ser *Couca* na lingua portugueza nome extranho e mais aspero do que *Pouca*.

—

O mesmo nome de *Cidadelha* dado áquella aldeia parece diminutivo de cidade e revelar a existencia d'uma povoação importante e fortificada n'aquelle sitio, em tempos remotos, como revelam outras muitas povoações do nosso paiz, denominadas *Cidadelhe*;[1] não se confunda porem esta *Cidadelhe* com a de Mezãofrio, tambem n'esta provincia e que foi egualmente cidade romana fortificada, pois segundo se lê no *Portugalliae Inscriptiones* do dr. Levy Maria Jordão, pag. 99, e no *Elucidario* de Viterbo, palavra *Caria*, a *Cidadelhe* de Mezãofrio estava na via militar de Braga e Amarante para Lamego, Caria e Beira.

É possivel que a velha cidade romana *Cauca* não estivesse aqui; mas *com certesa* esteve no arcebispado de Braga e no antigo territorio da Galliza, hoje portuguez,—e não junto de Cevilha, como pretendem os nossos visinhos hespanhoes.

Que a cidade romana *Cauca* nos pertence e com ella a gloria de ter sido Portugal o berço de Theodosio, o *grande*, affirmam claramente Zozimo e Idacio, ambos contemporaneos do dicto imperador, aos quaes seguem Baronio e Spondano, bem como Bivar *in Dextrum* e Sandoval *in Idacium*, etc.

As palavras de Zozimo, fallando d'aquelle imperador, são :—*Theodosius natus Cauca, Galleciae Oppidi.* «Theodosio nasceu em Cauca, cidade da Galliza».

As de Idacio, bispo de Lamego, são estas :—*Theodosius, natione hispanus, de provintia Galleciae, civitate Cauca.* «Theodosio» hespanhol de nação, natural da cidade de Cauca, na provincia da Galliza».

Estava pois *Cauca* na provincia da Galliza, entre o Douro e o Minho, no arcebispado de Braga,—e não na provincia da Betica, hoje Andaluzia.

V. *Agiologio Luzitano*, logar citado, onde o seu illustrado e muito auctorisado auctor sustenta e prova que a hodierna *Villa Pouca d'Aguiar* representa a velha cidade romana *Cauca*.

Veja-se tambem n'este diccionario *Cauca* e *Coura*.

A mesma opinião segue *Bluteau*.

—

Tem esta villa duas feiras mensaes, nos dias 10 e 25,—dois mercados semanaes, nas segundas e quintas feiras,—uma praça fechada, em que se fazem as feiras e mercados,—e um largo, o *Campo de Camões*, no qual entroncam as estradas reaes a macadam do Porto a Mirandella e de Villa Real a Chaves.

Producções dominantes d'esta freguezia e d'este concelho :—cereaes, feijões, batatas e castanhas.

Tambem criam bastante gado e caça—e muitas colmeias, pelo que é importante n'este concelho a industria cerifera.

Ha hoje n'esta parochia apenas minas de chumbo, simplesmente registradas; mas a industria mineira foi *importantissima* n'este concelho em eras remotas, talvez no tempo dos romanos e arabes, como revelam os grandes poços, tuneis, vallas, galerias, aqueductos, lagoas e montões enormes de pedra britada que ainda hoje surprehendem e assombram na freguezia denominada *Tres Minas*.

V. vol. 9.º pag. 741, col. 1.ª e seg. — *Moreira*, aldeia da freguezia d'*Alfarella de Jalles*, vol. 5.º pag. 542, col. 1.ª—*Penedo d'Alfarella*, vol. 6.º pag. 603, col. 2.ª—*Pedroso*, aldeia, vol. 6.º pag. 546, col. 1.ª—e *Tellões* no supplemento.

—

Dos artigos citados se vê que os romanos por aqui fizeram demorada rezidencia e *obras e explorações importantissimas*, o que mais nos leva a crer na existencia da cidade romana *Cauca*, depois *Couca* e por ultimo *Pouca*, no local de *Cidadelhe* d'esta freguezia de Villa Pouca d'Aguiar.

---

[1] V. *Cidadelhe* aldeia da freguezia de *Britello*, concelho da Ponte da Barca,—*Cidadelhe*, freguezia do concelho de Mezãofrio,—*Cidadelhe*, freguezia do concelho de Pinhel,—e *Villa Jusã* e *Villa Marim*, freguezias do concelho de Mezãofrio.

Tambem nos citados artigos se fez menção d'outra aldeia denominada *Cidadelhe*, pertencente á freguezia d'Alfarella de Jalles, e que tambem revela ser *Cidadelhe* diminutivo de cidade, pois junto d'ella se encontram ainda hoje claros vestigios d'uma grande povoação romana fortificada.

Note-se que a freguezia d'Alfarella de Jalles é limitrophe da de *Tres Minas*, ambas d'este concelho—e que na aldeia de *Cidadelhe*, d'esta freguezia de Villa Pouca, teem apparecido, entre outras velharias, varias moedas romanas, sendo algumas do proprio imperador Theodosio I, segundo se lê no *Agiologio Lusitano*.

Tambem juncto á dicta povoação de *Cidadelhe* e a montante d'ella, ha um sitio notavel, denominado *Regedoura*, talvez modificação de *Rugidoura*, porque um regato que desce da montanha ali cahe de grande altura e no inverno fórma uma magestosa cascata, cujo ruido se ouve a uma distancia consideravel.

—

Demora a dicta cascata approximadamente a um kilometro d'esta villa, para o norte, na serra da Falperra. A cavalleiro da dicta cascata, mesmo no curuto da serra que é quasi inaccessivel dos lados S. e E.,—no ponto denominado *Penedo sobre outro* (talvez anta ou dolmen) existiu em tempos muito remotos um grande castello, do qual ainda hoje se veem fortes alicerces e uma parte dos muros, ao lado norte do vertice da garganta que forma a cascata e quasi a prumo sobre a povoação de Cidadelhe ou Cidadelha.

Deve tambem notar-se que nos arredores d'esta villa se teem encontrado em differentes pontos pedras de moinhos, tijolos de grande espessura, sepulturas abertas na rocha e fórnos que, pela sua configuração, se suppõe terem servido para tractamento de metaes.

Tudo isto se attribue aos romanos.

Nos montes de *Soutellinho do Amezio*, freguezia de Tellões, cerca de 8 kilometros a S. O. d'esta villa, se veem muitas das taes sepulturas abertas a picão na rocha,—sepulturas que ainda hoje abundam em outros muitos pontos do nosso paiz, nomeadamente em *Moreira de Rei*, freguezia do concelho de Trancoso.

Ainda hoje ali se veem mais de 50, de diversas dimensões, *em um pequeno espaço!...*

V. *Moreira de Rei* no supplemento.

—

Tem esta villa duas aulas officiaes d'instrucção primaria elementar para os dois sexos,—varias hospedarias e casas de pasto, sobresahindo o *Hotel Central* de Gaspar Teixeira, na rua Direita,—e um bom cemiterio publico, dos mais antigos de Portugal, pois data de 1836.

Está junto da egreja matriz, na extremidade oeste da villa e sobranceiro a ella.

Tem esta villa tambem uma estação telegraphica de 3.ª classe,—um theatro,—bons estabelecimentos commerciaes—e magestosos paços do concelho, onde funccionam todas as repartições publicas.

O theatro é feito por acções e, depois de concluido, será um dos melhores da provincia.

Principiou a sua construcção em 1877;—já despenderam com as obras cerca de réis 2:500$000;—está ainda longe da sua conclusão, mas já n'elle representaram os nossos insignes actores Taborda e Antonio Pedro, e ultimamente a companhia dramatica Soller e Taveira do Porto.

Os novos paços do concelho são o melhor edificio publico da villa.

Foram concluidos em 1880 e custaram 15:000$000 de réis approximadamente.

Os antigos paços servem de quartel ao destacamento estacionado n'esta villa e ainda conservam as armas d'el-rei D. Manuel, com a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo.

Na velha, insalubre e immunda cadeia ainda vivem os pobres presos.

O pelourinho já desappareceu. Foi demolido, ha annos, e nada resta d'elle.

—

Tem esta villa bons edificios particulares. Mencionaremos apenas os seguintes:

Brasonados

1.º—*Casa da Tapa.*

Pertenceu outr'ora a João Manuel de Sousa

Guedes—e é hoje de D. Lucinda de Sousa Guedes, casada com Luiz de Sousa Roma.

2.º—*Casa de Cima da Rua.*

Pertenceu antigamente a José de Moura, de Quintella, concelho de Villa Real, e é hoje de D. Francisca de Moura.

3.º—A *casa de José Xavier Athayde Mello e Castro,* hoje de seu filho do mesmo nome,

4.º—*Casa dos Canavarros.*

É hoje de Pedro de Sousa Canavarro, morador em Santarem e n'ella nasceu o general Pedro de Sousa Canavarro.

5.º—*Casa do Visconde de Santa Martha.*

É hoje de Evandro de Sousa Torres, de Salhariz, e de Domingos José de Sousa Junior, de Guimarães.

6.º—*Casa dos Taveiras.*

Foi de D. Antonia Victorina Taveira e é hoje de Francisco Teixeira Coelho de Miranda, d'esta villa.

7.º—A casa de Antonio de Sousa Guedes, na aldeia de Cidadelhe, d'esta parochia.

Edificios não brasonados

1.º—O palacete de Henrique Manuel Ferreira Botelho, no Campo de Luiz de Camões.

É moderno e muito elegante.

2.º—A casa solar do dr. Francisco José Gomes de Carvalho, na rua do Cruzeiro.

3.º—A casa de João José de Sousa Moraes, na rua Direita.

—

Os tres maiores proprietarios d'esta parochia na actualidade são:—dr. Francisco José Gomes de Carvalho,—dr. Francisco Botelho Correia Machado—e Francisco Teixeira Coelho de Miranda.

Os tres maiores proprietarios d'este concelho são:—dr. José Joaquim de Sousa Machado, da freguezia de Bornes,—Manuel Ignacio Fernandes, da freguezia de Tellões—e José Joaquim de Sousa Machado, da freguezia de Soutello do Valle.

D'esta villa parte para o sul uma das nascentes do rio Corgo, confluente do Douro, no qual desagua a montante da Regoa, depois de banhar Villa Real de Traz-os-Montes;—e parte d'esta villa para o norte a ribeira que forma a grande cascata da *Regedoura* ou *Rugidoura*;—passa nas *Pedras Salgadas*;—toma depois o nome de *Ribeira dos Avelames*, na qual tem uma elegante e soberba ponte de quatro arcos de pedra a nova estrada a macadam de Villa Pouca a Boticas—e desagua na margem esquerda do Tamega, a 18 kilometros de distancia, entre as povoações de Monteiros e Parada de Monteiros, ambas d'este concelho.

—

São dignas de especial menção as imponentes ruinas de um grande castello que ainda hoje se vêem na freguezia de Tellões, d'este concelho, distante cerca de 10 kilometros d'esta villa para S. O.—castello que mereceu a Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento a honra de ser cantado em formosos versos.

O dicto castello é geralmente attribuido aos romanos e prova tambem a demorada permanencia d'elles por estes sitios.

Estava ao poente da via militar de Chaves (*Aguae Flaviae*) para Panoias, Lamego e Caria, pela cidade de *Cauca*, hoje *Villa Pouca d'Aguiar*,—e suppõe-se que era um dos presidios, ou depositos de tropa, para defesa da dicta estrada, que seguia com pequenas variantes o mesmo traçado da nova estrada actual a macadam de Chaves a Lamego, Moimenta da Beira e Trancoso.

Na freguezia de Bornes, tambem d'este concelho, 5 kilometros ao norte de Villa Pouca d'Aguiar, falleceu em 1109 o benemerito arcebispo de Braga, S. Geraldo.

Comprehende a dicta parochia differentes aldeias muito antigas e uma muito moderna, hoje a mais notavel de todas, formada pelo estabelecimento balnear das Pedras Salgadas, que se ergue a oeste da grande campina e da estrada real de Chaves, na encosta fronteira á povoação de Bornes.

V. *Pedras Salgadas*, *Bornes* e *Verêa de Bornes*, vol. 10, pag. 301, col. 1.ª

—

Entre as pessoas notaveis que esta villa tem produzido merecem especial menção—o visconde de Santa Martha, José de Sousa Sampaio, general miguelista, que militou na guerra de Montevideu e na lucta fratricida entre D. Miguel e D. Pedro,—lucta que ter-

minou pela convenção d'Evora Monte no dia 26 de maio de 1834, [1]—e o rev. D. Domingos José de Sousa Magalhães, arcebispo de Mytilene, coadjutor e vigario geral do patriarchado, distincto pela sua illustração e virtudes.

Nasceu no dia 2 de março de 1809, e foram seus paes Leonardo Manuel de Sousa Magalhães e D. Anna Josepha da Costa. Formou-se em direito em 1853. Dando indicios de alienação mental, foi suspenso das funcções episcopaes e das de vigario geral pelo patriarcha D. Guilherme Henrique de Carvalho. Volvendo á casa paterna, ahi viveu em completa demencia até o dia 19 de fevereiro de 1872, data do seu fallecimento. No dia 21 do dicto mez se lhe fizeram exequias solemnes e em seguida foi sepultado no cemiterio d'esta villa.

Sua irmã D. Rosa legou avultada quantia para se lhe erigir um mauzoleu, mas até hoje não se cumpriu tal disposição.

—

Produziu tambem este concelho um homem que se tornou tristemente notavel na 2.ª metade d'este seculo. Foi Luiz Antonio Alves, por alcunha o *Negro*, casado, carpinteiro, filho de Ignacio Alves dos Santos e de Joanna Bernarda Pimenta, natural da freguezia de Capelludos e ali rezidente,—um dos homens mais preversos, de que resam os annaes do crime!...

Accusado de haver assassinado Manuel Antonio Alves, José Villela e Rodrigo Antonio Vaz,—de ter forçado e ferido Marianna Luiza,—de ter, juntamente com outros, roubado a casa do padre Amaro, de Villarinho de S. Bento e de haver concorrido para o arrombamento da cadeia de Chaves, foi pelo juiz de direito de Villa Pouca d'Aguiar condemnado á morte de forca, em novembro de 1842.

A relação do Porto confirmou a sentença por accordam de 21 d'agosto de 1843 e, recorrendo de revista, foi-lhe esta negada por accordam do supremo tribunal, em 15 de abril de 1844; mas, por decreto de 14 de julho de 1845, houve por bem sua magestade commuttar-lhe a pena de morte na de *executor d'alta justiça*. (Cartorio do escrivão Silva Pereira).

Foi o ultimo *carrasco* que houve no nosso paiz, e falleceu na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, já depois de estar abolida a pena de morte.

—

Por occasião da guerra civil da *Junta do Porto* ou da *Patuleia*, foram na noite do dia 31 de janeiro de 1847 surprehendidas n'esta villa as forças populares do tonto general miguelista escocez, Reynaldo Macdonell, pelas forças fieis ao governo da rainha, a sr.ª D. Maria II, commandadas pelo general conde de Vinhaes, Simão Pessoa, sendo no dia seguinte aprisionado e covardemente assassinado o dicto Macdonell, junto da aldeia de Sabroso, freguezia de Verêa de Bornes, d'este concelho, tendo a mesma sorte o seu ajudante Ferreira Rangel, o *Escrivão-fidalgo* e miguelista, [1] irmão do poeta Ferreira Rangel, seu antipoda em politica, ou republicana radical.

V. vol. 7.º art. *Porto*, pag. 366, *in fine*, e seguintes;—*Sabroso*, vol. 8.º pag. 283, col. 1.ª e seguintes,—e *Verêa de Bornes*.

Tambem é muito digno de lêr-se sobre o assumpto o interessante e chistoso livro *Maria da Fonte* [2] recentemente publicado pelo nosso primeiro romancista e nosso primeiro escriptor publico, na actualidade, o ex^mo^ sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Corrêa Botelho.

---

[1] Veja-se o art. *Porto*, vol. 7.º—de pag. 338 col. 1.ª até pag. 365.

[1] Foram aprizionados e assassinados junto do *tapado do Ervedeiro* e da aldeia de *S. Payo*, pertencentes a esta freguezia de *Villa Pouca d'Aguiar*, na serra que d'esta villa corre para o norte,—e foram sepultados na capella de Santo Amaro da aldeia de Sabroso, pertencente á freguezia de *Verêa de Bornes*.

Foram pois *assassinados* n'esta freguezia de Villa Pouca e *sepultados* na de Verêa de Bornes.

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor no artigo *Verêa de Bornes*, col. 1.ª

[2] Parte 3.ª—o *Miguelismo*,—pag. 179 a 277.

—

Conta na actualidade este concelho onze bachareis formados, filhos seus, cabendo a esta villa os seguintes:

1.º—Dr. Leonardo de Sousa Magalhães, afamado jurisconsulto.

2.º—Dr. Francisco Botelho Correa Machado, cavalheiro distincto e que por varias vezes tem sido juiz de direito substituto d'esta comarca.

3.º—Dr. Henrique Manuel Ferreira Botelho, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, rezidente em Villa Real, onde é professor do Lyceu e presidente da commissão executiva da junta geral do districto.

É um dos filhos mais benemeritos d'esta villa, pois a elle deve todo o seu progresso actual.

4.º—Dr. Manuel Antonio de Sousa e Costa, conservador privativo.

5.º—Dr. Felippe de Sousa Magalhães, irmão do antecedente, juiz de direito na comarca de Cintra.

6.º—Dr. Domingos Botelho de Queiroz, cirurgião militar, hoje residente em Setubal.

7.º—Dr. Francisco José Gomes de Carvalho, rico proprietario e cavalheiro de muito merecimento.

8.º—Dr. Candido José d'Andrade, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

É natural de Ribeira de Pena, mas domiciliado n'esta villa, ha muitos annos.

O movimento parochial d'esta freguezia no ultimo anno (1884) foi o seguinte:—baptisados 68,—casamentos 14,—obitos 64.

—

Este concelho de *Villa Pouca d'Aguiar*, outr'ora *Aguiar da Pena*, teve dois foraes *velhos*, um dado por D. Sancho I em 1206, —outro por D. Affonso II em 1220,—e foral *novo* dado por D. Manuel, em 1515. [1]

Veja-se para este ultimo o *Livro de Foraes Novos de Traz os Montes*, fl. 50, col. 1.ª—e para os seus foraes *velhos* o *Maço n.º 9, de Foraes antigos* n.º 8, fl. 2, v.—*Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 105, col. 2.ª—e o *Livro 2.º de Doações do Sr. Rei D. Affonso III*, fl. 17, v. *in principio*.

Para o 2.º veja-se o *Maço 9 de Foraes antigos*, n.º 8, fl. 29,—o *Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 46, col. 2.ª—e o Maço 12 dos mesmos foraes antigos, n.º 3, fl. 23, col. 2.ª

Veja-se tambem o documento de 4 de julho de 1519 no *Corpo Chronologico*, Parte I, Maço 24,—e o documento 97.

Veja-se finalmente o artigo *Aguiar da Pena* n'este diccionario, vol. 1.º pag. 39.

—

Esta comarca de Villa Pouca d'Aguiar é de 2.ª classe e comprehende o concelho do seu nome e o de Ribeira da Pena,—alem do extincto concelho de *Alfarella* [illegible] *es*.

N'esta parochia não ha doenças predominantes. O seu clima, embora frio e aspero no inverno, é muito saudavel.

A cavalleiro da villa, na serra do lado E., ha uma pyramide geodesica marcando a altitude de 776 metros sobre o nivel do mar; —em Affonsim ha outra, na altitude de 966 metros,—e em Bornes outra, na altitude de 1:315 metros.

São os pontos mais altos d'este concelho.

No concelho de Ribeira de Pena ha uma pyramide geodesica na altitude de 1:024 metros; mas tem pontos muito mais baixos e amenos, formosas e ferteis campinas nas proximidades do Tamega.

—

A egreja de S. Salvadar de Villa Pouca d'Aguiar foi uma rendosa commenda da ordem de Christo, dada por Filippe II, em 15 de maio de 1608, ao seu ministro e escrivão da casa da India, Luiz de Figueiredo Falcão, natural de Pinhel,—homem muito illustrado, muito religioso, muito trabalhador e ministro modelo.

V. *Pinhel*, vol. 7.º pag. 84, col. 1.ª *in fine* e seguintes.

O conselheiro Silvino Luiz Teixeira de Aguiar, barão d'Aguiar, e que foi deputado ás cortes em 1852, relator do supremo tribunal de justiça militar, etc., não era de

---

[1] Diz o meu illustrado collega de S. Martinho de Bornes que esta villa teve tambem foral dado por D. Affonso Henriques e que d'elle faz menção o de D. Manuel.

Villa Pouca d'Aguiar, mas da aldeia das *Casas Novas*, freguezia de Redondello, concelho e comarca de Chaves.

Era um cavalheiro muito accessivel, muito estimavel, muito prestadio e de muitas relações em Lisboa.

Apenas se lhe apresentasse qualquer pretendente, recommendava-o logo com todo o interesse ao ministro, de quem dependesse o despacho, pelo que um dia lhe disse certo ministro das suas relações:

—O' barão, desculpe, se não attender todos os seus afilhados, pois se os attendesse todos, não havia outro expediente pela minha pasta.

—Eu peço, eu peço, disse o santo barão sorrindo,—porque tenho muito dó de todos os pretendentes, mas v. ex.ª lá faça o que entender mais justo.

Foi contemporaneo e amigo intimo do sr. D. José de Moura Coutinho, penultimo bispo de Lamego,—falleceu poucos annos antes d'este virtuoso prelado—e teve dois irmãos conegos em Braga e um sobrinho que foi prior nas Caldas da Rainha.

—

Em setembro do anno ultimo (1884) esteve nas *Pedras Salgadas* S. M. el-rei o sr. D. Fernando, com sua esposa a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, fazendo uso das aguas alcalino-gazosas d'aquelle importante estabelecimento thermal.

Esteve tambem ali por essa occasião o sr. dr. Manuel Maria Rodrigues, illustrado redactor do *Commercio do Porto*, para o qual mandou uma serie interessante de correspondencias diarias. Na de 15 do dicto mez se lia, entre outras cousas, o seguinte:

«Quando a familia real se dirigia para o hotel, acercou-se de el-rei um velho veterano, que lhe entregou um memorial implorando uma esmola.

É contristador vêr um d'esses soldados das luctas da liberdade, tendo por unica recompensa dos sacrificios que fez pela patria, a triste permissão apenas, de poder mendigar um pedaço de pão para matar a fome, emquanto que muita inutilidade burocratica se banqueteia por ahi á custa de pingues aposentações.

O veterano a que me refiro, e que habita nas proximidades de *Villa Pouca d'Aguiar*, é o sr. Joaquim Teixeira Diniz, ex-sargento da 2.ª companhia do bravo batalhão Transmontano, que praticou prodigios de valor durante o cêrco do Porto.

Fugira com outros companheiros das prisões de Almeida, onde estivera encarcerado pelas suas opiniões liberaes, e alistára-se n'aquelle corpo.

Terminada a guerra foi despachado escrivão de direito de Montalegre, cargo de que o demittiu um juiz de triste memoria pelas suas prepotencias e vinganças, e agora vale-lhe o modesto trabalho de uma filha que o ampara.

Hoje apresentou-se com a pobre farda que lhe fôra dada ha annos pela Associação Liberal do Porto, ostentando a medalha de D. Pedro e de D. Maria, algarismo 2.

Ha tres annos, o deputado do circulo apresentára em côrtes uma petição para ser dada a reforma ao misero velho, mas a solicitação teve o mesmo destino que têem obtido outras identicas.

S. M. recebeu o memorial do misero veterano, mandou entregar-lhe um valioso donativo pecuniario e pediu-lhe para ámanhã lhe enviar todos os documentos necessarios, a fim de interceder pelo bem estar dos seus ultimos annos de vida.

Abençoada acção esta do bondoso rei.»

—

Entre os muitos alcaides-mores do antigo castello de Villa Pouca d'Aguiar foi um d'elles—Caetano Balthasar de Sousa Carvalho, senhor do reguengo d'Avinhão, F. C. R. e mestre de campo d'auxiliares. [1] Casou com sua prima D. Marianna de Carvalho e Menezes e teve:

José Philippe de Sousa de Carvalho, tam-

---

[1] Tambem foi alcaide-mór d'esta villa Martim Teixeira de Macedo, senhor da Teixeira e ascendente de Gonçalo Chrystovam, morgado de S. Braz, em Villa Real, e do Bomjardim, no Porto, etc.

Martim Teixeira militou na India, esteve na tomada d'Azamor e casou com D. Helena, filha de Francisco Machado Velho, senhor d'Entre Homem e Cavado.

bem F. C. R. capitão de cavallos, cavalleiro da ordem de Christo, senhor do reguengo d'Avinhão e tambem alcaide-mór d'esta villa.

Casou com D. Maria das Neves Peixoto, descendente dos *Peixotos Coelhos*, senhores de Vieira, Felgueiras, Travanca, Fermedo, etc., etc., e teve—D. Mariana Rita, que casou com Pedro Pacheco Pereira Pamplona, F. C. R., commendador da ordem de Christo, alcaide-mór de Villa de Rei, senhor d'Aveloso e da casa dos Pachecos Pereiras, do Porto, segundo se lê em differentes nobiliarios.

Do exposto se vê que esta villa foi acastellada;—e a *Chorographia Portugueza* claramente diz—*tem hum Castello, que se não he temeroso para o respeito, he adjutorio para o credito de acastellada*;—dizem-nos porem da localidade que hoje ali não ha castello algum *nem memoria d'elle*!

Eu tambem o não lobriguei.

Tomariam os seus alcaides-móres o titulo do castello de Tellões, cerca de 8 kilometros ao sul, mas no termo d'esta villa,—ou do castello do alto da *Regedoura* e da aldeia de *Cidadelhe*, onde, segundo se suppõe, esteve a cidade romana *Cauca*, nucleo d'esta villa e d'esta parochia? [1]

—

Tambem já lemos algures que a villa de *Aguiar da Pena* era differente de *Villa Pouca d'Aguiar*;—que Villa Pouca era uma simples aldeia, quando Aguiar da Pena já tinha foraes;—mas que Villa Pouca prosperou com o tempo e è hoje villa e séde de concelho e de comarca, decahindo Aguiar da Pena e ficando reduzida á condição d'aldeia!...

V. *Aguiar da Pena*, vol. 1.º pag. 39;—suppomos porem que *Aguiar da Pena* e *Villa Pouca d'Aguiar* foram sempre uma e a mesma povoação;—que a differença não passava do nome,—e que tomou o titulo de *Penha* ou *Pena* de um gigantesco fragão, denominado *Penha Aguda*, que se encontra no *Monte do Facho*, a cavalleiro da nova estrada real d'esta villa para a de Mirandella.

Accrescentaremos ainda—que n'este concelho não ha hoje aldeia alguma denominada *Aguiar da Pena*—nem memoria d'outra villa com tal nome,—e que do archivo da camara nada consta a tal respeito.

Aos illustrados filhos de Villa Pouca de Aguiar compete pôr as coisas no são—e muito estimarei me avisem para reparar os lapsos no *supplemento*.

—

Na elegante e vistosa capella do Santissimo Sacramento ha uma irmandade d'esta invocação, fundada em 1877 com os fundos das irmandades de Nossa Senhora da Conceição e de S. Pedro, que estavam erectas na egreja parochial, mas que ao tempo se achavam em decadencia. Tem a dicta capella 3 altares e arco cruzeiro, e no atrio se ergue sobre quatro columnas uma bella torre, onde está o relogio da villa.

Foi reitor d'esta freguezia o rev. Antonio de Magalhães, natural de Vidago, instituidor do vinculo dos morgados d'aquella povoação e insigne bemfeitor do convento de S. Francisco, de Chaves, pelo que a *Chronica da Provincia da Soledade* d'elle faz honrosa menção.

—

Nos principios d'este seculo foi capitão mór d'esta villa Bento José Teixeira Vahia de Miranda, cavalleiro professo da ordem de Christo e F. C. R. natural de Villa Meã, freguezia de S. Martinho de Bornes. Era descendente de Gonçalo Vaz, que militou com distincção nas guerras do nosso rei D. João I contra D. João I de Castella, pelo que o dicto nosso rei lhe deu o foro de fidalgo, para elle e seus filhos, por carta passada em Santarem a 4 de setembro de 1423,—carta que el-rei D. Manuel confirmou.

Esta nobilissima familia ainda conserva a sua casa solar em *Villa Meã*, muito dignamente representada e habitada pelas ex.mas sr.as D. Josepha dos Prazeres Carvalho Va-

[1] Nos apontamentos que *á ultima hora* se dignou enviar-me o meu illustrado collega Manuel Henriques da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, diz que effectivamente n'esta villa não ha vestigios de fortificação alguma;—que teve alcaides mores n'ella residentes, mas que se referiam ao tal castello de Tellões, tambem denominado *castello de Pontido*, por estar junto de uma aldeia d'este nome, pertencente á freguezia de Tellões.

hia e D. Carolina Teixeira Vahia, descendentes do esforçado capitão d'el-rei D. João I.

Ao sr. Antonio Eugenio Rodrigues e ao meu illustrado collega de S. Martinho de Bornes agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLA POUCA DA BEIRA—villa extincta e freguezia do concelho de Oliveira do Hospital, comarca de Taboa, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Curato. Fogos 160, habitantes 774,—segundo o ultimo recenseamento. Orago S. Sebastião.

Na *Chorographia Portugueza*, na *Geographia Historica* de Lima e no *Port. S. e Profano* nem o titulo d'esta parochia se encontra!

O Flaviense deu-lhe 126 fogos em 1852—e J. A. d'Almeida 131 em 1866.

Pertenceu á antiga comarca e provedoria da Guarda e á corregedoria de Viseu.

Em 1840 pertencia ao concelho d'Avô, extincto pelo decreto de 24 de outubro de 1855, pelo qual passou para o de Oliveira do Hospital.

Tambem pertenceu ás comarcas de Arganil e de Midões. Outr'ora foi villa e concelho com justiças proprias, e teve casa de camara, cadeia e pelourinho, mas desappareceram ha muito.

Não nos consta que tivesse foral.

—

Comprehende apenas duas aldeias—a de Villa Pouca, séde da freguezia, e a de Digneifel,—o convento de freiras franciscanas do *Desaggravo*—o casal da Insua—e varias quintas, entre as quaes merece especial menção a quinta das *Obras*, pertencente a Antonio Joaquim d'Oliveira, d'esta freguezia.

Parochias limitrophes:—Lourosa e Covas a N.,—Avô, a S.,—Nogueira e Santa Ovaia (Eulalia) a E.—e Villa Cova a oeste.

A povoação de Villa Pouca está na margem direita do rio Alva, do qual dista 3 kilometros para N. O.—1 para S. E. da estrada real a macadam, n.º 12, de Coimbra a Celorico da Beira, pela ponte da Murcella e Vendas de Gallises, para S. O.—8 de Oliveira do Hospital,—15 de Taboa,—35 da estação de Santa Comba (a mais proxima) na linha ferrea da Beira Alta,—74 de Coimbra pela estrada real n.º 12,—193 do Porto—e 292 de Lisboa.

Passa na séde d'esta freguezia a estrada real n.º 46 de Tondella á Covilhã por Taboa, Candosa e Vendas de Gallises.

Producções dominantes:—milho e outros cereaes, vinho, azeite, batatas, feijões e excellente fructa, muito variada. Tambem cria algum gado lanigero.

—

Tem os templos seguintes:—a egreja parochial, pequena e humilde,—a egreja do convento, ampla, magestosa e muito bem tractada,—uma capella publica da invocação de S. Miguel,—e outra particular, junto das casas de D. Maria do Ó Osorio Cabral.

Consta que em tempos muito remotos existiu um convento no local onde hoje se vê a capella de S. Miguel. Não ha muito que ali se encontraram sepulturas de pedra antiquissimas.

O edificio mais notavel d'esta parochia é o convento. Depois d'elle os que mais avultam são os seguintes: — a casa que foi de José d'Abreu Mascarenhas Castello Branco Brandão, hoje de D. Maria do Ó Osorio Cabral,—a que foi dos *Chicorros*, de Monforte hoje de Antonio Joaquim d'Oliveira,—a de Cazimiro da Fonseca Gouveia, recentemente construida,—e na povoação de Digneifel a que pertenceu á familia *Madeiras*, de Lagares, e que hoje pertence ao dr. Francisco Borges Mendes Cruz, morador na Redinha.

Villa Pouca tem dois largos – o da *Praça* e o do *Cantinho*, — e 4 ruas: — da Fonte, da Capella, do Infesto e do Outeiro.

Banham esta freguezia os tres pequenos ribeiros da Cal, da Corga, e do Pombal, que desaguam a pequena distancia no Alva,—e tem na margem direita d'este rio dois moinhos para moer cereaes e um para moer azeitona.

—

Esta freguezia soffreu bastante com a guerra peninsular e com as guerras civis posteriores.

Imagine-se o que devia soffrer em 1811 quando o exercito francez de Massena retirou das linhas de Torres Vedras pela ponte

da Murcella, atravez d'esta freguezia e d'este concelho e dos de Ceia e Gouveia até Celorico, seguindo, com pequenas variantes, a mesma estrada real n.º 12, supra indicada.

Batido de perto pelo exercito anglo-luso e tendo soffrido um duro revez na passagem do Alva, saqueou e tractou com a maior deshumanidade todos estes povos, que por seu turno tambem não davam quartel aos malditos corsos.

Ainda hoje aqui se orgulham citando o nome de uma tal *Michaela*, filha d'esta parochia, que por essa occasião matou um soldado francez junto das Vendas de Gallises.

Durante a guerra civil de 1846 a 1847 travou-se aqui um tiroteio entre os filhos d'esta parochia e a guerrilha ou *quadrilha* dos Brandões de Midões, ficando mortos José Nogueira e José Bernardo, ambos d'esta freguezia.

Junte-se mais este florão á historia sanguinolenta d'aquelles heroes do crime [1].

—

Além da virago *Michaela*, produziu esta parochia outra mulher muito notavel pela sua piedade e virtudes,—*Genoveva do Espirito Santo*, que viveu nos fins do ultimo seculo e principios do seculo actual.

Sendo uma pobre e analphabeta pastora, resolveu fundar um convento,—e tanto lidou que percorreu grande parte do nosso paiz esmolando; foi incluzivamente ao Rio de Janeiro duas vezes, quando ali se achavam D. João VI e a familia real portugueza; mas teve a satisfação de ver o seu tão querido convento feito, com uma magestosa egreja e uma linda cerca.

É o convento de freiras franciscanas do *Desaggravo do Santissimo Sacramento*, ainda hoje habitado e muito bem situado a leste e junto da povoação de Villa Pouca, em sitio alto, alegre e vistoso.

O edificio ficou incompleto, mas tinha amplidão bastante para numerosa communidade,—segundo a regra austerissima d'este piedoso instituto, que parece não pertencer a este seculo, mas aos tempos em que nos mosteiros tudo era penitencia, austeridade e santidade.

—

N'este mosteiro as religiosas nunca tiveram criada alguma, o que tornava o seu pessoal interno sempre restricto,—emquanto que n'outros, nomeadamente no real mosteiro d'Arouca, tinha cada religiosa 2 a 3 criadas, pelo que o numero d'estas chegou a ser de 200 a 300, quando o numero das *nobres* filhas de S. Bernárdo era de 80 a 100. E ainda hoje havendo ali apenas 2 religiosas professas, tem *trinta e tantas criadas!*

Foi, e é ainda hoje um dos mosteiros mais ricos de Portugal,—emquanto que este de Villa Pouca viveu sempre de esmolas!...

No de Arouca matavam todos os dias um boi para a communidade,—para a sua vasta e faustosa hospedaria—e para o grande numero de pobres que sustentava,—emquanto que n'este de Villa Pouca as freiras comeram sempre de magro.

No de Arouca todas as religiosas eram obrigadas a levar um faqueiro de prata, um apparelho de chá de louça da India, com duas duzias de chavenas, colhèrinhas correspondentes, espumadeira, tenaz e uma salva, tudo de prata,—roupas brancas guarnecidas, luxuoso leito, etc. [1]—emquanto que n'este de Villa Pouca a pobresa foi sempre verdadeiramente franciscana e tanto que o leito das religiosas foi sempre uma *tarima de taboas nuas, tendo por cabeceira um cepo com uma cavidade para poisarem a cabeça!...*

—

Na *Carta* do benemerito bispo-conde de Coimbra ao seu cabido sobre a visita pastoral de 1875, se lê o seguinte:

«No dia 24 fomos pernoitar á hospedaria do Convento do Desaggravo do SS. Sacramento de Villa Pouca da Beira, sendo ali esperado pelo clero, por muitos cavalheiros, pelas auctoridades locaes, e pela força d'um destacamento de infanteria estacionado em

---

[1] V. *Villa Cova de Sub-Avô, infine*,—o artigo *Vide*, freguezia do concelho de *Ceia*,—e os artigos citados na respectiva nota.

[1] V. Arouca n'este diccionario e no *supplemento* e o *Conimbricense* de 23 de junho de 1885.

Oliveira do Hospital; e n'aquelle logar nos demoramos bastantes dias, visitando a egreja do Convento e as das freguezias circumvisinhas.

«Em todo este tempo tivemos occasião de observar e admirar a abnegação e a dedicação sublime e quasi sobrehumana, com que aquella dovota communidade, de quatro religiosas professas e dezeseis pupillas, preenche cabalmente todas as obrigações do seu austerissimo e sancto Instituto: e não se comprehende nem se acredita hoje no seculo que estas senhoras, quasi todas velhas, e com quatro doentes e de todo impossibilitadas, levem a abnegação e a piedade a poncto de cumprirem com maximo rigor as obrigações todas do seu sancto Instituto.

«Além do serviço do côro, que é muito pesado e a differentes horas do dia e da noite, e a que assistem todas, estão duas, que se revezam, constantemente de joelhos, de dia e de noite, em adoração ao SS. Sacramento. Cuidam dos diversos guisamentos e alfaias, empregadas no culto divino: e n'esta parte é muito para admirar o aceio e boa ordem que manteem em tudo; o esmero das roupas brancas, todas de muito trabalho; o arranjo dos paramentos, alguns mui ricos e a maior parte concertados e preparados por ellas; as muitas flores artificiaes que fazem e muito delicadas, para adornar a Egreja, que é um verdadeiro primor de aceio e de elegancia. Além d'isto, carregam com todo o trabalho da enfermaria, da botica e da roda; cultivam e tractam um pequenino jardim; fazem por si só o serviço da cosinha e do refeitorio, porque nem podem nem lhes é permittido ter creadas; cosem o pão e a broa para o convento e para a hospedaria, onde vivem o Padre confessor e os criados da lavoura; varrem e lavam as casas, que estão muito limpas e aceadas; e para todas estas cousas chega-lhes o tempo e a saude!

—

«Para descançarem e se confortarem de tantos trabalhos, fadigas e vigilias, teem apenas, para habitação, uma casa em um paiz frio, exposta aos rigores do norte, humida, muito velha, crivada de buracos, e sem conforto de qualidade alguma, a não ser a enfermaria;—para a alimentação, comida de magro todo o anno, jejum quasi sempre, e pão e agua para a ceia;—para vestuario, um habito de burel sobre o corpo, atado na cinta com um cordão de S. Francisco, e um panno preto por cima da cabeça e da cara, tanto de verão como de inverno;—para dormida, uma pequena cella com uma grande cruz de madeira, algumas taboas nuas postas sobre dois bancos, uma coberta de burel e um cepo com uma cavidade no meio, onde reclinam a cabeça;—e para recreio e distracção, a penitencia e o silencio continuos!

«E, por cima de tudo isto, é admiravel a larga edade a que chegam, e a sancta alegria e satisfação em que vivem; só porque as consola e anima o amor divino em que se abrazam, e porque não lhes corroem nem minam a vida as paixões, as contrariedades e os remorsos, que no seculo a tantas e a tantos dão morte prematura e atribulada! [1]

«Assim, pois, n'estes tempos de frio egoismo, e quasi só de gozos e prazeres materiaes e de interesses mundanos, são summamente consoladores, enternecem e edificam tamanhos prodigios de abnegação, de caridade e de heroismo, que só a religião sancta de Jesus Christo é capaz de inspirar: e nós damos a Deus muitas graças por nos conceder a mercê de termos nas terras da Beira, que constituem a parte maior do nosso Bispado, um convento tão venerado pelos Fieis, e que é um verdadeiro modelo na perfeição da vida religiosa e na practica das virtudes christãs, cuja fragrancia se derrama por todos aquelles contornos, com proveito assás conhecido para a conservação dos bons costumes, para o bem dos proximos e para salvação das almas.

«Todas estas cousas referimos e expuzemos nós ao ex.mo ministro dos negocios ecclesiasticos, e tencionamos chamar em tempo opportuno a attenção de s. ex.a para esta

---

1 Effectivamente não são raros n'este sancto instituto os casos de longevidade. No dia 22 d'agosto de 1884, por exemplo aqui falleceu soror Maria de Sant'Anna, contando 77 annos de edade e de religiosa professa 58!

Era uma senhora virtuosissima, natural da cidade da Guarda.

casa religiosa, que, embora um pouco mais remediada hoje, ainda vive de esmolas; e em tempo já chegou a taes apuros, que as religiosas se alimentavam de *leitugas e saramagos*! E o governo de Sua Magestade, que tem sido sempre benevolente e generoso para com todas as religiosas d'este Bispado [1] não ha de querer que as de Villa Pouca soffram outra vez tão duras privações; e certamente Deus Nosso Senhor não ha de tal permittir, emquanto nós tivermos ou podermos haver, um boccado de pão para repartir com ellas.»

As festas principaes que hoje se celebram na egreja d'este convento são a do *Desaggravo*, de 15 a 18 de janeiro, (dura 3 dias) —e em junho a do *Coração de Jesus*.

—

Entre as pessoas notaveis que esta parochia produziu n'este seculo merece especial menção tambem José d'Abreu Mascarenhas Castello Branco Brandão.

Reformou á sua custa a egreja matriz e a ornou com damascos, paramentos e outras alfaias, despendendo com ella, ao todo, mais de oito contos de réis!...

Sobre esta freguezia teem pesado trovoadas medonhas e cahido muitas faiscas electricas. Ha poucos annos uma matou 3 pessoas e um rebanho de gado lanigero;—outra matou uma rapariga e gado tambem,—e em 1870, por occasião da festividade da Ascenção do Senhor, cahiu um raio na torre da egreja do convento, abrindo larga brecha no zimborio e lascando a porta da mesma torre.

Na quinta das *Obras*, de Antonio Joaquim d'Oliveira, teem apparecido varias moedas romanas.

VILLA DE PUNHE—freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga.

Reitoria. — Orago Santa Eulalia, — fogos 385,—habitantes 1:551.

O meu benemerito antecessor já fallou d'esta parochia no titulo *Punhe*, vol. 7.º pag. 714, col. 2.ª, mas tão summariamente que não podemos deixar de accrescentar o seguinte:

—

Demora *Villa de Punhe*, séde d'esta parochia, na estrada de Vianna para Braga, na margem esquerda do Lima, do qual dista 5 kilometros para S.—8 de Vianna para SE. —e 30 de Braga para O. N. O.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de *Milhões*, Arques, Neves, Portella, Monte, Regos, Toupeira, Outrello, Chasqueira e Fonte de Algueira.

Freguezias limitrophes:—Couto de Caparêiros e Mujães, ao nascente,—Villa Fria e Alvarães ao poente,—Sub-Portella e Villa Franca, ao norte,—e Fragoso, além do Neiva, ao sul.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde—e a distancia de 300 metros ha na freguezia de Alvarães um apeadeiro, junto da estação de Barrozellas, no caminho de ferro do Minho.

Banha esta freguezia um pequeno ribeiro, que nasce no monte de Roques.

Producções dominantes:—milho, vinho, centeio, feijões, fructa e hervagens.

—

É uma das freguezias mais importantes do concelho;—a sua população é muito laboriosa e tem dado bons artistas e homens de genio energico e emprehendedor, entre os quaes se distinguiu n'este seculo Sebastião da Silva Neves, de quem já se fallou a pag. 425 d'este volume. Tomou o appellido da aldeia das *Neves*, onde nasceu e onde ha um grande souto de carvalhos, nos limites de Mujães e Capareiros.

---

[1] A *benevolencia* e *generosidade* dos nossos governos para com as religiosas do bispado de Coimbra e dos outros nossos bispados *não tem limites*. Os factos bem o provam!...

Ha muito que os nossos conventos de freiras foram condemnados a uma morte lenta e hoje se acham quasi todos extinctos. Só no 1.º semestre do corrente anno (estamos em julho de 1885) se fecharam e extinguiram 4:—o da Estrella, em Lisboa,—o de Santa Anna, em Coimbra,—o de Sá, em Aveiro—e o de Santa Monica, em Gôa.

Desapparecem os conventos, mas pullulam as casas de prostituição e de jogo,—os atheus materialistas e livres pensadores,—os communistas, nihilistas e anarchistas.

Le monde marche!...

A egreja matriz denota reconstrucção do ultimo seculo.

Ha tambem n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*Nossa Senhora das Neves*, que está na aldeia d'este nome, no dito souto de carvalhos, pertencente á familia de José da Cunha do Rego Barreto Alpoim.

Tem grande festa annual, no dia 15 de agosto.

2.ª—*S. Chrystovam*, na soberba quinta da Portella, de D. Jeronyma Theresa d'Alpoim e Silva, de quem logo fallaremos.

3.ª—*Nossa Senhora do Carmo*, na quinta de Domingos da Rocha Brandão Portocarreiro.

4.ª—*Senhor dos Afflictos*, pertencente a Antonio José Barbosa.

5.ª—*Senhor do Bomfim*, no caminho, em Arques.

6.ª—*Senhor dos Passos*, em frente da egreja matriz.

—

Ha n'esta parochia 3 bellas quintas,—na aldeia de *Arques* a de Torquato d'Abreu Teixeira Soares, com um grande montado,—na aldeia das *Neves* a de José da Cunha do Rego Barreto Alpoim,—e a quinta da *Portella*, muito digna de especial menção.

O vinculo d'esta casa foi instituido no anno de 1710 por Chrystovam d'Alpoim da Silva, da casa de Villa Fria, casado com D. Maria da Rocha Bravo, o qual, por não deixar successão, nomeou successor do vinculo um seu parente, e por fallecimento d'este passou para a casa de *Calvêllo*.

Chrystovam d'Alpoim falleceu em 1716.

Quando tractámos de Villa Fria, a pag. 760 d'este volume, promettemos fallar dos Alpoins d'aquella parochia e fazer uma rectificação ao que sob o titulo *Paço de Villa Fria*, se lê na interessante *Noticia Biographica das cidades, villas e casas illustres do Minho*, publicada pelo rev. sr. dr. A. L. de Figueiredo.

Os Alpoins de Villa Fria não são senhores da casa de *Merece*, em Calvêllo, nem tão pouco esta freguezia demora no concelho de Penella, ha muitos annos extincto, mas sim no concelho de Ponte de Lima.

A pag. 341 d'este volume dissemos:

Alpoins Silvas

«Senhores do *Paço de Villa Fria*, de que é actual senhor Jeronymo d'Alpoim da Silva e Menezes.»

O outro ramo dos Alpoins, senhores de *Merece*, por alliança com os Regos, é representado pela sr.ª D. Jeronyma Thereza d'Alpoim e Silva, senhora dos vinculos da *Portella*, *Merece*, *Pousada* e outros.

—

São estes os dois ramos principaes e com representação nos vinculos.

Jeronymo d'Alpoim (filho de João Martins d'Alpoim, o 1.º que se estabeleceu em Villa Fria) teve entre outros filhos:

—Chrystovam d'Alpoim, 5.º avô do actual senhor do Paço de Villa Fria, e
—Bernardo d'Alpoim da Silva, 6.º avô da sr.ª D. Jeronyma Thereza d'Alpoim e Silva.

São, pois, dois ramos distinctos e separados desde os fins do seculo XVI.

Os Alpoins succederam nos morgados de Calvêllo em 1735, pelo casamento de Bernardo de Alpoim da Silva e Abreu, fidalgo da Casa Real, com D. Maria Caetana de Castro, filha e herdeira de Pedro do Rego Barreto e Castro, senhor do morgado de *Merece* e capitão-mór do concelho de Albergaria de Penella.

De Bernardo d'Alpoim e de D. Maria Caetana é bisneta e successora a virtuosa e illustre fidalga de *Calvêllo*.

—

Ao meu bom amigo e benemerito Cyreneu, o ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Se eu em cada districto tivesse a fortuna de encontrar um Cyreneu assim—o diccionario valeria o dobro e me incommodaria *bem menos!...*

VILLA REAL—freguezia extincta no extincto bispado d'Elvas.

Orago Nossa Senhora da Assumpção. O parocho era *capellão-cura* da apresentação

da mitra—e tinha de rendimento 240 alqueires de trigo e oitenta de cevada.

Esta parochia distava d'Elvas tres leguas —e em 1768 contava 34 fogos,—segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*; mas foi extincta e annexada não sabemos a qual, pois nenhuma chorographia a menciona, nem ha hoje em toda a provincia do Alemtejo povoação alguma, pequena ou grande, com o nome de *Villa Real*. Até o nome perdeu!

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Tavira, diocese de Faro, provincia do Algarve. Priorado.

Orago—Nossa Senhora da Encarnação,—fogos 954,—habitantes 4:255—pelo ultimo recenseamento; mas hoje (agosto de 1885) a sua população é a seguinte:—fogos na villa 982;—em *Monte Gordo* 270;—em differentes *hortas* (casaes e quintas?) 230;—na velha *Casa da Audiencia* 3;—total 1:485 fogos e 6:140 habitantes.

A *Chorographia Portugueza*, o *Portugal S. e Profano* e a *Geographia Historica* de Lima não mencionam esta villa, porque data, como logo diremos, de 1774; mas, segundo se lê na *Chorographia do Algarve* por João Baptista da Silva Lopes, contava ella 197 fogos em 1777;—em 1802—fogos 278, habitantes 1:283;—em 1828—fogos 440,—habitantes 1:720;—em 1835—fogos 440,—habitantes 1:305;—em 1836—fogos 408,—habitantes 1:401;—em 1837—fogos 358,—habitantes 1:755,—casamentos 22,—nascimentos 84,—obitos 44,—e em 1839 contava 355 fogos na villa e 58 na aldeia de Monte Gordo—total 413 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe os mesmos 413 fogos e Almeida 720 em 1866.

Até á extincção dos dizimos a congrua d'este priorado eram 360 alqueires de trigo, 180 de cevada, 82 almudes de vinho e cincoenta mil réis em dinheiro, pagos pela commenda de Cacella, da ordem de S. Thiago, que comprehendia este concelho e parte do de Castro Marim, e andava arrendada por 1:600$000 réis, livres de decima.

Recebia mais o prior 11$000 réis de um fôro—e pagava ao thesoureiro ou sacristão 24$000 réis.

Em 1839 foi arbitrada a congrua do prior d'esta villa em 270$000 réis, calculando-se o pé d'altar em 50$000 réis e dando-se-lhe o restante em derrama; e, como aquelle arbitramento ainda hoje vigora, recebe, ou deve receber o prior 220$000 réis em dinheiro, afóra o pé d'altar, cujo rendimento póde calcular-se em 200$000 réis;—total 450 a 500$000 réis.

—

Esta parochia é formada pela villa do seu nome, por differentes *hortas* e pela aldeia ou povoação de Monte Gordo, habitada exclusivamente por pescadores e situada á beiramar, entre a foz do Guadiana e Cacella.

Limitam Villa Real: ao norte Castro Marim,—ao sul o Atlantico,—a leste o Guadiana—e Cacella ao poente.

O concelho é limitado ao norte pelo de Castro Marim,—ao poente pelo de Tavira, —ao sul pelo Atlantico—e a leste pelo Guadiana.

Comprehende:

Superficie em hectares.....	10:987
Predios inscriptos na matriz.....	1:920
Freguezias Villa Real e Cacella...	2
Fogos.....	2:139
Habitantes.....	8:595

Esta villa está situada em planicie arenosa na extremidade S. E. do nosso paiz, sobre a margem direita do Guadiana e na confluencia d'este rio com o Atlantico, do qual dista 3 kilometros para o norte;—outros 3 de Ayamonte, villa fronteira da Andaluzia, para S. O.—5 (em recta) da villa de Castro Marim, para S. E.—22 de Tavira, para E. N. E.—51 de Faro, para E. N. E. tambem,—55 de Mertola, pelo Guadiana, para S. S. E. —105 da estação de Beja, actualmente a mais proxima na linha ferrea do sul,—e por esta linha ferrea:—195 kilometros d'Evora, —259 de Lisboa,—596 do Porto,—678 de Vianna do Castello,—701 de Caminha—726 de Valença do Minho—e 160 do Cabo de S. Vicente para E. N. E.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se a 2—a egreja matriz que se ergue ao norte da

praça, na villa,—e a capella de Nossa Senhora das Dores na povoação de Monte Gordo.

A egreja matriz é um templo elegante, bem tractado e bem conservado, mas hoje muito pequeno para a população da villa.

Foi mandado fazer pelo marquez de Pombal em 1774—e n'elle se celebram actualmente com grande pompa duas festividades —a de Nossa Senhora da Encarnação (padroeira)—e a de Nossa Senhora do Carmo, —além d'outras festas menos apparatosas.

A capella de Nossa Senhora das Dores é mais antiga,—está bastante arruinada—e n'ella se celebra com grande pompa e extraordinaria concorrencia de devotos a festa e romaria annual da padroeira.

A dicta capella serviu de matriz d'esta parochia desde que ficou soterrada nas areias a egreja da extincta povoação de *Santo Antonio d'Arenilha*, até que se fundou a villa actual e a nova egreja da Senhora da Encarnação, para a qual passou a matriz em janeiro de 1775.—O seu primeiro prior foi o padre Jorge Arraes, por decreto de 1774.

Ha n'esta villa mercado semanal aos domingos—e uma feira annual no dia 12 de outubro, a qual antigamente era franca e durava 3 dias.

—

Banham esta parochia:—o Guadiana a leste,—o Atlantico ao sul—e ao norte, a 2 kilometros de distancia, o esteiro da *Carrasqueira*, que atravessa as lezirias da *Companhia Geral Agricola Financeira*,—move um moinho de cereaes—e desagua no Guadiana, em frente de Ayamonte.

Todo o chão d'esta parochia é suavemente ondulado, arenoso, mas fertil, e poucos metros superior ao nivel do mar. No ponto mais alto tem uma pyramide geodesica, nas proximidades da villa, marcando apenas 41 metros de altitude. A villa está em terreno muito mais baixo—e mais baixo ainda é o terreno que lhe fica ao norte, para o lado de Castro Marim,—terreno espaçoso, em que outr'ora houve salinas, mas que, abandonadas estas, ficou como sempre fôra—uma pateira, alagada e inculta, e um grande foco de infecção até 1875, data em que o governo cedeu aquelles terrenos alagadiços á *Sociedade Geral Agricola Financeira*, que os beneficiou e arroteou, transformando-os em uma das melhores e mais ferteis campinas do Algarve,—com grande vantagem para a companhia,—para o thesouro,—para a hygiene publica,—para esta villa—e para os povos circumvisinhos, pois na lavoura da grande campina se empregam muitos dos seus habitantes.

—

Para se formar idéa do valor que attingiram aquelles sapaes, note-se que só de cevada teem produzido em alguns annos mais de mil moios, ou 60:000 alqueires!... Tambem produzem trigo, melões, melancias e batatas.

Com relação aos dictos sapaes disse o *Jornal do Commercio*, em janeiro de 1876, o seguinte:

«É sabido que o governo fez concessão á *Sociedade geral agricola financeira* de 400 hectares de terrenos salgadiços, situados perto de Villa Real de Santo Antonio, com o fim de serem por ella aproveitados em beneficio da agricultura do Algarve.

Conta apenas mezes essa concessão e graças ao impulso dado ás obras destinadas a melhoral-os, consta do officio dirigido pelo distincto engenheiro João Macario de Castro, á administração da Sociedade geral, que a construcção dos diques em terra se acha completa e nas devidas condições, segundo o projecto que se mandou executar, satisfazendo completamente ao fim a que é destinada, como se verificou tanto por occasião das marés de aguas vivas, como por occasião das chuvas que cairam em fins de novembro, e em 14 e 15 de dezembro do anno proximo passado.

A plantação das marismas nos diques, necessaria para a boa conservação d'estes, está quasi concluida.

Á construcção das comportas nos dois esteiros em que deviam ser construidas, falta apenas pôr o remate na do esteiro mais largo.

O que resta concluir é mui pouco, e sem difficuldades de execução. D'este serviço fica encarregado o sr. Figueiredo, que desde to-

do o principio se tem desvelado em cooperar para a feliz ultimação d'estes trabalhos.

É este agronomo a quem d'ora em diante fica incumbida a missão dos melhoramentos agricolas d'esta importante propriedade, pertencente á *Sociedade geral.*

Do estado agronomico dos terrenos dos dictos sapaes, podia bem inferir-se *a priori* que convenientemente beneficiados, seriam de natureza a retribuirem largamente os adiantamentos feitos em seu beneficio pela Sociedade Geral. Os resultados, porém, que estão em via de se obter, vão muito além das previsões. As sementeiras já executadas nos terrenos mais lavados apresentam um aspecto soberbo, sendo para notar que esse facto se dá tanto com as cevadas, que se conformam particularmente com terrenos d'aquella natureza, mas mesmo com os trigos.

—

«É inquestionavel pois que a capacidade productiva d'aquelle solo será verdadeiramente excepcional.

Animada por estes primeiros ensaios, a *Sociedade Geral* fez executar immediatamente o arroteamento completo de toda a superficie da propriedade, sendo o numero de juntas de bois que n'este momento andam ali empregadas na lavoura 104; do que resultará a prompta conclusão dos primeiros trabalhos culturaes. O serviço d'este gado, alem de ser excellente, é de uma baratesa desconhecida em qualquer das nossas outras provincias, pois que não excede o preço de 550 réis diarios por junta. Este preço barateia muito o custo da exploração, e pela facilidade que ha em o obter, dispensa a *Sociedade geral* do mais embaraçoso e do mais dispendioso dos encargos, o qual consistiria em possuir gado seu para trabalho. Só o saberá avaliar quem lida praticamente com estas coisas.

Da promptidão com que a *Sociedade Geral* executa os trabalhos da riqueza accumulada em um solo virgem de toda a cultura, e da economia e simplificação que deverá resultar de uma boa administração, pode-se desde já concluir que o governo obrou acertadamente concedendo terrenos que nada produziam, e que a *Sociedade Geral* fez um bom negocio solicitando a sua acquisição para os arrotear e beneficiar, contando com uma boa remuneração do emprego dos seus capitaes.»

—

Em novembro do anno seguinte (1877) dizia um outro jornal:

«Emquanto que na Granja do Marquez os apparelhos de Fowler, pelo trabalho executado em condições as mais difficeis do solo, deram resultados que justificam o feliz intuito com que o governo os adquiriu; nas vastas propriedades de Villa Real de Santo Antonio, pertencentes á *Sociedade geral agricola e financeira*, os resultados obtidos por apparelhos quasi identicos do mesmo auctor, vão além de tudo quanto a espectativa mais exigente poderia reclamar.

Assim o confirmam as successivas communicações sobre tão importante assumpto, confessando se todos verdadeiramente maravilhados com tão admiravel invento.

A fama do successo já começa a produzir os seus effeitos. Lavradores importantes do Alemtejo tem ido expressamente a Villa Real de Santo Antonio para observarem e presencearem de perto o trabalho dos apparelhos; e todos, sem excepção, tem voltado admirados, e o que mais é, convencidos da enorme importancia para os casos que a supportam, da cultura pelo vapor.

Charruas grades e *arroteadora*, todos estes instrumentos teem feito rigorosamente o seu dever. Aferimos este pelas promessas do fabricante. Só um instrumento, o *Cultivador*, vae ainda muito além d'aquellas promessas.

Composto de 9 dentes em forma de lança, rasga o solo a 12 centimetros de profundidade, descobrindo-a tão a eito, que, fossando-se a terra em sentido transversal, não se encontra a mais leve porção encruada. É como se se executasse uma lavoura com 9 arados nossos, dos mais perfeitos, ao mesmo tempo, com a differença de não deixarem *raposas* e correrem com velocidade dupla do que se fossem tirados por animaes.

Tem este instrumento chegado a lavrar nas terras da *Sociedade geral* 15 hectares por dia de 10 horas de trabalho! Quer isto

dizer que tem feito n'um só dia o trabalho em que seriam necessarias 60 juntas de bois!»

—

Graças pois ao governo e á *Sociedade geral agricola e financeira* pela transformação d'aquelles sapaes em uma granja modêlo, a producção principal d'esta freguezia é cevada. Tambem produz outros cereaes, vinho, hortaliças e optimas laranjas, tão doces em novembro como em outras terras do nosso paiz no mez de maio — e com a casca tão fina que mal se podem exportar ou conduzir para distancia, porque ao mais leve choque se mogoam e estalam.

Rivalisam com as de *S. Mamede de Riba Tua*, concelho d'Alijó, em Traz-os-Montes, junto da estação de *Tua*, na linha ferrea do Douro, que são talvez as melhores do nosso paiz, posto que tambem gosam de justa fama as de Gouvinhas, da Rêde e d'outros pontos do Alto-Douro,—as de Amares e de Setubal, — as d'Evora, Elvas e Portalegre, no Alemtejo,—as de Coimbra e da Madeira—e as de Monchique, no Algarve tambem; mas, desde o meado d'este seculo, todos os nossos laranjaes adoeceram e causam dó! Os velhos, alguns formados por laranjeiras seculares e de grande porte, desappareceram, —e os novos não resistem á doença nem se descobriu até hoje meio de os preservar.

Aqui no Algarve costumam reconstituil-os por enxertia em estacas de cidrão, caiando depois os troncos e as hastes ou vergonteas mais grossas das laranjeiras; mas isso não obsta a que, passados alguns annos, murchem e sequem, como em todo o nosso paiz, o que é para lamentar porque, além de ser a laranjeira uma arvore lindissima, principalmente quando está em flor [1], ou carregada de pomos d'ouro,—a laranja era um rendoso artigo d'exportação, — tinhamos grandes laranjaes—e podiamos augmental-os espantosamente.

Em Setubal vimos nós um em reconstituição, formado por 8:000 laranjeiras, ainda pequenas e muito novas, mas que em 1880 (segundo ali nos disseram) foi arrendado por oito contos de réis!...

É o maior e mais lindo laranjal de todo o nosso paiz.

—

Esta villa não só è abundante e mimosa de peixe do Guadiana e do mar, mas o peixe constitue a sua principal riqueza,—nomeadamente a sardinha, a corvina e o atum.

A sardinha quasi toda é colhida na praia da aldeia de *Monte Gordo*,—aldeia que vive exclusivamente d'aquella industria. Tambem n'esta villa se formaram nos ultimos annos algumas armações que exploram com bom exito a mesma pesca.

O atum que, desde tempos muito remotos constitue uma das industrias mais rendosas do Algarve, é colhido em grandes armações proprias desde o Cabo de S. Vicente até o de Santa Maria, ao sul de Olhão. D'ali para leste não ha armações, porque o atum segue do dicto cabo em direcção a Gibraltar, onde vae desovar e fazer creação, afastando-se muito da costa de Portugal e da Hespanha desde o Cabo de Santa Maria até Gibraltar; mas os armadores o trazem a esta villa e aqui o vendem em grande quantidade, tanto para a Hespanha, nomeadamente para a villa de Ayamonte, como para gasto d'este concelho e d'outros do Algarve e do Alemtejo,—e para abastecimento das 5 fabricas de conservas, aqui montadas, que, depois de preparado, o mandam para a Italia, em latas e barris,—com grande lucro, pois costumam compral-o aqui a 30 réis o kilo e vendel-o na Italia a 600 réis!...

Nas dictas fabricas preparam atum, sardinha, sarda e outras variedades de peixe. Das 5 fabricas 2 são italianas, pertencentes aos srs. Parodi e Migoni,—e 3 nacionaes, pertencentes aos srs. Barreto, Tenorio e Ramires. Cada uma d'ellas occupa 20 a 30 rapazes, 30 a 50 homens e 40 a 50 mulheres.

---

[1] Que saudades eu tenho do pomar de laranjeiras, (hoje d'um meu irmão) contiguo á casa onde nasci, na margem esquerda do Douro,—em frente da estação das *Caldas do Molledo!*

Formava na minha infancia um bosque cerrado, encantador viveiro de rouxinoes no verão e, quando estava todo florido,—o aroma suffocava, inebriava!

V. *Corvaceira*, vol. 2.º pag. 406, col. 1.ª

É Villa Real de Santo Antonio um dos emporios mais importantes do atum e tem na margem do Guadiana uma praça coberta quasi exclusivamente destinada para elle.

—

Além das 5 fabricas de preparação do peixe, ha n'esta villa mais 4 de tecidos, sendo uma d'ellas movida a vapor.

N'estas fabricas se fazem pannos de linho, riscados, toalhas, canhamaço, camisolas, meias, alpargatas, etc.

Ha n'esta villa tambem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos,—um hospital em construcção denominado *Marquez de Pombal*,—um *Monte-pio Artistico*,—um *Compromisso Maritimo*,—um pequeno theatro,—um pharolim,—e ao norte da villa, na margem do Guadiana, a bateria da *Carrasqueira*, que fórma com as de *Cabeço*, *Monte Gordo*, *Ponta da Areia*, *Médo Alto* e *Pinho* o 7.º grupo das nossas antigas fortalezas do Algarve, dependentes de Villa Real de Santo Antonio, que hoje teem apenas alguns veteranos.

V. *Algarve*, vol. 1.º pag. 126.

Ha tambem n'esta villa um club, denominado *Sociedade recreativa de Villa Real de Santo Antonio*,—uma *Associação de Bombeiros Voluntarios*,—dois hoteis,—differentes casas de pasto,—bons estabelecimentos commerciaes e para aprestes de navios,—pharmacias,—cafés,—varias agencias de bancos e companhias, etc.

—

Tambem no momento (agosto de 1885) ha n'esta villa um lazareto, como parte integrante do cordão sanitario que o nosso governo estabeleceu no mez ultimo em volta de todo o nosso paiz, para ver se o preserva do *cholera morbus*, que está assolando a Hespanha, nomeadamente a Andaluzia [1].

Deus defenda Portugal, como defendeu nº anno ultimo, pois tendo tambem o cholera feito muitas victimas na França, não entrou no nosso paiz;—mas bem castigado foi já n'este seculo com aquella epidemia, em 1834 e 1855 a 1856.

O mencionado lazareto estreou-se com 600 jornaleiros portuguezes que vinham das ceifas da Andaluzia.

Para receber tão grande numero de quarentenarios, foi mister addiccionar-lhe differentes barcos.

Santo Antonio d'Arenilha, Monte Gordo e Villa Real de Santo Antonio

Junto da foz do Guadiana, ao sul da hodierna *Villa Real de Santo Antonio*, existiu desde tempos muito remotos uma povoação denominada Villa de *Santo Antonio d'Arenilha*, [1] que foi soterrada e aniquilada pelo mar e pelas areias—e talvez saqueada e incendiada pelos corsarios, como outras muitas povoações da costa. Em 1837 mal se distinguiam as ruinas d'ella, mas em 1673 ainda viviam pessoas que a outras de longa edade ouviram dizer que ainda a conheceram povoada [2].

É certo que em 1750, sendo elevado ao throno D. José I, a margem portugueza do Guadiana, desde Castro Marim até o pontal da barra e a costa do Atlantico, e desde a foz do Guadiana até á povoação de *Monte Gordo*, cerca de 4 kilometros para O., estavam

---

[1] O registo do cholera publicado pela *Gaceta* de 8 do corrente dava: em Madrid 20 casos e 10 obitos, e em Aranjuez 50 casos e 39 obitos.

Das provincias dava: em Alicante 138 casos e 67 obitos; em Murcia 151 casos e 55 obitos; em Valencia 822 casos e 411 obitos; em Cuenca 11 casos e 2 obitos; em Teruel 7 casos e 5 obitos; em Saragosa 128 casos e 36 obitos; em Cartagena 24 casos e 17 obitos, e em Castellon 114 casos e 50 obitos.

Em 14 dias houve nas 8 provincias de Hespanha atacadas pelo cholera, 12:760 casos e 5:947 mortes!

O ponto mais flagellado é a provincia de Valencia, onde a media diaria dos obitos é de 323.

Desgraçada Andaluzia! E note-se que ainda no ultimo anno perdeu milhares de casas e muitos centos de vidas com os terremotos que a assolaram durante mezes!...

[1] «Entre Cacella e Castro Marim, na praia que faz entrada para a barra d'Aiamonte.» *Chorog. do Algarve* por Baptista Lopes, pag. 383.

[2] *Const. do Bispado* e *Catalogo dos Bispos do Algarve.*

completamente desertas;—e que *Monte Gordo* era uma aldeia de pescadores, formada por simples *palheiros*, cabanas ou *palhoças* (pequenas habitações cobertas de palha) como Espinho, ao norte d'Ovar, ainda no meiado d'este seculo; mas era tambem como Espinho, uma aldeia muito importante pela sua população, pelas suas pescarias, e pelo seu commercio.

«Antiga e de consideração era a pescaria n'este sitio,—segundo se lê na Chorographia do Algarve; já em 25 de setembro de 1433 el-rei D. Duarte havia doado ao infante D. Henrique a dizima nova d'ella [1]. Estava em grande auge em 1711 a 1712, e tão rapidamente prosperou com a concorrencia de hespanhoes, portuguezes e francezes que em 1774 havia n'esta praia mais de *cinco mil homens*, afóra muitas mulheres, que em differentes ruas de cabanas occupavam mais de huma legoa, desde a ponta da barra até perto do sitio, onde foi a antiga *Cacella*, e contava não menos de 100 barcos ou artes de arrastar.»

Tão importante e rica foi na 1.ª metade do seculo XVIII a povoação de *Monte Gordo*, que a denominavam *Monte d'Ouro*; mas o despotico e prepotente ministro de D. José a anniquilou para elevar a uma altura phantastica a sua tão querida Villa Real de Santo Antonio, como anniquilou todos os vinhedos do nosso paiz para exalçar o Douro.

—

Em 1774, o marquez de Pombal, vendo deserto todo o chão desde a aldeia de Monte Gordo até Castro Marim, resolveu crear na margem do Guadiana, em frente da Andaluzia, uma povoação imponente que supplantasse Ayamonte e infundisse respeito aos hespanhoes e a todos os extrangeiros que desembarcassem no Guadiana e pisassem a extremidade S. E. do nosso paiz.

Com este louvavel intuito mandou fundar no dicto anno *Villa Real de Santo Antonio*, em alegre e vistosa situação, dominando Ayamonte e a lindissima e ampla foz do Guadiana, na fronteira S. E. do nosso paiz, á entrada do Algarve e como porta e corôa d'elle.

Homem illustrado e arrojado, despido de preconceitos e amante do progresso, escolheu para a nova povoação um risco elegante e magestoso, á imitação do bairro baixo de Lisboa:

Fronteria imponente, regular e symetrica, olhando com desdem para a Andaluzia e para o Guadiana;—ruas amplas, algumas de 30 metros de largura, todas perfeitamente alinhadas e cortadas em angulo recto por outras no mesmo estylo;—casas elegantes, todas symetricas;—praças e largos,—boa egreja matriz, soberbos paços do concelho, magestoso pelourinho, etc. E tal era o poder do grande ministro que, *em cinco mezes*, estava feita a villa actual,—a expensas do thesouro e de diversos particulares que elle convidou — ou antes *obrigou* — a construir ali casas,—nomeadamente as armações da pesca e os primeiros proprietarios e negociantes do Algarve, bem como os armadores principaes das nossas praças maritimas e a poderosa *Companhia da Agricultura e Vinhos do Alto Douro*, que ali fez cinco casas e montou pescarias. [1]

Não correspondeu porem o resultado aos intuitos do grande ministro.

A edificação parou em menos da *quarta parte* do projecto,—por falta de habitantes, apesar das vantagens que o marquez lhe offerecia, pois fundou na villa differentes associações,—concedeu aos pescadores e negociantes, que a fossem habitar, muitos privilegios;—carregou de direitos a sardinha importada da Hespanha;—elevou a nova villa a séde de concelho;—estabeleceu n'ella uma alfandega regular e differentes fabricas e officios;—deu-lhe juiz de fóra e auctoridades correspondentes;—protegeu-a contra a invasão das areias, mandando semear em volta d'ella um grande pinheiral com mais de seis kilometros de circumferencia;—fez plantar muitas amoreiras no seu termo para creação do bicho da seda e exploração d'esta industria, etc., mas apesar de tanto bonus, a população não augmentou!

---

[1] Liv. 3 de Mist. fl. 215, v. na *Torre do Tombo*.

[1] V. vol. 7.º pag. 416, col. 1.ª

—

Vendo-se tão contrariado o marquez, lembrou-se de transferir para a sua nova villa a grande população da aldeia de *Monte Gordo*, e para isso obrigou os seus habitantes a levarem para a villa e a irem vender n'ella todo o pescado.

Os pobres homens, magoadissimos com a intimação, preferindo por muitas rasões os seus palheiros ao esplendor da villa, recusaram-se a cumprir tal ordem; mas o marquez os compelliu e os castigou severamente chegando a mandar queimar as habitações dos recalcitrantes, pelo que muitos d'elles emigraram e foram estabelecer-se na *Higuerita*, pequeno porto hespanhol da Andaluzia, que augmentou em população e riqueza, ao passo que a aldeia de *Monte Gordo*, sendo um *monte d'ouro*, ficou deserta!...

Perdemos aquelle grande emporio de pescarias e de riqueza—e a nova villa ficou em embrião e estacionaria por muito tempo.

Ainda em 1837, *Villa Real* com toda a sua elegancia e prosapia de villa nem sombra era da extincta povoação de *Monte Gordo*, povoada de choças. «Tamanho prejuizo causou a má eleição do sitio para esta fatal edificação!—diz João Baptista S. Lopes. A não ter sido desmanchado o ninho, que o instincto e o interesse haviam construido em *Monte Gordo*, cabedaes sem conto nos teria fornecido esta povoação, deixando-a ficar no sitio escolhido por aquelles que por pratica entendião melhor de seus interesses, do que os theoricos de gabinete que, faltando-lhes aquella, *estragão tudo em que tocão*.»

—

«Hoje em dia (1837)—continua Baptista Lopes—tem *Villa Real* dois hiates, e dois cahiques viageiros, ou lanchas de pesca de 5 a 6 toneladas, 17 *chavegas* com 500 maritimos, tão desleixados dos seus proprios interesses, quanto cuidadosos e diligentes são os seus visinhos de Aiamonte,—ainda que só na pesca se empregão e poucos no campo. As mulheres trabalhão no preparo da sardinha para estivar, em obras de palma, e em rendas de linha.

«Está o porto d'esta villa sendo o segundo do Algarve, por causa da sua excellente barra. No anno de 1836 entrarão n'elle 533 embarcações, a saber:—12 navios redondos, 17 hiates, 139 cahiques, 4 rascas, e 361 barcos de um pão só. Aquellas 17 *chavegas* barcos ou artes de arrastar, tem cada huma outra barca chamada *enviada*, que tem a bordo outra rede e demais preparos para aproveitar alguma passagem de sardinha, quando as primeiras já tem o saco cheio, e por isso vem a ser 34.

«A sardinha he aqui a pescaria de mais consideração. Salga-se e estiva-se toda, extrahindo-lhe o azeite pela prensa, e se exporta para os paizes estrangeiros. Para esta manipulação ha 8 fabricas, e 3 para os barrilinhos de enxovetas, que se exportam para a Italia. Dão-se pouco a outras pescarias que não seja a da sardinha na temporada; deixão que os hespanhoes aproveitem essa tal ou qual pescaria que no Guadiana podião fazer, principalmente das corvinas que n'elle entrão em abundancia, e que os pescadores de Aiamonte apanhão com certas redes chamadas *corvineiras*.

—

«Empregão-se nos mezes, em que não corre a sardinha, na pesca das famosas ostras que ali ha perto, para a qual usão de hum triangulo de ferro com huma braça de lado, aos quaes está presa huma rede em fórma de saco e em cada um dos angulos se prende huma corda: estas tres cordas, do comprimento de uma braça, com pouca differença, vêm atar-se em outra mais comprida, que das lanchas deitão ao mar. Hum dos lados do triangulo, a que chamão *rasto* vae arrastando pelo fundo do mar, e arrancando as ostras, que cahem no saco da rede até se encher;—levantão então, e despejando-o, continuão a pesca [1].

«D'estas ostras fazem viveiros e, quando lhes parece occasião, as levão a vender por bom preço a Cadiz e Gibraltar.

«Em *Monte Gordo* ha ao presente (referia-se ao anno de 1837) 64 cabanas e 4 casas. Talvez possa hir em augmento, visto que

---

[1] Ainda hoje aqui no Guadiana se pescam muito boas ostras, nomeadamente junto de *Ponta da Areia*.

agora (1837) é livre a cada hum hir estabelecer-se e morar onde mais lhe convier; e a praia é mais asada para a pescaria, do que a vizinha de Hespanha.

—

«Para suster d'algum modo os edificios da nova villa, e em particular a frente de Aiamonte, a fim de que não se arruinem de todo, e até desabem, carece ella de hum muro á margem do Guadiana, que, tendo comido as areias, já toca nas casas, começando a engoli-las.

«O pinhal, tão formoso que era, e tão util pelo interesse das madeiras, quanto por conter as areias, está (1837) todo perdido! Apenas existem huns cem pinheiros junto á casa da *Audiencia;* [1] todos os demais foram arrancados. Incumbe á camara fazer semear de novo aquelles areaes... Por aqui houve e se conservam ainda algumas amoreiras das que no tempo da fundação da villa foram plantadas, mas dos bichos ninguem cuida...»

—

Esta villa e este concelho, pelo facto de demorarem em terreno baixo, arenoso e plano, não teem uma unica fonte de bica, mas em qualquer ponto se encontra agua potavel e de excellente qualidade, por ser filtrada pela areia. Basta fazer uma cova de 1 a 2 metros de profundidade para se encontrar, —e mettendo-lhe uma ou duas barricas está formado um poço! Na villa ha differentes, revestidos de pedra, para uso do publico.

—

Como se vê do longo extracto que fizemos da *Chorographia do Algarve*, esta villa ainda em 1837 se conservava estacionaria; mas hoje tem bastante vida,—muito movimento no seu porto,—bons estabelecimentos commerciaes e de pescarias,—differentes fabricas, etc., pelo que o seu estado actual póde dizer-se prospero e florescente.

Em 1837 contava apenas 197 fogos, em quanto que em 1878 contava 954 e 4:255 habitantes,—e a sua população augmenta e com ella o numero de habitações e edificios de toda a ordem. Deve a sua prosperidade e florescencia a differentes causas.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—A paz octaviana que felizmente gosamos desde 1834.

As pequenas revoluções civis posteriores foram momentaneas e de tão pouco alcance que nem o nome de revoluções merecem.

A este longo periodo de paz se deve a nossa invejavel tranquillidade e segurança.

Ha muito que em todo o nosso paiz não ha uma quadrilha de salteadores nem memoria d'um roubo feito com mão armada.

Os tetricos nomes de *Serra da Folperra* e dos *Pinheiraes da Azambuja* parecem-nos hoje uma lenda.

2.ª—O grande desenvolvimento que entre nós attingiram os meios de communicação de toda a ordem,—linhas ferreas, estradas a macadam, telegraphos electricos, telephones, diligencias, carreiras de vapores, etc., nomeadamente desde 1852, cabendo ao lindo reino do Algarve tambem o seu quinhão nos melhoramentos publicos, pois tem, ha muito, uma bella estrada a macadam, servida por diligencias, desde Villa Real até Lagos;—diligencia diaria tambem de Mertola para Beja, na linha ferrea do sul,—e uma linha ferrea (parte já construida e parte em construcção) de Beja para Faro.

Esta villa tem, ha muito, carreira diaria de vapores pelo Guadiana para Mertola, pondo-a em intimo contacto com todo o nosso paiz pelas linhas ferreas do sul, sueste, norte, Douro, Minho, Beira, Guimarães, Povoa de Varzim, etc., todas ligadas entre si.

Tem além d'isso outra carreira de vapores para Lisboa, ambas montadas, ha annos, por Alonso Gomes, grande proprietario, negociante e industrial estabelecido em Mertola, onde fez para sua habitação um lindo palacete, quasi todo de marmore conduzido de Lisboa nos seus vapores.

---

[1] Assim se denomina um sitio, distante d'esta villa cerca de 5 kilometros para O. na estrada de Tavira.

Consta que outr'ora ali, por ser um ponto central, costumavam as auctoridades ir *fazer audiencia* e administrar a justiça aos povos circumvisinhos.—Cacella, Villa Real e Castro Marim, todos tres distantes da tal *Casa da Audiencia*, que ainda existe, cerca de 5 kilometros.

Tambem tocam n'esta villa os vapores de duas companhias (uma hespanhola, outra ingleza) que fazem carreira entre o Mediterraneo e a Inglaterra, tocando em Lisboa e nos portos principaes do Algarve,—Olhão, Tavira, Faro, Villa Nova de Portimão, etc.

Quando em 1879 visitamos o Algarve, fizemos a viagem de Mertola para Villa Real no vapor *Gomes II*—e de Portimão para Lisboa no vapor *Gibraltar* da companhia ingleza.

V. *Vicente* (*S.*) Cabo, n'este vol. 10.º, pag. 504 e seg.

3.ª—As fabricas de conservas aqui montadas e que não só empregam numeroso pessoal, mas compram peixe no valor de muitos contos de réis.

Em 1880, por exemplo, compraram as dictas fabricas 11:802 atuns e 2:962 atuarros por 50:287$401 réis;—e em 1879 haviam comprado 30:948 atuns e 2:637 atuarros por 47:279$418 réis.

Em um dos ultimos annos exportaram as dictas fabricas 301:420 kilogrammas de atum em escabeche, no valor de 83 contos de réis —e calculou-se em 1:000 contos a receita só do peixe e do figo na provincia do Algarve.

4.ª—O grande desenvolvimento que na 2.ª metade d'este seculo attingiram as *Minas de S. Domingos*, no concelho de Mertola, hoje absolutamente as primeiras de Portugal, e que teem attrahido a este porto e ao de *Pomarão*, cerca de 40 kilometros a montante de Villa Real, na margem esquerda do Guadiana, muitos navios de vela e de vapor, chegando a ver-se ancorados ali a um tempo 64 barcos de differentes lotações, só em serviço das grandes minas.

Todos aquelles barcos tocam n'esta villa, —n'ella fazem aguada—e deixam muito dinheiro!...

V. *Pomarão*, vol. 7.º pag. 125, col. 1.ª e seguintes.

—

No anno ultimo contava esta villa 13 navios seus,—e com o movimento d'elles,—dos das carreiras portuguezas de vapores para Mertola e para Lisboa,—dos das outras mencionadas carreiras hespanhola e ingleza, —dos que trabalham para as grandes Minas de S. Domingos—e dos muitos barcos das pescarias é hoje o porto d'esta villa o primeiro do Algarve.

Para isso contribuiu tambem o ser a sua barra funda e pouco perigosa—e o Guadiana sem baixios nem pedras e navegavel para barcos de grande lotação até á villa de Mertola, distante 55 kilometros da costa,—indo as marés até montante da dicta villa,—emquanto que todos os outros portos do Algarve se acham hoje muito *soriados* e quasi inutilisados.

V. *Lagos*, *Olhão*, *Portimão*, *Silves*, *Faro*, *Tavira* e *Algarve*, n'este diccionario e no *supplemento*.

—

Ao norte do nosso paiz a cheia maior que houve n'este seculo foi a de dezembro de 1860; mas ao sul foi muito maior a de dezembro de 1876.

O Guadiana subiu a uma altura de que não ha memoria.

Em Hespanha destruiu as pontes de Merida e de Badajoz—datando a primeira do tempo dos romanos;—em Mertola entrou no andar nobre dos paços do concelho, como prova uma inscripção que ali gravaram,—e de Mertola até o mar causou grandes prejuisos, nomeadamente em Pomarão, onde arrasou todo o povoado que ali tinha feito a empreza das *Minas de S. Domingos*.

No *Diario da Manhã* de 17 de dezembro d'aquelle anno se lê o seguinte:

«Foi medonha a cheia do Guadiana. Alcoutim está quasi submergida, abatendo muitas casas. Ficou destruida a alfandega e muitas repartições publicas. O Pomarão quasi desappareceu. Na povoação das minas de S. Domingos, o palacio do sr. visconde de Mason de S. Domingos ficou arrasado; alagadas as casas dos operarios; e anniquilada a estação telegraphica. As perdas da empreza das minas sobem a um milhão de cruzados!...

«Em Villa Real de Santo Antonio não foram menores os desastres. Perdeu-se uma lancha de pesca morrendo oito homens; uma canôa morrendo um homem e dois rapazes; o vapor *Tinto* garrou; o patacho *Doctor* foi abandonado nos baixos da barra.

«Em Mertola houve grande inundação; a povoação hespanhola de S. Lucar desappareceu!...»

Por essa occasião disse um correspondente de Alcoutim para a *Gazeta do Algarve*:

«O *Pomarão* desappareceu. Todas as casas foram arrazadas, e nem se conhece o lugar onde existiam.—Apenas ficaram algumas collocadas no ponto mais elevado d'aquella povoação.—Em Alcoutim houve perdas consideraveis; em S. Lucar, aldeia hespanhola da margem esquerda do Guadiana, tambem grandes perdas.—Os campos d'Alcoutim estão debaixo d'agua, que entra dentro da villa em muitas casas e quintaes. As carreiras do vapor foram interrompidas. Em Villa Real de Santo Antonio ha desgraças a lamentar.—Morreram 11 homens, 3 que foram buscar uma madeira e viram-se perdidos na volta, e 8 que lhes foram acudir. As ribeiras na serra correm caudalosas; e consta que tem morrido 2 ou 3 homens, e muitos outros tem escapado com grande difficuldade e perigo.

«Todas as repartições foram a terra. A alfandega foi que soffreu mais, por que não se poude salvar um unico papel e suppõe-se que não ficarão nem vestigios d'ella!...[1]»

Desde Mertola até Castro Marim ambas as margens do Guadiana estavam orladas e revestidas de frondoso arvoredo, nomeadamente figueiras e romanzeiras espontaneas, silvestres que, pendendo sobre o formoso rio, não só o embellesavam, mas davam abrigo aos barcos, no verão, e aos marinheiros, passageiros e pescadores, que eram mimosos de fructa;—a cheia, porém, derribou e levou todo aquelle frondoso e lindissimo arvoredo, deixando ambas as margens escalvadas e nuas, como nós ás vimos em 1879, —e ainda assim nos recordamos d'ellas com saudade.

Tambem nos recordamos ainda de um pittoresco morro que se ergue a jusante de Pomarão, na margem direita do Guadiana e a que deram com muita naturalidade o nome de *Livraria*[1], pois é formado de schisto fendido em cortes horisontaes e perpendiculares, semelhando uma enorme e caprichosa estante com livros.

—

Quando se fundou esta villa, as cartas para irem a Lisboa e voltarem demandavam 14 dias;—28 para irem e voltarem ao Porto; —35 para irem e voltarem a Braga, Lamego, Moncorvo, Vianna do Minho, Almeida e Pinhel,—e 44 para irem e voltarem a Bragança, Miranda, Chaves, Monsão e Montalegre,[2]—emquanto que hoje vão aos pontos extremos do nosso paiz em menos tempo do que então gastavam só para irem a Lisboa.

Note se tambem que n'aquelle tempo as cartas representavam as noticias mais simples que hoje podem transmittir-se por telegrammas e irem á Russia, á India ou ao Brazil em menos de 24 horas!

Tem esta villa estação telegraphica para os telegraphos terrestres e outra para os submarinos.

—

A sua rua principal é a rua da Rainha— e á sua praça deram por gratidão o nome de *Praça do Marquez de Pombal*[3].

N'ella se erguem ao norte a egreja matriz,—a oeste os paços do concelho, que são os da fundação da villa,—e no centro um pelourinho monumental, feito pelas empresas de pescarias em honra de D. José I, quando se fundou a villa.

Tanto aqui, como em todas as povoações do littoral do Algarve, as mulheres fazem obras variadissimas de palma e bellas rendas de bilros. Esta ultima industria se exerce em todas as outras povoações do littoral do nosso paiz—e sómente no littoral—até Caminha, sendo muito importante em Vian-

---

[1] Isto refere-se a Alcoutim. Em Villa Real a grande cheia não subiu além das marés dos equinocios.

[1] Na margem direita do rio de Silves, entre a cidade d'este nome e Portimão, se vê na base da encosta uma pequena gruta denominada *Velha das castanhas!...*

Tomaria o nome d'alguma velha que ali costumasse vender castanhas aos marinheiros?

[2] *Taboada Curiosa* de João Antonio Garrido.

[3] Tambem deram ao theatro o nome do mesmo marquez.

na do Castello e Villa do Conde e mais, muito mais ainda, em Peniche.

As rendas de Peniche são incomparavelmente superiores em mimo, perfeição e variedade. Os proprios estrangeiros, nomeadamente hespanhoes e francezes, as admiram, compram e vendem como *suas!*...

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Vianna do Castello, Villa do Conde* e *Peniche.*

—

O movimento do porto de Villa Real de Santo Antonio no ultimo anno (1884) foi o seguinte:

Embarcações

ENTRADAS

Janeiro	28
Fevereiro	44
Março	28
Abril	18
Maio	28
Junho	26
Julho	33
Agosto	46
Setembro	53
Outubro	63
Novembro	84
Dezembro	59
Total	510

SAHIDAS

Janeiro	36
Fevereiro	29
Março	33
Abril	22
Maio	22
Junho	24
Julho	32
Agosto	38
Setembro	52
Outubro	64
Novembro	85
Dezembro	67
Total	504

As barcas ou *artes de pesca*, pertencentes á aldeia de Monte Gordo, foram no dicto anno 11, empregando o pessoal de 227 homens.

As barcas ou *artes* de Villa Real foram 5, empregando 100 homens.

Matricularam-se mais:

De Cacella, 9 barcas com 144 homens,—de S. Bartholomeu, 1 barca com 22 homens.

Além das barcas das *artes*, matricularam-se em 1884 na capitania d'este porto os barcos seguintes:

Para pesca 118, com o pessoal de 212 homens;—para serviço fluvial (vapores, cahiques etc.) 129, com o pessoal de 257 homens;—e para cabotagem (costeiros e de longo curso)—17, com o pessoal de 162 homens.

—

O movimento da alfandega d'esta villa no anno de 1884 foi o seguinte:

Navios de vela entrados, com carga	180
» » » » em lastro	48
Vapores entrados, com carga	96
» » em lastro	68
Navios de vela sahidos, com carga	203
» » » » em lastro	81
Vapores sahidos, com carga	158
» » em lastro	3

Rendimento da alfandega 41:517$503 réis.
» do pescado 13:964$748 »

—

No anno economico de 1883 a 1884 pagou este concelho:

De contribuição predial	3:461$920
» » industrial	2:124$142
» » de renda de casas e sumptuaria	613$118
De contribuição de decima de juros	382$482
Somma	6:581$662
Imposto do real d'agua	3:558$216
Sello de verba	842$850
Estampilhas de differentes taxas	1:040$420
Sellos de franquia e formulas postaes	1:218$090
Total	13:241$238

—

O lazareto, de que já fizemos menção, foi montado ao sul da villa, a distancia de 1:500 metros.

Lançou-se a primeira pedra do hospital d'esta villa por occasião dos grandes festejos do primeiro centenario do inclito marquez de Pombal, a quem esta villa deve a sua fundação. E de passagem diremos que Baptista Lopes, o illustrado e benemerito auctor da *Chorographia do Algarve*, se hoje vivesse, não seria, como foi, tão severo em censurar o grande ministro de D. José I pela escolha do local para a fundação d'esta villa e pelo pequeno desenvolvimento que ella assumiu nos primeiros annos da sua existencia.

Ella paralysou, porque o marquez de Pombal a fundou em 1774, e em 1777, ou passados apenas 3 annos, deixou o poder por fallecimento de D. José, e foi votado ao ostracismo.

Se elle se conservasse no poder mais alguns annos, esta formosa villa seria hoje uma cidade!

—

Nos domingos ha n'esta villa mercado semanal muito importante, ao qual concorrem muitos hespanhoes que vem abastecer-se de ovos, gallinhas, carne de porco, artigos de mercearia, etc.

Só a verba empregada em ovos se eleva por vezes á cifra de um conto de réis!...

Uma das especialidades d'este concelho é a areia para fabrico de vidros. Os hespanhoes a levam em grande quantidade para esse fim; no concelho não se aproveita nem ha fabricas proprias, por falta de combustivel.

Os antigos fortes de Monte Gordo, Ponta da Areia, Medo Alto, Pinheiro e Carrasqueira, já mencionados, estão todos nos limites d'esta freguezia, mas desartilhados, sem guarnição e sem governador.

Servem apenas de postos fiscaes.

O movimento do telegrapho terrestre d'esta villa no anno de 1884 foi de 35:883 telegrammas que renderam 1:799$800 réis.

Ha tambem n'esta villa estação do telegrapho sub-marino, que liga a Europa e Lisboa com a America.

Na ultima sessão das nossas côrtes foi approvado o desvio de 2:000$000 réis do fundo da viação d'este concelho para a construcção de dois cemiterios.

—

Concluiremos dizendo que, segundo nos informam, acaba de constituir-se em Lisboa e Londres uma companhia para explorar o privilegio de illuminar a gaz differentes cidades e villas de Portugal, e que já tem propostas para a illuminação d'esta villa e das cidades d'Evora e Faro.

Do exposto se vê que é prospero o estado d'esta formosa villa e que tem diante de si o mais lisongeiro futuro.

Ao seu illustrado prior o rev. Antonio Maximo Callado, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, pedindo lhe e a todos os seus parochianos a fineza de me indicarem os lapsos para os reparar no supplemento.

VILLA REAL DE TRAZ OS MONTES—ou *Villa Real de Panoias*,—ou simplesmente *Villa Real*,—villa e séde do concelho, da comarca e do districto do seu nome, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes, e capital ou *côrte* da mesma provincia.

É tambem ha muitos annos séde d'um vigario geral, nomeado pelos arcebispos de Braga e que superintende em muitas das freguezias que aquelle grande arcebispado tem n'esta provincia. Logo as indicaremos.

A villa é formada por duas parochias:—*S. Diniz*, reitoria, orago S. Diniz,—fogos 450,—habitantes 1:910,—e *S. Pedro*, abbadia, orago S. Pedro,—população (comprehendendo o regimento de infanteria n.º 13, estacionando n'esta villa e n'esta parochia)—fogos 1:300,—habitantes 4:196.

População actual da villa:

Parochias	2
Fogos	1:750
Habitantes [1]	6:106

População total do concelho segundo o ultimo recenseamento:

Freguezias	27
Fogos	8:132
Habitantes	33:625

[1] A cidade de Bragança, que alguem considera capital d'esta provincia, contava em 1878—freguezias 2,—fogos 1:128,—habitantes 5:495.

População d'este districto:

Concelhos 14

São os seguintes:

Concelhos	Freg.	Fogos	Habitantes
Alijó	18	4:886	20:343
Boticas	16	2:412	11:117
Chaves	46	8:243	35:485
Mezãofrio	7	1:970	7:449
Mondim de Basto..	9	1:814	7:298
Montalegre.	35	4:402	19:985
Murça.	9	1:447	6:282
Regoa.	10	3:971	16:712
Ribeira de Pena...	6	1:834	8:412
Sabrosa.	15	3:260	14:022
Santa Martha de Penaguião	10	2:840	10:846
Valle Passos	33	6:388	27:213
Villa Pouca d'Aguiar.	16	3:603	16:055
Villa Real.	27	8:152	33:625
Total..	257	55:202	234:844

A provincia de Traz-os-Montes comprehende, além d'este districto de Villa Real, o de Bragança com 12 concelhos e a população seguinte:

Concelhos	Freg.	Fogos	Habitantes
Alfandega da Fé..	21	2:004	9:408
Bragança	50	6:304	27:725
Carrazeda d'Anciães	21	3:184	11:882
Freixo d'Espada á Cinta.	6	1:693	6:501
Macedo de Cavalleiros	38	4:492	18:566
Miranda do Douro	15	2:408	9:788
Mirandella	39	4:834	20:031
Mogadouro.....	34	3:813	16:042
Moncorvo.	21	3:714	14:603
Villa Flor.....	19	2:440	9:902
Vimioso	14	2:556	10:445
Vinhaes.....	37	4:543	20:724
Total.	315	41:985	175:617

Total da população d'esta provincia:

Districtos..... 2

Concelhos 26

Freguezias..... 563

Fogos..... 95:740

Habitantes..... 404:179

Divisão ecclesiastica

Até 1545, data em que D. João III creou o bispado de Miranda, hoje com o titulo de Bragança e Miranda, por ter a séde em Bragança, quasi toda a provincia do Minho e toda a de Traz-os-Montes pertenciam ecclesiasticamente ao arcebispado de Braga, que era enorme e tinha vigarios geraes em Miranda, Bragança, Moncorvo, Villa Real e Chaves.

Creado o bispado de Miranda, separou-se ecclesiasticamente para elle uma parte do actual districto de Bragança,—*não todo*, pois em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, ainda n'aquelle districto obedeciam ao arcebispo de Braga os concelhos de Moncorvo, Villa Flor, Carrazeda d'Anciães, Mogadouro e Alfandega da Fé que, em virtude dá mencionada circumscripção, ficaram pertencendo á diocese de Bragança, com o total de 116 freguezias,—15:155 fogos—e 61:837 habitantes.

A mesma diocese de Bragança recebeu tambem do arcebispado de Braga, n'este districto de Villa Real, 11 freguezias do concelho de Chaves com 1:506 fogos e 6:492 habitantes,—e do concelho de Valle Passos 8 freguezias com 1:206 fogos e 5:566 habitantes.

Perdeu pois n'esta provincia em 1882 o arcebispado de Braga em favor do bispado de Bragança:

Freguezias..... 135

Fogos..... 17:867

Habitantes. 73:895

Perdeu tambem n'esta provincia, n'este districto de Villa Real, em 1882 o arcebispado de Braga em favor do bispado de Lamego:

Freguezias..... 51

Fogos..... 12:113

Habitantes..... 50:928

Perdeu pois o arcebispado de Braga n'esta provincia, nos districtos de Villa Real e de Bragança, em virtude da circumscripção de 1882,—total:

Freguezias	186
Fogos	29:980
Habitantes	124:823

Ficaram pertencendo e pertencem ainda ao arcebispado de Braga n'esta provincia e n'este districto os 7 concelhos seguintes:

Boticas, Chaves [1], Mondim de Basto, Montalegre, Ribeira de Pena, Valle Passos [2], Villa Pouca d'Aguiar e *Villa Real* [3], com 167 freguezias,—33:127 fogos—e 144:613 habitantes.

Pertencem tambem á mesma archidiocese:

—No districto de Braga—507 freguezias com 80:136 fogos—e 329:132 habitantes.

—No districto de Vianna do Castello—287 freguezias com 53:979 fogos—e 212:580 habitantes.

—No districto do Porto—26 freguezias com 8:348 fogos—e 33:551 habitantes.

Conta pois ainda hoje o arcebispado de Braga 987 freguezias com 175:590 fogos e 719:876 habitantes.

Apesar da grande população que perdeu em favor das dioceses de Bragança, Lamego e Porto, ficou sendo ainda a diocese mais populosa de Portugal,—depois Lisboa, que tem 341 freguezias, — 171:265 fogos — e 733:237 habitantes.

---

[1] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 35 freguezias com 6:737 fogos e 28:993 habitantes—e ao bispado de Bragança 11 freguezias com 1506 fogos e 6:492 habitantes.

[2] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 25 freguezias com 5:182 fogos e 21:647 habitantes,—e ao bispado de Bragança 8 freguezias com 1:206 fogos e 5:556 habitantes.

Referimo-nos ao ultimo recenseamento, feito em 1878 e que serviu de base para a circumscripção diocesana de 1882.

[3] D'este concelho pertencem ao arcebispado de Braga 25 freguezias com 7:503 fogos e 31:106 habitantes,—e ao bispado de Lamego 2 freguezias,—*Abbaças* e *Guiães*;—com 629 fogos e 2:519 habitantes,—segundo o ultimo recenseamento.

A 3.ª em população é a do Porto, que tem 464 freguezias,—145:297 fogos—e 605:021 habitantes.

—

O bispado de Lamego nada tinha na margem direita do Douro antes da mencionada circumscripção de 1882; mas em virtude d'ella recebeu n'esta provincia de Traz-os-Montes, n'este districto de Villa Real, os concelhos de Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião, Sabrosa, Alijó e Murça completos,—mais 2 freguezias do concelho de Villa Real.

Ao todo 71 freguezias com 19:003 fogos —e 78:173 habitantes.

D'estas 71 freguezias pertenciam ao arcebispado de Braga 51, com 12:113 fogos e 50:928 habitantes:—no concelho da Regoa 4 freguezias,—Covellinhas, Galafura, Poiares e Villarinho dos Freires;—no de Alijó 18 (todas);—no de Murça 9 (tambem todas);—no de Santa Martha de Penaguião 3,—Alvações de Corgo, Louredo e Cumieira;—no de Villa Real 2,—Abbaças e Guiães;—e no de Sabrosa 15,—(todas). As 20 restantes pertenciam ao bispado do Porto:—no concelho de Mezãofrio (todas) 7;—no concelho da Regoa 6,—Fontellas, Godim, Loureiro, Moura Morta, Peso da Regoa e Sediellos;—no concelho de Santa Martha de Penaguião 7,—Cever, Fontes, Fornellos, Lobrigos (S. João), Lobrigos (S. Miguel), Medrões e Sanhoane,—comprehendendo estas 20 freguezias,—6:890 fogos—e 27:245 habitantes.

Em compensação o bispado do Porto recebeu muitas freguezias do arcebispado de Braga,—do supprimido bispado d'Aveiro—e do bispado de Lamego tudo o que este tinha na margem esquerda do Paiva e que era o seguinte:

Concelhos 2—Arouca e Sobrado de Paiva;—freguezias 28;—fogos 5:208;—habitantes 23:110.

Do concelho d'Arouca ficou pertencendo ao de Lamego apenas a freguezia d'Alvarenga, por estar na direita do Paiva.

V. *Lamego*, *Alvarenga* e *Arouca* n'este diccionario e no supplemento, onde faremos largas rectificações e addições aos artigos proprios.

Divisão comarcã

A comarca de Villa Real é hoje muito differente do que foi outr'ora.

Hoje apenas comprehende o concelho de Sabrosa com 15 freguezias e este de Villa Real com 27, e são as seguintes:

Abbaças, Adoufe ou Adaufe, Andrães, Arroios, Borbella, Campeã, Constantim, Ermida, Filhadella ou Folhadella, Goiães ou Guiães, Lamares, Lordello, Matheus, Mondrões, Mouçós, Nogueira, Parada de Cunhos, Pena, Quintã, S. Thomé do Castello, Torgueda, Valle de Nogueiras ou *Vallongueiras*, Villa Cova, Villa Marim, *Villa Real*, orago S. Diniz, *Villa Real*, orago S. Pedro, e Villarinho da Samardã, com o total de 8:132 fogos e 33:625 almas.

O concelho de Sabrosa tem:

Freguezias	15
Fogos	3:260
Habitantes	14:022

Total da população d'esta comarca de Villa Real:

Concelhos	2
Freguezias	42
Fogos	11:392
Habitantes	47:647

—

Nos principios do ultimo seculo a comarca de Villa Real era uma das quatro que constituiam a provincia de Traz os Montes, sendo as outras tres—Bragança, Miranda e Moncorvo.

Contava esta de Villa Real, *só no termo da villa*, 50 freguezias com algumas annexas. Não as mencionamos para não fatigarmos os leitores; mas o padre Carvalho as indica na *Chorographia Portugueza*, tomo I.

Comprehendia tambem então esta comarca as villas de Alijó, Favaios e Lordello, bem como a *honra* de Gallegos, que eram todas do marquez de Tavora e da provedoria de Lamego.

Comprehendia tambem Dornellas, Provezende, S. Mamede de Riba-Tua e Ervededo, que eram *coutos* da mitra de Braga e n'elles entrava por correição o ouvidor dos arcebispos. Por seu turno o ouvidor de Villa Real entrava por correição em 3 villas da provedoria de Moncorvo,—Lamas de Orelhão, Abreiro e Freixiel,—nas de Almeida e de Ranhados, que eram da comarca de Pinhel,—na *honra* de Sobrosa (hoje reitoria de Santa Eulalia de Sobrosa, concelho e comarca de Paredes) e na freguezia de S. Salvador de Freamunde (hoje do concelho de Paços de Ferreira) que então pertencia á dicta honra de Sobrosa [1].

—

Em 1729 a 1730, segundo se lê na *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima (tomo 2.º publicado em 1736) a ouvidoria ou comarca de Villa Real comprehendia oito villas e uma *honra*:—Abreiro, Almeida, Canellas, Freixiel, Ranhados, Lamas d'Orelhão, Vimioso, *Villa Real* e Sobrosa, que era tambem *honra*, sendo hoje uma simples reitoria do concelho de Paredes.

Em 1796, segundo se lê na *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da mesma provincia [2], a comarca de Villa Real comprehendia 19 villas, 5 concelhos, 3 coutos, 1 *honra* e 149 freguezias, com 32:879 fogos e 86:456 habitantes [3]—sendo homens 41:727—e mulheres 44:729;—1:618 criadas —2:637 criados,—241 pastores, 11 soqueiros, 293 marinheiros rabellos, e 54 arraes (todos na freguezia, então villa e concelho, de Barqueiros) 264 almocreves, 130 cardadores, 8 tanoeiros, 1 chapelleiro, 2 coronheiros, 2 ourives, 4 latoeiros, 5 ensambladores, 5 capadores, 4 odreiros, 13 pintores, 12 selleiros, 138 moleiros, 50 fabricantes de courama (todos em Mondim de Basto) 2 surradores, 3 tintureiros, 18 serralheiros, 188 ferreiros, 3 espingardeiros, 62 ferradores, 207 pedreiros, 602 carpinteiros, 541 sapateiros,

---

[1] Não se confunda esta freguezia de *Sobrosa*, orago *Santa Eulalia*, no districto do Porto, com a freguezia e villa de *Sabrosa*, orago o *Salvador*, no districto de Villa Real.

[2] Codice n.º 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

[3] É o que se lê no dicto *codice;* mas não ha proporção entre o numero dos fogos e o numero dos habitantes.

891 alfaiates, 3 fabricantes de lã (em Vimioso) 8 torcedores de seda e 8 fabricantes de seda (em Murça) 5:954 jornaleiros, 9:221 lavradores (talvez *proprietarios*) 6 cabelleireiros, 47 boticarios, 108 cirurgiões, 139 barbeiros, 351 negociantes, 159 pessoas litterarias, (talvez professores e bachareis) 62 freiras, 15 senhoras seculares, 31 recolhidas, 78 frades, 1:014 ecclesiasticos seculares e 2:540 individuos sem occupação.

—

As villas, concelhos, coutos e honras d'esta comarca eram :

Abreiro, Alfarella de Jalles, Alijó, Athey, Barqueiros, Canellas, Favaios, Fontes, Freixiel, Gallegos, Godim, Goivães, Hermello, Lamas d'Orelhão, Lordello, Mezãofrio, Mondim de Basto, Murça de Panoias, Parada de Pinhão, Provezende, Ribeira de Pena, Santa Martha de Penaguião, S. Mamede de Riba Tua, Cerva, Teixeira, Villa Pouca d'Aguiar, *Villa Real* e Vimioso, distante da séde da comarca 20 leguas, pela contagem d'aquelle tempo.

A villa da Regoa, hoje a povoação mais linda e de mais vida em toda a provincia de Traz-os-Montes,—séde de comarca de 1.ª classe, formada pelo seu concelho e pelos de Mezãofrio e de Santa Martha de Penaguião; —a villa da Regoa que já hoje seria cidade, se os seus vereadores não fossem, como teem sido, tão indolentes, tão desleixados e tão maus administradores das rendas do seu municipio, cujo orçamento se eleva a *vinte e tantos contos de reis* annuaes; a formosa villa da Regoa, tão vantajosamente situada no centro do *coração do Douro*, d'essa região encantadora, fertilissima e mimosissima, que não tem rival entre nós;—a Regoa, muito bem servida por diligencias, pela via fluvial e pela linha ferrea do Douro, na qual tem a estação de mais movimento que ha ao norte do nosso paiz, depois da do Porto;— a Regoa ainda n'aquelle tempo era uma povoação insignificante, uma pequena aldeia pertencente ao concelho de *Godim*, hoje freguezia de S. José de Godim ou de *Jogueiros*, uma das que constituem o concelho da Regoa!...

Ceci tuera cela.

—

Segundo a mesma *Descripção*,—trabalho bastante consciencioso,—Villa Real e o seu concelho ou termo comprehendiam n'aquella data (1796) 17:808 fogos e 31:987 habitantes, sendo 15:471 homens e 16:426 mulheres com as profissões seguintes:—929 creadas, 956 creados, 151 almocreves, 0 pastores, 0 cardadores, 2 ourives, 4 latoeiros, 5 ensambladores, 5 capadores, 4 odreiros, 9 pintores, 12 selleiros, 56 molleiros, 3 tintureiros, 18 serralheiros, 71 ferreiros, 3 espingardeiros, 25 ferradores, 95 pedreiros, 259 carpinteiros, 218 sapateiros, 387 alfaiates, 0 fabricantes de lã, 0 fabricantes de seda, 2:707 jornaleiros, 3:441 lavradores (proprietarios?) 6 cabelleireiros, 18 boticarios, 43 cirurgiões, 52 barbeiros, 187 negociantes, 66 pessoas litterarias, 33 freiras, 7 senhoras seculares, 31 recolhidas, 54 frades, 416 ecclesiasticos seculares e 1:087 pessoas sem occupação.

—

Isto é realmente curioso e devia dar muito trabalho ao tal juiz demarcante, dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, ascendente (avô ou bisavô) do dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro Portugal, rezidente aqui no Porto, meu amigo e contemporaneo na Universidade.

Egual nota em nitidos mappas se encontra no mesmo codice com relação ás outras 3 comarcas,—Bragança, Miranda e Moncorvo.

No supplemento a este diccionario,—se Deus nos conservar a vida e a saude e elle estiver ainda ao nosso cargo, — daremos no artigo *Traz-os-Montes* um resumo dos dictos mappas, lamentando que as outras nossas provincias não fossem dotadas com estatisticas semelhantes. Pelo menos nós não temos noticia d'ellas—nem chorographia alguma até hoje as indicou.

Talvez se conservem ignoradas e despresadas em alguma das nossas repartições publicas ou das nossas bibliothecas, como jazeram até hoje na *Bibliotheca Municipal do Porto* os trabalhos do dr. Columbano e jazem outros muitos manuscriptos, expostos a desapparecerem de um momento para o outro!...

Deus illumine os nossos governos e os nossos municipios e os resolva a *salvar* e vulgarisar em *edições baratas* os muitos manuscriptos que possuem sobre todos os ramos das sciencias.

É do maximo interesse este assumpto e para elle chamamos a attenção d'El-rei, do governo, da Academia Real das Sciencias e das outras corporações scientificas, das camaras municipaes e de todos quantos presam as boas lettras.

—

Já que estamos fallando de manuscriptos, vamos dar aos leitores conhecimento de um outro, que por fortuna descobrimos em Lamego e que prende com esta comarca de *Villa Real* e com o assumpto de que no momento nos occupamos.

No codice já citado se diz que entravam n'esta comarca de Villa Real, nos fins do ultimo seculo, ou em 1796, quatro provedores,—o de Guimarães, o de Moncorvo, o de Miranda e o de Lamego,—mas não diz em que terras, villas ou concelhos entravam; temos porém sobre a nossa banca de estudo um manuscripto que diz quaes eram as villas e concelhos *d'esta comarca de Villa Real* que nos fins do ultimo seculo pertenciam á provedoria de Lamego. É o auto original da arrematação das obras da ponte actual de Alvarenga, sobre o rio Paiva, no concelho d'Arouca.

Um dos mais illustres e benemeritos prelados lamecenses foi D. Manuel de Vasconcellos Pereira, natural de Castro d'Ayre. Não só attendia ao bem espiritual dos seus diocesanos, mas ao bem temporal, gastando boa parte das suas grandes rendas em concertos e construcção de pontes, fontes, estradas, etc. Indo certo dia em vizita para o concelho d'Arouca, ao tempo e até 1882 pertencente á diocese de Lamego, e tendo desapparecido a antiquissima ponte, mandada fazer pelo imperador Trajano sobre o Paiva (V. *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento) teve de atravessar aquelle rio em uma barca e esteve prestes a naufragar, porque o rio ia cheio e caudaloso.

Mandou logo o santo bispo fazer ali nova ponte de pedra; mas, como a morte o surprehendesse em 1786, antes das obras concluidas (estavam feitos os fundamentos e o arco principal prestes a fechar-se) requereram os concelhos limitrophes a S. M. a rainha D. Maria I, pedindo lhe que fizesse concluir uma obra tão importante.

Annuiu S. M. e por alvará de 15 de fevereiro de 1791, sendo já bispo de Lamego D. João Binet Pincio, ordenou ao provedor de Lamego que fizesse concluir a dicta ponte d'Alvarenga, pondo as obras restantes a lanço e rateando pelas duas comarcas da Feira e de Lamego as sommas em que importassem.

Depois das formalidades do estylo, foram arrematadas as obras no dia 15 d'outubro de 1791, em Villa Nova de Souto d'El-Rei, nas casas onde então morava o provedor e corregedor de Lamego e desembargador da relação do Porto, dr. Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca Vieira e Silva, ascendente do actual sr. visconde d'Arneiroz, dr. Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio, sendo o menor lanço 3:300$000 réis, dos quaes a comarca da Feira pagou 1:000$000 rs. e a de Lamego 2:300$000 réis, que foram rateados por todos os concelhos d'aquella grande provedoria.

—

Como consta dos autos *que tenho presentes*, couberam a esta comarca de Villa Real as verbas seguintes:

Ao concelho de Mezãofrio.....	46$000
» » » Barqueiros.....	12$000
» » » Teixeira.....	12$000
» » » Penaguião	50$000
» » » Moura Morta....	8$000
» » » Godim.....	12$000
» » » Fontes.....	12$000
» » » Peso da Regoa..	12$000
» » » Canellas.....	9$600
» » » Lordello.....	9$800
» » » Parada de Pinhão	6$000
» » » Gallegos.....	6$000
» » » Alijó.....	19$200
» » » Favaios.....	9$000
» » » *Villa Real* (?)...	100$000
» » » Ranhados.....	19$200
» » » Almeida [1].....	18$000
Somma.....	360$800

[1] Estes dois concelhos da Beira perten-

Mal imaginariam os bons villarealenses e os outros povos transmontanos supra mencionados, que tambem contribuiram para a construcção da ponte de Alvarenga, sobre o Paiva!...

E não será menor a surpresa para os povos da raia de Hespanha, hoje pertencentes aos concelhos de Almeida e Figueira de Castello Rodrigo, pois todos n'aquelle tempo eram da corregedoria de Pinhel e da provedoria de Lamego, pelo que todos foram tambem comprehendidos no mesmo rateio, como se vê dos autos.

—

Desde o tempo dos romanos vigorou em Portugal o costume de fazer as grandes obras publicas, nomeadamente as pontes, á custa dos povos circumvisinhos, por vezes bem distantes.

No artigo *Chaves*, villa d'este districto, se vê quaes os povos que contribuiram para a construcção da grande ponte que os romanos ali fizeram sobre o Tamega e que é, com pequenas modificações, a ponte actual.

Ruy Fernandes na sua minuciosa, conscienciosa e muito interessante descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas, escripta em 1532 [1], fallando da grande ponte de pedra que D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, mandaram fazer sobre o Douro no *ponto* do *Piar* ou do *Pilar*, entre a freguezia de Barrô, concelho de Rezende, districto de Vizeu, na Beira Alta,—e a freguezia de Barqueiros, concelho de Mezãofrio, n'este districto de *Villa Real de Traz-os-Montes*, diz:

Dos piares do Douro

«Item entre a barca do bernaldo, e a do porto de rrei estam huus fermosos peares de huua ponte que a Rainha dona mofalda [2] dysem que mandava fazer, os quaaes sam dous no meo do douro de muito grande altura, e mui largo fundamento; que os dous que estam no rio neste mes de maio hiram bem dez palmos descobertos, e no Verão hiram bem 20 palmos, e mais. E estam outros dous de fora, hum da parte daquem (Lamego margem esquerda) e outro da parte dalem.

«Estes poyares forom jáa de dobrada altura, e os derribaram, e fezeram delles pesqueiros, inda agora os lavradores os derribam cada dia, por dizerem que criam nelles as gralhas, que lhes comem os trigos. O arco da parte daquem volvia jáa. Está hi muita pedra quebrada, e acharam ainda pollos montes muitas marras, e cunhas, e lavancas, que por hi ficaram: dizem nesta terra (Lamego) que a Rainha D. mofalda tinha hum filho, o qual filho lhe diziam os estrolicos, que avia de morrer em agoa, e por isso mandava fazer aquella ponte; e que fazendo-se a ponte, morrera o filho em hua peguada de boy chêa de agoa, e que leixou de a mandar acabar de fazer: o que certo me não parece, se nom que a Rainha morreu estando a ponte nesta altura, e por isso cessou a obra; porque na maneira que ella estaria se nom podia leixar de fazer por outro geito: e certamente me parece, que se El Rey nosso senhor (D. João III) vira os ditos peares, mandara acabar a dita ponte, porque a mór parte é feito, pois he o fundo dagoa, e tem muito bom fundamento pera subir toda altura que quizerem, e tem muita pedraria quebrada, e muita pera quebrar á borda da ponte, e tem mui grandes soutos de muytas e muy formosas vigas e madeira pera armação dos arcos, todo junto com o edificio; e o pear que começa a volver da parte daquem nunca o rio o cubre.

«El Rey nosso senhor podia muy bem mandar fazer esta mea ponte que está por fazer, *com deitar 10 réis a cada morador 20 legoas a redor, e em seis ou sete annos ou menos, se podia fazer sem opresam;* e seria hua cousa mui nobre neste regno aver hua ponte no Douro, porque por ser fragoso he prigoso nas pasages.»

Do exposto se vê que já em 1532 Ruy Fernandes lembrava ao rei a conveniencia de se acabar a dicta ponte sem gravame para

---

ciam á corregedoria de Pinhel, á ouvidoria de *Villa Real* e á provedoria de Lamego!...

[1] *Ineditos de Historia Portugueza*, tomo 5.º pag. 546 e seg.

[2] D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques.

os povos, invocando o principio da derrama especial sobre os povos circumvizinhos. Até *vinte legoas de distancia*, dizia elle.

—

Desculpem-nos a transcripção do logar citado por ser um documento curioso, desconhecido para a maior parte dos leitores e muito interessante para a historia das pontes sobre o Douro, no territorio portuguez,

Da dicta ponte já este diccionario fallou nos artigos *Barrô, Barqueiros, Mezãofrio* e *Villa Jusã*—e não cantamos *extra chorum* fallando d'ella aqui, pois estava e estão ainda hoje (1885) largos vestigios d'ella no mesmo limite da freguezia de Barqueiros, concelho de Mezãofrio, n'este districto de Villa Real.

Foi a 1.ª e *unica ponte de pedra* que se fez sobre o Douro. Suppomos que nunca se ultimou.

A 2.ª foi de madeira, mas larga e luxuosa, feita pelos portuenses e lançada sobre o Douro, entre o Porto e Villa Nova de Gaya, para passagem d'el-rei D. Fernando I, quando de Lisboa foi a Leça do Balio casar com D. Leonor Telles de Menezes.

A 3.ª foi a de barcas, entre o Porto e Villa Nova de Gaya tambem, na qual se deu a grande catastrophe por occasião da entrada de Soult com o exercito francez no Porto, em 29 de março de 1809.

A 4.ª foi a *pensil*, que ainda se vê funccionando entre o Porto e Villa Nova de Gaya, mandada fazer pela rainha D. Maria II em substituição da *ponte das barcas* e um pouco a montante d'ella.

A 5.ª foi a da Regoa, n'este districto de Villa Real tambem, construida de ferro sobre pilares de pedra.

A 6.ª foi a de Maria Pia, toda de ferro, de um só arco e de um só taboleiro, lançada sobre o Douro para passagem da linha ferrea do norte.

A 7.ª é a de D. Luiz, tambem de ferro e de um só arco, mas com 2 taboleiros, mandada fazer em substituição da *pensil* e um pouco a montante d'ella, para communicação entre o Porto e Villa Nova de Gaya.

Fechou-se o grande arco em agosto do corrente anno de 1885 e suppõe-se que esteja concluida e aberta ao tranzito nos fins de 1886.

A 8.ª, em via de construcção tambem, é de ferro sobre pilares de pedra e lançada sobre o Douro na foz do Tamega, um pouco a montante.

A 9.ª é de ferro sobre pilares de pedra e lançada sobre o Douro em linha obliqua, um pouco a montante do celebre *Cachão da Valleira*, para passagem do caminho de ferro do Douro.

Está em via de construcção tambem.

D'estas 9 pontes cabem ao districto de Villa Real duas,—a 1.ª e a 5.ª

Sabemos que se acham em projecto mais 3 pontes sobre o Douro,—uma junto da Foz do Tavora, outra junto da estação do Molledo, outra junto da estação da Palla, entre Porto Manço e Portantigo, ou entre Baião e Sinfães.

Le monde marche!

Tudo é progresso e Portugal não tem sido refractario a elle.

No artigo *Vias Ferreas* pódem ver-se os grandes melhoramentos materiaes que no artigo *viação* e *facilidade de communicações* temos realisado na 2.ª metade d'este seculo; mas porque preço?

Das pontes mencionadas supra só a de D Luiz, com os seus 2 taboleiros e as suas 4 avenidas, não deve custar menos de 400 a 500 contos de réis!...

É a mais cara de todas as pontes do nosso paiz e—no seu genero—a 1.ª do mundo na actualidade.

No supplemento a este diccionario, quando chegarmos ao artigo *Douro*, volveremos ao assumpto e daremos da dicta ponte uma minuciosa descripção.

Superficie do concelho, da comarca e do districto de Villa Real

CONCELHOS	HECTARES
Alijó	32:960
Boticas	38:325
Chaves	67:963
Mezãofrio	5:110
Total	144:358

CONCELHOS	HECTARES
Transporte	144:358
Mondim de Basto	24:528
Monte Alegre [1]	82:271
Murça	17:885
Regoa	10:693
Ribeira de Pena	13:414
Sabrosa	15:841
Santa Martha de Penaguião	7:154
Val Passos	53:910
Villa Pouca d'Aguiar	36:792
Villa Real	38:325
Total	445:171

Tem pois o concelho de Villa Real 38:325 hectares de superficie;—a comarca 2 concelhos (Villa Real e Sabrosa) com a superficie de 54:166 hectares,—e o districto, 14 concelhos, com a superficie de 445:171 hectares e a população de 55:202 fogos e 234:844 habitantes, como já dissemos.

O districto de Bragança tem 12 concelhos com a superficie de 660:475 hectares e a população de 41:985 fogos e 175.617 habitantes.

Tem pois esta provincia de Traz-os-Montes :

Districtos	2
Concelhos	26
Freguezias	572
Fogos	94:187
Habitantes [2]	410:461
Superficie em hectares	111:646

Predios inscriptos na matriz :

O concelho de Villa Real	53:300
A comarca	74:860
O districto de Villa Real	473:020
O districto de Bragança	356:550
A provincia	829:570

Panonias ou Panoias

Houve no nosso paiz, no tempo da occupação romana, uma cidade importante denominada *Panonias*, vulgo *Panoias*. Tambem temos ainda hoje diversas povoações e freguezias assim denominadas, taes são:—Panoias, villa e freguezia do concelho d'Ourique, no Alemtejo [1];—Panoias, freguezia do concelho de Braga, no Minho;—Panoias, freguezia do concelho da Guarda—e Panoias de Cima e Panoias de Baixo, aldeias d'esta ultima freguezia; mas nenhuma d'estas freguezias e aldeias foi a velha cidade romana. Todos concordam que esteve na provincia de Traz-os-Montes e que em virtude das guerras que se seguiram ao grande imperio,—já entre os romanos e os barbaros do norte —já entre estes uns contra os outros,—já entre os christãos e os mouros na invasão e expulsão d'estes da peninsula, Panoias correu a sorte de tantas outras cidades destruidas e arrasadas até os fundamentos, das quaes hoje nem o local onde existiram se póde marcar precisamente.

Dá-se tambem a circumstancia de ser a Panoias transmontana (segundo se suppõe) não uma cidade na accepção em que hoje tomamos este nome, como povoação compacta, comprehendendo differentes ruas e largos, mas na accepção em que já se tomou, designando um districto, um cantão ou territorio semeado de povoações differentes, que obedeciam a uma d'ellas, onde estavam as auctoridades [2].

Suppõe-se que a dicta cidade de Panoias confinava a leste com o rio Tua,—ao poente com o rio Teixeira e com as montanhas do Marão,—ao sul com o Douro— e ao norte com as serras de Villa Pouca d'Aguiar, ou com o termo de *Aquas Flavias*, outra cidade romana importante, hoje villa de Chaves. Correspondia pois (approximadamente) á antiga comarca e ouvidoria de Villa Real

Suppõe-se que nunca teve por séde uma cidade ou povoação compacta, aberta ou murada, mas que Panoias era a denomina-

---

[1] *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista, tomo 1.º pag. 680.

[2] Esta nota da população refere-se ao ultimo recenseamento, feito em 1878.

---

[1] Fica a pequena distancia da linha ferrea do Algarve, na qual tem um apeadeiro denominado tambem *Panoias*.

[2] Para aligeirarmos um pouco mais este topico e evitarmos repetições, veja-se o artigo *Panoias* (a 4.ª) vol. 6.º pag. 444, col. 2.ª e seg.

ção geral d'aquelle districto, pelo que tomaram o titulo de Panoias varias povoações n'elle comprehendidas,—taes como *Villa Real de Panoias*, *Constantim de Panoias* e *Murça de Panoias;*—e todo aquelle vasto territorio se denominou *Terra de Panoias.*

—

Tambem se suppõe com bom fundamento que a séde da antiga cidade de Panoias esteve onde hoje vemos as freguezias de *Constantim de Panoias* e S. Pedro de Val de Nogueiras ou das *Vallongueiras,* sua limitrophe (cerca de 4 kilometros ao nascente d'esta villa) onde se tem encontrado muitos tijolos de grande espessura, moedas romanas, fragmentos de jaspe e de marmore, pedra estranha n'esta provincia, restos de estatuas, inscripções, montões d'escoria de ferro e d'outros metaes e incluzivamente—*templos romanos muito bem conservados* [1].

Quando em 1883 visitamos esta provincia, tambem vizitámos a historica freguezia das *Vallongueiras* e ali tivemos occasião de ver os taes templos romanos, dedicados aos deuses infernaes por Cneu Caio Calpurnio Rufino. São os mesmos que já n'este diccionario se acham descriptos sob o titulo *Panoias* e que D. Jeronymo Contador d'Argote muito bem descreveu nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, tomo 1.º liv. 2.º cap. 7.º, de pag. 325 a 350, illustrando a descripção com 11 bellas gravuras.

—

Encontram-se os dictos templos cerca de 300 metros a montante ou ao norte da nova estrada a macadam de Villa Real para Freixo de Espada à Cinta, por Sabrosa, Favaios, Alijó e S. Mamede de Riba-Tua; — distam 4 a 5 kilometros de Villa Real—e 1 a 2 da freguezia e do *Palacio de Matheus*, para leste.

São de todo o ponto authenticos emquanto a sua estructura e ao local que se lhes assigna, pois se reduzem ás cavidades, escadarias e inscripções, descriptas pelo meu antecessor e por Argote e abertas em penedos naturaes de aspero granito que se erguem em um pequeno e desgracioso monte, cerca de 200 metros ao nascente da matriz actual da dicta parochia.

Não sabemos se primitivamente estariam cobertos ou resguardados no seu todo ou em parte por algum edificio ou muro. Hoje estão sem resguardo algum, expostos á intemperie, que tem deteriorado as inscripções —e ao insulto dos vandalos, que já destruiram completamente dois dos mencionados templos descriptos por Argote e que este benemerito academico salvou dando-os em gravura nas suas interessantissimas *Memorias*,

Um d'elles foi destruido a fogo, a tiros de broca, nos fins do ultimo seculo, por um homem de Villa Real, que sonhou com grandes thezouros escondidos dentro da rocha que formava o dicto templo [1];—o outro foi destruido a picão e a fogo por um lavrador da localidade em 1883,—*pouco antes da nossa vizita*,—para fazer, como fez, ali uma eira no chão occupado pelo dicto penedo,—e contigua á eira, lado norte, uma pequena choupana para recolher cereaes!...

Como o sitio é relativamente alto, exposto ao sol e contiguo á povoação, é possivel que outros lavradores e sonhadores de thezouros encantados sigam o exemplo d'aquelles vandalos e destruam os monumentos restantes, pois,—graças á incuria dos nossos governos e da camara de Villa Real—os pobres monumentos estão completamente abandonados e despresados,—sendo verdadeiras preciosidades archeologicas,—talvez unicas no seu genero em toda a peninsula,—e por consequencia dignas da maior veneração!

---

[1] Vejam-se os artigos *Constantim de Panoias e Val de Nogueira.*

[1] Assim m'o affirmou o rev. Francisco Felicissimo Coelho Mourão, reitor actual d'esta freguezia, a qual tem andado desde os fins do ultimo seculo como em morgado na sua casa, pois é o 5.º reitor pertencente á mesma familia, *em successão ininterrupta*,—facto unico talvez em todo o nosso paiz, depois que se acabaram os padroados.

O dicto meu collega teve a bondade de me acompanhar na vizita aos mencionados templos e na sua casa me mostrou um curioso manuscripto deixado por um dos finados reitores seus parentes, no qual se fazia menção do facto a que alludimos no texto.

—

Nós temos em Evora sumptuosos restos d'um templo gentilico, dedicado a Diana, mas não é facil reconstituil-o nem se sabe ao certo o local onde primitivamente esteve.

Em Villa Viçosa, em Braga e n'outros pontos temos lapides que revelam a existencia d'outros templos gentilicos em Portugal, mas d'esses tambem nada resta alem das lapides commemorativas, nem se sabe [1] onde elles estiveram, emquanto que os templos gentilicos das Vallongueiras são evidentemente os proprios fundados pelos romanos,—conservam-se como no tempo em que os romanos n'elles veneravam os seus deuses—e no proprio local onde os erigiram, por serem talhados na rocha natural.

Não conhecemos em todo o nosso paiz outra estancia archeologica de tanto merecimento, e por isso nos maguou profundamente o lamentavel abandono em que se acha!

Salvemos o que ainda resta hoje de reliquias tão preciosas;—adquira-se o terreno que occupam os dictos templos e que pouco póde valer, porque é (como nós vimos)—pedragoso, inculto e agreste;—proteja-se com um muro de vedação, que pouco deve custar, porque tem uma pequena area e é abundantissimo de pedra;—fechem-se os muros com uma porta e entregue-se a chave ao parocho, ou ao regedor da freguezia, ou a uma pessoa da localidade que mereça confiança e que a faculte aos visitantes.

Sabemos que póde salvar-se ainda, já que tantas preciosidades archeologicas teem desapparecido no nosso paiz e n'esta provincia transmontana, inclusivamente 2 de tão venerandos monumentos, pois tendo atravessado mais de dois mil annos talvez, podem desapparecer de um momento para o outro.

Chamamos para este assumpto a attenção do governo,—da camara de Villa Real—e da benemerita *Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, nomeadamente do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, seu tão illustrado como zeloso presidente, da qual tenho a honra de ser o mais obscuro consocio.

Villa Real e Anciães

Todos os nossos historiadores, chorographos e geographos que até hoje fallaram de Villa Real de Traz-os-Montes disseram que esta villa foi fundada por D. Diniz, em substituição da velha, arruinada e despovoada capital de Panoias e que a séde do districto d'este nome passou *directamente* de Constantim ou das Vallongueiras para a villa de D. Diniz. O mesmo se lê em todos os manuscriptos que tractam de Villa Real;—mas, segundo dizem as *Memorias do concelho de Anciães*, publicadas em 1857 pelo dr. José Maria de Moraes da Mesquita, senhor da nobre casa das Sellores, na freguezia de Zedes, e ao tempo presidente da camara municipal de Carrazeda d'Anciães, á muito nobre e antiquissima villa d'Anciães, hoje extincta e quasi completamente dezerta, obedecia no temporal e espiritual, como julgado seu foraneo, o districto de Panoias, quando D. Diniz fundou Villa Real.

Nas dictas Memorias se lê a pag. 10, o seguinte:

«Tambem constava por um pergaminho antigo que se achou no cartorio da camara da dicta villa d'Anciães que o termo d'ella se estendia até Villa Real d'esta provincia, e que esta Villa Real [1] fôra suffraganea ou sujeita á de Anciães até o reinado do senhor rei D. Diniz, o qual lhe deu o fôro de Villa em attenção a que distava oito leguas de

---

[1] Com relação a este templo, o sr. Gabriel Pereira, distinctissimo archeologo, benemerito investigador e incansavel vulgarisador das antiguidades do districto d'Evora, acaba de publicar um interessante folheto de 23 paginas. Evora, 1885.

Ao seu illustrado auctor agradeço o exemplar que se dignou enviar-me, bem como os seus outros dois folhetos, relativos ao *Convento de Nossa Senhora do Espinheiro*—e á *Casa Pia d'Evora*, o 1.º publicado em 1884 e o 2.º em 1885.

Os 3 folhetos fazem parte da interessante collecção—*Estudos Eborenses*—do mesmo auctor.

[1] O pergaminho devêra dizer *Panoias*, porque Villa Real não existia antes do reinado de D. Diniz, seu fundador.

Anciães e aos rios que nesta distancia havia para passar, como eram o Tuella, Pinhão e Corgo, [1] mas que os moradores da dicta Villa Real ficariam sujeitos a reparar e fortificar o muro da villa de Anciães que desce desde o castello até o baluarte, que defendia a porta principal, e que a cerca da parte do norte.» [2]

—

O mesmo se lê na copia que o meu illustrado amigo Antonio José de Moraes, natural do concelho d'Anciães, mas rezidente em Villa Flor, [3] tirou e me mandou do que se encontra em um livro genealogico (fl. 251 a 272) encadernado em carneira e pertencente ao ex.mo sr Justiniano de Moraes Madureira Lobo, fidalgo distincto da villa de Freixiel, concelho de Villa Flor, em Traz-os-Montes.

Da copia que recebi se vê que o original d'ella foi composto em 1730 a 1750 com os taes pergaminhos da camara d'Anciães por um seu vereador, Manuel de Moraes de Magalhães Borges, irmão do rev. dr. Antonio de Sousa Pinto, informador e Cyreneu de Argote, pois o auctor, fallando da transferencia da séde do concelho d'Anciães para Carrazeda d'Anciães, diz: «Não houve quem se oppozesse a esta desleal mudança senão eu e o dicto meu irmão, bacharel Antonio de Sousa Pinto, do habito de S. Pedro.» E D. Jeronymo Contador d'Argote, no 1.º tomo das suas *Memorias* (introducção, pag. XVII) indicando as *obras manuscriptas* que recebera e de que fizera uso, menciona uma *relação d'Anciães*, composta por João Pinto de Moraes, então parocho d'esta villa, e por Antonio de Sousa Pinto,—e outra *relação* da villa d'Alfarella, composta pelo mesmo Antonio de Sousa Pinto e por elle remettida ao marquez d'Alegrete, então director da *Academia Real de Historia*.

Na mesma introducção (pag. XX) diz tambem Argote: «Antonio de Sousa Pinto, da principal nobreza d'Anciães [1], concorreo com as relações da villa d'Anciães, e Alfarella, que remetteo á Academia, *obra muy perfeita curiosa, e bem discorrida* e tambem com algumas respostas a perguntas, que lhe fiz.»

—

Do exposto se conclue que as *Memorias d'Anciães*, o meu manuscripto, o de Marzagão e o de Freixiel são com pequenas variantes o trabalho do rev. dr. Antonio de Sousa Pinto, tão elogiado por Argote, o que lhes dá bastante auctoridade e me leva a crer que o velho districto de Panoias, antes da fundação de Villa Real, obedecia (não sabemos desde quando) á villa d'Anciães.

Tambem as citadas *Memorias* e o meu manuscripto dizem que a egreja de S. João Baptista d'Anciães, extra-muros, foi n'aquelle tempo a matriz de Panoias e que a ella iam enterrar-se as pessoas mais distinctas d'áquelle districto, antes da fundação de Villa Real e da egreja de S. Diniz, como a tradição affirmava e revelavam as muitas sepulturas com armas e outros emblemas de nobreza que se viam no adro e em volta da dicta egreja de S. João Baptista.

A mesma tradição vigora ainda hoje (1885) no concelho d'Anciães; e junto da velha e arruinada egreja de S. João Baptista se veem ainda hoje restos das taes sepulturas ou

---

[1] Devêra mencionar tambem o *Tua*.

[2] Ou as *Memorias* claudicam n'esta ultima parte, ou se referem ao foral de D. Affonso III, foral que não vimos.

Temos presente e logo daremos na sua integra o 1.º foral de D. Diniz, que nem sequer falla na villa d'Anciães!...

[3] V. n'este vol. 10.º a pag. 739, col. 2.ª

[1] Era cavalleiro fidalgo, como seu irmão e seu pae; viveu algum tempo na côrte de D. João V; mais tarde resolveu ordenar-se, como ordenou, e se formou em canones na Universidade de Coimbra.

Foi vigario de Parambos e depois reitor de Marzagão, freguezias do concelho d'Anciães, tomando posse da ultima em 25 de Agosto de 1753.

Nasceu em 1692.

Ainda em 1855 vivia em Marzagão um seu parente, dr. Antonio de Sousa Pinto de Magalhães, que possuia e emprestou ao dr. José Maria de Moraes da Mesquita o trabalho dos seus antepassados—Manuel de Moraes de Magalhães Borges e Antonio de Sousa Pinto—com relação á villa d'Anciães,—trabalho que o dr. Mesquita extractou nas *Memorias* publicadas em 1857, como elle proprio declara na *Prefação*.

carneiros nas paredes, como diz o meu illustrado informador, filho da localidade.

—

Custa hoje a crer que o districto de Panoias ou de Villa Real obedecesse á pobre e deserta villa de Anciães, alcandorada em medonho fragoedo e distante da formosa Villa Real 50 kilometros para leste; mas, se nos remontamos áquelle tempo, achamos o facto naturalissimo.

Com as aturadas e sanguinolentas guerras que a peninsula sustentou contra os romanos, a peninsula perdeu grande parte da sua população; esta augmentou com o dominio do povo rei, ficando sempre muito longe da cifra anterior; mas, com as guerras que depois se feriram entre os romanos e os barbaros do norte e entre estes, uns contra os outros, mais deserta e despovoada ficou ainda a peninsula.

Cidades importantes, algumas d'ellas episcopaes, foram destruidas e arrasadas até os fundamentos e d'ellas nem o local se conhece.

Para se formar idéa do estado a que ficou reduzido o nosso paiz, note-se que na era de 607 (anno 569) segundo se lê nos fragmentos do concilio de Lugo celebrado n'aquella data, a instancias de Theodomiro, rei suevo, á diocese de Braga, que então se estendia desde a margem esquerda do Lima até os confins de Traz-os-Montes, comprehendendo n'esta provincia tudo o que é hoje dos bispados de Bragança e de Lamego—e na de Entre Douro e Minho parte do terreno que é hoje do bispado do Porto,—contava apenas 29 freguezias, sendo *Panoias* uma d'ellas;—o bispado do Porto 25,—o de Lamego 6,—o de Coimbra 7,—o de Vizeu 8—e o da Guarda 4!...

Imagine-se quanto os povos ficariam por vezes distantes da sua egreja matriz!...

E, como se não bastassem as mencionadas hecatombes para se despovoar a peninsula, accresceu nos annos de 714 e 715 a invasão dos mouros, que deixou esta provincia quazi completamente dezerta, pois os christãos que escaparam com vida se refugiaram nas Asturias—e esta provincia só principiou a povoar-se e reconstituir-se depois que os reis de Oviedo e de Leão expulsaram d'ella os mouros, cobrindo-a de sangue e de cadaveres [1].

Ainda em 1185 o nosso rei D. Sancho I a encontrou em misero estado;—em parte a reparou,—e D. Diniz, em 1279 a 1325, proseguiu no mesmo empenho, povoando Montalegre, Villa Flor, Freixo de Espada á Cinta, Mirandella, Vinhaes, etc., e levantando desde os alicerces Villa Real, que arvorou em séde do districto de Panoias, porque da sua antiga séde apenas restava a lembrança!...

—

Não admira, pois, que antes da fundação de Villa Real estivesse unido á villa d'Anciães o velho e arruinado districto de Panoias, porque da sua antiga séde nada restava n'esse tempo alem do *chão da feira* de Constantim e d'alguns pequenos edificios nas suas proximidades e nas dos templos romanos das Vallongueiras,—tudo desmantelado e em terreno aberto e pouco defensavel,—em quanto que a Villa d'Anciães, suspensa entre medonho fragoedo, occupava um dos pontos mais defensaveis da provincia e foi sempre murada e fortificada desde o tempo dos romanos. Julga-se até que n'esse tempo foi cidade com o nome de *Aguas Quintianas*.—Já D. Fernando I, o *magno*, rei de Leão e Castella, lhe havia dado foral no seculo XI, quando ali passou batendo os mouros,—o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques lhe havia dado no seculo XII segundo foral,—D. Sancho I nos fins do mesmo seculo XII lhe deu 3.º foral, que foi confirmado por D. Affonso II em 1219,—e D. Manuel ainda lhe deu 4.º foral em 1510 [2].

Contava pois Anciães já 3 foraes e era

---

[1] A expulsão dos mouros da peninsula foi muito mais morosa e muito mais sanguinolenta do que a invasão. Esta operou se rapidamente;—a expulsão durou cerca de oito seculos de luctas ininterrompidas, durante as quaes muitas povoações foram tomadas e retomadas differentes vezes pelos mouros e pelos christãos e differentes vezes saqueadas e incendiadas e os seus habitantes trucidados.

[2] V. *Anciães* n'este diccionario e no supplemento.

praça de guerra e villa muito importante e muito privilegiada quando el-rei D. Diniz em 1289 a 1293 fundou Villa Real!...

—

Não tenho pois duvida em crer que a *cividade* ou o velho districto de Panoias, antes da fundação de Villa Real, fosse um simples julgado da villa d'Anciães, como dizem as citadas *Memorias* e o meu manuscripto; mas o que eu não posso crer é o que nas táes *Memorias* e no meu manuscripto se lê tambem com relação a Villa Real:

«Igualmente consta de outro pergaminho que tambem existia no cartorio da Camara da dita Villa [1], que pertendendo o senhor rei D. João primeiro annexar ou incorporar a Villa Real os julgados de Alijó e de Favaios, os moradores d'elles se defenderam d'esta annexação, accusando os moradores de Villa Real de que haviam sido falsos á corôa, e que antes queriam viver debaixo da jurisdicção dos homens da Villa d'Anciães, a quem sempre foram sujeitos e suffraganeos e em quem sempre encontraram bom acolhimento, defensa e lealdade, como fidalgos e cavalleiros que eram: em consequencia do que o senhor D. João I deu a cada um dos ditos julgados de Alijó e Favaios o fôro de *Villa*, e com o dito foro as deu de juro e herdade aos senhores da casa de Tavora e Mogadouro, pelos bons e relevantes serviços que lhe prestaram na guerra que houve entre esta corôa e a de Castella.»

Que nós saibamos, apenas se póde lançar em rosto aos habitantes de Villa Real,—e ainda assim muito impropriamente,—a traição dos marquezes, seus senhores, para com D. João IV, em 1641, da qual adiante fallaremos.

Ignoramos que fossem falsos ou traidores para com el-rei D. João I. Apenas sabemos que no principio da guerra da successão, grande parte dos nossos fidalgos e muitas das nossas villas e cidades tomaram o partido da Hespanha, ou de D. João I de Castella contra o nosso rei, tambem D. João I, taes foram n'esta provincia de Traz os-Montes:—Bragança, Vinhaes, Monforte, Chaves, Miranda, Montalegre, Mogadouro, Alfandega da Fé, Lamas d'Orelhão e *Villa Real*; mas em breve *Villa Real* e quasi todas as outras villas transmontanas se pronunciaram contra Castella. Apenas Miranda, Bragança e Vinhaes conservaram o pendão castelhano até o tractado de 1406. E não admira que Villa Real, por ser ao tempo senhorio da rainha D. Leonor Telles de Menezes, seguisse no principio da lucta a voz de Castella.

Tambem não foi D. João I quem elevou Alijó e Favaios á cathegoria de *villas* e lhes deu os seus primeiros foraes.

Como já se disse nos artigos proprios, o 1.º foral d'Alijó foi lhe dado por D. Sancho II em 1226,—o 2.º por D. Affonso III em 1269—e o 3.º por D. Manuel em 1514. Emquanto á villa de Favaios, o seu 1.º foral é de D. Affonso II, com data de 1211,—o 2.º é de D. Affonso III, com data de 1270,—o 3.º é de D. Diniz, com data de 1284—e o ultimo de D. Manuel, com data de 1514.

Nem um de D. João I, II, III ou IV!...

D. João I principiou a governar como regente em 1383, e Alijó e Favaios já eram villas e tinham foraes—a 1.ª desde 1226,—a 2.ª desde 1211.

Claudicam pois n'esta parte as *Memorias d'Anciães*.

Passemos a outro topico.

A villa velha

Achando-se completamente arruinada e quasi despovoada a antiga séde de Panoias, pediram os habitantes d'aquelle districto a el-rei D. Affonso III que lhes désse uma nova villa para séde. Annuiu el-rei dando foral em 7 de dezembro de 1272 aos que houvessem de povoar a nova villa; mas, ou porque o foral fosse duro e tivesse poucas franquias, como suppomos (ainda não logramos vel-o) ou por outro motivo qualquer, a nova villa não se fez, pelo que os mesmos povos, por intermedio dos seus procuradores enviados ás côrtes que em 1283 (?) se achavam funccionando na cidade da Guarda, pediram a D. Diniz o mesmo que haviam pedido a seu pae D. Affonso III, indicando-lhe o sitio que julgavam mais bem apropriado para a nova edificação.

[1] *Memorias d'Anciães*, pag. 10 e 11.

O proprio rei (segundo consta) foi ver o local,—gostou d'elle—e em 1289 mandou proceder á fundação da nova villa, que se denominou *Villa Real*, por ser fundação regia,—e *Villa Real de Panoias*, porque o proprio rei D. Diniz a arvorou em capital da *terra de Panoias*.

A *nova villa* fundada por D. Diniz é precisamente o bairro que hoje se denomina *Villa Velha*, e que pela sua posição topographica na extremidade sul da moderna villa, pela vetustez e acanhamento dos seus edificios e pela estreitesa das suas ruas, se destaca perfeitamente do povoado que depois se desenvolveu para N.—N. E.—e N. O.—e que hoje constitue a maior parte da formosa *Villa Real*.

—

Todos os chorographos e historiadores que tratam d'esta villa, bem como os apontamentos que me detxou o meu saudoso amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, [1] não mencionam vestigio algum de occupação ou edificação anterior no local onde D. Diniz fundou a *villa velha*.

Isto me surprehendeu, pois custa a crer que, sendo a provincia de Traz-os-Montes povoada desde tempos remotissimos e estando aquelle chão, tão pittoresco e tão defensavel, dentro do importante *pago* romano, do *territorio*, ou da *cidade* de Panoias, ali não encontrassem vestigios d'algum templo, d'algum castro ou d'alguma povoação anterior a D. Diniz!

Nas minuciosas descripções da fundação do castello, dos muros, da egreja e da cisterna da *villa velha* nem por sombra se indica o apparecimento de moedas romanas, gothicas ou arabes, nem de fragmentos d'alguma estatua, nem de lapides com inscripções, nem de tumulos ou sepulturas de qualquer ordem!

Parece incrivel, repetimos, pois o local é interessantissimo e d'aquelles que demandavam *occupação necessaria* desde tempos mais remotos.

Appellamos para o testemunho de todos quantos tenham vizitado e conheçam Villa Real.

—

Demora o chão da *villa velha* em uma especie de peninsula, formada pelos rios Corgo e Cabril, que ali fazem juncção, correndo o primeiro de N. a S. e o segundo de N. O. a S. E. lá no fundo de duas medonhas ravinas, como que talhadas a picão em rocha aprumada e nua, formando a leste, sul e oeste trincheiras insuperaveis e fossos aquaticos de 150 metros d'altura talvez e que, vistos do pontal sul da villa ou do passeio que *hoje* circumda o cemiterio, descrevem com vivas côres o bello-horrivel!

Bastava pois construir uma muralha de leste a oeste com um fosso artificial e quaesquer outras obras de defesa para tornar aquelle vistoso e alegre planalto por assim dizer inconquistavel—no tempo das armas brancas: *não hoje*; porque as paredes oppostas das grandes trincheiras formadas pelos dois rios ficam ao nivel da villa e, caminhando para o norte, o terreno vae subindo e a domina toda.

—

Offerece o dito pontal sul da *villa velha*

---

[1] Logo que os benemeritos editores me encarregaram da continuação d'este diccionario, dirigi-me a todos os meus amigos da provincia sollicitando apontamentos com relação a diversas povoações que eu tinha de descrever e que elles conheciam melhor do que eu. Com relação a esta *Villa Real* dirigi-me ao meu bom amigo Saavedra, pessoa competentissima pela sua illustração, pela sua affeição a esta ordem de trabalhos e a este mesmo diccionario;—por ser s. ex.ª filho de Provezende, villa e freguezia do concelho de Sabrosa, comarca e districto de Villa Real,—e por ter muitas relações n'esta villa e perfeito conhecimento d'ella, pois d'ella foram oriundos alguns dos seus maiores e n'ella tinha estado centos de vezes, chamado pelos seus negocios particulares e pelos do seu concelho, como procurador á junta geral do districto, etc.

Annuiu s. ex.ª de bom grado, mas infelizmente a morte o surprehendeu no dia 26 d'abril ultimo (1885) deixando muitos apontamentos para este artigo, porém tão informes, tão baralhados e incompletos que pouco, muito pouco, pude aproveitar!

Para a biographia e genealogia de s. ex.ª veja-se *Provezende* n'este diccionario e no supplemento.

um panorama caracteristico e muito interessante.

Ao sopé as duas medonhas gargantas com as suas altissimas paredes de granito, abertas pelos dois rios que serpêam furiosos lá no fundo, formando na sua juncção um medonho pégo;—ao nascente o ribeiro de Villalva ou de *Tourinha*. que, despenhando-se do alto da grande trincheira sobre a margem esquerda do Corgo, fórma uma catarata imponente, que *hoje* move mais de 40 rodas de moinhos, denominados *Moinhos da Peneda*, suspensos na ingreme encosta;—seguem-se a leste os campos, vinhedos e quintas de Villalva, de Tourinha, de Matheus, de S. Pedro de Val de Nogueiras e d'outras muitas freguezias de Traz-os-Montes, avultando entre diversas povoações o magestoso palacio *de Matheus*, ou dos actuaes condes de Villa Real;—a S. e O. a trincheira do Cubril, e lá ao longe a provincia da Beira, Lamego e outras povoações;—a N. NO. e NE. a *villa nova* com a sua esvelta casaria e luxuriante arvoredo,—e mais ao longe as serras do Marão e do Ameio, coroadas pelas *Rodas do Marão*, ponto culminante da grande serra.

Apesar do desenvolvimento que tomou a villa nova e dos largos, praças, jardins, ruas e passeios que n'ella se encontram e que lhe mereceram o titulo de *côrte* e *capital* de Traz-os-Montes, o passeio que *hoje* circumda a leste e sul a *villa velha* será sempre o passeio favorito dos vizitantes e que mais vivas recordações lhes deixará.

Foraes

Teve 4 foraes esta villa;—o 1.º foi-lhe dado por D. Affonso III em Santarem, a 7 de dezembro de 1272;—o 2.º por D. Diniz em Lisboa, a 4 de janeiro de 1289;—o 3.º pelo mesmo rei em Lisboa tambem, no dia 4 de fevereiro de 1293:—o 4.º por D. Manuel em 22 de junho de 1515.

O padre Carvalho, dedicando um longo artigo a esta villa, não mencionou foral algum;—José Avelino d'Almeida apenas mencionou o 3.º, claudicando na data, pois lhe assignou o anno de 1321;—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, apenas mencionou dois,—o 2.º, que s. ex.ª diz ser o *primeiro*,[1] — e o 3.º assignando-lhe a data de 1292;—Brandão, na *Monarchia Lusitana* (Parte V. fl. 143) tambem diz que este foral é de 1292, mas um pouco mais adiante (fl 212) diz que é de 1293.

Solatium est miseris!...

Franklim menciona os 3 primeiros. O 4.º não o encontramos em auctor algum, mas logo o extractaremos, porque se acha nas *Antiguidades de Villa Real*, manuscripto existente no archivo da camara, como já dissemos supra.

Referimo-nos a uma *copia* que temos presente e que foi do sr. Camillo Castello Branco, nosso primeiro romancista, hoje visconde de Corrêa Botelho, e a elle offerecida pelo sr. Antonio Ludovico Guimarães, de Villa Real.

—

Sentimos não ver o foral de D. Affonso III, porque devia derramar muita luz sobre os nebulosos principios d'esta villa; mas, segundo se lê na Monarchia Lusitana, o foral de D. Affonso III lhe dava o mesmo nome de *Villa Real* e, entre outras graças e privilegios, concedia aos seus moradores todos os direitos reaes da *terra de Panoias*: «*Concedo vobis hominibus populatoribus, qui habitavehitis in terra de Panoias, quae vocatur Villa Real, omnes meas rendas, & omnes meos directos de terra de Panoias...*»

«Concedo aos que forem habitar a terra de Panoias, que se chama *Villa Real*, todas as rendas e direitos que tenho na terra de Panoias...»

Em vista do exposto parece-nos incrivel que, passados 17 annos, ainda *nada existisse* d'esta villa, quando D. Diniz lhe deu em 1289 o seu (d'elle) primeiro foral.

Estamos convencidos de que o povo não acudiu ao chamamento de D. Affonso III, porque achou duresa no foral que este rei lhes concedeu. N'elle, por exemplo, os sujeitava ao alcaide-mór:— «*Et ipse prœctor*

[1] *Cidades e villas*... tomo 3.º pag. 164.

debet facere justitiam cum judicibus de ipsa popula.» [1] E o pretor (alcaide-mór) administrará a justiça conjunctamente com os vereadores ou juizes da villa ou *pobra.»*

Nem era necessaria tal declaração, porque, segundo o estylo da época, os alcaides-móres eram os presidentes natos do juizo ou da camara,—prerogativa de que ordinariamente abusavam com grande oppressão dos povos, porque dispunham em absoluto da força armada. Houve muitas desordens e muitos desgostos por causa da prepotencia dos alcaides-móres, [2] principalmente quando tinham ingerencia na administração da justiça, como aos de Villa Real concedeu D. Affonso III; e foi por esta e talvez por outras clausulas similhantes que os povos não acudiram ao chamamento, o que determinou D. Diniz a conceder-lhes um foral amplissimo e muito mais convidativo, para se não expôr ao desgosto porque passou D. Affonso III, seu pae. Não só permittiu aos moradores da nova villa escolherem ou elegerem livremente os juizes que mais confiança lhes merecessem, mas circumscreveu ao alcaçar ou castello a jurisdicção do alcaide-mór e terminantemente lhe prohibiu o tomar parte na administração da justiça,—privilegio de grande alcance n'aquelle tempo!

Além d'isso obrigou-se a fortificar e murar a villa e deu aos seus habitantes cerca de um quarto de legua ou de dois kilometros de terreno em volta para ser dividido em courellas iguaes por todos os habitantes d'ella,—terreno que se denominou a *Redonda* e que foi abalisado em toda a sua circumferencia por grandes marcos de pedra, dos quaes ainda no ultimo seculo existiam alguns. [3]

Eis aqui dois grandes bonus, mas além d'estes concedeu-lhes outros muitos, como póde vêr-se do proprio foral que vamos dar na sua integra por ser muito interessante e para que alguem mais feliz do que nós o possa um dia confrontar com o de D. Affonso III.

Primeiro foral de D. Diniz [1]

«Em nome de Deus Amen. Conhecida coisa seja a quantos esta carta virem e ouvirem que eu D. Diniz Rei de Portugal e Algarves em sembra com minha mulher a Rainha D. Helisabet, filha do mui nobre rei d'Aragão, faço carta de fôro para todo o sempre a vós pobradores de *Villa Real de Panoias;* convém a saber: A mil pobradores dou e outorgo... Parada de Cunhos e a Veiga toda de Cabril, e Montezellos, e a de *Empeira*, e Villava com todos os seus termos, e com todos os seus direitos e suas pertenças, para que hajades senhas courellas para vinhas, e senhas almoinhas (hortas) tamanhas, como as melhor poderdes haver; e com estas courellas, e com estas almoinhas haver cada homem uma casa dentro no castello, quantos ahi poderem caber, e os outros no arrabalde; e por isto deve cada um morador dar em cada anno um maravedi e meio ás terças do anno, convém a saber —a primeira terça pelo primeiro dia de janeiro,—a segunda no primeiro dia de maio —e a terceira no primeiro de setembro.

«E desde o dia em que começardes a pobrar a um anno não dareis fôro, e deveis de metter entre vós dous juizes que façam justiça compridamente em toda a terra de Panoias, em aquelles logares que de direito devem ser chegados por meus juizes e por meu Meirinho, e não deve Meirinho ahi entrar. E estes juizes sejam mettidos cada anno á vontade do concelho, e jurem nos Tabelliães, assim como os de Chaves, e os de Bragança;—e vá por ahi (por dentro da villa) o caminho que vai de Panoias para Amarante, como sohia (costumava) ir por *Seemiros.*

«Os vizinhos (habitantes) de Villa Real, pascem e montem (apascentem os gados, cacem e colham matto e lenha nos montes)

---

[1] *Monarchia Lusitana*, parte V, fl. 143.

[2] Vejam-se no vol. 7.º pag. 70, col. 2.ª e seg. as *proezas* que praticou em Pinhel o alcaide-mór D. Fernando Coutinho.

[3] Em Villalva, cerca de 2 kilometros d'esta villa, para leste, ainda hoje se denomina *Marco da Redonda* uma propriedade do conde de Villa Real e que foi foreira a Gonçalo Chrystovam.

[1] *Antiguidades de Villa Real*, fl. 60, *mihi.*

com os da terra de Panoias e com os do redor de Panoias, assim como os de Panoias usaram (costumavam) pascer e montar.

—

«O concelho haja para si os moinhos e os fornos; e dos chagamentos (ferimentos) das vozes, das coimas e dos homezios levará El-Rei ameidade, e o concelho a outra ameidade (metade)—e serão todos chegados (chamados, citados) pelos andadores (meirinhos) do concelho;—e a voz e a coima pagar-se-ha como a pozer o concelho...;—e ficará para El-Rei a portagem, e os alugueis, e o padroado das egrejas;—e a portagem (direitos de barreira) com esta quisa, convém a saber:—que se tire (pague) na villa, como se tirou até aqui em Moudrões, e havel-a-ha El-Rei toda. E das vendas e das compras tirar-se-ha d'esta maneira; convém a saber: —da carrega de besta cavallar dous soldos; da carrega asnal um soldo; do boi seis dinheiros; da vaca seis dinheiros; do porco um dinheiro; do outro gado miudo senhos dinheiros; do coiro do boi e da vaca tres dinheiros; da pelle do gado miudo um dinheiro; pelo colonho (carrego) do homem tres dinheiros; pela brancagem (direito sobre a carne) da vaca ou do boi que se vender nos açougues dous dinheiros de cada um; e outrosim do porco e de outros reixellos senhos dinheiros;—e haverá El-Rei esta brancagem, e esta portagem das vendas e das compras por tal (tudo) o que se tire; porém melhor haja El-Rei as duas partes, e o concelho uma. E se El-Rei quizer fazer alcacer (castello) deve ahi metter seu alcaide, que o guarde,—e fique a justiça nos juizes, *e não haverá o Alcaide ahi parte, salvo em guardar seu castello* (?)

«E todo o vizinho (habitante) de Villa Real não dará portagem em todo o Panoias, nem de passagem, nem de vendas, nem de compras.

—

«E todo o vizinho de Villa Real seja emparado e defeso (defendido, protegido) por hu (onde) andar elle e seu haver e seus herdamentos (bens) hu quer que os hajam, que nenhum (ninguem) lhe faça mal, nem força; e se lhe alguem mal fizer, ou tente fazer-lh'o, El-Rei o corregerá (castigará) e emendará (indemnisará) pelos corpos e pelos haveres d'aquelles que lh'o fizeram.

«E todo o vizinho de Villa Real que traga haver (valores) em caminho, possa trazer armas, se quizer, sem coima, com que se defenda.

«E vós pobradores de Villa Real debedes (debeis) haver feira uma vez no anno por Santa Maria d'Agosto, e ser coutada (franca) 15 dias antes, e 15 dias depois, assim como a da Guarda;—e debedes haver feira de mez em mez, no terceiro dia depois da de Chaves; e deve durar dous dias, assim como a de Chaves.

«E o concelho deve metter (nomear) seus andadores, para que obriguem todos aos feitos dos juizes, e do concelho.

«E El-Rei deve metter seu Almoxarife, que saque (receba) as rendas das terras d'aquelles que as houverem de dar, e que demande e receba os seus direitos pelos juizes, e sejam chegados (citados) pelos andadores do concelho.

«E El-Rei deve fazer seu muro (os muros da villa) logo e só, e deve-o aguardar (defender) o concelho, assim como é costume do reino;—e não deve ir em anaduva, (trabalhar na reparação dos castellos e praças) senão como os da terra de Panoias.

—

«O *Rico-homem* e o *Prestameiro*[1] não devem pousar em Villa Real, *nem no seu termo* (?) salvo se for de caminho e estê (esteja) *um dia e não mais*,—salvo se fôr vontade do concelho;—e o que dispenderem (gastarem) seja pagado e filhado (tomado ou comprado) como mandarem os juizes;—e elles nem seus homens (sua comitiva) não se creiam poderosos (com poder) de filhar nem uma cousa em Villa Real, nem no seu termo, senão por mandado dos juizes; — e os juizes devem lhes dar venda, segundo como andar na terra.[2]

---

[1] Eram pessoas muito privilegiadas, como se disse nos artigos proprios. *Vide.*

[2] Era este um dos privilegios que os povos mais agradeciam e que por graça especial foi tambem concedido ao Porto. V. vol. 6.º, pag. 73, col. 2.ª

«E esta Villa Real seja cabeça de *todo o Panoias* e de quanto ahi El-Rei pode dar de direito em este tempo, e podér adiante; e venham a sá (sua) justiça, e a seu juizo aquelles logares que El Rei póde fazer de direito tambem, e que hora El-Rei ha conhecido que de direito deve haver como o que lhe tem negado (sonegado) se inda alguma cousa poder cobrar de direito;—e haverá El-Rei os fóros d'esses herdamentos, assim como os ha e como os poder haver de direito,—salvo os do termo de Villa Real, d'esses logares (da *Redonda*) que lh'os escamba e compra, e devem maravedi e meio de sás herdades, que lhes dá, como dicto é, e não mais.

«E se El-Rei vir que é mister acrescentar mais gente aos mil sobredictos (moradores) para essa Villa Real, e poder haver herdamentos, que lh'os dê com tal fôro como o de suzo (acima) dicto, e que lhe dê o concelho hu façam casas, não se desfazendo as outras.

«E não haja venda de regatia nem uma, nem seus feiraes (feiras ou mercados) até uma legua a cada parte (em redor) de Villa Real, salvo quem tiver pão, ou vinho de sá colheita, que seja de seu herdamento, que o venda em sua casa, se quizer...

«E todo o pobrador de Villa Real d'aquelle dia que começar a pobrar, até aos tres annos, faça casa e vinha...

«E o concelho deve colher comsigo (acceitar) quaes vizinhos quizer, *salvo cavalleiros*.[1]

«Feita a carta (foral) em Lisboa a 4 dias de janeiro, El-Rei o mandou, era de 1327 (anno de 1289).»

No supplemento ao artigo S. *Martinho de Mouros*, concelho de Rezende, daremos um extracto dos *fóros* d'aquella villa para que os leitores vejam *com assombro* como os fidalgos eram prepotentes e dispoticos, motivo porque o povo os detestava. Pódem verse entretanto os dictos *fôros* nos *Ineditos de Hist. Portug.* tomo 4.º, pag. 579 e seg.

Não conhecemos documento que melhor justifique a importancia do mencionado privilegio.

[1] Excluia tambem os cavalleiros, por serem privilegiados e poderem affrontar a vizinhança.

Seguem-se as testemunhas que assignaram o dito foral. Mencionaremos apenas as seguintes: D. Fr. Tello, arcebispo de Braga, —D. Vicente, bispo do Porto,—D. Amerique, bispo de Coimbra,—D. Johane, bispo de Lamego,—D. Egas (?) eleito de Vizeu.—D. Johane, bispo da Guarda,—a egreja de Lisboa vaga,—D. Bartholomeu, bispo de Silves,—D. Domingos, bispo d'Evora.—a chancella d'El-Rei, etc.

«Francisco Eannes, Escrivão da corte, escreveu esta carta.»

—

Não conhecemos outro foral com tantos privilegios e tão convidativo!

Ainda não pude ver o 2.º concedido pelo mesmo rei; mas supponho que não cerceava, antes ampliava o 1.º, como se deprehende de algumas referencias da *Monarchia Lusitana* e do foral de D. Manoel.

D. Diniz no 1.º como que obrigava os habitantes de Villa Real a construirem 1:000 casas, o que era muito para aquelle tempo; —no 2.º reduziu aquelle numero a 500; segundo se lê na *Monarchia Lusitana* e no foral de D. Manoel,—dividindo-se os chãos da *Redonda* em 500 courellas pelos 500 moradores (fogos) da villa,—e mandou que cada um d'elles lhe pagasse de fóro, ou direito real, 2 maravedis, em vez de maravadi e meio que estipulára para os 1:000 moradores, no 1.º foral.

Com isto não os aggravou, antes beneficiou, porque as courellas, sendo só 500 em vez de 1:000, comprehendiam cada uma o dobro do espaço das primeiras.

—

Tambem nas *Antiguidades de Villa Real* se lê que D. Diniz concedeu a esta villa o privilegio de ser sempre da corôa e nunca de senhorios particulares.

Talvez seja esta uma das disposições do 2.º foral de D. Diniz, pois não se encontra no 1.º—e melhor fôra que tal não promettesse, porque depois se não cumpriu, como logo veremos.

Extracto do foral de D. Manuel

Principia por dizer que, posto tivessem sido dados a esta villa outros foraes pe-

los reis d'este reino, d'aquella data (22 de junho de 1515) em diante, vigoraria sómente o de D. Diniz.

Julgo que se refere ao 2.º, pois do extracto que vamos fazer os leitores verão que o foral de D. Manuel differe muito do que acima ja transcrevemos.

—Que o concelho pagaria a el-rei cada um anno 1:000 maravedis velhos, ou 48.500 réis d'aquelle tempo (1515) como ordenára D. Diniz, rateados pelas 500 courellas da Redonda, a 2 maravedis por courella, segundo a repartição já feita e approvada pelo concelho e pelo senhorio.

—Que o gado do vento pertencesse ao senhorio.

—Que os tabelliães pagariam cada anno 12:000 réis dos seus livros.

—Que a *pena d'arma* se pagaria segundo as leis do reino... ao Alcaide-mór, ou ao pequeno, ou ao meirinho,—ao primeiro que a tomasse.

—Que nada pagariam das medidas, mas que dos pesos pagariam os homens de fóra da villa na proporção de real por arroba.

—Que pagariam mais de fôro a el-rei pelo moinho da *ponte de Santa Margarida* (?) 27 réis;—por outro 30 réis e 2 gallinhas;—por outro 27 réis;—por outro 20 réis e uma gallinha, etc.

—Que haviam além da *Redonda*, no aro, termo e jurisdicção da villa, muitos reguengos de logares, concelhos e aldeias, de que se pagavam muitos direitos a el-rei, segundo os foraes particulares das ditas terras;—que d'ali em diante continuariam a pagar-se aquelles direitos *sem innovação alguma*,—mas declara expressamente *que os mordomos ou rendeiros seriam indulgentes para com os foreiros*...

—Que os chãos das 500 courellas da *Redonda* nunca seriam dados de sesmaria, ou declarados maninhos, embora estivessem incultos; mas que n'este caso, havendo entre os outros foreiros da *Redonda* quem os pedisse para os cultivar, lhes seriam dados—*e só a elles*—não a estranhos—pelo fôro dos 2 maravedis por courella, sem accrescentamento algum.

Em seguida indica o processo pelo qual o concelho podia declarar maninho um terreno quálquer,—fóra da *Redonda*.

—A portagem seria paga sómente pelos que de fóra da villa e do seu termo levassem a ella cousas para vender, ou ali as fossem comprar. Em seguida estipula a taxa e regimento da dita portagem, ou dos direitos de barreira,—taxa e regimento em tudo similhantes aos dos outros foraes de D. Diniz. Apenas estranhamos a disposição seguinte: «e posto que não vendam, pagarão da passagem, como se comprassem, ou vendessem, por ser assim imposto pelo dito foral acostumado.»

Depois indica as pessoas e terras privilegiadas que eram izentas de pagar portagem. Das ditas terras pertenciam a esta provincia:—Miranda, Bragança, Freixo d'Espada á Cinta, Azinhoso, Mogadouro, Chaves, Montalegre e Anciães!...

Termina pelas penas do foral, como todos os outros d'este padrão.

—

Do exposto se vê que o foral de D. Manoel é uma vulgaridade. Mal se distingue dos que o mesmo rei deu a outras muitas povoações,—emquanto que o de D. Diniz (referimo-nos ao 1.º) não se confunde com qualquer outro e comprehende muitas franquias e privilegios que D. Manoel lhe cerceou.

Não conhecemos o 2.º de D. Diniz, mas suppomos que D. Manoel o cerceou tambem, aproveitando d'elle o fôro dos 1:000 maravedis pelas courellas da *Redonda*—e pouco mais;

Ainda a villa velha

O seu local foi sempre muito pittoresco e muito interessante, mas como está no vertice do angulo da pequena peninsula, sem ponte nem communicação para leste e sul, formando uma especie de *bêco sem saida* e occupando um pequeno espaço, poucas habitações teve sempre e menos tem ainda hoje.

A villa cresceu rapidamente, mas para o arrabalde, a N.—NE.—e NO. da villa velha,

formando bellas ruas, campos, largos e praças que lhe mereceram o titulo de *côrte e capital de Traz-os-Montes;*—e a pobre *villa velha*, que nunca comprehendeu mais do que o pequeno recinto murado, a egreja de S. Diniz e o adro ou largo da egreja, hoje cemiterio publico, em breve se despovoou, ficando a egreja matriz exposta a ser, como foi, roubada,[1] pelo que el-rei D. Fernando I concedeu aos moradores da pobre *villa velha isenção do serviço militar e de todos os tributos e encargos do concelho, emquanto n'ella rezidissem!...*

Tão extraordinario privilegio foi confirmado por D. Pedro II em 6 de julho de 1677, mas poucos se aproveitaram d'elle, por ser a villa velha um bairro morto, sem movimento de passageiros, sem agua, sem industria, sem commercio nem vida alguma, formando um perfeito contraste com a *villa nova*, cortada por estradas importantissimas, taes são a de Verim para a Beira, na linha de N. a S.—por Chaves, Vidago e Pedras Salgadas, hoje dois estabelecimentos balneares de primeira ordem,—Villa Pouca d'Aguiar, Regoa e Lamego,—e a de Bragança ao Porto e Braga, na linha de E. a O.—por Macedo de Cavalleiros, Mirandella, Murça, Amarante ou Regoa.

Ambas cortaram sempre e cortam esta villa, pelo que ao longo d'ellas se construiram amplas ruas, largos e praças, bons edificios publicos e particulares, conventos, egrejas, capellas, chafarizes, etc. e se montaram officinas e estabelecimentos commerciaes de toda a ordem.

—

Na *villa velha* apenas se veem algumas casas denegridas, quasi todas habitadas por gente pobre, o cemiterio, prestes a ser supprimido, a capella de S. Braz, a egreja de S. Diniz e alguns restos dos velhos muros, ha muito abandonados e despresados como inuteis e que nunca registraram um feito d'armas. Depois de construidos, sustentámos grandes luctas com a Hespanha nas guerras da successão, no tempo de D. João I, —e nas da independencia, em seguida á acclamação d'el rei D. João IV; mas, como esta villa estava longe da fronteira, pouco, muito pouco soffreu, além do incommodo proveniente do movimento das tropas.

Os ditos muros, por serem completamente inuteis, foram demolidos em differentes datas e empregada a sua pedra em outras construcções, nomeadamente no palacio de que logo fallaremos, mandado construir em 1816 pelo general Silveira.

Não tinham os muros outro merecimento além da sua muita antiguidade, pois não só datavam de 1289 a 1293, mas accrescia a circumstancia de terem sido feitos com a pedra dos muros e ruinas da velha capital de Panoias, que estava (segundo se suppõe) no chão que hoje occupam as freguezias de Constantim e S. Pedro de Val de Nogueiras ou das *Valongueiras*, 4 a 5 kilometros a leste de Villa Real, pelo que ficou varrido aquelle chão e d'elle desappareceram quasi completamente os vestigios do povoado romano.

Quantas lapides, inscripções e restos de estatuas se não destruiriam por essa occasião!...

—

Os muros de D. Diniz formavam uma especie de parallelogrammo que abrigava em si a villa velha e tinham 3 portas,—uma ao norte, —outra ao sul—e outra ao poente.

A principal era a do norte, defendida por duas altas torres, a meio das quaes o primeiro alcaide-mór fez uma casa onde viveram elle e os seus descendentes e successores muitos annos, até que um d'estes fez outra mais ampla e confortavel, na villa nova, junto dos paços do concelho e do hospital. Tinha na frente uma grande janella, sobre a qual em 1640, na acclamação de D. João IV, o Alcaide-mór d'esse tempo mandou gravar em lettras d'ouro esta inscripção:

---

[1] Em 1670 roubaram a pyxide com as particulas. Appareceram estas em um buráco da tranca da porta e, sendo encontrado um preto a vender a pyxide, foi preso e enforcado no alto do monte da margem direita do Cabril, em frente da egreja roubada, pelo que o dicto monte se denomina ainda hoje *Monte da Forca.*

JOANNES QUARTUS REX
NOBIS VENIT AB ALTO

«O ceu nos deu D. João IV como Rei.»

Da porta principal ia e vae ainda hoje uma estreita rua, denominada *Direita*, até á porta do lado sul, que dava communicação para o largo da egreja de S. Diniz, da capella de S. Braz e das antigas feiras talvez.

A do lado poente denominou se *porta franca*, porque em virtude do um antigo privilegio não pagavam direitos de portagem as mercadorias e generos que por ella entrassem,—privilegio importante concedido, como o de D. Fernando, para reter a população dentro dos muros; mas nem um nem outro a poderam reter.

A' dicta *porta franca* iam ter as estradas que vinham da Regoa, Lamego e Beira, Amarante, Porto e Braga, mas, depois que principiou a desenvolver-se a villa nova, ninguem mais demandou a dicta porta, apesar das suas franquias, por entenderem que estas não valiam a pena da grande volta e romagem, ou visita forçada ao ermo, onde não podiam pousar nem fazer negocio algum, o que tornava o passeio, além de fatigante, *irrisorio*, pois, feita a continencia á *villa velha*, tinham de contramarchar e de volver á *villa nova!*...

Egreja de S. Diniz

E' um templo venerando pela sua antiguidade e tradições esta egreja, posto que já não é a fundada por D. Diniz no mesmo local em 1289 a 1293,[1]—e ha muito que não é tambem egreja parochial.

A primitiva era muito mais pequena, pelo que foi mister amplial-a para n'ella poder assistir aos officios divinos a grande população da villa velha e do arrabalde, ou villa nova.

Data a sua restauração e ampliação dos fins do seculo XV, pois sabemos que D. Affonso V, nas cortes que fez na Guarda no anno de 1465, attendendo ao que lhe representaram os procuradores de Villa Real, concedeu para as dictas obras 15:000 réis, somma importante n'aquelle tempo.

O mesmo rei anteriormente já havia mandado dar para o mesmo fim outros 15:000 réis das sobras das cisas, mas o alvará não se cumpriu.

Nos principios do ultimo seculo o parocho d'esta egreja de S. Diniz era vigario e recebia de estipendio 30:000 réis,—mais 10:000 réis para renda de casa e 600 réis para ensinar doutrina;—total 40:600 réis.

Tinha um cura e um coadjuctor que venciam 40$000 réis cada um. Havia tambem na dicta egreja 4 porcionistas cantores que cantavam as missas conventuaes dos domingos e dias festivos, recebendo cada um dos cantores 6$000 réis por anno. O organista ganhava outros 6:000 réis, e todos eram da apresentação do vigario e pagos pelos jeronymos do convento de Belem, que recebiam os dizimos d'esta freguezia e apresentavam o vigario.

Em 1768 o vigario era da mesma apresentação,—tinha de congrua 150$000 réis—e contava esta freguezia 142 fogos.

Na mesma data era tambem vigario e da mesma apresentação o parocho de S. Pedro, ou da outra freguezia d'esta villa;—tinha de congrua 280$000 réis—e contava a dicta freguezia 640 fogos.[1]

—

Na egreja de S. Diniz, desde a sua fundação houve sacrario e uma confraria do Santissimo, na qual se inscreviam os confrades livremente e davam a seu arbitrio uma esmola qualquer. De um dos livros d'estas inscripções consta que Maria Antunes e uma sua filha deram de esmola *dois réis!*...

A dita confraria se transformou em irmandade em 1548, por bulla de Paulo III,

---

[1] Suppõe-se que n'este periodo de 4 annos se fundou a villa e se pôz em termos de ser habitada (*Monarchia Lusitana*, parte V, fl. 143) mas sobre a porta principal da egreja se vê a data—1320. A mesma egreja tem sobre o arco cruzeiro as armas reaes. Exteriormente não tem brasão algum.

[1] Tanto a egreja de S. Diniz como a de S. Pedro foram primeiramente da corôa,—depois passaram para os frades bentos de Pombeiro—e ultimamente para os Jeronymos de Belem.

que falleceu no anno seguinte, tendo aberto o concilio de Terento em 1545.

O papa Clemente XI lhe concedeu muitas indulgencias e privilegiou perpetuamente o altar-mór em 1712, data em que a irmandade fez novos estatutos, por haverem desapparecido os de 1548.

Houve tambem e ha ainda hoje (1885) n'esta egreja uma irmandade das Almas, tendo por patrono S. José,—com estatutos desde 1651 e muitas indulgencias concedidas pelo papa Clemente XI em 1715.

Tambem houve n'esta egreja uma irmandade de S. Roque, tão antiga como o proprio templo.

Festejavam com grande pompa o seu orago, no dia proprio, os ministros, advogados e officiaes da justiça, — exceptuando os da repartição ecclesiastica.

Tendo-se perdido os velhos estatutos, fizeram outros em 1718.

Tambem houve n'esta egreja outra irmandade do *Santo nome de Jesus*, fundada no tempo do santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, creador das irmandades com a dita invocação.

Os seus ultimos estatutos foram feitos em 1715.

—

N'esta egreja se instituiram muitos vinculos com obrigação de missas. As *Antiguidades de Villa Real* mencionam grande numero d'elles, mas nós, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas um, por ser mais curioso, instituido pelo padre Ruy Dias, que fôra 10 annos capellão do marquez de Villa Real.

Foi o instituidor sepultado no supedaneo do altar de Nossa Senhora a Branca, na egreja de S. Diniz, e vinculou certos bens, nomeando administradora do vinculo uma tal Simôa, filha de sua sobrinha Leonor Dias, casada com João Ribeiro, para ajuda do casamento da tal sua segunda sobrinha,—determinando que o vinculo pertenceria sempre á filha mais velha da tal Simôa e dos seus descendentes, excepto quando a filha mais velha fosse prodiga ou *fizesse de si algum desmancho*, pois n'esse caso passaria o vinculo á irmã immediata.

A este vinculo impoz a obrigação de uma missa todos os mezes, — da esmola de *vinte réis!...*

Poucos vinculos ou morgados excluiam da successão, como este, os filhos varões.

Outra instituição curiosa:

Pedro João e sua mulher Joanna Francisca, maradores na villa velha, instituiram em 1697 no seu testamento duas missas por sua alma, que seriam dictas no dia da festa do Corpo de Deus e no da do Anjo Custodio, depois de recolhidas as procissões solemnes,—para que podessem satisfazer ao preceito muitas pessoas que entretidas com as grandes festas (logo as descreveremos) costumavam ficar sem missa.

Capella de S. Braz

Antes de sairmos da *villa velha*, forçoso é mencionar a nobilissima e antiquissima capella de S. Braz, contigua á egreja de S. Diniz, lado poente, e como que formando um todo com ella.

Foi de Gonçalo Chrystovam Teixeira Coelho de Mello Pinto de Mesquita, bem conhecido na segunda metade do ultimo seculo por *fidalgo do Bomjardim*, no Porto, de quem tomou o nome a rua de *Gonçalo Chrystovam*, que liga as de Santa Catharina, Camões e Bomjardim com o *Campo da Regeneração*.

Gonçalo Chrystovam, um dos fidalgos mais nobres e mais ricos de Portugal no seu tempo, legitimo representante das familias Teixeiras, Macedos, Monizes, Coelhos e Mellos, foi contemporaneo do marquez de Pombal e uma das victimas d'elle, pois o mandou prender e metter em uma das prisões da Junqueira, onde o conservou incommunicavel cerca de 18 annos, até que, fallecendo D. José I e sendo deposto de todos os cargos o omnipotente ministro, Gonçalo Chrystovam respirou e tornou a ver o mundo, compungindo e assombrando a todos como se fôra um espectro saido da campa, ou se tivesse ressuscitado, pois todos o julgavam morto e até os parentes já haviam distribuido entre si os seus muitos bens; mas, logo que o reconheceram, sem letigio de prompto lh'os entregaram.

—

Bem quizeramos dar desenvolvimento a este interessantissimo topico, mesmo porque temos conhecimento de circumstancias que jazem ignoradas e que descobrimos na *Bibliotheca Municipal Portuense*; mas este artigo vae já tão longo que não podemos deixar de passar adiante. Veja-se entretanto na Bibliotheca Portuense o *Codice* n.º 658, que se intitula:

Vida tragica e relação maviosa dos trabalhos e perseguições que soffreu Fr. Manuel da Rainha dos Anjos Penajoia desde Portugal até á Turquia, escripta por elle proprio.

Este codice é tão interessante que foi copiado pelo proprio punho do bispo D. João de Magalhães e Avelar.

N'elle o padre Penajoia, meu patricio, natural da povoação do Moledo, freguezia da Penajoia, dr. de capello, homem muito illustrado, qualificador do Santo Officio e ascendente do sr. dr. João Cardoso Ferraz de Miranda, hoje official maior na secretaria do reino, descrevendo a perseguição que lhe moveu o marquez de Pombal, diz que, tendo-se *milagrosamente* evadido de uma das prisões da Junqueira, [1] foi alta noite bater á porta de Gonçalo Chrystovam, então residente em Lisboa, que o recebeu e tractou bem, deu-lhe roupas e dinheiro e o mandou pôr na margem esquerda do Tejo, caminho de Hespanha, para onde fugiu o padre Penajoia,—de lá para Roma—e de Roma para a Turquia!...

Apenas o marquez soube que o padre Penajoia fôra recebido e protegido por Gonçalo Chrystovam, aproveitando o ensejo para vingar-se e desfazer-se d'elle, immediatamente o prendeu e á familia, conservando-o preso tanto tempo e com tal segredo que todos o julgavam morto!... [1]

Todo o *Codice* parece um romance. D'elle daremos um longo extracto no supplemento ao artigo *Penajoia*.

—

Nos antiquissimos tempos em que a povoação de *Constantim* foi cidade (alguem diz que se denominava *Constancia*) capital de Panoias, os Teixeiras Macedos, a quem depois se uniram os Coelhos, Monizes e Mellos, fundaram ali uma capella de Sant'Anna, a que vincularam muitos bens. Depois, passados seculos, quando D. Diniz fundou Villa Real, fundaram elles tambem n'esta villa e junto da egreja de S. Diniz, a capella de

---

[1] *Aliunde* pude saber que o *milagre* foi operado pela rainha D. Marianna Victoria, mulher de D. José!...

Assim o affirmava o meu professor de latim, Fr. Manuel Raymundo Pinto Coelho, tambem natural da mesma freguezia da Penajoia, religioso (egresso) franciscano, homem bastante illustrado, que falleceu em 1882, contando cerca de 80 annos de edade e que teve (dizia elle) perfeito conhecimento dos trabalhos que passou o pobre padre Penajoia.

[1] Consta que o marquez, tentando casar com uma irmã de Gonçalo Chrystovam, este se oppoz, dizendo que não podia tolerar-se um *carvalho* em um *jardim*.

Bem caro pagou o *calembourg*!...

Tambem consta que entre a familia de Gonçalo Chrystovam e a do marquez de Pombal houve rija e prolongada demanda por causa de certo vinculo que foi do marquez de Montalvão. Achando-se Gonçalo Chrystovam na posse do dicto vinculo, o marquez de Pombal obteve sentença em seu favor. G. Chrystovam proseguia com a demanda, quando se deu a occorrencia do padre Penajoia, occorrencia que o marquez aproveitou para desfazer-se do seu contendor.

Metteu-o nas prisões da Junqueira e a um primo, João Bernardo; prendeu tambem duas irmãs de G. Chrystovam e as degradou para o Alemtejo, onde falleceram; prendeu tambem outra senhora que estava em casa de G. Chrystovam na fatal noute e a metteu no Limoeiro, onde esteve encarcerada até morrer D. José, ou cerca de 18 annos; prendeu finalmente tambem um padre loyo, que na mesma noute se achava na casa de G. Chrystovam, e o metteu tambem no Limoeiro, onde falleceu.

Quando G. Chrystovam foi preso, tinha o casamento tractado com sua prima, D. Francisca de Noronha Manoel Portugal. Ella, julgando-o, como todos o julgaram, fallecido, vestiu-se de roxo, disposta a morrer solteira. Resurgindo elle, casaram então e tiveram um unico filho, tambem de nome Gonçalo, herdeiro e successor.

O pae falleceu dois annos depois de sair do carcere, e foi sepultado, bem como o filho, na sua capella de S. Braz.

S. Braz, com missa quotidiana resada e a dos sabbados cantada, tudo em suffragio dos seus maiores, pois a dicta capella foi destinada para jazigo da familia.

Fundaram tambem por essa occasião no arrabalde, ao fundo do Campo do Tabolado e junto da estrada publica, uma albergaria ou hospital com outra capella da invocação ds Espirito Santo, e vincularam estas duas capellas em morgado, como a de Sant'Anna de Constantim, unindo-lhes todos os seus bens.

—

Não sabemos precisamente a data da instituição d'este grande vinculo; mas sabemos que D. Affonso V o confirmou por carta de 2 de dezembro de 1472, sendo administrador d'elle João Teixeira de Macedo, F. C. R. do concelho de el-rei e contador das suas rendas n'esta provincia de Traz-os-Montes.

Na dicta carta se diz que estando elle João Teixeira de Macedo possuindo o dicto morgado com as 3 capellas sem outro titulo além da opinião antiga de posse immemorial em seus ascendentes, el-rei o perpetuava na familia d'elle com todos os bens, casaes, quintas, casas, vinhas, herdades, rendas, pensões, etc., como o haviam possuido seus paes, avôs e mais ascendentes.

Em 1720 era administrador d'este grande vinculo Bernardo José Teixeira de Mello Pinto, moço fidalgo da C. R. senhor da Villa da Teixeira, da casa de Cergude em Felgueiras e das commendas de S. Salvador de Tellões e de S. João do Mosteiro de Vieira, sendo natural d'esta villa e n'ella morador.

—

A capella de S. Braz era o jasigo de tão nobre familia, como revelam os cinco mauzoleus que ainda hoje conserva, mettidos em arcos nas paredes com sepulturas levantadas, distinguindo-se entre todos um pela sua magnificencia.

É ornado por columnas triangulares com seus capiteis pyramidaes, frisos e folhas em relevo, tudo muito bem trabalhado em granito, e tem na parte superior—de um lado um brazão d'armas em quarteis:—no 1.º a cruz de Christo vazia; no 2.º 5 flores de liz, —e assim os contrarios. Do lado opposto:—um elmo com plumagens em alto relevvo,—e no cavalete a inscripcção seguinte, erm lettra gothica:

AQUI JAZ JOÃO TEIXEIRA DE
MACEDO, DO CONSELHO D'EL-REI;
O QUAL, ENTRE OUTROS MUITOS AS--
SIGNALADOS SERVIÇOS QUE
FEZ, TOMOU VILVESTRE POR
COMBATE E O SOSTEVE TRES
ANNOS, ESTANDO MUITO TEM-
PO CERCADO, PELEJANDO MUI-
TAS VEZES, GANHANDO MUITA
HONRA E GRANDE MEMORIA
FALLECEU AOS 6 DIAS DE JULHO
DE 506 ANNOS.

Das 5 mencionadas sepulturas está outra da parte do evangelho, tendo esculpiida na tampa uma espada com duas meias luaas. Diz a *Monarchia Luzitana* que esta sepulttura é de Lourenço Viegas, o *Espadeiro*, fillho de Egas Moniz, um dos ascendentes d'estta nobre familia, e que o dicto Lourenço Wiegas foi para aqui transportado de Evora,, onde falleceu, por occasião de uma cavalgatda.

—

No pavimento da dicta capella se vêê tambem uma sepultura rasa com as mesmias armas do grande mauzoleu e uma inscripção que diz:

SEPULTURA DE ASCANIO
TEIXEIRA D'AZEVEDO E DE
SUA MULHER D. GUIOMAR
E HERDEIROS.

Em 1720 se enterrou n'esta sepulturra Antonio Teixeira Lobo de Barbosa, morgaado de Villarinho de S. Romão, terceiro neto do dicto Ascanio, ao qual se concedeu sepiultura na dicta capella, por ser filho de João Teixeira d'Azevedo, morgado de S. Braz..[1]

---

[1] Na dicta sepultura jazem Gonçalo Christovam, o martyr das prisões da Junqueira, —seu filho unico, Gonçalo Chrystovam tambem,—e seu neto e successor, José Antonio Teixeira Coelho, pae da actual successsora e bisneta, a ex.ma sr.a D. Maria da Graça Teixeira Coelho, casada com seu primo José Xavier Teixeira de Barros, do qual tem seis filhos e duas filhas, todos ainda solteiros.

É pois a dicta capella uma das mais antigas e das mais notaveis da provincia e está hoje collada e unida á egreja de S. Diniz, porque não ousaram demolil-a *nem removel-a*, quando nos fins do seculo XV foi restaurada e ampliada a egreja, prolongando-se até á dicta capella, ainda hoje possuida e representada pela ex.ma sr.a D. Maria da Graça Teixeira Coelho,—bisneta de Gonçalo Christovam, o martyr das prisões da Junqueira, casada e com successão.

Capella do Espirito Santo [1]

Esta antiquissima capella, fundada tambem pelos ascendentes de Gonçalo Christovam, bem como o hospital e albergaria do mesmo nome, foi removida, ha annos, para o campo do *Pioledo*, onde não mais se abriu ao culto e serve actualmente de paiol do regimento d'infanteria n.º 13, aqui estacionado.

Denominou-se tambem *Capella do Bom Jesus do Hospital*, pela occorrencia seguinte: [2]

Havendo na egreja de S. Diniz uma imagem antiquissima de Christo Crucificado, esculptura bastante grosseira e já carcomida pelo tempo, em acto de visita se mandou enterrar; mas, constando por tradição que ella fôra dada pela rainha Santa Isabel, o rev. Alvaro Corrêa Barbosa, pertencente á principal nobreza d'esta villa, homem piedoso e amador de bellas artes, como alguns dos seus maiores, levou a imagem para sua casa, restaurou-a e depois a collocou na dicta capella, para onde a conduziu em solemne procissão á sua custa, no dia 10 de maio do anno de 1644, e á sua custa lhe fez pomposa festa, sendo elle proprio o celebrante.

Levantada a gloria da missa, entrou na capella uma pobre mulher da freguezia do Outeiro Secco, no concelho de Chaves, com o rosto collado aos joelhos, por ser aleijada de nascimento. A custo pôde approximar-se do celebrante e, chamando com viva fé pelo Senhor Jesus, os ossos se lhe desconjunctaram e ficou illesa e sã, com assombro do grande concurso de fieis que presencearam tão estranho facto, pelo que o povo poz ao celebrante a alcunha de *Clerigo do Milagre* e por ella foi conhecido até morrer.

A pobre restabelecida não mais deixou a capella e o hospital e lhes agenciou muitas esmolas;—e em commemoração d'aquelle milagre, que foi seguido d'outros, se fez d'ali em diante festa pomposa á dicta imagem todos os annos no dia 10 de maio, sendo feita durante mais de 30 annos consecutivos pelo commendador das Tres Minas, D. Gregorio Castello Branco, até 1719, data em que falleceu.

Tão querida se tornou a dicta imagem que a capella tomou a invocação de *Bom Jesus do Hospital;* e, quando foi demolida e removida para o *Pioledo*, as imagens e alfaias ficaram em poder do dono d'ella, o sr. José Xavier, casado com a bisneta de Gonçalo Christovam.

S. ex.a ainda hoje conserva na sua casa de Villa Real a dicta imagem do *Bom Jesus* que, apesar da restauração, é uma esculptura bastante imperfeita.

Capella de Nossa Senhora da Piedade

Entre as duas torres que defendiam a porta principal da *villa velha*, fizeram a sua morada e residiram os alcaides-móres até que se transferiram para o palacio que mandaram fazer na *villa nova*. Depois nas casas que elles deixaram *intra-muros* se fez uma capella dedicada a *Nossa Senhora da Piedade* e que deu o nome á rua que das dictas portas conduz á villa nova.

Com o tempo a dicta capella tomou a invocação de *Senhora do Desterro* e no anno de 1694 se restaurou desde os fundamentos até o alto das duas torres, ficando a meio d'ellas, em grande altura. Depois se fez um arco e uma elegante escadaria dupla com

---

Ascanio Teixeira, supra é tambem um dos ascendentes dos actuaes viscondes de Villarinho de S. Romão.

V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 267, col. 2.ª—e *Villarinho de S. Romão.*

[1] Era brasonada esta capella, bem como a de Santa Anna, em Constantim. A de S. Braz tem apenas brazões nos tumulos interiores.

[2] *Antiguidades de Villa Real*, fl. 83, *mihi.*

lacetes e pateos, balaustrada e pyramides, terminando tudo em uma grande casa com vistosa varanda de pedra e grades de ferro, formando o corpo do templo, que tinha arco cruzeiro e capella-mór, tecto de madeira apainelado e boas pinturas a oleo, ficando a sacristia em uma das torres. [1]

Todas estas obras de pedraria se fizeram com a esmola de quatrocentos mil réis que para esse fim mandou Bento Ferreira Lima, capitão-mór em Benguella e filho de Villa Real.

Tambem o mesmo piedoso villa-realense mandou *muitas pedras preciosas* que se engastaram nas corôas da Senhora e do Menino que tinha nos braços,—além d'outras peças e alfaias de grande valor que deu para a dicta capella, para a egreja de S. Pedro e para a do convento de S. Francisco.

Tudo isto constava de uma inscripção que se gravou em lettras d'ouro de um lado do novo arco, ficando em correspondencia do outro lado a antiga inscripção que el-rei D. João IV mandou gravar nas portas das villas e cidades do reino, quando o dedicou á Immaculada Conceição de Maria.

Na dicta capella se fundou em 1683 uma irmandade do Espirito Santo com estatutos approvados pelo arcebispo D. Luiz de Sousa, a qual não só festejava com grande pompa e *trezena* o seu padroeiro, mas velava pela capella e a conservava com todo o aceio, pelo que a dicta capella tomou ultimamente o nome de *Capella do Espirito Santo.*

Tudo se sumiu e desappareceu ha muito!...

—

Tambem houve na *villa velha* e junto da porta travessa da egreja de S. Diniz, uma capella de S. Roque, muito antiga. Teve irmandade propria, formada pelos ministros, advogados e officiaes da justiça e estatutos feitos em 1718, por se haverem perdido os primeiros.

N'esta capella instituiu um vincullo João Teixeira d'Araujo, por testamento de 1639 e codicilio de 1640; mas depois, não tendo filhos, metteu-se frade no convento da villa da Castanheira e chamou para administrador do dicto vinculo e primeiro morgado, seu irmão Fernando de Magalhães e Mesquita.

Mais tarde, não sabemos quando, foi demollida a capella, e a imagem de S. Roque transferida para um dos altares lateraes da egreja de S. Diniz, hoje cemiterio, [1] existiu um padrão levantado, que dizem ser contemporaneo da *villa velha*, encimado por uma cabeça humana, olhando para o norte,—um escudo com as armas reaes—e a legenda *Real Villa.*

No passeio exterior da villa velha, do lado do Corgo ou leste, ha hoje uma capellinha com a invocação de *Santo Antonio Esquecido*, feita muito recentemente.

Tambem houve *intra-muros* uma cisterna mandada fazer por D. Diniz. Mas deixemos a *villa velha* com os seus muros dessmantelados e *virgens*, pois nunca foram sitiados nem assaltados em tempo de guerra, e passemos adiante.

Senhores, ou donatarios e titulares d'esta villa

Dizem as *Antiguidades de Villa Real* que D. Diniz, quando fundou esta villa, lhe concedera, entre outros muitos, o privilegio de ser sempre da corôa; mas, se tal prometteu,

---

[1] Nada, absolutamente nada hoje existe nem da porta, nem do arco, nem da capella, nem da escadaria, nem das torres! Tudo foi demolido em 1873, tendo sido tudo respeitado pelo general Silveira, quando em 1816 demoliu os muros da villa velha para fazer o seu palacio.

[1] Foi principiado em 1841 e acabado em 1845, por iniciativa do governador civil José Teixeira Cabral, a expensas da camara e das irmandades da villa.

Por occasião do desaterro se encontraram muitas sepulturas antigas, pois n'aquelle mesmo chão se fizeram os enterramentos outr'ora—e ultimamente se faziam nas egrejas e claustros dos conventos e nas capellas publicas e particulares da villa.

É um cemiterio luxuoso. Tem um bello portão e bom gradeamento de ferro; mas, por ser pequeno e estar em contacto com a villa, tentam removel-o para o monte ao norte da capella do Calvario.

mal cumpriu, pois teve ella varios senhores ou donatarios. Occorrem-nos os seguintes:

1.º—El-Rei D. Diniz, seu fundador.

2.º—A rainha Santa Isabel, a quem seu esposo, D. Diniz, a deu, com outras muitas villas.

3.º—A rainha D. Brites, mulher de D. Affonso IV, o *bravo*.

4.º—A rainha D. Leonor Telles de Menezes, por mercê d'el-rei D. Fernando.

Esta rainha adultera foi a vergonha e ruina de Portugal!

Ambiciosa e astuta, dominou completamente o fraco e tonto D. Fernando;—fez-se senhora de muitas praças e villas, nas quaes collocou os seus parentes e apaniguados;—depois tornou-se despota;—mandou matar muitas pessoas—finalmente, por morte de D. Fernando, quiz entregar-nos aos hespanhoes e deu causa á guerra da successão.

Chamou de Castella seu genro D. João I e o fez acclamar rei de Portugal com todas as villas e praças de que ella tinha o senhorio, expondo-as, como expoz esta de *Villa Real*, ao labeu de *traidoras e falsas á corôa*; vendo-se, porém, desconsiderada pelo genro, conspirou-se contra elle e tentou mandal-o matar em Coimbra, pelo que elle a prendeu, despojou-a de todas as suas riquezas e a metteu no convento de Tordesilhas, onde soffreu privações e desconsiderações de toda a ordem até que Deus a chamou a contas.[1]

—

5.º—João Rodrigues Porto Carreiro.

Este poderoso fidalgo, tambem senhor da Villa d'Anciães, nas guerras da successão tomou armas por Castella,—invadiu esta provincia—e accommetteu Anciães, mas foi derrotado pelos ancianenses commandados por Vasco Rodrigues de S. Payo (ascendente dos condes de S. Payo) a quem o nosso rei D. João I, por este feito d'armas, deu todos os senhorios de João Rodrigues Porto Carreiro, menos o de Villa Real, que passou para a filha do traidor, talvez quando casou com D. João Affonso Telles de Menezes.

Suppomos que o procedimento de João Rodrigues Porto Carreiro deu tambem causa para ser Villa Real taxada de *traidora e falsa á corôa*, segundo se lê nas *Memorias de villa d'Anciães*.

6.º—D. Maior Villa Lobos Porto Carreiro, filha de João Rodrigues Porto Carreiro.

Casou com D. João Affonso Telles de Menezes, 1.º conde de Vianna, que serviu valorosamente nas guerras contra Castella, em tempo de D. Fernando e D. João I.

Era filho d'outro D. João Affonso Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e 1.º conde de Barcellos, o qual casou em primeiras nupcias com D. Maria Coronel, filha de D. Pedro Coronel, rico-homem de Aragão, e depois com D. Guiomar, filha de Lopo Fernandes Pacheco.

Este ultimo D. João Affonso Telles de Menezes, era irmão de Martim Affonso Telles de Menezes, rico homem casado com D. Aldonsa de Vasconcellos (filha de Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor de Vasconcellos) paes da celebre rainha D. Leonor Telles de Menezes e da infeliz D. Maria Telles, que foi casada em segundas nupcias com o infante D. João e por elle assassinada por intrigas da propria irmã D. Leonor!...

V. *Coimbra*, vol. 2.º pag. 322.

7.º—D. Pedro de Menezes, filho de D. Maior e de D. João Affonso Telles de Menezes, 1.º conde de Vianna.

Foi D. Pedro de Menezes 2.º conde de Vianna, 1.º conde de Villa Real e 1.º capitão governador e donatario de Ceuta, onde falleceu em 1437, almirante de Portugal, alferes-mór d'el-rei D. Duarte e um dos mais valorosos capitães do seu tempo[1].

Conquistada aos mouros a praça de Ceuta em 1415 por D. João I, cuidou logo el-rei de prover á defesa e conservação d'ella; quando porém tractava da nomeação do governador todos se escusavam, prevendo que o imperador de Marrocos em breve cairia sobre ella com todo o seu poder.

A difficuldade, ou antes impossibilidade de conservar Ceuta, era obvia a todos.

---

[1] *Europa Portugueza*, tomo 2.º pag. 249.

[1] V. *Memorias Hist. e Geneal. dos Grandes de Portugal*, pag. 709,—e a *Historia Gen. da Casa Real*, tomo 5.º pag. 460 e 461.

Veja-se tambem n'este vol. 10.º a pag. 389.

Foi n'estas circumstancias que D. Pedro de Menezes com temerario arrojo se offereceu para governador da praça.

Chamou-o el-rei á sua presença e, como andasse jogando a *choca* [1] com outros fidalgos da côrte, quando recebeu o recado d'el-rei, foi prestes, levando na mão o *alleo* ou o pau, com que estava jogando;—e, perguntando-lhe el-rei se era certo o que acabavam de dizer-lhe, respondeu:—*Com este alleo que me vedes na mão defenderei a praça da mourisma toda!*

Nomeou-o logo el-rei governador da dicta praça e elle a defendeu heroicamente durante vinte e dois annos de luctas continuas.

Immortalisou-se e ao seu *alleo*, que por determinação regia foi guardado cuidadosamente e com elle, em vez de bastão, se de sempre posse aos governadores de Ceuta. Villa Real tomou por brazão d'armas um espada e uma corôa de louro, tendo a mei a lettra *alleo*.

O primeiro brasão d'esta villa era (se gundo se suppõe) um braço d'homem, ves tido d'azul, em campo vermelho, empunhan do uma espada. Assim se encontra a desenha da na Torre do Tombo [1].

A proposito: No palacio que os sucesso res de D. Pedro de Menezes, condes, mar quezes e duques de Villa Real, fizizeram n cidade de Leiria, da qual foram tambem a caides-móres, gravaram e lá se vê ainda so bre uma janella um escudo com a a dicta le tra *alleo*; certo escriptor porem teve a ing nuidade de dizer que na sua opinião sign ficava *castello!?...* [2]

—

Casou D. Pedro 4 vezes:—a 1.ª com D. Margarida de Miranda, filha do arcebispo d Braga D. Martinho de Miranda, da qual tev D. Brites, herdeira e successora;—2.ª co D. Philippa Coutinho, filha do marech Gonçalo Vasques Coutinho;—3.ª com D. Br tes, filha de Fernando Martins Coutinho;— 4.ª com D. Genebra Pereira, filha a do alm rante-mór Carlos Pessanha, da qual teve D. Leonor de Menezes, primeira esposa do du que de Bragança D. Fernando, o *dalas perna gordas*, que foi justiçado em Evora por o dem de D. João II.

—

8.º—D. Brites, filha do 1.º matrimonio d D. Pedro de Menezes e 2.ª condessa de Vil Real.

Casou com D. Fernando de Nororonha, filho bastardo de D. Affonso de Noronh conde de Gijon (filho bastardo do rei d Castella D. Henrique II) e de sua mulher

---

[1] Jogo então muito em voga. Ainda se usava nos meus tempos de estudante e creio que ainda hoje se usa em Traz-os Montes e na Beira. Eu o joguei muitas vezes na minha Penajoia, quando estudava o latim.

Reunidos quatro ou mais moços, em um largo qualquer, armados cada um com seu varapau, formavamos uma especie de circulo, marcado em toda a sua circumferencia por pequenas covas, onde firmavamos as pontas dos paus. No meio do circulo faziamos outra cova e o jogo consistia em metter na dicta cova uma pedra ou ponta de carneiro. N'isto se empenhava um dos moços com o seu pau—e todos os outros se empenhavam em obstar a que o conseguisse. Elle ia cobrindo e defendendo com o seu pau a pedra ou a ponta do carneiro e todos os outros davam pancada de criar bicho na pedra ou na ponta do carneiro,—sem que perdessem a cova em que deviam ter as pontas dos seus paus, pois no momento em que o moço que defendia a pedra podesse antecipar-se a occupar com a ponta do seu pau alguma das covas da circumferencia, ficava livre do fadario e era substituido pelo moço que perdia o logar.

Demandava pois o tal joguinho da *choca* certa força e destresa e não era dos mais *innocentes*, pois por vezes nos magoavamos.

Ainda na povoação onde eu nasci (*Curvaceira* da Penajoia) vive um homem, Jeronymo Corrêa da Fonseca, pertencente a uma das familias mais abastadas da localidade, que foi um moço valente, de *pelle diabi*,—e no tal jogo da *choca* apanhou em certo dia uma paulada que lhe derrubou tres dentes com parte da maxilla superior!...

[1] *Cidades e Villas*... do meu bom amigo e mestre, o sr. Ignacio de Vilhena a Barbosa tomo 2.º pag. 167.

[2] É hoje o dicto palacio da familia Zaquete e, ha annos, estando nós em Leiria, appareceu no correio uma carta com o seguinte *adresse*: «á sr.ª Maria Antonia, casa do sr. *Jupiter*.» Dizia o carteiro sorrido: *temos um planeta em Leiria!*.....

Isabel de Portugal, tambem filha bastarda do nosso rei D. Fernando I.

D. Fernando de Noronha foi 2.º conde de Villa Real, 2.º capitão donatario de Ceuta, camareiro d'el-rei D. Duarte e varão de grandes feitos.

9.º—D. Pedro de Menezes, filho de D. Fernando e de D. Brites.

Foi 3.º conde e 1.º marquez de Villa Real, 3.º capitão donatario de Ceuta, conde de Ourem, senhor d'Almeida, Freixiel, Abreiro e das ilhas Canarias, das villas de Chão de Couce, Aguda, Pousa Flores, Roupella, Avellar, Soverosa, Maçãs, Mouta Bella, casaes da Ameixoeira, das Hortas de Lisboa, da herdade de Requeixada, no Alemtejo, da quinta de Lançada, dos direitos reaes de Tavira, da dizima do pescado de Silves, da jurisdicção de Valença e do castello de Vianna, das terras de Valladares, que comprou a Leonel d'Abreu, etc.

Tambem foi alcaide-mór de Leiria e terror dos mouros desde a edade de 20 annos. Acompanhou D. Affonso V na jornada de Castella e se achou no recontro de Samora. Tantos serviços prestou que D. João II tomou lucto por elle alguns dias e o pranteou vivamente.

Casou com D. Brites, filha de D. Fernando, 2.º duque de Bragança, e tiveram:

10.º—D. Fernando de Menezes, 4.º capitão donatario de Ceuta, onde serviu com a maior distincção, 4.º conde e 2.º marquez de Villa Real, 1.º conde e senhor d'Alcoutim, de juro e herdade para todos os primogenitos da sua casa, por mercê d'el-rei D. Manuel com data de 13 de junho de 1497, 1.º conde de Valença, etc.

Casou com D. Maria (ou D. Catharina) Freire d'Andrade, filha de João Freire d'Andrade, senhor d'Alcoutim, aposentador-mór da casa real, e de D. Leonor da Silva, filha de Pedro Gonçalves Malafaia, vedor da fazenda d'el-rei D. João I; neta de João Freire de Andrade, senhor de Bobadella, Travanca e Covas, e de D. Catharina de Sousa, filha de Martim Affonso de Sousa, senhor de Mortagua;—bisneta de Gomes Freire de Andrade, senhor de Bobadella, e de D. Leonor Pereira (dama da rainha D. Filippa) filha d'Alvaro Pereira, marechal de Portugal e senhor da Terra da Feira.

D. Fernando de Menezes foi feito conde de Villa Real em 11 d'outubro de 1496, vivendo ainda seu pae, que ao tempo já era marquez do mesmo titulo;—em 13 de junho de 1497 foi feito conde d'Alcoutim, cujo senhorio lhe adveiu por sua mulher,—e em 1 de setembro de 1499 foi feito conde de Valença com o senhorio d'esta villa, da de Caminha e das terras de Valladares, etc. Não foi, como seu pae, conde d'Ourem, porque D. Manuel restituiu este condado á casa de Bragança, em 1496, mas foi fronteiro-mór do Algarve,

Falleceu em 1523, carregado de serviços e de honras, estando em Almeirim.

11.º—D. Pedro de Menezes, 3.º marquez de Villa Real, 2.º conde d'Alcoutim e de Valença, 5.º capitão donatario de Ceuta, senhor d'Almeida e de toda a grande casa de seus paes.

Casou com sua prima, D. Brites de Lara, filha de D. Affonso de Portugal, condestavel do reino e filho bastardo do duque D. Diogo, irmão d'el-rei D. Manuel.

Foi um dos mais insignes e valorosos capitães do seu tempo e grande latinista em prosa e verso.—Tiveram:

12.º—D. Miguel de Menezes, 3.º conde de Alcoutim e de Valença, 4.º marquez de Villa Real, senhor de toda a grande casa de seus paes e alcaide-mór de Leiria.

Casou com D. Filippa de Lencastre, filha de D. Affonso de Lencastre, mas não tiveram filhos e por isso lhe succedeu seu irmão.

13.º—D. Manuel de Menezes, 4.º conde de Alcoutim e de Valença, 5.º marquez de Villa Real e 1.º duque d'este mesmo titulo, por mercê de Filippe II de Hespanha e I de Portugal, com data do ultimo de fevereiro de 1585.

Casou com D. Maria da Silva, filha d'Alvaro Coutinho, e tiveram:

14.º—D. Miguel de Menezes, 6.º marquez de Villa Real, 5.º conde de Alcoutim e 1.º duque de Caminha, por mercê de Filippe II de Portugal e III de Hespanha, com data de 14 de dezembro de 1620. [1]

---

[1] As *Memorias Hist. e Geneal. dos Grandes*

Casou com D. Isabel de Lencastre, filha de D. Theodosio, duque de Bragança e de sua mulher D. Isabel de Lencastre.

Não tiveram geração.

Casou segunda vez com sua sobrinha D. Brites, da qual tambem não teve filhos e por isso lhe succedeu seu irmão; teve porém de D. Maria Xuar, em Ceuta, uma filha a quem deixou os bens livres e tentou deixar toda a sua grande casa.

15.º—D. Luiz de Menezes, 7.º marquez de Villa Real e irmão do antecedente.

Casou com D. Juliana de Menezes, filha de D. Luiz de Menezes, conde de Tarouca, e tiveram:

16.º—D. Miguel de Noronha e Menezes, 2.º duque de Caminha, por mercê d'el-rei D. João IV, com data de 14 de maio de 1641.

Casou com sua sobrinha D. Maria de Noronha, filha dos condes de Faro, mas não tiveram geração.

Tanto o pae, D. Luiz de Menezes, como o filho, D. Miguel de Menezes, foram justiçados e degolados em Lisboa, no diá 29 de agosto de 1641, pelo crime de traição para com D. João IV, que, alem da vida, lhes tirou todos os bens e com elles fundou a *casa do infantado*, que depois deu a seu filho o infante D. Pedro, mais tarde rei, D. Pedro II. [1]

Assim se extinguiu a nobilissima e riquissima casa dos condes, marquezes e duques de Villa Real, condes d'Alcoutim e de Valença, duques de Caminha, alcaides-móres de Leiria, etc.

D. Pedro IV extinguiu a *casa do infantado* por decreto de 18 de março de 1834.

O tragico fim da nobre familia Menezes bem merece mais algumas linhas.

A conjuração e suas consequencias

Em seguida á feliz acclamação d'el-rei D. João IV, no 1.º de dezembro de 1640, romperam-se as hostilidades com a Hespanha.

Era geral nos portuguezes a aversão aos castelhanos, porque ainda sangravam as feridas do ominoso jugo filippino; maas alguns mais timoratos, vendo os pequenos meios de defesa de que dispunhamos, considderavam impossivel resistir ás forças de Castella.

Uns levados pelos favores e mercês que deviam aos tres Filippes,—outros receosos de perder seus logares e fazendas,—outros desanimados com a perspectiva de tão medonha lucta,—outros seduzidos peldo ouro e pelas fallases promessas de Filippee III, inclinavam-se para o partido da Hespaanha, por ser na apparencia o mais forte, e tentaram uma contra-revolução em favor d'ella, pospondo ao vil interesse o amor da paatria.

Foi chefe da conjuração o arcebbispo de Braga, D. Sebastião de Mattos e NNoronha que pôde chamar ao seu partido o marquez de Villa Real, D. Luiz de Menezes, *inferior no animo e na capacidade á jerarchhia elevada em que nascêra*, [1]—Ruy de Mattoos de Noronha, conde d'Armamar e sobrinhho do arcebispo,—Belchior Corrêa da Françça, Diogo de Brito Nabo,—Pedro de Baeça, thhezoureiro da alfandega, rico negociante da praça de Lisboa e capitalista,—D. Franciscoo de Castro, inquizidor geral,—o conde de Valle de Reis, D. Nuno de Mendonça, Lourennço Pires de Carvalho, D. Antonio de Athaydde, conde da Castanheira, Gonçalo Pires de Carvalho, Antonio de Mendonça, commissarioo da bulla da cruzada, Fr. Luiz de Mello, bisispo eleito de Malaca, Paulo de Carvalho, verreador da camara de Lisboa, seu irmão Sebbastião de Carvalho, desembargador da suppplicação, Luiz d'Abreu de Freitas, escrivão dda camara d'el-rei, Jorge Fernandes, d'Elvas, Diogo Rodrigo, Jorge Gomes Alamo e seu fililho, e Simão de Sousa Serrão, todos tres negociantes de grosso tracto, Chrystovam Copgominho guarda-mór da torre do Tombo, Mananuel Valente, escrivão da Tavola de Setubbal, Antonio Corrêa, official maior da secretaria de estado, D. Francisco de Faria, bispoo de Ma

---

de Portugal dizem a pag. 704 que o mesmo Filippe II, quando creou o ducado de Caminha extinguiu o de Villa Real.

[1] Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Caminha*.

[1] *Hist. de Portugal*, de Rebello da Silva tomo 4.º pag. 391.

O arcebispo promettera-lhe o aalto posto de vice-rei de Portugal!...

tyria, D. Agostinho Manuel e outros muitos.

O marquez de Villa Real, que então residia em Lisboa, revelou tudo ao filho D. Miguel de Noronha, duque de Caminha, ainda moço, mas muito mais sensato do que o pae, convidando-o a entrar na conjuração. «Oppoz-se, afeiando a nodoa da deslealdade e exclamando com nobre ardor, que mais valia morrer pela patria e com a patria, do que sobreviver-lhe deshonrado em novo captiveiro. Mas a rasão, infelizmente, era n'elle mais forte do que a vontade, porque o respeito filial lhe atou as mãos, e por fim emmudeceu todas as repugnancias.» [1]

—

O plano dos conjurados era, segundo se suppõe, lançar fogo ao paço por quatro partes a um tempo; — no meio do ruido e da perturbação do incendio prender ou assassinar el-rei, apoderarem-se da rainha,—e proclamarem Filippe IV.

Tambem parece que o dia 5 d'agosto de 1641 fôra o aprasado para a execução; descoberto porém tudo por imprudencias do arcebispo e do Baeça, foram no dia 28 de julho presos não só os dois, mas todos os conjurados, cujos nomes ficam supra.

O infortunio quebrou-lhes a altivez e muitos, entre elles o inquisidor mór e o arcebispo, escreveram a el-rei confessando os seus crimes, expondo-lhes as causas que os determinaram a ádherir á conjuração e pedindo que lhes perdoasse.

O duque de Caminha, o menos culpado, foi tambem o mais modesto. Arrastado pela auctoridade paterna contra o que a rasão e o peito lhe pediam, não procurou encobrir nem desculpar o seu crime e implorou sómente a magnanimidade d'el-rei.

O Baeça negou tudo, mesmo depois de posto a tractos; mas, vendo segunda vez diante de si o potro, succumbiu,—confessou tudo—e terminou offerecendo pela vida trinta mil cruzados dos bens de sua mulher, sénhora de grande fortuna.

—

Activou-se o processo e no dia 26 d'agosto se juntaram na relação os desembargadores para o julgamento. Prolongou-se largas horas a conferencia do tribunal, que votou pela sentença de morte contra o marquez, contra o duque de Caminha e contra o conde de Armamar.

Um só dos juizes votou em favor do pobre duque, dizendo que obrigar os filhos e os paes a delatarem-se nos casos de conspiração era ir de encontro a todas as leis da naturesa e a todos os vinculos moraes; mas foi vencido.

Na tarde do mesmo dia os desembargadores condemnaram tambem D. Agostinho Manoel á pena de decapitação e Pedro Baeça a ser arrastado, enforcado e esquartejado, assim como Belchior Correia França, Diogo de Brito Nabo e Manoel Valente. Christovam Cogominho e Manoel Corrêa foram os ultimos que subiram ao patibulo.

Intimaram-se aos presos as sentenças no dia 27. Entretanto a duqueza de Caminha, não podendo conformar-se com tão cruel golpe, requereu audiencia a D. João IV. Annuiu o principe. Apresentou-se-lhe a desconsolada senhora, joven e formosa, coberta de luto e lavada em pranto;—lançou-se de joelhos aos pés do rei e da rainha com a condessa de Faro, sua mãe;—escutaram-na ambos commovidos, e se não lhe prometteram o que supplicava, deixaram-a sair com alguma esperança; mas nem a indole de D. João IV, pouco benigna e generosa, nem a rasão de estado consentiram que entre a justiça e o cadafalso elle interpozesse a clemencia. [1]

—

Francisco de Lucena, o primeiro ministro, sendo consultado por el-rei, optou pelo rigor como necessidade fatal e indeclinavel; —e a rainha D. Luiza de Gusmão, mais severa ainda, disse que a corôa, a vida d'el-rei e a sorte da dynastia dependiam da firmeza do soberano n'este lance.

O velho e venerando arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, desejando valer ao

[1] Rebello da Silva, tomo 4.º, pag. 392.

[1] Alguem lembra que tambem actuaria no animo d'el-rei a cobiça da grande fortuna do duque.

pobre duque, foi implorar em favor d'elle a clemencia da rainha; mas ella, firme no seu proposito, respondeu:—«que a maior mercê que podia fazer-lhe pelo muito que o respeitava, era guardar-lhe segredo de tal supplica.» [1]

No dia 28 de agosto o marquez de Villa Real, o duque de Caminha, o conde d'Armamar e D. Agostinho Manoel foram mudados das suas prisões para umas casas do Rocio e postos em quartos separados, sem noticia uns dos outros. As longas horas d'agonia que mediaram até o romper da aurora empregaram-nas em colloquios e orações com os confessores e acabaram de lhes exhaurir as forças.

Durante a noute os operarios ergueram um tablado, communicando por estreito passadiço com uma das janellas da casa onde jaziam os presos. Viam-se n'elle quatro cadeiras em cima de estrados, subindo a do duque tres degraus, a do marquez dois e a do conde d'Armamar um.

A cadeira de D. Agostinho Manoel assentava no pavimento.

—

Ao romper da manhã de 29 d'agosto rompeu o tetrico espectaculo pela marcha d'um terço de infanteria, que veiu guarnecer a praça.

A' uma da tarde appareceu o marquez de Villa Real no passadiço, acompanhado dos corregedores do crime e das justiças da côrte, dos irmãos da misericordia e d'alguns creados. Vestia capuz escuro, trazia as mãos juntas e os pollegares atados com fitas pretas. Diante d'elle o porteiro lançava o pregão do crime.

Pallido, mas não sossobrado, antes de chegar á cadeira ajoelhou por tres vezes ao crucifixo alçado nas mãos do capellão da misericordia, escutando as exhortações de quatro religiosos que o rodeavam.

A vista do algoz não o fez tremer e, encarando o patibulo sem desmaio, despediu-se com serenidade da vida e dos que o cercavam.

Depois de já ligado á cadeira, mandou por humildade pedir perdão ao povo que enxameava apinhado no Rocio.

Brados unisonos de morte responderam á supplica!...

O paciente suspirou, mas não se perturbou.

De repente fez-se um gelido silencio em toda a praça,—o cutello relampejou nas mãos do algoz,—a cabeça rolou por terra—e um panno de dó escondeu o corpo.

—

Seguiu-se o duque.

Mais agitado de que o pae e mais digno de piedade pela juventude e menores culpas, a sua presença commoveu profundamente a todos!

Minutos depois veiu o conde de Armamar, resoluto, sem ostentação—e por ultimo D. Agostinho Manoel.

O algoz que fez as execuções conservou sempre a cara coberta e *nunca se soube quem era!* Quando levantou os pannos de luto e mostrou os quatro cadaveres ao publico, um clamor immenso reboou na praça saudando D. João IV.

O supplicio infamante e plebeu de Diogo de Brito Nabo, de Manoel Valente, de Pedro Baeça e de Belchior Corrêa da França, encerrou a tragedia d'este lugubre dia.

Assim acabou a casa de Villa Real, tão gloriosa pela sua ascendencia e nobres feitos e tão proxima, no sangue e na grandeza, da propria familia real.

O marquez contava cincoenta e dois annos, o duque vinte e sete e o conde d'Armamar vinte e quatro.

—

Quando o algoz executou a sentença, D. João IV, vestido de luto, saiu da sua camara e, fallando á nobreza reunida, justificou em sentidas palavras o terrivel dever que acabava de cumprir. Inclinaram-se todos, mesmo os que suffocavam nos olhos e no coração as lagrimas da amisade e do parentesco.

Na realidade foi mais a rasão de estado, do que a vontade do soberano, quem determinou o sacrificio.

---

[1] D. Francisco Manoel de Mello, *Tacito Portuguez*, liv. V, pag. 74 e seguintes.—Conde da Ericeira, *Portugal Restaurado*, tom. 1.º, liv. V, pag. 317 e seguintes.

Castigando assim os que ousavam levantar a mão contra a corôa recentemente cingida na sua fronte, o monarcha affirmou a sua confiança na legitimidade e no futuro da causa que defendia; e com este repto atrevido mostrou aos castelhanos que o encontrariam a elle e a todos os seus subditos no campo das armas.

Diz-se que Filippe IV exclamou espantado do arrojo da execução: — «Agora sim; agora é que o duque de Bragança se fez rei!»

—

A justiça correu prompta e para todos.

Os condes da Castanheira e de Valle de Reis, e Gonçalo Pires de Carvalho foram soltos;—Antonio de Mendonça volveu, passado tempo, ao exercicio do seu cargo;—o inquisidor geral esteve na torre de Belem até 1643, sendo n'essa data solto; o bispo de Martyria, passados annos, expirou no convento de S. Vicente;—por ultimo o arcebispo de Braga morreu na torre de S. Julião, arrependido e humilhado, mandando que o enterrassem em uma campa rasa no adro de qualquer egreja, para que não ficasse memoria do que fôra.

A Hespanha perdeu mais na tentativa do marquez de Villa Real, do que se désse uma batalha e saisse derrotada.

Avisados do perigo, os portuguezes rodearam o throno e mais se empenharam na defesa nacional. Por seu turno el-rei ganhava o applauso de naturaes e estrangeiros, provando que sabia e queria reinar.

Desde então a obediencia foi completa.

Concluiremos este topico dizendo que D. Maria de Noronha, viuva do infeliz duque de Caminha, passou a seguudas nupcias em Hespanha com D. Rodrigo Porto-Carrero, conde de Medelim, cujos descendentes se intitularam e intitulam aiada hoje *marquezes de Villa Real.*

Não se confundam os Menezes, condes, marquezes e duques de Villa Real extinctos, com os actuaes condes de Villa Real, donos do celebre *palacio de Matheus*, distante d'esta villa cerca de tres kilometros para leste, hoje representados pelo sr. conde D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, casado e com successão.

V. *Matheus* n'este diccionario e no supplemento.

A villa nova

Pelos motivos expostos supra, a *villa velha* ha muito que é uma simples recordação historica. Apesar dos grandes privilegios que aos habitantes *intra-muros* concedeu D. Fernando I e que D. Pedro II confirmou, já em 1720 contava apenas vinte e tantos fogos, e hoje não conta mais talvez.

Villa Real è ha muito a *villa nova* ou a grande população que se desenvolveu a N.—N. E.—e N. O.—da *villa velha* sobre a importante *estrada-rua* que a corta e lhe serve de eixo, recebendo a leste as estradas de Chaves e de Bragança, servidas por diligencias, e a de Freixo de Espada á Cinta por Foz Tua, S. Mamede, Alijó, Favaios, Villar de Maçada e Sabrosa, construida a macadam ainda apenas até Villar de Maçada;—e a oeste a importantissima estrada da Beira e de Lamego pelo Douro e pela Regoa,—bem como a do Porto e Minho por Amarante e Campeã, ou pela Regoa tambem.

Como o terreno era amplo, alegre e saudavel,—quazi plano na linha de leste a oeste,—abundante d'agua potavel e fertil,—aos lados d'aquella *estrada-rua* se fizeram outras ruas, largos, campos, praças, passeios, um jardim publico, tres conventos e um recolhimento, casa de roda para os engeitados, uma albergaria, um lyceu, casa de misericordia com esplendido hospital, muitas capellas, e varias egrejas, um azylo de infancia desvalida, paços do concelho, tribunal e bons edificios particulares, sendo mais de vinte brasonados!...

Logo daremos mais algum desenvolvimento a este topico.

Egreja e freguezia de S. Pedro

Augmentando a população da villa, já no seculo XV foi mister ampliar a egreja de S.

Diniz, como dissemos supra, e em 1528 se tornou necessario crear *extra-muros* outra parochia alem da de S. Diniz, que até áquella data comprehendia a villa toda.

A primeira matriz da nova erecta foi, segundo dizem os meus apontamentos, uma pequena capella de S. Nicolau, até que em 1528 se fez a matriz actual, ou a egreja de S. Pedro, que tomou esta invocação por ser principiada e em grande parte feita á custa do benemerito protonotario apostolico e abbade da freguezia de Mouçós, D. Pedro de Castro, cujo nome havemos de repetir muitas vezes, porque esta villa a ninguem deve tantos beneficios e tanta gratidão como ao benemerito protonotario.

Tem a dicta egreja oito altares, sendo um d'elles o de S. Miguel o Anjo, fundado pelo padre Pantaleão Correia Botelho, fallecido no Perú, o qual deixou ainda a esta egreja quatro contos de réis, com a obrigação de certas missas.

Pelos annos de 1711 o licenciado José Moutinho de Aguiar, sendo juiz d'esta egreja, a mandou restaurar com esmolas que pediu e com dinheiro seu. Não só a accrescentou, mas fez o elegante frontispicio e as duas torres que hoje tem.

—

Quando se desmembrou esta parochia da de S. Diniz, se estipulou o seguinte:

1.º—Que no dia da festa de S. Diniz, dia sanctificado ainda hoje n'esta villa, todos os chefes de familia da nova erecta fossem assistir á missa conventual na egreja mãe e levassem ao parocho um alqueire de trigo ou *vinte réis*;

2.º—Que a irmandade do Santissimo, estabelecida em S. Pedro, fosse considerada filial da de S. Diniz e não podesse gastar dinheiro nem fazer eleições sem approvação da irmandade mãe;

3.º—Que os parochos de S. Diniz teriam o direito de prezidir em todos os actos do culto que se celebrassem na egreja de S. Pedro.

Nada porem d'isto se cumpriu, salvo o pagamento dos *vinte réis*, pelo que houve grandes questões entre os dois parochos e ainda em 1805 o de S. Diniz deu um libello de força contra o de S. Pedro.

A irmandade do Santissimo d'estaa egreja é tão antiga como o proprio templo. Havendo desapparecido os seus primeiros estatutos, fizeram outros que foram apprrovados pelo arcebispo de Braga D. Rodrigo dde Moura Telles, em 12 de janeiro de 17115. Tem bulla de jubileu perpetuo para os irmãos, concedida pelo papa Clemente XI, enm 28 de novembro de 1714.

Era de sessenta o numero dos irrmãos, e haviam de ser todos mechanicos, exceeptuando o mordomo, que devia ser pessoaa nobre

Sendo esta irmandade, como disseemos, filial da de S. Diniz, já em 1765 tentouu emancipar-se, mas houve de submetter-see e assignar termo de sujeição em 4 de novvembro d'aquelle mesmo anno, por sentençaa do ouvidor do infantado João Liborio de Figueiredo; mais tarde porem vingou o pleeito e se tornou independente.

Em 1810 foram os seus estatutos confirmados por D. João VI, como principe regente e donatario d'esta villa.

—

Houve tambem e não sabemos se haa ainda n'esta freguezia de S. Pedro uma irmaandade do Santissimo Nome de Jesus, ereecta em 1604 por alguns devotos com o fim de ganharem as muitas indulgencias conocedidas pelo santo arcebispo D. Fr. Bartholommeu dos Martyres, fundador das irmandades do Nome de Jesus.

Foi confraria até 1618, transformaando-se então em irmandade com estatutos prroprios, que posteriormente foram reformaddos, elevando-se o numero dos irmãos a 2500.

Em 4 de janeiro de 1718 foram esstes estatutos confirmados pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles.

Houve tambem, e não sabemos se ha hoje ainda n'esta egreja, uma irmandade *ddas Almas*.

Foi erecta por bulla de Innocencio IX, com data de 23 d'abril de 1652, e os seus pprimeiros estatutos foram approvados peloo arcebispo bracarense em 1654.

Tinha muitas graças e indulgenciass e chegou a contar 300 irmãos.

—

Na capella mór d'esta egreja está aa sepul-

tura de Domingos Botelho da Fonseca, F. C. R. e cavalleiro professo da ordem de Christo. Falleceu em 1697.

Tambem na mesma capella mór, do lado da epistola, tiveram sepultura privativa os descendentes de Martinho Alves Rebello, fidalgo da antiga nobreza de Villa Real, que n'esta egreja fundou uma capella de missas, vinculando-lhe certos bens.

Outros muitos vinculos semelhantes se instituiram tambem n'esta egreja, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real.*

Para não fatigar os leitores, apenas mencionarei mais um, instituido em 23 de março de 1569 por D. Brites de Mesquita, casada com Manuel de Bessa e já viuva de Gaspar Cardoso de Mello.

Nomeou primeiro administrador do dicto vinculo Gonçalo Pinto de Mesquita, casado com D. Paula da Fonseca, os quaes em 1 d'agosto de 1618 uniram os seus terços a este vinculo.

Como fosse de livre nomeação e elles tivessem tres filhos, todos tres valentes cavalleiros, André Corrêa de Mesquita, Gonçalo de Mesquita Pinto e Antonio de Mesquita Pinto, para não haver queixas entre os irmãos, resolveu que cada um d'elles atirasse *duas lanças de sortilha* e que seria eleito o que melhor as atirasse.

Concordaram elles; aprasou-se dia para o torneio com grandes formalidades e, por voto dos juizes, ficou vencedor e *morgado* o filho segundo, Gonçalo de Mesquita Pinto!...

Era este o vinculo de Abbaças que o dicto Gonçalo de Mesquita e seus successores augmentaram consideravelmente, unindo-lhe com auctorisações regias outros muitos bens. Sendo em certa epoca successora e senhora d'elle D. Anna Maria de Mesquita, casou esta com Martim Teixeira Coelho de Azevedo, senhor da Teixeira e morgado de S. Braz, de Cergude e de Sant'Anna, avô de Gonçalo Chrystovam, o martyr das prisões da Junqueira, e assim passou a nobre casa dos Mesquitas, morgados d'Abbaças, para a de Gonçalo Chrystovam, ou dos Teixeiras Coelhos, de Villa Real, morgados do Bomjardim no Porto, etc.,—casa que foi um colosso e que infelizmente hoje se acha *muito compromettida*!...

—

Concluiremos este topico dizendo que no supedaneo do altar do Senhor Jesus d'esta egreja de S. Pedro jaz em sepultura propria o seu benemerito fundador e protonotario apostolico, D. Pedro de Castro.

Contava esta freguezia 643 fogos em 1720, comprehendendo a parte maior e mais rica d'esta villa.

Quando se fundou esta freguezia o parocho ficou sendo apresentado pelo da de S. Diniz; — depois passou a apresentação do parocho, bem como o padroado d'ella e da de S. Diniz, para os frades bentos de Pombeiro e por ultimo para os Jeronymos de Belem.

A capella-mór foi mandada azulejar em 1692 pelo mordomo Domingos Botelho da Fonseca, F. C. R. e cavalleiro professo da ordem de Christo, da primeira nobreza d'esta villa e que jaz na capella-mór em sepultura privativa, do lado do evangelho.

Tem esta egreja um bonito adro com amplas vistas para leste e sul.

Foi feito com grande dispendio antes de 1720, apeando-se uma grande barreira do lado superior e construindo-se um alto muro de supporte do lado inferior, guarnecido com grades de ferro. D'elle se sobe por ampla escadaria para o monte do Calvario.

—

Esta egreja é um templo elegante e rico. O tecto é de madeira pintada com ornamentação dourada,—e o da capella-mór todo de boa talha dourada. Tem esta as paredes forradas d'azulejo e no mesmo avulta um grande quadro com um brasão d'armas e a inscripção seguinte:

MANDOU FAZER A OBRA D'AZU
LEJO NA CAPELLA MAIOR D'ESTA
IGREJA O DR. DOMINGOS BOTELHO DA
FONSECA MACHADO, CAVALLEI
RO DA ORDEM DE CHRISTO, SENDO
MORDOMO DO S.mo SACRAMENTO
POR SUA DEVOÇÃO, NO ANNO DE
1692.

As decorações do retabulo do altar-mór e

de um dos lateraes são de talha moderna; as dos outros altares são de talha antiga, toda dourada.

Egreja de S. Paulo ou de S. Pedro Novo

Demora este lindo templo na convergencia das ruas de S. Paulo e Direita, ou dos Mercadores, e olha para a rua Larga, antiga rua do Poço.

Está no centro ou coração da villa e pela sua riqueza e magnificencia, pelas suas numerosas e valiosas alfaias e pelo extraordinario numero de missas, festas e officios que n'ella se celebravam, foi esta egreja denominada *Sé de Villa Real* e *monte d'ouro!*

Varios sacerdotes seculares d'esta villa e suas visinhanças instituiram na egreja da Misericordia uma irmandade do apostolo S. Pedro, com estatutos proprios, que foram confirmados por bulla de Paulo IV em 21 de novembro de 1638, concedendo ao mesmo tempo muitas graças e indulgencias a todos os irmãos vivos e defuntos.[1]

Funccionou a dicta irmandade alguns annos na Misericordia; mas, prosperando e augmentando rapidamente, tractou de fazer uma egreja sua, para o que obteve com grande dispendio differentes predios que estavam no local que hoje occupa. Deram-lhe o titulo de S. Paulo e em 22 de fevereiro de 1639, no dia em que a egreja romana celebra a Cathedra de S. Pedro, se lançou com grande pompa a pedra fundamental, sendo conduzida em procissão solemne atravez da villa em um andor, por quatro sacerdotes dos mais qualificados.

Os principaes fundadores d'este magestoso templo foram o balio de Lessa, Fr. Luiz Alvares de Tavora [1],—o rev. João Corrêa de Mendonça, protonotario apostolico, parocho da egreja de S. Diniz, commissario do santo officio e da bulla da crusada,—seu primo, o rev. Antonio A. de Menconça, ambos da primeira nobreza d'esta villa,—e o rev. licenciado Manuel Pinto Ribeiro, parocho de Mouçós.

—

O templo não é muito espaçoso, mas em compensação é muito bem acabado. Tem uma bella fronteria, encimada por uma estatua de granito representando S. Paulo, e nos topos 2 anjos,—um com as chaves, outro com um baculo;—tecto de abobada de tijolo com aduelas de granito, formando quadrados;—paredes forradas de azulejo estampado com paisagens e figuras;—capella-mór em forma de meia laranja;—5 altares com boas decorações de talha dourada;—bella sacristia e superiormente a casa do despacho com portas rasgadas sobre a Rua Direita, ou dos Mercadores, e amplas vistas sobre a villa e seus arrabaldes.

Tambem tem um orgão e na torre um sino com o antigo relogio da camara, ou *de correr*, que esteve em uma das torres da *villa velha* e que para aqui foi transferido em 1709.

—

Já em 1720, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, que temos presentes, possuia esta egreja soberbas alfaias. Mencionaremos apenas as seguintes:

Dois grandes lampadarios de prata junto do altar do Santissimo;—uma grande cruz pontificia com a theara e as chaves e vara, tudo de prata;—cinco paramentos riquissimos completos:—um vermelho, de tela de ouro; outro branco, de tela de prata com

---

[1] Assim se lê nas minhas *Antiguidades de Villa Real;* mas outros apontamentos dizem que foi fundada em 1638 na egreja de S. Pedro, d'onde, por desintelligencias com o parocho, passou em 1644 para a egreja da Misericordia, na qual esteve até á conclusão da egreja de S. Paulo.

Tambem as minhas *Antiguidades* e os taes apontamentos claudicam na data de 1638, ou no nome do pontifice.

Se os estatutos foram confirmados por Paulo IV, a data deve ser 1558, pois este pontifice governou desde 1555 até 1559; mas se a data é verdadeira, o papa deve ser Urbano VIII, que governou desde 1623 até 1644.

Dicant paduani.

[1] Este piedoso balio fundou tambem no Porto á sua custa exclusivamente a magestosa egreja dos jesuitas, que depois passou para os *frades grillos* (agostinhos descalços) e hoje pertence ao seminario episcopal, como dissemos nos artigos *Porto* e *Victoria.*

sebastos;—outro de veludo preto, ricamente agaloado d'ouro;—outro branco, da tela de maior preço que se encontrou em Lisboa, onde foi comprado e feito em 1718,—e finalmente outro de *papagaios* de cores com fundo de prata e flores d'ouro e prata;—frontaes de *tissu* de prata para todos os altares;—riquissimas cobertas de tela de prata;—bacia, gomil e salva de prata com as armas de S. Pedro—e outros muitos paramentos e alfaias de tanto valor que, visitando esta egreja o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, a denominou *montanha d'ouro* e, tanto este como os outros arcebispos que repetiram a visita, diziam que não a iam vizitar, mas louvar.

Não sabemos o que hoje resta de tantas preciosidades, mas suppomos que as hordas de Napoleão roubariam a maior parte nos principios d'este seculo.

—

Tambem pelos annos de 1720 era apparatoso e de grande movimento o culto n'esta egreja.

N'elle se celebravam annualmente milhares de missas, umas por devoção, por ser a egreja muito central, outras por obrigação em cumprimento dos estatutos da irmandade e de muitas disposições testamentarias. Entre ellas annualmente se celebravam 33 cantadas em memoria dos 33 dias que o Redemptor passou n'este mundo, offerecidas pelos irmãos vivos e defuntos.

Todos os irmãos tinham muitos suffragios e, sendo sacerdotes cahidos em pobresa, a irmandade lhes fornecia vestidos, alimentos, remedios, enfermeiro-nas doenças, etc.

Em 1720 contava esta irmandade 200 irmãos sacerdotes e 15 leigos; era isenta da jurisdicção parochial e obedecia sómente ao seu juiz ou presidente.

—

Um dos grandes bemfeitores d'esta egreja foi o licenciado Manuel da Silva, fidalgo da principal nobreza d'esta villa, casado com Leonor Botelho de Mesquita, ramo da familia dos antigos alcaides-móres.

Não só deu duas casas para no chão d'ellas se fazer esta egreja, mas depois n'ella instituiu um vinculo de morgado no altar de Nossa Senhora da Piedade, que para si reservou, por escripturas de 16 de setembro e 20 de dezembro de 1644.

Outro bemfeitor, ainda mais insigne, foi o balio de Lessa, Luiz Alvares de Tavora, principal fundador d'ella, pelo que a irmandade, em signal de gratidão, apenas elle falleceu, além dos suffragios que lhe competiam como irmão, resolveu que por alma d'elle se celebrassem todos os annos 100 missas, que logo foram lançadas na taboa, do que se lavrou um termo em 14 d'outubro de 1645, anno em qne o piedoso balio falleceu, e que era o 6.º a contar do anno em que se lançou a 1.ª pedra d'esta egreja.

Outro insigne bemfeitor foi o rev. Antonio Soares de Mendonça que, além de contribuir para a fundação d'ella, como já dissemos, a contemplou no seu testamento, com data de 1 de novembro de 1656, e n'ella instituiu um morgado com bens que tinha em Celeirós, nomeando primeira administradora sua irmã D. Helena de Mendonça, casada com Antonio d'Abreu.

Em 1720 era administrador do dicto vinculo João da Veiga Cabral, F. C. R. como herdeiro de sua sogra D. Joanna Soares.

—

Outro insigne bemfeitor foi o protonatario, co-fundador e parocho de S. Diniz, rev. João Corrêa de Mendonça, que reservou para si, com sepultura privativa no supedaneo, o altar de Santa Liberata e Santa Eugenia, por contracto que fez com a irmandade, e lhe doou certa esmola para que por sua alma perpetuamente mandasse dizer uma missa cada mez, das quaes duas seriam cantadas, —uma na sua capella, no dia dos oragos, —e outra no altar-mór a 22 de fevereiro, dia em que elle instituidor assentou a primeira pedra no alicerce d'esta egreja.

Tambem na mesma capella instituiu um morgado, a que vinculou todos os seus bens e do qual era administrador em 1720 Affonso Botelho de Sousa Pinto, de Villarinho de S. Romão.

N'esta mesma egreja o rev. José da Nobrega Cão, natural d'esta villa e reitor de S. Thiago de Andrães, instituiu em 1678 outro morgado. deixando por cabeça d'elle um

rubi da grandesa d'uma avelã, engastado em um annel d'ouro, e vinculando ao mesmo morgado todos os seus bens, com a obrigação de certas missas resadas n'esta egreja, em que foi sepultado.

Concluiremos este topico dizendo que a fronteria actual d'esta egreja de S. Paulo foi feita em 1760.

Egreja e Irmandade da Misericordia

Não sabemos quando nem por quem foi fundada a Misericordia d'esta villa; sabemos porem que funccionou em uma simples capella da freguezia de S. Diniz até o anno de 1528, data em que o benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro reedificou e ampliou a dicta capella, transformando-a em um bello templo, todo de granito bem lavrado, com boas decorações, casa de despacho e mais officinas,—*tudo á sua custa!*

Além de fazer a egreja, o mesmo benemerito protonotario n'ella instituiu uma missa quotidiana pela sua alma e pela do marquez de Villa Real, D. Fernando, seu intimo amigo; e para satisfação d'este encargo doou á santa casa rendas sufficientes, por escriptura de 23 d'abril de 1538.

N'esta mesma egreja se instituiram outras muitas capellas de missas, vinculos e morgados. Mencionaremos apenas os seguintes:

O dr. Antonio de Hervedosa, sendo ouvidor em Valença, e sua mulher Jeronyma Fernandes, naturaes d'esta villa, instituiram um vinculo com a obrigação de certas missas e um anniversario, por escriptura de 10 de agosto de 1558, feita em Valença do Minho.

D. Isabel de Menezes, viuva de Paulo Antonio Tello de Menezes, deixou por herdeiro seu primo Antonio de Magalhães, com a obrigação de mandar dizer pela alma d'ella oito missas todos os annos n'esta egreja, a cuja obrigação vinculou a sua quinta de Navalhos, sita na freguezia de S. Matheus. Depois o herdeiro Antonio de Magalhães instituiu o morgado e capella de S. Thiago d'esta villa, com todos os seus bens, por escriptura de 29 de janeiro de 1589,—e um dos seus descendentes vendeu a dicta quinta ao morgado de Matheus com a obrigação das oito missas.

Morgado da Ribeira de Sabrosa

Na mesma egreja da santa casa, na capella de Nossa Senhora da Corôa, junto do altar-mór, do lado do evangelho, instituiram em 1598 um morgado, a que vincularam todos os seus bens, Fernão Pinto Pimentel, armado cavalleiro em Ceuta, procurador ás côrtes d'Almeirim, etc., e sua mulher Maria Corrêa, ambos da primeira nobresa d'esta villa, com «obrigação de certas missas, vestuario a pobres e outros encargos».

Nomearam primeiro administrador do dicto morgado seu sobrinho Antonio Pinto Pimentel, com muitas condições, algumas curiosas, v. g. — que o administrador d'este morgado usaria os appellidos *Pinto Pimentel,* sendo varão, e *Corrêa Pimentel,* sendo femea;—que, se o dicto Antonio Pinto Pimentel e sua mulher Anna Corrêa não deixassem successão, passaria este morgado com todos os seus bens para um *criado qualquer* do ultimo administrador, porque não queriam os instituidores que n'elle succedesse jámais Antonio Corrêa, genro de Paio Rodrigues, de Favaios, nem Anna Pimentel, nem os filhos ou descendentes d'estes, *pelas grandes desobediencias e crueis ingratidões que d'elles haviam recebido;*—que os administradores d'este vinculo nos dois primeiros annos da sua administração lhe uniriam quarenta mil réis em dinheiro ou em fazendas,—*comtanto que não fossem vinhas* (?!...),—e que, sob pena de perderem este morgado e passar a outro administrador, casariam sómente com pessoa nobre, de paes e avós e de *sangue limpo!...*

—

Tomou este vinculo o nome de vinculo ou morgado da *Ribeira de Sabrosa,* porque na ribeira da freguezia de Sabrosa, margem direita do Pinhão, tinha uma das melhores propriedades que o constituiam, a qual escolheu para seu titulo o barão da Ribeira de Sabrosa, ultimo ou penultimo administrador d'este morgado,—Rodrigo Pinto Pisarro Pimentel d'Almeida Carvalhaes, ministro de D. Maria II,—um dos homens mais illustra-

dos e mais honrados que teve Portugal n'este seculo. Falleceu em 1841, sem successão.

V. *Ribeira de Sabrosa, Sabrosa* e *Villar de Maçada.*

São hoje herdeiros e representantes da casa do fallecido barão os Nobregas Pintos Pisarros, de Villa Real; mas a grande quinta da *Ribeira de Sabrosa* foi, ha pouco, vendida e os restantes bens divididos em virtude da lei que aboliu os vinculos.

Dos instituidores Fernão Pinto Pimentel e Maria Corrêa, sua esposa, descendem os Teixeiras Lobos da *Casa da Capella*, em Sabrosa, os Pisarros da *Casa das Sereias* ou *Palacio da Bandeirinha*, no Porto, os Pintos Pimenteis de Villar de Maçada e de Gouvinhas, os Pintos da Cunha Saavedras, de Provezende [1], e os barões de Saavedra, de Lisboa.

—

Na mesma capella-môr da egreja da Misericordia, do lado da epistola, está a capella do *Ecce Homo*, que a santa casa cedeu em 1599 a Gonçalo Lobo Tavares, alcaide-mór de Lamas d'Orelhão, contador das rendas do marquez de Villa Real, etc., para elle, seus herdeiros e descendentes, terem n'ella sepultura privativa e n'ella poderem collocar, como collocaram, o seu brasão d'armas, —*dois lobos*.

O dicto alcaide-mór falleceu em 28 de setembro de 1631 e no seu testamento instituiu na mencionada capella um vinculo de morgado, cujo primeiro administrador foi seu filho Paulo Tovar Lobo.

Em 1720 D. Emmerenciana Pinto Lobo de S. Paio, casada com Jacintho de Mesquita Botelho, era administradora d'este vinculo, por doação de Clara Lobo de Lacerda, neta do instituidor.

Hospital da Misericordia ou da Divina Providencia

Durante muito tempo, alguns seculos, o unico hospital d'esta villa foi o do *Espirito Santo*, ou da albergaria de que já fizemos menção. Ali se recolhiam os doentes em pequeno numero e por pouco tempo, por ser a casa pequena e pobre, tanto que dormiam em uma tarimba;—outros se recolhiam debaixo dos arcos do campo do Tabolado, ficando expostos ao frio e a morrerem ao abandono.

A irmandade da Misericordia não tinha meios para lhes valer, mas, condoida d'elles, em 13 de março de 1796 alugou na rua de Traz da Misericordia a casa de João Guedes, serralheiro, e ali recolheu sete infelizes que estavam enfermos nos arcos do Tabolado, deitando-os em camas limpas e soccorrendo-os com todo o necessario.

A estes pobrezinhos accresceram outros; as despesas com o tratamento d'elles augmentavam e, como a santa casa não tivesse rendas proprias, os benemeritos mesarios, cujos nomes infelizmente ignoramos, invocaram a divina providencia e ella os ouviu e attendeu.

Todos os domingos iam dois irmãos de porta em porta, pela villa e pelas aldeias do termo, pedir esmola para o improvisado hospital; — no primeiro dia do anno e no de Reis varios irmãos e devotos iam com musica e grande acompanhamento percorrer a villa, cantando e pedindo esmola para o mesmo fim, e varios ecclesiasticos e cavalheiros da primeira nobreza da villa, levados pela caridade e por tão santo enthusiasmo, fizeram tambem representações dramaticas em pró da nascente instituição.

—

Tal foi o zelo dos iniciadores que os recursos e a protecção do publico augmentaram na proporção dos encargos e poderam comprar uma casa para hospital no mesmo sitio onde hoje se vê o magestoso *Hospital da Divina Providencia*, levantado e dotado pela caridade dos bons villarealenses.

Entre os devotos mais benemeritos são dignos de especial menção os seguintes:

—Anna Eufrasia da Rocha e sua irmã, Maria Magdalena, que deram *vinte contos de réis* de esmola, com a condição de serem recebidos e tractados no hospital da Misericordia os irmãos terceiros de S. Francisco.

---

[1] D'esta nobilissima e virtuosa familia falleceu em 26 de abril do corrente anno de 1885, o ultimo representante e meu bom amigo e Cyreneu, José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, deixando viuva e filhos.

—O general Silveira, conde d'Amarante, governador das armas n'esta provincia, e o dr. Francisco Ignacio Pereira Rubião, dos quaes adiante fallaremos, promoveram em 1817 uma subscripção que attingiu a cifra de 4:800$000 réis.

—José Rodrigues de Freitas e Francisco Rodrigues de Freitas, levados pela sua piedade e pelas instancias do mencionado conde de Amarante, cederam ainda em vida d'elles todas as suas dividas activas em favor do hospital—e por sua morte deixaram *vinte contos de réis* para as obras do novo edificio—e os juros de onze contos para a sustentação da capella e culto do mesmo hospital.

Na dicta capella jazem os dois benemeritos irmãos Freitas, tendo fallecido o José em 1820, e o Francisco em 1826.

A estes bemfeitores se seguiram outros com legados e esmolas de um e dois contos de réis.

—O arcebispo D. Fr. Miguel da Madre de Deus cedeu em favor da mesma instituição os dizimos das *Santas Engracias*, em Canellas, freguezia de S. Miguel de Poyares, hoje concelho da Regoa, os quaes orçavam por 300 a 400 mil réis annuaes.

—Finalmente D. Maria Emilia Teixeira de Moura quiz ser a primeira bemfeitora d'este hospital, pois lhe deixou *cincoenta contos de réis*!...

—

É um dos melhores hospitaes da provincia, montado em um amplo, elegante e solido edificio, com entrada exterior por uma vistosa e dispendiosa escadaria, sendo unicamente para lamentar que esteja em sitio relativamente baixo e abafado, entre a villa nova e a villa velha.

Os benemeritos fundadores foram pouco felizes na escolha do local, mas este vae melhorando com as muitas expropriações já feitas em volta d'elle,—e mais se projectam ainda.

Capellas

1.ª—*S. Braz*, na villa velha e já descripta. Particular.

2.ª—*S. Roque*, tambem na villa velha e já mencionada.

Extincta e publica.

3.ª—*Espirito Santo*, ou do Bom Jesus do Hospital.

Removida para o campo do Pioledo e tambem já descripta.

Particular e hoje profanada.

4.ª—*Senhora da Conceição* e outras, cujos titulos ignoramos.

Estavam na cerca do extincto convento de S. Francisco, hoje quartel militar, de que adiante fallaremos.

Foram feitas em 1748 pelo abbade da Cumieira, Manuel de S. José Justiniano, e não sabemos o que hoje restará d'ellas.

5.ª—*S. Sebastião*.

Esteve no Campo do Tabolado, no chão onde se fundou o convento de S. Domingos, a cujos frades foi doada com outros chãos contiguos para fazerem o convento.

Era da camara e uma das mais antigas d'esta villa, pois n'ella se benzeu a pedra fundamental do dicto convento, em 7 de março de 1424, celebrando missa solemne (talvez a ultima que n'ella se celebrou) o padre Fr. Vasco de Guimarães, religioso dominico.

6.ª—*S. Sebastião*, outra.

A primeira capella d'esta invocação foi dada aos frades de S. Domingos em 1545 e n'esse mesmo anno demolida, mas já em 1528 o benemerito protonotario D. Pedro de Castro, abbade de Mouçós, vendo que era pequena e se achava em ruinas, havia mandado á sua custa fazer outra com a mesma invocação no monte do Calvario, que por isso se denominou *monte de S. Sebastião*, e n'ella instituiu uma missa semanal. Na dicta capella se fundou depois uma irmandade, cujos estatutos foram approvados em 22 de janeiro de 1662 pelo arcebispo de Braga, D. Verissimo de Alencastre.

Augmentando a devoção dos fieis e os fundos da irmandade, mandou esta fazer obras importantes na capellinha do martyr, entre ellas um bom retabulo de talha dourada, tecto apainelado e bem pintado, galilé junto da porta de entrada, sacristia, adro com assentos de pedra e vistas esplendidas, servindo-lhe de supporte um alto e valente muro, etc.

Com o decorrer do tempo e com a falta

de zelo das administrações, extinguiu-se a irmandade,—a capella ficou ao abandono—e de uma e outra foi coveiro o presidente da camara dr. *Charrua*,[1] pois para desaffrontar aquelle chão, demoliu a pobre capella na noite de 3 para 4 de fevereiro de 1867, com um grande bando de trabalhadores da sua confiança, não se atrevendo a realisar tão alto facto de dia, com medo de que o povo se amotinasse.

Provou o dr. *Charrua* que é mais facil demolir do que construir.

Assim terminou a pobre capella, que já contava 339 annos de existencia!...

7.ª—*Santo Antonio*, tambem no monte do Calvario.

Tem capella-mór e n'ella o altar do taumaturgo, seu padroeiro,—2 altares lateraes, um de Nossa Senhora do Pilar, outro de S. Vicente Ferrer,—côro, pulpito e orgão, paredes interiormente forradas de azulejo,—tecto apainelado com pinturas de muito merecimento, mandadas fazer expressamente em Roma pelo benemerito *morgado de Matheus*, D. Luiz Antonio de Sousa Botelho, em 1791, sendo juiz da irmandade administradora d'esta capella.

Representam as dictas pinturas a vida e os milagres de Santo Antonio.

Tem um pequeno atrio fechado por gradaria de ferro e um alpendre ou galilé sobre oito columnas de granito.

Conta hoje esta capella 350 annos, pois foi feita em 1535 pelos devotos de Santo Antonio, freguezes da parochia de S. Pedro, em cuja circumscripção se acha, mas posteriormente recebeu algumas modificações. Na frente se vê a data 1593.

Tem confraria ou irmandade propria, cujos estatutos foram approvados em 31 de agosto de 1748 pelo arcebispo D. José de Bragança, por se haverem extraviado os primeiros.

Por occasião da festividade do padroeiro d'esta capella se faz n'esta villa, no dia 13 de junho e nos seguintes, desde tempos remotos, a grande *feira de Santo Antonio*, da qual adiante fallaremos em topico especial,—feira que em 1748, por alvará d'el-rei D. João V, foi de novo transferida para junto da dicta capella, ou para o monte do Calvario, a pedido da irmandade de Santo Antonio, da qual era ao tempo juiz ou mordomo José Pinto da Cunha Pimentel, da primeira nobresa de Villa Real, bisavô do meu bom amigo e cyreneu José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, fallecido em 26 de abril do corrente anno de 1885.

8.ª—*Senhor do Calvario*.

A poucos metros de distancia da mencionada capella de Santo Antonio se ergue, em um amplo e vistoso largo, a espaçosa capella do Senhor do Calvario, pertencente á ordem 3.ª de S. Francisco.

Foi feita pela dicta ordem no anno de 1680, com diminutas proporções e um só altar, mas em 1694 a mesma ordem a melhorou consideravelmente com uma importante esmola de Margarida Rebello, que n'ella jaz em sepultura propria.

No seu unico altar primitivo estava uma linda imagem do redemptor, em tamanho natural, feita por Francisco Pereira Pinto d'esta villa, pessoa de rara habilidade.

Assim se conservou a pobre capella até 1803, data em que foi restaurada e ampliada, transformando-se em um dos melhores e mais espaçosos templos da villa.

O corpo da capella foi feito pelo mestre pedreiro Agostinho Adão, por 1:200$000 réis,—e em 1805, terminadas as obras de pedra e carpinteria, a ordem mandou fazer, além do altar-mòr primitivo, mais 2 altares lateraes, um de Nossa Senhora do Carmo, outro de S. Manuel, martyr, um nicho para o Senhor dos Passos,—a sacristia, a sala do capitulo e a torre, para a qual mudou em 1844 o relogio que foi do extincto convento franciscano.

Tem missa nos domingos e dias santos, instituida por um legado de 2:000$000 réis, que deixaram as irmãs Rochas, e n'este mesmo templo se celebram as missas e officios a que é obrigada a ordem 3.ª de S. Francisco, da qual adiante fallaremos.

O adro é espaçoso e offerece um panora-

---

[1] Antonio Correia d'Almeida Lucena, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra em 1859.

ma esplendido; mas, como o chão era um monte escarpado e muito ingreme, para o nivelarem foi mister construir muros de supporte altissimos e carissimos.

Serve de corôa ao monte do Calvario;—em um plano ou grande socalco immediatamente inferior, lado E., está o *jardim publico*—e no plano immediatamente inferior ao jardim está a *Carreira*, passeio publico tambem, formosa avenida, por onde passa a estrada que mais adiante se divide em 3,—uma que segue para Chaves, outra para Murça e Bragança, e outra para Sabrosa, Favaios, etc.

—

9.ª—*Senhora do Carmo.*

Adiante fallaremos d'esta capella, quando tratarmos das *ordens terceiras.*

10.ª—*S. João Baptista*, no claustro de S. Domingos.

D'ella fallaremos, quando tratarmos d'este convento.

Extincta.

11.ª—*S. João Baptista* ou *S. João de Jerusalem*, outra, na rua da Fonte Nova.

Foi fundada por Heitor Botelho em 1667, que vinculou á dicta capella as suas casas, bem como o quintal das mesmas e um campo e olival que se seguiam para oeste, com a obrigação de 4 missas por mez.

Em 1720 era administrador d'este vinculo Santos Pereira de S. Paio, do concelho d'Anciães, ao tempo morador na sua quinta do *Mondego*, termo de Villa Real,—pessoa nobilissima, descendente dos S. Paios, senhores de Villa Flor, depois condes de S. Paio.

Era particular; foi profanada—e ha muito que serve de casa de habitação.

12.ª—*Senhora da Piedade*,—depois *Senhora do Desterro*—e por ultimo capella do *Espirito Santo.*

Já a descrevemos no topico relativo á *villa velha.*

13.ª—*S. Francisco*, no convento dos frades franciscanos.

Adiante fallaremos d'esta capella, quando tratarmos d'aquelle convento.

14.ª—*Santa Margarida*, junto da ponte d'este nome, na margem direita do Corgo.

Foi fundada em 1520 pelo benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro, que tambem deu em 1490 para a construcção da dicta ponte 400$000 réis,—somma importantissima n'aquelle tempo.

15.º—*S. Lazaro.*

Como na capella de Santa Margarida houvesse uma imagem de S. Lazaro, muitos devotos d'este santo, principalmente os da rua dos Ferreiros, contigua, povoada quasi exclusivamente de ferreiros, chapelleiros e outros artistas, tractaram de festejar *S.* Lazaro. Augmentando a devoção para com este santo, fizeram irmandade propria, cujos estatutos foram approvados pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1714. Depois restauraram a antiga capella de Santa Margarida; azulejaram-lhe o tecto, enchendo-o de pinturas a oleo com os milagres do santo; fizeram boa sacristia e na porta principal *seu cabido de pedra* (talvez galilé) *com todo o primor*,—dizem as *Antiguidades de Villa Real.*

Por todas estas circumstancias a antiquissima e pobre capella de Santa Margarida tomou a invocação de S. Lazaro.

Era publica e não sabemos o que resta hoje d'ella.

16.ª—*S. João da Fraga.*

A cavalleiro do bairro de Santa Margarida demora esta capellinha no alto d'um grande morro de granito, do qual tomou o nome de *S. João Baptista da Fraga.*

Sobe-se para ella por uma pequena escadaria; — tem um bonito adro com assentos de pedra, do qual se gosam vistas muito pittorescas sobre o rio Corgo, sobre a ponte de Santa Margarida, sobre a extremidade leste da villa e sobre muitos pomares, hortas, campos e vinhas.

É um dos miradouros mais pittorescos e interessantes de Villa Real.

Foi feita pelos annos de 1685 á custa de differentes devotos, nomeadamente do licenciado João Martins da Fraga, que em 1695 a instituiu cabeça de morgado, vinculando-lhe todos os seus bens, com a obrigação de certas missas e d'outras condições que podem vêr-se nas *Antiguidades de Villa Real.*

Foi primeiro administrador d'este morgado de *S. João Baptista da Fraga* uma fi-

lha do instituidor, D. Martha de S. Paio, mulher de Luiz Teixeira de Magalhães, F. C. R. governador politico d'esta villa, sargento-mór e cavalleiro da ordem de Christo, ramo dos Teixeiras Coelhos, da casa de S. Braz.

É publica.

17.ª—*Senhor do Atalho.*

Demora esta capellinha um pouco a jusante da de S. João da Fraga, no carreiro ou *atalho* de que tomou o nome e por onde se desce d'aquelle fragão para a ponte de Santa Margarida.

Foi feita em 1840 por Francisco Domingues, gallego, de alcunha o *Pózeiro*, por haver casado com Maria Victoria *Pózeira*, d'esta villa, onde elle exerceu a profissão de trolha.

Fundou-a com esmolas que pediu para o Senhor dos Afflictos, cuja imagem estava pintada em um cruzeiro de pedra que no mesmo local da capellinha havia mandado fazer em 1782 Jeronymo Teixeira Carneiro da Frontoura, em cumprimento d'um voto, por se ver livre d'um perigo imminente que o ameaçou n'aquelle mesmo local.

Junto da capellinha fez o *Pózeiro* tambem uma pequena casa, onde passou o resto dos seus dias.

É particular.

18.ª—*Senhora dos Captivos.*

Foi feita por André d'Araujo e Veiga e sua mulher Maria Monteiro, os quaes n'ella instituiram um morgado, vinculando-lhe todos os seus bens, pelos seus testamentos de 28 de novembro de 1621 e 5 de setembro de 1627, com a obrigação de uma missa perpetua nos domingos e dias santos, pela alma dos instituidores.

Foi primeiro administrador d'este vinculo o padre Custodio Monteiro, irmão da instituidora.

Em 1722 era administrado por Francisco Botelho Monteiro de Lucena, padroeiro do convento de Santa Clara, d'esta villa.

Era particular e n'ella se sepultaram os fundadores e alguns dos seus descendentes; mas foi fundada em frente da antiga cadeia, para que os presos mesmo da cadeia podessem ouvir missa, pelo que os benemeritos fundadores deram á capellinha a invocação de *Senhora dos Captivos.*

Por desleixo dos administradores perdeu a maior parte das suas rendas; cahiu em abandono, e desde 1815 serve de casa da guarda dos presos.

19.ª—*S. Jacintho*, na rua d'este nome e unida ao palacete de S. Jacintho, onde viveu Gonçalo Christovam e que foi fundado, bem como a dicta capella, pelos seus nobilissimos e riquissimos ascendentes, senhores da Teixeira e dos morgados de S. Braz, Sant'Anna de Constantim, Abbaças, etc., depois morgados do Bomjardim, no Porto.

Em virtude da delapidação d'esta grande casa, foi a dicta capella com o palacete contiguo arrematada em hasta publica no anno actual (1885) e no palacete e capella vae fundar-se o *Asylo Chaves*, de que adiante fallaremos.

Era particular.

20.ª—*Santa Sophia*, na rua das Flores.

Foi mandada edificar por Antonio Botelho de Mesquita, que n'ella instituiu um grande vinculo em 1626.

Particular.

21.ª—*Senhora do Rosario*, tambem particular, na *Casa da Cruz*, da rua do *Jogo da Bolla*, hoje rua da *Alegria.*

Foi feita por Antonio Botelho de Queiroz e por elle instituida cabeça de morgado, a que vinculou as suas casas contiguas e certos bens em S. Lourenço.

Profanada e servindo de estrebaria!...

22.ª—S. *Thiago*, particular tambem.

Foi esta capella primitivamente fundada pela nobilissima familia *Magalhães*, no cimo do campo do Tabolado, junto do local onde depois se fundou o convento das claristas, hoje *Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres*, e, segundo consta, teve no seu principio confraria propria.

Cahindo em ruinas a dicta capella, Martinho José de Magalhães Faria e Sousa, descendente dos fundadores, a transferiu e fez de novo junto ás suas casas, na rua das Flores.[1] Antonio de Magalhães, viuvo de Isabel Justes, para cumprir o testamento de suas

[1] Foi demolida em 1883, quando se construiu de novo o palacete que é hoje do medico Francisco Salles da Costa Lobo.

cunhadas D. Briolanja da Nobrega e irmãs, na dicta capella instituiu um morgado com os bens que ellas lhe deixaram, unindo-lhe todos os seus, por escripturas de 28 de dezembro de 1588,—de 29 de janeiro de 1589, —de 16 de junho de 1593,—de 18 de junho do mesmo anno—e de 12 de setembro de 1594!...

Nomeou primeiro administrador d'este morgado seu neto Antonio de Magalhães.

Mandou elle instituidor que este vinculo se denominasse de *Sabroso*, porque em S. Mamede de Sabroso tinha uma capella e differentes propriedades,—e que os seus administradores usassem o appellido *Magalhães*, sob pena de perderem o dicto morgado.

Em 1720 era administradora d'este vinculo Helena de Magalhães, 4.ª neta do instituidor, filha natural legitimada de Antonio de Magalhães e Faria, já casada, mas corria pleito entre ella e o capitão de cavallos, Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, de Moncorvo, que pretendia tirar-lhe a administração do dicto morgado, por ser tambem 4.º neto do instituidor e filho legitimo.

—

23.ª—*Senhora d'Almodena.*

Ao poente d'esta villa e no alto de um monte, um pouco alem da rua da Fonte Nova, na margem esquerda do Cabril, junto da ponte de *Almodêna* e da estrada real que segue para o Porto pela Regoa e pela Campeã, está ainda na circumscripção da parochia de S. Diniz a capella da *Senhora d'Almodêna*, que deu o nome á dicta ponte.

Foi fundada no meiado do seculo XVII por D. Pedro Taveira Souto Maior, cavalleiro professo na ordem de Christo, fidalgo da primeira nobresa d'esta villa e capitão de couraças em Flandres, casado com D. Filippa de Castro e Silva, senhora do morgado de Ferreiros em Villa Viçosa, os quaes no seu testamento de 28 de fevereiro de 1664 vincularam em morgado á dicta capella todos os seus bens, com a obrigação de certas missas, encarregando o vigario geral de velar pelo cumprimento d'ellas, pelo que os instituidores mandaram se lhe désse annualmente duas gallinhas e *um frasco de vinho.*

Em 1720 velava um ermitão por esta capella, mas nos fins do seculo XVIII estava em grande abandono, pelo que uma devota mulher, chamada Joanna da Silva, se resolveu a amparal-a e, pedindo e esmolando em favor d'ella, não só a reparou, mas conseguiu fazer alguns annos pomposa festa com grande romagem, no dia 8 de setembro, até o anno de 1802, data em que a santa mulher falleceu, cahindo outra vez a capellinha em completo abandono.

—

Assim se conservou até que em 1818 Francisco Antonio dos Reis se devotou a ella com tal zelo que a romagem se tornou a mais importante d'esta villa.

Crescendo as esmolas, reparou a capella, restaurando a parte que ameaçava ruina, comprou paramentos e alfaias, arroteando o monte, fez um amplo terreiro,—abrindo uma mina, o embellesou com agua potavel, e iria muito mais longe, se a morte o não surprehendesse, como surprehendeu, em 1830.

Succedeu-lhe José Alves Torgo, por alcunha o *Zé da Chica*. Lembrou-se este de crear uma feira no dia da grande romagem. Requereu-a e foi-lhe concedida por provisão regia de 14 de junho de 1831.

Em 13 d'abril de 1834 entrou n'esta villa o duque da Terceira,—estabeleceu o novo systema politico—e a administração da capella passou para varios zeladores, nomeados pela junta de parochia da freguezia de S. Diniz, que outra vez deixaram cahir tudo em completo abandono!

Em 1846, tendo sido nomeados zeladores Roque Fernandes de Mattos e Diogo de Lima, ambos sapateiros, tal zélo empregaram na administração da pobre e abandonada capella, que rapidamente voltou ao seu antigo esplendor e ainda o excedeu, — graças aos dois benemeritos artistas!

Augmentando a concorrencia e as esmolas, demoliram a velha capellinha e construiram de novo outra, que ficou concluida em 1850, sendo aberta ao culto e n'ella collocada de novo a imagem da Senhora d'Almodêna [1] com grande pompa no dia 1 de

---

[1] *Almodena* é palavra arabe e significa a

setembro do mesmo anno, seguindo-se no dia 8 a grande romagem, festa e feira, o que tudo tem continuado até hoje.

É publica.

—

24.ª—*Sant'Anna.*

Houve tambem n'esta villa e não sabemos se ha hoje ainda uma capella da invocação de Sant'Anna. Era particular e *collegiada*,[1] de cinco beneficiados collados, que ali resavam em côro os officios divinos.

Foi fundada em .... pelo dr. Jeronymo Corrêa Pinto do Amaral, ouvidor na Parahiba, pelo que os *Amaraes*, seus descendentes e successores, morgados de Villa Cova, tinham o titulo de *Priostes*, ou presidentes da dicta collegiada, e apresentavam os cinco beneficiados.

Era particular.[2]

25.ª—*Santo Antonio Esquecido*, no passeio que hoje circunda pelo nascente a villa velha.

Já fizemos menção d'esta capellinha.

26.ª—*Senhora da Piedade*, na cerca do convento de Santa Clara. Adiante fallaremos d'ella.

27.ª—*Capella do Arco.* Estava sobre o arco pertencente ao palacio dos marquezes de Villa Real e foi demolida com o dicto arco em 1850.

Ordem 3.ª de S. Francisco

Esta ordem foi fundada por conselho e instrucções de dois missionarios hespanhoes que vieram a esta villa em 1670,—Fr. André e Fr. José de Vilalva.

O seu primeiro templo foi uma capellinha que a ordem fez junto á de Diogo Dias Ferreira, no convento de S. Francisco; augmentando porem rapidamente o numero dos irmãos, e cedendo Maria Alves e João Lourenço certo chão contiguo, ampliou a dicta capella, ficando com tres altares, todos tres privilegiados, e duas capellas mais para enterramento dos irmãos.

Em 1772 deu a ordem um conto de réis ao convento para pôr a sua capella em communicação com a dos frades e ter sahida commum com elles.

O orago da dicta capella é Nossa Senhora da Conceição. Extinctos os frades em 1834, ficou esta ordem 3.ª tambem senhora da egreja do convento e não só a tem conservado com toda a limpeza, mas n'ella faz diversas festividades com muita pompa.

Esta ordem chegou a contar 2:000 irmãos, todos com o direito de serem recebidos e tratados de graça no hospital da Misericordia, em virtude do legado e das disposições testamentarias de Anna Eufrasia da Rocha e de sua irmã, como já dissemos no topico relativo á Misericordia.

Em 1721 contava esta ordem 1:500 irmãos e irmãs, comprehendendo quasi toda a nobresa de Villa Real e suas circumvisinhanças.

Por provisão de 15 de setembro de 1757 o infante D. Pedro (?) deu a esta ordem para cemiterio um pequeno baldio junto dos arcos, (?) do qual tomou posse em 18 de março de 1758, segundo se lê nos apontamentos que me legou o meu amigo Saavedra.

Ordem 3.ª do Carmo

A historia da fundação d'esta ordem é um tecido de luctas, intrigas e peripecias que nos levariam muito longe. Resumil-a-hemos pois o mais possivel.

Pelos annos de 1700 o padre mestre Fr. José do Espirito Santo, carmelita descalço, natural d'esta villa, costumava por devoção benzer e lançar o escapulario de Nossa Senhora na egreja parochial de S. Pedro, e alguem diz que esta devoção principiou na egreja da Misericordia.

A Fr. José succedeu na mesma devoção o rev. Antonio Pereira de Carvalho. Era este coadjuvado por outros sacerdotes, os quaes por impedimentos que tiveram deixaram de

---

torre ou mirante com varanda, d'onde os mahometanos em altas vozes costumam chamar os crentes para a oração.

Nós os christãos adoptâmos os sinos em vez de pregoeiros.

[1] «Esta collegiada foi extincta, mas ainda existem, embora em possuidor estranho, a capella e a casa contigua brasonada e com uma torre, em frente do palacio que foi do general Silveira.»

[2] Foi demolida, ha annos, quando se fez de novo a casa a que estava unida.

o auxiliar e a devoção do escapulario foi amortecendo.

Em 1748 recolheu se á sua casa n'esta villa Fr. Pedro Caetano, carmelita, trazendo faculdades para benzer e lançar o escapulario, applicar as indulgencias dos 4 jubileos da ordem, receber esmolas e poder empregal-as no culto da imagem da Senhora do Carmo.

Coadjuvado por Fr. Antonio Corrêa do Espirito Santo, da ordem da Penitencia, ambos admittiram muitos irmãos, sem ainda haver na villa imagem alguma da Senhora.

—

Em 1755 Vicente Luiz Corrêa de Mesquitá pediu ao provedor da Misericordia Antonio Pinto Pimentel, 5.º morgado da Ribeira de Sabrosa, licença para cumprir as disposições do seu morgado (d'elle Vicente) mandando compor e alfaiar a sua capella, cabeça do vinculo, que tinha na Misericordia e, por accordo entre os dois, deu para aquelle fim certa somma ao provedor; mas este, em vez de empregar o dinheiro nas obras, mandou fazer uma imagem de Nossa Senhora do Carmo e a collocou na dicta capella, no mesmo anno de 1755.

Augmentou logo rapidamente o numero dos devotos e confrades da Senhora;—fizeram-lhe pomposa festa e requereram a Fr. José Pereira de Sant'Anna, provincial dos carmelitas descalços, auctorisação para constituirem uma irmandade; negou-lh'a porem este, auctorisando apenas dois padres para benzerem e lançarem o escapulario e applicarem aos irmãos as indulgencias *in articulo mortis*.

Magoados os devotos com esta recusa, dirigiram-se ao provincial dos carmelitas descalços, Fr. João da Conceição, o qual em janeiro de 1759 auctorisou a fundação da irmandade, sem lhe marcar egreja, e concedeu licença a seis padres para absolverem *in articulo mortis*, por serem já muitos os irmãos admittidos; oppoz-se porem a Misericordia, não consentindo que a irmandade em projecto se apropriasse do altar da Senhora, pelo que a irmandade ainda d'esta vez se não organisou.

Não convinha á Misericordia que o rendimento do altar da Virgem passasse para uma corporação estranha.

—

Tres vezes os confrades tentaram fazer obras no altar da Senhora e n'elle celebrar suas funcções e tres vezes a Misericordia lhes fechou as portas da egreja.

Recorreram ao arcebispo D. José; mas este igualmente lhes negou o que pediam, fundamentado em que as Misericordias tinham o privilegio de não poderem ser constrangidas a receber nos seus templos corporações sujeitas ao ordinario.

Alem de que, os irmãos ainda não tinham licença regia, nem do provedor,—e para desanimo dos irmãos, o provincial dos carmelitas descalços, fundado no breve de Bento XIV,—*Bis a Domino*,—negou-lhes tambem licença para a benção papal e absolvição geral!

Afflictos com tantas contrariedades, recorreram os irmãos ao provincial dos carmelitas calçados, por intervenção do padre mestre Fr. Manuel de S. José, da mesma ordem, o qual lhes concedeu auctorisação para levantarem a irmandade na egreja de S. Pedro, mas não no momento, pelo receio que tinha de incorrer no desagrado do marquez de Pombal, que se empenhava em reduzil-as em numero.

A esta contrariedade accresceu ainda outra:

Fr. Antonio Corrêa do Espirito Santo, alma de toda esta devoção, teve de retirar-se para o Mogadouro, por ser eleito prelado d'aquelle convento, e os confrades e devotos cahiram todos no maior desanimo; passados porem seis annos, volveu a Villa Real Fr. Antonio e obteve do parocho de S. Pedro licença para erigir a irmandade na sua egreja; o mesmo parocho mandou fazer uma lindissima imagem da Senhora, á sua custa,—e os irmãos Amaraes (José e Manuel Corrêa Teixeira) lhe offertaram uma corôa de prata e outros objectos.

Não terminaram porém aqui os dissabores.

—

Os dois irmãos Amaraes, despeitados por nenhum d'elles ser eleito juiz, tractaram de

persuadir os confrades de que só na primitiva séde (a egreja da Misericordia) podiam ganhar as indulgencias; mas nada conseguiram.

A irmandade proseguiu avante e logo no primeiro anno festejou a sua padroeira com grande pompa e tal concorrencia de fieis que o povo não cabia na egreja. Foi preciso cobrir o adro com toldos;—muitos irmãos tiveram de confessar-se ao ar livre—e ao ar livre, junto da porta principal, pregou o orador.

Continuaram as intrigas e os desgostos; mas *post tot tantosque labores*, os irmãos obtiveram do primaz, em 17 d'agosto de 1774, provisão para erigirem definitivamente a irmandade na matriz de S. Pedro;—o geral dos carmelitas descalços lhes deu *carta patente*—e o nuncio a confirmou em outubro do mesmo anno de 1774, sendo os estatutos approvados pelo arcebispo em 11 de janeiro do anno seguinte!

Foi fal o enthusiasmo dos devotos que logo fizeram cantar um *Te-Deum;*—seguiram-se luminarias e festejos publicos e resolveram erigir um templo expressamente consagrado á Virgem do Carmello.

—

Não descançaram, porem, os desordeiros. Referveu a intriga e promoveram a suppressão da irmandade, allegando entre outras coisas—que tinham enganado o provincial, dizendo-lhe que não havia outra na distancia de uma legoa, etc.

Informado devidamente o provincial, indeferiu e a irmandade não foi supprimida; mas os heterodoxos lançaram ainda mão de outro recurso: Dirigiram um requerimento muito circumstanciado ao arcebispo, pedindo-lhe que supprimisse a irmandade, comminando aos irmãos rebeldes a pena de excommunhão, mas o arcebispo não os attendeu.

Não desistindo os heterodoxos dos seus malevolos intentos, dirigiram-se os irmãos á piedosa rainha D. Maria I, por intermedio do seu confessor, implorando remedio para tantos males, e foram attendidos, pois por aviso regio de 29 de fevereiro de 1779 foi a Villa Real expressamente o corregedor de Guimarães;—intimou a confraria heterodoxa estabelecida no altar da Misericordia para que se desse por dissolvida,—fez eleger nova mesa em S. Pedro, e annullou de um só golpe para sempre os mal intencionados.

—

Vendo-se livres de tantas vexações, exultaram de contentamento os confrades.

Houve *Te-Deum*, repiques, foguetes, vivas e festas apparatosas.

Chamaram de Guimarães os armadores, —de Braga a musica e vozes da capella do arcebispo—e de Chaves a charanga dos Dragões;—houve fogo preso e solto, esplendido e novo,—procissão com innumeraveis padres de roquete,—80 parochos do termo com suas capas *d'asperge*,—toda a tropa de linha e auxiliares de Villa Real e seu termo,—tres noutes de luminarias a *giorno*,—philarmonicas, serenatas, canções, danças, etc.

No dia 15 de julho novamente fogo solto, que enchia o ar de lagrimas, raios e estrellas.

No dia 16 bailes de mascaras pelas ruas, toques, serenatas e descantes.

No dia 17 tourada que surprehendeu e maravilhou a todos, por ser coisa nunca vista em Villa Real.

Seguiram-se nos dias 18, 19 e 20 cavalhadas e torneios, escaramuças e combates simulados, trajando os nobres da villa e seu termo galas riquissimas apropriadas e manobrando com tal destresa que o povo enthusiasmado os cobriu d'applausos e ovações, terminando as grandes festas com uma nova tourada, na qual foi morto um touro.

Parece incrivel que por um motivo apparentemente tão simples se fizessem tão pomposas e custosas festas *de improviso* e em uma terra tão pequena como era então Villa Real; mas note-se que os villarealenses foram sempre inclinados ás grandes festas, como adiante mostraremos, quando fallarmos da de *Corpus Christi* e d'outras.

—

O infante D. Pedro, por provisão de 21 de julho de 1784, concedeu licença a esta ordem 3.ª para levantar um templo proprio no campo do Pioledo e por provisão de 16 de fevereiro de 1785 lhe cedeu o terreno preciso

para o dicto templo,—o que foi confirmado pela rainha D. Maria I em 20 de março de 1789. No mesmo anno lhe deram principio, mas só em 1820 cobriram a nova egreja e para ella mais tarde (não sabemos quando) trasladaram a imagem da Virgem.

Em 1846 fizeram no seu adro o cemiterio dos irmãos.

Tem esta ordem estatutos confirmados pelo geral dos carmelitas descalços, approvados por provisão de 21 de março de 1792.

Paços do concelho

A primeira casa da camara ou do senado esteve na *villa velha* e desappareceu ha muito.

A segunda foi um edificio acastellado e ameiado que se erguia junto do chão onde hoje se vê o novo hospital da Misericordia, contiguo ao angulo S.O. da frontaria d'elle.

Foi principiado em 1535, pois, segundo consta do archivo d'esta camara, n'aquelle anno, em virtude de uma provisão regia, se lançou uma derrama sobre esta villa e seu termo para as dictas obras e para a ponte do Sabor, no caminho de Moncorvo. E do mesmo archivo consta que por carta do marquez, ao tempo senhor d'esta villa, se mandou em 1537 lançar nova finta ou derrama para conclusão dos mesmos paços do concelho.

O edificio era quadrado, muito solido, assente sobre seis arcos de pedra, 2 em cada face, e tinha dois andares, no primeiro dos quaes se faziam as audiencias do geral, correição, almotaceria e orphãos, e no 2.º as sessões da camara.

A entrada era por um grande patim exterior, e na frente que dava para a *villa velha* tinha um grande escudo em relevo com as armas reaes pintadas e douradas.

Ardeu este edificio em 1827 e consta que foi incendiado de proposito para desafogarem as vistas do novo hospital. É certo que em seguida ao incendio a Misericordia se apropriou das ruinas, demoliu as paredes e uniu o chão ao seu hospital.

A camara em 1849 comprou por 700$000 réis aos herdeiros de José Corrêa Teixeira do Amaral a casa em que este senhor viveu na rua da Amargura, e ali se estabeleceu, constando que tenciona adquirir e demolir as casas contiguas da banda do Tabolado, para que os novos paços do concelho defrontem com aquelle grande campo.

Senado, panellas e festas officiaes

Em 1720, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, a camara ou o senado d'esta villa constava de tres vereadores, pessoas nobres, um procurador do concelho, um escrivão e um porteiro, sendo presidente nato o juiz de fóra.

Os vereadores e o procurador eram eleitos pelo povo de tres em tres annos e, como serviam apenas um anno, tinham de ser eleitos 9 vereadores e 3 procuradores em uma especie de lista triplice, depois enviada á serenissima casa de Bragança, para ella escolher, pelo que eram votadas a um tempo 27 pessoas para vereadores e 9 para procuradores, com as formalidades seguintes:

Sobre uma mesa collocavam 36 panellas tapadas, cada uma com seu papel, indicando as pessoas destinadas para vereadores e procuradores, e junto do dicto papel em que estava escripto o nome do proposto, havia um buraco para receber os votos, que eram representados por feijões brancos e pretos. Os brancos approvavam e os pretos reprovavam.

Preparadas assim as 36 panellas, subia o povo e votava. Em seguida ia o ouvidor fazer o apuramento, ou *limpar a eleição*.

Chamava duas pessoas de sã consciencia; —extrahia os feijões;—fazia uma acta de tudo e a remettia á serenissima casa do infantado, donataria d'esta villa, desde 1841, data em que foram justiçados e extinctos os seus marquezes, como já dissemos; — depois o infante por carta sua indicava os vereadores e curadores que haviam de servir no triennio.

Julgamos ser isto o que se deprehende das *Antiguidades de Villa Real*, muito ambiguas n'este topico.

—

A camara fazia á sua custa a festa e a

procissão de S. Sebastião, á qual assistia, bem como ás festas e procissões da bulla e dos Santos Oleos.

Tambem fazia e acompanhava a procissão de S. Marcos.

Sahia esta da egreja parochial de S. Diniz;—acompanhavam-n'a os 2 parochos da villa com as 2 cruzes—e os vereadores com as suas varas, bandeira e musica até á capella de Santo Antonio, no Calvario;—ali montavam todos a cavallo e seguiam até á capella de Nossa Senhora de Guadalupe, distante cerca de 3 kilometros, na freguezia de Mouçós, onde estava a imagem de S. Marcos; formavam a procissão antes de chegarem á dicta capella, na qual entravam cantando a ladainha dos santos, alternada com a musica;—d'ali seguiam em procissão até á capellinha de Nossa Senhora do Cabeço, que está pouco distante, para o lado norte, e se suppõe ter sido convento de freiras; [1]—voltavam depois á capella de Nossa Senhora de Guadalupe, onde terminava o romagem com uma missa cantada.

Tinha a camara 4$800 réis de propina para um jantar que ali todos comiam.

—

Tambem a camara com a sua vara e bandeira acompanhava as 3 procissões das ladainhas de maio, que saiam todas da egreja de S. Diniz, com musica, povo, cruzes e clerigos da villa, indo a 1.ª ao convento de S. Francisco,—a 2.ª ao de S. Domingos—e a 3.ª ao de Santa Clara, celebrando-se em cada um d'elles missa cantada com musica por conta da camara.

Dia da visitação de Santa Isabel a camara acompanhava tambem outra procissão, em que tomavam parte todas as bandeiras e corporações dos artistas, todo o clero da villa e todas as cruzes parochiaes de uma legoa em redor. Sahia da egreja de S. Diniz para a dos frades de S. Domingos, onde se celebrava missa cantada com sermão e musica, regressando na mesma fórma á egreja de S. Diniz.

No dia 1 de dezembro a camara, com os misteres, almotaceis, nobresa e clero da villa, acompanhava outra procissão, em tudo semelhante, para commemorar a feliz acclamação d'el-rei D. João IV.

Acompanhava tambem a procissão do Corpo de Deus, que era a mais apparatosa de todas (logo a descreveremos)—e a do Anjo Custodio, tão apparatosa como a do Corpo de Deus.

Convento de S. Francisco

Sendo papa Gregorio XIII e arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, governando a ordem serafica Fr. Christovam *de Capite Fontium*, e a provincia de Santo Antonio dos padres capuchos de Portugal Fr. Marcos de Lisboa, chronista geral da ordem, vivia em Villa Real um piedoso, rico e nobre cavalleiro, Diogo Dias Ferreira, que se propoz fundar n'esta villa um convento. Com esse intuito foi a Lamego, expoz a sua rosolução aos frades franciscanos d'aquella cidade e convidou-os para disporem a fundação, offerecendo-lhes parte dos seus muito bens.

Annuiram de bom grado os religiosos lamecenses e obtiveram provisão de 22 de janeiro de 1572 para poderem dar principio á obra.

Foi o provincial Fr. Marcos de Lisboa, em 21 de janeiro de 1573, demarcar e tomar

---

[1] V. *Mouçós* e *Borbella*.

O Jeronymo *Latagão*, procurador de causas, homem sem lettras, mas curioso investigador das antigalhas d'esta villa, fallecido ha poucos annos, copiou as *Antiguidades de Villa Real* e alterou-as sensivelmente, augmentando-as em alguns pontos e cerceando-as em outros. N'este topico relativo ao mosteiro do *Cabeço* disse que o arcebispo D. Estevam Soares, na sua visita á diocese em 1250, transferiu para o mosteiro de S. Salvador de Braga as freiras que do convento de *Caravellas*, aldeia frigidissima, situada em um dos pontos mais altos do Marão, tinham passado para o mosteiro do Cabeço.

Isto mal pode acceitar-se, porque o *actual* mosteiro de S. Salvador de Braga foi fundado em 1602 pelo arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, 32.º arcebispo depois de D. Estevam Soares!...

Tambem diz a tradição que no locál onde esteve o mosteiro do *Cabeço* houve no tempo dos romanos um collegio de *Vestaes*, o que tambem nos custa a crer, porque o sitio é muito frio e alpestre.

posse do terreno, levando comsigo Fr. Sebastião de S. João para prelado, Fr. Henrique, Fr. Antonio de S. João, Fr. Antonio de Beja e o leigo Fr. Alvaro, os quaes, durante as obras, residiram algum tempo em uma casa da rua do Carvalho e d'ahi passaram para outra da rua das Flores. D'aqui proveiu dizer nos seus apontamentos o Jeronymo *Latagão*, já mencionado supra,—que este convento teve principio em uma albergaria da rua do Carvalho, d'onde passou para outra da rua das Flores.

—

Alèm das terras que deu a estes frades capuchos para a fundação do convento, Diogo Dias fez a capella-mór á sua custa, cujo padroado depois cedeu ao marquez de Villa Real para n'ella enterrar um seu filho segundo; e, para jazigo seu e dos seus descendentes, edificou uma capella privativa mais pequena, mas primorosa, junto do arco cruzeiro, do lado do evangelho, na qual poz as suas armas dos appellidos Athaides, Teixeiras, Moreiras e Pimenteis. Alem d'isso deu aos frades a quinta a jusante do convento para patrimonio da dicta capella, com a obrigação de uma missa semanal;—e ainda depois os beneficiou com 16 arrateis de carne, 800 rèis para peixe e um almude de azeite para a lampada, mensalmente.

No dia 4 de fevereiro de 1573 se lançou a pedra fundamental da capella-mór, precedendo missa cantada na egreja matriz de S. Pedro, e pregando o mesmo provincial, que depois foi bispo do Porto.

El-rei D. Sebastião, por tres alvarás de 1572, mandou expropriar pelo provedor de Moncorvo certos terrenos para as obras,—ordenou que os officiaes trabalhassem pelos preços do costume e que as madeiras precisas para o convento fossem vendidas aos frades pelo seu justo valor.

Por carta escripta de Ceuta em 16 d'agosto de 1572, o marquez D. Manuel perdoou aos frades os foros que tinha nas terras que elles adquiriram.

Outro marquez, estando em Leiria, onde era alcaide-mór, lhes deu, por carta de 25 de setembro de 1624, uma arroba de carne por semana e na quaresma o seu valor para comprarem peixe,—acceitando ao mesmo tempo o padroado da capella-mór, cedido por Diogo Dias Ferreira.

—

Em 1627 fez-se o chafariz na cerca, onde estava tambem uma capella dos herdeiros de Jeronymo Rodrigues, conego de Guimarães, fundador do mosteiro das Claras d'esta mesma villa.

Em 1640 D. João IV mandou continuar as obras com o dinheiro que para ellas tinham dado os marquezes, accrescentando do seu bolso 20 crusados por anno, com a obrigação de serem os sermões do advento pregados pelos franciscanos em S. Diniz e S. Francisco;—e a camara, por este mesmo motivo, lhes deu 4$000 réis annuaes para *vestiaria*.

Em 14 de setembro de 1679 D. Pedro II concedeu a Antonio Teixeira de Magalhães, F. C. R., governador politico d'esta villa e sargento-mór, licença para fazer sepultura para si debaixo do arco cruzeiro d'esta egreja, mas sem brasão d'armas, por ser a capella-mór do padroado real, podendo gravar n'ella apenas uma inscripção com o seu nome.

No corpo da egreja d'este convento, para a parte do norte e do lado do evangelho, está a capella de Nossa Senhora da Conceição, pertencente á ordem 3.ª de S. Francisco e ligada á egreja por um grande arco de pedra com suas grades.

É toda azulejada e primorosa, forrada de paineis; tem sacristia propria, casa de despacho, etc.

N'esta capella, da qual já fizemos menção, se installou a ordem 3.ª e chegou a obter grande importancia. Em 1721 contava *mil quinhentos e nove* irmãos d'ambos os sexos e fazia com grande pompa a procissão de Cinza.

Sendo extinctos os frades em todo o nosso paiz, por decreto de 24 d'abril de 1834, o governo, por duas portarias de 6 e 23 de outubro de 1835, mandou entregar esta egreja com as suas alfaias á ordem 3.ª

A mesma ordem ainda hoje (1885) a possue, mas o convento, em seguida á extincção das ordens religiosas, passou com a

bella cerca e mais dependencias para os proprios nacionaes,—depois n'elle se aquartelaram os destacamentos de tropa estacionados n'esta villa—e, desde 1883, está servindo de quartel ao regimento de infanteria n.º 13, que n'aquella data foi transferido de Chaves para aqui;—não tendo porém a capacidade precisa para receber um regimento inteiro, a camara o mandou restaurar e ampliar e n'elle tem feito e está fazendo obras importantes.

—

Este convento ardeu em 9 de janeiro de 1850. A custo pôde salvar-se a egreja; mas foi concertado com donativos dos habitantes da villa;—depois, em uma parte d'elle, se estabeleceu a bibliotheca publica e uma escholа normal—e na outra se aquartelavam os destacamentos.

A cerca andou arrendada por conta do governo até 1843, data em que foi posta em hasta publica e arrematada por Antonio de Carvalho, de Escariz, residente em Lisboa.

No anno de 18.. o bispo de Leão deu ordens menores n'esta egreja, estando emigrado n'esta villa D. Carlos de Hespanha, com seus filhos e muitos fidalgos hespanhoes, entre elles o dicto prelado.

Em 1820 José Teixeira de Mello, morgado de S. Paio, deixou a sua grande livraria aos frades d'este convento, com a condição de a franquearem ao publico um dia por semana —e de que passaria para a camara municipal, se o convento fosse extincto.

É pois a dicta bibliotheca propriedade do municipio desde 1834.

—

Este convento, hoje quartel militar de infanteria n.º 13, estava e está em alegre e vantajosa situação, na extremidade N. E. da villa, ao nascente da *Carreira*, passeio agradavel e muito concorrido, ao longo da estrada real que, um pouco mais adiante, se ramifica para Chaves, Bragança e Sabrosa.

A *Carreira* está no sopé do monte do Calvario e do *Jardim Publico*, que lhe ficam á esquerda, saindo da villa,—e á direita a cerca, hoje quinta, dos frades, e o convento, em plano um pouco inferior, para o qual se descia e desce por uma larga escadaria d'alguns degraus,—seguindo-se um amplo terreiro—e depois o convento, hoje quartel, afastado da Carreira cerca de 100 metros.

Ao longo da *Carreira*, lado E., corria o muro da cerca e n'elle foram abertos em 1788, no alto da escadaria mencionada, 2 grandes arcos de granito, formando um bello portico duplo, que dava entrada para o convento e para a cerca.

Suppomos que os dictos arcos foram demolidos este anno de 1885, porque difficultavam a entrada e saida do regimento em formatura.

—

Na egreja d'este convento fundou o padre Francisco Mattoso Mourão, de Lordello, vigario de Folhadela, por seu testamento de 23 de novembro de 1684, uma capella da invocação de S. Francisco, para jazigo seu, á qual vinculou certos bens com a obrigação de 4 missas semanaes.

Tambem havia 5 capellas em varios pontos da cerca, que era espaçosa e tinha uma boa matta, jardins, passeios, carreiras, hortas, vinhas e muita agua propria, além das vertentes do grande chafariz publico, de que logo fallaremos, e que estava e está na *Carreira*, em plano superior ao convento e á cerca.

Recebiam os frades aquellas vertentes em uma linda casa d'agua, d'onde cahia em um tanque—e d'este passava para as hortas.

Convento de S. Domingos

Tentando os frades dominicos de Guimarães fundar um convento da sua ordem n'esta villa, obtiveram auctorisação apostolica por bulla do papa Martinho V, e licença do arcebispo de Braga D. Fernando.

Escreveu tambem el-rei D. João I a Martim Affonso, seu contador na provincia de Traz-os-Montes, dizendo-lhe que, tendo resolvido fundar n'esta villa um convento em honra de S. Domingos, fosse elle com o padre mestre Fr. Francisco, da dicta ordem, escolher n'esta villa ou no seu arrabalde o sitio mais apropriado para a fundação, o qual assim o fez, com previo accordo e consentimento dos juizes, vereadores, procuradores

e homens bons de Villa Real e do dr. Fr. Vasco de Guimarães, prior do convento da mesma ordem n'aquella villa, hoje cidade.

Escolheram elles o terreno ao poente do Campo do Tabolado, entre este e a rua da Fonte do Chão,—terreno que media 59 braças de 10 palmos craveiros, em comprimento, e 29 de largura, comprehendendo differentes casas e chãos que os seus donos cederam, com a condição de reverterem para elles doadores ou para os seus herdeiros, quando se não fizesse o convento.

Cedeu tambem a camara para alinhamento do edificio certo espaço do dicto campo, —e D. João I, por provisão de 2 de novembro de 1421, datada d'Almeirim, não só approvou e confirmou isto tudo, mas perdoou os foros reaes que, em virtude da doação de D. Diniz, aquelles chãos, como todos os da *Redonda*, pagavam á corôa,—declarando porem que, se o convento se não fizesse, ou depois de feito n'elle cessassem os officios divinos, reverteria aquelle terreno para os doadores e continuaria a pagar fôro á corôa, como anteriormente pagava.

Tambem a camara, em 9 de dezembro de 1422, cedeu aos dominicos um anel da agua, que vinha encanada do Seixo para o chafariz do dicto campo—e lhes deu licença para taparem o caminho da *Barroca*, que ligava o rocio, depois *Campo do Tabolado*, com a rua da *Fonte do Chão*.

—

Principiaram as obras no dia 7 de maio de 1422, precedendo missa, que foi celebrada por Fr. Vasco de Guimarães na velha capellinha de S. Sebastião, da qual já se fallou e que existia junto do chão onde se fez o convento. Era da camara que a cedeu tambem aos frades,—e estes, feita a egreja do seu convento, a demoliram.

El-rei D. Affonso V deu para estas obras 286 reaes brancos annualmente—e D. João III cedeu a estes religiosos metade das rendas de Moussellos, que foram dos conegos regrantes,—mercê que el-rei D. Sebastião tornou effectiva.

Entre os grandes bemfeitores d'este convento avultam os marquezes de Villa Real, seus padroeiros.

O marquez D. Fernando lhe estipulou annualmente 300 medidas de pão e vinho, 10 almudes d'azeite e 4$400 réis em dinheiro; —depois lhe deu mais 80 medidas de pão, 4 almudes d'azeite e 3$000 réis para peixe, —e em 1521 elevou as medidas de pão e vinho a 600 e o dinheiro a 10$000 réis annuaes.

O marquez D. Miguel, filho do antecedente, elevou as medidas a 612 e o dinheiro a 12$000 réis, com a obrigação de certas missas e suffragios pela alma d'elle marquez e de seus ascendentes e descendentes — e n'essa occasião mandou cortar algumas oliveiras das que povoavam o campo e se erguiam na frente do convento.

—

Em 1728 foi reformado o dormitorio que dá para leste [1], ou para o *Campo do Tabolado*, e fez-se tambem a torre, a tribuna e o retabulo do altar-mór, tudo á custa do religioso d'esta mesma casa, Fr. Manuel Leite.

Em 1755 foi reformada a capella-mór pelo prior d'este convento, Fr. Domingos de Castro.

Em 1765 foi restaurado o côro e guarnecido com cadeiras de pau preto, bellas pinturas e ricas decorações de talha dourada.

Extinctas as ordens religiosas em 1834, foi esta egreja cedida ao parocho de S. Pedro, mas em 11 de junho de 1835 o prefeito a entregou ao reitor de S. Diniz para séde da sua parochia, e no dia 19 do dito mez para ella se fez a trasladação do Santissimo Sacramento com grande pompa.

Passados dois annos, a 21 de novembro de 1837, ardeu este convento, achando-se n'elle aquartelado o batalhão de caçadores n.º 3. Acudiu logo o povo, mas os soldados o receberam a tiros, pelo que, e por outras precedencias, todos se convenceram de que o convento foi incendiado de proposito pelo commandante d'aquelle batalhão, o tristemente

---

[1] Os religiosos, com prévia auctorisação da *casa do infantado*, demoliram parte dos muros da *villa velha* para fazerem o seu dormitorio—vandalismo que posteriormente foi continuado pelo general Silveira, pela camara e por differentes proprietarios d'esta villa.

celebre major *Painço*, para *saldar as contas* com a caixa do mesmo batalhão!...

—

O incendio devorou todo o edificio do convento e a propria egreja, que era sumptuosa e riquissima, poupando apenas a capella-mór, por ser d'abobada.

Ficaram os villarealenses consternados e, desejando restaurar a egreja, nomearam uma commissão de cinco membros para esse fim. Com alguns donativos que obteve, restaurou a dicta commissão o arco da capella-mór e o da nave do lado do evangelho; —collocou na capella-mór algumas imagens e de novo a abriu ao culto; mas demittiu-se, por falta de recursos para proseguir com as obras, pois da parte restante da egreja apenas ficaram de pé as paredes denegridas.

Foi nomeada outra commissão, que promoveu representações dramaticas e touradas e abriu uma subscripção publica, acceitando quaesquer esmolas, mesmo em generos. Algum dinheiro apurou, e uma piedosa senhora, D. Sebastiana Emilia Candida Ramos, deu 350$000 réis, mas eram de tal magnitude as obras, que pouco adiantaram, Deu-lhes grande impulso o governador civil José Cabral, porque, por alvará de 3 de agosto de 1844, depois de prévia auctorisação da junta geral do districto, mandou que se empregasse na reconstrucção d'esta egreja as rendas da capella de Nossa Senhora do Viso, da freguezia de Fontes, concelho de Penaguião, bem como as da capella de Nossa Senhora da Guia, de Jorjais de Vegielos, as das confrarias de Nossa Senhora do Rosario, de Torgueda e d'Abbaças, e as da irmandade de Nossa Senhora do Rosario d'esta mesma egreja de S. Domingos, seus fôros e dividas activas, etc., com o que se arranjaram mais de tres contos de réis e se fez a armação e o telhado do templo.

Em 1850 se collocou na torre o 2.º sino, de 23 arrobas de peso—e n'este mesmo anno as irmandades do Santissimo Sacramento e da Senhora do Rosario fizeram as suas casas para sessões e arrecadações.

Proseguiram paulatinamente as obras e hoje a egreja está limpa e muito decente. Tem 3 naves sobre 6 columnas de pedra, formando arcos em ogiva,—tecto liso e branco—e na capella mór um bom retabulo de talha dourada, do ultimo seculo.

No corpo da egreja tem 4 altares lateraes, feitos de novo, sendo dois muito elegantes, muito apparatosos e bem dourados:—um de Nossa Senhora do Rosario (o 1.º á direita, descendo da capella-mór)—outro do Coração de Maria, em frente d'aquelle, ou do lado da epistola. Seguem-se—d'este lado o do Senhor Jesus e do lado opposto o de Nossa Senhora da Soledade.

—

Ha n'este templo 4 irmandades importantes:

1.ª—*Nossa Senhora do Rosario*, no seu lindissimo altar.

Foi erecta em 1434 e confirmada por bulla do papa Martinho V. Em tempos remotos contou milhares de irmãos e ainda em 1721 contava 1408.

Em seguida ao grande incendio, com a perda do seu altar e com a applicação das suas rendas para a restauração da egreja, suspendeu as suas funcções, mas depois se reorganisou,—fez novos estatutos, que foram approvados por carta de lei de 27 d'agosto de 1855,—tem grande numero de irmãos e rendas sufficientes,—construiu á sua custa um primoroso altar—e celebra pomposas funcções.

2.ª—*Coração de Maria.*

Em 20 de dezembro de 1852 fez-se n'este templo uma grande festividade ao *Coração de Maria*, prégando os missionarios D. Joaquim José Alvares de Moura [1] e padre Antonio Correia dos Reis. Exaltaram elles a devoção com o immaculado Coração de Maria e pediram aos fieis que se constituissem em irmandade propria.

Acudiram elles ao chamamento; — de prompto se alistaram muitos,—formou-se a

---

[1] Este benemerito missionario D. Joaquim José, ou D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura, tinha sido conego regrante de Santa Cruz de Coimbra.

Veja-se a sua interessante biographia n'este 10.º vol. pag. 531, col. 1.ª n.º 6.

irmandade—e em poucos annos se elevou a mais de 12:000 o numero dos irmãos.

Mandaram fazer uma imagem de Nossa Senhora,—primorosa esculptura, que lhes custou cerca de *dois contos de réis* com o vestuario e adornos proprios,—despenderam mais de dois contos de réis no seu lindissimo altar, que foi dourado em 1872,—e desde 1855 teem festejado com grande pompa a Virgem, sua padroeira, todos os annos.

3.ª—*Santissimo Nome de Jesus.*

É muito antiga esta irmandade.

Foi erecta pouco depois da fundação d'este convento e confirmada por bullas apostolicas. Em 1718 foram reformados os seus estatutos e o prior d'este convento os confirmou.

Ha n'esta villa, como já dissemos, mais duas irmandades com o mesmo titulo, tambem muito antigas,—uma na egreja parochial de S. Pedro, outra na de S. Diniz.

4.ª—*S. Gonçalo.*

Tem muitos irmãos e estatutos approvados em 11 d'agosto de 1703 pelo arcebispo D. João de Sousa.

Capellas

Houve, e não sabemos se ha, n'este convento as duas capellas seguintes:

1.ª—*Nossa Senhora da Conceição.*

Esteve na sala do capitulo, junto da sacristia da egreja e foi comprada por Affonso Annes e sua mulher Maria Affonso, pessoas da primeira nobreza d'esta villa, para sepultura d'elles compradores e dos seus descendentes, obrigando-se a tel-a sempre bem reparada.

Abriram nas paredes 4 arcos, ficando a meio o altar da Senhora, e n'elles fizeram 4 mausoleus, reservando o pavimento para sepultura dos parentes,—e deixaram de fôro annual ao convento 60 almudes de vinho, 35 medidas de pão e 400 réis em dinheiro, com a obrigação de uma missa cantada todos os sabbados pela alma dos instituidores e dos seus ascendentes e descendentes. De tudo se lavrou escriptura em 10 de maio de 1455.

Vincularam tambem certas propriedades a esta capella, em morgado.

No fecho do arco da dicta capella se lia a inscripção seguinte:

ESTA OBRA MANDOU FAZER
JOÃO ANNES CARNEIRO, NA
ERA DE 1492, E POR JÁ ES-
TAR DAMNIFICADA GASPAR CAR-
NEIRO, SEU FILHO, A MANDOU
RENOVAR NA ERA DE 1536.
DOMINGOS DE MAGALHÃES CAR-
NEIRO, ADMINISTRADOR D'ESTA
CAPELLA A MANDOU REFOR-
MAR EM 1634.

Dentro do arco, em plano superior ao retabulo do altar, se via um escudo com o brasão d'armas do instituidor.

Na frente de um dos 4 mauzoleus se lia o seguinte:

AQUI JAS JORGE DOMINGOS,
BACHAREL QUE DEUS TEM, E
MANDOU FAZER ESTA SEPUL-
TURA.

E em plano um pouco inferior:

DOMINGOS DE MAGALHÃES CAR-
NEIRO, SARGENTO MÓR QUE
FOI NA ILHA DE S. THOMÉ,
HE ADMINISTRADOR DESTA
CAPELLA.
ERA DE 1634 ANNOS.

Terminava este mauzoleu em cavalete com uma argola de ferro e ornamentação com folhagem, tudo dourado,—e 3 escudos com differentes brasões.

—

Occorrem-nos os seguintes administradores d'esta capella:

1.º—Affonso Annes, o instituidor,—desde 1455 até ....

2.º—.....

3.º—João Annes Carneiro, neto do instituidor,—desde 1492 até 1538.

4.º—Francisco Carneiro, escudeiro fidalgo, —desde 1538 até 1580.

5.º—Domingos Carneiro, casado com D. Filippa do Carvalhal,—desde 1580 até ....

6.º—D. Isabel do Carvalhal, filha dos an-

tecedentes, casada com o dr. Balthasar de Magalhães, 3.º neto de Paio Rodrigues de Magalhães e de D. Maria de Sequeira, senhora da *Terra da Nobrega*.

7.º—Domingos de Magalhães Carneiro, cavalleiro da ordem d'Aviz e procurador ás côrtes de 1642 por Villa Real.

8.º—D. Francisca de Magalhães de Mesquita, filha do antecedente, casada com Santos Mendes de Vasconcellos, de Braga.

9.º—Manuel da Costa Vasconcellos, filho dos antecedentes;—1685 até 1711.

10.º—Duarte Mendes de Vasconcellos, filho do antecedente;--desde 1711 até 1749.

11.º—Manuel da Costa Vasconcellos, filho do antecedente;—desde 1749 até ....

12.º—.....

13.º—.....

14.º—D. Angelica Augusta da Costa Vasconcellos de Brito Roby Pimentel, senhora do palacio das Carvalheiras, em Braga, bisneta de Manuel da Costa Vasconcellos e esposa do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, da nobre casa da *Calçada*, em Provezende, [1] que já foi deputado ás côrtes e governador civil de Braga, cavalheiro de muito merecimento, hoje director da Penitenciaria em Lisboa, e irmão do sr. dr. Adolpho da Cunha Pimentel, deputado ás côrtes, etc.

2.ª—*S. João Baptista*, no claustro.

Foi fundada por Fr. Manuel de Jesus, prior d'este convento, em frente á mencionada capella do capitulo;—era forrada de azulejo, —tinha um bom retabulo de talha dourada —e tecto dourado e pintado.

Em escriptura de 18 de outubro de 1644, o fundador a dotou com 10 pipas de vinho de fôro annual, impondo aos religiosos a obrigação de 100 missas por anno e de terem n'ella accesa uma lampada todas as noites.

Suppomos que estas duas tão interessantes capellas foram destruidas com o incendio do convento.

Sepulturas nobres, privativas

1.ª—Na capella-mór da egreja d'este convento, do lado da epistola, tiveram sepultura privativa, os *Lobos Barbosas*, morgados de Penellas.

Foi comprada aos religiosos em 1590 por Jeronymo Lobo de Barbosa, F. C. R., pertencente á primeira nobresa d'esta villa.

Era brasonada.

2.ª—Na mesma capella-mór, do lado do evangelho, tinham sepultura privativa, tambem brasonada, os *Pintos Mesquitas*, morgados de Abbaças, por transacção que fez com os frades, em 10 d'abril de 1617, Gonçalo de Mesquita Pinto, F. C. R.

Pela união da casa d'Abbaças á dos morgados de S. Braz, Sant'Anna e Bomjardim, como já dissemos supra, é hoje representante d'estas nobres familias e d'esta sepultura privativa o sr. José Xavier Teixeira de Barros, pelo seu casamento com a ex.ma sr. D. Maria da Graça Teixeira Coelho, bisneta de Gonçalo Chrystovam, o martyr das prisões da Junqueira, ou antes do marquez de Pombal.

3.ª—No corpo da mesma egreja, em um arco aberto na parede, do lado do evangelho, está sobre 4 leões um mauzuleu da nobre familia *Taveira de Magalhães*. Termina em cavalete com folhagem e tem a seguinte inscripção em caracteres gothicos:

ESTA OBRA MANDOU FAZER DIOGO
AFFONSO E SUA MULHER BRANCA DIZ,
E JAS SEO FILHO PEDRO DIZ, QUE
DEUS HAJA.

Na frente da mesma caixa se lê est'outra inscripção mais moderna:

JOÃO TAVEIRA DE MAGALHÃES
E HERDEIROS.

4.ª—Em outro arco, na parede do lado da epistola, se vê outro mausoleu, pertencente á nobre familia dos *morgados de Lordello* [1]. É bastante ornamentado,—termina em cavalete—e tem a inscripção seguinte:

SEPULTURA DE ISABEL DE MESQUITA
M.cr DE RUY DE NIZA, DE LORDELLO.

---

[1] V. *Provezende*, vol. 7.º pag. 698, col. 1.ª

[1] V. *Lordello*, freguezia de Traz-os-Montes, vol. 4.º pag. 438, col. 2.ª

Este Ruy de Niza era natural de Lisboa e casou com a dicta senhora, Isabel (Corrêa) de Mesquita, morgada de Lordello,—5.ª avó paterna do nosso primeiro escriptor contemporaneo e o mais distincto e fecundo romancista que tem tido Portugal,—o sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho [1].

O honrosissimo decreto, pelo qual s. ex.ª foi agraciado com o titulo de visconde, é o seguinte :

«D. Luiz, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha *Carta* virem que, attendendo ás qualidades que concorrem na pessoa de *Camillo Castello Branco,* e querendo dar-lhe um publico testemunho da minha real consideração e do apreço em que tenho o *seu distincto merecimento litterario*: Hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de *Visconde de Correia Botelho,* em sua vida. Pelo que, mandando eu passar ao agraciado a presente *Carta,*... ordeno ás auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento d'esta mesma *Carta* pertencer, que... a cumpram e guardem como n'ella se contem... Não pagou direitos de mercê, imposto de viação, nem emolumentos, por ser d'elles dispensado pela lei [2] de vinte de julho de 1885. Dada no Paço da Ajuda em 20 d'agosto de 1885. El-Rei D. Luiz. A. C. Barjona de Freitas.»

Nasceu s. ex.ª na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, em Lisboa, no largo do Carmo, em uma casa fronteira ao convento, no dia 10 de março de 1826, e, tendo vivido alternadamente em Lisboa, Villa Real e no Porto, em 1866 fixou a sua residencia em S. Miguel de Seide, junto de Villa Nova de Famalicão, onde vive ainda.

Está infelizmente muito alquebrado de forças, mas conserva o espirito lucido e ainda não interrompeu a sua faina de escriptor.

—

Para a biographia de s. ex.ª veja-se a mimosa publicação—*Camillo Castello Branco* (noticia da sua vida e obras) por J. C. Vieira de Castro, Porto, 1861;—na *Revista Contemporanea* (tomo 1.º pag. 485 a 488) o bello artigo publicado por L. A. Rebello da Silva, acompanhando o retrato do insigne escriptor,—n'este diccionario o artigo *Seide,* vol. 9.º pag. 74, col. 2.ª e no *Commercio Portuguez* de 5 de julho de 1884 a interessantissima carta do meu bom amigo A. Lopes Mendes, na local *O solitario de S. Miguel de Seide.* Veja-se tambem a *Maria da Fonte,* uma das mais recentes e mais interessantes publicações de s. ex.ª

Aqui daremos apenas uma breve noticia genealogica do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, a partir da sua 5.ª avó paterna, sepultada no indicado mauzoleu da egreja de S. Domingos.

Vae longo, *muito longo,* este artigo, mas não podemos furtar-nos á tentação de render homenagem ao principe dos nossos escriptores contemporaneos, — resumindo o mais possivel.

—

1.º—D. Isabel Corrêa de Mesquita, morgada de Lordello.

Casou com o mencionado Ruy de Nisa e tiveram :

2.º—Francisco de Mesquita Pimentel.

Casou com D. Catharina Correia de Magalhães, filha de Antonio de Magalhães Barbosa, morgado de Saboroso, e tiveram:

3.º—Francisca de Magalhães Correia.

Casou com Antonio José de Magalhães Correia Pimentel, filho de Thomé de Magalhães Pimentel e neto de Gaspar de Magalhães e Menezes, dos Magalhães, da Barca.

Tiveram:

4.º—D. Maria Luisa de Magalhães Menezes.

Casou com Manuel Correia Botelho, filho de Domingos Correia Botelho e de Archangela Gonçalves;—neto paterno de Jeronymo Correia Botelho e de Francisca Mendes, *ju-*

---

[1] Em 1869 o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio mencionou 19 publicações de s. ex.ª, mas hoje elevam-se a 155 os volumes que tem publicado (versões e originaes) não podendo calcular-se o que desde a infancia tem escripto em prosa e verso para differentes jornaes politicos e litterarios.

[2] Lei especial, proposta e votada unanimemente pelas camaras, em attenção ao *distincto merecimento* do agraciado.

dia ou christã nova,—sendo o dicto Jeronymo Corrêa filho natural de Martim Machado, cavalleiro professo na ordem de S. Thiago,—e de Rachel Mendes, tambem *judia* ou christã nova, por alcunha a *Barbada* [1].

Tiveram:

5.º—O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes, que em 1805 era desembargador aposentado da relação do Porto.

Casou com D. Rita Theresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, filha de José Pereira da Silva, capitão de infanteria de Cascaes [2], e de D. Theresa Ignacia Castello Branco.

Este José Pereira da Silva era filho de Thomé Pereira da Silva, de Leiria, e de D. Isabel de Faria;—neto paterno de Manuel Pereira da Silva e de D. Anna de Mello, filha de Francisco Dias Pimentel e de D. Maria Mendes de Cem ou *Ocem*; [3]—e Manuel Pereira da Silva era filho de Agostinho Cerveira Botelho, desembargador d'el-rei D. João III, e de D. Helena Pereira da Silva, de Guimarães, filha do desembargador Manuel Affonso de Carvalho.

D. Theresa Ignacia Castello Branco, supra mencionada, era filha bastarda de Francisco de Sousa Castello Branco, cavalleiro da ordem de Malta, e de D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão [4];—neta paterna de Pedro de Sousa Castello Branco, general de batalha e escriptor publico [5], e de D. Helena Mafalda Castello Branco;—e este Pedro de Sousa era filho de José de Sousa Castello Branco, senhor do Guardão [1], e de Isabel de Sousa Albergaria;—e D. Helena Mafalda era filha de Antonio Vaz de Castello Branco e de D. Maria de Sousa Castello Branco.

D. Joanna da Veiga Cabral Caldeirão, supra mencionada, era filha de Francisco Caldeirão da Veiga Cabral e de D. Marianna Bembo de Sousa; netá paterna de Rodrigo Caldeirão e de D. Joanna da Veiga Cabral, —e materna de Fabricio Bembo, milanez, e de Maria de Sousa.

O dr. Domingos Correia Botelho de Mesquita e Menezes e D. Rita Theresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco tiveram:

6.º — Manuel Correia Botelho Castello Branco, [2] pae do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, e de D. Carolina Rita Botelho Castello Branco, residente em Villarinho da Samardã, concelho de Villa Real, viuva do medico Francisco José d'Azevedo, da qual teve o bacharel em direito Antonio d'Azevedo Castello Branco, que já foi deputado ás côrtes e é hoje vice-director da Penitenciaria, em Lisboa, —e o bacharel em medecina José d'Azevedo Castello Branco, actualmente deputado ás côrtes, distincto parlamentar e ambos notabilissimos escriptores publicos.

—

O sr. visconde tem 2 filhos perfilhados, —Jorge Camillo Castello Branco, hoje de 22 annos de idade, que indoudeceu em Coimbra, quando ali estudava preparatorios,—e Nuno Placido Castello Branco, hoje de 20 annos de edade, viuvo de D. Maria José da Costa Macedo, do concelho de Villa Nova de

---

[1] Não se assustem os leitores com a rude franqueza do pobre linhagista mencionando *christãos novos* entre os ascendentes do sr. Camillo Castello Branco. *Rien n'est beau que le vrai*, — e s. ex.ª nos deu aso com o bello artigo que muito recentemente publicou, sob o titulo *Jasigo de A. Herculano*, na revista politica e litteraria *Republicas* (1.º anno, n.º 45 da 2.ª série) da qual é director politico o sr. Thomaz Ribeiro e director litterario o proprio sr. visconde de Correia Botelho.

[2] D'estes *Pereiras da Silva* era, ainda ha poucos annos, representante a viscondessa d'Alcobaça.

[3] V. *Ocem* n'este diccionario.

[4] Com relação a estes *Caldeirões*, veja-se *Sentimentalismo e historia* pelo mesmo sr. Camillo Castello Branco (no vol. *Euzebio Macario*) pag. 171 e 172, da 2.ª edição.

[5] V. *Diccionario Bibliographico* de Innocencio F. da Silva.

[1] Os representantes dos *senhores do Guardão* actualmente são José de Sousa Castello Branco e seus netos, filhos de D. Maria da Luz, que foi casada com o dr. Manuel Maria da Silva Bruschy. Enviuvando, casou com o tabellião *Eschola* de Lisboa (?)

[2] Foi cadete da cavallaria de Chaves; frequentou a Universidade, mas não concluiu a formatura; exerceu algum tempo o logar de commissario-mór de Villa Real, onde nasceu em 1798, e falleceu em Lisboa em 1836.

Famalicão, rica herdeira (a *menina dos trezentos contos*) da qual teve uma filha, que falleceu de tenra edade.

O mesmo sr. visconde de Correia Botelho teve tambem de D. Patrocinio de Barros Borges da Costa uma filha natural, D. Bernardina Amelia Castello Branco. Nasceu em Villa Real em 1849;—casou no Porto com o sr. Antonio F. de Carvalho, capitalista, e tem successão.

Desculpe-nos o sr. visconde de Correia Botelho, nosso bom amigo e mestre, a franquesa,—e por certo nos desculpará, tendo s. ex.ª escripto ainda no mez ultimo o bello artigo citado supra e que não podemos deixar de transcrever.

Vem elle muito a proposito para nossa justificação e para fecharmos com chave d'ouro este topico relativo ao convento de S. Domingos.

Eil-o:

O jasigo de A. Herculano

«Á portaria do mosteiro augustiniano, da Piedade, em Santarem, chegou em 1762 um homem na flor dos annos a pedir um habito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser de Villa Real de Traz-os-Montes. Viera de longe, propellido por uma grande catastrophe. A profissão era o acto final de uma tragedia que eu escreveria froixamente n'esta minha idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado *Os Brocas*. Como a historia é enredada e de longas complicações, nem ainda muito em escôrso posso antecipal-a n'este semanario [1]. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a mallograda esperança de escrever esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos organicos de uma historia curiosa e recreativa.

—

«O pae do frade augustiniano era Domingos Correia Botelho, meu terceiro avó paterno. Este homem casára duas vezes. Quando, já velho, contrahiu segundas nupcias, entregou aos filhos da primeira consorte os seus avultados patrimonios. João Correia, ao vestir o habito de agostinho descalço, era rico. O outro filho, Manuel Correia Botelho, meu bisavô, residiu em Villa Real. Havia mais duas filhas, que professaram em um mosteiro d'Abrantes. E, como a segunda esposa lhe morresse, o viuvo, com um filho e duas meninas do segundo matrimonio, foi residir em Santarem, onde o chamavam o amor e a saudade do seu desgraçado João.

Domingos Correia morreu á volta dos oitenta annos, e confiou á protecção do filho frade os seus meio-irmãos José Luiz, Anna Bernardina e Joanna.

Em nome de José Luiz Correia Botelho, comprou frei João a quinta de *Gualdim*, na Azoia de Baixo, onde foi rezidir a familia. Depois, ainda a expensas do frade, uniram-se á quinta algumas propriedades circumvisinhas, esculpiram na casa o seu brasão d'armas e ahi permaneceram até que este ramo da familia Correia Botelho, no lapso de vinte e cinco annos, se extinguiu.

José Luiz, cavalleiro professo na ordem de Christo, dotára sua irmã Anna Bernardina com a quinta de Gualdim e suas pertenças, para casar com um Ferreira Mendes. Por morte d'este sujeito, casou D. Anna, em 1774, com Pedro Vieira Gorjão, da villa de Torres Novas [1] (*sic*).

---

[1] As *Republicas*, onde o principe dos nossos escriptores contemporaneos publicou este artigo.

[1] Ao meu bom e velho amigo Francisco Palha e ao illustre escriptor o sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, ex-governador civil de Santarem, devo a posse dos documentos que verificam esta succinta noticia. O theor do registo de casamento de D. Anna Botelho é o seguinte:

«*Aos 25 do mez de março de 1794, em a ermida da quinta de Gualdim, freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Azoia de Baixo, se receberam por marido e mulher Pedro Vieira Gorjão, filho legitimo de Manuel Antunes d'Abreu e Maria Vieira dos Santos, moradores nos logares das (...?) freguezia de Sauta Maria da Villa de Torres Novas, com D. Anna Bernardina Botelho de Carvalho, viuva que ficou de João Antonio Ferreira Mendes, moradores na sua quinta de Gualdim, filha legitima de Domingos Correia Botelho, já fallecido, e de D. Maria Mon-*

—

«Não teve D. Anna filhos d'algum dos maridos; mas em 1807 chamou para a sua companhia um afilhado e sobrinho do segundo esposo, que tambem se chamou Pedro Vieira Gorjão.

José Luiz Correia Botelho falleceu em 4 de março de 1808, e sua irmã em 1811, legando os seus bens ao afilhado Pedro, sobrinho do seu segundo marido. Este herdeiro universal dos bens comprados pelo frade, veiu a ser o general de brigada Pedro Vieira Gorjão, que nascera em 28 de maio de 1806, e falleceu na quinta de Gualdim em 9 d'agosto de 1870.

Aquelle general foi, como é notorio, particular amigo de A. Herculano. É tambem sabido que o cadaver do egregio historiador, sete annos depois, foi encerrado no jazigo do seu defunto amigo.

Eu não sei se o general Gorjão removeu do carneiro da capella de Gualdim ou do pavimento da egreja de Azoia para o jazigo construido no adro, os ossos dos Correias Botelhos, e especialmente os da sua madrinha, que privára os consanguineos da herança para lh'a transmittir a elle. É natural que sim, tanto mais que *a velha casa* (segundo informa o sr. João Rodrigues Ribeiro, illustrado cavalheiro de Santarem) *tem sido reconstruida em epocas diversas, e actualmente pouco existe da antiga vivenda: Está tudo reduzido a edificações modernas. leves e proprias para estabelecimento agricola muito irregular.*

—

«Conjecturando, pois, que os ossos de A. Herculano esperam a resurreição da carne, de camaradagem com meu terceiro avô Domingos Correia Botelho, sinto extraordinaria alegria, antevendo o meu antepassado, evidentemente um bronco analphabeto, ao lado do primeiro historiador da Peninsula no dia do Juizo universal!

Por outro lado, contrista-me a idéa de que A. Herculano, na congregação cosmopolita de Josaphat—onde se hade operar a reorganisação mucosa e celular dos estomagos e dos figados—sentirá pejo de se ver ao lado de uns companheiros de jazigo que foram infamados de judeus. Porque meu tio—bisavô José Luiz Correia Botelho (*horresco referens!*) quando professou na ordem de Christo em 1778, viu-se em pancas para contraditar as testemunhas do inquerito que uniformemente asseveravam ser elle terceiro neto do cavalleiro de S. Thiago, Martim Machado Botelho e da judia de Villa Real, Rachel Mendes. Ora eu, acreditando por justos motivos que as testemunhas, todas fidalgos de Villa Real, juraram a pura verdade, presumo piedosamente que a veneranda viuva de A. Herculano e os seus amigos, por ignorancia, collocaram em pessima companhia os ossos do plangente cantor da Paixão de Jesus da Galiléa, crucificado pelos judeus. Além d'isso, a sr.ª D. Guiomar Torresão, que visitou Val de Lobos e a sepultura do insigne Mestre no adro da egreja d'Azoia, escreveu por esse tempo uns lucillantes artigos em que deixava entrever o catholicismo do auctor da *Voz do Propheta* n'estas expressões eloquentes... *Entramos na capella* (em casa de Herculano) *no extremo da qual se vê um altar ricamente ornamentado de lavores dourados e guarnecido de valiosas imagens de uma alvura marfinea que destacam na penumbra recortando os seus bustos seraphicos.* E accrescenta com litteraria emoção: *Instinctivamente os nossos labios murmuraram ali a doce* «Preghiera» *que A. Herculano põe aos pés do crucificado no admiravel prefacio do* «Parocho d'aldeia», e pergunta-se em que obscuro ponto de cazuistica se fundavam esses juizes da consciencia humana que ousaram chamar atheu ao mais crente e virtuoso de todos os espiritos dissidentes do velho dogma catholico...

—

«Tambem o sr. Oliveira Martins, sopesando a consciencia religiosa do preclaro escriptor, nos diz no «Portugal Contemporaneo» que *Deus era para Herculano o Deus Christão.*

---

teiro de Carvalho, naturaes da freguezia de S. Pedro de Villa Real... Foram dispensados em 2.º e 4.º gráo d'affinidade, etc.

Nota do sr. visconde de Correia Botelho.

Pois, não obstante a capella e as imagens idolatricas dos santos em altares ricamente ornamentados—tanto monta que sejam bellas esculpturas como grosseiros manipansos —a minha rasão, reagindo aos escrupulos, suggere-me que Alexandre Herculano, o incomparavel auctor do *Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, — elle que nos fez chorar sobre a sorte desastrosa dos hebreus —não se envergonhará de resurgir da sua primeira para a segunda immortalidade entre os obscuros e malsinados descendentes de Rachel Mendes, a judia, por alcunha a *Barbada*, minha 5.ª avó.

Visconde de Correia Botelho».

Ipse dixit. Estou justificado e o leitor encantado com o adoravel estylo do 5.º neto de Rachel Mendes e de D. Isabel Corrêa Botelho.

Agora prosigamos.

Convento de Santa Clara

Fundou-se este convento em 1602, quando Filippe III governava Portugal, Clemente VIII a nossa egreja e D. Fr. Agostinho de Jesus o arcebispado de Braga.

O rev. licenciado Jeronymo Rodrigues, conego na collegiada da egreja de Nossa Senhora da Oliveira, da villa de Guimarães, abbade de S. Miguel de Sarzedo e natural d'esta Villa Real, intentando no seu fervoroso zelo de piedade catholica fundar um convento, sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo, de religiosas de Santa Clara da Villa de Guimarães e do da villa de Amarante, chegou a esta villa, sua patria, a 21 de fevereiro de 1602, na sua tão santa, como firme e virtuosa resolução.

Tão crescido era o seu zelo, tão grande a sua piedade que, obviando sem dilação de tempo a todas os necessidades e embaraços que podessem provir á sua empreza, deu principio ás obras do convento a 9 de março seguinte; pelo que, estando já desaterrados os fundamentos, se revestiu o vigario geral, que então era o licenciado Balthazar Vaz Fagundes, e lançou, no referido dia, com toda a solemnidade, no meio do enthusiasmo popular, a primeira pedra e os alicerces do edificio.

A partir d'aquelle momento, não enfraqueceu o fundador Jeronymo Rodrigues no seu santo proposito, nem tão pouco deixou a obra de progredir por todo o espaço de seis annos, até á sua conclusão.

A 6 de maio, pois, do anno de 1608, logo que o fundador deu por terminados todos os trabalhos de convento, foi elle visto pelo ouvidor da comarca, Gonçalo Lobo Tavares, homens da governança e officiaes de justiça, que, examinando todo o edificio, e vendo que estava commodamente construido e, como tal, apto para n'elle se recolherem as já mencionadas religiosas de Santa Clara, passaram as certidões necessarias para os effeitos devidos, e entraram na sua reclusão algumas devotas.

—

Nada mais nos occorre digno de menção alem do testamento com que falleceu o fundador e de que passamos a dar noticia:

Deixou por sua morte o rev. licenciado Jeronymo Rodrigues, conego de Guimarães a seu irmão, o rev. Lourenço Rodrigues, beneficiado da egreja de S. Thomé da Covilhã, como seu herdeiro, a quem deixou o padroado do dito convento e o vinculo, que fez de todos os seus bens, com a faculdade d'este o nomear em pessoa do seu sangue, em que se continuasse a successão d'elle por linha de varão mais velho. Deixou mais setenta mil réis de renda annual, com que dotou o convento, além d'outras disposições que foram em resumo as seguintes:

Que as religiosas d'este convento de Santa Clara guardariam a regra das de Santa Clara de Guimarães e da villa de Amarante;

Que seus votos seriam feitos segundo a mesma regra;

Que seriam subditas dos arcebispos de Braga;

Que guardariam clausura perpetuamente, na fórma dos sagrados concilios;

Que resariam todos os dias o officio divino, conforme o uso romano;

Que a invocação do convento seria a de Nossa Senhora do Amparo, e que se festejaria a 25 de março de cada um anno para sempre;

Que a abbadessa seria de eleição triennal, sem poder ser recondusida;

Que o arcebispo nomeasse uma das reclusas mais dignas, e que as outras não podessem ser votadas;

Que as demais não tivessem voto, salvo tendo cinco annos de habito, como de professas;

Que o prelado lhes nomeasse confessor;

Que as religiosas, que houvessem de entrar perpetuamente no convento, o fossem por approvação das religiosas d'elle e do prelado;

Que o numero das religiosas não excederia a cincoenta, disposição revogada por breves apostolicos, que deram entrada no convento a outras muitas. Alguns annos depois prefizeram logo o numero de sessenta e cinco;

Que o padroado do dito convento de Nossa Senhora do Amparo, das religiosas de Santa Clara, seria seu perpetuamente, como fundador e dotador d'elle, e que depois de seu irmão e herdeiro, o rev. Lourenço Rodrigues, passaria para seu cunhado Gonçalo Dias da Rosa, casado com sua irmã Brites Rodrigues; que depois d'este succederia no dito padroado o filho varão mais velho, ao que já fizemos referencia, e na falta d'elle a filha tambem mais velha;

Que, alem dos seus representantes no dito padroado e de sua familia e sangue, ninguem mais se sepultaria na capella-mór da egreja do convento;

Que o padroado do convento ficaria sempre livre para os administradores d'elle, sem que pessoa alguma, por illustre que fosse, ecclesiastica ou secular, de qualquer estado ou condição, lh'o podesse tirar ou impedir;

E, por ultimo, dizia mais o testador e fundador do convento, que n'elle reservava quatro logares de freiras, tres por uma vez sómente, para n'elles prover tres parentes suas, sem dote, e um para ficar perpetuamente para as filhas dos seus successores no padroado, em que seriam providas tambem sem dote, todas as vezes que vagasse o dito logar, e que, vagando elle, sem que o administrador na occasião tivesse filha alguma, poderia nomear em sua substituição uma parente da mesma familia e sangue do padroeiro instituidor, sem dependencia do prelado.

—

Eis o que ha de mais importante com relação a este convento; faremos porém ainda ligeira menção de algumas provisões, para que o leitor não desconheça completamente a consideração em que foram tidas as ditas religiosas de Santa Clara. Entre outras tiveram ellas, a de 24 de janeiro de 1732, que lhes concedia o praso do Pioledo, para que ninguem podesse prejudical-as na agua da sua cêrca, tirando-a no dito logar; a 20 de janeiro de 1736, obtiveram outra provisão, que nomeava o ouvidor da comarca juiz privativo das causas do convento; outra a 23 de setembro de 1739, mandando que as suas dividas fossem cobradas como as da fazenda, e outra a 18 de maio de 1789, concedendo-lhes o mesmo privilegio gosado pelos dominicanos e franciscanos, — de lhes venderem nos açougues da villa uma certa e determinada porção de carne em cada um dos dias de obriga da semana, para não serem, como até ali, prejudicadas.

Demora o convento na extremidade N.O. do Campo do Tabolado, em sitio alegre e saudavel e com amplas vistas para leste, poente e sul, dominando grande parte das provincias de Traz-os-Montes e da Beira.

Tem no topo da fachada leste a egreja, a sacristia e locutorios, para os quaes se entra, pela sacristia, que é pequena e humilde.

A egreja corre de norte a sul;—entra-se para ella por uma porta lateral com arco de volta inteira e ornamentação barata de granito;—tem uma linda pia de marmore côr de rosa;—altar-mór e 2 lateraes com retabulos de talha moderna, e mais dois de talha antiga na parede do arco cruzeiro;—ao fundo dois coros (alto e baixo)—paredes forradas de azulejo,—tecto apainelado com pinturas a oleo;—um pequeno orgão junto do côro alto—e entre este e o pulpito, na parede do lado do evangelho, a inscripção segninte em lettras douradas:

ESTE MOSTEIRO FUNDOU E EDIFICOU E DOTOU O L.º D. JERONYMO ROIZ, CONIGO DE G.es E ABBADE DE CERZEDO, NATURAL D'ESTA VILLA REAL, NO ANNO DE 1603[1] HE DE PREZ.e PADROEIRO GONÇALLO DE LEMOS BOTELHO E HERDEIROS

Em 1721 era padroeiro d'este convento Francisco Botelho Monteiro de Lucena, neto materno do mencionado Gonçalo de Lemos.

Entre as religiosas d'este convento é digna de especial menção Leonor de Tavora, pela sua illustração e virtudes. Com a vida d'esta religiosa se imprimiu um sermão em 1717, na officina de Paschoal da Silva, impressor de Suá Magestade.

—

Tinha este convento duas cercas, separadas por um caminho que ia para a villa de Lordello, e sobre este caminho fizeram as freiras arcos por onde passavam de uma cerca para a outra, o que as expunha ás vistas indiscretas do publico e a certa ordem de censuras, pelo que o arcebispo D. José de Bragança, estando em Villa Real em 1748, mandou tirar o dicto caminho, pondo em contacto as duas cercas; fez por essa occasião outras obras n'este convento—e deu ás freiras a fonte do *Arnal*, que era publica, mas estava dentro da cerca.

O mencionado arcebispo D. José chegou a esta villa em julho de 1748 e n'ella se demorou muito tempo. Esteve hospedado na rua das Flores, na casa de Antonio da Cunha Pimentel, fidalgo da primeira nobreza d'esta villa, 3.º avô do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual director da Penitenciaria, em Lisboa, como já dissemos supra.

Por essa occasião o mesmo arcebispo augmentou o recolhimento de Nossa Senhora das Dores, levantando-lhe os muros da cerca e addiccionando-lhe umas boas casas contiguas, que á sua custa comprou.

Logo fallaremos d'este recolhimento, hoje montado no extincto mosteiro das religiosas claristas.

De passagem diremos que, além do arcebispo D. José de Bragança, outros muitos arcebispos honraram com a sua presença esta villa, taes foram o sancto D. Fr. Bartholomeu dos Martyres,—depois d'elle D. Rodrigo de Moura Telles, em 1705,—e ainda no anno ultimo (1884) o sr. D. Antonio de Freitas Honorato.

—

D. Luiz Alves, bispo da Bahia, teve duas irmãs, que foram religiosas professas n'este convento,—Maria do Salvador e Maria de S. Luiz,—e no seu testamento beneficiou esta casa com dois contos de réis para uma missa diaria e para que annualmente se empregassem cinco mil réis nos reparos e conservação da capella de Nossa Senhora da Piedade, que estava na cerca d'este mesmo convento.

Junte-se mais esta capella á lista das capellas d'esta villa.

Na dicta cerca houve um cedro magestoso. Foi plantado por occasião da fundação d'este convento e derrubado por um tufão em 1845, contando já a bagatella de 242 annos.

Hoje a arvore mais notavel d'esta villa é um pinheiro, tambem secular e magestoso, que se ergue sobre a margem esquerda do rio Corgo, ao norte dos moinhos da Peneda, na ingreme encosta da *Raposeira*.

Em 1855, achando-se extinctas as rendas d'este convento e sendo habitado por uma unica freira, foi esta expulsa e a casa passou para o estado; depois a cedeu ás recolhidas de Nossa Senhora das Dores, que n'elle se installaram em 19 de julho do mesmo anno e n'elle se conservam ainda hoje (1885).

---

[1] Assim se lê na dicta inscripção, copiada por nós em 1883, mas nas *Antiguidades de Villa Real* se diz que a primeira pedra d'este convento foi lançada com grande pompa pelo vigario geral, dr. Balthasar Vaz, no dia 9 de março de 1602 e que foram concluidas as obras em 1608;—nas dictas *Antiguidades*, porém, se encontra a mencionada inscripção com a mesma data de 1603!...

passando o Lyceu para o edificio do Recolhimento, onde hoje está o Asylo da infancia desvalida.

Assim terminou este venerando mosteiro de Santa Clara no fim de 282 annos de existencia, e dentro em pouco se extinguirão todos, porque o decreto de 28 de maio de 1834, extinguindo no nosso paiz os frades, por muito favor conservou as freiras ao tempo existentes, mas prohibiu-lhes novas profissões, pelo que as poucas freiras que hoje restam se acham todas caducas e prestes a cahirem na cova.

Só est'anno de 1885 já se fecharam no nosso continente 4 conventos de freiras!...

Estas religiosas de Santa Clara foram sempre muito austeras no cumprimento dos seus votos e por isso nos surprehendeu o *Episodio monastico*, que em dois folhetins do *Districto de Villa Real*, de 17 e 21 de julho do corrente anno de 1885, publicou o sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, já mencionado, oriundo d'esta villa e cavalheiro respeitabilissimo.

O facto é curioso e, em resumo, o seguinte:

Episodio monastico

Em certo dia de dezembro de 1718 deu-se uma grande rebellião n'este convento, dividindo-se as religiosas e noviças em dois bandos, sendo um d'elles capitaneado por uma senhora muito das relações do dr. José Pinto de Mesquita, abbade da Cumieira, que havia sido desembargador da relação ecclesiastica em Braga e depois auditor do exercito,—homem rico, illustrado e de grande valimento. Por seu turno as freiras do outro bando tambem tinham poderosos protectores, todos bem prevenidos.

Um dos bandos era formado pela abbadessa com as freiras mais edosas e pugnava em favor da disciplina claustral,—o outro comprehendia as freiras mais novas e representava a rebellião, que principiou logo de manhã e, serenando por momentos, em breve recrudescia com mais força.

O vigario geral, prevenido pela abbadessa, dirigin-se ao convento e, depois de uma grande pratica e severa admoestação, retirou-se convencido de que a tempestade passára; mas notando a abbadessa que as freiras rebeldes se propunham n'aquella noite fugir do convento, auxiliadas pelos seus protectores, avisou immediatamente o vigario geral e as auctoridades, invocando o seu auxilio, o que precipitou os acontecimentos, porque as freiras rebeldes avisaram os seus protectores,—dirigiram-se estes logo ao convento — e as taes senhoras, auxiliadas por elles, nomeadamente pelo abbade da Cumieira, forçaram as portas e sairam de roldão para a rua!...

Ignoram-se os nomes d'aquelles cavalheiros, mas sabe-se que pertenciam ás primeiras familias da terra e que, receando as consequencias, iam mascarados.

—

A noticia de que as freiras queriam fugir do convento espalhou-se rapidamente por toda a villa e, quando sairam, já era grande o concurso do povo cá fóra. Este facto e a presença do vigario geral desnortearam os revoltosos que, indo já em meio do campo do Tabolado, instinctivamente resolveram acolher-se á egreja do convento dos frades de S. Domingos, que ficava ali. Um frade leigo, que estava á porta da egreja, oppoz-se, mas um dos mascarados que as acompanhava brindou o pobre leigo com algumas facadas! Bem se esforçou o vigario geral para que as freiras se recolhessem outra vez ao seu convento, mas foi insultado e desacatado por ellas e pelos seus protectores, tendo de fugir a bom correr, para não ser espancado!...

Não diz o sr. dr. Jeronymo Pimentel o que mais se passou n'aquelle dia; mas accrescenta que no seguinte partiu para Braga o vigario geral e expoz tão estranha occorrencia ao arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que ficou estupefacto e tractou de providenciar immediatamente com a energia que lhe era propria.

—

Reuniu em tribunal pleno a relação ecclesiastica na tarde d'aquelle mesmo dia:—expoz-lhe a questão;—mandou instaurar o processo com urgencia—e em seguida o enviou a S. M. el-rei D. João V.

Não se demoraram as providencias.

Por ordem d'el-rei partiu de Chaves para Villa Real uma força militar de 100 homens de infanteria e 100 de cavallaria—e da relação do Porto um desembargador com ordens terminantes para devassar dos acontecimentos.

Por seu turno o arcebispo mandou o seu vigario geral, Agostinho Marques do Couto, *com alçada dobrada* e poderes especiaes—e o ouvidor da villa foi logo dado por suspeito e mandado retirar da comarca.

Tremeram de susto as madres claristas e os seus nobres e poderosos protectores quando viram encastellar-se tão negras nuvens sobre a capital transmontana. Era imminente a tempestade e parecia que a colera de Deus e dos homens ia fulminar as pobres freiras e todos os seus cumplices; vejamos porém o resultado :

—

O processo correu seus termos, mas taes foram os empenhos, as alliciações e ameaças, que de todos os implicados na façanha apenas se apurou um,—o dr. José Pinto de Mesquita, abbade da Cumieira!... Foi preso e mettido na cadeia do castello de Braga, no dia 17 de fevereiro do anno seguinte—1719.

Emquanto ás freiras, o castigo pesou apenas sobre as duas consideradas cabeças do motim. Foram degradadas do seu convento —uma para o dos Remedios em Braga,—e outra para o da Conceição, da mesma cidade, onde deram entrada no dia 11 de março de 1719, sendo conduzidas em uma liteira e acompanhadas pelo vigario geral. Assim terminou tão estranha occorrencia.

As *Antiguidades de Villa Real*, escriptas pouco tempo depois (em 1720 a 1721) guardaram profundo silencio a tal respeito para não aggravarem as feridas mal cicatrisadas ainda e porque o facto, além de envolver *pessoas poderosas* (algumas talvez pertencentes á familia do auctor das *Antiguidades!...*) era muito desairoso para a villa.

Tambem nos quer parecer que as *Antiguidades*, para não exporem a desaire a prosapia dos villarealenses, não disseram o que o auctor *muito provavelmente* sabia e que nós já dissemos e se lê hoje nas *Memorias d'Anciães*:—que a antiga capital de Panoias, hoje representada por Villa Real, antes da fundação d'esta villa por D. Diniz, *obedeceu á villa d'Anciães e foi um julgado d'ella* [1].

Umas vezes o amor patrio, outras vezes *o receio de vindictas e desgostos* quando se tracta de certa ordem de factos, tolhem a penna do historiador.

Em verdade seria uma imprudencia *perigosa* narrar o que se passou com as taes freirinhas, quando ainda viviam, e na mesma povoação, os *heroes* que as acompanharam e apunhalaram o pobre frade, etc.,—todos visinhos *e bem conhecidos* do auctor ou auctores das *Antiguidades!...*

Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres

Esta piedosa instituição data de 1737, anno em que o padre José Ferreira Esteves, natural d'esta villa, mandou fazer uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Dôres, contigua ás suas casas, premeditando transformal-as, como transformou, em um recolhimento. N'ellas se installaram logo duas virtuosas senhoras—Antonia e Josepha de Christo,—irmãs do fundador.

Em 1748, indo o arcebispo de Braga a Villa Real e visitando a dicta capella, não só approvou a instituição do recolhimento, mas deu ao benemerito fundador a importante esmola de 400$000 réis para a compra d'umas casas proximas, na rua das *Pedrinhas*, hoje rua de S. Paulo, que foram postas em communicação com as do fundador.

O mesmo arcebispo ordenou que as recolhidas adoptassem a regra carmelitana, reformada por Santa Thereza,—deu-lhes estatutos, que foram depois confirmados pelo arcebispo D. Gaspar,—e licença para aggregarem a si mais senhoras, precedendo porem sempre auctorisação do ordinario.

Deu-lhes tambem o officio de contador e distribuidor do juiso ecclesiastico d'esta villa cujo rendimento orçava por 30$000 réis annuaes.

---

[1] V. pag. 936, col. 2.ª e seguintes *supra* —e o topico *Feiras infra*.

Fallecido o fundador, continuou seu sobrinho, padre José Ferreira de Carvalho, a proteger e favorecer com o maior zelo a nascente instituição. Não só lhe deu muitas esmolas, mas diligenciou e obteve breve apostolico para Santissimo permanente na capella e bulla de confirmação para os estatutos.

—

A requerimento do mesmo padre, D. Maria I, por alvará de 16 de março de 1779, concedeu que as recolhidas podessem continuar a viver em forma de religiosas clausuradas, como viviam, mas com votos simples, sujeitas ao ordinario, e que nunca este recolhimento poderia transformar-se em convento, nem adquirir bens immoveis, além dos que já possuia, limitando ao mesmo tempo a 33 o numero das recolhidas.

Em 1783 requereram ellas á mesma rainha, expondo-lhe as precarias circumstancias em que viviam e pedindo que lhes cedesse 1:200$000 réis das cisas de Penaguião para fazerem um dormitorio, por ter a casa apenas commodidade para 18 recolhidas.

A piedosa rainha as attendeu, concedendo-lhes, em vez do que pediam, todas as cisas sonegadas e occultas desde 20 annos, com a obrigação de terem duas mestras para leccionarem as pensionistas que quizessem educar-se no recolhimento, pagando cada uma das pensionistas 40$000 réis annuaes para sua alimentação,—e que as dictas mestras ensinariam gratuitamente as meninas pobres da villa, se a camara quizesse fazer no recolhimento aulas para as meninas, fóra das grades, e de modo que as mestras as podessem leccionar sem quebra da clausura.

—

Ali esteve o recolhimento até 19 de julho de 1856, data em que se transferiu, como já dissemos, para o extincto convento de Santa Clara, onde funcciona ainda hoje, comprehendendo o pessoal de 30 senhoras e meninas internas, sob a intelligente direcção da ex.ma sr.a D. Florinda Elisa da Silva, sua regente, natural de Villa Pouca d'Aguiar.

A penuria que assola actualmente o Douro, proveniente da invasão phylloxerica, reduziu a pouco mais de 250$000 réis o rendimento annual d'esta excellente casa de educação, mas ainda assim conservam a sua egreja muito limpa e n'ella fazem todos os annos pomposa festa á Senhora das Dôres, sua padroeira, e ao Sagrado Coração de Jesus,—alem das festas da semana Santa e do Natal.

Ficando devoluto o edificio do recolhimento, n'elle se installou e conservou o Lyceu até que se transferiu para o palacio que foi do general Silveira, conde de Amarante —e por ultimo, montando-se n'este palacio outras repartições publicas, passou para a casa onde actualmente funcciona.

Em 1860 se installou no edificio do recolhimento a estação telegraphica e ali esteve até o dia 17 de novembro de 1865, data em que se transferiu para casa propria, feita de novo em frente do edificio do recolhimento, e n'este se montou o *Asylo da Infancia Desvalida*, que ainda hoje n'elle se conserva, por doação do ministerio da fazenda, com data de 27 de junho de 1864.

De passagem diremos que este Asylo foi fundado em 1865 e se inaugurou no dia 16 de setembro d'aquelle anno, recebendo 6 rapazes e 6 meninas. Hoje porém conta um numero mais elevado.

A capella do recolhimento foi demolida para alinharem a *estrada-rua* que n'aquelle ponto separa da rua do Carmo a de S. Paulo e que segue pela das *Casas Novas*, hoje rua da *Boa Vista*, etc.

Termo antigo de Villa Real

Quando D. Diniz fundou esta villa e lhe deu o seu (d'elle) primeiro foral supra transcripto, deu-lhe por termo toda a *terra de Panoias* e ainda algumas povoações mais fóra d'ella. Com o decorrer do tempo muitas povoações foram desannexadas do vasto termo d'esta villa, mas D. Fernando I lhe tornou a unir algumas, taes foram Gouvães. Favaios, Paredes, Alijó, Tres Minas, Jalles, Lamas d'Orelhão, etc., que já tinham pertencido a Constantim e á propria Villa Real,

O mesmo D. Fernando, por decreto de 12 de dezembro da era de 1407 (anno 1369) datado de Coimbra, prohibiu que as men-

cionadas povoações tivessem justiças proprias, — vereadores, tabelliães, meirinhos, etc., e ordenou que para todos os negocios judiciaes e administrativos fossem a Villa Real,—ordem barbara e durissima, porque todos aquelles povos distavam de Villa Real 30 a 40 kilometros e os caminhos n'aquelle tempo eram uma sequencia de barrancos e precipicios medonhos, cortados apenas pelas ferraduras das bestas de carga e pelas rodas dos carros tirados por bois, atravez de desertos povoados de lobos, javalis e ursos, pelo que os dictos povos tractaram de recobrar a sua independencia.

—

Canellas tornou a ser villa e concelho e só n'ella entrava por correição o ouvidor de Villa Real;—Jalles passou para a corôa e ficou pertencendo á comarca de Guimarães; —o couto de Paredes, hoje *Parada de Pinhão* (*Honra e meia* (?) de Parada de Pinhão) foi feito *honra* e dado ao senhor de Villa Flor, D. Pedro de Castro e Sousa, por escambo da honra que tinha *dentro de Villa Real* e que era formada pelas ruas da Misericordia, Aljube e Praça Velha, o que sobre modo complicava a administração da justiça.

Lamas d'Orelhão erigiu-se em villa propria, embora pertencente á correição de Villa Real;—as villas de Lordello, Gallegos e Vallongueiras foram doadas aos Tavoras,—e os coutos de Gouvães, Provezende e S. Mamede de Riba-Tua passaram para a mitra primaz, etc.

Em quanto a Provezende e S. Mamede, achou-se em 1721 no archivo da camara de Villa Real um pergaminho, do qual constava que D. Pedro I fez mercê ao arcebispo D João, o *Cordalaco*, da jurisdicção de Provezende pela mesma guisa que a tivera o seu antecessor D. Guilherme.

Tem o mencionado pergaminho a data de 6 de maio de 1401 (anno 1363). E a 24 de junho do mesmo anno fez D. Pedro I ao arcebispo tambem mercê do couto de S. Mamede de Riba-Tua, ou de Foz-Tua; mas de outras memorias consta que em 1436 o arcebispo D. Fernando emprasára este couto a um fidalgo de Villa Real, de nome Alvaro Rodrigues Taveira, por 50 dobras *da banda de Castella*[1], com a obrigação de estabelecer ali alguns casaes que povoassem e arroteassem o dicto chão e conservassem a sua egreja.

—

Provezende já era dos arcebispos de Braga desde 1130, o que muito claramente dizem as inquirições de D. Sancho I, D. Affonso III e D. Diniz.

Este couto foi dado aos congregados de Santa Marinha de Provezende por D. Affonso Henriques em 1128 e por elles deixado em testamento ao arcebispo D. Paio Mendes, com approvação do mesmo soberano.

O couto de Gouvães houve-o a mitra primaz por escambo com D. Sancho II em 1238. De passagem diremos que o foral de D. Affonso III dado a este couto e que se guardava como tal no archivo da sua camara, andava trocado por engano da copia que veio da Torre do Tombo, porque n'elle se diz que este couto de Gouvães (do Douro) tinha por limites... *Santa Martha* e *Penduradeiro*, aldeias visinhas de *Gouvães da Serra*, freguezia do concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Copiaram pois para *Gouvães do Douro* o foral de *Gouvães da Serra!...*

—

Aproveitando o ensejo, faremos aqui algumas rectificações ao artigo *Provezende*, vol. 7.º pag. 680, col. 2.ª e seguintes.

Por causa da grave doença que ao tempo affligia o meu benemerito antecessor, e dos emmaranhados apontamentos que recebeu, não conhecendo Provezende, tropeçou muitas vezes.

1.º—A pag. 681, col. 1.ª disse que o auctor do *Enchyridion arremeçou as datas sem attenção alguma.*

Foi sempre exacto n'este ponto aquelle auctor; note-se porem que nas datas não usou

---

[1] *Banda de Castella* não significava *lado de Castella*. Aquellas dobras foram creadas por D. Affonso XI de Castella e tomaram aquelle nome por terem no cunho a insignia da ordem da *Banda*, instituida pelo mesmo rei para commemorar a batalha do Salado, dando-lhe o valor de 216 réis, mas entre nós corriam por 200 réis n'aquelle tempo, tendo valido 230 réis.

da era de Cesar, mas do anno do nascimento de Christo, como lhe cumpria, escrevendo em 1720.

Só quando citou o epitaphio da sepultura de Barcos usou da era de Cesar, que aquella sepultura tinha.

2.º—Disse que Provezende a principio demorou em S. Joannes.

Suppõe-se que esteve em S. Joannes temporariamente; mas que a sua primitiva fundação teve logar no sitio que hoje occupa.

3.º—*Zaide* não é nome de mulher, mas de homem.

O commandante do 2.º corpo de mouros que invadiu a peninsula com Tarik era *Zaide-aben-Kesadi;* — o prefeito da policia de Cordova em 888 era *Zaide;*—entre os mouros houve um historiador de nome *Zaide*; —o ultimo defensor de granada era *Zaide* e o do forte de Sacavem era *Bezai-Zaide.*

4.º—*Atarte* é nome assyrio, não arabe.

Os assyrios vieram em 742 para a Hespanha em tão grande numero que Thuabah-Iben-Salamah chegou a ser emir de Cordova.

5.º—Disse que Provezende foi nome de homem. Nunca encontrei tal nome em livro ou documento algum.

6.º—*S. Joannes* e *Lameirão* (pag. 683) são um e o mesmo terreno; mas denominou-se primitivamente *S. Joannes* o chão onde hoje está Provezende. O meu antecessor confundiu estes sitios uns com os outros, bem como a capella de S. Domingos com a de Santa Marinha.

7.º—Os habitantes do Lameirão regressaram para Provezende em 1188 do nascimento de Christo,—não da era de Cesar.

8.º—Em Provezende não havia fortaleza alguma, mas no cume do monte proximo.

9.º—*Zaide* devia fallar a lingua dos peninsulares, porque era natural de Toledo e viveu sempre em Hespanha.

10.º—As cruzes de Santa Marinha teem a forma da *balsa* dos templarios; mas suppomos serem as cruzes da sagração da capella, no tempo em que foi matriz.

11.º—Na dicta capella nunca houve *jasigo real.* Quando muito foi promettida aos congregados essa honra.

12.º—Não eram os cavalleiros do templo que vinham de longe enterrar-se ali;—mas os freguezes da vasta parochia, cuja matriz foi Santa Marinha.

13.º—A primeira doação de Provezende, ou de Santa Marinha, com certesa não foi feita por D. Urraca, rainha de Leão, mas por sua mãe D. Constança, que doou Provezende ao arcebispo, pelos annos de 1080 a 1083; —cahiu em poder dos mouros talvez em 1084; sendo estes expulsos pela rainha D. Theresa em 1115, foi novamente doada aos congregados de Santa Marinha por D. Affonso I, em 1128 e por elles deixada em 1130 aos arcebispos, em cujo poder se conservou até 1834.

14.º—Disse o meu antecessor—que os romanos tiveram no monte de S. Domingos uma fortalesa e um templo dedicado a Diana.

Suppõe-se que ali houve sómente um castello dos mouros e, se existiu em Provezende algum templo de Diana, devia estar em Santa Marinha.

15.ª—A pag. 689, col. 2.ª, diz que a capella de Santa Marinha nunca soffreu a minima alteração no seu material, nem no seu culto.

C'est trop fort; pois como póde tal crer-se passando ella dos romanos para os godos, — d'estes para os mouros — e dos mouros para os christãos?

16.º—A pedra que diz *Ostius* (V. a mesma pagina) nunca foi nem podia ser marco milliar.

17.º—Não foi Lourenço Pires (pag. 702, col. 2.ª) quem acompanhou D. Sebastião, mas Domingos Lopes, filho do dicto Lourenço.

18.º—Diz que de Leonardo da Cunha Godinho (pag. 706, col. 2.ª e 707, col. 1.ª) não houve descendencia.

Teve José Pinto da Cunha Pimentel e outros muitos filhos.

A casa das *Devesas* não era de Leonardo da Cunha, mas de José de Freitas, sobrinho da mulher de Leonardo.

19.º—D. Clara Saavedra y Romay (pag. 707, col. 1.ª) não procedia dos Saavedras portuguezes, de Lumiares, mas das casas e

solares de Romay y Rosal, Maheda e S. Damião, na Hespanha.

Fica assim desde já rectificado o artigo *Provezende.*

Campo do Tabolado

Tem esta villa um bom campo, denominado *Campo do Tabolado.* É quadrilongo e tres a quatro vezes mais comprido do que largo, pois corre de N. a S. com suave declive, e tem de comprimento 1:175 palmos, — de largura no cimo, ou de E. a O. 285 palmos, e no fundo 150,—segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*; mas ao fundo soffreu nos ultimos tempos algumas modificações e tem maior espaço, depois que se demoliram a capella e o hospital do Espirito Santo e se fizeram outras expropriações, formando o *Largo do Conde de Amarante*, em frente do palacio que foi do conde d'este titulo (general Silveira).

É este campo muito central e todo cercado de bons edificios. Mencionaremos apenas os seguintes:

Na extremidade N.O. o antigo convento de Santa Clara, hoje Recolhimento de Nossa Senhora das Dôres, ambos já descriptos. Seguem-se d'este lado oeste, descendo,—os antigos *Arcos da Praça*, galeria coberta e que se apoia em 14 arcos de granito, mandada fazer pela camara em 1749 e feita pelo mestre pedreiro Lourenço de Mattos.

Decora esta galeria uma grosseira estatua de Villa Real, em fórma de mulher, vestida de guerreiro com lança, escudo e capacete, tendo no pedestal a inscripção seguinte:

QUOD REGALE NOMEN GERO
MIHI RUBORE PARTU EST.
REGIA NON ALITER NOMINA
PARTA GERAS

Talvez possa traduzir-se assim:

«—O nome de *Villa Real* que tenho conquistei-o com grande esforço [1]. Não queiras titulos reaes obtidos por outra fórma.»

Estes arcos eram occupados pelos tendeiros e ourives nos dias de feira e n'elles se abrigavam tambem os pobres, antes da fundação do hospital da Misericordia, como já dissemos; vão porém ser demolidos ainda est'anno de 1885, porque no chão que elles occupavam e no que foi da cerca dos frades dominicos, a oeste, se anda construindo um mercado coberto, obra importante e que representa um grande melhoramento para esta formosa villa.

Tambem ao sul dos dictos arcos esteve a *Roda dos Expostos.*

—

Seguia-se por este lado O. o convento de S. Domingos, de que já fizemos menção. D'elle resta apenas a egreja que, depois da extincção das ordens religiosas, é a matriz da parochia de S. Diniz.

No chão do convento fizeram varios edificios particulares e n'elles se acham hoje montados dois hoteis, uma estação de diligencias, etc.

A juzante da egreja de S. Domingos se ergue no campo do Tabolado o esvelto *Chafariz do Repucho*, mandado fazer em 1532 pelo benemerito protonotario D. Pedro de Castro, em substituição d'outro chafariz mais humilde que havia no mesmo local desde tempos muito remotos, pois já em 1424 a camara cedeu aos dominicos um anel da agua que ia para o mencionado chafariz.

Alem da bacia inferior tem outra superior formada por uma só pedra, um grande monolitho que tem de circumferencia 34 palmos,—dizem as minhas *Antiguidades*, mas outros apontamentos lhe dão 54 palmos de circumferencia e 18 de diametro!

Do meio d'este monolitho se ergue uma elegante cupula com as armas reaes portuguezas. Quando ali se collocaram as dictas armas deram-se peripecias que forneciam assumpto para outro poema da indole do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz.

Como houvessem muitas familias nobres em volta do mencionado chafariz e todas

[1] Isto se refere talvez aos heroicos serviços dos condes, marquezes e duques, seus antigos senhores; mas o titulo de Villa Real vem de tempos muito mais remotos, como já dissemos no principio d'este artigo e se lê nos foraes de D. Diniz e de D. Affonso III.

quizessem que as dictas armas ficassem olhando para os seus predios, o que era impossivel por serem muitos em todos os quadrantes, levantou-se uma bulha irrisoria e tremenda, que durou muito tempo e envolveu grande parte da nobreza d'esta villa.

Depois das scenas mais comicas resolveu-se que o brasão ficasse voltado como está para o poente, porque n'esta direcção vivia a maior parte dos nobres litigantes, taes eram os Macedos, Taveiras, Cunhas Botelhos e Teixeiras Botelhos da casa d'Anta, os Nisas Mesquitas de Lordello, Correias e Amaraes.

É este chafariz o mais notavel da villa; em 1832 se reconstruiu a bacia inferior, dando-se-lhe maiores dimensões—e, segundo se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, quando o benemerito protonotario o concluiu os moços da villa cantavam:

Vamos ver o chafariz
Que agora se fez;
Fel-o o protonotario
E não o marquez.

—

Com a expropriação do hospital e da capella do Espirito Santo, supra mencionados, avançou este grande rocio em 1864 alguns metros mais para o sul, formando em frente do palacio dos Silveiras o Largo do Conde d'Amarante e,—coisa tambem curiosa,—sendo o vasto campo do Tabolado hoje todo liso, sem intermittencias e muito regular, tem 3 nomes! A extremidade sul denomina-se *Largo do Conde d'Amarante*,—a extremidade norte *Praça de Luiz de Camões*—e a parte intermedia *Largo do Chafariz!* E, quando avance mais para o sul até o *Hospital da Divina Providencia*, como se projecta, muito provavelmente ainda darão a essa parte o nome de *Largo do Hospital*.

Este grande e bonito campo que nós continuaremos a denominar, como sempre se denominou, *Campo do Tabolado*, é hoje liso e sem arvoredo algum nem intermittencias além do *chafariz do repucho*, porque n'elle se fizeram sempre os torneios, danças publicas, touradas, cavalhadas e as grandes festas da villa,—n'elle se fazem ainda hoje os mercados semanaes, e por occasião da grande feira de Santo Antonio n'elle se faz a feira do gado cavallar e todo o seu chão é preciso para correr os cavallos; mas outr'ora foi povoado de oliveiras, algumas das quaes foram mandadas cortar pelos marquezes, como dissemos no topico relativo ao convento de S. Domingos.

Teve tambem na extremidade norte, em frente do convento de Santa Clara, uma capella e outra junto do convento de S. Domingos, como já dissemos.

Tambem n'elle pompeou junto d'este ultimo convento muitos annos o grande cruzeiro que hoje se vê no adro da egreja de S. Domingos, em frente da porta principal d'ella, para onde foi removido em 1843 para desaffrontar o dicto campo.

É um dos cruzeiros mais notaveis do nosso paiz,—não por ser muito ornamentado, pois tem uma haste redonda e lisa, encimada por uma cruz singela; mas por ser de granito e de uma pedra só a haste e a cruz, tendo o grande monolitho de altura total 44 palmos,—não contando os degraus que lhe servem de pedestal.

Foi feito em 1594 por uma finta lançada ao povo e collocado primitivamente no dicto campo, na linha divisoria das duas freguezias da villa.

De passagem indicaremos 3 cruzeiros de granito, tambem notaveis:—um está em frente do extincto convento de Tibães,—outro no *Campo de Sant'Anna*, em Braga,—outro esteve no *Campo do Tabolado*, em Lamego, junto do convento dos gracianos, e foi pelo meiado d'este seculo removido para o cemiterio publico d'aquella cidade, tendo sido feito para commemorar a feliz revolução de 1 de dezembro de 1640.

—

Antes de deixarmos o *Campo do Tabolado* de Villa Real, diremos que entre os edificios do lado E. avultam a meio d'elle as ruinas da nobilissima e antiquissima *Casa do Arco*, assim denominada por ter sobre a rua proxima um arco de granito com uma capella [1]

[1] Era da invocação de *Nossa Senhora do Loreto*. Junte-se tambem mais esta capella á lista das capellas d'esta villa.

em que se celebrava missa que o povo ouvia da rua,—arco e capella que foram demolidos pela camara em 18 d'outubro de 1856, para desaffrontar a dicta rua.

Este edificio soffreu muitas reconstrucções, mas ainda conserva um lanço com ameias e algumas janellas e portas ogivaes; era bastante espaçoso, pois tem 200 palmos de frente, e pelo dicto arco prendia com muitas casas (22!) que foram dependencia d'elle, na rua *Nova do Arco* e na da *Ferraria*.

Era o palacio dos marquezes de Villa Real; —depois de extinctos, passou, como já dissemos, para o infantado—e da casa do infantado passou por emprasamento para os ascendentes dos Guedes Pereiras Pintos de Athaide Malafaias, ainda hoje seus possuidores, representados por D. Francisco, residente na sua não menos nobre *casa e honra de Barbosa*, na freguezia de S. Miguel e S. Thomé de Rans e Canas, concelho de Penafiel, bem conhecidos ali por *fidalgos de Barbosa*, mas emquanto viveram em Villa Real, na dicta casa do *Arco*, até 1835, eram conhecidos por *fidalgos do Arco*, e durante mais de um seculo occuparam um logar distinctissimo entre a primeira nobreza de Villa Real.

Posto que este artigo vae já muito longo, não podemos resistir á tentação de dar, embora em resumo, a genealogia dos

Guedes, senhores de Murça e das casas do Arco e de Barbosa

1.º—*D. Mendo Guedes Moncorove*, de Toledo, que ali viveu antes da tomada de Toledo por D. Affonso VI. Era descendente de Evancio, sobrinho e copeiro-mór de Chinda Windo, 28.º rei dos Godos. Casou com... e teve

2.º—*D. Gueda, o velho.*

Casou com... e teve

3.º—*D. Mendo Guedes.*

Casou com D. Sancha e teve

4.º—*D. Gomes Mendes Gedeão.* Casou com D. Chamoa Mendes de Sousa, filha de D. Mendo Viegas de Sousa, e teve

5.º—*D. Guedas Gomes*, que esteve com D. Sancho de Castella na tomada de Sevilha. Casou a 1.ª vez com D. Urraca Henriques Porto Carrero, filha de Henrique Fernandes Magro e de sua mulher Ouroanna Reymonde Porto Carrero, e teve

6.º—*Alvite...*

Casou com D. Urraca Mendes de Gondar, filha de D. Mendo de Gondar, natural das Asturias, que veio para Portugal com o conde D. Henrique, e teve

7.º—*D. Gueda Alvite.* Casou com D. Marianna Viegas do Vinhal, filha de Egas do Vinhal, de Toledo, que veiu tambem para Portugal com o conde D. Henrique e teve

8.º—*D. Paio Guedes.* Casou com D. Urraca Paes de Grade e teve

9.º—*Lourenço Paes de Grade.* Casou com D. Maria Martins Cabeça, e teve

10.º—*Vasco Lourenço Guedes.* Casou na Galliza em 1404 e teve

11.º—*Gonçalo Vasques Guedes.* Veiu para Portugal servir o nosso D. João I, que lhe deu as terras de Lomba, Val Passos e outras que tinham sido de Martim Gonçalves de Athaide; mas voltando este ao serviço de Portugal, D. João I lh'as restituiu e em compensação deu a Gonçalo V. Guedes Murça, Agua Revez e Torre de D. Chama, *de juro e herdade*, pelo que foi o 1.º senhor de Murça.

Casou com D. Isabel de Mello e teve

12.º—*Pedro Vasques Guedes*, 2.º senhor de Murça e da grande casa de seu pae.

Casou com... e teve

13.º—*Gonçalo Vasques Guedes*, 3.º senhor de Murça.

Casou com D. Isabel d'Alvim, filha de Pedro de Sousa e Alvim, alcaide-mór de Bragança, e teve

14.º—*Alvaro Vasques Guedes.*

Casou com D. Anna Isabel de Mesquita, filha do desembargador Fernão de Mesquita, instituidor do vinculo da Sobreira no concelho de Souzel, e teve

15.º—*Gonçalo Vasques Guedes.*

Casou com D. Maria Pereira Pinto, filha e herdeira de Nuno Alvares Pereira Pinto, e teve

16.º—*João Pinto Pereira*, alcaide-mór de Ervededo. Casou com D. Isabel Pereira de Moraes Pimentel, sua sobrinha, e teve

17.º—*Gonçalo Vaz Pinto,* alcaide-mór de Ervededo. Do seu 2.º matrimonio com D. Isabel Botelho de Mesquita, da casa de Abbaças, teve

18.º—*Antonio Botelho de Mesquita,* fidalgo cavalleiro da casa real.

Do seu primeiro matrimonio com D. Anna Pereira de Moraes Sarmento, dama da duquesa de Bragança D. Luiza de Gusmão, depois rainha, mulher de D. João IV, teve

19.º—*Gonçalo Pinto Pereira,* F. C. R. capitão-mór de Villa Real e herdeiro de toda a casa de seus paes [1].

Casou com D. Francisca de Magalhães e teve

20.º—*Francisco Pereira Pinto Guedes, o ruivo.* [2]

Succedeu a seu pae na *casa do Arco* e mais bens, e foi cavalleiro da ordem de Christo, F. E. C. R. marechal de campo de auxiliares do terço de Villa Real, etc. Casou com D. Maria Pereira do Lago, natural de Braga, e teve muitos filhos, entre elles D. Francisca Pereira de Moraes Sarmento Guedes, que casou com Manuel de Mello e S Paio, M. F. C. R. morgado da Espinhosa na Beira, junto de Trovões,—e

21.º—*Miguel Pereira Pinto do Lago,* 6.º filho na ordem do nascimento, mas por morte do seu irmão Antonio succedeu na casa de seus paes e foi F. E. C. R. etc.

Casou 2 vezes, e do seu primeiro matrimonio com D. Catharina da Fonseca Leitão, filha do morgado d'Alcangosta, na Beira Baixa, teve

22.º—*Francisco Pereira Pinto d'Oliveira,* F. C. R. senhor da casa do Arco, etc.

Casou no Fundão com D. Maria Victoria de Brito, filha e herdeira de Manuel de Brito Homem, F. C. R. senhor do morgado de Figueiredo, na villa do Fundão, e teve

23.º—*Miguel Antonio Vaz Guedes Pereira Pinto,* M. F. C. R. etc.

Casou com D. Francisca Margarida Pereira Pinto de Magalhães, sua prima, e, além d'outros filhos, teve

24.º—*Francisco Vaz Guedes Pereira Pinto,* filho 2.º mas que succedeu na casa de seus paes por haver fallecido solteiro e sem successão o morgado.

Foi cavalleiro da Ordem de Christo, F. C. R., coronel de milicias, etc.

Casou duas vezes,—a 1.ª em Rezende com D. Marianna Victoria Pereira Coutinho de Vilhena, filha de Miguel Pereira Coutinho, F. C. R. etc., senhor da casa de Maças, Padronello, Gradiz, etc., e teve um filho, cujo nome ignoro e que falleceu sem successão.

Casou 2.ª vez com D. Anna Adelaide e Azevedo de Brito Malafaya, filha de D. Luiz Ignacio d'Athaide Azevedo e Brito Malafaya e de D. Maria Manuel Paim de Mello e S. Paio da Silva Telles.

Foi D. Anna Adelaide herdeira da casa de seus paes (senhores das honras de Barbosa, Athaide, Paredes, etc.) pela falta de successão de seu irmão D. Miguel (ou Manuel) de Athayde; e do seu casamento com Francisco Vaz Pereira Pinto teve, entre outros filhos:

25.º—*D. Miguel Vaz Guedes de Athayde e Azevedo Brito Malafaia,* moço fidalgo com exercicio, commendador da Ordem de Christo, senhor das honras de Barbosa e Athayde, administrador dos morgados do Arco, S. Miguel, Monte Bello, etc.

Casou duas vezes,—a 1.ª com D. Ludo-

---

[1] Suppomos que foi o que emprasou a *Casa do Arco.*

[2] Era 2.º sobrinho do rev. D. Francisco Pereira Pinto, deputado da mesa da consciencia, desembargador do paço, governador e administrador do priorado d'Alcobaça, inquisidor geral, agente dos negocios de Portugal na côrte de Madrid em tempo de Filippe IV de Hespanha, bispo eleito do Porto pelo mesmo intruso Filippe, etc.

Tomou posse do bispado do Porto em maio de 1640 e falleceu em 13 de janeiro de 1642, tendo feito em Lisboa, no dia 20 de abril de 1636, o seu testamento, no qual mandou que seus bens fossem vendidos em hasta publica e com o producto d'elles comprassem outros em Villa Real ou nas suas immediações, que seriam vinculados, e d'esse vinculo ou morgado nomeou herdeiro e primeiro administrador o seu 2.º sobrinho Francisco Pereira Pinto Guedes, filho de Gonçalo Pereira Pinto, supra mencionados.

Na *Casa do Arco* de Villa Real se conserva ainda hoje (1885) o retrato do instituidor d'este vinculo.

vina de Mello [1], filha de Lopo Vaz de Mello e S. Paio, F. C. R., filho 2.º da casa da Espinhosa, e de sua mulher D. Maria Victoria de Mello, senhora da casa de Gouvinhas;—e casou 2.ª vez com D. Margarida Pinto de Sousa, filha de Ayres Pinto de Sousa Coutinho, moço fidalgo com exercicio, capitão general dos Açores, governador das justiças da relação do Porto, do conselho de S. M., commendador d'Aviz, etc., e de sua mulher D. Maria do Carmo de Mendonça.

Do seu 1.º matrimonio teve D. Miguel Vaz os filhos seguintes:

1.º—*D. Francisco*, o primogenito, que segue.

2.º—*D. Frederico*, bacharel formado em direito, actualmente juiz da 2.ª vara civel, no Porto. Ainda solteiro.

3.º—*D. Miguel*, tambem bacharel formado em direito e recebedor na villa da Regoa,—casado e com successão.

4.º—*D. Antonio*, que já falleceu, tendo casado e deixando uma filha.

5.º—*D. Maria Angelina*, já viuva em segundas nupcias e sem successão.

6.º—*D. Maria dos Prazeres*, ainda solteira. [2]

7.º—*D. Maria Ludovina*, casada com José Leite, da casa de Paço de Sousa, com successão.

Do seu 2.º matrimonio teve D. Miguel Vaz Guedes os filhos seguintes:

8.º—*D. Mendo*, casado e com successão, rezidente em Valpedre, concelho de Penafiel.

9.º—*D. Ignez e*

10.º—*D. Sabina*, que falleceram solteiras.

11.º—*D. Sophia*. Casou com Luiz Ribeiro Souto Maior, da casa de Santa Eulalia, e falleceu deixando successão.

---

[1] Irmã de Antonio de Mello Vaz de S. Paio, de Gouvinhas, pae do sr. dr. Lopo Vaz de S. Paio e Mello, deputado ás côrtes, ministro de estado honorario, etc., um dos nossos mais distinctos e *mais novos* estadistas.

[2] Todos estes filhos nasceram na *Casa do Arco*—e os 5 restantes na de *Barbosa*, da qual já se fallou no vol. 1.º pag. 322, col. 1.ª V. *Canas*, vol. 2.º pag. 77, col. 1.ª—e *Rans* vol. 8.º pag. 48.

26.º—*D. Francisco Vaz Guedes d'Athayde Malafaia*, ainda solteiro e residente na sua *Casa e Honra de Barbosa*.

Largos e Praças

Além do espaçoso e formoso Campo do Tabolado, tem esta villa 5 largos,—o do *Conde d'Amarante*, de que já fizemos menção, no fundo do *Campo do Tabolado*,—o do *Hospital*, no chão onde estiveram a *Praça Velha* e os antigos paços do concelho, junto do *Hospital da Divina Providencia*,—o do *Pioledo*, onde se fez a egreja de Nossa Senhora do Carmo, [1] ao norte da villa,—e o do *Calvario*, o mais vistoso e alegre, onde se armam barracas e se faz uma parte da grande feira de Santo Antonio, no adro da egreja do Senhor do Calvario, a poucos metros de distancia da capellinha de Santo Antonio e no cimo do monte do Calvario, outr'ora monte de S. Sebastião, porque no mesmo largo, onde hoje apenas se vê a egreja do Senhor do Calvario, esteve durante seculos a capella de S. Sebastião, que foi demolida pelo dr. *Charrua*, como já dissemos.

A estes largos e campos tambem póde juntar-se o da *Senhora d'Almodêna*, junto da capella d'esta invocação, ao nascente de Villa Real, onde se faz a grande feira por occasião da festividade da Senhora d'Almodêna, como já dissemos tambem.

—

Emquanto a praças, além da de *Luiz de Camões*, onde se fazem os mercados semanaes, ao norte e no cimo do Campo do Tabolado e que é, como tambem já dissemos, parte integrante do dicto campo, tem esta villa a *Praça do Pelourinho*, assim denominada porque a meio d'ella se erguia o pelourinho, que foi removido não sabemos quando nem para onde.

Comprehende um pequeno chão quadrado e n'ella se vendiam doces, fructa, queijo, pão cosido, pescada, azeite, hortaliças e outros generos, entulhando as regateiras litteralmente a pequena praça e a rua proxima

---

[1] Esta egreja é rival da de *Santa Engracia*. Ainda está por concluir.

até o *Arco do Duque*, do qual tomou o nome a *Casa do Arco*.

No seculo XIV a taxa dos generos que se vendiam n'esta villa e na de Moncorvo era a seguinte:

Trigo,—alqueire	20 réis.
Centeio, »	15 »
Cevada, »	12 »
Milho (miudo), alqueire	12 »
Castanhas, alqueire	5 »
Vinho, almude	20 »
Patos, um	20 »
Cordeiros, um	20 »
Cabritos, um	20 »
Leitões, um	40 »
Frangão, um	7½ »
Mel, canada	20 »
Linho, uma pedra	50 »

N'esta praça, por ser pequena, quadrada e toda revestida de predios de dois andares, se representavam dramas, comedias, authos, farças e tragedias ao ar livre, antes de haver theatro n'esta villa. As janellas das differentes casas serviam de camarotes para as senhoras;—para os homens se faziam palanques inferiores ás janellas, em volta de toda a praça,—e dizem as minhas *Antiguidades* que por maior que fosse a concorrencia, mesmo nos dias das grandes festas publicas, *todos viam e ouviam bem as comedias*.

Assim se representou antigamente em outras villas e mesmo nas cidades, tanto no nosso paiz como nos estranhos, antes de se generalisarem os theatros. O d'esta villa se fez ha muito e n'elle costumam representar companhias dramaticas de profissão e sociedades de curiosos ou amadores, notando-se nos villarealenses grande propensão e pronunciada vocação para esta ordem de entretenimentos.

Tambem houve anteriormente junto da demolida casa da camara uma praça, denominada *Praça Velha*, onde se vendiam os artigos, cuja vendagem passou para a do Pelourinho,—e em tempos mais remotos houve outra praça na *villa velha*.

—

Os açougues estiveram sempre na pequena praça e rua do Rocio, ao nascente d'esta villa. Em 1721 eram 10, mas em tempos anteriores foram 15, sempre bem providos de carne fresca, pois por contracto ou obrigação que todos os annos renovavam na camara, cada um dos marchantes era obrigado a abater nas terças feiras e sabbados de cada semana duas até cinco cabeças de gado grande,—uma a duas nos outros dias até a quarta feira—e nas quintas matavam todos uma ou duas, em commum, de sorte que a villa era sempre mimosa de carne fresca de vacca, todos os dias de manhã e de tarde.

Tambem os mesmos marchantes costumavam abater carneiros, cevados e bodes capados para consumo da villa e termo, pois d'aqui foi sempre carne fresca para Sabrosa, Penaguião, Regoa, Provezende, etc.,—e ainda hoje vae d'aqui muita para todas estas povoações e mesmo para Lamego.

Desde tempos remotos até 1721 os preços taxados pela camara eram os seguintes:

Carne de bode, arratel	15 réis.
» de carneiro, arratel	20 »
» de vacca, arratel	30 »
» de porco, arratel	40 »

Estes preços, porém, mudaram consideravelmente com os tempos.

Hoje (1885) o arratel de vacca de segunda, ou com osso, custa 110 réis; o de 1.ª, ou sem osso, 140—e o de vitella 160 réis!...

Le monde marche.

Concluiremos este topico dizendo que por occasião da morte dos nossos reis se costumavam quebrar 3 escudos pelo presidente da camara,—o 1.º na dicta *Praça do Pelourinho*,—o 2.º junto á cruz do *Cabo da Villa* —e o 3.º junto do grande cruzeiro que esteve no *Campo do Tabolado*.

Tambem nos mesmos sitios e pela mesma ordem costumava fazer-se a acclamação dos monarchas, assistindo a camara, nobresa e povo.

Ruas

Já em 1721 contava esta villa 45 ruas, todas direitas, largas (?) e bem calçadas,—além de muitas travessas. Nas *Antiguidades de Villa Real* podem ver-se os nomes de todas;

não os mencionamos para não fatigarmos os leitores. Apenas diremos que em 9 de fevereiro de 1867 o governador civil Eduardo de Serpa Pimentel mudou os nomes de muitas, v. g.—a rua da *Fonte Nova* e a parte proxima do bairro de Almodêna é hoje *rua d'Almodêna;*—as do *Sabugueiro* e da *Fonte do Chão—rua da Fonte;*—a *calçada*—travessa *de S. Domingos;*—a rua da *Amargura —rua Municipal;*—a rua da *Praça Velha* —travessa da *Praça Velha;*—a rua da *Videira—rua do Tribunal;*—a rua principal da villa velha—*rua de S. Diniz,*—a rua da *Piedade* e parte da rua da *Cadeia—rua da Cadeia;*—a rua das *Flores*—rua das Flores (desde a do *Arco* até o *Pioledo*);—o *Largo da Praça—rua do Pelourinho;*—o bairro *de Santo Antonio*—rua de *Santo Antonio;*—da antiga estrada de Chaves o lanço junto do Calvario—rua do *Calvario;*—a rua de *Traz das Quintas*—rua do *Passeio Alegre;*—a rua das *Casas Novas*—rua da *Boa Vista* (desde a egreja matriz de S. Pedro até à *Carreira de Baixo*);—a do *Jogo da Bola*—rua da *Alegria:*—as do *Cabo de Villa* e de *S. João da Fraga*—rua de *S. João;*—a da Barroca—rua do *Prado;*—a dos Vazes—rua da *Roza;*—a de Baixo—rua do *Corgo;*—a de Alem da Ponte—rua da *Guia;*—a Larga ou do Poço —rua *Central;*—a das Pedrinhas—rua de *S. Paulo;*—a travessa das Pedrinhas—travessa de *S. Paulo;*—as da Portella e Misericordia—rua da *Portella* (desde o ponto onde se encontram as ruas do *Poço* e da *Ferraria* até o Aljube);—a das Adegas—*travessa da Portella;* a de Traz da Misericordia —rua da *Misericordia;*—a do Rocio—*travessa do Rocio;*—a do Caminho de Baixo—*rua do Rocio;*—a rua da Vinagreira—*travessa da rua Nova;*—a rua Escorregadia—*travessa da Trindade;*—e o Campo do Tabolado—*Praça Luiz de Camões*, *Largo do Chafariz* e *Largo do Conde d'Amarante!...*

Imaginem-se as difficuldades que tantas alterações de nomes causarão no futuro a quem pretenda verificar a situação e confrontações dos predios rusticos e urbanos d'esta villa.

—

Concluiremos este topico dizendo que a nova estrada a macadam que da Regoa conduz a esta villa por Santa Martha de Penaguião e a que vem d'Amarante pela Campian, fazem juncção em Parada de Cunhos, formando ali uma só, que passa o Cabril na *Ponte d'Almodêna* e depois atravessa esta villa pela *rua da Fonte Nova,—Largo do Conde d'Amarante—Praça do Pelourinho,—rua do Arco,—rua de S. Jacintho,*—egreja matriz de S. Pedro—e *Carreira;*—um pouco adiante ramifica-se em duas—uma segue pela margem direita do Corgo para Villa Pouca d'Aguiar, Pedras Salgadas, Vidago, Chaves e Verim,—a outra passa o Corgo na ponte da Timpeira e um pouco mais adiante se ramifica em duas tambem,—seguindo uma para Bragança por Murça, Mirandella, e Macedo de Cavalleiros—e a outra para Freixo de Espada á Cinta por Sabrosa, Favaios, Alijó, S. Mamede de Riba Tua, Anciães, Villariça, etc.

Carreira de Baixo e Carreira de Cima, ou Jardim Publico

Sendo bastante ingreme o monte do Calvario, mas pittoresco e muito vistoso, conceberam em 1782 os villarealenses o projecto de o embellesarem,—fazendo dois grandes comoros ou passeios publicos arborisados na pendente leste do dicto monte, parallelos e immediatamente inferiores ao adro ou planalto da capella do Calvario. Deram principio ás obras em 1784, sendo ouvidor José Duarte da Silva Negrão, e juiz de fóra e presidente da camara Bernardo d'Abreu Castello Branco, natural de Vizeu,—e em 1815 se completou o desaterro e o grande muro de supporte,—plantaram-se arvores nos dois socalcos,—fez-se no *de cima* uma fonte que custou 600$000 réis—e se collocaram nos dois passeios bancos de pedra.

A estes dois grandes socalcos ou passeios publicos se deu o nome de *Carreira de Cima* e *Carreira de Baixo*, hoje simplesmente *Carreira*,—ampla e formosa avenida de Villa Real por este lado, atravez da qual passa a nova estrada a macadam para Chaves, Bragança e Freixo d'Espada á Cinta.

N'esta *Carreira* ou avenida ha um grande chafariz, que foi feito em 1738, com a impor-

tante somma de 2:000$000 réis que D. João V cedeu para este fim;—foi reformado e ampliado o dicto chafariz em 1820,—e em 1856 se fizeram junto d'esta fonte os dois lanços de escadas que hoje communicam a *Carreira* com o socalco immediatamente superior, que foi por essa occasião transformado em *jardim publico*, arrancando-se o arvoredo plantado em 1815, povoando-se de novas plantas e flores e fazendo-se a meio d'elle uma grande taça com repucho.

Em 1871 se vedou este jardim com um grande portão de ferro, do lado sul, ou da villa;—na extremidade opposta se vê um bom chafariz com duas bicas e um largo tanque;—a meio a grande taça com o repucho; —junto d'esta um bonito pavilhão com bancos de cortiça, armado sobre um poste de sobro que se ergue do centro;—occupa o jardim um quadrilongo, perfeitamente plano e symetrico;—está muito bem tractado e bem povoado de flores e plantas—e tem ar purissimo e largas e interessantes vistas sobre a *Carreira* ou avenida que lhe fica ao sopé, sobre o extincto convento franciscano, hoje quartel militar, e sobre grande extenção das provincias de Traz os-Montes e da Beira, avultando a tres kilometros de distancia o elegante e magestoso *palacio de Matheus*.

Aljube

Teve esta villa um *aljube*, que era da jurisdicção ecclesiastica, muito antigo e que se tornou inutil desde que em 1836 (?) se extinguiu entre nós o foro ecclesiastico.

Foi vendido em hasta publica e arrematado pelo negociante Anselmo Pereira Bahia, que o principiou a demolir em 7 de julho de 1869 e com a pedra d'elle fez o *Hotel Tocaio* em uma parte do chão que occupou o extincto convento de S. Domingos.

Demorava o aljube um pouco a juzante da cadeia, na rua d'este nome, que parte da Praça do Pelourinho,—segue para o sul— e ia direita á porta da entrada das casas que foram dos alcaides-móres.

Pontes

Ha junto d'esta villa tres pontes e são as seguintes:

1.ª—*De Almodêna*, que tomou o nome da capella de Nossa Senhora d'Almodêna, contigua.

Demora ao poente de Villa Real sobre o Cabril, na estrada nova a macadam que em Parada de Cunhos se ramifica em duas—seguindo uma pela Cumieira e Santa Martha de Penaguião para a Regoa—outra por Candomil [1]. e Campeã para Amarante, onde ambas fazem outra vez juncção (em Padronello) seguindo para o Porto.

Ambas foram de grande transito e servidas por diligencias; mas, depois que se fez a linha ferrea do Douro, todo o movimento entre o Porto e Traz-os-Montes convergiu sobre a estação da Regoa,—acabaram as diligencias entre a Regoa e o Porto—e entre Villa Real e Amarante. Sustentam-se—e com maior movimento ainda—as diligencias entre a Regoa e Villa Real, mas estas tambem por seu turno cessarão logo que se construa a projectada e bem necessaria linha ferrea do valle do Corgo.

—

No dia 27 d'agosto de 1857 se deu principio aos caboucos para a construcção da actual ponte *d'Almodêna*;—no dia 23 d'outubro do mesmo anno se lançou a 1.ª pedra na sapata da margem direita do rio;—a 29 de julho de 1858 se principiou a sapata da margem esquerda;—em 18 d'abril de 1859 se começou a demolir a velha ponte que estava no mesmo rio, um pouco a montante da nova, para se empregar n'esta a esquadria da velha, que era muito mais baixa e de fabrica mais humilde, mas por ella passava a antiga estrada do Porto pela Regoa e por Amarante tambem. [2]

A nova ponte atravessa o Cabril,—foi feita pelo governo,—tem um só arco—e custou dezesete contos de réis.

---

[1] *Candomil*, é a terra natal do rev.mo sr. dr. Antonio Candido, deputado ás côrtes, distinctissimo lente de direito na Universidade de Coimbra e um dos primeiros tribunos e oradores do nosso paiz.

[2] V. n'este vol. 10.º o art. *Villa Cova*, pag. 703, col. 1.ª—onde já se descreveu a *velha* e a *nova* estrada de Amarante para Villa Real, pelo Marão.

2.ª—*Ponte da Timpeira* sobre o rio Corgo, a E. N. E. de Villa Real.

Foi tambem feita pelo governo;—teve principio em 20 de maio de 1863—e por ella passa a nova estrada a macadam que um pouco mais adiante se ramifica para Murça, Mirandella e Bragança—e para Sabrosa, Favaios, Alijó e Freixo de Espada á Cinta, esta ultima ainda por concluir, mas já servida por diligencias até Sabrosa.

3.ª—*Ponte de Santa Margarida*, tambem sobre o Corgo e a leste de Villa Real, no fim da rua *De Baixo* e da dos Ferreiros, junto da Capella de Santa Margarida, da qual tomou o nome.

Por esta ponte passa uma estrada municipal que liga esta villa com as propriedades, quintas e parochias da margem esquerda do Corgo a leste e sueste de Villa Real. Outr'ora a passagem era feita em uma barca, um pouco a montante da ponte; mas, como no inverno o Corgo é medonho e caudaloso e a passagem na barca fosse perigosissima, fez-se em 1490 a primeira ponte, no mesmo sitio da actual, com o producto de uma derrama de 600 réis lançada a cada morador da villa, distinguindo-se tambem por essa occasião o benemerito protonotario apostolico D. Pedro de Castro, abbade de Mouçós, tantas vezes citado n'este artigo, pois não só deu, em vez dos 600 réis—*quatrocentos mil réis*—para a conclusão da dicta ponte,—somma *fabulosa* n'aquelle tempo, mas ainda, como já dissemos, mandou reconstruir á sua custa a capella de Santa Margarida!...

No topico dos *Villarealenses illustres* daremos a D. Pedro de Castro o logar d'honra que merece.

—

A ponte de 1490 media 240 palmos de comprimento e 25 de largura;—era de um só arco e muito solida; mas em 1842, achando-se desaprumada e bastante arruinada com o peso dos seus 352 annos, foi reconstruida pelo governo, como hoje se vê, ficando mais alta do que a primeira, que em parte foi demolida *a fogo*,—tal era a solidez da sua construcção!...

No momento ha o projecto de substituir esta ponte por outra, no mesmo local ou a pequena distancia, mas muito mais alta, ligando o morro de S. João da Fraga, na margem direita do Corgo, ao da *Raposeira*, na margem esquerda, ambos muito ingremes e aprumados sobre o rio, que n'estas paragens medonhas corre fundo por entre penedia escalvada e nua.

Já foi feito o projecto da nova ponte pelo sr. Paulo de Barros, distincto engenheiro, para passagem da nova estrada districtal a macadam d'esta villa á foz do Corgo, junto da Regoa, pela margem esquerda d'este rio, tocando em Villarinho dos Freires e em outras muitas povoações, ou approximando-se d'ellas.

Deve ser uma ponte monumental!

Feiras

Antes da fundação de Villa Real houve—desde tempos muito remotos—em Constantim, antiga capital de Panoias, uma feira tão importante que a dicta povoação era mais conhecida pelo nome de *Feira*, do que pelo de *Constantim*—e só a dicta feira no seculo XIII lhe dava alguma importancia.[1]

No foral que D. Sancho I deu a *Souto de Panoias* no anno de 1196, manda que cada uma das quatro courellas de que esta herdade se compunha, lhe pagaria annualmente *seis quarteiros*, metade centeio e metade milho—*per mensuram feriae de Constantim, quae hodie ibi est*—ou pela medida da feira de Constantim que ja n'aquelle tempo—1196—ali se fazia. *Livro dos Foraes Velhos*, citado por Viterbo, no artigo *Feira*, o 2.º

E que esta feira absorveu o nome de Constantim se vê do foral que lhe deu D. Sancho I em 1194, segundo se lê em uma das copias das *Antiguidades de Villa Real*,—e das inquirições d'el-rei D. Diniz, de 1290, relativas a S. Miguel de Poiares, n'aquelle tempo do julgado de Panoias e hoje freguezia do concelho da Regoa, pois nas dictas inquirições se devassaram varios casaes e se mandou que todos fossem ao *Joizo do Joiz*

---

[1] V. *Constantim* e n'este vol. 10.º as pag. 936, col. 2.ª—939 e 946, col. 2.ª tambem.

da Feira, tanto os do Spital,[1] *come os outros e entre hy o Porteiro, e nom tragam hy Chegador.* Viterbo, log. citado.[2]

—

Era pois muito antiga e muito importante a feira de Constantim, mas, quando se fundou Villa Real, foi supprimida (segundo suppomos) e passou para esta villa, como se deprehende do foral de D. Diniz de 1289, supra.

N'elle se lê (pag. 943, col. 2.ª): «E vós pobradores de Villa Real debedes haver feira uma vez no anno por Santa Maria d'Agosto, e ser coutada (franca) 15 dias antes e 15 dias depois, como a da Guarda;—e debedes haver feira de mez em mez, no terceiro dia depois da de Chaves; e deve durar dous dias, assim como a de Chaves.»

E mais adeante (pag. 944, col. 1.ª):—«E não haja venda de regatia nem uma, nem seus *feiraes* (feiras ou mercados) até uma legoa a cada parte (em redor) de Villa Real...»

—

Vê-se pois claramente que esta villa teve desde a sua fundação (1289 a 1293) uma feira annual a 15 d'agosto, mas que durava e *era franca* todo o mez,—e outra feira mensal que durava dois dias.

Foram estas duas as primeiras feiras de Villa Real e que deram o ultimo golpe na povoação de Constantim, pois D. Diniz não só concentrou em Villa Real a séde e as justiças de toda a terra *de Panoias*, que estavam em Constantim, mas supprimiu a feira ou feiras d'esta povoação, porque prohibiu todas e quaesquer feiras até uma legua de distancia de Villa Real, e a povoação de Constantim n'aquelle tempo era com certesa comprehendida na dicta legua, como adiante mostraremos.[1]

Suppomos até que D. Diniz, muito de proposito marcou o raio de uma legoa—para comprehender e aniquilar Constantim e engrandecer Villa Real.

—

Não sabemos a sorte que as dictas feiras correram—nem quando ou porque motivo terminaram, pois nem as *Antiguidades de Villa Real* nos dão noticia d'ellas;—o que sabemos é que por alvará de 23 de março de 1648 D. João IV[2] concedeu aos villarealenses uma feira franca nos dias 12, 13 e 14 de junho.

É esta a unica feira d'anno, denominada de *Santo Antonio*, que ha muito se faz em Villa Real. Em outros tempos durava 15 dias e foi uma das mais importantes da provin-

---

[1] Referiam-se á parochia de S. Miguel de Poiares, que era dos cavalleiros do Hospital ou da ordem de Malta.

Foi uma das commendas mais importantes d'esta ordem.

V. *Poiares* (a 2.ª) vol. 7.º pag. 117, col. 1.ª n'este diccionario—e no supplemento.

[2] Em vista do exposto mal póde crer se o que dizem as *Memorias d'Anciães* (pag. 936, col. 2.ª supra)—que Panoias, antes da fundação de Villa Real, era um julgado de Anciães,—pois em 1290, quando se estava construindo Villa Real, ainda a terra de Panoias obedecia ao *Joizo do Joiz da Feira*, ou de Constantim. E, estando nós folheando *ha annos* todos os livros, folhetos, jornaes e manuscriptos que nos cercam e que formam uma boa collecção sobre a especialidade—só nas *Memorias d'Anciães* encontrámos até hoje um tal asserto.

O mesmo acaba de dizer-nos uma das nossas primeiras summidades litterarias, que viveu em Villa Real muitos annos e que ali tem parentes proximos.

[1] Antigamente contavam 2 leguas de Villa Real á Regoa, o que hoje dá 26:758 metros. Correspondia pois uma das dictas leguas a 13:379 metros,—e Constantim dista hoje de Villa Real apenas 7:995 metros. Alem d'isso, o dr. João de Barros, na sua *Geographia* de 1548, é claro n'este ponto, pois diz: «Está a *uma legua* d'esta villa de Villa Real uma aldeia que chamam Constantim...»

[2] As *Antiguidades de Villa Real* que foram do Jeronymo *Latagão* dizem *D. João IV*;—as minhas dizem *D. João V*—e ambas lhe assignam a data de 16681...

Tanto um codice como o outro claudicam n'este e em outros muitos pontos e não temos á mão o alvará para resolver a questão.

Em ambos os codices ha erro, pois em 1668 governava o infante D. Pedro como regente, em nome de seu irmão D. Affonso VI;—D. João IV governou de 1640 até 1656—e D. João V de 1706 até 1750.

Deus nos dê paciencia para aturarmos os copistas.

cia, mas hoje com os progressos da nossa viação e da facilidade de communicações,[1] vão em pronunciada decadencia todas as feiras e esta já dura apenas oito dias. O que a sustem e ampara ainda é a feira de gado cavallar, muar e azinino, e sobre tudo o jogo do *monte* e da *roleta*, que por essa occasião assola a villa escandalosamente!...

Esta feira tomou o nome de *Feira de Santo Antonio* por ser feita junto da capellinha d'esta invocação, no monte do Calvario, por occasião da grande festa e romagem de Santo Antonio.

Em 1746, por mandado do juiz de fóra, se transferiu para a *Carreira*, ao sopé do monte do Calvario, e ahi se fez dois annos; mas, por ser o sitio pouco espaçoso, el-rei D. João V, por alvará de 2 de março de 1748, a requerimento de José Pinto da Cunha, juiz da irmandade de Santo Antonio, a transferiu outra vez para o Calvario e ali se faz ainda hoje, exceptuando a do gado cavallar, muar e azinino, que sempre se fez e faz no *Campo do Tabolado*.

Culto e festividades religiosas

Muito poucas das nossas cidades e nenhuma das nossas villas póde sustentar confronto com Villa Real na pompa do culto e das festividades religiosas.

Parece incrivel que uma povoação como esta não só construisse tantos conventos, egrejas e capellas e fundasse tão grande numero de irmandades e confrarias, mas conservasse todos os seus templos publicos e particulares sempre limpos e mesmo asseados e desse cumprimento a milhares de missas instituidas nos seus diversos templos por differentes legados, que enchem muitas paginas das *Antiguidades de Villa Real*, não contando as missas celebradas por devoção; maior espanto causa porém ainda o apparato das suas festas religiosas.

Achando-se esta villa em grande decadencia por causa da invasão phylloxerica, praga medonha que aniquilou barbaramente, como logo diremos, a maior parte dos vinhedos do Douro, orgulho e riqueza principal d'esta villa, ainda no ultimo anno (1884) os villarealenses fizeram uma funcção pomposissima ao Senhor do Calvario, nos dias 24 a 30 de junho.

—

A convite dos mordomos foi expressamente de Braga assistir á grande festa s. ex.ª rev.ma o sr. arcebispo primaz D. Antonio de Freitas Honorato, que pelo prestigio do seu nome e das suas virtudes e por ser o primeiro arcebispo que desde..... visitava esta villa e n'ella fez a sua entrada solemne, deu grande relevo á festividade e attrahiu numeroso concurso de fieis de muitas legoas de distancia.

Nos dias 25 e 26 administrou s. ex.ª o Chrisma a 5:000 pessoas, e no dia 28 a 1:500 na egreja de S. Domingos, e no dia 29 foi á egreja do recolhimento chrismar as recolhidas e outras muitas pessoas.

No dia 26 distribuiram-se vestidos a 50 pobres na egreja de S. Francisco, pregando o rev. conego e dr. Alves Mendes, do Porto, um dos mais eloquentes oradores de todo o nosso paiz na actualidade,—e no dia 27 celebrou o rev. arcebispo na mesma egreja solemne pontificial, sendo em todos os dias verdadeiramente extraordinaria a concorrencia do clero, nobresa e povo nos templos, nas ruas e nas praças.

Não podemos alongar-nos com os pormenores da grande festa, mas podem ver-se nos jornaes que ao tempo se publicavam n'esta villa.

—

Ainda tambem no meiado d'este seculo, quando appareceu no Douro o *oidium tukeri*, se fez outra festa ao senhor do Calvario, não menos apparatosa, invocando a protecção divina contra o flagello do *oidium*.

E n'essa grande festividade se distinguiram particularmente os villarealenses, dando provas do seu genio inventivo e da sua propensão para as grandes festas, pois quando em outras muitas povoações do Douro se faziam procissões de penitencia, aqui celebraram um *Te-Deum* e fizeram em seguida uma procissão imponente com muitas figuras:

1.ª—*Villa Real*, vestida de guerreiro, mon-

[1] Veja-se o artigo *Vias Ferreas*.

tada em um soberbo cavallo ricamente ajaesado e guiado por um pagem.

2.ª—*O Douro*, representado por um ancião, tambem a cavallo e guiado por outro pagem.

3.ª—*A Fé, Esperança e Caridade* em um apparatoso carro com a forma de navio.

4.ª—*Santa Martha*, protectora das vinhas, em outro grande carro com anjos cantando hymnos.

5.ª—*Nossa Senhora da Conceição* em outro carro, cercada por córos d'anjos.

6.ª—*Os 12 apostolos*.

7.ª—*O Senhor do Calvario* em outro carro com anjos entoando hymnos.

8.ª—Muitos anjos incensando o Santissimo Sacramento.

Completaram a grande festa differentes bandas de musica, fogo solto e preso, illuminação geral, danças, descantes, etc.

Em quanto que nas outras terras imploravam a misericordia divina os durienses com os pés nús, vestidos d'alvas, coroados de silvas, carregando aos hombros alavancas de ferro, ou penedos, e de costas nuas se iam disciplinando e cantando o *miserere*,—os villarealenses cantavam o *Te-Deum* e faziam espectaculosa procissão, illuminações e folias!... Mas, pondo de parte a exquisita forma de rogar a Deus, quem quizer ver funcções brilhantes e um povo alegre e sympathico nas manifestações do regosijo publico, dirija-se a Villa Real.

—

Tambem costumam ser notaveis n'esta villa as funcções de *endoenças*, proprias da semana santa, e foi muito digno de especial menção o *descimento da cruz*, em 1807.

Armaram e levantaram com grande dispendio e muito engenho o monte do Calvario na *Carreira*, ao sopé do monte que tem o mesmo nome de Calvario e, dando expansão ao genio que lhes é proprio, metteram na lugubre tragedia nada menos de quarenta figuras biblicas, representando os patriarchas, os profetas e os reis do velho testamento, Adão, a guarda pretoriana, os vultos mais salientes da nova lei, etc.

Não ha na provincia memoria de *descimento da cruz* tão solemne e apparatoso!

A concorrencia do povo, segundo se lê em apontamentos da epoca, excedeu a setenta mil pessoas!...

Faltaram os alimentos para tanta gente; alguns dos habitantes da villa subscreveram com centos de mil réis—e outros mandaram ir vestuarios proprios do Porto e de Braga.

Posteriormente se fez tambem n'esta villa com grande pompa outro *descimento da cruz*, segundo o plano dado pelo rev. José Justino de Carvalho, vulgo padre José da *Botica*, homem de grande habilidade, tio do sr. conselheiro Guilhermino Augusto de Barros, hoje director geral dos nossos correios e telegraphos.

Tambem foram estrondosas e custaram muitos contos de réis as festas que se fizeram n'esta villa quando se installou definitivamente a irmandade de Nossa Senhora do Carmo. D'ellas já fizemos menção; mas entre todas as festividades religiosas d'esta villa occupou sempre o logar d'honra a procissão de *Corpus Christi*, hoje muito decadente. Para que se não perca a memoria do que foi, dedicar-lhe-hemos, como bem merece, um topico especial:

Procissão do Corpo de Deus

No dia da festa iam assistir á missa, occupando as suas cadeiras proprias reservadas, na egreja de S. Diniz, os vereadores, presididos pelo juiz de fóra, o procurador do concelho, o provedor, o escrivão da camara, todos com as suas varas, os quaes recebiam cada um sua tocha de 4 arrateis.

Assistiam tambem á festa e acompanhavam a procissão os cavalleiros das differentes ordens e o clero da villa e termo até uma legoa de distancia.

Terminada a missa solemne seguia-se a procissão, cujo programma official era em resumo o seguinte:

1.º—O carro que davam os hortelões, ornado de frondosos e altos ramos, dos quaes pendiam em profusão fructas e hortaliças de todo o genero.

2.º—O gigante que davam os surradores, caprichosamente vestido.

3.º—O dragão com sua dama, dados pelos sapateiros e cortidores.

4.º—S. Christovam com fórmas de gigante, dado pelos *imaginarios* (esculptores que trabalhavam em imagens)—e, não os havendo na villa, era dada esta figura pela camara.

5.º—Dois cavallinhos *fustes* (?) feitos com muita galanteria e dados pelos alfaiates.

6.º—A *dança dos diabretes*, composta por 16 figuras symbolicas, ensurdecendo os ares com instrumentos extravagantes.

Era dada pelos almocreves.

7.º—A *dança dos moleiros*, dada por estes e comprehendendo tambem 16 figuras d'homens e mulheres, todos muito aceados, levando cajadinhas na mão e na frente uma bandeira de damasco branco.

8.º—A *dança dos carpinteiros*, dada por estes e composta de 18 figuras d'homens e mulheres, representando gallegos com suas vestes proprias, cantando e dançando no estylo dos filhos de Tuy, ao som de instrumentos e musica da Galliza, e levando na frente uma bandeira de damasco amarello com seus cordões e borlas.

9.º—A *dança dos alfaiates*, dada por estes, vestidos de *Ninfas*, cantando e dançando o *arromba, arromba*, com toda a honestidade (?!...) [1]

Na frente d'esta dança ia o *rei dos alfaiates* com manto e corôa!...

---

[1] Pelos annos de 1838 a 1840 formou-se na minha freguezia da Penajoia, em frente das *Caldas do Moledo*, uma banda de musica tristemente celebre.

Tocava muito bem, tinha um lindo uniforme e era composta quasi toda de moços de boas familias, alguns ordinandos e *dois padres*, mas descambou em uma quadrilha de salteadores que, depois de cobrirem de vergonha a freguezia, morreram quasi todos nas cadeias e na Africa.

Resta hoje apenas um!...

Eram os taes senhores muito tractaveis e folgasãos, pelo que repetidas vezes na quadra balnear iam em barcos muito garridos, alguns com senhoras, tocar para o Douro e entreter os banhistas do Molledo. Estava ainda então em voga á tal modinha do *arromba* e, andando elles certo dia muito descuidados no Douro, tocando e cantando o tal *arromba*, o barco bateu em uma pedra e *se arrombou!...*

A coisa ia sendo muito seria e se tornou fallada, mas não passou do susto.

A bandeira era de damasco verde.

10.º—A *dança dos sapateiros*, dada por estes, com sua bandeira de damasco vermelho e uma folia de musicos pretos.

Na frente iam dois sapateiros vestidos á cortezan, com mantos e corôas, representando o rei e o imperador d'este officio.

11.º—A *dança dos ferreiros*, dada por estes, com sua bandeira de damasco vermelho.

A dança era formada por 12 homens e 12 mulheres, mais um homem que ia dançando no meio da turma. Era *dança de primor* e davam a musica as regateiras do peixe e os sombreireiros.

12.º—*S. Jorge* em um soberbo cavallo, com outros de redea, muito bem ajaesados e formando o seu estado maior.

Acompanhavam-o, dando repetidas descargas (?) e ricamente fardados e formados, os espingardeiros, serralheiros, ferradores e ferreiros, os quaes todos em commum davam o dicto santo.

13.º—Seguiam-se os 4 juizes e procuradores do povo com as suas varas.

14.º—A bandeira da camara, levada pelo vereador mais velho do ultimo anno, a meio dos 2 almotaceis, acompanhado pela nobreza da villa.

15.º—O andor de Santa Catharina com suas romeiras, dado pelos estalajadeiros.

16.º—Duas *pellas* (?) ricamente vestidas, com sua *matrona*, dadas pelos padeiros e tecedeiras, dançando ao som de uma gaita de folle.

17.º—O andor da rainha Santa Isabel, dado pelos tendeiros e acompanhado por uma vistosa dança de romeiros d'ambos os sexos.

18.º—O andor do Menino Jesus, dado pelos picheleiros.

19.º—Os mercadores e homens de negocio em duas alas com grandes tochas na mão e caprichosamente vestidos á cortezã.

20.º—As 13 cruzes das 13 freguezias até o raio de uma legoa.

21.º—Todas as confrarias e irmandades das egrejas e capellas da villa, com as suas cruzes e guiões, e os irmãos com as suas tochas e opas.

22.º—As communidades de S. Francisco e S. Domingos, com as suas cruzes e habitos

proprios, seguindo-se todo o clero da villa e seu termo até uma legoa de distancia,—a cruz da egreja parochial de S. Pedro,—depois a da egreja de S. Diniz,—os cavalleiros [1] das differentes ordens, com seus mantos,—os 10 vereadores dos tres ultimos annos, todos com as vestes proprias e espadas á cinta,—depois o palio, e por ultimo os ministros da justiça e os officiaes da camara.

Sahia a procissão da egreja de S. Diniz, —ia até o alto da villa,—atravessava o campo do Tabolado — e recolhia-se á mesma egreja.

Mais ainda

Logo de manhã todas as danças, folias e figuras que haviam de abrilhantar a procissão, percorriam a villa parando á porta dos ministros da justiça e officiaes da camara, executando os seus bailados e motetes;—de tarde iam em grande formatura para o Campo do Tabolado cantar e dançar—e terminavam as grandes festas por uma corrida de touros no mesmo campo, dados pelos carniceiros.

A procissão do Anjo Custodio era em tudo igual á do Corpo de Deus—e a camara dava premios aos que mais se distinguissem nos bailados e folias e nas corridas dos touros.

Tambem a camara festejava pomposamente a rainha Santa Isabel com procissão em que iam os vereadores e ministros da justiça com as suas varas, os misteres com as suas bandeiras (excepto as danças) e as cruzes *de legoa a dentro*, mas só o clero da villa. Entrava na egreja de S. Domingos e ali os frades celebravam missa solemne com sermão, que era um dos *da taboa.* [2]

Igual procissão fazia a camara no dia 1.º de dezembro, em acção de graças pela feliz revolução de 1640.

---

[1] Ha memoria de se reunirem 16!...

[2] Assim se denominava nos conventos um certo numero de sermões, por estarem inscriptos em uma tabella ou taboa. Eram gratuitos e obrigatorios—e os pregadores recebiam da communidade apenas uma leve gratificação,—ordinariamente um prato de arroz doce.

Tambem na manhã de S. João os vereadores e ministros da justiça, levando todos as suas varas e na frente a bandeira da camara, hasteada pelo vereador mais velho do ultimo anno, costumavam ir em luzida e brilhante cavalgada até á egreja de S. João d'Arroios, distante cerca de 2 kilometros,—mandavam celebrar ali uma missa,—distribuiam alguns doces—e regressavam á villa com o mesmo apparato pelo adro da egreja de S. Pedro, Campo do Tabolado e rua do Espirito Santo até á porta dos paços do concelho, onde terminava o passeio.

Familias nobres do termo de Villa Real, anteriores á fundação d'esta villa

Antes da fundação de Villa Real já muitas familias nobres viviam nas terras adjacentes. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—A da *Casa d'Anta*, que foi de Gonçalo Annes de Contreiras, casado com D. Maria Affonso, dos quaes descendeu Fr. Miguel de Contreiras, frade trino, confessor da rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Tornou-se muito notavel e benemerito da humanidade aquelle religioso por inspirar á mencionada rainha a fundação das *Misericordias* no nosso paiz.

Estes *Contreiras* foram senhores das honras de Andrães e Quintella, junto de Villa Real, e ali tiveram, e não sabemos se ainda existe, uma torre feudal acastellada e com ameias. Possuiam tambem Justes e a Torre de Pinhão, no concelho de Sabrosa; mas a sua casa principal era a de Andrães.

Uma das avós do sr. visconde de Villarinho de S. Romão, morador no seu Paço do Carregal no Porto, [1] era D. Isabel de Contreiras, ramo dos Contreiras da casa d'Anta, uma das mais nobres d'este districto.

2.ª—*Macedos Teixeiras Coelhos*, ascendentes de Gonçalo Chrystovam, o martyr das Prisões da Junqueira, já mencionado no topico relativo á *Capella de S. Braz*, pag. 948 col. 2.ª

---

[1] V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 267, col. 2.ª —e *Villarinho de S. Romão.*

3.ª—A da casa da dicta *Torre de Quintella*, pertencente aos condes de Vimioso.

4.ª—A da *Torre d'Arrabães*, solar dos Menezes.

5.ª—A de *Silvella*, na aldeia das *Botelhas*, da qual procedia o grande D. Paio Correia.

6.ª—A da quinta de *S. Paio* (na freguezia de Mouçós) que foi dos condes de Rezende e em 1467 doada por Vasco Martins a D. João Page, de quem procedeu Martim Vaz de S. Paio, fallecido em 1595 e que jaz na capella-mór da Senhora de Guadalupe. Descendem d'elle os Mellos e Castros, morgados de *S. Paio*.

A dicta casa é hoje do descendente de Martim Vaz de S. Paio,—Francisco Barbosa da Cunha Souto Maior, residente na sua quinta da *Fontainha*, em Estarreja.

Além da quinta de S. Paio eram d'esta nobre familia os vinculos de Salreu e da *Ilha de D. Cecilia*, [1] junto de Estarreja, mas, depois de grandes demandas, estes dois vinculos passaram para Francisco Barbosa da Cunha e Mello (primo direito de Francisco Barbosa da Cunha Souto Maior) que tinha casa em Celeirós e ali viveu muitos annos. Hoje pertencem ao seu neto Antonio Augusto Barbosa da Cunha e Mello, bacharel formado em direito, residente em Estarreja.

Uma filha de Francisco Barbosa da Cunha e Mello,—D. Maria das Dores,—casou em Provezende com o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite, da nobre *Casa do Santo*, n'aquella villa, um dos proprietarios mais abastados e mais illustrados do Alto-Douro.

É vogal da commissão anti-phylloxerica do norte e a s. ex.ª se deve a generalisação das videiras americanas no nosso paiz, das quaes se espera a reconstituição dos vinhedos do Alto-Douro, hoje quasi completamente anniquilados pelo phylloxera.

Possue s. ex.ª já cerca de 30:000 pés de vides americanas, que est'anno de 1885, apesar de muito novas, produsiram cerca de 20 pipas de vinho, tractando s. ex.ª de augmentar a plantaçao e esperando colher em praso breve 200 a 300 pipas,—vinho que hoje não produzem muitas freguezias do Alto-Douro reunidas!...

[1] Não é propriamente uma *ilha*, mas uma porção de terreno plano, cortado e cercado de vallas.

Alcaides-Mores

Fundada esta villa—ou talvez ainda durante a sua fundação — mandou de Lisboa D. Diniz tres fidalgos da primeira nobreza para o regimen d'ella. Foram Pedro Affonso Cam, [1] Alvaro Rodrigues Taveira e Affonso Botelho, o *velho*.

O 1.º foi encarregado *das coisas da republica*,—tinha o seu solar no Minho,—casou n'esta villa com D. Briolanja da Nobrega [2] —e d'elles descenderam muitas pessoas distinctas, entre ellas Diogo Cam, descobridor do Zaire, os *Nobregas*, ainda hoje (1885) rezidentes n'esta villa, etc.

O 2.º casou tambem e foi como o 1.º encarregado *das coisas da republica*;—ao 3.º deu D. Diniz *de jure e herdade* para si e seus descendentes o cargo de alcaide-mór.

Foram estes os primeiros fidalgos de Villa Real e a elles com o andar do tempo se seguiram outros muitos,—uns seus descendentes, outros estranhos,—tornando-se esta villa um alfobre de nobresa, em manifesta contravenção do 1.º foral de D. Diniz. V. pag. 942.

Logo volveremos ao assumpto e agora indiquemos alguns dos seus alcaides-mores:

1.º—*Affonso Botelho*, o velho, tronco de grande parte da nobreza de Traz-os-Montes e da do Minho e Beira. [3]

[1] Assim se lê nas *Antiguidades de Villa Real*, mas D. Antonio Caetano de Lima lhe dá nome de *Alvaro Pires* Cam.

[2] Vê-se pois que não foi Domingos Gaspar da Nobrega o 1.º que usou d'este appellido, como se disse no vol. 6.º art. *Nobrega*, pag. 102.

[3] Descendia de Pedro Martins Botelho, fidalgo muito honrado, 3.º neto de Paio Mogudo de Sandim, *o velho*.

Este Affonso Botelho morreu em Africa, na infeliz batalha em que pereceu tambem D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, de quem já se fallou largamente nos artigos *Vianna* e *Santarem*.

Casou com D. Thereza Correia de Lacerda, filha de João Correia de Lacerda e de D. Maria Affonso (ou D. Isabel Dias Castello Branco) e irmã de Paio Correia, balio de Leça.

Tiveram:

—Pedro Botelho, 2.º alcaide-mór,

—Maria Botelho e

—Isabel Botelho.

Esta ultima casou com Diogo de Mesquita Pimentel, de Guimarães,—e Maria Botelho casou com Pedro Ribeiro, da cidade de Braga, do qual teve Isabel Ribeiro Botelho, por antonomasia *a fecunda*, pois casando com Diogo Rodrigues de Barros, F. C. R., teve tantos filhos e netos que povoou de nobresa esta villa e as provincias de Traz-os-Montes, Minho e Beira!...

A outra filha do 1.º alcaide-mór tambem deixou numerosa descendencia.

2.º—*Pedro Botelho.*

Casou duas vezes e do seu primeiro matrimonio com D. Catharina Alvares Taveira teve 5 filhos, entre elles

3.º—*Affonso Botelho*, o novo.

Tambem casou duas vezes, e do seu primeiro matrimonio com D. Genebra Pereira, filha de Ruy Pereira de S. Paio, teve Pedro Botelho de S. Paio, que segue, e D. Isabel Pereira Botelho, a qual casou tambem duas vezes, a primeira em Bragança com Pedro Borges, filho de Fernão Gonçalves de Faria, abbade de Serva, e de sua prima D. Isabel Borges.

4.º—*Pedro Botelho de S. Paio*, 4.º alcaide mór, fallecido sem successão, pelo que lhe succedeu seu cunhado

5.º—*Pedro Borges*, 5.º alcaide-mór, pelo seu casamento com D. Isabel Pereira Botelho, da qual teve

6.º—*Affonso Borges Botelho*, 6.º alcaide-mór, senhor da quinta de Passos, em Sabrosa, morgado de Escariz e escudeiro fidalgo da casa do marquez D. Manuel de Menezes, o qual lhe vendeu a quinta de Passos, que Affonso Borges Botelho erigiu em morgado, por escriptura de 2 de setembro de 1560,—quinta é morgado ainda hoje (1885) pertencentes aos legitimos representantes de *Affonso Botelho*, o velho.

Casou em Lamego com D. Leonor de Vasconcellos e teve

7.º—*Antonio de S. Paio Botelho.*

Casou com D. Maria da Silva e teve

8.º—*Antonio Ribeiro Botelho Correia*, um dos ascendentes dos actuaes condes de Villa Real.

Casou com D. Paula de Figueiredo e deixou successão.

Foi talvez o penultimo dos alcaides-móres d'esta familia, cujo cargo andou n'ella até 1628.

Em 1633 já era alcaide-mór um estranho —Antonio de Saldanha,—talvez o ultimo por nomeação dos marquezes de Villa Real, extinctos, como já dissemos, em 1641.

—

Não podemos completar a lista dos alcaides-móres d'esta villa; apenas sabemos que em 1706 era seu alcaide-mór Garcia de Mello, commendador de Santiago da Feiteira, de Santiago de Santarem, de S. Miguel do Pinheiro de Azere, de Nossa Senhora dos Altos Ceus da Louzã, de S. Miguel de Infames, na ordem de Christo, monteiro-mór d'el-rei D. Pedro II, presidente da camara de Lisboa, da Mesa da Consciencia e do Desembargo do Paço, etc. filho de Francisco de Mello, monteiro mór do reino, um dos acclamadores d'el-rei D. João IV e seu embaixador a França, general de cavallaria do Alemtejo, governador do Algarve, etc.

Casou Garcia de Mello com D. Isabel de Castro, filha de D. Francisco Mascarenhas, nomeado vice-rei da India, e teve entre outros filhos—Francisco de Mello, monteiro-mòr do reino e senhor da grande casa de seus paes. Casou duas vezes—a primeira com uma filha dos marquezes d'Alegrete— e a segunda com uma filha dos condes de Villa Verde.

Em 1796 era alcaide-mór de Villa Real o marquez de Tancos e ao tempo occupavam as outras alcaidarias-móres d'esta provincia:

Algoso—D. Verissimo de Lencastre.

Bragança—D. Luiz Antonio de Sousa.

Carrazeda d'Anciães—A camara.

Ervededo—Gaspar da Costa Coutinho.

Miranda—O conde de S. Paio.

Moncorvo—Idem.
Monforte—Vaga.
Outeiro—D. José Maria d'Oliveira.
Penas Roias—Vaga.
Tourem—Vaga.
Villa Pouca d'Aguiar — José Filippe de Sousa.
Vimioso—Dlogo Alves Cabral.

—

Em nossos dias foi muito digno representante de Affonso Botelho, *o velho*, 1.º alcaide mór de Villa Real,—Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, tenente coronel de caçadores, deputado ás côrtes e um dos mais ricos, mais illustrados e mais benemeritos proprietarios do Douro, fallecido em 1867. V. *Sabrosa* vol. 8.º pag. 274, col. 2.ª *in fine*.

Casou duas vezes,—a primeira com..... .....—a segunda com uma senhora já edosa, mas muito rica, dona da casa da Pitarrella e outras.

Do seu primeiro matrimonio teve um filho, tambem Affonso Botelho, e uma filha—D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa.

O filho foi official de cavallaria n.º 6, em Chaves, casou com D. Maria Pinto, de Freixo de Numão, e falleceu sem descendencia, rezidindo hoje a viuva na quinta de Passos, em Sabrosa.

D. Anna Leopoldina casou com seu primo direito—Antonio Botelho Correia do Amaral, da casa de Villa Cova, junto de Villa Real, que foi senhor do palacete e da capella e collegiada de Sant'Anna, já descriptas, hoje em estranhos, bem como a maior parte d'esta grande casa.

Tiveram:

—Affonso Botelho
—Antonio Botelho
—João Botelho
—Alberto Botelho
—Leopoldina Botelho
—Maria da Conceição Botelho
—Maria das Dores Botelho
—e Olimpia Botelho.

Affonso Botelho casou a primeira vez no Porto, sem successão, e segunda vez em Elvas, onde vive com successão e é almoxarife.

Antonio formou-se em direito; casou em Coimbra—e vive actualmente na freguezia d'Alvite, concelho de Mirandella.

João está ainda solteiro e vive com sua mãe na casa da Presegueda, freguezia de Villarinho dos Freires, concelho da Regoa.

Alberto assentou praça e é official de artilheria.

D. Maria da Conceição casou com Paulo de Barros, 1.º engenheiro civil da junta geral do districto de Villa Real, onde residem, com successão.

D. Leopoldina e

D. Maria das Dores tambem casaram e teem successão.

D. Olimpia está ainda solteira e vive com sua mãe na casa da Presegueda.

Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, fallecido em 1867, deixou o terço a um neto, pelo que ainda hoje se conserva uma boa parte da sua grande fortuna.

Do exposto se vê que ainda promette longa continuação a familia do 1.º alcaide-mór de Villa Real,—*Affonso Botelho*, o velho,—e que ainda tambem não degenerou o sangue da sua bisneta D. Isabel Ribeiro Botelho, *a fecunda*!...

Nobresa de Villa Real

Como já dissemos supra (pag. 943, col. 2.ª e 944, col. 1.ª) um dos grandes privilegios concedidos por D. Diniz a esta villa foi —*não poderem rezidir n'ella, nem no seu termo, fidalgos;*—mas, tentados pela mesma prohibição, pela bellesa, salubridade, fertilidade e commodos da nova villa, e pelo exemplo das familias dos tres fidalgos que D. Diniz mandou de Lisboa para o governo d'ella, sendo o 1.º a postergar n'este e n'outros pontos o seu foral,—a nobresa pullulou e rapidamente a invadiu toda!

Queixaram-se os villarealenses a D. Affonso IV, pedindo-lhe confirmação dos foros que seu pae D. Diniz lhes concedêra, e D. Affonso IV os attendeu, confirmando o foral de D. Diniz. Foi elle tambem confirmado por D. Pedro I, e D. João I; mas, tornando-se cada vez mais ameaçadora a avalanche da nobresa, os villarealenses de novo se queixa-

ram a D. João I e este novamente os attendeu.

Para não fatigarmos os leitores, daremos apenas um extracto do 2.º alvará de D. João I, porque é muito explicito e resume os outros tres.

Eil-o:

—

«D. João pela graça de Deus rei de Portugal, etc. A vós juizes de Villa Real e a todas as outras nossas justiças... a quem esta carta fôr mostrada, saude.

«Sabei que o concelho e homens bons d'essa villa nos enviaram dizer que elles teem uma carta d'el-rei D. Diniz, nosso bisavô, na qual é conteudo entre outras cousas—*que fidalgo nem prestameiro não pouse na dita villa*,—a qual foi outorgada e confirmada por el-rei D. Affonso (IV) nosso avô, e por el-rei D. Pedro (I) nosso padre [1], *e por nós outrosi*,... e que hora algumas pessoas grandes do nosso reino e poderosas *se apoderam d'elles* e *de seus bens* e *de suas pousadas* e *da dicta villa*, a quem *demos cartas porque se acolhessem na dicta villa, com todas as suas gentes* [2], o que elles dizem que não é nosso proveito *nem honra dos moradores da dicta villa*, e que recebem perda e damno, aggravando-lhes contra a dicta carta de foro e contra as outras que teem de confirmação, assim *de nós* como dos sobredictos reis que antes de nós foram, como dicto é, e que nos enviaram a pedir por mercê que lhes mandassemos guardar a dicta carta de fôro... e que mandassemos *que nenhuma pessoa grande e poderosa que não pouse na dicta villa nem n'ella entrem contra suas vontades;* e nós, vendo o que nos enviavam a dizer e pedir, e querendo lhes fazer graça e mercê, temos por bem e mandamos que vejades a dicta carta de foro... sobre esta rasão, e lh'a guardeis e façaes guardar e cumprir *em tudo e por tudo*, pela guisa que em ella é contheudo, e lhes não vades *nem continueis a ir* contra ella, em nenhuma guisa que seja...—e que nenhuma pessoa grande e poderosa, de qualquer condição e estado que seja, não entre nem pouse na dicta villa contra suas vontades...—Al não façades... Braga 22 de novembro de 1425.»

—

Bem gritaram os villarealenses, mas a final a nobresa, *como mais forte*, triumphou e occupou toda a villa, principalmente depois que passou para o senhorio dos condes, marquezes e duques de Villa Real, capitães donatarios de Ceuta, pois generosos, como eram, costumavam mandar para aqui muitos cavalleiros e criados seus, em remuneração dos serviços prestados na Africa e para maior luzimento da casa e estado de tão poderosos senhores.

Deram tambem um valioso contingente para o augmento da nobresa d'esta villa os altos officiaes da justiça d'ella, taes como os ouvidores, juizes de fóra e almoxarifes, quasi sempre fidalgos,—e muito particularmente a familia dos *Botelhos*, [1] seus alcaides-mores durante mais de 200 annos consecutivos,—familia que encheu de nobresa não só Villa Real, mas grande parte d'esta provincia de Traz-os-Montes e das do Minho e Beira, como dissemos no titulo dos *Alcaides-mores*.

—

Difficilmente se encontrará n'esta villa e nas de Sabrosa, Favaios, Provezende e outras muitas, *uma unica familia nobre* que não prenda com a de Affonso Botelho, *o velho*—familia ainda hoje numerosa e que promette larga duração, pois só a ex.ma sr.a D. Anna Ludovina Botelho, supra-mencionada, hodierna representante do ramo principal, conta cerca de 28 filhos e netos e bem mostra ter sangue da celebre D. Isabel Botelho, a *fecunda*, neta do 1.º alcaide-mór.

Tambem promettem larga duração ainda hoje outras familias da *primeiru nobreza* d'esta villa, nomeadamente as da *Casa do Arco* e de Gonçalo Christovam, pois o ultimo representante da 1.a deixou 11 filhos, que

---

[1] Todos sabem que D. João I era filho natural de D. Pedro I e de D. Thereza Lourenço.

[2] Do exposto se vê que o mesmo rei D. João I havia quebrantado o foral n'este ponto!...

[1] Estes Botelhos eram appellidados *Cuncas*.

hoje contam numerosa successão,—e do ultimo representante da 2.ª vivem n'esta data duas filhas e 19 netos!

Contam pois só estas tres familias hoje mais de sessenta representantes nos seus ramos directos, não fallando nos collateraes.

Foi sempre grande a fecundidade dos villarealenses.

Já nas *Antiguidades* se lê que algumas mulheres d'esta villa deram filhos até á edade de 50 annos e mais—e que algumas tiveram 30 filhos. [1]

—

Villa Real teve mais familias nobres do que nenhuma das nossas villas e do que a maior parte das nossas cidades, incluindo Lamego e Guimarães.

Os seus appellidos eram:—Abreus, Aguiares, Almeidas, Alvarengas, Alcoforados, Alvins, Amaraes, Andrades, Araujos, Arraes, Athaides, Azevedos, Alvares, — Barbosas, Barros, Beças, Borges, Botelhos,—Cabraes, Calvos, Cam, Cardosos, Carvalhos, Castello Branco, Castros, Coelhos, Coroneis, Correias, Couceiros, Cunhas,—Dragos,—Farias, Fonsecas, Furtados,—Gouveias, Guedes,—Lacerdas, Leitões, Lemos, Lobos, Lopes, Lucenas,—Macedos, Machados, Magalhães, Mellos, Mendes, Mendonças, Menezes, Mesquitas, Mirandas, Monizes, Montarroios, Monteiros, Mourões, Moutinhos,—Nobregas, Nisas,—Pereiras, Pimenteis, Pintos,—Queiroses,—Rebellos, Ribeiros, Rodrigues, Rosas, —Sampaios, Sarmentos, Sás, Seabras, Silvas, Silveiras, Sousas, Souto Maiores,—Tavares, Taveiras, Tavoras, Teixeiras,—Vasconcellos, Vases, Veigas e Vieiras!...

Muitas d'estas familias viveram com grande fausto e 14 d'ellas tiveram a um tempo trens montados para visitas e passeios dentro da villa, quando as estradas ruraes eram todas barrancos e precipicios.

Tambem consta que a um tempo se reuniram na procissão do Corpo de Deus 16 cavalleiros de differentes ordens—e ainda hoje na villa se contam 27 edificios particulares brasonados. Só na pequena rua do Poço, hoje rua Central, se veem ainda 6 brasões d'armas.

Crueis alternativas

Antes da invasão do *oidium* e da *phylloxera*, quando os extensos e formosos vinhedos d'este concelho, d'esta comarca e d'este districto estavam sãos, e os seus vinhos,—*os vinhos mais preciosos do Douro, de Portugal e do mundo*,—tinham venda prompta, remuneradora e facil, como succedeu durante a poderosa companhia creada pelo marquez de Pombal [1], foi esta villa um monte d'ouro, uma colmeia de nobreza; mas infelizmente hoje nem a sombra é do que foi outr'ora!...

Apresenta-se ainda galhardamente e ostenta mesmo uma certa vida,—mas a *sobreposse*.

Graças aos seus dignos vereadores, tem, como já dissemos, um bello jardim publico, e traz em construcção, com o producto d'um grande emprestimo, um mercado coberto e um soberbo edificio annexo ao extincto convento franciscano, para poder aquartelar um regimento inteiro. São duas obras dispendiosas e muito importantes, que ficam em magnificas condições e muito recommendam esta villa.

Tambem projectam construir uma ponte monumental sobre o Corgo, junto da de *Santa Margarida*,—um matadouro publico, — novo cemiterio em melhores condições de hygiene do que o actual — e um novo campo para as suas grandes feiras.

Tem além d'isso esta villa todas as suas ruas limpas e bem calçadas, um *Banco*, um *Lyceu*, um corpo de policia civil, um hospital esplendido, um Asylo de Infancia desvalida, outro, o *Azylo Chaves*, prestes a inaugurar-se, e todas as repartições publicas do

---

[1] Vive na Foz do Douro M.me Guichard que teve 25 filhos—e a avó d'ella teve em França 36.

Só duas senhoras da mesma familia tiveram pois nada menos de *sessenta* e um filhos!...

[1] Veja-se o artigo *Porto*, vol. 7.º pag. 312, col. 1.ª e 415, col. 1.ª tambem,—e n'este vol. 10.º o artigo *Victoria*, desde pag. 597, col. 1.ª até pag. 604,—e *Villa Jusã*, pag. 770, col. 1.ª *in fine*.

districto, da comarca e do concelho montadas em bons edificios.

—

Ha tambem n'esta villa e n'este concelho ainda grandes proprietarios, sendo *hoje* o 1.º o sr. conde de Villa Real. No anno ultimo pagou 527$150 réis só de contribuição predial;—mas falleceu ha poucos annos um seu visinho—José Paulo Teixeira de Figueiredo, da mesma freguezia de Matheus, junto d'esta villa,—que era o maior proprietario d'este concelho e o segundo d'este districto e d'esta provincia [1].

A sua grande casa, hoje dividida pela viuva e por tres filhos [2], era avaliada em 700 a 800 contos de réis. Colhia, termo medio,—20 pipas d'azeite,—600 pipas de vinho, quasi todo do melhor do *Alto Douro*,—e 20:000 medidas de pão,—além do juro de centos de contos de réis em numerario; é porém muito sensivel,—não para esta grande casa, mas para todo o Alto Douro, nomeadamente para este districto, [3] para esta comarca, para este concelho e para esta villa a falta dos vinhos generosos do Douro, que constituiam a sua principal riqueza e que hoje quasi que desappareceram. Tal é a devastação causada pela maldita phylloxera!

—

N'este concelho de Villa Real, nos de Penaguião e Mezãofrio e em parte do da Regoa, (Baixo Corgo) por ser o terreno forte, fundo e relativamente fresco [1], ainda se encontram bonitos vinhedos, embora todos manchados, mas nos concelhos de Sabrosa e d'Alijó, que produziam o vinho mais generoso do Alto Douro, a devastação é quasi completa e a maior parte das vinhas já estão incultas!

Em 1840, segundo o arrolamento feito pela extincta *Companhia da Agricultura e Vinhos do Alto Douro*, produziu o concelho de Alijó 10:232 pipas—e o de Sabrosa 10:873,—total 21:105 pipas de 550 litros cada uma,—e n'este anno de 1885 os dois concelhos reunidos, com certesa não produziram 4:000 pipas.

Estão perdendo pois só aquelles dois concelhos cerca de 17:000 pipas ou de 850 contos de réis por anno, calculando-se a pipa a 50$000 réis,—preço muito inferior ao d'alguns annos, pois era o vinho mais gene-

---

[1] A opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias de Antonio Bernardo Ferreira, seu primo, e em segundas nupcias do grande capitalista e par do reino Francisco José da Silva Torres, é muito maior, absolutamente a primeira em propriedades rusticas e urbanas,—n'este districto e n'esta provincia. Tem além d'isso a famosa quinta das *Figueiras* ou do *Vezuvio*,—absolutamente a primeira do Douro,—e outras na provincia da Beira, grandes palacios, vastissimos armazens e outros muitos predios urbanos no Porto e em Lisboa—e a maior parte da sua grande fortuna, milhares de contos de réis, em numerario.

[2] José Bento Teixeira de Figueiredo, ainda solteiro,—Jeronymo Teixeira de Figueiredo, tambem solteiro, bacharel formado em direito,—e Bento Teixeira de Figueiredo, bacharel formado em direito, casado com uma filha de Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

V. *Pinhanços, Paredes da Beira* e *Villa Nova d'Ourem*.

[3] A decantada região vinicola do Douro estava nos districtos de Vizeu e de Villa Real, mas pertencia a este ultimo a zona dos vinhos mais generosos, por comprehender a margem direita do Douro, exposta ao sul e *ardentissima!* No verão o thermometro eleva-se ali a 48 graus ao sol,—estalam as pedras com o calor,—tremem de sesões os gatos, as gallinhas e os cães,—derrete-se a solda das vasilhas de lata—e destempera-se o fio dos instrumentos de corte, expondo-os ao sol!

Todas as arvores, incluindo as oliveiras, perdiam no verão a maior parte da folha;—*sómente as videiras* se conservavam viçosas e produziam o bello *Port Wine*,—o melhor vinho do mundo; mas infelizmente hoje, quasi toda aquella zona se acha inculta, coberta de matto rasteiro e semelhando o valle da morte!...

[1] A *phylloxera* seguiu uma marcha diametralmente opposta á do *oidium*. Este principiou por atacar em 1853 as vinhas do *Baixo Corgo*, ou das terras mais fortes, mais ferteis, mais frescas e mais humidas—e sómente alguns annos depois (1857) invadiu os vinhedos do Alto Douro, ou da zona ardente, e d'ali se espalhou por todo o nosso paiz.

A *phylloxera*, ao contrario, principiou pela zona ardente do Alto Douro, pela região

roso do Douro, que por vezes se vendeu a 80 e 90$000 réis a pipa. [1]

Toda a zona do Alto e Baixo Douro, dentro da demarcação da *Companhia*, produziu n'aquelle anno 82:190 pipas, emquanto que hoje não produz a decima parte talvez.

Infeliz Douro!

—

Lavradores [2] que tinham 6 a 12 contos de renda por anno, hoje luctam com difficuldades!...

É menos dura ainda no Alto Douro a sorte dos jornaleiros, porque uns emigraram e mesmo no nosso paiz, principalmente na construcção das estradas a macadam e das linhas ferreas, não lhes falta trabalho,—outros aproveitam das propriedades incultas e abandonadas o terreno melhor e—sem pagarem renda—cultivam-n'o e n'elle colhem algum centeio e batatas com que se alimentam!...

E quando se hão de reconstituir os vinhedos do Douro?

Difficilem rem postulasti!...

—

Para combater o *oidium* descobriu-se o enxofre, que é barato e facil d'applicar. Augmenta em 2:000 réis apenas o preço da producção de cada pipa.

O primeiro lavrador que o applicou no Douro foi, em 1854, Felix Manuel Borges Pinto, pae do sr. visconde de Castello de Borges. No anno seguinte já o applicaram tambem o sr. conde de Samodães—e o pae do auctor d'estas linhas, José Antonio Ferreira, na sua quinta do *Campo Velho*, contigua á de Felix Manuel Borges Pinto, no valle do Tedo.

Antes de se manifestar o *oidium* foi abundantissima nos ultimos annos a producção do vinho no Douro, pelo que os preços baixaram espantosamente! Chegou a vender-se aguardente magnifica de 10 graus a 30$000 réis a pipa de 550 litros,—e a pipa de vinho a 4$500 réis! Assim vendemos nós um anno o vinho d'aquella quinta,—vinho do *Alto Douro* e *com um anno de empate!...*

Baixou tambem na mesma proporção o pão das serras contiguas ao Douro, chegando a vender-se a 200 réis a medida de 15 litros nas praças—e a 2$250 réis a medida de *foros perpetuos*, garantidos por escriptura em boas propriedades!

—

Foi uma crise medonha, proveniente da extrema abundancia do vinho; mas em breve passou e lhe succedeu outra, *mais medonha ainda*, proveniente da grande escacez.

Com a invasão do *oidium* a producção escaceou a ponto tal que nós n'aquella quinta de 50 pipas um anno colhemos apenas *quatro*, mas vendemol-o a 72$000 réis,—preço que sustentou alguns annos, mesmo depois que enxofravamos e colhiamos 50 a 55 pipas na mesma propriedade.

Hoje está tambem inculta e não produz vinho algum!...

Tendo nós apurado n'aquella pequena quinta mais de ½ tres contos de réis alguns annos,—hoje apenas dá azeite e figos, o que não chega para as contribuições; mas (*graças a Deus!...*) temos propriedades fóra d'aquella zona e outra ordem de recursos.

—

Do *oidium* bem se libertou o Douro com a applicação do enxofre, mas da maldita *phylloxera* não sabemos quando se libertará.

De todos os insecticidas empregados contra ella o que mais confiança inspira e que hoje se applica em maior escala no nosso paiz e nos paizes estrangeiros é o *sulphureto de carbone;* está porem muito longe de satisfazer, porque é caro e de custosa e peri-

---

dos vinhos mais generosos, manifestando-se pela primeira vez em 1872 na freguezia de *Gouvinhas*, concelho de Sabrosa, nas quintas do par do reino Lopo Vaz de Sampaio e Mello;—d'ali passou para toda a região vinicola do Alto Douro—e depois para o Baixo Douro e para todo o nosso paiz, achando-se n'esta data (1885) officialmente reconhecida no Minhó, na Beira, na Bairrada, na Extremadura, etc. mas em parte nenhuma pesou até hoje com tanta força e causou tantos estragos como no Alto Douro!...

[1] Ainda est'anno de 1885 o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira vendeu na freguezia de Gouvinhas, concelho de Sabrosa, um tonel de 25 pipas a 150$000 réis cada pipa; mas note-se que era vinho de 1872.

[2] Assim se denominam os proprietarios do Douro, embora sejam fidalgos distinctos.

gosa applicação. Se se applica em pequena dóse, não mata a phylloxera;—se se augmenta a dosagem, póde matar as vides—e quando as não mata, definha-as, sendo necessario estrumal-as, o que torna impossivel a conservação e reconstituição dos vinhedos por semelhante processo.

Apenas é acceitavel para terrenos fortes e fundos e para vinhas simplesmente manchadas, mas não todas phylloxeradas, como infelizmente se acham as do Alto Douro!...[1]

—

Alguem deposita grande confiança nas videiras americanas, mas, pelas experiencias feitas, mal podem adaptar-se aos terrenos extremamente aridos e ardentes do Alto Douro; — das suas numerosas variedades nenhuma é absolutamente indemne—e pelo cheiro e sabor peculiar do seu vinho não se prestam para producção directa, sendo necessario enxertal-as para conservação das nossas castas europeias, o que demanda grandes cuidados.

É porém muito possivel que estes contras desappareçam com a experiencia e que os nossos vinhedos se reconstituam com as vides americnnas.

O maior propagandista e apologista d'ellas é, como já dissemos, o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite, da nobre *casa do Santo*, em Provezende,—um dos mais abastados e mais illustrados lavradores do Alto Douro e que mais se tem empenhado e empenha em pró da reconstituição dos vinhedos perdidos.

Tambem muitos depositam grande confiança no tabaco, para supprir até certo ponto a falta do vinho, emquanto se não reconstituem os vinhedos do Douro; mas o nosso governo, pelo facto de ter creada uma grande fonte de receita nos direitos sobre a importação do tabaco, teve *grande difficuldade* em permittir a cultura d'elle no Douro. Depois das maiores instancias permittiu-a por decreto de 13 de março de 1884, como ensaio, mas com taes peias e restricções que poucos se aproveitaram da *irrisoria* concessão;—e, como a cultura do tabaco é inteiramente nova em Portugal e demanda muitos cuidados e longo tirocinio, o tabaco até hoje colhido no Alto Douro ainda não está bem deffinido e caracterisado;—continuam porém os ensaios e é de suppor que o Alto Douro venha a produzir tabaco do melhor.

Deus o queira.

O maior propagandista e apologista da cultura do tabaco no Alto Douro tem sido o sr. barão das Lages, que ali possue algumas quintas e que já foi deputado ás côrtes em varias legislaturas.

Muito mais poderiamos dizer sobre tão momentosas questões. mas é tempo de fecharmos este artigo e ainda teremos ensejo de volver ao assumpto, quando tractarmos de *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires* e *Villarinho de S. Romão*, parochias d'este districto e todas tres situadas na região vinicola do Alto Douro.

—

Concluiremos este topico dizendo que esta provincia de Traz-os-Montes tambem colheu muito vinho n'este districto de Villa Real e no de Bragança fóra da demarcação da *Companhia*,—vinho de pasto superior,—nomeadamente o da *Ribeira de Oura* e da *Villariça*, mas todos esses vinhedos se acham tambem muito doentes e alguns já pouco produzem, exceptuando os da Villariça, por estarem em terreno fundo e o mais fertil de Portugal, onde o milheiro de vides baixas ainda produz tres a sete pipas!...

V. *Oura*, vol. 6.º pag. 311, col. 2.ª—e n'este vol. 10.º *Villa Flor de Traz-os-Montes*, pag. 731, col. 1.ª—*Val da Villariça*, pag. 93, col. 1.ª tambem,—e *Villariça*.

---

[1] N'esta data (dezembro de 1885) se acham completamente phylloxerados e perdidos, só no Douro,—40:000 hectares de vinhedos!...

O nosso governo creou duas commissões anti-phylloxericas, uma ao sul, outra ao norte do nosso paiz e, entre outros beneficios prestados aos lavradores, vende-lhes o sulphureto por um terço do seu custo (28,3 de real o kilo) montando actualmente o consumo a 400 toneladas por anno.

Creou tambem no Douro duas estações ampelo-phylloxericas, ambas n'este districto de *Villa Real*,—uma no concelho d'Alijó e outra no da Regoa.

No ultimo anno despendeu na lucta contra a phylloxera 63 contos de réis.

Estado economico d'esta provincia

Se o Douro e com elle o districto, a comarca e o concelho de Villa Real teem soffrido e estão soffrendo muito, são tambem pouco lisongeiras as condições economicas da parte restante d'esta provincia na actualidade, por muitas razões; mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—Porque pelo intimo contacto em que vivia com o Douro era o Douro o seu grande foco de vida e n'ella se reflectiram sempre as crises d'elle. No Douro empregava muitos braços [1] e vendia grande parte dos seus generos, nomeadamente cereaes, batatas e castanhas.

2.ª—Porque os vinhedos da parte restante d'esta provincia se acham tambem todos doentes e a sua producção diminue a olhos vistos, de um anno para o outro!...

3.ª—Porque tanto n'esta provincia como em todo o nosso paiz se acham tambem doentes os castanheiros, [1] que produziam bella madeira e muito castanha—e eram um grande elemento de riqueza.

Tambem soffrem muito alguns annos as batatas e outros vegetaes.

4.ª—Porque a usura attingiu proporções fabulosas!

É trivial n'esta provincia e na da Beira o juro de 10 a 20 e *mais* por cento, quando a propriedade *productiva* não rende mais do que 2 a 3 por cento,—livres de decimas, grangeios e contribuições.

Só na provincia do Minho se encontra ainda hoje dinheiro a 4 e 5 por cento.

—

Tambem contribue poderosamente para o definhamento d'esta provincia de Traz-os-Montes o pessimo estado da sua viação, nomeadamente na parte leste, ou no *districto de Bragança*, tão accidentado e crivado de fragoedo.

Emquanto a vias ferreas, àpenas toca na sua extremidade O. S. O.—ou na foz do Tua,—a linha do Douro, que está aberta á exploração sómente até ali—e em construcção d'ali para a Barca d'Alva e Salamanca,—mas um pouco acima do Tua atravessa o Douro e foge d'esta provincia para a da Beira.

Tambem está em construcção a linha ferrea do Tua, igualmente na extremidade O.S.O. do districto de Bragança, pela margem esquerda do Tua e apenas na extensão de 45 kilometros, desde a foz d'este rio até Mirandella. Alguns serviços deve prestar ao districto de Bragança, mas seriam talvez maiores se em vez de seguir o valle do Tua, seguisse o do Sabor, por ser muito mais central,—e atravessaria o valle da Villariça, que é o mais fertil da provincia e de todo o nosso paiz!

—

Emquanto a estradas a macadam tem hoje aquelle malfadado districto apenas uma de Bragança a Mirandella, na extensão de

---

[1] As plantações, o grangeio e as vindimas do Douro occupavam *milhares* e *milhares* de jornaleiros estranhos,—não só da parte restante d'esta provincia, mas do Minho, da Galliza e da Beira.

O serviço mais pesado e mais *bem remunerado* (paredes, plantações e cava) era feito quasi exclusivamente por gallegos e *gabiarras* (minhotos arraianos dos concelhos de Monção e Melgaço) pelo que na Galliza e n'aquelles dois concelhos deve sentir-se tambem a grande crise do Douro. Basta notar-se que, havendo mais de *mil milheiros* de vides no Douro, só a plantação não custaria hoje menos de *cem* mil contos de réis, calculando-se a 150$000 réis o milheiro,—preço infimo, pois ha ali grandes plantações de 200 a 300$000 réis por milheiro, tal é a quinta de *Fornêllo*, dos srs. Macedos Pintos de Taboaço, no valle do Tavora.

V. vol. 9.º pag. 470, col 1.ª

De passagem diremos que aquella quinta (de *Fornêllo* e não *Fontêllo*) era uma das mais luxuosas, mas não *a melhor e mais extensa vinha de Portugal*, como por engano disse o meu antecessor.

Mesmo no Douro ha quintas muito maiores, taes são as do *Noval*, *Rueda*, *Ventuzello*, etc., não fallando na do *Vesuvio*, que é absolutamente a maior de todas.

[1] Em todo o nosso paiz se acham doentes não só os castanheiros, mas todas ou quasi todas as outras arvores,—larangeiras, cerdeiras, figueiras, pereiras, macieiras, oliveiras, etc.

799:62,m03 [1]—outra de Mirandella a Moncorvo, na extensão de 43:977,m72,—e outra de Bragança a Vinhaes, na extensão de 32:225m,01. Todas as outras estradas são as do tempo de D. Affonso Henriques,—uma medonha sequencia de barrancos e precipicios, pelo que, não podendo os lavradores mandar os seus generos aos grandes mercados, cultivam só os absolutamente precisos para o consumo local;—permutam uns generos por outros generos—e só por preços muito baixos, desconhecidos em todo o nosso paiz, é que vendem alguns.

No concelho de Miranda, por exemplo, custa a arroba das batatas (15 kilos) 100 a 120 réis;—a de lã branca superior (é a melhor da provincia) 2$000 a 2$500 réis;—o alqueire de centeio (20 litros) 200 réis a 240;—o alqueire de trigo 450 réis a 500; uma gallinha 160 réis;—uma perdiz 60 réis;—um coelho 80 réis;—uma lebre 140 réis—e 1 dia de lavoura de uma junta de bois 320 réis; —mas note-se que o preço da condução por arroba,—só de Miranda até Bragança,—custa regularmente 200 a 240 réis, e que da Barca d'Alva para o Porto, a grande praça de consumo ao norte do nosso paiz, a condução até hoje só pode fazer-se pelo Douro, e é cara, perigosa e *incerta*, porque só no inverno o Douro é navegavel para barcos de carga, da Regoa para cima.

Todas as mercadorias permutadas entre Miranda e Porto seguem por Bragança, estação do Pinhão e linha ferrea do Douro, mas custa a condução por arroba, só do Pinhão até Bragança, 280 a 300 réis—e até Miranda 480 a 500 réis, pelo que os concelhos de Miranda, Mogadouro, Vinhaes, Vimioso e Bragança mandam para o Porto *unicamente lã*, que ali chega sempre tarde e a más horas! O districto de Villa Real, se não é dos mais bem servidos d'estradas, está incomparavelmente em melhores condições do que o de Bragança, como vamos ver.

[1] Não se extranhe o darmos algumas noticias genericas do districto de Bragança e de toda a provincia de Traz-os-Montes.

Assim nos cumpre, por ser Villa Real a capital d'ella.

Situação geographica

Demora Villa Real a 41° e 19m de latitude septentrional—e a 11° e 2m de longitude.

Pela craveira da viação antiga [1] distava do rio Douro 2 leguas,—3 de Lamego,—13 de Braga,—14 do Porto e 59 de Lisboa; mas hoje, pela medição e viação actuaes dista do rio Douro ou da villa da Regoa cerca de 27 kilometros [2], — de Sabrosa 22:300m,0,—de Villa Pouca d'Aguiar 28,—de Lamego 39,—do Porto, pela estação da Regoa e pela linha ferrea do Douro, 131,—de Braga, pela mesma linha ferrea e pela do Minho, 177,—de Valença do Minho, pelas mencionadas linhas ferreas, 252,—de Coimbra 250,—de Lisboa 468,—de Marvão, raia de Hespanha, na linha ferrea de Madrid por Caceres e Valencia d'Alcantara, 494, — de Elvas, na linha ferrea de Madrid por Badajoz, 519,—de Evora pelas linhas do norte e do sul, 484,—de Beja, pelas mencionadas linhas ferreas, 662,—e 727 de Villa Real de Santo Antonio, por Beja, Mertola e Guadiana.

—

Villa Real de Traz os Montes, pelo facto de estar junto da extremidade O. da provincia e muito mais perto do Douro e do Porto do que Bragança, teve sempre mais facilidade em vender os seus productos e por consequencia mais vida do que aquella cidade. Alem d'isso o seu districto, pelo facto de comprehender grande parte dos vinhedos do Alto Douro, foi sempre tambem muito mais rico.

Já em 1792, segundo se lê na *Descripção* do dr. Columbano, a differença era pasmosa.

A comarca de Bragança pagou de dizimos n'aquelle anno 92:931$115 réis, podendo-se computar o seu rendimento total em réis 929:311$150,—em quanto que esta comarca de Villa Real no mesmo anno pagou de dizimos 209:419$450 réis, sendo por conse-

[1] *Descripção da provincia de Traz os Montes* por Columbano Pinto Ribeiro de Castro, *Codice* n.° 486 da *Bibliotheca Portuense*, já citado.

[2] Hoje a legua official é de 5 kilometros.

quencia o seu rendimento total de réis 2.094:194$500!... E esta cifra até 1850 devia elevar-se talvez ao dobro, porque desde 1792 até 1850 se elevou talvez ao dobro a plantação dos vinhedos no Alto Douro e a producção vinicola.

Tambem augmentou a plantação dos vinhedos no districto de Bragança, mas não tanto como no de Villa Real—e Bragança perdeu a industria do fabrico da seda, que em 1792, como diz o dr. Columbano, era importantissima e constituia a sua principal riqueza.

—

Tambem Villa Real foi sempre—e é ainda hoje—muito mais bem servida de estradas do que Bragança.

Bragança está e esteve sempre no interior do sertão, em um dos pontos mais afastados do nosso paiz e dos seus grandes centros de vida e de consumo, servida por pessimos caminhos. Ainda hoje apenas conta os poucos kilometros de estradas a macadam, já indicados,—e uma carreira *unica* de diligencias, entre Bragança e Mirandella!

Villa Real, sendo ainda a velha cidade de *Panoias*, já teve (segundo se suppõe) estradas romanas para Chaves, Bragança, Anciães (*Agua Quintianae*) Lamego, Caria, Braga e Porto,—seguindo estas ultimas talvez pelo Marão, Campeã e Amarante,—por Penaguião, ponte *Cavallar* (no Sermanha) Cidadelhe, Mesãofrio, *Padroes* (?) da Teixeira, *Padronello* (talvez diminutivo d'algum *padrão* ou marco milliar) e Amarante,—e por Cidadelhe, Mesãofrio, Baião e Canavezes.

Sendo Panoias, Chaves, Bragança, Lamego, Caria e Braga n'aquelle tempo cidades ou povoações muito importantes, necessariamente estiveram ligadas entre si por estradas, que deviam ser aquellas.

Nem se argumente com a falta de marcos milliares e d'outros vestigios das grandes estradas romanas, porque o terreno que atravessavam soffreu posteriormente grandes modificações com a agricultura e com o vandalismo dos povos, nomeadamente a zona vinicola.

Note-se tambem que nem todas as estradas romanas eram *vias militares luxuosas*.

Os romanos, alem das suas vias militares esplendidas, muito bem feitas e muito bem servidas por carreiras de coches tirados por cavallos magnificos, tinham estradas de 2.ª ordem, mais estreitas e menos luxuosas,—e estradas de 3.ª 4.ª e 5.ª ordem, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra!...[1]

E não admira que desapparecessem as estradas romanas, porque depois da extincção do grande imperio todos os povos que occuparam a peninsula descuraram a viação completamente,—tanto os barbaros do norte, como os arabes e os christãos—e mesmo nós os portuguezes até ao meado d'este seculo. Sabe-se porem que desde os principios da nossa monarchia este districto de Villa Real era crusado pelas primeiras estradas que serviam esta provincia:—a de Chaves ao Douro, seguindo para a Beira por Lamego, na linha N. S., pondo esta villa (Constantim, até o reinado de D. Diniz) em contacto com o Porto pela via fluvial do Douro,—e a de Bragança ao Porto, pela Campeã e Amarante, na linha E. a O., atravessando a séde d'este districto de Villa Real e dando-lhe o bonus de tres dias na jornada com relação a Bragança, pois as sédes dos dois districtos distam uma da outra 137:615^{m},3—ou 281 leguas approximadamente.

—

Mas deixemos os calamitosos tempos da viação antiga e fallemos da moderna.

Segundo os mappas publicados pelo ministerio das obras publicas no *Diario do Governo* de 9 de junho de 1885 e que se referem a 30 de junho de 1883, havia no districto de Bragança construidos até áquella data—139:766,^{m}2, e n'este de Villa Real 275:574^{m},9, ou mais 135:808^{m},7 do que no districto de Bragança.

Já n'aquella data a differença era quasi o duplo em favor d'este districto de Villa Real; mas hoje deve ser maior ainda.

O districto de Bragança tem hoje apenas

---

[1] Vejam-se n'este diccionario os artigos *Estradas romanas*, *Vias ferreas*, *Cidadelhe* (a 2.ª) Villa Jusã, n'este vol. pag. 768, col. 1.ª—e *Villamarim*, pag. 782, col. 2.ª Vejam-se tambem as *Mem. de Braga* por Argote, tomo 2.º pag. 707 e seg.

uma carreira de diligencias, entre Bragança e Mirandella, emquanto que este de Villa Real tem as seguintes:

1.ª—De Villa Real para a Regoa, que põe Villa Real em contacto com o Douro,—com a linha ferrea d'este nome,—com Lamego, —com a Beira—e com todas as linhas ferreas do nosso paiz por intermedio da linha do Douro.

2.ª—De Villa Real para Mirandella e Bragança.

3.ª—De Villa Real para Sabrosa na estrada em construcção d'esta villa para Freixo de Espada à Cinta, hoje apenas construida até S. Lourenço, pouco alem de Sabrosa.

4.ª—De Villa Real para Verim, por Villa Pouca d'Aguiar, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves, e que de Verim (na Hespanha) segue para Orense e Zamora.

5.ª—De Chaves para Valle Passos, na extensão de 37:163m,1.

6.ª—De Chaves para Carrazedo de Montenegro.

7.ª—De Villa Pouca d'Aguiar para Guimarães, pelos concelhos de Ribeira de Pena e Basto.

8.ª—Da estação do Pinhão, na linha ferrea do Douro, para Bragança, por Favaios, Alijó, Murça e Mirandella.

Tambem já teve uma importante carreira de diligencias para o Porto, pela Regoa, Mezãofrio, Padronello e Amarante,—e outra tambem para o Porto, pela Campeã, Padronello e Amarante tambem, mas com a inauguração da linha ferrea do Douro a 1.ª d'estas diligencias ficou trabalhando até á estação da Regoa sómente—e a 2.ª acabou.

—

Eis aqui a *vol d'oiseaux* o estado da viação a macadam n'este districto. Emquanto a viação accelerada comprehende apenas 47 kilometros na linha ferrea do Douro, desde a estação de Barqueiros até á do Tua,—e tambem já teve uma linha de carros americanos a vapor, na extensão de 26:758m,0—da Regoa para Villa Real,—mas liquidou em 1878, por causa dos grandes declives que as machinas *Wintertur* não poderam vencer. [1]

[1] Veja-se n'este vol. 10.º o artigo *Vias Ferreas*, pag. 482, col. 1.ª

Tambem está em projecto uma linha ferrea a vapor pelo valle do Corgo e proximidades d'esta villa, desde a estação da Regoa, na linha do Douro, até Chaves,—outra de Chaves para Guimarães, em continuação da linha ferrea já construida e em exploração da Trofa até Guimarães, [1]—outra de Chaves para Mirandella, em continuação da do Tua, [2] —e outra de Chaves para Braga ou Guimarães, em continuação da linha ferrea do Porto á Povoa e Villa Nova de Famalicão [3].

Concluiremos dizendo que tem este districto mais 4 estradas a macadam em construcção e prestes a concluirem-se,—uma de Chaves para Braga,—outra de Villa Pouca d'Aguiar para Boticas, — outra de Villa Pouca d'Aguiar para Mirandella — e outra da estação do Ferrão, na linha do Douro, por Gouvinhas, até S. Martinho d'Anta, a entroncar na de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta. Comprehende este ramal 24:368m,0 e já se acha construido desde o Ferrão até Gouvinhas, na extensão de 8 kilometros, approximadamente.

Edificios particulares

Alem dos edificios publicos já mencionados, tem esta formosa villa bons edificios particulares. Para não fatigarmos os leitores mencionaremos apenas entre os mais antigos a *Casa do Arco*—e entre os mais modernos o palacete mandado construir no 3.º quartel d'este seculo pelo grande capitalista, grande proprietario e par do reino Francisco José da Silva Torres, 2.º marido da sr.ª D Antonia Adelaide Ferreira e ao tempo muito digno representante da opulenta casa *Ferreirinha* da Regoa.

Mencionaremos tambem o palacete da familia *Claros*, recentemente construido,—e entre os do principio d'este seculo o palacio construido em 1816 pelo general e 1.º conde d'Amarante—Francisco da Silveira Pinto da Fonseca—na rua do Jazigo, hoje *Largo do Conde d'Amarante*, na extremidade S. O. do Campo do Tabolado.

[1] V. logar citado, pag. 473, col. 2.ª
[2] V. logar citado, pag. 478, col. 1.ª
[3] V. logar citado, pag. 473, col. 1.ª

Posto que ficou incompleto (assim se conserva ainda hoje) era absolutamente o primeiro edificio particular d'esta villa, mas os successores do seu fundador o venderam ao governo em 1840 e é hoje considerado edificio publico, pois n'elle se acham montadas differentes repartições publicas.

Bem quizeramos dar aqui uma longa noticia do fundador e primeiros possuidores d'este palacio, que tanto se distinguiram na guerra peninsular e nas luctas civis posteriores, mas, como este artigo vae já tão longo, apenas diremos o seguinte:

═

O general Silveira (Francisco da Silveira Pinto da Fonseca) pelos seus relevantes serviços durante a guerra da peninsula, nomeadamente por haver batido e aprisionado em 1809 os 3:000 soldados francezes que Soult havia deixado de guarnição na praça de Chaves, quando invadia Portugal, marchando sobre o Porto,—e por haver com 4:000 homens (a maior parte paisanos) defendido desde 18 d'abril até 2 de maio do mesmo anno a passagem do Tamega, em Amarante, contra as forças do mesmo Soult,—foi feito 1.º conde d'Amarante.

Tambem no anno antecedente (1808) quando o general francez Loison marchava d'Almeida sobre o Porto e já ia em Mezãofrio, o mesmo general Silveira, collocando-se á frente dos transmontanos, o obrigou a retroceder e passar muito precipitadamente o Douro na Regoa, salvando assim Amarante, Penafiel e o Porto de duras provações talvez. V. *Villa Jusã.*

—

Casou em Villa Real, na *Casa da Calçada,* com D. Maria Emilia, da qual teve D. Marianna da Silveira, que foi viscondessa da Varzea,—e Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, tambem general distinctissimo e que —pelos seus relevantes serviços á causa da legitimidade, principalmente por sublevar esta provincia de Traz os Montes em 23 de fevereiro de 1823 e por bater a divisão ligeira de Luiz do Rego junto de Chaves, na acção de Santa Barbara (13 de março do mesmo anno) aprisionando-lhe quasi toda a brigada de Moniz Pamplona,—foi feito n'aquelle mesmo anno marquez de Chaves, sendo já tambem conde (2.º) d'Amarante.

Falleceu no dia 7 de março de 1830 em Lisboa, onde havia casado em 16 de julho de 1823 com D. Francisca Xavier Telles da Silva, filha do marquez d'Alegrete, da qual não teve successão, mas deixou uma filha natural,—D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca—por elle perfilhada e que foi a sua herdeira e successora.

—

D. Marianna da Silveira Pinto da Fonseca, irmã do 2.º conde d'Amarante, casou com seu primo Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, marechal de campo e 1.º visconde da Varzea, [1] do qual teve 5 filhos:

—João da Silveira Pinto da Fonseca, 2.º visconde da Varzea.

—Francisco da Silveira, do qual vamos fallar.

—Pedro da Silveira,

—Antonio da Silveira e

—D. Maria Maximiana.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, supra, casou com sua prima D. Maria da Soledade da Silveira Pinto da Fonseca, filha natural legitimada do general Silveira, 2.º conde d'Amarante e 1.º marquez de Chaves, e tiveram

Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, neto materno e actual representante do 1.º marquez de Chaves, 2.º conde d'Amarante,—bisneto do 1.º conde d'este titulo—e neto paterno do 1.º visconde da Varzea.

Casou em 1863 com D. Maria do Carmo Osorio Culmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, filha do 2.º barão de Paúlos, aldeia da freguezia de Constantim, concelho de Villa Real, e teve 4 filhos—Francisco, José, Antonio e Maria—todos ainda vivos e expostos a duras contingencias, porque Manuel da Silveira, sendo aliás uma excellente pessoa e tendo herdado de seus paes e do sogro uma das melhores casas d'este districto, foi tão mau administrador que a perdeu toda—*absolutamente toda,*—incluindo a legitima de

---

[1] V. *Varzea d'Abrunhaes* n'este vol. 10.º pag. 213, col. 1.ª

uma infeliz senhora sua cunhada, surda e muda!...

Assim acabou a grande casa dos condes d'Amarante e do marquez de Chaves—e a do visconde de Canellas, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, irmão do 1.º conde d'Amarante, pois o visconde de Canellas deixou a maior parte da sua fortuna ao pae do actual Manuel da Silveira,—Francisco da Silveira Pinto da Fonseca. Foi este quem vendeu em 1840 o palacio de Villa Real.

Pouco, muito pouco tambem já hoje resta da grande casa de Gonçalo Chrystovam!...

—

Se a extincção dos vinculos favoreceu os filhos segundos, mobilisou a propriedade e augmentou as rendas da nação, tambem teve contras. A ella se deve o rapido anniquilamento de grandes casas d'esta villa, d'esta provincia e de todo o nosso paiz.

No tempo dos vinculos os seus administradores, bons ou maus, podiam comprometter unicamente o usofructo d'elles.

Embora grangeassem mal, a propriedade passava aos successores e assim se conservaram durante seculos e seculos grandes casas nas mesmas familias.

O morgado era incomparavelmente mais rico do que os outros irmãos, mas á sombra d'elle eram todos os outros educados e respeitados,—obtinham altos empregos,—faziam vantajosas allianças—e raras vezes lhe faltavam meios para viverem com decencia.

Extinctos os vinculos,[1] os administradores das grandes casas podem comprometter não só o usufructo, mas a raiz, a propriedade, e reduzir á indigencia de um momento para o outro familias inteiras, paes e filhos,—tanto o primogenito, como todos os outros,—o que estamos infelizmente vendo todos os dias!...

Tambem favoreceu o anniquilamento das grandes casas o *Banco Hypothecario*, facilitando dinheiro sobre as propriedades, por um juro *apparentemente* modico.

O dicto banco, em vez de beneficiar os proprietarios,—arruinou-os!...

Accresceu tambem á extincção dos vinculos e á creação do *Banco Hypothecario* a introducção e generalisação da *roleta* e das loterias, que augmentaram espantosamente o vicio do jogo e são uma das maiores pragas que hoje pesam sobre o nosso paiz.

Tambem é digna de especial menção a lei que extinguiu a taxa do juro entre particulares, acabando com a usura *in nomine*, mas favorecendo-a escandalosamente, auctorisando qualquer juro convencional, *sem limite*.

Anteriormente o juro legal era de 5 por cento,—hoje póde ser de 10, 20, 40, 100 ou 1$000!...

Bellezas do seculo das luzes — *do gaz, do petroleo e da dynamite*.

Ao *Le monde marche* de Eugenio Peletan, oppoz Eugenio Hussart—*Le monde viellit et en viellissant on devient pire*,—e ambos teem sectarios.

Villarealenses illustres já fallecidos

Entre os muitos filhos benemeritos d'esta villa foi sem duvida o primeiro D. Pedro de Castro,[1] protonotario apostolico, abbade de Mouçós, n'este concelho, e de Freamunde, no de Paços de Ferreira, tantas vezes mencionado n'este artigo.

D'elle nos diz o sr. Antonio Lopes Mendes,—outro villarealense illustre,—nos apontamentos que se dignou enviar-nos:—«Se eu possuisse a terça parte da fortuna de meu cunhado José Maria dos Santos (é orçada na bagatella de *quatro mil* contos de réis!...) mandava erigir no Campo do Tabolado um sumptuoso monumento ao benemerito protonotario, pelos relevantes serviços que prestou á sua terra natal. Esse monumento consistiria na fundação e dotação de um amplo edificio denominado *Protonotario*, com todas as condições exigidas pela hygiene e pela sciencia modernas, para servir de *Azylo-Eschola d'Artes e officios* a 100 creanças d'ambos os sexos e das mais indi-

[1] O ultimo golpe foi-lhes dado em 1863.

[1] Era fidalgo da primeira nobreza, descendente da casa real d'Aragão e primo de D. Pedro de Nisa, marquez de Villa Real, em Hespanha.

gentes do municipio de Villa Real, tendo preferencia na admissão as da parochia de S. Diniz, onde nasci e fui baptisado—e talvez o fosse tambem D. Pedro de Castro—que bem merecia dos seus patricios esta tão honrosa homenagem e ao mesmo tempo tão util instituição para os villarealenses.»

Applaudimos a lembrança.

É de todo o ponto justa e bem revela o nobre e generoso coração do seu illustrado auctor.

Adiante fallaremos de s. ex.ª Agora prosigamos rendendo homenagem á memoria d'outros benemeritos villarealenses.

—

—*Fr. Miguel Mendes de Cantreiras*, da casa *d'Anta*, religioso trinitario, fundador das irmandades da Misericordia do nosso paiz.

—*Pedro Teixeira*, senhor da Teixeira e da casa de S. Braz.

Foi o terror dos hollandezes em 1625 no Amasonas e no rio Xingú, etc.

—*Martim Annes de Macedo*, da mesma casa de S. Braz e commendador de Tellões.

Foi um valente militar,—esteve na batalha d'Aljubarrota e, quando n'ella cahiu D. João I, o levantou.

—*João Teixeira de Macedo*, tambem morgado de S. Braz, senhor da Teixeira, commendador de Tellões, alcaide-mór de Monte Alegre, F. C. R. etc.

Foi grande cavalleiro no tempo de D. Affonso V, a quem prestou muitos serviços com criados e cavallos seus.

—*Martim Teixeira*, tambem morgado de S. Braz, senhor da Teixeira, F. C. R. e alcaide-mór de Villa Pouca d'Aguiar.

Esteve na tomada d'Azamor.

—*Jeronymo Teixeira de Macedo*, filho segundo da casa de S. Braz.

Foi commendador de Christo e o 1.º commendador d'esta ordem.

—*Antonio Teixeira d'Azevedo*, tambem morgado de S. Braz e senhor da Teixeira, F. C. R. etc.

Militou com grande distincção na India, onde casou.

—*José Teixeira Coelho*, filho segundo da casa de S. Braz.

Matou o conde de Villa Flor em Sergude. [1]

—*Bernardo José Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, morgado d'Abbaças, S. Braz, Sant'Anna de Constantim, Sergude, Montalvão e Bomjardim,—senhor da Teixeira e Fermedo—e commendador de Tellões.

—*Gonçalo Chrystovam Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, filho do antecedente, F. C. R. e senhor da grande casa de seus paes.

Foi o martyr das Prisões da Junqueira.

—*Gonçalo Chrystovam*, unico filho do antecedente e seu herdeiro universal.

Foi coronel cammandante dos *Voluntarios Reaes do Commercio do Porto*, F. C. R. etc. [2]

—*José Antonio Teixeira Coelho de Mello Pinto da Mesquita*, F. C. R. e filho e herdeiro do antecedente.

Foi coronel das milicias de Bragança e dos voluntarios realistas de Villa Real atè á convenção d'Evora Monte. [3]

—*Francisco da Silveira Pinto da Fonseca*, 1.º conde d'Amarante.

Foi marechal de campo,—militou com muita distincção na guerra peninsular—e fundou o grande palacio do conde d'Amarante.

—*Manuel da Silveira Pinto da Fonseca*, filho do antecedente e tambem general distinctissimo.

Foi 2.º conde d'Amarante, 1.º marquez de Chaves e governador das armas d'esta provincia.

—*Bento Ferreira Lima*, capitão-mór de Benguella, já mencionado.

---

[1] Genealogia de Gonçalo Chrystovam.

[2] Militou com distincção na guerra da peninsula, casou com uma filha do conde de Bobadella e falleceu em 1832, deixando seis filhos legitimos e 8 naturaes, mas legitimados.

[3] Casou com D. Maria do Carmo Abreu de Lima Noronha Teixeira Alpoim, da qual teve duas filhas, herdeiras e successoras, mas depois separou-se da esposa e esta teve um filho natural, que legitimou,—Manuel Maria, hoje visconde de Negrellos, casado e com successão, residente no seu palacio de Montariol, em Braga.

—*Jeronymo Correia Pinto do Amaral*, ouvidor de Parahiba, no imperio do Brazil, então colonia de Portugal.

Foi o fundador da Collegiada de Sant'Anna, como já dissemos.

—*Alvaro Correia Barbosa*, o *Clerigo do Milagre*, supra.

—*José Moutinho d'Aguiar*, de quem já fizemos menção.

Restaurou e ampliou a egreja matriz de S. Pedro.

—Os rev.os *João Correia de Mendonça* e *Manuel Pinto Ribeiro*, confundadores da egreja de S. Paulo ou de *S. Pedro Novo*.

—*Fr. Manuel Leite*, dominicano.

Fez grandes obras, á sua custa, no convento de S. Domingos d'esta villa. Reformou o grande dormitorio que olhava para o Campo do Tabolado, ficando uma vasta galeria com 2 andares e 23 janellas; fez a torre actual e a tribuna do altar-mór;—em 1765 mandou construir o côro e o guarneceu com cadeiras de pau preto, molduras douradas e ricas pinturas,—e restaurou o orgão que em 1764 se havia feito com os fundos da ordem, além de 1:000$000 em que foi condemnado Antonio Correia Cabrál, por causa de uma filha de Luiz da Silva Barbosa, escrivão da camara d'esta villa.

—*Diogo Dias Ferreira*, grande bemfeitor do convento franciscano d'esta villa (hoje quartel militar) que era dos «Menores reformados da provincia da Conceição». [1]

—Padre *Jeronymo Rodrigues*, conego de Guimarães e fundador do convento de Santa Clara, d'esta villa.

—Padre *José Ferreira Esteves*, fundador do Recolhimento de Nossa Senhora das Dores.

—Padre *José Ferreira de Carvalho*, sobrinho do antecedente e grande bemfeitor do mesmo recolhimento.

—*D. Luiz Alves de Figueiredo*, arcebispo da Bahia.

—Rev. dr. *Francisco Pereira Pinto*, D. Prior do Crato e bispo eleito do Porto, etc. instituidor do vinculo da Casa do Arco.

—*Pedro de Mesquita*, irmão do antecedente, capitão d'uma nau da India, onde falleceu.

—*João Correia de Mesquita*, morgado de Abbaças, M. F. C. R. e contador-mór das tres provincias da Beira, Minho e Traz-os-Montes.

—*Gonçalo Pinto Pereira*, M. F. C. R., capitão-mór d'esta villa e senhor da Casa do Arco.

—*Francisco Pereira Pinto Guedes*, o *ruivo*, filho do antecedente, M. F. C. R. e mestre de campo d'auxiliares.

—*Francisco Vaz Guedes Pereira Pinto*, neto do antecedente, F. C. R.—coronel de milicias e senhor da Casa do Arco.

—*Antonio Teixeira de Magalhães*, senhor da Casa da Calçada, F. C. R., capitão de cavallos e procurador ás côrtes de 1653.

Foi sargento-mór e governador de Villa Real em 1641 até 1665,—militou com bravura e prestou grandes serviços na guerra da *Restauração*,—fez muitas entradas em Hespanha,—foi governador da praça de Montalegre—e commandou um terço de infanteria de 1:700 homens, etc.

—*José Antonio de Barros Teixeira Lobo de Barbosa*, F. C. R., homem de raro talento e atilamento para o commercio e politica.

Foi muitos annos deputado da *Companhia dos vinhos*, membro da junta provisoria de Villa Real para a expulsão dos francezes e um dos homens mais notaveis d'esta provincia no seu tempo. Casou em Sabrosa, onde fez grande casa e deixou larga descendencia.

—*Domingos Botelho da Fonseca*, F. E. C. R., cavalleiro da Ordem de Christo e familiar do Santo Officio.

Foi procurador ás côrtes em 1698.

—*Antonio Botelho Correia*, filho do antecedente, F. C. R. e cavalleiro da Ordem de Christo com 24$000 de pensão, concedidos por D. Pedro II em 1702.

---

[1] Em 1750 fizeram-se os 2 grandes arcos que da *Carreira* davam entrada para este convento e que foram demolidos est'anno. D'elles se descia por 18 degraus para o pateo lageado de pedra que tinha e tem 192 palmos de largura e 294 de comprimento, no fim do qual está um arco abatido, sobre que assenta o côro da egreja e que dá entrada para esta e para o convento.

Foi juiz almoxarife dos direitos reaes.

—*João Correia Botelho da Fonseca Machado*, F. C. R. e C. O. Ch.

Foi juiz almoxarife dos direitos reaes e monteiro-mór d'esta villa.

—Dr. *Francisco Machado Botelho*, superintendente dos tabacos n'esta provincia.

—Rev. *João Botelho Mourão*, o *Santo Arcediago*, um dos ascendentes da casa de Matheus.

Foi muito estimado pelo papa Benedicto XIV e pelo celebre *Lambertini*.

—O licenciado *Antonio Alves Coelho*, instituidor do Morgado de Matheus, um dos actuaes condes de Villa Real, em 1643.

—*Antonio José Botelho Mourão*, F. C. R. morgado de Matheus e tenente coronel dos dragões de Chaves, etc.

Militou com distincção nas guerras da *Grande Alliança* e construiu o famoso palacio de Matheus até ás columnas,—bem como a sumptuosa capella do mesmo palacio.

—*D. Luiz Antonio de Sousa*, morgado de Matheus, do concelho de S. M., senhor donatario de Ovelha, alcaide-mór de Bragança, commendador de Vimioso, brigadeiro do exercito, governador do Castello de Vianna e governador da provincia de S. Paulo no Brazil, etc.

—*D. José Maria de Sousa Botelho Mourão*, morgado de Matheus, moço fidalgo com exercicio no paço, bacharel formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, capitão de cavallaria, embaixador na Russia, Copenhague, etc.

Falleceu em Paris em 1825 e foi elle quem mandou fazer a luxuosa edição dos *Luziadas*, do Morgado de Matheus [1].

—*D. José Luiz de Sousa Botelho Mourão*, filho do antecedente, morgado de Matheus, conde de Villa Real, etc.

Foi ajudante general do 2.º conde d'Amarante, quando este em 1823 insurreccionou contra o governo constitucional esta provincia de Traz os Montes, da qual era governador militar. A D. José Luiz de Sousa se deve em grande parte o vencimento da acção de *Santa Barbara*, porque muito contribuiu para animar a divisão do conde d'Amarante e restabelecer n'ella a disciplina militar.

[1] V. *Matheus*, vol. 5.º pag. 127, col. 1.ª

* —

De passagem diremos que aquella divisão, formada exclusivamente pelas tropas da provincia de Traz os Montes, era toda aristocrata.

Tinha por commandante em chefe o 2.º conde d'Amarante e marechal, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, depois marquez de Chaves. Foi elle quem no dia 23 de fevereiro de 1823 levantou em Villa Real o pendão da revolta, e serviam ás suas ordens os cavalheiros seguintes:

Gaspar Teixeira de Magalhães Lacerda, marechal, commandante da cavallaria, depois visconde do Peso da Regoa—e tio materno do 2.º conde d'Amarante, commandante em chefe da divisão.

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, depois visconde de Canellas, tio paterno do mesmo commandante em chefe.

Luiz Maria Teixeira Vahia, depois visconde de S. João da Pesqueira, marechal e commandante da infanteria.

O visconde da Ervedosa, coronel e commandante do regimento de infanteria n.º 24.

Carlos infante de Lacerda, depois barão de Sabroso, tenente coronel.

Francisco de Madureira Lobo, coronel.

Martinho Correia, brigadeiro.

Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, 2.º visconde de Montalegre, coronel commandante do regimento de cavallaria n.º 6.

José Vaz Pereira Pinto Guedes, depois visconde de Villa Garcia, irmão do antecedente, com varios parentes seus, entre elles o filho primogenito Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes, que falleceu como um heroe na acção de Santa Barbara, sendo capitão do regimento de cavallaria n.º 6, commandado pelo visconde de Montalegre, seu tio.

Do exposto se vê que n'esta divisão militaram 1 marquez, 2 condes, 5 viscondes, 3 marechaes e 1 barão [1].

[1] V. *Amarante*, vol. 1.º pag. 189, col. 1.ª —*Canellas*, vol. 2.º pag. 88, col. 1.ª—*Chaves* no mesmo vol. pag. 285, col. 1.ª—*Poiares*.

Ainda ao tempo a nossa nobreza se não esquivava ao serviço militar, como hoje.

Prosigamos com a lista dos villarealenses benemeritos já fallecidos.

—

—*Gonçalo Lobo Tavares*, contador das rendas do marquez de Villa Real e alcaide-mór de Lamas d'Orelhão.

—O dr. *Antonio de Ervedosa*, ouvidor em Valença do Minho.

—O dr. *Mathias Alves Mourão*, provedor e grande bemfeitor da Misericordia d'esta villa.

Foi lente da Universidade, cavalleiro professo da ordem de Christo, desembargador da casa da supplicação e deputado do fisco. Falleceu em 1672.

—O licenciado *Manuel da Silva*, grande bemfeitor da egreja de S. Paulo ou de S. Pedro *novo*.

—*Fernão Pinto Pimentel*, armado cavalleiro em Ceuta, procurador ás côrtes d'Almeirim e instituidor do morgado da Ribeira de Sabrosa.

—*José Rodrigues de Freitas* e *Francisco Rodrigues de Freitas*, já mencionados, grandes bemfeitores da Misericordia d'esta villa[1].

Poderiamos levar muito mais longe este topico, porque todas as casas nobres de Villa Real contam entre os seus ascendentes muitas pessoas benemeritas; mas, para não fatigarmos os leitores, ficaremos por aqui, mencionando apenas ainda os nomes de 4 senhoras:

—*D. Anna Eufrasia da Rocha* e sua irmã *D. Maria Magdalena da Rocha*, que deram, como já dissemos, vinte contos de réis á Misericordia, com a condição de serem recebidos e tratados no seu hospital os *irmãos terceiros* de S. Francisco.

—*D. Maria Emilia Teixeira de Moura*, que deixou ao hospital da Misericordia cincoenta contos de réis.

—*D. Margarida Chaves,—chave d'ouro* d'este topico.

Sendo natural d'esta villa, viveu longos annos em Lisboa, na companhia de seu irmão Luiz Augusto Chaves, capitalista e que, fallecendo solteiro, lhe deixou a maior parte da sua fortuna.

Tantos annos esteve auzente d'esta villa a boa senhora que, regressando a ella por morte de seu irmão, já em Villa Real ninguem a conhecia!

Falleceu tambem solteira, como seu irmão e irmãs, provou porém que, apesar da longa ausencia, nunca esqueceu, antes muito amou sempre a sua terra natal, pois lhe legou em inscripções oitenta contos de réis, para n'ella se fundar um Azylo, que está prestes a inaugurar-se com o titulo de *Azylo Chaves*, no palacete de *S. Jacintho*, que foi de Gonçalo Christovam e que a benemerita commissão, encarregada de cumprir o legado, comprou em hasta publica, para aquelle fim, por quatro contos de réis.

Sentimos que os nossos apontamentos sejam tão escassos n'este ponto.

Deus tenha em bom logar a benemerita senhora.

Escriptores publicos já fallecidos

—*Alvaro Lobo*, padre jesuita, cujo instituto professou em 28 de fevereiro de 1566. Foi professor de philosophia em Evora, regente nos collegios de Braga e Lisboa e reitor no do Porto.

Nasceu n'esta villa em 1551 e falleceu em Coimbra a 23 d'abril de 1608.

Publicou varias obras citadas por Innocencio F. da Silva.

—*Fr. Antonio Teixeira*, trinitario, reitor do collegio da sua ordem em Coimbra e 3 vezes provincial.

---

da Regoa, vol. 7.º pag. 117, col. 2.ª—*Santa Barbara*, vol. 8.º pag. 403, col. 1.ª e 405, col. 1.ª tambem,—e n'este vol. 10.º *Villa Garcia*, pag. 736, col. 1.ª

[1] Tornaram-se tambem tristemente notaveis os 2 villarealenses seguintes:

1.º—*Manuel Innocencio d'Araujo Mansilha*. Este mancebo, contando apenas 23 annos, filiou-se na celebre associação secreta dos *Divodignos*, quando frequentava a Universidade, e tomou parte no morticinio dos lentes junto de Condeixa, pelo que foi justiçado em Lisboa, no dia 20 de junho de 1828. V. *Condeixa Velha*.

2.º—*Domingos Baptista*, de 21 annos, justiçado no Porto, em 23 de julho de 1838.

Veja-se n'este vol. 10.º o artigo *Victoria*, pag. 604 e seg.

Nasceu n'esta villa em 1602 e falleceu a 22 de novembro de 1687 no seu convento de Lisboa.

Com relação ás suas obras, veja-se Innocencio e a *Rev. Litteraria*, tomo II. pag 26.

—*Philippe José Nogueira Coelho*, cavalleiro professo na ordem de Christo, formado em direito pela Universidade de Coimbra, ouvidor, provedor e intendente do ouro em Matto Grosso, no Brazil, etc.

Para as suas obras—veja-se o diccionario bibliographico de Innocencio.

Viveu na 2.ª metade do ultimo seculo.

—*Francisco Ignacio Pereira Rubião*, cavaleiro da ordem de Christo, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra em 1814, etc.

Nasceu n'esta villa e falleceu no Porto em 25 de março de 1846.

É auctor do *Vinhateiro* e d'outras obras indicadas por Innocencio.

—*Francisco Xavier Teixeira de Mendonça*, formado em direito, advogado da casa da supplicação em Lisboa, etc.

Nasceu n'esta villa em 1713 e falleceu desterrado em Angola, tendo sido preso em 1758 e mettido nas *Prisões da Junqueira.*

Foi um dos martyres do celebre marquez de Pombal e mandado prender por elle, por ter escripto varias peças juridicas no grande pleito entre Gonçalo Chrystovam e o dicto marquez,—pleito a que já nos referimos e que o marquez venceu encerrando nas Prisões da Junqueira Gonçalo Chrystovam, toda a sua familia e o seu advogado.

Veja-se o diccionario de Innocencio e as *Prisões da Junqueira* pelo marquez d'Alorna, tambem martyr d'ellas!...

—*Jeronymo Gomes Carneiro*, natural d'esta villa, doutor em medicina pela Universidade de *Montpellier*, commendador da Ordem de Christo, etc.

Veja-se o *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio—e o artigo *Poiares* da Regoa, vol. 7.º pag. 119, col. 1.ª onde se encontra a biographia de s. ex.ª

Foi intimo amigo do humilde auctor d'estas linhas e falleceu no dia 24 d'abril de 1876, na sua casa de S. Miguel de Poiares, concelho da Regoa.

—*João de Barros*, doutor em leis.

Nasceu em Braga ou no Porto (diz Innocencio) mas viveu em Villa Real; foi do desembargo d'el-rei D. João III e seu escrivão da camara, etc.

Escreveu o *Espelho de casados*, publicado pela 1.ª vez no Porto em 1540,—e a *Geographia* ou *Antiguidades das provincias de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes*, em 1548, ainda hoje manuscriptas.

Codice 549 da *Bibliotheca Municipal do Porto.*

Possuimos um longo extracto d'este codice.

—*Joaquim Maria Botelho de Lacerda Villaça Bacellar*, bacharel formado em direito, natural d'esta villa e advogado no Porto, onde falleceu pouco antes de 1859.

Escreveu e publicou no Porto, em 1848, um romance em 2 volumes, 8.º—*Merlinda, duqueza d'Arnau.*

—*D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda*, do conselho de S. M.—F. C. R., commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, deão da sé patriarchal, commissario dos estudos no districto de Lisboa, reitor do lyceu nacional, deputado ás côrtes em varias legislaturas, socio da Academia Real das Sciencias, etc.

Nasceu n'esta villa em 23 de maio de 1803; —foi filho do conselheiro José Joaquim d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda;—tomou o habito na congregação dos conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) e foi n'ella por algum tempo professor de philosophia racional e moral, no mosteiro de S. Vicente de Fóra, até sahir para o seculo em 1826, passando a ser provido no beneficio de thesoureiro-mór da sé da Guarda, etc.

Foi um dos portuguezes mais illustrados d'este seculo e fecundo escriptor publico.

Podem vêr-se as suas obras no diccionario de Innocencio.

—*José Thomaz da Silva Teixeira*, natural d'esta villa. Cursava em 1817 o 3.º anno de leis na Universidade de Coimbra.

Consta que falleceu muito novo.

Publicou no Porto em 1822 a *Eurypide*, tragedia de Voltaire, traduzida por elle em portuguez.

«Ouvi que deixára (diz Innocencio) muitos versos manuscriptos, porem a maior parte (entre elles um pequeno poema em dois cantos com o titulo de *Calvineida*) de genero absolutamente improprio para o prelo».

—

Consultando o sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho e meu bom amigo e mestre, dignou-se s. ex.ª responder o seguinte:

»Envio-lhe (e não me devolva) um exemplar (unico existente) das *Catacumbas*[1]. O collector, em certa altura da publicação, queimou todos os exemplares, e mandou-me esse que lhe offereço. Ahi, a pag. 16, acha v. alguma noticia de *José Thomaz*. Quando eu era novo, ouvi fallar muito d'esse homem em Villarinho da Samardan ao meu padre mestre Antonio d'Azevedo (cunhado de minha irman) que fôra muito intimo de José Thomaz, bacharel em direito. Parece-me que morreu em 1832. Era grande improvisador.»

Effectivamente, no meu *rarissimo* exemplar das *Catacumbas*, sob o titulo *Estudantes e futricas*, se lê a pag. 16 o seguinte:

«Desde 1820, ou mesmo d'antes, vinha em Coimbra a animosidade entre os academicos e os habitantes da cidade.

Em 1824 já a effervescencia era grande. Não intimidára a morte de José Ayres aos subsequentes academicos. Presta-se o assumpto a vasto trabalho, para que nos falta o preciso tempo e dados proprios.

Aqui poremos só uma pequena amostra d'aquelle desamor.

Havia theatro em Coimbra n'uma casa de um homem prestante, A. J. R. Trovão, se nos não falta a reminiscencia. Representavam ali artistas que vedavam a entrada aos estudantes.

José Thomaz, estudante de Villa Real, tomando o partido dos seus, caiu-lhes em cima com este soneto:

Preparem-se attenções: Trovão famoso
Nas margens mondegaes vae ribombar.
Preparem-se attenções, chiton! calar!
Eis na scena cothurno magestoso.

Hoje o Senna, o Tamiza, o Tejo undoso
Verão sua gloria declinar,
Pois que o Mondego vae mais gloria dar:
Coroa a actriz um drama portentoso.

Ferve o afan. Álerta, sapateiros!
A gloria é vossa, comicos prestantes,
Sois no theatro os figurões primeiros.

E para que fiqueis de todo ovantes
Espectadores sejam os barqueiros:
Eia! vedae a entrada aos estudantes.

—

«Respondeu-lhe o pae de um nosso amigo, ha pouco fallecido, Fructuoso Amadeu da Silva Monteiro, cujo nome não sabemos n'este momento, com esta especie de paraphrase pelos mesmos consoantes:

Que potro em pinotes tão famoso!
Como rincha! Faz tudo ribombar:
Sendeiro, nem o freio o faz calar;
Jámais será cavallo magestoso.

A Paris, a Londres não, ao Tejo undoso
O façam alugueis ir declinar,
Até que lazarento venha a dar
Nas margens do Mondego portentoso.

Tomára, o triste, então que sapateiros,
Não lhe vendo os ilhaes nunca prestantes
Em montal-o quizessem ser primeiros;

Mas victima, em fim, de cães ovantes,
Ao ver-lhe os ossos nus, dirão barqueiros:
Eis a besta maior dos Estudantes.»

Ao meu bom amigo e Cyreneu, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*,—o homem que hoje

---

[1] *Catacumbas*, miscellanea archeologica, bibliographica, numismatica, poetica, epigraphica, etc., etc., reunida por Antonio Francisco Barata. Evora, Typ. Minerva, 1883, 4.º até pag. 72.

Lamentando vivamente que o auctor interrompesse tão interessente trabalho, agradeço penhoradissimo ao ex.mo sr. Camillo Castello Branco o exemplar com que me brindou e que é uma mina para a minha lavoura.

temos mais versado nas antiguidades e curiosidades de Coimbra,—peço a finesa de me esclarecer sobre o assumpto, para fazer as devidas rectificações e addições no supplemento.

—

Prosigamos:

—*Fr. José da Virgem Maria*, franciscano, professor regio de primeiras lettras no convento de Villa Real, etc.

Publicou o *Novo Methodo de educar os meninos e meninas, principalmente nas villas e cidades*. Lisboa, Imp. Regia, 1815, 4.º

O tomo 1.º tracta dos elementos da grammatica e da lingua portugueza e comprehende 133 pag. com seis tractados para aprender o caracter da lettra ingleza;—o tomo 2.º tracta dos elementos de astronomia, geographia e optica em X—156 pag. com 7 estampas.

Alguns exemplares d'esta obra, hoje rara, trazem no tomo 1.º o retrato do conde de Amarante, a quem foi pelo auctor dedicada; em outros não se vê o retrato.

—*Luiz José Ribeiro*, 1.º barão da Palma, do conselho de S. M., commendador de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa, presidente da Junta do Credito Publico, commissario em chefe do exercito, etc., filho de Antonio José Ribeiro e de D. Isabel Maria.

Nasceu n'esta villa em 2 de maio de 1785; falleceu em Lisboa no dia 14 de dezembro de 1856.

Foi homem muito illustrado e auctor de varias obras indicadas por Innocencio.

—*João Baptista Ribeiro*, irmão do antecedente, do conselho de S. M., commendador da ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, director e lente jubilado da Academia Polytechnica do Porto, etc.

Nasceu na freguezia de S. João d'Arroios, concelho de Villa Real, a 25 d'abril de 1790, e falleceu na freguezia de Santo Ildefonso, no Porto, em 24 de julho de 1868 [1].

Em 1802 matriculou-se nas aulas de desenho da Academia do Porto e frequentou-as sete annos, tendo por professores Francisco Vieira Portuense, Domingos Francisco Vieira, José Teixeira Barreto e Raymundo Joaquim da Costa, obtendo 3 premios de 1.ª classe.

Em 1811 foi nomeado lente substituto da aula de pintura e em 1824 mestre de desenho e pintura das infantas. Passou a lente proprietario em 1833 e em 1836 foi nomeado director da antiga Academia de Marinha e Commercio do Porto, representada hoje pela Academia Polytechnica

Com relação á sua biographia e obras litterarias e artisticas, veja-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio,—o n.º 79 do *Periodico dos pobres do Porto* (1856) o artigo que foi transcripto em seguida no *Braz Tisana* n.º 82,—o n.º 80 do *Nacional* de 9 de abril de 1859,—os *Annuarios* da Academia Polytechnica do Porto—e o *Diccionario Popular*.

—*Fr. Manuel de Maria Santissima*, missionario apostolico do seminario do Varatojo, onde foi guardião, etc.

Professou em 23 de novembro de 1764 no dicto convento, mas anteriormente pertenceu á congregação do Senhor Jesus da Boa Morte, da ordem de S. Paulo, 1.º Eremita, na qual tomou o habito em 7 de março de 1758.

Nasceu n'esta villa, ou em Braga, e falleceu em 23 de janeiro de 1802.

Escreveu a *Historia da fundação do real convento e seminario de Varatojo* e outras obras indicadas por Innocencio.

—*Fr. Simão Corrêa*, dominicano.

Professou no convento d'Azeitão em 28 de janeiro de 1598 e nasceu em Villa Real, não sabemos quando.

Das suas obras conhecemos apenas uma: —*Sermão na procissão de graças que a muito nobre Villa Real fez pela restauração da cidade da Bahia, prégado em 15 d'agosto de 1625*. Lisboa, por Geraldo da Vinha, 1625, in-4.º

---

[1] Não era casado, mas, segundo consta, deixou filhos naturaes, sendo um d'elles Francisco da Silva Cardoso, digno lente actual da Academia Polytechnica do Porto.

É hoje muito raro este sermão.

—Padre *José Maria Alves Torgo*, abbade da freguezia de Louredo, em Santa Martha de Penaguião, e orador distinctissimo.

Era muito illustrado e falleceu n'esta villa no mez de dezembro de 1884.

Alem de varios artigos soltos em diversos jornaes politicos e litterarios, sabemos que publicou um romance e um drama.

Fecharemos este topico, mencionando uma senhora tão distincta pelo nascimento, como pela sua illustração e virtudes.

—*D. Leonor de Noronha*, filha do marquez de Villa Real, D. Fernando de Menezes.

Escreveu e publicou a *Vida e Morte de Nosso Senhor Jesus Christo*, segundo se lê no *Jardim de Portugal*.

Villarealenses illustres contemporaneos

—*D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos*, senhor da grande casa de Matheus e actual conde de Villa Real, bisneto de D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, que mandou fazer á sua custa a luxuosa edição dos *Luziadas*, bem conhecida como edição do Morgado de Matheus.

O conde actual reside a maior parte do tempo em Lisboa, porque é um dos fidalgos com exercicio no paço; mas tem o seu palacio de Matheus muito limpo e bem tratado, bem como os jardins e a vasta cerca [1], —um dos maiores e melhores predios d'este districto;—e por este raro conjuncto é o palacio de Matheus um dos 3 melhores palacios particulares da provincia.

Os outros dois são o da *Brejoeira*, junto de Monção, e o dos condes da Anadia, em Mangualde,—todos tres vastos, com bons jardins e grandes cercas, mas muito differentes.

Este de Matheus é o mais vistoso, mais alegre e mais bem situado. Tem amplas vistas para todos os quadrantes;—uma capella magestosa com uma linda torre e sino com relogio;—a sua fabrica é elegante e imponente; descreve um parallelogrammo ou quadrilongo regularissimo, prolongando-se de nascente a poente e aberto d'este lado, por onde se entra atravez d'um lindo parque e d'um espaçoso terreiro ajardinado.

Dista de Villa Real 6:750 metros, para o nascente,—e 40 a 50 da nova estrada a macadam de Villa Real a Sabrosa e Freixo de Espada á Cinta, para o sul.

O palacio era dividido em 15 grandes salões *sem um quarto unico*, mas o sr. conde o restaurou em 1883 e por essa occasião lhe metteu um corredor ao longo da fachada norte e dividiu em quartos independentes os sete salões d'esta fachada.

—

O palacio da *Brejoeira*, é tambem regularissimo, imponente e magestoso, mas quadrado, mais pesado e mettido em uma cova, sem horisonte, no meio de um deserto extremamente solitario e triste!...

O local era mais proprio para uma vivenda de monges, do que para uma casa de recreio, habitação de fidalgos.

O de Mangualde é um edificio custoso e vasto, bem mobilado e muito bem tractado, mas irregularissimo, feito sem planta e em diversas datas. A sua fachada nobre não tem imponencia relativa e está aprumada sobre um terreiro publico, informe e pequeno, onde não podem rodar a um tempo quatro trens e por onde passa a estrada publica, tortuosa e tão estreita que entre o palacio e os velhos paços do concelho, hoje cadeia publica, muito negra e indecentissima, sempre cheia de infelizes esmolando atravez das grades, haverá apenas 5 metros de distancia, —o que muito affronta o palacio. Brilharia o dobro, se tivesse outra frontaria e um parque ou jardim entre elle e a estrada publica. E o seu local, se não é tão triste como o do palacio da *Brejoeira*,—é muito mais acanhado e pouco vistoso tambem.

Sendo um palacio tão amplo e custoso e tendo uma cerca tão vasta, é realmente para sentir que os seus fundadores fossem tão infelizes na escolha da planta e do local.

---

[1] D'esta cerca e das quintas contiguas que o nobre conde possue n'este concelho de Villa Real, pagou s. ex.ª no ultimo anno economico a bagatella de 525$150 réis—só de contribuição predial!...

V. *Brejoeira*, *Mangualde* e *Matheus*.

Prosigamos com a lista dos villarealenses illustres contemporaneos:

—*D. Frederico Vaz Guedes d'Athaide Malafaia*, da nobre casa do Arco, juiz de uma das varas no Porto. Já mencionado supra.

—*D. Miguel Vaz Guedes*, irmão do antecedente e já mencionado tambem.

—*D. Francisco Vaz Guedes*, irmão primogenito dos antecedentes, representante da Casa do Arco e da de Barbosa, onde reside, como já dissemos.

—*D. João Rebello Cardoso de Menezes*, arcebispo de Mitylene, prelado domestico de Sua Santidade, dr. em theologia, prezidente da relação e curia patriarchal, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa.

—*Jeronymo da Cunha Pimentel*, digno par do reino, bacharel formado em direito, do conselho de S. M., deputado ás côrtes em varias legislaturas, ex-governador civil de Braga, escriptor publico e hoje director da Penitenciaria em Lisboa, já mencionado.

—*Adolpho da Cunha Pimentel*, irmão do antecedente, bacharel formado em direito, chefe de secção da Junta do Credito Publico e da Caixa geral dos Depositos no Porto e deputado ás côrtes, já mencionado tambem.

—*Manuel d'Assumpção*, bacharel formado em direito, deputado ás côrtes em varias legislaturas e distincto escriptor publico.

É hoje ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça, tendo sido director do mesmo ministerio.

—*Antonio d'Azevedo Castello Branco*, bacharel formado em direito, sub-director da Penitenciaria em Lisboa, deputado ás côrtes em varias legislaturas, escriptor publico distinctissimo e poeta, auctor da *Lyra Meridional*, etc.

Nasceu em Villarinho da Samardã, freguezia d'este concelho, em 1843, e é sobrinho do sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, o principe dos escriptores portuguezes na actualidade.

O sr. dr. Antonio d'Azevedo Castello Branco tambem foi administrador do concelho de Murça, 1.º official do governo civil de Villa Real, vice-governador civil e presidente da junta geral d'este districto.

—*José d'Azevedo Castello Branco*, irmão do antecedente, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes na actualidade, poeta e distincto escriptor publico tambem.

Nasceu em Villarinho da Samardã pelos annos de 1847 e, quando frequentava a Universidade, escreveu um drama, que foi representado em Coimbra, mas não se imprimiu.

—*Antonio José de Carvalho Portella*, cirurgião-mõr do exercito, bacharel formado em medicina.

—*Agostinho da Rocha e Castro*, filho de Manuel José da Rocha Guimarães e de D. Isabel Ignez de Castro, nasceu em Villa Real no dia 4 de maio de 1837.

Depois de ter cursado as disciplinas de instrucção secundaria que então se professavam no lyceu d'esta villa, foi para Coimbra completar os preparatorios e formou-se em direito em 1859.

Durante alguns annos exerceu a advocacia em Villa Real e collaborou em differentes jornaes politicos e litterarios, designadamente no *Nacional*, cuja direcção politica estéve algum tempo a seu cargo.

Em 1865 foi nomeado secretario geral d'este districto, e em 1868 foi transferido para o logar de administrador central do correio d'esta villa.

Em 1871 foi eleito deputado ás côrtes pelo circulo da Regoa e, sendo transferido em 1873 para administrador central do correio do Porto (hoje administração dos correios, telegraphos e pharoes da 2.ª circumscripção) foi novamente eleito deputado por Villa Real, em 1874.

Em 1877 foi nomeado governador civil do Porto, commissão que desempenhou até 1878, voltando a exercer o logar de administrador dos correios e telegraphos na mesma cidade.

É um cavalheiro respeitabilissimo e um funccionario modêlo.

—*Albano Baptista de Sousa*, bacharel formado em direito, advogado, professor do Lyceu e promotor do districto ecclesiastico d'esta villa.

—*Luiz Augusto Teixeira Lobato*, bacharel

formado em medicina pela Universidade de Coimbra, 1.º juiz de direito substituto, governador civil interino d'este districto e professor do Lyceu.

—*Antonio Alberto Teixeira Lobato*, bacharel formado em direito, administrador interino d'este concelho, advogado e vereador.

—*João Baptista Guerra*, bacharel formado em direito e advogado tambem.

—*Manuel da Silva Vasconcellos*, bacharel formado em direito e vogal do conselho de districto.

—*Francisco Salles da Costa Lobo*, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra.

—*Custodio Duarte d'Almeida*, formado pela Eschola-Medico-Cirurgica do Porto.

É cirurgião-mór no Ultramar.

—*José Augusto Pinto Machado*, capitão de infanteria e reprezentante da nobre casa vincular dos Pintos Machados, d'esta villa.

Tem o curso da Eschola do Exercito e é filho do dr. e advogado Antonio Pinto Machado.

—*Antonio José Claro da Fonseca*, fundador do lindo palacete da rua da Fonte Nova, já mencionado, feito depois do meado d'este seculo sobre as ruinas de uma casa de recreio brasonada, que foi da nobre familia Silveiras.

Rezide no Porto e é hoje um dos homens mais importantes ao norte do nosso paiz por ser, ha muitos annos, administrador geral de toda a grande casa *Ferreirinha*, da Regoa,—casa que hoje se avalia em *seis mil contos* e que já colheu no Douro cerca de tres mil pipas de vinho generoso.

Administra não só todas as propriedades rusticas e urbanas da opulenta casa *Ferreirinha* e os capitaes que constituem a maior parte d'ella,—mas tambem o seu importantissimo ramo de commercio de vinhos, pois é uma das primeiras casas exportadoras de vinhos do Douro. Por vezes o seu deposito se tem elevado a dez mil pipas, o que representa *milhares de contos!*...

Esta opulenta casa tem o seu escriptorio geral na rua dos Inglezes, hoje rua do *Infante D. Henrique*, n.º 83,—no Porto.

É casado e tem successão.

—*Antonio Claro da Fonseca*, bacharel formado em direito, filho do antecedente e curador geral dos orphãos no 2.º districto do Porto.

Foi secretario geral do governo civil e vogal do concelho de districto em Villa Real.

—*Luiz de Bessa Correia*, bacharel formado em direito, advogado no Porto e um dos mais distinctos jurisconsultos do nosso paiz na actualidade.

Foi um dos collaboradores do *Trovador*, nos seus tempos de Coimbra, e exerceu por differentes vezes o logar de governador civil interino, de secretario geral e de vogal do conselho de districto n'esta villa.

—*Francisco de Bessa Correia*, irmão do antecedente e tambem bacharel formado em direito.

—*Henrique de Bessa Correia*, tambem irmão do antecedente e bacharel formado em direito.

—*Antonio Baptista de Sousa*, bacharel formado em direito e advogado em Lisboa.

—*Francisco Ferreira da Costa Agarez*, presidente da camara municipal.

—*Affonso Ferreira Vaz Pimentel*, vice-presidente da camara municipal.

—O rev. *Francisco José Moreira de Carvalho*, professor de philosophia jubilado no Lyceu d'esta villa e vigario geral n'este districto ecclesiastico.

—*Antonio d'Almeida dos Santos* (?) barão d'Almeida de Santos (?) par do reino e capitalista residente em Lisboa.

Adquiriu boa fortuna pelo commercio no Brazil e casou em Paris.

É filho de Antonio Joaquim d'Almeida, tambem natural d'esta villa, excellente pessoa e escriptor publico, pois sabemos que escreveu e publicou a vida de *Santo Antonio*, o santo do seu nome.

—*Bento Teixeira de Figueiredo Amaral*, bacharel formado em direito e um dos primeiros proprietarios e capitalistas d'este concelho, filho do dr. José Paulo Teixeira de Figueiredo, de Matheus, que foi o primeiro proprietario e capitalista d'esta provincia, depois da opulenta casa *Ferreirinha* da Regoa.

—

Antonio Lopes Mendes, infatigavel viajante

e explorador, distincto escriptor publico, mimoso paisagista, agronomo, ex-professor do instituto agricola, ex-deputado ás côrtes, socio effectivo da benemerita *Sociedade de Geographia de Lisboa* e cavalheiro estimabilissimo, tão modesto como illustrado.

Nasceu na antiga rua da *Amargura*, hoje rua *Municipal*, freguezia de S. Diniz, d'esta villa, em 30 de janeiro de 1835 e rezide em Lisboa, ha muitos annos.

Seus paes,—Antonio Lopes Mendes e D. Anna Maria Emilia Cardoso,—eram proprietarios, mas o genealogista que se désse ao trabalho de reconstruir a arvore genealogica de Diogo Cam, mandado por el-rei D. João II explorar os mares da Africa e que em 1485 (ha precisamente 400 annos!...) descobriu o Zaire, encontraria no ramo dos *Mendes*, ligado ao tronco do celebre navegante, os ascendentes de Lopes Mendes.

A mesma casa onde nasceu revela muita antiguidade; não o nobilita porem tanto a nobresa herdada, *nobresa alheia*, como a que s. ex.ª conquistou por si proprio, pelo estudo, pelo trabalho e pelo seu comportamento sempre correcto e digno.

—

Frequentou alguns annos a Academia Polytechnica do Porto,—depois concluiu em Lisboa o curso de agronomo e com tanta distincção que regeu alguns annos uma cadeira do nosso instituto agricola.

Foi durante este primeiro curso que o governo ordenou uma excursão agricolo-scientifica ao norte do reino e d'ella fez parte o distincto alumno professor.

Deve o *Archivo Pittoresco* a esse periodo de trabalho uma collecção de desenhos de monumentos, paisagens e costumes portuguezes, começada a publicar no seu V volume e interrompida com a suspensão d'aquelle semanario. D'essa collecção encontramos agora reproduzidas algumas das gravuras na *Historia de Portugal illustrada*, edição popul r do eminente historiador e actualmente ministro da marinha, o sr. Pinheiro Chagas.

No *Archivo Pittoresco* mostrou Lopes Mendes a sua rara vocação para o desenho, nomeadamente *de paisagem*, manifestada desde os mais tenros annos [1] e que felizmente pôde cultivar e aperfeiçoar com o estudo e com a pratica durante as suas longinquas excursões e viagens pela America.

É talvez hoje o nosso *primeiro paisagista*, como provam os centos de desenhos com que está illustrando a sua *India Portugueza* e o seu *Relatorio* da expedição scientifica á serra da Estrella em 1881.

Mas prosigamos:

—

Estando ainda ao serviço do nosso instituto agricola, levantou em 1858 a 1859 a planta topographica da incipiente colonia da *Venda do Alcaide*, dando melhor direcção aos trabalhos agricolas e á fruição dos colonos.

Nas ferias de 1858 escreveu uma interessante memoria sobre a doença dos laranjaes de Setubal,—memoria que publicou no *Archivo Rural* do instituto agricola e que mereceu do sr. conselheiro Ferreira Lapa a lisongeira apreciação seguinte:

«Entra tambem n'este numero uma correspondencia relativa á doença radicular das laranjeiras em Setubal, do sr. Lopes Mendes, habilitado distinctamente n'este anno, com os cursos do Instituto, e já encarregado de uma importante exploração rural.

«O sr. Lopes Mendes foi um estudante mais que regular; mereceu a estima de seus mestres; foi um dos alumnos que acompanhou a commissão agricola na sua excursão scientifica ao norte do reino, e era *pela sua habilidade pouco commum em desenho*, ajudante do professor d'esta disciplina no Instituto.»

Este periodo de penna tão auctorisada é testemunho insuspeito do que levamos exposto.

---

[1] Sendo ainda creança imberbe, sem noções algumas de desenho, pintou um pano de frente para o theatro da sua terra natal, representando uma vista d'ella. As incorrecções deviam ser muitas, mas vae desaffrontar-se brilhantemente, publicando uma *Descripção* da sua formosa villa, illustrada pelo mesmo lapis que desenhou o pobre panno *in illo tempore!...*

Reunidos em um os institutos agricola e veterinario, fundou se um estabelecimento hippico para o aperfeiçoamento e producção das differentes raças e coube a Lopes Mendes a honra de ser o installador do primeiro estabelecimento official d'esta especialidade, em cuja administração prestou valiosos serviços.

—

Em 1862, governando as nossas possessões da India o valente e intelligente conde de Torres Novas, e desejando melhorar as condições agricolas das terras que ali possuimos, requisitou do nosso governo um homem com as habilitações necessarias para o coadjuvar em tão importante missão. Concordou o governo e, consultando sobre a escolha o Instituto Agricola, este lhe indicou Lopes Mendes que, cheio de vida, de enthusiasmo e fé, acceitou a missão. Deixando os commodos de Lisboa, partiu para a India e por lá estanciou 9 annos, até 1871, merecendo pelo seu trabalho, pela sua intelligencia e pelas suas nobilissimas qualidades as maiores provas de estima, tanto do conde de Torres Novas como dos governadores que lhe succederam,—José Ferreira Pestana e o sr. visconde de S. Januario.

Não só desempenhou com louvor variadas commissões de serviço publico, mas nas suas horas d'ocio d'aquelles longos nove annos estudou sobre o local a historia das nossas possessões asiaticas, desenhou na sua carteira monumentos, palacios, pagodes, costumes, tudo o que mais o prendeu—e depois, no remanso do seu gabinete de estudo, coordenou os seus apontamentos, retocou os seus *croquis* e assim organisou a sua *India Portugueza*, mimoso e interessantissimo album das nossas glorias, que offereceu á *Sociedade de Geographia de Lisboa*, da qual é socio benemerito,—trabalho unico e admiravel no seu genero e que o nosso governo, a instancias da *Sociedade de Geographia*, está publicando na Imprensa Nacional.

—

A *India Portugueza* de Lopes Mendes, além da parte historica e descriptiva, comprehende 350 gravuras feitas sobre desenhos do auctor, e 7 cartas geographicas elucidativas do texto, organisadas tambem por Lopes Mendes.

Cabe-nos a honra de ter visto o original e os desenhos todos e já possuimos 28 provas das 350 gravuras. São lindissimas, nomeadamente as que representam a cidade de *Velha Goa*,—a *Casa de D. Antonio de Carcamo Lobo*, em S. Pedro,—*o Arsenal de Gôa*,—a *Egreja do Bom Jesus*, de Goa,—o *Tumulo de S. Francisco Xavier*,—o *Collegio dos Cathecumenos*,—o *Hospital da Misericordia*,—o *Arco dos Vice-Reis*,—*D. Vasco da Gama*,—o *Pagode de Mahem*,—a *Praça da Aguada*,—o *Palacio do Cabo*—e uma *Mendiga de Goa*.

O sr. Lopes Mendes fez parte da *Expedição scientifica* enviada, com a protecção do governo, pela Sociedade de Geographia de Lisboa á serra da Estrella em agosto de 1881 e que por lá estanciou 15 dias.

Trouxe tambem s. ex.ª da grande serra muitos desenhos, que vão ser publicados em gravuras no seu relatorio e que devem tornal-o interessantissimo.

Já vimos os *croquis*, porque tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta expedição scientifica,—não como vogal, mas como representante do *Districto da Guarda*, e *reporter* do *Commercio Portuguez* [1].

Foi ali que nos relacionamos com o sr. Lopes Mendes e que tivemos occasião de ver e admirar o seu primoroso lapis, desenhando com a maior facilidade e fidelidade as villas de Manteigas, Ceia e Gouveia, os Cantaros, as lagoas, o acampamento, as *Furnas da Estrella*, etc.. etc.

—

Anteriormente visitou s. ex.ª o Bussaco, —desenhou tambem tudo o que mais o surprehendeu n'aquella poetica estancia—e tudo publicou em gravuras no seu interessante livro *O Bussaco*.

Em 1883 quiz tambem visitar a India occidental e, como felizmente dispõe de meios, embarcou para a America e á sua custa percorreu toda a bacia hydrographica do Ama-

---

[1] Este ultimo jornal publicou em agosto de 1881 uma serie de cartas nossas, enviadas do acampamento da expedição.

zonas e grande parte do Brazil, o Peru, as republicas do Prata, etc.—colheu grande copia de paisagens e noticias e no *Occidente*, jornal illustrado, publicou uma longa serie de cartas com muitos desenhos seus em gravuras.

Vejam-se os n.os 146, 147, 156, 159, 160 e 161 do 6.º anno do *Occidente*;—e ainda em 11 de novembro ultimo (1885) publicou na 1.ª pagina do n.º 248 do mesmo jornal (8.º anno) uma bella gravura representando a *Casa do sr. visconde de Correia Botelho*, Camillo Castello Branco, em S. Miguel de Seide, desenho tirado do natural.

Tambem sabemos que tirou e possue uma interessante collecção de desenhos da sua formosa *Villa Real*, comprehendendo muitos monumentos que nós mencionámos e já desappareceram, taes como: a escadaria dupla da porta principal da *villa velha*, a antiga casa da camara, os arcos de Tabolado, ultimamente demolidos, e os da entrada para o convento de S. Francisco, a capella de S. Sebastião, demolida pelo dr. Charrua, a albergaria do Espirito Santo, etc.

Todos estes e outros muitos desenhos illuminarão (Deus o queira!...) a *Descripção de Villa Real*, que s. ex.ª projecta.

Está s. ex.ª illuminando tambem com o seu formoso lapis a luxuosa edição manuscripta dos *Luziadas*, em via de publicação n'este momento.

—

Além de varios artigos soltos em differentes jornaes politicos, scientificos e litterarios, publicou s. ex.ª *O Bussaco* e a biographia do sr. D. Jorge Augusto de Mello, primeiramente no jornal *As Colonias Portuguezas* e depois em folheto, na typographia Lallemant Fréres, Lisboa, 1884.

Na mesma typographia publicou em 1882 o sr. dr. Augusto Cesar da Silva Mattos, de Trancoso, ao tempo juiz de direito em Cantanhede, uma interessante biographia do sr. Lopes Mendes, sob o titulo *Movimento Geographico em Portugal e Antonio Lopes Mendes Apontamentos biographicos*, para onde remettemos os leitores.

No seu regresso da India, casou no dia 11 de setembro de 1873 em Lisboa com a ex.ma sr.ª D. Joanna Maria dos Santos Oliveira, irmã do sr. José Maria dos Santos, hoje par do reino eleito pelo circulo d'Evora, ex-deputado ás côrtes, grande capitalista e grande proprietario [1].

Recebeu-se na capella do palacio das *Picôas*, pertencente a seu cunhado, e tem do seu consorcio um filho unico, de nome Alberto, nascido em 13 d'abril de 1880.

Districto ecclesiastico

Ha n'esta villa desde tempos remotos um vigario geral posto pelos arcebispos de Braga e que, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, superintende nas freguezias seguintes:

Concelho de Villa Real [2]	.....	25
» Ribeira de Pena (todo)	.....	6
» Mondim de Basto (todo)	....	9
» Villa Pouca d'Aguiar (todo)	.	16
Total	.....	56

Antes de 1882 superintendia tambem nas que passaram para o bispado de Lamego e que eram as seguintes:

Concelho de Villa Real	.....	2
» Alijó (todo)	.....	18
» Murça (todo)	.....	9
» Regoa [3]	.....	4
» Penaguião [4]	.....	3
» Sabrosa (todo)	.....	15
Total	.....	51

Pertenciam pois a este districto ecclesiastico de Villa Real até 1882—107 freguezias.

Até 1854 eram 122, porque n'aquella data

---

[1] Tem uma fortuna superior a 4:000 contos de réis e é o maior proprietario da provincia do Alemtejo.

Vive em Lisboa, mas administra admiravelmente a sua grande casa e no grangeio das suas numerosas herdades adopta os ultimos progressos da sciencia agricola.

[2] As 2 restantes ficaram pertencendo ao bispado de Lamego. como já se disse, pag. 928, col. 2.ª

[3] As 6 restantes eram do bispado do Porto.

[4] As 7 restantes eram tambem do bispado do Porto.

se formou a comarca ecclesiastica d'Amarante, passando para ella 14 freguezias, que o districto ecclesiastico de Villa Real tinha n'aquelle concelho e eram as seguintes: — Amarante, Anciães, Bustello, Canadello, Candomil, Carneiro, Carvalho de Rei, Gondar, Lufrei, Ovelha do Marão, Padronello, Rebordello, Sanche, Varzea e Villa Chã do Marão.

—

O juiso ecclesiastico d'este districto é formado por 1 vigario geral, 1 promotor e 1 escrivão.

Desde 1825 foram vigarios geraes os presbyteros seguintes:

1.º—Dr. Francisco José Borges Fernandes, nomeado em 6 de julho de 1825.

2.º—Dr. Antonio Bernardo de Moraes Leal, nomeado em 12 de setembro de 1825.

3.º—Padre Antonio Esteves Botelho, abbade de Matheus, nomeado em 12 d'agosto de 1826.

4.º—Dr. Clemente José Teixeira Barroso, nomeado em 27 de março de 1827.

5.º—Dr. Francisco Soares de Barbosa Vasconcellos, nomeado em 4 d'abril de 1829.

6.º—Dr. João Soares de Barbosa Vasconcellos, nomeado em 5 d'abril de 1832.

7.º—Dr. Clemente José Teixeira Barroso, nomeado em 27 d'abril de 1834.

8.º—Padre José Manuel Lopes Pinto, nomeado em 28 de novembro de 1851.

9.º—Padre Luiz Telles Teixeira Coelho, nomeado em 26 de março de 1852.

10.º—Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira, nomeado em 20 d'abril de 1854.

11.º—Padre Francisco José Moreira de Carvalho, nomeado em 27 d'outubro de 1857.

12.º—Padre Cesar Augusto Quaresma, parocho de S. Pedro d'esta villa, nomeado em 17 de dezembro de 1861.

13.º—Padre Francisco José Moreira de Carvalho, professor do Lyceu, nomeado em 21 de setembro de 1866.

É digno vigario geral ainda hoje [1].

[1] Até 1834 os vigarios geraes d'este districto usavam o titulo de *desembargadores* e *vigarios geraes*.

—

Foram tambem promotores d'este juiso ecclesiastico desde 1825 os seguintes:

1.º—O dr. de capello João Baptista Eleuterio de Lobão Mattos, nomeado em 25 de janeiro de 1827.

2.º—Dr. José da Costa Rebello, nomeado em 14 d'outubro de 1828.

3.º—Dr. Francisco Lourenço de Mattos, nomeado em 10 de maio de 1834.

4.º—Dr. José da Costa Rebello, nomeado em 1 de julho de 1841.

5.º—Dr. Manuel Ignacio Teixeira, nomeado em 16 d'outubro de 1857.

6.º—Rev. Manuel da Silva Vasconcellos, nomeado em...

7.º—Dr. José Maria Gonçalves Pavão, nomeado em...

8.º—Dr. Urbano Baptista de Sousa, nomeado em 13 de setembro de 1884.

É o digno promotor actual.

Rivalidades

Villa Real é hoje a povoação mais importante d'esta provincia, mas tem uma rival perigosa na *Regoa*, villa de muita vida e grande movimento commercial, muito vantajosamente situada e muito bem servida de communicações de toda a ordem, como já dissemos; infellzmente porem os seus vereadores teem sido extremamente desmazelados e aquella formosa villa, com tantos recursos, pouco tem progredido nos ultimos tempos.

Projectam-se ali ha muitos annos grandes obras, mas nada se tem feito, emquanto que as camaras de Villa Real teem sido extremamente dedicadas em pró do seu municipio.

Obtiveram que a villa fosse dotada com um regimento inteiro permanente—e logo tractaram de dar-lhe um bom quartel, fazendo obras importantes no convento de S. Francisco, para o que (honra lhes seja!) não hesitaram em contrahir um emprestimo, achando-se no momento aquellas obras quasi concluidas;—dotaram a villa com um lindo mercado coberto, tambem prestes a concluir-se,—e projectam outros melhoramen-

tos importantes, taes como—remover o cemiterio para local mais apropriado,—fazer um novo campo para a sua grande feira,—um matadouro—e uma cadeia comarcã, para o que já abriram negociações com o concelho de Sabrosa.

Se a villa da Regoa tivesse vereações tão dignas, em breve seria cidade, pois tem mais vida e mais movimento do que a maior parte das cidades do nosso paiz.

Só as transacções que na Regoa se fazem em vinho, aguardente, baga de sabugueiro e sal representam *muitos centos de contos de réis* por anno!...

A mesma cidade de Lamego, 12 kilometros ao sul, chegou a temer a Regoa; mas hoje dorme a somno solto,—graças aos seus dignos vereadores tambem, nomeadamente ao sr. viscoude de Guedes Teixeira,—*verdadeiro modêlo d'amor e dedicação para com a sua terra natal*,—pois levantou Lamego do marasmo em que jazia desde seculos e a transformou completamente, tornando-a uma das cidades mais interessantes, mais limpas e mais habitaveis do nosso paiz, como havemos de mostrar no supplemento a este diccionario.

Se a Regoa merecesse a Deus um homem como o sr. visconde de Guedes Teixeira [1], supplantaria todas as cidades e villas da Beira e de Traz-os-Montes!...

Mosaico

Publicam-se actualmente n'esta villa os jornaes seguintes:

—*Commercio de Villa Real*,
—*Districto de Villa Real*,
—*Juventude*,
—*Villarealense*,
—*Transmontano*.

Na Regoa:

—*A Voz do Douro* e
—*O Independente Regoense*.

Em Chaves:

—*A Aurora do Tamega* e
—*A Folha de Chaves*.

Em Alijó:

—*O Correio d'Alijó*.

Total dos periodicos que n'esta data (dezembro de 1885) se publicam em Villa Real, cinco.

N'este districto, dez.

—

São os unicos jornaes d'esta provincia; porque em todo o districto de Bragança, contando duas cidades, não se publica actualmente um só!...

É de todos os districtos do nosso paiz o que mais horror tem á imprensa—e isso contribue em grande parte para o abandono e olvido em que jaz e para o vergonhoso contraste que offerece comparado com este de Villa Real.

Tambem n'aquelle malfadado districto ha um unico *Banco*, em quanto que este de Villa Real, tem tres:—um na Regoa,—outro em Chaves—e outro na séde do districto, denominado *Banco Commercial agricola e industrial*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Foi fundado em 4 de maio de 1874 com o fundo de 800 contos em 16:000 acções de 50$000 réis cada uma.

O seu dividendo no ultimo anno foi de 4 p. c.—e são seus directores na actualidade os srs. Francisco Ferreira da Costa Agarez e Manuel d'Azevedo.

Funcciona em uma casa de renda na rua Central, antiga rua do Poço,—casa pertencente á familia *Teixeira Queiroz* dos Arcos de Val de Vez.

—

O theatro actual d'esta villa demora na rua *do Tribunal*, ao fundo do Campo do Tabolado.

Ainda está por concluir a sumptuosa egreja de Nossa Senhora do Carmo, no campo do *Pioledo*.

Tem esta villa ainda hoje 30 edificios bra-

---

[1] É s. ex.ª um dos mais benemeritos filhos de Lamego, bacharel formado em direito e actualmente director da alfandega do Porto, tendo sido presidente da camara de Lamego, procurador á junta geral do districto, director do Banco do Douro com séde em Lamego, deputado ás côrtes e governador civil de Vizeu e do Porto.

Nasceu na freguezia d'Almacave em 16 de dezembro de 1843 e casou em 22 de fevereiro de 1868.

sonados, sendo 26 particulares e 4 publicos. Emquanto a nobresa e riquesa (antes da invasão phylloxerica) supplantava todas as villas e a maior parte das cidades do nosso paiz.

E que saudavel clima! Ainda em julho de 1875 aqui falleceu Benta de Queiroz, contando mais de 100 annos de idade.

Os 7 melhores edificios particulares d'esta villa hoje são:

1.º—A *Casa do Arco*, pela sua antiguidade e tradições.

2.º—O palacio do general Silveira, onde funccionam o Lyceu, a direcção das obras publicas e outras repartições.

Este edificio foi, como já dissemos, comprado pelo governo e é por consequencia publico hoje.

3.º—A antiga casa dos *Villaças*, na *Carreira*, hoje do medico José Ayres Lopes.

4.º—O palacete da familia *Ferreirinha*, da Regoa, mandado fazer pelo ultimo representante d'esta opulenta casa, o par do reino Francisco José da Silva Torres, no adro e ao norte da egreja matriz de S. Pedro.

5.º—O de Antonio José Claro da Fonseca, na rua da Fonte Nova.

6.º—A casa que foi da familia *Botelho*, hoje do dr. Augusto Guilherme de Sousa, advogado e professor no Lyceu.

7.º—A casa de S. Jacintho, que foi de Gonçalo Christovam, na rua das Flores,—hoje *Asylo Chaves*, do Amparo de Nossa Senhora das Dôres, fundado com 80 contos de réis em inscripções pela benemerita villarealense D. Margarida Augusta Chaves, como já dissemos.

Na sala nobre do mencionado Asylo se vê o retrato da fundadora, vistoso trabalho a oleo sobre tela, devido ao pincel de João Augusto Ribeiro, laureado alumno da Academia portuense de Bellas Artes.

—

Occorrem-nos ainda alguns villarealenses illustres, já fallecidos:

1.º—*D. Francisco d'Araujo Portugal Correia de Lacerda*, irmão do já mencionado D. José Maria de Almeida e Araujo Correia de Lacerda.

Nasceu em 31 d'outubro de 1800 na freguezia de S. Pedro d'esta villa e falleceu na de Cedofeita, no Porto, em principios de junho ou fins de maio de 1877.

Foi conego regrante de Santo Agostinho, lente do collegio *De Sapientia*, em Coimbra, dom prior de Cedofeita no Porto, onde tomou posse no dia 27 de dezembro de 1825, e foi tambem vigario capitular e governador do bispado de Pinhel, hoje extincto.

2.º—*Luiz Candido Teixeira de Moura*, primeiro visconde da Azinheira, irmão da grande bemfeitora da misericordia d'esta villa, D. Maria Emilia Teixeira de Moura, ja mencionada.

Nasceu n'esta villa em 22 de fevereiro de 1825 e falleceu em Aveiro no dia 2 de novembro de 1883.

Era bacharel formado em direito, filho de Antonio Alves de Moura e de D. Anna Emilia Teixeira,—foi secretario geral nos districtos de Vizeu, Faro, Aveiro e Beja,—mas abandonou a carreira administrativa em 1857 porque em 9 de setembro do dicto anno falleceu no Rio de Janeiro seu tio materno e grande capitalista João Teixeira Guimarães, instituindo-o seu universal herdeiro.

A fortuna de João Teixeira Guimarães orçava por mil contos de réis fortes, mas deixou a varios estabelecimentos de beneficencia legados importantes, avultando entre elles um de 500 contos de réis (?...) á misericordia do Porto.

Depois que abandonou a carreira administrativa foi viver em Aveiro na companhia do dr. Joaquim Thimotheo de Sousa da Silveira, seu parente por affinidade.

Era muito caritativo e foi um grande bemfeitor do *Asylo de José Estevam*.

O nosso governo o agraciou com o titulo de visconde da Azinheira por decreto de 30 de dezembro de 1870 e carta regia de 10 de fevereiro de 1871.

Era tambem commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e da de Carlos III de Hespanha.

3.º—*Martinho de Magalhães Peixoto Portugal*, general do exercito.

4.º—*Francisco Peixoto de Magalhães Portugal*, brigadeiro, irmão do antecedente.

Morreu atacando a serra do Pilar, no

tempo do cerco do Porto, tendo feito com o irmão a guerra da peninsula.

5.º—*João Pinto de Magalhães Peixoto Portugal*, irmão dos antecedentes e official do exercito tambem.

6.º—*Antonio Pinto Peixoto de Magalhães Portugal*, irmão dos antecedentes, foi tambem official do nosso exercito na guerra da peninsula e morreu na batalha de Victoria.

7.º—O rev. *Gonçalo de Magalhães Peixoto*, irmão dos antecedentes, foi reitor de Tellões, no concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Eram da nobre casa brazonada dos *Pintos Peixotos Portugaes*, da rua das Flores d'esta villa.

—

Ha hoje n'esta villa 3 hoteis:—*Tocaio*, *Central* e *Ferro Velho*; 3 hospedarias: do *Agostinho*, do *Campos* e do *Celleiro*;—1 campo: o do *Tabolado*;—1 praça: a de *Luiz de Camões*, no alto do dicto campo;—1 avenida: a da *Carreira*;—1 jardim publico, a montante da dicta avenida;—5 largos: o do *Chafariz* e o do *Conde d'Amarante*, no Campo do Tabolado, o do *Pioledo*, o do *Hospital*, o do *Pelourinho* e o do *Cabo de Villa* na convergencia das ruas de *S. Pedro*, do *Caminho de Baixo*, do *Jogo da Bola*, hoje rua da *Alegria* e *Direita*.

As ruas principaes são:—a Central, Direita, de S. João, do Arco, das Flores, do Carmo, da Alegria, de S. Pedro, da Ferraria, da Boa Vista, de S. Paulo e da Fonte Nova.

—

Teve outr'ora esta villa voto em côrtes e assento no V banco.

Na camara municipal d'esta villa foi registrada em 1882 uma mina d'ouro, descoberta em uma das propriedades que o sr. conde de Villa Real possue na freguezia de Matheus; mas n'este districto o concelho mais abundante em minerio é o de Villa Pouca d'Aguiar, como dissemos no artigo proprio.

Veja-se este vol. 10.º pag. 903, col. 2.ª

O regimento de infanteria n.º 13, estacionado n'esta villa, está no momento quasi todo na fronteira, bem como grande parte da tropa d'esta provincia e de todo o nosso paiz.

Tendo o cholera assolado cruelmente a Hespanha nos dois ultimos annos (1884 e 1885) o nosso governo (honra lhe seja!...) estabeleceu em toda a raia maritima e terrestre um cordão sanitario muito bem montado e lazaretos provisorios, em Valença do Minho, Elvas, Marvão e Villa Real de Santo Antonio, além do magnifico lazareto permanente em Lisboa.

Em novembro d'este anno (1885) estavam no cordão sanitario, só n'esta provincia e na do Minho, 4:474 homens e 117 cavallos—e em toda a raia cerca de 10:000 homens, 300 cavallos e 5 vapores costeiros. Isto desde fevereiro de 1884, o que representa um grande sacrificio para o nosso exercito e grande dispendio para o thesouro; mas em compensação o rendimento aduaneiro augmentou nos dois annos cerca de 1:000 contos de réis. E, tendo o cholera feito milhares de victimas na Hespanha, na França e na Italia, e achando-se ha muito na Andaluzia e em Salamanca, a dois passos do nosso paiz, até hoje (mercê de Deus!) ainda não transpoz o cordão sanitario nem fez uma victima unica em Portugal.

—

Cabe a esta villa a honra de ter sido organisado n'ella e em grande parte com filhos seus, no anno de 1808, o batalhão de caçadores n.º 3, hoje aquartelado em Bragança, e que se cobriu de gloria na guerra da peninsula e nas revoluções civis posteriores.

Como estamos anciosos por fechar este artigo, no supplemento daremos a longos traços a historia d'aquelle batalhão, quando chegarmos a Bragança.

No ultimo anno economico pagou este concelho de

Contribuição predial.....	20:593$185
» industrial.....	9:306$275
» decima de juros.	3:449$092
Sumptuaria e renda de casas.	1:534$602
Total....	34:883$154

Tambem no ultimo anno a estação telegrapho-postal d'esta villa emittiu os vales seguintes:

—*Telegraphicos* 130, no valor de réis 2:896$870.

—*Nominaes* 8:015, no valor de réis 102:869$080.

—*Ao portador* 38, no valor de 320$710 réis.

—*De serviço* 81, no valor de 798$415 réis.

Total—8:264 vales, na importancia de réis 106:885$075.

Os 3 maiores proprietarios d'esta villa em 1884 eram—Antonio Maria de Sousa Rebello, José Xavier Teixeira de Barros e Francisco Ferreira da Costa Agarez.

Os 3 maiores proprietarios d'este concelho hoje (dezembro de 1885) são os ex.mos srs. conde de Villa Real, a viuva de José Paulo Teixeira de Figueiredo e o seu filho dr. Bento Teixeira de Figueiredo Amaral,—todos da freguezia de Matheus.

Os 3 maiores proprietarios d'este districto hoje são:—a ex.ma sr.a D. Antonia Adelaide Ferreira, da Regoa, o sr. conde de Villa Real e a viuva de José Paulo Teixeira de Figueiredo.

Fica assim rectificado o que dissemos algures.

—

O orçamento da camara d'esta villa no ultimo anno (1884) montou a 79:549$004 réis,—comprehendendo o emprestimo para as obras do quartel e do mercado.

No mesmo anno o movimento parochial d'esta villa foi o seguinte:

Parochia de S. Pedro

Baptisados	138
Casamentos	35
Obitos	93

Parochia de S. Diniz

Baptisados	258
D'estes eram expostos [1]	191
Casamentos	9
Obitos	45

[1] Todos os expostos d'este districto são baptisados n'esta parochia, por estar na circumscripção d'ella o unico *hospicio d'expostos* que ha no districto.

Total:

Baptisados	396
Casamentos	44
Obitos	138

O movimento parochial d'esta villa seria com certesa maior, se o regimento n'ella aquartellado não estivesse, como esteve, quasi todo auzente durante o dicto anno, em serviço no cordão sanitario.

—

Tem finalmente esta villa um chafariz monumental, como poucos da provincia, no Campo do Tabolado,—e 13 fontes:—a da *Carreira*, a meio da formosa avenida d'este nome, do lado poente e encostada ao grande muro de supporte do *Jardim publico*,—fonte monumental tambem, com um espaçoso tanque, duas bicas e fabrica magestosa, encimada pela imagem de Nossa Senhora da Conceição dentro de um camarim resguardado por uma varanda de ferro.

Já fizemos menção d'aquelle chafariz e d'esta fonte.

A do *Jardim publico*, tambem já mencionada, com tanque e outras duas bicas;—a do *Campo*, junto á antiga roda dos expostos;—a *Fonte Nova*, na rua d'este nome;—a do *Cano velho*, junto da villa velha;—a *Fonte do Chão*, ao rez do chão, na rua do mesmo nome;—a do *Calvo* (suppomos ser a mesma *Fonte Chão*)—a *Fontainha de D. Pedro*, no sitio dos Agueirinhos, mandada fazer pelo 1.º marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes;—a do *Cabo da Villa*, para a qual se desce por muitos degraus;—a dos *Vases*, na rua d'este nome;—a do *Rodisio*, na margem direita do Corgo;—a da *Tenaria*, na margem esquerda do mesmo rio,—e outra no muro da cerca dos frades de S. Domingos,—alem do grande tanque circular e com repucho no centro, a meio do Jardim publico,—e da fonte, casa d'agua e espaçoso tanque, no atrio do extincto convento de S. Francisco, hoje quartel militar,—não contando as muitas nascentes dos quintaes e hortas da villa.

Todas as mencionadas fontes são publicas e de excellente agua potavel, o que muito contribue para a salubridade excepcional d'esta villa.

Tem mais agua potavel do que as villas da Regoa, Mirandella e Foscôa reunidas.

E sendo tão abundante d'agua e cercada por dois rios, dos quaes alguem pretende dar-lhe a etimologia de *rial*, não tem pantanos nem sabe o que sejam sesões ou febres intermittentes, que tanto abundam em Chaves, Mirandella e n'outras muitas povoações d'esta provincia.

O seu chão é enxuto, porque os dois rios que a cercam correm fundos, como vallas de esgoto, e em carreira vertiginosa; além d'isso é toda assente em granito, cercada de arvoredo e está na mais feliz exposição em sitio alto, alegre e vistoso, com as costas para o norte, olhando para o nascente, sul e poente e por consequencia mimosa, d'ar purissimo e sol esplendido, tanto de verão como de inverno.

—

De tudo o que n'este informe e pesado artigo deixamos tão rudemente exposto se vê que esta villa pelo seu não vulgar conjuncto de dotes é uma villa sympathica e bem merecedora dos formosos versos que lhe dedicou a ex.ma sr.a D. Candida Maxima de Figueiredo, illustrada poetisa de Guiães, freguezia d'este concelho de Villa Real, auctora d'outras muitas mimosas composições que podem lêr-se no *Diario Illustrado*, no *Almanach de Lembranças luso-brasileiro* e em outros almanachs e jornaes politicos e litterarios do nosso paiz.

Permitta-nos s. ex.a que encerremos com chave d'ouro este artigo, transcrevendo do *Diario Illustrado* de 16 de julho de 1875 os seus formosos versos:

UM SALVE A VILLA REAL

Formosa capital de Traz-os-Montes,
Recostada em agrestes alcantis,
Com bellos pittorescos horisontes,
Entre campinas ferteis e gentis;
De grato clima, com saudaveis fontes,
Puros ares, creadores e subtis;
Na abundancia de teus vergeis floridos,
Gosas todos os dons apetecidos.

Nas aguas transparentes de teu rio
Modera o sol o seu calor intenso;
Abranda seu rigor o inverno frio
Na amenidade de teu leito extenso;
Tens fertil primavera e rico estio,
Que te dão novo lustre e brilho immenso;
Os festivos rosaes bordam teu manto,
E das aves te inunda aéreo canto.

Quem por manhã formosa te divisa,
Banhando o pé nas aguas caprichosa,
Cuidará se ergue ao sol, sorrindo á briza,
Em vaso de crystal candida rosa;
E quem da tua ponte o lastro pisa,
Mira-te na corrente caudalosa,
Ou vê-te de granito erguer c'roada
Qual rainha, em seu throno, excelsa fada.

Villa Real!—de reis filha dilecta,
Dotada e protegida com desvelo;
Diniz—*o pae da patria*—rei poeta,
Rainha e santa! Vêde, ha par mais bello?
Pois estes que tocando á gloria a meta,
E ao povo amando, são de reis modelo,
Como a estimada filha te quizeram,
E de Villa *Real* nome te deram.

E lá conservas inda o templo antigo
Erguido a São Diniz, para memoria
Do pio egregio rei, a quem bem digo,
Como de Portugal bemdiz a historia;
A' esposa santa vae pedindo abrigo
Para teus fóros, liberdade e gloria.
—Ella te valha nas angustias tuas,
Qual n'outras eras com as joias suas

Quando para crear-te monumentos,
Como quem já não tinha mais que dar,
Se despoja dos proprios ornamentos;
—Nem d'elles carecia p'ra brilhar;
E esta, pelos regios aposentos,
Ia os já gastos cofres respigar,
Com o peito repleto de piedade,
Em soccorro da misera orphandade,

E de enlevada que trazia a mente
Nada mais attendia nem olhava;
Nem via que, severo e descontente,
Ha muito o regio esposo a contemplava;

Mas Deus que tudo vê, tudo presente,
No regaço ouro em flores lhe tornava,
Quando elle se approxima e reconhece,
Que o ceu da esposa a graça lhe esclarece.

Que tanto pode Deus dar luz ao cego,
No deserto fazer brotar a fonte,
Dos mares enxugar o fundo pégo,
A Moysés dar a lei, sobre o alto monte,
Pôr as ondas fugaces em socego,
Fazer parar o sol no horisonte,
Como as flores tornar em pedras finas,
O ouro em lyrios, rosas e boninas.

.....
.....

Se da velha Panoia, rude, altiva,
Te erigiu villa, quando quiz, quem ha de
Erguer-te é Deus!—mas busca sempre activa
Na instrucção e trabalho a dignidade.
E hei fé, que á razão se não esquiva,
Venha a fazer de ti grande cidade,
Que nada é impossivel, nem finito
A quem sustem os orbes do infinito.

.....
.....

Saudo-te d'aqui, ó patria amena,
De antepassados meus, ridente e linda!
Só quem te não conhece te condemna,
Quem te conhece é teu e o amor não finda.
Eu faço um voto á gloria tua plena
E d'ella espero ver-te em posse, ainda.
Em te elevar teus filhos põem desvelo;
No teu futuro crê: — é alto, é bello!...

Guiães—1875.

D. C. Maxima de Figueiredo.

VILLA DE REI,—aldeia antiquissima no aro de Lamego, freguezia da Sé, entre o extincto convento *loio* de Santa Cruz, hoje quartel militar, e a freguezia de Villa Nova de Souto d'El Rei, ou Arneiroz.

Esta aldeia conta hoje apenas 3 fogos, constituidos por simples caseiros de quintas; já foi porém mais importante e povoada desde tempos remotissimos, o que não admira, por ser o seu chão quasi todo regadio e muito fertil—e por estar em contacto com Lamego, cidade anterior á occupação romana.

Data do seculo XII o primeiro documento que encontramos fazendo menção d'esta aldeia e dando-lhe o *mesmo nome* que hoje tem.

É o accordo entre D. Mendo, primeiro bispo de Lamego restaurado—e o convento das Salzedas, — accordo ou contracto feito em 1164, em virtude do qual D. Mendo cedeu de certa jurisdicção que tinha no couto d'aquelle mosteiro e recebeu em compensação o convento e couto de Bagauste, dados por el-rei D. Affonso Henriques, a instancias de D. Thereza, sua antiga ama, fundadora do convento das Salzedas e 2.ª mulher de Egas Moniz;—e a mesma sr.ª D. Theresa deu tambem ao bispo dois casaes que ella tinha em *Villa de Rei*, ambos habitados,—um por Verando, pae,—outro por Gonçalo Coelho.

—

De passagem diremos que do convento das Salzedas, extincto em 1834, apenas restam magestosas ruinas, além da sua veneranda egreja, matriz da parochia; mas do de Bagauste nada resta desde tempos muito remotos. Suppomos que esteve a pequena distancia (400 metros talvez) da margem esquerda do Douro, em frente do actual apeadeiro de Bagauste na linha ferrea do Douro e a cavalleiro da antiga barca de passagem, no chão, onde hoje se vê a bella casa e capella da quinta [1] da nobre familia *Vahias*, na freguezia ainda hoje denominada *Parada do Bispo*, subindo do Douro, á esquerda, pois nos alicerces da dicta capella se encontraram sepulturas antiquissimas.

---

[1] Comprehendeu esta quinta formosos vinhedos, hoje quasi todos destruidos pela maldicta phylloxera, parte dos quaes foram plantados no ultimo seculo em montes da extincta camara de Parada do Bispo. — O titulo da venda ou emprasamento d'aquelles montes foi assignado apenas pelo escrivão da camara, declarando que o não assignavam os illustres vereadores *por não saberem escrever!...*

V. *Bagauste* n'este diccionario e no supplemento,—*Abbade Magnate e Bacalar*, em Viterbo,—e a *Historia Ecclesiastica de Lamego*, pag. 33, col. 1.ª

—

Tambem se faz repetidas vezes menção d'esta aldeia de Villa de Rei no *tombo* ou *inquirição* feitos em 1346 por ordem de D. Affonso IV, relativamente aos fóros, direitos e reguengos que pertenciam á corôa, em Lamego e no seu termo.

É o mencionado tombo um volumoso folio de grosseiro pergaminho manuscripto, pertencente ao sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa e Mello da Veiga Cabral, de Villa Marim, concelho de Mezãofrio,—folio que comprehende mais de 150 folhas e pertenceu aos Peixotos Pinto Coelhos, seus ascendentes, senhores de Felgueiras, Vieira, Fermedo, etc., e que possuiram tambem muitas casas,[1] foros e quintas em Lamego e seus arrabaldes, hoje tudo por elles alienado e em estranhos, exceptuando um grande lote de bens, entre os quaes avultam a quinta de *Calvilhe*, no caminho de Lamego para Britiande,—e as da *Ponte Gallega* e dos *Cedros* na Regoa, por versar sobre esses bens um letigio ainda pendente, principiado ha quarenta annos (os autos já contam cerca de 9:000 folhas!) entre os avós do sr. D. Francisco Peixoto e do seu primo D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva de Sousa Padilha Seixas de Hancourt.

V. *Fernedo*, *Travanca*, vol. 9.º pag. 731, e *Villa Marim*, concelho de Mezãofrio.

—

O *grande folio*, é claramente original, difficil de ler e de entender e já sem capa. Tivemol-o em nosso poder e da leitura d'elle concluimos que muitas casas de Lamego e muitas terras dos seus arrabaldes foram *reguengos*, pertencentes desde o principio da nossa monarchia (talvez desde a expulsão dos mouros) aos nossos reis e por elles em differentes datas concedidos a differentes pessoas com foros de 4.º 5.º 6.º e outros em dinheiro e em generos.

Já em 1346, como se vê do citado folio, muitas d'aquellas propriedades por incuria dos almoxarifes e dolo dos caseiros se haviam tornado *livres e allodiaes*, mas na sua maior parte ainda eram reguengas e pagavam foros a el-rei; mais tarde porém esses foros e propriedades foram doados pela corôa aos ascendentes dos Peixotos Pinto Coelhos[1] com os titulos correspondentes, dos quaes fazia parte o *grande folio*.

Conta elle hoje precisamente 540 annos; —é interessantissimo para o estudo das velharias de Lamego e seus arrabaldes—e está exposto a sumir-se e desapparecer de um momento para o outro, como se sumiram e desappareceram *carros de livros semelhantes*, alguns de mais valor ainda, pertencentes ao volumoso cartorio d'aquella familia, que foi uma das mais antigas e mais ricas de Portugal. Entre outros muitos privilegios, teve um desembargador, um escrivão e um cartorio *privativos!...*

---

[1] D'essas casas só as que nós conhecemos não se faziam hoje com cem contos de réis. Uma era a casa denominada do *Assento*, formoso palacete com riquissimos tectos de castanho, junto do Recolhimento;—outra era a casa, onde hoje funcciona a *Assembléa lamecense*, na rua da Olaria,—e outra a casa onde se fez o theatro da cidade, que é um dos melhores da provincia.

Todas estas tres grandes casas eram contiguas; mas a maior e mais sumptuosa era a da *Relação*, assim denominada porque n'ella funccionou o tribunal da Relação do Porto desde 1832 até 1833, ou durante o cerco do Porto, por occasião da guerra civil entre o sr. D. Pedro IV e seu irmão o sr. D. Miguel I. Foi tambem o dicto palacio um dos maiores depositos de presos politicos liberaes (estiveram ali cerca de 500!) durante aquelle periodo calamitoso. Ali estiveram depois a cadeia civil e o tribunal judicial e, approximadamente em 1870, foi aquelle palacete comprado e restaurado pelo sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena, dignissimo representante da nobre familia *Albergarias* de Lamego, que n'elle vive.

Está a jusante da egreja d'Almacave.

[1] Talvez aos famosos cavalleiros lamecenses Manuel Pinto da Fonseca, maltez e balio d'Acre, ou ao seu sobrinho tambem Manuel Pinto da Fonseca, grão-mestre da ordem de Malta, os quaes figuram na genealogia dos Peixotos Pinto Coelhos e foram senhores dos palacetes supra indicados.

O *grande folio* de 1346 menciona uma vinha em Villa de Rei, que ao tempo trazia Pedro Fernandes, meio conego da Sé de Lamego, da qual pagava certo fóro á corôa;—mais uma *fogueira* (fogo, casa habitada) pertencente ao padre Bernardo Lourenço, da qual tambem pagava fôro a el-rei;—mais outra *fogueira* de Elvira Moniz;—mais *em arneiroz e no chão e em billa de rei a fogueira de Joham de coira.*

Note-se que já n'aquelle tempo (1346) o *grande folio* menciona *muitas vinhas* em todas as freguezias que hoje constituem o concelho de Lamego, não só nas da margem do Douro, Valdigem, Cambres, Samodães e Penajoia, mas tambem nas da parte alta,—nas duas da cidade e nas de Sande, Arneiroz, Penude, Magueja, Cepões, Ferreirim, Figueira, Varzea d'Abrunhaes, Britiande e *Belães*, hoje extincta e annexada a Britiande.

Até hoje o documento mais antigo que provava a cultura de vinhedos no Douro era a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, escripta em 1532 pelo conego tercenario Ruy Fernandes e publicada nos *Ineditos de Historia Portugueza;* mas o *grande folio*, não menos authentico, embora desconhecido até hoje, adianta mais 186 annos,—cerca de dois seculos!...

Chamamos para este topico a attenção de todos os que se dedicam ao estudo da enologia do Douro.

—

Este artigo, apparentemente insignificante, vae já muito longo e os editores não cessam de instar pela conclusão d'este diccionario, recommendando-nos que aligeiremos o mais possivel; mas, como no momento as maiores illustrações de Portugal e do muudo se empregam (honra lhes seja!...) no estudo da enologia para verem se reconstituem os vinhedos anniquilados pela phylloxera e por outros muitos inimigos das videiras,—e como não sabemos se Deus nos conservará a existencia até á conclusão d'este diccionario, daremos mais algum desenvolvimento a este topico, transcrevendo o extracto que fizemos do *grande folio* e que destinavamos para o supplemento ao artigo *Samodães.*[1]

Prova elle que a cultura da vinha n'este concelho de Lamego era muito anterior a 1346, pois o mencionado folio claramente diz que alguns terrenos, que n'aquella data estavam povoados de soutos e dando castanhas, *já tinham sido vinhas!*

Isto nos leva a crer que os soutos de castanheiros n'aquelle tempo, ou em tempos anteriores, eram mais rendosos do que as vinhas,—e é esse talvez o motivo porque na Beira e em Traz-os-Montes, nomeadamente no concelho de Lamego, tanto abundaram os soutos de castanheiros.

Vamos ao extracto (fl. 87, v.):

Samodães

«Nõ prestimo de çamudãães ha elrey bynte e sete casaaes, e dam o quarto do pã e de bynho e de linho, e dam primeiro dia de mayo de foro a elrey senhos bragaaes de cada casal, e o bragal deve de ser de oyto varas; e pelo dia de sam migel devem ende dar a elrey de foro de cada hun casal dois capoees e dez ovos, salvo dous casaaes, hun que ha nome *o casal*, e outro angorez, que nõ costumam ende a dar os capoees e os ovos; e devem a dar todos em senbra os sobreditos casaaes por cada hun ano dois rs., por santandré de serviço, e por dia de natall devem a dar cada anõ a elrey de cada casall senhos quarazys, e serem por medida, assy como he usado.

«E devem a dar de cada casall senhas teeygas de trigo pela jaguda, e senhos quartos de 6.º (vinho), e todo ome que ouver

---

[1] Tambem fizemos e conservamos extractos para o supplemento aos artigos Lamego, Valdigem, Figueira, Sande, Penude, Varzea d'Abrunhaes, Magueja, Cepões, Arneiroz, Bellães, Britiande, etc.

É muito interessante o extracto relativo á Valdigem.

byã (vinha) deve a dar a elrey de cada casal quatro rs. por almeytega, e tres quartos de byo (vinho) por eiradega de cada cassall; e de todos esses casaaes em que ouver linho devem a dar a elrey quatro rs. d'almeitega e senhas teigas de pam pella jaguda, e hun molho de linho destiva, e a estiva deve a seer desta manã, fazer dois molhos comunaaes, e deve o sñor a escolher o melhor, e o que lavra a terra o outro.

«E de cada huu casall que lavre pam deve ende a dar a elrey em cada ano tres teigas de pam pella jaguda deiradega; e devem a dar a elrey de cada casall de castanhas rebodaas o quarto, e por eiradega e por almeitega devem a dar a elrey de cada casall cada ano seis teigas de castanhas secas pella jaguda hu as ouver, por eiradega e por almeitega.

«Item o casall ôangores [1] deve a dar a elrey em cada huu ano huu moyo de pam quartado, sexto de byo (vinho) e de linho e quarto de castanhas revordaas, e pello natall huu corazil e hua teiga de trigo pella jaguda, e por almeitega de byo (vinho) quatro rs.—e deve a dar por almeitega e por eiradega seis teigas de castanhas secas pella jaguda.

«E os de çumadaaes (Samodães) devem a dar em cada huu ano huu moodomo e huu corazil... e se não quizer... o sñor da terra filhara (tomará) todo o fruyto desses casaaes.

«E os dois casaaes de çamudãaes dão quarto de cereijas e de figos e dolivas e dalhos e de cebolas *e das castanhas que hi estam hu estavã byas* (vinhas) *e lavram pam que davam quarto, e fezerom hi souto* »

—

Do exposto se vê que já em 1346 havia em Samodães soutos *que tinham sido vinhas.*

Nós conhecemos a localidade, pois nascemos (em 14 de novembro de 1832) na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia, limitrophe da de Samodães,—*fomos baptisados n'esta*—e, tendo pisado os montes de uma e outra, já vimos em soutos e mattos de castanheiros (alguns nossos) junto de Angorez e em frente da estação do Molledo, socalcos ou *geios* que levam a crer o que diz o tal folio.

Mas passemos adiante.

—

No seculo XVI possuia n'esta aldeia de *Villa de Rei* uma boa quinta e morgado o dr. Lourenço Mourão Homem, cuja biographia e genealogia publicamos no artigo *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 55, col. 1.ª

Herdou elle a quinta e morgado de Villa de Rei de seus paes Martim Mourão e D. Brites Nunes Homem d'Albuquerque, senhora da mencionada quinta, na qual o dr. Lourenço Mourão Homem fez o convento de Santa Cruz que doou com a mencionada quinta aos frades loios, pelos annos de 1595.

V. Lamego n'este diccionario e no supplemento—e o *Ceo aberto na Terra* (Chronica dos loios) pag. 408 e seg.

Hoje o dicto convento é o quartel de infanteria n.º 9—e a quinta, formosa propriedade, que foi cerca dos loios, extinctos estes, passou para a corôa,—depois foi vendida em hasta publica—e é hoje do sr. conde de Alpendurada.

Estende-se desde o convento até o rio Balsemão;—tem luxuosos vinhedos, cultivados a capricho, como todos os do nobre conde, [1]—e é hoje atravessada pela nova estrada a macadam da Regoa e Lamego para Trancoso.

Suppomos que n'esta sua quinta de Villa de Rei nasceu o dr. Lourenço Mourão Ho-

---

[1] Diremos por caridade que Angorêz era e é, ainda com o mesmo nome, uma aldeia da freguezia de Samodães.

Para maior authenticidade copiámos fielmente a algaravia do tal folio; mas só com o auxilio do *Elucidario* de Viterbo poderá o leitor entendel-o.

Imagine-se esta algaravia em caracteres exoticos, todos muito esvaidos e alguns completamente apagados com o perpassar de 540 annos, e formar-se-ha idéa do trabalho que tivemos para o decifrar.

[1] Ninguem hoje no Douro grangeia melhor do que s. ex.ª Os seus vinhedos distinguem-se de todos os outros e, não sendo os mais extensos, n'elles tem colhido 400 pipas de 556 litros cada uma, por anno,—apesar da grande crise que actualmente assola o Douro.

mem, que foi um dos lamecenses mais notaveis do seu tempo. Nada, absolutamente nada hoje resta das casas nobres da dicta quinta, o que nos leva a crer que estariam no chão, onde se fez o convento e que é um dos sitios mais alegres e vistosos de Lamego.

Tambem nos principios d'este seculo possuiu n'esta aldeia outra quinta Bento José da Costa, negociante da freguezia de Almacave, em Lamego, e que teve um filho—Joaquim Antonio de Magalhães—que foi ministro de estado [1].

A dicta quinta prende com a que foi dos loios e é hoje tambem do sr. conde d'Alpendurada.

VILLA DE REI, aldeia da freguezia de Bucellas. *Vide*.

Segundo se lê no *Santuario Marianno* (tomo 2.º pag. 394) muitas noites seguidas os habitantes d'esta aldeia viram luzes a certa distancia, em um local deserto;—tentados pela estranha visão foram ao sitio e encontraram no tronco de um carvalho, em uma especie de nicho, uma imagem de Nossa Senhora. Levaram-na com grande veneração para a sua matriz, que ao tempo era uma pobre capella com a invocação do *Espirito Santo* [1]. Na seguinte noite, vendo outra vez luzes no mesmo sitio, dirigiram-se á matriz e notaram a falta da imagem. Estava outra vez no tronco do carvalho. Tres vezes a levaram para a capella do Espirito Santo e tres vezes tornou a apparecer no carvalho, pelo que ali lhe levantaram um sumptuoso templo, hoje a matriz de Bucellas, com a invocação de *N. Senhora do Carvalho*, em memoria da estranha occorrencia; mas o seu titulo proprio é *Nossa Senhora da Purificação*.

Tambem diz o *Sant. Marianno*, que se ignorava a materia de que a imagem foi feita e que, tentando certo clerigo sahir da incertesa, raspando com um canivete o habito da dicta imagem, d'ella brotou sangue e o padre ficou com o braço tolhido!!...

Temos ainda em Portugal outra povoação denominada *Villa de Rei*, na freguezia de Castellões, concelho de Tondella,—e *Villa de Rei de Baixo* e *Villa de Rei de Cima*, casaes da freguezia de Val de Cavallos, concelho da Chamusca; mas não nos consta que offereçam coisa alguma de notavel.

VILLA DE REI,—freguezia, villa e séde do concelho do seu nome, comarca da Certã, districto de Castello Branco, provincia da Beira Baixa, bispado de Portalegre. Vigairaria.

Orago Nossa Senhora da Conceição;—fogos actualmente (segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho)—1:054, habitantes 4:280.

Em 1712, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, esta villa era da comarca de Thomar, tinha 460 fogos, casa de misericordia, hospital e tres capellas, era vigairaria do padroado real e commenda da ordem de Christo, e rendia 350$000 réis para o seu vigario, que apresentava os parochos (curas) nas duas freguezias do termo d'esta villa e que hoje constituem o seu concelho:—Santa Margarida, no logar da Fundada,—e S. João Baptista no logar do Peso.

Tinha tambem esta villa n'aquelle tempo:—2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 pro-

---

[1] Nasceu em Lamego no dia 27 de novembro de 1795 e falleceu em Lisboa a 5 de maio de 1848;—tomou capello na faculdade de leis no dia 18 de junho de 1820;—foi ministro das justiças no Porto de 3 de dezembro de 1832 a 21 d'abril de 1833,—e depois em Lisboa ministro do reino de 7 a 9 de fevereiro de 1842, no ministerio chamado do *entrudo*,—e ministro interino das justiças no mesmo ministerio, de 7 a 8 do mesmo mez de fevereiro, sendo substituido na pasta das justiças por Joaquim Filippe de Soure, que foi ministro *sómente um dia!*...

No supplemento ao artigo *Lamego* daremos ao dr. Joaquim Antonio de Magalhães o logar que merece entre os *lamecenses illustres já fallecidos*.

[1] O padre Carvalho e com elle o meu antecessor e o sr. João Maria Baptista disseram que a primeira matriz de Bucellas foi uma ermida de *S. Roque*, para a qual os habitantes de Villa de Rei levaram a imagem apparecida. Talvez fosse lapso do padre Carvalho, pois escrevia em 1712 e parece que tirou esta noticia do *Santuario Marianno*, publicado em 1707.

curador do concelho, 1 escrivão da camara e orphãos, 2 tabelliães, 1 juiz dos orphãos, 1 companhia de ordenanças e 1 capitão-mór, ao tempo Duarte Sodré Pereira.

O *Portug. S. e Profano* em 1768 deu-lhe 520 fogos e 460$000 réis de rendimento. Diz tambem que esta villa era n'aquelle tempo vigairaria da apresentação da casa do infantado.

José Avelino d'Almeida deu-lhe 858 fogos em 1866—e pelo censo de 1878 contava 943 fogos e 4:089 almas.

Nos ultimos 174 annos augmentou a população d'esta villa em 594 fogos,—ou em mais do que o dobro da que tinha em 1712.

—

Esta villa pertenceu ecclesiasticamente á diocese da Guarda,—depois á de Castello Branco—e desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, que supprimiu (alem d'outros) os bispados d'Elvas e Castello Branco, passou para o de Portalegre que ficou subsistindo e foi muito ampliado.

Judicialmente pertenceu, como já dissemos, á comarca de Thomar,—depois á de Abrantes—e hoje á da Certã.

Tambem teve diversos senhorios.

Primeiramente foi da corôa até 1306, data em que D. Diniz e a rainha Santa Isabel a doaram, bem como a villa de Ferreira do Zezere, aos cavalheiros da ordem do Templo, cedendo estes para a corôa a *Leziria dos Freires*, junto de Santarem, a portagem de Coimbra e o padroado da egreja de S. Thiago de Trancoso, declarando que se dava o temporal pelo temporal e o espiritual pelo espiritual.

Extincta a ordem do Templo e passando todos os bens e rendas d'ella para patrimonio da ordem de Christo, sua successora, para ella passou tambem esta villa. Depois reverteu o padroado d'ella para a corôa—e da corôa passou para a casa do infantado, conservando porém aqui a ordem de Christo uma commenda.

Tambem foi da apresentação do conde dos Arcos.

—

É povoação muito antiga.

O seu primeiro foral foi-lhe dado por D. Diniz em Lisboa, no dia 19 de setembro (segundo se lê em Franklim, mas o padre Carvalho diz em 29 de dezembro) de 1285.

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 147, col. 2.ª

D. Manuel lhe deu foral *novo* em 1 d'outubro de 1513.

Livro dos Foraes Novos da Extremadura, fl. 214, v. col. 2.ª

No foral de D. Diniz se lê, entre outras coisas, o seguinte: *de navio*[1] *ainda mando que o alcaide (arraes), e doos espadeleiros, e doos proeiros, e huum petintal hajam fôro de Cavalleiros.*

E, fallando dos foros que deviam pagar-se á corôa, diz: *seja o quarteiro de XIV alqueires, e seja medido sem braço curvado, e tavoa solum posta.*

Note-se que em muitas terras do nosso paiz n'aquelle tempo o alqueire se aplanava (?) com o cotovello do braço, dando occasião a fraudes escandalosas, pelo que em alguns foraes se prohibiu semelhante costume e se ordenou o emprego d'uma taboa lisa, hoje *razão* ou *razoura*.

A medida por aquelle antigo processo denominava-se *alqueire de braço curvado*.

—

As suas freguezias limitrophes são:—Fundada e Peso (ambas d'este concelho)—Cardigos e Amendoa, do concelho de Mação,—Aboboreira e Souto, do concelho d'Abrantes,—Alcaravella, do concelho do Sardoal,—Palhaes, do concelho da Certã,—e Ferreira do Zezere, séde do concelho d'este nome.

Os seus templos são a egreja matriz e a da Misericordia, ambas em bom estado de conservação,—e as 6 capellas seguintes:—Santo Antonio, Senhora do Pranto, S. Marcos, Senhora da Graça, Menino Jesus e S. Martinho.—Todas são publicas, estão bem tratadas e festejam annualmente os seus respectivos oragos; mas as festas principaes que hoje aqui se celebram são na matriz a de Nossa Senhora do Pranto e a do Martyr S.

---

[1] *Navio* era n'aquelle tempo designação commum das embarcações de toda a ordem, comprehendendo os barcos do Zezere, Tejo, Douro, etc.

Sebastião, imagem antiga, muito querida d'estes povos e já mencionada na *Chorographia Portugueza.*

Tem esta villa uma boa feira d'anno a 20 de julho e mercados semanaes todos os domingos.

Dos seus edificios os mais notaveis hoje são—a egreja da Misericordia e a casa brasonada que foi de João Soeiro da Cunha, hoje dos herdeiros de Vicente José da Matta.

Tem casa da camara e cadeia, antigas e acanhadas.

O pelourinho já desappareceu.

Nunca teve convento algum.

Tambem não sabemos se foi antigamente fortificada ou se teve, como suppomos, algum castello; conserva porem ainda algumas obras de defesa do tempo da guerra da peninsula.

—

A villa tem dois largos—do *Espirito Santo* e da *Devesa*—e uma praça onde se fazem os mercados semanaes.

A sua rua principal é a rua Direita, que atravessa a villa no seu maior comprimento.

—

Comprehende esta parochia, além da villa, 65 aldeias ou povoações, e são as seguintes:

Penedo, Val do Grou, Portella, Boa Farinha, Portella do Curral, Aldeia, Couço Cimeiro, Varzeas, Eira Velha, Selavisa, Ladeira, Valle da Urra Cimeiro, Valle da Urra Fundeiro, Casal Formoso, Cacheiro, Fundo da Lameira, Milriça, Lavadouro, Burreiros, Casal Cimeiro, Relva, Cidreiro, Aivado, Orgueira, Seada, Fernand'Ayres, Foz da Isna, Zaboeira, Alcamim, Val do Vellido, Estevaes, Azenha Cimeira, Azenha Fundeira, Villar, Trutas, Paredes, Hortas, Malhada, Valladinhas, Casal da Barca, Arrancueira, Macieira, Cunqueiro, Foz da Ribeira, Cercadas, Aveleira, Cabecinha, Brejo Fundeiro, Brejo Cimeiro, Pisão Cimeiro, Pisão Fundeiro, Casal Cordeiro, Milreu, Lousa, Villar Chão, Agua Formosa, Valle das Casas, Marmoural, Pereiro Cimeiro, Pereiro Fundeiro, Casal Novo, Almofalla, Ribeiros, Palhota e Valladas.

Comprehende tambem 3 quintas—*Chões, Bellas Aguas* e *Paredes*, que pertencem hoje aos herdeiros de Vicente José da Matta, d'esta villa.

—

Banham esta parochia differentes ribeiros e regatos que desaguam no Zezere e nas ribeiras seguintes:—Codes, Codegoso, Isna, Costelim, Ribeira das Varzeas, dicta da Azenha—e dicta da Aveleira.

Cada uma das mencionadas ribeiras tem sua ponte. Não movem fabricas, mas sómente 33 moinhos e azenhas nos limites d'esta parochia.

É pois muito abundante d'agua esta freguezia e limitada ao poente pelo Zezere, a S. pelo Codes e a N. pelo Isna, confluentes do Zezere.

As suas producções dominantes são—azeite, castanhas, lande, milho, trigo, centeio, vinho, batatas, madeira de pinho e cortiça.

Ha tambem n'esta freguezia tres industrias importantes:—o fabrico de cera,—de carvão de choça—e de telha, em cuja industria se emprega quasi toda a povoação de *Cerradas.*

A cera é optima e já foi premiada em algumas exposições.

Innocencio não mencionou um unico escriptor publico pertencente a este concelho; dizem, porem, os meus apontamentos que actualmente possue entre os seus filhos—4 insignes nas lettras, 12 nas virtudes, 1 nas armas e 1 na perversidade. Não menciono os seus nomes, porque o sr. administrador d'este concelho m'os não enviou.

O clima d'esta parochia é saudavel; não obstante isso, differentes vezes tem sido visitada por differentes epidemias,—e, como o seu chão é muito accidentado e declivoso, tem soffrido bastante com as tempestades.

Por vezes, de um momento para o outro, os ribeiros se transformam em torrentes caudalosas, que levam d'envolta campos, moinhos e tudo quanto encontram diante de si!

Ainda em 21 de maio de 1883 uma medonha trovoada causou n'esta freguezia prejuisos avaliados em contos de réis.

—

Ha nos limites d'esta parochia varias serras, entre as quaes avultam a da *Pena*, a da

Forcada, e a da *Milriça*, sendo esta a de maior altitude e mais notavel. No curuto d'ella se vê uma pyramide geodesica, feita em 1803, para os estudos da triangulação do nosso paiz. Tem approximadamente 8 metros d'altura e d'ali se descobre um largo horisonte. [1]

Ha tambem n'esta freguezia e n'este concelho bastantes minas de ferro e outros mineraes, mas simplesmente registradas.

Esta villa não tem theatros, assembléas, hospedarias, clubs, nem casas de recreio.

Tem 3 escolas d'ensino primario, sendo uma fundada com o subsidio do conde de Ferreira, e uma aula de musica instrumental e vocal.

Em differentes sitios d'esta parochia se teem encontrado moedas romanas de prata e cobre.

Este concelho comprehende:

Freguezias.....	3
Villa de Rei, Fundada e Peso [2].	
Fogos (pelo ultimo recenseamento).	1:356
Habitantes.....	5:818
Predios inscriptos na matriz	9:180
Superficie em hectares.....	33:726

Grande bulha

O meu benemerito antecessor no artigo *Ferreira d'Aves*, (vol. 3.º pag. 171, col. 2.ª) disse que a tal villa de Ferreira demora *na margem direita do Vouga, em frente de Villa de Rei, que é na margem esquerda, já no bispado de Coimbra;*—e na pag. seguinte (col. 1.ª *in-fine*) diz que a villa de *Ferreira d'Aves* e *Villa de Rei*, formavam um só concelho; mas que D. Manuel as dividiu em 1517, fazendo dois concelhos independentes.

O meu illustrado collega Luiz Augusto da Fonseca Almeida e Campos, abbade de Ferreira d'Aves, muito respeitosamente lhe observou que um tal asserto foi lapso, pois ali não encontrava memoria de povoação alguma denominada *Villa de Rei* e que de mais a mais fosse *villa* e *concelho!*

Retorquiu-lhe o meu antecessor dizendo que assim o lera no *Elucidario* de Viterbo, investigador consciencioso e muito auctorisado.

O meu collega não se deu por convencido. Fez-lhe ver que a margem esquerda do Vouga em frente de Ferreira d'Aves era do bispado de Vizeu, não de Coimbra,—e que, tendo estudado attentamente a questão e a localidade, não podia crer na existencia de semelhante *Villa de Rei* defronte de Ferreira d'Aves, posto que era o primeiro a curvar-se perante Viterbo.

—

Consultou o meu antecessor varios amigos e todos foram unanimes e contestes em negar a existencia de tal *Villa de Rei* defronte de Ferreira d'Aves.

O meu collega, condoido de Viterbo, chegou a descobrir que a freguezia de *Castendo*, fronteira a Ferreira d'Aves, em outros tempos se denominou *Villa Nova de Rei* e que poderia Viterbo denominal-a *Villa de Rei;* mas que isso mesmo era improvavel, porque já no tempo em que Viterbo escreveu ninguem lhe dava tal nome.

Tambem se lembrou de que em frente de Ferreira d'Aves demora a freguezia de *Rio de Moinhos*, a que o povo dá o nome de *Rei de Moinhos* e que poderia alguem denominal-a *Villa de Rei de Moinhos*, ou simplesmente *Villa de Rei*, mas não Viterbo, homem tão illustrado e tão conhecedor da localidade, concluindo por não saber como absolvel-o de semelhante heresia.

Deu-se isto em 1873 a 1874, mas em 1878 o meu antecessor no artigo *Rarapia*, (*Vide*) volveu á questão, repetindo que em frente de Ferreira d'Aves, na margem esquerda do Vouga, existira uma villa denominada *Villa de Rei*, ainda nos principios do seculo XVI,

---

[1] Aquella pyramide geodesica foi a primeira, ou uma das primeiras do nosso paiz. Ali inaugurou e dirigiu os trabalhos da triangulação o distincto engenheiro Caetano Maria Batalha, ornamento da commissão geodesica, ao tempo presidida pelo grande mathematico, depois tenente general, Pedro Folque, nascido na Catalunha em 1744 e fallecido em 1848, contando a bagatella de 104 annos,—segundo se lê no *Diccionario Popular*.

[2] Tambem já comprehendeu as freguezias de *Amendoa* e *Cardigo*, hoje do concelho de Mação.

porque Vitèrbo, que viveu muitos annos no convento de Ferreira e que ali escreveu o seu *Elucidario*, assim o disse positivamente.

Em vista de tal insistencia nós estivemos tentados a consignar tambem aqui a tal *Villa de Rei*; mas, consultando o *Elucidario* de Viterbo, lamentámos que o meu antecessor tomasse a nuvem por Juno e que elle, os seus amigos e o meu illustrado collega de Ferreira d'Aves estivessem tanto tempo a esgrimir com um phantasma!

—

Viterbo no seu longo e interessante artigo *Ferros* (*Elucidario*, pag. 319, col. 1.ª *mihi*) diz textualmente o seguinte:

«No anno de 1222 *Pedro Ferreiro*,[1] e sua mulher Maria Vasques, deram foral aos que andavam povoando uma sua herdade nas margens do rio Rezere, *quae vocatur de novo Villa Ferreira*, sem duvida para conservar o appellido *Ferreira*. Esta villa pertence hoje ao bispado de Coimbra e fica fronteira a *Villa de Rei* da outra banda do rio, e já no bispado da Guarda. Até o anno de 1517 faziam estas duas villas um só concelho: El-rei D. Manuel as dividio, assim como eram differentes os bispados... Mas ninguem se persuada que este Pedro Ferreiro era official mecanico;...»

E no artigo *Tempreiros*, pag. 247, col. 2.ª *in-fine*, diz:

«Continuam as memorias de D. Vasco, pois no de 1303 os mesmos reis (D. Diniz e a rainha Santa Isabel) fizeram doação á Ordem (templarios) do castello de *Pena-Garcia*, e no de 1306 lhe deram o padroado da igreja de Alvayazere e a villa de Ferreira do Zezere, no bispado de Coimbra, e a villa de *Villa de Rei*, que lhe fica fronteira e já no bispado da Guarda,...»

Do exposto se vê que o meu antecessor extractou mal o *Elucidario* e que o meu collega de Ferreira d'Aves (desculpe-me s. ex.ª a franquesa) *não o leu*!

Viterbo não fallava de Ferreira *d'Aves*, mas de Ferreira do *Zezere* e da *Villa de Rei*, supra descripta.

[1] Não se confunda com Pedro Ferreira, humilde auctor d'estas linhas.

—

Desde a segunda metade do ultimo seculo até 1834 foram alcaides-móres[1] e commendadores d'esta villa de Villa de Rei (commenda da O. de Ch. como já dissemos) os Pachecos Pereiras, do Porto, por escambo feito com a corôa, em virtude do qual cederam a esta o juisado da alfandega d'aquella cidade, que era desde tempos remotos propriedade d'elles.

Este escambo foi feito por João Pacheco Pereira, F. C. C. R., C. O. Ch., juiz da alfandega do Porto, vereador da camara da mesma cidade em 1757 a 1758, senhor de Aveloso e da grande casa de seus paes. Era elle filho de Pedro Pacheco Pereira, F. C. C. R. juiz da alfandega do Porto, etc., e de sua mulher D. Clara Maria Eldres.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 84, col. 1.ª e seg.

Em 1884 manifestou-se o typho carbunculoso no gado d'este concelho e matou muitas cabeças, causando prejuisos superiores a um conto de réis.

—

Esta villa e este concelho soffreram muito nos principios d'este seculo, por occasião da guerra da peninsula,—primeiramente com a passagem do exercito francez de Junot, em 1807, na marcha sobre Lisboa por Abrantes,—e depois em 1810 e 1811 com as tropas inglezas de Welington e com as francezas de Massena.

Aquellas açoitaram cruelmente esta villa e este concelho, quando marchavam para o norte ao encontro de Massena,—e estas quando depois da batalha do Bussaco acamparam em frente das linhas de Torres Vedras, desde 4 d'outubro de 1810 até 5 de março de 1811.

V. vol. 9.º pag. 652, col. 1.ª e *Gojim*.

Durante aquelles longos e crueis 5 mezes os malditos corsos talaram, saquearam e incendiaram muitas povoações nas circumvisinhanças do seu acampamento, não poupando este concelho e os limitrophes.

Tambem esta villa soffreu muito com a

[1] Isto nos leva a crer que esta villa foi outr'ora fortificada ou teve algum castello.

passagem dos correios que Massena mandava fortemente escoltados ao seu imperador, fazendo caminho por Castello Branco e por esta villa. Os seus habitantes abandonaram-na completamente, e quando, depois da retirada de Massena, regressaram, encontraram a maior parte das casas reduzidas a cinzas e todos os seus haveres roubados e perdidos.

—

Demora esta villa no alto de um monte entre asperas serras de difficil accesso, na margem esquerda do Zezere, do qual dista 7 kilometros para E.,—20 da margem direita do Tejo para N.,—23 da séde da comarca,—30 da estação de Thomar, na linha ferrea do norte,—95 de Castello Branco,—109 de Portalegre,—151 de Lisboa—e 246 do Porto, pela estação de Thomar, que é a mais proxima de Villa de Rei.

Crime horroroso

Em dezembro do anno ultimo (1885), foi removido da cadeia civil de Lisboa para a cadeia da Certã, onde se acha, por lhe ter sido concedido cumprir ali a pena, attenta a sua edade e padecimentos, o reu Claudino Gomes da Silva, natural d'esta parochia de Villa de Rei, condemnado, por accordãos da Relação de 30 de novembro de 1881 e do supremo tribunal de justiça de 24 d'abril de 1883, em oito annos de prisão maior cellular, seguida de 12 de degredo em Africa, 1.ª classe, e alternativamente em trabalhos publicos perpetuos na Africa Occidental.

Fôra convencido do assassinio de Francisco Antonio, vulgo o *Coxo*, d'esta mesma freguezia, e perpetrara-o com as aggravantes de ser elle official de diligencias do julgado e então sadio e vigoroso, ao passo que a victima era um velho, coxo e quasi cego, —e de tel-o aggredido de surpreza, e no ermo da *Córga da Negra*, em uma propriedade da victima!

N'aquella propriedade, em um pequeno poço em chão de horta e cevada, appareceu o cadaver em decubito abdominal, com a face e parte do tronco immersos na agua, com a nuca e parte posterior d'aquelle fóra d'ella, e com as extremidades inferiores fôra do seu ambito, porque nem a agua tinha profundidade para cobril-o, nem o poço capacidade para comportal-o. Ao lado esquerdo, e apoiada sobre o cadaver, uma muleta; ao direito, e junto á borda do poço, uma infusa cheia de agua, cuja rolha fluctuava n'elle.

Accidente ou crime? A autopsia cadaverica, sem excluir a possibilidade d'aquelle, tornára este muito provavel. A morte fôra por asphyxia ou por submersão. As lesões na face foram produzidas durante a vida, mas proximo á morte. Nas vias aérias e no estomago havia lodo, que indicava que a immersão fôra em vida e por fórma que, para salvar-se, não pôde fazer nenhum dos esforços proprios de todos os afogados, pois os mais pequenos seriam sufficientes, attentas as insignificantes dimensões e a pouca agua do poço.

—

E *Córga da Negra*, era sitio apropriado. N'aquelles montes sombrios, n'aquellas rochas alcantiladas a projectarem-se em fórma de abysmo, havia, a par da mudez tetrica da solidão, o ar tragico e sinistro que o nome indica. Tudo constituira para logo uma extensa nota, que vibrou intensamente os sentimentos mais energicos da alma, desde a compaixão ao terror. Rompeu e alastrou-se clamorosa a opinião publica contra o réu.

Foi a voz de Deus! O Claudino tinha uma propriedade contigua e por questões de extremas havia inimisade formal, inveterada, rancorosa, entre elles. Quatro annos antes, tinham ali vindo ás mãos, e n'essa lucta o Claudino aggredira o *Coxo* de fórma, que já então seria victima, se não acudisse a livral-o um cunhado de ambos. Não se conhecia ao infeliz outro inimigo. E tanto o receiava e temia, que dizia frequentemente:

—Se apparecer morto ou ferido, de ninguem se queixem senão do Claudino!...

Ainda alguns dias antes da morte tiveram em uma taberna um conflicto.

N'essa occasião dissera o Francisco Antonio:

—Bem sei que elle me ha de matar.

Encontrou-o sem vida uma filha do proprio reu, a qual ia levar-lhe umas pevides, de mandado da familia.

Aterrada, chamou pela mãe e pae, que fossem acudir. Este, porém, não foi, nem sequer se approximou para ver! N'esse dia verificou-se, depois, a diligencia do exame. Acompanhou a justiça como official de diligencias; mas, quando ella entrou no exame do local, ficou de largo!

O assassinio fôra perpetrado no dia anterior. Andára o infeliz até ao meio dia n'outro trabalho, e vira passar o réu. Como tinha de ir tambem para lá, manifestou publicamente o seu receio; mas, não obstante, jantou e foi sosinho.

E n'esse dia, com effeito, ali andára o reu com um jornaleiro a trabalhar na sua fazenda. A' tardinha, mandou este cortar as raizes d'uma figueira existente na extrema. Quando estoirou a ultima, disse logo que assim estoirasse o coração ao dono.

Depois mandou o jornaleiro para outro serviço n'uma horta distante, d'onde nada se via para a propriedade do infeliz. Que fez então o miseravel?

Só passado tempo bastante appareceu na horta e para despedir immediatamente o jornaleiro. Este achou-o triste e estranhou-o de modo que lhe passou pela idéa algum encontro com o *Coxo;* mas obedeceu. Foi-se pois, muito antes da hora em que é costume findarem os trabalhos agricolas.

—

Consummára-se, portanto, o horrivel drama. O Claudino, apercebendo o *Coxo* e approveitando o ensejo, aggredira-o inesperadamente com uma pedra pela fossa temporal esquerda, em ordem a produzir-lhe a commoção cerebral; em seguida lançou-o ao poço na posição sobredita; mergulhára-lhe a cabeça, e comprimira-a contra o fundo d'elle, de modo que a asphyxia foi rapida e, n'esta curta agonia, absorveu o infeliz o lodo achado nas vias aereas e no estomago!

O resto—disfarces, que nada lograram contra a voz irresistivel da verdade. E ainda bem que foram impotentes!

—

Em março de 1885 deu entrada no ministerio das Obras publicas um requerimento de T. M. Johnson, pedindo a concessão para uma linha ferrea, de via larga, a partir de Abrantes, margem direita do Tejo, por Sardoal, Ferreira do Zezere, *Villa de Rei*, Certã, Arganil, Taboa, Carregal, Tondella, Vizeu, Castro Daire, Arouca, Gião, no concelho da Feira, Gaya, com um ramal que partindo de Castro-Daire vá entroncar com o caminho de ferro do Douro.

A população dos concelhos que esta linha atravessa é superior a 300 mil habitantes, e a sua area é importantissima. Ficando por este projecto Vizeu á 110 kilometros do Porto, e o Douro ligado com o Tejo pela linha mais central e mais curta.

VILLA—RICA.—Não temos em Portugal freguezia ou aldeia alguma denominada Villa—Rica; mas abrimos este topico, porque no *Douro Illustrado* (pag. 88, col. 1.ª) se lê o seguinte:

«Na confluencia da ribeira da Villariça com o Sabor está uma collina, em cuja crista se veem ainda hoje os restos das muralhas que defendiam a antiga *Villa—Rica de Santa Cruz*. Querem alguns que d'esta villa venha o nome á formosa veiga que se estende a seus pés; nome depois transmittido á ribeira, que a sulca em todo o seu comprimento.»

Do exposto se vê que o sr. visconde de Villa Maior, um dos homens mais illustrados d'este seculo e muito conhecedor da localidade, pois era natural de Moncorvo (V. *Villa Maior*, quinta) mencionou uma aldeia denominada Villa—Rica junto da foz do Sabor e que deu o nome á fertilissima veiga da Villariça.

—

É possivel que de *Villa—Rica* se fizesse *Villarica*—e de Villarica *Villariça;* mas suppomos que a Villa—Rica do *Douro Illustrado* é erro de imprensa,—ou lapso dos copistas—ou do auctor, pois só ali a encontramos assim mencionada, emquanto que Viterbo e todos os outros auctores que teem fallado da Villariça e de Moncorvo, a denominaram como a denominou o meu antecessor,—*Santa Cruz da Villariça.*

V. vol. 8.º pag. 419, col. 1.ª,—*Moncorvo,* —*Val da Villariça*—e *Villariça.*

VILLA—RICA foi povoação portugueza, mas na colonia, hoje imperio do Brazil.

Na tal *Villa—Rica* brazileira viveu muitos annos e escreveu algumas das suas obras, mencionadas por Innocencio, o padre Manuel Joaquim Ribeiro, natural da freguezia de Sanhoane, em Portugal.

VILLA DA RUA.—V. *Rua.*

VILLA RUIVA,—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Vigairaria. — Orago Nossa Senhora da Graça,—fogos 138,—almas 560.

O padre Carvalho em 1708 simplesmente disse que esta parochia era um curato annexo á vigairaria de Mesquitella no termo e concelho da villa de Linhares, corregedoria da Guarda e provedoria de Vizeu.

O *Portugal S. e Profano* em 1768, disse que era curato da apresentação do vigario de Mesquitella, no bispado de Coimbra;—que rendia para o seu cura 30$000 réis—e contava 63 fogos.

José Avelino d'Almeida em 1866 deu-lhe 98 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 102 fogos e 417 habitantes,—e o censo de 1878 deu-lhe 120 fogos e 514 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas sómente alguns casaes e quintas de pouca importancia. É formada por uma povoação unica, denominada *Villa Ruiva*, séde da parochia.

As suas freguezias limitrophes são:—Mesquitella, Villa Cortez da Estrada, Villa Franca da Serra (concelho de Gouveia, comarca de Fornos d'Algodres) e Carrapichana.

—

Está na pendente norte da Serra da Estrella e na margem esquerda do Mondego, do qual dista 4 kilometros,—8 de Gouveia pela nova estrada a macadam d'esta villa para a sua estação na linha da Beira Alta,—6 da estação de Fornos d'Algodres, na mesma linha ferrea,—64 da Guarda, pela mesma linha ferrea e 39 pela estrada a macadam,—158 da cidade da Figueira,—211 do Porto, — 329 de Lisboa, pelas linhas do norte e Beira Alta,—e 2 e meio da estrada real a macadam de Coimbra a Celorico, pela ponte da Murcella, para o norte, pelo que esta freguezia tambem soffreu muito por occasião da guerra peninsular, quando por aqui passou o exercito francez de Massena em 1811.

V. *Villa Cortez da Estrada* e *Gouveia*, n'este diccionario e no supplemento.

As suas producções principaes são:—vinho, centeio, azeite, batatas, queijo e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero nos seus montes e na Serra da Estrella.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 2 capellas publicas,—uma de S. Miguel o Anjo,—outra de Santo Antonio.

A imagem da padroeira, que está no altar-mór da matriz, é de pedra e muito antiga, segundo se lê no *Santuario Marianno*, vol. 4.º pag. 676 e seg. e tem 3 a 4 palmos de altura.

A egreja é humilde e não tem torre, mas um pequeno campanario sómente.

A capella de Santo Antonio está ao fundo do povo e junto d'ella esteve o cemiterio parochial até 1882, data em que o transferiram para o lado de Villa Cortez.

A capella do Anjo está no caminho que vae para a freguezia de Carrapichana por entre rochedos, nos quaes, junto da dicta capella se encontram vestigios de remota occupação, nomeadamente muitas sepulturas abertas na rocha e de differentes dimensões, sendo algumas muito pequenas, destinadas para creanças.

O povo denomina estas sepulturas—*sepulturas dos mouros* [1].

—

Os habitantes d'esta freguezia tem a alcunha de *lagartos*. Talvez que ontr'ora aqui abundassem estes reptis, por ser o chão d'esta freguezia muito arido e pedragoso;—e, como n'ella ha muito gado lanigero e se fabrica muito queijo, quando para ella se dirige alguem dos povos circumvisinhos costumam dizer:

—Vais aos *lagartos*? Que te encham de tabefe (sôro do leite).

---

[1] N'este concelho de Gouveia se encontram ainda hoje muitas sepulturas identicas, nomeadamente em *Villa Nova de Tazem*. Vide.

Por causa da dicta alcunha e não sabemos de que mais, desde tempos muito remotos ha grande animosidade entre esta parochia e a da Villa Cortez, sua limitrophe—animosidade que por qualquer coisa se manifesta e já tem produzido sérias desordens.

Ha annos, por exemplo, vindo de cumprir certo voto muitos habitantes de Villa Cortez, atravessaram esta povoação de Villa Ruiva e, como estivessem no caminho varios homens jogando a pella e os de Villa Cortez a empurrassem, travou-se entre uns e outros a maior desordem de que ha memoria entre os dois povos. Tocaram os sinos a rebate em ambas as freguezias; — houve muitos ferimentos e ficaram dois homens mortos.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Linhares;—extincto este, por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o concelho e comarca de Celorico da Beira—e depois para o concelho e comarca de Gouveia.

Ecclesiasticamente pertenceu ao bispado de Coimbra; mas desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, passou para o bispado da Guarda.

No dia 4 de fevereiro de 1885 sentiu-se n'esta parochia um tremor de terra que fez abater a armação de uma casa, em cuja loja se vendia vinho e ao tempo se achavam muitas pessoas, mas nada soffreram, alem do susto.

Tambem na mesma occasião abateu outra casa em Nabaes, freguezia d'este concelho.

VILLA RUIVA,—villa e freguezia do concelho e comarca de Cuba, districto e diocese de Beja, provincia do Alemtejo.

Priorado. Fogos 157,—habitantes 630.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

A *Chorographia Portugueza* em 1708 deu-lhe 360 fogos.

Necessariamente foi lapso, pois sessenta annos depois, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, contava 96 fogos,—era da apresentação do duque de Cadaval e rendia para o seu prior 100$000 réis,

Em 1708 era villa e concelho;—pertencia á comarca e bispado d'Evora—e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 juiz dos orphãos com seu escrivão, 1 companhia de ordenanças, 1 alcaide e 1 tabellião do judicial e notas.

Era dos duques de Cadaval e da provedoria de Beja—e tinha uma capella de S. Caetano, com festa propria e grande romagem.

Tambem tinha um alteroso castello e uma boa cinta de muros, hoje tudo em ruinas,—e sobre a porta d'entrada para o castello o brasão d'armas dos duques de Cadaval, senhores d'esta villa.

Ainda em 1850 o castello tinha artilheria montada; mas hoje, de todas as obras de defeza d'esta villa, apenas existe uma torre do lado norte.

—

Segundo se lê na *Monarchia Lusitana*, parte IV, fl. 201 e parte VIII, fl. 41, esta villa foi tomada aos mouros por D. Sancho II, quando lhes tomou tambem Vidigueira, Cuba, Rodeja, Fronteira e outras terras.

O mesmo se lê na *Descripção de Cuba* pelo illustrado bejense Fr. Domingos d'Oliveira, —*Descripção* que se acha no Codice n.º 104, da Bibliotheca Portuense, do qual existe hoje uma copia no archivo municipal da camara de Cuba, tirada por nós, a pedido do sr. dr. João dos Santos Pegas Cabrita.

No mesmo Codice se encontram tambem os *Dialogos de Cristovam Rebello de Macedo*, interessantissimos para o estudo das antiguidades de Beja,—e uma outra *Descripção* de Vianna do Alemtejo, sem data nem nome do auctor.

—

Villa Ruiva foi dada em 1393 por el-rei D. João I, bem como as villas de Villa de Frades, Villa Alva e Vidigueira, ao santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira;—este depois a deu, com a de Villa Alva, a Rodrigo Affonso de Coimbra, bem como repartiu por outros cavalleiros que o haviam acompanhado nas guerras contra os castelhanos, outras muitas villas que el-rei lhe havia doado. Depois D. João I annulou aquellas doações e Villa Ruiva com outras villas reverteu para a corôa;—por ultimo passou para o senhorio dos marquezes de Ferreira, depois duques de Cadaval, que aqui costumavam re-

sidir parte do anno e fazer grandes festas e caçadas, principalmente na matta do Seixal, junto de Cuba.

—

Demora esta villa em sitio alto e vistoso, na ladeira de um monte e na margem esquerda da ribeira de Odivellas, confluente do Sado, da qual dista 2 kilometros,—8 da estação de Alvito, na linha de sueste,—11 de Cuba,—30 de Beja,—138 de Lisboa,—475 do Porto—e 605 de Valença do Minho.

Esta parochia não comprehende aldeias. É formada por uma povoação unica; apenas no seu termo se encontram algumas herdades, sendo as principaes as seguintes:—Delicada, Panasqueira, Monte Novo, Val d'Agua, Calvina e Estacas. A 1.ª e 2.ª pertencem ao visconde da Esperança, José,—a 3.ª 4.ª e 5.ª a D. Anna Rita da Cruz Arce e filhos,—e a 6.ª á duqueza de Cadaval.

Freguezias limitrophes: — Alvito, Cuba, Villa Alva e S. Bento de Pomares.

Tem esta villa uma estrada a macadam, já construida, para a estação de Cuba—e outra districtal, n.º 115, em construcção de Portel por Villa de Frades para a estação de Villa Nova da Baronia e Torrão.

Tem esta villa 2 egrejas:—a matriz, venerando templo gothico bem conservado, com altar-mór e 4 lateraes, todos restaurados ha poucos annos,—e a da misericordia, quasi em ruinas.

Tem mais duas capellas publicas:—uma de S. Sebastião, restaurada de novo, em cumprimento do voto de uma piedosa senhora,—e a de S. Caetano, a 2 kilometros da villa e já mencionada na *Chorographia Portugueza*.

Está ainda bem conservada e n'ella se fazem duas pomposas festas com grande arraial:—uma no dia 15 d'agosto,—outra na segunda feira depois da Paschoela, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres.

Assim se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho; mas em outros apontamentos se dá a esta capella o titulo de *Senhora da Represa*! E accrescenta o informador: — «O nome d'esta ermida parece derivar de um antigo açude ou albufeira que ali existe, onde, segundo a tradição, foi encontrada a imagem da Senhora».

—

Esta villa não tem mercados, nem feiras, nem convento algum.

Tem 3 largos:—Rocio, Praça Velha e Misericordia,—e 4 ruas:—de Fóra, da Lagôa, do Penedo e do Ulmo.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara, a cadeia e o pelourinho.

Na casa da camara funccionam a Junta de parochia e uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

A ribeira de Odivellas, que banha esta freguezia, desagua no Sado a 53 kilometros de distancia, e tem nos limites d'esta parochia uma grande ponte com ... arcos de cantaria de marmore. Está ainda muito solida, posto que se attribue a sua construcção ao poderoso rei mouro Ismar, ou Ismario, ou Ismael, derrotado com outros pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques na batalha de Ourique. Vide. Outros dizem que a dicta ponte foi feita pelos romanos.

É certo que no arco principal se lê a inscripção seguinte:

ANNIVS
ARCONIS (ou
ARCONIOS,
HEICCITV (ou
HEICCITIV.

Nunca vimos esta inscripção. Regulamo-nos pelas copias que recebemos.

—

Esta parochia produz trigo, cevada branca, aveia, fava, milho, centeio, chicharos, grão de bico, tremoços, feijão amarello e pintado, vinho, azeite, cortiça e lã, pois cria bastante gado lanigero e tambem suino; mas a sua producção principal é o azeite, pelo que tem 6 lagares para o seu fabrico.

Tem grandes montados d'azinho e sobro.

—

A irmandade da misericordia d'esta villa teve hospital e alguns contos de réis de renda; mas, ha annos, por iniciativa do governador civil d'este districto, José Borges Pacheco Pereira, o governo supprimiu esta ir-

mandade e incorporou os seus rendimentos na casa pia de Beja, ficando esta, por deliberação da junta geral do districto, obrigada a satisfazer annualmente á junta de parochia d'esta villa a somma de 274$000 réis, com a applicação seguinte:—para um medico 90$000 réis,—para um sangrador 24$000 réis,—para remedios 120$000 réis—e para dietas 40$000 réis.

—

Ha n'esta parochia ruinas d'uma egreja antiquissima, de estylo romano (diz um dos meus informadores) a qual, segundo se suppõe, foi a primeira matriz de Villa Ruiva.

Tinha a invocação de *Senhor da Ladeira.*

Passava n'esta villa a antiga estrada militar d'Evora a Beja, da qual ainda se encontram vestigios entre Villa Ruiva e Agua de Peixes.

Tambem por aqui passava (segundo se suppõe) uma via romana d'Evora a Beja, da qual fallaram Daciano, Rezende, Vasconcellos, Francisco Dolanda, Hübner, João Baptista de Castro, José Lourenço do Valle e ultimamente o sr. Antonio Francisco Barata no seu interessante folheto *Catacumbas*, publicado em Evora no anno de 1883, até pag. 72 sómente.

O sr. Barata vive em Evora; reconheceu parte da dicta estrada;—encontrou um marco milliar a pequena distancia de Vianna—e concluiu que a dicta estrada devia atravessar o Xarrama e as ribeiras da Morteira e *Alparca* em pontes e seguir pela matta do Serrado, Agua de Peixes, Odivellas, *Villa Ruiva*, ribeiras de Macabron e Udiarse, Corredoura e Beja.

Encontrou vestigios claros nos sitios e herdades seguintes:—de Evora á Casinha,—Monte das Flores,—Font'Alva,—Seixo,—Magalhôa,—Zambujeiro,—Ponte no Xarrama, de que ainda se encontram restos, a 15 kilometros d'Evora,—e na margem esquerda um extenso lanço da mesma estrada, que passaria entre Aguiar e Vianna.

—

Em 1862 a parochia de Albergaria dos Fusos era uma annexa de Villa Ruiva; mas já no anno de 1864 era parochia independente.

Villa Ruiva teve 2 foraes: um em tempos muito remotos, dado pelo convento de Mancellos,—outro dado por D. Manuel em 1 de junho de 1512, confirmando aquelle, segundo diz o padre Carvalho; custa porém a crer que estando o tal convento de Mancellos (não temos noticia d'outro) na freguezia do seu nome, junto de Amarante, fosse dar o foral a *Villa Ruiva* no centro do Alemtejo.

Nós tivemos e temos mais duas povoações com o mesmo nome de *Villa Ruiva*, além das mencionadas; mas nenhuma no concelho d'Amarante—nem nas provincias do Douro, Minho ou Traz-os-Montes [1]. Uma está na freguezia e concelho de Villa Velha de Rodão, districto de Castello Branco, na Beira Baixa,—outra é a seguinte:

VILLA RUIVA DE SENHORIM,—aldeia da freguezia de Senhorim, concelho de Nellas, districto de Vizeu, na Beira Alta.

É uma povoação importante, pois conta cerca de 120 fogos e 500 habitantes! Dista da séde da parochia 5 kilometros e por isso já esteve unida algum tempo á freguezia de Villar Secco, limitrophe da de Senhorim.

É povoação muito antiga, pois no foral, que D. Manuel deu em 6 de maio de 1514 a S. João do Monte, se fez menção das povoações de Villa Nova, Villa Ruiva e Senhorim.

Suppomos que *Villa Nova* é a séde actual do concelho de Nellas, pois não ha hoje povoação alguma denominada Villa Nova, n'este concelho, que é com pequena differença o mesmo concelho de Senhorim, hoje extincto.

—

Tambem suppomos que a povoação ou villa de *S. João do Monte*, a que D. Manuel deu foral, era e é a povoação de S. João do

---

1 V. *Mancellos* n'este diccionario; — a *Chronica dos cruzios*, parte 1.ª, pag. 326, col. 2.ª e a dos frades de *S.* Domingos, parte 3.ª, pag. 235, *mihi.*

A *Chorographia Moderna* diz que o convento de Mancellos foi outr'ora donatario de Villa Ruiva do Alemtejo; mas nem a *Chorographia Portugueza*, nem as Chronicas dos cruzios e dominicos dizem tal.

Este convento de *Mancellos* passou dos cruzios para os dominicos no reinado de D. Sebastião.

Monte, hoje simples aldeia da freguezia de Senhorim; mas não comprehendemos bem o seguinte:

D. Manuel, no foral que deu a S. João do Monte em 6 de maio de 1514, incluiu a povoação de Senhorim, mencionando-a expressamente, [1]—e quasi ao mesmo tempo, em 30 de março do mesmo anno, ou 37 dias antes, deu foral proprio a Senhorim [2].

Os foraes são differentes; mas a povoação parece ser uma e a mesma, pois não temos em Portugal outra com o nome de *Senhorim*. Custa a crer que, tendo-lhe dado el-rei D. Manuel foral em 30 de março, reconhecendo-a como séde de concelho e concelho antiquissimo, pois já D. Affonso Henriques lhe havia dado outro foral,—o mesmo rei D. Manuel, 37 dias depois, a reduzisse a simples freguezia do novo concelho de *S. João do Monte*, obrigando-a a obedecer a uma aldeia da mesma parochia de Senhorim!...

E não se confunda este novo concelho com o seu homonimo de *S. João do Monte*, mencionado pelo padre Carvalho e que existiu outr'ora tambem na comarca de Vizeu, pois esse concelho tinha a séde na freguezia de S. João do Monte, hoje pertencente ao de Tondella, nas margens do rio Dão, cerca de 25 kilometros ao poente de Senhorim.

Parece que D. Manuel, para distinguir do antigo concelho de S. João do Monte, nas margens do Dão, o novo concelho de S. João do Monte nas margens do Mondego, expressamente declarou quaes as povoações que ficava comprehendendo e eram:—*Villa Nova* (hoje talvez Nellas),—*Senhorim*, hoje freguezia do actual concelho de Nellas,—e *Villa Ruiva*, aldeia da freguezia de Senhorim.

—

Eis aqui um embroglio que poderá esclarecer só quem visitar a localidade,—o archivo da camara de Tondella, que representa o extincto concelho de S. João do Monte, das margens do rio Dão,—o archivo da camara de Nellas, que representa os extinctos concelhos de Senhorim, Canas de Senhorim e S. João do Monte, de Senhorim,—e o archivo nacional da Torre do Tombo, onde devem existir todos os nossos foraes, *novos* e *velhos*.

Dos livros que nos rodeiam, apenas se conclue o seguinte:

1.º—Que Senhorim foi a primitiva séde do actual concelho de Nellas.

2.º—Que em 6 de maio de 1514 a séde d'este concelho passou de Senhorim para a aldeia de S. João do Monte, da mesma freguezia.

3.º—Que a villa de Senhorim (não sabemos desde quando) volveu a ser a séde d'este concelho até 1852, data em que passou para Nellas.

4.º—Que a mencionada aldeia de S. João do Monte é differente da freguezia de S. João do Monte, que tambem foi concelho, mas nas abas da serra do Caramullo, hoje concelho de Tondella, nas margens do rio Dão.

Aos illustrados filhos de Nellas e Tondella pedimos a bondade de nos esclarecerem sobre tão nebuloso assumpto.

VILLA SECCA — aldeia da freguezia de Adoufe, concelho de Villa Real de Traz os Montes.

N'esta aldeia foi barbaramente assassinado, em 31 de janeiro de 1847, um velho Pacheco, (official realista convencionado em Evora-Monte) pelas tropas do conde de Vinhaes, quando marchavam sobre Villa Pouca d'Aguiar em perseguição do general Macdonell.

V. *Sabroso* e *Villa Pouca d'Aguiar*.

As mesmas tropas do Vinhaes commetteram por aquella occasião outros muitos excessos em Zimão, na Gralheira e Villa Pouca d'Aguiar, acutilando homens, mulheres e creanças.

Bellesas das guerras civis?!...

—

Na mesma freguezia de Adoufe ou Adaufe, entre as aldeias de Escariz e Bonagouro, está a celebre *Pedra da mão do homem*, já descripta sob este titulo (Vide) no vol. 6.º pag. 518, col. 2.ª

---

[1] *Livro de Foraes Novos da Beira*, fl. 113, v. col. 2.ª

[2] Idem, fl. 108, v. col. 2.ª

VILLA SECCA—aldeia populosa e a mais importante da freguezia de Louredo, concelho e comarca d'Arouca.

Vide vol. 4.º pag. 451 e seg.

Esta aldeia já se encontra mencionada no foral que D. Manuel deu em 10 de fevereiro de 1514 á *Villa da Feira* e *Terras de Santa Maria*, que foram dos condes da Feira e comprehendiam, além do concelho d'este nome, grande parte dos de Ovar, Oliveira de Azemeis, Cambra, Estarreja, Fermedo, Arouca, Villa Nova de Gaya, etc.

V. vol. 3.º pag. 155, col. 2.ª e seg.

Temos ainda no nosso paiz mais 10 aldeias denominadas *Villa Secca*. Não as mencionamos para não fatigarmos os leitores.

VILLA SECCA– freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Thiago;—fogos 152, —habitantes 670.

Em 1706 pertencia ao termo da villa de Espozende da grande comarca de Barcellos; —contava 163 fogos;—era vigairaria da apresentação da casa de Bragança;—rendia para o parocho 80$000 réis—e para a collegiada de Barcellos 230$000 réis.

Em 1768 era reitoria do padroado real; —contava 112 fogos—e rendia para o parocho 100$000 réis.

Comprehende as aldeias de Villa Secca, séde da parochia, Assento, Bemposta e Lordello.

Freguezias limitrophes:—Gilmonde e Milhases, a E.,—Faria e Cristello a S.;—Rio Tinto a O.—e Fornellos a N.

Em 1840 estava annexada a esta ultima.

—

Demora o logar de *Villa Secca* na margem esquerda do rio Cavado, do qual dista kilometro e meio,—7 de Barcellos,—8 da estação d'esta villa, no caminho de ferro do Minho,—34 de Braga (pela mesma linha ferrea)—58 do Porto—e 395 de Lisboa.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 3 capellas:—Senhor do Soccorro, Santa Maria Magdalena e Senhora da Conceição, —todas publicas e abertas ao culto.

Banham esta freguezia o Cavado e um pequeno ribeiro que nasce na povoação de Lordello e desagua na lagôa das Necessidades, freguezia de Barqueiros, seguindo a direcção E. O.

As producções principaes d'esta parochia são:—vinho verde, cereaes e cebolas, que exporta em grande quantidade.

Não tem aulas officiaes nem sequer de instrucção primaria elementar; mas apenas uma particular para meninas, auxiliada pela *Associação do Santissimo Coração de Jesus*, estabelecida n'esta parochia.

Emquanto a viação, é atravessada pela estrada a macadam de Barcellos á Povoa de Varzim,—estrada importante e de muito movimento, principalmente por occasião das feiras de Barcellos e Villa do Conde, e durante o tempo dos banhos de mar.

VILLA SECCA—freguezia do concelho de Condeixa, districto e diocese de Coimbra, provincia do Douro (?...)

Pertenceu á comarca de Coimbra; mas hoje pertence á de Penella.

Orago S. Pedro;--fogos 417;—habitantes 1680.—Priorado.

Em 1708 era do termo da cidade e comarca de Coimbra e priorado do cabido da mesma cidade;—comprehendia a povoação de Bendafé, hoje parochia independente,—e contava ao todo apenas 136 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, era priorado do mesmo cabido;—contava 189 fogos—e rendia 300$000 réis.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 365 fogos e 1:458 almas—e o de 1864 deu-lhe 329 fogos e 1:209 almas.

Tem pois augmentado consideravelmente a sua população.

—

Demora junto das nascentes da ribeira que passa na villa de Condeixa a Nova, da qual dista cerca de 10 kilometros;—outros 10 da villa de Penella;—15 de Coimbra;—134 do Porto—e 233 de Lisboa, pela estação de Coimbra na linha ferrea do norte.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Villa Secca, séde da parochia,—Bruscos e Alcouce, já mencionados na *Chorographia Portugueza*,—Balláos, Traveira, Matta, Ribaldo e Beiçudo.

Freguezias limitrophes:—Lamas de Miranda, concelho de Miranda do Corvo, a E., —Podentes e Zambujal, a S.,—Condeixa Velha, a O.,—e Almalaguez e Sernache dos Alhos, a N.

Não comprehende quintas nem casaes dignos de especial menção.

Atravessam esta freguezia a estrada a macadam, districtal n.º 58, do Louriçal a Miranda do Corvo (O. a E.)—e a municipal, de S. Francisco de Coimbra a Penella, cortando a districtal n.º 58 ao nascente d'esta parochia.

—

Templos:—a egreja matriz e 7 capellas publicas: 1 na aldeia de Balláos, 1 na de Alcouce, 1 na de Traveira, 1 na de Bruscos, 1 na da Matta e 2 na de Villa Secca. Estas ultimas teem as invocações de *Senhor do Adro* —e *Espirito Santo*;—em volta da 1.ª se fazem duas procissões:—uma no 1.º dia de cada mez, em louvor de Nossa Senhora,—outra no ultimo dia do mez, em suffragio pelos fieis defuntos.

Tambem no domingo de Pentecostes vae da matriz uma procissão á capella do Espirito Santo, indo o povo cantando a ladainha dos Santos e terminando com uma missa resada na dicta capella.

N'esta freguezia não ha feiras nem mercados, nem edificios brasonados ou sem brasões, dignos de menção,—nem fabricas ou industria alguma.

Tambem nunca foi villa.

Denominou-se *villa* na accepção de quinta ou casa de campo,—e *secca* porque não a banha ribeiro ou rio algum.

É pouco mimosa d'agua de rega; mas em compensação vê-se livre da peste dos arrosaes, pelo que o seu clima é muito saudavel, como prova o augmento progressivo da sua população,—facto estranho em todas as freguezias d'este districto e de todos os outros onde a sordidez e ambição do lucro exploram a cultura do arroz, tão nociva á saude publica!...

V. *Vil de Mattos*.

—

As producções principaes d'esta parochia são:—vinho, azeite e trigo.

Não tem hoteis nem hospedarias,—nem sequer uma simples taberna.

Caso raro em uma freguezia tão populosa e tão abundante de vinho!

Em compensação—desconhece o vicio do jogo.

Tem uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Ha tambem aqui, desde tempos muito remotos, uma albergaria de S. Pedro, que ainda conserva (milagre!) rendas sufficientes para reparar a egreja matriz,—soccorrer os doentes pobres d'esta parochia—e os que n'ella passam com carta de guia.

Deus tenha em bom logar os fundadores de tão santa instituição. Bem quizeramos dar minuciosa noticia d'ella; mas infelizmente não adiantam mais os apontamentos que se dignou enviar-nos o rev. prior actual d'esta parochia, José Adelino Coelho da Silva, e que muito cordealmente agradecemos.

VILLA SECCA D'ARMAMAR,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Armamar, diocese de Lamego, districto de Vizeu, na provincia da Beira Alta.

Reitoria. Fogos 222,—habitantes 890.

Todas as nossas chorographias, até hoje, pouco, muito pouco disseram relativamente a esta parochia e ás ultimas cinco. Vamos ver se adiantamos alguma coisa mais.

—

Em 1708 esta villa era um simples curato da corôa, annexo á freguezia de S. Miguel d'Armamar;—tinha 2 vereadores, 1 juiz ordinario, 1 procurador do concelho, 1 escrivão do judicial e notas, outro da camara; toda a villa e o seu concelho contavam apenas 90 fogos e pertenciam á comarca de Lamego.

Passados 60 annos, ou em 1768, era um curato da apresentação do reitor d'Armamar;—rendia para o cura 70$000 réis—e contava 131 fogos.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego*, escripta no ultimo quartel do seculo XVIII, deu-lhe 155 fogos, 491 habitantes,—60$000 réis de rendimento para o cura, comprehendendo o pé d'altar e congrua, dada pelo reitor d'Armamar. Tambem diz que tinha 2 capel-

las:—uma de Nossa Senhora do Leite, com 3 altares,—outra de Nossa Senhora das Neves,—e um oratorio de S. José na quinta do Tedo, pertencente a José Bernardo.

Almeida em 1866 deu-lhe 173 fogos,—o recenceamento de 1864 deu-lhe 211 fogos e 864 almas—e o de 1878 deu lhe 205 fogos e 827 almas.

Demora na antiga estrada de Lamego para Taboaço, por Armamar,—ponte de Santo Adrião, no Tedo,—e Barcos.

Dista d'Armamar 5 kilometros para E.N.E. —6 da margem esquerda do Douro,—7 da estação de Covellinhas, na linha ferrea do Douro,—120 do Porto—e 457 de Lisboa.

—

Comprehende apenas duas povoações:—Villa Secca, séde da parochia,—e Marmellal, na pendente sobre o rio Tedo,—além de varias quintas habitadas por caseiros, entre as quaes avultam 4:—a de Castello de Borges, a de Ayres Pinto, a de Valmór de Cima e a do Sarzedo.

A de Castello de Borges, hoje do visconde d'este titulo, tomado d'ella, demora em sitio fundo, abafado, ardentissimo no verão e pouco vistoso, na margem esquerda do Tedo, distante cerca de tres kilometros da confluencia d'este rio com o Douro. Comprehende vinhedos não muito extensos, hoje (1886), quasi todos phylloxerados e perdidos, mas que em tempo normal produziam quarenta a 50 pipas de vinho do melhor do Alto Douro e que no tempo do seu ultimo possuidor, Felix Manuel Borges Pinto, era sempre comprado por bom preço pelas primeiras casas inglezas da praça do Porto.

Foi seu comprador muitos annos o illustrado e sempre chorádo Joseph James Forrester, barão de Forrester,—o negociante inglez a quem o Douro mais deve,—auctor do grande *Mappa do Douro* e de differentes opusculos relativos ao Douro e aos nossos vinhos.

No Douro empregou avultadas sommas e trabalhou muito, levantando *elle proprio* a planta d'este rio e das suas margens desde o Atlantico até a Hespanha—e no Douro perdeu a vida, em viagem da quinta do Vezuvio para a Regoa.

Aproveitando o ensejo, daremos aqui noticia do memorando naufragio:

—

Em 11 maio de 1861, achando-se o barão de Forrester hospedado na celebre quinta do Vesuvio, onde ao tempo estavam os donos d'ella, Francisco José da Silva Torres, par do reino, grande proprietario e grande capitalista,—sua esposa a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira,—a condessa da Azambuja, filha do primeiro matrimonio da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, – o conde da Azambuja, filho do duque de Loulé e genro da sr.ª D. Antonia,—e o juiz de direito de Villa Nova de Foscoa, — disse na tarde d'esse dia a sr.ª D. Antonia que tencionava ir brevemente para a sua casa da Regoa.

—Tambem eu não posso demorar-me,—accrescentou o barão de Forrester,—e n'esse caso acompanho-os e havemos de ir ámanhã.

—Ámanhã não,—disse a sr.ª D. Antonia, —porque nem v. ex.ª tem aqui o seu barco [1] nem nós temos marinheiros prevenidos.

---

[1] O barão de Forrester, já porque era muito amante do Douro e tinha n'elle grandes interesses como um dos primeiros negociantes de vinho, já porque n'aquelle tempo os caminhos entre o Porto e o Alto Douro eram medonhos e elle preferia fazer a viagem embarcado, já porque para levantar a planta do Douro teve de o cruzar todo muitas vezes e de estanciar n'elle muito tempo, mandou fazer um barco para seu uso. O typo era o dos *barcos rabellos*, porque a navegação do Douro não admitte outros, mas era (nós o vimos muitas vezes) o *barco rabello* mais luxuoso que tem sulcado as aguas do Douro desde o mar até á Hespanha.

Foi construido a capricho, bem pintado e bem mobilado com moveis elasticos, mesa de jántar, cadeiras, cosinha, *retrête*, leitos, boa frasqueira, bom trem de cosinha, etc., e com toldo ou coberta de madeira com vidraças.

Sendo um barco pequeno, de 10 a 12 pipas, n'elle deu jantares esplendidos a muitos dos seus amigos,—n'elle fez muitas viagens do Porto até á Hespanha (Barca d'Alva) e v. v.—e n'elle rezidiu mezes, durante as suas viagens e estudos.

A mesma tripulação era formada por marinheiros valentes, escolhidos e os mais peritos na navegação do Douro, aos quaes sus-

—Se não tenho aqui o meu barco, teem v. ex.as os da quinta e um batalhão de trabalhadores;—e não necessitamos de chamar marinheiros, pois muitos d'esses trabalhadores sabem remar, e d'aqui até á Regoa (cerca de 56 kilometros) eu conheço perfeitamente o Douro e me incumbo de guiar o barco.

Havemos de ir ámanhã, e nada de sustos! —disse o barão.

—

Tanto a sr.a D. Antonia como o marido e mais familia bem queriam adiar a viagem, mesmo porque tinha recentemente chovido muito e o Douro ia muito alto; mas tanto estimavam e respeitavam o barão e elle tanto instou, que annuiram.

Mandaram logo preparar e toldar um barco da quinta,—chamaram 6 jornaleiros mais entendidos na navegação do Douro—e na manhã do dia seguinte[1] metteram-se no barco e seguiram em direcção á Regoa; mas com tanta infelicidade que o barco naufragou alguns kilometros a jusante da quinta do Vezuvio, no *Cachão da Valleira*,—já porque o arraes (não era o barão) tinha poucas habilitações e não guiou bem o barco,—já porque o Douro havia subido muito na noite antecedente e formava um medonho *cachão*, grande catadupa, ao sair comprimido da *valleira*, estreito canal, precipitando-se abruptamente em leito tres a quatro vezes mais largo e por consequencia em nivel muito mais baixo [2].

Alagou-se o barco e com a violencia da corrente todos os que iam n'elle cairam ao Douro, que ali ao tempo media trezentos a quatrocentos metros de largura d'agua pesada e em redemoinho constante e vertiginoso.

—

Acudiram logo outros barcos, que por fortuna se achavam perto e bons serviços prestaram; mas infelizmente dos 16 naufragos pereceram 3:—o barão, 1 criado e 1 criada.

Á sr.a D. Antonia serviu-lhe de *salva-vidas* o grande *balão*[1] que levava e a conservou fluctuando até que os barcos que acudiram a salvaram.

Ainda hoje (1886) vive!...

Seu marido, Francisco José da Silva Torres, lançou as mãos a um barril que levavam com azeite e, agarrado a elle, conservou-se á tona d'agua, até que lhe acudiram.

O sr. conde da Azambuja portou-se como um heroe! Vestido como estava, ganhou a margem nadando—e nem a luneta perdeu!

A sr.a condessa da Azambuja sumiu-se na voragem; mas um valente e dedicado marinheiro mergulhou rapidamente apoz ella,—trouxe-a á tona d'agua segura pelos cabellos—e, gritando por soccorro, ambos foram salvos.

Duas criadas agarraram-se ao toldo do barco e foram boiando com elle ao som da agua, até que lhes acudiram.

Salvaram-se tambem 1 criado, o juiz e os marinheiros, perecendo apenas 1 criado 1 criada e o infeliz barão de Forrester.

Elle nadava perfeitamente;—era ao tempo ainda muito vigoroso—e nunca trepidou sobre o Douro, tão seu conhecido. Suppõe-se que na occasião do naufragio recebeu alguma pancada do barco, ou d'algum remo, e que o choque o aturdiu. Além d'isso levava calçadas grandes botas de montar, porque vinha de uma excursão á Hespanha,—e as botas cheias d'agua eram um grande empecilho para nadar.

Suppõe-se tambem que, vendo tamanha desgraça devida á sua imprudencia, se suicidou mergulhando e asphixiando-se debaixo da agua.

É certo que se sumiu na voragem e que até hoje (1886) nem o cadaver se encontrou,

---

tentava e pagava generosamente e deu vistoso uniforme.

Para se formar idéa do que são os barcos *rabellos*, veja-se o artigo *Pontos do Douro*.

[1] Era um domingo, dia 12 de maio de 1861.

[2] V. *Pontos do Douro*, vol. 7.º pag. 199, col. 2.a, — *Vias Ferreas*, pag. 488 e seg. no volume 10.º, — *Vezuvio*, quinta,—*Salvador do Mundo*,—*S. João da Pesqueira*,—e *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

[1] Usavam-se ao tempo vestidos de grande roda, formada por uma saia com molas de aço, denominada *balão*.

posto que a familia e os amigos empregaram todos os meios procurando-o. Mandaram inclusivamente mergulhadores sondar o fundo do Douro, desde o sitio do naufragio até grande distancia, mas todos os esforços foram baldados.

—

Suppõe-se que, trazendo comsigo relogio, corrente e anneis d'ouro, além de sommas importantes em um cinto, alguns canibaes, encontrando o cadaver o roubariam e depois o enterrassem fundo em sitio ermo, para desviarem as suspeitas do crime.

Foi o infeliz barão de Forrester uma das victimas do Douro, que elle tanto amava; mas, se o rio o não poupou, os durienses o pranteiam ainda hoje vivamente e o prantearão muito tempo, pois não ha no Douro memoria de subdito britannico, a quem o Douro deva tanto amor, tanta dedicação e tão relevantes serviços.

Nas nossas bibliothecas publicas e particulares, em alguns dos nossos bancos e em muitas das nossas primeiras casas de commercio se veem muitos exemplares do esplendido *Mappa do rio Douro*, levantado gratuita e muito espontaneamente por s. ex.ª,—por s. ex.ª mandado gravar em Londres—e por s. ex.ª generosa e gratuitamente distribuido,—o que representa um brinde de muitos contos de réis feito a Portugal e ao Douro.

O dicto mappa mede 3m,0 de comprimento e 0m,68 de largura.

D'elle se fez na Lytographia Lusitana uma reducção pela casa editora Magalhães & Moniz, do Porto, quando em 1871 publicou o *Douro Illustrado* do visconde de Villa Maior, tambem já fallecido.

Concluiremos este lugubre topico dizendo que dos dois criados, victimas d'aquelle naufragio, appareceram ambos os cadaveres:—um junto da Regoa, e foi sepultado no cemiterio de S. José de Godim,—outro[1] junto do *ponto* de S. Martinho, e foi sepultado na capella contigua, que dá o nome ao dicto *ponto*.

Tambem passados dias, quando baixou a corrente do Douro, um bahu com pratas e outros valores, que ia no barco, appareceu a distancia, entalado em uma azenha na margem do Douro.

Prosigamos.

—

A quinta de Castello de Borges, alem dos seus vinhedos, hoje quasi todos phylloxerados e perdidos, tem uma mimosa e grande varzea, regada e limada pelo Tedo, bons pomares de larangeiras, armazens e mais dependencias—e boa casa nobre, onde viveu faustosamente muitos annos o seu ultimo possuidor, Felix Manuel Borges Pinto, e onde recebia e hospedava generosamente os seus amigos, entre elles o barão de Forrester e outros muitos negociantes inglezes e portuguezes, até que falleceu.

Felix Manuel era natural da freguezia de Escurquella (Vide) onde tinha um bom palacete solar, que cedeu aos irmãos;—fez a guerra da peninsula, como alferes de um corpo de guias;—depois casou na Folgosa, freguezia d'este concelho d'Armamar;—viajou pela França e Inglaterra;—foi em Lisboa procurador da *Companhia dos vinhos*, creada pelo marquez de Pombal—e escreveu varios folhetos relativos á mesma companhia e ao Douro, os quaes foram impressos.

—

Era bastante illustrado e prestou grandes serviços ao Douro na invasão do *oidium tukery*, pois foi o primeiro que no Douro applicou o enxofre nas suas propriedades,[1] —e depois, como visse que os outros lavradores, dominados por estultos preconceitos, se recusavam a enxofrar as suas vinhas,

---

[1] Era este o cadaver da infeliz *Gertrudes*, afamada cosinheira portuense, a quem o sr. Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, principe dos nossos escriptores contemporaneos e meu bom amigo e mestre, deu a immortalidade, dedicando-lhe algumas paginas do seu formoso livro—*Vinho do Porto*,—publicado pelo sr. Eduardo da Costa Santos em 1884.

Ali póde ver-se tambem a descripção do naufragio que tirou a vida ao barão de Forrester.

[1] Veja-se o artigo *Villa Real de Traz os Montes*, pag. 1:014, col. 1.ª

perdendo-as e nada colhendo, Felix Manuel se resolveu a mandal-as enxofrar por um terço da producção, com o que auferiram bons interesses, tanto elle como os donos das vinhas, até que todos se resolveram a enxofrar.

Sabia muito de vinificação e junto da casa nobre d'esta sua quinta fez em um subterraneo, coberto por uma eira, uma das melhores frasqueiras do Douro, comprehendendo muitos especimens de vinhos preciosos de differentes castas de uvas.

Falleceu decrepito, approximadamente em 1870, e, como fosse bastante timido, receiando ser cumprimentado pela quadrilha capitaneada pelo celebre *Traquina* da Granja do Tedo, que em 1855 e 1856 aterrou este concelho e os limitrophes [1], mandou por essa occasião fazer n'esta quinta, em contacto com a sua residencia, uma torre bastante solida e segura, onde dormia e guardava as suas joias e valores.

Da dicta torre proveiu a esta quinta o nome de quinta de *Castello de Borges* e d'ella tomou o titulo o sr. visconde de Castello de Borges, José Pinto Borges de Carvalho, casado e com successão, filho primogenito e herdeiro de Felix Manuel Borges Pinto.

—

Pouco depois de mandar fazer a torre, mandou Felix Manuel tambem fazer junto d'ella, para o lado sul, uma bonita capella com Santissimo permanente e um mauzoleu para n'elle repousarem, como repousam, as cinzas do fundador;—e nas suas disposições testamentarias mandou que na dicta capella se conservasse sempre o Santissimo com a devida veneração, a cuja despeza obrigou parte d'esta quinta. Deixou tambem varias esmolas aos seus caseiros e criados, etc.; receiando porém que o filho e herdeiro falseasse as suas disposições, não só caprichou na clareza e segurança das clausulas, mas nomeou seu testamenteiro o sr. João Baptista Pereira da Rocha, de Lamego, hoje par do reino e conde d'Alpendurada, seu intimo amigo e cavalheiro da maior confiança; a despeito porém de tantas precauções, o bom filho e herdeiro—*nada cumpriu*!...

—

As casas d'esta quinta estão na margem esquerda do Tedo, quasi aprumadas sobre elle, mas distantes do Douro cerca de 3 kilometros, como já dissemos; foi porém tal a cheia do Douro em dezembro de 1860, que chegou até junto d'ellas e podiam navegar até ali os barcos rabellos da maior lotação.

Como já dissemos no artigo *Villa Real de Traz os Montes*, logar citado, nós temos uma quinta (*Campo Velho*) a pequena distancia da de Castello de Borges, na margem direita do Tedo, mas em sitio alto, alegre e muito vistoso, no caminho do Douro para a freguezia de Santa Leocadia.

Estavam então ali meu pae e minha mãe, com os quaes nos reunimos eu e meus irmãos para conçoarmos juntos. Tinha chovido torrencialmente n'aquelle mez (dezembro de 1860) e no dia 25 ou 26 vimos passar muita gente á porta da nossa quinta, como em romagem, para verem o Douro, porque constava que a cheia era espantosa. Unimo-nos ao prestito e fomos tambem (eu e toda a minha familia) admirar a enchente.

O Douro cobria o leito e avenidas da ponte, poucos annos antes feita sobre o Tedo, na nova estrada marginal a macadam da Regoa para a Pesqueira.

A montante da ponte formava um lago immenso, que se prolongava a perder de vista pelo leito do Tedo acima. Tentados pela belleza de tão estranho espectaculo, pela mansidão da agua e pela amenidade do dia, pois havia cessado a chuva e o sol estava esplendido, eu e meus irmãos mettemo-nos em um barco,—seguimos o leito do Tedo—e fomos até á horta da quinta que estamos descrevendo;—não nos faltou porém susto, porque o leito do Tedo era fundo, mas apertado, todo orlado de freixos e amieiros, e o nosso pequeno barco ia sempre roçando por entre os curutos d'elles.

Tambem nos recordamos de que, junto da avenida oeste da mencionada ponte, havia do lado do Douro um grande pinheiro manso, que a bastante altura do solo se ramificava

---

[1] V. *Valença do Douro* e *Granja do Tedo*, n'este diccionario e no supplemento.

em duas grossas hastes e o Douro tocava no ponto, em que as hastes se dividiam.

—

A corrente do Douro era violentissima e levava de envolta muita lenha, madeiras e pipas,—e tambem vimos passar um grande tonel cheio.

Depois soubemos que pertencia ao armazem da quinta da *Valleira*[1], de João Polonio, ao tempo o homem mais rico de S. João da Pesqueira.

O Douro invadiu o armazem;—demoliu parte—e levou algumas pipas e o tal tonel, que estava cheio de geropiga preciosa e valia contos de réis!...

Receiando o que succedeu, haviam-lhe tirado alguns almudes de liquido e arrolharam-no fortemente, aliás, sendo como foi, tomado pelo Douro, não se conservaria á tona d'agua, como conservou.

Graças a tão prudente precaução, seguiu Douro abaixo e por cumulo de felicidade entrou na resaca do Douro, junto da Regoa, e muito mansamente poisou em um socalco da quinta do *Santinho*, hoje da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira. Compareceu logo o digno administrador do concelho;—ali mesmo o mandou despejar para pipas, que armazenou e poz a bom recato e que depois entregou, sem a minima perda, a João Polonio.

Era assim então feliz este homem. Sempre franco e generoso, em pouco tempo fez uma casa superior a oitenta contos de réis talvez; mas, passados annos, foi pronunciado e preso por vagas e falsas suspeitas de haver mandado matar um seu visinho, dr. Julio, e falleceu na cadeia de Lamego, antes de entrar em julgamento, tendo toda a probabilidade de ser absolvido.

Assim se perdeu rapidamente a melhor casa da Pesqueira, quando mais opulenta se ostentava!...

V. *S. João da Pesqueira* n'este diccionario e no supplemento.

---

[1] Demora esta quinta na margem esquerda do Douro, junto do *Cachão da Valleira*, onde em 12 maio do anno seguinte pereceu o barão de Forrester, como já dissemos.

—

Prosigamos:

A quinta do Ayres Pinto tomou o nome do seu fundador o celebre governador das justiças, capitão general dos Açores, etc., Ayres Pinto de Sousa Coutinho, casado com D. Maria do Carmo de Mendonça; [1]—demora na margem *direita* (!...) do Tedo;—está toda phylloxerada e perdida—e ha muito que jazia em abandono quasi completo,—muito mal grangeada e pessimamente administrada; mas no tempo do seu fundador foi uma das primeiras do Alto Douro.

A sua casa nobre e os seus armazens,—hoje tudo negro e em ruinas,—estão muito alegremente situados no topo de um pequeno e vistoso promontorio, na confluencia do Tedo com o Douro.

O local é lindissimo, mas ardentissimo e extremamente doentio no verão, porque nas suas proximidades abundam na margem do Douro, durante a estiagem, depositos d'agua putrida estagnada, que são medonhos focos de febres pestilenciaes.

—

A quinta de Valmór de Cima demora na margem esquerda do Tedo e do Douro;—foi do tenente coronel Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo, d'esta freguezia de Villa Secca d'Armamar;—depois passou para o seu genro e herdeiro universal José Isidoro Guedes, 1.º visconde de Valmór,—e é hoje do sobrinho e principal herdeiro d'este, Fausto Guedes, 2.º visconde de Valmór, actualmente (1886) nosso ministro em Vienna d'Austria [2].

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

O primeiro visconde de Valmor uniu á dicta quinta a da *Penha*, que comprou e era

---

[1] Veja-se o artigo *Villa Real de Traz os Montes*, n'este vol. pag. 998, col. 1.ª

[2] É s. ex.ª irmão do sr. conde d'Almedina e da sr.ª viscondessa de Guedes Teixeira, casada com seu primo, visconde d'este titulo e cavalheiro de muito merecimento, actualmente (fevereiro de 1886) director da alfandega do Porto, tendo sido deputado ás côrtes em varias legislaturas, governador civil do Porto e de Vizeu, etc.

contigua, mas já no termo da freguezia da Folgosa, formando assim uma das primeiras quintas do Alto Douro, á qual deu o nome de *Valmór*, sendo par do reino, e d'ella tomou depois o titulo.

—

No *Douro Illustrado* se vê a pag. 116 uma linda gravura representando a casa nobre e armazens da quinta da Penha, hoje quinta de *Valmór*,—e a pag. 134 se lê o seguinte:

«Confina com este rio (Tedo) pelo nascente a quinta de *Valmór*, pertencente ao sr. visconde de Valmór. A estrada marginal do Douro corta-a na extensão de 2:691 metros desde o Tedo até á Folgosa, passando junto aos edificios, que a nossa estampa representa, os quaes contem vastos e bem dispostos armazens para o lado do rio (Douro) e onde se podem recolher mais de 950 pipas de vinho, e tendo além d'elles, sobre a estrada, excellentes casas para habitação dos donos. Em frente d'estas casas, do outro lado da estrada, estão as officinas e lagares da quinta. D'estes lagares passa o vinho para as vasilhas, que o recebem nos armazens, atravez da estrada, por meio de uma canalisação feita com manilhas de grés.

«A superficie d'este grande predio vinicola está calculada em perto de 84 hectares, dos quaes 75,5 são occupados pela vinha, que póde fornecer mais de 200 pipas de vinho, tendo até produzido em 1873 uma colheita de 256 pipas. Os vinhos d'esta quinta são de 1.ª classe e teem no Porto comprador seguro em uma das melhores casas d'aquella praça.

«Alem do vinho produz azeite e fructas; tem plantações d'amoreiras, grande pinhal e muito terreno de mattos.

«A este bello dominio de *Valmór* estão ainda annexos outros predios importantes e uma fabrica de distillação d'aguardente na Pedra Caldeira.»

—

Tudo isto é verdade; apenas accrescentaremos o seguinte:

O grande edificio de Valmór foi feito na primeira metade d'este seculo por um negociante do Porto e comprado approximadamente em 1860 por José Isidoro Guedes, que muito generosamente deu *gratis* todo o terreno preciso para a estrada marginal a macadam[1], de bombordo a estibordo da grande quinta; mas esta ficou valendo muito mais com a nova estrada, pois toca na casa nobre, hoje accessivel para trens de toda a ordem. Anteriormente era accessivel sómente em barcos pelo Douro, ou em cavalgaduras de sella pela estrada de sirga, *no verão*, pois a velha estrada da Folgosa para o Tedo, alem de ser pessima e muito estreita, seguia em nivel muito mais alto, a distancia de 300 a 400 metros para S.

Por occasião da grande cheia de 1860 o Douro tambem entrou nos armazens d'esta formosa quinta, mas felizmente não causou prejuizos de grande monta.

—

A quinta do Sarzedo prende com a de Castello de Borges e denomina-se quinta do *Napoles* ou do *Sarzedo*, porque é, ha muitos annos, talvez seculos, pertencente á nobre familia Napoles, do Sarzedo, concelho de Moimenta da Beira, hoje muito dignamente representada pelo sr. José de Lemos de Napoles Manoel, casado em segundas nupcias e com successão, distincto escriptor publico e que tem sido deputado ás côrtes.

Tem esta quinta boa casa d'habitação, armazens, officinas proprias, capella e extensos vinhedos, dos mais antigos do Alto Douro, mandados plantar por um judeu rico e muito intelligente, mais conhecedor de agronomia do que muitos dos nossos agronomos actuaes, como revela a excepcional direcção que deu aos geios e socalcos, fazendo-os não horisontaes, mas com pronunciada pendente

---

[1] Esta estrada é parte integrante da estrada real n.º 34 de Penafiel á Barca d'Alva; mas até hoje (1886) ainda não passou de S. João da Pesqueira. Deve-se em grande parte aos srs. Macedos Pintos, de Taboaço, a continuação d'ella desde a Regoa até á Pesqueira,—e aos mesmos srs. se deve tambem a nova estrada em construcção do Espinho, na Foz do Tavora, por Taboaço e Moimenta da Beira, para Viseu,—bem como a projectada ponte sobre o Douro, junto da foz do Tavora.

Vide *Taboaço* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, pag. 933, col. 2.ª

dos valles sobre os serros, pelo que n'estes nunca faltou a terra nem se estiolaram as vides com o perpassar dos seculos, como nas outras plantações do Alto Douro.

N'este ponto ainda hoje é muito digna de attenção e estudo a plantação d'esta quinta.

Expulsos os judeus por D. Manuel em 1496, passou ella para os ascendentes do seu actual possuidor; mas infelizmente hoje tambem se acha quasi toda phylloxerada e perdida e ha muito que, sendo mal grangeada e mal administrada, não produzia a terça parte do vinho que podia e devia produzir.

—

Esta parochia de Villa Secca tem uma area muito extensa;—produz alguns cereaes, figos, azeite e fructa; mas a sua producção dominante foi sempre o vinho. Em 1840, por exemplo, produziu ella 1:044 pipas,—segundo o arrolamento official da extincta companhia; mas em outros annos produziu mais de 1:200 pipas, emquanto que hoje não produz talvez 300, por causa da maldicta phylloxera!

As suas freguezias limitrophes são:—Coura e Santo Adrião, a E. n'este concelho, e Adorigo, alem do Tedo, no concelho de Taboaço;—a N. o Douro, cuja margem direita aqui pertence ás fregnezias de Covas e Gouvinhas, do concelho de Sabrosa;—a S. Aricera e S. Martinho das Chãs;—a O. e S.O. Armamar e Folgosa.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, 2 capellas publicas e 2 particulares.

A egreja é muito antiga;—está bem tratada e bem conservada;—tem altar-mór e 3 lateraes com boas decorações de bella talha antiga dourada—e tecto de madeira apainelado com pinturas a oleo antigas e de bastante merecimento, principalmente as do corpo da egreja.

Tem sobre o guarda-vento um coro espaçoso restaurado com solidez; bom soalho de castanho no pavimento—e para o serviço do culto alfaias e paramentos muito decentes,—graças á iniciativa do seu digno reitor actual, o rev. Joaquim Cardoso Encerrabodes, da freguezia de Santo Adrião, n'este mesmo concelho.

As capellas publicas são as seguintes:

1.ª—*Senhora das Neves*, na povoação do Marmelal.

Tem um bom tecto apainelado, todo cheio de pinturas antigas, mas inferiores, com relação ás da egreja.

2.ª—*Nossa Senhora do Leite*, cerca de 200 metros ao nascente da séde da parochia e junto do cemiterio publico. Foi reconstruida em 1882, exceptuando as paredes. Fizeram de novo os dois altares lateraes, bem como o altar-mór, que tem sacrario para receber, como tem recebido, o Santissimo Sacramento, por occasião das obras na matriz.

Todos estes melhoramentos se devem ao mesmo rev. parocho.

As capellas particulares são as já mencionadas nas quintas do Sarzedo e de Castello de Borges.

Tambem houve um oratorio, em que se dizia missa, na quinta do Ayres Pinto.

—

Na séde d'esta parochia ha dois bons edificios:—um é brazonado; foi de Miguel d'Almeida Pinto Donas Boto,—depois passou ao seu filho Ruy Vaz Pinto d'Almeida,—d'este para sua mãe, D. Anna Candida de Sá Lopes,—e d'esta para o seu sobrinho Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes, residente na sua casa e quinta do Bom Successo, junto do cemiterio d'Agramonte, no Porto, filho do desembargador Antonio de Sá Lopes, F. C. R. e de D. Rita de Cassia Pereira Forjaz.

Este desembargador nasceu em 12 de fevereiro de 1776 e falleceu em 6 d'outubro de 1863. Era irmão de D. Anna Candida de Sá Lopes, fallecida em 1865, e de D. Maria Bernarda Carneiro de Sá Lopes; que nasceu em 20 d'agosto de 1792 e ainda hoje (1886) vive, contando cerca de 94 annos de edade!...

O 2.º edificio, embora não brasonado, é um bom palacete, hoje pertencente ao 2.º visconde de Valmór.

Foi feito por Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo, tenente coronel de milicias, casado com D. Maria Joaquina... Tiveram uma filha unica e sua herdeira universal, D. Maria Miquelina Pereira Pinto, senhora muito illustrada. Casou esta duas vezes,—a 1.ª

com um inglez, do qual viuvou ainda muito nova e sem successão;—a 2.ª com José Isidoro Guedes, de Lamego, depois par do reino e visconde de Valmór, para quem por morte d'ella passou o dicto palacete e toda a sua casa. Passou o 1.º visconde de Valmór a segundas nupcias; mas, como de ambas não tivesse successão, deixou a maior parte da sua grande fortuna, comprehendendo o dicto palacete, etc., ao seu sobrinho Fausto Guedes, hoje 2.º visconde de Valmór e nosso ministro em Vienna d'Austria.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

—

Teve esta villa paços de concelho, cadeia e pelourinho, mas tudo já desappareceu.

Tem 3 fontes publicas e é banhada ao nascente pelo pequeno ribeiro de Pias, que desagua no Tedo, mas secca sempre no verão, —e ao poente pelo regato de Oleiros, que desagua no de *Temi Lupus*, ou *Mil Lobos*,— e este no Douro, na *Foz de Mil Lobos*, junto da *Pedra Caldeira*.

O chão d'esta parochia é argiloso e calcareo e n'elle predomina o schisto; mas ao sul da matriz abunda em granito, que é explorado em larga escala para construcções, destacando-se a pequena distancia da villa o *Cabeço da Lapa*, morro enorme de granito que semelha um castello e tem mais de oitenta metros d'altura. Do alto d'elle se gosa um vastissimo horisonte, comprehendendo grande parte da Beira e Traz-os-Montes e da região vinicola do Alto Douro, que antes da invasão phylloxerica bem podia dizer-se *de ouro* e parecia um jardim de fadas, emquanto que hoje parece o valle da morte!

—

É tambem notavel n'esta villa, um pouco a montante do cemiterio parochial, no sitio de *Malhô*, a *Fraga da Moura*, grande rochedo, tambem de granito, com uma pequena abertura, por onde se entra para uma especie de sala circular com assentos de rocha viva em toda a sua circumferencia, e frestas que (segundo se suppõe) dão para outros compartimentos abertos na mesma rocha,— compartimentos que até hoje ninguem *ousou* explorar e nos quaes (diz o povo) está encantada uma moura, guardando grandes thezouros.

D'aqui provem ao dicto rochedo o nome de *Fraga da Moura*.

Dizem-nos que é lindissima a pobre filha d'Allah,—segundo affirmam e *juram* alguns felizes mortaes que tiveram a ventura de vêl-a em uma manhã de S. João;—mas quem não acreditar não pecca.

—

Tambem offerece lindas vistas o pequeno monte que se prolonga desde a séde d'esta parochia até á povoação do Marmelal. D'elle se descobre perfeitamente a formosa villa da Regoa, a sua ponte sobre o Douro e os seus encantadores arrabaldes, entre os quaes avulta a mimosa bacia de Jogueiros.

Junto da extremidade leste do dicto monte e a cavalleiro da povoação do Marmelal appareceram, ha annos, em umas excavações no sitio denominado *Villa Chã*, muitas moedas de cobre antiquissimas, talvez romanas.

Ninguem as classificou nem lhes ligou importancia alguma!...

O nome do local e o apparecimento das dictas moedas levam a crer que ali houve outr'ora povoado; mas hoje não resta vestígio algum d'elle. O sitio é completamente deserto.

Tambem ali appareceram alicerces de *casas redondas* ou *circulares*[1], lanços de muros, muitos tijolos, alguns d'elles de grande expessura e com buracos, como para receberem panellas,—e sepulturas cobertas (o meu informador não disse a formâ que tinham e a materia de que eram feitas)—e ultimamente duas ainda com tampa e dentro de uma d'ellas uma caveira sem o esqueleto.

Tambem no termo d'esta parochia se teem encontrado moedas romanas em diversas excavações junto da capella de Nossa Senhora do Leite e nos sitios de Montaria, Crutinhas, ou Cortinhas e Ventosa.

N'este ultimo appareceram muitas dentro de panellas de durissimo barro vermelho; tudo porém a estupidez malbaratou!...

Foram estes os achados mais recentes, de

---

[1] Chamamos para este topico e para o antecedente a attenção dos archeologos.

que ainda se conserva memoria; mas quantos se dariam em tempos anteriores?

—

Não ha n'esta freguezia minas em exploração nem registradas; apenas na margem esquerda do Tedo, a jusante da povoação do Marmelal, approximadamente em 1860, o engenheiro polaco Ladislau Zarzechi fez algumas pesquizas, mas sem fructo, quando explorava as minas de chumbo argentifero na foz do rio Tavora, confluente do Douro, e em Donello, freguezia de Covas, no concelho de Sabrosa. São as minas simplesmente indicadas pelo meu antecessor no artigo *Valença do Douro*, a pag. 104, col. 1.ª do 10.º vol.—e descriptas no artigo *Tavora*, rio.

Tem esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Pessoas notaveis

Para não alongarmos demasiadamente este artigo, mencionaremos entre as pessoas notaveis d'esta parochia apenas as seguintes:

1.ª—*D. Maria Miquelina Pereira Pinto*, já mencionada, 1.ª viscondessa de Valmor.

Foi uma senhora muito religiosa e muito illustrada, auctora d'algumas publicações mysticas, etc., e fundadora principal da *Associação consoladora dos Afflictos*, no Porto e em Lisboa.

Vivendo em Lamego pelos annos de 1830 a 1833 com o seu segundo marido José Izidoro Guedes, depois par do reino e visconde Valmor, prestou grandes serviços aos presos politicos (cerca de quinhentos!...) que em periodo tão calamitoso entulharam as cadeias d'aquella cidade,—nomeadamente ao dr. João Lopes de Moraes, lente da universidade de Coimbra e uma das nossas primeiras illustrações medicas, ao tempo tambem encerrado na cadeia de Lamego.

A ella se attribuem tambem alguns discursos que José Isidoro Guedes recitou na camara dos pares.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

2.ª—*D. Anna Candida de Sá Lopes*, casada com Miguel d'Almeida Pinto Donas Boto.

Foi uma senhora virtuosissima;—falleceu com opinião de Santa—e jaz com seu marido e com o seu filho Ruy Vaz Pinto de Sá Lopes no sumptuoso mauzoleu que para elles erigiu no adro da egreja matriz d'esta parochia.

3.ª—*Francisco Antonio de Carvalho Figueiredo*, tenente coronel de milicias, já mencionado.

4.ª—*Ildefonso José Cardoso d'Almeida Santos*, bacharel formado em theologia e conego (chantre) em Lamego, onde falleceu ha poucos annos.

Parce sepultis!...

5.ª—*D. João Manuel Cardoso de Napoles*, filho de Joaquim Cardoso de Napoles e de D. Emilia da Conceição Morgado Rebello.

Nasceu n'esta freguezia em 14 de setembro de 1830; recebeu a ordem de presbytero em 10 de junho de 1854—e é bacharel formado em theologia e doutor em direito pela Universidade de Coimbra, tendo sido laureado sempre com os primeiros premios.

Foi abbade de S. Cosmado, n'este concelho, onde se collou no dia 10 de novembro de 1855 e é actualmente conego-professor na patriarchal, onde se collou em 26 d'agosto de 1865. Tambem ali é juiz da secção do recurso pontificio e professor de theologia dogmatica e direito natural no seminario de Santarem.

Foi pelo nosso governo eleito coadjutor e futuro successor do arcebispo de Gôa, approximadamente em 1870; mas hoje (1886) ainda não foi confirmado pelo romano pontifice.

É um talento verdadeiramente superior.

6.ª—*João Gomes de Carvalho*, monteiro-mór, já mencionado no artigo *Moimenta da Beira*, vol. 5.º pag. 362, col. 2.ª

7.ª—*Miguel Paes* e *Maria Paes*, filhos de D. Eixemea, casada com Paio Cortez, vassalo e cavalleiro do grande Egas Moniz.

Tambem esta parochia no calamitoso periodo de 1820 a 1838 produziu homens que se tornaram tristemente notaveis pela sua perversidade. Alguns d'elles fizeram parte da celebre quadrilha do *Cavallaria* de Santo Adrião, da qual o meu antecessor já fallou

nos artigos *Valença do Douro* e *Romão (S.) d'Armamar.*

Vide.

—

Esta parochia foi villa e concelho com justiças proprias, pertencente á antiga comarca de Lamego;—em 1840 pertencia ao concelho de Barcos, extincto pelos decretos de 10 de outubro de 1844 e 24 d'outubro de 1855, pelo ultimo dos quaes se criou o concelho d'Armamar e esta freguezia passou para elle.

Nunca teve foral; pelo menos Franklin não o menciona; mas é povoação muito antiga, pois segundo se lê no codice 547 da Bibliotheca municipal do Porto,—*Descripção de Lamego,*—escripta no primeiro quartel do seculo XVIII [1], o ultimo regulo ou rei mouro de Lamego, Echa Martins, pouco depois de vencido no valle d'Arouca pelo conde D. Henrique e por este restituido ao seu alcaçar [2] transferiu a sua residencia para esta Villa Secca, pelo que D. Affonso Henriques a fez couto.

Diz mais o dicto codice que Martim Echa (filho do mencionado regulo) sua mulher Ouroana e seus filhos deixaram uns obitos (legados pios) á Sé, ficando ao cabido a maior parte de Villa Secca,—«cujo obito fez seu filho João Martins, que foi o primeiro Deão da Sé, como consta de duas partes no *Livro Antigo dos Obitos*, a dois de março e tres de dezembro, aonde diz o seguinte:

«*Obiit Martinus Echa, et uxor ejus Ouroana, et filii eorum Petrus Martinus Praesbyter, et fratres ejus milites, et Ioanes Martinus, primus duanus, et habet capitulum lamecense illam haereditatem, quam manda vit ditus duanus, de Villa Sica, pro suo anniversario.*

Em vulgar quer dizer:

Falleceu Martim Echa (filho do ultimo rei mouro de Lamego) e Ouroana, sua mulher, e os filhos d'estes:—Pedro Martins, presbitero, e seus irmãos militares—e João Martins, primeiro Deão; e possue este cabido de Lamego as terras que elle tinha em Villa Secca, as quaes lhe deixou no seu testamento o dicto deão para o cumprimento de certos officios e suffragios pela sua alma.

Corrobora isto mesmo a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, pois n'ella se lê, a pag. 115, col. 2.ª, o seguinte:

«Villa Secca d'Armamar foi doação do santo rei D. Affonso Henriques ao ultimo rei de Lamego, já christão, cujo filho João Martins, Deão da Sé, fez doação ao cabido de todos os seus bens e do mesmo couto.»

—

É certo que ainda hoje (1886) muitas propriedades d'esta freguezia de Villa Secca são foreiras ao cabido de Lamego, em virtude d'aquella doação.

Do exposto se vê que esta villa foi do ultimo rei mouro de Lamego e de seus filhos, pelo menos do deão.

Tambem suppomos que o dicto rei mouro e seus filhos viveram em uma casa, onde hoje se vê a do sr. D. João Manuel Cardoso de Napoles, por ser muito central, proxima de uma das fontes publicas da villa e porque em toda a villa é a *casa unica* foreira ao cabido de Lamego, possuindo este aliás muitos foros n'esta parochia, mas em propriedades rusticas sómente.

Milita ainda em favor d'esta opinião a circumstancia de que o quintal da dicta casa, hoje dividido em subemphyteose por parentes do sr. D. João, era muito espaçoso e comprehendia o chão mais mimoso e fertil da villa; mas o edificio actual é moderno. Data do ultimo seculo talvez; pelo que alguem diz que a casa do rei mouro foi a que hoje se vê na rua de Fundo de Villa, á direita, indo para Armamar, e distante da egreja matriz cerca de 250 metros.

—

A dicta casa é pequena, mas muito velha e com certesa a mais antiga d'esta villa.

Tem 20^{m},0 de fundo,—5^{m},30 de largura e prende com um quintal que foi mais espaçoso, mas hoje tem apenas 12^{m},0 de comprimento e 10^{m},60 de largura.

---

[1] Este codice foi por nós copiado e a nossas instancias publicado no *Jornal de Lamego*, desde o n.º 55 de 21 de dezembro de 1883 até o n.º 81 de 14 de junho de 1884.

[2] V. *Lamego* e *Arouca*.

É de granito e revela ainda muita antiguidade, posto que tem soffrido modificações e ha bons 200 annos que serve de palheiro!

Junto do angulo S. E., na face que olha para o sul, tem uma janella rectangular com lavores exquisitos na torça,—flores, aves, bichos e arabescos,—diz o meu informador; —está a dicta janella a 6m,24 d'altura do solo do quintal e tem hoje de vão 0m,55 de largura e 1m,11 d'altura; mas sabe-se e vê-se claramente que foi uma janella dupla, dividida por uma columna que teve no vertice do angulo S.E., olhando uma das aberturas para o sul e outra para o nascente. Esta ultima foi tapada ainda n'este seculo por um tal Fernando, sapateiro minhoto, sendo dono d'esta casa. Para fazer a janella mais pequena, deturpou-a e mutilou-a estupidamente, pondo-a rectangular e partindo a torça que tinha os lavores!...

—

Esta casa, nos fins do ultimo seculo, pertencia aos Madeiras de S. Martinho das Chãs, parentes muito proximos do famoso jurisconsulto João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar.

V. *Romão* (*S.*) *d'Armamar* e *Moimenta da Beira.*

Dos Madeiras passou por emprasamento para o tal Fernando minhoto,—depois este a vendeu á sogra do 1.º visconde de Valmor —e é hoje do 2.º visconde d'este titulo, como successor do 1.º

Confronta a S. com o quintal proprio,—a N. com uma casa de Luiz da Silva Carvalho, —a E. com a estrada publica—e a O. com um estreito becco, por onde hoje se entra para a dicta casa; mas a sua primitiva entrada era do lado norte, onde se fez a casa de Luiz da Silva Carvalho. Lá se vê ainda o antigo portal com arabescos analogos aos da janella, mas tapado com alvenaria,—e a escada.

Tambem interiormente se vêem alguns lavores em madeira de castanho, muito carcomida,—e canas e meias canas na cosinha, que é toda de pedra e muito defumada,—diz o meu informador,—pois eu apenas atravessei, ha muitos annos, esta villa uma só vez e não visitei semelhante casa.

Ao sr. visconde de Valmôr peço encarecidamente que a tracte com carinho, pois ainda está soffrivelmente conservada e é hoje o brasão mais venerando da antiguidade d'esta villa.

—

Tambem na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas* se diz—que Paio Cortez, vassallo e cavalleiro d'Egas Moniz, aio de D. Affonso I, casou com D. Eixemea, da qual teve tres filhos e uma filha—e que esta casou em Villa Secca d'Armamar.

Isto prova que já nos principios da nossa monarchia esta povoação de *Villa Secca* era habitada por familias nobres.

V. *Ineditos de Hist. Portugueza*, tomo 5.º pag. 609 e 610.

É tambem muito antiga a aldeia do Marmelal.

D. Sancho I deu carta de povoação aos seus habitantes em julho de 1194—e D. Affonso II, estando em Guimarães, a confirmou em 3 d'abril de 1219.

Maço 12 de foraes antigos, n.º 3, fl. 21, v. col. 1.ª *in-principio.*

No dicto foral de D. Sancho se lê, entre outras coisas, o seguinte:

«Ego Rex Sancius et uxor mea... cum filiis meis, et cum Gunsalvo Gunsalvi principe terrae, vobis populatoribus de *Marmellar*, quae jacet in fox de tonedo, facimus firmitudinis carta de ipsa populatione... De unaquaqua quorella de jugada... per meditam de Ermamar.»

«Eu rei D. Sancho e minha mulher... com os meus filhos e Gonçalo Gonçalves, senhor da dicta terra, damos carta de segurança e protecção aos povoadores da aldeia do *Marmellar*, que demora junto da foz do rio Tonedo (hoje Tedo). De cada uma das courellas da dicta povoação me pagareis jugada... pela medida do concelho d'Ermamar, (hoje Armamar).»

É pois muito antiga a povoação do Marmelal e mais ainda a de Armamar, hoje séde d'este concelho, e já n'aquelle tempo constituida com foral e *medidas* proprias, como se infere do logar supra, posto que Franklim apenas menciona o *foral novo*, que lhe deu D. Manuel.

V. *Armamar* n'este diccionario e no supplemento;—note-se porêm que o foral de D. Sancho com certeza se rerefe á povoação hodierna do *Marmelal* e não á que existiu a cavalleiro d'ella, no sitio denominado *Villa Chã*, onde appareceram as velharias mencionadas supra.

Essa extincta povoação foi talvez anterior ao dominio romano, como provam as suas *construcções circulares*, pois devem ser congeneres das do monte de Santa Luzia, mencionadas no artigo *Vianna do Castello*, a pag. 450, col. 2.ª do 10.º volume.

Chamamos para este ponto a attenção dos archeologos.

—

Em 1532, segundo se lê na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes, contava toda esta freguezia apenas trinta e seis fogos!...

Emquanto a viação, as estradas d'esta freguezia e d'este malfadado concelho são ainda os mesmos barrancos do principio da nossa monarchia! Apenas toca na sua extremidade N., seguindo pela margem esquerda do Douro, a estrada real a macadam, n.º 34, do Porto á Barca d'Alva.

Com vista aos illustres vereadores d'este concelho e aos seus procuradores á junta geral do districto.

VILLA DOS SINOS,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 38,—habitantes 140.

Em 1706 pertencia ao termo e concelho da villa do Mogadouro, comarca de Miranda, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas não lhe marcou população.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 35 fogos,—Almeida 46;—o censo de 1864—40 fogos e 160 almas—e o de 1878 (ultimo) 39 fogos e 142 almas.

Pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para a diocese de Bragança; mas pela sua população insignificante está civilmente annexada a *Villarinho dos Gallegos*. Vide.

É um simples e pobre curato, que foi da apresentação dos marquezes de Tavora, senhores do Mogadouro;—exterminados os dictos marquezes (V. *Chão Salgado*) passou para a corôa,—e tambem foi algum tempo da apresentação dos commendadores de Santa Maria.

O logar de *Villa dos Sinos* demora em terreno plano, na margem direita do Douro, do qual dista cerca de 4 kilometros para N., —12 do Mogadouro para S. E.,—50 da Barca d'Alva,—250 do Porto, pela linha ferrea do Douro,—e 587 de Lisboa.

As suas producções dominantes são—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero e tambem bovino.

VILLA SOEIRO,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Santa Anna,—fogos 70,—habitantes 296.

Curato.

Em 1708 pertencia ao termo e concelho de Linhares, corregedoria da Guarda, provedoria de Vizeu,—e era da apresentação do bispo da Guarda.

Em 1768 era da apresentação do prior da Mizarella;—contava 51 fogos—e rendia para o cura 10$000 réis, além do pé d'altar.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 65 fogos,—o censo de 1864 deu-lhe 60 fogos e 227 habitantes—e J. A d'Almeida nem sequer fez menção d'este pobre curato!

Producções dominantes—cereaes, vinho e lã, pois cria bastante gado lanigero.

VILLA DE SOUTO, VIL DE SOUTO ou **VILLA SOUTO**,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Vizeu.

V. *Val de Souto*.

Em rectificação ao que o meu antecessor disse d'esta parochia no artigo indicado, observaremos que Bettencourt a menciona sob o titulo *Villa de Souto*, dando-lhe 571 habitantes,—e que o *Portugal S. e Profano* a mencionou tambem sob o titulo *Souto*, vol. 2.º pag. 233, *in-fine*.

Aproveitando o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

—

Esta parochia em 1708 era abbadía da ca-

sa dos Loureiros de Ferronhe, e contava apenas 66 fogos.

Em 1768 era abbadia da apresentação de Luiz de Vasconcellos e Almeida,—rendia 300$000 réis—e contava 90 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 115 fogos, —o censo de 1864 deu-lhe 119 fogos e 574 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 122 fogos e 551 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—Egreja, Pouves, Fonte Arcada, Outeiro de Baixo, Outeiro do Pinheiro, Carriça, Carcavellos, S. Paio, Ferronhe e *Villa de Souto* ou *Vil de Souto.*

Alguem diz que esta parochia teve 3 foraes:—o 1.º dado por D. Sancho I em 1193, —o 2.º por D. Affonso II em 1218—e o 3.º por D. Fernando em 1376; mas Franklin não os menciona; pelo menos nós não conseguimos lobrigal-os na *Memoria* d'elle.

—

Está no termo d'esta parochia, em sitio alto e agreste, mas muito vistoso e pittoresco, o santuario de Nossa Senhora do Crastro (Castro) no topo da serra d'este nome, onde, segundo diz a tradição, outrora esteve um castello ou atalaia, cerca de 7 kilometros ao norte de Viseu. D'ali se descobre esta cidade e um horisonte vastissimo.

A imagem da Senhora, segundo se lê no *Sant. Marianno* (tomo 5.º pag. 242) é muito antiga, de madeira, estofada, com tunica vermelha e manto azul;—tem cerca de um metro d'altura e no braço esquerdo o Menino Jesus.

É imagem de grande devoção para os povos circumvisinhos, nomeadamente para as mulheres a quem falta o leite,—e teve (não sabemos se ainda hoje tem) uma grande irmandade erecta em 1588, com estatutos approvados pelo bispo D. Nuno de Noronha.

Como a dicta irmandade comprehendesse muitos irmãos em Viseu, estes, para se esquivarem ao passeio e á ingreme subida do monte, já em 1716 mandavam celebrar as missas do estatuto em um altar do claustro da Sé, onde se venerava outra imagem de Nossa Senhora;—desde 1685 festejavam no dicto altar a padroeira da irmandade e ali cumpriam o jubileu de 5 d'agosto, em contravenção da bulla, que o instituiu na capella do Castro,—abuso que o auctor do *Sant. Marianno* fulmina com aspera censura.

Tambem um abbade d'esta parochia, já antes de 1716, vendo que nem uma simples missa mandavam dizer na capella propria, demandou a irmandade e obteve contra ella sentença, em virtude da qual foi compellida a mandar dizer missa á padroeira na sua capellinha do monte em todos os sabbados da septuagesima até sabbado santo, pelo parocho d'esta freguezia ou pelo seu coadjutor.

A maior concorrencia a este santuario era no dia 5 d'agosto,—nas oitavas da paschoa —e nos sabbados da quaresma.

VILLA DO TOURO,—villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Ao que já dissemos d'esta parochia no artigo *Touro*, vol. 9.º pag. 704, col. 1.ª, accrescentaremos o seguinte:

—

Demora esta freguezia na antiga estrada de Pinhel para o Sabugal, na margem esquerda do Côa, do qual dista 7 kilometros para O.,—10 do Sabugal para N.,—12 da estação de Villa Fernando, na linha da Beira Alta,—15 da Guarda,—47 de Villar Formoso,—179 da estação da Pampilhosa,—230 da Figueira,—286 do Porto—e 410 de Lisboa.

Comprehende alem da villa do Touro, séde da parochia, as povoações seguintes:—Baraçal, Vinhas, Abitureira, *Moinhos*, que o sr. João Maria Baptista por lapso denominou *Mainhas*,—e a quinta de Roque Amador, da qual é directo senhorio Miguel Osorio Cabral e Castro, da quinta das Lagrimas, em Coimbra, e emphiteuta José Ramos.

Freguezias limitrophes:—Rapoula, a E., —Aguas Bellas, a O.,—Seixo do Côa e Pêga a N.—Rendo e a quinta de S. Bartholomeu a S.

—

Foi villa e concelho proprio, pertencente á antiga comarca de Castello Branco; depois passou como simples parochia para o concelho e comarca do Sabugal.

Tambem pertenceu ecclesiasticamente ao bispado de Pinhel até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado da Guarda.

Em 1708 contava 270 fogos e o seu vigario apresentava curas nas freguezias de Lomba e Palheiros, hoje unidas,—e na de Rapoula.

Em 1768 contava 260 fogos;—pelo recenseamento de 1864 tinha 280 fogos e 1:108 habitantes;—pelo de 1878 contava 291 fogos e 1:183 habitantes—e hoje, pelos apontamentos que recebi, conta 300 fogos e 1:250 habitantes.

Ainda é parochia independente e uma das mais importantes d'este concelho.

Além da sua egreja matriz, muito velha e muito arruinada, tem as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora do Mercado*, na villa e bem conservada. É publica.

2.ª—*S. Sebastião.*

3.ª—*S. Lazaro.*.

4.ª—*S. Gens.*

Todas estas 3 capellas estão na villa tambem e são publicas, mas acham-se em ruinas.

5.ª—*Espirito Santo*, no Baraçal.

É publica.

6.ª—*S. Domingos*, particular, na quinta das Vinhas.

7.ª—*S. Sebastião*, publica, na Abitureira.

8.ª—*Senhora das Preces*, particular, na quinta de Roque Amador.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são:—a da Senhora do Mercado, no dia 8 de setembro,—a de S. Sebastião, nos fins do mesmo mez,—a de Sant'Anna em principios d'agosto,—e a do Espirito Santo na dominga propria.

Ha tambem grande romagem a S. Roque Amador, na segunda feira de Paschoa.

Esta villa não tem estrada alguma a macadam; toca porém n'esta parochia, do lado E., a estrada real n.º 54 da Guarda a Castello Branco, pelo Sabugal e Penamacôr.

—

Esta villa foi fortificada; mas hoje apenas restam alguns lanços dos seus velhos muros em ruinas.

Tambem conserva ainda o seu pelourinho, a cadeia e os velhos paços do concelho, muito arruinados com o peso dos seculos.

Tem mercado mensal na 3.ª quinta feira de cada mez,—e os 4 largos seguintes:—do Pelourinhó, do Reducto, de S. Lazaro, do Poço da Carreira e do Poço das Patas.

Banham esta parochia 2 ribeiros:—o do Bezerrinho e o do Moinho Fernandes;—este desagua no Côa a 3 kilometros de distancia,—o Bezerrinho desagua na ribeira de Cró, confluente do Côa, a distancia de 7 kilometros,—move 3 moinhos de cereaes—e tem uma ponte.

Producções dominantes:—centeio, milho, linho, trigo, lã, cera e mel, pois cria bastantes colmeias e gado lanigero.

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Em varios pontos d'esta freguezia se encontram sepulturas abertas na rocha, no mesmo estylo das de *Villa Nova de Tazem* e *Villa Ruiva*, no concelho de Gouveia, *Moreira de Rei*, no concelho de Trancoso, *Sendim*, no concelho de Taboaço, etc.

VILLA TINTA—quinta e casal da freguezia de *Figueiró*, concelho de Paços de Ferreira, districto e diocese do Porto.

V. *Figueiró*, vol. 3.º pag. 195, col. 2.ª

Esta freguezia pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto.

O recenseamento de 1878 deu-lhe 121 fogos e 471 habitantes.

Alem d'esta quinta e casal de *Villa Tinta*, comprehende as aldeias de Pardelhas, Rocha, Lamas, Egreja, Barreiro, Fundo de Villa, Monte, Monte de Parada, Ribeirinha e Figueirò,—os casaes da ponte e Bussacos—e outros casaes e quintas.

VILLA VELHA DE RODAM,—villa, freguezia e concelho do seu nome, comarca e districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Foi e não sabemos se ainda é vigairaria.

Orago Nossa Senhora da Conceição;—fogos 503,—habitantes 2:100,—segundo os apontamentos que nos enviou o digno administrador d'este concelho.

Em 1708 era vigairaria da ordem de Chris-

to, commenda do conde de Athouguia,—e contava apenas 160 fogos.

Em 1768 era villa e freguezia do bispado da Guarda,—vigairaria da apresentação d'elrei pela Mesa da Consciencia,—rendia para o vigario 40$000 réis—e já contava 172 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 270 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 355 fogos e 1454 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 430 fogos e 1:652 habitantes.

Tem augmentado consideravelmente a população d'esta freguezia, bem como a d'este concelho, pois em 1708 este concelho comprehendia as mesmas 4 freguezias d'hoje:—Villa Velha de Rodam, Alfrivida, Sarnadas e Fratel[1] com o total de 560 fogos;—pelo recenseamento de 1864 tinha 1:153 fogos e 4:736 habitantes,—e pelo de 1878 contava 1:323 fogos e 5:233 habitantes.

Predios inscriptos na matriz.....	10:330
Superficie em hectares.....	35:770

—

Esta villa e este concelho foram sempre da comarca de Castello Branco e da diocese da Guarda, mas desde 15 d'agosto de 1771, data da creação do extincto bispado de Castello Branco, passaram para elle;—e pela ultima circumscripção diocesana de 1882, supprimido o bispado de Castello Branco, ficaram pertencendo ao de Portalegre.

Demora esta villa na margem direita do Tejo, do qual a séde da parochia dista pouco mais de 1 kilometro;—29 de Castello Branco;—30 da estação do Pezo (a mais proxima) na linha ferrea de Lisboa a Madrid por Caceres;—60 de Portalegre;—234 de Lisboa, pela estação do Pezo[2]—e 394 do Porto.

---

[1] Carvalho menciona tambem com 20 fogos *Perdigão*, aldeia da freguezia de *Fratel*.

[2] Emquanto se não construir a linha ferrea da Beira Baixa.

A sua construcção foi adjudicada á *Companhia Real do Caminho de ferro do Norte*, mas até hoje (fevereiro de 1886) ainda não lhe deu principio.

V. *Vias Ferreas*, vol. 10.º pag. 477, columna 2.ª

A mencionada linha deve atravessar esta freguezia de *Villa Velha de Rodam*.

Alem da povoação de *Villa Velha*, que está em sitio alto e tem 60 fogos, comprehende esta freguezia as povoações ou aldeias seguintes: *Bairro Baixo* ou *Porto do Tejo* com 60 fogos tambem, approximadamente, na margem direita do Tejo,—Alvaiade, Chão das Servas ou Cervas, Gavião, Tavilla, Coxerre, Lucriz, Monte Novo, Cerejal, Salgueiral, Foz do Cobrão, Valle do Cobrão, Sarnadinha, Sarrasqueiro, Tostão ou Tortão, Togeirinha e Villas Ruivas. A *Chorographia Moderna* menciona tambem os sitios de Urgueira e Coutada.

Freguezias limitrophes:—Sarnadas de Rodam, a N.,—Alfrivida a N.E.,—Fratel, a S.O., todas 3 d'este concelho;—Sobreira Formosa, do concelho de Proença a Nova,—e Sarzedas, do concelho de Castello Branco, ambas a N.O., e divididas da freguezia de Villa Velha de Rodam pela ribeira da Ocrêsa.

O terreno da margem esquerda do Tejo pertence á freguezia e concelho de Nisa, districto de Portalegre, provincia do Alemtejo,

—

Ha n'esta freguezia duas grandes herdades, muito dignas de especial menção:

1.ª—*Da Ordem*, na ribeira de Açafal, pertencente a José de Aragão Costa Lacerda da Victoria, possuidor da maior parte da casa de *Sarnadas*, em virtude do seu casamento com a sr.ª D. Maria Isabel Pereira Rebello da Fonseca, filha do commendador e conselheiro dr. Manuel Luiz Pereira Rebello da Fonseca, ultimo capitão-mór de Sarnadas.

Foi José d'Aragão deputado ás côrtes e governador civil d'este districto de Castello Branco.

2.ª—*Coutada*, hoje do commendador e conselheiro dr. Agostinho Nunes da Silva Fevereiro, que tem sido deputado ás côrtes e houve a dicta herdade e outros bens nos limites d'esta parochia pelo seu casamento com a sr.ª D. Maria Amalia Torres Sampaio, filha unica do dr. Antonio Torres de Oliveira, ultimo capitão-mór de Sarzedas e irmão da esposa do sr. dr. Manuel Luiz Pereira Rebello da Fonseca, mencionado supra.

—

Atravessa esta freguezia na extensão de

7 kilometros a estrada real a macadam, n.º 57, de Castello Branco a Nisa e Portalegre, e tem mais 3 kilometros de estrada municipal do mesmo systema, entre esta villa e o povo do Gavião.

Todas as outras estradas d'esta freguezia e d'este concelho são os mesmos precipicios e barrancos dos principios da nossa monarchia!...

A dicta estrada real n.º 57 foi construida ha 18 a 20 annos, exceptuando a ponte de que logo fallaremos e que ainda n'esta data (fevereiro de 1886) não oi aberta ao tranzito.

Na dicta estrada se montaram, ha muito, diligencias entre a Guarda e a estação do Crato pela Covilhã, Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa e Alpalhão, mas os carros não atravessavam o Tejo. Ficavam na margem direita os descendentes e na esquerda os ascendentes, havendo trasbordo de bagagens e passageiros de uns carros para os outros, na barca de Villa Velha de Rodam, —o que era bastante incommodo e moroso.

Foi a dicta barca de passagem uma das mais importantes do Tejo. Dizem-nos que alguns annos foi arrendada por 1:200$000 rs. livres para o municipio. Vae desapparecer logo que a ponte se abra ao transito; mas, ainda que a ponte se não fizesse, a linha da Beira Baixa lhe cercearia o movimento.

Templos

A egreja matriz d'esta parochia é espaçosa e muito antiga.

A porta principal é de granito em quadrados, com ornamentação em alto relevo, e no fecho do arco se vê a data de 1591, ou 1595, referindo-se á sua construcção ou reconstrucção.

Tem mais 2 portas lateraes, 1 torre com relogio e escada exterior, pequena sacristia, capella-mór e no corpo da egreja 3 naves formadas por 2 arcarias de 5 arcos cada uma, sustentados por pilares de granito redondos.

Tem apenas 3 altares:—altar-mór e 2 collateraes na fachada do arco cruzeiro, correspondendo ao topo das 3 naves, cada um.

Ha tambem n'esta freguezia 5 capellas publicas e 1 particular:

1.ª—*S. Pedro*, na praça da villa.

2.ª—*Santo Antonio*, com tecto de abobada. Está no cimo da villa, junto do cemiterio parochial.

3.ª—*Sant'Anna*, no povo de Gavião.

4.ª—*Senhora da Alagada*, cerca de 2 kilometros ao nascente da villa.

Foi completamente restaurada ha poucos annos e tem festa, feira e grande romagem no ultimo domingo d'agosto.

Segundo se lê no *Sant. Marianno*, vol. 3.º pag. 91, a invocação da padroeira d'esta ermida é Nossa Senhora da *Orada*, mas o povo lhe deu o titulo de *Alagada*, porque, segundo a tradição, appareceu mettida em uma caixa no Tejo, a pequena distancia do sitio onde se vê a capellinha,—e porque esta alguns annos era (não sabemos se ainda hoje é) inundada e coberta pelo rio.

Demora em um pequeno alto na margem direita do Tejo, quasi defronte da villa de Montalvão, em um sitio que já em 1711 estava povoado de oliveiras.

É antiquissima e tem sido restaurada por differentes vezes, sendo uma d'ellas approximadamente em 1880—e outra pelos annos de 1700,—alem d'outras de que não ha memoria.

A imagem é de madeira estufada e tem cerca de 3 palmos d'altura.

5.ª—*Senhora do Castello*, cerca de 2 kilometros d'esta villa para o sul.

Tem festa e romagem no dia 15 d'agosto.

Este templo é muito antigo, pois, segundo a tradição, foi feito pelos templarios quando aqui viveram e fizeram a torre proxima.

A imagem é uma boa esculptura de pedra alva e fina;—tem no braço esquerdo o Menino Jesus;—está pintada e encarnada—e mede cerca de tres palmos e meio de altura.

Já em 1711, segundo se lê no *Sant. Mariano*, vol. 3.º pag. 89, era alvo de grande devoção e nas paredes da capella se via, entre outros, um quadro offerecido por marinheiros de Abrantes que, havendo naufragado na descida das Portas de Rodam, por intercessão da Senhora do Castello todos se salvaram.

Em 1711 a festa principal era no dia 8 de

setembro e desde o dia ultimo d'agosto ali se viam fazendo novenas e vivendo em casinhas de pedra solta, quasi todas cobertas de matto, 30 a 40 casaes de romeiros, havendo memoria de se reunirem ali mais de setenta, durante os dias da novena.

Hoje a concorrencia mudou dos templos para os theatros, tavernas, casas de jogo e de prostituição.

Le monde marche!...

6.ª—.....na herdade da Coutada.

É particular.[1]

—

Além da feira no dia da festa e romagem da Senhora da Alagada, não ha n'esta parochia outra feira, mas apenas mercados de pouca importancia aos domingos, na praça da villa.

Tambem esta parochia não tem edificios particulares dignos de menção. Os seus melhores edificios são a egreja matriz e os novos paços do concelho, com portas e janellas guarnecidas de granito, pedra rara e cara n'estes sitios, pois só se encontra nas proximidades de Castello Branco, d'onde veiu para os 2 mencionados edificios, bem como para as pontes que n'esta freguezia e n'este concelho se construiram em 1866 a 1868 na estrada real a macadam n.º 57, já mencionada. E na outra margem (esquerda) do Tejo as pedreiras de granito mais proximas são as de Nisa, a distancia de 17 kilometros, d'onde veiu a pedra para a nova ponte, prestes a concluir-se sobre o Tejo, no Porto d'esta Villa Velha de Rodam,—ponte magestosa de 3 arcos, medindo o do centro 60 metros de vão e cada um dos lateraes 50 metros;—de altura 35 metros—e de comprimento total cerca de 250. Tem pilares e encontros de granito, e taboleiros metalicos;—foi principiada em 1884, sendo seu arrematante e constructor Mr. Pijonet, engenheiro francez, e fiscal por conta do nosso governo o engenheiro Joaquim da Silva Carvalho.

[1] Esta villa, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, teve uma irmandade de Misericordia; mas suppomos que se extinguiu e que até já desappareceu a sua capella, porque o meu informador não a mencionou.

No edificio dos paços do concelho funccionam a camara, o tribunal judicial, a repartição da fazenda, a administração do concelho, etc.

Nos baixos está a cadeia.

A herdade da *Coutada* tem boa casa nobre, capella e vastas officinas.

—

Esta villa nunca foi murada, mas desde tempos remotissimos houve no seu termo, extremamente accidentado e alcantilado, differentes obras de defesa, das quaes hoje apenas resta uma parte da grande torre que encimava e coroava a montanha de maior altura no termo d'esta parochia, dominando o celebre e magestoso penhasco das *Portas de Rodam* e as margens do Tejo a montante e a jusante.

Ignora-se quando e por quem foi fundada a dicta torre, mas revela grande antiguidade;[1]—tem a forma de um parallelogrammo ou quadrilongo—e mede ainda hoje cerca de 15 metros d'altura, sobre 10 de largura nas faces que olham para O. e E.—e 6 a 8 metros de largo nas faces N. e S.

Esta torre foi muito mais alta. As suas paredes, todas de alvenaria, teem $2^{m},2$ de espessura, desde o chão até meia altura;—d'ahi para cima $1^{m},6$—e apenas uma porta e uma janella sem lavores do lado sul, que olha para o Tejo. Nas outras faces tem apenas 2 seteiras com tão pequena abertura exterior que mal se divisam do lado de fóra. Serviam apenas para dár luz ao interior da torre e para vigiar o terreno adjacente.

Tem esta torre a pedra já carcomida pelo roçar dos seculos e foi primitivamente cercada por um fosso e grossas muralhas, do que ainda se vêem claros vestigios.

A montanha em que assenta domina todas as outras que a circumdam. D'ella se descobre um vasto e pittoresco horisonte, para todos os quadrantes,—grande extensão do Tejo e da sua bacia hydrographica—e longo tracto de terreno das provincias do Alemtejo e Beira.

[1] Alguem attribue a sua fundação aos templarios.

Logo desenvolveremos este ponto.

O panorama é bastante agreste, mas esplendido e magestoso—e mais esplendido e magestoso panorama devia offerecer o eirado da torre, quando estava completa.

Dista cerca de 2 kilometros de Villa Velha e a 50 metros para o norte se vê hoje a ermida com a invocação de *Nossa Senhora do Castello,* em plano um pouco inferior e que outr'ora foi povoado, como provam os restos de muros e alicerces que ali ainda hoje se vêem, junto da antiga estrada de Villa Velha para Fratel, por Villas Ruivas.

—

Contam-se na localidade diversas lendas com relação á dicta torre, sendo uma d'ellas a seguinte:

Em tempos muito remotos vivia n'ella uma princesa por nome Urraca, mui formosa;—teve amores com certo principe ou cavalleiro andante, pelo que o marido a lançou das *Portas de Rodam* sobre o Tejo.

—

Nas alturas que medeiam entre o monte do castello ou da torre e esta villa, se encontram ainda hoje tambem alicerces e outros vestigios de fortificações, nomeadamente onde chamam *Torre Velha,* nome que leva a crer a existencia d'outra torre antiquissima n'aquelle sitio;—na encosta da dicta serra se veem vestigios de uma estrada, por onde rodou a artilheria,—e em plano inferior se vêem em differentes pontos montões de pedras, denominados *baterias,* constando terem sido artilhadas ainda n'este seculo, por occasião da guerra da peninsula e que serviram n'ellas, como officiaes, entre outros, o padre Nogueira, que foi parocho na freguezia de Sarnadas, d'este concelho, e *José Antonio Ferreira*[1] que foi parocho de Villa Velha de Rodam.

É certo que este ponto, pela sua posição estrategica e tão defensavel, foi occupado por tropa do exercito anglo-luso na guerra da peninsula;—aqui tivemos bastante artilheria montada e um grande deposito de munições de guerra e bôcca,—e, se aqui não se registrou nenhum feito d'armas importante, aqui soffremos prejuizos consideraveis, pois em certa occasião, sabendo-se que os francezes avançavam sobre Portugal por Castello Branco, as tropas inglezas que ao tempo aqui se achavam fugiram precipitadamente e, como não podessem levar comsigo o deposito das munições, lançaram-lhe o fogo e tudo foi pasto das chammas!

Depois verificou-se que os francezes apenas chegaram aos *Amarellos,* contra marchando sobre a Hespanha.

Reforçou se immediatamente este ponto e ainda pelos annos de 1853 aqui estavam junto do Tejo 11 peças de ferro, que n'aquella data foram removidas para o arsenal de Lisboa.

—

Não ha n'esta villa nem n'este concelho memoria de convento algum.

Até 1834, data da restauração constitucional, este concelho tinha um juiz de fóra que residia alternadamente n'esta villa e na das Sarzedas.

Villa Velha de Rodam é povoação muito antiga. Não sabemos quando nem por quem foi fundada, mas é certo que os templarios aqui viveram e foram senhores d'ella. Extincta a ordem do Templo, passou para a de Christo, fundada por D. Diniz em 1319 e por elle dotada com todo o grande patrimonio dos templarios portuguezes.

V. *Thomar.*

No anno de 1119, sendo mestre da ordem do Templo D. Lopo Fernandes, o nosso rei D. Sancho I lhe doou a grande herdade de *Açafa* (hoje *Açafal* ou *da Ordem)* que comprehendia não só o termo actual de Villa Velha de Rodam, mas muitos chãos na margem esquerda do Tejo.

Em setembro de 1242, sendo mestre da ordem do Templo D. João *Escriptor,* fizeram os templarios uma composição com o bispo da Guarda sobre os direitos episcopaes de Castello Branco, pela qual deram ao bispo certas casas em Villa Velha de Rodam, para n'ellas receber as suas rendas.

V. *Tempreiros* em Viterbo

—

Em 1272, segundo se lê na *Monarchia Lusitana,* liv. xv, tit. iv., sendo mestre do Tem-

[1] Era homonino de meu pae!...
V. *Corvaceira* e *Miragaya.*

plo D. Beltrão de Valverde, cederam os templarios por escriptura publica Villa Velha de Rodam a D. Sancha Pires e a sua filha D. Berengaria para usufruirem esta villa emquanto vivas fossem, havendo a dicta D. Sancha doado muitas fazendas á mesma ordem.

—

Tiveram pois os templarios demorada residencia n'estes sitios, como senhores d'esta villa e de parte d'este concelho e do de Nisa, na margem esquerda do Tejo,—e a elles, como já dissemos, se attribue a fundação da *velha torre*.

Na *Memoria historica da Villa de Nisa*[1] se lê:

«...o castello das portas de Rodam, do lado da Beira, fundado por D. Galdim Paes, tinha uma alta torre n'uma das partes, e na outra um forte muro; e a mesma torre era cercada de muro dobrado, entre o qual e ella havia o espaço de tres braças, não muito alto, por forma que entre os dois não cabia mais que um homem e ficava a dois tiros de pedra da Ermida da Senhora do Castello, imagem de grande prestigio n'aquelles povos e mui antiga, porque existia desde a invasão dos godos, segundo testifica o padre João Salgado d'Araujo na sua obra intitulada *Successos militares das Armas Portuguezas*, depois da revolução contra Castella, a paginas 176, e outros[2].»

É possivel e até provavel que a *velha torre* seja fundação dos templarios, mas *não de Gualdim Paes*,—pois esta villa (a grande herdade *da Ordem*, ou de *Açafa*) foi, como já dissemos, doada em 1199 por D. Sancho I ao mestre do Templo D. Lopo Fernandes,—*successor de Gualdim Paes*, que governou pelos annos de 1157 a 1197.

Custa-nos pois a crer que Gualdim Paes fundasse o castello e a torre de Villa Velha de Rodam—*antes de ser dos templarios o seu chão!...*

—

Esta villa ainda conserva o seu antigo pelourinho. Esteve no centro da praça e removeram-no, ha annos, para um recanto da mesma.

É formado por uma columna redonda de granito;—tem por cupula uma pedra oblonga de 4 faces—e em uma d'ellas a corôa real,—em outra a cruz da ordem de Christo,—em outra a esphera armillar—e em outra um emblema gasto pela acção do tempo.

O fuste da columna e o remate medirão tres metros d'altura.

—

A Villa Velha de Rodam, propriamente dicta, comprehende apenas dois largos:—o da *Praça* e o da *Egreja matriz*, ambos pequenos,—mais duas ruas e duas travessas.

No *Porto do Tejo* as casas estão divididas em 4 grupos:

1.º—*Pesqueiras de Cima.*

2.º—*Pesqueiras de Baixo*, junto da estrada real de Castello Branco a Nisa e Portalegre.

3.º—*Commissões.*

4.º—*Porto das barcas.*

Estes ultimos dois grupos de casas costumam ser inundados pelas grandes cheias do Tejo. A maior de que ha memoria n'este seculo, ao sul do nosso paiz, foi a de 1876, tanto n'este rio como no Guadiana; mas nas provincias do norte, principalmente no Douro, subiu muito mais a cheia de 1860.

Aqui o Tejo, por causa da estreiteza e altura das celebres *Portas de Rodam*, sobe sempre muito, como subia o Douro a montante do *Cachão da Valleira*, antes de se extrahirem os penedos que o obstruiam e faziam parar ali a navegação.

V. *Salvador do Mundo*, *Val da Villariça*, *Vias Ferreas*[1] *Villa Secca d'Armamar* e *Pontos do Douro.*

---

[1] Foi seu auctor José Diniz da Graça Motta e Moura, do conselho de S. M., dr. na faculdade de direito, lente (oppositor) da Universidade de Coimbra, etc., natural da villa de Nisa.

O diccionario de Innocencio mencionou apenas um drama d'este auctor e não a dicta *Memoria*, porque foi publicada em 1877.

Consta de duas partes, sendo a 2.ª datada de Nisa, em 31 de janeiro de 1855.—Lisboa, typographia Universal, 1877.

[2] D'esta obra e do seu illustrado auctor já fizemos menção no artigo *Villa Nova de Foscôa*, a pag. 848 do vol. 10.º col. 2.ª Vide.

[1] Vol. 10.º pag. 488, col. 1.ª e seg.

As portas de Rodam

O Tejo, como dissemos no artigo proprio, vem da Hespanha e desagua no Atlantico, depois de banhar Toledo, Alcantara, Villa Velha de Rodam, Abrantes, Santarem, Lisboa, etc. Já foi navegavel até Madrid, pelo Manzanares, mas hoje os barcos vão só até Alcantara, cerca de 70 kilometros a montante de Villa Velha de Rodam.

O meu benemerito antecessor disse no artigo *Tejo* que a sua navegação não passava hoje d'esta villa.

Foi lapso.

Aqui o Tejo corre de S.E. a N.O.—e, tocando n'esta villa, volta rapidamente para S.O. atravez das *Portas de Rodam*,—estreita e medonha passagem, formada por dois grandes morros de pedra que se levantam nas duas margens, fronteiros um ao outro.

Como o Tejo ali não póde espraiar-se, sobe sempre a grande altura nas enchentes; —faz uma enorme represa a montante—e inunda os terrenos adjacentes até grande distancia, principiando pela povoação do *Porto do Tejo*, na baixa d'esta freguezia e contigua ás *Portas de Rodam*.

Em 7 de dezembro de 1876, por exemplo, subiu ali a agua do rio até mais de 20 metros d'altura sobre o nivel da estiagem, ficando submergidas muitas casas da dicta povoação.

Foi a maior enchente do Tejo n'este seculo, posto que tambem foi muito notavel a de 1855;[1] mas diz a tradição que em tempos remotos houve no Tejo outra enchente muito maior, que cobriu quasi todos os outeiros da parte baixa d'esta freguezia. Consta que por essa occasião um pobre pastor se salvou no curuto do monte que por isso tomou e conserva ainda hoje o nome de *Cabeço do Salvador*!...

[1] Segundo já lemos algures, o Tejo em 19 de fevereiro de 1855 subiu em Villa Velha de Rodam a 22m,50;—em Abrantes a 16m,0; —em Tancos a 13—e em Santarem a 7m,42.

—

A valleira das *Portas de Rodam*, «aberta por algum terramoto, ou como quer que fosse,» na Serra de Villa Velha, tem 700 pés de comprimento e 650 d'altura. «Os penedos que a formam são de marmore» bem como o lastro do Tejo ali;—tem de largura 100 pés, á superficie da agua no estio—e até 350 pés d'altura alarga o dobro do que levanta.

Era aqui que o desditoso Bento de Moura Portugal, fallecido nas pri ões da Junqueira no dia 27 de janeiro de 1776,—homem muito illustrado, bacharel formado em direito, mas com rara vocação para mathematica, nautica e hydraulica, sciencias em que era muito entendido,—aconselhava que se fizesse um marachão de pedra para acabar com as grandes enchentes e inundações do Tejo, d'ali até Lisboa,—assim como por meio d'outro marachão semelhante (disse elle) feito no Mondego, no sitio do *Murcellão*, a montante de Coimbra e um pouco a juzante da foz do rio Dão, acabariam as grandes enchentes e inundações do Mondego, d'ali até a Figueira.

—

Leiam-se as *Prisões da Junqueira*, pelo marquez d'Alorna,—e os *Inventos e varios planos de melhoramentos para este reino, escriptos nas Prisões da Junqueira por Bento de Moura Portugal*, Coimbra, Impr. da Universidade 1821, 8.º LVIII—223.

«Esta pequena amostra (diz Innocencio) foi tudo o que se salvou de vinte e oito quadernos de papel, em que o auctor havia escripto as suas descobertas e projectos. Sahiu esta publicação por diligencias do seu comprovinciano, o sr. Antonio Ribeiro Saraiva, que então cursava em Coimbra a faculdade de Direito.»

Para a biographia do sr. Antonio Ribeiro Saraiva, que ainda hoje (1886) vive em Londres, veja-se o artigo *Sernancelhe*,—e para a biographia de Bento de Moura Portugal veja-se o artigo *Moimenta*, freguezia da Beira Baixa, concelho de Gouveia,—e no supplemento a este diccionario os artigos *Gouveia*, villa da Beira Baixa, e *Rio Torto*, freguezia do dicto concelho de Gouveia, onde o desditoso martyr da prepotencia do marquez de

Pombal, tem parentes proximos, entre elles o sr. Joaquim Homem de Moura Portugal, cavalheiro respeitabilissimo e um dos primeiros proprietarios e industriaes d'aquelle concelho.

—

Na dicta obra se encontra o plano de Bento de Moura Portugal com todos os seus detalhes. Era, em resumo o seguinte:

Entulhar litteralmente a dicta valleira das *Portas de Rodam* até á altura de 350 pés, com grandes penedos soltos, lançados a granel e tirados da parte superior dos grandes penhascos, ficando as pedras na posição em que fossem cahindo,—formando o dicto marachão contra a corrente 2 angulos interiores de 45 graus cada um, tendo na superficie 30 pés de nascente a poente—e de norte a sul toda a largura da valleira.

Este marachão (diz o auctor) serviria de ponte, dando passagem franca da Beira Baixa para o Alemtejo—e rapidamente acabariam as grandes enchentes d'ali para baixo, porque o marachão, feito nas condições indicadas, não represaria toda a agua do Tejo, mas sómente a que não podesse passar atravez das pedras soltas. Suppunha elle que nas grandes cheias passariam apenas duas oitavas partes da agua, ficando detida na grande represa temporariamente a restante; e que aos campos do Tejo não iria mais do que a terça parte da agua que até ás Portas de Rodam corre para o Tejo,—agua que o auctor, por estudos e experiencias que fez, calculou em 450:000 milhões de pés cubicos, sendo a quarta parte da que nos annos mais invernosos chove a montante das Portas de Rodam em toda a bacia hydrographica do Tejo e nas dos seus confluentes, em 24 horas.

—

E pela inclinação do alveo do Tejo a montante das Portas de Rodam,—inclinação que o auctor diz ser de 15 pés em cada légua franceza,—e pela baixesa das terras nas suas margens, convenceu-se de que os 450:000 milhões de pés cubicos d'agua caberiam bem na represa, tanto que a agua subisse a 250 pés d'altura junto do marachão; mas estava certo de que a agua não subiria além de 100 pés, porque iria passando atravez do marachão na mesma quantidade e proporção em que a elle chegasse.

Avaliou em cerca de 8:000 milhões de pés cubicos toda a agua que na maior enchente passa em 24 horas nas Portas de Rodam, servindo-se do calculo seguinte:

«O maior aperto do Tejo nas dictas Portas he de 100 pés de largura no fundo, d'onde para os lados alarga tanto como levanta. A cheia do anno de 1739 levantou 70 palmos para cima da superficie da agua em Agosto; e porque para baixo d'ella tem cousa de 10 pés d'altura, lhe faço a conta a 50 pés d'altura, que por 150 de largura fazem 7:500; e pelas experiencias que fiz no mesmo sitio, em cheias menores, inferi corria a agua 12 pés em cada segundo nas maiores cheias que fazem 90:000—e consequentemente 7:776 milhões em 24 horas.»

Por um calculo semelhante inferiu elle tambem que nas maiores cheias do Tejo corriam em Vallada cerca de 10:000[1] milhões de metros cubicos d'agua nas mesmas 24 horas,—ou mais a *oitava parte* da que passa nas Portas de Rodam; «e assim deve ser (diz elle) por causa do rio Zezere e das ribeiras que entrão no Tejo entre Villa Velha e Vallada.»

Vejam-se os outros detalhes no livro e concluamos este topico mencionando as principaes vantagens do dicto marachão, indicadas pelo auctor do projecto:

1.ª—Ficar servindo de ponte entre as provincias da Beira Baixa e Alemtejo.

2.ª—Dentro em 5 a 25 annos os terrenos das margens do Tejo e dos seus afluentes a montante das Portas de Rodam seriam adubados e beneficiados com os nateiros da grande represa, e viriam a produzir mais de *dez mil moios de pão* por anno.

3.ª—Desapparecendo as grandes enchentes do Tejo, como era de esperar, accresceria *per alluvionem* nas suas margens, só desde Abrantes até á Barquinha, talvez terreno para 500 moios de semeadura e 3 a 4 mil moios de producção.

---

[1] Os *Inventos* dizem 100:000.
Suppomos ser lapso ou erro de imprensa.

4.ª—A juzante da Barquinha se aproveitaria nas duas margens do Tejo terreno para mais de oito mil moios de semeadura.

5.ª—Receberiam tambem grande beneficio as terras salgadas, augmentando a sua producção talvez mais de 20:000 moios de cevada por anno.

6.ª—A navegação do Tejo ficaria dividida em dois lotes, mas melhoraria consideravelmente tanto a juzante como a montante do dicto marachão.

7.ª—Evitar-se-hiam muitos dos sinistros que todos os annos por occasião das grandes enchentes se dão nos barcos que em frente de Lisboa sulcam o Tejo e nos navios ancorados n'elle.

Exposição e clima

Esta villa olha para o nascente e está rodeada por espesso arvoredo:—oliveiras, sovereiras, azinheiras e outras arvores em menor quantidade.

O solo não deixa de ser fertil, principalmente para oliveiras,—e as suas condições climatologicas são boas no inverno, primavera e outono; são porém más no estio por causa do intenso calor, proveniente da sua exposição leste e abafada, pois cercam esta villa a N. e O. altas montanhas que obstam á corrente do vento.

No verão e outono grassam aqui muitas febres, predominando as intermittentes, devidas aos miasmas das ribeiras de *Lucriz* e *Açafal*, muito proximas, cujas aguas teem pouco declive e quasi que deixam de correr na estiagem, ficando em putrefacção muitas substancias vegetaes.

Tambem contribue para a insalubridade d'esta villa, no verão, a visinhança do Tejo, porque de noite refresca muito a athmosphera, fazendo baixar consideravelmente o thermometro exposto ao ar livre.

Ribeiros, ribeiras e regatos

Além do Tejo banham esta parochia muitos ribeiros ribeiras e regatos. Mencionaremos apenas os seguintes:

1.º—*Enxarrique.*

É o ribeiro mais proximo d'esta villa;—desagua no Tejo a poucos metros das casas do *Porto de Villa Velha de Rodam;*—tem uma ponte de granito de um só arco para passagem da estrada real de Castello Branco a Nisa e Portalegre;—move tres moinhos de cereaes e um lagar d'azeite—e n'elle lavam a sua roupa os habitantes d'esta villa desde as aguas outonaes até os principios de julho data em que deixa de correr, por desviarem as aguas para rega dos campos e hortas.

2.º—*Ribeira do Açafal,* outro affluente do Tejo.

Banha a grande herdade de *Açafa*, ou da *Ordem*, já descripta,—é atravessada pela estrada real em uma bella ponte de granito de cinco arcos—e desagua no Tejo cerca de um kilometro a montante do porto d'esta villa.

Move 2 moinhos de cereaes e 1 lagar de azeite.

3.º—*Alfrivida,* ribeira confluente da de *Açafal.* Desagua n'ella cerca de 200 metros a jusante da dicta ponte.

Move um lagar d'azeite.

4.º—*Ribeiro de S. Pedro.*

É tambem confluente da ribeira de *Açafal* e desagua n'ella a dois kilometros de distancia d'esta villa.

5.º—*Cerejal.*

Este ribeiro move quatro moinhos e já tem movido mais 6, hoje desmontados.

É tambem confluente da ribeira de *Açafal,* e desagua n'ella a 3 kilometros d'esta villa.

6.º—*Coxêrre.*

É um ribeiro confluente da ribeira d'Alfrivida—e atravessa-o a mesma estrada real n.º 57 em uma ponte de granito de um só arco.

7.º—*Barroca da Senhora.*

É um pequeno regato que desagua no Tejo um pouco a montante das *Portas de Rodam,*—conserva agua todo o anno, mesmo no rigor da estiagem, e rega um valle pittoresco e muito aprazivel, todo cheio d'hortas e pomares de bella fructa e povoado de frondoso arvoredo nas encostas. É este lindo e ameno valle a Cintra de Villa Velha de Rodam, mimoso de sombra, flores e fructa, e d'agua potavel deliciosa.

8.º—*Domingos Tejo.*

Este ribeiro passa a 3 kilometros d'esta

villa para S.O. junto da povoação de Villas Ruivas;—é atravessado pelo caminho que d'esta villa conduz á dicta povoação pela ermida da Senhora do Castello;—desagua no Tejo um pouco a jusante das Portas de Rodam—e fertilisa bastantes hortas.

9.º—*Ribeiro de Villas Ruivas.*

Passa a 2 kilometros da povoação d'este nome, para S.O.;—desagua tambem no Tejo cerca de 3 kilometros a jusante das Portas de Rodam;—é a linha divisoria entre esta freguezia e a de Fratel—e tem uma pequena ponte para communicação entre as duas freguezias.

Todo o caminho é estreito e mau; mas na passagem do dicto ribeiro é medonho e pessimo! As encostas sobranceiras á ponte são muito ingremes e elle desce a prumo sobre a ponte em escabrosos lacetes, por onde nenhum cavalleiro transita sem dizer com o auctor do *Palito Metrico*:

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

Na encosta da margem esquerda tem 13 lacetes—e na da margem direita, que é muito mais alta, tem talvez o dobro!

É rival do caminho da villa de Manteigas para a de Gouveia, na serra da Estrella,—caminho que de Manteigas, enterrada na margem esquerda do Zezere, até o ante-mural da grande serra, vae pela medonha ladeira do *Carvalhal* a cima aprumado sobre a villa na extensão de uns 3 kilometros, semelhando uma escada lançada contra o ceu.

No dia 4 d'agosto de 1881 subimos nós a dicta ladeira a cavallo, quando iamos para a serra da Estrella com a *Expedição Scientifica*;—depois obliquámos pela villa de Ceia; mas ha quem desça por ali a cavallo!...

10.º—*Ocrêsa.*

Esta ribeira, ou este rio, nasce na serra da Gardunha, termo da freguezia de Louriçal do Campo, concelho de S. Vicente da Beira;—limita esta freguezia e este concelho de Villa Velha de Rodam a N., N.O. e O. a distancia de 10 a 12 kilometros da sua séde,—separando os da freguezia da Sarzedas, (concelho de Castello Branco), e da de Sobreira Formosa (concelho de Proença a Nova); seguindo para sudoeste continua a formar a linha divisoria d'este concelho por aquelle lado—e desagua no Tejo, um pouco a juzante da povoação de Gardete, na freguezia de Fratel.

Banha este concelho na extensão de 40 kilometros approximadamente—e antes de tocar n'elle já deve ter percorrido talvez 25 kilometros, pelo que o seu curso total é de 65 a 70 kilometros.

O seu leito em grande parte corre fundo por entre margens muito ingremes e muito pedragosas, particularmente n'este concelho; mas tem n'essas encostas esplendidos olivaes, parecendo incrivel que as oliveiras se desenvolvam e sustentem viçosas em fragoedo tão escalvado, agreste e nu!

Nos limites d'este concelho move esta ribeira dois moinhos de cereaes, que trabalham sómente no verão, quando escasseiam as águas nas outras ribeiras.

11.º—*Olho d'Agua.*

Este ribeiro passa ao nascente da aldeia de *Valle do Cobrão*;—é confluente da Ocrêsa;—rega muitos campos—e move, mesmo na estiagem, cerca de 2 kilometros da aldeia da *Foz do Cobrão*,—11 pisões, 11 moinhos de cereaes e 1 lagar d'azeite!...

É pois muito industrial aquelle povo. N'elle se fia em rodas muita lã e se tece grande quantidade de lanificios em teares de mão, pertencendo a maior parte d'aquelles lanificios aos habitantes de Cebolaes, freguezia do concelho de Castello Branco, que para ali costumam levar lã já fiada na fabrica a vapor, existente na dicta cidade.

É muito abundante d'agua este ribeiro, mesmo na estiagem,—e pelo seu declive n'aquelle ponto, distante 10 a 12 kilometros de Villa Velha de Rodam, por onde deve passar brevemente a linha da Beira Baixa, quando não passe ainda mais proxima da dicta aldeia da Foz do Cobrão,—é aquelle um dos pontos mais aptos para estabelecimentos fabris *em grande escala*, como hoje se vêem nos concelhos de Gouveia, Ceia e Covilhã.

—

Deram-se áquellas povoações os nomes de *Valle do Cobrão* e *Foz do Cobrão*, por haver apparecido nos matagaes proximos uma serpente ou cobra gigante, que só desappa-

receu depois que lançaram o fogo aos dictos mattos,—diz a tradição. E ainda hoje os velhos d'estes sitios asseveram que, sendo elles creanças, appareceram em diversos pontos d'este concelho cobras, como serpentes!

Por serem covil de feras, nomeadamente de lobos e javalis, os matagaes do sitio da *Charneca*, não longe d'esta villa, nas ribanceiras do Tejo, haverá 40 annos que aquelle grande tracto de terreno tinha tão insignificante valor que em troca de umas oliveiras que renderiam 24 litros d'azeite, recebeu o dono d'ellas o vasto chão, onde hoje se vê um soberbo olival de milhares de pés, não estando ainda todo plantado.

—

Concluiremos este topico mencionando ainda mais dois ribeiros e uma ribeira nos limites d'esta freguezia:

12.º—*Achada.*

Este ribeiro vem do poente e desagua no do *Olho d'Agua*, a distancia de 2 kilometros do povo de Valle do Cobrão.

13.º—*Ferranheira.*

Nasce este ribeiro na serra de Villa Velha de Rodam;—é cortado pelo caminho d'esta villa para o Fratel pela dicta serra;—conserva agua no verão—e desagua no ribeiro de Villas Ruivas.

14.º—*Lucriz*, ribeira supramencionada.

Banha a povoação de *Lucriz*, da qual tomou o nome.

Mencionaremos ainda n'esta parochia mais 2 lagares d'azeite na povoação de Villa Velha de Rodam e 2 azenhas de cereaes no Tejo.

Total dos rios, ribeiras, ribeiros e regatos principaes que banham esta parochia	16
Moinhos e azenhas que movem	30
Mais 6 desmontados	36
Pisões	11

Do exposto se vê que o chão d'esta parochia é muito accidentado e pedragoso, mas em compensação tem mais agua nativa, de veia corrente, do que muitas das freguezias da Extremadura e do Alemtejo reunidas, sendo para lamentar que a maior parte dos seus rios, ribeiros e regatos corram tão fundos e por entre margens tão escalvadas e aprumadas, que pouco partido tira d'elles.

—

Producções principaes: — azeite, cortiça, creação de gado suino com a bolota ou lande das sovereiras e azinheiras e com o bagaço da azeitona,—e creação de gado caprino. Tambem cria gado ovino, mas em menor quantidade,—e tambem produz algum vinho, cereaes e laranjas, nomeadamente no povo de Gavião, que as exporta para Castello Branco, na maior parte.

Abunda finalmente em caça e colmeias.

—

A povoação da Sarrasqueira, uma das aldeias d'esta parochia, a 7 kilometros d'esta villa e a pouca distancia da estrada real n.º 57, é o solar da nobre casa de *Sarnadas*, cujo capitão-mór, Manuel José d'Oliveira, foi quem deu maior desenvolvimento á plantação das oliveiras e sovereiras n'esta parochia,—e esse empenho, nomeadamente emquanto ás oliveiras, foi seguido pelo seu filho e pelo seu genro e pelos genros de um outro, já mencionados supra.

Aos esforços e exemplos d'elles se deve em grande parte a riqueza e belleza florestal d'esta parochia e o aproveitamento de muitos hectares de terreno escabroso, pedragoso, inculto e arido, até aquella data *covil de féras*,—de lobos, de javalis, de cobras e serpentes!...

Saiba pois esta freguezia quanto deve aos nobres senhores da casa de Sarnadas.—Bom seria que os grandes proprietarios d'esta provincia e da do Alemtejo, nomeadamente os donos das grandes herdades *nuas e de charneca medonha*, imitassem tão louvavel exemplo, lembrando-se de que a arborisação—é *riqueza*, *bellesa* e *saude*.

Batalha

O maior feito d'armas, de que ha lembrança n'esta villa, teve logar em 1762 e é descripto na citada *Memoria de Nisa*, a pag. 143, nos termos seguintes:

«Declarando guerra Sua Magestade Catholica ao nosso reino em 15 de junho de 1762, por não querer o nosso rei annuir ao cele-

bre *pacto de familia,* celebrado entre a França e Hespanha, e desunir-se da Inglaterra, sua fiel alliada, e entrando pela provincia da Beira Baixa, por Valle de la Mula e Valle de Coelho, o exercito inimigo, depois de tomar a praça de Almeida e outras que lhe opposeram debil resistencia, dirigia-se por Villa Velha de Rodam ao Alemtejo;[1] mas indo o Tejo grosso pelas chuvas que tinham cahido, e não tendo barcas para o passarem, por lhe haverem sido tiradas, acampou todo na vasta planicie do *Acafal,* que lhe fica proxima, orgulhoso de suas victorias e atrocidades; e ali estava esperando que o rio abaixasse, para as repetir na mais rica (?) provincia de Portugal.

«O exercito do Alemtejo, que constava de 2:000 soldados mal armados e peior disciplinados, 11 companhias de granadeiros com duas peças de campanha e dois obuses, e 400 soldados inglezes escolhidos, era commandado pelo brigadeiro Bourgoyne, e estava n'esta villa (Niza) observando o inimigo, quando um dia, pela tarde, um pastor do Arneiro, chamado *Rodrigão,* pela sua elevada e gigantesca figura, veio *perguntar* (?) o commandante, e fallar com elle.

»O que disseram e trataram, ninguem o escutou e ouviu; mas no principio da noite seguinte, que era escura e enxuta, a cavallaria do pequeno exercito marchava toda em silencio, na direcção do rio, pelos *Montes de Baixo,* commandada pelo coronel Leé; e quando chegou á foz de *Botes,* já ali se achava um vulto esperando a com uma grande corda dobrada na mão; reconheceu o chefe,— entregou lhe uma das pontas, e foi andando pelo rio dentro, e elle seguindo o, e a traz os soldados todos, um por um, até que chegaram á margem opposta: e depois que passaram todos, foram marchando até chegar ao inimigo, que confiado na profundidade do rio e na guarda do porto, que tinham bem guarnecido, se julgava seguro, e dormia tranquilla e socegadamente; e foram matando e degolando n'elle, á proporção que ia acordando; mas como eram muitos os que despertavam pelo estrondo dos golpes e soluços dos agonisantes, deram rebate e fugiram, deixando-nos a bagagem e os despojos, que nos levavam, e a victoria que tinham alcançado, e o repouso e a tranquilidade; porque com esta lição[1] ficaram satisfeitos, e não voltaram mais; e a Côrte de Madrid tratou logo da paz, que em breve se concluiu sem grande difficuldade.»

—

O meu illustrado informador observa o seguinte:

«Quem sabe que da *Foz de Botes,* onde a citada *Memoria* diz ter passado o Tejo a cavallaria portugueza, ha grande distancia até Villa Velha de Rodam, e que o tranzito sómente podia fazer-se subindo e descendo altas montanhas, despertando o inimigo e dando-lhe tempo de sobra para pôr-se em guarda, tem por quasi impossivel a marcha e passagem do Tejo por taes pontos,—ao contrario da tradição constante que dá essa passagem no sitio do *Cachão do Bello,* a muito mneor distancia do acampamento inimigo, —offerecendo ali a margem direita do Tejo apenas uma pequena encosta facil de transpôr, e em seguida bom terreno para marcha e manobra da cavallaria.»

Tambem diz a tradição—que um tiro de artilheria que um pastor apontou matára o commandante ou um dos chefes do exercito hespanhol. Indica-se ainda hoje o ponto onde estava a nossa artilheria, na margem esquerda,—e o da barraca do general que foi morto, na margem direita, mediando entre os dois pontos pouco mais de um kilometro.

---

[1] Com parte das forças que tambem já haviam conquistado a provincia de Traz-os-Montes. As hostilidades da Hespanha começaram no dia 30 d'abril e a praça d'Almeida capitulou no dia 25 d'agosto d'aquelle anno (1762) O general em chefe do exercito anglo lu o era o conde de Lippe, de quem já muito honrosamente se fallou no art. *Elvas,* vol 3.º pag. 19 col. 2.ª Vide. P. A. F.

[1] Na mesma noite Bourgoyne foi bater os hespanhoes em outro ponto—e, dias antes ou depois, lhes tomou tambem por surpresa a praça de Valencia d'Alcantara, matando muitos soldados e aprisionando outros, entre elles um general, um coronel, dois capitães e sete officiaes subalternos.

P. A. Ferreira.

Não diz a citada *Memoria* o numero das forças inimigas nem os nomes dos seus chefes; mas, segundo a tradição local, um d'elles era D. Luiz de Mendonça [1].

—

Ha no termo d'esta parochia registradas bastantes minas de differentes mineraes, mas não convidam á exploração, exceptuando uma de cobre, que já foi explorada em tempos muito remotos, no sitio da *Buraca da Moura*, cerca de tres kilometros a N. d'esta villa.

Serras, montes e pégos

Como já dissemos, é muito accidentado o chão d'esta freguezia.

N'elle avultam:

1.º—A serra ou monte da *Senhora do Castello.*

Principia no morro ou promontorio das *Portas de Rodam;*—estende-se para nordeste—e terá 1 kilometro d'extensão.

2.º—*Serra de Villa Velha,* ao poente d'esta villa.

Corre parallela á da *Senhora do Castello*; —avança para o norte—e terá de comprimento 10 kilometros. Pela sua quebrada mais proxima d'esta villa passa o caminho de Fratel—e por outra quebrada a dois kilometros de distancia passa o caminho do *Perdigão,* aldeia da mesma parochia de Fratel.

O *Perdigão* era ponto forçado na antiga estrada de Castello Branco para Abrantes.

E ainda por outra quebrada da mesma serra passa o caminho d'esta villa para os povos de *Valle do Cobrão* e *Foz do Cobrão.*

Por esta 3.ª quebrada, conhecida pelo nome de *Milhariça,* passava a antiga estrada de Castello Branco para Abrantes, tocando, como já dissemos, na aldeia do *Perdigão,* antes de abrir-se a nova estrada real a macadam, n.º 16, por Sarzedas e Sobreira Formosa, seguindo com pequenas variantes o mesmo traçado da antiga estrada militar.

A serra de *Villa Velha* corta a ribeira da Ocrêsa e vae até junto de Sobreira Formosa com os nomes de *Serra das Talhadas, d'Alvito* e outros, cujas ramificações foram todas fortificadas no tempo da guerra da peninsula.

A dicta serra na passagem da Ocrêsa forma dois morros ou promontorios que se erguem nas duas margens, fronteiros um ao outro, quasi tão colossaes como os das Portas de Rodam,—e a jusante d'elles ha um pégo denominado *Almourão,* muito fundo, semelhante ao que está na sahida das Portas de Rodam, tendo porem este muito maior profundidade!

Em ambos se colhe muito peixe.

Ha tambem outro grande pégo no termo d'esta parochia, no leito do Tejo, cerca de 5 kilometros a montante d'esta villa.

Tomou o nome de *Pégo do Bispo,* porque outr'ora foi propriedade dos bispos da diocese e só elles ali podiam pescar.

Tem cerca de 4 kilometros de comprimento, bastante largura e varia profundidade;—abunda em peixe, mas é muito difficil colhel-o.

Alem dos grandes penhascos das *Portas de Rodam* e dos da *Serra de Villa Velha* na passagem da Ocrêsa, é notavel na mesma serra o *Penedo Gordo,* junto da aldeia de Gavião. Ha n'este grande penhasco uma caverna horisontal, que se presume ser obra da natureza,—e do ponto culminante d'elle se avista a parte alta da cidade de Castello Branco,—sitio que de nenhum outro ponto d'esta freguezia se descobre.

—

Ha n'esta villa duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos e uma particular para o sexo feminino na aldeia de Alvaiade.

Não ha hoje n'esta freguezia nem n'este concelho hospital ou associação alguma de beneficencia,—nem hotel, theatro, assembléa club ou casa de recreio. Apenas tem uma hospedaria, de Raimundo Antonio Florencio, no *Porto do Tejo.*

Tambem não consta que tenham apparecido n'esta villa moedas romanas, nem sepulturas abertas em rocha, nem pedras com inscripções.

---

[1] O general em chefe das tropas hespanholas n'esta campanha era o marquez de Sarria.

—

No *Porto do Tejo*, ou na baixa d'esta villa, teve o celebre marquez de Pombal, ministro de D. José I, uma casa abarracada e uma porção de terreno contiguo, a que davam o nome de *quinta*. Estes bens passaram por compra para a familia *Coutinho*, da freguezia d'Alvega, na margem esquerda do Tejo, concelho d'Abrantes;—depois (haverá 50 annos) essa familia vendeu-os a um proprietario d'esta villa, por nome Joaquim Pereira, achando-se hoje divididos pelos seus herdeiros.

—

Em 1833 passaram n'esta villa, hospedando-se na casa da camara, o infante D. Carlos, de Hespanha, sua esposa D. Maria Francisca e a irmã d'esta, D. Maria Theresa, então viuva e que mais tarde casou com o dicto infante, sendo aquellas senhoras ambas portuguezas, filhas d'elrei D. João VI.

Levava tambem o principe comsigo os seus tres filhos: D. Carlos, D. João e D. Fernando;—dirigiram-se todos a Castello Branco, onde houve *Te-Deum* e beija-mão em 4 de novembro do dicto anno, dia de S. Carlos Borromeu,—e d'ali seguiram caminho de Hespanha pela praça d'Almeida.

Fonte do Granhão

Esta villa e o bairro baixo, ou do *Porto do Tejo* tinham tanta falta d'agua potavel que alguns annos na estiagem iam buscal-a ao povo do Gavião, distante 2 a 3 kilometros, e á outra margem do Tejo, apesar de ser pessima e de terem de pagar ao barqueiro. Felizmente em agosto de 1876 o sr. Luiz Antonio Granhão, distincto engenheiro, chefe da 4.ª secção das obras do Tejo, descobriu junto da barca de Villa Velha de Rodam, na margem direita do rio, uma nascente abundantissima e de optima qualidade, que brotava dentro do Tejo.

Captou-a a 1m,50 da margem, ficando com 0m,5 de desnivel, o que foi um grande beneficio para esta villa, pelo que na sessão da camara de 31 do dicto mez e anno, o seu presidente Joaquim Maximiano Bello propoz se conferisse ao mencionado engenheiro um voto de louvor em signal de reconhecimento, —proposta que foi approvada por unanimidade.

É para sentir que a dicta nascente brote em chão tão baixo, que apenas póde aproveitar-se na quarta parte do anno. Felizmente está a descoberto no rigor da estiagem, quando se torna mais precisa.

Herodes e Villa Velha de Rodam

Segundo se lê na *Monarchia Lusitana*, parte II, pag. 14, v. e segg. o rei Herodes Antippa II, que tão tristemente figurou no drama do Calvario e que mandou degolar S. João Baptista, foi deposto por C. Caligula, e passou para a Hespanha, onde viveu até que foi barbaramente assassinado.

O mesmo dizem Nicephoro, Addão Viennense, Josepho *De Bello Judaico*, Vaseu, Angelo pacense, Morales, Vilhegas, Garivay e o celebre *Laymundo Ortega*; mas em que povoação da Hespanha viveu e foi assassinado Herodes?

Apenas Laymundo, segundo se lê na *Monarchia Lusitania*, disse: *profugus a facie Dei, vixit in Taracone & Emerita & faede occiditur in Rhodio, Lusitaniae oppido.*

Em vulgar: «Herodes, fugindo da face de Deus, viveu em Tarragona e em Merida, e foi torpemente assassinado em *Rodio*, cidade ou povoação da Lusitania.»

Resta agora saber que cidade ou povoação era a tal *Rhodio*.

—

Diz fr. Bernardo de Brito que, depois das maiores diligencias, encontrou na Lusitania dois logares,—um com o nome de *Roda*, no concelho de Pombal, junto da Redinha,—outro junto do Tejo, com nome de *Villa Velha de Rodam*,—e da semelhança dos nomes *Rhodium*, *Roda* e *Rodam* concluiu que o rei Herodes foi assassinado na extincta povoação de Roda, junto da Redinha,—ou *mais provavelmente* (?) em Villa Velha de Rodam, cuja etymologia (segundo elle) provem de *Rhodium*, a velha cidade romana.

N'este, como em outros muitos pontos, foi infeliz o sabio historiador, porque alem das povoações que houve talvez na parte da an-

tiga Lusitania, hoje hespanhola, humonimas de *Rhodium*, temos em Portugal ainda hoje (1886) não só as duas povoações indicadas, mas outras muitas que por igual titulo,—*a semelhança dos nomes*,—poderiam dizer-se representantes da velha *Rhodium*, taes são as seguintes:

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia de Sebal Grande, concelho de Condeixa.

—*Rodão ou Rodam*, aldeia da freguezia de Leça da Palmeira, concelho de Bouças.

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia do Souto de Lafões, concelho de Oliveira de Frades.

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia de Sequeiros, concelho de Vouzella,—e

—*Rodão* ou *Rodam*, aldeia da freguezia e concelho de Fornos d'Algodres.

Temos mais em differentes pontos do nosso paiz 12 aldeias, 3 casaes, 3 quintas, 1 herdade e um sitio com o nome de *Roda*,—alem das aldeias, casaes e quintas de *Roda de Baixo*, *Roda de Cima*, *Roda da Estrada*, *Roda do Cabeço*, *Roda dos Alamos*, *Roda Fundeira*, *Rodas*, *Rodeio*, *Rodeios*, *Rodeal*, *Rodellas*, *Rodello*, *Rodête* e 5 povoações e 3 quintas denominadas *Rodo*.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

Todas estas povoações devem ter a mesma etymologia, mas ignoramos qual seja. Talvez provenha da configuração local de *rota*, roda ou fórma semi-circular concava ou convexa.

De *Rhodium*, a velha cidade lusitana de Laymundo, com certesa não tomaram o nome, porque são muitas e muito distantes umas das outras,—e não falta quem duvide da existencia da tal *Rhodium* e da do proprio *Laymundo*; consta-nos, porem, que em Villa Velha de Rodam se aponta certo fojo como local da sepultura de Herodes.

V. *Redinha*, vol. 8.º pag. 83, col. 1.ª e seguintes.

—

Nós não acreditamos na lenda do rei Herodes, vagueando por estes sitios; mas é innegavel que estanciaram aqui e aqui tiveram demorada residencia e *muitas terras* os templarios, desde o seculo XII até á sua extincção. Custa-nos pois a crer que nem os templarios, nem os cavalleiros da ordem de Christo, seus successores, nem os nossos reis dessem a esta villa foral velho, nem novo!

Franklim não o menciona e nós não conseguimos lobrigal-o em parte alguma.

VILLA VERDE,—aldeia da freguezia de Oliveira do Bairro, concelho d'este nome, districto de Aveiro, diocese de Coimbra desde 1882, data em que pela ultima circumscripção diocesana foi supprimido o bispado d'Aveiro e dividido pelos do Porto e de Coimbra.

V. *Oliveira do Bairro* n'este diccionario e no supplemento.

Em um domingo de fevereiro de 1885 foi ouvir missa Anna d'Almeida, rica proprietaria da dicta povoação de Villa Verde e, regressando a sua casa, viu aberta a porta e arrombada uma gaveta, onde tinha as suas economias e joias, tudo no valor de alguns contos de réis.

Ficou pallida e tranzida de susto; mas logo cobrou animo e a tristesa se lhe transformou em alegria, quando notou que os larapios apenas lhe haviam roubado uma sacca cheia de moedas de *cinco réis* do novo cunho de 1882, ainda muito luzentes e com apparencia de meias libras, ou de moedas de 2$000 réis em ouro.

Imagine-se o *desapontamento* dos larapios quando se convencessem de que, em vez d'alguns contos de réis em ouro, tinham levado apenas alguns kilos de cobre!...

—

Lembra-nos o que, por occasião da guerra peninsular, succedeu á minha porta, no Douro, na freguezia de Samodães, concelho de Lamego:

Dois moços d'aquella freguezia, vendo passar na barra do Carvalho, em direcção a Lamego, uma grande recua de cavalgaduras, fortemente escoltada, e que fazia parte de uma divisão franceza (talvez a de Loison, quando retirava de Mesãofrio, como já dissemos no artigo *Villa Jusã)* abeiraram-se da estrada, que era funda e em torcicollos,—esconderam-se em um recanto e iam tocando as cargas, para verem a que mais lhes conviria.

Vendo uma com dois pequenos saccos e coberta com um grosso oleado, deram-lhe um golpe e viram metal muito luzente. Convencidos de que era ouro, cortaram a sobrecarga e fugiram com os dois saccos.

Os moços julgavam-se riquissimos; mas qual não foi tambem o seu *desapontamento*, quando, em vez d'ouro, encontraram os saccos cheios de botões de metal amarello para as fardas!...

VILLA VERDE,—aldeia da freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Lousada, districto e diocese do Porto. Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, era do arcebispado de Braga.

Ao que já dissemos d'esta parochia nos artigos *Cahide*, *Caíde* e *Villa Cahiz*, accrescentaremos o seguinte:

Está na margem esquerda do rio Sousa, confluente do Douro, na vertente O. do monte da Trovoada, e dista 7 kilometros da séde do concelho para S.,—8 de Penafiel, para N.,—49 do Porto—e 386 de Lisboa.

Pertenceu ao couto de Travanca do extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, comarca de Guimarães. A *Chorographia Portugueza*, em 1706 deu-lhe 170 fogos;—o *Portugal S. e Prof.* em 1757 deu-lhe 212 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 206 fogos e 720 almas—e o de 1878 deu-lhe 271 fogos e 1:096 habitantes.

Passa n'esta freguezia a linha ferrea do Douro e n'ella tem a estação de Cahide, que foi aberta ao publico no dia 20 de dezembro de 1875.

—

Esta parochia é uma das mais ferteis e mais ricas do seu concelho.

Produz cereaes, vinho verde e fructas;—cria muito gado e fez grandes interesses engordando bois que exportava para Inglaterra, como outras muitas freguezias das provincias do Douro e Minho, mas infelizmente nos ultimos annos esta industria tem decrescido muito, porque os Estados Unidos americanos surtem de carne a Inglaterra por preço muito inferior ao da carne que importava do nosso paiz.

Comprehende esta parochia as aldeias de —Villa Verde, Barreiros, Quintã, Lage, Almeida, Hortozello, Pereiros, Lama Grande, Barreiros e Sovereira,—30 casaes, 4 quintas, algumas casas nobres e ricos proprietarios.

Junto da povoação de Villa Verde, lado sul, teem apparecido em um monte sepulturas antiquissimas, capiteis de columnas, tijolos de grande espessura, etc., o que prova a existencia de povoado importante n'aquelle sitio em tempos muito remotos;—e a N.O. da mesma povoação ha n'esta freguezia um monte denominado *Crasto* (Castro) que pelo nome e condições do local parece ter sido acampamento romano, posto que hoje ali se não encontrem vestigios alguns de fortificação.

—

As principaes casas nobres d'esta freguezia são as seguintes:

1.ª—A de *Villa Verde*, dos Pintos Mesquitas.

2.ª—A de *Barreiros*, da familia Sousas.

3.ª—A de *Quintã*, ultimamente representada pelo dr. José Maria de Mello Paes Villas Boas.

4.ª—A da *Senra*, ultimamente representada por Manuel da França Brandão.

A de *Villa Verde* é um grande predio brasonado com as armas dos Pintos, Carvalhos, Fonsecas e Monteiros,—e está unida a uma grande quinta com bons jardins e muito bem tractada.

É hoje 11.º possuidor e representante d'esta nobre casa Alexandre Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães,[1] filho legitimo, e o primogenito, de Simeão Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, F. C. C. R., bacharel formado em direito, etc., e de D. Margarida Balbina de Araujo Borges Pinto da Fonseca, senhora e herdeira da nobre casa de *Balde*, freguezia de Santa Leocadia, no concelho de Baião, ambos fallecidos n'esta data.

---

[1] Casou no dia 14 de março do corrente anno (1886) com a ex.ma sr.ª D. Isabel Maria Laura Serpa Pinto, de Sinfães, parenta muito proxima do nosso arrojado explorador Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto.

V. *Sinfães*, vol. 9.º pag. 403, col. 1.ª—e *Tendaes*, no mesmo vol. pag. 537, col. 1.ª *in fine*.

—

Simeão Pinto de Mesquita, supra, era filho de Francisco de Sousa Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, 3.º neto d'outro Simeão Pinto de Mesquita, valoroso capitão de cavallos na guerra da independencia, descendente da illustre familia *Pintos*, de Amarante, pelo lado paterno—e pelo lado materno descendia da nobre e antiquissima casa de Cergude.

Francisco de Sousa Pinto de Mesquita foi casado com D. Custodia Delfina Pereira de Vasconcellos Azevedo, filha de Antonio de Vasconcellos Azevedo, da casa da *Chieira*, em Alvarenga, onde representava um antigo ramo da casa solar da *Torre d'Alvarenga*, —e de D. Ludovina de Vasconcellos Pereira de Mello, filha de Manuel Mendes de Vasconcellos Pereira de Mello, senhor da casa da *Quintã*, no concelho de Sinfães, e da do *Paço de Sinfães*,—filho de Ruy Mendes de Vasconcellos Pereira de Mello, 12.º senhor d'aquelle solar, e 4.º neto de Bento Rodrigues Malafaia que, pelo seu casamento com D. Filippa de Vasconcellos, herdeira da antiquissima casa da *Torre d'Alvarenga*, veiu a ser 8.º senhor d'este solar, hoje pertencente á nobre familia *Miranda Montenegro*, por se haver extinguido a varonia d'aquella.

—

Simeão Pinto de Mesquita, o 1.º nomeado supra, teve 7 irmãos:

1.º—Antonio Pinto de Mesquita.

Era este o primogenito e por consequencia o representante natural e successor da casa de *Villa Verde*, etc., mas, pouco depois de attiugir a maioridade, muito espontaneamente cedeu ao dicto Simeão os direitos de primogenitura!...

Falleceu solteiro.

2.º—Frederico Pinto de Mesquita.

Casou no Porto e falleceu sem successão.

3.º—Luiz Pinto de Mesquita Carvalho, bacharel formado em mathematica, hoje (1886) tenente coronel de infanteria, um dos officiaes mais briosos e mais illustrados do nosso exercito.

Casou em 1862 com D. Julia de Lemos Barbosa d'Albuquerque, filha do dr. Francisco de Salles Barbosa e Lemos, natural da freguezia da Sé do Porto, F. C. C. R. e C. P. O. Ch., antigo corregedor da Villa da Feira, senhor da casa da Jusã, em Lousada, etc.

Tem 2 filhos:—Francisco Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito, estudante distincto, ainda solteiro,—e Luiz, que n'esta data frequenta a Universidade.

4.º—Affonso Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito e juiz do Ultramar, mas infelizmente alienado!...

É solteiro.

5.º—José Pinto de Mesquita.

Casou em Alvarenga, na casa de Bouças, com sua prima... irmã do par do reino Antonio Telles de Vasconcellos, filha de sua tia materna D. Maria Rita Pereira de Vasconcellos e de Manuel Maria Soares Telles.

Foi assassinado em Sinfães, sendo já viuvo, e deixou uma filha, que tambem já falleceu, contando apenas 17 annos de edade!...

6.º—D. Maria Rita Pinto de Mesquita Carvalho.

Casou com o dr. Joaquim Cardoso de Carvalho e Gama, natural da Folgosa, concelho d'Armamar, e que falleceu no Porto em 1861, sendo desembargador da relação.

Conserva-se ainda viuva e teve um filho unico,—Albano Pinto de Mesquita Carvalho e Gama, hoje bacharel formado em direito e casado com D. Maria Joanna Cardoso Alpoim, filha do brigadeiro Gonçalo Cardoso Barba de Menezes, irmão do general José Cardoso de Carvalho e Menezes. V. *Armamar*.

O dr. Albano tem do seu consorcio 3 filhos ainda de tenra edade:—Albano, Maria e Sophia.

7.º—D. Anna Amalia Pinto de Mesquita.

Casou em Riodades, concelho da Pesqueira, com Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Botelho, fidalgo d'antiga linhagem (V. *Riodades*) e tem 4 filhos:

—Adriano d'Azevedo Pinto de Mesquita, casado e com successão.

—Alexandre d'Azevedo Pinto de Mesquita, ainda solteiro.

—D. Maria dos Prazeres, casada em Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião, com Bernardo José d'Azevedo Lobo; ainda sem successão, e

—D. Adelaide, casada em Aguiar da Beira e com successão.

—

O mesmo Simeão Pinto de Mesquita, 1.º mencionado supra, teve do seu consorcio 6 filhos:

1.º—Alexandre Pinto de Mesquita, o successor, tambem já mencionado.

2.º—Antonio Pinto de Mesquita, bacharel formado em direito, talento de primeira ordem e estudante distinctissimo!...

Ainda solteiro.

3.º—D. Maria dos Prazeres.

4.º—D. Anna Angelina.

5.º—D. Maria Maxima, solteiras.

6.º—D. Margarida Augusta, casada em fevereiro do corrente anno.

Pertencia a esta nobre casa de *Villa Verde* Fr. Antonio de Mesquita, que foi abbade em varios conventos da ordem de Cister e o ultimo procurador geral da mesma ordem, pois ainda exercia o dicto cargo no Porto, quando ali entrou o exercito libertador em 1832.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Orago Santa Marinha,—fogos 402,—habitantes 1:690.

Reitoria.

Em 1706 era um simples curato annexo á freguezia de Tres Minas,—contava 125 fogos—e pertencia ao termo e ouvidoria de Villa Real.

Em 1768 era um vicariato da apresentação do reitor de Tres Minas,—contava 178 fogos—e rendia para o seu vigario 60$000 réis.

O recenseamento de 1864 deu-lhe 356 fogos e 1:626 almas,—e o de 1878 deu-lhe 397 fogos e 1:578 almas.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga; mas desde 1882 passou com todas as freguezias d'este concelho e outras muitas d'esta provincia, para o bispado de Lamego.

V. *Villa Real* de Traz-os-Montes.

Em 1840 pertencia ao concelho de Villar de Maçada, mas pelo decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto aquelle concelho, passando esta freguezia para o de Alijó.

—

Comprehende as aldeias de *Villa Verde*, séde da parochia, Jorjaes, Freixo e Perafita.

Demora em sitio alto, plano, frio e pouco mimoso, na estrada de Murça para Villa Real, na margem esquerda do rio Pinhão, do qual dista 3 kilometros para E.,—15 de Alijó para N.O.,—23 1/2 de Villa Real para N.E.,—50 da estação da Regoa na linha do Douro,—154 do Porto—e 491 de Lisboa.

Producções dominantes:—muitos cereaes, muitas castanhas, muita caça e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero. Pouco vinho e muito verde,—azeite nenhum.

Clima saudavel, mas frio e agreste.

Não tem casas nobres.

Freguezias limitrophes:—Villar de Maçada, no concelho d'Alijó,—Carva, no concelho de Murça—e Parada de Pinhão, além do rio d'este nome, no concelho de Sabrosa.

—

Templos:—a egreja matriz, de uma só nave, bastante espaçosa, com adro fechado, côro, boa torre e boa casa de residencia com seu quintal e agua;—uma capella publica na povoação de Villa Verde,—outra na de Jorjaes, outra na de Freixo—e na de Perafita o bonito santuario do *Senhor do Cruzeiro*, grande e magestosa capella com adro fechado, casa para as sessões da irmandade e para os milagres, um chafariz contiguo e no alto do monte outra capella com um passo do Senhor, judeus, etc.

Ha n'este sanctuario grande festa e romaria no dia 3 de maio.

É reitor d'esta freguezia na actualidade o rev. Antonio Emygdio da Nobrega, da freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca d'Aguiar. Collou-se aqui ha muitos annos e é adorado pelos seus freguezes, por ser muito honesto, muito caritativo, muito affavel,—um santo!

Ao meu bom amigo, o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira, cavalheiro estimabilissimo e bondosissimo tambem, da nobre familia *Pintos Pimenteis* de Villar de Maçada, mas residente em Gouvinhas, onde

casou, agradeço os apontamentos com que organisei este artigo.

O mundo seria um Eden, se todos os seus habitantes fossem como o rev. Antonio Emygdio da Nobrega e como o sr. Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Reitoria. Orago S. Mamede.

Fogos 87,—habitantes 350.

Em 1706 era do extincto concelho de Unhão, comarca de Guimarães, e da apresentação do convento benedictino de Pombeiro;—contava 45 fogos;—rendia para o seu vigario 50$000 réis e 150$000 réis para o convento de Tibães, ao qual estava applicada.

Em 1730 contava 63 fogos e 196 almas.

Em 1768 era da mesma apresentação;—contava 72 fogos—e rendia para o seu vigario 30$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 72 fogos e 271 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 80 fogos e 278 habitantes.

Foi do arcebispado de Braga até 1882, data em que pela nova circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto.

Comprehende as aldeias seguintes:—*S. Mamede de Villa Verde*, séde da parochia, Cedro, Fonte, Rua, Lousada, Lavandeira, Assento, Eido, Outeiro, Quintã, Seivada, Serra, Souto, Boa Vista e Terreiro;—os casaes de Cimo de Villa, Rosso, Monte e Souto,—e as quintas de Casal, Boucinhas e Funtão, todas pouco importantes.

—

Freguezias limitrophes:—Santão, Santa Christina de Figueiró, Ayão e Ayrães.

Dista da séde do concelho e da comarca 7 kilometros,—outros 7 da estação de Cahide, na linha ferrea do Douro,—54 do Porto—e 391 de Lisboa.

Passa na extremidade sul d'esta freguezia a estrada real a macadam n.º 33, do Porto a Villa Real.

Templos:—a egreja matriz em bom estado de conservação, embora singela:—outra egreja .... em ruinas;—4 capellas publicas—e 2 oratorios particulares. A isto se reduzem os apontamentos que a muito custo pude obter!...

Banha esta freguezia um regato confluente do Sousa.

Producções dominantes:—milho, centeio, feijões, batatas e vinho *de enforcado*, ou rascante.

A industria local reduz-se a uma fabrica de velas de cebo.

—

Pelos annos de 1327 a 1359, sendo D. Martim Pires abbade do convento benedictino de Pombeiro, o arcebispo de Braga D. Martinho, natural d'Evora e 4.º do nome, annexou ao dicto convento esta freguezia de Villa Verde, —*mais onze*,—«por respeito da grande charidade, que n'elle se fazia aos pobres, & peregrinos, & do muito que neste particular se gastava, & despendia»—segundo se lê na *Benedictina Luzitana* (liv. 2.º pag. 72) onde se mencionam as 12 egrejas indicadas supra. [1]

N. B.

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia é *a antiga freguezia de S. Mamede de Goido ou de Villa Verde.*

Foi lapso.

A freguezia de *S. Mamede de Goido de Villa Verde* é a que a mesma *Chorographia Moderna* descreveu sob o titulo *Cuide de Villa Verde*, no concelho da Ponte da Barca, ao qual pertence,—não a este de Felgueiras.

No mesmo lapso havia cahido José Avelino d'Almeida no seu *Diccionario abreviado de Chorographia.*

Solatium est miseris socios habere!...

Veja-se n'este diccionario *Coide de Villa Verde*... vol. 2.º pag. 314.

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca da cidade da Figueira, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Vigairaria. Fogos 264,—habitantes 1:090.

Orago Santo Aleixo.

Foi curato annual da apresentação do cabido da Sé de Coimbra e é uma parochia autonoma relativamente moderna, pois foi

---

[1] V. *Villa Marim* n'este 10.º vol. pag. 787, col. 2.ª *in-principio.* Ali se encontram mencionadas as taes 12 freguezias.

creada em 20 de setembro de 1790 pelo bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Até aquella data a sua população pertencia ás freguezias de S. Pedro das Alhadas e de S. Julião da Figueira, pelo que não se encontra na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.º publicado em 1708, e que tracta d'aquellas duas freguezias, então pertencentes á comarca de Monte-Mór, o Velho. Pelo mesmo motivo tambem se não encontra no *Port. S. e Prof.*, publicado em 1757 a 1768; mas devia ser n'aquellas datas muito insignificante a sua população, porque a freguezia de S. Pedro das Alhadas, que hoje conta mais de 1:082 fogos e de 4:100 habitantes, contava apenas 90 fogos em 1708[1] —e toda a freguezia de S. Julião da Figueira, que hoje conta cerca de 1:200 fogos e de 5:000 habitantes, contava apenas 200 fogos em 1708—e 316 em 1757,—comprehendendo as duas freguezias tambem a população d'esta de Villa Verde.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 176 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 210 fogos e 821 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 245 fogos e 933 habitantes,—e hoje tem, como já dissemos, 264 fogos e 1:090 habitantes.

Tem pois augmentado consideravelmente a sua população, posto que esta freguezia e todas as d'este concelho foram cruelmente açoutadas e dizimadas pelo *cholera morbus* em 1820 e em 1832 a 1833.

Tambem esta freguezia soffreu muito com as grandes calamidades que assolaram a da Figueira, sua visinha, em 1810 e n'outras datas.

V. *Figueira da Foz.*

—

Comprehende os casaes seguintes:—do Seixal, da Marinha, do Luiz, da Fontella, da Salmanha, da Caceira, dos Moinhos de Vento e dos Touros,—e muitas quintas, taes são: —a *Quinta Grande*, do recolhimento do Paço do Conde, de Coimbra,[2]—a das *Barreiras*, de A. Ribeiro,—a *do Cabeço*, de Ludovina Pestana,—a *dos Carritos*, de Nestorio Dias, —a *de Valle de Rosas*, de Francisco Diniz Corte Real,—a *dos Touros*, dos herdeiros de Domingos José Pinto Vianna,—a *do Seixal*, de Joaquim André Guarinho,—a *de Salmanha*, de Jacintho Malheiro,—a *do Toninho*, de Elisio dos Santos Fere,—a *da Boa Vista*, dos herdeiros de José Dias dos Santos,—a de *Fontello*, de Antonio dos Santos Rocha,—a *de Brigões*, dos herdeiros de João Fernandes Thomaz—e a *da Marinha*, de Dolbeth Costa.

—

A povoação de *Villa Verde*, séde da parochia, é muito pittoresca, alegre e saudavel; —tem uma rua soffrivel, denominada *Rua Direita*—e está em uma encosta enxuta e bem lavada dos ares, na margem direita do Mondego, do qual dista cerca de 1 kilometro para N.N.E.,—5 da Figueira para E.,—40 de Coimbra pela estrada real a macadam, n.º 48, e 70 pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte,—163 do Porto—e 287 de Lisboa,—pelas mencionadas linhas ferreas.

Freguezias limitrophes:—Alhadas a N. e E.,—Tavarede ao poente, servindo de linha divisoria o ribeiro de Caceira,—e ao sul o Mondego.

—

Producções dominantes:—vinho bom de meza—e sal, pois tem desde tempos muito remotos boas marinhas, em que se emprega ainda hoje a maior parte da população d'esta freguezia, o que a torna uma das mais importantes do concelho da Figueira.

O sal marinho é uma das principaes riquezas d'este districto e d'este concelho—e é quasi exclusivamente produzido n'esta parochia de *Villa Verde* e na de Lavos.

Suppõe-se que as primeiras salinas do concelho da Figueira foram as de Tavarede, povoação antiquissima! D'ellas se fez menção no contracto celebrado em novembro de 1216 pelo parocho e por dois clerigos da egreja de S. Salvador de Coimbra com o prior e conegos do mosteiro de S. Jorge.

As que demoram na freguezia de Lavos remontam, pelo menos, ao reinado de D. Sancho II, pois em 1236 o convento de S. Jorge e a collegiada de S. Bartholomeu doaram a Domingos Pedro differentes marinhas

---

[1] O *Port. S. e Prof.* deu-lhe 668 fogos! Foi erro de imprensa, com toda a certesa.

[2] Logo fallaremos d'ella.

no couto de Lavos com a obrigação de construir mais trinta e seis talhos.

As da *Murraceira*, no termo d'aquella freguezia, foram outr'ora um campo, em que se cultivava milho e outros cereaes e datam de epoca mais recente. Ha documentos que mencionam marinhas ali em 1520, mas a completa transformação da insua teve logar nos seculos XVI e XVII.

V. *Lavos*, *Murraceira* e *Marinhas*.

Tambem ha nos montes d'esta parochia grandes jazigos de pedra calcarea (lioz e marmore) para cantaria e alvenaria e para construcções de toda a ordem.

—

Banham esta freguezia o Mondego,—o ribeiro de Valle da Murta ou *Valmurta*, que rega e fertilisa uma extensa e mimosa veiga contigua á povoação de Villa Verde, e desagua no Mondego,—e os arroios do *Baldio da Alhada*,—do *Barroco*,—da *Barqueira*—e da *Greta*.

O edificio mais notavel d'esta freguezia é a casa nobre da *Quinta Grande*, tambem denomimada *Quinta do Paço do Conde*.

A isto se reduziam os apontamentos que recebi em 1884 do digno administrador d'este concelho, por intermedio do sr. visconde de Guedes Teixeira, governador civil do Porto, aos quaes beijo as mãos agradecido; desejando porem mais algumas noticias da *grande quinta* e do *Recolhimento do Paço do Conde*, dirigi-me ao sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*,—o homem que hoje melhor conhece a cidade, o concelho e o districto de Coimbra. Não se fez esperar a sua interessante resposta, que é textualmente a seguinte:

«O *Recolhimento do Paço do Conde*, que ainda existe n'esta cidade, foi fundado pelo bispo-conde D. João de Mello, que governou desde 1684 até 1704.

«Aquellas recolhidas viveram primeiramente em casas arrendadas, e hoje habitam as casas que foram dos condes de Cantanhede e marquezes de Marialva, na rua das Solas, em Coimbra.

«Este recolhimento não teve na sua origem dotação nem rendas proprias. Viveu sómente das esmolas dos bispos até que D. Filippa Thereza de Noronha lhe deixou *sete mil cruzados* para sustento de um capellão, com varios encargos,—e mais *quarenta mil cruzados*, para que, pondo-os a render as recolhidas, tivessem para a sua sustentação 2:000 crusados.

«Com este dinheiro compraram a Filippe Saraiva de Sampaio e Mello um grande praso no *couto* (?!...) *de Villa Verde*, constando de terras, marinhas, foros e rações, por 31:000 crusados e 360$000 réis, ou réis 12:760$000. Compraram mais dois cerrados, uma vinha e uma casa de sobrado, pertencente ao dicto praso, por 500$000 réis.

—

«O *Recolhimento do Paço do Conde* foi fundado principalmente para mulheres convertidas da vida do mundo, debaixo da invocação de *Santa Maria Magdalena*; mas o bispo D. Joaquim da Nazareth julgou conveniente mudar-lhe o instituto. Fez d'elle recolhimento de meninas pobres;—deu-lhe a invocação de *Nossa Senhora das Necessidades do Paço do Conde*—e novos estatutos, que foram approvados pelo referido prelado e mandados executar em 1827.

«No *Conimbricense* de 19 d'agosto de 1873 dei extensa e muito curiosa noticia d'este recolhimento, a qual escrevi á vista dos documentos originaes que existem na dicta casa.»

Ao sr. Joaquim Martins de Carvalho agradeço tão relevante fineza.

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz, muito humilde e muito mal tractada,—e a uma capella particular, com a invocação do *Senhor da Columna*, bastante antiga, mas reedificada em 1851, como se lê em uma inscripção que tem na frente e que é textualmente a seguinte:

1851
FOI MANDADA REEDIFICAR
ESTA CAPELLA POR JOAQUIM
PEREIRA PESTANA, PARA JA-
ZIGO DE SUA MÃE.

Na matriz celebra-se com grande pompa a festa de *Nossa Senhora da Graça*, no dia

da *Ascensão* (diz o meu informador) havendo n'esse dia grande romagem e extraordinario concurso de fieis dos povos circumvisinhos, nomeadamente da cidade da Figueira,—concurso que deve augmentar logo que se conclua a estrada municipal a macadam, em via de construcção, entre esta freguezia e aquella cidade.

Alem da dicta estrada tambem passa junto d'esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 48, da Figueira a Coimbra.

—

Tem esta parochia apenas uma aula official d'instrucção primaria elementar para o sexo masculino, regida por um unico professor e frequentada por 200 creanças!...

Com vista aos illustrados vereadores da Figueira.

Ha n'esta freguezia muita abundancia de excellente agua potavel, que tanto escasseia nas margens do Mondego, desde Coimbra até á Figueira—e na propria cidade da Figueira, que no verão se vê obrigada a recorrer a uma fonte bem distante, na margem direita da ribeira de Tavarede—e á propria fonte de Tavarede, distante cerca de 3 kilometros!...

Dizem que a agua da fonte publica da povoação de Villa Verde tem propriedades medicinaes muito apreciaveis para o tratamento de molestias do estomago e do figado.

—

Esta parochia nunca foi villa; mas consta que a povoação de Villa Verde, já existia no seculo XI com o nome de S. Facundo, e que no seculo XVI foi couto, ou gosára os privilegios de *couto de S. Fagundo*!...

Nós, hoje apenas temos noticia de uma povoação denominada S. *Fagundo*, no districto de Coimbra.[1] Estava no termo da extincta villa de Ançã; foi freguezia da apresentação da Universidade e commenda da ordem de Christo; mas não nos consta que fosse *couto* e que estendesse o seu termo até esta freguezia de *Villa Verde*.[1]

Está hoje annexa á freguezia de *Antuzede*, concelho e comarca de Coimbra.

V. *Antuzede* e *Facundo* (*S.*)—e note-se que o meu benemerito antecessor por lapso deu a freguezia de Antuzede annexada á de S. Facundo, devendo dizer—que a freguezia de S. Facundo foi extincta e annexada á de Antuzede.

De passagem diremos tambem que a freguezia de S. Facundo em 1708, alem da sua egreja parochial, comprehendia as aldeias seguintes:—Quintã e Cidreyra com 20 fogos,—Penas Alvas com outros 20 fogos e uma capella publica,—e Jaria com 26 fogos e tres grandes quintas para o lado do Mondego e uma boa capella de Santo Adrião. Ali estava a quinta, mandada fazer pelo insigne theologo D. André d'Almada, com uma grande estatua de Gerião, tendo 3 cabeças e um só corpo com muitas inscripções. V. *Chorogr. Portugueza*, vol. 2.º pag. 34.

No Archivo da Camara Municipal de Coimbra, segundo se lê no *Indice Chronologico* dos seus pergaminhos e foraes, se encontram muitos documentos importantes, relativos á povoação e freguezia de *S. Facundo* ou *Fagundo*, a contar de 1547.

—

N'esta parochia não ha minas em exploração nem simplesmente registradas.

Deve aqui passar o caminho de ferro, em via de construcção, de Lisboa á Figueira pela Marinha Grande e Leiria.

A sua extensão total, entre Torres Vedras e a Figueira, é de 150 kilometros approxi-

---

[1] No districto de Leiria ha differentes aldeias, casaes e quintas com o nome de *Facundo* ou *Fagundo*, modificação de *Sahagum*, como diz Alexandre Herculano na *Historia de Portugal*, vol. 4.º pag. 467.

[1] Effectivamente a freguezia de *S. Facundo*, no concelho de Coimbra, «nada tem com a freguezia de *Villa Verde*, do concelho da Figueira»—segundo acaba de dizer-nos o sr. Joaquim Martins de Carvalho, em resposta á consulta que lhe dirigimos para tranquillidade da nossa consciencia. Diz tambem: «Nas chorographias d'este districto, ainda as mais minuciosas, não encontro menção de logar ou casal na freguezia de *Villa Verde*, com o nome de *S. Fagundo*.»

Outra vez agradeço a s. ex.ª a bondade com que me atura.

madamente, tendo 12 o ramal d'Alfarellos, para ligação com a linha de ferro do Norte.

Os esclarecimentos que podemos obter com relação ao traçado desde a Marinha Grande até á Figueira, reduzem-se ao seguinte:

A estação da Marinha Grande fica a 3 kilometros da povoação e a 4 1|2 da estação de Pedreanes, podendo continuar a funccionar o actual caminho de ferro americano.

A estação de Leiria fica a 3 kilometros da cidade.

O caminho segue o rio Liz até á frente de Monte Real; segue para Monte Redondo, acompanhando a estrada de Leiria á Figueira; passa de Monte Redondo ao valle de Santo Aleixo, que é atravessado na villa do Paço; vae a Vieirinhos e Silveirinha; segue o valle de Seiça; atravessa a valla real; passa por baixo da Camarinheira e vae ao Moinho do Almoxarife, em frente de Lavos, dirigindo-se para a Figueira pela Gandara, *Villa Verde* e *Salmanha*, ligando-se com a linha da Beira Alta, na passagem de nivel á entrada da Figueira.

—

O ramal de Alfarellos sae do Moinho do Almoxarife,—segue pelas povoações de Revelles, Verride, Cacheiro e Marujal,—atravessa o rio Soure e junta-se á linha do Norte no kilometro 193 (640 a contar de Lisboa).

Até hoje (março de 1886) a construcção d'esta linha não passou de Torres Vedras, mas proseguem os trabalhos com actividade.

Veja-se o artigo *Vias Ferreas*, vol. 10.º pag. 477, col. 2.ª

VILLA VERDE,—freguezia do concelho e comarca de Mirandella, districto e bispado de Bragança, provincia de Traz os-Montes.

Orago Santo Apollinario;—fogos 63,—habitantes 260,—não comprehendendo n'esta cifra a população das 2 freguezias, hoje suas annexas:—*Freixeda* e *S. Salvados*.

V. *Freixeda* e *Salvador do Adro*.[1]

Em 1706 esta freguezia de *Villa Verde*, tambem denominada outr'ora *Villa Verde dos Alamões*, segundo se lê na *Chorographia Moderna*, contava 50 fogos e era titulo de uma das 6 commendas de Mirandella—sendo o seu cura apresentado pelo reitor d'aquella villa.

Em 1768 era curato da mesma apresentação,—rendia 30$000 réis para o seu cura —e contava 48 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 55 fogos e 235 almas,—e o de 1878 deu-lhe 60 fogos e 234 habitantes.

—

Tem-se conservado estacionaria a população d'esta freguezia, bem como a da maior parte das freguezias d'este concelho, quasi todas insignificantes e muito pouco populosas.

Contrastam sensivelmente com as d'outros concelhos nossos, pois tendo este concelho de Mirandella 39 freguezias, conta apenas 4:834 fogos e 20:031 habitantes,—emquanto que todo o districto e bispado do Algarve, contando apenas 66 freguezias,—menos do que o dobro das do concelho de Mirandella, —tem 47:247 fogos e 205:901 habitantes—ou uma população cerca de *dez vezes* maior do que a do concelho de Mirandella!...[1]

Só um dos concelhos do Algarve, o de Loulé, comprehendendo apenas *sete freguezias*, conta 7:106 fogos e 31:923 habitantes, —população muito superior á das *trinta e nove* freguezias d'este concelho de Mirandella;—mas só a freguezia de S. Clemente, que forma a villa de Loulé,—hoje a villa mais populosa de todo o nosso paiz e superior em população á maior parte das nossas cidades, —conta 3:337 fogos e 14:862 habitantes!...

Das 39 freguezias d'este concelho de Mirandella—16 não contam 100 fogos, cada uma;—14 apenas contam 100 a 150 fogos; —7 contam 150 a 200,—1 tem 212—e outra (a villa) 476.[2]

---

[1] Na localidade todos dão á dicta parochia o titulo de *S. Salvados*—e não *S. Salvador*, como se lê em quasi todas as chorographias.

[1] O bispado de Bragança contando 334 freguezias,—cinco vezes mais do que o do Algarve,—tem 44:697 fogos e 187:675 habitantes, população inferior á do bispado do Algarve.

[2] Todos estes dados são extrahidos do censo de 1878.

Tão pouco populosas são, que das 39 já 17 estão civilmente annexadas a outras, por não terem pessoal nem recursos para sustentarem a sua autonomia.

Do exposto se vê que é da maior urgencia proceder-se a uma nova circumscripção parochial.

Mas prosigamos:

—

Comprehende esta freguezia apenas uma aldeia:—*Villa Verde*,—um mesquinho e pobre templo, denominado egreja matriz—e a capella do *Santo*. [1]

Dista da séde do concelho e da comarca 10 kilometros para E.S.E.—82 de Bragança,—104 da Regoa por Villa Real;—208 do Porto (por Villa Real e Regoa)—e 545 de Lisboa.

Logo que se abra ao tranzito a linha do Tua, prestes a concluir-se, demandará a estação de Mirandella, distante da do Tua, na linha do Douro, cerca de 46 kilometros, e assim deixará de percorrer em diligencia os 94 kilometros de Mirandella até á estação da Regoa,—quando se dirija ao Porto.

—

Freguezias limitrophes:—Val d'Asna, Val da Sancha, Caravellas, Cedães e Frechas.

Não tem estrada alguma a macadam. A que lhe está mais proxima é a real n.º 38, de Chaves a Moncorvo, por Mirandella e Villa Flor.

Banham esta freguezia apenas alguns ribeiros que nascem na serra de Bornes, e desaguam no rio Tua, a 10 kilometros d'esta freguezia, movendo no termo d'ella apenas 2 moinhos.

Producções dominantes:—cereaes, vinho bom de meza e excellente azeite, sendo o seu chão muito proprio para a cultura das oliveiras, cuja producção aqui é normal ainda, emquanto que a do vinho é já muito diminuta e tende a desapparecer, bem como no Alto Douro e em toda esta provincia de Traz-os-Montes, por causa da maldicta phylloxera e das outras muitas doenças que actualmente perseguem os nossos vinhedos.

V. *Villa Flor*, *Villa Real de Traz os Montes*, *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*.

Diz a *Chorogr. Port.* que esta parochia tinha 8 fontes e uma capella—e que no seu termo houve minas de prata e povoação de mouros, das quaes ainda em 1706 restavam claros vestigios.

Parochias annexas

1.ª—*Freixeda*, concelho e comarca de Mirandella, districto e bispado de Bragança.

Orago Santo André.

Ao que já se disse no titulo *Freixeda*, (a 1.ª) vol. 3.º pag. 230, col.ª 2.ª, accrescentaremos o seguinte:

—

Foi reitoria e hoje é um simples curato, onde tem um coadjutor o parocho de Villa Verde.

Em 1706 contava 80 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 68 fogos e 228 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 70 fogos e 326 habitantes.

Demora entre montes, na margem esquerda do Tua, do qual dista 6 kilometros para o nascente,—5 de Villa Verde, para o sul, —12 de Mirandella—e 40 da estação de Tua, na linha ferrea do Douro, hoje a mais proxima, passa porem a 6 kilometros da povoação da Freixeda a nova linha ferrea do valle do Tua, em construcção na actualidade.

As freguezias limitrophes eram:—Val da Sancha, a S.E.,—Frechas a O.S.O,—Salvados a N.O.—e Caravellas a N.E.

—

Passa n'esta freguezia a estrada real n.º 38, de Chaves e Mirandella a Villa Flor e Moncorvo.

Tem apenas uma povoação,—a de Freixeda,—e n'ella um pequeno e pobre templo que foi a sua matriz.

Banham esta parochia o Tua, que a limita ao poente,—e um ribeiro que morre no Tua, sem mover azenhas nem moinhos.

Producções dominantes:—cereaes de todas as qualidades,—algum vinho—e muito azeite.

Os maiores proprietarios d'esta freguezia são os *Pimenteis*, de Bornes, concelho de

[1] Al não dizem os meus apontamentos.

Macedo de Cavalleiros. Aqui possuem muitas propriedades e grandes olivaes, pelo que mandaram aqui montar uma prensa do novo systema para fabrico do azeite.

—

Esta parochia foi uma das seis commendas que a ordem de Christo teve no concelho de Mirandella. Pertencia aos condes d'Alvor.

Tem muitas fontes de boa agua e a de uma que nasce no monte denominado do *Concelho* é tão fria que, mettendo n'ella um quarto de carneiro durante meia hora, apenas lhe deixa os ossos nus,—diz o padre Carvalho—e accrescenta que houve aqui exploração de minas de prata, como revelam uns buracos e cavidades que se veem no *Cabeço Figueiro* e junto d'um regato proximo as ruinas d'um casarão, onde (diz a lenda) se apurava e fundia o minerio.

Tambem nos sitios de *Val de Mouro* e *Murado* se vêem ruinas de povoações antiquissimas, talvez dos mouros, como diz o povo. [1]

A outra annexa

2.ª—*S. Salvador* (censo de 1878)—ou *S. Salvados* (censo de 1864)—ou *S. Salvado* (*Chorogr. Port.*)—concelho e comarca de Mirandella.

Reitoria extincta.

Orago a *Transfiguração*,—segundo se lê nos 2 censos e nas chorographias que me cercam; mas o meu antecessor, baseado não sabemos em que, deu-lhe o titulo de *S. Salvador do Adro* (Vide) e como orago *S. Salvador* [2].

Tambem lhe attribuiu o foral que D. Diniz deu em 11 de novembro de 1290 á aldeia de *Picanal*, da freguezia de *S. Salvador da Pena*, interpretando assim a laconica indicação que sob o titulo *Picanal* se encontra em Franklim; mas estamos certos de que o dicto foral pertence á povoação denominada *Picanhol*, da freguezia de *S. Salvador da Ribeira de Pena*, hoje uma das duas, que constituem a séde do concelho d'este nome, no districto de Villa Real. É a dicta aldeia de *Picanhol* uma das mais importantes entre as muitas d'aquella populosa freguezia, e tem a dicta povoação tambem uma boa quinta e casa nobre, denominadas *Picanhol*,—quinta e casa que em 1706 pertenciam ao capitão-mór Francisco Pacheco d'Andrade.

V. *Ribeira de Pena*, n'este diccionario e na *Chorographia Portugueza*, tomo 1.º pag. 170,—e *Salvador* na *Chorographia Moderna*, tomo 1.º pag. 721, onde se encontram mencionadas todas as aldeias, quintas e casaes da freguezia de *S. Salvador de Ribeira de Pena*;—mas quem quizer liquidar a questão procure e leia o proprio foral.

—

A extincta parochia de Salvados foi reitoria da apresentação do reitor de Mirandella e hoje está, como dissemos, annexada á de Villa Verde, cujo parocho ali tem um cura ou coadjutor, a quem paga para o auxiliar na administração dos sacramentos.

Em 1706 contava 80 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 387 almas,—o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 346 almas—e os apontamentos que d'ali me enviaram dão-lhe 86 fogos e 355 almas.

Tem uma povoação unica, a séde da antiga parochia, e n'ella um pequeno e humilde templo, que foi a sua egreja matriz.

Não tem capella alguma.

Producções dominantes:—cereaes, azeite e vinho,—tudo em pequena quantidade, tendendo a producção do vinho a extinguir-se como já dissemos no topico supra, relativo a *Villa Verde*.

—

Demora na margem esquerda do Tua, do qual dista 3 kilometros,—4 de Villa Verde, sua matriz actual, para S.O.—7 de Miran-

---

[1] Almeida, no seu *Diccionario Chorographico*, deslocou estas noticias, dando-as na freguezia da *Freixeda* (orago S. Nicolau) concelho de Bragança, pelo que o meu antecessor cahiu tambem no mesmo lapso!...

Nem nós temos freguezia alguma com o titulo de *S. Nicolau* de Freixeda.

Tivemos uma tambem denominada *Freixeda*, no concelho de Bragança; mas o seu orago era *S. Silvestre* e já em 1706 se achava extincta, como hoje está, e annexa á freguezia de *Salsas*, sendo o orago d'esta *S. Nicolau*. D'aqui provem o equivoco.

[2] J. A. d'Almeida tambem a denominou S. Salvador *do Adro*, mas deu-lhe como orago a *Transfiguração*.

della para S.S.E.—e 38 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, hoje a mais proxima, emquanto se não abre ao tranzito a linha do Tua, que passa ao poente d'esta freguezia.

Tambem aqui passa a estrada real a macadam n.º 38, de Chaves e Mirandella para Villa Flor e Moncorvo.

Freguezias limitrophes: — Mirandella,— Villa Verde, da qual è hoje parte integrante, —Frechas—e Marmellos além do Tua, que limita e banha esta freguezia de S. Salvados, a oeste.

Tambem é banhada por um pequeno ribeiro, que nasce em Villa Verde e morre no Tua.

Tem uma aula de instrucção primaria para o sexo masculino.

O meu illustrado informador conclue dizendo:

«Aqui falleceu, ha perto de setenta annos, um individuo de grande saber e merecimento,—por nome D. Antonio, bispo de Bragança, para onde foi conduzido o seu cadaver.

«A opinião publica diz que era santo.»

Posto que este diccionario vae assumindo grandes dimensões, não podemos resistir á tentação de dar algum desenvolvimento á noticia supra, pois felizmente não nos é estranho o inclito varão, a quem ella se refere:

D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara

Não nos propomos escrever a biographia d'este prelado que, pela sua grande illustração e virtudes e pelas contradicções e perseguições que soffreu com resignação evangelica, se não foi um *santo* e *martyr*, foi um dos vultos mais proeminentes do episcopado portuguez e daria honra e lustre aos seculos dourados do christianismo.

Escasseiam-nos as forças para tão levantada empresa e a veneração que prestamos ás cinzas de D. Antonio emmudece-nos. Nem elle necessita de que nós o biographemos, tendo sido biographado por Fr. Simão da Rainha Santa, seu contemporaneo, seu familiar e seu discipulo, cuja illustração e piedade ninguem contesta,—por Fr. Antonio de Jesus, tambem seu contemporaneo, fundador do convento da Falperra,—pelo sr. Manuel Antonio Pires, illustrado conego—professor de Bragança, filho de uma piedosa senhora que foi contemporanea e dirigida de D. Antonio, —e pelo sr. conde de Samodães, o nosso primeiro escriptor catholico na actualidade, que lhe dedicou uma longa série de folhetins no jornal *A Palavra*, desde o n.º 73 de 8 de setembro de 1885, até o n.º 125 de 7 de novembro do mesmo anno.

Bem quizeramos pois abster-nos de fallar de D. Antonio, mas a nossa posição nos obriga.

—

D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara nasceu em Vianna do Castello no dia 10 de novembro de 1758 e foi o ultimo [1] de 19 filhos que tiveram seus paes, Francisco da Veiga Cabral e Camara, tenente general, e D. Rosa Gabriela de Moraes Pimentel.

Apenas teve professores de instrucção primaria, latim e francez; mas era tal o seu talento e o seu amor ao estudo que, a sós com os livros, em poucos annos obteve uma assombrosa erudição em quasi todos os ramos de sciencias—e era tal a sua memoria que aos doze annos repetia de cór cantos inteiros de Virgilio, odes de Horacio, discursos de Cicero e largos trechos de tudo quanto lia?!...

Foi um theologo profundo versado em differentes linguas e nos classicos portuguezes, francezes, gregos e latinos.

—

Tendo pronunciada vocação para o estado ecclesiastico, ordenou-se com dispensa de edade e de intersticios e logo lhe foi dada a egreja de Mofreita, no concelho de Vinhaes, onde parochiou dez annos, edificando e assombrando a todos com o seu zelo, caridade e piedade, pelo que o bispo de Bragança, D. Bernardo Pinto Ribeiro de Seixas o propoz para seu coadjutor e futuro successor.

Foi confirmado em junho de 1793;—tomou posse do bispado, já *sede vacante*, no

---

[1] Francisco Antonio da Veiga Cabral, o primogenito, foi governador da India.

dia 5 de janeiro do anno seguinte, contando apenas 35 annos de edade,—e falleceu n'esta freguezia de S. Salvados, concelho de Mirandella, no dia 13 de junho de 1819—*com opinião de santo*—como diz o meu informador,—e *martyr* de desgostos e perseguições de toda a ordem!...

Deus o tenha em bom logar e perdôe a quem tanto o calumniou e perseguiu.

—

O seu longo episcopado foi uma série constante de tribulações, que elle heroicamente supportou, mas que o impediram de realisar muitos dos seus planos em pró da sua diocese e lhe abreviaram a existencia.

A piedade, a caridade, o zelo pela salvação das almas e o seu exemplar comportamento, que tanto o distinguiram no verdor dos annos como parocho de Mofreita, mais se apuraram e o distinguiram no episcopado; mas nunca faltaram inimigos e detractores aos homens da maior virtude, e elle não foi excepção.

Assim como os judeus prenderam e crucificaram o prototypo da bondade—e os impios d'outras eras perseguiram e trucidaram tantos santos e martyres,—assim tambem D. Antonio foi cruelmente perseguido, preso e desterrado!...

Primeiramente enviaram-no sob custodia para Lisboa, onde o detiveram 12 annos, desde 1799 até 1811. Restituido á sua diocese, foi pouco depois preso e mettido no convento do Bussaco, onde esteve 2 annos, até que a instancias do romano pontifice foi solto e volveu segunda vez á sua diocese, mas tão doente e alquebrado de forças que, por conselho dos facultativos, estando no rigor do inverno, teve de deixar Bragança e procurar outro clima um pouco mais doce.

—

A 11 de janeiro de 1819 sahiu de Bragança *em um carro tirado por bois* e no dia 14 do mesmo mez chegou á freguezia de S. Salvados, onde falleceu, como já dissemos, no dia 13 de junho do mesmo anno, pelas 3 horas da madrugada.

Apenas chegou a Bragança a noticia, vieram a S. Salvados dois deputados do cabido e a primeira coisa que fizeram foi—apoderarem-se dos muitos e preciosos manuscriptos do prelado e (*credite posteri*)—lançaram-nos ás chammas!...

Embalsamado o cadaver, foi ao quinto dia transportado para Bragança com numeroso acompanhamento de fieis, pranteando todos tão grande perda.

Os seus detractores,[1] a quem tanta luz cegava e tanta superioridade offendia, taxaram-no de *louco* e *visionario*,—mas todos reconheceram sempre a sua espantosa erudição e nunca poderam apontar e menos ainda provar a mais leve mancha no seu longo tirocinio de parocho e de prelado.

Por seu turno os apologistas de D. Antonio,—caracteres respeitabilissimos, como indicamos supra,—apontam-no como homem verdadeiramente extraordinario pela sua espantosa erudição,—pela sua piedade e caridade—e pela sua resignação e virtudes, caracterisando-o como varão justo e santo —e como santo foi sempre considerado pelo povo, que de grandes distancias, mesmo da Hespanha, corria a vel-o e ouvil-o, attribuindo-lhe o *dom dos milagres!*...

—

Fr. Simão da Rainha Santa chegou a sollicitar a canonisação, ou pelo menos a beatificação de D. Antonio—e são estes os vivos desejos dos piedosos fieis de Bragança.

Entre as obras de piedade de D. Antonio avultam dois recolhimentos de *Oblatas do Menino Jesus*, que o santo bispo fundou com os maiores sacrificios,—um em Mofreita, outro no Loreto, junto de Bragança, e[2] que

---

[1] Entre os seus contemporaneos distinguiram-se o abbade de Rebordãos, Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, e o de Medrões. Joaquim Antonio de Miranda. D'este ultimo possuimos copia d'uma celebre *carta* que escreveu contra D. Antonio e que foi publicada no *Conimbricense*, n.º 2:416 de 20 de setembro de 1870, até o n.º 2:425 de 22 d'outubro do mesmo anno.

Póde ver-se a plena refutação da dicta *carta* nos folhetins de que já fizemos menção e que o sr. conde de Samodães publicou na *Palavra*.

[2] Este ultimo foi transferido para a extincta parochia de *Fornos de Ledra*, (Vide) hoje annexa á de *Guide*, no concelho de Mirandella.

ainda hoje são dois monumentos venerandos,—as primeiras casas de educação em toda a provincia de Traz os Montes.

Concluiremos este topico dizendo que no recolhimento de Mofreita se guarda como reliquia o craneo do fundador—e que ainda hoje (março de 1886) vive um rev. ancião, que foi contemporaneo de D. Antonio e o conheceu e tractou muito de perto;—é o padre Antonio José Marques, dignissimo parocho actual d'esta freguezia de Villa Verde e das suas annexas,—Freixeda e *S. Salvados.*

Conta cerca de 88 annos de edade!...

VILLA VERDE, ou **VILLA VERDE E PRADA**,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Miguel Archanjo.

Reitoria.

Fogos:—na povoação de Villa Verde, antiga parochia d'este titulo, 87,—e na povoação de *Prada*, antiga parochia, hoje extincta e sua annexa, 25,—total:—fogos 112,—habitantes 470,—segundo os apontamentos que se dignou enviar-me o sr. Emiliano Antonio de Sousa, meu illustrado e consciencioso informador; mas o *Port. S. e Profano*, em 1768 deu ás duas parochias, já então unidas, 72 fogos e 50$000 réis de rendimento para o seu reitor, que era da apresentação alternativa do papa e do prelado; —o censo de 1864 deu-lhes 109 fogos e 421 habitantes—e o de 1878 deu-lhes 122 fogos e 516 habitantes.

—

Villa Verde em 1706 era reitoria e commenda da ordem de Christo;—pertencia ao concelho da villa de Paço, ou Passô, ou Val de Paçô, comarca de Miranda (V. *Paçô*, a 1.ª vol. 6.º pag. 375, col. 2.ª); tinha annexa a freguezia de Santa Marinha de Quintella, curato da apresentação do reitor de Villa Verde e que em 1768 [1], segundo se lê no *Port. Sacro e Prof.* era da apresentação do parocho de Santa Marinha (do Pinheiro Novo, me parece) n'aquelle tempo tambem simples curato da apresentação do abbade de Quiraz.

A mencionada parochia de Santa Marinha de Quintella foi extincta e hoje é uma simples povoação da freguezia de Paço, ou Paçô, ou Paço de Vinhaes, indicada supra. [1]

Este bispado de Bragança é um labyrintho para os chorophos!...

Contando 334 freguezias, tem uma população inferior ás do Algarve, que apenas conta 66, como dissemos no artigo antecedente. E aquellas 334 freguezias representam mais de 400, porque quasi todas comprehendem freguezias annexas extinctas, que teem andado e andam em continuo vae-vem ao som das influencias locaes, mudando constantemente de matriz!

É já muito grande a confusão no momento e maior será no futuro, porque infelizmente esta provincia de Traz-os-Montes, depois que a phylloxera anniquilou os vinhedos, que constituiam a sua principal riqueza, é uma das mais pobres do nosso paiz e, se já se extinguiram muitas das suas parochias, mais se hão de extinguir em praso breve.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes* n'este diccionario e *Bragança* no supplemento.

Demora a povoação de Villa Verde na margem direita do rio Tuella, que um pouco mais abaixo toma o nome de Tua, confluente do Douro; — dista de Vinhaes 4 kilometros para E.N.E.,—28 de Bragança para O.N.O., —93 de Mirandella, em diligencia por Bra-

[1] O meu antecessor disse 1757. Foi lapso. V. *Quintella*, vol. 8.º, pag. 34, col. 2.ª

[1] Tambem hoje (março de 1886) esta freguezia de *Villa Verde* está ecclesiasticamente unida á de Paçô,—segundo me diz *á ultima hora* o meu informador.

gança;—140 da estação do Tua na linha ferrea do Douro e pela linha ferrea do Tua, prestes a concluir-se;—279 do Porto, pelas linhas ferreas do Tua e do Douro,—e 616 de Lisboa.

Comprehende esta freguezia apenas a povoação de *Villa Verde*,[1] séde da parochia,—e a de *Prada*, parochia extincta e sua annexa, cujo orago foi Nossa Senhora da Natividade e ainda se venera na sua velha matriz, pequeno e pobre templo de uma só nave, hoje em grande abandono.

A egreja matriz de Villa Verde é tambem de uma só nave e templo bastante singelo, mas bem conservado, com altar-mór, 2 collateraes e bons paramentos e alfaias.

A povoação de Villa Verde dista da de Prada apenas um kilometro.

Passa n'esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.º 37, de Vinhaes a Bragança, concluida em 1883 e servida por diligencias.

Freguezias limitrophes:—Paçô a leste;—Vinhaes a S. e O;—e Travanca a N.

—

Producções dominantes:—cereaes, batatas e castanhas. Tambem cria bastante gado de todas as especies—e os seus montes abundam em caça miuda—lebres, coelhos e perdizes,—e em caça grossa:—javalis, lobos e raposas.

Tambem colheu bastante vinho, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos,—e colhe muito bom peixe no rio Tuella.

Clima temperado, mais frio do que quente, e chão muito fertil, abundante de excellente agua potavel e de rega.

O parocho, além do pé d'altar, recebe réis 100$000 de congrua em dinheiro e as *offertas:* e um alqueire (17 litros) de centeio de cada fogo.

Os habitantes d'esta freguezia são muito laboriosos.

Nunca foi villa, mas gosou dos foraes que D. Manuel e D. Diniz deram á villa de Paço ou Paçô, indicada supra, a cujo termo pertencia.

---

[1] É tambem denominada *Villa Verde de Vez*, ou *de Vinhaes*.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião de Vinhaes e cavalheiro respeitabilissimo, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLA VERDE—quinta das mais importantes no concelho de Mezãofrio, dentro da mimosissima e fertilissima região denominada *coração do Douro*. V. *Villa Jusã*, freguezia d'este concelho, na qual e na de Santa Christina de Mezãofrio demora este grande predio.

Foi comprada em 1838 ao 1.º barão de Fornellos pelo 1.º visconde de Villa Verde, que em 1854 d'ella tomou o titulo.

Confina com o rio Douro (margem direita) e a sua producção principal é vinho de feitoria ou de exportação do melhor do Baixo Douro; mas produz tambem bastante azeite e fructa saborosissima, pois tem muita agua potavel e de rega, bons campos e formosos pomares de espinho e de carôço.

É atravessada ao norte pela estrada real a macadam do Porto á villa da Regoa e tem sobre a dicta estrada, a menos de 1 kilometro da Villa de Mezãofrio, uma boa casa com seu jardim e amplas vistas sobre o Douro, dominando grande extensão d'este rio e das suas encantadoras margens desde Mezãofrio até ás proximidades de Lamego, que são um continuado jardim.

—

Desce até á margem do Douro;—ao longo d'elle é atravessada pela via ferrea na extensão de 1:300 metros;—tem uma boa estrada privativa desde as casas nobres até o Douro—e junto d'este um grande edificio com os armazens, lagares e outras officinas, mandado fazer em 1839 pelo 1.º visconde de Villa Verde, e que é um dos melhores edificios do paiz vinhateiro, no seu genero.

Comprehende 6 lagares rectangulares de boa cantaria de granito da lotação de 20 pipas cada um;—em nivel inferior, mas contiguo aos lagares, está o armazem com magnificos toneis, alguns de 30 e 40 pipas, que por uma boa canalisação recebem o vinho directamente dos lagares,—e tem junto d'este armazem outro da lotação de mil pipas.

A esta quinta, toda circuitada de altos muros, está unida a das *Quintãs*, que prende

com a villa de Mezãofrio e tem sobre a dicta estrada real espaçosa e elegante casa de residencia com capella.

Pertencem hoje estas duas quintas ao 2.º visconde de Villa Verde, a quem foram doadas com outros bens por sua tia, a 1.ª viscondessa de Villa Verde, em 1864.

—

Constituem estas duas quintas uma das melhores propriedades do Douro.

Já produziram 200 pipas de vinho e hoje produzirão 100; mas é tambem importante o seu rendimento em foros, fructa, azeite, cereaes, baga de sabugueiro e canas, sendo estas vendidas para pentes de tear, que no concelho de Rezende se fabricam e d'ali se exportam para a Hespanha, em grande escala.

—

O 1.º visconde de Villa Verde, Custodio Pinheiro da Silva, era natural de Mezãofrio e falleceu em 1863 sem successão.

Foi vereador no Porto, onde viveu e casou com D. Joanna Maria da Silva Campeão, tia da 1.ª baroneza de Fornellos, e irmã do dr. Bernardo Campeão, physico-mór do reino, um dos homens a quem mais deve a Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Em 1851 foi feito barão de Villa Verde, —visconde (1.º) do mesmo titulo em 1854 —e commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição em 1853.

Em 1864 foi feito 2.º visconde de Villa Verde Fernando da Silva Pereira dos Santos, natural do Porto, onde nasceu na freguezia de Santo Ildefonso, em 23 de junho de 1861, sobrinho da 1.ª viscondessa do mesmo titulo e hoje (1866) ainda solteiro, bacharel formado em philosophia e em mathematica, estudante distincto com as honras de *accessit* e premios.

É filho do

2.º barão de Fornellos, Fernando Maria Pereira dos Santos, natural de Rezende e morador em Mezãofrio, mas ora residente em Coimbra, onde é governador civil substituto e está tractando da educação litteraria dos seus filhos.

Foi-lhe dado o nome de *Fernando Maria*, por terem sido seus padrinhos el-rei D. Fernando e sua esposa a rainha D. Maria II, por procuração dada ao bispo do Porto D. Jeronymo José da Costa Rebello e ao conde de Villa Flor, depois duque da Terceira.

É moço fidalgo com exercicio no paço, fidalgo cavalleiro, guarda-roupa de S. M. o sr. D. Luiz I, e cavalleiro da ordem do Santo Sepulchro.

Foi feito barão de Fornellos em 1864 e é filho do 1.º barão d'este titulo.

Nasceu em 7 de maio de 1839; — em 28 d'abril de 1855 casou com D. Emilia Augusta Pereira dos Santos, sua prima direita — e d'este consorcio tiveram os filhos seguintes:

—José Augusto, fiscal da contribuição do sello em Braga.

—Fernando da Silva Pereira dos Santos, 2.º visconde de Villa Verde.

—Alvaro Maria de Fornellos, hoje alumno do 2.º anno juridico.

—Augusto da Silva Pereira de Fornellos.

—Albano S. P. Fornellos.

—Alberto S. P. Fornellos e

—D. Maria Magdalena S. P. Fornellos, todos ainda solteiros.

—

O 1.º barão de Fornellos, José Joaquim Pereira dos Santos, tomou o titulo da sua quinta de *Fornellos*, sita em Anreade, freguezia do concelho de Rezende, e que se compõe de vastos predios rusticos e urbanos e de um bom palacete brazonado, com capella.

Deixou uma fortuna superior a 400 contos de réis.

Nasceu na freguezia de Rezende e falleceu em 9 de janeiro de 1852.

Foi fidalgo cavalleiro, commendador da ordem de Christo,—tenente coronel de um dos batalhões moveis da Beira—e agraciado com o titulo de barão de Fornellos em 15 de agosto de 1851.

—

Teve os filhos seguintes:

—D. Emilia da Silva Portugal Correia de Lacerda, hoje viuva do general Frederico Augusto d'Almeida e Araujo Portugal Correia de Lacerda.

—D. Guilhermina Julia da Silva Brito e

Cunha, hoje viuva de Antonio Bernardo de Brito e Cunha, chefe de serviço da alfandega do Porto.

—D. Maria José Pereira dos Santos e

—D. Virginia Amelia Pereira dos Santos, ainda solteiras, e

—Fernando Maria, o 2.º barão de Fornellos.

Era muito liberal, bem como seu irmão fr. Joaquim, abbade no convento dos Jeronymos de Belem, conego da Sé de Lisboa e um dos presos politicos que em 1828 a 1833 entulharam as cadeias de Lamego e Vizeu, logrando fugir d'esta ultima, depois de condemnado á morte!...

—

O 1.º barão de Fornellos tambem obteve por compra o palacete de *Saes* ou *Ossaes*[1] (V. *Rezende*, vol. 8.º pag. 160, col. 2.ª) hoje de sua filha D. Maria José, ainda solteira, que n'elle vive, senhora primorosamente educada, harpista insigne e tão religiosa que no dicto palacete fez uma linda capella, dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, e montou um *Azylo de infancia desvalida*, onde actualmente (1886) sustenta e educa 20 meninas internas e 70 externas.

Deus lhe pague em bençãos tanta caridade.

O brasão do barão de Fornellos é um escudo esquartellado, tendo no superior da direita uma cruz de prata florida, em campo carmezim—e no superior da esquerda um leão carmezim, armado de azul e rompente, sobre campo de prata. Assim os contrarios—e por timbre uma cruz carmezim, florida e vazia, entre duas azas de aguia douradas.

VILLA VERDE—villa, freguezia e séde do concelho e da comarca d'este nome, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Paio;—fogos 270,—habitantes 1:115.

Em 1706 era abbadia da apresentação do conde de Figueiró, descendente de Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor do antigo concelho de *Villa Chã*, ao qual pertencia esta parochia;—rendia para o abbade réis 150$000—e contava 68 fogos.

Em 1768 era abbadia da apresentação dos condes de Villa Nova de Portimão, depois marquezes d'Abrantes,—rendia 290$000 rs.—e contava 83 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 259 fogos e 1:009 almas—e o de 1878 deu-lhe 246 fogos e 1:013 almas.

Comprehende as povoações seguintes:—*Villa Verde*, séde da parochia, do concelho e da comarca, — Bouça, Egreja, Podome, Quintas, Reguengo, Cagide, Oliveira, Carvalhosa, Fáfias, Monte, Monte de Cima, Campo da Feira, Cachada e a quinta da Torre, que foi do conde do Casal.

—

Freguezias limitrophes:—Geme, ao norte;—Barbudo (hoje extincta e annexa á de Parada) a O.;—Loureira, ao sul—e a leste o rio Homem (margem direita) do qual a povoação de Villa Verde dista 4 $^1/_2$ kilometros,—11 de Braga,—66 do Porto—e 403 de Lisboa.

Corta esta freguezia e a povoação de Villa Verde a estrada real n.º 3 do Porto a Valença do Minho por Braga, Villa Verde, Pico de Regalados, Ponte da Barca, Arcos de Val de Vez, Brejoeira e Monsão, servida por diligencias desde Valença até Braga—e de Braga até o Porto substituida pelo caminho de ferro do Minho.

Partem da dicta estrada n'esta freguezia dois ramaes:—um é a estrada districtal de Villa Verde a Oriz,—outro é a estrada municipal de Villa Verde a Pedragaes.

Cortam e servem tambem este concelho as seguintes estradas a macadam:

—Real n.º 27, de Braga a Ponte de Lima e que atravessa o rio Cavado na grande ponte do *Prado*, já descripta sob este titulo, vol. 7.º pag. 652, col. 1.ª e 655, col. 1.ª tambem.

—Districtal n.º 5, de Barcellos a Montalegre, passando pelas freguezias de Soutello, Prado e Cabanellas, todas d'este concelho de Villa Verde.

—Districtal, estudada, de Villa Verde á *Ponte dos Corvos*, a entroncar na real n.º 27, de Braga a Ponte de Lima e Vianna.

---

[1] Este palacete foi da nobre familia *Leites*, mencionada no art. *Mondim da Beira*, vol. 5.º pag. 398.

Fica assim rectificado o que do dicto palacete disse o meu antecessor no artigo *Rezende*.

—Municipal, da freguezia de Athães á dicta estrada real n.º 27, a entroncar no logar de *Febros*, freguezia da Lage.

Tem pois este concelho uma boa rede de estradas novas, que lhe dão muita vida,—e muitas pontes de pedra, entre as quaes avultam duas:—a ponte do *Prado* e a

Ponte do Bico

Encontra-se esta ponte monumental entre Braga e Villa Verde, na estrada real n.º 3, sobre os dois rios Homem e Cavado, atravessando-os poucos metros a montante do sitio em que o 1.º entra e morre no 2.º

As duas pontes, que são de bello granito com grandes arcos, ficam muito proximas uma da outra, pois mette-se de permeio apenas um pequeno espaço de terreno que ali separa os dois rios, formando um angulo agudo, especie de *bico*, pertencente á freguezia que d'elle (bem como a grande ponte) tomou o nome de *Bico*, e é do concelho de Amares.

As duas pontes simulam uma só, porque ficaram em linha recta com guardas ininterruptas de granito desde a extremidade da avenida direita do rio Homem até á extremidade da avenida esquerda do Cavado.

De um ao outro dos dictos ponctos teem cerca de 600 metros d'extensão, comprehendendo as quatro avenidas das duas pontes, —os 2 rios—e a lingoeta de terreno que os separa.

É todo este pittoresco, magestoso e muito vistoso conjuncto denominado *Ponte do Bico*, que abrange *tres concelhos*, pois a margem direita do rio Homem pertence ao concelho de Villa Verde,—a margem esquerda do Cavado pertence ao concelho de Braga—e a direita do Cavado e a esquerda do Homem pertencem ao concelho de Amares!...:

—

Villa Verde, a séde d'esta parochia, d'este concelho e d'esta comarca, é uma povoação muito antiga, alegre, vistosa, bem situada e bem servida por estradas a macadam de toda a ordem;—tem um bom largo para as suas grandes feiras,—bons estabelecimentos commerciaes e bons edificios, entre os quaes avultam os seus novos e magestosos paços do concelho;—é finalmente uma povoação de muita vida e muito importante. Basta notar-se que é a séde de um concelho de 58 freguezias com 7:685 fogos e 31:394 habitantes,—séde de uma comarca de 1.ª classe, formada pelo concelho de Villa Verde,—pelo de Amares, que tem 24 freguezias com 2:890 fogos e 12:066 habitantes,—e pelo de Terras de Bouro com 17 freguezias, 1:886 fogos e 8:205 habitantes, comprehendendo ao todo esta comarca 3 concelhos, 99 freguezias e 12:443 fogos com a bagatella de 36:817 habitantes,—segundo o recenseamento de 1878, mas que hoje devem passar de 50:000!...

—

É pois muito importante esta villa hoje—e mais importante será em praso breve:—mas toda a sua importancia data de 1855, ou da creação d'este grande concelho pelo decreto de 24 d'outubro do dicto anno.

Até áquella data esta villa pertenceu ao extincto e antiquissimo concelho de *Villa Chã*, que soffreu diversas modificações desde a sua creação até que foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando para este de Villa Verde, com outras muitas, as 9 freguezias que o constituiam e eram as seguintes:—esta de Villa Verde e as de S. Miguel e S. Thiago de Carreiras, Doções, Nevogilde, Esqueiros, Travassos, Loureira e Barbudo, hoje extincta e annexa á de Parada.

—

Em 1706 já Villa Verde tinha uma importante feira no dia 13 de cada mez e suppomos que era a séde do concelho de *Villa Chã*, villa e povoação antiquissima, outr'ora muito honrada e privilegiada, pois teve *foral velho* dado por D. Affonso III em outubro de 1217 [1], segundo se lê na *Memoria dos Foraes* por Franklim, e *foral novo*, dado por D. Manuel a 6 d'outubro de 1514,—emquanto que hoje a extincta Villa Chã é uma simples aldeia da freguezia de S. Thiago das Carreiras e já nem vestigios conserva dos

[1] Aqui ha lapso, porque D. Affonso III reinou de 1248 a 1279.

paços do concelho nem do seu pelourinho.

O foral que lhe deu D. Manuel comprehendia as terras seguintes:—Parada, Barbudo, hoje parochia extincta e annexa á de Parada, *Cãos* (?)—S. Miguel e S. Thiago de Carreiras, Quintães, hoje aldeia da freguezia de S. Thiago de Carreiras, Nevogilde e *Sequeiros*, hoje a freguezia de Esqueiros.

—

Não mencionava a pobre *Villa Verde*—nem esta villa teve nunca foral proprio; mas é povoação muito antiga, pois como se disse em *Aboim da Nobrega*, vol. 1.º pag. 15, foi da ordem de Malta até 1260, data em que D. Affonso Pires Farinha, prior do Crato, a doou a D. João de Aboim, rico-homem do tempo de D. Affonso III;—e foi tambem muito privilegiada, por ser comprehendida no grande couto das *Terras de Nobrega*, como se vê do foral que em 24 d'outubro de 1513 D. Manuel deu á villa de *Nobrega*, séde do grande couto, hoje tambem reduzida a uma simples aldeia da freguezia de *Aboim da Nobrega*, d'este concelho de Villa Verde.

Para evitarmos repetições, v. *Nobrega*.

Este grande concelho actual de *Villa Verde* representa ainda outros muitos além d'aquelles dois, taes são:

3.º—O de *Larim*, villa outr'ora muito privilegiada e considerada, pois teve foral proprio; mas hoje é tambem uma pobre aldeia da freguezia de Soutello, margem direita do Cavado, n'este concelho de Villa Verde e não no de *Terras de Bouro*, como disse por lapso o meu antecessor no artigo *Larim*.

Está a dicta aldeia de *Larim* a jusante do sanctuario de *Nossa Senhora do Alivio*.

Este concelho foi extincto ha muito e unido ao de Villa Chã, que por isso tomou a denominação de concelho de *Villa Chã e Larim*, e tambem a de *Villa Verde*, depois que passou para Villa Verde (não sabemos quando) a séde do concelho de Villa Chã,—muitos annos antes de 1855, data da creação do concelho e da comarca actual de Villa Verde.

4.º—*Concelho do Prado* e que tinha por séde a villa d'este nome, hoje simplesmente séde da parochia de Santa Maria do Prado.

5.º—*Concelho de Pico de Regalados* e que tinha por séde a villa d'este nome, hoje tambem simplesmente séde da freguezia de Pico de Regalados.

6.º—Concelho de *Portella das Cabras*, cuja séde esteve na villa d'este nome, hoje simples aldeia da freguezia de S. Salvador de Portella, d'este concelho de Villa Verde.

Comprehendia as parochias de Portella, Pedragaes, Arcozello, Marrancos, Godinhaços, Rio Mau e Goães, hoje todas d'este concelho de Villa Verde,—e Santo Estevam de Villar, hoje do concelho de Ponte de Lima.

V. *Portella* (a 2.ª) vol. 7.º pag. 244, col. 1.ª—e, aproveitando o ensejo, rectificaremos dois lapsos que ali se encontram:

1.º—Que esta freguezia de *Portella*, concelho de Villa Verde, não *fica proxima da raia da Galisa*, mas muito distante.

2.º—Que o foral d'esta freguezia e d'este concelho não é o que D. Affonso III deu em 1260 a *Portella de Leitões*, simples casal no termo de Vermoim, mas o que D. Manuel deu ao concelho, de que vamos fallar.

—

7.º—*Concelho de Penella*, ou de *Alberjaria de Penella*, na antiga comarca de Vianna, da qual passou para a de Pico de Regalados e d'esta para o concelho e comarca de Villa Verde.

Parece que o concelho de Penella e o de Portella das Cabras foram outr'ora um e o mesmo, ou *misticos*, como diz o padre Carvalho;—depois dividiram-se em dois concelhos distinctos;—mais tarde o 1.º absorveu o 2.º e Portella das Cabras ficou sendo á séde do de Penella;—por ultimo este foi tambem extincto e unido ao actual concelho de Villa Verde com todos os outros supra.

Que os dois formavam um e o mesmo nos principios do seculo XVI se vê do foral que D. Manuel deu em 1514 ao de Penella, pois ali se mencionam as freguezias que em 1706 pertenciam ao de Portella das Cabras.

V. *Penella* vol. 6.º pag. 615, col. 2.ª—e a *Chorogr. Port.* vol. 1.º pag. 343.

E que mais tarde o concelho de Portella das Cabras foi extincto e absorvido pelo de Penella se vê do decreto de 24 d'agosto de 1855, pois entre as freguezias que assignou ao actual concelho de Villa Verde, então

criado, se mencionam as do concelho de Portella das Cabras—*como pertencentes ao concelho de Penella.*

Representa pois nada menos de oito concelhos este de Villa Verde—e a comarca outros muitos!...

Com vista aos illustrados auctores do *Archivo dos Municipios portuguezes.*

—

Concelhos limitrophes do actual de Villa Verde:—a S E. Amares e Terras de Bouro, divididos pelo rio Homem—e o de Braga, alem do Cavado, a jusante da foz do rio Homem;—a N. o da Ponte da Barca,—e a O. o de Barcellos.

Tem este concelho de Villa Verde:

Superficie em hectares.....	19:674
Predios inscriptos na matriz.....	38:750

A sua população já ficou mencionada supra.

Feiras

1.ª—*Annual* em Villa Verde, no dia de Santo Antonio, 13 de junho.

2.ª—*Annual* na mesma villa, a 13 de dezembro, dia de Santa Luzia.

3.ª—*Annual* em Pico de Regalados nos dias 6, 7 e 8 de novembro.

4.ª—*Annual* em Prado, nos dias 20 e 21 de janeiro.

5.ª—*Annual* em Prado tambem, nas sextas feiras de quaresma.

Para gado sómente

6.ª—*Annual* na freguezia de Duas Egrejas, nos dias 11 e 12 de dezembro, denominada *feira de Santa Luzia de Penella.*

Para gado muar e cavallar sómente.

7.ª—*Bi-mensal* ou de 15 em 15 dias, em Villa Verde, aos sabbados.

8.ª—*Bi-mensal* tambem aos sabbados e alternada com a feira supra, no Pico de Regalados, de 15 em 15 dias.

9.ª—Mercado de diversos generos na freguezia de Rio Mau, em todos os domingos posteriores ás feiras de Villa Verde.

Rios, ribeiros e regatos que banham este concelho

1.º—Rio *Cavado.*

2.º—Rio *Homem,* confluente do Cavado.

3.º—Rio *Neiva,* o *Nebis* dos romanos.

Nasce nas freguezias de Galinhaços e Duas Egrejas e tem 3 pontes de pedra:—uma em Goães, outra nos Corvos e outra em Villar das Almas.

D'estes 3 rios já se fallou em artigos proprios.

4.º—Regato que nasce em Doçãos e desagua no Cavado, depois de passar por Nevogilde, Moure e Febros, freguezia da Lage, onde tem uma ponte,—e Prado, onde tem outra ponte.

5.º—Regato que vem de Athães, Pico e Sande e desagúa no Homem, entre Sabariz e Villa Verde.

Tem uma ponte de pedra em Sabariz, na estrada districtal de Villa Verde a Oriz,—e 2 regatos affluentes:—um que nasce em Gondiães,—outro em Moz, no monte do *Borrelho,* e na freguezia de Geme desaguam no que vem de Athães.

6.º—O regato que nasce nas faldas do *Monte do Castello,* em Barbudo, e desagua no rio Homem, na freguezia da Loureira.

7.º—O regato que nasce em Escariz e desagua no Cavado, em Cabanellas.

8.º—O regato que passa em Oriz, Valbom e Valdreu e desagua no Homem.

9.º—O ribeiro que passa em Villa Verde e desagua tambem no rio Homem.

É atravessado pela estrada real n.º 3 na ponte de *Padóme.*

São estes os rios e regatos ou ribeiros principaes que banham este concelho. Todos regam e fertilisam muitos campos,—criam muitas hervagens para engorda de gado bovino—e movem muitos lagares de azeite, moinhos de cereaes e engenhos de serrar madeira.

—

Producções principaes d'esta freguezia e d'este concelho:—milho, vinho, azeite, hervagens e madeira de pinho. Tambem produzem muita fructa, centeio, cevada e trigo.

O vinho é verde ou de *enforcado,* mas

constitue a sua principal riqueza, por ser criado em grandes videiras sobre arvores que orlam os campos e que, alem da póda e da enxofração contra o *oidium tukeri*, não demandam grangeio especial.

Este vinho, denominado *rascante*, é muito aspero, mas teve sempre amadores e venda facil na localidade e no Porto,—e hoje, em virtude da grande falta de vinhos em França, proveniente da invasão phylloxerica, é exportado tambem em grande escala, como todo o do Minho, da Beira, da Anadia, da Extremadura e da Bairrada, [1] para França, nomeadamente para Bordeus.

Nunca esta provincia tirou tanto partido do seu *rascante*, e isso atenua a baixa que nos ultimos 2 annos se deu na industria da engorda de gado bovino que exportava em grande quantidade para a Inglaterra,—industria que foi muito importante e muito rendosa para esta provincia e para a do Douro, nos districtos do Porto e de Aveiro.

Decahiu depois que os Estados Unidos da America se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como abastecem de algodão e cereaes toda a Europa.

Feliz nação!...

Freguezias d'este concelho

Aboim, Arcozello, Athães, Atheães, Azões, Barros, Cabanellas, Carreiras (S. Miguel) Carreiras (S. Thiago) Cervães, Codeceda, Coucieiro, Covas, Doções, Duas Egrejas, Escariz (S. Mamede) Escariz (S. Martinho) Esqueiros, Freiriz, Geme, Goães, Godinhaços, Gomide, Gondiães, Gondomar, Lage, Lanhas, Loureira, Marrancos, Moure, Moz, Nevogilde, Oleiros, Oriz (Santa Marinha) Oriz (S. Miguel) Parada e Barbudo, Parada de Gatim, Passô, Pedragaes, Penascaes, Pico de Regalados (S. Christovam) Pico de Regalados (S. Paio) Ponte ou Caldellas, Portella, Prado (Santa Maria) Prado (S. Miguel) Rio Mau, Sabariz, Sande, Soutello, Travassós, Turiz, Valbom, Valdreu, Vallões, *Villa Verde* (a séde) e Villarinho!

Total—58—e *nem uma* annexa a outra.

É um concelho importante, populoso e rico.

O censo de 1878 deu-lhe 7:685 fogos e 31:394 habitantes, mas hoje deve contar cerca de 8:000 fogos e de 35:000 habitantes.

—

Pela sua população e riqueza e pelas intimas relações que o prendem aos de Amares e Terras de Bouro, que formam a grande comarca de Villa Verde ou por assim dizer *um todo*, são estes tres concelhos os mais desordeiros e revolucionarios de todo o nosso paiz!...

Tem havido n'estes 3 concelhos grandes desordens, verdadeiras batalhas, muitas mortes e ferimentos, sendo necessario por vezes intervir a força armada, grandes destacamentos e batalhões inteiros! E não hesitam em reagir contra a mesma tropa os homens e *as mulheres*, como succedeu na revolução de 1846 a 1847, na qual as mulheres d'este districto de Braga, nomeadamente as d'estes tres concelhos e dos de Vieira e da Povoa de Lanhoso, tanto se distinguiram, que a dicta revolução tomou o nome de *Maria da Fonte*, virago minhota, que se tornou lendaria!

Differentes concelhos e freguezias disputam a *gloria* de lhe terem dado o berço, mas já hoje não se sabe com certesa qual foi a sua terra natal [1].

—

São tambem muito religiosos os habitantes d'este concelho, e da sua religiosidade de-

---

[1] Os vinhedos de todas estas nossas regiões vinicolas já hoje (1886) estão manchados pela phylloxera e pelas outras muitas doenças que perseguem os do Alto Douro, da França, da Hespanha e da Italia; mas é de suppor que os do Minho, por causa da humidade do solo e da influencia dos adubos dos campos, rezistam por mais tempo.

[1] *Apontamentos para a historia da Revolução do Minho em 1846, ou da Maria da Fonte*, pelo padre Cazimiro, Braga, 1883,—*Maria da Fonte*, pelo sr. Camillo Castello Branco, Porto, 1885—e a *Historia da Revolução da Maria da Fonte*, que o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho está publicando actualmente em folhetins no jornal *A Maria da Fonte*, da Povoa de Lanhoso.

ram uma brilhante prova com a peregrinação ao sanctuario da Senhora do Sameiro, no dia 2 d'agosto de 1882.

Foi organisada em todas as 58 freguezias d'este concelho, calculando-se em 12:000 o numero de fieis, aos quaes em Braga se uniram talvez 6:000 da cidade e arredores.

Ás 7 horas da manhã, depois de se celebrarem muitas missas e ministrarem muitas communhões na vasta egreja do Populo, em Braga, seguiu a peregrinação para o Sameiro, ao som de 4 bandas de musica e dos repiques dos sinos da cidade.

Na frente iam os homens;—depois 3 meninos vestidos de branco e um d'elles levando uma rica bandeira de seda bordada a ouro.

Seguia-se a cruz de prata offerecida á Senhora do Sameiro pelos bracarenses e conduzida por um ecclesiastico, formando alas todos os parochos e ecclesiasticos d'este concelho com batinas e sobrepelises e fechando as 2 alas o rev. arcypreste de Villa Verde com dois desembargadores da relação archiepiscopal,

Depois seguiam-se as mulheres, entoando diversas canções á Virgem.

Duas horas gastou o prestito para atravessar a cidade. Ás 11 chegaram ao Sameiro, onde houve missa cantada e sermão. Depois acamparam no bosque do Bom Jesus do Monte e ahi jantaram ao ar livre sob a ramagem do arvoredo, retirando em seguida para as suas casas.

Foi a peregrinação mais imponente que até áquella data subiu ao monte do Sameiro e, feitas todas as despezas, ainda sobrou réis 1:013$100 que a commissão promotora offertou ao sanctuario da Virgem.

—

São muito vivas n'estes povos do Minho as crenças religiosas, pelo que uma grande parte das maiores desordens a que se teem abalançado, expondo o sangue e a vida, provieram de bem ou mal entendidas affrontas ás suas crenças, por não lhes permittirem os enterramentos nas egrejas, obrigando-os a fazerem as inhumações em adros abertos, na falta de cemiterios locaes.

Por vezes não foi necessario mais nada para immediatamente subirem aos campanarios dos sinos da parochia, onde se dava o conflicto, e tocarem a rebate. O mesmo toque se repetia instantaneamente nas parochias circumvisinhas, por serem muito proximas e não haver entre ellas as grandes distancias que se notam em outras provincias, nomeadamente na do Alemtejo.

O povo—homens e *mulheres*,—acudia logo em chusma e *armado;* as mulheres tomavam sempre a iniciativa e,—mesmo na presença das auctoridades—tractavam de sepultar o cadaver na egreja. As auctoridades reclamavam força;—intervinham então os homens—e por vezes a tropa e as auctoridades foram de vencida na lucta; mas por vezes tambem a tropa, quando se achava em força superior, obrigava o povo a ceder, sendo porém raro terminar o conflicto sem fogo, pancadaria, ferimentos e mortes—em ambos os campos!...

Podiamos citar duzias de conflictos d'esta ordem n'este concelho e nos de Amares, Terras de Bouro, Vieira e Povoa de Lanhoso, mas, para não fatigarmos os leitores, veja-se no artigo *Prado*, freguezia d'este concelho de Villa Verde (vol. 7.º pag. 653, col. 1.ª *in-fine*) a summaria descripção de uma das taes luctas, que durou dias, e em que o povo se bateu com a maior parte do regimento de infanteria n.º 8, ficando mortos tres soldados e um paisano—e feridos muitos mais!

—

Os templos d'esta parochia são os seguintes:

1.º—A egreja matriz, bastante arruinada.

2.º—Capella de Santo Antonio, no grande *Campo da Feira*, a meio da villa, onde se erguem tambem, do lado sul, os novos e magestosos paços do concelho. É publica.

A velha casa da camara d'esta villa, que foi muitos annos a séde do extincto concelho de Villa Chã, e do de *Villa Chã e Larim*, depois que o 1.º absorveu o 2.º,—concelho que tambem se denominou de *Villa Verde*,[1]

---

[1] Comprehendia apenas 10 freguezias: *Villa Verde*, Carreiras (S. Miguel) Carreiras (S. Thiago) Doções, Nevogilde, Esqueiros, Loureira, Parada e Barbudo, Turiz e Sou-

por ter a séde n'esta villa,—já desappareceu. Apenas existe a cadeia.

3.º—A capella de.... na povoação de Reguengo.

É particular e pertence ao sr. dr. João Antonio de Sepulveda, bem como a bonita casa que se ergue com um pequeno mas elegante jardim, ao norte do grande Campo da Feira.

—

Ha n'esta freguezia de Villa Verde um pequeno monte, denominado *Monte do Reguengo*, em que abunda formoso granito, que d'ali vae para as melhores construcções das circumvisinhanças.

Foi outr'ora o dicto monte um medonho covil de salteadores e assassinos!...

Conde do Casal [1]

Entre as pessoas mais notaveis que esta freguezia e este concelho teem produzido, avulta o conde do Casal, que nasceu, ou pelo menos viveu annos, na sua *Quinta das Torres*, sita n'esta freguezia, e que hoje pertence a Gregorio Machado, escrivão de direito d'esta comárca.

José de Barros Abreu Sousa e Alvim, barão e depois conde do Casal, nasceu em 3 de novembro de 1796 e assentou praça no regimento de cavallaria de Chaves em fevereiro de 1806.

Estava em Coimbra estudando preparatorios, quando teve logar a invasão de Junot, pelo que foi mandado recolher ao seu corpo.

Em fevereiro de 1811 foi despachado alferes e assistiu á batalha de Albuera. Acompanhando o exercito anglo-luso em operações contra os francezes durante a guerra da peninsula, entrou na batalha de Salamanca; foi promovido ao posto de tenente em agosto de 1813 e assistiu ás batalhas de Victoria e dos Pyreneus;—entrou em França—e regressou a Portugal no fim da lucta.

Foi nomeado capitão em 1815; e fez a campanha do Rio da Prata. Pelo seu valor na acção de Toledo, foi nomeado major em abril de 1817—e ficou gravemente ferido no ataque de Durão.

—

Regressou a Portugal em 1824; foi-lhe dado o commando de cavallaria 12 e com ella teve de seguir de Braga para Bragança.

Sendo já tenente coronel em 1826, deu uma carga contra as forças do marquez de Chaves, do qual ficou prisioneiro, sendo conduzido para Hespanha e depois para Miranda, d'onde se evadiu com alguns prisioneiros mais, mas foram encontrados pelos guerrilhas absolutistas, que de novo os prenderam, sendo levados para Braga e por fim outra vez para Miranda, d'onde novamente fugiu, passando o Douro n'uma jangada perto da Barca d'Alva.

Por ordem do ministerio reorganisou o seu antigo regimento e em maio de 1828, sendo nomeado commandante das forças que deviam operar contra o general das armas do Porto, que se havia retirado para as margens do Tamega e fortificado na ponte de Canavezes, investiu com elle e o desbaratou; seguiu para Penafiel, onde estava Gaspar Teixeira e o obrigou a retirar-se, indo-lhe no alcance até ás abas do Marão.

—

Emigrou com a divisão liberal para a Inglaterra, d'onde passou para a ilha Terceira; regressou a Portugal com a divisão de D. Pedro, sendo pouco depois elevado a coronel—e em 1833 ao posto de brigadeiro.

Por occasião da convenção d'Evora-Monte, era elle governador da praça de Peniche.

Foi eleito deputado pela Extremadura em 1836;—estando em 1837 commandando a 7.ª divisão militar, uniu-se ao conde do Bomfim em Leiria e, depois da acção do *Chão da Feira*, acompanhou os marechaes até Bilvestre.

Promovido a marechal de campo, em setembro d'aquelle mesmo anno pediu a exoneração do governo da praça de Peniche,—

---

tello, que eram da comarca de Vianna, da qual por decreto de 28 de fevereiro de 1835 passaram para a de Pico de Regalados, extincta pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, data em que se creou este concelho e esta comarca de Villa Verde, absorvendo o concelho e a comarca de Pico de Regalados, etc.

[1] Os condes de *Villa Verde* não pertenciam a esta *Villa Verde* do Minho, mas a *Villa Verde dos Francos*, onde tractaremos d'elles.

recolheu-se á sua *Quinta das Torres*, d'esta freguezia de Villa Verde—e ali permaneceu completamente retirado da vida publica, até que rebentou a revolução popular da sua visinha *Maria da Fonte* e foi nomeado governador da provincia de Traz-os-Montes, para combater as tropas da junta revolucionaria, que se organisou no Porto.

—

Reunindo depois do golpe de estado de 6 d'outubro as tropas que se haviam conservado fieis ao ministerio cabralista, marchou sobre o Porto, mas, tendo em Vallongo conhecimento das forças da junta, retirou para Chaves, seguido por Sá da Bandeira, o que deu em resultado a acção de Valpaços, em 15 de novembro de 1846 [1].

Em seguida marchou novamente sobre o Porto, mas, constando-lhe que Mac Donald estava em Braga, dirigiu-se para ali, occupando a cidade depois d'um sanguinolento *massacre*.

Em seguida marchou para Valença e, depois d'alguns movimentos em frente das tropas do conde das Antas e do barão do Almargem, entrou na Gallisa por Lobios,—seguiu pela fronteira até Chaves, e d'ahi por Villa Real e Lamego a juntar-se com o duque de Saldanha.

Pouco depois terminou a revolução da *Maria da Fonte* pela convenção de *Gramido* [2] e, sendo tenente general, foi-lhe dado o commando da 3.ª divisão militar.

N'esta commissão se conservou até á noite de 24 para 25 d'abril de 1851, em que, tendo logar no Porto o pronunciamento da dicta divisão em favor do marechal duque de Saldanha,—o conde se retirou do Porto e passou o resto dos seus dias entregue unicamente aos cuidados da sua casa.

Foi feito barão do Casal em 1 de dezembro de 1836—e conde do mesmo titulo em 20 de janeiro de 1847.

Falleceu em Lisboa no dia 16 d'outubro de 1857.

---

[1] V. *Val de Paços*, vol. 10.º pag. 75, columna 2.ª

[2] V. *Gramido*.

Torre d'Alvim

Houve em tempos muito remotos e não sabemos se haverá ainda hoje n'esta freguezia de *S. Paio de Villa Verde* uma casa e torre nobilissimas, denominadas *Casa e Torre d'Alvim*, das quaes daremos uma ligeira noticia.

José Freire Montarroio Mascarenhas, no seu notavel codice *Familia d'Alvim* (anno 1739) de que falla Diogo de Barbosa Machado no tomo 2.º da *Bibliotheca Lusitana*, diz que a primeira pessoa que teve o cognome de *Alvim* foi D. Pedro Soares, irmão de D. Mendo Soares, 1.º senhor da villa de Mello, na Serra da Estrella. E tomou aquelle appellido por haver fixado a sua residencia na povoação ainda hoje denominada *Alvim*, pertencente á freguezia de Santa Marinha da Costa, junto de Guimarães, antigo berço dos seus ascendentes, que das margens do Vizella se transferiram para ali.

Viveram depois n'esta parochia de S. Paio de Villa Verde em um casal, que dos seus novos habitadores tomou o nome de *Alvim*, e n'elle fizeram uma torre que tambem se denominou *Torre d'Alvim*.

—

Foi herdeira da principal *Casa d'Alvim* a condessa D. Leonor d'Alvim, mulher do santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, cuja filha unica e successora D. Beatriz casou com o 1.º duque de Bragança, levando em dote a grande fortuna de seus paes e com ella a dicta *Casa d'Alvim*, que d'esta forma passou para a serenissima Casa de Bragança.

A representação dos mencionados *Alvins* passou para a antiquissima casa de *Bordonhos*, hoje possuida e muito dignamente representada pelo ex.mo sr. D. Ruy Lopes de Sousa d'Alvim e Lemos de Carvalho Vasconcellos, residente na sua casa de *Santar*, junto de Nellas e que á nobresa herdada allia a nobresa propria, pois é um cavalheiro estimabilissimo, senhor de uma das maiores fortunas do districto de Vizeu e commendador da ordem do Santo Sepulchro, graça rarissima entre nós e que, entre outras prerogativas, confere ao agraciado o tractamento de *Dom*.

V. *Antime, Bordonhos, Trofa, Santar, Villarelho do Estremo* e *Pinheiro* (quinta, a 2.ª) vol. 7.º pag. 49, col. 1.ª

—

Ao meu illustrado collega, José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires, agradeço os apontamentos que me enviou para este artigo.

VILLA VERDE DE COIDE ou **COÍDE**,—ou *Cuíde de Villa Verde*, orago S. Mamede, concelho da Ponte da Barca.

V. *Coíde de Villa Verde*, vol. 2.º pag. 314 —e *Villa Verde* (a 4.ª) freguezia do concelho de Felgueiras, onde rectificamos o lapso de José Avelino d'Almeida no seu *Diccionario Abreviado*—e de João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, por haver copiado o diccionario d'Almeida.

VILLA VERDE DE FICALHO,—ou simplesmente *Ficalho*,—villa e freguezia do concelho de Serpa, comarca de Moura, no Alemtejo.

Ao que já se disse d'esta parochia no artigo *Ficalho* (Vide) accrescentaremos o seguinte:

—

Em 1708 contava esta villa 50 fogos—e 31 em 1757.

O censo de 1864 deu-lhe 134 fogos e 573 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 156 fogos e 656 habitantes—e, pelos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho, conta hoje 167 fogos e 682 habitantes.

É priorado—e não comprehende povoação alguma além da villa; ha porém no seu termo as quintas e herdades seguintes:

1.ª—*Quinta de Ficalho*, pertencente ao marquez d'este titulo.

2.ª—*Herdade da Coutada*, do mesmo marquez tambem.

3.ª—*Herdade da Ferradura*, pertencente ao dr. Manuel Pires Lavado de Brito.

4.ª—*Herdade de Val d'Ervanços*, pertencente a D. Antonio de Orta.

5.ª—*Das Bernardas*, pertencente a Antonio Joaquim Duarte Machado.

São estas herdades as principaes.

Demora esta villa na margem esquerda da ribeira d'Alcarabança, da qual dista meio kilometro para E.N.E.,—5 da margem direita do rio Chança[1], para O.N.O.,—28 de Serpa, para E.,—os mesmos 28 de Moura, para S.E.,—32 da estação de Serpa, na linha ferrea do Sul,—120 de Lisboa,—457 do Porto—e 587 de Valença do Minho.

—

Freguezias limitrophes:—Rosal de Christina, além do Chança, cerca de 6 kilometros a leste e já na Hespanha,—Aldeia Nova, cerca de 8 kilometros para O.S.O.,—Val de Vargo, cerca de 10 kilometros para O.N.O., —e Sobral, tambem cerca de 10 kilometros para N.E.

Templos:

1.º—*Egreja velha*, muito arruinada. Foi a matriz d'esta parochia e é hoje a capella do cemiterio.

2.º—*A egreja nova*, actual matriz fundada nos fins do ultimo seculo por D. Theresa Josepha Breyner de Menezes, viuva de Francisco de Mello, senhor de Ficalho, ascendente do marquez d'este titulo, e pela dicta senhora dedicada a *S. Mamede*;—note-se porém que o antigo orago d'esta freguezia era e é ainda hoje—*S. Jorge*.

Este templo ficou e ainda hoje (1886) está por concluir.

3.ª—*Capella de Nossa Senhora das Pazes*, a 2 kilometros d'esta villa. É publica.

No dia de Nossa Senhora dos Prazeres tem grande romagem, muito concorrida pelos povos circumvisinhos e, em cumprimento de certo voto, ali vão todos os annos os habitantes das 5 freguezias seguintes, com os seus parochos e as cruzes proprias, n'esta ordem de precedencia:—Aldeia Nova, Ficalho, Pias, Val de Vargo e Sobral,—e todas estas parochias ali mandam celebrar cada uma sua festa no mesmo dia!...

—

Na interessante *Memoria historico-economica do concelho de Serpa*, publicada em Coimbra em 1884 pelo sr. dr. José Maria da Graça Affreixo, como dissertação que lhe foi marcada pelo seu lente de *Economia Politica*

---

[1] Este rio forma aqui a linha divisoria entre Portugal e Hespanha.

no 3.º anno da faculdade de direito, se lê a pag. 169 o seguinte:

«A festividade das Pazes, que annualmente se faz em Ficalho, tem uma origem que destôa da de todas as outras do concelho de Serpa.

«Em Aronche (Hespanha) celebra-se S. Mamede, com festa annual, que era muito concorrida dos moços portuguezes raianos, em *principios* (?) do seculo XVIII.

«Impunha em Portugal seu despotismo illustrado o marquez de Pombal, quando morreu Francisco de Mello... Sua viuva, D. Theresa Josepha Breyner de Menezes, vivia em Serpa ou em Ficalho, rodeada de sete filhos, de quem o marquez de Pombal disse, que eram sete leões, promptos sempre a obedecer ao menor aceno de sua mãe.

«N'uma das romarias de S. Mamede, os fidalgos moços de Ficalho travaram uma formidavel desordem com outros fidalgos de Aronche. Estes, por molestados na refrega, presdipunham-se a tirar uma desforra condigna do seu resentimento; mas D. Isabel votou a S. Mamede a actual egreja de Ficalho [1] e instituiu em uma ermida, que fica a dois kilometros da povoação, a *festa das Pazes*, para evitar que seus filhos voltassem a Aronche. As informações, que temos, nada nos dizem sobre o titulo *Pazes*; cremos que, n'alguma das primeiras festas de S. Mamede em Ficalho, assistiriam fidalgos hespanhoes, e *d'ahi lhe adviria o titulo.*»

—

A citada *Memoria* é um trabalho que muito honra o seu auctor, mas o topico supra (desculpe-nos s. ex.ª) não nos satisfaz.

Muito respeitosamente faremos as observações seguintes:

1.ª—Se D. Theresa... mandou fazer a *nova egreja* durante o governo, ou depois do governo do marquez de Pombal, a egreja não podia ser feita *nos principios* mas *nos fins* do seculo XVIII, porque todos sabem que o dicto marquez governou desde 1750 até 1777.

2.ª—Se a festa das *Pazes*, que deu o titulo á capella da mesma invocação, foi posterior á construcção da *nova egreja*, data dos fins, ou da 2.ª metade do seculo XVIII; mas isso não póde acceitar-se, porque já nos principios d'aquelle seculo (em 1708) a dicta capella tinha a invocação de *Senhora das Pazes* como se lê na *Chorographia Portugueza*, tomo 2.º pag. 487 *mihi*.

3.ª—Suppondo que a *nova egreja* foi feita e a festa das *Pazes* instituida nos principios do seculo XVIII,—não governava *nem vivia* ainda então o marquez de Pombal;—mas n'este caso não podia ser feita a nova egreja nem instituida a festa das *Pazes* por D. Thereza, viuva de Francisco de Mello, porque este morreu durante o governo do marquez de Pombal,—segundo se lê na citada *Memoria!*...

Solatium est miseris socios habere.

Passemos adiante.

—

Data de tempos muito remotos esta povoação. Suppõe-se que foi a cidade romana *Finis*—e d'esta opinião é o sr. dr. Affreixo.

«Ao sul (*Memoria* citada, pag. 53) não longe da freguezia, se encontram muitos vestigios de edificios urbanos e de sepulturas, e n'estas pequenas lanças—*tela*. A povoação está na fralda da serra do mesmo nome (Ficalho) e a freguezia estende-se para o sul na distancia de 10 kilometros. Na confluencia do ribeiro de Vidigão que a separa de Aldeia Nova, com o Chança que a separa de Hespanha, existem restos de uma antiquissima fortificação [1].

«Descobriram-se em averiguações para esta obra, tres sepulturas, uma aberta em rocha e duas arranjadas em fórma de caixão por seis grandes tijolos, ali denominados *baldosas*. Em nenhuma foi encontrada inscripção nem data, apenas uma panella, um prato e um frasco, objectos grosseiros e pe-

---

[1] Refere-se á *egreja nova*, indicada supra.

[1] No serro do *Passo Alto*,—dizem os meus apontamentos,—e que revelam ter sido fortificação importante, muito defensavel, porque está em uma especie de triangulo, no pontal do terreno onde o Vidigão se junta ao rio Chança. E um pouco mais a montante, junto do Vidigão, no sitio ainda hoje denominado *Os Castelletes*, se encontram tambem vestigios de fortificações antiquissimas, embora menos importantes.

quenos, que se partiram ao fazer-se a escavação.

«O testemunho dos antigos chorographos, a analyse do itinerario de Antonino, combinado com os vestigios que acabamos de apontar, tudo nos leva a concluir que Ficalho está no logar, ou muito perto, da antiga cidade *Fines*. Abandonada durante a dominação visigonada e a mahometana, os freires de Aviz não deixaram certamente de promover a cultura de terrenos tanto tempo em descanço.»

Suppõe-se que esta povoação foi restaurada pouco depois que D. Diniz em 1295 deu á villa de Serpa, cabeça d'este concelho, o foral d'Evora—e no mesmo foral foi comprehendida esta villa, por alvará de D. João I com data de 13 d'abril de 1385.

—

O edificio mais notavel d'esta povoação é o *Eirado*, hoje em ruinas e que foi dos Mellos, senhores d'esta villa, mandado fazer no seculo XVII por D. Martim Affonso de Mello, bispo da Guarda, onde falleceu.

É brazonado e tem a fórma de um castello.

Rios, ribeiros e barrancos (?) ou regatos, que banham esta freguezia

1.º—*Chança*, grande ribeira que divide esta freguezia do reino de Hespanha e morre no Guadiana junto de Pomarão.

Tem no termo d'esta freguezia 4 moinhos de cereaes.

2.º—*Barranco dos Termos.*

Divide esta freguezia do reino de Hespanha e desagua no Chança, junto do *Moinho do Rodete*, a 4 kilometros d'esta villa; — d'ali começa o Chança a servir de raia.

3.º—*Barranco de Nossa Senhora das Pazes.*

Este ribeiro desagua no Chança, junto do *Moinho do Negro*, a 4 kilometros d'esta villa.

4.º—*Barranco da Corte.*

5.º—*Barranco da Horta.*

6.º—*Barranco de S. Jorge.*

7.º—*Barranco das Gralheiras.*

Estes 4 barrancos, ou ribeiros (?!...) são affluentes do barranco de Nossa Senhora das Pazes.

8.º—*Vidigão.*

Esta ribeira desagua no Chança, a 10 kilometros d'esta villa, no sitio do *Passo Alto.*

9.º—*Barranco do Salto.*

10.º—*Barranco do Marquez.*

11.º—*Barranco das Bernardas.*

12.º—*Barranco dos Piques.*

Estes 4 *barrancos*, ou ribeiros, juntam-se na herdade das *Bernardas* e com o

13.º—*Barranco dos Cevadães*, que vem de Aldeia Nova, freguezia d'este concelho, formam a ribeira de *Vidigão.*

—

É a 1.ª vez que encontro o termo *barranco* na accepção de *ribeiro*, ou *regato*,—accepção estranha aos auctores de todos os diccionarios que me cercam, incluindo o proprio *Elucidario.* Talvez seja dialecto d'este concelho, pois n'elle se encontram termos e locuções de um caracter inteiramente particular.

Ahi vae uma amostra [1].

Amanhar—concertar.

Mandou amanhar as botas, as calças e o colete [2].

Assabão—sabão.

Atuado—sem acção.

As sanguesugas ficaram atuadas, ou não tiraram sangue.

Avacuar—prostrar.

Está avacuado.

Ávondo—bastante.

Tem ávondo.

Borco (de)—em prostração.

Caiu de borco.

Concertar—ajustar.

Concertou-se por criado.

Endrominas—palavras enganosas.

Isto são indrominas tuas.

Engrimanços—graças impertinentes.

Não me estejas com engrimanços.

Entregosto—costellas.

Frigir entregosto de porco.

---

[1] A primeira palavra é o termo usado em Serpa,—a segunda é o seu equivalente no nosso idioma.

[2] *Memoria de Serpa* pelo sr. dr. Affreixo.

Esbrucinar—debruçar.
Esbrucinou-se no pôço.
Estamarrado—casual.
Teve uma febre estamarrada.
Estribuir—estragar.
Estribuiu logo o dinheiro.
Etigo—phtisico.
Esta mulher está étiga.
Fema—femea.
Fofes—fosforos.
Grossina—saburrosidade.
Tem grossina na lingua, ou tem a lingua saburrosa.
Incerne—cuidadoso.
É muito incerne no trabalho.
Poliquitento—difficil de contentar em comidas; que não gosta de comidas, ou come pouco.
Supremo (pôr)—cohibir.
Põe supremo a teu filho.
Ténico—brando.
É uma doença ténica.

Note-se porém que estes termos são usados em Serpa sómente *pela gente rude*, em quanto que os apontamentos que recebi em fevereiro de 1884 são firmados pelo digno administrador d'este concelho, o sr. dr. Antonio d'Oliveira Rocha, e foram escriptos,—aliás muito correctamente,—pelo seu secretario talvez.

Malhadas e malhadeiros

As producções dominantes d'este concelho são:—cereaes, azeitona, bolota e lã, pois cria muito gado lanigero e suino.

Tambem outr'ora teve grandes *malhadas* [1] criou muitas colmeias e produziu muito mel pelo que já D. Diniz, alem do foral que em 1295 deu a este concelho, posteriormente lhe deu outro denominado *das colmeias*, porque versava quasi exclusivamente sobre esta especialidade, que a reforma manuelina posteriormente regulou no artigo 11.º

Tão importante se tornou n'este concelho de Serpa a industria da creação das abelhas e do fabrico da cera e do mel, que já no anno de 1368 a camara lhe dedicou uma postura especial, denominada *Aranzel das Malhadas*, que reduzia o numero d'estas a 25 em todo o concelho de Serpa, não podendo ter cada uma mais de quatrocentas colmeias?!...

Montavam pois a dez mil as colmeias d'este concelho no seculo XIV—e suppomos que esta cifra ainda se elevou nos seculos seguintes, porque o numero das *malhadas* foi muito para alem das 25! Esta industria porem soffreu muito no seculo XVII com a prolongada guerra entre Portugal e Hespanha, por estar este concelho na fronteira, [1]—e depois com o arroteamento e arborisação dos montes, principalmente desde que em 1690 se fundou em Serpa um *celleiro commum*,—instituição que muito favoreceu a agricultura, mas que transformou em searas de trigo os montados que alimentavam as abelhas, pelo que foram rareando as grandes *malhadas* d'outr'ora e hoje se acham quasi extinctas [2].

—

Ha n'este concelho minas de ferro e cobre, mas todas em abandono.

A *Chorographia Moderna* diz que esta parochia tem estradas para Serpa, Moura, Mourão, Minas de S. Domingos, Mertola e Barrancos,—mas todas ellas (accrescentaremos nós) são verdadeiros *barrancos* e precipicios;—nem uma a macadam!...

Foram senhores d'esta villa os Mellos (depois condes e hoje marquezes de Ficalho)

---

[1] Aqui este termo significa o conjuncto de 2 estabelecimentos:—a cerca para resguardo das colmeias—e a casa para habitação do *malhadeiro*, que é o encarregado do tractamento das abelhas.

[1] Em 1648, apresentando-se em Serpa o desembargador Manuel da Cunha a pedir 537$859 réis que tocaram a este concelho no rateio de um milhão e seiscentos mil crusados que, para subsidio da guerra contra a Hespanha, as côrtes haviam lançado á provincia do Alemtejo, o juiz de fóra lhe pediu exempção ou modificação, ponderando—que este concelho tinha soffrido muito com as invasões do inimigo, que furtara os bois, ficando as lavouras por fazer e o concelho sem as *malhadas de colmeias, que eram de grande rendimento*... e que a villa de *Ficalho estava despovoada*, etc.

[2] *Memoria* citada, pag. 241 até 248.
É este um dos topicos mais interessantes da dicta *Memoria*.

cuja nobilissima ascendencia póde ver-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.º pag. 487 a 490.

No tempo de Filippe II foi conde e senhor d'esta villa de Ficalho D. Carlos de Borja, fidalgo hespanhol, presidente do conselho de Portugal.

O 1.º conde de Ficalho portuguez, e portuguez de rija tempera, foi Francisco de Mello, valente militar que na guerra da peninsula, sendo tenente coronel do regimento n.º 15, morreu coberto de gloria na batalha de Salamanca, ou dos Arapiles, no dia 22 de julho de 1812 [1].

Dos Mellos o 1.º senhor de Ficalho foi Pedro de Mello, mestre de campo general, do conselho de guerra de D. Pedro II, governador de Serpa e do Rio de Janeiro, commendador de S. Pedro de Gouveias e de S. Martinho de Pinhel, etc.

—

O commendador d'Aviz teve o padroado de 3 egrejas d'este concelho:—Santa Maria e S. Salvador da villa de Serpa,—e esta de Ficalho.

Os maiores proprietarios d'esta freguezia residem fóra d'ella, o que a prejudica bastante.

Tem uma cadeira official de instrucção primaria para o sexo masculino, creada por decreto de 4 de março de 1875.

A serra mais importante que ha no termo d'esta freguezia é a de Ficalho. Parte d'ella está no termo da freguezia de Sobral—e a linha divisoria vae pelo cume da serra, onde ha uma pyramide geodesica, na altitude de 518 metros sobre o nivel do mar,—precisamente ns sitio onde esteve um telegrapho antigo de madeira, antes da introducção dos telegraphos electricos no nosso paiz.

A dicta serra está hoje quasi toda arroteada e povoada de oliveiras. N'ella se encontram muitos poços de profundidade desconhecida e de formas differentes. Não se sabe ao certo se são obra da natureza, ou se foram minas exploradas outr'ora.

Ha finalmente n'esta freguezia quatro fabricas de fazer azeite, denominadas *lagares*.

VILLA VERDE DOS FRANCOS,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Alemquer, districto e patriarchado de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago Nossa Senhora dos Anjos;—fogos 285,—habitantes 1:226.

Rodrigo M. da Silva em 1675 deu-lhe 300 fogos;—o Padre Carvalho em 1712 deu-lhe 450 fogos;—D. Luiz Caetano de Lima [1] em 1729 deu-lhe 142 fogos e 505 almas;—o *Portugal S. e Prof.* em 1768 deu-lhe 168 fogos;—pelo censo de 1864 tinha 243 fogos e 1:031 habitantes;—pelo de 1878 contava 280 fogos e 1:217 habitantes—e hoje (1886) pelos meus apontamentos conta 285 fogos e 1:226 habitantes.

Vê-se pois que a população d'esta parochia tem augmentado constantemente desde 1729, mas ainda não attingiu a população de 1712, o que muito nos surprehende—e mais ainda o ter a sua população augmentado 150 fogos em 37 annos, de 1675 a 1712,—e ter diminuido 308 fogos em 17 annos, de 1712 a 1729!... Adiante explicaremos d'algum modo este facto.

—

Além da villa, séde da parochia, comprehende as povoações seguintes:—Avenal, com 45 fogos e 187 almas,—Casaes Gallegos,[2] com 23 fogos e 107 almas,—Lapaduços, com 25 fogos e 133 almas,—Portella com 14 fogos e 63 almas—e Rexaldeira com 16 fogos e 68 almas.

---

[1] Não morreu na dicta batalha, mas em consequencia dos ferimentos que n'ella recebeu.

Foi casado com D. Eugenia d'Almeida (filha do 3.º marquez do Lavradio) a quem D. Pedro IV, por decreto de 4 d'abril de 1833, nomeou marqueza de Ficalho, em duas vidas.—e depois a sr.ª D. Maria II, por carta regia de 6 de julho de 1841 a fez duqueza do mesmo titulo, em sua vida. Fica assim rectificado o que se lê no vol. 3.º pag. 185, col. 2.ª

[1] A sua *Geographia Historica* foi publicada em 1736, mas elle escreveu-a em 1729 a 1730, V. tomo 2.º pag. 116, linha 3.ª

[2] Metade d'esta povoação pertence á freguezia de *Ventosa*.

Comprehende tambem os seguintes casaes, quasi todos habitados:—Fonte da Pipa, Rabicaça, Varandas, Bica, Marmello, Pouzão, Fetal, Penedo, Bella Vista, Piedade, Relva, Chorão, Viso, Laurenciano, Cuturella, Rocio, Casal Novo, Casal do Mouro, Lavandeira, Monte do Trigo, Barbosa, Picoto, Lameira, Lapa, Oliveirinha, Mendonça, Monte Moeda, Andorinha, Folle, Barreiros, Pinheiro, Romão, Casinha, Porto de Rei, Grilla, Vizitação, do Moinho e do Inferno,—e as quintas de Fruanna, Mal Pique, Podrete e Porto Solagre.

Freguezias limitrophes:—Cabanas de Torres, a E.,—Villar a N.,—Ventosa a S—e Maxial a O., mettendo-se de permeio a *Serra Gallega,* que divide o concelho de Torres Vedras do de Alemquer.

—

Dista d'Alemquer 15 kilometros para N. O;—23 da estação do Carregado (a mais proxima) na linha ferrea do norte [1];—60 de Lisboa—e 323 do Porto.

Tem boas estradas a macadam para Alemquer, Torres Vedras, Cadaval e Carregado. São as estradas districtaes n.º 83, 83 *B* e 84. A 1.ª passa pelo meio d'esta villa,—vae da estação do Carregado para Cadaval—e tem diligencia diaria.

Templos

1.º—A egreja matriz, muito antiga e de *feia architectura,*—diz o meu informador.

2.º—*Capella da Misericordia,* na qual se venera o Senhor dos Passos, cuja imagem é alvo de grande devoção.

Esta capella e a irmandade que a representa datam de 1525, mas dispõe de tenues recursos. Teem hoje apenas uns pequenos foros em dinheiro e cereaes, que renderão approximadamente 30$000 réis por anno. Não tem hospital, mas sómente uma casa, onde alberga os mendigos.

[1] Tambem passa a O. de Villa Verde a linha ferrea actualmente em construcção, de Lisboa á Figueira por Torres Vedras e Leiria, na qual deve ter estação muito mais proxima do que a do Carregado, na linha ferrea do norte. V. *Vias ferreas.*

3.º—*Capella do Anjo da Guarda,* sobre o largo d'este nome á entrada da villa, indo d'Alemquer.

Tem festa, feira e romagem, no 3.º domingo de julho e pertence aos marquezes d'Angeja.

A feira é pouco importante e a *unica* d'esta villa hoje. A *Chorographia Moderna,* copiando o *Diccionario Abreviado* de J. A. de Almeida, indica outra feira no dia 21 d'outubro [1], mas nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho apenas vejo mencionada a primeira.

4.º—*Capella de S. Braz.*

5.º—*Capella de S. Luiz,* no castello, ambas mencionadas na *Chorog. Port.*

Suppomos que já não existem.

6.º—*Capella de Nossa Senhora da Ajuda,* na povoação do Avenal.

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Amparo,* na povoação da Rixaldeira.

8.º—*Capella de S. Miguel,* na povoação de Lapaduças.

9.º—*Capella de Nossa Senhora da Salvação,* em Casaes Gallegos.

10.º—*Capella de Santa Barbara,* na povoação da Portella.

Em todas estas povoações houve capellães que celebravam missa nos domingos e dias santos, quando o clero não rareava tanto, como hoje infelizmente rareia.

A nomeação d'estes capellães era feita pelo prior de Villa Verde e confirmada pelo vigario geral do patriarchado, sendo preferidos sempre os beneficiados da villa; mas pagavam-lhes os differentes povos.

—

Banha esta freguezia e esta villa um ribeiro que corre de N.E. a S.O.—passa ao sul d'esta villa na direcção E.O.;—em seguida toma a de S.E. a N.O.;—volve outra vez de N.E. a S.O.;—vae á freguezia de *Ade Cunhados,* onde recebe outro ribeiro que vem das proximidades de Torres Vedras;—forma com elle a ribeira d'Alcabriche—e desagua no mar, cerca de 10 kilometros a N.

[1] Já em 1675 a *Poblacion G. de España* mencionou a dicta feira.

da foz do rio Sizandro. O seu percurso total approxima-se de 25 kilometros[1].

Nos limites d'esta freguezia é atravessado por duas pontes:—uma no sitio dos *Linhoes*. para passagem da estrada districtal n.º 83, —e outra no sitio do *Caes*, para serventia da parochia de *Maxial*, pertencente ao concelho de Torres Vedras.

Junto de Villa Verde move uma azenha, que tem um nome *sympathico*. É denominada *Azenha do Inferno*!...

Producções dominantes:—vinho e cereaes, Tambem produz algum azeite e fructa.

Pessoas notaveis

O palacio (hoje em ruinas) que foi solar dos morgados, depois senhores e condes d'esta villa, hoje representados pelos marquezes d'Angeja, deu o berço a muitas pessoas distinctas pelo nascimento, pelas armas e pelas lettras; mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas—*D. Manuel de Noronha*.

Nasceu no dicto palacio em 1594 e falleceu em Lisboa em 1671, contando 77 annos de idade.

Primeiramente vestiu a roupeta de jesuita; —depois secularisou-se e foi prior na freguezia da Castanheira, n'esta de Villa Verde e em uma das de Torres Vedras,—prior-mór na ordem de S. Thiago, bispo eleito de Vizeu, reitor e reformador da Universidade de Coimbra e bispo da mesma cidade, não chegando a tomar posse, porque a morte o surprehendeu.

Era homem muito illustrado, posto que tinha sómente a graduação de *mestre em artes* pela Universidade d'Evora. D'ahi lhe provieram os desgostos e o mau acolhimento que recebeu do corpo cathedratico de Coimbra, quando foi nomeado reitor, como póde ver-se nas *Revelações e Memorias* do sr. Simão José da Luz Soriano, pag. 279.

É auctor de differentes publicações, indicadas por Innocencio.

---

[1] Tambem algumas aguas d'esta freguezia pendem para leste e dão principio ao rio de Alemquer, que desagua no Tejo, a distancia de 30 kilometros de Villa Verde para S. E.

Nasceu tambem n'esta parochia, na povoação da *Portella*, pelos fins do seculo XVII, o rev. Manuel Nobre Pereira, que foi dr. de capello e lente de canones, conego e vigario capitular em Coimbra.

D. Paulo de Palacio

Nasceu em Granada, mas viveu em Portugal e falleceu n'esta freguezia D. Paulo de Palacio, homem virtuosissimo e de superior illustração.

Veiu em 1525 para Portugal com a rainha D. Catharina (filha de Filippe I de Hespanha e mulher do nosso rei D. João III) a qual o nomeou seu esmoler. Doutorou-se em theologia pela Universidade de Evora;—foi lente de Escriptura Sagrada na de Coimbra—e pregador do cardeal-rei que, vendo-o decrepito e desejando suavisar lhe a velhice, o nomeou prior da freguezia da *Ventosa*, tambem d'este concelho d'Alemquer, beneficio de 1.ª ordem n'aquelle tempo;[1] mas tão virtuoso e tão despido de interesses e de ambições era D. Paulo, que, vagando por essa occasião esta egreja de Villa Verde, para ella se transferiu, por ser muito menos rendosa; —n'ella foi parocho dois annos, até 4 d'abril de 1582, data do seu fallecimento,—e n'esse pequeno periodo restaurou *á sua custa* a egreja matriz.

Jaz na capella-mór da dicta egreja, do lado da epistola, em cuja sepultura o seu velho amigo e admirador D. Francisco Cano, depois bispo do Algarve[2] mandou abrir esta inscripção :

---

[1] V. *Ventosa*, vol. 10.º pag. 280, col. 1.ª e seguintes.

[2] Eram ambos hespanhoes. Foram contemporaneos em Salamanca e tão amigos que, achando-se D. Paulo em Evora, frequentando a Universidade, D. Francisco Cano veiu de Hespanha ali só para o cumprimentar, em 1558, e tanto se affeiçoou a Portugal que não voltou para a Hespanha.

Era perito em diversas lingoas, muito illustrado e muito virtuoso; foi parocho em Monforte de Rio Livre, prégador regio, esmoler da rainha D. Catharina e por ella tão estimado e considerado que não só o encarregou de escrever-lhe o testamento, mas o nomeou um dos seus testamenteiros!

AQUI JAZ O DOCTOR PAULO DE PALACIO, NATURAL DE GRANADA, ESMOLER DA RAINHA D. CATHARINA, PRÉGADOR DO CARDEAL D. HENRIQUE, CATHEDRATICO DE THEOLOGIA, & PRIOR QUE FOI DESTA IGREJA. FALLECEO A 4 DE ABRIL DE 1582

—

Escreveu a *Suma Caetana*, indicada por Innocencio,—e dois tomos *in Matheum*: o 1.º *exproprio marte*, imprimiu-se em Coimbra em 1564, como diz Innocencio,—o 2.º *ex mente Santorum*, não foi impresso, mas d'elle faz menção no seu testamento, cujo original se guardou no archivo d'esta egreja de Villa Verde.

Tinha o dicto testamento a data de 1579 (era ainda então prior da Ventosa) e n'elle, entre outras verbas pias, deixou a sua livraria ao convento da Vizitação d'esta freguezia de Villa Verde e um escravo á companhia de Jesus:

«*Mãdo que mi esclavo Alvaro sirva siempre a los Padres de la Companhia d'Ebora, lo qual ago assi por agradecimiento de me aver hecho los Padres della en ella Dotor, como por assegurar a la salvacion del dicho mi esclavo. El qual pues hasta aqui ha sido hombre de bien, allá com los dichos Padres le será mejor. Pero no poderão venderlo, ni allienarlo, porque mi voluntad es, que entre ellos se salve, &.*[1]»

Antiguidades d'esta villa e seus foraes

Demora esta povoação nas faldas da serra de *Monte Junto*, em sitio alto, saudavel e fertil, e suppomos que o seu chão foi occupado pelos mouros e pelos povos que anteriormente occuparam esta peninsula, mas não temos noticia alguma d'esta povoação antes do seculo XII.

D. Affonso Henriques a deu a D. Alardo, capitão francez, em remuneração dos serviços que lhe prestou na conquista de Lisboa.

D. Alardo a povoou, ou *repovoou*, com os seus francos, pelo que se denomina *Villa Verde dos Francos*, e no anno de 1160 lhe deu foral, que foi confirmado em Santarem, no mez de março de 1218, por D. Sancho I. D. Duarte o confirmou 2.ª vez em Setubal, a 14 de novembro de 1435,—e D. Manuel lhe deu *foral novo* em Lisboa, no dia primeiro d'outubro de 1513.

São estes os foraes que se encontram na *Memoria* de Franklim, mas alguem cita um outro, dado por D. Affonso III em 1255.

É pois Villa Verde povoação muito antiga. Foi villa e concelho, formado unicamente por esta parochia, até 1837, data em que foi supprimido e annexado ao de Aldeia Gallega da Merceana;—e por decreto de 24 d'outubro de 1855 passou com o dicto concelho da Merceanna para o concelho e comarca de Alemquer. Anteriormente pertencia á comarca de Torres Vedras.

Os seus antigos paços do concelho e a cadeia nada tinham de notaveis e são hoje propriedade particular.

—

Ha no limite d'esta parochia um monte bastante alto, denominado *Serra da Neve*.

Na matriz predial d'esta parochia, relativa ao anno de 1883, foram inscriptos 273 predios urbanos e 1681 predios rusticos com o rendimento collectavel de 6:859$000 réis.

Tem uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Esta villa nunca foi murada, mas teve para sua defesa um castello, do qual hoje apenas se vêem as ruinas em um monte de pequena elevação fronteiro á villa e a pequena distancia d'ella. Dizem ser fundação de D. Alardo;—n'elle houve uma capella, dedicada a S. Luiz—e outra a S. João Baptista, cuja imagem se vê hoje no altar-mór da egreja parochial. Suppomos que eram simples oratorios, ou nichos.

---

[1] *Agiol. Lusit.* tomo 2.º pag. 426,—f.—e *Cathalogo dos Bispos do Algarve* por João Baptista S. Lopes, pag. 364 e seg.

Gados

Em 1869 esta freguezia criava o gado seguinte:

Especies	Cabeças	Valores
Cavallar	13	171$200
Muar	8	75$600
Asinino	185	633$600
Bovino	217	3:195$400
Lanar	1:452	904$100
Caprino	591	422$900
Suino	71	614$600
Total	2:537	6:017$400

Ainda a egreja matriz

Tem altar-mór com as imagens da padroeira, de S. José e de S. João Baptista—e 4 collateraes. A imagem da padroeira teve confraria propria, da qual o prior era juiz perpetuo. Em um dos altares se vê a imagem do Menino Jesus, que teve tambem confraria e festa no dia 1 de janeiro;—em outro altar se venera a imagem de S. Sebastião, que teve tambem confraria e festa annual;—em outro se venerá Santo Antonio, que teve tambem confraria e festa annual com trezena;—no mesmo altar se venera S. Marcos, que teve tambem confraria e festa propria;—em outro se venera a Senhora do Rosario, que teve tambem confraria e festa no 1.º dia d'outubro.

Da irmandade do Santissimo eram juizes perpetuos os marquezes d'Angeja, senhores e donatarios d'esta villa, que faziam a festa propria no 3.º domingo de outubro.

A festa do orago era a 15 de agosto e tinha 50 dias de indulgencias.

Tambem houve n'esta egreja uma collegiada de seis beneficios com o rendimento de 80$000 réis cada um, em 1758; mas foi extincta, passando as suas rendas para o seminario patriarchal de Santarem.

Ás enormes rendas das muitas mitras, deados, priorados, etc., que accumulou o celebre D. Jorge da Costa, cardeal d'*Alpedrinha* (V.) tambem pertenceu um dos beneficios d'esta collegiada!...

Priores

O rendimento d'esta egreja é hoje insignificante, mas outr'ora, antes da extincção dos dizimos, posto que era muito inferior ao da Ventosa, como já dissemos, foi consideravel, pelo que teve priores muito distinctos.

Alem de D. Paulo de Palacios, occorrem-nos os seguintes:

—D. Manuel de Noronha, já mencionado.

—D. Luiz de Noronha, irmão do antecedente.

—Lucas d'Andrade, homem muito erudito e beneficiado na egreja de S. Nicolau, em Lisboa.

Escreveu e publicou differentes obras, indicadas por Innocencio.

—José de Mattos Henriques, commissario do santo officio, e

—Fr. Guilherme Antonio da Costa, egresso da ordem de S. Francisco de Xabregas, onde professou em 1831, e ultimo guardião do convento de recoletos d'esta villa, do qual adiante fallaremos.

Este illustrado e virtuoso sacerdote foi prior aqui muitos annos. Ainda vivia em 1876 e é possivel que viva ainda hoje, mas n'esse caso deve estar decrepito [1].

O convento

A distancia de 1:500 metros (approximadamente) d'esta villa, nas faldas do monte onde se vêem as ruinas do castello de D. Alardo, mas na pendente opposta, se ergue o extincto convento de *Nossa Senhora da Visitação*, de Villa Verde, que foi de recoletos franciscanos da provincia de Xabregas.

Demora em sitio ermo e solitario, mas

[1] Ainda hoje vivem tambem dois venerandos egressos das nossas relações:—o dr. fr. José Caetano Lopes Bandarra, vigario de Longroiva, no concelho da Meda,—e em S. Pedro da Torre, concelho de Valença, Fr. João de Santa Rosa Martins, que foi prior no convento benedictino de Lisboa, hoje palacio das côrtes, etc.

V. *S. Pedro da Torre* e *Villa Nune*.

pittoresco e muito interessante, com largo horisonte e amplas vistas para O. e N.O. sobre os concelhos d'Obidos e Cadaval, até Peniche e Berlengas, no Occeano Atlantico, distantes mais de 40 kilometros!...

Foi fundado em 1540 por D. Pedro de Noronha, donatario de Villa Verde, em uma sua quinta de recreio. Era convento penitenciario e por consequencia muito austero! Ainda em 1834, quando foram extinctas as ordens religiosas, era habitado por 13 frades, sendo guardião d'elles Fr. Guilherme (ou José Guilherme) Antonio da Costa, que depois, como já dissemos, foi e não sabemos se ainda é, prior d'esta freguezia.

—

Extinctas as ordens religiosas, passou este convento para a corôa; depois foi vendido a João de Sá Pereira;—por morte d'este passou para o dr. Ayres de Sá Pereira, de Catanhede, e outros herdeiros do finado,—e em agosto de 1873 foi comprado pelo sr. dr. Sebastião José de Carvalho, actual visconde de Chancelleiros, 1.º d'este titulo, par do reino, ex-ministro das obras publicas, etc. [1].

Quando s. ex.ª tomou posse d'este convento estava em completo abandono e era um montão de ruinas, mas de prompto o restaurou e transformou em uma das primeiras vivendas d'este concelho.

Produzem um lindo effeito a casa com as suas janellas d'ogiva, os terraços com as suas ameias e a sala do capitulo com o seu zimborio e mirante, destacando-se por cima d'este não vulgar conjuncto a velha torre da egreja com a sua cor enegrecida pelo bater dos seculos.

—

A cerca é vasta, abundante d'agua deliciosa e bem murada. Teve frondoso arvoredo secular, que os vandalos d'este seculo destruiram, mas ainda conserva junto do muro da cerca e da estrada que vem de Villa Verde um pinheiro collossal, que se avista a grande distancia de um e outro lado da serra de *Monte Junto*. É o gigante da montanha e lembra os seus affins do Bussaco.

Tambem na cerca se vê e admira um formoso tanque de 73 palmos de comprimento, 22 de largura e 11 de profundidade, que foi construido por um guardião nos principios do ultimo seculo.

A egreja era espaçosa, mas sem luxo architectonico; tinha porem um soberbo retabulo na capella-mór, todo de pedra polida, alva de neve, com embutidos cor de rosa. O altar era de urna, formado por uma pedra só, e junto d'elle se via uma campa com o brasão dos Noronhas e o epitaphio seguinte:

ESTA SEPULTURA É DE D. PEDRO
DE NORONHA, SENHOR DE
VILLA VERDE, O SEXTO, E PRIMEIRO DO SEU NOME.
1566.

Era a sepultura do benemerito fundador.

Não sabemos se os actuaes possuidores e restauradores d'este convento conservaram e restauraram tambem a pobre egreja.

Senhores d'esta villa

O 1.º senhor e povoador, ou antes *repovoador*, d'esta villa, depois da expulsão dos mouros, de Lisboa e d'estes sitios, foi, como já dissemos, D. Alardo;—depois passou para a corôa—e da corôa para os Gomides, Albuquerques e Noronhas, pela fórma seguinte:

1.º—Gonçalo Lourenço de Gomide.

Foi escrivão da puridade de D. João I;—acompanhou-o na tomada de Ceuta—e ali mesmo, em premio dos seus brilhantes feitos, o proprio rei o armou cavalleiro e lhe deu o senhorio d'esta villa, *de jure* e herdade.

2.º—João Gonçalves de Gomide, filho do antecedente.

Foi 2.º senhor d'esta villa e alcaide-mór de Leiria, Obidos e Alemquer. Casou com D. Leonor d'Albuquerque e, passados annos, matou-a, pelo que foi degollado.

[1] Nasceu na quinta do *Rocio*, freguezia da Ventosa, n'este concelho, mas é oriundo da provincia de Traz-os-Montes e tomou o titulo da sua bella casa e quinta de *Chancelleiros*, freguezia de Covas, concelho de Sabrosa, no Alto Douro.

3.º—Gonçalo d'Albuquerque, filho do antecedente.

Depois do tragico fim de seu pae, elle (bem como seus irmãos e descendentes) tomou o appellido materno, deixando o de Gomide; casou com D. Leonor de Menezes, filha do conde d'Atouguia,—e d'este consorcio teve, entre outros filhos, o grande Affonso d'Albuquerque, famoso Vice-Rei da India.

4.º—Fernão d'Albuquerque, filho primogenito de Gonçalo de Albuquerque.

5.º—D. Martinho de Noronha, genro do antecedente e 3.º neto de D. Henrique de Castella.

Fallecendo Fernão d'Albuquerque sem successão masculina, passou o senhorio de Villa Verde á filha D. Guiomar, e pelo casamento d'esta com D. Martinho de Noronha, passou para os Noronhas o senhorio d'esta villa.

6.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

Foi veador da rainha D. Catharina, mulher de D. João III.

7.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

8.º—D. Francisco Luiz de Noronha, filho do antecedente.

9.º—D. Pedro de Noronha, filho do antecedente.

10.º—D. Francisco Luiz de Noronha, filho do antecedente.

Falleceu sem filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão:

11.º—D. Vasco de Noronha.

Falleceu tambem sem filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão:

12.º—D. Antonio de Noronha.

Foi feito conde de Villa Verde, o 1.º d'este titulo, por carta de lei de 10 de dezembro de 1654.

13.º—D. Pedro Antonio de Noronha, 2.º conde de Villa Verde, nasceu em 13 de junho de 1661, e em 1693, contando apenas 32 annos, foi nomeado vice-rei da India e foi um dos vice-reis mais benemeritos. Desempenhou depois altos cargos com a maior distincção, pelo que em 1714 foi agraciado com o titulo de marquez d'Angeja.

Falleceu em 1731.

14.º—D. Antonio de Noronha, 3.º conde e 14.º senhor de Villa Verde e 2.º marquez d'Angeja, filho do antecedente

Foi mestre de campo general e governador da provincia do Minho, onde falleceu (em Vianna do Castello) no dia 18 de julho de 1735.

15.º—D. Pedro José de Noronha, IV conde e XV senhor de Villa Verde e III marquez d'Angeja, filho do antecedente.

16.º—D. Antonio José Xavier de Noronha.

Nasceu em Vianna do Minho em 1 de outubro de 1736 e foi IV marquez d'Angeja, V conde, XVI senhor de Villa Verde, etc.

17.º—D. Pedro José de Noronha e Camões.

Foi V marquez d'Angeja, VI conde, XVII senhor de Villa Verde, etc.

18.º—D. João de Noronha Camões de Albuquerque Sousa Moniz.

Foi VI marquez d'Angeja, VII conde e XVIII senhor de Villa Verde, gentil homem da camara de D. João VI, par do reino, tenente general, grão-cruz das ordens da Torre e Espada, S. Bento d'Aviz e N. S. da Conceição de Villa Viçosa, etc. Teve a cruz da guerra peninsular, de quatro campanhas, e as medalhas do Bussaco, Albuera, Ciudad Rodrigo, Badajoz e Salamanca, e a medalha hespanhola de Albuera.

Nasceu em 21 d'abril de 1788 e falleceu em 23 de junho de 1827, contando apenas 39 annos de edade;—casou 3 vezes, mas não deixou successão, pelo que lhe succedeu o seu parente.. [1]

19.º—D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, conde de Peniche, 7.º marquez d'Angeja, 8.º conde e 19.º senhor de Villa Verde, etc.

Falleceu no dia 2 de julho de 1881.

—

Ha muito que foram extinctos os privilegios dos donatarios, mas alem d'esses privilegios tinham n'esta parochia os morgados e senhores d'esta villa muitas terras que

---

[1] V. *Loronha* e *Peniche*, vol. 6.º pag. 621 e seg.

emprazaram, pelo que ainda hoje os herdeiros e representantes dos marquezes d'Angeja, condes de Peniche e Villa Verde, aqui possuem muitos foros e são os senhorios directos de grande parte d'esta freguezia.

Tambem aqui possuem um antigo palacio que foi durante seculos residencia senhorial e o maior foco de villa d'esta povoação.

É um edificio muito solido, irregular, incompleto e já em ruinas, com uma grande cerca, povoada de arvores magestosas. Tem um quarto digno de veneração, denominado *gabinete do conde*, por ter sido do vice-rei da India D. Pedro Antonio de Noronha, 2.º conde e XII senhor d'esta villa. O tecto é apainelado e dividido em quadros representando os feitos praticados por D. Pedro na India, e em redor dos differentes quadros se leem os nomes dos capitães que se acharam com elle n'aquellas emprezas.

É pois o tecto do dicto quarto uma interessante pagina da nossa historia.

Em frente do palacio e junto de uma fonte antiquissima se vê um magestoso ulmeiro, á sombra do qual os nobres condes e senhores d'esta villa se abrigaram muitas vezes e deram audiencia aos seus vassallos.

Atravessa hoje este terreiro a nova estrada a macadam do Carregado e Alemquer ao Cadaval, servida por diligencias e que veiu amparar na decrepitude tão historico e decadente povoado.

Retrospecto

Segundo a tradição, esta villa já contou mais de 600 fogos e de 1:400 habitantes, mas uma peste fatal, em epoca de que não existe memoria authentica, depois de aniquilar a maior parte dos seus moradores, obrigou os restantes, bem como os da villa de Torres Vedras e d'outras povoações circumvisinhas, a procurarem refugio nos ermos, onde acamparam e fundaram as povoações de Cabanas de Torres, Cabanas de Chã, Abrigada e outras no termo actual d'este concelho.

Ainda hoje attestam a grande catastrophe as numerosas ossadas que trivialmente se encontram n'esta villa e nos seus arrabaldes em qualquer excavação.

A pobre Villa Verde ficou quasi deserta e não mais se restabeleceu!

Ainda lhe insufflaram alguma vida a residencia temporaria dos seus donatarios e a presença das auctoridades do seu municipio, «mas pouco a pouco os nossos fidalgos desampararam as suas terras em procura dos vicios e dissipações da corte[1], e Villa Verde... perdendo o alento que a sua residencia lhe dava, começou a vegetar, até que em 1854 perdendo o ultimo vestigio do caracter municipal, tomou a posição inferior que hoje occupa.»

Tambem soffreu muito com a guerra peninsular, nomeadamente desde outubro de 1810, data em que Massena acampou com os seus 80:000 homens em frente das linhas de Torres Vedras, tão proximas d'esta villa, talando e saqueando até grande distancia todas as povoações ao norte das mencionadas linhas, até que em março de 1811 bateu em retirada para a Hespanha[2].

Em 1863 achava-se esta villa reduzida a 71 habitações!...

«Por todos os lados ruinas de casas, pardieiros e muros desmoronados, indicam ao passageiro a grandeza que já lá vae»—diz a *Memoria* de Alemquer,—mas hoje, felizmente, as novas estradas a macadam principiam a dar-lhe outro aspecto.

Foral de D. Alardo

Na citada memoria de Alemquer se encontra textualmente este foral. É muito interessante, mas para não fatigarmos os leitores, apenas tiraremos d'elle alguns topicos:

«... pela morte de um homem 1:000 soldos;... por um olho, uma mão ou um pé 500 soldos;... quem matar um homem, e o sobredito dinheiro não poder pagar, será enforcado.

---

[1] V. *Alemquer e o seu concelho*, pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques,—trabalho muito consciencioso e muito interessante para a historia e topographia d'esta villa e d'este concelho.

[2] V. *Torres Vedras*, *Bussaco* e *Gojim*.

«Pelo ferimento do dedo pollegar 200 soldos; sendo de outro dedo, 100 soldos.

«Por um dente 3 maravedis.

«Se um homem ferir alguem, dará por cada pollegada da ferida 6 soldos.

«Se um homem espancar outro, dará 12 soldos.

«Qualquer homem que bater n'outro com a mão aberta, ou fechada, ou com o pé, por cada pancada dará 6 soldos.

«O filho que não fôr legitimo não herdará nada do pae.

«Se alguem consentir que outrem cultive a sua herdade sem protesto durante um anno e dia, não a poderá reivindicar.

«Pelas medidas falsas 5 soldos.

«Ninguem poderá comprar herdades em Villa Verde senão *francos*.

«Se a *franca* (franceza) casar com o *franco*, terão fôro em tudo, como os francos.»

Via-se, pois, que D. Alardo não prohibia, mas difficultava o casamento das filhas da sua colonia com individuos estranhos.

Foral de D. Manuel [1]
(*extracto*)

Por composição entre o senhorio e os habitantes d'esta villa, ficaram elles obrigados a pagar-lhe sómente uma *colheita* ou *jantar* em cada anno das coisas seguintes:—de trigo 10 alqueires, de cevada 6 moios, de vinho 48 almudes, tudo pago a dinheiro pelo preço corrente no 1.º dia de maio,—e mais: uma vacca ou 600 réis,—7 gallinhas, ou 140 réis, —2 porcos, ou 600 réis por ambos,—7 carneiros ou 60 réis por cada um,—6 cabritos, ou 17 réis por peça,—7 leitões ou 24 réis por cabeça,—200 ovos ou 70 réis por todos, —1 alqueire de farinha, ou 30 réis,—1 alqueire de mel, ou 160 réis,—1 alqueire de manteiga, ou 320 réis,—2 restes d'alhos e 2 de cebollas, ou 30 réis,—1 vara de bragal. ou 10 réis,—e 12 vasos de pão, ou 18 réis,

N'este concelho d'Alemquer o preço medio dos generos n'aquella data era o seguinte:

1 alqueire de trigo.....	25 réis
1 » de cevada.....	18 »
1 » de centeio.....	12 »
1 » de milho.....	12 »
1 tonel de vinho branco de embarque.....	2$000 réis
1 almude de vinho tinto, que não era de embarque.....	35 »
1 alqueire d'azeite.....	74 »
1 cabrito ou cordeiro.....	27 »
1 pato.....	20 »
1 frango.....	11 »

Pesos e medidas

Outr'ora em quasi todos os nossos concelhos eram differentes os pesos e medidas e regulados por padrões peculiares a cada um dos concelhos. D'este de Villa Verde ainda ha pouco se conservavam na casa da camara d'Alemquer os seus antigos padrões. Não sabemos se já se *evaporaram*, mas eram luxuosos e valiosos, muito dignos de se archivarem no Museu Archeologico do Carmo [1].

O padrão dos pesos (diz uma nota que temos presente) era de arroba a 1/2 arratel, «porque já os outros estavam perdidos.»

Era todo de bronze e tinha na circumferencia da arroba a legenda seguinte:

ME MANDO FAZERE DOM
EMMANUEL REI DE PORTUGAL. ANO
DE 1498.

O da medida de grãos era de alqueire a meia oitava, todo tambem de bronze lavrado, em fórma de cubos, tendo de um lado as armas portuguezas e do outro esta legenda:

SEBASTIANUS I. R. P. REGNIOR. SUOR
MENSURAS AQUAVIT. ANO MDLXXV.

Em vulgar:

«D. Sebastião I, rei de Portugal, igualou as medidas dos seus reinos no anno de 1575.»

O padrão dos liquidos era de almude a meio quartilho, todo tambem de bronze la-

[1] De 1 d'outubro de 1513.

[1] V. *Lisboa*, vol. 4.º pag. 265, col. 2.ª

vrado, e tinha junto da bocca armas e inscripções como as indicadas supra, mas com a data de 1576.

A vara e o covado eram de ferro.

Chamamos para estes formosos padrões e para o quarto ou *gabinete do conde* a attenção do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, benemerito fundador e presidente da *Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio.

Fecharemos este topico mencionando outros padrões, muito differentes:—são os marcos de pedra que os senhorios d'este concelho de Villa Verde mandaram collocar em toda a circumferencia d'elle, para evitarem questões com os concelhos visinhos.

Ainda hoje muitos d'aquelles marcos se vêem formando a linha divisoria entre esta freguezia e as limitrophes, pois o extincto concelho de Villa Verde comprehendia esta parochia sómente.

VILLA VERDE DA RAIA,—aldeia do concelho de Chaves em Traz-os-Montes, junto da raia da Hespanha, pelo que os seus habitantes exploram escandalosamente a industria do contrabando.

Em outubro de 1885 achava-se ali um posto do cordão sanitario, que o nosso governo, como já dissemos nos artigos *Villa Real de Santo Antonio* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, estabeleceu em volta de todo o nosso paiz para suster a marcha do *cholera morbus*, que estava assolando a Hespanha, como assolou em 1884.

Bom dinheiro despendemos no cordão, mas felizmente o cholera poupou-nos até hoje (abril de 1886) tendo feito em Hespanha milhares de victimas!...

No dia 8 do dicto mez um dos soldados do cordão denunciou ao chefe d'aquelle posto um cabo de infanteria 19, por haver passado certo contrabando. Foi chamado á presença do chefe e, indo a meio caminho com o dicto soldado, lembrando-se de que este seria o denunciante, deu-lhe um tiro á queima-roupa, varando-o de lado a lado e matando o instantaneamente.

Depois internou-se na Hespanha.

VILLA VERDINHO ou **VILLAVERDINHO**, —parochia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de Cedães, concelho e comarca de Mirandella, bispado e districto de Bragança.

Em 1706 contava 14 fogos;—era curato da apresentação do reitor de Mirandella—e pertencia a uma das 6 commendas d'esta villa.

A mesma parochia de Cedães, que hoje (1886) conta 143 fogos e 615 habitantes, comprehende tambem a povoação de *Val de Lobo*, que foi outro curato da mesma apresentação, pertencente ás mencionadas commendas, e tinha n'aquella data 26 fogos.

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor no artigo *Val de Lobo*, vol. 10.º pag. 54, col 2.ª

Villaverdinho é corrupção de *Villa Verdinha*, diminutivo de *Villa Verde*.

V. *Cedães*.

VILLA VIÇOSA,—*Côrte da Serenissima Casa e Estado de Bragança*, actualmente simples villa, séde do concelho do seu nome, comarca d'Extremoz, districto e arcebispado d'Evora na provincia do Alemtejo.

Demora na altura de 38°, 51' de latitude N.—e 1°, 30' de longitude E., pelo meridiano de Lisboa, em um lindo, ameno e sempre *viçoso* valle, abrigado a oeste pela pequena serra de Borba e regado por muitas fontes que derivam da mesma serra. D'ahi o titulo de *Viçosa*, cuja propriedade ninguem lhe contesta.

Appellamos para os que já vizitassem, como nós vizitámos, esta villa e subissem, como nós subimos, aos muros do seu castello no mez de maio, ao raiar do sol e ao cahir da tarde.

Tudo em volta até grande distancia era um amplo tapete de luxuosa vegetação e, sendo para nós esta villa inteiramente estranha, e tendo sido creados no mimosissimo e fertilissimo cantão por justos titulos denominado *coração do Douro*,[1] no vasto tri-

---

[1] V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 250, col. 1.ª —*Villa Jusã*, vol. 1.º pag. 770, col. 2.ª— *Corvaceira* e *Penajoia*.

angulo formado por Lamego, Mezãofrio e Villa Real de Traz-os-Montes,—cantão que não tem rival em todo o nosso paiz,—ficámos surprehendidos e muito espontaneamente dissemos:—Formosa villa! Bem mereces o titulo de *Viçosa!*...

—

Dista 4 kilometros de Borba e 16 de Extremoz para E S. E.,—25 d'Elvas para O S O. —50 d'Evora pelo Redondo, para E.N E.,—170 de Lisboa;—507 do Porto—e 637 de Valença do Minho.

A sua estação mais proxima na rede das nossas linhas ferreas hoje é a de Extremoz, para a qual, bem como para a d'Elvas, tem boas estradas a macadam, servidas por diligencias. Tambem tem estradas a macadam, para o Alandroal e para o Redondo.

Foi praça de guerra até 1834;—teve voto em côrtes com assento no banco 16, dando um só procurador até 1645—e d'ahi em deante dous.

André de Rezende na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniae* deu a esta villa o nome de *Callipole*, tirado do grego e que significa villa ou cidade *formosa, bella e amena*, pelo que os seus habitantes se intitulam *callipolenses*, em vez de *villaviçosenses* ou *villaviçosanos*.

Parochias d'esta villa

São duas:—a *matriz*, orago Nossa Senhora da Conceição do Castello, padroeira do reino, por eleição e resolução das côrtes de 1646,—e *S. Bartholomeu*,—ambas priorados. Até 1834 foram da ordem d'Aviz, como todas as egrejas d'este concelho, exceptuando unicamente a capella ducal e real que era exempta ou *nullius diœcesis*, e a da Lapa, que era do ordinario, ou dos arcebispos d'Evora.

A de Nossa Senhora da Conceição tem por limites na villa e a O. *exclusive*—a rua das Vaqueiras, a de Santo Antonio e o largo da *Assaboaria*, que pertencem á freguezia de S. Bartholomeu;—nos suburbios e *coutos* confronta a N. com a matriz e Santa Barbara de Borba;—a E. com Santo Antonio da Terrugem, do concelho d'Elvas, e S. Romão; —a S. com Santa Catharina de Pardaes,—e a O. com Santa Anna de Bencatel, todas d'este concelho de Villa Viçosa.

Conta na villa 348 fogos com 1:258 almas —e nos suburbios e coutos 65 fogos com 268 almas. Total — 413 fogos e 1:526 almas.

Em 1708 contava 500 fogos e 2:050 habitantes.

Em 1768 contava 565 fogos e 2:200 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 439 fogos e 1:788 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 608 fogos e 1:651 habitantes—e o meu illustrado e consciencioso informador, natural d'esta villa, deu-lhe 413 fogos e 1:526 habitantes!...

—

A egreja matriz, de Nossa Senhora da Conceição, demora na *almedina*, ou villa primitiva, e é um templo espaçoso com tres naves, separadas por dois renques de columnas doricas. Tem tres porticos e uma só torre á direita do frontispicio, que se ergue sobre um adro amplo, lageado de fino marmore de cores em xadrezes brancos e azues, tendo á esquerda o cemiterio parochial, inaugurado em 1839.

Este templo, celebre em todo o nosso paiz e fóra d'elle por ser cabeça da *ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa* (da qual temos a honra de ser humilde cavalleiro) instituida por D. João VI em 1818,—e por ser a casa da padroeira do reino,—foi reedificado pela ordem d'Aviz em 1572 a 1600, á custa dos dizimos e do duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV, que muito beneficiou e melhorou tambem o dicto templo.

Commummente diz-se que a egreja primitiva foi fundada pelo santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, mas na opinião mais segura a dicta egreja data pelo menos do tempo d'el-rei D. Fernando. O santo condestavel apenas a reedificou.

—

A padroeira está em um camarim, por baixo da tribuna da capella-mór, fechado com rotulas de prata. Tem um capellão privativo, que diz missa resada em todas as festas da Virgem e cantada por musica de ca-

pella todos os sabbados, exceptuando o de Alleluia.

Duas irmandades ou confrarias promovem o seu culto:—a de *Nossa Senhora da Conceição do Castello* ou *dos Officiaes*, que só consta de juiz, escrivão e thesoureiro,—e a dos *Escravos* da mesma Senhora, que tem 12 mesarios perpetuos, os quaes, assim como os 3 sobreditos,—e o prior e beneficiados d'esta egreja—e os conegos da capella real—são cavalleiros natos da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

O bispo-deão da capella real era commendador da mesma ordem.

Ha n'esta egreja sómente um jazigo, aliás muito amplo, no pavimento da capella do Santissimo.

Foi feito por Antonio Cabide em 1643 para si e sua familia; extincta esta, a respectiva irmandade o cedeu aos condes das Galveias, em 1734, e ali pouco depois foi sepultado o 2.º conde d'aquelle titulo,—Pedro de Mello e Castro.

Tambem ali foi sepultado em 1822 o bispo d'Olba, D. Vasco José Lobo.

—

Ha tambem n'esta parochia as seguintes confrarias:—SS. Sacramento, Santo Nome de Jesus, Nossa Senhora do Carmo, S. Pedro, S. José e Santissima Trindade, que são os oragos d'outras tantas capellas.

Na matriz ha uma *Conta Adriana* ou *millenaria*, benzida em Roma por Paulo V a 15 de janeiro de 1607, diz o meu illustrado informador [1].

Até á extincção dos dizimos em 1834 esta parochia era curada por um prior e dois beneficiados, recebendo o prior 180 alqueires de trigo e 20$000 réis em dinheiro e os beneficiados pouco menos. Desfructavam além d'isso um bello olival no sitio dos *Coutos*, do qual se apossou a junta de parochia,—e tinham tambem diversas *pitanças*.

Hoje é administrada por um prior com 225$000 réis de congrua em derrama,—alem do pé d'altar e dos emolumentos do cartorio,—e tem um coadjutor com 75$000 réis de derrama tambem.

—

Os templos filiaes da matriz eram antigamente:—na villa a capella de Nossa Senhora dos Remedios;—nos suburbios:—S. Bento, S. Jeronymo, S. João Baptista e S. José do Carrascal, S. Luiz, S. Thiago, S. Domingos, Santo Ildefonso e Nossa Senhora do Paraiso;—nos *coutos*:—Santo André (cahida ha mais de 100 annos) S. Marcos e Senhora das Mercês em Bencatel, a qual passou para a jurisdicção do parocho de Bencatel em 1839, por accordam do conselho de districto. Do mesmo modo passou a da Senhora da Lapa a ser filial da dicta matriz em 1834, tendo sido da apresentação dos arcebispos d'Evora e exempta do padroado d'Aviz.

Hoje são tambem suas filiaes as egrejas dos extinctos conventos de Santo Agostinho, Nossa Senhora da Esperança e Senhora da Piedade, ou capuchos, por estarem todas na area d'esta parochia.

Logo daremos noticia especial d'estes e d'outros templos.

—

Os suburbios e *coutos*, pertencentes todos á matriz, constam na metade oriental,—de hortas e pomares com muitos ferragiaes de producção cerealifera, correndo por ali, ao norte, o ribeiro do *Beiçudo*,—e ao sul o do *Rocio*, alimentados ambos com as vertentes das fontes da villa. A parte oriental d'esta parochia abunda pois em fructas e hortaliças.

Na parte occidental os coutos são povoados de oliveiras com vinhas e ferragiaes de permeio.

As quintas mais notaveis dos suburbios são:

1.ª—*De Peixinhos*, fundada por Affonso de Lucena, secretario da duqueza D. Catharina, cabeça do morgado instituido por elle em 1611. É hoje de Adolpho de Lima Mayer, negociante de Lisboa.

---

[1] Na egreja do extincto convento de Caria, concelho de Sernancelhe, provincia da Beira Alta, existe outra *Conta Adriana*. Attribuiram-se a estas contas indulgencias *verdadeiramente extraordinarias*, mas alguem as taxa de apocriphas!...

V. *Caria* n'este diccionario e no supplemento.

Foi a melhor casa de campo d'esta villa, superior á da Tapada Real, dos duques de Bragança, mas está em ruinas, ha muito!...

2.ª—*Do Paul*, hoje a mais rendosa d'esta villa.

D. João de Faro, thesoureiro mór da capella real, a beneficiou e melhorou muito e n'ella fez boas casas nobres, na segunda metade do ultimo seculo; foi tambem muito melhorada n'este seculo por outro thesoureiro-mór, Joaquim Cordeiro Galão; dos herdeiros d'este passou, já depois de 1854, para o hespanhol José Maria Alvares, rezidente em Borba, que a beneficiou e melhorou mais do que nenhum dos outros possuidores e lhe annexou muitos predios limitrophes. É hoje de André da Ascenção Alvares, filho do mencionado José Maria.

3.ª—*Quinta da Cebola de Cima.*

É abundante em laranja e foi muito melhorada nos nossos dias pelo medico Rivara, seu dono.

São tambem dignas de menção:—a horta do *Couteiro-mór* e a *da Cruz*,—a quinta da *Saude*, a *do Gil* e outras muitas que não mencionamos para não fatigarmos os leitores.

Tambem pertence a esta parochia a parte sul da *Tapada Real*. A outra parte é da freguezia de Santa Barbara de Borba.

No ribeiro do *Beiçudo* ha 4 fabricas de cortumes no sitio dos *Pelames* e move tambem muitos lagares d'azeite e moinhos de cereaes. Ha ainda outro ribeiro chamado do *Rocio*.

Parochia de S. Bartholomeu

Esta parochia é toda urbana e cercada de todos os lados pela *matriz* [1];—abrange a parte occidental e moderna da villa—e conta 457 fogos e 1:558 almas,—segundo diz o meu illustrado e consciencioso informador, natural d'esta villa.

Em 1708 contava 600 fogos e 2:450 habitantes.

Em 1768 contava 563 fogos e 2:300 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 476 fogos e 1:954 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 448 fogos e 1:794 habitantes.

Do exposto se vê que esta formosa villa tem decahido muito do seu esplendor d'outr'ora!...

Prosigamos com a descripção da freguezia de S. Bartholomeu:

Tem sómente um prior, que vence de congrua 175$000 réis em derrama, alem do pé d'altar, e 10$000 réis pela desamortisação da residencia; mas até 1834 tinha tambem dois beneficiados—curas, como os da *matriz*, e com igual estipendio.

Os thezoureiros das duas freguezias recebiam para guisamentos 4 arrobas de cera e 20 almudes de vinho mosto, alem dos vencimentos proprios, sendo tudo pago pelo celleiro dos dizimos, que era situado na rua do *Cambaia*.

—

A primitiva egreja d'esta freguezia estava no centro da *Praça Nova;*—suppõe-se ter sido fundada no seculo XIV e foi erigida em séde de parochia no meiado do seculo XVI, mas poucos annos gosou essa preeminencia, por ser velha e de pequenas dimensões.

Dizem uns que a mandou demolir o duque D. Theodosio I, para a reedificar amplamente com tres naves e transferir para ella a collegiada d'Ourem, que era do seu padroado;—attribuem outros aquella resolução ao seu filho, o duque D. João I. O certo porem é que se deu principio á nova egreja e se levou a construcção das suas paredes até 2 ou 3 metros d'altura, mas parou, por se auzentarem os duques de Bragança para Lisboa.

Entretanto foi séde d'esta parochia a egreja de S. Sebastião, no *Rocio*, da qual passou para a do Espirito Santo, approximadamente em 1584, por concessão da Misericordia e da casa de Bragança, que tinha a posse da capella-mór. Ali se conservou até 19 de fevereiro de 1865, data em que, por mercê da mesma casa de Bragança, se transferiu para a egreja do collegio de S. João Evangelista, acabada em 1604 pelo duque D. Theodosio II, e por elle destinada para casa professa de jesuitas. Não ficou porém com-

[1] Assim se denomina em Villa Viçosa a freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Castello.

pletamente acabada, pois ainda hoje as suas torres não teem cupula.

—

Tem a dicta egreja a forma da cruz latina,—seis capellas lateraes com outros tantos altares—mais dois no arco cruzeiro, alem do altar-mór,—e frontispicio elegante e magestoso de bello marmore branco de Montes Claros em galerias com pilastras e cimalhas entre os seus tres porticos e janellas superiores, ladeado por duas torres.

É um templo magnifico dos maiores da villa,—e n'elle se acham erectas a confraria do Santissimo Sacramento,—outra de Nossa Senhora do Rosario—e a congregação de Nossa Senhora do Soccorro.

As egrejas filiaes d'esta parochia, comprehendidas no seu districto, eram:—as de S. Sebastião, Santo Antonio e Santa Luzia—e agora tambem a do extincto convento de Santa Cruz, na qual funccionam desde 1883 as confrarias do Rosario do Espirito Santo e das Almas, que para ella se transferiram espontaneamente.

Tem pois esta villa *intra-muros* 805 fogos com 2:816 almas, contando sómente os moradores fixos e não o destacamento militar e os hospedes ou tranzeuntes.

Calcula-se que tem perdido um terço da sua antiga população,—1.º com a sahida dos duques de Bragança em 1640,—2.º com a extincção das ordens religiosas da sua comarca e de differentes institutos, em 1834, —3.º com a remoção da muita tropa que a guarneceu e que hoje se limita a um simples destacamento.

Freguezias ruraes d'este concelho

São 4:—Bencatel, Pardaes, S. Romão e Ciladas.

Bencatel

É orago d'esta freguezia Sant'Anna. Fogos 300,—almas 1:272.

Tem uma só aldeia, denominada *Bencatel* e muito populosa, pois conta 227 fogos e 926 almas! O resto da sua população está dissiminada pela ribeira e differentes montes, que ao norte do nosso paiz se denominariam *aldeias*, logares ou povos e casaes.

Freguezias limitrophes: S. Thiago de Rio de Moinhos a N. O.,—a matriz de Borba a N.,—Villa Viçosa a N. E.,—Pardaes a E.,—Alandreal a S.—e Redondo a O.

A egreja matriz tem por titular *Nossa Senhora do Alcance*. Foi fundada em 1765 por Bartholomeu Fialho, morador em Villa Viçosa, com o fim de se trasladar para ella a parochia de Sant'Anna que estava na herdade do mesmo titulo (Sant'Anna)—o que se effectuou em 1770 — e muito concorreu para se augmentar e regularisar a povoação junto d'ella, em uma extensa, formosa e saudavel planicie, ficando-lhe defronte o manancial da *Lagôa*.

Tem altar-mór,—4 lateraes—e 2 confrarias:—a do Santissimo e a das Almas.

—

A congrua do parocho, sob o titulo de bôlo, é de 360 alqueires de trigo e 26 de cevada. O thesoureiro tem 140 alqueires de trigo.

Ha n'esta parochia 3 capellas:—S. Pedro e Nossa Senhora das Mercês, contiguas á egreja parochial e misticas,—e Nossa Senhora da Madre de Deus, no pateo da quinta do mesmo titulo, pertencente aos Mascarenhas, de Villa Viçosa, mas aforada, ha muito. É hoje seu emphiteuta Miguel João de Azambuja.

Conta esta freguezia 19 azenhas na sua ribeira, que é d'aguas nativas, formada pelas nascentes da lagôa e não pelo *olho d'agua* que rebenta perto da ermida de S. Pedro, denominado *Trincarlo*, como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Bencatel*, posto que muitas vezes se junta a agua d'este áquella *por favor*, pois o *olho d'agua* é do *Monte d'El-Rei* e não concelhio.

Os lagares d'azeite são 3. Um d'elles está na *azenha do Conde* e é movido com a agua d'ella.

—

Ao poente da aldeia de Bencatel, na distancia de 6 kilometros, corre o *Luciféce* para o Guadiana pelas faldas da serra d'Ossa.

Os moradores de Bencatel viviam quasi exclusivamente da arriaria, antes da introducção dos caminhos de ferro no nosso paiz. Hoje vivem principalmente da agricultura.

Além da quinta da *Madre de Deus*, ha n'esta parochia a quinta de *S. João Baptista*, que pertence a Thomé de Sousa Menezes,—a *horta d'El-Rei*, de que falla Villas Boas na sua *Nobiliarquia*, e outras que não mencionamos para não fatigarmos os leitores.

Pardaes

O orago d'esta parochia é Santa Catharina d'Alexandria e tem hoje 115 fogos e 495 almas.

Freguezias limitrophes:—a matriz de Villa Viçosa a N.,—S. Romão e S. Braz dos Mattos a E.,—a matriz do Alandroal a S.—e Bencatel a O.

É cortada a meio pela nova estrada districtal a macadam de Villa Viçosa para o Alandroal e que deu muita vida a esta parochia.

A egreja matriz está isolada na herdade das *Bispas*. Apenas móra junto d'ella o sacristão!

Tem altar-mór,—3 lateraes,—uma confraria das almas—e não possue bens nem rendimento algum além das esmolas dos fieis.

O parocho tem de bôlo 300 alqueires de trigo e 100 de cevada,—e o thezoureiro 60 alqueires de trigo.

Consta que a primitiva egreja parochial esteve junto da *Aldeia* e que nos principios do seculo XVII se fundou a egreja actual, transferindo-se para ella em seguida.

A população está dispersa por dois districtos principaes denominados—*Ribeira* e *Fonte do Soeiro*. No 1.º estão os arrabaldes: —*Aldeia*, *Casas Novas* e *Paços*,—nenhum dos quaes excede a 14 fogos;—no 2.º ainda os agrupamentos são menores.

—

Tem esta freguezia, como a de Bencatel, uma ribeira que nasce na Lagôa e morre no Guadiana, atravessando a freguezia de S. Braz dos Mattos, que é do termo de Juromenha. Move n'esta freguezia 16 azenhas,—mais 4 na de S. Braz—e rega e fertilisa excellentes quintas e hortas com pomares de laranja da melhor d'este concelho.

Entre aquellas quintas merecem especial menção as seguintes:

1.ª—*Do dr. Panasco* (Bento Dias) do qual tomou o nome por haver sido dono d'ella e tel-a beneficiado e melhorado muito, sendo desembargador no tempo d'el-rei D. João V, e tendo sido juiz de fóra em Villa Viçosa.

Esta quinta é a melhor de todas!...

2.ª—*Dos Paços*.

Foi de Ruy de Sousa Pereira, aio d'el-rei D. João IV, emquanto duque de Barcellos.

3.ª—*Dos Infantes*.

Tem o brasão dos mesmos no portico e em plano inferior esta inscripção:

QUINTA DOS INFANTES,
FIDALGOS DA CASA DE S. M.

Estes infantes procediam de Jeronymo Infante d'Assa, que serviu na guerra da *restauração*.

Casou em Villa Viçosa e teve descendencia, que se extinguiu em D. Genebra Infante de Lacerda, filha e herdeira de Antonio Lobo Infante de Lacerda, que tanto se distinguiu em 1808 no levantamento do Alemtejo contra a invasão de Junot.

Casou a dicta senhora com José d'Assa Castello Branco; não tendo successão, aboliram o vinculo d'ella, cujo melhor predio era a mencionada quinta, e a deram ao advogado Antonio da Silva Leitão pelo seu trabalho para a abolição do vinculo.

Bem pago ficou!...

É hoje dona d'ella a sr.ª D. Maria Violante, rezidente em Borba, filha do mencionado dr. Leitão.

—

Nasce nas courellas da *Brôa* o ribeiro de *Alcalate* que, depois de receber differentes arroios no termo do Alandroal, desagua no *Luciféce*, junto de Ferreira de Terena.

Esta freguezia contrasta com a de Bencatel, por ser montuosa, menos povoada e o seu chão menos fertil; mas em compensação é muito salubre e tanto que o *cholera morbus* a respeitou em 1833!...

Tem um lagar d'azeite na quinta do *Panasco*.

Os seus habitantes são geralmente pobres, por serem rendeiros de predios, cujos donos vivem fóra d'ella, e jornaleiros na maior

parte,—sem ter commercio nem industria alguma.

É a freguezia mais pobre d'este concelho!...

Alem da sua egreja matriz, tem hoje apenas uma capella com a invocação de Santo Antonio dos Paços.

A de Santa Helena, mencionada na *Chorographia Portugueza*, já não existe.

Estava dentro da *Horta Grande*, lado sul.

S. Romão [1]

É orago d'esta parochia S. Romão, eremita de Panoias, onde (dizem) falleceu no anno de 566 e é festejado no dia 28 de fevereiro.

V. *Panoias*, villa do Alemtejo, vol. 6.º pag. 443, col. 2.ª—notando se que as ultimas 6 linhas d'aquelle artigo estão deslocadas. Pertencem a *Panoias* transmontana.

Freguezias limitrophes d'esta de S. Romão:—S. Braz dos Mattos e N. Senhora do Loreto, matriz de Juromenha, a S.,—Terrugem, concelho d'Elvas, a N.,—Ciladas a E. —e a O. Pardaes e a matriz de Villa Viçosa.

Comprehende duas aldeias:—1.ª *S. Romão* junto da matriz e que tem augmentado muito n'este seculo, pois já conta 140 fogos e 645 almas;—2.ª *Forte do Ferragudo*, com 23 fogos e 93 almas. A população restante d'esta freguezia está dispersa pelos *montes* ou casaes—total 188 fogos e 854 habitantes.

—

Em 1708 esta parochia era ainda uma simples *aldeia* de 60 fogos. Em 1768, já era curato da apresentação da mitra, mas contava ainda apenas 69 fogos.

A sua população augmentou *rapidamente* desde que a Santa Casa de Villa Viçosa dividiu em glebas, que aforou a differentes, a *herdade de S. Romão*, que ali possuia, dentro da qual estava a capella d'este titulo, já elevada a matriz, e que deu o nome á dicta herdade, á dicta aldeia e a esta parochia.

Eis aqui um exemplo, bem digno de imitar-se, para o augmento da população e da riqueza do Alemtejo.

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos donos das grandes herdades.

Parece que os irmãos da Santa Casa de Villa Viçosa tinham lido as *Noticias de Portugal* de Manuel Severim de Faria e que (honra lhes seja!...) quizeram ensaiar o que tanto recommenda o illustrado chantre d'Evora, relativamente á colonisação do Alemtejo, na obra supra, pag. 23 e 24 *mihi*.

—

A egreja matriz d'esta parochia é mais pequena do que a de Pardaes e já insufficiente para tanto povo. Olha para o poente ou para Villa Viçosa;—tem altar mòr e 2 lateraes—e a sua esquerda cemiterio, *vice versa* das freguezias de Pardaes e Bencatel, que o o teem á direita, — graças ao benemerito Francisco de Paula Jordão, de Villa Viçosa. Falleceu em 1863 e não só deixou um legado para se instituir n'esta parochia uma confraria do SS. Sacramento, mas já em vida havia dado o terreno para o cemiterio.

Tambem pelo mesmo tempo se restaurou a residencia parochial.

O parocho tem de bôlo 300 alqueires de trigo e 80 de cevada—e o thesoureiro 90 alqueires de trigo.

Deve esta parochia ser ligada á cabeça do concelho por uma estrada municipal a macadam, cuja construcção se inaugurou em 1868, mas ainda não se ultimou, por causa de certas alterações na sua directriz, que inutilisaram mais de dois kilometros já feitos.

—

Ha no limite d'esta parochia apenas uma capella no *Forte de Ferragudo* [1], fundada em 1670 por Ambrosio Pereira de Berredo e Castro, que foi capitão de cavallos na guerra *da restauração* e que era dono do dicto forte,—*casa nobre fortificada*, que deu o nome

---

[1] V. *Romão (S.)* freguezia do Alemtejo, vol. 8.º pag. 227, col. 1.ª

[1] Não se confunda este *Ferragudo* com o seu homonimo do Algarve, na foz do rio Portimão.

V. *Ferragudo*.

á herdade que representa e que, pela sua historia e pela sua vastidão e herdades annexas, é sem contestação a 1.ª d'esta parochia e lembra os *castellos feudaes* d'outras eras.

Foi de André Mendes Lobo no seculo XVII —e em 1662 padeceu muito, quando por aqui passou o exercito de D. João d'Austria, seguindo de Borba para Juromenha.

Adquiriu-a o mencionado Ambrosio Pereira de Berredo pelo seu casamento com D. Maria Lobo da Silveira, filha do sobredicto André Mendes; — pelo casamento das filhas d'Ambrosio Pereira—D. Luisa Clara de Menezes e D. Joanna Vicencia de Menezes—com Gomes Freire de Andrade e seu irmão Bernardino Freire d'Andrade,—passou para os condes de Bobadella, que ali viveram, pelo que a dicta casa se denominou tambem *Forte do Conde*. Hoje, pelo casamento de uma herdeira dos dictos condes, pertence aos condes de Camarido.

Esta formosa granja comprehende tambem grandes olivaes e um lagar d'azeite; teve capellão até 1863 e, quando ali rezidiam os condes, tinha na capella Santissimo permanente e n'ella se celebravam as festividades da semana santa com certa pompa.

—

Abunda esta parochia em cereaes, legumes e montados d'azinho, faltam lhe porem hortaliças e fructas, porque não tem aguas nativas como Bencatel e Pardaes,—nem uma unica fonte ou um unico poço concelhios d'agua potavel!...

N'ella está o reguengo de *Fatalão*, que foi reservado para a corôa no foral de Villa Viçosa e pertence ainda hoje á serenissima casa de Bragança.

É arida e montuosa, mais fertil porém do que a de Pardaes.

Os seus habitantes vivem geralmente da agricultura e gosam muita saude por estar a sua aldeia em um planalto, o que não succede aos que moram nos *montes* (casaes) das visinhanças da Asseca e da ribeira de Borba.

Ciladas

Ao que d'esta parochia disse o meu benemerito antecessor no vol. 3.º pag. 300, col. 1.ª (V.) accrescentaremos o seguinte:

É a freguezia mais oriental d'este concelho e menos populosa por constar simplesmente de *montes* (casaes, casas de herdades) com algumas *hortas*, ou quintaes regadios com pomares e outros mimos,—sem ter ao menos um *arrabalde*, ou pequena aldeia.

O seu orago é Nossa Senhora das Ciladas, cuja matriz demora na herdade do *Carvão*, sobre os altos de Villa Boim, que separavam outr'ora o termo de Villa Viçosa do de Elvas.

Freguezias limitrophes:—S. Lourenço da Varge, ou Varzea, e S. João Baptista de Villa Boim, ambas do concelho d'Elvas, a N.;—Nossa Senhora d'Ajuda e Santo Ildefonso, ambas do dicto concelho, a E.;—a matriz de Juromenha a S—e S. Romão a O.

Tem soffrivel egreja parochial com altar-mór e dois lateraes,—cemiterio—e residencia para o parocho e sacristão, mas desde 1871 foi annexa á de S Romão, por falta de parocho proprio,—e tal é hoje entre nós a escassez de clero que o parocho de S. Romão, depois de dizer a missa conventual aos seus freguezes, vem nos domingos e dias sanctos celebrar aqui *segunda missa*,—o que é hoje trivial nas outras dioceses do nosso paiz, nomeadamente na de Lamego!...

—

Tem o parocho de congrua em *bôlo* 300 alqueires de trigo e 90 de cevada,—e o sacristão recebe 90 alqueires de trigo.

Conta hoje apenas 40 fogos e 206 habitantes, mas já teve mais de 60 fogos e de 270 habitantes. Diminue e continua a diminuir a sua população por cultivar cada lavrador muitas herdades, deixando cair os *montes* (casas) da maior parte d'ellas. É porem a mais rendosa em propriedades rusticas por comprehender muitas e excellentes herdades com boas terras e grandes montados d'azinho,—sendo para lamentar que a maior parte d'ellas pertençam a estranhos!

Entre as suas hortas (*quintas* ou quintaes) merecem especial menção, pela excellente fructa que produzem,—as de *Coroados* e *Carvão*.

Não tem hoje capella alguma. As de Santa

Theresa e Santo Antonio, mencionadas na *Chorographia Portugueza*, já não existem.

—

Todas as freguezias ruraes d'este concelho foram erigidas no meiado do seculo XVI. Anteriormente só existiam disseminadas pelo seu termo differentes capellas com capellães, aos quaes os visinhos arbitravam um *bôlo* em trigo e cevada para a sua congrua sustentação. Estes capellães depois, para maior commodidade dos povos, foram nomeados curas, parochos ou priores independentes da matriz, com auctorisação do ordinario.

Concelho antigo e moderno

O termo antigo d'este concelho principiava a E. no monte de *Coroados*, freguezia das *Ciladas*, comprehendendo só metade,—a parte occidental d'ella;—continuava para S., comprehendendo toda a freguezia de S. Romão e a parte septentrional da de S. Braz dos Mattos até á estrada d'Evora a Juromenha, ou até á herdade da *Nave de Cima, inclusive*. Proseguia para O. comprehendendo toda a freguezia de Pardaes e a parte oriental da de Bencatel, incluindo a sua grande aldeia;—avançava para N. O. e N, comprehendendo coutos da matriz de Villa Viçosa, —e por ultimo a parte inferior da freguezia de Santo Antonio da Terrugem, até o adro da egreja matriz.

—

Eram pois *meieiras* de concelhos differentes aquellas freguezias, por ser mais recente a creação e demarcação d'ellas, o que produzia grande confusão, questões e desordens, pelo que em 1834 se mandou que este concelho comprehendesse freguezias inteiras. Pela nova circumscripção perdeu o que tinha nas parochias da Terrugem e S. Braz dos Mattos, mas em compensação adquiriu a parte oriental da de Ciladas e a occidental da de Bencatel, que pertenciam—a 1.ª ao concelho de Elvas—e a 2.ª aos de Alandroal e Estremoz.

Comprehende pois o concelho de Villa Viçosa desde aquella data as freguezias seguintes:—Bencatel, Ciladas, hoje civilmente annexa a S. Romão,—Pardaes,—S. Romão' e as duas da villa.

Total—6 freguezias, *todas completas*, com 1:702 fogos e 6:432 habitantes, segundo o recenseamento de 1878,—e pelo de 1864 comprehendia as mesmas 6 freguezias com 1:536 fogos e 6:708 habitantes.

Concelhos limitrophes: — Borba, Elvas, Alandroal e Redondo.

A sua maior longitude orça por 25 kilometros, de E. a O.—e a sua latitude entre Borba e o Alandroal é de 9 a 10 kilometros apenas.

É pois bastante reduzida a sua area. Comprehende ao todo 11:141 hectares de superficie.

—

N'este concelho não ha rios caudalosos, mas apenas ribeiras vadeaveis, que no inverno engrossam com as chuvas e seccam no estio, exceptuando os seus grandes pegos.

São as seguintes:

1.ª—*Mures* a E.

Nasce nas alturas de Villa Boim;—atravessa a freguezia de Ciladas—e morre no Guadiana, perto de Juromenha.

2.ª—*Assêca*.

Nasce na Terrugem,—vae á freguezia de S. Romão e ali, na herdade do Ratinho, desagua na seguinte.

3.ª—*Ribeira de Borba*. Nasce na villa d'este nome; passa a E. de Villa Viçosa;—recebe a agua das fontes d'esta villa e de differentes arroios—e morre na de Assêca.

4.ª—*Ribeira de Pardaes*. Nasce na freguezia d'este nome e desagua no rio Guadiana.

5.ª—*Luciféce*, a O.

Nasce em Montes Claros, onde tem o nome de *Rio de Moinhos*;—passa ao sopé da serra d'Ossa;—na freguezia de Bencatel recebe as aguas da sua ribeira—e morre no Guadiana junto de *Chelles*, tendo dividido os termos de Terena e Alandroal.

Banham ainda este concelho varios ribeiros e arroios que não merecem especial menção.

—

Tambem não ha serras notaveis n'este concelho, exceptuando apenas uma ramificação da serra d'Ossa, até o sitio do *Alphaval*

na estrada do Redondo e Evora;—parte da serra da *Vigaria*, que pertence á cordilheira de Montes Claros—e os *Altos de Villa Boim*, que não devem classificar-se como serra, por serem cultivados.

A principal, posto que tem pequena elevação, é a *serra de Borba*, que atravessa o concelho de Villa Viçosa de N. a S., separando esta villa da parochia de Bencatel e terminando no Alandroal, depois de receber differentes nomes. Distingue se de todas as outras serras d'este concelho, por ser espontaneamente povoada d'alecrim com algum matto agreste, hoje quasi todo transformado em um immenso bosque de oliveiras

É vizivelmente de origem plutonica.

—

As producções principaes d'este concelho são:—trigo, cevada, centeio, aveia, legumes, azeite, vinho, gados, cortiça, figos e feijões, nomeadamente nas ribeiras de Bencatel e Pardaes.

Tambem produz bastante fructa de espinho e caroço—e hortaliça de todas as especies.

Nos suburbios da villa avulta hoje sobre tudo a cultura das oliveiras. Ha no concelho 22 lagares para o fabrico do azeite—e a producção d'este já chegou a *cem mil decalitros*, alguns annos!...

Não tem industrias especiaes, exceptuando algumas pequenas fabricas de cortumes e os seus importantes fornos de cal branca e preta na serra de Borba. A cal branca é feita com marmores de Bencatel, eguaes aos de Montes Claros, e é exportada para Elvas, Alandroal, Terena, Monsarás, Redondo e Evora, que não tem calcareo fino, mas só granito e piçarra.

Topographia de Villa Viçosa

É muito regular a planta d'esta villa.

As suas ruas estendem-se de N.O. a S.E. na direcção do valle que vem de Borba e acaba em Pardaes, na *Fonte do Soeiro*,—e são cortadas por outras de N.E. a S.O. Pena é que as antigas (orientaes) não sejam tão espaçosas como as modernas (occidentaes).

As transversaes, são denominadas *travessas*,—exceptuando as de Santa Cruz, d'Evora e do Espirito Santo, que estão no centro da villa.

Largos ou rocios principaes:

1.º—*Terreiro do Paço*, a N.

Tomou o nome do novo palacio dos Duques, que se ergue sobre elle á direita, indo de Borba, parallelo e fronteiro ao extincto convento de Santo Agostinho, que se ergue do lado opposto.

Este grande rocio é um quadrado perfeito;—prende com elle no angulo oriental o *Terreiro de Santo Agostinho*, que é quadrilongo;—tem ao sul uma projecção denominada *Largo da Assaboaria*—e a N. E., quasi unido, o *Largo da Fonte Grande*.

2.º—*Praça Nova*, quadrilongo quasi regular, no centro da villa.

3.º—*Rocio de S. Paulo*, a S.

Forma um polygono de 6 differentes latitudes e tem tanto de comprimento como a villa tem de largura.

4.º—*Campo do Carrascal*, a O.

É o maior de todos os largos da villa e está arborisado em toda a sua circumferencia, bem como ao longo da estrada de Bencatel, que o atravessa quasi pelo centro.

5.º—*Outeiro de Ficalho*, a E. alem do Castello, mettendo-se de permeio alguns chãos lavradios, que já foram povoados, ou um bairro d'esta villa.

Estes ultimos dois largos, alem de serem campos de recreio, servem para debulha de cereaes.

No *Rocio de S. Paulo* fazem-se as feiras e mercados de gado bovino e suino. O gado miudo, cavalgaduras e todo o genero de mercadorias que concorrem ás dictas feiras, accommodam-se perfeitamente no *Campo do Carrascal*.

Os mercados diarios e semanaes, ou das quartas feiras, fazem-se na *Praça Nova*.

—

Além dos 5 mencionados campos, que são os principaes, tem a villa outros mais pequenos:

1.º—*Praça Velha*, denominada tambem *Estacada*, em memoria da que ali se fez em 1665 para defesa da entrada do castello.

Foi a antiga *Praça forense* e era muito

pequena; mas em 1663 a 1665 foram demolidas mais de 100 casas ao nascente do castello, pelo que se tornou muito mais ampla, formando um polygono de 300 metros de comprimento, que se liga ao largo seguinte:

2.º—*Terreiro de D. João* (d'Eça)—quadrado perfeito.

Ás municipalidades teem removido os entulhos dos predios demolidos e de algumas barbacans, aplanando e arborisando o seu chão, transformando a velha *Estacada* em um lindo passeio publico muito arejado e situado no centro da villa, a E. da Praça Nova.

—

Fontes publicas:

1.ª—*Fonte Grande*, com duas bicas, no largo do seu nome.

2.ª—*Fonte Pequena*, com 4 bicas, no *Terreiro de Santo Agostinho*.

3.ª—*Fonte do Alandroal*, com 2 bicas, no extremo E. do *Rocio*.

4.ª—*Fonte do Carrascal*, com 4 bicas de agua, que vem por um aqueducto do sitio do Carvalho.

Todas estas fontes são publicas ou *concelheiras*.

5.ª—*Chafariz d'El-rei*, no *Terreiro do Paço*, com 3 bicas alteadas e um grande bebedouro para bestas. Este chafariz é da casa de Bragança, mas o seu gôso é publico.

Tem a villa mais dois bebedouros de bestas:—um no largo da *Fonte Grande*,—outro no *Carrascal*.

—

A 1.ª rua d'esta villa hoje, e a mais central, é a *Corredoura*.

Foi no seculo xv a extrema da villa ao poente, e denominou-se assim por ser a *carreira* dos cavalleiros villãos.

A 2.ª é a *dos Fidalgos*, assim denominada por viverem n'ella nos seculos xvi e xvii muitos dos fidalgos que estavam ao serviço dos duques de Bragança.

Seguem-se as ruas de *Antonio Homem*, *Frei Manuel* (*Cavalleiro*) e *Santa Luzia*,—todas largas e bem alinhadas.

Esta villa tem de N. a S. 1:030 metros de extensão—e de O. a E. 1:300.

Conserva a mesma extensão que tinha em 1640; apenas accresceu de novo o pequeno bairro de *S. José*, ao sul do Carrascal, e que não a compensa do grande povoado que perdeu na *Almedina*, ou villa primitiva, e seus arredores.

Foi amuralhada no principio do seculo xvi pelo duque D. Jaime, quando volveu da expedição d'Azamor; não conserva hoje porém mais do que alguns pequenos lanços dos seus velhos muros e as portas do *Nó* e da *Esperança*, sendo esta ultima sómente a da primitiva construcção.

Archeologia

Todos os escriptores que até hoje fallaram de Villa Viçosa apenas se limitaram a dizer que é povoação muito antiga, mas pouco, muito pouco disseram dos seus vestigios de antiguidade. Remediemos pois essa falta, embora muito succintamente, consoante as nossas debeis forças e a indole d'este diccionario.

I

Em Villa Viçosa, no suburbio do *Outeiro de Ficalho* e precisamente no local da ermida de S. Thiago, esteve o templo de *Proserpina*, do qual hoje nada resta.

Existiram tambem tres aras ou lapides votivas da mesma deusa, que Rezende archivou nas suas *Antiguidades da Lusitania*, e d'ali as copiaram outros escriptores nacionaes e estrangeiros.

Archivou tambem Rezende uma lousa sepulcral de Plutario e outra de Petronio Cautinense, que tambem não reproduziremos aqui por serem já conhecidas e não tornarmos este artigo excessivamente longo.

As dictas lapides provam irrefragavelmente a existencia de um *vico* ou aldeia do tempo dos romanos no proprio local da moderna Villa Viçosa e foram recolhidas no alpendre da antiga egreja de Santo Agostinho, bem como outras relativas ao deus Endovelico, venerado perto de Terena, onde hoje está a ermida de S. Miguel; mas desappareceram quando se demoliu a dicta egreja em 1635 para se fazer a egreja actual. Subsistem sómente 5 dedicadas ao deus Endovellico, as quaes se vêem na face exterior da

parede da mencionada egreja, do lado da epistola, e se acham miudamente descriptas na interessante *Memoria Historica*, publicada em 1882 no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa, 3.ª serie, n.os 4 e 5, relativa ao tal deus Endovellico.

O que não tem sido mencionado em letra redonda até hoje é a estatua de uma esphynge (monstro fabuloso com rosto de mulher e corpo de cão) a qual se vê e conserva no muro de um quintal da almedina, em uma viella, junto á porta de Estremoz.

É denominada pelo povo a *Villa Viçosa antiga* e apontada como reminiscencia d'ella.

—

No sitio das *Córtes*, onde se dividem os termos d'esta villa e da de Borba, houve tambem outro *vico*, chamado ultimamente *Côrte do Pretor*, segundo a letra do 1.º foral d'esta villa.

Além de muitos ladrilhos e telhões romanos, ali appareceram ainda em 1844 diversas sepulturas e campas sem epitaphios, mas algumas com lacrimatorios de vidro e de barro cozido, ao lado da cabeça dos defuntos.

Mais notavel do que tudo isto é ainda a grande *fundura* que se nota ao carreiro da azinhaga de S. Marcos, (entre o bairro da *aldeia da villa* e a planicie de S. Marcos) até á *Fonte da Moura*, em Pardaes, mostrando o tal carreiro que foi antiquissima e muito frequentada via de tranzito entre Pardaes e o templo de Proserpina.

II

Na planicie de S. Marcos, resto do valle de Villa Viçosa e a distancia d'esta villa uns 5 kilometros para o sul, são ainda mais notaveis os vestigios de antiguidade, que provam a existencia de uma povoação romana, incomparavelmente maior, n'aquelles sitios.

Dentro dos *coutos* da matriz, onde ainda ha pouco tudo eram vinhas, o chão foi profundamente arroteado pelos viticultores e as ruinas d'outras eras desappareceram; mas na herdade da *Fonte da Moura*, em parte do *Monte d'El-Rei* e na *Fonte do Soeiro*, que são da freguezia de Pardaes,—e ainda além da ribeira d'este nome, onde estão a *aldeia* e o morro sobranceiro á egreja parochial, todo o chão se vê recamado de fragmentos de tijolo, de telhões e de pedra miuda, por se haver aproveitado a grossa para as modernas edificações.

—

Tambem no sitio da *Fonte do Soeiro* se vêem ainda hoje muitos marmores talhados, fustes e capiteis de columnas que os moradores visinhos teem estragado, excepto um capitel d'ordem corinthia, que se conserva encaliçado e servindo de poial á porta de uma casa no sitio das *Casas Novas*.

Nos altos das *Ferrarias* se vêem muitos poços de minas antiquissimas, uns já obstruidos e outros abertos obliquamente, aos quaes ainda hoje se desce com archotes accesos para guia dos visitantes;—e na *Almagreira*, ao poente da Lagôa, foi tambem explorada em tempos muito remotos e ainda modernamente, em 1858 a 1860, uma mina de ferro manganez.

Ali se vêem ainda hoje tambem grandes volumes de escumalho ou de reziduos de ferro, o que prova que os romanos ali mesmo o apuravam em fornos.

Mencionaremos ainda ao longo da ribeira de Pardaes duas antas:—uma em terras da *Azenha e Horta dos Apostolos*,—outra em terras da *Azenha do Limoeiro*, junto de uma fonte denominada *Fonte da Anta*.

Esta ultima era mais pequena e acha-se quasi destruida, porque os visinhos teem aproveitado os lajões d'ella para pontes e outros misteres!...

III

Em Bencatel, mais do que em parte alguma d'este concelho, abundam as ruinas e os vestigios de remota occupação.

Desde o extremo da *Galharda*, nos limites do Gavião, onde está uma sepultura cavada em rocha (piçarra) até o sitio das Nogueiras, ao norte, pertencente a Rio de Moinhos, na extensão de dois kilometros,—e desde o *Poço da Nora* até o *Outeirinho da Moura*, ou desde a ermida de S. Pedro até o *Alemo* (olmo) na extensão de 1:500 metros

approximadamente,—tudo é um *estendal* de ruinas, ficando Bencatel no centro d'ellas.

Em 1841, cahindo uma barreira no sitio dos *Villares*, pertencente á herdade da *Galharda*, junto da fontinha que está defronte da *Azenha das Freiras*, appareceu a ara de *Fontano e Fontana*, dedicada por Albia Pacina [1].

A dicta ara, bem como uma pequena sereia e uma cabeça d'homem barbado (capitão romano talvez) foram conduzidas para Lisboa por diligencias do patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz.

—

Em janeiro de 1879 mandou João de Sousa e Menezes, dono da referida herdade, fazer uma escavação no tal sitio dos Villares para descobrir de novo um poço antigo, já descoberto annos antes, tirando-lhe por essa occasião o bocal de marmore. Achou-se o dicto poço, já muito deteriorado, e os alicerces de um *fano* que se julgou ser o tal templo de *Fontano e Fontana*, descobrindo-se a soleira do portico (de dois metros e meio, com duas couçoeiras) que hoje está em uma casa nova do mesmo dono, com porta para o *Carrascal*, em Villa Viçosa. Descobriu-se tambem uma porta lateral,—grossos marmores que serviam de alicerces a columnas,—um busto de mulher,—fragmentos de taboas de marmore, cortado á serra,—florões de cimento, bem conservados,—ladrilhos de varios tamanhos e feitios, etc.

O *fano* tinha a forma semi-oval, mas era pequeno,—e detraz d'elle appareceram canos de chumbo e cinzeiros, indicando a existencia de fornalhas em que se aquecia a agua das thermas (banhos quentes) situadas ao sul do templo, onde se encontrou uma banheira, pequeno tanque de argamassa tão dura, que mais facilmente se partiam as pedras do que ella.

Isto é, apenas uma amostra das muitas velharias que se encontram nos *Villares da Galharda*, uberrimo campo para explorações archeologicas.

—

No pateo da quinta de S. João Baptista se guarda um volumoso capitel corinthio—e em um quarto do andar superior da casa nobre da mesma quinta, hoje pertencente a Thomé de Sousa Menezes, se vê encaliçada na parede uma lousa sepulcral, pequena e quasi quadrada, com o epitaphio seguinte:

IVLIA AVITI F. AVITA
AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.
TVRRANIA MAX SV
MA MATER ET IVLIVS
MAXSVMVS FRATER
FACENDVM CVRA
VERVNT.

Em portuguez:

«Aqui está sepultada Julia Avita, filha de Avito, fallecida com vinte annos de edade. A terra te seja leve!

«Sua mãe Turrania Maxima e seu irmão Julio Maximo lhe mandaram erigir este monumento.»

Damos por extenso esta inscripção, porque a julgamos ainda inedita.

—

No entroncamento da estrada de Villa Viçosa ao Redondo com a do Alandroal a Estremoz, acha-se no cimo da aldeia arrumado um cippo de seis palmos d'altura com a inscripção muito obliterada, por ter servido já em diversos sitios de poial de porta da rua. A camara o mandou levantar para fazer a calçada e valleta junto das casas onde ultimamente estava servindo de poial.

Parece ler-se ainda n'elle o nome *Flaminia*.

Na *Horta das Nogueiras* estão dois grandes capiteis transformados em pias para bebedouro de gallinhas—e em differentes casas da localidade se encontram pequenos capiteis servindo de graes, etc.

No mesmo sitio, perto da herdade do *Machado*, é notavel o *Castellão* ou castro romano que defendia aquelle arrabalde e tem ainda bem conservado o angulo N.O.

—

Em 14 de maio de 1866 foi tambem descoberta nos *Villares da Galharda* uma pequena sepultura christã, com fundo, lados e tampa de marmore azul claro e o epitaphio

[1] V. *Bencatel*, vol. 1.º pag. 386, col. 1.ª

seguinte, que o sr. Antonio Francisco Barata [1] já publicou em dois opusculos:

DOMITIA
P. VIXIT
AN NVM
...[2] IIII d XIIII

Em portuguez: «Domicia em paz descança (n'este logar). Viveu 1 anno, 4 mezes e 14 dias.»

É encimada pelo emblema do XP, enlaçados entre o *alpha* e o *omega* dentro de um circulo, para significar *Christo, Deus eterno, principio e fim de todas as cousas*,—cifra muito usada entre nós, nos seculos VI e VII, no tempo dos godos, para distinguir os catholicos dos arianos.

A dicta sepultura pertence evidentemente ao seculo VII.

A tampa com o epitaphio foi pedida pelo dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, de Villa Viçosa, em cujo poder se conserva.

Outras muitas sepulturas semelhantes se encontram ainda hoje n'aquelles sitios, mas sem letras, cobertas apenas por lageas de piçarra.

Tambem por ali se encontram muitas *achas celticas* (vulgo *pedras de raio*) de diversos tamanhos e feitios, indicando terem servido tanto d'armas como de ferramentas, etc.

Concluiremos esta summaria resenha dizendo que tambem na dicta aldeia se encontram a cada passo moedas romanas de cobre e algumas de prata do tempo da republica, e mais ainda do tempo do imperio, nomeadamente dos seculos III, IV e V, sendo as mais modernas de Constancio III ou *patricio*.

Do exposto se vê que o grosso da população d'este territorio de Villa Viçosa, no tempo dos romanos, estava nas formosas ribeiras de Bencatel e Pardaes, tão abundantes d'agua nativa ainda hoje—e muito mais talvez outr'ora!...

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X pag. 1027, col. 1.ª e a nota respectiva.

[2] Aqui ha um gregotim que só em gravura póde reproduzir-se: um *m* com um *s*.

Chamamos para este capitulo a attenção dos archeologos,—bem como para o seguinte:

A Lacobriga dos celtas

Tem sido grande a negligencia dos portuguezes em investigar a geographia da nossa antiga Lusitania.

É evidente que houve n'ella 3 *Lacobrigas*: uma no Algarve, mencionada por Pomponio Mella;—outra, a dos celtas, no Alemtejo, mencionada por Ptolomeu—e outra no caminho de Coimbra ao Porto, mencionada no *Roteiro d'Antonino Pio*. Os nossos antiquarios apenas teem fallado da 1.ª e 3.ª, esquecendo a 2.ª ou dos celtas *que habitavam o Alemtejo*, e que por consequencia no Alemtejo estava.

Dos nossos antiquarios apenas por excepção a indicou e reconheceu Gaspar Barreiros, na sua *Descripção de Espanha*; mas, como esta obra infelizmente ficou inedita, passou quasi desapercebida a idéa, havendo apenas vagas referencias a ella em letra redonda; seja-nos licito, pois, que tentemos reparar a lacuna:

—

A dicta *Lacobriga* é a cidade celtica, ou antes *comarca*, posta em 1.º logar e mais a N. pelo geographo Ptolomeu, dando-lhe a ubicação de 40°, 15' de latitude (exaggerada como sempre usou) e 5°, 45' de longitude, denominando-a *Langobrica*, em rasão da varia pronuncia dos gregos, romanos e indigenas, pois *Lacobriga*, *Lancobrigga* e *Langobrica* são um e o mesmo nome, que o erudito padre Flores (com mais geitto do que Morales) diz ser composto de *lacus*, lago ou lagôa, e do celtico *briga*,—povoação, cidade ou villa. Vendo pois o conego Barreiros que esta comarca dos celtico-romanos demorava no Alto-Alemtejo e que o nome *Landroal* (não adduz outras rasões) começa por *Lan*, como o de *Langobrica*, lembrou-se de escrever timidamente que *seria talvez* o *Landroal*,—esquecendo-se de que as comarcas romanas eram muito maiores do que os concelhos portuguezes—e de que junto das lagôas de Bencatel e Pardaes se encon-

tram immensos vestigios de antiguidades romanas,—em quanto que o Alandroal não tem *lagôa* ou manancial algum com este nome.

São tambem de Villa Viçosa as velhas minas que o padre Nascimento Silveira no seu *Mappa breve da Lusitania*, insistindo na supposição de Barreiros, menciona como se fossem do Alandroal. Este pertencia sem duvida á mesma comarca, bem como Terena, sendo por tanto do seu territorio o idolo e o templo de Endovellico e ficando assim pulverisadas as rasões que o theatino padre Lima na sua *Geographia Historica* menos reflectidamente adduz contra a antiguidade de Villa Viçosa.

Sendo a cabeça d'esta comarca em Bencatel ou em Pardaes e pertencendo as suas ribeiras ao termo de Villa Viçosa, ninguem póde contestar-lhe o direito de representar na actualidade a *Lacobriga* dos celtas.

—

O assumpto é nebuloso e levar-nos-hia muito longe; mas, para não fatigarmos os leitores, diremos apenas o seguinte :

Cerca de 900 annos antes de J. C., vieram os celtas da Gallia estabelecer-se na Lusitania e no Alemtejo, penetrando pelo Guadiana e, tractando de explorar este paiz, com certesa preferiram os terrenos do Alandroal, propriamente dicto, Villa Viçosa, Borba e Extremoz, por terem boas terras e abundancia d'aguas nativas, que muito as beneficiavam e fertilisavam, dando-lhes larga copia de mimos e fructos sem grande trabalho,—e por certo occuparam logo as ribeiras de Bencatel e Pardaes, por ser o seu chão regadio e extremamente mimoso e fertil.

Quando ali chegou Maharbal como governador da republica de Carthago, que então dominava na Hespanha, e trouxe o idolo Endovellico, já encontrou povoado o districto de Villa Viçosa, pelo quê n'elle ergueu um templo ao mencionado idolo no monte de S. Miguel, entre o Alandroal e Terena.

Verdade é que fr. Bernardo de Brito, ignorando que havia uma *Lacobriga* perto de Terena, fez voltar Maharbal ao Algarve para continuar a sua visita pela Betica, aliás tão proxima do Alemtejo ...

—

Mais tarde, no anno 153 antes de J. C. e 600 da fundação de Roma, insurgiram-se os celtas ou celtiberos contra a rainha do Tibre, sob o commando de Cesaron. Veiu n'esse anno á Hespanha de proposito o consul Quinto Fulvio Nobilior para dirigir como general em chefe a expedição, trazendo como legado a Lucio Mummio, pretor da Hespanha Ulterior, o qual, vindo da Betica, ou da Andaluzia, na pista de Cesaron (que para lá se adiantou) passando o Guadiana, o bateu nos plainos de Villa Viçosa ou Bencatel; sendo porem derrotado, fugiu para um dos outeiros do sul, onde recebeu reforços do consul. Voltando-se de novo contra os celtas, os derrotou, cahindo Cesaron morto no sitio onde hoje se vê a capella de S. Thiago, pelo que o dicto pretor ali fundou logo um templo a Proserpina, *Salvadora* ou *Reparadora*, em cumprimento do voto feito á deusa do inferno, antes da batalha, o que attestam as inscripções que Rezende copiou e que deixamos indicadas supra.

São concordes n'este ponto todas as historias d'aquella epoca.

—

Ao tempo não havia no Alemtejo grandes cidades. Tudo eram *vicos* ou pequenas aldeias, conforme o testemunho de Polibio, que militou com os romanos na 3.ª guerra punica e percorreu assim uma grande parte da Hespanha, segundo refere Strabão na sua geographia, dando noticia dos celtas alemtejanos.

Só depois de subjugada toda a peninsula foi que os romanos inventaram o nome *Lacobriga*, romano ou latino-celtico (povoação da lagôa) para designarem uma comarca que abrangia os territorios circumvisinhos de Bencatel, sua cabeça, onde estava a *lagôa*.

—

Ainda nos annos 83 a 73 antes de J. C. se insurgiram de novo os lacobrigenses contra os romanos, quando Quinto Sertorio veiu da Africa para a Hespanha e se estabeleceu em Evora.

O consul Quinto Cecilio Metello Pio, enviado como pro-consul em 79 contra elle,

sitiou Lacobriga, partidaria do proscrito de Sylla, esperando obrigal-a a render-se em 3 dias por falta d'agua, para o que lhe cortou a levada que a abastecia, nos Villares da Galharda.

Apenas chegou a Evora a noticia, tractou Sertorio de os soccorrer. Prometteu grandes premios a dois mil mauritanos se lhes levassem outros tantos odres d'agua e, com as tropas que pôde reunir, poz-se de atalaia no *Castello Velho* da Serra d'Ossa,—refugio seu favorito nos momentos d'aperto. Vendo que o legado Aquino ao 4.º dia se afastava do assedio para procurar forragens a N., desceu rapidamente da serra e o bateu e derrotou no seu regresso ao acampamento, salvando-se a muito custo o dicto legado, pelo que Metello immediatamente levantou o bloqueio e, passando o Guadiana, se internou na Hespanha.

É isto muito em resumo o que se lê na biographia de Sertorio por Plutarcho e, com algumas variantes, na *Monarchia Lusitana.*

Não consta que, depois do assassinato de Sertorio, se revoltassem outra vez os lacobrigenses contra os romanos; pelo contrario fraternisaram com elles.

—

Quando os vandalos invadiram a Lusitania no seculo v, Lacobriga tambem padeceu muito.

Em tempo do imperador Constancio III (no anno 421) foi mandada uma expedição contra os ditos vandalos, commandada por Artabures ou Ardabures, a quem os nossos antiquarios chamam Ardiburo, o qual sete vezes os repelliu da comarca de Lacobriga, pelo que os lacobrigenses lhe erigiram sete estatuas,—segundo dizem Rezende e outros.

Consolidado o dominio dos godos, melhorou de novo a situação de Lacobriga e viveu em paz no seculo VII, ao qual pertence a sepultura de Domicia, mencionada supra.

Foi então, pelo menos, cidade episcopal. *Servus Dei*, seu bispo, apparece assignado nas actas do 4.º concilio de Toledo, em 633, assim como no 5.º de 638, posto que n'elle se leia *Arcobricense*, talvez por erro do copista ou porque Arcobriga fosse da sua mesma diocese, o que é provavel.

No 12.º concilio toletano, em 683, se encontra tambem assignado *Brandila*, bispo *laniobrense*, que Ferreras diz ser de diocese desconhecida em Hespanha; [1] mas isso provem sem duvida de estar mal escripto, devendo lêr-se *lancobrense.*

Com a invasão dos mouros no principio do seculo VIII e com as aturadas guerras entre elles e os reis de Portugal e Hespanha durante seculos, arruinou-se completamente a Lacobriga de Bencatel e Pardaes, como se perderam e arrasaram outras muitas povoações, não restando hoje d'ella mais do que os destroços, vestigios da sua grandesa, e alguns casaes dispersos, até que se fundou e consolidou a colonia portugueza de Villa Viçosa.

Fundação do concelho

Posto que o nosso primeiro rei cavalgou triumphante pelo Alto-Alemtejo, o dominio dos portuguezes ali circumscreveu-se a Evora, em quanto se não ganhou Alcacer em 1217. Occuparam então os freires d'Aviz o tracto de terra dos concelhos actuaes de Estremoz e seguintes até o Alandroal,—posto que timidamente, por estarem ainda occupadas pelos mouros Elvas e Juromenha; mas em 1226 D. Sancho II os expulsou d'aqui e ao mesmo tempo Affonso IX de Leão os expulsou de Badajoz e Merida, além do Caia, pelo que as terras de Villa Viçosa ficaram definitivamente incorporadas na monarchia portugueza.

Depois de se erigir o concelho d'Elvas e outros visinhos, chegou a sua vez a Extremoz em dezembro de 1258, reinando já D. Affonso III, o bolonhez. Borba e Villa Viçosa ficaram comprehendidas no seu termo, porem os colonos, que affluiram a povoal-o, desde logo foram attrahidos pela bellesa e fertilidade do chão que esta villa hoje occupa, ao qual deram o nome de *Val-Viçoso*— e (segundo se suppõe) quando D. Affonso III passou para Badajoz em fevereiro de 1267, para ali se encontrar com seu sogro Affonso XI, rei de Leão, alguem lhe pediu que erigisse a povoação do *Val viçoso* em séde

[1] Romey, *Hist. de Hisp*, tomo 3.º pag. 216.

de concelho, ao que D. Affonso III deferiu, dando-lhe o nome de *Villa Viçosa* e assignando-lhe por termo a parte austral do concelho d'Estremoz. E logo os monges de Santo Agostinho, tendo impetrado licença para fundarem um convento em Extremoz, passaram a fundal-o na nova villa, inaugurando a construcção no dia 5 de maio d'aquelle mesmo anno.

—

Data pois de 1267 a moderna Villa Viçosa, e tão rapidamente se desenvolveu a sua população, que o mesmo rei, no foral de concelho perfeito que lhe deu em 5 de junho de 1270, allude ao facto de se achar a nova villa já povoada e, a pedido dos seus habitantes (*quod a me peciistis*) lhe concedeu os mesmos foros que dera a Monsaraz, exemptando-os de *relego* por cinco annos,—dos impostos de *montadigo, vinho carregado, almocrevaria* e *ochavas*—e dos de *portagem* em todo o reino,—exempções importantes de que não gosava Extremoz.

O padre Carvalho na *Chorographia Portugueza* e apoz elle outros chorographos disseram que no tempo de D. Affonso III se achava completamente destruida a povoação que anteriormente houve no chão de Villa Viçosa, o que é menos exacto. Conservavam-se restos d'ella no extremo sul, ou no bairro do Rocio, no chão ainda hoje denominado *Aldeia*,—outr'ora *Aldeia dos Bugios*, como diz Cadornega na sua *Descripção de Villa Viçosa* (ms.) alludindo aquelle titulo sarcastico aos mouros que n'ella viviam, já tolerados em communhão civil entre nós desde o reinado de D. Affonso II.

Correspondia aquella aldeia ás *mourarias* e *judiarias* d'outras povoações—e os seus habitantes tinham tambem na Almedina a Rua do *Bugio* ou dos *Bugios*, para viverem no tempo de guerra.

Como o chão da dicta aldeia fosse pouco defensavel, por estar em um valle, os sesmeiros ordenaram a fundação da nova villa no morro que lhe ficava ao norte e fizeram a alcaçova no cimo d'elle, em forma de trapesio,—e a cerca na encosta do dicto morro, em forma de quadrado quasi perfeito, com tres portas:—a de *Extremoz*, a N.,—a *d'Evora*, a O.—e a de *Olivença* ou do *Sol*, a S., todas no meio de torreões.

A estas obras de defesa juntou outras el-rei D. Fernando em 1375.

Mandou abrir a E. a porta *d'Elvas*, no meio de duas torres quadradas,—e a O. a da *Torre*, que tomou o nome da *Torre de Menagem* (homenagem) que o mesmo rei mandou fazer em frente d'ella com um passadiço por cima da dicta porta, dando entrada para a torre e ligando-a com a cerca.

Mandou tambem D. Fernando fazer duas torres separadas no muro da cerca, do lado N. e uma outra no lado E., hoje muito desaprumada e separada do muro, por não haver sido construida juntamente com elle, como foram os torreões primitivos.

Nos dois angulos inferiores, ao norte dos muros, estavam dois minaretes ou atalaias com frestas e oculos por onde as sentinellas espreitavam a campanha.

Este antigo castello ainda existe sem grandes ruinas, posto que, segundo se suppõe, data do anno 1290.

Já perdeu as ameias e parte do parapeito, mas ainda hoje facilmente pode subir-se, como nós subimos, aos seus muros, do alto dos quaes se gosa um panorama esplendido sobre a villa e seus formosos arrabaldes, até grande distancia.

São o miradouro mais interessante de Villa Viçosa.

Synopse dos factos mais importantes da historia geral d'esta villa

715.—É conquistada pelos mouros.

1217.—É reconquistada pelo nosso rei D. Affonso II.

1226.—D. Sancho II expulsa d'aqui os mouros definitivamente.

1267.—Creação d'este concelho por D. Affonso III.

1270.—O mesmo rei lhe deu o 1.º foral, no dia 5 de junho, como já dissemos,—e D. Manuel lhe deu foral novo, como logo diremos, no anno de 1512.

1297.—Doação do padroado das suas egrejas á ordem d'Aviz pelo *rei lavrador*.

1375.—D. Fernando reforça o castello,

augmentando as suas obras de defesa;—eleva-o a praça de guerra de 1.ª ordem e o constitue quartel general da provincia do Alemtejo.

1381.—Durando a guerra entre Portugal e Hespanha, aqui se reunem todos os fronteiros sob o commando de Gonçallo Vasques d'Azevedo, fronteiro-mór, e marcham para Elvas no dia 7 de julho.

No inverno chega um corpo de alliados inglezes sob o commando de Maao Borni, os quaes matam Gonçallo Eannes dos Santos; —vingam-no os seus patricios fazendo carnagem nos dictos inglezes. No verão seguinte vieram mais soldados inglezes com o conde de Cambridge e são alojados nos arrabaldes; —marchou o exercito para Elvas; mas pouco depois fez-se a paz com Castella.

1383-1384.—Morto el-rei D. Fernando, segue Villa Viçosa a causa da independencia, acclamando o mestre d'Aviz. O seu fronteiro ou adail, Alvaro Gonçalves, amigo intimo de Pedro Rodrigues do Alandroal, marcha para Extremoz no mez de março de 1384, com os 30 escudeiros da villa para se unir ás tropas do fronteiro-mór D. Nuno Alvares Pereira;—impede a deserção de Gil Fernandes e Martim Rodrigues, d'Elvas,—e assiste á batalha dos Atoleiros. Depois da Paschoa juntou-se com Pedro Rodrigues do Alandroal e fazem os dois uma entrada em Castella, trazendo grossa presa de gados, que repartem na planicie de Pardaes, junto da capella de S. Marcos. Tiram depois o governo da praça d'esta villa a Vasco Porcalho; —este, sendo reintegrado pelo mestre d'Aviz, prende Alvaro Gonçalves na torre de menagem e acclama o rei de Castella; mas foi libertado em uma emboscada nocturna perto do Pinhal, quando os commendadores de Alcantara e Calatrava o removiam para Olivença,—depois de terem sido derrotados por Pedro Rodrigues, no Alphaval.

Em setembro, por traição de Vasco Porcalho, são mortos Fernão Pereira, irmão do condestavel, e o seu escudeiro Vicente Esteves, á porta da *Torre*, onde hoje se vê a capella de Nossa Senhora dos Remedios,—e Alvaro Gonçalves é recolhido no castello outra vez, como prisioneiro, adquirindo assim pelas suas desventuras o epitheto de *Coitado*. Em seguida poz D. Nuno cerco a esta villa, mas sem effeito. No anno seguinte, depois da batalha d'Aljubarrota, foge Porcalho para Castella e só então a villa volveu á obediencia do mestre d'Aviz.

São muito interessantes estes episodios e podem ler-se por extenso na *Chronica de D. João I* por Fernão Lopes, cap. 98-106 e 172 da 1.ª parte.

—

1422.—Repassa D. Nuno ao seu neto D. Fernando, conde d'Arraiollos, o senhorio de Villa Viçosa, com beneplacito d'el-rei,—e o dicto conde depois a elege por seu solar.

1455.—A 25 de maio é Villa Viçosa elevada a marquesado na pessoa do mesmo conde, pelo regente D. Pedro [1] em nome de D. Affonso V. Depois, fallecendo sem successão legitima o marquez de Valença D. Affonso, herdeiro presumptivo do ducado de Bragança, passou este para o 1.º marquez de Villa Viçosa, ficando assim esta villa sendo solar e côrte da serenissima casa de Bragança desde 1461, data em que falleceu na villa de Chaves o 1.º duque de Bragança D. Affonso, pae do dicto D. Fernando e filho bastardo d'el-rei D. João I.

V. *Guarda* e *Bragança*.

1483.—É degollado em Evora o 3.º duque de Bragança, D. Fernando II, e extincto o ducado por el-rei D. João II.

1496.—Restabelece-o el-rei D. Manuel na pessoa de seu sobrinho materno D. Jaime, filho do decapitado.

1498.—D. Manuel declarou o mesmo sobrinho berdeiro presumptivo da corôa de Portugal, por não ter filhos do seu 1.º matrimonio,—dá-lhe a prerogativa de usar das armas reaes—e de ter estado de principe, —o que ficou em vigor para todos os seus successores, não obstante caducar o direito de D. Jaime com o nascimento dos filhos que D. Manuel teve posteriormente.

1501.—D. Jaime dá principio ao paço actual no *Reguengo*.

—Cria-se n'esta epoca uma ouvidoria ou

---

[1] V. *Alfarrobeira*, onde se descreve o tragico fim d'este infante.

grande comarca, tendo por séde Villa Viçosa e comprehendendo alem d'esta villa:—Borba, Arraiollos, Monsarás, Evoramonte, Souzel, Monforte, Villa Fernando, Villa Boim, Alter do Chão, Chancellaria e os concelhos de Margem e Lagomel. Subsistiu esta comarca até 1834, tendo sido transformada em corregedoria no tempo de D. Maria I.

—

1512.—Morte violenta da duquesa D. Leonor de Gusmão, (filha dos duques de Medina Sidonia e mulher de D. Jaime) pelo crime de adulterio.

«Ao cabo de dez annos de matrimonio, um dia foi o duque avisado de que alta noite costumava entrar um homem novo nos quartos da duqueza, subindo por uma das janellas do lado do jardim. Na noite d'esse dia (2 de novembro) o infeliz, surprehendido depois de transpor a janella, immediatamente caiu morto aos pés do duque.

«D. Jaime, cego pelo ciume, entra furioso no quarto da espôsa;—manda ao seu capellão que a confesse—e em seguida, surdo ás vozes da desditosa que protestava pela sua innocencia, com cinco feridas lhe arrancou a vida.

«Soube-se depois, que as visitas nocturnas de Antonio Alcoforado (assim se chamava aquelle mancebo) eram para uma das damas da duqueza.»

Assim descreve tão triste facto o sr. I. de Vilhena Barbosa, meu bom amigo e mestre, na sua obra *Cidades e Villas*... vol. 2.º pag. 172. V. tambem *Montes Claros*, no vol. 5.º d'este diccionario, pag. 534, col. 1.ª

—No mesmo anno, em 1 de junho, deu el-rei D. Manuel foral novo a esta villa.

1513.—Preparativos da expedição d'Azamor, que o duque D. Jaime vae commandar, levantando muita gente nos seus estados e levando pomposo sequito de cavalleiros.

— No seu regresso d'Azamor, reformou a alcaçova, transformando-a em cidadella para armas de fogo, e cingiu a villa com muros novos, tendo as portas seguintes:—a dos *Nós*, a N.,—a de *S. Sebastião*, a S.,—a da *Esperança*, a E.—e a de *Santa Luzia*, a O. das quaes hoje só restam a 1.ª e 3.ª

1537.—Grandes festas para solemnisar o consorcio de D. Isabel, filha de D. Jaime, com o infante D. Duarte, assistindo el-rei D. João III e os infantes D. Luiz, D. Affonso e D. Henrique.

No tomo 6.º da *Hist. Geneal.* se encontra uma minuciosa descripção das dictas festas.

1571.—Foram tambem muito notaveis e *fizeram ecco em toda a peninsula* a pompa e as festividades com que o duque D. João I recebeu na passagem para Lisboa o cardeal Alexandrino, sobrinho do Papa Pio V e enviado por elle como legado aos reis de França, de Hespanha e de Portugal.

1580.—Foi surprehendido o castello na noite de 21 para 22 de junho, roubado o grande thesouro que os duques ali tinham, e posta a villa na obediencia de Filippe II, pelo capitão Cisneros, achando-se a côrte ducal em Portel e a villa quasi deserta por causa da peste que então grassava.

—1603.—Festas memoraveis pelo casamento do duque D. Theodosio II, cuja descripção se lê na *Hist. Geneal.* tomo 6.º

1633.—Novas festas pelo casamento de D. João II, depois rei D. João IV, filho do duque D. Theodosio, as quaes se acham tambem descriptas na mesma *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 7.º

—

1638.—Tumultos contra o imposto do *real d'agua* [1]

1640.—O duque D. João II é persuadido por Pedro de Mendonça, na Tapada, a acceitar a corôa real, contribuindo para essa resolução nomeadamente o seu secretario Antonio Paes Viegas e a duqueza, sua esposa. Consta que ella, vendo-o periclitante, lhe disse: *A morte te espera em Madrid e talvez a encontres em Lisboa, mas em Madrid morrerás como vil prisioneiro, e em Lisboa coberto d'honras e como rei.*

---

[1] O imposto d'este nome foi creado por D. Manuel em 1498, a pedido dos povos de Elvas, para concerto d'um poço que abastecia d'agua aquella povoação; depois se prolongou para a construcção do grande aqueducto da Amoreira,—e em seguida se ampliou a todo o paiz até hoje, em favor do estado.

V. *Elvas*, vol. 3.º pag. 20, col. 1.ª e 2.ª

Tambem contribuiu muito para aquella resolução e para o vencimento da causa o dr. João Sanches de Baena, que nasceu em Villa Viçosa, e na egreja da freguezia de S. Bartholomeu, foi baptisado em 1582 e falleceu na cidade de Lisboa em 1643, tendo sido lente de canones em Coimbra, juiz da relação do Porto e da casa da supplicação, promotor das justiças, conselheiro da fazenda, procurador da corôa, desembargador do Paço, alcaide-mór de Villa do Conde, juiz da inconfidencia e sempre muito estimado e considerado pelo duque de Bragança D. João, depois rei D. João IV.

O dr. João Sanches de Baena foi um dos mais benemeritos patriotas de 1640 e é hoje muito dignamente representado pelo seu 6.º neto Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, cavalheiro prestimoso e laureado escriptor publico, nascido em 1822 na freguezia de Vairão, junto de Villa do Conde, e feito visconde de Sanches de Baena por carta de 13 de fevereiro de 1869, na qual se allude muito distinctamente aos relevantes serviços prestados pelo seu 6.º avô á causa da restauração em 1640.

Veja-se n'este diccionario o artigo *Lisboa*, vol. 4.º pag. 386, col. 1.ª,—o artigo *Sanches de Baena* (João) no *Diccionario Popular*, dirigido pelo sr. Pinheiro Chagas, — e as *Memorias historico-genealogicas dos duques portuguezes do seculo* XIX pelos srs. João Carlos Feo de Castello Branco e Torres e Visconde Sanches de Baêna, pag. 313, 746, 749 e 767,—Lisboa, 1883.

—

—Parte o duque para Lisboa em 3 de dezembro do mesmo anno de 1640 e manda conduzir para ali os thesouros da sua casa; —no dia 20 do dicto mez partiu tambem para Lisboa a duqueza e rainha D. Luisa com a numerosa fidalguia e creadagem da sua casa, perdendo esta villa o seu maior foco de riquesa e d'esplendor. [1]

—No dia 7 do dicto mez teve logar a acclamação official de D. João IV pelo municipio.

1663-64.—Destruição e abandono do *Forte de S. Bento*, que havia sido feito por D. Jaime ou por D. Theodosio I;—demoliu-se tambem grande numero de casas e os paços do concelho para se construir a estrella exterior do castello, cortinas e meias luas em differentes pontos dos muros de D. Diniz, por se haver perdido Juromenha e passar Villa Viçosa a ser praça da fronteira.

1665.—Bloqueio do castello pelo marquez de Carracena em 9 de junho e levantado no dia 17 do dicto mez com a victoria de Montes Claros, padecendo muito esta villa por essa occasião. V. *Montes Claros*, vol. 5.º pag. 534, col. 1.ª

—

1711.—O marquez de Bai, general de Filippe V, estando em Borba em 2 de junho, manda um parlamentario a Villa Viçosa exigindo a sua submissão ao rei castelhano e *vinte e cinco mil patacas* de contribuição. As auctoridades civis e militares responderam-lhe negativamente e prepararam-se para o receber, mas elle houve por bem retirar-se sem se abeirar d'esta villa.

1755.—Por occasião do terramoto do 1.º de novembro caiu o tecto da nave central da matriz, matando 29 pessoas do sexo feminino e ferindo outras muitas.

1769.—No dia 3 de dezembro um forasteiro, João de Sousa, ex-soldado da artilheria d'Elvas, espancou el-rei D. José á porta *do Nó*, indo para a Tapada.

1801.—Entra na villa uma brigada hespanhola, achando-se ella desguarnecida—e

---

[1] Para se formar idéa do que Villa Viçosa perdeu, note-se que os duques de Bragança tinham a sua casa montada como a dos nossos reis. Servida por grande numero de fidalgos com as mesmas qualificações de officiaes maiores e menores, observava em tudo o mesmo ceremonial da côrte—e chegou a contar *oitocentos criados* de todas as graduações!...

A ausencia dos duques e da sua numerosa familia, bem como a de muitas outras pessoas principaes da terra, que alcançaram empregos em Lisboa, deixou a villa quasi deserta. Accresceu ainda a longa e encarniçada lucta contra a Hespanha e que afugentou de Villa Viçosa muitas familias por não se julgarem seguras em uma terra tão proxima da raia.

teve de pagar uma contribuição de 16 contos de réis aos invasores, mas não houve effusão de sangue.

1806.—Chegou aqui a familia real no dia 18 de janeiro e demorou-se até 22 d'abril, passando aqui a semana santa.

1807.—Em novembro foi levado o thesouro da capella real para Lisboa, d'onde seguiu com o principe regente para o Brazil, ficando apenas em Villa Viçosa as alfaias indispensaveis ao culto.

Tambem prejudicou muito esta villa a longa ausencia dos nossos reis, pois não mais a visitaram até depois do seu regresso do Brazil, accrescendo ainda o muito que soffreu durante a guerra peninsular.

1808.—Roubam os francezes a prata das egrejas; amotina-se o povo; — o general francez *d'Avril* manda de Extremoz um destacamento para o castello. Revolta-se o povo outra vez a 10 de junho; cerca o destacamento, mas este é libertado no dia seguinte por *d'Avril*, correndo muito sangue.

—Antonio Lobo Infante de Lacerda, sargento-mór, põe-se á frente dos revoltosos; —forma uma companhia de *miqueletes*—e organisa a insurreição do Alemtejo, d'accordo com o general Leite e com o coronel hespanhol D. Frederico Moretti, governador de Olivença.

1815.—Vem aquartelar-se aqui o regimento de cavallaria n.º 2.

—Creação do *exempto* d'esta villa por bullas de Pio VII—e inauguração do mesmo *exempto* com grande pompa, no dia 19 de dezembro.

1818.—É instituida a 6 de fevereiro, no dia da coroação d'el-rei D. João VI, a ordem militar de Nossa Senhora da Conceição d'esta villa—e passa a mesma Senhora a ser orago da capella Real, em vez do *Doutor Maximo*.

—

1833.—Invasão do *cholera morbus* em junho e julho, havendo muitos casos fataes.

1834.—Acclamação da rainha D. Maria II em 28 de maio.

—São extinctos em julho os 3 conventos de frades;—fecha-se o *Collegio dos Reis* em outubro;—supprime-se o cabido da *Capella Real;*—extingue-se a comarca ou corregedoria de Villa Viçosa—e inaugura-se uma *epoca fatal* para esta villa!...

1835.—É creado um julgado de direito ou pequena comarca judicial n'esta villa, tendo annexos os concelhos de Borba, Redondo, Alandroal, Juromenha e Ferreira de Terena, —durou porém só dois annos. Foi extincto por decreto de 29 de novembro de 1836, passando então esta villa a fazer parte da comarca judicial d'Estremoz.

1848.—Grande contentamento por fixar n'esta villa o seu quartel o regimento de cavallaria n.º 3.

1855.—Esplendida festa gratulatoria no dia 1.º de julho pela definição dogmatica da Immaculada Conceição da Mãe de Deus, saindo em procissão a padroeira do reino.

Foi esta a mais pomposa de todas as festas que por tal motivo se fizeram em Portugal.

1875.—É removido d'aqui o regimento de de cavallaria n.º 3—e até hoje (1886) apesar das maiores instancias e das mais lisongeiras promessas,—o governo ainda para aqui não mandou corpo algum do nosso exercito.

Foi este o *ultimo golpe* dado em Villa Viçosa, pelo que nas suas ruas, outr'ora cheias de vida, hoje cresce francamente a herva!

Muito respeitosamente chamamos para este lugubre topico a attenção de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, como representante, successor e *herdeiro* da serenissima casa de Bragança, ou dos nobres senhorios e donatarios de Villa Viçosa, os quaes prestaram a esta villa mais serviços e beneficios, *quando eram simples duques*, do que lhe teem prestado desde 1640 todos os seus successores, *sendo reis!*...

Senhores e donatarios de Villa Viçosa

D. Brites, filha de Fernando IV de Castella, foi a 1.ª senhora donataria d'esta villa, dando-lh'a em dote el-rei D. Diniz, no anno de 1297, quando a dicta senhora casou com o principe D. Affonso, depois rei D. Affonso IV.

Foi dada tambem por el-rei D. Fernan-

do I á rainha D. Leonor Telles de Menezes, em 1372, mas esta mercê não chegou a durar 3 annos, porque o rei *inconstante*, achando-se n'esta villa em 3 de janeiro de 1375, deu á dicta rainha Villa Real de Traz-os-Montes, rehavendo Villa Viçosa para a corôa.

D. Nuno Alvares Pereira foi o seu 3.º donatario conhecido. Em premio dos seus relevantes serviços deu-lh'a D. João I em 23 d'agosto de 1385.

Do santo condestavel passou ao seu neto D. Fernando, em 1422, e andou na casa de Bragança até se extinguirem *de facto* no nosso paiz os donatarios em 1834,—exceptuando o periodo em que a teve o infante D. Manuel, em seguida á degolação do duque D. Fernando II.

Foram, pois, seus donatarios:

1.º—D. Brites.

2.º—D. Leonor Telles de Menezes.

3.º—D. Nuno Alvares Pereira.

4.º—D. Fernando I (primeiro marquez de Villa Viçosa e filho segundo do 1.º duque de Bragança.)

5.º—D. Fernando II.

6.º—O infante D. Manuel, duque de Beja (1483-1496) por mercê d'el-rei D. João II.

7.º—D. Jaime, 4.º duque de Bragança, por doação d'el-rei D. Manuel.

8.º—D. Theodosio I.

9.º—D. João I.

10.º—D. Theodosio II.

11.º—D. João II, como duque,—e IV, como rei.

Tendo este abdicado a casa de Bragança em seu filho D. Theodosio, dispondo que a dicta casa fosse apanagio dos filhos primogenitos dos reis brigantinos, conta mais esta villa os donatarios seguintes:

12.º—D. Theodosio III.

13.º—D. Affonso VI.

14.º—D. Pedro II.

15.º—A infanta D. Isabel Josepha e

16.º—O infante D. João, que morreu menino, ambos filhos de D. Pedro II.

17.º—D. João V.

18.º—A infanta D. Maria Barbara e

19.º—O infante D. Pedro, filhos de D. João V.

20.º—D. José I.

21.º—D. Maria I.

22.º—D. José, principe do Brazil.

23.º—D. João VI.

24.º—D. Pedro IV.

25.º—D. Miguel I.

D'então para cá ficou subsistindo sómente o titulo de *marquez de Villa Viçosa* na serenissima casa de Bragança—e nunca mais o provimento dos cargos publicos, etc., correu pela *junta administrativa* da mesma casa;—mas foi sempre e é ainda hoje a casa de Bragança *patrimonio particular* dos nossos reis, sendo Villa Viçosa o florão da dicta casa, pelo que os nossos reis são ainda hoje *absolutamente* os primeiros proprietarios d'esta villa e d'este concelho, como provaremos em dois traços no topico seguinte.

Para lamentar é, pois, que SS. MM. não se condoam d'esta pobre villa que *por tantos titulos* deviam estimar e proteger.

Mais, — *incomparavelmente mais*, — devem, por exemplo, — a cidade de Lamego ao sr. visconde de Guedes Teixeira—e a villa de Paredes ao sr. dr. José Guilherme Pacheco,—dois cidadãos prestimosos, mas que vivem do seu trabalho.[1]

Perdoe-nos S. M. a indiscrição do historiador, pois já estivemos em Villa Viçosa e com profunda magoa vimos a herva crescendo nas ruas!...

—

Para suster a decadencia d'esta formosa e tão historica villa, basta o seguinte:

1.º—Dar-lhe, *como já teve*, um dos corpos do nosso exercito.

2.º—Fazel-a, *como já foi*, cabeça de comarca.

E, em vez de decahir, progredirá, apenas se prolongue o caminho de sueste, desde a estação d'Estremoz até á d'Elvas, por Borba, Villa Viçosa e proximidades do Alandroal, —e (melhor ainda) se ligue a estação d'Estremoz com a do Crato.

Ficaria assim Villa Viçosa em facil com-

---

[1] V. *Lamego* e *Paredes* n'este diccionario e no supplemento.

municação com as nossas linhas ferreas de leste e norte e poderia levar ao Porto muito azeite, muita cortiça e outros generos sem ser, *como hoje*, obrigada a conducções pesadissimas até á estação d'Elvas—e a pagar o percurso dos 49 kilometros d'Elvas ao Crato, o que representa grande demora, grande despeza e grande peia para as suas transacções.

Sabemos que os dictos ramaes estão promettidos e estudados, *ha muito*, e fazemos votos por vel-os realisados sem mais delongas, como é de plena justiça.

Tambem sabemos que os dictos ramaes não demandam obras d'arte nem grandes sommas—e dariam muita vida ao Alto-Alemtejo.

Chamamos para este momentoso assumpto a attenção do nosso governo,—dos grandes proprietarios d'esta provincia—e nomeadamente a attenção e a benevolencia dos nossos reis, como chefes do estado e representantes da serenissima Casa de Bragança, que muito lucraria com as ditas obras, pois é talvez a maior proprietaria do Alto-Alemtejo.

Palacio Real

Ergue-se este palacio ao norte da villa sobre o grande Terreiro do Paço, occupando as faces N. e O. do mencionado campo, —e é todo de marmore de Montes Claros. Olha para E. a sua fachada principal e tem 4 pavimentos, representando os 4 estylos architectonicos, pois o 1.º pavimento ao rez do chão é do estylo *dorico*,—o 2.º (andar nobre) é do estylo *jonico*,—o 3.º è do *corinthio*—e o 4.º do *composito!*... Este ultimo pavimento,—especie de *aguas furtadas*,—tem apenas 3 desgraciosas janellas, no alto e a meio da grande fachada,—e cada um dos outros tem 23 janellas de frente.

A parte posterior d'este grande edificio olha para os jardins, aos quaes se segue o *Reguengo*, vasta propriedade com 3 hortas annexas, formando uma mimosa e bella quinta com portas para o campo do *Carrascal*.

Na parte que olha para o sul está o *Jardim do Bosque*, onde se acham os *Quartos Novos* ou *Reaes*, com janellas de sacada, e frontaria de cimento em 3 andares,—a torre da capella—e varias casas de recreio ao fundo, avultando entre ellas a *Casa de Lisboa*, junto do *Chafariz d'El Rei*.

O mencionado *Jardim do Bosque* occupa toda a face N. do Terreiro do Paço e tem sobre elle janellas, das quaes outr'ora as damas assistiam ás justas, cavalhadas e torneios, pelo que tambem se denominou *Jardim das Damas*.

Por detraz de tudo isto se ergue a *Ilha* ou cerrado, onde estão as cavallariças, cocheiras e moradias dos trintanarios e d'outros servos dos duques.

—

Este palacio, feito em substituição do que esteve no castello, onde viveram o condestavel e os primeiros duques, foi principiado por D. Jaime, no Reguengo, em 1501, e continuado e ampliado pelos seus successores.

D. Theodosio II fez a grande fachada de marmore, deixando em meio o 2.º pavimento, que D. João V acabou, fazendo tambem grandes obras em todo o edificio.

Hoje pouco tem digno de menção interiormente, mas outr'ora foi luxuosamente decorado. Vestiam lhe as paredes das suas numerosas salas e quartos preciosas telas de brocados, velludos e guadamecins, bordados a ouro e prata, e cobriam-lhe os pavimentos custosas alcatifas. Nada d'isto hoje lá se encontra e as salas estão quasi nuas de ornatos, exceptuando uma de grandes dimensões, denominada a *Sala dos Tudescos*, onde se vêem os retratos de todos os duques de Bragança e de outros principes d'esta familia pintados a oleo, e em corpo inteiro, por Pedro Antonio Quillar, pintor notavel francez ao serviço de D. João V.

El-rei D. José I mandou reedificar os *Quartos Novos* em 1770;—D. Maria I fez parte do 3.º andar da frente e do 2.º das trazeiras, até o ligar aos *Quartos Novos*;—accrescentou estes e fez tambem a casa do

jantar, tudo isto pouco antes da *troca das Princesas*, em 1784.

Nos nossos dias apenas se dividiram algumas salas em quartos, para melhor accommodação dos hospedes, mas todo o palacio se encontra limpo, bem conservado e decentemente mobilado.

A Tapada Real

Este grande dominio foi tambem começado por D. Jaime e muito beneficiado e melhorado pelos duques seus successores, distinguindo-se entre elles D. João I, que não só lhe annexou muitos predios pelos annos de 1570, mas fez a egreja de Nossa Senhora de Belem e transformou o palacete em uma vivenda digna dos duques de Bragança. Seu filho D. Theodosio II fez a capella de Santo Eustaquio—e por ultimo D. João V augmentou e beneficiou tambem a dicta *tapada* depois de 1729, cercando-a de novos muros e fazendo-lhe a porta principal no *Outeiro de S. Bento*, ficando assim comprehendida na vasta cerca a ermida de *S. Jeronymo* com o seu grande pinheiral, que já eram da casa de Bragança.

Tem este grande predio cerca de 15 kilometros de circumferencia e é guardado por muitos couteiros e porteiros, a pé e a cavallo.

Antigamente a *Tapada Real*, assombro de nacionaes e estrangeiros, e celebrada por Lope da Vega, foi toda dedicada aos prazeres da caça.

Tinha extensos bosques, muitas fontes, lagos, jardins, casas de campo, excessiva abundancia de veados, corças e javalis,—viveiros d'aves e peixes, etc.,—tudo tractado com magnificencia verdadeiramente real. Hoje não tem tantos embellesamentos, mas rende mais, porque separaram para viveiro da caça, de que ainda tem grande copia, um terço do grande predio, que vedaram com um muro,—applicando os dois terços restantes para a agricultura e creação de gado,—e dividiram esse extenso chão em pequenos lotes que arrendaram a differentes lavradores.

Tem grandes montados de sobro e ainda conserva as fontes, lagos e casas de campo, mas dos seus jardins d'outr'ora apenas restam vestigios.

—

Este grande predio principia a distancia de 400 a 500 metros da extremidade norte do Terreiro do Paço e prolonga-se pelos termos da freguezia de Nossa Senhora da Conceição d'esta villa e da de Santa Barbara de Borba.

Só a cortiça que produz rende por anno 3 a 4 contos de réis—e a bolota egual quantia,—alem das rendas da azeitona, searas, lenha, etc., e dos seus 2 fornos de telha e cal, o que tudo deve approximar-se de *dez contos de réis* por anno.

Só a *Tapada* vale bem *duzentos contos* e devem valer approximadamente egual quantia as outras muitas propriedades que a serenissima casa de Bragança possue n'este concelho, taes são:—o *Reguengo* do Palacio Real,—o de *Fatalão* na freguezia de S. Romão,—as herdades da *Granginha* e das *Amoreiras* na freguezia das Ciladas,—2 *montes* d'El-Rei e 2 *hortas* (quintas) na freguezia de Bencatel,—a *Horta d'El-Rei*, e a da *Alfava;* nos suburbios da villa tem a *Horta de S. Luiz* e grande numero de predios mais pequenos, olivaes, ferragiaes, um lagar d'azeite e muitos foros,—alem do *Palacio Real*, do *Paço do Bispo* e d'outros muitos predios urbanos na villa.

Tambem a Casa de Bragança possue muitas herdades nos concelhos limitrophes:—Borba, Alandroal, Elvas e Estremoz, onde tem alguns almoxarifados especiaes.

Do exposto se vê que a Serenissima Casa de Bragança é talvez, como já dissemos,—a maior proprietaria do Alto-Alemtejo e por consequencia uma das mais interessadas nos melhoramentos d'esta provincia. [1]

Capella Real

Teve principio no paço dos duques de Bra-

---

[1] Diz-se que o maior proprietario do Alemtejo actualmente é o digno par do reino José Maria dos Santos, de Lisboa, cuja fortuna se avalia em mais de *quatro mil contos de réis*!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 10.º pag. 1034, col. 2.ª

gança em 1505, por bulla do papa Julio II, a instancias de D. Jaime; o cabido porem foi organisado pelo duque D. João I com auctorisação do papa Gregorio XIII, creando-se duas dignidades:—deão e thesoureiro-mór, que já existiam, mas sem instituição pontificia. O mesmo duque lhe deu por essa occasião estatutos, que D. Theodosio II reformou.

D. João V reorganisou-a em 1735 e a elevou á cathegoria de *Insigne e Real Collegiada*,—impetrando de Bento XIV a graça de ser o deão sempre um bispo titular. Aos capellães deu as honras de Conegos-capellães-fidalgos,—creou as classes de *acolythos*, *maceiros*, *custodios* e *sineiros* em vez dos antigos *moços da capella*—e ornou-a com imagens riquissimas de tamanho natural, de prata,—custosas alfaias e paramentos,—tudo com immensa profusão e grandesa.

Deu-lhe tambem novos estatutos, que ainda hoje se conservam manuscriptos;—reformou o edificio da capella,—juntou-lhe a torre com um carrilhão de oito sinos e relogio de horas e quartos com quatro mostradores,—e reedificou o antigo palacio da duqnesa D. Joanna de Mendonça, arvorando-o em *Paço Episcopal* para residencia do deão.

—

Clemente VIII, em 1601, exemptou da jurisdicção dos arcebispos esta capella e em 1815, o papa Pio VII, a pedido de D. João VI, a declarou exempta *nullius dioecesis* e concedeu ao *deão-bispo* jurisdicção ordinaria em todo o termo de Villa Viçosa!...

Tambem por essa occasião o mesmo rei D. João VI reformou de novo o quadro capitular, passando os capellães antigos á classe de *conegos*, creando de novo a classe de *beneficiados*; — quando instituiu em 1818 a ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, deu o habito da Conceição aos conegos, alem do habito de Christo que já tinham desde 1806,—e deu á capella como orago a Virgem da Conceição, em vez do antigo orago, que era S. Jeronymo.

—

Antes da reforma de D. João V já a capella havia tido um *deão-bispo* sagrado,—D. Fr. Pedro de Santo Agostinho, titular de Constancia, que falleceu em 1675 e jaz na casa do capitulo do convento dos capuchos, em sepultura brasonada. Depois teve os seguintes:

2.º—D. João da Silva Ferreira, titular de Tanger, 1743-75.

Jaz no convento de Santo Agostinho.

3.º—D. Vicente da Gama Leal, bispo titular de Hetalonia, 1777-91.

4.º—D. José Nicolau d'Azevedo Coutinho Gentil, titular de Zuara, 1795-1807.

5.º—D. Vasco José Lobo, bispo titular de Olba, 1811-22.

6.º—D. Fr. Manuel da Encarnação Sobrinho, titular de Nemesis, 1825-34.

Por ser muito amigo de D. Miguel, soffreu bastante. Foi primeiramente degradado para Portel e depois removido para Lisboa, onde falleceu em 15 de dezembro de 1846.

Foi extincto de facto o *exempto* d'esta villa em 1834.

—

O cabido sustentava-se com os dizimos de varias commendas que rendiam cerca de 40:000 cruzados. Extinctos os dizimos em 1834, extinguiu-se tambem este cabido, e assim acabou a pompa do culto na capella Real. Hoje tem apenas 1 capellão, 1 sacristão, 1 relojoeiro e 1 sineiro!...

Pela reforma de 1815 o seu pessoal era o seguinte:—1 deão, bispo titular e sagrado, —16 conegos, todos cavalleiros da Ordem de Christo e da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa,—16 beneficiados,—10 acolytos coreiros, — 2 maceiros,—3 custodios, —3 sineiros com 2 ajudantes,—1 relojoeiro, —2 organistas,—2 penitenciarios e 12 cantores,—afóra os alumnos do *Collegio dos Reis*, que vamos já descrever.

Hoje nenhuma das sés do nosso paiz,—*nem a propria patriarchal*—tem um quadro tão numeroso!

Com a extincção da real capella perdeu Villa Viçosa um grande elemento de vida.

Collegios

1.º—*Collegio dos Reis.*

Teve esta villa 3 collegios:—um dos *Santos Reis Magos*, denominado vulgarmente

Collegio dos Reis,—outro de *Meninos orphãos*,—e outro *d'Artes*. De todos o mais importante era absolutamente o *dos Reis*, tambem denominado *Seminario*, depois da reforma da Capella Real por D. João V.

Foi este collegio fundado pelo duque D. Theodosio II, que o sustentou á sua custa durante a sua vida e, desejando que elle não acabasse, por sua morte o dotou largamente, como póde ver-se no seu testamento feito em 1628 e que se encontra no tomo 4.º das *Provas* da *Hist. Genealogica*.

Alem de muitos bens de raiz especificados, deixou-lhe em globo *todos os que adquiriu no termo de Villa Viçosa, e no de Borba, durante os ultimos dez annos da sua vida*.

Era este collegio destinado para a educação dos ministros e musicos da Capella Real, —e o duque D. João II, sendo já rei, lhe deu estatutos proprios, que se encontram no logar citado supra.

—

A principio ensinava-se n'elle instrucção primaria, latim, musica e cantochão; mas, depois que D. João V entregou aos jesuitas a direcção d'elle em 1735, melhorou consideravelmente na parte moral, scientifica e litteraria, bem merecendo o titulo de *Seminario*.

Os alumnos internos eram só 12, mas franqueavam-se as aulas ao publico e teve grande numero de alumnos externos.

Durava o internato oito annos e á saida se dava aos alumnos um vestuario completo de roupa branca e preta e 24$000 réis em dinheiro. Alem d'isso tinham de futuro preferencia nos concursos para as vagas do cabido e côro da Capella Real.

O edificio d'este collegio estava e *está* na *Ilha*, á entrada de Villa Viçosa, indo d'Estremoz. Foi reedificado no tempo d'el-rei D. José, pelo que ainda se conserva em bom estado sob a posse da Casa de Bragança. Esta em 1848 o cedeu ao regimento de cavallaria n.º 3, para hospital de convalescença, o que o damnificou bastante e mais ainda o estar devoluto desde 1875.

—

Este collegio fechou-se em outubro de 1834 por se recusar a Serenissima Casa de Bragança a satisfazer as consignações do costume «e não ter o reitor que dar de comer aos alumnos!...»

Em tempo da rainha D. Maria II, por duas vezes a camara e o povo de Villa Viçosa pediram a restauração d'este collegio, allegando ter elle *dotação propria em bens de raiz, que se acham na posse da Serenissima Casa de Bragança*, mas—nada conseguiram!...

Immensos fructos se colheram d'este collegio. São filhos d'elle o conego Joaquim Cordeiro Gallão, Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, Antonio José Soares, Francisco Peres Ailon de Lara, Francisco Antonio Franco e outros muitos, alguns d'elles musicos distinctos e compositores.

Tambem n'elle frequentou preparatorios um contemporaneo muito illustre de Estremoz, o sr. dr. e conselheiro Diogo Antonio Palmeiro Pinto, que foi governador civil em Portalegre, presidente da camara dos deputados, director da Alfandega do Consumo em Lisboa, etc.

—

2.º—*Collegio das Artes*.

Estava no convento de Santo Agostinho e foi instituido em 1560 pelo duque D. Theodosio I.

Não passou de um simples lyceu, onde se leccionava—portuguez, latim, grego e rhethorica, mas o plano do fundador era eleval-o á cathegoria de *Universidade*.

Nos ultimos tempos havia n'elle sómente duas aulas,—uma de portuguez e outra de latim, regidas pelos frades, que por isso recebiam uma pequena gratificação da Casa de Bragança. Aquellas mesmas aulas se fecharam approximadamente em 1813, por ordem da regencia de Portugal.

—

3.º—*Collegio dos Meninos Orphãos*.

Foi principiado por D. Isabel de Lencastre, primeira esposa do duque D. Theodosio I, fallecida em 1558, pois no seu testamento deixou á Santa Casa da Misericordia d'esta villa uma pensão para sustento de dois orphãos;—depois seu marido, no testamento com que falleceu em 1563, tambem legou á Misericordia certo capital para sustento de mais 4 orphãos. Estavam estes seis

meninos na casa do capellão-mór da Misericordia, que recebia da mesma a verba estipulada para os alimentos, vestuario e educação d'elles.

Foi seu 1.º reitor o padre Fr. Manuel Cavalleiro, do qual tomou o nome a rua proxima do collegio da Companhia de Jesus [1].

Por falta de ulteriores doações e de receita nunca teve casa propria e foi extincto no seculo XVIII, durando ainda assim mais de cento e cincoenta annos.

Alcaides-móres

Não está bem averiguado este assumpto.

Sueiro Peres foi o alcaide-mór mais antigo de que ha noticia.

Em 30 d'outubro de 1297 assistiu como testemunha ao auctо de entrega das praças de Campo Maior e Ouguella, que indevidamente andavam na posse de Fernando IV, de Hespanha.

Depois de Sueiro Peres apenas se encontra memoria dos seguintes:

1.º—Pedro Affonso, no anno de 1336, em tempo de D. Affonso IV.

2.º—Gonçallo Rodrigues, em 1367, no principio do reinado de D. Fernando.

3.º—Gonçallo Pires d'Azambuja, em 1370.

4.º—Garcia Pires do Campo, em 1383.

O Mestre d'Aviz, suspeitando da lealdade d'este alcaide-mór, substituiu-o pelo seguinte:

5.º—Vasco Porcalho, de bem *porca* e triste memoria, como indicámos supra, na *synopse* relativa aos annos de 1383-1384. *Vide.*

6.º—Affonso Pires Negro, durante o senhorio do santo condestavel, tendo sido escudeiro d'elle.

7.º—D. Fernando d'Eça, no tempo do duque D. Fernando II.

Era fidalgo de sangue real, descendente d'el-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Succedeu-lhe seu filho

8.º—D. João d'Eça.

9.º—Affonso Vaz Caminha.

Falleceu em 1569 e succedeu-lhe seu filho

10.º—João de Tovar Caminha.

11.º—Thomé de Sousa Coutinho, por nomeação d'el rei D. João IV.

Tomou posse em 5 de janeiro de 1647 e succedeu-lhe seu filho

12.º—Fernão de Sousa, 1.º conde do Redondo (da 2.ª série) conservando-se esta alcaidaria na mesma casa até 1834.

Ordenanças

Esta villa, desde o tempo d'el-rei D. Sebastião, teve duas companhias de ordenanças; mas no anno de 1641, tornando-se preciso firmar a independencia do reino, crearam-se mais duas companhias n'esta villa, e no seu termo outras duas, denominadas *companhias do campo*. D'estas uma tinha ordinariamente a sua séde na parochia de S. Romão, comprehendendo tambem os contingentes das freguezias de Terrugem e Ciladas;—a outra tinha a séde em Pardaes, comprehendendo os contingentes das freguezias de S. Braz dos Mattos e Bencatel, passando depois para esta ultima parochia a dita séde.

Formavam as seis companhias o *terço* de *ordenanças de Villa Viçosa*, que se conservou até 1834.

—

Cada uma das 6 companhias teve no seu principio apenas um capitão e um alferes; —depois se lhe addiccionou mais um tenente.

O *terço* era commandado por um capitão-mór, ou por um sargento-mór, com seu ajudante. O ultimo sargento-mór foi Manuel Diogo da Silveira Menezes, fallecido em 1863.

Os soldados não tinham fardamento—e ultimamente *nem armas!* Cada um levava as que tinha; mas os officiaes fardavam-se de panno verde com golla e canhão encarnados,—banda, espada curva e chapeu armado.

Como Villa Viçosa era tambem cabeça de comarca das villas que o ducado de Bragança tinha no Alemtejo, havia tambem aqui um *Capitão-mór* e um *Sargento-mór do Alarde*, que mandavam em chefe todos os terços da comarca e recebiam um pequeno soldo.

[1] Logo fallaremos d'este collegio, no titulo dos *Conventos*.

O ultimo sargento-mór *do Alarde* foi Luiz Jorge da Costa Amado, fallecido em 1822.

Este terço era de infantaria, mas durante a guerra *da restauração* tambem teve uma companhia de ordenanças montadas.

Auxiliares

Foram creados em 1643, na dicta guerra *da restauração*, os soldados *auxiliares*, e desde 1644 se creou o *terço de Villa Viçosa*, que era formado por uma companhia d'esta villa com outras da sua comarca, e mandado por um mestre de campo, sempre fidalgo distincto e residente em Villa Viçosa.

Estes soldados a principio eram infantes e por ultimo caçadores.

Passados dez annos creou-se tambem uma companhia de auxiliares montados, *á sua custa*, composta de gente d'esta villa e da de Borba, sendo capitão d'ella Estevam Mendes da Silveira.

Foi extincta em 1668, no fim da *guerra da restauração*.

Dos auxiliares só o mestre de campo, o sargento-mór e o ajudante recebiam soldo, em tempo de paz.

—

Nos fins do seculo XVIII este terço d'auxiliares tomou a denominação de *Regimento de Milicias de Villa Viçosa*—e o seu mestre de campo a de *coronel*.

Reorganisado o nosso exercito em 1808, no começo da *guerra da Peninsula*, alterou-se o quadro do dicto regimento, aggregando-se-lhe companhias das terras mais proximas, sem serem do ducado brigantino, continuando Villa Viçosa a ser a cabeça do dicto regimento, que era de oito companhias. Dava esta villa a 1.ª,—Borba a 2.ª,—Estremoz a 3.ª,—o Redondo a 4.ª,—o Alandroal a 5.ª,—Elvas com Villa Boim a 6.ª e a 7.ª—e Campomaior a 8.ª

Este regimento (bem como todos os outros de milicianos) tinha em commissão, para melhor disciplina d'elle, um major e um ajudante, sempre officiaes do exercito da 1.ª linha, e costumava juntar-se em Elvas todo o regimento na primavera para exercicios de manobra.

Esta milicia da 2.ª linha acabou em 1834.

Conventos

Teve esta villa 7 conventos, sendo 4 de religiosos:—Santo Agostinho, S. Paulo, Capuchos e S. João Evangelista,—e 3 de freiras:—Santa Cruz, Chagas e Esperança.

1.º—De *Santo Agostinho*.

É coevo da fundação d'esta villa e foi-lhe lançada a primeira pedra no dia 5 de maio de 1267, como já dissemos.

El-rei D. Diniz o estimava muito, pelo que no seu testamento lhe deixou um legado de 100 libras—e não menos o estimaram os duques, pois o elegeram para seu pantheon e o reedificaram por varias vezes.

A sua egreja actual é reedificação de D. João IV. Lançou-lhe a 1.ª pedra em 14 de julho de 1635, mas por causa da guerra da restauração só em 1677 se concluiu, já no tempo de D. Pedro II, collocando-se então os restos mortaes dos duques nos novos tumulos da capella mór, que são seis, em forma de capellas;—e transferiram-se os restos mortaes dos irmãos dos duques para os 4 tumulos do arco cruzeiro, ficando vazio um d'elles por ser (segundo dizem) destinado para os ossos do infante D. Duarte, irmão do *restaurador*, que ainda hoje se conservam em Milão.

No plano do presbyterio estão 2 mais singelos, para creanças,—e no centro do cruzeiro, em campa lisa, debaixo do zimborio, que é octogonal e tem 4 janellas, está D. Rodrigo de Lencastre, conde de Lemos e marquez de Sarria, parente dos Braganças.

—

É o melhor templo de Villa Viçosa, posto que de uma só nave. As paredes são interiormente revestidas de marmore branco até á cimalha. O frontispicio olha para o Terreiro do Paço e para o corpo principal do palacio dos duques;—é de marmore e tem duas formosas torres, mediando entre ellas uma varanda com parapeito de marmore rendado.

Alem do altar-mór tem 2 no cruzeiro e mais 6 em outras tantas capellas no corpo da egreja, que está bem conservada e na posse da Casa de Bragança.

O convento serve de quartel militar e foi reedificado pela ultima vez no tempo de D. João V, exceptuando o lado mais interior do dormitorio.

Tem boa cerca e no pateo d'ella estavam as adegas e um lagar d'azeite, que já não existem.

Foi o mais rico mosteiro d'esta villa. Em 1808 levaram d'ali os francezes 25 arrobas de prata!...

Pertenciam a este convento uma das herdades das *Torres de Curvo*, em Veiros, e a de *Lourenço Alcaide*, em S. Braz dos Mattos. Ambas eram grangeadas directamente por estes religiosos, que ali costumavam ter sempre um frade por director da lavoura, sendo assim as duas herdades duas granjas modelos ou escolas agricolas, em que se instruiam os lavradores visinhos, sem que o estado despendesse coisa alguma.

2.º—*Convento de S. Paulo.*

Era da congregação da *Serra d'Ossa*,—estava no Rocio—e tinha como orago Nossa Senhora do Amparo.

Principiou na quinta da Provença, em *Val Bom*, por um simples eremiterio, fundado em 1415 por Pedro Affonso. Tornou-se mosteiro regular em 1439—e em 1590 foi trasladado para o Rocio por Fr. Martinho de S. Paulo, reitor d'elle n'aquelle tempo e fundador da nova casa. Duraram as obras 23 annos, por serem feitas com esmolas dos fieis, e só pôde ser inaugurado em 1613.

Contribuiu largamente para esta fundação o duque D. Theodosio II, que aforou aos frades o cruzeiro e a capella-mór por cem mil réis annuaes, um throno de cera e 18 alqueires d'azeite, pelo que lá tinham tribuna reservada os Braganças, com porta e cocheiras suas no caminho novo do Alandroal.

—

Era o 2.º convento d'esta villa em grandesa.

O claustro, portaria, sacristia e côro foram sumptuosamente embellesados no primeiro quartel do seculo XVIII por Fr. José Gralho, que ali gastou todo o rendimento de um morgado que usufruia.

A egreja era um bom templo e tinha altar mór, mais 2 no cruzeiro e 6 capellas lateraes, como a de Santo Agostinho, mas foi profanado em 1864—e hoje se encontra em lamentoso estado!...

D'ali passou para o Collegio, ou matriz de S. Bartholomeu, a confraria do Rosario—e a de S. Chrispim para a egreja de Santo Antonio.

Foi este convento um dos mais infelizes.

Serviu de theatro em 1835;—foi quartel d'infanteria n.º 4 em 1835 a 1836—e logo principiou a cahir em ruinas por lhe haverem tirado madeiras do telhado, quando n'elle se montou o theatro.

Em 1867 foi doado á camara para fazer na cerca o cemiterio e para installar na egreja dos frades a municipal de S. Sebastião, que desabou em 1858; mas nada d'isto fez; espera-se porém que a camara mande ao menos concertar a egreja, visto receber, *até ha pouco*. da cerca 50$000 réis de renda e ser ha muito o pobre edificio do convento a *mina* d'onde extrahe cantarias e materiaes para as obras publicas, etc., reduzindo-o a um montão de ruinas!...

Com licença do governo vendeu a camara a cerca a Antonio Lobo Vidigal Salgado, em 1885, por 1:010$000 réis para applicar esta receita na construcção de um novo cemiterio sob a sua administração.

3.º—*Convento dos Capuchos*, orago Nossa Senhora da Piedade.

Teve principio em 1500, ao nascente da villa, onde estão as ruinas da egreja de S. Francisco Velho, junto da *Fonte das Lagrimas*, onde o edificou o duque D. Jaime.

D'ali passaram os frades para um 2.º convento, construido em 1547 pelo duque D. Theodosio I, na baixa do *Outeiro do Ficalho*. Era tambem pequeno e estava no meio da cerca do actual, onde chamam o *Presepio*. Reconhecendo-se n'elle, pela insalubridade do local e pelo afastamento da villa, os mesmos inconvenientes que determinaram a substituição do 1.º, fundou-se um outro,—o actual,—ao poente da villa, junto da capella de S. Lazaro, que por essa razão foi demolida.

Lançou-lhe a 1.ª pedra em 26 de julho de 1606 o duque D. Theodosio II, que foi o prim-

cipal bemfeitor e protector d'estes religiosos.

Posteriormente foi accrescentado o convento para ter a capacidade precisa a uma *casa capitular*, como esta foi.

—

A egreja é pequena e tem apenas tres altares; mas tem um vasto alpendre debaixo do côro, fechado por gradaria de ferro,—e um elegante frontispicio com 3 imagens em nichos,—2 campanarios,—e um lindo atrio ajardinado, o que tudo torna este convento muito interessante e o mais pittoresco entre todos os de Villa Viçosa.

O edificio acha-se ainda em bom estado de conservação, porque um frade leigo, chamado João Pedro Serra, velou por elle com todo o carinho muitos annos, tendo as chaves em seu poder,—e desde 1863 velam por elle os devotos do Senhor Jesus da Piedade.

Alem da festa do Senhor Jesus, fazem-se ainda mais duas festividades n'esta pittoresca e veneranda egreja:—uma ao Senhor dos Afflictos,—outra á Senhora da Piedade.

Este convento, depois da sua extincção, passou, como todos os outros, para os proprios nacionaes, e o governo já repetidas vezes o poz em hasta publica, mas até hoje (1886)—ainda ninguem o comprou.

4.º—*Collegio de S. João Evangelista*, casa professa dos jesuitas.

Ergue-se no alto da Praça Nova, e foi edificado pelo duque D. Theodosio II *sem o concurso de mais ninguem*,—sendo inaugurado em 1604;—mas faltam-lhe ainda os corucheus das torres e a conclusão do claustro.

Extinctos os jesuitas em 1759, tomou posse d'elle a Casa de Bragança—e em 1793 foi dado pelo principe regente ás *Beatas de S. José*, com a obrigação de ensinarem meninas pobres. N'elle se conservam ainda as dictas senhoras.

A egreja serviu temporariamente de Capella Real, desde 1806 até 1862,—e desde 1865 n'ella se installou a matriz de S. Bartholomeu, como já dissemos.

Por estas razões se conservam em bom estado a egreja e o collegio da *Companhia de Jesus*.

5.º—*Convento de Santa Cruz*, de religiosas de Santo Agostinho.

Demora na Corredoura e foi o 1.º convento de religiosas que houve n'esta villa.

Teve principio ali mesmo, em umas casas de Mendo Rodrigues de Vasconcellos, capellão do duque D. Jaime, deixadas por elle no seu testamento para mosteiro de religiosas, por não ter a villa ainda n'aquelle tempo instituto algum para o sexo feminino, contando já tres conventos de frades.

Foi sua fundadora Margarida de Jesus Nunes, natural d'esta villa, mas professa no convento de Santa Monica d'Evora, d'onde veiu com duas companheiras fundar este.

O edificio foi feito com esmolas, por falta de padroeiro, e consta que se inaugurou no dia 1 de janeiro de 1530, sendo então de pequenas dimensões, por se achar apertado entre diversas casas no centro da villa; mas em 1598 as freiras adquiriram parte da rua da Torre, que lhes vedava o alargamento para o norte, e estenderam mais tarde a casa e cerca até á travessa de *Valderrama*.

Extinguiu-se em 13 de julho de 1883 com a morte da ultima freira.

Tomaram conta da egreja,—pequeno templo de 4 altares;—as confrarias ou irmandades das Almas e do Rosario, que estavam na egreja do Espirito Santo, e a estas duas piedosas corporações se deve a conservação do pequeno templo, no qual repousa em sepultura lisa brasonada o tenente general João do Crato da Fonseca.

O convento passou para os proprios nacionaes e consta que o governo vae pol-o em hasta publica, dividido em tres lotes, para ter mais facil venda.

6.º—*Real Convento das Chagas de Christo* de freiras de Santa Clara.

Demora no Terreiro do Paço e é obra do duque D. Jaime, mas inaugurou-se depois da sua morte, em 25 de fevereiro de 1533, com 8 freiras de Santa Clara de Beja.

Tem cinco altares a egreja, templo venerando, de architectura manuelina com formosos azulejos.

Tem dois côros,—alto e baixo,—e n'este ultimo jazem as duquezas de Bragança, fallecidas depois da inauguração d'este con-

vento; na egreja se vê, logo á entrada, a campa, do vice-rei da India D. Constantino de Bragança e de sua esposa.

Tem a portaria na rua dos *Fidalgos*, precedendo-a um pateo com moradias para os servos do convento e um *hospicio* para os tres franciscanos que outr'ora cuidavam do espiritual d'este convento. Por ali se entrava tambem para a cerca e para a horta, hoje annexa ao *Reguengo* do Paço Real, por ter sido comprado pela casa de Bragança o seu dominio util.

Será este convento o ultimo a extinguir-se, pois ainda hoje (1886) n'elle vivem duas religiosas professas, alem de differentes recolhidas e seculares.

O edificio é amplo e de muito solida construcção.

7.º—*Real convento de Nossa Senhora da Esperança*, tambem de religiosas *clarissas*.

Demora no extremo oriental do Rocio.

Foi principiado na *rua da Cadeia*,—rua que já não existe,—junto do castello, d'onde, passados apenas dois annos depois da sua inauguração, se transferiu em 1553 para o chão que hoje occupa.

É obra de D. Isabel de Lencastre, 1.ª mulher do duque D. Theodosio I, a qual repousa no côro baixo, tendo ao pé de si a campa de sua sogra, a infeliz D. Leonor de Gusmão.

A egreja é maior que a das Chagas, mas tem o mesmo numero d'altares e, salva a differença da architectura manuelina, eram em tudo semelhantes as egrejas e conventos d'estas duas communidades.

A capella-mór foi jasigo dos *Lucenas*, por doação de D. Theodosio II.

—

Fechou-se este convento no 1.º dia d'outubro de 1866 por sair voluntariamente para o das Chagas a unica religiosa professa que n'elle vivia,—madre Marianna Xavier. Em seguida tomou posse da egreja e a conserva com muita limpesa a Ordem 3.ª de S. Francisco d'esta villa, cuja capella tinha entrada pela dicta egreja; mas não lhe deram as alfaias, paramentos e utensilios. Foram distribuidos por outras egrejas.

O convento foi posto em hasta publica e comprado pela insignificancia de *oitocentos mil reis* por um especulador, que logo tractou de o demolir e de vender em retalho os seus materiaes!... D'elle apenas hoje restam os destroços e a cerca, já em terceiro possuidor, — graças aos vandalos do seculo XIX, o decantado *seculo das luzes*!...

Assim terminou este venerando mosteiro, que já contava mais de 300 annos d'existencia.

Recolhimentos

Ha n'esta villa apenas um—*de Nossa Senhora do Carmo*,—de terceiras carmelitas, com votos que duram sómente em quanto n'elle se conservam as irmãs, podendo deixal-o quando quizerem.

O seu director e confessor de direito é o prior de S. Bartholomeu.

Teve principio este recolhimento no anno de 1763 junto da ermida de S. José do Carrascal, sendo sua fundadora D. Violante Perpetua de Jesus, natural de Alcantara de Lisboa e que falleceu em 1800.

Foi abolido em 1769 e restaurado em 1777, quando subiu ao throno D. Maria I.

Em 1793, como já dissemos, passaram estas senhoras para o extincto collegio dos jesuitas, transformando o seu recolhimento em differentes casas d'aluguer, e por ultimo, em 1838, aforaram a cerca á junta de parochia de S. Bartholomeu, para servir de cemiterio parochial.

—

Visa este santo instituto dois fins:—a vida devota e a educação de meninas, para as quaes tiveram sempre escola franca e gratuita,—e tambem receberam educandas internas, em melhores tempos.

A Casa de Bragança dava-lhes uma pensão de 120 alqueires de trigo, mas suspendeu-lh'a em 1834;—recebem porem o honorario de professoras publicas, por carta de lei de 2 de setembro de 1858 e decreto de 22 de fevereiro de 1859.

É este pequeno honorario o maior rendimento da casa e por isso não póde sustentar mais de *seis irmans*!...

Tem o titulo de *regente* a superiora—e é sempre vitalicia.

Nunca teve chronica impressa este recolhimento e por isso a estes leves traços juntaremos os nomes das suas regentes até hoje:

1.ª—Violante Perpetua de Jesus Maria, a fundadora.

Falleceu em 13 de julho de 1800.

2.ª—Feliciana Theresa do Coração de Jesus.

Falleceu em 29 de fevereiro de 1836.

3.ª—Theresa Perpetua de Jesus Maria.

Falleceu em 18 de novembro de 1845.

4.ª—Maria Theresa.

Falleceu em 20 de fevereiro de 1856.

5.ª—Marianna de Jesus.

Falleceu em 18 de março de 1860.

6.ª—Maria da Lapa.

Falleceu em 11 de julho de 1867.

7.ª—Agostinha Angelica.

Falleceu a 31 de janeiro de 1886.

8.ª—Maria dos Prazeres.

É a superiora actual e uma das mais dignas.

Chamamos para tão util como piedoso e pobre instituto a protecção das almas boas.

Varias egrejas, ermidas e capellas

Dizia-se antigamente de Villa Viçosa—*que tinha cinco largos e em cada largo tres egrejas*:—no *Terreiro do Paço* a capella real, com o apparato de Sé, e os conventos de Santo Agostinho e Chagas;—na *Praça Nova* as egrejas do Espirito Santo ou da Misericordia, de Santa Luzia e do collegio dos jesuitas;—no *Rocio* a de S. Sebastião e as dos conventos de S. Paulo e da Esperança;—no *Carrascal* as de S. José, S. João Baptista e Senhora da Lapa;—no *Outeiro de Ficalho* as de S. Luiz, S. Thiago e Capuchos.

Presentemente falta a egreja de S. Sebastião, que desabou em 1858 e não foi reedificada, posto que tem padroeiro proprio,—a camara municipal.

Acha-se profanada a de S. Paulo, que é tambem da camara.

A de S. Thiago era a mais antiga da villa e consta que foi a sua 1.ª matriz; mas hoje apenas conserva a capella-mór, por ter desabado o corpo d'ella, que transformaram em um vestibulo ajardinado.

No seu chão esteve o antiquissimo templo de Proserpina, que desappareceu ha muito; conserva-se porém no adro, como memoria commemorativa d'elle, uma lapide com inscripção em latim e grego, da qual póde verse uma copia fiel nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 1.º da 2.ª série, pag. 93.

—

A *da Lapa* é a mais moderna e a mais formosa de todas. Principiou a sua construcção em 1756.

Tem apenas dois altares no arco cruzeiro, alem do altar-mór,—bella sacristia,—um rico portico de marmore—e duas lindas torres.

Foi feita com esmolas por iniciativa de uma irmandade que ainda hoje a administra.

Á sua direita tinha um jardim; addiccionaram-lhe ha pouco outro á esquerda—e projectam ainda um terceiro na frente, ficando d'esta forma toda cercada de jardins, o que deve dar grande realce a tão formoso templo, quando as arvores e arbustos attingirem o seu pleno desinvolvimento.

A egreja de S. João Baptista é singular pela sua planta em forma de cruz grega e pela sua cupula de telhas vidradas á mourisca, terminando em uma lanterna.

Dizem que foi fundada pela duqueza D. Catharina, mas n'ella não se vê o escudo dos Braganças.

Tem tres altares.

A de *S. Luiz* é uma pequena capella de um só altar, modernamente reedificada e dizem ser fundação do licenciado Antonio de Gouveia, secretario do duque D. Theodosio I, no meiado do seculo XVI.

—

Alem d'estes 15 templos publicos, ha na villa mais dois, tambem notaveis:

1.º—*Santo Antonio.*

Foi fundado pelo duque D. João I, approximadamente em 1570, e tem no frontispicio o brasão dos Braganças. A sua architectura é egual á da egreja do Espirito Santo, embora de mais pequenas dimensões.

Tem abobada com ornamentação de laçaria, paredes azulejadas e côro assente em columnas toscanas de marmore.

Ali se vê ainda a tribuna dos Braganças, com entrada particular.

2.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios.*

Demora entre a *Torre de Homenagem* ou do *Caracena*, (relogio do concelho)—e a velha cerca de muros, em sitio alto, para servir de capella aos presos da antiga cadeia que estava defronte e foi demolida em 1662.

As suas paredes são interiormente revestidas com bellos paineis de azulejo, allusivos á Virgem,—e na face exterior da frontaria se vê por cima do portico outro painel semelhante com a imagem da Senhora dos Remedios.

—

As outras capellas filiaes da matriz e já mencionadas, todas existem, exceptuando duas:

1.ª—*Santo André*, nos coutos occidentaes, junto do caminho de Montes Claros, no sopé da serra do *Barradas*.

Desabou ha mais de um seculo.

2.ª—*S. Francisco Velho.*

Jaz em completo abandono desde 1834.

A egreja de *S. Bento*, a N. da villa, é a Sé das ermidas, pois tem *sete altares*!...

Melhorou-a muito no ultimo quartel do seculo XVIII um capellão da Real Capella,—Antonio Luiz Pereira Durão.

A de *S. Marcos* foi profanada ha muitos annos e comprou-a em 1875 ao governo, por 16$000 réis, o dono de um predio contiguo, morador em Borba, transformando-a em casa de despejos!...

Não lhe valeu a importancia historica de ter sido testemunha da repartição da presa de gados, tomados aos castelhanos por Pedro Rodrigues do Alandroal e Alvaro Gonçalves de Villa Viçosa,—repartição que ali os dois fizeram em 1384, ha 502 annos!

Tem esta villa tambem 5 bonitas capellas dos *Passos* com bons porticos de marmore: —a 1.ª no Rocio; a 2.ª na rua de Antonio Homem; a 3.ª na Praça Nova; a 4.ª na Corredoura—e a 5.ª no largo da *Assaboaria*.

Foram edificadas no ultimo quartel do seculo XVI e pertencem á irmandade do Senhor dos Passos, erecta na egreja de Santo Agostinho.

São tambem de bello marmore as capellas dos *Passos* em Borba, mas em todo o nosso paiz as capellas de *Passos* mais amplas e mais apparatosas são as da villa de Ovar.

Misericordia

Está junto da *Praça Nova*, sobre a qual tem porta a sua egreja, de que é orago o *Espirito Santo*, mas a entrada principal é pela rua de *Três*.

Foi esta irmandade instituida em 1516, sob a protecção do duque D. Jaime,—e em 1524 foi-lhe entregue a administração da *albergaria* ou hospital do *Espirito Santo*, que já existia no mesmo local.

O duque D. Theodosio I foi grande bemfeitor d'esta casa, pois fez o pateo e novas enfermarias, do lado da rua de Três,—e com um legado que lhe deixou em testamento e com outras esmolas do seu filho D. João I e de varios bemfeitores, fez-se a egreja, concluindo-se em 1568. Tinha ella sómente 3 altares, mas, durante o tempo em que foi matriz da parochia de S. Bartholomeu, addicionaram-lhe a capella do Santissimo e o altar das Almas.

Esta santa instituição, cujas rendas hoje montam a tres contos de reis, approximadamente, tem prestado e presta relevantes beneficios á pobresa.

Para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, fecharemos aqui este topico relativo á *Santa Casa*.

Portas dos Nós

O duque D. Jaime, fundador do *Palacio Real* moderno e já descripto, fez junto d'elle o terreiro das casas para servos, adegas e estribarias, denominado *Ilha*, por ser fechado sobre si por uma porta exterior de estylo manuelino *com tres nós* nas batentes, alem de dois nas columnas lateraes e uns letreiros da sua empresa: *De pois de vós, nós*

depois de nós, vós—querendo dizer que, depois da familia reinante, eram os Braganças os primeiros cidadãos de Portugal.

Vê-se este portico sobre a avenida de Borba e foi modernamente fechado com portões de ferro, mas já não tem a mencionada inscripção.

A dez passos dá mesma porta fez-se pouco depois outra,—a das muralhas novas da villa, no começo da estrada real de Borba. Deram-lhe tambem a denominação de *Porta do Nó*, alludindo á *união iberica* de 1580.

Foi a dicta porta feita pela Casa de Bragança e era por isso a mais ampla e luxuosa de todas as da circumvallação.

Os umbraes e sobre-arco de marmore são de peças almofadadas;—tem no fecho o escudo brigantino,—e junto da volta do arco duas chapas ou taboletas com as inscripções seguintes:

HAEC EST FATALIS
NODORUM PORTA
JOANNES
ME NODO HESPERIAE
LIBERAT ENSE POTENS
ANNO
—
SOLVIT ALEXANDER
NODUM UT REX IM
PERET ORBI
REX MEUS VT REGIS
SCEPTRA LATENTIS
AGAT
1654

«Esta é a fatal *Porta dos Nós*. João, com o poder da sua espada, me livrou do nó da Hespanha.

«Desfaz Alexandre um nó para imperar como rei na redondesa da terra: o meu rei desata-o para empunhar os sceptros do rei encoberto. Anno de 1654.»

Refere-se ao córte do celebre *nó gordio* por Alexandre Magno, comparando a este o nosso D. João IV, por haver libertado a patria do jugo castelhano, e diz tambem ser D. João IV o *rei encoberto*, de que fallavam os sebastianistas.

As duas chapas estão em linha horisontal, mettendo-se de permeio a volta do arco,—e em plano superior estão outras duas lapides com o letreiro relativo á eleição da Virgem para padroeira do nosso paiz.

Aos lados se vêem duas espheras armillares.

É pois esta porta um monumento da restauração de 1640 por um filho de Villa Viçosa.

Paços do concelho, pelourinho e relogio

Os actuaes paços do concelho estão na *Praça Nova*, olhando para N. Foram principiados em 1754 e concluidos em 1757 á custa do *cabeção* de toda a antiga comarca de Villa Viçosa.

São um soberbo e amplo edificio, com boas salas para as sessões e secretaria da camara, bibliotheca municipal, administração do concelho e repartição de fazenda,—no andar nobre. Nos baixos estão os açougues e a casa do trigo,—e á direita estão a cadeia e a residencia do carcereiro,—tudo com serventia pela rua do *Cambaia*.

Os paços antigos estavam na *Praça Velha* e foram demolidos em 1664 para ampliamento das fortificações do castello novo. Ainda lá se vê o velho pelourinho, que tem hoje base quadrada (a antiga era redonda)—e sobre ella, em uma peanha azul, se levanta um monolitho de pedra azul tambem, formando uma columna quadrada com os angulos desfeitos, encimada por uma roca e uma pyramide, medindo ao todo cerca de oito metros d'altura.

—

A pequena distancia está na *Torre de Homenagem* o relogio do concelho, denominado *Carracena*, por ter sido o primeiro sino d'elle partido pelo marquez de Carracena em 1665 a tiros de canhão. Assim o commemora a legenda que se vê no sino actual, feito em substituição d'aquelle. Diz ella:

Caracena me quebrou, sendo eu de grandêsa tal, que não havia outro que me egualasse em todo o reino de Portugal.

O velho sino era, n'aquella occasião, destinado principalmente para dar o signal de

rebate, quando se approximavam os castelhanos.

Armas da villa

O brasão d'armas d'esta villa é um castello de prata entre duas torres tambem de prata, em campo verde, tendo o castello por cima da porta as quinas—e sobre elle a imagem da padroeira do reino.

O castello e as duas torres alludem á cidadella actual com os seus dois revelins, ou cubos, em dois angulos;—as quinas alludem á sua fundação pelos Braganças—e o campo verde ao viço da localidade.

É este o brasão legal e antigo de Villa Viçosa, como se vê nas *Cidades e Villas* do meu bom amigo e mestre o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa; mas ha muito que esta villa,—não sabemos porque,—usa do brasão seguinte:—tres castellos d'ouro em campo azul—e nada mais!...

Feiras

Ha n'esta villa tres:—uma em janeiro, outra em maio e outra em agosto, principiando todas no dia 29 dos dictos mezes.

A de maio,—a primitiva d'esta villa,—é hoje á *primeira* do Alemtejo em gado, principalmente vaccum e cavallar.

Trocando o duque D. Jaime com a camara a portagem, que era d'elle, pelos direitos das feiras, que eram do concelho, impetrou d'el-rei D. João III a creação de uma feira de *Santo Agostinho* com a duração de oito dias —e mandou fazer á sua custa um abarracamento de alvenaria para os mercadores de fazendas de mais preço.

O dicto abarracamento já foi na sua maior parte destruido e unido o seu chão ao quintal do *Palacio do Bispo*, que demora ao sul do Terreiro do Paço. Deixou de servir em 1850, porque, pretendendo a camara estabelecer o imposto sobre o chão das barracas dos feirantes, não podia cobral o dos mercadores que se acolhiam ao mencionado abarracamento, por ser este propriedade particular, da casa de Bragança.

Como a feira de *Santo Agostinho* não fosse bem frequentada todos os 8 dias, o mesmo duque D. Jaime de novo se dirigiu a el rei para que a dividisse, como dividiu, em duas. Assim se creou a de janeiro, devendo ser de cinco dias, mas dura apenas tres, como as outras,—e todas hoje se fazem nos campos do Carrascal e do Rocio, como já dissemos.

Noticias diversas

Instrucção publica.—Houve n'esta villa até 1863 uma aula publica de grammatica portugueza e lingua latina; hoje ha só duas aulas officiaes d'instrucção primaria—uma para o sexo masculino,—outra (a das *Beatas do Carmo*) para o sexo feminino,—alem de duas ou tres particulares para meninas.

Tambem no momento a camara (honra lhe seja!) tenta crear e já poz a concurso uma aula complementar, vencendo o respectivo professor 250$000 réis por anno.

Bibliothecas. — Antigamente contavam-se n'esta villa tres: — uma do convento dos Agostinhos ou gracianos,—outra no dos capuchos—e outra no *Collegio dos Reis*. Hoje ha só uma,—a municipal, nos paços do concelho, mal accommodada, mal organisada e contando apenas 3:000 volumes. Deve-se aos bons officios de Christovam Avellino Dias, tenente coronel de cavallaria n.º 2, fallecido em 1825 e sepultado no convento dos gracianos.

Theatros.—Até hoje apenas houve um n'esta villa, no *Palacio dos Corregedores*, á *Carreira das Nogueiras*. Intitulava-se *Theatro Callipolense* e foi feito com uma certa regularidade em 1840, mas acabou em 1854, porque a Casa de Bragança reivindicou a posse do dicto palacio.

Houve no convento da Esperança outro, mas simplesmente improvisado, como foi tambem o de S. Paulo, em 1834 a 1835.

Presentemente ha outro, em melhores condições, no convento da *Sancta Cruz*.

Philarmonicas.—Ha duas: a *Callipolense*, organisada em 1850,—e a *Esperança*, fundada em 1870.

Sociedades de Recreio.—Duas tambem: a *Sociedade Artistica*, inaugurada em abril de 1863,—e a *União callipolense*, fundada em 1878.

Cada uma tem sua orchestra.

Fortificações.—Conservam-se tanto o castello antigo, como a cidadella moderna com as suas duas *estrellas*, mas tudo com algumas ruinas e descalabros desde o cerco de 1665.

A cidadella é habitavel e habitada por uma familia—e lá se aquartelou ainda em 1883 o batalhão de caçadores n.º 5, por occasião da visita de Affonso XII, rei de Hespanha.

Minas.—Duas de cobre:—uma registrada e outra abandonada. Em 1854 principiou a explorar-se uma d'ouro, denominada *Mina da Senhora da Conceição*, na quinta do *Sisudo* e na coutada do *Pinhal*, mas não passou de um sonho.

Ha n'este concelho, como em outros muitos do nosso paiz, grandes jazigos de ferro, mas até hoje ainda nenhum se explorou por falta de combustivel.

—

Celleiro commum. — Houve antigamente um n'esta villa, nos baixos da casa da camara, mas deixou de existir em 1664, no tempo da *guerra da restauração*. Fundou-se outro no reinado de D. João V, defronte da casa dos *Lucenas*, no largo de Santo Agostinho; mas era propriedade particular e acabou depois de 1860, sendo então dos *Sousas Menezes* e tendo mudado para a rua de Santa Luzia.

Ambos mutuavam *á vintena*, ou a 5 p. c. —e já nenhum d'elles existe, nem a villa tem hoje algum. V. *Montes de Piedade.*

Telegrapho electrico.—Foi estabelecido em 1860 e é de serviço limitado, excepto quando aqui se acha a familia real.

Medidas antigas.—Das lineares o covado era de $0^m,66$—e a vara de $1^m,095$. Nas de liquidos o alqueire ou cantaro era de $8^l,88$ —e o almude em dobro. Nas de seccos era o alqueire de $14^l,59$—e na mesma proporção as suas fracções.

—

Edificios brasonados.—É para admirar que, sendo esta villa um alfobre de nobresa nos seculos XVI e XVII, hoje n'ella se encontrem, além do Palacio Real, apenas duas casas particulares com brasões:—uma dos *Machados*, hoje unida á das *Galveias*, na Corredoura, junto da rua das Córtes;—outra a dos *Mascarenhas*, fundada (dizem) por Pedro Mascarenhas no meiado do seculo XVI, da qual foi ultimo administrador José Maria Rangel de Quadros Mascarenhas, fallecido em Lisboa, sem successão, em 1883; tendo sido porem aforada, é hoje emphyteuta d'ella Joaquim José Fernandes, negociante e proprietario, que a reedificou no sobredicto anno, com largo dispendio.

São tambem hoje só tres os edificios publicos brasonados:—a egreja de Santo Antonio,—o convento das Chagas—e os paços do concelho.

Abundam porem na villa edificios venerandos pela sua antiguidade, sendo dignos d'especial menção os seguintes:—a casa dos condes do Redondo, junto da *Fonte Pequena*, —a de Gomes Freire d'Andrade, pae de Manuel Freire d'Andrade e avô ou bisavô do general Gomes Freire d'Andrade, justiçado em 1817, situada na Corredoura, em frente da dos Mascarenhas. É hoje dos condes de Camarido.

A dos *Telles de Menezes*, na rua dos Fidalgos, e que é hoje de Ignacio da Silveira Menezes;—um pouco a jusante, na esquina da travessa da Amoreira, lado sul, a casa que foi de Ruy de Sousa Pereira;—a que foi de Pedro de Sousa de Brito, veador da duquesa D. Anna de Velasco, na rua de Santa Luzia, defronte da egreja d'esta invocação. Foi reedificada em tempo de D. João V por Thomé José de Sousa e pertence hoje a Thomé de Sousa Menezes, 8.º administrador dos seus morgados;—a dos *Viegas*, familia de grande representação no ultimo seculo. Ainda se não apagou a fama do seu exquisito jardim sobre o *Carrascal*.

Na Praça Nova—o palacio feito por José Bernardo de Sousa da Camara, sargento-mór nos fins do seculo XVIII. É hoje de Antonio Pereira Nobrega de Sousa da Camara.

Na rua de *Antonio Homem*—o palacio fundado no 1.º quartel d'este seculo pelo tenente general Diogo da Cunha Sotto-Maior, hoje pertencente ao seu primo e herdeiro Mathias de Castro e Silva Sottomaior.

São tambem muito notaveis o *Palacio do Deão*, ou do *Bispo* e o dos *Corregedores*, per-

tencentes á Serenissima Casa de Bragança, avultando entre todos os palacios d'esta villa e d'esta provincia o *Palacio Real.*

—

Hospedarias.—Tem esta villa apenas duas estalagens e tres ou quatro casas que recebem hospedes todo o anno; mas durante as feiras outras muitas casas, nomeadamente as da parte occidental, recebem hospedes e cavalgaduras.

Clima.—É temperado e muito salubre o d'esta villa e d'este concelho; apenas são conhecidas durante o estio as febres intermittentes na parte leste e na *Tapada Real*, provenientes dos miasmas da ribeira de Borba, que na estiagem sécca.

Contribuições. — No ultimo anno economico pagou este concelho as seguintes:

Predial	9:796$490
Industrial	1:380$831
Sumptuaria	194$160
Renda de casas	727$256
Decima de juros	658$772
Imposto do sello	1:040$401
Total	13:797$910

Maiores proprietarios.— Depois da Casa de Bragança, os 3 maiores proprietarios d'esta villa na actualidade são:—Ignacio da Silveira Menezes,—José de Sousa Figueiredo—e João Nepumoceno da Cunha Rivara;—os 6 maiores proprietarios d'este concelho, *n'elle residentes*, são os tres já mencionados—e Antonio Carlos de Mattos Azambuja, José Antonio Cordeiro Vinagre, todos residentes na villa,—e Antonio Pereira Bom, residente em Bencatel;—e os maiores proprietarios d'esta villa e d'este concelho, mas que residem fôra d'elle, são os seguintes:

—Duque de Bragança (Lisboa).

—Antonio João Marques Pinto (Villa Boim).

—Antonio José de Carvalho (Elvas).

—Conde das Galveias (Lisboa).

—Conde de S. Martinho (Lisboa).

—José Antonio Bagulho (Villa Boim).

Grandes herdades.—Hoje as 6 melhores herdades d'este concelho são as seguintes:

1.ª *Tapada Real*, nas freguezias de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Barbara de Borba.

2.ª—*Forte de Ferragudo*, na freguezia de S. Romão.

3.ª—*Carvão*, na freguezia das Ciladas.

4.ª—*Carvalhaes*, na freguezia das Ciladas.

5.ª—*Pomar d'El-Rei*, na freguezia das Ciladas.

6.ª—*Arengosas*, na freguezia das Ciladas.

Sendo esta ultima a menos importante, rende 800$000 réis livres por anno!...

Predios inscriptos na matriz

Freguezia de Nossa Senhora da Conceição	1:950
Freguezia de S. Bartholomeu (casas)	492
» de Bencatel	325
» de Pardaes	255
» de S. Romão	149
» de Ciladas	60
Total	3:231

Rendimento collectavel dos predios da villa e do concelho	73:862$687

Vereadores actuaes:

—Antonio José d'Assa Castello Branco, presidente.

—Agostinho Augusto Cabral, vice-presidente.

—Antonio das Neves Tarana,

—Manuel Diogo da Silveira Menezes,

—Joaquim José Fernandes,

—Joaquim da Silva Tavares e

—José Maria Ramalho Fallé, vereadores.

Mencionaremos tambem dois callipolenses, que foram vereadores muitos annos e prestaram relevantes serviços:

1.º—José de Sousa Figueiredo.

Serviu como presidente cerca de 20 annos consecutivos.

2.º—Thomé de Sousa Menezes, 8.º senhor da nobre casa de Pedro de Sousa de Brito, veador da duquesa de Bragança D. Anna de Velasco.

Foi tambem vereador muitos annos e por vezes presidente.

Ambos ainda vivem e são dois cavalheiros muito considerados.

Estação telegrapho-postal.—A d'esta villa tem duas delegações:—uma em Bencatel, outra no Alandroal,—e o seu movimento no ultimo anno (1885) foi este:

Emissão de vales.....	20:500$000
Rendimento postal.....	65$000
» telegraphico....	105$000
Total.....	20:670$000

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta villa de ter dado o berço a muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas letras e virtudes.

Só a Casa de Bragança encheria volumes; —a *Bibliotheca Lusitana* aponta 50 escriptores, naturaes de Villa Viçosa, e o *Dicciona rio Bibliographico* ainda augmentou aquelle numero. Encontram-se tambem muitos callipolenses illustres d'ambos os sexos no *Jardim de Portugal*, no *Agiologio Lusitano*, na *Monarchia Portugueza*, na *Historia Genealogica da Casa Real*, no *Anno Historico*, nas chronicas dos nossos reis e dos nossos conventos—e no *Parnaso de Villa Viçosa*, de Francisco Moraes Sardinha, escripto em 1618, cujo original se conserva na Bibliotheca Publica de Lisboa; mas a lista mais completa e mais bem organisada é a que se encontra nos cinco volumes das *Memorias de Villa Viçosa*, ainda ineditas, escriptas pelo meu illustrado collega e muito benemerito Cyreneu n'este artigo, o sr. Joaquim José da Rocha Espanca, ao qual devo a finesa de enviar-me um extracto dos *cinco volumes* das suas *Memorias*, que representam vinte annos de aturado estudo sobre a localidade e sobre as melhores fontes da historia da sua patria, pelo que lhe beijo as mãos agradecido. Não posso porém abusar da paciencia dos leitores e dos editores e por isso resumirei quanto possivel este topico, seguindo a ordem alphabetica.

—

Adeodata de S. Nicolau, religiosa do convento de Santa Cruz d'esta villa, onde professou em 1540 e falleceu em 1598.

É uma das flôres do *Jardim de Portugal*.

Affonso de Lucena Almeida e Noronha, filho do infeliz Francisco de Lucena.

Foi commendador da O. Ch., F. C. R. e em 1640 secretario de estado do conselho de Portugal em Madrid, onde falleceu, tendo perdido o *morgado de Peixinhos*, etc., pela desgraça de seu pae e sua!...

Hist. Geneal. tom. 9, pag. 254.

Affonso Nobre, filho de Manuel da Guarda e de Isabel Nobre.

Nasceu em 1615 e, não contando ainda 25 annos, já era licenciado em leis e syndico da camara. Tornou-se illustre o seu nome pela nobre coragem com que preferiu antes morrer *negativo* nos carceres da *Inquisição de Coimbra*, do que prestar-se a confessar que era judeu, sem o ser.

Obras varias do padre A. Vieira, tom. 1.º pag. 64, *mihi*.

D. Affonso de Noronha, 4.º filho de D. Luiz de Noronha, camareiro-mór do duque D. João I.

Em 1608 passou á India como almirante da armada em que ia por capitão-mór o conde da Feira, D. João Pereira, que falleceu na viagem, assumindo o commando em chefe D. Affonso;—e em 1618 partiu de novo para a India como capitão mór d'outra armada.

D. Alexandre de Bragança, filho do duque D. João I.

Foi arcebispo d'Evora e notavel pela sua vida exemplarissima.

Alvaro Fernandes, sacerdote e solitario fallecido em 1400.

Fundou um eremiterio de Nossa Senhora da Piedade em *S. Francisco Velho*.

Alvaro Gonçalves, o *coitado*, de quem já se fallou supra e que tanto se distinguiu na guerra da *independencia*, por morte d'el-rei D. Fernando. Ainda vivia em 1396 e foi o principal heroe na tomada de Badajoz, commandando as forças dos concelhos de Elvas, Olivença e Campo Maior, e coroando gloriosamente os feitos que principiou com desventura.

André Antonio de Castro, lente de vespera na Universidade de Coimbra, physico-mór dos duques de Bragança, fallecido em 1642, e auctor de varias obras de Medicina.

Andre de Mello e Castro, filho do 1.º conde das Galveias.

Nasceu em 1668 e foi deão da *capella real.* Depois deixou a vida ecclesiastica em 1711 e passou a Roma, como embaixador de D. João V;—em 1721 teve o titulo de conde das Galveias;—foi vice-rei do Brazil, e falleceu em 1753.

Anna de S. Bernardo, religiosa do convento das Chagas, fallecida em 1699.

Foi uma senhora virtuosissima.

Antonia de Jesus, religiosa do convento da Esperança, fallecida em 1605.

A instancias do duque D. Theodosio II, foi reformar o convento de Santa Clara de Bragança.

—

Antonio d'Athayde Pinto.

Depois de militar na India com o vice-rei D. Antonio d'Athayde, seu parente, foi general do estreito de Ormuz e capitão-mór de Malaca.

Fr. Antonio da Boa Morte, frade *grillo.*

Professou no convento d'Estremoz, no dia 19 de setembro de 1785, e foi Padre Mestre na sua congregação.

Antonio do Couto, F. C. R. e C. O. Ch.,—litterato e marinheiro, pae do antiquario Luiz do Couto Felix.

Bibl. Lusit.

Antonio Galvão d'Andrade, estribeiro-mór de D. João IV e de seus dois filhos D. Affonso e D. Pedro.

Foi inimitavel na arte da cavallaria, sobre que escreveu um tractado com gravuras.

Bibl. Lusit.

Antonio Mouro, capitão e defensor da fortalesa de Cananor em tempo d'el-rei D. Sebastião.

Foi sogro de Pedro de Sousa de Brito, mencionado supra.

Antonio d'Oliveira Cadornega.

Serviu em Angola nos postos de alferes e capitão, desde 1639;—escreveu varias obras ainda ineditas, nomeadamente uma *Descripção de Villa Viçosa*, da qual existe uma copia na *Bibliotheca d'Evora*,—e falleceu em Loanda em 1690.

Bibl. Lusit

Fr. Antonio de Santa Gertrudes Piteira, frade *grillo*, ou agostinho descalço, filho de Francisco José Piteira.

Depois de 1834, viveu em Portalegre, sendo muito considerado pela sua illustração e virtudes, pois teve os honrosos cargos de vigario geral e seu administrador apostolico.

Falleceu em 1857, já decrepito, pois, segundo se lê no *Catalogo dos frades grillos*, que foi do convento da *Mão Pedrosa*, ou da *Formiga*, onde hoje se acha montado um bello collegio de jesuitas, o mencionado Fr. Antonio de Santa Gertrudes professou no seu convento d'Evora no dia 24 de dezembro de 1796!

N'aquelle mez professaram na dicta ordem 31 religiosos, sendo elle o penultimo, n.º 1:751 na lista das profissões d'aquelle instituto, no qual, depois d'elle, até á extincção das ordens religiosas do nosso paiz professaram mais 207 religiosos;—total—1:958 em 169 annos que durou no nosso paiz a congregação dos *Agostinhos descalços*, pois foi instituida em 1665 na quinta do Grillo, em Lisboa, da qual os religiosos tomaram a alcunha de *grillos.*

Depois fundaram na mencionada quinta o convento de *Monte Olivete*, que foi a cabeça da congregação, e, quando foram extinctos em 1834, já tinham mais 16 no nosso paiz e 1 na Bahia;—total 18 conventos.[1]

Desculpem-nos a digressão.

—

Antonio Vieira, musico insigne e auctor de varias obras. Falleceu no Crato, sendo mestre e regente do coreto da Sé do Grão Prior, no seculo XVII.

Barnabé Caldeira, um dos tres soldados que libertaram em 1641 o conde de Castello Melhor, preso em Carthagena das Indias pelos hespanhoes.

Belchior do Rego d'Andrade, auctor de varias obras, prior de S. Thiago de Lisboa, confessor das rainhas D. Luiza e suas noras, desembargador do paço etc.

---

[1] Estas e outras noticias não menos curiosas se encontravam no dicto *Catalogo* ms., que andava *errante* e por isso tiramos d'elle em 1880 uma copia que possuimos e pômos á disposição do publico.

Ali se mencionam os nomes de todos os frades *grillos*, as terras das suas naturalidades, as datas das suas profissões, etc.

Escreveu umas *Antiguidades de Villa Viçosa*, que não deu á estampa, e falleceu em 1690.

Braz d'Almeida, doutor em leis pela Universidade de Coimbra, ouvidor geral e provedor-môr dos finados no Brazil, desembargador da relação do Porto e da de Lisboa.

D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV e rainha da Gran-Bretanha pelo seu casamento com Carlos II.

Depois de viuva, passou a Portugal;—foi regente em 1704—e falleceu em 1705 no palacio da Bemposta, onde fundou uma insigne collegiada.

V. *Pinhel*, vol. 7.º pag. 71, col. 2.ª e seg.

Catharina do Salvador, filha do couteiro mór Antonio Rodrigues, freira no convento da Esperança, onde prematuramente falleceu em 1621.

Era muito virtuosa e muito illustrada, e deixou composições em prosa e verso.

Catharina dos Seraphins, freira nas Chagas, onde foi vigaria do côro, mestra de cantochão e abbadessa em 1700. Era muito caritativa.

Christovam de Brito Pereira, o defensor do castello de Villa Viçosa em 1665. Nasceu em 1621, e foi mestre de campo d'auxiliares; passou depois para a 1.ª linha—e falleceu pelos annos de 1690, sendo governador da torre de Belem.

Christovam de Brito Pereira, primo do antecedente e irmão do Beato João de Brito.

Morreu gloriosamente na batalha do Ameixial, sendo capitão de Couraças.

Fr. Clemente da Conceição, frade *grillo*.

Professou no convento d'Estremoz, no dia 28 de maio de 1739, e foi Padre Mestre e vigario geral da sua congregação, que ao todo contou 24 religiosos, naturaes d'esta villa. O 1.º, Fr. André da Natividade, professou no convento do Monte Olivete, cabeça da ordem, no dia 17 de novembro de 1669,—e o ultimo, Fr. Victorino de Santa Maria, professou no convento de Monsaraz, no dia 6 d'agosto de 1797.

Clemente Rodrigues Montanha, bacharel em theologia e mestre em artes, freire de S. Thiago, prior de S. Julião de Setubal, juiz da ordem, etc.

Era distincto orador sacro, mas apenas se imprimiu o sermão que pregou nas exequias de D. Pedro II.

D. Constantino de Bragança, filho do 2.º matrimonio do duque D. Jaime.

Foi 7.º vice-rei da India e camareiro-mór de D. João III.

Cosme Lopes Netto, doutor e lente de medicina em Coimbra.

Foi chamado por D. João III para o tractar em uma grave doença, pelo que lhe fez varias mercês e o nomeou medico do *Hospital Real da Côrte*.

Diogo da Cunha Sottomaior, filho natural d'outro do mesmo nome.

Militou na guerra da peninsula, saindo com o posto de tenente coronel; mas em 1834 já era tenente general, F. C. R. etc.

Possuia boa fortuna, pelo que militou de graça, offerecendo os seus soldos em beneficio das urgencias do estado. Foi procurador da sua terra ás côrtes de 1828, sendo eleito por unanimidade; falleceu em 30 de junho de 1840; jaz no cemiterio da matriz —e casou com D. Joanna Isabel de Sande Almeida Castro e Bourbon, a qual falleceu em Lisboa, sem descendencia, no anno de 1885.

Tinha particular aptidão para adextrar cavallos, pelo que possuia muitos, magnificos e bem ensinados.

Diogo Maio, monstro de valentia, da qual deu exhuberantes provas na India, onde militou no tempo da ominosa occupação filippina.

—

D. Diogo de Sousa, 8.º arcebispo d'Evora e 2.º do nome.

Foi um prelado zeloso e tanto que visitou pessoalmente a sua diocese.

Nasceu em 1601 e falleceu em 1678.

Fr. Diogo de Villa Viçosa, capucho de muita prudencia, illustração e virtude. D. João III o mandou primeiramente á India e depois á Africa por seu commissario em negocios importantes. Falleceu em 1567.

Domingos Fernandes (o beato).

Foi um dos 39 companheiros do beato Ignacio d'Azevedo, martyrisados a 15 de julho de 1570.

Fr. Duarte Alvares, graciano, douctor pelas universidades de Salamanca e Paris, confessor da rainha D. Catharina e excellente orador sagrado. Pregou em Angers na quaresma e foi embaixador da rainha de França D. Leonor, a seu irmão o imperador Carlos V, em 1550.

Falleceu em Lisboa no anno de 1574.

Bibl. Luzit.

D. Duarte de Bragança, irmão d'el-rei D. João IV.

Militou na Allemanha com a maior distincção; fez a campanha contra os suecos, como general do imperador Fernando III, que em 1641 lhe pagou os seus relevantes serviços com a mais vil ingratidão, entregando-o—sem crime algum—aos hespanhoes para acabar preso e amargurado no castello de Milão em 1648, contando apenas 42 annos de edade.

Fr. Duarte da Conceição, da 3.ª ordem de S. Francisco da Penitencia, vulgo *borras*. Foi lente do collegio de S. Pedro em Coimbra, reitor do mesmo e d'outros, provincial da sua ordem, etc. Falleceu em 1662.

Estevam Mendes da Silveira, nascido em 1625.

Militou na guerra da restauração desde 1646, como simples soldado d'ordenanças e depois como capitão de cavallos desde 1651 até 1662, data em que levantou á sua custa uma companhia de cavallos arcabuzeiros, servindo com ella até á paz geral de 1668. Foi procurador de Villa Viçosa ás côrtes d'aquelle mesmo anno—e em 1676 foi nomeado mestre de campo do terço d'auxiliares da comarca. D. Pedro II, sendo principe regente, lhe deu o habito de Christo e o fôro de fidalgo cavalleiro,—e falleceu em Villa Viçosa a 27 de dezembro de 1684, deixando descendencia, que ainda hoje se conserva.

Estevam da Silveira Menezes, filho d'outro do mesmo nome e 4.º neto do antecedente.

Nasceu em 1801 e falleceu em 1881; assentou praça de cadete em cavallaria n.º 2 e com este posto assistiu ao recontro d'Alegrete em 10 de dezembro de 1826, servindo na divisão do general Magessi. Ali se defendeu galhardamente de sete cavalleiros, esgrimindo como um athleta, o que sendo observado pelo conde da Taipa, este correu a impedir-lhe a morte, ficando apenas prisioneiro e com algumas feridas, porque lhe mataram o cavallo, aliás nem prisioneiro ficaria.

Esta façanha lhe adquiriu justo renome—e em 1861 o dicto conde o chamou ao paço de Villa Viçosa e o apresentou ao chorado rei D. Pedro V, que muito desejava conhecel-o, por lhe haver narrado o dicto conde varias vezes aquella façanha.

Em 1834 era já capitão. Casou mas não deixou descendencia.

Fernando Pereira de Brito, irmão do Beato João de Brito.

Nasceu em 1640 e escreveu a *Historia do nascimento* etc., do dito seu irmão. *Diccion. Bibliogr.*

Fernão Rodrigues de Moraes, capitão de comarca no Alemtejo.

Deu tres combates contra Elvas e seu alcaide-mór Fernão Pereira, que se declarára por Castella em 1383, mas pereceu no 3.º

Foi um dos mais valentes cavalleiros do seu tempo.

Fr. Fernando de Santa Maria, dominicano, bacharel em theologia, superior de uma missão na India, prior do convento de Góa, vigario geral da sua ordem, escriptor, etc.

Falleceu em Gôa no anno de 1586.

Fr. Francisco de Christo, lente da Universidade de Coimbra e auctor do systema das apostillas.

Falleceu em 1587.

Fr. Francisco da Cruz, graciano, 3.º bispo de Cabo Verde.

Falleceu em 1571, tendo pastoreado 24 annos aquella diocese.

Francisco Franco, medico pela Universidade d'Alcalá, physico d'el-rei D. João III, lente na Universidade de Sevilha e escriptor. *Bibl. Lusit.*

—

Francisco de Lucena, filho de Affonso de Lucena e 1.º administrador do morgado de *Peixinhos*.

Foi 36 annos secretario d'estado do conselho de Portugal em Madrid e 1.º ministro de D. João IV, para acabar victima da inveja do seu grande prestigio, em 28 d'abril de 1643.

D. Francisco de Mello, embaixador de D. João IV na Inglaterra, negociador do casamento da infanta D. Catharina e de D. Affonso VI, conde da Ponte, marquez de Sande, etc. Falleceu em 1667.

Francisco de Moraes Sardinha, auctor do *Parnaso de Villa Viçosa*, escripto em 1618 e dedicado ao duque D. Theodosio II, como já dissemos supra.

Nasceu em 1559 e ainda vivia em 1622. *Bibl. Lusit.*

Francisco de Sousa Coutinho, aposentador-mór do duque D. João II e seu agente na côrte de Madrid, embaixador á Suecia e Dinamarca em 1641, etc.

Francisco da Veiga, jesuita, lente na Universidade d'Evora.

Falleceu em 1643.

Gomes Freire d'Andrade, capitão general do Rio de Janeiro e Minas Geraes no tempo de D. João V.

Foi o 1.º conde de Bobadella.

Gonçallo Alvares, jesuita, visitador da India em 1568 e introductor dos primeiros estudos no seminario de Macau.

Falleceu no anno de 1573 em viagem para o Japão.

Gonçallo Vaz Pinto, 1.º do nome, *adiantado* na provincia d'Entre Douro e Minho, fidalgo do duque D. Fernando II. Assistiu á batalha de Touro, á conquista d'Azamor, etc.

Teve o seu solar no chão onde se fundou o convento da Esperança.

Helena do Paraiso, freira no convento de Santa Cruz.

É uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Henrique Cesar d'Araujo Pousão.

No jornal de Lisboa, *O Occidente*, n.º 193, está o retrato e biographia d'este mallogrado môço, alumno distincto da Academia das Bellas Artes do Porto. Depois de ter viajado em França e na Italia, pensionado pelo governo, falleceu na sua patria em 1883 com 25 annos de edade. Os seus quadros premiados acham-se na Academia do Porto, onde estudou a *pintura.*

Henrique Henriques, jesuita, *o apostolo do Camorim*, fundador do seminario de Punicale, auctor de uma grammatica e de um vocabulario malabares, etc.

Falleceu em Punicale no anno de 1600.

Ignez dos Anjos, freira de Santa Cruz. Professou em 1543 e falleceu no dia da batalha d'Alcacer-quivir.

É outra das muitas flores do *Jardim de Portugal.*

Isabel Cheirinha, fundadora de um recolhimento que foi nucleo do convento da Esperança.

Falleceu em 1532.

Isabel de Santo André, religiosa de Santa Cruz, onde professou em 1549.

É outra flor do *Jardim de Portugal.*

Jeronymo Franco, valente militar.

Serviu muitos annos em Flandres ás ordens do duque d'Alba;—assistiu á batalha de Lepanto em 1571—e á de Alcacer-quivir em 1578, ficando ferido e prisioneiro.

D. Jeronymo Manuel de Mello, irmão de D. Francisco de Mello, supra mencionado.

Militou com distincção na India, onde foi general de Ceilão e das armadas e alcançou muitas victorias contra os persas e arabios.

Jeronymo Rogado do Carvalhal.

Serviu na guerra da restauração em differentes postos; assistiu ás batalhas do Ameixial e Montes Claros; era coronel d'infanteria em 1709—e em 1711 governava o castello de Villa Viçosa, quando foi ameaçado pelo marquez de Bai.

Joanna do Espirito Santo, freira na Esperança, depois de ter sido aia da marqueza d'Elche, D. Joanna de Bragança.

Falleceu em 1622, tendo 90 annos—e é tambem uma das flores do *Jardim de Portugal.*

—

D. João d'Eça, alcaide-mór d'esta villa e morador no terreiro que do seu nome tomou e ainda hoje conserva o de *Terreiro de D. João.*

Assistiu á conquista d'Azamor, etc., e deixou muitos filhos que tambem militaram gloriosamente na India, entre elles um do mesmo nome, vencedor do *Cutiale* em 1529.

Fr. João Fogaça, paulista, auctor de diversas composições de musica luctuosa.

João Ignacio d'Almeida Valejo de Mariz, dos Valejos, fidalgo da Casa de Bragança.

Foi elle quem descobriu o embuste da

Beata d'Evora em 1792, estando a commandar a guarda na casa da fingida morta. Era homem valoroso, intelligente e sagaz.

João Lopes Netto, lente de medicina em Coimbra, no principio do seculo XVIII.

D. João de Mello, bispo de Silves em 1549 e depois arcebispo d'Evora, fallecido em 1574.

Foi um dos prelados portuguezes que assistiram ao concilio de Trento.

Dr. João Sanches de Baêna, de quem já se fallou n'este artigo.

Nasceu em *Villa Viçosa* no anno de 1582 —e não em Lisboa, como se lê no *Diccionario Popular*;—cursou alguns annos a Universidade de Coimbra, da qual passou para a de Salamanca, onde no anno de 1600 recebeu o grau de bacharel;—voltou para a de Coimbra e ali, em 19 de junho de 1602, recebeu o grau de bacharel em canones,—o de licenciado em 2 de junho de 1605,—e o de doutor da mesma faculdade em 8 do dicto mez e anno.

Foi lente de canones do collegio *Real de S. Paulo* na Universidade de Coimbra desde 1606 até 1613;—depois, deixando o magisterio, passou para a magistratura e foi nomeado desembargador da Relação do Porto em 1614,—juiz dos aggravos da mesma Relação em 1617,—juiz da casa da Supplicação em 18 de fevereiro de 1621,—promotor das justiças em 3 de dezembro do mesmo anno,—desembargador aggravista em 1623, —conselheiro da fazenda em 1632,—procurador da corôa, juiz das justificações do reino e a final desembargador do Paço em 1637.

Foi um dos calipolenses mais illustrados e benemeritos—e pela sua dedicação á casa de Bragança—e pela sua intimidade com o duque D. João II, depois rei D. João IV, contribuiu poderosamente, como já dissemos, para a feliz restauração de 1640.

—

João de Tovar Caminha, alcaide-mór de Villa Viçosa, embaixador do duque D. Theodosio a Roma, capitão-mór da India, etc.

Fr. Joaquim d'Azevedo, graciano, dr. em theologia pela Universidade de Coimbra, lente na mesma e escriptor publico, fallecido em 1808. *Diccion. Bibliogr.*

Jorge Cordeiro, espingardeiro notavel.

Floresceu pelos annos de 1640. V. *Nação* de 20 de março de 1879.

Fr. José da Consolação, frade grillo.

Professou no dia 27 de maio de 1737 no convento d'Extremoz e foi na sua congregação vigario geral *ad honorem*, por graça apostolica.

Fr. José Marques de Santa Rita e Silva, paulista.

Nasceu em 1782;—falleceu em 1837—e foi o melhor organista, pianista e compositor do seu tempo.

Diario Illustrado n.º 1:446.

Fr. José de S. Boaventura Piteira, frade *grillo*, irmão de Fr. Antonio de Santa Gertrudes, mencionado supra.

Foi professor de theologia dogmatica e historia ecclesiastica no Seminario de Portalegre, muito elogiado pelo seu discipulo padre Luiz B. C. Pacheco nas *Leituras Populares*, vol. 10.º do 2.º decen. pag. 307.

Professou no convento d'Estremoz, no dia 17 de julho de 1785, e foi na sua ordem *Padre Mestre Lente*.

No mesmo anno, no mesmo convento e apenas dois dias depois, professou Fr. Luiz de Santa Monica, tambem natural de Villa Viçosa. [1]

Leonor da Cruz, freira—e a 1.ª professa, no convento de Santa Cruz, onde foi prioresa 35 annos.

Falleceu em 1583 e é uma das flores do *Jardim de Portugal*.

Leonor de Deus, prioresa do mesmo convento.

Professou em 11 de março de 1679;—falleceu em 1716—e foi tão observante que diariamente renovava os votos da profissão. Era filha de Alvaro de Miranda Henriques.

Leonor do Espirito Santo, freira e duas vezes prelada do mesmo convento no seculo XVI.

---

[1] E tambem no mesmo anno (a 16 d'agosto) professou no convento do *Monte Olivete*, cabeça da mesma congregação, em Lisboa, Fr. Jorge da Conceição Ferreira, irmão do meu avô materno.

Foi sub-prior no convento da Formiga, mencionado supra.

É uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Lopo Garcia d'Arca, famoso cavalleiro no tempo do santo condestavel.

Em um recontro com os castelhanos, não querendo largar a bandeira que tinha nas mãos, soffreu que lh'as cortassem, acabando assim a vida heroicamente.

Luiz d'Abreu de Mello, copeiro-mór, veador d'el-rei D. João IV, escriptor e poeta, segundo se lê na *Bibl. Lusitana.*

Luiz de Miranda Henriques, filho de Henrique Henriques de Miranda.

Foi moço fidalgo do duque D. Theodosio II, governador da ilha da Madeira e estribeiro-mór de D. João IV no acto da sua coroação.

Falleceu em 1658.

—

Manuel Antunes, valido de D. Affonso VI, que o fez cavalleiro de S. Thiago.

Administrava os dinheiros particulares do infeliz monarcha e tão devotado se mostrou para com elle durante a vergonhosa revolução pretoriana de 1667 que, para não ser assassinado, teve de fugir para a Hespanha.

Fr. Manuel Calado, paulista, mestre em artes, missionario no Brazil e auctor do *Valeroso Lucideno,* onde se encontra uma descripção de Villa Viçosa, a pag. 95 e seg.

Floresceu na 1.ª metade do seculo XVII.

Manuel de Castro, doutor em medicina e lente em Coimbra no seculo XVII.

Fr. Manuel da Conceição, graciano, auctor da reforma dos *Agostinhos descalços,* ou grillos, seu vigario geral e escriptor, fallecido em 1686, segundo se lê na *Bibl. Lusit.*; mas a copia que tirei do *Catalogo dos frades grillos* diz que professou no seu antigo convento augustiniano da Graça, em Lisboa, no dia 4 de janeiro de 1651—e que falleceu no convento do *Grillo,* ou do Monte Olivete, no dia 25 de fevereiro de 1682 [1].

Manuel Lopes d'Oliveira, distincto jurisconsulto nos principios do seculo XVII. Foi advogado na casa da supplicação, escriptor e poeta, segundo se lê na *Bibl. Lusit.*

Mannel da Veiga, jesuita e escriptor, fallecido em 1647.

Bibl. Lusit.

Maria das Chagas, filha do 2.º matrimonio do duque D. Jaime.

Foi freira no convento das Chagas e reformadora do da Esperança, de Villa Viçosa, do de *Ara Coeli* em Alcacer, e do de Santa Clara, em Coimbra,—e inaugurou em 1542 o das *Servas* de Borba.

Falleceu a 6 de julho de 1586 e é uma das flores do *Jardim de Portugal.*

Maria da Conceição, freira no convento da Esperança, filha de Fernão Rodrigues de Brito Pereirà, morto na batalha d'Alcacer-quivir.

Foi uma senhora virtuosissima e falleceu em 1589, contando apenas 18 annos de edade.

Maria da Cruz, outra flor do *Jardim de Portugal.*

Professou no convento de Santa Cruz em 1534 e falleceu em 1590.

Maria da Cruz, freira no convento da Esperança, do qual foi a 1.ª abbadessa clarissa em 1553.

Martim Affonso de Sousa, capitão-mór da armada que foi explorar o rio da Prata e descobriu a bahia do Rio de Janeiro, á qual deu este nome por chegar ali no dia 1 de janeiro de 1532.

Tambem conquistou Damão, foi governador da India, etc., e é um dos mais illustrados filhos de Villa Viçosa.

Mecia Pimenta, outra flor do *Jardim de Portugal.*

Morreu em Aleppo, na Siria, durante uma peregrinação aos *logares santos,* no seculo XVI.

—

Nuno Fernandes de Moraes, contemporaneo do condestavel D. Nuno, sob cujas ordens batalhou em Arronches e Aljubarrota, onde, no fim da acção, foi armado cavalleiro pelo proprio rei D. João I.

Fr. Paulino de Villa Viçosa, capucho de costumes austeros, missionario na India e commissario geral da sua religião.

---

[1] A *descalcez augustiniana* já havia sido tentada e iniciada em Portugal por differentes vezes, mas só a tornou viavel Fr. Manuel da Conceição, confessor e principal ministro da rainha D. Luisa, viuva de D. João IV, a qual tanto se affeiçoou á dicta reforma que não só a protegeu efficazmente, mas n'ella tomou o habito e n'ella falleceu.

Falleceu em 1592.

Pedro Alvares Sanches, distincto jurisconsulto, juiz de fóra em Pinhel, desembargador dos aggravos e vereador em Lisboa.

Floresceu entre os seculos XVI e XVII.

Pedro Lopes de Sousa, navegador, irmão de Martim Affonso de Sousa e seu camarada.

Foi capitão-mór de seis naus enviadas á India em 1539 e é auctor do roteiro publicado por Varnhagen em 1839.

Pedro de Mello de Castro, avô do 1.º conde das Galveias.

Assistiu em 1578 á batalha d'Alcacer-quivir onde ficou prisioneiro, sendo ainda moço,—e mais tarde foi á India por capitão de uma armada. Ainda vivia em 1633 ao serviço da Casa de Bragança.

Publia Hortencia de Castro, filha de Thomé de Castro.

Estudou humanidades e philosophia em Coimbra, na companhia de seu irmão Jeronymo de Castro;—defendeu conclusões publicas em Evora, ás quaes assistiu André de Rezende;—foi escriptora e falleceu em Evora no anno de 1595.

Pela sua vasta illustração foi-lhe dado o nome de Publia Hortencia, mas o seu nome de baptismo era outro, ignorando-se qual fosse.

Ruy Vaz Pinto, camareiro-mór de D. Jaime, do conselho de D. João III, etc.

Assistiu á expedição d'Azamor.

Salvador de Brito Pereira, pae do beato João de Brito.

Seguindo para Lisboa com el-rei D. João IV, este lhe deu em 1649 a capitania do Rio de Janeiro, onde falleceu em 1651.

Sebastião de Santa Maria, loio, superior da missão enviada ao Congo em 1521.

Simão Antunes, valente militar.

Assistiu á batalha de Lepanto em 1571; —militou em Flandres ao serviço de Castella—e chegou ao posto de mestre de campo.

D. Theodosio, primeiro principe do Brazil, filho d'el-rei D. João IV, que lhe chamava o seu Salomão, por ser muito illustrado e muito discreto.

Falleceu em 1653, contando apenas 19 annos de edade.

D. Thomaz Giraldino, filho d'outro do mesmo nome.

Succumbiu gloriosamente no assalto do forte de S. Christovam de Badajoz, em 1658, sendo capitão de infanteria.

Thomé Alvares Velho, dr. em theologia pela Universidade d'Evora, reitor da mesma, conego da Sé e provisor do arcebispado em 1665.

Thomé de Sousa Coutinho, veador de D. João IV, antes e depois de ser acclamado rei.

Na visita de D. João á duquesa de Mantua em 1639, vendo que um fidalgo castelhano, para o desconsiderar, lhe poz uma cadeira fóra do docel da duquesa, elle bruscamente empurrou a cadeira para debaixo do mesmo docel.

Falleceu em 1650 e d'elle procedem os modernos condes do Redondo.

—

Estes pertencem aos que já foram. É tambem crescido o numero dos contemporaneos benemeritos, filhos de Villa Viçosa, mas, como este artigo vae já muito longo, mencionaremos apenas os seguintes:—dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, juiz de direito em Faro, escriptor e poeta;—o pharmaceutico da armada Joaquim Urbano da Veiga, auctor d'um formulario, e presidente da commissão de pharmacia em Lisboa;—os generaes reformados Joaquim Maria da Rosa e Sousa, Francisco Antonio dos Santos e D. João Xavier da Silva Lobo;—D. Policarpo Matheus da Silva Lobo, irmão do antecedente e coronel de cavallaria, empregado no estado maior;—Marianno José da Silva Presado, que tem o curso da escola do exercito e é hoje capitão de cavallaria, professor do collegio militar, redactor do *Commercio Portuguez* e secretario particular do ministro da Fazenda, Marianno de Carvalho,—e outros muitos officiaes do nosso exercito,—cerca de *quarenta*—desde o posto de alferes até ao de coronel.

—

Fecharemos este artigo rendendo preito ao nosso illustrado collega e Cyreneu, o sr. padre Joaquim José da Rocha Espanca, filho de Villa Viçosa e filho muito benemerito,

pois *ninguem até hoje* estudou mais profundamente a historia e antiguidades da sua terra natal.

Nasceu s. ex.ª na freguezia de S. Bartholomeu d'esta villa a 17 de maio de 1839 e é filho legitimo de Joaquim José Lourenço da Rocha Espanca e de D. Maria das Dores da Purificação Pereira.

Depois de estudar instrucção primaria, latim, cantochão, musica, piano e orgão n'esta villa, passou em 1856 para o seminario archiepiscopal d'Evora, onde completou os seus preparatorios e fez o curso triennal de theologia com distincção.

Recebeu a ordem de presbytero a 19 de setembro de 1863 e, depois de ter sido capellão da irmandade das Almas em Bencatel durante 14 annos, collou-se na freguezia de Pardaes, tomando posse a 25 de dezembro de 1877,—e desde 1858 reside em Bencatel com o rev. Antonio Joaquim da Rocha Espanca, seu irmão, tambem presbytero de muito merecimento e prior da dicta aldeia.

—

Tem-se dedicado muito ás lettras e á musica, principalmente sacra, na qual tem composto muitas obras, que infelizmente ainda não foram dadas á estampa.

Em 1864 principiou a collaborar no jornal religioso *A Fé Catholica*, onde, a partir do n.º 61, publicou varios artigos, firmados com o seu nome. Depois escreveu e publicou nas *Leituras Populares* o romancesinho *Heroismo d'amor filial* e noticias historicas das egrejas de N. Senhora do Alcance e N. Senhora das Mercês, de Bencatel,—e collaborou nos almanachs do *Bom Catholico* e da *Immaculada Conceição*, etc.

Em 1882 publicou na *Ordem*, jornal religioso de Ceimbra, um extenso protesto contra o centenario do marquez de Pombal.

Communicou á Sociedade de Geographia de Lisboa uma interessante *Memoria* sobre o *Deus Endovellico dos Celtas do Alemtejo*, a qual se encontra na 3.ª série do boletim da mesma sociedade, n.ºs 4 e 5 do anno de 1882; mas de todos os seus trabalhos litterarios os mais importantes estão infelizmente ainda ineditos e são as *Memorias de Villa Viçosa*, em 5 volumes e os seus *Sermões* em 3,—todos nitidamente escriptos e promptos para a impressão.

Fazemos votos porque vejam a luz da publicidade, pois só as dictas *Memorias* representam mais de vinte annos de aturado estudo e d'ellas, *por uma finesa especial*, foi extrahido este artigo, como já dissemos.

Receba pois s. ex.ª os protestos da nossa mais profunda gratidão.

VILLAÇA, — freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Orago—Santa Cecilia. Fogos 62,—habitantes 278.

Abbadia.

Em 1706 era do termo da villa e do concelho de Espozende, comarca de Barcellos —e apresentada por Fernão de Sousa, senhor de Gouveia do Tamega.

Contava 50 fogos.

Freguezias limitrophes:—Tadim, Fradellos, Avelleda e S. Julião de Paços.

Demora na pendente do outeiro da *Quebrada*, em sitio alegre, vistoso, ameno e fertil, e comprehende as aldeias seguintes:—Frade, Aldonsa, Quebrada, Outeiro, Gallos, Geraz, Louredo d'Alem, Louredo do Meio, Estrada, Cruzeiro, Vinha, Saldouro e Assento.

É atravessada pela nova estrada municipal a macadam, da Misericordia a Ruilhe, —e na sua extremidade passa o caminho de ferro do Minho (ramal de Nine a Braga). A séde d'esta parochia dista 1 kilometro da estação de Tadim,—7 de Braga para S. O.,—49 do Porto—e 386 de Lisboa.

—

Ha n'esta parochia uma grande quinta, que foi dos Condes do Redondo. N'ella viveu e falleceu em 1584 uma santa senhora, D. Isabel de Castro, irmã de D. Ignez de Castro e tia de D. Pedro e D. João, D. Antonia e D. Maria de Castro, seus herdeiros, dos quaes foi tutora.

É notavel e curiosissimo o testamento com que a dicta senhora falleceu, escripto por ella mesma em 1548.

D'elle se conserva uma copia no archivo parochial, tirada no seculo XVII. Não a da-

mos na sua integra, por ser muito extensa e ter muitas repetições.

N'elle fundou na sua capella de Santa Cecilia (que é hoje a capella-mór da egreja parochial) um legado perpetuo de tres missas semanaes por sua alma e de seus parentes, deixando para isso rendas sufficientes, garantidas em foros, pertenças da mesma quinta,—legado que ainda hoje (1886) é cumprido pelos abbades, como determina a piedosa testadora, que jaz na sua capella, hoje capella-mór da egreja matriz.

A egreja é de pequenas dimensões,—bastante antiga—e bem conservada. Tem apenas tres altares, todos de talha dourada:—o da capella-mór, ou de Santa Cecilia,—e dous lateraes:—um de Nossa Senhora do Rosario,—outro de Nossa Senhora das Dôres.

—

Entre outras disposições se encontram no mencionado testamento as seguintes:

«A Lionor (sua escrava?!...) deixo-a forra, e deixo-lhe o Larim, e o campo que tenho no Casal e a casa do forno, em sua vida, e por sua morte a D. João e suas irmãs; a Cosme (outro escravo, ou criado) deixo-lhe vinte medidas de pão que tenho em Louredo, em sua vida; á Isabel deem-lhe uma saia de Londres, e mantilhinha, e sayinho de vinteno, e paguem-lhe sua soldada bem paga, porque me serviu bem e é pobre; ao Antonio, que me guarda os bois, vistamno de panno de Castella e deem-lhe a soldada que merecer...

«Deixo a D. João, meu sobrinho, e a suas irmans D. Maria e D. Antonia, o que tenho em Sul e Roriz e Bem Viver, e nas devesas d'esta quinta, e bouças e giestal... e isto lhes deixo por descargo da minha consciencia e em paga d'algumas cousas, se as gastei comigo, ou com outrem, ou grangeei mal suas fazendas. Peço-lhes que me perdoem, porque mais lhes deixo do que lhes poderia dever.

«Torno a dizer:—cada vez que se emprasar um casal lhe ergam uma gallinha sómente, e quando chegarem a cinco gallinhas cada casal, não lhe ergam mais que um ceitil. Dona Joanna de Castro.»

Do exposto se vê que era uma excellente senhora.

—

A grande *quinta de Villaça*, que foi dos condes de Redondo, tem um bom palacete, modernamente restaurado, e ainda conserva o brasão dos nobres condes sobre o portão de um muro, lado norte; mas ha muito que esta rica propriedade passou a estranhos.

Approximadamente em 1870 comprou-a um capitalista brazileiro do concelho de Villa Nova de Famalicão por trinta contos de réis, valendo mais de quarenta;—addiccionou-lhe depois outros predios no valor de seis contos;—por morte d'elle passou para a sua filha unica e universal herdeira, D. Maria Isabel da Costa Macedo,—a *menina dos trezentos contos*;—e, sendo esta ainda muito nova, casou com o sr. Nuno Placido Castello Branco, filho do sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho e principe dos nossos escriptores contemporaneos [1].

Fallecendo a dicta senhora poucos annos depois de casada, deixou no berço uma filha, que apenas viveu mezes, pelo que toda a fortuna da *menina dos tresentos contos* passou para o marido, que logo vendeu a mencionada quinta por uma bagatella!...

—

Os templos d'esta parochia reduzem-se á egreja matriz e a uma capella particular, com porta franca ao publico, pertencente ás casas do rev. Estevam Cardoso, da freguezia de *Avellêda*.

As casas pertencem á freguezia de *Avellêda*, mas a capella pertence á de *Villaça*, porque as dictas casas estão precisamente na linha divisoria das duas freguezias.

Nas dictas casas nasceu, viveu e morreu o bem conhecido *Fr. João da Avelleda*, egresso do seminario apostolico da Falperra, junto de Braga. [2].

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X pag. 981, col. 2.ª e segg.

[2] Ainda hoje (1886) vive em Traz os Montes Fr. José da Santissima Trindade, que tambem foi professo no mesmo seminario da Falperra.

É venerado como um santo.

V. *Villa Flor de Traz os Montes*, vol. 1.º, pag. 736.

Era irmão do actual possuidor das dictas casas o rev. Estevam Cardoso;—mesmo depois de extinctas as ordens religiosas, nunca deixou o seu habito;—resou sempre as horas canonicas em côro com o irmão na sua capella,—e na mesa e em tudo manteve sempre os seus votos.

Era uma veneranda reliquia de instituições que passaram!...

—

As producções dominantes d'esta parochia são vinho, cereaes e hervagens.

O vinho, como todo o d'esta provincia, é verde, *rascante* e de *enforcado*, mas constitue a riqueza principal depois que os Estados Unidos da America inundaram com cereaes o nosso paiz e toda a Europa e abasteceram de carne a Inglaterra, afrontando as nossas lavouras de pão e a nossa importante industria da engorda e exportação de bois vivos para a Inglaterra [1]. Felizmente, em compensação, a França, depois que a phylloxera aniquilou grande parte dos seus vinhedos, como os nossos do Alto-Douro, poupando as outras regiões vinicolas do nosso paiz, [2] está abastecendo com os nossos vinhos o seu mercado.

Nos ultimos annos tem comprado e *está comprando* no nosso paiz *milhares e milhares* de pipas na Beira, na Estremadura e mesmo no Minho.

A maior exportação é feita pelas barras do Porto, Figueira e Lisboa, mas pela barra de Vianna tambem é consideravel.

Diz a *Aurora do Lima*:

«Desde maio de 1885 até á semana ultima (20 do corrente mez d'abril de 1886) foram exportadas pela barra d'este porto (Vianna do Castello) com destino a França—7:108 cascos, ou 392:813 decalitros de vinho verde. Os 7:108 cascos foram importados pelas seguintes casas francezas: Richard & Muller, 4:430 cascos; Ducruix & Liege, 1:007; Julio Mock, 826; Mullé Jeune, 780; J. B. Badie & C.ª, 65.

Os portos de França para onde taes vinhos seguiram destino foram: Bordeus, 5:256 cascos, no valor de 173:770$920; Rouen, 1:137 cascos, 37:449$660; Havre, 515 cascos, 17:387$580; Brest, 200 cascos, 7:080$000. —Total do valor, 235:688$160 réis. Foram transportados em 23 navios, das seguintes bandeiras: Portuguezes, véla 3, com 681 cascos; ditos, vapor 5, com 845 cascos; inglezes, vapor 11, com 4:802 cascos; francezes, véla 1, com 267 cascos; norueguezes, vapor 3, com 514 cascos.

Os direitos pagos na alfandega sóbem a cerca de 8:000$000 réis.

—

Concluiremos este topico dizendo que a producção do vinho em Portugal (exceptuando o Alto Douro) foi *abundantissima* nos ultimos dois annos (1884 e 1885);—que a exportação para França é cada vez maior—e que o preço da pipa do vinho *verde e rascante* d'esta provincia tem regulado por 20 a 25$000 réis,—preço muito remunerador, porque este vinho não demanda grangeio especial. É creado em grandes videiras sobre arvores que orlam os campos, pelo que tambem lhe dão o nome de vinho de *enforcado;*—e a sua producção é espantosa!

Ha exemplos de produzir uma só arvore tres pipas de vinho [1];—e no ultimo anno só o concelho de Monsão, cujo vinho é do melhor d'esta provincia, produziu cerca de 20:000 pipas!...

—

Entre os abbades d'esta freguezia, merecem especial menção os seguintes:

Antonio Rodrigues.

Em 14 de fevereiro de 1756 obteve licença para conservar na egreja o Santissimo por modo de Viatico.

Jeronymo Antonio da Silva.

Mandou copiar o tombo d'esta egreja em 1782.

Bento Gomes Pereira, pelos annos de 1792.

---

[1] V. *Villar d'Andorinho.*

[2] A questão é de tempo. Já estão todas manchadas e seriamente ameaçadas!...

[1] Nas quintas do Alto Douro, hoje phylloxeradas e incultas, mas que produziam o *vinho mais generoso do mundo*, a producção normal era de uma pipa por milheiro, mas por vezes eram necessarios tres milheiros de vides para darem uma pipa de vinho!...

V. *Villarinho de Cotas.*

Foi grande bemfeitor d'esta parochia.

João Bernardino Taveira Relvas.

Falleceu em 1872 e era um musico distincto.

Domingos da Fonseca Martins, abbade actual.

Nasceu na freguezia de S. Miguel de Chorente, concelho de Barcellos, no dia 23 de janeiro de 1849 e foi apresentado n'esta abbadia por decreto de 25 d'outubro de 1882.

Tem o curso triennal do seminario bracarense;—tomou a ordem de presbytero em 14 de dezembro de 1874,—e foi parocho encommendado na freguezia de S. Miguel de Cabreiros, n'este concelho de Braga.

A s. ex.ª agradeço a maior parte dos apontamentos supra.

Tambem aqui foi encommendado algum tempo o sr. padre Bernardino Pinto d'Araujo, excellente pessoa, a quem devo a copia do testamento de D. Joanna de Castro e outras finezas.

Nasceu na freguezia de Nine em 1839 e ordenou-se em 1863, tendo tambem o curso triennal do seminario bracarense.

N'esta freguezia não ha hoje bachareis nem outro presbytero, alem do seu parocho.

VILLAÇA,—freguezia extincta e annexa á de Contim, no concelho e comarca de Montalegre, provincia de Traz-os-Montes.

Era seu orago S. Miguel Archanjo.

Dista de Montalegre 12 kilometros para O.—e 60 de Braga para N. E.

Foi vigairaria *ad nutum* da apresentação de um conego da sé de Braga. Em 1668 era esse conego o rev. Sebastião Barbosa d'Almeida, abbade das egrejas de Santa Marinha d'Annaes (V. Anães) e S. Miguel de Villaça, vizitador de Entre Homem e Cavado, e valle de Tamel, commissario da bulla da Santa Crusada, etc.

Nos ultimos annos, antes da extincção dos dizimos, a dizimaria, a *S. Joanneira* e as primicias rendiam 142$000 réis, cuja terça (47$333 réis) era para a patriarchal—e para o padroeiro 33:642 réis liquidos.

O parocho recebia:—congrua em dinheiro e guisamentos 36$300 réis,—benesses réis 38$700,—total 75$000 réis.

Esta parochia foi annexada em 1836 á de S. Vicente de Contim. Apenas comprehendia a povoação de *Villaça,* séde da matriz, com 15 fogos,—e parte da de S. Pedro, com 10 fogos;—total 25 fogos e 115 almas.

O seu chão é arenoso, exposto ao norte e pouco fertil. Apenas produz centeio, batâtas, linho e algum milho.

Demora na margem esquerda do rio Cavado, que a banha ao norte,—e pelo centro d'esta freguezia passa a antiga estrada real de Braga a Montalegre.

—

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições ao artigo *Contim,* freguezia d'este concelho de Montalegre [1].

As ultimas 4 linhas do mencionado artigo pertencem ao de *Contins,* onde se repetem.

Foi lapso de composição e revisão.

Esta freguezia de *Contim* era vigairaria collada, annexa da abbadia de Santa Marinha de *Ferral.* Vide.

Até 1836 comprehendia apenas a povoação de *Contim,* séde da parochia, e parte da de S. Pedro,—esta com 19 fogos e aquella com 15;—total 34 fogos e 172 almas.

Depois que recebeu a extincta parochia de Villaça, comprehende a povoação d'este nome, a de Contim e toda a de S. Pedro, com o total de 80 fogos e 369 almas.

—

Tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Pedro,* na povoação d'este nome.

2.ª—*S. Miguel,* na povoação de Villaça, e que foi a matriz da extincta parochia.

3.ª—*Nossa Senhora de Villa d'Abril,* na margem direita do riacho de S. Pedro e na esquerda do Cavado.

Pertence a uma irmandade do mesmo titulo, a qual foi erecta, segundo dizem os seus estatutos, em 1688, com previo consentimento do abbade de Santa Marinha do Ferral, que então era Balthazar Rodrigues de Mello.

Tem casa de despacho.

Demora esta freguezia de Contim em terreno accidentado, ao norte de uma cordilheira que se prolonga de Montalegre até Santa Marinha, a S. do Cavado, a O. do ri-

---

[1] V. *Contim e Villaça,* vol. 2.º pag. 382.

beiro de S. Pedro e a E. do de Sub-Carvalho.

O seu chão é arenoso, *geadeiro*, frio, agreste e pouco fertil. As suas producções são as mesmas da extincta parochia de Villaça, —e abunda em gados, por ter muito feno e boas pastagens.

Na povoação de S. Pedro ha uma nascente d'agua mineral.

Na mesma aldeia nasceu Fr. Balthazar Fernandes, varatojano. Falleceu depois de 1820.

Freguezias limitrophes:—Cambeses a N.E. —Fiães a S.O.—Sezelhe a N.—e Viade a S.E.

Ao meu illustrado collega, o sr. José dos Santos Moura, abbade de Caires, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me [1].

VILLAR, —*Vilula*—e *Villarinho*— foram outr'ora synonimos e diminuitivos de *villa*, na accepção de granja, casal, herdade ou quinta.

Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos no artigo *Villa*.

VILLAR.—Esta palavra *por si só* designa hoje 121 aldeias, 5 freguezias e muitos casaes e quintas do nosso paiz;—e com differentes sobrenomes designa mais:—33 freguezias e maior numero de casaes, quintas, herdades e aldeias, pelo que só este topico *Villar* encheria um volume, se não tivessemos de resumir, quanto possivel.

Que tremenda *massada* nos espera!...

Deus nos dê paciencia para levarmos a cruz ao calvario.

Bem amargamos a vida que já vivemos, dizendo a sorrir tantas vezes:—*Deus nobis hace otia fecit!*...

VILLAR,—aldeia e quinta da freguezia de S. Thiago de Gemieira, concelho de Ponte de Lima, no districto de Vianna do Castello.

V. *Gemieira*, vol. 3.º pag. 265, col. 2.ª

Comprehende mais esta parochia as aldeias seguintes:—*Egreja*, séde da matriz, Gemieira, Bragunda, Pombeiro, Cartunil, Casaes, Pereiros, Barrio, Moinhos, Hospital, Ribeiro, Regueira, Picoto, Casal, Ponte do Casal, Pôço, Freiriz, Cancella, Pousada, Vallinhas, Thomada, Cachadinha, Beirão, Lameiro e *Sus do Monte*.

A mencionada aldeia de *Villar* foi no seculo XVI muito privilegiada, pois D. Manuel a mencionou expressamente no foral que em 2 de junho de 1515 deu a *S. Martinho da Gandara*.

Liv. de For. Novos do Minho, fl. 65, col. 1.ª

S. Martinho da Gandara, outr'ora séde de concelho, é hoje uma das freguezias que constituem o concelho de Ponte de Lima.

O foral de S. Martinho da Gandara ainda se conserva tambem no archivo da camara de Ponte de Lima, que hoje representa, alem d'outros, aquelle extincto concelho.

—

No dicto foral se mencionam as terras seguintes:

—*Alcucerdo*, hoje freguezia de *Arcozello*.

—*Arcos*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Bandara*, hoje a freguezia de *Brandara*.

—*Barco*, hoje simples aldeia da freguezia de *Victorino das Donas*.

—*Britandos*, hoje a freguezia de *Bretiandos*.

—*Bural*, hoje a freguezia de *Beiral do Lima*.

—*Calheiros*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Carvaçam*, hoje a freguezia de *Cabração*.

—*Casal de Pedro*, hoje ?

—*Cepães*, hoje a freguezia de *Cepões*.

—*Fonte Coberta*, hoje talvez a aldeia d'este nome na freguezia de *Serdedello*.

—*Gemieira*, hoje a freguezia d'este nome, supra mencionada.

—*Ginjeira*, hoje ?

—*Gundufe*, hoje a freguezia do *Gondufe*.

—*Insuella*, hoje ?

—*Labruja*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Labrujó*, idem.

—*Lavredas*, hoje ?

—*Monte Rosso*, hoje simples aldeia da freguezia de *Gondufe*.

—*Pereiro*, hoje simples aldeia da freguezia de *Labrujó*.

---

[1] Agora mesmo soube que s. ex.ª falleceu em outubro de 1885.

A terra lhe seja leve!

V. *Caires* n'este diccionario e no supplemento.

—*Porto Bom*, hoje?

—*Pouzada*, hoje simples aldeia da freguezia de *Refoios do Lima*.

—*Rendufe*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Ribeira*, idem.

—*Ribeiro*, hoje?

—*Santa Comba*, hoje a freguezia d'este nome.

—*Santa Eufemia*, hoje a freguezia de *Calheiros*.

—*S. Gião*, hoje talvez a freguezia de *S. Julião do Freixo*—ou a de *S. Julião de Moreira do Lima*.

—*S. Mamede*, hoje talvez a freguezia de S. Mamede de *Arca*—ou a de S. Mamede da *Seára*.

—*Sobrada*, hoje?

—*Talharedes*, hoje a aldeia de *Talhareses*, na freguezia da Ribeira, supra mencionada.

—*Veiga de Faldejães*, hoje a aldeia d'este nome, na freguezia de *Arcozello*.

—*Villa Chã*, hoje talvez a aldeia d'este nome na freguezia de *Beiral do Lima*.

—*Villar*, hoje a aldeia de que nos occupamos n'este artigo—e não a freguezia de *Villar das Almas* nem a de *Villar do Monte*, das quaes adeante fallaremos, ambas pertencentes ao actual concelho de Ponte de Lima,—porque a 1.ª pertenceu ao extincto concelho de Albergaria de Penella,—e a 2.ª ao da villa de *Val de Vez*,—segundo me informa o ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, baseado na opinião do sr. Miguel de Lemos, distincto archeologo e professor de latim em Ponte de Lima.

—

Na dicta aldeia de *Villar*, freguezia de Gemieira, demora a *quinta de Villar*, mencionada na *Chorogr. Port.* tomo 1.º pag. 200, que foi vinculo dos *Castros*, de Sopegal (Monção). Em 1706 pertencia a Lourenço Pereira de Tavora, filho de João Malheiro, —e pelo meiado d'este seculo XIX passou de João Malheiro de Castro para D. Santhiago Garcia y Mendoza, fidalgo hespanhol da provincia da Gallisa, que em 1846, por occasião da guerra civil da *Maria da Fonte*, emigrou para o nosso paiz,—apresentou-se em Braga como general carlista—e serviu algum tempo ás ordens de Macdonell, general miguelista escocez de *triste figura* [1], que o exauctorou.

D. Santhiago era homem de maneiras distinctas, muito tractavel e bastante illustrado;—casou em Guimarães com uma irmã do visconde da Azenha, D. Emilia Correia, em 1848;—viveu com ella em Vianna e na sua quinta de Villar; — em 1873 foi nomeado consul portuguez em Marselha—e em 2 de agosto de 1884 foi nomeado nosso consul geral na mesma cidade, onde um mez depois falleceu victima do cholera morbus que ao tempo assolava Marselha.

—

Foi socio da nossa *Academia Real das Sciencias*, redactor do *Lethes* e auctor de varios folhetos: — *A Agua*, *Estatutos da Sociedade de Agricultura de Ponte do Lima*, etc.

Falleceu já viuvo e sem successão—e deixou boa livraria e alguns bens.

Para a sua biographia, veja-se a *Maria da Fonte*, interessante publicação do sr. Camillo Castello Branco, Porto, 1885, pag. 219 e seguintes.

Terminaremos dizendo que ainda hoje (1886) no dia da festa de S. Sebastião a Misericordia de Ponte de Lima distribue aos pobres o bôdo instituido no seculo XVI pelo benemerito Martim Rodrigues de Lima na antiquissima capella do martyr, em S. Martinho da Gandara, séde do extincto concelho d'este nome, supra mencionado.

V. *Gandara*, vol. 3.º pag. 257, col. 2.ª

A melhor quinta de S. Martinho da Gandara é a de *Cartemil*, de Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, de Vianna;—foi dos *Malheiros* e lhe adveiu com a legitima da sua mãe.

V. *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 346, col. 2.ª

VILLAR—e *Villar de Suso*, ou de *Cima*, aldeias da freguezia de Barrô, concelho e comarca de Rezende, districto de Vizeu, bispado de Lamego.

---

1 V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366 e segg.—e *Villa Pouca d'Aguiar*.

Alem das duas mencionadas aldeias de *Villar*, comprehende a dicta parochia de Barrô mais as seguintes: Outeiro, Outeirinho, Barrô, Seara, Villarinho, Porcas, Barco, Vallonguinho, Couto, Casas, Quintã, Bernardo, Pardelhas, Portigéns, Souto, Pataria, Cettos, Eirinha, Formigal, Fraga, Lages e as quintas da Commenda, Lamas, Torgal, Amêdo, Granja, Botica, Torrão, Fojo, Tapada, Pinheiro, Lagares, etc.

Esta freguezia de *Barrô* é limitrophe da de *S. Martinho de Mouros*, que foi séde de concelho até 1855 e comprehende as aldeias seguintes:—Cardoso, Feira Nova, Cantim, Concelho, Casal, Matto, Penedo, Povoa, Rua, Testamento, Villa Verde, Castello, Covello, Fonte, Fun de Villa, Portella, Portal, Ponte, Porto de Rei, Lama Grande, etc.—e as quintas e casaes de—Corredoura, Soenga, Choupal, Forcas, Moinhos, Jogo, Feira, Paço, Paço de Cordeiro, Santa Comba, S. Morel, Bairraes, etc.

—

Estas duas freguezias são muito populosas e muito importantes.

V. *Barrô*, vol. 1.° pag. 341, col. 2.ª—e *Martinho de Mouros* (S.) vol. 5.° pag. 110.

São tambem parochias muito antigas, anteriores á fundação da nossa monarchia, pois a de S. Martinho, que foi séde de concelho, comprehendendo a freguezia do seu nome e as de Barrô, S. Pedro de Paus e S. João de Fontoura, teve foral dado por el-rei D. Fernando, pae de D. Affonso VI de Castella e avô de D. Theresa, mulher do conde D. Henrique.

Foi o dicto foral confirmado e ampliado na era de 1149 (anno 1111) pela dicta senhora D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques;—D. Affonso IV em 1342 mandou rever e firmar de novo os seus *costumes e fóros* por Affonso Annes, corregedor no meirinhado da Beira,—*costumes e fóros* que ficaram equivalendo a um novo foral e se acham impressos no tomo IV dos *Ineditos de Hist. Portugueza*. Finalmente, D. Manuel lhe deu foral *novo* em 1513.

—

São interessantissimos os taes *fóros* de 1342. N'elles se faz repetidas vezes menção da freguezia de *Barrô* e das aldeias de *Villar*, de que no momento nos occupamos,—e d'elles se vê claramente o motivo porque os povos em outras eras erguiam as mãos ao ceu quando os reis lhes concediam como concederam ao Porto, Pinhel, Villa Real de Traz-os-Montes, etc., o privilegio de não poderem os fidalgos morar entre elles.

Ali se diz, por exemplo:—que os fidalgos costumavam exigir despotica e violentamente dos lavradores—vinho, palha, hortaliças, roupa, etc., etc.—que, se os pobres lavradores se recusavam a semelhantes extorsões, os fidalgos violentamente lhes tomavam o vinho e *sapavam as cubas*, destruiam-lhes as suas hortas, e esvasiavam-lhes os palheiros, não lhes deixando por vezes a palha precisa para alimentação dos seus gados;—exigiam d'elles toda a qualidade de roupas e não mais lh'as restituiam, ou lh'as entregavam só depois de rotas;—que, se elles se queixavam, os fidalgos os insultavam e maltractavam,—e que, se levavam as suas queixas a juiso, nunca obtinham justiça, pela grande pressão que os fidalgos exerciam sobre os juizes, doestando-os, ameaçando-os e mettendo-os inclusivamente na cadeia!...

A taes prepotencias tractou de pôr cobro o benemerito corregedor, impondo em nome d'el-rei grandes penas aos fidalgos por cada vez que ousassem repetil-as; duvidamos porem de que elles estivessem pelos auctos, porque eram muitos e muito poderosos.

Ali se mencionam os fidalgos do *Paço de Fonseca* e das quintas e casas do *Outeiro*, *Cantim de Cima*, *Cantim de Baixo*, *Cardoso*, *Paus*, *Cadafaz*, *Casal d'Avô* e *Villarinho*, reconhecendo-se-lhe o direito de exigirem palha dos lavradores, mas sómente uma *faxa* de cada um,—e se lhes marcaram as aldeias que eram obrigadas a dar palha a cada uma das dictas casas nobres.

A de *Villarinho*, por exemplo, só poderia tomar palha nas aldeias de Villar, Villarinho, Lamas, Outeiro, Pardelhas e Villa Verde de *Barrô*.

A de *Fonseca* nas aldeias de Fonseca, Feira, Maçôrra, Nadaes, Porto de Rei, etc.

A de *Cantim de Cima* na aldeia d'este nome e nas de Moumiz, Fazamões e Cotello.

A de *Cantim de Baixo* na aldeia d'este nome, do Paço para cima, e nas de Cordova e Ferreirós.

A de *Casal d'Avô* nas aldeias da Peneda, Povoa, Celores, Egrejas, Valverde e Azinhal.

—

«Item. Porque o dito corregedor achou que nesta terra de S. Martinho, cavaleyros, e rendeyros, e outros podrosos, filhavam (tomavam violentamente) e mandavam filhar pera sy, per sy e per seus homees, *galynhas*, e *patos* e *carneyros*, e *leytões* e *freamas* (leitôas) e *cabrytos*, e *vacas*, e *boys*, e outras cousas pera comer, e pera fazer delas o que querem; e que esto husavam de fazer *muyto ameude*, e que nunca eram pagados; ou se o eram, que o eram trady (tarde) e mal, e com gram dano daqueles a que o assy tomavam; ....mandou e defendeu da parte del Rey que nenhum nom fosse tam ousado, que filhasse nenhua das ditas cousas, ...senom hu as venderem, e pagando logo os dinheiros por elas... E qualquer que o doutra guysa fezer, e filhar as ditas cousas,... que as pague logo com o tresdobro do que valerem... E do tresdobro seia huu do dono da cousa, e outro del Rey, e outro do concelho.»

Outras muitas *bellesas* analogas se encontram nos dictos *Foros*. Tudo aquillo porem é *nada* com relação aos excessos de toda a ordem que os *grandes senhores*, nomeadamente os *de baraço e cutello*, costumavam praticar, apropriando-se não só dos bens, mas das pessoas, filhos, *filhas e mulheres* dos seus vassallos, não hezitando em tirar-lhes inclusivamente a vida, *a seu bel prazer!*...

Mal imagina hoje o nosso povo quanto soffreram os povos em outros tempos.

Os fidalgos até por vezes espancavam, mutilavam e matavam as auctoridades e os mordomos d'el-rei, quando transpunham os seus coutos,—segundo se lê a cada passo na *Historia de Portugal* por Alexandre Herculano, nomeadamente no vol. 2.º pag. 494—499.

VILLAR,—aldeia da freguezia de Fontello, concelho e comarca d'Armamar, districto de Vizeu.

V. *Fontello*, vol. 3.º pag. 209, col. 2.ª

Pelo recenseamento de 1878 contava esta freguezia 240 fogos e 949 almas.

Comprehende as aldeias de *Villar*, Balteiro, Commenda e Serro do Maio,—as quintas de *Villar*, Vista Alegre, Lapa, Bagaunte [1] e Pedra Caldeira, todas de vinho de embarque, proximas da margem esquerda do Douro,—e os casaes do Talhadouro e Mattosas.

—

Ha na pequena aldeia de *Villar* differêntes quintas, merecendo especial menção, pela excellencia dos seus vinhos e do azeite e fructas variadissimas e saborosissimas que produz, a quinta de *Villar*, pertencente a um distincto cavalheiro do Porto, o sr. Duarte Huet, a quem foi concedida uma medalha de 1.ª classe na exposição internacional do Porto em 1865, pela excellente fructa que ali expoz, proveniente d'esta sua quinta.

Os pomares são banhados pelo ribeiro de *Marrocos*, que desagua no Douro, cerca de 500 metros a juzante.

Ha ali uma soberba laranjeira que só dá fructo alternadamente,—um anno do lado E. —outro do lado O.—regulando por 7 a 8 mil laranjas a producção annual de cada uma das dictas metades.

—

A serra de *S. Domingos*, de que já se falleu no artigo *Fontello*, pertence quasi toda a esta parochia;—abunda em granito do melhor de Portugal, pelo que d'ali vae a pedra para as construcções mais luxuosas da cidade de Lamego, bem como para as d'este concelho d'Armamar e dos da Regoa e Santa Martha de Penaguião.

Estes ultimos dois concelhos não teem granito algum e estão todos povoados de palacetes guarnecidos com o bello granito da mencionada serra, pelo que todos os dictos palacetes representam grandes sommas.

Só o granito do palacete dos fidalgos de *Santa Comba*, em Penaguião, distante da serra de S. Domingos cerca de 15 kilometros, custou perto de *trinta mil crusados!* E

---

[1] Assim se lê na *Chorogr. Moderna*, mas talvez seja *Bagauste*.

palacetes como o de Santa Comba são por ali triviaes, o que revela a grande riquesa d'aquelles dois concelhos durante a existencia da celebre *Companhia dos Vinhos do Alto Douro,* instituida pelo marquez de Pombal.

Veja-se o artigo *Victoria* (Porto) vol. 10.º pag. 596, col. 1.ª e seg.

—

Rakzinski [1] dá em gravura muitos signaes ou caracteres exoticos que se encontram nas paredes da sacristia e da capella de *S. Domingos*, no alto da serra d'este nome, no termo d'esta freguezia de Fontello, desenhados e copiados pelo infeliz barão de Forrester, quando por aqui andou levantando a planta do rio Douro, e que no Douro perdeu a vida.

V. *Villa Secca d'Armamar.*

Concluiremos dizendo que (segundo nos informam) ha na dicta serra de S. Domingos uma extensa galeria que lhe vara o bojo de leste a oeste.

Dizem que um cão entrára pela bocca d'ella na pendente sobre o rio Varosa, a montante de Valdigem, e que fôra sair na extremidade opposta junto da povoação de Fontello.

Isto nos asseverou um illustrado ecclesiastico de Valdigem, mas quem não acreditar não pecca.

VILLAR—freguezia do concelho de Cadaval, comarca d'Alemquer, districto e diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Fogos 311,—habitantes 1:197.

Orago—Nossa Senhora da Expectação.

Priorado.

Em 1712 era um simples curato da apresentação do prior de Santhiago d'Obidos,—comprehendia as povoações de *Villar*, Avenal, Pereiro, Villa Nova e Togeira,—e contava 120 fogos.

Em 1768 era curato da apresentação do prior do convento dos Jeronymos de Val Bemfeito e dos beneficiados d'Obidos,—rendia para o cura 1 moio de trigo, meio de cevada e 2 pipas de vinho—e contava 93 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 169 fogos e 844 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 250 fogos e 1:051 habitantes,—e hoje conta, como dissemos, 311 fogos e 1197 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a sua população.

—

Comprehende hoje esta freguezia as povoações de *Villar*, sede da matriz, Palhaes, Villa Nova, Arrabalde, Tojeira, Pereiro, Seixo e Carvalhal da Serra—a quinta de *Sancarrão*, de D. Felicidade Rosa Pereira de Castro,—a herdade da *Marinha*, de José Duarte,—e os casaes de Amieira, Ribeira e Pião.

Freguezias limitrophes: — Lamas e Pero Moniz, no concelho de Cadaval—e Villa Verde dos Francos, no concelho d'Alemquer.

Esta freguezia demora ao poente e nas faldas da serra de Monte-Junto,—dista da villa de Cadaval 9 kilometros para o sul,—26 de Alemquer,—34 da estação do Carregado (a mais proxima) [1] na linha ferrea do norte,—71 de Lisboa—e 334 do Porto.

Banham esta freguezia differentes regatos; unidos formam o rio Real, que desagua na lagôa d'Obidos, cerca de 26 kilom. a N.O.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam, n.º 83, da estação do Carregado, por Alemquer e Villa Verde dos Francos, ao Cadaval, servida por diligencias,—e a estrada municipal que liga a povoação de Villar com a de Villa Nova, passando por Palhaes.

—

Templos:—a egreja matriz e duas capellas publicas,—uma de S. Miguel, na povoação do Pereiro,—outra do Espirito Santo, na povoação de Villa Nova.

Nada offerecem digno de menção.

Na matriz festeja-se annualmente a padroeira e o Santissimo Sacramento,—e nas capellas os seus oragos. E em cumprimento de um antigo voto vae da matriz todos os annos, no dia 8 de setembro, uma procissão

---

[1] *Les Arts en Portugal*, pag. 332 e 333.

[1] Logo que se abra á circulação a linha ferrea de Lisboa á Figueira por Torres Vedras,—linha em construcção n'esta data (1886)—deve ter n'ella estação mais proxima.

à Senhora da Misericordia da freguezia da *Moita dos Ferreiros*, concelho da Lourinhã, distante cerca de 18 kilometros para N. O.

Ha nos limites d'esta parochia duas pequenas pontes de pedra na estrada districtal,—duas azenhas que só trabalham no inverno,—7 moinhos de vento,—1 forno de ceramica e 2 de coser telha.

Producções dominantes:—vinho. Tambem colhe algum azeite, cereaes e fructa.

Tem esta parochia uma aula official de instrucção primaria elementar para o sexo masculino.

Comprehende esta freguezia grande parte da serra de *Monte Junto*, uma das mais notaveis da Estremadura, onde se vê uma pyramide geodesica marcando 666 metros de altitude sobre o nivel do mar.

V. *Monte-Junto*, vol. 5.º pag. 478, col. 2.ª *in-fine* e segg.

Esta freguezia, como todas as d'este concelho e dos concelhos limitrophes, soffreram muito por occasião da guerra peninsular, nomeadamente desde que o general Massena acampou com os seus 80:000 homens ao norte das linhas de Torres Vedras, desde outubro de 1810 até março de 1811.

Mal se imagina hoje o estado a que ficaram reduzidos estes povos!...

V. *Torres Vedras* e *Gojim*.

—

Em maio de 1868 (ha precisamente 18 annos) os habitantes d'esta freguezia de Villar, magoados com as extorsões do escrivão de fazenda, resolveram deixar a sua pacatez habitual e seguir o exemplo dos povos de Villa Verde, Amares, Terras de Bouro, Povoa de Lanhoso e Villa Nova de Foscôa, —os mais energicos e revolucionarios de todo o nosso paiz.

Amotinaram-se e no dia 10 do dicto mez marcharam sobre a capital do concelho, dispostos a incendiar os archivos da fazenda e das outras repartições publicas.

Iam em força de mil homens talvez, armados com espingardas, fouces roçadouras, varapaus, etc., mas nada conseguiram, porque o administrador do concelho, prevenido a tempo, havia requisitado tropa.

VILLAR,—freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Orago — Santa Maria (a Expectação de Nossa Senhora.)

Abbadia.

Em 1706 era do concelho da Maia, comarca do Porto e da apresentação do convento benedictino de Santo Thyrso *com reserva*,—rendia para o abbade, com *meios fructos*, 160$000 réis,—para os padres da *Companhia* de Braga 100$000 réis, provenientes dos outros *meios fructos*—e contava 97 fogos e 380 habitantes.

Em 1729, segundo se lê na *Geographia Hist.* de Lima, contava 356 habitantes.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Profano*, era da apresentação alternativa do prelado do Porto e do convento de Santo Thyrso,—rendia 500$000 réis—e contava 114 fogos, que deviam corresponder a 470 habitantes, approximadamente.

O censo de 1864 deu-lhe 172 fogos e 532 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 602 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villar*, séde da matriz, Rosa, Souto, Pereira, Outeiro, Pisão,[1] Real, Soutello e Carrapata,—segundo se lê na *Chorogr. Moderna*.

Em 1758, segundo o D. G. M.[2] tinha esta parochia 3 grandes aldeias: *Pereira*,—*Soutello*, comprehendendo as de Real e Pirvens, —e *Villar*, comprehendendo as de Souto, Rosa, Outeiro e Jardim; mas hoje *Villar* é uma aldeia muito pouco populosa.

Freguezias limitrophes:—Avelleda, Modivas, Canidello e Guilhabreu.

Atravessam esta freguezia a estrada real a macadam n.º 30, do Porto a Valença por Villa do Conde, Povoa de Varzim, etc.—e a linha ferrea do Porto a Villa Nova de Famalicão, tambem por Villa do Conde e Povoa de Varzim, a qual tem a estação de *Modivas* na extremidade N.O. d'esta parochia.

---

[1] Esta aldeia tomou o nome de um antigo pisão, movido pela agua do ribeiro que aqui passa.

[2] *Diccionario Geographico Manuscripto*,—collecção dos relatorios dos parochos, existente na *Torre do Tombo*.

Dista da mencionada estação 2 kilometros, —11 de Villa do Conde,—18 do Porto—e 357 de Lisboa.

—

É uma abbadia rendosa.

Teve um grande passal que, pela nova lei das desamortisações, foi quasi todo vendido em hasta publica, mas averbado o seu preço em inscripções ao parocho.

Todos os casaes da povoação de Arões, freguezia de S. Gonçalo de Mosteiro, eram foreiros ao abbade de Villar, e só um d'aquelles casaes (o da Lameira) lhe pagava por anno 11 alqueires de trigo, 11 de pão meiado (milho e centeio) 1 gallinha e um frango, e de luctuosa outro tanto.

É tambem parochia muito antiga. Foi uma das primeiras que no concelho da Maia teve *Santissimo* permanente. D'ella ia por *viatico* aos povos de varias freguezias circumvisinhas, taes como Villar de Pinheiro, Mosteiró, Avelleda e Modivas.

A imagem de Nossa Senhora, orago d'esta parochia, é antiquissima e de pedra. Diz a tradição que appareceu em um silvado no *Campo da Vinha* do passal.

—

É hoje parocho d'esta freguezia o rev. Antonio Martins Gesteira, natural da povoa de Varzim, que foi anteriormente parocho na freguezia de *Viatodos*.

Tomou posse d'esta freguezia de Villar no dia 19 de dezembro de 1881, havendo-se collado poucos dias antes.

Succedeu ao abbade José Joaquim da Silva Guimarães, bacharel formado em direito, natural da freguezia de Malta, d'este mesmo concelho de Villa do Conde, fallecido em 1864,—e desde o fallecimento d'elle até á collação do parocho actual, foram aqui parochos encommendados José Moreira Maia, João Luiz de Andrade e José d'Azevedo Maia, natural d'esta mesma freguezia e que se tornou benemerito pelas obras e melhoramentos que promoveu e conseguiu realisar, taes foram a nova capella-mór, a sacristia e o cemiterio.

O referido abbade dr. Guimarães havia succedido ao abbade José Joaquim Gonçalves, da congregação de S. Philippe Nery, da cidade do Porto, collado em 5 de fevereiro de 1837 [1].

—

Tem uma boa residencia parochial, feita pelo abbade José Joaquim da Silva Guimarães, em substituição da antiga, que estava do lado norte da egreja, ligada á velha capella-mór, para a qual tinha uma tribuna.

Junto da antiga residencia houve uma magestosa palmeira, da qual hoje apenas restam vestigios em uns rebentos que se vêem no cemiterio.

Do alto d'ella se avistava o mar.

O chão d'esta parochia é saudavel e fertil, banhado por dois ribeiros que regam e moem.

Fazem juncção na aldeia de *Real*, d'esta mesma freguezia, formando o rio de *Labruge*, que tem a sua foz no mar, entre as freguezias de *Lavra*, na margem esquerda,—e *Labruge*, na margem direita,—rio de certa importancia e que bem merecia nome proprio,—se é que já o não teve. Seria o *Celando?*

Suppõe-se que junto da foz d'este rio houve uma *cidade*, de que fallam diversos auctores, entre elles o padre Francisco do Nascimento Silveira nas interessantes notas ao seu *Côro das Musas, junto por Venus na Casa do Sol*,—1.ª parte, pag. 26.

—

Producções dominantes: vinho verde, cereaes e hervagens, pelo que foi muito importante e rendosa n'esta freguezia a industria da creação e engorda de bois que exportava para a Inglaterra,—industria que decahiu nos ultimos annos, depois que os Estados-Unidos da America do norte se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como inundam de cereaes toda a Europa. V. *Villar d'Andorinho*.

Tem esta freguezia uma estação postal na

---

[1] Falleceu no dia 15 de março d'este anno de 1886 na sua casa e quinta de Villa Pouca, freguezia de Varzea d'Abrunhaes, concelho de Lamego, um dos ultimos *congregados* do Porto, Padre Manuel Ferreira, natural da povoação do Bacalar, freguezia e concelho d'Armamar, tio materno do humilde auctor d'estas linhas.

aldeia de Soutello—e appellidos curiosos, taes são:—*Pato* e *Ganso*—*Pisco* e *Carriço*, —*Basto* e *Ralo*,—*Teso* e *Molle*,—*Fermento* e *Massa*,—*Torta* e *Direita*,—*Carvalho* e *Pinheiro*,—*Bacalhou* e *Peia*.

José Antonio d'Azevedo Lemos

Este preclarissimo varão, que tanto figurou na historia moderna de Portugal, nasceu em 1 d'outubro de 1786 na povoação de *Pereira*, d'esta freguezia de Villar, e foi filho legitimo de Antonio d'Azevedo Lemos e de Anna Maria Antunes, ambos da dicta povoação.

Seus paes eram lavradores e tiveram muitos filhos, mas (honra lhes seja!) não descuraram a educação d'elles. Formaram em direito o Francisco, do qual adiante fallaremos, e tentavam ordenar o José, de quem no momento nos occupamos, destinando-o para administrar a casa e amparar os seus numerosos irmãos, entre os quaes era o primogenito. Com esse intuito mandaram-n'o para o seminario episcopal do Porto, onde estudou latim, francez e philosophia com raro aproveitamento.

Do Porto passou para o convento do Carmo de Santarem, onde era frade um seu tio. Ali estudou pharmacia e outras disciplinas com animo de professar na dita ordem, mas em 1807, indo ver o exercicio d'um regimento commandado pelo futuro conde de Barbacena, tal enthusiasmo sentiu pelas armas, que pediu lhe assentasse praça e logo foi attendido e muito bem recebido pelo conde de Barbacena, que o empregou na secretaria do seu estado-maior e lhe dispensou sempre particular estima.

—

Assentou praça em cavallaria 10 e fez toda a campanha da peninsula, assistindo a muitas batalhas e distinguindo-se na dos Pyreneus.

Em uma d'ellas (não sabemos bem se foi n'esta ultima) tomou aos francezes, com grande ousadia, uma bandeira, pelo que, sendo ainda sargento, foi elogiado na ordem do dia e nomeado alferes por distincção.

Logo que se lhe offereceu ensejo, pediu licença e foi a Villar surprehender seus paes, apresentando-se com as suas dragonas e banda d'alferes, imaginando lisongeal-os, mas a mãe recebeu-o com friesa, dizendo que mais estimaria vel-o com o habito de S. Francisco e o cordão da ordem. Sorriu-se elle, promettendo voltar a vêl-os só quando fosse promovido a outros postos,—e assim o cumpriu.

Em 1827 já era coronel, contando apenas 41 annos de idade;—em 1830 era brigadeiro—e em 1832 tenente general.

—

Em 1815 partiu para o Brazil com o conde de Barbacena, seu velho amigo;—militou com distincção no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, no Paraguay, na Bahia e Pernambuco, e não querendo adherir á independencia do imperio, voltou para a metropole com a patente de coronel graduado.

Depois dos acontecimentos de 1823, foi nomeado commandante da guarda da policia, hoje guarda municipal, do Porto, cargo que muito honrosamente occupou até 1826, retirando-se do serviço militar n'aquella data, por ser opposto as idéas constitucionaes.

Pouco depois da chegada de D. Miguel em 1828, Lemos foi promovido a coronel effectivo e encarregado do commando de infanteria n.º 1. Assistiu aos combates da Cruz de Morouços, Marnel e Vouga—e fez toda a campanha do cerco do Porto, sendo por vezes ferido e em uma d'ellas muito gravemente na cabeça, pelo que foi levado para a freguezia de Barreiros, onde carinhosamente o tractou e salvou um seu amigo e recebeu amiudadas vizitas dos parentes.

—

Tambem fez parte da expedição á Terceira e Madeira e, em seguida ao combate da Villa da Praia (11 d'agosto de 1829) regressou a Lisboa.

Em 1832 foi feito marechal de campo—e em 1833, em seguida ao incendio dos armazens da *Companhia dos Vinhos*, lavrou um protesto contra tão inaudito attentado, protesto que assignou com os consules inglez e francez.

Em 3 de novembro do mesmo anno ga-

nhou em Alcacer do Sal uma brilhante victoria contra os liberaes, commandados pelo coronel Florencio.

Foi o ultimo commandante em chefe do exercito realista e coube-lhe a dolorosa missão de assignar no dia 26 de maio de 1834 a convenção d'Evora-Monte, como representante de D. Miguel, sendo no mesmo acto representantes de D. Pedro o marechal Saldanha e o duque da Terceira.

As circumstancias não podiam ser mais criticas para o partido de D. Miguel, mas a instancias de Lemos algumas modificações foram feitas na proposta dictada pelos vencedores.

—

Foi s. ex.ª convidado para adherir ao partido de D. Pedro, como adheriram muitos dos officiaes de D. Miguel, mas (honra lhe seja!) não renegou as suas crenças politicas e acompanhou D. Miguel para Turim, onde foi muito estimado por Carlos Alberto, rei da Sardenha.

Ali se conservou até 1849, data em que regressou a Portugal, fixando a sua residencia em Lisboa, onde casou com D. Rita Ferreira Pigott, viuva do general Pigott, senhora de avultada fortuna.

Depois d'uma vida tão accidentada e trabalhosa, passou o resto dos seus dias muito tranquillo, estimado e respeitado por todos e exercendo a mãos largas a caridade, vivendo alternadamente na rua de Buenos Ayres, n.º 6,—e na sua casa de campo em Bemfica, até que falleceu a 16 de fevereiro de 1870, contando 84 annos de edade.

A viuva pouco tempo lhe sobreviveu e ambos jazem no cemiterio oriental de Lisboa, em jazigo proprio.

D. Miguel quiz agracial-o com o titulo de conde, graça que elle recusou.

Escreveu duas obras:—*Rectificação d'alguns factos da historia contemporanea*—e a *Vida de Lord Welington*, seu commandante na guerra peninsular.

—

José Antonio d'Azevedo Lemos teve muitas irmãs e um irmão mais novo do que elle 12 annos,—Francisco José d'Azevedo Lemos —que se formou em direito e, depois de exercer alguns cargos de confiança, foi juiz de fóra nos Arcos de Val de Vez; rebentando porem as luctas entre os liberaes e realistas, foi voluntariamente alistar-se nas fileiras da legitimidade, sendo seu irmão já coronel e commandante de um regimento.

Entrou em varios recontros, ficando em um d'elles estendido no campo com a cabeça mutilada; sendo porem levado para um hospital de sangue, sobreviveu e, a instancias do coronel, seu irmão, deixou a carreira militar.

Manuel d'Azevedo Lemos, outro irmão do general, ficou senhor da casa da *Pereira*;—casou e teve entre outros filhos, D. Emilia Maria Dias de Lemos. Casou esta com Antonio Gonçalves Barroso, de quem viuvou, e hoje (1886) vive com um seu filho, Manuel Gonçalves Barroso de Lemos, na mesma casa da Pereira.

Das irmãs do general Lemos casou uma em *Villar de Pinheiro* e teve, entre outros filhos,—o rev. José Dias da Silva Lemos, actual reitor de Modivas, vigario da vara n'este 2.º districto ecclesiastico da Maia,—e Joaquim Dias da Silva Azevedo e Lemos, negociante em Pernambuco.

—

É tambem natural d'esta freguezia o rev. José Pereira Baptista Neves, hoje abbade de Lordello de Ouro, junto do Porto, tendo sido anteriormente abbade de Melres, no concelho de Gondomar.

É um parocho de bons costumes, independente e rico, pois herdou boa fortuna de um irmão, negociante no Brazil, e do rev. João Correia do Lago, seu antecessor na abbadia de Lordello do Ouro.

Ao rev. sr. Joaquim Antunes d'Azevedo, natural da freguezia de *Villar de Pinheiro* e actualmente reitor da de Villa Nova da Telha, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'ALLEN,—quinta d'este nome na freguezia de Campanhã, bairro occidental do Porto,—uma das quintas mais notaveis nas cercanias d'esta cidade, ao norte do Douro. Rivalisa com a da *Lavandeira*, na margem sul, freguezia de Santa Eulalia de Oliveira,—quinta muito mais luxuosa e que

foi do bondosissimo e prestantissimo sr. conde da Silva Monteiro (Antonio da Silva Monteiro) fallecido em 1884 na sua casa da rua da Restauração, que era e é a mais luxuosa do Porto [1].

Esta quinta de *Villar d'Allen* foi do acreditado negociante e benemerito cidadão João Allen [2], de quem passou para o seu filho Alfredo Allen, que em 1866 d'ella tomou o titulo de visconde de Villar d'Allen,—cavalheiro muito illustrado, muito prestimoso e muito considerado pelas suas nobilissimas qualidades.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

—

É s. ex.ª um dos nossos mais distinctos amadores de floricultura, horticultura e arboricultura—e distinctissimo oenologo tambem—pelo estudo e pela pratica, pois é dono da grande quinta do *Noval* [3], no Alto Douro, e um dos primeiros negociantes de vinhos da praça do Porto.

Nasceu em 1828;—foi educado em *Fontenay-aux Roses* (perto de Paris) com o rev. *Sacra Familia*, dr. José da Silva Tavares;—casou em 1851 com D. Maria José Rebello Valente, filha do acreditado negociante e rico proprietario José Maria Rebello Valente,—e tem 2 filhos:—Alberto Rebello Valente Allen, Roberto Rebello Valente Allen,—este solteiro e aquelle casado com D. Laura, filha unica de Manoel Pinto Gomes de Menezes, director da caixa filial do *Banco do Minho*.

Entre outras, cabem ao sr. visconde de Villar d'Allen as distincções seguintes:

—Ex-director da Associação Commercial do Porto em differentes biennios.

—Secretario das primeiras exposições agricolas do Porto (1857-1863).

—Fundador da *Sociedade do Palacio de Chrystal* do Porto (1863).

Á iniciativa e aos relevantes serviços de s. ex.ª se deve em grande parte a construcção do dicto Palacio.

—Iniciador e secretario da *Exposição Internacional Portugueza* de 1865—e commissario da mesma Exposição, indo á sua custa ao estrangeiro organisar as differeutes commissões delegadas, entre ellas a de Paris—com Gervais de Caen e Natalis Rondot.

—Como director do Palacio de Crystal, foi em commissão a Londres, tambem á sua custa, em 1864, e ali se demorou tres mezes para resolver as grandes difficuldades que se deram com a fallencia do empreiteiro constructor do dicto Palacio, sendo acompanhado n'essas diligencias pelo seu collega na direcção Francisco Pinto Bessa.

—Vereador da camara municipal do Porto, 4 annos (1866 a 1869).

N'esse periodo, tendo a seu cargo o pelouro dos arvoredos, creou o *Jardim da Cordoaria* ou do *Campo dos Martyres da Patria* em 1867 a 1868, executando-o com a verba em que foi orçada só a vedação do dicto campo.

—Vogal do conselho de familia por parte dos interdictos, no inventario do Conde Ferreira (13 annos).

—Commissario regio *honorario* junto da Exposição internacional de Vienna, em 1874.

—Encarregado da organisação dos productos do norte do nosso paiz para todas as exposições internacionaes, especialmente da secção de vinhos.

—Membro da *Sociedade Humanitaria do Porto*.

---

[1] De s. ex.ª já se fez ligeira menção no artigo *Miragaya*, vol. 5.º pag. 261, sob o nome de Antonio da Silva Monteiro, na lista dos 40 maiores contribuintes,—e no art. *Porto*, vol. 7.º pag. 464, col. 1.ª, sendo então visconde da Silva Monteiro e morador não no largo da Aguardente, como ali se disse por lapso, mas na rua da Restauração.

No supplemento ao artigo *Porto* lhe daremos o logar d'honra, que merece a sua veneranda memoria.

Depois do conde de Ferreira (V. *Campanhã*) foi um dos homens mais prestantes que tem tido o Porto e cuja morte foi mais vivamente sentida.

[2] V. *Campanhã*, vol. 2.º pag. 59, col. 1.ª, —*Miragaya*, vol. 5.º pag. 252, col 2.ª e seg. —e Porto, vol. 7.º pag. 494, col. 2.ª

[3] V. *Douro Illustrado*, pag. 81, 92 e 100, onde se encontram tres lindas gravuras representando a mencionada quinta—e pag. 124, onde se encontra a descripção d'ella.

Vide tambem *Villarinho de Cottas* n'este diccionario.

—Presidente da direcção do Palacio de Crystal, desde 1867 até 1875.

—Socio honorario da mesma *Sociedade*, eleito em assembléa geral pelos seus serviços extraordinarios nas exposições agricolas e horticolas.

—Presidente de quasi todas as exposições horticolas e oenologicas do Palacio de Crystal, até 1880.

—Vogal e por vezes presidente do conselho fiscal da sociedade do dicto palacio.

—Fundador do 1.º *Orpheon popular portuense* e escolas de musica populares gratuitas (1866 e 1867).

—Presidente da *Commissão central anti-phylloxerica do Reino* (1881)—tendo sido vogal da mesma.

—Presidente da *Commissão central anti-phylloxerica do norte* (1881 a 1884).

—Vogal da mesma commissão, sendo exonerado da presidencia, *a seu pedido*, e nomeado presidente honorario pelo governo.

—Fundador da *Fabrica de sulfureto de carbone* na Serra do Pilar, conseguida depois de grande lucta (1879).

—Portaria de louvor (1879) pela installação da dicta fabrica.

—Vogal da commissão da cultura do tabaco no Douro, havendo tomado parte na grande lucta para se obter do governo concessão para experiencias.

—Vogal do Conselho d'Agricultura do districto do Porto, desde a sua installação.

—Fundador do *Agricultor Portuguez*, juntamente com os seus collegas José Taveira de Carvalho, Alfredo Lecocq e Domingos José Salgado (1877)—e collaborador e redactor do mesmo jornal.

—Vogal da *Commissão de defesa do Douro*, eleito no grande comicio da Regoa.

—Delegado do governo ao *Congresso anti-phylloxerico de Bordeaux* em 1881,—*sem gratificação nem despezas de viagem.*

—Delegado do governo á *Convenção de Berne*, no mesmo anno de 1881.

—Vogal do 1.º syndicato para a construcção do porto artificial de Leixões, desde 1864.

—Vogal do 2.º syndicato do mesmo porto com canal, até 1884.

A este syndicato se deve a construcção do dicto porto, em opposição aos acerrimos partidarios do porto de Lavradores.

Foi presidente d'este 2.º syndicato o benemerito conde da Silva Monteiro, já fallecido,—e engenheiro James Aberceethy, de Londres.

—Vice-presidente da *Commissão central do norte*, promotora da producção e exportação de vinhos nacionaes (Decreto de 29 de maio de 1885).

—Secretario-gerente e thesoureiro da caixa filial do *Brazilian Portuguese Bank*, no Porto (1863 e 1864)—hoje *Banco Inglez do Rio de Janeiro.*

—Concorrente a todas as exposições agricolas e vinicolas do seu tempo, nas quaes obteve sempre os primeiros premios.

—Visconde de Villar d'Allen por decreto de 13 de janeiro de 1866, no encerramento da *Exposição Internacional do Porto*, devida em grande parte aos seus esforços.

—É tambem s. ex.ª um distincto amador de musica (violoncellista) havendo tomado parte em differentes concertos de beneficencia como *solista* nos theatros, no Palacio de Crystal, etc.

—É finalmente—Official da Legião d'Honra—e Official de Instrucção publica, laureado com a *Palma de academico* na especialidade de *oenologia*, em França,—e Official da Ordem de Leopoldo, da Belgica.

Tem sido tambem s. ex.ª introductor e propagandista do sulfureto de carbone, dos adubos chimicos e d'outros muitos melhoramentos e beneficios da nossa agricultura e floricultura.

Do exposto se vê que o sr. visconde de Villar d'Allen é um cidadão prestantissimo, a quem o nosso paiz, nomeadamente o Porto e o Douro,—*muito devem.*

VILLAR DAS ALMAS,—freguezia do concelho e comarca de Ponte do Lima, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia. Orago Santo Estevam.

Fogos 115,—habitantes 400.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 251 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 111 fogos e 390 habitantes.

Demora esta freguezia na margem esquerda do rio Neiva, do qual dista a egreja parochial cerca de 2 kilometros,—6 da estação de Tamel (a mais proxima) na linha ferrea do Minho,—16 de Ponte do Lima,—18 de Braga,—20 de Vianna,—66 do Porto—e 403 de Lisboa.

Segundo se lê na *Chorogr. Moderna*, comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*Egreja*, séde da matriz,—Santo Antonio, Freitas, Eido, Eido Velho, Monte, Pereiras, Fonte, Alem, Outeiro, Maneja, Talho, Rua, Pêgo, Eiras ou *Eiros* e Cachada ou *Queixada*.

—

Freguezias limitrophes:—Calvéllo, Gaifar e Sandiães.

Producções principaes:—milho, vinho verde e centeio.

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Albergaria de Penella, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, data em que passou para o de Ponte de Lima.

Tambem parte da sua população pertenceu ao extincto concelho de *Portella das Cabras*.

Cerca de 3 kilometros ao nascente d'esta freguezia passa a estrada real a macadam de Ponte de Lima a Braga,—e é atravessada pela estrada districtal n.º 4, de Vianna a Villa Verde, ainda em construcção.

Ao ex.mo sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionario tanto deve, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripcão d'esta e d'outras freguezias do seu districto.

VILLAR D'AMARGO,—freguezia do concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago S. Miguel Archanjo.

Em 1708 contava 110 fogos;—a *Historia Eccles.* de Lamego escripta por D. Joaquim d'Azevedo, na 2.ª metade do seculo XVIII e publicada no Porto em 1877, deu-lhe os mesmos 110 fogos e 300 habitantes, no que não ha proporção;—o *Portugal S. e Profano* em 1768 deu-lhe apenas 88 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 97 fogos e 428 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 107 fogos e 491 habitantes,—e pelos meus apontamentos conta hoje 111 fogos e 482 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas sómente a povoação de *Villar d'Amargo*, que demora na velha estrada de Figueira de Castello Rodrigo para Villa Nova de Foscôa, no cantão denominado *Cima-Côa* e na margem esquerda da ribeira d'Aguiar, confluente do Douro, da qual dista 4 kilometros para O.;—7 da margem direita do Côa, para o nascente;—outros 7 de Figueira de Castello Rodrigo para N.O.;—10 da estação da Barca d'Alva na linha ferrea do Douro; [1]—39 da estação de Pinhel, na linha da Beira Alta;—50 da Guarda;—199 do Porto pela estação da Barca d'Alva e linha ferrea do Douro,—e 936 de Lisboa.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, muito antiga e bastante arruinada,—e a duas pequenas capellas publicas: a da *Misericordia*, onde se venera uma linda imagem de Christo,—e a de *S. Sebastião* que, segundo consta, foi a primeira matriz d'esta parochia.

Freguezias limitrophes:—Escalhão, a mais populosa d'esta comarca, a leste e distante cerca de 8 kilometros;—Freixeda do Torrão a O., distante 4 kilometros,—e Algodres, distante outros 4 kilometros para N.

Passa junto d'esta freguezia a estrada districtal em construcção de Almeida a Villa Nova de Foscôa.

Producções dominantes:—trigo, centeio, azeite, vinho, amendoas e hortaliça.

O seu chão é secco, accidentado e muito pedragoso.

Na pequena ribeira d'Aguiar, que a banha pelo norte, tem um moinho de cereaes, que trabalha só no inverno.

—

Esta parochia (o seu chão e os seus habi-

---

[1] Esta linha hoje (1886) está em exploração desde o Porto até á foz do Tua—e em construcção muito adiantada desde a foz do Tua até Salamanca, devendo abrir-se á circulação até ali no anno proximo futuro.

V. *Vias ferreas*.

tantes) tem passado por immensas alternativas, como o celebre cantão do *Cima-Côa.*

Foram, em resumo, as seguintes:

No tempo dos suevos, antes de Caliabria ser séde episcopal, pertencia ecclesiasticamente ao bispado de Vizeu;—criada pelos godos a diocese de Caliabria, passou para ella;—com a invasão dos mouros foi destruida a cidade de Caliabria e ficou deserto o Cima-Côa; expulsos porem d'aqui os mouros, passou para o reino de Leão e para a diocese de Cidade Rodrigo, que ficou substituindo a de Caliabria, [1]—e para a nova diocese de Cidade Rodrigo passou esta freguezia de Villar d'Amargo até que o nosso rei D. Diniz conquistou ao de Leão todo o Cima Côa.

—

Ficaram desde aquella data este territorio e esta freguezia pertencendo *temporalmente* a Portugal—e ecclesiasticamente ao reino de Leão, cerca de 100 annos, até que o nosso rei D. João I reivindicou tambem a espiritualidade do *Cima-Côa*, que tomou o nome de *bispado novo* e ficou pertencendo ao bispado de Lamego até 1770, data em que D. José I creou o bispado de Pinhel, passando para elle as freguezias do Cima Côa, do bispado de Lamego, e outros do bispado de Vizeu; finalmente em 1882 foi supprimido o bispado de Pinhel e passaram para o da Guarda esta e quasi todas as outras freguezias d'aquelle bispado.

V. *Caliabria, Côa, Riba-Côa, Villa Nova de Foscôa,—Sabugal* e particularmente *Senhora do Campo.*

—

Depois que o *Cima-Côa* temporal e espiritualmente passou para Portugal, ainda esta parochia administrativa e judicialmente correu variada sorte.

Sabemos que em differentes datas pertenceu aos extinctos concelhos de Almendra e de Castello Rodrigo,—ás comarcas (corregedorias) de Pinhel e de Trancoso—e á grande provedoria de Lamego, que se estendia desde o concelho d'Arouca incluzivamente, a O., até á raia da Hespanha, a E.—abrangendo ainda a N. em Traz os Montes grande parte do districto de Villa Real, desde a margem direita do Tua até á esquerda do rio Teixeira, comprehendendo os actuaes concelhos de Mezãofrio, Regoa, Penaguião, Sabrosa, Alijó e parte do de Villa Real, incluindo a propria villa!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes* n'este diccionario e *Lamego* no supplemento.

Tambem esta freguezia pertenceu á comarca de Villa Nova de Foscôa, antes de passar para a de Figueira de Castello Rodrigo.

Passemos adiante.

Casos tristes

Em 1834, durante as crueis represalias que os liberaes exerceram sobre os realistas, achando-se n'esta parochia hospedado o tenente coronel das milicias de Trancoso, João Damasceno Pereira Coutinho, na casa do capitão-mór de Castello Rodrigo, foi barbaramente assassinado, bem como o dono da casa e um filho d'este.

Vamos fechar este artigo mencionando um facto ainda mais triste e commovente. Parece um romance ou lenda, mas foi, infelizmente, um facto.

—

Em um livro do archivo parochial d'esta abbadia se encontra registrado o seguinte: [1]

No anno de 1676 (ha 210 annos) em uma das noites de 26 de maio a 13 de setembro, estando o rev. abbade João de Barros e Brito descançando na sua cama, bateram á porta da residencia parochial pedindo sacramentos para um enfermo agonisante. Levantou-se immediatamente o abbade, mas, apenas

---

[1] A cidade episcopal d'este nome esteve junto da foz da ribeira d'Aguiar e por consequencia era vizinha d'esta parochia de *Villar d'Amargo.*

[1] Nós já visitamos o *Cima-Côa* e estivemos em Castello Rodrigo, Figueira de Castello Rodrigo, Barca d'Alva, Escalhão, etc. mas não entramos em *Villar d'Amargo* nem vimos o mencionado livro. Regulamo-nos pelos apontamentos que se dignou enviar-nos o ex.mo sr. José Augusto d'Almeida Crespo, de Figueira de Castello Rodrigo, e que nos merece todo o credito.

abriu a porta para saber quem era o enfermo, foi surprehendido por dois homens estranhos, mascarados e armados, que lhe intimaram silencio e o obrigaram a acompanhal-os até á egreja, dizendo que a sua presença se tornava urgentissima ali.

Logo que chegou ao adro no meio dos dictos dois homens, viu uma comitiva de cavalleiros que o cercaram. Aberta a porta da egreja, apearam-se,—entraram com elle de roldão,—fecharam-n'a sobre si—e logo lhe apresentaram uma mulher com apparencia de senhora distincta, intimando-o para que a confessasse e lhe ministrasse a communhão, *que elles lhe dariam o lavatorio!...*

—

Dirigiu-se o abbade para o confessionario e, quando estava ouvindo a infeliz senhora, notou que os malvados tractavam de abrir uma sepultura na egreja. Convenceu-se de que iam praticar um grande crime, e, não podendo impedil-o, resolveu demorar a confissão o mais possivel, para ver se entretanto a providencia ou algum caso fortuito salvava a pobre senhora; mas os malvados abeirando-se do confissionario, intimaram o abbade para que *sem mais delongas* posesse termo á confissão. Concluida ella, ministrou á penitente a sagrada eucharistia;—os malvados lhe deram o *tal lavatorio*;—momentos depois a infeliz senhora era cadaver;—enterraram-n'a;—intimaram ao abbade completo silencio *sob pena de morte*—e retiraram-se.

—

Nunca se souberam os nomes da infeliz senhora nem dos assassinos, mas tal horror se apoderou do abbade que, dias depois, deixou a egreja, a sua casa e a suá familia; partiu para Roma;—deu conhecimento de tudo ao papa—e este o nomeou conego de Villar *amargo* ou de Amargo [1].

Conclue a dicta nota dizendo—que o abbade ainda viveu muitos annos, mas não mais saiu de Roma;—que d'ali mandou para esta sua egreja, como saudosa lembrança, reliquias de Santo Eugenio e Santo Augusto, que foram recebidas com grande pompa n'esta parochia no dia 29 d'abril de 1678 e teem sido todos os annos pomposamente festejadas.

Ainda hoje (1886) aquella festividade é a primeira d'esta freguezia.

Mandou tambem de Roma differentes alfaias para o culto e entre ellas «um riquissimo vaso sacramental de bellesa e primor inexcediveis» que foi muito maltractado pelos francezes em 1810 [1].

Note-se que esta egreja era da apresentação alternativa do papa e do bispo diocesano, pelo que o papa, como seu padroeiro, devia receber com particular interesse o abbade e conceder-lhe mais facilmente as reliquias, etc.

—

A pedido meu, o sr. dr. Manuel de Barros Nobre, actual juiz de direito d'esta comarca, foi pessoalmente a Villar d'Amargo colher informações com relação a tão estranha occorrencia e apurou o seguinte:

É facto encontrar-se em um dos livros do registro parochial d'esta freguezia a nota a que se allude [2], lavrada pelo rev. João Thomaz de Carvalho Ferreira que, tendo sido parocho desde 1792 até 1795 na freguezia de *Penha d'Aguia*, e depois abbade da de *Escarigo* (ambas d'este concelho) desde 1795 até 1806, passou em seguida para esta de *Villar d'Amargo*, tomando posse em 23 de julho de 1812 e ao tempo em que lavrou a dicta nota (2 de julho de 1815) não só era aqui abbade, mas commissario do Santo Officio, arcypreste d'Almendra, examinador synodal, visitador do bispado no districto do *Cima-Côa*, etc.,—e disse elle *que indagou com muita diligencia tudo o que escreveu.* Merece pois credito, posto que não indique as fontes ou provas de facto tão estranho.

Por seu turno o abbade actual assevera ser ainda hoje constante e firme a tradição a tal respeito e indicou ao meu amigo a se-

---

[1] Proviria d'aqui o titulo d'esta egreja? Vamos indagar.

[1] Era de crystal e prata. Os francezes arrancaram-lhe bruscamente a prata e deixaram só o crystal.

[2] Ao sr. dr. M. Barros Nobre devemos a fineza de nos enviar uma copia fiel.

pultura onde jaz a tal senhora,—*no corpo da egreja, do lado do Evangelho.*

—

Posto que a egreja tem hoje casas proximas, o meu amigo notou que ao tempo da occorrencia estava distante da povoação cerca de 200 metros—e da casa que se aponta como residencia parochial n'aquelle tempo devia distar 250 metros.

Tambem o meu amigo, folheando os livros do registo parochial, averiguou o seguinte:

1.º—Que o abbade João de Barros e Brito, com quem se deu a estranha occorrencia, era sobrinho do seu antecessor Domingos Henrique de Barros, fallecido em 2 de março de 1652, data em que tomou posse o rev. João de Barros e Brito, talvez por haver n'elle, segundo se suppõe, resignado o tio.

2.º—Que João de Barros e Brito era licenciado em leis e tinha sido advogado em Lamego.

3.º—Que deixou effectivamente esta egreja e o nosso paiz em 1676, acolhendo-se a Roma, e que não mais regressou a Portugal, onde tinha a sua casa e *filhos*, entre elles o dr. Manuel de Barros e Brito, que foi tambem advogado em Lamego e casou em 1695 com Anna da Guerra, da qual teve:

—*Manuel de Barros,* que se ordenou e morreu sendo cura em Escarigo, e

—*Theodora de Barros.* Casou esta com Jeronymo da Fonseca e viveu n'esta freguezia de *Villar d'Amargo, nas mesmas casas* que foram do rev. dr. e abbade, seu avô paterno,—João de Barros e Brito;—note-se porem que este meu collega havia casado em Lamego, quando era ali advogado,—teve filhos do seu matrimonio—e ordenou-se já depois de viuvo.

—

Esta freguezia, muito antes da triste occorrencia, já tinha o mesmo nome de *Villar d'Amargo,* como apurou tambem o meu amigo e se lê no *Censual* do seculo XVI.

Archivo da Camara Ecclesiastica de Lamego.

Esta povoação nunca foi murada, mas teve um reducto, feito em 1648, durante a guerra da restauração, para abrigo e defesa dos seus habitantes contra as correrias dos hespanhoes.

Do tal reducto apenas hoje existe a torre, que estava no meio d'elle, e serve de torre do relogio. É pouco solida e terá 9 a 10 metros d'altura.

—

Ao meu bom amigo e antigo parochiano, o sr. dr. Manuel de Barros Nobre, natural da freguezia de *Tavora,* concelho de Taboaço,[1] e actualmente juiz de direito de Figueira de Castello Rodrigo, agradeço o incommodo que lhe dei e os apontamentos que se dignou enviar-me.

Ao sr. José Augusto d'Almeida Crespo, agradeço tambem os apontamentos que me enviou.

—

Esta freguezia no sec. XVI era da collação e confirmação dos bispos de Lamego;—pagava-lhes de confirmação 1 marco de prata (2$340 réis)—de visitação 500 réis;—de *cathedradeguo* 60 réis—e a terça.

De passagem diremos que n'aquelle tempo só as freguezias do Cima-Côa pagavam *cathedradeguo,* (60 a 240 réis cada uma) mas em compensação não pagavam *censuria,* como todas ou quasi todas as outras do bispado de Lamego.

Censual do sec. XVI.

VILLAR D'ANDORINHO, — freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, comarca, diocese e districto do Porto na provincia do Douro.

Abbadia;—orago o Salvador (Transfiguração)—fogos 410,—habitantes 1:740.

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos*

---

[1] V. *Tavora,* vol. 9.º pag. 518, col. 2.ª, onde se encontra muito em resumo a interessante biographia de s. ex.ª

Aproveitando o ensejo, diremos que foi advogado em Armamar, juiz ordinario em Taboaço, delegado do procurador regio em Moimenta da Beira e Arouca, juiz de direito em Santa Maria, nos Açores, e agora aqui, desde 1885.

É um cavalheiro a toda a prova,—muito energico e muito intelligente—e um magistrado dignissimo.

Ainda está solteiro e já não tem pae, nem mãe, nem irmãos!...

B. do Porto, era vigairaria da apresentação das freiras de Santa Clara d'aquella cidade e contava apenas 245 habitantes, que deviam corresponder a 60 fogos.

Em 1708, segundo se lê na *Chorogr. Port.* contava 112 fogos, que deviam corresponder a 450 habitantes.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, contava 188 fogos, que deviam corresponder a 770 habitantes.

Em 1856, segundo se lê no *Almanak Eccl. do Porto*, contava 347 fogos e 1:530 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 263 fogos e 1:368 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 333 fogos e 1:413 habitantes, em quanto que hoje, pelos meus apontamentos, conta 410 fogos e 1:740 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a população d'esta rica, antiquissima e muito importante freguezia, que os nossos chorographos *até hoje* simplesmente indicaram. Apenas o padre Carvalho, confundindo-a com a de *Villar de Paraiso*, d'este mesmo concelho de Gaya, disse—que era vigairaria da apresentação de um secular que fazia as vezes de parocho, lia as estações aos freguezes e comia os benesses da egreja por breve de S. Santidade. Isto mesmo se lê no 2.º dos 7 grossos volumes da *Chrogr. Moderna*, accrescentando apenas o seguinte:

«Parece que logo se poz termo a este abuso, visto o D. G. M. dar a ap. da egreja como pertencente ao mosteiro de Santa Clara, do Porto.»

Valha-nos Deus!...

Já em 1623, como dissemos supra, e alguns seculos antes, como logo provaremos, esta freguezia era da apresentação das dictas religiosas; mas prosigamos e tractemos de ver se adiantamos alguma coisa mais.

—

Demora na margem esquerda do rio *Febros* (confluente do Douro) do qual dista a egreja matriz cerca de 1 kilometro;—3 do esteiro d'Avintes, margem esquerda do Douro;—4 da estação das Devesas ou de Villa Nova de Gaya, na linha ferrea do Norte;—5 do Porto;—138 de Valença do Minho—e 341 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Santa Eulalia de Oliveira do Douro a N.,—Pedroso a S.,—S. Christovam de Mafamude a N.O.,—Avintes a E.—e Canellas a S.O.

Comprehende as aldeias seguintes:

—*Serpente* a S.O.; dista da egreja parochial 3 kilometros;—terá 60 fogos—e parte com a freguezia de Canellas, servindo de linha divisoria a estrada real a macadam do Porto a Coimbra, no sitio da *Rechousa*.

—*Balteiro*, a S.; dista da egreja parochial cerca de 2 kilometros—e terá 40 fogos.

—*Menesas* a S. E.;—conta 23 fogos—e devia pertencer á freguezia d'Avintes, porque está na margem direita do rio Febros.

Quasi todos os habitantes d'esta aldeia são moleiros.

Este povo dista da matriz cerca de 1:500 metros.

—*Lijó*, tambem a S.E.;—dista da matriz cerca de 2 kilometros;—conta 30 fogos—e quasi todos os seus habitantes são lavradores ou proprietarios.

—*Gesta* a E.;—dista da egreja matriz pouco mais de 1 kilometro;—é povoação meeira com a freguezia de Avintes, muito mais distante, pelo que toda esta povoação devia pertencer a Villar d'Andorinho, mas pertencem-lhe apenas 7 fogos—e todos pobres.

—*Moinhos* a N.O.;—dista tambem pouco mais de 1 kilometro da egreja matriz;—está na margem esquerda do rio Febros;—conta 13 fogos e quasi todos os seus habitantes são moleiros; mas um d'elles—Manuel Pinto dos Santos,—foi um dos homens mais ricos d'esta freguezia e um dos 40 maiores contribuintes d'este grande concelho.

Vivia sordidamente; era, porém, não só moleiro, mas *grande proprietario e capitalista*. A sua fortuna era avaliada em 90 a 100 contos de réis, que de nada lhe serviam!...

Falleceu ainda ha poucos mezes, n'este anno de 1886, e deixou 5 filhos, um dos quaes vive na ilha de S. Miguel com um tio (Gomes Neto) muito rico tambem.

—*Baisa* a N.;—está junto da egreja matriz, da qual dista cerca de 200 metros;—conta 17 fogos e abastados lavradores, nomeadamente 3.

É uma das povoações mais ricas d'esta freguezia.

—*Mariz* a N.;—dista cerca de 1 kilometro da egreja matriz;—conta 66 fogos—e é tambem povoação rica, porque os seus habitantes são quasi todos lavradores ou proprietarios.

—*Villar*, a séde da egreja matriz;—conta 140 fogos, mas os seus habitantes são quasi todos pobres,—simples jornaleiros.

Apenas tem 2 lavradores abastados e alguns outros menos importantes. Quasi toda a propriedade pertence ás duas quintas da *Socima* e *De Baixo*.

—*S. Lourenço* a S.;—dista da egreja matriz mais de 2 kilometros;—é uma aldeia populosa e bastante rica, pois tem muitos lavradores, mas a sua população forma um verdadeiro labyrintho! Parte é da freguezia de Pedroso, cuja egreja dista d'aqui 6 kilometros,—a outra parte, cerca de 40 fogos, pertence a Villar d'Andorinho, estando os fogos das duas freguezias misturados e sem linha divisoria alguma.

É uma amalgama singularissima, que vamos explicar:

Esta povoação é muito antiga e tem uma capella de S. Lourenço que foi a primeira matriz d'este povo e dos povos circumvisinhos, os quaes todos obedeciam ou eram *annexos* ao convento benedictino de *Pedroso*, fundado no seculo IX. [1]

Durante seculos o termo da freguezia e do convento de Pedroso, segundo consta de um antigo tombo d'este convento, confinava pelo lado N. com a freguezia de Santa Eulalia de Oliveira do Douro, o que prova que ainda então não existia esta parochia de Villar, pois está entre a de Pedroso e a de Oliveira. Foi creada pelos dictos frades quando viram desenvolver-se a N. do seu convento povoações de certa importancia, e deram-lhe por séde a povoação de Villar, que de um rico lavrador, seu habitante, cognominado *Andorinho*, tomou o nome de *Villar d'Andorinho*, nome que ainda hoje conserva. É isto o que diz a tradição, mas nós suppomos que *Andorinho* é corrupção de *Adonorigo*, nome gado,—e que a dicta povoação, quinta ou granja de *Villar* (pequena villa) foi propriedade e residencia de *Adonorigo Gonçalves do Marnel*, fidalgo distinctissimo, neto dos fundadores do convento de Pedroso,—ou de *Adonorigo Gondoindes*, filho do *Adonorigo do Marnel* [1].

—

Para a nova freguezia de Villar de *Adonorigo*, hoje *Andorinho*, devia passar a povoação de S. Lourenço, mas alguns dos seus habitantes, magoados por lhes tirarem a sua autonomia, recalcitraram, dizendo que antes queriam pertencer á freguezia de Pedroso, embora muito mais distante do que a nova erecta. Seguiram-se grandes questões e, como os frades os não podessem harmonisar e trazer a bom accordo, deram-lhes liberdade para escolher cada um a freguezia que mais lhe agradasse, pois ambas *n'aquelle tempo* eram da apresentação do dicto mosteiro.

Eis o motivo porque desde remotissima data *até hoje* os habitantes de S. Lourenço podem *a seu livre arbitrio* ser parochianos de Pedroso ou de Villar,—e d'aqui vem a confusão que ainda dura, pois em qualquer ponto da povoação que se edifique uma casa pode o dono d'ella ser *á sua vontade* de uma ou outra das duas freguezias!

O resultado é o seguinte:

Para quem, por exemplo, fôr de Villar para Pedroso pela aldeia e rua de S. Lourenço,—a 1.ª casa que encontra é de Villar, —a 7.ª de Pedroso,—a 8.ª de Villar;—segue-se a capella de S. Lourenço, que é de Villar tambem,—depois casas de Pedroso—e em seguida mais casas de Villar!...

O mesmo succede atravessando-se em outra qualquer direcção esta aldeia.

Nunca vimos amalgama semelhante! [2].

---

[1] V. *Pedroso*, vol. 6.º pag. 543, col. 1.ª

[1] V. *Pedroso*, logar citado,—e *Marnel*.

[2] Lembra-nos o que se dá na villa de Gouveia, districto da Guarda:

Tem 2 freguezias:—*S. Pedro e S. Julião*—e, se algum dos parochianos da de S. Pedro fizer casa na de S. Julião, ou *vice-versa*, a nova casa fica pertencendo á freguezia onde viver o dono d'ella, pelo que ha ali muitas casas na freguezia de S. Pedro que pertencem á de S. Julião, e *vice-versa*.

Aquillo tambem *não é feio*, mas em todo

—

Producções dominantes:—milho, centeio e vinho verde, mas que tem venda facil por preços remuneradores.

Tambem abunda em agua [1] e hervagens, pelo que engorda muito gado bovino, que manda para a Inglaterra.

Foi esta industria uma das mais importantes ao norte do nosso paiz, mas decahiu consideravelmente nos ultimos 2 annos, depois que os Estados Unidos da America se incumbiram de abastecer de carne a Inglaterra, como estão abastecendo de algodão e cereaes toda a Europa.

V. *Exportação de gado bovino*, vol. 3.º pag. 129, col. 2.ª—onde se encontra uma nota estatistica dos bois que desde 1847 até 1873 exportámos para a Inglaterra,—*só pela barra do Porto*,—e, aproveitando o ensejo, vamos completar aquella nota desde 1874 até 1885:

Annos	Cabeças	Valores
1874	20:310	1.560:380$000
1875	21:941	1.657:415$000
1876	13:434	1.140:950$000
1877	15:292	1.153:185$000
1878	13:932	1.168:040$000
1879	14:513	1.261:800$000
1880	16:386	1.290:180$000
1881	13:391	1.033:500$000
1882	22:415	2.042:467$000
1883	21:697	1.942:468$000
1884	17:927	1.613:003$000
1885	8:797	793:067$000

Do exposto se vê que tendo nós exportado em 1882 pela *barra do Porto* 22:415 bois no valor de 2.042:467$000 réis, a exportação foi baixando e no anno ultimo (1885) exportamos apenas 8:797 bois no valor de réis 797:067$000.

Differença para menos:

Réis.....	1.249:400$000
Bois.....	13:618

Vejam que differença!

Em compensação, ainda em 1882 exportavamos pouco, muito pouco vinho para França, emquanto que nos ultimos dois annos (1884 e 1885) exportâmos milhares e milhares de pipas, no valor de milhares de contos,—comprehendendo vinhos de todas as provincias do nosso paiz, incluzive os verdes e *rascantes* do Minho,—e exceptuando os generosos do Alto Douro, porque infelizmente a phylloxera destroçou quasi todos os vinhedos d'aquella região, como grande parte dos da França,—e até hoje (1886) nem uns nem os outros se reconstituiram ainda. Pelo contrario—a devastação causada pela maldita phylloxera augmenta cada vez mais —e nós infelizmente já não temos districto algum incolume!...

V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz os-Montes*, *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*..

—

Acha-se tambem decadente a exportação de cebôlas para a Inglaterra, tendo sido muito importante ao norte do nosso paiz, nomeadamente n'esta freguezia de Villar.

Ha aqui lavrador que *só em um anno* apurou 1:200$000 réis em cebôlas!...

Tambem d'esta freguezia vae para o Porto grande quantidade de hortaliça e leite de vacca, no valor de muitos contos de réis por anno.

É tambem muito antiga n'esta parochia e representa contos de réis por anno a industria da lavagem de roupa, em que se empregam centos de mulheres.

Lava-se n'esta freguezia uma grande parte da roupa do Porto [1]—e lavar-se-ha emquan-

---

o caso as duas freguezias teem *area distincta* e *linha divisoria entre si*, o que não succede na dicta aldeia de S. Lourenço.

[1] Além de ter muita e excellente agua nativa, potavel e de rega, de veia corrente, ha n'esta freguezia mais de 100 noras de tirar agua, movidas por bois. Só nas aldeias de Baisa e Mariz se contam 38 dos taes engenhos.

[1] Já em 13 de novembro de 1656 o parocho se queixou ao visitador Fernão Pereira Soares, dizendo—que as lavadeiras, suas visinhas, lavavam muita roupa da cidade e sujavam a agua que ia para a residencia e

to ali se não desenvolver a lavagem a vapor, já iniciada com bom exito pela Santa Casa da Misericordia, que tem duas lavanderias d'aquelle systema,—uma no seu hospital de Santo Antonio,—outra no de Alienados.

Tambem no Porto e em Villa Nova de Gaya se empregam e ganham contos de réis por anno centos d'homens d'esta freguezia como artistas e trabalhadores da alfandega, d'armazens de vinhos, etc.

Tambem é aqui muito importante a industria da moagem de cereaes, pois só o rio Febros move nada menos de 164 rodas de moinhos, grande parte das quaes pertencem a esta freguezia;—e entre os seus muitos moleiros avultou Manoel Pinto dos Santos, já mencionado, que deixou a bagatella de 90 a 100 contos de réis,—fortuna superior á de muitos titulares!...

—

Ha tambem n'esta freguezia 4 grandes quintas:

1.ª—*Quinta de Baixo*, na aldeia de Villar.

Pertence aos herdeiros de Francisco Xavier Calheiros de Noronha, de Vianna, fallecido em 1883.

V. *Vianna do Castello.*

Tem boa casa nobre com brasão d'armas e uma capella de S. João Baptista com um soberbo retabulo de talha dourada, galilé e côro.

Pertencem a esta quinta muitos foros.

2.ª—*Quinta da Soêma.*

Foi de José Correia de Mello da Silveira e pertence hoje aos seus herdeiros, dois filhos naturaes, ainda menores.

Tem boa casa nobre e capella, tambem dedicada a S. João Baptista—e demora na mesma aldeia de Villar.

3.ª—*Quinta da Serpente*, na aldeia d'este lindo nome.

Foi de José Carneiro, fallecido ha muitos annos sem descendencia, e é hoje dos filhos do dr. Alexandrino de Castro, que foi secretario da camara de Villa Nova de Gaya.

É um predio espaçoso e tem boa casa de habitação.

4.ª—*Quinta da Rechousa*, na aldeia d'este nome.

Foi de Domingos Augusto da Silva Freitas Menezes e Vasconcellos, bem conhecido no Porto como *fidalgo da casa da Fabrica*, recentemente fallecido.

Tem boa casa brasonada e capella com a invocação de Jesus, Maria e José.

—

Ha finalmente n'esta parochia muitos pinheiraes e soberbas pedreiras de granito.

Os pinheiraes abastecem-n'a de combustivel e de madeira para construcções. Além d'isso temperam a athmosphera, embalsamam o ar, embellesam os seus montes e contribuem poderosamente para que esta parochia seja, como effectivamente é,—*muito saudavel.*

O granito das suas vastas pedreiras é tambem um manancial de riquesa, por ser o melhor que se encontra em todo o concelho de Villa Nova de Gaya.

D'ali[1] foi o granito para o convento de Grijó (diz a tradição) e para todas as casas principaes d'esta freguezia e das circumvisinhas, nomeadamente para as de Villa Nova de Gaya,—para o convento cruzio da Serra, para a estação das Devesas, e para a *Escola Municipal*, recentemente acabada.

Além do preço da vendagem do granito,[2] empregam-se muitos braços na exploração d'elle e muitas juntas de bois na sua condução, o que tudo representa um grande capital.

Dos tres ultimos topicos se vê qual a importancia e riquesa d'esta parochia.

---

em que lavava a roupa da egreja, pelo que o visitador lhes prohibiu sob pena de excommunhão *latae sententiae* o continuarem a lavar a roupa n'aquelle sitio, impondo a cada uma das transgressoras a multa de 100 réis.

[1] Da *Pedreira de Santo Antonio*, que é hoje uma *tapada* e pinheiral.

[2] O melhor é o do *Monte da Matta*, que foi dividido em *sortes* e é hoje propriedade particular. Rivalisa com o do *Monte de S. Gens*, que é o melhor das cercanias do Porto,—e com o da *Serra de S. Domingos*, junto de Lamego, que é o melhor da Beira Alta —e com o do monte da *Penida*, junto de Barcellos, que é o melhor do Minho—e *talvez de Portugal!...*

V. *Villar*, aldeia da freguezia de Fontello. —e *Villar de Frades.*

Templos

Além da sua egreja matriz, tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Lourenço*, na aldeia d'este nome.

É um templo singelo e antiquissimo, reedificado em differentes datas.

Tem sobre a porta principal a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA PERTENCE A
VILLAR D'ANDORINHO.

No meio da amalgama que se dá n'esta povoação, como já dissemos, todas as suas casas deviam ter um distico semelhante ao da capella, para se saber a que freguezia pertencem.

Diz a tradição que esta capellinha foi a 1.ª matriz d'esta parochia e por isso *ainda hoje* a 1.ª ladainha que nas sextas feiras da quaresma sae da egreja matriz actual, dirige-se a esta capella de S. Lourenço. cujo padroeiro em tempos remotos teve pomposa festa annual com grande romaria, segundo se lê nas *Constituições* d'este bispado.

A dicta romagem acabou, mas ainda hoje aqui se festeja o padroeiro e a *Senhora de Guadalupe*, muito querida d'estes povos que por ignorancia a denominam *Senhora d'Agua de Lupe*, como denominam *Magdanélla* a freguezia de *Santa Maria Magdalena*, tambem d'este concelho.

A dicta capella de S. Lourenço é publica.

2.ª—*S. João Baptista*, na *Quinta de Baixo*, de que já fizemos menção.

3.ª—*S. João Baptista*, na quinta da *Soêma*.

4.ª—*Jesus Maria José*, na *Quinta da Rechousa*, tambem ja mencionadas.

Estas ultimas tres capellas são particulares, mas teem porta franca para o publico.

Tambem houve na povoação de Villar, no sitio ainda hoje denominado *Santa Ovaia*, uma capella com a invocação de *Santa Eulalia*, no chão que é hoje passal do parocho.

Era antiquissima e desappareceu ha muito tempo.

Suppõe-se que existiu no local onde, approximadamente em 1870, se encontrou uma sepultura de pedra, em fórma de pia.

—

Depois que a matriz d'esta parochia se mudou da aldeia de S. Lourenço para a de Villar, a sua 1.ª egreja esteve no local onde ainda hoje se vê a residencia parochial e unida a ella; como porem fosse pequena e o seu chão muito humido, resolveram fazer outra mais ampla—a matriz actual,—um pouco distante da residencia, mas em sitio bem escolhido:—alto, pittoresco e muito vistoso, sendo para lamentar que não transferissem tambem a residencia.

D'ali se descobre Valbom, Campanhã, Pedroso, S. Cosme de Gondomar, Avintes e o largo da Aguardente, hoje *Praça do Marquez de Pombal*, no Porto, etc.

Não se sabe ao certo a data da sua construcção, mas suppõe-se que foi feita no seculo XVI.

Na torre se vê a data de

1797

É um bom templo, mas pequeno para a população actual da freguezia.

Mede interiormente 25 palmos de largura e 127 de comprimento;—tem altar-mór e 4 lateraes com bons retabulos de talha dourada,—coro, orgão e torre com tres bellos sinos e relogio.

No alto do throno tem um crucifixo do *Salvador*, titular d'esta egreja, e aos lados as imagens de S. Bento, Santa Catharina e Santa Clara, sendo de boa esculptura esta ultima.

Na capella-mór se vê tambem um grande presepio com a adoração dos Magos e que tem pomposa festa annual no dia 6 de janeiro.

Os altares lateraes são os seguintes:

Do lado da Epistola:

1.º—*Senhora do Rosario*, com uma linda imagem da Virgem dentro de um camarim.

Tem confraria propria, legalmente erecta em 1810, e pomposa festa annual com romaria no 1.º domingo de maio.

No mesmo domingo o rev. José Maria Maia, de quem logo fallaremos, hoje abbade de Seixas, e que foi aqui parocho muitos annos, costumava, (honra lhe seja!) ministrar com grande pompa a 1.ª communhão aos meninos, o que dava muito relevo a esta festividade, mas infelizmente depois que o rev. Maia se ausentou decahiu a pompa da 1.ª communhão dos meninos.

2.º—*S. Sebastião*, o mais moderno e mais luxuoso d'esta egreja.

Foi concluido em 1877.

Do lado do Evangelho, tambem descendo da capella mór:

1.º—*Nossa Senhora da Conceição.*

Este altar substituiu e representa o de *Nossa Senhora do Ó*, que se venerava na antiga egreja, no dia de Nossa Senhora da Conceição.

Teve confraria propria, que era a fabriqueira d'esta parochia e fazia uma festa annual á Virgem, mas por falta de recursos a confraria acabou em 1883 e desde essa data é fabriqueira a junta de parochia.

2.º—*Das almas* ou *do Senhor Jesus das Almas.*

Tem confraria erecta em 1826 com muitas indulgencias e um anniversario na 2.ª feira immediata ao 2.º domingo d'outubro.

Conta hoje esta confraria mais de *tres mil irmãos* (?) d'esta parochia e das circumvisinhas.

Tambem n'este altar se venera o Menino Jesus, que tem confraria propria erecta em 1707, mas hoje conta um limitado numero de irmãos, por serem obrigados a pagar annualmente meio alqueire de milho, cada um.

Festejam o Menino Jesus no dia 1 de janeiro.

Tambem na matriz se festeja annualmente —Santa Luzia,—Santo Antonio com arraial, no domingo da Trindade,—e o corpo de Deus, no 3.º domingo d'agosto.

—

Esta parochia era dos frades benedictinos de Pedroso, mas, por escriptura feita em 19 de setembro de 1496, a cederam ás religiosas franciscanas de Santa Clara do Porto em troca da egreja de *S. João da Folhada*, no concelho de Marco de Canaveses. Ficou pois Villar d'Andorinho pertencendo desde 1496 até 1834 ás freiras de Santa Clara do Porto, que recebiam os dizimos e apresentavam o vigario, a quem davam a principio uma bagatella de congrua e o pé d'altar, mas com o decorrer dos tempos, augmento da população e subida do preço dos generos, os visitadores foram elevando a congrua dos vigarios. Em 1623 era de 18$000 réis;—em 1630 subiu a 24$000 réis—e em 1794 a 80$000 réis.

Hoje deve render 400$000 réis, approximadamente.

Contava então esta freguezia cerca de 200 fogos e de 800 habitantes e montavam os dizimos a 970$000 réis, que deviam corresponder a mais de 2:000$000 réis da moeda actual.[1]

Do exposto se vê que tanto a *Chorographia Portugueza* como a *Chorographia Moderna* foram mal informadas,—e no artigo *Villar de Paraiso* mostraremos quem era o *fidalgo que lia as estações e comia os dizimos* d'aquella e não d'esta parochia de Andorinho.

Cartorio da Universidade

Como esta freguezia, desde a sua instituição até 1496, foi do convento de Pedroso, e como este convento passou para os jesuitas e dos jesuitas para a Universidade, no archivo da Universidade se encontram muitos documentos importantes para a historia antiga d'esta parochia, como se vê do *Catalogo dos pergaminhos da Universidade de Coimbra*, feito pelo sr. Gabriel Pereira, illustrado filho d'Evora, e publicado em 1880.

Indicaremos apenas alguns d'aquelles documentos.

---

[1] Tambem as mesmas freiras recebiam os dizimos da minha terra natal, a freguezia da Penajoia, no concelho de Lamego,—dizimos não menos importantes, pois já em 1532 montavam a 160 alqueires d'azeite, 700 de pão, 2:000 de vinho e 2:500 de castanhas,—e em 1834 produzia aquella parochia muito pão, muitas castanhas, muita fructa e cerca de *duas mil pipas* de vinho!...

Era com certesa a melhor quinta das freiras de Santa Clara.

—A pag. 43 do dicto catalogo se menciona um do anno 1280, e que é a collação de um parocho d'esta freguezia, o que prova que ella data, pelo menos, do seculo XIII.

—A pag. 50 se menciona outro do anno 1318.

—A pag. 53 se menciona outro do anno 1342.

—A pag. 55 se menciona outro do anno 1361.

—A pag. 57 se menciona outro do anno 1374.

—A pag. 70 se menciona outro do anno 1459.

—A pag. 71 se menciona outro do anno 1470.

—A pag. 98 se menciona outro do anno 1256,—«pregaminho comprido, composto de tres pedaços deseguaes, um grande, outro menor e o ultimo muito menor. Sentença do bispo do Porto, D. Julião, a favor do mosteiro de Pedroso, sobre o padroado da egreja de Villar, contra o capitulo (cabido) da Sé do Porto, e pondo perpetuo silencio a outros pretendentes.

«No extremo do verso ha uma nota, que parece coeva, e diz: *de ecclesia sancti Salvatoris de vilare de feveros* [1]. No verso outra nota mais moderna (sec. XVI) diz: *S. Salvador de Villar d'Andorinho.* Outra mais moderna falla de *Villar d'Andorinho.*—João Pedro Ribeiro só diz *Villar.*—No documento falla-se de *S. Salvador de Villar*—e a $^1/_3$ proximamente se lê: *cujusdam hominis qui vocatur Andorinus;* [2]—algumas linhas infra: —*Andorinum filium fuisse dominici didaci cornicas,* [1] depois:—*Hermesenda germana Andorini.* [2]— Depois: —*ad fluvium feveros* (junto do rio *Feveros,* ou *Fevros,* que ainda hoje conserva o mesmo nome)»

O tal pergaminho (diz ainda o *Catalogo*) contém copias dos 9 documentos seguintes:

1.º	da era de	1235,	anno	1197.
2.º	»	»	1174,	»	1136.
3.º	»	»	1172,	»	1134.
4.º	»	»	1217,	»	1179.
5.º	»	»	1238,	»	1200.
6.º	»	»	1238,	»	1200.
7.º	»	»	1240,	»	1202.
8.º	»	»	1241,	»	1203.
9.º	»	»	1249,	»	1211.

—

Finalmente a pag. 110, sob o n.º 12 da 4.ª collecção especial, menciona um pergaminho muito importante para esta freguezia. Lamentamos não o ter á mão.

É da primeira metade do seculo XIV e n'elle se descreve o termo d'esta freguezia n'aquella data.

Principia assim:

Isti sunt termini de ecclesia sci salvatoris d'avilar que nocitant d'ferveros...

«Estes são os termos da egreja (freguezia) de S. Salvador de Villar que chamam de *Ferveros* (Villar d'Andorinho)»—e descreve em seguida os dictos termos.

É pois no cartorio da Universidade de Coimbra que se encontram os documentos mais importantes para a historia antiga d'esta parochia, mas quem houver de os consultar necessita de saber paleographia.

---

[1] Da egreja de S. Salvador de Villar de Feveros ou *Febros.*

Assim se denominava tambem outr'ora esta freguezia, por confinar com o rio *Febros,* como já dissemos.

[2] De um certo homem que se chama *Andorinho.*

D'aqui se infere que esta povoação de *Villar* no anno de 1256 era de um homem chamado *Andorinho* e que tomou d'elle o nome, como diz a tradição; mas talvez que *Andorinho* já fosse corrupção de *Adonorigo,* mencionado retro.

[1] Que o tal *Andorinho* era filho de *Domingos Diogo de Cornes.*

Permittam-me aventar a supposição de que este fidalgo era gallego, pois junto de S. Thiago de Compostella, na Gallisa, ha uma povoação importante denominada *Cornes* e d'ella tomou o nome a 1.ª estação da linha ferrea de S. Thiago a Carril.

Nós tambem hoje temos com o mesmo nome de *Cornes* uma aldeia na freguezia de *Espiunca,* concelho d'Arouca,—e uma aldeia e uma freguezia no concelho de Villa Nova da Cerveira, em frente da Gallisa.

[2] Que o tal *Andorinho* tinha uma irmã chamada *Ermesinda.*

O rio Febros

Banham esta parochia o rio *Febros* e differentes regatos seus confluentes.

O Febros nasce a N.E. do monte das *Vendas de Grijó*, na aldeia das *Corgas*, freguezia de Seixezello, junto da egreja matriz, lado O., onde tem um grande lavadouro publico;—caminha para leste, engrossando á proporção que avança;—atravessa e fertilisa os campos da formosa ribeira de Seixezello; toca na aldeia do *Amial* (freguezia do Olival) onde atravessa a antiga estrada de Vizeu e Arouca, e ali se lhe une um arroio que vem dos montes do Amial, mas que pertence á freguezia d'Argoncilhe!...—depois atravessa e fertilisa os vastos campos de *Lavadorinhos*, outra aldeia da freguezia de Olival, em cujo termo recebe as aguas do *Rio de Lobo* e outras que descem dos montes de *Seixo Alvo*, ou *Seixalvo*, com as quaes engrossa e principia a mover moinhos;—atravessa a povoação da Costa e alguns chãos da freguezia de Pedroso—e logo entra na freguezia de Villar, banhando a aldeia das *Menesas*, que devia pertencer á freguezia d'Avintes, porque está na margem direita, e o Febros é officialmente a linha divisoria das duas freguezias na extensão approximada de 2 kilometros, desde a aldeia das *Menesas*, até á de *Moinhos;*—depois divide a freguezia de Avintes da de Santa Eulalia de Oliveira do Douro até que desagua no rio d'este nome, formando na enseada o *Esteiro d'Avintes*.

Tem de curso total approximadamente 15 kilometros,—fertilisa muitos campos—e dá hoje movimento a 164 rodas de moinhos, pertencentes ás freguezias de Pedroso, Villar e Avintes. Já moveu maior numero, mas a cheia de dezembro de 1860 destruiu alguns—e a da noite de 20 para 21 de outubro de 1865,—a maior cheia de que ha memoria no Febros,—levou d'envolta 17 rodas de moinhos e varias pontes, destroçando ao mesmo tempo os campos marginaes e causando prejuisos enormes!

—

É muito pittoresco este rio no esteiro de Avintes, principalmente quando as chuvas do Douro o invadem, formando uma enseada de dois kilometros d'extensão para o interior e ficando em uma especie de promontorio o celebre morro do *Crasto* (Castro) ramificação dos *Montes da Matta*, d'esta freguezia, —morro gigante de forma pyramidal, aprumado sobre o Febros e só accessivel pelo lado sul. É um castello natural muito defensavel para o tempo d'armas brancas, e o seu nome e a sua configuração indicam ter sido ponto de refugio e defesa em tempos remotos.

Dista 1 kilometro da margem esquerda do Douro—e do curuto d'elle se gosa um panorama interessantissimo:

Ao sopé o rio e o esteiro, bons campos e algumas casinhas alvas de neve;—á esquerda a linda cerca dos frades da Conceição, hoje quinta do conselheiro Manuel Maria da Costa Leite [1];—á direita a vistosa e rica povoação d'Avintes;—ao norte o rio Douro, aqui manso e pacifico, sempre sulcado por flotilhas de barcos variadissimos desde os *rabellos* de longo curso até os botes, guigas e vapores de recreio;—além Douro as povoações de Campanhã e Valbom, avultando á esquerda o palacio do Freiro—e á direita a quinta das *Sete Capellas*, da familia Montenegro.

—

A pequena distancia do monte do *Crasto* se ergue a N. o monte do *Carcajido*, mettendo-se de permeio apenas o ribeiro de *Baisa*, confluente do *Febros*. Do alto d'elle se gosa um panorama semelhante ao do *Crasto*, mas muito mais amplo. D'ali se descobre o Porto e a egreja da Lapa, ficando as duas torres d'este templo em linha tal que a vista atravessa as 2 sineiras lateraes, como se fossem uma só.

Este monte é banhado tambem pelo *Febros* e pelas enchentes do Douro, do qual fica mais proximo, e parece um marco er-

---

1 É capitalista e proprietario, lente da *Escola Medico-Cirurgica* do Porto e director actual da mesma Escola;—rezide no Largo das Virtudes;—é casado e tem successão,—e em julho do corrente anno de 1886 foi nomeado *visconde de Oliveira*.

V. *Myragaya*, vol. 5.º pag. 262, col. 2.ª

guido entre as freguezias d'Avintes, Villar e Oliveira.

Vamos fechar este topico dizendo que os visinhos do *Febros* não conhecem este rio por tal nome, mas pelo de *Madri'a*.

É trivial dizerem:—Vamos ao peixe á *Madri'a*,—a *Madri'a* está secca, etc.

Sirva o exposto de *rectificação* e *additamento* ao artigo *Feveros*, vol. 3.º pag. 180, col. 2.ª

Montes

Além dos mencionados avulta n'esta parochia o *Monte Grande*, a O. de Villar e de Oliveira—e a S. e O. de Mafamude.

Tem differentes sitios com differentes nomes:—*Cravellas*, *Santo Ovidio*, onde está uma capella d'esta invocação,—*Sardoal*, *Telegrapho*, onde esteve um telegrapho antigo de madeira,—*Monte de Laborim*,—e *Serra de S. Thiago*, toda de granito e sobranceira ás freguezias de Villar e Oliveira.

Tomou o nome de uma capella do apostolo, pertencente á ultima freguezia e que tem festa annual com um *clamor* ou procissão que ali vae da freguezia de Oliveira, desde tempo remotissimo, em cumprimento d'um voto.

Do curuto da dicta serra de S. Thiago se descobre um horisonte vastissimo:—a cidade do Porto, grande extensão do occeano e da costa, desde Leça até Espinho, e muitas terras do interior até os montes de Santo Thyrso, Vallongo, Marão, Penafiel e Arouca.

É um dos mais interessantes miradouros de Portugal, mas hoje os pinheiros que o povoam tolhem bastante as vistas.

Tem o dicto curuto uma pyramide geodesica e um marco, onde podem reunir-se e jogar o voltarete, revestidos com as insignias proprias da sua jurisdicção, os parochos de Villar, Mafamude e Oliveira, pois divide os termos d'estas 3 freguezias—e alguem diz que tambem ali toca a freguezia de Canellas.

Lista dos parochos

Desde 1617 (não podemos ir mais longe) foram collados n'esta freguezia os parochos seguintes:

Jeronymo Ayres, de 1617 a 1622.

João Leal Franco, de, 1623 a 1635.

Pedro Alvares Pereira, de 1637 a 1665.

Antonio Aranha Leão, de 1671 a 1709,—ou durante 28 annos,—e conservou se esta egreja na familia dos Aranhas nada menos de 143 annos, como os leitores vão ver, pois este, que era, da casa e quinta da *Egreja*, freguezia de Santo André de Lever, no concelho da Feira, renunciou no seu sobrinho:

Manuel Moreira Leão, filho de Cosme Aranha e de D. Maria das Neves. Foi aqui parocho de 1710 a 1733, e renunciou no seu sobrinho:

Antonio Aranha Leão, filho de Cosme Aranha e de D. Maria Antonia.

Foi parocho desde 1734 até 1794,—ou durante 60 annos consecutivos!... Era muito virtuoso [1] e falleceu com opinião de santo, tendo renunciado no seu sobrinho:

João Moreira Aranha, filho de Manuel Moreira Aranha e de D. Anna Maria da Silva.

Parochiou desde 1794 até 1814.

Foi um parocho benemerito, pois fez a parte nova da residencia e, se a morte o não surprehendesse, acabava por certo o edificio, que ficou em meio e é, mesmo assim, uma boa casa.

Conservou se pois esta egreja desde 1671 até 1814—ou durante 143 annos!...—na posse dos Aranhas da casa de Lever,—casa que ainda hoje (1886) pertence á mesma familia, muito dignamente representada pelo rev.mo sr. dr. Bernardo Moreira Aranha Furtado de Mendonça, que residia na sua casa de Santa Eulalia de Pedorido, concelho de Castello de Paiva, e hoje rezide no novo Se-

---

[1] Falleceu depois de 1794, mas foi suspenso e coagido a renunciar no sobrinho, por estar muito decrepito e não poder já bem cumprir o munus parochial.

Era muito amigo de creanças; costumava tractal-as nas suas doenças, applicando-lhes certas *mezinhas*, com o que adquiriu grande fama.

Jaz na capella-mór da egreja, na sepultura propria dos parochos, e ainda hoje (1886) ali lhe levam de grande distancia as creancinhas doentes;—collocam-nas sobre a sepultura e fazem orações ao finado, convencidos de que dentro de 8 dias ou a creancinha morre—ou se restabelece.

minario episcopal de Nossa Senhora do Rosario, fundado pelo eminentissimo sr. Cardeal D. Americo, bispo do Porto, junto da povoação dos *Carvalhos*, na freguezia de Pedroso,—seminario, onde o sr. dr. Bernardo Aranha, 2.º sobrinho do rev. João Moreira Aranha, é professor e vice-reitor.

—

Mas prosigamos com a lista dos parochos d'esta freguezia:

Antonio Pedrosa d'Araujo, de 1815 até 1855, ou 41 annos!...

Por causa das perturbações religiosas que se seguiram á implantação do governo constitucional, esteve ausente da sua egreja desde 1834 até 1843, sendo entretanto aqui parochos encommendados José Caetano da Motta e Domingos Alves Lopes, a vergonha do clero.[1]

Antonio Joaquim d'Almeida Raposo, de 1855 a 1856.

Era muito illustrado e foi transferido para a egreja de S. Pelagio de Fornos, bispado de Lamego.

José Maria Maia, de 1857 a 1882, ou durante 25 annos consecutivos, parocho de bons costumes e muito merecimento, hoje abbade da freguezia de Seixas, concelho de Caminha.

Antonio de Sá Teixeira Cardoso tem sido aqui parocho encommendado desde 1882 até hoje (1886).

—

O rev. José Maria Maia nasceu em Refoios do Lima a 4 de fevereiro de 1829;—foi alumno interno do seminario de S. Caetano, em Braga, de 1842 a 1851;—depois familiar do sr. D. Antonio Bernardo da Fonseca Moniz, então bispo do Algarve;—recebeu em Lisboa a ordem de presbytero, conferida pelo em.mo patriarcha D. Guilherme, em 1853;—n'esse anno foi despachado capellão militar de Sagres e parocho da mesma villa;—sendo o sr. D. Antonio B. da Fonseca Moniz transferido para o bispado do Porto em 1854, o rev. Maia pediu a sua demissão e em 1856 recolheu-se ao paço episcopal do Porto;—em 1857 foi provido n'esta egreja de Villar, onde se houve com zelo e dignidade e leccionou gratuitamente instrucção primaria 16 annos consecutivos, até que, por instancias suas, foi nomeado para esta freguezia um professor regio.

Encontrando a egreja muito pobre de paramentos, abriu uma subscripção entre os seus parochianos e amigos do Porto e conseguiu dotal-a com um palio decente, um paramento completo para as festividades e outros para uso.

Muito lhe deve pois esta parochia, mas, desejando approximar-se da sua familia e vagando a abbadia de Seixas, para ella se transferiu, collando-se no dia 27 de junho de 1882.

Foi-lhe dada a posse no dia 3 de julho do mesmo anno pelo rev. arcipreste de Ponte de Lima, parocho de Refojos de Lima, terra natal do rev. José Maria Maia, assistindo ao acto mais dois arciprestes e muitos cavalheiros.

Conta hoje pois o rev. Maia 57 annos de idade—e *trinta e tres* de vida parochial!...

A Santa

No dia 28 de dezembro de 1869, quando se tractava de remover para uma sepultura da egreja matriz uma grande quantidade d'ossos que obstruiam o vão onde trabalham os pesos do relogio, encontrou-se na dicta sepultura um cadaver de mulher ainda com dentes, cabello, mortalha e vestidos em bom estado de conservação.

O facto causou alvoroço e logo affluiu muita gente d'esta freguezia, das circumvisinhas e mesmo do Porto para verem a *Santa*, pois assim denominavam todos aquelle cadaver.

De dia para dia augmentava espantosamente a concorrencia, pelo que a auctoridade mandou sepultar novamente o cadaver; consta porem que ainda hoje se mostra a

---

[1] Referimo-nos ao padre Domingos Alves Lopes. Acobertado pela politica, foi o açoute dos seus parochianos. Tinha um viver dissoluto e fez parte da quadrilha que na noite de 2 de fevereiro de 1859 assaltou e roubou a casa do seu visinho Manuel Martins das Neves; mas acabou miseravelmente em uma enxerga do hospital da Misericordia.

Talis vita, finis ita!...

quem ali vae e que montam a uma somma importante os donativos em habitos, dinheiro, etc,

Ignora-se completamente o nome d'aquella mulher e dos seus paes, mas é certo que jazia ali ha muitos annos;—o povo, pela sua simplicidade, continua a denominal-a *santa* e conta muitos milagres, feitos por intercessão d'ella.

Tambem continua a denominar *santo* o fallecido vigario Antonio Aranha Leão e lhe attribue igualmente muitos *milagres*.

Viação

Atravessa esta freguezia pelo *Monte Grande* e pelas povoações de *S. Lourenço* e *Balteiro* a nova estrada a macadam, de *Santo Ovidio* ou do *Alto da Bandeira* (freguezia de Mafamude) na estrada real do Porto a Coimbra e Lisboa,—para a freguezia de Lobão.

No sitio do *Padrão Vermelho* aquella estrada entronca na estrada municipal a macadam, que do mesmo ponto da *Bandeira* se dirige a Lobão, atravez das freguezias de Mafamude, Oliveira e Avintes—e que da freguezia de Oliveira dá um ramal para a matriz d'esta parochia de Villar d'Andorinho, tambem ligada por outro ramal com a estrada a macadam, primeiramente descripta.

Tem pois esta parochia hoje boas estradas que a ligam com as parochias visinhas e com Villa Nova de Gaya, com o Douro e com o Porto.

Noticias diversas

Entre esta freguezia e as de Avintes e Oliveira houve em outro tempo certa rivalidade, trocando nomes feios.

Costumavam insultar-se chamando *rabões* aos de Oliveira,—*chinos* aos d'Avintes—e *pardos* aos de Villar.

—Quando fallece alguem na povoação da *Serpente*, d'esta freguezia, e se faz o acompanhamento, vae apoz elles uma mulher levando á cabeça uma grande regueifa e um pipo ou garrafão com vinho para beberete dos convidados.

Em outras povoações e freguezias d'este concelho de Gaya e d'outros do bispado do Porto ha o mesmo costume do *beberete*, e em algumas, como na de Canellas, ha até casa propria no adro, destinada para o dicto *beberete* e por isso denominada *casa das pingas*.

—O vestuario dos habitantes d'esta freguezia é o proprio dos arrabaldes do Porto, caprichando as *lavradeiras* em se carregarem d'ouro e de saias nos dias de festa. Por vezes *só uma* leva *vinte saias* e *dois a tres contos* de réis d'ouro em brincos, broches, anneis, relicarios, gargantilhas e cordões!...

Tambem no dia da 2.ª leitura dos banhos vae a noiva com os parentes a casa do noivo levando uma grande merenda, a que chamam *o cesto*, e muitos foguetes para queimarem no fim da merenda.

—Todas as casas d'esta freguezia revelam pouca antiguidade, exceptuando uma da aldeia de *Baiza*, pertencente á familia *Cunhas*.

Tem na padieira de uma janella uma inscripção em caracteres exoticos—e na sala da dicta janella interiormente nichos nas paredes, cavados na pedra, e pequenas pias, como as de agua benta!...

Visitações

Ha n'esta parochia um interessante *Livro de Visitas*, que principia em 1617 e termina em 1864. Como este artigo vae muito longo, extractaremos apenas o seguinte:

—Em 24 d'outubro de 1617 o visitador recommendou, entre outras coisas, a esmola para as freiras de Monchique.

V. *Miragaya*.

—Em 13 d'outubro de 1619 o visitador elogiou o vigario pelo seu zelo, etc.,—e mandou que os freguezes concertassem a *galilé da egreja*.

Hoje não tem galilé.

—Em 10 de julho de 1623 o visitador, no titulo *Obras novas da Madre Abbadeça* (do convento de Santa Clara, que recebia os dizimos d'esta egreja) mandou que désse uma toalha *de lavor de frandes, bem pendente das ilhargas*,—e um *balduario* (talvez livro de ladainhas).

—Em 18 de junho de 1630 o visitador ele-

vou a 24$000 réis a congrua do vigario e mandou que se não celebrasse missa *sem dois lumes*, etc.

—Em 17 d'outubro de 1633 o visitador mandou que o vigario, á estação da missa, indicasse aos seus freguezes os caminhos que necessitavam de concerto.

Em outro tempo os nossos bispos obrigavam o povo a concertar os caminhos—e muitos d'elles se tornaram benemeritos despendendo boas sommas em obras publicas, nomeadamente D. João de Sousa, arcebispo de Braga, e D. Manuel de Vasconcellos Pereira, bispo de Lamego.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. X, pag. 931, col. 1.ª e segg., n'este diccionario, —e *Lamego* e *Alvarenga* no supplemento.

—Em 3 de junho de 1637 o visitador outra vez *mandou* que os parochianos concertassem os caminhos, cada um nas suas testadas, etc.

—Em 13 d'outubro de 1645 o visitador mandou que os parochianos fizessem um frontal de *legatura* (tecido de lã) para o altar da Senhora do Ó.

Suppomos que este altar é hoje o de Nossa Senhora da Conceição.

—Em 8 de janeiro de 1647 o visitador pediu que soccorressem com uma esmola o padre Manoel de Deus, pobre e cego, residente no Porto.

—

—Em 21 de setembro de 1648 o visitador lamentou que a egreja não tivesse sacristia e ordenou que a madre abbadessa a mandasse construir.

—Em 26 d'outubro de 1650 o visitador, vendo que a madre abbadessa ainda não tinha mandado fazer a sacrista, multou-a em 4$800 réis, somma importante n'aquelle tempo.

—Em 29 de junho de 1652 o visitador mandou que festejassem a Senhora do Ó no dia da Conceição, como *antigamente* se festejava n'esta egreja.

—Em 9 d'outubro do mesmo anno o visitador mais uma vez mandou que os freguezes concertassem os caminhos, cada um nas suas testadas.

—Em 20 de novembro de 1653 o visitador mandou que *revocassem* a egreja pela parte de fóra, *tomando-lhe os boracos* que penetravam dentro!...

—Em 1 de dezembro de 1655 o visitador, constando-lhe haver cahido a capella de S. Lourenço, mandou que a madre abbadessa a fizesse reconstruir sem demora.

—Em 11 de novembro de 1659 o visitador prohibiu que os caçadores fossem á missa levando as armas e os cães,—sob pena de 550 réis por cada infracção.

—Em 25 de março de 1665 o visitador elogiou abertamente o parocho pelo seu zelo, etc.

—Em 30 de novembro de 1671 o visitador mandou que os freguezes concertassem os caminhos, aprumassem as arvores, cortassem as silvas e recolhessem as aguas dentro de 15 dias, sob pena de pagar 200 réis todo aquelle que assim o não cumprisse.

—

—Em 3 de dezembro de 1675 o visitador mandou que no acto do baptismo se dessem ás creanças nomes de *santos canonisados*, sob pena de 500 réis, pagos pelo ministrante.

Incumbiu tambem o parocho de expôr aos seus freguezes—que não era licito jurar falso para favorecer alguem.

Prohibiu tambem—*sob pena de excommunhão maior ipso facto incorrenda*—levar vinho aos arraiaes para vender, por occasião das festas religiosas;—e sob a mesma pena aggravada com 2$000 réis de multa para a Sé e meirinho, mandou que nos domingos e dias santos se não vendesse tambem vinho no adro e nas proximidades da egreja.

O visitador levava estas e outras instrucções que omittimos, firmadas pelo bispo do Porto, D. Fernando Correia de Lacerda.

—Em 4 de novembro de 1676 o visitador ordenou, entre outras coisas, o seguinte:

«O rev. parocho examine as parteiras da

sua freguezia na fórma que devem baptisar em caso de necessidade...

«Não permitta que clerigo algum masque tabaco nem o tome de pó ou de fumo, antes de dizer missa...

«Não consinta que na egreja, Adro ou sacristia se converse alto, ou passeie, nem se coma ou beba, pois é logar sagrado.»

—

—Em 28 d'outubro de 1681 o visitador mandou transcrever as longas instrucções que levava firmadas e selladas pelo mesmo bispo D. Fernando, das quaes extractaremos apenas o seguinte:

«Fomos informados que alguns barbeiros e cirurgiões continuam a dar sangrias *sem conta* aos enfermos, sem primeiro se lhes administrar os sacramentos... mandamos *sob pena de excommunhão maior ipso facto incurrenda,* e de dez cruzados, pagos do aljube, que nenhum barbeiro ou cirurgião dê mais de *duas ou tres sangrias* a um enfermo, sem o parocho lhe administrar o sagrado viatico, etc.

«Mandamos... que nenhuma pessoa, ecclesiastica ou leiga, secular ou regular, cante chans e notas ou lettras algumas em lingua portugueza, castelhana, negra, ou qualquer outra lingua vulgar, nas egrejas, ermidas ou procissões, etc.»

Pela sua parte o visitador mandou que os mordomos, para irem temperar a alampada do Santissimo, fizessem uma chave para a porta travessa da egreja, por estarem as casas da residencia *distantes d'ella.*

Do exposto se conclue que já então a egreja estava no sitio onde hoje se vê—e que para ali foi transferida antes de 1617, pois em nenhuma das *visitas* que vamos extractando se faz a minima referencia a tal mudança.

—

—Em 21 d'agosto de 1686, achando-se em Mafamude o bispo D. João de Sousa, acompanhado por missionarios e confessores, andando a visitar pessoalmente a sua diocese, ali chamou o parocho e freguezes de Villar d'Andorinho, e, entre outras coisas, lhes ordenou o seguinte:

Que tivessem a egreja mais limpa e se abstivessem dos serões;—que o parocho, tendo de baptisar filhos illegitimos, inquirisse quem lhes davam por paes, (?) para se poder aquilatar os impedimentos,—e que não consentisse que na sua freguezia fosse de novo morar mulher solteira, sem lhe constar que era de bom procedimento;—que não consentisse tambem na sua parochia danças e folias,—e que a madre abbadessa mandasse fazer na capella-mór um retabulo novo *á moderna, porque o actual tem só tres tabuas pintadas indecentemente.*

—Em 7 de novembro de 1687 disse o visitador:

«Não tenho noticia do andamento da obra do retabulo; recommendo ao parocho que indague, e, vendo que se não fez, ponha sequestro em todos os fructos da egreja, etc.»

Na visitação seguinte já estava feito o retabulo.

—Em 5 de dezembro de 1694 o visitador censurou asperamente o parocho por consentir os serões nas eiras e nas estradas—e os moleiros por moerem e picarem as pedras nos domingos e dias santos!...

—

—Em 11 d'outubro de 1699 o bispo D. Fr. José de Santa Maria, achando-se de visita á diocese na freguezia de Oliveira, chamou ali o parocho e freguezes de Villar d'Andorinho e, entre outras coisas, mandou que fosse assistir ao ensinamento da doutrina uma pessoa de cada casa, levando em sua companhia os menores.

—Em 20 d'outubro de 1701 o visitador mandou que os freguezes reparassem a ponte das Chans;—que o Aleixo de Mattos não mettesse a agua pela estrada... sob pena de 100 réis para o cepo—e que mudassem para dentro da egreja a pia da agua benta, que então estava debaixo da galilé.

—Em 3 de novembro de 1705 o visitador prohibiu que as lavadeiras trabalhassem nos domingos e dias santos, sob pena de 100 rs. pela primeira vez *e as mais em dobro* para o cepo.

—Em 3 de novembro de 1707 o visitador prohibiu que os foliões e comediantes leigos cantassem nas missas solemnes e nos officios de defuntos.

—

—Em 27 de novembro de 1713 o visitador mandou que se concertasse sem demora o tecto da egreja, por estar todo *sobre espeques*.

—Em 14 de setembro de 1752 o visitador vendo que a madre abbadessa não tinha mandado reparar a capella de S.º Lourenço, nem feito outras obras que lhe haviam sido ordenadas, lavrou termo de sequestro nos dizimos, que n'esse anno andavam arrendados por 588$500 réis!...

As dictas obras foram orçadas em 30$000 réis.

—Em 8 de dezembro de 1794 o visitador suspendou o venerando reitor Antonio Aranha Leão *pela sua decrepitude e tremula idade e pelas irreverencias que pratica celebrando até ás duas horas da tarde*, etc.

Mandou que ampliassem a sacristia, por ser pequena,—e elevou a congrua do parocho de 20 a 80$000 réis, attendendo ao augmento da população e ao grande rendimento dos dizimos, 970$000 réis n'aquelle anno!

—Termina finalmente o mencionado livro com o acto da visita de 29 de setembro de 1864. N'essa data o sr. D. João da França Castro e Moura não só visitou *pessoalmente* esta egreja, mas n'ella celebrou e chrismou.

Desde 1617—e talvez desde epocha muito anterior—nenhum bispo tinha vizitado, nem depois d'elle visitou até hoje *pessoalmente* esta egreja.

Deus o tenha em bom logar!...

—

Aos meus bons amigos e collegas, os reverendissimos srs. Manuel Dias Reis de Castro Portugal e José Maria Maia, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

O rev. Maia foi aqui parocho 25 annos e é hoje digno abbade de Seixas, como dissemos supra;—o sr. Castro Portugal nasceu na povoação de *Baisa*, d'esta parochia, no dia 30 de março de 1836—e ordenou-se em 1869.—É filho legitimo de José Dias dos Reis e de D. Joanna Martins das Neves—e parente proximo do sr. dr. Antonio Joaquim dos Reis Castro Portugal, que foi administrador muitos annos do concelho de Villa Nova de Gaya [1].

VILLAR D'ANGUEIRA, — povoação antiquissima em *Terras de Miranda*, hoje representada pela freguezia de *S. Cypriano d'Angueira*, concelho de Vimioso, ou pela de *S. Martinho d'Angueira*, concelho de Miranda do Douro.

V. *Angueira* n'este diccionario—e as *Dissert. Chronol. e Crit.* de J. P. R. vol. 3.º pag. 214.

D. Sancho I doou a D. Tello a dicta povoação de *Villar d'Angueira*: *Ego Sancius, Dei gratia, Portugal. Rex, una cum uxore mea, Regina D. Dulcia, et filiis, et filiabus meis*...

Liv. 2.º de Doações do Senhor D. Affonso III. fl. 15, na Torre do Tombo.

A mencionada doação não tem data, mas devia ser feita pelos annos de 1195 a 1198, porque os bispos confirmantes foram:—D. Martinho, de Braga,—D. Martinho, do Porto,—D. Pedro, de Lamego,—D. Nicolau de Viseu,—D. Pedro, de Coimbra,—D. Sueiro, de Lisboa,—e D. Pelagio, d'Evora, os quaes figuram todos em outro documento do anno 1200 e só conviveram de 1195 a 1204,—e a rainha D. Dulce falleceu no anno de 1198.

Como rectificação aos artigos citados, note-se que a freguezia de *S. Cypriano d'Angueira* pertence hoje ao concelho de Vimioso, comarca de Miranda,—e a de *S. Martinho d'Angueira* pertence ao concelho e á *comarca* de Miranda tambem,—não á do *Mogadouro*.

Terminaremos dizendo que em todo o nosso paiz não ha hoje povoação ou freguezia alguma com o nome de *Villar de Angueira*.

VILLAR D'AREIAS—couto extincto.

Assim se denominava o *couto de Cervães* (no extincto concelho do Prado, comarca de Vianna,—hoje concelho e comarca de Villa

---

[1] Poucos dias depois de escrevermos este artigo, falleceu o sr. padre Manuel Dias Reis na praia de *Lavadores*, freguezia de Santo André de Canidello, onde era capellão e rezidia.

Lux aeterna luceat ei!...

Verde) porque comprehendia a parochia actual de S. *Salvador de Cervães* e metade da de S. *Vicente d'Areias*, no concelho actual de Barcellos. A outra metade da dicta parochia pertencia ao *couto de Manhente*.

V. *Cervães*, vol. 2.º pag. 255,—*Manhente*, vol. 5.º pag. 52, col. 2.ª—e *Areias*, freguezia do Minho, concelho de Barcellos (não do *Prado*) vol. 1.º pag. 238—E,—col. 1.ª

De passagem diremos que uma má estrella pesou sobre o topico *Areias*. N'elle, em virtude da grave doença que ao tempo affligia o meu benemerito antecessor, ha muitos lapsos de redacção, d'alphabetação e de paginação,—lapsos que em grande parte repararemos no artigo *Villar de Frades*, onde havemos de descrever tambem as freguezias de S. João de *Areias de Villar* e Santa Maria Magdalena de *Villar*, concelho de Barcellos que, tambem por lapso, não foram descriptas no logar proprio.

Não se confunda *Villar d'Areias*, o couto extincto, com *Areias de Villar*, — freguezia que havemos de descrever em *Villar de Frades*, a qual representa as duas de *S. João Baptista* e *Santa Maria Magdalena* de *Areias de Villar* e tem hoje por matriz a magestosa egreja do extincto convento dos *loios*, séde do grande couto de *Villar de Frades*.

VILLAR BARROCO,—freguezia do concelho de Oleiros, comarca da Certã, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Orago S. Sebastião,—fogos 91,—habitantes 370.

Curato.

Em 1708 contava 39 fogos;—era curato da apresentação do prior de Cambas,—e pertencia ao termo e concelho da Covilhã, corregedoria e diocese da Guarda, provedoria de Vizeu.

Em 1768 era curato da mesma apresentação e diocese;—rendia 10$000 réis, afóra o pé d'altar,—e contava 34 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 79 fogos e 294 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 91 fogos e 371 habitantes—e a *Memoria de Oleiros*, escripta e publicada em 1881 pelo sr. D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, bispo d'Angra, deu-lhe 74 fogos.

—

É a freguezia menos populosa e menos importante do concelho de Oleiros.

Desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, passou com todas as d'este concelho para o bispado de Portalegre.

Freguezias limitrophes:—Orvalho, Estreito, Sernadas e Almaceda.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes:—*Villar Barrôco*, séde da freguezia, com 25 fogos, segundo se lê na *Memoria de Oleiros*,—Malhadancha com 14,—Povoa da Ribeira com 6,—Valle da Sellada com 1,—Aziral com 3,—Povoa de Cambas com 7—e Villarinho com 18.

Villar Barroco demora na pendente O. da serra do *Muradal* e tomou o nome de uma profunda e estreita garganta que lhe fica a sopé, por onde corre a ribeira da *Malhadancha*, que desagua na margem esquerda do Zezere, junto de Cambas,—segundo se lê na *Memoria de Oleiros*, mas o meu mappa differe um pouco.

Dista da margem esquerda do Zezere 5 a 6 kilometros;—14 a 15 de Oleiros, para E. N.E.;—40 de Villa Velha de Rodam, para N.O.—70 da estação do *Peso* [1] na linha ferrea de Lisboa a Madrid por Caceres;—100 de Portalegre—e 274 de Lisboa, pela estação do Peso.

—

Alem da sua egreja matriz, templo singello, mas muito antigo, ha n'esta parochia 3 capellas:—*Bom Jesus*, em Villar,—*S. Pedro*, em Villarinho,—e *Nossa Senhora da Estrella* em Malhadancha.

Consta que esta ultima foi fundada pelo rev. Manuel d'Almeida, prior de Cambas, fallecido em 1734.

Parece que em tempos remotos as povoações que hoje constituem esta parochia pertenceram á de Cambas.

Foi aqui parocho, e muito digno, o rev. Mathias Dias Leitão, natural d'esta freguezia,—desde 1815 até 1833;—seguiu-se-lhe o padre Rafael Antunes até 1842;—depois vol-

---

[1] É a estação mais proxima, em quanto se não construe a linha da Beira Baixa.
V. *Vias Ferreas*.

veu a parochial—ao rev. Mathias Dias Leitão, que ainda vivia em 1859;—succedeu-lhe um sobrinho — Antonio Dias Leitão; — a este José Lourenço Rodrigues—e a este o rev. João Gaspar, que era aqui parocho em 1881.

A congrua d'este curato é de 100$000 rs. comprehendendo o pé d'altar, avaliado em 10$000 réis!...

Producções dominantes: — azeite, castanhas, vinho e cereaes, mas em pequena quantidade.

Esta parochia está hoje civilmente unida á do Estreito.

VILLAR DE BESTEIROS,—freguezia do concelho e comarca de Tondella, districto e diocese de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago S. João Baptista,—fogos 232,—habitantes 1:016.

Em 1708 era abbadia do padroado real, —contava 120 fogos—e rendia 200$000 réis.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação—e contava 149 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 210 fogos e 969 almas—e o de 1878 deu-lhe 229 fogos e 1:011 habitantes.

Tem augmentado pois consideravelmente a sua população.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Carregueiro*, séde da freguezia,—Povoa, Casal de Cima, Casal de Baixo, Aldeia [1] e Freixeda, todas já mencionadas na *Chor. Portugueza*, bem como a quinta de *S. Vicente*, com uma ermida d'esta invocação,—e outra de *Nossa Senhora*, na Aldeia.

Os apontamentos que recebi da localidade mencionam tambem a aldeia da Venda—e a *Chorographia Moderna* menciona ainda a povoação de *Alcouce*.

Freguezias limitrophes:—Nandufe, Santa Eulalia e Mosteiro de Fragoas.

—

Demora na margem esquerda da ribeira da *Taboaça* (uma das nascentes do Criz, affluente do Mondego) da qual dista 2 kilometros,—10 de Tondella para N.,—22 de Vizeu para S.O.,—28 da estação de Santa Comba, na linha da Beira Alta,—114 da Figueira,—164 do Porto—e 293 de Lisboa.

Esta parochia é servida pela estrada real a macadam, n.º 8, de Vizeu á Mealhada por Tondella e Santa Comba Dão—e por duas estradas municipaes, a macadam tambem, partindo uma d'ellas da dicta estrada real atravez d'esta freguezia, para a feira de Campos, distante uns 6 kilometros.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz—e 2 capellas,—uma publica, outra particular.

A matriz é um bom templo, espaçoso, elegante, muito bem situado, com amplas vistas, uma linda torre a meio da fronteria com balaustrada nas sineiras, e um adro bonito murado.

A capella particular pertence ao lindo palacete brasonado que a nobre familia Calheiros tem na *Aldeia* ou na povoação de *Villar*. Foi de Antonio de Mattos Vasconcellos Mascarenhas e hoje é dos filhos e herdeiros de Antonio Calheiro Pitta de Noronha.

Tem uma elegante fronteria com escada exterior dupla, bonito pateo com um chafariz, capella, jardins e grande cerca, bons campos, vinhedos, matta, pomares, etc., o que tudo fórma uma das primeiras vivendas d'este concelho.

—

A *capella publica*, simplesmente indicada pelo meu informador, supponho ser a de *Nossa Senhora*, mencionada pela *Chor. Port.* na povoação da *Aldeia*,—e pelo *Sanctuario Marianno* (vol. 5.º pag. 300) com o titulo de *Nossa Senhora do Rosario*, na povoação e freguezia de *Villar de Besteiros*, da qual, em resumo, diz o seguinte:

É tão antiga que não se sabe quando nem por quem foi fundada primitivamente e, por ser muito pequena, reformaram-n'a approximadamente em 1680, ficando a medir 40 palmos de comprimento e 25 de largura, com um retabulo novo de talha *e de obra salomonica*, que toma toda a frente, pois não tem capella-mór com divisão, nem outro altar alem do da padroeira.

Tinha n'aquelle tempo (1716) duas irmandades:—uma de mordomos de eleição an-

[1] Parece-nos que esta povoação tambem se denomina *Villar*.

nual, que festejavam á sua custa a Virgem do Rosario no seu dia proprio, a 1.ª dominga d'outubro, com missa cantada e sermão;—a outra irmandade tinha estatutos approvados e não podia comprehender mais de 150 irmãos, que eram obrigados a acompanhar com as suas vestes brancas os irmãos fallecidos e a resar por elles, no dia do seu fallecimento, um rosario.

Em virtude da lettra do estatuto, cada irmão tinha tres officios de nove lições, sendo obrigados a assistir a elles todos os irmãos sobreviventes e a resar outro rosario.

Tambem a irmandade era obrigada a fazer todos os annos um anniversario pelos irmãos fallecidos—e a festejar a sua padroeira com sermão, procissão e missa cantada no dia da Senhora—e com missa cantada sómente, nos dias da Conceição, Purificação e Encarnação.

Tinha n'aquelle tempo um capellão, que celebrava missa todos os sabbados pelos irmãos vivos e defuntos—e nos outros dias da semana e nas sextas feiras da quaresma pelos irmãos fallecidos.

E, em cumprimento d'antigos votos, todos os parochianos eram obrigados a ir em procissão, com o seu parocho e cruz levantada, visitar a dicta capella todos os annos duas vezes:—a 1.ª na dominga *in-albis*,—a 2.ª no dia da Ascenção do Senhor,—sempre de tarde.

—

O chão d'esta freguezia é mimoso e fertil—e as suas producções dominantes são: —milho e vinho bom de mesa, que actualmente exporta em quantidade para França, bem como todo o nosso paiz, exceptuando o Alto-Douro, por se acharem os seus vinhedos quasi todos anniquilados pela maldita phylloxera.

Só um commissario francez comprou já est'anno de 1886 na Bairrada e na Beira cerca de 20:000 pipas de vinho!...[1]

Tambem esta freguezia produz centeio, castanhas e fructa de todas as qualidades; —tem muitos pinheiraes e cria bastante gado lanigero.

Tem uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino—e oito rodas de moinhos na ribeira da *Taboaça*, que unida a outras forma o rio Criz, affluente do Mondego.

VILLAR DE CERVOS,—aldeia da freguezia de Alvarenga, concelho e comarca de Arouca, districto de Aveiro, bispado de Lamego, na provincia do Douro.

V. *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo, rectificando o que o meu benemerito antecessor disse da celebre ponte, attribuida ao imperador Trajano, mas que foi feita nos fins do ultimo seculo, como já dissemos nos artigos *Villa Jusã*, vol. X, pag. 772, col. 2.ª—e *Villa Real de Traz os Montes*, no mesmo vol. pag. 931.

VILLAR DE CHAMOIM—ou simplesmente *Villar*,—freguezia do concelho de Terras de Bouro, comarca de Amares, districto e diocêse de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria;—orago Santa Marinha;—fogos 80,—habitantes 330.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do mosteiro benedictino de Rendufe,—contava 50 fogos—e rendia 40$000 réis para o vigario—e 80$000 réis para o convento.

---

[1] Nota em litros do vinho exportado pela alfandega de Vianna do Castello durante os ultimos tres annos.

	FRANÇA	HESP.	ING.	SUEC.
1883....	—	58:372	—	—
1884....	—	17:319	—	—
1885....	3.180:081	974	72	90

Os valores correspondentes a esses annos são: 1883, 3:300$200; 1884, 994$500; 1885, 211:986$446 réis.

Pela alfandega da Figueira da Foz foram exportados em 1885 e em 1886 (até 31 de maio) as seguintes quantidades de vinho, expressas em hectolitros:

	BRAZIL	FRANÇA
1885.....	129:055	74:279
1886.....	75:155	425:103

O valor dos vinhos exportados pela Figueira em 1885 sobe a 138:867$950; e o dos exportados nos cinco primeiros mezes do corrente anno (1886) sobe já a 300:232$680 réis.

Pertencia então ao concelho de Bouro, comarca de Vianna.

Em 1768 contava 66 fogos;—o censo de 1874 deu-lhe 73 fogos e 335 (?) habitantes, —e o de 1878 deu-lhe 79 fogos e 326 habitantes.

Demora na margem esquerda do rio Homem e dista 2 kilometros da séde do concelho (a aldeia de *Covas*, freguezia de Moimenta) para E.;—20 da séde da comarca, para N.;—22 da séde do districto, para N. E.;—77 do Porto—e 414 de Lisboa.

—

Comprehende 4 aldeias:—Motta, Outeiro, Paço e Travaços.

Freguezias limitrophes:—Monte, Moimenta, *Chamoim*, da qual tomou o titulo,—e *Gondoriz*, alem do rio Homem, que lhe corre ao norte.

Producções dominantes:—milho, centeio, feijões, batatas, vinho, azeite, castanhas e fructa.

Templos: a egreja matriz, em bom estado de conservação,—e 2 capellas publicas:—uma de *S. Bento*, na aldeia de Travaços,—outra de *Nossa Senhora do Livramento*, com irmandade propria, junto da povoação do Outeiro,—ambas bem conservadas.

A egreja demora no sopé da serra, denominada *Alto do Seixo*, por onde passava a celebre estrada romana da *Geira*, uma das 5 que de Braga conduzia a Astorga, atravessando o Cavado na ponte do *Porto*, e seguindo pelas freguezias de Caires, Paredes Seccas, Souto, Balança, Chorense e esta de *Villar*, «onde se acha (diz a *Chorogr. Moderna*) um padrão ou marco milliario abaixo do logar de Travaços.»

V. *Caires, Campo do Gerez, Portella do Homem, Estradas romanas* e *Geira*.

—

O ultimo vigario collado d'esta freguezia foi o rev. Antonio José Gonçalves, fallecido em 19 d'agosto de 1877.

N'esta freguezia costumam os parochos receber o seguinte:

De cada baptisado ou casamento, um pão trigo de 40 réis—e de cada obito, no dia do enterro 4l,433 de milho grosso, 2 palmos de rôlo de cera e 20 réis em dinheiro,—e pelos *bradados* ou resa annual 239l,277 de milho grosso,—60 litros de vinho—e 1$200 réis em dinheiro.

Tambem o parocho recebe de cada fogo, sendo lavrador rico, de 1.ª classe,—17l,725 de centeio,—17l,725 de milho grosso—e 24 litros de vinho;—e de cada fogo, rico ou pobre, tem de oblata, sendo casado, 17l,725 de milho grosso,—e, sendo viuvo ou solteiro, 8 litros da mesma especie.

Foram naturaes d'esta freguezia os padres —José Gonçalves da Silva e Manuel Gonçalves da Silva, irmãos um do outro, e falleceram—o 1.º no dia 31 de julho de 1879, ás 5 horas da noite, contando 85 annos de idade,—e o 2.º ás 12 horas da noite do mesmo dia, contando 88 annos de idade.

Viviam na companhia um do outro.

Falleceu tambem,—mas na freguezia de Caires, concelho de Amares,—em outubro de 1885, o rev. abbade d'aquella freguezia, José dos Santos Moura, a quem devo os apontamentos supra e tantos outros com que honrou as paginas d'este diccionario.

Deus o tenha em bom logar!...

VILLAR DE CHAN,—quinta, casa e torre, solar dos *Pintos*, senhores de *Ferreiros de Tendaes*. V. vol. 3.º pag. 178, col. 2.ª

VILLAR CHÃO,—freguezia do concelho e comarca de Vieira, districto e diocese de Braga na provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Paio;—fogos 78, habitantes 341.

Em 1706 era da apresentação dos arcebispos,—rendia para os abbades 90$000 réis, —contava 50 fogos—e pertencia ao mesmo concelho de Vieira, mas á comarca de Guimarães.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 260$000 réis—e contava 63 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 72 fogos e 366 habitantes—e o de 78 a população indicada, supra.

Demora esta freguezia na margem direita do Ave, do qual dista 1 kilometro para N.O., —8 da séde do concelho para S.E.,—43 de Braga,—98 do Porto (por Braga)—e 435 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Pinheiro a N., —Anjos a S.—e Mosteiro a O.

Os apontamentos que se dignou enviar-me o digno administrador d'este concelho dizem que esta parochia é formada pela aldeia de *Villar Chão* sómente, mas a *Chorogr. Mod.* dá-lhe as aldeias seguintes:—*Villar Chão*, a séde da matriz,—Abelheira, Balteiro, Pereira, Carreira, Amiã, Lage e Portella!...

—

Não tem estrada alguma, a macadam e dista 8 kilometros da mais proxima, a municipal, que atravessa este concelho e liga a estrada real n.º 28 (de Braga a Chaves) com a districtal n.º 6, de Amares a Refoios.

Emquanto a templos, tem apenas a egreja matriz, bastante singella, mas bem conservada.

Nunca foi villa, nem tem cemiterio, nem festa alguma em dia determinado.

Banham esta freguezia:—a ribeira da *Abelheira*, tambem denominada rio da *Pertega*, que tem uma ponte d'este nome e desagua no Ave,—e os ribeiros de *Canas*, *Muros* e *Portosinhos*, que desaguam na Abelheira, dentro d'esta parochia.

A dicta ribeira move 2 lagares d'azeite e 12 moinhos de cereaes.

Producções dominantes:—milho, vinho, azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em hervagens de semente e cria muito gado bovino, que engorda e exportou em grande quantidade, antes de decahir esta industria, que foi muito importante n'esta freguezia e a sua principal fonte de riquesa.

V. *Villar d'Andorinho*.

—

Os habitantes d'esta parochia são hoje bons visinhos, muito laboríosos e muito pacificos, mas em tempos que não vão longe foram *muito desordeiros*.

Costumavam concorrer em grande numero ás festas, feiras e romarias, sempre armados de varapaus,—insultavam e provocavam os povos visinhos—e quasi nunca terminava a festa ou feira sem distribuirem *grossa pancadaria*!...

Esta parochia está na vertente occidental da serra da *Cabreira*, onde apascentam muito gado cabrum e lanigero e fazem muito carvão que levam para Braga.

Tem uma eschola official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Ha nos limites d'esta parochia tres grandes penedos, denominados *Penedos da Pinga*, porque um d'elles assenta sobre os outros dois, formando uma especie de ponte com 3 metros de abertura e 4 d'altura—e está sempre, mesmo na estiagem, vertendo ou *pingando* agua do tecto ou do penedo superior sobre o dicto vão,—agua que é tida por milagrosa e por isso alguns habitantes d'esta freguezia se banham n'ella, em um pequeno tanque, que está no dicto vão.

Diz a lenda—que S. José, passando por ali, batera com o seu cajado no penedo e que desde então o penedo ficara sempre pingando; mas quem não acreditar não pecca.

VILLAR CHÃO,—freguezia do concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Reitoria.

Orago.—Nossa Senhora da Assumpção, —fogos 134,—habitantes 543.

Em 1706 era da apresentação do abbade da villa d'Alfandega da Fé,—tinha 2 ermidas e 4 fontes,—colhia muito azeite,—contava 82 fogos,—pertencia ao extincto concelho de Castro Vicente, comarca de Moncorvo—e ao arcebispado de Braga.

Em 1768 era da mesma apresentação,—rendia para o seu cura 8$000 réis, alem do pé d'altar,—e contava 80 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 122 fogos e 537 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 132 fogos e 523 habitantes.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertenceu ao arcebispado de Braga, bem como todas as outras freguezias d'este concelho e as dos concelhos de Villa Flor, Carrazeda d'Anciães, etc.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 10.º pag. 927, col. 2.ª

—

A aldeia de *Villar Chão*, séde d'esta parochia e da sua egreja matriz, demora na margem direita de um regato, affluente do Sabor, do qual dista 3 kilometros para O.;—11 de Alfandega da Fé;—35 de Moncorvo, para N.E.;—41 da estação do Pocinho (a mais

proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação de Tua até á Barca d'Alva e Salamanca (V. *Vias Ferreas*)—205 do Porto pela estação do Pocinho—e 542 de Lisboa.

Producções dominantes:—vinho, azeite e cereaes.

Em 1840 pertencia esta parochia ao concelho de Chacim, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Alfandega da Fé.

As suas freguezias limitrophes são:—Castro Vicente, Alfandega da Fé e Sendim da Ribeira, na margem direita do Sabor,—e Paradella na margem esquerda d'este rio.

N'esta freguezia *nem n'este concelho* não ha nem toca estrada alguma a macadam!

A mais proxima é a de Mirandella a Moncorvo, por Villa Flor.

—

Nasceu n'esta freguezia o marechal de campo e fidalgo distinctissimo, Manuel Antonio Ferreira de Aragão, morgado e senhor da casa de seus paes.

Casou com D. Petronilha Laura Pereira de Magalhães, descendente do celebre navegador portuguez Fernando ou Fernão de Magalhães que, na opinião mais seguida, era natural da casa da *Pereira*, da villa e concelho de Sabrosa, districto de Villa Real.

Foram paes da dicta senhora Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello Branco Magalhães e D. Petronilha Lopes d'Aboim e Cunha de Sande Soares Carreto, filha de D. Eugenio José Lopes d'Aboim e Cunha, e sobrinha do celebre Godoi, o *principe da paz*.

Do casamento do marechal de campo Aragão com D. Petronilha Laura nasceu o dr. Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão, F. C. R. cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e representante da casa de Fernão de Magalhães.

Casou em Villa Flor de Traz-os-Montes com a sr.ª D. Felicidade Amelia Pinto de Lemos, sobrinha do general visconde de Lemos, da qual teve successão.

Para evitarmos repetições, veja-se *Villa Flor de Traz-os-Montes*—e *Sabrosa*, vol. 8.º pag. 275, col. 2.ª e seguintes.

VILLAR DE CORREIXE,—freguezia antiquissima, que nos principios da nossa monarchia pertenceu ao celebre convento da *Vaccariça*, bem como as de Ventosa, Cepins, Monçarros, Barrô, Tamengos, Horta, Sangalhos, etc.

Não sabemos qual a freguezia que hoje representa a de *Villar de Correixe*, pois não temos alguma com este nome. Apenas encontramos no actual concelho de Penafiel a de *Irivo* e *Coreixas*. Vejam-se estas palavras e *Vaccariça*.

VILLAR DE CUNHAS,—freguezia do concelho e comarca de Cabeceiras de Basto, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Lourenço;—fogos 92—almas 420.

Em 1706 era da apresentação do vigario de S. João de Cavez;—pertencia ao concelho de Cabeceiras de Basto, comarca de Guimarães e contava 32 fogos.

O *Port. S. e Prof.* nem sequer a mencionou!

O censo de 1864 deu-lhe 82 fogos e 454 habitantes, no que não ha porporção acceitavel,—e o de 1878 deu-lhe 88 fogos e 477 habitantes, — população muito exagerada tambem.

Comprehende as 3 aldeias seguintes:—Villar, Cunhas e Huz.

Freguezias limitrophes:—Samão, Cavez e Rio Douro.

Producções dominantes: — muito milho, centeio, feijões, azeite, vinho, fructas e lã, pois cria muito gado lanigero, cabrum, vaccum, bovino e suino.

—

Banham esta freguezia o ribeiro do *Freixo*, que tem 2 pontões, e o de *Salgueiro*, que tem outros 2 pontões,—sendo ambos estes ribeiros confluentes do rio Verça, ou *Bersa*, que banha tambem parte d'esta freguezia e morre no Tamega.

A povoação de *Villar*, séde d'esta freguezia, dista cerca de 3 kilometros da margem direita do Bersa, para O.;—4 da margem direita do Tamega, ou da foz do Bersa, para N.;—18 da séde do concelho (S. Miguel de Refoios) para E.N.E.;—40 de Guimarães;—

70 de Braga;—96 do Porto, pela linha ferrea de Guimarães á Trofa,—e 433 de Lisboa.

O chão d'esta freguezia é muito accidentado e não tem estrada alguma a macadam.

O seu clima na parte alta é frio e aspero, pois defronta com as serras de Barroso, que lhe ficam ao norte; mas na parte baixa, ou nas margens do rio *Verça* é muito temperado, pelo que as terras da parte da baixa são mimosas e produzem inclusivamente laranjas, emquanto que as da parte alta apenas produzem centeio, batatas e algum milho.

Esta parochia tem ar puro, boas aguas e é bastante saudavel, mas em 1850 pezou cruelmente sobre ella uma epidemia de typhos, que matou muitas pessoas, pelo que ainda hoje ali o anno de 1850 é denominado o *anno da maligna!...*

—

Aproveitando o ensejo, diremos que a maior parte das nossas chorographias dão erradamente ao mencionado rio *Verça*, ou *Versa* o nome de *Beça* ou *Bessa*. Assim o denominaram a *Chorographia Moderna* e o meu antecessor. V. *Beça*.

Este rio nasce junto de Montalegre;—corta a serra de Barroso de N. a S.—e desagua no Tamega com 30 a 40 kilometros de curso, em grande parte por entre medonhas gargantas de eriçada penedia, e recebe como tributarios muitos ribeiros, que na estação invernosa o tornam caudaloso, principalmente por occasião do desgélo ou quando se derrete a neve que costuma cobrir as montanhas que atravessa.

Este rio corre a espaços por fojos subterraneos e cria trutas saborosissimas de grande tamanho, principalmente nos taes fojos subterraneos,—algumas de 2 kilos de peso e de 3 palmos de comprimento. Parecem pescadas e costumam caçal-as da maneira seguinte: Vão de noute;—levam um facho acceso;—collocam-no á porta dos taes fôjos ou cavernas; as trutas correm em direcção á luz—e os pescadores caçam-nas com redes.

Assim caçam muitas no termo d'esta parochia.

—

Aqui não ha fidalgos. Todos os habitantes d'esta freguezia são lavradores e pastores, geralmente pobres.

A egreja parochial é um templo singello, com altar-mór e 4 lateraes.

Ha tambem n'esta freguezia 2 capellas publicas, ambas bem conservadas:—uma na aldeia de *Huz*,—outra na de *Cunhas*, ha pouco reconstruida.

O meu informador não disse qual a invocação d'ellas.

Ha tambem n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino na aldeia de *Villar*,—um moinho de azeitona em Cunhas,—muitos moinhos de cereaes — e muitos teares em que tecem grande quantidade de estopa e linho.

—

Como esta freguezia é montanhosa, contigua á serra de Barroso e abundante de neve e de rebanhos, abundam tambem n'ella ainda os lobos, no inverno e mesmo no verão.

Em uma correspondencia de Ribeira de Pena para o *Commercio do Porto*, datada de 22 de julho de 1885, se lia o seguinte:

«Em alguns sitios, e mesmo em varias povoações mais montanhosas do concelho de Cabeceiras de Basto, têem apparecido *formosas* manadas de lobos, que, com o maior descaramento d'este mundo, passeiam livremente, mesmo de dia, junto ás casas de qualquer cidadão! Ha dias na povoação de Uz, freguezia de *S. Lourenço de Villar*, dois d'esses animalejos dos bosques appareceram proximo ás casas, entretendo-se a dar caça ás gallinhas, dentro dos eirados! Não tinham medo nem vergonha! As mulheres d'aquella terra viram se na dura necessidade de correr á pedrada os taes hospedes que, por pouco mais, entrariam pelas casas dentro, se de quando em quando não fossem escorraçados por algum fumo da polvora.

Ainda nos fins do mez passado, junto ao rio Mêstras, que é um confluente do Tamega, appareceu uma bonita ninhada de pequenos lobos, sendo agarrados todos elles por dois sujeitos da freguezia de Gondiães. Foi uma excellente caçada.»

VILLAR DE FERREIROS,—freguezia do concelho de Mondim de Basto, comarca de Celorico de Basto, districto de Villa Real

diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Pedro;—fogos 260,—habitantes 998.

Em 1706 era abbadia da apresentação do marquez de Marialva, segundo se lê na *Chorographia Port.* Nada mais diz d'esta parochia! Pertencia então ao concelho de Mondim e á grande comarca de Guimarães.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 600$000 réis—e contava 188 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 242 fogos e 938 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 237 fogos e 932 habitantes.

Demora esta freguezia cerca de 5 kilometros a leste da villa de Mondim de Basto;—6 da margem esquerda do Tamega, tambem para E.;—30 de Guimarães,—e 423 de Lisboa.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Villar de Ferreiros*, a séde,—Villarinho, Covas, Pedreira, Cainha, Campos e Villa Chã.

Freguezias limitrophes: Mondim de Basto, Bilbó, Ermello, Paradança, Athey, Limões e Cerva.

Producções dominantes:—cereaes, vinho, batatas, lã e manteiga, pois cria bastante gado lanigero e muitas vaccas, que produzem muito leite, com que fabricam manteiga, industria importante na localidade.

Tambem colhe bastante azeite.

—

Esta parochia, se attendermos ao seu titulo, parece que abundou em *ferreiros*, ou que teve proxima alguma povoação d'este nome, mas hoje em todo este concelho não ha freguezia nem povoação alguma denominada *Ferreiros*—nem memoria de abundarem ferreiros por aqui, mas abundaram com certesa em tempos muito remotos, como prova o muito escumalho que ainda hoje se encontra em volta da povoação de Villar.

Em 1796 todo este concelho apenas tinha 4 ferreiros [1]—emquanto que o de Villa Pouca d'Aguiar tinha 32—e o de Villa Rea 71!...

N'aquella data este concelho do Mondim (com a freguezia de Athey) comprehendia:—944 fogos e 3:419 almas;—41 padres,—6 negociantes (todos em Athey)—2 cirurgiões,—6 barbeiros,—2 boticarios,—283 lavradores (proprietarios)—215 jornaleiros,—42 alfaiates,—8 sapateiros,—17 carpinteiros,—5 pedreiros,—2 ferradores,—50 *fabricantes de courama*,—6 almocreves,—84 criados e 90 criadas.

Pastores e moleiros—*nem um!...*

—

Esta freguezia tambem já pertenceu á comarca de Villa Pouca d'Aguiar.

Templos:—a egreja matriz, bem tractada e pintada de novo,—e as 5 capellas seguintes:

1.ª—*Santo Antonio*, na aldeia de Villarinho.

2.ª—*Santo Antonio* tambem, na aldeia de Villa Chã.

3.ª—*S. João Baptista*, na aldeia de Covas.

4.ª—*S. Sebastião*, em Villar, junto da matriz.

5.ª—Capella e sanctuario de *Nossa Senhora da Graça*, no alto do monte *Farinha*, do qual adeante fallaremos.

É um lindo templo, todo de cantaria de granito, muito solido e muito bem conservado, posto que muito antigo. Foi reedificado em 1875 e tem *pára-raios*, como o de *Nossa Senhora da Assumpção* de Villas Boas, junto de Villa Flor, para o defender do continuo estrago que recebia dos raios pela sua elevadissima posição.

Tem um adro espaçoso com 2 grandes muros de supporte;—casa contigua para residencia do ermitão e acolhimento dos romeiros;—outra casa espaçosa, concluida em 1884,—e a O. uma pequena capella, terminada ainda no corrente anno de 1886, representando o mysterio da *Annunciação* com as imagens da Virgem, do Anjo e do Padre Eterno.

É um dos primeiros santuarios de Traz-os-Montes e muito concorrido todo o anno, principalmente nas duas grandes romarias da Ascenção e S. Thiago. Aqui affluem mui-

---

[1] *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante. *Bibl. Port.* Codice n.º 486.

tos devotos das povoações circumvisinhas até grande distancia, já para cumprirem promessas, já para gosarem o vastissimo horisonte e o esplendido panorama que offerece este santuario, topetando com as nuvens no curuto do monte *Farinha*, assim denominado pela sua forma conica, semelhando um monte de farinha.

Para se formar ideia da sua exposição e altitude, note-se que se avista da estrada velha de Vallongo e da freguezia de Grijó, concelho de Villa Nova de Gaya!...

A administração d'este santuario até 1764 pertencia alternadamente—um anno ao abbade de Villar de Ferreiros,—outro anno ao vigario d'Athey; mas n'aquella data passou a ser administrado por uma commissão propria, por carta do arcebispo de Braga, e em commissões se conserva ainda hoje.

Montes

Avultam no termo d'esta parochia os montes seguintes:

1.º—*Toumillo*, ao sul, coberto de medronheiros e pinheiros—e tambem produz cereaes.

N'elle abundam lobos e se encontram ainda javalis.

Separa esta parochia da de Ermêllo;—é banhado pelos rios Ollo e Cabril;—tem uma grande depressão em frente da aldeia de Covas, mas depois eleva-se bastante até o *Alto da Tontuça*.

Na pendente sobre o rio Ollo tem uma formidavel cordilheira de penhascos na extensão de mais de 500 metros, sendo os dictos morros perpendiculares sobre o rio e tão altos que, lançando-se uma pedra do cume, gasta na descida até á base mais tempo do que o preciso para se resar um *Padre Nosso!*...

Esta cordilheira fórma no rio Ollo uma catarata medonha de inverno.

2.º—*Monte Farinha*, a N. de Villar dé Ferreiros e coroado pela capella de Nossa Senhora da Graça.

3.º—*Montes Palhaços*, a N. E.

São notaveis estes montes, porque n'elles se vêem largos cordões de pedra em montão, ruinas de muros antiquissimos, que a tradição local diz serem obras dos mouros; —e tambem dá o nome de *Mina dos Mouros* a uma gruta ou pequena galeria subterranea que ali se vê, na qual o povo julga existirem grandes thesouros, guardados por uma moura encantada lindissima.

A estes montes se seguem outros, que dividem esta parochia das de Cerva e Limões, até se juntarem ao *Toumillo*, que se estende para os lados de Villa Pouca d'Aguiar.

—

Esta parochia ainda não tem cemiterio; mas tem uma aula official de instrucção primaria elementar mixta, para os dois sexos.

Banham esta parochia os rios seguintes:

1.º—*Rio da Ribeira Velha*.

Tem uma ponte em Villar e outra em Villarinho.

2.º—*Rio Cabrão*.

Tem uma ponte junto da aldeia de Villa Chã e outra em Covas.

3.º—*Rio das Mestras*.

Tem uma ponte entre Villar e Villar Chã. Todos 3 regam a maior parte dos campos d'esta freguezia; —movem moinhos de cereaes e d'azeite;—juntam-se no termo d'esta freguezia e formam o rio *Cabril*, que rega muitos campos, move muitos moinhos e engenhos de massar linho—e a distancia de 5 kilometros desagúa no Tamega, na freguezia de Mondim de Basto, que na sua maior parte é regada pela agua que vae d'esta de Villar de Ferreiros em um açude que tem mais de 1 metro de largo e 7 a 8 kilometros de comprimento, tocando na povoação de Mondim, onde move 13 rodas de moinhos.

—

Ao meu illustrado collega, o rev. Joaquim Maria Rodrigues de Moraes, digno parocho d'esta freguezia na actualidade, agradeço os apontamentos que me enviou.

VILLAR DE FIGOS,—ou *S. Paio de Principaes de Villar de Figos*,—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, na provincia do Minho.

Vigairaria.

Orago S. Paio;—fogos 104,—habitantes 450.

Em 1706 era vigairaria da apresentação da collegiada de Barcellos,—pertencia ao termo da villa e concelho de Esposende, comarca e ouvidoria de Barcellos, provedoria de Vianna,—rendia para o vigario 40$000 réis e para a collegiada 150$000 réis—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o vigario 60$000 réis—e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 108 fogos e 413 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 101 fogos e 432 habitantes.

Esta freguezia demora na margem esquerda do Cavado, do qual dista 6 kilometros,—5 da estação de *Laundos* na linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão,—8 de Barcellos,—9 da estação de Barcellos na linha ferrea do Minho,—41 do Porto pela estação de Laundos, e linha ferrea da Povoa,—e 378 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes: *Villar de Figos*, Aldeia, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Hospital de Cima, Hospital de Baixo, Egreja, Egreja Velha, Ribeiro, Fonte dos Santos, Outeiro da Egreja, a montante da matriz, e Valle.

A maior de todas é a denominada *Aldeia*, a jusante da matriz.

Tendo duas povoações com o nome de *Hospital*, não tem nem teve nunca hospital algum.

Freguezias limitrophes:—Courel e Paradella ao sul,—Milhases ao norte,—Pedra Furada ao nascente,—e Faria ao poente.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde ou de *enforcado*, mas que teve sempre venda facil, e hoje se exporta em grande quantidade para a França.

V. *Villar de Besteiros* e *Villa Verde*, séde de concelho e de comarca.

Tambem cria bastante gado lanigero e engordou muitos bois que exportava por bom preço para a Inglaterra, antes de decahir entre nós aquella industria.

V. *Villar d'Andorinho*.

—

Actualmente não tem estrada alguma a macadam; deve porém passar a pequena distancia d'esta freguezia a estrada municipal em construcção de Barcellos para Rates, por Santa Eulalia.

Tambem passa a pequena distancia a estrada a macadam de Barcellos á Povoa de Varzim.

Banham esta parochia dois regatos:—o do *Porto* e o dos *Lameiros*, que desaguam no Cavado.

Não tem quintas nem edificios que mereçam especial menção, posto que ha n'esta freguezia muitos *brazileiros*[1] e lavradores ricos, entre os quaes hoje avulta Manuel da Silva de Figueiredo.

Tem uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Lendas

Dizem que esta freguezia tomou o nome de *Principaes de Villar de Figos*, porque os seus habitantes se immortalisaram tomando o castello da Franqueira aos mouros,—castello que estava muito proximo, a 1 kilometro de distancia para N.E., no monte da Franqueira, mas já no termo da freguezia de *Vilhases* ou *Vilhares* (veja-se esta ultima palavra) junto do sitio onde hoje se vê a ermida de *Nossa Senhora da Franqueira*, que tem festa e romagem no 3.º domingo d'agosto e pertence á freguezia de *Pereira*, por estar no termo d'ella, como provam os marcos que se vêem no dicto monte e que dividem os terrenos d'aquellas duas freguezias.

A tradição local ainda hoje explica a tal *façanha* do modo seguinte:

Tendo os christãos sitiado o castello e defendendo-se elle obstinadamente, os habitantes d'esta parochia juntaram certa noite um grande rebanho de cabras,—prenderam-lhes nas pontas vellas accesas e, tomando o caminho de Barcellos, marcharam com grande alarido sobro o castello,—o que animou os sitiantes e determinou os sitiados a renderem-se, imaginando que de Barcellos haviam chegado ao acampamento dos christãos grandes reforços.

---

1 Portuguezes que foram negociantes no Brazil.

Aos habitantes d'esta parochia, pela sua astucia, se deveu principalmente a expulsão dos mouros. Foram elles os *principaes* conquistadores do castello e por isso se denominaram e ainda hoje se denominam *Principaes de Villar de Figos.*

Um d'elles me contou *muito a sério* a lenda, como fica exposta.

Pedro Gomes Simões

Entre os filhos *principaes* d'esta parochia merece especial menção *Pedro Gomes Simões.*

Nasceu no anno de 1700; foi negociante no Brazil, onde adquiriu boa fortuna—e viveu os ultimos annos no Porto, na freguezia de Miragaya, onde falleceu em 1780, solteiro e contando precisamente 80 annos de idade.

Era uma excellente pessoa, muito esmoler e muito religioso.

Foi o primeiro bemfeitor da egreja de Miragaya, sua patria adoptiva.

Não só a beneficiou com muitas esmolas durante a sua longa residencia, mas n'ella instituiu *Laus Perenne* semanal em todas as quintas feiras, legando á Confraria do Santissimo *seis contos de réis* para aquelle fim, por escriptura de 4 de setembro de 1776 —declarando que, se houvessem sobras da dicta verba, as fossem unindo ao capital até prefazer *dozoito mil crusados* de fundo para o *Laus Perenne* e que d'ahi em deante poderiam empregar livremente nas obras da egreja ou nas despesas do culto o que sobrasse do *Laus Perenne,*—e instituiu a mencionada confraria por sua testamenteira.

—

A confraria acceitou os legados e os encargos e (honra lhes seja!) tem cumprido até hoje com louvor.

Ha muito que o capital prefez os *desoito mil crusados* e com as sobras e outras rendas tomou *generosamente* sobre si a fabrica da egreja, que estava a cargo da mitra. E não só tem aformoseado o templo, que é hoje sem contestação um dos mais limpos, mais aceiados e mais bem alfaiados do Porto (V. *Miragaya*) — mas faz differentes festas annualmente com grande pompa—e em 1884 montou á sua custa uma aula de instrucção primaria para o sexo feminino,—aula modelo e gratuita, hoje (1886) frequentada por 80 meninas pobres.

Graças a tão benemerito bemfeitor, é hoje a confraria de Miragaya uma das mais ricas do Porto.

Entre outras muitas alfaias de preço, tem um paleo de lhama de prata bordado a ouro, que é um dos melhores do nosso paiz. Com as 8 varas de prata que o sustem e com as 8 lanternas, tambem de prata, que o acompanham, custou cerca de *tres contos de réis*!

O benemerito Simões recommendou que fosse feito o *Laus Perenne* com toda a decencia—e a confraria assim o cumpre. Basta dizer-se que os paramentos do celebrante são de *lhama de ouro.* [1]

—

A confraria, por gratidão, mandou tirar o retrato do seu generoso bemfeitor e collocal-o na sua luxuosa sala de sessões.

É uma linda tela de 2^{m},52 de comprimento e 1^{m},54 de largura, com o caixilho.

Representa-o em corpo inteiro e tamanho natural, vestido de calção, meia preta, sapatos de fivella, espadim, casaco comprido, gravata e punhos brancos, bengala de canna da India na mão direita, com guarnições de prata. A mão esquerda aponta para um altar, onde se vê exposto o Santissimo;—á sua direita está sobre uma mesa, poisado sobre um papel com fechos de lacre, representando o seu testamento, um chapeu tricornio, cheio de moedas d'ouro,—e em plano inferior se vê no lado opposto um escudete, cingido por 2 palmas, com a inscripção seguinte:

PEDRO GOMES SIMÕES, NATURAL DE S. PAYO DE PRINCIPAES DE VILAR DE FIGOS, TERMO DE BARCELLOS, ARCEBISPADO DE BRAGA, INSTITUIDOR DO SAGRADO LAUSPERENNE NESTA FREGUEZIA EE S. PEDRO

---

[1] E o celebrante, desde 1864, é o humilde auctor d'estas linhas, como abbade da respectiva egreja.

V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 250, col. 1.ª

DE MIRAGAYA. FALECEO DE IDADE DE 80 ANNOS AOS 18 DE 9BR.º DE 1780, DEIXANDO A IRMANDADE POR TESTAMENTEIRA.[1]

Deus o tenha em bom logar!

—

Tambem foi um grande bemfeitor da sua freguezia.

Vendo que a egreja parochial era humilde e muito pequena—uma simples capella de Nossa Senhora do Rosario, que estava na povoação denominada *Egreja Velha*,—mandou fazer á sua custa a matriz actual, que é um templo espaçoso, muito decente,—e a sortiu de paramentos e pratas,—thuribulo, naveta, calices e uma custodia lindissima dourada.

Tambem mandou fazer a torre e um bello sino, que tinha excellentes vozes. Foi fundido em Braga e diz a tradição que elle, quando fundiam o sino, deitava na caldeira *barretinas cheias d'ouro*.

Beneficiou tambem as egrejas, suas visinhas, e mandou fazer a torre da capella de Nossa Senhora da Franqueira e o sino maior, no qual se vê ainda hoje uma inscripção que diz ter sido mandado fazer em Braga por *Pedro Gomes Simões*.

Deixou sobrinhos, que foram os herdeiros do remanescente da sua fortuna. Ainda ha poucos annos falleceu n'esta freguezia a viuva de um d'elles.

Tambem foi filho benemerito d'esta parochia o dr. Paulo da Cruz. Beneficiou a matriz dando-lhe sinos e differentes alfaias.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a do Santissimo Sacramento e a de Nossa Senhora do Rosario, no ultimo domingo d'abril.

Cerca de 1 kilometro ao poente d'esta parochia estava o *castello de Faria*, de que já se fallou. V. *Faria*.

---

[1] A inscripção termina com as lettras *J. G. F.*,—estando as duas primeiras em monogramma. Querem dizer: *Joannes Glama fecit*,—ou João Glama fez.

É este retrato uma das melhores telas de Glama.

VILLAR DE FONTE ARCADA,—freguezia do concelho e comarca de Moimenta da Beira, bispado de Lamego, districto de Vizeu, provincia da Beira Alta.

Vigairaria: Orago S. Bartholomeu;—fogos 140, habitantes 592.

Em 1708 era um simples curato annual da apresentação do reitor de Fontearcada, villa proxima, a cujo termo e concelho pertencia na comarca (corregedoria) de Pinhel, provedoria de Lamego,—e contava 120 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação—e contava 116 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 483 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 131 fogos e 477 habitantes,—ou mais fogos e menos habitantes do que lhe deu o censo de 1864.

Nenhum d'elles me satisfaz, porque 123 fogos deviam dar, pelo menos, 500 habitantes;—e os 131 fogos deviam dar, pelo menos, 550 habitantes.

Estão infelizmente assim as estatisticas officiaes da nossa população!...

—

Demora esta freguezia na margem esquerda do Tavora, do qual a egreja matriz dista 2 kilometros para O.,—4 da villa de Fontearcada para N.O.;—7 de Moimenta para E.;—20 da estação do *Ferrão* (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—35 de Lamego;—45 de Vizeu;—140 do Porto—e 477 de Lisboa.

Além da povoação de *Villar*, séde da parochia, não comprehende outras aldeias, mas somente alguns fogos isolados na quinta de S. Vicente e nos moinhos de Penella, Pinheiras, Lapa, Lage da Cadeira e *Cú do Inferno* (o nome é lindissimo) na margem esquerda do Tavora.

Freguezias limitrophes:—Cabaços a N.,—Rua a S.,—Baldos e Arcozello a O.,—Escurquella e Fontearcada a E., alem do rio Tavora.

Producções dominantes:—vinho bom de mesa, milho, trigo, centeio, linho, azeite e batatas deliciosas, como todas as da margem do Tavora.

Tambem produz bastante fructa (de ca-

rôço. não de espinho)—e tem uma fabrica de telha, de systema rudimentar antiquissimo.

O vinho d'esta parochia e das circumvisinhas é *verde* com relação ao do Douro, mas ainda assim é muito superior ao de Amarante e Basto.

—

Templos:—a egreja matriz em bom estado—e 2 capellas:—uma publica, de Santa Barbara,—e outra da Senhora da Relva,[1] particular,—ambas abertas ao culto e bem conservadas. Não mencionam outras os apontamentos que se dignou enviar-me o rev. parocho; mas a *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, muito conscienciosamente escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo (V. *Villa Nova d'Ourem*) e publicada no Porto em 1877, deu a esta freguezia as capellas seguintes:—*Nossa Senhora do Pilar*,—*Senhora da Boa Morte*, de Diogo Xavier de Sousa Ferreira,—*S. Sebastião*,—*Santo Antonio*, de Bernardo José Teixeira,—e *Senhora da Relva*, de José Joaquim de Gouveia, de Fontearcada.

Tambem deu a esta freguezia a população de 137 fogos e 365 habitantes, no que não ha proporção alguma! E note-se que o auctor era homem muito illustrado e commensal do bispo de Lamego, em cujo paço residia e escreveu a sua *Historia* com elementos *officiaes especialissimos!*...

—

Esta freguezia, como já dissemos, era da apresentação do reitor de Fontearcada, mas os dizimos d'ella, bem como das de S. Miguel de Freixinho, Santo Estevam de Ferreirim, Nossa Senhora da Apresentação de Macieira e S. Miguel de Chozendo—todas curatos annuaes da mesma apresentação,—eram da Universidade, bem como os de Fontearcada, Sendim, Paredes da Beira e Riodades, freguezias circumvizinhas.

No *Censual velho* do bispado de Lamego e que data dos principios do seculo XVI, já se encontra o pequeno e pobre curato de *S. Bartholomeu de Villar*.

Tem feira a 24 d'agosto, dia de S. Bartholomeu, junto da matriz, mas n'esse dia a feira mais importante d'esta provincia é a de S. Bartholomeu em Trancoso, ainda hoje muito notavel, posto que não é a sombra do que foi em tempos mais remotos.

V. *Trancoso*.

O Tavora aqui é placido e tem nas suas margens bons campos, mas alguns kilometros a juzante, principalmente desde a ponte de Riodades até á ponte do *Fumo*, corre por entre penedia escalvada, aprumada, nua, medonha, principalmente quando toca nos celebres *Castellos dos Cabris* e no *S. Pedro Velho*, onde se veêm ainda as venerandas ruinas do 1.º convento de *S. Pedro das Aguias*.

V. *Tavora*, rio,—*Tavora*, villa,—e *Sendim*.

De passagem diremos que, visitando em 1883 as ruinas do actual convento de S. Pedro das Aguias e do convento *velho*, encontramos claros vestigios de *quatro construcções*,—alem da primitiva.

D'ellas daremos noticia no supplemento a este diccionario.

—

Nos limites d'esta parochia ha uma soberba ponte de granito sobre o Tavora. Não tem inscripção nem data alguma, mas é muito antiga e não se sabe quando nem por quem foi feita.

Demora entre esta freguezia e a de Fontearcada e tem de comprimento 120^{m},60;—de largura 4^{m},90;—de altura 10^{m},80,—e 4 grandes arcos.

A tradição local diz que foi feita pelo conde D. Henrique, nos principios da nossa monarchia.

É a maior e melhor ponte de todas as que ha sobre o *Tavora*.

Nós conhecemos as seguintes,—*todas de granito*:—uma na sua foz, outra a do *Fumo*, na freguezia de Tavora,—outra a de *Riodades*, junto da freguezia d'este nome,—esta de *Villar*,—a da *Villa da Ponte*—e outra em

[1] Segundo se lê no *Sant. Marian.* esta ermida tambem já teve o nome de *Senhora do Valle*;—foi feita em 1630, ignorando-se quem a fundou;—em 1721 era administrada pelo dr. Manuel de Gouveia Couraça, clerigo do habito de S. Pedro,—e a imagem da Senhora era de roca e vestidos, mas lindissima e pequena, pois tinha de altura apenas dois palmos

Aldeia da Ponte, na estrada a macadam de Lamego a Trancoso e Celorico da Beira.

Ha n'esta freguezia uma eschola official d'instrucção primaria para o sexo masculino, montada sobre as ruinas da antiga capella de *S. Sebastião.*

Junto d'ella—e em varios pontos d'esta freguezia—se encontram *ainda hoje* muitas sepulturas cavadas em rocha. Sepulturas semelhantes se encontram nas freguezias circumvisinhas, em ambas as margens do Tavora, nomeadamente em Sendim no adro e mesmo á porta da egreja matriz.

Datam, pelo menos, do tempo dos mouros.

Tem finalmente esta parochia um cemiterio em boas condições.

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. As mais proximas hoje são a de Lamego a Trancoso—e a da *Villa da Ponte*, partindo d'aquella para Ferreirim, *hoje*, e que mais tarde talvez se prolongue até á villa de S. João da Pesqueira; mas deve passar a 2 kilometros d'esta freguezia a nova estrada districtal de Vizeu á foz do Tavora, por Moimenta da Beira, Tavora e Taboaço, prestes a concluir-se,—graças aos esforços dos srs. *Macedos Pintos*, de Taboaço, cavalheiros de muito merecimento e grande influencia e que hoje representam a casa mais rica de ambas as margens do Tavora.

V. *Sendim*, *Taboaço*, *Miragaya* e *Vicente* (S.) *sitio*, vol. X, pag. 516, col. 2.ª

VILLAR FORMOSO,—freguezia do concelho e comarca d'Almeida, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Fogos 153,—habitantes 642.

Orago S. João Baptista.

Em 1708 era abbadia da apresentação do bispo de Lamego;—pertencia ao concelho de Castello Bom, comarca e corregedoria de Pinhel, bispado e provedoria de Lamego—e contava 60 fogos.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego*, escripta por D. Joaquim d'Azevedo nos fins do ultimo seculo e publicada no Porto em 1877, deu-lhe a mesma apresentação, os mesmos 60 fogos e 156 habitantes, no que não ha proporção, pois 60 fogos deviam conter, pelo menos, 250 habitantes.

Em 1768 o seu parocho era da apresentação alternativa do papa e do bispo de Lamego;—rendia 200$000 réis—e contava 56 fogos.

A sua população durante 60 annos,—comprehendendo 18 do governo do marquez de Pombal,—em vez de augmentar, diminuiu, talvez por causa da guerra com a Hespanha, pois esta freguezia demora na raia.

O censo de 1864 deu-lhe 103 fogos e 456 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 124 fogos e 522 habitantes—e hoje, como dissemos, conta 153 fogos e 642 habitantes.

Prospéra a olhos vistos desde que principiou a construcção da linha ferrea da Beira Alta, que lhe deu uma estação propria, estação *terminus* de 1.ª classe, e uma delegação aduaneira de 1.ª classe tambem, —e mais deve prosperar agora, depois que se abriu á circulação em 23 de maio ultimo (1886) a continuação da mencionada linha até Salamanca, entroncando nas linhas ferreas de Salamanca a Madrid e Paris, pelo que a linha da Beira Alta,—emquanto se não abrir á circulação a do Douro desde o *Tua*, onde hoje termina a exploração, até á Barca d'Alva e Salamanca, já quasi toda feita e prestes a inaugurar-se, [1]—é a linha que offerece um percurso mais rapido entre Portugal, Madrid e Paris.

Está pois Villar Formoso em optimas condições de prosperidade.

—

Demora junto da raia, na margem esquerda da ribeira de *Tourões*, que nasce nas freguezias de Villar Maior e Malhada Sorda;—passa aqui na direcção de S. a N. formando a raia,—e a 20 kilometros de distancia entra no Agueda, que prolonga a linha divisoria das duas nações até morrer no Douro entre a nossa povoação da Barca d'Alva e a povoação hespanhola de *Vega del Torron.*

Villar Formoso dista apenas 1 kilometro da estação do seu nome na linha da Beira Alta;—2 de *Fuentes de Honor*, aldeia hespanhola;—14 da villa e praça d'Almeida;—49 da Guarda;—203 da estação da Pampilhosa, entroncamento na linha ferrea do norte;—

---

[1] V. *Vias Ferreas.*

254 da cidade da Figueira;—303 do Porto—e 433 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—S. Pedro de Rio Secco a N.;—Freineda a S.;—*Fuentes de Honor* (em Hespanha) a E. — e Castello Bom a O.

—

Esta freguezia comprehende apenas a aldeia de Villar Formoso—e agora a que tende a desenvolver-se em volta da sua estação, que é elegante e espaçosa, com todas as dependencias proprias d'ella e da delegação da alfandega,—um bom *restaurant* de mr. Claud Thomaz, francez, etc.,—e junto da estação, ha tambem uma hospedaria de José Antonio Gonçalves, o que tudo representa uma população importante, pullulando de um momento para o outro.

Alem da linha ferrea, que põe esta freguezia em rapido contacto com todo o nosso paiz e com a Hespanha, França, etc., tem uma boa estrada a macadam da sua estação para Almeida, já servida por diligencias.

Producções dominantes:—trigo, centeio, cevada, batatas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

A egreja matriz está bem conservada e é muito antiga.

Suppõe-se que foi feita pelos templarios.

Ha tambem n'esta freguezia as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora da Paz*, coeva da matriz e tambem fundação dos templarios,—segundo diz a tradição.

Consta que junto d'ella houve em tempos muito remotos um convento, de que já se não encontram vestigios.

2.ª—*Santo Christo*, tambem antiga e bem conservada ainda.

3.ª—*Santa Barbara*, em ruinas.

N'esta parochia ha uma pyramide geodesica na altitude de 782 metros sobre o nivel do mar.

—

Esta freguezia tem acompanhado a varia sorte de toda a região do *Cima-Côa*.

Depois da expulsão dos mouros, ficou pertencendo no temporal ao reino de Leão—e no espiritual á diocese de Cidade Rodrigo.

Conquistado o Cima-Côa aos leoneses pelo nosso rei D. Diniz, ficou pertencendo civilmente a Portugal, mas ecclesiasticamente a Cidade Rodrigo, até que o nosso rei D. João I, por bulla de Bonifacio IX, [1] uniu a Portugal tambem a espiritualidade do Cima-Côa, annexando ao bispado de Lamego todas as freguezias d'aquella região que tomaram o titulo de *bispado novo*.

Conservaram-se unidas ao bispado de Lamego até 1770, data em que se criou o bispado de Pinhel, para o qual passaram com outras do de Vizeu,—e em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, extincto o bispado de Pinhel, passaram para este da Guarda.

V. *Pinhel* e *Villar d'Amargo*.

Administrativamente pertenceu esta freguezia ao concelho de Castello Bom até 1834, passando em seguida para o d'Almeida, ao qual ainda hoje pertence.

Judicialmente pertenceu ás comarcas de Pinhel, Guarda e Sabugal, e desde 1875, data em que se creou a comarca d'Almeida, ficou pertencendo a ella judicialmente tambem.

Eis aqui *muito em resumo* as voltas que tem dado esta freguezia—depois da expulsão dos mouros d'estas paragens!...

—

É povoação muito antiga, como provam evidentemente as sepulturas abertas em rocha encontradas no seu termo e que datam, pelo menos, da occupação arabe.

Tem uma escola official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Esta parochia já se acha mencionada no *Censual Velho* da mitra de Lamego, feito nos principios do seculo XVI.

Ali se diz que era da apresentação, collação e confirmação do bispo e que lhe pagava:

De confirmação 1 marco de prata,—réis n'aquelle tempo.....	2$340
De visitação	500
De *catedradeguo*.....	60

mais a terça e o dizimo.

---

[1] Já vimos o original d'esta bulla.

Está unido ao *Censual Velho* da mitra de Lamego e conserva-se na camara ecclesiastica d'aquella diocese.

Em compensação não pagava *censoria*, nem *mortulha*, nem *procuração*, nem *cera*, como pagavam n'aquelle tempo quasi todas as outras freguezias do dicto bispado.

Quem quizer saber o que eram n'aquelle tempo os direitos denominados *censoria*, *terça*, *murtulha*, *cathedradeguo*, *procuração*, *jantar*, *vizita*, etc., veja no *Elucidario* de Viterbo as palavras *Censo* e *Cathedradego*.

—

Esta povoação, por ser aberta e estar precisamente na raia, soffreu muito durante as guerras com a Hespanha desde os principios da nossa monarchia até os fins do ultimo seculo,—e muito soffreu tambem ainda nos principios do seculo actual, por occasião da guerra da Peninsula. Em 1808, quando o general francez Loison deixou a praça d'Almeida e andou talando a Beira Baixa;—em 1810, quando Massena, para vingar os desastres de Junot e de Soult, invadiu Portugal com um numeroso exercito, entrando pelo Cima-Côa,—e em 1811 quando retirava das linhas de Torres Vedras pelo Cima-Côa, tambem talando, saqueando e incendiando todas as povoações por onde passava. [1]

Soffreu esta povoação tambem muito com a batalha de *Fuentes d'Honor*, que se feriu *aqui* nos dias 3 e 5 de maio de 1811 entre o grande exercito francez, commandado por Massena—e o exercito anglo-luso, commandado por Lord Wellington, cobrindo as tropas litteralmente esta freguezia [2] e todas as circumvisinhas, tanto portuguezas como hespanholas, na distancia de legoas!

Felizmente as nossas armas levaram de vencida, como no Bussaco, as altaneiras aguias francezas, perdendo o exercito anglo-luso apenas 198 homens mortos, 1:028 feridos e 294 prisioneiros, em quanto que o exercito francez soffreu um grande revez e teve de retirar sobre Salamanca, abandonando a guarnição que tinha na praça d'Almeida e que depois se evadiu por um feliz accaso—ou por *traição d'alguem!...*

—

Tenho sobre a minha banca de estudo a interessante *Histoire de la Guerre d'Espagne et de Portugal*, durante os annos de 1807 a 1813, escripta pelo coronel inglez John Jones, que tomou parte na campanha, e traduzida para francez e annotada a *seu sabor* por Beauchamp.

Ali (vol. I. pag. 219 e 220) se descreve o modo como a guarnição franceza se evadiu da praça d'Almeida, na noite de 10 para 11 de maio de 1811, (ha 75 annos); mas tenho tambem sobre a minha banca d'estudo um *roteiro* curioso que pertenceu a José Mathias [1], natural de Vimieiro, concelho d'Arraiollos, então sargento de caçadores n.º 4, e que fazia parte das forças sitiantes no acto da evasão, da qual foi *testemunha ocular*.

No dito roteiro se lê, entre outras coisas, o seguinte:

«Sahi do hospital em 22 de março de 1811; —estive no deposito de S. Bento 4 dias, e marchei para o exercito. Fui encontrar o meu Batalhão em *Cinco Villas*, no cerco d'Almeida, e ali estivemos até que os fran-

---

[1] V. *Torres Vedras*, *Gojim*, e *Passos da Serra*.

[2] Aqui teve alguns dias Lord Wellington o seu quartel general—e ainda hoje em varios pontos d'esta freguezia, no lado que olha para a Hespanha, se veem restos de muros que, segundo diz a tradição local, foram baterias montadas para bater os franceses.

Diz mais a tradição—que a grande batalha principiou no termo d'esta freguezia.

[1] Era o pae do meu benemerito antecessor.

Assentou praça em 1782 e se conservou sempre na fileira até á convenção d'Evora-Monte.

Fez a campanha da Peninsula e as guerras civis posteriores;—emigrou varias vezes para a Hespanha;—foi em 1823 com a expedição á Bahia, etc.,—e em uma pequena carteira que trouxe sempre comsigo (é o *curioso roteiro* supra) ia consignando algumas occorrencias mais notaveis e — *todas as suas marchas e contra-marchas*,—as terras onde poisava—e as distancias percorridas. Só até o dia 27 de setembro de 1829 tinha elle percorrido a bagatella de 2:566 legoas por mar —e 2:787 por terra,—total 5:353 legoas!... E ainda depois accresceram as marchas e contra-marchas até á convenção d'Evora-Monte.

V. *Vianna do Minho*, vol. X, pag. 461, col. 1.ª e segg.—e *Vimieiro de Arraiollos*.

cezes largaram fogo ás muralhas e fugiram para a Hespanha. Foi uma *venda* bem conhecida, pois no sitio por onde cortaram a linha estavam os nossos soldados todos avisados *para não fazerem fogo, porque ali haviño de passar dois Regimentos inglezes*. Assim passaram os francezes, e de tal fórma que os nossos soldados se envolveram com elles, porque iam muito calados e foram rompendo até que as sentinellas começaram a fazer fogo.

«Mais ainda: A minha brigada, tendo ido para *Mal Partida*, n'essa mesma noite tornou para as *Cinco Villas*, para os francezes passarem como passaram, por *Mal Partida*!... Fomos no seu seguimento, mas só ao outro dia, levando-nos os francezes de dianteira 9 horas!...»

Do exposto se vê que, assim como foi taxada de traição a entrega da praça d'Almeida aos francezes em 1810,—tambem ha quem taxe de *venda* a fuga da guarnição francesa em 1811.

Com vista aos nossos historiadores.

No dia 9 d'abril de 1811 chegou a *Villar Formoso* Lord Wellington;—*aqui teve alguns dias o seu quartel general*—e, depois de varias evoluções dos dois exercitos, deu em 3 a 5 de maio a grande batalha de *Fuentes de Honor*, tão gloriosa para elle, como vergonhosa para Massena, ficando o nosso paiz desde aquella data definitivamente livre das garras francezas, que tão cruelmente nos trataram desde 1807.

M. Alph. de Beauchamp, francez, e por consequencia de todo o ponto insuspeito, nas suas annotações á citada historia de John Jones, diz em uma nota (vol. I pag. 221) o seguinte:

«O resultado da famosa campanha de Portugal foi *todo desfavoravel para a França*, posto que o exercito francez *não soffreu em Portugal revez algum*.»

É assim que se escreve a historia!—Mais abaixo, porem, como os leitores vão ver, o mesmo auctor *muito a sobre-posse* reconhece o desastre do Bussaco.

Quando estivemos em Paris e visitámos o celebre *Arco da Estrella*, onde se acham consignadas todas as victorias de Napoleão I, vimos que na campanha de Portugal apenas mencionaram como *victoria* (?) para as armas francezas a tomada d'Almeida em 1810, quando a praça voou pelos ares com a explosão do paiol.

Que brilhante feito d'armas!...

—

Continua Beauchamp dizendo:

«Sejamos francos: na dicta campanha de Portugal Massena mostrou-se muito inferior á fama que o precedia e *só na retirada* provou que era um habil guerreiro.

«Ferido no seu orgulho por ver que o inimigo, depois de o acossar até á fronteira, sitiou e lhe tomou *á sua vista* a praça d'Almeida que elle proprio Massena *havia conquistado* (?), determinou-se a dar a batalha de *Fuentes de Hunor; não foi porem n'ella mais feliz do que na do Bussaco*, e, abandonando Portugal ao seu adversario, perdeu as boas graças de Napoleão, que lhe tirou o commando e lhe deu um successor menos habil e mais infeliz ainda.»

Posto que só o exercito de Massena,—o filho querido da *victoria!*...—perdeu em Portugal cerca de 25:000 homens na batalha do Bussaco e nas acções de Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, Ponte da Murcella, etc., fiquemos sabendo que as armas francesas durante a guerra da Peninsula—*não soffreram em Portugal revez algum* — e passemos adiante.

—

No dia 24 de março de 1884 deu-se aqui um grande desgosto.

Um carreiro ao atravessar com um carro tirado por bois a ribeira de *Tourões*, saltou para o carro, mas este voltou-se e o matou instantaneamente. Era um homem robusto, de 27 annos apenas.

Em março de 1885 deu-se tambem aqui um desgosto, mas de ordem muito differente. A nossa guarda fiscal apprehendeu a um francez, chamado André Pontirame, 1:511 libras—ou 6:799$500 réis—que tentava passar para a Hespanha sem pagar os respectivos direitos.

—

No dia 18 de janeiro do corrente anno de

1886 chegou á estação de *Villar Formoso* S. A. o nosso principe D. Carlos em viagem para Hespanha e França, onde por essa occasião tractou o seu casamento com a princesa D. Maria Amelia d'Orleans, filha dos condes de Paris. Regressou a Lisboa em março—e no dia 19 de maio [1] aqui passou a mencionada princesa, acompanhada por seus paes e parentes, etc., formando ao todo uma comitiva de 70 pessoas, em um luzido comboyo especial. O principe D. Carlos veiu recebel-a á estação da Pampilhosa—e d'ali seguiram todos no mesmo comboyo para Lisboa, onde, na egreja de S. Domingos, se realisou no dia 22 o casamento, com extraordinaria pompa, prolongando-se as festas até o fim do mez,—festas como em Lisboa nunca se viram e que todos os nossos jornaes minuciosamente descreveram.

—

Em fevereiro d'este mesmo anno de 1886 levantou-se em toda a região norte do nosso paiz o cordão sanitario, que durou 8 mezes alem d'outros 8 em 1884 a 1885.

Custou talvez mil contos, mas bem empregados foram porque, tendo o cholera-morbus feito nos dictos annos milhares e milhares de victimas na França e na Hespanha, não entrou em Portugal.

Durante o dicto cordão tivemos n'elle 8 a 9 mil soldados e lazaretos provisorios em Villa Real de Santo Antonio, Valença, Marvão, Elvas e aqui, em *Villar Formoso*,—além do lazareto permanente em Lisboa.

V. *Villa Real de Santo Antonio* e *Villa Real de Traz-os-Montes*.

—

O serviço do cordão sanitario foi muito bem feito, mas era muito *duro*, principalmente no inverno.

Na raia maritima cruzavam cinco vapores ao longo da costa—e em toda a nossa raia secca, *mesmo nos sitios mais desertos e asperos*, se fez uma continuidade de simples cabanas de palha, como as dos pastores, onde estavam pequenos grupos de soldados, sempre com sentinellas bradando *alerta*—noite e dia,—sendo as distancias de uma á outra cabana tão pequenas, que as sentinellas se avistavam e podiam responder umas ás outras.

Alem d'isso havia rondas volantes e constantes, — noite e dia; — os comboyos não transpunham a fronteira—e o serviço do cordão era feito com todo o rigor militar. Os soldados tinham ordem para fazer fogo sobre todo e qualquer individuo que, depois de admoestado e avisado, tentasse transpor o cordão,—e todo o corpo dos nossos guardas fiscaes rececebeu ordens terminantes para auxiliar os 8 a 9 mil homens do cordão.

—

Os contrabandistas, não podendo estar ociosos tanto tempo, em differentes pontos tentaram romper o cordão—e alguns o conseguiram por veredas occultas em sitios medonhos e noites tenebrosas,—mas muitos foram presos e outros corridos a bala e feridos, perdendo os gados, tabacos e fazendas que tentavam introduzir.

Os soldados eram gratificados, bem alimentados e tinham avultadas rações d'aguardente, principalmente no inverno, mas com a intemperie e falta de commodos nas pequenas barracas muitos adoeceram e soffreram sesões e sarna, molestias felizmente estranhas ao nosso exercito—*em tempo normal*.

—

No dia 23 de maio de 1886, em seguida á passagem da princeza D. Maria Amelia de Orleans, inaugurou-se a exploração da linha ferrea, em continuação da nossa linha da Beira Alta, desde a estação de *Villar Formoso* até Salamanca, benzendo solemnemente as machinas o bispo de Salamanca.

—

Na passagem da princesa D. Maria Amelia d'Orleans foi-lhe offerecido pelos photographos do Porto—Emilio Biel & C.ª—um precioso album com primorosas photographias de todas as estações d'esta linha da Beira Alta, das suas pontes, d'outras obras

---

[1] Maio d'este mesmo anno de 1886, pelas 2 horas da manhã;—chegou á Pampilhosa ás 10 horas da manhã do mesmo dia—e a Lisboa ás 5 e meia horas da tarde do mesmo dia 19, quarta feira.

d'arte e dos sitios mais pittorescos que atravessa.

Na 1.ª pagina se lia em caracteres artisticamente desenhados a dedicatoria seguinte:

«A sua alteza real a princeza D. Maria Amelia de Orleans ao entrar na sua futura patria, respeitosamente offerecem os proprietarios da photographia real, do Porto, Emilio Biel & C.ª.»

Seguem-se 40 vistas dos seguintes pontos da linha:

Estação da Figueira, tunnel das Alhadas, estação da Pampilhosa, estação do Luso, ponte das Varzeas, tunnel Grande, Salgueiral, ponte Hilijoso, ponte Trezoi, tunnel de Trezoi, estação de Mortagua, ponte de Mortagua, Mortagua, ponte da Breda, ponte do Cris, tunnel do Monte dos Lobos, ponte do Coral, Valle do Dão, ponte do Dão, estação do Dão, estação de Mangualde, tunnel de Abrunhosa, quinta das Barracas, Valle do Mondego, estação de Gouveia, ponte Laganhorda, ponte perto de Fornos, ponte de Muchagata, ponte da Jejua, Celorico, estação de Celorico, entre Pinhel e Guarda, estação da Guarda, ponte Noemi (ferro), vista da Cerdreira, ponte da Fraga, ponte do Côa e estação de *Villar Formoso*.

VILLAR DE FRADES,—ou *S. Salvador de Villar de Frades*,—e *Areias de Villar*, ou *S. João d'Areias de Villar de Frades*,—e *Magdalena de Villar*, ou *Santa Maria Magdalena de Villar de Frades*,—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia que representa hoje tres parochias.

Orago S. Salvador. Os das outras 2 freguezias eram S. João Baptista e Santa Maria Magdalena.

Fogos (das 3 freguezias hoje unidas)—160; habitantes 675.

Em 1706 as 3 freguezias, com a de S. Thiago de *Encourados*, (V.) formavam a abbadia (couto) de S. Salvador de Villar de Frades, ou do celebre convento dos *loyos*, cujo reitor apresentava curas ou vigarios nas 3 restantes e todas 4 contavam 200 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*.

Em 1768, segundo se lê no *Port. Sacro e Profano*, a freguezia de S. Salvador de Villar de Frades contava oitenta fogos,—comprehendendo talvez as freguezias de S. João Baptista e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*, pois não se encontra menção d'ellas no *Port. S. e Profano;* menciona porem a de S. Thiago de *Encourados*, com 87 fogos, vindo por consequencia a ter as 4 freguezias supra—167 fogos, o que mal póde crer-se, contando ellas já em 1706, como diz Carvalho,—200 fogos!...

—

A *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima nem sequer fez menção do Couto de *Villar de Frades*, nem da ouvidoria de Barcellos, quando no vol. 2.º pag. 475 a 524 deu (?) a população da provincia de Entre Douro e Minho.

O censo de 1864 deu ás freguezias de S. João e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*, já então unidas e comprehendendo tambem a de S. Salvador de Villar,—152 fogos e 651 habitantes,—e o de 1878 deu ás mesmas 3 freguezias, que já então formavam como formam hoje, *só uma*,—150 fogos e 654 habitantes.

Esta freguezia que nós denominamos *S. Salvador de Villar de Frades* (logo diremos porque) demora na margem esquerda do Cavado, do qual a sua matriz (a egreja do extincto convento) dista approximadamente 1 kilometro para S. E.;—6 de Barcellos para E.;—9 de Braga para O.;—5 da estação de Barcellos na linha ferrea do Minho;—56 do Porto—e 393 de Lisboa.

Comprehende na circumscripção da antiga parochia de *S. Salvador* o convento e a cerca, hoje *quinta* de *Villar de Frades*, bem como a sumptuosa egreja do convento, séde e matriz da actual parochia;—na circumscripção da extincta parochia de Santa Maria Magdalena d'*Areias de Villar* as povoações de Estrada, Bouça, Magdalena, Aldeia e Monte,—e na circumscripção da freguezia de S. João d'*Areias de Villar* as povoações de Villar, Quintão, Caslopo, Loureiro, S. Sebastião e Quintella.

—

Este topico de *Areias, Villar de Areias*

Villar de Frades e *Areias de Villar de Frades* é um labyrintho para os chorographos extranhos á localidade. N'elle se perdeu o meu antecessor e não sabemos a sorte que nos espéra, posto que lhe havemos prestado *toda a attenção.*

Salvo o respeito devido á memoria do meu benemerito antecessor, se este diccionario estivesse desde o seu principio a nosso cargo, nós teriamos descripto no topico *Areias* a freguezia de que no momento nos occupamos e lhe dariamos o titulo *legal* que tem de *Areias de Villar de Frades;* mas o meu antecessor deu ao concelho de Barcellos apenas a freguezia de *Areias* (orago S. Vicente) confundindo-a com a de S. Thiago de *Areias*, concelho de Santo Thyrso (adiante rectificaremos este e outros lapsos que se encontram n'aquelle topico) e deu ao concelho do Prado outra freguezia de S. Vicente de *Areias*, não existindo já semelhante concelho;—e não descreveu esta de S. João Baptista e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*—ou simplesmente (e melhor talvez) —de S. Salvador de *Villar de Frades.*

E elle estava convencido de que a descreveu, pois em uma nota á margem do artigo *Villar de Frades e Areias, freguezia*, no *Flaviense*, de que fazia uso, disse: «Já está em *Areias*, menos o convento.» Oxalá estivesse, porque nos poupava bom trabalho!...

Mas passemos adiante e tractemos de desenredar a meiada, consoante permittirem as nossas debeis forças.

—

Houve aqui um antiquissimo convento benedictino, que no seculo XV foi dado aos loyos, como adiante mostraremos em topico separado. Denominou-se *Convento de Villar de Frades*,—ou dos *beguinos* ou *homens bons* de Villar. Foi o 1.º que os loyos, conegos de S. João Evangelista, tiveram no nosso paiz. Tão notavel em breve se tornou, que foi egreja parochial e cabeça d'um couto que em 1697 comprehendia nada menos de 15 freguezias, todas da apresentação do prelado ou reitor do convento, que era o abbade da freguezia de *S. Salvador de Villar* e de todas as outras, nas quaes tinha curas, apresentados e collados por elle,—segundo se lê na chronica da ordem, *Ceo Aberto na terra*, pag. 397 a 401.[1]

As taes 15 freguezias eram *n'aquella data* as seguintes:

1.ª—*S. Salvador de Villar*, cuja matriz era a propria egreja do convento.

2.ª—*S. João d'Areias de Villar*, a prender com a de S. Salvador e com a cerca do convento, para E.

Foi unida ao convento pelo arcebispo D. Fernando em 1439, em virtude da renuncia que fez d'ella o abbade Affonso Annes tomando o habito dos loyos.

3.ª—*Santa Maria Magdalena d'Areias de Villar*, a prender tambem com a de S. Salvador e com a cerca do convento, para O.

4.ª—*S. Bento da Varzea* (hoje Varzea e Crujães) que tambem havia sido convento benedictino e que dista do convento de Villar apenas uns 3 kilometros para O. tambem.

5.ª—*S. Miguel de Roriz*, hoje Roriz e Quiraz, distante do convento cerca de 6 kilometros para N.

7.ª—*S. Thiago de Encourados*, a leste do convento.

8.ª—*Santa Maria de Moure*, 7 kilometros para O.

Os loyos obtiveram estas ultimas 3 egrejas no anno de 1771, em troca da de Calvello.

9.ª—*Santa Leocadia de Pedra Furada*, cerca de 12 kilometros para O. do convento.

10.ª—*S. Jorge d'Ayró*, cerca de 3 kilometros para S.

Foi unida ao convento no anno de 1454, em virtude da renuncia do seu abbade João Antunes do Salvador, que tomou tambem o habito dos *bons homens.*

11.ª—*S. Martinho d'Ayró*, já então annexa á de S. Jorge d'Ayró.

12.ª—*Santa Maria de Goios*, cerca de 15 kilometros a O. do convento. Foi unida a elle no anno de 1481, em virtude da renuncia do seu abbade Diogo Annes, que tambem preferiu o habito dos *bons homens de Villar.*

13.ª—*S. Martinho de Manhente*, na margem direita do Cavado, a N. do convento.

---

[1] Veja-se a palavra *Grillo* n'este diccionario.

Foi tambem mosteiro benedictino, extincto em 1403. E achando-se reduzida a simples abbadia secular, o papa Nicolau V, a instancias da rainha Santa Isabel, concedeu bulla para se unir ao convento de Villar, mas o arcebispo D. Fernando, que ao tempo andava desavindo com os *bons homens*, oppoz-se e a deu a um seu famulo, Diogo Affonso; morto porem D. Fernando, o arcebispo D. Luiz Pires acceitou a bulla e em 1480 de bom grado uniu ao convento esta egreja com a seguinte, sua annexa.

14.ª—*S. Vicente d'Areias.*

V. *Manhente.*

15.ª—*Santo Emilião de Mariz*, cerca de 15 kilometros para O. do convento, na margem direita do Cavado tambem.

Foi unida em 1507 pelo papa Julio II, a instancias do cardeal d'Alpedrinha D. Jorge da Costa.

—

É isto o que se lê na chronica citada supra, mas a *Chorogr. Portugueza* deu ao couto de Villar de Frades em 1706 as 19 freguezias seguintes:—S. Salvador (a séde)—S. João d'Areias, Santa Maria Magdalena, Encourados, Adães, Ayró (S. Jorge), Varzea, Moure, Goyos e Pedra Furada,—todas 10 da apresentação do convento de Villar—e Brufe, Carvalhas, Carvalhal, Rio Covo (Santa Eulalia), Alvellos, S. Thiago de Castellões, Mogege, Pereira e Remelhe,—apresentadas por differentes padroeiros.

—

Do exposto se vê que entre as muitas freguezias que este convento apresentava, as 2 mais proximas eram as de S. João e Santa Maria Magdalena d'*Areias de Villar*;—supprimida não sabemos quando a egreja da Magdalena, foi unida á de S. João, que ficou representando as duas,—e em 1834, sendo extincto, com todos os outros conventos do nosso paiz, este de Villar, extincta ficou a freguezia de S. Salvador, matriz do couto e de todas as freguezias que o constituiam, pelo que a freguezia de S. João, que era até ali um *simples curato* da apresentação do *reitor* do convento, abbade da freguezia de S. Salvador e de todas as do grande couto, absorveu o convento e com elle a sua matriz. Ficou pois desde aquella data representando as freguezias de *S. João, Magdalena* e *Salvador*—e, como tivesse á sua disposição 3 egrejas, arvorou em *matriz* a *matriz* do couto—a egreja do extincto convento, por ser a melhor de todas—templo vasto, elegante, sumptuoso, esplendido, sem contestação ainda hoje um dos primeiros templos do nosso paiz!...

Deixou tambem a mesquinha residencia de *S. João d'Areias* e trocou-a pela parte do magestoso convento mais proxima da egreja.

Ora, tendo escapado ao grande cataclismo a veneranda egreja de *S. Salvador de Villar de Frades* e sendo hoje a matriz d'esta parochia, que representa os tristes curatos de S. João e Santa Maria Magdalena de *Areias de Villar*—e a propria abbadia de *S. Salvador de Villar de Frades*, antiga e historica matriz do grande couto,—e tendo hoje o seu abbade a residencia parochial no *proprio convento*,—é de rigorosa justiça que esta parochia se intitule *Abbadia de S. Salvador de Villar de Frades*,—ou *Abbadia de Villar de Frades*,—orago *S. Salvador*.

A congregação de Villar de Frades

Com o tristissimo reinado de D. Fernando I (1367-1383) e com as porfiadas guerras subsequentes, campeava altiva a desmoralisação em Portugal, abrangendo todas as classes, inclusivamente o clero. Não corriam melhor os tempos em 1420, quando viviam em Lisboa 3 sacerdotes de grande illustração e raras virtudes:—o dr. João Vicente, conhecido por *Mestre João*, lente de medicina na Universidade de Lisboa, onde nascera em 2 de março de 1380 (sendo seus paes Estevam Rodrigues Macieira e D. Maria Ponce);—Martim Lourenço, doutor em theologia pela mesma Universidade,—e D. Affonso Nogueira, formado *in utroque jure* pela Universidade de Bolonha.

Costumavam elles reunir-se em casa do seu commum amigo Lourenço Annes, prior de S. Julião e sacerdote exemplar tambem.

A todos quatro horrorisava a desmoralisação da sociedade e do clero e, com o louvavel intuito de a combaterem, resolveram

deixar os commodos e o bulicio da corte e ir missionar na aldeia.

Foram primeiramente para a freguezia dos Olivaes, cujo prior os convidou e recebeu com alvoroço. Ali se uniram a elles mais 3 presbyteros de muito merecimento:—o mencionado prior de S. Julião,—Joanne Joannes, irmão d'elle, — e João Rodrigues; — e pouco depois se lhes uniram mais 3:—Affonso Amado, Rodrigo Annes e Martim João.

Resavam em côro, viviam em commum, tendo por chefe e superior o Mestre João, prégavam e doutrinavam, confessavam, sustentavam-se de esmolas que pediam pelo amor de Deus, vestiam grosseiro panno pardo e viviam a vida mais penitente e austera.

O povo adorava-os e vinha de grandes distancias, mesmo de Lisboa, para os ouvir e admirar tanta abnegação, mas o prior dos Olivaes um bello dia, não sabemos bem porque, expulsou-os da sua egreja e da sua residencia.

Foi esta a primeira contrariedade que se oppoz á nascente congregação—e maiores contrariedades se lhe seguiram.

—

Deixando a egreja dos Olivaes, dispersaram-se.

O prior de S. Julião voltou para a sua egreja;—o irmão foi viver com os eremitas da serra d'Ossa;—os outros volveram ás suas occupações; mas conservaram-se firmes no seu santo proposito os quatro seguintes:—D. Affonso Nogueira [1], Martim Lourenço, [2] João Rodrigues [3] e o Mestre João, guia e director de todos, que se encaminhou com elles para o Porto. Ali se apresentou ao bispo D. Vasco, seu conhecido, pois já o havia tractado de uma enfermidade em Lisboa. O bispo recebeu-os carinhosamente e os recolheu na egreja de Campanhã, junto do Porto.

Ali se installaram, proseguindo com a vida penitente que viveram nos Olivaes; o povo os estimava muito tambem, mas em breve D. Vasco foi transferido para Evora e o cura de Campanhã immediatamente os expulsou da sua egreja.

—

Martim Lourenço retirou-se para uma ermida dos arrabaldes do Porto, e D. Affonso Nogueira para casa da sua familia;—mas o Mestre João ainda não esmoreceu com esta nova contrariedade.

Tendo por companheiro unicamente João Rodrigues, marchou para Braga e ali se apresentou ao arcebispo D. Fernando da Guerra; expoz-lhe a sua resolução e as contrariedades que soffrêra; o arcebispo o attendeu e hospedou no seu proprio paço; prometteu-lhe a primeira egreja que vagasse na sua diocese—e cumpriu, pois vagando a egreja de Villar de Frades, deu-lh'a e n'ella o collou em 1425.

A dicta egreja era ao tempo abbadia secular, mas tinha sido convento benedictino fundado, segundo se suppõe, pelo veneravel arcebispo S. Martinho de Dume, em 566;—foi restaurado em 1070, depois da perdição da Hespanha, por Godinho Viegas, ascendente dos Azevedos [1] e bisneto de D. Arnaldo de Baião; estavam porem n'aquella data (1425) tanto a egreja como o extincto con-

---

[1] Filho de paes nobilissimos e primorosamente educado, foi bispo de Coimbra e arcebispo de Lisboa.

V. *Ceo Aberto na Terra*, pag. 638 a 656.

[2] Filho de paes nobres e ricos, foi educado na corte de D. João I, que depois o nomeou seu prégador;—o Santo infante D. Fernando o estimava como irmão e o escolheu para seu confessor e seu esmoler. Falleceu com opinião de santo em Lisboa, em 1446.

V. *Ceo Aberto na Terra*, pag. 611 a 638.

[3] Foi confessor de 2 reis e mestre de 2 principes, etc. Chronica citada, pag. 754 e segg.

[1] Tambem no anno de 1104 D. Gotina, filha do 2.º matrimonio de D. Adozinda, mãe de D. Godinho Viegas, fez uma amplissima doação ao mesmo convento,—e D. Sancho I o coutou e lhe concedeu grandes privilegios a instancias de D. Pedro Salvadores, descendente do mesmo D. Godinho, como se lê na chronica da congregação, pag. 363.

Foram sempre os Azevedos grandes protectores d'este convento e é por isso que n'elle tiveram muitos privilegios e assento no côro. Ainda hoje (1886) lá se vêem duas cadeiras na ordem superior com as armas dos Azevedos,—uma aguia.

vento, em misero estado;—a egreja reduzida a um pequeno e pobre templo;—o mosteiro a uma casa muito singella—e tudo em ruinas; mas o Mestre João gostou do local e da cerca e tudo transformou em praso breve.

—

Deixou em Villar o seu fiel companheiro João Rodrigues; foi a Lisboa; chamou os seus antigos congregados, que de prompto se lhe uniram; expoz-lhes a ultima occorrencia—e logo marcharam com elle para Villar: —D. Affonso Nogueira, Lourenço Annes, Martim Lourenço, Rodrigo Amado, Affonso Pedro e Martim João.

Ali renovaram logo os santos exercicios que tão dedicadamente e com tanta abnegação haviam iniciado nos Olivaes e Campanhã. Discorriam esmolando, pregando e confessando pelas terras circumvisinhas, grandes e pequenas, incluindo Barcellos, Guimarães, Braga e Porto. Visitavam as cadeias, confortando os presos e repartindo com elles tudo o que o povo lhes dava; prégavam nas egrejas, nas praças, nos campos e largos publicos—e o povo corria em montão a ouvil-os, principalmente quando prégava Martim Lourenço, que era um orador distinctissimo.

Em breve se espalhou por toda a provincia a fama dos *bons homens de Villar* (assim os denominava o povo) e tal era o seu prestigio que as pessoas mais distinctas se lhes curvavam—e dentro em pouco se lhes uniram presbyteros bem collocados, taes foram o chantre da Sé de Braga [1] e os abbades de Calvello [2] S. Paio de Midões e Santa Maria de Goyos, tomando o habito grosseiro dos *bons homens de Villar* e renunciando n'elles as suas abbadias, com o que a nascente congregação prosperou muito.

O Mestre João lhes deu estatutos; vestiam burel ou saragoça; professavam pobresa, castidade e obediencia; resavam as horas canonicas em côro; trabalhavam no grangeio da cerca e nas obras do convento—e viviam santamente em commum, á imitação do Redemptor e dos seus apostolos e discipulos.

—

Em 1429, estando tractado o casamento da infanta D. Isabel, filha do nosso rei D João I, com Philippe, *o Bom*, duque de Borgonha, conde de Flandres, etc., e preparando-se a grande armada que a devia conduzir, D. João I chamou a Lisboa o Mestre João e o seu companheiro dr. Martim Lourenço para acompanharem a infanta. Obedeceram elles e entretanto D. Affonso Nogueira, obtida licença do Mestre João, seu superior, partiu para Roma a visitar os sanctuarios da Italia.

Seguiu a infanta, acompanhada por seu irmão o santo infante D. Fernando, pelo Mestre João, Martim Lourenço e luzido sequito. Chegaram com feliz viagem a Borgonha; o duque os recebeu com alvoroço; festejaram-se os desposorios com grande pompa—e, passados dias, o Mestre João, aproveitando o ensejo, partiu com Martim Lourenço para Roma, a fim de dispor o estabelecimento definitivo da sua congregação,—e tudo correu á medida do seu desejo.

Achava-se então á frente da curia romana o cardeal de S. Clemente, Gabriel Condelmario, que o recebeu e tractou não como pretendente, mas como amigo, depois que reconheceu a illustração e virtudes do Mestre João Vicente e soube que pretendia consolidar uma congregação em tudo semelhante á de *S. Jorge d'Alga*, que elle proprio cardeal havia recentemente fundado em Venesa, sua patria.

Feliz coincidencia!

—

O proprio cardeal apresentou o nosso Mestre João ao Papa Martinho V que, achando-se já favoravelmente disposto, o recebeu af-

---

[1] Vasco Rodrigues, denominado *arcebispo pequeno*, por ter sido muitos annos governador do arcebispado de Braga, etc.

V. *Agiol. Lusit.* tomo 1.º pag. 452.

[2] Gonçalo Dias de Barros, que vivia muito licenciosamente.

Era rico e deu aos congregados a sua abbadia e toda a sua fortuna, sem reservar coisa alguma para si. Tomou o habito,—recolheu-se ao convento e ali se regenerou acabando santamente.

O Mestre João, sendo já bispo de Viseu, foi assistir-lhe aos ultimos momentos.

Agiol. Lusit. tomo 2.º pag. 622.

fectuosamente e prometteu deferir, como deferiu, apenas recebesse de Portugal as informações que urgentemente pediu ao bispo de Vizeu,—e logo mandou lavrar um breve de confirmação,—em 20 de janeiro de 1431.

Mandou o mestre João para Villar o seu companheiro Martim Lourenço com a feliz nova, para animar os seus congregados, não o acompanhando por ter ainda pendentes da curia certos negocios complementares; succedeu porem que, passado pouco tempo (em 20 de fevereiro de 1431) falleceu o papa Martinho V, sendo rapidamente eleito papa no dia 3 de março do mesmo anno o cardeal Gabriel Condelmerio, tomando o nome de Eugenio IV, amigo particular do Mestre João, pelo que o penhorou com finesas de toda a ordem.

D. Affonso Nogueira, na sua viagem á Italia, foi a Venesa ver a *Congregação de S. Jorge d'Alga*, e tanto sympathisou com ella que trouxe os seus estatutos e um dos habitos d'aquelles congregados. Não sympathisaram menos com o dicto instituto e com o habito azul celeste os congregados de Villar e por isso rapidamente escreveram ao Mestre João, que ao tempo ainda se achava em Roma, pedindo-lhe que sollicitasse para elles o mesmo habito e a mesma regra dos conegos seculares de S. Jorge.

Annuiu o Mestre João promptamente—e promptamente annuiu o novo papa tambem, por ter sido, como já dissemos, o *fundador* da congregação d'Alga.

Expediu logo novo breve confirmando a congregação de Villar com o titulo de *Conegos seculares de S. Salvador de Villar*, com o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilegios e indulgencias da sua tão querida congregação d'Alga, e a exemptou da jurisdicção dos arcebispos bracarenses, declarando-a immediata á Santa Sé;—nomeou o Mestre João prelado perpetuo da mesma congregação com poderes de nuncio apostolico, relativamente aos negocios d'ella,—e, vagando por essa occasião a mitra de Lamego, deu-lh'a.

Alem d'isso, na despedida deu-lhe por sua propria mão tambem o habito azul dos seus congregados.

Retirou se o Mestre João, confundido e satisfeitissimo! Foi recebido com alvoroço pelos seus companheiros de Villar;—lançou-lhes a todos o habito azul;—deu lhes constituições;—fez eleger novo prelado—e em 1432 ou 1433 recolheu se á sua diocese de Lamego, da qual em 1440, muito contra a sua vontade, foi transferido para a de Vizeu, onde expirou com opinião de santo, em 30 d'agosto de 1463, contando 83 annos de idade.

Foi um bispo modelo, denominado *bispo azul*, porque nunca deixou o habito azul dos seus conegos.

Foi este convento de Villar o 1.º convento e a 1.ª séde da congregação;—o 2.º foi o de Recião, junto de Lamego;—o 3.º foi o de Santo Eloy, em Lisboa, para onde transferiram a séde da congregação e do qual lhes proveiu o titulo de *Loyos*.

Tiveram estes congregados diversos nomes:—o 1.º, dado pelo povo, foi o de *Beguinos*[1] ou *Bons homens de Villar*;—o 2.º foi o de *Congregados de S. Salvador*, dado por Martinho V;—o 3.º foi o de *Conegos seculares de S. Salvador*, dado por Eugenio IV, a pedido do Mestre João;—o 4.º foi o de *Conegos seculares de S. João Evangelista*, dado por Pio II, a instancias d'el-rei D. Affonso V e de sua mulher a rainha D. Isabel, por ter particular devoção com o Evangelista,—e o 5.º e ultimo foi o de *Loyos*.

Quando a nova congregação, em virtude do breve de Eugenio IV, se julgava mais

---

[1] No seculo XIII denominavam-se *beguinos* os religiosos leigos ou conversos de S. Domingos e S. Francisco, que se sustentavam de esmolas. Houve muitos institutos de *beguinos* e de *beguinas* em toda a Europa e na Hespanha. A principio viveram santamente, mas com o tempo degeneraram,—foram extinctos—e alguns queimados pelos inquisidores.

Em Portugal tiveram o nome de *beguinos* apenas os eremitas da serra d'Ossa e os *bons homens de Villar*.

É muito digno de ler-se sobre o assumpto o que se encontra no *Elucidario* de Viterbo sob a palavra—*Biguinos*.

tranquilla, nomeadamente por se ver exempta da jurisdicção do ordinario, maiores tribulações a envolveram.

O arcebispo D. Fernando da Guerra declarou-lhes guerra d'exterminio e tentou expulsal-os da sua diocese, tachando-os de ingratos aos muitos beneficios que lhes havia dispensado.

Julgou uma affronta o irem sollicitar do Papa a exempção; cortou relações com elles;—não deu cumprimento ao breve—e intimou-lhes mandado de despejo.

Seguiu-se porfiada lucta, em que o arcebispo empenhou todo o seu alto valimento e, como elles não cedessem, ameaçou-os com a força.

Valeu-lhes em tão negra conjunctura a decidida protecção de D. Affonso I, duque de Bragança, que então vivia no seu palacio de Barcellos e que os amava como filhos.

Não só tomou a seu cargo todas as despezas do pleito, que durou annos, mas empenhou tambem todo o seu valimento em favor dos seus *bons homens* e contra o poderoso arcebispo.

Escreveu-lhe varias cartas exprobando-lhe a duresa com que tractava os pobres congregados e em uma, entre outras coisas, lhe disse:—*que ao pontifice e não a elle cumpria resolver a pendencia;—que era improprio d'um prelado soccorrer-se ao direito da força—e que, se persistisse em levar por diante as ameaças, elle duque lhe certificava que o acharia no convento de Villar em pessoa, disposto a perder a vida em defesa dos congregados.*

O arcebispo hesitou, mas um bello dia resolveu-se a marchar em som de guerra pessoalmente com os seus belleguins, archeiros e homens d'armas contra Villar.

Prevenido o duque D. Affonso, armou logo todos os seus criados e grande numero de vassallos,—correu em defesa dos seus *bons homens*—e, apenas chegou ao convento, mandou por um mensageiro dizer ao arcebispo —*que, se não voltasse immediatamente para Braga, lhe poria na cabeça em logar da mitra um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto elle se fazer soldado, sendo arcebispo.*

O arcebispo retrocedeu;—depois veiu a um accordo e lhes dispensou grandes favores.

O convento

Os congregados transformaram completamente o mesquinho cenobio dos bentos, venerando pela sua antiguidade.

Ainda encontraram na cerca pinheiros e castanheiros gigantescos de corpulencia tal que, tentando mandar para o Porto o tronco de uma d'aquellas arvores, tiveram de desistir, por serem necessarias 24 juntas para a conducção.

Tres homens com os braços abertos não abraçavam o tronco d'alguns pinheiros.

Embellesaram muito a cerca, abrindo diversas ruas orladas de flores e arbustos, e enchendo-a de capellas, revestidas de conchas e mosaicos, destacando-se entre todas a do *Presepio*—e a do *Passarinho.*

Esta ultima foi feita pelos congregados no sitio onde, segundo dizem as chronicas e a tradição, esteve um *abbade santo,* da ordem dos bentos, extactico cento e tantos annos, sem ser visto de ninguem, absorto pelo cantar de um *passarinho,* até que, voltando a si e ao convento, o encontrou completamente transformado e habitado não por monges bentos, mas pelos conegos d'habito azul.

Elles o receberam com assombro;—contou-lhes tudo—e poucos dias depois falleceu!...

A dicta capella foi demolida pelo 1.º dono d'este convento—Balthasar José Martins,—muito depois da extincção das ordens religiosas.

—

Em 1697 o convento compunha-se de 4 dormitorios:—um a leste, outro ao sul, outro ao poente, outro, então denominado o *novo,* sobre o terreiro dos *Cabedaes,*—e em correspondencia com elle se propunham fazer outro, cujos alicerces já estavam abertos.

Da portaria até o projectado dormitorio tambem já tinham feito cinco arcos magestosos e a meio d'elles um grande portico, encimado por um nicho com a estatua do Mestre João, com mitra e bago.

O chão do claustro era todo coberto de

lisonjas de jaspe e no meio tinha um grande chafariz de 2 taças com 4 bicas em cada uma.

A livraria era uma bella casa, que tambem servia d'aula, e tão espaçosa que n'ella se celebraram capitulos geraes;—e pelo interior do convento corria uma levada que movia 2 azenhas [1].

No convento viviam ordinariamente 60 conegos e numero quasi egual de criados e serviçaes, comprehendendo pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros e alfaiates para serviço da casa, por estar em sitio ermo.

Tinham tambem os conegos nas immediações do convento 3 quintas:—a de *S. Martinho*, a do *Quintorio* e a de *Manhente*,—e no rio, ao fundo da cerca, varias azenhas, uma barca de passagem e engenhos para caçar peixes:—salmões, relhos, trutas e lampreias, —sendo o rio coutado, desde Barcellos até o poço do Lago, que tinha 18 braças d'altura,—diz a chronica [2].

Não sabemos que obras se fizeram no convento desde 1697, mas sabemos que, apesar do vandalismo que pesou sobre todos os do nosso paiz, em seguida á extincção das ordens religiosas, o edificio é espaçoso e felizmente está bem conservado ainda.

Tem o aspecto d'um grande palacio quadrangular, com extensos dormitorios, centenares de cellas e um soberbo refeitorio, que foi ladrilhado com grandes pedras de granito, hoje empregadas em eiras dos lavradores circumvisinhos.

Tem interiormente uma capella muito elegante, muito bem tractada ainda e ornada com riquissimos paineis.

---

[1] N'esta data (agosto de 1886) a camara de Barcellos tracta de organisar uma bibliotheca municipal com alguns milhares de volumes que pertenceram á livraria d'este convento e que a dicta camara tinha amontoados, cobertos de pó e roidos do caruncho, em uma sala escura, posto que a maior parte desappareceu com o grande cataclismo da extincção das ordens religiosas.

Acordou tarde, mas antes *tarde* do que *nunca*.

[2] O Cavado foi outr'ora navegavel até aqui —segundo se lê nas *Memorias d'Argote*, vol. 2.º pag. 529.

Extinctas as ordens religiosas, foi este convento comprado pelo rico negociante do Porto, Balthasar José Martins, que por sua morte o deixou á Misericordia do Porto e esta depois o vendeu á ex.ma sr.a D. Margarida Alves, viuva, tambem do Porto, por quantia relativamente baixa, ficando-lhe o metro quadrado a 40 réis approximadamente, comprehendendo o convento.

É hoje dos filhos e herdeiros da dicta senhora—Joaquim Domingos Ferreira Cardoso e José Domingos Ferreira Cardoso,—que (honra lhes seja!) teem o edificio muito bem reparado e a grande cerca muito bem agricultada.

A cerca é fertilissima; tem talvez 6 kilometros de circumferencia;—é toda murada e banhada por um ribeiro que nasce na proxima freguezia de Martim,—vai engrossando com diversos arroios,—passa na freguezia de Encourados, cujos lavradores, por contracto muito antigo, se utilisam da agua d'elle em certos dias no verão,—e desagua no Cavado.

A cerca produz 30 a 40 pipas de vinho verde,—40 a 50 carros de milho,—muito feijão, muita fructa e muitos melões especiaes pelo seu particular sabor e grandesa.

Rivalisam com os da freguezia da *Pousa*, que são considerados os melhores do Minho, posto que em varios chãos d'esta freguezia de Areias de Villar e da de Encourados se colhem melões eguaes aos da freguezia da Pousa.

São tambem pertença d'esta grande quinta 3 azenhas no Cavado, 1 engenho de maçar linho e 3 engenhos de pesca, onde caçam muitas lampreias e alguns salmões.

Entre os muitos melhoramentos que esta grande quinta recebeu dos seus actuaes proprietarios, merece menção uma bella estrada que a poz em communicação com a estrada a macadam de Braga a Barcellos, que passa a pequena distancia.

A egreja

Posto que este artigo vai tão longo, não podemos deixar de offerecer aos leitores um esboceto d'esta egreja, pois é pela sua archi-

tectura, dimensão e tradições um dos templos mais notaveis do nosso paiz.

É toda de granito porphroide do monte da *Penida*, que atravessa esta parochia,—o granito melhor d'esta provincia, tão alvo e fino que parece marmore. Sustenta vantajosamente o confronto com o granito de *S. Gens*, nos arrabaldes do Porto, e com o de *S. Domingos*, nos arrabaldes de Lamego. D'ali foi a pedra para o pedestal da memoria de D. Pedro V e para outras obrás de Braga, posto que o dicto monte está a 11 kilometros de distancia.

A egreja olha para o poente e ladeiam-lhe a fronteria 2 grandes torres, uma ainda incompleta e a outra com bons sinos e relogio, occupando cada uma cerca de 36 metros quadrados de terreno, afóra as paredes!...

Entra-se para ella, como para a dos bentos, no Porto, por um espaçoso atrio, sobre o qual está o grande côro;—seguem-se o corpo da egreja, o cruzeiro e a capella-mór, descrevendo no seu todo a forma da cruz latina.

Tem de comprimento o atrio até á porta principal 8^{m},90;—d'ali até o cruzeiro, inclusivé, 28^{m},80;—do cruzeiro até o altar da capella-mór 24^{m},67—e d'ali até á extremidade do templo 5 metros, sendo por consequencia o seu comprimento total 67^{m},37.

De largo tem 40 metros até á capella-mór —e esta 20 metros,—sendo de uma só nave e de estylo gothico.

A parte mais custosa e mais notavel d'este grande templo é o tecto, todo de abobada de granito finissimo, primorosamente trabalhado. A abobada é bastante abatida e parece sustentada por uma infinidade d'arcos que se ramificam e cruzam, formando uma grande rede, sobresaindo nos pontos de intersecção e em outros, pedras lavradas e circulares, á maneira de estrellas.

É tão alta, que nas paredes lateraes tem duas ordens de frestas,—6 por cada lado.

Ignora-se quando foi feita, mas, pelo que se lê na chronica da ordem, é com certesa anterior a 1697, data em que o chronista escreveu; tinha porém n'aquelle tempo maior numero d'altares,—ao todo 15,—emquanto que hoje tem apenas 10.

A chronica diz que tinha no cruzeiro 4 altares, em quanto que hoje tem só 3,—e que tinha no corpo da egreja 10 altares, emquanto que hoje tem apenas 6.

Foi feita no tempo do benemerito arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa (1505 a 1532) ao qual se deve a capella-mór.

—

O côro tem 12 metros de comprimento,—9^{m},10 de largura,—52 cadeiras em duas ordens,—uma balaustrada para o lado interior —e para o lado exterior uma grande sacada, encimada por uma fresta—e 2 janellas aos lados.

Tem um orgão magnifico de força de 24, com 16 registros para a mão direita e 14 para a esquerda.

Já em 1697 dizia d'elle o chronista: «he o orgão melhor da Hespanha e contam os nossos velhos, que da Igreja de Santiago de Galiza se mandou offerecer por elle quanto os Padres pedissem. Foi obrado por certo homem insigne n'aquella arte, chamado *Mestre Lobo.*»

Logo que se entra na egreja pela porta principal, vê-se á esquerda o baptisterio em um vão coberto de abobada e n'elle a pia baptismal, muito bem lavrada. Do lado opposto ha um vão igual com porta para o claustro, que os frades não concluiram. Serve actualmente de cemiterio o seu chão —e no pavimento superior está a residencia parochial.

Em seguida áquelles 2 vãos estão 3 capellas de cada lado, todas de abobada de pedra e com as paredes forradas de azulejo.

Em frente da 1.ª—ao lado esquerdo de quem entra,—vê-se no pavimento da egreja a inscripção seguinte:

S.ª DE MANUEL LOPES LOVREIRO DA FREG.ª
DE MOVRE PARA ELLE
E SEUS DESCENDENTES
1762

Na 2.ª capella se vê no azulejo da parede do lado do evangelho:

D. ANTONIO CORARI.
CARDEAL. OSTIENT. NEPOTE.

DO S.mo P.a GREGORIO 12
Q POR SVA MVITA.
VIRTVDE. E SANTID.e DEI
XOV O PALACIO DE ROMA.
E SE METEO NA NOSSA
CONGREGAÇÃO

E no azulejo do lado opposto:

O P. AFONSO. NOGEIRA.
HVM DOS N. P.os FVNDADORES.
O QVAL FOI A ROMA. E AL-
CANCOV. O HABITO. DE QVE
HOJE VZAMOS. DIVINAL. MENTE.
DADO. PELA. VIRGEM. M.a S.
NOSSA. E NOSSAS CONSTITVISOIS.
BP.o DE COIMBRA, E ARCEBP.o
DE LISBOA.

Junto das dictas inscripcões estão pintadas no azulejo as figuras dos individuos, a quem ellas se referem;—e o mesmo se dá nas outras capellas.

Na 3.a se lê no azulejo, do lado da epistola:

O. V. P. ANTONIO DA CON-
CEIÇÃO. N.al DA VILLA. DO
PONBAL. QUE. SERVIA A
NOSO. SNOR. NESTA. SA-
GRADA. CONGREGACÃO. POR
ESPAÇO. DE 50 ANNOS.
FANECEO. DE IDADE. DE
80 AN.s a 12. DE MAIO.
DE 1602. ESTÁ SEPVLTADO
NO CONVT.o DE S. BENTO. DE
XABREGAS.

No azulejo do lado opposto se lê:

O. P. JOÃO. ROIZ. 2.o GE
RAL DESTA CONGREGACÃO. QVE.
NÃO ASEITOV. O BD.o DE CO-
INBRA. POR SVA MT.a HU
MILDADE. SENDO. PROMOVIDO.
NELE. POR EL REI. D. AFONSO.
5. DE QVEM HERA. CONFESOR.
E DA RAINHA. D. IZABEL.
SVA MOLHER.

—

Passemos agora para o outro lado da egreja.

A 1.a capella, entrando, pertence á familia *Magalhães*, de Barcellos, e tem no centro uma sepultura com a inscripção seguinte:

S.a DE DIOGO DE
VILLAS BOAS CAMINHA
E SEVS SVCESORES DESTE
MORGADO
1645.

Na 2.a capella se lê no azulejo do lado da epistola:

NOSO. P. S. LOVRENSO
IVSTINIANO. PATRIARCA.
DE VENEZA. HVM DOS
NOSOS FVNDADORES DE S.
JORGE. EM ALGA. EM
ITALIA.

Na parede do lado opposto se lê o seguinte:

GREGORIO. 12. SVMMO
PONTIFICE. CHAMADO. AN
TES. ANGELOCOTES. HV. DOS
P.os FVNDADORES. DA NOSSA.
CONGREGACÃO. DE S. JORGE
DALGA. EM VENEZA.

A 3.a capella d'este lado é em tudo semelante ás outras—e, nas paredes que separam do cruzeiro as duas mais proximas, estão escadas de pedra, por onde se sobe para os dois pulpitos, que são revestidos de boa talha dourada e ficam em frente um do outro.

Nas extremidades lateraes do cruzeiro se vê da parte do evangelho a capella do Santissimo—e do lado da epistola uma porta que dá para a sacristia, para o claustro (hoje cemiterio) e para a residencia parochial.

No mesmo cruzeiro se vêem mais 2 altares ainda, voltados para o corpo da egreja, aos lados da entrada para a capella-mór; e no vão do cruzeiro se encontram diversas sepulturas com inscripções muito gastas. Apenas podem ler-se as seguintes:

1.a

AQVI IAS HO CORPO
DO BISPO.....
.....
FALECEV EM BRAGA
AOS 6 DE 7B.ro DE
1596

2.ª

S.ª DE DONA CHRISTI
NA DA GAMA PRADO
MULHER QVE FOI DE BEL-
CHIOR RISCADO DE RO-
.....
.....

—

A capella-mór tem de cada lado 3 grandes frestas envidraçadas e 4 grandes paineis, dois dos quaes estão completamente apagados. Tem mais 2 ordens de assentos para o clero—e estantes na ordem superior.

A sacristia, elegante e com muita luz, é primorosamente estucada e ladrilhada com lusangos de lousa preta e branca, em xadrez.

Tem de comprimento 13m,20;—de largura 7m,91;—4 grandes frestas á esquerda de quem entra, e do lado opposto 4 grandes telas representando os 4 evangelistas. Teve tambem de cada lado 3 grandes espelhos,—ao todo 6; mas hoje tem só 2, achando-se os restantes a ornar casas particulares?!...

Tem mais dois grandes gavetões ao longo das paredes, cobertos por duas enormes tabuas, medindo uma 9m,76 de comprimento e 0m,93 de largura,—e a outra 9m,33 de comprimento e 0m,98 de largo.

Ao fundo tem um altar com esta inscripção:

PROBET AUTEM SE IPSUM HOMO: ET SIC DE PANE ILLO EDAT,
ET DE CALICE BIBAT.
S. PAULO AD COR. 11, 28.

Já em 1679 tinha esta egreja muitas reliquias e muita prata, avultando 3 lampadarios da capella-mór, sendo o do meio *como o mais alto homem* (diz a chronica)—muitos castiçaes, thuribulos, navetas, pixides, gomis, tocheiros, custodias e cruzes, entre ellas uma de tamanho descommunal—e «em todas estas peças, sendo de prata fina, e antiga (já em 1697, diz a chronica) he sem duvida mais preciosa a obra, que a materia.»[1]

Tudo se evaporou, não sabemos quando!...

N'esta egreja repousavam tambem já em 1697 muitas pessoss da nossa primeira nobresa, taes eram as seguintes:—D. Godinho Viegas e sua mulher D. Maria Soares; D. Pedro Salvadores e sua mulher D. Sancha Martins, Nuno Aranha, alcaide-mór de Pombal, sobrinho do arcebispo D. Diogo de Sousa; D. Theresa de Mendonça e seus descendentes; D. Leonor de Lemos e seu sobrinho Fernão Pereira, senhor d'Angeja; Diogo Lopes Homem, commendador de S. Romão; Gaspar Pereira e sua mulher D. Angela de Sá; Diogo Correia, da casa de Farelães, descendente de D. Paio Peres Correia, e outros muitos fidalgos d'aquella nobilissima casa; Joanne o *Pobre* e o abbade santo, etc.

Quem pretender mais noticias da congregação, do convento e da egreja de Villar de Frades, leia a *Benedictina Lusitana*, tom. 1.º pag. 316 a 320,—e a chronica *Ceo aberto na Terra*, pag. 209 a 401,—e 551 a 656.

—

Uma das grandes vantagens que offerecia esta congregação era o *egresso* e *regresso*, como por vezes nos disse o sr. D. José de Moura Coutinho, benemerito bispo de Lamego (V. *Telhô*) que foi conego secular de S. João Evangelista, ou *padre loyo*, no convento de Santa Cruz d'aquella cidade.

Se os dictos conegos necessitassem de sair do seu convento por qualquer motivo justo, como saiu o sr. D. José de Moura Coutinho para occupar o logar de deão e depois o de bispo d'aquella cidade, podiam regressar quando muito bem lhes approuvesse,—dado que não tivessem commettido certa ordem de faltas.

Rectificações

Como já dissemos em *Villar d'Areias*, e no principio d'este artigo *Villar de Frades*, o meu benemerito antecessor foi muito infeliz no topico *Areias*. N'elle se encontram lapsos de paginação, d'alphabetação e de redacção, alguns dos quaes elle reconheceu e deixou indicados, para os reparar no supplemento.

Os typographos,—não sabemos porque fatalidade,—repetiram a numeração da pagina

[1] Possuia tambem esta egreja o calix e a patena com que o arcebispo S. Geraldo dizia missa. O calix tinha em volta as figuras e os nomes dos dose apostolos—e a patena o *Agnus Dei*.

238 do 1.º vol. (Vide) nada menos de 48 vezes, com o addicionamento das 24 lettras do nosso alphabeto, desde A a Z, primeiramente singellas e depois dobradas, — comprehendendo na dicta serie o topico *Areias*.

Foi esta a 1.ª infelicidade; seguiu-se-lhe logo a da alphabetação, ficando *Areia* e *Areias* antes de *Arega* e *Aregos*, devendo ficar depois d'estes ultimos 2 artigos.

Agora a 3.ª desgraça:

—

Havendo no concelho de Barcellos 2 freguezias com o nome de *Areias*,—a de *S. Vicente*—e a de *S. João* e *Santa Maria Magdalena de Areias de Villar*, que nós descrevemos sob o titulo *Villar de Frades*,—o meu benemerito antecessor deu ao concelho de Barcellos apenas uma,—a de *S. Vicente de Areias* (pag. 238—F—col. 1.ª) confundindo-a com a de *S. Thiago d'Areias*, na margem direita *do Ave*, concelho de Santo Thyrso, (V.) em quanto que a de *S. Vicente d'Areias*, concelho de Barcellos, está na margem direita do *Cavado*.

Dê-se pois áquelle artigo a epigraphe seguinte:

Areias, freguezia do concelho e comarca de *Santo Thyrso*, districto do *Porto*, diocese de Braga [1], na provincia do *Douro*.

Abbadia. Orago *S. Thiago*;—fogos 142,—habitantes 513 [2].

Demora na margem direita do *Ave*—e a sua egreja parochial dista de Santo Thyrso 3 kilometros para N.,—34 do Porto, pela linha ferrea de Guimarães,—e 371 de Lisboa.

---

[1] Pela ultima circumscripção diocesana, feita em 1882, das 32 freguezias que hoje constituem o concelho de Santo Thyrso, ficaram pertencendo á diocese de Braga apenas 5:—esta de S. Thiago de Areias, a de S. Miguel d'Aves, a de S. Miguel de Lamas, a de Santa Eulalia da Palmeira e a de S. Martinho de Sequeiró. As 27 restantes ficaram pertencendo ao bispado do Porto.

V. *Villarinho*, freguezia do concelho de Santo Thyrso.

[2] Esta freguezia é a que o meu antecessor descreveu a pag. 238—E,—col. 1.ª *in principio*.

Fica assim rectificado tambem aquelle artigo.

Tudo o mais que se lê n'aquelle artigo pó-de ficar,—exceptuando as ultimas 4 linhas, que pertencem á freguezia de *Areias*, orago *S. Vicente*, concelho de Barcellos, a qual o meu antecessor descreveu a pag. 238—E,—dando-a como pertencente ao concelho do Prado, extincto ha muito.

Demora ella na margem direita do *Cavado* e tem por freguezia limitrophe a de *Manhente*, mas não está annexada a ella. São ambas autonomas e fronteiras á de *S. Salvador de Villar de Frades*, mettendo-se de permeio só o rio.

A mencionada freguezia de *S. Vicente de Areias*, concelho de Barcellos, conta hoje 82 fogos e 370 habitantes.

—

Note-se tambem que o monte de *Penide* ou da *Penida* não está n'esta parochia de S. Vicente d'Areias, como disse o meu antecessor,—mas na de S. *João d'Areias de Villar*, ou de *S. Salvador de Villar de Frades*, na outra margem do Cavado como já dissemos.

Ficam assim rectificados aquelles 3 artigos.

Finalmente com relação ao artigo *Areias* (S. João de) pag. 238—F—col. 2.ª, veja-se tambem o artigo *João* (S.) *d'Areias*, vol. 3.º pag. 412, col. 2.ª

VILLAR DE LAGOANÇA, — ou simplesmente *Lagoança*.

Assim se denominava no seculo XIII a freguezia de *Lagoaça*, concelho de Freixo de Espada á Cinta, quando D. Diniz lhe deu foral, no dia 26 d'abril de 1286.

V. *Lagoaça*.

VILLAR DE LEDRA,—freguezia extincta, que em 1706 pertencia ao termo da villa e concelho de Mirandella, comarca da Torre de Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes. Contava então 30 fogos, uma capella e cinco fontes;—era da apresentação do reitor de Mascarenhas e fazia parte da commenda d'este nome.

Em 1768 era ainda curato da mesma apresentação; pertencia á mesma commenda e á diocese de Miranda (hoje Miranda e Bragança);—tinha como orago S. Miguel;—rendia para o seu cura 10$500 réis, alem do pé d'altar,—e contava 34 fogos.

Mais tarde foi reunida á freguezia de *Carvalhaes* (V. vol. 2.º pag. 132, col. 1.ª—e hoje está unida com a de *Carvalhaes* á de Nossa Senhora da Encarnação da villa de Mirandella, concelho e comarca d'este nome, dis-

tricto e diocese de Bragança, em Traz os Montes.

—

A extincta egreja matriz de S. Miguel de Villar de Ledra dista 5 a 6 kilometros da villa de Mirandella para N. E.—e outros 5 kilometros da estrada real a macadam de Mirandella a Bragança, para N.

As producções dominantes da extincta parochia são:—azeite, cereaes, vinho bom de mesa e lã, pois cria bastante gado lanigero.

O seu terreno é fertil e cria tambem muita caça.

Note-se que esta parochia extincta de *Villar de Ledra*, nenhuma relação tem com a de *Fornos de Ledra*, tambem hoje extincta, da qual se fallou no vol. 3.º pag. 219, col. 1.ª e havemos de fallar mais detidamente no supplemento, porque está ali um dos dois importantes recolhimentos de *Oblatas do Menino Jesus*, fundados pelo benemerito bispo D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara [1].

Villar de Ledra pertence, como já dissemos, ao concelho e comarca de Mirandella, —e *Fornos de Ledra* pertence ao concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros,—distando as duas povoações uma da outra cerca de 17 kilometros.

Parece que ambas as freguezias tomaram o nome de uma povoação denominada *Ledra*, mas hoje na provincia de Traz-os-Montes não ha memoria de tal povoação!... [2]

Ao meu venerando amigo, o sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

—

Segundo se lê na *Chorographia Moderna*, tambem foram unidas á mencionada freguezia de *Carvalhaes* as freguezias de *Villa Nova* e *Contins*.

V. *Villa Nova*, (a 1.ª) n'este diccionario, vol. 11.º, pag. 799, col. 2.ª

Representava pois 4 freguezias a de Carvalhaes, hoje unida á de Mirandella—e esta ficou representando *cinco;* mas, como já se lhe haviam unido *ha muito* os curatos de Bronceda, Chellas, Freixedinha e Val de Madeiro, que foram parochias independentes, representa hoje a freguezia e villa de Mirandella—pelo menos—*dez freguezias!*

Este bispado de Bragança é um labyrintho para os chorographos, como já dissemos e *provámos* n'este vol. XI, pag. 1099, col. 2.ª

VILLAR DA LOMBA,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago — Santo André, apostolo; — fogos (com a de S. Jomil, sua annexa) 160,—habitantes 680.

Esta parochia é relativamente moderna. Foi criada pelos annos de 1840 sobre a aldeia de Villar, que era da freguezia de *S. Jomil*, hoje d'este concelho de Vinhaes, mas pertencia ao concelho de *Santalha*, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Vinhaes, bem como esta freguezia de Villar de Lomba.

Do exposto se vê o motivo por que esta parochia de Villar da Lomba não se encontra na *Chorographia Portugueza*,—nem no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 421 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 415 habitantes.

Tem hoje annexa a freguezia de *S. Jomil*, orago S. Pedro, á qual o censo de 1878 deu 50 fogos e 218 habitantes.

V. *Jomil* (S.) vol. 3.º pag. 419, col. 1.ª

Representa pois esta freguezia 2, formadas por 2 povoações,—*Villar da Lomba* e *S. Jomil*, as quaes até 1840 formavam a freguezia de S. Jomil.

Tambem hoje tem annexa administrativamente a povoação de Ferreiros, que pertence ecclesiasticamente á freguezia de *Edral*. Vide.

---

[1] V. *Villa Verde*, freguezia do concelho e comarca de Mirandella, vol. X, pag. 1097, col. 1.ª e seg.

[2] Nos principios da nossa monarchia denominou-se *Laedra* um districto ou territorio importante da provincia de Traz-os-Montes, o qual demorava entre Bragança e Mirandella, segundo se lê na *Hist. de Port.* de Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 427.

Áquelle districto de *Laedra* pertenciam *Fornos de Ledra* e *Villar de Ledra*.

Junte-se este meandro ao labyrintho das freguezias d'este bispado.

—

Demora esta freguezia de Villar da Lomba e S. Jomil na margem esquerda do rio Mente, que desagua no Rabaçal,—este no Tua—e o Tua no Douro.

A matriz de Villar da Lomba dista do rio Mente 2 kilometros, para E.;—3 da margem direita do Rabaçal, para O.;—5 da confluencia do Mente com o Rabaçal, para N.;—7 da raia de Hespanha, aqui formada pela freguezia de Villar Secco da Lomba,—e 20 de Vinhaes, para O.

Producções dominantes:—cereaes de pragana, batatas, castanhas e algum azeite. Tambem produziu em quantidade vinho de mesa, do melhor d'este concelho, mas hoje pouco vinho produz, depois que a invasão phylloxerica destroçou os vinhedos da maior parte d'esta provincia e que eram a principal riqueza d'ella [1].

Os d'esta freguezia e d'este concelho eram exportados para a Hespanha, ou reduzidos a optima aguardente, que ia para o Porto.

Tambem é mimosa de peixe dos dois rios que a banham—e nos seus montes se cria muita caça grossa e miuda:—perdizes, coelhos, raposas, lobos e javalis.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE MAÇADA, — villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria.

Orago Nossa Senhora da Conceição,—segundo se lê no *Mappa das Novas Dioceses*, publicado em 1882, mas a *Chorog. Port.* deu-lhe como orago *Santa Maria,*—o *Port. S. e Profano* deu-lhe como orago Nossa Senhora da Assumpção. O mesmo orago lhe deram Bettencourt e Almeida.

Fogos 480,—habitantes 2:100.

Em 1706 era vigairaria collada, annexa á reitoria de Tres Minas;—pertencia ao termo do concelho e ouvidoria de Villa Real, provedoria de Lamego—e contava 230 fogos.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação do reitor de Tres Minas,—rendia para o seu vigario 50$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 309 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 445 fogos e 1788 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 472 fogos e 1:854 habitantes.

Foi villa e séde de concelho extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Alijó.

Ha n'este concelho hoje 4 freguezias muito importantes: — Sanfins do Douro, Favaios, Alijó e esta de Villar de Maçada, sendo a de Sanfins a mais populosa e hoje absolutamente a *mais rica* d'este concelho e d'esta comarca, pois conta cerca de 540 fogos com 2:400 habitantes;—colhe muito azeite, muitos cereaes e batatas, e ainda no ultimo anno de 1885 produziu cerca de 2:000 pipas de vinho,—mais vinho do que *nenhuma* das freguezias de ambas as margens do Alto Douro!...

Alem d'isso não tem casas nobres. A sua propriedade está muito dividida e muito bem agricultada;—os seus habitantes vivem sem fausto,—são muito laboriosos, muito trabalhadores e exploram em grande escala a industria de carrejões de vinho e aguardente em carros tirados por bois, no que empregam mais de 50 juntas e apuram muito dinheiro. E são elles *ha muito de pelle diabi*,—a gente mais desordeira de todo o Alto-Douro!...

Por vezes tem ido *armados* insultar e provocar as villas circumvisinhas:—Favaios, Provezende, Sabrosa e Alijó, trocando fogo com ellas e havendo ferimentos e mortes!...

Ainda no anno ultimo,—1885,—porque o redactor do *Correio d'Alijó*, com aprumos de livre pensador, os metteu a ridiculo e chamou estupidos e fanaticos, por elles venerarem como *santo* um seu visinho que falleceu em Braga e foi moleiro,—um bello dia foram ás 10 horas da noite armados e em grande bando procurar o dicto redactor na sua propria casa, a meio da villa d'Alijó, hoje a séde d'este concelho e d'esta comar-

---

[1] V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes,—Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão.*

ca, dispostos a tirar-lhe *a vida*, valendo-lhe o não o encontrarem em casa nem no bilhar da villa, onde o procuraram tambem!...

Com os taes meus amigos ninguem brinca no Alto Douro.

Brincou o redactor,—mas ia pagando *com a vida* a brincadeira!...

Desculpem-nos a digressão.

—

Demora Villar de Maçada na margem esquerda do rio Pinhão, do qual a sua matriz distará 1 kilometro;—10 de Sabrosa para N.; —11 de Favaios, para N. O.;—14 de Alijó; —24 da estação de Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—32 de Villa Real; —151 do Porto—e 488 de Lisboa.

Além da povoação de *Villar de Maçada*, a séde da egreja matriz, comprehende as aldeias seguintes:—Cabeda, Sanradella, Formestes e Francellos;—a quinta do *Rio*, na margem esquerda do Pinhão e que é do padre Antonio do Rio, e a de *Fornos*, que foi da familia Passos Pimenteis e é hoje de D. Emilia Passos Pimentel e de seu marido, cujo nome ignoro.

Além d'estas, que são as principaes, comprehende outras muitas. A *Chorogr. Mod.* menciona as seguintes: — Ribeira, Tojaes, Marinha, Moura, Banha, Ranginha, Braga, Justes, Boa Vista e Tenraes.

Producções dominantes: — vinho, castanhas, batatas, cereaes e azeite.

O vinho era a sua producção principal, mas infelizmente a phylloxera e os outros muitos inimigos das videiras que assolam no momento o nosso paiz, nomeadamente o Alto Douro, teem causado já tambem grandes prejuizos nos vinhedos d'esta parochia e d'esta provincia toda!

Pelo arrolamento official da extincta *Companhia dos Vinhos do Alto Douro*, relativo ao anno de 1840, produziu esta freguezia 818 pipas,—e a tal de Sanfins 2:174.

Bom tempo era esse!

Freguezias limitrophes:—Villa Verde, S. Lourenço, Parada de Pinhão e *Sanfins do Douro*.

A povoação de *Villar de Maçada* é grande e bonita—e tem muitas casas nobres, entre as quaes avultam as seguintes:

1.ª—Da familia *Pizarros*, hoje unida aos *Portocarreiros* do palacio da *Bandeirinha* no Porto, actualmente representada pela viuva e filhos de João Pinto Pizarro da Cunha Portocarreiro, que falleceu em Coimbra no anno do 1885 e jaz no mauzoleu da sua familia no cemiterio oriental do Porto.

V. *Miragaya*, vol. 5.º pag. 271, col. 2.ª— e *Porto*, vol. 7.º pag. 519 a 525.

Se o palacio das *Sereias*, ou da *Bandeirinha*, é um dos mais notaveis do Porto, o que esta nobre familia aqui possue é talvez maior,—está muito bem tractado e bem conservado,—tem uma linda capella,—bons jardins e uma cerca espaçosa, que é uma grande quinta. Comprehende bellos campos regadios e muito ferteis, muito arvoredo fructifero e grandes vinhedos.

Contiguos a este palacete e a esta quinta estavam o palacete e a quinta que foram dos morgados de Villar de Perdizes, com uma linda capella, denominada *Capella de Borba*, o que tudo passou por compra para os *Pizarros Portocarreiros* e forma uma das melhores vivendas da provincia.

Só uma vinha, que está junta aos dois palacetes tem produzido alguns annos 50 pipas de vinho!...

A capella mencionada é de custosa architectura e tem um lindo retabulo de talha dourada.

Ambos estes palacetes são brasonados.

—

2.ª—*Dos Pintos Pizarros*.

É um bom edificio, tambem brasonado.

Foi do 1.º e unico barão da Ribeira de Sabrosa, Rodrigo Pinto Pisarro, de quem já se fallou nos artigos *Ribeira de Sabrosa* [1], vol. 8.º pag. 183, col. 1.ª—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. 11.º pag. 964, col. 2.ª e seg. para onde remettemos os leitores.

O barão teve 6 irmãs e 5 irmãos,—total 11. Dos irmãos elle e mais 2 (Gaspar e José Maria) eram formados—e foram tambem militares elle e mais 2—o Francisco e o Antonio. Tambem foram muito liberaes o barão

[1] Quinta na margem direita do *Pinhão* e não do *Corgo*, como por lapso ali se escreveu.

e o Fernando,—e muito realistas os outros 4 irmãos, mas sempre irmãos modello, muito amigos e muito dedicados. Viviam juntos, mas nunca discutiram politica, e deu-se com elles o seguinte facto.

Sendo preso como liberal o barão, foi mettido no castello de S. Julião da Barra. Empenhou-se muito pelo livramento d'elle o irmão Gaspar Homem Pinto Pisarro, que ao tempo era corregedor em Braga e, como os realistas não quizeram annuir ás suas instancias, foi muito espontaneamente encerrar-se na mesma prisão e ali se conservou ao lado d'elle até que o pozeram em liberdade.

O barão era o 4.º na ordem do nascimento. Antes d'elle nasceram o Antonio e 2 irmãos, mas, como o Antonio fallecesse ainda em vida do pae, foi o barão quem succedeu no vinculo e morgado da Ribeira de Sabrosa, do qual foi 8.º administrador; fallecendo porem solteiro e sem descendencia, succedeu-lhe seu irmão Gaspar, que foi o 9.º administrador do dicto morgado. Casou com D. Francisca Pinto de Queiroz, da villa de Favaios, mas não teve filhos, pelo que lhe succedeu seu irmão Fernando, que foi o 10.º administrador do dicto morgado, mas falleceu em 1876 sem successão, pelo que ficou representando esta nobre casa o sr. Sebastião Maria da Nobrega Pinto Pizarro, de Villa Real, sobrinho do barão e filho de uma irmã que ali casou.

Extinctos os vinculos, foi vendida a quinta da Ribeira de Sabrosa e passou a extranhos. N'ella tinham e existe ainda uma capella de forma circular, muito antiga, com a invocação de Santa Agueda,—e, desde tempos remotos, costumam as mulheres, a quem falta o leite, ir comer a herva que nasce em volta da dicta capellinha!...

—

3.ª—Dos *Pintos Pimenteis*, ramo dos *Pintos Pisarros* e dos *Pisarros Portocarreiros*, —edificio brasonado tambem.

O ultimo representante d'esta nobre familia foi Ignacio Pinto Pimentel, casado com D. Maria Angelina de Castro Pereira, irmã de Manuel de Castro Pereira, que foi ministro d'estado, embaixador, etc.—homem muito illustrado, muito excentrico, muito economico e grande proprietario nos concelhos da Pesqueira e de Carrazeda d'Anciães.

V. *Villarinho da Castanheira.*

Ignacio Pinto Pimentel teve os filhos seguintes:

1.º—José Pinto Pimentel de Castro, bacharel formado em direito.

Casou com D. Maria Henriqueta Pisarro, filha de Thomaz Homem Cortez Pisarro, de Gouvinhas do Douro, e tiveram uma filha e herdeira, D. Maria Angelina, a qual casou em Sabrosa com o senhor da nobre *Casa da Capella*,—Francisco Teixeira da Gama Lobo, e teve muitos filhos, um dos quaes casou com sua prima... filha de Luiz de Castro Pereira, sobrinho e herdeiro do mencionado ministro Manuel de Castro Pereira.

V. *Sabrosa*, vol. 8.º pag. 274, col. 2.ª

2.º—Dionizio Pinto Pimentel de Castro Pereira.

Foi tenente do exercito de D. Miguel, convencionado em Evora-monte; conserva-se ainda solteiro—e vive na aldeia da Ceara, freguezia de Poyares, no concelho da Regoa.

3.º—Manuel Pinto Pimentel de Castro Pereira.

Casou em Gouvinhas do Douro, com D. Bibiana Pinto Pereira de Barros, filha e herdeira de Antonio Teixeira Catharino de Magalhães e de D. Rita Pereira de Barros,—e teve

—D. Maria Anna Pinto Pimentel, ainda solteira.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Alijó.

Templos

1.º—A egreja matriz.

Tem uma só nave, mas é um templo espaçoso, elegante e bem tractado, com altar mór e 4 lateraes, todos de boa talha antiga dourada,—um lindo tecto de madeira apainelado, e todo cheio de pinturas a oleo,—2 pulpitos,—grande e bello côro,—uma boa torre,—adro fechado sobre si—e em volta d'elle um grande campo, que tambem denominam *adro*, onde se faz uma feira mensal de gado bovino, suino e cavallar e d'outros generos, no dia 26, tendo em volta alpen-

dres ou *cobertos*, uns da junta de parochia e outros particulares, para os feirantes.

2.º—*Sanctuario de Santa Barbara*, no alto da serra d'este nome, distante de Villar de Maçada 2 kilometros.

Tem uma grande capella de Santa Barbara—e outra mais pequena, dedicada ao *Senhor Caido;* um bello adro com arvoredo—e festa com romaria em julho.

É um dos pontos mais alegres e vistosos da provincia. D'ali se descobrem 24 freguezias só em Traz-os-Montes,—a estrada de Villa Real a Bragança, no sitio da *Valsa*,—e grande extensão da provincia da Beira.

3.º—*Capella da Senhora do Fundo*, singella, muito antiga e publica.

Demora entre o cemiterio e a egreja parochial.

4.º—*Capella de Borba*, que foi dos morgados de Villar de Perdizes e é hoje dos Pisarros Portocarreiros.

Particular e já mencionada.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio, com sôco de granito, grades e portas de ferro.

Foi acabado em 1883 e demora no caminho de Cabeda, a 100 metros approximadamente da egreja matriz.

Villar de Maçada tem duas fontes publicas:—uma de charco, mas de excellente agua e abundantissima, cujas vertentes formam dois grandes regos permanentes, com lavadouros, regando e fertilisando em seguida magnificas lameiras, denominadas *linhares*, que produzem muito milho, hervagens e linho.

A outra fonte denominada *Fonte da Calheira*, está no caminho de *Sanradella* e não é tão abundante.

Tem esta freguezia 3 pontes sobre o Pinhão:—2 de pau e muito antigas,—outra moderna e de granito, recentemente feita na estrada real n.º 39, de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta, por Sabrosa, Favaios, Alijó, Carraseda d'Anciães, etc.—e que atravessa esta freguezia de Villar de Maçada, achando-se construida desde Villa Real até aqui; e em construcção até Favaios—e já servida por diligencias desde Villa Real até Sabrosa.

Tem esta freguezia tambem muitos moinhos de cereaes no Pinhão, e na villa 2 para azeite.

—

Clima temperado e muito saudavel,—o que não succede em todo este valle do Pinhão, pois alguns kilometros a jusante, principalmente desde *Val de Mendiz* até o Douro, o terreno é ardentissimo no verão. Tremem ali de sezões os gatos, as gallinhas e os cães,—derrete-se a solda das vazilhas de lata,—destempera-se o fio dos instrumentos de corte, expostos ao sol — e estalam as pedras (schisto) com a acção do calor,—mas em compensação os seus vinhedos produziam o vinho *mais generoso do Alto Douro*, que só tinha rival no das quintas do *Roncão*, d'este mesmo concelho, junto da estação de Cottas.

Era finissimo todo o vinho desde a *Pedra Caldeira* até á *Foz do Tua*, na margem direita do Alto Douro;—e na margem esquerda, principalmente nas gargantas do rio Torto, o vinho era tambem muito bom, mas o melhor, absolutamente o melhor de todo o Alto Douro, era o de Val de Mendiz e do Roncão,—antes da invasão phylloxerica, pois actualmente pouco vinho já produzem aquellas afamadas regiões, achando-se até já incultas e abandonadas algumas das suas quintas!...

V. *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão.*

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido muitas pessoas notaveis pelas armas, pelas lettras e virtudes e pelos altos cargos que exerceram.

Para formarmos uma extensa lista, bastava percorrer as arvores genealogicas das nobres familias *Pisarros*, *Pintos Pisarros* e *Pintos Pimenteis*, entre os quaes avultou n'este seculo o morgado e barão da Ribeira de Sabrosa, que foi deputado ás côrtes, ministro, presidente de ministros, general de brigada e homem honradissimo sempre, mas por isso mesmo, tendo herdado vinculos e morgados de seus maiores, pouco mais deixou do que dividas!...

Por cartilha diametralmente opposta se

guiou um seu visinho e contemporaneo, que, nascendo pobre como Job, adquiriu e legou a bagatella de *cinco mil contos*!...

Chamava-se elle José Maria Pinto da Guerra, por alcunha

O Guerra sapateiro

Adquiriu a fortuna no Brazil, mas porque bullas?

Ouçamos os jornaes da epocha:

«Morreu no dia 3 do corrrente [1] no Rio de Janeiro o opulento capitalista, ali conhecido por *Guerra sapateiro*. Era uma individualidade excentrica. Chamava-se José Maria Pinto Guerra e nascera de paes incognitos na freguezia de Villar de Maçada, concelho de Alijó, em Portugal.

Quando chegou ao Rio de Janeiro estabeleceu-se com uma pequena loja de sapateiro. N'um dia descobriu que tinha ganho pouco mais de um conto de réis. Comprou então uma venda. Quando conseguiu ter um capital de dez contos de réis, começou a negociar em escravos. Deu-se bem, foi augmentando o seu peculio, e entendeu que o *genero* daria mais por atacado. Começou então a importar escravos e mesmo a ir buscal-os á Africa, para o que comprou dois navios.

Contrariado o trafico, deitou-se a comprar massas fallidas. Teve alguns desgostos, devendo-se notar que em muitas demandas elle era parte, procurador e advogado.

Vendo que esse negocio tinha os seus *contras*, voltou a negociar em escravos e a fazer algumas operações de juros, modicos: dois ou tres por cento ao mez. Ao mesmo tempo fazia-se proprietario e accionista de bancos e companhias.

Assim conseguiu uma fortuna de cerca de 5.000:000$000 réis.

Nos ultimos tempos tinha medo que o envenenassem, e dizia sempre aos que elle havia contemplado:—*o que vocês querem é que eu feche o olho, seus ladrões*!...

Diz-se que um dos contemplados tomou tal susto quando um dia se zangou o finado com elle, que teve uma febre e morreu.

[1] Maio de 1882.

Diversos individuos pediam-lhe, quando o visitavam, para contemplar certas instituições de caridade. E elle dizia: *Pois sim... sim... merece-o... merece-o... lá vou contemplal-a.* E lá era chamado o consul portuguez para approvar testamento ou novo codicilio.

—

«Nos ultimos tempos os medicos eram os seus herdeiros em vida. Por uma noite de insomnias e de dores, um medico recebeu 6:000$000 réis. Um outro fazia-lhe visitas repetidas a 500$000 réis.

Se vive mais cinco annos, consumiam-lhe o que havia ganho e accumulado em mais de meio seculo.

Nos ultimos annos sentíu que a vida de celibatario não podia ser o complemento da sua existencia. Pensou em casar-se. Chegou mesmo a apaixonar-se por uma respeitavel senhora viuva e muito conhecida na sociedade fluminense. A mais de um amigo queixava-se da ingratidão d'ella em não quererlhe acceitar a mão... e os 5:000 contos.

Teve uma criada que o não podia aturar, e que lh'o dizia com uma franqueza de quem não sabia o que valiam 5:000 contos.

Elle respondia sempre:—«Senhora, veja o que faz... olhe que dá um pontapé na sua felicidade e de toda a sua geração.»

Por occasião da crise bancaria que determinou a quebra da casa Souto e outras, possuia elle, em uma das casas fallidas avultada somma. Indo saber do dono d'essa casa em que estado estavam os negocios, encontrou-o chorando, encarou-o friamente, e disse-lhe: «Homem, que eu chorasse, vá, porque sou o roubado, mas você?!...»

Era avesso a subscripções. Recebendo uma vez um bilhete de cadeira para um beneficio em favor d'uma sociedade de beneficencia, conservou-o sobre a secretaria e, quando a directoria d'aquella sociedade se apresentou para receber a importancia respectiva, entregou-lhe o proprio bilhete.

Sendo-lhe objectado que se tractava de uma obra de caridade, respondeu:—«Ah! conheço essa tal senhora, chamada Caridade, e sei que se lhe abrir a minha porta uma vez, nunca mais me larga. Passe muito bem.

Uma bella occasião appareceu vestido com elegancia que espantou os conhecidos e os que não desejavam vel-o tão perdulario. Quando lhe perguntaram o que queria dizer tanto luxo, respondeu: *São uns ladrões; levam-me um dinheiro fabuloso por tudo isto; querem acabar com o pouco que tenho.* E continuava a resmungar:—*que ladrões!...*

A respeito de coisas intellectuaes tinha opinião muito singular. Quando queria exprimir a sua admiração por um homem de lettras, por um orador ou jornalista, empregava uma phrase profundamente significativa:

—*Oh! é um excellente typographo!*

Testamento

«Deixou varios legados importantes a algumas instituições de beneficencia: cinco predios á ordem do Carmo; tres á ordem terceira de S. Francisco de Paula; a chacara e todos os predios que lhe pertenciam na praia de S. Christovão, á Misericordia do Rio de Janeiro; 58 contos a varias irmandades d'aquella capital e 10 contos, moeda brazileira, á do Santissimo de Villar de Maçada; 10 á Beneficencia portugueza; 150 contos para 30 expostas do Rio de Janeiro; 40 contos para 20 expostas da Misericordia de Lisboa; 34 contos para os pobres de varias freguezias do Rio; 6 contos ao vigario Escobar; 20 contos ao asylo profissional de beneficencia portugueza; deixou livres cinco escravos, dando 500$000 réis a cada um; cerca de 200 contos em varios legados a pessoas de sua amisade; 40 contos á esposa do sr. barão Wildick, consul de Portugal, etc. Instituiu herdeiros do remanescente os seus testamenteiros, os srs. Ventura José da Costa, João Teixeira de Barros e Domingos Rodrigues de Carvalho.»

Posto que este artigo vae já muito longo, não podemos resistir á tentação de esboçar a biographia do mais benemerito filho d'esta parochia e orgulho d'esta provincia:

O barão da Ribeira de Sabrosa

Rodrigo Pinto Pizarro de Almeida Carvalhaes, primeiro barão da Ribeira de Sabrosa, oitavo senhor do morgado d'este nome, e nono do monte de Calvos e Soutelinho Domezio, commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Bento d'Aviz, condecorado com a medalha da guerra de Montevideu, e grão-cruz da legião de honra em França, brigadeiro do exercito nacional e real, do conselho de S. M., ministro e secretario d'estado honorario, etc., nasceu aos 6 d'abril de 1788 n'esta freguezia de *Villar de Maçada.* Seus paes foram Francisco Pinto de Almeida Carvalhaes e D. Antonia Mauricia da Nobrega Pizarro.

Frequentou as escolas de instrucção primaria e secundaria com singular aproveitamento e desde então se conheceram os extraordinarios talentos, que depois foram de tão grande proveito para a nação e para o throno. Ao principio destinaram-n'o seus paes para a vida ecclesiastica, e até chegou a entrar no collegio dos Loyos; mas, vendo que a sua inclinação o chamava a outro genero de vida, resolveu-se a seguir a carreira das armas, assentando praça no regimento de infanteria n.º 5. Serviu com muita distincção na guerra peninsular, e depois fez parte da divisão de voluntarios reaes d'el-rei. São muito conhecidas do exercito portuguez a bravura e intelligencia que desenvolveu na vida militar.

Passou do Rio da Prata a servir no Maranhão ás ordens de Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, visconde da Varzea. Adquiriu ali tão grande popularidade que, por occasião de se proclamar n'aquella provincia os mesmos principios, que no Porto haviam sido proclamados em 24 d'agosto de 1820, foi nomeado membro do governo provisorio, que ali se organisou. Voltando a Lisboa foi um dos que mais contribuiu para que nos fins de maio e começo de junho de 1823 não se restabelecesse o governo absoluto, e para que el-rei, o sr. D. João VI, désse á nação uma constituição modelada pelos principios sustentados por Benjamin Constant. A proclamação do sr. D. João VI, de maio de 23, é obra de Pinto Pizarro.

—

D. João VI não pôde cumprir a sua real promessa, mas é certo que Pinto Pizarro

desde 1823 até 1826 procurou com risco de sua vida tornar constitucional o governo d'estes reinos!

Adoptada pela nação portugueza a carta constitucional de 29 d'abril de 1826, e declarada regente do reino a serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, foi pelo ministro Saldanha nomeado Rodrigo Pinto Pizarro, então tenente coronel, chefe da 1.ª direcção do ministerio da guerra. Brilhante foi n'essa epoca a carreira ministerial do nobre marechal Saldanha; mas é sabido que Pinto Pizarro o ajudou poderosamente com as suas luzes, conselho e trabalhos.

Logo que o regente D. Miguel começou a dar indicios de querer usurpar a corôa da Senhora D. Maria II, foi Pinto Pizarro um dos primeiros que procurou inutilisar aquella tentativa, pelo que teve de emigrar para Inglaterra, d'onde acompanhou os generaes que no Belfast vieram desembarcar no concelho de Bouças, para ajudar os portuenses na revolução de 16 de maio de 1828. Foi Pinto Pizarro pela junta provisoria encarregado de manter a auctoridade d'el-rei o sr. D. Pedro IV, no quartel general do duque de Palmella, e retirou-se novamente em companhia do seu general para Inglaterra. A alçada miguelista condemnou-o á morte, e mandou que a sua cabeça fosse cortada e espetada em alto poste na praia de Bouças!!

Desde 1828 até 1834 esteve emigrado.

Fez parte da expedição á Ilha Terceira e assignou o famoso protesto de 1829.

O collegio eleitoral da provincia do Douro o elegeu deputado ás cortes de 1834, mas a camara não approvou a sua eleição, por motivos que andam impressos e pouco honram a maioria d'aquelle tempo.

O ministerio Saldanha o nomeou governador civil de Villa Real, mas não acceitou a commissão, por motivos muito honrosos para s. ex.ª

—

Em 1835 foi eleito deputado pela provincia de Traz-os-Montes e durante toda a legislatura advogou com o maior zêlo os interesses de todo o paiz e particularmente os da provincia que representava; mas, dissolvidas as camaras em 1836, a provincia, cujos interesses tanto defendeu, não teve uma cadeira de deputado para dar-lhe!...

Por occasião da revolução de 9 de setembro de 1836 subiram ao poder os seus amigos e logo o nomearam administrador geral de Bragança, cargo que acceitou e desempenhou, deixando de si grata memoria.

Eleito deputado ás côrtes constituintes, prestou apoio leal e consciencioso aos seus intimos amigos Sá da Bandeira, Vieira de Castro e Passos (Manuel), merecendo pela sua prudentissima e nobilissima conducta as sympathias de toda a camara, até dos seus adversarios politicos.

Em 1838 foi nomeado commandante da 5.ª divisão militar e outra vez administrador geral de Bragança—e n'esse mesmo anno foi eleito senador pelos circulos eleitoraes de Guimarães e Bragança.

Em 18 d'abril d'aquelle mesmo anno foi elevado á presidencia do conselho e formou o ministerio, a que deu o seu nome, procedendo com tal desinteresse, atilamento e patriotismo que foi considerado como um dos mais habeis estadistas da Europa, no seu tempo.

A maior parte da sua correspondencia diplomatica anda impressa e não ha ninguem que ao lel-a se não ufane de ser portuguez; mas uma influencia estranha... privou o nosso paiz dos serviços de s. ex.ª no dia 26 de novembro de 1839.

Dissolvida a camara dos deputados, muitos circulos o quizeram eleger seu representante em 1840, cabendo essa gloria ao circulo d'Aveiro.

Nas camaras prestou por essa occasião relevantes serviços ao paiz, combatendo as nefastas propostas do ministerio de 26 de novembro com o seu raro atilamento politico.

—

Finalmente, fechada a sessão de 1840, volveu á sua terra natal para se restabelecer de *certo incommodo*... no seio da familia que o idolatrava, e fazer companhia á sua carinhosa mãe, mas infelizmente foi roubado ás esperanças de todos no dia 8 d'abril de 1841,

E parece que o illustre barão presentiu a morte, pois na manhã d'aquelle dia fatal recommendou a um seu confidente que dis-

tribuisse por certas familias pobres de Lisboa uma somma que tinha a receber do estado,—deu a uma irmã dinheiro para distribuir pelos seus visinhos pobres, como era costume seu, augmentando a quantia por ser quinta feira santa;—jantou muito satisfeito com a familia e foi para a *Casa da Fonte*, das suas primas e visinhas *Pintos Pimenteis*.

Apenas ali chegou, achou-se incommodado. As primas quizeram logo pedir soccorro, mas elle conteve-as, rogando-lhes que se calassem para não assustarem a sua familia; augmentando porem o incommodo, chamaram logo um medico; veiu elle rapidamente, mas não pôde valer-lhe.

Ás 4 horas e 3 quartos da tarde d'aquelle mesmo dia,—55 minutos depois do ataque, —uma apoplexia pulmonar o matou!

Perdeu a corôa um conselheiro leal;—o paiz um dos seus mais prestimosos servidores;—o exercito um ministro habil;—o parlamento um orador distincto;—a litteratura um eximio cultor;—a boa sociedade um cavalheiro estimabilissimo—e o Douro um dos seus filhos mais benemeritos, ainda hoje pranteado por todos,—sem distincção de côr politica.

—

Depois de morto mais augmentou ainda a sua popularidade, e para isso contribuiu o dizer-se *francamente*—que foi envenenado pelos inglezes, porque em 1839, sendo presidente do conselho de ministros, ministro da guerra e interino dos negocios estrangeiros, exigiu *terminantemente* da Inglaterra a somma que prometteu pagar-nos pela cedencia de certas ilhas, etc.

Constou mais—*que viera já de Lisboa envenenado* e que, apenas chegou á sua casa de Traz-os-Montes, recebera uma carta anonyma em que se lhe dizia—que fizesse as suas disposições, porque *os seus dias estavam contados!...*

Para a sua biographia como homem publico, veja-se a noticia necrologica inserta no *Diario do Governo* de 13 de maio de 1841—e o *Elogio Historico* por Almeida Garrett, nas *Memorias do Conservatorio*, tomo II;—e emquanto ás perseguições que soffreu em 1829 a 1834, vejam-se os papeis que publicou e que se encontram na extensa lista das suas obras, indicada por Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, tomo VII, pag. 179 a 181.

—

Villar de Maçada é povoação muito antiga e importante desde tempos remotos, pois já no seculo XIII D. Affonso III, estando em Lamas d'Orelhão, hoje concelho de Mirandella, lhe deu foral, no dia 2 de maio de 1253.

Livro II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 66, in-fine,—e *Livro de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 131, col. 1.ª

Franklin não lhe deu foral novo nem nós o conhecemos.

Do exposto se vê que esta povoação já existia no seculo XIII, mas temos provas da sua existencia em 1198, pois segundo se lê na *Historia de Portugal* por Alex. Herculano, vol. 2.º pag. 86 (nota) D. Sancho I, estando em Mirandella, deu o reguengo de *Villar de Maçada* a Garcia Mendez em julho d'aquelle anno.

Gaveta 3.ª Maço 6.º, n.º 11 do Archivo Nacional.

Com relação ao dicto Garcia Mendes se lê nas *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes* por João Carlos Feo e visconde de Sanches de Baêna [1], o seguinte:

«XI. D. Garcia Mendes de Sousa, Rico Homem de sangue, e como tal confirma varios foraes em 1205, 1210, e 1219; do Conselho dos Reis D. Sancho I, D. Affonso e D. Sancho II, dos quaes houve algumas mercês. Achou-se na tomada de Silves com El-Rei D. Sancho I, que lhe deu em 1198 o reguengo de *Villar de Maçada*, na terra de Panoias ou de Villa Real. Morreu a 20 de abril de 1239 e jaz no claustro do mosteiro d'Alcobaça...»

Não só existia pois Villar de Maçada em 1198, mas era *reguengo*, ou propriedade da corôa. [2]

—

Este D. Garcia Mendes de Sousa era filho 2.º do conde D. Mendo de Sousa, chamado o

---

[1] Memoria relativa aos duques de Lafões, n.º XI, pag. 135.

[2] *Dissertações Chronol. e Crit.* de J. P. Ribeiro, tomo 2.º pag. 291.

Sousão, mordomo-mór d'el-rei D. Sancho I, etc., e que foi depois d'elle o maior e mais honrado homem que havia em Portugal!...

Estes Soares tiveram o seu primeiro solar na *terra de Panoias*, de que foram senhores, bem como d'outros muitos, pelo que um filho natural e herdeiro de D. Vasco Mendes de Sousa, irmão de D. Garcia Mendes de Sousa, tomou o nome de Ruy Vasques de *Panoias*, por lhe caber a maior parte da sua legitima na *terra de Panoias*.

Concluiremos mencionando uma lapide que foi encontrada aqui e que prova a existencia d'esta povoação já no tempo dos romanos, pois tinha a dicta lapide a inscripção seguinte:

JOVI. OPTIM. M. ALIVS REBVRRVS REDIDI VOTVM	ALBOCELLO

Portugalliae Inscriptiones romanas, pagina 300, n.º 722, e pag. 339.

VILLAR MAIOR,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca do Sabugal, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Reitoria. Orago S. Pedro;—fogos 200,—habitantes 850.

Em 1708 era villa, reitoria e séde do concelho do seu nome na comarca ou corregedoria de Pinhel, provedoria e bispado de Lamego;—contava 120 fogos;—era da apresentação do ordinario—e o seu reitor apresentava curas nas 3 freguezias seguintes:—*Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda*.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, esta freguezia era um simples curato da apresentação do vigario de Malhada Sorda, [1]—rendia para o seu cura 50$000 réis—e contava 175 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 171 fogos e 699 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 191 fogos e 680 habitantes.

[1] Foi lapso do auctor, pois a *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta approximadamente n'aquelle tempo, menciona as freguezias de *Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda* como simples *curatos* da apresentação do reitor de Villar Maior, e diz que este era apresentado pelo bispo de Lamego.

—

Alem da villa, comprehende apenas uma aldeia, denominada *Arrifana*, que o meu informador chama *annexa*, como se fôra outr'ora freguezia independente, mas não encontramos menção d'ella em parte alguma.

Por estes sitios apenas ha uma freguezia de S. Martinho de Arrifana, pertencente ao concelho da Guarda, mas dista de Villar Maior cerca de 30 kilometros para O. N. O., emquanto que a mencionada aldeia dista de Villar Maior apenas 3 kilometros para N.

Demora Villar Maior em sitio alto, alegre e vistoso, muito defensavel para os tempos d'armas brancas, e mais ainda por estar entre dois rios,—na margem esquerda do rio *Cesarão*, que banha os seus muros,—e na direita do rio denominado *Porto do Sabugal* (diz o meu informador) ou ribeira d'*Alfaiates*, porque vem da villa d'Alfaiates e cerca de 2 kilometros a juzante de Villar Maior desagua no *Cesarão*, que 2 a 3 kilometros a juzante da confluencia da ribeira d'Alfaiates desagua no rio Côa, affluente do Douro.

Villar Maior dista da ribeira d'Alfaiates 1 kilometro para E.;—12 da estação da Cerdeira, a mais proxima, na linha da Beira Alta;—25 da villa do Sabugal, para N. E.;—35 da Guarda, para E. S. E.;—239 da Figueira;—306 do Porto—e 430 de Lisboa.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam construida nem projectada. Todas as suas estradas são os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia, mas tem uma boa ponte de pedra de tres arcos sobre o rio Cesarão,—e n'este mesmo rio 11 moinhos de cereaes.

Parochias limitrophes:—Badamalos a O.,—Bismula a S.,—Malhada Sorda a N.—e Aldeia da Ribeira a E.

Producções dominantes:—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em caça miuda: coelhos, lebres e perdizes.

Templos

1.º—*A egreja parochial*, toda de granito com bons retabulos de talha dourada nos al-

tares e um soberbo tecto de abobada de granito tambem.

É o melhor templo dos povos da raia, até grande distancia.

2.º—*Egreja da Senhora do Castello*, que foi a 1.ª matriz.

Está muito arruinada.

3.º—*Egreja da Misericordia*, antiga e bem conservada ainda.

4.º—*Capella do Senhor dos Afflictos*, bem tractada e bem conservada.

Tem luzida festa, hoje a principal d'esta parochia, na 1.ª dominga de setembro.

5.º—*Capella do Espirito Santo.*

6.º—*Capella de S. Sebastião*,—ambas muito antigas, e completamente arruinadas.

—

Esta freguezia tem acompanhado a sorte de todas as do *Cima-Côa*, ou da margem direita do Côa.

Foi conquistada aos mouros no anno de 1139 pelos reis de Leão;—o nosso rei D. Diniz a conquistou depois aos reis de Leão no anno de 1296, ficando temporalmente obedecendo a Portugal e espiritualmente ao bispado leonez de Cidade Rodrigo, até que o nosso rei D. João I a uniu espiritualmente ao bispado de Lamego;—no seculo XVIII passou para o bispado de Pinhel—e em 1882, extincto o bispado de Pinhel, passou para o da Guarda.

V. *Villar Formoso* e *Villar d'Amargo.*

Judicialmente pertenceu á provedoria de Lamego e á corregedoria de Pinhel, [1]—depois passou para a comarca de Trancoso—e por ultimo para a do Sabugal.

Segundo se lê no *Censual* velho do bispado de Lamego, que data dos principios do seculo XVI, esta freguezia n'aquelle tempo era da apresentação do convento de S. Vicente de Fóra e da confirmação dos bispos de Lamego, aos quaes pagava a terça do seu rendimento, mais:

De confirmação 1 marco ou...	2$340 réis
De visitação.....	500 »
De *cathedradego*.....	180 »

Depois ficou sendo da apresentação e collação dos bispos de Lamego, até que passou para o bispado de Pinhel.

Tambem no seculo XVI teve annexas as freguezias de Malhada Sorda, Bismula e Nave de Haver, como diz o mencionado *Censual.*

—

Esta villa teve *foral velho*, dado em Coimbra por D. Diniz, a 27 de novembro de 1296.

Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Dinis, fl. 130, col. 1.ª

E teve tambem *foral novo*, dado por D. Manuel em Santarem, no dia 1 de junho de 1510.

Liv. de Foraes Novos da Beira, fl. 21.

Vejam-se tambem os *Artigos da Portagem* e outros direitos no *Liv. 46 dos Tombos*, no *Armario* 17, fl. 62.

Teve tambem esta villa *carta de povoação* dada no Sabugal no anno de 1232, a 6 de agosto, por D. Affonso IX, rei de Leão, como se lê na *Monarch. Lusit.* parte V, pag. 239, v., col. 1.ª;—e na col. 2.ª diz—que el-rei D. Fernando, o *santo*, de Castella, filho d'aquelle D. Affonso IX, para engrandecer a villa do Sabugal lhe deu por termo esta de *Villar Maior*, etc. a 6 d'abril do anno de 1241.

Do exposto se vê que, passados 614 annos, voltou de *novo* esta freguezia para o concelho do Sabugal, pois o concelho de Villar Maior foi extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para aquelle.

—

Villar Maior foi villa e concelho, como acabamos de dizer, até 1855.

Ainda conserva a sua antiga casa da camara e cadeia, mas transformadas em escola official de instrucção primaria para os dois sexos;—e tambem conserva ainda o seu velho pelourinho, bem como o seu castello e os muros que o circumdavam,—e alguns lanços do muro que cercava toda a villa.

Estas obras de defesa datam de tempos muito remotos, talvez anteriores á occupação arabe, pois é certo que por aqui estanciaram os mouros, godos e romanos, como provam differentes sepulturas abertas na rocha, que ainda hoje se vêem por estes sitios, bem como as moedas romanas que por aqui se teem encontrado;—soffreu porem muito

[1] V. vol. 7.º pag. 67, col. 2.ª

esta povoação com as guerras que assolaram o nosso paiz, nomeadamente na expulsão dos mouros, e que deixaram o *Cima-Côa* deserto.

Seguiram-se depois as guerras entre Leão e Portugal, que tambem pesaram rudemente sobre o *Cima-Côa* até o reinado de D. Diniz, sendo esta povoação uma das que mais soffreu por estar muito proxima da raia.

Depois surgiram as guerras contra Castella, que ainda se repetiram nos fins do ultimo seculo [1], e por ultimo a guerra da peninsula, que açoutou barbaramente estes sitios em 1810, quando o general Massena marchava sobre Lisboa,—e mais ainda quando em 1811 retirava sobre a Hespanha, saqueando e assolando todas as terras que atravessava, não poupando esta pobre villa.

Por ultimo tambem soffreu immenso com a batalha de *Fuentes de Honor*, que se feriu a pequena distancia d'estes sitios, estendendo-se até aqui o movimento das tropas.

V. *Villar Formoso*.

—

Já nem hoje se sabe ao certo quem tomou primeiro aos mouros esta região do *Cima-Côa* [2] e menos ainda quem fez os muros de Villar Maior. Suppõe-se que foram feitos por D. Affonso IX de Leão em 1230, e com certesa foram reconstruidos e ampliados por D. Diniz, em 1296 [3]. D'elles se encontra na *Torre do Tombo* um desenho fiel feito á penna por *Duarte d'Armas*, no seculo XVI, o qual desenhou tambem os castellos do Sabugal, Castello Mendo, Castello Bom, Almeida, Castello Rodrigo e todas as outras nossas fortalesas da raia, n'aquelle tempo,—desenhos hoje muito curiosos e que se guardam em um livro na Torre do Tombo.

V. Rakzinske, *Les Arts*, pag. 231—e *Dictionaire... du Portug.* pag. 73.

Duarte d'Armas estava ao serviço d'el rei D. Manuel e, por ordem d'elle, alem dos castellos supra indicados, desenhou os seguintes:—Moura, Mertola, Castro Marim, Alcoutim, Nodel, Mourão, Monsaraz, Terena, Serpa, Juromenha, Olivença, Elvas, Alandroal, Arronches, Ouguella, Monforte, Assumar, Alegrete, Campo Maior, Alpalhão, Marvão, Nisa, Portalegre, Castello Branco, Castello de Vide, Segura, Montalvão, Idanha Nova, Salvaterra, Pena Garcia, Monsanto, Penamaior, Freixo de Espada á Cinta, Mogadouro, Penas Roias, Vimioso, Miranda do Douro, Bragança, Vinhaes, Outeiro, Chaves, Monforte de Rio Livre, Portello, Montalegre, Piconha, Monção, Melgaço, Castro Laboreiro, Valença do Minho, Lapella, Villa Nova da Cerveira, Caminha, Cintra e Barcellos.

—

Ha n'esta villa dois bons edificios brasonados:—um era dos condes de Tavarede e hoje é de João Antonio Reboacho, para quem passou por compra;—outro pertence a Francisco Pessanha Vilhegas do Casal, pelo seu casamento com D. Virginia, filha da viscondessa da Quinta do Ferro, [1] a cuja familia pertenceu desde tempos remotos a dicta casa.

São ambas muito antigas e no balcão da primeira se vê em lettra gothica uma inscripção que o meu benemerito informador não pôde ler.

Merece tambem especial menção a casa que é hoje de Manuel Antonio Simões e que foi anteriormente de Luiz de Bastos, tendo sido outr'ora muito privilegiada, pois consta que todo o criminoso que se abeirasse d'ella não podia ser preso.

É brasonada e muito antiga.

As ruas principaes d'esta villa são a da *Mizericordia*, a *Direita* e a do *Paço*.

---

[1] V. *Villa Velha de Rodam*, n'este XI vol. pag. 1082, col. 2.ª e seg.

[2] A *Monarch. Lusit.* depois de dizer no logar citado—que foram os reis de Leão, sustenta que foram os portuguezes, mas que depois o *Cima-Côa* passou para os *leoneses* até o reinado de D. Diniz; e desenvolve um grande apparato de erudição em prova de tal asserto; Alexandre Herculano, porem, na sua *Hist. de Port.* tomo 2.º pag. 429 e 430, refuta aquella opinião e sustenta que nós nada tivemos no *Cima-Côa* até o reinado de D. Diniz.

[3] *Hist. de Port.* por Alex. Herculano, tomo II, pag. 113,—e *Poblacion G. de España*, fl. 145, v. e 146.

[1] Esta grande quinta demora na freguezia de *Rio de Mel*, concelho de Trancoso.

V. *Villar Torpim* n'este diccionario—e *Rio de Mel* no supplemento.

Tem uma pequena praça arborisada.

Ha tambem aqui, a distancia de 1 kilometro da villa, uma mina de cobre em exploração.

—

A antiga comarca ou provedoria de Lamego estendia-se desde Arouca e Sobrado de Paiva, ao poente, até á Barca d'Alva, a leste, prolongando-se d'ali para o sul, pela raia até Alfaiates, comprehendendo o extincto concelho de Villar Maior, pelo que nos fins do ultimo seculo, quando D. Maria I mandou concluir a ponte d'Alvarenga sobre o rio Paiva, por meio de uma derrama sobre as comarcas da Feira e de Lamego, tambem o concelho de *Villar Maior*, que ao tempo comprehendia apenas a parochia da villa e as de *Badamalos*, *Bismula* e *Malhada Sorda*, teve de pagar 20$000 réis para as obras da dicta ponte d'Alvarenga, distante d'aqui mais de 150 kilometros para O.N.O.

O de Almeida pagou.....	18$000	réis
O de Castello Bom.....	12$800	»
O de Alfaiates	14$000	»
O de Castello Rodrigo.....	60$000	»

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 931—e *Alvarenga* no supplemento.

—

Foi natural d'esta villa D. Gaspar do Rego da Fonseca, filho de Daniel do Rego e de D. Leonor da Fonseca, doutor em canones pela Universidade de Coimbra, provisor, vigario geral e visitador dos bispados de Coimbra, Guarda e Lisboa, por nomeação do sr. D. Affonso Furtado de Mendonça, quando prelado das dictas dioceses, que o tinha sempre comsigo e o propoz ao papa Urbano VIII, em 1630, para seu coadjutor, com o titulo de bispo de Targa.

Vagando em 1635 a diocese do Porto, por fallecimento do benemerito bispo D. Fr. João de Valladares, foi D. Gaspar do Rego n'ella provido em 1637 e foi um prelado virtuosissimo e de muito criterio.

Resava em côro e comia em refeitorio com os seus familiares, transformando o seu paço em um convento rigoroso;—no provimento dos beneficios ecclesiasticos nunca deu preferencia aos seus domesticos, mesmo quando fossem iguaes em merecimento aos outros concorrentes, *porque* (dizia elle) *se tornaria suspeitosa a preferencia, por serem familiares seus!*...

Este virtuoso prelado falleceu de um antraz maligno na garganta, em Lisboa, no dia 13 de julho de 1639,—diz Agostinho Rebello da Costa,—mas D. Joaquim d'Azevedo na sua *Historia Ecclesiastica da cidade e bispado de Lamego*, pag. 239, diz que falleceu em 1638.

Foi sepultado na capella-mór dos frades carmelitas, em Lisboa, e escreveu sobre os *isentos* de Malta e das egrejas de Braga.

—

Quando D. Diniz tomou aos leoneses o *Cima-Côa*, era senhor das villas e castellos d'Almeida, Alfaiates, Monforte, Castello Bom, Castello Rodrigo, Sabugal e *Villar Maior*—e de quasi todo o *Cima-Côa*—D. Sancho de Ledesma, filho do infante D. Pedro, tio de D. Fernando II de Leão e de D. Margarida de Narbona,—sendo D. Sancho, por consequencia, primo co-irmão do mencionado rei D. Fernando e do nosso rei D. Diniz. Anteriormente esta villa e grande parte do Cima-Côa foram da ordem militar de S. Julião do Pereiro, depois ordem d'Alcantara.

V. *Cinco Villas* e *S. João do Pereiro*.

Mais tarde foram condes e senhores d'esta freguezia de *Villar Maior* os Telles da Silva, depois marquezes de Penalva e d'Alegrete, cuja ascendencia póde vêr-se na *Chorographia Portugueza*, vol. 2.º pag. 318.

Vejam-se tambem n'este diccionario os artigos *Alegrete* e *Penalva do Castello*.

Esta freguezia de S. Pedro de Villar Maior foi commenda da ordem de Christo e uma das *muitas* de que era commendador D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, 6.º duque de Cadaval, 8.º marquez de Ferreira e 9.º conde de Tentugal, fallecido em 14 de fevereiro de 1837.

Esta commenda era hereditaria na casa de Cadaval.

V. *Memorias Historico-genealogicas dos Duques Portuguezes do seculo* XIX pelos srs. J. Carlos Feo e Visconde de Sanches de Baena, pag. 6, 8, 73, 78, etc.

VILLAR DO MONTE,—aldeia da freguezia de S. Lourenço d'Asmes, concelho de Vallongo, districto do Porto.

Em junho de 1885 foi concedida provisoriamente á sr.ª D. Virginia Schrech a propriedade de uma mina de carvão e ferro, situada na dicta aldeia.

V. *Asmes* (S. Lourenço de) n'este diccionario e no supplemento, onde desenvolveremos largamente aquelle artigo.

De passagem diremos que atravessam aquella importante freguezia as nossas linhas ferreas do Minho e Douro e que está n'ella a estação de *Ermezinde*, entroncamento das duas linhas.

Tambem comprehende o convento da *Formiga*, ou da *Mão Poderosa*, ou *Mão Pedrosa*, que foi dos frades *grillos* (Agostinhos descalços) e que é hoje um importante e muito acreditado collegio de jesuitas.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Barcellos, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Salvador;—fogos 58, habitantes 270.

Em 1706 era vigairaria dos tercenarios da Sé de Braga;—rendia para elles 30$000 réis e para o vigario 25, além do pé d'altar; contava 47 fogos—e era uma das freguezias do termo da villa e ouvidoria de Barcellos.

Em 1768 era da apresentação do vigario da Sé de Braga;—rendia para o seu parocho 60$000 réis—e contava 56 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 64 fogos e 250 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 56 fogos e 258 habitantes.

A povoação de *Villar do Monte*, séde d'esta freguezia, demora a N.O da villa de Barcellos, da qual dista 6 kilometros—7 da sua estação na linha ferrea do Minho;—20 de Braga pela estrada real a macadam e 33 pela linha ferrea;—58 do Porto—e 395 de Lisboa.

—

Alem da povoação de *Villar do Monte*, comprehende as seguintes:—Paço, Feiteira, Bouça, Cheira, Casa Nova, Aldeia e Souto.

A *Chorogr. Moderna* menciona mais:—Outeiro, Manello, Gandarella—e os casaes de Gandra, ou Lagos, e Cotarejo.

Os meus apontamentos mencionam tambem a quinta da *Boa Morte*, que é da familia Simões, de Barcellos.

Freguezias limitrophes:—Santa Leocadia, a N.;—Creixomil, a S.;—Santa Maria do Abbade, a E.—e Villa Cova, a O.

Emquanto a templos, alem da sua egreja matriz, tem apenas a capella da *Boa Morte*.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a do Santissimo Sacramento.

Banha esta freguezia o ribeiro *d'Antas*, que move 5 moinhos,—tem uma ponte denominada do *Espanedeiro*—e morre no Cavado.

Producções dominantes:—milho e algum vinho, mas pouco e muito verde.

Tambem engorda bois que exporta para a Inglaterra, mas esta industria, que já foi muito rendosa, está hoje decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

Ha n'esta freguezia uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino—e um monte, denominado de *S. Mamede*, com uma pyramide geodesica.

Passa n'esta freguezia a estrada real a macadam, n.º 30, do Porto a Vianna, por Barcellos.

Clima temperado e saudavel.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho, fogos 61,—habitantes 259.

Em 1706 estava annexa á reitoria de Macedo de Cavalleiros;—contava 40 fogos—e pertencia ao termo da cidade e ouvidoria de Bragança, bispado de Miranda.

Em 1768 era ainda um simples curato da mesma apresentação do reitor de Macedo de Cavalleiros no mesmo bispado de Miranda;—rendia para o seu cura apenas 6$000 réis, além do pé d'altar—e contava 48 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 269 almas;—o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 269 almas—e hoje, pelos meus apontamentos, conta 61 fogos e 259 almas,—total—uma miseria! Não pode sustentar a sua autonomia e demanda ser annexada, como outras muitas d'este concelho, pois das 38 freguezias,

que hoje o constituem, 17 não contam 100 fogos, cada uma!...

Na sua maxima parte são muito pouco populosas as freguezias d'este districto e bispado de Bragança. Contrastam com as do districto e diocese do Algarve, como já dissemos nos art. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Mirandella,—e *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, para onde remettemos os leitores.

—

Esta pequena freguezia é formada unicamente pela povoação do seu nome, que está a N. e na falda da serra de Bornes. Dista de Macedo de Cavalleiros 5 kilometros para S.S.E.;—35 de Bragança;—60 da Foz do Tua, estação da linha ferrea do Douro e entroncamento da linha de Mirandella pela margem esquerda do Tua, prestes a concluir-se;—199 do Porto—e 536 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Macedo de Cavalleiros a N.N.O.;—Grijó a sudoeste;—Olmos a sueste—e Castellãos a N.N.E., á qual devêra annexar-se por ser a freguezia mais proxima, pois dista d'ella 2 a 3 kilometros.

Passa aqui a estrada districtal a macadam n.º 24.

Banham esta freguezia differentes regatos e dois ribeiros, que a pequena distancia entram na ribeira do *Ginço*, confluente do Sabor.

É bastante fertil o chão d'esta freguezia; produz muitos cereaes, castanhas, batatas, linho, azeite, fructas e algum vinho de mesa, de boa qualidade [1].

Tambem cria bastante gado bovino e lanigero.

A povoação é muito pittoresca, cercada de frondoso arvoredo,—e o seu clima é temperado, mas pouco saudavel, porque tem proximos varios pantanos, que viciam a athmosphera e são o foco das epidemias que teem assolado esta aldeia e obstado ao desenvolvimento da sua população [2].

—

Esta freguezia passou da comarca e ouvidoria de Bragança para o concelho de Chacim, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Macedo de Cavalleiros, que absorveu o de Chacim.

Os seus templos reduzem-se a egreja parochial e duas capellas publicas, — todos singellos e sem coisa alguma digna de menção.

O melhor edificio d'esta parochia é o collegio que foi dos jesuitas, hoje propriedade e habitação da familia Pimenteis.

Está bem tractado e bem conservado.

VILLAR DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Ponte de Lima, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga,

Abbadia. Fogos 70, habitantes 296.

Orago S. João Baptista.

Em 1706 era abbadia do concelho e termo da villa dos Arcos de Val de Vez, comarca de Vianna, e da apresentação dos viscondes de Villa Nova da Cerveira;—rendia 120$000 réis—e contava 70 fogos, dos quaes pertenciam 25 ao termo da villa de Ponte do Lima.

Eram os que estavam a S. e O. d'esta freguezia.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia os mesmos 120$000 réis—e contava 54 fogos,—deduzidos talvez os que pertenciam ao termo de Ponte de Lima.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 54 fogos e 251 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 226 habitantes.

—

Comprehende as aldeias de *Villar do Monte*, séde da egreja matriz,—Penedo, Pombeira, Rego, Costa, Rodo, Resteva, Cabo, Alem do Rio, Egreja e Cruz.

Demora na pendente occidental da serra da *Cruz Vermelha* na margem direita do Lima, do qual dista 7 kilometros para N.N.O. —12 de Ponte de Lima para N.N.E.;—35 de Vianna;—117 do Porto pela estação de Vianna, e 454 de Lisboa.

---

[1] É bom, mas o melhor vinho d'este concelho e da parte alta d'esta provincia é talvez o da freguezia das *Arcas*.

[2] Não obstante a insalubridade d'esta parochia, um filho d'ella, que tinha sido guarda da alfandega, falleceu no dia 29 de março de 1884 no *Azylo Maria Pia*, em Lisboa, contando 110 annos de edade!...

Freguezias limitrophes:—Miranda e Riofrio, do concelho dos Arcos, a E.;—Labrujó, a N.;—Barrio e Cepões, a O.—Calheiros e Refojos, a S.—pertencendo as ultimas 5 ao concelho de Ponte de Lima.

Producções dominantes:—milho, centeio e batatas. Tambem cria gado lanigero.

O seu terreno é muito accidentado, por estar na encosta da grande serra da Cruz Vermelha, a qual offerece panoramas variados e esplendidos e largo horisonte. D'ella se avista perfeitamente o littoral do atlantico desde Vigo até o Porto;—ao sul, sueste e nascente as serras de Lindoso, Gerez, Marão e Estrella—e outras de Gallisa, Leão e Castella.

—

Diz a tradição que esta freguezia foi fundada por 12 pastores da freguezia de Cabreiro, concelho dos Arcos de Val de Vez, que por estes sitios costumavam passar a maior parte do anno, apascentando os seus rebanhos e, tentados pela fertilidade do solo e vastidão dos montados, aqui se estabeleceram definitivamente.

O clima é bastante aspero, mas saudavel.

Ao norte d'esta freguezia e a pouca distancia d'ella passa a estrada a macadam, de Ponte de Lima a Paredes de Coura, ainda em construcção.

Ao meu bom amigo e Cyreneu, o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE MOUROS,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Fogos 230,—habitantes 990.

Reitoria.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do chantre de Braga;—rendia para o seu vigario 120$000 réis e os dizimos, mais de 300$000 réis, metade dos quaes iam para a mesa arcebispal e a outra metade para os capellães de S. Pedro de Rates, na mesma Sé;—pertencia ao mesmo concelho de Caminha, então comarca de Vianna—e contava 230 fogos,—a mesma população d'hoje.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario, tambem denominado reitor, 250$000 réis—e contava 188 fogos,—população muito inferior á de 1706.

O censo de 1864 deu-lhe 197 fogos e 873 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 229 fogos e 982 habitantes,—população inferior tambem á de 1706.

Do exposto se vê que nos ultimos 180 annos a população d'esta freguezia, longe de augmentar, se conservou estacionaria—e por vezes baixou muito, o que prova que o seu clima é *pouco saudavel*, como se lê nos apontamentos que o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra se dignou enviar-me, emquanto que os apontamentos que recebi tambem do sr. João Affonso da Monteira dizem que é *muito saudavel* e o *melhor possivel* o clima d'esta parochia «por ter muito arvoredo e estar completamente expurgada de focos de infecção, dizendo os velhos—que não se recordam de haver n'ella a mais pequena epidemia!» Por seu turno diz o sr dr. Luiz de Figueiredo da Guerra:—«O terreno d'esta parochia é fertil e muito abundante d'aguas, o que a torna um pouco sezonatica».

—

Demora esta freguezia em um valle nas duas margens do rio Coura e na esquerda do Minho, distando a sua egreja parochial approximadamente um kilometro do ponto mais proximo na margem direita do Coura; —2 da estação de Lanhellas, a mais proxima na linha ferrea do Minho;—3 da margem esquerda do rio d'este nome;—7 de Caminha, pela estação de Lanhellas;—23 de Valença; —30 de Vianna;—87 de Braga;—111 do Porto—e 488 de Lisboa.

Comprehende duas grandes aldeias:—*Villar de Mouros*, a séde da parochia,—e Marinha, *que antigamente foi juradia* (?)—segundo se lê nos apontamentos do sr. J. A. Monteira. Tambem o seu nome de *Marinha* parece revelar a existencia de *marinhas* ou *salinas* em outros tempos nas margens do Coura,—salinas talvez hoje transformadas em campos, como se transformaram outras muitas no littoral do nosso paiz, v. g. em Mattosinhos. junto da foz do Leça, em Massarellos, junto da foz do Douro,—em Ta-

varede, junto da foz do Mondego,—em Villa Real de Santo Antonio, junto da foz do Guadiana, etc.

Tambem suppomos que a aldeia de *Villar de Mouros* revela a permanencia dos mouros n'estes sitios. A elles se attribue a fundação de uma antiquissima torre, denominada *torre dos mouros*, e que esteve no sitio que ainda hoje conserva o seu nome. Foi demolida em 1838 e empregada a sua pedra nos pegões da ponte que então se fez na foz do Coura, junto de Caminha. Por ella passa a estrada real a macadam, n.º 23, de Caminha a Melgaço, por Valença.

Não se confunda a dicta ponte com outra que ha sobre o Coura, alguns kilometros a montante, no termo d'esta freguezia, pois esta ultima, se não data do tempo dos mouros, vem com certesa dos principios da nossa monarchia e promette longa duração, porque ainda está muito solida e bem conservada. Tem 3 grandes arcos de pedra ogivaes e 2 intermedios, mais pequenos, sem data nem inscripção alguma.

—

Freguezias limitrophes: — Seixas, Caminha, Villarelho, Arga, Argella, Venade, Covas e Soppo.

Cortam esta freguezia duas estradas a macadam:—a districtal n.º 1, de Caminha a Melgaço, por Paredes do Coura, ainda em construcção,—e uma municipal que parte d'aquella, no limite d'esta parochia, e entronca na real n.º 23, de Caminha a Melgaço por Valença,—na freguezia de Seixas.

Producções dominantes: — milho, vinho verde, de boa qualidade, principalmente o branco, e muita madeira e lenha de pinho, que exporta em grande quantidade para as freguezias limitrophes.

Tambem abundam n'esta parochia magnificas hervagens de semente, com que engorda muitos bois que exporta para a Inglaterra, posto que no momento esta industria se acha bastante decadente. V. *Villar d'Andorinho*.

Ha tambem aqui mais industrias de certa importancia:—a de moagem de cereaes,—a da queima do bagaço para fazerem aguardente,—a do fabrico de telha, louça branca e sal,—a de serragem de madeira em um engenho movido por agua,—e a de cutilaria, bastante aperfeiçoada e muito acreditada. Vão d'aqui muitos artigos d'esta industria para a Galliza, para Caminha e mesmo para Lisboa.

Banha esta freguezia, como já dissemos, o rio *Coura* (veja-se esta palavra) que desagua no rio Minho entre as freguezias de Caminha e Seixas. Fertilisa extensos campos n'esta parochia de Villar, que por elle exporta muita lenha, madeira, cereaes e outros artigos, pois o Coura é navegavel por espaço de 6 kilometros e move n'esta parochia grandes azenhas para moagem de cereaes, montadas no leito d'elle, alem dos 12 moinhos da quinta da *Varzea*, de que logo fallaremos, e que no dialecto d'esta provincia denominam *Barzea* ou *Barze*.

—

É muito antiga esta parochia.

Alêm da sua ponte ainda existente, e da celebre torre dos mouros, demolida no 2.º quartel d'este seculo, como já se disse,—torre que, na opinião do sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, foi solar dos *Mendes*, teem apparecido em differentes pontos d'esta parochia sepulturas abertas em rocha (ainda se encontram algumas no adro da matriz, a 44 centimetros de profundidade) moedas romanas e outros vestigios de remota occupação, principalmente no monte do *Crasto* (Castro) ramo do de *Goyos*.

Ali se vêem restos de fortificações e de edificios de forma circular e se encontra a cada passo fragmentos de ceramica romana e objectos prehistoricos. Ainda ha poucos annos alli appareceu um bello machado de bronze, que hoje faz parte da interessante collecção de prehistoria que possue o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra.

D'esta freguezia se encontra tambem menção em varios documentos dos seculos XI e XII,—e sabe-se que nos principios da nossa monarchia foi couto pertencente ao bispo de Tuy, mas não nos consta que tivesse foral proprio.

Pelo menos Franklin não o menciona.

Segundo se lê na *Chorogr. Port.* este couto de *Villar de Mouros* foi dado ao bispo e Sé

de Tuy, pelo nosso primeiro rei D. Affonso Henriques e por sua mãe, a rainha D. Theresa, no dia 3 de setembro do anno de 1125, —e já no anno de 1071 el-rei D. Garcia tinha dado o mesmo couto á dicta Sé e ao seu bispo D. Jorge. O mesmo se lê na *España Sagr.* tomo 22, pag. 66, n.º 12,—e nas *Diss. Chronol. e Crit.* de João Pedro Ribeiro, tomo 4.º, pag. 148, *in principio.*

Ha n'esta parochia jazigos de ferro e uma mina simplesmente registrada.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, ampla, antiga e bem tractada.

Foi transferida para o chão que hoje occupa[1] no anno de 1553 e sagrou-a o arcebispo de Braga D. Balthasar Limpo, sendo aqui parocho um seu sobrinho, de nome Belchior; mas a torre que se ergue a meio do frontispicio foi feita ou reconstruida em 1768.

Tem altar-mór com a imagem da padroeira,—e 5 lateraes:—Santo Nome de Deus,—Senhora do Rosario, onde hoje se venera tambem a imagem do Coração de Jesus,—Santo Antonio,—Almas,—e Coração de Maria, altar moderno.

2.º—Capella de *Santo Amaro.*

3.º—Capella de *S. Sebastião.*

4.º—Capella de *S. Braz.*

5.º—Capella da *Senhora do Crasto*, no pico do monte d'este nome, todas publicas.

6.º—Capella do *Senhor Bom Jesus dos Passos*, pertencente á irmandade d'este titulo,

7.º—Capella de *Santa Quiteria*, pertencente á quinta do *Crasto.*

8.º—Capella de *Santo Antonio.*

9.º—Capella da *Senhora da Lapa.*

10.º—Capella de *Santa Luzia.*

11.º—Capella da *Senhora do Bom Successo.*

Estas ultimas 5 são particulares.

—

A capella de Santo Amaro tem altar-mór, com a imagem da *Senhora da Peneda*,—e 2 lateraes:—um com a imagem de Santo Amaro,—outro com a de S. Bento.

[1] Os nossos benemeritos informadores não disseram onde estava a *egreja velha.*

A capella do *Senhor dos Passos*, denominada *egreja nova*, tem egualmente 3 altares; —no mór a imagem do Senhor crucificado, —em um dos lateraes a da Senhora da Assumpção—e n'outro a de S. Paio.

As outras capellas teem um só altar, mas todas se acham abertas ao culto e bem tractadas.

As festas principaes d'esta freguezia são as de *Endoenças*, ou da semana santa, a expensas do povo e de um legado perpetuo de 90$000 réis, deixado para aquelle fim por D. Maria do Carmo de Brito, de Vianna do Castello.

Tambem aqui se faz com grande pompa todos os annos a procissão dos Santos Passos, pela irmandade propria, sendo numerosa a concorrencia de fieis dos povos d'este concelho e mesmo da Galliza.

Quinta da Barze (Varzea)

É a melhor propriedade particular d'esta freguezia;—demora entre as povoações de *Marinha* e *Villar de Mouros*;—tem um venerando palacete brazonado, muito antigo—e foi cabeça d'um morgado instituido em 1621 a favor de Miguel d'Andrade da Gama. Com o casamento de D. Antonio Mauricio de Sousa Amorim, entraram os Amorins, oriundos da Galliza, no vinculo de Villar de Mouros, e foi aquelle fidalgo quem restaurou a casa, ennobrecendo-a com a capella e obras de grande vulto,—e sua bisneta D. Maria do Carmo de Brito a deixou em 1868 a um bisobrinho e actual possuidor d'esta grande quinta, o sr. José da Cunha Guedes de Brito e Sá Sottomaior.

Um dos mais intelligentes e benemeritos administradores d'este vinculo foi Lourenço da Gama e Andrade, que mostrou a esta freguezia e a esta provincia o grande partido que podiamos tirar dos nossos rios e ribeiros, aproveitando convenientemente as suas aguas, ainda hoje quasi todas em abandono!

Captou a distancia de 10 kilometros da sua quinta as aguas do Coura, junto da capella de S. João d'Arga;—conduziu-as em uma grande levada *de canos de pedra* até o alto de uma encosta—e na pendente da dicta

encosta montou 12 moinhos de cereaes e um lagar d'azeite, movidos pela dicta agua. Tambem hoje ali se vê um engenho de serrar madeira com o mesmo motor. Alem d'isso transformou em bellos campos e prados regadios muitos hectares de terreno arido, a juzante da dicta levada, augmentando assim muito consideravelmente o valor e rendimento d'aquelles chãos e da sua quinta.

Fez mais um homem só do que teem feito muitos dos nossos municipios, que luctam com falta d'agua, tendo bons mananciaes a menos de 10 kilometros.

> Com vista á camara da Regoa, d'essa formosa villa, princesa do Douro, que tem um orçamento de vinte e tres contos de réis e absoluta falta d'agua, tanto potavel como de rega, distando do rio Corgo menos de tres kilometros?!...

Duas levadas, semelhantes áquella, foram feitas por duas freguezias nossas e d'ellas tiram grande utilidade.

V. *Villa Cova a Coelheira*, vol. XI, pag. 707, col. 2.ª—e *Alvarenga* n'este diccionario e no supplemento.

—

Ha n'esta freguezia, na margem esquerda do Coura, um espaçoso e lindo campo, denominado *Campo do Casal* ou da feira, junto da capella de Santo Amaro, em sitio ameno e muito pittoresco. Tem uma bonita alameda de faias e ali se faz uma feira de gado a 28 de cada mez.

Ha tambem n'esta freguezia um bom cemiterio.

Está junto da egreja matriz;—foi feito em 1884;—tem uma boa fronteria com um grande portão de ferro—e grades de ferro tambem na sua circumferencia.

Em uma das faces exteriores da matriz ha uma inscripção em lettra gothica, mas nenhum dos meus informadores se dignou enviar-me copia d'ella.

Ha tambem n'esta freguezia dois bons estabelecimentos commerciaes de mercearia, pannos de lã, algodão, etc.

Causou grande prejuiso n'esta parochia e nas circumvisinhas o temporal de 25 de novembro de 1876, sendo officialmente avaliado em 1:147$000 só o prejuiso que esta parochia soffreu.

V. *Riba d'Ancora*, vol. 8.º pag. 168.

—

Fecharemos este artigo mencionando um facto que se deu n'esta parochia em março de 1885 e que muito a consternou toda:

Vivia aqui um pobre homem, já decrepito, de 70 annos e entrevado, por nome João Romão. Tinha por companheira unicamente uma filha, e um dia pediu-lhe elle que lhe accendesse uma candeia e a péndurasse no leito onde jazia inerte.

Accedeu a filha e em seguida foi para um moinho distante. Pouco depois notou-se que saia da casa muito fumo e n'ella havia incendio; correram logo muitas pessoas para verem se o extinguiam e salvavam o desditoso velho, mas, a despeito de todos os esforços, a casa foi pasto das chammas, bem como o pobre velho, sem que podessem valer-lhe.

Não se explica a consternação d'este bom povo, quando, exhausto o incendio, depararam com o cadaver do infeliz septuagenario reduzido a carvão!...

Pelo meiado do ultimo seculo foi parocho d'esta freguezia, e parocho muito illustrado, o rev. João Affonso de Sousa.

V. *Insua*, vol. 3.º pag. 397, col. 1.ª—e com relação ás salinas de que fizemos menção supra, veja-se o artigo *Caminha*, vol. 2.º, pag. 57, col. 2.ª *in principio*.

—

Aos srs. João Affonso da Monteira e dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, a quem este diccionario tanto deve, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLAR DE MURTEDA, — freguezia do concelho, comarca e districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, na provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Miguel;—fogos 82,—habitantes 340.

Em 1706 era abbadia da mitra, tendo estado annexa á parochia da Montaria,—e contava 40 fogos.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 120$000 rèis—e contava 43 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 63 fogos e 341 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 75 fogos e 328 habitantes.

Comprehende as aldeias ou povoações seguintes: *Villar de Murteda*, sède da parochia, Orbideiro, Paço, Rodo, Casal e Pereiro.

Demora esta freguezia nas vertentes da serra d'Arga e na margem direita do Lima, do qual a séde da parochia dista cerca de 6 kilometros para N.N.O.;—12 de Vianna para N.E.;—94 do Porto—e 431 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Amonde, Montaria, Nogueira e Meixedo, todas do concelho de Vianna,—e S. Pedro d'Arcos, do concelho de Ponte de Lima.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde. Tambem cria gado lanigero.

No monte do *Crasto* [1] (Castro) limite d'esta parochia, se encontram vestigios de remota occupação:—restos de muralhas, moedas romanas e cavas de exploração de minas.

Demora tambem n'esta freguezia e em parte da de Nogueira a grande matta das *Corredouras*, que foi dos religiosos dominicos de Vianna e é hoje dos herdeiros de José Joaquim Valladares, de S. Salvador da Torre.

É o maior pinheiral de todo o concelho de Vianna.

Corta esta freguezia um ribeiro que nasce na serra d'Arga e morre no Lima.

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado e benemerito filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta parochia.

VILLAR DE NANTES,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago o Salvador;—fogos 180,—habitantes 745.

Em 1706 era vigairaria da casa de Bragança,—pertencia ao termo da villa de Chaves e á comarca e ouvidoria de Bragança;—comprehendia as povoações de *Villar de Nantes* com 80 fogos,—Nantes com 56—e Outeiro João com 30,—total 166. [1]

Em 1768 era vigairaria collada da mesma apresentação,—rendia 100$000 réis—e contava 185 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 158 fogos e 624 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 160 fogos e 672 habitantes.

Comprehende hoje as aldeias seguintes:—*Villar de Nantes*, a séde, com 80 fogos,—Nantes com 65,—Fonte Carriça com 20—e Valle da Zirma com 15.

Parochias limitrophes:—Chaves, Nogueira, Samaiões, Cella e Eiras.

Producções dominantes:—centeio, trigo, batatas, milho, cevada, feijões, castanhas, vinho, grão de bico, excellente madeira de castanho e muita fructa de caroço de optima qualidade.

—

Demora esta freguezia na formosa veiga de Chaves, ao fundo da serra do Abrunheiro, notavel pela sua vegetação e pela grande quantidade de castanheiros que a povoam e produzem muita castanha e muita madeira, considerada como a melhor de Portugal.

A povoação de *Villar de Nantes*, dista da villa de Chaves 4 kilometros para S.S.E.;—2 da estrada real a macadam de Chaves a Villa Pouca d'Aguiar, para S.E.;—65 de Villa Real;—92 da estação da Regoa, na linha ferrea do Douro;—196 do Porto—e 533 de Lisboa.

Estas distancias devem modificar-se, logo que se construam as linhas ferreas em projecto e estudos: de Chaves pelos valles do Tamega e do Paiva até Vizeu—e de Chaves pelo valle do Corgo, Regoa e Lamego até Vizeu tambem.

---

[1] Almeida deu a este monte o nome de *Montechristo*.

[1] É isto o que se lê na *Chorographia Portugueza*, mas ha muito que foi annexada á freguezia de *Samaiões* a extincta parochia, hoje simples aldeia, de *Outeiro Jusão* (V.) e não Outeiro João, como diz Carvalho.

Perdeu pois esta parochia de *Villar de Nantes* a dicta aldeia do Outeiro, mas em compensação recebeu outras, que havemos de indicar.

—

Esta parochia está muito bem servida de estradas a macadam, pois é atravessada pela de Chaves a Valle Passos, por Carrazedo de Montenegro,—e pela de Chaves a Mirandella, —passando a 1.ª ao norte d'esta freguezia— e a 2.ª ao sul. Tambem passa junto d'ella, a distancia de 2 kilometros, como já dissemos, a estrada real a macadam de Chaves a Villa Pouca d'Aguiar, seguindo d'ali para Guimarães, por Basto—e para a Regoa, por Villa Real.

Templos

1.º—*A egreja parochial.*

É antiga, mas está bem conservada e tem altar-mór e dois lateraes.

2.º—*Capella do Espirito Santo,* publica, tambem muito antiga e já mencionada na *Chrogr. Port.*

Teve outr'ora luzidas festas e grande romagem, mas hoje tem apenas missa cantada e sermão na dominga do Pentecostes.

Está na aldeia de Villar de Nantes.

3.º—*Capella de Sant'Anna,* tambem publica.

Demora na aldeia de Nantes e foi reparada em 1884 pelo benemerito bispo de Macau, D. Antonio Joaquim de Medeiros, de quem logo fallaremos.

4.º—*Capella de Santa Barbara,* na aldeia do Valle da Zirma.

É particular e pertence á familia *Leites,* hoje representada por Alvaro de Magalhães, em virtude do seu casamento em primeiras e segundas nupcias com duas senhoras d'aquella familia.

5.º—*Capella de Nossa Senhora do Soccorro,* no logar de Nantes e tambem particular, mas com porta franca ao publico.

Era do *Hospicio de Convalescença,* que tiveram aqui os frades do convento de S. Francisco de Chaves, e estava unida ao dicto Hospicio, que foi fundado em 1677 a 1678, governando a provincia da Soledade o segundo ministro provincial d'ella, Fr. João da Barca. Tem 4 cellas, varanda, cosinha, refeitorio e outras officinas, bons pomares de fructa, hortas, flores e abundancia d'excellente agua.

A capella tem um só altar com a imagem da padroeira, feita em Braga pelos annos de 1690,—sino e sacristia,—e foi a dicta imagem alvo de grande devoção d'este povo e dos circumvisinhos.

Tanto a capella como o Hospicio pertencem hoje ao sr. José Solari Allegro.

Pessoas notaveis

Nasceu n'esta parochia, no dia 15 d'outubro de 1846, D. Antonio Joaquim de Medeiros, bispo de Macau, filho legitimo de Augusto Joaquim de Medeiros e de D. Theresa de Jesus.

Tendo frequentado alguns estudos em Braga, entrou no *Collegio das Missões Ultramarinas* de Sernache do Bom Jardim em 17 d'abril de 1866, onde muito se distinguiu pelo seu talento, applicação e estudo, sendo laureado em humanidades e obtendo sempre o 1.º premio nas aulas theologicas.

Nos torneios litterarios que então se faziam com grande pompa no dicto collegio por occasião das festas do *Mez de Maria,* em maio, e da *Immaculada Conceição,* em dezembro, tornou-se muito notavel D. Antonio, principalmente em uma festa de Nossa Senhora da Conceição, a que assistiram alem das primeiras pessoas da localidade, os srs. D. José Luiz Alves Feijó, bispo que foi de Bragança, Carlos José Caldeira e o Pro-Nuncio apostolico Mattéra, os quaes, ao verem o modo brilhante como o sr. D. Antonio defendia a sua these, não poderam conter-se e de simples espectadores passaram a arguentes. Tomou a iniciativa o Pro-Nuncio, ficando tão satisfeito que no fim da argumentação, cheio de enthusiasmo, estendeu a mão ao seu vencedor, felicitando-o com estas palavras: *muito bem, muito bem, sr. Medeiros!...*

—

Concluida a sua ordenação, foi nomeado professor do seminario de Macau, para onde partiu a 7 d'abril de 1872, e ali prestou relevantes serviços como professor e reitor, apesar das grandes contrariedades com que luctou.

Nomeado visitador das egrejas de Timor, partiu para ali em novembro de 1875. Encontrou aquella Missão na maior decadencia;

mas rehabilitou-a á custa de insano trabalho e de sacrificios de toda a ordem.

Regressou a Timor em abril de 1877, acompanhado d'alguns padres do *Collegio das Missões* e, como vigario geral e superior da dicta Missão, immortalisou o seu nome.

Edificou residencia para os missionarios e collegios de ensino,—proveu as egrejas e escholas—e lançou os fundamentos da egreja de Dilly, hoje uma das melhores da Occeania, etc.

Pelo seu não vulgar merecimento, o nosso governo em 1882 o apresentou coadjutor do arcebispo de Gôa, sendo logo confirmado pela Santa Sé como bispo titular de Thermopillas, e sagrado em 15 d'abril de 1883, na Sé primacial de Gôa.

Tractou logo de visitar as egrejas d'aquelle arcebispado, mas, aggravando-se-lhe os padecimentos contrahidos no clima de Timor, teve de regressar á metropole para se restabelecer.

Finalmente, por decreto de 29 d'agosto de 1884 foi apresentado bispo de Macau, para onde, pouco depois de confirmado, partiu.

—

Foi confirmado no consistorio publico de 13 de novembro de 1884;—partiu para Roma no dia 3 de fevereiro de 1885, pelo santuario de *Lourdes*, onde se demorou um dia e oito em Roma, sendo affectuosamente recebido por Sua Santidade Leão XIII;—foi a Napoles ver o Vesuvio e as ruinas de Herculanum—e seguiu para Macau, onde entrou em março do mesmo anno, sendo recebido com grande pompa.

É um prelado verdadeiramente apostolico pelo seu zelo, prudencia e sabedoria. As suas pastoraes são um modelo de uncção religiosa.

Macau, até hoje, (setembro de 1886) teve os 18 bispos seguintes:

1.º—*D. Belchior Carneiro*, jesuita, de 1566 a 1583. Morreu com fama de santidade.

2.º—*D. Fr. Leonardo de Sá*, até 1599.

3.º—*D. Fr. João da Piedade*, até 1623.

4.º—*D. Diogo Correia Valente*, jesuita, até 1633.

5.º—*D. Fr. Bento de Christo*, até 1642.

6.º—*D. Philippe Marino*, jesuita, pelos annos de 1671.

7.º—*D. João do Casal*, até 1735.

8.º—*D. Fr. Eugenio Trigueiros*, até 1741.

9.º—*D. Fr. Hilario de Santa Rosa*, até 1750.

10.º—*D. Bartholomeu Mendes dos Reis*, até 1772.

11.º—*D. Alexandre da Silva Pedrosa Guimarães*, até 1782.

12.º—*D. Fr. Marcellino José da Silva*, ate 1800.

13.º—*D. Fr. Manuel de S. Galdino*, até 1805.

14.º—*D. Fr. Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim*, até 1828.

15.º—*D. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja*, até 1845.

16.º—*D. Jeronymo José da Matta*, até 1859.

17.º—*D. Manuel Bernardes de Sousa Ennes*, desde 1870 até 1883. Foi transferido em 1883 para Bragança—e em 1885 para Portalegre, onde actualmente rezide.

18.º—*D. Antonio Joaquim de Medeiros*, o bispo actual, sem contestação um dos mais dignos pela sua illustração e virtudes.

Vindo á sua terra natal em agosto de 1884, ministrou o Chrisma a milhares de pessoas na vasta egreja matriz de Chaves, por occasião da pomposa festividade que no fim do dicto mez se celebrou ali, na egreja do convento das religiosas capuchas, ao Santissimo Coração de Maria.

—

Nasceram tambem n'esta parochia e na mesma aldeia de Nantes os 3 irmãos seguintes:—José Celestino da Silva, capitão de cavallaria da Guarda Municipal de Lisboa,—o rev. Julio Celestino da Silva, professor de geographia e historia no Lyceu nacional de Braga e no seminario da mesma cidade, calendarista do arcebispado, etc.—e Antonio Celestino da Silva, que foi em Braga tambem professor de desenho no Lyceu e em varios estabelecimentos de instrucção secundaria,—no *Collegio Academico*, no *Collegio de Nossa Senhora do Sameiro*, etc., deixando viuva e filhos e profundas saudades a todos quantos tiveram a ventura de o conhecer.

Nasceu a 13 de junho de 1843;—frequentou em Braga o curso do Lyceu, obtendo

honroso diploma;—passou depois para a *Eschola Polytechnica* do Porto, na qual fez acto do 1.º anno;—em seguida assentou praça, mas, sendo 1.º sargento, pediu baixa e matriculou-se na *Academia de Bellas Artes*, em Lisboa, na qual seguiu os cursos de pintura historica e architectura, obtendo honrosas distincções. Vagando a cadeira de desenho no Lyceu nacional de Braga, foi n'ella provido e regeu-a muito proficientemente 5 annos, sendo ali collega do seu irmão Antonio, mas falleceu quasi repentinamente no dia 16 de junho de 1885, em Braga, contando apenas 43 annos!...

Era um cavalheiro de muito merecimento.

—

Tambem viveram n'esta freguezia de *Villar de Nantes* e aqui falleceram os seguintes senhores:

1.º—*Alexandre da Costa Leite*, general reformado, natural da freguezia de Samaiões e que militou com bravura na guerra peninsular e nas guerras civis posteriores, em pró da causa liberal.

2.º—O dr. *Antonio da Costa de Lima Lisboa*, natural de Ponte de Lima e que foi corregedor, etc.

Casou n'esta freguezia de *Villar de Nantes* com uma senhora da familia Carmona.

—

Banha esta freguezia um ribeiro que desagúa na margem esquerda do Tamega e tem 4 kilometros de curso.

Alem das povoações supra mencionadas, comprehende esta parochia as quintas da Matta, Seixal, Campo da Roda, Senhora da Lapa e o casal da Ribeira d'Avellãs.

Fabrica-se n'esta parochia telha de boa qualidade e muita louça de barro preto, que exporta para os concelhos limitrophes e para o districto de Bragança.

É optima para cosinha.

Terminaremos dizendo que esta freguezia outr'ora foi denominada *Varzena*, segundo se deprehende do *Livro Fidei*. V. *Varzena*.

—

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, dignissimo reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'OSSOS,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Cypriano;—fogos 124, habitantes 660, divididos pelas 3 aldeias seguintes:—*Villar d'Ossos*, a séde da matriz, com 66 fogos,—*Lagarelhos* (V.) parochia extincta, com 34 fogos,—e *Zido*, antigamente *Izedo*, com 24 fogos.

Em 1706 a povoação de *Lagarelhos* era freguezia independente e contava 50 fogos;—e a povoação de *Villar d'Ossos* era abbadia da mitra no termo e concelho de Vinhaes, comarca e diocese de Miranda, e contava com a aldeia de *Zido* 66 fogos.

Em 1768 *Villar d'Ossos* era um simples curato da apresentação do abbade de Moimenta, freguezia d'este mesmo concelho,—recebia o cura 8$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 50 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 114 fogos e 586 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 118 fogos e 628 habitantes,—comprehendendo as povoações de Zido e Lagarelhos.

—

Banha esta freguezia uma grande ribeira confluente do Rabaçal, que morre no Tua, e demora a povoação de *Villar d'Ossos* na margem direita da mencionada ribeira, distando de Vinhaes 7 kilometros para N.O.;—40 de Bragança;—111 de Miranda do Douro;—108 de Mirandella, por Bragança;—158 da estação de Tua na linha ferrea do Douro pela linha ferrea do Tua, prestes a concluir-se;—297 do Porto, pelas linhas ferreas do Tua e Douro,—e 634 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Candedo, Travanca, Paçó e Villa Verde.

Producções dominantes:—milho, trigo, centeio, batatas, castanhas e lã, pois tem muitas hervagens e cria bastante gado de toda a qualidade.

Tambem ha nos seus montes abundancia de caça grossa e miuda, incluindo raposas e lobos.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

É de uma só nave; em altar-mór e 2 la-

teraes,—côro e tribuna particular do palacete dos Bacellares, viscondes de Montalegre, com rotulos para a capella-mór,—e um bom adro com grades de ferro.

É muito antiga e está limpa e bem conservada.

2.º—*Capella do Santo Christo*, na mesma povoação de *Villar d'Ossos*.

É publica e está hoje no cemiterio parochial, que se fez em volta d'ella.

3.º—*Egreja de S. Pedro* em Lagarelhos e que foi a matriz da extincta parochia d'este nome.

4.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves*, na povoação de Lagarelhos. É publica.

5.º—*Capella de S. Thiago*, na povoação de Zido. É tambem publica.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação de *Villar d'Ossos*, um bom palacete brasonado, solar da nobre familia *Pintos Bacellares*, viscondes de Montalegre, hoje habitado pelo sr. Manuel de Mello, da Espinhosa, junto da villa de Trovões, concelho da Pesqueira, por haver casado com a ex.ma sr.a D. Ignez Candida Pinto Bacellar, neta do penultimo visconde de Montalegre, Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, sobrinho do ultimo visconde de Montalegre,—Francisco Vaz Guedes Bacellar.

Foi 1.º visconde de Montalegre o tenente general Manuel Pinto Bacellar de Moraes Sarmento, senhor da casa de *Villar d'Ossos*.

Fallecendo sem filhos varões, succedeu-lhe sua filha e herdeira—D. Ignez Candida Pinto Bacellar. Casou ella com Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, filho segundo da casa do *Arco*, em Villa Real,—que foi marechal de Campo e 2.º visconde de Montalegre.

Tiveram Francisco Vaz Guedes Bacellar e Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar [1]. D'estes 2 filhos o 1.º foi 3.º e ultimo visconde de Montalegre. Falleceu solteiro e sem successão em 1835, na idade de 21 annos, sendo já tenente coronel de cavallaria na convenção d'Evora Monte (1834) pelo que lhe succedeu seu irmão Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar.

Casou este com sua prima D. Anna Carolina Augusta Vaz Guedes Pereira Pinto Telles de Menezes e Mello, senhora da casa de *Rio de Moinhos*, freguezia d'este nome, concelho de Penafiel, e herdeira da de *Villa Garcia*, em Amarante, por seu pae—Miguel Vaz Pereira Pinto Guedes,—filho de José Vaz Pereira Pinto Guedes, 1.º visconde de Villa Garcia e irmão do 2.º visconde de Montalegre.

D'este consorcio houveram 17 filhos, entre elles os seguintes:

—Luiz Vaz, 2.º visconde de Villa Garcia;

—Manuel Pinto.

Casou com uma filha do visconde da Bouça;—é hoje tambem visconde d'este titulo—e vive na freguezia da Bouça, concelho de Mirandella.

—D. Ignez Candida Pinto Bacellar, mencionada supra, e casada com Manuel de Mello Vaz de Sampaio, da Espinhosa.

V. *Villa Garcia*, vol. XI, pag. 763, col. 1.ª —e *Villa Real de Traz os-Montes*, no mesmo vol. pag. 996 e seg.

—

Veja-se tambem a *Memoria e exposição authentica da conducta civil e militar de Luiz Vaz Pereira Pinto Guedes, visconde* (2.º) *de Montalegre, desde 1821 até 1823*,—publicada em Lisboa, na Impressão de João Nunes Esteves, em 1823.

Aquella *Memoria* defende o dicto marechal, 2.º visconde de Montalegre, das censuras que lhe irrogaram os emulos e que determinaram o seu tio marechal Silveira, conde de Amarante e marquez de Chaves, a tirar-lhe em Zamora o commando do regimento de cavallaria n.º 6, que fazia parte da divisão, com que o marechal Silveira acclamou em 1823 el-rei D. João VI, na provincia de Traz-os-Montes.

Temos sobre a nossa banca d'estudo um exemplar da dicta *Memoria*, mas possuimos

---

[1] Tiveram tambem uma filha, D. Carolina Vaz Pinto Bacellar, que casou com seu primo Gaspar Ribeiro, da nobre casa de *Santa Eulalia*, no concelho de Ceia.

A dicta senhora falleceu em *Villar d'Ossos*, deixando dois filhos:—Manuel, que falleceu de tenra idade,—e Luiz Ribeiro Pinto Bacellar que vive ora na sua casa de *Fornos do Pinhal*, freguezia d'este nome, concelho de Val Passos,—ora na de Santa Eulalia, de Ceia.

outra, muito mais extensa e mais explicita sobre o assumpto.

É a historia fiel, minuciosa e *muito conscienciosa* da dicta revolução de Traz-os-Montes e da divisão do Silveira desde o seu pronunciamento em Villa Real, no dia 23 de fevereiro de 1823, até que regressou da Hespanha.

Foi escripta pelo rev. dr. Antonio dos Santos Leal, de Moncorvo, abbade de Quinchães, no concelho de Fafe, dezembargador da relação ecclesisstica de Braga, deputado supplente ás côrtes de 1822 e ultimamente governador do bispado de Pinhel, onde falleceu.

Era homem muito illustrado e muito *realista*;—acompanhou a dicta divisão, como addido ao estado-maior;—foi secretario particular do Silveira;—escreveu differentes proclamações que ao tempo se distribuiram e quando o morgado de Matheus, depois conde de Villa Real, D. José Luiz de Sousa, quartel mestre general e coronel ajudante do general Silveira, foi por este enviado como parlamentario ao commandante em chefe das tropas francezas realistas que entraram em Hespanha n'aquelle anno, foi o rev. dr. Antonio dos Santos Leal nomeado secretario do morgado de Matheus, etc.

Ninguem pois mais competente do que elle, para escrever sobre o assumpto, como escreveu, a *Memoria* que possuimos e que infelizmente ainda se conserva manuscripta!

N'ella descreve tudo o que observou e presenciou,—inclusivamente as intrigas entre os officiaes superiores da dicta divisão,—qualificando-os *todos* com a maior imparcialidade e tractando alguns *bem duramente!*...

Ali se encontram noticias muito interessantes para a historia d'aquella revolução e d'aquella divisão,—noticias em grande parte ignoradas até hoje.

O citado *ms.*, foi por nós comprado no leilão da grande livraria do dr. Vieira Pinto;—é um folio em bella calligraphia;—está completo e luxuosamente encadernado em marroquim—e de bom grado o facultaremos a quem deseje consultal-o.

—

Tem esta freguezia de *Villar d'Ossos* residencia parochial e uma boa horta contigua. Tambem teve um pequeno passal, que por ordem do governo foi vendido em hasta publica e convertido o seu producto em inscripções, averbadas ao abbade, que recebe o juro,—48$000 réis annuaes,—alem de 180$000 réis de congrua em dinheiro—e das *offertas*, que consistem em um alqueire de centeio de cada fogo.

O abbade actual é hoje tambem arcypreste de Vinhaes.

Terminaremos mencionando outra familia nobre que ha n'esta freguezia, na povoação d'Ossos,—é a familia *Machado*, hoje muito dignamente representada pelo sr. José Antonio Machado e pela sua ex.ma esposa D. Maria Eugenia de Moraes Campilho, irmã dos morgados *Campilhos* de Vidago e de Vinhaes.

Villar d'Ossos é terra muito antiga, anterior ao seculo XII, pois já no anno de 1159 Fernando Godoniz doou ao convento da Castanheira, bispado de Astorga, uma herdade que tinha em *Villar d'Ossos*, junto de Vinhaes, em terra de Bragança.

Viterbo, lettra X.

—

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião e muito illustrado filho de Vinhaes, hoje residente em Mofreita, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR D'OURO,—aldeia da freguezia de *Ervões*, concelho e (hoje tambem) comarca de Val Passos. V. *Ervões*.

Comprehende mais esta freguezia as povoações seguintes:—Lamas, Alpande, Vallongo de Cima, Vallongo de Baixo, Alfonge, Sadoncelhe—e 15 moinhos na grande ribeira que banha esta freguezia e desagua no Rabaçal, confluente do Tua.

VILLAR D'OURO,—aldeia da freguezia de Espadanedo, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

V. *Espadanedo*, vol. 3.º pag. 59, col. 2.ª

Comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—*Espadanedo*, séde da parochia,—*Villar d'Ouro*, Vallongo, Cabanas, Soutello, ou Soutello de Pena Mourisca, parochia extincta, e Bouzende, outra parochia extincta, cujo orago foi Santa Isabel.

VILLAR D'OURO,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de S. Pedro Velho, concelho e comarca de Mirandella.

V. *S. Pedro Velho*, vol. IX, pagina 18, columna 2.ª

Comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*S. Pedro Velho*,—*Villar d'Ouro* e Ervideiro, que outr'ora foram parochias independentes e pertenciam ao concelho da Torre de D. Chama, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Mirandella.

A povoação de *S. Pedro Velho* demora entre os rios Rabaçal e Tuella, que formam o Tua. Dista 4 kilometros da margem esquerda do 1.º—1 1/2 da margem direita do 2.º; —6 da villa de Mirandella para N.;—56 da estação da Foz do Tua na linha ferrea do Douro;—195 do Porto—e 532 de Lisboa.

VILLAR DO PARAISO,—freguezia do concelho de Villa Nova de Gaya, comarca, diocese e districto do Porto, na provincia do Douro.

Abbadia. Orago S. Pedro,—fogos 800,—habitantes 3:350.

Em 1708, segundo se lê na *Chor. Port.* era um simples curato da grande comarca e ouvidoria da Feira—e contava 90 fogos!...

Em 1768 era curato da apresentação de D. Maria Camello de Miranda Sarmento e Castro, morgada d'esta parochia;—o seu cura recebia apenas o rendimento do pé d'altar,—e contava 180 fogos.

No pequeno periodo de 60 annos a sua população duplicou!...

O censo de 1864 deu-lhe 533 fogos e 2:414 habitantes.

Em menos de 100 annos a sua população subiu approximadamente ao triplo!...

O censo de 1878 deu-lhe 647 fogos e 2:524 habitantes,—e hoje, conta 800 fogos e 3:350 habitantes.

Nos ultimos 22 annos offerece pois um augmento de 267 fogos e 935 habitantes—e só nos ultimos 8 annos o augmento da sua população foi de 153 fogos e 826 habitantes!...

—

Do exposto se vê que poucas freguezias ruráes do nosso paiz terão prosperado tanto como esta—e nunca teve tanta vida como na actualidade.

O seu chão é vasto, fertilissimo, mimosissimo e abundantissimo d'agua potavel e de rega;—produz muito vinho, muito pão, muita fructa e muita hortaliça, vendendo *tudo* facilmente e por bom preço no Porto, inclusivamente a salsa, industria antiga, em que se empregam muitas mulheres d'esta parochia, pelo que as denominam *salsinhas*.

Tambem abunda em hervagens, com que engorda muitos bois para a Inglaterra e sustenta muitas vaccas, que produzem muito leite, que manda para o Porto e Villa Nova de Gaya, apurando só n'este artigo contos de réis por anno.

Produz tambem grande quantidade de excellentes morangos, que manda para o Porto e para Lisboa, onde teem venda facil e por bom preço.

Tambem se faz aqui muita telha, em cujo fabrico emprega muitos braços e apura muito dinheiro,—e tem boas pedreiras de granito para construcções, esteios de ramadas e *parallepipedos* [1], o que representa um capital importante.

Abundam tambem aqui pedreiros, carpinteiros e outros artistas, muitos d'elles *mestres d'obras*, que no Porto ganham muito dinheiro;—e tambem nos armazens de vinhos de Villa Nova de Gaya se empregam centos de filhos d'esta parochia; mas o que nos ultimos tempos mais vida lhe tem dado é o grande numero de *brazileiros*, filhos d'ella que teem ido explorar fortuna pelo commercio no Brazil, muitos dos quaes teem voltado ricos e dotado e embellesado esta freguezia com vistosos e luxuosos palacetes e estabelecimentos commerciaes de toda a ordem.

---

[1] Pequenos cubos de granito durissimo, com que hoje se veem calcetadas as ruas principaes do Porto.

Os taes *parallepipedos* vão d'esta parochia e da de Canellas, sua limitrophe.

Tambem aqui hoje se vêem muitos edificios novos e elegantes, feitos por differentes proprietarios e mestres d'obras.

Contribue tambem muito para a prosperidade d'esta freguezia o seu intimo contacto com a cidade do Porto, da qual dista apenas 6 a 8 kilometros, achando-se ligada com ella por boas estradas a macadam e pela linha ferrea do norte.

Eis o motivo porque esta parochia, denominada, e com rasão, *Villar do Paraiso*, tanto tem prosperado e prospéra,—contrastando com a maior parte das nossas freguezias ruraes, nomeadamente com as do malfadado districto de Bragança, hoje as mais pobres de Portugal, por não terem linhas ferreas nem estradas a macadam ou meios de communicação com os centros commerciaes do nosso paiz, e porque a maldicta phylloxera anniquilou os vinhedos, que eram a sua principal riqueza.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016.

—

Além da pequena povoação da *Egreja*, séde da sua matriz, comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—Cadavão, Chamorra, Corugeira, Estrada, Covinhas, Monte, Novias, Calçada, S. Caetano, Junqueira, Guardal, Capella, Jardim, Agro, Outeiro, Ilha, S. Martinho, Rasa, Telheira, Calçada e *Villar*, ou *Villar de Baixo*, que tambem é nome commum d'esta freguezia, desde tempos remotos, assim como tambem se denominou e denomina ainda hoje *Villar de Cima* a parochia de Villar de Andorinho, sua visinha e limitrophe, distante apenas 2 a 3 kilometros para E.

As outras freguezias limitrophes são:—Villa Nova de Gaya a N.;—Gulpilhares a S.;—Magdalena (vulgo *Madanéla*) a O.;—Canellas e Mafamude a E.

Occupa esta freguezia uma area de 6 kilometros d'extensão de N. á S. tendo apenas 2 a 3 de largura, de E. a O., sendo o seu chão levemente ondulado e bastante humido, o que a torna pouco saudavel. Ainda no ultimo anno (1885) pesaram cruelmente sobre ella as bexigas e mataram muitas creanças. Felizmente está toda coberta de luxuriante vegetação, que atenua e neutralisa os miasmas dos seus pequenos pantanos.

A egreja parochial dista 3 kilometros da estação de Valladares, na linha ferrea do norte, para E.;—6 de Villa Nova de Gaya, para S.;—8 do Porto;—138 de Valença do Minho—e 335 de Lisboa.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Logo a descreveremos.

2.º—*Capella de S. Martinho*, na aldeia d'este nome, a mais importante e mais central d'esta parochia e que parece uma villa, povoada de muitos predios novos e elegantes, duas pharmacias e bons estabelecimentos commerciaes.

A capella está muito bem tractada e é quasi tão espaçosa e talvez mais antiga do que a egreja parochial, mas com as diversas reconstrucções alteraram muito a sua architectura, dando-lhe inclusivamente um portico rectangular em vez do portico ogival que tinha.

N'ella se diz missa nos domingos e dias sanctificados—e aos domingos se faz junto d'ella um mercado de diversos generos.

Tem festa apparatosa com romagem no dia do seu orago.

É publica.

Devia estar aqui a egreja parochial.

3.º—*Capella de S. Caetano*, tambem publica.

Está em sitio pittoresco, vistoso e muito alegre, no alto do pequeno *monte de S. Caetano*, junto da povoação do Guardal.

É maior e mais elegante do que a egreja matriz;—tem torre e sinos;—já n'ella se celebram os officios religiosos e se faz pomposa festa annual com romagem, posto que ainda não esteja concluida.

Demora no local onde esteve uma pequena ermida da mesma invocação, e tem sido feita pela povo, nomeadamente pelos habitantes da visinha aldeia do Guardal, onde ha muitos pedreiros que nas obras d'ella costumam trabalhar nos domingos.

—

A egreja parochial demora em sitio quasi

ermo na estrada a macadam que do Alto da Bandeira conduz a Espinho.

Recommenda-se unicamente pela sua antiguidade e foi de architectura manuelina, mas perdeu as feições proprias com as ultimas reconstrucções e com a muita cal e argamaça em que a envolveram os vandalos do seculo XIX, substituindo o seu bello portico de ogiva por outro rectangular, etc.

A torre foi construida em 1883 a 1884.

Demora no meio de largos campos em um morro de penedos de granito durissimo e aspero, como o de Canellas, de que se fazem os taes *parallepipedos* e esteios para ramadas. Sobe-se para ella por 2 lanços de escadaria, tendo o primeiro 14 degraus,—12 o segundo—e a meio um patamar.

Tem contigua e ligada a ella uma casa brazonada, tambem muito velha, que foi solar dos Camellos, morgados d'esta freguezia, os quaes outr'ora apresentavam o cura ou vigario, a quem davam unicamente o rendimento do pé d'altar,—*liam as estações aos freguezes e comiam os benesses da egreja por breve pontificio*, como disse o padre Carvalho no artigo *Villar d'Andorinho*, confundindo aquella parochia com esta de Villar.

Nas grandes festas os dictos morgados sentavâm-se na cadeira parochial com a estola aos hombros e a chave do sacrario pendente do pescoço.

Oh! tempora, oh! mores?...

Tambem consta que obtiveram o senhorio d'esta egreja por escambo feito com os frades cruzios de Grijó, aos quaes cederam certo couto para poderem *dar aqui os dias santos*—e que os dictos frades (conegos regrantes) os recebiam debaixo do palio quando iam visitar o convento de Grijó,—distincção rarissima e honrosissimâ,—*si vera est fama*,—pois o convento de Grijó não era de frades *borras*, capuchos ou mendicantes, mas de *conegos regrantes*,—a ordem mais aristocrata que teve o nosso paiz. Eram todos fidalgos *de fure* e os unicos religiosos que em Portugal recebiam com a profissão o tractamento de *Dom?...*

—

A capella-mór da egreja é talvez *unica* no seu genero em todo o nosso paiz.

Tem 2 arcos cruzeiros e 2 altares-mores, sendo o corpo da egreja de *uma só nave*!...

O arco cruzeiro, em vez de comprehender todo o vão da frente da capella-mór, divide-se em 2 arcos, que assentam nas paredes lateraes e em uma columna que tem ao centro, ficando amplo todo o vão da capella-mor e dividido apenas o tecto em 2 lindos cumes d'abobada de pedra, formados cada um d'elles por 4 arcos que partem da dicta columna e das 3 paredes da capella;—e dos 8 angulos d'estes 4 arcos partem 8 aduellas que formam os 2 cumes do vão total, terminando em ogiva.

Nunca vimos coisa semelhante!

Mais:

Na parede que fórma o fundo da capella estão na mesma linha e no mesmo plano os 2 altares mores, olhando para o corpo da egreja pelos dois vãos dos 2 arcos cruzeiros, tendo cada um d'estes $2^m,10$ d'abertura e $4^m,40$ d'altura. Dos 2 arcos aos 2 altares o vão é de 4 metros;—e dos 2 arcos até á porta principal tem de comprimento a egreja $13^m,65$—e de largura $8^m,80$.

São modernos e differentes no estylo os retabulos dos 2 altares, e d'estes o do lado do evangelho é dedicado ao Santissimo Sacramento—e o do lado da epistola á Senhora do Rosario.

O vão da capella-mór, de uma á outra das paredes lateraes, é de $6^m,60$—e todo *amplo*, como fica dicto.

No corpo da egreja ha 2 altares lateraes, 1 pulpito e côro.

Em 1875 uma toupeira, rompendo o chão junto do altar-mór do Sacramento, levantou algumas moedas de cobre e depois no mesmo local appareceram mais 25, todas muito antigas e que não foram classificadas.

—

Ha n'esta egreja dois tumulos com brazões, encostados ás paredes e pertencentes aos antigos morgados de Villar. [1]

---

[1] É considerada representante dos dictos morgados a ex.ma sr.a D. Almira de Castro Almeida, casada com o sr. Carlos Alberto de Almeida, moradores actualmente na rua da Liberdade, n.º 59, freguezia de Miragaya, no Porto.

O mais proximo do cruzeiro tem uma portada de marmore branco e a inscripção seguinte, em letras inclusas, bastante maltractadas e difficeis de ler:

AQUI JAZ DONA MARIA
DE CASTRO, MOLHER DO SÕR.
FERNANDO CAMELLO, QUE
SANTA GLORIA TEM. ESTA
CASA COM ELLE FEZ E DO
TOU A SUA FILHA D. AN-
TONIA (ÃT.ª).

A portada do 2.º é de cal e cimento e n'elle se vê uma inscripção semelhante, que principia assim:

AQUI JAZ FERNÃO CA-
MELLO.....
1546.

Em plano superior se vê na parede um brasão com 3 conchas e aves.

Quintas

Ha n'esta parochia varias quintas esplendidas, avultando entre ellas as seguintes:

1.ª—*Da Formiga*, brasonada.

Pertence ao visconde de Proença Vieira, que foi presidente da camara de Villa Nova de Gaya, deputado ás côrtes, etc.

Tem uma linda casa nobre acastellada *intra-muros*, um lago, um moinho, bons jardins, pomares de fructa e grande matta de eucalyptos, australias, araucarias, etc., bellas ramadas com vides, extensos campos e formosos passeios.

2.ª—*Do Almeida Campos.*

É um predio luxuoso tambem, com muita agua, soberbos tanques, ramadas, jardins, bons campos e grande matta.

3.ª—*Do Guardal*, predio espaçoso e de muito valor tambem.

4.ª—*Da Capella*,—outro predio soberbo, pertencente a Manuel Ribeiro.

5.ª—*Da Telheira*, junto da povoação da Rasa.

Tem um bom lago, bellos jardins, grande pomar de larangeiras e d'outras arvores fructiferas, extensas ramadas, campos, etc.

6.ª—*Da Ilha.*

Tem um grande souto de carvalhos e n'elle um soberbo manancial d'agua, que fertilisa extensos campos.

—

Atravessa esta freguezia de N. a S. na extensão approximada de 6 kilometros, a estrada a macadam, denominada *estrada de baixo*, que partindo da estrada real do Porto a Coimbra, entroncando no *Alto da Bandeira*, junto de Santo Ovidio, segue para o Corvo e praia de Espinho.

Passa-lhe um pouco a leste a dicta estrada real do Porto a Coimbra e Lisboa, aqui denominada *estrada de cima*,—e um pouco ao poente passa a linha ferrea do norte, para a qual tem uma bella estrada a macadam, que partindo da *estrada de baixo*,—do largo de S. Martinho, vae em linha recta á estação de Valladares, distante do dicto largo pouco mais de um kilometro.

Ha n'esta freguezia na grande aldeia de S. Martinho, uma succursal da *Companhia União popular penhorista*,—uma *Associação humanitaria de soccorros mutuos*, que em 1884 a 1885 distribuiu pelos seus associados 1:350$000 réis,—e ha tambem uma escola esplendida, montada em um elegante edificio, mandado fazer pelo conselheiro, capitalista e proprietario, o sr. Antonio Manuel da Fonseca, benemerito filho d'esta parochia e acreditado negociante no Brazil.

Depois de feito o edificio e de mobilada a escola, entregou-a ao governo e a dotou com 8 inscripções do valor nominal de um conto de réis cada uma, para do seu rendimento se darem 200$000 réis annuaes ao professor,—30$000 réis para limpesa e conservação da escola—e 10$000 réis para 2 premios annuáes aos alumnos que mais se distinguirem.

Foi inaugurada com grande pompa a dicta escola no dia 25 de julho de 1880, sendo extraordinario o concurso do povo, por ser domingo, dia feriado.

Os nossos parabens ao seu benemerito fundador.

Casos tristes

Na noite de 26 d'outubro de 1884, depois de uma altercação ao jogo em uma taberna

entre Francisco Salvador Nunes, trolha, e Joaquim Francisco, pedreiro, ambos d'esta freguezia, o 2.º crivou de facadas o 1.º, junto da capella de S. Martinho, matando-o instantaneamente.

O reu foi preso no dia seguinte e julgado mezes depois no 2.º districto criminal do Porto, sendo condemnado a 8 annos de prisão cellular ou a 12 de prisão maior, sellos e custas do processo.

Na madrugada do ultimo dia de fevereiro de 1876 um pavoroso incendio reduziu a cinzas n'esta parochia um bom predio e um grande estabelecimento commercial que tinha na loja, com artigos de mercearia, petroleo, polvora, etc., causando prejuisos avaliados em 9 a 10 contos de reis.

Acudiram as bombas de Villa Nova de Gaya e a dos *Bombeiros Voluntarios do Porto*, mas apennas poderam salvar os predios visinhos.

O dono da casa e a familia a custo se salvaram, saltando pelas janellas,—e quebrou uma perna um homem que trabalhava na extincção do incendio.

—

Era natural d'esta freguezia o conselheiro e capitalista Antonio Manuel da Fonseca, fallecido a 8 d'agosto de 1882 em Lisboa, onde foi director da *Companhia das Aguas*.

As *lavradeiras* (mulheres do campo) d'esta freguezia e das circumvisinhas são das mais formosas dos arrabaldes do Porto; — usam pequenos chapeus de panno preto grosso, circuitados de grandes borlas de sêda preta;—pequenas chinellas de couro com ponteira de verniz;—grandes lenços de seda ou de algodão estampado a cores vivas, debaixo do chapeu e sobre o peito;—muitos cordões de ouro de lei no pescoço;—grandes brincos d'ouro nas orelhas—e um monte de saias até 20 a 22!...

V. *Villar d'Andorinho.*

Tambem entre as industrias d'esta freguezia muitas mulheres se occupam em *tirar* (dobar) seda.

Esta parochia não tem residencia nem passal. É hoje seu parocho Silvestre Augusto d'Almeida Pinto, natural de Sinfães e que foi capellão militar,—irmão do sr. dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto, professor no Lyceu central do Porto.

Ao dicto sr. padre Silvestre, abbade d'esta freguezia, devo a *inolvidavel finesa* de não me fornecer apontamentos alguns para a descripção d'ella;—nem sequer me respondeu,—apesar de reiteradas instancias minhas e de varios amigos meus e d'elle, *durante dois annos*?!...

Deus lhe dê o que lhe falta!...

—

Tem esta freguezia um *Club de instrucção e recreio*, inaugurado no dia 3 de junho do corrente anno de 1886.

Tambem tem, ha muito, cemiterio parochial e escolas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Dias Reis Castro Portugal, benemerito filho de *Villar d'Andorinho* (V.) agradeço penhorado os apontamentos que se dignou enviar-me para a descripção d'esta freguezia,—apontamentos que s. ex.ª (honra lhe seja!) ali foi colher expressamente para me obsequiar e vingar do inqualificavel *mutismo* do sr. padre Silvestre.

Agora mesmo acabo de saber que o rev. sr. Manuel Dias Reis Castro Portugal falleceu em junho do corrente anno de 1886.

Deus o tenha em bom logar!...

VILLAR DE PERDIZES, — freguezia do concelho e comarca de *Montalegre*, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Orago—*Santo André Apostolo.*

Vigairaria. Fogos 130,—habitantes 540.

Em 1706 era vigairaria collada da apresentação do reitor de S. Miguel de Villar de Perdizes,—pertencia ao termo e concelho da villa de Montalegre, comarca e ouvidoria de Bragança—e contava 100 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario 100$000 rèis—e contava 105 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 122 fogos e 460 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 524 habitantes.

Demora esta freguezia na raia, em terreno pouco accidentado, no valle de *Villar de Perdizes* e ao nascente da serra de *Larouco*, entre os ribeiros de *Porto* e *Cabana*, e é ormada pela unica povoação de *Santo André*, que dista da villa de Montalegre 11 kilometros para E.N.E.;—25 de Chaves para O.N.O.; —83 de Braga para N.E.;—138 do Porto— e 475 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Gralhas, Padronellos, Solveira e S. Miguel de Villar de Perdizes.

Pelo norte confina com o valle da *Gironda*, diocese de Orense, na Gallisa.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, hervagens e bastante fructa de caroço, muito ordinaria.

Tambem produz algum vinho verde e cria bom gado vaccum.

Data de tempos muito remotos esta povoação, mas foi uma simples aldeia da parochia de S. Miguel de Villar de Perdizes até que em 1700 foi arvorada em vigairaria, com parocho proprio, tendo sido feita a sua egreja em 1698.

Fez parte da antiga *Honra de Villar de Perdizes*;—era *casal cerrado* [1]—e pagava juntamente com a povoação de Solveira, hoje tambem parochia independente,—10$560 rs.

Desde 1841 foi do concelho e julgado de Ervededo, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Montalegre.

Banham-n'a os dois mencionados ribeiros —*Porto* e *Cabana*, que dão origem a um braço do Rio Tamega,—correndo o 1.º de O. a E.—e o 2.º de N. a S. Ambos criam trutas, bogas e outros peixes miudos,—e regam e moem.

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Montalegre*, vol. V, pag. 444, col. 2.ª, onde se mencionam estes e os outros *casaes cerrados* ou *reguengos*, d'este concelho—e os grandes privilegios e exempções que os nossos reis lhes concederam em differentes datas.

—

Foi natural d'esta freguezia o dr. Domingos Manuel Annes Coutinho, que nasceu a 16 de novembro de 1789 e falleceu em Lisboa, victima da febre amarella, em 1857.

Era formado em canones pela Universidade de Coimbra;—foi commissario geral do exercito anglo-luso, na guerra da peninsula, —e depois administrador de um dos bairros de Lisboa, etc., mas por morte de D. João VI abandonou a politica e os seus cargos publicos e tractou sómente da administração dos seus negocios, adquirindo boa fortuna.

Era um cavalheiro probo e muito serviçal, principalmente para os seus patricios, que n'elle encontraram sempre o mais desvelado e desinteressado protector.

VILLAR DE PERDIZES, — freguezia do concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz os Montes.

Orago *S. Miguel*.

Reitoria.—Fogos 196, habitantes 830.

Em 1706 era vigairaria da mitra, segundo se lê na *Chor. Port.*;—pertencia ao termo e concelho de Montalegre, comarca de Bragança,—e contava 190 fogos,—alem da povoação de Santo André com 100 fogos e da de Sobreira com 80,—diz Carvalho, mas foi lapso, porque ao tempo a 1.ª d'estas duas povoações já se havia emancipado e constituido em parochia independente, em 1700. A 2.ª emancipou-se em 1796.

Veja se o artigo antecedente e *Solveira*.

Em 1768 era reitoria da mesma apresentação;—rendia para o seu parocho 350$000 réis—e contava 264 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, comprehendendo a povoação da Solveira, que pouco depois se emancipou

O censo de 1864 deu-lhe 181 fogos e 778 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 194 fógos e 710 habitantes.

—

Demora esta freguezia na raia da Galliza; —é formada hoje pela unica povoação do seu nome, dividida em 3 bairros:—*Caria*, *Sameiro* e *Cimo de Villa*,—distando de Montalegre 15 kilometros para E.N.E.;—20 de Chaves para O.N.O.;—86 de Braga para N.E.;

—141 do Porto e 478 de Lisboa por Braga: mas, logo que se construa o caminho de ferro de Chaves pelo valle do Tamega até o Douro[1], hoje em estudos, aquelle itinerario e aquellas distancias devem soffrer grande modificação.

Freguezias limitrophes:—Santo André de Villar de Perdizes, Solveira, Sarraquinhos, Mêxide e Soutellinho da Raia, todas portuguezas, mais 2 hespanholas:—*Videferre*, ao nascente, e Bouzães, no valle da *Gironda*, ao norte, ambas do bispado de Orense, na Gallisa.

Producções dominantes:—centeio, milho, feijões, batatas, muita fructa de carôço, hervagens, castanhas e algum vinho verde, sendo o da parte oriental quasi maduro.

Tambem cria bastante gado lanigero e vaccum, da raça barrozã,—e é mimosa de caça, nomeadamente de perdizes, pelo que se denominou *Villar de Perdizes*.

Está em terreno arenoso e humido, em um grande valle que se estende a nordeste da villa de Montalegre,—desde Meixedo até Meixide, na margem esquerda do riacho da Assoreira, uma das nascentes do Tamega.

Banham tambem esta freguezia, correndo na direcção de S.O. a N.E., mais 2 ribeiros: —*Ingadas* e *Porto d'Arcos*, que reunidos ao *Assoreira* formam a origem occidental do Tamega,—regam, moem e criam peixe miudo.

É bastante frio e aspero o clima d'esta parochia;—não tem estrada alguma a macadam nem sequer esperanças de se ver livre dos medonhos barrancos e precipicios do tempo dos mouros.

Os seus habitantes em geral são pobres. Outr'ora teve uma casa nobre e muito rica, —a dos celebres *morgados de Villar de Perdizes*, de quem adiante fallaremos, mas hoje só tem uns seis ou oito lavradores remediados.

Industria nenhuma, alêm da lavoura e da criação de gado vaccum.

Tambem aqui não ha minas em exploração nem simplesmente registradas.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Demora em sitio alto e vistoso, um pouco distante da povoação, para O.

É um dos templos mais antigos d'esta provincia e está bem tractado e bem conservado.

Diz a tradição que foi fundado pela celebre *Maria Mantella*, mas tem sido reedificado differentes vezes, datando a ultima de 1797.

Teve muita prata, mas foi toda roubada pelos francezes na guerra da peninsula.

Tem altar-mór e quatro lateraes, torre e 2 sinos.

2.º—*Capella de Nossa Senhora da Saude.*

Está em uma veiga, cerca de 1:500 metros a O. da povoação, e foi mandada fazer pelo reitor d'esta freguezia, Pedro d'Araujo, em 1660.

N'ella ha uma irmandade de S. João e Almas, com estatutos approvados por D. Luiz de Sousa, arcebispo de Braga, em 20 de dezembro de 1678.[1] É fabricada pela dicta irmandade e tem festa com romaria na 2.ª oitava do Espirito Santo e nos dias 24 de junho e 8 de setembro, costumando haver por essa occasião grandes desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes!...

Na romagem de 24 de junho de 1881, por exemplo, travou-se a desordem entre o povo e os guardas da alfandega; estes mataram dois homens e ficaram outros muitos feridos.

---

[1] Esta linha, segundo o projecto, deve atravessar o Douro e seguir pelo valle do Paiva até Viseu; tambem trazemos em estudos outra linha de Chaves a Viseu por Villa Real de Traz os-Montes, Regoa e Lamego,—e outra de Lamego a entroncar na linha da Beira Alta, em Villa Franca das Neves.

V. *Vias ferreas* n'este diccionario e no supplemento.

[1] O *Sanctuario Marianno*, vol. 7.º pag. 438, diz que esta irmandade tem por bulla apostolica 5 jubileus para 5 festividades da padroeira;—que a imagem d'esta media cerca de 4 palmos d'altura;—que tinha o Menino Jesus sobre o braço esquerdo—e que a maior festa e romagem se faziam na 2.ª oitava de Pentecostes.

3.º—*Capella de Santa Marinha.*

É publica, fabricada pelos freguezes, e está tambem fóra da povoação em um monte junto da raia.

4.º—*Capella do Bom Jesus.*

Demora no bairro de *Cimo de Villa* e foi feita pelo rev. reitor d'esta parochia—Pedro Correia,—no anno de 1678.

É actualmente propriedade do rev. Sebastião Coutinho Sant'Anna.

5.º—*Capella de Santa Cruz.*

Pertence á antiga casa dos *morgados de Villar de Perdizes* e n'ella está o Santissimo Sacramento, para maior commodidade do parocho e da freguezia.

6.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves.*

Demora entre os bairros de Caria e Sameiro.

É publica.

—

Em tempos remotos esta freguezia comprehendeu as povoações de Santo André de Villar de Perdizes, Solveira e Meixide, que depois se arvoraram em freguezias independentes, com parochos proprios, mas estes até 1834 eram apresentados pelo reitor de *S. Miguel de Villar de Perdizes*, que recebia as primicias do pão e vinho e bodos d'esta parochia e das suas filiaes, o que tudo montava a 400$000 réis, pagando porém d'elles uma pensão de 50$000 réis—não sabemos a quem.

Esta freguezia de S. Miguel de Villar de Perdizes foi commenda, cujos commendadores recebiam metade dos dizimos d'esta parochia e das suas filiaes, bem como das de Meixide e Soutellinho da Raia. A outra metade dos dizimos de todas as parochias mencionadas era dos fidalgos ou morgados de Villar de Perdizes.

—

Esta parochia pertenceu ao extincto concelho de Ervededo e á comarca de Chaves, desde 1841 até 1853, data em que pelo decreto de 21 de dezembro do dicto anno passou para o concelho de Montalegre.

Teve uma feira no dia 15 de cada mez, concedida por D. João VI em 1817, mas tal feira extinguiu-se ha muito.

Nunca teve foral proprio. Pelo menos Franklim não o menciona; mas foi terra muito privilegiada em outros tempos, porque formava com Santo André e Solveira uma das seis honras de *Barroso*. As outras eram: Gralhas, Meixedo, Padronellos, Padroso e Tourem.

Para evitarmos repetições veja-se o artigo *Montalegre*, onde, a pag. 443, col. 2.ª e 444, col. 1.ª, se mencionam as dictas *honras* e os seus grandes privilegios, confirmados por D. Diniz em 5 de maio de 1325—e por D. João I em 1430,—e ainda accrescentados por el-rei D. Manuel em 1514, por terem a seu cargo os habitantes das dictas aldeias a guarda do castello de *Picôrha*.

Ha n'esta freguezia uma delegação da alfandega de Chaves,—uma eschola official de instrucção primaria para o sexo masculino,—uma pharmacia,—um facultativo,—um talho de carnes verdes ou açougue, differentes tavernas e alguns estabelecimentos commerciaes pouco importantes.

Fidalgos de Villar de Perdizes

Em outubro de 1551, Antonio de Sousa, capellão e fidalgo da casa do duque de Bragança e abbade d'esta freguezia, instituiu e dotou o *Hospital e capella de Santa Cruz*, mencionada supra, dando-lhe por bulla apostolica todo o rendimento d'esta sua egreja, que então orçava por 755$000 réis por anno,—somma importante n'aquelle tempo,—vinculando a dicta capella e impondo aos seus administradores e successores a obrigação de terem n'ella sacrario e dois capellães que ali celebrassem missa diaria pelo instituidor e seus successores, vencendo cada um dos dictos capellães 3$000 réis por anno e 30 alqueires de pão.

Determinou mais que no dicto hospital houvesse uma botica e que na dicta casa ou albergaria se recebessem, agasalhassem e tractassem nas suas doenças os peregrinos pobres de S. Thiago de Compostella, Nossa Senhora dos Remedios, Bom Jesus do Lima e Crucifixo de Orense;—que levassem a cavallo os doentes para o hospital de Chaves ou para o de Monte Rei, junto de Verim,—e que os seus successores, logo que as ren-

das do vinculo augmentassem um terço, casassem uma orphan [1].

—

O rev. Antonio de Sousa, benemerito instituidor, serviu muitos annos os duques D. Jaime e D. Theodosio e d'elles recebeu de moradias e mercês em dinheiro grandes sommas, com que comprou muitos bens, como consta de uma escriptura feita em Braga no dia 15 de dezembro de 1557.

Nomeou seu herdeiro e administrador d'este vinculo :

1.º—*Fernão de Sousa*, moço fidalgo da casa d'el-rei.

Ainda vivia em 1565.

Succederam-lhe os seguintes administradores :

2.º—*Alexandre de Sousa Pereira*, filho de Antonio de Sousa Pereira.

Sentou praça em 1658 e morreu no cerco da praça d'Elvas, em 14 de janeiro de 1659, quando o conde de Cantanhede, D. Luiz Antonio de Menezes, bateu e derrotou os castelhanos, commandados por D. Luiz Mendes d'Aro, marquez del Carpio.

V. Elvas, vol. 3.º, pag. 18 col. 2.ª

3.º—*Antonio de Sousa Pereira*, filho de Alexandre de Sousa Pereira.

Nasceu na sua casa de Villar de Perdizes e militou 22 annos, desde 8 d'abril de 1661 até o dia 7 de dezembro de 1683, chegando ao posto de marechal de campo.

Assistiu á batalha de Montes Claros em 17 de junho de 1665, e n'esse mesmo anno os hespanhoes lhe incendiaram a casa de Villar de Perdizes.

4.º—*Antonio de Sousa Pereira*, filho do antecedente.

Nasceu em Chaves,—foi capitão de cavallos,—e militou desde 14 de fevereiro de 1701 até 15 d'abril de 1738.

5.º—*Alexandre de Sousa Pereira*, filho do antecedente.

Nasceu em Villar de Perdizes e militou desde 29 d'agosto de 1706 até 1713, data em que falleceu.

Em 1708 defendeu admiravelmente o Porto de Sarraquinhos, impedindo a entrada dos hespanhoes para os logares da Chã.

6.º—*Alexandre de Sousa Pereira Coutinho*, irmão do antecedente.

Por sentença do *Juiso das Justificações* prometteram lhe os serviços de seu pae Antonio de Sousa, de seu avô Alexandre e de seu bisavô Antonio e por elles se lhe passou carta de alcaide-mór do castello de Picônha em 20 d'agosto de 1779, por fallecimento do ultimo alcaide-mór—Alexandre de Gusmão.

7.º—*João Antonio de Sousa Pereira Coutinho*, filho do antecedente.

Foi alcaide-mór de Picônha, por carta de 22 de dezembro de 1800—e falleceu em maio de 1826.

8.º — *Antonio de Sousa Pereira Coutinho.*

Não adiantam mais os nossos apontamentos.

Esta familia foi muito importante e muito rica, pois como já dissemos no artigo *S. Vicente da Chã*, vol. X, pag. 534, col. 1.ª,—um dos fidalgos de Villar de Perdizes foi o herdeiro principal do celebre Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro*, que tendo sido *marçano* e *aguadeiro* falleceu nos fins do ultimo seculo em Lisboa, deixando uma fortuna de *dois mil e seiscentos contos de réis*, somma fabulosa n'aquelle tempo!...

A nobre casa de Villar de Perdizes está em ruinas;—tinha uma boa cerca—e é hoje tudo dos herdeiros de João Lopes de Freitas, da villa de Montalegre, que a houve por emprasamento de 60 annos.

Do *hospital* não ha memoria.

A capella ainda existe, bem conservada e aberta ao culto.

O cordão sanitario

Esteve aqui em 1885 a 1886 um dos muitos postos militares do cordão sanitario que o nosso governo montou em toda a raia terrestre e maritima do nosso paiz contra o *cholera morbus*, que ao tempo assolava cruelmente a Hespanha e que (mercê de Deus!...) nos poupou e não fez em Portugal uma unica victima, em quanto que na

[1] Liv. dos cap. de Vizitas de 1658.

França, Italia e Hespanha matou milhares de pessoas. [1]

Para evitarmos repetições veja-se os artigos *Villa Real de Santo Antonio*, vol. XI, pag. 919, col. 1.ª,—*Villa Real de Traz-os-Montes*, no mesmo vol. pag. 1038, col. 2.ª—e *Villar Formoso*.

Era este posto de *Villar de Perdizes* formado por 60 praças d'infanteria, dispersas ao longo da raia em pequenas cabanas de colmo, desde fevereiro de 1885 até março de 1886,—e soffreram muito, principalmente no inverno, porque foi muito aspero e muito rigoroso n'estes sitios, chegando por vezes a neve a attingir 2 metros d'altura;—mas (honra ao nosso exercito!) os soldados tudo supportaram corajosamente—e o serviço do cordão foi feito com todo o rigor militar!

N'este posto deram-se dois factos interessantes:

1.º—Marchando em certo dia de Chaves para aqui o 2.º sargento d'infanteria 19, José Augusto dos Santos, encontrou na veiga de Soutello 8 hespanhoes, que muito astutamente haviam transposto a linha. Posto que o sargento ia só, deu-lhes ordem de prisão. Responderam-lhe 3 dos hespanhoes, mostrando-lhe 5 marcos d'ouro e offerecendo-lh'os para que os deixasse seguir.

O sargento despresou a offerta e repetiu a ordem de prisão, intimando-os para que seguissem deante d'elle para Chaves e aperrando a arma contra elles. Fugiram 3, mas levou os 5 restantes até Chaves, onde os entregou á auctoridade administrativa.

2.º—Em 21 de julho de 1885 chegou aqui o fornecedor do cordão sanitario com diversos generos sujeitos ao imposto do *real d'agua* [2] e destinados para o destacamento.

Os guardas fiscaes, sabendo que o fornecedor não havia pago o respectivo imposto, apprehenderam aquelles generos, mas o capitão do destacamento, apenas teve noticia do facto, obrigou os guardas a entregar-lhe os generos apprehendidos.

Os guardas accederam á imposição da força, mas depois seguiram-se protestos e reclamações interessantes.

Com a duresa do serviço adoeceram muitos soldados, pelo que se montou aqui tambem uma enfermaria regimental.

—

Estes sitios foram occupados desde tempos muito remotos.

Não longe d'esta povoação de Villar de Perdizes se encontrou no monte de *Remeseiros* um penedo de 10 palmos de comprimento, 8 de largura e 6 d'altura com a seguinte inscripção romana. [1]

INAC CONDUCTA. CONSERVANDA
OI. IN. AC. CONDUCTA. P. MICI
INVOLV.. IO. QUAECUQUE RESAE. MII
A-S. SI. SIQUI. EA-S. V. S. E. V. IANCE-CI.

Argote, confessa que não pôde interpretar a dicta inscripção, e diz parecer-lhe indicar que estava ali alguma fazenda ou herdade e que o dono ou cultivador d'ella escrevera no penedo aquellas lettras rogando pragas aos passageiros que lhe roubassem os fructos da dicta propriedade!...

Concluiremos dizendo que já nos principios da nossa monarchia formavam a raia de Portugal n'estes sitios até Bragança as mesmas povoações que a formam hoje.

V. *Hist. de Portug.* por Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 427.

VILLAR DE PEREGRINOS,—freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia.

Orago—*S. Salvador* ou o *Salvador*, segun-

---

[1] Só na Hespanha, segundo se lê na estatistica official, desde 5 de fevereiro até 14 de dezembro de 1885, o numero das pessoas atacadas pela epidemia foi de 338:685, das quaes falleceram 119:620.

Em Vallencia falleceram 21:012 pessoas,—em Saragoça 12:788,—em Granada 10:285—e em Murcia 7:376.

Tambem foi muito grande a mortandade em Madrid e em outras povoações da Hespanha.

[2] V. *Elvas*, vol. 3.º pag. 20, col. 1.ª *in fine*.

[1] *Memorias d'Argote*, vol. 3.º pag. 354,—*Portugaliae Inscriptiones*, pag. 112, n.º 251, e *Noticias archeologicas de Portugal*, pelo dr. Hübner, pag. 90 (traducção da Academia).

do se lê nos censos de 1864 e 1878,—no *Diccionario d'Almeida,—Flaviense,—Bettencourt,—Portugal S. e Profano*, etc., mas a *Chorog. Port.* e a *Chorog. Mod.* dão-lhe como orago S. Justo!...

Fogos 70—habitantes 330, (dizem os apontamentos que recebi da localidade)—comprehendendo a povoação de *Villar de Peregrinos*, séde da parochia, e a quinta de *S. Cibrainho*, com 40 fogos,—e a povoação de *Cidões*, parochia extincta e hoje sua annexa, com 30. V. *Cedões*.

Total uma miseria!

Note-se que a quinta de *S. Cibrainho* conta hoje apenas 1 fogo, mas já foi uma aldeia de certa importancia, pois em 1706 contava 10 fogos—e posteriormente contou 14.

Tem decrescido, pois, em vez de augmentar, a população d'esta freguezia.

Em 1706 só a povoação de *Villar de Peregrinos* contava 40 fogos;—a de *Cidões*, já então sua annexa, contava 22,—e a de *S. Cibrainho* 10,—sendo por consequencia a população total d'esta freguezia 72 fogos em 1706,—em quanto que hoje conta apenas 70!...

O censo de 1864 deu-lhe 72 fogos e 362 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 74 fogos e 345 habitantes.

—

Freguezias limitrophes:—Nunes a N.;—Edrosa a S.E.;—Penhas Juntas a S.;—Ousilhão a N.E.—e a O. o rio *Tuella* que, depois de se lhe unir a ribeira do *Rabaçal*, forma o Tua, confluente do Douro.

A povoação de *Villar de Peregrinos* demora na margem esquerda do *Tuella*, do qual dista 4 kilometros para o nascente,—10 de Vinhaes para o sul;—20 de Bragança;—35 de Mirandella;—85 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, pela linha da de Mirandella, prestes a abrir-se á circulação;—224 do Porto pela linha ferrea do Tua—e 561 de Lisboa.

Esta freguezia, approximadamente até 1854, pertencia ao concelho e comarca de Bragança, d'onde passou para o concelho e comarca de Vinhaes.

Era da apresentação da mitra de Miranda, hoje Bragança, e em 1768 rendia para o seu parocho 200$000 réis—e contava 47 fogos, comprehendendo então sómente a povoação de Villar de Peregrinos e a de S. Cibrainho, mas recebendo os dizimos da extincta parochia de Nossa Senhora da Assumpção de Cidões, onde o abbade de Villar de Peregrinos apresentava um cura, a quem dava apenas 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem esteve annexa algum tempo a esta freguezia de Villar a extincta parochia de Nossa Senhora de *Melhe*, que anteriormente foi uma annexa da de Rebordãos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de Edrosa.

Desgraçada provincia!...

Para evitarmos repetições e novas lamentações, veja-se *Villar do Paraiso* e *Villa Verde* do concelho de Vinhaes, tomo XI, pag. 1099, col. 2.ª

De passagem diremos que o padre Carvalho deu á extincta e pobre freguezia de *Melhe* como orago *Nossa Senhora*—em quanto que o *Port. S. e Prof.* lhe deu como orago *S. Martinho!*...

V. *Edrosa*.

—

Esta freguezia não tem nem espera ter estrada alguma a macadam. É atravessada pela de Vinhaes á Torre de D. Chama, estrada do antigo systema e medonha como todas as d'esta provincia, exceptuando as amostras que possue da moderna viação.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1018, col. 1.ª

Confinando com o *Tuella*, rio volumoso e muito caudaloso no inverno, não tem nem teve nunca ponte alguma sobre elle; mas, como os habitantes d'esta freguezia tenham muitos interesses na margem opposta do Tuella, atravessam-n'o de um modo curiosissimo—em uma enorme escada de madeira, lançada sobre elle e presa a uma arvore com um cadeado de ferro, para que o rio nas enchentes não a leve, pois cobre-a durante muito tempo no inverno, ficando interrompida a communicação entre as duas margens até baixar a corrente e poderem de novo armar a escada!

E em Miranda, Villarinho dos Gallegos e

n'outros pontos da extremidade leste da raia d'esta provincia, limitada pelo Douro, como não teem ponte sobre elle nem podem arranjar escada que alcance as duas margens, atravessam-no suspensos em uma corda, que estendem de uma á outra margem, indo os pobres transeuntes (*sauve qui peut*!...) mettidos em ceirões de esparto, ou amarrados á dicta corda por outra corda. Assim atravessam ali o Douro homens e mulheres, gado suino e lanigero, etc.

Só nos certões da Africa e n'esta malfadada provincia se encontram hoje,—em pleno seculo XIX—pontes de tal systema!...

V. *Villarinho dos Gallegos*.

—

Emquanto a templos tem esta freguezia tres:—a egreja matriz actual,—a da extincta parochia de Cidões—e a capella de S. Jorge na quinta de Cibrainhos.

A matriz actual foi feita nos principios d'este seculo;—está bem conservada e limpa; —é bastante espaçosa—e tem uma só nave, altar-mór e 2 lateraes, um dedicado a Nossa Senhora do Rosario, outro a S. Justo,—o padroeiro que alguns chorographos, com o padre Carvalho, deram a esta freguezia.

A imagem da Virgem do Rosario é uma primorosa esculptura.

A egreja tem no alto da fronteria um campanario com 2 sinos—e junto d'ella está o pequeno cemiterio parochial, medindo apenas 6 a 7 metros quadrados!...

A egreja de Cidões é uma humilde capella de uma só nave e com um só altar, dedicado á Assumpção da Virgem.

N'ella se vê uma formosa pia baptismal antiquissima de bello marmore.

Foi de um convento que em tempos muito remotos existiu no monte do *Franco*, termo d'esta parochia de Cidões, e do qual apenas hoje restam algumas paredes desmantelladas no sitio de *S. Namedio*, corrupção de *S. Mamede*,—titulo do pobre convento,—segundo se suppõe—(diz o meu illustrado informador)—pois não ha memoria de tal convento, nem se sabe a que ordem pertencia.

O meu informador, que é o sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, conta cerca de 80 annos e accrescenta que na sua mocidade ouvira dizer a differentes anciãos que o dicto convento foi de templarios, que d'aqui passaram para Valhadolid,—e que assim o contavam seus avós!...

Tambem consta que o dicto convento foi matriz d'este povo e dos circumvisinhos, como prova a pia baptismal que se guarda n'esta egreja de Cidões.

Tambem n'ella ha um calix de prata e uma cruz parochial que pela sua singelesa revelam muita antiguidade e consta terem pertencido ao mesmo convento, do qual muito provavelmente esta freguezia tomou o nome de *Villar de Peregrinos*, porque os templarios costumavam ter nos seus conventos hospitaes ou albergarias para pobres e *peregrinos*.

—

É tambem muito antiga a capella de S. Jorge na quinta de S. Cibrainhos;—está bem conservada e aberta ao culto;—n'ella se festeja annualmente o padroeiro, a 4 d'abril, com romagem, havendo por essa occasião tambem feira de gado, principalmente lanigero, cujos pastores ou conductores, apenas se approximam da capella, descobrem-se e fazem a sua oração—e, acto continuo, dão nove voltas em redor da capellinha, cada um com o seu rebanho!

—

Esta parochia tem uma soffrivel casa de residencia com sua horta e um pequeno passal,—e o parocho tem 170$000 réis de congrua e as *offertas*:—um alqueire de centeio de cada fogo,—além do pé d'altar, que é insignificante, por ser a freguezia pouco populosa e muito pobre, pois com a invasão phylloxerica perdeu o vinho, que constituia a sua principal riqueza.

As suas producções dominantes hoje são: —centeio, trigo, batatas, castanhas, peras, cerejas, maçans, hortaliça e mel de optima qualidade. Tambem cria bastante gado cavallar, muar, azinino, bovino, suino, lanigero e cabrum, por ter grandes montados.

É tambem mimosa de coelhos, lebres, perdizes, teixugos, raposas e *lobos*, no inverno.

Em melhores tempos, quando os abbades d'esta freguezia tinham coadjutores, costu-

mavam estes ensinar instrucção primaria; mas hoje é tal a falta de clero que uma grande parte das freguezias d'esta e d'outras provincias nem parocho proprio teem e menos ainda coadjuctores, pelo que ha muito esta parochia não tem eschola alguma nem sequer de instrucção primaria!...

O clima d'esta parochia é saudavel e varia com a altitude,—sendo mais quente do que frio na margem do Tuella e muito aspero nos montes e serras.

—

Ao meu venerando amigo, o sr. Emiliano Antonio de Sousa, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE PINHEIRO, — freguezia do concelho e comarca de Villa do Conde, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Abbadia. Orago Santa Marinha; — fogos 168,—habitantes 715.

Em 1633 era vigairaria annexa ao convento benedictino de Vairão,—rendia para as freiras 100$000 réis—e contava 216 habitantes.

Em 1706 era abbadia da apresentação do convento de Moreira;—rendia para o abbade 120$000 réis e outro tanto para as freiras de Vairão, que recebiam 2 partes dos dizimos; —contava 80 fogos—e pertencia ao grande concelho da Maia, comarca do Porto.

Em 1768 era da apresentação do papa, do bispo do Porto e do prior do convento cruzio de Moreira;—rendia 250$000 réis—e contava 101 fogos.

Em 1857 contava 150 fogos e 580 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 152 fogos e 622 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 160 fogos e 701 habitantes.

—

Demora esta freguezia entre o Porto e Villa do Conde;—é atravessada pela estrada real a macadam n.º 30, do Porto a Valença, e pela linha ferrea do Porto á Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão, na qual tem estação propria, denominada *Villar do Pinheiro*, a N.O. d'esta freguezia, distando a egreja parochial cerca de 1 ½ kilometros da mencionada estação;—13 de Villa do Conde para S.S.E ;—16 do Porto para N.N.O.;—45 de Villa Nova de Famalicão pela mencionada linha ferrea;—143 de Valença do Minho —e 356 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—Egreja, a séde da matriz,—Povoa, Venda, Sangemil, Senra, Tezo, Carvalhido, Travessa, Real e Cestêlo,—diz o meu illustrado informador, mas a *Chorog. Mod.* menciona tambem as aldeias de—Agra de Baixo, Rio, Aradas, Cavadinhas e Aguas Ferreas.

Freguezias limitrophes:—Mosteirô e Santa Maria de Villar a N.;—Gemunde a E.;—Villa Nova da Telha e Moreira a S.,—e Avelleda a O.

Producções dominantes: — milho, vinho, trigo, centeio, cebolas, nabos e fructa.

O vinho é verde e *rascante* ou de enforcado, mas teve sempre venda remuneradora e facil—e hoje mais do que nunca, por ser exportado para França, em grande escala.

V. *Villa Verde*, séde do concelho e da comarca do seu nome, vol. XI, pag. 1105, col. 2.ª *in fine*, e seg.

Tambem esta parochia abunda em hervagens, com que engorda muitos bois, que exporta para Inglaterra, industria que foi muito rendosa nas nossas provincias do Minho e Douro, mas que hoje infelizmente se acha em pronunciada decadencia.

V. *Villar de Andorinho.*

—

Esta parochia pertencia ao concelho da Maia, mas, a requerimento de muitos dos seus eleitores, passou para o concelho de Villa do Conde em 1870, por decreto de 11 de maio do dicto anno.

Atravessam esta freguezia dois ribeiros anonymos que movem diversos moinhos, fertilisam os seus campos e desaguam no rio de *Labruge*, um pouco a jusante da ponte da antiga estrada do Porto para Villa do Conde.

O meu benemerito antecessor denominou-os *Pena* e *Lagiellas*, por banharem as aldeias d'estes nomes, pertencentes á freguezia de *Avellêda*,—e disse que desaguavam no mar, o que foi lapso. V. *Avellêda*, concelho de Villa do Conde.

A egreja matriz demora junto da estrada real n.º 30. Não é muito espaçosa, mas está

bem situada e bem tractada,—tem bons paramentos e alfaias e ricas peças de prata, posto que desappareceram outras muitas que em 1807 foram enviadas para o Porto por ordem do principe regente, depois rei, D. João VI—e não mais voltaram,—suppondo-se que as roubariam os francezes.

Em frente da egreja ha um espaçoso terreiro arborisado, onde em 28 de junho de 1872 os habitantes d'esta freguezia e das circumvisinhas—Mosteirô e Avelleda,—para solemnisarem a visita de S. M. el-rei o sr. D. Luiz, acompanhado por seu irmão o infante D. Augusto, na sua passagem para Villa do Conde, Povoa de Varzim, Barcellos, Vianna, Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Amarante, Regoa e Villa Real, [1] fizeram uma apparatosa exposição do seu gado bovino gordo, destinado para embarque.

Apresentaram-se magnificas juntas de bois, garridamente enfeitadas, avultando entre ellas uma que chamou a attenção de todos, inclusivamente de S. M., pelo que o rev. João Francisco Pinto, abbade de Avelleda, immediatamente a comprou e que muito generosamente a offereceu a S. M., dignando-se o mesmo augusto senhor acceital a.

—

Na matriz d'esta parochia se fez com grande pompa, durante alguns annos, no terceiro quartel d'este seculo, a festividade de S. Bartholomeu no domingo seguinte ao dia do mesmo apostolo, 24 d'agosto, sendo muito notavel a esplendida e custosa illuminação. Comprehendia mais de 2:000 lumes de variadas côres, artisticamente distribuidos pela frente da egreja e pelo largo fronteiro em arcos e obeliscos de madeira (nós os vimos) que se guardavam e augmentavam de um anno para o outro, tudo á custa de amadores e devotos, nomeadamente do sr. José Francisco da Silva, abastado lavrador d'esta parochia.

Em freguezias ruraes difficilmente se verá illuminação tão apparatosa. Rivalisava com a da grande festa do Senhor do Calvario, de Gouveia, na Beira Baixa, e que é, ha muitos annos, a illuminação mais notavel de toda aquella provincia.

V. *Gouveia*, villa da Beira Baixa, n'este diccionario e no supplemento.

—

Ha n'esta parochia [1] uma capella dedicada aos *Santissimos Corações de Jesus e Maria* e teve annexo um collegio de meninas pobres, dirigido por *Irmãs Hospitaleiras*, sendo tudo fundado em 1877 a 1878 pela sr.ª D. Maria da Gloria Allen Urcullu Ribeiro, viuva de Manuel Theotonio Ribeiro de Castro e filha de D. José de Urcullu, natural da Hespanha, onde militou na guerra da peninsula, e que depois, perseguido por opiniões politicas, emigrou para Portugal, onde viveu muitos annos e falleceu em 8 de julho de 1852.

Era homem muito illustrado, cavalleiro da ordem de Christo, socio correspondente da *Real Sociedade Geographica de Londres* e das de Paris, Rio de Janeiro, etc. Publicou varias obras em hespanhol—e em portuguez as seguintes:—*Tractado elementar de Geographia*... em 3 vol. (1835-1839) 8.º gr. com estampas, obra ainda hoje muito estimada;—*Grammatica inglesa para uso dos portuguezes* (1830);—*Cathecismo da doutrina christã*... (1851);—e *O livro dos meninos*...

A mencionada senhora vivia n'aquelle tempo em uma quinta que possue aqui e foi auxiliada no seu empenho por differentes visinhos e outros devotos. Hoje (1886) vive no Porto e tem, entre outros filhos, um presbytero de muito merecimento, doutorado em theologia pela *Universidade Pontificia Gregoriana* de Roma, em 1885. É vice-reitor do Seminario episcopal do Porto, homem muito illustrado e primoroso escriptor publico.

Chama-se Theotonio Manuel Ribeiro Vieira-de Castro—e foi-lhe dada em patrimonio a mencionada quinta do *Padinho*.

—

Esta freguezia chamava-se outr'ora *Villar*

[1] O sr. D Luiz embarcou na Regoa e seguiu pelo Douro para o Porto, onde havia deixado sua esposa, a sr.ª D. Maria Pia, que o foi esperar e receber no *Palacio do Freixo*, em Campanhã,—palacio que ao tempo era o mais luxuroso do Porto.

[1] Na quinta do *Padinho*.

de Porcos e já existia no seculo XI, pois em 1074 Sendino Rodrigues e sua mulher Gendina Paladiniz deram a terça parte que tinham no padroado da egreja de *Santa Marinha de Villar de Porcos*, bispado do Porto, (está averiguado ser esta) a Trutezindo Gutteres e a sua mulher Guntrode—*pro baralia,* que abuimus super nostra haereditate cum nostras gentes: et fecestes ad nos ibi grande alhia.*

Isto é:—que lhes davam a terça do padroado d'esta egreja pelos serviços que lhes haviam prestado na contenda que tiveram por causa de certa herdade e em remuneração d'outros beneficios.

E no anno de 1075 Diogo Olidiz deu ao mesmo Tructesindo Guterres a porção que tinha na mesma egreja de *Villar de Porcos* —*pro plagas, et feridas malas, que fecemus ad vestros mallados, et non hubuimus unde illas pentare.*

V. *Alhia* e *Malado* em Viterbo.

Ainda nos principios do sec. XVI conservava o mesmo nome de *Villar de Porcos*, segundo se lê no foral que D. Manuel deu ao concelho da Maia em 15 de dezembro de 1519, sendo porém feio e *porco* tal nome, no mesmo seculo XVI tomou o de *Villar de Pinheiro*,—ou por deferencia para com o sr. D. Rodrigo *Pinheiro* que então (1562 a 1572) era bispo do Porto,—ou por haver aqui algum *pinheiro enorme*,[1]—ou por ambos os motivos.

É certo que já nos principios do sec. XVII se denominava *Villar de Pinheiro*, como se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, publicado em 1623.

Na era de LXIII *Abon Arigutinizi* e *Froila Popizi* fizeram uma certa transacção sobre propriedades que possuiam em *Villar de Porcos*, na Maia. V. *Dissertações* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 206, n.º XIII.

Na era de 1340 (anno 1302) D. Beringeria Ayres doou ao bispo do Porto D. Giraldo as egrejas de Cedofeita, Lavra, *Santa Maria de Villar de Porcos*, etc., etc. *Dissertações* de João P. Ribeiro, tomo 5.º pag. 63.

Nos principios da nossa monarchia houve uma *Villa de Porcas* no concelho de Sinfães. Suppomos ser hoje a aldeia de *Porcas* da freguezia de S. Thiago de Piães, n'aquelle concelho. V. *Dissertações* de João P. Ribeiro, vol. 5.º pag. 237;—temos ainda hoje no nosso paiz varias aldeias com os nomes de *Porco*, *Porca* e *Porcas*—e no concelho da Guarda a freguezia do *Porco* e a de *Porcas*.

—

Tem esta freguezia um bom cemiterio parochial, onde se vêem tres elegantes mauzoleus. Foi construido em 1879 e benzido solemnemente no domingo da Paixão, 3 de abril de 1881, pregando o rev. Francisco José Patricio, da cidade do Porto, distincto orador sagrado.

O chão d'esta parochia foi quasi todo de naturesa de prasos de vida, de que eram directos senhores os conventos de Moreira, Santo Thyrso, Arouca, Lorvão, Vairão e Almoster.

Os parochos d'esta freguezia tiveram, além dos dizimos, um grande passal, mas tudo cedeu em eras remotas um dos parochos ao convento de Vairão, reservando para si e seus succesores apenas a *terça* do rendimento total d'esta abbadia, pelo que as religiosas de Vairão tinham a seu cargo a fabrica d'esta egreja e ainda em 1841, pouco antes da extincção dos dizimos, restauraram á sua custá a rezidencia parochial, uma das melhores d'estes sitios.

—

Ha n'esta parochia excellentes aguas ferreas, muito medicinaes.

Foram descobertas por um antigo abbade e gosam de grande credito para o tratamento de certas doenças, posto que, segundo consta, perderam algumas das suas propriedades desde 1863, quando se abriu a estrada em plano superior á nascente das aguas e as encanaram para outro local.

---

[1] Ainda hoje se encontram enormes pinheiros n'esta freguezia e nas circumvisinhas. Na de *Aguas Santas*, por exemplo, ha dois, cujo tronco tem 4 metros de circumferencia!... E são pinheiros bravos (*pinus maritima*) cujos troncos não costumam engrossar muito. Ora se isto se dá hoje, em 1886, não admira que em outros tempos, quando todo o nosso paiz era muito mais povoado d'arvoredo, se encontrassem por estes sitios pinheiros muito maiores.

São 3 as bicas ou nascentes, cada uma com graduação diversa, e nota-se que as dictas nascentes são mais fortes e abundantes no verão do que no inverno!...

Faz-se uso d'estas aguas bebendo-as no local e em pontos distantes, conduzidas em garrafas. Brotam na pequena povoação denominada *Aguas Ferreas*.

Entre os edificios particulares d'esta freguezia avulta a *Casa da Morgada*[1], edificio espaçoso e um dos melhores das circumvisinhanças. Pertence hoje ao sr. José Antonio de Sousa Dias, irmão de Manuel de Sousa Dias, tabellião em Gondomar, n'este districto.

Abbades d'esta parochia

Occorrem-nos os seguintes:

1.º—David Bezerra Cabral.

2.º—Manuel Moreira.

3.º—Miguel d'Araujo Leite.

4.º—Leonardo Francisco d'Almeida.

5.º—Agostinho André de Barros, pelos annos de 1653, data em que emprasou o campo da *Searinha*, pertença do seu passal, a Domingos da Costa por 10 alqueires de pão, ou 150 réis por cada um.

6.º—Balthasar Antonio, natural de Gemunde.

Foi aqui abbade desde 1671 até 1702.

7.º—Antonio da Costa, natural de Gouvães da Serra, em Traz-os-Montes.

Foi aqui abbade pelos annos de 1714 e resignou em seu sobrinho, o padre Alexandre da Silva, com a reserva de 45 escudos d'ouro da camara e 12 *julios* ou oitenta mil réis da moeda portugueza n'aquelle tempo.

8.º—Alexandre da Silva, mencionado supra.

Ainda era aqui abbade em 1754.

9.º—Dr. Manuel Mendes Vieira, successor do antecedente.

Foi aqui abbade 15 annos.

10.º—D. José da apresentação Lobo, successor do antecedente.

Foi abbade 15 annos e tambem vigario da vara e visitador no districto ecclesiastico da Maia, examinador synodal, etc.

Tinha sido conego regrante no convento de Moreira e d'ali trouxe para esta parochia uma reliquia do Santo Lenho, com previa auctorisação do sr. D. João Rafael de Mendonça, então bispo do Porto.

11.º—Manuel Dias Ramalho d'Oliveira, successor do antecedente.

Era natural de Villa Nova da Telha e foi aqui abbade 45 annos!...

12.º—Antonio Pinto Moreira, natural da freguezia de Barqueiros, concelho de Mezão-frio.

Falleceu em 3 de janeiro de 1854, tendo sido aqui abbade 20 annos.

Era tio do conselheiro e dr. José Julio de Oliveira Pinto, meu contemporaneo na Universidade e talento verdadeiramente superior, bacharel formado em direito, deputado ás côrtes, official maior da secretaria da justiça, etc., infelizmente morto em um duello no vigor da edade, quando tinha deante de si o mais auspicioso futuro!...

V. *Barqueiros*, vol. 1.º pag. 336, col. 2.ª *in fine*.

13.º—Manuel Francisco dos Santos, natural de Villa Nova da Telha, onde nasceu na aldeia de Cambados em 10 de dezembro de 1811, sendo filho de José Francisco dos Santos e de Custodia Theresa de Jesus.

Collou-se em 20 de julho de 1854 e é o rev. abbade actual,—venerando ancião de 75 annos de idade e que hoje, 21 de julho de 1886, conta precisamente 32 annos de vida parochial[1]. É bastante, mas o meu bom amigo dr. Fr. José Caetano Lopes Bandarra, vigario de Longroiva, já conta cerca de 80 annos de idade e 50 de vida parochial,—ainda escreve com firmesa e diz missa *todos os dias*!...

V. *Villa Nune* n'este diccionario, e *Longroiva* no supplemento.

---

[1] É appellido de familia, não titulo de nobresa, posto que os donos d'ella são lavradores ricos e muito considerados na localidade.

[1] Se eu attingir a mesma idade (duvido muito!...) contarei 46 annos de vida parochial, pois já conto 25 e nasci em 1832.

V. *Corvaceira* e *Miragaya*, vol. 5.º pag. 250, col. 1.ª

Pessoas notaveis

1.º—D. Fr. João Moreira, bispo de Cabo Verde, filho de Manuel Moreira e de Andresa João.

Nasceu em 1688 na aldeia da *Povoa* d'esta freguezia e, tendo sido religioso da provincia da Soledade e guardião em varios conventos da sua ordem, foi eleito bispo de Cabo Verde por el-rei D. João V, em 16 de junho de 1742;—foi sagrado na Sé patriarchal de Lisboa em 17 de fevereiro de 1743, domingo da sexagesima;—partiu para a sua diocese em 11 de março de 1744;—chegou ali em 28 do dicto mez, sabbado de ramos;—fez a sua entrada solemne na terça feira da semana santa;—governou aquelle bispado 2 annos—e falleceu em 13 d'agosto de 1746, contando 58 annos de idade.

2.º—Fr. João da Trindade, religioso agostinho descalço, ou *grillo*.

Professou no convento da Mão Poderosa, ou da *Formiga*, junto da actual estação de Ermezinde, na parochia de S. Lourenço de Asmes, em 17 de março de 1790.

3.º—Fr. Manuel de Santa Marinha, tambem frade *grillo*.

Professou no mesmo convento em 1 de fevereiro de 1791.

4.º—Joaquim Antunes d'Azevedo, o meu illustrado collega e benemerito informador.

É actualmente reitor de *Villa Nova da Telha*.

Nasceu n'esta parochia, na aldeia de S. Gemil, em 18 de maio de 1828, sendo filho legitimo de José Antunes d'Azevedo, miliciano na guerra da peninsula, vereador da Maia, etc., e de D. Maria Joaquina de Jesus, da casa do *Talho*, em S. Romão de Vermoim.

Estudou preparatorios no collegio da Formiga e no Lyceu do Porto,—e philosophia com D. Francisco da Piedade da Silveira Mourão [1]. Cursou as aulas theologicas do Paço Episcopal do Porto, onde se ordenou, recebendo o presbyterato nas temporas de setembro de 1852. Em janeiro de 1854 foi encarregado da encommendação d'esta freguezia de *Villar de Pinheiro*, onde se collou em junho do mesmo anno, e em 1864 passou para a reitoria de Villa Nova da Telha.

O seu irmão mais velho, Manuel Antunes d'Azevedo, ficou na casa paterna de S. Gemil; casou com D. Maria d'Azevedo Maia, de Modivas, irmã de Antonio d'Azevedo Maia, abbade de Beduido em Estarreja,—e teve, entre outros filhos, Antonio Antunes d'Azevedo, que foi alumno do Lyceu do Porto, onde obteve varias distincções, e já tem o curso completo do Seminario do Porto, onde tenciona ordenar-se.

O nosso biographado é tambem irmão de Antonio Antunes d'Azevedo, o qual casou em Vermoim, com successão,—e de José Antunes d'Azevedo, casado com D. Anna Maria d'Oliveira Azevedo, pharmaceutica approvada, com pharmacia no logar do *Sameiro*, freguezia de S. Gonçalo de Mosteirô, e tem successão tambem.

Os irmãos do nosso biographado,—José e Antonio,—teem sido vereadores,—este na Maia,—aquelle em Villa do Conde.

—

5.º—José Dias da Silva Lemos, sobrinho do general José Antonio de Lemos, de quem já se fallou em *Santa Maria de Villar*, freguezia d'este mesmo concelho de Villa do Conde.

O rev. José Dias da Silva Lemos é reitor actual de Modivas e vigario da vara no districto ecclesiastico da Maia.

6.º—Antonio José da Costa Nabiça, filho de José Francisco da Costa e de Antonio Maria de Jesus.

Nasceu na aldeia da *Povoa*, n'esta freguezia, em 15 d'agosto de 1814, e cegou de *gota serena*, contando apenas 4 annos de idade.

É este um dos homens mais notaveis que tem produsido esta parochia, este concelho e o nosso paiz, pois sendo completamente cego desde a idade de quatro annos e não tendo saido d'esta parochia nem frequentado aulas ou instituto algum de instrucção, é o auctor da maior parte dos versos que o povo do Minho lê e canta e que teem dado *bom lucro* aos editores e aos vendedores das publicações de *cordel*.

São composições ligeiras e incorrectas,

---

[1] V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. 6.º pag. 54, col. 1.ª *in fine* e segg.

mas muito lidas e estimadas pelo povo—e teem editor sempre certo e venda facil.

Occorrem-nos as seguintes, todas impressas no Porto:

O vinho e a agua; dialogo.

A curuja e o morcego; dialogo.

O môcho e o cuco; dialogo.

Reflexões moraes do atheu agonisante; dialogo religioso.

A Raposa e o Ouriço cacheiro, fabula moral.

Concilio entre as quatro estações do anno; dialogo.

Impertinencias de velha, entre tia e sobrinha; dialogo.

Baile de Entrudo; entremez.

Entretenimentos da Infancia; dialogo religioso.

Resultado da loucura; comedia.

O criado tonto e a velha louca, tambem comedia.

O Douro com pretenções de casar, entremez.

A guerra dos Cães e Gatos.

A saude e a doença, dialogo.

O repolho e a Nabiça, dialogo em 4 folhetos.

Cantigas ao desafio—e outras poesias variadas.

Até onde iria este pobre homem, se tivesse estudos e vista e vivesse em um outro meio?

Conta hoje 72 annos de idade e é um velho de bons costumes, muito tractavel e bastante sympathico.

Não o conhecemos pessoalmente, mas temos no nosso album a sua photographia.

—

Foram tambem naturaes d'esta parochia dois mestres pedreiros de fama:—Domingos Pires de Mattos e Domingos da Costa Neves.

O 1.º fez a capella-mór da egreja actual de S. João da Foz do Douro, mandada construir pelos frades de Santo Thyrso, em 1712,—o 2.º fez entre outras obras a egreja actual de *Santa Cruz do Bispo,* no concelho de Bouças, mandada reconstruir por D. Antonio de Sousa, bispo do Porto.

Facto tristissimo

Na madrugada do dia 26 de janeiro de 1834 (era um domingo) chegou aqui em observação uma força liberal, vindo do Porto, e, defrontando com alguns soldados de cavallaria miguelista, estes debandaram aos primeiros tiros dos liberaes, deixando feridos um dos seus.

Ficou a povoação attonita com aquelle inesperado tiroteio na estrada publica, — e dois filhos d'esta parochia, Manuel Moreira e Antonio Domingos Gomes, moços valentes e muito estimados, pertencentes ás primeiras familias da terra, suppondo que alguma das quadrilhas de salteadores, que ao tempo infestavam a Maia, tivesse assaltado algum viandante ou algum visinho, correram ao local, para verem se podiam defender os aggredidos. Foram logo presos pela tropa e conduzidos para o Porto com o ferido, mas não chegaram ao Porto, porque a dicta força na ponte de Moreira fuzilou barbaramente aquelles tres infelizes e os lançou depois ao Leça.

Desgraçados tempos!...

—

Ao meu bom amigo e collega o rev.mo sr. Joaquim Antunes d'Azevedo, illustrado filho d'esta parochia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE PORRO,—freguezia do concelho de Boticas, comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga.

Vigairaria. Fogos 101,—habitantes 480.

Orago—Santa Maria sob o titulo da *Assumpção.*

Em 1706 era um simples curato;—pertencia ao concelho de Montalegre, comarca e ouvidoria de Bragança; — contava 66 fogos na aldeia de Villar de Porro—e 16 na de Carvalho,—total 82 fogos.

Em 1768 era da apresentação do mosteiro benedictino de Refoios de Basto;—rendia para o cura 8$000 réis, além do pé d'altar, —e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 105 fogos e 421 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 99 fogos e 492 habitantes.

Demora esta freguezia na margem direita

do rio Bessa,[1] confluente do Tamega, e comprehende apenas a aldeia de *Villar de Porro*, séde da parochia,—e a de *Carvalho*, ambas mencionadas supra, distando a 1.ª 2 kilometros da margem do rio Bessa;—8 de Boticas para O.S.O.;—20 de Montalegre para S.—e 70 de Braga.

—

Emquanto a templos tem a pequena e pobre egreja matriz em Villar de Porro—e uma capella de S. Matheus na povoação do Carvalho.

Banha esta parochia o Bessa, que rega, moe e cria peixe miudo.

O chão d'esta parochia é bastante plano, abrigado por altos montes ao norte e aberto ao meio dia. Produz muito milho, centeio, feijões, batatas e muita castanha de excellente qualidade.

Nos ultimos annos da dizimaria, esta parochia rendia para o seu vigario 48$000 réis em dinheiro;—1 almude de vinho, 1 alqueire de trigo e 1$200 réis para guisamentos;—benesses 48$000 réis;—total 97$200.

Em tempos remotos esta freguezia, bem como as de *Curros* e *Codeçoso de Canedo*, foram annexas ou filiaes da de *S. Salvador de Canedo*, que por seu turno era abbadia do padroado real, e o seu abbade apresentava curas nas tres annexas. Depois, por doação de um rei nosso,[2] passou a mencionada abbadia para os frades benedictinos de Refoios de Basto, que por bulla apostolica a constituiram commenda sua, comprehendendo esta freguezia de *Villar de Porro* e as outras duas annexas, ficando por cabeça da dicta commenda a egreja de *Canedo*, cujo parocho d'ahi em deante foi simplesmente reitor, apresentado pelos dictos frades, que lhe davam apenas 50 alqueires de pão, e 10$000 réis;—e a um cura ou coadjutor outros 10$000 rèis e 20 alqueires de pão meado.

Deu-se isto de 1428 em diante.

[1] Alguem denomina este rio *Bersa*.

V. *Villar de Cunhas* e *Villarinho da Mó*.

[2] Alguem diz que foi doação de Vasco Gonçalves Barroso, 1.º marido de D. Leonor d'Alvim, casada em segundas nupcias com o santo condestável D. Nuno Alvares Pereira.

V. vol. 8.º pag. 355, col. 2.ª

—

O reitor apresentava curas n'esta freguezia de *Villar de Porro* e nas outras filiaes de Canedo.

A tal commenda era importante. Nos ultimos annos da dizimaria o seu rendimento approximava-se de 1:500$000 réis, dando os frades ao reitor da matriz apenas 50$160 réis em dinheiro—e 101$600 réis em generos e passal;—ao todo 151$760 réis.

V. *Canedo* n'este diccionario, vol. 2.º pag. 85, col. 2.ª—e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

Villar de Porro confina a leste com a freguezia de *Curros*,—ao norte com a de Beça;—ao poente com a de Covas—e ao sul com a de Canedo,—todas do concelho de Boticas.

Terminaremos pedindo que deem a esta pobre freguezia outro qualquer nome, pois o de *Villar de Porro* é mais indecente e mais *porco* do que o de *Villar de Porcos*, dado outr'ora à freguezia antecedente, hoje *Villar de Pinheiro*.

P. S.

Esta freguezia de *Villar de Porro*, apesar do seu nome indecentissimo, data de tempos muito remotos e já no seculo XIII tinha certa importancia, pois D. Affonso III, estando em Guimarães, lhe deu foral no dia 28 de maio de 1258.

Liv. I de *Doações do Snr. Rei D. Affonso III*. fl. 30, col. 2.ª *in medio*.

VILLAR DO REI,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Pedro;—fogos 65,—habitantes 280.

Em 1768 era um curato da diocese de Braga, e da apresentação da corôa;—pertencia ao concelho do Mogadouro, comarca de Miranda; rendia para o seu cura 30$000 rs.—e contava 43 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 234 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 70 fogos e 287 habitantes.

É uma parochia insignificantissima, como a maior parte das d'esta provincia, nomeadamente d'este concelho de Mogadouro, pois,

contando 34 freguezias, tem apenas 3:813 fogos e 16:042 habitantes.

Das suas 34 freguezias 9 não contam 70 fogos—e 18 contam menos de 100 fogos, cada uma;—7 não contam 150 fogos;—de 150 a 200 fogos tem apenas 5 freguezias;—e com mais de 200 fogos tem somente 4 freguezias, sendo a mais populosa a da villa do Mogadouro, que tem apenas 259 fogos!...

—

Contrastam as freguezias d'este bispado e d'este districto de Bragança com as do bispado e districto do Algarve, nomeadamente as d'este concelho do Mogadouro, com as do concelho de Loulé, que tendo apenas 7 freguezias conta 7:100 fogos e 31:923 habitantes?!...

O que abunda n'este bispado e n'este districto de Bragança, nomeadamente n'este concelho do Mogadouro e nos de Mirandella e Villa Flor, são freguezias *annexas*, por não poderem sustentar a sua autonomia. E esta desgraça vem de longe, pois as 315 freguezias, que pela nova circumscripção diocesana de 1882 constituem a diocese de Bragança, representam mais de 100 freguezias annexas!...

Total:—uma pobresa franciscana.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, *Villa Verde*, de Mirandella, *Villa Verde de Vinhaes* —e *Bragança* no supplemento a este diccionario.

Prosigamos.

—

Demora esta freguezia nas faldas da serra do Suralhão e comprehende apenas a povoação de *Villar de Rei*, que dista 6 kilometros da villa do Mogadouro para S.E.;—8 da margem direita do Douro para N.O.;—40 da estação da Barca d'Alva (a mais proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação;—45 da de Miranda para S.O.;—80 de Bragança para S.;—241 do Porto—e 578 de Lisboa.

Não ha n'esta freguezia nem n'este concelho,—nem nos 4 concelhos limitrophes (Miranda, Vimioso, Alfandega da Fé e Freixo d'Espada á Cinta) estrada alguma a macadam.

Todas as suas estradas são ainda os medonhos barrancos do principio da nossa monarchia!...

Producções dominantes:—trigo, centeio, batatas e lan, pois cria bastante gado lanigero, muar e bovino da raça *mirandesa*, tão estimada, que n'esta provincia se tem vendido a junta dos dictos bois por 60 a 70 libras!...

Parochias limitrophes:—Mogadouro, Val de Porco, Villa dos Sinos, Villa d'Ala e Villarinho dos Gallegos.

Ha n'esta parochia duas minas de chumbo, hoje em abandono, mas que foram exploradas ainda n'este seculo.

Ainda lá se vêem as ruinas dos fornos em que se apurava o minerio.

—

Com relação a estas minas é muito digna de ler-se a *Memoria sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chacim, Souto, Ventozello e Villar de Rey, na provincia de Traz-os-Montes*, por José Bonifacio d'Andrada e Silva, formado em philosophia e direito pela Universidade de Coimbra, socio e secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, dezembargador da relação do Porto, intendente geral das minas, etc., etc.

Nasceu no Brazil, então colonia nossa, em 1763;—falleceu em 1838;—foi uma illustração superior e um escriptor distinctissimo, como pode ver-se no *Diccion. Bibl.* de Innocencio.

Na dicta *Memoria* [1] se lê o seguinte:

«Ao mesmo tempo que se examinaram os veios de *Ventozello*, [2] não me esqueci de mandar tambem pesquizar uma *mina velha*, que me constava haver em *Villar de Rey*. Esta mina jaz no sitio chamado o *Prado de Reys*, distante um quarto de legoa da povoação, e do logar de Ventozello quasi legoa e meia.

«Os antigos tinham aberto um socavão ou valla de 12 braças de comprido ao longo do

---

[1] V. *Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*, 1.ª serie, tomo V, parte II, pag. 77 e seg.

[2] V. vol. X, pag. 285, col. 1.ª n'este diccionario.

veio, è funda 15 palmos; estava porem abandonada, talvez porque n'esta altura a galeria de chumbo era em pouca quantidade, e se achava muito disseminada na ganga ou matriz quartzosa. Nos lados d'esta escavação achão-se ainda agora montinhos de pedaços de quartzo, que contem muitas particulas de galena e poderão ser aproveitadas no pizão ou engenho de pilar, que se deve construir.

«Como a lavra regular d'esta mina me pareceo facil e rendosa, ordenei que se aprofundasse um poço de pesquiza para melhor se examinar a naturesa e possança do veio, que corre de Sudoeste a Nordeste. Com effeito este se abriu quasi no fim da escavação antiga para o Sudoeste; e até á altura de 15 palmos mostrava *ter sido já bolido o terreno;* mas d'ahi para baixo appareceo o veio intacto, que consta de quartzo com galena em ninhos de palmo, e palmo e meio de diametro, alternando com camadas de grossura de dois palmos de huma ocra amarellada, que involve pedaços de chumbo verde cristallisado.

«Mais para baixo continua o veio com a grossura de quasi 3 palmos; e consta de ganga quartzosa alvadia com listras de quartzo branco e galena disseminada em massas pequenas e grandes, ás vezes já tão consideraveis, que pesa cada pedaço 3 arrobas.

«Estas massas ou rins de galena achão-se cobertas ordinariamente de hum oxydo de chumbo amarellado, que contem algum ferro. Ha toda a esperança que aprofundando-se mais e mais, este veio augmente de possança e de riquesa.

«A galeria é lamellosa, de láminas finas e cruzadas, cuja estructura a faz mais escura e menos brilhante que a galena ordinaria. Alguns ocos ou *drusas* d'esta galena são forrados de chumbo branco cristallisado, e ás vezes apparece em manchas chumbo negro.

«Pelo ensaio alguns pedaços de mineral do mineral bruto derão por cento, huns por outros, 45 até 50 de chumbo; mas este chumbo he mais pobre em prata que o das minas de Ventozello.

«Nas visinhanças d'esta mina e no circuito de meia legoa ha differentes arvoredos e matas, quaes são as de Passó, Villadalla, e a grande mata da Nogueira, que tem 4 legoas d'extensão.»

VILLAR DE SANCERIZ,—ou de *S. Ceriz* —ou de *S. Cyriaco*,—villa e freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Macedo do Matto*, concelho e districto de Bragança.

Suppomos que é a freguezia mencionada pelo meu benemerito antecessor sob o titulo *Ceriz* (*S.*) pois não temos hoje villa, freguezia nem simples aldeia com o nome de *Villar de Sanceriz*,—nome que lhe dá Franklim, bem como um foral de D. Diniz, datado de Bragança a 30 de dezembro de 1284,[1] —foral differente dos 2 que lhe deu o meu antecessor!...

V. *Ceriz* (*S.*)—e *Macedo do Matto.*

Aproveitando o ensejo accrescentaremos com relação a esta ultima freguezia o seguinte:

Conta hoje 120 fogos e 506 habitantes;—foi abbadia da apresentação do ordinario e esteve algum tempo annexa á de *Bagueixe*, ambas do concelho de *Izeda*, que foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, passando a 1.ª para o concelho de Bragança —e a 2.ª para o de Macedo de Cavalleiros.

—

A povoação de *Macedo* ou *Macedinho do Matto*, séde d'esta parochia, dista 8 kilometros da margem direita do Sabor para O.— e 25 de Bragança para S.

Comprehende mais esta freguezia as povoações de Frieira e S. Ceriz, ou Villar de S. Ceriz, que foram outr'ora villas, freguezias e sédes de concelhos proprios pertencentes á comarca de Miranda;—depois passaram para o concelho de Izeda comarca de Chacim até 1855, data em que foi extincto o concelho de Izeda, e passaram para o concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, mas, desde que foram extinctas e annexas á freguezia de *Macedo do Matto*, ficaram pertencendo ao concelho e comarca de Bragança.

Em 1840 a freguezia de S. Ceriz ou de *Villar de S. Ceriz* estava annexa á de Frieira.

---

[1] *Gaveta 15, Maço 3*, n.º 4.

Do exposto se vê que esta freguezia de Macedo do Matto, que *nunca foi villa nem concelho,* representa hoje 2 villas e 2 concelhos, contando apenas 120 fogos!...

Bellesas do districto de Bragança e que bem provam o que já dissemos d'elle nos artigos *Villar de Rei, Villa Verde de Mirandella, Villa Verde de Vinhaes* e *Villa Real de Traz-os-Montes.*

VILLAR SECCO,—freguezia do concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro, bispado de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Thiago;—fogos 71,—habitantes 309.

Em 1768 era da apresentação alternativa do ordinario da diocese de Miranda e do commendador maltez d'Algoso, ao qual pertencia só 4 mezes;—rendia 200$000 réis—e contava 75 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 65 fogos e 295 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 71 fogos e 309 habitantes.

É parochia muito antiga, mas uma das menos populosas d'este malfadado districto, pelo que já nem parocho proprio tem, mas um simples *encommendado.*

Para evitarmos repetições e novas lamentações, vejam-se os artigos *Villar de Rei, Villa Verde de Mirandella, Villa Verde de Vinhaes*—e *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1016 e 1017.

Em 1706 pertencia ao termo, concelho, comarca e diocese de Miranda e era abbadia da mitra.

Comprehende apenas a povoação de *Villar Secco,* disseminada por uma campina na extensão de tres kilometros, em sitio humido e frio, na margem esquerda da ribeira de Genisio, confluente da *Angueira,* bem como esta do rio Sabor.

Dista 11 kilometros de Miranda do Douro paro O.N.O.;—15 de Vimioso para E.S.E.;—40 de Bragança para S.S.E.;—70 de Mirandella, por onde faz caminho para o Porto;—120 da estação de Tua na linha ferrea do Douro, pela linha de Mirandella;—259 do Porto—e 596 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Caçarelhos, Genisio, Malhadas e S. Pedro da Silva.

Producções dominantes:—cereaes, batatas e lã, pois cria bastante gado lanigero, muar e bovino da excellente raça *mirandesa* pura, não sendo raro vender-se por 60 a 70 libras uma só junta dos dictos bois, creados n'esta parochia.

—

A egreja matriz é um bom templo. Tem campanario—e a pequena distancia demora o cemiterio.

Ha tambem n'esta freguezia 2 capellas:—uma de S. Sebastião,—outrá do Espirito Santo, com irmandade propria. Ambas são publicas e estão bem conservadas.

Banha esta parochia a ribeira de Genisio, na qual tem 4 moinhos de cereaes.

Ha n'esta freguezia uma casa nobre, que foi de Carlos de Macedo e Vasconcellos, capitão de milicias e coronel de voluntarios,—irmão de José Maria de Macedo e Vasconcellos, capitão de cavallaria,—e de Antonio de Macedo e Vasconcellos, major de cavallaria tambem.

Ha finalmente n'esta parochia uma fonte publica antiquissima, cuja construcção se attribue aos mouros.

É de granito.

Tambem esta freguezia não tem estrada alguma a macadam, mas só barrancos e precipicios coevos da dicta fonte, ou do tempo dos mouros.

Os abbades d'esta freguezia apresentavam outr'ora o parocho da de *Villa Chã da Ribeira,* (V.) hoje simples povoação da freguezia de Santa Marinha de Uva, n'este mesmo concelho.

Terminaremos dizendo que esta freguezia de *Villar Secco* era uma das que formavam o extincto concelho d'Algoso.

VILLAR SECCO,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho de Nellas, comarca de Mangualde, districto e diocese de Viseu, provincia da Beira Alta.

Orago—Nossa Senhora da Expectação;—fogos 260,—habitantes 1:096.

Curato.

Em 1768 era da apresentação do abbade de Santar;—pertencia ao concelho de Senhorim, comarca de Vizeu;—rendia para o cura 8$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 123 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 256 fogos e 1:031 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 270 fogos (cifra exagerada) e 1:072 habitantes.

Comprehende apenas a aldeia de *Villar Secco*, bonita e vistosa povoação com bons edificios e muito bem situada, formando uma espaçosa rua ao longo da estrada districtal a macadam n.º 44, de Viseu á villa de Ceia, que atravessou esta povoação de norte a sul, cortando na villa de Nellas a estrada real a macadam n.º 48, da Figueira a Mangualde, por Foz-Dão.

Dista 4 kilometros da estação de Nellas (a mais proxima) na linha da Beira Alta, para N.O.;—os mesmos 4 kilometros da villa de Nellas, pois a estação toca nas casas da villa;—10 de Mangualde para S.O. pela estrada real a macadam—e 13 pela linha ferrea;—71 da estação da Pampilhosa;—122 da Figueira;—177 do Porto—e 300 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Nellas, Moimenta, Senhorim, Lobelhe do Matto, Espinho, Alcafache, Santar e Carvalhal Redondo.

Producções dominantes:—vinho, milho, trigo, centeio, azeite, feijões, fructa variadissima e lan, pois tambem cria bastante gado lanigero.

O vinho, como vinho de pasto ou de mêsa, é de superior qualidade, bem como todo o da lindissima e fertil zona do valle do rio Dão, nomeadamente das freguezias de Santar, Nellas, Carvalhal Redondo e Senhorim, muito estimado em todo o nosso paiz e mesmo nos paizes estrangeiros, particularmente em França, para onde nos ultimos annos tem sido exportado em grande quantidade e *por bom preço*!...

Banha esta freguezia o ribeiro do *Corgo*, que a kilometro e meio de distancia desagua na ribeira de Santar, confluente do rio Dão.

Tem nos limites d'esta parochia uma ponte, 2 moinhos de cereaes e 1 d'azeite, mas trabalham sómente no inverno.

Templos:—a egreja parochial e 3 capellas particulares, achando-se uma interdicta e duas abertas ao culto.

Celebram-se na matriz as festas do Santissimo Sacramento, Senhora do Ó, no 3.º domingo d'agosto, Santa Luzia, S. Sebastião, Menino Jesus, S. Braz e Santo Antonio.

—

Edificios brasonados:

1.º—A casa que foi de Antonio Teixeira de Carvalho, de Viseu, hoje de sua filha D. Maria da Gloria Teixeira de Carvalho, casada em primeiras nupcias com o 1.º barão de Prime, da mesma cidade, e em segundas nupcias com José Porphirio de Campos Rebello, de Lisboa, feito *barão*, depois *visconde* e por ultimo *conde* de Prime.

V. *Prime*, vol. 7.º, pag. 673.

2.º—A casa que foi de Miguel Antonio Ponces de Carvalho, hoje de sua irmã D. Maria da Gloria de Mello e Lima.

3.º—A casa de Antonio d'Albuquerque e Brito da Silveira Labath, neto e successor do grande patriota Miguel Antonio Pereira Tenreiro d'Albuquerque. Foi capitão mór, coronel e inspector geral das milicias de Mangualde e por occasião da guerra da peninsula armou e equipou *á sua custa* uma companhia, com que bateu os francezes na *Ponte Palhez*, sobre o Mondego, no caminho de Mangualde para Gouveia, pelo que o general Bersford, commandante de um dos corpos do exercito anglo-luso, o elogiou em uma ordem do dia.

—

Ha n'esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Esta povoação data de tempos remotissimos, como provam differentes sepulturas que n'ella se teem encontrado, abertas na rocha, e que se attribuem á occupação arabe. Ainda hoje aqui se vêem 2 das mencionadas sepulturas.

Tambem esta povoação foi villa e algum tempo séde do extincto concelho de Senhorim, hoje substituido pelo de Nellas.

A casa da camara foi vendida—e o pelourinho foi derrubado para alinhamento e passagem da estrada districtal de Viseu a Ceia.

V. *Nellas, Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim.*

Segundo se lê no *Diccionario Geographico Manuscripto,*[1] que se guarda na Torre do Tombo, os alicerces das casas d'esta freguezia assentam sobre *marmore*, talvez na accepção de *granito*, que é a pedra dominante n'esta região.

Tambem o mesmo diccionario menciona as aldeias d'Algirão, Povoa de Luziannes, Carvalhal e Villa Ruiva como pertencentes n'aquella data a esta freguezia de *Villar Secco*, mas ha muito que nenhuma d'ellas lhe pertence.

—

Esta villa nunca teve foral proprio. Pelo menos Franklim não o menciona; mas era comprehendida nos foraes do extincto concelho de Senhorim, do qual fez parte e foi algum tempo inclusivamente a *séde*, como já dissemos.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Nellas, Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim*, onde se acham mencionados os dictos foraes.

Foi natural d'esta freguezia e aqui falleceu no dia 23 de novembro de 1874 o dr. Antonio Maria d'Albuquerque do Couto e Brito, juiz de direito aposentado com honras de desembargador. Serviu 6 annos em Viseu e foi um magistrado recto e digno.

No dia 8 d'agosto de 1884 um pobre jornaleiro d'esta freguezia, Joaquim Paes Loureiro, tendo uma espingarda na mão com a bocca do cano voltada para si, teve a infelicidade de disparal-a, ficando tão gravemente ferido que no dia seguinte morreu.

—

O *Santuario Marianno* (vol. 5.º pag. 411) diz com relação a esta parochia em resumo o seguinte:

A villa de *Villar Secco* fica no concelho de *Santar*, concelho tão antigo que el-rei D. Affonso Henriques lhe deu *foral velho* e D. Manuel lhe deu *foral novo.*

Nada mais diz a este respeito o auctor do *Santuario Marianno* e Franklin não menciona semelhantes foraes.

Tem *Villar Secco* uma só freguezia que, *haverá cem annos,*[1] foi erecta por um bispo de Vizeu sobre uma antiquissima capella de *Nossa Senhora da Expectação*, porque a sua velha matriz de Santar demorava a meia legua de distancia (bons 3 kilometros para N. N. O.) mettendo-se de permeio um rio de difficil passagem no inverno.

A dicta capella estava em sitio alto, alegre e vistoso a menos de um tiro de espingarda da povoação;—tinha como orago a mesma Senhora;—media de comprimento 90 palmos e de largura 27;—tinha capella-mór com seu retabulo e no meio d'elle, em um nicho, a imagem da Senhora,—mais 2 altares lateraes no corpo da capella.

—

A dicta imagem representava a Virgem sentada, tendo o Menino Jesus nos braços; —era de pedra, mas boa esculptura—e na posição em que se achava media 3 palmos de altura.

Tinha n'aquelle tempo (1716) uma irmandade e uma confraria proprias, que festejavam a padroeira em dias differentes:—a irmandade no primeiro domingo depois da Assumpção;—a confraria em 18 de dezembro, dia da *Expectação de Nossa Senhora.*

A primeira festividade tinha como parte integrante uma procissão que percorria o povoado, acompanhando-a muitos devotos com grande numero de *fogaças* de pão cosido e em grão.

—

A irmandade foi erecta approximadamente em 1660 e os seus estatutos foram confirmados pelo dr. João d'Almeida Loureiro, provisor *sede vacante*, em 1665. Tem muitas indulgencias concedidas pelo papa Alexandre VII.

O parocho d'esta freguezia era n'aquelle tempo (1716) apresentado pelo abbade de

---

[1] Collecção dos relatorios enviados ao governo pelos parochos em 1758.

[1] Approximadamente em 1616, pois aquelle vol. do *Santuario Marianno* foi publicado em 1716.

Santar e corriam por conta d'este e dos padres de S. Jeronymo do convento de Coimbra as despezas da fabrica, dando o abbade um terço e dois terços os dictos padres, porque estes recebiam duas partes dos dizimos d'esta freguezia e da de Santar, emquanto que o abbade recebia apenas uma.

—

O *Sant. Marianno* accrescenta ainda:

«He tradição constante que o logar de *Senhorim* fôra antigamente Villa (o que parece se confirma com lhe chamarem ainda hoje—1716—o *Lugar da Villa*) e que d'este Lugar se mudára a Cadêa, e o Pelourinho para o Lugar de *Villar Secco*, aonde ainda hoje (1716) está: e que isto fizerão os Fidalgos da Casa de Santar, D. Luis da Cunha e D. Pedro da Cunha. E seria porque em Villar Secco terião casas, seria melhor sitio, e haveria mayor povoação, e assim para a honrarem mais, disporião esta mudança. E sem duvida por esta causa (se é que a mudança se não fez depois de ser levantado o Lugar á dignidade de *Villa*) os Prelados de Vizeu farião a erecção da nova parochia.»

V. *Senhorim* e *Villa Ruiva de Senhorim*, vol. XI, pag. 1055, col. 2.ª

VILLAR SECCO DA LOMBA,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Julião;—fogos 114,—habitantes 518.

Em 1706 era villa, abbadia e séde do concelho do seu nome, comarca e bispado de Miranda,—sendo seus senhores os condes de Athouguia, mas a apresentação d'esta egreja era do ordinario;—rendia 200$000 réis—e contava 60 fogos,—não comprehendendo talvez, como hoje comprehende, a povoação de Passos.

Em 1768 era da apresentação alternativa do papa e do bispo de Miranda;—rendia 400$000 réis—e contava 35 fogos,—segundo se lê no *Port. S. e Prof.*

O censo de 1864 deu-lhe 101 fogos e 460 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 112 fogos e 507 habitantes:

A povoação de *Villar Secco da Lomba*, demora na raia, em sitio quasi plano entre os dois grandes rios *Mente* e *Rabaçal*, que unidos formam o Tua. Dista da margem esquerda do 1.º 2 kilometros para E.;—3 da margem direita do 2.º para O.—e 30 de Vinhaes para O.N.O.

—

Alem da povoação de *Villar Secco da Lomba*, séde da parochia, comprehende apenas a de Passos ou Paços, freguezia extincta.

Tem hoje annexa civilmente a freguezia de Gestosa, que em 1840 lhe estava annexa para todas os effeitos e pertenciam então ambas ao concelho de Santalha, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, em virtude do qual passaram para o de Vinhaes.

A matriz d'esta parochia é um templo decente, de uma só nave e sem coisa alguma notavel. O parocho tem uma boa casa de residencia e passal.—165 mil réis de congrua e as *offertas*, que consistem no seguinte:—um alqueire de pão de cada fogo.

Tem a povoação de *Paços* uma capella publica, dedicada a Santo Antonio.

O chão d'esta parochia é fertil e produz bastantes cereaes, batatas, castanhas, legumes, hervagens e lã, pois cria gado de todas as especies.

Tambem produziu excellente vinho de mesa em quantidade, antes da invasão phylloxerica anniquilar, como anniquilou completamente os seus vinhedos e a maior parte dos d'esta provincia, tendo n'esta data manchados e seriamente ameaçados todos os restantes do nosso paiz.

Tambem esta freguezia é mimosa de peixe do rio *Monte* e de caça grossa e miuda:—perdizes, coelhos, lobos e raposas.

—

Esta villa e este concelho de *Villar Secco da Lomba* tiveram foral *velho*, dado por D. Diniz, e foral *novo*, dado por el-rei D. Manuel, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, mas Franklim não os mencionou, porque talvez não existam na Torre do Tombo.

Em 1706 comprehendia este concelho as freguezias seguintes:

Villar Secco da Lomba (a séde)—Quiraz,—Villarinho, já então curato annexo e hoje

simples povoação da freguezia de Quiraz,—Pinheiro Novo, Gestosa, S. Romão de Edral, S. Jomil, hoje parochia independente e então curato annexo á freguezia de Edral, bem como o curato de Frades, hoje simples aldeia da mesma freguezia de S. Romão de Edral.

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, venerando ancião de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAR DE SEROIA,—ou simplesmente *Seroia*, ou *Seroa*, e tambem *Poupa*—freguezia do concelho de Paços de Ferreira, comarca de Lousada, districto e diocese do Porto.

Orago S. Mamede,—fogos 140,—habitantes 600.

Ao que o meu benemerito antecessor disse d'esta parochia no artigo *Serôa* (Vide) accrescentaremos o seguinte:

Em 1623, segundo se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto*, era denominada *S. Mamede de Soroja*,—pertencia á camarca ecclesiastica de Penafiel,—contava 160 habitantes,—e estava annexa á freguezia de Penamaior.

Em 1706 era um simples curato da apresentação do reitor de S. Martinho de Frazão, a cuja reitoria estava annexa;—pertencia á *Honra de Frazão*, concelho de Refoios de Riba d'Ave, comarca e diocese do Porto,—e contava 60 fogos.

Em 1729, segundo se lê na *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tomo 2.º, escripto n'aquella data (V. pag. 116) e publicado em 1736, contava 242 habitantes.

Em 1857, segundo se lê no *Almanach Ecclesiastico do bispado do Porto*, pertencia ao 5.º districto da comarca ecclesiastica de Penafiel;—contava 140 fogos e 536 almas;—era seu cura-parocho, não collado, Raymundo José Coelho de Carvalho, prégador,—e tinha elle de congrua 104$800 réis, sendo 41$600 de pé d'altar, benesses, etc.,—e réis 63$200 de derrama em dinheiro.

O censo de 1864 deu-lhe 115 fogos e 461 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 126 fogos e 446 habitantes.

Não tem passal nem residencia.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Outeiro*, séde da parochia,—S. Mamede, *Villar*, Poupa, Paço, Costa, Souto, Gandarinha, Campo Meão, Pousada, Bouça, Mônha, S. Simão e Arroteia.

Demora o logar do *Outeiro* 1 kilometro a N.O. da estrada de Paços de Ferreira para Vallongo, junto de um monte onde se vê uma pyramide geodesica na altitude de 374 metros sobre o nivel do mar.

Dista de Paços de Ferreira 7 kilometros para S.O.;—10 da estação de Vallongo na linha do Douro, para N.E.;—26 do Porto—e 363 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Alfena, Agrella, Rebordosa, Arreigada e Frasão.

Producções dominantes:—cereaes e vinho verde, ou *de enforcado*.

—

Antes de se desenvolver no nosso paiz a viação a macadam e accelerada, havia n'esta parochia e nas circumvisinhas muitos almocreves, nomeadamente na povoação da *Poupa*, os quaes percorriam Portugal todo, sendo conhecidos por *almocreves da Poupa*, pelo que esta e outras freguezias do concelho de Paços de Ferreira tiveram a denomição commum de *Poupa*, devida aos seus almocreves, muitos dos quaes fizeram boas fortunas [1].

Tambem na dicta povoação houve uma estalagem muito conhecida e que hoje é uma simples habitação particular.

Abundam tambem hoje ainda n'esta parochia individuos que se empregam na conducção de fazendas e mercadorias em carros tirados por bois, entre o Porto e o concelho de Paços de Ferreira.

—

Ha n'esta freguezia, junto da aldeia da *Poupa*, uma capella notavel, dedicada ao Senhor do Calvario e muito antiga.

Principiou por um simples cruzeiro de granito, exposto ao ar livre, tendo em um dos lados a imagem do Redemptor, muito grosseiramente esculpida; tornando-se, po-

---

[1] Tambem nas villas de Tavora e Foscôa, no Alto Douro, e em outras muitas povoações do nosso paiz, houve almocreves notaveis. Nós ainda conhecemos alguns.

rem, alvo de grande devoção, cobriram o cruzeiro e a dicta imagem com uma cupula de pedra, firme sobre quatro arcos. Augmentando a devoção e as esmolas dos fieis, taparam tres dos dictos arcos, ficando o ultimo servindo de arco cruzeiro,—e construiram em seguida a elle uma linda capella muito alta, com 12 metros talvez de comprimento, côro, pulpito, um portico elegante muito ornamentado e sacristia espaçosa, com bancadas de pedra ao longo das paredes interiormente, boas alfaias, etc.

Foi o padroeiro pomposamente festejado muitos annos com grande romagem, havendo por essa occasião avultadas offertas de dinheiro, cordões e outros objectos d'ouro —e juntas de bois. Com a decadencia da almocrevaria, decahiram as dictas festas e romagens, mas ainda hoje è grande a devoção com o Senhor do Calvario e tem festa annual, feita d'um modo curioso:

O juiz, a seu arbitrio, convida os padres, o pregador, a musica, etc. Feita a funcção por conta d'elle, compra uma boa porção de regueifas e de vinho;—leva tudo para uma casa *ad hoc*, denominada *casa da confraria*, junto da egreja;—convida todos os homens da parochia—e ali, ao som da musica, devoram as regueifas todas, por vezes mais de 60, — esvasiam o pipo,—e depois todos os convivas ou mordomos dão muito espontaneamente ao juiz da festa, tanto como elle deu quando mordomo:—1$000 réis e por vezes mais, cada um;—nomeiam logo ali novo juiz—e assim se faz a festa todos os annos!

É uma contribuição original e espontanea que pesa sobre esta freguezia desde tempos muito remotos e que todos os parochianos pagam com *muita satisfação*.

VILLAR DO TELHADO,—freguezia antiquissima, que outr'ora existiu no *Campo de Coimbra*.

V. *Telhado*, o 4.º, vol. IX, pag. 528, columna 2.ª

VILLAR THOMÉ.—Assim se denominava outr'ora uma povoação, que suppomos ser a hodierna *Villar Torpim*, pois estava, como está esta, entre a freguezia de *Reigada*, concelho d'Almeida, e a de *Vermiosa*, concelho de Figueira de Castello Rodrigo.

Da dicta aldeia ou freguezia de *Villar Thomé* ou de *Pedro Thomé*, se acha noticia na doação que na era de 1228 (anno 1190) fez aos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra Affonso IX, rei de Leão, quando ainda o *Cima-Côa* era leonez.

V. *Hist. de Portug.* por Alexandre Herculano, vol. 2.º pag. 430,—e a *Chronica dos Conegos Regrantes* por Fr. Nicolau de Santa Maria, pàrte 2.ª pag. 169, onde se encontra a mencionada doação na sua integra.

A doação das dictas terras e d'outras que os mencionados conegos possuiam em *Villar Thomé* foi confirmada por D. Fernando, filho de D. Affonso IX, em 1237 de Christo; depois os cruzios de Coimbra as cederam aos de Cidade Rodrigo, exceptuando as terras de *Fatima*, na freguezia de Val de Coelha, pelo que esta parochia ficou sendo apresentada pelos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, depois que o Cima-Côa passou para o dominio portuguez.

V. *Villar d'Amargo*, *Villar Formoso*—e *Villar Torpim*.

VILLAR DO TORNO,—freguezia do concelho e comarca de Lousada, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Orago Santa Marinha;—fogos 106,—habitantes 450.

Abbadia.

Em 1706 era da apresentação do ordinario;—rendia para o abbade 160$000 réis e 50$000 réis para os padres da Companhia de Jesus, do collegio de Braga, que tinham a terça do rendimento;—pertencia ao couto de Travanca, no extincto concelho de Santa Cruz de Riba-Tamega, comarca de Guimarães,—e contava 70 fogos.

Tambem pertenceu ao extincto concelho de Unhão, comarca de Penafiel.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu abbade 200$000 réis—e contava 71 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 78 fogos e 323 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 104 fogos e 348 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—Asenha, Agros, Barral de Cima, Barral de Baixo, Barreiros, Boucinhas, Castanheira, Bom Viver, Casal, Casaes, Covanco, Cima (Cimo)

de Villa, Egreja, Devesa, Forno, Eido, Fonte de Cima, Fonte de Baixo, Outeiro, Mercê, Portella, Roças, Villar, Taverna, Trovoada,—e as quintas de *Cima de Villa*. pertencente a D. Joaquina Emilia Pereira de Queiroz,—*Eido*, pertencente a José Maria Rodrigues de Carvalho,—*Casaes*, pertencente a José Moreira Mendes,—e *Villar*, de Julio Augusto de Castro Feijó.

—

Freguezias limitrophes:—Travanca a E.; Cahide de Rei a S.;—Alentem a O.—e S. Pedro Fins do Torno a N.

Producções dominantes: — milho, vinho verde (*rascante* ou de *enforcado*) trigo, centeio, batatas, feijões, linho, fructa, hervagens, hortaliça e algum azeite.

Tambem engorda bois, que manda para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha muito decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

Em compensação nunca vendeu tão bem o seu *rascante*.

V. *Villa Verde*, villa e séde do concelho.

Demora esta freguezia na margem esquerda do Sousa, do qual a egreja matriz distará 1 kilometro;—3 da estação de Cahide (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—7 de Lousada para S.E.;—11 de Penafiel;—50 do Porto pela estação de Cahide—e 387 de Lisboa.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce junto da *Torre de Villar*,—atravessa a freguezia d'Alentem—e desagua no rio Sousa, dentro da soberba quinta d'Alentem, da qual adeante fallaremos.

Rega e move um moinho—e terá 1 kilometro de curso.

A egreja parochial tem altar-mór e 2 lateraes,—está bem conservada—e é antiquissima a sua capella-mór. O corpo da egreja foi reconstruido ha poucos annos.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella particular, pertencente ao sr. Julio Augusto de Castro Feijó, dono da quinta de Villar.

—

No artigo *viação* esta parochia e este concelho contrastam com as parochias e concelhos do malfadado districto de Bragança.

Tanto este concelho de Lousada, como os seus limitrophes—Penafiel, Paredes e Paços de Ferreira—estão cortados em todas as direcções por magnificas estradas a macadam e pela linha ferrea do Douro, emquanto que no districto de Bragança ainda hoje (*credite posteri!*) não se vê *um kilometro* de estradas a macadam em muitos dos seus concelhos, —taes são Vimioso, Mogadouro, Alfandega da Fé e Freixo d'Espada á Cinta;—o de Miranda tem apenas uma leve amostra de 2 a 3 kilometros—e o de Moncorvo apenas 5 a 6 kilometros na estrada para Villa Flor e Mirandella!...

E que melhoramentos póde esperar um districto que *não tem um jornal unico!*...

Desculpem-nos a digressão e fallemos d'esta freguezia de *Villar do Torno*.

Passa-lhe ao nascente a estrada real a macadam do Porto á Regoa por Penafiel e Amarante;—ao norte a municipal de Lousada á Senhora Apparecida—e a sul e sudoeste a linha ferrea do Douro e a estrada districtal de Felgueiras á estação de Cahide, na mencionada linha ferrea.

—

Ha tambem n'esta parochia muita nobresa, ricos proprietarios e bons edificios, taes são:

1.º—*A Casa de Villar*.

É brazonada e a melhor d'esta freguezia, posto que ainda não está completa. Foi de José Maria de Sousa Pereira—e é hoje de Julio Augusto de Castro Feijó.

2.º—*A casa de Cimo de Villa*.

É brasonada tambem;—foi de Joaquim Januario Teixeira da Silva Queiroz—e pertence actualmente á sr.ª D. Joaquina Emilia Pereira de Queiroz.

3.º—*Casaes*, de José Moreira Mendes.

4.º—*Eido*, de José Maria Rodrigues de Carvalho.

5.º—*Bom Viver*, de Antonio Pinto Ferreira de Magalhães.

6.º—*Fonte de Cima*, da sr.ª D. Maria Julia Pereira de Queiroz.

7.º—*Trovoada*, de João Carlos d'Arrochella.

8.º—*Casa do Torno*, pertencente a José de Sousa Guedes.

Não ha feiras n'esta parochia, mas tem a da *Senhora Apparecida* a distancia de 1 ki-

lometro apenas, na freguezia de S. Pedro Fins do Torno.

Avultam n'esta parochia de Villar 3 montes:—*Casaes* e *Trovoada* a E.—e *Castilhô* a N. Parece que est'ultimo teve outr'ora algum castello ou atalaia, como revela o seu nome de *Castilhô, castrello* ou pequeno castello; mas hoje a unica velharia d'esta parochia e que revela a sua remotissima occupação, é a

Torre dos Mouros

Ergue-se no outeiro assim denominado, junto da povoação da *Senhora Apparecida;* —está entre os dois valles da *Portella* e do *Torno;*—dizem ser obra dos mouros;—tem 18m,0 d'altura e 9m,5 de largo,—um pequeno portico,—5 andares, com bonitas salas, que recebem luz de seteiras esguias, abertas nas 4 faces,—e termina em um eirado com varanda de pedra e esplendidas vistas.

Pertenceu á quinta da *Fonte de Baixo*, que foi com outras muitas propriedades dada em dote á sr.ª D. Maria de Jesus de Castro Caldas Pereira, em outubro de 1851, quando casou com José Joaquim da Motta, da casa de *Ferreirós*, freguezia d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto. Falleceu elle em 1880 deixando muitas dividas, pelo que a viuva, para salvar a grande casa de Ferreirós, vendeu a mencionada quinta da Fonte. Por essa occasião (1881) o sr. visconde d'Alentem comprou a dicta torre com o terreno adjacente e (honra lhe seja!) mandou-a restaurar e a transformou em um minarete lindissimo, sem lhe alterar as feições, pelo que hoje se acha muito bem conservada.

Quando s. ex.ª a comprou, tinha sómente as paredes denegridas.

Ha tambem n'esta freguezia um serro denominado *Eira dos Mouros*—e na parochia d'Alentem, visinha e sua annexa, ha tambem uma velharia muito interessante, denominada *Lagar dos Mouros*, o que tudo prova que os mouros tiveram demorada residencia n'estes sitios.

Tem finalmente esta parochia 2 aulas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos.

Clima temperado e saudavel.

Tudo o que deixamos exposto refere-se á freguezia de *Villar de Torno;*—fallemos agora da freguezia de *Alentem*, sua limitrophe e annexa, apenas indicada pelo meu antecessor no artigo proprio.

Alentem

Ao que o meu benemerito antecessor disse d'esta parochia no vol. 1.º pag. 111, accrescentaremos o seguinte:

Pertence tambem ao concelho e comarca de Lousada, *districto do Porto* e por consequencia á provincia do *Douro*, não á do Minho,—e, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencem ambas, e todas as d'este concelho, ao bispado do Porto tambem.

Anteriormente eram da diocese de Braga, que pela dicta circumscripção perdeu estas e outras muitas egrejas em favor dos bispados do Porto, de Bragança e de Lamego.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927, col. 2.ª

Conta hoje esta parochia de *Alentem* 72 fogos e 293 habitantes.

Em 1706 era vigairaria do convento de Caramos;—pertencia ao concelho de Unhão, comarca de Guimarães;—tinha o nome de *Santa Maria d'Arentey* [1]—e contava vinte e tres fogos.

Em 1757 era da mesma apresentação dos conegos regrantes do mosteiro de Caramos; —rendia para o seu vigario 23$000 rs., alem do pé d'altar—e contava 21 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 283 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 69 fogos e 247 habitantes.

—

É e foi sempre vigairaria—e tem como orago *S. Mamede.*

Pertenceu, como já dissemos, ao extincto concelho de Unhão, comarca de Guimarães; —depois passou para a comarca de Penafiel e correição de Barcellos—e por ultimo para o concelho e comarca de Lousada.

Em 1834 foi annexada á freguezia de *Villar do Torno;*—cobrou depois a sua autono-

[1] *Chorographia Port.* vol. 1.º pag. 128,— e *Chorogr. Mod.* vol. 2.º pag. 677.

mia, mas, passado pouco tempo, volveu a ser annexa de *Villar de Torno*, como é presentemente.

A egreja parochial é pequena e muito antiga, exceptuando a capella-mór, que foi reformada nos fins do ultimo seculo por D. Chrystovam d'Almeida Soares, bispo de Pinhel, do qual adeante fallaremos.

Demora em um pequeno valle, junto da serra da Cumieira e da margem esquerda do Sousa.

Dista 2 kilometros da estação de Cahide, a mais proxima, na linha ferrea do Douro; —6 de Lousada para S.E.;—49 do Porto pela estação de Cahide—e 386 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Villar de Torno, Cahide, Macieira, Avelleda, Cernadello e S. Pedro Fins do Torno.

Comprehende as aldeias seguintes: — S. Mamede, Agros, Herdade, Outeiro, Grades, Ruivós, Penão de Baixo, Penão de Cima, Bouça Negra, Pereiros, Soutello, Formigal, Souto, Cruzeiro e varias quintas, avultando entre ellas a

Quinta e casa d'Alentem

Pertence esta formosa e magestosa vivenda ao sr. visconde d'Alentem, Antonio Barreto d'Almeida Soares de Lencastre, bacharel formado em direito e um dos maiores proprietarios d'este concelho.

Nasceu n'esta freguezia, na sua grande casa d'Alentem, no dia 14 de junho de 1835; formou-se em 1857 e foi eleito deputado ás cortes em 13 de março de 1870, 9 de junho de 1871, 21 d'agosto de 1881 e 12 de junho de 1884.

É um cavalheiro estimabilissimo, e de grande influencia eleitoral no seu concelho, procurador á junta geral do districto, F. C. C. R. por herança de seus maiores e 1.º visconde d'Alentem por alvará de 26 de novembro de 1873. Vive no seu palacio d'Alentem e casou com sua prima D. Carolina Candida Pinto Malheiro, da nobre casa da *Costilha* em Santo André de *Chrystellos*, n'este mesmo concelho de Lousada.

Tem um filho e uma filha ainda solteiros —e uma outra filha já casada.

Entre os seus nobres ascendentes avulta D. Chrystovam d'Almeida Soares, 1.º bispo de Pinhel, onde falleceu, tendo nascido na sua casa d'Alentem.

V. *Pinhel*, vol. 7.º pag. 62, col. 2.ª

O palacio d'Alentem é absolutamente a primeira casa d'esta freguezia e d'este concelho. Foi principiado pelo mencionado bispo de Pinhel e reedificado e concluido pelo actual sr. visconde;—tem uma fachada com 32 metros de comprimento,—20 de fundo e 22 grandes janellas na frente—grandes salas, —muitos quartos—e 30 a 40 camas *sempre feitas* para os hospedes, pois é a *maior hospedaria* d'este concelho e dos circumvisinhos!... É brasonado e tem uma linda capella muito antiga com uma inscripção gravada em lettras d'ouro n'uma grande pedra, —inscripção muito extensa e que menciona os breves pontificios que lhe concederam varios privilegios e indulgencias em favor da familia d'Alentem *in perpetuum*, bem como auctorisação para ter sacrario e Santissimo permanente.

A cerca d'este palacio é uma grande quinta muito mimosa e fertil, que tem kilometros de circumferencia e produz milho, vinho, trigo, centeio, linho, hervagens, hortaliça e grande variedade e quantidade de fructa. Tem um ramal de estrada a macadam que a liga directamente á estação de Cahide,—e tocam em differentes pontos d'esta grande quinta—a estrada real do Porto á Regoa por Penafiel e Amarante,—a districtal de Cahide a Felgueiras—e a municipal de Lousada por Soutello á *Senhora Apparecida*, a entroncar na estrada real supra.

—

Banham esta parochia e a grande quinta d'Alentem o ribeiro que nasce na freguezia de Villar de Torno e desagua no Sousa,— bem como este rio, que limita a N. e O. esta freguezia e a mencionada quinta e tem aqui, no sitio da *Amieira*, uma ponte, denominada *ponte da Amieira*, reconstruida pela camara quando fez a estrada municipal de Lousada á Senhora Apparecida.

Em uma parte da grande quinta d'Alentem está hoje montada a quinta districtal, com officinas proprias, por arrendamento,

—e n'essa parte tem a grande quinta duas casas com 12 rodas de moinhos, movidos pela agua do Sousa, que move tambem mais 6 rodas na quinta de Ruivos, dentro d'esta freguezia.

Está na grande quinta d'Alentem, na parte hoje occupada pela quinta districtal, o celebre *lagar dos mouros*, cavado a picão na rocha e comprehendendo um lagar com sua dorna ou lagareta,—construcção antiquissima, geralmente attribuida aos mouros.

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino, montada em casa propria, feita em 1885 na aldeia de Soutello, junto da estrada municipal de Lousada á Senhora Apparecida.

—

Alem da egreja parochial e da capella da casa d'Alentem, ha n'esta freguezia outra capella, dedicada a Santa Philomena e mandada construir ha poucos annos pelo actual sr. visconde d'Alentem no monte do *Penedo da Saudade*, um dos sitios mais pittorescos d'esta freguezia.

Na egreja parochial se fazem com pompa todos os annos os officios de quinta feira santa pela confraria do Santissimo, em cumprimento d'um legado que lhe deixou D. Chrystovam d'Almeida Soares, bispo de Pinhel.

VILLAR TORPIM,—freguezia do concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Reitoria. Orago Nossa Senhora dos Prazeres;—fogos 250—habitantes 1:130.

Em 1708 era vigairaria da apresentação do bispo de Lamego e commenda da ordem de Christo;—pertencia ao termo e concelho de Castello Rodrigo, corregedoria de Pinhel, provedoria de Lamego,—e contava 210 fogos.

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação,—rendia para o seu parocho 10$000 réis—e contava 183 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano.*

A *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta nos fins do ultimo seculo por D. Joaquim d'Azevedo, abbade resignatario de Sedavim, deu-lhe 210 fogos e 632 habitantes.

O censo de 1864 deu-lhe 227 fogos e 895 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 235 fogos e 917 habitantes.

Esta parochia é formada unicamente pela povoação de *Villar Torpim*,—povoação muito antiga, bem arruada, com uma boa egreja e alguns edificios notaveis, pelo que nos custa a crer que nunca fosse villa nem tivesse foral! Pelo menos Franklin não o menciona nem nós encontramos noticia d'elle em parte alguma.

—

Demora na antiga estrada d'Almeida para Castello Rodrigo e deve passar aqui, ou muito perto, a estrada districtal a macadam em via de construcção d'Almeida para a barca e estação do Pocinho na margem esquerda do Douro, por Villa Nova de Foscôa.

Não tem quintas nem herdades habitadas e dista 7 kilometros de Castello Rodrigo para S.—bem como da margem esquerda da ribeira d'Aguiar, para O.—e da margem direita do Côa, para E.N.E.;—9 de Figueira de Castello Rodrigo para S.;—20 da estação da Barca d'Alva, na linha do Douro, prestes a abrir-se á circulação;—25 da estação de Pinhel, na linha da Beira Alta;—48 da Guarda;—221 do Porto, pela estação da Barca d'Alva;—392 de Lisboa pela linha da Beira Alta—e 558 pela do Douro.

Freguezias limitrophes:—Castello Rodrigo a N.;—Reigada a S.;—Vermiosa a E.—e Colmeal a O. e O.N.O.

Producções dominantes:—trigo, centeio, azeite, excellente vinho de mesa, lã e queijo, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem abunda em caça—perdizes, coelhos e lebres,—betardas, que ninguem come,—e cegonhas, que ninguem mata, porque, longe de prejudicarem a lavoura, prestam-lhe grandes serviços, sustentando-se quasi exclusivamente de reptis.

As cegonhas e betardas encontram-se n'esta provincia e nas do Alemtejo e do Algarve. Não nos recordamos de as ver nas outras nossas provincias. Costumam as cegonhas fazer o ninho e a creação no alto das torres.

Tambem por estes sitios ha muitas poupas e pegas.

Costumam aqui matar as betardas d'um modo curioso:

Formam um pequeno quadrado com 4 cancellas dos curraes do gado lanigero e, quando morre algum cabrito ou cordeiro, lançam-n'o dentro do quadrado. As betardas, que são carnivoras e teem vista de lince, cahem de chofre sobre o cordeiro ou cabrito, mas, não podendo levantar o vôo sem darem uma corrida d'alguns metros, apenas os pastores as vêem no pequeno recinto, approximam-se e matam-nas a pau, porque ellas, tentando fugir, batem nas cancellas e não podem erguer o vôo.

—

A egreja matriz é um templo rico e vasto, com preciosas decorações de talha antiga dourada,—altar-mór e 4 lateraes,—e boas pinturas a oleo em parte do tecto da capella mór, sendo de madeira lisa a parte restante.

Tambem esta povoação teve 3 capellas publicas, S. Pedro, Santo Christo e S. Miguel—mas foram demolidas. Hoje tem sómente duas particulares, em bom estado de conservação—e outras duas publicas,—*S. Sebastião*, restaurada em 1885—e *Santo Antonio*, em via de restauração no momento.

Das 2 capellas particulares—uma, denominada do *Morgado*, é contigua á egreja matriz,—tem communicação com ella—e um mauzoleu em que repousa um guerreiro, de appellido *Aguilar*, segundo se lê na inscripção esculpida junto da figura do tal heróe, que o representa em corpo inteiro, armado e deitado sobre o mauzoleu.

A outra capella tinha como orago *Santo Antão* e pertenceu á sr.ª D. Josepha Marianna de Campos e Almeida, que a comprou e n'ella erigiu sumptuoso mauzoleu ao seu marido José Alexandre de Campos, cujos restos mortaes em 1852 para ali foram trasladados da sepultura em que jazia no adro da egreja matriz, onde ao tempo se faziam e ainda hoje (1886) se fazem os enterramentos, por falta de cemiterio parochial.

O dicto sr. dr. José Alexandre de Campos falleceu aqui em 21 de novembro de 1850.

V. *Sabugal* e *Pinhel*.

Fazem-se aqui differentes festividades e duas romarias, em cumprimento de antigos votos:—uma vae á freguezia de *Cinco Villas*, distante 5 kilometros, na quarta feira da primeira semana de Paschoa,—a outra vae á *Senhora de Monforte*, freguezia do *Colmeal*, na segunda feira da Paschoela.

Ha hoje aqui feira mensal. Foi creada em outubro de 1884 e inaugurada em 13 de janeiro de 1885.

Entre os edificios particulares d'esta povoação avulta, pelas suas dimensões, antiguidade e architectura, o palacete que foi da nobre familia *Saraivas*, da quinta do Ferro [1] e diz a tradição que foi construido por um dos seus ascendentes, *rico homem* de pendão e caldeira, emblemas que ainda hoje se vêem no brasão que tem sobre o seu portico luxuoso e muito ornamentado.

O dicto palacete é de architectura *composita*,—está bem conservado ainda—e foi feito, não sabemos quando, por Sebastião Saraiva, ascendente dos *Saraivas* da nobre casa e quinta de *Ferro*, na freguezia de *Rio de Mel*, hoje pertencente á sr.ª D. Maria do Carmo Saraiva, viuva e com filhos, irmã e herdeira do ultimo morgado Antonio Saraiva, fallecido ha annos.

Na 1.ª metade d'este seculo D. Maria Antonia Saraiva, contando 40 a 50 annos de idade e vivendo na quinta do *Ferro* com seu irmão Caetano Saraiva, morgado e senhor da casa n'aquelle tempo, casou com o dr. José Pinto, da Leziria, e como pertencesse á dicta senhora o casal de Villar Torpim, foram para ali viver e habitaram alguns annos o magestoso palacete. Fallecendo a dicta senhora sem successão e sem testamento, passou o palacete para o morgado da quinta do *Ferro*, Antonio Saraiva, que o vendeu a Jacyntho Saraiva, das Freixedas, com o qual não tinha parentesco algum;—e Jacyntho Saraiva, fallecendo solteiro e sem successão, deixou-o ao seu sobrinho dr. Aurelio Quirino Saraiva Pacheco, actual possuidor do venerando palacete.

---

[1] V. *Rio de Mel*, freguezia do concelho de Trancoso, n'este diccionario e no supplemento, onde fallaremos da grande quinta e do *grande roubo* que n'ella se fez, pouco depois de 1834.

—

Esta povoação nunca foi murada nem acastellada, mas no tempo da guerra dos 27 annos, ou *da restauração*, algumas obras de defesa se fizeram em volta da sua egreja matriz, como em volta da de Escalhão e de todas ou quasi todas as da raia.

Das dictas obras de defesa hoje apenas se conserva a tradição e o nome de *reducto*.

Ha n'esta povoação um bom largo com bons edificios e ruas amplas soffrivelmente alinhadas, mas ainda calcetadas pelo antigo systema.

Banham esta freguezia 2 ribeiros;—um nasce no termo da Reigada,—outro no de Castello Rodrigo, e juntam-se a 1 kilometro de Villar Torpim, formando a ribeira do *Avelar*, que desagua no Côa.

O 1.º move n'esta freguezia 2 moinhos de cereaes e 1 de azeitona.

—

Esta parochia, por ser quasi fronteiriça e estar entre as praças d'Almeida, ao sul, e Castello Rodrigo, ao norte, soffreu muito durante as guerras entre Portugal e Hespanha e ultimamente na guerra da peninsula. Ainda em 1844, quando o general conde do Bomfim, depois da revolução de Torres Vedras, se apoderou da praça d'Almeida e o nosso exercito a sitiou, esteve aqui em Villar Torpim o hospital militar dos sitiantes no magestoso palacete dos Saraivas.

V. *Almeida* e *Villar Maior*.

Ha n'esta freguezia uma philarmonica ou banda marcial de curiosos, desde 1873.

Pessoas notaveis

Poderiamos alongar muito a lista das pessoas notaveis, filhas d'esta parochia, se a vizitassemos e folheassemos as genealogias das suas casas nobres, nomeadamente a do venerando palacete que foi dos *Saraivas*, mas, para não nos fatigarmos nem fatigar os leitores, mencionaremos apenas as pessoas seguintes:

1.ª—*Barão de Villar Torpim*, Francisco José Pereira.

Foi cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz, condecorado com a cruz da campanha da guerra peninsular, com a medalha de commando na batalha de Orthez, e por S. M. Cath. com a de Albuera,—governador das armas do Porto, general do exercito, etc.

Nasceu n'esta freguezia a 12 d'outubro de 1783 e casou em 15 de janeiro de 1804 com D. Maria José de Sá Pereira, filha de Antonio Domingos de Sá, tenente coronel de infanteria, e de D. Rosa Marinha d'Andrade.

Alem d'outros filhos, tiveram—D. Marianna Amalia e D. Anna Candida.

A 1.ª nasceu em 1808 e ainda ha poucos annos vivia na praça d'Almeida, sendo já viuva do marechal de campo Joaquim Antonio de Abreu Castello Branco, do qual teve filhos;—a 2.ª nasceu em 1805 e casou com Jeronymo de Gouveia Sarmento, capitão de infanteria, natural de Moimenta da Beira, que, tendo seguido o partido realista, era já tenente coronel na convenção d'Evora-Monte e foi covardemente apunhalado e morto junto de Coimbra, pouco depois da convenção, quando seguia viagem para a sua casa. Sobreviveu bastantes annos a viuva, que fixou o seu domicilio no seu casal de Tavora, concelho de Taboaço, e deixou os filhos seguintes:

—Carlos de Gouveia Sarmento, que vive em Lisboa, casado e com successão;

—D. Maria, que vive em Lisboa tambem, já viuva e com successão;

—D. Emilia, que vive em Tavora, ainda solteira;

—D. Henriqueta, que falleceu solteira;

—Antonio, que vive no Porto, (ainda solteiro tambem) e

—Jeronymo de Gouveia Sarmento Falcão, que vive em Almeida, onde casou e é muito estimado e considerado.

Não tem filhos.

O 1.º e unico barão de Villar Torpim era filho de Francisco José Pereira, major de infanteria, natural d'Almeida, e de D. Marianna Victoria Ferreira Cardoso, natural d'esta freguezia. Teve os irmãos seguintes:—Antonio Jacyntho, que foi padre,—e Matheus Antonio, que foi uma excellente pessoa e pagador do exercito. Residiu em Bragança muitos annos e depois em Lisboa, onde falleceu, deixando uma filha e herdeira, casada com

seu primo Carlos de Gouveia Sarmento Falcão, supra mencionado.

—

2.ª—*Matheus Antonio d'Almeida*, natural d'esta freguezia, cavalheiro de muito merecimento e rico proprietario.

Casou na villa do Sabugal com D. Caetana Manoella de Campos, filha do dr. João de Campos, capitão-mór d'aquella villa, e teve dois filhos que foram cavalheiros distinctissimos, ambos muito illustrados e muito notaveis:—o dr. José Alexandre de Campos e Almeida, que nasceu no Sabugal em 1794 e falleceu n'esta parochia de Villar Torpim, na sua casa materna, em 1850,—e o dr. Pedro Balthasar de Campos, que nasceu tambem no Sabugal em 1795 e falleceu em Pinhel a 22 de dezembro de 1870. Para evitarmos repetições, veja-se a biographia do 1.º no artigo *Sabugal*, vol. 8.º, pag. 293, col. 1.ª e segg.—e a biographia do 2.º no artigo *Pinhel* [1] vol. 7.º pag. 93, col. 1.ª e segg.

—

Era tambem natural d'esta parochia um celebre *Godinho*, que no 2.º quartel d'este seculo foi escrivão da superintendencia da alfandega no districto de Castello Branco,—homem de estatura agigantada, muito pacifico e muito prudente, mas dotado de força herculea!

Ahi vão duas *sortes* caracteristicas d'elle:

Um dia, estando a fazer serviço em certo mercado da raia, viu um homem com uma tenda e, suspeitando que fosse contrabando, approximou-se d'elle e tractou d'inspeccionar o que vendia. O tendeiro, sem mais comprimentos, lançou mão de uma clavina que tinha debaixo da tenda, disposto a desfechar sobre o Godinho, mas este rapidamente levantou-o pelas pernas e, como se fosse um manequim de palha, duas vezes bateu com elle e com a clavina horisontalmente no chão, deixando-o estatelado!...

Outro dia, encontrando-se na feira de Mangualde com o celebre Manuel Soares d'Albergaria, da *Rede* [1], fidalgo distincto, mas muito desordeiro e muito valente, que ali fôra da sua casa de Oliveira do Conde, só para ostentar valentias e fazer desacatos, disse-lhe o Albergaria: «—Teem-me contado tantas proesas suas, que desejo ver até onde chega a sua decantada força.»

O Godinho desculpou-se muito modestamente, mas continuando as instancias do Manoel Soares e atravessando no momento o campo da feira um carro tirado por bois, conduzindo uma pipa cheia de vinho, o nosso heroe pegou com toda a delicadesa nas chedas do carro e o suspendeu por um pouco, ficando as rodas soltas.

Pararam os bois com a extraordinaria deslocação do peso e, ficando absorto o boieiro, olhando para elle pasmado, disse-lhe o Godinho:

—Isto é uma brincadeira;—recue os bois um pouco.

O homem obedeceu e entretanto o Godinho recuou tambem, levando o carro com a pipa suspenso nas mãos até que o collocou outra vez sobre o rodal—e disse ao conductor que seguisse.

O Manuel Soares ficou muito satisfeito e convencido de haver encontrado um homem mais valente do que elle.

Isto nos contou o sr. Miguel Antonio de Almeida Crespo, da Cogulla, concelho de Trancoso [2], cavalheiro respeitabilissimo e que tractou e conheceu muito de perto os dois.

—

Esta povoação é muito antiga, e já era

---

[1] Este longo artigo,—*que bastante trabalho nos deu*,—foi escripto por nós em 1876, quando visitámos o *Cima-Côa*, e por nós offerecido aô nosso benemerito antecessor, que Deus haja. Recebemos de *bôa fonte* os apontamentos relativos ao dr. Pedro Balthasar de Campos, hoje porem sabemos que elle foi baptisado no Sabugal, mas nasceu na villa e praça *d'Almeida*, onde sua mãe, achando-se no ultimo periodo de gravidez, foi fazer uma vizita e o deu à luz.

[1] V. *Villa Jusã*, vol. XI, pag. 774, col. 1.ª —e *Rêde*, n'este diccionario e no supplemento, onde havemos de fazer largas rectificações e ampliações áquelle artigo.

V. tambem o artigo *Villa Marim*, pag. 785, col. 2.ª

[2] V. *Villa Garcia* e *Freixial*, vol. XI, pag. 765, col. 1.ª. *in-fine*,—e *Cogulla* n'este diccionario e no supplemento.

uma das principaes do *Cima-Coa* nos principios do seculo XI, quando os reis de Leão conquistaram e tomaram aos mouros esta e outras muitas povoações que hoje são de Portugal, como se lê na historia dos godos: *E. M. LXXVII capiuntur in Extremadurii multae populationes cis & citra, per villam Tvrpini, Talmeida, Egitania, & usque ad ripam Tagi.*

Em vulgar:—«Na era de 1077 (anno 1039) se ganharam aos mouros muitas povoações na Extremadura d'aquem e d'alem, por *Villar Turpim*, Almeida e Idanha, até às margens do Tejo». [1]

Foi esta conquista ou *correria* feita por D. Fernando Magno, rei de Leão, e já n'aquelle tempo esta parochia tinha certa importancia, pois na chronica dos godos é a *unica* povoação mencionada ao norte d'Almeida com o proprio nome de *Villa Turpini*,—villa ou *Villar de Turpino*, ou *Turpim*, pelo que o fallecido dr. Pedro Balthasar de Campos dizia que o nome de *Torpim* ou *Turpim* lhe provem d'um seu antigo senhor, chamado *Turpino*; mas vulgarmente dão-lhe o nome de *Torpim*, como patronimico de *Torpes*.

Tambem antigamente se denominou *Villar Thomé* (V.) por ser de Pero Thomé.

Tambem esta povoação de Villar Torpim foi commenda da ordem do Pereiro, commenda que no tempo d'el-rei D. Diniz passou para a ordem de Christo, quando a ordem do Pereiro se uniu á hespanhola d'Alcantara.

V. *Cinco Villas,—Sabugal* (vol. 8.º pag. 297, col. 2.ª)—e *S. João* [2] *do Pereiro*, (vol. 9.º pag. 10, col. 2.ª

Data pois de tempos muito remotos esta povoação de *Villar Torpim*, mas foi muito mais antiga, talvez anterior á occupação romana, uma povoação que existiu cerca de 2 kilometros para E.,—como diz a tradição local e provam differentes objectos prehistoricos que ali se teem encontrado.

Esta freguezia pertenceu ecclesiasticamente ao bispado de Vizeu, do qual passou para o de Caliabria, [1]—d'este para o de Cidade Rodrigo,—d'este para o de Lamego,—do de Lamego para o de Pinhel—e do de Pinhel para o da Guarda em 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Temporalmente pertenceu ao reino de Leão com todo o Cima-Côa até o reinado de D. Diniz, data em que ficou pertencendo a Portugal.

Civil e judicialmente pertenceu ao concelho de Castello Rodrigo, corregedoria de Pinhel e provedoria de Lamego,—depois passou para o concelho de Figueira de Castello Rodrigo, comarca de Trancoso, — depois volveu para a comarca de Pinhel, de novo restaurada, — e por ultimo passou para o concelho e comarca de Figueira de Castello Rodrigo, depois que este concelho se elevou a séde de comarca judicial de 3.ª classe, por decreto de 12 de novembro de 1875.

—

Em Junho de 1876 pesou sobre esta freguezia e sobre as circumvisinhas d'este concelho, bem como sobre as do concelho d'Elvas, uma medonha praga de gafanhotos, que devoravam todos os renovos dos campos, pelo que se empregaram na apanha e destruição d'elles milhares de pessoas e varios contingentes de tropa, mandados pelo nosso governo.

No concelho d'Elvas as auctoridades pagavam a 60 réis o kilo dos gafanhotos, preço bastante remunerador, pelo que muita gente se empregava na apanha d'elles.

Em julho de 1885 pairou sobre esta freguezia uma trovoada medonha. Causou bastante prejuiso nos campos e por essa occasião uma faisca electrica matou instantaneamente um pobre homem dos muitos que andavam ceifando trigo a leste da povoação

VILLAR DA VEIGA—freguezia do concelho de Terras de Bouro, comarca de Vieira, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago Santo Antonio,— fogos 174, — habitantes 730

Em 1706 era vigairaria annexa á fregue-

---

[1] *Monarchia Luzit.* parte 5.ª fl. 239, columna 2.ª

[2] Leia-se *S. Julião.*

[1] V. *Senhora do Campo.*

zia de S. Martinho da Ventosa, cujo abbade apresentava o vigario e recebia metade dos dizimos, pertencendo a outra metade ao abbade de S. João da Cova; — era do extincto concelho de Ribeira de Soaz (hoje incorporado no de Vieira) comarca de Guimarães, — e rendia 40$000 réis para o vigario e outros 40 para cada um dos 2 abbades, segundo se lê na *Chorog. Port.* que não lhe assigna população.

Em 1768 era um simples curato da apresentação dos abbades de S. João da Cova e S. Martinho da Ventosa; — rendia para o cura 7$000 réis, alem do pé d'altar, — e contava 88 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 151 fogos e 600 habitantes; o de 1878 deu-lhe 168 fogos e 717 habitantes — e hoje (1886) conta 178 fogos e 730 habitantes *permanentes*, pois comprehende as celebres *Caldas do Gerez*, das quaes adeante fallaremos, onde tende a desenvolver-se uma grande povoação e já hoje na estação balnear, de junho a setembro, se encontram centenares de pessoas de todos os pontos do nossso paiz.

—

Em 1706 pertencia, como já dissemos, ao extinto concelho de Ribeira de Soaz, comarca de Guimarães; — pelos decretos de 21 março e 7 d'agosto de 1835 passou para a concelho e julgado de primeira instancia da Povoa de Lanhoso; — em 1839 já era outra vez da comarca de Guimarães; — pelos decretos de 28 de dezembro de 1840 e 18 de março de 1842 ficou pertencendo ao julgado e concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso; — pelo decreto de 24 d'outubro de 1855 passou para o concelho e julgado de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde, — e finalmente por decreto de 12 de novembro de 1875 ficou pertencendo ao concelho de Terras de Bouro, ao julgado de Ventosa e á comarca de Vieira.

—

Comprehende esta parochia 3 povoações: — *Villar da Veiga*, séde da matriz, — *Caldas do Gerez* — e *Ermida*.

A povoação de *Villar da Veiga* conta cerca de 130 fogos. É hoje a mais populosa das 3; — segue-se em população a da Ermida — e depois a das *Caldas*, fôra de tempo de banhos, porque durante a estação balnear supplanta as outras duas e *todas as d'este concelho e d'esta comarca*, pois é uma das primeiras estancias thermaes do nosso paiz, depois de Vizella e das *Caldas da Rainha*, que pela sua população permanente e extraordinaria concorrencia de banhistas são hoje os nossos dous primeiros estabelecimentos thermaes.

São tambem muito concorridos os estabelecimentos de Luso, Molledo, Vidago, Pedras Salgadas, Felgueira, Monchique e Aregos, mas todos são ardentissimos no verão, em quanto que estas Caldas do Gerez, alcandoradas na grande serra e cercadas de frondoso arvoredo, offerecem na estiagem uma temperatura deliciosa e ares e agua purissimos, como não se encontram em Cintra nem no Bom Jesus do Monte em Braga.

Accresce ainda a excellencia das suas aguas medicinaes, que para o tratamento de dispepcias e doenças do figado são *unicas* em todo o nosso paiz e talvez *em toda a Europa?!...*

—

Foram estas aguas conhecidas no tempo da occupação romana; depois, com as guerras que se seguiram, ficaram em completo abandono; — el-rei D. João V mandou aqui fazer uma capella e mais algumas obras nos principios do ultimo seculo, mas ainda em 1860 aqui não vívia permanentemente ninguem. Apenas no verão aqui se formava um pequeno povoado de banhistas, que luctavam com todos os descommodos e a muito custo transpunham a escabroza e medonha serra. Nos ultimos annos aqui se viam já uns 8 a 9 moradores permanentes e umas 10 a 12 casas, mas esse numero augmentou de dia para dia depois que em 1885 se fez a formosa estrada a macadam, servida por diligencias diversas e por trens de toda a ordem, de Braga até aqui.

—

O estabelecimento balnear, propriamente dicto, ainda está mal montado, por desleixo da camara de Bouro, a cujo municipio estas aguas pertencem, mas já aqui se encontram bastantes casas novas, algumas parti-

culares, outras destinadas para os banhistas, e tres hoteis muito decentes, denominados — *Grande Hotel do Gerez,* — *Hotel Central* — *e Hotel Luso Brazileiro,* todos sempre cheios de hospedes durante a quadra dos banhos.[1] A ultima correspondencia d'estas caldas para o *Commercio do Porto,* datada de 25 de julho de 1886, indicava os nomes de todos os hospedes que no momento habitavam os 3 hoteis, dando ao 1.º 74—ao 2.º 89—e ao 3.º 71—total 234.

E note-se que para os hoteis vão sómente os banhistas que dispoem de meios, sendo infelizmente muito maior o numero dos desprotegidos da fortuna e que se accomodam em mais humildes quarteis.

Do exposto se vê a importancia e concorrencia d'esta pittoresca estação thermal no momento e quanto é auspicioso o seu futuro.

Com relação á montanha do Gerez e á temperatura e composição chimica d'estas aguas, etc. V. *Gerez.*

—

A povoação de *Villar da Veiga* demora na margem direita do Cavado, do qual dista meio kilometro para N.;—5 a 6 das povoação das *Caldas,* pora S.;—9 da séde da comarca para N.O.;—12 da séde do concelho para E.N.E.;—15 do ponto mais proximo na raia da Galliza, para S.;—30 de Braga para N.E.;—85 do Porto—e 422 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Campo, Covide e Rio Calvo n'este concelho de Terras de Bouro,—e Cabril no concelho de Montalegre; —a N. e N.E. a montanha do Gerez—e a S. o rio Cavado.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, feijões, vinho, azeite e fructa.

Tambem cria muito gado bovino e lanigero na serra do Gerez e tem ali abundancia de caça grossa e miuda,—perdizes, lebres, coelhos, aguias, corças, cabras monteses e lobos cervaes.

É tambem mimosa de peixe do rio Cavado.

Templos:—a egreja matriz em Villar da Veiga—e duas capellas publicas:—*Santa Marinha* na povoação da Ermida—e *Santa Eufemia* na povoação das Caldas. Esta ultima é real;—foi construida em 1730 a 1735 á custa do povo por mandado d'el-rei D. João V—e tem capellão proprio com poderes quasi parochiaes desde o dia de S. João até o de S. Miguel, com o ordenado de réis 90$000 pagos pela camara de Bouro.

Durante aquelle periodo de tempo é elle quem administra os sacramentos na dicta povoação e prezide ás festas religiosas e aos enterramentos que se fazem na capella, sem dependencia nem intervenção do reitor de Villar da Veiga, o que não deixa de ser curioso e tem dado occasião a factos interessantes.

Mencionaremos apenas um dos mais recentes:

—

Em principios de setembro do ultimo anno (1885) andando 4 homens a escavar um grande penedo que estava em uma horta junto d'esta povoação, o penedo deslocou-se e matou quasi instantaneamente um dos dictos homens.

A auctoridade local (um simples cabo de policia) officiou logo ao regedor de Villar da Veiga, distante mais de 5 kilometros, para que désse as providencias necessarias. O regedor participou o caso ao juiz ordinario e este deu ordem para que se levantasse o cadaver e fizessem o enterro *como podessem ou quizessem,* visto não haver suspeitas de crime. O regedor transmittiu a ordem ao seu cabo, mas não se incommodou a subir a montanha nem se importou com a guarda e enterramento do cadaver. O caso não era simples, porque desde 24 de junho até 29 de setembro não pode o parocho de Villar da Veiga exercer aqui acto algum do seu ministerio sem consentimento do capellão das Caldas e, quando morre algum parochiano, vae o capellão acompanhar o cadaver até á extremidade d'esta aldeia e ali o entrega ao parocho para este o fazer conduzir á egreja parochial, em forma dos privi-

---

[1] No momento acham-se em construcção varios edificios, sendo um d'elles destinado para hotel. Promette ser o *mais amplo* de todos e deve inaugurar-se no anno proximo futuro.

legios supra, concedidos por el-rei D. João V e que foram confirmados ainda ha poucos annos, por causa de certa pendencia entre o capellão e o parocho; mas o capellão só *dentro d'esta aldeia* póde exercer actos parochiaes.

Pediu-se ao capellão que removesse o cadaver para a casa do fallecido ou para qualquer outra até se fazer o enterro, mas o capellão não consentiu, por estar fóra do limite d'esta aldeia. Por seu turno o parocho e o regedor sò no dia seguinte compareceram, e assim esteve o cadaver dois dias e duas noites no campo, exposto á intemperie, com grave risco da saude publica.

—

Na povoação de *Villar da Veiga* creou-se em 1884 uma feira quinzenal, muito importante.

Além do rio Cavado, que banha pelo sul esta freguezia, separando-a das de S. João da Cova e Louredo, banham esta freguezia de *Villar da Veiga*, o rio *Caldo* e o rio das *Caldas*. Este nasce a uns 12 kilometros de distancia na *Portella de Leonte*,—corre na direcção N.S.—e desagua no Cavado, um pouco a jusante da povoação de Villar da Veiga;—aquelle desagua no rio das *Caldas*.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal de Barcellos a Montalegre, na direcção O. a E.—e um ramal da foz do rio *Caldo* para as Caldas.

Houve n'esta freguezia, pelo meiado d'este seculo, um homem, por alcunha o *Rei Preto*, que se tornou tristemente notavel. Foi ladrão assassino, salteador e o terror d'esta parochia e das circumvisinhas alguns annos, mas *talis vita, finis ita!...*

Tendo-se refugiado na Galliza, foi ali prendel-o um grupo de visinhos seus e fuzilaram-no junto da *Portella do Homem*.

O clima d'esta parochia é saudavel, mas varia muito com a exposição e altitude do terreno.

É temperado na parte baixa, principalmente nas margens do Cavado;—nas encostas do Gerez é aspero—e nas cumiadas da grande montanha é desabrido e insupportavel no inverno—e mesmo na primavera e no outono.

Diario philosophico da Viagem ao Gerês que por mandado de Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Dom Gaspar, Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas fizerão O Dr. Manuel Joaquim Maya Coelho, incumbido das observaçoens mathematicas, e Joaquim Vicente Pereira d'Araujo das philosophicas no anno de 1782

Assim se intitula um interessante *ms.* de 29 paginas, que temos sobre a nossa banca de estudo e que é uma descripção ligeira, mas muito conscienciosa, da montanha e das Caldas do Gerez e d'esta freguezia de Villar da Veiga, em 1782. Não podemos resistir á tentação de fazer um pequeno extracto do pobre folheto, que está completo, muito bem escripto, assignado pelo excursionista Joaquim Pereira d'Araujo e talvez *ainda inedito*, pois não encontramos menção d'elle nem do seu illustrado auctor no diccionario de Innocencio.

—

Fallando da serra, diz que nos montes da freguezia de S. João da Cova (hoje do concelho de Vieira) na margem esquerda do Cavado, encontrou dispersos muitos cristaes (*cristalus montanus apice unico*) denominados pelos habitantes *pedras contra o trovão*, e bazaltos negros, luzentes, cristalisados, que provavam evidentemente a existencia d'um vulcão hoje extincto. A mesma conclusão tirou d'outras pedras encontradas na serra do Gerez, que se ergue sobre a margem opposta do Cavado.

Ali reconheceu a celebre estrada romana da Geira;—menciona differentes lanços com mais de 15 pés de largura, ainda bem lageados, e 22 marcos miliarios que encontrou, achando-se a maior parte d'elles derrubados.

Menciona tambem as ruinas de 2 pontes de cantaria:—uma sobre o rio *Forno*, confluente do rio das *Caldas*, no sitio denomi-

nado *Albergaria*,—ponte que ao tempo estava substituida por outra de madeira,—e a 2.ª no *Porto de S. Miguel*, na passagem do rio *Homem*, a um quarto de legoa da raia, que ali tem por balisa uma cruz.

Esteve na grande varzea de *Leonte*, que é (diz elle) funda, espaçosa e dá passagem atravez da serra para a Galliza. Na dicta varzea encontrou ainda os restos de duas grandes trincheiras, que nós fizemos com pedra e terra, cortando de um ao outro monte o grande valle, para estorvar a passagem dos gallegos; — e junto das dictas trincheiras, uma das quaes estava na *Portella de Leonte*, encontrou ainda duas casas, que foram quarteis da tropa, mas que ao tempo eram habitação dos pastores.

Diz que na serra encontrou grandes veios de granito com muito spato e quartzo,—stalactites com base de quartzo e concreções de cristaes,—*petrosilex* esverdeada com crusta quartzosa, — a mesma pedra opaca com laminas conjuntas, — uma composição de spato e malachites, com uma superficie de mina de cobre,—um grande veio de porphydo com spato scintillante, vermelho e branco, tendo de comprimento mais de uma legoa, — muita variedade de plantas, — carvalhos colossaes, etc.

—

Fallando das *Caldas*, diz que a povoação estava sobre o rio do seu nome entre duas grandes serras,—uma ao nascente, outra ao poente, seguindo aqui o rio de N. a S., encostado á serra que lhe fica a O.;—que a povoação tinha n'aquella data (1782) 70 a 80 casas de um só sobrado, bastante grosseiras, mas caiadas por dentro e destinadas para quarteis dos banhistas nos 3 mezes do verão, servindo as lojas para curraes do gado no inverno.

Os banhos eram 8, cada um sobre si, em pequenas casas pyramidaes, encostadas á montanha de leste, da qual brotavam as aguas com differentes graus de calor. A meio de cada uma das dictas casas estava o tanque, havendo em roda espaço sufficiente para se despirem e vestirem os doentes.

O 1.º banho, contando da extremidade N., chamava-se *Forte*, por ser a sua agua a mais quente;—o 2.º, *Contra-forte*, era pouco frequentado e abastecia o 3.º, chegando ali a agua menos quente. O 4.º era o da *Figueira*, cuja agua esfriava no tanque, mas era quentissima na sua nascente.

5.º—*Do figado*.

Tinha uma nascente muito froixa, pelo que a sua agua esfriava muito com a demora em encher o tanque.

6.º—*Da Bica*, assim denominado por correr para elle agua por uma bica de pedra.

A sua agua era mais quente do que a do banho do *Figado*, e por isso com a d'elle se temperava a d'este.

7.º—*Das Almas*...

O 8.º esteve junto do adro da capella, mas n'aquelle tempo já não existia, por terem feito no chão d'elle uma casa, entupindo-o.

Todos os banhos se achavam immundos, mal calafetados e *sem portas*!...

—

Diz que estas aguas foram descobertas approximadamente em 1699 por Manuel de Faria,[1] ao tempo cirurgião, morador em Covide, freguezia (hoje) do concelho de Terras de Bouro, e as applicou a varios doentes que faziam poços e se banhavam n'ellas;—que D. João de Sousa,[2] então governador das armas d'esta provincia, vendo o grande partido que muitos doentes tiravam d'estes banhos, mandou fazer atravez da serrania uma estrada para cavalgaduras, liteiras e carros, em substituição das perigosas e estreitas sendas dos rebanhos e pastores, tornando estas aguas muito mais accessiveis, pelo que a concorrencia de prompto augmentou,—e que D. João V mandou aqui fazer 6 tanques, a capella, um hospital e uma ponte sobre o Cavado—consignando 70$000 réis para um capellão—e 40$000 réis para um medico e um cirurgião, pagos pelas comarcas de Guimarães, Porto e Vianna,[3]—e dedicou a ca-

---

[1] Fr. Chrystovao dos Reis, carmelita e boticario em Braga, nas suas *Reflexões experimentaes* que em 1779 publicou relativamente a estas aguas, diz que o tal cirurgião de Covide se chamava—*Manuel Ferreira de Azevedo*.

[2] Era irmão do marquez das Minas.

[3] Não menciona a de Braga.

pella a Santa Eufemia, por ter esta santa sido martyrisada n'aquella serrania; mas que infelizmente já em 1782 a ponte e o hospital tinham desapparecido;—os salarios do capellão eram mal pagos;—os doentes já não tinham medico nem cirurgião,—e a policia dos banhos era detestavel!

—

As pessoas nobres ou ricas mandavam guardar os banhos por criados seus armados e, só depois de tomarem muito pausadamente banho, é que o povo podia banhar-se!...

«Tudo occasiona magua (diz elle); mas não podem sem tremer, e espantar o animo verem-se os doentes pobres, descalços, e despidos, unicamente com a cabeça entrapada e o corpo coberto com um capote, irem de suas casas, que são as mais distantes, tomar o banho em horas pouco convenientes, e recolherem-se da mesma maneira, expostos a constipações».

Os mais ricos iam em uma cadeirinha indecente.

Não havia na localidade botica nem loja alguma de commercio;—a venda dos generos de primeira necessidade era monopolio de certos especuladores—e, se alguem tentasse vendel-os mais baratos, era preso pelo almotacé e posto fóra da povoação?!...

Agora o mais interessante:

Villar da Veiga

A povoação das *Caldas* pertence á freguezia de *Villar da Veiga*, que tem (diz o auctor do folheto, referindo-se ao anno de 1782) 148 homens e 175 mulheres,—total 323 habitantes, em 92 fogos, constituindo uma pequena republica, «similhante á de nossos pais, antes que conhecessem o jugo romano, gotico e arabigo».

«O governo he democratico, e as dicizoens confiadas ao conselho e prudencia dos ancioens, são sagradas...

«Tem 7 tribunaes, e em cada hum prezide um velho, assistido de 6 homens, a que chamão *homens d'accordo*. No regimento de tão pequeno estado se occupão 7 juizes e 42 *homens d'accordo*.

«Cada tribunal exerce differentes funcçoens...

«O 1.º he o do *Juiz da Igreja*, aonde se tractão negocios respectivos á Igreja.

«O 2.º he do *Monteiro*, em que se julga das montarias.

«O 3.º das *Vaccas*, que apena e despena os vaqueiros e se informa da sua conducta na guarda do gado.

«O 4.º e 5.º das *Cabras*.

«O 6.º do *Lagar do azeite*, em que se dispoem da cultura e feitura do azeite.

«O 7.º he do *Lugar*, onde tratão negocios particulares, sobre obras, distribuição de terras para cultura, etc.

«Vão *aos chamados* (dizem elles) e cada tribunal tem lugar proprio. Para o do *Monteiro* são convocados ao som de buzina; para os outros ao som de frautas diversas. A qualidade das penas são muitas vezes canadas de vinho.

«São estes povos muito zelosos de suas mulheres e filhas. Olhar para ellas hum estranho é offendel-os, pelo que ha poucos annos (refere-se a 1782) passando qualquer pessoa a elles desconhecida, como o objecto zelado chegasse a ser visto pelo tranzeunte, convocava-se o povo de repente, hum e outro sexo se armava com armas de fogo, paus e pedras, e expelião o pobre estrangeiro. Antonio Soromenho d'Olivaes, abalizado sacerdote, sendo seu vigario, os dissuadio d'esta temeridade, e em assembleia pactuarão cessão de hostilidades, o que d'ahi em diante fielmente cumprirão, porque as suas promessas são *inviolaveis!*

—

«Para as serras mandão gados, a que elles chamão *vezeiras*, do 1.º de junho athe 8 de septembro, ...bois e vaccas. Os vaqueiros se obrigão a dar conta dellas *sans e salvas*, e se o lobo ferio alguma, de que se lhe occasiona a morte, paga sua estimação. Em hua palavra—só a morte natural izenta o pastor da entrega da cabeça. Quando o vaqueiro tem duvida em pagar a multa, he chamado perante o seu senado, e accordão; sentindo-se gravado, apella para a Ribeira [1],

[1] Freguezia de S. Matheus da Ribeira, concelho de Terras de Bouro.

onde ha a mesma politica,—e em casos semelhantes os da Ribeira apellão para Villar...

«As decisoens dos seus mayores estão escritas em 7 livros de papelão, e cada hum dos 7 ancioens guárda o seu, e o faz inviolavel.

—

«A educação fizica, com que crião os seus filhos he bem capaz de os fazer robustos, brigozos, ageis, e inclinados à agricultura, e a todo o trafego. Exercitão-se em atirar à espingarda (cada casa tem seu armazem [1]) bem como a subir às arvores e fragas, descer sem resvalar, fazer montarias, etc. Seus alimentos são simples, e o vestuario grosseiro. O luxo ainda não viu este paiz, nem o das Caldas o tem enfraquecido ou affeminado. Colhem muito centeyo, milho, sazonadas fructas, bom vinho, azeite, linho etc. Trigo não, pois affirmão ser improprio para aquella terra. Fazem muito carvão das urzes da serra, de que tirão grandes lucros, e feitorizão-no quando a agricultura dá descanço; pescam a tralho, e pluma, bogas, e trutas no rio das Caldas, e à rede no Cavado, salmoens, lampreias, etc., e cação no monte viados, javalis, cervi-cabras, açores, perdizes, coelhos, lebres, etc.—tem muitas colmeias nos montes, de que extrahem abundancia de mel, e tem tambem muitos rebanhos de ovelhas, todas pretas. Não me disseram o motivo de regeitarem as de outra cor.»

—

Fecharemos aqui o extracto, bemdizendo a memoria do auctor do *ms.* que tão fielmente copiou a indole, usos e costumes d'estes povos *nos fins* do ultimo seculo,—indole, usos e costumes que hoje devem estar completamente mudados com os melhoramentos da viação e com o grande centro de vida das suas Caldas.

Deviam ser muito semelhantes a indole, usos e costumes d'outros povos do Gerez, Barroso e Lindoso, no Minho,—Gralheira, Mezio, Caramulo, Monte do Muro e Serra da Estrella, na Beira, mas infelizmente ninguem os copiou e descreveu como o benemerito Joaquim Vicente Pereira de Araujo copiou e descreveu os d'esta freguezia de *Villar da Veiga*, pelo que jazem no olvido!...

Terminaremos dizendo que o sr. dr. Ricardo Jorge, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, visitou as Caldas do Gerez em agosto do anno de 1886,—estudou e analysou as suas aguas—e propõe-se escrever e publicar uma *Memoria* sobre ellas; entretanto veja-se o *Ensaio physico-medico das Caldas do Gerez*, por J. A. da Fonseca Benevides,—*Noticia topographica e physica do Gerez e das suas aguas thermaes* pelo dr. José Pinto Rebello de Carvalho,—o *Aquilegio Medicinal*,—as *Reflexões* já citadas—e sobre tudo a interessante *Analyse das Aguas Mineraes do Gerez*, escripta pelo visconde de Villa Maior em 1851 e publicada pela nossa Academia Real das Sciencias no vol. 15.º das suas *Memorias*, tomo 3.º da 2.ª série, parte II.

É o trabalho mais completo que até hoje se tem publicado sobre o assumpto.

Á ultima hora acabamos de saber que se montou uma linha telephonica entre as ditas Caldas e Braga.

VILLARANDELLO,—freguezia do concelho e comarca de Val Passos, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Vicente;—fogos 310,—habitantes 1280.

Em 1706 era vigairaria de Malta, da commenda de S. João da Corveira;—pertencia ao concelho e termo de Chaves, ouvidoria e comarca de Bragança—e contava 152 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o seu vigario 40$000 réis—e contava 220 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 279 fogos e 1:160 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 292 fogos e 1:221 habitantes.

É formada pela povoação de *Villarandello*, que se divide em 5 *bairros* ou grupos, todos em volta da egreja matriz:—Bairro do Outeiro, da Cruz, de Baixo, da Rua e da Lavandeira ou *Alevandeira*, como dizem na localidade.

Demora na estrada real n.º 38 de Chaves

[1] Talvez *deposito d'armas.*

a Moncorvo por Mirandella e Villa Flor,—e dista 8 kilometros de Val de Passos para N.; —os mesmos 8 da margem direita do Rabaçal, que, unido ao Tuella, forma o Tua;—21 de Chaves para S.E.;—22 de Mirandella para N.N.O.;—70 da estação do Tua, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro, pela linha do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—209 do Porto—e 546 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Val Passos, Ervões, Alvarelhos, Santavalha, Possacos e Fornos do Pinhal.

Producções dominantes:—centeio, trigo, milho, batatas, castanhas, vinho, azeite, fructas e hervagens.

O seu vinho era de boa qualidade, como vinho de mesa, mas com a invasão phylloxerica hoje pouco vinho produz.

V. *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes.*

Banha esta freguezia um ribeiro, que move alguns moinhos de cereaes e desagua no Rabaçal.

Esta freguezia pertenceu, como já dissemos, ao concelho de Chaves, comarca de Bragança;—depois passou para o concelho e comarca de Chaves—e por ultimo para o concelho e comarca de Val Passos.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 3 capellas publicas.

A egreja é bastante antiga, principalmente a capella-mór, que tem um soberbo retabulo de talha dourada.

As capellas são:

1.ª—*Santo Antonio.*

2.ª—*Espirito Santo.*

Em volta d'ella está hoje o cemiterio parochial.

3.ª—*S. Sebastião,*—a mais antiga talvez.

Todas estão bem tractadas e bem conservadas, assim como a egreja.

A festa principal que hoje aqui se celebra é a de Santa Barbara, no ultimo domingo de agosto.

—

Ha n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino, —uma feira mensal no dia 9,—mercado todas as quintas feiras—e 3 hospedarias.

Foi esta parochia saqueada na noite de 15 de novembro de 1846 pelas tropas do general, barão e ultimamente conde do Casal, em seguida ao ataque de Valpassos.[1]

V. *Villa Verde,* séde do concelho,—e *Val de Paços.*

Tem Villarandello uma boa rua, formada pela estrada real que a atravessa,—um grande campo onde se faz a feira,—e um largo, o adro da matriz.

Ha no termo d'esta parochia uma penha colossal, denominada *Penide.*

—

Segundo resa ainda hoje a tradicção local, foi esta povoação de *Villarandello* uma das mais antigas d'esta provincia. Argote no vol. 3.º das *Memorias de Braga* aponta um marco milliar que existiu n'esta povoação.

Ainda hoje lá se vê. Tem cerca de 1m,50 d'altura e a inscripção que pode ler-se no 7.º vol. d'este diccionario, pag. 123, col. 2.ª Ali se mencionam tambem as ruinas de uma povoação antiquissima que existiu no alto de um monte a pequena distancia de Villarandello, no sitio ainda hoje denominado *Cividade.*

É certo que por aqui passava uma das vias militares romanas de Braga para Astorga, por Salamonde, Ruivães, Villarinho do Arco, Chaves, S. Lourenço, *Villarandello,* Possacos, Pineto, Val de Telhas, Complutica, serra de Senabria, etc.[2]

Da dicta estrada ainda hoje se vê n'esta povoação o dicto marco milliar inteiro e fragmentos d'outros.

Tambem se vê em *Possacos,* freguezia limitrophe, um fragmento d'outro marco milliar em uma eira, com a inscripção já indicada no artigo *Possacos* (V.)—e Argote no vol. 1.º das suas memorias, pag. 298, cita outra lapide que ali se encontrou na quinta do Padre Antonio de Sousa, com a inscripção seguinte:

---

[1] Alem do saque, praticaram toda a casta d'excessos, ultrajes, ferimentos e mortes!...

[2] Vide *Itinerario do Imperador Antonino,* n'este diccionario, vol. 3.º pag. 401.

IMP. CP. L : : :
SOVANS. E. NE : : :
: : : : OPE. I : : : : A

Nada mais podia ler-se, por estar a pedra partida.

Veja-se tambem o 2.º vol. das *Memorias* d'Argote, pag. 494, 589 e 607,—e no *Portugaliae Inscriptiones Romanae* a inscripção n.º 148.

—

Em dezembro de 1885 houve aqui uma grande desordem entre um bando de moços que regressavam de Val Passos, onde tinham ido tirar a sorte para o serviço militar.

Ficaram alguns feridos e um d'elles morto,—e em seguida foram presos e mettidos na cadeia 11.

VILLARELHO,—nome de algumas aldeias e freguezias nossas.

Dizem uns que *Villar*, *Villarinho*, *Villarelho*, *Villarandello* e *Villula* são quasi synonymos e significam *pequena villa* ou *pequeno povoado*;—pretendem porem outros que *Villarelho* quer dizer *villa velha*.

Sustentaram grande polemica sobre o assumpto, nas columnas do *Pero Gallego*, jornal de Vianna, o sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra e o sr. José Leite de Vasconcellos.

Salvo o respeito devido a tão illustres contendores, inclinamo-nos para a opinião do primeiro.

VILLARELHO,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna, diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora da Encarnação;—fogos 97,—habitantes 450.

Em 1706 era vigairaria annexa á reitoria da villa de Caminha, cujo reitor apresentava o vigario;—rendia para este 50$000 réis, sendo os dizimos dos prestimonios; [1]—pertencia ao concelho e termo de Caminha, comarca de Vianna,—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 40$000 réis—e contava 60 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 377 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 116 fogos (parecem-nos fogos de mais) e 531 habitantes,—e hoje, segundo as informações do seu rev. parocho, tem, como já dissemos, 97 fogos e 450 habitantes.

Demora esta freguezia ao sul e *extra muros* da villa de Caminha, da qual é um arrabalde, depois que a villa se murou, tendo sido anteriormente a matriz d'ella, pelo que a procissão de *Corpus Christi* da actual villa de Caminha foi sempre e vae ainda hoje á matriz de Villarelho, tambem denominada hoje ainda *egreja velha*.

Dista da matriz actual de Caminha, templo manoelino venerando, cerca de 1 kilometro para S.;—22 de Vianna;—104 do Porto—e 441 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarelho*, séde da parochia, cuja matriz está contigua ao fosso e aos muros da villa actual de Caminha (extremidade S.) que outr'ora se estendia pela encosta do monte de Santo Antão, comprehendendo tudo o que hoje é de Villarelho.

Mais claro: A villa de Caminha localisou-se na extremidade N. da freguezia de Villarelho, no pontal formado pelos rios Coura e Minho, roubando a Villarelho todo o chão *intra muros*.

Comprehende tambem Villarelho as povoações de Fonte da Villa, Olheiro, Pombal e *Portella*, já descripta no vol. 7.º pag. 248, col. 2.ª *in fine*.

Ha n'esta parochia boas quintas, taes são:

1.ª—*Vallindo*.

Pertence ao dr. João Xavier Torres e Silva, que a herdou de sua mãe, a qual a comprou aos herdeiros de José Antonio d'Azevedo.

Fica assim rectificado o que se lê no artigo *Portella*, freguezia de Caminha. Vide.

2.ª—*De S. Roque*.

Foi do 2.º barão de S. Roque,—José de Oliveira Torres,—e é hoje do commendador Antonio Agostinho Coelho da Silva, recebedor d'esta comarca e provedor da Misericordia de Caminha.

3.ª—A que foi de Bento Thomaz, hoje de D. Claudina Cardoso.

---

[1] V. *Insua*, vol. 3.º pag. 397, col. 2.ª *in principio*.

4.ª—A de *Santo Antonio do Moniz.*

É pequena e assumiu o nome de uma imagem de Santo Antonio que tem sobre a porta da entrada, em um nicho,—imagem de pedra e muito querida do povo, que toma o santo como seu protector contra as molestias do gado suino e vaccum.

Esta quinta foi do dr. Gonçalo Xavier da Silva, distincto advogado e homem de grande erudição, natural da villa de Caminha e que muito a enobreceu, deputado as cortes de 1826 e escriptor publico.

Falleceu em 5 de novembro de 1843, perdendo Caminha o seu filho mais illustrado e a provincia um dos jurisconsultos mais distinctos.

Publicou em 1822 o *Elogio Historico* de Luiz do Rego Barreto, em um folheto de 67 paginas, mas escreveu muitas obras que não lograram ver a luz da publicidade,—umas porque ficaram incompletas,—outras porque depois da sua morte perderam algumas folhas.

Andava escrevendo um diccionario portuguez, que ficou nas lettras FRE.

Tambem viveu muitos annos n'esta freguezia de Villarelho, em uma casa e pequena quinta que fez junto do baluarte de S. Rodrigo e da cerca do convento das freiras de Santa Clara, o dr. Sebastião Luiz da Silva Faria, que foi talvez o 1.º jurisconsulto da provincia no seu tempo.

Falleceu em 1883.

—

Atravessam esta freguezia de S.O. a N.E. a estrada real a macadam n.º 4, de Villa Nova de Famalicão, por Vianna, a Caminha e Valença,—e a linha ferrea do Minho;—e de N.O. a S.E. a estrada districtal n.º 1 de Caminha á villa de Coura.

—

Freguezias limitrophes:—Venade a S.E.; —Azevedo a S.;—Christello a S.O.;—Caminha a N.—e alem do Coura, Seixas e Villar de Mouros.

Producções dominantes: — milho, trigo, centeio e vinho verde.

Tem muitas fontes d'excellente agua e bom clima.

A egreja parochial é pequena mas muito antiga e de uma só nave. Tem 3 altares:—o mór, onde está o Santissimo e a imagem da padroeira,—e 2 lateraes:—um da Senhora do Amparo,—outro do Immaculado Coração de Maria.

Ha tambem n'esta parochia as 5 capellas já mencionadas no artigo *Portella,* citado supra;—note-se porém que a de *Nossa Senhora da Graça* não é publica, mas particular;—pertence a Domingos José de Sousa; —está em uma pequena quinta—e tem porta para o caminho publico.

A de *S. Sebastião* tem festa annual, mas a festa mais apparatosa que hoje se faz n'esta freguezia é a da padroeira, no dia 8 de setembro, com procissão, musica, extraordinaria concorrencia de povo, leilão de fogaças, etc.

Além das capellas mencionadas no artigo Portella, tambem houve outra n'esta freguezia, dedicada á *Senhora da Bonança.* Estava na praia e foi demolida por fálta de meios, mas ainda se conserva e venera na egreja parochial a imagem da dita Senhora.

—

Esta fregrezia teve, mas já não tem, residencia nem passal.

Um filho d'esta freguezia legou para residencia dos parochos d'ella uma boa casa com quintal, impondo-lhes a obrigação de dizerem pela alma d'elle 12 missas annuaes; mas em 1834, quando tomou posse d'esta egreja o encommendado Manoel Martins, achou em tal atrazo o cumprimento d'aquelle legado, que o valor das casas e quintal não chegariam para satisfazer o grande numero de missas que os seus antecessores deixaram de celebrar. Celebrou-as elle todas, mas ficou considerando as casas e quintal como *propriedade sua* e assim passaram para os seus herdeiros. Foi uma perda sensivel para esta parochia, pelo que não mais houve presbytero que n'ella quizesse collarse, pois, alem de ter uma pequena população, os seus habitantes são quasi todos pobres, porque a maior parte do seu terreno pertence a estranhos, nomeadamente aos habitantes de Caminha; e a Caminha terá em breve de annexar-se, como já por vezes se tentou, por ser parte integrante d'aquella

villa, como já dissemos, e não haver parocho, mesmo encommendado, que n'ella queira residir.

Muitos annos foi curada por presbyteros rezidentes em Caminha. O seu parocho actual reside na freguezia de Venáde.

—

Tem uma fabrica a vapor na estrada real de Vianna a Valença. É propriedade do sr. Manuel Lourenço Pereira de Magalhães—e presta grandes serviços a esta parochia e ás circumvisinhas, pois móe cereaes, serra madeira e prepara linho

No anno ultimo esteve parada algum tempo, porque rebentou a caldeira, matando infelizmente duas creanças, sendo uma d'ellas filha do proprio director da fabrica, o sr. João Lourenço Gavinho, irmão do proprietario d'ella.

—

Entre esta freguezia e a de Venade está o monte de Santo Antão, onde ha minas de ferro e d'outros metaes, que ainda não foram exploradas.

O dicto monte tomou o nome de uma antiquissima capella de Santo Antão que se erguia no ponto mais alto e da qual hoje apenas restam vestigios.

D'ali se gosa um panorama esplendido sobre Caminha e seus arrabaldes, dominando grande extensão do Atlantico, d'esta provincia e da Galliza, o forte da Insua, as margens do Coura e do Minho, etc.; mais vistoso porém è ainda o pincaro de Santa Tecla, que lhe fica defronte e *onde nós já estivemos*, na fóz do Minho, margem direita gallega, junto da villa da Guardia. D'ali se vê o sanctuario do Bom Jesus do Monte e o templo da Senhora do Sameiro.

Junto das ruinas da mencionada capella de Santo Antão se encontra uma *mamoa* com vestigios de uma *anta*—e a pequena distancia outra, no sitio denominado *Poço da Chã* ou *Cova do Armada*, como affirma o sr. dr. Sarmento, distincto archeologo da cidade de Guimarães, que já visitou o dicto monte.

—

Se a pequena povoação da *Portella*, hoje pertencente a esta freguezia, *já foi parochia independente*, [1] ha muito que se achava unida a esta de *Villarelho* e por isso cabe a esta freguezia tudo o que o meu bom antecessor disse no artigo *Portella*, já citado. *Vide*. Apenas deverão fazer-se as rectificações indicadas n'este artigo *Villarelho*, notando tambem que o pinhal do *Camarido* não está n'esta parochia, mas na de Christeldo, sua limitrophe, e na do Molledo;—é atravessado de S. O. a N. E. pela estrada real n.º 4 e e pela linha ferrea;—foi semeado por D. Diniz;—pertenceu aos marquezes de Villa Realal, duques de Caminha;—depois passou para a casa do infantado—e d'esta para a corôa.

V. *Camarido*, *Caminha* e *Portella*.

Ao sr. dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, illustrado filho de Vianna, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARELHO DA RAIA, ou simplesmente *Villarelho*,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Realal, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Thiago Apostolo;—fogos 210, habitantes 898, divididos pelas aldeias seguintes: — *Villarelho*, a séde, com 129, Villameã da Raia com 30,—Villarinho do Extremo com 36—e Cambedo (a parte portugueza) com 15.

Em 1706 era abbadia da mitra no termo e concelho de Chaves, comarca de Bragança,—e contava 66 fogos nas aldeias de Villarelho, Cambedo e Villarinho somente, pois Villameã era curato da mitra,—tinha como orago Santa Comba—e contava 40 fogos.

Em 1768 Villarelho, Cambedo e Villarinho eram da apresentação alternativa do papa e da mitra;—rendiam para o abbade 600$000 réis—e contavam 77 fogos,—emquanto que Santa Comba de Villameã era ao tempo vigairaria da apresentação da camara ecclesiastica de Braga;—rendia para o seu vigario 50$000 réis—e contava 41 fogos [2].

---

[1] Duvidamos, posto que assim o affirmou o meu benemerito antecessor, baseado não sabemos em que.

[2] Em 1884 Manuel Lopes Ferreira, d'esta povoação de *Villa Meã*, matou barbarammente sua mulher Delfina Affonso, mas foi preso e condemnado na pena de 25 annos de degredo em Africa.

O censo de 1864 deu ás 2 parochias, já unidas sob o titulo de Villarelho, 189 fogos e 772 habitantes;—o censo de 1878 deu-lhes 121 fogos e 966—e os apontamentos, que recebi e que julgo muito auctorisados, dão-lhe 210 fogos e 898 habitantes, como já dissemos.

—

Esta freguezia demora na raia, em terreno plano, na margem direita do rio Tamega, do qual dista a egreja matriz apenas 1 kilometro para O.;—10 da praça hespanhola de Monte Rei e da villa de Verim que lhe fica proxima, para S.;—11 de Chaves para N.; —84 de Villa Real de Traz-os-Montes;—111 da estação da Regoa, a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—215 do Porto, pela estação da Regoa, [1]—e 552 de Lisboa.

Confina com as freguezias de Outeiro Secco, Villela Secca e Ervededo, a S. e S.O.— —Soutellinho a O.,—todas 4 portuguezas e d'este concelho de Chaves;—a N. com a de Oimbra e a E., alem do Tamega, com as de Mondim, Fezes de Bajo e Fezes de Arriba, todas 4 pertencentes ao bispado de Orense.

Producções dominantes:—centeio, trigo, feijão, chicharos, vinho, batatas, algum azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero.

—

Banham esta parochia 2 ribeiros:—um nasce no monte da *Forreça*, termo de Cambedo;—é abundante d'agua;—rega parte da veiga de Villarelho, onde fica toda a sua agua no verão, mas no inverno entra na Galliza a N.E. de Villarelho;—atravessa o termo de Rabal—e desagua no Tamega, junto da povoação d'aquelle nome, tendo em Portugal 3 pontões.

O outro ribeiro desagua tambem no Tamega.

Nasce este rio na Galliza, nas faldas da serra de Larouco, em uma fonte denominada *Tamega*, da qual tomou o nome;—banha a villa e a veiga de Verim, separando-as da encosta e praça de Monte Rei, que fazia *pendant* com a nossa praça de Chaves;—tem entre Verim e a dicta encosta uma ponte de pedra de 5 arcos na estrada nova a macadam de Zamora a Orense,—e entra em Portugal pela formosa veiga de Chaves, que é continuação da de Verim, banhando na veiga de Chaves as freguezias de Villarelho, Outeiro Secco e Chaves, na margem direita,— e na esquerda as freguezias de Lama d'Arcos, Faiões, Villar de Nantes e Samaiões, caminhando de norte a sul.

V. *Tamega*.

—

A povoação de *Villarelho*, por estar muito proxima da raia, soffreu sempre muito durante as porfiadas guerras entre Portugal e Hespanha, nomeadamente na guerra da restauração, que durou 27 annos!...

Por vezes foi saqueada e destruida pelos hespanhoes e em 1647 intentaram estes fazer aqui um *forte*, mas o governador d'esta provincia, Rodrigo de Figueiredo, oppoz-se e lhes frustrou o intento.

Foi sempre povoação aberta, mas em tempos muito remotos teve uma *atalaia*, que foi demolida já depois do meiado d'este seculo, para se fazerem, como fizeram, com a grossa cantaria d'ella os muros do cemiterio parochial.

No chão que occupou se vê hoje uma pyramide geodesica.

Tambem houve em tempos muito remotos uma fortalesa no sitio denominado o *Castello*. Foi demolida ha muito e ainda hoje se vê parte da sua cantaria no muro que véda uma propriedade proxima.

Tambem no termo de Cambedo, a 3 kilometros de distancia, se vê no cume do monte *Vamba* restos de muralhas antiquissimas, talvez do tempo dos mouros ou dos romanos.

Templos

1.º—*Egreja matriz* de Villarelho.

Foi reedificada em 1698, como prova a

---

[1] Logo que se construa a linha ferrea de Chaves pelo valle do Tamega, hoje em estudos, seguirá por esta linha, deixando a estação da Regoa, quando se dirija ao Porto; mas, logo que se construa a linha da Regoa a Villa Real e Chaves pelo valle do Corgo, hoje em estudos tambem, seguirá por esta ultima linha, quando se dirija para a Regoa, Lamego e Beira.

data, que se vê na parte exterior da parede, lado norte,—e já n'este seculo foi parcialmente reedificada tambem.

É um templo modesto, mas decente; tem altar-mór, onde está o padroeiro, e 2 lateraes:—um dedicado á Senhora de Guadalupe,—outro a Santo Antonio.

2.º—*Egreja de Santa Comba*, em Villameã e que foi a matriz d'esta parochia, hoje extincta.

3.º—*Capella de Santa Catharina.*

4.º—*Capella de Nossa Senhora das Neves.*

Ambas são publicas e estão na aldeia de Villarelho,—a 1.ª a N. e a 2.ª a E.

5.º—*Capella de S. Gonçalo d'Amarante*, na aldeia de Cambêdo, cerca de 5 kilometros ao norte da matriz.

6.º—*Capella de S. Pedro Apostolo*, na aldeia de Villarinho.

Ambas são publicas e muito pobres.

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Rosario*, na mesma aldeia de Villarinho

8.º—*Capella de Sant'Anna*, em Villameã.

Estas 2 capellas estão mencionadas na *Chorographia Portugueza*, mas talvez já não existam, porque o meu benemerito informador não as menciona.

Ha tambem ao sul de Villarelho, na antiga estrada de Chaves, um nicho com a imagem de Jesus crucificado, que o povo denomina *Senhor das Almas*, venerando-o com muita devoção.

—

Da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe que hoje se vê na matriz, em um altar lateral, do lado da epistola, diz o *Santuario Marianno* (vol. 7.º pag. 429) em resumo o seguinte:

Em 1721 estava no altar-mór, tambem do lado da epistola;—era de vulto e madeira estofada;—tinha 4 palmos d'altura;—sustentava nos braços o Menino Deus—e era alvo de grande devoção dos povos circumvisinhos, tanto de Portugal, como da Galliza.

No anno de 1661, quando os hespanhoes saquearam esta povoação e incendiaram a matriz, um soldado gallego tomou a imagem da Senhora nos braços, a pretexto de salval-a do incendio,—fugiu com ella para a Galliza, e collocou-a na egreja da Senhora das Neves em Veiga de Lila; mas pouco tempo depois volveu para a egreja de Villarelho.

Tinha pomposa festa no primeiro domingo de maio.

—

Estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos e claramente desde a occupação romana, como arrabalde que eram da grande cidade *Aguae Flaviae*, hoje Chaves.

Datam d'esse tempo talvez a celebre *atalaia*, de que já fizemos menção, e um cippo quebrado que, segundo diz Argote nas suas *Memorias de Braga*, vol. 3.º pag. 270, se via na aldeia de Villarelho, com a inscripção seguinte:

C. COVNE
ANCUS
FUSCIE CLU
N. XL
LA: : C IV
: : : : : : :
V. S. C.
XXX H. S. E.

Aqui jaz Caio Cneu Anco, filho de Fusco...

Na mesma povoação existiu na casa de Domingos Lopes Fuseiro outro cippo com esta inscripção:

I. O. M. ....
VOI SOI
MIL. LEC
VII .... GE. F.
JULINO E APR.

Parece que tracta de um soldado da legião 7.ª Gemina e de um Julino, cavalleiro da ala pretoriana. [1]

—

A freguezia de Santa Comba de Villameã foi extincta e annexada a esta de Villarelho em 1847, sendo o seu ultimo parocho Luiz da Fonseca Andrade, — e parocho encommendado d'esta de Villarelho, então vaga, Fr. Antonio Botelho, de Villa Real.

A freguezia de *Villela Secca* esteve ou-

[1] Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 89, na traducção da Academia.

tr'ora tambem annexa á de Villarelho, e os parochos d'esta apresentavam os d'aquella, arbitrando-lhes congrua e recebendo os dizimos; tornou-se porem independente, ha muito.

Parte da povoação de *Cambedo* ficou pertencendo civilmente a Portugal e a esta freguezia de Villarelho pelo tractado internacional de 1864, mas obedecendo espiritualmente ao bispo de Orense, como obedece ainda hoje, com grave incommodo dos seus habitantes, pois o em.mo sr. cardeal D. Americo esqueceu-se de mencionar aquelle grupo de habitantes portuguezes, quando em 1882 deu execução ás bullas pontificias para o arredondamento das nossas dioceses.

—

Tem esta freguezia boa casa de residencia parochial—e contou sempre parochos distinctos. Alguns foram commissarios do santo officio, escriptores publicos e visitadores.

Poderiamos dar uma lista d'elles desde 1620, pois vão até aquella data os livros do registro parochial, mas para não fatigarmos os leitores mencionaremos apenas um dos seus abbades mais distinctos:

Albito Buella

Nasceu na Galliza em 1791 e falleceu em 1862 n'esta parochia.

Era homem muito illustrado, doutor em philosophia e escriptor publico, dotado de grande talento e prodigiosa memoria.

Por causa das convulsões politicas do seu paiz, passou para Portugal e tomou activa parte nas nossas questões dynasticas de 1820 a 1834, seguindo as ideias absolutas, pelo que teve de emigrar para a Hespanha com a divisão do general Silveira em 1823, em seguida á revolução de Traz-os-Montes.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1020, col. 1.a—e *Moncorvo* no supplemento a este diccionario.

Em 1830 foi-lhe dada a encommendação da egreja de Santa Marinha, de Lisboa, cujo prior jazia na Torre de S. Julião, onde falleceu.

Passado algum tempo foi provido na abbadia de S. Miguel de Rebordosa, concelho de Paredes, no bispado do Porto, da qual passou para esta de Villarelho em 1848 e n'ella foi parocho até 1862, data em que falleceu.

Foi acerrimo apologista do sr. D. Miguel, mas, depois que viu a causa d'elle morta, passou a defender *com egual acrimonia* a sr.a D. Maria II?!...

Publicou a *Defesa de Portugal* em 1831 a 1833,—semanario politico e moral, 2 vol. 4.o—e ultimamente, quando já era liberal *in nomine*, collaborava no *Povo Legitimista*, jornal de Lisboa.

Uns e outros poderiam dizer-lhe:

Sic valeas, ut farina es!...

—

Succedeu-lhe o abbade Joaquim Esteves, natural de Serraquinhos, concelho de Montalegre.

Collou-se em outubro de 1874 e falleceu em junho de 1877.

É agora aqui parocho, e muito digno e considerado, o rev. sr. Rodrigo de Campos Sanches, natural d'esta mesma freguezia.

O rendimento d'esta egreja pode orçar-se em 300$000 réis, provenientes do pé d'altar, —primicias do vinho, centeio e trigo,—offertas de centeio—e 24$000 de derrama em dinheiro.

Tem alem d'isso boa residencia parochial.

N'esta freguezia não toca estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Chaves a Verim, que segue pela margem opposta, esquerda, do Tamega, a distancia de poucos kilometros,—estrada suavissima e toda tão plana que aborrece, como nos succedeu quando a percorremos e visitámos Verim em setembro de 1883.

Ha n'esta freguezia aguas mineraes alcalino-gazosas, muito semelhantes ás de Verim, na Galliza, e ás de *Ben-Saude*, (no concelho de Villa Flor), *Vidago* e *Pedras Salgadas*.

Estas aguas de *Villarêlho* tambem se denominam *aguas de Verim* e brotam junto do sitio denominado *Campo Redondo*, a O. de Villarelho, a E. de Cambedo e a S. de S. Sibrão, na Galliza, distando approximadamente 1 kilometro de qualquer das mencionadas aldeias.

Estão mal aproveitadas;—jorram de uma fonte singela;—são *alcalino-gazosas—frias* —e a sua temperatura regula por 16 graus centigrados, sendo a da athmosphera de 11 graus, segundo se lê na descripção do sr. dr. Agostinho Vicente Lourenço. V. *Verim*, vol. X, pag. 306, col. 2.ª

—

De passagem diremos que as celebres aguas *alcalino-gazosas* do Verim gallego, destinadas para banho, brotam na veiga de Verim, cerca de 2 kilometros a N. da povoação,—e as destinadas para beber brotam a menos de 2 kilometros para E. da mesma povoação de Verim, no fundo de uma pequena quebrada.

As primeiras estão no mais completo e triste abandono, dentro de um pequeno recinto, vedado por um muro a esboroar-se, com uma porta desmantellada. O estabelecimento balnear (*credite posteri!*) reduz-se a 3 pequenos tanques de pedra descobertos e com o fundo cheio de lodo,—aos lados pequenas e immundas barracas de madeira com grandes fendas,—3 tinas de lata e 2 de pau!...

Completa o trem balnear uma panella de ferro, exposta ao ar livre, na qual se aquece a agua para os banhos de tina, que custam 2 a 3 *reales* (90 a 130 réis) mas já se pagaram a *pezeta* (180 réis) cada um.

Os de charco são gratuitos.

Em todo o immundo quinteiro e na sua circumferencia até grande distancia não se vê uma unica arvore. Parece que o sol derrete as pedras!

Não exageramos.

—

As aguas para beber estão em melhores condições.

Brotam de duas fontes na base de um obelisco a meio de um recinto circular, bem lageado de pedra e com assentos tambem de pedra em toda a circumferencia, achando-se ligado este recinto com a estrada real de Zamora por uma ampla e formosa avenida, de 300 metros talvez sobre 8 de largura, em linha recta e com suave declive, muito bem traçada e muito bem arborisada por 4 ordens d'arvores em toda a sua extensão, formando uma linda rua com 2 passeios lateraes, terminando no obelisco da fonte, que lhe serve de remate e se vê do alto da grande avenida, apenas se deixa a estrada de Zamora.

O obelisco termina em uma pyramide de 4 faces com 4 inscripções. A que defronta com a formosa avenida é muito lisongeira para Portugal, pois diz:

A ESPENSAS DEL GE
NERAL PORTUGUEZ, 1.º
CONDE D'AMARANTE [1].
ANO 1815.

A segunda diz:

RESTAURADA PELA
VILLA DE VERIM
ANO 1855.

A terceira:

TERMO COMMUNAL
DE ABEDES.

A quarta:

AGUAS ACIDULO-AL-
CALINAS ANALISADAS
POR EL DR. CASARES.
ANO DE 1854.

Em plano um pouco superior á fonte está uma casa para o engarrafamento—e do outro lado da quebrada um pequeno jardim e uma pequena alameda, tudo em abandono e cheio d'hervas!...

Desculpem-nos a digressão.

No dia 4 de julho de 1886 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada e por essa occasião uma faisca electrica matou duas mulheres.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Henrique da Silva Machado, dignissimo reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARELHOS, — freguezia do concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

---

1 V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1019, col. 2.ª *in-fine* e seg.

Vigairaria. Orago S. Thomé;—fogos 111, —habitantes 490.

Em 1706 era da apresentação do dom abbade do convento cistersiense do Bouro;—pertencia ao termo e concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, diocese de Braga,—e contava 70 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o pobre vigario 8$600 réis, alem do pé d'altar,—e contava 78 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 412 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 107 fogos e 533 (!) habitantes.

Demora em sitio ardente no alto do grande valle da Villariça e na margem esquerda da ribeira d'este nome, da qual dista 2 kilomeiros para o nascente;—8 d'Alfandega da Fé para O.N.O.;—11 da margem esquerda do Tua e da linha ferrea d'este nome, para E.;—12 de Villa Flor para N.E.;—35 da villa do Mogadouro para O.;—50 da estação do Tua, na linha ferrea do Douro, pela linha do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—189 do Porto—e 526 de Lisboa.

—

Comprehende apenas 2 aldeias;—*Villarelhos*, a séde da parochia,—e *Santa Justa*, parochia extincta, que em 1706 contava 25 fogos e era tambem da apresentação do dom abbade do mosteiro de Bouro.

Ha tambem n'esta parochia duas grandes quintas:—*Pae-voia* (?) pertencente a Camillo de Mendonça,—e *Olival d'El-Rei*, pertencente a Antonio Caetano d'Oliveira, de Moncorvo, um dos primeiros proprietarios d'este districto, dono das quintas da *Silveira* e do *Rego da Barca*, na Villariça, onde já tem colhido 500 pipas de vinho, etc.—e tambem possue uma grande casa na freguezia de Santa Comba, concelho de Villa Flor, e em Moncorvo.

Freguezias limitrophes:—Alfandega da Fé, Santa Comba, Villares e Pombal.

Producções dominantes: — azeite, vinho, trigo, milho, feijões, melões, hortaliça e lã, pois cria bastante gado lanigero.

O seu azeite, como todo o d'este valle da Villariça, é do melhor de Portugal e tem esta parochia um olival soberbo, que é o melhor da Villariça. Denomina-se *Matta de Villarelhos* e comprehende cerca de 5:000 oliveiras compactas, pertencentes a diversos.

—

A egreja matriz é um templo singelo com 1 campanario e 2 sinos e um adro pequeno aberto.

Fazem-se ainda hoje dentro d'ella os enterramentos.

Ha n'esta freguezia tambem 3 capellas publicas e 1 particular;—esta pertence ao palacete brazonado que foi dos morgados de *Villarelhos* e é hoje de Camillo de Mendonça, da nobre casa dos *Mendonças* de Abreiros, por haver casado com uma filha natural e herdeira de parte da grande casa do ultimo morgado de Villarelhos, Francisco Antonio Pereira de Lemos, fallecido em 25 d'outubro de 1883 e que foi deputado ás côrtes, presidente da camara municipal d'este concelho, etc., cavalheiro muito tractavel e muito caritativo.

As outras capellas são:

Santa Justa (a velha matriz) na aldeia d'este nome.

Senhora das Annuncias (?) entre as povoações de Villarelhos e Santa Justa.

Santo Antão, no caminho do Pombal.

A *Chor. Port.* mencionou 4 capellas na freguezia de Villarelhos—e uma na de Santa Justa,—total 6 capellas, alem das 2 egrejas parochiaes.

—

Banham esta parochia a ribeira da Villariça—e um ribeiro que vem da freguezia do Pombal e desagua na Villariça.

Regam, mas não moem, nos limites d'esta freguezia.

Villarelhos, ecclesiasticamente, pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana;—administrativamente foi sempre do concelho d'Alfandega da Fé;—judicialmente pertenceu á comarca de Moncorvo, da qual passou para a de Chacim, e d'esta para a do Mogadouro.

Não tem estrada alguma a macadam.

Os edificios principaes d'esta parochia são:—a casa que foi de Francisco Antonio Pereira de Lemos e é hoje dos seus herdei-

ros, Camillo de Mendonça e Manuel da Costa Pessoa, irmão do 3.º conde de Vinhaes, Simão da Costa Pessoa Pinto Cardoso,[1]—e a que foi do morgado de *Rio Torto*, hoje dos seus herdeiros.

Ambas são brasonadas, mas a 2.ª está em ruinas.

Tem esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma feira annual, denominada de *S. Thomé*, no dia do padroeiro, 21 de dezembro.

O nome official d'esta parochia é *Villarelhos*, mas alguem a denominou já *Villarelho* e *Villarelha*.

—

No dia 23 de junho de 1885 pesou sobre este concelho, nomeadamente sobre esta freguezia e sobre a de Pombal, uma trovoada medonha, acompanhada de graniso, que destroçou os vinhedos e todos os renovos dos campos, causando prejuisos avaliados em muitos contos de réis.

VILLARES, ou *Villares de Murça*,—freguezia do concelho de Murça, comarca de Alijó, districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora das Neves; —fogos 126,—habitantes 540.

Em 1768 era vigairaria da apresentação do reitor de Tres Minas;—contava 101 fogos —e rendia para o vigario 60$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 506 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 129 fogos e 485 habitantes.

Pertenceu ao concelho d'Alfarella de Jalles, extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Murça.

Demora parte d'esta freguezia em alta campina e parte em agreste montanha, na margem direita do rio Tinhella (confluente do Tua) do qual dista 3 kilometros para O.; —7 de Murça para N. O.;—21 d'Alijó;—32 da estação do Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro; —159 do Porto —e 496 de Lisboa.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villares*, séde da parochia, — Asnella e Fonte Fria.

Não tem quintas nem casaes dignos de menção.

Freguezias limitrophes:—Carvas, Fiolhoso, Alfarella e Jou. Esta ultima demora na margem esquerda do Tinhella.

Producções dominantes:—centeio, milho, batatas, castanhas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Tambem produziu algum vinho, mas a phylloxera destroçou completamente os seus vinhedos, como a maior parte dos d'esta provincia, principiando pelos do Douro, pelo que esta freguezia, que foi sempre pobre, mais pobre ficou.

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e duas capellas publicas, que nada teem digno de especial menção.

Banham esta freguezia o Tinhella e 2 ribeiros que nascem nos montes d'Alfarella de Jalles e desaguam no Tinhella. Não movem moinhos, nem azenhas, nem fabricas. Simplesmente regam alguns campos.

Não tem estrada alguma a macadam. Os seus caminhos são os mesmos barrancos do tempo dos mouros.

Não tem edificios dignos de menção, nem cemiterio. Os enterramentos fazem-se ainda na egreja parochial.

É povoação muito antiga.

No sitio de Valbom, cerca de 3 kilometros a N. da matriz, no alto de um monte sobranceiro ao Tinhella, estão as ruinas de um castello antiquissimo, de cantaria lavrada,—e, a juzante d'aquellas ruinas, se vê junto do rio Tinhella o busto de uma mulher, esculpido em um grande penedo.

O clima é aspero e frio.

Terminaremos dizendo que esta parochia pertenceu á comarca de Villa Pouca d'Aguiar antes de passar para a de Alijó—e á diocese de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

VILLARES ou *Villares de Trancossoso* e *Maçal da Ribeira*, freguezia do concelho e co-

---

[1] V. *Vinhaes*. O mencionado Manuel da Costa Pessoa casou com a ex.ma sr.a D. Antonia de Vasconcellos Pereira de Lemos, sobrinha e herdeira principal do morgado de Villarelhos, Francisco Antonio Pereira de Lemos.

marca de Trancoso, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Graça; —fogos 116 na antiga parochia dos *Villares* e 42 na de *Maçal da Ribeira*, sua annexa,—total 158 fogos e 650 habitantes.

Em 1708 esta freguezia de Villares era um simples curato annexo á egreja de Santa Maria de Guimarães da Villa de Trancoso e da apresentação do respectivo abbade;—pertencia ao concelho de Trancoso, comarca ou corregedoria de Pinhel,—e contava 84 fogos, —emquanto que a parochia de *Maçal da Ribeira*, orago Nossa Senhora da Conceição, era na mesma data abbadia do padroado real,—pertencia ao mesmo concelho e comarca,—contava 30 fogos,—e eram ambas do bispado de Vizeu.

Em 1768 a freguezia de Villares era um curato da mesma apresentação e da mesma diocese;—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 80 fogos,—emquanto que *Maçal da Ribeira* era abbadia do padroado real e da mesma diocese de Vizeu;—rendia réis 150$000—e contava 34 fogos.

O censo de 1864 deu a *Villares* 110 fogos e 411 habitantes—e a *Maçal da Ribeira* 37 fogos e 128 habitantes;—o censo de 1878 deu ás duas parochias, já civilmente unidas, 155 fogos e 582 habitantes.

Ha muito que a freguezia de *Maçal da Ribeira* (V.) estava civilmente unida a esta de Villares e não v. v. como por lapso o meu antecessor disse, mas por decreto de 3 de fevereiro do corrente anno de 1886 ficou annexada e unida civil e ecclesiasticamente a esta de Villares, com a denominação commum de *Nossa Senhora da Graça de Villares*. Absorveu, pois, o *curato* de Villares a *abbadia* de Maçal da Ribeira.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villares*, séde do antigo curato e da abbadia actual, Broca e *Maçal da Ribeira*, abbadia extincta.

Freguezias limitrophes:—Maçal do Chão (concelho de Celorico da Beira) Villa Franca das Naves e Carnicães do concelho de Trancoso, Bouça, Cova e Serejo, do concelho de Pinhel.

Producções dominantes:—vinho bom de mesa ou de pasto, azeite, centeio, milho, feijões, batatas, castanhas e lã, pois tambem cria gado lanigero.

Esta parochia pertencia ao bispado de Vizeu;—em 1770, data da creação do bispado de Pinhel, ficou pertencendo a este bispado, —e em 1882, data da ultima circumscripção diocesana, que extinguiu o bispado de Pinhel, passou para o da Guarda.

Demora esta freguezia na margem esquerda da Ribeira de *Maçoeime*, confluente do Côa, da qual dista 1 kilometro a egreja de Villares para O.S.O.;—2 da estação de Villa Franca das Naves (a mais proxima) na linha da Beira Alta;—10 e Trancoso para S. E.;—25 da Guarda pela estrada a macadam e 32 pela linha ferrea;—239 do Porto —e 363 de Lisboa pelas linhas da Beira Alta e do Norte.

Estas distancias devem variar logo que se construa a linha ferrea projectada e em estudos, tendente a ligar a linha da Beira Alta com a do Douro e a estação de Villa Franca das Naves com a da Regoa, pelas proximidades de Lamego, Moimenta da Beira e Trancoso.

—

Tem esta freguezia duas egrejas:—a matriz de Nossa Senhora da Graça, templo espaçoso, bem tractado e um dos melhores d'este concelho;—a de Nossa Senhora da Conceição, extincta matriz de Maçal da Ribeira,—e uma capella publica de Nossa Senhora da Graça.

Banham esta parochia a ribeira de Maçoeime e alguns pequenos regatos que desaguam na mencionada ribeira;—e atravessam esta freguezia a linha da Beira e a estrada a macadam em construcção de Trancoso á Barca d'Alva.

Tem esta parochia uma azenha para moer azeitona—e uma eira para malhar e seccar o pão,—eira notavel, por ser muito espaçosa e tanto que n'ella se malha o pão de toda a freguezia,—e por ser formada de uma só pedra,—um penedo immenso com a superficie plana e optima exposição.

Está junto da aldeia de Villares e vê-se perfeitamente, como nós já a vimos, da linha

ferrea, que passa a menos de 1 kilometro de distancia.

Ergue-se a N. d'esta freguezia a serra da *Broca*. Nada tem digno de menção.

Ha finalmente n'esta parochia uma nascente d'aguas sulfureas frescas, de que os povos da circumvisinhança fazem uso para tractamento do rheumatismo e de molestias cutaneas.

Foi natural d'esta parochia Fr. Domingos de Santa Maria, religioso agostinho descalço (grillo) de muita illustração e virtude.

Professou no convento de Monsaraz no dia 17 de junho de 1677.

No mesmo anno professaram na dicta ordem 23 religiosos.

—

O dia 29 de junho de 1885 foi um dia de regozijo para os habitantes d'esta parochia, porque, andando em visita á sua diocese o sr. D. Thomaz, bispo da Guarda, e tendo vizitado nos dias 21 e seguintes as restantes freguezias do arcyprestado d'Alverca, no mencionado dia 29 vizitou pessoalmente esta de Villares, que pertenceu ao dito arcyprestado.

Aqui, como em todas as outras freguezias que acabava de visitar, foi pomposamente recebido com musica, foguetes e flores;—jantou com a sua comitiva na casa do rev. abbade Francisco Ferreira d'Albuquerque; por essa occasião brindou ao clero d'este arcyprestado, agradecendo as demonstrações de consideração e estima com que tanto o confundira,—e seguiu para Trancoso, onde chegou pelas 9 horas da noite do mesmo dia, sendo esperado a distancia por muitos cavalheiros e habitantes da villa, que o acompanharam com uma philarmonica.

Toda a villa estava illuminada e subiram ao ar muitas girandolas de foguetes.

No dia seguinte fez a sua entrada solemne e deu principio á vizita d'aquelle arcyprestado.

V. *Trancoso* n'este diccionario e no supplemento.

VILLARES—ou *Villares da Villariça*,—freguezia do concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Santa Catharina;—fogos 130,—habitantes 560.

O censo de 1864 deu-lhe 120 fogos e 540 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 1283 fogos e 550 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villar de Baixo*, séde da freguezia, com 60 fogos;—*Villar de Cima* com 40, em plano um pouco superior, distando de Villar de Baixo cerca de 400 metros,—e *Colmeaes*, com 30 fogos, distando da matriz cerca de 3 kilometros de caminho pessimo, pelo que as pessoas que ali fallecem são ali mesmo sepultadas na capella de S. Lourenço, antiga matriz d'esta aldeia, que foi outr'ora curato e ainda hoje se chama *annexa*.

V. *Colmêas*.

Villar de Cima em 1706 contava 100 fogos, 2 capellas e 2 fontes e, segundo se lê na *Chor. Port.* parece que tambem foi curato da apresentação do abbade da villa d'Alfandega da Fé.

Villar de Baixo n'aquelle tempo contava 46 fogos;—tinha uma egreja parochial, 2 ermidas e 5 fontes—e era da apresentação do mosteiro cysterciense de Bouro.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, parece que Villar de Cima, Villar de Baixo e talvez a aldeia de Colmeeaes já constituiam esta freguezia, ali denonminada *Villares*, bispado de Miranda, mas tinnha como orago S. Bartholomeu apostolo;—era da apresentação do reitor de Ala;—o seu cura tinha 6$000 réis de congrua, alem do rendimento do pé d'altar,—e contava 188 fogos apenas!...

—

Segundo se lê no *Mappa Estatistico* de 1840,—na *Chorographia Moderna*, vol. 1.º publicado em 1874,—e na *Estatistica Parochial* (collecção dos relatorios dos parrochos, existente na secretaria da justiça e que se refere a junho de 1862)—esta freguezia denominava-se *Villar de Baixo* e tinha como orago S. Bartholomeu, mas depois que se lhe annexou o *Villar de Cima*, tomou das duas povoações de Villar o titulo de *Villares* e substituiu o seu antigo orago, SS. Bartholomeu, por *Santa Catharina*. Isto não se harmonisa muito bem com o que se

lê no *Portugal S. e Profano,* que já em 1768 lhe deu o titulo de *Villares*, tendo ainda então como orago *S. Bartholomeu.* Talvez que ainda n'aquella data não comprehendesse os 2 *Villares* e *Colmeaes,* porque a sua população total era de 18 fogos apenas; mas o *Port. S. e Profano* tambem não menciona aquellas 2 povoações como parochias independentes.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

—

Demora esta freguezia em terreno alto, vistoso, alegre e saudavel no cimo do valle da Villariça, nas faldas da serra de Bornes ou da Burga, precisamente na estrada de Mirandella para Alfandega da Fé, entre a ribeira da *Burga*, que nasce na freguezia d'este nome e banha a dos Villares pelo nascente, —e ribeira de *Villar* que a banha pelo poente,—as quaes a distancia de 2 kilometros de Villar de Baixo se unem e formam a ribeira de Santa Comba, principio da grande ribeira da Villariça, confluente do Sabor.

O *Villar de Baixo*, que não se encontra nos meus mappas, dista 10 kilometros d'Alfandega da Fé, para O. N. O.;—12 da estação de Villa Flor na linha ferrea do Tua, prestes a abrir-se á circulação, para E.;—15 de Villa Flor para N. E.;—35 do Mogadouro para O. N. O.;—45 da estação do Tua na linha ferrea do Douro;—184 do Porto—e 521 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes: — Santa Comba, Villarelhos e Pombal.

Producções dominantes: — azeite, vinho, trigo, amendoas, optimas laranjas, hortaliça e lã, pois tambem cria gado lanigero.

O seu vinho era excellente como vinho de pasto, mas hoje está reduzido a zero, porque a invasão phylloxerica destroçou os seus vinhedos.

Tambem produz muita cortiça, porque abunda em sovereiros e pinheiros. Só um pinhal pertencente ao visconde de Paradinha vale mais de 30 contos de réis!...

Em *Villar de Baixo* tem 2 fontes d'arco de pedra,—ambas com muita agua potavel — e uma d'ellas com tanque e lavadouro. Segundo se lê algures, os habitantes d'esta povoação teem os dentes negros e podres com a malefica influencia da agua da fonte denominada *Fontareja*, que abastece a maior parte do povoado.

Clima saudavel [1]. Não ha memoria de entrar aqui epidemia alguma. Contrasta n'este ponto com a baixa da ribeira da Villariça, onde, como logo diremos, tremem sesões os gatos, as gallinhas e os cães!...

O aspecto dos Villares é lindissimo, por ter boa exposição e bons edificios, quasi todos caiados, avultando entre elles a casa que foi do capitão-mór d'Alfandega da Fé, Manuel Joaquim de Sousa Pimentel,—a dos herdeiros de Manuel Caetano Reymão—e a de José Saraiva, de Almendra.

Todas 3 são brasonadas.

—

A povoação de *Villares* (Villar de Baixo) nunca foi murada nem teve as honras de villa, mas abundou sempre em nobresa e familias importantes de appellidos Botelho, Reymão, Sousa, Miranda, etc.

Tambem consta que no Villar de Cima houve 6 casas nobilissimas de *cavalleiros de espora dourada!...* Assim o affirma ainda hoje a tradição local.

É certo que outr'ora se viveu esplendidamente aqui. Os *Villares* eram uma côrte na aldeia,—o *rendez-vous* da nobreza circumvisinha.

A egreja parochial é um bom templo com altar-mór e dois lateraes, alem da capella do Senhor da Cruz, unida á egreja, e com porta interior para ella.

A egreja está muito limpa e muito bem conservada, porque foi ha pouco tempo soalhada de novo a madeira e cantaria, e restaurada com um importante legado que lhe deixou o vigario *Carriço*, de Villar de Baixo.

Alem da capella do *Senhor da Cruz*, ha n'esta povoação, e já no caminho de Santa Comba, uma capella de S. João Baptista com galilé,—e houve outra com a invocação de *S. Roque*, mas pelo meado d'este seculo a

[1] Assim o diz o meu informador, mas segundo se lê algures, tambem aqui não faltam sezões!...

familia Miranda, hoje representada pelo visconde de Paradinha e que tem aqui um grande casal, demoliu-a, ou fez com que alguem a demolisse, e incorporou o seu chão na quinta que aqui possue.

Ha tambem no Villar de Cima 2 capellas: —uma de *Santa Martha*, no centro da povoação,—outra da *Senhora do Soccorro*, em um alto a montante da dicta villa. Está muito bem tractada e pintada de novo—e tem luzida festa com romagem no mez de setembro.

Ha tambem na povoação dos *Colmeaes* a capella de S. Lourenço,—e em Villar de Baixo um grande cruzeiro de pedra na *estrada-rua* denominada do *Cruzeiro* é que é a melhor da povoação.

—

Esta freguezia pertenceu á grande comarca de Moncorvo, da qual passou para a de Mirandella e d'esta para a do Mogadouro.

Tem residencia, mas não tem cemiterio. Os enterramentos ainda hoje se fazem na matriz.

Ha no termo d'esta parochia varias minas registradas—e uma de galena (?) e outros metaes em via de exploração.

As trovoadas aqui não costumam causar damno, mas no inverno as chuvas, por ser o terreno declivoso, trivialmente fazem trasbordar os 2 ribeiros já mencionados e causam prejuizos.

Nenhum d'aquelles ribeiros tem pontes, mas em um d'elles ha moinhos que moem no inverno.

Esta freguezia não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!...

Com vista aos illustres vereadores d'Alfandega da Fé.

Ao meu bom amigo e collega, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me, ajudando-me á sair do labyrintho.

Mal imaginam os leitores o trabalho que este pequeno artigo nos deu!...

VILLARES, — ribeira de Traz-os-Montes, confluente do Tuella.

Nasce na serra de Nogueira, da parte N. O.;—caminha para S. O. até passar ao poente da freguezia de Murçós, concelho de Macedo de Cavalleiros;—muda depois a direcção para O. S. O.; — passa a N. da freguezia d'Arcas, do mesmo concelho de Macedo de Cavalleiros;—segue depois na direcção O.;—passa ao sul da villa da Torre de D. Chama—e desagua na margem esquerda do rio Tuella, uma das nascentes do Tua, cerca de 3 kilometros a S. O. da Torre de D. Chama.

O seu curso é approximadamente de 30 kilometros, durante os quaes recebe como tributarios differentes ribeiros.

Rega, moe e abunda em peixe miudo.

VILLARIÇA,—freguezia extincta no concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Cyriaco;—fogos 30,—habitantes 128.

Em 1706 denominava-se *Villarisca* e era um curato da apresentação do marquez de Tavora no termo e concelho da villa de Penas Roias, comarca (corregedoria e provedoria) de Miranda.

Em 1768 era curato da apresentação do prior do Mogadouro;—rendia para o pobre cura apenas 8$000 réis, alem do pé d'altar, e contava 21 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense* ainda era uma freguezia autonoma e contava 70 habitantes (?); mais tarde, porem, foi extincta e annexa á freguezia de Variz, da qual é hoje uma simples aldeia.

Demorava e demora na estrada que das villas de Moncorvo e Mogadouro conduz a Miranda,—e dista cerca de 2 kilometros de Variz para N.O.;—10 do Mogadouro para E. N. E.; — 10 da villa da Bemposta, para N. O.—e 30 de Miranda do Douro para S. O.

—

Está em terreno alto e agreste ao sul e nas faldas da *Serra da Ascenção*, na linha divisoria das bacias hydrographicas do Douro e do Sabor, distando da margem esquerda d'este rio cerca de 15 kilometros para E. — e approximadamente outros 15 da margem direita do Douro para O. A *Serra da*

Ascenção é uma das mais altas d'esta provincia e tem no seu viso uma capella de *Nossa Senhora da Ascenção*, nome dado á padroeira por ter os olhos fitos no ceu, como que presumindo a Ascenção do Unigenito.

Tem festa e romagem no dia da Ascenção do Senhor e foi a dicta capella mandada fazer pelos marquezes de Tavora, quando viviam no Mogadouro.

Esta povoação ainda conserva a sua velha matriz, que é um templo regular,—e á sahida para Sanhoane e Castanheira se vêem as ruinas de uma antiquissima capella.

A casa da residencia era boa, mas está tambem arruinada.

Ainda conserva uma horta e um lameiro, que formavam o antigo passal.

Abunda esta parochia em excellente agua potavel, muito digestiva, por atravessar talvez jazigos de ferro, mas não ha por estes sitios mina alguma em exploração, nem simplesmente registrada.

Esta povoação já esteve algum tempo annexa á freguezia de *Penas Roias*.

Producções dominantes:—centeio, milho, trigo, batatas e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero, muar e vaccum da raça *mirandesa*.

Cerca de 3 kilometros a S. O· se vê uma pyramide geodesica na altitude de 971 metros sobre o nivel do mar. D'ali se descobre um vasto horisonte e muitas terras de Portugal e da Hespanha, alem do Douro.

Deve passar n'esta aldeia da *Villariça* a estrada real a macadam n.º 9, de Celorico da Beira a Miranda, mas, infelizmente, tendo sido decretada e estudada ha muito, até hoje (1886) apenas tem 2 kilometros construidos á entrada de Miranda, na secção d'este malfadado districto de Bragança, emquanto que na secção da Beira está quasi toda construida.

V. *Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 830 col. 1.ª—e *Villa Real de Traz os Montes* no mesmo vol. pag. 1:016.

De passagem diremos que outr'ora se escreveu *Vallariça, Vellariça, Villarisca* e *Villarica;* ha muito porem que prevaleceu o nome de *Villariça*.

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. José Bernardo de Moraes Callado, filho da proxima villa da Bemposta e prior actual de Miranda do Douro, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARIÇA ou *Santa Cruz da Villariça*, —freguezia e villa extinctas na confluencia do rio Sabor com a ribeira da Villariça, concelho e comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança.

V. *Moncorvo*, vol. V, pag. 382, col. 2.ª,—*Sabor*,—*Santa Cruz da Villariça*,—*Val de Villariça*, vol. XI, pag. 93, col. 1.ª—e *Pedroso*, vol. VI., pag. 544, col. 1.ª. *in principio*.

VILLARIÇA,—ribeira, confluente do Sabor.

Nasce na serra de Bornes ou de *Monte-Mel*;—passa entre Villa Flor, que lhe fica á direita, e Alfandega da Fé á esquerda;—banha estes dois concelhos e parte do de Moncorvo,—e desagua no Sabor cerca de 3 kilometros a montante da confluencia d'este rio com o Douro.

Tem 25 a 30 kilometros de curso;—recebe durante elle muitos regatos nos concelhos d'Alfandega da Fé e Villa Flor;—rega e moe; —tem uma grande ponte de pedra, denominada da *Junqueira*, um pouco a juzante da povoação e freguezia d'este nome, na estrada real a macadam n.º 38, de Chaves a Moncorvo por Mirandella e Villa Flor;—e, unida ao Sabor, forma com os seus gordos nateiros e com os do Sabor e do Douro a fertilissima veiga da Villariça.

V. *Sabor* e *Val de Villariça*.

—

Brota da fenda de um enorme rochedo que está junto da povoação e freguezia da *Burga*, concelho de Macedo de Cavalleiros, e em tanta abundancia que logo ali na sua origem faz mover um moinho, tanto de verão como de inverno;—os regatos principaes que recebe são:—os de *Laça, Val da Cal* e *Ribeiro Grande*.

Com os temporaes no inverno e com as trovoadas no verão, esta ribeira da Villariça trasborda e causa grandes prejuisos, nomeadamente quando as *canameiras* do *Boêdo* estão cheias de renovos, como succedeu em 12 de maio de 1885.

Uma medonha trovoada formou tão grossa

torrente que fez tremer a ponte da Junqueira e levou parte do muro e aterro da avenida O.[1] causando em todo este valle e no *Boêdo* prejuizos avaliados em muitos contos de réis; maiores porem foram ainda os prejuisos causados pela trovoada que no dia 7 de julho do corrente anno de 1886 pesou sobre este valle da Villariça, nomeadamente sobre o concelho de Villa Flor,—prejuizos superiores a 100 contos de réis!?...

V. *Villas Boas.*

Fecharemos este topico dizendo que a ribeira da Villariça no verão costuma seccar. Fica redusida apenas a alguns poços.

VILLARIÇA,—*veiga* e *valle* nos concelhos de Moncorvo, Alfandega da Fé e Villa Flor, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

O valle

Comprehende toda a bacia hydrographica da ribeira da Villariça;—tem 25 a 30 kilometros de comprimento de N. a S.;—10 a 15 de largura de E. a O.—e muitas povoações, taes são:—Villar de Cima, Villar de Baixo, Santa Comba (povoação grande e rica) Assares, Lodões, Sampaio (antigo solar dos condes d'este titulo) Nabo (povoação importante e rica tambem) Horta, Cabanas de Cima, Cabanas de Baixo e Foz, na foz do Sabor e na margem direita d'este rio e do Douro, sendo estas ultimas povoações pertencentes á freguezia de *Cabeça Boa*, um pouco distante do valle para O. e pertencente ao concelho de Moncorvo, bem como a da Horta.

Demoram todas estas povoações na margem direita do valle e da ribeira da Villariça. As da margem esquerda são:—Iurga, freguezia do concelho de Macedo de Cavalleiros,—Colmeaes e Villarelhos, do concelho d'Alfandega da Fé,—Junqueira, do concelho de Moncorvo,—e Rego da Barca (na foz e margem esquerda do Sabor) aldeia pertencente á villa de Moncorvo.

—

Todo este valle é ardentissimo no verão, por estar abrigado a N.—E.—e O.—e voltado para S., recebendo de chapa os raios do sol que o transformam em uma caldeira ou fornalha candente, onde tremem sesões os gatos, as gallinhas e os cães, derrete-se a solda das vasilhas de lata, destemperam-se os instrumentos de córte e estalam as pedras com o calor, como succede no verão em toda a margem direita do Alto Douro, nos terrenos que antes da invasão phylloxerica produziam o vinho mais generoso do mundo!

V. *Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão.*

E n'este valle da Villariça, que é bastante ingreme, o calor sobe de ponto ao passo que o terreno desce, tornando-se verdadeiramente insupportavel na veiga ou no *Boêdo*, —nos *Barraes* ou nas extremidades da veiga,—e nas faldas da encosta, nomeadamente na povoação da Junqueira, onde, segundo diz a tradição, houve um templo gentilico dedicado ao sol.

Era naturalissimo que os habitantes da dicta povoação fizessem preces ao sol, porque está no centro da caldeira, em um dos pontos mais baixos da encosta, e ali e d'ali até ao Douro o sol é fogo no verão!...

—

Na mencionada freguezia da Junqueira, a pouco mais de 1 kilometro da avenida esquerda da ponte do seu nome, brotam as excellentes aguas alcalino-gazosas de *Bem-Saude* (Bensaude) na quinta assim denominada, pertencente ao sr. José Manuel Teixeira Malheiro, proprietario e pharmaceutico de Villa Flor.[1]

São congeneres das de Vidago e Pedras

---

[1] Esta ponte era estreita e muito antiga, mas foi alargada e aproveitada para a passagem da nova estrada a macadam de Villa Flor a Moncorvo, bem como a do Sabor, que foi alteada, pois o Douro a cobria nas grandes cheias, como succedeu em 1860.

Tem a ponte da Junqueira 80m.50 de comprimento e dista de Villa Flor 13 kilometros;—a do Sabor tem 7 arcos e 148m,51 de comprimento;—dista de Moncorvo 8 kilometros; 7 da ponte da Junqueira e 3 da margem direita do Douro na *estiagem*, pois nas grandes cheias o Douro cobre os olhaes d'esta ponte.

[1] V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 734, col. 2.ª

Salgadas, Verim portuguez, Verim gallego. (V. *Verim,—Villarelho da Raia*—e *Souzas*) mas não estão ainda exploradas e aproveitadas convenientemente, posto que já foram analysadas em 1880 por Joaquim dos Santos Silva, chefe dos trabalhos praticos no laborotorio chimico da Universidade de Coimbra, socio do *Instituto* da mesma cidade e da *Sociedade Chimica de Berlim*, etc.

Pode ver-se a dicta analyse em folheto de 34 paginas que o sr. Teixeira Malheiro fez publicar em Coimbra no anno de 1880, sob o titulo *Aguas Alcalino-Gazosas de Bem-Saude*.

—

Estas aguas teem deante de si um auspicioso futuro, porque são maravilhosas para o tractamento de muitas enfermidades e distam apenas 12 a 14 kilometros para N. O. da estação do *Pocinho*, na linha ferrea do Douro,—estação que deve abrir-se ao publico ainda n'este anno de 1886 e que vae tornar as dictas aguas muito accessiveis aos portuguezes—*e aos hespanhoes*,—pois a linha ferrea do Douro está prestes a abrir-se á circulação até Salamanca.

V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 475, col. 1.ª —e 478, col. 2.ª

E note-se que dos 12 a 14 kilometros do *Pocinho* até ás aguas de *Bensaude* 7 já estão construidos desde a ponte da Junqueira até á do Sabor,—e os restantes são em planicie, —faceis de construir—e devem ser construidos em praso breve para servidão da villa de Moncorvo,—das muitas povoações do valle da Villariça—e da fertilissima e riquissima veiga d'este nome.

Ainda o valle da Villariça

Divide-se em 3 secções:—*encostas*, *veiga* e *Barraes*.

Encostas

São aridas, schistosas, de terreno pouco fundo, mas fertil as encostas d'este valle.

Produzem muito azeite delicioso, do melhor do nosso paiz, alguns cereaes e excellente fructa, nomeadamente melões e melancias.

Só na freguezia de *Villarelhos*, concelho d'Alfandega da Fé (V.) tem um olival compacto de mais 5:000 oliveiras!...

Tambem produzia muito vinho de mesa magnifico. Foi esta a sua producção principal, mas infelizmente a phylloxera destroçou os seus vinhedos.

No alto da encosta e no cimo do valle, entre Alfandega da Fé e Macedo de Cavalleiros, o terreno é mais arejado, mais fresco, mimoso, fertil e saudavel e tem grandes mattas de pinheiros e sovereiros, principalmente na parochia dos *Villares*. Vide.

Boêdo ou *Canameira* e *Barraes*

Denomina-se *Boêdo* a veiga que forma a parte funda, plana e mais baixa do grande valle da Villariça na sua extremidade sul, desde a margem do Douro ou da foz do Sabor, até á confluencia d'este rio com a ribeira da Villariça.

Tem esta parte da formosa veiga cerca de 3 kilometros d'extensão;—300 a 400 metros de largura—e tambem se denomina *Canameira*, porque desde tempos muito remotos produz linho canamo em prodigiosa quantidade. Denomina-se *Barraes* a orla ou *barra* do *Boêdo* ou da *Canameira*.

Devem ter os *Barraes* approximadamente o mesmo comprimento e largura do *Boêdo* e formam a extremidade N. da grande veiga.

—

Os *Barraes* são fertilissimos, mas o *Boêdo* é muito mais fertil ainda!

Tanto os *Barraes* como o *Boêdo* são formados pelos nateiros que ali teem depositado o Douro, a Villariça e o Sabor nas enchentes, mas o *Boêdo* é todos os annos coberto e adubado pelas cheias, emquanto que os *Barraes* só nas grandes enchentes são cobertos—e em parte sómente, desde 1792, ou depois que se cortou e arrancou a grande penedia do *Cachão da Valleira*, — córte de 20 metros d'altura talvez (?!...) e que muito prejudicou os *Barraes*, pois aquella penedia, embora distante cerca de 20 kilometros, represava nas enchentes a agoa do Douro até aqui—e o Douro cobria e beneficiava maior extensão dos *Barraes* do que

hoje;—e por ter então aqui muito maior altura, depositava mais nateiros na parte que ainda cobre.

—

Os Barraes hoje produzem muito vinho bom de mesa, chegando o milheiro de vides baixas a dar 5 pipas de 550 litros cada uma, como succede na quinta da Silveira, de que logo fallaremos,—quinta de poucos hectares e que já tem produzido 300 pipas de vinho.

Produzem os *Barraes* tambem trigo, milho, azeite, feijões chicharos, melões, melancias e canamo.

Para se formar ideia da sua fertilidade, note se que um alqueire de trigo de semeadura dá 30 a 40—e um alqueire de chicharos dá (termo medio) 100!?...

O Boêdo não tem arvores. Produz só milho, canamo, chicharos, meloal e hortaliça, mas é *sem contestação* o terreno mais fertil de todo o nosso paiz—e difficilmente se encontrará nos paizes estrangeiros terreno que em fertilidade rivalise com este.

É incomparavelmente mais fertil do que as formosas margens do Lima e do Mondego, do Liz e do Vouga,—supplanta as decantadas lezirias do Tejo e do Sado,—os campos da Jagunda e do Fundão, na Beira Baixa,—os de Lamego e de Viseu, na Beira Alta,—as *Hortas* d'Elvas, Evora, Beja, Borba e Villa Viçosa, no Alemtejo,—os feracissimos campos da Lagôa e da Quarteira no Algarve,—e as mimosas e fertilissimas ribeiras dos Fornos e da Rêde, do Mourão e de Jugueiros nas margens do Douro.

—

A veiga da Villariça, nomeadamente o *Boêdo* e as suas *canameiras*, recordam a *Terra da Promissão*!

Em 1878, Antonio Pedrano, de Moncorvo, semeou no *Boêdo* 10 alqueires de milho e colheu *mil e duzentos;*—e em 1861 o sr. Margarido Senior, tambem de Moncorvo, semeou 14 alqueires e colheu *dous mil e quatrocentos?!*...

Antes do rompimento do *Cachão da Valleira,* um official de cavallaria, natural de Moncorvo, apresentou em Lisboa um pé de milho do *Boêdo* com 20 espigas,—e muito posteriormente foi d'ali para Coimbra outro pé de milho com 24 espigas. E note-se que ali as espigas costumam ser enormes.

É trivial *um grão só* dar 3 a 4 canas—e cada uma d'ellas 4 a 6 espigas.

Os melões e melancias são saborosissimos. Semeiam-nos e cultivam-nos como o milho, o canano e os chicharos, sem regas, adubo, nem cuidados alguns;—a producção é igualmente espantosa—e não raro ali se encontram melancias pesando 20 kilos, cada uma,—e melões com o peso de 10 a 15 kilos?!...

Sendo o terreno deserto e *até hoje* muito afastado dos grandes centros de consumo, ha ali arrendatario que apura mais de reis 600:000 só em melões e melancias.

O canamo, tambem cultivado sem regas, nem adubo, nem cuidado algum, costuma attingir a altura de 2 metros a 2 e meio?!..

—

Grande parte do *Boêdo* é da confraria do Santissimo de Moncorvo. Costuma arrendar-se ali a vara quadrada de terreno por 2:500 a 3:500 réis. E note-se que o dito chão é só fabricado e aproveitado no estio, porque no inverno está coberto d'agua quasi sempre.

O visconde dos Marmeleiros, de Moncorvo, tem ali uma courella com pouco mais de 100 metros de comprimento e 50 a 60 de largura,—e costuma arrendal-a por 100 libras, ou 450$000 réis?!...

Do exposto se vê que é fertilissima e riquissima esta veiga da Villariça e deve augmentar de valor logo que se abra á circulação a linha ferrea do Douro até á estação do *Pocinho*, cerca de 3 kilometros a montante da foz do Sabor, o que muito deve facilitar a condução de todos os seus generos e dos seus *afamados melões e melancias* para o Porto,—fructo que até hoje ali mal se conhece, porque o Douro na estiagem se torna quasi microscopico e innavegavel do Pinhão para cima.

Quintas

As principaes d'este valle da Villariça são as seguintes:

A' direita:

Castellares, de João Pedro Miller, de Villa Flor.

A sua producção principal é azeite.

Valle de Espinho, de Eduardo Ferreira de Moncorvo.

Producção principal—azeite.

Athaide, de João Ferreira de Figueiredo, de Villa Flor.

Producção principal—azeite. [1]

Carrascal, de João Pedro Miller, de Villa Flor.

Producções principaes:—vinho e azeite.

Esta qninta foi dos condes de Sampaio e é a maior e melhor de todo este valle. Até o povo d'estes sitios canta:

Das cidades é o Porto;
Das villas Villa Real;
Das aldeias Santa Comba;
Das quintas o *Carrascal*.

E' um predio soberbo!

Carvalhal, de João Monteiro, da freguezia de Urros, concelho de Moncorvo.

Producção principal:—vinho.

A' esquerda do valle:

Tarrincha, de José Caetano de Campos, de Villa Nova de Foscóa.

Silveira,—ja mencionada, pertencente ao sr. Antonio Caetano d'Oliveira, de Moncorvo, um dos maiores proprietarios do districto de Bragança.

Rego da Barca,—junto da povoação d'este nome, na confluencia do Sabor com o Douro.

Pertence tambem ao sr. Antonio Caetano d'Oliveira.

A producção principal d'estas ultimas quintas é vinho. A 1.ª costuma produzir 300 pipas, e a 2.ª 200.

—

Muito mais poderiamos dizer da veiga, do valle e da extincta e antiquissima povoação da *Villariça*, mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, além dos artigos indicados supra, veja-se no *Elucidario* de Viterbo:—*Apelido, Baralar, Cabadura, Cavalleiro, Cruz* (pag. 235, col. 1.ª *in fine*, da 2.ª edição) *Fiadura, Firma, Maninhadego, Omiziero, Orelhas, Parada, Pelago, Pobradores, Portadigo, Pousada, Raçom, Rancuroso, Rousada* e *Scola*.

Veja-se tambem o *Douro Illustrado* pelo visconde de Villa Maior, pag. 85 e 89,—e as *Noticias de Portugal*, por Severim de Faria, pag. 16.

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Antonio José de Moraes (é ainda apenas subdiacono) filho de Carrazeda d'Anciães, rezidente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHA, ou *Villarinha de Aldoar*,—aldeia de S. Martinho de Aldoar, concelho de Bouças, comarca, districto e diocese do Porto.

V. *Aldoar*.

Comprehende este parochia as aldeias seguintes:

Villarinha, séde da egreja matriz, pelo que esta parochia se denomina tambem *Villarinha*;—Passos, Villa Nova de Baixo, Villa Nova de Cima, Funchal, Fonte da Moura, Padrão Novo, Agra e Costivella, não *Castivellos*; como se lê na *Chor. Moderna*, ou *Costivellos* no supplemento á mesma *Chorographia*.

Parochias limitrophes:—Ramalde, Nevogilde, Mattosinhos, Foz do Douro e Lordello do Ouro.

A aldeia de Passos está contigua e unida á pequena povoação de *Nevogilde*, que fórma a freguezia d'este nome e que ha muito devia estar annexa á freguezia d'Aldoar, cujas matrizes distam uma da outra menos de 2 kilometros.

A povoação de Nevogilde conta apenas 22 fogos. Hoje tem á beira mar, ao longo da nova estrada a macadam da Foz do Douro para Mattosinhos, talvez 60 casas, todas feitas depois de 1870, sendo algumas muito elegantes; mas são todas destinadas para banhistas e, com raras excepções, habi-

---

[1] Todas estas quintas produzem muito azeite, mas produz mais e *muito mais* a celebre quinta de *Lovazim*, na freguezia de *Villarinho da Castanheira*, (V.) concelho de Carrazeda d'Anciães, tambem na margem direita do Douro.

Foi do ministro Manoel de Castro Pereira;—é hoje do seu sobrinho Luiz de Castro Pereira—e costuma produzir 100 pipas de azeite por anno?!...

tadas sómente na época balnear. Deviam porém pertencer á freguezia da Foz do Douro, porque são parte integrante d'ella e do novo e lindo bairro de *Carreiros*, desde Gondarem, ou da pequena depressão a N. do Farol da *Senhora da Luz*, até á *lingueta* ou *molhe* de Carreiros.

Algumas das casas d'este bairro já avançam ao longo da dicta *estrada-rua* para o norte da lingueta—e a freguezia de Nevogilde estende-se pela beira-mar desde *Gondarem*, a S.—até o pequeno ribeiro do *Prado*, junto ao *Castello do Queijo*, lado norte.

Feito o porto artificial de *Leixões*, cujas obras principiaram em 1884 e progridem activamente, achando-se já construidos 2 grandes lanços dos molhes N. e S.—a mencionada rua de Carreiros avançará para N. e em praso breve não haverá solução de continuidade entre a Foz e Mattosinhos.

Todo o terreno desde o *Castello do Queijo* até Mattosinhos é plano e presta-se admiravelmente para armazens e para construcções de toda a ordem, pelo que já subiu de preço escandalosamente!...

De passagem diremos que a egreja matriz de Nevogilde é um templo decente e bem conservado. Demora a meio de um largo irregular, erguendo se em volta a povoação; —olha para o sul;—tinha os sinos com 2 pequenos campanarios nas extremidades leste e oeste da fronteira, mas em 1883 construiram uma torre ao norte da egreja, prolongando-se com ella, e encostada á capella-mór.

Suppomos que a egreja actual é reconstrucção dos principios d'este seculo.

Desculpem-nos a digressão e fallemos de *Aldoar*.

—

Aldoar é o titulo d'esta freguezia, mas não tem povoação alguma assim denominada.

A de *Villarinha*, séde da parochia, está precisamente na antiga estrada (hoje macadamisada) do Porto para Mattosinhos, por Lordello do Ouro.

Erguem-se as casas ao longo da *estrada-rua*, a leste e oeste,—e a egreja matriz, templo pequeno, mas limpo e decente, está do lado E., tendo contiguo o cemiterio parochial.

Esta povoação é a maior da freguezia;—tem algumas casas elegantes—e dá-lhe muita animação a *estrada-rua* que a corta e que é muito concorrida; foi porém muito maior o seu movimento antes de se construir a nova estrada a macadam entre o Porto e Mattosinhos, pelo littoral,—estrada que affrontou muito a do interior, principalmente depois que na do littoral se estabeleceu a companhia *Carris Americanos do Porto á Foz e Mattosinhos*;—e tambem affrontou muito a velha estrada da Villarinha a companhia *Carris de Ferro do Porto*, depois que estendeu as suas linhas até á Foz—e da Foz até Mattosinhos por leito proprio, empregando na tracção muares e machinas a vapor.

V. *Vias Ferreas*, vol. 10.º pag. 480, col. 2.ª.

—

A aldeia da *Fonte da Moura* está precisamente na extremidade norte da rua de *Serralvés*, que é de Lordello do Ouro e pela qual segue a antiga estrada de Mattosinhos e Leça da Palmeira pela Villarinha.

A *Fonte da Moura* é tambem hoje a extremidade da esplendida rua da *Boa Vista* que parte do Campo de Santo Ovidio ou da *Regeneração*, no Porto, e já tem cerca de 4 kilometros, em linha recta até aqui, mas deve seguir com a mesma recta até á beira-mar, junto do *Castello do Queijo*.

Depois de concluida será uma das primeiras ruas de Portugal,—e poucas se lhe avantajarão nos paizes estrangeiros, pois terá cerca de 6 kilometros de comprimento em linha recta e 15 metros de largura;—atravessa terreno mimoso e fertil, suavemente ondulado e que se presta admiravelmente para construcções;—é já servida por carros americanos, movidos a vapor—e, feito o *porto artificial de Leixões*, terá duplo movimento, porque é *uma recta*, o caminho mais curto entre a cidade e Leixões.

Conta já hoje grande numero de casas e pullulam em toda a sua extensão novas construcções, algumas muito elegantes.

Corta quasi em angulo recto a velha estrada da Villarinha, separando na *Fonte da Moura* a freguezia de Aldoar da de Lordello.

—

A povoação da *Villarinha*, séde d'esta parochia, dista aproximadamente 2 kilometros da beira-mar para E.;—2 de Nevogilde para *N.* E.;—2 de Ramalde;—2 de Lordello;—3 de Mattosinhos—e 5 do Porto.

O chão d'esta freguezia é suavemente ondulado, mimoso, saudavel e fertil. Produz muito milho, vinho verde, fructa, hortaliça e hervagens, pelo que tambem engorda muito gado bovino, que exporta para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha decadente.

V. *Villar de Andorinho.*

Na manhã de 9 de julho de 1884, atravessando a povoação da Villarinha uma leiteira, de nome Joaquia Reivas, ainda joven, um seu *conversado*, louco de ciumes, disparou sobre ella á queima-roupa um tiro de rewolver, ferindo-a mortalmente.

Concluiremos dizendo que em todo o nosso paiz não ha outra povoação com o nome de *Villarinha*. Temos muitas denominadas *Villarinho*, mas *Villarinha* só esta.

Conversados

E' costume em volta do Porto, n'esta freguezia de Aldoar e em toda a provincia do Minho, entreterem-se os filhos e filhas do campo (*maneis* e *lavradeiras*) com requebros e amabilidades, *conversando* ou namorando francamente desde a infancia em toda a parte, de noute e de dia,—nas ruas, na lavoura, nos araiaes e nas feiras.

Estão por vezes horas e horas conversando em prosa e em verso delambido, coisa muito interessante para os estranhos á classe.

Conversam por entretenimento e simples distracção, muitas vezes sem intenção de casarem,—outras vezes por affeição e paixão.

Conversam ordinariamente elles e ellas com quem lhes apraz—e é luxo e capricho —terem *muitos conversados*, em quanto solteiros. Nem os paes d'ellas se offendem e magoam com isso, uma vez que o *conversado* seja *fôrma do seu pé*, ou *da sua igualha*,—isto é:—moço com quem possa vir a casar.

Ai d'ellas, se as virem a conversar com os *casaquinhas* ou janotas da cidade,—e ai d'elles, se os apanham a geito!...

Ha tambem *conversados* ou namoros nas aldeias que nem casam nem se desligam durante muitos annos, o que é um castigo para as pobres moças, porque vivem presas ao massador que as requesta, expostas a ficar inuptas e a descredito, insultos, affrontas e desgostos, como succedeu á da Villarinha.

Tambem consta que os *maneis*, ou moços do campo, em outro tempo eram todos discipulos de Platão, extremamente pudibundos e honestissimos nos seus namoros, emquanto que hoje (graças ao *progredior* e aos jornaes de 10 réis!) todos lêem pela cartilha de Zola e não faltam por lá desgostos!...

VILLARINHO, ou *Villarzinho*,—Este termo foi outr'ora, como *villar*, diminutivo de villa, na accepção de aldeia, povoação, casal ou quinta, mas ha muito designa tambem parochias, povoações importantes e villas na accepção hodierna.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villar* e *Villa*.

VILLARINHO,—aldeia e freguezia.

Temos em Portugal 76 aldeias, 15 freguezias, 8 casaes e 3 quintas com o nome de *Villarinho*, mas, para não fatigar os nossos leitores, mencionaremos apenas os Villarinhos seguintes:

VILLARINHO, — aldeia da freguezia de Barrô, concelho de Rezende, districto de Vizeu, provincia da Beira Alta.

V. *Villar*, aldeia da mesma freguezia de Barrô.

VILLARINHO,—aldeia da freguezia de Capelludos, concelho e comarca de Villa Pouca d'Aguiar.

V. *Capelludos.*

O censo de 1864 deu a esta freguezia 235 fogos e 1:097 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 258 fogos e 1:178 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Capelludos*, séde da parochia,—Freixeda, *Villarinho*, Adegos—e as quintas e casaes seguintes, quasi todos habitados: — Lama da Bouça, Vallongo, Cocheiro, Bubana, Porto do Carro, Paço, Regada, Assureira, Bouças, Avilhão e 3 moinhos na margem esquerda do Tamega.

Suppomos que a povoação de Villarinho, hoje pertencente a esta freguezia, é uma das que foram comprehendidas no foral que D. Manuel deu á villa de *Aguiar da Pena*, hoje representada pela de *Villa Pouca d'Aguiar*. Vejam-se estes dois artigos.

—

Segundo se lê nas *Inquirições de D. Affonso III*, fl. 77, 78 e 80,—e na *Historia de Portugal*, de Alexandre Herculano, tomo 2.º pag. 496, a mencionada aldeia de Villarinho denominou-se *Povoa de Villarinho*;—foi fundada em terreno furtado á corôa,—e, demandando o juiz *Gonsalvinus* aquelle terreno, Gonçalo Nunes matou-o. Foi-lhe tomado por D. Sancho II, bem como Villa Pouca d'Aguiar, tambem fundada em terreno da corôa, ou *reguengo*, mas o mesmo rei depois restituiu as duas povoações á familia do assassino, dando-as em *prestamo* a D. João Fernandes e a D. Nuno Fernandes d'Orzibon, casados com duas tias de Gonçalo Nunes.

Tal era a prepotencia dos fidalgos e *ricos-homens* n'aquelle tempo!...

Alexandre Herculano (logar citado) aponta outros muitos factos semelhantes, ainda mais escandalosos.

—

Foi natural d'esta freguezia de Capelludos o tristemente celebre Luiz Antonio Alves, por alcunha o *Negro*, salteador e assassino e que foi o ultimo carrasco que houve no nosso paiz.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Pouca d'Aguiar*, vol. 10 pag. 906, col. 1.ª

VILLARINHO,—aldeia da freguezia de Cacia, concelho, comarca e districto d'Aveiro, diocese de Coimbra.

V. *Cacia*, vol. 2.º, pag. 26, col. 1.ª

Pela ultima circumscripção diocesana de 1882 foi supprimida a diocese d'Aveiro, passando esta freguezia de Cacia e outras muitas da extincta diocese para a de Coimbra; — as restantes passaram para a diocese do Porto.

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Cacia*, a séde da freguezia,—Quintão, Sarrazolla, Povoa do Paço e Villarinho. N'esta ultima aldeia deu-se em 14 de junho de 1875 um facto digno de mensão e que um jornal de Aveiro descreveu nos termos seguintes:

Quando, em cumprimento de um voto, se se celebrava na capella de Villarinho uma festa a Santo Antonio, inflammaram-se muitos foguetes e uma porção de polvora que estavam junto da capella, a qual se encheu litteralmente de fumo e correu imminente risco de ser pasto das chammas. O povo que a entulhava ficou tranzido de susto e tratou de fugir, mas com a precipitação muitas pessoas foram atropelladas e chamuscadas e outras ficaram feridas.

Durava ainda a missa, mas o pregador já tinha concluido o sermão e estava no pequeno côro. Era elle o rev. Manuel Simões Junior que, vendo-se asfixiado pelo fumo e não podendo fugir pela porta do côro, precipitou-se sobre o pavimento da capella, ficando sem sentidos, mas, depois que respirou ar livre, volveu ao estado normal.

Felizmente o fogo não se communicou ás decorações e armação da capella, aliás faria muitas victimas.

VILLARINHO, — freguezia do concelho e comarca de Villa Verde, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago S. Mamede;—fogos 106,—habitantes 458.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do reitor de Caldellas, quando não renunciava; — pertencia ao extincto concelho de Pico de Regalados, comarca de Vianna; — era annexa á reitoria de Caldellas,—e contava 80 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação; — rendia para o seu vigario 40$000 réis—e contava 50 fogos,—segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 334 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 84 fogos e 355 habitantes.

Pertenceu ao concelho de Pico de Regalados até 1855, data em que foi extincto aquelle concelho e passou para o de Villa Verde.

—

Esta freguezia demora em terreno suavemente ondulado, mimoso e fertil, na margem direita do rio Homem, do qual dista cerca

de 3 kilometros para N. O.;—1 a E. da estrada real a macadam n.º 3, do Porto a Valença do Minho por Braga, Villa Verde e Monsão;—10 de Villa Verde, para N. N. E.; —21 de Braga;—76 do Porto e 412 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:-Egreja, séde da parochia, Escada, Santar, Vallinhos, Real, Paulo e Pomar.

Freguezias limitrophes:—Saúde, a E.;—Athaes, a N.;—Pico (S. Christovam) a S.;—e S. Miguel de Prado, a O.

Producções dominantes:—milho, conteio, feijão, vinho, azeite e fructa.

Atravessa esta freguezia de N. a S. um ribeiro que, depois de engrossar com outros, desagua no rio Homem, confluente do Cavado, no sitio da *Malveira*, ou *Malbeira*, segundo o dialecto minhoto.

Templos

1.º—A *Egreja matriz.*

É muito antiga e acha-se em deploravel estado!

Tem confraria do Santissimo, erecta por Antonio de Lima Abreu, F. C. R. e senhor da nobre casa e quinta do *Paço*, freguezia de Athaes.

2.º—*Capella do Horto.*

3.º—*Capella do Senhor da Cana Verde.*

4.º—*Capella do Encontro.*

5.º—*Capella do Calvario*, ou *Santa Luzia.*

Todas estas quatro capellas são publicas.

Ha tambem n'esta parochia differentes nichos com alguns Passos do Redemptor e que dão muito brilho á procissão de Passos, a mais apparatosa que se faz n'esta freguezia e nas circumvizinhas, de dois em dois annos.

Pessoas notaveis

—*Dr. Joaquim Antonio de Meirelles*, da aldeia de Santar.

Concluiu a sua formatura em direito civil e canonico no dia 13 de junho de 1770; —casou com D. Custodia Serqueira Lobo e teve entre outros filhos o seguinte:

—*Dr. Jacome Antonio de Meirelles*, bacharel formado em direito e que nasceu em 8 d'abril de 1784.

Antes de se matricular na Universidade de Coimbra estudou theologia com muito aproveitamento no collegio do Populo, em Braga,—e concluiu a sua formatura em 9 de junho de 1812.

Exerceu varios cargos municipaes e o de juiz muitas vezes com a maior dignidade; foi superintendente das decimas, quintos e novos impostos no extincto concelho do Pico de Regalados e nos de Villa Garcia, Terras de Bouro, Santa Martha de Bouro, Amares e seus respectivos cotos, sempre com a maior inteiresa e augmento da real fazenda, sem escandalisar nem maguar pessoa alguma, pelo que era geralmente estimado e considerado por clero, nobresa e povo.

Differentes vezes lhe offereceram collocação na magistratura, antes de 1834, mas nunca o poderam resolver a abandonar a sna casa e a sua familia.

Foi durante quarenta e tantos annos advogado e tão distincto que recebia consultas de toda a comarca de Vianna e das circumvisinhas. inclusivamente de Braga, do Porto e de Lisboa!...

—

Escreveu e publicou na typographia bracarense em 1846 um *Repertorio Juridico, organisado por ordem alphabetica*, em 2 vol. 4.º, tendo o 1.º 282 paginas, e o 2.º 382.

É obra de muito merecimento. Comprehende muitas occorrencias forenses mais importantes,—algumas alterações da *Reforma Judiciaria* e da *Novissima*, um appendice explicativo das mais communs abreviaturas das *Lettras da Sagrada Penitenciaria* —e outro appendice com os deveres da magistratura.

Escreveu tambem como additamento seu *Repertorio — Consultas Juridicas Praticas*, obra interessantissima que deixou em *ms.* e comprehende 158 consultas importantes, tratadas com amplo desenvolvimento, indicando as opiniões dos mais abalisados jurisconsultos e emittindo a sua.

É um trabalho muito semelhante ao que deixou o distinctissimo advogado de S. Romão de Armamar, Dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, ao seu illustrado amanuense e amigo, Joaquim Ferreira dos San-

tos Rego, hoje sollicitador no Porto,—trabalho pelo qual já lhe offereceram *seis centos mil réis!...*

V. *Romão* (S.) *de Armamar e—Moimenta da Beira.*

O dr. Jacome Antonio de Meirelles, foi, como o seu collega e contemporaneo dr. Mergulhão, um cavalheiro estimabilissimo, de bons costumes moraes, religiosos e civis, —sempre amante da paz e tranquillidade publica, e falleceu no dia 12 de maio de 1853. [1]

Deixou entre outros os filhos seguintes:

—*Dr. Antonio Miguel de Meirelles,* bacharel formado em direito.

Concluiu a sua fortuna pouco antes da morte de seu bondoso pae;—vive na casa paterna—e tem sido varias vezes juiz de direito substituto na comarca de Villa Verde.

—*José Manuel de Meirelles*, habil pharmaceutico, estabelecido na freguezia de Ferreiros, em Amares,—e o

—*Rev. Balthazar José de Meirelles*, residente no patriarchado.

São 3 cavalheiros de muito merecimento.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

VILLARINHO,—ou *Villarinho das Furnas,*—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *S. João do Campo*, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa Verde.

V. *Villarinho das Furnas.*

VILLARINHO, — freguezia do concelho e comarca de Santo Thyrso, districto e diocese do Porto, na provincia do Douro.

Reitoria;—orago S. Miguel;—fogos actualmente 220,—almas 900.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, contava apenas 70 fogos;—em 1729, segundo se lê na *Geogr. Hist.* de Lima, contava 150 fogos e 357 almas, [2]—e em 1768 segundo se lê no *Portug. S. e Prof.* era da apresentação do mosteiro de Landim—e contava 159 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 189 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 190 fogos e 704 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 217 fogos e 767 habitantes.

Augmentou pois a sua população desde 1706 até hoje, ou nos ultimos 180 annos,—150 fogos.

Passou alem do triplo.

—

Pertenceu civilmente ao termo e á grande comarca de Guimarães;—depois passou para o concelho de S. Thomé de Negrellos,—e, extincto este concelho pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou para o de Santo Thyrso.

Ecclesiasticamente foi do arcebispado de Braga até 1882, data em que pela ultima circumscripção diocesana passou para o bispado do Porto com todas as freguezias do actual concelho de Santo Thyrso, exceptuando as de Areias, Aves, Lama, Sequeiró e Palmeira, que ficaram pertencendo ao arcebispado de Braga, por estarem na margem direita dos rios Vizella e Ave, que ao norte são a linha divisoria da diocese do Porto [1].

—

S. Miguel de Villarinho está na margem esquerda do Vizella, do qual dista (a egreja parochial) cerca de 1 e meio kilometro;—2 e meio da estação de Lordello (a mais proxima) na linha ferrea de Guimarães;—15 de Santo Thyrso, para E.;—46 do Porto—e 383 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—S. Salvador e S. Martinho do Campo, S. João de Vizella, S. Thiago de Lustosa e S. Mamede de Negrellos.

Comprehende 8 povoações ou aldeias:—*Mosteiro*, séde da freguezia,—Burgo, Eiró, Villa Lobos, Agoeiro, Paradella, S. Silvestre, Lage—e as quintas seguintes:

1.ª—*Mosteiro*, hoje de Manuel Neto Guimarães.

---

[1] O dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, primo do humilde auctor d'estas linhas, falleceu no dia 21 de novembro de 1883.

[2] Não ha proporção entre os fogos e almas, —nem é crivel que em 23 annos (de 1706 a 1729) esta freguezia subisse de 70 fogos a 150!

[1] Esta linha não comprehende todo o Ave, mas só a parte a juzante da freguezia de *S. Miguel das Aves*,—ou depois que recebe em si o Vizella.

2.ª—*Burgo*, hoje de Antonio Barbosa Coelho.

3.ª—*Quintã*, hoje de Antonio da Silva Machado.

4.ª—*Idanha*, hoje de D. Joanna Ferreira da Cunha.

5.ª—*Abrego*, hoje de Antonio Augusto Alves Monteiro.

A *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista menciona tambem os casaes de Choto, Abrego, Bufo, Chadeiro, Casa Nova, Campo, Agoeiro, Quinta e Lage—e *trinta e tres* aldeias, que são com toda a certesa aldeias de mais!

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz, da qual adeante fallaremos,—e a 2 capellas publicas:—uma de Nossa Senhora das Dores, na aldeia de Paradella,—outra de S. Pedro, na serra d'este nome, a N. E. da matriz,—capella muito antiga, já mencionada pelo padre Carvalho,[1]—e junto d'ella se viam ruinas de fortificações que o povo attribuia aos mouros,—diz elle.

—

Banha esta freguezia pelo lado N. o Vizella, que morre no Ave, a distancia de 12 kilometros, e não tem pontes nos limites d'esta parochia, mas sómente 5 moinhos e azenhas com muitas rodas e um engenho de maçar linho.

Producções dominantes:—vinho verde e cereaes.

Tem uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Alem do monte de *S. Pedro*, a leste, ha tambem n'esta freguezia o de *Regadas*, a sul.

Clima bom. Não ha aqui doenças predominantes.

Os tres primeiros proprietarios d'esta freguezia na actualidade são:—Antonio Barbosa Coelho, Antonio da Silva Machado e Antonio Augusto Alves Monteiro.

É seu parocho actual o rev. Joaquim Domingos Machado.

A egreja matriz

Da *Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio, acabamos de receber o n.º 1 do seu *Boletim* (5.º vol. da 2.ª série) com uma bella photographia representando a egreja de que no momento nos occupamos,—egreja interessantissima pela sua architectura e antiguidade, como se vê do artigo que no mesmo numero do *Boletim* mencionado publicou o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, nosso bom amigo e mestre, fundador e presidente d'aquella *Real Associação*.

O mencionado artigo é textualmente o seguinte:

«A remota egreja de *Villarinho de S. Romão*,[1] na provincia do Douro, districto de Santo Thyrso, (aliás concelho de Santo Thyrso, districto do Porto) é um dos poucos exemplares do typo da architectura *Roman* que existem, em Portugal, do seculo XII; pertencendo ao numero dos cem edificios religiosos que foram construidos durante o reinado do primeiro soberano de Portugal, D. Affonso Henriques.[2] Não sómente por esta circumstancia, mas pela origem da sua architectura, a mais remota que ha no reino, se faz recommendar, tanto para servir de estudo architectonico, como para a historia artistica e archeologica de Portugal.

—

«Examinando a photographia que representa este edificio religioso, nota-se-lhe um aspecto severo, porem caracteristico do atraso civilisador na fundação da monarchia, em que a rudez do povo curava mais de conso-

---

[1] Da capella de S. Pedro só existem hoje os alicerces.

[1] Salvo o respeito devido ao meu sabio presidente, amigo e mestre, não posso deixar de dizer que esta egreja se denominou sempre e denomina ainda hoje—egreja de *S. Miguel de Villarinho*.

A de *Villarinho de S. Romão* pertence ao concelho de Sabrosa, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes.

Desculpe-nos s. ex.ª por quem é.

[2] Esta egreja, segundo se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes* por D. Nicolau de Santa Maria, tomo 1.º pag. 318, col. 2.ª foi feita antes do anno 1070 e é por consequencia anterior ao seculo XII e ao reinado de D. Affonso Henriques (1139–1185).

Outra vez peço desculpa ao meu sabio amigo e mestre.

lidar o dominio real no territorio conquistado pelo seu audaz esforço e fortalecido pela crença de cumprir um dever sagrado em resgatar da heresia dos sectarios do Koran, os povos que elles tinham subjugado na Lusitania; pensando unicamente em fazer triumphar a lei de Christo, não cuidava de mais nada, nem mesmo lhe sobrava o tempo n'esta imperiosa lucta que tinha emprehendido para implantar a fé no paiz, empresa que coubera ao poderoso descendente do conde D. Henrique. Portanto não se estranha que a edificação singular d'este edificio possa indicar tambem a inferioridade em que estava a civilisação do povo que tinha erguido esse sanctuario para n'elle render louvores ao Ente Supremo pelas suas victorias, que deveriam estender-se por todo o paiz para engrandecimento da fama nacional e para gloria de Deus.

«Serve, pois, este edificio de proveitoso ensino, por apresentar o estylo correspondente á architectura designada *Roman*, que servia de transição da architectura romana para a ogival; devendo-se particularisar no que a faz distinguir dos outros typos, afim de nos inteirarmos das principaes formas que caracterisam a architectura d'esta epocha.

—

«A primeira cousa a notar é ter todas as suas aberturas de volta inteira ou semi-circular; não ter cornija o frontispicio, e o espelho que dá luz á nave ser um simples *olho de boi*, apresentando uma forma rudimentar.

«A egreja é precedida da *galilé*, servindo-lhe de adro coberto; as janellas teem a fórma de frestas, pela sua pouquissima largura; a torre é de fórma quadrangular e de limitada altura e construida com excessiva solidez, ficando coberta por um telhado pyramidal. A sua construcção foi executada com apparelho pequeno; tendo as juntas das pedras bastante largura e cheias d'argamaça. A fachada da egreja ficou sem decoração alguma, assim como o portal principal indica tudo ser a construcção mais primitiva d'esta architectura.

—

«No interior ainda mais nua apparece, sendo composta de uma só nave, separado o altar-mór pelo arco triumphal de egual feitio que a arcada da *galilé*, havendo apenas duas inscripções já mutiladas que, por incompletas, não se podem ler, excepto na torre, onde é legivel o nome do devoto que a mandou construir.

«Serve de freguezia, e como a junta de parochia tem poucos meios, eis o motivo porque este edificio se tem salvo de não lhe alterarem o caracter da sua architectura. É o caso de se repetir: ha males que...

«Como d'este typo existem tão poucos edificios, cremos que será para estimar offerecer aos nossos leitores um exemplar digno da sua attenção.

J. da Silva.»

—

Até aqui o nosso sabio presidente, amigo e mestre que (honra lhe seja!) levado pela sua dedicação aos nossos monumentos archeologicos, foi expressamente visitar esta egreja. Nós ainda não a vimos, mas pelos apontamentos que d'ali nos foram enviados, accrescentaremos o seguinte:

Tem interiormente 30m,0 de comprimento e 6m,60 de largura.

No arco cruzeiro se vê gravada a data 1692, junto da imagem do padroeiro, que é de tamanho natural e mede 1m,60 de altura.

Tem um pulpito, altar-mór com um bom retabulo de talha antiga—e 3 altares lateraes:—*Nossa Senhora do Rosario* e *S. Braz*, antigos e com irmandades proprias,—e *Senhor Jesus*, moderno, feito em 1866,—todos tres com festa annual.

Não tem torres, mas sómente por cima do *cabido* um torreão feito em 1870—e n'elle dois sinos que foram refundidos em Braga quando se fez o torreão.

O *cabido*, antiga casa do capitulo, está junto á egreja;—dá communicação para ella e para o claustro—e tem interiormente 10m,0 de comprimento e 7m,20 de largura.

Em uma das paredes lateraes d'esta egreja se vê do lado exterior, junto da porta travessa, uma inscripção *em caracteres hoje totalmente indecifraveis*,—diz o meu informador. O sr. Joaquim Possidonio Narciso da

Silva indicou mais duas no artigo supra, mas não as copiou.

O convento

Esta egreja, segundo se lê na *Chronica* já citada e na *Chorographia Portugueza*, tomo 1.º pag. 112, foi convento de conegos regrantes de Santo Agostinho, tendo sido *anteriormente* abbadia secular *muito rica*, fundada para sua sepultura por uns fidalgos da geração dos Fafes, descendentes de Fafes Sarrazim de Lanhoso, rico-homem que pereceu junto de Coimbra na batalha de Agua de Maias,[1] ferida entre D. Garcia rei de Portugal e da Gallisa, e seu irmão el-rei D. Sancho de Castella. D. Fafes Luz, neto d'aquelle heroe, tambem foi rico-homem e alferes-mór do conde D. Henrique, pae de D. Affonso Henriques.

Passados tempos depois da fundação da dicta egreja, o seu abbade Gonçalo Annes Fafes fundou junto d'ella um convento de clerigos, conegos regrantes de Santo Agostinho, ao qual applicou as rendas da sua abbadia,—tudo com previa auctorisação de D. Diogo Fafes, padroeiro da mesma egreja,—e do arcebispo de Braga D. Pedro, tambem conego regrante, que o nomeou abbade do mesmo convento, emquanto vivo fosse.

—

Principiou a construcção do *convento* (não da egreja) no anno de 1070 e já no de 1074[2] estava concluido e habitado por dez conegos, os quaes todos assignaram com o seu abbade D. Gonçalo Annes Fafes a doação que o padroeiro da dicta egreja D. Diogo Fafes, por não ter successão, fez de todos os seus bens ao dicto convento, recolhendo-se a elle em seguida e n'elle acabando os seus dias.

A doação é do theor seguinte:

«*Do ad ipsam Ecclesiam Sancti Michaelis de Vilharinho...*»

Em vulgar:—«Faço doação á Egreja de *S. Miguel de Villarinho* de todos os meus bens e riquesas e de tudo o que me pertence, para que o seu abbade Gonçalo Annes, que é da geração dos Fafes, e os conegos da mesma egreja tenham a sustentação necessaria, emquanto perseverarem no dicto mosteiro segundo o instituto e regra de Santo Agostinho, e para que me recebam e recolham em sua companhia, não só na vida, mas tambem na morte, etc.»

Foi feita esta doação no mez de julho de 1074.

—

Eis o principio d'este convento e a causa porque os seus primeiros prelados tiveram o titulo de *abbades*. Foram elles D. Gonçalo Annes e seu successor D. Garcia Eriz, como consta do epitaphio da sua sepultura, que está mettida na parede da capella-mór (diz a *Chronica*) e é o seguinte:

ERA M. C. C. VI. OBIIT
GARCIA ERIZ, ABBAS DE
VILLARINHO.

«Na era de 1206 (anno 1168) falleceu D Garcia Eriz, abbade de Villarinho.»

—

Passados tempos, foi dado aos prelados d'este convento o titulo de *D. Prior*,—titulo muito honroso e *unico* entre todos os conventos de conegos regrantes do nosso paiz, o que revela a grande consideração de que este convento gosou.

Pelos annos de 1405 era *D. Prior* d'este convento D. João Gonçalves da Camara, que fez n'elle algumas obras, taes foram *a torre e o campanario dos sinos*, como prova a inscripção que se vê na torre, do lado do claustro (diz a *Chronica*) e é a seguinte:

NA ERA DE M. CCCC. XLIII
(anno de 1405) MANDOU
FAZER ESTE CAMPANARIO D.
JOÃO GONÇALVES, D. PRIOR.

---

[1] V. *Benedict. Lusit.* tomo 2.º pag. 194,—e o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 20, § 3.º

[2] É isto o que se lê na *Chronica dos Conegos Regrantes*, mas a *Chorographia Portugueza* diz que as obras principiaram em 1170 e se concluiram em 1174.

Merece-nos mais credito a *Chronica*, posto que João Pedro Ribeiro equipara Fr. Nicolau de Santa Maria a Fr. Bernardo de Brito e Lousada.

No fim d'este artigo provaremos evidentemente que este convento é anterior ao anno de 1120.

Foi este *D. Prior* sepultado no claustro, à direita da porta do cabido, *ou Capitulo dos Conegos* (diz a *Chronica*) mandado por elle fazer tambem;—e à esquerda da mesma porta jaz o *D. Prior* D. Vasco de Sousa, seu successor.

Tambem foi aqui D. Prior D. João Fernandes d'Almeida, da casa dos condes (depois marquezes) d'Abrantes, o qual mandou fazer e collocar no altar-mór uma imagem do padroeiro S. Miguel, *toda de bronze* (?) —e fez tambem o retabulo do mesmo altar, *como se vê das letras que tem nas fasquias* (diz a *Chronica*).

Succedeu-lhe D. Luiz d'Almeida, seu sobrinho, que jaz na capella mór em sepultura rasa com o epitaphio seguinte:

AQUI JAZ D. LUIZ D'ALMEIDA, D. PRIOR D'ESTE MOSTEIRO. FALECEO A 23 D'ABRIL DE 1565 ANNOS.

O ultimo *D. Prior* d'este convento foi D. Luiz d'Azevedo,[1] que falleceu a 26 de julho de 1610,—data em que este convento se uniu á congregação dos conegos regrantes d'este reino, sendo prior geral da mesma congregação D. Miguel de Santo Agostinho, que nomeou a D. Estevam dos Martyres primeiro prior trienal d'este convento.

—

É isto o que se lê na *Chronica* da ordem, mas a *Chorographia Portugueza* offerece algumas variantes.

Diz que D. João Gonçalves da Camara, D. Vasco de Sousa, João Fernandes Farto, D. João Fernandes d'Almeida, D. Luiz d'Almeida e D. Luiz d'Azevedo não foram propriamente priores ou prelados d'elle, mas *fidalgos commendatarios*,[2] o que faz grande differença e explica até certo ponto o motivo porque não foi restaurada a egreja primitiva nem ampliado o convento. E extinctos os commendatarios, foram as rendas d'este pobre convento unidas ao de Landim, tambem de conegos regrantes.

Em 1706 habitavam este desgraçado convento de *S. Miguel de Villarinho* apenas dois frades:—um presidente e um recebedor, que recebia os dizimos e *sabidos* d'esta freguezia e da de S. Thiago da Carvalhosa, concelho de Paços de Ferreira, alem da renda dos grandes passaes que esta parochia tinha.

Tirada a congrua d'aquelles dois religiosos e a do cura que administrava os sacramentos aos parochianos, todas as sobras iam para o convento de Landim.

Extinctas finalmente as ordens religiosas em 1834, volveu esta egreja a ser, como primitivamente foi até 1070,—*simples egreja parochial.*

—

No *Catalogo dos Pergaminhos do Cartorio da Universidade de Coimbra*, feito em 1880 pelo sr. Gabriel Pereira, distincto litterato e archeologo, se mencionam varios pergaminhos pertencentes a este convento, taes são os seguintes:

Seculo XVI

N.º 35,—anno 1432.—Casaes em Fontam, na Carvalhosa... teigas de milho pela medida nova, etc.

N.º 36,—anno 1450.—Provisão do Vigario Geral de Braga, confirmando João Vasques, conego do mosteiro de Villa Nova de Muhia (Moinha) em prior d'este de S. Miguel de Villarinho com dispensa da constituição que prohibe dar o governo do mosteiro a quem

---

[1] Era irmão do veneravel D. Ignacio de Azevedo, martyr e provincial da *Companhia de Jesus*,—e de D. Francisco d'Azevedo, senhor da quinta de Barbosa,—e de D. Jeronymo d'Azevedo, vice-rei da India,—e de D. João d'Azevedo, capitão-mór de Sofala,—todos filhos de D. Manuel d'Azevedo.

[2] Os *commendatarios* foram um dos maiores flagellos que pesaram sobre os conventos!

Eram fidalgos, a quem os nossos reis davam em remuneração de serviços as rendas dos conventos, pelo que muitos d'estes, aliás riquissimos, tiveram de fechar-se por falta de meios, pois todas as rendas eram poucas para sustentarem o luxo, o fausto e os caprichos dos taes zangãos e parazitas, seus *commendatarios*.

V. *Benedict. Lusit.* tomo 2.º pag. 230,—e particularmente o *Preludio* II, pag. 410.

não souber ler, cantar e entender latim, ao menos ao pé da lettra.

Oh! tempora, oh! mores!...

N.º 37,—anno 1469.—Bulla para posse do priorado a Pedro Egidio, religioso do mosteiro de Grijó.

N.º 212,—anno 1488.—União d'este convento de Villarinho ao de Roriz.

Mau fado perseguia este pobre convento de Villarinho?!...

3.ª *Collecção especial*
Pergaminhos mui volumosos

N.º 6,—era 1367,—a pag. 107 do *Catalogo*: Sentença n'uma questão entre os mosteiros de Lordello, *Villarinho*, Santo Thirso e Ferreira—e certos cavalleiros e escudeiros que exigiam certas pensões e direitos.

É composto de 4 pelles em mau estado.

Nas *Dissert. Chronol. e Crit.* de João Pedro Ribeiro, tomo 2.º pag. 255 a 258, se encontra tambem um documento curioso, que prende com este convento. É um compromisso que em 24 d'agosto do anno de 1387 celebraram no convento de S. João d'Alpendurada os prelados e religiosos dos dois mencionados conventos e dos de Riba d'Ave, Cette, Bastello, Pedroso, Ancede, Paço de Sousa, Travanca, Villela, Villa Boa do Bispo, Mancellos, Pombeiro, Roriz, etc., obrigando-se a suffragarem todos o religioso que falecesse em qualquer dos dictos conventos.

Era então prior d'este de Villarinho D. João Gonçalves.

Finalmente as mesmas *Dissertações*, tomo 5.º pag. 5-6, mencionam outro documento interessantissimo para a historia d'este convento. É uma bulla de Callisto II, datada do *anno* 1120, na qual se faz menção dos conventos de Rio Tinto, Pombeiro, Santo Thyrso, Arnoia, Burgães, Antime, *de Fraixino, de Saltio, de Redentis, de Macanariis*, Mancellos, Varzea, Villa Cova de Tellões, Villa Boa do Bispo, Soalhães, Rial, Ancede, *S. João*, Paço de Sousa, Entre Ambos os Rios, Aguas Santas, Pedroso, Cedofeita, Bouças, Vairão, Leça e d'este de *Villarinho*, o que prova *evidentemente* que a fundação d'este convento é anterior ao anno 1120.

Concluiremos dizendo que nos principios do seculo XIV foi padroeira e herdeira natural d'este e d'outros muitos conventos D. Beringeira Ayres, a qual em 12 d'agosto do anno 1302 doou a D. Geraldo, bispo do Porto, o padroado e jurisdicção que tinha n'este convento de *Villarinho* e nos conventos e egrejas de S. Croyo, Tareco, Victorino das Donas, Villar de Frades, Britiande, Cedofeita, Villar de Porcos,[1] Nevogilde, Sobrado, Santa Cruz do Douro, S. Lourenço de Panoias, Pombeiro, Santo Thyrso, S. João d'Alpendurada, Villela, Tibães, Paço de Sousa, etc., etc., reservando para si a doadora os conventos de Ancede, Tarouquella e Travanca e os casaes e *honras* das quintas leigas.

A tal sr.ª D. Reringeira era mais rica do que eu!

V. *Censual do Cabido do Porto*, fl. 86 *in fine*; mas como os illustres conegos portuenses, *desde que Alexandre Herculano visitou o seu archivo*, resolveram não mostrar a mais ninguem o *Censual* (?!.....) vejam-se as *Dissertações Chronologicas e Criticas* de João Pedro Ribeiro, tomo 5.º pag. 63 e 64.

VILLARINHO,—freguezia do concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão.

V. *Villarinho das Cambas*.

VILLARINHO D'AGROCHÃO, — freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Santo Antão;—fogos 87, —habitantes 360.

Em 1706 pertencia ao termo e concelho da villa de Nuzellos, comarca de Moncorvo, bispado de Miranda;—o seu parocho era cura da apresentação do abbade de Nossa Senhora da Assumpção de Nuzellos;—tinha uma capella e 6 fontes—e contava 62 fogos.

Em 1768 era abbadia do mesmo bispado de Miranda e da mesma apresentação;—rendia réis 200$000—e contava 68 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 354 habitantes, comprehendendo annexas, não sabemos quaes.

---

[1] Hoje freguezia de *Villar de Pinheiro*, concelho de Villa do Conde, como já dissemos no artigo proprio. *Vide*.

Em 1862 estavam espiritualmente annexas a esta freguezia as de S. Mamede d'*Agrochão* e S. Martinho de *Ervedosa*, concelho de Vinhaes, mas o censo de 1864 deu-as como freguezias independentes, — a 1.ª com 147 fogos e 588 habitantes,—a 2.ª com 153 fogos e 644 habitantes.

O censo de 1878 deu a esta parochia de Villarinho 91 fogos e 351 habitantes.

Contava então este concelho de Macedo de Cavalleiros 38 freguezias com 4:492 fogos e 18:566 habitantes. Das 38 freguezias 16 não contavam 100 fogos cada uma—e todas as outras menos de 200 fogos, exceptuando 3:—*Ala* com 210, —*Lama Longa* com 212—e *Macedo* com 259.

São muito pouco populosas quasi todas as freguezias d'este districto de Bragança.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho e comarca de Vinhaes, vol. XI. pag. 1099 columna 2.ª

—

Comprehende esta parochia apenas a aldeia de *Villarinho d'Agrochão*, que demora em sitio alto, alegre, vistoso e saudavel, na margem direita da ribeira de Nuzellos, confluente do Tuella, da qual dista 3 kilometros para O.;—7 da margem esquerda do Tuella para E.;—22 de Macedo de Cavalleiros para N. N. O.;—28 de Bragança;—40 de Mirandella;—90 da estação do Tua na linha ferrea do Douro, pela linha ferrea do Tua, prestes a abrir-se á circulação;—229 do Porto—e 566 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Arcas, Lama Longa e Penhas Juntas.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, batatas, azeite e lã, pois cria bastante gado lanigero e bovino.

Antes da invasão phylloxerica destroçar como destroçou os seus vinhedos, tambem produzia excellente vinho de mesa, em grande quantidade.

O vinho d'esta parochia, da de Lama Longa, sua limitrophe, e da de Arcas era *o melhor* do alto d'esta provincia de Traz-os-Montes.

—

Os seus templos reduzem-se á egreja matriz e 2 capellas publicas. Nada teem digno de especial menção. A festa principal é a do padroeiro.

Esta parochia em 1840 pertencia ao concelho da Torre de D. Chama, extincto por decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, tendo pertencido á comarca de Mirandella.

Banha esta parochia a ribeira de Nuzellos, na qual tem 2 moinhos.

Não ha n'esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 6, de Mirandella a Bragança.

Tambem aqui não ha escola alguma,—nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista aos illustres vereadores de Macedo de Cavalleiros.

VILLARINHO DO ARCO — ou *Villarinho dos Padrões*,—aldeia da freguezia da *Venda Nova*, concelho e comarca de Montalegre, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Orago S. Simão;—fogos 67,—habitantes 306.

Esta freguezia foi simplesmente indicada pelo meu benemerito antecessor. V. *Venda Nova*, vol. X, pag. 278, col. 2.ª

Aproveitando pois o ensejo de fallarmos de uma das aldeias que a constituem, preencheremos o vacuo d'aquelle artigo, consoante o permittirem os nossos limitados recursos.

—

Varios escriptores dão a esta freguezia o nome de *Codeçoso do Arco* e sob elle já foi descripta pelo meu antecessor no vol. 2.º

pag. 313, col. 1.ª; mas ha muito que officialmente é denominada *Venda Nova*—e tem sido sempre parochia autonoma, ou independente.

Demora em terreno arenoso, exposto ao N. e por consequencia frio, na margem esquerda do *Regavão* (uma das nascentes do *Cavado*) do qual dista cerca de 1 kilometro para S. E.;—28 de Montalegre para S. O.;—57 de Braga;—112 do Porto—e 449 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Venda Nova*, séde da parochia,—*Codeçoso do Arco*, ou *Codeçoso da Venda Nova*,—*Sanguinhedo* e *Villarinho do Arco*, ou *Villarinho dos Padrões*.

Freguezias limitrophes:—Pondras e Salto, d'este concelho de Montalegre;—Cerdedo, do concelho de Boticas;—Campos, do de Vieira,—e a N. e N. O. o rio Regavão, pois esta freguezia está no angulo formado pelo Regavão, que a banha a N.—e pelo ribeiro da *Ponte do Arco*, que a banha a O. e desagua no Regavão, correndo até aqui de E. a O.—e aquelle de S. a N.

Producções dominantes:—centeio, batatas, castanhas, algum milho e lã, pois cria bastante gado lanigero e bovino.

Tambem é mimosa de peixe do rio Regavão—e tem nos seus montes abundancia de caça.

—

Em 1706 esta freguezia estava annexa á de Santa Marinha do Ferral, que demora na outra margem (direita) do Regavão;—pertencia ao termo e concelho de Montalegre, comarca (ouvidoria) de Bragança—e contava 26 fogos.

Em 1757 era ainda curato annexo a Santa Marinha do Ferral, cujo abbade apresentava o cura, a quem dava de congrua 6$000 réis alem do pé d'altar,—e contava 30 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 291 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 65 fogos e 305 habitantes.

Em 1852, segundo diz o *Flaviense*, era do concelho e comarca de Montalegre;—o meu illustrado informador diz que desde 1841 até 1853 era da comarca de Montalegre, mas do concelho de *Ruivães*,—e a *Chorographia Moderna* diz: «Em 1840 pertencia ao concelho de *Ervededo*, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, *pelo qual* passou ao de Montalegre.»

Nos ultimos annos da dizimaria (1833 a 1834) era vigairaria *ad nutum*, annexa a Santa Marinha do Ferral, cujo abbade recebia os dizimos e dava de congrua ao vigario 40 alqueires de centeio e 39$000 réis em dinheiro,— além de 42$500 réis que tinha de *benesses*.

—

O meu illustrado informador, apoiado na tradição local e em alguns vestigios, diz que a egreja parochial esteve outr'ora no fundo da *Veiga de Codeçoso do Arco*, hoje *Venda Nova*, povoação antiquissima, pois (segundo se suppõe) foi a velha cidade romana, denominada *Presidium*.

Tambem data de tempos muito remotos a aldeia de *Sanguinhedo*, que foi parochia independente, hoje extincta e annexa a *Codeçoso do Arco* ou Vendas Novas.

É certo que passava aqui uma das vias militares romanas que de Braga conduziam a Astorga. Esta seguia por Chaves e o seu trajecto era com pequena differença o da nossa velha estrada real de Braga a Chaves, hoje substituida pela estrada real a macadam n.º 28, prestes a concluir-se e que atravessa tambem esta parochia.

Da velha estrada romana aqui se encontram ainda hoje (1886) alguns marcos milliarios, ou *padrões*, e mais se encontravam ainda no ultimo seculo.

Para evitarmos repetições, veja-se—*Codeçoso do Arco*, vol. 2.º pag. 313, col. 1.ª;—*Sanguinhedo*, vol. 8.º, pag. 393, col. 1.ª tambem e seg.;—*Estradas romanas*, vol. 3.º—as *Memorias* d'Argote, tomo 2.º pag. 534, 554, 574, 580 a 587 e 561,—e tomo 3.º pag. 194 a 202,—e n'este diccionario o artigo *Itinerario do Imperador Antonino*.

Dos dictos marcos milliarios tomou e conserva ainda hoje o nome de *Villarinho dos Padrões* uma das aldeias d'esta freguezia.

—

Alem dos 5 padrões já descriptos no artigo *Sanguinhedo*, o *Portugaliae Monumenta*

colheu de Argote os seguintes, todos encontrados n'esta freguezia:

1.º

TI. CAESR
DIVI F DIVI JU
LI. NEP. PONT
MAX IMP COS
V. TRI. POT
BRAC. AUG
XX

2.º

TI CLAUDIUS
AUG GERMANIC
PONT. MAX
IMP. III. TRB POT
III BRAC. AUG
XX

3.º

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
XXXIII.

4.º

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
M. P. XLII.

Na aldeia de *Villarinho dos Padrões* ainda hoje (1886) se vêem 2 dos dictos marcos, servindo de pilares de uma varanda em uma estalagem.

Vias militares romanas

Eram duas as que seguiam de Braga por Chaves, para Astorga,—e o seu traçado era o seguinte:

1.ª

Braga, Aréas, Carvalho, Pinheiro, Pardieiro, Cruz de Real, Confurco, Espinedo, Zebral, Bustello, Linhares, Cruz de Penascaes, Amear, Bezerrellos, Covello do Monte, Ailhó (hoje *Atilleó*) Carvalhelhos, Quintas, Boticas de Barroso, Granja, Sapiães, Casas Novas, Ribeira de Curalha, Casas do Monte e *Chaves*.

A nova estrada real a macadam n.º 28, de Braga a Chaves, segue o mesmo trajecto desde Sapiães até Chaves.

2.ª

Braga, Aréas, Carvalho, Pinheiro, Penedo, Gavinheiras, Salamonde, Ruivães, Boticas de Ruivães, Santa Leocadia, *Ponte do Arco, Villarinho dos Padrões*, Codeçoso do Arco ou Venda Nova (*Presidium* dos romanos) Porto de Carros, Lama do Carvalhal, Subilla, Brêa ou Vrêa, Pedreira, Gêa (por baixo de Ladrugães) Villa da Ponte, Cruz de Leiranco, Penedones [1] Berezes ou Beireses, e tambem Perezes e Peireses, [2] Portella de Urzeira, [3] Casaes, [4] Viduellos, Costellães, Ervededo e *Chaves*.

Luctuosas reminiscencias

Ha n'esta freguezia da *Venda Nova* uma ponte de granito sobre o ribeiro da *Ponte do Arco*, na estrada nova a macadam, ponte muito antiga e que dava passagem á velha estrada real e talvez á estrada romana.

Nos fins do ultimo seculo esta ponte foi theatro de scenas horrorosas!

Passando aqui um estudante, natural da freguezia de Calvão, concelho de Chaves, vindo de Coimbra em goso de férias, foi aqui roubado e barbaramente assassinado, por levar um bonito annel d'ouro e ter dicto na

---

[1] Até aqui segue com pequena differença o mesmo trajecto a nova estrada real a macadam;—de Penedones vae ao Alto de Morgada, Portella do Brunhedo, Ponte Pedrinha, Casas Novas, Cruz dos Pardieiros, *Chaves*.

[2] Alguem diz que foi *pago* e outros querem que fosse cidade.

V. *Vicente da Chã* (*S.*) vol. X, pag. 527, col. 2.ª *in fine*.

[3] Entre Meixedo e Codeçoso da Chã.

O que se lê no ultimo topico do artigo *Nogueira*, vol. 6.º pag. 106, col. 1.ª—e no vol. 7.º pag. 252, col. 2.ª—art. *Portella de Orzeira*,—deve ser corrigido pelo que se lê no art. *Rio Caldo*, vol. 8.º pag. 190, col. 2.ª

[4] Por estes sitios não se conhece local ou povoação com o nome de *Casaes;* denominavam-se, porem, *Casaes*, as povoações de Gralhas, Payo, Mantella, Soutello de Leiranco, Silveira, Meixide, etc., por terem o privilegio de *Casaes cerrados*. V. *Montalegre*, vol. 5.º pag. 444, col. 2.ª

estalagem de Ruivães, quando pagou a conta da despeza: «Ora graças a Deus, que ainda me restam 30$000 réis!»—isto por gracejo, pois só lhe restavam 30 réis. [1]

Os assassinos, morto o pobre estudante, seguiram pelo ribeiro do Arco acima até um moinho que está junto do *Pomar da Rainha* e ahi venderam a João Alves, fallecido ha annos, o chapeu da victima.

Foram presos, julgados e condemnados á morte, em Montalegre e, depois da execução, as cabeças estiveram no alto de postes, na mesma ponte, até serem devoradas pelo tempo e pelos bichos.

Os salteadores e assassinos eram gallegos.

Mais sangue

Dos ultimos individuos justiçados em Portugal nas provincias do norte depois de 1834, [2] o ante-penultimo—José Fernandes Begueiro, solteiro e jornaleiro,—era natural d'esta freguezia da *Venda Nova*, ou de *Codeçoso do Arco*, onde nasceu em 1815, filho de Senhorinha Fernandes Begueira, viuva.

Accusado de haver barbara, aleivosa e traiçoeiramente assassinado e roubado em abril de 1838, na serra das *Alturas de Barroso*, Ignacia Joaquina, viuva de Antonio José da Costa, e o menor Francisco, ambos da cidade de Braga, o juiz de direito de Montalegre, por sentença de 21 de janeiro de 1840, o condemnou a soffrer a pena de morte na forca, erguida no Campo do Toural da villa de Montalegre,—sentença que a relação do Porto confirmou em accordam de 12 de agosto de 1842. Recorrendo de revista, foi-lhe esta negada pelo supremo tribunal em accordam de 12 de maio de 1843—e por portaria de 28 d'agosto de 1844 se communicou ao presidente da relação do Porto que S. M. não houve por bem usar da sua real clemencia em favor do reu.

Foi justiçado na *Praça do Toural*, em Montalegre, no dia 17 de setembro de 1844.

Relação do Porto, cartorio do escrivão Albuquerque.

Na *Revista Universal Lisbonense*, tomo IV, pag. 142, póde ler-se na sua integra a sentença que o juiz de direito de Montalegre, dr. João Carlos d'Oliveira Pimentel, deu contra o reu. Não a transcrevemos por ser muito longa. N'ella se diz, entre outras cousas, o seguinte:—que o reu foi preso em uma taverna da Venda Nova no dia 25 de maio de 1838, armado com um pau de choupa e uma faca de ponta;—que desde a sua infancia se tinha associado com ladrões, salteadores e assassinos, e que por seu turno padecia a nota de ladrão, salteador e assassino;—que o jury deu como provado o crime com todas as circumstancias aggravantes do libello accusatorio, etc.

—

De uma *Carta* ou *Memoria* que sobre o assumpto escreveu um contemporaneo do reu, que lhe assistiu no oratorio, extractaremos o seguinte:

O reu foi conduzido da cadeia da Relação do Porto para Montalegre por uma escolta de infanteria n.º 2. Seguiu a estrada de Ruivães e, quando passou na *Alturas*, junto do local onde fez as duas victimas, tirou o chapeu e orou largo tempo.

Chegou a Montalegre no dia 13 de setembro de 1844, pelas 10 horas da manhã;—entrou logo na prisão, com muita presença de espirito, comendo e fumando, como se não pensasse na sua triste sorte,—e declarou que eram inuteis as cautellas para se não suicidar, porque queria morrer como christão.

---

[1] Antes inculcasse pobresa, como fez um lavrador do Douro, meu visinho, que indo do Porto com 600$000 réis e tendo de atravessar a serra de Amarante até Mezãofrio por caminho que então era um covil de salteadores, muito de proposito ia tão mal vestido que, chegando a uma estalagem e fingindo-se doente, mandou matar uma gallinha, mas a estalajadeira não se moveu. Instando o bom do homem, disse-lhe ella com asperesa:

—E quem é que me paga?

—Eu sou um desgraçado, respondeu elle, mas julgo que ainda hei-de ter um *pinto* (480 réis) para pagar a gallinha. E, depois de muito rebuscar as algibeiras, deu-lhe o pinto. Ficou a mulher espantada e só então se moveu.

Si non é vero...

[2] Foram em numero de 16,—4 justiçados no Porto—e 12 fóra do Porto.

V. *Victoria*, vol. X, pag. 604, col. 1.ª e segg.

No dia 15 chegaram a Montalegre os executores;—estava elle jantando, mas, vendo-os, entristeceu-se e não acabou o jantar. Era meio dia. Á uma hora foi intimado para entrar no oratorio. Despediu-se das pessoas que atravez das grades o observavam, pedindo perdão a todos e que orassem pela sua alma. Em seguida entrou resoluto no oratorio.

—

Havia o juiz de direito sollicitado do rev. arcypreste 4 ecclesiasticos para ministrarem ao infeliz os soccorros da nossa religião. Acudiram promptamente os rev.os Manuel Caetano, parocho encommendado em Santa Maria de Gralhas,—João Gonçalves, parocho de Sarraquinhos e J. Baptista Rosa.

—

Confessou-se; ouviu com muita compunção as practicas dos rev.os ecclesiasticos;—comeu e dormiu n'aquella noite, mas muito sobresaltado.

No dia 16 commungou;—ouviu 3 missas;—comeu alguma coisa, mas foi perdendo as forças e deitou-se. Perto da noite, muito compungido, declarou que eram muitos os seus peccados e que só um Deus de infinita misericordia os podia perdoar. Pediu aos sacerdotes presentes que lhe contassem os mysterios da paixão de Jesus e a conversão de algum santo peccador, beijando sem cessar um crucifixo, bebendo amiudadas vezes agua fria e revelando grande abatimento.

De noite dormiu um pouco mais socegado;—contava muito attento as horas que soavam no relogio da torre e dizia aos assistentes quanto a vida se lhe ia encurtando.

Rompeu a manhã do dia fatal. Não come e só se refrigera com agua fria;—mostra-se resignado e reconcilia-se duas vezes.

«Dão 11 e meia; chega a irmandade da Misericordia e os executores com a alva e corda; entram e não desanima; vestem-no; cingem-lhe o baraço, elle presta-se com toda a resignação e os ajuda a accommodar as voltas da corda na prisão das mãos. Saem para a praça do *Toural*;—forma-se o prestito ....e segue acompanhado pelas auctoridades, pelos 2 executores, vestidos de casaco e calça preta, e por uma força militar de 50 homens, em quanto outros 50 de policia formavam armados em volta do patibulo, que se ergueu a meio da praça.»

—

Dirigiram-se á capella de S. Sebastião na dicta praça, onde o capellão da Misericordia celebrou missa e o padre Manuel Caetano fez uma commovente allocução ao reu e ao povo,—e caminharam para o patibulo. Junto d'elle o reu novamente se reconciliou e, ajoelhando sobre uma taboa, conservou-se firme um quarto de hora sem desfallecer;—ouviu depois a sentença que o escrivão do processo leu;—pediu agua—e o padre Rosa com uma breve e pathetica oração o animou a subir.

Simões, o executor mais novo, o esperava já no cimo do patibulo; sobe o padecente, acompanhado pelos padres Gonçalves e Rosa—e senta-se nos degraus superiores. D'ali mesmo o padre Gonçalves, com os olhos marejados de lagrimas, recitou de improviso um pathetico discurso que muito commoveu o numeroso auditorio, mais de 5:000 pessoas que entulhavam a praça, terminando por pedir em nome do padecente perdão a todos, á mãe, a uma irmã e parentes, amigos, justiça, etc.

O padecente de novo pediu agua e depois elle proprio, com voz sonora e intelligivel, pediu tambem perdão a todos;—disse adeus ao mundo;—implorou a protecção de Maria Santissima, para que lhe alcançasse a misericordia do seu amado filho, cujas chagas elle padecente abrira;—cedeu custosamente o crucifixo que levava nas mãos;—o algoz lançou-lhe o capuz—e a execução foi rapida.

—

A dicta *Memoria* conclue dizendo:

«O executado nasceu em abril de 1815 e contava apenas 22 annos quando foi preso; não recebeu educação alguma moral, posto que dizia pesar-lhe o não ter seguido os conselhos de sua mãe. Entregue muito novo ás paixões e vicios, havia-se amestrado no crime. Julga-se ter praticado outros assassinios, mas nada declarou, nem mesmo os que lhe fizeram culpa. Em todo o tempo do oratorio e execução mostrou bons sentimentos

e felizes lembranças, grande humildade e santidade. Se a educação cultivasse aquella indole, talvez fosse um homem virtuoso e um excellente cidadão.»

Agora o meu illustrado informador [1].

—

«Já que vem de molde, permittam-me que exponha um facto, tal qual me foi narrado por um dos sacerdotes que no oratorio assistiu ao suppliciado. Foi o rev. João Gonçalves, reitor de Sarraquinhos, venerando ancião fallecido em 12 de junho de 1883.

«Na noite de 16 de setembro de 1844, vespera do dia da execução, (disse elle)—encontrando-me bastante fatigado com o trabalho do dia no oratorio, pedi a um dos meus collegas para me substituir por algum tempo. Assim m'o prometteu e fui deitar-me um pouco. Adormeci logo, mas em breve acordei sobresaltado; sentei-me no leito e, lançando os olhos por toda a sala do tribunal que servia de dormitorio, com surpresa vi os meus collegas dormindo profundamente!

«Levantei-me logo; atravessei a sala onde estáva a força militar, e esta dormia tambem;—dirigi-me ao oratorio e encontrei o reu só, de joelhos e como que em extasis, com os olhos fitos em um crucifixo, balbuciando algumas orações. Saudei-o commovido e elle me disse:

—Padre, se a Rainha Nossa Senhora me perdoasse, eu não acceitava o perdão.

—Não só acceitaria o perdão (repliquei eu)—mas até se evadiria, se podesse.

—Tanto não me evadiria que, offerecendo-se-me occasião para isso, a não aproveitei. Já estive na rua e voltei para a prisão.

«Objectei-lhe que na sala contigua estava a força militar e ao fundo da escada uma sentinella.

—As praças que ali estavam na sala (respondeu elle) dormem todas—e o fundo da escada não tinha sentinella. Já vê, pois, que, se não fugi, foi porque não quiz nem quero. Sinto-me contricto e arrependido dos meus crimes e, d'elles perdoado pela infinita misericordia de Deus, espero estar com elle no paraiso brevemente, em quanto que fugindo tinha de andar escondido, sobresaltado e, associando-me talvez ás más companhias d'outr'ora, tornar-me-hia reu de mais crimes e desamparado da graça de Deus.

«Dicto isto, beijou o crucifixo e chorou.

«Aproveitando tão boas disposições, de novo o exhortei á confiança na misericordia divina e louvei ao Senhor pela conversão de um tão grande criminoso.

«Depois, para me certificar de uma revelação tão estranha, sahi do oratorio e vi que effectivamente as praças todas dormiam e não estava sentinella na escada!...»

—

Continua o meu illustrado informador:

«O mesmo dignissimo sacerdote, João Gonçalves, confessou e acompanhou ao supplicio um outro infeliz, por alcunha o *Pintor*, de Villar de Perdizes, que foi fusilado em Chaves, por crime de deserção, pouco tempo depois da triste secena de Montalegre.

Aquelle desertor era um homem perverso e duas vezes havia tentado assassinar o mencionado sacerdote, a quem na hora extrema escolheu para confessor.

Altos juisos de Deus?!...»

Rectificações

A *Portella de Rebordellos*, de que se fez menção no vol. 7.º pag. 253, col. 1.ª, devia estar n'esta freguezia da *Venda Nova*, ou nas suas proximidades—e não na freguezia e concelho de *Boticas*, como disse o meu benemerito antecessor no logar citado.

A nossa asserção baseia-se nas rasões seguintes:

1.ª—Porque na freguezia e no concelho de Boticas (de Barroso) não ha sitio algum denominado *Portella de Rebordellos*—nem memoria de apparecerem ali marcos milliares.

2.ª—Porque uma das inscripções dos marcos encontrados na *Portella de Rebordellos* dizia que d'ali a Braga eram 5 leguas,—e outra marcava XXXV mil passos,—distan-

---

[1] Foi o rev. José dos Santos Moura, dignissimo abbade de Caires, a quem este diccionario tanto deve, e que infelizmente falleceu em outubro de 1885.

V. *Caires* n'este diccionario e no supplemento.

cia que não corresponde á de Braga a Boticas de Barroso, que regula por 12 leguas, ou 60 kilometros.

3.ª—Porque nas proximidades da villa de Boticas não ha povoação alguma denominada *Campos*, emquanto que a meia legua da freguezia da *Venda Nova*, para poente, se encontra na estrada de Braga a povoação e freguezia de *Campos*—junto do sitio denominado *Botica de Ruivães*, que dista de Braga cerca de 6 legoas, ou 30 kilometros para N. E.,—distancia qne mais se approxima da dos taes marcos milliares.

—

Fecháremos este artigo bemdisendo a memoria do nosso illustrado e benemerito informador,—o rev. José dos Santos Moura, fallecido em outubro de 1885.

Deus o tenha em bom logar!...

VILLARINHO DAS AZENHAS,—freguezia do concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Justa;—fogos 72,—habitantes 310.

Em 1706 era vigairaria do termo e concelho de Villas Boas, comarca de Moncorvo, arcebispado de Braga, e da apresentação do reitor dos *Valles*, termo e concelho de Chaves (hoje concelho e comarca de Val Passos)—os seus dizimos eram repartidos pela terça do arcebispo de Braga e pela commenda de S. Nicolau dos Valles;—tinha 2 capellas e 3 fontes—e contava apenas 30 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—o cura recebia 14$600 réis, alem do pé d'altar,—e contava 32 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 61 fogos e 189 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 71 fogos e 243 habitantes.

—

Esta parochia é formada pela unica povoação de *Villarinho das Azenhas*, que demora em sitio fundo, abafado e ardentissimo no verão, a sopé de uma ingreme encosta na margem esquerda do Tua, do qual dista apenas 400 a 500 metros—e approximadamente egual distancia da linha ferrea do Tua, para S. E.;—10 de Villa Flor para N.O.;—37 da foz do Tua e da estação d'este nome na linha ferrea do Douro;—176 do Porto—e 513 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Villas Boas, Meirelles e Ribeirinha, annexas de Villas Boas, as quaes fecham em uma especie de meia lua o pequeno terreno de Villarinho a N.E.S. e E.—e a N. O. o Tua.

Producções dominantes:—optimo azeite em grande quantidade, vinho bom de mesa, cereaes e fructa.

Tambem é mimosa de caça miuda, de peixe do Tua—e de *sesões*, por estar em sitio fundo, abafado e ardentissimo no verão.

Banham esta parochia o Tua e alguns pequenos ribeiros que desaguam no Tua, no qual tem desde tempos muito remotos varias azenhas, das quaes tomou o nome de *Villarinho das Azenhas*. São hoje as 4 seguintes:—*Azenha Nova*,—das *Tres Rodas*,—da *Amieira*—e das *Regadas*.

—

Os 3 primeiros proprietarios d'esta freguezia hoje são:—Antonio do Nascimento de Almeida e Costa, José Pegado e Antonio Pinto Soares.

Templos

1.º—*Egreja parochial.*

A primeira esteve no sitio ainda hoje denominado *Egreja Velha*, cerca de 800 metros distante de Villarinho, pelo que, achando-se arruinada e sendo humilde e pequena, a deixaram e arvoraram em matriz uma capella que estava na povoação, no sitio que hoje occupa.

Foi reedificada e accrescentada em 1716. Tem campanario com 2 bellos sinos—e dentro d'ella se fazem ainda hoje os enterramentos, por falta de cemiterio, o que muito augmenta a insalubridade d'esta parochia.

2.º—*Capella do Espirito Santo.*

Demora ao fundo da povoação de Villarinho. É publica.

3.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, tambem publica, cerca de 2 kilometros a leste de Villarinho, em sitio alto e vistoso, nas faldas da serra do *Pharo*,—serra que está defronte da de Nossa Senhora da Assumpção de Villas Boas e que deve ter approximadamente a mesma altura.

V. *Villas Boas*, freguezia do concelho de Villa Flor.

A dicta capella dos Remedios tem altar-mór e 2late raes, todos muito singelos,—e um pequeno campanario com uma sineta.

Festejam a padroeira no primeiro domingo depois da Natividade de Nossa Senhora, havendo por essa occasião uma insignificante romagem.

3.º—*Capella das Onze Mil Virgens.*

Demora na povoação;—é particular;—está em ruinas—e pertence ao primeiro proprietario d'esta freguezia,—Antonio do Nascimento d'Almeida e Costa.

—

N'esta parochia não ha minas em exploração nem simplesmente registradas, mas deve ter importantes jázigos de ferro, porque no seu termo, na pendente da serra do *Pharo* sobre a margem esquerda do Tua, brotam muitas nascentes d'aguas ferreas, que até hoje não foram analysadas. Mencionaremos apenas duas:—a do *Ribeirão*, a S. O. de Villarinho,—e a *d'Agua de Lã.* [1]

Esta ultima abunda em magnesia e os habitantes de Villarinho a aproveitam para uso domestico.

Suppomos que estas aguas são congeneres das thermaes de *Carlão* e *S. Lourenço*, que brotam alguns kilometros a jusante nas margens do mesmo rio Tua,—e é provavel que sejam devidamente analysadas e aproveitadas, logo que se abra ao transito a linha ferrea do Tua, quasi concluida, e que atravessa as dictas nascentes.

V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 478, col. 1.ª Aproveitando o ensejo, — accrescentaremos o seguinte:

Linha da Foz do Tua a Mirandella

—Contracto provisorio:—24 de dezembro de 1883.

—Approvação:—carta de lei de 26 de maio de 1884.

—Contracto definitivo:—30 de junho de 1884.

—Concessionario: — Conde da Foz, que depois organisou a *Companhia Nacional de Caminhos de Ferro*, á qual traspassou os seus direitos.

—Inauguração dos trabalhos:—16 d'outubro de 1884.

—Extensão da linha:—54 kilometros.

—Obras d'arte:—6 tuneis com a extensão total de 522 metros;—2 viadúctos de ferro e 4 pontes, tendo de extensão total os 6 taboleiros 220 metros.

—Estações:—Foz-Tua, na linha do Douro, em que entronca;—Tralhariz, Amieiro, S. Lourenço, Brunheda, Abreiro, Villarinho (das Azenhas) — Cachão (estação de Villa Flor, distante cerca de 11 kilometros para N.E.)—Frechas e Mirandella,—estação *terminus* actual, emquanto esta linha se não prolonga até á de Zamora, pelas proximidades de Bragança.

Deve abrir-se á circulação no corrente anno de 1887.

Depois de varios contra-projectos, o seu traçado seguiu a margem esquerda do Tua.

A estação de *Villarinho* dista da Foz do Tua 36 kilometros.

Fica assim rectificado o que d'esta linha dissemos no artigo *Vias Ferreas.*

—

O Tua, a montante d'esta freguezia de Villarinho, corre placido, tem margens mimosas e rega bons campos, mas desde Villarinho até o Douro o seu leito é muito pedragoso, apertado, agreste e fundo e descreve a cada passo o bello-horrivel em cachoeiras medonhas e pégos de grande altura, tal é mesmo aqui, junto de Villarinho, mas no termo da freguezia de Valverde (margem direita) a *Ola do Piago*,—e no termo de Villarinho, no sitio da mencionada *Azenha das Tres Rodas*, o pégo das *Taimas*, junto dos fertilissimos campos d'este nome.

V. *Tua* n'este diccionario e no supplemento.

Concluiremos dizendo que esta freguezia tem estado por vezes annexa á de Villas Boas, mas hoje é independente e tem parocho proprio *encommendado*,—o rev. Feli-

[1] É possivel que o nome seja outro e que eu não decifrasse bem os apontamentos que recebi.

ciano d'Almeida Ramires, venerando ancião, pois já conta mais de 70 annos de idade.

Ao meu bom amigo e cyreneu, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, mas residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DO BAIRRO,—villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca da Anadia, districto de Aveiro, diocese de Coimbra, provincia do Douro.

Priorado;—fogos 611,—habitantes 2:550.

Orago—S. Miguel.

Em 1708 era priorado da apresentação da casa de Bragança e villa pertencente á extincta comarca de Esgueira, cujo provedor entrava n'esta villa por correição, bem como o ouvidor de Barcellos[1];—alem da egreja parochial tinha 2 capellas publicas—e contava 160 fogos.

Em 1768 era priorado da apresentação da corôa;—rendia 250$000 réis—e contava 27 fogos (?) segundo se lê no *Portug. S. e Profano.*

O censo de 1864 deu-lhe 501 fogos e 2:011 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 551 fogos e 2:271 habitantes.

Em 1840 pertencia ao concelho de S. Lourenço do Bairro, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o da Anadia.

—

Demora em terreno suavemente ondulado, mimoso e fertil, na estrada districtal a macadam de Luso a Mira e dista da estação de Mogofores, na linha ferrea do norte, 6 kilometros para O. S. O.;—9 e meio da villa da Anadia, séde do concelho e da comarca, para O. N. O.;—33 de Coimbra;—100 do Porto —e 251 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho do Bairro*, séde da parochia,—Paço, Pedreira, Torres, Lameirinhas, Pontena, Moinho do Maio, Vendas de Samel, Quinta da Alegria, Quinta do Perdigão, Chepar de Baixo, Chepar de Cima, Bemposta, Levira, Mouta Redonda, Banhos, Ribeirinho, Azenha, Arrota, Freixo, Mellada e Quinta do Pomo.

[1] Foi villa e priorado da serenissima casa de Bragança durante seculos.

Producções dominantes: — vinho, milho, arroz, fructa e hortaliça.

O seu vinho é optimo, como vinho de mesa, pois esta freguezia faz parte integrante da *Bairrada*, uma das nossas primeiras regiões vinicolas e hoje (1887) uma das mais ricas, porque produz grande quantidade de vinho e nos ultimos annos todo tem sido exportado por bom preço[1] para França,—bem como todo o da Beira, da Extremadura e do Minho, depois que a maldicta phylloxera aniquilou os nossos vinhedos do Alto-Douro e os da França; mas infelizmente já todos os vinhedos da Bairrada, da Extremadura e da Beira se acham ameaçados de morte pela mesma praga!

Tambem n'esta região vinicola da Bairrada, nomeadamente nas freguezias de Ancas, Tamengos, Mogofores, Ois do Bairro, S. Lourenço do Bairro e n'esta de Villarinho do Bairro tem causado muitos prejuisos nos ultimos annos a *pyrale*, ou lagarta da vinha, e uma epiphytia muito semelhante á da *diagalves*, flagello da nossa Extremadura.

—

Esta parochia é atreita a pneumonias. Em uma correspondencia de 7 de janeiro de 1874, enviada d'aqui para um jornal de Aveiro, se lia entre outras coisas o seguinte:

«As pneumonias agudas tem causado aqui uma mortandade, como não ha memoria! Raro é o dia, em que não ha uma victima; e tem havido dias de duas. O povo anda aterrado, porque o funebre toque do sino todos os dias lhe vem trazer a triste noticia de que mais um nome se riscou do rol dos vivos. A irmandade das almas está enterrando os pobres, porque o unico coveiro que aqui havia, tambem já succumbiu; e o pharmaceutico da terra, por nome Antonio dos Santos, tambem já não existe! Corta na verdade os fios da alma vêr uns poucos de meninos chorando sobre o cadaver de um pae que era o seu amparo, ou sobre o cadaver de uma mãe, que, já viuva, era o seu unico arrimo!

Até á hora em que estou escrevendo, 3

[1] Tem-se vendido aqui a pipa de 600 litros por 30 a 36 mil réis!...

da tarde, já se deram hoje á terra mais duas victimas. Se isto assim continuar, teremos de pedir providencias ás auctoridades, e á misericordia do Altissimo.

A maior parte dos que são accommettidos pelo flagello duram só 3 a 4 dias; outros, que parece estarem a salvo, recahindo, morrem quando já se não esperá.»

Tambem as febres intermittentes são um flagello n'esta freguezia, por ter muitos arrosaes.

V. *Vil de Mattos.*

—

Em abril de 1884 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, caindo por essa occasião muitas faiscas electricas, uma das quaes matou instantaneamente uma pobre mulher.

Esta parochia foi villa e teve foral dado em Lisboa por el-rei D. Manuel, a 6 de março de 1515.

Livro de Foraes Novos da Extremadura, fl. 164, col. 1.ª

Freguezias limitrophes:—Mamarosa, Bôlho, Ois do Bairro, S. Lourenço do Bairro, Ventosa e Covões.

Alem da sua egreja matriz tem 11 capellas publicas e 2 particulares. São as seguintes:

1.ª—*Espirito Santo.*
2.ª—*Senhora do Livramento.*
3.ª—*S. Bartholomeu.*
4.ª—*S. Gregorio.*
5.ª—*S. Geraldo.*
6.ª—*Santa Marinha.*
7.ª—*Senhora da Conceição.*
8.ª—*Senhora das Febres*, alvo de grande veneração, porque as febres, como já dissemos, são o maior flagello que açoita esta freguezia.
9.ª—*S. João.*
10.ª—*Santa Maria Magdalena.*
11.ª—*Senhora da Boa Morte.*
12.ª—*Senhora dos Banhos.* [1]

Todas teem annualmente festa propria—e esta ultima 3 com romarias.

Na séde da parochia ha uma feira mensal.

Tem differentes ribeiros e regatos que regam e moem,—e muitas fontes publicas de charco, de poço e de bica, sendo a agua geralmente boa.

Tem uma fabrica de louça amarella—e não tem edificios notaveis—nem *cemiterio parochial!...*

Os enterramentos são feitos no adro da egreja matriz, onde ainda ha poucos annos se encontravam muitas moedas de 3 réis que os antigos costumavam metter nos bolsos dos finados para pagarem ao celebre *Caronte*, barqueiro da fabula, a passagem para os Campos Elysios!...

Não era muito cara a passagem.

Bem mais gastámos nós em 1880 para visitarmos os *Campos Elysios* de Paris.

Tem finalmente esta parochia duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

Nada resta da sua casa da camara, da cadeia e do pelourinho, porque foram demolidos quando se fez a estrada districtal a macadam.

—

É hoje aqui parocho e arcypreste, aliás muito digno, o rev. sr. Joaquim Gomes dos Santos, que nasceu na freguezia de *Vallongo do Vouga*, concelho d'Agueda, no dia 6 de junho de 1830;—recebeu todas as ordens em Lamego;—celebrou a primeira missa em 20 d'agosto de 1853;—por decreto de 11 de dezembro de 1858 foi apresentado na egreja do Troviscal, então diocese d'Aveiro, hoje de Coimbra,—e por decreto de 14 de julho de 1859 foi apresentado n'esta de *Villarinho* e n'ella se collou em 15 de dezembro do mesmo anno.

—

Aproveitando o unico ensejo que se nos offerece de fallarmos do concelho da *Anadia* no texto d'este diccionario, accrescentaremos ao artigo proprio (V.) o seguinte:

Comprehende 12 freguezias:—Ancas, Arcos, Avelãs do Caminho, Avelãs de Cima, Mogofores, Moita, Ois do Bairro, Sangalhos, S. Lourenço do Bairro, Tamengos, Villa Nova de Monsarros e esta de *Villarinho do Bairro*, com o total de 3:946 fogos e 16:016 habitantes,—segundo o recenseamento de 1878.

[1] O meu informador não mencionou a 13.ª

No ultimo anno economico de 1885 a 1886 pagou as contribuições seguintes.

Predial	10:026$237
Industrial	1:933$866
Renda de casas e sumptuaria	734$306
Decima de juros	810$203
Sello de verba	496$580
Sello de conhecimentos	323$387
Somma	14:324$579

Os seus 3 maiores proprietarios na actualidade são os ex.mos srs.—Marquez da Graciosa,—dr. Alexandre de Seabra—e dr. Francisco Cancella, da freguezia dos Arcos.

A producção principal d'este concelho é o vinho. No ultimo anno (1885) anno muito abundante, produziu talvez mais de 11:000 pipas de 600 litros; — est'anno produziria metade—e em annos regulares costuma produzir 6 a 8:000 pipas.

No anno ultimo vendeu quasi todo o seu vinho para França, a preço de 30 a 36$000 réis a pipa,—e para a França foi tambem no mesmo anno vendida e exportada a maior parte do vinho da Bairrada, da Beira, da Extremadura e do Minho.

Só desde outubro de 1885 até julho do anno de 1886 foram exportadas pela estação de Mogofores 8:800 pipas, pela da Mealhada cerca de 12:000,—pela de Cantanhede 7:000 e pela da Oliveira do Bairro 1:500,—quasi todas para a França.

—

É muito prospero o estado d'este concelho e de toda a região vinicola da *Bairrada* no momento, mas essa prosperidade tende a declinar porque os seus vinhedos, bem como os da Beira e da Estremadura, já estão manchados e seriamente ameaçados pela maldita phylloxera—e poucos dos seus proprietarios se teem resolvido a combatel-a com o sulphureto de carbone, que é o melhor insecticida até hoje descoberto.

V. *Villarinho de Cottas, Villarinho dos Freires, Villarinho de S. Romão* e *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

Ao sr. Albano Coutinho, illustrado viticultor d'este concelho e distincto escriptor publico agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Nasceu s. ex.ª em Lisboa na freguezia do Coração de Jesus aos 5 de dezembro de 1848 e foram seus paes Albano Affonso d'Almeida Coutinho[1] e D. Anna Luiza d'Oliveira Gadanho.

Foi alumno do nosso *Instituto Geral de Agricultura*, mas interrompeu o seu curso em 1868 para ir viver com seu pae, que então fixára a sua residencia em Mogofores, onde falleceu em 7 de março de 1876.

Debutou no jornalismo aos 18 annos, publicando na *Gazeta de Portugal* em 1867 uns interessantes folhetins, e tem posteriormente collaborado em outros muitos jornaes politicos, scientificos e litterarios de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, taes são:—*As Economias, Tribuno Popular, Districto d'Aveiro, Gazeta do Povo, Diario Mercantil, Archivo Popular,* a *Republica Portugueza, Diario da Tarde, Gazeta Muzical, Democracia, Jornal da Tarde, Commercio do Porto, Commercio Portuguez,* o *Seculo,* a *Justiça Portugueza,* o *Povo,* o *Jornal de Horticultura Pratica,* a *Vinha Portugueza,* etc.

Em 1879 escreveu uma comedia original em 3 actos,—a *Filha do commendador,*—que foi representada com applauso na inauguração do theatro da Anadia, em abril do dicto anno—e em 1881 publicou em volume, sob o titulo *Ocios* (Porto, typographia Lusitana) a maior parte dos seus escriptos que andavam dispersos.

Casou em 1879 com a sua prima D. Francisca Affonso Coutinho;—tem apenas uma filha;—vive em Mogofores concentrado na vida agricola e da familia—e é um dos mais distinctos vogaes da commissão anti phylloxerica da *Bairrada,* sua patria adoptiva.

VILLARINHO DAS CAMBAS, — freguezia do concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago o Salvador;—fogos 102, —habitantes 450.

---

[1] Veja-se o *Appendice* ao *Diccionario Bibliographico* de Innocencio.

Em 1706 era abbadia da mitra;—rendia 120$000 réis;—pertencia ao julgado de Vermoim, comarca e ouvidoria de Barcellos;—contava 52 fogos—e tinha como orago *S. João*—segundo se lê na *Chor. Portug.*, vol. 1.º, pag. 323, mas suppomos que foi lapso,—e por lapso tambem diz o sr. João Maria Baptista na sua *Chorogr. Mod.* (tomo 2.º pag. 550) que o padre Carvalho na *Chor. Port.* não fez menção d'esta freguezia sob o titulo de *Villarinho de Cambas.*

Solatium est miseris socios habere!...

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, esta freguezia denominava-se *Villarinho de Cambas;*—tinha como orago o Salvador;—era abbadia da apresentação da mitra;—contava 52 fogos—e rendia 300$000 réis.

O censo de 1864 deu-lhe 91 fogos e 324 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 77 fogos e 317 habitantes—e hoje, segundo diz o seu rev. abbade, conta 102 fogos e 450 habitantes!...

—

Demora esta freguezia na estrada a macadam de Villa do Conde para Villa Nova de Famalicão, entre os rios Este e Ave.

Dista da estação de Villa Nova de Famalicão (a mais proxima) na linha ferrea do Minho 4 kilometros para S. O.;—5 de Famalicão tambem para S. O.;—os mesmos 5 da margem direita do Ave para N. e tambem 5 da margem esquerda do rio Este para S.E.;—18 de Villa do Conde para E. N. E.;—26 de Braga;—37 do Porto—e 374 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho das Cambas*, séde da parochia,—Egreja, Monte, Nasce-Agua, Padrão, Eiras, Eirado, Vigia, Casermo, Barranhas, Paço, Chãos, Venda, Cruz, Espide, Santo, Cancella, Outeiro, Outeirinho, Bouça, Barrinho, Lagôas, Pena, Vessadinha e Lameiro.

A *Chorographia Moderna* menciona mais as seguintes:—Parada, Pedra d'Anta, Pombalinho e Souto.

Ha tambem n'esta parochia uma quinta importante, denominada *Outeiro*, pertencente ao sr. Antonio Fernandes Ilhão.

—

Freguezias limitrophes:—Fradellos a O.;—S. João do Callendario a E.;—Gemunde Cavallões e Gondifellos a N.—e Ribeirão a S.

Producções dominantes:—milho, vinho verde, hervagens, fructa e madeira de pinho em grande quantidade, pois tem vastos pinheiraes.

A egreja matriz é notavel pela sua antiguidade e pelas suas riquissimas decorações de obra de talha dourada e pinturas a oleo no tecto da capella-mór, representando a transfiguração e outros mysterios do *Salvador*, orago d'esta freguezia,—e no tecto do corpo da egreja 15 paineis restaurados em 1733 e que tambem representam varios mysterios de Christo.

Ha tambem n'esta egreja imagens de boa esculptura.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são duas:—S. João Baptista, a 24 de junho,—e Nossa Senhora da Paz, no dia da Assumpção.

Banha esta freguezia o ribeiro de *Villarinho*, que desagua no Ave, a 5 kilometros de distancia.

Rega, moe e abunda em peixe miudo, nomeadamente trutas.

Foi muito importante n'esta freguezia a industria da engorda de bois para a Inglaterra,—industria decadente na actualidade.

V. *Villar d'Andorinho.*

Em compensação nos ultimos annos tem vendido por bom preço todo o seu vinho para a França, nomeadamente para Bordeus.

V. *Villa Verde*, séde de concelho e comarca.

—

É muito antiga esta parochia, como provam a sua egreja matriz e as suas ricas decorações—e melhor ainda as sepulturas e ossadas que teem apparecido no *Campo da Junqueira*, pertencente á grande quinta do *Outeiro*, na povoação d'este nome,—campo, onde, segundo diz a tradição, houve um convento antiquissimo de frades bentos, que o abandonaram e se transferiram para o de *S. Simão da Junqueira*, proximo de Villa do Conde e distante d'esta freguezia cerca de 10 kilometros para O. S. O.

V. *Junqueira*, freguezia, Douro, vol. 3.º pag. 427, col. 2.ª

Era o dicto campo foreiro ao mencionado convento, pelo que em 1834, sendo extinctas as ordens religiosas, passou aquelle fôro para a fazenda nacional, e em 2 d'outubro de 1857 o governo o poz em hasta publica e o comprou pela quantia de 68$110 réis Antonio Fernandes Ilhão, dono da mencionada quinta do *Outeiro*, e que já era emphyteuta do dicto campo.

Alguem diz que o convento benedictino e depois cruzio de *S. Simão da Junqueira* foi primitivamente fundado no dicto campo, mas nem a *Benedictina Luzitana*, nem a *Chronica dos Conegos Regrantes* dizem coisa alguma a tal respeito.

—

N'esta parochia ha grandes jazigos de ferro.

Por decreto de 31 d'agosto de 1878 foram reconhecidos como proprietarios legaes de uma mina de ferro, sita na aldeia de Espido, Sebastião Maria dos Santos, Francisco José d'Oliveira, João Gomes Ferreira e o padre Antonio da Silva Ferreira, mas até hoje não deram principio á exploração;—e na quinta do *Outeiro* brotam aguas ferruginosas em terreno em partes muito escuro e n'outras avermelhado, o que parece revelar tambem jazigos de carvão e ferro.

Clima temperado e saudavel.

Doenças predominantes—pneumonias no inverno.

A rezidencia parochial é muito antiga e está muito arruinada com o peso dos seculos.

Por occasião do grande terramoto de 1750 estalou a soleira da porta principal da matriz d'esta parochia e ainda se conserva fendida.

Abbades

Até 1542—Manuel Dias.
» 1590—Francisco Soares, que foi tambem conego da Sé do Porto.
Até 1612—Estevam da Costa.
» 1648—Gaspar Gonçalves de Figueiredo.
Até 1685—Joaquim de Sá.
» 1714—Luiz de Sá.
» 1736—Manuel Ferreira da Cruz.
Até 1776—José Freire da Costa.
» 1813—Ignacio Ribeiro de Queiroz.
» 1845—Pedro Ignacio Rodrigues da Costa, visitador.
Até 1850—Joaquim Pereira de Vasconcellos Carneiro.
Até 1852—Antonio José Bernardo de Carvalho.
Desde 1852—Joaquim Alves da Silva.
É o rev. abbade actual.

Esta freguezia ainda não tem cemiterio. Os enterramentos são feitos no adro.

—

Alguem nos disse que esta parochia se denominava *Villarinho das Campas*, o que foi para nós uma surpreza; mas é certo que vulgarmente e officialmente se denomina *Villarinho das Cambas* e assim a denominaram a *Chorographia Portugueza*, o *Portugal Sacro e Profano*, o *Flaviense*, etc.

—

Ao sr. Joaquim Azuaga, dignissimo director da estação de Villa Nova de Famalicão na linha ferrea do Minho e redactor principal da *Alvorada*, interessante jornal litterario que se publica na mencionada villa, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DAS CAMPAS. — Leia-se *Villarinho das Cambas*. Vide.

Em todo o nosso paiz não temos aldeia nem parochia alguma denominada *Campas* ou *Villarinho das Campas*.

VILLARINHO DA CASTANHEIRA,—villa extincta, hoje simples freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, comarca de Moncorvo, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Santa Maria Magdalena; —fogos 262,—habitantes 1:080.

Em 1706 era villa da corôa e cabeça de uma grande abbadia da opção do cabido e mais ecclesiasticos do côro da Sé de Braga, a cuja diocese pertencia ecclesiasticamente —e judicialmente á comarca de Moncorvo; —era séde do concelho do seu nome e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores e juiz dos orphãos com seus officiaes, 1 capitão-mór e 1 sargento-mór, aos quaes obedeciam 3 capitães de 3 companhias de ordenanças da villa

e seu termo. Comprehendia este as 8 freguezias seguintes (além da séde):—*Pinhal*,[1] (do Douro)—Castedo, Carvalho d'Egas, Lousa, Seixo de Manhoses, Val de Torno, Gavião, hoje simples aldeia da freguezia de Seixo de Manhoses,—e Lagôa, hoje simples aldeia tambem da freguezia de Val de Torno.

Os parochos d'estas 8 freguezias eram todos apresentados pelo abbade de Villarinho da Castanheira, mas o cabido de Braga recebia os dizimos de todas, inclusivamente da de Villarinho,—dizimos que andavam então arrendados por 640$000 réis.

Ao tempo contava esta parochia 200 fogos—e rendia para o abbade 150$000 réis.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação—e contava 201 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 221 fogos e 877 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 260 fogos e 1:015 habitantes.

—

A povoação de Villarinho da Castanheira demora em um planalto alegre e vistoso na antiga estrada de Anciães para Moncorvo e dista 5 kilometros da margem esquerda do Douro para N.;—6 da estação de *Freixo de Numão* (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;[2]—12 de Carrazeda d'Anciães para S. E.;—15 de Villa Flor para S.S.O.;—24 de Moncorvo para O. N. O.;—171 do Porto—e 508 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Val Torno, Lousa, Castêdo, Fonte Longa, Mourão e Seixo d'Anciães.

O clima d'esta parochia é temperado e saudavel na parte alta, mas na margem do Douro e nas suas ingremes encostas é ardentissimo no verão e um medonho viveiro de sezões! Costuma ali o thermometro subir a 40 graus á sombra, quando na villa marca 20!

A baixa é uma verdadeira zona torrida, como toda a margem direita do Douro desde a Regoa até á Barca d'Alva,—emquanto que a parte alta d'esta freguezia e d'este concelho é fresca, muito habitavel e fórma a região denominada *Terra Fria*, ou *Frieira*, em opposição á *Terra Quente*, comprehendida nos concelhos de Murça, Alijó e Mirandella.

A parte alta é abundantissima de agua potavel e de rega,—emquanto que a baixa no verão só tem a agua do Douro e alguns charcos pestilentos.

A parte alta produz vinho, trigo, milho, azeite, muitas bátatas e castanhas,—em quanto que a baixa apenas produz magnifico azeite em grande quantidade, amendoas, sumagre e centeio.

Tambem produzia bastante vinho superior, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos, como destroçou quasi todos os do Alto Douro e d'esta provincia transmontana, achando-se tambem no momento (agosto de 1886) infelizmente já manchados e seriamente ameaçados todos os outros vinhedos do nosso paiz.

V. *Villarinho do Bairro, Villarinho de Cottas, Villa Flor e Villa Real de Traz-os-Mon-*

---

[1] A *Chorogr. Portugueza* não diz qual era a invocação d'esta parochia e por isso não sabemos se se referia á de *Pinhal do Douro*, orago o Espirito Santo,—ou á de *Pinhal do Norte*, orago Nossa Senhora das Neves,—hoje ambas d'este concelho; menciona porem outra freguezia com o mesmo nome de *Pinhal*, e da apresentação do abbade de Marzagão, no termo da extincta villa d'Anciães e pertencente á commenda de S. João Baptista de Marzagão, o que nos leva a crer que á villa e termo de Villarinho da Castanheira pertencia então a freguezia de *Pinhal do Douro*—e á villa e termo de Anciães a de *Pinhal do Norte*. O *Port. S. e Prof.* tambem diz que a freguezia de *Pinhal*, orago Nossa Senhora das Neves, era apresentada pelo parocho de Marzagão.

V. *Pinhal do Douro* e *Pinhal do Norte*.

[2] Esta linha vem do Porto e acompanha a margem direita do Douro até passar em um tunnel de 700 metros o *Cachão da Valleira*;—depois, um pouco a montante (kil. 152) passa para a outra margem (esquerda) do Douro em uma ponte de 7 vãos com a extensão total de 412^{m},50.—e segue d'ali sempre pela margem esquerda do Douro até á Barca d'Alva, onde entra na Hespanha, seguindo até Salamanca, etc.

Está aberta á circulação até á Foz do Tua, mas ainda este anno de 1886 deve abrir-se ao transito até á estação do Pocinho ou de Moncorvo,—e em 1887 ficará aberta ao transito até Salamanca. V. *Vias Ferreas*.

tes e *Villarinho de S. Romão*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

Esta parochia, alem da villa de Villarinho da Castanheira, não comprehende outras povoações, mas sómente 4 fogos na grande quinta de Lovazim, 3 nos moinhos do Couto e 3 na quinta e nos moinhos da Cova Escura.

Alem d'estas duas quintas, merecem especial menção tambem a da *Telhada*, pertencente a Sebastião d'Azevedo Lobo, de Seixo d'Anciães, cuja producção é azeite (5 a 6 pipas)—e a dos *Lagares*, pertencente ao padre José Maria d'Aguilar, da freguezia das Seixas, concelho de Foscôa.

A de *Lovazim* é hoje absolutamente a primeira e a mais importante d'esta freguezia e d'este concelho e uma das primeiras do Alto Douro e d'esta provincia,[1] porque a sua producção dominante foi sempre azeite; —costuma produzir a bagatella de 80 a 100 pipas de 550 litros por anno;—tem 25 a 30 mil oliveiras,—2 casas de habitação brazonadas e 19 com abegoarias e outras officinas; mede 5 kilometros ao longo do Douro, no qual tem as azenhas de *D. Maria* com 3 rodas de moinhos que andam arrendadas por 100 alqueires de pão,—apascenta 1:000 cabeças de gado lanigero;—produz tambem 1:000 a 1:500 medidas de centeio de 15 litros e 20 a 30 arrobas de amendoa,[2]—Tem finalmente 1 forno de telha na margem do Douro e magnificas *lodeiras* que, plantadas de vides, podem dar 100 a 200 pipas de vinho por anno?!...

Este magnifico predio com alguns outros mais pequenos que o seu feliz proprietario possue n'este concelho, paga 222$400 réis de contribuição predial.

Só por esta quinta offereceu *cem contos de réis* o fallecido par do reino Francisco José da Silva Torres, segundo marido da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, representante da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, avaliada em *seis mil contos?!...* [1]

—

Foi dono d'esta quinta e d'outras muitas na provincia da Beira, nomeadamente em Freixo de Numão, sua terra natal, Manoel de Castro Pereira de Mesquita, ministro da rainha D. Maria II. Fez a expedicção de Moscou e na guerra da peninsula montou *á sua custa* e commandou uma companhia de cavallos.

Nasceu em 1778;—casou em Lisboa com D. Maria Clara Braamcamp, irmã de Anselmo Braamcamp, e—já viuvo e contando 85 annos de idade,—falleceu a 16 d'agosto de 1863 na rua do Calvario, freguesia de Miragaya, no Porto, onde jaz em deposito, no cemiterio oriental, até que seja trasladado, como determinou, para a sua capella de Villarinho da Castanheira. [2]

Não deixou successão, pelo que instituiu universal herdeiro o seu sobrinho Luiz de Castro Pereira, residente em Freixo de Numão. É casado e tem duas filhas:

—*D. Guilhermina de Castro Pereira*, casada com o seu primo Joaquim Augusto de Sá Menezes, do Villarôco, e—*D. Maria da Purificação de Castro Pereira*, casada com o seu primo Sebastião Teixeira Lobo Pisarro

---

[1] D'ella tomou o nome de *Lovazim* um dos pontos do Alto Douro. Tem o n.º 74 na lista que sob o titulo *Pontos do Douro* (V.) publicamos no vol. 7.º pag. 199 col. 2.ª

Não se confunda com o ponto n.º 16 da mesma lista, denominado tambem *Lovazim*, junto de uma quinta de egual nome, na freguezia de S. Thomé de Covellas, concelho de Baião, defronte da parochia e do concelho de Rezende.

[2] Ha n'esta provincia proprietario que colhe mais de 400 arrobas d'amendoa por anno!...

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*. vol. 11.º pag. 1013, col. 1.ª

Entre as muitas quintas que esta familia tem no Alto-Douro avulta na margem esquerda, em frente d'este concelho de Carrazeda d'Anciães e quasi defronte da quinta de Lovazim, a magestosa quinta do *Vesuvio*, que é absolutamente a primeira do Alto e Baixo Douro.

V. Vesuvio.

[2] V. *Freixo de Numão* no supplemento a este diccionario;—entretanto podem ver-se as *Memorias Historico-Genealogicas dos Duques Portuguezes* do seculo XIX por J. Carlos Feo e visconde Sanches de Baêna, pag. 644, 645 e 646 (nota).

e Castro, da nobre *Casa da Capella*, em Sabrosa.

Templos

Alem da egreja matriz, que é um bom templo com altar mór e 4 lateraes, ricamente decorados com talha antiga dourada,—tem esta freguezia as 10 capellas seguintes:

1.ª—*Senhora da Fé*, na extremidade da villa, indo para Carrazeda.

Tem um só altar com a arvore de Jessé e 12 imagens nos 12 braços de granito. É de fórma redonda, como um pombal, e antiquissima, com portas d'arco de volta inteira;—está em sitio muito vistoso;—é publica—e d'ali se descobre Villa Flor e grande parte d'esta provincia de Traz-os-Monies, da Beira e muito terreno da Hespanha.

2.ª—*Nossa Senhora da Assumpção*, em um morro a N. da villa, d'onde se descobre um vasto horisonte.

É tambem publica, singella e moderna;—está bem conservada, mas não tem festa nem romaria.

3.ª—*S. Sebastião*, ao sul da villa, no caminho de Moncorvo.

É tambem publica, singella e aberta ao culto.

4.ª—*Santo Antonio*, dentro da villa.

É publica e tem porta d'arco de volta inteira e campanario.

5.ª—*Senhora do Rosario*, tambem na villa, com porta d'arco de volta inteira e campanario.

Publica e aberta ao culto.

.ª—*S nhor do Calvario*, tambem na villa.

Foi particular, mas hoje é publica e está em frente da de Nossa Senhora do Rosario.

7.ª—*Senhora da Purificação*. É particular e brasonada, pertencente a um dos palacetes da familia Castro Pereira e foi cabeça de vinculo.

8.ª—*Santa Luzia*, tambem brazonada e pertencente á grande quinta de *Lovazim* da mesma familia Castro Pereira.

Tambem foi vincular.

9.ª—..... profanada, na mesma quinta de *Lovazim*.

10.ª—*S. Bartholomeu*.

É publica.

Feiras

Tem uma mensal, no primeiro dia de cada mez.

Em gado bovino da raça mirandesa, crusada com a raça gallega, é a primeira da provincia,—mais importante do que as de Chacim, Bragança e D. Chama.

Por vezes n'ella se reunem a um tempo mais de 2:000 cabeças de bois?!...

O preço de cada junta nos ultimos annos tem regulado aqui por 20 a 40 libras, mas algumas se tem vendido por 50 a 60.

Viação

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam—e este concelho tem apenas uma que faz parte da de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta por Sabrosa, Alijó, Foz Tua, Carazeda d'Anciães, ponte da Junqueira, Moncorvo, etc.

N'este concelho está construida desde a Foz do Tua até Carrazeda d'Anciães.

Tambem este concelho comprehende cerca de 12 kilometros da linha ferrea do Douro—e um troço da linha ferrea do Tua.

Pessoas notaveis

Pela sua virtude—o capitão mór Manoel Antonio Pimentel e Castro—e pela sua inquebrantavel rectidão o juiz Francisco Vanim de Castro.

Poderiamos levar muito longe esta lista folheando as genealogias das muitas familias nobres que até hoje tem tido esta villa, com os appellidos de Almeida, Pinto, Castro, Pereira, Mesquita, Botelho, Mello, Tenreiro, Tavares, Magalhães, Abreu, etc.

Ainda conserva 6 edificios brasonados:

1.º—A casa que foi de Manoel de Castro Pereira e que é ainda hoje absolutamente a primeira da villa.

2.º—A casa que foi de João Evangelista Nogueira, hoje dos herdeiros de Joaquim Lopes Cardoso.

3.º—A que foi do capitão mór Manuel Antonio Pimentel e Castro e que é hoje de João Gomes Ferreira.

4.º—Outra que foi do mesmo capitão mor e é hoje de D. Maria Eugenia d'Azevedo Lobo.

5.º e 6.º—As duas casas brasonadas da quinta de Lovazim, que foram do mencionado Manuel de Castro Pereira e são hoje do seu sobrinho e herdeiro Luiz de Castro Pereira.

—

Os antigos paços do concelho d'esta villa foram comprados por um individuo que os reedificou e transformou em habitação particular.

Teem na frente um bom largo, que foi a antiga Praça.

O pelourinho tambem já desappareceu.

Banham esta freguezia o Douro e 2 ribeiros que desaguam no Douro, denominados —ribeiro de *Valdranje* e *do Couto*. Tem este ultimo uma ponte que dá passagem para o Douro e para a grande quinta de *Lovazim*; —rega e move 3 moinhos;—o de *Valdranje* rega e move 2 moinhos;—e o *Douro*, nos limites d'esta parochia, tem 3 moinhos nas *Azenhas de D. Maria*, pertencentes á quinta de *Lovazim*.

Ha n'esta freguezia uma aula official *mixta* de instrucção primaria para os dois sexos.

Esta parochia pertenceu ao concelho de *Villarinho da Castanheira*, de que foi a séde, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Carrazeda d'Anciães.

Tambem pertenceu ao arcebispado de Braga até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, em virtude da qual passou para o bispado de Bragança com todas as freguezias que eram do arcebispado de Braga na margem esquerda do Tua e que obedeciam ao vigario geral de Moncorvo, comprehendendo este concelho de Carrazeda d'Anciães e os de Villa Flor, Alfandega da Fé, Moncorvo, Mogadouro e Freixo d'Espada á Cinta, hoje todos do bispado de Bragança.

Tambem perdeu em favor do bispado de Lamego, desde a margem direita do Tua até á esquerda do rio Corgo, os concelhos de Sabrosa e Alijó e parte dos da Regoa, Penaguião e Villa Real de Traz-os-Montes.

V. *Villa Real*, vol. 11.º pag. 927, col. 2.ª

Antiguidades

Esta povoação data de tempos muito remotos, como provam os 3 dolmens que ainda hoje aqui se encontram:

1.º—Na planicie alta, denominada *Couto*, cerca de 3 kilometros ao sul da matriz no caminho de *Cabeça Bôa*.

É um dolmen ainda com ara, assente sobre 3 grandes pedras, a meio da planicie.

A ara tem cerca de 2m,25 em quadro;—as pedras em que assenta avultam sobre a superficie do solo cerca de 3 metros;—o todo forma uma especie de casa terrea com entrada do lado norte—e junto d'este dolmen ha em communicação com élle um caminho subterraneo, coberto por lageas tambem de granito e que dá saida para o campo.

2.º—N'este mesmo sitio do *Couto*.

Já não tem ara.

3.º—Junto do caminho do Moncorvo, á esquerda indo de Villarinho de Castanheira e distante d'esta villa cerca de 4 kilometros.

Tambem já não tem ara, mas só grandes pedras toscas de granito a prumo.

O povo denomina estes dolmens *Palas Mouras* e está convencido de que encerram grandes thesouros, guardados por mouras encantadas, que alguem jura ter visto na manhã de S. João; mas quem não acreditar não pecca.

—

No mencionado sitio do Couto ha uma notabilidade d'outra ordem: — o *Castanheiro do Gaiteiro*, assim denominado porque, segundo diz a lenda, nelle se refugiou *in illo tempore* um tocador de gaita de folle, perseguido pelos lobos, que se acercaram do castanheiro e miravam o tocador, como que aguardando a descida d'elle para o devorarem.

Vendo-se o homem livre dos dentes das feras, lembrou-se de soprar ao folle e de tocar a gaita. Feliz lembrança, porque os lobos apenas ouviram tão estranho som, bateram em debandada! Ficou o bom do homem satisfeitissimo;—desceu bemdizendo a lembrança—e, divulgando-se a historia, todos d'ahi em diante a contavam sempre que

viam o castanheiro, pelo que ainda hoje se denomina *Castanheiro do Gaiteiro.*

Vae pelo mesmo preço.

—

Esta villa nunca foi murada, mas, segundo se lê na *Chor. Port.*, teve um castello, que já em 1706 estava em ruinas.

Suppomos que este castello demorava no alto do monte ou serra que avulta entre esta parochia e a da Lousa.

D'ali se descobrem terras dos 14 bispados seguintes:—Braga, Bragança, Porto, Lamego, Vizeu, Guarda, Coimbra, Samora, Salamanca, Cidade Rodrigo, Placencia, Coria, Orense e Tuy.

Teve esta villa 4 foraes:

1.º—Dado por D. Affonso II em 6 de dezembro de 1218.

Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Affonso II, fl. 61,—e *Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova*, fl. 124, v. col. 1.ª

2.º—Dado por D. Diniz, estando na Guarda, em 22 de julho de 1287.

Liv. 1.º de Doações do Sr. Rei D. Diniz, fl. 204, v. col. 1.ª—e *Gav.* 15, *Maço* 9, n.º 21.

3.º—Dado por D. Pedro I em Braga, a 12 de junho de 1363.

Gav. 15. *Maço* 8, n.º 19.

4.º—Dado em Lisboa por D. Manuel a 13 de julho de 1514.

Liv. de Foraes Novos de Trás os Montes, fl. 22, v. col. 1.ª

Poucas villas do nosso paiz tiveram tantos foraes como esta, o que prova que foi uma villa *muito importante!...*

Entre os muitos privilegios concedidos pelos seus foraes, um d'elles era o seguinte: O cavalleiro que perdia o seu cavallo ficava escuso do serviço—não por *um* anno, conforme o costume geral,—mas durante *cinco!...*

Historia de Portugal de Alexandre Herculano, tomo 4.º pag. 326.

Devia ser muito interessante a collecção dos seus 4 foraes, mas infelizmente jazem no *sancta sanctorum* da Torre do Tombo.

—

Foi senhor d'esta villa o celebre vice-rei da India Lopo Vaz de Sampaio. V. *Anciães* n'este diccionario e no supplemento.

Curiosa estatistica

Segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro (Codice n.º 486 da *Bibliotheca Munip. Port.*) o extincto concelho de Villarinho da Castanheira contava em 1796 a população seguinte:

Fogos 927, homens 1:760, mulheres 1:566, habitantes (total) 3:321; barbeiros 3, pedreiros 14, sapateiros 21, alfaiates 29, pintores 1, moleiros 2, presbyteros seculares 19, presbyteros regulares (frades) 8, pessoas litterarias (?) 8, sem occupação 66, negociantes 17, cirurgiões 5, boticarios 1, lavradores 213, jornaleiros 509, carpinteiros 24, ferreiros 6, ferradores 3, pastores e almocreves 0, criados 16, criadas 37.

—

Do antigo castello de *Villarinho da Castanheira* dizia um documento de Moncorvo de 1370 o seguinte:

«E não tinha o castello de Villarinho agua nenhua, nem almazem, nem açalmamento nenhum.»

No anno de 1372 el-rei D. Fernando I deu á villa de Moncorvo toda a jurisdicção das villas de Moz e *Villarinho da Castanheira*, porque os de Moncorvo lhe peticionaram dizendo:—que o seu termo, tendo sido mui grande, se achava muito reduzido no momento, em rasão dos julgados e terras que os nossos reis lhe haviam tirado, com o que a villa se achava *desfaleçuda* e temia graves damnos, quando fosse atacada pelos inimigos. E que *agora mesmo* (1372) tinha sido cercada e combatida por muitas *companhas* d'elles, que lhes queimaram os arrabaldes, roubáram os gados e fizeram outros muitos damnos, e comtudo elles defenderam a villa até que os inimigos se auzentaram, emquanto que os de Moz e Villarinho da Castanheira se entregaram, sem serem combatidos, etc., pelo que pediam a el-rei lhes desse a jurisdicção civil e crime dos dictos logares e concelhos.

El-rei promptamente deferiu, attendendo aos relevantes serviços que tinha recebido e esperava receber dos de Moncorvo e ao grande *deserviço* dos dictos logares;—mas

como havia de defender-se o pobre castello de Villarinho, se, como já dissemos, elle *não tinha agua, nem almazem, nem açalmamento nenhum?*

VILLARINHO DE COTAS,—freguezia do concelho e comarca d'Alijó, districto de Villa Real, bispado de Lamego, provincia de Traz os Montes.

Vigairaria. Orago Santo Antonio;—fogos 52,—habitantes 180.

Em 1706 era da apresentação do parocho de Favaios, a cuja vigairaria estava annexa; —pertencia ao termo da villa, comarca e ouvidoria de Villa Real;—tinha uma capella da invocação de Nossa Senhora do Couto—e contava 25 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação dos arcebispos de Braga;—rendia para o seu parocho apenas 10$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 23 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 57 fogos e 222 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 55 fogos e 161 habitantes.

A sua população tende a diminuir, por causa da grande calamidade que assola o Alto Douro, nomeadamente esta freguezia e as circumvisinhas, como logo mostraremos.

—

Alem da povoação de *Villarinho de Cotas*, séde da freguezia, comprehende apenas a povoação da Orgueira (só para os effeitos civis) com 17 fogos,[1]—e varias quintas de vinho, hoje todas phylloxeradas e quasi todas incultas, mas que antes da invasão phylloxerica produziam muito vinho do mais generoso do Douro, de Portugal e do mundo! Mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—De José Silverio da Silva, de Celeirós, e que foi do conde de Villa Pouca.

2.ª—A que foi do conselheiro Basilio Alberto Teixeira Cabral, hoje dos seus herdeiros.

3.ª—De José Maria da Veiga Cabral de Sampaio, de Casal de Loivos.

4.ª—De Luiz Teixeira Mourão, de Casal de Loivos tambem, hoje toda inculta.

5.ª—De Antonio Teixeira Cavalleiro, de Villarinho de Cotas.

6.ª—De D. Francisca de Sousa Veiga, tambem de Villarinho.

7.ª—De José Correia, de S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa.

8.ª—De Bento Teixeira, tambem de S. Martinho d'Anta.

9.ª—De Manuel Carlos de Magalhães, de Alijó.

10.ª—De Francisco Julio d'Aguiar, da aldeia da Povoa, annexa á freguezia de Cotas.

11.ª—De D. Margarida de Menezes e Mello, de Villarinho de Cotas.

12.ª—A que foi de D. Marianna Jordão, do Porto.

13.ª—A que foi do general José Paulino de Sá Carneiro e que fazia parte da legitima de sua esposa D. Marianna de Mendonça Cabral, parenta proxima do poeta Francisco José Cabral, de quem logo fallaremos.

14.ª—A que foi do morgado Manuel Alves de Meneses Abreu, de Villarinho de Cotas, hoje domiciliado no Alemtejo!...

—

Note-se que todas estas 14 quintas demoram no *Roncão*, n'essa zona privilegiada que produzia o vinho *absolutamente melhor* do Alto Douro.

Denomina-se *Roncão* o terreno cortado de norte a sul pelo ribeiro da *Povoa*, que desagúa na margem direita do Douro, alguns kilometros a montante do Pinhão.

O dicto ribeiro é a linha divisoria entre as freguezias de *Cotas* e *Villarinho de Cotas*, pertencendo a esta as quintas da margem direita—e áquella as da margem esquerda. Pelo facto de serem as que produziam o vinho mais generoso do Douro estão todas completamente phylloxeradas;—quasi todas incultas;—muitas abandonadas—e algumas já pertencem ao *Banco Hypothecario!*...

Infeliz Douro!...

O sr. Luiz Teixeira Mourão mandou algumas amostras de vinho da sua quinta n.º 4 á exposição internacional de Paris em 1867 e obteve a *medalha d'ouro*! Tambem concorreu ás exposições internacionaes de Vienna d'Austria e da Philadelphia, nas quaes obteve igualmente as primeiras distincções. Tal

---

[1] Ecclesiasticamente pertence a Casal de Loivos.

era a excellencia e superioridade do vinho da sua quinta do *Roncão*,—hoje completamente phylloxerada, abandonada e inculta!...

Veja-se o *Douro Illustrado*, onde o sr visconde de Villa Maior, de pag. 116 a 120, descreveu com mão de mestre o classico *Roncão* e muitas das suas quintas mais notaveis, entre as quaes avultam as da *Romaneira*, *Sibio*, *Malheiro*, *D. Ismenia*, *dos Reis* ou do *Abbade*, etc., e que nós não descrevemos, porque não pertencem á freguezia de *Villarinho de Cotas*.

Prosigamos.

—

Demora a povoação de *Villarinho de Cotas* em sitio relativamente alto, ingreme, ardente e schistoso, na margem direita do Douro e na esquerda do Pinhão, confluente do Douro.

Dista do rio Pinhão 2 kilometros para E.;—2 e meio do Douro para N.;—3 da estação de Cotas na linha ferrea do Douro, para N.N.O.;—5 da do Pinhão para N.N.E., pela nova estrada a macadam;—6 da villa de Favaios para S.S.O.;—8 da villa d'Alijó, tambem para S.S.O.;—132 do Porto, pela estação do Pinhão,—e 470 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Casal de Loivos, Val de Mendiz, Cotas e Favaios.

Producções dominantes:—outr'ora vinho generosissimo e azeite superior tambem;—hoje azeite, pouco vinho, algum centeio e *nada mais*!

Outr'ora foi uma povoação *muito rica*, por que produzia 500 a 600 pipas de vinho do mais generoso e *mais caro* do Alto Douro,—vinho que alguns annos se vendeu a réis 100$000 a pipa de 550 litros em mosto [1],—emquanto que hoje é infelizmente uma das povoações *mais pobres*, depois que a maldicta phylloxera anniquilou os seus vinhedos, que eram toda a sua riquesa, a sua producção principal e por assim dizer *unica*. E não se póde substituir por outra equivalente, porque o seu chão é muito arido,—schistoso e ardentissimo no verão. Tremem ali de sesões os gatos, as gallinhas e os cães,—estalam as pedras com o calor,—derrete-se a solda das vazilhas de lata, destemperam-se os instrumentos de fio expostos aos raios do sol,—e todas as arvores, inclusivamente as oliveiras, juncam de folhas a terra no verão. Só as vides se conservavam viçosas n'aquella zona de fogo e produziam o mais bello *Port Wine*, inveja do mundo inteiro!...

—

Antecipando-se bastante aqui a maturação das uvas, os seus proprietarios (honra lhes seja!) não antecipavam as vindimas. O vinho perdia em quantidade, mas ganhava em qualidade.

Quando colhiam as uvas estavam quasi todas em passa, tão doces como arrobe. Mal podiam comer-se e, quando os feitores não vigiavam muito de perto as vindimadeiras, furtavam arrobas de passas.

As vindimadeiras usavam por vezes navalhas pesadas ou facas de ferro para cortarem as uvas, mas, depois de humedecerem as mãos no mosto, embora as abrissem e voltassem para o chão, as facas e navalhas ficavam presas e como grudadas com colla!

Os homens conduziam ás costas em gigos as uvas para os lagares. Costumavam trazer as pernas nuas do joelho para baixo e humidas com o mosto que escorria dos cestos; para descançarem pousavam-nos de longe em longe nas paredes das vinhas, e, como estas em geral são de schisto miudo, por vezes, ao tomarem de novo os cestos ás costas, collavam-se-lhes ás pernas fragmentos de schisto de volume consideravel e não se desprendiam facilmente. Tal era a espessura e adherencia do mosto!...

—

Ainda o lagar não estava cheio, já o mosto principiava a ferver e, apenas se fazia o *córte* das uvas, o vinho fervia em cachão;—todo o congo vinha logo á superficie e formava uma densa *manta*. Não succedia como succede em outras regiões vinicolas, onde são precisos muitos dias de trabalho para se desenvolver a fervura.

E que aroma não exhalava o mosto dos grandes lagares! Sentia-se por vezes a 1 ki-

---

[1] Ainda est'anno de 1886 aqui se vendeu algum *em mosto* a 90$000 réis a pipa.

lometro de distancia e dentro da casa dos lagares o cheiro suffocava!

Lançado o mosto nos toneis, por vezes transudava atravez das fendas da madeira, mas não corria como corre o das outras regiões vinicolas. Condensava-se como assucar em ponto alto e tocando-se-lhe com um dedo formava fio até 6 decimetros d'extensão—*e mais*, como nós, quando criança experimentámos muitas vezes em uma quinta que temos no Alto Douro, [1]—quinta de bom vinho tambem, mas muito inferior ao d'esta freguezia.

Para se formar idéa da superioridade d'este vinho, note-se que, sem outro adubo alem d'aguardente, póde atravessar seculos, tornando-se cada vez melhor.

Já hoje o de 1815 se paga a 9$000 réis o litro—e, se apparecesse á venda vinho do tempo da instituição da companhia criada pelo marquez de Pombal (1756) valeria o litro 3 a 4 libras!... [2]

—

Costumava carregar-se no verão e, como por vezes os armazens distavam do Douro 3 a 6 kilometros de pessimo caminho e a conducção era feita em carros tirados por bois e, por consequencia, muito morosa, as pipas chegavam ao caes *ardendo* e o vinho a *ferver* dentro d'ellas!

> Não exageramos. Nós muitas vezes, collando o ouvido ás pipas, ouvimos o marulhar da fervura!

Assim estavam no caes sobre a areia candente e expostas á tisneira do sol por vezes oito dias, até se completar a carregação do barco;—no barco seguiam para o Porto, sempre da mesma fórma e sem abrigo algum,—e do Porto iam para a Inglaterra, para a America, para a India, etc., podendo dar tres voltas ao globo sem o vinho desmerecer. Pelo contrario—melhorava sempre, sendo o de *torna-viagem* uma especialidade distincta!

D'esse licor dos deuses produziu esta parochia em 1840—503 pipas;—este concelho d'Alijó 10:232—e o de Sabrosa 10:873, [1]—total 21:105 pipas de 550 litros cada uma, em quanto que no ultimo anno de 1885 os dois concelhos (na região do vinho fino) não produziram talvez 2:000 pipas. Estão perdendo pois só estes dois concelhos mais de 17:000 pipas ou de 850 contos de réis por anno, calculando-se a pipa a 50$000 réis,—preço muito inferior ao d'alguns annos.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

Os lagares

N'esta freguezia e em todo o Douro os lagares são de pedra:—uns de granito, mais ou menos luxuosos,—outros de schisto, por vezes esplendido, que dá tampos de 6 a 7 metros de comprimento sobre 1 de largo e 18 a 20 centimetros d'espessura [2].

Ordinariamente são de 15 a 20 pipas de lotação e teem sempre annexos outros mais pequenos, alem das dornas ou *lagaretas*, tambem de pedra.

Para espremer-se o cango teem um *feixe*, enorme trave de castanho, firme na parede posterior do lagar e que o atravessa a meio, sobrepujando ainda alguns metros e ficando sempre a parte mais grossa na extremidade exterior, a qual ainda, para augmentar a força da alçaprema, addiccionam o *peso*,—uma pedra enorme que pesa ordinariamente duas toneladas. E por meio do *fuso*, que é um grande parafuso de madeira, assente sobre a dicta pedra e preso a ella d'um modo especial, jogando em uma concha tambem de madeira, mettida horisontalmente na cabeça do feixe, elevam este até á extremidade

---

[1] *Campo Velho*, no valle do Tedo, hoje tambem toda phylloxerada e quasi toda inculta e perdida!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1014.

[2] Com relação á celebre *Companhia dos Vinhos* veja-se o artigo *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 597, col. 1.ª e segg.

[1] Extracto fiel do arrolamento official da extincta *Companhia dos Vinhos do Alto-Douro*.

[2] V. *Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 839, col. 2.ª e seg.

do grande parafuso—ou levantam e suspendem a pedra, como bem lhes apraz.

Juntam o cango em quadrado no meio do lagar; cobrem-no com tabuas;—sobre estas atravessam *malhaes* até tocarem no feixe erguido á maior altura;—depois, movendo o *fuso* em sentido inverso, levantam o peso, ficando o *feixe* assente sobre os *malhaes* e formando uma alçaprema tal que por vezes arruina a parede posterior que segura a outra extremidade do *feixe*!

O processo é rude, mas dá bom resultado.

O cango fica secco e duro como pedra, mas nos ultimos annos em algumas quintas mais luxuosas este processo foi substituido por prensas aperfeiçoadas, de diversos systemas.

Pisa das uvas

Até hoje n'esta freguezia e em todo o Douro as uvas teem sido pisadas por homens, a pé nú, e costumam gastar com esta operação dois dias e duas meias noites,—serviço muito duro e sempre bem pago, principalmente o do *córte* ou da primeira noite, que é feito por um numero d'homens correspondente ao numero de pipas da lotação do lagar,—por vezes 30.

Formam em cordão ou columna cerrada, muito unidos, assentando os braços nos hombros uns dos outros;—collam-se a um dos tampos do lagar e vão marchando muito morosamente e sempre em columna firme até á extremidade opposta, levantando as pernas a toda a altura do volume das uvas e *cortando-as* com os pés nus, até estes baterem no fundo do lagar.

Feito assim o *córte*, debandam,—tocam, dançam e cantam, mas empenhando-se sempre em trazerem submersa a *manta* ou o cango que o mosto fervendo repelle até á superficie.

É uma lucta constante e fatigante, pelo que nos dias de lagarada o tractamento dos pobres homens é sempre melhor e alem d'isso lhes dão repetidas doses de vinho e de aguardente, pelo que muitas vezes se embriagam e travam grandes desordens, que rendem facadas, pancadas, tiros, ferimentos e *mortes*, porque ali nunca intervem a autoridade. Só impera a força dos desordeiros e dos feitores, que são escolhidos *ad hoc* e andam sempre *bem armados*!...

—

O Alto-Douro foi sempre muito desordeiro, não tanto pela indole dos seus habitantes, como por ter longos tractos de terreno deserto, habitado apenas temporariamente por milhares de trabalhadores que, attrahidos pela carestia dos jornaes, affluem de grandes distancias, inclusivamente da Gallisa; [1] e, como ali se lhes não pede documentos alguns, mas sómente aptidão e vigor, a grande colonia de jornaleiros do Douro abundou sempre em refractarios, desertores e malfeitores de toda a ordem,—inclusivamente ladrões e assassinos, pelo que os feitores e caseiros, para se fazerem respeitar e para conterem as demasias d'aquella medonha *troupe*, são sempre homens destemidos,—andam sempre bem armados—e teem quasi todos já passaporte para a Africa?!...

As quintas do Alto Douro eram como as carvoarias do Alto Alemtejo e como as linhas ferreas em construcção: — *grandes coutos de homisiados.*

Se antes da invasão phylloxerica se prendesse a um tempo todos os jornaleiros das quintas do Alto Douro, podia encher-se de criminosos um grande navio! E, se n'aquella vasta região se erguessem tantas cruzes quantas as mortes que ali se teem feito, toda ella seria um vasto cemiterio e justificaria plenamente o classico anexim: — *No Douro tudo é bom, menos o que falla.*

Distinguiram-se mais tristemente as povoações de Castanheiro do Sul, Valença do Douro, Casaes e Villa Nova de Foscôa, na margem esquerda do Douro,—e Covellinhas, Provezende, Sanfins, Carvalha d'Egas e outras, na margem direita.

—

Contribuia muito para a exaltação e excessos a superioridade e abundancia do vinho, pois ali qualquer pequena porção embriagava, pelo que as desordens, ferimen-

---

[1] V. *Villa Real* de Traz-os-Montes, vol. XI, pag. 1:016, col. 1.ª e sua respectiva nota.

tos e mortes abundavam sempre no acto das carregações. Que o digam os caes de Bagauste, Folgosa, Tello, Espinho, Valença, Bateiras, Corgo, Covellinhas, Gouvinhas, Donello, Pinhão, Roncão e Tua, onde se carregava a maior parte do vinho do Alto Douro e se fizeram *centos de mortes ?!...*

Tambem contribuia muito para taes excessos o não haver no Douro, como no Minho, o costume de saldar contas a pau, mas a faca, a fouce, cutello de póda ou clavina.

Em todo o Alto Douro não ha um unico jogador de pau! Ali o pau é só brinquedo de creanças; mas difficilmente se encontrará uma casa sem fouces e armas de fogo — e todo o jornaleiro costuma trazer comsigo o seu cutello de póda, sempre bem afiado e que é uma arma terrivel!... [1]

Se os *bexigueiros* do Porto fizessem no Douro as *sortes* com que costumam *divertir-se* nos grandes arraiaes das cercanias, insultando e provocando os pacificos lavradores, — ou se os valentões do Minho, os grandes jogadores de pau, varredores de feiras, fossem ao Alto Douro ostentar valentias, — podiam ter a certesa de que a maior parte d'elles *lá ficava!...*

Os habitantes do Alto Douro são muito tractaveis, muito generosos e muito obsequiadores, mas com elles *ninguem brinca impunemente.*

Quem quizer *viver* no Alto Douro necessita de ser bem educado e muito prudente, — e não insulte nem provoque ninguem, aliás!...

—

Desculpem-nos tanta digressão, porque estamos fallando de uma das freguezias do Alto Douro, — região importantissima e excepcional, — e quizemos aproveitar o ensejo de dar algumas noticias d'ella no texto d'este diccionario, visto que o meu antecessor não a conhecia, como nós a conhecemos, [1] e por isso muito pouco disse d'ella e dos seus usos e costumes.

V. *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

Prosigamos com *Villarinho de Cotas* :

Templos

1.º — *Egreja matriz.*

É pequena, bastante antiga e suppõe-se ter sido feita no seculo XVI, pois n'ella se vê á data 1568. A capella-mór é mais moderna. Foi reedificada no ultimo seculo pelo benemerito arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão.

Tem este templo altar-môr e 2 lateraes.

2.º — *Capella de Nossa Senhora do Couto.*

Suppõe-se que data de 1650; está interiormente revestida d'azulejo antigo — e no seu adro se fez outr'ora uma feira annual no dia de Nossa Senhora dos Prazeres, — 2.ª feira da paschoéla.

3.º — *Capella de Santo Apolinario.*

É particular e vinculada, pertencente aos herdeiros de Manoel da Cruz Castello Branco, pae do advogado Manoel Alves de Meneses Abreu.

Foi edificada em 1771.

Pessoas notaveis

1.º — *José Antonio Lopes da Veiga.*

Foi cavalleiro-fidalgo e commendador da Ordem de Christo.

Falleceu aqui no 3.º quartel d'este seculo, tendo casado em primeiras nupcias com D. Francisca Baptista, viuva do poeta Francisco José Cabral, de quem adiante fallaremos.

2.º — *Antonio Teixeira Cavalleiro*, hoje o primeiro proprietario d'esta freguezia, —

---

[1] Nos ultimos annos, aproximadamente desde 1870, grande parte da póda no Douro é feita com thezouras francezas, mas até ali usavam cutellos pequenos e baratos, de 160 a 300 réis cada um, muito elegantes e muito differentes dos cutellos usados na Estremadura, no Minho e nas outras provincias.

Tinham *peito* convexo e muito arqueado, — *gavête* em linha recta, terminando em ponta viva, — e *pêta*, especie de machadinha, nas costas; — e tanto o *peito* como o *gavête* eram de fino aço e cortavam como uma lanceta. A pôda no Douro foi sempre rotineira, mas feita *com todo o esmero!*

[1] É quasi nossa terra natal, pois nascemos no *coração do Douro.*

V. *Corvaceira, Penajoia* e *Miragaya*, vol. V, pag. 250, col. 1.ª

excellente pessoa, muito bondoso, muito serviçal e grande influente politico.

3.º — *Dr. José Maria Avelino d'Amorim*, medico distincto.

4.º — *O morgado Manoel Alves de Menezes Abreu*, cavalheiro respeitabilissimo, não tanto pela sua antiga linhagem, como pela integridade e nobresa do seu caracter.

5.º — *João Antonio Duarte* que foi pharmaceutico na Africa e tem sido o pae e amparo dos seus visinhos pobres nas suas doenças, tractando-os com o maior carinho e fornecendo-lhes remedios e dietas.

6.º — *Firmino José Duarte*, sobrinho do antecedente.

Foi negociante na Africa e no Brazil. onde arranjou boa fortuna, salvando-se da crise phylloxerica, desgraça do Douro.

Reside no Porto.

7.º — *Francisco José Cabral*, escriptor publico, boticario e poeta.

D'elle disse Innocencio F. da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*: «segundo consta, foi natural da provincia de Traz-os-Montes, ignorando-se as demais circumstancias da sua vida. E

—*Elegia á morte de Bento de Queiroz Pereira Pinto Serpe e Mello*, Lisboa, 1816, 8.º de 15 pag.

—*Apologia da Religião*, Lisboa, 1817, 8.º de 14 pag.»

A isto se reduz tudo o que disse Innocencio! Vejamos se podemos adiantar alguma coisa mais.

A tradição local, o testemunho de varios parentes que ainda existem — e octogenarios que de perto o conheceram dizem que elle nasceu n'esta freguezia, na qual viveu e falleceu em 11 de maio de 1820, sendo um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia, pharmaceutico e casado com D. Francisca Baptista, da qual deixou successão:—dois filhos legitimos,—Ignez, que nasceu em 13 de janeiro de 1796—e Hypolito, que nasceu em 31 d'agosto de 1798.

Tudo isto é bem averiguado e *provado*, pois em 1879 o reverendo Francisco Antonio de Sousa Brito, que foi parocho d'esta freguezia muitos annos, a pedido nosso revolveu o archivo parochial e nos mandou certidões authenticas do assento d'obito do poeta e do baptismo dos seus dois filhos, — certidões que logo daremos na sua integra; —não encontrou porem o assento do baptismo do poeta, postoque revolveu o archivo desde o anno de 1740. Talvez o não encontrasse (diz o sr. padre Brito) por estar a letra de muitos assentos completamente apagada e esvaida; mas, inquirindo os parentes do poeta e visinhos octogenarios, soube que elle, quando falleceu em 1820, contava cerca de 50 annos de idade. Nasceu pois aproximadamente em 1770;—contava 26 annos quando nasceu a sua filha Ignez —e 28 annos quando nasceu o seu filho Hypolito.

Certidões

I

«Francisco José Cabral, casado que foi n'esta freguezia de Villarinho de Cotas, falleceu da vida presente aos onze de maio da era de 1820 *com todos os sacramentos da Santa Madre Egreja*, como é costume ser, a Sagrada Communhão, e Extrema Uncção, e o ajudei a bem morrer. Não fez testamento; está enterrado n'esta egreja. E para constar fiz este assento, dia, mez e anno, ut supra. O Parocho João Manoel Teixeira.»

Livro d'obitos de Villarinho de Cottas, fl. 10, v.

II

«Ignez, filha legitima de Francisco José Cabral e de sua mulher Francisca Baptista, d'esta freguezia de Santo Antonio de Villarinho de Cottas, neta paterna de Antonio José de Sampaio e de sua mulher Anna Maria Cabral, e materna de André Baptista e de sua mulher Maria Dias, estes de Sapiaens, freguezia de S. Thiago de Mondroens, [1] nasceu a 13 de janeiro de 1796 (e seis) e foi baptisada em casa, e no mesmo dia, por Luiz Alvares Mourão, da freguezia de S. Bartholomeu de Casal de Loivos, [2] o

---

[1] Concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

[2] Freguezia limitrophe, distante cerca de 1 1/2 kilometro para S. S. O.

qual mesmo foi padrinho; e, sendo examinado por mim José Fernandes, parocho d'esta freguezia (de Villarinho de Cottas) achei que tinha féito sacramento valido. Recebeu os Santos Oleos em o dia vinte e cinco do dicto mez. Por verdade fiz este assento, de que foram testemunhas Luiz Antonio d'Abreu, clerigo secular d'esta freguezia, e Antonio d'Abreu, e Manoel de Mattos. Luiz Antonio d'Abreu; Antonio d'Abreu; Manoel de Mattos; o parocho José Fernandes.»

Archivo parochial da mesma freguezia, fl. 53, v.

III

«Hypolito, filho legitimo de Francisco José Cabral e de sua mulher Francisca Baptista, d'esta freguezia de Santo Antonio de Villarinho de Cottas, neto paterno de Antonio José de Sampaio e de sua mulher Anna Maria Cabral, da villa de Favaios, e materno de André Baptista e de sua mulher Maria Dias, da freguezia de S. Thiago de Mondroens, nasceu em o dia trinta e um do mez d'Agosto de mil setecentos noventa e oito, e foi baptisado por mim o padre Luiz Antonio d'Abreu, parocho d'esta mesma freguezia, e lhe puz os Santos Oleos, em o dia seis do mez de setembro do dito anno. Foram padrinhos o Padre Francisco da Graça Cabral e sua irmã D. Antonia Cabral, da villa de Favaios, *tios do dicto baptisado*, e forão testemunhas o Reverendo Luiz Antonio da Cunha e Antonio d'Abreu. Dia, mez e era, ut supra. O parocho Luiz Antonio d'Abreu; o reverendo Padre Francisco da Graça Cabral; Luiz Antonio da Cunha; Antonio d'Abreu.»

Archivo parochial da mesma freguezia, fl. 59, v.

—

Do exposto se vê que o poeta Francisco José Cabral era filho de Antonio José de Sampaio e de Anna Maria Cabral, da villa de Favaios, onde em 1798 viviam parentes seus, entre elles 2 irmãos:—Padre Francisco da Graça Cabral e D. Antonia Cabral;—e casou (não sabemos quando nem onde) com Francisca Baptista, filha de André Baptista e Maria Dias, da freguezia de Mondrões, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes.

A sua filha Ignez casou em Casal de Loiros e não teve successão;—o filho Hypolito casou em Alijó com D. Margarida Alves Seabra, irmã do dr. José Gomes Ribeiro, lente de medicina na Universidade de Coimbra.

O dicto Hypolito José Cabral, *por desgostos de familia*, suicidou-se, afogando-se.

D. Francisca Baptista, viuva e principal herdeira do poeta, passou a segundas nupcias com o commendador José Antonio da Veiga;—e este por seu turno passou a segundas nupcias tambem, deixando á viuva uma boa casa, comprehendendo a maior parte dos bens que foram do poeta Francisco José Cabral, porque a viuva d'este, pelo facto de sobreviver aos seus dois filhos, que falleceram sem successão, tinha rehavido quasi toda a casa do poeta e legou todos os seus bens ao seu segundo marido José Antonio Lopes da Veiga. A viuva d'este—D. Francisca de Sousa Veiga de Magalhães,—natural de Villa Pouca d'Aguiar e possuidora de todos os bens da casa do seu marido, comprehendendo os do poeta Cabral,—ainda existe;—não tem filhos—e rezide no Porto.

Anecdotas

N'esta povoação e nas circumvisinhas ainda se contam muitas anecdotas do excentrico poeta, que Deus haja, pois falleceu como bom catholico, *tendo recebido todos os sacramentos*, apesar de ser um grande philosopho de ideias avançadas e de *vida dissoluta*, qual outro Bocage, de quem foi contemporaneo, confrade e tão amigo, que, desejando conhecel-o pessoalmente, um bello dia montou no seu *rucinante* com uma grande borracha de vinho a tiracollo [1] e foi até Lisboa, onde se apeou á porta do seu *alter ego*, Manuel Maria Barbosa du Bocage, que o recebeu com intimo jubilo e hospedou *como pôde*.

---

[1] As suas paixões dominantes eram tres: —*versos*, *mulheres* e *vinho*.
Sendo casado, tinha tres amantes!...

Passados alguns dias em grande bacchanal, o poeta de Villarinho vendo-se já sem vintem, disse-lhe que mandasse deitar uma ração mais avultada ao cavallo, porque no dia seguinte partiria.

—Ração ao cavallo?

—Sim;—ao meu cavallo.

—Aonde irá elle!—accrescentou o Bocage rindo. Para te dar de comer, vendi-o logo que chegaste.

Não se magoou o Cabral com isso e partiu a pé com o criado.

A distancia de algumas legoas de Lisboa, disse-lhe o criado que eram horas d'almoço, mas o poeta não respondeu.

D'ahi a pouco tornou o criado a pedir-lhe de comer,—e elle *moita!*

Continuou o criado a instar, gritando, insultando-o e ameaçando-o, pelo que o pobre poeta se *esgueirou* para uma grande quinta proxima e principiou a passeiar n'ella em diversas direcções. Veiu logo um criado da quinta perguntar-lhe o que pretendia.

Tambem não respondeu nem interrompeu os seus passeios imaginarios.

O dono da quinta, vendo o disparate do intruso, ordenou-lhe que saisse immediatamente, aliás o correria a chicote. Approximou-se então o poeta, como se nada tivesse ouvido, e, ostentando vastos conhecimentos de botanica e geologia, principiou por elogiar a quinta e concluiu a *sermôa* dizendo que era uma soberba propriedade, mas que tinha um grande defeito, muito facil de remediar.

—Que defeito é esse?—perguntou-lhe o fidalgo.

—Falta d'agua.

—Bem o sei; mas que fazer?

—Com pequena despeza (disse-lhe cathegoricamente o poeta) eu me comprometto a explorar aqui agua sufficiente para regar toda a quinta e mover algumas rodas de moinhos!

Ficou o fidalgo muito satisfeito e, convencido de que o intruso não era um doido, como lhe parecêra, mas um homem de illustração superior, mandou-o entrar no seu palacete;—palestraram muito;—deu-lhe um bom almoço e 4$800 réis por conta da exploração que o nosso poeta prometteu iniciar em praso breve. Assim arranjou dinheiro para a jornada, mas o fidalgo não mais o lobrigou!...

—

Era um grande proprietario, mas pessimo administrador. Passava a maior parte do tempo mettido na sua pharmacia, que tinha em uma loja immunda, e estava sempre a fazer versos a tudo e por tudo, mesmo aviando as receitas, a que nunca ligou importancia e tanto que por vezes attestava as garrafas dos remedios *com ourina?!...*

Das suas composições poeticas apenas publicou as duas já mencionadas.

A *Elegia* dedicada ao capitão-mór Bento de Queiroz, de Favaios, abre com o soneto seguinte:

Em um carro tirado por Arpias,
Divaga a Morte sobre a terra, e mares,
Fervem-lhe em torno tragicos azares,
Torvas Esfinges, lividas, sombrias:

Vibra a foice cruel nas mãos impias,
Nivela os thronos e'os humildes lares,
Solta medonhos turbilhões nos ares,
Lança tudo o que existe ás campas frias.

Debaixo de seus pés Queiroz baqueia;
Em hora triste, em hora malfadada,
Da vida se lhe rompe a fragil teia.

Descança a alma na Sião Sagrada,
O corpo fica sobre a terra feia,
Pasto de bichos, reduzido a nada.

A *Elegia* começa assim:

I

Que negro pasmo minha vista embaça!
Armas cobertas de horroroso luto!
O motivo de tal Metamorfoze
Quem o póde dizer com o rosto enxuto? [1]

II

Por lei, de que mortal nenhum se esquiva,
Finalizou Queiroz; que perda ingente!
A torva, carrancuda Libitina
Guerra declara a tudo o que é vivente.

---

[1] *L'Homme frissone à l'idée de la mort.* (Nota do auctor) YOUNG.

III

Em feia estancia, em erma penedia,
Entre a Esposa e o Irmão, que ali concorre,
Com Deus no coração, com Deus nos labios,
Olhando para o Ceo suspira e morre.

IV

Que é d'elle? aonde está?—não posso achallo!...
Ja é cinza na fria sepultura;
Em fumo se tornou uma existencia,
Que merecia ter perpetua dura.

V

Este bom cidadão, bom pai e esposo
Que suspiros do peito nos arranca!
Mirrou-se aquella mão, que dadivoza
A todos foi clemente, a todos franca.

E assim prosegue até á quadra 46 e ultima.

Bonitos versos! Ainda hoje qualquer dos nossos poetas se ufanaria assignando-os.

Improvisos

O povo ainda hoje repete, entre outros, os seguintes:

INDO PARA A ERVEDOSA

Em certa casa entrei
Com a fome que levava,
E á mesa me encostei.
Só c'uma febra vermelha
Que no prato achar pude,
Enguli uma botelha
A fazer uma saude.
Enguli uma botelha
E um garrafão rubicundo,
Fui ao monte dos *Cazaes*, [1]
Puz-me a governar o mundo.

A UMA VIUVA SUA VISINHA

Toda a viuva nova e rica
Que entra na egreja attenta,
Direita lança agua benta
Ao seu marido na cova
Com a pontinha do dedo,
—Casa cedo.

A UM CAÇADOR DE FAVAIOS

Sustentar doze cadellas,
Um sacador, um furão,
Só por n'uma occasião
Ir ao monte com ellas,
E caçar coelhos poucos,
—É de loucos.

A UM ENFATUADO EM NOBRESA

Ao fidalgo da carroça
Que tambem quer senhoria,
Sem se lembrar que algum dia
Seu pai andou de coroça
E sua mãe de tamanca,
—Boa tranca.

—

Era sempre rogado para os *outeiros* por occasião das eleições de abbadessas nos conventos de Villa Real e de Murça.

Gostava do divertimento e ficava sempre como um *cacho*!

Certo dia, regressando de um *outeiro* que teve logar no convento das freiras de Murça, vinha tão quente da orelha e tão entretido a fazer versos que, apeando-se na ponte de Murça, o cavallo soltou a cabeçada,—ficou mansamente pastando—e o bom do poeta foi andando, cantarolando e versejando com as redeas do cavallo na mão e o freio e cabeçada de rastos até á villa de Favaios, distante cerca de 15 kilometros! Chegando ali, bateu á porta dos seus parentes e, vindo um criado abrir-lh'a, entregou-lhe as redeas, dizendo-lhe que arrumasse o cavallo.

Ficaram ambos attonitos por verem somente as redeas e o freio e, partindo logo o moço em procura do cavallo, foi dar com elle ainda pastando junto da dicta ponte!...

Cazimiro Eugenio de Sousa Cabral, 3.º primo do nosso poeta, morador em Alijó, possue o retrato d'elle pintado a oleo.

Era tambem primo do poeta o dr. e conselheiro Bazilio Alberto Teixeira Cabral, que morreu em 1877, sendo presidente do su-

[1] Pequena povoação no caminho da Ervedosa.

premo tribunal de justiça e deixando uma fortuna superior a 200 contos em dinheiro, alem de boas propriedades em Murça e Villarinho de Cotas.

Outro primo, — Fernando Cabral, — era tambem poeta, muito excentrico e musico distincto. Tocava toda a casta de instrumentos;—tinha uma sala cheia d'elles—e a mania de que estava sempre doente, pelo que mandava todos os dias comprar garrafas de remedios,—mas cheirava-os, provava-os e atirava logo com elles e com as garrafas á rua, dizendo: *não prestam!*

Gastou com isto contos de réis!...

Tambem nunca pegou em dinheiro, receando que lhe communicasse alguma doença,—e pelo mesmo motivo nunca tolerou que pessoa alguma mettesse os dedos na sua caixa do rapé!

—

Data de tempos antiquissimos esta povoação de *Villarinho de Cotas*, como provam as ruinas de um castello que existiu no alto de um pequeno monte, contiguo á povoação, cerca de 500 metros a O.,—monte quasi todo actualmente plantado de vinha.

O povo attribue aos mouros a fundação do dicto castello, mas com certesa data de tempos muito mais remotos, porque ali se teem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas de tijolo e muitos fragmentos de ceramica antiquissima.

Outro castello semelhante existiu junto de Casal de Loivos, freguezia proxima e limitrophe.

É certo que os romanos por aqui tiveram demorada residencia, como provam as dictas moedas e ruinas e as inscripções encontradas em *Favaios* e *Villar de Maçada*.

Vide.

Os frades loyos do Porto receberam algum tempo os dizimos d'esta e d'outras freguezias circumvisinhas.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, esta freguezia e todas as d'este concelho d'Alijó, bem como as dos concelhos de Sabrosa, Murça, Villa Flor, Alfandega da Fé, Carrazeda d'Anciães, Moncorvo, Mogadouro, Freixo d'Espada á Cinta, Villa Real e parte das dos concelhos da Regoa e Penaguião, pertenciam ao arcebispado de Braga.

V. *Villa Real de Traz os Montes*. vol. XI, pag. 927, col. 1.ª

Antes da invasão phylloxerica, esta pequena freguezia costumava render para o parocho 300$000 réis annuaes—e teve parochos collados até 1851. O ultimo foi João Manuel Teixeira.

Lenda

A tradição local diz que, quando os mouros tomaram a villa de Favaios, os seus habitantes se dispersaram e fundaram as povoações de S. Bento, Cotas e *Villarinho de Cotas*, tendo por egreja matriz commum a estes 3 povos a capella da nobre quinta de S. Jorge,[1] hoje da familia Sepulvedas e que foi antigamente passal da egreja de Favaios.

Expulsos os mouros, voltaram para Favaios os habitantes da aldeia de S. Bento. Os de Villarinho e Cotas não quizeram largar os seus novos domicilios, mas formaram com a villa de Favaios muito tempo uma só freguezia, até que se arvoraram aquellas duas povoações em parochias independentes, mas filiaes da de Favaios. E em signal de sujeição, desde tempos antiquissimos costumavam ir—e vão ainda hoje—ali, no dia de S. Jorge, em cuja capella os habitantes de Cotas e *Villarinho de Cotas* pagam *um vintem de conhecença* ao reitor de Favaios.

Isto é curioso e até certo ponto confirma o que diz a lenda.

—

Os maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os seguintes:—Antonio Teixeira Cavalleiro,—a viuva de José Antonio Lopes da Veiga,—Manuel Alves de Meneses Abreu,—Dr. José Maria Avelino de

---

[1] A dicta capella é um templo antiquissimo e foi effectivamente outr'ora a matriz de Favaios e dos povos circumvisinhos. Ainda conserva a pia baptismal e um tumulo com uma inscripção dos principios da nossa monarchia. De tudo já demos copia e larga noticia para a *Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, da qual temos a honra de ser o mais obscuro socio, e de tão interessantes velharias fallaremos no supplemento ao artigo *Favaios*!

Amorim,—João Antonio Duarte e Firmino José Duarte.

VILLARINHO DA COVA DA LUA,—freguezia extincta no concelho, comarca, districto e diocese de Bragança.

Tinha como orago S. Cypriano ou S. Cyprião;—em 1706 contava 60 fogos e já estava, como esta hoje, annexa á de *Espinhosella*.

Em 1768 era curato da apresentação do abbade de Espinhosella;—rendia para o cura 8$000 réis, além do pé d'altar,—e contava 49 fogos.

Á mesma freguezia de Espinhosella foram tambem unidas a de *Cova da Lua*, orago Santa Comba,—e a de *Terroso*, orago S. Thomé, que foi abbadia da mitra.

Comprehende pois a freguezia de Espinhosella, orago Santo Estevam,—as povoações de Espinhosella, séde da parochia,—Terroso, Cova da Lua e Villarinho da Cova da Lua, sédes das 3 freguezias extinctas.

Representa pois a freguezia de Espinhosella nada menos de *quatro freguezias*—e tambem já teve e não sabemos se tem ainda annexa a freguezia de *Gondesende*, que em 1878 contava apenas 83 fogos!

É assim este malfadado districto e bispado de Bragança.

V. *Cova da Lua*, *Espinhosella*, *Terroso* e *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, vol. XI, pag. 1099, col. 2.ª

VILLARINHO DOS FREIRES,—freguezia do concelho e comarca da Regoa, districto de Villa Real, bispado de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Nossa Senhora das Neves;—fogos 300,—habitantes 1:400.

Em 1706 era vigairaria da Ordem de Malta e da apresentação do balio de Leça;—pertencia ao termo de Villa Real, arcebispado de Braga;—tinha 100 fogos—e denominava-se *Nossa Senhora das Neves de Freirias*,—segundo se lê na *Chor. Portuguesa*.

O *Portug. S. Profano* nem sequer fez menção d'esta freguezia!

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, contava 208 fogos e pertencia ao concelho do Canellas, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o da Regoa.

O censo de 1864 deu-lhe 251 fogos e 1:044 habitantes,—e o de 1878 deu lhe 238 fogos e 1:122 habitantes.

—

Demora esta freguezia no *coração do Douro*,—n'essa privilegiada e abençoada região comprehendida no vasto triangulo formado por Lamego, Villa-Real e Mesão-frio, [1]—em terreno mimosissimo, extremamente fertil e de grande valor, como todo o do concelho da Regoa, ainda hoje povoado de luxuosos vinhedos, de quintas soberbas e de vistosos palacetes na margem direita do Douro e na esquerda do Corgo, distando de qualquer d'estes dois rios cerca de 4 kilometros (do Corgo para L.—e do Douro para N.);—5 da Regoa para N. E.;—17 de Lamego;—20 de Villa Real,—109 do Porto—e 446 de Lisboa.

—

N'esta abençoada freguezia não ha um pinheiro, nem um carvalho, nem um castanheiro ou sovereiro, nem um palmo de terreno inculto. Parece toda um vasto jardim, esmeradamente cultivado. Tal é o surprehendente aspecto dos seus riquissimos e compactos vinhedos e dos seus mimosos pomares de laranjeiras, pereiras, macieiras, figueiras, damasqueiros, etc., etc., que produzem a fructa mais saborosa de Portugal, destacando-se no meio de tão vasto jardim os palacios e quintas dos seus felizes donos.

Só esta comarca da Regoa, formada pelo concelho do seu nome e pelos de Mezão-frio e de Santa Martha de Penaguião vale bem metade da provincia do Alemtejo.

Aqui não ha charneca nua, nem terreno de pousio. Todo o seu chão,—encostas, montes e valles,—é mimosissimo e fertilissimo,—um luxuoso vinhedo cerrado que no anno de 1840, não sendo o mais abundante, produziu 30:213 pipas de vinho de 550 litros cada uma, [2]—vinho quasi todo de embarque ou de *feitoria*, [3] como é todo o d'esta

---

[1] V. *Villa Jusã*, vol. XI, pag. 770 e 771.

[2] Extracto fiel do arrolamento da *Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro*.

[3] V. *Villa Jusã*, logar citado.

parochia de *Villarinho dos Freires*, que no dicto anno produziu 1:992 pipas, tendo produzido alguns annos 2:200 a 2:400?!...

É uma freguezia riquissima—e o seu vinho é do melhor do concelho da Regoa, porque está na margem esquerda do Corgo e por consequencia na região do *Cima-Corgo* ou do *Alto-Douro*,—a classica região do vinho fino, posto que ao passo que se avança para leste ou para o *Alto-Douro*, o vinho vae subindo em qualidade até o Pinhão, Roncão e Tua, a zona dos vinhos mais preciosos do Douro, de Portugal e *do mundo*!

É um nectar dos deuses o vinho d'aquella região, mas infelizmente está toda phylloxerada e quasi toda inculta,[1] emquanto que n'esta freguezia e n'esta comarca da Regoa, como o terreno é mais fundo, mais fresco e mais forte, grangeado a capricho e tractado com o *sulfureto de carbone*, o melhor antidoto *até hoje* conhecido contra a maldicta phylloxera, os vinhedos, embora *todos* manchados e ameaçados, ainda se ostentam viçosos e produzem bastante vinho.

—

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Villarinho*, a séde,—Prezegueda, Santo Xisto, Granja, Escavedas, Alvações do Corgo e muitas quintas, quasi todas habitadas. Mencionaremos algumas.

1.ª—*Vallado*, da opulenta casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias de seu primo Antonio Bernardo Ferreira, e em segundas nupcias do par do reino Francisco José da Silva Torres, natural da freguezia dos Dois Portos, concelho de Torres Vedras.

Vae esta quinta até á margem esquerda do Corgo, onde tem um pomar de laranjeiras que é o maior e melhor de todo o Alto Douro e produz laranja finissima, que se vende por bom preço.

Em todo o Alto Douro, mesmo na zona mais ardente,—*Pinhão*, *Roncão* e *Tua*,—que produz o vinho mais generoso do mundo, a laranja é finissima, embora em diminuta quantidade, porque os pomares demandam rega e ali ha muito pouca agua; mas a laranja mais fina de todo o Alto Douro e de *todo o nosso paiz* é sem contestação a de *S. Mamede de Riba-Tua*, criada entre fragoedo. Alem de ser muito saborosa, tem a casca tão fina que uma laranja, caindo da altura de um metro, estala e rebenta!

V. *Villa Real de Santo Antonio*, vol. XI, pag. 918, col. 1.ª

O pomar d'esta quinta é o maior e mais lindo de todo o Douro, porque os seus riquissimos proprietarios construiram ao longo da margem esquerda do Corgo, que o rega, um grande muro de supporte e sobre elle nivelaram e formaram um extenso campo, que encheram de laranjeiras.

Junto d'este lindissimo pomar construiram tambem outr'ora um luxuoso estabelecimento de moagem, mas no inverno de 1822 a 1823, desabando sobre a outra margem (esquerda) do Douro grande parte da quinta de *Melres*, incluindo a casa, pertencente aos *Portocarreiros* do palacio da Bandeirinha, no Porto, a agua do Douro com o grande volume do entulho (*credite posteri!*) —subiu a enorme altura no rio Corgo, fronteiro á quinta de Melres;—cobriu aquelle estabelecimento de moagem—e na vasante levou-o d'envolta no medonho turbilhão, deixando apenas uma parte do açude, que ainda hoje lá se vê.

Tambem por essa occasião a agua do Douro subiu até á casa da quinta da *Vaccaria*, pertencente aos Cunha Reis. de Braga, na foz e margem esquerda do Corgo,—inundou os armazens—e derribou os cyprestes que tinha no terreiro!...

Da grande ponte de pedra, recentemente construida sobre a foz do Corgo na estrada nova a macadam, hoje ainda em construcção, da Regoa a Sabrosa, um pouco a montante da ponte da linha ferrea, vê-se as quintas do *Vallado*, *Vaccaria* e *Melres*, onde se deu tão extraordinario phenomeno, que mal se acredita hoje!

V. *Poiares*, vol. 7.º pag. 121, col. 2.ª—*in fine*,—*Porto*, no mesmo volume, pag. 519 e segg.—e *Villa Real de Traz os Montes*, vol. XI, pag. 1013, col. 1.ª e sua respectiva nota.

Alem do seu lindissimo pomar compre-

[1] V. *Villarinho de Cotas*.

hende esta quinta grandes vinhedos e tem bons armazens e outras officinas e um palacete brazonado, com capella.

—

2.ª—*Vallado*, tambem, de Antonio Pinto Champalimaud, de Cidadelhe, concelho de Mezãofrio.

3.ª—*Paredes*, pertencente a Joaquim José Alves de Figueiredo Feio, de Villa Real, que n'ella reside.

4.ª—*Pitarrella*, que foi de Affonso Botelho e é hoje de sua filha D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa, de quém logo fallaremos.

É uma das melhores propriedades d'esta parochia.

5.ª—*Firvida*, pertencente ao já mencionado Joaquim José Alves de Figueiredo Feio.

6.ª—*Portella*, pertencente a Victorino Pereira de Sousa, da aldeia de Santo Xisto.

7.ª—*Cavouco*, pertencente a José de Barros Carvalhaes.

8.ª—*Portello*, pertencente ao meu bom amigo e contemporaneo na Universidade, o dr. Antonio Avelino Correia de Carvalho Pereira Vasconcellos, filho de Avelino Correia Pinto de Carvalho Vasconcellos, natural da povoação de *Britello*, freguezia da *Cumieira*, concelho de Santa Martha de Penaguião.

9.ª—*Ponte*, que foi de José d'Almeida Alcoforado e é hoje de João de Barros Carvalhaes.

Edificios mais notaveis, brazonados

1.º—O que foi do capitão-mór de ordenanças Manuel de Mesquita Pimentel e Castro, hoje de seu neto Padre Frederico Augusto de Magalhães Barroso.

2.º—O que foi do dr. Manuel Xavier Vaz de Carvalho, hoje dos herdeiros de Adolpho de Gouveia Vaz de Carvalho, procurador á junta geral do districto, etc.[1]

3.º—O que foi de João de Carvalho Vaz, hoje de sua mulher D. Rosa de Carvalho.

Estes 3 na povoação da Prezegueda.

4.º—O da grande quinta do *Vallado*, pertencente a D. Antonia Adelaide Ferreira.

5.º—O da quinta da *Ponte*, que foi do morgado José d'Almeida Alcoforado; — depois passou para a sua mulher, tristemente conhecida por *D. Rosa da Ponte*, que pela sua stulta vaidade e pessima administração morreu pobre como Job!...

Pertence hoje esta quinta a João de Barros Carvalhaes.

Edificios não brasonados

6.º—O palacete denominado *Casa Grande*, que foi de Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, da Prezegueda, hoje de sua filha D. Anna Leopoldina Botelho de Sampaio e Sousa.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1008, col. 2.ª e segg.,—e *Sabrosa*, vol. VIII pag 274, col. 2.ª—*in fine*.

7.º—O palacete que foi de João Henrique de Sousa Guedes, hoje do seu filho Henrique Pereira de Sousa Guedes.

8.º—O palacete de Victorino Cardoso Pinto de Barros.

9.º—O palacete que foi do commendador Maximiano Pinto de Freitas Vaz, de quem passou para o mencionado Adolpho de Gouveia Vaz de Carvalho.

Demoram estes ultimos 4 edificios na importante aldeia da Prezegueda.

10.º—O palacete de Antonio de Barros Carvalhaes, em Villarinho.

11.º—A casa de Luiz dos Santos Pereira, em Villarinho tambem.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, elegante e de moderna construcção, bem conservada e bem alfaiada.

N'ella se acha erectá uma importante irmandade das Almas, que tem como padroeiro *Santo Estevam*.

O cemiterio parochial dista da egreja cerca de 500 metros para S.

2.º—*Capella de Santo Amaro*, na povoação da Granja.

3.º—*Capella de S. João*, na aldeia de Santo Xisto.

---

[1] Era um cidadão prestantissimo, falleceu porem no dia 2 de junho de 1885, deixando viuva e filhos.

4.º—*Capella de S. Bartholomeu*, em Alvações de Tanha.

5.º—*Capella de S. Pedro*, em Escavedas.

Todas 4 são publicas.

6.º—*Capella de Sant'Anna*, na grande quinta do Vallado, de D. Antonia Adelaide Ferreira.

7.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição*, na quinta de Paredes.

8.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, no palacete que foi de Affonso Botelho, na Prezegueda.

9.º—*Capella de Nossa Senhora do Carmo*, no palacete que foi de Adolpho de Gouveia.

10.º—*Capella de Santa Ritta de Cacia*, tambem na Prezegueda, pertencente ao dr. Victorino Cardoso Pinto de Barros, da Regoa.

11.º—*Capella de S. Jorge*, no sitio da *Retorta*, pertencente a Miguel Pinto, da povoação de Villarinho.

12.º—*Capella de S. Francisco*, na quinta da *Ponte*.

13.º—*Capella de Nossa Senhora da Guia*, em Alvações de Tanha, na casa de Francisco d'Azevedo Alpoim.

14.º—*Capella de Nossa Senhora do Carmo*, na quinta do dr. Antonio Avelino, de Britello.

Estas ultimas 9 capellas são particulares e todas se acham abertas ao culto.

A festa principal é a da padroeira, Nossa Senhora das Neves.

—

Banham esta freguezia o rio Corgo, confluente do Douro;—o rio *Tanha*, que desagua no Corgo a distancia de 5 kilometros, no sitio de Firvida [1];—um ribeiro que nasce em Poyares no sitio de Refojos, em uma propriedade de Jorge Augusto Ferreira (irmão do humilde auctor d'estas linhas) e desagua no rio Tanha depois de atravessar as povoações de Santo Xisto e Villarinho;—e outro ribeiro denominado *Fundogas*, que nasce tambem na povoação de Poiares,—atravessa a da Prezegueda—e morre tambem no Tanha.

Ha n'este rio e nos mencionados ribeiros 4 pontes de pau e os moinhos seguintes para cereaes:

Um com 5 rodas,—outro com 4 rodas,—outro com 3,—outro com 3—e outro com 2,—todos estes em *Villarinho*;—nas Escavedas um com 3 rodas, outro com 2 e outro com outras 2;—no sitio das *Firvidas* um com 3 rodas e outro com 2;—no sitio da *Ponte* um com 4 rodas,—e no sitio das *Quelhas*, em Alvações de Tanha, outro com 2 rodas,—total 12 moinhos com 35 rodas para cereaes—e 2 azenhas para moer azeitona, movidas por gado.

—

Producções dominantes:—vinho, azeite e fructa variadissima,—tudo de qualidade superior.

Freguezias limitrophes:—Poiares a S. e E.—S. Pedro de Nogueira a N.;—Alvações do Corgo—e S. Faustino do Peso da Regoa a O.

Passa n'esta freguezia a nova estrada districtal a macadam em via de construcção da Regoa para Sabrosa.

Em 1844 um pavoroso incendio reduziu momentaneamente a cinzas o palacete da *Retorta*, de José Joaquim Pereira, que n'elle ao tempo vivia e nada salvou, sendo avaliado o prejuiso em mais de doze contos de rèis!...

Ha n'esta freguezia um morro muito pittoresco e de forma conica, denominado *Muro do Crasto* (castro) que, segundo diz a tradição, foi castello dos mouros.

Era muito defensavel para o tempo d'armas brancas e com certesa foi occupado e fortificado desde tempos muito remotos, pois ali se tem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas de tijôlo, fragmentos de ceramica, escumalha de forjas e pequenas pias de granito, pedra estranha na localidade, etc.

Parece uma *mamoa* celtica gigantesca,—um monte artificial,—e está hoje todo de vinha até o curuto, que dista da povoação de

---

[1] O *Tanha* nasce na aldeia de *Lodares*, freguezia de Val de Nogueira;—corre na direcção S. O.;—passa nas freguezias de Andrães, Nogueira e Abbaças, todas do concelho de Villa Real;—atravessa depois esta de Villarinho—e desagua na margem esquerda do Corgo, tendo de percurso total cerca de 20 kilometros.

Rega, moe e cria bastante peixe miudo.

Villarinho dos Freires pouco mais de 1 kilometro e tem na base, do lado sul, a povoação de Santo Xisto.

Ergue-se entre o rio *Tanha* e o ribeiro de *Refojos*.

Ha finalmente n'esta freguezia duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

—

Esta freguezia denominou-se *Villarinho dos Freires*, porque foi dos templarios, ou *freires* da ordem do Templo, dos quaes passou para os cavalleiros ou *freires* da ordem de Malta, com o mosteiro que os templarios tinham na freguezia de S. Miguel de Poyares, visinha d'esta de Villarinho,—mosteiro que os *freires* de Malta arvoraram em séde de uma commenda riquissima, comprehendendo esta freguezia de Villarinho e outras.

Em 1532 a mencionada commenda era da ordem de Malta e rendiam os seus dizimos a bagatella seguinte:—5:000 alqueires de pão,—1:000 de vinho,—500 de azeite—e 500 de castanhas,—alem de muitos foros!...

V. *Poiares*, vol. VII, pag. 116, col. 2.ª—e a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego terrenario Ruy Fernandes em 1532 e publicada pela Academia Real das Sciencias no tomo V dos *Ineditos de Hist. Portugueza*, em 1824.

Em 1290, segundo se lê nas *Inquirições d'El-rei D. Diniz*, já a dicta commenda de Poiares era da ordem de Malta.

V. *Feira* em Viterbo.

—

De passagem diremos que, sendo os templarios extinctos em 1311, el rei D. Diniz muito astutamente fundou a ordem de Christo e a dotou com todos os bens que os templarios tiveram em Portugal, mas não passou para os cavalleiros de Christo a grande commenda de S. Miguel de Poiares, porque já era da ordem de Malta,—não sabemos bem desde quando nem por que titulo.

A ordem de *Malta*, de *Rodes*, ou do *Hospital*, nasceu na Palestina em 1104;—foi approvada pelo papa Paschoal II em 1113,—e a rainha D. Theresa, depois da morte do seu marido o conde D. Henrique, a admittiu em Portugal pelos annos de 1112 a 1116.

A primeira casa que teve no nosso paiz foi o convento, depois baliado, de Leça, que em 1800 rendia cerca de doze contos de réis;—depois teve por cabeça o Grão Priorado do Crato, que no tempo d'el-rei D. Affonso V apenas rendia 600$000 réis;—no tempo de D. Manuel já rendia sete contos—e em 1800 rendia vinte e quatro contos de réis, que equivaliam a mais de trinta contos de réis da nossa moeda actual; mas já estava unido á grande *casa do infantado* desde 1789, por breve do papa Pio VI, de 24 de novembro do dicto anno.

V. *Crato*, *Leça do Balio*—e a *Memoria Historica do Mosteiro de Leça* por Antonio do Carmo Velho de Barbosa,—trabalho muito consciencioso e muito minucioso, como trabalho especial que é—e escripto sobre a *localidade*.

Esta parochia de *Villarinho dos Freires*, até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ao arcebispado de Braga.

VILLARINHO DAS FURNAS,—freguezia extincta no concelho de Terras de Bouro e ha muito annexa á de S. João do Campo.

Passava n'esta freguezia, hoje simples povoação de *Villarinho das Furnas*, a celebre estrada da Geira, de Braga a Astorga.

Era a ultima povoação portugueza em que tocava a dicta estrada, que pouco adiante se mettia na Gallisa.

Note-se que *Villarinho das Furnas* demora na margem direita do rio Homem—e S. João do Campo na margem esquerda.

VILLARINHO DOS GALLEGOS,—freguezia do concelho e comarca do Mogadouro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Curato amovivel. Orago S. Miguel,—fogos 206,—habitantes 850.

Em 1706 pertencia ao mesmo concelho e comarca do Mogadouro.

Nada, absolutamente nada mais diz d'esta parochia a *Chorogr. Portugueza*—e o *Port. S. e Profano* nem sequer a mencionou!...

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 124 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 168 fogos e 695 ha-

bitantes,—e o de 1878 deu-lhe 204 fogos e 819 habitantes.

Não comprehende aldeias. Tem apenas annexa desde 1883 a pequena povoação e freguezia de *Villa dos Sinos* com 38 fogos e já descripta. Vide.

Demora a povoação de *Villarinho dos Gallegos* na margem direita do Douro, do qual dista 1 e meio kilometro para N.;—14 do Mogadouro para S. E.;—40 da estação da Barca d'Alva (a mais proxima) na linha ferrea do Douro, prestes a abrir-se á circulação desde Tua até Salamanca;—80 de Bragança;—245 do Porto—e 582 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Bruçó ou *Burçó*, Villar do Rei, Villa d'Alla, Ventozello—e Aldeia d'Avila, em Hespanha, alem do Douro.

Producções dominantes: — trigo, centeio, vinho, azeite, batatas e muita lã, pois cria muito gado lanigero e tambem muar e bovino da raça mirandesa.

É tambem mimosa de caça miuda e de peixe do Douro.

Não ha n'esta freguezia, nem n'este concelho, nem nos de Freixo de Espada á Cinta e Vimioso estrada alguma a macadam!...

A leste, sul e sueste de Bragança este malfadado districto apenas tem dois kilometros de estrada a macadam construidos junto de Miranda, na estrada real n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira, pela estação e barca do Pocinho;—todas as outras suas estradas são ainda hoje os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia!

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016, col. 1.ª e 2.ª

Esta parochia tem apenas 1 templo:—a sua egreja matriz, e na sua annexa dois:—a matriz e uma capella de Santa Barbara,—todos singelos e humildes, mas em bom estado de conservação.

Não tem edificios notaveis, brasonados ou sem brasões.

—

Approximadamente em 1869 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada, que fez grandes prejuizos.

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

O Douro no limite d'esta freguezia e desde o alto de Miranda até á Barca d'Alva corre fundo e precipitado por entre penhascos medonhos. Aqui por exemplo as margens são formadas por enormes rochedos de desmedida altura. Tambem desde que no alto de Miranda entra em Portugal, até á nova ponte do caminho de ferro a montante do *Cachão da Valleira*, não tem ponte alguma [1],—e desde o Alto de Miranda até á Barca d'Alva apenas tem 3 barcas de passagem:—uma junto da villa da Bemposta,—outra junto da villa de Lagoaça—e outra no Saltinho, concelho de Freixo d'Espada á Cinta.

Nos longos espaços intermedios, como em Miranda e aqui, atravessam o Douro ainda hoje (*credite posteri!*) em cordas lançadas sobre o abysmo e presas a grande altura nas duas margens.

Em Miranda a passagem é feita por este rudimentar processo dentro de um ceirão de esparto suspenso em duas cordas parallelas. No dicto ceirão podem ir a um tempo 4 pessoas—e tambem n'elle passam porcos, cereaes e gado lanigero. O cavallar, muar e bovino tem de contornar a raia, na distancia de legoas.

Aqui, em *Villarinho dos Gallegos*, a passagem é mais simples ainda e feita por meio de uma corda unica, retesada sobre o abysmo. Prendem os passageiros (*sauve qui peut!...*) de um modo especial com um laço de outra corda, suspenso n'aquella,—e com o auxilio de outra corda, presa ao dicto laço, dois homens que estão nas duas margens arrastam o laço com o passageiro ou com o fardo de uma até á outra margem!...

Quando tal ouvi *sensi in fronte meo se arripiare cabellos*! mas um filho da localidade nos disse que a passagem é commoda e que, se estivessemos habituados a fazer a traves-

---

[1] Tem hoje 4 a jusante, e nos principios da nossa monarchia teve outra, da qual ainda restam claros vestigios, entre Mesãofrio e Barrô.

Para evitarmos repetições—V. *Barqueiros*, *Barrô*, *Villa Jusã* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 932, col. 1.ª e segg.

sia, como elles estão, *até haviamos de gostar*?!...

Oh! Deve ser fresca e pittoresca no verão—e mais ainda no inverno, quando o Douro bramir com furia lá em baixo, espumando ao despenhar-se por entre aquella medonha penedia;—e mais fresca deve ser a passagem, quando a grande corda estale e o pobre transeunte se desfizer em massa informe na penedia do leito, no verão,—ou mergulhe e desappareça na torrente, quando o Douro no inverno vae alto e medonho.

E quantas vezes não terá estalado a dicta corda?!...

Terminaremos este topico dizendo que no rigor da estiagem o Douro no termo d'esta freguezia tambem pode atravessar-se a pé enxuto (?) no sitio da *Pena Porreira*, (o nome é decentissimo!) em um grande estendal de penedos informes que tem no leito, mas a passagem ali não é menos divertida nem menos perigosa!

Demanda tibias altas;—vigor, agilidade e levesa—e muita pratica de tal exercicio choreographico, para se não partirem as costellas ou o toutiço nas fragas ou não se tomar algum banho nos poços.

—

Esta povoação é uma das mais ricas do concelho do Mogadouro, por ser muito trabalhadora e muito dada a negocios de commissão e conta propria.

Negoceia fortemente em azeite, lã, couros curtidos e gado lanigero, muar e vaccum da raça *mirandesa*, que é a mais estimada em Traz-os-Montes.

Ha aqui vaccas de 20 a 30 libras *cada uma*—e singeis de 60 a 70 libras?!...

Muitos habitantes d'esta povoação, levados pelo seu genio trabalhador e industrioso, costumam percorrer em cata de algum lucro com o seu negocio de lã, couros, amendoa e azeite não só esta provincia toda, mas grande parte do nosso paiz e da Hespanha, montados em soberbas mulas que vencem 10 a 12 das nossas antigas leguas de 8 a 10 kilometros por dia, atravez de barrancos medonhos!

Um dos primeiros proprietarios, negociantes e viajantes d'esta povoação é Antonio Joaquim Rodrigues,—homem muito trabalhador e muito conhecedor de Portugal e da Hespanha, pois em marchas e contra-marchas tem percorrido até hoje *milhares de legoas* nos dois paizes.

Nasceu n'esta povoação em 1835 e casou em Lagoaça com Angelina Raquel Antunes, prima do fallecido conde de Lagoaça e sobrinha do ultimo capitão-mór de Lagoaça, todos da familia *Antunes*, bem conhecida n'este concelho.

—

Antonio Joaquim Rodrigues é filho de Manuel Rodrigues *Ganhão*, tambem dado á mesma industria, natural d'esta freguezia, e de Maria Joaquina Cardosa, natural de Escalhão;—neto paterno de José Rodrigues *Ganhão*, tambem muito trabalhador e dado á mesma industria, natural d'esta freguezia, e de Anna Joaquina Antunes, de Lagoaça,—e materno de Antonio Fernandes Cardoso e de Maria Nunes,—elle de Escalhão e ella de Villarinho de Gallegos,—todos dados á mesma industria, que é hereditaria n'esta familia.

Antonio J. Rodrigues principiou a correr mundo com o seu pae aos 12 annos e teve do seu consorcio varios filhos, todos igualmente trabalhadores.

Costumam ir com os seus negocios de commissão e conta propria, dentro do nosso paiz até Miranda, Bragança, Mirandella, Chaves, Almeida, Covilhã, Fundão, Evora, Beja, Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães e Braga,—e dentro da Hespanha até Valhadolid, Zamora, Salamanca e Cidade Rodrigo.

Apuram dinheiro, mas trabalham muito, muito!...

—

As festas principaes que hoje aqui se celebram são:—a de S. Miguel, orago d'esta freguezia,—a de Nossa Senhora da Assumpção, orago da sua annexa,—e as de S. Jeronymo e S. Bartholomeu.

Como os habitantes d'esta freguezia eram tidos por constitucionaes e ricos, soffreram muito,—roubos, ferimentos, prisões e algumas mortes,—durante o governo do sr. D. Miguel, desde 1828 até 1834.

VILLARINHO DA LOMBA,—freguezia ex-

tincta, hoje aldeia da freguezia de Quiraz, concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança.

Em 1706 Villarinho da Lomba era um curato annexo á abbadia de Quiraz, no termo e concelho da villa de *Villar Secco da Lomba*, comarca de Miranda, e tinha como orago Nossa Senhora do Rosario, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*,—e em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Profano*, tinha como orago Nossa Senhora da Assumpção;—o seu parocho era cura da apresentação do mesmo abbade de Quiraz, que lhe dava 6$000 réis de congrua, alem do rendimento do pé d'altar,—e contava 35 fogos.

Hoje tem 42 fogos e ainda conserva a sua matriz,—uma capella dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, bem tractada e bem conservada.

—

Alem da povoação de Villarinho da Lomba, comprehende a freguezia de Quiraz as povoações de *Edroso* e *Cisterna*, que foram tambem outr'ora freguezias independentes. A freguezia de Quiraz, contando apenas 178 fogos e 800 habitantes, segundo se lê no ultimo recenseamento de 1878, representa nada menos de *quatro freguezias* ?!...

Bellesas do districto e do bispado de Bragança.

V. *Villa Verde*, freguezia d'este concelho de Vinhaes, vol. XI, pag. 1099, col 2.ª

Esta povoação de Villarinho demora na raia e tem um posto fiscal, pertencente á delegação de Vinhaes e ao districto aduaneiro de Bragança.

V. *Quiraz* n'este diccionario e note-se que a extincta parochia de Villarinho da Lomba está, como dissemos, annexa á freguezia de Quiraz e não v. v. como ali se lê, o que foi lapso do meu antecessor.

Terminaremos dizendo que a freguezia de Quiraz com as suas 3 annexas pertencia ao concelho de Santalha, extincto pelo decreto de 3 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Vinhaes.

VILLARINHO DA LOUSÃ, outr'ora *Villarinho das Moitas*,—freguezia do concelho e comarca da Lousã, districto e diocese de Coimbra, provincia do Douro (!)

Priorado.

Orago S. Pedro Apostolo;—fogos 415,—habitantes 1:850.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era vigairaria do cabido da Sé de Coimbra;—pertencia á comarca (corregedoria) de Monte-mór o Velho (?!...) provedoria e diocese de Coimbra—e contava 60 fogos!

Em 1768 era priorado da mesma apresentação; rendia para o seu prior 350$000 réis—e contava 370 fogos!

> Custa a crer que a sua população no pequeno periodo de 60 annos augmentasse 310 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 388 fogos e 1:759 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 411 fogos e 1832 habitantes.

—

Demora esta freguezia em terreno fertil e suavemente ondulado ao norte e nas faldas da serra da Lousã e a E. N. E. da villa d'este nome, entre os rios Arouce e Ceira.

A povoação de *Villarinho*, séde d'esta parochia, dista da Lousã 4 kilometros para E. N. E.;—4 e meio do rio Arouce, confluente do Ceira, tambem para E. N. E.;—5 do rio Ceira, confluente do Mondego, para S.;—27 de Coimbra para S. E.;—146 do Porto—e 245 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Villarinho*, séde da parochia; ao nascente:—Franco, Prilhão, Cabanões, Casaes, Ribeira dos Casaes e Covão;—ao poente:—Sarnadinha, Freixo, Gandara, Casal do Espirito Santo e Valle;—ao norte:—Rogella e Boque;—ao sul:—Fiscal e Povoa do Fiscal.

Comprehende tambem as quintas de Ribeira Menor, Cachaça e Reguengo do Prilhão, todas pouco importantes,—e varios moinhos e azenhas que logo mencionaremos.

Freguezias limitrophes:—a E. Serpins;—a O. Lousã;—a N. Casal d'Ermio;—a S. um braço da serra da Lousã, ramificação da grande serra da Estrella.

Producções dominantes: — milho, vinho,

trigo, centeio, azeite, cevada, castanhas e lã, pois tambem cria gado lanigero nos seus chãos e na serra.

É tambem mimosa de fructa, hortaliça, hervagens e de coelhos, perdizes e lebres.

—

Cortam e servem esta freguezia as seguintes estradas a macadam:

1.ª—Real n.º 52 da Foz d'Arouce a Castello Branco, em continuação da real n.º 14, de Coimbra á Foz d'Arouce.

2.ª—Districtal n.º 57, que entronca em Villarinho na real n.º 52, segue para Cabeços, etc.

3.ª—Municipal, da aldeia do Covão para a ponte de Serpins, sobre o rio Ceira.

Templos

Alem da egreja matriz de Villarinho, bem conservada e bastante antiga, mas relativamente moderna, pois a 1.ª esteve no sitio das *Moitas*, então povoado de castanheiros, pelo que esta freguezia se denominou—*S. Pedro das Moitas*,—ha n'esta parochia as capellas seguintes:

1.ª—*Senhora das Preces.*

2.ª—*S. Domingos.* Ambas em Villarinho.

3.ª—*Santo Antonio*, na aldeia de Franco.

4.ª—*Santa Eufemia*, em Cabanões.

5.ª—*S. Bartholomeu*, na aldeia de Prilhão.

6.ª—*Santo Ignacio*, na aldeia do Boque.

7.ª—*S. Sebastião*; na aldeia do Fiscal.

8.ª—*Espirito Santo*, no casal d'este nome.

9.ª—*Santo Amaro*, na povoação da Rogella.

Estas 9 são todas publicas e estão bem tractadas, exceptuando a 3.ª, de Santo Antonio.

10.ª—*Senhora das Dôres*, na aldeia do Covão.

11.ª—*Santa Rita*, na aldeia do Reguengo.

12.ª—*Santa Rita*, (outra) na aldeia do Fiscal.

13.ª—*S. Luiz*, na povoação do Freixo.

Estas ultimas 4 são particulares;—estão todas muito bem tractadas—e entre ellas avulta e merece especial menção a de *Santa Rita* (n.º 12) na aldeia do Fiscal.

Tem uma elegante e custosa frontaria de pedra encarnada, extrahida das pedreiras d'Alveite,—e interiormente um bom retabulo de talha dourada com sacrario,—bellas alfaias e Santissimo permanente.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são as seguintes:—*S. Pedro* (o orago) e Senhora do Rosario, na matriz;—Espirito Santo e Santo Amaro, ambas com romaria, nas capellas proprias.

—

Tem esta freguezia, na aldeia do Fiscal, dois edificios brasonados:—um pertencente á nobre familia *Quaresma*,—outro aos herdeiros de José Pedro Fernandes e que foi dos *Mexias*.

Banham esta parochia os 4 ribeiros seguintes:

1.º—Ribeiro Maior.

2.º—Ribeiro Pequeno.

Correm ambos de S. a N.;—a pequena distancia fazem juncção—e desaguam na margem esquerda do rio Ceira, junto da aldeia do Boque, a distancia de 4 kilometros.

3.º—De *Villarinho*, que passa junto da aldeia d'este nome.

4.º—Passa ao sul d'esta freguezia.

Estes 2 veem da serra da Lousã,—fazem juncção na aldeia do Valle—e desaguam tambem no rio Ceira, junto da povoação de *Ceira dos Valles*, na distancia de 5 kilometros.

Movem 11 moinhos e 2 azenhas de cereaes,—4 lagares d'azeite e uma fabrica de papel, no sitio do *Valle das Eguas*, pertencente á viuva Lemos & Filhos, da Lousã.

Aguas ferreas

Brota n'esta freguezia, na sua extremidade sul e na raiz da grande serra que a limita por este lado, uma nascente d'aguas ferreas no sitio que chamam *Agua Alta*, porque a tal nascente cae ali de grande altura, formando uma especie de cascata.

É muito medicinal para o tractamento de varias doenças e nunca augmentou com as chuvas no inverno—nem diminuiu com a secca na estiagem,—fenomeno rarissimo e que talvez tenha a sua explicação no facto de brotar a dicta nascente de uma rocha

durissima no bôjo da grande serra, formada de rocha compacta, igualmente dura e por consequencia difficil de penetrar pela chuva e pelo calor.

Em outro tempo vinham de grande distancia, inclusivamente de fóra d'este concelho, muitas pessoas fazer uso d'estas aguas; hoje essa concorrencia afroixou, mas ainda muitas pessoas d'este concelho fazem uso d'ellas, bebendo-as na localidade ou conduzindo-as para suas casas, em vasos de vidro ou de barro.

Em Villarinho ha tambem uma fonte d'agua potavel, digna de menção pela sua puresa e levesa.

É talvez a melhor agua d este concelho—e a dicta fonte denomina-se *Fonte Godinha.*

Pessoas notaveis

Entre os filhos mais benemeritos d'esta parochia mencionaremos apenas dois:—Manuel Furtado de Mesquita e Tavora, que nasceu na aldeia de Villarinho;—foi capitão de cavallos na guerra da restauração, cavalleiro professo da ordem de Christo, etc.

Pelos seus relevantes serviços el-rei D. João IV lhe concedeu a pensão de 40$000 réis e a um seu filho deu de propriedade o juisado dos orphãos, na villa da Lousã.

Foi morto na villa de Penamacôr, batendo-se contra os hespanhoes, em 17 de fevereiro de 1650, e é um dos mais nobres ascendentes do actual visconde da Foz de Arouce.

Foi homem distincto pelas armas no seculo XVII; distinguiu-se porem mais ainda pelas lettras em nossos dias um outro filho d'esta parochia:

Vicente Ferrer Neto Paiva

A biographia de s. ex.ª, a quem nós conhecemos muito de perto, porque vivia em Coimbra e era lente da Universidade—e lente distinctissimo—quando nós nos formamos em 1851 a 1856,—daria um grosso volume e não a comportam as paginas d'este diccionario.

Indicaremos, pois, apenas alguns topicos:

Era filho legitimo do alferes Manuel Francisco Neto e de D. Constança Maria da Encarnação, da casa, quinta e aldeia do Freixo, d'esta freguezia;—neto paterno de José Francisco e de D. Theresa Maria de Paiva, senhores da mesma casa e quinta,—e materno de Caetano de Mattos e Anna de Jesus, da Povoa de Serpins. Nasceu n'esta freguezia, na sua casa e quinta do Freixo, em 27 de junho de 1798;—foi baptisado n'esta mesma freguezia pelo rev. João de Mattos Antunes em 4 de julho do dicto anno;—foram seus padrinhos o rev. Vicente Ferrer Neto Paiva, seu homonymo e tio paterno, e D. Maria Luisa Candida (ou D. Maria Joanna) irmã do biographado.—Falleceu solteiro na dicta sua casa e quinta do Freixo na noite de 11 de janeiro de 1886, contando 87 annos e meio e alguns dias—e deixou a maior parte da sua fortuna,—cerca de 160 contos de réis,—ao seu sobrinho, lente de direito publico na Universidade de Coimbra, o dr. Vicente José de Seiça Almeida e Silva, que pouco tempo lhe sobreviveu. Apenas *nove mezes*!... [1]

—

Foi s. ex.ª uma illustração superior e um cavalheiro respeitabilissimo, do conselho de Sua Magestade, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, doutor, lente cathedratico e decano da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, reitor da mesma Universidade, deputado em varias legislaturas, ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, par do reino, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Conservatorio Real da mesma cidade e do Instituto, de Coimbra, collaborador de differentes jornaes politicos e litterarios, au-

---

[1] Era tambem par do reino e uma excellente pessoa.

Nasceu na villa da Louzã em 3 d'agosto de 1809 e falleceu em Coimbra no dia 21 de outubro de 1886, igualmente *solteiro*, deixando uma fortuna de mais de *duzentos contos* ao seu irmão José Maria de Seiça, rico proprietario, morador na freguezia de S. Silvestre, concelho de Coimbra.

V. *Louzã* no supplemento.

ctor de varias obras, indicadas por Innocencio Francisco da Silva, etc.

Tornou-se tambem benemerito da instrucção publica fundando em casas proprias, ao lado da sua do Freixo, n'esta freguezia, em 1877, duas aulas d'instrucção primaria para os dois sexos, dotou-as convenientemente e ainda por ultimo as beneficiou e contemplou no seu testamento, deixando á camara municipal da Lousã 4:000$000 réis nominaes em inscripções para repartir o seu producto annual por 20 alumnos e 20 alumnas que frequentem as dictas escolas e pertençam ás familias mais necessitadas das freguezias de Villarinho e da villa da Lousã.

—

O grande historiador Alexandre Herculano era intimo amigo do nosso biographado e tanto que no seu gabinete d'estudo, em Valle de Lobos, tinha apenas 3 retratos:—o do famoso estadista Mousinho da Silveira, —o do nosso grande poeta Soares de Passos —e o de Vicente Ferrer Neto Paiva. No centro estava o de Mousinho e á direita o de Ferrer.

Tambem o nosso biographado era dedicadissimo a Herculano, como provam, entre outros muitos, os factos seguintes:

1.º—Em 20 de setembro de 1877,—13 dias depois do fallecimento de Alexandre Herculano, dirigiu uma carta ao *Jornal do Commercio* de Lisboa, pranteando a morte do grande historiador,—lembrando que se devia erigir-lhe um monumento por meio de uma subscripção publica—e logo offereceu 400$000 réis para a dicta subscripção.

2.º—Na sessão do *Instituto de Coimbra*, de 23 de maio de 1878, leu uma memoria interessantissima, fazendo o elogio historico do grande historiador.

Terminaremos dizendo que o nosso biographado, em 17 de novembro de 1870, foi agraciado com o titulo de visconde do Freixo, mas não o acceitou (honra lhe seja!) preferindo aos titulos nobiliarchicos a consideração e a nobresa do seu aureolado nome.

—

A biographia mais completa e mais interessante que até hoje temos lido com relação ao sabio lente Vicente Ferrer Neto Paiva é a que o sr. Joaquim Martins de Carvalho, seu bom amigo e contemporaneo, illustrado redactor e proprietario do *Conimbricense*, publicou no seu jornal desde o n.º 4:007 de 16 de janeiro de 1886, até o n.º 4:018 de 23 de fevereiro do mesmo anno, para onde remettemos os leitores.

—

Esta parochia e as circumvisinhas soffreram muito em 1811, nos dias 14, 15 e 16 de março, quando por aqui passou de *escantilhão* o exercito francez de Massena, retirando das linhas de Torres Vedras por Pombal, Redinha, Condeixa, Miranda do Corvo, Foz d'Arouce, Ponte da Murcella, Celorico e Guarda, em marcha penosissima, batido e acossado pelo exercito anglo-luso, que o não deixou respirar um momento, obrigando-o a queimar muitos carros de bagagens e a perder muita artilheria, muitos muares e soldados na passagem do rio Ceira e do Alba.

Não se imagina o que soffreu Massena desde Condeixa até á Ponte da Murcella, principalmente em Foz d'Arouce, na passagem do rio Ceira, junto d'esta parochia de Villarinho, que foi litteralmente aberta e devastada, bem como todas as parochias circumvisinhas, pelos dois grandes exercitos.

Temos sobre a nossa banca de estudo uma descripção minuciosa, interessantissima e *authentica* d'aquelles reveses, escripta por M. Guingret, *testemunha ocular*, pois fazia parte do exercito de Massena, como chefe de um batalhão do 6.º corpo, commandado pelo marechal Ney, incumbido de proteger a retirada, e que no revez da Foz d'Arouce, na passagem do Ceira, se cobriu de vergonha e perdeu o commando do dicto corpo.

Bem quiseramos dar ao menos um extracto d'aquelle interessantissimo topico, mas é muito longo e estamos anciosos por fechar este diccionario. Appellamos para o supplemento; entretanto veja-se o artigo *Villar Formoso* e a *Relation historique et militaire de la campagne de Portugal sous le maréchal Masséna par M. Guingret*,—Limoges, 1817,—pag 153 a 175.

VILLARINHO DA MÓ,—aldeia da freguezia de B ça, concelho de Boticas, comarca

de Montalegre, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, arcebispado de Braga.

V. *Beça*, vol. I, pag. 355, col. 1.ª—e permittam-nos o fazermos algumas addições áquelle artigo:

—

A mencionada freguezia de Beça ou Bessa comprehende as aldeias seguintes:—*Beça*, a séde da parochia,—Torneiros, Quintas e Seirrãos, na margem esquerda do rio Beça, —e *Villarinho da Mó*, Lavradas e Carvalhelhos, na margem direita, pois o rio Beça, do qual adiante fallaremos, corta pelo meio esta freguezia, que em 1706 pertencia ao termo e concelho da Villa de Montalegre, comarca e ouvidoria de Bragança;—comprehendia as mesmas 7 povoações: *Bessa* com 50 fogos,—Torneiros com 26—Quintas e Seirrãos com 56,—Lavradas com 30,—Carvalhelhos com 20—e *Villarinho da Mó* com 15,—total 197 fogos,—e era da apresentação da casa de Bragança.

Em 1757 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 200$000 réis—e contava 46 fogos!—segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

O censo de 1864 deu-lhe 229 fogos e 971 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 251 fogos e 1:211 habitantes.

—

Os dizimos d'esta parochia no meiado do ultimo seculo rendiam 650:000 rèis, dos quaes recebia o abbade as *quintas nonas*—e a Patriarchal as *quartas nonas* (?!...)—por bulla pontificia do papa Benedicto XIV, com data de 27 de julho de 1747.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, muitas castanhas, algum vinho verde e fructas na margem esquerda do rio Beça, por ser o chão mais quente e mais productivo,—e apenas centeio, batatas e castanhas na margem direita, por ser o chão mais frio.

Tambem abunda em caça grossa e miuda e lã, pois cria bastante gado lanigero e vaccum da raça *barrozã*,—e é mimosa de peixe, nomeadamente trutas, do rio Beça.

Alem da sua egreja matriz, que nada offerece de notavel, tem as 7 capellas seguintes, todas publicas e abertas ao culto:

1.ª—*Senhora da Apresentação*, na aldeia de Beça.

2.ª—*S. Bento*, na aldeia das Quintas.

3.ª—*S. Martinho*, em Seirrãos.

4.ª—*Santa Margarida*, em Torneiros.

5.ª—*S. Gonçalo*, em Carvalhelhos.

6.ª—*Santo Antonio*, nas Lavradas.

7.ª—*S. Mamede*, em *Villarinho da Mó*,—todas decentes, mas singelas.

—

Demora esta freguezia na parte occidental da serra de Leiranco, em uma quebrada da dicta serra, que é ramificação da de Barroso. Atravessa esta freguezia de norte a sul o rio Beça—e de nascente a poente a antiga estrada real de Chaves a Braga, que tem aqui uma solida ponte de cantaria sobre o Beça. Pela dicta estrada e pela dicta ponte passou o exercito francez do general Soult em março de 1809, quando seguia de Chaves para Braga e Porto.

A dicta estrada segue aproximadamente o traçado de uma das vias mititares romanas de Braga para Astorga.

Para evitarmos repetições, vide—*Estradas romanas*, — *Vias ferreas*, *Villar da Veiga*, *Villar de Perdises*, *S. Miguel e Villarinho dos Padrões*.

—

As aldeias de *Quintas* e *Seirrãos* eram *casaes cerrados* [1] e tinham grandes privilegios concedidos por el-rei D. João I, em carta de 28 de novembro de 1426; mas os seus habitantes eram obrigados a defender o antigo castello de *Seirrãos*, que se erguia a pequena distancia da dicta estrada e das outras povoações, entre esta freguezia e a ribeira de *Terva*.

Ainda hoje ali se vêem as ruinas do mencionado castello e diz a tradição que n'elle vivera uma tal sr.ª D. Loba, a quem os moradores das dictas aldeias pagavam fóros de tudo,—até das cordas dos carros!...

Tambem a mesma sr.ª D. Loba, ou outra do mesmo nome, residiu algum tempo no Castello de Lanhoso, segundo se lê na vida

---

[1] V. *Montalegre*, vol. V, pag. 444, col. 2.ª —e *Villar de Perdizes*, orago Santo André.

de S. Geraldo, no *Flos Sanctorum* do illustrado dominicano Fr. Diogo do Rosario.

Pessoas illustres

Francisco Antonio Barroso Pereira, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Nasceu n'esta freguezia, na aldeia das Lavradas;—foi delegado do procurador regio em Montalegre por despacho de 3 d'agosto de 1852—e falleceu em Montalegre no dia 17 de novembro de 1854; 3 dias depois (a 20 do dicto mez e anno) falleceu a viuva,—D. Albina de Moraes Caldas, ambos no vigor da idade,—e no dia 14 do mesmo mez e anno falleceu na mesma villa de Montalegre o sr. José Rebello Guimarães, ali medico do partido da camara, natural da freguezia de Tourem.

Foram todos tres victimas do cholera-morbus, que ao tempo assolava as povoações da raia, na Galliza.

Todo este concelho ficou aterrado com a morte d'aquellas 3 pessoas em tão poucos dias.

O general Manoel José Vaz

Thomé, filho legitimo de Acurcio Vaz e de Anna Pereira, humildes proprietarios da aldeia das Lavradas, nasceu n'esta parochia no dia 18 d'outubro de 1803.

Sendo ao todo seis irmãos e muito pobres, o Thomé foi para Lisboa com dois dos seus irmãos trabalhar na lavoura, e um bello dia, andando a apanhar laranjas para embarque, foi preso e obrigado a assentar praça em um dos regimentos de Lisboa, pelos annos de 1828 a 1829.

Serviu algum tempo no exercito de D. Miguel, mas por occasião do cerco do Porto, sendo já official, passou para o exercito de D. Pedro, e d'ahi em diante seguiu sempre o partido da sr.ª D. Maria II.

Foi major da Guarda Municipal do Porto;—d'ali passou para major do regimento de infanteria n.º 13, estacionado então em Chaves (hoje em Villa Real); d'ali passou como tenente coronel para infanteria n.º 8, onde serviu até que, sendo promovido a coronel, passou para infanteria n.º 11 e depois para infanteria n.º 6, onde serviu até que se reformou em general de brigada e falleceu aproximadamente em 1875, na sua casa de campo, junto do Porto.

Quando o prenderam e o obrigaram a assentar praça, ia muito violentado e com a boa intenção de fugir no primeiro ensejo, pelo que, sendo o seu nome *Thomé*, trocou-o pelo de *Manoel José Vaz*;—com este foi sempre conhecido no exercito e, affeiçoando-se á carreira militar, chrismou-se e trocou o seu nome de baptismo pelo de Manoel, com o qual falleceu.

Quando o prenderam e com tanta violencia deixou a faina de jornaleiro, mal imaginava elle que a sua *negregada sorte* ia fazel-o general?!...

Foi feliz e muito feliz, mais feliz porem foi ainda o seu patricio Domingos Mendes Dias, por alcunha o *Manteigueiro* que, tendo sido em Lisboa *marçano* e *aguadeiro*, chegou a ser fidalgo da casa real e um dos maiores capitalistas de Lisboa no seu tempo, deixando a bagatella de *dois mil e seiscentos contos de réis?!*...

V. *Vicente da Chã* (S.) freguezia do concelho de Montalegre, vol. x, pag. 534, col. 1.ª

—

Como já dissemos, atravessa e banha esta freguezia o rio Beça, já descripto sob este nome no vol. I, pag. 355,—e sob o nome de *Berça* ou *Verça* no artigo *Villar de Cunhas*, pois não sabemos qual seja o seu verdadeiro nome.

O nosso bom amigo e cyreneu José dos Santos Moura, abbade de Caires e muito conhecedor d'este concelho de Montalegre, denominava-o rio *Beça*. E parece que naturalmente assim deve denominar-se, por banhar e cortar a meio a freguezia denominada *Beça;* mas o sr. dr. Moura Coutinho, de Cabeceiras de Basto, homem muito illustrado e ancião venerando, nos apontamentos que nos deu para o seu concelho, que elle conhecia perfeitamente, disse que este rio se denominava *Berça* ou *Verça* e não *Bessa* ou *Beça*.

E nos meus mappas effectivamente se encontra com o nome de *Bersa*!...

Não nos atrevemos a cortar o *nogordio*, porque nunca (mercê de Deus!) andâmos por semelhantes barrancos e despenhadeiros;—aquelles dois nossos amigos e benemeritos informadores já falleceram ambos —e não temos ali hoje relações.

V. *Villar de Cunhas.*

—

O mencionado rio tem dupla origem a O. das aldeias de *Pedrario* e *Lamas de Sarraquinhos;*—recebe na margem direita o ribeiro do *Carregão;*—cerca de 6 kilometros a jusante, junto da aldeia do Cortiço, recebe o ribeiro de *Avessô*, que nasce no valle de *Firvidas*,—e o riacho da *Cova do Forno*, que nasce junto da aldeia de *Morgade;*—atravessa depois a freguezia de *Cervos*, recebendo na margem esquerda o ribeiro de Varziellas e um pouco a juzante o de *Cervos*. Tendo atravessado a meio toda a freguezia de *Beça* e a de *Canêdo* e recebido de ambos os lados differentes ribeiros, entre os quaes avulta o de *Covas*, cerca de 8 kilometros a jusante d'este ultimo recebe o rio do *Couto de Dornellas;*—toma então o nome de rio das *Mestras*—e cerca de 4 kilometros a jusante morre na margem direita do Tamega, defronte da povoação de *Daivães*, freguezia do *Salvador*, da villa e concelho de Ribeira de Pena, tendo banhado já com o nome de rio de *Mestras* a freguezia de *Villar de Cunhas*, concelho de Cabeceiras de Basto.

Tem 35 a 40 kilometros de curso e varias pontes, entre ellas 3 de cantaria:—*Cortiço*, *Rebordello* e *Beça*.

Este rio é o maior affluente do Tamega.

VILLARINHO DO MONTE,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Curato. Orago S. Sebastião;—fogos 60,—habitantes 245.

Em 1768, segundo se lê no *Portugal S. e Profano*, era curato da apresentação do abbade de *Nozellos*, bispado de Miranda;—rendia para o cura 30:000 réis—e contava 36 fogos.

Em 1852, segundo se lê no Flaviense, pertencia ao concelho de D. Chama, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1885 pelo qual passou para o de Macedo de Cavalheiros;—contava 55 fogos—e era da comarca de Mirandella.

Demora esta freguezia na margem esquerda da grande ribeira de Villares, affluente do Tuella, da qual dista 3 kilometros para S.;—8 da margem esquerda do *Tuella*, uma das nascentes do Tua, para E., —e 20 de Macedo de Cavalleiros para N. O.

Producções dominantes:—cereaes, fructas e lã, pois cria bastante gado lanigero.

Tambem antes da invasão phylloxerica destroçar os seus vinhedos, produzia bastante vinho de boa qualidade.

Banham esta freguezia a W. a grande ribeira de Villares—e a N. outra grande ribeira, confluente da de Villares.

—

Nós mencionamos esta freguezia como independente, porque assim a encontramos no *Mappa das Novas Dioceses*, publicado em 1882, bem como no *Flaviense* e no *Diccionario Chorographico d'Almeida*, mas não podemos adiantar mais, porque não a lobrigamos na *Chorogr. Port.*, nem na *Chrogr. Moderna*, nem recebemos para a sua descripção apontamentos especiaes.

Na *Chorogr. Moderna*, apenas se faz menção de uma aldeia com o nome de *Villarinho do Monte*, pertencente á freguezia das Arcas, d'este concelho de Macedo de Cavalleiros, mas não sabemos se a tal aldeia será, como suppomos, a freguezia de que nos occupamos, porque ali nem sequer se diz que foi parochia extinctal...

O censo de 1864 tambem não a mencionou.

Dista da freguezia das Arcas 6 kilometros para O. S. O.—e da villa de D. Chama, 7 para S. E., mettendo-se de permeio a ribeira de Villares, na qual deve ter moinhos.

—

Dadó que esta freguezia de *Villarinho* foi, como suppomos, annexa á das Arcas, representa esta hoje nada menos de 4:—a das *Arcas*, propriamente dicta,—a de *Villarinho do Monte*,—a de *Mogrão* que em 1706 era uma simples aldeia da freguezia de *Ala*, depois tornou-se parochia independente e por ultimo volveu a ser uma simples aldeia,

mas da freguezia das Arcas,—e a de *Nozellos*, tambem hoje simples aldeia, mas que outr'ora foi freguezia e villa antiquissima, pois já D. Diniz lhe deu foral. E na casa da camara havia *um freio* para metter na bocca dos calumniadores e das *mulheres de má lingua*!?...

V. *Arcas e Nozellos*.

—

O vinho da freguezia das *Arcas* é o melhor do alto d'esta provincia de Traz-os-Montes,—e tem a dicta parochia muitos moinhos, taes são:—o da *Ponte*,—*Ponte de Mogrão*,—*Carrascal*,—*Fontainhas*,—*Lamellas*,—*Ribeira*—*e Moinho do Mocho*.

—

Villarinho do Monte nunca foi villa, mas no seculo XVI teve esperanças de o ser, porque D. Manoel lhe prometteu foral proprio. Podem ver-se os *Apontamentos* para elle na *Reforma dos Foraes do Sr. Rei D. Manoel*, Maço 9 de foraes antigos, n.º 11.

Se teve *foral velho*, Franklin não o menciona.

VILLARINHO DAS PARANHEIRAS,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Francisco d'Assis;—fogos 98,—habitantes 402.

Em 1706 era um curato da apresentação do reitor de Moreiras;—pertencia ao termo e concelho da villa de Chaves, comarca de Bragança e á grande commenda de *Santa Maria de Moreiras* da Ordem de Christo, então do duque de Cadaval, commenda que comprehendia *sete parochias*,—e contava esta 50 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o cura 50$000 réis—e contava 55 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 396 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 96 fogos e 391 habitantes.

—

Demora na extremidade N. da decantada *Ribeira d'Oura* e a O. do monte de Santa Barbara, em terreno mimoso, pittoresco, saudavel e fertil na margem esquerda do Tamega, do qual dista cerca de um e meio kilometros para S. E.;—4 do grande estabelecimento hydro-therapico de Vidago, para N. N. O.;—15 de Chaves para S. O.;—50 de Villa Real;—78 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—182 do Porto pela estação da Regoa e linha ferrea do Douro,—e 520 de Lisboa.

Este itinerario deve soffrer grande modificação, logo que se construa a linha ferrea, hoje em estudos, de Chaves a Viseu pelo valle do Tamega e que deve cortar a linha do Douro e ter n'ella entroncamento e estação propria junto da estação do Marco de Canaveses, cerca de 44 kilometros a jusante da Regoa, encurtando muito a distancia entre o Porto, *Villarinho das Paranheiras*, e Chaves.

Esta parochia apenas comprehende a povoação de *Villarinho*;—os casaes ou quintas da Baccaria, Lamalonga, Limões, Amieira, Corgo, Carvalhal e Pecho, mencionados na *Chorographia Moderna*,—e 3 moinhos no Tamega, cada um com 4 rodas,—mais 2 moinhos e 2 azenhas no ribeiro das Olgas.

Freguezias limitrophes:—Anelhe, Arcossó, Villela do Tamega e Salhariz.

Producções dominantes: — vinho, milho, centeio, azeite, castanhas, batatas e fructa.

O vinho é, como vinho de pasto, excellente; do melhor da *Ribeira d'Oura*, d'esta provincia e do nosso paiz; mas infelizmente os seus vinhedos soffrem muito com o oidium, porque os enxofram tarde e mal,—com a phylloxera e com outras doenças, pelo que já produzem muito menos do que outr'ora produziram e tendem a desapparecer em praso breve!...

Tambem aqui os olivaes soffrem muito com a ferrugem, que os invadiu approximadamente em 1840, por ser o terreno fundo e quente, o que determinou alguns proprietarios a cortarem e arrancarem grande numero d'oliveiras, pelo que esta freguezia tambem hoje colhe muito menos azeite do que outr'ora colheu.

Tambem aqui, como em todo o nosso paiz, estão muito doentes os castanheiros.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016.

—

Banham esta freguezia o Tamega, confluente do Douro, e um ribeiro, confluente do Tamega. Nasce o dicto ribeiro nas faldas do monte de Santa Barbara, cerca de 3 kilometros a E. N. E. de Villarinho; — toca n'esta povoação do lado sul;—rega e fertilisa muitos campos—e morre na margem esquerda do Tamega, um pouco a jusante do *poldrado*, de que vamos fazer menção [1]. Move 2 moinhos de cereaes e 2 de azeite—e tem uma boa ponte de pedra, construida em 1870 para passagem da estrada real a macadam.

Ha n'este ribeiro, a montante de Villarinho e onde as margens principiam a ser cultivadas, uma grande represa ou deposito d'agua no verão, d'onde saem duas levadas que regam os campos a juzante até o Tamega.

Até 1785 a agua da grande represa era distribuida por dois repartidores nomeados pelo juiz da *vintena;* mas, como houvesse quasi sempre desgostos, provenientes da desigualdade na distribuição, por serem os repartidores proprietarios e interessados na partilha, o juiz de fòra da villa de Chaves, Domingos Alvares Lobo, providenciou de fórma que terminaram as questões e queixumes até hoje!

No tempo das regas, todos os sabbados o thesoureiro da egreja, por meio de toque do sino, convoca o povo e, reunido este no adro, ahi lê o rol extrahido da sentença, na parte relativa á semana proxima seguinte e assim cada proprietario fica sabendo quando tem de regar.

A agua dos domingos é da egreja. Não se distribue, mas arremata-se e adjudica-se a quem mais der, sendo o seu producto applicado para a fabrica da egreja, pelo que esta, apesar de ser muito antiga, se acha limpa e decente.

—

Na tarde de 3 d'agosto de 1842 cairam sobre esta freguezia apenas algumas leves gottas d'agua, mas trovejou a leste e choveu tão copiosamente no monte de Santa Barbara, que o pobre ribeirinho de que estamos fallando engrossou rapidamente como não ha memoria,—transformou-se em um rio caudaloso,—galgou os campos marginaes e levou na torrente as arvores, as paredes, a terra e tudo, causando prejuisos enormes, que até hoje não foram completamente resarcidos!...

—

O Tamega corre aqui fundo e esta parochia tira pouco proveito das suas aguas, pelo que em 1843 resolveram os habitantes d'esta freguezia construir n'elle um dique para levantamento e captagem das aguas, alguns kilometros a montante, no limite de Villela do Tamega, e um grande açude que, partindo d'ali, regasse e limasse todas as terras de Villarinho, que ficam a jusante do dicto açude.

Louvavel resolução foi aquella, mas infelizmente não deu o resultado que podia e devia dar e que talvez dê no futuro.

Duas vezes construiram o dique e outras tantas o levou o Tamega nas enchentes,—se é que alguem mal intencionado não aproveitou o ensejo de o destruir, carregando o Tamega com a culpa, como ao tempo se propalou.

O dique foi feito á custa do benemerito proprietario João Bernardino Machado—e o açude foi feito pelo povo.

E nunca se tornou tão precisa como hoje tal obra, porque poderia transformar em campos e prados magnificos grande extensão de vinhedos que se acham quasi mortos e que tendem a desapparecer em praso breve.

Açudes muito mais dispendiosos teem as freguezias de *Villar de Mouros*, no concelho de Caminha,—de *Villa Cova a Coelheira*, no concelho de Ceia,—e de *Alvarenga* no concelho d'Arouca.

Veja-se a descripção das duas primeiras freguezias n'este diccionario e a da ultima no supplemento.

—

O Tamega tem aqui um *poldrado*, cons-

---

[1] Tem dois nomes o dicto ribeiro:—desde a sua nascente até á povoação de Villarinho denomina-se *Pecho* — e d'ali até o Tamega *Ribeiro das Olgas.*

truido em 1786, á custa dos concelhos de Chaves e Montalegre, e que dá passagem a pedestres e cavalgaduras—no verão e com aguas medias, pois o Tamega nas enchentes cobre-o,—fica interrompida a passagem—e custa-nos a crer que ainda o não derrubasse! Anteriormente a passagem era feita em barcas, pois desde a ponte de Cavêz até á de Chaves, na extensão de 60 a 70 kilometros, o Tamega não tinha ponte alguma de pedra.

Hoje tem uma na freguezia d'Arcossó, a jusante do dicto *poldrado*, para passagem da nova estrada districtal a macadam, n.º 14, de Villa Pouca d'Aguiar a Boticas de Barroso,—e na freguezia de Santa Marinha de Ribeira de Pena ha tambem outro *poldrado*, construido approximadamente em 1860.

Tem finalmente esta parochia de Villarinho no Tamega 3 moinhos de cereaes com 12 rodas.

Templos

A egreja matriz é um dos melhores templos que ha n'estas circumvisinhanças.

Tem altar-mór e 4 lateraes.

O altar-mór é um bom retabulo de talha antiga dourada com columnas d'ordem corinthia;—no topo se vê o symbolo da ordem seraphica e as quinas das armas portuguezas,—e aos lados as imagens de S. Francisco d'Assis (o padroeiro) e de S. Sebastião.

Tambem no tecto da capella-mòr se vê pintada a oleo e em tamanho natural a effigie do padroeiro.

Altares lateraes: — Senhor Crucificado e Senhora das Dores, do lado da epistola,—e do lado do evangelho a Senhora da Saude e o Senhor da Columna. Este e o da Senhora das Dores são de talha moderna simples e mal pintada,—os outros dois são de boa talha antiga dourada, pois pertenciam á egreja velha.

A imagem do Senhor Crucificado pertenceu ao convento franciscano de Chaves, como logo diremos,—e a da Senhora da Saude tem pomposa festa annual, no 2.º dia da oitava de Pentecostes, feita pelos seus devotos, entre os quaes se distingue o commendador Miguel Augusto de Carvalho, socio fundador e gerente do grande estabelecimento hydrotherapico de Vidago. Em cumprimento d'um voto que fez em certa doença, dá todos os annos avultada esmola para a dicta festa e já deu tambem para adorno da imagem um manto de setim branco bordado a ouro, um veu de filó, tambem bordado a ouro, e uma corôa de prata. Sua esposa Mme Carvalho, deu um fio de perolas, avaliado em 70$000 réis.

—

Ha tambem n'esta egreja uma irmandade do *Salvador do Mundo*, muito antiga, pois nos seus estatutos, reformados em 1706 pelo sr. D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga, se diz que os estatutos anteriores necessitavam de reforma *pela sua grande antiguidade*. Foram posteriormente reformados no principio d'este seculo pelo venerando arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Esta irmandade tem por fim suffragar as almas dos irmãos fallecidos—e possue ricos paramentos para as suas funcções funebres.

Tem pomposa festa a 6 d'agosto, dia da Transfiguração, e na 1.ª segunda feira de setembro, um anniversario pelos irmãos fallecidos.

Ha n'esta egreja tambem uma confraria do Santo Nome de Deus—e outra da Senhora da Natividade.

Foi esta egreja reedificada nos fins do seculo XVIII até o arco cruzeiro. A capella-mór foi concluida em 1805.

Toda a despeza feita com as obras da capella-mór correu por conta da commenda de Santa Maria de Moreiras, que recebia os dizimos d'esta egreja, e tambem deu para ella muitos paramentos e alfaias, que ainda hoje se conservam em bom estado.

Usos e costumes

Ha n'esta egreja um curioso *Livro de usos e costumes*, mandado fazer pelo dr. Francisco Velho de Faria, em 7 de dezembro de 1707, na forma da pastoral do sr. D. Rodrigo de Moura Telles com data de 20 de novembro de 1706.

No mencionado livro, entre outras coisas se diz—que pertence ao parocho o seguinte:

1.º—De cada baptisado *um vintem de pão*

e uma candeia de cera (vela de 10 réis!...) —e o mesmo por cada casamento.

2.º—De cada fallecimento de freguez adulto, tem o parocho *dois vintens* de luctuosa e 100 réis pela missa do enterro,—mais 2 almudes de vinho velho, se tiver logar o fallecimento antes do dia de S. Martinho,—um vintem de pão,—uma vela de 10 réis—e a cera dos 3 altares;—e, tendo officio de corpo presente, tem mais um carneiro e outra candeia.

3.º—Para resar por cada defunto em todos os domingos um responso, á estação da missa conventual, tem um vintem de pão em cada domingo, meia canada de vinho e uma candeia de 2 palmos ou 2 libras de cera por todas estas candeias.

Pelos fallecimentos de menóres tem tanto como pelos baptisados e casamentos,—e por cada pobre que assiste aos funeraes tem mais um vintem de pão e uma candeia.

4.º—Tem de cada freguez um alqueire de centeio, *de offerta.*

5.º—Alem do que fica mencionado, recebia *de estipendio* da commenda:—12$500 réis em dinheiro, 40 alqueires de centeio, 32 almudes de vinho, 6 libras de cera e 2 alqueires de trigo.

Hoje recebe dos mortuorios o mesmo que recebia—e, em compensação do estipendio que lhe dava o commendador, recebe as *primicias*:—um alqueire de pão e um almude de vinho por cada freguez que colher 7 alqueires de pão e 7 de vinho,—e d'ahi para cima.

Tem mais de *offertas*—um alqueire de pão de cada freguez—e de toda a freguezia réis 40$000 de congrua, em dinheiro, arbitrados pela junta das congruas,—mais 45$000 réis que a freguezia em commum se obrigou a dar ao parocho desde 1884,—e nem assim ha quem pretenda este beneficio.

Tal é a escassez de clero na actualidade!...

—

Em 1847 ainda contava esta parochia entre os seus filhos 7 ecclesiasticos;—hoje conta apenas dois, mas não residentes n'ella:—os rev.os srs. Manuel Henrique da Silva Machado, de quem logo fallaremos, e José Caetano d'Amorim, reitor de Friões, no concelho de Val Passos.

D'aquelles 7 ecclesiasticos um era o rev. Fr. José Antonio de Carvalho, franciscano da provincia da Soledade,—outro era o rev. João Pereira, vigario collado em Seara Velha, n'este concelho,—e os dois irmãos: José Joaquim da Fontoura, minorista, e Joaquim Manuel da Fontoura, subdiacono, ambos cantores notaveis pela sua excellente voz e pelos conhecimentos que tinham do cantochão. O 2.º era tambem bom latino, moralista, liturgista e de costumes irreprehensiveis.

Não completou a sua ordenação, porque no tempo do governo do sr. D. Miguel foi riscado do numero dos ordinandos, quando ia receber a ordem de diacono, por ser tido como liberal. Depois da convenção d'Evora-Monte bem podia ordenar-se e obter mesmo pingues beneficios, mas, pela sua modestia e escrupulos, julgou-se indigno de ascender ao presbyterato e não completou a sua ordenação; viveu porem sempre com a maior honestidade, cumprindo pontualmente os onus da ordem recebida.

Falleceu em 17 de junho de 1874.

Pessoas notaveis

Nasceu n'esta freguezia em 1728 e n'ella viveu e falleceu em 1798, contando por consequencia 70 annos de idade, o rev. *Domingos Gomes,* muito virtuoso, muito considerado e muito illustrado.

Era a gloria do clero da *Ribeira d'Oura* e deixou sobre theologia mystica varios manuscriptos, que infelizmente se perderam, quasi todos!

Foi muito amante da sua terra natal e n'ella promoveu durante a sua longa vida muitos melhoramentos materiaes e moraes de toda a ordem.

Era ascendente do seguinte:

Padre Manuel Henrique da Silva Machado

Nasceu n'esta parochia a 26 d'abril de 1834, sendo filho de João Bernardino Machado e de D. Anna Carolina da Silva.

Frequentou o curso triennal de sciencias ecclesiasticas no seminario de S. Pedro em

Braga, de 1856 a 1859;—completou a sua ordenação nas temporas de S. Matheus em 1860;—em junho de 1862 fez concurso para a egreja de Santa Comba da Ermida, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes, na qual foi provido e se collou;—em 1866 desistiu d'aquelle beneficio—e por decreto de 14 de julho de 1871 foi apresentado em concurso documental na reitoria de S. Martinho de Bornes, concelho de Villa Pouca d'Aguiar, onde se collou no dia 1.º de dezembro do dicto anno, tomando posse no dia 5 de fevereiro de 1872.

Ali se conserva ainda e é um parocho de bons costumes e muito illustrado.

Tem uma livraria superior a 3:000 volumes, comprehendendo muitas obras classicas e raras, o que é um assombro em tal sertão. [1]

—

Em setembro de 1884 S. M. el-rei o sr. D. Fernando (falleceu no anno seguinte!...) achando-se no grande estabelecimento hydro-therapico das *Pedras Salgadas* com sua esposa, a sr.ª condessa d'Edla, e com o sr. infante D. Augusto (V. *Villa Meã de Bornes*) visitou a egreja e a residencia de S. Martinho de Bornes e por essa occasião o rev. reitor Manuel Henrique da Silva Machado lhe offereceu alguns objectos archeologicos que possuia.

—

Os 3 maiores proprietarios de *Villarinho das Paranheiras* na actualidade são:—Antonio José Teixeira, José Antonio Gomes e Francisco Manuel Gomes.

—

Foram tambem naturaes d'esta freguezia:

—*Affonso Domingues.*

Deu á egreja do convento de S. Francisco de Chaves a imagem do Senhor Crucificado, que hoje ali se venera no novo convento, no forte de Nossa Senhora do Rosario, hoje denominado de *S. Francisco.* Trouxe a dicta imagem do Mexico, onde foi feita por um gentio, segundo se lê na *Chronica da Provincia da Soledade.*

Tambem deu para a dicta egreja um calix, cortinas e frontaes de primavera da India, etc.,—e os frades lhe deram uma imagem de S. Francisco e a do *Senhor Crucificado,* que elle deu para a sua egreja de Villarinho, onde se venera ainda hoje em altar proprio, como já dissemos.

É de inferior esculptura.

—*Francisco Teixeira Alvão.*

Vivia ainda em meiado d'este seculo;—era um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia—e foi por vezes vereador da camara municipal de Chaves.

—*Nicolau Teixeira,* um dos avós do antecedente.

Foi cavalleiro professo da ordem de Christo.

—*Padre José Antonio de Miranda.*

Vivia no meiado d'este seculo; foi vigario e um dos maiores proprietarios d'esta freguezia.

—*Padre João Antonio Alves Calvão,* tambem vigario d'esta freguezia, sua terra natal.

No dia 12 de julho de 1884 foi com outro seu collega pescar no Tamega, mas infelizmente no seu regresso caiu do cavallo que montava e fracturou uma perna—e no dia seguinte uma congestão cerebral o matou!

—*José Antonio Vinhaes,* natural d'esta freguezia, rico negociante no Maranhão.

—

No sitio da *Ribeira,* junto do Tamega, se encontram restos de muros antiquissimos no termo d'esta parochia, geralmente attribuidos aos romanos, bem como outros muitos restos de muros que se encontram nas margens do Tamega desde aqui até Chaves e que levam a crer a demorada residencia dos romanos n'estes sitios.

V. *Chaves.*

Até o fim do ultimo seculo os parochos d'esta freguezia eram curas amoviveis, principiando então a serem collados com o titulo de vigarios, mas teve sómente tres. Todos os outros até hoje teem sido encommendados.

Alem da sua egreja matriz tem esta parochia apenas uma capella dedicada a Santa Senhorinha.

---

[1] V. *Verêa de Bornes,* tomo X, pag. 304, col. 2.ª

É publica e está em ruinas.

Actualmente esta parochia não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista aos illustres vereadores de Chaves.

Em agosto de 1885 deu-se n'esta parochia um lamentavel acontecimento:

Certo individuo dispondo-se para ir á caça, encostou a arma a uma parede, da qual estava proxima sua mulher com uma filhinha de quatro annos no regaço. Esvoaçando casualmente uma gallinha, lançou ao chão a arma e esta disparou-se com tanta infelicidade que matou instantaneamente a pobre mãe e deixou a filha em misero estado!

—

Em todo o arcebispado de Braga esta parochia de Villarinho é a *unica* dedicada a S. Francisco d'Assis. Fóra d'este arcebispado temos com igual invocação hoje apenas a da *Amieira*, concelho de Oleiros, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre,—e a da villa da *Ponte de Sôr*, no concelho d'este nome, districto e bispado de Portalegre tambem.

—

Atravessa esta freguezia e quasi que toca na povoação de *Villarinho das Paranheiras* a estrada real a macadam, n.º 5, de Chaves á Villa da Regoa por Vidago, Pedras Salgadas, Villa Pouca d'Aguiar e Villa Real de Traz-os-Montes.

Não sabemos ao certo qual a etymologia do nome d'esta parochia.

Como *paranho* significava honra, couto, amparo ou isento, segundo se lê em Viterbo, talvez que *Villarinho das Paranheiras* tomasse este nome por ser terra isenta ou muito privilegiada em outros tempos, posto que nunca foi villa nem teve foral proprio.

Tambem é possivel que se denominasse *Villarinho das Paranheiras* por haver n'esta povoação desde tempos muito remotos e *ainda hoje* grande numero de fornos do lado exterior das habitações, mas ligados com ellas, e sobre a bocca dos dictos fornos chaminés, aqui denominadas *paranheiras*, que servem para absorver e desviar das casas o fumo e as chammas, quando aquecem os fornos.

Em abono d'esta opinião diz o meu illustrado informador que vira um documento antigo, no qual esta freguezia se denominava *Villarinho das Paranheiras dos Fornos*.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, filho d'esta parochia e reitor da de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARINHO DA RAIA ou *Villarinho do Extremo*,—aldeia da freguezia de *Villarelho*, concelho e comarca de Chaves. *Vide*.

Esta aldeia demora na raia, da qual tomou o nome, e tambem se denomina *Verim portuguez*, porque brota n'ella uma nascente d'aguas alcalino gazosas, semelhantes ás do proximo *Verim* gallego e ás nossas de *Vidago*, *Pedras Salgadas* e *Bensaude*.

VILLARINHO DE S. ROMÃO,—outr'ora villa e ha muito simples freguezia do concelho de Sabrosa, comarca e districto de Villa Real, diocese de Lamego, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Romão;—fogos 220,—habitantes 950.

Em 1706 era vigairaria da apresentação dos conegos de S. João Evangelista (*loios*) do convento do Porto;—pertencia ao termo, concelho, comarca e ouvidoria de Villa Real de Traz-os-Montes,—e contava 85 fogos.

Em 1768 era curato da apresentação do reitor de Celleiròs;—pertencia ao arcebispado de Braga;—rendia para o cura 50:000 rêis—e contava 80 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 205 fogos e 866 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 215 fogos e 796 habitantes, no que não ha proporção.

Comprehende duas aldeias:—*Villarinho*, séde da parochia, e Paradellinha,—4 habitações no sitio das Levadas,—2 em Val d'Arcas,—3 na margem direita do rio Pinhão—e varias quintas, entre as quaes avultam duas:—a do sr. Visconde de Villarinho de S. Romão e a do sr. Barão das Lages.

—

A aldeia de *Villarinho de S. Romão* de-

mora em sitio alto, alegre e vistoso, e em terreno mimoso, saudavel e fertil entre Provezende e Sabrosa, na margem direita do Douro e do Pinhão, confluente do Douro.

Dista 3 kilometros da villa de Sabrosa para S.—outros 3 da margem direita do Pinhão para O. S. O;—5 da villa de Provezende para N. N. O.;—10 da estação do Pinhão (a mais proxima) na linha ferrea do Douro;—22 de Villa Real;—137 do Porto—e 474 de Lisboa.

Não passa nem toca n'esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Villa Real a Freixo de Espada á Cinta (V. *Villar de Maçada*) que toca em Sabrosa. É a *unica* estrada a macadam que hoje tem este concelho, já concluida e servida por diligencias desde Villa Real até Sabrosa.

Ha muito que está em projecto e estudos uma estrada districtal a macadam de Sabrosa á estação do Pinhão. E bem precisa é, porque servirá e porá em contacto com a linha ferrea do Douro as villas de Provezende e Sabrosa e outras povoações importantes, nomeadamente *Celeirós* e *Villarinho de S. Romão*, muito proximas da mencionada linha, mas separadas d'ella por ingremes encostas e barrancos medonhos; até hoje porém a dicta estrada ainda não passou do projecto e dos estudos, posto que muito lidou e trabalhou para a construcção d'ella, *despendendo bom dinheiro*, o nosso chorado amigo José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, de Provezende, um dos cavalheiros mais ricos, mais illustrados e mais considerados d'este concelho. Falleceu s. ex.ª no dia 26 d'abril de 1885, sem ver nem sequer dar principio á sua tão querida estrada.

V. *Provezende* n'este diccionario e no supplemento,—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 967, col. 2.ª

—

Freguezias limitrophes:—Sabrosa a N.,—Provezende a S.,—Passos a N. O.,—o rio Pinhão a E.—e Valle de Mendiz alem do Pinhão.

Producções dominantes: — vinho, milho, centeio, azeite, batatas, castanhas e fructa.

A sua producção principal era o vinho, pois em 1840 produziu a bagatella de 2:553 pipas de 559 litros cada uma e ha memoria de haver produzido 3:000 pipas; mas infelizmente hoje pouco vinho já produz, porque a maldicta phylloxera anniquilou a maior parte dos seus vinhedos, bem como os da maior parte do Alto Douro e d'esta provincia.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Jusã*, *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires*, *Villa Flor* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.

—

O vinho da parte alta d'esta parochia era de consumo, de pasto ou de mesa, mas o da parte baixa e mais proxima do Pinhão era *do melhor do Alto Douro*, pois estava em intimo contacto com o de *Val de Mendiz*, que só tinha rival no do *Roncão*,—absolutamente *o melhor* do Alto Douro!

Esta parochia foi riquissima antes da invasão phylloxerica, mas hoje soffre muito, porque a phylloxera, como já dissemos nos artigos citados supra, principiou por atacar os vinhedos que produziam o vinho mais generoso, pelo que esta freguezia, como todas as do Alto Douro, perdeu a maior parte do seu melhor vinho tambem—e não sabemos quando reconstituirá os seus vinhedos.

O melhor antidoto contra a phylloxera é o sulphureto de carbone e o nosso governo (honra lhe seja!) montou no Porto uma fabrica onde o prepara e o fornece aos lavradores pelo terço do seu custo, mas a sua applicação é difficil e cara. Só nas vinhas simplesmente manchadas e não de todo invadidas, como estão hoje as do Alto Douro, se póde fazer uso do sulphureto com vantagem. Além d'isso, defeca as vinhas e tem de ser acompanhado de adubos, o que torna a conservação d'ellas tão dispendiosa, que a producção não compensa o lavrador!

—

Bem perto d'aqui, na outra margem do Pinhão, está a quinta do *Noval*, que foi de José Maria Rebello Valente e é hoje do seu genro o sr. visconde de Villar d'Allen[1]. Era

[1] V. *Villar d'Allen*.

uma das quintas mais notaveis do Alto Douro (V. *Douro Illustrado*, pag. 119,) mas, como toda estava na região do melhor vinho, foi toda atacada cruelmente pela maldicta phylloxera. O sr. visconde de Villar d'Allen, acreditado negociante do Porto e um dos mais illustrados lavradores do Douro, tem empregado *todos os meios* para a salvar, prodigalisando-lhe os maiores carinhos e não se poupando a enormes despezas com o sulphureto, adubos variadissimos e grangeios extraordinarios de *toda a ordem!* Tem conseguido como *por milagre* o conserval-a verde e viçosa no meio da devastação geral; mas, tão doentes estão as videiras que, devendo a mencionada quinta, flor e orgulho do valle do Pinhão, produzir, como já produziu, 200 a 300 pipas de vinho,—nos ultimos annos não têm dado 50?!...

—

Alguem confia das videiras americanas a reconstituição dos vinhedos do Douro. O maior apologista e propagandista das taes videiras é o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo, de Provezende, que nas suas quintas d'este valle do Pinhão, a partir com a mencionada quinta do *Noval* e com esta parochia de Villarinho, já tem hoje (1886) cerca de 35:000 videiras americanas, das qualidades mais resistentes, estando enxertadas 15:000, que este anno produziram 18 pipas de *vinho do Douro*—e produziriam 30, ou mais, se não fôra o grande desavinho, proveniente das oscillações climatericas; mas não se imaginam os cuidados que o sr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo prodigalisa ás videiras americanas—e as grandes sommas que tem despendido com ellas!...

As vides americanas mal se adaptam aos terrenos chistosos e ardentissimos do Alto-Douro,—nem todas são indemnes—e a sua producção directa é muito differente do nosso *Port Wine*, pelo que, para se reconstituir com as vides americanas os vinhedos do Douro, devem ser enxertadas n'ellas as nossas castas europeias, mas de modo que os garfos não toquem na terra;—o que torna a enxertia muito melindrosa, muito precaria, e as vides pouco duradouras.

Entretanto muitos lavradores d'este concelho, nomeadamente os visinhos do sr. dr. Joaquim Pinheiro, estão ensaiando em grande escala a cultura das vides americanas, a sua adaptação aos terrenos phylloxerados, os differentes processos da enxertia, etc.

Temos tambem já grandes viveiros de vides americanas nos differentes postos experimentaes das nossas commissões anti-phylloxericas, nomeadas e subsidiadas pelo nosso governo ao sul e ao norte do nosso paiz, avultando entre aquelles viveiros o do Porto, muito intelligentemente dirigido pelo sr. José Duarte d'Oliveira Junior, redactor do *Jornal de Horticultura Pratica* e d'outras publicações,—cavalheiro muito trabalhador, muito illustrado e muito rico, pois é filho unico do sr. José Duarte d'Oliveira, um dos primeiros negociantes do Porto e grande proprietario no Minho, no Douro e em varios pontos d'esta provincia de Traz-os-Montes, nomeadamente em Murça.

Tambem S. M. el-rei o sr. D. Luiz (honra lhe seja!) mandou fazer grandes viveiros de vides americanas na *Tapada* de Villa Viçosa e nas cercas d'outros palacios seus,—e já est'anno de 1886 offereceu ás commissões anti-phylloxericas 35:000 pés das taes vides.

—

É hoje tambem presidente da commissão anty-phylloxerica do norte, com séde no Porto, o sr. José Taveira de Carvalho, ali residente e negociante de vinhos, engenheiro civil muito illustrado, cavalheiro estimabilissimo e dedicadissimo pelo Douro—e um dos maiores proprietarios do concelho de Amarante, sua terra natal. Tendo uma grande fortuna e negocios importantes seus,—tudo põe de parte (honra lhe seja!) para servir *gratuitamente* o Douro, ao qual tem prestado e está prestando relevantes serviços, como anteriormente prestaram, occupando tão espinhosa presidencia, os ex.mos srs. conde de Samodães e visconde de Villar d'Allen,—cavalheiros tambem muito illustrados e dedicadissimos pelo Douro.

Já que estamos fallando dos cavalheiros a quem o Douro mais deve e que mais relevantes serviços lhe teem prestado na medonha crise que o assola no momento, bem

quizeramos mencional-os todos, mas isso nos é impossivel, porque felizmente são muitos, —tornariamos este artigo demasiado longo e por certo nos exporiamos a omissões involuntarias, pois não temos a honra de os conhecer a todos; não podemos porem deixar de consignar aqui entre os mais benemeritos os nomes dos ex.mos srs. Barão das Lages e Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva. Ao 1.º se deve tudo o que o Douro tem auferido e espera auferir da *cultura do tabaco*,—ao 2.º os maiores esforços em favor da tão necessaria, como santa e justa *lei de marcas*.

Seja-nos licito esboçar muito resumidamente estes dois topicos.

A cultura do tabaco

Em seguida á invasão phylloxerica e destroçados os vinhedos do Alto Douro, a fome invadiu aquella importante região, pelo que varios cavalheiros lembraram a conveniencia de ensaiar ali outras culturas, emquanto se não reconstituiam os vinhedos. Uma d'essas culturas indicadas foi a do tabaco e quem mais abertamente se pronunciou logo em favor d'ella foi o sr. Barão das Lages, por ter no Douro,—aqui em *Villarinho de S. Romão*, —uma boa quinta, já mencionada, e saber que o tabaco foi sempre cultivado, embora a occultas, no Douro, principalmente para a colonia dos jornaleiros da Galliza.

Tambem s. ex.ª desde logo se convenceu de que, assim como no Douro as uvas e todos os fructos teem um aroma e sabor particulares, deliciosos, tambem o tabaco deve ser de primeira qualidade.

A instancias suas a commissão anti-phylloxerica do norte pediu ao governo permissão para ensaiar a dicta cultura, mas o governo, aliás sempre disposto (honra lhe seja!) a amparar o Douro em tão medonha crise, trepidou e não deferiu, com receio de prejudicar a grande receita (milhares de contos!...) provenientes dos direitos sobre o tabaco.

—

Não se deu por vencido o sr. barão das Lages. Tanto lidou e trabalhou, fazendo propaganda oral em reuniões e comicios e pela imprensa em differentes jornaes a favor da sua ideia, que o Douro se agitou;—fez comicios e representações energicas;—representou tambem novamente a commissão anti phylloxerica do norte—e, *post tot tantosque labores*, o governo em 1881 auctorisou os ensaios da cultura do tabaco, mas sómente na estação amplo-phylloxerica do Douro.

Redobrou as suas instancias o sr. barão das Lages e o governo por lei de 13 de março de 1884 permittiu aos lavradores do Douro a dicta cultura, por espaço de 3 annos, em 1:000 hectares [1] de terreno phylloxerado,—e por decreto da mesma data nomeou uma commissão para dirigir a dicta cultura.

Foi presidente d'aquella commissão o sr. conde de Samodães [2] e publicou um interessantissimo relatorio sobre a cultura do tabaco. Foram vogaes da dicta commissão os mesmos vogaes da commissão anti-phylloxerica do norte,—mais o director da Alfandega do Porto, o chefe da fiscalisação externa da mesma alfandega—e os srs. barão das Lages, Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva e dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão [3].

Posteriormente o governo ampliou o praso dos 3 annos para os ensaios da cultura do

---

[1] Note-se que o terreno das vinhas completamente phylloxeradas e perdidas, só no Douro, regula por *quarenta mil hectares*!...

[2] O sr. conde de Samodães já foi deputado ás côrtes, ministro da fazenda, etc., e é par do reino, bacharel formado em mathematica, o primeiro escriptor catholico do nosso paiz na actualidade, uma illustração superior em linguas e diversas sciencias, dono de uma grande casa, muito trabalhador e com aptidões variadissimas, pelo que tem sido presidente de *centos de commissões*, *todas gratuitas*, e algumas muito espinhosas e muito importantes.

Apesar da sua enorme actividade não tem um momento de seu!

Agora é elle provedor da importantissima casa da Misericordia do Porto, *já recondusido*, e tem publicado relatorios que são obras primas na especialidade.

Para a biographia e genealogia de s. ex.ª vide—*Samodães* e *Gogim*.

[3] V. vol. 6.º, pag. 92, col. 2.ª

tabaco no Douro e mandou o distincto agronomo M. C. Rodrigues de Moraes á Hollanda, Argel e França estudar os processos da cultura e preparação do tabaco.

Hoje (1886) é presidente da dicta commissão o proprio sr. barão das Lages, que ainda não perdeu a fé nas vantagens que póde offerecer ao Douro a *nicociana*, posto que até hoje não teem sido muito invejaveis, por differentes rasões. Occorem-nos as seguintes:

1.ª—Porque os lavradores do Douro, habituados a colher nas suas quintas vinho e *só vinho*, tão estimado em todo o mundo, a custo acceitam outra cultura, certos de que nenhuma outra (*e é assim!...*) se adapta tão bem a terrenos tão aridos, nem lhes póde dar um rendimento equivalente ao que auferiam do vinho.

2.ª—Porque o vinho era cultivado livremente e sem peias, emquanto que o nosso governo impoz aos cultivadores do tabaco uma enorme serie de condições durissimas!...

3.ª—Porque os lavradores do Douro sabiam cultivar e preparar *perfeitamente* o vinho, mas nada, *absolutamente nada* sabiam da cultura e preparo da nicociana, o que demanda longo tirocinio, pelo que muitos perderam as suas plantações e outros não tiraram d'ellas ainda o partido que podiam e deviam tirar.

4.ª—Porque os donos das nossas fabricas de tabacos *muito sordida e vilmente se conluiaram* e estabeleceram um preço extremamente baixo para o tabaco do Douro:—240 a 300 réis por cada kilo do melhor!...

5.ª—Porque o tabaco demanda terra succulenta, bem adubada e regas—e mal se desenvolve *sem grande dispendio* no chão das vinhas phylloxeradas, por ser muito arido e schistoso e estar empobrecido com a cultura da vinha desde seculos.

Passemos adiante, para que os zoilos não digam que é *tabaco de mais*.

A lei das marcas

Produzindo outr'ora o Douro, antes da invasão phylloyerica, cerca de 100 mil pipas de vinho, de 559 litros cada uma, hoje não produz a quarta parte, ou 25:000 pipas, e na região do vinho fino produzirá 2 por cento,—quando muito. Ora, sendo o vinho do Douro, o afamado *Port Wine*, inveja do mundo inteiro, devia subir de preço na proporção da escassez, mas infelizmente não succede assim, porque os negociantes do Porto que teem o monopolio da exportação, descaradamente, sem pejo nem vergonha, mettem nos seus armazens vinho da Bairrada, da Beira e da Extremadura,—lotam-no e *pintam-no* com o vinho do Douro;—sem pejo nem vergonha exportam aquella *moxinifada* como *vinho do Porto* ou *do Douro* e assim abastecem os mercados estrangeiros, burlando os consumidores e roubando ao Douro o nome e o credito dos seus vinhos.

Ahi vae a nota official da exportação pela barra do Porto nos ultimos 15 annos—ou desde antes da invasão phylloxerica até hoje, pois a phylloxera manifestou-se no Douro em 1872;—em 1880 já tinha invadido todo o Cima-Corgo, a região do vinho fino,—e em 1884 o Baixo-Corgo—e por consequencia toda a região vinicola do Douro, reduzindo a sua producção ás mesquinhas proporções indicadas supra; não obstante porem isso, a exportação não fraquejou, como os leitores vão ver,—nem fraquearà emquanto houver vinho, embora muito *mais inferior*, nas outras regiões do nosso paiz, e o nosso governo não pozer cobro á mistificação.

Eis a nota da exportação do vinho pela barra do Porto nos ultimos 15 annos:

Annos	Pipas [1]
1870.	42:695
1871.	43:501
1872.	50:182
1873.	49:649
1874.	56:531
1875.	60:672
1876.	58:888
1877.	61:277
1878.	48:720
1879.	48:691
1880.	62:041

[1] As pipas do Douro são de 22 ½ almudes ou de 559 litros.

Annos	Pipas
1881.	55:313
1882.	59:327
1883.	65:792
1884.	62.022
1885.	64:721

Do exposto se vê que se a exportação em 1870 era de 42:695 pipas,—quando o Douro produzia approximadamente 100:000 pipas, —em 1880 devia baixar muito—e em 1884 descer á quarta parte, ou approximadamente a 10:673, mas não succedeu assim. Pelo contrario:—subiu espantosamente, *fabulosamente*, passando muito alem da producção total, pois não produzindo já n'aquelle anno *toda a região vinicola do Douro* 25:000 pipas, os taes senhores exportaram *como vinho do Douro* (?) 62:022 pipas,—mais do que o *dobro* da producção total d'aquella região, —graças ao milagre operado pela industria da *tinturaria*, que tem sido e continua a ser *a maior desgraça do Douro*!

A fraude é manifesta, evidentissima e clara como o sol, mas, como os taes *tintureiros* são os *acreditados negociantes* da praça do Porto, verdadeiro estado no estado,—ninguem se atrevia a protestar com medo do *papão*; graças, porém, ao muito benemerito sr. Manuel Joaquim Guimarães Pestana Ferreira da Silva, o medo acabou e temos esperanças de que tambem acabará tão sordida especulação.

Por iniciativa de s. ex.ª fundou-se no Porto uma *Commissão de defesa do Douro*, tendo por presidente o sr. conde de Samodães e por vogaes o sr. Pestana e outros muitos dos grandes proprietarios d'aquella região,[1] bem como alguns dos negociantes de vinhos que não vivem da *tinturaria*. Representaram ao governo em nome do infeliz Douro, pedindo uma *lei de marcas* para o vinho d'aquella região e as providencias precisas para que *somente o vinho do Douro* possa exportar-se com o nome de *Vinho do Douro* ou do *Porto*, pelo qual é conhecido em todo o mundo, —deixando plena liberdade ao commercio para exportar pela barra do Porto ou por qualquer outra os vinhos da Bairrada, da Beira, Extremadura, etc., com os seus nomes proprios ou sem designação determinada,—mas não com o de *Vinho do Porto* ou do *Douro*.

Nada mais justo! Mal imaginam porem os leitores como os *acreditados tintureiros* ficaram fulos quando tal souberam!

Como o seu deus é a *ganancia* e pouco lhes importa que leve o diabo o Douro ou Portugal todo, comtanto que *a coisa lhes renda*,—tocaram logo a capitulo: botaram sandices e baboseiras de toda a ordem na imprensa e em reuniões *da familia* na Associação Commercial; coloriram com as suas melhores tintas uma contra-representação que enviaram ao governo e tiveram a desfaçatez de mandarem circulares a muitos lavradores do Douro, pedindo-lhes que declarassem (*credite posteri*!) que estavam *muito satisfeitos* com o *statu quo*, ou com a burla, com a expoliação ou com a tal pouca vergonha da *tinturaria*, e que *muito estimavam* que os taes especuladores e exploradores continuassem com a sua *honrada industria* e fizessem bom negocio vendendo como vinho do Douro o vinho das outras regiões vinicolas, roubando ao Douro o nome e o credito e reduzindo os seus proprietarios á miseria?!...

—

Escusado é dizer que todos os lavradores do Douro lhes devolveram as circulares, fazendo-lhes figas ao som da bem conhecida lettra de Cambrone.

Tiveram a resposta que mereciam e com toda a certesa receberiam outra *um pouco mais dura*... se, em vez de mandarem, como mandaram, as dictas circulares, fossem pessoalmente ao Douro botar as baboseiras e sandices que botaram pela imprensa e nas suas reuniões.

A dicta *Commissão de defesa* tem trabalhado muito. Convocou na Regoa, Lamego, Armamar, Mezãofrio e Sabrosa, grandes comicios de lavradores do Douro, sendo muito

---

[1] O sr. M. J. G. Pestana é dono da celebre quinta da *Romaneira*, uma das melhores do *Roncão*, no Alto Douro.

V. *Villarinho de Cottas*—e o *Douro Illustrado*.

applaudida no seu justissimo empenho e secundada com representações de varias camaras do Douro;—tem tractado amplamente a questão na imprensa, pulverisando todos os sophismas dos adversarios;—já teve diversas conferencias com o governo—e nutre bem fundadas esperanças de conseguir o seu desideratum.

Deus o queira.

—

Fecharemos este topico mencionando ainda entre os cavalheiros que mais serviços teem prestado ao Douro em tão negra conjunctura o sr. barão da Roêda, pelos seus titanicos esforços na lucta contra a phylloxera,—rivalisando com os srs. Visconde de Villar d'Allen e Manuel Pestana.

Que sacrificios não teem ss. ex.as feito—o 1.º para salvar a sua quinta da *Roêda*,—o 2.º a sua quinta do *Noval*—e o ultimo a sua quinta da *Romaneira*?!...

Não podemos tambem deixar de mencionar com louvor os benemeritos ministros das obras publicas—Lourenço de Carvalho (visconde de Chancelleiros) — Saraiva de Carvalho, Antonio Augusto d'Aguiar e Emygdio Navarro,—bem como os presidentes dos diversos conselhos de ministros—Fontes Pereira de Mello, Anselmo Braamcamp e José Luciano de Castro, pois todos teem attendido sempre os clamores do Douro e feito quanto é possivel fazer-se para o salvar, calculando-se em 60 a 70 contos de réis o que o nosso governo tem despendido e está despendendo annualmente na lucta contra a phylloxera.

O assumpto é momentoso e bem quizeramos dar-lhe mais desenvolvimento, aproveitando o *ultimo* ensejo que se nos offerece de fallarmos d'elle no texto d'este diccionario, mas não o permittem as acanhadas proporções d'um simples artigo; poremos pois aqui ponto final e passemos adiante.

V. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 597 e segg.,—*Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:013, col. 1.ª e seg.—*Villa Jusã*, *Villa Verde*, séde de concelho, no mesmo vol. pag. 1:105, col. 2.ª *in-fine*, —*Villar de Besteiros*, *Villarinho do Bairro*, *Villarinho de Cottas* e *Villarinho dos Freires*, pois em todos estes artigos temos fallado dos nossos vinhedos e dos nossos vinhos.

—

Banham esta parochia 2 ribeiros:—o das *Levadas* e o da *Carrapata*,—que desaguam no Pinhão. Não teem pontes, mas regam varios campos e movem 4 moinhos de cereaes. Tem esta parochia mais 2 moinhos no Pinhão—e 2 azenhas para fabrico do azeite,—uma é movida por agua e pertence ao visconde de Villarinho de S. Romão,—outra é movida por gado e pertence a João Bandeira Coutinho P. Mergulhão.

Templos

1.º—A egreja matriz,—bastante antiga e decente

Tem capella-mór e 4 altares lateraes, sendo 3 antigos e 1 moderno,—pulpito, sacristia, pavimento ladrilhado a granito e torre com 3 sinos, está porem muito pobre de paramentos e alfaias.

2.º—*Capella de Nossa Senhora do Pé da Cruz.*

Demora na povoação de Villarinho;—é publica;—está bem conservada, mas não tem paramentos proprios.

3.º—*Capella de Nossa Senhora da Boa Morte.*

É particular;—está bem conservada—e pertence á sr.ª D. Maria Amalia Pereira Barbosa.

4.º—*Capella de Nossa Senhora da Salvação.*

É tambem particular e a mais interessante e mais notavel de todas pela sua remota antiguidade e pela riquesa e aceio que em toda ella transluzem. Pertence ao sr. visconde de Villarinho de S. Romão, de quem logo fallaremos, cavalheiro muito illustrado, muito tractavel e muito sinceramente religioso.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

Capricha em que nada falte na sua tão querida capella.

Está muito bem alfaiada;—tem pulpito, altar-mór com a imagem da padroeira, outro lateral com a imagem de Santo Antonio, ri-

cos paramentos, uma boa lampada de prata, bulla especial para exposição do Santissimo, outras bullas com muitos privilegios e indulgencias, um cofre d'ouro com varias reliquias, uma linda garrafa de cristal com agua do rio Jordão, colhida no proprio rio em 1826 e conduzida por Manuel Clamouse Browne, ascendente (avô materno) do sr. visconde.

Foi esta capella fundada e vinculada em 1462 e serviu de matriz emquanto se não fez a egreja actual.

Assim o diz a tradição e o prova a pia baptismal que ainda hoje conserva.

Na fronteria tem o brasão dos fundadores e uma lapide curiosa. N'ella se vê em plano superior gravada uma caveira entre uma espada e um açoute com as lettras seguintes, tudo muito mal gravado :

JUSTICIA DEJ
MORS FLAGELVM

envolvendo os tres emblemas e dando-lhe a significação propria:

Justiça de Deus,—morte—castigo.

E em plano inferior, sobre a padieira da porta, se vê a inscripção seguinte em lettras inclusas:

DOMUS MARIS DIROS AB IS SALVATIONIS VBI
E SEPVLCRV HIS SUIIS 1592

Toda esta salgalhada se deve com certesa ao estupido pedreiro que reconstruiu a capella em 1592 e copiou as lettras da inscripção primitiva, [1] trocando umas, supprimindo outras e baralhando-as todas, por não saber latim nem decifrar as lettras inclusas.

Na nossa humilde opinião aquella moxinifada quer dizer o seguinte:

DOMUS MARIAE SALVATIONIS, UBI
EST SEPULCRUM HEREDIBUS SUIS.
1592

Em vulgar: *Capella de Maria* (ou de Nossa Senhora) *da Salvação, onde está a sepultura para os seus herdeiros*—ou dos senhores d'esta capella e dos seus herdeiros, successores d'este vinculo.

1592.

Do exposto se vê que esta capellinha, fundada em 1462, segundo se lê na instituição d'este vinculo e na genealogia dos nobres viscondes de Villarinho de S. Romão, foi restaurada em 1592, ou passados 130 annos.

Tambem sabemos que o 2.º visconde de Villarinho de S. Romão, penultimo administrador d'esta capella,—Alvaro Ferreira Girão,—a mandou reedificar em 1872, ou passados 280 annos.

Foi cabeça de vinculo e é pantheon d'esta nobre familia.

N'ella se vê ainda o *carneiro* ou sepultura do fundador com a inscripção seguinte:

Casa da tera (terra) *de Gosalo Lobo*

Fundou elle tambem uma *Irmandade de Nossa Senhora da Salvação* para a padroeira da sua capella, com estatutos proprios, que ainda existem no archivo d'esta casa, e á margem dos dictos estatutos lançou notas que revelam exaltado mysticismo.

Viscondes de Villarinho de S. Romão

1.º—*Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão*, socio da Academia Real das Sciencias, par do reino, 8.º senhor d'este morgado de *Villarinho de S. Romão*, etc.

2.º—*Alvaro Ferreira Carneiro Girão*, sobrinho e herdeiro do antecedente, 9.º morgado de *Villarinho de S. Romão*, 17.º morgado do *Paço dos Ferreiras* do Carregal, no Porto, senhor do *Paço de Avioso*, etc.

Nasceu em março de 1822 e falleceu no seu *Paço do Carregal*, no Porto, em outubro de 1879, já viuvo, contando apenas 57 annos de idade.

A sua morte foi uma surpreza dolorosa para os seus amigos, que eram em grande numero, não obstante haver já algum tempo que se achava doente. Todos julgavam que a sua robusta compleição, ajudada dos recursos da sciencia e dos carinhos de seus

[1] Sabe Deus qual seria tambem o latim d'ella!...

extremosos filhos, triumpharia emfim da pertinaz e dolorosa doença. Não succedeu, porém, assim.

Dotado de excellentes qualidades de coração, o finado visconde repellia de si o fausto e as honrarias. Como prova d'isto bastará dizer-se que era raro encontral-o nas solemnidades officiaes, recusando tambem do duque de Loulé a dignidade de par do reino.

3.º—*Luiz Antonio Carneiro Vasconcellos Ferreira Girão*, engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Porto e filho do antecedente.

Casou em 1883 na egreja de Santo Ildefonso, no Porto, com a ex.ma sr.a D. Maria Soares d'Ancede, filha de José Henriques Soares d'Ancede, 1.º barão d'Ancede, par do Reino, etc., e de D. Anna Maxima de Lima, 1.a baronesa do mesmo titulo.

A sr.a viscondessa actual de Villarinho de S. Romão tem 3 irmãos:—D. Elisa Soares d'Ancede, solteira, — Henrique Soares, 2.º barão d'Ancede, tambem solteiro ainda, par do reino, etc.,—e Frederico Soares d'Ancede, bacharel formado em direito e official maior do governo civil do Porto, ambos cavalheiros de muito merecimento, sendo este ultimo casado [1].

O sr. visconde actual de Villarinho de S. Romão. hoje (1886) tem do seu consorcio apenas uma filha,—D. Maria Julia,—que nasceu na sua casa do *Paço do Carregal*, no Porto, em 9 de março de 1884 e foi baptisada *por mim* na egreja de S. Pedro de Miragya, da dicta cidade, no dia 17 do mesmo mez e anno—com a *agua do rio Jordão* que o mesmo sr. visconde possue, como já dissemos.

Para a genealogia de s. ex.a veja-se o artigo *Miragaya*, vol. V, pag. 267, col. 2.a e segg.

Só temos a accrescentar—que os dois irmãos do actual sr. visconde,—*Julio* e *Antonio*,—se conservam ainda solteiros e vivem com o sr. visconde no *Paço do Carregal*, no Porto,—e que o tio de ss. ex.as,—Antonio Luiz Ferreira Girão,—ali mencionado, já não existe!...

[1] V. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. X, pag. 646, col. 1.a

Falleceu em Villa Nova de Famalicão, para onde tinha ido a ares, no dia 2 d'agosto de 1876.

Posto que este artigo vae tão longo, não podemos resistir á tentação de transcrever da *Palavra*, jornal religioso do Porto, [1] as linhas que o sr. conde de Samodães dedicou á memoria do finado

Antonio Ferreira Girão

«Falleceu o ex.mo sr. Antonio Ferreira Girão, professor na academia polytechnica. Era o illustre finado uma das maiores illustrações do Porto. Descendente de uma familia distinctissima, o sr. Girão não se contentou com a nobresa herdada, mas por si proprio quiz additar-lhe novos brasões.

O seu primeiro destino foi a vida militar, e assentou praça em 1842 no regimento de infanteria 6; ahi seguiu os postos inferiores e chegou ao de sargento de brigada. Exercia este posto quando a revolução de 9 de outubro de 1846, denominada da juncta do Porto, arrebentou n'esta cidade. Entrando em operações a tropa sublevada contra a parte do exercito, que se manteve fiel á rainha e que commandava o marechal duque de Saldanha, o sr. Girão seguiu o seu regimento e pela juncta revolucionaria foi promovido a alferes.

Achava-se na divisão que capitaneava o tenente general conde do Bomfim, quando o marechal Saldanha por uma manobra habilissima conseguiu separal-a da outra divisão que dirigia o tenente general conde das Antas. Então o marechal resolveu batel-as em separado, e para isso atacou a divisão Bomfim em Torres Vedras. O conflicto teve logar a 22 de dezembro e é sabido que a derrota foi completa, e o general conde das Antas, receiando egual exito, retirou precipitadamente sobre Coimbra. Ficando prisioneira toda a força, que foi batida, o sr. Girão foi preso e entrou na torre de S. Julião. Como depois da paz e amnistia não foram contemplados os officiaes que não tinham patente legal, o sr. Girão, como todos os outros of-

[1] N.º 1:204 de 11 d'agosto de 1876.

ficiaes nomeados pela junta, teve baixa do serviço militar e ficou sem destino. Resolveu então ir frequentar a Universidade de Coimbra e com esse intento se matriculou em 1847 nas faculdades de mathematica e philosophia.

Foi desde essa epocha que elle principiou a dar provas do seu talento, applicação e tino scientifico. Fez um curso distincto em ambas as faculdades e obteve formatura em philosophia e o grau de bacharel em mathematica. Concluido o seu curso com grande credito, mereceu os suffragios do districto de Villa Real para deputado ás côrtes. No parlamento não se alistou em nenhum partido, mantendo uma posição eclectica. Os seus discursos foram raros, porque o seu genio e caracter o desviavam de ostentações pretenciosas e das paixões politicas. Algumas vezes fallou em favor dos interesses publicos e n'essas occasiões tinha a auctoridade do seu saber, da sua probidade e da sua sisudez. A camara escutava-o com a maior attenção e sympathia. Os seus votos eram sempre conscienciosos e imparciaes; todavia como não vestira a libré dos partidos, não se habilitou para as agitadas contendas dos homens politicos. S. ex.ª não progrediu na carreira parlamentar, nem disputou novas candidaturas.

—

«Retirado do parlamento e não tendo carreira, a que dedicasse a sua actividade, fez-se inscrever em concurso para uma cadeira da academia polytechnica d'esta cidade, na secção de philosophia, e foi provido com o maior applauso do corpo docente e do publico. Nas cadeiras, que regeu, mostrou a solidez da sciencia alliada ao criterio seguro da sua intelligencia. Em chimica, mineralogia e metallurgia era uma notabilidade respeitada em todo o paiz e fóra d'elle. Professor serio, grave, e consciencioso, era amado por todos os seus collegas e discipulos; era estremecido por todos quantos tinham a fortuna de conhecel-o, e quanto mais se conhecia, mais se apreciava.

O sr. Girão era modesto até ao extremo. N'elle nunca entrou a sombra sequer de vaidade, presumpção ou *charlataneria*. Apresentava-se em publico só quando não podia deixar de fazel-o; porém quando apparecia, quer escrevendo quer fallando, era uma delicia ler os seus escriptos ou ouvir os seus discursos.

Era catholico sincero e nós o vimos no congresso que se celebrou n'esta cidade em 1872; todavia o seu caracter retirado não lhe consentia que se pozesse em demasiada evidencia. Os seus escriptos não desmereciam das suas crenças, e com a ironia finissima, para que o habilitava a vastidão de seus conhecimentos, fulminava com mais energia, do que com argumentos directos, os destemperos dos modernos doutores na faculdade da ignorancia e leviandade.

O illustre finado não possuia esses arrebiques de titulos e fitas com que tantas nullidades por ahi se adornam. Para nobreza bastava-lhe o seu claro nascimento. Para a consideração dos homens de sciencia sobrava-lhe saber e provas d'elle.

Era tão sómente professor e socio da academia real das sciencias. Em ambas as academias a posição, que occupava, não era devida ao favoritismo nem á mingoa de homens. Conquistara-a por provas publicas que subsistem para demonstrar que só o merecimento real lhe dera uma collocação em harmonia com a que lhe competia.

Tendo tido, como dissemos, um desastre no começo da sua carreira, foi a elle que o sr. Girão deveu a posição, que depois adquirira. Sem esse contratempo é provavel que houvesse vivido ingloriamente na monotonia da carreira militar em Portugal, limitando-se a fazer guardas, piquetes, rondas e destacamentos, e a tomar parte em alguma parada tão estupida como inutil.

Para as duas academias, a que pertencia, e cujo ornamento era, para a sciencia, para a sociedade, para os seus amigos, veiu uma morte prematura fazer um vasio profundo.

O distincto academico contaria apenas cincoenta annos, e era exactamente n'esta epocha da sua vida que, tendo amadurecido todos os ramos das sciencias naturaes e correlativas, o seu engenho promettia fructos perfeitamente sazonados, alguns dos quaes

se publicaram, e outros restam em manuscripto.

Seja-me permittido dar um publico testimunho do meu sentimento por tão grande perda. Fui seu camarada no mesmo regimento, contemporaneo na Universidade e collega na camara electiva; nunca se interromperam nossas relações e sempre lhe devi attenções e considerações, que sou incapaz de olvidar.

Conde de Samodães.»

Edificios mais notaveis, brazonados

1.º—O do sr. visconde de Villarinho de S. Romão.

2.º—O do sr. barão das Lages e que foi de Zeferino Pereira do Lago.

3.º—O que foi de José Barata da Costa Cardoso, hoje de sua filha D. Ignacia Adelaide Cardoso Barata, viuva do desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar.

Sem brasões

1.º—O que foi de Luiz Pinto de Sousa Tovar, hoje de suas filhas.

2.º—O de Manuel Alves de Carvalho, hoje de seus filhos.

3.º—O que foi de Antonio Maria Alves de Carvalho, hoje de seu filho Francisco Alves de Carvalho.

4.º—O que foi de Antonio de Sousa Rebello, hoje de seus filhos.

Este ultimo demora na aldeia de Paradellinha.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta parochia de haver produzido muitas pessoas notaveis, mas, para não alongarmos demasiadamente este artigo, mencionaremos apenas ás seguintes:

1.ª—*Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão*, 1.º visconde de Villarinho de S. Romão, mencionado supra e no citado artigo *Miragaya*.

Foi um escriptor publico distinctissimo e póde ver-se a lista das suas obras no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio. Mencionaremos aqui apenas duas, que prendem muito de perto com o Douro e com esta freguezia:—*Memoria sobre a Epiœnonia*, ou *molestia geral das vinhas*, (*Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 1.º parte II da *Nova Serie*, Classe 1.ª)—e *Manual pratico da cultura das batatas e do seu uso na economia domestica*, publicado tambem pela *Academia Real das Sciencias*, em 1845.

Dedicou s. ex.ª a maior attenção ás videiras, como filho do Douro e bom patriota que era,—e, se ainda hoje vivêra, relevantes serviços lhe prestára na tremenda crise que o assola no momento.

Foi tambem s. ex.ª, como se vê da *Memoria* supra, um dos nossos mais benemeritos propagandistas da cultura das batatas, secundando os esforços de sua mãe, que foi a *primeira* que as introduziu e cultivou n'esta parochia.

2.ª—*D. Thereza Luiza de Sousa Maciel*, mãe do dicto sr. visconde.

Em 1798, quando elle contava apenas 13 annos, a dicta senhora colheu *mais de 400 alqueires de batatas* e se immortalisou no concurso aberto pela *Academia Real das Sciencias*, pois na acta de 9 de maio d'aquelle anno se lê textualmente o seguinte:

«Em attenção a ter D. Thereza Luiza de Souza Maciel colhido para cima de 400 alqueires de batatas, em terreno pela maior parte até então inculto, em o sitio de Villarinho de S. Romão, onde fôra *a primeira* a introduzir este ramo de agricultura: a ter descoberto um modo facil de conservar as batatas por espaço de um anno sem corrupção ou deterioramento: e a ter juntado aos seus documentos uma descripção da sua cultura, em que se patenteia maior intelligencia do que nos outros concorrentes: houve a Academia por bem distinguil-a extraordinariamente, conferindo-lhe em premio uma medalha de ouro no valor de 50$000 réis.»

3.ª—*Antonio Luiz Ferreira Girão*, biographado supra.

4.ª—*Antonio Maria Alves de Carvalho*, dr. de capello pela universidade de Coimbra.

Foi juiz de fóra no tempo do absolutismo.

—

Franklim menciona um foral, dado por

D. Affonso III, em Braga, a 5 d'abril de 1258, a *Villarinho, termo de Panoias.*

Suppomos que se refere a este *Villarinho de S. Romão*, mas tambem estava no termo de Panoias o *Villarinho da Samardã* e por isso não sabemos com certesa a qual dos 2 Villarinhos aquelle foral se refere. Só pela leitura d'elle se poderá cortar o nó gordio.

V. *Liv. II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III*, fl. 3, *in-fine*, e *Liv. de Foraes antigos de Leitura Nova.* fl. 141, col. 2.ª

Esta freguezia, bem como todas as d'este concelho e dos concelhos d'Alijó, Mezãofrio, Regoa, Santa Martha de Penaguião e 2 do concelho de Villa Real, pertencem ecclesiasticamente á diocese de Lamego, desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana. Anteriormente esta e muitas das outras pertenciam ao arcebispado de Braga,—as restantes ao bispado do Porto.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927.

Fecharemos este artigo, mencionando um outro homem notavel

José Pereira Barbosa da Boa Morte

Posto que não nasceu n'esta freguezia n'ella casou, viveu e falleceu. Alem d'isso foi escriptor publico e o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio d'elle fez menção, indicando duas das suas obras, mas do seu auctor apenas diz: «*José Pereira Barbosa da Boa Morte*, de cujas circumstancias pessoaes *nada sei!*»

Vejamos pois se preenchemos a lacuna d'algum modo.

Nasceu de paes abastados, pelos fins do ultimo seculo, na freguezia de *Ancede*, concelho de Baião;—casou n'esta parochia de Villarinho, onde foi um bom proprietario e muito acreditado clinico;—n'ella viveu muitos annos e n'ella falleceu de provecta idade approximadamente em 1850, deixando um filho e herdeiro que ainda existe:

—Adriano Pereira Barbosa, casado e residente no Castanheiro do Sul, freguezia do concelho da Pesqueira, districto de Vizeu.

Era bacharel formado em medicina e philosophia pela Universidade de Coimbra,—muito illustrado e *muito excentrico!*

—

Quando o chamavam para ir ver doentes a pontos distantes e lhe mandavam cavalgadura sem estribos, addicionava ao apparelho *duas cestas*, presas por cordas, e assim fazia a jornada o nosso doutor muito pausadamente, com todo o *aplomb* d'um filho de Esculapio.

Costumava passear só, sempre abstracto, levando no inverno aos hombros um grande capote de que trivialmente se esquecia, deixando-o por vezes ir de rastos pela lama e, se alguem o advertia, costumava muito fleugmaticamente responder:—*Que lhe importa?* E muito fleugmaticamente proseguia com o capote de rastos.

Era muito versado em mathematica e astronomia e fez prognosticos que ainda hoje se repetem com assombro, v. g.—que os astros, decorridos seculos, *marchariam todos em columna cerrada e linha recta?!...*

Annos antes de fallecer, recommendou que o sepultassem no quintal da casa onde vivia;—marcou o sitio;—mandou ali abrir a cova e depois de aberta, deitou-se n'ella, só para ver se tinha a capacidade precisa.

Era muito arrojado na sua clinica.

Por vezes mandou embrulhar em um lençol doentes com febres intensissimas e despejar sobre elles agua fria com um borrifador até os molhar bem; — depois mettia-os na cama,—embrulhava-os em cobertores,—e assim salvou muitos doentes agonisantes.

—

Escreveu e publicou varias obras sobre medicina e outros assumptos. Temos sobre a nossa banca de estudo a 1.ª mencionada por Innocencio e que elle intitulou *Condensação de politica, moral, economia, administração*, etc. Porto, 1841, 8.º de 187 paginas, afóra 2 com a *Advertencia* que termina d'esta fórma: «*Vaticinio.* Não me fundo em vãs conjecturas, mas em principios necessarios...»

A dicta obra é uma interessante collecção de maximas e pensamentos por ordem alphabetica, muito semelhante á do conselheiro José Joaquim Rodrigues de Basto, embora muito mais reduzida e escripta com bastante paixão. D'ella se vê que o auctor não morria

d'amores pelo papa, nem pelos padres e frades, nem pelos governos absolutos,—nem pelos proprios *medicos e cirurgiões*!...

Abre com este pensamento:

«Absolutismo. Um rei que deseja o bem, consegue os fins sem custo.»

—

São do mesmo livro os pensamentos seguintes:

—A adversidade restitue o juizo aos homens.

—A alegria é util ao homem e a tristesa consome-o.

—A poesia é a arte de cantar a prosa em verso.

—A pintura é a arte de copiar a naturesa.

—A architectura é a arte de edificar com segurança e gosto.

—A beneficencia é a segurança dos principes.

—As mesmas acções são crimes e virtudes, segundo as leis e segundo os tempos.

—Só Deus conhece o coração do homem.

—Um espirito sublime approxima-se da loucura.

—O diamante no esterco é precioso, e o pó elevado ás estrellas não deixa de ser vil.

—Sejamos melhores do que somos e seremos muito mais felises.

—Pela riqueza da caixa militar se deve calcular a valentia das tropas.

—Bons livros são bons companheiros e os mais sinceros amigos.

—O passado não volta;—o presente vae fugindo;—é preciso sondar o futuro.

—A inveja é a sombra da virtude.

—Se não imprimissem senão o util, haveria centenares de vezes menos livros.

—O que diz mal de todo o mundo, todo o mundo diz mal d'elle.

—As apparencias mais felizes encerram ás vezes as maiores calamidades.

—O corpo do homem é uma cloaca ambulante.

Bastará.

No supplemento ao artigo *Ancede* completaremos a biographia do medico da *Boa Morte*.

A terra lhe seja leve!

VILLARINHO DA SAMARDÃ,—freguezia do concelho, comarca e districto de Villa Real, arcebispado de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Martinho,—fogos 194, —habitantes 880.

Em 1706 era curato annexo a Santa Maria de Adoufe ou Adaufe, cujo abbade apresentava o vigario de Villarinho;—pertencia ao termo, concelho, comarca e ouvidoria de Villa Real—e contava 100 fogos. V. *Adoufe*.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia 60$000 réis—e contava 131 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 160 fogos e 972 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 188 fogos e 914 (?) habitantes.

Foi curato;—depois vigairaria até agosto de 1852;—desde aquella data passou a ser reitoria, mas, fallecendo o seu reitor em outubro de 1880, ficou em simples encommendação até hoje (1886).

—

Demora em terreno bastante accidentado, precisamente na margem direita do Corgo, entre Villa Real e Villa Pouca d'Aguiar, distando 13 kilometros de Villa Real para N.; —40 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro;—144 do Porto—e 481 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada real a macadam n.º 5, de Villa Real a Chaves, servida por diligencias,—e deve passar a pequena distancia a linha ferrea, hoje em estudos, de Chaves a Lamego pelos valles do Corgo e do Varosa, tocando em Villa Real e na Regoa, onde atravessa o Douro.

Comprehende esta freguezia as povoações seguintes:—*Villarinho da Samardã*, outr'ora *Villarinho de Samardão*, séde da parochia, —Banagouro, Covello e *Samardã*.

Producções dominantes:—milho, centeio, batatas, castanhas, vinho e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero e vaccum.

É tambem mimosa de caça miuda e grauda: coelhos, lebres, perdizes, lobos e raposas.

Freguezias limitrophes: — S. Thomé do Castello e Santa Maria de Adoufe, d'este concelho de Villa Real;—Santa Cruz de Alvadia, do concelho de Ribeira de Pena,—e S.

Salvador de Tellões, do concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Templos:—a egreja matriz e 3 capellas, todos decentes e abertos ao culto, mas sem coisa alguma notavel.

—

É muito abundante d'agua esta parochia, pois banham-na o rio Corgo, confluente do Douro, e muitas ribeiras taes são:—o ribeiro da *Samardã* e o de *Soutello*, que nascem na serra de *Moroucinhos*, ramo da grande serra do Marão, e desaguam no Corgo, a distancia de 5 kilometros,—e os do *Salgueiro*, da *Lagea* e de *Agrella*, que nascem na serra de Villarinho e desaguam tambem no Corgo, a 2 kilometros de distancia. Estes simplesmente regam—e aquelles regam e moem, bem como o rio Corgo.

Ha n'esta freguezia duas pontes de pedra: —a de *Borralheiros* e a de *Soutello*,—e um fôjo para caçar lobos, no fundo da serra de Moroucinhos.

—

Data de tempo immemorial a occupação d'esta parochia, pois devia passar aqui uma estrada romana de 2.ª ou 3.ª ordem, da cidade de *Aquae Fluviae* (Chaves) para Lamego e Caria, atravez da cidade de *Cauca* (Villa Pouca d'Aguiar) e da de Panoias ou do seu termo, hoje representada por Villa Real.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos correspondentes ás povoações indicadas.

Note-se que os romanos, alem das suas estradas militares esplendidas, tinham, como nós hoje temos, estradas de 2.ª, 3.ª e 4.ª classe, algumas das quaes nem eram calçadas de pedra, nem tinham marcos milliares.

V. *Estradas Romanas* e *Vias Ferreas*.

E que o povo rei aqui viveu o prova o nome de *Cividade*, que ainda conserva um morro d'esta parochia, no qual, segundo diz a tradição, existiu um castello e se tem encontrado muitas moedas romanas.

Tambem diz a tradição que houve um castello dos mouros (talvez dos romanos) no sitio denominado *Monte da Murada* ou *Muralha*, hoje fragoedo nú, mas que muito provavelmente foi *murado* e fortificado outr'ora.

Ha finalmente n'esta freguezia duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos.

O clima d'esta parochia é saudavel;—temperado no verão, mas frio e aspero no inverno.

A povoação do Covello em 1758 contava apenas duas casas e dois fogos.

—

Casou n'esta freguezia em 1844 com o medico Francisco José d'Azevedo e aqui tem vivido e vive ainda hoje a ex.ma sr.ª D. Carolina Rita Botelho Castello Branco, no momento já viuva, irmã do sr. Camillo Castello Branco, visconde de Correia Botelho, nosso bom amigo e mestre—e principe dos nossos escriptores contemporaneos.

A dicta senhora é mãe do bacharel formado em direito Antonio d'Azevedo Castello Branco e do bacharel formado em medicina José d'Azevedo Castello Branco,—dois talentos de primeira ordem e distinctos escriptores publicos tambem.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 981 a 986.

Etymologias

Tantos povos habitaram desde tempos remotissimos este pobre Portugal e tantas nações estranhas e longinquas percorreram os portuguezes, tendo demorada residencia em muitas d'ellas, que é hoje muito difficil marcar ao certo a etymologia de grande numero de vocabulos do nosso idioma e dos nomes das nossas povoações.

Ahi vae uma simples amostra do pano:

Em 1840 um homem nonagenario, filho d'esta parochia, dizia que ella antigamente se denominou Villarinho de *São Ardão* ou de *Sam Ardam* e que d'ahi lhe provem o titulo de *Samardão*, hoje *Samardã*.

E possivel;—e talvez que o *Sam Ardam*, que hoje se não encontra no kalendario, fosse primitivamente *Santo Adrião*. É possivel até que as nossas aldeias denominadas *Sardão* tomassem o nome do tal *S. Ardão*, posto que o meu antecessor no artigo *Sardão* e o academico Fr. João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arabica* deram o *Sardão*, aldeia d'Agueda, como proveniente do arabe

hardão, lagarto, o que não nos satisfaz completamente, porque temos no nosso paiz varios sitios, casaes, quintas e aldeias com os nomes de *Ardo*, *Arda* (rio) *Ardada*, *Ardão*, *Ardãos*, *Ardega*, ou *Agueda*, *Ardegão*, *Ardeira*, *Ardena*, *Ardido* e *Ardosa*, que deveriam ter a mesma etymologia de *Ardo*, *Arda* e *Ardão*.

—

Temos tambem—*Samaça*, *Samaldo*, *Samaiões*, *Samão*, *Samardão*, *Samardan*, *Samarra*, *Samarrão* e *Samarruda*, que teem muita affinidade,—e *Sardão*, *Sardaça*, *Sardal*, *Sardoal*, *Sardoeiro*, *Sardoeira* e *Sardoura*, que parece terem a mesma etymologia commum, mas Fr. João de Sousa, tendo dicto que *Sardão* provem do arabe *hardão*, lagarto, diz que *Sardoeira* e *Sardoura* proveem do arabe *fara*, andar, e de *daura*, a roda, pelo que *Sardão*, segundo o mencionado auctor, quer dizer—*terra dos lagartos* —e Sardoeira ou Sardoura—*terra em que se anda á roda ou ás voltas*!...

VILLARINHO DAS TALHADAS, — aldeia da freguezia das *Talhadas*, concelho de Sever do Vouga, districto de Aveiro, bispado de Viseu.

Vide *Talhadas*, freguezia, — e *Talhadas*, serra.

O censo de 1878 deu a esta freguezia 220 fogos e 984 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Talhadas*, séde da parochia,—Doninhas, Vide, Seixo, Macida, Ereira, Areias, Fragoa, Povoa, Silveira, Cortez, *Villarinho* e as quintas da Matta, Lameirinhos, Calçada e Dordelinho.

—

Esta parochia é muito minha conhecida —e mais ainda a tal serra das *Talhadas*, pois muitas vezes a atravessei durante a minha formatura (1851-1856) seguindo de Lamego para Coimbra por Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul, Vouzella, *Talhadas*, *Rompe Cilhas*, Agueda, Sardão, Mealhada e Fornos.

Já lá vão 25 a 30 annos, mas nunca esqueceremos tão *deliciosos* passeios.

Note-se que concluimos a formatura sem saborearmos nem sequer uma diligencia!

Faziamos a viagem de Lamego a Coimbra em sella, ordinariamente por aquelle roteiro. Outras vezes, para variar, fomos por Viseu, Tondella e Mealhada,—outras vezes pelo Porto, descendo o Douro embarcados, defrontando com a morte na sua continuidade de cachoeiras e deixando quasi sempre a bombordo ou a estibordo barcos feitos em estilhas; — alugavamos em Villa Nova de Gaya mulas vareiras que nos levavam de retorno até Ovar;—d'ali seguiamos de noite para Aveiro pela *ria*—e d'Aveiro iamos para Coimbra nos classicos *gericos*.

A viagem pelo Porto era muito mais morosa, pois durava sempre 3 a 4 dias.

Mas fallemos das *Talhadas*:

—

É uma serra triste, prosaica e desgraciosa, toda cheia de penedos, atravez da qual seguiamos pela velha estrada muito escabrosa, principalmente no lanço denominado *Rompe-cilhas*, nome bem apropriado, porque ali a estrada corta uma ingreme ladeira d'alguns kilometros, aprumada sobre um rio que serpeia lá no fundo, pelo que os almocreves, para não verem as cavalgaduras despenhar-se no abysmo, iam sempre concertando as cargas e davam cabo das cilhas.

E em que desgraçadas condições nós por ali passamos differentes vezes!...

Ainda hoje se nos arripiam os cabellos, quando nos lembramos de que em 1854, por exemplo, nós atravessamos a *galope* toda a dicta serra, comprehendendo o tal lanço de *Rompe-cilhas*!

V. *Villa Maior*, vol. XI, pag. 775.

Hoje *por preço nenhum* repetiriamos a galopada!...

—

Outra viagem medonha foi a que fizemos (salvo erro) em janeiro de 1853.

Em outubro do anno antecedente, pouco depois de nos matricularmos, o governo mandou fechar a Universidade, por se terem dado em Coimbra alguns casos de cholera.

Retirámos todos para nossas casas—e em janeiro do anno seguinte, havendo passado a peste, recebemos ordem do governo para regressarmos a Coimbra.

Marchámos rapidamente debaixo d'um temporal medonho, com chuva torrencial e

vento que atirava com as cavalgaduras para fóra do trilho. É um facto que eu *só então* observei na serra do *Mezio*, entre Lamego e Castro d'Ayre.

Nós eramos um bando de rapazes;—iamos todos folgados e bem montados;—não nos poupavamos a despezas e tanto que a maior parte dos criados, com o muito vinho e muita aguardente que lhes davamos para não succumbirem, iam bebedos e fazendo sortes que muito nos distrahiam;—levantavamonos de noite e rompiamos sempre a marcha com archotes, mas gastámos 4 dias [1] para vencermos as 22 legoas de Lamego a Coimbra!

No primeiro dia pernoitámos em Castro d'Ayre, aonde chegámos já de noite, tendo andado apenas 4 legoas!—No segundo fomos dormir a *Ponte Fóra*, um pouco alem de Vouzella, na falda da serra das *Talhadas*; —no terceiro atravessámos a maldita serra e fomos dormir ao Sardão,—e só no quarto dia chegámos a Coimbra.

Horresco referens!...

—

No meu 5.º anno, concluida a formatura, fiz a mesma jornada, de Coimbra para Lamego, em condições muito differentes, mas pouco invejaveis tambem.

Para não ir em passo de medico, acompanhando a cavalgadura que levava 2 bahus com a minha tenda (alguma roupa, muitos palitos e poucos livros)—e como era insupportavel o calor (junho de 1886)—mandei adeante o criado com a cavalgadura de carga —e eu deixei Coimbra por noite velha e fiz a viagem quasi toda de noite e *sósinho*! Logo que apertava o calor apeava-me na primeira locanda—e ao declinar do sol proseguia.

Assim atravessei a tal serra das *Talhadas* e a do *Mezio*, etc., fazendo de valentão, mas por vezes senti meus arripios, principalmente (bem me recordo!...) ao descer alta noite para o Paiva, junto de Castro d'Ayre, por barrancos medonhos atravez de grande arvoredo, que tornava o caminho escuro como um prego.

E ainda ha quem suspire pelas viagens d'outr'ora!...

Em 1879 fui eu até Paris e incommodei-me bem menos do que n'aquelle tempo me incommodava para ir de minha casa a Lamego, distante 5 kilometros apenas.

Permittam-me pois que envie um *saudoso* adeus á tal serra das *Talhadas*.

Fica-te *em paz e ás moscas!...*

—

Terminaremos dizendo que na aldeia de *Villarinho das Talhadas* se descobriram em novembro de 1885 jazigos de cobre, chumbo e outros metaes. Fez-se o registro na camara de Sever do Vouga e consta-nos que já se organisou uma companhia para explorar o dicto minerio.

VILLARINHO DE TAROUCA,—aldeia da freguezia de S. João de Tarouca, concelho de Mondim da Beira, districto de Vizeu.

Não se confunda esta freguezia de S. João de Tarouca, *orago S. Braz* (?) concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar,—com a freguezia de Tarouca, *orago S. Pedro*, concelho de Tarouca no mesmo districto de Vizeu, comarca e bispado de Lamego.

A freguezia de *S. João de Tarouca*, orago *S. Braz*, comprehende as aldeias seguintes: —Couto, Pinheiro, Villa Chã do Monte e *Villarinho*, aldeia muito antiga, anterior ao seculo XIII, pois a fl. 23 do livro de *Doações* do mosteiro cysterciense de S. João de Tarouca, extincto, cuja egreja é hoje a matriz d'esta parochia, se fazia menção de um praso feito no anno de 1221, comprehendendo certa propriedade sita na mencionada aldeia de *Villarinho de Tarouca*, impondo ao emphyteuta a pensão do *quinto*, uma teiga de trigo e dez ovos *et post obitum vestrum cum Decima de toto vestro aver mobili, et immobili veniatis ad Sepulturam S. Joannis...*

---

[1] Eu gastei 4 dias e meio, porque morava a distancia de 5 kilometros de Lamego, onde se formou a caravana, e fui dormir ali na vespera.

V. *Corvaceira* e *Penajoia*.

Em vulgar: «e quando fallecerdes sereis sepultados no nosso mosteiro de S. João, que por isso herdará a *decima parte de todos os vossos bens moveis e immoveis...*»

V. *Jazedores* em Viterbo,—artigo muito curioso e que rendeu ao seu illustrado auctor uma grande tunda, dada por Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Historia da Abbadia d'Alcobaça*, pag. 49 e 50, accusando-o de insultador e enxovalhador dos monges.

Veja-se tambem *Tarouca* n'este diccionario e no supplemento.

VILLARINHO DAS TOUÇAS,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Montouto*, concelho e comarca de Vinhaes, districto e diocese de Bragança.

Contando a freguezia de Montouto apenas 104 fogos e 559 almas, representa nada menos de *seis freguezias*, pois alem da povoação de *Montouto*, séde da parochia, comprehende as povoações seguintes:—Casares, Cerdedo, Candedo, Carvalhas e *Villarinho das Touças*, que já foram parochias independentes.

Só n'este malfadado districto de Bragança se encontra uma desgraça assim!...

V. *Casares*, *Montouto*, *Villa Verde de Mirandella*, vol. XI, pag. 1:094, col. 2.ª,—*Villa Verde* de Vinhaes, no mesmo vol. pagina 1:099—e *Villa Real de Traz-os-Montes*, no mesmo vol. tambem, pag. 1:016.

—

A povoação de *Villarinho das Touças* demora na raia, em intimo contacto com a povoação gallega denominada *Chargoaçozo* e entre as duas tem havido grandes desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes por causa dos montados, não levando a melhor os gallegos, posto que muito superiores em numero, pois *Chargoaçozo* conta cerca de 100 fogos, emquanto que *Villarinho* conta apenas 17; felizmente essas desordens acalmaram com a ultima delimitação official da raia.

Por vezes se envolveram na lucta não só os habitantes de Villarinho e Chargoaçozo, mas os clavineiros hespanhoes e os guardas fiscaes portuguezes, cruzando-se fogo entre uns e outros.

Foi sempre grande a animosidade entre o povo portuguez e o povo hespanhol e é na raia que essa animosidade se conservou e conserva ainda hoje mais viva,—na raia, onde os dois povos se acham em intimo contacto.

O terreno de Villarinho das Touças é aspero e montanhoso, mas fertil em centeio, batatas e hervagens;—cria muito gado lanigero, principalmente cabrum, — e tambem bovino e suino.

Tambem abunda em caça grossa e miuda: —coelhos, lebres, perdizes, raposas e *lobos*!

—

Ao sr. Emiliano Antonio de Sousa, de Vinhaes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLARÓCO, — freguezia do concelho e comarca de S. João da Pesqueira, districto de Viseu, diocese de Lamego, provincia da Beira Alta.

Abbadia. Orago S. Bartholomeu;—fogos 236,—habitantes 990.

A *Chorographia Port.* nem sequer fez menção d'esta freguezia!

O *Port. S. e Profano* em 1768 disse que o seu parocho era o abbade da apresentação da mitra;—rendia 500$000 réis—e contava 170 fogos.

Segundo se lê na *Hist. Eccl. de Lamego*, escripta approximadamente n'aquella data, rendia 600$000 réis;—o parocho era abbade da mesma apresentação, por concurso,—e contava 206 fogos e 530 almas.

O censo de 1864 deu-lhe 207 fogos e 738 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 220 fogos e 853 habitantes.

Demora em sitio alto e plano, — muito arborisado, saudavel e fertil, na margem direita do rio Torto, do qual dista 2 kilometros para N. E.;—10 da villa da Pesqueira para S. E.;—25 da estação do Pinhão, hoje a mais proxima na linha ferrea do Douro; —152 do Porto—e 489 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Pereiros, Valle de Figueira, Trovões, Vallongo do Azeite e Pesqueira.

Producções dominantes:—cereaes, azeite, batatas, castanhas, fructa e vinho de mesa

em pequena quantidade depois que a maldicta phylloxera anniquilou os seus vinhedos, pois anteriormente era o vinho a producção principal d'esta parochia e de todas as d'este concelho, pelo que hoje é um dos mais pobres, tendo sido um dos mais ricos, do districto de Viseu!...

As freguezias da margem esquerda do Alto Douro tiveram a mesma sorte das da margem direita.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1013 e segg.

—

Esta parochia alem da povoação de *Villarôco*, séde da matriz e que hoje conta 140 fogos, comprehende a de *Vidigal*, com 86 fogos,—e a da *Senhora da Estrada* com 10,—mais 8 moinhos no rio Torto.

Banham esta freguezia alguns regatos que desaguam no rio Torto e no Douro, passando um d'elles entre as povoações do Vidigal e Villarôco. Tambem a limita e banha o rio Torto, confluente do Douro.

O rio Torto aqui corre fundo por entre encostas aridas ardentissimas, aprumadas e schistosas, pelo que as suas margens d'aqui até o Douro produziam bello *Port Wine*, principalmente as quintas do Seixo e Retiro.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

É muito antiga mas tem sido restaurada e reedificada muitas vezes. Occorrem-nos as seguintes:—Em 1760 pelo abbade dr. Lopes Monteiro.

Em 1874 foi alteada pelo abbade Antonio Augusto d'Almeida, de Villa Nova de Foscôa.

Em 1881 a junta de parochia demoliu e reedificou a capella-mór, que tem um bom retabulo de talha dourada antiga e um tecto riquissimo de talha dourada tambem,—uma capella particular e 3 altares lateraes, sendo um de Nossa Senhora do Rosario, outro de S. Sebastião, outro de Sant'Anna,—uma bella custodia de prata dourada e cinzelada, estylo manuelino,—e uma imagem da Conceição, tambem de prata.

Nos fins do ultimo seculo tinha tambem 3 irmandades:—uma do Santissimo,—outra de Nossa Senhora do Rosario,—outra das Almas.

2.º—*Capella de Nossa Senhora da Estrada*, a meio da pequena povoação d'este nome, no caminho da Barca d'Alva.

3.º—*Capella de Santa Barbara.*

4.º—*Capella de Santo Antonio*, hoje dentro do cemiterio, ao poente de Villarôco.

5.º—*Capella de Santa Eufemia.*

Estas são publicas e estão limpas e bem conservadas.

6.º—*Capella de S. Miguel*, na povoação do Vidigal.

Pertence a Miguel Augusto Pacheco, *morgado de Villaroco.*

7.º—*Capella de Nossa Senhora do Repouso*, no alto do Vidigal. Pertence ao morgado d'este titulo, Eduardo de Sousa Donas Boto.

8.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição.*

Demora na Praça de Villarôco e pertence ao visconde de Proença a Velha, residente em Penamacôr.

No frontispicio da dicta capella, que forma parte da fachada do palacete do mesmo visconde, se vê aberto em granito o brasão d'armas com uma corôa de conde.

A *Historia Ecclesiastica de Lamego* menciona tambem as capellas seguintes:

9.º—*Santa Luzia*, hoje *Santa Luzia Velha*, em ruinas. Ha outra capella nova com a mesma invocação, no termo dos Pereiros, e tem festa annual, mas não pertence á freguezia de *Villarôco.*

10.º—*Espirito Santo.*

Já não existe.

11.º—*S. Domingos.*

Tem hoje a invocação de Santa Eufemia e é a mesma já mencionada sob o n.º 5.

12.º—*Santa Theresa*, defronte da egreja.

Ainda existe e foi sempre particular, pertencente á familia *Almeidas Ribeiros.*

13.º—*Nossa Senhora do Desterro*, dentro da egreja parochial.

Pertencia n'aquelle tempo a Fr. Francisco Xavier, que tinha tambem um oratorio ou capella particular na sua casa.

Tambem n'aquelle tempo os abbades d'esta freguezia tinham a seu cargo toda a fabrica

da egreja parochial—e a fabrica da capella-mór e sacristia de Val de Figueira, onde apresentavam o cura e recebiam os dizimos, ficando a cargo dos freguezes o corpo da egreja.

Não ha hoje n'esta freguezia festas annuaes em dias determinados; apenas d'aqui vae todos os annos, na primeira segunda feira de Paschoa, uma romaria ao santuario de *S. Salvador do Mundo*, junto da Pesqueira, em cumprimento de um antigo voto.

V. *Salvador do Mundo.*

Pessoas notaveis

Teve esta parochia muita nobresa e produziu muitas pessoas notaveis pelas virtudes, armas e lettras, mas soffreu muito com as lutas civis entre liberaes e realistas desde 1820 até á convenção d'Evora Monte (1834)—e com os excessos e represalias posteriores á dicta convenção.

Foram cruelmente perseguidos e tiveram de homisiar-se muitos filhos d'esta parochia, —outros foram barbaramente assassinados, —algumas das suas primeiras casas ficaram reduzidas á miseria com os sequestros—e outras se extinguiram.

Data d'aquelle ominoso tempo a decadencia d'esta parochia,—decadencia que a maldicta phylloxera nos ultimos annos coroou, aniquilando os seus vinhedos.

Entre as pessoas notaveis que produziu, occorrem-nos as seguintes:

1.ª—*D. Claudia*, da nobre familia *Bragas*, da casa da Praça. Casou com João de Gouveia Osorio e teve o sr. visconde de Proença a Velha.

João de Gouveia Osorio foi homem de grande importancia n'esta freguezia, general de divisão do sr. D. Miguel e fidalgo de antiga linhagem, natural de Penamacor.

2.º—*Antonio Cardoso Corte Real e Serpa*, tambem fidalgo distincto, coronel das milicias de Trancoso, etc.

Tinha o seu palacete junto do atrio da egreja e n'elle se vê ainda o seu brasão d'armas,—um dos brazões de mais merecimento artistico d'estas redondezas, tendo por timbre uma corôa de conde. É espaçoso e comprehende muitos emblemas bellicos, peças, bandeiras, armas, tambores etc.

3.º—*O dr. Antonio d'Azevedo Coutinho Pacheco*, afamado jurisconsulto.

Escreveu varias obras sobre jurisprudencia, mas não chegaram a ver a luz da publicidade.

Acommettido de monomania religiosa, suicidou-se, precipitando-se de uma janella em avançada idade.

Falleceu no dia 14 de março de 1808, tendo casado com D. Maria Theresa, da nobre casa e quinta dos *Vieiros*, e deixou dois filhos—o morgado, primogenito,—e Miguel Antonio Coutinho Pacheco.

O morgado foi tenente de milicias e morreu solteiro, deixando um filho bastardo, por nome Luiz, que falleceu em 1884, casado e com dois filhos:—Antonio, que pereceu afogado no Douro em 1867,—e Manuel, que ainda vive.

Miguel Antonio Coutinho Pacheco, filho segundo do grande jurisconsulto, casou com D. Candida Fortunata de Sousa Ferreira, da qual teve 4 filhos que ainda vivem e são proprietarios n'esta parochia:—D. Maria Pacheco, Miguel Augusto Pacheco, João Alberto Pacheco e o rev. Antonio Ayres Pacheco, sacerdote de muito merecimento e vice-reitor no seminario diocesano do Funchal.

4.º—*Dr. Francisco Xavier d'Almeida Sá e Meneses*, fidalgo distincto, grande proprietario e excellente pessoa. Falleceu solteiro e deixou a sua grande casa a um filho natural, Joaquim Augusto de Sá Meneses, hoje casado com sua prima, filha de Luiz de Castro Pereira, residente e grande proprietario em Freixo de Numão.

V. *Villarinho da Castanheira.*

5.º—*O dr. João Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, desembargador da casa da supplicação por el-rei D. João VI, e depois aggravista e desembargador do Paço no tempo do sr. D. Miguel, F. C. R., C. P. da O. de Christo e um dos desembargadores da ominosa *Alçada*.

Frequentando ainda a Universidade, casou em 1790 com D. Anna Josepha Freire Soares de Miranda, da nobre casa dos dou-

tores *Mirandas* de Figueira de Castello Rodrigo, hoje desbaratada e em estranhos, por causa das vicissitudes que tiveram por epilogo a convenção d'Evora-Monte.

A dicta senhora era prima do celebre general Gomes Freire [1], com o qual teve o seu casamento tractado.

O desembargador João Antonio, sendo ainda juiz de fóra em Mafra, acompanhou D. João VI ao Brazil e por ordem do mesmo D. João VI veiu para Portugal alguns annos antes do regresso da familia real.

Era muito legitimista;—foi procurador por Figueira de Castello Rodrigo, em 1828, ás côrtes, ou junta dos 3 estados, que em Lisboa acclamaram D. Miguel como rei, e tanto se pronunciou em favor d'elle, durante a grande lucta, que foi preso por duas vezes e viu toda a sua casa sequestrada.

Desde 1834 viveu homisiado em Lisboa, onde falleceu, em janeiro de 1843.

Do seu consorcio com a prima de Gomes Freire teve os filhos seguintes:

—*Albano Antonio Freire Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, desembargador e corregedor de Villa Real de Traz-os-Montes no tempo do sr. D. Miguel. Por elle foi escolhido para seu secretario quando, em seguida á convenção d'Evora-Monte, partiu para o exilio,—cargo que o dr. Albano recusou por suggestões d'um seu amigo liberal, mas antes elle annuisse, pois em 1836 foi barbaramente assassinado por motivos politicos.

Não deixou descendencia.

—*D. Libania Thomasia Freire de Sousa e Almeida Vasconcellos.*

Casou com Francisco Pinto de Gouveia e Castro, da Prezegueda, concelho da Regoa.

Ambos já falleceram s. g.

—*D. Maria Henriqueta d'Almeida Vasconcellos.*

Morreu solteira.

—*João Antonio Freire Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos*, freire de Christo, moço fidalgo com exercicio no paço, etc.

Foi assassinado em 1843 em Figueira de Castello Rodrigo pelo antigo feitor da sua casa e filhos d'este, quando, por fallecimento do desembargador seu pae, ali foi para lhes tomar contas e entrar na posse da casa, abandonada desde a partida do pae para o Brazil.

Que tempos?!...

—*Francisco*—e *Sebastião.*

Falleceram de tenra edade.

—*Antonio Pedro Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos.*

Entrou para o Collegio Militar por uma provisão regia de D. João VI, que o dispensou do pagamento de toda e qualquer pensão, em attenção aos relevantes serviços do pae, não obstante o não ser este militar, mas pertencente á alta magistratura.

Antonio Pedro foi premiado em diversos annos e commandante do batalhão collegial.

Assentou praça em cavallaria 7 no anno de 1823, sendo reconhecido cadete;—tomou parte no pronunciamento realista, pelo que 3 vezes emigrou para a Hespanha com o marquez de Chaves, Magessi, etc, e fez toda a campanha realista até á convenção d'Evora-Monte, [1] sendo n'essa data capitão, por distincção e ajudante d'ordens do general Tovar d'Albuquerque.

Terminada a lucta civil em 1834, abandonou inteiramente a politica e casou em Lisboa n'esse mesmo anno com D. Maria José Fêo de Siqueira Coutinho, filha de José Maria Fêo de Siqueira Coutinho, C. F. C. R., C. P. O. Ch., escrivão do Real Erario, etc., cuja vida, semeada de aventuras e galanteios com actrizes, cantoras e damas lisbonenses, dava assumpto para um grande romance!...

Do seu consorcio com D. Maria J. Fêo teve entre outros filhos o seguinte:

Antonio Pedro Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos

Usa vulgarmente o nome de *Antonio de Sousa Vasconcellos* e é um cavalheiro muito illustrado e de muito merecimento,—secre-

---

[1] V. *Lisboa*, vol. 4.º pag. 116, *in fine.*

[1] Falleceu em Lisboa a 17 de março de 1882, contando 83 annos de idade e sendo ainda *realista intransigente*, pelo que a *Nação* lhe dedicou um pomposo necrologio.

tario geral da Companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, commissario do governo junto do theatro de D. Maria II, professor de historia da arte e esthetica na academia real de bellas artes de Lisboa e distincto escriptor publico.

É auctor de diversos artigos litterarios e obras dramaticas, entre as quaes citaremos o drama historico—*Duquesa de Caminha*,—que foi representado no beneficio da actriz Emilia das Neves, no theatro de D. Maria II, em a noite de 10 de novembro de 1877, e premiado pelo conservatorio dramatico no concurso de 1877 a 1878.

Tambem foi director litterario e artistico do interessante periodico *A Arte*, cuja publicação cessou ha poucos annos com viva magoa dos apreciadores e estudiosos das lettras e artes portuguezas.

É F. C. C. Real com moradia no Paço, commendador da O. Ch.—cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de S. Gregorio Magno, etc.

Nasceu em Lisboa e ali casou com D. Isabel Maria da Costa Freire, filha de Ceslau da Costa Freire, official do antigo senado da camara de Lisboa, Cavalleiro da Ordem de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

É um dos poucos representantes que ainda hoje restam da nobre familia do desembargador João Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos, irmão de Manuel Antonio Ribeiro de Sousa Almeida e Vasconcellos, que foi o ultimo sargento-mór do Villarôco, tendo sido este cargo hereditario na familia desde largos annos.

Ainda em 1853 vivia n'esta freguezia do Villarôco D. Eugenia Thomasia de Sousa Ribeiro, irmã do dicto sargento-mór, a qual falleceu solteira e sem successão.

O brasão d'esta familia é esquartellado, tendo no 1.º quartel as quinas e leões dos Sousas do Prado;—no 2.º as 5 meias luas dos Pintos;—no 3.º as 3 fachas verdes dos Ribeiros;—no 4.º as fachas pretas dos Vasconcellos—e por timbre um leão rompente.

Foi tambem natural d'esta freguezia Marcos da Fonseca, fidalgo distincto e cavalleiro d'Aviz, que em 1706 administrava o hospital Real de Moncorvo e recebia a 4.ª parte das rendas d'elle, por alvará regio, sendo as 3 partes restantes applicadas para a fabrica do dicto hospital.

—

Tambem esta parochia tem produzido homens que se tornaram notaveis pela sua perversidade. Occorrem-nos os seguintes:

1.º—*Francisco Rebello*, assassino e ladrão.

Matou e roubou 3 homens em 1835, mas por seu turno foi morto pelo celebre *Ribeirinha* de S. Mamede de Riba Tua, em 1839, junto da capella de Santa Barbara.

Tambem tentou matar um seu irmão, de nome Albano, que ainda vive, coxo d'uma perna, em virtude de um tiro que sobre elle disparou o tal Francisco Rebello.

2.º—*Bernardino de Sequeira*, de profissão *carreiro* ou boieiro.

Em 1871 matou por vingança um pobre trabalhador, chamado Antonio Caranguejola.

3.º—*Antonio Alexandre Café*.

4.º—*Manuel Nunes*, por alcunha *Orelha Gata*.

5.º — *Manuel*, que por sobrenome não perca.

6.º—*Antonio Ferrador*, da aldeia da Senhora da Estrada.

Estes ultimos 4 servos de Deus, todos filhos d'esta parochia, fizeram parte da grande quadrilha de salteadores, capitaneada pelo celebre *Traquina* da Granja do Tedo, concelho d'Armamar,—quadrilha medonha e numerosa, pois d'ella faziam parte os 32 salteadores que foram presos, julgados e degredados em 1852, na comarca d'Armamar e em outras, onde os taes senhores tinham crimes mais graves.

V. *Valença do Douro*, vol. , pag. 105, co . 1.ª e segg.

A quadrilha era mais numerosa e toda podia e devia ser apanhada na rede, mas por por *certas considerações* foram poupados alguns dos confrades!...

O celebre capitão *Traquina* já voltou do degredo e ainda

hoje (1886) vive na Granja do Tedo!...

—

Em fevereiro de 1860, tendo chovido copiosamente, deu-se n'esta parochia o facto seguinte:

Pelas 10 horas da noite sentiu-se uma especie de terremoto seguido de uma explosão que fez tremer todas as casas do Villarôco e no dia seguinte appareceu a terra fendida até 20 metros de profundidade em uma tapada proxima, pertencente á João Alberto Pacheco, donde se deslocou um grande volume de terra que, impellido pelo peso proprio e por grande volume d'agua represada, levou diante de si quanto encontrou, inclusivamente oliveiras, algumas das quaes ficaram a distancia de mais de 100 metros e ainda hoje (1886) ali se conservam e dão fructo.

Note-se que o terreno é declivoso.

Tambem no dia 25 de julho de 1885 pesou sobre esta freguezia e sobre as circumvisinhas até grande distancia,—Pesqueira, Foscôa, Riodades, Trovões e Paredes da Beira, —uma medonha trovoada, causando prejuisos enormes.

—

A tradição local diz que esta parochia foi villa e teve casa de camara, cadeia e pelourinho, mas de tudo isso nada, absolutamente nada resta, nem nos consta que tivesse em tempo algum foral proprio. Era comprehendida no foral que D. Manuel deu á villa de Avelloso em 21 d'abril de 1514.

V. *Avelloso.*

A mencionada villa foi camara dos bispos de Lamego e D. Manuel no seu foral mencionou todas as rendas que os bispos de Lamego tinham ali, em Vallongo do Azeite, Valle de Ladrões, Canellas, Parada do Bispo, Varzea do Bispo, Trovões e *Villarôco.*

Esta freguezia, hoje da comarca da Pesqueira, pertenceu á comarca (corregedoria) de Trancoso, e anteriormente á de Pinhel, provedoria de Lamego.

No seculo XVI, segundo se lê no *Censual velho* da mitra de Lamego, era da apresentação e confirmação dos bispos d'aquella diocese, aos quaes pagava meio marco de prata, ou 1$340 réis, de confirmação,—500 réis de visitação,—e tinha annexa a freguezia de Val de Figueira.

Entre os pergaminhos existentes no cartorio da Universidade de Coimbra se encontra um que prende com esta freguezia. Tem a data de 1561 e é a composição feita entre o parocho de S. Pelagio de Caria e o d'esta freguezia de Villarôco.

Para maior desgraça d'esta freguezia, uma grande parte dos seus melhores terrenos pertencem a estranhos, pois teem aqui bons casaes os viscondes de Proença a Velha e da Torre do Terranho,—bem como o par do reino Antonio da Costa Lobo e um fidalgo de Penaguião.

Não tem esta freguezia estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 34 do Porto á Barca d'Alva, mas que até hoje ainda não passou da villa da Pesqueira, distante do Villarôco 10 kilometros; deve porem passar perto d'esta freguezia a estrada districtal a macadam de Viseu á Pesqueira, mas tarde ali chegará, posto que já tem um lanço construido no concelho de Sernancelhe, entre Villa da Ponte e Ferreirim de Fontearcada, na bifurcação com a estrada real n.º 44, de Lamego a Trancoso.

Tem esta freguezia no rio Torto 8 moinhos de cereaes.

—

Uns escrevem *Villarôco*, outros *Villarouco.* Nós inclinamo-nos á opinião dos primeiros, mesmo porque julgamos *Villarôco* uma variante de *Villarinho*, diminutivo de *Villar.*

É hoje abbade d'esta freguezia o rev. Manuel de Jesus da Ressurreição Raphael, parocho de bons costumes e muito digno, mas é o presbytero de mais diminuto corpo ou de mais pequena estatura que ha hoje em todo o bispado de Lamego!

Nasceu na aldeia e freguezia de *Nagozello*, concelho de S. João da Pesqueira, em 10 d'abril de 1838, sendo seus paes João Manuel Raphael e Claudia Justina, honrados, mas humildes lavradores.

Note-se que no Alto-Douro se denominam *lavradores* to-

dos os proprietarios, por vezes fidalgos distinctissimos.

Já contava 18 annos quando principiou a estudar latim e 28 quando tomou a sagrada ordem de Presbytero.

Foi parocho encommendado nas freguezias de Val de Figueira a *Nova*, concelho de Taboaço, e nas de Trovões e Valença do Douro; depois collou-se na de *Cever*, concelho de Moimenta da Beira, e ali se conservou 12 annos, desde 15 de julho de 1864 até 15 d'outubro de 1876;—d'ali passou para a de Nagozello, sua terra natal, em 15 de outubro de 1876,—e em 17 de junho de 1885 passou para esta de *Villarôco*.

—

Tanto esta freguezia como as de Vallongo do Azeite, Ervedosa e S. João da Pesqueira, situadas na margem direita do rio Torto, teem moinhos na outra margem (esquerda) d'este rio.

As casas principaes d'esta parochia são as seguintes:

Brasonadas

1.ª—Do visconde de Proença a Velha.
2.ª—De Antonio Cardoso Serpa.
3.ª—De Antonio de Sousa Donas Botto.

Não brasonadas

1.ª—De Joaquim Augusto de Sá Menezes, casado com a filha de Luiz de Castro Pereira.
2.ª—De D. Maria do Carmo de Sá Menezes, tia paterna do antecedente.
3.ª—De Miguel Augusto Pacheco.
4.ª—De João Chrysostomo de Carvalho e Mattos.
5.ª—Do Padre Antonio Manuel da Fonseca Moutinho.
6.ª—De D. Maria do Rosario, que foi do seu marido Antonio Gaudencio d'Almeida Ribeiro, que foi um dos grandes proprietarios d'esta freguezia.
7.ª—Dos filhos e herdeiros de Miguel Pacheco.
8.ª—De Antonio de Sousa Junior.
9.ª—De José dos Santos Affonso, *brazileiro* e capitalista, que fez a dicta casa.

—

Acaba de ser aberta á circulação a linha ferrea do Douro desde *Tua* até o *Pocinho*, comprehendendo este lanço 34 kilometros e 3 estações:—*Vargellas*, *Freixo* e *Pocinho*.

Esta parochia deverá demandar a estação de *Vargellas*, da qual dista apenas 7 kilometros;—22 da de Tua pela de Varzellas—e 161 do Porto pelas estações de Vargellas e Tua.

VILLARTÃO,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da de Bouçoães, concelho e comarca de Val Passos, districto de Villa Real, provincia de Traz-os-Montes, bispado de Bragança.

V. *Bouçoães*, vol. 1.º pag. 426,—e, como rectificação ao que o meu benemerito antecessor disse n'aquelle artigo, note-se que esta freguezia de Bouçoães pertenceu até 1853 (não 1855) ao concelho de Monforte de Rio Livre, extincto pelo decreto de 31 de dezembro d'aquelle anno, pelo qual passou para o concelho de Val Passos, comarca de Chaves, até que o concelho de Val Passos foi elevado á cathegoria de comarca tambem.

—

A povoação de *Bouçoães*, séde da parochia, dista 1 kilometro da margem direita do Rabaçal, uma das origens do Tua,—e 21 kilometros de Val Passos para N. E.

Alem da dicta povoação, comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—*Villartão*, Picões, Lampaças, Tortomil, Regal Covo, Ermidas, Ledões e Bouças.

A *Chor. Portugueza* menciona *Villartão* com 60 fogos; Tortomil e Hermos com 20; Lampaças com 10; Bouças com 5; Regal Covo com 4; Ermidas com 26—e Picões com 8.

Villartão foi séde de parochia;—tinha como orago S. Lourenço;—era curato da apresentação do abbade de Bouçoães que, em 1768, dava ao pobre cura apenas o rendimento do pé d'altar,—e contava 58 fogos.

Ainda em 1852 era parochia independente.

VILLAS BOAS (—Paço e Torre de)—casa nobilissima na freguezia de S. Jorge de Ayró, concelho de Barcellos.

V. *Ayró*, vol. 1.º pag. 303, col. 2.ª

VILLAS BOAS,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago S. Gonçalo;—fogos 140, —habitantes 620.

Comprehende 2 aldeias:—*Villas Boas*, a séde da freguezia, com 78 fogos,—e *Pereira de Sellão* com 62.

Em 1706 era curato;—comprehendia 3 aldeias:—Villas Boas com 40 fogos,—Pereira de Sellão com 29—e Villa Rei[1] com 12,—total 81 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*,—e pertencia ao termo e concelho de Chaves, comarca e ouvidoria de Bragança.

Em 1768 era vigairaria da apresentação da camara ecclesiastica de Braga;—rendia para o seu vigario 60$000 réis—e contava 82 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 109 fogos e 505 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 117 fogos e 520 almas.

—

Demora em terreno accidentado e pouco mimoso, sobranceiro á extremidade N. da *Ribeira d'Oura* a E. da estrada real a macadam, n.º 5 de Villa Real a Chaves, da qual dista *Villas Boas* cerca de 4 kilometros para o nascente;—12 de Chaves para S. O.;—52 de Villa Real;—79 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Douro; —183 do Porto—e 520 de Lisboa.

Estas distancias devem soffrer modificação, logo que se abra ao tranzito a linha ferrea de Foz-Tua á villa de Mirandella, quasi concluida,—e logo que se construam as linhas ferreas em estudos de Chaves a Viseu pelos valles do Tamega e do Paiva,—e de Chaves a Lamego pelos valles do Corgo e Varosa.

V. *Vias Ferreas* e *Villarinho das Paranheiras*.

Não toca n'esta freguezia estrada alguma a macadam. As mais proximas são a já mencionada de Villa Real a Chaves—e a de Chaves a Carrazedo de Montenegro, que passa a distancia de 5 kilometros.

A antiga estrada real e militar de Villa Real a Chaves passava na aldeia de *Pereira Sellão* d'esta freguezia e ainda hoje por ali seguem muitos transeuntes, por ser o traçado mais curto, embora muito escabroso.

Villas Boas dista da estação de Mirandella, na linha ferrea do Tua, 40 kilometros.

—

Freguezias limitrophes:—Villela do Tamega, Loivos, Salhariz, S. Pedro d'Agostem e Villarinho das Paranheiras.

Producções dominantes: — vinho, azeite, castanhas, batatas, milho, centeio e cortiça, que exporta.

O vinho, posto que inferior com relação ao da Ribeira d'Oura, é a sua producção principal e costuma exportal-o para Barroso.

Não ha n'esta parochia edificios brasonados nem sem brazões, dignos de menção.

A egreja parochial é um templo modesto, mas decente e bem conservado. Foi construida em 1790;—demora a meio da povoação de Villas Boas e tem 3 altares,—o mór e dous lateraes, sendo um dedicado a Nossa Senhora da Apresentação—e o outro ao Senhor Crucificado.

O altar-mór tem um bom retabulo de talha dourada e em dois nichos envidraçados as imagens de Santo Antonio de Lisboa e de S. Gonçalo d'Amarante, o padroeiro,—ambas primorosas.

Ha tambem n'esta freguezia uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Neves na aldeia de Pereira Sellão—e a montante d'esta aldeia está o *monte de Santa Barbara*, assim denominado por ter no seu viso uma capella de Santa Barbara.

Pertence o dicto monte a 3 freguezias:—Villela do Tamega, S. Pedro d'Agostem e

---

[1] Ignoramos que povoação hoje representa a tal *Villa Rei*, pois nem a *Chorographia Moderna*, nem os meus apontamentos a mencionam.

Villas Boas,—e n'elle se feriu em 13 de março de 1823 a batalha entre a divisão realista do general Silveira e a divisão constitucional de Luiz do Rego, obtendo os realistas completo triumpho e aprizionando quasi toda a brigada de Moniz Pamplona, pelo que o general Silveira, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, sendo já por successão conde (2.º) d'Amarante, foi por D. João VI nomeado marquez de Chaves.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1019, col. 2.ª e segg.—e *Villar d'Ossos*.

—

A batalha feriu-se na parte do monte pertencente ao termo d'esta freguezia de *Villas Boas* e á de Villela do Tamega.

No alto do dicto monte se vêem restos de uma povoação e de fortificações antiquissimas, talvez do tempo em que os romanos por aqui estanciaram, como provam as muitas moedas romanas que ali se teem encontrado em diversas epocas, segundo se lê nas *Memorias* de Argote, vol. 2.º pag. 495,—e n'este diccionario, vol. 7.º pag. 123, col. 2.ª *in-fine*.

Ali houve tambem uma estação telegraphica, no tempo dos telegraphos de madeira, anteriores aos telegraphos electricos actuaes [1].

A dicta estação correspondia-se com a de S. Francisco da villa de Chaves e com a de *Carrazeda da Labugueira* ou *Cabugueira*.

Ha n'este monte excellente granito para construcções e d'ali vae para todas as obras mais importantes das circumvisinhanças.

É parocho n'esta freguezia ha mais de 20 annos o rev. José Joaquim Alvares Guedes, sobrinho e successor do rev. Joaquim José Rodrigues, filho d'esta parochia e n'ella tambem parocho muitos annos e parocho dignissimo.

Tem esta freguezia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma feira mensal no dia 5 de cada mez. Foi creada no dia 5 de março de 1884.

Em junho de 1886 pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada e uma chuva de graniso tão volumoso que destroçou completamente toda a vegetação e causou prejuizos avaliados em contos de reis.

—

Foi natural d'esta parochia e n'ella viveu no ultimo seculo o rev. Francisco José de Queiroga, fecundo e distincto orador sagrado, que em todos os seus sermões nunca cessou de inculcar aos fieis a devoção das *Dores de Maria Santissima*, o que muito contribuiu para que esta devoção se propagasse em todas as freguezias do concelho de Chaves e em muitas dos concelhos circumvisinhos.

A mencionada devoção foi introduzida em Portugal no anno de 1373 pelo rev. L. do Prado que veiu á Hespanha com a auctoridade de missionario apostolico e lançou o habito das *Dores* ao nosso rei D. Fernando I, e a muitos dos seus vassallos. Com o decorrer do tempo esfriou esta devoção e estava quasi extincta em 1708, quando a rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher d'el rei D. João V, a fez reviver na côrte e em todo o nosso paiz, por haver a dicta senhora professado, como os seus augustos ascendentes, aquella devoção.

—

Em 1735 um eremita de S. Paulo erigiu na egreja do seu convento de Lisboa uma irmandade das Dores; depois se erigiram outras no nosso paiz e nas nossas colonias, mas nenhuma prosperou tanto como a que se fundou na egreja da congregação do Oratorio, em Braga, a 18 de junho de 1761.

Antes de se erigir esta irmandade não havia em todo o nosso paiz imagem alguma da Senhora das Dores, mas sómente algumas telas, vindas de Italia A primeira imagem da Virgem das Dores foi mandada fazer pela dicta irmandade e a seu exemplo outras muitas se fizeram no arcebispado e fóra d'elle.

Ainda se conserva em Braga na egreja dos extinctos congregados a primeira, que é lindissima e tem pomposa festa annual na sexta feira da Paixão.

—

Terminaremos dizendo que esta freguezia

---

[1] V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 497, col. 1.ª e segg.—e o artigo *Telegraphos*.

pertenceu sempre e pertence ao arcebispado de Braga, bem como a maior parte (35) d'este concelho de Chaves, mas pela ultima circumscripção diocesana de 1882 passaram para o bispado de Bragança as 11 freguezias d'este concelho de Chaves, que demoravam na sua extremidade leste.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 927, col. 2.ª n'este diccionario.

Ao meu illustrado collega Manuel Henriques da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLAS BOAS,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia, villa e séde do concelho de Ferreira do Alemtejo, comarca, districto e bispado de Beja.

Foi seu orago Nossa Senhora da Natividade, que ainda hoje se venera na antiga matriz de Villas Boas;—em 1768 era priorado da apresentação do papa;—rendia réis 150$000—e contava 24 fogos.

V. *Ferreira* e *Villas Boas*, vol. 3.º pag. 170, col. 2.ª

VILLAS BOAS,—villa e freguezia do concelho de Villa Flor, comarca de Mirandella, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Vigairaria. Orago Santa Maria Magdalena; fogos 304,—habitantes, 1290—diz o seu rev. parocho.

Em 1706, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era villa, freguezia e concelho da comarca de Moncorvo, diocese de Braga; —tinha como donatario *de jure* o conde de Sampaio, senhor da casa de Villa Flor, etc. (V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*) que n'esta villa de *Villas Boas* apresentava os officios de tabellião;—formavam o seu governo civil 2 juizes ordinarios, vereadores com seus officiaes subordinados ao ouvidor de Villa Flor;—era seu juiz dos orphãos o mesmo de Villa Flor, bem como o capitão-mór, que tinha aqui em Villas Boas uma companhia de ordenanças;—a sua egreja matriz era vigairaria *ad nutum* da apresentação do reitor de Mirandella—e os seus dizimos eram divididos em 3 partes:—uma para o arcebispo de Braga,—outra para os senhores de Villa Flor—e outra para um dos commendadores da villa de Mirandella, que o vulgo denominava *commenda dos nove ladrões*?!...

Contava finalmente esta villa 4 fontes e 2 tanques,—uma egreja parochial,—5 capellas,—145 fogos—e comprehendia no seu termo os logares seguintes:

Sarzeda com 4 fogos, uma capella e uma fonte.

Meirelles com 12 fogos, uma ermida e 3 fontes *muito caudalosas!*

Estas 2 aldeias pertenciam á parochia da villa.

Vieiro, freguezia pertencente á villa de Freixiel, com 25 fogos, uma capella e uma fonte.

Villarinho das Azenhas, vigairaria com 30 fogos, 2 capellas e 3 fontes.

V. *Villarinho das Azenhas*.

E mais não disse d'esta parochia e d'esta villa o padre Carvalho! Vejamos se podemos adiantar alguma coisa mais.

—

Em 1768 era vigairaria da mesma apresentação do reitor de Mirandella;—o vigario recebia 11$600 réis de congrua, alem do rendimento de pé d'altar,—e contava 160 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 168 fogos e 952 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 302 fogos e 1:108 habitantes.

Não ha relação entre os dois censos—nem proporção entre os fogos e habitantes que lhe deram um e outro.

Não é crivel que esta freguezia, contando em 1864 apenas 168 fogos, contasse em 1878, ou passados 14 annos, 302 fogos,—sem receber como annexas outras freguezias.

Tambem não póde crer-se que 168 fogos dessem 952 habitantes! Quando muito deviam dar 700 a 750. E os 302 fogos deviam dar pelo menos 1:250 habitantes e não sómente 1:108!

Estão assim as nossas estatisticas.

—

Comprehende esta freguezia 3 povoações: —Villas Boas, séde da egreja parochial,— Meirelles e Ribeirinha.

Villas Boas, a villa propriamente dicta, demora em sitio alto, alegre, saudavel e vistoso na margem esquerda do Tua, do qual dista cerca de 4 kilometros para E. S. E.—5 da estação de Villa Flor, a mais proxima, na linha ferrea do Tua, ainda em construcção, para S.;[1]—7 de Villa Flor para N. O.;—20 de Mirandella para S.;—40 da estação de Foz-Tua na linha ferrea do Douro, pela linha ferrea do Tua e pela estação de Villa Flor, prestes a abrir-se á circulação;—179 do Porto—e 516 de Lisboa.

A povoação de *Meirelles* demora tambem em sitio alto, vistoso, saudavel e fertil, ao nascente e sopé do pincaro de *Nossa Senhora d'Assumpção*, cerca de 300 metros tambem ao nascente da estrada real de Mirandella a Villa Flor e cerca de 3 kilometros a E. N. E. de Villas Boas, no alto do formoso e amplo valle de *Meirelles* que olha para N. e se prolonga até o Tua,—ou até á *Azenha do Cachão*, margem esquerda do Tua e termo d'esta freguezia de *Villas Boas*, na sua extremidade N., onde fizeram a estação de *Villa Flor*, entre o Tua e a estrada real n.º 38 de Mirandella a Villa Flor, que passa a poucos metros de distancia da dicta estação.

—

Este valle de Meirelles produz bastante azeite e cereaes. Tambem produzia bastante vinho, antes da phylloxera destroçar os seus vinhedos, mas nunca foi devidamente aproveitado, pois na sua maxima parte produziu sempre cereaes de pragana, quando todo o valle se prestava admiravelmente para a cultura da vinha e das oliveiras,—e agora, destroçadas as videiras, podia e devia ser todo um olival compacto, lindissimo e riquissimo, dos maiores e melhores da provincia e de facil plantação e cultura, porque todo o seu vasto chão é fundo, fertil e aravel, e não tem despenhadeiros nem penedia.

É provavel que a nova linha do Tua e a estação de *Villa Flor* determinem os proprietarios d'este lindo e amplo valle a enchel-o todo de oliveiras, o que lhe centuplicará o valor.

Corre por este valle a ribeira de Meirelles que desagua na margem esquerda do Tua, um pouco a jusante (sul) da estação de Villa Flor e é atravessada em duas pontes pela linha ferrea e pela estrada real n.º 38.

O dicto valle tambem produz bastante fructa, sendo muito saborosa e uma especialidade distincta a sua pera *corni-cabra* ou do *S. João*,—pera muito temporã.

—

A povoação da Ribeirinha, demora ao sul de Villarinho das Azenhas, cerca de 5 kilometros a S. O. de Villas Boas, na margem esquerda do Tua e quasi a beber n'elle, pelo que tomou o nome de *Ribeirinha*.

Está em sitio fundo, ardentissimo no verão, muito atreito a sesões—e forma a extremidade S. da meia lua ou do semi-circulo que descreve o termo d'esta freguezia, batendo a ponta N. tambem na margem esquerda do Tua, um pouco a montante da estação de Villa Flor, e ficando encravada no centro do semi-circulo, tambem na margem esquerda do Tua, a parochia de Villarinho das Azenhas, que deve ser extincta e annexa á freguezia de Villas Boas, como foi a da Ribeirinha [1].

O chão da Ribeirinha é escabroso e produz azeite e cereaes.

Tambem produzia vinho, e optimo como vinho de mesa, antes da invasão phylloxerica.

Produz pois esta freguezia hoje—pouco vinho,—muitos cereaes, bastante azeite, fructa, hortaliças e lã, pois tambem cria bastante gado lanigero.

Freguezias limitrophes:—Roios, Val Frichoso, Freixiel, Villa Flor e Villarinho das Azenhas, todas d'este concelho de Villa Flor,—e Barcel na outra margem (direita) do Tua, concelho de Mirandella.

Templos

1.º—*Egreja parochial.*

Demora em um pequeno outeiro contiguo

---

[1] V. *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 478, col. 1.ª—e *Villarinho das Azenhas.*

[1] V. *Ribeirinha*, vol. 8.º pag. 187, *in principio.*

á povoação de Villas Boas e está em reconstrucção.

A capella-mór já foi toda feita de novo, dourada e pintada;—ainda não boliram no corpo da egreja, por falta de meios, mas propoem-se fazel-o de novo e mais amplo, pois já construiram a fronteria cerca de 3 metros adeante da fronteria velha, approximadamente em 1878.

2.º—*Capella de S. Sebastião,* no largo da *Lamella*, o principal da villa.

É publica e foi reedificada a expensas de um devoto.

3.º—*Capella de Santo Antonio,* no alto da villa. É tambem publica.

4.º—*Capella da Senhora do Rosario.*

Demora tambem na villa;—é particular e brasonada;—pertenceu á casa da baronesa d'Alverca e é hoje de José Vicente Teixeira de Castro.

N'ella se acha estabelecida uma antiga irmandade das *Santas Chagas.*

5.º—*Capella de Santa Marinha,* na povoação de Meirelles.

É publica, humilde e pobre e está muito maltractada.

6.º—*Capella de Santo Antonio,* na povoação da Ribeirinha.

É tambem publica e muito pobre.

7.º—*Capella de S. Christovam* na serra do Pharo.

É tambem publica e está em ruinas, já meio demolida.

8.º—*Santuario de Nossa Senhora da Assumpção,* hoje o primeiro d'esta provincia.

D'elle fallaremos adiante em topico especial, como bem merece.

—

Ha em Villas Boas 3 edificios brazonados: —a casa que foi de Antonio José de Macedo e Vasconcellos,—outra casa, pertencente não sabemos a quem,—e a capella de Nossa Senhora do Rosario, de que já fizemos menção.

Avultam n'esta freguezia dois altos pincaros que dominam como gigantes grande parte d'esta provincia e das da Beira Alta e Beira Baixa. São o pincaro de *Nossa Senhora da Assumpção,* onde se ergue o sanctuario d'este nome,—e o pincaro da *Serra do Pharo,* que tem 2 pontos culminantes—um denominado *Serrinha,*—outro *Cabeço Gordo,* que é o mais elevado, superior mesmo em altitude ao de Nossa Senhora da Assumpção e pouco distante d'elle.

Fazem *pendant* com a serra de Santa Comba, distante cerca de 30 kilometros para N. O.—d'onde se avistam (nós já os vimos) perfeitamente, bem como de Mirandella, de toda a estrada real n.º 38, de Mirandella a Villa Flor, que passa junto d'elles —e da estrada real n.º 6, de Villa Real a Bragança, desde as proximidades de Murça até muito para alem de Mirandella.

Nos dictos cabeços, tão defensaveis para os tempos d'armas brancas, se teem encontrado ruinas de casas e de fortificações antiquissimas, moedas romanas e sepulturas abertas na rocha, como se encontraram tambem no pavimento da egreja matriz, o que prova que estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos.

Não ha n'esta freguezia minas em exploração nem simplesmente registradas, mas no sitio do *Muro,* junto da povoação da Ribeirinha, se encontram claros indicios de carvão de pedra;—nas faldas do grande morro de *Nossa Senhora da Assumpção* se encontram ainda montões de escorias que revelam exploração antiquissima, talvez de cobre e ferro,—e na serra do *Pharo* deve haver jazigos de ferro, porque da raiz do dicto monte, na sua pendente sobre o Tua, brotam muitas nascentes d'aguas ferreas, como já dissemos no artigo *Villarinho das Azenhas.*

—

Villas Boas foi villa e séde de concelho até 1834 ou 1835; nada porém já resta da sua casa da camara. O pelourinho ainda se vê no largo da *Lamella* e denota muita antiguidade.

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza* esta villa teve *foral velho,* dado por D. Affonso IV, mas Franklim menciona apenas o *foral novo,* dado por D. Manuel em Lisboa no dia 4 de maio de 1512.

Liv. de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 14, col. 2.ª

Veja-se a *Minuta* para este foral na *Gav.* 20, maço 11, n.º 19.

Nos fins do ultimo seculo pesou sobre esta freguezia uma medonha trovoada que a escalavrou e arrasou, reduzindo-a á miseria durante muitos annos.

Foi uma especie de tromba marinha que levou d'envolta para o Tua penedos, paredes, arvores, campos e vinhas, deixando em grande parte da pendente sobre o Tua só fragoedo esbulhado!

Ainda hoje se vê na margem do Tua enorme quantidade d'areia e pedras que a dicta trovoada arrojou.

Tambem no dia 7 de julho do passado anno de 1886 pesou sobre este concelho e sobre esta freguezia de *Villas Boas* uma trovoada medonha! Causou prejuizos avaliados em *centos de contos de réis*, mas as freguezias que mais soffreram foram as da parte leste ou da pendente sobre a ribeira da Villariça:—Nabo, Horta, Junqueira, Sampaio, Seixo de Manhoses, Carvalho d'Egas e Villa Flor, nomeadamente esta ultima; a unica victima, porém, foi um homem fulminado por uma faisca electrica na povoação de Meirelles.

V. *Villa Flor de Traz-os-Montes* no supplemento a este diccionario.

—

Esta parochia não tem cemiterio. Ainda se fazem os enterramentos dos cadaveres na sua egreja matriz, mas por fortuna ali o chão rapidamente os consome.

Tambem esta freguezia tem pouca agua potavel — e má; comtudo, é bom, temperado e saudavel o clima de Villas Boas, por estar em sitio alto, enxuto e muito arejado.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são—Manuel da Costa Pinto, de quem logo fallaremos,—João de Moraes e Manuel da Costa Pessoa (irmão do 3.º conde de Vinhaes) casado com uma filha e herdeira de Antonio José de Macedo e Vasconcellos, de *Villarelhos*.

V. *Vinhaes*.

Tambem aqui possuem um bom casal, que foi da baroneza d'Alverca, os srs. José Vicente Teixeira de Castro e filhos.

A casa da baronesa d'Alverca foi a mais rica e nobre d'esta villa e produziu muitas pessoas importantes, militares d'alta graduação, bispos e homens de lettras.

Tem hoje esta freguezia uma aula official d'instrucção primaria para o sexo masculino.

Villas Boas, antes de passar para o senhorio dos condes de Sampaio, foi dos *Leões*, descendentes de D. Pedro Soares de Leão, a quem D. Fernando I deu o senhorio d'esta villa e da de *Torre de D. Chama*. Vide.

Curiosa estatistica

Segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia[1], o concelho de Villas Boas em 1796 contava 234 fogos e 934 habitantes, sendo homens 483, mulheres 451, presbyteros seculares 8, barbeiros 1, sem profissão 13, cirurgiões 1, boticarios, 1, lavradores (talvez proprietarios) 92, jornaleiros 144, alfaiates 7, sapateiros 5, carpinteiros 4, ferreiros 3, moleiros 2, pastores 25, criados 134, criadas 87.

Não tinha pessoa alguma litteraria (professores nem bachareis) nem negociantes, nem pedreiros, nem ferradores, nem almocreves, nem cardadores, posto que produzia muita lã, pois criava muito gado lanigero.

Igual nota se encontra no mesmo codice relativamente a cada um dos 20 concelhos que ao tempo comprehendia a grande comarca de Moncorvo. Eram os seguintes:—Agua Revez, Alfandega da Fé, Carrazeda d'Anciães, Chacim, Castro Vicente, Cortiços, Frechas, Freixo d'Espada á Cinta, Mirandella, Moncorvo, Monforte de Rio Livre, Moz, Pinho Velho, Sampaio, Sezulfe, Torre de D. Chama, Val d'Asnas, Villa Flor, Villarinho da Castanheira e Villas Boas.

No supplemento daremos a estatistica dos mencionados concelhos, exceptuando os 3 ultimos, porque já se encontra nos artigos proprios, escriptos por nós, pois tomámos conta d'este diccionario quando já ia a meio do artigo *Vianna do Castello*.

---

[1] Codice 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

Santuario de Nossa Senhora da Assumpção

I

Como reminiscencia da nossa visita a esta provincia em setembro e outubro de 1883, escrevemos na *Folha de Chaves* de 16 de agosto de 1884, em uma correspondencia do Porto com data de 14 do dicto mez, entre outras coisas o seguinte:

«Tambem se realisa ámanhã (referiamonos ao dia 15 d'agosto de 1884) a grande festa e romagem de Nossa Senhora da Assumpção no vistoso e poetico santuario d'este nome junto de Villa Flor,—o 1.º santuario da provincia de Traz-os-Montes e um dos mais notaveis do nosso paiz.

«Parece suspenso nas nuvens! Tão alto e esguio é o pincaro onde está o formoso templo, dominando um extensissimo horisonte para todos os quadrantes, desde a Serra da Estrella até ás do Marão e de Cenabria, na Hespanha, e uma infinidade de povoações, taes são logo ao sopé:—Villas Boas, Meirelles e Villa Flor; mais ao longe Mirandella, Passos, Franco, Avidagos, Lamas d'Orelhão, as capellinhas de Santa Comba e S. Leonardo; Jou, Carrazedo de Montenegro, Murça, Jalles, Moncorvo, Carrazeda d'Anciães, Meda, Marialva, Trancoso, etc.

«Já estivemos no santuario de Nossa Senhora do Castello, junto de Mangualde, coroando tambem um monte com amplo horisonte e largas vistas;—na capellinha do Senhor do Calvario, em Gouvêa, na Serra da Estrella, que offerece largas e surprehendentes vistas tambem;—no Bom Jesus do Monte e no Santuario do Sameiro, tão decantados pelas largas vistas que d'aquelles dois pontos se gosam; mas desde que vimos o santuario da Assumpção de Villa Flor, jamais o poderemos esquecer!...

«Se não tem o apparato de jardins, lagos, hoteis, *chalets*, capellas e escadarias que abundam no santuario do Bom Jesus do Monte, ou mesmo uma escadaria tão magestosa como a do santuario dos Remedios em Lamego, a 1.ª escadaria de todos os santuarios de Portugal,—tem um templo novo, amplo, elegante e vistosissimo, coroando o alto pincaro,—um bom carrilhão de 10 sinos, feito em Lisboa—um bonito adro,—boa escadaria, varias capellas e todos os annos festa pomposa e arraial esplendido.

«Graças a todos os protectores do famoso santuario, nomeadamente ao meu bom visinho[1] Augusto dos Santos Gomes, filho de Villas Boas e o mais benemerito de todos.

«A virgem da Assumpção lhe pague em bençãos o muito que lhe deve tão formoso santuario.»

Foi isto o que a *vol d'oiseau* então dissemos d'este santuario; seja-nos licito porem agora dedicar-lhe mais algumas linhas.

II

Demora no termo d'esta freguezia e dista da povoação de Villas Boas pouco mais de 1 kilometro para leste, mas geralmente dão-lhe o nome de Santuario de Nossa Senhora da Assumpção de Villa Flor, por ser esta villa a séde do concelho e estar a pequena distancia tambem,—cerca de 6 kilometros a N.

O *Santuario Marianno*, tomo 4.º (titulo LXIII, pag. 224) escripto por fr. Agostinho de Santa Maria e publicado em 1712, diz o seguinte:

«Quatro legoas distante da villa da Torre de Moncorvo para o norte, tem seu assento a villa de Villas Boas[2].

«Tem 150 visinhos, e demais da egreja parochial 5 ermidas; a principal d'ellas he dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e fica pouco distante, coroando a imminencia de hum monte, que he o mais alto d'aquelle districto. Estava esta Ermida tão esquecida da devoção dos fieis,—e tão despresada que, nos tempos da calma *entravão nella os ga-*

---

[1] É negociante no Porto, na rua Nova da Alfandega.

[2] Contavam então 3 legoas de Moncorvo a Villa Flor—e outras 3 de Villa Flor a Mirandella. Hoje contam 28 kilometros de Mirandella a Villa Flor e outros 28 de Villa Flor a Moncorvo;—e, como o santuario dista de Villa Flor 6 kilometros para N., as taes 4 legoas dão hoje cerca de 34 kilometros!...

V. *Villa Flor de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 730, col. 2.ª

dos a sestear! Nem he desculpa o ser aquelle sitio muito aspero, e tão alto, que delle se veem terras de sete bispados,[1] assim de Portugal, como de Castella. Porem hoje (refere-se ao anno de 1712) he este santuario muito celebre n'aquella provincia, pelas muitas e grandes maravilhas que Deos tem obrado nella pelos merecimentos de sua Mãy Santissima.»

E prosegue com a historia da capella da *Senhora da Assumpção.*

Em resumo diz o seguinte:

—

Data de tão remota antiguidade que já em 1712 se não sabia quando nem por quem foi fundada.

Foi um templo muito humilde na sua origem e pelo meiado do seculo XVII cahiu em tal abandono que *os gados n'ella sesteavam*, mas um facto muito extraordinario a salvou do olvido.

Em 4 de setembro de 1673 (*Sant. Marianno*, logar citado) uma menina de Villas Boas, por nome Maria, de 10 annos de idade, filha de Jacome Trigo, estando a lavar em um ribeiro contiguo á villa, appareceu-lhe uma mulher de surprehendente bellesa que a chamou;—lançou-lhe a benção;—levou-a a uma ribanceira proxima, da qual brotou no momento uma fonte d'agua;—banhou-lhe a cabeça com a dita agua e lhe disse:—«estás sã do mal que padecias, mas a sesão que tiveste na sexta feira te ha-de repetir ainda hoje; vae pois para tua casa e depressa, para que te não dê no caminho.»

Disse-lhe mais: «lembras-te de quando ias defronte da minha Casa, na Portella de Val Formoso, e eu peguei em ti sem o saberes, livrando-te de perderes a vida em um despenhadeiro, indo em teu seguimento João Lopes e Affonso Trigo que te levou nos braços para casa? Eu sou a Virgem da Assumpção. Vae e dize aos teus visinhos que jejuem a primeira sexta feira e concertem a minha casa, porque eu não cessarei de interceder por vós todos...»

[1] Aliás de 14. Logo os indicaremos.

P. A. F.

No dia 7 do mesmo mez, estando a menina com seus paes em uma eira limpando um pouco de pão, a mesma Senhora lhe appareceu outra vez, sendo já sol posto, e lhe disse que fosse á sua capella. Foi. A meio da ladeira do monte encontrou a Senhora; viu a capella com as portas fechadas e toda cheia de luzes, e a Senhora, tomando uma cruz de madeira que estava na encosta, deu-a á menina e lhe disse: «vae á villa recommendar de novo a todos que não se esqueçam do jejum—e dá-lhes a beijar esta cruz.»

Apenas chegou a casa de seus paes, onde encontrou Bento Lopes e um moço chamado João, pediu-lhes que a acompanhassem, ao que elles annuiram, e, tomando duas velas accesas, percorreram a povoação com a menina, dando esta a beijar a cruz a todos e recommendando-lhes o jejum.

No dia seguinte, sexta feira, 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora, foi a menina repôr a cruz no sitio donde a havia trazido.

A Senhora de novo lhe appareceu e lhe disse que todos os sabbados fosse vel-a á sua capella, o que a menina cumpriu.

Em breve se divulgaram estes factos e logo se avivou a fé com a Virgem da Assumpção nos povos circumvisinhos até muitas legoas de distancia, augmentando espantosamente de dia para dia a concorrencia dos fieis e as rendas do santuario com as offertas em cumprimento de votos e em signal de gratidão pelas curas maravilhosas que experimentavam os enfermos.

Na pequena sacristia se guardava em 1712 um livro em que se achavam registrados muitos milagres, entre elles os seguintes:

—Maria Nunes da freguezia de Sebadelhe, concelho de Foscôa, estando entrevada desde muitos annos, invocou a intercessão da Virgem e logo se restabeleceu.

—Domingos, filho de Francisco Esteves, da freguezia do Peredo, aleijado havia um anno, foi visitar a Senhora e ficou immediatamente são.

—Domingos do Sil, de Villa Flor, estando coberto de lepra, foi lavar-se na fonte da Senhora e ficou limpo.

—Em 1708 um aleijado de nascimento, que só se movia de rastos, esteve 9 dias na capella da Senhora e ficou illeso e são.

—

Sendo extraordinaria a concorrencia dos fieis e não havendo outro caminho alem d'uma escabrosa e estreita senda para subir até á capellinha da Senhora, um capitão-mór de Lamego mandou fazer á sua custa uma estrada em que trabalharam 15 homens oito dias—e calculou-se em 15:000 pessoas a concorrencia dos fieis só n'aquelle anno.

A imagem da Virgem é uma primorosa esculptura de madeira, medindo 3 palmos d'altura, e já em 1712 se festejava com pompa a 15 d'agosto e no dia da Ascenção do Senhor, presidindo o parocho de Villas Boas, a cuja matriz a capellinha estava annexa.

A isto se reduz a historia d'este santuario até 1712, segundo se lê no *Santuario Marianno;*—agora cumpre-nos dar a continuação d'ella até hoje, aproveitando os pequenos dados que nos foi possivel colher.

III

É pouco interessante e pouco edificante a historia d'este santuario desde 1712 até 1843, pois durante aquelle longo periodo de 131 annos conservou-se por assim dizer estacionario e reduzido a mesquinhas proporções, sendo administrado por *mesas* compostas de um juiz ou presidente, de um vice-presidente e de um thezoureiro, todos de eleição popular e (salvas honrosas excepções) pouco zelosos em promoverem o esplendor do santuario e em administrarem as rendas d'elle.

O santuario reduzia-se a uma pequena e humilde capella no topo do cabeço, com altar môr e dois lateraes, um campanario e uma sineta!

Subia-se para a humilde capella por uma escadaria informe e muito estreita, descrevendo uma especie de semi-circulo em volta de uma grande fraga que se erguia quasi em frente da capella,—e do lado N. ou de Meirelles [1] havia tambem um grande cabeço mais alto do que a capella. Não só lhe tirava as vistas, mas affrontava muito o adro, pois entre o dicto cabeço e a capellinha apenas ficava livre o espaço de um metro, ou pouco mais, para passagem dos romeiros.

A mesa de 1837 deu principio ao novo templo, mas em 1843 ainda estava *sicut erat in principio*, por falta de recursos, pois todo o rendimento do santuario se evaporava!...

—

Assim se conservaram as coisas até 1843. data em que fizeram por junto a capellinha do *Calvario*, na encosta do monte, a 1.ª das 5 que hoje lá se vêem.

No anno seguinte o administrador do concelho,—Francisco Leite Pereira d'Almeida, cunhado do sr. visconde de Seabra,—desejando pôr cobro a tanto desleixo e tão má administração, depois de conferenciar com o governador civil do districto, propoz-lhe para gerir as rendas do santuario uma commissão composta dos 9 cavalheiros seguintes:—Antonio Ayres de Soveral, prezidente, —José Diogo de Moraes Ferraz, secretario, — João Tenreiro de Figueiredo, — Adrião Maximo de Sá Magalhães (todos 4 de Villa Flor),—José do Carmo da Costa Pinto, thesoureiro,—José Vicente Teixeira de Castro, ambos de Villas Boas,—Manuel Gomes da Silva Pinto de Magalhães Pegado, da freguezia de Roios,—Justiniano de Moraes Madureira Lobo, de Freixiel,—e Antonio Manuel Vaz de Magalhães, de Samões,—commissão respeitabilissima e que já presidiu á festa de 15 d'agosto de 1844.

N'aquelle anno (1844-1845) rendeu o santuario apenas 234$850 réis, mas em breve o seu rendimento se elevou a mais de *um conto de réis* por anno?!...

—

A primeira commissão desenvolveu logo muita actividade e nos poucos annos da sua administração teve a gloria de ver augmentar consideravelmente a devoção dos fieis e as rendas do santuario.

Mandou edificar na encosta 4 capellas, comprando as respectivas imagens, etc.—instituiu em 1859 a festa de Santa Eufemia, cuja imagem foi feita no mesmo anno e levada em procissão com grande pompa, de

[1] O santuario dista da povoação de *Meirelles* 1 kilometro para S.

Villa Flor para o santuario, no 3.º domingo de setembro, dia da sua festa;—em 1854-1855 mandou construir a casa da commissão, ou dos *Milagres*, que importou em réis 1:450$850, e deu novo brilho e esplendor á festa e romagem do dia 15 d'agosto, que é a principal.

Deixou de si memoria honrosissima, sendo unicamente para lamentar que não subordinasse a um plano harmonico e completo as obras todas que fez e as que de futuro deviam fazer-se n'este santuario e nas suas dependencias: — capellas, escadarias, fontes, arborisação, etc.

O santuario é hoje o primeiro da provincia, mas podia brilhar muito mais, se todas as suas obras obedecessem a uma planta bem traçada e apropriada ás condições de tão esplendido e vistoso sitio.

Terminou a benemerita commissão a sua gerencia em 1860. No primeiro anno teve de rendimento apenas 234$850 réis—e no ultimo 1:226$285?!...

Apurou durante a sua zelosa gerencia 7:980$313 réis;—despendeu 6:900$485—e deixou de saldo 1:079$828 réis.

—

A 2.ª commissão, nomeada por officio do governo civil de 12 de julho de 1860, foi a seguinte:—Antonio José de Macedo e Vasconcellos, presidente,—José do Carmo da Costa Pinto, thesoureiro,—José Vicente Teixeira de Castro, (todos 3 de Villas Boas e os dois ultimos reconduzidos);—João Pedro Miller, secretario, Bento José Vaz, Miguel Corte Real e Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, todos 4 de Villa Flor.

Um dos primeiros cuidados d'esta commissão foi tornar mais accessivel o santuario, para o que, em substituição da estreita escadaria, fez a escadaria actual, concluida nos fins de 1862, mas traçada infelizmente sem um plano harmonico tambem, pelo que demoliram por essa occasião duas das 7 capellinhas já feitas, ficando reduzidas a cinco!...

Em 1864, nas noites de 13 a 14 e de 25 a 26 de dezembro, sentiram-se aqui dois tremores de terra tão fortes que fizeram cair metade da casa do ermitão e arruinaram a egreja, abrindo-lhe uma grande fenda junto da porta travessa do lado norte. Reconstruiram logo a casa do ermitão, mas a egreja conservou-se fendida até 1870.

—

Em 1866 foi encarregado de levantar uma planta do santuario, aproveitando todas as obras já feitas, o engenheiro Eduardo Diniz Lopes de Sousa, que em dezembro do mesmo anno a concluiu e entregou á commissão, mas infelizmente, alem de ser extemporanea, pouco teem aproveitado d'ella!...

Ali se diz, entre outras coisas, o seguinte: «O santuario de *Nossa Senhora da Assumpção* fica situado proximo a Villas Boas, no cume de uma montanha que se eleva cerca de 555m,0 sobre o rio Tua.[1] Esta montanha apresenta uma superficie conica, tendo as encostas muito rapidas, de modo que a subida, que já hoje se faz com um pequeno lacete, é ainda muito difficil, o que obriga a abandonar este caminho e bem assim algumas obras que não teem regularidade alguma!»

—

A 17 de maio de 1868 foi resolvida a reconstrucção da egreja, por estar fendida e ameaçando ruinas, e por ser muito acanhada.

Em 1870 já estava concluido o corpo da egreja;—em 1872 concluiu-se a torre;—em 1874 concluiu-se toda a obra de pedra[2]—e em 1875 fez-se toda a obra de carpinteiro.

Em 1870 a 1871 demittiu-se a 2.ª commissão e foi nomeada a 3.ª, composta dos 5 cavalheiros seguintes: — José do Carmo da Costa Pinto (reconduzido pela 2.ª vez) presidente,—Leonardo dos Santos Costa, thezoureiro, ambos de Villas Boas,—José Manuel Teixeira Malheiro,[3] Antonio Joaquim

---

[1] O templo da Senhora está na altitude de 150 metros sobre o nivel da povoação de Villas Boas,—diz o meu informador.

P. A. F.

[2] O mestre pedreiro foi José de Carvalho Gomes.

[3] E o dono da quinta e das celebres aguas alcalino-gasosas de *Bensaude*.

V. *Vallariça* e *Villa Flor de Traz-os-Montes*.

de Moraes Medeiros e Miguel Corte Real, todos 3 de Villa Flor.

Esta commissão continuou as obras da egreja, mas durante pouco tempo, porque em 1873, por fallecimento do presidente José do Carmo da Costa Pinto, foi substituida pela 4.ª commissão, composta dos vogaes seguintes:—Manuel José da Costa Pinto, de Villas Boas, presidente,—Leonardo dos Santos Costa, Antonio Joaquim de Moraes Medeiros e José Manuel Teixeira Malheiro, reconduzidos.

Hoje (1886) a commissão gerente (5.ª) compõe-se do mesmo sr. Manuel José da Costa Pinto, presidente reconduzido, e José Baptista Negreiros, ambos de Villas Boas—Leonardo dos Santos Costa e Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, reconduzidos,—Diogo Miguel Pereira Cabral, Abel de Sá Taveira e Samuel Miller, todos 3 de Villa Flor.

—

Em 1877 foi encarregado da obra de entalha o habil artista José da Costa, de Mangualde, que satisfez com louvor e concluiu em setembro de 1879 a tarefa toda:—retabulo, tribuna e banqueta da capella-mór, 2 altares lateraes, pulpitos, tocheiros, grades do côro, etc., tudo por 2:200$000 réis.

Depois continuaram com as obras do adro.

Em 1883 (14 d'agosto) foi collocado na torre que decora a fronteria da egreja e se levanta a meio d'ella, um carrilhão de 10 sinos, feito em Lisboa, (custou 1:200$000 réis) —e em 1885 um *para-raios*, comprado na Inglaterra.

Em 8 de março de 1886 deram principio ao douramento de toda a obra d'entalha, que a estas horas (novembro do dicto anno) deve estar concluida.

Arrematou-a por 1:600$000 réis o mesmo entalhador José da Costa, sendo todo o ouro de 23 quilates,—e, antes de se dar principio ao douramento, foi estucado o tecto de toda a egreja, com o que despendeu a commissão 150$000 réis.

Foi tambem concluido este anno o lageamento de todo o adro, que custou 700$000 réis,—*só o lageamento*,—obra muito precisa, porque o vento, em rasão da grande altura do sitio, desabrigado de todos os lados, levantava não só a poeira, mas areias e *pedras!*... Alem d'isso favorece a conservação dos altos e caros muros de supporte, porque foram tomadas com argamassa todas as juntas das pedras que formam o lageamento. Ficou este com superficie plana, tendo apenas o declive necessario ao esgoto, para o que foram demolidos os 2 penhascos de que já fizemos menção supra,—e está em esquadria perfeita, o que obrigou a fazer grandes muros de supporte, nomeadamente nas esquinas, por ser de fórma conica o alto pincaro.

A parede do lado sul tem 15 metros de altura?!... Para obviar a sinistros é todo guarnecido por grades de ferro com columnatas de granito e nos 4 angulos se erguem 4 estatuas de louça, de tamanho natural, representando a *Fé, Esperança, Caridade* e *Gratidão*.

—

No dicto adro, lado norte, se vê a casa da commissão ou dos *Milagres*, onde se recebem os donativos dos fieis—e a meio do mesmo adro se ergue o novo templo, que, se não tem bellesas architectonicas, é muito elegante e muito solido, condição indispensavel para resistir á furia dos vendavaes, que faziam voar as telhas, embora duplas e bem argamassadas, pelo que toda a telha do novo templo é de *Marselha* e está presa ao madeiramento com arame de cobre!...

A nova egreja tem de comprimento 19^{m},50 —e de largura 7^{m},0 por ser quasi impossivel dar maior desenvolvimento ao adro.

A sacristia prolonga-se com a egreja e está unida á capella-mór. É pequena, mas tem as accommodações precisas em dois pavimentos e favorece a exposição do Santissimo nos dias de festa, porque a imagem da Senhora que decóra o throno está firme em uma porta e basta abrir esta para se collocar no alto do throno a sagrada custodia.

Terminada a festa, retira-se a custodia e, fechando-se outra vez a porta, fica immediatamente no seu logar a imagem da Virgem.

Sobe-se hoje para o adro por duas escadarias de pedra:—uma de 30 degraus a N., que é o lado mais accessivel,—outra de 138 degraus, a O., que é a principal.

—

Junto d'este pincaro se vê ainda restos de um muro que mostra ter feito parte de fortificação antiquissima;—ali e em volta do mesmo pincaro se teem encontrado muitas moedas romanas, sepulturas cavadas na rocha, e outras feitas de tijolo;—em um pequeno outeiro proximo, do lado de Villa Flor, se vêem restos de edificações;—no chão onde hoje está a capellinha do *Calvario* se encontrou uma cisterna—e, quando se fez a escadaria proxima, encontrou-se o encanamento que devia conduzir a agua para a dicta cisterna.

Tambem, como já dissemos, a pequena distancia do mesmo pincaro se vê ainda grande quantidade de escorias de preparação de metaes.

Tudo isto revela claramente a remota occupação d'estes sitios. E nada mais natural, porque são muito vistosos, lindissimos, e tanto o pincaro de *Nossa Senhora da Assumpção* como o do *Pharo*, que lhe é contiguo e se ergue do lado sul, a distancia de 2 kilometros, não só eram muito defensaveis para os tempos d'armas brancas, mas prestavam-se admiravelmente para *atalaias*, pois dominam todo o terreno circumjacente até grande distancia,—e para darem por meio de fogos signal d'alarme em occasião de guerra, como se praticou desde o tempo dos antigos lusitanos até á invasão franceza, em nossos dias.

V. *Almenara, Facho, Telegraphos* e *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 497, col. 2.ª e segg.

—

Os fachos e almenaras foram os telegraphos d'outr'ora.

Ainda hoje temos no nosso paiz varios montes denominados do *Facho*, porque n'elles se accendiam os taes fogos—e estamos certos de que este monte do *Pharo* tomou tambem o nome dos fogos que n'elle ardiam, pelo que não deve denominar-se monte do *Faro*, mas do *Pharo*, que em portuguez significa *torre com farol*.

E bom *farol* podia e devia ser—e *foi com toda a certesa*,—porque do alto d'elle, bem como do pincaro da *Senhora da Assumpção*, se avista a Serra da Estrella, a S.,—a do Marão a N. O.,—a de *Senabria*, em Hespanha, a N. E.,—e outras, cujos nomes ignoramos, — comprehendendo terras não de 7 bispados, como diz o *Santuario Marianno*, mas de 14, ou dos mesmos já indicados no artigo *Villarinho da Castanheira*:—Bragança, Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda e Coimbra, em Portugal,—e na Hespanha:—Cidade Rodrigo, Zamora, Salamanca, Placencia, Coria, Orense e Tuy.

—

A isto se reduz o santuario de *Nossa Senhora da Assumpção* no momento.

Contando muitos seculos, nunca atravessou um periodo de tanta prosperidade como desde 1843 até hoje e, se não afrouxar o zelo dos seus administradores, muito prosperará no futuro.

A parte mais importante está feita e estão vencidas as maiores difficuldades. Restam só os embellesamentos que bem merece e que já estão indicados na planta do engenheiro Lopes de Sousa.

São 3 as festas que hoje aqui se celebram:—as duas da Virgem no dia da Ascenção do Senhor e a 15 d'agosto, e a de Santa Eufemia no 3.º domingo de setembro, sendo a de 15 d'agosto a principal. Costumam convidar para ella uma banda regimental de Bragança;—prégou no anno de 1886 o rev. José Maria d'Almeida, de Villa Nova de Foscôa;—renderam as offertas *só n'aquelle dia* mais de um conto de réis—e foi extraordinaria a concorrencia do povo, attrahido pelos encantos do local, pelo renome da festa e da Virgem e pela bellesa do templo, que está lindo como os amores,—alvo de neve exteriormente, e interiormente muito bem acabado e todo estucado e dourado de novo.

É hoje o templo mais bello da provincia e, se foi extraordinaria a concorrencia no anno de 1886, maior deve ser logo que se abra ao transito a linha ferrea do Tua, porque o santuario dista apenas 3 a 4 kilometros da estação de Villa Flor;—está ligado com ella pela estrada real a macadam n.º 38,—e fica por consequencia em intimo contacto com todas as povoações servidas pela linha ferrea do Tua e pela do Douro, desde o Porto até Salamanca,—linhas que por occasião da

grande festa baratearão os preços, o que muito contribuirá para o augmento da concorrencia e esplendor da grande festa.

Tem pois deante de si este santuario o mais auspicioso futuro.

Muitos teem sido os protectores d'este santuario e bem quizeramos mencional-os todos, mas, para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os seguintes:

Francisco Leite Pereira d'Almeida, o administrador que o libertou do marasmo em que jazia, entregando-o á zelosa gerencia das benemeritas commissões.

Manuel José da Costa Pinto, caracter nobilissimo, presidente da commissão actual e que o ama do coração.

Antonio Joaquim de Moraes Medeiros, dignissimo vogal da 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª e *ultima* commissões.

Tem prestado muito relevantes serviços a este santuario desde julho de 1860—ou durante 26 a 27 annos consecutivos, sem que jámais fraquejasse a sua inimitavel dedicação.

Merecem tambem justos louvores outros muitos vogaes das diversas commissões, mas entre todos os bemfeitores e protectores d'este santuario o mais benemerito até hoje tem sido o sr.

Augusto dos Santos Gomes

Nasceu n'esta freguezia, na povoação de *Villas Boas*, em 8 de novembro de 1834 e foram seus paes Manuel Antonio Gomes e Maria José de Jesus.

É negociante no Porto, e preso com os seus negocios, já não vem a esta freguezia desde 1876; mas, como bom cidadão, bom filho e sinceramente religioso, nunca esqueceu a sua terra natal e menos ainda a Virgem da Assumpção, a quem elle desde a infancia tomou por mãe carinhosa e por sua protectora,—e, como os seus negocios lhe sorriem, deseja mostrar-se grato.

Desde que principiou a restauração do templo e do santuario da Virgem da Assumpção, muito espontaneamente e com intimo jubilo tem auxiliado a empresa com os recursos de que felizmente dispõe.

Deu todas as cordas que se gastaram na construcção da egreja e quasi todos os objectos de prata que hoje tem o santuario:—um calix, uma campainha, um par de galhetas, uma lampada, thuribulo, naveta, etc.

Deu mais 4:000 azulejos, as 4 estatuas que estão nos angulos do adro, 2 sinos do carrilhão e o para-raios, que lhe custou 100$000 réis na Inglaterra e o mandou assentar pelo seu filho Ambrosio dos Santos Gomes, indo do Porto ali expressamente.

Pagou tambem a um homem que veiu expressamente de Lisboa ensinar a tocar o carrilhão e, pedindo-lhe uma das commissões licença para collocar o seu retrato na *casa dos Milagres*, em signal de gratidão, elle muito generosamente offereceu o retrato que lá se vê e que é uma photographia esplendida.

Tambem pagou generosamente n'este anno (1886) os dois sermões ao orador de Foscôa e sabemos que, apenas se abra ao transito a linha ferrea do Tua, tenciona abrilhantar a primeira funcção com um dos mais distinctos oradores do Porto e ir elle proprio visitar o santuario que tanto tem protegido.

Deu tambem para a imagem da Senhora um manto de seda, que lhe custou 90$000 réis—e, se Deus lhe conservar a existencia, não serão estes os ultimos donativos, por certo.

Pode computar-se em 500 a 600$000 réis tudo o que até hoje tem despendido com o santuario.

A virgem lhe pague em bençãos tanta dedicação e tanto amor.

—

Fecharemos este topico lembrando ás benemeritas commissões administrativas d'este santuario 3 coisas:

1.ª—A arborisação do pincaro,—do terreno adjacente—e da estrada real a macadam desde o santuario até á estação de Villa Flor, escolhendo de preferencia *sovereiros* e *oliveiras*, porque são arvores muito vivases, de muita duração e de muito rendimento. Podem com ellas embellesar o santuario e crear uma importante verba de receita no futuro.

2.ª—Crear uma feira annual na vespera e no dia da grande romagem—14 e 15 de agosto.

3.ª—Empregar todos os meios para abastecer d'agua o santuario, embora a conduzam de distancia, de Villas Boas ou de outro qualquer ponto, em tubos de ferro.

—

Ao meu bom amigo e cyreneu, o sr. Antonio José de Moraes, de Carrazeda d'Anciães, mas residente em Villa Flor, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLE,—freguezia do concelho e comarca de Caminha, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago S. Sebastião;—fogos 46, —habitantes 250.

Em 1706 era curato da apresentação do collegio de S. Bento de Coimbra;—rendia para os frades 70$000 réis e 30 para o cura; —pertencia ao termo e concelho de Caminha, comarca de Vianna—e contava 50 fogos.

Em 1768 era da apresentação do D. Abbade benedictino do convento de Tibães;—rendia para o cura 8$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 42 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 44 fogos e 237 habitantes,—e ó de 1878 deu-lhe 52 fogos e 230 habitantes.

Comprehende 3 povoações:—Egreja, Quelha e Serrape.

Demora em terreno muito saudavel, mimoso e fertil na linda ribeira d'*Ancora* e na margem direita do rio d'este nome, [1] do qual dista cerca de 1 kilometro para N.;—3 (approximadamente), da linha ferrea do Minho,—da estrada real a macadam n.º 4, de Vianna a Caminha,—da beira-mar, e da estação d'Ancora, na linha ferrea do Minho, para E., mettendo-se de permeio a freguezia de *Gontinhães*;—9 de Caminha;—18 de Vianna;—100 do Porto—e 437 de Lisboa.

[1] A *Chorographia Moderna* diz que está na margem *esquerda* do *Coura*!
Foi lapso.
Está na margem *direita* do *Ancora*.

—

Producções dominantes:—milho, vinho, trigo, centeio, fructa e hervagens, pelo que tambem engorda bastante gado bovino para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha muito decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

Tambem é mimosa de caça dos seus montes e de peixe do mar e do Ancora.

Freguezias limitrophes:—Gontinhães a O.; —Riba d'Ancora a E.—e a N. Azevedo, mettendo-se de permeio os montes de *Varaes*, que são divididos pelas duas freguezias. A S. fica encravada entre as freguezias de Riba d'Ancora e Gontinhães que tomam toda a margem direita do Ancora e não deixam tocar n'elle esta parochia de *Ville*, estando aliás tão proxima do rio, aqui atravessado pela celebre ponte de *Abbadim*, entre as freguezias d'Ancora e Gontinhães.

V. *Abbadim*, aldeia, vol. 1.º pag. 10, col. 2.ª—e note-se que a dicta ponte não é *metade* do concelho de Vianna e *metade* do concelho de Caminha, como disse por lapso o meu benemerito antecessor no logar citado.

É *toda* do concelho de Caminha, porque a este concelho pertencem as duas freguezias d'Ancora e Gontinhães, posto que a freguezia d'Ancora está na margem esquerda do rio e por consequencia devia pertencer ao concelho de Vianna.

—

O chão d'esta parochia estreita gradualmente ao passo que avança para o sul e termina d'este lado em semicirculo a menos de 150 metros da margem direita do Ancora?!...

A ponte de *Abbadim* tem a avenida S. na freguezia d'Ancora. A avenida N. está na freguezia de Gontinhães, mas quasi que toca tambem n'ella a freguezia de Riba d'Ancora, pelo que póde dizer-se que a mencionada avenida é n'este ponto a *linha divisoria* das duas freguezias.

A ponte actual de *Abbadim* não é a ponte *romana*, como disse o meu antecessor. Essa estava cerca de 30 metros a jusante. Ainda lá se vêem claros vestigios nas duas margens e não ha muito que d'ali se tirou al-

guma cantaria para concerto das guardas da ponte actual que, segundo diz a tradição, é do tempo dos Filippes e nós assim o cremos, pois na dicta ponte se vê a data *1608*.

Ha tambem no Ancora, cerca de 1 kilometro a montante da ponte de *Abbadim*, umas alpondras para passagem no verão,—e a jusante, junto da capella de S. Braz, um pontão denominado *Ponte da Torre*, posto que hoje nas circumvisinhanças não ha torre ou fortalesa alguma.

—

Ainda com relação à ponte de *Abbadim* a tradição diz que o mestre da obra vivia na proxima aldeia de *Aspera*, freguezia de Ancora, nas casas que hoje são dos herdeiros de Cypriano Affonso e que estão no pequeno *Largo de Santa Luzia*, a uns 40 metros da ponte;—que, ouvindo em certo dia estalar os *azimbres* d'ella, suppoz que ella tinha desabado e tanto se assustou e impressionou que em breve morreu,—e que o grande arco da ponte ficou sem fecho.

Ficaria, mas hoje está completo e não accusa defeito; pelo contrario, apesar da sua grande altura, está *muito solida* e tanto que na grande cheia de 1865,—a maior de que ba memoria na *Ribeira d'Ancora* e que levou a antiquissima ponte de *Soutello* e a nova de 3 arcos junto da foz do Ancora, na estrada real a macadam, bem como todos ou quasi todos os moinhos do rio Ancora, o enorme volume d'agua cobriu as avenidas e o grande arco da ponte. Apenas ficou a descoberto o centro do leito d'ella, por ser um pouco mais alto. A ponte oscillou, como viram muitas pessoas que presencearam tão imponente espectaculo, mas ficou firme é firme se conserva ainda hoje, apesar dos seus 268 annos e do violentissimo embate d'aquella enorme cheia e do grande volume d'arvores e madeira das casas e dos moinhos que a torrente levou d'envolta contra a ponte.

—

Esta freguezia não tem estrada alguma a macadam, passa porem muito perto, como já dissemos, a estrada real n.º 4, e mais perto ainda a districtal, que partindo da estação d'Ancora deve entroncar na de Vianna a Ponte de Lima, seguindo por Gontinhães, Riba d'Ancora, Soutello, Orbacem, S. Lourenço, etc.,—estrada importante, porque servirá muitas freguezias da ribeira d'Ancora e do valle do Lima; infelizmente porem a sua construcção vae a passo de lesma!...

A egreja matriz está muito bem situada no centro da freguezia e foi feita ou reconstruida em 1675. É esta a data que tem no pulpito—e no altar das Almas tem est'outra:—1676. Foi tambem reconstruida em 1867 com o subsidio de 100$000 réis dado pela Bulla da Crusada;—em 1876 fez-se de novo a capella-mór;—foi ampliada a sacristia,—e estucado e pintado o corpo da egreja. Fez-se tambem um novo campanario e n'elle se collocaram 2 sinos:—o do campanario velho e um outro mandado fazer de novo,—tudo a expensas do benemerito parochiano Luiz Bernardo Gonçalves Pereira, filho de Antonio José Pereira e de Maria Gonçalves, casado com uma filha do commendador José Bento Ramos Pereira, natural de Riba d'Ancora e rezidente no Porto, cavalheiro de muito merecimento e tambem generoso bemfeitor da egreja e freguezia de Riba d'Ancora, onde possue uma luxuosa vivenda.

Luiz B. G. Pereira vive actualmente no Rio de Janeiro, onde é negociante, mas, embora longe da patria, nunca esqueceu a terra que lhe foi berço. Pelo contrario (honra lhe seja!) sempre lhe dedicou o mais entranhado affecto, como dedicam ao nosso paiz todos os portuguezes que constituem a nossa respeitabilissima colonia brazileira,—gloria e orgulho de Portugal e inveja de todo o Brazil!...

—

A egreja está extremamente limpa e tem 4 altares:—o mór, onde se vê a imagem do padroeiro, e 3 lateraes, sendo um, o do lado da epistola, dedicado ao Coração de Maria—e os dois do lado opposto dedicados à Virgem do Rosario e Almas.

A festa principal que hoje aqui se celebra è a do Corpo de Deus e Coração de Maria, simultaneamente, em fins d'abril ou principios de maio.

Esta egreja teve o seu principio em uma

capellinha de S. Sebastião que desde tempo immemorial esteve em um monte proximo, hoje povoado de pinheiros e denominado *Pinheiral do Santo*, nome que tomou da velha capellinha, porque n'estes sitios e em grande parte do Minho o martyr S. Sebastião era e é denominado por antonomasia o *Santo*. Assim ainda hoje em Ancora e Gontinhães, onde ha duas capellas de S. Sebastião, as aldeias contiguas ás dictas capellas são vulgarmente denominadas *aldeias do Santo*—e os habitantes das mesmas aldeias são tambem conhecidos pelo appellido do *Santo*.

Como a primitiva capella se achasse em ruinas e os habitantes de *Ville*, ou das povoações da *Egreja*, *Quelha* e *Serrape*, não tivessem outro templo, pois a sua egreja matriz era a do antiquissimo convento benedictino de *S. Pedro de Varaes*, muito distante [1] e commum tambem aos povos que hoje constituem a freguezia de Azevedo (logo explicaremos isto), resolveram restaurar a dicta capella de S. Sebastião e transferil-a, como transferiram, para o local que hoje occupa no centro das dictas povoações, para ficar mais accessivel a todas. Finalmente, desligando-se os povos de *Ville* e *d'Azevedo* da egreja do convento de *Varaes* e constituindo-se em parochias independentes, os de Ville arvoraram a dicta capella em egreja matriz—e o padroeiro d'ella *S. Sebastião* em orago e padroeiro da nova freguezia.

Suppõe-se que a dicta capella outr'ora estava approximadamente no sitio onde hoje se vê um dolmen, já sem cobertura, a meio do *Pinhal do Santo de Ville*, cerca de 1 kilometro a jusante do local que hoje occupa a egreja.

É possivel que até em outros tempos houvesse ali alguma povoação, mas ha muito que no tal sitio apenas se vêem as ruinas do dolmen.

—

Tem esta freguezia residencia parochial, —um pequeno passal—e um cemiterio. Demora este junto da egreja matriz, lado sul; —sobe-se para elle por 3 degraus,—tem fronteria de granito, porta de ferro e 18 metros de comprimento por 14 de largura;—foi benzido solemnemente no dia 28 de fevereiro do anno de 1886, assistindo ao acto differentes presbyteros das parochias circumvisinhas—e terminou a benção com um *Te-Deum*.

Está muito decente e é o 2.º benzido na *Ribeira d'Ancora*. O 1.º foi o da parochia de Riba d'Ancora. Benzeu-se no dia 9 d'outubro de 1885, havendo por essa occasião festa apparatosa, *Te-Deum*, missa cantada e sermão allusivo ao assumpto;—o 2.º foi este de *Ville*;—o 3.º foi o de Freixieiro de Soutello.

Benzeu-se no dia 10 de outubro do anno de 1886 e é um dos mais espaçosos e mais luxuosos da *Ribeira d'Ancora*. Tem 36 metros de comprimento—28 de largura—e demora tambem a pequena distancia da egreja parochial; mas de todos os d'esta ribeira o mais vantajosamente situado e que está prestes a concluir-se, é o da freguezia d'Ancora. Está mesmo em frente da porta principal da egreja, mettendo-se de permeio apenas o adro. Tem frontaria de granito, portão de ferro, etc.

Antes da construcção do cemiterio de *Ville*, os enterramentos eram feitos no adro.

—

Fabricou-se outr'ora n'esta freguezia boa telha e tijolo em abundancia, mas acabou a dicta industria por falta de materia prima.

A telha e tijolo que se gastam hoje aqui veem da freguezia d'Alvarães, concelho de Vianna.

Tambem pesou cruelmeute sobre esta parochia de Ville a medonha trovoada de que já se fez menção no artigo *Mollêdo*, vol. 5.º pag. 370, col. 2.ª, e que assolou varias freguezias d'este concelho no dia 10 de junho de 1874.

A saraiva tinha o volume de ovos de pomba;—fazia um ruido assustador—e destroçou vidros, arvores, videiras e todos os renovos dos campos, causando prejuisos avaliados em mais de 50 contos de réis!...

De passagem diremos que o *Flaviense*, o *Port. S. e Profano* e a *Chorogr. Port.* deno-

---

[1] Cerca de 3 kilometros de pessimo caminho para N., em sitio alto, ermo e desabrido.

minam esta parochia *Villa* e não *Ville*, como hoje a denominam todos.

Convento de Varaes

Houve ao norte d'esta freguezia, no monte que a separa da freguezia d'Azevedo e que é uma projecção da serra d'Arga, um convento benedictino antiquissimo, talvez do seculo VII, como o de S. Salvador de Manhente e o de S. João d'Arga [1].

Era o dicto convento denominado de *S. Pedro de Varaes*;—deu o nome ao dicto monte—e estava precisamente no sitio onde ainda hoje se vê a capella de *S. Pedro de Varaes*, outr'ora egreja do extincto convento e que durante muitos seculos foi egreja parochial dos povos que hoje constituem a freguezia *d'Azevedo* a N. e esta de *Ville* a S.—desde 1640 a 1641.

É isto o que dizem a *Chorogr. Port.*, a *Descripção da Villa de Caminha* e a tradição, mas a *Benedictina Luzitana* nem sequer menciona tal convento, o que muito estranhamos, pois temos dados que nos levam a crer não só que elle existiu e foi dos frades bentos, mas que teve rendas proprias de certa importancia.

—

O padre Carvalho, fallando da freguezia de de S. Miguel d'Azevedo, diz:

«Esta freguezia e a que se segue (*S. Sebastião de Ville*) eram ambas huma, e então a parochia em *S. Pedro de Varaes*, que ainda hoje (1706) se vê na cerca, e foi mosteiro da Ordem de S. Bento, e seu Commendatario Fernão Velho, que em hum praso que fez a Lucrecia Lobo, se intitula *Abbade Reytor*, como consta do original, que vi em Viana, em mão de Afonso Pereira da Silva, senhor d'este praso.»

Os povos das duas mencionadas freguezias tornaram-se independentes e constituiram-se em freguezias proprias para evitarem o incommodo de demandarem a matriz que estava distante e completamente isolada no meio do monte.

[1] V. *Gondinhães*, vol. 3.º, pag. 306, col. 1.º,—e *Arga* (S. João de) vol. 1.º pag. 238 M, col. 2.ª

Foi isto pelos annos de 1640 a 1641, pois o estatuto da irmandade de Santo Isidoro [1] diz que em 1641 se aggregaram á dicta irmandade estas duas freguezias que se haviam separado, pelo que a irmandade de Santo Isidoro, que até aquella data comprehendia só 14 freguezias, ficou comprehendendo 15.

Tambem é certo que esta parochia de *Ville* e a de *Azevedo*, depois da desmembração, ficaram pertencendo ao convento benedictino de Tibães, do qual passaram para o collegio benedictino de Coimbra, por terem sido dos frades bentos antes da separação.

—

A mesma capella de *S. Pedro de Varaes* ainda hoje revela muita antiguidade e em uma das suas paredes se vêem claros vestigios de ligação com o extincto convento, cuja fabrica devia ser modesta e humilde, como a de todos os primitivos conventos de monges.

Dividida em duas a antiga parochia de *S. Pedro de Varaes*, ficou a velha matriz pertencendo a esta parochia de *Ville*, cujo parocho todos os annos no dia de S. Pedro costumava ir cantar a missa do antigo padroeiro na velha matriz de Varaes, o que era bastante violento para o parocho e mais ainda para os parochianos, porque ficava a nova matriz sem missa e elles tinham de ir ouvil-a a Varaes, o que os determinou a cederem a antiga capella aos habitantes d'Azevedo, que ha muito reclamavam e pretendiam chamal-a sua, tendo havido por causa d'ella varias pendencias entre os dois povos [2]; mas em breve reconheceram os mesmos inconvenientes que determinaram os habitantes de *Ville* a ceder-lh'a. Os *de Azevedo* por seu turno a cederam á irmandade de Santo Isidoro, que a reparou e conserva, para satisfazer a um clamor annual do seu compromisso.

Vae ali a irmandade com o dicto clamor na sexta feira da segunda semana da quaresma, em cumprimento de um antigo voto. É este hoje o unico dos muitos clamores que ali costumavam ir em outros tempos.

[1] V. *Mollêdo*, freguezia d'este concelho de Caminha, vol. V, pag. 369, col. 2.ª e segg.
[2] V. *Azevedo*, vol. 1.º pag. 292, col. 2.ª.

Principia o clamor em um cruzeiro que está no meio d'uns rochedos a juzante da capella e termina com missa cantada e sermão, depois de cantarem a ladainha dos santos.

—

Na dicta capella se vê ainda hoje (1886) uma sepultura metida na parede e ha memoria de se encontrarem ali outras sepulturas semelhantes.

A cerca do convento era espaçosa;—está hoje transformada em uma grande bouça—e em 1834 pertencia aos frades de Tibães.

Abundavam tambem n'esta parochia terras foreiras, pertencentes a diversos senhorios e que originariamente foram de um convento, que se suppõe ser o de Varaes; mas com o decorrer do tempo todos aquelles foros se acham remidos e as terras livres e allodiaes, pelo que esta parochia, apesar de pequena, é hoje remediada. Póde até dizer-se *rica*.

Felix Pereira e Luiz do Rego foram os directos senhorios do grande *praso de Varaes*, depois da extincção do convento de Tibães.

A cerca foi do visconde da Torre das Donas (Joaquim d'Azevedo) ao qual a comprou o rev. José Pires Cubal, hoje seu possuidor, —e no tombo se mencionavam outras cercas, *feitas com pedras altas em terreno baldio*,—cercas que o visconde da Torre das Donas despresou e deixou aos moradores d'esta parochia

Do exposto se vê que uma grande parte do chão d'esta freguezia pertenceu ao dicto convento de *Varaes*.

Rectificações

Esta parochia de *Ville* nunca esteve unida á de *Gontinhães*, mas sómente á de *Azevedo* [1], quando ambas formavam uma só e tinham por matriz commum a egreja do convento de *Varaes*; diz porem a tradição —que em tempos muito remotos todos os habitantes da Ribeira d'Ancora formavam uma só freguezia, cuja matriz era a capella de S. Braz, que ainda hoje se vê na veiga d'este nome, junto do rio Ancora, na margem direita d'elle.

É certo que o adro da dicta capella, hoje povoado de oliveiras e sovereiros, foi outr'ora *cemiterio*, pois ali se teem encontrado sepulturas antiquissimas. Ainda ha poucos annos a familia do rev. José Pires Cubal, que possue um campo fronteiro ao adro, em certas escavações que fez no caminho que passa entre o dicto campo e o adro, encontrou sepulturas feitas de pedras quadradas, com uma pequena lousa sobre a cabeceira, contendo ossadas humanas que, apenas se exposeram ao ar, de repente se transformaram em pó.

—

Do exposto se vê que estes sitios foram habitados desde tempos muito remotos, inclusivamente pelos celtas, como prova o *dolmen*, de que já fizemos menção e que já foi reconhecido e estudado pelo sr. dr. Martins Sarmento, distincto archeologo de Guimarães,—e o *dolmen* já indicado pelo meu benemerito antecessor.

V. *Gondinhães* e note-se:

1.º—Que assim como o meu antecessor estranhou ninguem ter descoberto até aquella data o *dolmen* indicado por elle, alguem estranha que elle, demorando-se bastante tempo n'esta ribeira d'Ancora, como administrador que então era da casa do *Côvo* [1], não reconhecesse o outro dolmen do *Pinhal do Santo de Ville*, estando aliás muito proximo, distante apenas 1 kilometro do de Gontinhães, ou da *Barrosa*, para E.

2.º—Que no mencionado artigo (V. *Gondinhães*, tomo 3.º pag. 306, col. 2.ª *in-principio*)—estranhou não achar n'esta ribeira d'Ancora vestigios alguns de *mamoas*, tendo reconhecido muitas no termo da freguezia d'Ancora. V. vol. 1.º pag. 213, col. 1.ª *in-principio*.

3.º—Que a *veiga de Sapor*, indicada no artigo *Ancora*, pertence a esta parochia de

---

[1] V. *Gondinhães* e *Azevedo*, logar citado.

[1] V. *Côvo* e *Villa Chã*, vol. XI, pag. 683, col. 1.ª

De passagem diremos que a nobre casa do *Côvo* já vendeu todas as propriedades que por aqui possuia.

Ville. Demora a S. dos *Pinhaes do Santo* e está unida a elles.

4.º—Que a *veiga de Batalhoz*, (vulgo *Talhoz*) ali tambem indicada, prende com a de *Sapor*, mas pertence á freguezía de Gontinhães.

5.º—Que não ha hoje na ribeira d'Ancora veiga alguma com o nome de *Balthasares.*

6.º—Que a veiga de *S. Braz* tambem se denomina veiga dos *Ibres* e dos *Hebres.*

Ainda o dolmen

O sr. dr. Francisco Martins Sarmento, depois de visitar este dolmen, dedicou-lhe no *Pero Gallego*, jornal de Vianna, em abril de 1882, um artigo que vamos extractar:

«O monumento está muito arruinado. Ninguem se lembra de o ter visto com a respectiva mesa, mas ainda existe o individuo que aproveitou parte dos seus supportes para um lagar»—e diz que o tal homem n'essa occasião encontrou ali um objecto de pedra, que talvez fosse um punhal de rocha dioritica despontado.

«A anta de Ville[1] conserva ainda uma das pedras trazeiras, um supporte inteiro e outro traçado pelo meio, mas apesar de estar consideravelmente mutilada, nenhuma duvida pode haver de que é um monumento do mesmo typo que a *Lapa dos Mouros* (o dolmen de Gontinhães) supposto que de mais pequenas dimensões. Em compensação a *mamoa* de Ville póde dizer-se perfeita, e mostra á ultima evidencia que cobria toda a anta...»

«A sua orientação era a mesma que a da anta *da Barrosa*[2]. Contra a minha expectativa, a exploração d'este terreno volvido, e revolvido, apenas produsiu uma ponta de seta de quartzo branco, outra de silex escuro de uma delicadeza extrema, e uma machadinha inteira, de materia pouco differente da encontrada na *Lapa dos Mouros* (dolmen de Gontinhães). — Um pedaço de schisto, mostrando visivelmente ter servido de polidor ou afiador, pertence de certo á mesma epocha d'estes instrumentos de pedra. Não é a primeira vez que os tenho encontrado juntos...»

Ainda como prova da remotissima occupação d'estes sitios, mencionaremos o *Monte da Osseira*, cujo nome revela grande batalha e grande carnificina em tempos de que não ha lembrança. Demora a leste do extincto convento de *Varaes*, no termo d'esta parochia de *Ville*,—e na vertente sul do dicto monte ha um grande morro denominado *Curucho dos Mouros*, muito defensavel, que foi occupado e fortificado *in illo tempore*!...

É formado por medonha penedia muito ingreme, escalvada e nua;—termina em um planalto de difficil accesso—e foi defendido por importantes obras d'arte, de que ainda hoje se vêem claros vestigios:—restos de muros e de fossos e grandes movimentos de terra.

Ainda em 1833 a 1834, por occasião da lucta civil entre D. Pedro e D. Miguel, ali se deu o ultimo *feito d'armas.*

Indo a este valle de Ancora uma grande escolta para prender muitos milicianos miguelistas desertores, pertencentes a esta parochia de *Ville* e ás de Azevedo, Gontinhães, Venade, Riba d'Ancora e outras, os taes desertores, em numero de mais de 100—e todos armados,—fugiram para o monte de Varaes. Vendo-se perseguidos pela escolta, subiram para o tal *Curucho dos Mouros* e d'ali fizeram fogo sobre a escolta, obrigando-a a bater em retirada e a deixal-os em paz.

É um miradouro lindissimo.

—

A pequena distancia do tal *Curucho dos Mouros* ha um sitio denominado *Chão da Vermelha* e outro *Cabeça* ou *Cabeço de Ferro*.

Este ultimo tornou-se tristemente notavel porque nos principios d'este seculo um malvado ali assassinou barbaramente uma mulher com uma faca e depois, para desviar de si as provas do crime, arrojou a faca para um fragoedo inaccessivel, onde foi vista durante muitos annos por differentes pessoas de *Ville*, quando iam colher matto n'aquelles sitios.

---

[1] O sr. dr. Sarmento denomina *anta* o que outros denominam *dolmen.*

[2] Refere-se ao dolmen de Gontinhães, que está na veiga da Barrosa. Ambos olham para o nascente.

P. A. F.

José Fernando Pereira Deville

Com razão se orgulham esta parochia e este concelho de contar entre os filhos mais benemeritos o sr. José Fernando Pereira Deville, actualmente professor no Lyceu Nacional d'Evora,—cavalheiro muito estimado e considerado pela sua não vulgar illustração e pela nobresa de sentimentos e encantadora affabilidade que o distinguem.

Ao seu nome erigiu perduravel monumento o sr. D. Antonio da Costa no seu formoso livro *Auroras da Instrucção*, pag. 71.

Nasceu [1] n'esta parochia de Ville, que tomou por appellido;—foram seus paes Luiz Fernandes Pereira e Maria Gonçalves;—cursou o Lyceu e o Seminario de Braga;—em 1853 foi despachado para Caminha como professor de latim;—em 1859 foi transferido para Alcobaça;—em 1866 para Estremoz—e em 1880 para o Lyceu Nacional d'Evora.

Casou em Extremoz com D. Maria Carolina Segurado, da casa historica *d'Evora Monte* (V.) onde em 1834 se celebrou a convenção que poz termo á lucta civil entre D. Miguel e D. Pedro.

A dicta senhora falleceu em 1882 e era viuva do coronel Rodrigo Maria Cordeiro Vinagre, irmão do *Morgado da Talha.*

Durante a sua residencia em Estremoz foi o sr. Deville eleito vereador da camara em 3 biennios successivos, occupando sempre o logar de presidente com louvor e deixando de si memoria honrosissima, pois não só restaurou a cadeia da villa e a egreja do extincto convento franciscano, mas fundou a *Bibliotheca municipal* e o *Muzeu* annexo, inaugurados solemnemente no dia 2 de maio de 1880, o que lhe mereceu do governo uma lisongeira portaria de louvor.

V. *Estremoz* n'este diccionario e no supplemento.

Já depois de transferido para Evora foi (em 1881) eleito procurador á junta geral do districto por Estremoz e durante o exercicio d'este cargo tem sido desde 1882 eleito pela mesma junta membro effectivo da respectiva commissão executiva e vogal da commissão inspectora da *Escola Normal.*

—

Ao meu illustrado amigo e collega, o rev. sr. Manuel José Gonçalves, filho d'Ancora, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA,—freguezia do concelho e comarca de Amares, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Thiago apostolo,—fogos 86,—habitantes 390.

Em 1706 era abbadia da mitra;—rendia 150$000 réis;—pertencia ao concelho de Santa Martha de Bouro, comarca de Vianna,—e contava 100 fogos.

Em 1768 era abbadia da mesma apresentação;—rendia 350$000 réis—e contava 96 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 426 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 87 fogos e 398 habitantes.

Segundo se lê na *Chor. Moderna* comprehende as aldeias seguintes:—*Assento*, séde da parochia,—Fontes, Cabaduço, Traz de Devesa, Pomarinho, Monte, Carvalho, Pinheiro, Quintães, Faquiães, Chouzellas, Linharelho, Portella do Valle e Charilhe.

Freguezias limitrophes:—Goães a E.;—Seramil a N.;—Paredes Seccas a O.—e Dornellas a S.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, batatas, vinho verde e lã, pois tambem cria gado vaccum e lanigero.

—

Demora em terreno muito escabroso e accidentado na vertente meridional do monte de Santa Cruz, ramificação da serra do Gerez,—e o logar do *Assento* dista 4 kilometros da margem direita do Cavado para N. O.;—4 da villa de Amares para N.;—5 da margem esquerda do rio Homem para S. E. —8 de Villa Verde para E.;—19 de Braga (por Villa Verde);—74 do Porto—e 411 de Lisboa.

Foi da comarca de Vianna;—d'esta passou para a de Braga,—depois para a de Villa Verde—e por ultimo para a de Amares.

Administrativamente pertenceu ao concelho de Santa Martha de Bouro, extincto pelo

---

[1] Em 23 d'abril de 1832.

decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Amares—e tambem uma parte d'ella pertencia ao concelho de Paredes Seccas, extincto pelo mesmo decreto de 31 de dezembro de 1853.

Não tem estrada alguma a macadam; passava porem ao norte d'esta freguezia a celebre estrada da *Geira*. Tinha ella aqui um marco milliar que esteve e não sabemos se está ainda no alpendre ou gallilé da matriz, com a inscripção seguiute :

HA: ASTULA: ICAUL. G: C. RAV
TO QUIRINALI: VAL. S.
FESTO LEG. AVG:
M. P. X.

Assim a deu Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, pag. 50, v.; —d'ali a copiaram Argote (*Memorias*, tomo 2.º pag. 536, v.—e *De Antiquitatibus*, vol. 3.º das dictas *Memorias*, pag. 292)—bem como o dr. Levy Maria Jordão,—*Portugaliae Inscriptiones*, pag. 57, n.º 150.

A inscripção é a mesma. Apenas se notam algumas pequenas variantes provenientes das differentes copias.

Quer dizer: que Rancio da familia Quirina e Valerio Festo, legados do imperador, foram os intendentes da reedificação d'aquella estrada — e que de Astula a Braga eram 10:000 passos, ou duas leguas e meia.

—

Alem da egreja matriz, que é um templo modesto, ha n'esta freguezia 2 capellas particulares:

1.ª—*Senhora da Conceição.*

Demora no logar e quinta do *Pinheiro* e foi feita no anno de 1747 por ordem e á custa de Domingos Loureiro, natural da freguezia de Valdozende, concelho de Terras do Bouro e senhor da mencionada quinta, então residente no Rio de Janeiro, impondo-lhe a obrigação de uma missa quotidiana e 3 festas:—uma no dia da padroeira, —outra no dia de Santo Antonio—e outra no dia de S. Gonçalo; mas ha muito tempo nada d'isto se cumpre.

É actualmente possuidor da quinta e capella Manuel Joaquim Ramalho, da dicta parochia de Valdozende.

2.ª—*Santo Antonio.*

Demora na povoação de Chouzellas e foi mandada fazer em 1851 pelo rev. Antonio José Gonçalves d'Azevedo, natural d'esta freguezia, impondo-lhe a obrigação de duas missas annuaes:—uma no dia de S. José—outra no dia de Santo Antonio.

VILLELA, — freguezia do concelho e comarca da Povoa de Lanhoso, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago S. Miguel;—fogos 144,—habitantes 602.

Em 1706 era abbadia da apresentação da mitra;—pertencia ao termo e concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães; —rendia 200$000 réis—e contava 60 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia 350$000 réis—e contava 96 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 140 fogos e 574 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 139 fogos e 560 habitantes.

Nos apontamentos que me enviou em 1884 o digno administrador d'este concelho disse que esta parochia comprehendia 2 aldeias e 33 quintas ou herdades principaes;—em outros apontamentos que o seu digno parocho mais tarde me enviou, deu-lhe 5 aldeias:—Ribeira, Outeiro, Santa Catharina, Paço Novo e Pomar Maior;—e o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, nos apontamentos qne se dignou enviar-me tambem, disse:—«não ha n'esta parochia aldeias propriamente dictas, mas simplesmente logares com mais ou menos habitações. São os seguintes:—Boa Vista, Chão, Boucinha, Devesa, Monte, Outeiro, *Paço Novo*, *Paço Velho*, Poça da Villa, Ribeira, Portella, Pomar Maior, S. Thomé e Santa Catharina».

A *Chorogr. Mod.* ainda accrescenta os seguintes:—Lama, Telhado e Chã.

Das suas 33 quintas apenas mencionaremos as mais importantes :

S. Domingos, de José Ferreira Guimarães.

Tapada, de Manuel Pereira.

Outeiro, de Manuel Antonio Velloso d'Almeida.

Pomar Maior, de Antonio Fernandes da Silva Villela.

Paço Novo, de Francisco Manuel Soares d'Almeida.

Freguezias limitrophes: — Campo, Gallegos, Garfe, Louredo, Thaide e Fontearcada, todas d'este concelho.

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, centeio, feijões, azeite, fructa, linho e hervagens, pelo que tambem cria muito gado bovino e depois de gordo o exporta para a Inglaterra, posto que hoje esta industria se acha decadente. V. *Villar d'Andorinho.*

Não cria gado lanigero.

É tambem mimosa de caça dos seus montes e de peixe dos seus rios,—nomeadamente de trutas.

O seu vinho é verde ou *rascante,* mas de superior qualidade, principalmente o da quinta de *S. Domingos,*—e nos ultimos annos tem sido exportado por bom preço para a França, como todo o do Minho, da Bairrada, da Beira e da Extremadura.

V. *Villa Verde,* séde de concelho,—*Villar d'Andorinho,* vol. XI, pag. 1189,—e *Villarinho do Bairro.*

—

Demora na margem direita do Ave, do qual dista 1 kilometro (a egreja matriz) para N.;—4 da Povoa de Lanhoso para S. E.; —17 da cidade de Guimarães e da estação terminus (a mais proxima) na linha ferrea de Guimarães á estação da Trofa, entroncamento na linha férrea do Minho; — 19 de Braga;—73 do Porto pela linha de Guimarães e 74 pela de Braga,—e 410 ou 411 de Lisboa.

Atravessa esta freguezia a estrada districtal a macadam da Povoa de Lanhoso a Guimarães,—e nas Caldas das Taipas entronca na estrada real n.º 23, de Ponte de Lima ao Peso da Regoa, por Braga e Guimarães.

Banha esta parochia ao sul o rio Ave, separando-a da freguezia de Garfe, o qual tem aqui uma ponte de pedra, denominada do *Barreiro,* para communicação das duas freguezias.

Banham-n'a tambem os ribeiros da *Povoa* e de *Vides,* confluentes do Ave; — desaguam na margem direita d'elle, no termo d'esta freguezia, e ambos movem 8 moinhos de cereaes, sendo 5 de moagem particular —e 3 de moagem para o publico.

O ribeiro de *Vides* tem 2 pontes: *Portagido* e *Lameiro.*—e o da *Povoa* 3:—*Ganidouro, Leiras* e *Ponte Velha.*

Ha pois n'esta freguezia 6 pontes de pedra,—8 moinhos—e uma azenha com 2 rodas no Ave, um pouco a montante da ponte do Barreiro.

—

Segundo se lê na *Chorographia Portugueza,* houve n'esta freguezia 2 torres muito antigas no *Paço de Villela,* de que foi senhor Matheus Mendes de Carvalho.

Das mencionadas torres nada, absolutamente nada hoje existe alem da memoria, porque a casa do *Paço Velho* ou de *Villela,* solar dos Villelas, foi vendida a João Antonio da Silva Vaz, do logar de Simães, freguezia de Fontearcada, já fallecido, que mandou demolir os restos das duas torres, empregando a excellente cantaria d'ellas na mesma casa e em paredes de predios rusticos. Deu elle esta casa em dote a sua filha D. Maria da Silva Ferreira, quando casou com José Joaquim Ferreira de Mello e Andrade, da nobre casa das *Agras,* freguezia de Fontearcada, e estes a doaram ao seu filho Alvaro Herculano Ferreira de Mello e Andrade, a quem actualmente pertence.

—

Esta parochia não tem hoje edificios notaveis. Os mais importantes são os seguintes:

1.º—A casa de Manuel d'Almeida, no logar do *Outeiro,* a qual foi de seu tio, fallecido na mesma casa e solteiro,—Damião de Sousa Leite.

2.º—A casa de Manuel José Fernandes, na *Portella,* e que a herdou de seu pae Manuel Fernandes.

3.º—A casa de José Daniel Barbosa e Castro, na aldeia do *Monte,* e que foi dos seus paes e avós.

Nenhuma d'ellas é brazonada, nem mesmo a do *Paço de Villela,* depois do vandalismo porque passou.

Templos

1.º—*A egreja matriz.*

Demora em sitio alto, enxuto, alegre e vistoso no centro da freguezia;—é elegante e

espaçosa;—está limpa e bem conservada;—tem altar-mór, onde está o Santissimo, e 5 lateraes:—Senhora das Dores, Senhora do Rosario, Coração de Maria, Senhor dos Passos e Salvador, com a invocação das *Cinco Chagas*.

Tem côro, boa sacristia, etc.

Foi este templo construido em 1755 a 1764, pois em um livro de *Visitas* que se guarda no archivo parochial, se lê que em 1755, no tempo do arcebispo D. José, mandou o visitador que se edificasse a egreja—e no capitulo da *Vizita* de 1764 achou-a já concluida, pelo que louvou o abbade Manuel do Valle Araujo e os seus parochianos, sendo já arcebispo D. Gaspar.

É de architectura dorica e elegante, apesar do que soffreu com as obras posteriores, pois para ampliarem a sacristia taparam uma das janellas da egreja e cobriram um lanço de cornija, do lado do Evangelho.—Tambem demoliram o campanario, fazendo outro a pequena distancia d'ella, com o que lhe alteraram a fronteria e em parte a encobriram

2.º—*Capella da Senhora das Maravilhas*, na povoação de S. Thomé.

Está bem conservada e é publica.

3.º—*Capella da Senhora do Ó.*

É maior do que a antecedente e de architectura dorica elegante e custosa;—pertence á casa do *Valle*, da aldeia do Paço Novo, mas infelizmente já não tem imagens e está profanada e transformada em adega?!...

Causa dó, mesmo porque é muito mais antiga do que a egreja parochial.

As festas principaes que hoje se celebram n'esta parochia, todas na matriz e sem romagens, são as do Santissimo Sacramento,—S. Miguel Archanjo (o padroeiro)—e S. Sebastião.

—

Esta freguezia, além dos seus estabelecimentos de moagem, não tem fabricas, mas tece muito linho em teares singelos e de systema antigo, movidos a braço.

Tem uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino e duas particulares, tambem de instrucção primaria, para os dois sexos.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são:—Manuel d'Almeida e o rev. Firmino Fortunato de Sousa Leite, ambos da povoação do *Outeiro*,—e José Daniel Barbosa e Castro, da povoação do *Monte*.

Clima temperado e saudavel. Não ha aqui doenças predominantes.

Nunca foi villa nem teve foral proprio.

Esta freguezia teve um bom passal, que foi desamortisado em 1876 e arrematou-o em hasta publica *por menos de metade do seu valor*, Constantino Rodrigues da Costa, da freguezia de Oliveira, d'este mesmo concelho, fallecido na cidade do Porto, pouco tempo depois. É hoje do seu irmão e herdeiro Sebastião Rodrigues da Costa.

Por descuido do parocho d'aquelle tempo, nem uma simples horta foi reservada, como a lei permitte.

Ficou apenas para os abbades a residencia parochial.

Em frente da matriz ha um cruzeiro que tem a data 1684.

—

Ha n'esta freguezia uma pobre lapide, já mutilada e muito antiga. Tem andado a baldão e hoje está junto do alpendre do passal, a pouco mais de 50 metros da egreja. Diz o meu informador que não foi marco milliario mas talvez lapide sepulcral;—tem de comprimento 0m,60;—de largura 0m,40;—de espessura 0m,20—e restos de uma inscripção, em que hoje apenas se pode ler o seguinte:

... Te: ... II F...

Ao norte d'esta freguezia estende-se o monte da *Ganidoura* até á freguezia de Fontearcada; pertence aos moradores de *Villela* parte d'elle e dos montes de *Gallegos* e *Louredo*,—diz um dos nossos informadores;—outro diz que no monte denominado de *Villela* ha uma enorme lagea, conhecida pelo nome de *Laja de Villa*, onde se secca o milho d'esta parochia, podendo estender-se ali a um tempo *quarenta moios?!*...

V. *Villares*, freguezia do concelho de Trancoso, onde fizemos menção d'outra eira semelhante, que é o assombro e inveja d'aquelles sitios.

Factos memoraveis

Houve, ha annos, aqui dois incendios pavorosos:—um na casa das *Ribeiras*, que foi toda pasto das chammas, perecendo no grande incendio o dono d'ella—João do Valle; —outro na casa de Domingos José de Castro.

—

No dia 16 de maio de 1846, por occasião da revolução da *Maria da Fonte* ou do *Minho*, assim denominada porque n'ella se distinguiu muito esta provincia e particularmente o concelho de *Vieira* e este da *Povoa de Lanhoso*, que se orgulham de ter dado o berço—aquelle ao padre Cazimiro, notavel guerrilheiro intitulado *general defensor das Cinco Chagas*,—e este á celebre *Maria da Fonte*, que se tornou lendaria e eclipsou a gloria do proprio padre Cazimiro,[1]—alguns guerrilheiros quizeram tirar violentamente as armas aos habitantes d'esta freguezia. estes porem reagiram e os repelliram a fogo. Os taes guerrilheiros juraram desforço, mas não se exposeram a nova tentativa.

—

Em 1809 muitos habitantes d'esta freguezia e das circumvisinhas tentaram oppor-se á invasão do exercito francez no monte de *Ganidoura*, mas foram cruelmente rechaçados.

No jornal *A Maria da Fonte*, de 7 de fevereiro do corrente anno, se descreve a triste occorrencia nos termos seguintes:

«O CUME DOS TRES NOMES

(*Scenas da guerra peninsular*)

A sueste e nos suburbios d'esta villa (*Povoa de Lanhoso*) levanta-se o monte de *Ganidoura*, que em 1812 foi dado de fôro pela camara aos habitantes das freguezias de *Villela* e *Fontearcada*.

Em 1809, quando o exercito francez pisava o solo luzitano para conquistar a perola da peninsula e o reino preparava-se para a defesa com os poucos elementos de que podia dispor, o cume do monte de *Ganidoura* foi theatro de uma scena de sangue.

O capitão de ordenanças João Baptista, da *casa d'Alem*, freguezia de Font'Arcada, querendo defender os seus conterraneos, collocou no cimo do dicto monte uma peça d'artilheria, para d'ali fazer frente ao inimigo.

Ficou então aquelle sitio denominado—*Alto da Peça*.

—

Constando na manhã do dia 15 de março do referido anno, que a artilheria n.º 4 e alguns corpos de milicianos se batiam em Salamonde com as tropas invasoras, o capitão Baptista reuniu no Alto da *Peça* todo o povo que vinha retirando e na tarde do mesmo dia estava aquelle sitio coalhado de gente. No dia immediato foi a peça experimentada, sendo com ella disparados alguns tiros sobre uma columna de tropa franceza que a tres kilometros de distancia marchava pela estrada real. O general Corvoisieu mandou uma forte brigada em observação ao ponto d'onde eram ameaçados. Travou-se a peleja durante pouco tempo, porque foi tal a mortandade nos paisanos que ficou o sitio juncado de cadaveres.

Desde então o cume do monte passou a denominar-se *Alto da Matança*.

Ha annos foi ali collocado por ordem do governo um marco de granito para a confec-

---

[1] V. *Porto*. vol. VII, pag. 366, col. 2.ª—*Gramido, Sobroso, Verêa de Bornes, Vianna do Castello*, vol. X, pag. 409, col. 1.ª e segg,—*Villa Pouca d'Aguiar*, vol. XI, pag. 906, col. 2.ª—*Val de Paços*, vol. X.—*Villa Nova de Foscôa*, vol. XI, pag. 842, col. 2.ª—*Paus*, vol. VII, pag. 510, col. 1.ª e segg.—o livro *Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846, ou da Maria da Fonte pelo padre Cazimiro* (Braga, Typog. Lusitana, 1883)—o outro livro *Maria da Fonte* por Camillo Castello Branco (Porto, Livraria Civilisação, 1885)—e a collecção do jornal *A Maria da Fonte*, que desde janeiro do corrente anno (1886) se publica na Povoa de Lanhoso e de que é redactor principal o sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, um dos nossos informadores.

De passagem diremos que é hoje muito difficil e talvez impossivel averiguar *com certesa* quem foi a tal heroina que deu o nome á revolução popular de 1846—e a terra onde nasceu.

V. *Maria da Fonte* e *Povoa de Lanhoso* no supplemento.

ção do mappa geodesico, e desde esse tempo tornou-se mais conhecido aquelle monte pelo nome de *Outeiro do Marco.*»

—

No mesmo periodico (n.º 4 de 24 de janeiro do corrente anno de 1886) se lê o seguinte:

Pesca no monte e caça no rio!

«O sr. Antonio José Pereira, da freguezia de *Villela*, andando á caça nas fraldas orientaes do monte da Ganidoura, encontrou junto d'um rego, que conduz a agua d'umas poças proximas, uma grande enguia viva, que decerto viera na agua, pois que o rego estava ainda molhado.

Dias depois, indo o mesmo individuo pescar ao rio Ave e estando de rede armada, occulto com uns amieiros, viu uma lebre, que açoada por uns rapazes se dirigia para o rio, ao qual se lançou a nado. O caçador, com metade do arco da rede fóra d'agua esperou a lebre, que casualmente entrou na armadilha, sendo tirada viva para terra!

São dois casos singulares, e que pessoa fidedigna nos garante como verdadeiros.»

Vae pelo mesmo preço.

Paço Novo

Terminaremos dizendo que a aldeia de Paço Novo tomou o nome de uma casa nobre muito antiga que ali houve, denominada *Paço Novo* com relação á do *Paço Velho* ou das *Torres*, solar dos *Villelas*, dos quaes ainda hoje se apontam descendentes n'esta freguezia e na de Fontearcada.

Achando-se em ruinas o *Paço Novo* foi a sua pedra vendida, approximadamente em 1850, e desde essa data o chão que occupou está cultivado e sem vestigios alguns de construcção?!...

Tambem consta que á dicta casa os habitantes d'esta freguezia pagavam muitos foros, mas que por accordo com o directo senhorio se obrigaram a leval-os á casa do *Castro*, no concelho de Amares, que era do mesmo dono—o conde da Figueira,—e que este os vendeu approximadamente em 1870 a um individuo de Braga, que ainda hoje os recebe na dicta casa do Castro.

—

Ao rev.º sr. Manuel de Freitas Ribeiro, abbade d'esta freguezia,—e ao sr. Antonio Julio Rodrigues d'Azevedo Coutinho, inventor de uma engenhosa machina de sommar e illustrado redactor do jornal *A Maria da Fonte*, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VILLELA, — freguezia do concelho e comarca de Paredes, districto e diocese do Porto, provincia do Douro.

Reitoria. Orago Santo Estevam; — fogos 270,—habitantes 1:150.

Em 1706 era curato da apresentação dos frades cruzios do convento da Serra, no Porto, para os quaes rendia 800$000 réis e para o pobre cura 35$000 réis; — pertencia ao termo e concelho d'Aguiar de Sousa, comarca do Porto,—e contava 145 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura 30$000 réis—e contava 170 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 236 fogos e 962 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 256 fogos e 847 habitantes, no que houve grande inexactidão, pois 256 fogos deviam ter pelo menos 1:050 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Mosteiro*, séde da parochia,—Maia, Cerrado, Estrada, Lamella, Covello, Giesta, Costa, Muro, Aldarem, Arnellas, Crasto (*Castro*), Marnel, Sarilhos, Capellão, Coucieiro, Guilhade, Sá, S. Salvador, Outeiro de Cima, Outeiro de Baixo, Cantinho, Boa Vista, Varziella, Codeçal, Cunha, Pinta, Presa, Costa, Figueira, Pena, Penedo, Cornido, Calvario, Moinhos, Amaral, Portas, Lagea, Ferreiros, Fonte, Fontinha, Aldeia, Souto, Pomarinho, Noval, Cabouco, Ribeira, Cunha, Cantinho, Villar, *Villela de Cima* e *Villela de Baixo.*

Quintas

1.ª—*Mosteiro*, de Julio Cesar Nogueira de Seabra.

Comprehende as ruinas do extincto convento dos cruzios, a cerca e mais dependencias.

2.ª—*Maia*, de Belmiro Henrique Coelho de Carvalho.

3.ª—*Coucieiro*, de Manuel Joaquim Coelho Leal.

4.ª—*Moinhos*, de Joaquim da Silva Leal.

5.ª—*Fonte*, de José Joaquim Machado.

6.ª—*Penedo*, de José Narciso Carneiro Leão.

7.ª—*Varziella*, de João Leite da Gama, M. F. C. Real.

Freguezias limitrophes:—Arreigada e Modellos, do concelho de Paços de Ferreira, a N.;—Sobrosa a E.;—Duas Egrejas a S.;—e S. Salvador de Lordello a O.,—todas 3 d'este concelho de Paredes.

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, centeio, feijões e hervagens com que engorda muitos bois para a Inglaterra, industria muito rendosa ainda ha pouco tempo, mas que hoje se acha decadente. V. *Villar d'Andorinho*. Em compensação nunca vendeu tão bem o seu vinho, embora verde e rascante, pois no ultimo anno (1885) os francezes compraram por bom preço e levaram para Bordeus a maior parte do vinho d'esta provincia e das do Minho, Beira e Estremadura.

V. *Villa Verde*, séde de concelho, *Villarinho do Bairro*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

—

Demora esta freguezia na estrada nova a macadam de Paços de Ferreira á villa de Paredes, da qual e da sua estação na linha ferrea do Douro dista approximadamente 6 kilometros para N. O.;—41 do Porto pela dicta estação—e 378 de Lisboa.

É atravessada a leste pela dicta estrada a macadam, que em parte é *districtal* e em parte *municipal*.

Tambem está projectada e já estudada uma estrada real a macadam que deve tocar na povoação do Mosteiro a O.—e na da Boa Vista a E.

Templos

A egreja que foi do extincto convento e que é e foi sempre a matriz d'esta parochia.

Está em sitio agradavel e vistoso, na encosta de um pequeno monte, lado N.;—tem uma boa fronteria ladeada por duas torres com sinos e relogio;—mede interiormente 31m,3 de comprimento e 9m,90 de largura no corpo da egreja, que é de uma só nave, e 6m,15 de largura na capella mór. Tem guarda-vento;—côro alto e muito espaçoso;—altar-mór com um soberbo throno e retabulo de talha antiga dourada;—2 altares aos lados do arco cruzeiro, tambem ambos com ricas decorações de talha antiga dourada,—um do Senhor Crucificado, outro da Senhora do Rosario,—e no corpo da egreja mais 2, sendo um de N. Senhora da Boa Nova e outro de Santo Estevam, ambos de talha moderna e barata.

No retabulo do altar-mór se vê do lado da Epistola a imagem de Santo Agostinho—e do lado do Evangelho a de Santo Estevam.

Tanto este altar como os dois do arco cruzeiro teem preciosos frontaes de talha antiga dourada.

Este templo foi reedificado em 1783 e reparado interiormente em 1876 e 1878 [1].

Tem duas sacristias,—uma pertencente á fabrica,—outra ás 3 confrarias do Santissimo Sacramento (tem optimas alfaias antigas)—Senhora do Rosario e Almas.

A sacristia da fabrica era privativa dos frades e communicava com o côro por uma grande sala contigua a este, sala que ficou pertencendo á egreja desde 1834, mas o possuidor do convento se apoderou d'ella, de mãos dadas com a junta de parochia.

Este venerando templo está limpo e bem conservado e n'elle se fazem pomposas festas, sendo as principaes á de Santo Antonio e as dos oragos das 3 confrarias.

Logo fallaremos do convento.

Capellas

1.ª—*Senhora do Seixoso*.

Demora ao sul da matriz, distando d'ella cerca de 300 metros, no alto do monte do Seixoso, pelo que tem esplendidas vistas.

Foi reedificada e augmentada em 1873 por alguns devotos, nomeadamente pelo commendador Eulalio Coelho da Silva, que

[1] Em outubro de 1876 o nosso governo deu para as dictas obras 600$000 réis.

despendeu com as obras mais de 1:000$000 réis.

Está muito limpa e mesmo aceiada;—tem altar-mór com throno e retabulo de talha dourada, arco cruzeiro, pulpito com grades de ferro, côro, sacristia e, unida a esta, lado E., uma casa para diversos misteres.

A sua invocação é *Nossa Senhora da Saude* de Seixoso;--tem pomposa festa com romagem no dia da Ascensão—e tambem aqui se festeja o martyr Santo Thyrso no 4.º domingo d'agosto.

2.º—*Santo Antonio.*

Demora a 40 metros da egreja parochial para N. e no mesmo nivel da egreja, dominando a maior parte d'esta freguezia.

Está bem tractada e bem conservada, mas, por ser muito singella e pequena, a festa annual do padroeiro, muito querido dos habitantes d'esta parochia, é feita na matriz.

3.º—*Senhor dos Passos.*

Era uma casa das mencionadas confrarias, mas em 1878 o commendador Eulalio Coelho da Silva transformou-a em capella, na qual collocou a imagem do Senhor dos Passos em um andor e fez um altar, onde se diz missa.

Esta capella está unida á egreja parochial, do lado N. E.—e contigua á sacristia das confrarias.

Todas 3 são publicas.

4.º—Na casa da *Varziella.*

5.º—Na casa da *Fonte,*—ambas particulares, mas com porta franca ao publico.

Edificios mais notaveis

1.º—*A casa de Varziella.* Pertence a João Leite da Gama, da ilha de S. Miguel, F. C. R., descendente da nobre familia *Leites Gamas* de Santo Ovidio de Avelleda.

É brasonada.

2.º—*Casa da Boa Vista,* do commendador Eulalio e construida por elle.

3.º—*Casa da Maia,* de Belmiro Henrique Coelho de Carvalho, que a houve de seus maiores.

4.º—*Casa do Mosteiro,* extincto convento, hoje pertencente a Julio Cesar Nogueira de Seabra.

5.º—*Casa do Amaral,* que tem no mesmo edificio uma grande loja de commercio.

Pertence a Joaquim Ferreira Dias e foi construida por elle ha poucos annos, no local onde existia um pequeno casebre.

Estes ultimos 4 edificios não são brasonados.

—

Banha esta freguezia um regato com duas nascentes que desagua no rio Ferreira a O. na distancia de 1 kilometro. Tem 2 pontilhões,—4 rodas de moinhos—e um engenho de serrar madeira.

No fim das luctas civis que terminaram em 1834 todo o nosso paiz ficou muito tempo coberto de salteadores, que assolaram tambem este concelho e os circumvisinhos.[1]

N'esse periodo calamitoso foram assaltadas n'esta freguezia as casas da *Varziella* e do *Penedo.*

O convento de Santo Estevam de Villela

Foi seu fundador o capitão D. Payo Guterres, filho de D. Gutterres, que vieram para Portugal com o conde D. Henrique, segundo se lê no *Nobiliario* do conde D. Pedro, tit. 55, § 2.º e na *Chronica dos Conegos Regrantes,* tomo 1.º pag. 523.

O mesmo D. Payo fundou tambem o convento de *S. Simão da Junqueira,* nos arrabaldes de Villa do Conde—e foi o tronco da nobre familia *Cunhas* de Portugal e Castella, para onde passou o conde Martim Vasques da Cunha no tempo d'el-rei D. João I e fundou as casas dos marquezes de Vilhena, duques de Escalona, e a dos duques de Ossuna.

Ignora-se a data precisa da fundação d'este convento, mas é certo que já no anno 1118 de Christo se achava fundado e habitado por conegos, sendo seu prior Affonso Paez, a quem uma senhora, por nome Gila Paez, na era de M. C. LVI, que corresponde ao dicto anno, fez uma doação que terminava assim:

---

[1] V. *Varzea da Candosa,—Villa Nova de Foscôa,* vol. XI, pag. 842 e segg.—*Valença do Douro,—Azambuja* e *Falperra* n'este diccionario e no supplemento.

Do igitur omnes ilas haereditates...

Em vulgar: *Dou todas as propriedades supra e as offereço ao altar de Santo Estevam de Villela, para que as tenham e possuam todos os clerigos e presbyteros que ahi morarem debaixo do governo do prior D. Affonso Paez e perseverarem com vida santa e religiosa, segundo a Regra do Padre Santo Agostinho. Foi feita esta carta de doação no mez de junho da era de 1156.*

—

Foi 2.º prior D. Garcia Pires, um dos primeiros conegos a quem Santo Theotonio lançou o habito no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A este prior se fizeram algumas doações, entre ellas uma por Payo Pires no ânno de 1138—e outra no mesmo anno pelo capitão Pero Vermuy, deixando ambos ao convento tudo quanto possuiam, para terem parte nas orações d'aquelles religiosos e sepultura no seu claustro.

A estas se seguiram outras doações, que tornaram este convento muito rico, mas, passando com o tempo ao poder de fidalgos commendatarios, que foram verdadeiros zangãos e a maior praga que pesou sobre os nossos conventos durante seculos, os taes senhores alienaram e deram aos seus parentes muitas das melhores propriedades que pertenciam a este convento.

O seu ultimo commendatario e o mais benemerito de todos foi Antonio Brandão, da nobre familia *Brandões*, do Porto, hoje muito dignamente representada pela sr.ª marqueza de Monfalim, viuva, e pelo sr. dr. Antonio Emilio Correia de Sá Brandão, dignissimo juiz do supremo tribunal.

Tractou generosamente os conegos;—fez no convento varias obras em que poz as suas armas—e falleceu em 1590,—data em que este convento se uniu á congregação de Santa Cruz de Coimbra, mas, demorando-se as bullas da união 5 annos, só em 1595 tomou posse d'elle a congregação, sendo prior geral o dr. D. Chrystovam.

Aos commendatarios, de nefasta memoria, seguiram-se priores trienaes e em 9 de fevereiro de 1595 se elegeu o 1.º—D. Gaspar dos Reis, prior dignissimo que restaurou o convento, tanto no espiritual como no temporal.

—

Em 1612 se uniu *in perpetuum* ao convento da *Serra do Pilar*, tambem da mesma congregação;—em 1706 habitavam-no apenas 2 conegos, servindo um de presidente e outro de procurador, e conservava uma reliquia do seu padroeiro o proto-martyr Santo Estevam, que era annualmente festejado com grande romagem no dia proprio. Orçavam então em 800$000 réis as rendas que d'este convento iam para o da Serra, cujo prior apresentava n'este de Villela um cura secular, a quem dava de congrua 35$000 réis.

Foi couto, mas já nos principios do seculo XVIII havia perdido esse privilegio.

Durante a guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel (1832-1834) viveram n'este convento os conegos seguintes:—D. André da Conceição, D. Prior,—D. Luiz da Annunciada, vigario,—D. João das Neves, procurador,—D. Joaquim do Coração de Maria, D. Francisco das Dôres e D. Bernardo da Ave Maria, os quaes o abandonaram quando foram extinctas as ordens religiosas (1834) e levaram comsigo a reliquia de Santo Estevam, de que falla a *Chorogr. Port.* e que estava na egreja em um braço de prata.

O edificio do convento demorava e demora a S. O. da egreja e unido a ella, em sitio vistoso, alegre e saudavel;—hoje, 1886, conta pelo menos 768 annos;—tem passado por muitas vicissitudes e diversas reedificações, mas está limpo e bem conservado.

Não tem bellesas architectonicas, mas são dignas de menção a sua ampla escadaria e a sacada da sala que é hoje *sala de visitas.*

Ainda o convento

A rainha D. Theresa o coutou no anno de 1128—e na dicta carta se lê entre outras coisas o seguinte:

Do et dono quantum ego habeo intus istos terminos ab integro... Sic aereditates comodo homines, comodo Voce Regalia... Ego Tarasia Regina hanc Kartam jussi fieri, et manu mea roboravi.

Em vulgar: «Dou e concedo quanto eu tenho dentro d'estes termos na sua integra, ... tanto herdades, como homens e *vozes reaes* (multas ou coimas que se pagavam á corôa)... Eu a Rainha D. Theresa mandei fazer esta carta e a assignei por minha mão.»

V. *Voz* e *Cruz* em Viterbo—e as *Dissertações* de João Pedro Ribeiro, tomo 3.º pagina 89.

Fr. Nicolau de Santa Maria (*Chronica dos Conegos Regrantes*, logar citado) não pôde adduzir documento algum que provasse a existencia d'este mosteiro antes do anno 1118; temos porem um documento anterior que prova não só a existencia d'este mosteiro no seculo XI, mas que elle então era de *monges* e por consequencia *benedictino*!...

É um letigio que no anno de 1086 (era 1123) ainda no reinado de D. Affonso VI de Leão, moveram os *monges* d'este convento de Villela contra *Eirigu Asiulfiz* e outros, perante D. Egas Ermigiz, que julgou a favor dos monges.

Versava o pleito sobre propriedades sitas na villa e freguezia de *Sancta Marina de Figaria* (Santa Marinha de Figueira, hoje freguezia do concelho de Penafiel).

É um documento interessantissimo para a historia d'este convento e póde vêr-se na integra nas *Dissertações Chronol. e Crit.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 228 e 229.

É em latim e principia n'estes termos: *Temporibus illis*...

Em vulgar: «No tempo em que D. Affonso, rei das Hespanhas, conquistou aos mouros a cidade de Toledo, rebentou um letigio entre os frades do mosteiro de Villela e os herdeiros de S. Mamede de *Fafilanes*. Estes litigantes eram Diogo, presbytero e monge (*Monacus*) que ao tempo presidia ao mosteiro de Santo Estevam de Villela, contra Eirigu Asiulfiz e outros, por causa das terras da egreja de S. *Mamede de Fafilanes* situadas no termo da villa de Santa Marinha da Figueira....»

—

Na divisão que das rendas do bispado do Porto foi feita no anno de 1195 entre o bispo e o cabido, ficou pertencendo ao bispo este convento de Villela, alem d'outros e de varias terras e egrejas.

V. *Dissert.* de João Pedro Ribeiro, vol. 5.º pag. 90 e segg.

Tambem ali (pag. 63) se encontra um outro documento curioso que prende com este convento. É a doação que no anno de 1302 fez Beringeira Ayres ao Bispo do Porto D. Giraldo, dando-lhe este convento e *muitos outros* de que era padroeira, para que elle e seus successores lhe defendessem o convento d'Almoster, — a encommendassem a Deus nas suas orações—e mandassem dizer pela alma d'ella uma missa annual no dia 15 d'agosto.

Finalmente nas mesmas *Dissertações*, tomo 2.º pag. 255, se encontra na sua integra o accordo celebrado no convento d'Alpendurada em 24 d'agosto do anno de 1387, entre os prelados de muitos conventos, incluindo este de *Villela*, obrigando-se os dictos conventos a suffragarem mutuamente os religiosos que fallecessem em qualquer d'elles.

—

No dia 22 de junho de 1885 pesou sobre este concelho e sobre os concelhos limitrophes:—Paços de Ferreira, Penafiel e Santo Thyrso, uma trovoada medonha, que aterrou a todos e causou muitos prejuizos.

N'esta freguezia uma faisca electrica incendiou uma corte onde estava uma junta de bois, matando um d'elles.

No concelho de Paços de Ferreira cairam mais de 50 faiscas electricas. Uma d'ellas incendiou uma casa na freguezia de Freamunde,—outra duas choupanas na freguezia de Figueiró—e outra um rolheiro de palha na freguezia de Pena Maior.

No concelho de Penafiel cairam tambem differentes faiscas e mesmo na cidade duas: uma na casa do sr. Silva Cabral, partindo a haste de uma bandeira e alguns vidros,—outra junta do paiol de infanteria 6, que não tem para-raios.

Tambem cairam varias faiscas electricas no concelho de Santo Thyrso. Uma d'ellas na freguezia da *Reguenga* incendiou uma casa habitada por uma mulher que estava na cama com uma creancinha, sendo ambas

salvas pelos visinhos atravez das chammas que devoraram o predio.

—

Ao meu illustrado collega, o muito rev. sr. Pedro Celestino Cardoso Osorio, abbade de Santa Maria de Duas Egrejas e vigario da vara no 5.º districto ecclesiastico de Penafiel, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA DAS CHOÇAS ou simplesmente *Villela*,—freguezia do concelho e comarca dos Arcos de Val de Vez, districto de Vianna do Castello, arcebispado de Braga, provincia do Minho.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Concei ção (Santa Maria)—fogos 112,—habitantes 430.

Em 1706 era abbadia do Ordinario;—pertencia ao mesmo termo e concelho dos Arcos de Val de Vez, então comarca de Vianna; —rendia 300$000 réis—e contava 100 fogos.

Em 1768 era da mesma apresentação, mas corria pleito entre o arcebispo de Braga e os frades bernardos do convento de Fiães,—pleito que os frades venceram;—rendia réis 300$000—e contava 91 fogos.

Em 1834 era da apresentação da mitra.

O censo de 1864 deu-lhe 86 fogos e 426 (!) habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 122 fogos e 415 habitantes.

Nenhum dos dois censos merece credito, pois 426 habitantes são habitantes de mais para 86 fogos,—e 122 fogos deviam dar pelo menos 500 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—Sobre-Egreja, Villa Nova. Telhado, Sordieiro, Redondo, Costa, Quinteiro, Gogido e Casal do Eido.

—

A egreja parochial demora na margem esquerda do rio Vez, do qual dista meio kilometro para N. E.;—2 da estrada real a macadam n.º 1, dos Arcos a Monsão;—10 da villa dos Arcos para N. N. O.;—15 da villa da Ponte da Barca;—32 de Ponte de Lima; —55 de Vianna;—137 do Porto pela estação de Vianna e pela linha ferrea do Minho,—e 474 de Lisboa. [1]

Producções dominantes: — milho grosso, vinho verde, feijões, hervagens e fructa.

É tambem mimosa de peixe do seu rio e de caça dos seus montes.

Terreno fertil e mimoso, principalmente na margem do Vez, onde tem campos lindissimos e bellos açudes para irrigação e recreio.

O seu clima é temperado e saudavel, mas varia com as altitudes.

Nas margens do Vez é mais quente do que frio;—nos seus montes é aspero—e a meia encosta temperado.

Freguezias limitrophes:—S. Pedro de Sá a N. N. E.;—S. Cosme e Damião a S. S. E. —Sabbadim e Aboim das Choças a O. S. O., alem do rio Vez.

—

Esta parochia é muito antiga e anterior ao seculo XII, pois já na era de 1225 (anno 1187) D. Sancho I doou a *F. Fernandiz* metade d'ella e do reguengo de Sabbadim na parochia d'este nome e sua limitrophe, na outra margem do Vez.

A dicta doação principia assim:

Ego Rex D. Sancius, una cum uxore mea D. Dulcia, . . .

Em vulgar: «Eu rei D. Sancho, juntamente com minha mulher a rainha D. Dulce e meus filhos o rei D. Affonso e o rei D. Henrique, e minhas filhas a rainha D. Theresa e a rainha D. Sancha. . .»

Maço 12 de Foraes Antigos, n.º 3, fl. 64, v. na *Torre do Tombo*,—e *Dissertações* de J. P. Ribeiro, tomo 2.º pag. 289,—e 3.º parte 1.ª, pag. 178.

Esta parochia nunca foi villa nem teve foral proprio, mas foi terra muito priveligiada, por ser expressamente comprehendida no foral que el-rei D. Manuel deu em 2 de junho de 1515 á villa de *Val de Vez*.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 77, col. 1.ª

V. *Val de Vez*, vol. X, pag. 92, col. 2.ª— e *Arcos de Valle de Vez* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos aquelles

---

[1] A estação de *Valença* fica mais proxima de *Villela*, mas dista da de *Vianna* 49 kilometros para N. e obriga a maior percurso quem houver de dirigir-se para o sul.

artigos e mencionaremos todas as povoações comprehendidas no foral de D. Manuel. Não as mencionamos agora aqui por serem muitas e o local menos proprio; entretanto podem ver-se em *Franklin*.

—

Esta parochia nunca foi villa, como já dissemos, mas outr'ora pertencia ao termo da antiquissima e extincta villa das *Choças*, cuja séde se ignora. A tradição apenas diz que comprehendia a aldeia das *Choças de Cima*, hoje pertencente á freguezia de Alvora,—a das *Choças de Baixo*, hoje da freguezia de Aboim das Choças,—e uma porção de terreno a O. do rio Vez, n'esta parochia de *Villela*, cujos habitantes não querem se denomine *Villela das Choças*, porque uma das taes aldeias assim denominadas foi um medonho covil de ladrões. Só em um anno d'ali foram 7 degredados para a Africa!...

Diz tambem a tradição que a tal villa das *Choças* tomara o nome das *choças*, *casebres* on *tendas*, onde por estes sitios bivacaram os exercitos de D. Affonso Henriques e de D. Affonso VII de Leão em 1128 ou 1129, por occasião da batalha de Valle de Vez.

V. *Arcos de Val de Vez*.

Como reminiscencia da extincta villa das *Choças* ainda hoje se apontam na aldeia das *Choças de Cima*, em Alvora, os restos das paredes de um edificio que (dizem) foi *casa da Misericordia*, transferida para a villa dos Arcos.

Tambem dizem que a matriz da extincta villa estava nas *Choças* de Aboim, no local que hoje occupa a capella de S. Pedro, capella que ainda pelos annos de 1850 era um templo vasto,—*a velha matriz*.

—

Esta parochia é banhada pelo rio Vez e pelo regato dos *Curtos* (talvez *Curutos*) ou dos *Pinheiros*, confluente do Vez, e tem n'este rio uma ponte de pedra e varios moinhos.

Os seus templos reduzem-se á egreja parochial, de uma só nave, reconstruida no ultimo seculo e bem conservada,—e a uma capella de *S. Gonçalo d'Amarante*.

Ha nos montes d'esta freguezia 2 morros notaveis, denominados *Côto do Viso* e *Côto do Signo Samão*. Este ultimo é formado por grandes penedos sobrepostos.

Em maio de 1886 foi annexada ecclesiasticamente a esta parochia de *Villela* a de *S. Pedro de Sá*.

Terminaremos dizendo que não nos foi possivel encontrar documento algum escripto com relação á villa das *Choças*, posto que fizemos inspeccionar o actual archivo da camara de *Val de Vez*, que representa os archivos das camaras extinctas n'este concelho; nada porém ali se encontra a tal respeito, porque foi pasto das chammas, não sabemos quando.

—

Houve e não sabemos se ha n'esta parochia uma familia nobre, por appellido *Lima Brito*, que em 1805 era representada por Antonio de Lima Brito, filho de Manuel de Lima Brito e de sua mulher D. Laura de Sousa Rodrigues, neto paterno do dr. Antonio de Brito de Lima e materno de Domingos Rodrigues.

Ao mencionado Antonio de Lima Brito foi a 7 d'outubro d'aquelle anno concedido por D. João VI o brasão d'armas seguinte:—escudo partido em pala, tendo na 1.ª as armas dos *Britos* e na 2.ª a dos *Limas*.

—

Ao meu illustrado collega, o rev. sr. Francisco Joaquim da Rocha, parocho actual d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

Nasceu s. ex.ª a 10 de dezembro de 1858, na freguezia de *Giella*, d'este concelho, e foram seus paes José Maria Cerqueira da Rocha, antigo sargento das milicias dos Arcos de Val de Vez, e D. Maria Clara da Cunha Varejão;—neto paterno de João Miguel Cerqueira, forriel das milicias dos Arcos na guerra da peninsula, e materno de Francisco Antonio Pereira Varejão, alferes do terço de Coura no regimento de milicias de Vianna, em 1833 a 1834.

O rev. Francisco J. da Rocha foi alumno do seminario de Braga;—ordenou-se em 23 de setembro de 1882 e collou-se n'esta freguezia de *Villela* em 8 de junho de 1886.

VILLELA SECCA,—freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real,

diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 150,—habitantes 684.

Em 1706 era curato da mitra;—pertencia ao termo e concelho de Chaves, comarca e ouvidoria de Bragança,—e contava 50 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação do abbade de Villarelho;—rendia 60$000 rs. e contava 73 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 123 fogos e 535 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 143 fogos e 684 habitantes.

Toda a sua população está concentrada na grande aldeia de *Villela Secca*, na margem direita do Tamega, do qual dista 3 kilometros para O.;—11 de Chaves para N.;—85 de Villa Real;—112 da estação da Regoa (hoje a mais proxima) na linha ferrea do Douro; —216 do Porto—e 553 de Lisboa.

Estas distancias devem modificar-se, logo que se construam as 3 linhas ferreas projectadas e em estudos:—1.ª de Chaves a Guimarães;—2.ª de Chaves a Viseu pelo valle do Corgo, Regoa e Lamego;—3.ª de Chaves a Viseu tambem pelos valles do Tamega e do Paiva.

Esta ultima devê encurtar consideravelmente a distancia entre Chaves e o Porto e por consequencia entre Chaves e Lisboa, porque, segundo os estudos já feitos, entronca na linha do Douro no kilometro 58, entre a estação do *Marco* e o apeadeiro da *Livração*, 46 kilometros a jusante da Regoa, e poupará os viandantes ao fastidioso percurso de 101 kilometros em diligencia da estação da Regoa até Chaves.

—

Confina ao norte com a nossa freguezia de S. Thiago de Villarelho da Raia;—ao sul com a de Santa Maria de Bustello;—ao poente com a de S. Martinho do Couto de Ervededo—e ao nascente com a Gallisa, mettendo-se o Tamega de permeio.

Producções dominantes: — milho grosso, muito vinho, feijões, trigo, cevada, hervagens e fructa.

Tambem cria muito gado bovino e é mimosa de peixe do Tamega e de caça miuda.

A egreja matriz, com altar-mór e dois lateraes, é um templo modesto, mas decente, —e ha tambem n'esta freguezia uma capella dedicada ao *Senhor dos Milagres*. Demora a N. da povoação de Villela e está hoje dentro do cemiterio parochial, que é um dos melhores d'estes sitios.

—

Viveu muitos annos n'esta parochia o rico proprietario Francisco Fernandes de Moura, ha pouco fallecido. Era natural da freguezia de Santa Maria de Gralhas, irmão do rev. João Alvares de Moura, muito digno procurador do seminario de S. Paulo, em Braga, e sobrinho do rev. dr. João Alvares de Moura, muito illustrado e muito virtuoso deão da sé do Porto, onde foi advogado distinctissimo e por vezes governador da diocese, —irmão do zeloso missionario e virtuosissimo conego regrante, bacharel formado em philosophia, D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura, natural da povoação de Medeiros, freguezia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre.

V. vol. X, pag. 530.

—

É natural d'esta freguezia de Villela o rev. Felisbino Garcia de Oliveira, parocho collado na freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Lama d'Arcos e Villa-Frade, n'este mesmo concelho de Chaves,—e é hoje reitor d'esta freguezia de Villela o rev. Manuel Caetano Rodrigues, natural de S. Vicente de Redondello.

Villela Secca não tem estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Chaves a Verim, que atravessa as duas formosas veigas assim denominadas e passa a pequena distancia da margem esquerda do Tamega.

É uma estrada lindissima e toda tão plana que até aborrece, como nos succedeu quando em outubro de 1883 visitámos Verim.

A grande industria d'esta parochia e de todas as nossas da raia é o contrabando. Nós temos hoje um corpo de guardas fiscaes numeroso e muito bem montado, mas, apesar de tudo, o contrabando continua em toda a raia e com tanta facilidade que os contrabandistas, dando-se-lhes apenas mais 10 por cento alem do custo das fazendas em

Hespanha, obrigam-se a pol-as em qualquer ponto do nosso paiz. E cumprem religiosamente,—*a despeito de toda a vigilancia fiscal!...*

—

Esta freguezia tambem já pertenceu ao concelho de Ervededo, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o de Chaves.

Em 1884 Joaquim de Sousa, casado, filho d'esta parochia de Villela, mas residente em Verim, tendo assassinado ali a pobre mulher, foi preso e sentenciado á pena de morte na forca, segundo as leis da Hespanha. Apenas constou o facto na nossa villa de Chaves, o benemerito delegado do procurador regio, dr. João de Sousa Vilhena, reclamou a intervenção do nosso governo. Dirigiu-se este ao rei da Hespanha Affonso XII, o qual generosamente accedeu, commutando a pena do reu na immediata.

—

Ao meu bom amigo e collega, o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, reitor de S. Martinho de Bornes, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VILLELA DO TAMEGA, — freguezia do concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real, diocese de Braga, provincia de Traz-os-Montes.

Reitoria. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 184,—habitantes 790.

Em 1706 era curato do mesmo concelho e diocese, mas da comarca e ouvidoria de Bragança,—e contava 80 fogos.

Em 1768 era vigairaria da apresentação dos arcebispos de Braga;—rendia para o vigario 70$000 réis—e contava 88 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 174 fogos e 720 almas,—e o de 1878 deu-lhe 170 fogos e 660 almas.

Comprehende as 3 aldeias seguintes:

1.ª—*Villela do Tamega*, séde da parochia.

Em 1706 contava 40 fogos;—hoje conta 124.

2.ª—*Rodeal.*

Em 1706 contava 30 fogos;—hoje conta 44.

3.ª—*Moure.*

Em 1706 contava 10 fogos;—hoje conta 16.

Ha tambem n'esta parochia 6 quintas:—Oliveira, Ribeira, Regueiral, Souto, Prados e Outeiro;—5 casas de moinhos de cereaes no Tamega, movidos por agua—e 2 moinhos de azeitona em Villela, movidos por bois.

—

Demora em terreno accidentado ao sul da serra de Santa Barbara e na margem esquerda do Tamega, do qual a povoação de *Villela* dista 1 kilometro para S. E.;—11 de Chaves para S. O;—55 de Villa Real;—82 da estação da Regoa, hoje a mais proxima, na linha do Douro;—186 do Porto pela estação da Regoa,—e 523 de Lisboa.

Estas distancias devem soffrer grande modificação, logo que se construam as linhas ferreas projectadas e em estudos:—de Chaves a Guimarães, em continuação das de Guimarães ao Porto pela Trofa e pela Povoa de Varzim, já construidas e em exploração;—de Chaves a Vizeu pelo Valle do Corgo, Regoa e Lamego,—e a outra de Chaves a Viseu tambem pelos valles do Tamega e do Paiva.

V. *Villela Secca* e *Vias Ferreas*, vol. X pag. 471 e segg.

Passa n'esta freguezia na direcção O. N. O. pelo fundo da povoação de *Villela* a estrada real a macadam n.º 5, de Villa Real a Chaves, servida pelas diligencias e mala-posta que trabalham entre Chaves, Guimarães e Regoa e que suspenderão as suas carreiras logo que se construam as linhas indicadas supra.

—

A dicta estrada real é plana e lindissima desde esta parochia até Chaves, bem como de Chaves até á fronteira e mesmo até Verim, pois já do sitio da *Aveleira*, termo de Villarinho, se descobre a vasta planicie de Chaves, toda cultivada e cortada a meio pela dicta estrada e pelo Tamega, aqui muito sereno e orlado de amieiros, salgueiros, alamos e freixos, regando e fertilisando as veigas de Chaves e de Verim, que formam por assim dizer uma só. Abrigam a veiga de Chaves a S. e S. E. o monte *Minheu* e a serra de *Padrella*—e a N. e N. O. as serras de Barroso.

—

Templos: — a egreja matriz e 2 capellas

publicas,—uma na aldeia de *Rodeal*, com a invocação de S. Thiago,—outra na aldeia de *Moure*, com a invocação de Santo Antonio, —e uma particular na povoação de *Villela*, com a invocação de Nossa Senhora das Dores.

A egreja matriz, templo modesto, mas decente, está muito bem situada na povoação de *Villela*, em terreno alto, alegre e vistoso, dominando toda a povoação, que lhe fica a jusante,—a estrada real a macadam—e um largo horisonte.

Foi reconstruida em 1750 e pintado o tecto em 1880.

Tem uma nave e 5 altares:—o mór com o Santissimo e as imagens da padroeira e de Santo Amaro, e 4 lateraes:—Senhor Crucificado e S. Sebastião, do lado da epistola;—Senhora do Amparo e Senhor dos Passos, do lado do Evangelho. [1]

Festividades principaes:—a da padroeira a 15 d'agosto—e 2 menores:—a da Senhora das Candeias e a do Santo Nome de Deus.

Tem adro murado que serve de cemiterio, desde que se prohibiram os enterramentos nas egrejas.

—

Producções dominantes:—vinho, milho, centeio, azeite, batatas, castanhas, muita fructa de caroço e hervagens, pelo que tambem cria bastante gado bovino e lanigero.

É tambem mimosa de caça dos seus montes e de peixe do Tamega.

O vinho era a sua producção principal, mas infelizmente hoje a phylloxera ameaça de morte os seus vinhedos e já pouco vinho produzem, como todos os d'esta provincia transmontana.

Freguezias limitrophes:—Villas Boas a S., —S. Pedro d'Agostem a E.,—Villarinho das Paranheiras a O.,—o Tamega a N. E.—e S. Vicente de Redondello, alem do Tamega.

—

É povoação muito antiga e data pelo menos da occupação romana, o que é naturalissimo, por ser um arrabalde e dependencia da celebre cidade *Aquae Flaviae* (Chaves) e demora na via militar para as cidades romanas de Panoias, Lamego e Caria—e talvez para a de *Cauca*, hoje Villa Pouca d'Aguiar, na opinião d'alguns auctores.

V. *Chaves*, *Villa Pouca d'Aguiar* e *Villa Real de Traz-os-Montes*.

Ainda hoje aqui, no termo d'esta parochia de *Villela*, se encontram junto do Tamega claros vestigios de construcções romanas, que o povo denomina *obras dos mouros*, e uma ponte de pedra com assentos de pedra tambem aos lados.

Tambem ha memoria de se terem encontrado moedas romanas em varios pontos d'esta freguezia.

As margens do Tamega são planas e lindissimas a jusante d'esta parochia, no termo de Villarinho das Paranheiras, e mais ainda a montante, atravez da esplendida veiga de Chaves, mas aqui, no termo de *Villela*, são em grande parte escabrosas,—e no sitio do *Chapeirão*, um pouco a montante do açude que os de *Villarinho das Paranheiras* construiram, ha um pégo respeitavel.

—

O monte de Santa Barbara, de que já fizemos menção nos artigos *Chaves*, *Villas Boas* e *Villarinho das Paranheiras*, principia a erguer-se de N. O. no termo d'esta freguezia, junto de *Rodeal*, e é dividido por ella, pela de *Villas Boas* e pela de *S. Pedro d'Agostem*, pertencendo a esta ultima a capellinha de Santa Barbara, pelo que em 1823, quando no dicto monte se feriu a batalha entre a divisão realista do general Silveira e a divisão liberal de Luiz do Rego [1], tambem soffreu bastante esta freguezia de *Villela*.

Ainda hoje o seu actual reitor bem se recorda do susto que então teve!...

Tambem por occasião da medonha trovoada de que ja fizemos menção e que pe-

---

[1] A imagem actual da padroeira foi mandada fazer pelo parocho e mais devotos em 1703, em substituição da primitiva, que se achava muito deteriorada com o peso dos seculos.

V. *Santuario Marianno*, vol. 7.º pag. 432.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1020, col. 1.ª,—*Barbara* (Santa) serra, vol. 1.º pag. 322,—*Villar d'Ossos* e *Santa Barbara*.

sou sobre o dicto monte no dia 3 d'agosto de 1842, as aguas, dividindo-se em torrentes, causaram muito prejuiso n'esta parochia, principalmente nas povoações de *Villela* e *Rodeal*.

V. *Villarinho das Paranheiras*.

Alem da trovoada de 3 d'agosto de 1842, tambem outra não menos medonha pesou sobre esta freguezia e sobre as povoações de S. Pedro d'Agostem, Bobeda, Seixo e Loivos no dia 26 de junho de 1876.

A agua era tão abundante e tomou tal vulto e força, que inundou os campos e levou na torrente penedos de um tamanho descommunal. Os estragos foram muitos. A agua, na sua maior força, demoliu paredes de dois e tres metros de altura, arrancou arvores e muitas vinhas, cobriu de areia muitos lameiros e fez escavações na profundidade de dez metros. Os trigos e centeios foram todos levados pela torrente. Um raio matou, ao pé de Bobeda, um homem chamado Amador Gomes, que n'essa occasião andava no campo com os bois; finalmente, muitos lavradores ficaram arruinados. Calculou-se o prejuiso, approximadamente em 12 a 15 contos de réis, diz o *Flaviense*, folha de Chaves.

Ha n'esta freguezia uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino —e uma casa unica brasonada, da qual vamos fazer menção.

Pessoas notaveis

1.ª—*Dr. Eduardo José Coelho*, bacharel formado em direito, fidalgo distincto, cavalheiro muito illustrado e de muito merecimento.

Nasceu na sua nobre casa de *Rodeal*, a unica brasonada e absolutamente a mais rica d'esta parochia, e é juiz de uma das varas em Lisboa, tendo sido juiz de direito nos Açores (*Ilha do Pico*) Rezende, Villa Pouca d'Aguiar, Ceia, Tondella e Beja, deputado ás côrtes em varias legislaturas, governador civil de Bragança, etc.

Casou com a sr.ª D. Carolina d'Almeida Pessanha, da nobre familia Pessanhas dos suburbios de Mirandella, irmã de Carolino d'Almeida Pessanha, já fallecido, que foi deputado em differentes legislaturas, —e sobrinha do digno par do reino João Pedro d'Almeida Pessanha, venerando ancião na actualidade e um dos cavalheiros mais ricos d'esta provincia.

O sr. dr. Eduardo José Coelho é filho de Silvestre José Coelho, tambem cavalheiro de muita probidade e dignidade, por vezes administrador e vereador d'este concelho, —e de D. Anna Angelica Gomes de Moura, já fallecida, herdeira e senhora da nobre casa de *Rodeal*.

É s. ex.ª tambem sobrinho, por affinidade, do bacharel Antonio Victor de Carvalho e Sousa, da illustre casa da *Ponte de Chavêz*, morador que foi na aldeia de *Villa do Conde*, freguezia de Valloura, concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Tem o sr. dr. Eduardo J. Coelho uma irmã, D. Angela, ainda solteira, — e dois irmãos:—Alvaro de Moura Coelho, bacharel formado em direito, delegado do procurrador regio em Lisboa,—e o rev. Justino José Coelho, administrador da casa de *Rodeal*.

—

2.ª—O rev. *Hermenegildo José Teixeira*.

Nasceu n'esta freguezia, em 22 de novembro de 1822;—foi coadjutor na de S. Pedro de Miragaya, no Porto, desde 1849 até 1860; —passou depois para o patriarchado, onde parochiou em varias freguezias — e é ali actualmente prior de Odivellas, desde 1865.

3.ª—O rev. *Luiz Alves*.

É distincto professor de latim, muito estimado e considerado pela sua não vulgar illustração e pelo seu exemplar comportamento.

4.ª—*João Antonio de Carvalho*, medico-cirurgico e cavalheiro estimabilissimo tambem.

Casou na freguezia de Carrazedo de Montenegro, onde fixou a sua residencia e falleceu ha annos.

Era um habil clinico.

5.ª—O rev. *Jeronymo José de Sousa Martins*.

Nasceu n'esta freguezia em 8 de dezembro de 1806[1];—é seu venerando reitor col-

---

[1] Conta *hoje* precisamente 80 annos, pois

dado desde 28 de julho de 1847 (ha 39 annos e alguns mezes?!...)—tendo sido n'ella reitor encommendado mais 2 annos,—desde 26 de julho de 1845 até 28 de julho de 1847, —e, com as suas economias de tantos annos e com os bens patrimoniaes que herdou dos seus maiores, é hoje um dos primeiros proprietarios d'esta freguezia.

Se eu attingisse tão longa idade,—o que piamente não creio,—contaria 51 annos de vida parochial, pois nasci em 1832 e já sou parocho ha 25 annos. V. *Corvaceira* e *Miragaya*.

65.º—O rev. *Fr. João dos Serafins Ferreira*, homem bastante illustrado, natural da villa de S. João da Pesqueira. Era frade franciscano, mas secularisou-se muito antes da extincção das ordens religiosas e collocou-se n'esta reitoria de *Villela do Tamegja*.

Por ser taxado de liberal foi perseguido e preso e esteve na cadeia de Chaves durante o governo do sr. D. Miguel.

Falleceu em 26 de julho de 1845—e succedeu-lhe o venerando reitor actual Jeronymo José de Sousa Martins.

Na noite de 2 de julho de 1885 foi aqui barbaramente assassinado Manuel Rodrigues por Antonio de Carvalho.

—

Ao meu bom amigo e collega o rev. sr. Manuel Henrique da Silva Machado, natural de Villarinho das Paranheiras e reitor de S. Marinho de Bornes, agradeço os apontamemtos que se dignou enviar-me.

VILLELA DA TORRE, ou *Torre de Villela*,—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Coimbra, junto da estação de Souzellas, na linha ferrea do norte.

Orago S. Martinho.

V. *Brafemes*,—*Torre de Villela* e *Varzea de Cavallos*.

No artigo *Torre de Villela* deu o nosso benemerito antecessor um resumo biographico de José de Seabra da Silva, natural d'esta parochia, mas no grande *Diccionario Popular*, dirigido pelo sr. M. Pinheiro Chagas, se encontra a mesma biographia com maior desenvolvimento e para lá remettemos os leitores. Aqui apenas faremos tres rectificações:

1.ª—Na nota ao artigo *Torre de Villela*, pag. 609, col. 2.ª,—em vez de... *desistencia do principe do Brazil* (*depois de D. Maria I*) —leia-se *desistencia da princesa do Brazil* (*depois D. Maria I*).

2.ª—Na pagina seguinte do mesmo artigo, col. 1.ª, em vez de... *rainha D. Maria Victoria*—leia-se, *rainha D. Marianna Victoria*...

3.ª—No artigo *Varzea de Cavallos*, em vez de—*N'esta aldeia nasceu em novembro de 1732 José de Seabra da Silva*, leia se—*N'esta aldeia nasceu em 6 d'outubro de 1694 Lucas de Seabra da Silva, pae de José de Seabra da Silva*...

Effectivamente o pae nasceu em *Varzea de Cavallos*—e o filho n'esta parochia de *Villela*, como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Torre de Villela*.

—

Comprehende esta parochia 3 aldeias:—Villela, Torre de Villela, e Ponte de Villela, —todas 3 talvez fundadas em uma grande herdade ou quinta que foi do mouro *Zuleiman Iben Giarab Aciki*, pois no *Livro dos Testamentos* do convento de Lorvão sob o n.º 9 se encontra uma carta de venda de uma grande herdade em *Villela, não longe de Coimbra*, feita pelo dicto mouro ao abbade Dulcidio e seus frades [1] por *20 soldos kazimos*, na era mussulmana de CCCCVII, *Mense Ragiab*. Corresponde a maio de 1016 da era christã. E no mesmo anno e no mesmo sitio de *Villela* o mouro Mahomat, filho

---

estou escrevendo estas linhas no dia 8 de dezembro de 1886. N'este momento marca o meu relogio 11 horas e 3 quartos da noite.

[1] O convento de Lorvão foi primitivamente de frades,—depois *duplex*, de frades e freiras,—por ultimo só de freiras. V. *Lorvão*.

de Abderraman, vendeu ao dicto abbade Lucidio outra grande herdade com seus casaes e edificios de toda a ordem por 40 soldos de *argento puro.*

É isto o que se lê em Viterbo nas palavras *Era* e *Kazimos,*—e na *Monarchia Lusitana,* parte 2.ª, fl. 350, onde Fr. Bernardo de Brito deu o texto da 2.ª carta de venda; n'ella porém se diz que a venda foi feita *per decè solidos,*—por dez soldos, não por 40, como se lê em Viterbo.

Tambem fr. Bernardo de Brito diz que a tal era mussulmana de 407 corresponde ao anno de Christo 968 e á era de Cesar 1006 —emquanto que o *Elucidario* diz corresponder ao anno 1016 !...

O que não admitte duvida é que esta povoação data pelo menos dos principios do seculo XI e que já tinha então o mesmo nome de *Villela.*

Tambem d'aquelles dois curiosos documentos se vê o motivo porque o mosteiro de Lorvão apresentou sempre os parochos d'esta freguezia e teve n'ella muitas rendas e fóros.

V. *Torre de Villela* no supplemento a este diccionario, onde ampliaremos consideravelmente este artigo.

VILLULA, portuguez antigo.

Até os fins do seculo XVI, *Villula, Villelela, Villar, Villarinho, Villarelho* e *Villarandelello* foram synonimos e diminutivos de *villa,* na accepção de granja, quinta, casal ou pequena povoação.

FIM DO 11.º VOLUME

Alvaladeiro
Tomellosa

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

---

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal

E CONTINUADO POR

Pedro Augusto Ferreira

Bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, socio fundador da Sociedade de Instrucção do Porto e *abbade de Miragaya* na mesma cidade.

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — Largo do Camões — 6

1890

DP
514
P65
1873
V.12

THE GETTY CENTER
LIBRARY

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

V

VIMARANES e **VIMARÃES**.— Assim se denominaram outr'ora a cidade de Guimarães e a quinta onde a infanta D. Sancha fundou em 1210 o extincto convento de *Cellas*, junto de Coimbra.

V. *Guimarães*, tomo 3.º, pag. 350, col. 2.ª, e *Cellas* n'este diccionario e no supplemento.

Vimarano foi nome proprio d'homem e talvez possa dizer-se que *Vimaranes*, *Vimarães* e *Guimarães* são patronimicos de *Vimarano*.

Um dos filhos d'el-rei D. Affonso I, o *catholico*, de Leão (739–753), chamava-se *Vimarano* e teve uma filha D. *Eneca*, a qual casou com D. Sancho de Estrada, duque de Santilhana.

VIMEIRO (não *Vimieiro*) — freguezia do concelho e comarca de Alcobaça, districto de Leiria, diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago S. Sebastião; — fogos 233, — habitantes 1:010.

Ignoramos o titulo que hoje tem o seu parocho, mas até 1834 foi vigairaria da apresentação do D. Abbade geral d'Alcobaça, por ser uma das muitas freguezias comprehendidas nos *coutos* d'aquelle famoso convento.

A *Chorographia Portugueza* nem sequer a mencionou;—o *Port. S. e Profano*, bem como o *Flaviense*, o *Diccionario Abreviado* de José Avelino d'Almeida e o sr. João Maria Baptista na sua *Chorographia Moderna*, con-

fundiram esta parochia de S. Sebastião do Vimeiro, concelho d'Alcobaça, com a de S. Miguel do Vimeiro, concelho da Lourinhã, pois o *Port. S. e Profano* apenas mencionou a de S. Miguel do Vimeiro, dizendo que era da apresentação do D. Abbade geral de Alcobaça, em vez de dizer que os D. abbades d'Alcobaça apresentavam a de S. Sebastião de Vimeiro, que não mencionou. Por seu turno os outros auctores citados dizem que a batalha de que logo fallaremos, ferida em 1808 entre o exercito anglo-luso, commandado por Lord Welington, e o exercito francez de Junot, teve logar n'esta freguezia de S. Sebastião do Vimeiro, concelho d'Alcobaça, quando é certo que a dicta batalha se feriu no *Vimeiro* da Lourinhã.

V. o *Vimeiro* seguinte.

Custa realmente a crer que o sr. João Maria Baptista (desculpe-nos s. ex.ª por quem é) sendo um militar d'alta patente,—coronel d'artilheria,—quasi contemporaneo da dicta batalha e tão consciencioso e meticuloso na sua *Chorographia*, aliás tão laconica, apesar dos seus 7 grossos volumes, acceitasse sem escrupulo tão flagrante erro historico,—erro que s. ex.ª no 7.º volume confessou e reparou.

Passemos adiante.

—

O *Flaviense* em 1852 (não podemos ir mais longe) deu a esta parochia 143 fogos; — o censo de 1864 deu-lhe 203 fogos e 917 habitantes,— e o de 1878 deu lhe 210 fogos e 997 habitantes.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Vimeiro*, séde da parochia,—Gaiteiros, Pedras-Gaio, Ribeira do Marete, Sortão, Canos, Arrotêa Nova e as quintas e casaes do Vimeiro, da Matta, d'Alem, do Marquez, do Outeiro, do Vigia, dos Serafins, da Raposeira, de Baixo e Ruiva.

Demora a povoação do *Vimeiro* na quebrada de um monte e na orla de uma veiga esplendida ou grande bacia circumdada por altos montes, em grande parte arborisados, avistando-se d'elles o mar,—e dista 5 kilometros da estrada real a macadam n.º 63 de Alcobaça a Leiria, para S.;—11 do oceano para E. S. E.;—os mesmos 11 d'Alcobaça para S. S. O.—e 82 de Lisboa.

—

Ignora-se a data da instituição d'esta parochia. O livro mais antigo que actualmente se encontra no seu archivo parochial diz respeito ao anno de 1695, mas Fr. Fortunato de S. Boaventura, monge cisterciense, falla da *Granja do Vimeiro*, como existente já em 1296, data em que, segundo se suppõe, foi feita uma delimitação das freguezias dos *Coutos*, em virtude da qual ficou a *Granja do Vimeiro* comprehendida no termo da parochia da *Alvorninha*.

Diz a tradição que a primeira matriz d'esta parochia do *Vimeiro* foi uma capella do Espirito Santo, fundada por alguns devotos antes da erecção da freguezia—e que esta foi criada por el-rei D. Sebastião.

Estava a dicta capella a pequena distancia do adro da actual egreja, precisamente no local que hoje occupa o cemiterio. Por se achar em ruinas foi demolida em 1850 a 1860 e o painel do seu retabulo foi transferido para a egreja parochial, onde se conserva ainda hoje 1886 [1].

—

Templos:—a egreja matriz é uma bonita capella particular na *Quinta do Vimeiro* que foi do commendador Pedro José d'Oliveira,

---

[1] Em 1712 esta freguezia de *S. Sebastião do Vimeiro* era um dos *coutos* do convento d'Alcobaça, termo e concelho d'este nome, comarca (provedoria e corregedoria) de Leiria, no patriarchado.

digmo chefe da 1.ª repartição do governo civil de Lisboa, cavalheiro estimabilissimo, de quem havemos de fallar muitas vezes, por ter sido o primeiro proprietario e o cidadão mais benemerito d'esta freguezia.

Foi a dicta capella reedificada em 1745 e está muito limpa e muito bem reparada.

A matriz é um templo modesto, com altar-mór e dois lateraes. Suppõe-se que foi feita pelos frades d'Alcobaça, por ser esta freguezia *couto* d'elles, e está tambem hoje muito limpa e bem tractada, — graças ao muito benemerito commendador Pedro José de Oliveira, ha poucos annos fallecido, pois por iniciativa sua e em grande parte á sua custa foi feito o côro, soalhada a egreja, restaurado o retabulo do altar-mór e construida a casa da residencia parochial, bem como o cemiiterio.

Tambem s. ex.ª muito generosamente fundou e dotou a esplendida casa de escola que esta freguezia possue para os dois sexos.

É um edificio elegante, espaçoso, bem acabado e mobilado com todos os accessorios que demanda uma casa escolar, incluindo a habitação do professor.

Allem d'isso está muito vantajosamente situado e tem abundancia d'ar e luz que entram a jorros pelas suas *vinte e seis amplissimas janellas?!...*

Satisfaz perfeitamente a todas as condições da sciencia, da hygiene e da arte; — é um dos melhores edificios do districto de Leiria no seu genero — e um padrão venerando que perpetuará a memoria do seu benemerito fundador.

Deus lhe pague em bençãos tantos e tão relevantes serviços prestados á sua terra natal.

—

Falleceu em Lisboa, no dia 9 d'abril de 1885, legando á junta de parochia d'esta freguezia tres contos de réis em inscripções da Junta do Credito Publico, para com o seu rendimento augmentar a congrua do parocho, impondo-lhe a obrigação de coadjuvar e substituir o professor nos seus impedimentos e faltas, e já em dezembro de 1882, depois de concluir e mobilar o grande edificio da escola, tinha dado á camara municipal de Alçobaça *cinco contos de réis* em metal, para com o juro d'esta quantia pagar ao professor e á professora da dicta escola.

Outros muitos beneficios prestou a esta freguezia o *dr. Pedro*. Assim era vulgarmente denominado aquelle santo homem,— e foi elle coadjuvado em algumas das suas obras por outro cidadão benemerito, filho d'esta freguezia,— o sr. João Fernandes, muito digno de louvor tambem.

—

Em outro tempo fizeram-se n'esta parochia, com grande pompa, touradas, romaria e bôdo, as festas do Espirito Santo,—e tambem foram muito lusidas as festas da semana santa, mas de todas essas festividades apenas resta a memoria!...

Banham esta freguezia dois regatos, que se juntam na formosa quinta do *Vimeiro* e desaguam no rio *Alfeizerão*, depois de regarem as fertilissimas varzeas da *Ribeira do Marete*.

A N. da povoação do Vimeiro tambem passa outro regato, que fertilisa differentes campos e as varzeas da quinta da *Matta*, pertencente ao sr. Pedro da Silva da Motta Cerveira Montenegro de Bourbon, F. C. R., etc.

Este ultimo ribeiro desagua no rio *Baça*, que banha a villa d'Alcobaça e desagua no oceano, um pouco ao sul da villa da Pederneira.

O *Alfeizerão* morre tambem no Oceano, no porto de S. Martinho.

—

Ha n'esta freguezia uma extensa matta real—a *Matta do Gaio*, ou *Matta Coutada*—

que foi do convento d'Alcobaça, bem como a quinta do *Vimeiro*, da qual era dependencia.

A dicta matta é quasi toda de carvalhos, mas nos ultimos annos n'ella se tem feito grande plantação de eucalyptos e sementeira de penisco e de castanhas.

Dentro d'ella, no sitio da *Pena Gouvinha*, ha um manancial d'excellente agua potavel de que em tempo se proviam alguns frades d'Alcobaça

Producções dominantes,—vinho, cereaes e fructa.

Palito metrico

Cerca de 1 kilometro ao sul da povoação do *Vimeiro* demora, no termo d'esta freguezia, a pequena aldeia do *Sortão* em uma estreita garganta formada por ingremes encostas e altos montes.

Foi ali, n'aquella pequena aldeia, que nasceu *João Rebello da Silva*, afamado auctor do *Palito Metrico* ou da *Macarronea Portugueza*, obra interessantissima e *unica* entre nós até hoje no seu genero.

Segundo se lê no *Diccionario Bibliographico*, João Rebello da Silva cursava a Universidade de Coimbra pelos annos de 1746 e chegou a tomar os graus na faculdade de theologia ou na de canones.

Em abril de 1774 entrou no serviço da real casa e egreja de Nossa Senhora da Nazareth, como coadjuctor do reitor d'aquelle sanctuario, dr. Manuel d'Andrade Torres. Nomeado depois reitor effectivo da mesma egreja, exerceu aquelle cargo até agosto de 1780, data em que se retirou para a sua casa do *Sortão*, onde viveu ainda alguns annos, fallecendo approximadamente em 1790, já decrepito e contando mais de 80 annos de idade.

As suas obras foram primeiro publicadas avulsamente e quasi todas sob o pseudonimo de Antonio Duarte Ferrão; mais tarde porem foram colligidas com outras de diversos auctores e repetidas vezes impressas no bem conhecido volume, intitulado *Macarronea Portugueza*.

Innocencio tambem diz que o padre João da Silva Rebello publicou em 1775 uma *Elegia* á estatua equestre d'el-rei D. José.

A 1.ª edição do *Palito Metrico*, hoje muito rara, foi feita pelo seu auctor, o padre João da Silva, em 1746, quando frequentava ainda a Universidade.

Não ha muito que se via junto da dicta aldeia do *Sortão*, debaixo do arvoredo que orla o regato que ali pássa, uma casinha, especie de eremiterio, onde o auctor da *Macarronea* escreveu algumas das suas obras, —segundo diz a tradição local.

A propriedade onde esteve a tal casinha ainda é hoje de um seu parente—o sr. Joaquim Fernandes, das Eiras.

Que saudades eu tenho do tempo em que me entretinha a ler o *Palito Metrico!* Ainda sei de côr alguns trechos. Ahi vae um:

Forte ad Coimbram venit de monte Novatus,
Ut matriculetur. Nomen, si rite recordor,
Jan Fernandes erat. Patres misere, suorum
Ut formatus Doctor foret honra parentum.

É isto o que propriamente se chama *latim macarronico*. Todos o entendem, embora nunca soubessem declinar *musa*, *musae*, comtudo ahi vae a traducção dos 4 versos:

«Um bello dia marchou para Coimbra um caloiro, com o fim de se matricular. Se bem me recordo, chamava-se João Fernandes [1]. Os paes o mandaram para Coimbra, para que, depois de formado, fosse *o senhor doutor*—a honra da familia.»

—

Prosegue o auctor com a jornada do pobre caloiro, descrevendo episodios que fazem rir um santo.

---

[1] D'aqui veiu pelo contraste a locução portugueza:—*Ou Cesar, ou João Fernandes.*

Ia elle em um macho d'aluguel e, apenas deixixou o horisonte da sua aldeia, principiou a mmirar tudo com pasmo, fazendo perguntas s ao arrieiro, que vae rindo do pobre moço e e

Corontat inauditas, illum empulhando, patranhas.

P Pela volta do meio dia tractaram de comeier alguma coisa.

Naíam barriga sibi jantandi jam dabat horas.

I Pegaram nos alforges em que levavam de meierenda uma grande posta de toucinho e setete brôas com a competente borracha:—diririgiram-se para a sombra d'uma arvore e e

Totum toucinhum et totas mamavere borôas,

setempre bebendo

Donec borracha escorropichata ficavit!

Aliviados os alforges, o caloiro montou o mmachinho, mas oppoz-se o arrieiro, dizendolo-lhe muito inchado:

Nos quoque gens summus et cavalgare sabemus.
Irrra! super machum totum vult ire caminhum?
Desçat et in macho permittat me ire pedaçum!...

E sem ceremonia deitou as mãos ao caloiro e pregou com elle no chão. O caloiro deu-lhe um sopapo; logo se engalfinharam os dois;

Fervebant coques bofetataeque sonabant:
Murri et mosquetes plusquam bagaçus haviat,

mas por fortuna o caloiro

Omnibus in lutis semper de cima ficavit!...

Ficaremos tambem nós por aqui, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores.

Bastam os leves trechos citados para se formar ideia do talento e humorismo do auctor e do merecimento do seu *Palito Metrico*.

—

Ao sr. José Diogo Ribeiro, illustrado professor da esplendida escola d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me,—apontamentos que bem precisos me foram, porque, alem da completa mudez das nossas chorographias, esta parochia não se encontra nos mappas, e de todas as povoações dos *coutos d'Alcobaça* foi a que menos referencias mereceu aos chronistas da ordem.

V. *O Mosteiro d'Alcobaça* pelo sr. M. Vieira Natividade (Coimbra 1885) pag. 40.

Terminaremos dizendo que os frades tiveram aqui, na sua grande quinta do *Vimeiro*, uma importante *escola agricola*,—outra na freguezia do Vallado,—outra na de Cella—e outra na de Evora (d'este concelho)—todas nos seus *coutos*.

Vê-se pois que os frades se anteciparam muitos seculos aos nossos governos na creação de *escolas agricolas* ou de *quintas regionaes*.

Devem-lhes muito não só a agricultura, mas todas as artes, sciencias e lettras?!...

As primeiras aulas publicas que teve o nosso paiz foram as do convento d'Alcobaça,—ali se montou a nossa primeira pharmacia tambem;—a um abbade d'aquelle convento, a um prior de Santa Cruz de Coimbra e a outro de S. Vicente de Fóra se deve em grande parte a creação da nossa Univer-

sidade[1],—e foi um jesuita,—o *Padre José Monteiro da Rocha*,—quem, a pedido do proprio marquez de Pombal, organisou a faculdade de mathematica da nossa Universidade na grande reforma de 1772;—foi o mesmo jesuita o primeiro lente portuguez da dicta faculdade,—o primeiro director do observatorio astronomico de Coimbra—e o primeiro mathematico de Portugal no seu tempo, etc., etc.

V. *Canavezes* n'este diccionario e no supplemento, onde esboçaremos a biographia do grande mathematico; entretanto diremos:

1.º—Que nasceu de paes obscuros na villa de Canavezes, onde não tem parentes alguns;

2.º—Que teve dois irmãos, um dos quaes foi para Braga;—ali se demorou muitos annos — e ali fez grande parte das figuras de barro que ornam as capellas do santuario do Bom Jesus.

3.º—Que o outro irmão casou na villa de *Vallongo*, concelho do Porto, onde deixou descendentes, muitos dos quaes ainda vivem n'esta data,—1886.

Ainda se orgulha de ser parente de José Monteiro da Rocha, embora por affinidade, o sr. Antonio José da Silva e Sousa, cavalheiro respeitabilissimo e septuagenario, official da *Legião d'Honra*, vice-consul da França em Vallongo e hoje um dos primeiros proprietarios d'aquelle concelho.

Desculpem-nos a digressão, pois póde ser *muito util* a quem se propozer escrever a biographia de José Monteiro da Rocha,—biographia já hoje *difficil de organisar*.

Como rectificação ao citado artigo *Canavezes*, vol. 2.º pag. 82, col. 2.ª leia-se *marquez de Pombal* em vez de *marquez de Penalva* — e *José Anastacio da Cunha* em vez de *José Antonio da Cunha*.

VIMEIRO, (não *Vimieiro*) — freguezia do concelho da Lourinhã, comarca de Torres Vedras, districto e diocese de Lisboa, provincia da Extremadura.

[1] Veja-se a obra citada supra, pag. 134.

Orago. *S. Miguel*[1];—fogos 134,—habitantes 560.

Em 1712 era um dos 2 curatos comprehendidos no termo e concelho da villa da Lourinhã. O outro era S. Lourenço (*dos Francos*)—ambos com egrejas parochiaes da apresentação dos seus freguezes, os quaes ao tempo excediam o numero de 400 fogos—nas duas freguezias,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, tomo 3.º, pag. 37, *in principio*.

Diz ella: «O seu termo (da villa da Lourinhã) tem duas *Igrejas parochiaes*, S. Lourenço e *S. Miguel*...»

Estranhamos, pois, que o sr. João Maria Baptista, citando a *Chorogr. Port.* diga na sua *Chorogr. Mod.* que esta parochia de *S. Miguel* ainda não existia no tempo do padre Carvalho.

Existia, sim, senhor,—e já então era do mesmo concelho da Lourinhã, da mesma comarca de Torres Vedras e da mesma diocese de Lisboa.

—

O *Port. S. e Prof.* diz que esta freguezia de *S. Miguel de Vimeiro* em 1768 era da diocese de Lisboa, mas que o seu parocho era vigario da apresentação do D. abbade geral do convento d'Alcobaça.

Confundiu esta freguezia de *S. Miguel do Vimeiro*, que em 1712 era curato da apresentação dos seus freguezes e que depois foi apresentada pelo reitor da villa da Lourinhã,— com a freguezia de *S. Sebastião do Vimeiro, couto* dos frades d'Alcobaça e da apresentação d'elles, como já dissemos,—freguezia que o *Port. S. e Prof.* nem sequer mencionou!

O censo de 1864 deu-lhe 118 fogos e 504 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 133 fogos e 551 habitantes.

Quasi todas as nossas chorographias, in-

[1] Os apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho não dizem qual é hoje o titulo d'esta parochia.

cluuindo a *Chorographia Moderna*, dão a esta freeguezia o nome de *Vimieiro* erradamente, pobis deve denominar-se *Vimeiro*, como todoss a denominam na localidade e como a dennominou o administrador d'este concelho noss apontamentos que se dignou enviar-me.

—

(Comprehende as aldeias seguintes: *Vimeiro*,), séde da parochia, e Toledo.

I *Vimeiro* está precisamente na margem direiita do rio *Alcabrichel*, que desagua no occeaano a 4 kilometros de distancia. Esta paroochia dista pois 4 kilometros do occeano panra E.;—11 da Lourinhã para S.;—20 de Toorres Vedras para N. O.;—30 de Peniche panra S. S. E.—e 75 de Lisboa pela estrada reaal a macadam n.º 61 de Lisboa a Peniche —e pela estrada municipal a macadam que ligga as povoações do *Vimeiro* e Toledo com a ddicta estrada real n.º 61, na qual entronca a distancia de 5 kilometros da Lourinhã; maas estas distancias devem modificar-se um poouco logo que se abra á circulação a linhaa ferrea de Lisboa á Figueira, Torres Veedras, Leiria e Alfarellos,—linha em construucção e que nos principios do anno proximo futuro (1888) deve abrir-se á circulação.

VV. *Vias ferreas*, vol. X, pag. 477, col. 2.ª —e *Villa Verde* do concelho da Figueira, vol.l. XI, pag. 1:094, col. 1.ª

HHa n'esta parochia, na aldeia de *Toledo*, umna quinta brasonada que foi vinculo do moorgado Barbosa Vianna, desembargador da casa da Supplicação, e é hoje propriedade de um seu filho e herdeiro, que ainda vivve.

PParochias limitrophes:—Nossa Senhora da Annnunciação e S. Lourenço dos Francos no conncelho da Lourinhã,—e Nossa Senhora da Luzz de A dos Cunhados, no concelho de Torres Vedras.

—

TTemplos:—a egreja parochial em *Vimeiro* —e uma capella do Espirito Santo em Toledo. São templos muito humildes e a egreja está muito arruinada.

FFestas religiosas: — S. Miguel, Espirito Sannto, Nossa Senhora da Conceição, S. Sebastião e endoenças na semana santa.

Banham esta freguezia o rio Alcabichel a O., que n'este ponto divide o concelho da Lourinhã do de Torres Vedras e que desagua no occeano, no sitio do *Porto Novo*, termo do dicto concelho de Torres Vedras, —e um regato sem nome que circuita a povoação do Vimeiro a N. E.—e morre no Alcabichel.

Tem o dicto regato duas pontes na estrada municipal a macadam junto da povoação do Vimeiro: uma moderna, outra muito antiga.

Ha n'esta parochia 2 moinhos de vento, —uma fabrica de cortumes e outra de queimar vinho.

—

Producções dominantes: — vinho, trigo, milho, cevada, magnificos melões e melancias.

O vinho é hoje a producção principal d'esta freguezia, d'este concelho, d'esta comarca, d'este districto e d'esta provincia da Estremadura, — provincia hoje *riquissima*, porque toda está povoada de luxuosos vinhedos e vende todo o seu vinho facilmente e por bom preço (20 a 30$000 rs. a pipa) para França, para Lisboa e mesmo *para o Porto* (?!...)—pois com o auxilio dos vinhos da Estremadura, da Beira e da Bairrada os negociantes do Porto (salvas rarissimas excepções) fazem o milagre de pintar e exportar com o nome de *Vinho do Douro* muito mais vinho do que produz o *Douro todo*, depois que a maldicta phylloxera aniquilou a maior parte dos seus vinhedos.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villarinho de Cottas*, *Villarinho do Bairro*, *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de S. Romão* e *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012 e segg.

—

O vinho do concelho de Torres Vedras, bem conhecido em Lisboa como *vinho de Torres*, é do melhor da Estremadura, muito superior ao d'este concelho da *Lourinhã*, mas em compensação os vinhedos d'este concelho são muito mais productivos. É trivial aqui um milheiro de vides baixas[1] dar 2 a

[1] Na Estremadura as vides são todas baj-

3 pipas de 520 litros cada uma,—mas predomina o vinho branco, hoje menos estimado e que costuma vender-se por preço inferior 25 % com relação ao tinto de Torres Vedras.

O melhor de todo o concelho da Lourinhã é o d'esta freguezia do Vimeiro.

Para se formar idéa da riqueza d'esta provincia *hoje*, note-se que está toda coberta de luxuosos vinhedos, custando a plantação do milheiro de vides apenas 1 a 3 libras,—preço maximo,—emquanto que no *Alto Douro*, na região do *Port Wine*, a plantação do milheiro de vides regula por 100 a 300$000 réis—*e mais*?!...

V. *Vicente* (S.)—vol. X, pag. 519, col. 1.ª

Alem d'isso no *Alto-Douro*, na região do vinho fino, a producção maxima do milheiro de vides, mesmo em tempo normal, regulava por uma pipa de 550 litros e por vezes nas quintas *mais afamados* eram necessarios 2 a 4 milheiros de vides para produzirem uma pipa.

Mais: Em todo o Douro nunca houve um proprietario que colhesse 2:000 pipas por anno,—nem mesmo a grande casa *Ferreirinha*, da Regoa, avaliada em *seis mil contos*, e que até hoje tem sido absolutamente a mais rica do Douro[1],—emquanto que hoje n'esta provincia da Estremadura ha muitos proprietarios que colhem 2:000 pipas—e um d'elles, o sr. *Fonseca do Sanguinhal*, tem colhido 8 a 10 mil pipas por anno e comprado ainda alguns annos outras 8 a 10 mil pipas para negocio?!...

É hoje *absolutamente* o primeiro proprietario e o primeiro negociante de vinhos da Estremadura—e talvez de *Portugal e da Hespanha*?!...

—

O sr. Francisco Romeiro da Fonseca, vulgarmente conhecido por *Fonseca do Sanguinhal*, nasceu em 29 de dezembro de 1820 na povoação do *Sanguinhal*, freguezia do Senhor Jesus do Carvalhal, concelho d'Obidos, onde tem vivido e vive na actualidade, ainda solteiro,—sendo filho legitimo de Francisco Antonio da Fonseca e de D. Maria Isabel Romeiro, já fallecidos.

Seu pae tambem foi negociante de vinhos e de aguardente na mesma povoação do *Sanguinhal*.

O sr. Francisco Romeiro só nas suas quatro quintas do *Sanguinhal*, *Paul da Amoreira*, *Perdigão* e *Bom Successo*[1] colheu no anno de 1886 approximadamente *oito mil pipas* de vinho—e alguns annos tem queimado mais de *vinte mil pipas de vinho* seu e comprado a differentes lavradores n'este concelho da *Lourinhã* e nos de Peniche, Obidos e Cadaval.

Os seus maiores armazens são os das quintas do *Sanguinhal* e *Perdigão*,—armazens vastissimos com vazilhame de bella madeira para mais de *cinco mil pipas*!...

É um cavalheiro a toda a prova, honrado e muito generoso, grande negociante e grande proprietario e capitalista, podendo hoje avaliar-se a sua fortuna em *mil e quinhentos contos de réis*!...

Não ha muito (ainda no anno de 1886) comprou elle por vinte e tantos contos os *Salgados* de Peniche,—extensa propriedade que muito generosamente deu a seu sobrinho José Maria Gomes Pinheiro.

As suas vinhas são talvez as primeiras do nosso paiz pela sua vastidão e pelo seu esmerado grangeio. Só em um anno já empregou em adubos cerca de *oito mil carros de estrume*?!...

Por vezes traz ao seu serviço *600 jornaleiros* diariamente e não só lhes paga com a maior pontualidade, mas sempre por preço superior ao corrente, pelo que todos se empenham em o servir e o servem *com o maior zelo e fidelidade*!...

Ninguem paga melhor tanto aos seus jornaleiros como aos seus feitores, caseiros, caixeiros e numerosos empregados, mas em

---

xas. Não tem vinhedos em arvores, como se vêem no Minho,—nem ramadas de esteira, como no *baixo Douro*, nomeadamente nas freguezias de Cambres, Samodães e Penajoia, todas do concelho de Lamego.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1013, col. 1.ª

[1] Estas ultimas 2 quintas demoram no concelho da *Lourinhã*;—as outras 2 no concelho de *Obidos*.

compensação ninguem na Estremadura é *mais bem servido.*

Amor amore conpensatur.

—

A casa *Ferreirinha*, da Regoa, hoje muito dignamente representada pela sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva em primeiras nupcias do seu primo Antonio Bernardo Ferreira, e em segundas nupcias do par do reino Francisco José da Silva Torres,[1] é muito mais rica e só nos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya já tem tido em deposito quinze mil pipas de vinho do Alto Douro, de 100 a 500$000 réis e mais, cada pipa, o que representa *milhares* de contos de réis, mas nunca em um anno comprou dez mil pipas, nem colheu em todas as suas quintas, incluindo a das *Figueiras* ou do *Vesuvio*, que é o assombro do Douro, tanto vinho como hoje colhe o sr. Fonseca do Sanguinhal.

Note-se, porem, a grande differença no preço do vinho do Alto Douro e do vinho da Estremadura.

O vinho velho do Alto Douro, por exemplo o da instituição da companhia fundada pelo marquez de Pombal, se hoje se encontrasse *authentico*, vender-se-hia por *dez* contos de réis a pipa talvez,—e ainda no anno de 1886 ali se vendeu *vinho mosto* a 90$000 réis a pipa,—emquanto que o vinho da Estremadura é *vinho de mesa*;—não póde conservar-se *durante seculos* como o vinho do Douro—e *em mosto* nunca se vendeu a 70$000 réis a pipa.

Raro é o que attinge o preço de 50$000 réis.

Mais: O vinho da Estremadura, bem como o da Bairrada e da Beira, mal póde aguardentar-se, porque não tem força para consumir a aguardente,—emquanto que o do Alto Douro recebe e consome *quanta aguardente lhe deitem*,—tornando-se cada vez *melhor*?!...

Estatistica curiosa

A região vinicola do Douro, costumando produzir 100:000 pipas de vinho, não produz actualmente 25:000, por causa da phylloxera, mas em compensação nunca produziram tanto as outras nossas regiões vinicolas,—Beira, Bairrada, Minho e Estremadura,—embora tambem já todas manchadas e seriamente ameaçadas.

Tambem a França nunca importou do nosso paiz tanto vinho como na actualidade. Este anno essa importação afrouxou, mas, para fazer-se uma idéa da nossa riqueza vinicola e da nossa exportação para a França e para outros paizes, veja-se a estatistica publicada na *Gazeta das Alfandegas* de 17 do mez de dezembro de 1886 e que se refere aos primeiros 9 mezes d'esse anno,—janeiro a setembro.

A exportação foi de 16.171.589 decalitros, sendo vinho do Porto 3.049.823 decalitros, vinho da Madeira 169 210 decalitros, vinho commum 12.952.826 decalitros.

As principaes exportações do *vinho do Porto* foram 1.221.393 decalitros para Inglaterra e 1.005.412 decalitros para o Brazil. *Vinho da Madeira* 73.628 decalitros para Inglaterra 25.571 para França e 20.576 para a Russia.

Do nosso vinho commum a exportação foi de 10.923.976 decalitros para a França, 1.382.785 para o Brazil e 645.525 para diversos destinos.

Continua portanto este anno a exportação em larga escala e apura-se que nos mezes de janeiro a setembro do presente anno o valor d'este riquissimo producto ascende á importante verba de 13:566 contos de réis, devendo attingir no fim do anno 18 a 19 mil contos. Note-se porém que esta quantia, apesar da sua importancia, é de certo muito inferior ao preço real do vinho exportado, porque a base para os calculos estatisticos é a tabella official dos valores médios que designa apenas por 600 réis o valor de cada decalitro de vinho commum e de 1$800 o vinho licoroso do Porto ou Madeira.

Prosigamos.

—

Ha n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria mixta, para os dois se-

[1] Era natural da freguezia dos *Dois Portos*, concelho de Torres Vedras.

xos,—e os *Banhos do Vimeiro* d'agua thermal, tambem denominados *Aguas Santas*, por serem muito efficazes para o tratamento de molestias cutaneas. Demoram a 1 kilometro da povoação do *Vimeiro*, na qual por preço modico muitos habitantes costumam dar hospedagem particular aos banhistas.

São 4 as nascentes e as aguas limpidas, sem sabor nem cheiro,—segundo se lê no *Mappa* de Castro, ultima edição, vol. 4.º, pag. 310.

A sua temperatura é de 24° c., sendo a do ar livre 22°.

Um kilog. d'esta agua, evaporado em secco, dá 0 gr. 826 de residuo fixo.

A batalha

N'esta freguezia do *Vimeiro*, concelho da Lourinhã (não na do *Vimeiro*, concelho de Alcobaça, como disseram o *Flaviense*, J. A. d'Almeida e o sr. J. M. Baptista) se feriu em 21 d'agosto de 1808 a batalha entre o exercito anglo-luso de lord Wellington—e o exercito francez de Junot.

A Inglaterra, vexada e opprimida pelo bloqueio continental que nem lhe permittia abeirar-se de uma caixa de correio em toda a Europa, resolveu abrir campanha no continente contra Napoleão e escolheu Portugal para inicio da campanha — por muitas e bem pensadas rasões.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Porque em Portugal tinha muitos interesses compromettidos d'envolta com o brio da Inglaterra, pois nós nos haviamos exposto á ira de Napoleão, por não querermos adherir ao bloqueio continental.

2.ª—Porque em Lisboa tinha a Inglaterra um dos melhores portos do mundo para abrigo e abastecimento da sua esquadra e para embarque do seu exercito, no caso de revez.

3.ª—Porque Portugal era na Europa um dos pontos mais afastados da França e que mais difficilmente podia ser soccorrido por Napoleão.

4.ª—Por ver que Junot, tendo entrado em Portugal *como amigo*, havia praticado os maiores excessos e magoado vivamente a nação toda.

5.ª—Por saber que o pequeno exercito de Junot se achava disperso por todo o nosso paiz sem poder abafar a conflagração que, partindo de Traz-os-Montes, rapidamente se alastrou pelo Minho, Estremadura, Alemtejo e Algarve, tendo o Porto como centro.

6.ª—Por contar com a valentia e animosidade dos portuguezes,—com o auxilio da Hespanha, igualmente ludibriada e esmagada por Napoleão,—e com a barreira dos Pyreneus, que são uma grande muralha erguida entre a França e a Hespanha,—muralha mais valente do que a erguida pelos chins para se defenderem dos tartaros [1].

—

Por estas e outras considerações a Inglaterra mandou embarcar uma divisão de 9:000 homens sob o commando do general Arthur Wellesley, a quem deu instrucções para se dirigir a Portugal,—a esta divisão mandou unir outra de 5:000 homens, tirados da guarnição de Gibraltar—e ficou preparando reforços que deviam elevar-se a 18:000 homens.

Wellesley desembarcou na foz do Mondego, no dia 6 d'agosto de 1808, com os seus 9.000 homens;—dois dias depois se lhe uniram os 5:000 de Gibraltar, sob o commando do general Spenser, formando um total de 14:000 homens de infanteria e 200 de cavallaria—e a 10 marchou com esta força sobre Lisboa.

Em Leiria encontrou uma divisão portugueza de 6:000 homens, enviados pela junta do Porto, mas não quizeram passar d'ali sem que lhes dessem rações diarias, ao que Wellesley não pôde satisfazer, e por isso marchou avante apenas com as forças inglezas e pouco mais de 1:600 soldados portuguezes [2].

---

[1] Se os Pyreneus se erguessem entre a França e a Allemanha, aquellas duas nações escusavam de gastar *tanto dinheiro* em armamento, em praças de guerra e em outras obras de defesa—e podiam dormir a somno solto; mas infelizmente a Hespanha nunca soube tirar partido dos recursos que Deus lhe deu!...

[2] *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal* nos annos de 1807 a 1813, pelo co-

—

Na *Roliça* (V.) poz em fuga no dia 17 um corpo de 3:000 francezes, commandados por Laborde, que um pouco adiante tomou posições em um alto, mas rapidamente foi batido e obrigado a fugir sobre Torres Vedras, perdendo a sua artilheria e cerca de 400 homens [1].

Wellesley não o seguiu, para não se afastar da sua esquadra e poder cobrir o desembarque dos reforços que esperava de um momento para o outro.

No dia 20 chegou á povoação do *Vimeiro*, onde pernoitou, e n'esse mesmo dia recebeu da Inglaterra 4:000 homens, que muito tranquillamente desembarcaram na praia proxima e se lhe uniram, com os quaes o exercito de Wellesley completou o effectivo de 19:000 soldados inglezes e 1:500 a 2:000 portuguezes; — total 19:500 a 20:000 homens.

—

A povoação do *Vimeiro* está em um valle fundo, erguendo-se a O. até o mar, uma grande elevação de terreno,—e a leste outros montes, por onde seguia a estrada da Lourinhã Na frente (lado sul) da povoação ergue-se uma pequena *eminencia*, um pouco mais alta do que o terreno circumjacente, mas completamente dominada pelos montes da direita e da esquerda.

Wellesley, não esperando ali o ataque, tinha disposto o seu exercito do modo mais commodo aos soldados. Ficaram seis brigadas nas alturas a oeste da aldeia;—um batalhão com algumas tropas ligeiras no mencionado *plató*;—a cavallaria e artilheria de reserva no valle—e sobre as collinas de leste apenas alguns piquetes em observação.

—

No dia seguinte, 21, ás 8 horas da manhã, appareceram numerosas forças francezas marchando pelo caminho da Lourinhã, mostrando-se dispostas a atacar a esquerda do exercito inglez, pelo que Wellesley rapidamente fez passar das collinas a O. do *Vimeiro* para as collinas de leste 4 brigadas; reforçou as tropas do *plató*—e collocou as reservas convenientemente.

Eis a ordem da batalha:—a direita apoiava-se no mar e nas collinas proximas;—o centro no monticulo em frente da povoação do Vimeiro—e a esquerda nas collinas de leste.

Os francezes começaram por atacar em grande força e columna cerrada o centro, mas foram repellidos pela fuzilaria e por uma carga de baioneta;—a brigada do general Acland, marchando rapidamente da direita sobre a esquerda, bateu-os de flanco, pondo-os em desordem,—e a cavallaria ingleza acabou de os derrotar, tomando-lhes sete peças d'artilheria.

Foi quasi simultaneo o ataque sobre o caminho da Lourinhã.

Os francezes avançaram com intrepidez, mas a brigada do general Fergusson os deteve até que chegaram outras brigadas que os repelliram, depois de uma lucta porfiada, tomando-lhes seis peças d'artilheria e fazendo-lhes muitas baixas.

O exercito inglez perdeu apenas 700 homens entre mortos e feridos;—foram mais consideraveis as perdas do exercito francez, que ficou completamente derrotado e, sendo cinco vezes mais numeroso em cavallaria, deixou no campo ao todo *vinte e uma* peças d'artilheria!

—

O exercito francez era commandado por Junot, que empenhou na acção quasi todas as forças de que podia dispor,—cerca de 12:000 homens de infanteria e 1:200 cavallos.

Retirou para os desfiladeiros de Torres Vedras, fingindo-se muito animado e annunciando aos quatro ventos que tinha alcançado uma grande victoria. Isto para conter a insurreição na capital e no resto do paiz, pois tractou immediatamente de negociar uma capitulação; — tal foi a *sova* que levou!

No mesmo dia da batalha e durante ella recebeu o exercito inglez novos reforços que

---

ronel inglez John Jones, com annotações e commentarios de Beauchamp, tomo I, pag. 37.

[1] V. *Ventosa* (a 1.ª) vol. X, pag. 283, columna 2.ª

não entraram em acção, e com elles o general Hew Dalrymple, enviado pela Inglaterra para commandar em chefe todo o exercito, pelo que sir Arthur Wellesley lhe entregou immediatamente o commando.

A ortuna aqui mesmo lhe sorriu, livrando-o de *grande responsabilidade.*

Tão gloriosas foram para Wellesley a campanha de 1808 e as posteriores até o fim da guerra da peninsula, como foi vergonhosa para Dalrymple a capitulação por elle concedida a Junot, denominada *convenção de Cintra*, pois lhe permittiu o retirar-se para França com todo o seu exercito, levando armas e bagagens—e *tudo quanto havia roubado em Portugal*,—estando Junot completamente perdido,—Portugal todo insurreccionado—e o exercito inglez com os ultimos reforços elevado a 32:000 homens?!...

—

Gregos e troianos,—portuguezes e inglezes censuraram abertamenle o tal sr. Dalrymple por assignar e ractificar a convenção, negociada pelo seu logar-tenente Kellerman, taxando-os de se terem vendido a Junot?!...

Foi tal o escandalo—*mesmo na Inglaterra*—que o governo inglez, para dar uma satistação ao publico, submetteu a questão a um conselho de generaes, que tudo julgaram correcto — *para salvarem a honra do convento.*

—

Em uma nota ao historiador inglez já citado, diz Beauchamp, *historiador francez* e por consequencia insuspeito:

«Foi o general Kellerman quem negociou a *convenção de Cintra*, tão asperamente censurada, e *com rasão*, na Inglaterra e em Portugal, e elogiada com tanta emphase pelos jornaes francezes, posto que teve por consequencia immediata a evacuação de Portugal. A dicta convenção foi honrosa para o exercito francez, tanto mais que, estando já envolvido pela insurreição ao norte e sul de Lisboa,—*ou tinha de ser aniquilado com as armas na mão, ou de depor as armas, como succedeu ao exercito francez da Andaluzia, se tivesse de bater-se com um inimigo menos generoso.*»

Tal era o desanimo de Junot que logo no dia immediato á batalha mandou um parlamentario ao exercito inglez para negociar a convenção e suspensão de hostilidades; mas passemos adiante.

Ainda hoje no sitio da batalha se encontram em escavações moedas francezas, muitas balas, restos de fardas, ossadas, etc..

Com a dicta convenção ficámos em 1808 livres dos francezes, mas tornaram a perseguir-nos em 1809, commandados por Soult, e em 1810, commandados por Massena.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos—*Almeida, Bussaco, Gojim, Louzã, Murcella, Obidos, Passos da Serra, Pombal, Redinha, Roliça, Seteaes, Torres Vedras*, vol. IX, pag. 634, 643, 650, 668, 669 e 670,—*Villa Jusã* e *Villar Formoso.*

—

O tal sr. Dalrymple, apesar da absolvição dos collegas, foi exonerado do commando do exercito inglez em operações no nosso paiz e reintegrado no dicto commando sir Artthur Wellesley, que se portou valentemente e com o maior criterio até derrotar o proprio Napoleão em *Waterloo*, depois de ter derrotado os seus melhores generaes muitas vezes,, pelo que se cobriu de gloria, de honras e de riquezas.

O nosso governo o fez conde do *Vimeiro*, marquez de Torres Vedras, duque de Victoria e gran cruz da Torre e Espada;—deu-lhe uma pensão de 20:000 crusados em duas vidas—e uma baixella de prata no valor de 117:115$522 réis;—o seu governo o elevou á cathegoria de Lord—e o fez duque de *Welington*, etc., etc.,—o governo da Hespanha o fez duque de Cidade Rodrigo e marquez do Douro, etc.,—e foi tambem principe de *Waterloo.*

Falleceu em 14 de setembro de 1852, contando 82 annos de idade—e em Brigton falleceu no mez d'agosto de 1884 o seu filho e successor Arthur Ricardo Wellesley, 2.º conde do Vimeiro, 2.º marquez de Torres Vedras e do Douro, 2.º duque de Victoria e de Wellington, principe de Waterloo, pair do reino, conselheiro particular e estribeiro-mór da rainha Victoria, etc.

Contava 77 annos de idade.

A carta

Fecharemos este topico, transcrevendo uma carta curiosissima que tem sido publicada em differentes jornaes e que um ratão de bom gosto dirigiu a Lord Wellington em nome dos habitantes d'esta freguezia do *Vimeiro*.

Dizem que Lord Wellington a lêra e applaudira pela sua originalidade e impossibilidade de ser traduzida em outra qualquer lingua.

Eil-a.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

«Depois que V. Ex.ª *fez ir d'escantilhão* para França o *fanfarrão* Junot, tendo-o posto em *papos d'aranha* nos campos do Vimeiro; depois que V. Ex.ª fez *sair com vento de baixo o ladino* Soult, da cidade do Porto, *obrigando-o a fazer vispere* e *ir com as calças na mão* para Castella; depois, que V. Ex.ª disse ao *zanaga* Masséna: *alto lá sr. Macario! e jogando o jogo dos sisudos* lhe mostrou *as linhas com que se cosia*, fazendo-o *dar ás trancas, e apanhar pés de burro*, por ter dado com as *ventas n'um sedeiro;* depois que V. Ex.ª *fez ir de catrambias* a Berrier, da cidade de Rodrigo, e ao *caxóla* Philippon *limpar as mãos á parede* em Badajoz, como quem diz *faça que não me viu*, e tendo-o *tem-te Maria não caias;* depois que V. Ex.ª finalmente nos campos d'Arapiles *zás, traz nó cégo, desazou o macambuzio* Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota *p a pá Santa Justa, tim, tim, por tim tim;* foi então, Ex.mo Sr., que nós os *pés de boi, portuguezes velhos*, dissémos: este não é general de *cá, câ rá cá*; tem amoras; não faz *cancaburradas*, nem deixa fazer o *ninho atraz da orelha;* e, como prudente, umas vezes acommette, e outras *põe-se de conserva*. Agora podemos *dormir a somno solto;* o nosso mêdo *está nas malvas;* a vinda do inimigo será *no dia de S. Nunca á tarde*. Por tanto só resta agradecer a V. Ex.ª a *visita* que nos fez, que desejamos não seja de medico, *nem com o pé no estribo*, devendo saber V. Ex.ª que estes desejos não são bazofias, nem parólas que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, em os quaes tem V. Ex.ª erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito

De V. Ex.ª etc.

Os habitantes do Vimeiro.»

—

Terminaremos dizendo que a occupação d'esta freguezia data de tempos prehistoricos, como revela uma gruta que existe na sua extremidade O., junto do logar de Maceira.

Ali se teem encontrado differentes objectos de silex,—raspadores, estiletes, facas, etc.,—muitos dos quaes guardou e conserva o sr. dr. Xavier da Silva Freire, morador na dicta povoação.

VIMENARIA, quinta ou herdade antiquissima nas margens do rio Anços, concelho de Soure.

Fr. Manuel da Rocha, no seu *Portugal Renascido*, parte 1.ª n.º 30, copia uma escriptura do mosteiro de Lorvão, feita no anno de 933,—escriptura de venda da herdade de *Vimenaria, quod est juxta ribulo Anzo*, e suppõe que ali D. Affonso II, o *Casto*, de Leão, derrotou os mouros em uma batalha [1]. A esta opinião se inclina tambem José Barbosa Canaes de Figueiredo e a sustenta com muita erudição nos seus *Apontamentos ácerca da villa de Soure*, publicados nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 3.º da 2.ª serie, parte 1.ª pag. 46 *in-fine* e segg.

Não temos outra noticia da tal quinta de *Vimenaria*, que talvez tomasse o nome de *Vimeira* ou *Vimieira*,—nem nos consta que fosse povoação. Pelo menos hoje em todo o nosso paiz apenas ha uma povoação denominada *Vimeira* na freguezia de *Salir dos Mattos*, concelho das Caldas da Rainha,—e com o nome de *Vimieira* apenas conhecemos a povoação seguinte:

VIMIEIRA,—aldeia unica d'este nome em todo o nosso paiz.

Pertence á freguezia de *Casal Comba*, concelho da Mealhada. Produz vinho de mesa,

---

1 V. *Portugal Renascido*, parte 1.ª n.os 29, 30 e 31.

—é povoação muito antiga—e já foi muito privilegiada, pois D. Manuel a menciona expressamente no foral que em 12 de setembro de 1514 deu a esta freguezia.

V. *Casal Comba.*

VIMIEIRO, — aldeia da freguezia de *S. Martinho de Sande*, concelho do Marco de Canaveses, na margem direita do Douro.

V. *Sande*, vol. 8.º pag. 88, col. 1.ª, *in fine*.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias seguintes:—Loureiro, Reguengo, Veiga, Villas, Villa Nova, Fundo de Villa, Casal Bom, Carvalho, Malagarta, Sant'Iago, Sameiro, Gandra, Gontige, Arrifana, Lourentim, Souto, Covilhã, Feijoal, Pinheiral, Terra Secca, Bouça, Quintã, Ribeiro, Zenha ou Azenha, Corredoura, Fonte da Estrada, Codexido, Rua Nova, Fastella, Chrystovam e Olival;—os casaes da Boa Vista, Lamas, Lameiros, Lameirão, Barregal, Espinheiro, Trigaes, Torre, Fontella, Serrado, Outeiro Longo, Lage, Agrella, Sandeiro, Villas, Valles, Devesa, Levada—e as quintas de Gaiosa, Toqueirão, Ladueiro, Fivida, Portella, Caparicas, Olheirão e Outeiro de Lourido.

—

Desde que se abriu ao transito a linha ferrea do Douro tem abatido consideravelmente o trafego da navegação d'este rio, mas anteriormente a maior parte dos habitantes d'esta povoação de *Vimieiro* era formada por marinheiros *rabellos* e arraes, alguns d'elles donos de muitos barcos desde os maiores de 70 a 80 pipas até os de 5 a 7, para passagem, pesca e recreio, — arraes que foram bons proprietarios,—ordenaram e formaram filhos—e fizeram a maior parte das casas da dicta povoação.

O mesmo succedeu nas povoações de Castello de Paiva, Porto Manso, Porto Antigo, Caldas d'Aregos, Mirão, Resende, Porto de Rei, Frende, Barqueiros, Bernardo, Molledo, Curvaceira, Carvalho e outras das duas margens do Douro, principalmente a juzante da Regoa.

Conhecemos um distincto lente da nossa Universidade e par do reino, filho de um dos dictos arraes.

Foram muito notaveis os *Lodos de Porto Manso* e os *Corteses* de Barqueiros, famigerados valentões,—e o sr. José Ignacio, do Carvalho, que teve uma das primeiras collecções de barcos *rabellos* e foi um dos primeiros proprietarios da freguezia de Fontellas.

Em annos de fortuna só um dos grandes barcos de 70 a 80 pipas costumava dar de lucro 600 a 800$000 réis; mas tambem custavam bom dinheiro [1] e por vezes ficavam feitos em estilhas logo na primeira viagem.

Nunca barco algum foi do Porto á Hespanha ou da Hespanha ao Porto sem deixar a bombordo ou a estibordo outros barcos despedaçados,—tão perigosa foi sempre a navegação do Douro! E por vezes no mesmo *ponto* e no mesmo dia se despedaçaram 4, 5 e 6 barcos!

V. *Pontos do Douro*—e *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

—

Voltando á dicta povoação do *Vimieiro* de Sande, diremos que alem das casas dos arraes e marinheiros, tambem conta uma casa antiga e nobre, denominada *casa amarella*, que foi do tenente general Alexandre Alberto de Serpa Pinto. É hoje de seu filho Antonio de Serpa Pinto, irmão do general de divisão reformado José Maria de Serpa Pinto, morador na sua casa do *Reguengo*, outra casa nobre d'esta mesma freguezia de Sande.

Uma filha do dicto tenente general casou com o dr. José da Rocha Miranda de Figueiredo e teve o nosso distincto explorador africano Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto.

V. *Sinfães*, vol. 9.º pag. 403.

---

[1] Não custa menos de 600 a 650$000 réis um barco *rabello* de 70 a 80 pipas. Elles são de madeira tosca, mas madeira muito valente, quasi toda castanho.

Só o casco regula por 300$000 réis,—a vela por 150 — e os aprestes restantes por outros 150.

Note-se que as velas dos grandes barcos rabellos são todas de *linho*. E de *bom linho* são todas as cordas dos barcos grandes e pequenos.

A tripulação dos barcos grandes é de 16 a 18 homens, comprehendendo 1 *feitor*, que representa o arraes, ou dono do barco;—e uma viagem redonda do Porto á Hespanha até volverem ao Porto demanda 20 a 30 dias e por vezes o dobro e mais!...

Tambem ha na dicta povoação de *Vimieiro* um grande armazem, mandado fazer no principio d'este seculo pela *Companhia dos Vinhos*, fundada pelo marquez de Pombal.

V. *Porto*, vol. VII, pag. 416, col. 1.ª — *Victoria*, vol. X, pag. 397 e segg.—e *Villa Jusã*.

—

A dicta povoação de *Vimieiro* é muito pittoresca e saudavel;—tem bons campos, bons vinhedos e bons pomares de fructa, comprehendendo muitas laranjeiras.

Só o dono da casa *amarella* de *Vimieiro de Cima*, o sr. Antonio de Serpa Pinto, casado e sem successão e que reside no Porto a maior parte do anno, costuma arrendar por 500 a 600 mil réis a laranja dos seus pomares. São os maiores do Douro, mas não teem comparação alguma com os de Setubal. Nós já visitamos ali um de 8:000 laranjeiras compactas e que tem sido arrendado alguns annos por *oito contos de réis*!...

Tambem já vimos grandes pomares de laranjeiras no Mondego e na villa de Monchique, no Algarve, mas aquelle de Setubal é com certesa hoje o maior de todo o nosso paiz.

A povoação de *Vimieiro* está defronte de *Tarouquella*, freguezia do concelho de Sinfães, na outra margem (esquerda) do Douro, e dista cerca de 10 kilometros da foz do Tamega ou de *Entre Ambos os Rios*, para montante,—e 7 a 8 da estação do *Juncal*, a mais proxima, na linha ferrea do Douro, para jusante; ou para O. S. O.

VIMIEIRO,—couto e villa extinctos, hoje simples freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Reitoria. Orago *Sant'Anna*—fogos 91,—habitantes 388.

Em 1706 era vigairaria da apresentação do collegio de S. Paulo dos jesuitas de Braga, depois collegio de religiosas ursulinas e hoje seminario archiepiscopal;—rendia réis 40$000 para o vigario e 200$000 réis para os jesuitas,—e contava 60 fogos.

Em 1768, depois da extincção da Companhia de Jesus, era vigairaria da apresentação do padroado real ou da corôa;—rendia para o vigario 80$000 réis—e contava 94 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 92 fogos e 410 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 89 fogos e 332 habitantes.

Em ambos os censos não ha proporção entre os fogos e almas.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Mosteiro* [1], assim denominada, porque esteve aqui o celebre mosteiro de que logo fallaremos,—*Picôto*, assim denominada porque occupa o ponto mais alto da freguezia,—*Souto*, assim denominada por ser outr'ora um grande souto de carvalhos,—*Santa Cruz*, assim denominada por ter um antiquissimo cruzeiro, hoje substituido por duas cruzes de pedra, aonde iam differentes *clamores* ou procissões que hoje se fazem ao redor da egreja,—*Maçada*, cujo nome tomou das voltas que a estrada publica aqui descreve,—voltas que n'estes sitios denominam tambem *maçadas*, [2]—*Monte*, por estar em uma elevação,—*Estrada*, por passar a meio d'ella a via publica,—*Agra*, por ter em volta campos magnificos,—*Barreiro*, *Devesa*, *Bouça*, *Corujeira*, *Gaião*, *Palharinha*, *Portôa*, *Cachada*, *Pinheiro*, *Granja* e varias quintas, todas habitadas. Mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—*Do Mosteiro*, na aldeia d'este nome.

Comprehende grande parte dos bens que foram do extincto convento de *Sant'Anna do Vimieiro*, entre elles a *Horta dos defuntos*, assim denominada por estar contigua á egre-

---

[1] Suppomos ser a séde da parochia, posto que nem a *Chor. Moderna*, nem os meus apontamentos o dizem,—nem esta parochia se encontra nos mappas, nem nós a visitamos nunca, pelo que estamos escrevendo a medo e desde já pedimos desculpa d'alguma inexactidão, que de bom grado repararemos no supplemento, logo que alguem mais conhecedor da localidade se digne apontar-nos os lapsos.

[2] Julgo muito proprio e bem merecido o nome de *maçada* ou *Maçada*, mas algures leio *Macada*!

Dicant paduani.

ja matriz, lado posterior, e ter sido outr'ora cemiterio.

Pertence ao sr. Estevam da Costa Ribeiro da Cruz, que é hoje absolutamente o homem mais rico d'esta freguezia e um dos *quarenta maiores contribuintes* d'este importante concelho.

Alem da mencionada quinta, possue outras muitas propriedades e boas sommas em dinheiro.

N'esta quinta nasceu o dr. Estevam Ribeiro, que foi desembargador da relação do Porto.

2.ª—De Antonio Joaquim Marques, na aldeia de *Moçada*.

3.ª—De Francisco Ferreira Lobo, na aldeia do *Pinheiro*.

4.ª—De João Baptista Gomes, na aldeia da *Granja*.

5.ª—De Ignacio Gonçalves Villaça, na aldeia do *Monte*.

6.ª—De José Antonio da Costa e Silva, na aldeia de Portôa.

As mencionadas quintas são antes casaes ou vivendas, pois comprehendem muitas propriedades.

—

Demora esta freguezia na estrada real a macadam, n.º 3, do Porto aos Arcos, por Villa Nova de Famalicão, Braga, Villa Verde, Pico de Regalados, etc.,—e dista 2 kilometros da estação de *Tadim* (a mais proxima) na linha ferrea do Minho;—5 de Braga para S. O.;—50 do Porto—e 387 de Lisboa.

Freguezias limitrophes:—Celeirós e Avellêda a N.;—Fradellos e Priscos a S. e O.,—e Celeirós tambem a E.

Producções dominantes:—milho grosso, vinho verde ou de *enforcado*, centeio, fructa e hervagens, pelo que tambem engorda muitos bois para a Inglaterra, posto que esta industria hoje se acha decadente.

V. *Villar d'Andorinho*.

—

Banha esta parochia pelo sul o rio *Este* ou *D'este*, que toca em Braga e no sitio da *Retorta* desagua no Ave, um pouco a montante de Villa do Conde. Vide *Este*, *Aleste* e *Aliste*.

Tem n'esta parochia um *pontim* ou pontelhão na aldeia de *Maçada*, para passagem da estrada real a macadam n.º 3.

Na dicta aldeia e na de *Picôto* ha uma industria antiga de certa importancia:—o fabrico de cadeiras de pau.

Montes:—Avellêda a N.;—Denimo ou Denêmo (?) a E.;—a O. S. Bento;—a S. o mesmo de S. Bento e Macada, — e ao sul o de Trezeste, talvez modificação de Trans lEste, alem do rio Este (?).

Nada offerecem digno de especial menção.

Apenas o de *Macada* tem um penedo denominado *Penedo do Ouro*, cercado de lendas de thesouros encantados,—e outro penedo com o nome de... *Mija Vaccas*,—assim denominado, porque fórma um *plató*, onde no verão costumam reunir-se, descançar e... as vaccas que andam pastando no dicto monte.

Ha tambem n'esta freguezia uma aulla official de instrucção primaria para o sexo masculino, na aldeia do *Souto*—aula commum as freguezias de Vimieiro, Celleirós e Avellêda, por estarem todas tres muito proximas.

N'este concelho de Braga, n'este districto e na maior parte d'esta provincia não succede como no Alemtejo, onde muitas freguezias distam legoas umas das outras.

—

Templos:—a egreja matriz e a capella publica de S. *Bento*, a O. do monte que tomou d'ella o nome.

A egreja é pequena, mas decente e bem conservada;—tem 12 metros de comprimento e 6 de largura;—altar-mòr e 4 latteraes com boa obra de talha,—e em um d'elles a imagem de *Santo Amaro*, muito querida d'estes povos e todos os annos festejada com pompa e grande romaria, concorrendo a ella muitos habitantes dos povos circumvisinhos, incluzivamente de Braga.

A egreja foi construida no local onde esteve a do extincto convento. D'ella hoje apenas resta a capella-mór, transformada em sacristia da egreja actual.

O convento

Não se sabe quando nem por quem foi fundado o convento de *Santa Maria do Vimieiro* [1], n'esta freguezia de *Sant'Anna de Vimieiro*, —nem a que ordem primitivamente pertenceu.

O chronista dos religiosos agostinhos calçados diz que foi fundação d'elles, mas Fr. Leão de S. Thomaz aponta-o como benedictino e benedictino foi com certeza desde os principios do seculo XII, contando já então mais de 600 annos d'existencia!

Foi feito approximadamente na era de 670 (anno 632) pois Fr. Leão de S. Thomaz cita uma escriptura d'aquelle anno, na qual se doavam certas terras para se acabar e aperfeiçoar o dicto mosteiro: *Damus nostram haereditatem... ut domus Dei crescat, et in finem aedificetis eam. Facta charta Era DCLXX.*

Em vulgar: «Damos a nossa herdade... para que a casa de Deus cresça, e para que acabeis de a edificar. Era de 670 (anno 632)».

Largo tempo durou este convento, até que vindo á Hespanha D. Mauricio, 8.º geral da congregação benedictina de Cluni, visitou a rainha D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques, e ella lhe doou o dicto convento no dia 23 de maio de 1127, 2 annos antes de fallecer,—segundo se lia em uma escriptura da sé de Braga.

—

Em virtude d'aquella doação ficou o dicto mosteiro pertencendo á congregação de Cluni, segundo consta d'outra escriptura encontrada no *Livro dos Testamentos* da mesma sé, a qual dizia que em agosto de 1154 Sigisberto, prior do convento de Vimieiro, com os seus monges, trocou a egreja de S. Martinho da Gandra por um casal em Celeirós, com o arcebispo bracarense D. João Peculiar, 1.º do nome e 3.º depois de S. Geraldo.

Os geraes de Cluni mandavam de França para o convento de Vimieiro prelados ou priores.

Passados muitos annos D. Gonçallo, ultimo abbade perpetuo do convento benedictino de Tibães, annexou-lhe ou uniu-lhe o de Vimieiro e assim se conservou approximadamente cincoenta annos, até que por morte de Ruy de Pina, 3.º abbade commendatario de Tibães, ficou o dicto convento de Vimieiro devoluto ao ordinario—e o santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, introduzindo os jesuitas na cidade de Braga, uniu o dicto convento ao collegio de S. *Paulo* (hoje seminario) que os jesuitas fundaram na dicta cidade.

Extinctos os jesuitas, passaram para a corôa todos os bens d'elles,—incluindo os que foram do convento de Vimieiro, do qual hoje nada, absolutamente nada resta, alem das paredes da capella-mór, transformada em sacristia da egreja actual d'esta parochia!...

Nem o titulo conservou, pois sendo *Santa Maria* o seu orago e muito provavelmente o orago d'esta parochia tambem, porque a egreja do convento era, segundo suppomos, a matriz,—hoje—e desde seculos—o orago d'esta parochia é *Sant'Anna*.

—

Dos jesuitas passaram para a Universidade de Coimbra varios collegios, incluindo o de S. Paulo, de Braga, com todas as suas rendas, das quaes fazia parte, como já dissemos, o extincto convento de *Santa Maria do Vimieiro*, e por isso no archivo da Universidade, que representa muitos archivos de differentes collegios que foram dos jesuitas, se encontram varios documentos e pergaminhos muito curiosos, relativos ao convento de que estamos tratando, taes são os seguintes:

1.º—Do anno 1469.

É uma apresentação e confirmação, estando o mosteiro vago e já sem frades.

2.º—Do anno 1510.

São umas lettras executorias com relação á commenda de Tibães e suas annexas, comprehendendo a egreja de *Vimieiro*, cujo convento tambem n'aquella data não tinha frades.

3.º—Do anno 1530.

---

[1] *Benedictina Lusitana*, tomo 1.º, pag. 502.

É uma apresentação e confirmação do abbade e reitor de *Santa Maria do Vimieiro.*

4.º—Do mesmo anno 1530.

Executorias de bullas d'expectativa.

5.º—Do mesmo anno tambem.

Refere-se a um casal de *Treseste*, na freguezia de Celeirós.

6.º—Do anno 1539.

É a união ao *collegio de S. Pauto* das egrejas de *Santa Maria de Negrellos,—S. Julião de Val Paços*—e *Santa Maria de Vimieiro,*—união feita pelo infante D. Henrique, arcebispo de Braga, que augmentou o collegio com grandes edificios, para n'elle haver aulas gratuitas.

É isto o que se lê no *Catalogo dos Pergaminhos da Universidade* pelo sr. Gabriel Pereira, Coimbra, 1880, pag. 82; mas a *Benedictina Luzitana*, logar citado, diz que a união foi feita pelo santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres!...

6.º—Do anno 1391.

Lettras executorias de uma bulla de provimento do priorado de *Santa Maria do Vimieiro.* Pergaminho bem conservado com o sello igualmente bem conservado de *Petrus episcopus pacensis.* João Bolanderi, monge do mosteiro de Cluni... por morte de Henrique Forneri...—diz o citado documento, o que prova claramente que o mosteiro em questão se costumava governar pelos monges de Cluni.

7.º—Do anno 1488.

É a apresentação do arcebispo D. Jorge na abbadia de Tibães, comprehendendo o convento de *Santa Maria de Vimieiro,* e o auto da posse em 22 de junho de 1489.

Sello nitido de *Affonsus episcopus pampilon.*

V. *Catalogo* citado supra, pag. 63, 80, 81, 82, 103 e 104.

Couto de Vimieiro

Esta freguezia outr'ora foi *couto* da grande comarca (provedoria) de Guimarães, mas sujeito á cidade de Braga, cujo ouvidor ia a Vimieiro fazer uma audiencia cada mez, pelo que lhe davam um carro de pão. Era da corôa e em 1706 tinha juiz ordinario e simultaneamente dos orphãos, 2 vereadores, servindo de almotacé um d'elles, procurador de eleição triennal do povo, e sob a presidencia do corregedor do Porto (?!...),—2 tabelliães do judicial e notas que alternativamente escreviam na camara e almotaçaria,—um escrivão das sisas e um meirinho,—todos da nomeação d'el-rei.

O dicto *couto* comprehendia esta parochia, a de S. Lourenço de Celeirós e a de Santa Maria de Avelêda; a séde estava n'esta de Vimieiro, mas a cadeia estava na de Celeirós, em uma casa, hoje reedificada e denominada *Casa das Choças.*

Da antiga cadeia ainda hoje se vêem algumas pedras das janellas na povoação da *Misericordia*, freguezia de Ferreiros, d'este concelho, no muro de uma bouça pertencente ao sr. Francisco Antonio da Silva Ferreira de Araujo, morador na aldeia da *Estrada* da mesma freguezia de Ferreiros, rico proprietario e um dos *quarenta maiores contribuintes* d'este grande concelho.

Tambem foi villa e teve foral proprio, dado em Lisboa por D. Manuel a 4 de setembro de 1517.

Livro de Foraes Novos do Minho, fl. 144, v. col. 1.ª

Não nos consta que tivesse foral *velho;* pelo menos Franklin não o menciona.

VIMIEIRO,—freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Romeu*, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Em 1706 contava 25 fogos e pertencia ao termo da villa e do extincto concelho de *Cortiços*, comarca de Moncorvo, e á commenda de Nossa Senhora da Assumpção de Mascarenhas.

Tambem á mesma freguezia de *Romeu* foi annexa a freguezia de *Val de Couço*, hoje simples aldeia, que em 1706 contava 12 fogos e pertencia ao termo da villa de Mirandella, comarca de Moncorvo, e á dicta commenda de Mascarenhas.

Representa hoje, pois, a freguezia de *Romeu* nada menos de 3 freguezias—e pelo ultimo recenseamento de 1878 contava apenas 76 fogos?!...

Bellesas do malfadado districto de Bragança.

V. *Villa Verde* de Mirandella, tomo XI, pag. 1094, col. 2.ª—e *Villa Verde* de Vinhaes, no mesmo volume pag. 1099, col. 2.ª tambem

Veja-se tambem *Romeu*, tomo VIII, pag. 246, col. 2.ª O meu benemerito antecessor deu-lhe 110 fogos. Foi lapso.

—

Tambem por lapso o sr. João Maria Baptista, na sua *Chorog. Moderna*, tomo 1.º pag. 373, diz que o padre Carvalho menciona a povoação de *Vimieiro* como pertencente á freguezia de *Cabanellas!...*

O Padre Carvalho diz textualmente:

«Este lugar (*Vimieiro*) he freguezia do lugar de *Romeo*, termo da villa de *Cortiços*...» —*Chorog. Portugueza* tomo 1.º pag. 453 *mihi*,—e a pag. 441, fallando da villa de *Cortiços*, menciona a freguezia de *Romeu* como pertencente ao termo d'aquella villa e á dicta commenda de Mascarenhas.

Aproveitando o ensejo diremos que na freguezia de *Romeu* ha uma mina d'ouro, prata e cobre, descoberta e manifestada pelo sr. José Pegado, que já mandou vir da Allemanha um distincto engenheiro para dirigir as pesquisas, a que anda procedendo, e tracta de formar uma companhia para a exploração.

VIMIEIRO,—freguezia do concelho e comarca de Santa Comba Dão, districto e diocese de Viseu, provincia da Beira Alta.

Curato. Orago Santa Cruz;—fogos 132,—habitantes 580.

Em 1708 era curato annexo ao priorado de Santa Comba do Couto do Mosteiro, cujo prior apresentava o cura, a quem dava o pé d'altar e uma pequena congrua, e recebia os dizimos;—pertencia ao termo do extincto *Couto do Mosteiro*, hoje simples freguezia d'este concelho e comarca de Santa Comba Dão, sendo n'aquelle tempo o dicto couto dependencia da comarca da Guarda,—e contava esta freguezia de *Vimieiro* 70 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação;—rendia para o cura apenas 30$000 réis—e contava 83 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 98 fogos e 453 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 106 fogos e 471 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Vimieiro*, titulo, mas não séde da matriz, que está um pouco isolada,—Rojão Grande, Val da Porca, Lameirinhas, Casal Novo, A de Martinho, Casal das Castinceiras, Coval, Cerradinho, Quinta e *Bairro Novo* ou da *Estação*, onde se fez a estação de *Santa Comba*, na linha da Beira Alta.

Clima temperado e muito saudavel.

Producções dominantes:—bom vinho de mesa, cereaes, azeite e fructa.

Até 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertencia ao bispado de Coimbra.

Parochias limitrophes: — Santa Comba-Dão, Ovoa, Pinheiro d'Azere e S. João d'Areias.

Demora em terreno accidentado, mas mimoso e fertil, na margem esquerda do rio Dão, confluente do Mondego, e dista 3 kilometros de Santa Comba-Dão para E.;—9 do Mondego (margem direita) para N.;—45 da estação (entroncamento) da Pampilhosa;—57 de Coimbra pelas linhas ferreas da Beira Alta e do Norte;—151 do Porto—e 276 de Lisboa.

Viação

Poucas freguezias do nosso paiz estarão tão bem servidas de communicações de toda a ordem, pois é cortada por duas linhas ferreas e por 3 estradas a macadam;—tem á sua disposição duas linhas telegraphicas —e a via fluvial do Mondego, que é navegavel desde o caes da Foz-Dão até á Figueira.

Linhas ferreas

1.ª—A da Beira Alta, que atravessa esta freguezia e tem dentro d'ella a estação de *Santa Comba*.

2.ª—O ramal que deve partir da estação de *Santa Comba* e seguir atravez d'esta freguezia e d'outras para *Vizeu*.

Estradas a macadam

1.ª—Estrada real n.º 48, de Mangualde ao

porto da Foz-Dão, passando por esta freguezia.

2.ª—Ramal que, partindo da aldeia do *Rojão Grande*, entronca em Santa Comba-Dão na estrada real n.º 8, da Mealhada a Viseu.

3.ª—Ramal que, partindo d'aquelle, vae até á estação de Santa Comba.

Linhas telegraphicas

A da linha ferrea da Beira Alta;—a do ramal de Viseu, em via de construcção,—e a de Santa Comba, que põe aquella e esta freguezia, sua limitrophe, em contacto com toda a rede telegraphica do nosso paiz, da Hespanha e da Europa.

Rios e ribeiros

1.º—Rio *Dão*, que banha esta freguezia a N. O. e desagua no Mondego a 9 kilometros de distancia, no caes da *Foz-Dão*, que foi um caes muito importante e de muito movimento, antes da construcção da linha da Beira Alta.

Rega e moe, e tem n'esta freguezia uma boa ponte de pedra na estrada que vae para Santa Comba-Dão. A dicta ponte foi cortada em 1810 pelo exercito francez de Massena e reedificada em 1825 por el-rei D. João VI, despendendo-se com a reedificação 3:898$055 réis,—segundo se lê em uma inscripção gravada na avenida esquerda da dicta ponte, do lado d'esta freguezia.

2.º—*Ribeiro do Vimieiro*, que banha esta parochia e desagua no *Dão*.

3.º—*Ribeiro do Campo*.

Banha esta freguezia e a de *Pinheiro d'Azere*—e desagua no Mondego a 8 kilometros de distancia.

Templos

1.º—*Egreja matriz*, muito antiga, bem conservada e com portico d'arco de volta inteira.

Está em sitio pittoresco e agradavel, mas solitario, isolado e hoje completamente ermo; suppomos, porém, que outr'ora foi povoado, pois ali se encontram ainda hoje sepulturas abertas na rocha e que datam pelo menos do tempo da occupação arabe.

É um dos templos mais antigos do fertil valle do Dão e suppõe-se fundado pelos templarios, bem como o de *Santa Comba do Couto do Mosteiro*, que foi *couto* d'elles,—couto que comprehendia esta parochia, pelo que até 1834 os priores de *Santa Comba do Couto* apresentavam os curas d'esta freguezia do Vimieiro.

2.º—*Capella do Santissimo Sacramento*.

Demora na povoação do Vimieiro e n'ella está o sacrario com Santissimo permanente—não na egreja matriz, pelo facto de se achar isolada e exposta a profanações e roubos.

Foi este o motivo porque se fez na povoação a dicta capella e se collocou n'ella o Santissimo; é porem um templo tambem muito antigo e com porta d'arco de volta inteira.

Pertence á irmandade do Santissimo e é publica.

3.ª—*Capella da Senhora da Agonia*, na mesma povoação do Vimieiro.

É tambem publica e tem uma linda imagem da padroeira.

4.ª—*Capella de S. Simão*, na aldeia do Rojão Grande.

É tambem publica;—todas estão bem conservadas;—foram ainda ha pouco tempo, bem como a egreja, reparadas.—e todas são muito antigas e teem porticos de arco de volta inteira.

5.ª—*Capella de.....* na povoação do Vimieiro.

É particular, mas muito linda, e pertence ao sr. dr. Antonio Xavier Perestrello.

Festividades

1.ª—*De Santa Cruz*, na matriz.

Logo a descreveremos.

2.ª—*Santissimo Sacramento*.

É feita com grande pompa, á custa da irmandade no 3.º domingo d'agosto e tem por complemento um *anniversario* no dia 29 do dicto mez, celebrando-se tambem n'esse mesmo dia, de manhã cedo, a festa de

3.ª—*S. João da Degolação*.

4.ª—*S. João Baptista*.

5.ª—*Santo Antonio.*

Estas ultimas 4 festividades são feitas pela irmandade do Santissimo.

6.ª—*S. Sebastião.*

É feita por mordomos particulares, mas muito pomposa.

7.ª—*Senhora do Rosario.*

É tambem feita com grande pompa pelos seus mordomos.

8.ª—*S. Simão*, a 28 de outubro, na sua capella do Rojão Grande.

9.ª—*Coração de Jesus*, na matriz.

10.ª—*Santa Luzia*, em Vimieiro, na capella do Santissimo.

—

A mais pomposa e apparatosa e de todas a mais concorrida é a de *Santa Cruz*, feita pela irmandade propria no 1.º domingo depois do dia 3 de maio, quando o dia 3 não é domingo.

Logo de manhã, antes de principiar a festividade, veem as cruzes das freguezias limitrophes—Ovoa, Pinheiro d'Azere, S. João d'Areias e Couto do Mosteiro,—todas em procissão e muito bem ornadas e enfeitadas.

A que chega em ultimo logar e que se apresenta sempre com mais pompa e riquesa é a da freguezia do *Couto do Mosteiro*, da qual esta freguezia do Vimieiro até 1834 foi annexa.

Passa por Santa Comba-Dão processionalmente, sem o parocho de Santa Comba do Couto do Mosteiro, tirar a estola e, quando se aproxima da matriz do Vimieiro, vae o parocho d'esta freguezia ao encontro d'ella, tambem processionalmente com a irmandade e a cruz do Vimieiro, muito povo, foguetes e musica,—e em determinado sitio fazem a cerimonia do encontro. O mordomo que leva a cruz do Vimieiro ajoelha perante a do Couto em signal de submissão e respeito; —depois tocam as duas cruzes, como que dando um osculo—e continua a procissão, indo na frente a cruz do Couto, até á matriz, onde dão tres voltas, como todas as outras cruzes, ao som da musica.

O parocho do Vimieiro vae tambem receber as outras cruzes e os parochos que as acompanham [1], mas vae só. A unica recepção apparatosa é a da cruz do Couto.

Não se imagina o enthusiasmo do povo do Vimieiro para assistir á ceremonia do encontro. Corre em montão e occupa litteralmente o sitio e arredores, subindo aos montes e pejando inclusivamente as arvores. Todos querem ver a *filha beijar a mãe*;—dizem elles,—referindo-se ao tempo em que esta parochia do Vimieiro era filial da do Couto.

Muitos por essa occasião não podem conter as lagrimas?!...

É uma ceremonia eloquente, edificante e que revela a boa indole d'este povo. Contrasta com as touradas, delirio e vergonha da Hespanha.

Segue-se a festividade na egreja, sempre pomposissima,—grande arraial e feira de cebôlo, rêdes para peixe, sardinhas, bôlos, artigos de tenda, optimas laranjas do fertilissimo valle de Besteiros, bom vinho do valle do Dão, etc.

—

Ha n'esta parochia, no *Bairro da Estação* ou *Bairro Novo*, duas hospedarias:—uma de Antonio de Oliveira,—outra de Maria Ambrosia.

Chamou-se *Vimieiro*, por cultivar nos seus ribeiros e regatos muitos vimes.

Tem cemiterio parochial e duas aulas de instrucção primaria elementar para os dois sexos.

Nasceu n'esta freguezia o dr. Antonio Xavier Perestrello, que foi redactor do *Viriato*, jornal de Viseu, e governador civil de Portalegre.

Abunda esta parochia em agua potavel magnifica;—tem ares purissimos;—é mimosa de peixe fresco dos seus rios e do mar, depois que se fez a linha da Beira, que lhe deu estação propria;—abrigam-na ao sul a serra da Estrella e ao norte a do Caramullo —e não ha aqui doenças predominantes nem memoria de epidemia alguma.

---

[1] Não vae a cruz de Santa Comba-Dão, freguezia limitrophe, por ser muito mais moderna, embora seja hoje séde do concelho e da comarca.

Em outubro de 1886, falleceu repentinamente na estação da Pampilhosa, vindo em viagem do Porto, o subdito francez Eugenio Hertz, natural de Paris, mas domiciliado n'esta freguezia de *Vimieiro*, onde casou no tempo em que se andava construindo a linha da Beira Alta.

Terminaremos dizendo que no dia 7 de julho de 1882 foi esta parochia visitada pelo ex.mo sr. bispo-conde de Coimbra, que por essa occasião ministrou o santo sacramento do Chrisma a um grande numero de pessoas.

—

Ao muito rev. sr. Antonio Nunes de Sousa, parocho actual d'esta freguezia, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me e que *muito estimei*, pois tal freguezia não se encontra nos mappas, e todas as nossas chorographias, incluindo a *Chorographia Moderna*,—simplesmente a indicaram.

Bom serviço me prestou e a todos os chorographos presentes e *futuros!...*

VIMIEIRO,—villa e freguezia do concelho de Arrayollos, comarca d'Estremoz, districto e diocese d Evora, provincia do Alemtejo.

Priorado e vigairaria!...—Fogos 450,—habitantes 2:030.

Orago Nossa Senhora da Encarnação do *Sobral*.

Em 1708 era prior da egreja d'esta freguezia o deão d'Evora, que n'ella apresentava 2 curas com o titulo de *reitores*;—contava a freguezia 300 fogos;—era séde do concelho formado por ella e pela de *Santa Justa*;—pertencia o concelho à comarca d'Evora e tinha 2 juizes ordinarios, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos com seu escrivão, 2 tabelliães do judicial e notas, 2 companhias de ordenanças e 1 capitão-mór, todos nomeados pelos condes e senhores de Vimieiro, dos quaes adiante fallaremos, sem confirmação regia,—e não entrava n'este concelho o corregedor, mas sómente o provedor d'Evora, por graça especial concedida aos nobres condes.

Em 1768 era priorado da mesma apresentação do deão d'Evora;—rendia para o seu prior ou cura 120 alqueires de trigo e em dinheiro 10$000 réis—e contava 293 fogos.

O censo de 1864 deu lhe 406 fogos e 1:608 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 448 fogos e 2:027 habitantes.

Freguezias limitrophes: — S. Gregorio, Santa Justa, Vidigão, Casa Branca e Pavia. As 3 primeiras pertencem ao concelho de Arrayollos, a 4.ª ao de Souzel e a 5.ª ao de Mora.

—

Producções dominantes:—azeite, cereaes, boleta, bolota, carne de porco, lã e cortiça, pois tem grandes montados de azinho e de sobro e cria muito gado suino e lanigero.

Tambem é mimosa de caça miuda:—lebres, coelhos e perdizes—e colhe algum vinho, podendo e devendo colher muito mais porque tem vastos chãos muito ferteis que se adaptam perfeitamente á cultura das vides, sendo a sua producção espantosa!

Já em 1708 o padre Carvalho disse que, n'esta parochia, vinhas que demandavam apenas 6 homens de cava, produziam *duzentos almudes* de vinho, mas que este era molle e *durava só até á paschoa*.

Hoje succede o mesmo e isto explica o facto de se cultivar aqui tão pouco vinho, mas a causa principal de ser tão molle é o atraso que (salvas rarissimas excepções) se nota na cultura d'esta provincia, nomeadamente no processo da vinificação.

N'esta freguezia e na maior parte do Alemtejo nunca se pisaram nem pisam as uvas. Espremem-se á mão sobre uma grade de madeira e recolhe-se immediatamente o mosto com o cango, *sem fervura nem trabalho algum*, em grandes talhas de barro de 100 a 200 almudes,—depois deitam-lhe por cima um pouco d'azeite—e, passado algum tempo, cobrem as talhas, grudando com barro as tampas.

Não admira, pois, que o vinho seja molle e dure pouco tempo.

Pelo contrario os donos das grandes herdades que despresam a rotina e seguem os melhores processos de cultura e vinificação, taes como o sr. José Maria dos Santos, de Lisboa, par do reino e grande capitalista, hoje o *primeiro proprietario d'esta provin-*

cia, os herdeiros de José Maria Eugenio, a viuva do grande proprietario e capitalista José Maria Ramalho Diniz Perdigão, d'Evora, e outros já colhem no Alemtejo muito vinho que dura annos.

—

Demora esta freguezia na estrada real n.º 70 d'Elvas a Montemor o Novo, em alegre e vistosa planicie, na margem esquerda da ribeira de Têr ou Tera, uma das nascentes do rio Sado, da qual dista 5 kilometros para S.; —6 da estação d'Evora Monte (a mais proxima) na linha ferrea d'Estremoz á Casa Branca, entroncamento na linha do sul;—18 de Arrayollos para N. E.;—24 d'Estremoz para O.;—30 d'Evora para N.;—56 da estação da Casa Branca;—120 de Beja;—151 de Lisboa;—488 do Porto—e 618 de Valença do Minho.

Tem boa estrada real a macadam, ha muito construida em substituição da velha estrada real d'Elvas a Lisboa por Arrayollos, Montemor o Novo, e Vendas Novas,—e outra estrada a macadam prestes a concluir-se, para a estação da *Venda do Duque* na linha de Extremoz a Evora e Casa Branca.

Banham esta freguezia a ribeira de *Têra* e os ribeiros do *Freixo* e das *Covas* que desaguam na dicta ribeira e teem no termo d'esta freguezia 3 pontes:—a do *Freixo*,—a da *Brôa*—e a da *Farragella*,—movem 5 moinhos de cereaes—e ha tambem n'esta parochia 3 moinhos de vento.

—

Alem da villa do Vimieiro, comprehende 2 quintas:—a de *S. José*, pertencente aos herdeiros da condessa do Lumiar, D. Luisa, —e a *Quinta Nova*, pertencente a José Maria Queiroga.

Comprehende tambem muitas herdades com os seus respectivos *montes*, ou pequenos povoados. As principaes são as seguintes:

1.ª—Claros Montes.
2.ª—Brôa.
3.ª—Misticas e
4.ª—Farinha Velha,—todas 3 pertencentes a Miguel Piteira Fernandes.
5.ª—Fonte Santa, de José Maria Coelho.
6.ª—Tourega e
7.ª—Preta.
8.ª—Monte Soeiro, pertencentes estas ultimas 3 a José Lopes Aleixo.
9.ª—Monte Branco, de Gabriel Antonio da Silva Leite.
10.ª—Ilha Fria, de Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.
11.ª—Frausta, de João Vieira.
12.ª—Pratas, de Marcos Gonçalves d'Azevedo Caruço.
13.ª—Val da Pinta, de Manuel Maria Varella Lopes.
14.ª—Caeira, dos herdeiros da condessa do Lumiar, D. Luisa.
15.ª—Teja.
16.ª—Penedas e
17.ª—Viuvas, pertencentes todas 3 a Manuel Eduardo d'Oliveira Soares.

A *Chorographia Moderna* menciona ainda as seguintes herdades ou hortas:—Monte Novo, S. Gens, Salvada, Lameira, Courella da Anta, Cabeça do Freixo, Baldios, Brunheira, Carreteira, Coxada, Canada, Oliveiras, Paço, Choupana, Trombeira, Moinho Novo, Alvaro Annes, Monte da Estrada, Venda da Moita, Val de Mouro, Caraxa, Camaroeira, Carrascal, Moinho do Cuerra, Santo Espirito, Gorda, Tourega, Azinheira, Monte dos Barrancões, Monte da Rosalina, Olival, Caeirinha, Horta do Poço do Chão, Horta de S. Pedro e Horta Velha.

Todas estas hortas, herdades e quintas davam um bom patrimonio para um padre.

—

A villa é uma grande povoação. Ainda conserva a sua antiga casa da camara e cadeia em bom estado; o pelourinho já não existe;—tem 2 largos:—o da *Praça* e o da *Egreja*,—e varias ruas, sendo principaes as seguintes:—rua da *Misericordia*, rua *Direita*, rua da *Egreja*, rua do *Matto* e rua de *Aviz*.

Tem um edificio particular, digno de menção, denominado *Palacio do Conde*, que foi dos condes e senhores de Vimieiro, dos quaes passou para a condessa do Lumiar, D. Luisa, e d'esta para os seus herdeiros.

Templos

A egreja matriz,—a egreja da Misericordia—a egreja do Espirito Santo, todas em bom estado,—e 6 capellas, todas publicas: —Santo Antonio, S. Braz, S. Sebastião, S. Pedro, S. Gens e S. João,—esta ultima em ruinas.

A *Chorographia Portugueza* menciona mais no termo d'esta villa as capellas seguintes: — Sant'Anna, Santa Luzia, Santa Comba, Santo Estevam martyr e Santo *Alcastor!*...

A matriz é um bom templo, de uma só nave.

A Misericordia tem um pequeno hospital que de pouco serve, porque são mui diminutas as suas rendas.

Em 1872, segundo se lê nos *Estudos... sobre o Municipio de Montemor o Novo* (Coimbra, 1873) o seu rendimento total foi de 43$876 réis.

No mesmo anno rendeu a confraria de Nossa Senhora da Encarnação do Sobral (a padroeira) 77$147 réis.

A confraria do Santissimo, 94$664 réis.

A confraria das Almas 9$100 réis.

São estas as 3 confrarias erectas na matriz.

As festas principaes que hoje aqui se celebram são a de Passos, a do Santissimo, a da padroeira, a de Santo Antonio e as da semana santa.

Dão vulgarmente á padroeira o titulo de Nossa Senhora da Encarnação do *Sobral* ou *Soveral*, porque diz a tradição que a imagem da Senhora appareceu outr'ora escondida no tronco de um sovereiro em uma matta de sobro, no sitio onde hoje se vê a matriz, que foi feita para n'ella se venerar a dicta imagem e, por ser a egreja muito concorrida pelos fieis das circumvisinhanças, em volta d'ella com o decorrer do tempo se formou a villa actual, contribuindo tambem muito para o augmento d'esta villa o foral que lhe deu el-rei D. Manuel em Lisboa no dia 1 de junho de 1512.

Livro de Foraes Novos do Alemtejo, fl. 73, col. 2.ª

Veja-se tambem o *Processo* e a *Minuta* para este foral na *Gaveta* 20, *Maço* 12, n.º 45.

Teve tambem esta villa um convento de frades terceiros de S. Francisco (*bôrras*) com a invocação de *S. Francisco*, fundado em 1554, mas desappareceu com a extincção das ordens religiosas e nada resta d'elle hoje.

Foi demolido e o seu chão é propriedade de Francisco José Romero.

—

Tem esta villa duas feiras annuaas:—uma no 1.º dia d'agosto, — outra no dia 15 de maio.

O concelho de *Vimieiro* foi extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o de Arrayollos;—depois passou para o concelho d'Extremoz e para a comarca de Montemor o Novo,—e por ultimo passou para o concelho d'Arrayollos[1] e para a comarca d'Estremoz.

Ha n'esta villa uma *assembleia* ou casa de recreio;—2 aulas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos;—um collegio particular de instrucção primaria e secundaria —e duas hospedarias na rua da Misericordia.

Ha tambem n'esta parochia, na herdade do *Monte Branco*, uma mina de cobre e d'outros metaes, mas parou ha annos a exploração.

Esta villa nunca foi murada nem acastellada pelo facto de estar em planicie e por essa mesma rasão não é muito saudavel o seu clima.

Ainda em julho de 1856 aqui fez muitas victimas o *cholera-morbus*.

Esta villa, pelo facto de ser cortada por uma estrada militar importante, soffreu sempre muito com os aboletamentos por occasião das guerras que assolaram o nosso paiz, nomeadamente esta provincia do Alemtejo que, por ser muito plana e fronteiriça, foi

---

[1] Por decreto d'este mez de dezembro de 1886 o concelho d'Arrayollos foi elevado á cathegoria de *julgado municipal*,—cathegoria nova, creada est'anno de 1886.

sempre o theatro da guerra nas luctas com a Hespanha desde os principios da nossa monarchia. N'ella se feriram, alem d'outras, as grandes batalhas do *Campo d'Ourique, Ameixial, Montes Claros* e *Linhas d'Elvas*, padrões de gloria para as nossas armas que ainda hoje infundem respeito aos nossos *bons* visinhos.

—

Houve e não sabemos se ha ainda hoje n'esta parochia um grande tracto de terreno denominado *Bardeira*, que em 1708 tinha *legoa e meia de comprimento* e *uma legua de largura*, comprehendendo uma extensa matta, boas pastagens e muitas terras de semeadura que se davam aos habitantes da villa para as cultivarem, pagando *apenas o dizimo*, que era aliás uma contribuição bem mais fórte do que todas as contribuições d'hoje, mas menos violenta, porque se pagava em generos e na proporção da colheita, em quanto que hoje os proprietarios, embora não colham a semente, teem de pagar a mesmo quota, pois a lei da anullação por sinistros é *uma burla*.

Ao longo da *Bardeira* corria por entre penedos a ribeira do *Freixo* que fertilisava muitas terras e criava muitos bordalos saborosissimos.

Era a dicta matta da *Bardeira* por assim dizer *logradouro commum* da villa e orgulho e riqueza d'ella, como os grandes campos de Trancoso eram logradouro commum da villa d'este nome, a *Devesa* logradouro commum de castello Rodrigo, o *Monte Meão* logradouro commum de Villa Nova de Foscôa, o *Monte Aljão* logradouro commum da villa de Gouveia, etc.

V. *Trancoso, Castello Rodrigo, Villa Nova de Foscôa* e *Gouveia* n'este diccionario e no supplemento.

—

Diz a *Chorographia Portugueza* que esta villa se denominou *Vimieiro por causa dos muitos vimes que n'ella havia*. Pode ser, mas duvidamos, porque os vimes no nosso paiz eram quasi exclusivamente applicados para a empa das videiras e para os arcos do vasilhame; não deviam pois ter grande consumo no Alemtejo por ter poucos vinhedos esta provincia e não usar de pipas nem de toneis, mas de *talhas de barro*.

No Douro sim. Antes da maldicta phylloxera destroçar os seus vinhedos, gastavam-se *contos de réis* em vimes na empa e no vasilhame,—pipas e toneis,—cuja arcaria era toda de pau, ligada por vimes. Hoje é quasi toda de ferro, mas ainda em 1850 toda a arcaria das pipas era de pau e de pau era tambem a arcaria dos toneis grandes e pequenos ainda nos principios d'este seculo.

Note-se tambem que os vimes demandam terrenos humidos, pantanosos, abundantes d'agua, emquanto que o terreno d'esta villa é bastante secco.

Isto mesmo reconheceu e confessou o padre Carvalho na sua *Chorographia Portugueza*, pois diz textualmente o seguinte:

«He terra muito secca, e carece de fontes, mas tem dous poços, que em annos de muita esterillidade se não secão, nem diminuem, e são as agoas delles muy salobras, e grosseiras, porem muito proveitosas para os que padecem *estillicidio*, [1] achaque que não ha em esta villa.»

Sendo pois a terra tão secca e falta d'agua, mal pode crer-se que abundasse tanto em vimes e que d'elles tomasse o nome de *Vimieiro*.

No que ella abundou foi em nobresa. Ainda em 1708 contava muitas familias nobres com os appellidos de Araujo, Correia, Castilho, Gameiro, Caeiro, Paiva, Telles, Calado, etc., avultando entre todas a do *Palacio do Conde* ou dos

Senhores de Vimieiro

Em 1708 era senhor d'esta villa D. Sancho de Faro e Sousa, cuja varonia é a seguinte:

O 2.º duque de Bragança D. Fernando, 1.º do nome, casou com D. Joanna de Castro, filha de D. João de Castro, senhor de Cadaval, e teve

—D. Affonso, conde e senhor de Faro.

Casou com D. Maria de Noronha, filha e

---

[1] Humor que desce da cabeça; — especie de defluxo.

herdeira de D. Sancho de Noronha, 1.º conde de Odemira, senhor de Vimieiro, etc., e teve

—D. Fernando de Faro, mordomo-mór da rainha D. Catharina e senhor de Vimieiro.

Casou com D. Isabel de Mello e teve

—D. Francisco de Faro, senhor da grande casa de seu pae e 1.º conde de Vimieiro, por mercê de Philippe II, de 1614.

Casou com D. Maria da Guerra, filha de Pedro Lopes de Sousa, embaixador d'el rei D. Sebastião a Castella, e teve

—D. Sancho de Faro, 8.º senhor de Vimieiro, etc.

Casou em Flandres com D. Isabel de Luna e Carcomo, filha de D. Affonso de Luna, mestre de campo em Flandres, e teve

—D. Diogo de Faro e Sousa, 9.º senhor de Vimieiro, veador das rainhas D. Maria Francisca e de D. Maria Sophia, mestre de campo do Alemtejo, etc.

Casou com D. Francisca de Noronha, filha de Gaspar de Faria Severim, secretario das mercês, etc., e teve entre outros muitos filhos naturaes e legitimos

—D. Sancho de Faro, que segue, e D. Fernando de Faro, clerigo, deputado da mesa da consciencia e ordens, sumiler da cortina de el-rei D. Pedro II e de D. João V, e bispo d'Elvas, sagrado em julho de 1714, mas falleceu em outubro do mesmo anno, n'esta villa do Vimieiro, no seu *Palacio do Conde*, em viagem para Elvas, onde entrou já cadaver.

D. Sancho de Faro foi 10.º senhor e 2.º conde de Vimieiro, titulo que renovou na sua pessoa el rei D. João V em 1709.

Foi tambem governador de Mazagão, mestre de campo general com o governo das armas nas provincias do Minho e Beira, governador e capitão general da Bahia, etc.

Casou com D. Theresa de Mendonça,[1] filha de D. Luiz Manuel de Tavora, conde de Atalaia, e teve entre outros filhos

—D. Diogo de Faro e Sousa, 11.º senhor e 3.º conde de Vimieiro, coronel de infanteria, etc.

Falleceu em Estremoz no dia 16 de fevereiro de 1741, tendo casado em 1729 com D. Maria Josepha de Menezes,[1] dama da rainha D. Marianna d'Austria, e teve entre outros filhos

—D. Sancho de Faro, 12.º senhor e 4.º conde de Vimieiro, etc.

Casou e teve

—D. João de Faro, 13.º senhor, 5.º conde de e ultimo de Vimieiro, etc.

Falleceu sem successão em abril de 1801, pelo que lhe succedeu sua prima co-irmã

—D. Maria do Resgate Portugal Carneiro da Gama Sousa e Faro, 3.ª condessa de Lumiares, 14.ª senhora do Vimieiro, etc.

Nasceu a 25 de março de 1771;—falleceu a 26 de março de 1823 e casou duas vezes: —a 1.ª com Manuel da Cunha e Menezes, que pelo seu casamento foi 3.º conde de Lumiares, etc.,—a 2.ª com Luiz da Cunha Pacheco e Menezes, viador da princeza viuva D. Maria Benedicta.

Do seu primeiro matrimonio teve

—José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa, 4.º conde de Lumiares, 15.º senhor de Vimieiro, 12.º d'Alcoentre, 15.º do morgado de Paio Pires, par do reino, ministro d'estado, marechal de campo, etc.

Casou em 15 d'agosto de 1807 com D. Luiza de Menezes, dama de S. M. a rainha D. Maria I e 2.ª filha do 1.º marquez de Vallada.

Tiveram entre outros filhos

—José Felix da Cunha e Menezes, 5.º conde de Lumiares, 16.º senhor de Vimieiro, etc.

Nasceu a 2 de julho de 1808 e casou a 8 de junho de 1835 com D. Constança de Saldanha e Castro, 2.ª filha de João Maria Raphael de Saldanha e de D. Maria Theresa Braamcamp, e tiveram um filho unico e successor

—José Manuel do Santissimo Sacramento

---

[1] Depois de viuva professou no convento da Luz, em Lisboa, no dia 30 de maio de 1730 e falleceu no dia 5 de maio de 1740.

[1] Esta senhora falleceu de bexigas em 1739.

da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa.

Nasceu em 13 de maio de 1836 e é o 6.º conde de Lumiares, etc.

Casou em 13 de maio de 1858 com D. Anna Amelia Pinto de Sousa Coutinho Brandão Perestrello, filha do 4.º visconde de Balsemão Vasco Pinto de Sousa Coutinho e de D. Maria da Penha Perestrello da Costa Sousa de Macedo, que ainda hoje (dezembro de 1886) vive.

Os actuaes condes de Lumiares teem cinco ou seis filhos.

Do exposto se vê que a representação dos *condes de Vimieiro* passou para os *condes de Lumiares*.

—

Á memoria do meu antecessor

Nasceu n'esta villa e freguezia do *Vimieiro* em 1782 e falleceu em 1834 na freguezia de Santa Maria do *Valle*, concelho de villa da Feira, *José Mathias Barbosa Leal*, tenente quartel-mestre do batalhão de caçadores n.º 3, casado com D. Rita de Cacia Soares de Azevedo, da qual teve dois filhos,—José, que falleceu de menor idade,—e *Augusto* que foi o meu bom amigo e antecessor *Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal*, benemerito iniciador e principal auctor d'este diccionario, cuja continuação nos foi tão indevidamente confiada.

Ao filho já rendemos preito no artigo *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 461, col. 1.ª e segg. [1]—agora fallemos do pae, aproveitando os apontamentos biographicos que *elle proprio* escreveu em uma carteira que temos sobre a nossa banca de estudo e que são realmente curiosos.

—

«Nasci na villa do *Vimieiro*, comarca d'Evora (diz elle) a 25 d'outubro de 1782; —foram meus paes Mathias Martins e Anna Maria Barregosa, naturaes da mesma villa do *Vimieiro*, e meus padrinhos do baptismo Antonio Coelho e Marcelina Angelica Furtado.

«Em 1797 fui para Estremoz aprender a cerieiro e ali passei tres annos.

«Em 25 de setembro de 1800 assentei praça no regimento de artilheria d'Extremoz, que estava em Elvas.

«Em 1801 foi aquella praça atacada pelos hespanhoes e não a poderam ganhar por ser a praça mais forte do reino e ter de guarnição 3 regimentos de infanteria, 3 d'artilheria, 1 de cavalleria e os regimentos de milicias d'Evora, Beja, Villa Viçosa, Portalegre, Estremoz e Campo d'Ourique, alem do muito povo da cidade.

«Em 1 d'outubro do mesmo anno saiu o meu regimento e principiou o meu fadario das marchas e contramarchas. D'esta vez o itinerario foi o seguinte:—Villa Viçosa, Redondo, Evora, Montemór-o-Novo, Abrantes, Gollegã, Santarem, Cartaxo, onde estivemos 15 dias, e Almoster, onde nos demoramos 5 dias, voltando para Santarem, onde estivemos 20 e nos passou revista S. A. R. o principe depois rei D. João VI. D'ali marchámos para Almeirim, Erra, Mora, Pavia, Extremoz, Borba e Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 80

—

«Em 1802 fui destacado para Estremoz, onde estive 7 mezes e depois mais 6 com licença.

«Em 28 de setembro de 1804 fui para o *cordão da peste*, seguindo por Juromenha, Terena, Monsaraz, Mourão, Moura e Serpa, onde estivemos 5 dias, marchando d'ali para Aldeia Nova e Aldeia do Sobral, onde estivemos 4 mezes, no fim dos quaes regressamos a Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 42

«Em 1808 fui a Lisboa acompanhar um regimento d'artilheria franceza; seguindo por Estremoz, *Vimieiro*, Arrayollos, Montemor o Novo, Aldeia Gallega e Lisboa, d'onde regressámos a Elvas.

«Marcha e contra-marcha legoas.... 60

«Em 26 de junho de 1808 emigrei para a

---

[1] Vejam-se tambem os artigos—*Carvalhal*, tomo II pag. 133,—*Paradella*, tomo VI pag. 469, col. 1.ª,—*Penamacor*, no mesmo volume pag. 593, col. 2.ª,—*Porto*, vol. VII, pag. 118, col. 1.ª—pag. 327, col. 2.ª (nota) —e pag. 352, col. 2.ª tambem,—e *Valle*, tomo X, pag. 172, col. 2.ª—175, col. 2.ª tambem,—e 176, tambem 2.ª col.

Hespanha com a maior parte do meu regimento, por detestarmos os francezes que então dominavam o nosso paiz. Apresentamo-nos em Badajoz e d'ali fomos para Cidade Rodrigo.

«Legoas de marcha..... 42

«Estivemos 8 dias em Cidade Rodrigo, donde fugi para Portugal, que já se havia sublevado contra os francezes, pois eu não podia servir a Hespanha, quando o meu paiz tanto necessitava d'auxilio. Marchei por Guinaldo para Ladueiro e Idanha Nova, onde me deram passaporte para Viseu, em cumprimento das ordens do bispo d'aquella cidade que, como presidente da junta de defesa, mandara reunir ali toda a tropa dispersa. Segui pois para Viseu pela Covilhã e Mangualde, havendo percorrido em toda esta marcha legoas..... 56

—

«Assentei praça no batalhão dos *Voluntarios de Vizeu* a 29 de julho de 1808. Deram-me o posto de furriel e ali estivemos 3 mezes, no fim dos quaes marchámos para a Guarda, onde recebemos armamento;—seguimos pela Covilhã para Penamacôr, onde estivemos 8 dias;—d'ali para Castello Branco—e por ordem do general Silveira fomos para Segura, onde estivemos 3 mezes.

«No dia 26 de fevereiro de 1809 passei a 2.º sargento e no dia 1 de março do mesmo anno fui nomeado 1.º sargento.

«No dia 27 de março fomos para Cebolaes, onde recebemos fardamento e seguimos por Abrantes, Thomar, Condeixa, Coimbra, Mortagua, Tondella, Viseu, Castro d'Ayre, Lamego, Regoa, *Majam Frio* (sic) até Amarante. Como os francezes já tivessem retirado do Porto, seguimos por Mondim de Basto, Arco e Montalegre para a raia; havendo os francezes entrado na Gallisa, marchámos para Viseu por Chaves, Peso da Regoa e Lamego.

«Total das minhas marchas e contra-marchas até aqui, leguas..... 280

—

«De Viseu fomos para Azere, Pinheiro de Azere, Thomar, Villa de Rei, Castello Branco, Guarda, Alverca e Pinhel, onde estivemos dois mezes;—d'ali passamos para a Hespanha e fomos até ás alturas de Salamanca, donde voltámos pela serra da Gata, *Ventas de Cavallo*, *Sarça* e *Segura* para Castello Branco; demorámo-nos ali 15 dias e depois fomos tomar quarteis de inverno em Punhete, hoje Villa Nova de Constança, onde entrámos a 6 de setembro de 1809.

«Total d'esta jornada, legoas..... 117

1810

«Saimos de Punhete para Coimbra, onde estivemos 3 mezes; no dia 10 de março recebemos armamento, correame e capotes novos;—fomos para Figueiró da Granja e Trancoso;—d'ali passámos para o *Campo da Jizua*, onde estacionámos 3 mezes, voltando em seguida para Trancoso, quando os francezes, commandados por Massena, já estavam sitiando a praça d'Almeida. Depois da explosão do castello e da rendição d'aquella praça, marchámos de Trancoso por Andorinha e Santa Comba-Dão para o Bussaco, onde se feriu a grande batalha d'este nome.

«Rompeu o fogo no dia 25 de setembro; batemo-nos com os francezes toda a tarde e elles não poderam ganhar nada. N'essa noite dormimos com as armas na mão ao longo da serra;—no dia 26 fui para a frente com a minha companhia e fiz fogo a maior parte do dia, sendo grande a mortandade em um e outro campo—e no dia 27 desde a madrugada até á noute, foi o combate geral em toda a linha.

«Do meu batalhão morreram 1 alferes e 17 soldados e ficaram feridos 52.

«No dia 28 não houve fogo; tivemos descanço, mas retirámos á noite, porque os francezes, não podendo ganhar a serra, tomaram outro caminho. Fomos para Coimbra e, seguindo a estrada de Lisboa, fizemos alto nas *Linhas de Torres Vedras*.

—

«Ali nos conservámos até que os francezes, não podendo romper as linhas, retiraram para Santarem. Fomos em seguimento d'elles. O meu batalhão ficou em Almoster; depois passou para Calhariz, onde tivemos muito fogo e ficaram feridos o meu capitão e 3 soldados. D'ahi fomos para a quinta da

Lapa, onde estivemos um mez; e d'ali para S. João da Ribeira, onde eu dei baixa como doente, sendo obrigado a recolher-me ao hospital de S. Vicente de Fóra, em 23 de fevereiro de 1811.

«Com esta marcha ultima percorri approximadamente leguas..... 123

«Sahindo do hospital em 22 de março de 1811, marchei de novo para o exercito. Fui encontrar o meu batalhão na aldeia das *Cinco Villas*, no cerco da praça d'Almeida, e ali estivemos até que os sitiados francezes largaram fogo ás muralhas e fugiram para a Hespanha. Foi uma *venda bem conhecida*, pois no sitio por onde cortaram a linha estavam os nossos soldados todos avisados *para não fazerem fogo, porque ali havião de passar dois Regimentos inglezes*. Assim passaram os *francezes*, e de tal fórma que os nossos soldados se envolveram com elles, porque iam muito callados e foram rompendo até que as sentinellas começaram a fazer fogo.

«Mais ainda: A minha brigada, tendo ido para *Malpartida*, n'essa mesma noite tornou para as *Cinco Villas*, para os francezes passarem, como passaram, por *Mal Partida!*... Fomos no seu seguimento, mas só ao outro dia, levando-nos os francezes de dianteira 9 horas!... [1]

«Voltámos, tendo percorrido desde Lisboa leguas..... 60

—

«Marchámos pelo Sabugal, Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa e Portalegre para o Campo do Reguengo, junto de Campo Maior, d'onde fui com uma diligencia a Lisboa receber barretinas para o batalhão, e de Lisboa marchámos por Abrantes, Gavião, Nisa, Villa Velha de Rodam, Castello Branco, Atalaia, Capinha, Almeida e Val de La Mula até *Villar de Cervos* em Hespanha, onde encontrei o meu batalhão,—e logo marchei com outra diligencia para Abrantes, regressando outra vez a *Villar de Cervos*, na Hespanha, tendo percorrido com estas marchas e contra-marchas approximadamente —leguas..... 195

—

«De *Villar de Cervos* marchámos por Guinaldo para Alfaiates, onde tivemos uma escaramuça com os francezes, retirando para Freixo; d'ali tornamos a avançar por Espega e Carpio para o cerco de Cidade Rodrigo, e, logo que se ganhou a praça, marchámos por Pinhel, Lamego, Vizeu, Coimbra, Thomar, Abrantes, Gavião, Crato, Villa Viçosa e Elvas, para o cerco de Badajoz. Tomada tambem esta praça, seguimos logo por Elvas, Portalegre, Castello Branco, Lagiosa e Pinhel até Salamanca. Tomámos ali o forte e marchámos para Valhadolid, mas não passámos de Rueda, volvendo a Salamanca, onde demos e vencemos a grande batalha dos Arapiles a 22 de junho de 1812.

«Derrotados os francezes, perseguimol-os até Valhadolid, d'onde marchámos para Madrid. Tomámos esta cidade e volvemos a Valhadolid, d'onde fomos para Burgos e d'ali marchei com uma diligencia a Santander, no dia 1 d'outubro, para conduzir duzentos mil cartuxos enviados da Inglaterra.

«Volvemos a Burgos no dia 16 do dicto mez, tendo percorrido com estas marchas e contra-marchas cerca de legoas..... 335

—

«A 21 d'outubro do dicto anno, surprehendidos por tres grandes exercitos francezes, deixamos o cerco de Burgos e retiramos sobre Portugal, perdendo apenas 3 a 4 mil homens em toda a jornada.

«Os francezes, apesar da sua grande superioridade numerica, não transposeram a fronteira, lembrando-se dos desastres que haviam soffrido no Bussaco, em Fuentes de Onor, Cidade Rodrigo, Badajoz, Arapiles e Madrid, e da vergonha porque passaram em frente das *linhas de Torres Vedras*, que os estavam esperando.

«Como elles *muito prudentemente* fizessem alto na fronteira, nós fômos tomar quarteis de inverno para Penafiel, seguindo por Almeida, Lamego, *Majamfrio* e Amarante, tendo percorrido cerca de 104 leguas.

---

[1] V. *Villar Formoso*, vol. XI, pag. 1217, col. 1.ª, onde já fizemos menção d'este *facto*, chamando para elle, como hoje chamamos, a attenção dos nossos historiadores.

—

«Demorámo-nos em Penafiel desde 12 de dezembro de 1812 até 14 de maio de 1813, data em que marchou a minha brigada para a ultima campanha, e eu fui mandado com um deposito para a Regoa, onde me conservei até 13 de fevereiro de 1814, marchando d'ahi com o trem de 3 corpos para o Porto, onde embarquei no dia 7 de março para Lisboa. Entreguei tudo no Arsenal e fui para o deposito de S. Bento, d'onde no dia 1.º d'agosto marchei para Penamacor, a unir-me ao meu batalhão, ali estacionado, tendo percorrido cerca de 128 legoas.

1815

«Em 7 de março fui a Lisboa receber fardamento para o meu batalhão e voltei a 18 de maio.

«Legoas..... 90

«Depois fui a Vizeu receber um mez de soldo.

«Legoas..... 36

«Em novembro tornei a Vizeu para receber dois mezes de soldo.

«Legoas..... 36

1817

«Fui com uma diligencia a Abrantes.

«Legoas..... 44

«Mais 2 diligencias a Abrantes.

«Legoas..... 88

1818

«A 30 d'abril passei a sargento quartel mestre e por isso n'esse anno fui com outras 3 diligencias a Abrantes.

«Legoas..... 132

1819

«No dia 23 de junho foi o meu batalhão destacado para Elvas, d'onde passou a aquartelar-se em Castro Marim, pelo que eu tive de ir d'Elvas buscar a bagagem a Penamacôr, d'onde segui para Castro Marim por Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Nisa, Fronteira, Estremoz, Evora, Beja e Mertola, onde embarquei.

«Legoas..... 122

1822

«No dia 22 de julho marchei com o meu batalhão para Lisboa.

«Legoas..... 48

«De Lisboa partimos no dia 15 de fevereiro com a expedição para a Bahia, aonde chegámos a 2 d'abril, contando 61 graus de 18 leguas cada um, o que prefaz

Legoas..... 1:098

«No dia 3 de maio tivemos um grande combate com os americanos e outro no dia 3 de junho. Elles ficaram desenganados de que não podiam entrar, mas no dia 2 de julho fizemo-nos de vela para Portugal, por falta de mantimentos, pois já estavamos a ração de farinha de pau e carne do sertão. Custava 1 arratel de vacca 800 réis,—de toucinho 480 réis,—de arroz 400 réis,—de farinha de pau 400 réis,—uma gallinha réis 5$000,—um ovo 100 réis—e um pão d'arratel 600 réis?!...

«Chegámos a Lisboa no dia 2 de setembro.

«Legoas..... 1:098

«De Lisboa marchámos logo para Villa Franca, aonde chegámos no dia 3, e d'ali fomos para Abrantes, onde nos demorámos até 23 d'outubro.

«Quando chegámos a Lisboa traziamos 62 soldados *cegos com a debilidade*, sendo preciso que outros os acompanhassem e levassem pela mão; mas deu-se-lhes a comer *figado de vacca, quasi crú*, e todos recuperaram a vista promptamente.

«De Abrantes seguimos para Estremoz, onde estivemos até 14 de maio de 1824—e d'ali fomos para o nosso quartel de Castro Marim, por Tavira.

«Legoas, desde Lisboa..... 87

«Desde que assentei praça, não contando muitas marchas e contra-marchas menos importantes, legoas,..... 44:221

Novos trabalhos

1826

«Agora contarei o que soffri por causa da *Carta Constitucional.*

«No dia 8 de novembro de 1826, das 11 para a meia noite, retumbavam as cornetas pelas muralhas de Castro Marim, tocando a assembléa. Formou o meu batalhão com o seu novo fardamento e marchámos para Tavira, onde encontrámos o regimento de infanteria n.º 14 formado na praça e parte do regimento de milicias. Proclamámos rei o sr. D. Miguel I, ao som do hymno da patria, com muitos vivas e applauso da cidade,—e no dia 9 marchámos para Faro. Ali fizemos o mesmo, posto que o povo tentou defender a cidade com o regimento de artilheria n.º 2, mas o commandante fugiu com o regimento.

«No dia 11 marchámos para Albufeira, a fim de nos unirmos ao regimento de infanteria n.º 2, ali estacionado, mas o commandante fugiu tambem com o dicto regimento, pelo que os nossos commandantes volveram para Castro Marim; — embarcámos tudo, e fomos para Ayamonte, d'ali marchámos para Ecija.

«Legoas..... 41

—

«No dia 11 de novembro proseguimos com a nossa marcha e, depois de varios rodeios, chegámos no dia 28 a Aracena, onde recebemos de novo as armas.

«No dia 1.º de dezembro marchámos para *Barrancos*, povoação portugueza, aonde chegámos no dia 4;—d'ali fomos para Arronches, aonde chegámos no dia 9. No dia 10 fomos atacados com forças muito superiores pelo conde de Villa Flor.

«Marchámos para Mourão, onde nos reunimos com infanteria n.º 17, cavallaria n.º 2 e 90 homens de cavallaria 7, que o brigadeiro Magece tinha aprisionado em Villa Viçosa.

«Retirámos por Alegrete;—entrámos de novo em Hespanha—e fomos até Sarça.

«Ali ficou minha mulher com o meu filho José, para irem, como foram, para Penamacor. O *Augusto* [1] seguiu.

«No dia 16 marchámos para o Sabugal, aonde chegámos no dia 18, pisando neve de grande altura.

«D'ali fomos a Malhada Sorda, Almeida, Pinhel e Coriscada, onde se nos uniu o regimento de infanteria 6. Volvemos a Pinhel e seguimos para Almeida;—tornámos a Pinhel;—d'ali marchámos por Celorico para Nespereira, junto da villa de Gouveia,—e d'ali para a povoação de *Curral*, (?) (distante 2 legoas de Nespereira) aonde chegámos no dia 29.

«N'este povo ficou o *Augusto*, por ser muito aspero o frio e elle não poder acompanhar-nos [1].

«Legoas..... 207

—

«No dia 31 de dezembro fomos por S. Paio para a ponte da cabra [2]—e no dia 1 de janeiro de 1827 para Villa Mendo, ficando um pi-

---

[1] O nosso benemerito antecessor,—*Augusto Soares d'Azevedo Barboza de Pinho Leal*, —que então contava apenas 10 annos e já tinha acompanhado seus paes na expedição á Bahia e nas marchas e contra marchas pela Estremadura, Beira Baixa, Alemtejo e Algarve.

Bem cedo começou o seu fadario, pois tendo nascido na freguezia da Ajuda, concelho de Belem, no dia 21 de novembro de 1816, foi baptisado em Penamacor no dia 30 do dicto mez e anno, tendo percorrido *no berço* quarenta e tantas leguas!...

V. *Vianna do Castello* vol. X, pag. 461, col. 2.ª

Aos 10 annos de idade já elle tinha percorrido mais de 2:400 leguas!

[1] O pobre *Augusto* meu antecessor, contando apenas 10 annos, ia gelado em uma carga de bagagem, mettido entre dois bahús, como elle proprio nos contou,—e sendo já decrepito, ainda se recordava de ver de Nespereira a villa de Gouveia, alcandorada na pendente norte da serra da Estrella, e conservava outras muitas reminiscencias das terras que percorreu, mettido entre os bahús.

Tinha uma memoria felicissima e conservou as faculdades intellectuaes sempre lucidas até os ultimos momentos da vida.

[2] Villa extincta, hoje simples freguezia, na margem esquerda do Mondego, junto da actual estação de *Gouveia*, na linha da Beira Alta. V. *Cabra*.

quete na ponte de Cabra, sobre o Mondego, onde houve fogo com a divisão do Claudino.

«No dia 5 marchamos para Coruche, onde se deu o combate e se reconheceu que levavamos comnosco *muitos constitucionaes!*...

«Retirámos para Trancoso e seguimos por Pinhel para Almeida.

«Legoas..... 19

«No dia 14 tornámos a entrar em Hespanha e fomos ter a Freixo de Espada á Cinta, d'onde seguimos por Moncorvo, Villa Flor, Mirandella, Murça, Campos, Granja e Tazem, volvendo a Mirandella.

«No dia 3 de fevereiro marchámos outra vez para a frente e fomos a Murça, Villa Real, Moimenta, Villa Pouca d'Aguiar, Abreiro, Alfandega da Fé, Mogadouro, Sendim e S. Joannico.

«Legoas..... 110

«No dia 7 de março tornámos a entrar na Hespanha e seguimos até Placencia, onde nos tiraram os officiaes portuguezes e nos dividiram por differentes terras em partidos de 150 homens.

«Legoas..... 35

«Fomos a Burgos, Logronho, Arnedo, etc.

1828

«No dia 6 de janeiro estavamos em Calahorra, d'onde fomos para Castello Frio, etc. volvendo no dia 9 de fevereiro ao Arnedo.

«Em 27 de março fomos a Calahorra assistir a uma festa que o nosso regimento n.º 24 fez em acção de graças pela boa vinda do sr. D. Miguel.

«No dia 15 d'abril me roubaram 13 duros em casa do patrão.

«Legoas..... 87

«No dia 1 d'agosto marchámos para Portugal, seguindo por Logronho, Burgos, Saldonde,[1] Villa Garcia, Penella e Bragança, aonde chegamos no dia 12.

«Legoas..... 80

[1] Aqui o regimento hespanhol de cavallaria n.º 2, tirou-nos as correias.

(*Nota do biographado*).

«D'ali fomos por Mirandella, Villa Real, Lamego, Castro d'Ayre, Vizeu e Manteigas para Penamacor, aonde chegámos a 28 do dicto mez d'agosto.

«Legoas desde Bragança..... 50

» » o Arnedo..... 130

em 28 dias!...

—

«Estive com minha familia até 2 de setembro em Penamacor, d'onde no dia 3 marchámos todos para Castro Marim, por Castello Branco, Villa Velha de Rodam, Crato, Evora, Beja, Mertola e Guadiana, chegando a Castro Marim no dia 18 do dicto mez.

«Legoas..... 64

«De Castromarim fui em serviço a Faro 7 vezes.

«Legoas..... 26

«No dia 14 de setembro de 1829 marchei de Castromarim com o meu batalhão para Lisboa por Mertola, Beja, Alcacer, Setubal e Moita, chegando a Lisboa no dia 27 do dicto mez.

«Legoas..... 46

«Total até aqui:

«Por agua, legoas..... 2::566

«Por terra, legoas..... 2::787

Somma..... 5::353»

E note-se que elle contava as leguas pela medonha craveira d'aquelle tempo. Hoje, pela craveira actual de 5 kilometros cada uma, as taes 5:353 legoas dariam com certeza mais de 7:000.

Vejam o fadario que passou o pobre *José Mathias Barbosa Leal!*... E ainda depois accresceram as marchas e contra marchas até á convenção d'Evora Monte e que se reduzem ao seguinte:

—

Em novembro de 1830 marchou de Lisboa para o Porto, com passagem para o corpo da policia d'esta ultima cidade.

Legoas..... 52

No dia 9 de julho, quando D. Pedro entrou no Porto, retirou o nosso biographado com o seu corpo da policia para Olliveira d'Azemeis, d'onde passou por Carvoeiro e Paço de Sousa para Ponte Ferreira.

Legoas..... 15

Dada a acção de Ponte Ferreira, retirou para Penafiel;—d'ali passou para S. Mamede de Infesta.

Legoas..... 8

Depois passou para Villa Nova de Gaya; —regressou a S. Mamede,—tornou a passar o Douro para Santo Ovidio, em 9 d'agosto de 1833;—d'ali foi a Ovar, Aveiro, Coimbra, Thomar, Santarem, Rio Maior e Alcoentre;—volveu a Santarem,—foi a Abrantes;—volveu a Coimbra;—depois a Thomar—e a 16 de maio de 1834 assistiu com o filho *Augusto* (meu antecessor) á batalha da Asseiceira, na qual o pobre Augusto ficou ferido e prisioneiro e, depois da convenção d'Evora-Monte, regressaram á sua pequena casa de Santa Maria do Valle, concelho da Feira, vendo-se de repente pobres como Job, quando a fortuna lhes sorria, pois o nosso biographado já era tenente quartel-mestre e o filho Augusto alferes, não tendo completado ainda 18 annos.

E para cumulo da desgraça, *post tot tantosque labores* o nosso biographado, sendo um bom homem, sempre generoso e propenso a valer aos seus inimigos politicos, nas represalias que se seguiram á convenção d'Evora-Monte foi barbaramente assassinado no dia 17 de junho de 1834, deixando a viuva e o filho expostos a duras contingencias.

Foi sepultado na matriz de Santa Maria do Valle, contando 52 annos incompletos e tendo percorrido até o dia 27 de setembro de 1829

Legoas.....	5:353
Mais até á convenção.....	180
Total.....	5:533

—só em serviço e pela contagem d'aquelle tempo.

Deus o tenha em bom logar.

—

Fecharemos este topico dando na sua integra dois documentos muito importantes para a biographia do meu antecessor, pois que é este o ultimo ensejo que se nos offerece para fallarmos d'elle e não sabemos se Deus nos conservará a vida até chegarmos com o supplemento ao artigo *Valle*, nem se ainda por essa occasião teremos a nosso cargo este diccionario, pois estamos fatigadissimos e anciosos por nos vermos livres d'elle.

Desde fevereiro de 1884 até hoje 31 de dezembro de 1886 não temos posto o pé fóra do Porto, — nós que tanto gostavamos de passeiar e viajar,—e estamos fazendo serão até ás duas horas depois da meia noite, dando cabo da vista e da existencia.

Os dois documentos são as certidões do *baptismo* e do *obito* do meu antecessor.

1.ª

«Eu abaixo assignado certifico que a fl. 96 de um *livro findo* de Baptismos da freguezia de Penamacor d'este bispado da Guarda, achei o assento do theor seguinte:

«AUGUSTO, filho legitimo do primeiro matrimonio de ambas as partes de José Mathias, sargento de Caçadores numero quatro, natural do *Vimieiro*, bispado d'Evora, e de Rita de Cacia Soares d'Azevedo, natural de Fermedo, bispado do Porto; neto paterno de Matheus Martins e de Anna Maria Barregosa, naturaes do *Vimieiro*, bispado d'Evora, e materno de Francisco Antonio Soares de Azevedo, natural de Fermedo, e de Anna Maria de Pinho, da dicta freguezia de Fermedo, nasceu aos *vinte e um de novembro de mil oitocentos e dezaseis* [1] e foi baptisado solemnemente por mim, coadjuctor abaixo assignado, aos trinta dias do dicto mez e anno. Foram padrinhos Christovão Palha d'Almeida e Anna Bernarda, e foram testemunhas o padre Luiz Antonio Toscano e Vicente Lourenço, do que fiz este termo que assigno, dia, mez e era ut supra. O coadjutor Alexandre da Silva Robalo Freire,—o

[1] Não disse onde,—talvez de proposito, para não se expor a censuras do prelado, pois o pobre *Augusto*, meu antecessor, como elle proprio me disse, nasceu na freguezia da *Ajuda*, concelho de Belem; e foi levado para Penamacor, onde os paes n'aquelle tempo tinham o seu domicilio, e ali o baptisaram.

padre Luiz Antonio Toscano,—de Vicente Lourenço uma cruz. E nada mais continha o dicto assento que fielmente copiei do original, a que me reporto. Guarda 26 de janeiro de 1884. O cartorario João Antonio Martins Manso.»

2.ª

«José Pereira Baptista Neves, abbade da freguezia de Lordello do Ouro, concelho e diocese do Porto, etc. Certifico que do registro parochial d'esta freguezia consta o termo do theor seguinte:

«Aos dois dias do mez de janeiro do anno de mil oitocentos oitenta e quatro, ás quatro horas da manhã, na casa numero trezentos noventa e tres da rua de Serralves, d'esta freguezia de Lordello do Ouro, concelho e diocese do Porto, falleceu, tendo recebido os sacramentos da Santa Madre Egreja, um individuo do sexo masculino, por nome Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, de idade de sessenta e oito annos [1], viuvo de D. Maria Rosa d'Almeida e Castro, escriptor publico, natural da freguezia da *Ajuda*, concelho de Belem, diocese de Lisboa, e morador na dicta rua de Serralves, filho legitimo (ignora-se) o qual não fez testamento, deixou filhos e foi sepultado no cemiterio d'esta freguezia. E para constar lavrei em duplicado este assento que assigno. Era ut supra. O coadjutor Ignacio Gomes da Motta.»

«Está conforme ao original.

«Lordello do Ouro, 10 de maio de 1884.

«O abbade José Pereira Baptista Neves.»

—

Ambos estes documentos foram sollicitados e obtidos por mim e bastante trabalho me deu o primeiro!...

V. *Vianna do Castello*, vol. X, pag. 461, col. 2.ª

Terminaremos dizendo que junto da povoação de *Claro Monte* ha n'esta freguezia, a uma legoa de *Vimieiro*, uma fonte denominada por Fonseca no seu *Aquilegio Medicinal*,—*Fonte de mata peixes*, porque morrem (diz elle) todos os peixes que se lançam n'ella.

[1] *Incompletos*, pois nascêra em 21 de novembro de 1816.

VIMIOSO—villa, freguezia e séde do concelho do seu nome, comarca de Miranda do Douro, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Priorado.

Orago S. Vicente Ferrer, martyr.—Fogos 380,—habitantes 1:628.

Em 1706 era villa e concelho, commenda da ordem de Christo e titulo de condado;—pertencia á comarca (corregedoria e provedoria) de Miranda;—o seu parocho era reitor da apresentação da corôa,—e contava 300 fogos na villa e seu termo, que comprehendia Valle de Frades, Campo de Viboras, hoje parochias d'este concelho,—e as povoações de Serapicos e S. Joannico, parochias extinctas, hoje annexas á de Val de Frades.

É isto o que se deduz da *Chor. Port.*

Em 1768 era reitoria do bispado de Miranda e da apresentação da casa do infantado;—rendia para o seu parocho 50$000 réis—e contava (só a villa) 241 fogos.

Em 1791 contava apenas 200 fogos,—segundo se lê na petição que o parocho Antonio Fernandes de Araujo n'aquella data dirigiu á rainha D. Maria I, como administradora do mestrado e chancellaria da ordem de Christo, pedindo augmento de congrua.

Archivo parochial de Vimioso.

—

Em 1796, segundo se lê na *Descripção da provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia [1], esta villa e este concelho pertenciam á comarca (ouvidoria) de Villa Real, por serem do infantado n'aquelle tempo, e contavam 446 fogos com 1:919 habitantes, sendo 925 do sexo masculino e 994 do sexo feminino,—ecclesiasticos seculares 9,—pessoas litterarias 1, sem occupação 31, negociantes 5, barbeiros 3, lavradores 173, jornaleiros 22, fabricantes de lã 3, alfaiates 16, sapateiros 25, carpinteiros 6, pedreiros 3,

[1] *Codice* n.º 486 da Bibliotheca Municipal do Porto.

ferreiros 10, ferradores 1, moleiros 6, criadas 20,—criados 22—e cardadores 126!...

Note-se que *toda a ouvidoria* contava 130 cardadores e por consequencia mais 4 sómente.

Era pois *Vimioso* n'aquelle tempo a *terra dos cardadores*. Toda a comarca de Miranda não tinha um cardador, alem dos de Vimioso[1];—toda a comarca de Bragança tinha apenas 13;—toda a de Moncorvo 134 e toda esta provincia 277.

Pertenciam pois a *Vimioso* cerca de *metade* dos cardadores de *toda a provincia*!

Não tinha porem *um unico* pastor, nem um soqueiro, nem um mineiro, nem um almocreve, nem um latoeiro, nem um fabricante de courama, nem um surrador, nem um boticario, nem um fabricante de seda, nem um serralheiro?!...

O censo de 1864 deu a esta villa 331 fogos e 1:285 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 355 fogos e 1:548 habitantes.

—

Demora em alta, alegre, saudavel e vistosa planicie na estrada de Miranda para Carção, Bragança, entre as ribeiras de *Maçans*, a O., e *Angueira*, a E., confluentes do rio Sabor, distando de qualquer das duas 3 kilometros; —30 de Miranda para O. N. O.;—40 de Bragança para S. E.,—60 da linha de *Zamora*, em Hespanha;—80 da estação do Pocinho, hoje a mais proxima em Portugal, na linha ferrea do Douro;—254 do Porto pela estação do Pocinho na linha ferrea do Douro[2],—260 do Porto por Macedo de Cavalleiros, Mirandella, linha ferrea de Mirandella, tambem prestes a abrir-se á circulação, e linha ferrea do Douro, na qual entronca a de Mirandella, na estação do *Tua*;—591 de Lisboa pela estação do Pocinho—e 597 pela do Tua, linha de Mirandella e Macedo de Cavalleiros.

Este ultimo trajecto é mais longo, mas preferivel por ser todo em linha ferrea desde Lisboa atè Mirandella e por haver diligencias d'ali até Macedo de Cavalleiros, restando apenas 45 kilometros para viagem em sella, emquanto que o primeiro obriga a transpor em sella 80 kilometros de barrancos do Pocinho até Vimioso e a passar em barca o Douro, que no inverno faz tremer os mais valentes; será porem este trajecto o preferido, logo que se construa a linha ferrea, hoje em estudos do Pocinho a Miranda do Douro e que deve passar a pequena distancia de Vimioso.

Tambem trazemos em estudos a continuação da linha ferrea do Tua, de Mirandella á fronteira por Bragança, e outras muitas, de que fallaremos no supplemento. Entretanto vejam-se os artigos *Vias Ferreas*, vol. X, pag. 475 e 478—e *Villarinho das Paranheiras*.

—

Freguezias limitrophes: — Caçarelhos, Campo de Viboras, Carção, Pinello e Valle de Frades, todas d'este concelho, que comprehende mais as seguintes:—Algoso, Angueira, Argosello, Avellanoso, Matella, Santulhão, Uva, Villa Secça e *Vimioso*.

Total:

Freguezias.....	14
Fogos pelo recenseamento de 1878	2:556
Habitantes.....	10:445
Predios inscriptos na matriz.....	23:655
Superficie em hectares.....	55:669

Concelhos limitrophes:—Miranda do Douro, séde da comarca, — Mogadouro, Macedo de Cavalleiros e Bragança,—*em Portugal*, pois a N. confina com a Hespanha, distando Vimioso apenas 10 kilometros da raia—e 15 da villa de *Alcaniças*, povoação hespanhola importante, formada quasi exclusivamente por contrabandistas.

Producções dominantes d'esta freguezia e

---

[1] Esta villa era do infantado, mas entrava n'ella o provedor de Miranda.

[2] Foi aberta á circulação até o *Pocinho* no dia 10 do corrente mez de janeiro de 1887.

d'este concelho:—cereaes, vinho, azeite, castanhas, batatas e lã, pois criam bastante gado lanigero, muar e vaccum da celebre raça *mirandesa* [1].

A producção do vinho era importante e uma das mais rendosas, mas tende a desapparecer em toda esta provincia, porque a maldita phylloxera invadiu e já anniquilou a maior parte dos seus vinhedos.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1012 a 1016,—*Villarinho de Cottas* e *Villarinho de S. Romão*.

—

Esta freguezia não comprehende aldeia. Toda a sua população está concentrada na villa do seu nome. Apenas tem 2 quintas habitadas:—a de *S. Thomé*, de João Ferreira Sarmento, de Bragança, coronel de cavallaria n.º 7,—e a de *Santo Amaro*, ou *Picadeiros* de José Ignacio Luiz Affonso e Manuel José Alves, ambos de *Vimioso*, e de Joaquim Bartholomeu, de Caçarelhos.

Todas as estradas d'esta freguezia e d'este concelho são com pequena differença os mesmos barrancos dos principios da nossa monarchia e talvez do tempo dos mouros e dos godos. Apenas tem já estudada e em principios de construcção uma estrada municipal a macadam em direcção á fronteira.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016 a 1018, onde se encontra uma ligeira nota de viação d'esta provincia,—e *Villarinho dos Gallegos*.

Templos

1.º—*A egreja matriz*, ampla, elegante, de uma só nave, com tecto de abobada, duas torres na fronteria, boas decorações e bem conservada. [2] Apenas tem uma fenda na abobada do tecto desde o terramoto de 1 de novembro de 1755.

É um dos melhores templos d'esta provincia, depois da sé de Miranda e da matriz de Moncorvo.

A velha matriz de Vimioso estava fóra da villa, cerca de 600 metros ao norte, no sitio do *Calvario*, assim denominado porque para memoria ali pozeram e se conservam ainda 3 cruzes de granito.

Por ser pequena e se achar em ruinas, foi no tempo de Filippe I feita de novo e trasladada para a villa. Deu o chão para ella o morgado João Mendes Antas, mesmo em frente da porta principal da sua casa, pelo que, sem pôr pé na rua, podia assistir á missa.

E não só deu o chão para a nova egreja, mas uma junta de bois com carro e criados durante os 25 annos que durou a construcção d'ella—e n'ella construiu a cappella do seu morgado, dando-lhe a invocação de *Nossa Senhora da Conceição* (até ali era da *Magdalena*) — capella que ainda hoje lá se vê com o brasão do fundador, ou dos *Mendes Antas*, dos quaes logo fallaremos.

Data pois a egreja actual dos fins do seculo XVI. Não se sabe quando foi feitita a antiga, mas consta que esta parochia foi erecta no tempo de D. Ramiro I, de Leão, pelos annos de 824 a 850, e que este rei lhe deu como orago *S. Vicente*, segundo se lia em varias inscripções encontradas quando se demoliu a egreja velha, e em outras qque posteriormente appareceram, nenhunma das quaes hoje existe.

—

2.º—*Egreja da Misericordia*, pertencente á irmandade d'este titulo, que é pobre e não tem hospital.

Foi esta egreja fundada em 15555 por D. Catharina de Quinhones, aya de D. Catharina, mulher de D. João III.

3.º—*Capella de S. Sebastião*.

É publica, espaçosa e muito elegante;—está fóra da villa em um grande largo, mas infelizmente em completo abandono e muito mal tractada!...

4.º—*Capella do Santo Christo*, tambem publica e muito elegante.

Está hoje dentro do cemiterio parochial, mas era muito mais antiga.

5.º—*Capella de Nossa Senhora dos Remedios*, no largo d'este nome, na extremidade da villa, do lado de Bragança.

---

[1] V. *Villarinho da Castanheira* e *Villarinho dos Gallegos*.

[2] É toda de bella cantaria de granito e de architectura toscana.

É tambem publica, muito querida do povo e está muito bem tractada.

6.º—*Capella de Nossa Senhora dos Anjos* e *S. Jeronymo*, tambem denominada *Senhora da Pereira*, no monte d'este nome, em sitio alto e com vastissimo horisonte.

Era tambem publica, mas cahiu em ruinas e d'ella hoje apenas restam as paredes.

7.º—*Capella de S. Miguel*, no valle d'este nome.

Era tambem publica e está igualmente em ruinas.

Ha n'esta parochia muitos valles amenos e ferteis, mas este de *S. Miguel* é o mais mimoso e mais fertil de todos, abundantissimo d'agua excellente de veia nativa, tanto potavel como de rega, e todo povoado de campos, hortas, flores e de arvoredo fructifero.

É o *jardim de Vimioso* e muito bem agricultado por estar dividido em pequenas courellas por quasi todos os habitantes d'esta parochia:

Capellas particulares

1.ª—*Nossa Senhora da Conceição*, na matriz.

É brasonada e foi vinculada, como já dissemos.

Pertence á nobre familia *Mendes Antas*.

2.ª—*Nossa Senhora da Conceição* (outra) na rua da *Rapadoura*.

Era tambem vinculáda, pertencente aos Moraes Farias Sarmentos, e estava unida ás casas d'elles. Foram seus ultimos representantes Pedro José Faria de Sá Sarmento e seu filho Carlos José Faria, o qual obteve uma provisão regia para desfazer o morgado e depois empenhou e vendeu tudo?!...

A dicta capella está bem conservada e pertence hoje, bem como o palacete contiguo, ao sr. Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, de quem logo fallaremos.

3.ª—*S. João Baptista*.

Pertenceu[1] á nobre familia *Ferreiras* e está incorporada na frente das casas que habitavam na rua da do *Castello*.

4.ª—*Nossa Senhora do Bom Despacho*, no monte das Pereiras, pertencente á nobre casa dos *Lousadas*.

Está em ruinas.

Na dicta casa viveu ultimamente D. Bibiana Osorio d'Albuquerque, viuva de Ayres Ferreira de Sá Sarmento, pae de Francisco José Sarmento de Lousada, que foi coronel dos *Dragões de Chaves*.

Os representantes d'esta familia acham-se hoje dissiminados por Bragança, Chaves e Tinhella, onde possuem boas casas.

A dicta sr.ª D. Bibiana casou em segundas nupcias com João Mendes Antas, morgado de Paradella.

5.ª—*S. Thomé*, na grande quinta d'este nome.

Está em ruinas.

6.ª—*Santo Amaro*, ainda bem conservada e distante de Vimioso 5 kilometros.

Foi vinculada e pertencente á nobre familia *Vasconcellos*—demora na grande quinta dos *Picadeiros* e n'ella jaz o ultimo administrador d'este vinculo, Quirino José de Sampaio e Mello, fidalgo respeitabilissimo, que falleceu em 9 d'agosto de 1860, sendo por sua morte retalhado o vinculo.

Logo fallaremos d'estas duas grandes quintas em topico especial.

7.ª—*Nossa Senhora dos Remedios*, na casa dos *Sousas Roboredos*.

Familias nobres

Até á extincção dos vinculos foi esta villa de *Vimioso* um viveiro de nobresa, como a de Villa Flor.

Teve 12 casas nobres:—Vasconcellos, Antas, Moraes Antas, Gamas, Sampaios, Farias Sarmentos, Lacerdas, Pimenteis, Ferreiras, Madureiras, Eças e Sousas,—não contando as suas numerosas ramificações.

Das mais antigas eram os Vasconcellos e Sampaios, ramo dos Vasconcellos por D. Vasco Pires da Torre. Actualmente representa estas duas nobres casas o sr. João An-

---

[1] Esta capella de *S. João Baptista*, hoje profanada, ainda tem na frente o brasão dos *Ferreiras*, mas hoje pertence a estranhos, bem como a casa que foi dos *Ferreiras*.

tonio de Moraes Antas, d'esta villa, neto mais velho do ultimo representante Quirino José de Sampaio e Mello.

O mesmo J. A. de Moraes Antas representa tambem a familia do seu appellido como unica vergontea d'esta linhagem e ultimo neto do ultimo representante d'ella—Manuel Ignacio de Moraes Antas,—penultimo capitão-mor de Vimioso.

Representa a 1.ª e 2.ª familia, por se achar extincto e retalhado o vinculo, que por morte do seu ultimo administrador foi repartido pelos seus herdeiros, dos quaes alguns já morreram esmolando e outros seguem o mesmo rumo,—*graças á extincção dos vinculos*[1].

Assim acabou uma das mais ricas e mais nobres casas do Vimioso!...

—

A familia *Mendes Antas*, igualmente nobre e saida do mesmo tronco, ainda se conserva florescente.

Foi seu ultimo representante o ultimo capitão-mór de Vimioso,—Luiz José de Figueiredo Mendes Antas, fallecido em 1845,—e é seu digno representante actual José Maria de Figueiredo Mendes Antas, filho do mencionado capitão-mór e que tem sido administrador d'este concelho. Vive na casa paterna. Da mesma familia ha um ramo em Villa do Conde, representado por Luiz Antonio de Figueiredo Antas, e outro em *Valle de Pradinho*, concelho de Macedo de Cavalleiros, representado por D. Maria Augusta de Figueiredo Antas, ali casada com Agostinho Antonio Pires de Queiroz,—esta filha legitima e aquelle filho natural do dicto capitão-mór.

A casa solar dos *Antas*, é o *Paço das Antas*, no concelho de Coura, da qual é hoje senhor e muito digno representante Joaquim José d'Antas Bacellar e Barbosa.

—

Da familia *Gamas*, restam só a tradição e memorias de varios casamentos com differentes individuos d'esta villa a principiar pelo casamento de D. Juliana Dias da Gama, filha do conde e vice-rei D. Vasco da Gama, com Belchior Vaz Borralho, de Vimioso, de quem procederam D. Francisco Vaz Borralho Mendes Vasconcellos Figueirôa,, etc.

Da nobre casa dos *Farias* foi penultimo representante o morgado Pedro José de Faria Sá Sarmento, cujo filho aniquilou toda a casa, como ja dissemos, e morreu solteiro e sem successão.

Da nobre familia *Lacerdas*, que vivia na rua da Oliveira, quasi defronte da cadeia antiga, tambem apenas resta a memoria, porque o seu ultimo representante, Manuel Caetano de Lacerda, já depois do meiado d'este seculo, sendo um grande proprietario e fallecendo solteiro, deixou todos os seus bens a uma criada!...

A familia *Pimenteis*, uma das mais nobres e mais antigas de Vimioso, acabou ha muito.

A nobre familia *Madureiras* transferiu-se para Miranda do Douro e foi seu ultimo representante um coronel de milicias d'aquella cidade.

Da nobre familia *Eças* de Vimioso já não se sabe quem foi o seu ultimo representante.

Suppõe-se que procedia d'algum dos 42 filhos de D. Fernando d'Eça, o 1.º d'este appellido, filho do infante D. João e da desditosa D. Maria Telles de Menezes, irmã da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e que viesse para Vimioso no tempo de D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos, seu parente, senhor d'esta villa.

Da nobre familia *Sousas* foi ultimo representante no 2.º quartel d'este seculo José de Sousa Roboredo Quina, grande proprietario, casado com D. Francisca, moradores na rua da *Malhada*, mas um bello dia, enfastiados com o monotono viver de Vimioso, venderam todos os bens que ali tinham e foram para Lisboa, d'onde não mais voltaram.

Os Sampaios eram um ramo dos senhores de *Villa Flor de Traz-os Montes*.

A villa

Apesar da decadencia d'esta provincia, nomeadamente d'este malfadado districto de Bragança, hoje o mais pobre de todo o nosso

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1021, col. 1.ª

paiz e o mais desprovido de melhoramentos publicos, *Vimioso* é uma villa muito habitavel e apresenta-se galhardamente.

Tem uma boa feira mensal no dia 10 de cada mez, sendo muito importante a de 10 d'agosto, [1]—casas commerciaes bem montadas,—um bom cemiterio,—estação telegraphica desde fevereiro de 1875,—ricos proprietarios e bons edificios publicos e particulares, avultando entre elles a egreja matriz a leste da Praça, e os novos paços do concelho, construidos em 1863 a 1866, muito solidos e muito amplos, onde se accommodam perfeitamente a camara da villa, o tribunal judicial, a cadeia, a administração do concelho, a direcção da alfandega, e a repartição da fazenda, etc., a O. da dicta praça, no fundo da qual se ergue um lindo chafariz.

Tem 3 bons largos: — *da Praça, da Senhora dos Remedios e do Castello*,— e 7 ruas: —*De Traz, da Calçada, da Cadeia, da Malhada, da Portella, da Carreira dos Cavallos* e *dos Barreiros*.

—

Tem duas aulas officiaes de instrucção primaria elementar para os dois sexos e um bom edificio escolar denominado do *Conde de Ferreira*, porque foi feito com o subsidio deixado por aquelle benemerito capitalista portuense.

Ergue-se no local onde pompeou desde seculos remotissimos o castello de Vimioso, que teve uma longa serie d'alcaides-móres e que foi terraplanado para a construcção da dicta escola, tendo servido os seus fossos de cemiterio da villa, desde 1834 até 1861, data da construcção do novo cemiterio.

Desappareceu completamente, mas quem quizer saber o que foi o *Castello de Vimioso*, no seculo XVI, encontra na Torre do Tombo a planta fiel d'elle e d'outros muitos dos nossos castellos e praças d'aquelle tempo, mandada tirar por el-rei D. Manuel.

Este de Vimioso tinha uma torre e 3 bastiões com suas casas-mattas, fossos, etc., o que tudo foi arrasado em 1762 pelo conde de Sarria, general hespanhol, na invasão que teve logar n'aquella epoca.

De passagem diremos que ha n'este concelho um castello tambem muito antigo, ainda ameiado e bem conservado, muito vistoso e lindissimo. É o *Castello de Algoso*.

Tambem teve esta villa uma *atalaia* no sitio assim denominado a leste do Vimioso, da qual ainda resta uma torre muito solida com alguns metros d'altura.

Esta *atalaia* é anterior á nossa monarchia e talvez á occupação arabe e goda—e em volta d'ella se vê ainda restos d'um grande fosso, o que tudo leva a crer que houve ali um *castro romano*.

Tambem se encontram ainda no termo de *Vimioso* vestigios de mais *tres castros*, que o vulgo denomina *castros dos mouros*:—um está no fundo do *Valle de S. Miguel*, ainda com paredes bem conservadas;—outro na margem esquerda do rio *Angueira*, junto do moinho de José Marcos e da grande quinta dos *Picadeiros*, no sitio da *Terronha*;—outro na *Batoqueira*, margem esquerda do rio *Maçans*. Ali se vê tambem duas grandes rochas, que são dois monumentos archeologicos, muito dignos de especial menção. Denomina-se uma d'ellas *Fraga do Muro* e tem dentro abertas a pico tres grandes salas, para as quaes se entra a custo por um buraco, tambem aberto a pico, no bojo do dicto penedo, a bastante altura do solo;—a outra denomina-se *Forno da Batoqueira* e tem dentro uma grande sala, para a qual se entra por um grande orificio ao rez do chão, tudo aberto egualmente a pico!

Suppõe-se que foram esconderijos feitos pelos christãos no tempo da occupação arabe.

Como velharia historica mencionaremos tambem o *Prado de Cabanas*, cerca de 4 kilometros a leste de Vimioso, pois ali, no reinado de D. Manuel, estanciaram os judeus que de Castella Velha foram expulsos pelos reis catholicos e que fugiram para Portugal, entrando na villa de Alcaniças. No dicto prado viveram aquelles infelizes tres annos; depois a custo se foram estabelecendo nas povoações de Vimioso, Argozello, Carrão, Bragança e outras d'este districto, mal ima-

[1] Logo fallaremos da grande feira do *S. Miguel* que perdeu em 1762.

ginando os trabalhos e perseguições que em Portugal os esperavam tambem.

Ha finalmente em Vimioso duas hospedarias;—agua potavel excellente em abundancia,—uma nascente d'aguas ferreas e outra de aguas sulphureas no sitio da *Terronha*, embora mal exploradas e mal aproveitadas ainda.

Ha tambem n'este concelho varias minas de cobre, chumbo, galena de prata, antimonio e outros metaes, simplesmente registradas,—e grandes jazigos de marmore e alabastro, dos quaes logo fallaremos.

Vicissitudes

Desde tempos muito remotos se fazia em Vimioso,—no *prado de S. Miguel*—uma feira franca annual importantissima, denominada de *S. Miguel*, que principiava no dia 29 de setembro e durava um mez.

Era muito concorrida por gente de Portugal e da Hespanha e muito abundante de gados e fazendas de toda a ordem, mas acabou no anno de 1762, por occasião da guerra com a Hespanha, e passou a fazer-se no Minho, no concelho de Refoios (hoje Cabeceiras de Basto) na freguezia do *Arco de Baulhe*, no mesmo dia 29 de setembro,—e parte d'ella passou para *Zamora*, na Hespanha, ainda hoje denominada *Feira dos Botigeiros*.

Vimioso soffreu muito com a extincção e remoção da dicta feira e mais ainda com os excessos de toda a ordem praticados pelo conde de Sarria, general hespanhol que n'aquella data (1762) invadiu, saqueou e incendiou Vimioso, então villa muito prospera e florescente, e levou a flor dos seus habitantes para Pamplona, onde todos morreram prisioneiros, sem voltarem á patria. Os restantes membros das suas familias nobres foram viver em outras povoações:—os *Ferreiras* em Bragança;—os Moreiras e Samêdos em Lisboa;—os Madureiras em Chaves;—os *Lousadas* em Vinhaes,—e outros acabaram de todo.

Apenas ficaram na villa os *Mendes Antas*, os *Moraes Farias* e os *Seixas Pegados*.

Contingencias da guerra!...

—

O antigo concelho de *Vimioso* comprehendia apenas a parochia da villa, a de Valle de Frades, a de Campo de Viboras—e as povoações de Sarapicos e S. Joannico, formando uma commenda que foi de D. Antão, conde d'Almada. Em 1835 foi Vimioso elevado a cabeça de uma grande comarca, comprehendendo todos os povos dos antigos concelhos d'Algoso, Miranda do Douro, Outeiro e Vimioso; mas durou esta comarca apenas até 1839, ficando então a villa de Vimioso reduzida a séde de um pequeno concelho (o actual) comprehendendo apenas 14 freguezias, já mencionadas, mas é um dos mais ricos do districto de Bragança, porque produz muitos cereaes (trigo, centeio, milho e cevada) vinho, azeite, castanhas, batatas, linho, legumes, hortaliça e fructa. Tambem cria muito gado cavallar, muar, ovino, caprino e suino;—tece muita lã e linho;—tem fabricas de cortumes e ricas pedreiras de marmore e de alabastro, em exploração, alem de varias minas de differentes metaes, simplesmente registradas,—e deve prosperar muito com a linha ferrea do Pocinho a Miranda do Douro.

Rios

Banham esta parochia os rios:—*Angueira* ao nascente e *Maçans* ao poente, que unidos morrem no Sabor a 30 kilometros de distancia. Nos limites d'esta parochia tem cada um sua ponte de pedra e movem nove moinhos.

O *Angueira* nasce em Hespanha junto de Alcaniças; entra em Portugal na freguezia de S. Martinho, concelho de Miranda;—passa na freguezia d'Angueira, d'este concelho de Vimioso, a qual tomou d'elle o nome;—corta a meio a povoação e extincta parochia de *S. Joannico*, onde tem uma ponte;—continua a correr de N. E. a S. O. até á freguezia de *Uva*, que deixa á esquerda;—recebe d'este lado, um pouco a jusante, uma ribeira que vem de *Genisio*, concelho de Miranda do Douro;—descreve depois uma curva e corre de E. S. E. a O. N. O. por baixo (a S.) da villa d'Algoso até formar juncção

com o rio *Maçans*, tendo de curso total até aqui mais de 40 kilometros, attendendo ás muitas voltas que dá.

O rio *Maçans* nasce na Hespanha em *Santa Cruz de los Conejos*, forma a raia desde a povoação da *Petisqueira* até á freguezia de *Paradinha*, concelho de Bragança, na extensão de 20 kilometros;—depois entra todo em Portugal e, correndo sempre de N. N. E. a S. S. O., passa entre Vimioso e Carção;—no termo d'Algoso recebe o Angueira e, caminhando para S. O., desagua no Sabor, tendo de curso total 60 kilometros approximadamente.

Ambos regam e moem criando muito peixe miudo.

O rio *Maçans*, tomou o nome da aldeia de *Maçans*, freguezia de *Paramio*, concelho de Bragança;—o *Angueira*, na opinião do meu benemerito antecessor, denominou-se primitivamente *Auguieira* e *Enguieira*, por criar muitas enguias, e significa *rio das Enguias*, mas na minha humilde opinião tomou o nome de *anguis*, a cobra, por ser muito tortuoso e imitar no seu curso o movimento das cobras, o que evidentemente revela a simples inspecção do mappa.

Em vez de o denominarem *Rio Torto*, como denominaram outros semelhantes, deram-lhe o nome de *Anguieira*, hoje *Angueira*,—*Rio da Cobra*.

Tambem pelo mesmo motivo alguem diz que o rio *Coura* tomou o nome de *coluber*, a cobra.

V. *Angueira*, *Maçans* e *Coura*.

—

Esta parochia já foi abbadia e reitoria. Hoje é priorado.

Administrativamente foi sempre a séde do concelho do seu nome;—judicialmente pertenceu á comarca (provedoria e corregedoria) de Miranda e á ouvidoria de Villa Real, depois que passou para a casa do infantado.

Tambem pertenceu á comarca do Mogadouro, da qual por ultimo volveu á comarca de Miranda, tendo sido tambem algum tempo comarca propria com juiz de fóra e capitão-mór, como já dissemos.

Ecclesiasticamente pertenceu ao arcebispado de Braga até 1545, data em que D. João III creou o bispado de Miranda e ficou Vimioso pertencendo a este bispado, que tomou o nome de bispado *de Bragança* depois que o bispo D. Aleixo transferiu a séde episcopal para Bragança, em 1764.

V. *Miranda*, vol. V, pag. 333, col. 2.ª *in-fine*.

D. Manuel deu-lhe foral em 5 de março de 1516.

Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 72, v. col. 1.ª

Veja-se a *Inquirição* para este foral no *Corpo Chronologico*, parte II, maço 11, *Documento* 154, — e os apontamentos para o mesmo foral no *Maço 9 de foraes antigos*, n.º 14, onde sob o n.º 15 se encontra um dos originaes do dicto foral de 1516.

Estranhamos que não tivesse foral *velho*, mas nem Franklin, nem o *Portugaliae Monumenta*, nem João Pedro Ribeiro d'elle fazem menção.

Quintas

Como já dissemos, ha n'esta parochia duas grandes quintas:

1.ª—*Santo Amaro* ou *Picadeiros*, outr'ora vincular, hoje de differentes possuidores, por morte do seu ultimo dono, administrador d'este vinculo e senhor d'outras muitas propriedades—Quirino José de Sampaio e Mello, como tambem já dissemos, ramo dos Sampaios de Villa Flor e dos Mendes, Antas e Vasconcellos, distinctissimos fidalgos de Vimioso.

É muito interessante, muito longa e ao mesmo tempo triste e lugubre a historia d'esta quinta.

Em resumo diremos que nos principios da nossa monarchia esta quinta dos *Picadeiros* era uma parochia, senhorio dos ascendentes dos Mendes Vasconcellos; revoltando-se porem os seus habitantes contra o senhor d'ella, homem muito poderoso, taes luctas e desordens se seguiram, tantas mortes e tantas desgraças, que toda a parochia ficou reduzida a *dois moradores*, caseiros do tal senhorio?!...

Era a quinta dos *Picadeiros* uma das mais vastas da provincia, porque ficou comprehendendo todo o chão da extincta parochia.

Antes de ser dividida e retalhada, tinha de circumferencia cerca de 10 kilometros; —estava na margem esquerda do *Angueira*, que regava e fertilisava extensos campos d'ella;—distava de Vimioso 4 a 5 kilometros e 15 a 20 de Miranda,—e confinava a O. com o rio *Angueira*;—a N. com o grande *Cabeço de Montouto*;—a E. com o monte *Pedriço* e termo de Caçarelhos,—e a S. com o termo de *Villa Chã da Ribeira* (Vide) parochia hoje tambem extincta e annexa á de *Uva*.

Como prova do cataclismo por que passou a desgraçada freguezia dos *Picadeiros*, ainda hoje se vê no chão da quinta d'este nome ruinas de casas, montões de pedras soltas, alicerces de edificações e outros muitos vestigios do seu antigo povoado.

É tão momentoso o facto alludido que não podemos resistir á tentação de dar-lhe mais algum desenvolvimento, aproveitando o que se lê na propria genealogia dos *Mendes Vasconcellos* [1], n'aquelle tempo senhores d'esta villa de Vimioso e de grande parte da tal freguezia, depois simples *quinta* dos *Picadeiros*.

Genealogia dos Mendes Vasconcellos

D. João, filho d'el-rei D. Pedro I, o *cru*, e de D. Ignez de Castro, casou tres vezes:—a 1.ª com D. Maria Telles de Menezes, que depois assassinou;—a 2.ª com D. Constança, filha bastarda de D. Henrique de Castella; a 3.ª com D. Maria Mendes de Vasconcellos, filha e herdeira de Juanis Mendes de Vasconcellos, senhor de Bragança, da qual teve entre outros filhos o seguinte:

1.º—*D. Fernando Mendes de Vasconcellos*.

Casou com D. Anna de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, 1.º capitão de Ceuta, 1.º conde de Villa Real e 2.º conde de Vianna, [2] e teve

2.º—*D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos*.

Foi senhor de Vimioso e casou com D. Luiza Vaz Borralho, filha de D. Francisco Vaz Borralho, senhor de Urros, e d'este matrimonio tiveram D. Mendo Mendes Vaz Borralho, balio de Leça, commendador d'Algoso, etc,—e

3.º—*D. João Vaz Borralho*, tambem senhor de Vimioso.

Casou e teve

4.º—*D. Francisco Mendes de Vasconcellos*, o heroe da pendencia.

Foi tambem senhor da villa de Vimioso, na qual instituiu o *morgado da Torre* no sitio da *Carreira dos Cavallos*, onde vivia, em uma casa que n'aquelle tempo tinha uma torre, e ao dicto morgado vinculou terras, fóros e rendas que havia herdado dos seus maiores na tal freguezia dos *Picadeiros*, onde possuia tambem casas nobres com uma torre.

Casou com D. Ignez Taveira de Figueirôa, da cidade de Salamanca, filha de D. João d'Alva Figueirôa, regedor perpetuo d'aquella cidade, senhor de Villa Maior, Almenares e Tordilho e senhor de *soga e cuchilo*! ..

Casou em 1480 e, como a esposa tivesse a familia em Salamanca, ali fixou elle tambem a sua residencia durante 13 annos, ou até 1493, data em que regressou a Vimioso, onde, como senhor da villa, foi muito bem recebido por todos, exceptuando os habitantes da freguezia dos *Picadeiros* que, na ausencia d'elle, se haviam recusado a pagar aos seus criados e procuradores as rendas e foros e já deviam avultadas sommas de muitos annos.

Tentou D. Francisco trazel-os a melhor accordo, mas elles persistiram no proposito de não pagarem, pelo que D. Francisco Mendes, com o pretexto de fazer uma caçada, foi um dia com os seus criados á povoação dos *Picadeiros*, para ver se os resolvia a pagarem-lhe os foros e rendas; mas, apenas ali chegou, levantaram-se em massa os moradores da freguezia e correram armados contra elle com paus, pedras, espingardas, fouces e forcados, pelo que D. Francisco teve de acolher-se á sua torre com os seus

---

[1] Vejam-se os n.os 268 e seguintes do 6.º anno do *Pombalense*, onde o sr. Luiz Antonio de Figueiredo Antas, residente em Villa do Conde e actual representante de um dos ramos dos *Mendes Vasconcellos*, publicou a genealogia d'elles.

[2] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 953 e seg.

criados, perecendo logo no primeiro recontro um dos que elle mais estimava.

Cercaram e assaltaram a torre durante dois dias, perecendo n'este assedio outro criado de D. Francisco, varado por duas balas que lhe atravessaram o peito, e ficaram outros feridos, mas por seu turno foram tambem feridos muitos dos assaltantes e mortos *cinco*!...

—

Eram vesperas de Natal ou de *festa* (!) e, como ao soar da meia noite do dia 24 de dezembro de 1493, os sitiantes corressem todos para a egreja a ouvir a *missa do galo*, D. Francisco, aproveitando o ensejo, fugiu com os seus criados para Vimioso. Passados dias, foi procurar el-rei D. João II, que então estava na villa d'Alvôr;—expoz-lhe a triste occorrencia, pedindo-lhe perdão das mortes feitas em defesa propria, e, como estivesse a partir uma armada para Ceuta, offereceu-se para ir n'ella.

El-rei o ouviu com attenção;—acceitou o seu offerecimento;—nomeou-o logo capitão de mar e guerra—e com este posto partiu D. Francisco Mendes a 2 de março de 1494 para a Africa, a bordo da nau Senhora da Guia.

—

Mandou tambem logo el-rei ordem ao dr. João Bernardes da Silveira, chanceller da relação do Porto, para que fosse devassar do caso succedido, com amplos poderes para a execução de tudo o que fosse direito e justiça.

Partiu o chanceller immediatamente para Bragança, aonde chegou no dia 22 de março do dicto anno e d'ali partiu para Vimioso, aonde chegou no dia 24, acompanhado por duas companhias de cavallaria e outras duas de infanteria. Tratou logo de informar-se e no dia 28 pelas duas horas da noite mandou cercar toda a povoação dos *Picadeiros* e pôr sentinellas dobradas em volta das habitações dos cabeças do motim, que eram o capitão Antonio Duarte,—seu irmão Francisco Duarte,—João da Costa, criado do dicto capitão, e auctor da 1.ª morte,—Pedro Nunes Furão, Antonio Rilhado, Domingos Annes, João Fernandes Picalho, Antonio Esteves e Francisco d'Almeida Bailão, que foi quem matou o segundo criado.

No dia seguinte foram estes todos presos, algemados e remettidos uns para o forte de Bragança, outros para as cadeias de Algoso, e Mogadouro, logrando evadir-se outros muitos tambem comprehendidos na mesma ordem de prisão.

—

O chanceller poisou em Vimioso no palacio de D. Francisco Mendes de Vasconcellos e ali deu andamento á devassa, no fim da qual mandou ir do Porto para Vimioso um carrasco e de Bragança os 7 presos seguintes:—Antonio Duarte, João da Costa, Francisco d'Almeida Bailão, Pedro Nunes Furão, Antonio Rilhado, Domingos Annes e João Fernandes Picalho.

Apenas chegaram a Vimioso os sete infelizes, mandou-os metter em um quarto seguro e forte, com guardas dobradas, até o dia 16 d'abril de 1495, dia em que appareceram levantadas tres forcas no monte do Sardual ou *Carvoal*, em frente da extincta parochia, hoje simples quinta dos *Picadeiros*.

Foram os presos postos em esteiras atadas a cavallos e assim deram tres voltas em redor da praça e do pelourinho;—depois foram conduzidos em prestito até á capella de Nossa Senhora dos Remedios, sendo exhortados em todo este tranzito por dois padres;—na dicta capella se disse missa e fez uma tocante pratica o padre Antonio Pimentel;—depois foram levados para o patibulo, confessados e por ultimo enforcados.

Terminada a execução, foram-lhes cortadas as cabeças. A do capitão, a do criado d'este, a de Francisco d'Almeida Bailão e a de Pedro Nunes Furão foram levadas para a povoação dos *Picadeiros* e ali estiveram no local do crime collocadas em altos postes até que os bichos e o tempo as consumiram;—as dos outros 3 ficaram espetadas nas forcas onde foram justiçados.

Os outros habitantes da pobre freguezia dos *Picadeiros* fugiram aterrados para Castella, onde se estabeleceram junto da villa de Alcaniças, no local ainda hoje denominado *Bimbineira*, sendo-lhes confiscado tudo quanto possuiam na freguezia dos *Picadei-*

ros, pelo que ficou totalmente deserta e reduzida a uma simples quinta?!...[1]

Os presos que haviam ido para as cadeias de Algoso e Mogadouro foram degradados.

D. Francisco Mendes de Vasconcellos regressou com a armada a Lisboa no dia 18 de novembro do mesmo anno de 1495 e, passados poucos annos, falleceu deixando entre outros filhos

—

5.º—*D. Estevam Vaz Borralho Mendes de Vasconcellos Figueirôa*, que foi tambem senhor de Vimioso e administrador do *morgado da Torre* e da quinta dos *Picadeiros*.

6.º—*D. Belchior Vaz Borralho*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Juliana Dias da Gama, filha do conde D. Vasco da Gama, descobridor e vice-rei da India e tiveram

D. Francisca Mendes da Gama e

7.º—*D. Francisco Vaz Borralho*, tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Não sabemos se casou. Succedeu-lhe sua irmã.

8.º—*D. Francisca Mendes da Gama*, que foi tambem senhora de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc

9.º—*D. Sebastião Vaz Borralho Mendes de Figueiredo Vasconcellos*, tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

10.º—*D. Pedro Mendes d'Almeida Figueiredo*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Leonor da Gama Seixas Pegado e tiveram, entre outros filhos,

11.º—*D. Fernão Mendes d'Almeida Seixas Pegado*, que foi tambem senhor de Vimioso e da celebre quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com sua prima D. Maria Dias d'Antas e tiveram

12.º—*D. Matheus d'Almeida Seixas Pegado*, que foi tambem senhor de Vimioso e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Foi d'esta familia o ultimo senhor de Vimioso, posto que el-rei D. Sebastião em 1556 havia confirmado a D. Francisco Vaz Borralho Mendes de Vasconcellos o decreto de 6 de novembro de 1494 d'el-rei D. João II, reconhecendo-lhe o senhorio de Vimioso para elle e seus descendentes.[1]

Casou com sua prima D. Antonia Dias d'Antas e tiveram

13.º—*Gaspar Mendes de Seixas Pegado*, successor de toda a casa de seus paes, desembargador, etc.

14.º—*Francisco Mendes de Seixas Pegado*, successor e administrador do *morgado da Torre* e da quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

15.º—*Gaspar de Seixas Pegado*, successor na quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

16.º—*Joaquim de Seixas Pegado*, successor, capitão-mór de Vimioso, administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou com D. Anna Garcia da Gama, da qual teve duas filhas e um filho, sendo este excluido da successão por haver nascido antes do casamento.

Succedeu-lhe a filha

17.º—*D. Marianna de Seixas Pegado*, que foi administradora do vinculo da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

18.º—*Bernardo José de Sampaio e Mello*, que succedeu no morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc.

Casou e teve

19.º—*João Boptista Monteiro de Seixas*, successor e administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, capitão-mór de Vimioso, etc.

Casou duas vezes, mas de nenhuma d'el-

---

[1] É isto o que consta da genealogia dos Mendes Vasconcellos, mas a tradição local diz que os fugitivos foram estabelecer-se em um sitio escarpado e quasi inaccessivel na margem esquerda do Douro, junto da raia e da povoação de *Paradella de Mirandella*, mas em territorio hespanhol, onde formaram a povoação ainda hoje denominada *Castro Ladron*.

[1] Quando fallarmos dos *Mendes Antas* mostraremos as alternativas porque passou o senhorio de Vimioso.

las teve successão, pelo que lhe succedeu seu tio

20.º—*João Manuel de Sampaio Cabral de Vasconcellos*, filho 2.º de D. Marianna de Seixas Pegado.

Era homem de gentil aspecto, muito tractavel e muito illustrado, formado em direito pela universidade de Salamanca, F. C. R., como os seus maiores, com 20$000 réis por mez de moradia e um alqueire de cevada por dia; era porem muito altivo de genio e tanto que, tendo certa pendencia com o reitor de Vimioso, um bello dia, na praça publica, á porta da egreja, em um domingo e quando o reitor acabava de dizer a missa conventual, chicoteou-o desapiadadamente na presença de immenso povo, não se atrevendo ninguem a prendel-o, mas *ad cautellam* fugiu para Lisboa, onde viveu muitos annos e ali estava ainda por occasião do grande terramoto de 1755 e do attentado contra el-rei D. José,—factos que registrou, bem como outros muitos, em um livro ricamente encadernado, que elle denominava o seu *Livro d'Ouro*.

Passados annos vendeu todos os bens que havia adquirido em Lisboa e regressou a Vimioso, onde com o producto da venda dos bens de Lisboa comprou varias propriedades e uma casa dentro da villa, na rua da *Rapadoura*, onde viveu e morreu,—casa tão privilegiada que nenhum criminoso podia ser preso logo que lançasse a mão a uma argola de ferro, muito bem cinzelada, que tinha no portão e que ainda hoje lá se vê toda carcomida.

Bom tempo era esse?!...

Casou em Lisboa duas vezes:—a 1.ª com uma senhora já viuva, de quem não teve filhos;—a 2.ª com D. Helena Rita da Cruz da Silva Breyner, e teve entre outros filhos—D. Raimunda Libania de Sampaio e Mello, (de quem procede o sr. Luiz Antonio de Figueiredo Antas, de Villa do Conde,) e

21.º—*Quirino José de Sampaio e Mello*, successor e administrador do morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, etc., disputou-lhe porem a successão seu primo José Caetano de Faria Macedo Madureira, da villa d'Algoso, e, depois de rija demanda, vieram a um accordo, ficando Quirino José com o morgado da Torre e quinta dos *Picadeiros*, sendo divididos pelos dois os bens livres.

Casou com D. Maria Lopes Garcia, de quem teve numerosa successão e falleceu em 1860, contando 88 annos de idade, sendo sepultado, como já dissemos algures, na sua capella de Santo Amaro, da quinta dos *Picadeiros*, que por sua morte foi retalhada e dividida por differentes, graças á extincção dos vinculos. Foi Quirino José o ultimo administrador do morgado da Torre de Vimioso e da celebre quinta dos *Picadeiros*,—vasta propriedade que se conservou na mesma familia durante o longo periodo de *quatrocentos a quinhentos annos?!*...

Só de centeio produzia 5 a 6 mil alqueires por anno,—alem de muita cevada e trigo serodio—e de grande creação de gado lanigero, muar e vaccum.

Não produzia vinho nem fructa.

Quinta de S. Thomé

Já fizemos menção d'esta quinta, que é a 2.ª d'esta freguezia.

Foi dos *Pessanhas* das Arcas, e é hoje de João Ferreira Sarmento, de Bragança.

Demora tambem na margem esquerda do rio *Angueira*, ao norte e pouco distante da quinta dos *Picadeiros*, em local muito aprazivel e bastante fertil, sendo para lamentar que os seus actuaes donos, aliás nobres e ricos, não lhe prestem mais attenção por viverem distantes (em Bragança)—e não tirem d'ella o partido que podiam e deviam tirar.

Portugaes
Condes de Vimioso
marquezes de Valença

Esta villa de Vimioso foi titulo de condado por mercê que el-rei D. Manuel fez em 1515 ou 1516 a D. Francisco de Portugal, filho de D. Affonso de Portugal, bispo d'Evora, neto de D. Affonso, 1.º marquez de Valença, e bisneto de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, filho natural d'el-rei D. João I, de quem procede a nossa casa real.

Procedem pois da mesma casa real os

condes de Vimioso, depois marquezes de Valença, porque por morte do 1.º marquez d'este titulo (1460) o titulo não continuou nos seus successores durante mais de 250 annos, até que foi renovado em 10 de março de 1716, por el-rei D. João V, nomeando 2.º marquez de Valença o 8.º conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, 6.º neto do 1.º marquez de Valença, como se vê do quadro seguinte :

—*D. Affonso*, 1.º duque de Bragança, casou e teve

—*D. Affonso*, filho primogenito, [1] 1.º marquez de Valença, que teve

—*D. Affonso de Portugal*, bispo d'Evora.

V. *Ourem*, vol. 6.º pag. 334, col. 2.ª *e notas.*

Teve

—*D. Francisco de Portugal*, 1.º conde de Vimioso e 1.º neto do 1.º marquez de Valença [2].

Teve

—*D. Affonso de Portugal*, 2.º conde Vimioso.

Teve

—*D. Francisco de Portugal*, 3.º conde de Vimioso, que falleceu sem filhos, [3] pelo que lhe succedeu seu irmão

—*D. Luiz de Portugal*, 4.º conde de Vimioso.

Teve

—*D. Affonso de Portugal*, 5.º conde de Vimioso e marquez d'Aguiar (da Beira) por mercê d'el-rei D. João IV, de 1643 ou 1644, como diz D. Luiz Caetano de Lima.

Teve

—*D. Luiz de Portugal*, 6.º conde de Vimioso, marquez d'Aguiar, mestre de campo, gentil homem da camara do principe D. Theodosio, almirante de Portugal, etc.

Falleceu desastradamente em uma pendencia no anno de 1655 e, tendo casado duas vezes, não deixou filhos legitimos, pelo que lhe succedeu seu irmão

—*D. Miguel de Portugal*, 7.º conde de Vimioso, que teve

—*D. Francisco de Portugal*, 8.º conde de Vimioso e 2.º marquez de Valença pela renovação d'este titulo, continuando nos filhos primogenitos da mesma casa o titulo de *condes de Vimioso*, da qual saiu e para a qual voltou.

V. *Valença do Minho*, vol. X, pag. 126, col. 2.ª e segg. [1].

Mosaico

Os edificios principaes d'esta villa hoje são:—a matriz, os paços do concelho, a casa de José Maria de Figueiredo Antas, a da *Rapadoura*, hoje de Alfredo Moraes Faria de Carvalho, a de Antonio Claudino Fernandes Pereira e a de Domingos José Dias, sendo as duas primeiras muito amplas e brazonadas.

A da *Rapadoura* ainda conserva a tal argola de ferro e tem cavallariças para 50 cavallos!...

---

[1] Teve tambem *D. Fernando*, filho segundo 1.º do nome e 2.º duque de Bragança, o qual continuou a successão d'esta serenissima casa.

[2] O 1.º conde de Vimioso foi um dos homens de mais merecimento que tem tido Portugal,—e a condessa sua esposa, foi o modelo das espôsas.

V. *Anno Historico*, tomo 2.º pag. 401,—e tomo 3.º, pag. 458.

[3] Foi victima do seu patriotismo e da sua dedicação ao infeliz D. Antonio, prior do Crato.

Estando D. Antonio senhor das ilhas dos Açores, foram ellas bloqueadas em 1582 por uma armada hespanhola de 28 galeões, commandada por D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa Cruz.

Em soccorro das mencionadas ilhas foi enviada por Catharina de Medicis, rainha de França, outra armada sob o commando do almirante Filipe Stroci, na qual iam o prior do Crato e o 3.º conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, que o seguiu sempre até morrer.

No dia 26 de julho do dicto anno bateram-se furiosamente as duas esquadras, sendo derrotada a franceza, que perdeu 8 naus, comprehendendo a capitania e almirante, perecendo mais de dois mil homens, incluindo o general Stroci e o conde de Vimioso.

D. Antonio salvou-se em terra.

V. *Crato.*

[1] *N. B.*

O meu benemerito antecessor, *log. cit.*,

O cemiterio foi construido em 1861;—em 1866 foi accrescentado, abrangendo com o seu recinto a capella do *Santo Christo*, de que ja fizemos menção,—e em 1885 foi novamente accrescentado.

O clima de Vimioso é saudavel, mas frio. As doenças predominantes são:—pneumonias e rheumatismo.

Ha na villa e no concelho apenas uma pharmacia.

Os 3 maiores proprietarios da villa hoje são:—D. Fabia Libania Lopes, viuva de Carlos de Moraes Azevedo, José Maria de Figueiredo Antas e José Manuel Alves.

Os 3 maiores proprietarios d'este concelho são hoje os seguintes:—Adrião Affonso Freire, da freguezia de Santulhão,—Manuel Rodrigues Cepêda, da freguezia de Argozello,—e D. Fabia Libania Lopes, de Vimioso.

Tanto esta villa como este concelho não contam hoje entre os seus filhos bacharel algum formado?!...

Emquanto a presbyteros ha 3 na villa, sendo só um filho d'ella,—e na parte restante do concelho 25, naturaes d'elle, mas d'esses 25 residem 6 em concelhos estranhos.

Movimento parochial

1885

Baptisados	59
Obitos	27
Casamentos	12

1886

Baptisados	59
Obitos	36
Casamentos	14

Movimento da sua estação telegrapho-postal

1885

Cartas	6:000
Bilhetes postaes	140
Amostras	80
Avisos de recepção	2
Vales telegraphicos	8
Correspondencia registrada	100
Vales nominaes	400
Impressos	480
Maços cintados (official)	170
Cartas de officio (official)	1:800
Jornaes	5:900
Telegrammas officiaes	300
» particulares	800
» de serviço	24
» recebidos	1:200
Receita de vales	12:000$000

Contribuições do concelho no mesmo anno

Predial	5:659$110
Industrial	924$511
Decima de juros	203$000
Sello de verba	139$860
Sumptuaria e renda de casas	294$564
Real d'agua	1:129$158
Total	8:350:203

N'esta villa e n'este concelho não ha hoje outra industria alem da dos alfaiates, sapateiros, padeiros, carpinteiros, *cardadores* [1] e creadores de gado lanigero, muar e vaccum; a mais importante, porem, é a agricultura, da qual vivem quasi exclusivamente esta villa e este concelho.

Nada, absolutamente nada hoje resta da industria da creação do sirgo e fiação da seda, industria importante outr'ora aqui, mesmo ainda no meiado d'este seculo.

---

disse que el-rei D. Manuel fez 1.º conde de Vimioso D. Francisco Portugal em 1516. O mesmo se lê na *Resenha das Familias Titulares*, publicada em 1838 (por João Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira de Mesquita);—mas D. Antonio Caetano de Sousa nas *Memorias dos Grandes de Portugal* (pag. 210) —e D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia Historica* (tomo 2.º pag. 411) dizem que D. Francisco de Portugal foi feito 1.º conde de Vimioso em 1515!...

[1] Em 1796 este concelho, sendo então muito mais pequeno, contava 126 cardadores, como ja dissemos no principio d'este artigo.

Tambem foi outr'ora importante nas freguezias de Carção e Argozello a industria dos cortumes de couros e fabrico de sola e de colla, mas d'essa industria hoje apenas ali resta uma tenue sombra.

Nas freguezias a leste d'este concelho e mais proximas do de Miranda do Douro quasi todos os homens usam as celebres capas, bem conhecidas como *honras de Miranda*.

São feitas de magnifico burel e custam as mais baratas 3 a 4$000 réis;—as melhores 9 a 10$000 réis—e as *de luxo* 20 a 40$000 réis—e mais?!...[1]

V. *Miranda do Douro*, vol. V, pag. 331.

Viação

Deve passar n'este concelho e n'esta villa a estrada real a macadam n.º 37, de Chaves a Miranda do Douro, por Vinhaes e Bragança, já concluida e servida por diligencias entre estas duas ultimas povoações, mas ainda simplesmente estudada entre Bragança e Miranda e sem um kilometro construido!...

Tambem d'esta villa deve partir por *Iseda* a entroncar na estrada real n.º 6, de Villa Real a Bragança, na freguezia de *Podence*, distante de Macedo de Cavalleiros cerca de 7 kilometros para N., a estrada districtal n.º 22, mas infelizmente até hoje apenas tem o leito aberto e não empedrado na extensão de 3 kilometros, a partir de Vimioso, devendo comprehender o seu todo cerca de 40 kilometros.

Tambem deve partir d'esta villa para a fronteira, na direcção de *Alcaniças*, uma estrada municipal a macadam, mas n'esta data,—janeiro de 1887,—apenas tem *um kilometro* construido, á saida de Vimioso e atravez da villa, formando uma estrada-rua desde a capella dos Remedios até á do Santo Christo.

Total da moderna viação a macadam *em todo este concelho* n'esta data,—*um kilometro*?!...

E não é melhor a sorte dos concelhos visinhos, pois o de Miranda tem apenas 2 kilometros construidos na estrada real a macadam n.º 9, de Miranda a Celorico da Beira,—estrada que só até o Pocinho, limite d'este malfadado districto, mede 112 kilometros;—e os concelhos do Mogadouro e Freixo de Espada á Cinta não teem um só kilometro construido.

Total—3 kilometros em 2 comarcas e 4 concelhos!...

Que miseria, que vergonha, que desgraça e que tristissimo contraste com outros concelhos nossos, nomeadamente com o de Paredes, no districto do Porto!

Só o concelho de *Paredes* tem construidos mais de 150 kilometros de estradas a macadam reaes, districtaes e municipaes, não contando a linha ferrea do Douro, que o atravessa de O. a E. e lhe deu uma estação propria, mesmo encostada á villa, séde do concelho; mas nunca o malfadado districto de Bragança teve um homem tão dedicado pela sua terra natal como o sr. dr. José Guilherme Pacheco, a quem a villa e o concelho de Paredes devem quasi todos os seus melhoramentos e embellesamentos.[1]

V. *Paredes*, villa e séde de concelho e de comarca, n'este diccionario, vol. VI pag. 479 e no supplemento;—*Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1016 a 1019,—e *Villa Viçosa* no mesmo volume, pag. 1144, col. 2.ª

Parochos de Vimioso

É hoje absolutamente impossivel organisar uma lista completa dos parochos d'esta freguezia, pois data do tempo de D. Ramiro I de Leão, ou da 1.ª metade do seculo XI,

---

[1] Custou 50$000 réis uma das taes capas de burel, offerecida a S. M. el-rei o sr. D. Fernando em 1860 pelo dr. José de Moraes Faria de Carvalho, de quem logo fallaremos, deputado ás cortes e dono da casa da *Rapadoura*. Foi feita a capricho por um alfaiate abalisado e gastou com o feitio d'ella *sessenta dias*?!...

[1] De passagem diremos que o sr. dr. José Guilherme Pacheco nasceu no Brazil, quando aquelle imperio ainda era colonia nossa, mas fixou ha muitos annos a sua residencia em Paredes. É pois esta villa não a sua terra natal, mas a sua patria adoptiva.

como já dissemos. Occorrem-nos apenas os seguintes:

1.º—*Nuno Gonçalves.*

2.º—*Martim Affonso*, a quem succedeu

3.º—*Gonçalo Mendes Antas*, apresentado por Francisco Mendes Antas, senhor de Vimioso, com *mero e mixto imperio.*

Collou-se em Braga a 13 de janeiro de 1480.

4.º—*Francisco Mendes Antas.*

Tomou posse em 1528 e falleceu em 1542.

Por fallecimento d'este abbade os dizimos d'esta parochia e das suas annexas (logo diremos quaes eram) foram addidos á ordem de Christo, a qual formou com elles duas commendas, uma de dois terços, que foi dada aos condes de Vimioso,—outra de um terço que andou na posse de diversos commendadores.

Tambem por morte d'este ultimo parocho esta abbadia passou a ter o titulo de *reitoria*, percebendo os parochos a congrua de 42$000 réis em dinheiro e 48 alqueires de trigo, dada pelos commendadores, mais 600 réis para assistirem ás festas da semana santa. Os mesmos commendadores davam a um cura ou coadjutor 6$000 réis.

Em 1792 foi a congrua dos reitores elevada a 84$000 réis por provisão da rainha D. Maria I.

—

5.º—*Dr. Luiz Navarro*, d'esta villa.

Collou-se em Braga em 1544.

6.º—*Dr. Luiz de Moraes*, tambem d'esta villa.

Collou-se em Miranda do Douro em 1569.

Foi este reitor quem celebrou a primeira missa na egreja matriz actual.

7.º—*Gaspar Mendes Antas*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1600.

8.º—*Christovam Peres Soares.*

Collou-se em 1608.

9.º—*Thomé Ferreira*, de Vimioso.

Collou-se em 1633.

10.º—*Gonçalo Mendes.*

Collou-se em 1638.

11.º—*Manuel Rodrigues Calado*, natural de Oliveira do Conde.

Collou-se em 1653.

12.º—*Manuel da Cunha Camello*, do Mogadouro.

Collou-se em 1688.

13.º—*Dr. Lasaro de Seixas Pegado*, de Vimioso.

Collou-se em 1698.

14.º—*Manuel d'Escobar Cabral*, de Miranda do Douro.

Collou-se em 1708.

15.º—*Antonio da Silva Sarmento*, de Vinhaes.

Foi apresentado pelo infante D. Francisco, mas não chegou a collar-se, porque falleceu vindo de Lisboa.

16.º—*Manuel de Figueiredo e Mattos*, de Bragança.

Collou-se em 1709.

17.º—*Paschoal de Faria Moraes*, de Vimioso.

Collou-se em 1726.

18.º—*Theotonio Pinto da Fonseca*, da villa de Amarante.

Collou-se em 1766.

19.º—*Antonio Fernandes de Araujo*, natural de Iseda.

Collou-se em 1784.

20.º—*Manuel Antonio Lopes*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1804.

21.º—*Francisco Manuel da Rosa*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1847.

22.º—*João José de Moraes Antas*, tambem de Vimioso.

Collou-se em 1852.

23.º—*Mathias dos Santos Giraldes de Sousa*, natural do Peso da Regoa e que tinha sido abbade em Sanhoane.

Collou-se em 1868 e falleceu em 1883.

—

24.º—*Josè Fernandes Barreira*, o parocho actual e parocho muito digno.

Nasceu na freguezia de Deilão, concelho de Bragança, em 12 d'agosto de 1841, sendo seus paes Manuel Fernandes Barreira e Maria Joaquina Fernandes; frequentou o lyceu de Braga de 1856 a 1860 e em outubro d'este ultimo anno matriculou-se no curso do seminario d'aquella cidade, concluindo-o em

1863;—tomou a ordem de presbytero em Lamego no dia 24 de setembro de 1864;—foi professor regio de instrucção primaria em S. Julião, concelho de Bragança, de 1864 a 1866,—perfeito no seminario de Bragança desde 31 d'agosto de 1866 até 8 de maio de 1869—e vice-reitor do mesmo seminario em 1870.

Foi parocho encommendado de Deilão desde junho de 1872 até junho de 1874,—depois encommendado de Meixedo até agosto de 1875—e encommendado de Salsas desde junho de 1876 até 28 de dezembro do mesmo anno, data em que se collou na freguezia de Miranda do Douro, tendo sido apresentado por decreto de 13 de julho de 1876, depois de fazer concurso por provas publicas,—e ali se conservou como parocho até 5 de dezembro de 1883, exercendo tambem nos ultimos 3 annos as funcções de arcypreste.

Foi apresentado em concurso documental n'esta egreja de Vimioso por decreto de 23 d'agosto de 1883 e n'ella se collou em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de prior, sendo-lhe concedidas as honras de conego da sé de Bragança por decreto de 26 de junho de 1884.

Annexas

Até 1799 os reitores de Vimioso apresentavam curas nas freguezias de Valle de Frades, Serapicos e Campo de Viboras.

O cura de S. Joannico era apresentado pelo prior de Vimioso e pelo abbade de Caçarelhos em annos alternados.

O cura de Val de Frades tinha de congrua 8$000 réis em dinheiro, 24 alqueires de trigo e 12 almudes de vinho mosto.

O de Campo de Viboras 8$500 réis em dinheiro, alem do pé d'altar,—e o de Serapicos 8$000 réis em dinheiro e 24 alqueires de trigo, mas por provisão do principe regente a congrua d'este ultimo cura foi elevada a 28$000 réis em 1799.

Todas estas congruas eram pagas pelos commendadores, que recebiam os dizimos da parochia d'esta villa e das suas quatro annexas.

Senhorio de Vimioso

Foram senhores d'esta villa os *Mendes Antas*, com mero e mixto imperio, jurisdicção e vassalagem, por mercê de D. Sancho II, feita approximadamente em 1242 a D. João Vasques Antas, cognominado *Beirão*, por viver na provincia da Beira, no castello de Longroiva, seu solar, feito por D. Fernão Mendes de Bragança, seu 3.º avô, filho de D. Mendo Alão ou D. Mendo de Bragança, 1.º senhor de Bragança, por mercê d'el-rei D. Affonso Henriques.

V. *Bragança* e *Longroiva* n'este diccionario e no supplemento.

O senhorio de Vimioso foi hereditario na familia *Mendes Antas* e n'ella se conservou durante seculos, até que D. Affonso V o tirou a D. Estevam Mendes Antas e o deu a D. Francisco de Portugal, depois conde de Vimioso, pelo que D. Estevam o demandou perante o corregedor de Vizeu, commissionado *ad hoc*. Durou a demanda até á morte de D. Estevam, e os successores a abandonaram por verem o grande valimento que tinham na corte os condes de Vimioso.

É isto o que se lê na genealogia dos *Mendes Antas*; mal pode porem harmonisar-se com o que se lê na genealogia dos *Mendes Vasconcellos* supra, pois n'ella se diz que o senhorio de Vimioso foi tambem hereditario na familia d'elles durante muitas gerações;—que lhes fôra concedido (talvez confirmado) por D. João II em 1494 [1]—e confirmado por el-rei D. Sebastião em 1556.

D. Affonso V reinou de 1438 a 1481 e, se este rei deu o senhorio de Vimioso a D. Francisco de Portugal, como podia elle ser dado aos *Mendes Vasconcellos*, em 1494 e confirmado em 1556? E se o senhorio de

---

[1] Em 1494 era representante dos *Mendes Vasconcellos* e já casado o tal heroe da pendencia,—D. Francisco Mendes de Vasconcellos, *neto* de D. Mendo Affonso Mendes de Vasconcellos, o 1.º que d'esta familia foi senhor de Vimioso,—muito antes de 1494 e do reinado de D. João II? !...

Vejam-se os n.ºs 2 e 12 da genealogia dos *Mendes de Vasconcellos*.

Vimioso passou directamente dos *Mendes Antas* no reinado de D. Affonso V (antes de 1482) para D. Francisco de Portugal ou para os condes de Vimioso—e mais tarde d'estes para a casa do infantado,—não sabemos onde metter as gerações dos *Mendes Vasconcellos* que tiveram o mesmo senhorio.

Valha-nos a senhora do Monte do Carmo!...

É certo que o senhorio de Vimioso foi dos condes d'este titulo, dos quaes passou para a casa do infantado. Anteriormente foi dos *Mendes Antas*, e dos *Mendes Vasconcellos*, segundo se lê nas suas genealogias, mas não podemos harmonisal-as nem acceital-as na sua integra.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha Vimioso de haver produzido muitas pessoas notaveis e benemeritas desde os tempos mais remotos, mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

1.ª—O morgado *João Mendes Antas*, que tanto contribuiu para a construcção da egreja matriz actual.

2.ª—*D. Francisco Mendes de Vasconcellos*, o heroe da pendencia da quinta dos *Picadeiros*, posto que lhe não invejamos o renome.

3.ª—*Antonio José Joaquim de Miranda.* Segundo se lê nos apontamentos que em 1884 recebi do administrador d'este concelho,—foi (*credite posteri*) formado em *cinco faculdades* pela Universidade de Coimbra?!!!.....

Formando-se em *todas as faculdades* da nossa Universidade, o que muito nos custa a crer, nem sequer encontramos o seu nome no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio!...

Segundo informações ulteriores e fidedignas, *Antonio José Joaquim de Miranda* falleceu n'esta villa de Vimioso, onde era proprietario, mas nasceu na aldeia de *Paradinha*, freguezia do *Outeiro*, concelho de Bragança, cerca de 10 kilometros a N. N. O. de Vimioso[1].

Formou-se em mathematica (*só em mathematica*) na Universidade de Coimbra e, seguindo a carreira das armas, assentou praça de cadete em infanteria n.º 24;—em 1808 foi para França com a *Legião Portugueza*;—fez a campanha da Allemanha em 1809 e a da Russia em 1812, sendo official muito valente e chegando ao posto de coronel de Couraças. Foi o primeiro que passou a ponte de Austerlitz e ficou prisioneiro em Moscow; mas, feita a paz geral em 1814, voltou ao seu paiz. Era muito illustrado, mas a campanha e o captiveiro da Russia tornaram-no quasi louco; ainda assim em 1832 foi commandante do *Batalhão Sagrado*, na Ilha Terceira, e em 1834 sub-perfeito de Setubal, Tambem foi coronel das milicias de Miranda e governador civil nos Açores.

Era filho de Martinho Carlos de Miranda e de D. Perpetua Maria Geraldes—e irmão do notavel estadista—*Manuel Gonçalves de Miranda*, que nasceu na mesma povoação de Paradinha do Outeiro no dia 30 de novembro de 1781.

Formou-se tambem na faculdade de mathematica em Coimbra e foi um mathematico distinctissimo. Fez a campanha da guerra peninsular até á batalha dos *Arapiles*, onde ficou prisioneiro servindo de major de brigada do general *d'Urban*, tendo sido feito tenente por distincção no combate de *Puebla de Senabria* em 1809. Em 1813 demittiu-se do serviço militar, sendo capitão de cavallaria n.º 12, e recolheu-se á sua casa de Castellãos.

—

O dicto *Manuel Gonçalves de Miranda* foi deputado ás côrtes de 1820 e nomeado ministro da guerra em 1822; mas, sendo muito liberal, apenas viu hasteado o pendão do absolutismo, emigrou para o estrangeiro.

Durante o cerco do Porto (1832 a 1833) conservou-se alternadamente em Londres e Paris, onde prestou relevantes serviços á causa de D. Pedro, como presidente da commissão encarregada de agenciar navios, dinheiro e munições de guerra e de bocca pa-

---

[1] V. *Outeiro*, tomo 6.º pag. 358, col. 1.ª— e *Paradinha do Outeiro* no mesmo volume, pag. 470, col. 2.ª

ra o exercito liberal, e só voltou ao seu paiz no fim do cerco do Porto, depois de ser nomeado prefeito da provincia do Douro por carta regia de 19 de setembro de 1833.

Foi ministro da guerra por decreto de 20 de novembro de 1822;—ministro da marinha por decreto de 20 d'abril de 1836;—ministro da fazenda por decreto de 28 de junho de 1840—e finalmente segunda vez ministro da marinha por decreto de 12 de março de 1841. [1]

Era um caracter tão nobre e de tanta exempção que, tendo exercido tão importantes cargos, o espolio que deixou era inferior ao de um estudante quando deixa os bancos da Universidade!...

Casou com D. Joanna Pereira de Sousa, unica herdeira de seu pae Antonio Caetano Pereira de Sousa, C. O. C. e F. C. R., que lhe legou uma importante casa na freguezia de *Castellãos*, concelho de Macedo de Cavalleiros e suas immediações. D'este consorcio teve seis filhos, sendo primogenito o seguinte:

—

Antonio José de Miranda, visconde de Paradinha do Outeiro em sua vida, por decreto de 3 de maio de 1848.

Nasceu em Castellãos, concelho de Macedo de Cavalleiros, [2] a 21 de março de 1812; —militou como voluntario liberal na guerra civil entre D. Miguel e D. Pedro, até á batalha da Asseiceira, onde o seu esquadrão, 2.º do regimento de cavallaria n.º 6, aprisionou o regimento d'infanteria n.º 16 e um batalhão de infanteria 12, com 3 bandeiras, pelo que foi condecorado com a medalha da Torre e Espada, bem como outras muitas praças do referido esquadrão. Terminada a guerra, deixou o serviço militar;—formou-se tambem, como seu pae e seu tio, em mathematica na Universidade de Coimbra, sendo premiado no 3.º anno;—em 1843 tomou assento na camara dos pares, como successor de seu pae,—e em 1846, apenas se manifestou a revolução da *Patuleia*, organisando-se em Bragança uma junta governativa em favor do partido dos *Cabraes*, ou da rainha D. Maria II, foi presidente da dicta junta e com grandes sacrificios conservou o districto de Bragança em obediencia ao governo de Lisboa, prestando relevantes serviços á rainha, pelo que esta o agraciou com o titulo de visconde.

Em 1847 foi governador civil do districto de Bragança—e em 1851, vendo o seu partido cartista, ou antes *cabralista*, sem reprezentação nas camaras nem na imprensa, e por assim dizer *morto*, abandonou a politica e não voltou á camara, recolheu-se á sua casa de Castellãos, onde tem vivido até hoje,—solteiro e sem descendencia. [1]

Foi tambem tio paterno do sr. visconde de Paradinha do Outeiro, o dr. *José Antonio de Miranda*, bacharel formado em direito e que seguiu a magistratura judicial. Falleceu em Lisboa, sendo presidente da relação, approximadamente em 1854.

—

Martinho Carlos de Miranda, mencionado supra, avô paterno do sr. visconde de Paradinha do Outeiro, era sobrinho do dr. *Manuel Gonçalves de Miranda*, magistrado que figurou *muito* no reinado de D. José I, pois foi *amigo* e *valido* do grande marquez de Pombal, que o encarregou de variadas commissões, algumas de muita responsabilidade, principalmente por occasião do attentado contra a vida d'el-rei D. José.

V. *Chão Salgado*.

Foi muitos annos intendente geral da policia da corte e do reino,—cargo importantissimo n'aquelle tempo,—e terminou a sua carreira na magistratura, sendo desembargador da casa da supplicação e do paço.

Casou com sua prima D. Catharina de Miranda e, como não tivessem filhos, nomeou successor e administrador dos vincu-

---

[1] Foi tambem par do reino e conselheiro de estado vitalicio, etc.

Falleceu no dia 5 d'abril de 1841.

[2] V. *Castellões* ou *Castellãos*, tomo 2.º, pag. 199, col. 1.ª

---

[1] Tem o sr. visconde ainda vivos uma irmã e um irmão, ambos com filhos.

O irmão,—dr. José Antonio de Miranda, —seguiu a magistratura e aposentou-se sendo juiz de direito de Villa Real.

los que havia instituido em *Paradinha do Outeiro* e *Rio Torto* o mencionado seu sobrinho *Martinho Carlos de Miranda*, avô do sr. visconde de Paradinha, actual administrador e possuidor d'aquelles vinculos e por consequencia representante do celebre desembargador, *amigo e valido* do marquez de Pombal ?!...

—

Desculpem-nos a digressão, pois quizemos aproveitar o ensejo para consignarmos tão interessantes noticias no texto d'este diccionario.

Agora prosigamos com a lista das *Pessoas notaveis*, filhas de Vimioso.

—

4.º—*José Maria de Figueiredo Antas*,—cavalheiro respeitabilissimo e a maior influencia eleitoral d'este concelho.

É o representante actual da nobilissima casa dos *Mendes Antas*;—casou com D. Lucia de Jesus Oliveira, da freguezia de Carção, e tem os filhos seguintes:

—*José Maria*, que nasceu em 20 d'outubro de 1859, e

—*Abel Augusto*, que nasceu em 18 de janeiro de 1864.

5.º—*Joaquim José de Campos*.

Falleceu no Porto em 14 de janeiro de 1861, deixando entre outros legados 5:000 libras em fundos inglezes á Misericordia d'aquella cidade para ella administrar os seus rendimentos e entregar annualmente ao parocho de Vimioso 300$000 réis destinados á sustentação do *Laus Perenne*, que o mesmo capitalista e bemfeitor havia instituido na egreja de Vimioso em agosto de 1860.

6.º—O dr. *José de Moraes Faria de Carvalho*, senhor da nobre casa da *Rapadoura*, deputado ás cortes em varias legislaturas e magistrado honestissimo.

Nasceu em Vimioso em 1815;—foi na revolução da *Patuleia* ajudante de campo do general Jorge de Avilez,—casou em Bragança;—foi o ultimo bacharel formado filho de Vimioso—e falleceu em 1866, sendo juiz de Direito em Braga e deixando os filhos seguintes:

1.º—*Alberto Moraes Faria de Carvalho*, hoje (1887) governador de Damão.

Nasceu em Bragança em 1846;—casou com D. Maria José Manoel de Vilhena, neta paterna do marquez de Pombal e materna do marquez de Pancas, da qual tem dois filhos.

É o primogenito e como tal representante da nobre casa da *Rapadoura*.

2.º—*Dr. Adriano Acacio de Moraes Carvalho*.

Nasceu em Bragança em 1848;—casou em Braga com D. Maria Zulmira d'Araujo, da qual tem dois filhos,—e é hoje (1887) commissario geral da policia civil do Porto e funccionario muito digno.

3.º—*Alfredo de Moraes Carvalho*, engenheiro de minas muito modesto, muito illustrado, muito trabalhador, ainda solteiro, e dono da celebre casa da *Rapadoura*.

Foi um dos membros da *Expedição Scientifica*, enviada pela Sociedade de Geographia de Lisboa em 1881 á serra da Estrella, onde tivemos a honra de o conhecer e tractar.

Excessos tristes

Esta villa tambem teve o seu quinhão nos excessos de que foi theatro o nosso paiz, durante a porfiada lucta entre liberaes e realistas.

Em 1823, por exemplo, quando o general Silveira, depois de acclamar absoluto D. João VI em Villa Real de Traz-os-Montes, insurreccionou esta provincia e marcharam contra elle as tropas liberaes, obrigando-o a internar-se na Hespanha, esteve em Vimioso o brigadeiro Claudino e incendiou a casa do reitor d'esta villa.

Tambem por essa occasião o mesmo brigadeiro foi á villa da Bemposta, concelho do Mogadouro, e incendiou as casas do capitão-mór e do escrivão Calado. Na villa de Lagoaça tentou incendiar tambem as casas do reitor, por haver hospedado dias antes o abbade de Quinchães (concelho de Fafe) depois governador do bispado de Pinhel, Antonio dos Santos Leal, de Moncorvo, realista secretario particular e confidente do general Silveira, etc., mas o Claudino, a pedido

de um seu companheiro, parte do enreitor, poupou-lhe as casas, limitando-se a reprehendel-o, ordenando-lhe que *desinfectasse o quarto onde pernoitou Santos Leal?!...*

V. *Moncorvo*, no supplemento, onde daremos a biographia de *Antonio dos Santos Leal* e extractaremos uma interessante *Memoria* que possuimos em *ms.* deixada por elle, historiando a mencionada revolução do general Silveira.

Marmore e alabastro e grutas prehistoricas

Na parte oriental d'esta freguezia e d'este concelho de Vimioso, nomeadamente na *Quinta dos Picadeiros*, e na occidental do concelho de Miranda do Douro, nomeadamente na freguezia de S. Pedro da Silva, ha grandes jazigos de marmore e alabastro preciosos, nas margens do rio *Angueira*, cujo leito é de marmore tambem.

Comprehendem estes jazigos cerca de 15 kilometros quadrados e n'elles se teem encontrado cavernas e grutas lindissimas com stalactites e stalagmites admiraveis, ossadas humanas e outros vestigios de occupação prehistorica.

Em 1852 o distincto archeologo e engenheiro de minas Carlos Ribeiro, indo por ordem do governo inspeccionar a mina de estanho de S. Martinho d'Angueira, concelho de Miranda do Douro, esteve em Vimioso e ali se demorou oito dias, visitando os terrenos calcareos que abundam no termo da villa, e disse aos donos de umas calforneiras, ali em exploração, que elles calcinavam marmore sacaroide.

Ficaram os homens absortos e d'ahi em diante varios individuos trataram de fazer conhecidas aquellas pedreiras de marmore, enviando amostras para diversas exposições internacionaes, onde foram muito apreciadas, particularmente na de Dublin e na do Palacio de Cristal do Porto, em 1865.

—

Em 1884 foi dirigir a delegação da alfandega de Braganca em Vimioso o sr. Luiz Cardoso Pinto e, tendo noticia das taes pedreiras, tratou logo de as pesquizar e mandou algumas amostras para o Porto, d'onde lhe disseram que o marmore era excellente e convinha adquirir o chão das pedreiras.

Continuando o sr. Cardoso com as pesquizas, indicaram-lhe uma gruta no termo da *Granja* de S. Pedro da Silva, gruta denominada *Buraco dos Ferreiros*. cuja pedra de cal ou marmore era alvissima. Foi vel-a e ficou surprehendido com a estructura d'ella, toda cheia de stalactites e stalagmites, e com as sinuosidades da *Ribeira dos Ferreiros*, onde está a dicta gruta, da qual tirou algumas amostras de pedra, que mandou para o Porto, consultando os seus amigos. Disseram-lhe estes que o marmore era tão fino como o de *Carrara*—e que as pedras transparentes eram *alabastro!...*

Resolveu então o sr. Cardoso fazer pesquizas em fórma e chamou de Villa Real de Traz-os-Montes os seus irmãos José e Francisco, para o coadjuvarem na empreza.

Foram elles e sem demora tractaram de obter por compra e arrendamento a longo praso o chão dos jasigos;—extrahiram amostras dos melhores marmores e alabastros; —foram com ellas ao Porto—e, tal era a belleza e variedade dos especimens, que ali sem grande difficuldade se formou uma companhia para a exploração, da qual ficaram fazendo parte os srs. Cardosos, devendo receber como descobridores *vinte e cinco contos de réis.*

—

Em 1886. constituida a empresa, deram principio á exploração dos marmores e alabastros, chamando do Porto diversos operarios entendidos no desmonte das pedras e na sua regularisação e polimento, sob a direcção do sr. Francisco Cardoso, agente delegado da companhia, o qual se installou na quinta de Santo Adrião, junto da capella de *Nossa Senhora do Rosario do Monte*, limite da povoação da Granja, freguezia de S. Pedro da Silva, concelho de Miranda.

Tem corrido com regularidade a exploração e feito remessas de marmore e alabastro polidos e trabalhados para o Porto e Lisboa e para os paizes estrangeiros.

O maior obstaculo ao desenvolvimento e lucros d'esta empreza até hoje tem sido a

difficuldade do transporte até a linha ferrea do Douro, mas esta difficuldade tende a minorar e desapparecer, logo que se construa a linha ferrea em estudos da estação do Pocinho até Miranda, pois deve passar muito perto dos grandes jazigos.

—

São 11 as variedades d'estes calcareos:—6 de marmore—e 5 de alabastro.

O marmore branco é finissímo, alvo de neve, muito espelhante e sustenta o confronto com o melhor de Carrara, prestando-se admiravelmente para todo o genero de esculptura. Os marmores de cores são raiados de filetes azues, cinzentos e amarellados, todos de lindissimo aspecto, e, se não apresentam uma estructura tão superior, sobrelevam os melhores de Extremoz.

Dos alabastros um é de bella côr branca; —os outros são acinzentados e amarellados, de apparencia lindissima pela variedade dos tons e pelas estrias que apresentam na superficie polida e brilhante, e prestam-se igualmente aos cortes mais delicados, como já vimos no Porto em amostras de folhas, flores e fructos; é porem de suppor que appareçam novos typos de mais merecimento ainda, quando a exploração attinja maior desenvolvimento.

Nova gruta

Em principios de agosto de 1886 o sr. Francisco Cardoso encontrou a pequena distancia da *Gruta dos Ferreiros* uma fenda em uns penedos. Tratou logo de a sondar e, entrando pela dita fenda, ajudado e acompanhado d'alguns operarios seus, foi avançando e por fim deparou com a gruta que um jornal de Zamora, *Seña Vermeja*, no seu numero de 18 d'agosto do dicto anno descreveu nos termos seguintes :

«Depois de visitármos todas as pedreiras, e admirarmos a grandeza, valor e importancia d'este achado, que ha-de enriquecer aquella região, dirigimo-nos á gruta, poucos dias antes encontrada pelo sr. Cardoso. Descemos flanqueando aquella immensa montanha até chegarmos proximamente á parte aonde fica a sua meia altura, e ahi tivemos de fixar a nossa attenção n'um pequeno buraco, quasi occulto pela saliencia de um penedo, o qual constitue a entrada para a caverna, aonde penetramos, providos de luzes, por aquelle pequeno buraco, indo um a um, como de gatas, por uma especie de corredor, que mede approximadamente quatorze metros de comprido, entrando d'elle para um espaço estreito entre duas rochas, que dava ingresso immediato para uma larga cova illuminada artificialmente, e que constitue o fundo principal d'esta gruta. São suas paredes interiores abobadadas, e medirá uma extensão de cento e oitenta metros quadrados, apresentando n'algumas partes signaes evidentes da acção corrosiva da agua, assim como nos seus maiores troços e porções, primorosos e magnificos trabalhos, que adornam fantasticamente as paredes d'este antro tenebroso, e as entradas para differentes compartimentos ou salas, que parecem constituir uma brilhante e vasta decoração.

—

«O silencio profundo, que reina n'aquella vasta e lugubre solidão, illuminada por meio de archotes collocados no seu interior, sua estranha architectura, suas paredes festonadas com milhares de desenhos caprichosos e muitos d'elles de alabastrina alvura, as infinitas estalactites e estalagmites de diversos tamanhos que, suspensas do seu tecto, brilham á luz incerta dos ditos archotes, os differentes pilares e columnas formados com o mais raro primor, arremedando estranhas e gigantescas figuras, que apparecem de espaço a espaço, contribuem no seu conjuncto para despertar no animo mais sereno um terror phantastico, e para que a imaginação se perca contemplando e buscando a origem d'esta maravilha, que, se foi conhecida em épocas anteriores, perde-se na obscura noite dos tempos.

Não é possivel fazer uma descripção detalhada das muitas curiosidades naturaes, que encontramos na nossa visita, durante a hora e meia que empregamos em percorrer o interior da gruta, nem me julgo competente para isso; todavia darei d'ella um ligeiro detalhe.

Depois de baixarmos oitenta e quatro de-

graus de uma escada de madeira provisoriamente collocada, com sua varanda de corda resistente, a qual se apoia em barrotes de ferro, collocados de espaço em espaço, chegamos ao fundo da gruta, apreciando mais perfeitamente, á medida que desciamos, os bellos e immensos depositos calcareos, as enormes estalactites, que destacam suas alvas e caprichosas figuras, e porções da immensa rocha cobertas como de neve petrificada, e de musgo no mesmo estado.

Esta parte mais profunda é formada por uma galeria bastante alta, de quatro a cinco metros de largura, d'onde partem saidas ou entradas para outros pequenos compartimentos, que ostentam caprichosissimas pregas e arrendados feitos na rocha, de transparencia e alvura extraordinarias. O interior d'alguns, ou de quasi todos, está construido pelas mais raras fórmas de concreções calcareas, que dão logar á mais caprichosa architectura. Até agora o que mais chama a attenção n'estes compartimentos e que terá por certo de se conhecer pelo nome de *sala das ossadas*, é aquelle em que se encontraram varios restos humanos, varios craneos de epocas distinctas, remontando alguns a milhares d'annos, d'onde tambem se extrahiu um instrumento de guerra, de bronze primitivo, e outros objectos prehistoricos de grande valor, que serão dados preciosos para os amadores de geologia e da antropologia. Ainda se conserva ali no solo, e n'uma parte mais proeminente da rocha, um craneo perfeitamente incrustado n'ella.»

As dictas grutas são interessantissimas! N'ellas se tem encontrado (diz o meu informador) ossadas humanas e de animaes anti-diluvianos, taes como o *mamuth* (urso das cavernas) *rangifer* e *mastodonto*,—craneos humanos que teem na abobada occipital e paredes temporaes nove millimetros d'espessura. Um d'estes conserva no maxillar superior todos os dentes, mas de uma forma exquisita,—curvos para fóra.

Um craneo mio-cephalo, femures, tibias, lacertes, cubetos, etc.,—tudo encrustado em stalagmites e stalactites,—e despojos e instrumentos da epoca terciaria miocena e quaternaria, de pedra e bronze.

Tambem nos consta que na freguezia de Izeda, povoação de Serapicos e n'outros pontos, já posteriormente se encontraram novas grutas semelhantes áquellas.

—

Preço actual dos generos em Vimioso

Trigo, 20 litros	800
Centeio, 20 litros	600
Cevada, » »	500
Castanhas, 20 litros	200
Sal, 20 litros	550
Batatas, 15 kilos	160
Lã preta, 15 kilos	2$250
» » » »	2$250
Arroz, 15 kilos	140
Bacalhau, 15 kilos	2$000
Vinho, 25 litros	1$150
Azeite, » »	3$250
Gallinhas, uma	260
Frangos, 1	140
Cabritos, 1 de tres mezes	500
Cordeiros, 1 de tres mezes	500
Coelhos, 1	140
Perdizes, uma	120
Lebres, uma	240
Ovos, um cento	670

Condução de mercadorias

Para Bragança—1 arroba	80
Para a estação do Pinhão—por Mendo de Cavalleiros, Mirandella, Murça, Alijó e Favaios—1 arroba	240

É este o caminho que seguem.

Actualmente o concelho de Vimioso não manda genero algum para o Porto, por causa do preço das conducções. Apenas alguns annos tem mandado cereaes.

Este beneficio de Vimioso deve render hoje ao todo cerca de 300$000 réis, comprehendendo 200$000 réis de derrama ou congrua em dinheiro.

—

Aos ex.mos srs. Antonio Claudino Fernandes Pereira, de Bragança,—Luiz Antonio de Figueiredo Antas, de Villa do Conde,—e José Fernandes Barreira, digno prior actual de Vimioso, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

—

VINCOS,—portuguez antigo, —hoje *brincos*, ornato mulheril.

Se alguma mulher levar vincos nas orelhas, mando que lhos não tome nenhum, nem lhos embargue.

Cod. Alf. liv. V, tit. 47, § 5.

VINDA DO MEZ—ou *vida do mez*.

Era um direito real e consistia em se dar de comer pelos colonos ou caseiros ao mordomo menor d'el-rei, um dia em cada mez, ou *doze comidas no anno*—em propria especie ou em dinheiro.

Documento de Grijó do tempo d'el-rei D. Diniz.

VINDIÇO, — que vinha de fóra da terra.

Nem vogado d'alhures, ou vindiço nom será ousado de usar do officio da vogaria contra os davanditos poderosos.

Cod. Alf., liv. II, tit. 1.º, art. 23.

VINER,—vir, tornar. Do latim *venire*, vir.

«E as partes sobreditas nunca seerem theudas de viner a outra demanda, per neuma destas razoens.»

Doc. d'Aguiar da Beira, de 1289.

VINGAR QUINHENTOS SOLDOS, — locução usada entre nós no seculo XIII.

Dizem uns que só os *fidalgos de linhagem* podiam requerer a satisfação d'alguma injuria, sendo condemnado o aggressor em 500 soldos, não podendo os outros fidalgos requerer mais do que 300 soldos em pena e satisfação da injuria;—outros dizem que esta locução principiou a usar-se depois que os fidalgos, vassallos d'el-rei D. Bermudo, se libertaram do tributo que pagavam aos mouros por conta das cincoenta *donzellas nobres*, —tributo imposto pelos mouros aos christãos em seguida á derrota d'estes na batalha de Clavijó, o que hoje não passa de uma lenda pueril.

A opinião mais corrente é que a dicta locução—*fidalgo que vingue 500 soldos*—proveiu do *acostamento* que os taes fidalgos recebiam annualmente do rei; mas não nos satisfaz esta opinião, porque no *Fuero Juzgo*, liv. VIII, tit. 4. l. 16, fallando-se da composição que deve dar o dono do animal que por incuria sua matou algum homem, se diz: *Si matar ome ondrado, peche el Señor por omecio quinientos soldos, e por ome libre peche 300 soldos.*

E no *Cod. Wisig.* l. VI, tit. 5.º l. 14, se diz que, morrendo o auctor de uma causa crime, a quem o juiz não desse audiencia, pague o mesmo juiz á parte metade do homicidio, ou 250 soldos.

Isto nos leva a crer que o *fidalgo que vingava 500 soldos* era aquelle, cuja morte se pagava com 500 soldos,—não menos.

Em Portugal tivemos tambem outr'ora *cavalleiros* que vingavam 1:000 soldos, mas estes eram os da primeira nobreza.

VINHA,—terreno plantado de vides.

Tambem outr'ora se denominou *vina* e *via*.

E vos emplazamos a dita terra, para que nella ponhaes via.

Em alguns documentos antigos toma-se a vinha pelas videiras que a constituem. N'elles se diz, por exemplo:—«*dous, ou tres, ou mais milheiros de vinha*»—i. é—de cepas.

Que tinha IV milheiros de vinha em uma parte, e M e D (1500) *cepas em outra.*

No Alto-Douro ainda hoje se avalia a importancia e extensão das quintas pelos milheiros das vídes que teem plantados. Assim costuma ali dizer-se:—*é uma quinta de tantos milheiros;—ainda tem terreno para tantos milheiros;—plantei tantos milheiros;—a plantação custou tanto por milheiro, etc.*

Note-se tambem que no Alto-Douro, na zona do vinho fino, em tempo normal e nas quintas mais bem grangeadas, o milheiro de vides costumava produzir uma pipa de vinho, mas por vezes nas quintas de vides velhas, mal grangeadas e de terreno magro e ardente, que eram as que produziam o vinho *mais generoso*, eram necessarios 3 a 6 e mais milheiros de cepas para darem uma pipa de vinho. Em compensação o vinho era um nectar! Ganhava em qualidade o que perdia em quantidade.

Ha tambem *por excepção* no Douro terreno, onde um milheiro de vides produz 3 a 5

pipas de vinho, mas esse vinho é sempre inferior.

Perde em qualidade o que ganha em quantidade.

O mesmo succede no Minho, Beira, Anadia e Estremadura, nomeadamente no concelho da *Lourinhã*, onde a producção é espantosa, mas o vinho muito ordinario e sempre muito mais barato do que na parte restante d'aquella provincia.

V. *Villariça*, *Villarinho de Cottas*, *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de S. Romão*, e *Vimieiro* da Lourinhã.

VINHA DA RAINHA,—freguezia do concelho e comarca de Soure, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro!...

Priorado. Fogos 430, — habitantes 1:850.

Orago. Nossa Senhora da Graça.

Em 1708 era priorado da provincia da Beira, provedoria e bispado de Coimbra, comarca (corregedoria) e concelho de Montemor-o-Velho;—e contava apenas 60 fogos.

Nada, absolutamente nada mais diz d'esta parochia a *Chrographia Portugueza*.

Em 1768 era priorado da apresentação da mitra;—rendia 315$000 réis,—mais 420$000 réis em fructos certos e 80$000 réis em fructos incertos,—total 815$000 réis?!...—e contava 271 fogos.

Até á extincção dos dizimos, ou até 1834, foi um dos melhores beneficios do bispado de Coimbra; não se espantem porem os leitores, porque antes da extincção dos dizimos tivemos abbadias de 10 a 20 contos de renda por anno, tal era a de S. João de Lobrigos, no concelho de Santa Martha de Penaguião, districto de Villa Real. E como se fossem pouco os 10 a 20 contos *por anno*, ainda aquelles felizes abbades receberam tambem algum tempo uma peça de 8$000 réis *por dia* a titulo de inspectores das estradas do Douro?!...

Só do dizimo do vinho receberam alguns annos 800 pipas, sem outra despeza, além da conducção para os seus vastos armazens.

V. *Lobrigos*, n'este diccionario e no supplemento.

O censo de 1864 deu a esta parochia de *Vinha da Rainha* 388 fogos e 1:696 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 410 fogos e 1:708 habitantes.

—

A povoação de *Vinha da Rainha*, séde d'esta parochia, está situada a meia encosta do monte denominado *Barril*, na margem direita do rio *do Pranto*, do qual dista 2 kilometros para E.;—12 da estação de *Soure*, hoje a mais proxima, na linha ferrea do Norte, para O.;—15 da beira-mar para E.,—18 da cidade da Figueira para S. E.;—44 de Coimbra pela linha ferrea do norte;—163 do Porto—e 198 de Lisboa.

Este itinerario deve soffrer grande modificação logo que se abra ao transito a linha ferrea em construcção de Lisboa á Figueira por Leiria e Torres Vedras, pois deve passar a pequena distancia d'esta freguezia.

V. *Villa Verde*, vol. XI, pag. 1:093, col. 2.ª *in fine*.

Alem da povoação de *Vinha da Rainha*, comprehende esta parochia as seguintes:—Barrôco, Barreiras, Casal dos Bacellos, Casal d'Almeida, Porto Godinho, Carrascal, Formigal, Ervilhas, Feixe, Mira-Olho, Cabeça Carvalha, Pedrogam, Salgueirinhas, Saca-Bolos, Val de Pedras e Queitide.

Algumas d'estas povoações são casaes com poucos fogos;—as mais importantes são Pedrogam e Quietide.

Freguezias limitrophes:—Samuel e Gesteira a N. E., concelho de Soure;—Paião a O., concelho da Figueira;—Louriçal e Almagreira a S., concelho de Pombal.

Producções dominantes: —vinho, milho, trigo, azeite, favas, arroz, batatas e fructa.

Tambem é mimosa de caça miuda, de peixe do rio e do mar—e de *sezões*, nas margens do rio do *Pranto*.

Templos

1.º—A egreja matriz, na aldeia da *Vinha da Rainha*.

É elegante e vistosa, mas de uma só nave e de moderna construcção, com altar-mór, dois lateraes e decorações muito singelas.

2.º—*Capella da Senhora do Pranto*, na aldeia de Pedrogam.

Tem grande romaria na 1.ª oitava do Espirito Santo.

3.º—*Capella da Senhora da Graça*, na aldeia de Queitide, ambas em bom estado.

Esta capella de *Nossa Senhora da Graça* outr'ora foi matriz. É publica e demora em sitio alto, a N. e junto da estrada districtal, n.º 58.

4.º—*Capella de S. João Baptista*, na aldeia do Formigal.

5.ª—*S. Gonçalo*, no palacete de Gonçalo Tello.

6.ª—*Nossa Senhora do Carmo*, na grande quinta de Queitide.

Estas duas ultimas capellas são particulares.

A de Nossa Senhora do Pranto é antiquissima. Já em 1712 o auctor do *Sanctuario Marianno* (tomo 4.º, pag. 654 e segg.) não pôde averiguar a data da sua fundação, mas conta maravilhas pasmosas, operadas pela imagem da Virgem.

Teve tambem festa e romagem a 18 de dezembro, dia da *Expectação*.

A capella actual foi construida ha poucos annos.

—

Banham esta freguezia o rio do *Pranto* (o nome é sympathico, mas lugubre)—e varios ribeiros e regatos anonymos, confluentes do rio do *Pranto*, que nasce em um monte, cerca de 4 kilometros a O. de Vermoil, concelho de Pombal;—caminha de S. S. E. a N. N. O. em direcção ao Mondego, no qual morre, depois de descrever uma grande curva para S. ao abeirar-se d'elle.

Tem de curso total cerca de 48 kilometros, pouco declive e margens muito planas, pelo que no inverno e mesmo na primavera alaga e arrasa grande extensão da campina, formando muitos pantanos, causando grandes prejuisos e tornando as suas margens muito insalubres, principalmente depois que a *sacra fames auri* as converteu em arrosaes, verdadeiros focos de peste!...[1]

V. *Vil de Mattos*.

—

Por serem muito doentias as suas margens no verão e por causar tantas doenças, tantas febres e tantas mortes lhe deram o bem merecido nome de rio do *Pranto*.

Note-se que em algumas das povoações marginaes todos os seus habitantes—homens, mulheres e creanças—tremem sezões de mau caracter no verão—e o mesmo succede em outras muitas povoações do *campo de Coimbra*, nas visinhanças do Mondego e dos seus numerosos affluentes,—e nos campos de Leiria, nas visinhanças do Liz, por serem muito pantanosos e ardentissimos no verão

As margens do Liz, a jusante de Leiria, e as do Mondego, a juzante de Coimbra, são muito ferteis, mas *muito insalubres*! Deviam estar todas povoadas de eucalyptos, attenta a miraculosa propriedade d'estas lindissimas arvores para afugentarem as sezões e outras febres; mas *até hoje* infelizmente mal se lobriga n'aquelles vastos pantanos um eucalypto. O que se vê é um enorme estendal d'arrosaes,—*um fóco de peste unido a outro fóco?!...*

Chamamos a attenção do governo para tão momentoso assumpto.

Salus populi suprema lex est.

Terminaremos dizendo que o rio do *Pranto* se denomina tambem *Louriçal*, porque banha a freguezia d'este nome, cerca de 8 kilometros ao sul ou a montante de *Vinha da Rainha*, e no inverno é navegavel desde a Figueira até o Louriçal.

Tambem se denomina rio de *Carnide*, porque nasce junto da aldeia d'este nome, na freguezia de Vermoil, concelho de Pombal.

—

Esta parochia de *Vinha da Rainha*, pertenceu, como já dissemos, ao concelho e comarca de *Montemor-o-Velho*; depois passou para o concelho de *Abrunheira*, comarca de Soure, desde 1836 até 1844, data em que o concelho de *Abrunheira* mudou a séde da

---

[1] Este rio abunda em taínhas, barbos e enguias—e tem 3 pontes:—duas de madeira e uma de pedra, denominada ponte do *Sobral*, entre esta freguezia e a do Paião. É antiquissima e por ella segue a estrada districtal n.º 58 A.

povoação d'este nome para a de Verride e se ficou denominando concelho de *Verride;* —finalmente, extincto o concelho de Verride, por decreto de 31 de dezembro de 1853, passou esta freguezia para o concelho e comarca de Soure.

V. *Abrunheira* e *Verride.*

A povoação de *Abrunheira,* que foi muitos annos séde de concelho, era e é hoje ainda uma simples aldeia da freguezia de *Revélles,* concelho de Montemor-o-Velho.

Passa n'esta parochia de *Vinha da Rainha* a estrada districtal a macadam n.º 58—de Condeixa pela villa de Soure ao Louriçal—e d'esta parochia de *Vinha da Rainha* segue um ramal, n.º 58—A—a entroncar junto de *Paião* na estrada real a macadam n.º 58, da Figueira a Leiria.

Tem uma escola official d'instrucção primaria para o sexo feminino.

Aguas sulphureas

Ha no termo d'esta parochia dois pequenos montes, denominados *Monte Barril,* e *Monte Bicanho,* em cujas faldas brotam aguas thermaes, de que alguns doentes fazem uso com proveito. Já tiveram casa de banhos, mas hoje estão em completo abandono.

Nos principios do ultimo seculo rebentavam a N. do monte *Bicanho,* no sitio denominado *Banhos Velhos,* mas, pelos annos de 1711 a 1716 rebentaram no sitio onde hoje brotam, no monte *Barril,* a pequena distancia da capella da *Senhora do Pranto,* da qual tomaram o nome.

Em 1764 se construiram ali algumas casas de banhos, mas, passados annos, cahiram em ruinas.

Ainda brotam nas faldas do monte *Bicanho* e ali alguns doentes vão banhar-se dentro de barracas feitas de ramos d'arvores, mas são muito mais copiosas e egualmente medicinaes as do monte *Barril* ou da *Senhora do Pranto.* Só uma das nascentes *excede a quantidade de duas telhas,*—diz José Avelino d'Almeida.

O [illegible] de todas as nascentes, mesmo ao ar livre, é de [illegible] F.—ou 25 a 27 R.

A agua é transparente e clara com pouco cheiro sulphureo, sabor desagradavel e algum tanto enjoativo. Colhida em um frasco forma bolhas aereas, o que prova ser levemente mineralisada pelo gaz hydrogenio—sulphurado e carbonato calcareo, ou de soda.

Isto mesmo accusam os reagentes,—diz Almeida.

—

As aguas thermaes que brotam no termo e ao norte d'esta freguezia são denominadas *Banhos do Pranto;*—distam cerca de um kilometro da povoação de *Vinha da Rainha;* —são sulphureas—quentes e muito concorridas, pelas suas propriedades medicinaes, mas estão ainda em grande abandono e mal aproveitadas.

Brotam nas faldas do monte *Barril,* junto da povoação da *Azenha,* da freguezia de Samuel, e pertencem ao sr. José de Ornellas da Fonseca e Napoles, da cidade da Figueira;—mas a pequena distancia, nas faldas do monte *Bicanho* e no sitio do *Olho de Sampaio* ou da *Amieira,* já no termo da freguezia de Samuel, d'este mesmo concelho de Soure, rebentam aguas congeneres, tambem muito medicinaes, hoje pertencentes a uma companhia que tem a séde em Lisboa e que ali ha poucos annos montou um esplendido estabelecimento thermal, hoje bem conhecido pelo nome de *Caldas da Amieira,* com todos os commodos para os banhistas.

Tem um luxuoso hotel, gabinete de leitura, salão de baile, jardins, bilhar, jogos de sala, banheiras de marmore, etc.,—e durante o tempo de banhos carreiras diarias de *char-à-bancs* para a estação de *Soure,* na linha ferrea do norte, alem da via fluvial do rio do Pranto, que mesmo na estiagem é navegavel desde Queitide até á Figueira e aproveitado por muitos banhistas d'aquella cidade e das suas immediações.

São portanto já hoje muito accessiveis as *Caldas da Amieira* e mais accessiveis ficarão logo que se abram ao tranzito a linha ferrea de Lisboa á Figueira por Torres Vedras e Leiria—e o ramal que deve prender a mencionada linha com a do norte em *Al-*

farellos, passando a muito pequena distancia das dictas Caldas.

Quinta de Queitide

Ha n'esta parochia uma quinta muito importante, denominada quinta do *Carregal* ou de *Queitide*, porque demora junto da povoação d'este nome.

Pertence ao acreditado negociante, proprietario e capitalista da cidade da Figueira, —*Joaquim Antonio Simões*, hoje um dos homens mais ricos do districto de Coimbra,[1] que a herdou de seu irmão João Antonio Simões, e foi comprada por este em hasta publica ao governo, tendo sido do seminario episcopal de Coimbra—e anteriormente da *Compaahia de Jesus*.

Só de arroz tem produzido alguns annos a bagatella de 250 moios ou 15:000 alqueires!...

O arroz é a sua producção principal, mas tambem produz algum milho e azeite e bastante vinho,—cerca de 150 pipas por anno.

Tem, como já dissemos, uma linda capella,—boas casas d'habitação, armazens, celeiros e outras officinas,—e póde computar-se o seu valor total em 50 a 60 contos de réis.

É uma das melhores propriedades do districto de Coimbra.

—

Ha tambem n'esta parochia outra quinta, denominada de *S. Domingos*, pertencente a Gonçalo Tello de Magalhães Collaço, cavalheiro respeitabilissimo, dono da nobre *Casa de S. Gonçalo*, a unica brasonada que hoje se vê n'esta parochia. É fidalgo d'antiga linhagem e representante de muitas familias da nossa primeira nobreza.

Esta freguezia tem estação telegrapho-postal e confina ao poente com o concelho da Figueira, servindo de linha divisoria o celebre rio do *Pranto*.

VINHAES,—aldeia da freguezia de *Adaufe*, concelho, comarca districto e diocese de Braga.

---

[1] V. *Figueira*, cidade, no supplemento a este diccionario.

Temos no nosso paiz mais 5 aldeias, 2 casaes e 1 quinta com o mesmo nome de *Vinhaes*. Não as mencionamos para não abusarmos da paciencia dos leitores.

VINHAES,—villa, freguezia e séde de concelho e de comarca, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago Nossa Senhora da Assumpção;—fogos 430,—habitantes 1:900.

Em 1706 esta villa era abbadia da corôa e séde do concelho do seu nome na comarca (provedoria e corregedoria) de Miranda; —rendia para o abbade 500$000 réis;—contava 150 fogos *intra muros*, ou na villa e no seu curato annexo *extra-muros*, ou no arrabalde, com o titulo de *S. Fagundo*, que era da apresentação do abbade da villa e hoje se acha incorporado n'ella.

Em 1768 comprehendia as mesmas duas parochias:—Nossa Senhora da Assumpção *intra-muros*, abbadia do padroado real com os mesmos 150 fogos e 500$000 réis de rendimento,—e *S. Fagundo extra-muros*, curato da apresentação do abbade, com 36 fogos e 50$000 réis de rendimento; mas o *Port. S. e Profano* diz que S. Facundo era abbadia do padroado real com 150 fogos e 500$000 réis de rendimento,—e Nossa Senhora da Assumpção, curato da apresentação do abbade de S. Facundo, com 36 fogos e 50$000 réis de rendimento?!...

Na minha opinião foi lapso.

O *Flaviense* em 1852 deu a esta villa 284 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 405 fogos e 1:972 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 426 fogos e 1:960 habitantes—ou mais 21 fogos e menos 12 habitantes do que o censo de 1864.

Estão assim as nossas estatisticas! Veremos se o censo decretado para 31 de dezembro do corrente anno de 1887 fica um pouco melhor.

—

Esta villa demora em sitio plano, muito saudavel, mas pouco vistoso, entre outeiros, a S. do alto cabeço de *Ciradella* ou *Cidadella*, *Ciradelha* ou *Cidadelhe*, na margem esquerda do ribeiro das *Trutas*, confluente do rio *Tuella*, e na margem direita do rio d'este

nome, do qual dista 3 kilometros em linha recta—e 10 pela estrada real n.º 37, para O. N. O.;—20 da freguezia de Moimenta, na raia, para S.;—32 de Bragança para O.; 98 de Mirandella por Bragança, trajecto hoje o mais seguido por ser todo feito em diligencias;—153 da estação do *Tua* na linha ferrea do Douro, pela linha de Mirandella, prestes a abrir-se á circulação;—292 do Porto pela estação do Tua—e 630 de Lisboa.

Atravessa a villa de Vinhaes a estrada real a macadam n.º 37 de Chaves a Bragança, já concluida e servida por diligencias entre Vinhaes e Bragança, achando-se porem ainda muito atrasada a sua construcção entre Chaves e Vinhaes.

Parte tambem d'esta villa para a fronteira uma estrada municipal em construcção.

Freguezias limitrophes:—Travanca a N.; Villa Verde a E.;—Sobreiró e Alvaredo a O.;—o Tuella a S. O.;—Nunes e Villar de Peregrinos a S., além do Tuella.

—

Producções dominantes d'esta villa e d'este concelho:—vinho, trigo, centeio, azeite, batatas, castanhas, hervagens e fructa variadissima de optima qualidade, exceptuando laranjas e amendoas.

Tambem criam muito gado lanigero, muar e vaccum da raça mirandesa;—teem muita caça grossa e miuda nos seus montes e muito peixe nos seus rios, nomeadamente trutas, algumas de 12 arrateis, no rio Tuella e no *Ribeiro das Trutas*, pois banham esta freguezia e outras d'este concelho o rio *Tuella* que vem da Hespanha[1] e fórma a nascente principal do Tua, confluente do Douro; — o ribeiro de *Riaçós*,—e o das *Trutas* confluente do rio Rabaçal que desagua no *Tuella*, e os dois, depois de unidos, formam o Tua.

Desde tempos muito remotos a producção principal d'esta freguezia e d'este concelho era o vinho, como está dizendo o seu nome *Vinhaes*,—terra de vinhas ou de vinhedos. Pela mesma rasão outras terras se denominaram e conservam ainda os nomes de *Vinha, Vinhas,—Vinhal* e *Vinhaes, Vidago* e *Avidagos*, etc.

O vinho d'este concelho era de pasto ou de mesa, mas de boa qualidade, pelo que tinha venda remuneradora, o que tornava este concelho um dos mais ricos d'este districto; mas infelizmente a maldicta phylloxera destroçou nos ultimos annos a maior parte dos seus *vinhaes* e o reduziu á penuria, como a todos os d'esta provincia, cuja producção principal era o vinho.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:012 a 1:016,—*Villarinho de Cottas*, —*Villarinho dos Freires*—e *Villarinho de S. Romão.*

—

«Só a freguezia de Vinhaes (diz o meu illustrado informador, *filho d'ella*) perdeu mais de *sessenta contos de reis* por anno com a extincção dos seus vinhedos. A exportação de vinho para a Gallisa era consideravel—e a distillação para a Regoa e Porto era considerabilissima, pois só na freguezia de Vinhaes havia quatro machinas em serviço permanente

«N'este concelho não havia pobres. Todos tinham jornal certo no fabrico das vinhas e do vinho;—homens, mulheres e creanças—todos ganhavam dinheiro e viviam,—emquanto que hoje todos luctam com serias difficuldades. Os que eram ricos são apenas remediados;—os que eram remediados são pobres—e os que eram proletarios são mendigos!...»

Este concelho ainda produz muitas castanhas e tem alguns castanheiros com troncos admiraveis, que chegam a medir 12 metros de circumferencia, mas já não colhe talvez metade das castanhas que outr'ora colheu, —1.º porque foram arrancados muitos soutos para a plantação dos vinhedos;—2.º porque ha muito se não fazem novas plantações de castanheiros, tanto n'esta como nas outras nossas provincias;—3.º porque em todo o nosso paiz os castanheiros e *todas as outras arvores*—pereiras, figueiras, cerdeiras, larangeiras, etc.,—se acham muido doentes.

---

[1] Nasce junto do logar dos *Chãos*, na serra de Senabria.
V. *Tuella.*

O concelho

Comprehende este concelho as freguezias seguintes:—Agrochão, Alvaredos, Cabeça da Igreja, Candedo, Cellas, Curopos, Edral, Edrosa, Ervedosa, Fresulfe, Gestosa[1], Mofreita, Moimenta, Montouto, Nunes, Ousilhão, Paco, Penhas Juntas, Pinheiro Novo, Quiraz, Rebordello, Santa Cruz[2] Santalha, S. Jomil, Sobreiró de Baixo, Soeira, Travanca, Tuizello, Val das Fontes, Valle de Janeiro, Villa Boa d'Ousilhão[3] Villa Verde, Villar da Lomba, Villar d'Ossos, Villar de Peregrinos, Villar Secco da Lomba e *Vinhaes*.

Total:

Freguezias.....	37
Fogos, pelo ultimo recenseamento.	4:543
Habitantes, pelo ultimo recenseamento.....	20:724
Predios inscriptos na matriz.....	41:820
Superficie em hectares.....	72:307

Em 1706 comprehendia as parochias seguintes:—*Vinhaes* (Nossa Senhora da Assumpção, matriz) *Vinhaes* (S. Facundo, annexa á matriz)—Moás (Santo Ildefonso) hoje tambem simples aldeia annexa á matriz,—Sobreiró de Baixo, Alvaredos, Candedo, Espinhoso, (Santo Estevam) hoje simples aldeia annexa á de Candedo,—Val Paço (S. Pedro)—Curopos, Val de Janeiro, Rebordello, Val das Fontes, Nozêdo sob Castello ou Nozêdo de Baixo (Nossa Senhora da Espectação) hoje simples aldeia da freguezia de Val das Fontes[4]—Rio de Fornos (Nossa Senhora da Espectação) hoje simples aldeia da matriz de Vinhaes,[5]—Lagarelhos, hoje simples aldeia da freguezia de Villar d'Ossos, —Travanca, Villar d'Ossos, Tuizêllo, Cabeça da Igreja, Nozêdo Trespassante ou Nozêdo de Cima, orago Nossa Senhora da Esperança,[1]—Santalha, Pinheiro Novo, Pinheiro Velho (S. Thiago) hoje simples aldeia da freguezia antecedente,—S. Pedro de Quadra, hoje simples aldeia da freguezia de Tuizêllo,[2]—e Casares, hoje simples aldeia da freguezia de Montouto. V. *Casares*.

— —

Em 1706 comprehendia, pois, este concelho 25 freguezias, que hoje se acham reduzidas a 14, mas em compensação recebeu outras já indicadas.

Em 1796 comprehendia as mesmas 25 freguezias, com 1:422 fogos, 2:787 homens e 3:086 mulheres,—total 5:873 habitantes, 23 frades, 69 presbyteros seculares, 31 freiras, 9 senhoras recolhidas, 5 pessoas litterarias (?) 184 sem occupação, 12 negociantes, 3 boticarios, 3 barbeiros, 5 cirurgiões, 394 lavradores, 373 jornaleiros, 4 fabricantes de lã, 34 fabricantes de seda,[3] 38 alfaiates, 29 sapateiros, 33 carpinteiros, 14 pedreiros, 13 ferreiros, 6 ferradores, 2 moleiros, 60 pastores, 85 criados e 116 criadas.

Não tinha um unico almocreve, nem um louceiro, nem um fabricante de courama, nem um cardador, segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, corregedor de Moncorvo e *juiz demarcante* da dicta provincia[4].

Do exposto se vê que a industria da seda foi muito importante em Vinhaes e Chacim e muito mais em Bragança, emquanto que hoje se acha completamente morta em toda a provincia de Traz-os-Montes, exceptuando

---

[1] Annexada civilmente á de Villar Secco da Lomba.

[2] Annexada civilmente á de Paçó.

[3] Annexada civilmente á de Ousilhão.

[4] Assim se lê na *Chor. Moderna*, mas o meu antecessor disse que está annexa á de *Rebordello*. Julgo ser lapso.

[5] O meu benemerito antecessor disse que estava annexa á de *Valle de Janeiro*. Foi lapso.

[1] Foi reitoria da mitra e commenda da Ordem de Christo, mas hoje é uma simples aldeia da freguezia de *Tuizêllo*.

V. *Nozedo* (o 1.º) tomo 6.º pag. 177, columna 2.ª

[2] V. *Quadra* e *Tuizêllo*.

[3] Em Murça n'aquelle tempo havia tambem 8,—em Chacim 54—e em Bragança 407?!..—Total dos *fabricantes de seda* em toda esta provincia—503.

[4] Codice n.º 486 da *Bibliot. Municip. Port.*

Freixo de Espada à Cinta, onde ha boas fabricas de séda ainda hoje,—1887.

N'aquelle tempo (1796) não havia ali uma unica.

No 2.º quartel d'este seculo ainda n'esta provincia se apurou muito dinheiro na creação do sirgo para França. O mesmo succedeu na provincia da Beira, mas poucos annos durou essa industria.

Ainda o concelho

No anno de 1885 pagou as contribuições seguintes:

Predial	10:661$399
Industrial	1:020$016
Renda de casas	380$000
Decima de juros	387$900
Sello de verba	247$694

Movimento da sua estação telegrapho-postal no mesmo anno

Objectos de correspondencia recebida	35:000
Sellos vendidos	17:700
na importancia de réis	429$000
Encommendas expedidas	77
» recebidas	111
Correspondencia em refugo—objectos	56
Vales telegraphicos	47
na importancia de réis	211$000
Vales nominaes	712
na importancia de réis	7:220$000
Cobrança de recibos, lettras e obrigações nacionaes	76
na importancia de réis	126$000
Taxas cobradas, réis	800
» não cobradas	156
na importancia de reis	211$000
Telegrammas transmittidos...	
nacionaes officiaes	129
Particulares	987
Internacionaes particulares	22
De serviço	18
Recebidos officiaes	528
Particulares	892
De serviço	100

—

Os 3 maiores proprietarios *d'este concelho* hoje são os seguintes:

1.º—*Manuel de Mello Vaz de Sampaio*, da freguezia da Espinhosa, concelho de S. João da Pesqueira, hoje residente em *Villar d'Ossos*, (Vide) representante dos viscondes de Montalegre.

2.º—*José Manuel Ferreira*,—da povoação de Salgueiros, freguezia de Tuizêllo.

3.º—*A viuva Campilho e filhos*,—D. Maria da Gloria de Figueiredo Sarmento Campilho, de Vinhaes, viuva de Antonio Annibal de Moraes Campilho.

Os 3 maiores proprietarios *da villa* são:

1.º—*Manuel da Costa Pessoa*, representante dos nobres condes de Vinhaes, de quem logo fallaremos.

2.º—A mencionada sr.ª *viuva Campilho e filhos*.

3.º—*Leandro Albino Doutel*.

Convento de Santa Clara

Teve esta villa dois conventos:—um de freiras Claras,—outro de frades de S. Francisco, missionarios varatojanos, ambos extinctos.

O primeiro foi fundado pelo dr Antonio Alvares Ferreira, juiz de fóra na cidade da Guarda [1], e por sua mulher D. Elena da Novoa, natural de Vinhaes (ella), nas proprias casas em que viviam, pelos annos de 1580 a 1587, como prova uma escriptura de doação feita por elles em 24 de junho de 1587, na qual se diz—que faziam doação do uso fructo dos bens que elles doantes herdaram de Pedro Ougueia Dalvão e Guiomar de Castro

---

[1] Assim se lê nos apontamentos do meu illustrado informador, mas a *Historia Seraphica* diz que era corregedor de Miranda. Talvez que de um dos cargos fosse promovido ao outro.

Veja-se a *Historia Seraphica* de Fr. Fernando da Soledade, tomo V pag. 739 a 756, onde se encontra com relação a este convento um bello artigo, mas tão longo, que apenas faremos d'elle um leve extracto para podermos levar as noticias d'este convento até á sua extincção.

A chronica tem a data de 1721.

—e da casa e egreja que fizeram no dicto mosteiro, á abbadessa e madres do convento de Santa Clara que se fundou n'esta villa, etc.

—

Do exposto se vê que este convento já estava fundado em 1587—e sabe-se tambem que no dia 30 d'agosto d'aquelle anno o bispo de Miranda, D. Jeronymo de Meneses, apresentou n'elle as primeiras 3 freiras, sendo uma *Maria de S. Boaventura*, a quem deu o cargo de abbadessa—e os de vigaria e tangedeira ás outras duas, cujos nomes se ignoram, mas a chronica citada diz que as primeiras fundadoras foram as madres soror *Anna de Belem*, do convento de Villa do Conde, reformadora do convento de Santa Clara do Porto, e do de Santa Iria, de Thomar,—e duas companheiras, uma do convento de Santarem,—outra do de Figueiró.

Formada a communidade com as 3 freiras nomeadas pelo bispo de Miranda (diz o meu illustrado informador) e com outras que professaram depois, pouco prosperou este convento durante largos annos. Em 1648 achava-se elle em ruinas e habitado apenas por duas freiras decrepitas e pobres:—Catharina da Trindade e D. Francisca, das quaes uma viveu 105 annos e a outra pouco menos.

Valeram-lhe 3 cavalheiros d'esta villa:—Jeronymo de Moraes Valcacer, abbade de Cellas, freguezia d'este concelho,—Francisco Dourado e Antonio Colmieiro, os quaes o restauraram e ampliaram, indo depois para elle de Bragança 3 novas restauradoras:—*Maria da Encarnação*, abbadessa, *Maria dos Serafins*, vigaria, e *Maria de S. Miguel*, porteira, e com tanto zelo se houveram que em pouco tempo a communidade attingiu o numero de 30 freiras.

Por fallecimento d'aquellas 3 religiosas [1], o provincial mandou para abbadessa Catharina da Cruz, freira do convento de Amarante e freira virtuosissima, a qual no seu triennio (1664 a 1667) elevou ao maximo esplendor o convento, augmentando muito a communidade, dando-lhe estatutos que vigoraram até á extincção e mantendo em todo o seu rigor a disciplina monastica.

Chegou a ver no côro reunidas 112 freiras professas e o convento floresceu como os primeiros do seu tempo até o principio do seculo actual, começando então a decahir pela falta de concorrencia de noviças e pela má administração das suas rendas.

Teve muita prata para serviço da egreja e da communidade:—lampadas, candelabros, grandes castiçaes para todos os altares, thuribulos, navetas, calices, vasos, pixides, caldeirinhas, gomis, cruzes, grandes salvas, etc. etc.,—o que tudo se vendeu a pretexto de reedificarem dois quarteirões do convento—um que desabou em parte no anno de 1836,—outro que ardeu completamente em 1838; mas com certesa não gastaram nas obras o producto da venda de tanta prata!...

Tambem teve consideravel rendimento proveniente de foros e juros de dinheiro mutuado,—rendimento que foi diminuindo com a falta de dotes das noviças, principalmente depois que acabaram as profissões, e mais ainda depois que foram escandalosamente levantando os capitaes e remindo os foros, até reduzirem as rendas á expressão mais simples—e de todo as extinguiu a ultima freira D. Maria da Encarnação, fazendo-as reverter em proveito proprio e da sua familia, votando ao mais lastimavel abandono o convento, pelo que o prelado da diocese, d'accordo com o governo, a expulsou e mandou para sua casa e fechou o convento, em 30 de janeiro de 1879, sendo entregue ao parocho da villa tudo o que pertencia ao culto—e o edificio e cerca, etc., á fazenda nacional.

—

Assim terminou este convento que já contava cerca de tres seculos d'existencia e que chegou a ser um dos mais ricos, mais populosos e mais considerados.

Produziu muitas religiosas de preclara virtude, como póde ver-se na chronica, entre ellas uma por nome Anna Maria Garcia,

---

[1] A abbadessa e a porteira falleceram em 1659;—a vigaria falleceu alguns annos antes.

cuja virtude se tornou lendaria no convento até á sua extincção

Sendo celeireira e tendo certa porção de feijões para consumo, durante muito tempo gastou o necessario á communidade sem se notar diminuição no deposito, pelo que até se fechar o mosteiro, fallando-se de qualquer coisa de rendimento, costumavam dizer:—*isto rende como o feijão da madre Garcia,*—e ainda hoje em Vinhaes voga a mesma locução.

—

A communidade teve sempre em muita veneração um crucifixo que data da fundação do convento, pelo que lhe deram a invocação de *Senhor Fundador*. Tinha altar privativo no côro debaixo e é tradição firme que, sendo esta villa cercada pelo exercito castelhano, commandado por Pantoja e tentando os invasores profanar este convento, Catharina da Cruz, então abbadessa, (1664 a 1667) reuniu a communidade em tão negra conjunctura, lançou mão d'aquelle crucifixo e, oppondo-o como escudo a todas as portas por onde os soldados pretendiam entrar, não lhes foi possivel arrombal-as e ficou illeso o convento.

Este facto prende com uma inscripção que logo citaremos e ajuda a interpretal-a.

—

Este convento foi extincto, como já dissemos, em 30 de janeiro de 1879;—em julho de 1882 o governo deu á camara municipal o edificio e cerca para ali fundar os paços do concelho, tribunal, etc.,—e deu á irmandade da Misericordia a egreja, córos e capellas do extincto convento para ali celebrar os officios divinos.

A Misericordia tomou posse da egreja, mas, como esta se achasse em ruinas com o peso dos seculos e com o lastimavel abandono a que a votou a ultima freira, foi profanada, removendo-se para o cemiterio municipal os restos mortaes das pessoas que ali jaziam.

A camara, aproveitando a doação do governo, demoliu o quarteirão N. do convento e no seu chão levantou um soberbo e vistoso edificio, hoje prestes a concluir-se e que deve custar vinte e tantos contos de réis, destinado para paços do concelho, tribunal, administração, conservatoria, recebedoria, repartição de fazenda, estação telegrapho-postal, etc.

O convento dos frades franciscanos

Teve tambem esta villa um convento de frades franciscanos, missionarios do Varatojo, fundado em 1751 por José de Moraes Sarmento, benemerito e piedoso filho de Vinhaes, como prova a inscripção que ainda hoje se vê gravada junto da portaria, á entrada da egreja, do lado direito.

É a seguinte:

FUNDOU ESTE SEMINARIO IOSÉ
DE MORAES SARMENTO, FIDALGO
DA CASA REAL, MESTRE DE CAMPO DE AUXILIARES, E NATURAL
DESTA VILLA DE VINHAES, NO
ANNO DE 1751. CEDEO O PADROADO DELLE NAS MÃOS DE SUA
MAGESTADE, E FALLECEU NO ANNO
DE 1762.

No lado opposto da mesma portaria se lê est'outra inscripção:

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
ACCEITOU O PADROADO D'ESTE SEMINARIO, E O TOMOU PARA
SEMPRE NO SEU REAL NOME,
E DE SEUS SUCCESSORES, DEBAIXO
DA SUA REGIA E IMMEDIATA
PROTECÇÃO, NO ANNO DE
1777.

Floreceu este Seminario e produziu como os do Varatojo e de Mezãofrio numerosos e benemeritos evangelisadores até á sua extincção em 1834, seguindo então a sorte de todos os outros conventos do nosso paiz; mas a d'estes religiosos foi mais dura e cruel ainda, porque os outros foram simplesmente espoliados e expulsos, emquanto que estes foram presos como facinoras e conduzidos para as cadeias da Relação do Porto com a maior crueldade, sem lhes permittirem ao menos que levassem mantimento para o pri-

meiro dia, pelo que tiveram de fazer tão longa e penosa marcha soffrendo as mais duras privações e sempre cobertos de vaias e apupos dos guerrilhas, seus conductores, sem haverem commettido outro crime além de predica do Evangelho e de se opporem com a palavra e com o exemplo aos malvados intuitos dos *communistas* e *nihilistas* d'aquelle tempo ou dos taes guerrilhas que pretendiam apropriar-se do pruducto das esmolas que guardavam no seu celleiro para sustento da communidade e dos pobres que diaria e constantemente soccorriam.

—

O convento era solidamente construido;—tinha accommodações para numerosa communidade—e uma excellente egreja, ainda denominada a *Egreja grande* por ser a maior da villa,—templo vasto e sumptuoso de uma só nave com cinco altares, ricas decorações de talha dourada, imagens de primorosa esculptura, telas de muito valor, comprehendendo uma copia da Virgem de Murillo, e um côro riquissimo, admiração dos entendedores, no qual avulta um grande crucifixo de madeira muito bem esculpturado e tido em grande veneração. Foi feito, bem como o do *Senhor dos Perdidos*, por Fr. Domingos, leigo deste mesmo convento.

Na capella mór existem as sepulturas do fundador e de um seu irmão, cujas tampas são de marmore branco, pedra rarissima e carissima, jamais n'aquelle tempo, ao norte do nosso paiz e em tão remoto cantão. [1]

Nas dictas lapides se lêem as inscripções seguintes:

Na do fundador

AQUI JAZ JOSE DE MORAES SARMENTO, FIDALGO DA CASA DE SUA MAGESTADE, MESTRE DE CAMPO DE AUXILIARES, CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, FUNDADOR DESTE SEMINARIO, E DA ORDEM TERCEIRA DESTA VILLA DE VINHAES. ANNO DE 1762.

Na do irmão:

AQUI JAZ PEDRO DE MARIZ SARMENTO, IRMÃO DO FUNDADOR. 1766.

Tem á entrada da portaria, do lado esquerdo, uma linda capella, dedicada ao *Senhor dos Perdidos* e a Nossa Senhora das Dores, cujas imagens são em ponto grande e de optima esculptura. Tanto a capella como a egreja ainda existem abertas ao culto e se conservam em bom estado, entregues á junta de parochia, achando-se actualmente erecta no vasto templo a confraria de *Nossa Senhora da Boa Morte*, por bulla do Santo Padre Pio IX, pelo que o dicto templo, denominado *Egreja grande*, tambem se denomina *Egreja da Boa Morte*.

A mencionada capella do *Senhor dos Perdidos* tem sobre a porta da entrada esta inscripção:

ILLE EGO QUI VENIAM, SUPLEX SI, PERDITE, QUAERIS; NAMQUE BENIGNUS EGO, VIRGO QUE MOESTA PARENS.

Copiámos *fielmente* o que nos mandou o nosso illustrado e muito consciencioso informador, mas—ou elle a copiou mal—ou o gravador a deturpou.

No cimo do altar, sobre a imagem do Senhor, lê-se o seguinte:

EU SOU O BOM JESUS DOS PERDIDOS. VINDE A MIM.

—

Tem um bom claustro quadrado, com arcaria de granito, suspendendo os corredores dos quatro quarteirões do convento. Servia tambem o dito claustro de cemiterio,

---

[1] Aquelle marmore ou foi de Lisboa ou da Italia. Hoje podia ir das soberbas pedreiras de Vimioso, mas a sua conducção ainda assim era muito dispendiosa, porque as dictas pedreiras distam de Vinhaes cerca de 80 kilometros de pessimo caminho, exceptuando os 32 kilometros de Vinhaes a Bragança. V. *Vimioso*.

hoje profanado e exposto a toda a casta de indecencias, achando-se ali muitas ossadas de pessoas venerandas, sendo para lamentar que a nobre familia, a quem hoje pertence o extincto convento, ainda se não lembras-se de remover aquellas ossadas para o cemiterio publico.

É no dicto claustro que folgam e passeiam livremente, licenciosamente, os soldados dos dois destacamentos da villa que, ha muito, costumam aquartellar-se no edificio do convento, arvorando em cosinha do rancho a lindissima capella do capitulo—e em dispensa ou deposito dos generos do rancho a capella de Nossa Senhora do Carmo—para honra e gloria do *seculo das luzes?...*

Valha-nos Deus!

A meio do claustro ainda existe um chafariz octogono de granito, encimado pela estatua da fama com a trombeta e um escudo, no qual se lê a inscripção seguinte:

VOX MEA, QUAE TOTUM PER NOMEN
DETULIT AURAS,
DEFERT, QUI ACCLIVES CURRERE
FECIT AQUAS.

«Assim como outr'ora espalhei aos quatro ventos muitos nomes,
Hoje espalho o do benemerito que fez jorrar aqui estas aguas.»

—

Na parte superior do edificio estão actualmente (emquanto se não ultima a nova casa da camara)—os paços e a administração do concelho, o tribunal judicial, a repartição da fazenda, etc., por arrendamento que a camara paga ao sr. Manuel da Costa Pessoa, dono do extincto convento,—e junto d'este se conservam ainda a casa e o templo da *Ordem Terceira da Penitencia*,—ordem muito florescente e muito bem administrada. A sua egreja é muito mais pequena do que a dos frades, mas lindissima,—uma das mais formosas do bispado de Bragança.

A villa

Vinhaes tem hoje uma só freguezia que representa quatro:—a antiga e actual de Nossa Senhora da Assumpção, e as extinctas de *S. Facundo dos Bairros* [1], *Nossa Senhora da Expectação de Rio de Fornos* e a da *Santo Ildefonso de Moaz*, hoje simples aldeias da villa, que comprehende os *bairros* do Carvalhal, Campo, Couce, Eiró, Bairro d'Alem e Bairro da Boa Vista;—os casaes do dr. João Ferreira, do Doutel, do Campilho e outros menos importantes,—e as quintas da Ribeirinha, Armoniz e Ermida.

A povoação de *Moaz* demora em um monte que tem de altitude 937 metros; pelo contrario a quinta da *Ribeirinha*, que pertenceu á extincta parochia de *Moaz*, demora em sitio fundo, abrigado, quente e mimoso, na margem do rio das *Trutas*, e tem apenas dois fogos.

Armoniz é tambem hoje uma simples quinta e pertenceu á mesma freguezia de *Moaz*, cujo parocho era da apresentação do abbade de Vinhaes, que recebia os dizimos.

A quinta da *Ermida* tem uma capella de Santa Engracia e foi até 1834 prebenda do cabido de Bragança, que recebia os dizimos d'ella.

A povoação de *Rio de Fornos* dista de Vinhaes cerca de dois kilometros e foi freguezia independente, cujo parocho era da apresentação do reitor de Paçó; mas tanto a freguezia de *Rio de Fornos* como a de *S. Facundo* e a de *Moaz* foram ha muito extinctas e unidas á de Vinhaes—e *assim se conservam.*

Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor nos artigos *Ermida* (a 1.ª) vol. III, pag. 48;—*Ribeirinha*, vol. 8.º pag. 187, col. 1.ª;—*Rio de Fornos*, no mesmo volume pag. 193, col. 2.ª—e *Val de Janeiro*, vol. X, pag. 53, col. 1.ª [2].

---

[1] *Facundo* é modificação de *Sahagum*.

[2] Note-se tambem que a matriz de *Val de Janeiro*, templo muito singelo e *sem coisa alguma notavel*, demora no centro da povoação e não *no outeiro, a um kilometro de distancia*, como disse o meu antecessor. Suppõe-se que esteve no tal outeiro, antigo cas-

Templos

1.º—*A egreja grande* ou da *Boa Morte*, já descripta e que pertenceu ao extincto Seminario varatojano.

2.º—A egreja de *Nossa Senhora da Assumpção*,—matriz.

Demora no bairro do Castello.

3.º—Egreja da *Misericordia*.

4.º—Egreja de *S. Facundo dos Bairros*.

D'ella fallaremos adiante.

5.º—Egreja de *Nossa Senhora da Espectação de Rio de Fornos*, na povoação d'este nome e que foi tambem matriz d'aquella parochia.

6.º—Egreja de *Santo Ildefonso de Moaz*, na povoação d'este nome e que foi tambem matriz d'aquella parochia, hoje extincta.

7.º—Egreja do extincto convento das freiras, hoje profanada.

8.º—Egreja da *Ordem terceira* da *Penitencia*, já descripta.

Só estes 8 templos não se faziam hoje com *duzentos contos de réis*!...

9.º—Capella do *Senhor dos Perdidos*, já descripta.

10.º—Capella de *S. Caetano*, na rua Nova da Villa, junto ao palacete dos condes de Vinhaes e com ligação do palacete para ella, por auctorisação da junta de parochia, pois a dicta capella é publica.

11.º—Capella de *S. Martinho*, no Bairro do Carvalhal.

12.º—Capella de *Santo Antonio* no Bairro do Campo.

13.º—Capella de *Santo Agostinho*, na quinta de Armoniz.

14.º—Capella de *S. Jorge*, na quinta da Ribeirinha.

15.º—Capella de *Santa Engracia*, na quinta da Ermida.

16.º—Capella do *Senhor do Horto*. Pertence á junta de parochia.

17.º—Capella do *Senhor Morto*. É particular e demora na cerca dos varatojanos.

18.º—Capella de *S. Lourenço*, no Bairro do Campo. Suppomos ser a de *Santo Antonio*, supra.

19.º—Capella de *S. Vicente*, no Bairro *d'Alem*, ambas mencionadas por Carvalho.

20.º—Capella de *Nossa Senhora da Oliveira*.

Demora no palacete brasonado (*Casa da Corugeira*) pertencente á nobre familia *Campilho*.

21.º—Capella de *Nossa Senhora da Natividade*.

Demora na rua de Baixo, na casa pertencente a José Antonio Machado, de Villar d'Ossos, e a suas cunhadas—D. Maria Illuminata e D. Leopoldina Campilho.

22.º—Capella de *Santa Catharina*, no bairro do *Eirô*,—no palacete brasonado de que logo faremos menção.

23.º—Capella de *Nossa Senhora da Luz*, na *Praça do Arrabalde*.

Pertencia ao palacete brasonado que foi de Estevam de Mariz, e de que logo faremos menção, mas foi profanada e hoje serve de cosinha a uma hospedaria montada em uma parte do dicto palacete. A outra parte está arrendada a um negociante.

Estas ultimas 5 capellas são particulares e todas se acham abertas ao culto, exceptuando a ultima, que foi profanada,—e a de *S. Vicente*, que foi demolida e era da nobre familia *Colmieiros*.

Egreja de S. Facundo

É um templo venerando pela sua architectura, tradições e antiguidade.

Foi a primeira matriz d'esta parochia e das parochias circumvisinhas até muitas legoas de distancia, pois é considerada como a egreja *mais antiga d'este bispado!*...

A tradição diz que foi fundada pelos godos e dedicada primitivamente á *Santissima Trindade*, como attestam ainda hoje varios

---

tello, mas foi transferida ha seculos para o local que hoje occupa.

No sitio do antigo castello está uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. Foi feita pelo padre Cypriano Ferro, de Val de Janeiro, e approximadamente em 1850;—uma faisca electrica devorou-a em 1883,—mas foi logo reedificada pelos habitantes d'aquella freguezia.

grupos de figuras esculpidas em granito aos lados da sua porta principal.

Um d'esses grupos tem 3 bustos que representam as 3 divinas pessoas da Santissima Trindade—*Padre, Filho* e *Espirito Santo.*

Outro grupo tem 3 bustos tambem, sendo maior o do centro e parece representar as 3 *pessoas distinctas* da mesma *Trindade Santissima.*

Do lado opposto tem um só busto, mas em ponto maior, e julga-se que representa—*Um só Deus Verdadeiro.*

Diz mais a tradição—que os Santos Facundo e Primitivo, cavalleiros gallegos, sendo perseguidos pelos mouros depois de um combate, se acolheram á dicta egreja e n'ella permaneceram algum tempo—e que, em memoria d'este facto, sendo depois martyrisados e canonisados, se deu á dicta egreja o titulo de S. *Facundo.*

Em volta d'ella se fez o cemiterio da villa, que é um cemiterio esplendido, muito amplo e muito bem situado, com solidos muros e um grande portão de ferro, tendo por capella a veneranda egreja de S. Facundo, que o domina todo e lhe dá muito realce.

Demora este cemiterio em sitio alto, arejado, alegre e vistoso e é sem contestação o primeiro do districto de Bragança.

Pessoas notaveis

Teve esta villa muitas familias illustres, sendo as principaes — Colmieiros, Moraes Sarmentos, Ferreiras, Marizes, Dourados, Silvas, Barretos e Pessoas, Serrões e Pimenteis, das quaes estão hoje aqui representados os *Silvas Barretos* e *Moraes Sarmentos* pela familia *Campilhos,*—e os *Pessoas* por Manuel da Costa Pessoa, filho do ultimo conde de Vinhaes.—Dos *Ferreiras Sarmentos Pimenteis,* foi ultimo representante o conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça—Antonio Ferreira Sarmento, já fallecido

Antiguidades

O chão d'esta villa e d'esta parochia foi occupado desde tempos remotissimos, como se infere da lenda ou historia da egreja de S. *Facundo,* que a tradição diz ser fundada no tempo dos godos.

Tambem por aqui se demoraram os romanos, pois ao norte da villa, no monte da *Vidueira,* se encontraram em 1872 muitas moedas romanas bem conservadas, que os habitantes de Rio de Fornos malbarataram e venderam a differentes especuladores.

Tambem revela muita antiguidade o nome do monte que se ergue a N da villa denominado *Ciradella* ou *Ciradala.* A *Chorogr. Port.* o denominou *Ciradelha* e outros o denominam *Cidadella, Cidadelha* e *Cidadelhe.* Estes ultimos nomes diminutivos de *cidade,* indicam a existencia de uma povoação importante n'este sitio em tempos muito remotos.

Vide *Villa Pouca d'Aguiar,* tomo XI, pag. 902, col. 2.ª e segg.

Por seu turno *Ciradella* ou *Ciradelha* pode ser modificação de *Cidadella* ou *Cidadelha*—ou proveniente de *cira,* que outr'ora significava *silvedo, brenha, matta, bosque.*

V. *Villa Franca de Xira,* vol. XI, pag. 750, col. 2.ª

—

No dicto monte se encontram ainda hoje restos de edificações antiquissimas, geralmente attribuidas aos mouros, mas que talvez fossem dos godos ou romanos—e é muito provavel que estes aqui tivessem algum castro ou acampamento fortificado, porque passava aqui uma das cinco estradas romanas que de Braga se dirigiam a Astorga.

Esta seguia por Chaves para leste, aproximadamente pelo traçado da nova estrada real a macadam n.º 37, de Chaves a Bragança, atravez da villa de Vinhaes, segundo se lê nas *Memorias* de Argote, tomo 1.º pag. 359 e 398,—e tomo 2.º gag. 576, 590 e 713.

Grutero aponta um marco milliar ou *padrão* encontrado em Vinhaes ou junto de Vinhaes,—e Viterbo, lettra E, cita uma lapide encontrada tambem junto de Vinhaes com a inscripção seguinte :

JOVI
O M.
LOVIIS

I A I I X
VOTO
L A P.

«*Lovesia dedicou por voto e com generoso animo ao grande Jupiter.*»

Esta mesma inscripção se encontra incorrectamente copiada no *Portugaliae Inscriptiones romanae* de Levi Maria Jordão, pag. 15, n.º 46.

—

Esta villa outr'ora tambem se denominou *Povoa Rica* e estava mais proxima do Tuella,—segundo diz a tradição.

D. Affonso III lhe deu foral em Santo Estevam de Chaves, a 20 de maio da era de 1291,—anno 1253 e não 1262, como diz o Padre Carvalho. V. *Livro II de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 16, in principio,*— e *Livro de Foraes Antigos de Leitura Nova*, fl. 104, col. 1.ª

D. Manuel em 4 de maio de 1512 lhe deu tambem *foral novo.*

Livro de Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 8, v. col. 2.ª

No *Portugaliae Monumenta*, vol. 1.º pag. 639, col. 2.ª, se encontra na sua integra o foral de D. Affonso III. N'elle diz que Vinhaes e os seus termos lhe dariam 600 morabitinos da moeda corrente na localidade, por todos os direitos e fóros que o rei deveria haver na dita povoação de *Vinaes*, sendo 500 morabitinos pela renda da terra e 100 pela tenencia do seu castello,—e que os 600 morabitinos seriam pagos nas 3 terças do anno:—200 no 1.º dia de março,—200 no 1.º de julho—e 200 no 1.º de novembro;— que a justiça lhes seria administrada por juizes da mesma villa—e, «*quando elles lh'a não façam, appellem para mim, que eu lh'a farei por mim ou por delegado meu*».

A isto se reduz o dicto foral, que é muito laconico e em latim.

—

Esta villa outr'ora foi murada, mas hoje dos seus muros apenas restam pequenos lanços, alguns ainda com ameias.

Tambem teve um castello com duas torres, mandado fazer por D. Diniz,—segundo se lê na *Chorographia Portugueza* e nos *Dialogos de Mariz*, pag. 134,—isto porém não è a expressão da verdade, porque, segundo se lê no foral de D. Affonso III, este castello já existia em 1253 e D. Diniz reinou de 1279 a 1325.

É possivel que D. Diniz n'elle fizesse obras importantes, mas com certeza não o fundou de novo, como se lê em Mariz. Talvez o restaurasse,—e D. Manuel o aperfeiçoou e mandou levantar a planta d'elle e d'outros muitos, — plantas e desenhos que podem ver-se em um grande livro na Torre do Tombo.

Noticias de Portugal por Severim de Faria, pag. 61.

Quando D. João I de Castella invadiu Portugal em 1384, por morte d'el-rei D. Fernando e a convite da rainha viuva D. Leonor Telles de Meneses, foi o castello de Vinhaes um dos muitos que hastearam a bandeira hespanhola e recusaram obediencia ao Mestre d'Aviz, depois rei D. João I de Portugal.

Europa Portugueza, tomo 2.º pag. 247 e 311.

—

Durante as profiadas luctas entre Portugal e Hespanha, soffreram muito esta villa e todas as nossas povoações da raia. Citaremos apenas um trecho da guerra dos *vinte e sete annos* ou da *Restauração.*

Em 1666, achando-se em Lisbôa o conde de S. João, governador das armas d'esta provincia, e sendo ella na sua auzencia governada pelo mestre de campo general Diogo de Brito Coutinho, foi este auxiliar o conde do Prado, governador de entre-Douro e Minho, na lucta com os gallegos. Entretanto D. Balthazar Pantoja, general da Gallisa, poz a ferro e fogo a provincia de Traz-os-Montes.

Em 11 de julho do dicto anno de 1666 entrou por Montalegre e saqueou e incendiou todas as povoações d'aquelle districto. No dia 13 caiu sobre Chaves, mas foi repellido pela guarnição; no dia 14 assaltou os logares de Faiões e Santo Estevam, defendidos pelo sargento-mór d'auxiliares Antonio de Azevedo da Rocha com duas companhias de

ordenanças de Villa Real e, tomando as dictas povoações depois de algumas horas de lucta, degolou a guarnição, sem poupar os capitães prizioneiros. O sargento-mór acolheu-se com alguns soldados ao pequeno castello de Santo Estevam, mas teve de render-se, capitulando com a condição de serem poupadas as vidas aos defensores; não respeitou porém tal condição o general gallego, pois matou alguns dos nossos soldados e feriu outros, entre elles o sargento-mór.

—

Proseguindo com a sua marcha, destruiu Pantoja ainda varias povoações portuguezas das margens do Tamega e recolheu-se a Monte Rei, praça gallega a cavalleiro de Verim. Passados poucos dias volveu sobre Portugal, entrando por Monforte e mandou como diversão para Barroso 40 cavallos. Foi logo sobre elles com 6 companhias Francisco de Tavora, tenente general de cavallaria; —bateu-os,—tomou-lhes alguns cavallos—e recolheu-se a Chaves;—entretanto Pantoja foi saqueando e incendiando varias povoações e poz cerco a Vinhaes.

Por seu turno o mestre de campo Diogo de Brito, que estava em Chaves, entrou no valle de Monte-Rei com 6 companhias de cavallos e saqueou e incendiou 13 povoações, entre ellas *Villaça*, villa grande. Sairam de Monte-Rei 250 cavallos contra os nossos, mas foram batidos, perdendo 40, e em seguida retirou-se Diogo de Brito para Chaves.

Pantoja com o seu exercito cercou o castello de Vinhaes, defendido apenas pelo governador Estevam de Mariz, de quem logo fallaremos, com os habitantes da villa e 50 auxiliares.

Os gallegos deram o assalto de noite; pelejaram até á madrugada; forçaram uma das portas, mas foi tão valentemente defendida, que não poderam entrar, posto que durou o combate todo o dia, pelo que retiraram para a povoação hespanhola de *Mesquita*, queimando os arredores de Vinhaes e differentes aldeias portuguezas, mas por bom preço pagaram os hespanhoes estes excessos!...

—

Apenas o conde de S. João recebeu em Lisboa taes noticias, partiu para Traz-os-Montes;—reuniu todas as forças disponiveis —e foi procurar o Pantoja. Fez-se este immediatamente ao largo, retirando para Tuy, mas o conde de S. João tantas entradas fez na Galliza pondo tudo a ferro e fogo até muitas leguas de distancia, e tão duramente castigou os gallegos, que estes para intimidarem os filhos os ameaçavam com o nome do conde;—e tantas contribuições de guerra impoz a differentes povos gallegos da raia, que sustentava com ellas a nossa cavallaria.

Mandaram os hespanhoes contra elle o general D. Diogo Gasconha, que se havia coberto de gloria em Flandres, mas não se intimidou o conde de S. João. Pelo contrario só com 1:000 infantes e 800 cavallos metteu-se de noite no valle de Laça. No dia seguinte D. Diogo, estando na praça de Monte-Rei passando revista a 19 companhias de cavallos e constando-lhe que as forças portuguezas se achavam no dicto valle, marchou immediatamente contra ellas com toda a força do seu commando, mas o conde de S. João, depois de uma habil manobra o envolveu e derrotou completamente, tomando-lhe 327 cavallos?!...

Salvou-se D. Diogo com as forças restantes em debandada, aproveitando a escuridão da noite e não mais se abeirou do conde de S. João.

Foi esta a ultima acção memoravel na lucta dos 27 annos, pois deu-se em 1667 e poucos mezes depois,—em 13 de fevereiro de 1668,—se fez a paz entre as duas nações.

—

Estevam de Mariz era filho de Rodrigo de Moraes, da freguezia de Tuizello d'este concelho de Vinhaes e na parede da casa que fez n'esta villa se vê ainda hoje uma grande inscripção allusiva ao facto mencionado supra. Está ella muito mal gravada em lettras inclusas bastante corroidas pelo tempo e só em gravura póde bem reproduzir-se; entretanto ahi vae a copia que o nosso illustrado informador nos mandou:

ESTEVÃO DE MARIS GOVERNADOR DES
TA VILLA, F.º DE R.º DE MORAIS DE TIO-
ZELO MANDOV FAZER ESTAS CASAS

NA E. DE MDCLXVI[1] QUANDO PANTOXA
GL. DO EXERCITO DE GALIZA COM O
MAIOR Q. SE VIO NESTA PROVINCIA[2]
E LHE DEFENDEO A MVRALHA CO
A GENTE NOBRE DA VILA E POV
QVA MAIS DE GRÃ (?) E CÕ PERDER MVTÃ
LEVANTOV O SITIO E QVEIMOV AS
CASAS Q. FICAVÃO FORA DA MVRALHA

N'este venerando edificio, hoje em abandono, está uma hospedaria e uma loja de commercio—e a sua capella, outr'ora dedicada a *Nossa Senhora da Luz*, está profanada e servindo de cosinha da hospedaria!...

João Serrão

Nas ruinas da capella da nobre familia *Colmieiros* d'esta villa, no *Bairro d'Alem*, appareceu ha annos a tampa de uma sepultura com a inscripção seguinte:[3]

AQUI ESTÁ SEPULTADO
JOÃO SERRÃO DE MORAES
E SUA MOLHER GUIO-
MAR FREIRE.

Este João Serrão de Moraes foi um dos fidalgos que acompanharam el-rei D. Sebastião na batalha d'Alcacer Kibir,—a batalha mais desastrosa que até hoje experimentaram as armas portuguezas.

Ficando captivo, passados annos evadiu-se;—atravessou a Hespanha com trajos de mendigo e, chegando a Vinhaes, tratou logo de informar-se com relação á sua casa e á sua familia. Ficando muito satisfeito com as informações obtidas, apresentou se á esposa, que sem difficuldade o reconheceu pelo annel do casamento que tinha podido conservar e trazia ainda no dedo.

D'este João Serrão foi penultimo representante o 2.º barão de *Paúlos*, aldeia da freguezia de Constantim, concelho de Villa Real, que teve um filho e duas filhas. O filho morreu solteiro;—as filhas ainda vivem, sendo uma d'ellas surda e muda;—a outra, a ex.ma sr.a D. Maria do Carmo Osorio Colmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, casou com o sr. Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, de Canellas, concelho da Regoa, neto materno e actual representante do 1.º marquez de Chaves e 2.º conde de Amarante, bisneto do 1.º conde d'este titulo e neto paterno do 1.º visconde de Varzea.

Manuel da Silveira herdou dos seus maiores e do seu sogro uma grande casa, mas pela sua *pessima administração* comprometteu-a e perdeu-a *toda*, vendendo inclusivamente os bens que a esposa e a infeliz cunhada tinham n'esta villa de Vinhaes, achando-se no momento a braços com duras provações toda aquella nobilissima e riquissima familia, que tão importante papel representou no tempo do marquez de Chaves?!...

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:020.

—

Tem esta villa duas aulas officiaes de instrucção primaria para os dois sexos,—funccionando a do sexo masculino em casa propria, feita com o subsidio do benemerito portuense conde de Ferreira, pelo que se denomina *Escola do Conde de Ferreira*.

Tambem, desde tempos muito remotos, teve esta villa uma aula regia de latim, mas foi supprimida approximadamente em 1850,—em pleno seculo XIX, o *seculo das luzes!*...

Tambem esta villa tem uma irmandade da *Mizericordia*, bastante antiga, mas prestes a extinguir-se pela sua má administração, que offerece o mais lugubre contraste com a da *Ordem Terceira da Penitencia*, já mencionada.

Horror!

No dia 15 de março de 1885 pernoitou na estalagem de Val Paço, freguezia de Caropos, d'este concelho, a 13 kilometros de Vinhaes, um velho octogenario que da villa de Chaves se dirigia para Bragança, com o fim de visitar um filho, sargento de um dos corpos da guarnição d'aquella cidade. No dia

---

[1] A era está illegivel, mas deve ser esta, porque o facto deu se em 1666, como se lê no *Portugal Restaurado*.

[2] Aqui faltam algumas palavras, talvez:—*cercou esta villa*.

[3] A capella já não existe. Era dedicada a *S. Vicente*.

seguinte de madrugada, proseguindo com a sua viagem, foi assaltado, roubado e barbaramente assassinado no *Valle da Azinheira*, freguezia de Candedo, e os ladrões e assassinos, para desviarem suspeitas do crime, arrastaram o cadaver para uma matta distante cerca de 5 kilometros, onde foi casualmente encontrado. O regedor d'aquella freguezia participou immediatamente tão triste occorrencia ao poder judicial. Fez-se a autopsia e, graças á energia das auctoridades, em breve foram presos e mettidos na cadeia os reus de tão nefando e estranho crime; foram porem no julgamento absolvidos por *falta de provas*.

A autopsia foi feita pelo facultativo da camara Alvaro Solari Alegro, e declarou entre outras coisas, o seguinte:

Que o cadaver se achava no méio de umas urzes em decubito dorsal e completamente nú;—que lhe faltava o dedo pollegar da mão direita, por lhe haver sido cortado;—que tinha na parte posterior da cabeça uma ferida transversal com seis centimetros de comprimento e um de largura e fractura dos ossos do craneo;—que este ferimento foi feito com instrumento cortante e perfurante bem aguçado,—e que d'elle resultou a morte por haver destruido orgãos essenciaes á vida.

Ha muito que n'este concelho se não registrava um facto tão revoltante.

Edificios

Tem Vinhaes bons edificios publicos e particulares, avultando entre os primeiros—a *egreja grande*, que foi dos frades,—a egreja matriz—e os novos paços do concelho. Entre os edificios particulares merecem especial menção os seguintes :

1.º—O *convento dos frades*, hoje extincto e propriedade particular de Manuel da Costa Pessoa, filho do 2.º conde de Vinhaes.

N'este edificio se vê ainda o escudo das armas reaes portuguezas.

2.º—As *Casas Novas*, na rua Nova, palacete brasonado que foi dos condes de Vinhaes e é hoje do mesmo sr. Manuel da Costa Pessoa.

3.º—O antigo palacete, tambem brazonado, feito na *Praça do arrabalde* por Estevam de Mariz.

É hoje do morgado Manuel Josè Ferreira Sarmento, das Aguieiras

4.º—O palacete tambem brasonado, denominado a *Quinta*, que foi da familia *Sarmentos Pimenteis*, ultimamente representada pelo conselheiro do supremo tribunal de Justiça Antonio Ferreira Sarmento Pimentel, fallecido em Lisboa em 1885, e hoje pela viuva e filhos, herdeiros do finado.

O filho mais velho,—Antonio Ferreira Sarmento,—reside na villa de S. João da Pesqueira.

5.º—O palacete da *Crujeira*, tambem brasonado, pertencente á nobre familia *Moraes Campilhos* e por ella habitado.

6.º—O palacete, tambem brasonado, que foi dos antigos *Ferreiras Sarmentos Lousadas* e que hoje pertence tambem a Manuel Josè Ferreira Sarmento, morgado das Aguieiras.

Este ultimo palacete demora no *Bairro do Eirô*;—os outros demoram na villa.

A egreja parochial

É um bom templo de uma só nave e architectura simples e demora *intra muros*, no ponto mais alto da villa, precisamente no local onde esteve um antiquissimo castello, que foi substituido pela egreja matriz, como succedeu em Mirandella e Villa Flor, n'esta provincia, e em Ceia, na provincia da Beira Baixa, sendo para lamentar que a esplendida e magestosa matriz de Moncorvo não fosse tambem feita no local do antigo castello d'aquella villa, hoje occupado pelos novos paços do concelho, pois brilharia muito mais.

V. *Moncorvo* n'este diccionario e no supplemento.

A matriz de Vinhaes tem ricos paramentos e alfaias e está muito limpa e muito bem tractada, o que em grande parte se deve ao zelo do seu dignissimo abbade, o rev. Abilio Augusto da Silva Buiça.

Tem altar-mór e 3 lateraes,—um da pa-

droeira, representada por uma linda e grande imagem, ricamente vestida com as côres do tempo;—outro do *Senhor Jesus Crucificado*,—e outro de *Nossa Senhora do Rosario*,—todos de bella talha antiga dourada.

No altar-mòr está o Santissimo e no mesmo retabulo em duas peanhas lateraes se vêem as imagens do *Coração de Jesus* e de *Coração de Maria*.

Não tem torre, mas campanario triangular com dois grandes sinos e um d'elles com o relogio municipal, feito por Joaquim José Marques, da freguezia de Moreira, concelho da Maia.

O sino maior ouve-se a 10 kilometros de distancia!...

Os habitantes de *Moaz* e dos *Bairros*, que fazem parte da freguezia, ha muito que pedem a transferencia da matriz para a *Egreja Grande*, templo mais vasto e magestoso, mas nada conseguiram ainda, porque a *Egreja Grande* está em sitio fundo, insalubre e exposto a inundações que por vezes teem chegado até á capella-mór!... Alem d'isso ficaria exposta a ser roubada, o que não succede á matriz actual.

—

Esta villa teve durante muito tempo uma delegação da alfandega de Chaves, mas em janeiro de 1884 foi transferida para Bragança.

Dentro da parte murada e a pequena distancia da matriz está a cadeia e esteve o pelourinho. N'este se viam as armas reaes portuguezas e tinha por emblema da villa um homem pisando vinho, alludindo aos vinhedos que outr'ora, antes da invasão phylloxerica, abundavam n'este concelho e constituiam, como já dissemos, a sua principal riqueza, hoje completamente annullada.

Tem a villa duas pracas—a do *Arrabalde* e a da *Calçada*. Na 1.ª se vê um grande chafariz, denominado *Fonte do Cano*,—e a egreja da *Misericordia*,—duas obras importantes, mandadas fazer no seculo XVII pelo benemerito Estevam de Mariz Sarmento, já mencionado repetidas vezes.

Alem da *Fonte do Cano*, tem esta villa outras, todas de bica, pois é muito abundante d'optima agua, tanto potavel, como de rega.

Baroneza de contrabando

Em março de 1885 apresentou-se no Porto, em casa de certa familia rezidente no monte das Antas, uma rapariga decentemente trajada, lastimando-se e dizendo ser filha da baroneza de Bragança e que tinha abandonado a sua casa, por não poder aturar o tutor. Esta lenga-lenga, acompanhada de lagrimas, commoveu a dona da casa, que muito amoravelmente a recebeu; chegando porém o marido e dirigindo-se á desditosa fidalguinha, notou que o palavriado d'esta não revelava a cultura propria de tão alta estirpe e foi participar o caso á policia. Não se fez esta esperar, mas a intrujona safou-se a tempo, o que de nada lhe valeu, porque pouco depois foi presa na praça de D. Pedro pela policia e, levada ao commissariado, ali foi reconhecida como uma refinada ladra, já presa tantas vezes que o seu retrato se via enfileirado nas galerias da policia.

A supposta baronesinha era uma desgraçada, por nome Maria José d'Almendra, filha de Vinhaes.

Mosaico

Os antigos paços do concelho eram muito humildes. Demoravam no bairro do castello e são hoje habitação do carcereiro, pois está no mesmo edificio a velha e actual cadeia, muito pequena e muito immunda.

Do pelourinho, que esteve junto da velha casa da camara e da cadeia, nada existe. Foi demolido ha annos, quando se calcetou aquella estreita rua, porque impedia o tranzito, e, em vez de o removerem para outro local e de o conservarem como um dos monumentos mais importantes da villa, empregaram a sua pedra em differentes obras do municipio, despedaçando inclusivamente o *fuste* da columna, as *armas reaes* e o *busto*, emblema da villa?!...

Das duas portas dos velhos muros ainda existem os arcos bem conservados, bem como um postigo, cerca de 30 metros distante da porta do norte, sobre a qual se venera em um nicho a imagem de *Santo Antonio*.

Tambem houve sobre a *porta do sul* outro

nicho com a imagem de *Nossa Senhora das Portas*, que foi d'ali removida ha annos, não sabemos para onde.

Ainda se conservam as duas torres que defendiam as duas portas, mas uma das dictas torres está meio demolida.

A antiga estrada militar de Chaves a Bragança atravessava esta villa, de N. a S., mas não entrava no bairro murado. Passava ao norte d'elle, como passa a nova estrada real a macadam; mas esta, desde Vinhaes até o rio *Tuella*, desviou-se muito do leito da antiga estrada, para o sul, ficando muito mais extensa, mas muito mais suave e atravessando o rio *Tuella* em uma ponte nova, muito elegante, de cantaria, com um grande arco e um *registro*, ou outro arco mais pequeno, tendo junto d'ella uma casa para os cantoneiros e serviço das obras publicas, tambem solida e bem acabada.

Ainda existe sobre o *Tuella* a ponte da antiga estrada militar. Dista alguns kilometros da nova ponte; é de alvenaria, mas muito solida;—tem cinco arcos—e denomina-se *Ponte da Ranca*.

—

Um pouco a jusante d'esta ultima ponte, no sitio denominado *Rugidouro*, desagua o ribeiro de *Riaçós*, que nasce na serra de *Ciradelha*, junto da villa de Vinhaes;—tem cerca de 3 kilometros de curso—e rega muitos campos.

O rio de *Trutas* nasce na falda da serra da *Corôa*, junto da povoação de Travanca; —tem de curso approximadamente 15 kilometros; — desagua no mesmo rio Tuella, junto da quinta da Ribeirinha;—move grande numero de moinhos—e tem um pontão de madeira junto da aldeia de Travanca;— uma linda ponte de cantaria de granito junto da aldeia de *Rio de Fornos*, na estrada municipal em construcção de Vinhaes á fronteira;—outro pontão de pau entre Vinhaes e a quinta de *Soutello*, freguezia de Sobreiró,—e finalmente outro pontão de madeira entre a povoação de *Alvaredos* e a quinta da *Ribeirinha*, n'esta parochia de Vinhaes.

O *Riaçós* tem uma bella ponte de cantaria de um só arco, mandada fazer pela camara, um pouco a jusante do *Bairro do Eiró*,—e junto do mesmo bairro move um moinho, denominado do *Amador*.

Cerca de 7 kilometros a N. N. O. de Vinhaes passa n'este concelho, mas não toca n'esta freguezia, um outro grande ribeiro que tem diversos nomes e approximadamente 24 kilometros de curso;—caminha de N. E. a S. O.—e desagua na margem esquerda do rio *Rabaçal*, uma das nascentes do Tua.

Nasce o dicto ribeiro ao norte da serra da *Corôa*;—passa entre as povoações de *Quadra* e *Salgueiros* com o nome de *Ribeira de Val de Remizio*;—no termo de *Villar d'Ossos* chama-se *Ribeira de Pias*;—mais abaixo, no termo da povoação de *Teléas*, freguezia de *Tuizello*, chama-se *Ribeiro da Lentilha*, —e não sabemos que nome ou nomes lhe dão d'ali até o Rabaçal.[1]

—

O novo cemiterio foi construido em 1874 a 1875.

Nem os alcaides-mores, nem os condes de Atouguia, que foram muitos annos senhores de Vinhaes, tiveram aqui palacete algum ou residencia propria.

A construcção dos novos paços do concelho principiou em 1884.

Esta villa pouco soffreu com a guerra peninsular, porque os francezes não passaram de Chaves para leste,—e tambem pouco soffreu durante as guerras civis posteriores, alem do incommodo proveniente do aboletamento das tropas.

Teem hoje esta villa e este concelho apenas dois bachareis formados:—João Francisco Ferreira, da quinta de Salgueiros, juiz de direito em Serpa,—e Antonio Augusto Gomes d'Almendra, d'esta villa, delegado do procurador regio em Satam.

Hoje as ruas principaes d'esta villa são: —*Rua Nova*, *Rua de Cima*, *Rua de Baixo*, *Rua da Crujéira*, *Rua das Freiras*, *Rua de S. Francisco* e *Arrabalde*.

Tem este concelho 3 pharmacias:—duas na villa—e uma em *Rebordello*.

---

[1] Fica assim rectificado o que algures dissemos do ribeiro das *Trutas* e do de *Riaçós*.

Tem a villa 3 estalagens e uma hospedaria na rua de S. Francisco,—outra estalagem no Arrabalde—e os largos seguintes:

1.º—*Arrabalde.* É o mais espaçoso; tem bons edificios na sua circumferencia—e o bello chafariz denominado *Fonte do Cano*, brasonado com as armas reaes portuguezas.

2.º—*Largo da Calçada*, junto dos novos paços do concelho.

3.º—*O adro da matriz*, tambem espaçoso e muito vistoso, pois domina toda a villa e seus arrabaldes.

Tem finalmente a villa 2 feiras mensaes, nos dias 9 e 23.

—

Hoje as principaes festas religiosas d'esta villa e d'este concelho são as seguintes:

1.ª—A de *Nossa Senhora da Assumpção*, (padroeira) a 15 d'agosto.

2.ª—A festa e romagem de *Nossa Senhora dos Remedios* em Tuizello, no dia 8 de setembro.

3.ª—A festa e romagem de *Nossa Senhora dos Remedios* tambem, na freguezia de Nunes, no 1.º domingo de agosto.

4.ª—A festa *dos Reis* no templo dos irmãos *terceiros* da villa, a 6 de janeiro.

5.ª—A festa da *Immaculada Conceição*, pela mesma *ordem terceira.*

6.ª—Finalmente nos ultimos annos a festa do Santissimo Coração de Jesus, pela mesma ordem terceira.

Pessoas notaveis

Com rasão se orgulha esta villa de haver produzido desde os tempos mais remotos muitas pessoas notaveis nas armas, lettras e virtudes; mas, para não abusarmos da paciencia dos leitores, mencionaremos apenas as seguintes:

Simão da Costa Pessoa.

Foi 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Vinhaes, tenente general e governador das armas d'esta provincia de Traz-os-Montes e da do Minho, onde falleceu, na cidade de Braga, em 30 de setembro de 1848, tendo nascido em Vinhaes em 15 de setembro de 1789.

Fez a guerra da peninsula; foi um dos 7:500 bravos do Mindello; commandou as forças do Algarve contra o celebre *Remechido*, que aprizionou,—e em 1847 commandou a divisão cartista, que venceu em Setubal o Sá da Bandeira, etc.

Casou com sua prima D. Maria Felicissima de Moraes Sarmento, e era filho de José da Costa Pessoa e de D. Josepha de Moraes Sarmento.

Como fallecesse sem geração, succedeu no morgado da esposa o sobrinho d'ella—Antonio Annibal de Moraes Campilho, hoje tambem finado e representado por seus filhos—Augusto, Pedro, D. Felicissima, D. Alcina, D. Clotilde, D. Olinda e D. Ignez.

Simão da Costa Pessoa foi feito barão de Vinhaes em 17 de junho de 1840,—visconde do mesmo titulo em 2 de janeiro de 1847—e conde a 27 de junho de 1862.

Manuel da Costa Pessoa, 2.º barão, 2.º visconde e conde de Vinhaes, irmão do antecedente.

Nasceu em 12 d'abril de 1795; foi tambem tenente general, commandante e governador das armas d'esta provincia de Traz-os-Montes e, sendo transferido para o commando das armas do Alemtejo, pediu a sua reforma;—foi effectivamente reformado com o posto de marechal do exercito—e falleceu na sua casa de Vinhaes em 19 de dezembro de 1873.

Casou em 1840 com D. Maria Rosa Pinto Cardoso, senhora do morgado dos *Pintos Cardosos*, de Mirandella, viuva de Francisco de Sousa Vahia, visconde da Pesqueira, e teve os 2 filhos seguintes:

—*Simão da Costa Pessoa*, 3.º conde de Vinhaes.

Reside na sua casa de Mirandella.

—*Manuel da Costa Pessoa Pinto Cardoso*, irmão do antecedente e filho do 2.º conde de Vinhaes.

Casou em *Villarelhos*, freguezia do concelho d'Alfandega da Fé, e reside alternadamente ali e em *Villas Bôas*, freguezia do concelho de Villa Flor.

V. *Villarelhos* e *Villas Boas.*

—*João Ferreira Sarmento*, 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Sarmento.

Nasceu n'esta villa em 24 de junho de 1792 e viveu em Lisboa, onde casou duas vezes,—a 1.ª com D. Carlota Nogueira,—a 2.ª com uma dama da rainha D. Maria II,—por nome D. Maria da Conceição Valle, hoje condessa de Sarmento, que ainda vive em Lisboa no seu palacio da rua Nova da Palma, viuva e sem successão.

O fallecido conde de Sarmento ainda tem irmãos em Vinhaes—e foi ajudante de campo d'el-rei D. Fernando, tenente general e chefe de estado maior do commando em chefe do exercito, etc.

—*O barão de Paúlos*, José Osorio Colmieiro da Veiga Cabral Caldeirão, natural d'esta villa, onde viveu até que herdou a grande casa de Villa Real e Paúlos, para onde transferiu a sua residencia, approximadamente em 1821.

—*Antonio Colmieiro de Moraes*, 2.º barão de Paúlos e filho do antecedente.

Foi general do exercito de D. Miguel e teve um filho e duas filhas, aos quaes deixou uma grande casa, hoje completamente compromettida pela má administração do seu genro Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, neto e actual representante do general Manuel da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º marquez de Chaves e 2.º conde d'Amarante,—e bisneto do general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º conde d'Amarante.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pág. 1020.

—*Pedro Ferreira de Campos Sarmento*, ascendente da nobre familia *Ferreiras Sarmentos* d'esta villa.

Foi-lhe concedido brazão d'armas em 11 de março de 1754, sendo tenente de granadeiros em Bragança.

—*Pedro Ferreira de Campos Sarmento*, avô do antecedente.

Foi mestre de campo na guerra da restauração, etc.

Archivo Heraldico e Genealogico, pag. 545.

—*Antonio Caetano de Moraes Campilho*, ascendente da nobre familia *Campilhos* d'esta villa e bacharel formado em direito, natural da freguezia de Sobreiró, d'este concelho de Vinhaes, onde foi juiz de fóra, etc.

Em 16 de maio de 1777 lhe foi concedido o brasão d'armas seguinte:—escudo esquartelado;—no 1.º quartel as armas dos Moraes;—no 2.º as dos Soutellos;—no 3.º as dos Madureiras—e no 4.º as dos Sás.

No citado *Archivo Heraldico e Genealogico*, pag. 33, se encontra a sua genealogia até os quartos avós maternos e paternos.

—*Antonio de Moraes e Silva*[1], presbytero secular do habito de S. Pedro, natural d'esta villa e n'ella professor regio de grammatica latina, filho de Luiz de Moraes, official de infanteria, e de sua mulher Maria da Silva.

Em 15 de fevereiro de 1796 lhe foi concedido o brasão d'armas seguinte:—escudo ovado e esquartelado;—no 1.º quartel as armas dos Sousas;—no 2.º as dos Moraes;—no 3.º as dos Silvas—e no 4.º as dos Regos.

Archivo Heraldico e Genealogico, pag. 76.

—*Dr. João Francisco Ferreira* e o

—*Dr. Antonio Augusto Gomes d'Almendra*, — magistrados contemporaneos, dos quaes já fizemos menção.

—*Emiliano Antonio de Sousa*, venerando ancião e nosso bom amigo, que nos tem aturado com resignação evangelica e subministrado muitos apontamentos para este e outros artigos, pelo que mais uma vez lhe significamos a nossa gratidão.

Nasceu n'esta villa em 4 de maio de 1807 e já completou 80 annos, pois estamos em agosto de 1887.

Foram seus paes José Manuel de Sousa e D. Joanna Magdalena da Veiga que, não sendo muito ricos, viveram e crearam seus filhos com decencia e destinavam este para o estado ecclesiastico, pelo que, tendo apenas 10 annos, obtiveram do ordinario licença para elle andar tonsurado e com vestes clericaes, quando ainda frequentava instrucção primaria e se dispunha a estudar latim, como estudou, na antiquissima aula regia d'esta villa, fazendo exame em 1822—data

---

[1] Não se confunda com o seu homonymo e contemporaneo, o dr. e desembargador Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro e auctor do celebre *Diccionario da Lingua Portugueza*, bem conhecido por *Diccionario de Moraes*.

em que se matriculou na aula de logica em Bragança.

No mesmo anno recebeu ordens menores na povoação de *Cernadilha*, bispado d'Astorga, em Hespanha, ministradas pelo bispo d'aquella diocese D. Guilherme Martins.

Em agosto de 1824, por occasião da festividade de Nossa Senhora da Assumpção, padroeira d'esta villa, teve uma altercação com o seu parocho na sacristia da egreja, pelo que o joven minorista abandonou a carreira ecclesiastica e no dia 1.º de setembro do mesmo anno assentou praça voluntariamente no regimento de infanteria n.º 12, em Chaves, passando em dezembro seguinte para o antigo batalhão de caçadores n.º 9, aquartelado em Santo Ovidio, no Porto;—n'aquelle batalhão serviu até 1827,—e, porque o dicto batalhão seguiu o partido liberal, opposto aos sentimentos politicos do nosso biographado, desertou para o partido miguelista, de que era chefe o marquez de Chaves, com o qual emigrou para a Hespanha, onde esteve até 1828.

Regressando á patria e reunindo-se em Lamego 204 praças do seu batalhão, que tinham seguido o partido realista, foram estas divididas pelos batalhões de caçadores 7 e 8, indo o nosso biographado para caçadores 7, batalhão que depois formou o regimento de *Caçadores do Minho*, no qual militou até que, sendo brigadas, foi gravemente ferido na acção do Campo Grande, junto de Lisboa, em 10 d'outubro de 1833, e no anno seguinte foi julgado incapaz do serviço activo e despachado alferes dos veteranos de Miranda, onde nunca se apresentou, porque desde aquella data até á convenção d'Evoramonte se conservou em Santarem;—d'ali regressou á sua casa de Vinhaes, onde viveu até 1886, data em que passou para a freguezia de Mofreita, onde vive actualmente, na companhia do rev. capellão do *Recolhimento das Oblatas do Menino Jesus*, que muito o estimam e consideram por ser uma excellente pessoa e um dos mais insignes bemfeitores d'aquelle santo instituto.

V. *Villa Verde*, de Mirandella, vol. XI, pag. 1097,—e *Mofreita* n'este diccionario e no supplemento.

Fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico, fundador do convento ou seminario da Falperra.

Este inclito varão nasceu na aldeia da *Lama*, freguezia de Parada, concelho de Coura, em 1774, sendo filho legitimo de Francisco Fernandes e de sua mulher Maria Josepha d'Araujo, pessoas honestas, mas pouco remediadas.

Desde a mais tenra infancia mostrou pronunciada vocação para o sacerdocio, mas seus paes, por falta de meios para o ordenarem, não queriam que elle estudasse. A custo consentiram que o pobre moço estudasse grammatica latina com o professor regio Antonio Pereira, da freguezia de Formariz, n'aquelle concelho.

Vindo á sua parochia em missão os religiosos franciscanos de *Vinhaes*, elle lhes pediu para o acceitarem n'aquella ordem e, acompanhando-os, recebeu o habito e professou no seminario franciscano d'esta villa de *Vinhaes* em 1789.

—

Foi um religioso perfeito, exemplar no cumprimento dos seus deveres e guardião zelosissimo na educação dos noviços.

Depois de professar, só uma vez entrou na casa paterna, a pedido de sua mãe.

Foi um estudante distincto, muito versado em diversas linguas,—portuguez, francez, inglez, hebraico, italiano e hespanhol,—e nas lettras divinas e humanas, sobre tudo na verdadeira sabedoria que é o santo temor de Deus, pelo que os homens piedosos muito o estimavam e respeitavam—e os impios e jansenistas o calumniaram e perseguiram cruelmente.

Deu começo ao convento de missionarios apostolicos no monte da Falperra, em 1826, mediante um breve do Papa Leão XII e luctando com grandes difficuldades, que venceu.

—

Em abril de 1833 recolheu-se Fr. Antonio de Jesus ao seu convento da Falperra, d'onde foi expulso em 1834, padecendo desde então grandes trabalhos e perseguições.

Depois de 1834 foi constituido por Gregorio XVI vigario apostolico em todo o reino de Portugal e administrador provisorio do arcebispado de Braga no calamitoso tempo do *scisma*, contra o qual escreveu muito, defendendo a unidade da Egreja e indicando aos catholicos portuguezes o caminho que deviam seguir, pelo que se expoz á maior perseguição.

A sua vida foi a de um santo, sempre austero e penitente para comsigo,—affavel e benigno para com os outros,—e expirou santamente em *Mofreita*, n'este concelho de Vinhaes, a 20 d'outubro de 1841.

—

Publicou grande numero d'obras com relação ás questões religiosas de Portugal, deixando ineditas outras, algumas das quaes teem sido dadas ao prelo em nossos dias. Mencionaremos apenas duas das mais notaveis:—*Exposição da fè que professam os parochos e presbyteros ortodoxos de Portugal*, —impressa em 1841,—e a *Historia abreviada da decadencia e queda da Egreja Lusitana*...—publicada em 1863.

A 1.ª foi dedicada pelo auctor *á memoria e ortodoxia do Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Antonio da Veiga, Bispo de Bragança*, pois convem notar-se que o santo e martyr bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara,[1] foi o mestre de Fr. Antonio de Jesus e que este em 1818, vendo-o a braços com as maiores tribulações, foi a Roma informar o Pontifice Pio VII e felizmente conseguiu que o prelado fosse restituido á sua diocese.

D. Antonio Luiz da Veiga foi um santo e martyr e Fr. Antonio de Jesus um seu digno discipulo.

Veja-se no *Progresso Catholico* de 15 de fevereiro do corrente anno de 1887 o interessante artigo que ao nosso biographado dedicou o sr. Padre João Vieira Neves Castro e Cruz, nosso bom amigo e muito illustrado collega.

[1] V. *Villa Verde* de Mirandella, vol. XI, pag. 1097,—e *Bragança, Fornos de Ledra* e *Mofreita* no supplemento a este diccionario.

—

Muito mais podiamos dizer de Fr. Antonio de Jesus, porque temos sobre a nossa banca de estudo *largo extracto* de uma das suas obras ineditas mais interessantes e que se já estivesse publicada, *com certesa* abrandaria o animo dos *liberaes* e *ultra-liberaes*, que tanto o teem hostilisado.

Intitula se ella: — «*Narração abreviada dos padecimentos que viu e como pôde allivio Fr. Antonio de Jesus, Missionario Apostolico do Seminario do Monte, nas prisões da Torre de S. Julião da Barra, em dezembro de 1832, janeiro, fevereiro e março de 1833,... ...e outros acontecimentos posteriores, escripta por elle mesmo.*»

A dicta obra é guardada como reliquia pelo muito virtuoso e venerando ancião Fr. José da Santissima Trindade, natural de Villa Flor de Traz-os-Montes e ali residente, que foi religioso professo no *convento da Falperra* e que é hoje talvez a unica vergontea que ainda resta d'aquelle seminario[1].

—

Bem quizeramos transcrever alguns trechos da dicta obra, mesmo por estar inedita e exposta a desapparecer de um momento para o outro, mas, alem de ser este artigo menos proprio para a transcripção, vae muito longo já. Reservamol-a pois para o supplemento ao artigo *Falperra* ou *Parada* de Coura; entretanto diligenciaremos dar conhecimento d'ella ao publico em algum jornal catholico.

N'ella conta Fr. Antonio em resumo e com a auctoridade que lhe é propria, os relevantes serviços que prestou com a maior dedicação e abnegação e com risco da propria vida aos presos politicos *liberaes* que pejavam a *Torre de S. Julião*, indo espontaneamente viver com elles, suavisando-lhes o rigor do captiveiro, transferindo a muitos das prisões mais lobregas para outras com luz e ar, confortando-os a todos, repartindo com todos os seus parcos recursos e *esmolando*

[1] V. *Villa Flor* de Traz-os-Montes, vol. XI, pag. 735, col. 1.ª e 2.ª

pelas ruas de Lisboa e pelas casas das suas relações para valer-lhes em tão negra conjunctura.

Com magua tambem conta por ultimo as perseguições que soffreram elle, o seu convento e os seus seminaristas, depois da extincção das ordens religiosas, sem que lhes valessem, como bem podiam e *por gratidão deviam*, muitos dos *liberaes* que elle tanto beneficiou no carcere?!...

—

No mesmo convento franciscano d'esta villa foi tambem religioso professo *Fr. Sebastião de Santa Clara*, escriptor publico.

É auctor da *Voz da verdade aos portuguezes, seduzidos pela mentira*,—opusculo impresso em 1836 e que provocou em resposta o *Exame critico*,—segundo se lê no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio.

VINHAES O VELHO, — aliás — *Unhaes o Velho*, freguezia do concelho da Pampilhosa, districto e diocese de Coimbra.

Em 10 de junho de 1797 foi concedido brasão d'armas a Antonio Fernandes Alvares de Carvalho, natural de *Vinhaes (Unhaes) o Velho*, termo da Covilhã,—segundo se lê no *Archivo Heraldico Genealogico* do nosso bom amigo, o sr. visconde de Sanches de Baêna, pag. 44, n.º 164.

O dicto Antonio Fernandes era capitão de uma companhia da legião auxiliar da ilha Grande de Joannes, no Grão Pará, filho de Manuel Fernandes, irmão de Antonio Fernandes de Carvalho, capitão de uma das companhias do Terço auxiliar da dicta cidade,—bisneto de Miguel Alvares, primo de Domingos Alvares Pereira, que militou nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, em cujo tempo foi nomeado sargento-mór para os estados da India.

Aquelle brasão d'armas foi o seguinte:—escudo esquartelado; no 1.º quartel as armas dos Fernandes; no 2.º as dos Alvares; no 3.º as dos Carvalhos—e no 4.º as dos Pereiras.

Da mesma casa era natural *D. Josepha Maria Joaquina Alvares Pereira de Carvalho*, filha de Manuel Fernandes e irmã de Antonio Fernandes de Carvalho, mencionados supra. Á dicta senhora em 29 de junho de 1799 foi tambem concedido o brazão d'armas seguinte:—Uma lisonja partida em pala; a 1.ª de prata lisa e a 2.ª esquartelada;—no 1.º quartel as armas dos Fernandes; no 2.º as dos Alvares; no 3.º as dos Carvalhos—e no 4.º as dos Pereiras,—como se lê no *Archivo Heraldico*, pag. 430, n.º 1699.

O mencionado *Archivo Heraldico e Genealogico* diz claramente *Vinhaes-o-Velho* nos dois logares citados, e não tem *erratas*, mas, salvo o respeito devido ao seu illustrado auctor, leia-se *Unhaes-o-Velho*, hoje freguezia do concelho da *Pampilhosa*, districto e diocese de Coimbra, na provincia do Douro.

Solatium est miseris!...

—

Veja-se o artigo *Unhaes o Velho*, tomo X, pag. 11, col. 2.ª—e, aproveitando o ensejo, accrescentaremos o seguinte:

A povoação de *Unhaes o Velho* demora em sitio fundo entre escarpada penedia, na falda da *Serra de Unhaes*, parte integrante da *Serra da Estrella*, precisamente na margem direita e quasi na nascente do rio de *Unhaes*, que tem cerca de 40 kilometros de curso e morre na direita do Zezere.

Dista da Pampilhosa, villa e séde do concelho, cerca de 20 kilometros para N. E.—e 40 da villa da Covilhã para S. O., mettendo-se de permeio muitos rios, ribeiros, serras e alcantilados barrancos, pelo que, tendo pertencido ao concelho da *Covilhã*, passou para o da villa de *Fajão*, distante apenas 15 kilometros, e, sendo extincto este concelho por decreto de 24 d'outubro de 1855, passou para o da *Pampilhosa*.

Freguezias limitrophes:—Fajão a N. O.;—Vidual de Cima a S. O.;—Dornellas a S. E.,—todas d'este concelho da Pampilhosa,—e Bodelhão, concelho do Fundão, districto de Castello Branco, diocese da Guarda, a E.

—

Comprehende as povoações ou aldeias seguintes:—*Unhaes o Velho*, séde da parochia,—Means, Malhada do Rei, Seladinhas, Erve-

dal, Povoa da Raposeira—e os casaes de Azival e Aradas.

Clima saudavel, mas aspero, variando com a enorme differença das estações e da altitude:—muito calido em junho, julho e agosto na margem do rio e temperado nas encostas e serras;—nos outros mezes apenas póde viver-se na parte baixa, porque as encostas e serras estão quasi sempre cobertas de neve.

Producções dominantes: — milho, trigo, batatas, castanhas, hervagens, fructa e algum vinho nas quebradas fundas e na margem do rio;—nas encostas e serras apenas centeio, ordinariamente *semeado* e *colhido* em agosto!...

Tambem cria bastante gado lanigero e é mimosa do afamado queijo da *Serra da Estrella* e de caça grossa e miuda:—lebres, coelhos, perdizes, lobos e rapozas.

Tambem colhe muito peixe e muito saboroso no seu rio, nomeadamente trutas.

—

Esta parochia pelo ultimo recenseamento contava 123 fogos e 552 habitantes.

Denominou-se *Unhaes o Velho* para melhor se distinguir de *Unhaes da Serra*, distante cerca de 20 kilometros para N. E., no concelho da Covilhã.

A *Unhaes da Serra*, não a este *Unhaes o Velho*, pertencem as afamadas thermas de *Unhaes*.

As suas aguas teem a mesma mineralisação das de Manteigas, que brotam cerca de 20 kilometros a N. E., mas na sua applicação—estas são admiraveis para tratamento do rheumatismo—e aquellas para tractamento de molestias cutaneas, porque as de Manteigas brotam em terreno extremamente fundo, abafado e ardentissimo de verão, no leito do rio Zezere,[1] emquanto que as de Unhaes brotam em sitio muito mais alto, mais arejado e mais fresco.

Em 1708 a freguezia de *Unhaes o Velho* contava apenas 90 fogos—e o seu parocho era cura da apresentação do vigario de *Santa Maria* da Covilhã.

VINHAL,—terra de vinhedos.

É o singular de *Vinhaes* e tomou o nome de *vinha*, como outras muitas nossas povoações, casaes, terras, herdades e quintas, v. g. —*Vinha*, *Vinhas*, *Vinhaes*, *Vinhaça*, *Vinhão*, *Vinheira*, *Vinheirão*, *Vinheiro*, *Vinheiros*, *Vinhó*, *Vinhós*, etc.—e de *vide* e *videira* tomaram o nome as povoações, casaes, quintas e herdades seguintes:—*Vidal*, *Vidaes*, *Vide*, *Vides*, *Vidago*, *Avidagos*, *Vidigão*, *Videira*, *Videiras*, *Vidigal*, *Vidigão*, *Vidigueira*, *Vidigueiras*, etc.

Etymologia similhante á de *Vinhal* teem os nomes de linhal, azinhal, pinhal, olival, zambujal, meloal, morangal, cannavial, sumagral, etc.

Com o nome de *Vinhal*, de que no momento nos occupamos, ha no nosso paiz 12 aldeias, 1 herdade, 1 casal e 3 quintas—e, para não fatigarmos os leitores, fallaremos apenas da nobre e antiga casa e quinta do *Vinhal*, em Villa Nova de Famalicão.

—

Foi vinculada e constituida em morgado por Francisco de Barros e Azevedo, familiar do *santo officio*, filho de Manuel do Couto de Azevedo e de sua mulher D. Isabel de Barros e Faria, da illustre casa de *Val Melhorado*, junto de Pombeiro, em Riba-Vizella.

O instituidor foi tambem cavalleiro professo da O. de S. Thiago e militou na guerra

---

[1] Em 1881, quando iamos com a *Expedição Scientifica* para a Serra da Estrella, chegámos no dia 4 d'agosto a Manteigas, onde almoçamos esplendidamente e nos demorámos, desde as 9 horas da manhã até ás 6 da tarde. Quizemos entretanto visitar as suas thermas, distantes apenas 2 kilometros, e ainda fomos com o nosso bom amigo Lopes Mendes, illustrado auctor da *India Pittoresca*, até o fundo da villa, mas o sol era tão aspero que o valle do Zezere parecia uma fornalha candente!

Não tivemos coragem para avançar, posto que estavamos vendo no fundo da estreita e abafada ravina as humildes casas dos banhos que ao tempo constituiam aquella estancia thermal.

A biographia do sr. *Antonio Lopes Mendes* póde ver-se no artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1:391 *in-fine* e segg.

da acclamação com armas, cavallos e creados *á sua custa.*

Outro fidalgo d'esta casa cuja familia é um ramo dos *Azevedos*, foi Francisco do Couto Azevedo, cav. prof. na mesma O. de S. Thiago, que serviu 12 annos na India, achando-se na conquista de Ceilão, Ormuz, e Candia e casou em Villa do Conde com D. Angela Alvares da Costa, filha de Antonio Alvares da Costa, armado cavalleiro em uma acção militar na India por D. Manuel Pereira, a 27 de dezembro de 1609.

O dr. Antonio Ribeiro de Queiroz Moreira, senhor d'esta casa pelo seu casamento com a herdeira d'ella—D. Thomazia Clara d'Azevedo,—foi em 1835 o 1.º presidente da camara de *Villa Nova de Famalicão.*

V. tomo XI, pag. 820, col. 2.ª

—

Esta casa e quinta do *Vinhal* demoram em terreno mimoso e fertil e em sitio muito vistoso e pittoresco, cerca de 1 kilometro a O. de Villa Nova de Famalicão e no termo da parochia d'esta villa. Foram modernamente restauradas e muito alindadas pelo seu actual possuidor e representante, o sr. José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto, e nunca ostentaram tanta louçania nem tiveram tanto relevo, porque a linha ferrea do Minho e a nova estrada a macadam da villa para a sua estação na linha ferrea cortaram esta formosa vivenda de N. a S., expropriando-lhe 9:363 metros quadrados, no valor de 4:450$000 réis e dando-lhe mais merecimento do que tinha anteriormente, pois ficou muito mais accessivel para trens de toda a ordem. — O palacete domina um extenso lanço da via ferrea, que passa em plano um pouco inferior a 50 metros de distancia, mettendo-se de permeio os jardins;—tem á sua direita, distante cerca de 200 metros para o sul, a estação da villa,—e amplas vistas sobre a villa e seus formosos arrabaldes, o que tudo torna hoje esta vivenda uma das primeiras do Minho.

Foi tambem cortada pela via ferrea do Porto á Povoa e Famalicão em linha obliqua a O. do palacete, que ficou entre as duas linhas, em contacto com as duas estações, cercado de luxuosos vinhedos, bons campos, jardins e pomares, tudo vedado por muros e com solidas passagens sobre as mencionadas linhas.

—

Tem o palacete uma linda capella brasonada, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo. Foi tambem modernamente restaurada e feita de novo, mas é muito antiga. N'ella celebrou o arcebispo de Braga D. Rodrigo de Menezes, em 9 e 10 de dezembro de 1704, quando ia tomar posse da sua diocese e se hospedou n'esta casa.

Tambem na mesma capella ouviu missa o infante arcebispo D. José, quando na sua ida para Braga se hospedou tambem n'esta casa.

Tinha a capella n'aquelle tempo a invocação de *S. Francisco*;—depois, com a restauração, tomou a de *Nossa Senhora do Carmo.*

A quinta é espaçosa e muito abundante d'agua. Atravessa-a um ribeiro que nasce no sitio da *Forcada*, freguezia de Bruffe;—junta-se em Villa Nova ao ribeiro de S. Thiago d'Antas—e morre no Ave.

Succedeu a sua mãe D. Thereza Maria d'Azevedo—n'esta casa e é actual possuidor d'ella o sr. José d'Azevedo Menezes Cardoso Barreto, moço F. C. R. com exercicio no paço e cavalheiro de muito merecimento, casado com sua prima D. Maria Julia Falcão Pinheiro d'Azevedo Bourbon e Meneses, senhora da casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos, por doação testamentaria de seu tio materno conde d'Azevedo.

—

O actual senhor e representante d'esta casa do *Vinhal* é descendente por varonia e tambem representante da nobre casa da *Portella*, freguezia de S. Jorge de *Cima Celhe*, junto de Guimarães,[1]—e a sua esposa é a *senhora* e *representante* da casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos,—não o sr. visconde de Pindella, como disse por lapso o meu benemerito antecessor no artigo *Guimarães*, vol. III, pag. 363, col. 1.ª *in-fine.*

A nobre casa da *Portella* de Cima Celhe é um ramo segundo da do *Paço de Nespereira.*

---

[1] V. *Celho* (o 3.º) vol. 2.º pag. 229, col. 1.ª

Vol. VI, v. pag. 35.

Está pois actualmente na casa do *Vinhal* a representação das casas da *Portella* e dos *Pinheiros* e deve representar as tres o filho primogenito dos actuaes senhores da casa do *Vinhal*,—Francisco Manuel de Menezes Pinheiro d'Azevedo.

—

A casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos foi fundada pelo dr. Pedro Esteves e sua mulher D. Isabel Pinheiro, filha de Martim Lopes Lobo, da familia do marquez d'Alvito, e de D. Mor Esteves Pinheiro, da quinta e torre *d'Outiz*, freguezia d'este nome, concelho de Villa Nova de Famalicão.

O dr. Pedro Esteves foi ouvidor das terras do 1.º duque de Bragança e era filho de Estevam Annes de Penella, parente e companheiro do santo condestavel.—Teve um primo tambem de nome Pedro Esteves, que serviu nas guerras contra Castella no tempo d'El-rei D. Fernando,—casou com D. Maria Annes, filha de João Annes Maceiro e de Constança Garcez,—e, *segundo dizem alguns escriptores*, foram os paes de Gil Pires e de *D. Ignez Pires*, mãe do 1.º duque de Bragança.

Sustenta largamente esta opinião o douto genealogico José da Costa Felgueiras Gajo, no seu volumoso nobiliario em 32 grandes folios, que deixou á Misericordia de Barcellos, em cujo archivo se guarda e póde ler-se.

A mesma opinião segue tambem o abbade de Esmoriz no seu *Apparato Genealogico*, tomo I, tit. *Braganças*, [1] mas a questão não é liquida nem nós queremos envolver-nos n'ella, mesmo porque o meu antecessor já disse o bastante nos artigos *Castanheira*, vol. II, pag. 160,—*Guarda*, vol. III, pag. 338, —e *Veiros*, tomo X, pag. 260.

—

Na torre e casa solar dos *Pinheiros* de Barcellos, visinha dos antigos paços dos duques de Bragança, e na face que olha para elles, se vê junto da cornija uma cara com grandes barbas e uma mão puxando por ellas,—figura que (*dizem*) allude á lenda do *Barbadão* e está indicando que elle descendia do fundador da dicta casa.

Deixo aos curiosos o trabalho de averiguarem a paternidade da *commendadeira de Santos*.

Para as armas da nobre familia do *Vinhal* e suas allianças, vejam-se os citados artigos *Castanheira* e *Nespereira*.

—

Vinhal tambem já foi appellido nobre.

Em uma composição que na era de 1306 (anno 1268) fez el-rei D. Affonso III com Mendo Rodrigo de Briteiros e sua mulher Maria Joanna, relativamente a certas terras, assignam com o rei varios *ricos homens* e outros do seu conselho, entre elles, *Martino Johanis de Vinal*,—Martinho Joannes do *Vinhal*.

Dissert. Chronol. e Crit. de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 270, n.º LVII.

Terminaremos dizendo que esta quinta do *Vinhal* e a freguezia de Villa Nova de Famalicão soffreram muito com os temporaes de 1876.

Ás 4 horas da manhã do dia 1 de dezembro do dicto anno rebentou sobre a villa um grande tufão, acompanhado de trovoada medonha e de chuva diluviana, que inundou muitas casas da villa e causou enormes prejuisos.

Na praça da *Motta* foi preciso salvar os moradores pelas janellas. Cairam varias pontes da linha ferrea;—desappareceram 20 metros da mencionada linha e da estrada a macadám junto da ponte do *Vinhal*,—e na estrada de Villa Nova de Famalicão para Guimarães desappareceu a solida ponte de *Villar*, que foi levada na torrente pelos moinhos que estavam a montante, na aldeia do Molledo.

Houve tambem por essa occasião grandes inundações na Povoa de Varzim, Darque, Vianna do Castello, Braga, Porto, etc.

VINHÃO, *Sousão* e *Tinta*.

Assim se denomina uma das muitas variedades de cepas no Minho e no Douro.

---

[1] Esta obra ainda *ms.* comprehende 5 volumes;—foi do conde d'Azevedo, que a enriqueceu com muitas notas—e é hoje do seu sobrinho e herdeiro, dono da quinta do Vinhal.

É uma das castas que rebenta mais tarde, mas vinga bem, e dá muitos cachos; por isso que vindo o fructo mais serodio escapa melhor aos frios e a sua producção torna-se mais regular do que n'outras castas mais temporãs que se queimam com as ultimas geadas. O *sousão* sendo uma das castas mais tardias a produzir, é ao mesmo tempo uma das mais precoces. Pinta e amadurece primeiro que as outras variedades.

O *sousão* é tambem chamado *vinhão* por produzir muito vinho; e *tinta* por excellencia, por ser a casta mais abundante em côr (*œnocianina*) que se cultiva no Minho.

Na verdade o seu mosto é excessivamente carregado de côr, fazendo uma differença muito grande de todas as outras castas n'esta particularidade. É por assim dizer esta casta que dá a côr aos vinhos.

Esta casta é a mais recommendada no districto do Porto. Produz bem de embarrado, em ramadas ou parreiras, em latadas ou bardos e em vinha baixa igualmente, segundo experiencias feitas por alguns lavradores do districto e no Douro, onde tambem se encontra.

A cepa é grossa, forte, de pelle lisa, e veste bem a arvore.

Varas ou sarmentos grossos, mas não muito compridos, elasticos, com os merithallos, olhos, peciolos das folhas, pedunculos dos cachos, e as gavinhas ou élos regulares, e estas duplas ou bifurcadas.

Folha lisa e aberta, de fórma arredondada, pubescente na pagina inferior, pouco espessa e de côr escura, parecendo trilobada em virtude de ter dois seios profundos, com recortes grandes e direitos. Sua folha é uma das primeiras a avermelhar e a cahir no outono. Cacho grande, conico, pouco alado e um pouco fechado; bago redondo, grande, de pelle fina e muito rica em *œnocianina*, de sabor doce e de côr preta, parecendo azulada pelo pó ou cera que cobre os bagos. Encontram-se dois e tres cachos por sarmento.

VINHAS,—freguezia do concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz-os-Montes.

Abbadia. Orago S. Vicente,—fogos 115 (!) —segundo se lê nos apontamentos que se dignou enviar-me o administrador d'este concelho, mas julgo que se refere unicamente á povoação de *Vinhas* e não comprehende talvez n'aquella cifra a povoação de *Castro Roupal*, parochia extincta e annexa a esta de *Vinhas* ha muito tempo, tendo estado a parochia de Vinhas annexa anteriormente á dicta de *Castro Roupal*, que no principio d'este seculo foi supprimida e dividida por differentes, cabendo a esta de *Vinhas* só a povoação de *Castro Roupal*, matriz da extincta parochia.

Mais um meandro no labyrintho que formam as freguezias d'este malfadado districto.

V. *Castro Roupal*, — *Villa Verde* de Mirandella, vol. XI, pag. 1094,—e *Villa Verde* de Vinhaes no mesmo vol. pag. 1099.

—

Em 1706 esta parochia de *Vinhas* era abbadia da apresentação do marquez de Tavora na comarca e ouvidoria de Bragança, bispado de Miranda;—rendia *um conto de réis*;—contava 90 fogos—e tinha como annexas as 5 parochias seguintes:

1.ª—*S. Sebastião de Limães* ou *Limões* (V. *Limãos*) com 70 fogos, hoje simples aldeia da freguezia de *Salsellas*, d'este concelho.

2.ª—*S. Vicente de Bagueixe*, ainda hoje contada entre as freguezias d'este concelho, mas prestes a extinguir-se, pois conta apenas 70 fogos, como em 1706, e está civilmente annexa á de *Santa Martha de Bornes*.

3.ª—*Nossa Senhora da Assumpção de Vastro Roupal*, que tinha então apenas 40 fogos.

4.ª—*Santa Cruz de Gralhós* (V. *Gralhós*), que então contava 58 fogos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de *Talhinhas*.

5.ª—*S. Giraldo de Banreses* ou *Baureses* (V. *Banrezes*) que então contava apenas 20

fogos e hoje é uma simples aldeia da freguezia de *Val da Porca*.

Vejam que *salsada!...*

Em 1768 esta parochia de *Vinhas* era um simples curato da apresentação do abbade de *Castro Roupal*:—o cura tinha apenas réis 6$000 de congrua, alem do pé d'altar,—e contava 88 fogos.

O censo de 1864[1] deu-lhe 206 fogos (?!...) e 567 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 157 fogos e 659 habitantes.

—

Esta parochia comprehende apenas a povoação de *Vinhas*, séde da matriz,—e a de *Castro Roupal*, antiga séde da parochia d'este nome.

Fez parte do concelho de *Iseda*, extincto pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passaram para o de Macedo de Cavalleiros, comarca de Mirandella, e desde 1863, data em que a villa de Macedo de Cavalleiros foi elevada á cathegoria de séde de comarca tambem, ficou pertencendo ao concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

A povoação de Vinhas demora na antiga estrada de Macedo de Cavalleiros para Iseda, Carção e Vimioso, na margem direita e a O. da ribeira de *Gralhós*, confluente do Sabor.

Dista da mencionada Ribeira 1 kilometro para O.;—13 de Macedo de Cavalleiros para E. N. E.;—35 de Bragança para S.;—40 de Mirandella para E. N. E.;—95 da estação do Tua na linha ferrea do Douro pela linha de Mirandella ou do Tua, ha pouco aberta á circulação;[2]—234 do Porto—e 571 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Salsellas, Moraes, Bagueixe e Talhinhas.

Producções dominantes:—cereaes, castanhas, *muita cortiça*, batatas, azeite, vinho, hervagens e fructa.

Foi muito consideravel a sua producção em vinho, mas hoje produz pouco, depois que a phylloxera aniquilou a maior parte dos seus vinhedos e quasi todos os d'esta provincia.

O seu vinho era muito bom, como vinho de *pasto* ou de *mesa*, mas o melhor d'este concelho era o da freguezia das *Arcas*.

Tambem produz muita lã, pois cria muito gado de todas as especies: lanar, muar, vaccum e suino,—e é mimosa de peixe das suas ribeiras e de caça dos seus montes, tanto grossa como miuda:—lebres, coelhos, perdizes, lobos e raposas.

N'esta data (9 de março de 1887) já trabalha uma machina desde Mirandella até á estação de *Frechas*, para serviço da empresa constructora, e temos quasi a certesa de que esta linha se abrirá ao transito em agosto proximo futuro, antes da grande romagem de *Nossa Senhora da Assumpção*.

V. *Villas Boas*, freguezia do concelho de *Villa-Flor*.

Banham esta freguezia a ribeira de *Gralhós* e varios ribeiros confluentes da dicta ribeira, que vae para o Sabor, assim como este rio para o Douro.

Ha n'esta parochia, junto da povoação de *Vinhas*, uma pyramide geodesica na altitude de 624 metros sobre o nivel do mar.

Templos

1.º—A matriz de *Vinhas*.

É elegante, de custosa e não vulgar architectura—e está bem tractada e bem conservada.

A capella mór é em forma de rotunda e o corpo da egreja em estylo gothico, reconstrução dos fins do ultimo seculo.

Tem altar mór e 4 lateraes, todos com ricas decorações de talha dourada,—1 campanario com 2 sinos,—boas alfaias, etc.

2.º—Egreja (antiga matriz) de *Castro Roupal*, pouco espaçosa e bastante singella.

3.º—*Capella de S. Sebastião*, no fundo da povoação de Vinhas.

4.º—*Capella das Almas*, no fim da rua do Cabo, na mesma povoação.

5.º—*Capella de S. Gregorio*, no alto da Malhada.

Todas 3 são publicas—e a de S. Sebastião,

---

[1] Lisboa, typographia da *Gazeta de Portugal*, 1866.

[2] V. *Vias Ferreas* e *Villarinho das Azenhas*.

que é a maior de todas, tem festa annual no ultimo domingo d'agosto.

6.º—*Capella de....*

É particular, posto que tem porta franca ao publico, e está ainda nas casas da familia *Valentes*.

Hoje a festa principal é a de S Sebastião.

—

Como reminiscencia do tempo em que esta abbadia representava as 6 parochias mencionadas supra e foi uma das mais ricas d'este bispado, ainda conserva uma casa de residencia, que é um palacete,—a melhor casa da povoação. Tem uma linda cerca muito mimosa, com muita fructa, e teve um bom jardim, etc.

Depois da residencia parochial, as melhores casas d'esta freguezia são—a dos *Ajudantes*, a dos *Paradinhas* e a dos *Valentes*, que representam as tres familias principaes d'esta parochia.

Aqui não ha estrada alguma a macadam. A mais proxima é a real n.º 6, de Villa Real a Bragança, que passa em *Quintella*, cerca de 10 kilometros a N. d'esta freguezia.

Em Castro Roupal houve um castello antiquissimo, que data do tempo dos romanos (!) segundo diz a tradição; mas d'elle apenas resta hoje uma torre, que é a torre da egreja, onde estão os sinos.

—

Ha n'esta parochia os dois mais soberbos prados do districto. Foram ambos logradouro commum, mas hoje estão divididos em courellas por todos os parochianos.

Eram foreiros á serenissima casa de Bragança e formam um lindo e amplo valle, contiguo á povoação de Vinhas, que se ergue no cimo d'elle, dominando-o todo.

Por falta de boas vias de communicação, costuma vender-se aqui *no novo* a rasa de castanhas ou de batatas acogulada, que corresponde a mais de 15 kilos, por 60 a 80 réis,—o litro do azeite por 140 a 160 réis—e todos os outros productos agricolas seguem a mesma proporção?!...

Ha finalmente n'esta parochia uma aula official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Costumes curiosos

N'esta freguezia todos os annos o regedor em dia determinado manda *tocar a concelho*, fazendo rufar um bombo por toda a povoação. Reunem-se immediatamente os parochianos em um grande numero,—pelo menos uma pessoa de cada casa,—e logo o regedor expõe o motivo da reunião:—tapar os dois grandes prados do concelho, que são cultivados *á folha*, em annos alternados, ficando um d'elles sempre inculto para pastagem, — concertar os regos publicos, — levantar as paredes caidas e nomear guardadores para os gados, vinhas, campos, etc.

O regedor dá as suas ordens — e cumprem-se!

São logo eleitos 2 guardadores (guardas ruraes) para os campos, vinhas e terrenos cultivados;—multam e levam para a *barreira* os gados que encontram fazendo damno,—mas por seu turno são multados os guardas, quando exhorbitam ou se descuidam no desempenho das suas attribuições.

Nomeiam tambem guardadores para os gados, que são divididos em differentes lotes:—eguas, porcos, vaccas e bois.

O guardador das eguas recebe por cada cabeça 2 alqueires de castanhas no inverno —e 1 alqueire de centeio no verão.

O guardador dos porcos (são ordinariamente mais de 100) recebe por cada um 2 arrateis de pão cosido, por semana;—e 1 quarto de centeio por mez.

Os guardadores das vaccas e bois nada ganham, mas revesam-se alternadamente um dia cada um, entre os donos do gado.

Outras muitas freguezias do nosso paiz teem *costumes* semelhantes, que constituem *legislação local* desde os tempos mais remotos, mas de todas as nossas freguezias a que mais se distingue n'este ponto é a de *Villar da Veiga* no concelho de Terras de Bouro.

V. *Villar da Veiga*.

—

Terminaremos dizendo que ha no nosso paiz mais 16 aldeias, 7 casas, 3 quintas, 3 sitios, 1 herdade e 1 moinho com o nome de *Vinhas*, alem de varias aldeias, casas e quin-

tas com os nomes de *Vinhas da Vela, Vinhas de Deus, Vinhas do Forno, Vinhas dos Padres, Vinhas Velhas, Vinhas Mortas*, etc. que não descrevemos, por não offerecerem coisa alguma notavel.

VINHÓ ou *Avinhó*,—aldeia ou quinta da freguezia de *Redondello*, concelho e comarca de Chaves, districto de Villa Real.

Na dicta aldeia ou quinta encontrou Thomé de Tavora em uma loja das casas que foram de Francisco Lousão, proprietario d'aquella freguezia, uma lapide que appareceu em uma veiga, entre a povoação de *Pastoria* e *Casas Novas*, com a inscripção seguinte:

CAMALUS
BURNI. F.
HIC. SITUS
EST. ANNOR
. . . . . .[1]
FRATER FACIE
NIV CURAVIT

Em vulgar: — *Aqui jaz Camalo, filho de Burno, que morreu de 33 annos, e seu irmão lhe mandou fazer esta sepultura.*

—

A dicta parochia de *Redondello* contava pelo ultimo recenseamento 193 fogos e 846 habitantes,—e comprehende as aldeias de *Pastoria* e *Casas Novas*—e as quintas de Santa Cruz, Relva, Rio, Fenteira, Sebastião de Miranda, Vidueiro e Vinhó ou Avinhó.

V. *Redondêllo.*

VINHÓ ou *Avinhó*, — freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Matella*, concelho de Vimioso, comarca de Miranda do Douro.

A freguezia de *Matella*, alem da povoação d'este nome, séde da matriz, comprehende tambem a povoação de *Junqueira*, igualmente parochia extincta.

Em 1706 a villa de *Algôso*, alem da freguezia d'este nome, comprehendia as seguintes:—*Vinhó* ou *Avinhó*—Matella, *Junqueira*, Val certo, Mora, Urca, e Val de Algôso, todas da apresentação do reitor de Algôso,—Urrós, então annexa á abbadia de Sendim, termo de Miranda do Douro,—Travanca, Tenor, Teixeira, Gregos e Granja de Gregos, Saldanha e Figueira, todas 5 annexas á abbadia de Travanca,—S. Pedro da Silva, Granja de S. Pedro, Villa Chã da Ribeira e Fonte do Ladrão, sendo estas ultimas tres annexas á de S. Pedro da Silva.

V. *Algôso, Avinhó* e *Matella.*

—

Na mencionada parochia de S. Pedro da Silva, junto da capella de Nossa Senhora do Rosario do Monte, está hoje a séde da exploração das grandes minas de marmore e alabastro, descriptas largamente no artigo *Vimioso.*

Vide.

VINHÓ,—freguezia do concelho e comarca de Gouveia, districto e diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Priorado.—Fogos 206,—habitantes 850.

Orago—Nossa Senhora da Assumpção.

Em 1708 era priorado da corôa e rendia 280$000 réis.

Em 1768 era do mesmo padroado;—rendia 200$000 réis—e contava 112 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 183 fogos e 749 almas,—e o de 1878 deu-lhe 204 fogos e 826 almas.

Pertenceu ao bispado de Coimbra até 1882, data da ultima circumscripção diocesana.

Demora em terreno fertil e suavemente ondulado ao sopé e na pendente N. O. da Serra da Estrella, na margem esquerda do Mondego e precisamente na antiga estrada real de Celorico da Beira a Coimbra pela ponte da Murcella.

Dista 2 kilometros para S. E. da nova estrada real a macadam n.º 12, de Celorico da Beira a Coimbra pela dicta ponte da *Murcella*;—os mesmos 2 kilometros para O. da estrada real a macadam n.º 13, de Gouveia a Mangualde, cortando em angulo recto a dicta estrada, real n.º 12;—os mesmos 2 kilometros para N. da estrada municipal a macadam de Gouveia a Moimenta da Serra, Mangualde da Serra e Ceia;—3 kilometros

---

[1] Esta linha só por meio de gravura póde reproduzir-se, mas encontra-se, bem como toda a inscripção nas *Memorias* de Argote, tomo 1.º pag. 294.

da villa de Gouveia, séde do concelho, para N. O.;—12 da margem esquerda do Mondego para S.;—27 da estação de Mangualde, a mais proxima, na linha da *Beira Alta*, [1]—53 kilometros da Guarda, séde do bispado e do districto, pela estrada a macadam,—e 108 kilometros pela linha ferrea da Beira e pelas estações de Mangualde e da Guarda; —105 da estação da Pampilhosa, entroncamento da linha da Beira Alta na do Norte; —210 do Porto e 336 de Lisboa.

—

Do exposto se vê que esta parochia está muito bem servida de vias de communicação, pois approximadamente a 2 kilometros de distancia é cortada ao nascente por uma estrada a macadam que corre de N. a S. e a liga com a séde do concelho e com a linha ferrea da Beira;—a igual distancia é cortada a N. e S. O. por outras duas estradas a macadam—e está em projecto e estudos um ramal da povoação de *Vinhó*, até á estrada real a macadam n.º 13, de Gouveia a Mangualde.

Tambem no tempo da antiga viação já era muito accessivel, pois passava pelo meio da povoação de *Vinhó* a velha estrada real de Celorico da Beira a Coimbra, pela ponte da *Murcella*, como já dissemos. Atravessava este concelho de nascente a poente por Figueiró da Serra, villa de Mello, Nabaes, Nabainhos, Sampaio, ponte do *Chorido*, na ribeira de Gouveia, a jusante da villa d'este nome e a montante da povoação de Nespereira;—ia depois a *Vinhó*, Lagarinhos, Pinhanços, etc.

—

Quando, approximadamente em 1853, os nossos engenheiros fizeram os estudos para a construcção da *Estrada da Beira*, a estrada real n.º 12, em substituição da velha estrada de Celorico a Coimbra, quizeram leval-a com pequenas variantes pelo leito da antiga, atravessando as povoações já mencionadas e as villas de Gouveia e Ceia, com o que muito lucravam aquelles dois concelhos, pois a estrada cortaria as sédes d'elles e muitas das suas parochias:—Ceia, Santa Marinha, Mangualde da Serra, Moimenta da Serra, Gouveia, Sampaio, Nabacinhos, Nabaes, Mello e Figueiró,—povoações *muito industriaes*, e que hoje valeriam o dobro do que valem; mas (*credite posteri!*) opposeram-se os habitantes das dictas povoações, principalmente os da villa de Gouveia, — a mais rica, mais importante e mais industrial de todas [1].

Não comprehenderam o alcance da moderna viação que ao tempo iniciavamos e lembravam-se do muito que os povos d'este concelho haviam pouco antes soffrido com a guerra peninsular e com as guerras civis posteriores:—abcletamentos, incendios, saques, mortes, violações e roubos.

Em verdade no tempo de guerra soffrem muito as povoações por onde passam as vias militares, mas felizmente desde 1846 gosamos uma paz octaviana, que ao tempo mal podia prever-se e por isso se opposeram, mas bem se arrependeram e tanto que, mais tarde, quando se tractava dos estudos para a linha ferrea da Beira, os mesmos que mais pugnaram para que a estrada se afastasse *quanto possivel*, foram os primeiros a pedir que a linha ferrea seguisse pela margem esquerda do Mondego e se approximasse quanto possivel de Gouveia.

O grande industrial e grande proprietario d'esta villa—Joaquim d'Almeida Rainha—chegou a offerecer *gratis* não só todo o terreno que a linha houvesse de cortar nas suas quintas (note-se que era o maior proprieta-

---

[1] Gouveia tem na mencionada linha estação propria, mas dista da de Mangualde 16 kilometros para E. Servirá pois só a parte oriental do concelho. As freguezias restantes demandam e demandarão sempre a estação de Mangualde por ser mais proxima e por terem para ella boas estradas a macadam, emquanto que para a estação de Gouveia já em agosto de 1881 deram principio á estrada que a deve ligar directamente com a villa, mas ainda está longe da sua conclusão n'esta data,—abril de 1887.

[1] Só a villa de Gouveia tem hoje 13 fabricas de lanificios e o seu concelho 27 fabricas,—e só uma das casas industriaes da villa de Gouveia vale hoje 500 a 600 contos de réis?!...

V. *Villa Nova de Tazem.*

rio do concelho)—mas offereceu tambem *gratis* todas as travessas ou *chulipas* que fossem necessarias para a mesma linha no termo do concelho de Gouveia, ou na extensão de 30 kilometros approximadamente!...

—

Os engenheiros que estudavam a nova estrada da Beira, vendo a opposição das proprias povoações que pretendiam beneficiar, fugiram com o traçado mais para o norte, o que tanto prejudicou as dictas povoações como facilitou os estudos e a construcção da estrada, pois corre atravez da planicie deserta! No concelho de Gouveia apenas toca na pequena povoação de Villa Cortez, emquanto que para entrar na serie de povoações mencionadas e que demoram todas em nivel superior na raiz da grande serra, em terreno bastante accidentado e declivoso, a construcção demandaria muitos muros de supporte e as expropriações seriam muito mais caras.

Os mesmos que se opposeram, empenharam-se depois na construcção de um ramal de 4:336 metros para ligação da dicta estrada com a villa de Gouveia, pois ficou isolada e alcandorada na encosta, e, construido o ramal, estabeleceram-se logo carreiras de diligencias e de *galeras* (carros de mercadorias) entre Gouveia e Coimbra,—carros e diligencias que fizeram muito bom serviço até que se inaugurou a linha da Beira Alta.

Prosigamos.

—

Esta parochia não comprehende aldeias. É formada pela unica povoação de *Vinhó;* apenas tem algumas quintas habitadas, taes são as seguintes:

1.ª—*Quinta de S. João,* que foi do visconde de Gouveia, pae do conde actual d'este titulo, e é hoje da opulenta familia *Rainhas,* de Gouveia, por compra que ao mencionado visconde fez Joaquim de Almeida Rainha.

V. *Villa Nova de Tazem* e *Gouveia* n'este diccionario e no supplemento.

2.ª—*Quinta do Paul,* que foi de José Maria Quirino e é hoje do dr. Antonio Maria d'Almeida Serra, ambos da villa de Gouveia.

3.ª—A quinta que foi de Jorge Botto Machado e é hoje do seu filho natural e herdeiro Antonio Botto Machado, dos quaes logo fallaremos,

4.ª—A quinta que foi de José Hygino Freire Cabral, da villa de Gouveia, e é hoje dos seus herdeiros.

5.ª—O extincto convento e cerca das freiras de *Vinhó,* hoje tudo tambem pertencente á opulenta familia *Rainhas,* de Gouveia.

Adiante desenvolveremos este topico.

Freguezias limitrophes:—Nespereira, Rio Torto, Moimenta da Serra e as duas freguezias da villa de Gouveia:—*S. Julião* e *S. Pedro.*

—

De passagem diremos que a villa de Gouveia tem duas freguezias que dividem entre si a parte urbana e rural de um modo singular e *unico!*

Todas as propriedades que possuir qualquer dos habitantes da freguezia de S. Pedro,—casas, campos, vinhas, montes, etc.—embora estejam na freguezia de S. Julião, pertencem á de S. Pedro. Por seu turno todas as propriedades que possuir qualquer dos habitantes da freguezia de S. Julião, embora estejam na freguezia de S. Pedro, pertencem á de S. Julião, e, logo que o proprietario mude a sua residencia de uma freguezia para a outra, a essa fica pertencendo tudo o que possuia na que deixou, pelo que toda a villa de Gouveia e o seu termo pertencem promiscuamente aos dois parochos—e, tanto para a administração dos sacramentos, como para darem as boas festas aos seus parochianos, cada um dos dictos parochos atravessa constantemente a freguezia do outro?!...

Em todo o nosso paiz não conhecemos uma salgalhada assim!...

Templos

1.º—A egreja matriz actual, que era a do extincto convento das freiras, do qual adiante fallaremos.

2.º—A velha matriz.

Demora, como a do convento, na mesma povoação de *Vinhó;*—está bastante arruinada, mas ainda aberta ao culto;—tem altar-

mór e 4 lateraes com boas decorações de talha antiga dourada,—e torre com 2 sinos.

3.º—*Capella de S. João* em sitio muito pittoresco, á entrada de *Vinhó*, indo de Gouveia pela antiga estrada real.

Junto da dicta capella se vê uma carvalha enorme, que a ensombra,—e uma grande presa d'agua, que no verão se divide por differentes consortes.

4.º—*Capella de S. Lourenço* na extremidade opposta da povoação, pelo que o povo canta:

Lindo logar é Vinhó;
De longe parece villa;
Tem S. João á entrada,
S. Lourenço á saida.

Ambas são publicas.

Teve tambem uma capella particular, dedicada a *S. João*, na quinta d'este nome, mas já não existe.

O Convento

Houve n'esta freguezia um convento de religiosas franciscanas com a invocação da *Madre de Deus*, na extremidade S. O. de *Vinhó*.

Foi extincto no meado d'este seculo por fallecimento da ultima freira e d'elle pouco mais resta hoje do que a egreja, ainda intacta e sem reconstrucções, soffrivelmente conservada e de bastante merecimento.

Tem altar-mór e tres lateraes,—um do lado do evangelho, e dois do lado da epistola, alem de uma capella d'este mesmo lado, dedicada ao *Menino Jesus da Tia Baptista*,—mesmo em frente da porta da entrada, que se abre na parede do lado do evangelho, sobre o terreiro do convento.

Á esquerda da dicta porta, entrando, fica o altar-mór—e á direita estavam os côros, hoje desmantelados e em ruinas, onde ainda se vê uma tela de bastante merecimento, representando a Virgem, padroeira.

Na mencionada capella do *Menino Jesus*, obra dos fins do ultimo seculo, alem da imagem do *Menino*, está o Santissimo Sacramento, pois, como já dissemos, este templo é hoje a matriz da parochia.

A *Tia Baptista do Ceo* foi uma religiosa d'este convento que se tornou muito notavel pela sua piedade e virtudes e pela sua particular devoção para com o *Menino Jesus*. Nas grandes afflicções os povos da localidade e circumvisinhanças corriam a sollicitar a intercessão da *Tia Baptista* para com o seu *Menino*, sendo quasi sempre certo o deferimento, pelo que lhe erigiram uma linda capella dentro da propria egreja do convento e lhe fizeram e fazem ainda hoje grande festa com feira annual na segunda feira da 1.ª oitava do Espirito Santo.

—

O tecto da egreja é apainelado; tem 45 quadros de madeira pintados a oleo com diversas imagens no corpo do templo,—e 18 na capella-mór, encaixilhados em boa talha dourada, sendo tambem de talha dourada antiga e de merecimento as decorações de todos os altares

No vão da tribuna do altar-mór, do lado do evangelho, se vê interiormente, mettida na parede, uma caixa de pedra com as ossadas dos fundadores, encimada por um brasão d'armas em escudo esquartelado, tendo no 1.º e 4.º espaços 1 leão—e no 2.º e 3.º as quinas. O mesmo brasão se vê sobre a porta da egreja,—no portão de entrada para o terreiro—e sobre uma porta do convento.

Na frente da dicta caixa ossaria se lê em orthographia obsoleta a inscripção seguinte:

ESTA SEPULTURA HE DE
FRANCISCO DE SOUSA E DE
SUA MULHER D. ANTONIA
DE TEYVE, FUNDADORES
DESTA SANTA CASA. ELLE
FALLECEU A 2 DE MAYO
DE 1578, É ÉLLA A
17 D'ABRIL DE 1597.

Foi isto o que nós copiámos da propria caixa ossuaria[1] em agosto de 1881, quando regressavamos da *Serra da Estrella* com a

[1] Tem um orificio aberto, por onde mettemos, como todos mettem, o braço e ainda ao tempo ali se achavam duas caveiras e differentes ossos humanos.

Expedição Scientifica e visitámos este convento com o nosso bom amigo Joaquim de Vasconcellos, muito illustrado e digno vogal da *Expedição*.

V. *Serra da Estrella* no supplemento.

A mesma inscripção se encontra na *Historia Serafica* (tomo V pag. 55) por Fr. Fernando da Soledade, que dedicou a este venerando convento um largo topico, desde pag. 53 a 83,—topico muito digno de ler-se e que nós mal podemos aqui extractar.

—

Do exposto se vê que este convento foi fundado por Francisco de Sousa e sua mulher *D. Antonia de Teyve*, não *D. Francisca de Teyve*, como disse Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, tomo 1.º pag. 515,—lapso que se encontra tambem na *Chorographia Portugueza*, por haver copiado o *Agiologio*,—e no *Diccionario Chorographico* de Almeida, por haver copiado a *Chorographia Portugueza*.—E foi fundado em 1573, como diz a chronica, não em 1568, como diz João Baptista de Castro.

—

Francisco de Sousa, cognominado *o bom*, por ser uma excellente pessoa e muito religioso, era F. C. R. e militou na India.[1] Sendo já decrepito e não tendo filhos, resolveu, d'accordo com a esposa, fundar este convento na sua quinta de *Vinhó*, quinta muito antiga e que foi do dr. Gil d'Ocem, ou Docem, ou do Sem, como diz a chronica, seu ascendente e chanceller-mór d'el-rei D. João I, a quem este monarcha a doou, depois de a confiscar ao traidor Affonso Gomes da Silva que, sendo alcaide-mór na Covilhã, se bandeou por Castella[1].

O nosso rei lh'a doou, estando no arraial de Chaves em 30 de janeiro de 1386. Em 1556, sendo já de Francisco de Sousa, este a deu ao seu cunhado Antonio de Teive, para a unir a certo morgado que então instituia, mas pouco depois, em março de 1567, a desannexou do dicto morgado, vinculando em vez d'ella 100$000 réis de juro, por ser a dicta quinta muito propria para a fundação do convento que projectava fazer, como fez, dando-lhe a invocação de *Madre de Deus*, por ser a que já tinha a capella da mesma quinta,—capella que foi substituida pela egreja do convento.

—

Em 1573, estando já concluidas todas as obras, o entregou por escriptura de 20 de junho do mesmo anno a Fr. Nicolau de Jesus, custodio da *custodia observante* do Porto, com certas condições:—que seria 1.ª abbadessa Antonia da Assumpção, sobrinha do fundador e religiosa no convento franciscano da Guarda, d'onde já tinha vindo para o novo convento;—que este, durante a vida dos fundadores, não receberia freira alguma sem licença d'elles, como seus padroeiros; —que o numero das religiosas não passaria de 33;—que a abbadessa seria sempre eleita entre ellas e nunca tirada d'outro convento, etc.

Os fundadores deram logo para patrimonio do convento *oito mil cruzados* (3:200$000 réis)—somma importante n'aquelle tempo, —e por sua morte o beneficiaram muito, legando-lhe inclusivamente o titulo de pa-

---

[1] Descendia de Gonçalo Annes de Sousa, senhor de Mortagua, neto de Tristão de Sousa, tambem senhor de Vinhó, etc.

O dicto Francisco de Sousa, por não ter successão, fundou e dotou o convento de Vinhó e instituiu herdeiro da parte restante da sua casa seu sobrinho Francisco de Sousa e Almeida, filho de sua irmã D. Brites de Sousa, o qual casou no Porto com D. Anna Carneiro, filha unica de Luiz de Valladares e de D. Victoria Carneiro.

D'estes *Sousas e Almeidas* descendem os senhores da nobre casa da *Cavallaria* e da *Torre e Paço de Villarigues*, em Vouzella, hoje muito dignamente representados pelo sr. marquez de Penalva.

V. *Vouzella*.

[1] Gil d'Ocem foi pae do dr. Martim d'Ocem do conselho do mesmo rei D. João I, seu embaixador ás côrtes da Inglaterra e da Hespanha repetidas vezes, etc.—e suppomos que d'elle descendia o lendario *Pedro Cem*, —Pedro Pedrossem da Silva,—como elle assignava.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. VI, pag. 46, col. 2.ª e segg.—e *Santarem*, vol. VIII, pag. 588, col. 2.ª e segg.

droeiros, para que nenhum seu parente de futuro allegasse direito sobre elle.

Com as rendas que lhe deixaram os fundadores e com os dotes das noviças chegou a ser um dos conventos mais ricos da ordem e a ter 50 religiosas professas. Alem d'isso foi sempre um modelo de virtudes e disciplina. Nunca demandou reforma durante a sua larga existencia;—pelo contrario muitas religiosas d'elle foram em diversas datas reformar a disciplina d'outros conventos, sendo um d'estes o de *S. Luiz*, de Pinhel,—e produziu muitas religiosas dignas de especial menção pela sua acrisolada virtude, taes foram as seguintes:

—Antonia da Assumpção, 1.ª abbadessa.

—Eugenia da Natividade, 2.ª abbadessa.

—Brites da Nazareth, 3.ª abbadessa, natural da villa de Midões.

—Antonia de Jesus, tambem abbadessa, natural de Penedono.

—Francisca da Ressurreição, tambem abbadessa, natural da Ilha da Madeira.

—Margarida das Chagas, natural da freguezia de Casal Vasco [1].

—Maria de Jesus, natural da villa de Ceia, filha do dr. Gaspar Rebello e de sua mulher Maria Borges.

Teve uma mocidade bastante livre, mas depois, qual outra Magdalena, regenerou-se; —viveu santamente e santamente acabou os seus dias em 1628, contando 73 annos de idade.

Tão virtuosa e penitente se tornou, que d'ella faz menção o *Agiologio Lusitano*, a 24 de fevereiro.

—Maria do Lado, d'esta mesma freguezia de Vinhó.

—Maria do Rosario, no seculo D. Maria de Mello, natural de Casal Vasco.

Falleceu em 1686.

—Ambrosia da Conceição, natural da villa da Covilhã.

Foi desde menina um perfeito exemplar de virtudes, abbadessa e reformadora do convento de S. Luiz, de Pinhel.

---

[1] V. *Casal de Vasco* e *Ramirão*, tomo 2.º pag. 143.

—

Se lermos a chronica ficamos assombrados com a vida penitente, austera e virtuosissima d'estas santas religiosas, cuja vida é um contraste com a indole d'este seculo; a chronica porem não passa do anno 1721 e por isso não menciona outras muitas religiosas de grande virtude que este convento produziu desde aquella data até á sua extincção, avultando entre ellas:

—A *Tia Baptista do Ceu*, parente de José Higino Pereira Cabral, da villa de Gouveia, cavalheiro respeitabilissimo e que falleceu ha poucos annos.

Todos na localidade *ainda hoje* veneram a memoria d'ella como a de uma santa; festejam pomposamente o seu *Menino Jesus*, com festa e feira annual, como ella festejou sempre,—e por essa occasião o povo nos seus descantes, como prova de que não esquece a *Tia Baptista* e o seu tão caro *Menino*, costuma cantar, entre outras, as coplas seguintes, ao som do classico *adufe*,—especie de pandeiro quadrado, que se toca com ambas as mãos e que é o instrumento favorito e *unico* do povo da Beira Baixa, herdado dos *erminios*, talvez:

Quando fordes a *Vinhó*,
Tirae o chapeu á cruz,
Que o *Menino* é mordomo
Da bandeira de Jesus.

Ó minha *Tia Baptista*,
A quem deixastes o ramo?
Ás cachopas de Gouveia,
Ás de *Vinhó* para o anno. [1]

Vamos á *Tia Baptista*,
Cachopas andae, andae,
Que está lá uma fontinha,
Bebe d'ella quem lá vae.

Ó minha *Tia Baptista*,
Tia Baptista do Ceu,
Só vos invejo uma coisa,
—Do vosso *Menino* o chapeu.

---

[1] A *Tia Baptista* era sempre a juisa da festa do seu *Menino Jesus* e costumava con-

Costumava ella vestir o seu *Menino* como se fosse um general.

Ainda em 1881 nós o vimos com fárda, calção e chapeu de dois bicos com plumas!...

Talvez que os devotos folgasões se referissem ao espaventoso chapeu.

—

O edificio do convento era bastante espaçoso, mas pouco imponente e muito irregular, bem como o terreiro *intra muros*, onde se fazia e faz ainda hoje a feira.

Quando foi extincto, estava arruinado com o peso dos seculos e mais se arruinou com o abandono. Desabou parte, antes de ser arrematado,—e o povo exerceu tambem sobre elle grande vandalismo, roubando madeira e pedra. Apenas se conservou intacto um lanço, onde esteve a escola de instrucção primaria d'esta freguezia,—lanço hoje restaurado e transformado em habitação particular, pertencente ao rev. José Alves Dias.

Tudo o mais,—edificio e cercas,—é da opulenta familia *Rainhas*, de Gouveia, que demoliu quasi toda a parte restante do convento para fazer, como fez, casas d'aluguel.

Tinha um bom claustro com columnas de granito, algumas das quaes foram removidas pelos compradores para fazerem uma ramada no quintal das casas que possuiam em Gouveia, — casas que, por doação de Francisco d'Almeida Rainha, filho do grande industrial e capitalista Joaquim d'Almeida Rainha, são hoje do seu guarda-livros Antonio de Gouveia Amarante, sitas no bairro da *Biqueira* ou *Regueira*.

—

N'este convento de *Vinhó* acabaram os seus dias as freiras dos extinctos conventos franciscanos *d'Almeida* e de *Nossa Senhora do Couto*.

Nos principios da metade do ultimo seculo os jesuitas fizeram um collegio esplendido na villa de Gouveia, sobre o palacete do mestre de campo Antonio de Figueiredo Ferreira e que este lhes doou com todos os seus bens, comprehendendo magnificas propriedades.

A fachada nobre do dicto collegio, ainda hoje muito solido e com uma bella cerca, tem amplas e formosas vistas para N. E. e O. sobre a bacia hydrographica do Mondego, dominando um vastissimo horisonte muito regular e em forma de semi-circulo, limitado a N. pela serra do Marão, a O. pela do Bussaco e a N. O. pelas do Caramulo, Gralheira e Mezio. D'ella se vê Mangualde a 30 kilometros de distancia e Vizeu a 50, alem d'outras muitas povoações;—tem a dicta fachada a perspectiva d'um palacio e era decorada pela fronteria da magestosa egreja que teve no centro, ladeada por duas torres, —egreja e torres que foram demolidas approximadamente em 1837 por Bernardo Antonio de Figueiredo Homem *para fazer uma fabrica de saragoças* (?!...) quando comprou o dicto collegio e cerca, hoje propriedade e habitação do conde de Caria, seu herdeiro e sobrinho.

—

Sendo extinctos pelo marquez de Pombal em 1759 os jesuitas, pouco depois de acabarem o collegio, para elle se transferiram as freiras franciscanas do convento d'Almeida, mas tambem pouco tempo ali viveram, porque, sobrevindo a guerra da peninsula, foi o dicto collegio em 1811 arvorado em hospital militar,—depois quartel de caçadores n.º 7,—sendo as freiras removidas para o convento de *Vinhó*.

Por seu turno as do convento de *Nossa Senhora do Couto*, na extincta parochia de *Nabainhos*, hoje annexa á de *Nabaes*, concelho de Gouveia, achando-se a braços com a maior pobresa e reduzidas a uma unica, esta, approximadamente em 1840, para não morrer de fome, passou para o convento de Vinhó, distante cerca de 7 kilometros ao poente,—indo a pobre senhora, já velhinha, *a pé, descalça, envolvida em andrajos e banhada em lagrimas*, chorando a sua sorte e a do seu tão querido convento, que hoje se

---

vidar para mordomas, em annos alternados, as raparigas solteiras dos povos circumvisinhos, dando-lhes *um ramo*, como signal da eleição,—ramo de flores naturaes, muito cuidadosamente cultivadas por ella em um pequeno recinto vedado, que tinha na cerca, ainda hoje denominado—*a cerca do Menino*.

acha tambem quasi demolido. Apenas restam a egreja, que foi sempre pequena e pobre, —e a humilde casa do capellão e confessor, ao sul da egreja e do convento, mettendo-se de permeio a antiga estrada militar de Celorico a Coimbra.

Assim terminou o venerando convento de *Vinhó*, que já contava 3 seculos d'existencia.

—

Tambem foi extincto em 1834 o convento do *Espirito Santo*, de Gouveia.

Era de frades franciscanos; demorava a 2 kilometros do de *Vinhó*, para S.; foi comprado tambem por Bernardo Antonio Homem de Figueiredo, que o demoliu tambem logo *para fazer a sua fabrica de saragoças?!*... Apenas hoje restam d'elle os escombros.

O convento era humilde e pequeno e ainda existe, mas muito mal tractado e habitado pelo caseiro do mencionado conde de Caria, seu actual possuidor.

V. *Gouveia*, villa da Beira Baixa, *Mello*, *Nabaes* e *Nabainhos*, n'este diccionario e no supplemento.

—

As producções principaes d'esta freguezia de *Vinhó* são *vinho*, azeite, cereaes e fructa de caroço.

Tambem tem algumas larangeiras, mas soffrem muito com o ar da grande serra proxima e produzem pouco fructo e ruim.

Tambem abunda em pinheiros e carvalhos, gado lanigero e caça.

O seu clima é temperado, porque demora na planicie, a 2 kilometros da raiz da grande serra.

Não é muito saudavel, porque os seus habitantes, como a grande maioria dos d'esta provincia da Beira Baixa e das da Beira Alta e Traz-os-Montes, não sabem o que é limpesa nem hygiene.

Fazem das ruas montureiras;—não caiam nem lavam as casas;—vestem saragoça e burel, que *nunca* lavam tambem,—não lavam tambem o corpo—e vivem na maior immundicie, em contacto com as gallinhas, porcos, bois e gado lanigero.

No momento está pesando cruelmente sobre esta parochia a variola, sem poupar adultos nem creanças, tendo feito muitas victimas.

Tem apenas uma escola official de instrucção primaria para o sexo masculino.

Pessoas notaveis

—*Francisco de Sousa*, já mencionado supra, ascendente dos actuaes marquezes de Penalva, senhor de Vinhó e fundador do convento, ao qual deixou as casas em que viveu e falleceu junto d'elle.

—*O dr... Botto Machado*, juiz da casa da supplicação, F. C. R., etc.

Casou com D. Rosa Amalia de Figueiredo e tiveram entre outros filhos o seguinte:

—*Jorge Botto Machado*, F. C. R. e senhor da nobre e antiga casa dos *Bottos Machados* d'esta freguezia de Vinhó, alliados com muitas familias da principal nobresa d'esta provincia e da da Beira Alta.

O dicto *Jorge Botto* foi o ultimo capitão-mór de Gouveia, rival do *Pitta Bezerra*, vergonha da familia e da humanidade e o terror e açoute d'este concelho!

Desde 1828 até 1834, ou durante o ephemero reinado do sr. D. Miguel, praticou toda a casta de prepotencias:—prisões, sequestros, espancamentos, ferimentos e mortes, mas *talis vita, finis ita!*...

Apenas em 1834 assumiram os liberaes o poder, Jorge Botto foi preso e mettido no Limoeiro, onde falleceu,—e seria trucidado pelo povo, como foi o *Pitta Bezerra*, se o não encarcerassem tão depressa.

Falleceu solteiro, mas deixou um filho natural, que legitimou e lhe succedeu,—nos bens, não na ferocidade, pois é uma excellente pessoa,—o sr. Antonio Botto Machado, residente em Pinhel, onde casou.

A um seu homonymo e ascendente—tambem *Antonio Botto Machado*,—de Villa Cova a Coelheira, freguezia do concelho de Ceia, foi concedido em 13 de janeiro de 1780 o brasão d'armas seguinte: — escudo partido em pala; na 1.ª as armas dos *Bottos*, na 2.ª a dos *Machados*, por ser filho de Jorge Botto Machado, neto do capitão Antonio Botto Machado, bisneto d'outro Jorge Botto

Machado, 3.º neto de Antonio Botto Machado, 4.º neto de Jorge Botto e 5.º neto de Diniz Botto, commendador da Ordem de Ch. na villa de Manteigas, todos descendentes de Martim Esteves Botto, a quem D. Affonso V fez fidalgo e deu brasão d'armas em 1 de abril de 1462, pelos seus relevantes serviços na Africa.

Archivo Heraldico-genealogico do meu bom amigo, o sr. visconde de Sanches de Baêna, pag. 33, n.º 121.

—

—*Fr. Martinho dos Martyres*, religioso *agostinho descalço* de muita illustração e virtudes.

Nasceu n'esta freguezia de Vinhó e professou no seu convento d'Estremoz a 4 de março de 1694.

—*O dr. Antonio da Fonseca Mimoso Guerra*, do conselho de S. M. etc.

Nasceu tambem n'esta parochia e teve de emigrar para França nos principios d'este seculo, por ser apodado de *jacobino*, ou partidario dos francezes.

Era homem de grande illustração,—foi deputado ás côrtes de 1826,—seguiu a magistratura—e morreu em Lisboa, sendo juiz da relação.

—

As casas principaes d'esta parochia são as seguintes:

1.ª—A que foi do tristemente celebre Jorge Botto Machado, ultimo capitão-mór de Gouveia, hoje do seu filho.

É brasonada.

2.ª—A de *Bazilio Leitão*, que veiu dos lados de Coimbra e casou aqui com uma senhora filha unica e herdeira da familia *Corte Real*, parenta dos *Cortes Reaes* de Fornos d'Algodres.

É um edificio elegante e novo, feito pelo mencionado Bazilio Leitão.

3.ª—A que foi de Ignacio de Aragão e Pina, hoje de seus filhos e herdeiros.

Todas teem mimosos quintaes regadios.

4.ª—A do rev. José Alves Dias.

É uma parte do extincto convento, restaurada e habitada por elle.

—

Em um dos altares da egreja do extincto convento se venera uma imagem de *Nossa Senhora do Rosario*, que o fundador trouxe da India,—e tomou a invocação de *Nossa Senhora das Neves*, porque na 1.ª festividade que se lhe fez no convento a 5 d'agosto, e por consequencia em *pleno verão*, toda a Serra da Estrella e a freguezia de Vinhó se cobriram de neve,—diz o *Sant. Marianno*, tomo 4.º pag. 536.

Teve pomposa festa annual e era muito querida dos habitantes d'esta parochia. Costumavam recorrer a ella nas grandes calamidades publicas e leval-a em procissão pelos campos em tempo de esterilidade.

VINHÓS, — freguezia do concelho e comarca de Fafe, districto e diocese de Braga, provincia do Minho.

Vigairaria. Orago *Santo Estevam*;—fogos 92,—habitantes 380.

Em 1706 era vigairaria da commenda de S. Thomé de Travaçôs no concelho de *Monte Longo*, comarca de Guimarães;—rendia para o vigario 40$000 réis e 100 para o commendador;—contava 36 fogos—e era da apresentação do reitor de Travaçôs.

Em 1768 era da mesma apresentação;—rendia para o vigario 50$000 réis—e contava 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 85 fogos e 304 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 81 fogos e 316 habitantes,—menos fogos e mais habitantes!...

Nenhum d'elles nos satisfaz, nem os apontamentos que recebemos da localidade, pois uns dão-lhe 89 fogos—e os outros 96.

Valha-nos a Senhora do Monte do Carmo!...

—

Dista de Fafe 5 kilometros para N. O.;—22 da estação de *Villa Flor* ou de Guimarães para N. E.;—40 de Braga;—78 do Porto—e 415 de Lisboa.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Assento*, séde da parochia,[1]—Godim, Sernadello, Carvalho, Casa Nova, Outeiro, Outeiro da Linha, Outeiro da Vinha, Cachada,

[1] Ha no Minho muitas aldeias denominadas *Assento* e quasi todas são sédes de parochia.

Campo, S. Mamede, Lagar, Adegas e Devesa,—segundo se lê na *Chor. Moderna*, mas parecem-nos aldeias de mais para tão poucos fogos.

Freguezias limitrophes:—Revelhe a E.;—Travassós a N.;—S. Vicente a O.—e Santa Comba a S.

Producções dominantes :—milho, centeio e vinho verde *de enforcado*.

Tambem é mimosa de caça dos seus montes e de peixe, nomeadamente trutas muito saborosas, de um ribeiro que passa ao poente e junto da matriz—e desagua no rio de Pombeiro, depois de regar e fertilisar campos soberbos. Tambem move 2 moinhos de cereaes e um lagar d'azeite e tem 2 pontes n'esta freguezia, por uma das quaes, que é a principal, corre a estrada districtal a macadam de Fafe a Povoa de Lanhoso, mas ainda não passou da aldeia de *Regueixo*, freguezia de Travassós.

Clima temperado e saudavel.

Templos:—unicamente a egreja matriz, que é pequena e pobre, mas decente.

Já teve 2 capellas,—uma de *Nossa Senhora da Conceição* no monte da *Minhoteira*, junto da matriz; mas d'ella hoje apenas restam alguns vestigios;—a outra era dedicada a *S. Mamede* e estava na aldeia d'este nome, mas já nem vestigios d'ella restam.

VINTE E QUATRO (*Casa dos*)—Era uma junta de 24 homens, dois de cada officio, destinada para o bom governo das cidades de Lisboa, Porto e outras, e representou em Portugal um papel muito importante.

Data a sua creação do reinado de D. João I.

Nenhum individuo podia fazer parte d'esta junta sem ter 40 annos, nem entrava nos officios d'ella sem obter duas partes dos votos.

O alvará de 7 de outubro de 1781 determinou o modo como havia de fazer-se a eleição do juiz do povo.

O alvará de 3 de dezembro de 1781 estabeleceu o regulamento das officinas da *Casa dos Vinte e Quatro* e a classificação dos diversos gremios embandeirados dos officios, —e determinou quaes d'elles annualmente deviam dar homens para a dicta junta.

A *Casa dos Vinte e Quatro* da cidade do Porto foi extincta em 1661, como culpada no motim que na mesma cidade occorrêra.

Em 1822 decretaram as côrtes que os procuradores dos mesteres, e mais membros da *Casa dos Vinte e Quatro* em Lisboa e em outras terras do reino, continuassem a ser providos na forma das leis e estylo, subsistindo as suas attribuições em tudo o que não fosse contrario ao systema constitucional.

(Carta de lei de 31 de outubro de 1822.)

—

Em 1834 foi extincta a *Casa dos Vinte e Quatro*, juntamente com os logares de juiz e procuradores do povo, mesteres e gremios dos differentes officios, ficando encarregadas as camaras municipaes de darem as providencias que a tal respeito julgassem mais acertadas e de consultarem ácerca das que excedessem as suas attribuições.

O decreto de 7 de maio de 1834 dava esta razão :

«Não se coadunando com os principios da carta constitucional da monarchia, base em que devem assentar todas as disposições legislativas, a instituição do juiz e procuradores do povo, mesteres, *Casa dos Vinte e Quatro* e classificação dos differentes gremios—outros tantos estorvos á industria nacional, que para medrar muito carece da liberdade, que a desenvolva e da protecção que a defenda: hei por bem... decretar o seguinte :

«Ficam extinctos os logares de juiz, e procuradores do povo, mesteres, *Casa dos Vinte e Quatro* e os gremios dos differentes officios.»

VISEU ou *Vizeu*,[1]—cidade antiquissima e muito importante ainda, séde do concelho, da comarca, do districto e da diocese do seu nome na provincia da Beira Alta, da qual é tambem a capital.

---

[1] Alexandre Herculano e outros muitos auctores escrevem *Viseu* com *s*, mas o sr. Camillo Castello Branco (hoje visconde de Correia Botelho) e outros escrevem *Vizeu* com *z*. É licito pois adoptar qualquer das duas fórmas.

Demora em sitio relativamente alto e vistoso com formosos e ferteis arrabaldes, a 10° 38′ 9″ de latitude e 1° 8′, 7″—E—de longitude pelo meridiano de Lisboa;—1° 44′, 57″—O—pelo meridiano do observatorio de S. Fernando em Cadis;—7° 57″,—O—pelo meridiano de Greenwich;—9° 42′, 58″—E—pelo da Ilha do Ferro; - 10° 17′, 2″—O—pelo meridiano de Paris,—e a 540 metros d'altitude, contados do novo *Hospital da Misericordia*, ponto mais alto de Viseu, *extra muros*.

Está entre os rios *Dão* e *Vouga*, na margem esquerda do *Pavia*, confluente do rio Dão, que desagua no Mondego.

É banhada a O. pelo Pavia, mas a Sé dista d'elle cerca de 500 metros para E.;—11 kilometros do rio Dão para O. N. O.;—15 do Vouga para S.;—25 do Mondego para N. N. O.; 20 da estação de Nellas, a mais proxima na linha da Beira Alta, para N. N. O.;—87 da estação (entroncamento) da Pampilhosa na linha ferrea do Norte, para N. E.;—71 da cidade da Figueira, tambem para N. E.;—192 do Porto para S. E. [1]—e 317 de Lisboa para N. N. E.

—

A cidade reveste uma pequena collina, ainda hoje toda povoada e encimada pela Sé, que occupa precisamente o chão do antigo castello romano, depois palacio real, mas a povoação já desce até ás faldas da collina e se espraia pelos campos adjacentes.

Divide-se em duas parochias denominadas *Sé Oriental* e *Occidental*, que comprehendem a cidade propriamente dicta e as povoações do *aro* até á distancia de 4 a 6 kilometros em volta de Viseu, achando-se as dictas povoações actualmente divididas em 5 parochias, denominadas *annexas*:—*Rio de Loba*, *Ranhados* e *S. Salvador* pertencentes á freguezia *Occidental* da Sé;—*Orgens* e *Abraveses* á freguezia *Oriental!!!*

Ponho aqui tres pontos de admiração e mal caracteriso o dispauterio de semelhante divisão ecclesiastica. É um cumulo no seu genero e um facto incrivel para quem fôr estranho a Viseu, pois uniram á freguezia *Occidental* as 2 freguezias *orientaes*:—*Rio de Loba* a E. N. E.—*Ranhados* a E. S. E.—e *S. Salvador* demora a S. S. O.

Por seu turno pertencem á freguezia *Oriental* as 2 *occidentaes*:—*Abraveses* a N. O.—e *Orgens* a S. O. E para cumulo da tolice á freguezia *Oriental* pertencem alguns povos das *annexas* da freguezia *Occidental*—e v. v. [1]

—

A confusão é de tal ordem que muitas vezes os proprios parochos e parochianos se enganam com a destrinça, pelo que não raro se encontram nos livros da freguezia *Oriental* assentos de Baptismos pertencentes á freguezia *Occidental*, e v. v.

Antes de se crearem as 5 *annexas*, todo o seu vasto chão pertencia, como pertence ás duas antigas parochias *Oriental* e *Occidental* da Sé, cuja linha divisoria tinha por base a rua *Direita*, que se prolonga de sul a norte. Já n'esse tempo era grande a confusão, porque a Sé, matriz commum das 2 freguezias, demora ao poente da dicta rua e a distancia d'ella, mettendo-se de permeio um labyrintho de ruãs, viellas e bitesgas,

---

[1] Pelas linhas da *Beira Alta* e do *Norte*, itinerario que hoje segue e que soffrerá grande alteração e reducção logo que se construa a linha ferrea em estudos de Viseu a Chaves pelos valles do Paiva e do Tamega, pois deve cortar a linha ferrea do Douro, e ter n'ella entroncamento junto da estação de *Canaveses*.

V. *Villarinho das Paranheiras*.

[1] Actualmente a nossa ortographia é um cahos! Tende a operar-se n'ella uma grande transformação, entretanto cada escriptor e cada typographia adopta a que bem lhe apraz. Dão-se mesmo grandes differenças n'este ponto entre o norte e o sul do nosso paiz. Vamos pois na corrente emquanto a nossa *Academia Real das Sciencias* não legislar sobre o assumpto.

Vem isto a proposito para dizermos que em Lisboa e na typographia d'este diccionario costumam escrever *freguezia* com –z– e nós escrevemos *freguesia* com –s.– mas, para não fatigarmos os typographos da casa editora, que são aliás artistas consummados, na revisão das provas deixamos de apontar aquella e outras divergencias de ortographia.

todas mais tortas do que a mencionada rua *Direita*, que é, como todas as ruas *Direitas*, sufficientemente torta.

Já n'esse tempo pertenciam á freguezia *Oriental* muitas ruas, viellas, casas e aldeias da cidade e do *aro* de Viseu que estavam ao poente da Sé,—e por seu turno pertenciam a freguezia *Occidental* muitas ruas, viellas, casas e aldeias que demoravam ao nascente.

A confusão era grande, mas depois da creação das *annexas* augmentou escandalosamente, estupidamente, *propositadamente*, pois só assim se explica o facto estranho e *unico* de mudarem o nome aos quadrantes.

Quem pelos mappas tiver de procurar as 5 annexas fique sabendo que as *orientaes* são as *occidentaes*, e v. v.

Isto só em Viseu!

Prosigamos.

—

As 5 mencionadas *annexas* são freguezias autonomas e independentes na parte civil, judicial e administrativa, mas ecclesiasticamente são ainda hoje simples *curatos* das duas freguezias da Sé.

Todas 5 teem *parochos proprios e permanentes*, mas *nominaes* e por assim dizer *coadjuctores* dos 2 parochos da Sé, pois tendo todas sacrario e Santissimo para mais facil administração dos sacramentos, nenhuma d'ellas tem pia baptismal!! Os baptismos de todas as 5 *annexas* e das 2 freguezias *Oriental* e *Occidental* são todos feitos em uma pia *unica* na Sé de Viseu?!...

Tambem só os dois parochos da Sé podem assistir e assistem aos casamentos das 5 *annexas* e teem para elles livros de registro parochial, bem como para os Baptismos.

Nas *annexas* apenas ha livros d'obitos desde 1857.

—

Em todo o nosso paiz não ha dispauterio semelhante e ha muito devia ter acabado tão anomalo estado de cousas.

Fique a cidade de Viseu constituindo as 2 parochias *Oriental* e *Occidental*, mas decrete-se a independencia e autonomia completas, tanto na parte civil, como judicial, administrativa e *ecclesiastica*, para as mencionadas 5 *annexas*, mesmo porque só assim poderão viver com decencia os pobres curas, que hoje apenas teem de congrua e vencimento total 100$000 réis, deduzindo ainda 4$000 réis para o cobrador!—Vencem menos do que um mestre-escola, pois *nada* recebem do pé d'altar, o que é duro, durissimo, revoltante, insupportavel!

Todos clamam, e gritam *una voce* e com rasão!...

As dictas *annexas* foram criadas em 1808 pelo santo prelado D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo, porque até então o sagrado Viatico lhes era levado da Sé ou das capellas de S. Miguel do Fetal e de S. Martinho,[1] o que em rasão da distancia—4 a 6 kilometros para os pontos extremos,—tinha graves inconvenientes. Foi muito louvavel a resolução d'aquelle bispo, dando-lhes curas proprios, que elle subsidiava, como diremos quando fallarmos d'aquelle santo prelado, mas desde então até hoje augmentou consideravelmente o preço das subsistencias, —a população da cidade—e a das dictas *annexas*. Augmentem-se pois tambem os vencimentos dos pobres curas—ou dê-se áquelles povos a desejada autonomia, mesmo porque, tendo elles na localidade egrejas e parochos proprios, como teem ha muito, é uma barbaridade obrigal-os a irem a Viseu e a transporem por vezes 4 a 6 kilometos para se receberem e para baptisarem os seus filhos, perdendo tempo precioso e expondo-se aos raios do sol no verão, e aos vendavaes no inverno—*sem necessidade alguma*!

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos prelados visienses.

Note-se tambem que os parochos das 5 *annexas* e os dois parochos da Sé são todos *curas amoviveis*. Nenhum d'elles é nem nunca foi *collado?*!...

Em todos os nossos cabidos ha como em Viseu *conegos* e *meios-conegos*, mas só no

---

[1] Estas 2 capellas *extra-muros* eram consideradas matrizes dos povos que depois constituiram as 5 *annexas*

aro, e na cidade de Viseu ha *curas* e *meios-curas*!

Ainda as annexas

Não se imagine que as 5 parochias denominadas *annexas* e que formam o *aro* e parte integrante da cidade de Viseu, são povoações pequenas, insignificantes, pobres e sem recursos para sustentarem a sua autonomia. Pelo contrario são mais populosas, mais ricas e mais importantes do que a maior parte das freguezias ruraes do nosso paiz, como vamos provar, ampliando um pouco o que já se disse de cada uma d'ellas nos artigos proprios.

Freguezia Occidental (!) *da Sé de Viseu*

1.ª annexa

Rio de Loba [1]

Nem a *Chorographia Portugueza* nem o *Portugal S. e Profano* mencionam esta freguezia, porque foi, como já dissemos, criada em 1808, emquanto que o padre Carvalho escreveu a sua chorographia em 1706 a 1712 e Paulo Dias de Nisa escreveu o *Port. S. e Prof.* em 1757 a 1768.

O mesmo succede e fica dito desde já com relação ás outras 4 *annexas*.

É um dos 3 curatos da freguezia *Occidental da Sé de Viseu*, da qual a matriz de *Rio de Loba* dista 2 e meio kilometros para N. E., mas tem pontos distantes de Viseu 5 a 6 kilometros e talvez mais!

Em 1834, segundo se lê na *Memoria* offerecida á camara de Viseu em 1838 por Berardo, então ainda leigo e administrador d'este concelho, esta parochia de *Rio de Loba* contava 237 fogos e 1:293 habitantes (?!...) sendo 609 do sexo masculino—e 684 do sexo feminino,—celibatarios 746,—casados 454,—viuvos 93. No mesmo anno de 1834 nasceram n'esta freguezia 15 creanças do sexo masculino e 16 do sexo feminino—e morreram 9 homens, 9 mulheres e 13 creanças.

[1] V. tomo VIII pag. 194, col. 1.ª

Em 1838, segundo se lê na dicta *Memoria*, contava esta freguezia 318 fogos!...

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 375 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 423 fogos e 1:814 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 460 fogos e 1:963 habitantes—e hoje (1887) segundo as informações do seu rev. cura proprio, conta 492 fogos e 2:150 habitantes.

Orago—S. Simão.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Rio de Loba*, séde da parochia.—Barbeita, Povoa de Sobrinhos. Gumirães. Travassós de Cima, Travassós de Baixo. [1]—3 quintas em S. João da Carreira e 4 no Viso.

Parochias limitrophes:—Mondão a N.;—Fragosella a E.;—Ranhados a S.;—Abraveses e a *Oriental da Sé* de Viseu a O.

Passam ao poente d'esta freguezia, caminhando de sul a norte, a estrada districtal a macadam, n.º 40, de Viseu a Aguiar da Beira,—e ao sul a estrada real n.º 43, de Viseu a Mangualde e Celorico.

Templos

1.º—*A egreja matriz*, muito acanhada.

2.º—Capella de *Nossa Senhora da Esperança*, na Povoa de Sobrinhos.

3.º—Capella de *Santo Antonio*, em Barbeita.

4.º—Capella de *S. Martinho*, em Travassós de Cima.

5.º—Capella de *S. João* e

6.º—Capella do *Senhor dos Afflictos*,—em Gumirães.

As 3 primeiras capellas são publicas;—as ultimas 2 são particulares, pertencentes aos herdeiros de Miguel Pinto, de Lourosa—e todas estão bem tractadas.

Todos os annos vae de *Vil de Moinhos*, aldeia da freguezia de S. Salvador, á dicta capella de S. João, no dia do seu orago, uma

[1] Note-se que estas duas ultimas aldeias e as 3 quintas de S. João pertencem a esta parochia na parte civil, judicial e administrativa, mas ecclesiasticamente pertencem, como devêra pertencer esta freguezia *toda*, á freguezia *Oriental* da Sé de Viseu.

interessantissima *cavalhada*, de que faremos menção no topico relativo á freguezia de *S. Salvador*.

Producções dominantes: — vinho verde, milho, centeio, trigo, batatas, feijões, cevada e azeite.

Tem uma escola official *mixta*, de instrucção primaria para os dois sexos—e 2 cemiterios parochiaes:—um em Barbeita,—outro junto da matriz.

Clima saudavel e temperado.

É seu cura actual o rev. sr. Joaquim Homem de Paiva Cardoso, a quem agradeço estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que se dignou sollicital-os e enviar-m'os.

Freguezia Occidental (!) *da Sé de Viseu*

2.ª *annexa*

Ranhados [1]

A matriz d'esta parochia dista de Viseu 2 e meio kilometros para E. S. E. Está pois do lado *oriental*, mas pertence á freguezia *Occidental* e ao concelho, comarca, districto e diocese de Viseu.

Esta povoação de *Ranhados* foi muito privilegiada, pois era villa e séde de concelho, pertencentes á ordem de Malta, mas suppomos que nunca foi freguezia.

Não se estranhe a supposição, porque este ponto é obscuro e porque tivemos muitas villas e sédes de concelhos sem serem parochias, mas *simples aldeias*.

V. *Vicente de Pereira* (S.) tomo X, pag. 562, col. 1.ª e segg.

Em 1708, segundo se lê na *Chorographia Portugueza*, era matriz d'esta villa de *Ranhados* a egreja de Nossa Senhora da Graça de *Fragosellas*, o que nos custa a crer, porque Fragosellas não pertencia ao concelho de Ranhados e dista de Ranhados cerca de 10 kilometros para N. E. Mais natural era pois que pertencesse a uma das freguezias de Viseu, estando em contacto com ellas e pertencendo a ellas todos os povos circumvisinhos de Ranhados, que constituiam e constituem o *aro* de Viseu.

—

Desde 1808 é Ranhados uma das 3 *annexas* da freguezia *Occidental* de Viseu—e anteriormente foi uma das muitas povoações do *aro*, que tiveram por matrizes, como já dissemos, as capellas de *S. Martinho* e *S. Miguel do Fetal*, *extra-muros* de Viseu, pelo que, mesmo depois da criação das annexas, os nubentes de Ranhados eram obrigados a ler banhos nas mencionadas capellas e ali se proclamaram até 1857, approximadamente.

Foi o bispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura quem poz termo a tal usança.

Esta parochia tem hoje como orago *Nossa Senhora da Ouvida*, e o seu parocho a si proprio se denomina *meio-cura*, por ser *cura* do *cura* da freguezia *Occidental* de Viseu e ter a seu cargo a cura d'almas, desobriga, missa conventual e registro dos obitos, pertencendo ao cura da Sé a celebração e registro dos casamentos e Baptismos e todos os proventos do pé d'altar, como succede nas outras annexas.

O Padre Carvalho em 1708 mencionou o concelho, mas não a freguezia de Ranhados, porque ao tempo ainda não existia. Tambem por igual motivo não a mencionou o *Portugal S e Profano*.

Em 1834, segundo se lê na *Memoria* que Berardo offereceu á camara, esta freguezia contava 71 (!) fogos e 441 habitantes [1].

Em 1838, segundo se lê na citada *Memoria*, contava 215 fogos.

O Flaviense em 1852 deu-lhe 231 fogos; —o censo de 1864 deu-lhe 265 fogos e 1:064 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 290 fogos e 1:192 habitantes—e hoje conta 310 fogos e 1:286 habitantes.

—

Comprehende as aldeias seguintes:—*Ra-*

[1] V. tomo VIII pag. 46, col. 2.ª e segg.

[1] Aqui ha talvez erro de copia. Suppomos que Berardo diria 171 fogos.

nhados, séde da parochia,—Lagea, Alagôa, Carvalhal, Cabanões de Cima, Repeses e muitas quintas, sendo as principaes:—Jugueiros, Pedras Alçadas, S. Caetano, Santa Eugenia, Santa Eufemia, Santa Lusia, Lava-Mãos, Ariais e *Viso*.

Parochias limitrophes:—S. João de Lourosa, Villa Chã de Sá, Fragosellas, *Rio de Loba* e *S. Salvador*.

Templos

A egreja parochial da *Senhora da Ouvida* e as capellas seguintes:

1.ª—*Santa Eulalia.*

2.ª—*Santa Eufemia*, ambas publicas.

3.ª—*Santa Luzia.*

4.ª—*Senhora a Prenhe.*

O nome que o povo dá de tempos immemoriaes á Senhora, invocação d'esta capella, é *Senhora a Prenhe*, cuja imagem está hoje na matriz e representa a Senhora no *estado de gravidez*! Creio já estar profanada esta capella, que pertence com a quinta junta aos morgados de Santa Christina de Viseu, de quem se falla adiante.

Não mencionamos mais duas, porque já estão profanadas.

Na capella de *Santa Eufemia* ha todos os annos festa e grande romagem, que dura dois dias.

Na de *Santa Eulalia* o povo festeja não só a padroeira, mas tambem *S. Domingos* e *Santo Antonio*.

Na matriz, alem da padroeira, costumam festejar *S. João*, *S. Sebastião*, *Santo Antonio*, *Santa Barbara* e *Santa Eufemia*, sendo esta ultima festividade a mais pomposa, por ser feita *á compita* com os devotos que festejam a mesma santa na sua capellinha, mencionada supra.

No artigo *Ranhados* (Vide) contou o meu benemerito antecessor a historia da dicta capella e das taes rivalidades, extractando o que se lê no *Santuario Marianno*, tomo 5.º pag. 528 a 532, pelo que nós apenas accrescentaremos o seguinte:

—

A 1.ª invocação da dicta capella foi *Nossa Senhora da Orada*, porque a sua padroeira era a Virgem sob este titulo; depois tomou successivamente os de *Senhora do Rosario*, —*Senhora das Neves*—e por ultimo o de *Senhora da Ouvida*, sob o qual é venerada na egreja que lhe erigiram em Ranhados e que é hoje a matriz.

Feito o novo templo em 1656, para elle no mesmo anno transferiram da dicta capella a imagem da Virgem e todas as outras que ali se veneravam e eram—as de S. Francisco, Santo Antonio, S. Sebastião e *Santa Eufemia*, ficando a dicta capella fechada e devoluta.

Vendo isto os conegos de Viseu e tendo no claustro da Sé duas imagens de Santa Eufemia, levaram a occultas e de noite (dizem) uma d'aquellas imagens para a dicta capella e foram no dia seguinte conduzil-a em procissão para a Sé. O mesmo repetiram varias vezes, pelo que o povo se convenceu de que Santa Eufemia fugia para a capella, porque queria ser n'ella venerada.

Explosiu a devoção; não mais consentiram que a imagem volvesse para a Sé—e todos os annos lhe fazem festa pomposa com romagem de dois dias e extraordinaria concorrencia.

Por seu turno o parocho e os habitantes de Ranhados capricham em festejar pomposamente tambem a imagem da mesma santa que foi da capella para a matriz; mas até hoje tem sido e continua a ser muito maior a concorrencia dos devotos á festividade e romagem da capella.

O extincto concelho

Em 1708 o concelho de Ranhados contava 176 fogos e 530 habitantes,—1 juiz ordinario, vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara e mais alguns outros officiaes com jurisdicção no civel, porque o pelouro criminal pertencia ao juiz de fóra de Viseu.

Em 1836, data da sua extincção,[1] com-

[1] O decreto de 6 de novembro de 1836 remodelou o concelho de Viseu e extinguiu este de *Ranhados* e o do *Barreiro*, de que logo fallaremos.

prehendia 277 fogos e 1:018 habitantes, divididos pelas povoações seguintes:

—*Ranhados*, villa e séde do extincto concelho, com 118 fogos e 419 habitantes.

Já então pertencia ecclesiasticamente á freguezia *Occidental* de Viseu.

—*Paradinha* com 59 fogos e 135 habitantes, hoje da freguezia ecclesiastica de S. Salvador.

Tambem pertencia ecclesiasticamente á freguezia *Occidental* de Viseu.

—*Lourosa de Baixo* com 42 fogos e 177 habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Lourosa*, concelho de Viseu.

—*Villar d'Orgem* com 48 fogos e 225 habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Povolide*, então concelho proprio e hoje simples freguezia do concelho de Viseu tambem.

—*Remende* com 6 fogos e 42 (!) habitantes.

Pertencia ecclesiasticamente á freguezia de *Santos Evos*, concelho de Viseu.

—Finalmente 4 casaes em *Paço de Silgueiros*, com 4 fogos e 20 habitantes, pertencentes ecclesiasticamente á freguezia de Silgueiros, concelho de Viseu tambem.

Nada tinha em Fragosellas.

É isto o que se lê na *Memoria* que Berardo offereceu á camara municipal de Viseu em 1838 com outras muitas noticias da cidade, do concelho e do bispado de Viseu, quasi todas extrahidas, como elle proprio indica, das suas *Noticias historicas de Viseu*, que deixou *mss.* e que posteriormente foram publicadas no *Liberal*, jornal de Viseu, desde o n.º 1 de 6 de maio de 1857, 1.º anno da publicação do dicto jornal, até o n.º 15 de 24 de junho do mesmo anno,—collecção hoje rarissima e que havemos de citar muitas vezes, porque a temos sobre a nossa banca de estudo,—graças ao ex.mo sr. D. Ruy Lopes, digno representante da nobilissima casa de *Santar*, concelho de Nellas.

V. *Santar*.

—

As producções dominantes d'esta freguezia de *Ranhados* são:—vinho, milho, trigo, centeio, cevada, hervagens, hortaliça e fructa.

Não tem fabricas, mas abundam n'ella carpinteiros, fogueteiros e mulheres que fiam e vendem linhas.

É banhada por um ribeiro denominado de *S. Domingos*—e é servida por duas bellas estradas a macadam:—a real, n.º 43, de Viseu a Mangualde e Celorico,—e a districtal, n.º 44, de Viseu a Nellas.

Ha tambem n'esta freguezia um cemiterio parochial, junto da matriz,—duas escolas officiaes d'instrucção primaria para os dois sexos—e uma particular para meninas.

É seu *cura-parocho* desde 1855 (ha 32 annos!...) o rev. sr. Bernardino Pais do Amaral, a quem agradeço a maior parte d'estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que se dignou sollicital-os e enviar-m'os.

Terminaremos dizendo que do extincto concelho e villa de *Ranhados* ainda hoje se vê na povoação d'este nome—o *pelourinho* e a *casa da camara*, servindo esta hoje de casa da fabrica da matriz.

Já não existe a cadeia.

Freguezia Occidental da Sé de Viseu

3.ª annexa

S. Salvador [1]

Demora esta freguezia a S. O. da cidade de Viseu, da qual dista 2 e meio kilometros a sua egreja matriz;—é parte integrante ou uma das *annexas* da freguezia *Occidental* desde 1808—e anteriormente foi como todas as outras *annexas* uma simples capellania adjunta á curia da Sé.

Pertence ao concelho de Viseu desde 6 de novembro de 1836, data em que foi remodelado este concelho e extincto o do *Barreiro*, ao qual pertencia e que tinha por séde a povoação de *Vil de Moinhos*, aldeia d'esta parochia,—segundo diz Berardo na *Memo-*

[1] V. *Salvador*, tomo VIII, pag. 359, col. 2.ª—e o *Santuario Marianno*, tomo 5.º, pagina 317.

ria que offereceu á camara em 1838. Elle não é bem explicito n'este ponto, pois no mappa do concelho do *Barreiro*, mencionando todas as povoações que o constituiam apenas mencionou 3 d'esta parochia e foram as seguintes:

—*Povoa da Medronhosa*, com 21 fogos e 83 habitantes;

—*S. Salvador*, com 59 fogos e 209 habitantes, e

—*Vil de Moinhos*, com 291 habitantes em 90 fogos.

Total—170 fogos e 583 habitantes, mas no mappa da população do bispado de Viseu dá na mesma *Memoria* a esta freguezia de *S. Salvador* 238 fogos! D'aqui se infere que o extincto concelho do Barreiro não a comprehendia toda; mas em compensação n'aquella data (1836) —alem das 3 povoações mencionadas comprehendia as seguintes:

—

—*Paradella da Ponte*, povoação da freguezia e concelho de S. Miguel do *Outeiro*.

Fogos 91,—habitantes 411.

—*Silvares*, povoação da freguezia de *Silgueiros*, concelho de Viseu.

Fogos 28,—habitantes 120.

—*Aguadette*, povoação da freguezia da *Torre Deita*, concelho de Viseu tambem.

Fogos 16,—habitantes 58.

—*Villa Nova*, freguezia do *Couto de Baixo*, então concelho do mesmo nome e hoje concelho de Viseu.

Fogos 24,—habitantes 107.

—*Portella*, povoação da mesma freguezia do *Couto de Baixo*.

Fogos 24,—habitantes 63.

—*S. Cosmado*, povoação da freguezia do *Couto de Cima*, então concelho do mesmo nome e hoje tambem concelho de Viseu.

Fogos 41,—habitantes 105.

—*Masgallos*, povoação da mesma freguezia do *Couto de Cima*.

Fogos 54,—habitantes 141.

—*Guduxo*, povoação da mesma freguezia.

Fogos 3,—habitantes 11.

—*Perodiz*, povoação da freguezia de *S. Cypriano*, concelho de Viseu.

Fogos 10,—habitantes 41.

—*Chãos*, aldeia da mesma freguezia de *S. Cypriano*.

Fogos 26,—habitantes 110.

—*Tondella*, povoação da freguezia d'*Orgens, annexa* da *Oriental* de Viseu.[1]

Fogos 35,—habitantes 105.

Total do extincto concelho do *Barreiro*:

Povoações[2]	14
Fogos	490
Habitantes	1:755

—

Este concelho do *Barreiro* e o de *Ranhados* seu visinho e tambem já extincto, como dissemos quando fallámos d'aquella freguezia, eram dois concelhos muito exoticos!

Tendo as sédes encostadas aos muros de Viseu, comprehendiam povoações dispersas e algumas distantes umas das outras 12 kilometros,—todas *simples aldeias*, pertencentes a diversas freguezias e diversos concelhos e *coutos!* Nenhuma das dictas povoações era *parochia*, nem mesmo as proprias sédes dos dois concelhos, sendo aliás *villas*, ambas por seu turno encravadas no concelho de Viseu?!...

Não sabemos explicar tão monstruosa organisação—e nem Berardo nas suas *Memo-*

---

[1] A freguezia d'*Orgens* é, como logo diremos, uma das *annexas* da freguezia *Oriental*, mas tem 3 povoações annexas á freguezia *Occidental*. São *Casal do Chapeu*, *Tondelinha* e a mencionada *Tondella*.

[2] O concelho de Barreiro devia contar 15 povoações, pois falta na *Memoria* de Berardo uma povoação importante, *Oliveira de Barreiro*, que terá talvez hoje 100 fogos ou mais e fica a 7 kilometros de Viseu, sendo atravessada pela estrada districtal que liga Viseu a Nellas e Ceia, a qual é da freguezia de S João de Lourosa (ou Lourosa da Telha) e de que se não fez menção n'este diccionario em *Oliveira*, *Lourosa*, ou *Barreiro*, cujo concelho escapou tambem ao meu antecessor. A freguezia *Barreiro*, mencionada no tomo I, pag. 340, ainda que tem o mesmo orago, Nossa Senhora da Natividade, que lhe deu a *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 187, não parece ser a cabeça d'este concelho, que estava a uma legua de Viseu, e a outra está a 5 ou 6, no alto da serra de Besteiros.

rias, nem Botelho nos seus *Dialogos* a poderam explicar tambem.[1]

O padre Carvalho, em 1708, fallando do concelho do *Barreiro*, apenas diz o seguinte:

«...dista hua legoa de Vizeu para a parte do sul, tem 200 visinhos, pessoas maiores 600, menores 100, cõ huã Igreja Parochial dedicada a *Nossa Senhora da Natividade*, curado que apresenta o vigario de *S. Salvador de Castellãos*,—e 4 ermidas... Tem juiz que tãbem o he dos Orfãos, Vereadores, Procurador do Concelho, Escrivão da Camara, hum Tabellião, hum Alcayde, e huã companhia da Ordenança. Foy senhor d'este concelho D. Lopo da Cunha, senhor da casa de Santar, e se administra pela Junta dos tres Estados.»

Não se estranhe o fallarmos do concelho de *Barreiro*, porque tinha a sua séde n'esta freguezia de *S. Salvador*.

Prosigamos.

—

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, contava esta freguezia 284 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 338 fogos e 1:403 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 334 fogos e 1:448 habitantes,—e hoje conta 370 fogos e 1:600 habitantes.

O seu parocho é cura ou *meio-cura* amovivel, como todos os das outras *annexas* do aro de Viseu—e tem de vencimento total apenas 100$000 réis de congrua, porque os baptisados e casamentos são feitos na matriz (Sé) da freguezia *Occidental* de Viseu.

Para evitarmos repetições veja-se o que dissemos das freguezias de *Ranhados* e *Rio de Loba*, congeneres d'esta de *S. Salvador*.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Comprehende as aldeias seguintes:

—*S. Salvador*, ao pé da qual, na distancia de 200 metros, se vê isolada a egreja matriz, estando aliás no centro da parochia.

—*Vil de Moinhos*. É assim geralmente denominada esta aldeia, mas Berardo deu-lhe o nome de *Villa de Moinhos*, dando a entender que foi *villa* como nós suppomos.

É a povoação mais populosa d'esta freguezia e dista da egreja parochial cerca de 1 kilometro para N. E.

Foi, como já dissemos, a séde do antiquissimo concelho do *Barreiro*.

—*Marzovellos*, ao nascente da egreja parochial.

—*Paradinha*, a N.

—*Povoa da Medronhosa*, ao poente.

—*Santarinho*, a N. O.

Quintas

São 6 as mais notaveis:

1.º—*S. Salvador*.

Demora entre a egreja matriz e a povoação de *Vil de Moinhos*—e pertence ao nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pe-

---

[1] Era vulgar antigamente as villas dos donatarios da corôa, que nomeavam ouvidores para fazerem a correição d'ellas, estarem encravadas em comarcas da corôa, do que havia muitos exemplos nas casas das Rainhas, de Bragança, do Infantado e d'outros donatarios. Por egual motivo muitos donatarios, senhores de terras até insignificantes e que nem freguezias eram, pediram aos reis e conseguiram que essas terras, apesar de encravadas em outros concelhos e differentes freguezias, ficassem sujeitas para a governança d'ellas a um concelho proximo, que já possuiam por doação regia. Assim os Cunhas, antigos senhores de Santar e dos concelhos de Senhorim, Barreiro, Ovoa e Canas de Sabugosa, sujeitaram ao seu concelho do Barreiro povoações encravadas n'outras freguezias e concelhos. E como os bens d'esta casa foram confiscados pela fugida de D. Lopo da Cunha, senhor de Santar, para a Hespanha, no tempo da acclamação, é por isso que o padre Carvalho na *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 187 e *alibi* diz que estes bens estavam na represalia e eram administrados pela Junta dos tres Estados, assim como os da Casa de Villa Real (Vide vol. II. pag. 996) que tambem estavam confiscados, foram applicados para com outros formarem a Casa do Infantado, mas os bens patrimoniaes e morgados da Casa de Santar em 1669, quando se fez a paz com Hespanha, foram restituidos aos descendentes de D. Lopo da Cunha, que ficaram em Hespanha e os possuiram até voltarem para os seus parentes de Portugal por falta de successão, já n'este seculo, indo para a casa do Infantado só os bens da corôa e ordens, senhorios de terras e padroados de egrejas, excepto o concelho de Canas de Sabugosa, que foi para a mitra de Viseu, á qual em antigos tempos pertencera.

reira de Mendonça Falcão, hoje n'ella residente, tendo residido muitos annos na sua casa de *Fareginhas*, em Castro d'Ayre.

V. *Paredes da Beira*, *Pinhanços* e *Villa Nova d'Ourem* n'este diccionario—e os topicos *Quintas notaveis* e *Familias nobres* n'este artigo Viseu.

2.º—*Marzovellos*, na povoação d'este nome.

Pertence aos condes de *Prime*, que ali costumam passar algum tempo no verão.

3.º—*Paradinha*, junto da povoação d'este nome.

Pertenceu á nobilissima e riquissima familia *Albuquerques* da casa do *Arco*, de Viseu, mas foi vendida e hoje pertence a estranhos, como toda aquella grande casa!...

Veja-se o topico—*Familias nobres*.

4.º—*Medronhosa* junto da aldeia da *Povoa de Medronhosa*.

Pertence ao muito digno sub-chefe e tenente coronel do estado maior d'esta divisão—Miguel de Sousa de Figueiredo, irmão do coronel d'engenheiros, actual director das obras publicas d'este districto,—Antonio Cazimiro de Figueiredo, cuja biographia daremos adiante. [1]

5.º — *Vildemoinhos*, junto da povoação d'este nome.

Pertence aos herdeiros do conde de Santa Eulalia, ha pouco fallecido,—e está em grande abandono. Tem a casa d'habitação arruinada e uma capella antiquissima profanada ha muitos annos.

6.º—*Quinta do Moura*, entre Marzovellos e a matriz.

Pertence aos herdeiros de José Barroco, negociante da praça do Porto, onde rezidia, e falleceu ha annos.

---

[1] Esta quinta da *Medronhosa* pertenceu a Duarte de Lemos de Carvalho e Sousa, moço fidalgo e ramo legitimo por varonia da *Casa da Trofa*, filho 2.º da casa dos *Lemos*, da *Quinta do Ribeiro*, concelho de Caria. Não tendo successão vendeu-a a um lavrador d'esta freguezia e, para pagamento de dividas d'este, foi posta em praça e arrematada em 1886 pelo dicto sr. Miguel de Sousa de Figueiredo, que n'ella tem feito e continua a fazer muitas obras.

—

Freguezias limitrophes:—a E. e N. E. as 2—*Oriental* e *Occidental* de Viseu—e a de *Ranhados*;—a O. a de *S. Cypriano*—e a N. O. a de *Orgens*.

Producções dominantes:—milho e vinho, muita fructa, muita herva e muita hortaliça, que vendem na praça de Viseu.

O clima é bastante quente no verão, mas saudavel.

Teve esta parochia uma fabrica de cortumes, mas já não existe.

Hoje a sua industria reduz se á lavoura dos seus campos,—moagem de pão—e fabrico de cestos, nomeadamente cestos de *côrra*. [1]

Tem lameiras e campos magnificos, pois é abundantissima d'agua potavel e de rega. Banham-na differentes arroios e o *Pavia*, que só na quinta de *S. Salvador*, atravessada por elle, tem 4 grandes açudes e em toda a freguezia move muitas rodas de moinhos, principalmente na grande povoação de *Villa* ou *Vil de Moinhos*, quasi toda habitada por moleiros. Em 1838 contava esta freguezia 23 moinhos de pão com a bagatella de 41 rodas, segundo diz Berardo, e hoje não conta menos. É pois n'esta freguezia muito importante a industria da moagem.

Tambem é importante e notavel a industria do fabrico de *cestos de côrra*, principalmente na aldeia de *Vil de Moinhos*, onde se exerce em maior escala e *com grande perfeição!*

Aquelles artistas, no seu genero, são talvez os primeiros de Portugal!...

Os taes cestos são feitos de verga de castanheiro rachada, fendida e tão esmeradamente polida que chega a imitar fitas de seda branca. É isto o que se denomina *côrra*.

Os cestos feitos com ella ficam lindissimos e por vezes tão compactos que podem encher-se d'agua, como se fossem de louça ou de uma só peça de madeira. São muito estimados em Viseu e fóra de Viseu, mesmo no Porto e em Lisboa, para onde os enviam em quantidade.

---

[1] O nome podia ser mais decente, mas não tem outro a tal industria.

Tambem fazem cestos e canastras mais singellos, de côrra mais grossa ou vergas de castanho, salgueiro, ou mesmo carvalho, simplesmente fendidas a meio, mas estes são denominados *cestos de verga*. Só os que são feitos com as taes fitas muito delgadas se denominam *obra de côrra* ou *cestos de côrra* e constituem uma especialidade distincta.

Templos

1.º—A egreja matriz de *Nossa Senhora das Neves*,—templo regular, decente, vistoso e com um bonito adro. Principiou por uma simples capella de S. Salvador, cuja historia é interessante e póde vêr-se no *Santuario Marianno*, tomo 5.º pag. 317, e n'este diccionario, artigo *Salvador*.

2.º—Capella de *S. João Baptista*, na grande povoação de Vil de Moinhos.

É publica e tem um adro espaçoso, pomposa festa, grande romagem e apparatosa cavalhada desde tempo muito remoto.

Adiante daremos uma succinta descripção das taes festas, que teem um timbre particular.

3.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição de Lourdes*, na grande quinta de S. Salvador e junto das casas nobres d'ella, pertencente, como já dissemos, ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

A dicta capella é particular e brasonada e hoje está lindissima, porque o sr. dr. Nicolau e sua ex.ma esposa são muito religiosos e a decoraram e restauraram a capricho.

N'ella teem Santissimo permanente e S. Santidade Leão XIII, por breve de 17 de agosto de 1886, lhe concedeu a prerogativa de 4 jubileus annuaes nos dias de S. José, Assumpção, Natividade e Conceição de Nossa Senhora,—todos com muitas indulgencias; e por outro breve do mesmo dia privilegiou *in perpetuum* o altar de Nossa Senhora da Conceição de Lourdes, com muitas indulgencias.

—

O rio Pavia atravessa esta quinta e a fertiliza por 4 levadas, levando-lhes os enchurros das ruas de Viseu, pelo que é nos seus lameiros extraordinaria a producção da erva joia desde o primeiro d'outubro ao fim de maio, chegando ali algumas sortes a produzirem 7 camas d'erva, porem hoje, depois que a camara de Vizeu faz varrer regularmente as ruas, tem diminuido muito a producção da erva. O rio Pavia tem 3 pontes dentro d'esta quinta, 2 de pedra e uma de pau.

4.º—Capella de *Nossa Senhora da Saud*, junto á casa da quinta de *Paradinha*.

É tambem particular; tem todos os annos festa e romaria—e está bem conservada.

5.º—Capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, na quinta da *Medronhosa*.

Está em via de restauração.

6.º—Capella de *Santo Antonio*, na quinta de *Marzovellos*.

7.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição*, entre Marzovellos e a egreja parochial na quinta do *Moura*.

Todas são particulares e estão bem tractadas.

8.º—Capella de *S. João Baptista*, na quinta de *Vil de Moinhos*, que foi do conde de Santa Eulalia.

Era tambem particular,—uma das mais interessantes d'esta parochia,—vinculada, antiquissima e com portas d'arco em ogiva, mas infelizmente está profanada e em completo abandono ha mais de um seculo, e a imagem do padroeiro foi para a capella publica de Vil de Moinhos, onde tem o nome de *S. João Velho*.

Festividades religiosas

Celebram-se muitas n'esta freguezia, taes são as de *Nossa Senhora dàs Neves* (padroeira)—SS.mo Sacramento, Santo Antonio, Santa Barbara, S. Sebastião, Santa Rita e outras, na egreja parochial; a de Nossa Senhora da Saude em Paradinha e a de *S. João Baptista* na sua capella de Vil de Moinhos, sendo esta ultima a mais pomposa e mais notavel de todas pela extraordinaria concorrencia de romeiros e devotos e pela exquisitice da imponente *cavalhada*.

Logo na tarde do dia 23 de junho concorre muito povo de Viseu e pontos mais distantes, que enche litteralmente o grande ter-

reiro da capellinha, onde se queima bastante fogo preso e solto e se forma um grande arraial com muitos descantes e danças caracteristicas, tocando tambem varias philarmonicas, etc.

Todo aquelle immenso povo ali passa a noite em folguedo e no dia seguinte, ao nascer do sol, rompe e se organisa a *historica e legendaria cavalhada.*

Na frente vae o mordomo da funcção, que é quasi sempre um moleiro, montado em um soberbo cavallo e vestido de casaca preta e chapeu armado com plumas, levando de um lado o seu *Alferes da Bandeira* com o pendão do Baptista—e do outro dois membros da mesa da irmandade de S. João, todos 4 com os rostos descobertos e montados em bons ginetes. Segue-se depois a cavalhada, por vezes em numero de 100 cavalleiros, todos mascarados e vestidos do modo mais caprichoso e exotico, parodiando os trages de todas as epochas?!...

Depois de formada e reunida a grande cavalhada, segue para Viseu, onde entra pelo terreiro de Santo Antonio, hoje *Passeio de D. Fernando;*—d'ali vão pela rua Formosa, rua da Regueira, Arco das Freiras, Porta dos Cavalleiros e rua da Ribeira até á capellinha de *S. João da Carreira*, a 300 metros de Viseu approximadamente. Sem se apearem dão 3 voltas á dicta capella e contramarcham, seguindo outra vez pela rua da Ribeira, Porta dos Cavalleiros e rua Direita;—sobem depois pela rua da Cadeia até á *Praça Velha*, hoje *Praça de Camões;*—d'ali vão á *Praça da herva* e pelo *Arco do Suar* descem outra vez ao *Rocio* ou *Campo de Santo Antonio* (*Passeio de D. Fernando*) e—sempre cobertos d'applausos por immenso povo que de todos os lados corre em montão para os ver,—regressam a *Vil de Moinhos*, onde são recebidos em triumpho pela multidão que forma o grande arraial.

Chega a cavalhada a Vil de Moinhos pelas 8 horas da manhã; —em seguida vae á matriz d'esta freguezia, e depois de dar uma volta á egreja, vae á povoação de S. Salvador correr as ruas da terra, recolhendo outra vez a Vil de Moinhos; dão tres voltas á capella de S. João Baptista e por fim todos os cavalleiros sem se apearem são brindados com muito doce e vinho á custa dos mordomos.

Segue-se depois a parte religiosa da festa, —missa cantada a grande instrumental, sermão, etc.,—continuando as danças e folguedos até que ao declinar do dia aquella immensa mole de povo debanda com saudades, protestando todos não faltarem no anno seguinte.

A dicta cavalhada hoje é *unica* em toda esta provincia e em todo o nosso paiz talvez. Deixa a perder de vista qualquer das scenas mais espectaculosas das festas de S. João em Braga—e a velha e luzida cavalgata da camara de *Villa Real de Traz-os-Montes* na manhã de S. João tambem.

V. tomo XI, pag. 1:007, col. 2.ª

Edificios mais notaveis

1.º—A casa nobre da quinta de *Marzovellos*, dos condes de Prime.

É brazonada.

2.º—A casa nobre da quinta de *S. Salvador.*

Tem brasão d'armas sobre o portão de ferro da entrada da quinta.

3.º—A casa nobre da quinta da *Medronhosa.*

4.º—A casa que foi do capitão Luiz Monteiro, na povoação de S. Salvador.

Pertence hoje a um brazileiro, que a comprou em hasta publica.

5.º—A casa da quinta do *Moura.*

—

Servem esta freguezia duas estradas a macadam:—a n.º 8, real, de Viseu á Mealhada e que limita esta freguezia pelo sul, —e a municipal de 1.ª classe, de Viseu a Torre Deita. Corta esta freguezia de S. Salvador de nascente a poente.

O rio *Pavia* vem da serra da Mina, onde nasce em Nespereira, na freguezia de Mondão, a 2 leguas de Vizeu, separando a cidade do grande *Campo da feira* e da celebre *Cava de Viriato*;—caminha de nascente a poente e morre no Dão, tendo de curso approximadamente 35 kilometros, havendo atravessado, alem d'outras, esta freguezia de

S. Salvador, na qual tem uma ponte de pedra em Vil de Moinhos e 2 de pedra e 1 de pau dentro da Quinta de S. Salvador.

Tem mais Viseu 3 pontes—uma de pau e 2 de pedra, e finalmente 1 de pedra na quinta da Azenha, freguezia d'Orgens.

Ha n'esta parochia 3 cemiterios:—um pertencente á irmandade de Nossa Senhora das Neves, junto da egreja parochial,—outro na povoação de Vil de Moinhos, pertencente á irmandade de S. João Baptista, e outro junto á estrada nova, que vae de Viseu para a Mealhada.

É *cura-parocho* (meio-cura) d'esta freguezia desde 1885 o rev. Manuel Rodrigues da Costa, a quem agradeço a maior parte d'estes apontamentos, bem como ao sr. dr. Nicolau de Mendonça, que se dignou sollicital-os.

Freguezia Oriental (!) *da Sé de Viseu*

1.ª annexa

Abraveses [1]

Demora esta freguezia na margem direita do *Pavia*, a N. O. da cidade de Viseu, da qual dista 2 kilometros e é curato amovivel com os mesmos vencimentos e nas mesmas condições das outras annexas.

Orago *Nossa Senhora dos Prazeres.*

Em 1834 a sua população era a seguinte: —fogos 233,—habitantes 1:431, sendo 662 do sexo masculino e 769 do sexo feminino, —segundo se lê na *Memoria* de Berardo.

Em 1852 contava 335 fogos segundo se lê no Flaviense.

O censo de 1864 deu lhe 363 fogos e 1676 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 399 fogos e 1:790 habitantes—e hoje conta cerca de 440 fogos e de 1880 habitantes!...

É mais populosa do que muitas das nossas villas e, como todas as outras *annexas*, tem elementos de sobra para sustentar a sua autonomia.

—

Pertence *toda* á freguezia *Oriental* e comprehende as aldeias seguintes:—*Abraveses*, Paschoal, Moure [1], *Moinhos do Pintor* [2], S Thiago, Esculca, Povoa, Santo Estevam Aguieira, Carvalhal, e differentes quintas, taes são as de Santo Estevão, de Bernardo de Andrade, a de Santa Amelia, do commendador Bernardino de Mattos, a de Francisco Pereira d'Almeida, a de Eduardo Pessanha e outras menos importantes.

Abraveses demora em sitio alto, alegre, vistoso e muito saudavel;—é a séde da parochia e a povoação mais populosa e mais importante d'ella. Conta cerca de 200 fogos e de 850 habitantes,—ruas bem calcetadas e alguns edificios regulares, avultando entre elles a egreja matriz, muito vantajosa e alegremente situada em um espaçoso terreiro arborisado no ponto culminante da mesma povoação, dominando-a toda, bem como a cidade de Viseu, grande numero d'aldeias e um vastissimo horisonte limitado pelas serras do Caramullo e da Estrella.

É um dos mais interessantes miradouros dos arrabaldes de Viseu—é povoação antiquissima, bem como as de *Aguieira* e *Esculca*. Na opinião de Botelho e de outros antiquarios aquellas 3 povoações foram no tempo dos romanos fortificadas e eram parte integrante das obras de defesa da cidade de Viseu e da celebre *Cava de Viriato*, de que fallaremos adiante e que demora quasi toda no chão d'esta freguezia—na parte mais baixa,—sobre a direita do Pavia,—entre

---

[1] V. *Abravezes*, tomo I, pag. 20.

[1] N'esta pequena povoação fundou o conselheiro Henrique de Lemos no seculo XVI o antigo morgado de Moure da casa dos Napoles da Prebenda, cuja cabeça é a capella antiga fundada pelo mesmo conego na Sé, á direita da porta principal, como diz a inscripção que tem no alto. Infelizmente este vinculo está extincto, e estão em hasta publica as fazendas d'elle para pagamento de dividas d'esta familia, pobre hoje!... Veja-se n'este artigo o topico *Familias nobres de Viseu.*

[2] Estas casas pertencem á povoação de *Moure;*—estão entre ella e a de *S. Thiago*—e denominam-se ainda hoje *Moinhos do Pintor*, porque, segundo diz a tradição, ali nasceu o celebre pintor *Grão Vasco.*

Veja-se o topico *Visienses illustres.*

Abraveses e a cidade actual de Viseu, que se ergue na margem esquerda do mesmo rio e domina a *Cava* toda.

—

Freguezias limitrophes:—Orgens a O.;—Campo a N.;—Rio de Loba a E.;—S. Salvador e a *Oriental* (!) de Viseu a S., pertencendo a esta ultima uma parte da celebre *Cava*.

Templos

1.º—A egreja matriz.

É a antiga capella de *Nossa Senhora dos Prazeres*, recentemente accrescentada com uma capella-mór, primeira parte do vasto templo em projecto.

Tem uma irmandade do Santissimo, erecta ha poucos annos.

2.º—Capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, na povoação do *Carvalhal*.

É a mais moderna de todas, elegante e regular, mas singella.

3.º—Capella de *S. Pedro*, na Esculca.

É espaçosa e antiquissima;—tem um adro tambem espaçoso e arborisado—e uma irmandade de S. Pedro, muito antiga tambem.

4.ª—Capella de *Nossa Senhora dos Prazeres*, na aldeia de *Paschoal*.

Teve outr'ora a invocação de *Nossa Senhora da Esperança*; foi restaurada e accrescentada nos principios d'este seculo—e por essa occasião n'ella se instituiu tambem uma irmandade de *Nossa Senhora dos Prazeres*.

5.º—Capella de S. *Thiago*, na povoação d'este nome.

É pequena, muito singella e antiga.

6.º—Capella de *Santo Estevam*, na aldeia do mesmo nome. [1]

É pequena e particular, mas tem porta franca ao publico.

Pertence a Bernardino d'Andrade.

7.º—Capella de *Santa Luzia*, no monte d'este nome.

Muito singella e pequena.

8.º—Capella de *Santo Antonio*, na povoação de Aguieira.

Pequenissima.

Todas são publicas, exceptuando a mencionada sob o n.º 6.

Festas e romarias

O povo de Viseu é muito religioso, como prova o grande numero de festividades, de que já fizemos menção nas outras *annexas*, e n'este ponto os habitantes de *Abraveses* supplantam os seus visinhos. Fazem muitas romagens todos os annos, taes são, pela ordem da sua importancia, as seguintes:

1.ª—*Santa Lusia*, em Abraveses, na 1.ª oitava do Espirito Santo.

2.ª—*S. Pedro*, em Esculca, a 29 de junho.

3.ª—*S. Thiago*, na capella e na povoação d'este nome, no dia do seu orago.

4.ª—*Senhora das Candeias*, na povoação do Carvalhal, a 2 de fevereiro.

5.ª—*Santa Barbara*, em Paschoal, no domingo do *Bom Pastor*.

6.ª—*Santa Lusia*, no outeiro do mesmo nome, no domingo antecedente ao de Pentecostes.

Todas estas festividades teem romagem e são extraordinariamente concorridas as duas primeiras desde tempos muito remotos pela grande devoção do povo com as imagens de *Santa Luzia* e de *S. Pedro*,—pela bellesa local das dictas capellas—e por serem muito accessiveis, pois são servidas por duas bellas estradas a macadam que atravessam esta freguezia:—a estrada real n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, Estarreja e Lamego,—e a municipal que, entroncando n'aquella em

---

[1] Não é verdadeiramente aldeia, mas a celebre, antiga e grande *quinta de Santo Estevam*, que pertenceu aos Abreus e Mellos, senhores da casa historica da Torre na Rua da Cadeia em Viseu; extinguindo-se porem aquella familia em nossos dias, por falta de successão, succederam n'ella as duas sr.as D. Maria Candida de Lemos, de Varzeas, e sua irmã D. Maria Ludovina de Lemos, mãe do desembargador Bernardino de Lemos de Aguilar, do Porto, os quaes venderam esta quinta ao pae e tios do actual possuidor Bernardino de Andrade. As casas que rodeiam esta quinta são feitas em terreno d'ella e habitadas pelos seus caseiros.

Abraveses, segue pelo Almargem para Castro d'Ayre.

Tudo isto contribue para a grande concorrencia dos romeiros, nomeadamente da cidade de Viseu, que se despovôa n'aquelles dias, por estarem a pequena distancia e poderem ir muito commodamente a pé ou em carros.

O que mais anima estas romagens—diz o meu informador—são os *estrondos*,—concerto desafinado de rebecas, pifanos, viola ou banza, ferrinhos, bombo e *uma folha de serra.* [1]

Á frente do *estrondo* [2] e em volta d'elle dança ou salta furiosamente um bando de rapazes e raparigas, ordinariamente do mesmo povo, cantando a *Cana Verde* [3] e outras canções populares, por vezes *ao desafio.*

Alem dos *estrondos*, tambem apparecem *guitarradas* e o insupportavel *zabumba.*

Muitos romeiros levam merenda e uma borracha com vinho; [4]—outros nada levam, mas lá encontram sempre á venda pão, fructa, doce, peixe, vinho, etc.

---

[1] Temos crusado em todas as direcções o nosso paiz e conhecemos os seus descantes populares.

No artigo *S. Martinho de Mouros*, tomo 5.º pag. 112, já nós descrevemos um dos mais imponentes descantes d'esta provincia e de todo o nosso paiz!... Na Beira Baixa e no Alto-Alemtejo vimos com surpresa os *adufes*, herdados talvez dos herminios, mas só aqui encontrámos as *folhas de serra* nos descantes populares.

[2] O nome é apropriado, mas só aqui se dá tambem aos descantes do povo.

[3] Esta canção popular é nova n'esta provincia.

A *Cana Verde*, o *Serra*, o *Vira*, o *Regadinho*, etc., são danças e canções proprias da beira-mar e da provincia do Minho. Na Beira-Alta, nomeadamente ao norte, nos concelhos de Sinfães, Rezende, Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, os grandes descantes populares reduzem-se á classica *chula*, no Porto denominada *chula rabella.* O mesmo succede na outra margem (direita) do Douro, nos concelhos de Canaveses, Baião, Mesãofrio e Regoa.

V. *Douro* n'este diccionario e no supplemento.

[4] Os *pandegos* do Porto costumam levar o vinho não só em borrachas, mas em pequenas ancoretas e em enormes pontas de boi.

Tambem animam e abrilhantam estas romagens o estrondear dos foguetes, o som das phylarmonicas e o repique dos sinos, até que ao pôr do sol todos debandam com saudade, satisfeitos e *tranquillos*, pois n'estas romagens de Viseu não costuma haver desordens e pancadaria como em outras muitas romagens, nomeadamente no Minho.

A parte religiosa d'estas festividades e d'outras que por brevidade omittimos é sempre feita com muita decencia:—missa solemne com musica vocal e instrumental, sermão, exposição do Santissimo e procissão pelas ruas com muitos andores e anjos cruzes, pendões, etc.

—

Ha n'esta parochia apenas um edificio brasonado, em Abraveses. Foi do visconde de Loureiro e actualmente é do commendador Bernardino de Mattos, que n'elle vae montar uma fabrica de serralheria e moagem a vapor.

Tambem teve brasão outr'ora a casa que é hoje de Bernardino d'Andrade, em *Santo Estevam.*

Banha esta freguezia a pequena ribeira de *Mido.* Passa entre as aldeias d'Abraveses e Paschoal;—desagua no Pavia—e move no inverno alguns moinhos de pão.

Producções dominantes:—milho, centeio, trigo, linho, vinho verde criado em parreiras e estacadas, legumes, fructa, azeite e castanhas.

Tambem abunda em madeira de pinho e em pedra de granito para toda a sorte de construcções.

Tem um outeiro ou monte bastante elevado:—o de *Santa Lusia*,—e 3 cabeços:—*Aguieira*, *Esculca* e *Abraveses.*

Ha no monte de *Santa Lusia* jazigos de manganez, simplesmente registados, e pedreiras inexgotaveis de magnifico seixo já britado para macdam.

Tem 3 cemiterios:—um em Abraveses,—outro no Carvalhal—e outro na Esculca.

Não tem escola alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!

Com vista ao senado visiense.

Em compensação tem muitas tecedeiras de linho e lã, pedreiros, carpinteiros, trolhas, ferreiros, sapateiros, taverneiros, alfaiates e um *santeiro* muito soffrivel, em S. Thiago.

Irmandades:—a do Santissimo, na matriz, —a de S. Pedro, na Esculca—e a de Nossa Senhora dos Prazeres, em Paschoal.

Confrarias:—Senhora dos Prazeres, Santo Antonio, Santa Lusia e S. Sebastião, em Abraveses;—Senhora dos Remedios e S. João, no Carvalhal.

—

Ao rev. sr. Joaquim Rodrigues Barroco, digno parocho actual d'esta freguezia, bem como ao ex.mo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

Freguezia Oriental (1) *da Sé de Viseu*

2.ª *annexa*

Orgens

O meu benemerito antecessor não descreveu esta freguezia. Apenas fallou da *aldeia de Orgens* e do seu convento sob o titulo *Monte de Viseu*, tomo 5.º, pag. 533, col. 1.ª —*Vide*. Cumpre nos pois descrevel-a.

Note-se desde já que esta freguezia tomou o nome de *orjaes* ou *orjães*,—*cevadaes* no portuguez antigo.

V. *Orjais*, freguezia do concelho da Covilhã,—tomo 6.º pag. 294, col. 2.ª

—

A freguezia de *Orgens*, de que nos occupamos no momento, dista apenas 2 kilometros para O. da cidade de Viseu, a cujo concelho pertence, como todas as outras *annexas*, de que vamos tratando, e é ecclesiasticamente um simples *curato* nas mesmas condições e com os mesmos vencimentos das outras *annexas* da cidade de Viseu.

Pertence a freguezia *Oriental*, mas não toda. Tem algumas povoações e quintas que pertencem á freguezia *Occidental*. Adiante as apontaremos.

Esta parochia de *Orgens* data de 1808, como todas as outras *annexas*. [1]

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos no principio d'este topico.

Em 1834 a sua população era a seguinte: —fogos 213,—habitantes 1:069, [1] sendo 494 do sexo masculino e 575 do sexo feminino, —segundo se lê na *Memoria* de Berardo.

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 240 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 239 fogos e 1:061 habitantes;—o de 1878 deu lhe 247 fogos e 1:152 habitantes—e hoje conta approximadamente 248 fogos e 1:151 habitantes,—segundo diz o seu rev. parocho.

—

Tem como orago *Sant'Anna* e comprehende as aldeias seguintes:—*Orgens*, séde da parochia,—Quintella, Travassós, S. Martinho e as quintas da *Azenha*, do *Themudo*, do *Perseguido*, do *Corgo*, do *Cubo* e a do extincto convento de *S. Francisco d'Orgens*, pertencentes á freguezia *Oriental* da Sé de Viseu;—a povoação de *Tondella* e as quintas de *Tondellinha* e *Casal do Chapeu*, pertencentes á freguezia *Occidental*.

A quinta da *Azenha* era do conde de Santa Eulalia, de quem fallaremos no topico das *Familias illustres*;—a de *Tondellinha* pertence aos herdeiros de Bento de Queiroz Pinto, de Viseu e Favaios;—a do *Themudo* pertence a José Maria de Oliveira Janeto, de Viseu;—a do *Perseguido* pertence a D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos, de *Santar*, concelho de Nellas.

V. *Santar*.

As outras quintas d'esta parochia são pouco importantes.

A do *Convento* era a cerca do extincto convento de *S. Francisco do Monte*, ou de *Orgens*. Foi vendida pelo nosso governo e comprou-a em 1834 Antonio Rodrigues de Loureiro, chamado pelo povo—Antonio Jeronymo, o *Pepino*,—que se tornou celebre pelas questões que teve com os habitantes d'esta freguezia por causa do convento. Por vezes tentaram assassinal-o, pois tendo o governo dado para matriz da parochia a bella egreja do convento, elle tractou logo de o demolir quasi todo;—estragou a communicação interior do convento para a egre-

[1] Aqui ha exageração, pois 213 fogos não podiam dar tantas almas!...

ja e sacristia—e tentou abrir nova communicação da parte restante do convento para a egreja, o que o povo não consentiu por ser o dicto homem uma creatura antipathica e por estar destruindo barbaramente o convento, que o povo tanto estimava, como diremos adiante.

O tal comprador destruiu inclusivamente as sepulturas do claustro e a formosa capella do *Capitulo*, etc.

Para escapar á morte fez uma escriptura de composição com o povo, mas, não obstante isso, foi assassinado á traição por mandado de um seu inimigo, com quem andava em demanda,—segundo consta.

—

Do venerando convento, fundado em 1408 e que, por consequencia, ja contava 426 annos, apenas restam algumas cellas e parte da cosinha para uso do proprietario e dos seus caseiros. A egreja e a sacristia pertencem á parochia e estão bem conservadas.

Como se pode ver da chronica e dos *Dialogos* do dr. Botelho, desde a sua fundação este convento foi um modelo de observancia, muito estimado e favorecido pelo povo, pelos prelados visienses e por muitas pessoas nobres, que lhe fizeram grandes doações e mesmo de distancia ali foram enterrar se, como os senhores de Molellos, que ali tinham capella sua, e os *Albuquerques* da nobilissima *Casa dos Coutos*, padroeiros da capella do *Capitulo*, onde alguns d'elles jazem.

Tudo profanou o comprador, lançando ao monturo as ossadas de tantas familias nobres!

Não ha muito que ali andava em baldão a lapide da sepultura de Jorge do Amaral e Vasconcellos, desembargador da mesa da consciencia e ordens, etc., ascendente dos mencionados Albuquerques e dos *Mendonças Falcões*, de Girabolhos, muito dignamente representados hoje em Viseu pelo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso bom amigo, que chegou a v r a dicta lapide com a inscripção propria, mas quando, passado algum tempo, ali voltou para a fazer conduzir, já tinha desapparecido!...

—

Ali jazem tambem entre outras muitas pessoas nobres as seguintes:

—*D. Leonor de Castro*, filha de D. Pedro de Castro, mulher que foi de João Rodrigues Pereira, de Riba-Vizella.

—*D. Henrique de Castro*, irmão da dicta senhora.

—*Ruy Gomes da Silva* e sua mulher, paes de D. João da Silva, da Chamusca.

—*Rui Freire d'Androde.*

—*D. Joanna de Cristello*, filha do antecedente.

—*D. Beatriz Nunes da Costa*, mulher de Leonel de Queiroz Castello Branco.

—*D. Izabel do Amaral e Vasconcellos*, ascendente da *Casa dos Coutos*. Fez de novo o *Capitulo* e d'elle ficou sendo padroeira por auctorisação pontificia.

Certo prelado de Viseu muito amigo d'estes religiosos, tentou transferil-os para a cidade, mas o povo d'Orgens, tristissimo com tal noticia, tanto rogou e pediu, que o prelado reconsiderou—e os frades permaneceram em Orgens até 1834, data da extincção dos conventos no nosso paiz.

Toda a cidade de Viseu adorava os humildes franciscanos, pelo que d'ali eram constantemente chamados para assistirem aos moribundos.

Tambem eram preferidos para assistirem no oratorio aos justiçados e para os acompanharem até o patibulo, como fizeram sempre com a maior dedicação e mais extrema caridade até 1832 e 1833, data das ultimas execuções que ensanguentaram Viseu.

Na mata se vêem ainda varias capellas, hoje todas arruinadas, e um lindo arvoredo *novo*, porque o antigo foi todo derrotado! É um sitio tão ameno e tão abundante de excellente agua que ainda hoje no verão muitas pessoas e familias de Viseu ali vão passar o dia e jantar á sombra do arvoredo, que parece uma miniatura do Bussaco.

—

Freguezias limitrophes:—S. Salvador, S. Cypriano, Abraveses, Vil de Souto e as 2—*Oriental* e *Occidental* de Viseu.

Atravessa parte d'esta freguezia a nova

estrada municipal a macadam, de Viseu á Torre Deita e Besteiros.

Producções dominantes:—vinho verde, milho, trigo, centeio, *cevada*, azeite, hervagens, hortaliça, fructa e castanhas.

Tambem n'esta parochia cultivam muitos alfobres de couves e cebolo para plantar e que *todo o anno* levam em canastras e cargas não só a Viseu, mas a todas as feiras circumvisinhas até á distancia de 3 a 5 legoas.

Templos

1.º—A sumptuosa egreja que foi do convento.

È a matriz e está muito bem conservada.

2.º—Capella de *Sant'Anna*, a meio da povoação de Orgens.

Foi a matriz d'esta parochia até 1834;—está bem conservada ainda—e tem uma irmandade antiga de *Sant'Anna*, a padroeira, com festa annual e grande romaria a 26 de julho, sendo domingo, e, não o sendo, no immediato.

3.º—Capella de *S. Macario*, em Tondella, com festa annual, feita por mordomos, no domingo anterior á festa e romagem de Santa Anna.

Ameaça ruinas.

4.º—Capella de *S Romão*, em Travassós, com festa annual no dia do seu orago, sendo domingo, aliás transfere-se para o domingo mais proximo.

Bem conservada.

5.º—Capella de *Nossa Senhora dos Milagres*, na povoação de Quintella, com festa annual por mordomos a 15 d'agosto.

É particular e pertence ao sr. Camillo de Andrade, de Viseu, bem como o terreno contiguo que, segundo se suppõe, pertenceu todo á nobre familia da quinta de Santo Estevam (na freguezia de Abraveses) hoje extincta, a qual possuia tambem n'esta parochia muitos bens, etc., que foram comprados pelo pae e tios do sr. Camillo d'Andrade.

Bem conservada.

As outras todas são publicas.

—

Ha n'esta parochia 3 largos:—o adro da capella de Sant'Anna,—o da egreja do convento—e a formosa avenida para o dicto convento, entre 2 muros ainda caiados e com um bello arco na entrada da mesma avenida, tirada a cordão.

Banha esta parochia o *Pavia*, que a divide da de S. Salvador, onde tem na quinta da *Azenha* um lagar d'azeite e alguns moinhos de pão.

Banha esta freguezia tambem um ribeiro que passa pelo centro d'ella e desagua no *Pavia*, junto da povoação de Tondella.

Nasce o dicto ribeiro na povoação de *Paschoal*, freguezia de Abravezes;—tem 4 kilometros de curso e 2 pontes;—uma em S. Martinho—e outra junto da quinta de Tondellinha, denominada ponte *Mourisca*, por onde passa a estrada a macadam para Besteiros. Move 3 moinhos no inverno.

Berardo na sua *Memoria* diz que este regato se denomina *Caseiro* e que em 1838 tinha 2 moinhos d'azeite e 9 de pão com 11 rodas; tem hoje só 1 de azeite, e 5 de pão.

Ha n'esta freguezia 2 aulas officiaes de instrucção primaria:—uma para o sexo masculino, em Travassós,—outra mixta, em Orgens.

Clima temperado e saudavel.

Ha tambem n'esta freguezia um bom cemiterio parochial, feito em 1875 e demora junto da estrada publica, entre Orgens e o extincto convento, distando approximadamente 400 metros d'aquella povoação e 100 do convento.

—

Industrias:—a da cultura do cebolo e hortaliças para plantar—e o fabrico de cestos e canastras de *côrra*, mas esta ultima industria é mais importante na povoação de *Vil de Moinhos*, freguezia de S. Salvador, onde a descrevemos já.

Vide.

Tambem é muito importante n'esta freguezia de *Orgens* a industria dos *montantes* que se occupam em quebrar e extrahir pedra no monte de *Nossa Senhora do Crasto* (Castro)—e a dos pedreiros que se occupam em fazer edificios e toda a sorte de construcções com a dicta pedra, pois é *gra-*

nito alvissimo e finissimo, do melhor de Portugal. [1]

D'ali foi sempre e vae hoje ainda a pedra para as construcções mais luxuosas dos povos circumvisinhos, nomeadamente para Viseu, distante 6 kilometros.

O dicto monte do Crasto é lindissimo, de forma conica e um dos pontos mais altos e mais vistosos dos arrabaldes de Viseu. Foi outr'ora fortificado e tem no seu curuto uma antiquissima capella de *Nossa Senhora do Crasto*, que tomou o nome do velho *castro romano* que ali pompeou, como dizem a tradição, a onomastica e os muitos vestigios de fortificações e outras construcções que ali se teem encontrado. [2] Por seu turno áquelle monte dá hoje o nome a dicta capella de *Nossa Senhora do Crasto*, muito querida e festejada pelos povos circumvisinhos. É publica, mas outr'ora foi particular e pertenceu aos *Loureiros*, senhores da nobilissima e antiquissima casa e quinta de *Ferronhe*, aldeia da mesma freguezia de *Vil de Souto*, da qual eram padroeiros,—padroado que no ultimo seculo passou por herança com a dicta casa e quinta para os senhores de *Moçamedes*, hoje condes da Lapa.

V. *Val de Souto*, tomo X, pag. 87, col. 1.ª, —*Vil de Souto*, no mesmo vol. pag. 663, col. 2.ª—e *Villa de Souto*, tomo XI, pag. 1070, col. 2.ª tambem, onde já se fallou da dicta parochia, da dicta capella e do dicto monte, —e, aproveitando o ensejo, diremos que o nome vulgar d'aquella freguezia é *Vil de Souto*.

Moçamedes

Com relação a esta antiquissima *villa*, mencionada supra, que tanto trabalho deu ao nosso benemerito antecessor e a nós algum tambem (V. *Muçamedes*, tomo V, pag. 583) aproveitando este ensejo, accrescentaremos o seguinte :

Foi doada effectivamente por D. Affonso Henriques, *sendo ainda infante*, no anno de 1133, [1] a Fernando ou Fernão Pires, e é hoje uma simples aldeia,—*unica* do nome em todo o nosso paiz,—pertencente á freguezia de *S. Miguel do Matto*, concelho de Vouzella desde 24 d'outubro de 1852, data do decreto que a uniu áquelle concelho e a desannexou do de S. Pedro do Sul, ao qual anteriormente pertencia.

V. *Matto* ou *S. Miguel do Matto*, tomo V, pag. 133, col. 2.ª

A dicta parochia não se encontra na maior parte dos nossos mappas e por isso mesmo nada disse da sua posição a *Chorographia Moderna*, sendo alias escripta em Lisboa e com todos os elementos que ao seu illustrado e consciencioso auctor offereciam a capital *e as secretarias do estado*, pois a dicta publicação foi *subsidiada pelo governo*. Podemos porem dizer que a mencionada freguezia demora nas duas margens do rio *Trosse*, [2] confluente do Vouga, a S. S. O. da estrada real a macadam n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, da qual dista pouco mais de 1 kilometro;—4 da margem esquerda do Vouga para S.;—8 de S. Pedro do Sul para S. E.;—8 de Vouzella para E., contando em linha recta, e 18 pela nova estrada real de S. Pedro do Sul;—14 de Viseu para N. O.; —78 da estação de Estarreja (a mais proxima) na linha ferrea do Norte;—127 do Porto—e 366 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes da de S. Miguel do Matto:—Bodiosa (a mais proxima) a S. S. E., —Fataunços a O.;—Figueiredo das Donas a O. N. O.—e Riba Feita a N. N. E.

Comprehende as aldeias seguintes :—*S.*

---

[1] V. *Villar d'Andorinho*, tomo XI, pag. 1190, col. 2.ª, onde mencionámos outras pedreiras de *bello granito* tambem.

[2] O dicto monte e a dicta capella pertencem á freguezia de *Vil de Souto*, que prende com esta d'*Orgens*.

[1] Referimo-nos á copia da escriptura, publicada no artigo *Muçamedes*. Se a copia é exacta, o infante contava então 24 annos, pois nasceu em 1109;—principiou a governar em 1129;—foi acclamado no campo da batalha d'Ourique em 1139—e falleceu em 1185.

[2] Assim o achamos escripto no mappa da direcção das obras publicas de Viseu, mas Berardo deu-lhe o nome de *Trousse* e alguem o denomina *Trouce*.

Miguel do Matto, séde da parochia,—*Moçamedes*, Roda, *Burgueta*, Adeujo ou *A de Ujo*, Casal de Lourosa,[1] Arrabalde, Villar, Caria, Villa Pouca, o casal de Malcata, as quintas do Paço e da Roda, e uma habitação isolada em Malurdo.

Em 1708 contava 163 fogos,—segundo se lê na *Chorographia Portuyueza*, em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.*, contava apenas 115 fogos;—em 1852 o Flaviense deu-lhe 247 fogos;—o censo de 1864 deu-lhe 279 fogos e 1:131 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 285 fogos e 1:116 habitantes, no que não ha proporção, pois 285 fogos deviam dar 1:200 habitantes, approximadamente.

—

Da antiquissima aldeia e da nobilissima casa de *Mossamèdes* apenas diremos o seguinte:

Posto que D. Affonso Henriques na sua doação lhe deu em 1133 o nome de *villa*, com certesa não era *villa* na accepção vulgar de hoje, mas na d'aquelle tempo, em que villa ordinariamente significava *quinta*, *casal* ou *casa de campo*. Tambem não sabemos se posteriormente foi villa, na accepção hodierna; o que sabemos é que hoje e *ha muito tempo* é uma simples *quinta*, na qual provavelmente viveu no meiado do seculo XII o celebre Fernão Pires, seu primeiro senhor.

—

Consultando o sr. Luiz Ribeiro Sottomaior, hoje residente em Pombal, 6.º neto de D. Margarida d'Almeida, que foi senhora d'esta casa e quinta de *Mossamedes*, aquelle tão illustrado como delicado cavalheiro dignou-se enviar me os apontamentos seguintes:

«Tambem me parece que esta quinta de *Mossamedes*, *Moçamedes* ou *Muçamedes*, nunca foi *villa* na accepção hodierna, mesmo porque ali não ha memoria de paços de concelho, de cadeia nem de pelourinho.

«No alto de uma collina ensombrada d'arvores, ergue-se um muro meio arruinado, feito de pedra e cal, tendo a O. uma pequena capella;—a distancia de 30 a 40 metros abre-se um bom portão, que deve contar mais de 2 seculos, e, entrando-se pelo dicto portão, vê-se um terceiro de fórma quadrangular, ensombrado por grandes castanheiros, medindo cada uma das faces talvez mais de 100 metros. Ergue-se ao fundo uma larga escadaria, que dá ingresso para a casa, hoje em ruinas, mas espaçosa e feita com dispendio, onde nem habitualmente moravam seus donos outr'ora, posto que era grande a quinta, ainda hoje bastante extensa, mas muito mais em outro tempo e recebia muitos fóros, pensões, direitos e tributos que se perderam com o andar dos seculos e com a ausencia dos donos, que só de longe em longe iam ali passar alguns dias, entretendo-se com o divertimento da caça, muito abundante n'aquelles montes.

«Esta quinta foi effectivamente doada pelo infante D. Affonso Henriques no anno de 1133 a Fernando ou Fernão Pires, Peres ou *Paes*. Era facil aos copistas e paleograpgos o engano—e D. Luiz Salazar no *Indice das Glorias da casa Farnese*, fallando das familias *Girão*, *Silva* e *Cunha*, aponta a fls. 592 e 593 um D. Fernando *Paes*, tronco dos *Cunhas*, cujo ramo primogenito no tempo do nosso rei D. João I passou para Castella e ali formou as grandes casas de *Ossuna*, *Escalona*, etc.

---

[1] Este casal de Lourosa foi povoado pelos cazeiros da grande quinta contigua de *Louroza da Commenda*, que foi de Jacintho Lopes Tavares, de *Carnicães*, junto a Trancoso, e hoje dos seus netos, os *Malafaias* de Serrazes, em Lafões. Esta commenda que era a de *Ansemil*, da ordem de Malta, quasi parte com a quinta de Lourosa, e consta de casas de habitação e capella pegada, que ainda tem por fora a elegante cruz da ordem. N'esta casa, sendo administrador do concelho um celebre Moura Coutinho, de S. Pedro do Sul, foram em 1834 *os patriotas* d'esta villa matar o inoffensivo monge e velho cisterciense Fr. Ignacio Ferreira Ferrão de Castello Branco, irmão do ultimo commendador de Malta, Fr. Gonçalo Ferrão, por não encontrarem este, os quaes eram da nobre casa de S. Thiago a par de Ceia.

Esta grande e bella quinta *da Commenda* foi vendida pelo governo, depois da morte do dicto commendador, a José Isidoro Guedes, de Lamego, par do reino e 1.º visconde de Valmor. É hoje dos seus herdeiros.

—

«Aquelle *Fernão Paes* foi herdado na Beira e julgo ser o mesmo de quem resa a mencionada doação, pois Martim Vasques da Cunha, 6.º neto d'elle por varonia, doou a sua *terra e selleiro de Mossamedes* a Gonçalo Pires d'Almeida, para casar, como casou, com Ignez Martins da Cunha, filha B. do doador, como consta de uma carta de confirmação com data de 1434, referindo-se a outra confirmação anterior. Da 2.ª confirmação tenho eu uma copia em lettra de mais de dois seculos.

«Passou pois a dicta quinta para Martim Vasques da Cunha e d'este para Gonçalo Pires d'Almeida, de quem descendem os condes da Lapa, ramo dos Almeidas, hoje representado pelo 3.º conde da Lapa, 16.º senhor da casa e quinta de Mossamedes, 13.º neto de Martim Vasques da Cunha e 19.º neto do tal Fernão Pires ou *Paes*.»

Sendo assim, esta quinta de *Mossamedes*, embora muito cerceada e deteriorada, conserva-se na mesma familia desde 1133,—ha 754 annos; mas P. J. Carlos Feo e Manuel de Castro Pereira na *Resenha das Familias titulares* dizem que o senhorio de Mossamedes foi dado aos *Almeidas*, hoje condes da Lapa, em 30 de janeiro de 1410.[1] Talvez se refiram á doação feita por Martim Vasques da Cunha a Gonçalo Pires d'Almeida, como já dissemos, o que muito bem se harmonisa com as duas confirmações supra citadas.

Aos Almeidas, senhores de Mossamedes, pertencem o jesuita Bernardo Pereira e Fr. Rodrigo de Jesus, carmelita, que pereceram na India pela fé. Logo fallaremos d'elles no topico dos *Visienses illustres*, porque nasceram em Viseu.

[1] O actual conde da Lapa tem o mesmo nome de seu pae e de seu avô—*Manoel d'Almeida Vasconcellos do Soveral de Carvalho da Maia Soares d'Albergaria*—e é 3.º conde e 5.º visconde e senhor da Lapa, 5.º barão e 16.º senhor *de Mossamedes*, 17.º senhor do solar e honra de Lamaçaes, 17.º senhor d'Albergaria e morgado de S. Paulo da Ponte do Criz, 11.º da Lagôa de Viseu, no Algarve (?) e do couto do Vieiro, etc, etc.

A CIDADE

Viseu tem, como já dissemos, 2 freguezias—*Oriental* e *Occidental*—que, alem da parte urbana ou da cidade propriamente dicta, comprehendem no aro as 5 *annexas* ruraes, que são, como tambem já dissemos,—parte integrante das duas freguezias da cidade. Até aqui tractámos das *annexas* ou da *parte rural*;—agora tractemos da *parte urbana*, ou da cidade propriamente dicta.

Ella divide-se ecclesiastica e civilmente em 2 freguezias—*Oriental* e *Occidental* da Sé, matriz commum; não se imagine porem que a freguezia *Oriental* comprehende a população e ruas que demoram a leste da Sè—e que a *Occidental* comprehende a população e ruas que demoram ao poente.

Ambas, como tambem já dissemos, comprehendem ruas, travessas e largos que demoram ao nascente e poente, sul e norte da Sé, porque a Sé não está isolada nem a cidade dividida em 2 grupos, ou bairros distantes,—um a leste, outro a oeste.

A cidade forma um labyrintho ou agrupamento compacto de ruas, viellas, travessas e largos, revestindo por todos os quadrantes uma especie d'outeiro, monte ou *viso*, coroado pela Sé, matriz commum, descendo a população até á baixa da encosta, e espraiando-se pelos campos circumjacentes até á fronteira das *annexas* já descriptas, que circumdam como *aro* ou *arco* a parte urbana de Viseu.

—

Não ha pois linha divisoria natural entre as 2 freguezias da cidade.

O cura da freguezia *Oriental* para visitar os seus freguezes e administrar-lhes os sacramentos, atravessa constantemente ruas e chãos da freguezia *Occidental*—e v. v.—e na Sé, *matriz commum*, se reunem os parochos e parochianos das 2 freguezias;—d'ali vae o sagrado Viatico para ambas—e ali se celebram os casamentos e baptismos das 2 freguezias da cidade e das 5 freguezias *annexas*!

Isto seria toleravel outr'ora, quando rareavam os templos, a população e o clero,

mas hoje é insupportavel e cumpre ao governo e aos prelados visienses pôr termo a semelhante amalgama — *unica em todo o nosso paiz!*

Dê-se completa autonomia—*ecclesiastica* e *civil*—ás 5 freguezias annexas e ás 2 da cidade.

Fique embora uma tendo por matriz a Sé, mas dê-se por matriz á outra qualquer dos templos da parte baixa,—hoje a mais formosa e mais interessante de Viseu.

Arvore-se em matriz, por exemplo, a egreja de *Nossa Senhora do Carmo*, tão linda, tão vistosa, e tão vantajosamente situada sobre o vasto *Campo de Alves Martins*, outr'ora *Largo de Santa Christina*,—depois *Largo dos Nerys* ou dos *Congregados*—e por ultimo *Terreiro* ou *Largo do Seminario*. Estamos certos de que a irmandade de *Nossa Senhora do Carmo* não se opporia a um accordo, pois ficariam a cargo da parochia a fabrica e a conservação do templo, pelo que a irmandade poderia applicar aos suffragios pelos irmãos e ás suas festividades o que necessita de despender com a fabrica e conservação do templo. Assim se arvorou em matriz no Porto, não ha muito (em 1842) a egreja da Irmandade do Senhor do *Bom Fim*, egreja, que a parochia está transformando em um templo magestoso,—amplissimo!... E haverá 10 annos se arvorou em matriz da freguezia de Massarellos, tambem no Porto, a egreja da irmandade do *Corpo Santo*.

Chamamos para este ponto a attenção do governo e dos prelados visienses.

—

Prosigamos.

Em 1708 toda a cidade de Viseu e as 5 *annexas* constituiam 3 freguezias (curatos) cujas matrizes eram a Sé, *intra-muros*,—e as egrejas de *S. Martinho* e *S. Miguel do Fetal*, *extra-muros*,—e contavam os 3 curatos apenas 900 fogos e cerca de 4:000 habitantes,—em quanto que hoje a cidade e *annexas* contam 3:652 fogos e 16:859 habitantes. Subiu pois ao *quadrupulo* a sua população no periodo de 179 annos.

Em 1768 as duas freguezias da cidade e *annexas*, então ainda não divididas, comprehendiam 928 fogos e eram parochiadas por 4 curas, denominados *capellães da cura da cidade e suburbios;* tinha cada um d'elles 50$000 réis de rendimento—e eram todos 4 da apresentação da mitra.

Em 1834 a freguezia *Oriental* contava 750 fogos e 1:615 habitantes—segundo se lê na *Memoria* de Berardo, mas aqui ha grande inexactidão, pois 750 fogos deviam dar pelo menos 3:000 habitantes.

No mesmo anno a freguezia *Occidental*, segundo se lê na dicta Memoria, contava...[1] fogos—e 2:463 habitantes.

Em 1852 a freguezia *Oriental*, segundo diz o Flaviense, contava 448 fogos—e a *Occidental* 704 fogos.

O censo de 1864 deu á freguezia *Oriental* 630 fogos e 2:489 habitantes—e á *Occidental* 950 fogos e 4:326 habitantes.

O censo de 1878 deu á *Oriental* 707 fogos e 2:925 habitantes,—e á *Occidental* 983 fogos e 4:317 habitantes.

Finalmente o *Diccionario de Portugal e Possessões*, escripto e publicado em Viseu em 1884, deu á freguezia *Oriental* 749 fogos e 3:429 habitantes,—e á *Occidental* 1:043 fogos e 5:200 habitantes.

A cidade de Viseu deve contar pois n'esta data (1887) cerca de 1:792 fogos e 8:629 habitantes.

Quantos chorographos repetirão estas cifras até a consumação dos seculos?

—

Em 1885 a *parte urbana* da freguezia *Oriental* deu 90 baptisados, 14 casamentos e 53 obitos;—a *parte urbana* da *Occidental* deu 150 baptisados, 20 casamentos e 86 obitos.

Ambas teem como orago o mesmo orago da Sé,—*Nossa Senhora da Assumpção*, mas o padroeiro da cidade é *S. Theotonio*, de quem fallaremos adiante no topico da cathedral e no dos bispos.

Fallemos agora da cidade ou da parte urbana d'aquellas 2 freguezias *promiscuamente*:

---

[1] Esta cifra está apagada na copia que temos presente.

Ruas

Tem hoje Viseu 55 ruas de 1.ª 2.ª e 3.ª classe. As mais importantes são as 4 seguintes:

1.ª—*Rua Direita.*

2.ª—*Rua de D. Luiz I,*—antigamente e ainda hoje tambem denominada *Rua da Regueira.*

3.ª—*Rua de D. Maria Pia,*—anteriormente e ainda hoje tambem denominada *Rua Formosa.*

4.ª—*Rua do Principe Real,* outr'ora *Rua do Soar de Baixo.*

Estas e outras ruas largos e praças receberam novos nomes por occasião das festas do centenario de Camões e da vinda de SS. MM. a Viseu, quando se inaugurou solemnemente o caminho de ferro da Beira Alta, mas o povo continua a dar-lhes os nomes antigos.

A *Rua Direita* ainda não mudou de nome, sendo aliás uma perfeita antiphrase d'ella, pois denominando-se *direita,* é uma das mais *tortas,* como succede com as ruas de igual nome em todas as outras nossas cidades.

É muito *torta,* muito antiga e uma das mais estreitas e mais immundas, mas muito central, muito extensa, a mais comprida de todas e toda revestida de casas, avultando entre ellas algumas das melhores de Viseu, outras antiquissimas e notaveis pela sua exotica architectura, digna da attenção dos archeologos,—um convento de freiras, ainda hoje habitado e muito antigo tambem [1], —3 grandes palacetes:—o dos condes de Prime,—o dos *Albuquerques do Arco* e o que foi de Bento de Queiroz.

A rua Direita corta Viseu em sentido longitudinal, ou de nascente a poente, pelo que muito impropriamente tambem outr'ora serviu de divisão ás 2 freguezias *Oriental* e *Occidental da Sé,* a qual demora ao poente da dicta rua e distante d'ella.

Esta rua é uma *enfiada* de tres antigas ruas:—rua de *S. Martinho* [1] na sua parte leste;—rua dos *Cavalleiros* na sua extremidade O., desde o arco do palacete dos Albuquerques até o arco do convento;—e rua *Direita,* propriamente dicta, a parte central.

Tem esta rua grandes *aleijões,* avultando entre elles dois *cotovellos* intoleraveis:—um em Cimo de Villa, a montante do palacete do conde de Prime, onde terminava a rua de *S. Martinho;*—outro na ligação da rua *Direita,* propriamente dicta, com a rua dos *Cavalleiros,* a pequena distancia do arco do convento.

Á ex.ma camara de Viseu recommendamos a eliminação d'aquelles dois cotovellos, que são os maiores *aleijões* da rua *Direita.*

Hoteis e hospedarias

1.º—*Hotel Mabilia,* de Mabilia Adelaide das Neves, na rua *D. Duarte,* ou da *Cadeia.*

2.º—*Hotel Cadete,* na rua da Prebenda.

3.º—*Hospedaria das Loiras,* no largo da *Senhora dos Remedios.*

Cafés

1.º—*Café Barros,* na rua Nova.

2.º—*Café Central,* tambem na rua Nova

Theatros

1.º—*Boa União,* na rua dos Cavalleiros.

2.º—*Da rua Escura,* na rua d'este nome.

Edificios publicos

Os dez melhores edificios publicos de Viseu na actualidade são os seguintes:

1.º—A Sé cathedral.

2.º—*A egreja de Nossa Senhora do Carmo.*

---

[1] Veja-se o topico relativo aos conventos.

[1] Tomou o nome da antiga e extincta egreja de *S. Martinho,* da qual adiante fallaremos.

3.º—*A egreja da Misericordia* e suas dependencias.

4.º—*O Hospital da Misericordia*, denominado *Hospital Novo*.

5.º—Os *Paços do concelho*.

6.º—O antigo *Paço Episcopal da Sé*, denominado *Paço dos Ires escalões*, hoje occupado pelo governo civil, pelo lyceu e por outras repartições publicas. Tambem se denomina *Collegio*.

7.º—O *Paço Episcopal de Fontello*, residencia actual dos prelados visienses.

8.º—O extincto convento dos frades capuchos de Santo Antonio, hoje quartel militar.

9.º—O *Azylo d'infancia desvalida*.

10.º—O *novo mercado coberto*.

Vejam-se os topicos correspondentes a estes 10 titulos.

Edificios particulares

Os 7 melhores edificios particulares de Viseu na actualidade são os seguintes:

1.º—O palacete ou *Casa do Arco*, que foi da nobre familia *Albuquerques*, ainda hoje aqui representada por Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso.

O mencionado palacete está unido a uma das antigas portas da cidade,—a *Porta dos Cavalleiros*,—e tem sobre o arco d'ella um lindo terraço com mirante e vistas para ambos os lados.

Tem este palacete tambem uma espaçosa e linda cerca.

Foi tudo vendido a um brazileiro (capitalista) de S. Pedro do Sul, ha pouco tempo; depois o governo adquiriu o palacete para n'elle installar differentes repartições publicas—e por seu turno a camara de Viseu tenta comprar a cerca para a transformar em jardim publico, do que bem carece Viseu.

2.º—O palacete ou *Casa da Prebenda*, um dos mais bellos de Viseu no exterior.

Pertencia a Luiz Pereira de Mello e Napoles, senhor d'esta casa e seu morgado, representante da nobre casa e senhorio de *Barbeita*, junto de Caminha, e da alcaidaria-mór d'aquella villa, o que tudo ainda possuiu seu pae Luiz Pereira de Mello Soutomaior, mas tudo foi vendido para pagamento de dividas!...

3.º—O palacete de Fernando d'Almeida Cardoso de Cerqueira.

Demora na rua Direita e passou por herança para a viuva e filhos de Bento de Queiroz Pinto d'Athaide Serpe e Mello, senhor da nobre casa e chefe da familia d'estes appellidos em Favaios, concelho d'Alijó, provincia de Traz-os-Montes. São os seus actuaes possuidores.

4.º—O palacete do *Conde de Prime*, por elle habitado.

Demora na mencionada rua Direita, na extremidade sul, denominada *Cimo de Villa*.

5.º—O palacete de Francisco Antonio da Silva Mendes, no largo do Rocio, onde principia a rua do *Soar de Baixo*.

6.º—O palacete do *Serrado*,—fóra de Viseu, mas á vista da cidade e distante d'ella apenas 300 metros.

Pertence ao visconde do Serrado, Francisco de Mello Lemos e Alvellos, bem como a quinta contigua;—tem uma elegante entrada por um espaçoso terreiro, fechado por um portão de ferro com brasão d'armas—e a quinta bons campos, jardins e frondoso arvoredo, muita agua, etc.

É uma das melhores vivendas de Viseu.

7.º—O palacete que foi do *morgado de Santa Christina*, Manuel Nicolau Cardoso d'Abreu Magalhães, hoje da sua neta D. Ignez d'Abreu Castello Branco, que vive na *Povoa da Arenosa*, concelho do Carregal, com o seu marido Gelasio da Cunha Magalhães.

Demora este palacete no antigo *Terreiro de Santa Christina*, depois *Largo dos Nerys* e do *Seminario*, hoje *Largo de Alves Martins*, o campo maior de Viseu depois do *Campo da Feira*.

Está muito vantajosamente situado o dicto palacete e, logo que a camara mande, como já devia ter mandado, demolir uns tristes casebres que estão entre a rua da Regueira e a estrada nova de Mangualde, fica o mencionado palacete com duas bellas fachadas sobre o dicto campo.

Edificios publicos brasonados

1.º—*A cathedral.*

Tem na sua riquissima abobada as armas do bispo que a mandou fazer na sua maior parte—D. Diogo Ortiz de Vilhegas,—e as armas d'el-rei D. Manuel,—de seu filho o cardeal D. Affonso, bispo de Viseu,—de D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha,—e as de el-rei D. Affonso V e de D. João II.

Nos claustros tem nas abobadas as armas do seu fundador—o bispo e cardeal D. Miguel da Silva.

Na capella da Cruz e nos mesmos claustros tem as armas do bispo D. Gonçalo Pinheiro—e n'outras capellas e em differentes sitios tem outros muitos brasões d'armas,—nenhum porem na sua pobre fronteria depois da estupida restauração feita pelo cabido em 1640 a 1671.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

2.º—*A egreja de Misericordia.*

Tem na frente as armas reaes portuguezas.

3.º—*A egreja da Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo.*

Tem as armas da ordem.

4.º—*A egreja da Ordem 3.ª de S. Francisco.*

Tem na frente as armas da ordem e na escadaria as do bispo D. Julio Francisco de Oliveira, que mandou fazer as dictas escadas.

5.º—*A egreja do Seminario.*

Tem na frente as armas da Congregação do Oratorio, á qual pertenceu até 1824, como diremos adiante.

6.º—*A capella de Nossa Senhora da Victoria,* mandada fazer pelo conego Antonio de Almeida d'Abreu em 1605.

Tem sobre o seu bello portico dois brasões d'armas,—um de cada lado: o da direita d'Abreus e Almeidas, o da esquerda de Cardosos e...

De passagem diremos que esta linda capella ha muito está profanada e servindo de arrecadação dos andores e moveis da ordem 3.ª de S Francisco, que está na posse d'ella.

Demora a dicta capella a pequena distancia da egreja dos irmãos terceiros de S. Francisco, com frente para o Rocio.

7.º—*Capella de S. Domingos,* na rua ou viella de S. Domingos. Não é edificio *publico,* mas *particular,* e tem o brazão dos antigos senhores da quinta de Santo Estevão, que a fizeram, assim como a frente nova da sua casa, cuja fachada principal deita para a rua da Cadeia (hoje de D. Duarte) e fica separada da capella por esta viella, com a qual casa pega a celebre casa da *Torre,* d'esta rua, que ainda existe com a torre.

Tem debaixo do formoso janellão gothico as armas do conselheiro Pedro Gomes d'Abreu, que a comprou em praça. Era a casa do Almoxarifado, onde a tradição diz nascera el-rei D. Duarte, tanto que *em memoria d'este facto* se concedeu ao dicto conselheiro e seus descendentes, senhores da quinta de Santo Estevão, o privilegio de *azylo,* e ainda nos principios d'este seculo existia chumbada na parede por baixo do janellão gothico, uma *cadeia* a que os criminosos se agarravam. Esta capella, a casa nova e a da *Torre* pegada, foram em nossos dias vendidas, quando se extinguiu aquella familia de Santo Estevão.

Vide infra, o n.º 11, e o topico *Templos extinctos,* n.º 5.

8.º—*Capella de Nossa Senhora da Conceição,* junto do Campo da Feira.

Tem na frente um escudo com o emblema do mysterio da Conceição.

9.º—*Paço Episcopal de Fontello.*

Tem no fim da grande avenida, á entrada do terreiro, 2 brasões d'armas de 2 bispos visienses.

10.º—*Paço episcopal dos tres escalões,* tambem denominado *Collegio,* contiguo á cathedral.

Tem sobre a porta principal um nicho com a imagem de *Nossa Senhora da Esperança* e aos lados 2 brasões d'armas:—um do bispo D. Nuno de Noronha, que ali fundou o velho Seminario em 1593;—outro do bispo D. Fr. Antonio de Sousa, successor do antecedente e que continuou a dicta obra, não chegando a vel-a ultimada porque falleceu em 1597, havendo tomado posse em 1595.

11.º—*Cruzeiro do adro da Sé.*

Tem as armas do bispo D. Julio Francisco d'Oliveira, e a data em que o mandou fazer—1760—em substituição d'outro mais antigo e muito modesto.

12.º—O antigo *Hospital das Chagas,* que pertenceu á Misericordia.

Tem na frente o emblema da sua instituição e aos lados as armas do mesmo bispo D. Julio, com a data 1759, por haver n'aquelle anno mandado fazer n'este hospital grandes obras.

Tem mais 2 brasões do mesmo bispo em dependencias annexas, feitas por elle tambem.

13.º—*Hospital Novo* da Misericordia.

Tem no frontão as armas reaes;—na extremidade E. da fronteria as armas antigas da cidade de Viseu;—na extremidade opposta as armas da Santa Casa—e ao alto do frontão 3 grandes e formosas estatuas de granito, representando a *Fé*, a *Esperança* e a *Caridade.*

Occupa o centro e a parte culminante a *Caridade*; á sua direita tem a *Fé*; á esquerda a *Esperança.*

14.º—*A casa municipal da Ribeira.*

Tem a camara no *Bairro da Ribeira* e junto do *Campo da Feira* uma casa para onde costuma transferir a sua secretaria e celebrar as suas sessões por occasião da grande feira, de que logo fallaremos. Na parte restante do anno ficava devoluta a dicta casa e, depois que se creou em Viseu o corpo da policia civil, tem esta ali a 2.ª esquadra.

No cunhal do lado direito se vêem as armas reaes, e uma inscripção com o nome de quem mandou fazer a dicta obra no anno de 1738:—Alvaro José Saraiva Beltrão, então juiz de fóra de Viseu, (senhor da Quinta do Ribeiro no concelho de Caria), presidente da camara, e os vereadores João d'Almeida de Mello e Vasconcellos (senhor da casa de Santo Estevam e da casa da Torre, na rua da Cadeia) e Henrique de Lemos Castellobranco, senhor da casa dos Lemos de Arganil e Viseu.

15.º—*Fonte de Santa Christina,* no antigo largo do seu nome, hoje *Largo d'Alves Martins.*

Tem as armas do cardeal D. Affonso e a esphera armilar d'el-rei D. Manuel, pae do dicto infante.

16.º—*Chafariz do Arco,* junto da *Porta dos Cavalleiros* e defronte do palacete que foi dos *Albuquerques.*

Tem 2 bicas; no alto um nicho com a imagem de S. Francisco d'Assis—e um escudo com as armas reaes por baixo.

Não tem actualmente Viseu mais edificios publicos brasonados, porque os novos paços do concelho ainda não estão concluidos, posto que n'elles já funccionam diversas repartições publicas.

Edificios brasonados particulares

1.º—*Casa e quinta do Serrado,* do visconde d'este titulo.

2.º—*Casa e quinta do Cruseiro,* dos Serpes Mellos.

3.º—*Casa e quinta de S. Miguel,* dos Cardosos, senhores d'esta quinta.

4.º—*Casa e quinta de Maçorim,* dos Machados e Silveiras.

5.º—*Casa da Prebenda,* dos Napoles e Bourbons.

6.º—*Casa dos Sousas Valentes,* no Largo de S. Sebastião.

7.º—*Casa de Francisco Antonio da Silva Mendes,* no Rocio de Santo Antonio, hoje *Passeio de D. Fernando.*

8.º—*Casa dos Pinhos e Azevedos,* no mesmo Passeio de D. Fernando.

9.º—*Casa dos Abreus Magalhães,* no *Largo d'Alves Martins.*

10.º—*Casa dos Bandeiras da Gama,* de Torre Deita, no *Largo de Traz do Collegio,*

11.º—A *Casa da Rua da Cadeia,* na rua d'este nome. Casa onde, segundo diz a tradição, nasceu el-rei D. Duarte e que foi do conego Pedro Gomes d'Abreu, e depois dos descendentes d'este, senhores da quinta de Santo Estevão (hoje vendida e pertencente a estranhos) pelo que na dicta casa poz o brasão que lá se vê, que é dos *Abreus e Soares d'Albergaria,* de que uzava o dito conego e que estava tambem no seu tumulo na capella do Calvario no claustro da Sé, por detraz do grande quadro do Grão Vasco.

Vide o topico anterior n.º 7, das *Familias nobres de Viseu* e o dos *Templos extinctos.*

12.º—Casa que foi dos *Ernestos Teixeiras de Carvalho*, hoje do conde de Prime, na rua de Cimo de Villa, ou rua Direita.

13.º—Casa que foi dos *Cardosos Cerqueiras*, extinctos, hoje possuida e habitada pela familia *Queiroz Pinto d'Athayde*, de Louroza, ou Favaios. V. o topico *Casas particulares*, n.º 3.

14.º—A casa que foi da familia *Chaves* e que hoje pertence a Joaquim d'Almeida Campos, com a capella de Santa Catharina, hoje profanada, ao *Miradouro.*

15.º—A casa que foi dos *Silveiras* de Lamego e que ha muitos annos é do estado. N'ella se acham as secretarias da 2.ª divisão e o calabouço.

Estas casas n.º 13 e 15, demoram na celebre *Rua Direita.*

16.º—A *Casa do Arco*, que foi da nobilissima, antiquissima e riquissima familia *Albuquerques.*

Tem 2 brasões d'armas:—um na fronteria;—outro na porta do quintal sobre a rua da Regueira, hoje de *D. Luiz I.*

Demora na rua dos Cavalleiros, parte integrante tambem da celebre *rua Direita*, como já dissemos.

17.º—A casa do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua bella quinta de *S. Salvador*, como já dissemos.

18.º—A casa dos *Tôvares Noronhas*, de Mões, de quem logo fallaremos.

Estas ultimas duas casas demoram na *rua da Calçada.*

19.º—Casa dos *Lemos de Sousa*, de Villa de Chã de Sá, na rua de D. Luiz I.

Ficou só em paredes e estas em pouco mais de metade, mas tem brasão e é o edificio particular com mais *pé direito* que ha em Viseu.

20.º—Casa que foi dos *Almeidas Vasconcellos*, na mesma rua de D. Luiz I, ou Rigueira.

Pertenceu aos antigos barões de Mossamedes, depois condes da Lapa, que a venderam com outros bens á familia *Mendes*, sua possuidora actual, e tem uma bella cerca.

21.º—A casa que foi dos *Loureiros Cardosos*, depois barões de Prime, na rua de S. Miguel.

Pertenceu ao visconde de Loureiro, filho e successor do barão de Prime, e foi ha poucos annos arrematada por Antonio de Padua Ponce de Carvalho, seu actual possuidor.

22.º—A casa dos *Chaves Araujos*, na rua de S. Miguel, só com brazões antigos nos tectos das salas.

23.º—A casa dos *Figueiredos* da Povoa, fronteira á antecedente.

Estas ultimas duas casas demoram tambem na rua de S. Miguel e ambas são brasonadas, mas não teem os brasões na fronteria.

24.º—A casa dos *Mellos e Castros d'Abreu*, na rua do Chão do Mestre.

Foi ultimo senhor d'esta casa e de outros muitos bens o conde de Santa Eulalia—Antonio Augusto de Mello e Castro d'Abreu, ha pouco fallecido, não deixando successão nem testamento. E, tendo muitos parentes remotos, tractam de habilitar-se 4, em 7.º grau civil, que dividirão entre si esta grande casa.

25.º—A casa que foi dos *Abreus Magalhães*, morgados de Santa Christina, na rua do Chão do Mestre, e que é hoje do negociante *Perdigão*, que tem feito n'ella muitas obras, pois estava em grande abandono e quasi em ruinas.

N'ella se acham montadas as typographias do *Jornal de Viseu*, *Districto de Viseu* e *Liberdade.*

Esta casa, bem digna de melhor sorte, tem um portico lindissimo,—*o primeiro de Viseu*,—luxuosamente ornamentado e encimado por *armas de ecclesiastico.* Não sabemos quem a fundou, mas devia ser pessoa respeitabilissima, de alta posição ecclesiastica, porque o brasão parece *pontificio!...*

Pertenceu muitos annos aos morgados de Santa Christina, o ultimo dos quaes a emprasou ao mencionado negociante, que ainda hoje d'ella paga fôro á ex.ma sr.ª D. Ignez d'Abreu, herdeira do vinculo e do palacio de Santa Christina, no largo d'este nome.

Tem pois Viseu actualmente 41 edificios brasonados e alguns antiquissimos, o que prova que Viseu é desde tempos muito re-

motos um viveiro de nobresa e uma cidade importante,—*e nunca teve tanta vida como hoje!...*

Prosigamos.

Commercio e industria

Tem Viseu muitos estabelecimentos commerciaes, alguns bem montados e um banco proprio, intitulado

Banco Agricola e Industrial

Este banco, destinado a beneficiar a agricultura e a industria, foi creado em 1868, principiando a funccionar em 13 de abril do mesmo anno.

Foram seus primeiros gerentes Francisco de Mello Lemos e Alvellos (hoje visconde do Serrado), o dr. Bernardo Antonio da Silva e Andrade e José Luiz do Amaral Guimarães.

Os seus fundos, que ainda hoje se conservam, foram 60 contos, dos quaes pertencem 40 á Misericordia e 20 aos accionistas. As acções são 3:000, cada uma do valor de réis 20$000.

As suas operações são emprestimos sobre letras com hypothecas,—sobre penhores e em conta corrente. O seu juro tem sido sempre de 7 p. c.

Seus directores actuaes são o dr. Manuel Antonio Barroso e o commendador Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos;—substituto Camillo Augusto da Silva e Andrade.

Tem Viseu agencias d'outros bancos e companhias;—6 pharmacias;—8 estabelecimentos d'alfaiate,—8 de barbeiros e 15 de sapateiros,—differentes alquilarias e estabelecimentos de diligencias,—ferradores, corrieiros, serralheiros, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, marceneiros, livreiros e encadernadores, cerieiros e muitos latoeiros de folha branca e de amarello, surradores, 2 fabricas de sola, etc.

Feiras e mercados

Tem Viseu mercados todas as terças feiras de cada semana e uma feira annual importantissima e antiquissima denominada *Feira de S. Matheus.*

Começa no dia 20 e acaba no dia 30 de setembro e foi, como a de Trancoso, uma das mais privilegiadas do reino, pelo que se denominou e ainda hoje se denomina tambem *Feira Franca.*

Desde tempo immemorial se fazia esta feira no vasto chão ou campo da *Cava de Viriato*[1], de que logo fallaremos, mas el-rei D. Duarte a mudou da *Cava* para a *Ribeira* —e do dia de *S. Jorge*, 23 d'abril, para o de *S. Matheus*, 21 de setembro, declarando-a *franca*, ou isenta dos tributos e direitos de portagem 3 dias, pelo que rapidamente se tornou importantissima! A ella concorriam industriaes e negociantes de todo o nosso paiz e até mouros de Granada! Decahiu bastante com a perseguição e expulsão dos mouros e judeus;—depois com a extincção

---

[1] Francisco Manuel Correia, na sua interessante *Memoria* ms. diz que esta feira principiou em 1188 por alvará d'el-rei D. Sancho I, mas Berardo (*Liberal* de 24 de junho de 1857) diz que se ignora *completamente* a data da origem d'esta feira e presume que deve o seu principio á festa e romagem que no dia 23 d'abril costumava fazer-se a S. Jorge, na sua capella dentro da *Cava de Viriato*, porque (diz elle)—«O tracto e commercio dos nossos passados era muito escaço, e as romarias forão occasião do estabelecimento de muitas feiras, onde os concorrentes, de passagem, trocavão e vendião os seus haveres.»

Inclinamo-nos á opinião do sabio conego, mesmo porque a dicta feira até o tempo de D. Duarte se fez sempre a 23 d'abril, dentro da *Cava*, no dia da festa e da romagem de *S. Jorge*, orago da dicta capella, pelo que tambem se denominava *Feira de S. Jorge*, e só depois que a feira se mudou para o campo onde hoje se faz e para o dia *S. Matheus*, é que tomou o nome de *Feira de S. Matheus*, collocando-se por essa occasião a imagem d'este apostolo na capella de *S. Luiz*, que estava no chão, para onde foi mudada a feira,—imagem que ainda hoje se vê na capella de *Nossa Senhora da Conceição* no mesmo Campo, feita junto da de *S. Luiz* e em substituição d'ella.

Veja se o n.º 10 no topico dos *Templos extinctos*—e o n.º 11 no topico do *Templos actuaes*.

das suas enormes franquias—e ultimamente com o progresso da viação e facilidade das communicações entre nós, o que tem annullado a importancia de todas as nossas feiras. Soffreu esta tambem muito, mas ainda assim é hoje sem contestação a primeira d'esta provincia e talvez a *primeira* de Portugal!...

Não exageramos, como prova o documento seguinte:

Mappa estatistico official dos objectos expostos á venda na FEIRA FRANCA de Viseu em setembro de 1886, e valor das vendas n'ella realisadas

N.º dos estabelecimentos	Objectos expostos á venda	Importancia dos objectos expostos	Cifra das vendas realisadas
3	Colchoeiros	1:500$000	200$000
3	Caldeireiros	2:000$000	350$000
4	Corrieiros	3:500$000	800$000
5	Funileiros	2:000$000	400$000
7	Latoeiros d'amarello	7:500$000	2:300$000
14	Sapateiros	14:000$000	3:500$000
13	Tamanqueiros	5:000$000	4:000$000
10	Chapeleiros	12:000$000	2:500$000
2	Livreiros	2:000$000	600$000
5	Retrozeiros	35:000$000	9:800$000
19	Capellistas	85:000$000	17:000$000
27	Quinquilherias	52:000$000	4:500$000
23	Bufarinheiros	16:000$000	3:800$000
16	Lojas de pannos a retalho	100:000$000	14:000$000
4	Estabelecimentos de pelucias	5:000$000	4:500$000
6	Toalheiros	5:000$000	2:000$000
12	Ferrageiros	9:000$000	3:000$000
8	Mercieiros	11:000$000	4:800$000
7	Louceiros nacionaes e estrangeiros	12:000$000	5:000$000
3	Vidraceiros	800$000	150$000
10	Vendedores de ouro e prata	120:000$000	3:000$000
4	Relojoeiros	6:000$000	300$000
23	Vendedores de linho em rama	8:000$000	6:000$000
	Pannos da Covilhã	400:000$000	220:000$000
	Ditos de Arrentella, Alemquer, Lisboa e Pader nello	200:000$000	100:000$000
	Cobertores	60:000$000	28:000$000
	Carneiras e pellicas	2:000$000	2:000$000
	Saragoça em fardos	30:000$000	28:000$000
2	Depositos de machinas de costura	10:000$000	800$000
	Somma	1.216:300$000	471:300$000

N.º dos estabelecimentos	Objectos expostos á venda	Importancia dos objectos expostos	Cifra das vendas realisadas
	Transporte	1.216:300$000	471:300$000
	Sola	105:000$000	95:000$000
	Beserro cortido	35:000$000	28:000$000
3	Alfaiates com roupas feitas	4:500$000	2:000$000
	Teias de linho	1:000$000	600$000
	Estopa	100$000	100$000
2	Ferro e aço em barra	14:400$000	14:400$000
12	Cordões e atacadores	2:500$000	1:500$000
3	Albardeiros	200$000	80$000
	Fusos	100$000	50$000
	Rocas	60$000	40$000
	Vasilhame para vinho	350$000	300$000
12	Taberneiros que venderam 70 pipas de vinho de 550 litros	40:656$000	40:656$000
	Amendoa 1:650 kilos	500$000	50$000
	Pera secca 550 kilos	200$000	200$000
	Ameixa secca 500 kilos	66$000	66$000
	Pecegos 35 kilos	7$000	7$000
	Milho	150$000	80$000
	Cevada	60$000	35$000
	Palha	150$000	150$000
	Rodeiros	300$000	300$000
	Gamellas de pau	65$000	65$000
	Sardinha	500$000	500$000
	Ferrágens	90$000	70$000
	Sebo	150$000	150$000
10	Estanques	1:500$000	700$000
	GADOS		
	Bovino	280:000$000	50:000$000
	Bezerros	45:000$000	17:500$000
	Muar	15:000$000	9:000$000
	Cavallar	8:000$000	3:000$000
	Asinino	1:250$000	500$000
	Total	1.773:154$000	736:849$000

Do exposto se vê que a *Feira Franca* de Viseu é muito importante ainda.

Fez-se na *Cava de Viriato*, durante seculos;—depois, por ser o dicto local muito ermo, alagadiço e distante da cidade 600 a 1:000 metros (referimo-nos á Sé) o que dava occasião a furtos, roubos e outros crimes, mudou-se para dentro da cidade e alguns annos se fez no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, e ao longo das ruas o que tinha tambem graves inconvenientes, pelo que se mudou no tempo d'el-rei D. Duarte para o campo onde se faz ainda hoje, denominado *Campo da Feira*, na mar-

gem direita do Pavia, entre este rio e a celebre *Cava de Viriato*, de que logo fallaremos.[1]

O dicto campo é irregular, mas espaçoso; —pelo meio d'elle passa hoje a estrada real a macadam n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul,—e por occasião da feira addicionam ao dicto campo alguns chãos contiguos, que na parte restante do anno são cultivados. A esta feira vinham antigamente os mouros *granadinos* e da Estremadura e Andaluzia com productos das suas industrias, e nos nossos dias ainda vem poldros das melhores raças andaluzas de cavallos. Hoje vem já poucos, mas ainda concorrem bastantes hespanhoes da raia da Beira.

Tambem todas as terças feiras se faz no dicto *Campo de Viriato*[2] feira de gado bovino, suino, etc.

Largos e praças

1.º—*Passeio de D. Fernando*,—outr'ora *Quinta de Maçorim*,—depois *Campo de Maçorim*, feito em uma parte da mencionada quinta.

Denominou-se tambem *Rocio de Santo Antonio*, depois que junto d'elle, na parte restante da bella quinta de *Maçorim*, se fez o convento de Santo Antonio, de frades capuchos.

É hoje o campo e o passeio publico mais bonito de Viseu, mas pouco espaçoso, pouco alindado e muito irregular.

Tem apenas algumas arvores de grande porte, alguns bancos e um pavilhão onde costuma tocar nos domingos e quintas feiras a banda regimental,—e no dicto campo, se erguem os novos *Paços do concelho*.

Visèu, sendo capital de provincia e uma cidade tão importante e de tantos recursos (desculpem os visienses a franqueza) não tem um jardim publico, nem uma alameda, nem um *boulevard*, avenida ou parque de recreio!

N'este ponto envergonham-na Lamego, a 2.ª cidade d'esta provincia, e outras muitas das nossas cidades de 2.ª ordem, taes são Evora, Vianna, Guimarães, Setubal, Portalegre, Elvas e Beja. Envergonham-na até algumas das nossas *villas*, taes como Cintra, Barcellos, Villa Viçosa, Villa Real de Traz-os-Montes, Valença do Minho—e as praias da Foz do Douro e da Granja.

Viseu tem e teve sempre muitos filhos benemeritos, mas nunca teve um que se dedicasse aos melhoramentos e embellesamentos da cidade como, por exemplo, o sr. visconde de Guedes Teixeira se dedicou aos melhoramentos e embellesamentos de Lamego—e o sr. José Guilherme Pacheco aos melhoramentos e embellesamentos da villa de Paredes, sua patria adoptiva.

Appellamos *francamente* para quem visse e conhecesse as cidades de Viseu e Lamego e a villa de Paredes ha 20 annos—e as veja na actualidade.

Viseu—com pequena differença—conserva-se no *statu quo*;—pelo contrario Lamego e Paredes mudaram de *fond en comble!*

Tem Viseu apenas melhorado em edificios publicos e particulares, e em poucas ruas e estradas a macadam que a atravessam.

Com vista aos ill.mos e ex.mos srs. governador civil, conselheiros do districto, administrador do concelho e vereadores de Viseu—bem como a todos os benemeritos visienses.

2.º—*Campo da Feira* ou de *Viriato*.

É o campo já descripto supra.

3.º—*Largo de Alves Martins*.

É bastante espaçoso, em forma de um quadrilongo e o mais regular de todos, mas está completamente nù!...

Sobre elle se erguia outr'ora á direita e logo á entrada, indo da rua da Regueira, a

---

[1] D. Duarte governou apenas 5 annos,—de 1433 a 1438;—era filho de D. João I—e nascera em Viseu em 1391, pelo que não só deferiu a petição dos visienses, relativamente á mudança do local e dia da feira, mas na provisão, cujo autographo se perdeu, muito generosamente accrescentou: *E por attentarmos a ser nuquella cidade o nosso nascimento, a concedemos tres dias franca.*

Bom serviço prestou á sua terra natal!...

[2] Assim se denomina hoje o antigo *Campo da Ribeira*, depois *Campo da Feira*.

capella de Santa Christina, pelo que se denominou *Largo de Santa Christina*;—tambem se denominou *Largo do Carmo*, depois que se fez junto da dicta capella a esplendida egreja de Nossa Senhora do Carmo. Denominou-se finalmente *Largo dos Nerys* ou dos *Congregados* e *Terreiro* do *Seminario*, depois que no topo e ao cimo d'elle se fez o convento dos Padres do Oratorio, congregados de S. Filippe Nery, hoje seminario diocesano desde 1824.

Veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico do bispo Lobo.

N'este campo, junto da egreja de Nossa Senhora do Carmo, se vê um chafariz muito antigo, onde se bebe a melhor agua de Viseu.

É a *Fonte de Santa Cristina*, de que já fizemos menção entre os edificios publicos brasonados, sob o n.º 15.

4.º—*Largo de S. Miguel*, na frente da antiquissima egreja de S. Miguel do Fetal, de que adiante fallaremos.

N'este campo e junto da dicta egreja está a *Eschola do Conde de Ferreira*, assim denominada por ser uma das muitas casas de eschola que em Portugal se fizeram com o subsidio deixado por aquelle benemerito capitalista portuense. [1]

No dicto campo se costuma vender carvão de urze de Arganil e da serra de S. Macario.

5.º—*Largo das Freiras*, em frente do convento das religiosas benedictinas.

Por este largo se entra para o theatro—*Boa União*, hoje o primeiro de Viseu—e tem o dicto largo a O. um grande arco de pedra, denominado *Arco das Freiras*, porque sobre elle assenta uma parte do convento,—e *Arco dos Cavalleiros*, porque dava entrada para a rua dos Cavalleiros, hoje rua *Direita*, que se prolongava e prolonga até o arco da casa dos Albuquerques ou da *Porta dos Cavalleiros*, uma das velhas portas da cidade.

6.º—*Adro da Sé* na frente da cathedral, erguendo-se do lado opposto a egreja da Misericordia—e do lado sul, á direita de quem entra, uma torre do tempo dos romanos, que serviu d'Aljube ou prisão ecclesiastica, hoje cadeia civil.

É um largo bastante espaçoso, mas desabrido, irregular e nú, sem bancos nem arvoredo.

A um lado d'elle se ergue o cruseiro de que já fizemos menção no topico *Edificios publicos brasonados*, sob o n.º 11.º—e n'este largo se vende todas as terças feiras louça vidrada, sal e ferragem.

Demora no ponto culminante de Viseu outr'ora escabroso e muito defensavel, pelo que os romanos em volta d'elle fizeram grandes torres e muralhas e uma boa praça de guerra para os tempos d'armas brancas.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

7.º—*Praça da Senhora dos Remedios*,—ou *Praça da Erva*, porque n'este largo se vende a erva.

Demora no cimo d'esta praça o palacete do fallecido conde de Santa Eulalia.

8.º—*Largo do Collegio*.

Demora este largo junto ao grande edificio do Collegio, antigo Seminario e paço Episcopal, para o lado N. Não é nivelado, antes muito accidentado e escabroso e com lages naturaes e penedos á vista!...

N'este largo se vende em todos os dias de feira louça de barro preta e vermelha, tijolo, telha, vazos e cortiços para flores.

9.º—*Praça de Luiz de Camões*, desde as festas do tricentenario do grande epico, e antigamente *Praça do Commercio* ou *Praça Velha*.

Demora no alto da antiga rua da Cadeia, hoje rua de D. Duarte, e contigua á cadeia civil, uma das velhas torres romanas.

É uma praça muito irregular e pequena, mas toda revestida de casas com estabelecimentos commerciaes desde tempos muito remotos, pois foi o coração de Viseu. D'ali e da proxima fortalesa, hoje cathedral, irradiou a população para todos os quadrantes até ás campinas da baixa, onde se vê hoje a parte melhor de Viseu.

Na dicta praça vende-se nas terças feiras linho, calçado de toda a ordem e miudesas ou artigos proprios de tendeiros ambulantes.

---

[1] V. *Campanhan*, tomo 2.º pag. 59, col. 1.ª

Ao cimo d'esta praça, junto do Chão do *Mestre*, estavam os antigos paços do concelho incendiados no seculo XVIII.

10.º—*Praça 2 de maio*,—vulgarmente *Praça Nova*.

É um esplendido mercado coberto, muito elegante e vistoso, a praça mais regular de Viseu. Tem no meio 4 espaçosos alpendres com coberturas de zinco e columnas de ferro; sobre a rua Formosa uma bella fronteria gradeada de ferro, com um elegante portico tambem de ferro no centro—e nos seus 4 angulos 4 torreões com portas e janellas de ogiva,—torreões que a camara municipal arrenda, bem como os alpendres interiores.

Vende-se n'esta praça hortaliça, queijo, aves, fructa, pão, batatas, etc., etc.

É tão espaçosa esta praça que rarissimas vezes se enche.

Principiaram as obras no quintal do bacharel Heitor de Lemos e Sousa, junto do *Gremio Visiense*, no dia 21 d'agosto de 1877, e deu-se-lhe a denominação *Dois de maio*, dia memoravel para Viseu, porque no dia 2 de maio de 1834 entrou em Viseu o duque da Terceira com as tropas liberaes do seu commando, estabelecendo o governo constitucional de S. M. a rainha D. Maria II.

Inaugurou-se a dicta praça no dia 2 de maio de 1879, mas só no domingo 28 de setembro seguinte n'ella se fez o primeiro mercado.

Tem esta praça um contra:—ser bastante humida, por estar no sopé de uma grande barreira.

Templos actuaes

1.º—*A Sé*.

Veja-se o titulo *Cathedral de Viseu*.

2.º—*Egreja de Nossa Senhora do Carmo*.

Veja-se o titulo *Ordens terceiras*.

Tem 5 altares, 2 torres e uma bella fronteria de granito.

3.º—*Egreja do Seminario*.

Tem grande pé direito, bella fronteria, 7 altares, côro para os seminaristas, abobada de tijolo, etc.

V. *Conventos* e *Seminario*.

4.º—*Egreja de S. Francisco*.

Tem 7 altares, boa fronteria e bom atrio, etc. V. *Ordens terceiras*.

5.º—*Egreja da Misericordia*. V. *Misericordia*.

6.º—*Egreja do convento de Jesus*, de freiras benedictinas, com 3 altares e boas decorações de talha antiga.

Veja-se o titulo *Conventos*.

7.º—A historica e antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*.

D'ella fallaremos, bem como do lendario tumulo de D. Rodrigo, no fim d'este topico.

8.º—A egreja da *Via Sacra*—ou de S. Francisco das Chagas.

Demora no alto da Via Sacra.

Vide adiante o topico d'este nome.

Demanda restauração e n'ella se acha erecta a irmandade de *Santa Cruz* e *Passos*.

9.º—Capella de *Santa Martha*, no Paço de Fontello.

Tem 3 altares. O altar-mór é o de Santa Martha e de traz d'este, que fica separado da capella-mór, está por cima uma formosa tela de *Grão Vasco*, representando *Jesus Christo em casa de Martha*, que me parece ser a melhor da capella, posto que tem muitas e algumas de merecimento.

Havemos de indical-as todas, quando fallarmos do celebre pintor *Grão Vasco*.

O altar collateral do lado da epistola, é dos dois S. Joões: o Evangelista e o Baptista mostrando o *Agnus Dei*.

O do lado do evangelho é dedicado a S. Pedro e S. Paulo.

O actual prelado tem restaurado e aperfeiçoado muito esta capella, bem como o Paço de Fontello que estavam muito descurados. N'este tem feito importantes obras e melhoramentos, e agora anda construindo uma bella varanda a S. para tornar tambem por aquelle lado mais commoda a communicação com a capella.

10.º—Capella de *S. Sebastião*, na rua do Soar de Baixo, ou do Principe Real.

Tem 3 altares e não é muito antiga, mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Tambem não ha muito que a devoção de mordomos a tinha bem reparada e festejava

todos os annos o martyr, mas depois essa devoção esfriou; as festas cessaram—e na pobre capella apenas se dizia alguma missa resada.

Pelos annos de 1820 foi dourada a tribuna e pouco depois se fez o côro e a escada exterior para elle.

Consta que houve uma irmandade de S. Sebastião n'esta capella, mas foi extincta por falta de zelo e de meios.

É publica.

Em 1886, por occasião de estar Viseu ameaçado da invasão do cholera, certos devotos do Martyr principiaram a colher donativos para restaurar a irmandade e a capella, o que conseguiram reformando a capella e os estatutos; admittiram muitos fieis; fizeram no anno de 1887 uma brilhante festividade a grande instrumental, sermão e procissão —e promettem continuar.

11.º—Capella de *Nossa Senhora da Conceição.*

Demora na Ribeira e tem irmandade propria, instituida em 1662 na antiquissima capella de S. *Luiz*, hoje profanada e em ruinas, junto da de *Nossa Senhora da Conceição*, que foi feita por ser a de S Luiz muito pequena e estar muito arruinada com o peso dos seculos, pois datava do tempo d'el rei D. Duarte, segundo se suppõe.

É publica e n'ella se venera a imagem de S. Matheus, que estava na capella de S. Luiz, onde foi collocada por occasião da mudança da feira.

12.º—Capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, no largo d'este nome.

Como diz uma inscripção que ainda hoje tem na fronteria, foi fundada *pelo povo* em 1742 e por consequencia era *publica*, mas, caindo em grande abandono com o decorrer do tempo, lançaram mão d'ella os donos da casa de Santa Eulalia, contigua á pobre capellinha.

Até 1824 n'ella costumava resar o terço á noite, com grande concurso de povo, José Paes d'Almeida, pharmaceutico muito religioso;—d'ali costumava tambem sair em procissão a visitar os Passos—e todos os annos o mesmo bemfeitor e protector d'esta capellinha n'ella festejava com missa cantada e sermão a padroeira, o que tudo acabou no mencionado anno com a morte do piedoso pharmaceutico.

13.º—Capella da *Balsa*, particular, da invocação de Nossa Senhora e do Santissimo Coração de Jesus.

Demora na *Balsa*; pertence ao rev.mo sr. Padre Antonio Ferreira d'Almeida, secretario da camara ecclesiastica;—é moderna e muito elegante—e tem Santissimo permanente.

Foi fundada em 1884 e inaugurada com pomposa festividade em 2 d'abril do mesmo anno. O seu altar é privilegiado *in perpetuum*, com indulgencia plenaria. Tem uma rica imagem da padroeira, imagem feita na Allemanha, e duas formosas telas vindas de Roma—*A morte de S. José* e o *Immaculado Coração de Maria.*

14.º—Capella de *Santo Antonio* em Cimo de Villa.

É tambem particular;—demora no Cimo de Villa—e pertence ao conde de Prime, a cuja casa está pegada.

15.º—Capella de *Nossa Senhora do Pranto.* Demora tambem no Cimo de Villa, na rua de S. Martinho, continuação da rua *Direita*—e foi fundada pelos moradores da dicta rua em 1746, como diz uma inscripção que tem na frente e que é textualmente a seguinte :

HOC PLATEAE CIVES HUJUS POSUERE SACELLUM,
SUMPTIBUS, ALMA, SUIS, SUSCIPE VOTA PARENS.

Em vulgar: «Os cidadãos d'esta rua fizeram esta capellinha á sua custa. Virgem Mãe, acceitae seus votos.»

Era pois a dicta capella evidentemente *publica* e *publica* deve considerar-se ainda, posto que, ha annos, os donos das casas contiguas, hoje pertencentes—a do lado de cima ao commendador Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos,—e a do lado de baixo a Nicolau Cabral de Mello e Abreu Magalhães, residente em Papisios, concelho do Carregal,—talvez por haverem feito na pobre capellinha alguns reparos, abriram n'ella

portas de communicação para as dictas casas,—n'ella mandam celebrar missas como em capella sua—e ambos teem chave para poderem abril-a quando lhes aprouver,—tudo isto com annuencia dos moradores da dicta rua, legitimos donos da capellinha.

Foram extraordinariamente pomposas as festas da inauguração em 1746, como pode ver-se do folheto que Francisco Coelho de Carvalho publicou, descrevendo-as, em 1747.

Intitula-se o dicto folheto:—*Relação breve das festas que se celebraram na cidade de Viseu, feitas em louvor da Virgem Nossa Senhora do Pranto, n'este anno de 1746.* Lisboa, 1747, 4.º de 16 pag.

Veja-se o tomo 2.º do supplemento ao *Diccionario Bibliographico* de Innocencio e a *Memoria* ms. de Francisco Manuel Correia.

16.º—Capella de *S. Caetano*, na quinta de S. Caetano, defronte de Viseu, a 400 metros de distancia, pertencente á viscondessa d'este titulo. É antiga e muito pequena;—foi fundada por um ecclesiastico da familia, a quem os paes ou avós da viscondessa de S. Caetano a compraram—e pertence ao termo da freguezia de Ranhados, uma das annexas da Sé.

Ha em Viseu tambem varios oratorios, onde se diz missa por concessões apostolicas. Não os mencionamos por estarem no interior das casas.

Tambem no topico relativo á cathedral mencionaremos as capellas que ha no interior d'ella e nos claustros.

Templos extinctos

1.º—*A egreja dos frades capuchos do convento de Santo Antonio.*

Era um bom templo, mas, depois que se extinguiram as ordens religiosas e se arvorou o dicto convento em quartel militar, foi profanada a egreja e transformada em casa d'arrecadação pelos vandalos d'este seculo *das luzes?!...*

Veja-se o topico relativo aos conventos.

2.º—*Egreja de S. Martinho*, na rua d'este nome.

Era um templo venerando pela sua antiguidade e tradições.

Já existia em 1585, quando Jeronymo Bravo e sua mulher Isabel d'Almeida instituiram nas suas casas, contiguas á dicta egreja, um hospital ou *gafaria*, intitulado *Hospital das Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.*

Veja se o topico relativo á *Misericordia.*

A dicta egreja tinha pia baptismal e foi matriz de parte das povoações ruraes, que em 1808 se arvoraram em freguezias *annexas*, das quaes se fez já menção.

Até o meado d'este seculo servia de capella ao dicto hospital, mas, depois que os doentes se transferiram para o *Hospital Novo*, ficou a pobre egreja em abandono, cahiu em ruinas e d'ella hoje nada resta, porque foi demolida em 1876.

Tinha galilé ou atrio coberto á entrada—e um pulpito riquissimo, em forma de calix, feito por dois monolitos de marmore da Arrabida, que d'ali mandou expressamente conduzir o bispo D. João de Mello, approximadamente em 1675, para pulpito da Sé, onde esteve até que o rev. cabido, na stulta reforma e transformação que operou na Sé, durante a vacancia de 1720 a 1740, tirou da Sé o dicto pulpito, *ainda hoje talvez o melhor de Viseu*, e collocou-o na obscura e pobre egreja de S. Martinho *extra-muros?!...*[1]

Não terminou porem aqui o fadario do pobre pulpito, pois em 1875 a camara o removeu para a capella do cemiterio municipal, onde se vê hoje com a mesma apparencia e formato que tinha, mas partido e com muitos fragmentos collados, porque o pedreiro encarregado da remoção era tão estupido e foi tão desleixado, que o despedaçou!...

A dicta egreja ou capella de S. Martinho era pouco espaçosa;—tinha um só altar—e

---

[1] Veja-se o topico relativo á *Cathedral*; entretanto diremos que o marmore do pobre pulpito é igual ao do altar-mór e da pia baptismal da Sé e das 2 pias d'agua benta,—e que foi todo mandado vir da Arrabida pelo mesmo bispo, como diz o Padre Sousa, no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tomo 3.º fl. 88.

Veja-se tambem adiante no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. João de Mello.*

n'ella havia uns quadros pequenos de bastante merecimento, que foram removidos para a sacristia da Sé.

3.º—*Capella de Nossa Senhora da Lapa.*

Esteve no terreiro da Erva, é pequena e está defronte da capella da Senhora dos Remedios.

V. topico anterior n.º 12.

Foi instituida por José Paes d'Almeida, o piedoso pharmaceutico, de quem já fizemos menção no topico relativo á capella de *Nossa Senhora dos Remedios*, da qual foi insigne bemfeitor, bem como d'esta da *Lapa*, que por morte d'elle ficou em abandono,—caiu em ruinas — e hoje está quasi desfeita!...

4.º—*Capella de Nossa Senhora da Victoria*, no rocio de Santo Antonio, hoje Passeio de D. Fernando.

Era uma das mais luxuosas e mais formosas capellas de Viseu.

Foi fundada em 1605 pelo conego Antonio d'Almeida Abreu, que sobre a porta d'ella collocou dois escudos com brasões differentes.

Em 1733 foi doada pelo cabido, *sede vacante*, aos irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco.

Tem uma frente elegante e n'ella a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA DA SENHORA
DA VICTORIA MANDOU FA-
ZER E DOTOU POR SUA DE-
VOÇÃO O CONEGO ANTONIO
D'ALMEIDA AVREU
1605

Para evitarmos repetições, veja-se o n.º 6.º do topico relativo aos *edificios publicos brasonados*.

5.º—*Capella de S. Domingos.*

Era antiquissima e foi profanada ha annos, tendo sido restaurada anteriormente varias vezes. Em 1724 foi reconstruida *a fundamentis* e n'ella se collocaram por essa occasião as armas que ainda hoje tem no cunhal do frontispicio, lado E.

No mesmo frontispicio se vê a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA DO PATRIARCHA
S. DOMINGOS HE DE JOÃO
D'ALMEIDA E MELLO, POR
TER SIDO DE SEU AVÔ MON-
TEIRO MOR ALVARO DE CARVALHO
VASCONCELLOS SNR. DA QUINTA
DE SANTO ESTEVÃO,
QUE A RESTAUROU

Este João d'Almeida e Mello, senhor da quinta de Santo Estevão, tambem a renovou, e extincta a sua familia, foi vendida com a casa fronteira ao dr. Francisco Barroso, cujos herdeiros a possuem, mas já profanada. O seu bello retabulo de talha dourada foi dado ao rev. cura da Sé, João Nunes, da freguezia Oriental de Viseu, que o aproveitou e mandou dourar de novo, para o altar de Santa Rita do claustro da Sé, que foi queimado e estava abandonado. Este zeloso ecclesiastico restaurou-o de novo á sua custa e com donativos de alguns devotos, n'este anno de 1887, addiccionando-lhe duas bellas imagens dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, sendo feita a inauguração d'este altar com uma pomposa festividade no mez de julho do corrente anno de 1887.

V. sobre a capella de S. Domingos o topico *Edificios publicos brasonados* supra n.º 7, e o topico *Edificios brasonados particulares*, n.º 11.

6.º—*Capella de Santa Christina*—e depois tambem — *Capella de Santo Amaro*, — no Campo de Santa Christina, que tomou d'ella o nome (hoje Largo de Alves Martins)—junto da egreja de Nossa Senhora do Carmo.

Sumiu-se na noute dos tempos a memoria da fundação d'esta antiquissima capella de Santa Christina, que depois tambem se denominou capella de Santo Amaro, por se festejar ali tambem com grande pompa este santo.

D'ella se utilisaram primeiramente os irmãos 3.ºs de S. Francisco, desde 1729 até 1733,—e depois os 3.ºs de Nossa Senhora do Carmo, por doação do cabido, desde 1733 até 1738, data em que já estaria profanada e se transferiram as imagens para a egreja do Carmo, ficando a capella servindo de casa

de arrecadação dos objectos pertencentes á dicta ordem.

Tinha a capella na sua frente uma galilé, ou atrio coberto, e no chão d'elle se encontrou enterrado em 1818 um tumulo ou caixão de pedra que exhalava um cheiro semelhante ao do gaz hydrogenio sulphurisado. O caixão era de pedra inteiriça; dentro d'elle apenas se encontrou uma materia esbranquiçada,—*adipoeira*,— semelhando um mixto de gordura e cera,—e no dicto caixão se lia o epitaphio seguinte:

MAELO BO
VTI. F. TAP.
ANNO. LX. H.
S. E. S. T. T. LEVIS.
FILI. F. C.

Traducção de Berardo;—«Mello Tapsio, filho de Boucio, tendo sessenta annos, foi aqui sepultado. A terra lhe seja leve.

O filho lhe mandou fazer esta sepultura.»

—

Esta capella estava em um olival confinante pelo sul com uma quinta em parte foreira ao cabido, e que foi de Custodio José da Silveira, da familia dos antigos *manposteiros* da rua Direita. Pertence hoje a dicta quinta ao visconde do Serrado.

O mesmo olival deu antigamente o nome á rua proxima—e n'elle se edificou tambem a egreja e casa da ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo, que hoje pelo nascente confinam com o mencionado Largo d'Alves Martins—e pelo poente confinavam com a estrada que vem do bairro de S. Martinho para o dicto largo.

7.º—*Capella de Santa Christina*,—outra.

Demorava no cimo da rua da Regueira; pertencia, bem como a casa contigua, do lado do nascente, aos Nerys ou congregados, e fez parte integrante da cerca d'elles (hoje cerca do seminario) até 1868, data em que se abriu a nova estrada a macadam de Viseu a Mangualde, passando por ali e separando da quinta a dicta capella e casa. Foi então demolida a capella, ficando só a casa, que vem a ser a ultima ao cimo da rua da Regueira.

Na dicta capella e casa viveram os primeiros congregados de Viseu 70 annos,—de 1689 até 1759, data em que se transferiram para o seu convento, hoje Seminario.

Veja-se o topico relativo aos *Conventos* e ao *Seminario*.

A extincta capella tinha de comprimento 55 palmos,—20 de largura—e depois de 1814 n'ella funccionou algum tempo a escola regimental de infanteria n.º 11.

8.º—*Capella de S. Lazaro*, na rua d'este nome.

Ignora-se quando e por quem foi fundada, mas de uma doação feita por Domingos Martins á casa dos *gafos*, em 19 d'abril de 1296,[1] vê-se que já então existia esta capellinha, parte integrante da *gafaria* de Viseu e que, segundo o costume, devia estar fóra da cidade e distante d'ella.

Nos principios da monarchia abundavam em Portugal os *leprosos* ou *gafos*, pelo que em muitas povoações —e sempre a distancia d'ellas, se fundaram *gafarias* ou *lazaretos*, pequenos hospitaes destinados para aquelles infelizes, mas com o tempo, com a mudança da alimentação e do vestuario, principalmente com a substituição das roupas de lã pelas de linho e com o uso do assucar, desappareceu aquella medonha e asquerosa enfermidade e com ella desappareceram tambem as *gafarias*. São hoje felizmente raros entre nós os individuos affectados de lepra, comtudo ainda no Porto se veem alguns no *Recolhimento dos Lazaros*, e em Coimbra no *Hospital dos Lazaros* tambem.

—

Alem d'aquella doação, recebeu outras este hospital de Viseu e tinha diversos prasos e algumas rendas ainda nos principios d'este seculo, mas, como já restasse apenas a capellinha, prestes a desabar com o peso dos annos, por provisão de 18 de maio de 1813 foi a camara auctorisada para emprasar, co-

---

[1] N B.—Referimo-nos *sempre* ao anno do nascimento de Christo, quando nas datas não fazemos expressa menção de *era*, ou *era de Cesar*, que adianta mais 38 annos, como todo o mundo sabe.

mo emprasou, aquelle terreno, ao negociante Antonio da Silva, pelo fôro de 400 réis annuaes. Este emphiteuta a demoliu e no chão d'ella fez uma casa, unida a outra que já ali tinha ao sul da capella.

De uma provisão de D. João III, com data de 29 de novembro de 1526 parece deprehender-se que em Viseu não havia hospital de lazaros, mas a doação de 1296 prova evidentemente o contrario.

Ainda no archivo da camara existe o tombo d'aquelles prazos, feito em 1564, mas o seu rendimento tem sido muito cerceado e hoje está reduzido a pouco mais de zero!...

D. João III mandou entregar aquellas rendas á Misericordia, mas a camara ainda hoje as administra e com ellas paga a um capellão e certas *mercieiras* ou beatas que assistem ás missas e resam pela alma de quem lhes deixou as esmolas.

V. *Hospitaes.*

9.º—*Capella de S. Luiz rei de França.*

Demorava na *Ribeira,* junto da capella actual de Nossa Senhora da Conceição, lado E.;—tinha a porta em fórma de arco—e era antiquissima! D'ella hoje apenas restam as paredes.

Veja-se o topico relativo á capella de *Nossa Senhora da Conceição.*

Quando no tempo d'el-rei D. Duarte a grande feira se mudou da *Cava de Viriato* para este campo da *Ribeira* ou da *Feira*—e do dia de *S. Jorge*, 23 d'abril, para o de S. Matheus, 21 de setembro, collocou-se a imagem de S. Matheus na pobre capella de S. *Luiz*, da qual passou com a do seu orago para a de Nossa Senhora da Conceição, onde se vê hoje ainda.

10.º—*Capella de S. Jorge* na Cava de Viriato.

Foi uma das capellas mais antigas de Viseu; ignora-se quando e por quem foi fundada, mas com certesa já existia no seculo XV, pois o infante D. Henrique[1] (o de *Sagres*, filho d'el-rei D. João I) sendo duque de Viseu, dotou a dicta capella de S. Jorge, para que todos os sabbados n'ella se celebrasse uma missa cantada e para que o cabido a visitasse em procissão no dia da festa do orago.

Foi S. Jorge um valente militar e um dos martyres da fé no tempo do imperador Diocleciano, nos principios da 10.ª perseguição geral da egreja,—perseguição que teve o seu começo no anno 300 de Christo.

Morreu como um heroe;—como tal o veneram christãos e mahometanos;—muitas nações o tomaram por defensor e patrono, taes foram a Inglaterra e a França, Portugal e a Hespanha,—e como guerreiro e defensor o invocavam outr'ora nas batalhas e hasteavam o seu pendão nas fortalezas. Foi sem duvida este o motivo porque lhe erigiram uma capella dentro dos muros da *Cava*, talvez quando os visienses ali se acolheram em 1065, depois da morte de D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, abandonando a cidade, por não poderem defendel-a das investidas dos mouros e passando a viver, como viveram muitos annos, na dicta *Cava*, ainda então toda circuitada de muros (grandes marachões de terra) com 4 portas e muito defensavel para o tempo d'armas brancas. Apezar d'isto, não havendo documento que prove tanta antiguidade da capella de S. Jorge, parece provavel, que ella fosse fundada pela dynastia joanina dos nossos reis; porque consta de escriptores graves, que o culto de S. Jorge em Portugal e o ser invocado pelos portuguezes como protector nas batalhas, pelo que depois o introduziram até nas procissões do Corpo de Deus, data da vinda da rainha ingleza D. Philipa de Lencastre, mulher de D. João I. Trouxe ella comsigo muitos inglezes, que cá se estabeleceram; introduziram-se por essa epoca muitos habitos, usos e até palavras e appellidos inglezes, como por exemplo *Lencastre Falcão* e outros muitos, e d'ahi veiu o nome d'el-rei D. Duarte, filho d'esta rainha, o qual não se usava entre nós e muito menos na familia real. E como D. João I e sua mulher estiveram algum tempo em Viseu, pois lá viu a luz o seu filho primogenito D. Duarte, é provavel que a fundação da capella de *S. Jorge* seja d'esta data ou do tempo do infante D. Henrique, 1.º du-

[1] Falleceu em 1460.

que de Viseu, e que em Viseu morou e residiu por differentes vezes.

O documento atraz citado do infante D. Henrique em nada contradiz esta opinião. Demais, nos primeiros seculos da monarchia invocavam S. Thiago, o patrono das Hespanhas, nas batalhas, e nunca S. Jorge, o que parece confirmar tambem esta opinião, mas oppõe-se-lhe o que dizemos no fim d'este topico e o que já dissemos supra, fallando da *grande feira!*...

—

Com o tempo arruinou-se a capella e passaram os seus encargos para a cathedral, mas já em 1618 se não cumpriam, como consta do *Livro das missas do cabido*, reformado n'aquelle anno.

Ficou pois em completo abandono a dicta capella, já com a falta de cumprimento d'aquelle legado, já com a remoção da *feira franca*, ou de S. Jorge, para o campo exterior, contiguo á *Cava*, onde se fizera sempre,—já com a mudança da dicta feira do dia da festa de S. Jorge, 23 d'abril, pelo que tambem se denominava *Feira de S. Jorge*, para o dia 21 de setembro, dia do apostolo S. Matheus, pelo que a grande feira passou a denominar-se e ainda hoje se denomina *Feira de S. Matheus*. Com esta mudança a pobre capellinha soffreu muito, pois quando a grande feira se fazia em volta d'ella, a principiar no dia da festividade de S. Jorge, era visitada por milhares de feirantes e d'elles recebia *muitas esmolas*!

Se a feira lucrou com a mudança, a capellinha perdeu;—ficou em abandono—e d'ella hoje apenas resta a memoria.

Prevaleceu a feira e desappareceu a capella que havia dado a origem e o primitivo nome á dicta feira, como dissemos no logar citado. *Vide*. Ora, datando a dicta feira de 1188, como alguem diz, e sendo creada, como suppomos, em attenção á grande concorrencia de povo por occasião da festa e romaria de S. Jorge, orago da capellinha, segue-se que era anterior a 1188 e que hoje contaria pelo menos 699 annos!...

Veja-se o topico *Feiras e mercados* supra.

Via Sacra

É muito antiga e demora em sitio alegre e vistoso, sobranceiro a Viseu, lado oriental, *extra muros*, a egreja da *Via Sacra* ou de *S. Francisco das Chagas*; ignora-se porem a data da fundação d'este templo que, pela sua architectura, mostra não ser anterior ao seculo XV, segundo se lê nas *Memorias* de Berardo.

Pertence á irmandade ou confraria de S. Francisco das Chagas, *extra-muros*, que perdeu os seus antigos estatutos e presentemente se rege por um compromisso approvado em 1780.

Deu-se a esta egreja ou capella o titulo de *Via Sacra*, porque desde tempos muito remotos costumavam os irmãos da ordem 3.ª de S. Francisco ir da sua egreja até aquella todos os annos, nas sextas feiras da quaresma, visitar ou percorrer a *Via Sacra*, sempre com grande concurso de povo, principiando este devoto exercicio na egreja dos irmãos 3.os, sita no Largo de Santo Antonio, e terminando na dicta egreja da *Via Sacra* ou de S. Francisco, *extra-muros*, para o que levantaram ao longo do caminho uma serie de grandes cruzes de pedra, desde um até o outro templo.

A dicta irmandade de S. Francisco das Chagas tem muitas indulgencias e no dia 10 de março um jubileu para os irmãos, sempre muito concorrido.

S. Miguel do Fetal e o Tumulo de D. Rodrigo

Demora este templo ao sul e *extra-muros* de Viseu, no largo de S. Miguel, de que já fizemos menção, e dista das ultimas casas da cidade ou da rua de S. Miguel 100 metros; cerca de 400 metros para o sul da Sé; 500 do Paço episcopal de Fontello para O. S. O.; —500 da margem esquerda do Pavia para sul,—e 200 da nova estrada real a macadam n.º 43, de Viseu a Mangualde, para o norte—tudo isto approximadamente [1].

[1] Desculpem-nos estas minudencias, po

Ignora-se quando e por quem foi fundada esta egreja, mas todos concordam em que data de tempos muito remotos e que—pelo menos temporariamente—foi Sé de Viseu e residencia dos seus prelados e conegos *antes da fundação da nossa monarchia*;[1] era porem um templo muito humilde e mais pequeno do que o actual, quando o bispo D. Jeronymo Soares, pelos annos de 1719 determinou restaural-a e deu principio ás obras, mas, fallecendo em 18 de janeiro de 1720, depois o cabido na vacancia immediata proseguiu com as obras á custa das rendas da mitra, concluindo a restauração em 1735.

—

Interiormente tem 3 altares;—a velha pia baptismal do tempo em que foi Sé e parochia;—o pretenso tumulo de *D. Rodrigo* na capella mor, do *lado da epistola*[2]—e exteriormente na sua fronteria as elegantes inscripções seguintes:

Ao nascente:

HAC MICHAEL PRINCEPS COELESTIS IN
AEDE PATRONUS,
HUMANUM A PRISCO PROTE-
GIT HOSTE GENUS.

DUX QUIA SUPREMUS COELI QUE
MINISTER HABETUR,
MISSILIS HASTA DECET, PENDULA
LIBRA MANUS.

Ao poente:

QUO POSUIT VETEREM PRIOR URBE
PAROECIA SEDEM
HOC FACTUM EST TEMPLUM, SE-
DE VACANTE NOVUM

ANNOS MILLE SUPRA NUME-
RANTUR SAECULA SEPTEM
LUSTRA QUE, CUM SEDES CONDERE
JUSSIT OPUS.

Em vulgar: «Miguel, principe celeste, orago d'este templo, defende o genero humano do antigo inimigo.

«Porque é tido como general supremo e ministro do ceu, convem-lhe a arremeçadora lança e a mão com a balança pendente.

«Este novo templo foi edificado em sé vaga,[1] onde a primeira parochia de Viseu teve a sua antiga séde.

«Contavam-se sete seculos e sete lustros[2]

---

que se os visienses todos sabem perfeitamente onde demora a antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*, um dos templos mais notaveis de Viseu pela sua antiguidade e tradições e pela lenda do tumulo de *D. Rodrigo*, poucos, muito poucos dos historiadores que fallam d'ella sabem onde ella demora, e de um momento para o outro pode desapparecer.

Ainda est'anno de 1887 um nosso amigo residente em Lisboa, para satisfazer a um pedido de certo consul estrangeiro, residente em Lisboa tambem, nos perguntou onde demorava a pobre egreja e se ainda lá se conservava o *tumulo de D. Rodrigo*!

N'este mesmo diccionario, que acceitei indo a meio do artigo *Vianna do Castello*, o meu antecessor (Deus lhe perdoe!) disse que a egreja onde se suppõe que demora o tumulo de D. Rodrigo era a do *Feital*, concelho de Trancoso, distante de Viseu *dez leguas*,—aliás 60 kilometros para E. N. E.?!...

V. *Feital*, tomo 3.º, pag. 161,—e *Nazareth*, (Nossa Senhora de) tomo VI, pag. 20, col. 2.ª, *linha 8.ª*

[1] Alguem chega a dizer que foi a *primeira Sé* e a *primeira parochia* da cidade de Viseu, mas nós não concordamos.

Veja-se o topico relativo a cathedral.

[2] Assim o encontramos na interessante *Memoria* de Francisco Manuel Correia, mas Fr. Bernardo de Brito em 1609 e o dr. Manuel Botelho em 1630 disseram que o mencionado tumulo estava do lado do *Evangelho*!... Talvez o mudassem na restauração da egreja, pois hoje (1887) está do lado da epistola, como a nosso pedido pessoalmente verificou o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso principal Cyreneu n'este artigo.

[1] Esta vacancia durou vinte annos, desde a morte de D. Jeronymo Soares em 1720, até á nomeação de D. Julio em 1740.

[2] *Lustro* do latim *lustrum* é o periodo de 5 annos completos, pelo que a data supra corresponde a 1735 e não a 1728 como alguem pretende, contando o lustro como periodo de 4 annos, segundo se lê no *Diccionario Ecclesiastico* de Ximenes Arias, folha 178, v.

sobre mil annos, quando o cabido mandou fazer esta obra.»

—

Data pois de 1735 a *ultima* restauração d'este templo, pois devia ter sido restaurado mais vezes, porque já em 1110 o conde D. Henrique de Borgonha o doou para cathedral com certos passaes, ou terrenos adjacentes, a *D. Theodonio*, então prior e governador d'este bispado de Viseu por nomeação de D. Mauricio, bispo de Coimbra, a quem Paulo II em 1101 encarregára, como a bispo mais proximo, o governo dos bispados de Viseu e de Lamego, ambos então vagos ou sem pastor, por causa da lucta com os mouros, a qual obrigou os prelados de Viseu, de Lamego e outros a refugiarem-se nas Asturias.

Veja-se o topico relativo aos prelados visienses.

É pois anterior a 1110 a pobre ermida de S. Miguel do Fetal, *então* talvez o unico templo de Viseu, por haver sido esta cidade arrasada e destruida pelos mouros repetidas vezes.

Veja-se o topico relativo á cathedral.

Parece averiguado que a pobre ermida foi Sé de Viseu alguns annos e que junto d'ella viveram em communidade o prior D. Theodonio, e talvez outros priores com os conegos visienses, que então poucos seriam, mas tambem parece averiguado, que o mesmo conde D. Henrique e sua mulher a condessa e rainha D. Theresa deram principio á Sé actual no recinto da velha fortaleza romana, junto dos antigos paços dos reis de Oviedo.

—

Suppõe-se que a pobre capella escapou á destruição por ser um templo de pouco vulto e por demorar *extra-muros n'aquelle tempo*, ficando talvez profanada, abandonada e escondida em terreno inculto, no meio de um matagal de *fetos*, d'onde lhe proveiu o nome de *S. Miguel do Fetal*, como se denomina ainda hoje tambem *Senhora do Pedregal* uma imagem da Virgem que se venera no altar-mór da Sé de Viseu e que foi encontrada em um montão de pedras [1],—imagem ainda hoje, como sempre, da maior devoção para o povo de Viseu.

Nos principios do seculo XVII, dedicou o dr. Botelho os seus volumosos *Dialogos moraes e politicos* «Á virgem Maria Senhora nossa da Assumpção, orago da Sé d'ella, Virgem Maria Madre de Deus, minha mãe e Senhora Nossa.»

Em dois sitios ao redor de Viseu, indo para Ranhados e Vil de Moinhos, um ao poente, outro ao sul da Sé, como d'ali por diante esta se encobre, quando ali chega o povo de Viseu e suburbios, volta-se para traz para avistarem por a ultima vez a Sé, dobram o joelho persignando-se, fazem a sua *mezura* e só depois continuam. Dizem que esta *mezura* é á Senhora do Altar-mór, e tanto que aquelles dois sitios conservam desde tempos antiquissimos até hoje o nome de *Mezura*.

Não sabemos se a cidade de Viseu outr'ora comprehendia o chão da egreja do *Fetal*; é porem certo que o dicto chão foi povoado no tempo dos romanos, pois alem do tumulo romano de que já fizemos menção, encontrado a pequena distancia, junto da capella de *Santa Christina* (veja-se este topico) ainda em 1853, demolindo-se um lanço de parede na sacristia de S. Miguel, encontrou-se uma lapide sepulcral romana, servindo de alvenaria, o que nos leva a crer que, se hoje se demolisse toda a capella, se encontrariam outras lapides semelhantes que os pedreiros destruiram e empregaram como alvenaria na reconstrucção de 1735 e talvez nas reconstrucções anteriores,—pedras que muito provavelmente encontraram no dicto chão e que talvez fizessem parte do proprio edificio que foi substituido pela capella em tempos de que não ha memoria.

Na lapide encontrada em 1853 se lia a inscripção seguinte, com algumas lettras ligadas :

---

[1] Tambem na Sé do Porto se venera ainda hoje uma imagem da Virgem com a invocação de *Nossa Senhora da Silva*, por se encontrar *in illo tempore* escondida entre silvedos no proprio chão da antiga Sé destruida pelos mouros,—chão onde se vê hoje a Sé actual.

D. M. S.
SVNVAE
BOC. CI. F.
AE. XI.
AMO. E NA.
MATRI. PIE
NTISSIMAE
ET ALBIN
IANUS. G
ENER. F. C.

Em vulgar:—*Monumento consagrado aos Manes. A Sunua*[1], *filha de Bocco*[2] *Cina*[3], *de idade de onze annos, mandaram fazer esta sepultura o natural amor de sua mãe piedosissima e o genro Albiniano.*

—

Desde os principios da nossa monarchia a Sé de Viseu passou da egreja de *S. Miguel* para o local onde hoje se vê, mas parece que a pobre capella continuou a ser egreja parochial, d'onde se administravam os sacramentos aos povos do aro de Viseu, como se administravam ainda em 1808, quando se crearam as *5 annexas*, de que já fizemos menção, pelo que n'ella e na de S. Martinho, mesmo depois da creação das *annexas*, continuaram a ler-se os banhos dos nubentes do aro, não sabemos até quando.

Tambem os frades capuchos, antes de passarem para o convento de Santo Antonio de Maçorim,[1] occuparam 28 annos (de 1613 a 1641) a dicta egreja de S Miguel e os seus antigos passaes, que tinham casa e (segundo se suppõe) eram as terras ao nascente, «*hoje a casa e quinta* dos *Cardosos de S. Miguel* reformada e que ainda conserva interiormente alguns vestigios de ter servido de communidade religiosa, depois de ter sido *pertença dos passaes* da egreja de S. Miguel do Fetal».

É isto o que se lê na interessante *Memoria ms.* do infatigavel e muito consciencioso investigador Francisco Manuel Correia, pag. 85, mas n'este ponto claudicou, pois segundo diz o padre Leonardo de Sousa no 3.º tomo do seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tambem *ms.*, fl. 48, v. e 49, os frades capuchos residiram—*não no passal da egrejo de S. Miguel*—mas em uma quinta proxima (a tal dos *Cardosos*) que em 1767 era de Manuel de Mesquita Cardoso e que os frades compraram a David Alvares, pedreiro e mestre d'obras, por 300$000 réis;—e em uma das casas *da dicta quinta* (não do passal) erigiram logo capella com a invocação de *Santo Antonio*, na qual disseram a 1.ª missa em uma segunda feira, 20 de junho de 1633.

—

Em 1855 estava em completo abandono, fechada e bastante arruinada a pobre egreja de S. Miguel, já porque desde 1735, data da ultima reconstrucção, poucas obras n'ella se haviam feito, já porque deixou de ser egreja parochial desde 1808, data da creação das *annexas*. Valeu-lhe e salvou-a a benemerita irmandade do *Senhor dos Passos* que, estando erecta desde muitos annos na capella da *Cruz*, no claustro da Sé, condoida da pobre egreja de *S. Miguel*, pediu-a ao prelado, —transferiu-se para ella no dicto anno de 1855—e n'ella se tem conservado até hoje, reparando-a e tractando-a com toda a decencia—e rendendo n'ella culto á veneranda

---

[1] Tambem se chamava *Sunua* o bispo ariano de Merida, que no anno 588 foi o chefe da conjuração dos hereges contra o rei Recaredo.

V. *Historia de Hespanha* por João de Marianna, parte 1.ª l. 6.º fl 245.

[2] *Bocco* ou *Bocho* era tambem o nome do rei da Mauritania e da Getulia, sogro de Jugartha, rei da Numidia. O mencionado rei Bocco, andando em guerra com os romanos, entregou-lhes o genro no tempo de Silla, 300 annos, A. Ch.—Tambem houve um general *Boco*, enviado em 588 por Gutrando, rei dos francezes, contra os godos da Galia gothica, reinando Recaredo.

[3] *Cina* ou *Cinua* era tambem o nome do consul romano Lucio Cornelio Cinua, sogro de Julio Cesar.

Aquelle Cinua no tempo de Silla (anno 87, A. Ch.) foi deposto do consulado e se retirou de Roma, que depois foi cercar juntamente com Mario.

V. *Diccion. Hist.* de Feller, tomo 3.º pag. 162—e *De Rep. Rom.* fl. 328.

---

[1] Veja-se o titulo *Conventos*.

imagem do seu padroeiro,—o *Senhor dos Passos*.

O tumulo de D. Rodrigo

Estamos escrevendo estas linhas no dia 9 de setembro de 1887 e commemorando a grande batalha que *em igual mez e dia* do anno 714 (ha 1:173 annos) se feriu nas margens do Guadalete entre D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, e Tarik-ben-Zeyad, mussulmano.

Variam nas datas e em outras muitas circumstancias os historiadores arabes e christãos, fallando d'esta batalha; *é porem indubitavel que foi decisiva e que n'ella se fez pedaços o imperio Wisigothico. Os godos ficaram completamente destroçados e D. Rodrigo, segundo parece, morreu no conflicto;*[1] mas, como no campo da batalha nem fóra d'elle jamais se encontrou o cadaver do ultimo rei godo, como succedeu com o nosso mallogrado rei D. Sebastião em seguida á batalha de Alcacer-Kivir, formaram-se diversas lendas. Do rei godo se disse que, vendo a batalha perdida, se acolheu em trajos de pastor ao mosteiro de Cauliana, junto de Merida;—que d'ali, acompanhado por um monge, se internou na Lusitania e vivêra vida penitente alguns annos junto da villa da *Pederneira*, hoje concelho d'Alcobaça, d'onde passou como ermitão para a capella de S. *Miguel do Fetal*, de que no momento nos occupamos, e que ali falleceu e jaz[2].

—

Deu curso a esta lenda o haver-se encontrado na dicta egreja, pelo anno de 900, um tumulo com esta inscripção:

HIC REQUIESCIT RODERICUS ULTIMUS
REX GOTHORUM.

MALIDICTUS FUROR IMPIUS
JULIANI PERTINAX; INDINATIO
EJUS QUIA DURA; VESANUS
FURIA, ANIMOSUS INDIGNA
TIONE, IMPETUOSUS FURORE,
OBLITUS FIDELITATIS, IMMEMOR
RELIGIONIS, CRUDELIS IN SE,
HOMICIDA IN DOMINUM,
HOSTIS IN DOMESTICOS, VASTA-
TOR IN PATRIAM, REUS IN
OMNES, MEMORIA EJUS
IN OMNE ORE AMARES
CET, NOMEN IN AETERNUM
PUTRESCET.

Em vulgar: «Aqui jaz D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. Maldicto seja o impio furor de Julião,[1] que tão pertinaz e porfiado foi; maldicta a sua indignação tão dura;[2] louco e cruel o tornou o odio, animoso a indignação e impetuoso o furor; esquecido da fidelidade e da religião, cruel para comsigo mesmo, homicida para com o seu soberano, inimigo para com os seus parentes, destruidor da sua patria e reu para com todos, amarga será na bocca de todos a sua memoria e para sempre apodrecerá e se corromperá o seu nome.»

—

É isto o que se lê nos *Dialogos* do dr. Botelho, mas parece-nos um romance! Em verdade era uma inscripção muito grande para um tumulo tão pequeno, pois o proprio dr. Botelho e todos quantos mencionam o dicto tumulo dizem que era de fabrica humilde, bem como era humilde e pequena a egreja e humilde e pequeno o arco, onde estava mettido o tumulo, na parede da capella-mór, *do lado do evangelho*,[3]—em frente d'outro

---

[1] *Hist. de Portugal* de Alexandre Herculano, tomo 1.º pag. 50.

[2] V. *Nazareth* (Nossa Senhora de) tomo 5.º pag. 17, col. 1.ª;—*Monarchia Lusitana*, parte II, fl. 269 a 275;—os *Dialogos ms.* do dr. Manuel Botelho Ribeiro, fl. 213 a 219, no codice de *Girabolhos*,—e as *Noticias de Viseu* por Berardo, publicadas no *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857.

[1] Refere-se ao conde D. Julião, seu valido, que o atraiçoou e vendeu aos mouros.

[2] Dizem que D. Julião atraiçoara e vendera aos mouros D. Rodrigo, porque este com promessa de casamento seduzira e depois abandonara a formosa *Florinda*, filha do mencionado conde, chamada a *Cava*, nas historias d'esse tempo.

[3] Ou *do nascente*, como dizem o dr. Botelho e Fr. Bernardo de Brito, mas hoje está *do lado da epistola*, que é o lado do poente.

arco e d'outro tumulo semelhante, onde jasia, (segundo se suppõe) um bispo de Viseu, cujo nome se ignora e que, desfigurado em ermitão, para escapar aos mouros, ali viveu algum tempo na companhia do rei da lenda e ali acabou tambem seus dias.

O mesmo Fr. Bernardo de Brito que, sendo aliás um sabio, foi, *mau grado seu e nosso*, tão pouco escrupuloso como historiador, tecendo a lenda de D. Rodrigo e mencionando a tal inscripção *que elle proprio vira*, apenas se atreveu a copiar as *duas primeiras linhas*, accrescentando :

«As proprias palavras me lembra que vi escritas de preto, em hu arco de parede que está sobre a sepultura d'El Rey, posto que o Arcebispo D. Rodrigo, e aquelles que o seguem, ponhão maior leitura, não advertindo que todas as mais palavras que elle acrecenta, são pragas e maldições suas, que roga ao conde D. Julião (como notou attentadamente Ambrosio de Morales, seguindo ao bispo de Salamanca, & outros) & não rezões do mesmo letreiro, como elles as fazem. A Igreja em que a sepultura del Rey está ao presente (1609) he piquena, & de fabrica mui antiga, particularmente a capella mór junto da qual ficão de cada parte sua cella do mesmo comprimento, mas estreitas, e escuras, por não terem mais luz, que a que lhe entra por hua piquena fresta aberta contra o nascente, e em hua das quaes (que fica para o meio dia) se diz que vivia certo ermitão, por cujo concelho el Rei se governava, no discurso de sua penitencia, & ali se mostra hoje (1609) sua sepultura, encostada á parede da capella *da parte da epistola*: Na outra cella que fica contra o Norte passou el Rey sua vida pagando na estreiteza do lugar, as larguezas dos paços, & liberdade da vida passada, em que offendera a seu criador, & na parede da capella que corresponde *á parte do Evangelho* fica um modo de arco, em que se vê a sepultura, em que estiverão os seus ossos, & se visita dos naturaes com devoção, crendo que por seu meio faz o Señor ali algus milagres em pessoas doentes de maleitas, & outras enfermidades semelhãtes.

«Debayxo do mesmo arco, que fiqua respondendo para dentro da cella, *vi* pintados na parede o ermitão, & el Rey com a cobra de duas cabeças, & *ly* as lettras acima referidas (a tal inscripção) tudo já gastado do tempo, com sinaes de muita antiguidade, mas de modo que se podião ver distinctamente.

«O sepulchro é chão de hua sò pedra, em que escasamente pode caber um corpo humano. Ao tempo que *eu o vi*, estava já descoberto, sem ter ali a pedra que lhe servira de cubertura, nẽ os ossos del Rey, que me disserão aver annos que se levarão pera Castella, sem saberem de que modo, nem por cuja ordem, nem eu o pude alcançar, por mais diligencias que fiz com gente antiga d'aquella cidade, que tinha rezão de saber hua cousa de tanta importancia, quando fosse tão certa como algus me affirmarão.»

Monarchia Lusit. parte II, fl. 275.

—

O dr. Botelho nos seus *Dialogos*, escriptos pelos annos de 1630, não tem duvida em acreditar que D. Rodrigo jazeu na mencionada egreja, mas diz que ella não escapou á destruição mussulmana e que o tumulo foi encontrado por Carestes, cujo testemunho invoca, dando as proprias palavras d'elle: «Eu Carestes, vassallo d'el-rei D. Affonso de Leão, genro do Cavalleiro de Deos, Rei D. Pelaio, quando o dicto Snr. Rei D. Affonso ganhou Viseu aos Mouros, achei hua sepultura em hum campo, em a qual estavão escritas estas palavras, que agora ouvirás, em lettras gothicas:

AQUI JAZE EL REI DON
RODRIGO, EL POSTRIMERO
DE LOS GODOS, ETC.

«O mais (diz Botelho) são as mesmas maldições do letreiro»—e accrescenta vogar como certo em Viseu *in illo tempore* que o bispo D. Jorge d'Athaide (governou pelos annos 1568 a 1578) mandára occultamente remover para a Sé os restos mortaes de D. Rodrigo, assim como removeu para novas sepulturas os restos mortaes de muitos prelados visienses.

Fecharemos este topico dizendo que o ca-

bido mandando em 1730 a 1735 restaurar a pobre egreja, restaurou tambem o tumulo e, não encontrando a mencionada inscripção ou tendo escrupulo em acceital-a, substituiu-a por esta, que hoje (1887) lá se vê:

HIC JACET, AUT JACUIT POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT.

«Aqui jaz ou jazeu o ultimo rei dos godos, segundo diz a tradição.»

Outro tumulo

Em 1868, quando se construia a nova estrada a macadam de Viseu para Mangualde e se abriu o leito d'ella atravez da matta da quinta dos *Cardosos*, de que já fizemos menção, ali, não longe da pobre egreja de S. *Miguel do Fetal*, se encontrou um tumulo de pedra inteiriça, mas só a caixa, envolta nas raizes d'um carvalho e, como os trabalhadores não reconhecessem logo o tumulo, partiram-lhe alguns fragmentos.

Tomou conta do dicto tumulo José Cardoso de Lemos e Meneses, dono da quinta.

A pedra era como *sulphurica* e estranha n'esta provincia,—diz Francisco Manuel na sua Memoria;—revelava muita antiguidade e, posto que o sarcophago já não tinha tampa, nem inscripção, nem dentro coisa alguma, mostrava ter pertencido a pessoa notavel.

É possivel que fosse uma sepultura romana, como a que se encontrou junto da capella de *Santa Christina* (veja-se este topico)—e talvez lhe pertencesse a tampa ou lapide mencionada supra, que em 1853 se achou na parede da egreja do *Fetal*, pois é pequena a distancia de um ao outro ponto.

A cathedral

O bispado de Viseu, como diremos no topico dos seus prelados, segundo a maioria dos auctores data do seculo VI e alguns com o Padre Sousa dizem que data do seculo III, mas ignora-se onde esteve a cathedral até que os mouros foram definitivamente expulsos de Viseu por D. Fernando Magno, rei de Leão e Castella, em 1057, como diz *o nosso primeiro historiador*—Alexandre Herculano—na sua *Hist. de Port.* tomo 1.º pag. 165,—ou em 25 de julho do mesmo anno 1057, como diz Berardo na *Memoria* que offereceu á camara,—ou em 25 de julho de 1058, como diz o mesmo conego Berardo nas suas *Noticias de Viseu*, publicadas no *Liberal*, citando João Pedro Ribeiro e o *Chronicon Lusitano*,[1]—ou no dia 28 de junho de 1038, como dizem o dr. Botelho nos seus *Dialogos*, cap. 20,—a *Monarchia Lusitana*, parte 2.ª fl. 375, v.—o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*, tomo 3.º pag. 184—e o sr. J. A. d'Oliveira Mascarenhas no seu diccionario *Portugal e Possessões*, publicado em Viseu em 1883.

Respeitando muito tão abalisados escriptores, não podemos deixar de curvar-nos perante Alexandre Herculano.

São muito escassas e pouco firmes as memorias que nos restam d'aquelle tempo, suppõe-se porem que em 1057, quando el rei D. Fernando Magno tomou Viseu, a sua antiga Sé já não existia ou estava profanada e servindo de mesquita aos mouros;[2]—que D. Fernando a mandou purificar e restituir ao nosso culto,—e que demorava dentro dos muros do antigo castello romano, approximadamente no local onde hoje se vê, como prova uma das doações que o mesmo rei lhe fizera e que foi confirmada pelo conde D. Henrique em 1080.

—

A citada doação é a seguinte:

---

[1] Suppomos que a differença entre a *Memoria* e as *Noticias* de Berardo provem de erro de copia ou de impressão.

[2] N'aquelles tempos calamitosos, quando os mouros tomavam as povoações christãs, por vezes arvoravam em mesquitas os nossos templos e nós, recuperando as povoações tomadas por elles, costumavamos purificar as suas mesquitas e restituil-as ao culto catholico. Foi isto o que se deu com a egreja d'Almacave em Lamego, e com a capella de

In nomine Ste. et individue Trinitatis...[1]

Em vulgar:—«Em nome da SS.ma Trindade, Padre Filho e Espirito Santo. Esta é a carta de testamento que eu o conde D. Henrique juntamente com a minha mulher D Teresa, fazemos á egreja de *Santa Maria* da Sé episcopal de Viseu e aos clerigos n'ella moradores, testamento que el-rei D. Fernando, ha muito fallecido,[2] fez em favor da dicta egreja e é o seguinte:—pela parte de dentro do muro velho o chão da dicta egreja entre o caminho de *S. Miguel* (do Fetal) e a rua da Regueira, a entestar no caminho publico, e isto mesmo lhes confirmamos para salvação da nossa alma, etc., aos 12 d'agosto da *era* de 1118,—*anno* 1080.»

Do exposto se vê que pelos annos de 1057 a 1065 a Sé de Viseu tinha a mesma invocação de *Santa Maria* ou de Nossa Senhora da Assumpção;—que demorava dentro dos velhos muros, a distancia da egreja de S. Miguel do Fetal;—que esta ultima egreja tambem já existia n'aquelle tempo, mas não era a cathedral—e que por consequencia a dicta egreja de S. Miguel não foi como diz a tradição, a *primeira cathedral de Viseu*[3]. É verdade que o mesmo conde D. Henrique deu em 1110, como já dissemos, a dicta egreja de S. Miguel ao prior *D. Theodonio* para Sé visiense e que o dicto prior n'ella viveu com os seus conegos, mas tudo leva a crer que a dicta egreja foi Sé pouco tempo, talvez só durante as obras da Sé *intra-muros*, mesmo porque se suppõe que a Sé actual era então um templo muito humilde, encravado dentro da velha fortalesa e que, por se achar em ruinas, o conde D. Henrique e a rainha D. Thereza o restauraram, mas não o fundaram de novo, como alguem pretende, pois já existia no tempo de D. Fernando Magno.

Não podemos levar mais longe as nossas averiguações com relação aos primordios da Sé de Viseu e ao local que occupou.

—

Ninguem jámais disse que ella estivesse algum tempo na *Cava de Viriato*, onde esteve outr'ora durante secúlos a cidade de Viseu em periodos alternados, como dizemos adiante no topico relativo ás *Antiguidades de Viseu* e á dicta *Cava*. Apenas consta que a Sé esteve onde hoje demora e no *Fetal*,— mas no *Fetal* pouco tempo,—só durante o governo do prior *D. Theodonio* e talvez nos primeiros annos do governo do seu successor.

Note se que o prior *D. Theodonio* governou o bispado de Viseu apenas 2 annos—1110 a 1112. Succedeu-lhe o prior *S. Theotonio*,[1] que governou desde 1112 até 1119 e residiu talvez com os seus conegos, pelo menos alguns annos, junto da Sé actual, no antigo paço da fortalesa, onde viveram os reis de Leão, o conde D. Henrique e a rainha D. Tareja, no sitio onde hoje estão os claustros da Sé.

Desde que S. Theotonio em 1112 a 1119 se installou no velho paço real da fortalesa, ali se installou tambem definitivamente a Sé de Viseu até hoje—1887,—ha 768 a 775 annos,—e póde dizer-se desde 1057, ou desde a conquista de Viseu por D. Fernando Magno, ha 830 annos,—mas que transformações, reconstrucções e modificações não tem ella soffrido?

—

Hoje é um bom templo,—uma das melhores e mais notaveis Sés de Portugal,—não das mais amplas, mas das mais ricas em decorações de pedra, talha e pintura, e sobre tudo de um gosto singular na sua formosa architectura interior manoelina—e muito bem situada sobre um espaçoso terreiro onde pompearam a fortalesa romana e os velhos paços reaes e episcopaes no ponto culminante e mais vistoso da cidade de Viseu.

Santa Luzia em Villa Flor de Traz-os-Montes, etc.

V. tomo XI, pag. 733, col. 2.ª

[1] Nos *Dialogos* de Botelho, cap. 21, póde ver-se todo o texto.

[2] D. Fernando Magno falleceu em 1065.

[3] Veja-se o topico supra: *S. Miguel do Fetal.*

---

[1] Não se confundam estes dois priores, posto que foram contemporaneos e quasi humonymos.

Veja-se adiante o nosso *Catalogo chronologico dos bispos do Viseu.*

Em topicos especiaes adiante fallaremos da fortalesa romana e dos velhos paços episcopaes e reaes; agora fallemos da Sé, aproveitando os *Dialogos* de Botelho, a *Memoria* e as *Noticias* de Berardo—e nomeadamente a *Memoria* ms. de Francisco Manuel Correia, homem bastante illustrado, excellente pessoa e o mais diligente e mais consciencioso investigador das antiguidades de Viseu e da sua cathedral *até hoje*!

Só a planta baixa que elle desenhou e que por fortuna temos, bem como a dicta *Memoria*, sobre a nossa banca de estudo,—planta lindissima e que representa *com a maxima claresa* aquelles 3 edificios,—é um *padrão de gloria* para o seu auctor e revella um trabalho persistente e conscienciosissimo *durante muitos annos!*

Depois de estudar e meditar tudo o que até o seu tempo[1] se havia escripto de mais interessante com relação a Viseu, verificou *tudo* sobre o proprio local, onde por fortuna vivia e, como era um homem sinceramente religioso, estudou particularmente a Sé, os velhos paços reaes e episcopaes e a fortalesa romana, porque os 3 edificios formam uma amalgama, um conjuncto.

—

Gastou annos e annos mirando e remirando toda a Sé e suas dependencias e o grande labyrintho hoje formado por ella, pela fortalesa romana e pelos velhos paços; —elle mirou, remirou, apalpou e mediu todo o chão dos 3 edificios,—a côr e as juntas das pedras,—o cimento, o azulejo e o reboco das paredes;—copiou todas as inscripções e estudou todas as reconstrucções dos 3 edificios desde o pavimento até os eirados e tectos e, depois de um trabalho insano, por assim dizer reconstituiu a velha fortaleza, os velhos paços e a Sé, indicando as transformações porque passaram desde os tempos mais remotos até hoje. Infelizmente não chegou a ver a sua *Memoria* publicada e deixou-a repleta de notas e addições em centos de papeis informes e *soltos* (?!...)—notas e addições que foi colhendo em quanto Deus lhe deu vida e que hoje tornam muito impertinente a publicação. É mesmo impertinente e dificil a leitura d'ella—e mais impertinente e difficil o copial-a, pelo que a dicta *Memoria* ainda está em um exemplar unico, escripto pelo auctor e por consequencia exposta a desapparecer e sumir-se de um momento para o outro, o que seria uma perda irreparavel, immensa, para a historia e chorographia de Viseu e para a nossa litteratura.

Aos bons visienses pedimos pois *muito encarecidamente* que tratem de salvar a dicta *Memoria* publicando-a sem delongas.

Para desejar seria que publicassem tambem os interessantes *Dialogos* do dr. Manuel Botelho Ribeiro, que ainda se conservam *mss.* desde 1630—e as *Noticias* e a *Memoria* do sabio conego José d'Oliveira Berardo, tão interessantes tambem e ainda hoje quasi desconhecidas *mesmo em Viseu*?!...

Prosigamos.

—

Como se vê da engenhosa e muito conscienciosa planta desenhada por F. Manuel, o recinto da fortaleza romana era um quadrado perfeito ou quasi perfeito, defendido por 4 panos de grossa muralha e por 4 torres nos 4 angulos, das quaes hoje apenas ha memoria de duas,—as duas de que ainda lá se vêem os restos, como formando as balisas do lanço de muros do lado S. O.—uma, a antiga *torre de menagem*, no angulo O., servindo de cadeia civil,—outra, a antiga *torre do relogio*, no angulo S. O., servindo hoje para despejos.

D'este lanço de muralhas partiam em angulo recto e parallelos para N. E. outros dois lanços de muros de igual extensão—e fechava a N. E. o recinto outro lanço de muros, parallelo ao 1.°, tendo tambem como aquelle nas duas extremidades ou nos angulos N. e E. outras duas torres, de que não ha memoria, por terem sido muito provavelmente demolidas com o muro, quando d'aquelle lado se fez o velho paço episcopal na extremidade E. do recinto da fortalesa, — paço que depois avançou para N. e se de-

---

[1] Falleceu em 18 de setembro de 1882. V. *Francisco Manuel Correia* no topico dos *Visienses illustres*.

nominou *Paço da Sé* ou dos *tres escalões*, ao qual por ultimo na sua extremidade N. se addiccionou o antigo Seminario diocesano, hoje denominado *Collegio*, onde actualmente funccionam o lyceu, o governo civil e outras repartições publicas.

—

Tambem se demoliu antes ou depois e desappareceu ha muito o lanço de muros que fechava a fortalesa romana a N. O.—e o chão do dicto muro com algum espaço exterior e approximadamente com metade do recinto interior da fortalesa formam hoje o adro, sobre o qual se erguem a S. E. a cathedral, a N. O. a casa das sessões e a egreja da Misericordia, em frente da cathedral e olhando para ella,—e a N. E. o grande edificio do *Collegio*, ligado com o *Paço dos tres escalões*.

A Sé prolonga-se de S. E. a N. O. e, como se vê da planta, a principio descrevia um parallelogrammo hirto, como os nossos antigos templos, sem a fórma da cruz latina. A sua extremidade S. E. foi talvez o proprio muro que a velha fortalesa tinha d'aquelle lado;—depois, quando a Sé tomou a forma da cruz latina, abriu-se no alinhamento do dicto muro o arco cruzeiro e prolongou-se o templo mais para S. E. formando a capella mór ou o topo da cruz—e ainda posteriormente (logo diremos quando) sendo pequena a capella mór, deram-lhe mais fundo, prolongando-se outro tanto para S. E.

Tambem se fizeram a S. O. e N. E. do arco cruzeiro as capellas do Santissimo e do Espirito Santo, que hoje lá se vêem e que formam os braços da cruz latina.

—

Tem a Sé *hoje* 3 naves. No topo da do centro está a capella mór;—no topo da do lado da epistola está a capella de *S. Pedro*, que ficou fóra do alinhamento dos muros da fortaleza, bem como a sacristia da capella do Santissimo, contigua a estas duas capellas e com entrada por ambas,—e no topo da nave do lado do evangelho está a capella de S. João, parallela e em symetria com a de S. Pedro e que ficou tambem fóra do alinhamento da fortaleza.

A Sé estava precisamente no meio da fortalesa, contando de S. O. a N. E., mas posteriormente, com a demolição dos velhos muros e com a construcção dos velhos paços e do *Collegio* d'este lado, os edificios avançaram um pouco mais para N. E. e ultrapassaram o alinhamento dos muros—em quanto que do lado S. O. ainda lá se vê entre as duas torres romanas o alinhamento da primitiva muralha, pois entre ella e a Sé apenas se fez o claustro. A parte baixa d'este foi feita pelo bispo e cardeal D. Miguel da Silva, em 1534, no chão onde estavam os restos do velho *paço real* que D. João III para aquelle fim lhe cedeu e que D. Miguel demoliu, paço onde vivera o prior *S. Theotonio* de 1112 a 1119.

A parte alta do claustro foi feita pelo cabido na grande vacancia de 1720 a 1743, bem como as varandas ou *passeio das ameias* sobre as paredes exteriores do claustro,—passeio que se prolonga pelo cimo dos velhos muros da fortaleza ate á antiga *torre de menagem*, depois *aljube* e hoje *cadeia civil* na extremidade O. do lanço dos velhos muros, que vão para aquella torre, como já dissemos, desde a velha *torre do relogio*, e forma um angulo recto com a parede do claustro, que olha para N. O.

Ainda o claustro

Demora a S. O. da Sé, á direita de quem entra, e fórma um quadrado perfeito, occupando todo o espaço entre a Sé e o alinhamento do mencionado lanço dos muros da fortalesa.

A architectura do claustro é um mixto da ordem *jonica e dorica*,—extravagancia muito commum na maior parte dos nossos edificios, como diz Berardo. [1]

Tambem o mesmo sabio conégo diz que o bispo D. João (sic) pelos annos de 1431 deu principio a um claustro a O. da Sé, como consta da seguinte nota ou lembrança, ex-

[1] Veja-se o *Album Visiense*, esplendida publicação folio, illustrada, (1884–1886) que a pag. 51 dá em lytographia os claustros da Sé—e a pag. 4 outra lytographia representando a mesma Sé.

trahida por Berardo de um antigo necrologio: *Era de 1379 annos (sic) segunda feira oito dia de Maio dia de S Miguel compessarom de fundar a crasta da see de Viseo e mandou fundar o bispo D. Jhoanne por Jeaom de Lamego que era o mestre da obra.*

Nada mais sabemos de semelhante claustro.

Desde a sua fundação foi cemiterio do cabido até o 2.º quartel d'este seculo, pelo que o seu pavimento estava immundo e cheio de sepulturas em 1875, data em que o governo, a instancias de Luiz de Campos, deputado por Viseu, mandou fazer muitos reparos na Sé, despendendo cerca de tres contos de réis. Foi ladrilhado todo o claustro com bello granito, como hoje se vê,—reparou-se a *casa do thesouro velho e novo*,[1] a sacristia, os coros de baixo e de cima, a sala capitular, o archivo do cabido e o orgão grande, que foi limpo, bem como a celebre *abobada dos nós* que estava gemendo, sobrecarregada com immenso entulho;—reformaram-se as portas e ameias, levantou-se e restaurou-se o telhado e armações, etc.

D. Miguel da Silva, como já dissemos, fez este claustro, mas a parte baixa sómente, sem os altares que hoje lá se vêem e que são os seguintes:

1.º—*Capella do Descendimento da Cruz*, á esquerda de quem entra da Sé para o claustro. Chamada vulgarmente pelo povo *Capella dos santos brancos*, porque as figuras todas d'este altar são de pedra branca de Ançã. Pertence hoje ao commendador e dr. Ladislau Pereira Chaves, de Viseu, e outr'ora pertenceu aos Amorins e Vasconcellos de S. Francisco d'Orgens, representados hoje pelo seu descendente Nicolau de Mendonça, da quinta de S. Salvador, e seus irmãos.

2.º—*Nossa Senhora da Assumpção.*

Pertence aos condes da Lapa.

3.º—*Archanjo S. Miguel.*

4.º—*S. José.*

Pertence á propria cathedral.

5.º—*Senhor da Agonia.*

Este altar foi feito pelo conego Jorge Henriques em 1595, mas, passado algum tempo, foi abandonado pelos herdeiros do fundador e n'elle se installou a irmandade das Almas, que ali faz as suas funcções ha muitos annos, e passaram para a corôa os bens dotaes que esta capella tinha em Cavernães.

6.º—*Santo Antonio.*

Este altar foi feito em 1696 por 4 mordomos, como diz uma inscripção que ainda hoje lá se vê na parede da capella do lado do evangelho: — *Sendo Mordomos Manoel Monteira, Bento da Motta Sant Iago, Francisco Dias, e Diogo Fernandes, fizerão á sua custa esta capella para Confraria de Santo Antonio, no anno de 1696.* Não chegou porem a vogar a dicta confraria e com o tempo a capella, o altar e a propria imagem do thaumaturgo cahiram em completa ruina, mas tudo restaurou á sua custa, em 1875, uma piedosa senhora da nobre casa *Lemos*, de Villa Chã de Sá, e collocou na dicta capella uma nova imagem do padroeiro, imagem que costuma andar pela casa dos mordomos.

7.º—Altar que em outro tempo foi da invocação de Santa Ritta. Ardeu todo ha muitos annos, mas nos nossos dias acaba de ser restaurado pelos esforços do piedoso cura da Occidental, o rev. João Nunes de Almeida. Tem uma nova tribuna dourada e duas bellas imagens novas do SS. Coração de Jesus, e SS. Coração de Maria, das quaes a primeira fica no meio do altar, e a segunda do lado do evangelho. A antiga imagem de Santa Ritta, dourada e encarnada de novo, está do lado da epistola.

Em tempos remotos este altar teve a invocação de *Nossa Senhora da Crasta*, ou do *Crasto*, ou do *Claustro*.[1]

Capella da Cruz

Ha tambem no claustro duas grandes ca-

---

[1] O *thesouro velho* está a E. e junto da grande sacristia;—o *thesouro novo*, edificio pequeno e singello, foi feito pelo cabido em 1720 a 1743 a S. O. da capella mór e encostado a ella.

[1] V. *Villa de Souto*, onde já fizemos referencia a esta capellinha de *Nossa Senhora do Crasto.*

pellas:—a da *Cruz* e a do *Calvario*, dignas de especial menção. Demoram a S. E. do claustro;—são contiguas—e estão no mesmo alinhamento da capella do *Santissimo*, com a differença porem que para esta ultima se entra pelo cruzeiro da Sé—e para as outras duas entra-se pelo claustro.

A da *Cruz* demora na extremidade S. do passeio S. E. do claustro, entre este e a velha *torre romana*, denominada *torre do relogio*.

Tem sobre o claustro um grande portico em arco;—n'elle a data 1567 e uma inscripção—e por baixo d'esta uma cruz esculpida e outra dourada. O bispo D. Gonçalo Pinheiro mandou fazer esta capella para seu jazigo, mas, como fallecesse em 1566, antes de a concluir, foi sepultado na capella mór da Sé.

V. no topico dos bispos o n.º 57.

Funccionou n'esta capella a irmandade do *Senhor dos Passos* muitos annos até 1855, data em que passou, como já dissemos, para a egreja de *S. Miguel do Fetal*. Veja-se este titulo no topico das *Egrejas*.

D. Gonçalo Pinheiro era muito devotado á *Santa Cruz de Christo*, como provam a instituição d'esta capella e a inscripção que fez gravar sobre o portico d'entrada na avenida de Fontello.

Tambem se suppõe que o grande quadro que hoje se vê na *capella do Calvario*, (logo a descreveremos) foi mandado fazer pelo mesmo bispo D. Gonçalo para a *capella da Cruz*, á qual parece alludir, pois representa o *Bom Jesus do Calvario*, e que a irmandade dos Passos para ali o removêra, quando se estabeleceu na *capella da Cruz* e n'ella fez a tribuna com o respectivo camarim para a imagem do Senhor dos Passos. Tambem se suppõe que a *capella do Calvario* n'aquelle tempo ainda não era capella, mas sacristia e casa d'arrumação da irmandade dos Passos e da capella da Cruz.

Capella do Calvario

Ao que já fica dicto d'este templo accrescentaremos o seguinte:

Pela sua architectura, antiguidade e tradições é a capella mais notavel do claustro e da Sé. Na sua origem, não sabemos para que uso, foi parte integrante e dependencia dos velhos paços reaes, cedidos por D. João III a D. Miguel da Silva, para n'elles fazer, como fez, o claustro, demolindo-os, sem tocar no venerando edificio, hoje *capella do Calvario*,—edificio, cuja fundação se ignora, mas que é com certeza anterior á nossa monarchia, pois na casa que sobre elle assenta, hoje *sala capitular*, viveu o prior S. Theotonio em 1112 a 1119, como dizem a tradição e a inscripção que se vê sobre a porta da dicta sala:

HAEC EST DOMUS A DIVO
THEOTONIO, HUJUS SANCTAE
SEDIS PATRONO, HABITATA,
ET AB ILLUSTRISSIMO CAPITULO,
SEDE VACANTE INSTAURATA
ANNO 1721.

«Esta é a casa onde viveu S. Theotonio, padroeiro d'esta Santa Sé, casa que o illustrissimo cabido, *Sede vacante*, restaurou no anno de 1721.»

—

A dicta capella é toda de abobada de granito com ornamentação exotica e figuras indecentes, o que revella ter sido feita não para templo catholico, mas para outro qualquer destino, talvez no tempo da occupação arabe, e, segundo se suppõe, foi jasigo dos primeiros prelados visienses, pois tem nas paredes differentes arcos, em um dos quaes, ao lado do evangelho e detraz do altar, foi sepultado em 1463 o bispo D. João Vicente, ou *bispo azul*, fundador da congregação dos *loyos*, [1]—e n'outro, do lado da epistola, o conego Pedro Gomes d'Abreu, sobrinho do bispo D. João Gomes d'Abreu, o que com-

---

[1] V. no topico dos bispos o n.º 47.

Este tumulo, *ainda hoje o primeiro de Viseu*, é uma obra d'arte notavel, mas infelizmente brilha pouco, por estar em sitio *hoje* muito falto de luz. O mesmo succede ao formoso quadro do *Calvario*, que está n'esta capella e que é geralmente attribuido ao celebre pintor *Grão Vasco*.

prou em praça a casa da Torre na rua da Cadeia, onde nasceu el-rei D. Duarte, na qual poz as suas armas, que são as mesmas que aqui tem o seu tumulo. [1]

Alem d'estas duas arcadas, tinha outra, onde está hoje a porta que dá para o claustro a N. O. — e na parede do lado N. E. teve outro arco, onde hoje se vê um armario que foi arrecadação da irmandade dos Passos, quando esta funccionava na antiga capella da *Cruz*.

Tambem do mesmo lado N. E. teve outras arcadas, de que ainda se vêem claros vestigios detraz da tribuna da capella do *Santissimo*, na parede *hoje* commum ás duas capellas, mas talvez que outr'ora algum dos dictos arcos fosse porta d'entrada ou janella.

— — —

Note-se que o chão, onde está *hoje* a capella da *Cruz*, foi descoberto até o anno de 1567, data da construcção da dicta capella, como já dissemos, e que sobre o dicto chão a capella do *Calvario* tinha uma janella d'arco de *volta inteira ornamentada*, janella que por essa occasião se tapou e lá se vê tapada ainda. Era igual a outra que tem sobre o eirado, junto da *porta do Sol*, olhando como a dicta porta para S. E.

Foram tambem do mesmo estylo (*arco de volta inteira*) as 4 janellas, *hoje rectangulares*, que estão nas capellas de S. *Pedro* e S. *João Baptista*, aos lados da capella mór—e foram tambem d'arco inteiro as janellas que outr'ora davam luz para o corpo da Sé, pois ainda hoje se vê assim uma, embora tapada, na parede lateral N. E. da Sé, detraz do sitio onde esteve o antigo orgão,—janella que *hoje* está sobre a abobada das escadas que da sacristia vão para o côro alto.

Tem pois a Sé de Viseu janellas de 3 estylos, que marcam 3 datas e 3 grandes reconstrucções.

As mais antigas são as de *arco de volta inteira*, coevas da 1.ª fundação,—da 1.ª abobada—e da antiga fortalesa talvez!...

As de *ogiva* são posteriores e coevas da 2.ª abobada,—a abobada actual ou *dos nós*, feita nos principios do seculo XVI, como logo diremos.

As *rectangulares* são as mais modernas e datam da reconstrucção feita pelo cabido na vacancia de 1640 a 1671.

Fecharemos este topico dizendo que na capella de que no momento nos occupamos, se vê no altar, junto da *porta do sol*, o grande quadro do *Bom Jesus do Calvario* que, segundo se suppõe, deu o nome á capella, depois que a irmandade dos *Passos* para ali o removeu da *capella da Cruz*, como já dissemos quando fallámos d'ella.

A abobada dos nós
ou de
D. Diogo Ortiz de Vilhegas
e
as reconstrucções da cathedral

A Sé de Viseu tem obras d'arte notaveis em pintura e architectura. Entre as primeiras avultam os quadros de *Grão Vasco* (logo fallaremos d'elles);—entre as segundas a lindissima e riquissima abobada actual do templo, denominada *abobada dos nós* ou de *D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, da qual nos occupamos no momento.

Não sabemos o que seria a Sé, quando D. Fernando Magno tomou Viseu aos mouros em 1057, como já dissemos supra, mas suppomos que desde então demora *intra muros*, no mesmo local hodierno, embora muito modificada e por certo muito ampliada.

Temos noticia de 7 grandes reconstrucções:

1.ª—No tempo do conde D. Henrique—pelos annos de 1100 a 1112.

2.ª—No tempo em que se fez a 1.ª abobada—em 1282 a 1362,—e o antigo claustro—principiado em 1341.

3.ª—No tempo em que se fez a 2.ª abobada, dicta *dos nós*, concluida por D. Diogo Ortiz de Vilhegas em 1513.

4.ª—Quando D. Miguel da Silva fez o claustro hodierno, como já dissemos, em 1534.

---

[1] No *Album Visiense*, esplendida publicação illustrada, póde ver-se a pag. 78 uma lytographia representando a dicta *casa* e as dictas *armas*.

5.ª—Quando D. Jorge d'Athaide fez a sacristia actual e o corredor para a capella de *S. João*, em 1573 a 1578.[1]

6.ª—Na vacancia de 1640 a 1671.

7.ª—Na vacancia de 1720 a 1740.

V. o nosso *Catalogo chronologico dos bispos de Viseu.*

—

Temos provas bastantes de todas estas reconstrucções:

Da 1.ª e 2.ª em uma inscripção antiga que se encontra no fundo da torre actual *do relogio* (a da frente da Sé, entrando á direita) da qual inscripção, segundo a leitura de Berardo, consta que em 5 d'abril da era de 1320 (anno 1282) foi principiada a construcção de uma abobada da Sé, dando-se por finda na era de 1400 (anno de 1362) no dia 4 de julho.

Durou pois nada menos de 80 annos a construcção da dicta abobada, o que nos leva a crer que as obras estiveram interrompidas algum tempo, mesmo porque a citada inscripção diz:—*a qual obra querendo-se acabar*...—E, fallando da abobada, não falla das *paredes*, d'onde se infere que estas já existiam em 1282,—talvez desde o tempo do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, geralmente apontados como fundadores, ou antes—*primeiros restauradores* da Sé actual. Francisco Manuel até suppõe que as dictas paredes fossem da antiga fortalesa, d'algum quartel interior talvez.

Tambem não consta qne se fizessem novas paredes quando em .... a 1513 se fez a *abobada dos nós*, o que nos leva a crer que as paredes actuaes da Sé são as mesmas sobre que assentava a 1.ª abobada. Isto mesmo confirmam as 2 janellas antigas de 2 estylos differentes, que ainda hoje se vêem tapadas no alto da parede lateral N. E., do lado exterior, sobre a abobada de tijolo das escadas que da sacristia vão para o côro de cima. Uma das dictas janellas era de arco de *volta inteira* ou do tempo da antiga fundação, como já dissemos quando fallámos da *capella do Calvario*;—a outra era *ogival*, como foram todas as do tempo em que se fez a abobada *dos nós* e que na vacancia de 1640 a 1671 foram estupidamente transformadas pelo cabido em janellas *rectangulares*, quando restaurou e deturpou igualmente a fronteria da Sé.

—

Com relação ao claustro *antigo* e á 3.ª reconstrucção da Sé, veja-se o que dissemos supra no topico do *claustro actual* e o que dizemos adiante no nosso *Catalogo dos bispos visienses*, fallando de D. Miguel da Silva, pois este prelado tambem restaurou o côro alto e o guarneceu com esplendidas cadeiras *muito ornamentadas*, como póde ver-se nos *Dialogos* de Botelho,—cadeiras que já não existem. Suppomos que foram esmagadas quando em 1635 desabou a fronteria da Sé e que o cabido, na barbara restauração de 1640 a 1671, as substituiu pelas cadeiras actuaes, tirando-lhes toda a bellesa, como tirou á fronteria da Sé, substituindo a *gothica florida* pela *dorica e prosaica* fronteria actual.

Tambem o cabido na mesma vacancia de 1640 a 1671, ou na 6.ª restauração indicada supra, accrescentou a capella mór, por ser muito pequena e não ter espaço para o côro; —fez aos lados da capella mór as capellas de *S. João* e de *S. Pedro*, nos vãos até ali occupados por duas sacristias;—fez as tribunas das 3 mencionadas capellas e dos altares da *Senhora do Rosario* e da *Rainha Santa Izabel*;—substituiu as janellas e portas *ogivaes com molduras* por janellas e portas *rectangulares lisas*;—fez tambem as 3 columnas fingidas nas paredes com madeira, estuque e argamassa;—os 2 pulpitos nas columnas; —as cadeiras de pau ordinario no côro de baixo, ou da capella mór,—cadeiras que em 1720 foram removidas para a *capella da Cruz* e substituidas por outras de pau preto;—finalmente fez a casa do *thesouro novo* e collocou novo relogio na torre da fronteria da Sé, a N. E.

A sala do vestuario do cabido, lado S. O., e junto das escadas do côro,—o *passeio das ameias* sobre o claustro e ao longo do muro da fortalesa,—a *sala capitular* e a do archivo,—as cadeiras de pau preto que estão

[1] V. no topico dos bispos o n.º 58.

na capella mór, etc.,—tudo foi feito pelo cabido, segundo se suppõe, na restauração e vacancia de 1720 a 1740.

Agora fallemos da

Abobada dos nós

Com razão se orgulha Viseu de possuir duas obras de pedra monumentaes e *unicas* em todo o nosso paiz:—a abobada actual da Sé—e as escadas do Seminario ou do antigo convento dos *Nerys*, das quaes logo fallaremos.

A abobada é monumental e *unica* em todo o nosso paiz, posto que temos em Portugal templos muito superiores e com abobadas esplendidas, taes são o de *Santa Maria da Batalha* e o dos *Jeronymos de Belem*, mas note-se que a pedra d'estes 2 templos e a de *todos* ao sul do nosso paiz, comprehendendo as duas Sés e a veneranda egreja de *Santa Cruz* de Coimbra, é *calcareo* docil e maleavel—que se presta à goiva e formão e ás ornamentações mais mimosas, em quanto que a de Viseu é *granito*, pedra muito mais dura e aspera e muito mais difficil de trabalhar, ornamentar e polir.

Que o digam os estatuarios e mestres de obras!...

É verdade que temos ao norte do nosso paiz mimosos trabalhos em granito, v. g. no Porto, nomeadamente nas escadas do *Palacio da Bolsa*, tambem *unicas* no seu genero em Portugal,—na fronteria dos *Terceiros do Carmo* e nas estatuas que decoram a fronteria da nova egreja dos *Terceiros Franciscanos*;—em Braga na Sé, nomeadamente no varandim exterior da capella mór e no templo do Bom Jesus do Monte,—e em Lamego no santuario dos Remedios e nas 3 portas da fronteria da Sé, que pode orgulhar-se de ter *um grupo de 3 porticos de granito*, como não se encontra em templo nem edificio algum de Portugal!...

Todas estas obras d'arte são lindissimas e custaram muito dinheiro, mas são muito mais pequenas e custaram muito menos do que a abobada da Sé de Viseu.

—

Temos tambem ao norte do nosso paiz varios templos com soberbas abobadas de granito, v. g. a da Sé da Guarda—as 3 das egrejas de *S. Bento* da Victoria, de *S. João Novo* e dos *Grillos*, hoje do seminario, no Porto,—e a do extincto convento *loyo* de *Villar de Frades*, junto de Barcellos, mas todos estes 4 ultimos templos são de uma só nave lisa, emquanto que a Sé de Viseu tem 3 naves, é mais ampla e a sua abobada muito mais vasta, mais brincada e de mais difficil construcção.

A Sé da Guarda tem 3 naves tambem,—é mais ampla talvez,—*toda* de cantaria de granito—e tem mais merito architectonico do que a Sé de Viseu. Está ainda *toda ameiada*[1];—foi construida por uma planta uniforme—e poucas deturpações tem soffrido até hoje; mas está atravez d'uma barreira e muito mais desvantajosamente situada do que a Sé de Viseu;—as suas decorações são incomparavelmente mais pobres—e a sua abobada é multo mais singella, posto que são muito mais altas e de mais merito artistico as columnas em que assenta.

—

A esplendida abobada da Sé de Viseu denomina-se abobada *de D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, porque foi concluida e talvez desenhada e dirigida a sua construcção pelo bispo d'aquelle nome,[2]—e denomina-se tambem *abobada dos nós*, por ser ornamentada com laçaria de cordas e nós.

Já em 1630 o dr. Botelho nos seus *Dialogos* (*Codice de Girabolhos*, pag. 401) fallando d'esta abobada e do seu fundador, disse:

---

[1] A Sé de Viseu brilharia o dobro se estivesse tambem *toda ameiada*, como a egitaniense, ou como a *velha* de Coimbra, ou como a matriz de Villa do Conde, pois demora em sitio alto e desaffrontado com amplas e mimosas vistas para todos os quadrantes.

A da Guarda está em altitude superior, mas enterrada em uma barreira e affrontada por ella e pela cidade.

Os seus eirados das ameias teem vistas muito amplas, mais amplas que a de Viseu, para N. E. e O.—mas *muito agrestes!*

[2] Para evitarmos repetições, veja-se o que d'este prelado dizemos na sua biographia, sob o n.º 52 do nosso catalogo.

—«...vede o cordão de relevo de pedra, que tem pelo meio das naves com os *nós* nelle entalhados e tão perfeitos, que parecem dados com a mão, sendo pedra tão dura e tosca. O côro pela parte inferior he obra tão rara, que em o meio, onde fechão os arcos da abobada, afigura-se que he mais baixa que os estribos donde se sustenta o peso e maquina d'aquelle edificio tão pendente, que parece sobre-ceu de cortinas. Deixo os mais relevos e lavores, com que he obrado, que *nem de cera se fizera melhor friso.*

«*As figuras e folhagens da porta principal, haveis de confessar não tendes visto coisa semelhante. Todo aquelle portal e o mais frontispicio, que está entre as torres, com a curiosa invenção da vidraça, que dá luz ao côro* he obra d'este insigne Prelado...»

A magnifica abobada conserva-se intacta e firme, com toda a bellesa do *estylo ogival do 3.º periodo,* posto que já conta cerca de 400 annos, mas a fronteria correspondente, tão rica, tão ornamentada e tão bem descripta por Botelho, já não existe! Na vacancia de 1640 a 1671, como já dissemos, o cabido (*Deus lhe perdoe!*) a substituiu pela chata e prosaica fronteria actual *dorica,* sem a minima relação de parentesco ou affinidade com a velha fronteria e com a esplendida architectura interior.

O cabido matou e enterrou toda a bellesa e magestade architectonica da Sé,—dispondo aliás de grandes sommas, de meios mais que sufficientes para restaurar a velha e magestosa fronteria, pois durante os 32 annos da vacancia (ella principiou em 1639) as rendas da mitra visiense accumuladas subiram a mais de *cento e cincoenta contos de réis,*[1] que sem exageração correspondiam a mais de *tresentos contos* da nossa moeda actual.

—

A grande abobada, como diz uma inscripção que está n'ella sobre o côro, junto das armas de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, foi concluida em 1513 por este prelado, que proseguiu com as obras complementares da Sé e em 23 de julho de 1516, ou passados 3 annos, a sagrou,[1] tendo principiado porem o pontificado d'este bispo em 1507, mal póde crer-se que elle fizesse a grande abobada *toda* n'aquelles 6 annos—nem teria rendas para tal obra, por não ter havido vacancia immediatamente anterior.

Suppomos que as obras principiaram *muito antes do pontificado de D. Ortiz.* Talvez que el-rei D. Manuel, sendo ainda duque de Beja e possuindo desde 1484, por mercê de D. João II, todos os bens que tinham sido do ducado de Viseu, désse principio á grande obra ou o dinheiro para ella, encarregando D. Diogo de a dirigir, antes de o nomear bispo de Viseu, por ser D. Diogo distincto mathematico e *architecto,* muito querido e estimado por D. Manuel e já então seu confessor e bispo de Tanger, *in partibus infidelium,* sem residencia obrigada, achando-se portanto livre para poder acceitar a commissão.

Isto mesmo nos leva a crer o facto de se verem na dicta abobada as armas reaes portuguezas no cume da nave central,—as d'el-rei D. Manuel no cume da nave N. E. em escudo partido a meio, ou em lisonja,—e a esphera armilar, emblema do mesmo rei, no cume da nave S. O.

—

Suppomos até que as dictas obras duraram mais de 20 annos;—que principiaram no reinado de D. João II, fallecido em 1495 e amigo tambem de D. Diogo;—que el-rei D. Manuel, succedendo a D. João II, as continuou—e que o escudo das armas reaes portuguezas no cume da nave central se refere a D. João II, como *iniciador* da grande obra.

Tambem na dicta abobada se vê junto das janellas do côro alto as armas de D. Jorge da Costa, cardeal d'Alpedrinha, antecessor

---

[1] Pouco depois da dicta vacancia (em 1674) rendia o bispado de Viseu 7:200$000 réis annuaes.

Veja-se o que dizemos do santo bispo *D. João de Mello* no nosso catalogo, n.º 69.

[1] Veja-se o que dizemos de D. Diogo Ortiz de Vilhegas no nosso *Catalogo dos bispos visienses,* n.º 52.

de D. Diogo, e que foi bispo de Viseu—*bem como d'outros muitos bispados*—em 1506 a 1507, o que nos leva a crer que este *riquissimo* prelado tambem contribuiu para a construcção da dicta abobada.[1]

Tambem na capella do Santissimo se vê na abobada as armas do bispo *D. Soludidalio*, porque talvez concorresse igualmente para a dicta obra.

Alguem suppõe que *D. Soludidalio* foi bispo de Viseu pelos annos de 1483 a 1486, posto que d'elle não resta outra memoria alem das dictas armas e d'um *sinete*!...

Veja-se no nosso *Catalogo* o n.º 28, na secção dos *Bispos duvidosos*.

Ainda a Sé
Altares e capellas

1.º—*Altar-mór*.

Tem um bom retabulo de talha dourada, feito pelo cabido na vacancia de 1639 a 1671, *quando ampliou a capella mór*;[2]—por essa occasião collocou o velho retabulo na capella do *Espirito Santo*—e poz tambem retabulos nas capellas de *S. João Baptista*, *S. Pedro* e *S. Sebastião* (hoje *Santissimo Sacramento*) em substituição das 4 primorosas pinturas de Grão Vasco,—pinturas que até ali formavam talvez o unico adorno dos 4 altares e que o cabido no seu estulto furor de reformas apeou e substituiu pelos retabulos que lá se vêem, *persuadido* (?) de que a madeira dourada tinha mais brilho e valia mais do que os 4 grandes quadros, quando só o de *S. Pedro* vale mais, *muito mais* do que toda a entalha da Sé!...

Felizmente não lançou ao monturo os 4 preciosos quadros, mas collocou-os nas paredes da sacristia, a esmo e *como obra de feira*, sem attender ás condições de exposição e de luz, como ainda lá se vêem, pelo que não brilham tanto como podiam e deviam brilhar.

—

Tambem o cabido em 1639 e 1671, levado pelo furor das reformas e querendo assignalar o seu nome (bem tristemente assignalado o deixou!...) substituiu a veneranda fronteria gothica *muito ornamentada* pela dorica e desgraciosa que lá se vê!

Mais ainda:

Fez nas paredes lateraes da Sé 3 meias columnas lisas e fingidas com madeira, argamassa e cal—e para symetria mascarou tambem com argamassa e cal as lindissimas columnas centraes que sustentam a abobada e que eram e são de granito em canelluras,—canelluras que os trolhas barbaramente picaram e mutilaram para melhor lhes adaptarem a argamassa, como se viu em 1876, quando os engenheiros incumbidos pelo governo de restaurar os claustros e a Sé, se dispunham a limpar as dictas columnas. Acharam-nas tão mutiladas na sua ornamentação que houveram por bem deixal-as com a mesma cal e argamassa que os rev.os conegos em 1639 a 1671 lhes pozeram.

Tambem o rev. cabido na mesma data (Deus lhe perdoe!...) levado pelo seu furor de renome e reformas, substituiu pelas desgraciosas janellas e portas *lisas rectangulares*, que hoje tem a Sé, as lindissimas janellas e portas *ogivaes ornamentadas*, que D. Diogo Ortiz de Vilhegas mandou fazer em perfeita harmonia com a esplendida abobada, como já dissemos, fallando da *Capella do Calvario*.

Prosigamos com a enumeração dos altares da Sé:

2.º—*S. Pedro*.

3.º—*S. João Baptista*.

Estes 2 altares estão—o 1.º á esquerda—

[1] Veja-se o n.º 15 no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

[2] É isto o que se lê na *Memoria* de Francisco Manuel Correia, homem *muito consciencioso* e que estudou a Sé talvez como *ninguem* até hoje; mas Berardo (V. *Liberal* de 13 de junho de 1857) simplesmente diz: —«A capella mór foi algum tanto ampliada nos principios do seculo XVIII, e alguns querem attribuir esta obra ao bispo *D João Manoel*» (1610–1625);—e o padre Leonardo de Sousa no seu interessantissimo *Catalogo*, tomo 3.º fl. 87, v., fallando do bispo *D. João de Mello* e referindo-se ao anno 1674 (elle governou de 1673 a 1684) diz: – «Em Vizeu gastou muitos mil crusados não somente na factura da capella mayor, que reedificou, *fazendo a maior* e mais clara..»

Como vêem, não é liquido este ponto.

e o 2.º á direita de quem sae da capella mor, encostados a ella, no chão que outr'ora occuparam as velhas sacristias, voltados para o vão do cruzeiro e para o corpo da Sé, precisamente no topo ou na frente das duas naves lateraes.

F. Manuel aponta outras muitas minudencias que omittimos; apenas diremos que n'estes dois altares estiveram primitivamente (segundo se suppõe) 2 dos grandes quadros de Grão Vasco, que hoje se vêem na sacristia:—o que representa *S. Pedro,* principe dos Apostolos e que é geralmente considerado por nacionaes e estrangeiros *a melhor producção de Grão Vasco.*—e o que representa *S. João Baptista* baptisando o Redemptor.

4.º—*Santissimo Sacramento.*

5.º—*Espirito Santo.*

Estes dois altares estão em frente um do outro ao fundo de 2 grandes capellas no topo dos braços da cruz látina que descreve a planta da Sé;—o 1.º á esquerda da capella mór;—o 2.º á direita.

O 1.º foi outr'ora dedicado a *S. Sebastião* e tambem (segundo se suppõe era primitivamente formado pelo quadro que se vê na sacristia maior, representando o *Martyr,* [1]—o 2.º era tambem formado pelo quadro de *Grão Vasco,* representando a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos,—quadro que foi substituido pelo retabulo da antiga capella mór, como já dissemos.

6.º—*Santa Izabel Rainha.*

7.º—*Nossa Senhora do Rosario.*

O 1.º d'estes dois altares está na parede lateral da capella do Santissimo, do lado do evangelho;—o 2.º está em symetria com este na parede lateral da capella do Espirito Santo, do lado da epistola,—e foram feitos em 2 arcos ogivaes de duas portas que havia n'aquellas paredes,—portas que foram substituidas por outras rectangulares que lá se vêem nas paredes ao lado dos dictos altares. Em frente dos dictos arcos havia outros 2 no mesmo estylo:—um na capella do Santissimo e que dava passagem para o claustro;—outro na capella do Espirito Santo e que dava passagem para o corredor que vae da sacristia grande para o côro alto. O 1.º foi tapado e n'elle se fez um mauzoleu que hoje serve de credencia; [1]—o 2.º foi tapado e transformado em confessionario.

Para mais minudencias com relação á capella mór, capellas lateraes, portas, arcos, altares, sacristias, etc. veja-se a interessante *Memoria* de F. Manoel.

—

As paredes do corpo da Sé não teem altares. Apenas ha um no fundo, á direita de quem entra e junto da porta do claustro. Foi feito no vão do antigo baptisterio, pelo conego Henrique de Lemos, para cabeça do vinculo de *Moure.* da casa dos *Napoles da Prebenda,* como diz uma inscripção que lá se vê, mas sem data, pelo que se ignora o anno da fundação da dicta capella; suppõe-se porem que foi feita approximadamente no meado do seculo XVI e que a decoraram e revestiram com azulejo em 1721, porque n'esta data foi feita, como já dissemos, pelo cabido a sala capitular sobre a *capella do Calvario,* e nota-se que o azulejo da dicta sala é igual ao da capella do conego Henrique de Lemos, ou dos morgados de *Moure.* [2] Não se confunda porem a di-

---

[1] Em outros templos succedeu o mesmo, v. g. na antiquissima egreja de *S. Pedro de Miragaya,* no Porto. Tambem ali demora á esquerda da capella mór a capella do Santissimo, cujo altar tambem outr'ora era dedicado a *S. Sebastião* — e tinha igualmente um grande painel representando a prisão do *Martyr,*—painel que ainda hoje se vê tambem na *sacristia maior* da dicta egreja.

[1] Este mauzoleu é do fundador da dicta capella—Lourenço Coelho Leitão, desembargador do paço e chanceller-mór,—e de sua mulher D. Anna de Sousa e Tavora, como diz a inscripção que lá se vê junto do brazão dos *Coelhos Leitões* e *Tavoras,* tendo sido picado por ordem do marquez de Pombal o brazão dos *Tavoras* e na inscripção este appellido

[2] O conego *Henrique de Lemos* viveu effectivamente no meado do seculo XVI. D'elle falla muito o dr Botelho no *dialogo* 5.º cap. 10. Entre outras coisas diz que o mencionado conego mandou fazer o bello cruzeiro de *Santa Christina* em 1563.

cta capella com o antigo baptisterio, em cujo vão foi feita, porque a sua architectura revella maior, muito maior antiguidade! Talvez fosse coevo da 1.ª abobada, principiada, como já dissemos, no anno de 1282, e suppõe-se que o dicto baptisterio, acanhado e escuro, ali funccionou até que se fez o novo e actual na outra parede, a lateral da Sé, entrando á esquerda, no vão das escadas que o bispo D. Gonçalo Pinheiro mandou fazer em 1553 a 1566, para servidão particular e directa entre a capella mór e o côro alto. Suppõe-se que até aquella data os conegos subiam para o dicto côro por escadas de caracol ou d'outra qualquer fórma, que estavam no vão da torre denominada hoje *dos sinos*, á esquerda de quem entra na Sé, o que tornava muito incommoda a passagem dos conegos da capella mór e da sacristia para o côro alto (unico então existente) e v. v., pois tinham de atravessar *toda a Sé!*...

Sacristias

Eram 3 antigamente:—duas aos lados da pequena e antiga capella mór, nos vãos das capellas actuaes de *S. Pedro* e *S. João Baptista*,—e uma, então muito pequena tambem, junto da capella de *S. Sebastião*, onde estava o sacrario, hoje capella do *Santissimo*, restaurada e muito ampliada em 1721, —e a sacristia *grande* ou do *cabido*, detraz da capella do *Espirito Santo*,—sacristia que foi feita pelo bispo D. Jorge d'Athayde em 1573, como diz uma inscripção que se vê sobre a porta d'ella, com as suas armas.

Suppõe-se que o chão d'esta sacristia anteriormente foi *claustro* e *cemiterio*,—talvez o *claustro antigo*, de que já fizemos menção no topico do *claustro actual*;—e com toda a certesa foi cemiterio, porque em 1875, arrancando-se o velho soalho que tinha, lá se encontraram ainda tampas de muitas sepulturas sem inscripções, sendo mais regulares 16. Na mesma occasião foi soalhada de novo, —concertaram-se os seus gavetões e fizeram-se-lhe outros reparos, bem como no *thesouro velho*, contiguo, como já dissemos.

N'esta grande e bella sacristia se acham os 4 preciosos quadros de *Grão Vasco*, representando *S. Pedro*, *S. Sebastião*, a descida do *Espirito Santo* sobre os Apostolos e *S. João Baptista* baptisando o Redemptor, os quaes foram removidos dos 4 altares da mesma invocação para aqui no seculo XVII, como já dissemos, quando se fizeram os retabulos dos dictos altares.

No topico relativo a *Grão Vasco* volveremos a fallar d'estes 4 grandes quadros e d'outros d'este notavel pintor visiense.

Azulejo

Ha na Sé muito azulejo de differentes padrões e differentes datas.

Segundo se lê na *Memoria* de F. Manoel, o azulejo mais antigo é o da sacristia e da capella do Santissimo. Talvez date de 1629, como elle suppõe.

O do antigo baptisterio e o da sala do cabido é de 1721.

O restante data da grande vacancia de 1639 a 1671. Ha entre elle azulejo estampado de muito merecimento, representando differentes factos da vida de *S. Theotonio*, padroeiro da cidade de Viseu e que foi primeiramente conego d'esta Sé, depois prior e governador d'este bispado—e por ultimo prior dos conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, como dizemos no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

Depois que em 1119 renunciou o priorado e governo do bispado de Viseu, fez duas peregrinações á Palestina em visita aos *Logares Santos* e na 2.ª soffreu no mar grandes tribulações com uma tempestade horrorosa

A este facto allude o 1.º lanço do dicto azulejo que se vê na parede lateral da Sé, entrando á direita.

O 2.º lanço d'azulejo da mesma parede representa-o já como prior de Santa Cruz de Coimbra dando o habito a muitos dos seus conegos.

O 3.º lanço d'azulejo da mesma parede representa S. Theotonio recebendo festivamente na egreja de Santa Cruz a D. Affonso Henriques, volvendo triumphante da batalha do campo d'Ourique a render graças ao céu com os seus capitães e soldados, levando como tropheu 5 reis mouros prisioneiros.

Orgãos

Tem a Sé um bom orgão, mandado fazer nos principios d'este seculo pelo santo prelado D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo em substituição d'outro muito antigo que, segundo se suppõe, datava dos principios do seculo XVI, ou do tempo em que se fez a esplendida abobada actual, e que occupava approximadamente o mesmo sitio do novo orgão entre duas columnas da nave lateral, entrando na Sé, á esquerda. Não o concluiu e assim se conserva, mas dispendeu com elle *mais de vinte mil crusados* ou de 8 contos de reis que por certo correspondiam a 15 ou 16 contos da nossa moeda actual!

Para evitarmos repetições veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a este venerando prelado.

Torres

Quando fallarmos das *Antiguidades de Viseu*, fallaremos das velhas *torres romanas*, de que ainda existem duas, embora restauradas e muito modificadas, mas que na opinião de F. Manuel eram 4, tendo desapparecido ha muito as outras duas. Agora fallamos das torres da Sé, que tambem são duas e se erguem aos lados da sua fronteria,—uma á direita de quem entra, denominada *torre do relogio*, porque para ella se transferiu o relogio que antigamente estava junto da velha *torre romana*, tambem por isso denominada *do relogio*, na extremidade S. do lanço que ainda hoje resta da antiga fortalesa;—a outra torre da Sé, entrando á esquerda, denomina-se *torre dos sinos* desde que para ella se mudaram os sinos que anteriormente estavam na *velha torre romana*, denominada *do relogio* ou *torre grande*, que hoje serve de despejo ao cabido.

Das duas torres da Sé desabou a dos sinos, como já dissemos, no dia 10 de fevereiro de 1635, levando d'envolta a fronteria da cathedral e despedaçando-se os sinos todos, exceptuando o denominado—*bebado*, «por tocar em outro tempo mais antigo a buscar o provimento para os reverendos cónegos, vivendo o bispo *D. João Martins*, pelos annos de 1388.[1] Com o mesmo sino que ainda existe (diz o padre Leonardo de Sousa no seu catalogo, tomo 3.º, fl. 54, v., escripto em 1767) se toca a convocar o illustrissimo cabido nas quartas e sabbados da semana.»

Depois o cabido em 1639 a 1671 mandou fazer de novo a fronteria e restaurar a torre, da qual apenas aproveitou os alicerces e alguns metros da base. A parte restante foi toda feita de novo em perfeita symetria com a *torre do relogio*, que escapou da catastrophe. Apenas fez tambem de novo a cupula d'esta em harmonia com a nova cupula que poz na dos sinos.

As duas torres eram iguaes e muito antigas. F. Manuel suppõe que pertenciam á *velha fortalesa*, mas nós suppomos que pertenciam á *velha cathedral* do tempo do con-

---

[1] Respeitamos muito a memoria do padre Leonardo, mas aqui tambem claudicou (nos parece), pois, como dizemos no nosso catalogo, este bispo *D. João Martins* governou pelos annos de 1375 a 1378 (não 1388). Alem d'isso a *torre grande, do relogio* ou *dos sinos*, foi dada pelo nosso rei D. João I ao bispo *D. João Homem* a 27 de fevereiro do *anno* 1392;—o mesmo prelado *D. João Homem* (não *D. João Martins*) n'ella poz os sinos, mandando fundir de novo dois:—o de *Nossa Senhora*, com as armas da familia *Homens*, na *era* de 1431 (anno 1393)—e no anno seguinte mandou fundir outro,—*com que chamão a cabido*—diz o dr. Botelho, e que tinha a inscripção seguinte:

DÑS JOHÃS EPIS VICENSIS ME FISO
ERA 1432.

Em vulgar:
D. João, bispo de Viseu, me fez na era de 1432—(anno 1394).

Foi este o tal sino, depois denominado *bebado*, que escapou ao naufragio e que ainda lá existia em 1767, contando a bagatella de 373 annos?!...

N'elle se verificou o annexim:

«Ao menino e ao *borracho*
Põe-lhes Deus a mão por baixo.»

Hoje (1887) o sino mais antigo da Sé de Viseu data de 1814—e o mais moderno data de 1872.

de D. Henrique e da rainha D. Tareja,—e que terminariam em eirado com ameias para defesa e ultimo refugio em tempo de guerra.

Nas dictas torres e na cathedral se recolheram os habitantes de Viseu ainda no tempo do nosso rei D. João I, quando os hespanhoes tomaram, saquearam e *incendiaram* esta cidade, que então tinha os muros desmantelados, como diremos adiante.

As duas torres, como póde vêr-se na lytographia representando a *Sé*, a pag. 4 do *Album Visiense*, são hirtas, pesadas, desgraciosas, muito singelas e relativamente *baixas*.

Terminam em corucheus redondos que partem de um pequeno eirado com balaustrada de pedra, ficando a dicta balaustrada quasi no mesmo nivel do timpano da Sé,—e desde o pavimento até á dicta balaustrada são formadas por paredes lisas e compactas, sem frestas nem cornijas, nem a minima ornamentação. Apenas tem cada uma 8 ventanas ou janellas para os sinos,—*em nivel inferior ao do timpano da Sé*!...

De passagem diremos que as torres mais lindas que ha hoje n'esta provincia da Beira Alta são as do formoso santuario dos *Remedios*, em Lamego.

Arcas e cubas

Desde tempos muito remotos se guardavam na Sé, por ser mais defensavel, os dizimos do pão, vinho e azeite, pertencentes ao cabido e prelados, pelo que n'ella havia *grandes arcas e cubas*, mas o bispo D. João Pires as mandou remover no anno de 1388, porque pejavam e affrontavam a Sé.[1]

Muito provavelmente apenas recolhiam na Sé os dizimos do *aro*, aliás não caberiam n'ella;—e tomal-a-hiam toda *só as cubas*, se o cabido e prelados de Viseu colhessem tanto vinho como outr'ora colhia o abbade de *Lobrigos*, no concelho de Penaguião, pois consta que chegou a colher *só em um anno* 1:000 pipas de 550 litros nas suas duas parochias de *S. João* e *S. Miguel de Lobrigos*,[1]—alem dos dizimos d'azeite, fructa, cereaes, etc.

Foram os abbades mais ricos de Portugal. Tiveram de renda 15 a 20 contos de réis e, como se isto não bastasse, foram tambem algum tempo *inspectores das estradas do Douro*, pelo que recebiam mais uma peça de 6$000 réis *por dia*?!...

Nós já vimos os seus grandes armazens, denominados ainda hoje *casa da renda*, onde armazenavam e lotavam por vezes o vinho de dois annos. Parecem um convento!

Aquelles abbades eram tão ricos, que certo prelado de Lamego tentou permutar com um d'elles.

V *Lobrigos* n'este diccionario e no supplemento.

Factos importantes

Fecharemos este topico, mencionando 3 factos notaveis que prendem com a Sé de Viseu.

---

[1] O dr. Botelho (*Dial.* 4.º cap. 31) diz:—«Por hua sentença consta viver este bispo (refere-se a *D. João Martins*, mas nós julgamos que era o bispo *D. João Pires*) pelos annos de 1388, da qual se vê que fez tirar *as cubas e arcas* de dentro da Sé, onde até então se recolhião os dizimos, e fructos, e d'ali se repartião, mandando a certas horas buscar cada hum dos capitulares sua ração de pão. e vinho, para o que se tocava o sino, que por esta causa lhe ficou o nome de *bebado*, e a rasão de estarem dentro da Sé as cubas, era por não ter a cidade muros, nem haver outra fortalesa, onde estivessem seguros os mantimentos das guerras, que tinham os Reis de Portugal com os de Castella...»

Do exposto se vê que o tal sino, denominado *bebado*, já existia em 1388, como diz Botelho supra;—logo não podia ser o sino mandado fazer pelo bispo *D. João Homem* no anno de 1393 *com que chamam a cabido*, como diz o mesmo dr. Botelho. Eram dois sinos *differentes* e parece que o Padre Leonardo os confundiu, dizendo serem *um e o mesmo*!...

Veja-se o topico *Torres* sob o titulo *Cathedral*.

[1] Estas duas parochias ainda em 1840 produziram 3.316 pipas, mas deviam produzir *muito mais*, quando as plantações eram novas.

I

Em geral os bispos visienses foram muito estimados e respeitados pelos seus diocesanos, nomeadamente o benemerito bispo e *bispo modêlo* D. João de Bragança, cujo pontificado se prolongou de 1599 a 1609 *Manteve no melhor pé a disciplina ecclesiastica e os bons costumes sem violencias, reprehensões nem castigos;—tal era o prestigio do seu nome e o respeito que infundia a todos;*—mas outros foram muito desconsiderados e até *odiados* pela sua imprudencia e falta de criterio. Citaremos apenas dois:—*D. João Gomes d'Abreu* e *D. Julio Francisco d'Oliveira.*

Aquelle governou de 1466 a 1482 e o seu pontificado foi uma serie constante de bulhas com os visienses,—bulhas tão encarniçadas que um dia, quando ellas estavam no periodo mais agudo, foi encontrado morto na cama fulminado por um ataque apopletico, proveniente dos desgostos que o ralavam—*ou de veneno que lhe propinaram,*—segundo dizem os seus biographos.

D. Julio, sendo aliás um bispo de bons costumes, muito tractavel, muito illustrado, muito amante de festas e *generosissimo,* durante os 25 annos do seu longo pontificado (1740 a 1765) teve dias de grande satisfação, mas outros *muito amargos* e tanto que succumbiu tambem fulminado por um ataque apopletico, proveniente dos seus grandes desgostos.

Por causa de *uma pouca de palha* que o juiz de fora lhe embargou, dispendeu mais de *vinte e cinco mil crusados,* que por certo correspondiam ao dobro ou a mais de *vinte contos de réis* da nossa moeda actual;—excommungou e fez prender e degradar para fôra de Viseu o dicto juiz, um vereador, o procurador da camara, o alcaide, o meirinho, 4 bachareis e 4 escrivães, mas tal odio lhe votaram os visienses, tanto o desconsideraram e tantos desgostos lhe causaram, que *chorou lagrimas de sangue!...*

—

Sendo bastante altivo, mas não vendo meio de acalmar a irritação dos visienses, tomou uma resolução extrema, *heroica,* e foi a seguinte:

Por occasião da festividade dos Reis, em seguida ao pontifical que celebrou na Sé, fez da sua cadeira uma commovente pratica;—*depois levantou se;—foi pôr se de joelhos no meio do côro da capella mór;—pediu perdão a todos em geral e a cada um em particular, do mau exemplo que lhes havia dado com o seu governo;—em seguida levantando-se pediu a todos que se sentassem e, banhado em lagrimas, os foi abraçando a todos pelos pès?!...*

Este *facto heroico e unico* nos annaes da diocese de Viseu e talvez nos das dioceses de Portugal e da peninsula, commoveu profundamente a todos—e todos ali depozeram odios e resentimentos.

Foi mais longe ainda a *magnanimidade* de D. Julio:—perdoou aos ecclesiasticos que ao tempo se achavam presos e a outros que se haviam homisiado—e deu largas esmolas.

É este um dos topicos mais interessantes da interessante biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira, escripta pelo padre Leonardo de Sousa,[1] seu contemporaneo e amigo sincero e dedicado e como D. Julio tambem *congregado do Oratorio,*—biographia que daremos no supplemento ao artigo *Viseu,* porque, a despeito dos nossos esforços para a resumirmos, ficou muito longa e muito longo vae tambem já este artigo.

Outro facto

II

As freiras de S. Luiz do Pinhel bivacando na Sé de Viseu

No tempo do bispo D. Jeronymo Soares (1694 a 1720) depois de grandes desintelligencias entre o provincial e as freiras fran-

---

[1] *Catalogo dos Bispos de Viseu* (ms. e *exemplar unico!...*) tomo 3.º, liv. 3.º, cap. 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 11.º de fl. 135 até fl. 242, *mihi.*

É uma biographia esplendida!...

ciscanas de *S. Luiz* de Pinhel, resolveram as freiras desligar-se do provincial e render obediencia sómente ao bispo diocesano, que então era o de Viseu. Com este intuito um bello dia deixaram o convento 28 das dictas freiras;—metteram-se em carros de lavoura, toldados com ramos, colchas e lençoes (era no rigor do verão)—e, acompanhadas pelos seus capellães e criadas, seguiram para Viseu, aonde chegaram no dia 6 d'agosto de 1710.

Apearam-se junto da quinta de Fontello; —hastearam a cruz conventual,—cobriram o rosto com os veus—e em 2 alas marcharam processionalmente para o paço episcopal da Sé, onde residia o prelado. Sendo este prevenido, mandou fechar as portas do paço e dizer-lhes que as não recebia. Estando as freirinhas já no adro e vendo aberta a porta da Sé, por haver findado n'aquelle instante o côro da manhã, entraram para ella. Mandou tambem logo o bispo fechar as portas da Sé e lá ficaram as freiras resando, conferenciando e descançando, pois iam fatigadissimas com a longa e penosa jornada e com o ardente sol d'agosto.

Mandou o santo bispo servir-lhes *mesmo na Sé um abundante jantar*,—sempre com as portas fechadas, pelo que de tarde não houve côro,—e ao declinar do dia ordenou que se recolhessem ao convento das religiosas benedictinas de Viseu, onde se conservaram até que em outubro do mesmo anno as obrigou a voltarem para o seu convento de Pinhel, acompanhadas pelos ministros ecclesiasticos e por differentes cavalheiros de Viseu.

Assim terminou este episodio monastico.

Tambem no governo d'este santo bispo, a 5 de março do dicto anno, cahiu um raio na Sé e já haviam cahido n'ella mais dois.

Veja-se no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. Jeronymo Soares*.

III

Grande desordem na Sé de Viseu entre os conegos e meios-conegos

Os conegos da Sé de Viseu foram sempre muito ciosos da sua dignidade e prerogativas. Tinham o *fôro de cavalleiros fidalgos*, açougue proprio, o cargo d'almotaceis em mezes alternados com o almotacé nomeado pela camara, e exempção do tributo denominado *cavallaria* ou *cavallo de Maio*,[1] mas em 1635, estando os conegos a governar a diocese sem elegerem vigario capitular, como manda o concilio de Trento, na vacancia pela morte do bispo D. Miguel de Castro, quizeram mais um distinctivo nas murças. Sendo ellas todas pretas, com forros e abotoadura da mesma côr e, sabendo que os conegos d'outras dioceses, incluindo a de Braga, metropole da de Viseu, já tinham murças pretas forradas de carmesim com pospontos, abotoadura e cairel da mesma côr, em sessão capitular de 13 de janeiro do dicto anno resolveram *nemine discrepante* usar tambem murças forradas de carmesim, etc., só os conegos—e, usando ou *abusando* da jurisdicção ordinaria como governadores da diocese, estipularam *penas gravissimas* contra os meios conegos, se recalcitrassem, como effectivamente recalcitraram, allegando que entre elles e os conegos jámais houvera nem consentiam que houvesse distincção nas murças.

Correu o pleito entre os conegos e meios conegos por causa das murças e com tanto azedume como no seculo seguinte a celebre questão do *hyssope* entre o bispo e o deão d'Elvas; só lhes faltou um cantor como A. Diniz da Cruz e Silva.

—

Foram tantas e tão escandalosas as peripecias, que o vulgo lhes attribuiu como *castigos do ceu* os casos extraordinarios que en-

---

[1] Certo tributo de umas tantas libras ou soldos que em Viseu e no seu alfoz pagavam todos os annos no 1.º dia de maio os chefes de familia que não tivessem *cavallo de marca*, proprio para guerra. Este tributo correspondia ao da *colheita*, *jugada* ou *fossadeira*—e d'elle foram isentos os conegos pelo foral que a rainha D. Thereza deu á cidade de Viseu em 1123, confirmado por el-rei D. Diniz na concordata de 20 d'agosto de 1292.

V. *Cavalleiro* e *Cavallo de Maio* em Viterbo—e n'este artigo o topico *Foraes*.

tão aterraram Viseu, tal foi uma horrorosa tormenta que no dia 8 e 9 de fevereiro do mesmo anno de 1635 pesou sobre a cidade.

O vento arrancou e destroçou muitos castanheiros e oliveiras seculares, causando grande prejuiso nos contornos de Viseu;—cahiram e destelharam-se differentes casas;—a chuva foi tanta que parecia um novo diluvio—e o panico subiu de ponto quando a 10 do dicto mez e anno, pelas 2 para as 3 horas da tarde, estando os conegos resando *completas*, desabou a torre dos sinos com a fronteria da Sé! Não cessou porem a vergonhosissima contenda. Pelo contrario, exacerbou-se com o facto seguinte:

No sabbado immediatamente anterior á dominga da quinquagessima ou *do entrudo* (o tempo era proprio, mas o local improprio) dia 17 de fevereiro do dicto anno, á estação da missa do dia, com o Santissimo exposto, por ser vespera da festividade de *S. Theotonio*, padroeiro de Viseu, sete dos meios conegos mais resolutos apresentaram-se no côro com murças iguaes ás novas murças dos conegos. Ficaram estes desesperados e logo o arcypreste Ignacio Dias, que estava presidindo ás dictas vesperas, na falta d'outra dignidade superior, o que não abona muito a *dignidade* do cabido d'então, por se tractar da festa do padroeiro, como já dissemos,—fulminou os sete meios conegos com as censuras da egreja e, como elles as despresassem, implorou o auxilio do braço secular para os constranger a deporem as murças, sob pena de prisão.

A força publica invadiu a Sé e *a capella mór*, estando o Santissimo Sacramento exposto,—e o conflicto excedeu as raias do escandalo! Os 7 meios-conegos reagiram, mas a final tiveram de ceder á força numerica dos beleguins e dos conegos;—todos 7 foram levados de roldão pela porta fóra, com espanto dos fieis que estavam assistindo á missa,—rasgaram-lhes as murças e metteram-nos no aljube. Seguiram-se logo protestos e appellações e foram postos em liberdade, não conseguindo porem sentença definitiva a seu favor, passados dias,—na 1.ª quinta feira da quaresma, a 22 do dicto méz e anno,—tornaram a litigar sobre o mesmo ponto. Prolongou-se o pleito muito tempo (durou annos?!) interpondo-se embargos de uma e outra parte e, não querendo os prelados intervir na contenda para não magoarem os conegos nem os meios-conegos, ficaram estes usando das novas murças *até hoje*.

Por bom preço as pagaram, nomeadamente os taes sete!

—

Sobre tão estranho acontecimento veja-se o *Catalogo dos Bispos de Viseu* pelo padre Leonardo de Sousa, tomo 3.º fl. 53, v., 54 e 55;—o *Dialogo* 5.º cap. 23, do dr. Manuel Botelho Ribeiro, testemunha *ocular* da tormenta, como diz o conego José de Oliveira Berardo,—e as *Memorias* do proprio conego Berardo, publicadas no *Liberal*, n.º 10 de 6 de junho de 1857.

Todos estes auctores concordam no essencial, mas divergem n'algumas circumstancias,—e Berardo, depois de dizer *que examinou os documentos judiciaes*, accrescenta — que a final os meios-conegos obtiveram provimento nos aggravos recebidos,—confirmação na posse de trazerem murças iguaes ás dos conegos—e que estes foram condemnados nas perdas e damnos que lhes haviam causado.

Não se extinguiu porem nos rev.os conegos o estulto desejo de se extremarem e distinguirem dos meios-conegos e com este irrosorio intuito no pontificado do santo bispo *D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo* (1792 a 1819) pediram e obtiveram—*só para elles conegos*—o distinctivo de meias e cintas rubras e borlas verdes nos chapeus. Botaram novamente as novas insignias pulando de contentes e batendo palmas por haverem achatado os meios conegos, mas estes tambem sem demora obtiveram igual concessão e os conegos ficaram outra vez de cara á banda?!...

Era bem mais numeroso então do que é hoje o

Cabido de Viseu

Actualmente apenas conta 3 conegos e 1 meio-conego ou meio prebendado, todos de-

crepitos. São os seguintes pela ordem chronologica da sua apresentação:

1.º—*D. Gaudencio José Pereira*, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra.

Foi apresentado conego-professor com o onus de ensino no seminario diocesano por decreto de 22 d'outubro de 1863;—regeu com muita dignidade a cadeira de direito canonico;—foi vigario geral da diocese no tempo do bispo D. Antonio Alves Martins e, por morte d'elle, vigario capitular *sede vacante* desde 5 de fevereiro de 1882 até 23 de agosto de 1883, data em que tomou posse o prelado actual, por procuração dada ao mesmo rev. conego, que ficou tambem governando a diocese até que o dicto prelado fez a sua entrada solemne e depois o nomeou seu vigario geral.

É um presbytero de singular merecimento, —muito illustrado, muito prudente, muito caritativo e de bons costumes, pelo que ha mezes foi nomeado arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado e, fallecendo ha dias o bispo de Portalegre, para ali foi mandado como governador d'aquella diocese, na qual muito provavelmente vae ser provido.[1]

2.º—*Antonio Alves Lopes*, ainda parente do fallecido prelado D. Antonio Alves Martins.

Foi apresentado por decreto de 26 de setembro de 1865 e está decrepito e *demente*!...

3.º—*Joaquim Marques Pinto.*

Foi apresentado por decreto de 26 de setembro de 1865 tambem, tendo sido anteriormente vigario collado em Pindo e depois secretario do sr. D. Antonio Alves Martins.

Pode dizer-se que é hoje (1887) o conego *unico* da Sé de Viseu, pois o 1.º com certesa não volta ao cabido—e o 2.º está completamente inutilisado.

Dos meios conegos apenas vive tambem hoje *um só*,—o rev. *Sebastião Pereira de Figueiredo Queiroz*,—já decrepito e completamente inutilisado tambem, pois foi apresentado por decreto de 12 de setembro de 1855, ou ha 32 annos.[1]

O cabido de Viseu foi um dos mais numerosos. Já contou 28 conegos *de prebenda inteira* e 12 *meio-prebendados*, emquanto que hoje está por assim dizer *extincto*!

A bulla que auctorisou o nosso governo para reduzir as dioceses do continente impoz-lhe a condição de preencher os quadros capitulares. O governo promptamente reduziu as dioceses, supprimindo as d'Aveiro, Elvas, Pinhel, Castello Branco e Leiria em 1882, mas até hoje (1887) ainda não nomeou *um conego* para os cabidos restantes, que estão quasi todos como o de Viseu, sem o pessoal preciso para os pontificaes, etc.

Fazemos votos porque o governo e a curia romana tractem de providenciar e fazer cessar tão anomalo estado de cousas.

Até aqui fallámos da Sé de Viseu e dos seus conegos; fallemos agora tambem dos seus prelados.

CATALOGO CHRONOLOGICO DOS BISPOS DE VISEU

Este topico é muito importante para a historia e topographia d'esta cidade, porque a longa serie dos seus bispos prova claramente a existencia de Viseu como cidade episcopal desde o seculo VI e leva a crer que Viseu já era cidade e talvez *cidade episcopal* seculos antes. Alem d'isso a historia dos seus prelados derrama grande luz sobre a historia de Viseu; não é porem facil de organisar *com firmeza* o dicto catalogo e, para não nos expormos a certa ordem de censuras, aqui apontamos os auctores que nos serviram de guia:

---

[1] Á ultima hora (10 de novembro de 1887) consta que o sr. D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, actualmente bispo de Beja, será transferido para Portalegre e que depois será nomeado bispo de Beja o sr. D. Gaudencio.

[1] Em 1885 falleceu o conego José Joaquim Pereira d'Almeida, que havia sido apresentado em virtude de renuncia apostolica e beneplacito regio de 27 d'agosto de 1799.

Morreu nonagenario e era o decano dos conegos portuguezes, pois contava 66 annos de collação?!...

1.º—*Dr. Manuel Botelho Ribeiro Pereira*, auctor dos *Dialogos moraes e politicos, e fundação da cidade de Viseu*, etc., escriptos pelos annos de 1630 a 1636

Temos sobre a nossa banca de estudo estes *Dialogos* no *Codice de Girabolhos*, d'onde foi extrahido o codice n.º 70 da *Bibliotheca Municipal do Porto* para o sr. conde d'Azevedo, que o legou com todos os seus *mss.* á dicta bibliotheca, legando ao sr. conde de Samodães todas as obras impressas que constituiam a sua grande livraria. [1]

O codice de Girabolhos comprehende 513 pag. folio;—pertenceu ao fallecido sr. dr. e desembargador F. C. R. e socio da *Academia Real das Sciencias*, Agostinho de Mendonça Falcão Coutinho Sampaio e Povoas—e hoje pertence a seu filho e *nosso principal cyreneu n'este artigo*, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua nobre casa e quinta de *S. Salvador*, junto de Viseu, de quem fallaremos adiante e ja se fallou nos artigos *Paredes da Beira*, *Pinhanços* e *Villa Nova d'Ourem*.

2.º—*Padre Antonio Carvalho da Costa*, *Chorog. Port.*, tomo 1.º pag. 181 a 185 da 1.ª edição.

O seu catalogo foi escripto em 1707.

3.º—*Padre João Coldt*, auctor do *Catalogo dos Bispos de Viseu* publicado no 2.º tomo das *Mem. da Acad. R. de Historia*, em 1772.

4.º—*D. Francisco Alexandre Lobo*, illustrado bispo de Viseu desde 1819 até 1844.

Escreveu um *Catalogo* d'alguns bispos da sua diocese, catalogo que póde ver-se no 1.º tomo das suas obras, pag. 221 a 287.

5.º—O muito illustrado conego *José d'Oliveira Berardo*.

Pelos annos de 1835 a 1837 escreveu a interessante memoria—*Noticias historicas de Viseu*, que deixou *mss.*, e que foram publicadas em folhetins no *Liberal*, periodico de Viseu, desde o n.º 1 de 6 de maio de 1857 até o n.º 15 de 24 de junho do mesmo anno, cuja collecção temos sobre a nossa banca de estudo, por finesa especial do sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos. [1]

O mesmo Berardo em 1838, sendo administrador d'este concelho (ainda não era padre) escreveu e offereceu á camara municipal outra memoria, denominada *Noticias de Viseu*, resumindo parte d'aquella e addicionando-lhe um mappa geographico do concelho de Viseu com varias tabellas indicando as freguezias que pelo decreto de 6 de novembro de 1836 ficaram pertencendo ao dicto concelho e as que anteriormente lhe pertenciam, bem como aos extinctos concelhos de *Ranhados* e de *Barreiros* e a todo o bispado de Viseu, sua população, etc.

D'esta 2.ª *Memoria*, que se guarda no archivo da camara de Viseu, tirou o mencionado sr. dr. Agostinho de Mendonça uma copia, hoje pertencente ao seu filho, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça,—copia que por fineza especial de s. ex.ª tambem temos sobre a nossa banca de estudo.

Berardo foi o mentor de Alexandre Herculano e do conde Rakzincki, quando visitaram esta cidade, e ambos lhe teceram pomposos elogios. [2]

6.º—*Francisco Manuel Correia*, ha pouco fallecido, incansavel e muito minucioso e consciencioso investigador das coisas de Viseu.

É auctor de um precioso *ms.* intitulado *Memorias em respeito á Cidade de Viseu, sua antiguidade, Fortificação, Cathedral, Bispos e Priores, Cabido e Ducado extincto e mais notabilidades de remota antiguidade e posteriores, de que ha noticia. Por hum curioso viziense. Anno 1876.*

O sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça por fortuna descobriu e pôde enviar-nos tambem esta *Memoria*, completamente ignorada até hoje. Pertence ao rev.mo João Nunes d'Almeida [3] e comprehende 142 pag. folio,

---

[1] A *Bibliotheca do Porto* já possuia dois codices com os mesmos *Dialogos*, mas o que foi do sr. conde d'Azevedo é mais nitido e tem uma interessante apreciação critica, feita pelo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

[1] V. *Santar* e *Villar Secco*, freguezias do concelho de *Nellas*.

[2] Veja-se o topico *Visienses illustres*.

[3] É o parocho da freguezia *Occidental* da

alem de uma infinidade de nótas e addições, posteriormente colligidas pelo benemerito auctor e por elle escriptas em papeis informes e soltos que até hoje felizmente se não perderam.

Bem merece a dicta *Memoria* as honras da publicidade, porque representa um trabalho insano e adianta bastante em alguns pontos com relação aos trabalhos de Botelho e de Berardo. [1]

7.º—O rev. Padre *João Vieira Neves de Castro e Cruz*, distincto escriptor catholico e nosso bom amigo, que muito espontaneamente se dignou escrever e enviar-nos tambem um succinto catalogo dos Bispos de Viseu.

V. *Milheirós da Maia*, tomo V, pag. 227, col. 2.ª

8.º—O sr. dr. *Nicolau Pereira de Mendonça Falcão* já mencionado, que, alem d'outros muitos apontamentos para este artigo, nos mandou interessantes estudos com relação a este topico.

9.º—O Padre *Leonardo de Sousa*, que foi congregado do *Oratorio* em Viseu e deixou *ms.* um interessante *Catalogo* dos bispos d'esta diocese,—*Catalogo* até hoje inteiramente desconhecido. Intitula-se elle:—*Memorias historicas e chronologicas dos Bispos de Viseu, nas quaes se comprehendem particulares noticias dos tempos que os mesmos prelados alcançarão, das Perseguições geraes, que padeceu a Igreja Catholica, Scismas, e Concilios geraes até o presente estado, e finalmente dos Pontifices, Emperadores, Reis d'Espanha, e Portugal, conforme a ordem dos annos, e memorias do Reino,—offerecidas ao Illustrissimo, e Reverendissimo Cabido de Viseu pelo Padre Leonardo de Sousa Ulisiponense, e da Congregação do Oratorio Viziense,—Anno de M.D.CC.LXVII.*

Este catalogo adianta muito com relação a *todos os outros*, infelizmente porem apenas resta *o ultimo* dos seus 3 volumes! Foi comprado ha annos em Lisboa n'um leilão pelo sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva, benemerito filho de Viseu domiciliado no Porto e dono de uma bella livraria, o qual muito generosamente nos emprestou o dicto catalogo, pelo que lhe beijamos as mãos agradecido. [1]

É o 3.º tomo;—comprehende 289 folhas —e tracta somente dos bispos de Viseu nos seculos XVII e XVIII, desde *D. João Manuel* até *D. Julio Francisco d'Oliveira*, mas por fortuna termina com o indice de toda a obra, no qual se encontra uma lista chronologica de todos os bispos de Viseu—*certos, duvidosos* e simplesmente *eleitos*,—seus nomes,—terras onde nasceram e onde falleceram,—tempo que governaram, etc., o que supre até certo ponto os 2 volumes perdidos.

—

Do exposto se vê que podiamos escrever um livro sobre o assumpto, mas teremos de reduzir quanto possivel este topico, dividindo-o para maior claresa em duas partes:—na 1.ª daremos os nomes de todos os bispos de Viseu sobre que ha *certesa*, addiccionando-lhe os nomes dos bispos *duvidosos* e dos que foram sómente *eleitos* e não confirmados;—na 2.ª daremos uma breve noticia de cada um dos mencionados bispos.

PARTE I

Bispos de Viseu no tempo dos suevos e godos

Seculo VI

1.º—*Remissol*, 572 até 585.
2.º—*Sunila* ou Sinula, 585-593.

Seculo VII

3.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 610-625.

Sé de Viseu, sacerdote muito illustrado e que foi intimo amigo do auctor, pelo que as irmãs e herdeiras d'este lhe deram o tal *ms.*

[1] Veja-se tambem o topico *Visienses illustres*.

[1] Tambem s. ex.ª possue e nos emprestou uma copia dos *Dialogos* de Botelho, tirada do *Codice de Girabolhos*,—e o foral dado a Viseu por el rei D. Manuel,—exemplar esplendido, que lhe custou 22$500 réis!...

V. o topico *Foraes*.

4.º—*Lauso*, 633-637.

5.º—*Farno, Firmo* ou *Farnio*,—pelos annos de 638.

6.º—*Parimo* ou *Parino*, 646.

V. Botelho, Coldt, Cobo e Sousa.

7.º—*Undila* ou *Wadila*, 653-666.

Vacancia

8.º—*Reparato*, 681-683.

9.º—*Wilifonso* ou *Vocifredo*, 688.

10.º—*Theofredo*, 693.

Conquista dos sarracenos

Seculo VIII

O Padre Sousa dá como *certo* o bispo *Hispano* em 712—mas Berardo aponta-o como *duvidoso* em 715.

Seculo IX

11.º—*Theodomiro*, 876-899.

O padre Sousa assigna-lhe o anno de 869.

Seculo X

12.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 905.

13.º—*Americo* ou *Anserico*, 915-918.

14.º—*Sabarico*, 922.

15.º—*Salamon* ou *Salomão*, 932.

Cruz, Botelho, Coldt e Sousa não mencionam estes ultimos 2 bispos.

16.º—*Dulcidio*, 934-951.

17.º—*Hermegildo* ou *Hermenegildo*, 961-969.

18.º—*Iquilano*, *Iquila* ou *Inquila*, 981-985.

Vacancia de 35 annos proveniente da nova occupação de Viseu pelos mouros.

Seculo XI

19.º—*D. Gomes*, 1020-1050.

20.º—*D. Sisnando*, 1058-1064.

Seculo XII

Priores

—*D. Theodonio*, 1110-1112.

—*S. Theotonio*, 1112-1119.[1]

—*D. Honorio*, 1119.

—*D. Odorio*, 1120-1130.

—*D. Sueiro Thedom*, 1131-1144.

Bispos do tempo da nossa monarchia

21.º—*D. Odorio*, 1144-1165.

22.º—*D. Gonçalo I*, 1165-1169.

23.º—*D. Marcos*, 1170.

24.º—*D. Godinho*, 1171-1179.

25.º—*D. João Pires, 1.º* 1179-1192.

26.º—*D. Nicolau*, 1193-1213.

Seculo XIII

26.º—*D. Nicolau*,[2] 1193-1213.

O Padre Carvalho dá como successor d'este bispo outro do mesmo nome pelos annos de 1293, ao qual (diz) succedeu *D. Fernando* pelos annos de 1252!

O seu catalogo é uma serie de dislates.

27.º—*D. Fernando Raymundo Coutinho*, 1213-1214.

28.º—*D. Bartholomeu*, 1214-1221.

29.º—*D. Gil* ou *Egidio*,[3] 1221-1240,—segundo dizem Berardo e Coldt, dando-lhe por successor *D. Pedro Gonçalves*, mas o seu pontificado não podia ir tão longe, porque Alexandre Lobo e Cruz lhe dão como successor o seguinte:

30.º—*D. Martinho 1.º* em 1230.

Berardo, F. Manuel, Sousa e Coldt nem

---

[1] Não se confundam estes dois priores, posto que são quasi humonymos. Adeante, na *Parte II*, seremos mais explicitos.

[2] Repetimos o nome, porque o seu pontificado principiou no sec. XII e terminou no sec. XIII.

[3] Botelho e Sousa em vez d'este bispo mencionam *D. Egas 1.º*, a quem Botelho dá por successor *D. Pedro*, unico do nome, pelos annos de 1233.

como *duvidoso* mencionam este bispo,—e F. Manuel dá em 1230 o bispo *D. João Pedro*, 2.º de nome; fazem porem menção de *D. Martinho* o sr. Padre Cruz e o sabio bispo Lobo.

Vacancia de 20 annos e interdictos

31.º—*D. Pedro Gonçalves, 1.º*, 1250-1254, —segundo dizem Coldt, Berardo, Lobo, F. Manuel e Cruz.

32.º—*D. Matheus*, 1.º, 1254-1271.

Vacancia de 8 annos

33.º—*D. Matheus*, 2.º, 1279-1287.

34.º—*D. Egas*, 1289-1313.

Seculo XIV

34.º—*D. Egas*, 1289-1313.

35.º—*D. Martinho*, 2.º, 1313-1323.

Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz denominam este bispo 2.º *do nome*, porque já mencionaram outro supra; — Coldt, Berardo, F. Manuel, Botelho e Sousa dão-no como *1.º do nome*—e F. Manuel diz que tambem se denominava *D. João de S. Martinho*.

36.º—*D. Gonçalo de Figueiredo*, 2.º, o *Anchinho*, 1323-1328.

37.º—*D. Miguel Vivas*, 1330-1335.

38.º—*D. João 2.º*, 1360-1362.

39.º—*D. João Martins, 3.º*, 1375-1378.

40.º—*D. Pedro Lourenço*, 2.º, ...-1385.

41.º—*D. João Pires, 4.º*, 1385-1388.

42.º—*D. João Homem, 5.º*, 1392-1425.[1]

Seculo XV

42.º—*D. João Homem, 5.º*, 1392-1425.

43.º—*D. Fr. João d'Evora, 6.º*, 1414,—segundo diz Alexandre Lobo, mas a data não se coaduna com a do pontificado antecedente,—e Carvalho, Coldt, Cruz, Berardo, F. Manuel e o sr. dr. Nicolau não mencionam tal bispo!...

44.º—*D. Garcia*, 1426-1430.

45.º—*D. Luiz do Amaral, 1.º*, 1432-1438.

46.º—*D. Luiz Coutinho, 2.º*, 1438-1444.

O sr. Padre Cruz dá um bispo—*D. Gonçalo de Figueiredo*, 3.º do nome, como successor de D. Luiz do Amaral pelos annos de 1440, mas *nenhum* dos outros catalogos *aqui* o menciona. Suppomos que é o mesmo bispo *D. Gonçalo 2.º*, o *Anchinho*, mencionado sob o n.º 36.

47.º—*D. João Vicente*, 7.º, o *bispo azul*, fundador dos *Loios*, 1446-1463.

48.º—*D. João Galvão*, 8.º, 1464-1466,—segundo dizem Botelho e Carvalho, mas F. Manuel, Cruz Berardo e Lobo não mencionam tal bispo,—Coldt e Sousa dão-no como *duvidoso*—e nós tambem nos inclinamos a esta opinião.

49.º—*D. João Gomes d'Abreu*, 9.º 1466-1482.

50.º—*D. Fernando Gonçalves de Miranda*, 2.º, 1487-1505.

Seculo XVI

50.º—*D. Fernando Gonçalves de Miranda*, 2.º, 1487-1505.

51.º—*D. Jorge da Costa, 1.º*, cardeal d'Alpedrinha, 1506-1507.

52.º—*D. Diogo Ortiz de Vilhegas*, o *Calçadilha*, 1507-1519.

53.º—*D. Affonso*, infante e cardeal, 1520-1524.

54.º—*D. Fr. João de Chaves*, 10.º, 1524-1526.

55.º—*D. Miguel da Silva*, 2.º, *cardeal*, 1527-1547.

56.º — *D. Alexandre Farnese*, cardeal, 1547-1552.

57.º—*D. Gonçalo Pinheiro*, 1553-1556.

58.º—*D. Jorge d'Athaide*, 2.º, 1568-1578.

59.º—*D. Miguel de Castro, 3.º*, 1579-1585.

60.º—*D. Nuno de Noronha*, 1586-1594.

61.º—*D. Fr. Antonio de Sousa, 1.º*, 1595-1597.

62.º—*D. Fr. João de Bragança, 11.º*, 1599-1609.

---

[1] Ha grande divergencia nos differentes auctores com relação a estes ultimos 5 pontificados.

Veja-se o que d'elles dizemos adiante, na *Parte II*.

Seculo XVII

62.º—*D. Fr. João de Bragança, 11.º*, 1599-1609.

63.º—*D. João Manuel, 12.º*, 1610-1625.

64.º—*D. João de Portugal, 13.º*, 1626-1629.

65.º—*D. Fr. Bernardino de Sena*, 1629-1632.

66.º—*D. Miguel de Castro, 4.º*, 1633-1634.

67.º—*D. Diniz de Mello e Castro*, 1636-1639.

O sr. Padre Cruz não menciona estes 2 ultimos bispos e Carvalho mencionou só o penultimo.

Vacancia de 32 annos
(1639-1671)

68.º—*D. Manuel de Saldanha*, 1671.

69.º—*D. João de Mello 14.º*, 1673-1684.

70.º—*D. Ricardo Russel*, 1685-1693.

71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Seculo XVIII

71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Vacancia de 20 annos

72.º—*D. Julio Francisco d'Oliveira*, 1740-1765.

Alexandre Lobo começa o pontificado d'este bispo em 1741—e F. Manuel em 1743, mas nós seguimos a opinião do Padre Sousa que escreveu em 1767 e foi não só contemporaneo do dicto prelado mas como elle *congregado do Oratorio* ou de S. Philippe Nery, pelo que lhe dedicou a maior parte do tomo 3.º e ultimo do seu volumoso catalogo,—nada menos de 10 capitulos (2.º a 11.º *inclusive*)—de fl. 135 a 242.

É uma minuciosa, conscienciosa e preciosa biographia, infelizmente ainda *manuscripta* e por consequencia exposta a perder-se como já se perderam os 2 primeiros tomos do mesmo catalogo!...

Quando se resolverá o governo a salvar em edições baratas os numerosos e preciosos *mss.* que ainda restam nas nossas bibliothecas, mandando continuar a publicação dos *Ineditos* da Academia Real das Sciencias pela nossa *Imprensa Nacional*, sob a direcção da Academia?

Chamamos para este importantissimo assumpto a attenção de S. M. el-rei o sr. D. Luiz e de S. A. R. o principe D. Carlos.

Desculpem-nos a digressão.

73.º—*D. Francisco Mendo Trigoso, 1.º*, 1770-1778.

O sr. Padre Cruz não mencionou este bispo.

74.º—*D. José Antonio Barbosa Soares, 1.º*, 1779-1782.

75.º—*D. Fr. José do Menino Jesus, 2.º*, 1783-1791.

76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, 2.º*, 1792-1819.

Seculo XIX

76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, 2.º*, 1792-1819.

Repete-se o numero porque o pontificado d'este bispo se divide por 2 seculos.

77.º—*D. Francisco Alexandre Lobo, 3.º*, 1819-1844.

78.º—*D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, 3.º*, 1846-1856.

79.º—*D. José Manuel de Lemos, 4.º*, 1856-1858.

80.º—*D. José Xavier Cerveira e Sousa, 5.º*, 1859-1862.

81.º—*D. Antonio Alves Martins, 1.º*, 1862-1882.

82.º—*D. José Dias Correia de Carvalho, 6.º*, 1883-....

É o bispo actual.

Bispos duvidosos

(*Annos de Christo*)

1.º—*S. Justo, 1.º*, pelos annos de 270.

2.º—*S. Justo, 2.º*, pelos annos de 284.

O Padre Sousa dá estes dois bispos como *certos?!...*

3.º—*Santo Aulo*, bispo e martyr, 300.

4.º—*S. Lusto*, 300.

5.º—*S. Justo, 3.º*, 320.

O Padre Sousa tambem dá estes dois bispos como *certos?!...*

6.º—*Idacio*, pelos annos de 385.

7.º—*Lazaro*, 400.

O Padre Sousa menciona estes ultimos dois como *duvidosos*.

8.º—*Mansueto*, pelos annos de 513.

9.º—*Affanio*, 541.

10.º—*Thimoteo*, 563.

Sousa dá-o como *certo*.

11.º—*Adaulfo*, pelos annos de 568.

12.º—*Justo, 4.º*, 577.

13.º—*Vulpeciano*, 600.

14.º—*Festino*, 637.

15.º—*Hispano*, 712.

Sousa dá-o como *certo*.

16.º—*Galindo*, pelos annos de 740.

17.º—*Pelagio*, 780.

18.º—*João*, 780.

19.º—*Probo*, 809.

20.º—*Clemente*, 847.

21.º—*Romualdo*, ...

Sousa menciona-o sem data.

22.º—*Hermigildo*, pelos annos de 1112, segundo diz o Padre Sousa.

23.º—D. *Pelagio*, ...

Sousa menciona-o sem data, como successor de D. *Matheus, 1.º* (n.º 32).

24.º—D. *Alvaro*. pelos annos de 1272.

25.º—D. *Egas*, ...

Sousa menciona-o sem data, como successor de D, *Alvaro* e ambos como *duvidosos;* menciona porem mais dois bispos com o mesmo nome de *Egas*,—um correspondente ao que nós denominamos D. *Gil* (n.º 29)—e outro correspondente ao bispo D. *Egas*, n.º 34.

26.º—D. *Martinho*, pelos annos de ....

Sousa menciona-o como *duvidoso* e sem data entre o duvidoso D. *Egas* e D. *Matheus 2.º*, mas dá outro D. *Martinho* como *certo*, correspondente ao mencionado por nós sob o n.º 35.

27.º—D. *Julião d'Alva*, ...

Sousa menciona-o entre *Alexandre Farnese* e D. *Gonçalo Pinheiro*—(n.ºs 56 e 57 da nossa lista)—e Carvalho menciona-o tambem sem data entre D. *Diogo Ortiz de Vilhegas* e o bispo D. Affonso, infante cardeal (n.ºs 52 e 53 da nossa lista).

28.º—D. *Soludidario*, ou *Scludidario*.

F. Manuel, baseado em um sinete ou sello que já depois do meiado d'este seculo se encontrou em Viseu,—sinete que possue Antonio José Pereira, pintor visiense, e que F. Manuel viu e desenhou na sua *Memoria*, a pag. 72, entende que este D. *Soludidalio* foi bispo de Viseu, successor de D. *João Gomes* e antecessor de D. *Fernando Gonçalves de Miranda*, mencionados na nossa lista sob os n.ºs 49 e 50.

As rasões que F. Manuel adduz são as seguintes:

1.ª—Porque o tal sinete, que é redondo, tem no centro um escudo encimado por uma mitra;—no meio do escudo uma estrella;—em volta do escudo sete castellos—e na orla do sinete esta legenda:—*Solvdidali ep. e op visens* — que em vulgar diz: — *Soludidalio bispo da cidade de Viseu.*

Nada mais terminante!

2.ª—Porque na abobada da capella do Santissimo se vê na Sé o mesmo brasão do sinete.

3.ª—Porque na riquissima abobada actual da Sé, alem d'aquelle brasão, apenas se vê o dos *Costas* (do cardeal de Alpedrinha, D. *Jorge da Costa*)—e o do bispo D. *Diogo Ortiz de Vilhegas*, que foi quem concluiu a dicta abobada, como dissemos quando tractamos d'este ultimo bispo e da cathedral.

D'aqui F. Manuel muito sensatamente infere que a dicta abobada, cuja construcção durou com certesa muitos annos, seria principiada pelo bispo D. *Soludidalio*,—continuada a expensas do opulentissimo cardeal D. *Jorge da Costa*—e concluida e talvez feita na sua maior parte por D. *Diogo Ortiz de*

Vilhegas, pelo que este ali collocou as suas armas e as d'aquelles dois bispos seus antecessores e com elle factores da riquissima abobada. [1]

4.ª—Porque (diz tambem muito sensatamente F. Manuel)—entre o bispo D. *João Gomes*, que falleceu em 1482—e o bispo D. *Fernando G. de Miranda*, cujo pontificado todos (excepto o Padre Sousa) principiam em 1487, ha uma vacancia de 5 annos, sem memoria d'outro bispo, o que o leva a crer que D. *Soludidalio*, foi bispo de Viseu n'aquelle interregno ou pelos annos de 1482 a 1487.

Na minha humilde opinião F. Manuel argumenta bem.

29.º—D. *Jorge Pereira de Sande*, 1739.

Suppõe-se que foi nomeado por el-rei D. João V na data supra, mas que não acceitou a mercê, o que determinou D. João V a nomear D. *Antonio de Guadalupe*, de quem fallamos na lista dos *Bispos certos*.

Catalogo do Padre Sousa, tomo 3.º fl. 129.

Bispos eleitos, mas não confirmados

Occorrem-nos os seguintes:

1.º—O veneravel Padre Mestre *Fr. Luiz de Granada*, 1568.

2.º—O Padre Mestre *Fr. Martinho de Ledesma*, no mesmo anno de 1568.

3.º—*Fr. Manoel da Veiga*, tambem no mesmo anno de 1568, segundo diz o Padre Sousa, dando este ultimo como *duvidoso*.

4.º—*Fr. Roque do Espirito Santo*, 1586.

Tambem regeitou o arcebispado de Gôa e os bispados de Ceuta e Lamego. V. *Coldt*.

5.º—D. *João da Silva*, 1632.

Era filho de D. João da Silva, 4.º conde de Portalegre, e falleceu em 1634.

6.º—*Sigismundo Francisco*, 1634.

Era filho de Leopoldo, archi-duque do Tirol;—foi eleito (por Filippe IV) bispo de Viseu, contando apenas 3 annos de idade, e depois foi bispo d'Ausburgo.

Na grande *vacancia* de 32 annos proveniente da guerra entre Portugal e Hespanha, desde 1639, data do fallecimento do bispo D. *Diniz de Mello e Castro*, até 1671, data da confirmação de D. *Manoel de Saldanha*, foram eleitos bispos de Viseu os seguintes:

7.º—D. *Alvaro da Costa*, 1639.

8.º—D. *Fr. Gerardo Pereira*, 1640.

9.º—D. *Fernando de Mello*, 1640, segundo diz o Padre Sousa. [1]

10.º—D. *Manuel de Saldanha*, [2] 1653.

Foi reitor e reformador da Universidade; n'ella acclamou rei o nosso D. João IV em 1640 e instituiu um prestito que da capella da Universidade iria todos os annos no 1.º de dezembro ao convento de Santa Cruz, em acção de graças pela restauração da nossa autonomia. Tambem no dia 28 de julho de 1646 jurou com os lentes da Universidade defender a Immaculada Conceição de Maria.

Era filho de João de Saldanha e de D. Leonor de Menezes.

11.º—D. *Fernando de Miranda Henriques*, 1662.

12.º—D. *Diogo Lobo da Silveira*, 1663.

13.º—D. *Manuel de Noronha*, 1664.

14.º—D. *Fr. Manuel da Conceição*, ...

Sousa o dá eleito—sem data.

Estes ultimos 5 foram nomeados pelos nossos reis D. João IV e D. Affonso VI, mas nenhum d'elles obteve confirmação apostolica, por causa das intrigas e opposição de Castella.

De todos estes bispos eleitos e não confirmados (ao todo foram 8) tracta *amplamente* o padre Sousa.

—

15.º—D. *Fr. Antonio de Guadalupe*, 1739-1740.

Sendo bispo do Rio de Janeiro, foi nomea-

---

[1] Na mesma abobada se vêem tambem alguns escudos com as nossas armas reaes, entre elles o de D. Manuel com o distinctivo da esphera armillar, como já dissemos no topico relativo á Sé.

Vide.

[1] Estes 3 foram nomeados por Filippe III, mas nenhum d'elles obteve confirmação nem chegou a governar o bispado.

[2] Falleceu em 1659, sendo bispo eleito de Coimbra, e jaz em sepultura rasa na capella mór da egreja do convento do Bussaco, do qual foi muito insigne bemfeitor.

do bispo de Viseu. Não chegou a tomar posse d'esta ultima diocese, mas suppomos que foi confirmado.

Nasceu em Amarante a 27 de setembro de 1672 e foram seus paes o dr. Jeronymo da Cunha, magistrado dignissimo, e D. Maria de Cerqueira.

Formou-se em canones; seguiu, como seu pae, a magistratura e, tendo pouco mais de 25 annos, foi despachado juiz de fóra de Trancoso, mas, antes de acabar o 1.º triennio, abandonou a magistratura e tomou o habito de religioso franciscano minorista, em Lisboa, a 23 de março de 1701, professando a 24 de igual mez no anno seguinte.

Sendo muito versado em philosophia, a ordem o mandou estudar theologia no collegio de S. Boaventura de Coimbra, tornando-se no fim de 3 annos um consummado theologo, pelo que lhe offereceram uma cadeira de theologia, mas elle preferiu a predica e foi um orador sacro de primeira plana, como provam os 3 tomos dos seus sermões, que correm impressos, alem de outros muitos que deixou *mss.*

Tão alto soavam a sua illustração e virtudes, que el-rei D. João V o nomeou bispo do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1772, mas por causa das desintelligencias entre a nossa côrte e a de Roma, só em 1724 obteve a confirmação.

Sagrou-se na egreja patriarchal de Lisboa em 13 de maio de 1725, e a 2 de junho do mesmo anno embarcou para o Rio de Janeiro, chegando ali a 10 d'agosto.

—

No anno seguinte (1726) visitou pessoalmente a sua diocese, então vastissima, com mais de 600 leguas d'extensão, pois comprehendia tambem os 2 districtos de S. Paulo e Marianna, hoje bispados proprios.

Era arrebatado de genio, mas em breve reconsiderava e se arrependia, e foi tão virtuoso que por sua morte os seus diocesanos o veneraram como santo e lhe faziam votos e mandavam dizer missas, como *advogado de coisas perdidas*, qual outro Santo Antonio de Lisboa e Padua.

Emquanto foi bispo do Rio de Janeiro teve sempre um alfaiate e 6 officiaes trabalhando por sua conta em vestidos para os pobres, e no seu testamento deu carta d'alforria a todos os seus escravos.

Em 1739 D. João V o nomeou bispo de Viseu;—chegou a Lisboa em agosto de 1740 na frota do Rio de Janeiro, que constava de 26 navios mercantes e 3 naus de guerra, mas chegou tão doente que foi levado a custo em uma cadeirinha de mão para o seu convento de S. Francisco, em 26 d'agosto do mesmo anno e, passados 6 dias,—a 31 do mesmo mez d'agosto de 1740, ali falleceu, depois de receber com a maior compuncção todos os sacramentos, tendo de idade 67 annos, 11 mezes e 4 dias e de pontificado 16 annos.

Jaz no cemiterio do dicto convento, em sepultura rasa com uma grande inscripção latina, que póde ler-se no *Catalogo* de Sousa, tomo 3.º fl. 135.

16.º—*José Vicente Gomes de Moura*, presbytero secular, 1482.

Este distinctissimo professor de latim, grego e historia, e não menos distincto escriptor publico, foi em 1842 nomeado coadjutor e futuro successor do bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lobo, mas não acceitou a nomeação.

Era natural de *Mouronho*, concelho de Tabua, onde nasceu em 22 de dezembro de 1769;—falleceu junto de Coimbra em 2 de março de 1854—e jaz na villa de Poiares, sua terra adoptiva, em um bello mauzoleu erigido á sua memoria em 1859 pelos admiradores da illustração e virtudes do finado.

Veja-se a *Oração funebre* recitada pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo [1] e publicada em 1854,—o *Diccionario Bibl.* de Innocencio—e a *Revista Litt. do Porto*, tomo X, pag. 104 e 345, onde se encontra a biographia de José Vicente Gomes de Moura, escripta pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, distincto litterato tambem

---

[1] Foi lente de theologia na nossa universidade,—jubilou-se ha muito tempo—e de todos os lentes do meu curso (1851-1856) é o *unico* que ainda vive.

V. *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 848, col. 1.ª

PARTE II

Breve noticia dos bispos de Viseu, mencionados como certos

Bem quizera aproveitar e conglobar tudo o que se lê nos *nove* catalogos impressos e *mss.* já indicados e que *por fortuna* tenho presentes. O ensejo era optimo para escrever um *Catalogo dos Bispos de Viseu*, completo quanto possivel, mas daria um grosso volume e, como este artigo e este topico vão já muito longos, com magua terei de despresar fontes tão abundantes e de reduzir este topico á expressão mais simples, para não o supprimir completamente.

Bispos de Viseu no tempo dos suevos e godos

Seculo VI

1.º—*Remissol*, 572-585.

Assistiu ao 2.º concilio bracarense, celebrado no anno de Christo 572 e subscreveu em 2.º logar, governando Portugal e Gallisa o rei suevo *Miro* ou *Ariomiro*. No anno 585 foi o reino dos suevos occupado por Leovigildo, rei godo ariano, que perseguiu cruelmente os bispos catholicos e desterrou aquelle, dando o bispado de Viseu ao ariano Sunila, que foi seu successor, pois Remissol falleceu no desterro.

2.º—*Sunila*, 585-593.

Abjurou a seita d'Ario, no 3.º concilio toletano, congregado em 589[1] assignando em 35.º logar, e tendo já fallecido Remissol, foi-lhe dado o bispado de Viseu, que até ali occupou como intruso.

Seculo VII

3.º—*Gundemiro*, 610-625.

Foi o 19.º prelado dos 26 que no anno 610 assignaram o decreto d'el-rei Gundemaro, reconhecendo o arcebispo de Toledo como metropolitano da provincia de Cartagena.

4.º—*Lauso*, 633-637.

Assistiu ao 4.º concilio toletano e o assignou em 633.

5.º—*Farno* ou *Firmo*, 638.

Assistiu ao 6.º concilio toletano em 638.

6.º—*Parimo* ou *Parino*, 646.

Assistiu ao 7.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 646.

7.º—*Undila* ou *Wadila*, 653-666.

Assistiu ao concilio 8.º de Toledo, celebrado no anno de 653.

Vacancia

8.º—*Reparato*, 681-683.

Assistiu ao 12.º e 13.º concilios de Toledo, celebrados em 681 e 683.

9.º—*Wilifonso* ou *Vocifredo*, 688.

Assistiu ao 15.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 688.

10.º—*Theofredo*, 693.

Assistiu ao 16.º concilio de Toledo, celebrado no anno de 693.

Conquista dos sarracenos

Seculo VIII

V. o que já dissemos na *Parte I.*

Seculo IX

11.º—*Theodomiro*, 876-899.

Assistiu á sagração do templo de Santiago de Compostella no anno de 876—e ao concilio celebrado em Oviedo no anno de 877—11 mezes depois da dicta sagração, como diz Coldt. O bispo Lobo e F. Manuel tambem lhe assignam o anno de 876, mas outros catalogos divergem nas datas,—e o sr. Padre Cruz, em vez de *Theodomiro*, que todos dão como *certo*, menciona em 900 o bispo *Argemiro*, que nem como *duvidoso* vejo em catalogo algum.

---

[1] Referimo-nos sempre ao anno do nascimento de Christo, quando não fizermos menção da era de Cesar.

Berardo diz que o pontificado de Theodomiro se prolongou até o anno 899, data da sagração da egreja de Santiago da Gallisa, —e Botelho prolonga o mesmo pontificado até o anno de 901, mas Coldt cita em favor da sua opinião Sandoval, Sampaio e Pagi na critica aos *Annaes de Baronio*. A mesma opinião seguiu ainda em 1858 o *Compendio de la vida, martyrio, traslacion é invencion del glorioso cuerpo de Santiago el Mayor*, pag. 75 dizendo que aquella sagração foi feita no anno de 874 ou 876, por commissão do Papa João VIII, que governou a egreja de Deus desde 872 até 882, mas o dr. D. José Maria Cepedano y Carnero na sua *Historia y descripcion arqueologica de la Basilica Compostelana* (Lugo, 1870) a pag. 15 diz que a mencionada sagração foi feita no anno de 899. A mesma opinião seguem Florez na *España Sagrada*, tomo 1, pag. 100,—e Castella Ferrer na *Historia de Santiago Zebedeo*, pag. 463 e 464.

Vejam que labyrintho!...

Prosigamos.

Seculo X

12.º—*Gundemiro* ou *Gundemaro*, 905.

Assignou uma escriptura de doação que fez el-rei D. Affonso Magno ao mosteiro de Sahagum no anno de 905.

13.º—*Americo* ou *Anserico*, 915–918.

Assignou varias doações nos annos 915–918—e falleceu em 920.

V. F. Manuel Botelho e Coldt.

14.º—*Sabarico*, 922.

Assignou em 922 o privilegio do mosteiro de Samos.

15.º—*Salamon* ou *Salomão*, 932.

Assignou um privilegio da egreja de Santiago da Gallisa em 932.

V. Alexandre Lobo, F. Manuel e Berardo; —Cruz, Botelho, Sousa e Coldt não mencionam estes ultimos 2 bispos.

16.º—*Dulcidio*, 934–951.

17.º—*Ermegilo* ou *Hermenegildo*.

Assignou uma doação feita por Enderquina Palla ao mosteiro de Lorvão em 961;—Lobo aponta documentos de 965;—Berardo e F. Manuel prolongam o seu pontificado até 969 e Botelho suppõe que ultrapassou esta data.

18.º—*Iquilano* ou *Iquila*, 981–985.

Assignou uma doação feita em 981 ao mosteiro de Lorvão—e Alexandre lobo refere-se a documentos assignados por este bispo em 985.

Botelho não o menciona.

Vacancia de 35 annos, proveniente da nova occupação de Viseu pelos mouros, commandados por Almansor, — occupação que durou 76 annos, até que D. Fernando Magno a tomou de novo em 1057.[1]

Os bispos de Viseu e outros muitos de Portugal e do sul da Hespanha durante a dominação arabe residiram em Oviedo, onde os reis de Leão lhes deram asylo e assignaram egrejas para se sustentarem, pelo que Oviedo se denominou *cidade dos bispos*.

A egreja que ali tiveram os bispos de Viseu, desde Theodomiro, foi a de *Santa Maria de Novelhote*, em *Rosisem*.

V. *Dialogo III de Botelho*, cap. 12;—e *Memorias de Berardo*, parte II, cap. 3.º

Seculo XI

19.º—*D. Gomes*, 1020–1050.

Achou-se em 1050 no concilio de Coyaca, diocese de Oviedo, segundo dizem Lobo, Sousa, Botelho, Cruz e Coldt, mas Berardo menciona este bispo D. Gomes não como bispo de Viseu, mas de *Occa*, subscrevendo a opinião de Fr. Manuel Risco no vol. 38 da *Hespanha Sagrada*;—e F. Manuel menciona-o como 1.º *prior* de Viseu?!...

20.º—D. *Sisnando*, 1058–1064.

Botelho, Coldt, F. Manuel e o sr. Padre Cruz não mencionam este bispo, mas Alexandre Lobo e Sousa dão-no como *certo*—e Berardo menciona-o como *duvidoso*?!...

Seculo XII

Priores

Seguem-se os priores, a quem os bispos de

---

[1] V. o principio do topico relativo á cathedral.

Coimbra, como mais proximos, em virtude da disposição dos antigos canones e da bulla de Paschoal II, do anno 1101, dirigida ao bispo de Coimbra D. Mauricio, encarregaram o governo d'este bispado de Viseu, para attenuarem os inconvenientes da grande vacancia.

Conserva-se apenas memoria dos priores seguintes:

—*D. Theodonio*, 1110–1112.

O conde D. Henrique em 1110 lhe deu a egreja de S. Miguel do Fetal, onde residiu com os seus conegos até que falleceu em 1112.

Suppõe-se que a cathedral n'aquelle tempo estava em ruinas.

—*S. Theotonio*, 1112–1119.

Nasceu na aldeia de *Tardinhade*, freguezia de *Ganfei*, concelho de Valença, no Minho (V. *Ganfei*);—era filho de D. Oveco e de sua mulher Eugenia,—e sobrinho de D. Cresconio, bispo de Coimbra, pessoas muito nobres.

Sendo conego em Viseu desde 1093, por fallecimento de D. Theodonio, em 1112, foi eleito prior d'este bispado pelo povo e clero, eleição que o bispo de Coimbra confirmou; mas em 1119 renunciou o priorado no seu sobrinho D. Honorio para ir, como foi, 1.ª e 2.ª vez á Palestina visitar os *Logares Santos*. A rainha D. Theresa o quiz fazer bispo de Viseu,—graça que elle humildemente recusou para ir com um seu irmão e outros companheiros dar principio ao convento de *Santa Cruz* em Coimbra, do qual foi eleito 1.º prior-mór em 1132 e ali falleceu como santo em 1162.

V. *Coimbra*, tomo 2.º pag. 326.

A cidade de Viseu, em veneração da sua memoria e por gratidão aos muitos beneficios que d'elle recebera, o tomou para seu padroeiro, solemnisando com grandes festas em 1603 duas canas do braço direito do santo prior, que o geral e o capitulo de Santa Cruz lhe deram como preciosas reliquias.

—D. *Honorio*, 1119.

Era, como já dissemos, sobrinho de S. Theotonio, que n'elle renunciou em 1119 o priorado de Viseu, onde era conego e falleceu no mesmo anno, como se lê no livro antigo dos obitos do convento de Grijó.

—*D. Odorio*, 1120–1130.

O povo e clero de Viseu, mal contentes com a subordinação á diocese de Coimbra, poucos mezes depois de ser nomeado prior lhe deram o titulo de bispo, com approvação da rainha D. Theresa. Oppoz-se D. Gonçalo, então bispo de Coimbra. D. Odorio cedeu no mesmo anno de 1120 o seu titulo de bispo e ficou governando a diocese como simples prior, mas em 1130 largou o priorado a D. Soeiro Tedom e foi viver no convento de Santa Cruz de Coimbra, até que el-rei D. Affonso Henriques, annuindo ás instancias do povo e clero de Viseu, que não cessavam de pugnar em favor da sua autonomia e contra a sugeição aos bispos conimbricenses, o nomeou bispo de Viseu, impondo se de fórma tal que o bispo de Coimbra não recalcitrou.

—D. *Soeiro Tedom*, 1131–1144.

Foi este o ultimo prior que governou a diocese, mas em 1171 a 1179 ainda no quadro do cabido visiense figurava um prior, como simples dignidade, segundo diz Coldt, fallando do bispo n.º *24 infra*.

Bispos do tempo da nossa monarchia

21.º— D. *Odorio*, 1144–1165.

Este bispo comprou a quinta de *Fontello*, como dizemos n'outro topico, e no seu pontificado se creou o *Exempto* de S. Christovam de Lafões, *com assentimento do bispo D. Odorio e dos seus conegos*, o que muito bem demonstra Berardo no cap. V, parte II das suas *Memorias*, refutando a contraria assersão de Viterbo no seu *Elucidario*, art. *Ferros*.

V. *Lafões*, onde o meu antecessor fallou do grande mosteiro a que pertencia o tal *Exempto*.

22.º—D. *Gonçalo, 1.º*, 1165–1169.

Era monge d'Alcobaça e assistiu á sagração da egreja de S. João de Tarouca, em 1169.

Coldt diz que renunciou.

23.º—D. *Marcos*, 1170.

É mencionado na bulla da beatificação de S. Rozendo, em 1170.

24.º—D. *Godinho*, 1171–1179.

Com o consentimento do seu *prior* Pedro Lombardo e de todos os seus conegos admittiu ao numero d'estes João de Reservada, como diz uma memoria do cartorio de Viseu.

V. *Coldt.*

25.º—D. *João Pires*, *1.º*, 1179–1192.

Suppõe-se que falleceu em 1192.

D. Sancho I lhe doou e á sua egreja a villa de *Canas de Senhorim* em 1186—e a contou, —e em 1187 o mesmo rei (não este bispo, como se lê algures) deu foral a *Viseu.*

Seculo XIII

26.º—D. *Nicolau*, 1193–1213.

Nasceu em Lisboa, na freguezia de S. Vicente de Fóra, sendo seus paes João Rodrigues Velho e Anna Taveira;—professou no mosteiro dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra em 1173; depois de ordenado estudou em Paris artes e theologia e foi thesoureiro-mór no cabido de Coimbra, etc.

Sendo eleito bispo de Viseu em 1193 e vindo em 1198 occupar a cadeira pontificia o papa Innocencio III, seu conhecido dos tempos em que o nosso prelado viveu em Paris e andou viajando, foi a Roma beijar-lhe o pé. O papa reconhecido o confirmou e sagrou e escreveu uma carta a rainha D. Theresa recommendando-lh'o e louvando-o pela sua modestia, illustração e circunspecção.[1]

Falleceu em Viseu no dia 3 d'outubro de 1213.

V. *Coldt.*

27.º—D. *Fernando Raimundo Coutinho*, *1.º*, 1213–1214.

O sr. Padre Cruz não menciona este bispo;—Coldt dá-o como duvidoso,—mas Botelho, Berardo, Sousa, Lobo, F. Manuel e o sr. dr. Nicolau dão-no como *certo.*

Tomou posse em 1213 e falleceu em 1 de fevereiro de 1214.

Residiu nas casas da quinta de Santa Eugenia, que foram incendiadas pelos francezes em 1810, e ali fez uma concordata com o cabido, repartindo as terças, casaes e egrejas da diocese entre elle e o deão, chantre, thesoureiro e conegos, como consta do *Estatuto 1.º da Cathedral*, fl. 1, v.

Botelho indica todas as egrejas que ficaram pertencendo aos bispos.

28.º—D. *Bartholomeu*, 1214–1221.

Assignou em 1218 a escriptura, na qual D. Affonso II confirmou a doação do couto de Gondomar, feita por D. Sancho I ao bispo do Porto D. Martinho Rodrigues II, no anno de 1193.

V. *Botelho, Dialogo 4.º* cap. 9.º—e o *Catalogo dos Bispos do Porto*, pag. 57 e segg. *mihi.*

Nas *Memorias* que Berardo offereceu á camara em 1838 vê-se o nome do bispo D. Bartholomeu, mas não se encontra nas *Memorias* do mesmo Berardo, publicadas no *Liberal*; o bispo Lobo nem como *duvidoso* o menciona,—dão-no porem como *certo*—Botelho, Coldt, Cruz, F. Manuel, o sr. dr. Nicolau e o padre Sousa.

Coldt diz que ha memorias d'este bispo em doações e escripturas desde o anno 1215 até 1222, mas Sousa diz que falleceu em Viseu em 1221.

29.º—D. *Gil* ou *D. Egidio* ou *D. Egas*, *1.º* 1221–1230.

V. o que já dissemos d'este prelado na *Parte I.*

Coldt diz que ha noticias d'elle por todo o reinado de D. Sancho II, ou até 1245;—Sousa diz que o pontificado d'este bispo principiou em 1221 e terminou em 1248, data da sua morte, em Viseu,—mas Botelho diz que do livro d'obitos apenas consta que falleceu a 9 de setembro.

Os catalogos todos divergem e nós não podemos harmonisal-os.

30.º—D. *Martinho*, 1230—segundo dizem Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz.

V. o que já dissemos d'este prelado.

Vacancia de 20 annos e interdictos

31.º—D. *Pedro Gonçalves*, 1250–1254.

---

[1] Foi protector e insigne bemfeitor do convento de *Ferreira d'Aves*, então de monges e posteriormente de freiras.

V. *Elucidario* de Viterbo, art. Ferros.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Em 1251 deu *Carta de Fôro* aos habitantes do *Couto da Sé*, que estava dentro dos antigos muros da cidade.

Falleceu em Viseu em 1254 e jaz na Sé, como diz o Padre Sousa.

No seu tempo, diz Berardo, tiveram logar umas grandes dissenções entre o bispo da Guarda D. Martinho Paes e os bispos de Viseu, porque, estando estes na posse das egrejas do *Jarmello* e *Castello Mendo*, os da Guarda pretendiam fazel-as suas empregando a força, na falta de melhor argumento.

«Marchava para a cidade da Guarda o bispo de Viseu rodeado dos seus conegos e seguido de uma grande comitiva de clerigos, onde tambem ião os juises commissionados para sustentarem a posse por parte de Viseu. Porem o bispo egitaniense, á frente de uma phalange forte de clerigos e leigos armados, sahiu-lhes ao encontro na passagem do rio Mondego e depois de uma arrogante intimação, a que seus adversarios não quiserão ceder, passou ás vias de facto, já fustigando as alimarias, já deturbando os cavalleiros; e a tal ponto cahirão os da Guarda sobre os de Vizeu, que estes tiverão de se retirar, arremessando-lhes simplesmente as armas das *censuras*.

«Esta celebre contenda veio a terminar por uma sentença dos commissarios apostolicos, que derão á sé da Guarda as parochias do *Germello*, e á de Vizeu as de *Castello Mendo*.»

É isto o que textualmente diz Berardo nas suas *Memorias*, publicadas no *Liberal*, a quem seguiu F. Manuel, e isto mesmo com mais amplitude ainda diz Viterbo no artigo *Garda*, — artigo muito curioso e muito digno de se ler. —Consultando nós o *Catalogo dos Bispos da Guarda*, escripto pelo dr. Manuel Pereira da Silva Leal e publicado em 1722 no tomo 2.º das *Memorias da Academia Real de Historia*, não temos duvida em crer que o protogonista das grandes dissenções fosse o bispo da Guarda D. Martinho Paes, pois ali se caracterisa como irascivel, energico e turbulento e se apontam não as dissenções com os bispos de Viseu, más *outras muitas* com os bispos de Coimbra durante o seu longo pontificado, dissensões que o obrigaram a ir a Roma varias vezes. O que não podemos crer é que o tal conflicto se desse com o bispo de Viseu D. Pedro Gonçalves, como diz Berardo, pois D. Martinho Paes foi bispo da Guarda desde o anno 1200 ou 1202 até 12 de novembro de 1228, data em que falleceu em Roma, como diz o dr. Leal, em quanto que D. Pedro Gonçalves foi bispo de Viseu em 1250 a 1254, data em que falleceu como já dissemos.

Viterbo, narrando minuciosamente o conflicto, não lhe assignou data, depois diz e prova que as taes dissenções ainda duravam no anno de 1239 (11 annos depois do fallecimento de D. Martinho)—accrescentando que *não pôde averiguar quando terminaram.*

V. *Jermello* e *Castello Mendo.*

32.º—D. *Matheus 1.º*, 1254–1271.

Foi eleito em 1254, e no mesmo anno assistiu ás côrtes que D. Affonso III celebrou em Leiria;—assignou o foral que o mesmo rei deu a Villa Nova de Gaya em 1255;—esteve alguns annos sem obter confirmação—e foi um dos prelados que em 1262 supplicaram ao pontifice Urbano IV a legitimação dos filhos que D. Affonso III teve da rainha D. Brites, vivendo ainda a condessa Mathilde, sua primeira mulher. Continuaram no seu tempo os grandes conflictos entre Portugal e a curia romana, conflictos que atravessaram os reinados de D. Affonso II e D. Sancho II e enlutaram o nosso paiz com censuras e interdictos;—foi acerrimo defensor das immunidades ecclesiasticas que o estado invadira;—em defesa d'ellas foi com outros bispos a Roma;—estava em Viterbo no anno de 1268, quando ali falleceu o Papa Clemente IV—e em Viterbo falleceu tambem o nosso bispo no anno de 1271, como diz o Padre Sousa.

Vacancia de 8 annos

33.º—D. *Matheus II*, 1279–1287.

Todos os catalogos são accordes n'estas datas,—o que é rarissimo!

Jaz em Viseu na capella mór da Sé, onde

o bispo D. Jorge d'Athaide lhe fez sepultura propria com a inscripção seguinte :

DOM. MATHAEO EPÕ VISEN.
QUI OBIIT ANNO 1325. DIE
16. FEBRUARY. GEORGINS
EJUSDEM ECCLAE. EPUS.
ANNO 1571 DIE 4. APRILIS.
F. C.

Em vulgar: «A D. Matheus, bispo visiense, que falleceu no dia 16 de fevereiro do anno 1325,[1] D. Jorge bispo da mesma egreja, fez construir e dedicou esta sepultura no dia 4 d'abril de 1571.»

Suppõe-se que as ossadas de D. Matheus estavam no chão onde hoje se vê a sacristia e que D. Jorge as removeu quando fez ali obras.

Por fallecimento de D. Affonso V (16 de fevereiro de 1279) que pouco antes se havia congraçado com o romano pontifice, Nicolau III, acabaram os interdictos em Portugal e com elles a vacancia da sé de Viseu.

Seculo XIV.

34.º—D. *Egas, 1.º*,—ou 2.º, se dermos ao bispo D. *Gil* (n.º 29, supra) o nome de Egas tambem,—1289-1313.

Jaz em Viseu na sepultura que em 1571 lhe mandou erigir na capella mór da Sé o bispo D. Jorge, quando fez tambem ali a outra sepultura para D. Matheus II.

Na inscripção da de D. Egas se nota o mesmo lapso de trocar o anno pela era, pois diz que falleceu no dia 16 de março do *anno* 1351, devendo dizer na *era* de 1351, que corresponde ao anno 1313, data do seu fallecimento.

Este bispo D. Egas fez nova divisão das rendas do bispado com os seus conegos, reformando a que tinha sido feita pelo bispo D. Fernando Raimundo (V. n.º 27);—creou 10 *meios-conegos*, pelos quaes dividiu as prebendas de 5 conesias vagas;—creou tambem a corporação dos padres coreiros e beneficiados,—e obteve d'el-rei D. Diniz muitas concessões importantes, v. g. a doação da egreja de S. Pedro do Sul para o seu cabido e para este o foro de fidalgos cavalleiros, a exempção do tributo chamado *cavallaria*, a graça de serem os conegos almotacés, a restituição da rua do *Suar* ao velho couto da sé, a transferencia dos direitos que o rei tinha nas egrejas de *Castello Mendo*, etc. etc.

V. *Dialogos* de Botelho e a *Memoria* de F. Manuel.

35.º—D. *Martinho II*, 1313-1323.

Para evitarmos repetições, veja-se o que já dissemos d'este bispo.

Foi eleito no mesmo anno de 1313, em que falleceu D. Egas, seu antecessor, como consta de uma doação, que assigna, feita em julho d'aquelle anno. Botelho e Coldt citam d'elle muitas memorias, mas lamentam ignorar a data em que falleceu;—F. Manuel, consciencioso investigador e muito escrupuloso nas datas, diz que já era fallecido em 1323, mas o Padre Sousa diz que falleceu *em Lisboa no anno de 1325*—e Sousa tem muita auctoridade, como já dissemos.

Attribue-se a este bispo a conclusão da antiga abobada da sé,—abobada principiada pelo bispo D. Matheus II, no anno de 1282.

Para evitarmos repetições, veja se o topico relativo á cathedral.

36.º—D. *Gonçalo de Figueiredo, II*, o *Anchinho*, 1323-1328.

Sousa diz que este bispo nasceu em *Alcacer do Sal*,—que principiou o seu pontificado em 1326—e que expirou em Viseu em 1328.

Berardo diz que era natural do Algarve e pae de filhos legitimos, antes de abraçar o estado ecclesiastico.

Botelho falla muito largamente d'este bispo e dos seus numerosos descendentes no Dialogo 4.º cap. 18-30 *inclusive*. Foi patriarcha dos Figueiredos, dos Loureiros e d'outras muitas familias nobres da Beira.

Alexandre Lobo, F. Manuel e Coldt dão-no já eleito em 1323.

37.º—*D. Miguel Vivas 1.º*, 1330-1335.

O Padre Sousa da-o como simplesmente

[1] Aqui houve lapso. Devia dizer—na *era* de 1325 (*anno* de 1287) data do fallecimento de D. Matheus II.

eleito, mas Coldt, Berardo e F. Manuel dão-no como bispo *confirmado*,—e Viterbo fallando da collegiada de Santo André de *Ferreira d'Aves*, diz: «Corria o anno de 1331, quando D. Miguel Vivas, eleito e *confirmado* bispo de Viseu, achando-se de visita no Castello de Ferreira a 30 de dezembro, deo nova forma, e quasi instituiu de novo a presente collegiada...»

V. no *Elucidario* o longo e *interessantissimo* artigo *Ferros*, tomo 1.º pag. 324, col. 2.ª *mihi*.

Respeitamos muito a opinião do Padre Sousa, mas n'este ponto tambem claudicou!

D. Miguel Vivas foi chanceller-mór d'el-rei D. Affonso IV e, antes de ser eleito bispo, foi abbade de *Trasmires*,[1] e D. Prior da collegiada de Guimarães até 1329, como dizem o Padre Carvalho na *Chor. Port.*, tomo 1.º pag. 27—e Damião A. de Lemos na sua *Politica Moral e Civil*, tomo 4.º pag. 420.

Botelho dá este bispo como antecessor do seguinte:

38.º—*D. João II.* 1360-1362.

Assistiu com outros prelados á justificação que em 1361 fez em Coimbra D Pedro I, para provar que havia casado com a infeliz D. Ignez de Castro, como declarou o mesmo rei na villa de Cantanhede, e no anno de 1362 assistiu á sagração do convento velho de S. Francisco de Coimbra.

Berardo, referindo-se a uma *nota* que dá na sua integra, extrahida de um antigo *Necrologio*, diz que este D. João II já era bispo de Viseu em 1341 ?!...

Para evitarmos repetições, veja-se o topico relativo á cathedral.

Botelho dá este bispo como antecessor de *D. Gonçalo de Figueiredo II.* Foi lapso.

O Padre Sousa diz que falleceu em Coimbra no anno de 1362.

Desde 1335 até 1375 não ha memoria d'outro bispo de Viseu, alem de D João II, mas é de suppor que houvesse algum outro, mesmo porque durante aquelle tempo não consta que houvessem interdictos no nosso paiz. O que consta é que em 1348 houve uma grande peste que assolou Portugal e Hespanha, ficando muitas povoações *sem um unico habitante*!...

39.º—*D. João Martins, III*, 1375-1378,

É isto o que podemos colligir dos differentes catalogos que nos cercam, mas o Padre Sousa diz que falleceu em Viseu no anno de 1388—e Botelho e Coldt dizem que em escripturas com esta data se faz menção d'elle.

Este ponto é muito obscuro.

40.º—*D. Pedro Lourenço II*, 1385, segundo dizem Alexandre Lobo, F. Manuel, dr. Nicolau e Berardo, mas Botelho, Sousa, Cruz e Coldt não o mencionam, talvez pelo facto de ser deposto *suis culpis et demeritis* no mesmo anno de 1385, segundo se lê em uma bulla do Papa Urbano VI. V. *Memorias* de Berardo.

Suppomos que o seu pontificado foi muito ephemero e que Urbano VI o annullou, por prender com o schisma d'aquelle tempo.

41.º—D. *João Pires IV*, 1385-1388.

Segundo dizem tambem Alexandre Lobo, F. Manuel, dr. Nicolau e Berardo, mas Botelho, Sousa, Cruz e Coldt não o mencionam talvez pelo mesmo facto de ser o seu episcopado muito ephemero e prender com o schisma que se manifestou no tempo do papa Urbano VI.

F. Manuel diz que foi chantre em Viseu e confirmado bispo d'esta diocese em 1386 por bulla do papa Urbano VI, da qual existe copia em pergaminho no archivo da cathedral!...

Como os bispos D. João II, D. João Martins, D. João Pires, D. João Homem e D. Fr. João d'Evora formam uma serie de 5 prelados quasi seguida, todos com o mesmo nome de *João*, costumando nas assignaturas escrever apenas o nome proprio, é hoje muito difficil fazer a destrinça e *todos os catalogos divergem*, fallando d'estes bispos.

---

[1] Não sabemos que abbadia era esta; mas como abbade de *Trasmires* e chanceller-mór do reino, assignou em Coimbra no anno de 1327 o 2.º testamento da rainha Santa Isabel.

Hist. Geneal. tomo 1.º das *Provas*, tit. 1.º pag. 121.

Nós não temos hoje em Portugal freguezia alguma denominada *Trasmires*. Talvez que assim se denominasse *in illo tempore* a freguezia de *Tres Minas*, hoje do concelho de Villa Pouca d'Aguiar, em Traz-os-Montes.

Seculo XV

42.º—D. *João Homem V*, 1392-1425.

O Padre Sousa diz que era natural de Lageosa e que falleceu (ignora onde) em 1426; o mesmo diz Coldt; — mas F. Manuel diz que falleceu em 1 de dezembro de 1425 e o mesmo diz Berardo, accrescentando que assim o léra em um documento judicial.

D. João I estimava tanto este prelado, que o elegeu padrinho de seu filho o celebre infante D. Henrique, 1.º duque de Viseu.

O mesmo rei lhe deu em 27 de fevereiro do anno 1392 uma das torres romanas, conhecida pelo nome de *torre do relogio*, onde collocou os sinos da cathedral,[1]—e em 1407 deu principio ao convento de S. Francisco de *Orgens*.

Este bispo era da nobre familia *Costa Homens*, padroeiros da Lageosa, dos quaes Botelho falla muito amplamente no *Dialogo* 4.º cap. 33, como de ascendentes seus..

43.º—D. *Fr. José d'Evora, VI*, 1414.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Mencionamol-o unicamente pelo respeito que tributamos á memoria do sabio bispo Alexandre Lobo, que o mencionou no seu catalogo e, se ainda vivêra, por certo se defenderia!...

44.º—D. *Garcia de Meneses*, 1426-1430.

Foi bispo do Algarve, d'onde passou para Lamego;—ali foi primeiramente simples governador da diocese, em nome do bispo D. Alvaro, e depois bispo proprio até 1426, data em que foi transferido para Viseu.

F. Manuel, muito escrupuloso com datas, prolonga o pontificado d'este bispo até 1433; —o sr. dr. Nicolau prolonga-o até 1432 somente;—Berardo, Cruz e Coldt não passam do anno 1430,—*em o qual ou no seguinte devia fallecer*,—diz Botelho,—e Sousa diz claramente que falleceu em 1430 na cidade de Viseu?!...

45.º—D. *Luiz do Amaral, 1.º*, 1432-1438.

Alexandre Lobo diz que o pontificado d'este bispo principiou em 1433, mas não lhe assigna o termo;—F. Manuel reduz este pontificado ao anno de 1433;—o sr. Padre Cruz assigna-lhe tambem simplesmente a data de 1433;—Sousa diz que este pontificado principiou em 1431 e que D. Luiz falleceu na Italia em 1439;—o Padre Coldt prolonga este pontificado desde 1433 até 1438, data em que na sua opinião foi deposto D. Luiz do Amaral;—Botelho diz que este bispo succedeu a D. Garcia, mas que *o anno é duvidoso;* que em 1432 com certesa já era bispo de Viseu—e que foi deposto por Eugenio IV, mas não diz quando;—Berardo assigna-lhe as datas 1433-1439?!...

—

Em vista de tal discordancia nos catalogos de Viseu, fomos consultar os de Lamego, por ter sido ali prelado D. Luiz do Amaral, e n'elles encontrámos bastante luz.

«No anno de 1431 ainda governava D. Luiz, como consta do archivo capitular, na sentença n.º 224. Em 1432 estava já o bispado vago, como do mesmo archivo consta e trasladado D. Luiz a bispo de Viseu, sua patria.»

Hist. Eccl. de Lamego por D. Joaquim de Azevedo, pag. 60, col. 2.ª

Em seguida aponta 3 sentenças que fallam de D. Luiz do Amaral como bispo de Viseu, —duas com data de 1432 e uma com data de 1444;—depois diz:

«Já a esse tempo (anno de 1444) D. Luiz estava deposto por scismatico, mas por seus procuradores se intrusou em Viseu, do que se queixou com vehemencia o papa Eugenio IV, como consta de suas lettras ao rei D. Affonso V.

«Pouco tempo tinha de governo em Viseu D. Luiz de Amaral, quando nas vesperas da morte do rei D. João I[1] partiu para Baziléa com o caracter de embaixador da magestade portugueza áquelle sagrado congresso e ao papa Eugenio IV. O mesmo concilio, que ao principio foi legitimo, o escolheu por embaixador ao imperador de Constantinopola,

---

[1] Veja-se o que dissemos no topico *Torres*, fallando da *Cathedral*.

[1] D. João I falleceu no dia 14 d'agosto de 1433.

mas, separados os legados apostolicos do concilio e separados da obediencia uns poucos de bispos com o cardeal Luiz Allemand, feito scisma, formaram seu conciliabulo, em que foi eleito papa ou anti-papa Amadeu VIII, duque de Saboia, dito Felix V. Ao mesmo tempo o concilio de Florença escolheu o bispo do Porto por embaixador a Constantinopola, achando-se n'aquella côrte dois bispos portuguezes, um a convidar o monarcha para o verdadeiro concilio, aonde elle foi, outro já scismatico para o attrahir ao seu errado partido. Foi depois D. Luiz embaixador do conciliabulo ao imperador da Allemanha e a outros principes. O anti-papa o fez cardeal, ou anti-cardeal, no anno de 1444; pouco depois morreu, já reconciliado com a Igreja, como o anti-papa e os mais scismaticos, que todos se reconciliaram. Os outros anti cardeaes foram pelo papa Nicolau V remunerados com a purpura, passando de falsos para verdadeiros cardeaes, por terem abjurado o scisma. Não teve a purpura legitima o nosso D. Luiz, porque morreu antes da promoção dos seus collegas, ainda que depois da sua conversão. *Havia perdido o bispado de Vizeu* e sido excommungado pelo papa Eugenio IV no anno de 1440.» [1]

Do exposto se vê que D. Luiz do Amaral foi bispo *legitimo* de Viseu desde 1432 até 1440—e bispo *intruso* até 1444,—na opinião de D. Joaquim d'Azevedo,—mas nós inclinamo-nos a crer que o pontificado *legitimo*, de D. Luiz do Amaral não passou de 1438, porque em 1438 já era bispo de Viseu D. Luiz Coutinho, seu successor.

D. Luiz do Amaral era filho de Viseu;—foi o *unico* dos bispos visienses natural d'esta cidade;—pertencia a uma familia nobilissima—e nos *Dialogos* de Botelho se póde vêr a sua genealogia.

46.º—D. *Luiz Coutinho II*, 1438-1444.

Sousa e Botelho dizem que este pontificado principiou em 1437;—Alexandre Lobo diz que principiou em 1433;—Coldt diz simplesmente que ha memorias d'elle nos annos de 1438 a 1444;—o sr. Padre Cruz assigna-lhe simplesmente a data de 1444 e diz que foi successor de *D. Gonçalo de Figueiredo*, o que é lapso manifesto,—finalmente Berardo só diz que ha noticias d'este bispo até 1444.

Vejam que labyrintho!...

Deus nos dê paciencia para levarmos a cruz ao Calvario.

F. Manuel tambem diz que este prelado foi bispo de Lamego—e Botelho diz que foi bispo em 4 dioceses:—Lamego, Viseu, Coimbra e Lisboa,—mas nos catalogos de Lamego não se encontra tal bispo! Suppomos que foi ali simplesmente *deão*.

É certo que em 1444 foi transferido de Viseu para Coimbra, d'onde passou para Lisboa, succedendo-lhe no bispado de Coimbra seu irmão D. Fernando Coutinho. Eram filhos do 2.º matrimonio de Gonçalo Vasques Coutinho, 4.º [1] *marechal* do reino e homem poderosissimo, que do seu 1.º matrimonio com D. Leonor Gonçalves d'Azevedo teve Vasco Fernandes Coutinho e *Alvaro Gonçalves Coutinho*, o lendario *Magriço*, chefe dos *Dose de Inglaterra*, cantados por Camões.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 233, col. 2.ª—e *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70, col. 2.ª e seguintes, onde nós cantamos em prosa rude as *façanhas* do marechal D. Fernando Coutinho, descendente d'aquelles heroes, cuja nobilissima ascendencia e descendencia póde ver-se no *Dialogo* 4.º, de Botelho, cap. 37.

Este bispo, abusando do alto valimento da sua familia, tomou posse do bispado de Viseu sem consentimento d'el-rei D. Affonso V, pelo que este violentamente o esbulhou da dicta posse, mas não recalcitrou; submetteu-se; o rei perdoou-lhe e não só o reintegrou n'este bispado, mas depois o transferiu para

---

[1] *Hist. Eccl. de Lamego*, logar citado. mas outros dizem que foi deposto em 1437 ou 1438 e que por essa occasião o papa fez bispo de Viseu a D. Luiz Coutinho.

V. *Coldt.*

[1] O dr. Botelho diz que foi 2.º marechal—e o mesmo se lê n'outros auctores, mas D. Luiz Caetano de Lima na sua *Geographia Historica*, tomo 1.º pag. 454 e segg. diz e prova que o 1.º marechal foi *Gonçalo Vasques d'Azevedo*; —2.º *Alvaro Pereira*; —3.º *Alvaro Gonçalves Camelo*;—4.º *Gonçalo Vaz* ou *Vasques Coutinho*!...

o de Coimbra e d'este para o de Lisboa, onde falleceu em 1453, como diz o Padre Sousa.

47.º—D. *João Vicente*, 7.º, 1446-1463.

Este bispo foi o fundador e grande protector da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista (*loyos*) e porque usou sempre o habito azul que lhes dera, foi denominado *bispo azul*.

Tambem o denominaram *bispo santo*, por ser um modelo de virtude,—*Mestre João*, por ter sido lente de medicina e physico-mór do reino,—e *D. João de Chaves* erradamente e muito depois da sua morte, por confundirem este bispo *D. João Vicente* com o bispo D. *Fr. João de Chaves*, de quem fallaremos sob o n.º 54.

—

D. João Vicente pela sua illustração e virtudes, pela sua humildade e modestia, pelas momentosas commissões que exerceu e pelos relevantes serviços que prestou á sociedade e á egreja, foi um dos prelados visienses mais benemeritos.

D'elle já nós fallámos amplamente no artigo *Villar de Frades*, para onde remettemos os leitores.

Veja-se tambem o que dizem Botelho no *Dialogo* V, cap. 1.º—e a *Hist. Eccl. de Lamego*, que lhe dedicou um largo e interessantissimo topico, mas a fonte mais abundante para a biographia d'este prelado é a chronica dos loyos, denominada *Ceo aberto na terra*.

Sendo bispo de Lamego, o papa o nomeou bispo de Viseu no mesmo anno de 1444, em que transferiu para Coimbra o seu antecessor D. Luiz Coutinho, pelo que Alexandre Lobo, Sousa e F. Manuel dizem que o seu pontificado principiou em 1444, mas é certo que se conservou em Lamego como bispo proprio d'aquella cidade até 28 d'abril de 1446, data em que deixou Lamego e se transferiu para Viseu, como prova com varios documentos D. Joaquim d'Azevedo na sua *Hist. Eccl. de Lamego*, pelo que nós lhe abrimos o seu pontificado visiense no anno de 1446,—pontificado que terminou com a sua morte em 30 d'agosto de 1463, como dizem Coldt, Sousa, D. Joaquim d'Azevedo e o Padre Francisco de Santa Maria na chronica dos loyos, pag. 602.

Botelho e F. Manuel dizem que falleceu em 1453. Foi lapso.

Jaz na capella do *Bom Jesus do Calvario*, onde elle, estando na côrte de Hespanha, havia mandado fazer a sua sepultura, no claustro da Sé de Viseu, mas alguem diz que posteriormente e furtivamente foi trasladado para o convento de Villar de Frades—e outros dizem para o convento dos loyos em Evora, pelo que o Padre Sousa assigna como local da sepultura d'este bispo—*Viseu* e *Evora*.

Para melhor desempenho do seu munus pastoral e para maior commodidade dos seus diocesanos, apenas chegou a Viseu installou-se nos paços contiguos á Sé, deixando a quinta de Fontello, residencia habitual dos seus antecessores.

Foi este prelado quem reformou a O. de Christo e lhe deu novos estatutos por commissão do Infante D. Henrique, o *de Sagres*, mestre d'ella e 1.º duque de Viseu,—e por bulla d'Eugenio IV.

48.º—D. *João Galvão*, 8.º 1464-1466.

V. o que já dissemos d'este bispo.

Botelho no *Dialogo* 5.º cap. 2.º falla d'elle e da sua genealogia muito largamente, mas creio se enganou dando-o como bispo de Viseu, pois D. Rodrigo da Cunha no seu catalogo dos arcebispos de Braga, cap. 62, mostra ter estudado bem a biographia de D. *João Galvão* e menciona-o simplesmente como bispo de Coimbra e arcebispo de Braga, —não como bispo *de Viseu!*

O mesmo Botelho diz que a historia dos bispos visienses é muito confusa n'este ponto, por ter havido em Viseu uma serie de 3 bispos (aliás 2) com o mesmo nome *João* e costumarem assignar apenas com o nome proprio, dando a entender que talvez elle attribuisse a *D. João Galvão* documentos do seu antecessor *D. João Vicente*, como effectivamente attribuiu todos os que aponta com as datas de 1434 a 1459, pois o pontificado de D. João Vicente prolongou-se até 1463

É certo que D. João Galvão foi, como D. Miguel da Silva, um homem muito notavel e *muito infeliz*, pois tendo sido *escrivão da*

puridade d'el-rei D. Affonso V, foi prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, cargo que trocou pela mitra d'aquella cidade—e deixou aquella mitra para cingir a de Braga, mas, pelo facto de principiar a exercer ali o munus archiepiscopal sem ter ainda as lettras apostolicas, o papa depois lh'as recusou, pelo que ficou *sem a mitra de Braga, sem a de Coimbra e sem o priorado mór de Santa Cruz*,—e passou o resto de seus dias muito obscura e pobremente, *parochiando uma simples egreja*, como diz D. Rodrigo da Cunha.

49.º—D. *João Gomes d'Abreu*, 9º, 1466–1482.

F. Manuel diz que este bispo tambem se assignava D. *João da Annunciação* e que o seu pontificado principiou em 1462;—Botelho tambem cita uma apresentação feita por elle em 1462 e outras com as datas de 1469, 1479 e 1481;—Coldt diz constar ser bispo de Viseu nos annos de 1469 e 1481;—Alexandre Lobo e o sr. Padre Cruz assignam-lhe simplesmente a data de 1482, mas o padre Sousa diz que este pontificado principiou em 1466 e terminou em 1482.

É certo que este prelado falleceu no dia 16 de fevereiro de 1482 *repentinamente* e tambem no mesmo anno falleceram *repentinamente* outras pessoas distinctas, taes foram o barão d'Alvito, o conde-prior, e conde de Monsanto, o marquez de Villa Real, etc.

Este bispo era da nobre geração dos senhores de *Regalados*, onde nasceu, como diz o padre Sousa, e nos *Dialogos* de Botelho póde vêr-se a sua genealogia.

—

O nosso rei D. Affonso V lhe deu as 2 torres romanas, contiguas á Sé, as quaes arvorou em aljube ou prisão dos ecclesiasticos, e foi este um dos motivos do grande odio e luctas encarniçadas que se desenvolveram entre elle e os visienses e que, segundo se suppõe, lhe abreviaram a existencia, pois estavam no seu periodo mais agudo, quando o bispo foi encontrado morto na cama fulminado por um ataque apopletico—ou *por veneno que lhe propinaram*, segundo dizem alguns dos seus biographos.

Era tão amigo dos frades d'Orgens que recommendou ao seu mordomo lhes desse tudo o que pedissem. Os mesmos frades eram tambem muito queridos dos visienses e por isso, quando as luctas entre estes e o bispo andavam mais accesas, evitavam occasião de fallar lhe, para não se exporem ao odio da cidade tambem. [1]

Jaz em Viseu.

D'este bispo fallaremos ainda no titulo das familias nobres d'esta cidade

Veja-se o que dissemos do Bispo D. *Solu-didario* na lista dos bispos *duvidosos*, n.º 28.

Seculo XVI

50.º—D. *Fernando* ou *Fernão Gonçalves de Miranda*, 2.º 1487–1505.

Nas *Memorias* de Berardo, publicadas no *Liberal*, se lê textualmente o seguinte: «João Coldt nos refere que do *Livro das Collações ecclesiasticas* consta ter sido bispo de Vizeu desde 1487 até 1491.» Salvo o respeito que tributamos á memoria de Berardo, não podemos acceitar esta referencia, pois Coldt não diz tal coisa. Apenas diz que este prelado falleceu em 1505, sem indicar o começo do seu pontificado. Botelho é quem diz que este D. Fernando foi bispo de Viseu pelos annos de 1487 a 1491—e F. Manuel diz que foi bispo de 1487 a 1505, mas o Padre Sousa diz que foi bispo de Viseu desde 1483 até 1505, data em que falleceu em Lisboa, onde jaz, na capella dos Mirandas, freguezia de S. Christovam, tendo nascido em Lisboa tambem.

No *Agiologio Lusitano*, tomo 2.º pag. 769, se encontra o extenso epitaphio da sua sepultura, indicando os cargos principaes que exerceu, e nos *Dialogos* de Botelho pode ver-se a sua genealogia.

51.º—D. *Jorge da Costa*, 1.º, o famoso *Cardeal d'Alpedrinha*, 1506–1507.

Botelho, Carvalho e Cruz não mencionam este bispo;—Alexandre Lobo dá-o como *du-*

---

[1] As luctas prolongaram-se durante quasi todo o pontificado d'este bispo, que o rei muito estimava, pelo que o proprio rei teve de intervir n'ellas muitas vezes.

vidoso, mas F. Manuel, Sousa, Berardo, Coldt e o sr. dr. Nicolau dão no como *certo*

Muito podiamos dizer de D Jorge da Costa, que foi o prelado mais rico que tem tido Portugal *até hoje* e um dos homens mais importantes do seu tempo, tanto em Portugal como em Roma, onde viveu desde 1479 até 1508, tendo até á sua morte quasi tanto valimento como *os proprios pontifices*, mas, para evitarmos repetições, veja-se o artigo *Alpedrinha.* [1]

Jaz na egreja de *Santa Maria do Populo* em Roma, na qual mandou fazer uma capella esplendida e n'ella a sepultura propria.

52.º—D. *Diogo Ortiz de Vilhegas*, o *Calçadilha*, 1507–1519.

Botelho e o sr. dr. Nicolau dão começo a este pontificado em 1506;—F. Manuel, Berardo e o bispo Lobo dizem que principiou em 1507;—e o padre Sousa diz que principiou em 1508, mas todos concordam em que terminou no anno de 1519.

Este bispo foi cognominado *Calçadilha*, por ser natural de uma povoação d'este nome em Castella, junto de Samora. Era de nobre ascendencia, como póde vêr-se nos *Dialogos* de Botelho;—veiu para Portugal em 1476, acompanhando como confessor a *Excellente Senhora* D. Joanna;—foi muito acceito dos nossos reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, que o chamaram para o seu conselho e o fizeram seu confessor e capellão-mór, prior de S. Vicente de Fóra, bispo de Tanger e de Viseu, etc.

Foi grande theologo, distincto orador, bom mathematico e astrologo, pelo que tomou por emblema das suas armas *uma estrella.*

—

Fez parte do congresso de sabios, convocado por el-rei D. Manuel para resolverem a proposta de Christovam Colombo, que se offerecia para demandar as Indias, navegando de Lisboa para o poente, proposta que a Inglaterra já tinha despresado e que o dicto congresso igualmente despresou, por condescendencia para com D. Diogo Ortiz de Vilhegas, pelo que á Hespanha coube depois a gloria de descobrir o *Novo Mundo.*

Falleceu D. Diogo em Almeirim em 1519, quando ali se achava a côrte, e ali jaz na egreja dos dominicos de *Santa Maria da Serra.*

Deixou em Viseu boa memoria e o seu nome vinculado á riquissima abobada da Sé, denominada de *D. Diogo Ortiz* ou *dos nós*, por ser em ogiva de granito primorosamente trabalhada e ornamentada com laçaria de cordas e *nós.*

Não se sabe com certesa quando e por quem foi principiada a dicta abobada, [1] mas sabe-se com certesa que foi feita, pelo menos em grande parte, e concluida por este prelado, como diz uma inscripção que se vê na dicta abobada, junto do seu brasão d'armas e em redor d'elle, tudo lavrado em pedra d'Ançã.

A dicta inscripção é a seguinte:

ESTA SE MANDOU ABOBEDAR O MUITO MAGNIFICO
SÑOR DÕ DIOGO ORTINS,
BPÕ DESTA CIDADE, E DO
CONCELHO DOS REIS, E
SE ACABOU ERA DO SÑOR
DE 1513

O mesmo bispo mandou fazer tambem a fronteria da Sé com *um riquissimo portico muito ornamentado com figuras e folhagem, bem como uma grande janella superior, de curiosa invenção*, que dava luz para o côro, segundo diz Botelho,—tudo em estylo gothico florido, ou *Manuelino*, e em perfeita harmonia com a architectura interior; e sobre o grande portico se via, como diz Botelho tambem, outra inscripção exterior, como a mencionada supra; mas infelizmente aquella magestosa fronteria desabou com uma das torres em 18 de fevereiro de 1635 e foi substituida pela desgraciosa fronteria actual, que

---

[1] Por certo não foi mais illustrado nem mais bem educado do que D. Miguel da Silva, mas foi *bem mais feliz do que elle!...*

[1] V. o topico relativo á cathedral e ao bispo D. *Soluddalio*, de quem já fizemos menção entre os bispos *duvidosos*, sob o n.º 28.

não tem merecimento algum artistico nem a minima relação com a architectura interior!

Este bispo chamou para Portugal sobrinhos e outros parentes, de quem procedem varias familias nobres de Viseu.

Tambem sagrou a cathedral em junho de 1516.

V. *Dialogos* de Botelho a *Memoria* de F. Manuel e o topico relativo á *Sé*.

53.º—D. *Affonso*, infante e cardeal, 1520–1524.

Todos os catalogos que me cercam são accordes n'estas datas;—apenas o dr. Botelho prolonga este pontificado até 1528.

Este infante D. Affonso, 6.º filho d'el rei D. Manuel e de sua 2.ª mulher a rainha D. Maria, foi creado cardeal-diacono do titulo de Santa Luzia em 27 de junho de 1517, contando apenas 8 annos de idade. Depois foi cardeal de S. Braz—e ultimamente cardeal de S. João e S. Paulo.

Em 1516 foi feito bispo da Guarda e prior-mór de Santa Cruz de Coimbra.

Em 1520 lhe deram o bispado de Viseu, que não governou pessoalmente, por contar ainda apenas 11 annos. Teve o titulo de prelado d'esta diocese até 1524; — posteriormente foi arcebispo de Lisboa, abbade d'Alcobaça e perpetuo administrador do bispado d'Evora, onde nasceu no dia 23 d'abril de 1509—e falleceu em Lisboa no dia 21 de abril de 1540, contando apenas 31 annos de idade.

Jaz na egreja de Belem.

Tinha muito merecimento e foi o 1.º prelado que ordenou se fizessem livros, onde se registrassem os baptismos, casamentos e obitos, como posteriormente decretou para toda a egreja o concilio de Terento.

54.º—D. *Fr. João de Chaves*, 10.º do nome, 1524–1526.

O Padre Carvalho e o sr. Padre Cruz não mencionam este bispo;—Botelho, Berardo, Lobo, F. Manuel, Coldt, Sousa e o sr. dr. Nicolau dão-no como *certo*,—mas em algumas circumstancias divergem.

Botelho e o sr. dr. Nicolau dizem que este bispo foi *loyo*, mas F. Manuel, Berardo, Lobo e Coldt dizem que foi *religioso da Observancia* (franciscano) e n'ella duas vezes provincial.

Todos ignoram onde nasceu e onde falleceu; apenas o Padre Sousa diz que era natural de Guimarães, opinião a que o bispo Lobo se inclina.

Suppõe-se que falleceu em Viseu. Berardo e F. Manuel dizem que jaz na capella do Bom Jesus do Calvario, indo da Sé para o claustro, em uma sepultura que ali se vê, tendo por brazão duas chaves. Berardo até se insurge contra quem pretende que a dicta sepultura é do bispo *santo D. João Vicente*, fundador dos *loyos;* mas Botelho e o sr. dr. Nicolau dizem e provam que não é nem póde ser do bispo D. *Fr. João de Chaves*, porque o brasão d'esta familia tem por emblema 5 chaves em aspa,—não 2;—e que a dicta capella e a dicta sepultura pertencem ao *bispo santo*, D. João Vicente [1],—o qual tomou por emblema duas chaves, por ter sido medico do papa Nicolau V.

Nós perfilhamos esta opinião.

Terminaremos dizendo que D. *Fr. João de Chaves* foi um bispo virtuoso e bom theologo, confessor do duque de Bragança D. Jaime, e D. prior commendatario do convento da Costa, em Guimarães [2].

55.º—D. *Miguel da Silva, 2.º* do nome e cardeal, 1527–1547.

É muito interessante a biographia d'este prelado e deu-nos um trabalho *insano*, mas ficou tão longa e tão longos vão já este topico e este artigo, que resolvemos dal-a no supplemento, bem como a do bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*, não menos interessante nem menos longa.

V. *Viseu* no supplemento a este diccionario.

56.º—D. *Alexandre Farnese*, cardeal, etc. 1547–1552.

Em virtude da *mysteriosa renuncia* de D. Miguel da Silva foi Alexandre Farnese bispo

---

[1] V. o que já dissemos d'este bispo, sob o n.º 47.

[2] V. *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo*, tomo 1.º pag. 251–259—e o que no topico relativo á Sé dizemos da *Capella do Calvario*.

de Viseu desde 22 d'abril de 1547 até 1552, mas bispo commendatario, pois nunca entrou em Viseu. Governarám por elle a diocese dois italianos—e falleceu em Roma a 2 de março de 1589, tendo renunciado a diocese de Viseu nos fins do anno de 1551 ou principios de 1552, pois em setembro de 1551 ainda elle não havia renunciado, como prova Alexandre Lobo,—e em março de 1552 era já nomeado bispo de Viseu D. *Gonçalo Pinheiro.*

Alexandre Farnese, filho de Pedro Luiz Farnese (primeiro duque de Parma) e neto de Paulo III, nasceu em Roma no dia 17 de outubro de 1520 e foi um dos homens mais illustrados, mais ricos e de mais merecimento na sua epoca.

Aos 13 annos já era bispo de Parma; aos 24 já era cardeal e depois accumulou muitos bispados, arcebispados, beneficios rendosos, cargos e pensões, podendo competir com o nosso cardeal d'Alpedrinha e certamente o excedeu em riquezas, posto que por desintelligencias com o papa Julio III teve de sair de Roma, perdeu a rica diocese de Montreale e a grande influencia que exercia na curia, onde foi muitos annos o *primeiro ministro* e teve tanto valimento como *o proprio papa?!...*

57.º—D. *Gonçalo Pinheiro*, 1553–1566.

Este bispo era natural de Setubal, filho de João Pires e de Leonor Rodrigues Pinheiro, neto paterno de Affonso Fernandes, secretario da rainha D. Filippa de Lencastre, mulher de D. João I, e neto materno de Gonçalo Rodrigues, cavalleiro de D. João II.

Formou-se em canones na universidade de Lisboa e doutorou-se em theologia na de Salamanca; — foi muito erudito n'aquellas duas faculdades, bem como em astronomia, grego, hebraico, latim, etc.

Quando regressou de Salamanca foi feito conego d'Evora e bispo de Safim.

Depois foi mandado em commissão por D. João III com outros ministros a França, para resolverem uma questão importante, proveniente de certas presas. Reuniram-se em Baiona com igual numero de commissionados francezes e não só decidiram a pendencia a contento d'ambas as corôas, mas foi ali tão estimado e considerado o nosso bispo que, a pedido do cabido de Baiona, regeu pessoalmente aquella diocese algum tempo.

Em 1543, sendo bispo de Tanger, foi mandado como nosso embaixador a França, onde recebeu de Francisco I *grandes demonstrações de estima.* Regressando a Portugal foi feito desembargador do paço em 1548 e em 1552 foi eleito bispo de Viseu, para onde partiu em 1553 e onde assignalou o seu nome convocando synodo em 1555, no qual promulgou decretos salutares — e fazendo muitas obras, taes foram as escadas para o côro de cima, na cathedral, em cuja abobada se vêem as suas armas,—e a capella da Vera Cruz, junto do claustro, para seu jazigo, mas foi sepultado na capella mór, porque falleceu em 1566,[1] durando ainda as obras da capella.

Foi concluida em 1567, por diligencias do seu sobrinho, que na abobada poz tambem as armas do mesmo bispo,—*um pinheiro e um leão rompente, em campo vermelho.*

Rezidiu algum tempo no paço de Fontello, que tentou transformar em *Azylo de Mendicidade*,—e em um dos sitios mais pittorescos da mesma quinta de Fontello fez uma capellinha dedicada a S. Jeronymo, na qual poz e se vê ainda uma inscripção em grego[2].

---

[1] É isto o que dizem Berardo e F. Manuel, mas Botelho, Coldt, Carvalho, Sousa e o sr. Padre Cruz dizem que falleceu em 1567. Nós preferimos a data de 1566, porque em 8 de setembro do dicto anno D. Fr. Bartholomeu dos Martyres convocou em Braga synodo, ao qual assistiram todos os bispos suffraganeos, — exceptuando o de *Viseu, por se achar a a diocese vaga*, como diz D. Rodrigo da Cunha.

[2] Tambem fez o grande portico de entrada para a formosa avenida do paço e quinta de Fontello, como prova a inscripção que mandou gravar e lá se vê ainda sobre o dicto portão:

HOS ADITVS, NOSTRAE SIGNO MONSTRANTE SALVTIS,
HOSPITIO ET GRATIIS INOPVM, QVE EXTRVXIT IN VSVS
GOTHESÇALLVS, POPVLI ANTISTES, PINARIVS, ANNO 1565.

Em vulgar:—«Gonçalo Pinheiro, bispo d'esta cidade, fez construir estes porticos com o signal demonstrativo da nossa redempção,

58.º—D. *Jorge d'Athaide*, 1568-1578.

Era irmão do vice-rei da India D. Luiz de Athaide, conde d'Athouguia, e filho de D. Antonio d'Athaide, conde da Castanheira;—assistiu ao concilio de Trento, cujas actas escreveu, e em Roma Pio IV o encarregou da reforma do missal e do breviario romano[1]. Em 1568 foi eleito bispo de Viseu, onde entrou no dia 14 de março de 1569, tendo sido sagrado em Lisboa, no templo de Nossa Senhora da Graça, com o maximo esplendor, assistindo el-rei D. Sebastião, a rainha D. Catharina, a infanta D. Maria e toda a corte.

Falleceu em 17 de janeiro de 1611, contando 76 annos de idade, e foi um prelado dignissimo, sempre muito estimado e considerado pelos monarchas do seu tempo.

Governou a diocese apenas 9 annos, até 1578, data em que muito espontaneamente renunciou, porque, sendo seu irmão D. Luiz, conde d'Athouguia, o primeiro general portuguez do seu tempo e tendo sido nomeado commandante em chefe do exercito que D. Sebastião se propunha levar, como levou, á Africa, o mesmo rei o exonerou do commando e o enviou pela segunda vez como vice-rei para a India, por se oppor *muito prudentemente* á dicta expedição, prevendo a desgraça que nos esperava em Alcacerquivir a 4 d'agosto do mesmo anno de 1578, devida á inexperiencia e teimosia do joven monarcha e á substituição do valente general por D. Diogo de Sousa, que *nada sabia da arte da guerra*...

Perdemos na Africa as forças vivas da nação e depois a nossa autonomia, que só em 1640 recuperámos.

—

Fez D. Jorge d'Athaide em Viseu a bella sacristia actual da Sé e o pavimento superior em 1574, bem como parte do paço episcopal contiguo, e deu principio ao mosteiro das freiras de S. Bento. Fez tambem obras importantes no paço de Fontello; construiu á sua custa a egreja da Misericordia de Viseu e acabou a capella mór da egreja do convento d'Alcobaça, de que foi abbade commendatario. Para a dicta capella-mór transferiu as ossadas do seu padrinho, o celebre *João de Barros*;—para a capella-mór da Sé de Viseu transferiu as ossadas dos bispos D. Matheus e D. Egas, as do bispo D. João Pires e d'outros seus antecessores para a capella de S. João Baptista. Tambem (segundo se suppõe) restaurou o *pretendido* tumulo d'el-rei D. Rodrigo na egreja de S. Miguel do Fetal, pelo que—diz Botelho—*se occupou a enthesourar ossos, como os avaros a guardar riquesas.*

Foi capellão-mór, esmoler e conselheiro de estado de Filippe II de Hespanha, com quem viveu na côrte de Madrid até 1598, data do fallecimento d'este rei, que lhe offereceu os arcebispados de S. Thiago de Gallisa, Braga, Lisboa e Evora, mas todos regeitou dizendo que o bom prelado deve ser *unius uxoris vir*?!...

Tambem regeitou o cargo de inquisidor-mór e 100 000 crusados que os judeus lhe offereciam, quando andavam impetrando o perdão geral.

Foi homem piedosissimo até que expirou.

No seu testamento, alem de muitas esmolas importantes que deixou a differentes institutos religiosos, taes como 200 crusados

---

para hospicio e bem fazer dos pobres e para seus usos, no anno de 1565.

Note-se que em agosto de 1876 a camara de Viseu, d'accordo com o prelado D. Antonio Alves Martins, apeou o dicto portão e collocou-o de novo um pouco mais dentro da grande avenida, (recuou 9m,5) para tornar mais plana e suave a entrada e mais ampla a rua contigua; nada porem soffreu o dicto portico, porque a mudança foi feita com todo o carinho.

O portão é espaçoso, mas pouco elegante e rectangular. Póde ver-se em lytographia no *Album Visiense*, pag. 12-13.

Tambem se suppõe que a grande avenida foi obra de D. Gonçalo Pinheiro. Devem pois contar mais de 300 annos algumas das arvores que a ensombram.

Trabalhou zelosamente na illustração e reforma do seu clero; em 1556 fez as *Constituições Synodaes do bispado de Viseu*—e tambem assistiu a uma parte do concilio de Trento.

[1] Era muito illustrado e deixou muitas obras impressas e *mss.*, como diz a *Bibliotheca Lusitana*, mas Innocencio nem o menciona como escriptor!

de juro para a sustentação de 2 frades cartuxos, 100$000 réis de juro para o vestuario das religiosas pobres do convento da Castanheira, etc., instituiu por herdeiros do remanescente *os pobres d'Alcobaça?!...*

Jaz no convento de Santo Antonio da Castanheira, pantheon dos seus maiores, na provincia da Estremadura.

V. *Castanheira da Estremadura*, e *Athouguia* n'este diccionario— e o *Dialogo* 5.º de Botelho, cap. 2.º, onde se encontra uma larga genealogia e outras noticias muito curiosas de tão benemerito prelado.

59.º—*D. Miguel de Castro, 3.º*, 1579–1585.

Era filho de D. Diogo de Castro, mordomo-mór da princesa D Joanna, e de D. Leonor d'Athaide. Tomou posse do bispado de Viseu em 15 de setembro de 1579 e o governou até 1585, data em que foi transferido para o arcebispado de Lisboa, onde falleceu em 30 de junho de 1625, tendo nascido em Evora, não sabemos quando.

Foi um dos regentes do reino na ausencia do cardeal e archiduque Alberto,—e foi tambem algum tempo vice-rei, mas cumpriu sempre com muito louvor os seus deveres de bispo e foi muito esmoler, costumando soccorrer generosamente as familias que, tendo disposto de meios, se achavam em circumstancias precarias.

Botelho, que foi seu contemporaneo, cita alguns d'estes factos, concluindo por dizer —*que era tão amado e bem quisto de todos que até as pedras em sua morte parece que mostraram o sentimento que nos corações de todos ficava pelas obras de misericordia que de continuo exercia.*

Foi tambem um grande bemfeitor da cidade e da Sé de Viseu, mesmo depois da sua transferencia para Lisboa,—*donde por muitas vezes* (diz Botelho) *mandou para Viseu muitos mil crusados* (!) *para se despenderem em esmolas e obras pias, e ultimamente para se fazer um ornamento de brocado para a Sé, em que se veem suas armas peça muito rica.*

Nos *Dialogos* do mesmo dr. Botelho póde ver-se a genealogia d'este venerando bispo, descendente dos *Castros* de Hespanha, dos quaes descendia tambem a infeliz D. Ignez de Castro.

60.º—*D. Nuno de Noronha*, 1586–1594.

Era filho de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira, e de D. Margarida da Silva, filha de D. João da Silva, 2.º conde de Portalegre.

Foi reitor da Universidade de Coimbra e depois bispo de Viseu, onde entrou em 1586. Em 1594 foi transferido para a diocese da Guarda, onde jaz, tendo fallecido em 27 de novembro de 1608 [1] no paço episcopal de Castello Branco, que elle havia feito e no qual despendeu mais de 40:000 crusados!

Em Viseu concluiu o mosteiro benedictino que o seu antecessor D. Jorge d'Almeida começara—e deu principio ao velho seminario contiguo á Sé, hoje denominado *Collegio*, que o seu successor concluiu, como diz a inscripção que ainda hoje lá se vê:

D. NUNO DE NORONHA
BPÕ DE VISEU FEZ ESTE
SEMINARIO, E COMEÇOU
A OBRA DIA DO SPIRITO
ST.º M. D. X C III,
SENDO REITOR JOAM SIRGADO

Note-se que este bispo já tinha organisado o quadro dos estudos do mesmo seminario em 1587—e em 1593 tractou de dar-lhe casa propria e *casa esplendida*, toda com grossas paredes de bella cantaria de granito, mas não a ultimou, porque no anno seguinte teve de abandonar a diocese em virtude de grandes desgostos com a cidade, por haver dado homisio no seu paço ao assassino de Pedro Borges.

Tambem fez o seminario da Guarda,—edificio magestoso e no mesmo estylo do que principiara em Viseu.

Doutorou-se em theologia na Universidade de Coimbra, sendo ali reitor, e em Viseu deixou bom nome como prelado. Reformou os costumes do clero;—foi magnanimo e generoso—e viveu sempre com grande fausto.

Em 1606 foi a Madrid e levou tão apparatoso sequito de pagens e criados seus, *ca-*

---

[1] Envenenado por uma purga que lhe dera um judeu,—*si vera est fama.*

valleiros da ordem de Christo e d'outras ordens,—que os madrilenos ficaram deslumbrados e o receberam com demonstrações regias, imaginando ser Filippe III, que algumas horas antes havia sahido para o Pardo.

Para a sua genealogia e outros promenores veja-se os *Dialogos* de Botelho.

61.º—*D. Fr. Antonio de Sousa*, 1595–1597.

Foi religioso dominico, filho de Martim Affonso de Sousa, 12.º governador da India, e de D. Anna Pimentel.

Governou apenas dois annos, pois havendo tomado posse no anno de 1595, em 1597 falleceu no Campo Grande, em Lisboa, onde nascera, e jaz no convento de Santo Antonio da Castanheira, em sepultura propria, mandada fazer pelo bispo D. Jorge de Athaide, seu parente.

Concluiu o seminario de Viseu, principiado pelo seu antecessor D. Nuno, como já dissemos, pelo que n'elle gravou a inscripção seguinte :

ANTONI, TIBI NONIUS PARAVIT.
DIGNUS PONTIFICUM LABOR DUORUM.

Em vulgar:—*Antonio, D. Nuno te preparou este seminario, obra digna de dois bispos.*

Junto da dicta inscripção se vêem as armas dos dois prelados.

Tambem fez no paço de Fontello uma varanda que deitava para a *Fonte do Carvalho*, varanda que desabou por occasião da grande tempestade de 1635, oito dias antes de cair a torre do relogio com parte da fronteria da Sé, como já dissemos no topico relativo á *cathedral*.

—

Foi homem muito virtuoso e todos os annos dotava e casava 9 orphãs.

Do exposto se vê que D. Antonio seria um dos mais benemeritos prelados de Viseu, se a morte o não roubasse tão cedo.

Era muito illustrado, doutor em theologia pela Universidade de Lovaina e mestre da sua ordem, na qual professou a 7 de março de 1557. Foi tambem pregador de D. Sebastião, e alem d'isso provincial e depois vigario geral de toda a ordem dominica, eleito por ultimo bispo de Viseu a 4 de dezembro de 1595, segundo diz Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico.*

Traduziu do grego o *Manual de Epictecto,* cuja traducção foi publicada pela primeira vez em Coimbra, no anno de 1594. Depois fez-se outra edição em Lisboa em 1595—e outra na mesma cidade em 1785.

Teve um sobrinho, tambem Fr. Antonio de Sousa, igualmente dominico, que foi deputado da Inquisição, do conselho geral do Santo Officio e tambem orador distincto e distincto escriptor publico. Falleceu em 1632 e deixou varias obras, umas impressas e outras manuscriptas, indicadas por Innocencio e por Barbosa Machado.

Seculo XVII

62.º—*D. João de Bragança*, 1599–1609.

Era da varonia dos duques de Bragança, filho de D. Francisco de Mello, 2.º conde de Tentugal e 1.º marquez de Ferreira, e de D. Eugenia de Mendonça, filha de D. Jayme, 4.º duque de Bragança.

Antes de ser bispo foi D. Prior de Guimarães, conego d'Evora e senhor dos prestimonios das egrejas da sua nobilissima casa, que andavam no filho 2.º, pelo que foi mais rico antes de ser bispo, mesmo porque depois de cingir a mitra, dava tudo aos pobres!...

Era um *cortesão modelo,*—muito affavel, muito accessivel, muito bondoso, muito delicado e muito esmoler, pelo que toda a cidade e todos os seus diocesanos o idolatravam.

Manteve no melhor pé a disciplina ecclesiastica e os bons costumes, sem violencias, reprehensões nem castigos,—tal era o prestigio do seu nome e o respeito que infundia a todos.

Era pontualissimo em todas as festas publicas e a seu lado encontrou sempre não só o cabido, mas *toda a nobresa de Viseu,* porque tambem não perdia ensejo de penhorar com attenções o seu cabido e a nobresa da cidade, recebendo-a e tractando-a com o maior carinho e brindando-a generosamente por occasião de baptisados, casamentos e d'outras festas de familia, mas por seu turno

todos *á compita* caprichavam em o honrar e ser-lhe gratos.

Nasceu na povoação de *Agua de Peixes*, então villa e hoje simples aldeia da freguezia, villa e concelho d'Alvito, no Alemtejo, onde seus paes então viviam e tinham um palacete e grande cerca, matta e coutada, que ainda hoje se denomina *Cerrado d'Agua de Peixes*.

V. *Agua de Peixes*.

—

Entrou em Viseu a 23 de julho de 1599, dia da dedicação da cathedral, e falleceu em Evora no dia 3 de fevereiro de 1609, tendo padecido cruelmente de gotta nos ultimos annos e soffrido tres insultos apopleticos, o ultimo dos quaes o matou, deixando os seus diocesanos cobertos de rigoroso luto desde que partiu a ultima vez para Evora, pois não só ia acabrunhado e doente, levando a morte como que estampada na fronte, mas por uma triste coincidencia apenas deixou Viseu ouviu-se o dobre de finados, por haver fallecido um diocesano, dobre que foi o adeus da despedida, como que annunciando a morte do santo prelado.

Annos antes, estando elle em Evora, já doente de gotta, foi visital-o o duque de Bragança e, para o distrahir, perguntou-lhe como o tractavam os visienses.

«Muito bem —respondeu elle— porque é gente honrada e me jogam cannas todas as vezes que eu quero.»

Effectivamente estavam sempre promptos para o obsequiarem. Até um anno, andando elle em visita e achando-se em Trancoso por occasião da grande feira de S. Bartholomeu, muitos cavalheiros visienses foram ali de proposito e, unidos a outros da villa e arrabaldes, ali mesmo jogaram cannas em honra d'elle, o que muito o lisongeou.

—

No anno de 1600, segundo do seu pontificado, pesou sobre Viseu uma tempestade medonha!

A' meia noite de 16 de dezembro,—de um sabbado para um domingo,—levantou-se detraz da Misericordia um tufão de tal ordem, acompanhado de trovões e chuva que, discorrendo pelo *Miradouro*, da parte debaixo do Seminario até á egreja de S. Miguel do Fetal, na largura de um tiro de pedra, destruiu os telhados todos e arrancou e despedaçou todas as oliveiras, carvalhos e outras arvores que encontrou na sua vertiginosa passagem, arrojando inclusivamente uma oliveira por cima do muro da Misericordia até á pedra de *Gonçalvinho*, no meio da cidade; —arrombou as portas do muro da *Regueira*, que tinham grossos ferrolhos e estavam fechadas por causa da peste que então grassava—e destruiu os carvalhos seculares que ali havia. Felizmente não matou ninguem.

Isto conta Botelho, *como testemunha de vista*, nos seus *Dialogos*, onde se encontra tambem uma larga genealogia do eminente prelado.

Terminaremos dizendo que, d'accordo com o cabido, concedeu á camara visiense o privilegio de ter cadeiras de espaldar de couro na Sé, defronte do pulpito, para os vereadores poderem sentar-se, por occasião das procissões que eram obrigados a acompanhar.

A provisão foi datada do paço de Fontello a 20 d'abril de 1604.

63.º—*D. João Manuel, 12.º* 1610-1625.

Era filho de D. Nuno Manuel, senhor de Tancos, etc., e de D. Joanna de Athaide, filha do primeiro conde da Castanheira;—formou-se em theologia na Universidade de Coimbra, onde foi collegial de S. Pedro, entrando para o dicto collegio em 1596;—tendo apenas ordens menores, seu tio D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, o nomeou conego da dicta Sé;—Filippe II o nomeou seu esmoler-mór e depois bispo de Viseu em 1610, por fallecimento de D. João de Bragança.

Foi sagrado em Lisboa por D. Jorge de Athaide, no convento da Graça dos religiosos eremitas de Santo Agostinho, a 21 de março do dicto anno, na dominica *Laetare*, que é a 4.ª da quaresma e, tendo mandado tomar posse da diocese de Viseu por procuração, fez ali a sua entrada a 25 d'abril do mesmo anno,—na dominga do *Bom Pastor*, dia de bom agouro, pois, como veremos, *foi um pastor benemerito*.

Passados 10 dias—a 5 de maio, pesou so-

bre Viseu uma trovoada medonha, caindo um raio na torre denominada *do relogio*, por haver estado n'ella o relogio da cidade, mas ao tempo encerrava o cartorio do cabido. O raio levou da grimpa da torre a figura de um rapaz que indicava o tempo;—d'ali passou á capella de S. Sebastião (hoje do *Senhor dos Passos*) onde manchou levemente o seu retabulo, sem causar outro damno.

Tambem quando este prelado no ultimo quartel da vida foi feito arcebispo de Lisboa e nas varandas da Sé se achavam muitos pobres reunidos para a destribuição de esmolas, abateu a dicta varanda, *perecendo mais de 50 pobres* e ficando outros muitos aleijados!

—

Em 1611 visitou pessoalmente a sua diocese de Viseu e, depois de bem se informar das necessidades d'ella, tractou immediatamente de dar-lhe novas *Constituições*. Feitas estas, convocou synodo, ao qual as submetteu no dia 13 de abril de 1614; depois mandou-as imprimir e, concluida a impressão nos principios do anno de 1617, ordenou em uma pastoral que se cumprissem desde o dia do Espirito Santo d'aquelle mesmo anno em diante.

Foram impressas em Coimbra, por Nicolau de Carvalho, impressor da Universidade no dicto anno de 1617, como se vê do exemplar que possuimos, e comprehendem 377 pag. de folio pequeno, mais 156 com os diversos regimentos, alem dos indices, etc.,[1]

—

Quando andava em visita e chegou á freguezia de *S. Miguel do Outeiro*, celebravam-se ali officios por certo parochiano. O bispo entrou na egreja,—sentou-se entre os outros clerigos e com elles foi psalmeando.

Terminado o officio, o parocho deu-lhe a esmola do costume, como a todos os outros clerigos, dizendo:—*bem a mereceu Vossa Senhoria!*... O prelado tentou escusar-se, mas vendo as instancias do vigario, acceitou-a, dizendo que estimava mais aquella esmola do que todas as rendas do bispado, *por ser a primeira que lhe rendiam as ordens.*

Ao tempo a esmola dos officios era de 80 réis—e o bispado rendia *doze mil crusados.*

Tambem quando andava na visita e chegou á freguezia de *Mondão*, distante de Viseu 6 kilometros, ficou surprehendido ao ver o grande manancial d'agua que ali brota e concebeu o plano de a conduzir em arcos para Viseu, mas depois reconsiderou, lembrando-se de que Viseu tinha agua bastante e de que, levando para ali aquella, ficariam sem valor os muitos campos que fertilisa.

Tambem tentou levar para Viseu os frades do convento d'Orgens, que elle muito estimava e protegia. Chegou a convocar para este fim a camara de Viseu, que promptamente annuiu, mas depois tambem reconsiderou em face das instancias e lagrimas com que os povos de Orgens lhe pediram a conservação dos pobres frades capuchos que elles idolatravam,

Dotou generosamente a Sé com preciosas alfaias e um orgão (o pequeno) e, achando-se em ruinas a capella de *Santa Martha*, no paço de Fontello, mandou-a restaurar e fazer de novo com a magnificencia que hoje ostenta,—e mandou tambem fazer no mesmo paço as 3 grandes salas contiguas á capella, dando elle proprio o risco de toda a obra, pois era muito versado em architectura e astronomia.

Foi mestre das dictas obras *Daniel Alvares*, de Viseu, pae do dr. e desembargador João Saraiva de Carvalho.

—

Vagando o bispado da Guarda em 1615, Filippe II offereceu-lh'o, mas elle recusou, porque o de Viseu era mais rendoso e as

---

[1] As primeiras *Constituições* d'este bispado foram feitas por *D. Miguel da Silva* e publicadas em synodo aos 16 d'outubro de 1527. *Rarissimas*!

Outras pelo bispo *D. Gonçalo Pinheiro*, publicadas em synodo no anno de 1555,—hoje *muito raras* tambem.

Outras por *D. João Manuel*—supra.

Outras pelo bispo *D. João de Mello*,—Coimbra, 1684.

Finalmente outras pelo bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*,—Lisboa, 1749.

suas rendas se achavam livres, em quanto que sobre as do bispado da Guarda pesavam ao tempo differentes pensões; mas em 1625 acceitou a transferencia para o bispado de Coimbra, onde fez a sua entrada solemne a 6 de maio do mesmo anno,—e em 1632 Filippe III o nomeou vice-rei de Portugal e arcebispo de Lisboa, cargos que pouco tempo exerceu, porque uma hydropisia o matou no dia 4 de julho de 1633, havendo tomado posse do arcebispado apenas 23 dias antes.

Nasceu e falleceu em Lisboa e foi sepultado na egreja de Nossa Senhora de Jesus, dos religiosos terceiros de S. Francisco,—egreja que elle havia mandado fazer para sua sepultura e dos condes da Atalaia, depois marquezes de Tancos, como padroeiro d'aquella provincia. Haviam terminado as obras da egreja 14 dias antes do seu fallecimento, tendo principiado em 1615 e durado por consequencia 18 annos.

Jaz na capella mór em sepultura propria com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DE D. JOÃO MANOEL, BISPO QUE FOI DE VISEU E DE COIMBRA, ARCEBISPO DE LISBOA E VICE-REI DE PORTUGAL. FALLECEO A 4 DE JULHO DE 1633.

Com relação á genealogia d'este prelado, vejam-se os *Dialogos* de Botelho,—e com relação ás outras circumstancias da sua vida, como prelado de Viseu, de Coimbra e de Lisboa, veja-se o tomo 3.º do catalogo do Padre Sousa,—tomo que abre com a historia d'este bispo, comprehendendo as primeiras 25 folhas!...

É para lamentar que se perdessem os outros 2 tomos d'este *interessantissimo* catalogo.

64.º—*D. Fr. João de Portugal*, 13.º, 1626-1629.

Nasceu em Evora no anno de 1554 e expirou em Viseu ás 8 horas da noite do dia 26 de fevereiro de 1629, contando 75 annos de idade,—56 de profissão religiosa—e 2 annos, 8 meses e 12 dias de pontificado.

Foi um dos bispos mais penitentes, mais illustrados, mais modestos, mais caritativos e mais virtuosos que até hoje tem tido Viseu, pelo que todos o consideravam e prantearam como *santo*.

Jaz na capella-mór da Sé, da parte do Evangelho, em sepultura rasa com a inscripção seguinte:

SEPULTURA DO PADRE MESTRE D. FR. JOÃO DE PORTUGAL, BISPO QUE FOI DE VISEU. FALECEO A 26 DE FEVEREIRO DE 1629.

D'este santo bispo tractou largamente o Padre Sousa no 3.º tomo do seu interessantissimo *Catalogo*, desde fl. 13 até 26,—e nos *Dialogos* de Botelho pode ver-se a sua genealogia.

Era irmão de D. Francisco de Portugal, 3.º conde de Vimioso, e de D. Luiz de Portugal, 4.º conde tambem de Vimioso, e foram seus paes D. Affonso de Portugal, 2.º conde de Vimioso, e a condessa D. Luisa de Gusmão.[1]

Professou em Evora na ordem de S. Domingos em 1572; — depois formou-se em theologia na Universidade de Salamanca;—regressando ao convento d'Evora, foi feito deputado da Inquisição em 1590 e inquisidor em 1592. Erigindo-se em Lisboa o mosteiro de religiosas benedictinas do Sacramento, foi o seu primeiro confessor e vigario, prestando o juramento do estylo em 1612 e foi tambem capellão de Filippe III,—cargos que occupou até que em 1626 foi eleito bispo de Viseu. Sagrou-se na dicta egreja do Sacramento e, depois de tomar posse do seu bispado a 17 d'abril do dicto anno, pelo Padre Barnabé *Carolla*, a quem tinha dado procuração, partiu para Viseu, onde entrou a 14 de julho do mesmo anno. Foi recebido com grande pompa pelo clero, nobresa e povo, que o foram esperar a distancia de mais de uma legua, ficando attonitos quando viram que todo o sequito do venerando prelado se reduzia a 6 religiosos do seu habito,

---

[1] V. *Vimioso*.

por elle escolhidos para o governo da sua relação e da sua casa, aos quaes e aos seus famulos, apenas chegou a Viseu, depois de os reunir no seu quarto, dirigiu a seguinte allocução :

«Filhos, estamos em Viseu, aonde nos trouxe Nosso Senhor pela Sua misericordia para o servirmos. Eu, como prelado, religioso e velho, tenho maior obrigação que todos os mais prelados de dar bom exemplo, assim na minha pessoa e vida, como na de meus criados. Peço a todos, como a filhos, que ponham grande cuidado no serviço de Deus, porque no meu vai pouco. A todos tratarão com amor e cortesia, e especialmente advirto que nenhum receba coisa alguma, por limitada que seja, sem minha licença, e o contrario d'isto me ha de ser muito custoso e no meu serviço mal acceito.»

—

Tractou logo de visitar pessoalmente o bispado e, como visse que a maior parte dos seus diocesanos ignoravam a doutrina christã, compoz e fez distribuir um *Summario*, d'ella [1], recommendando ao mesmo tempo a todos os parochos que a ensinassem.

Mandou tambem fazer 2 livros,—um com os nomes de todos os clerigos do bispado, seus costumes e habilitações,—outro com os nomes das pessoas mais necessitadas, viuvas honestas e orphãos da cidade e diocese, costumando entreter-se a ler os mencionados livros para melhor provimento dos beneficios ecclesiasticos e mais acertada distribuição das esmolas.

Tentou convocar synodo para reforma das *Constituições* da diocese, mas não o convocou porque a morte o surprehendeu.

Aos ecclesiasticos de mau exemplo reprehendia-os como pae e, logo que elles se emendavam, favorecia-os generosamente?!...

Vivia com toda a parcimonia e nunca deixou o seu habito nem consentiu que os seus familiares usassem de seda.

Tambem *nunca deu um real aos parentes*. Dizia que as rendas dos bispados são o dote que se dá aos bispos como a suas esposas, *para ser gasto exclusivamente com ellas e com os seus filhos, que são os pobres*, pelo que tudo dava aos pobres e costumava vestir 6 todos os mezes.

—

Dizendo-lhe um dia o seu mordomo que era necessario reservar 500 crusados para uma pequena baixella de prata, pois tinha sómente *um jarro, um prato e umas galhetas*,— respondeu o santo bispo: —*Não diga ociosidades!*

Constando-lhe que o meio-prebendado Antonio Leitão vivia miseravelmente e andava coberto d'andrajos, quando outros clerigos da mesma classe viviam decentemente, mandou-o chamar e lhe observou tão estranho facto. Respondeu Antonio Leitão:

«Vivo e trajo assim, porque sou *ladrão*, mas *ladrão de mim mesmo*, para com as minhas economias fazer uma capella defronte da cadeia, [1] para que os presos possam ouvir missa nos domingos e dias santos.»

Ficou o bispo muito satisfeito com a resposta e prometteu-lhe auxilial-o no seu empenho com a esmola de 40$000 réis, o que não pôde cumprir porque d'ali a breve trecho expirou; mas o pobre Antonio Leitão, proseguindo com a sua durissima penitencia, logrou fazer a capella, que lá se via com a inscripção seguinte sobre a torça, alludindo a este facto, e resava ou resa assim :

EX RAPTO CONSTRUXIT OPUS DICAVIT QUE SACELLUM .....

Em vulgar:—*Com o roubo fez esta obra e dedicou esta capella...*

Abençoado *roubo*!

No tempo d'este santo prelado (em 1628) accrescentaram as religiosas de S. Bento

---

[1] Alem d'este *Summario da doutrina christã*, compoz outras obras, cujos titulos podem ver-se na *Bibliothera Lusitana*, sendo uma d'ellas o livro *De Suma Trinitate*, cuja impressão custou cerca de 6:000 crusados,—segundo diz Botelho.

[1] Referia-se á cadeia que estava nos baixos da antiga casa da camara, na travessa do *Chão do Mestre*.

V. o topico *Passos do Concelho*.

mais 30 palmos á sua egreja—e no mesmo anno, a 23 de janeiro, pesou sobre Viseu tão grande tempestade e tanta chuva que a agua entrou na dicta egreja *até o sacrario*, pelo que as freiras retiraram o Santissimo para a sua enfermaria e desde aquella data o festejam sempre com exposição e sermão no mesmo dia 23 de janeiro.

Passemos adiante.

65.º—*D. Fr. Bernardino de Senna*, 1629–1632.

Nasceu em Torres Novas a 26 de maio de 1571 e no baptismo deram-lhe o nome de Bernardino de Senna, porque sua mãe teve um parto muito feliz e sentiu os prenuncios a 20 d'aquelle mez, no dia da festa de S. Bernardino de Senna; mas na ordem foi tambem conhecido pelo nome de Fr. Bernardino da Natividade, porque professou no dia da festa da *Natividade*.

Foram seus paes Miguel d'Arnide, genovez, e Camilla Gomes de Mello, natural de Lisboa.

Mostrando desde a puericia grande vocação para a vida religiosa, aos 15 annos foi admittido ao noviciado no convento de S. Francisco de Lisboa, tomando o habito de *observante* a 7 de setembro de 1586 e no mesmo convento professou passado o anno do estylo. Pouco depois o geral o mandou estudar logica no convento de Santo Antonio de Ferreirim, junto de Lamego, para onde partiu a pé e esmolando, na forma do seu instituto [1].

Terminado em 1590 o seu curso de logica, no qual se tornou muito distincto, foi estudar physica no convento de S. Francisco de Santarem e d'ali passou para o de S. Francisco da Ponte, em Coimbra, onde estudou metaphysica,—fazendo todas estas longas jornadas *a pé e esmolando*.

D'ali passou a estudar theologia no collegio de S. Boaventura da mesma cidade, contando já 22 annos, e, terminando com a maior distincção o seu curso theologico, passou em 1597 para Lisboa, onde tomou parte brilhantissima nas conclusões *magnas*, que a sua ordem celebrou por occasião do capitulo geral d'aquelle anno. Tanto se distinguiu que o geral o nomeou *leitor em Artes* e o mandou reger a dicta cadeira no convento de Santa Christina, no bispado de Coimbra, d'onde passou a ler no convento de Ferreirim, fazendo todas estas jornadas *a pé e esmolando*,—e da mesma fórma passados annos regressou ao convento de S. Francisco de Lisboa, onde em 1601 assistiu a outro capitulo. D'ali volveu ao convento de Ferreirim já na qualidade de guardião e mestre, contando apenas 30 annos. Por causa de certas questões com o juiz de fóra de Lamego, foi á Lisboa queixar-se ao ministro e, obtendo d'elle sem difficuldade providencias, volveu a Ferreirim, *a pé*, como fôra,—muito fatigado mas ao mesmo tempo muito satisfeito por se ver livre da vexatoria e menos escrupulosa superintendencia do juiz de fóra de Lamego, como representante dos condes de Marialva, padroeiros do convento de Ferreirim.

—

Em 1606 foi eleito commissario geral para a ilha da Madeira, mas a pedido seu o dispensaram e nomearam guardião do convento de Santarem, para onde partiu tambem *a pé*. Decorridos annos, foi ler theologia no convento de Lisboa, d'onde passou a leccionar no collegio de S. Boaventura de Coimbra, caminhando *sempre a pé*.

No capitulo que em 1610 se celebrou no convento de S. Francisco de Lisboa, foi eleito *definidor*,—cargo importante e muito honroso,—e em 1614 foi nomeado guardião do dicto convento, onde fez grandes obras e uma casa para a livraria, *tão espaçosa e sumptuosa que n'ella muitos annos se celebraram as côrtes*; mas infelizmente na noite de 30 de novembro de 1741 quasi todo aquelle grande edificio foi pasto das chammas, comprehendendo a dicta sala e 4 espaçosos claustros, escapando apenas a egreja, os coros, a

---

[1] A esta jornada se seguiram outras muitas, pois durante a sua longa vida percorreu primeiramente *a pé*, como simples religioso franciscano,—depois *a cavallo* como *generalissimo* ou primeiro ministro da sua ordem, —e por ultimo *como bispo*, mais de 5:500 leguas, em Portugal, Hespanha, Italia e França.

sacristia, a casa do noviciado, o refeitorio dos pobres e pouco mais

No capitulo de 1617 foi eleito provincial.

Filippe III lhe offereceu a mitra de *S. Thomé*,—depois a de *Ceuta*—e por ultimo a de *Gôa*, mas o nosso biographado recusou-as todas.

No capitulo geral que em 1618 se celebrou no convento de S. Francisco de Salamanca presidiu a um acto litterario com tanta distincção que ali mesmo foi eleito secretario da *provincia*[1] e o geral o levou comsigo para Madrid, donde, passando algum tempo, volveu ao seu convento de Coimbra;—assistiu a um capitulo que ali se celebrou—e depois regressou a Castella. Passando logo a visitar aquella *provincia* com o geral, percorreu a maior parte da Hespanha e da Italia, *a pé* e a *cavallo*, de verão e de inverno, atravessando com grande incommodo montes, serras e caminhos medonhos!

Foi eleito commissario geral da ordem no capitulo geral de Segovia, d'onde partiu para Portugal, mas em breve regressou a Madrid, começando logo a exercer o cargo de geral, em que muito se distinguiu, percorrendo Portugal e Hespanha de uma extremidade até á outra, a cavallo, mas sempre com os pés nus, excepto no rigor do inverno,—e muito pobremente vestido. As suas roupas eram sempre andrajos, mas apesar d'isso tinha entrada franca no paço e Filippe III o recebia com particular estimação pelo seu renome e porque os geraes franciscanos eram *grandes de Hespanha* e *conselheiros de estado* desde o tempo de Carlos V.

O papa Urbano VIII tambem o estimava muito;—correspondia-se com elle e lhe pediu que continuasse no generalato da ordem até á paschoa do Espirito Santo de 1625, em que tencionava celebrar o jubileu do anno santo.

Da Hespanha passou a França;—d'ali a Saboia, onde foi muito bem recebido pelo duque;—depois foi á Toscana e ao santuario do Loreto, onde celebrou as 3 missas do Natal,—e d'ali passou a Roma a beijar o pé á Santidade de Urbano VIII, que o nomeou *ministro geral* da ordem.

—

De Roma foi para Assis, terra natal do seu patriarcha; ali se demorou algum tempo na casa por elle fundada;—depois seguiu para Bolonha, Florença, Modena, Parma, etc., visitando os conventos da sua ordem na Italia, d'onde volveu a visitar novamente os de Hespanha e depois os de Portugal, passando da Andaluzia ao Alemtejo e do Alemtejo a Lisboa.

Depois de descançar algum tempo, partiu para França para reformar aquella provincia e reduzir os *claustraes* á *observancia*, o que, não sem difficuldade, conseguiu. Proseguindo avante volveu á Italia e Roma;—assistiu a diversos capitulos — e regressou á Hespanha e Madrid, sendo nomeado bispo de Viseu antes d'ali chegar, no anno de 1629.

Contava então o nosso biographado 58 annos e estava fatigadissimo por haver percorrido mais de 5:000 leguas e ter visitado e governado cerca de 6:000 conventos e de 280:000 subditos de um e outro sexo?!...

Em Madrid recebeu no anno de 1630 as bullas e ali mesmo foi sagrado com toda a pompa no convento das suas religiosas descalças, no dia 13 de julho de 1631, continuando a permanecer em Madrid no exercicio do seu generalato, que só deixou em outubro do dicto anno.

Em maio de 1632 partiu para Viseu, aonde chegou a 2 de junho, entrando logo no exercicio do munus pastoral, repartindo com mão larga pelos pobres todas as rendas da diocese e reservando para si o estrictamente necessario, que se reduzia a muito pouco, pois nunca deixou o habito franciscano e formavam toda a sua familia um padre confessor irlandez e um irmão leigo, ambos da sua ordem e ambos virtuosissimos, sendo o leigo denominado *Paciencia* pela muita que tinha,—diz o Padre Sousa.

—

Sentindo o nosso biographado esvairem-

---

[1] A ordem seraphica era a mais numerosa de todas. Comprehendia milhares de conventos, seguindo todos com leves modificações o instituto do patriarcha S. Francisco, mas dividiam-se em grupos denominados *custodias* e *provincias*.

se-lhe as forças, mandou logo fazer uma pequena capella no seu convento de S. Francisco de Lisboa, para ser n'ella sepultado, elegendo para repouso o convento onde professou e deu começo ás suas fadigas.

Vagando n'aquelle mesmo anno o bispado de Coimbra, Filippe III o nomeou bispo d'aquella diocese e reformador da relação do Porto, mas, quando chegou a Portugal a noticia, já D. Fr. Bernardino tinha expirado no dia 5 d'outubro de 1632.

Jaz na capella-mór da Sé de Viseu.

Foi bispo apenas 1 anno, 2 mezes e 23 dias —e falleceu contando 61 annos, 4 mezes e nove dias de idade.

Era alto, corpulento, rosado, muito intelligente e muito caritativo e seria um dos mais benemeritos prelados de Viseu, se a morte o não roubasse tão depressa.

66.º—*D. Miguel de Castro, 4.º*, 1633–1634.

Era sobrinho do bispo do mesmo nome, de quem já fizemos menção sob o n.º 59, e filho de D. Diogo de Castro, 2.º conde de Basto, vice-rei de Portugal, etc., e de D. Maria de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora.

Este bispo D. Miguel de Castro foi arcediago de Santarem na collegiada de Santa Maria d'Alcaçova, do conselho geral do Santo Officio, commissario geral da bulla da santa crusada, conselheiro de estado em Madrid, etc.

Filippe IV de Hespanha e III de Portugal o nomeou bispo de Viseu em 1633 e, recebidas as bullas da confirmação, mandou tomar posse do bispado, posse que por elle tomaram o deão, mestre escola e vigario geral de Viseu no dia 17 de março de 1634, mas infelizmente falleceu em Madrid no mesmo anno a 13 de março, 4 dias antes dos seus procuradores tomarem a posse,—como dizem alguns dos seus biographos, porem o Padre Sousa e outros dizem que falleceu no dia 27 d'outubro [1].

Nasceu não sabemos quando nem onde, mas é certo que falleceu em Madrid no anno de 1634 e jaz na Sé de Viseu, logo á entrada, em sepultura com tampa de marmore vermelho,—lisa e sem armas nem inscripção alguma,—porque assim o determinou o finado, como diz o Padre Sousa, citando duas cartas que se encontram no cartorio do cabido.

—

Em 1734, ou decorridos 100 annos, mandando-se compor o pavimento da Sé e fazer as sepulturas uniformes e *de caixa*, foi aberta a dicta sepultura e n'ella, alem dos restos mortaes do bispo, que apenas expostos ao ar se reduziram a pó, se encontrou a cruz peitoral e o annel,—insignias de que *alguem* quiz apoderar-se, mas o cabido (honra lhe seja!) oppoz-se e ficaram encerradas com as cinzas na sepultura do dicto prelado, como diz o mesmo Padre Sousa.

Morto D. Miguel de Castro, seguiu-se uma vacancia de 2 annos [1] e logo no primeiro (1635) se deram em Viseu 3 factos notaveis e quasi simultaneos:—uma tempestade medonha,—o desabamento da torre dos sinos e da fronteria da Sé—e uma lucta vergonhosissima entre os conegos e meios conegos por causa de certos distinctivos nas murças.

Veja-se o topico *Sé de Viseu*.

67.º—*D. Diniz de Mello e Castro*, 1636–1639.

Era ascendente dos condes de Monsanto; —nasceu na villa de *Collares*, junto de Cintra, e foram seus paes Francisco de Mello e Castro, alcaide-mór do Outeiro, commendador de Montalegre, etc., e Brites Nobre.

Doutorou-se em canones na Universidade de Coimbra;—foi desembargador da relação do Porto, da casa da supplicação, dos aggravos e do paço—e regedor das justiças no anno de 1626. Em 1627 foi eleito bispo de

---

[1] O cadaver chegou a Viseu no dia 13 de novembro do dicto anno de 1634.

[1] Em 1634, pouco depois de principiar a vacancia, Filippe III nomeou bispo de Viseu *Segismundo Francisco*, allemão, filho do archiduque do Tirol, mas o pae muito prudentemente agradeceu e demittiu a finesa por ter então o filho apenas tres annos de idade!

Depois foi bispo d'Ausburgo, na Allemanha, com honras de Principe, etc.

Leiria;—em 1636 foi nomeado bispo de Viseu e, tendo governado esta diocese 2 annos, foi apresentado na da Guarda em 1638. Em 23 de maio de 1639 mandou pelo rev. dr. Luiz Pires da Veiga tomar posse da dicta diocese, mas não chegou a entrar n'ella, porque, tendo ido a Lisboa, ali falleceu no dia 24 de novembro do mesmo anno de 1639, como diz o Padre Sousa, mas F. Manuel e Berardo dizem que falleceu a 4 de novembro de 1640,—Carvalho e Coldt dizem que falleceu a 24 do dicto mez e do dicto anno de 1640!...

Botelho, podendo dizer muito d'este bispo, seu contemporaneo e ultimo do seu catalogo, apenas o indicou, para não se tornar suspeito louvando-o;[1] mas o Padre Sousa falla d'elle amplamente no tomo 3.º e ultimo do seu catalogo, fl. 57 a 63, v.

—

Governando o bispado de Viseu apenas 2 annos, tornou-se por muitos titulos benemerito.

Fez visitar a diocese repetidas vezes por pessoas idoneas;—era diligentissimo no cumprimento do munus pastoral e no provimento dos beneficios ecclesiasticos;—amava os pobres como filhos, soccorrendo-os generosamente—e foi um dos mais insignes bemfeitores da Misericordia de Viseu e de *todas as do seu bispado!*

Para evitarmos repetições, veja-se o titulo *Misericordia.*

Tambem, sendo já bispo de Viseu, comprou e mandou para a Sé de Leiria muitas peças de prata e ricos paramentos.

Jaz na villa de Collares na capella mór da egreja que foi dos religiosos carmelitas observantes, em sepultura propria com um longo epitaphio e um escudo com as suas armas e as insignias episcopaes e de regedor das justiças.

Vacancia de 32 annos

Por morte de D. Diniz de Mello e Castro em 1639, seguiu-se uma vacancia de 32 annos até 1671, proveniente da grande lucta entre Portugal e Hespanha, iniciada em Lisboa com a gloriosa revolução de 1 de dezembro de 1640,—lucta que durou mais de 27 annos (até 1668) e nos libertou do jugo estrangeiro.

Durante a longa vacancia foram nomeados para Viseu 8 bispos,—3 por Castella e 5 por Portugal, mas nenhum d'elles obteve confirmação apostolica, sendo entretanto governada a diocese pelo cabido.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico —*Bispos eleitos.*

N'esta longa vacancia o cabido (Deus lhe perdoe!) aproveitando ou antes *malbaratando* as enormes rendas da mitra accumuladas, restaurou (deturpou) a Sé, fazendo entre outras obras a fronteria actual, em substituição da que havia desabado em 1635, mas infelizmente, em vez de se inspirar no primoroso estylo architectonico da velha fronteria, que era o mesmo da abobada de D. Ortiz de Vilhegas, fez o que lá se vê,—uma obra singellissima, desgraciosa e vergonhosa em completa desharmonia com a architectura interior.

Deus lhe perdoe!...

Veja-se o topico relativo á Sé.

—

Para as ordenações e benção dos Santos Oleos, etc., recorreram os visienses aos outros prelados do reino até que falleceram todos, sobrevivendo apenas *um,—D. Francisco de Souto Maior*, natural de Lamego, conego regrante de Santo Agostinho, D. Prior de S. Vicente de Fora, procurador geral dos cruzios, deão da capella real de Lisboa, provisor e vigario geral d'aquella diocese e bispo de Targa, por ultimo eleito bispo de Lamego e arcebispo de Braga,—homem muito douto, muito virtuoso e *muito vigoroso!*

Durante 11 annos foi o *unico bispo de Portugal e suas possessões?!...*

Tendo nascido em 1590, falleceu em 1699, contando a bagatella de 109 annos de idade e 63 de pontificado, durante os quaes ordenou mais de 20:000 sacerdotes e confirmou talvez mais de um milhão de pessoas, pois era incansavel no exercicio do munus episcopal e redobrou de zelo quando se viu *só*

---

[1] Suppomos até que entre os dois havia estreitas relações, pois a este bispo dedicou Botelho os seus *Dialogos.*

á frente da christandade *de todo o nosso paiz e suas possessões.*

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

68.º—*D. Manuel de Saldanha*, 1671.

Varios auctores dão como prelados de Viseu 3 individuos d'este nome:—um filho de Manuel de Saldanha e de D. Leonor de Meneses,—outro filho de João de Saldanha e de D. Leonor de Meneses,—outro filho de Fernando ou Fernão de Saldanha e de D. Joanna de Noronha, mas parece averiguado que os dois primeiros são um e o mesmo de que já fizemos menção no topico dos *Bispos eleitos*, sob o n.º 10, sendo seu pae *João* de Saldanha e não *Manuel* de Saldanha,—e que o 2.º foi este, de quem no momento nos occupamos, como diz o Padre Sousa.

—

D'este prelado D. Manuel de Saldanha faz menção a *Hist. Geneal.* C. R., tomo 5.º pag. 369. Era da nobre familia *Saldanhas*, antepassados dos condes de Rio Maior, hoje duques de Saldanha;—foi conego em Lisboa—e o 1.º bispo de Viseu depois da grande vacancia.

Feita a paz entre Portugal e a Hespanha em 13 de fevereiro de 1668, tractou logo D. Pedro II de prover as nossas dioceses e no mesmo anno apresentou n'esta de Viseu D. Manuel de Saldanha [1]. O papa Clemente X o confirmou em 1671;—mandou tomar posse do bispado em 17 de maio e n'elle entrou em 16 de setembro do mesmo anno de 1671, mas, passados 3 mezes era cadaver, pois falleceu a 26 de dezembro seguinte e jaz na capella-mór da Sé de Viseu em sepultura de marmore lisa, com as suas armas e uma inscripção.

Alguem diz que foi dr. em canones e sumiler da cortina de D. Affonso VI, mas Coldt e Sousa omittem estas circumstancias, dedicando-lhe o Padre Sousa nada menos de 5 fl. do seu interessantissimo e volumoso catalogo. Tambem nada, absolutamente nada diz dos seus actos como prelado.

69.º—*D. João de Mello, 14.º* 1673–1684.

Nasceu pelos annos de 1620 em Evora e foram seus paes D. Jorge de Mello, vedor da rainha D. Luisa, mulher d'el-rei D. João IV, mestre sala do mesmo rei, etc,,—e D. Magdalena de Tavora,—familia nobilissima, da qual procedem os condes de Murça e da Figueira.

Foi deputado e inquisidor do santo officio em Evora e parocho da egreja de S. Thiago na mesma cidade, mas era tão propenso á vida penitente, que um dia resignou todos os seus cargos e fugiu para a serra da Arrabida, onde viveu sepultado em uma pequena cella como simples monge *cinco annos*, no fim dos quaes foi eleito bispo d'Elvas, onde entrou em 1671 e logo n'esse anno e no seguinte visitou toda a diocese em companhia do veneravel *Fr. Antonio das Chagas*, missionario apostolico do Varatojo.

Por morte de D. Manuel de Saldanha foi transferido para a Sé de Viseu, da qual tomou posse por procuração em 18 de setembro de 1673 e a governou até 1684, data em que foi transferido para o bispado de Coimbra, onde permaneceu até que expirou na quinta episcopal de S. Martinho do Bispo em 28 de junho de 1704. Por sua determinação foi sepultado na egreja dos monges carmelitas do Bussaco, que elle estimava como filhos e tanto que com elles costumava viver *a vida mais penitente e austera*,—fez-lhes grandes esmolas e n'aquella thebaida mandou construir a capella do Calvario e outras muitas, nada menos de 20, que ainda hoje se lá vêem disseminadas pela matta, embora em ruinas. Mandou tambem fazer ali muitas fontes caprichosas, nomeadamente a celebre *Fonte Fria*, que nós em 1851, quando estudavamos ainda preparatorios em Coimbra, tivemos occasião de ver como D. João de Mello a deixou: [1] toda revestida de musgo,

---

[1] D. Affonso VI reinou desde 1656 até 1683, mas seu irmão D. Pedro tirou-lhe a mulher e a corôa e governou *como regente* desde 22 de novembro de 1667 até 12 de setembro de 1683, data do fallecimento do infeliz D. Affonso VI. Depois o mesmo regente foi acclamado rei—D. Pedro II—e governou como tal até 1706, data em que falleceu.

[1] Eramos alumno do collegio então montado no extincto convento de *S. Francisco*

de mosaico e de conchas, escondida entre arvoredo secular, mas muito mais interessante do que é hoje com a sua ampla escadaria, tanques, repuchos e outras decorações *á la mode*.

—

Foi um prelado muito virtuoso e muito generoso para com os pobres, mas de vida tão austera que só achava prazer na solidão do Bussaco, identificando-se em tudo com os santos eremitas.

O seu traje era tão modesto que de um jubão que usára 20 annos mandou fazer uns calções! Isto em Viseu, montando então as rendas do bispado a 18 mil crusados, e, depois de ser bispo-conde de Coimbra com rendas muito superiores, por vezes de noite se entretinha *a remendar as suas vestes*,—como diz o Padre Sousa. Pelo contrario gostava de ver a Sé e todos os templos sempre limpos e asseados, com o que despendeu muitos contos de reis.

Em Viseu reedificou e ampliou a capella-mór da Sé, dando-lhe mais luz do que tinha e poz-lhe um riquissimo altar de uma só pedra de fino marmore que mandou vir expressamente da Arrabida e tinha 17 palmos de comprimento, 5 de largo e 1 de espessura, firmada sobre uma columna tambem de marmore com 5 palmos de altura. Dotou tambem a Sé com uma pia baptismal, duas de agua benta e um pulpito octogono, em forma de calix, tudo *do mesmo marmore da Arrabida*,—objectos preciosos e dignos de veneração,—mas infelizmente, passados annos, o cabido, dominado pela febre das obras sem gosto, assim como na *grande vacancia* deturpou a fronteria da Sé, na vacancia que se seguiu a D. Jeronymo Soares,—arrancou a mesa do altar-mór e collocou-a a modo de frontal do mesmo,—e o pulpito levou-o para a egreja de *S. Martinho, extra-muros*!...[1]

—

Trouxe sempre em missão no bispado de Viseu differentes padres da congregação do Oratorio, que mandou vir de Freixo de Espada á Cinta, e tambem algum tempo o veneravel *Fr. Antonio das Chagas* que, antes de entrar em Viseu, apenas avistou a cidade, se poz de joelhos e levantando as mãos disse: *pobre cidade, se as almas que encerras estão como as tuas paredes mostram!...*

Estavam denegridas como a maior parte dos edificios da Beira, antes de se abrir á exploração a linha ferrea, que barateou consideravelmente o preço da cal e do sal, pois este ia da Figueira da Foz, aquella dos Fornos e Bairrada e a sua conducção era carissima.

Tentou fundar um convento em Viseu para os Padres do Oratorio, de quem era muito amigo, mas não pôde vencer certas contrariedades que se oppozeram, posto que era bastante energico e tanto que excommungou o corregedor de Viseu *Gonçalo Mendes de Brito* por prender no adro e *couto* da Sé um criminoso. A questão foi até o tribunal da legacia,—ultima instancia,—que declarou validas as censuras e mandou que o dicto corregedor pedisse ao prelado absolvição d'ellas e *pagasse as custas?!...*

A sentença tem a data de 2 de dezembro de 1676.

---

da Ponte e dirigido pelo rev. Manuel Xavier Pinto Homem, que depois se doutorou em theologia, sendo director do grande Collegio de S. Bento, hoje lyceu, e que por ultimo foi reitor do seminario de Santarem.

Com o mencionado director, meu patricio e bom amigo (Deus o tenha em bom logar!) e com todos os professores e alumnos do dicto collegio, fomos em agosto d'aquelle anno passar uma brevia de 3 dias no extincto convento do Bussaco, então ainda mais despresado e mais arruinado do que hoje, mas com outra expressão, outro timbre, como se fôra a propria Thebaida deserta, emquanto que hoje o seu aspecto mudou.

É uma estancia de gôso, semelhando um grande parque á imitação dos de Cintra.

[1] Não terminou porem aqui o fadario do pobre pulpito, pois em 1875 a camara o removeu d'ali para a capella do cemiterio municipal, onde se vê hoje com a mesma apparencia, mas *partido em muitos fragmentos collados*, porque o pedreiro encarregado da remoção era tão estupido e foi tão desleixado, que o despedaçou!...

Veja-se o n.º 2 no topico dos *Templos extinctos*, onde fallámos da *Egreja de S. Martinho*, de que hoje apenas resta a memoria.

Celebrou synodo em 7 de setembro de 1681, no qual ampliou as constituições do bispado, enriquecendo-as de maximas mysticas e moraes em prosa e verso. Coimbra, 1684.

Veja-se o topico relativo ao bispo *D. João Manuel*, n.ª 63 da nossa lista.

Mandou fazer na quinta de Fontello, junto da capella do *Santo Sepulchro*, um hospicio para n'elle poisarem os missionarios do Varatojo, quando viessem a Viseu;—na quinta de Santa Eugenia fez um hospital para os pobres, contiguo á capella, com 14 camas sempre promptas,—8 para homens e 6 para mulheres, com todos os commodos para os doentes e convalescentes,—e, depois que passou para Coimbra, notando pouca luz na Sé, mandou-lhe abrir novas janellas, levantou-lhe a torre, ornou-lhe o côro e poz novos e vistosos retabulos nos altares lateraes, etc., com o que deturpou tambem a magestosa architectura d'aquelle venerando templo, ainda hoje bem conhecido pelo nome de *Sé velha*.

Fez tambem, como já dissemos, grandes obras no Bussaco, sua residencia favorita;—restaurou muitas egrejas do bispado, gastando só com a de S. João de Santa Cruz mais de quarenta mil crusados;—fez *a fundamentis* o convento das religiosas franciscanas de Cendelgas; [1]—ampliou a egreja do Louriçal;—restaurou a de Semide;—comprou para *Recolhimento de convertidas* o *Paço do Conde*, em Coimbra;—deu grandes esmolas aos jesuitas para a conclusão da capella-mór da egreja do seu collegio ou da *Sé nova* actual;—sagrou a nova egreja do convento de Santa Clara e para ella trasladou com grande pompa o corpo da *Rainha Santa*.

Fundou tambem o *Paço da Figueira*, que vinculou em morgado e o deixou a seu sobrinho D. Antonio José de Mello, cujos descendentes, possuindo aquelle palacio e morgado, foram n'este seculo feitos condes da Figueira, estando actualmente vendido o dicto palacio pelos condes de Murça, que succederam no dicto morgado aos condes da Figueira por falta de successão d'estes [1].

Terminaremos dizendo que este benemerito prelado falleceu com opinião de santo —como diz o Padre Sousa, que lhe dedicou dois longos capitulos do seu interessantissimo *Catalogo*, desde fl. 84 até fl. 99 do tomo 3.º e ultimo.

70.º—*D. Ricardo Russel*, 1685-1693.

Nasceu na Grã-Bretanha, de paes inglezes, mas catholicos, pelos annos de 1630;—fez os seus primeiros estudos na França, em um collegio dos Padres da Congregação do Oratorio e, por insinuação superior, passou ao nosso paiz para ensinar o idioma inglez á infanta D. Catharina (irmã de D. Pedro II) depois de tractado o seu casamento com Carlos II da Inglaterra, [2]—e em Lisboa antes de entrar no serviço do paço, estudou philosophia e theologia no collegio de *S. Pedro e de S. Paulo*, seminario dos inglezes catholicos.

Estando já no paço, ensinando o inglez á infanta, a rainha D. Luisa, mãe d'ella, costumava consultal-o sobre os negocios de mais ponderação.

Em 1661 a mesma rainha, sendo regente na menoridade de D. Affonso VI, nomeou D. Ricardo bispo de Cabo Verde, mas elle não acceitou a nomeação.

Em 1662 acompanhou a infanta para a Inglaterra como seu capellão mór, esmoler e sumiler da cortima e, regressando a Portugal, foi feito bispo de Portalegre. Sagrou-se em 1671 e fez ali a sua entrada solemne em março de 1672. Governou aquelle bispado cerca de 14 annos, até que foi transferido para o de Viseu, tomando posse por procuração em 18 de novembro de 1684 e fazendo a sua entrada solemne em 28 d'abril de 1685.

Falleceu na quinta de Fontello aos 15 de novembro de 1693, contando 63 annos de idade, e jaz na capella-mór da Sé.

Foi o primeiro bispo que ali se sepultou,

---

[1] V. *Montemor o Velho*, tomo 5.º pag. 515, col. 1.ª

[1] Ha bastantes annos que no dicto *Paço* está montada uma *Assembleia*.

[2] V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 71, col. 2.ª e segg.

depois do accrescentamento feito por D. João de Mello, e na sua sepultura mandou gravar esta simples inscripção.

EXPECTANS BEATAM
SPEM, HIC JACET RI-
CHARDUS.

«Aqui jaz D. Ricardo, aguardando a bemaventurança.»

—

Foi um bispo illustrado e de bons costumes, zeloso no cumprimento dos seus deveres e bastante caritativo *nos ultimos 3 annos* do seu pontificado, pois nos *primeiros 5 annos* não deu *uma unica esmola*, com o que se expoz a graves censuras, e, observando-lhe isto mesmo um dos seus ministros, respondeu:—que em primeiro logar estava a virtude da justiça do que a da caridade—e que os encargos da mitra eram tantos que ainda não tinha podido ultimar o pagamento das bullas[1].

Era muito espirituoso e propenso a rir e folgar, mas severo ao mesmo tempo.

Mandou fazer na matta do convento dos religiosos franciscanos de Santo Antonio um grande terreiro circular com assentos de pedra em volta e um cruzeiro no centro;—ali costumava ir passar no verão as tardes, palestrando não só com os religiosos professos mas com os noviços, entretendo-se com estes a dirigir-lhes graças, galanterias e dictos joco-serios, distribuindo lhes ao mesmo tempo doces que para este fim levava em caixas na sua carruagem?!...

—

Fez no mesmo convento uma grande enfermaria e, para que nada faltasse n'ella, um bello dia mandou aos religiosos tantas canastras cheias de cobertores, lençoes, toalhas, ligaduras, pannos mais pequenos, etc., que os pobres capuchos ficaram espantados! E com o grande presente mandou tambem uma importante somma de dinheiro para louça e outras miudesas.

Em signal de reconhecimento, mandaram os religiosos gravar em uma lapide sobre a porta da capella da dicta enfermaria uma inscripção muito lisongeira para o prelado, mas este apenas consentiu que escrevessem o seguinte:

ESTA ENFERMARIA MANDOU FAZER RICARDO,
BISPO DE VISEU

Tambem nunca tolerou que em parte alguma se collocassem as suas armas.

Era tão espirituoso que certo dia acercando-se d'elle ao mesmo tempo dois conegos para beijar-lhe o annel, o bispo, sabendo que um d'elles era alcunhado *Entrudo* e o outro *Quaresma*, disse com a galanteria que lhe era propria:—primeiro está o *Entrudo* e depois a *Quaresma*!...

Constando-lhe que certo lavrador era todos os annos excommungado por não saber a doutrina, chamou-o e disse-lhe que se dentro de 8 dias aprendesse a doutrina que lhe indicou, lhe daria 40$000 réis. No praso marcado foi o lavrador procurar o bispo, levando a doutrina toda bem decorada. O bispo deu-lhe promptamente os 40$000 réis, mas metteu-o no aljube até lá os gastar, por ver que, se até aquella idade não tinha aprendido a doutrina, era por desleixo e despreso, não por falta de memoria, como dizia.

—

Sendo D. Ricardo ainda bispo de Portalegre e offerecendo-lhe D. Pedro II a mitra de Viseu, partiu a occultas de Portalegre, vestido como simples padre, montado em uma cavalgadura sem apparato algum, e dirigiu-se incognito a Viseu, para ver se lhe convinha a transferencia. Chegando á povoação de *Calde* ao escurecer, procurou commodo;—indicaram-lhe a casa de certo ecclesiastico;—foi bem recebido; conversaram muito e, quando se tractava da ceia, notou que os servia uma menina muito sympathica e muito bem vestida. Perguntou ao padre se era sobrinha d'elle. Respondeu negativamente, allegando fraquesas da humanidade, pois mal imaginava elle que estava fallando com

[1] Note-se que o bispado de Viseu rendia n'aquelle tempo *oito contos de réis*, que por certo correspondiam a mais de *16 contos* da nossa moeda actual?!...

o seu futuro bispo; tomou porem nota D. Ricardo e, pouco depois da sua transferencia, mandou chamar o dicto padre a Viseu e perguntou-lhe se o conhecia.

Ficou attonito e respondeu negativamente. Lembrou-lhe então D. Ricardo que já tinha sido seu hospede;—repetiu a palestra com todos os promenores—e concluiu por dizer-lhe que seria seu amigo e protector, se quizesse pôr cobro ao escandalo.

O padre acceitou com reconhecimento e docilidade a exhortação e cumpriu. Por seu turno D. Ricardo metteu a menina em um convento de freiras,—a mãe d'ella em um recolhimento—e ao padre deu lhe *um dos melhores beneficios da diocese?!..*»

Terminaremos este succinto esboço biographico dizendo que D. Ricardo costumava presidir aos exames, tanto de concursos para beneficios, como de ordinandos, e era n'este ponto *severo e rigoroso.*

Um dia *reprovou 16 estudantes* só porque erraram successivamente a pronuncia da palavra *idolum*, fazendo breve a segunda syllaba, sendo longa.

Ainda diremos que no seu pontificado se estabeleceram em Viseu os congregados do Oratorio.

Veja-se o topico relativo aos *Conventos.*

Veja-se tambem o *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º livro XI, cap. VI e VII, desde fl. 99, v. até fl. 111, onde se encontram largas e muito curiosas noticias d'este prelado [1].

71.º—*D. Jeronymo Soares*, 1694-1720.

Era natural de Lisboa e filho de João Alvares Soares da Veiga Avelar Taveira (provedor da alfandega d'aquella cidade) e de D. Maria Soares de Mello, pessoas muito illustres.

Nasceu em 1635;—formou-se em canones na Universidade de Coimbra e, vagando ali no tribunal da inquisição um logar de deputado que tinha annexa uma conesia doutoral da Sé de Viseu, foi n'elle provido, tomando posse em 1664 e o exerceu até 1669, data em que foi transferido tambem como deputado para a inquisição de Lisboa. D'ali passou em 1671 para Evora, como inquisidor;—em 1675 foi nomeado membro do conselho geral da inquisição de Lisboa—e no dicto anno foi como procurador da mesma enviado a Roma, onde se demorou 6 annos e trabalhou muito com o nosso embaixador extraordinario D. Fr. Luiz da Silva, bispo de Lamego, para annullarem, como annularam, os titanicos esforços dos judeus contra a inquisição.

Em 1690 foi feito bispo d'Elvas;—em novembro de 1694 foi transferido para Viseu; tomou posse por procuração em 13 do dicto mez e anno—e no dia 6 de julho de 1695 fez a sua entrada solemne em Viseu.

—

Era tão caritativo que vendo a Misericordia sobrecarregada de doentes e com tão poucas rendas que a despesa com as dietas corria por conta da mesa, tomou logo a seu cargo no mesmo anno de 1695 a sustentação dos doentes e os sustentou durante todo o seu pontificado. Deu alem d'isso á santa casa muitos dotes para donzellas e em 1705 *dois contos de réis* em dinheiro, como diz o Padre Sousa.

Convocou synodo a 8 de junho de 1699 (na 1.ª oitava do Espirito Santo) no qual reuniu 350 pessoas entre ecclesiasticos e leigos distinctos, e reformou e accrescentou as *Constituições* da diocese, depois de a ter visitado pessoalmente.

Reformou tambem os estatutos de muitas irmandades e confrarias e em 1703 os da corporação dos 12 padres coreiros, pois ainda se regulavam pelos antiquissimos estatutos dados pelo prior S. Theotonio!...

Fez obras em muitos conventos do bispado e o seu maior prazer era dar esmolas, pelo que nunca saia de casa sem levar pendente da mão esquerda uma grande bolsa com dinheiro que ia constantemente distribuindo.

E soccorria não só os leigos, mas tambem os ecclesiasticos pobres, vestindo-os, valendo-lhes com dinheiro em circumstancias cri-

---

[1] Em 13 de janeiro de 1691 convocou synodo e n'elle addiccionou ás *Constit. do Bisp.* os 4 topicos seguintes:—1.º *Eternidade da alma;*—2.º *Eternidade do Paraiso;*—3.º *Eternidade do corpo;*—4.º *Eternidade do Inferno.*

ticas, dando-lhes esmolas para as suas egrejas, etc.

Alem d'isso sustentava não com luxo, mas com abundancia, a sua numerosa familia.

Costumava dizer:—*O meu dinheiro é como açafrão, pois a tudo tinge!*

Note-se porem que este prelado tinha boa fortuna propria e que o bispado então rendia *quarenta e cinco mil crusados* [1] ou réis 18:000$000, que certamente equivaliam a mais de 30:000$000 réis da nossa moeda actual?!...

Era tão modesto e tão accessivel que, mesmo na rua, costumava entreter-se a conversar com os pobres, e não gostava que repicassem os sinos, quando sahia de casa.

—

Achando-se elle no paço episcopal da cidade em quarta feira de cinza, 5 de março de 1710, pesou sobre Viseu uma medonha trovoada, sendo *a chuva a cantaros, a pedra a montes e os trovões continuos,* e por essa occasião cahiu um raio na torre dos sinos, contigua ao paço [2]. Rompeu a abobada da mesma torre, lançando pedras a grande distancia;—furou largas e grossas paredes;—arruinou fortissimas abobadas e soalhos;—desbaratou as varandas do *Collegio* e do cabido—e arrancou varias columnas e telhados, etc.

Ficou o santo prelado attonito, porque a grande descarga electrica rebentou junto do seu quarto. Apenas declinou a tempestade, foi á janella e, vendo os destroços, ergueu as mãos ao ceu por não ter ficado sepultado n'ellas com os seus familiares! Tractou logo de fazer amparar as grandes ruinas (o edificio do *Collegio* foi o que mais soffreu) e em seguida tudo restaurou, dispendendo grandes sommas.

A Sé está muito exposta a faiscas electricas, porque demora em uma eminencia, no ponto culminante da cidade, e bom fôra que a protegessem com *pára-raios*, como tem o *Hospital Novo.*

—

Em agosto do mesmo anno de 1710, foi Viseu alvoroçada com um acontecimento de ordem muito diversa, mas não menos extraordinario:

A 6 do dicto mez,—dia da *Transfiguração do Senhor,*—chegaram a Viseu 28 religiosas clarissas do convento de *S. Luiz* de Pinhel, com algumas criadas, [1], pois, em virtude de certas questões que tiveram com o seu provincial, resolveram abandonar o convento (?!...) e irem pessoalmente queixar-se ao bispo de Viseu, então bispo de Pinhel tambem [2], tentando desligarem-se da obediencia áquelle e ficarem sujeitas ao bispo diocesano, como em tempo determinara Innocencio VIII.

Acercou se logo da estranha comitiva a cidade toda com espanto. As freiras pararam na rua dos Cavallos, junto dos muros da quinta de Fontello;—apearam-se dos carros (?) em que fizeram a jornada e, muito afflictas com o ardentissimo sol d'agosto e muito moidas com os tombos e solavancos das carroças durante as 14 leguas de pessimo caminho de Pinhel a Viseu, levantaram uma cruz que traziam e, pondo-se em fórma de côro, ali mesmo resaram as horas cano-

---

[1] É isto o que se lê em uma nota ao *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, cap. 9.º fl. 117, v.

[2] Na mesma Sé cahira tambem um raio em 1609 e outro em 1635. Este, de que agora fazemos menção, foi até áquella data o 3.º

[1] V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 84, col. 2.ª e segg., onde se encontra uma larga descripção d'aquelle convento, escripta por nós, bem como *todo aquelle extenso artigo*, que em 1876 offerecemos ao nosso benemerito antecessor, mal imaginando que este diccionario estivesse hoje a nosso cargo! Tambem posteriormente lhe offerecemos o artigo *Poiares*, freguezia do concelho da Regoa,—e anteriormente os artigos *Miragaya* e *S. Nicolau*, freguezia do Porto, alem d'outros.

Bom tempo era aquelle em que nós passeavamos e escreviamos por distracção, emquanto que desde 1884 gememos sobre a nossa banca de estudo, fazendo constantemente serão até ás 2 e por vezes 3 horas e mais depois da meia noite?!...

[2] Veja-se no artigo citado a fundação do bispado de Pinhel, hoje extincto.

nicas. Depois cobriram os rostos com os veus e, formando duas alas, caminharam directamente para a Sé, seguidas por uma multidão immensa de povo.

—

Apenas chegaram ao adro da Sé, o bispo mandou fechar as portas do seu palacio e ordenou aos seus ministros lhes fizessem saber que não as acceitava por subditas; — o dr. provisor João Ayres muito severamente lhes estranhou o arrojo e temeridade; mas ellas, sem se importarem com advertencias, insistiram no seu proposito, dizendo que não queriam outro superior alem do prelado de Viseu e, vendo as portas da Sé ainda abertas, por haver acabado o côro momentos antes, entraram e fizeram oração.

Mandou logo o bispo fechar as portas da Sé e levar as chaves para o seu quarto; — depois mandou-lhes ali um abundante jantar, servido pelos seus criados graves, com assistencia dos seus capellães, que no fim do jantar, por ordem do mesmo bispo, se retiraram, tornando a fechar as portas da Sé e levando as chaves, pelo que não houve côro na tarde d'esse dia.

—

Convocou immediatamente o prelado todos os seus ministros e officiaes de justiça; —expoz-lhes o caso—e deu ordem para que ao pôr do sol fossem conduzidas ao convento benedictino da cidade, tendo prevenido aquellas religiosas para que recebessem as profugas de Pinhel e as tractassem com caridade, accommodando-as como podessem e certificando-lhes que satisfaria *todas as despezas*,—o que tudo pontualmente se cumpriu.

Tambem concedeu ás religiosas de Pinhel o côro baixo para resarem o officio divino ao tempo em que as benedictinas resassem no côro alto.

Não cessavam as profugas de instar, pedir, rogar e supplicar, mas não mudou de resolução e obrigou-as a voltarem para o seu convento de S. Luiz de Pinhel, para o que mandou vir de Lamego e de Coimbra 17 liteiras, por não haver ao tempo em Viseu liteira alguma d'aluguel, e em outubro do mesmo anno,—bem contra vontade—seguiram nas 17 liteiras para Pinhel, acompanhadas pelos ministros ecclesiasticos e seculares de Viseu e por outras muitas pessoas nobres da mesma cidade, em attenção ás dictas religiosas e ao prelado, que fez todas as despezas da conducção e outras muitas em Roma para sanar a tempestade, como diz o Padre Sousa.

—

A retirada das freirinhas do seu convento e a viagem até Viseu devia ser triste e penosa, por ser feita em agosto,—*no rigor do verão*,—*e em carros de lavoura, tirados por bois*, que, para vencerem as taes 14 legoas de barrancos por certo não gastaram menos de 5 dias. Em compensação regressaram por tempo muito mais benigno,—*em outubro*,—*e com o apparato de princesas*, pois n'aquelle tempo e por aquelles sitios o melhor e mais luxuoso transporte eram as liteiras e talvez que nunca entrassem tantas a um tempo em Pinhel! Só as das freirinhas eram 17—e muito provavelmente em liteiras foram tambem alguns dos ministros e fidalgos que as acompanhavam, indo outros em sella. E deviam acompanhar a comitiva muitas bagageiras com roupas e mantimento, pois desde Viseu até Pinhel ainda *nem hoje* se encontrariam commodos para tanta gente e tantas cavalgaduras durante 3 dias, que menos não gastaram por certo com a viagem.

Devia ser uma cavalgata brilhantissima, imponentissima e *estrondosissima*, porque os machos das liteiras iam sempre carregados de campainhas, para não se espantarem. Imagine-se pois o barulho que fariam 34 valentes machos, sacudindo a um tempo pelo menos 34 duzias de campainhas, — total 408?!...

No artigo *Villa Real de Traz-os-Montes* (vol. XI, pag. 989, col. 1.ª e segg.) mencionámos um *episodio monastico* interessante, mas este é talvez mais interessante ainda— e mais interessante seria se podessemos entrar em pormenores.

—

Em 1713 um incendio consumiu parte do paço episcopal da Sé. Teve principio na cosinha e rapidamente se alastrou pelo edificio até o quarto do prelado, que era conti-

guo á cisterna. A custo o salvaram por meio d'uma escada que encostaram á janella, e teve de acolher-se ao paço de Fontello. Contava o santo bispo então já 78 annos, mas ainda mandou reconstruir tudo o que o incendio destruira.

Durante muito tempo deu 200$000 réis por anno para as obras do convento dos Congregados, hoje *Seminário*.

Expirou na quinta de Fontello no dia 18[1] de janeiro de 1720, tendo recebido com a maior compuncção o sagrado Viatico que foi da Sé com grande pompa, levado pelo deão acompanhado pelos conegos, todos paramentados com as suas capas mais ricas.

Falleceu ja decrepito, contando 85 annos de idade e 30 de pontificado nas duas dioceses, deixando uma memoria veneranda.

Jaz na capella-mór da Sé de Viseu.

Quem pretender mais amplas noticias d'este santo prelado veja o *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, desde fl. 112 até fl. 128, v.

Seculo XVIII

Vacancia de 20 annos

Por morte do insigne prelado D. Jeronymo Soares seguiu-se uma longa vacancia de 20 annos, proveniente das graves desintelligencias entre a nossa côrte e a de Roma.

Parece que, tendo o papa Clemente XI pedido em 1717 auxilio contra os turcos ao nosso rei D. João V, enviando-lhe este promptamente uma armada, depois o nosso rei lhe pedira o barrete de cardeal para mr. Bichi e o papa lh'o recusou.

Por esta e outras rasões, D. João V, magoado, interrompeu as relações com a côrte de Roma durante 15 annos, chegando a ordenar que o patriarcha de Lisboa exercesse as funcções de pontifice em Portugal e seus dominios, até que o papa Clemente XII poz termo ao scisma em 1733.

Em virtude d'aquellas desintelligencias achavam-se vagas as dioceses de Braga, Porto, Evora, Lamego, Coimbra, Elvas, Guarda, Miranda, Portalegre, Funchal e *Viseu*, pelo que D. João V tractou de as prover. Em 1739, segundo diz o Padre Sousa, nomeou bispo de Viseu *Jorge Pereira de Sande*, que se executou,[1]—e *D. Fr. Antonio de Guadalupe*, bispo do Rio de Janeiro, que não chegou a tomar posse, por fallecer em Lisboa no dia 31 d'agosto de 1740,—seis dias depois de desembarcar.[2]

Terminou esta grande vacancia com a nomeação do prelado seguinte—*D. Julio Francisco d'Oliveira*—no mesmo anno de 1740 e, durante ella, o cabido, em contravenção das disposições do concilio de Trento, governou por si directamente o bispado e fez algumas obras. Entre ellas concluiu a restauração da antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal*,—restauração que o benemerito bispo D. Jeronymo Soares principiou, como já dissemos no topico *Egrejas*.

72.º—*D. Julio Francisco d'Oliveira*, 1740–1765.

Durou nada menos de 25 annos o pontificado d'este bispo.

É muito interessante a sua biographia e pouco trabalho nos deu, porque só tivemos de *extractar* e *resumir* a esplendida biographia que se encontra, como já dissemos, no interessantissimo *Catalogo* do Padre Sousa, tomo 3.º, desde fl. 242;—ficou porem tão longa ainda, que resolvemos dal-a no supplemento, bem como a do bispo e cardeal *D. Miguel da Silva*.

V. *Viseu* no supplemento a este diccionario;—entretanto ficam as duas pobres biographias á disposição dos leitores n'esta sua humilde casa.

73.º—*D. Francisco Mendo Trigoso, 1.º*, 1770–1778.

Era filho primogenito de Francisco Mendo

---

[1] Coldt, Berardo, F. Manuel e outros dizem que falleceu no dia 28 de janeiro, mas o Padre Sousa, que muitissimo respeitamos, diz claramente que falleceu no dia 18 de janeiro de 1720.

Este prelado é o ultimo do *Catalogo* de Coldt.

[1] Veja-se a lista dos *Bispos duvidosos*.

[2] Veja-se a lista dos *Bispos eleitos* e o *Catalogo* de Sousa.

Trigoso, dos *Trigosos* de Torres Vedras, e de D. Antonia Theresa de Aragão, pessoas nobilissimas. Tal era a sua vocação para o sacerdocio, que renunciou aos direitos da primogenitura;—ordenou-se;—doutorou se em canones na Universidade de Coimbra—e, depois de servir varios empregos, el-rei D. José I o nomeou bispo de Viseu, onde fez a sua entrada solemne no dia 16 de dezembro de 1770,—anno em que o papa Clemente XIV erigiu o bispado de Pinhel—com os 3 arcyprestados de Viseu: — Pinhel, Trancoso, e Castello Mendo—e com as egrejas que pertenciam ao bispado de Lamego na região de *Cima-Côa*.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 64, col. 2.ª e segg.

Foi um prelado muito virtuoso e muito generoso—e falleceu no dia 19 de setembro de 1778.

Jaz na Sé de Viseu junto da capella mór, em uma das 3 sepulturas de bispos que ahi se acham. É a do lado do evangelho.

Em 1777,—anno em que falleceu el-rei D. José,—deu este bispo á Misericordia de Viseu 4:800$000 réis para alimento dos convalescentes.

D'este prelado foi sobrinho o celebre dr. Manuel Paes Trigoso, lente de prima em canones e vice-reitor na Universidade de Coimbra, desembargador do paço, etc.,—e d'este foi tambem sobrinho o dr. Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato, lente de direito em Coimbra, deputado ás côrtes em 1820 e 1826, ministro e conselheiro d'estado, socio e vice-presidente da Academia Real das Sciencias, vice-presidente da camara dos pares, etc.—homem muito illustrado e um dos 4 primeiros philologos e mestres da lingua portugueza no seu tempo. Os outros eram D. Francisco de S. Luiz, D. Francisco Alexandre Lobo e o dr. Agostinho de Mendonça Falcão, socio da Academia Real das Sciencias, etc. [1]

74.º—D. *José Antonio Barbosa Soares*, 1779–1782.

Era natural da freguezia de Baldreu ou *Valdreu*, concelho de Villa Verde, no Minho, e foi lente de canones na Universidade de Coimbra. Foi eleito bispo de Viseu em outubro de 1778; sagrado em 2 de maio de 1779; tomou posse por procuração em 13 do dicto mez; chegou a Viseu em 29 de junho; fez a sua entrada solemne no dia 2 de julho de 1779, e falleceu em 25 de novembro de 1782.

Jaz na Sé de Viseu, junto da sepultura do seu antecessor, do lado da Epistola, onde se vêem as suas armas com uma inscripção já difficil de ler.

Nada mais sabemos d'este prelado.

75.º—*D. Fr. José do Menino Jesus*, 1.º do nome, 1783–1791.

Era natural da *Cachoeira*, arcebispado da Bahia;—foi frade carmelita e, tendo sido eleito e confirmado bispo do Maranhão, quando se dispunha para a viagem foi transferido para a diocese de Viseu, onde fez a sua entrada solemne em 8 de dezembro de 1783.

Foi um bispo illustrado, generoso e amante d'obras d'arte.

Deu á cathedral um rico paramento branco completo—e ao cabido as mais preciosas esculpturas que tem a cidade de Viseu! São ellas:

—Uma primorosa imagem do *Senhor Crucificado*, feita de marfim e de uma só peça, exceptuando os braços, sendo maior do que as imagens de marfim, feitas de um só dente de elephante.

—Outra primorosa imagem do *Menino Jesus*, despido e encostado a uma penha, sobre uma peanha de madeira dourada, mettida em um oratorio de madeira tambem dourada e envidraçado por 3 lados.

—Outra imagem perfeitissima, representando o moço Tobias acompanhado pelo anjo na sua jornada a Ruges, na Media, para receber de Gabélo o que este devia a seu pae, que se achava cego e doente.

—

Visitou o bispado duas vezes e tinha intenção de ampliar a cathedral, mas infelizmente, estando em *Castellões*, freguezia do concelho de Tondella, ali falleceu no dia 13

---

[1] V. *Pinhanços*, tomo 7.º pag. 43, col. 1.ª *in-fine*. Era pae do nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

de janeiro de 1791, na casa da quinta da *Cruz*, que foi do distincto fidalgo Antonio Xavier Telles d'Almeida Cardoso.

Fallecendo este sem geração, posto ser casado com D. Maria da Piedade Azevedo, a dicta casa, depois d'abolidos os vinculos, passou para os sobrinhos da viuva, dos quaes é irmã e *co-herdeira* a ex.ma sr.a D. Maria da Piedade de Lemos e Azevedo, esposa do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, nosso principal cyreneu n'este artigo [1].

Fallecido o prelado em *Castellões*, ali foram o cabido incorporado e o clero todo de Viseu receber o cadaver e o conduziram para a Sé, onde jaz, ao fundo da capella mór, do lado do evangelho, na mesma sepultura em que posteriormente foi enterrado tambem o bispo Lobo no anno de 1844.

76.º—*D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo*, 2.º 1792-1819.

Era natural de Rezende, da nobre familia dos seus appellidos e ascendente da nobilissima casa das *Brolhas* e da dos *Albergarias* de Lamego.

Foi lente de direito na Universidade de Coimbra e fez a sua entrada solemne em Viseu no 1.º de novembro de 1792. «Nós o conhecemos (diz Berardo) nunca esquecido d'aquella maxima—*Bona Ecclesiae sunt patrimonia pauperum.*»

Effectivamente foi um dos prelados mais virtuosos, mais modestos e mais caritativos que até hoje tem tido Viseu!

Vivia e vestia com a maior simplicidade; —nunca enthesourou um ceitil—e dava tudo aos pobres, inclusivamente as proprias roupas.

Visitou o bispado e, para melhor administração d'elle, subdividiu os arcyprestados: —o do *Aro* em 5;—o de Mões em 2;—os de Besteiros, Pena Verde e Lafões cada um em 3,—e por provisão de 11 de julho de 1807 instituiu as 5 parochias suburbanas, annexas á cathedral, subsidiando os respectivos curas com as rendas da mitra,—*grande documento de desinteresse de que se apontarão mui raros exemplos*,—diz Berardo.

—

Em 1808, surgindo em Viseu uma revolta militar contra o general da provincia, Florencio José Correia de Mello, e contra o juiz de fóra João Bernardo de Vilhena, a pretexto de jacobinagem e de falta de pagamento, foram presos aquelles dois funccionarios pela tropa e por alguns paisanos que tomaram parte no motim e, como Viseu ficasse sem auctoridades, dirigiram-se ao paço episcopal da Sé e obrigaram o venerando prelado a encarregar-se interinamente do governo da cidade,—sacrificio enorme que elle acceitou para acalmar os desordeiros e obviar a maiores desgostos.

Durou pouco tempo tão anomalo estado de cousas, pois o governo sem demora mandou para Viseu uma alçada que, procedendo a devassa, culpou muitos miltares e cidadãos e os enviou presos para a Relação do Porto, em cujas cadeias se conservaram até que, em 29 de março de 1809, entrou Soult no Porto e as cadeias foram abertas.

Sairam tambem então os dictos presos e tomaram o rumo que bem lhes approuve, não se importando mais com elles a justiça, por causa da guerra da peninsula que se prolongou até 1814.

Tambem no pontificado d'este bispo se renovaram as velhas questiunculas entre os conegos e meios conegos de Viseu por causa das vestes.

—

Tendo os conegos obtido privilegio para poderem usar de meias e cintos vermelhos e de borlas verdes nos chapeus, *com expressa exclusão dos meios conegos*, estes demandaram-nos e venceram o pleito, como já tinham vencido outro pleito semelhante em 1635.

Vejam-se os topicos relativos á *Sé* e ao *Cabido*.

Em 1810 occuparam os inglezes todo o paço episcopal da Sé, o claustro e o edificio do *Collegio* com o hospital militar, que ali se conservou muito tempo, pelo que o prelado mudou para o paço de Fontello e ali permaneceu, bem como os seus successores.

Mandou este prelado fazer o orgão grande

---

[1] Veja-se o topico das *Quintas notaveis*—e os artigos *Pinhanços*, *Paredes da Beira* e *Villa Nova d'Ourem*.

da Sé, em substituição do antigo, que se suppõe ter sido feito pelo mesmo constructor do de Santa Cruz de Coimbra. O novo orgão da Sé de Viseu foi feito em 1814 a 1819 por Luiz Antonio dos Santos, o *engenheiro*, assim cognominado porque, tendo sido um simples carpinteiro, chegou a ser um organeiro distincto.

Não acabou o dicto orgão porque, durando ainda as obras quando falleceu este prelado, depois o seu successor, D. Francisco Alexandre Lobo, vendo que ellas estavam carissimas por serem feitas a jornal, quiz concluil-as por ajuste, mas o constructor não annuiu—e assim ficou o orgão até hoje!

O prelado D. Francisco Pereira gastou cou elle mais de *vinte mil crusados*!

Tambem lançou a primeira pedra ao novo hospital da Misericordia e deu logo para o principio das obras 1:312$000 réis.

V. *Misericordia.*

Falleceu este venerando prelado no dia 3 de fevereiro de 1819 e jaz na Sé, ao fundo da capella mór, na mesma sepultura do bispo D. Manuel de Saldanha, fallecido em 1671.

Seculo XIX

77.º—*D. Francisco Alexandre Lobo*, 3.º do nome, 1819–1844.

Nasceu em Beja no dia 14 de setembro de 1763 e foram seus paes Manuel Lobo da Silva e D. Antonia Maria Lobo.

Foi doutor em theologia e lente da mesma faculdade na Universidade de Coimbra, freire professo na ordem de Christo, socio da Academia Real das Sciencias e bispo de Viseu eleito em maio de 1819 e sagrado em 16 de julho de 1820, mas só entrou na sua diocese no dia 17 de novembro do dicto anno.

Foi tambem nomeado par do reino e ministro do reino pela infanta regente em 1826, —e o sr. D. Miguel o nomeou em 1828 conselheiro de estado e reformador geral dos estudos, logar que resignou em 1831, retirando-se para a sua diocese.

Em Coimbra morou no celebre *Collegio dos Militares*, viveiro que tantos sabios e homens illustres produziu, taes foram—Antonio Ribeiro dos Santos, D. João de Magalhães e Avellar, bispo do Porto, D. Fr. Francisco de S. Luiz, cardeal patriarcha, Antonio Pinheiro d'Azevedo, vice-reitor da Universidade, etc., etc.

D. Francisco Alexandre Lobo atravessou um dos periodos mais turbulentos da historia d'este seculo e, por haver seguido e servido o partido de D. Miguel em 1834, pouco depois da convenção d'Evora Monte, emigrou para França, onde permaneceu até 1844, data em que regressou ao paiz. Tendo reconhecido o novo governo da rainha a sr.ª D. Maria II, dispunha-se a volver á sua diocese, mas infelizmente adoeceu em Lisboa antes de partir e ali falleceu no mosteiro das religiosas Flamengas do Calvario, em 9 de setembro de 1844, contando 81 annos de idade, pois nasceu em setembro de 1763, como diz Innocencio Francisco da Silva.

Em cumprimento das suas disposições testamentarias foi o seu cadaver transportado para Viseu e depositado na egreja do Seminario;—d'ali foi levado com grande acompanhamento na tarde de 18 de dezembro para a Sé, onde lhe fizeram exequias solemnes no dia 19 do dicto mez e anno de 1844,—e em seguida foi sepultado na mesma Sé, onde jaz ao fundo da capella-mór, em sepultura sem armas. É uma das 4 que ali se vêem (a 1.ª do lado do Evangelho, contando do centro) — a mesma onde fôra sepultado o bispo *D. Fr. José do Menino Jesus.*

—

Quando partiu para o estrangeiro nomeou o seu vigario geral governador da diocese, mas o governo liberal não o reconheceu e nomeou de *motu proprio* para esta e outras dioceses governadores e vigarios capitulares, que muitos fieis não reconheceram, acceitando por seus pastores unicamente os vigarios geraes nomeados pelos bispos e a esses vigarios recorriam *clandestinamente.* Deu isto causa a um schisma e crueis perseguições, sendo muitas pessoas mettidas na cadeia, outras barbaramente espancadas e algumas inclusivamente *assassinadas*, como succedeu ao infeliz abbade de *Guardão*, concelho de Tondella, n'este bispado,—Francisco d'Azevedo, da nobre familia *Azevedos*, de Paredes da Beira, doutor em canones pela

Universidade de Coimbra. Morreu *queimado vivo* na sua casa de Casal d'Asco, em Besteiros, á qual os *regalistas* deitaram o fogo, porque aquelle infeliz abbade não quiz dar-se á prisão, ao ver a sanha dos seus perseguidores contra elle pelo *crime* de obedecer ao governador da diocese *nomeado pelo bispo* e não ao intruso, *nomeado pelo governo?!*...

—

Em 1824 este bispo, d'accordo com os congregados do Oratorio, obteve a casa que estes tinham em Viseu e para ella transferiu o seminario diocesano que estava no *Collegio*, contiguo á cathedral.

Foi um dos bispos mais illustres do seu tempo, tanto em lettras como em virtudes. Era um philologo distinctissimo, talvez superior aos grandes philologos seus contemporaneos Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato e D. Francisco de S. Luiz,—e foi tambem fecundo e distincto escriptor publico.

Póde ver-se a lista das suas obras no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, tomo 2.º, paginas 324 e 325, e nos *additamentos* do mesmo tomo, pag. 476 e 477.

«O bispo Lobo (diz Innocencio) foi no seu tempo e é ainda hoje havido na conta de homem de vasta lição, muito instruido nas sciencias proprias do seu estado, e versado em todos os ramos da philologia e litteratura amena. Infelizmente as questões politicas, em que tomou parte, mais activa talvez do que convinha a um verdadeiro successor dos apostolos, fizeram dividir a seu respeito as opiniões dos partidos, sempre exageradas e muitas vezes injustas... Porem os criticos de um e outro lado concordam geralmente em considerar o bispo de Viseu como um dos escriptores, que nos tempos modernos souberam imitar mais de perto os nossos antigos classicos no que diz respeito á propriedade da locução, pureza da linguagem, e á correcção d'estylo. O sr. Alexandre Herculano fallando da *Memoria ácerca de Fr. Luiz de Sousa*, não duvidou qualifical-a de *modêlo de consciencia litteraria, de erudição, e de estylo.* (V. o prologo aos Annaes de D. Joao III, pag. 9.)—Comtudo o sr. Lopes de Mendonça, no estudo que ha pouco publicou sobre *D. Francisco Alexandre Lobo*, no tomo II, pag. 5 a 36 dos *Annaes das Sciencias e Letras*, afastando-se algum tanto da opinião commum, tracta o prelado com mais desabrimento, e rebaixando os quilates do seu merito, julga excessivos os louvores que outros lhe teem prodigalisado.»

Respeitamos muito a opinião do sr. Lopes de Mendonça, mas tem mais peso a de Alexandre Herculano.

Na interessante *Memoria sobre a vida de D. Francisco Alexandre Lobo*, etc. por Francisco Eleutherio de Faria e Mello, 1844, (V.) se encontram muito copiosas e largas noticias com relação ao biographado, seu contemporaneo e companheiro na emigração.

78.º—*D. José Joaquim d'Azevedo e Moura*, 3.º, 1846-1856.

Era deão em Evora;—foi nomeado bispo de Viseu pela rainha D. Maria II, em 20 de setembro de 1845;—o papa Gregorio XVI o confirmou em 19 de janeiro de 1846;—foi sagrado em S. Vicente de Fóra no dia 29 do seguinte mez de março;—tomou posse por procuração no dia 19 de julho e fez a sua entrada solemne em Viseu no dia 27 do mesmo mez e anno de 1846.—Foi transferido para Braga em 27 de fevereiro de 1856;—confirmado por Pio IX em 17 de julho do mesmo anno,—e partiu de Viseu por Lamego para Braga em 4 de novembro seguinte.

Em 1875, achando-se adiantado em annos, pediu coadjuctor e, sendo-lhe dado como coadjuctor e futuro successor o arcebispo de Gôa—*D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa*, natural da villa de Cantanhede e hoje (1887) arcebispo resignatario de Braga, partiu D. José Joaquim d'Azevedo e Moura em 14 de julho de 1875 para a sua casa de Evora, onde falleceu em 27 de novembro de 1876.[1]

---

[1] Se bem nos recordamos, já antes de 1875 lhe havia sido dado por coadjutor e futuro successor D. José Maria da Silva Torres, egresso benedictino, arcebispo resignatario de Gôa, doutor em theologia e professor de philosophia moral no *Collegio das Artes*, em Coimbra; veiu porem de Gôa muito doente e falleceu pouco depois de chegar a Lisboa.

Foi um prelado *extremamente... economico* e tanto que ao partir de Viseu não deixou no paço *coisa alguma* para o seu successor.

Mandou vender *tudo*, inclusivamente uns pobres canarios, pelo que ainda hoje em Viseu é denominado *Bispo dos canarios.* [1]

79.º—*D. José Manuel de Lemos*, 4.º do nome, 1856-1858.

Foi dr. de capello, lente de theologia e vice-reitor na Universidade de Coimbra, onde governou tambem algum tempo a diocese como vigario capitular;—em 25 d'outubro de 1853 foi nomeado bispo de Bragança;—em 5 de março de 1856 foi transferido para Viseu, aonde chegou no dia 31 d'outubro e fez a sua entrada solemne em 6 de novembro do mesmo anno de 1856.

Do bispado de Viseu foi transferido para o de Coimbra em 23 d'abril de 1858;—foi confirmada a sua transferencia por Pio IX em 27 de setembro e deixou Viseu em 22 de novembro do mesmo anno de 1858. Finalmente falleceu em Coimbra ás 11 horas da noite do dia 26 de março de 1870, havendo completado 79 annos no dia 17 do dicto mez, pois nasceu na aldeia de *Ruriz*, freguezia de *S. Mamede de Troviscoso*, concelho de Monsão, districto de Vianna, arcyprestado de Valença, no dia 17 de março de 1791,—e foram seus paes Manoel José de Lemos e Maria Luisa Fernandes, como prova a certidão seguinte, extrahida de um dos *livros findos* d'aquella parochia, fl. 178.

Eil-a:

«*José Manoel*, filho legitimo de Manuel José de Lemos e de sua mulher Maria Luisa Fernandes, do logar de *Ruriz*, d'esta freguezia, de S. Mamede de Troviscoso, termo de Monsão, neto pela parte paterna de Vasco de Lemos e de sua mulher Joanna de Faria, e pela materna de João Fernandes e de sua mulher Francisca Luisa Rodrigues, todos do logar de Ruriz, d'esta freguezia de S. Mamede de Troviscoso, nasceu aos dezesete dias do mez de março do anno de mil setecentos noventa e um e foi baptisado aos dezenove dias do mesmo mez de março do dicto anno por mim o reitor Luiz Manuel Soares de Brito, e lhe puz os santos oleos. Foram padrinhos Manuel Fernandes, solteiro, do logar de *Ruriz*, e Marianna Rodrigues, do logar de Cristello, todos d'esta freguezia de S. Mamede, estando presentes por testemunhas Francisco de Passos, do logar da Igreja, e Antonio José de Lemos, do logar de *Ruriz*, todos d'esta freguezia, e para a todo o tempo constar fiz este assento no mesmo dia, mez e anno. Era ut supra. O reitor Luiz Manuel Soares de Brito,—Francisco de Passos,—Antonio José de Lemos.—E não contem mais o dicto assento e ao proprio livro me reporto. Valença 30 de março de 1812. E eu Joaquim Luiz Pinto de Sousa e Azevedo, ajudante dos livros findos, que o escrevi e assignei. Joaquim Luiz Pinto de Sousa e Azevedo.»

—

Fez o seu curso de humanidades—latim, logica e rethorica,—nas aulas dos congregados do Oratorio, de Monsão;—em 1815 foi para Evora como secretario do arcebispo D. Fr. Joaquim de Santa Clara;—vivendo ainda este prelado e achando-se na sua companhia, recebeu as ordens de presbytero em Lisboa no dia 24 de junho de 1816—e com o mesmo prelado se conservou até á sua morte, merecendo que o cabido d'Evora lhe passasse em 1818 um attestado dos seus serviços *muito honroso.*

No mesmo anno de 1818 matriculou-se em theologia na Universidade de Coimbra e na mesma faculdade se doutorou em 3 d'outubro de 1824, passando em seguida a parochiar a egreja de *Castello Viegas*, concelho e bispado de Coimbra, a qual era da apresentação da universidade,—e ali se conservou sempre estimado pelos seus parochianos até que em 1828, por ser tido como liberal, teve de retirar-se para Lisboa.

A D. José Maria da Silva Torres succedeu no arcebispado de Gôa D. João Chrysostomo e este mesmo, regressando da India, passados alguns annos, succedeu ao arcebispo de Braga D. José Joaquim d'Azevedo e Moura.

[1] Nasceu em Alfandega da Fé no dia 18 d'outubro de 1794;—foi ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça por decreto de 21 de fevereiro de 1848—e exonerado por decreto de 29 de março do anno seguinte.

Em junho de 1834 foi nomeado governador temporal e vigario capitular do bispado de Pinhel, d'onde se ausentou por falta de saude em 1835, regressando a Coimbra, onde foi logo nomeado professor proprietario da cadeira de grego do *Collegio das Artes*.

Em setembro de 1836 foi nomeado governador temporal e vigario capitular do bispado de Coimbra,—commissão que desempenhou até agosto de 1842, passando então a reger na universidade uma cadeira de theologia, na qual havia sido provido em 1840, —e em 1844 passou a lente cathedratico.

Em 1843 foi nomeado deão da Sé de Coimbra—e em 18 d'abril de 1850 vogal do conselho d'instrucção publica.

No fim de 1851 foi nomeado vice-reitor da Universidade, cargo que exerceu até 1854, sendo por essa occasião agraciado com a commenda de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, havendo já sido agraciado em 1853 com a carta de conselho, etc.

Terminaremos dizendo que foi nosso prelado na universidade desde 1851 até 1854—e que desde então até 1856, data da nossa formatura, foi prelado da universidade o nosso patricio e bom amigo, o sr. dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, que Deus haja.

80.º—*D. José Xavier da Cerveira e Sousa, 5.º*, 1859-1862.

Era natural da freguezia de *Mogofores*, concelho e comarca da Anadia, districto de Aveiro;—foi dr. de capello e lente de theologia na Universidade de Coimbra;—eleito bispo do Funchal, capital da ilha da Madeira, em 14 de junho de 1843;—transferido para o bispado de Beja por decreto de 18 de abril de 1849, d'onde foi transferido para Viseu, em 1859, chegando a esta cidade em 5 de outubro e fazendo n'ella a sua entrada solemne em 23 do dicto mez e anno de 1859.

Este prelado, querendo que o seu clero vestisse com a decencia propria do seu estado, prescreveu-lhe certa ordem de traje, mas o clero recalcitrou! Desobedeceram-lhe muitos ecclesiasticos, incluindo alguns dos seus familiares, pelo que abandonou a diocese e se recolheu á sua casa de Mogofores, onde falleceu ralado de tribulações e desgostos no dia 15 de março de 1862.

81.º—*D. Antonio Alves Martins*, 1.º do nome, 1862-1882.

Nasceu na pequena aldeia da *Granja*, freguezia, concelho e comarca d'Alijó em Traz-os-Montes, no dia 10 de fevereiro de 1808.

Foi religioso da 3.ª ordem de S. Francisco da *penitencia* ou dos *bôrras*, na qual professou a 21 de maio de 1825;—matriculou-se no 1.º anno theologico na Universidade de Coimbra em 1827-1828;—em virtude das occorrencias politicas (acclamação de D. Miguel) que ao tempo occorreram, fechou-se a Universidade em 1828-1829, pelo que o nosso biographado teve de frequentar o 2.º anno theologico em 1829 a 1830—e o 3.º em 1830 a 1831, sendo sempre estudante distincto.

Rebentando a guerra civil, fechou-se outra vez a Universidade em 1832 e elle adheriu á revolução contra D. Miguel;—abandonou o convento, fez parte d'uma guerrilha liberal—e certo dia foi com outros companheiros aprisionado com as armas na mão pelas tropas de D. Miguel e conduzido para Viseu para ser julgado pela commissão de guerra ali ao tempo installada, e que por certo o fuzilaria, como fuzilou por igual motivo outros desgraçados; mas elle por fortuna pôde seduzir o commandante da escolta; —fugiram todos para o Porto, onde já estava D. Pedro,—ali assentou praça e serviu durante o cerco.

—

Em 1834, depois da convenção d'Evora Monte, abrindo-se novamente a Universidade, voltou para Coimbra, mas, vendo que todos abandonaram a faculdade de theologia[1] matriculou-se no 1.º anno mathematico!

Em 1835 voltou para a faculdade de theologia e n'ella concluiu com muita distincção a formatura em 1837.

---

[1] Em 1828 frequentaram a faculdade de theologia 56 alumnos—e em outubro de 1834 apenas se matriculou na dicta faculdade 1 alumuo brazileiro, natural do Maranhão,—e este no 1.º anno, ficando todas as outras aulas desertas!...

Foi com estes dados que elle entrou na vida publica, atravessando as maiores perturbações politicas d'este seculo, pelo que até baixar ao tumulo não pôde eximir-se á influencia da politica. Por causa d'ella esteve prestes a ser fusilado em Viseu em 1832;—durante o cerco do Porto viu a sepultura aberta muitas vezes—e mesmo depois de ser prelado a politica o expoz a censuras e desgostos, pois até que baixou ao tumulo em 1882 tomou sempre parte na politica militante do nosso paiz,—já como escriptor publico e redactor de diversos periodicos,—já como deputado e par do reino,—já como ministro e presidente de ministros.

Se não fôra a nefasta influencia da politica ou do meio em que nasceu e viveu, seria com toda a certeza um dos nossos prelados mais distinctos e benemeritos, pois tinha um coração d'ouro e sentimentos nobilissimos;—era muito illustrado, muito energico, e dotado da maior exempção[1],—muito esmoler e muito amigo dos seus parentes, a quem protegeu e amparou como pae, educando e formando os sobrinhos, etc., pois infelizmente a sua familia era pobre—e pobre morreu o nosso biographado, tendo sido conego em Lisboa, enfermeiro mór do hospital de S. José, bispo de Viseu 20 annos, *ministro d'estado* e *presidente de ministros*, —*cargos em que outros teem feito boas fortunas!...*

---

[1] Nunca acceitou nem collou parocho algum nomeado pelo governo contra as suas indicações—e em junho de 1867, indo com 485 bispos a Roma assistir ás grandes festas do XVIII centenario dos apostolos S. Pedro e S. Paulo e á canonisação de varios santos, a convite do papa Pio IX, todos os prelados dirigiram a S. Santidade uma mensagem, protestando pela necessidade do poder temporal do papa e todos a assignaram —menos o bispo de Viseu *D. Antonio Alves Martins*, a despeito das instancias dos seus collegas,—sendo um dos mais pobres entre os 485 bispos que ao tempo ali se achavam reunidos?! ..

Se fosse mais ambicioso e aspirasse como outros a mitras mais rendosas, promptamente subscreveria.

Praticou outros muitos factos que revelam igualmente a sua *rara* exempção.

E note-se que viveu sempre com a maior singelesa, sem fausto nem apparato algum.

Dava tudo aos pobres e aos seus parentes —que pobres eram tambem. E não se imagine que deixou os parentes ricos. Nós já estivemes em *Alijó* e na *Granja* e lá vimos a sua modesta casa e o seu modesto mauzoleu no cemiterio publico da villa, ouvindo a todos fallar com profundo respeito da memoria do finado, tecendo-lhe os maiores elogios. Tambem por acaso em 1882 assistimos ás suas exequias em Viseu e notámos sincera dôr em gregos e troianos,—amigos e adversarios politicos do venerando prelado.

—

Correm impressas muitas biographias de s. ex.ª e por isso nos limitaremos a indicar alguns topicos:

Concluida a sua formatura, foi professor de historia e geographia no lyceu nacional do Porto,—deputado em varias legislaturas, —conego na patriarchal,—enfermeiro mór do hospital de S. José,—collaborador e redactor de differentes jornaes politicos e litterarios do Porto e de Lisboa, nomeadamente da *Esperança*, do *Nacional* e do *Primeiro de Janeiro*, que ainda hoje (1887) se publica no Porto.

Foi tambem distincto orador sagrado e tribunicio. D'elle correm impressos alguns sermões e na camara dos deputados pronunciou um magnifico discurso em favor das *Irmãs da Caridade*, quando Lisboa inteira e todos os outros deputados lhes fizeram crua guerra.

Foi nomeado bispo de Viseu em julho de 1862 e confirmado por Pio IX em 25 de setembro do mesmo anno;—tomou posse por procuração em 7 de novembro seguinte;—chegou a Viseu em 25 de janeiro de 1863, poisando no paço de Fontello;—fez a sua entrada solemne em 29 do mesmo mez;—falleceu no dicto paço de Fontello ás 8 horas da manhã de 5 de fevereiro de 1882—e a 18 de março do mesmo anno os seus restos mortaes foram trasladados para o cemiterio publico da villa d'Alijó, onde repousam em um modesto mauzoleu.

—

Foi tambem ministro e presidente de mi-

nistros, como já dissemos, e com tanta abnegação, tanta dignidade, tanto desinteresse e tanto patriotismo que, longe de querer locupletar-se e aos seus parentes, dando-lhes collocações e commissões rendosas, como teem feito outros ministros, não collocou um só, e vendo as finanças publicas em mau estado, principiou por fazer uma importante deducção nos vencimentos de todos os funccionarios, sem exceptuar os *bispos* e o *clero*, pelo que elle tambem ficou soffrendo a dedução como *bispo* e como *ministro de estado*, —e ficou *muito satisfeito*, mas todos os outros funccionarios, incluindo os seus amigos politicos, ficaram descontentes e no primeiro ensejo se desfizeram d'elle.

Eram todos *muito patriotas*, mas como os do baixo imperio, que deram curso á bem conhecida phrase:

Bem, rem, quomodocumque rem!...

No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio pode ver-se a lista das suas obras.

82.º—*D. José Dias Correia de Carvalho*, 6.º do nome, 1883-....

É o bispo actual.

Nasceu na villa de Canellas, hoje simples aldeia da freguezia de Poiares, concelho e comarca da Regoa, districto de Villa Real, em 19 de dezembro de 1830 e foram seus paes—Antonio Dias de Carvalho e D. Maria Engracia Correia de Carvalho.

Principiou no Porto os seus estudos com destino á vida ecclesiastica e tomou a ordem de presbytero em 1851;—cursou depois a Universidade de Coimbra e completou a sua formatura na faculdade de theologia em 22 de junho de 1860 e na de direito em 23 de junho de 1862, obtendo algumas distincções academicas alem de boas informações em costumes e litteratura.

Em seguida foi para o bispado de Beja, onde exerceu a advocacia e regeu uma cadeira de sciencias ecclesiasticas no seminario até junho de 1871, sendo tambem ali promotor e vigario pro-capitular da diocese.

—

Em 13 de março de 1871 foi nomeado bispo de Cabo Verde,—confirmado em 6 de julho—e sagrado em 3 de setembro em Lisboa, na egreja de Santa Justa.

Partiu para Cabo Verde em 5 de janeiro de 1872 e ali se conservou sem voltar ao reino cerca de oito annos, durante os quaes prestou relevantes serviços áquella diocese. Poz termo ás dissidencias que havia entre os conegos;—melhorou os estudos, a disciplina e as condições economicas do seminario—e visitou todas as 9 ilhas habitadas do archipelago:—Fogo, Brava, Maia, S. Thiago, Santo Antão, Sal, Boa Vista, S. Nicolau e S. Vicente.

Foi o 1.º prelado de Cabo Verde que visitou *todas as egrejas do archipelago*, luctando com muitos discommodos e muitas difficuldades por mar e por terra, mas fez florescer em todo o bispado o culto religioso, a moral publica e a disciplina ecclesiastica.

A dureza do clima e o seu improbo trabalho apostolico arruinaram-lhe a saude, pelo que teve de vir tractar-se ao continente, sem descurar a administração do seu rebanho.

—

Vagando por essa occasião differentes dioceses do continente, foi indicado para a de Portalegre e depois para a de Lisboa, mas por ultimo foi transferido para a de Viseu, sendo nomeado em 26 d'abril de 1883 e confirmado em 9 d'agosto do mesmo anno. Tomou posse por procuração em 18 de setembro e fez a sua entrada solemne em Viseu no dia 24 d'outubro do dicto anno, sendo muito bem recebido pelo clero, nobresa e povo e tem correspondido até hoje á fama que o precedéra.

As qualidades da sua alma realçam os dotes do seu espirito sempre recto, benevolo e justiceiro.

Se a sua benevolencia penhora e attrahe os que com elle privam, a sua caridade, a sua tolerancia e o seu animo bondoso consolam e suavisam os que a elle recorrem.

Eis em aqui breves traços o que é o ex.mo sr. *D. José Dias Correia de Carvalho*, bispo actual de Viseu, mas póde ver-se a sua biographia mais detalhada e alindada no jornal litterario *O Occidente* e na *Galeria Contemporanea*,—e note-se que ainda não tivemos a honra de ver nem de conhecer pessoalmente a s. ex.ª

—

Trouxe de Cabo Verde a saude muito arruinada e, como os facultativos lhe aconselhassem ares e banhos de mar, comprou na villa de Buarcos, junto da cidade da Figueira, uma casa, onde costuma passar com a sua familia alguns mezes.

A dicta casa foi dos *Mathias de Carvalho*, de Cantanhede, e demora junto da egreja da Misericordia de Buarcos. Era muito antiga e estava em ruinas, mas s. ex.ª restaurou-a e tornou-a habitavel e mesmo confortavel. Não tem bellesas architectonicas, mas em compensação tem vistas esplendidas sobre a villa e bahia de Buarcos e sobre o atlantico desde o *Cabo do Mondego* a N.—até á Figueira, Lavos, Paião, Peniche e Berlengas, distantes cerca de 90 kilometros a S.

V. *Buarcos*, *Figueira* e *Peniche* n'este diccionario e no supplemento.

—

A isto se reduz o que nos foi possivel apurar com relação aos bispos de Viseu. O assumpto é vastissimo e *nebulosissimo*! Podem apontar-nos muitos lapsos, mas, se *os proprios censores* tentarem empresa semelhante,—tropeçarão igualmente e—*rira bien qui rira le dernier*?!...

Prosigamos.

Ainda a cidade

Viação

Partem de Viseu as seguintes estradas a macadam:

1.ª—*Real* de Viseu a S. Pedro do Sul, Vouzella e Estarreja, onde entronca na linha ferrea do Norte.

É servida por diligencia diaria, que parte de Viseu ás 3 1/2 horas da tarde e chega ás 9 da manhã.

2.ª—*Real* de Viseu a Lamego por S. Pedro do Sul, sendo até ali commum á primeira.

É servida por diligencia diaria (correio) que parte de Viseu ás 3 horas da tarde e chega ás 9 1/2 da manhã.

3.ª—*Real* de Viseu á estação da Mealhada, na linha ferrea do Norte, por Tondella e Santa Comba-Dão.

Teve diligencia diaria que cessou, depois que se abriu ao transito a linha ferrea da Beira Alta.

4.ª—*Real* de Viseu a Celorico da Beira, por Mangualde.

Tem duas diligencias diarias até Mangualde;—partem ambas ás 6 1/2 da manhã e chegam ás 5 da tarde, sendo uma d'ellas correio.

5.ª—*Districtal* de Viseu a Ceia pela villa e estação de Nellas, onde corta a linha da Beira Alta.

Tem duas diligencias diarias até á estação de Nellas:—uma parte de Viseu ás 4 horas e a outra (correio) ás 11 1/2 da manhã;—e chegam a Viseu uma d'ellas á 1 hora da tarde,—a outra á 1 da manhã.

6.ª—*Districtal* de Viseu ao Pinhão por Moimenta da Beira, Taboaço e foz do Tavora.

7.ª—*Municipal* de Viseu ao valle de Besteiros.

Estas ultimas duas estradas ainda não estão concluidas.

Quando fallarmos do *Districto de Viseu*, indicaremos a viação d'elle *todo*.

Grandes proprietarios

Os 6 maiores proprietarios da cidade de Viseu na actualidade são os seguintes:

1.º—Conde de Prime.

2.º—Heitor de Lemos e irmãos.

3.º—Viscondessa de S. Caetano—D. Eugenia Mendes Viseu.

4.º—Visconde do Serrado.

5.º—Francisco Antonio da Silva Mendes.

6.º—Viuva e filhos de Bento de Queiroz Pinto d'Athaide.

Os 6 maiores proprietarios do concelho de Viseu, na actualidade tambem, são os seguintes:

1.º—Dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, residente na sua quinta de S. Salvador.

2.º—Francisco Antonio da Silva Mendes

3.º—Conde de Prime.

4.º—Bernardo d'Andrade e seu irmão Camillo d'Andrade.

5.º—Heitor de Lemos.

6.º—José Maria Bandeira Monteiro Subagua, de Oliveira do Barreiro.

Com a extincção dos vinculos e com a má administração extinguiram-se ainda *muito recentemente* em Viseu algumas das suas casas mais nobres e mais ricas! Não as indicamos, para não aggravarmos a dolorosa situação dos seus actuaes representantes.

Movimento jornalistico

Publicam-se actualmente em Viseu os 6 jornaes seguintes:

Para não melindrarmos nenhum, vamos mencional-os pela ordem chronologica.

1.º—*Viriato.*

Fundação—3 d'abril de 1855.

É bi-semanal e publica-se nas terças e sextas feiras.

2.º—*Jornal de Viseu.*

Fundação—agosto de 1864.

É tri-semanal e publica-se nos domingos, quarta e sextas feiras.

3.º—*Liberdade.*

Fundação—13 de fevereiro de 1871.

É semanal e publica-se nas sextas feiras.

4.º—*Districto de Viseu.*

Fundação—2 de novembro de 1879.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quartas feiras.

5.º—*Independente.*

Fundação—15 d'outubro de 1883.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quintas feiras.

6.º—*Commercio de Viseu.*

Fundação—3 de julho de 1886.

É bi-semanal e publica-se nos domingos e quintas feiras.

Do exposto se vê que Viseu tem muita vida, muitas pessoas illustradas e muitos escriptores publicos.

Talvez que em Braga ou em Coimbra se não publique actualmente maior numero de jornaes.

Tambem aqui recentemente se publicou e não sabemos se ainda hoje se publica o *Album Visiense*, folio mensal com 8 paginas de texto e 4 com primorosas lytographias, representando monumentos e pessoas notaveis de Viseu.

Era uma publicação esplendida como nunca se viu em Portugal—fóra de Lisboa e do Porto!...

Foi seu director litterario o sr. Cesar Augusto d'Almeida—e seu director artistico o sr. José d'Almeida Silva—e ambos se cobriram de louros, pois tanto os desenhos como o texto e a parte lytographica disputavam primasias.

Temos completo o 1.º anno com uma bella portada e indice lytographados, desde fevereiro de 1884 até abril de 1885, pois por falta de papel proprio que a empresa mandou *expressamente* fabricar, o *Album* interrompeu a publicação nos mezes de maio, junho e julho.

Do 2.º anno temos apenas o 1.º numero publicado em janeiro de 1886. Dá elle em pagina inteira um bello retrato do rev. conego *José d'Almeida Martins*—e nas outras 2 paginas de desenhos o *Novo Hospital da Misericordia*, do qual adiante fallaremos,—e uma das *Cavalhadas de S. João*, já descriptas n'este artigo, quando fallámos das *annexas*.

V. o topico *S. Salvador*.

—

Os 12 numeros do 1.º anno, alem de varios artigos litterarios em prosa e verso, comprehendem os retratos e biographias seguintes:

—Antonio d'Almeida Duque.

—D. Antonio Alves Martins.

—Antonio Casimiro de Figueiredo.

—Padre Antonio Duarte Moura.

—Dr. Antonio Luiz Dourado.

—Dr. Antonio Nunes de Carvalho.

—Dr. Duarte d'Almeida Loureiro e Vasconcellos.

—Dr. Eduardo Correia d'Oliveira.
—Gonçalo Pires Bandeira da Gama.
—João Gomes dos Santos.
—João da Silva Mendes.
—José Ribeiro de Carvalho e Silva.
—Dr. José Simões Dias.
—Dr. Manuel Antonio Barroso e
—Thomaz Ribeiro.

Nos mesmos 12 numeros do dicto *Album* se encontram os desenhos seguintes:

—*Aguieira*

—*Baixo relevo da Sé.* V. *Capella da Cruz*

—*Casa onde nasceu D. Duarte.*

—*Cava de Viriato.*

—*Claustros actuaes da Sé.* [1]

—*Convento de S. Francisco d'Orgens.*

V. *Orgens* no topico *Annexas.*

—Um *croquis* de fantasia com o titulo *Folar*, como *reclame* á confeitaria *Santa Rita*, que é sem contestação a primeira de Viseu e demora na rua Direita, junto ao *Arco das Freiras.*

—*Egreja da ordem 3.ª do Carmo.*

—*Egreja da ordem 3.ª de S. Francisco.*

V. o topico *Egrejas* supra—e adeante *Ordens terceiras.*

—*Estrada de Silgueiros.*

Representa o formoso lanço das *Pedras Alçadas*, a pequena distancia de Viseu, na estrada real a macadam n.º 8, de Viseu á Mealhada por Tondella.

—*Paço episcopal de Fontello.*

É o edificio actual.

—*Antigo portão de entrada para o atrio do dicto paço.* [2]

—*Portico de entrada* para a grande avenida do mesmo paço.

É a mesma porta mandada fazer pelo bispo *D. Gonçalo Pinheiro* em 1565 e que em agosto de 1876 foi removida, recuando 9m,5 para dentro da grande avenida, como já dissemos.

V. no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. Gonçalo Pinheiro.*

—*Egreja da Misericordia* e suas dependencias.

D'ella já fallamos e volveremos a fallar adiante.

—*Orgão modêlo.*

Descreve um orgão de sala, invenção do rev. Antonio Duarte Moura, de quem fallaremos no topico *Visienses illustres.*

—*Pelicano da Sé de Viseu.*

Representa uma ave de bronze antiquissima e primorosamente cinzelada, que esteve durante seculos na grimpa da *torre do relogio* e que está hoje servindo de estante na capella mór da Sé.

V. *Pelicano, infra.*

—*Praça de Camões.*

—*Praça 2 de Maio.*

V. o topico supra—*Largos, Praças* e *ruas.*

—*Seminario.*

Representa o *Seminario actual*, que foi o convento dos *Nerys.*

D'elle fallaremos adiante.

—*Via Sacra.*

Representa em uma formosa paisagem a pequena egreja de S. Francisco *extra-muros*, de que já fizemos menção.

V. *Via Sacra.*

A todos quantos presam as boas lettras e as bellas artes recommendamos o *Album Visiense.*

Póde servir de modêlo ás publicações d'esta ordem.

Prosigamos.

Clubs e casas d'instrucção e recreio

—Gremio de Viseu.
—Monte-pio filantropico dos artistas.
—Club instrucção e recreio.
—Associação dos Bombeiros voluntarios.

Collegios particulares

Senhor da Boa Fortuna.

Demora no bairro da *Ribeira* e é muito dignamente dirigido pelo sr. Antonio Lopes

---

[1] Estão bem desenhados e bem descriptos, mas o *Album* diz que foram feitos em 1340. Foi lapso, pois, como já dissemos, são muito posteriores e foram mandados fazer por *D. Miguel da Silva* no sec. XVI.

V. o topico supra, relativo á *Cathedral.*

[2] Este portão já não existe. Era ogival e foi demolido ha annos, bem como a parede, especie de torre, em que se abria.

d'Almeida, que tambem é professor do mesmo collegio.

Aulas officiaes de instrucção primaria

Tem a cidade 4,—duas para o sexo masculino,—duas para o sexo feminino—e um curso nocturno, que é *unico* em todo o districto, sustentado pela camara municipal e pelo benemerito cidadão *José Ribeiro de Carvalho*, residente no imperio do Brazil.

É Viseu tambem a séde da 6.ª circumscripção escolar d'instrucção primaria, que comprehende todo o districto e está dividida em 4 circulos escolares:

—O 1.º tem a sua séde em Viseu e comprehende os concelhos de Mangualde, Oliveira de Frades, Penalva do Castello, S. Pedro do Sul, Viseu e Vouzella.

—O 2.º tem a séde em Lamego e comprehende os concelhos de Armamar, Castro d'Ayre, Lamego, Mondim da Beira, Resende, Sinfães e Tarouca.

—O 3.º tem a séde na villa de S. João da Pesqueira e comprehende os concelhos de Fraguas, Moimenta da Beira, Penedono, Pesqueira, Sattam, Sernancelhe e Taboaço.

—O 4.º tem a séde em Tondella e comprehende os concelhos de Carregal do Sal, Mortagua, Nellas, Santa Comba Dão, S. João d'Areias e Tondella.

É muito digno inspector do 1.º circulo e de toda a circumscripção o sr. dr. Joaquim José d'Andrade e Silva.

É sub-inspector do 2.º circulo Bento José da Costa;—do 3.º circulo Antonio de Sousa Guerra;—do 4.º circulo Antonio Albino de Carvalho Mourão.

Escolas publicas de toda a circumscripção em agosto do corrente anno de 1887:

Elementares (sexo masculino)	272
« (» feminino)	115
Elementares complementares (sexo masculino)	15
Dictas do sexo feminino	7
Escolas mixtas	10
Total das escolas	419

Escolas particulares de toda a circumscripção:

Sexo masculino	28
» feminino	19
Total das particulares	47
Total geral	466

Alumnos recenseados no ultimo anno em toda a circumscripção:

Sexo masculino	19:318
» feminino	9:919
Total	29:237

Alumnos matriculados *nas escolas publicas*:

Sexo masculino	13:516
» feminino	5.293
Total	18:809

Nas escolas particulares:

Sexo masculino	977
» feminino	484
Total	1:461

Total geral dos alumnos matriculados nas escolas publicas e particulares de toda a 6.ª circumscripção ou de todo o districto de Viseu	20:270
Alumnos d'ambos os sexos que fizeram exame no corrente anno de 1887	453
Ficaram approvados	377
Adiados	76

O numero dos propostos para exame foi maior, mas alguns faltaram á chamada e não fizeram exame.

—

Com as ultimas reformas a instrucção primaria tem progredido e melhorado consideravelmente.

O ensino obrigatorio foi decretado, mas não está em execução, porque este depende de muitas entidades, a maior parte das quaes

descura os seus deveres; ainda assim a 6.ª circumscripção é uma das que tem progredido mais n'esta parte, como provam os algarismos supra e o grande numero d'escolas recentemente creadas por iniciativa do seu benemerito inspector.

Instrucção secundaria

Lyceu

Tem esta cidade um lyceu de 1.ª classe. O seu movimento no anno de 1886 a 1887 foi o seguinte:

Disciplinas	Alumnos matriculados
Portuguez—1.º anno.....	29
» 2.º »	24
Francez—1.º anno.....	29
» 2.º »	23
Mathematica—1.º anno.....	32
» 2.º »	27
» 3.º »	20
» 4.º »	1
» 5.º »	15
Latim—3.º anno.....	20
» 4.º »	15
» 5.º »	1
Inglez—5.º anno.....	16
Philosophia—6.º anno.....	9
Introducção—3.º anno.. ...	22
» 4.º »	13
» 5.º »	17
Historia—3.º anno.....	17
» 4.º »	10
Litteratura—5.º anno.....	16
» 6.º »	1
	357
Total das disciplinas.....	9
» das matriculas[1].....	357

Tambem ha na cidade differentes professores particulares que leccionam as disciplinas do lyceu;—o *Club Instrucção e Recreio* tem para os seus socios aulas de portuguez e francez—e o *Collegio do Senhor da Boa Fortuna* e o *Seminario episcopal* tambem leccionam muitas das disciplinas do lyceu.

Instrucção superior
e
Seminario

Em virtude das disposições do concilio de Trento, que em 1563 ordenou a creação dos seminarios em todas as dioceses, D. Nuno de Noronha, sendo feito bispo de Viseu em 1586 e não encontrando ainda aqui seminario, tractou logo de o crear no seu proprio palacio (o *Paço dos 3 escalões*, ou da *Sé*) e lhe deu estatutos em 1587.

Ali funccionou o seminario 6 annos, mas, conhecendo o mesmo prelado a instante necessidade de um edificio proprio e sufficientemente espaçoso para tal estabelecimento, resolveu construil-o, prolongando para N. O, o seu palacio da Sé. Inaugurou solemnemente as obras, benzendo e lançando-lhes a primeira pedra, no domingo do Espirito Santo, 6 de junho de 1593, e deu-lhes grande desenvolvimento, mas não as concluiu por ser em 1594 transferido para a diocese da Guarda, pelo que D. Fr. Antonio de Sousa, seu successor as continuou. Tambem este prelado não pôde concluil-as e n'ellas despenderam grandes sommas alguns dos seus successores, nomeadamente D. João de Bragança e D. João Manuel, mas ainda no tempo do dr. Manuel Botelho Ribeiro (1630 a 1636) ainda não estavam *de todo* concluidas, como elle proprio diz nos seus *Dialogos*, fallando do bispo *D. Nuno de Noronha*.

Veja-se tambem o que dissemos d'estes 3 prelados supra, no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

—

Funccionou pois o seminario de Viseu—primeiramente no *Paço Episcopal da Sé*;—depois no edificio denominado *Collegio*, contiguo ao dicto paço;—em virtude do incendio que no dia 14 de julho de 1716, pelas 8 horas da manhã, devorou parte do *Paço Episcopal da Sé* e do edificio do *Collegio* ou Seminario,[1] foi este (segundo se suppõe)

[1] O numero dos alumnos é menor, porque alguns frequentam differentes disciplinas.

[1] É isto o que se lê nos apontamentos que

transferido para os baixos do *Paço de Fontello*, mas, apenas se repararam os estragos que o incendio causou, volveu o *Seminario* para o edificio do Collegio e ali se conservou até que em 1824 se transferiu para o convento dos *Nerys*, onde tem funccionado até hoje [1]

D. Nuno de Noronha não só deu principio ao Seminario, mas creou-lhe o seu primeiro patrimonio, impondo, em conformidade com o espirito do concilio de Trento, uma collecta sobre todos os bens ecclesiasticos do bispado, comprehendendo os redditos das mesas pontifical e capitular, dos beneficios, commendas e conventos.

Foi a dicta collecta o fundo primitivo do seminario e o mesmo prelado, conformando-se com as circumstancias do tempo, estabeleceu n'elle 3 aulas de latim para os diversos graus dos alumnos,—outra de canto —e outra de theologia moral.

Foi este o quadro dos seus estudos durante o longo periodo de 206 annos, ou desde 1587 até 1793, data em que o bispo D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo, reconhecendo a necessidade de melhorar a instrucção do clero, estabeleceu e inaugurou no mez d'abril as aulas de *Instituições canonicas* e *cathecismo*. Supprimiu depois esta ultima e em outubro de 1796 creou as de *historia ecclesiastica* e *theologia dogmatica*. —Em 1771, não tendo ainda o seminario outras rendas alem da mencionada collecta, pelo que luctava com grande falta de meios, foi reduzido o tempo lectivo e o da residencia dos alumnos. D. Francisco Mendo Trigoso, para remediar este inconveniente, não só reedificou á sua custa as cellas e o refeitorio, mas deu para fundo do Seminario a quantia de 4:800$000 réis, por escriptura de 16 de dezembro de 1771, e depois mais réis 400$000, por escriptura de 26 de julho de 1773,—fundo abençoado, pois com o decorrer do tempo cresceu de modo que em julho de 1808 já subia á importante somma de 20:648$400 réis ?!...

Varias causas contribuiram para este augmento, sendo uma d'ellas a generosidade do bispo D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, que até 1816 pagou pelas rendas da mitra os vencimentos dos professores das aulas por elle estabelecidas, e outras despezas.

—

O edificio do *Seminario* ou *Collegio*, principiado por D. Nuno de Noronha e continuado pelos bispos seus successores, é vasto e *caro*, pois as suas paredes são muito solidas (ainda hoje desafiam os seculos, contando cerca de 300 annos) e todas de bella cantaria de granito, mas não tinha a vastidão e accommodações precisas para seminario da diocese na actualidade, pelo que no outono de 1823 a congregação do Oratorio de S. Filippe Nery de Viseu, conhecendo a impossibilidade de continuar a subsistir por falta de gente e de recursos [1] e tendo em consideração as avultadas quantias que os prelados de Viseu, nomeadamente *D. Julio Francisco d'Oliveira* [2], haviam dado para a edificação do seu convento, offereceram-no com os fundos d'elle ao bispo D. Francisco Alexandre Lobo, para Seminario diocesano. Em 14 de junho de 1824 se fez a escriptura da ceden-

---

recebi da camara ecclesiastica de Viseu, mas o padre Leonardo de Sousa no seu interessantissimo *Catalogo*, apenas menciona dois grandes desastres no *Collegio* e no *Paço Episcopal da Sé* durante o pontificado do santo bispo *D. Jeronymo Soares* (1694 a 1720):— 1.º um raio que em 1710 cahiu na torre dos sinos e fez grandes destroços na mesma, no *Collegio* e no *Paço episcopal*, etc.— 2.º um incendio que em 1713 (?) se manifestou na cosinha do *Paço episcopal* e devorou grande parte d'elle.

V. o que dissemos de D. Jeronymo Soares no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

[1] V. o topico infra—*Conventos*.

Note-se tambem que o Seminario outr'ora denominava-se *Collegio*, nome que ainda hoje conserva o edificio onde esteve até 1824.

[1] Contava então apenas 4 padres:—o preposito Bernardo de Senna,—Francisco Rodrigues, Antonio Pereira e José Joaquim.

Coincidencia notavel: — 4 padres deram principio a esta congregação —e com igual numero se extinguiu.

[2] V. o pontificado d'este bispo no supplemento a este diccionario ao artigo *Viseu*.

cia e consignação de pensões entre o bispo e congregados, previamente auctorisada pela provisão d'el-rei D. João VI com data de 7 de maio do mesmo anno.

Assim passou a ser seminario o convento dos *Nerys* com todas as suas pertenças e haveres, pelo que sobre a porta de entrada se gravou e lê a inscripção seguinte:

COLLEGIO FUNDADO EM
1587 PELO BISPO D. NUNO
DE NORONHA COM O TITULO
DE SEMINARIO DA INVOCA-
ÇÃO DE NOSSA SENHORA DA
ESPERANÇA, E MUDADO
PARA ESTE LOGAR EM AGOSTO
DE 1824.

Foi uma bella acquisição, pois é um edificio amplo, elegante, muito solido, com uma bonita egreja e accommodações para grande communidade. Demora sobre um vasto campo, o mais regular de Viseu, em terreno mimoso e com linda cerca, em contacto com a cidade, mas sem visinhança que perturbe os seminaristas. Tem apenas um grande contra:—Estar em local tão humido, que até no verão muitas pedras do ladrilho da egreja, claustro e aulas do andar terreo não enchugam e vêem-se sempre a transsudar!...

É um dos edificios de Viseu mais alegres e vistosos e mais vantajosamente situados, emquanto que o velho Seminario ou *Collegio* estava em sitio aspero e desabrido, muito exposto a faiscas electricas, muito batido pelos vendavaes e muito devassado e affrontado pela Sé e pela *torre dos sinos*, que lá se ergue a paredes meias entre a Sé e o velho Seminario e que devia ser uma visinhança *horrorosa, insupportavel* para uma casa de estudo.

—

Quando em 1834 se extinguiram as ordens religiosas, a prefeitura tomou posse da casa da congregação de Viseu e n'ella se estabeleceram differentes repartições publicas. Protestou logo o reitor contra a usurpação, fazendo ver e provando que desde 1824 o dicto convento era propriedade do *Seminario*. No mesmo sentido representou tambem a auctoridade ecclesiastica e com o apoio do administrador do concelho (depois conego) José d'Oliveira Berardo, o governo reconsiderou e mandou restituir o dicto convento ao vigario capitular da diocese, o conego José Viçoso da Veiga; mas, antes d'este ir á posse e quando ali se conservavam as repartições publicas, appareceu incendiado o edificio na noite de 26 para 27 de janeiro de 1841, soffrendo grave deterioração e sendo pasto das chammas todos os moveis, papeis e documentos que ali existiam[1]. Foi uma perda enorme para muitos particulares e para o governo, porque ali ao tempo se guardavam muitos livros e documentos das corporações extinctas em 1834,—tombos dos conventos e de commendas, escripturas de dividas ao Seminario e a outras corporações e de prasos que pelo decreto de 28 de maio de 1834 (o da extincção das corporações religiosas) ficaram pertencendo á fazenda nacional.

Não faltou quem dissesse e *ainda hoje* se diz—que o incendio do Seminario de Viseu, bem como o do Seminario de Lamego, o da Sé patriarchal e o do *Thesouro Velho* de Lisboa, foram soprados adrede para *liquidação de contas*?!...

—

Nos annos de 1842 e 1843 foi reconstruido á custa das rendas do proprio Seminario, que dispendeu na restauração cerca de 16 contos de réis;—ficou muito solido e como novo—e é hoje um dos primeiros do nosso paiz[2]

Ao zelo dos seus reitores, entre os quaes tem logar distincto o conego honorario—Ignacio Alexandre de Magalhães—se devem importantes melhoramentos nas suas rendas e no edificio;—está muito bem tractado e

---

[1] Do grande edificio apenas escaparam a egreja e a livraria, que estava no quarteirão do lado sul.

[2] Reabriu-se em 1844;—esteve na posse do governo desde 1834 até 1841—e estiveram as aulas interrompidas desde 1832 até 1843, ou durante 11 annos, com grave prejuiso da instrucção do clero.

bem conservado—e póde prover 70 logares gratuitos de alumnos pobres.[1]

O bispo D. Nuno de Noronha não só fundou e dotou o Seminario em 1587, mas deu-lhe estatutos para o seu governo litterario, religioso e economico. Tambem creou o officio de *reitor*, a cujo cargo ficou inteiramente o governo temporal e espiritual do seminario,—e o de *vice-reitor* para o coadjuvar e substituir em qualquer falta. E em observancia do que dispõe o concilio de Trento creou tambem uma junta composta de 4 ecclesiasticos, perante a qual o reitor no fim de cada anno presta contas da sua gerencia.

Finalmente a lei de 2 d'abril de 1845, artigo 10.º, diz que aos prelados diocesanos pertence o governo economico e disciplinar dos seminarios, sob a inspecção do governo, pelo que foi supprimido o cargo de *reitor*, prevalecendo apenas o de *vice-reitor*.

Quadro de estudos

Já vimos qual foi o estabelecido por D. Nuno de Noronha em 1587 e as reformas que fez o bispo D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo em 1793 e 1796. Vigorou esta ultima até que o bispo D. Francisco Alexandre Lobo, em 26 d'outubro de 1821, estabeleceu como disciplinas preparatorias dos ordinandos—latim, philosophia racional e moral e historia sagrada do antigo testamento,—e como disciplinas ecclesiasticas um curso *biennal*, comprehendendo no 1.º anno historia ecclesiastica e theologia dogmatica, —e no 2.º theologia moral e instituições canonicas,—curso que foi elevado a *triennal* por decreto de 2 d'abril de 1862..

O seu quadro d'estudos actualmente é o seguinte :

[1] Este anno de 1887 admittiu 70 alumnos pobres, dos quaes são 52 gratuitos e 18 pagam mensalidades de 5$000 e 3$000 réis, sendo o total dos habitantes da casa, com os empregados, vice-reitor e perfeitos, 79 pessoas.

Curso de preparatorios

Anno lectivo de 1886 a 1887

Numeros	Cadeiras e disciplinas	Internos	Externos	Total
1	Portuguez.....	18	33	51
2	Francez.....	15	23	38
3	Latim.....	31	50	81
4	Arithmetica, geometria plana e principios de algebra.....	19	24	43
5	Elementos de chimica, physica e historia natural.....	15	13	28
6	Geographia, cosmographia e historia universal patria....	4	10	14
7	Philosophia racional e moral e principios de direito natural.....	8	6	14
8	Latinidade.....	8	7	15
9	Litteratura nacional..	–	–	–
	Total das matriculas..	118	166	284

No principio d'este anno lectivo de 1887–1888 criou o prelado mais a cadeira de Introducção, de que é professor o dr. Luiz Ferreira de Figueiredo.

Curso theologico

Numeros	Disciplinas	Internos	Externos	Total
	1.º anno			
1	Historia da egreja....	8	23	31
2	Theolog. dogm. geral.	»	»	»
	2.º anno			
3	Direito canonico.....	4	5	9
4	Theol. dogm. especial.	»	»	»
				40

Numeros	Disciplinas	Internos	Externos	Total
	Transporte			40
	3.º anno			
5	Theologia moral	6	12	18
6	Theologia sacramental e pastoral.....	»	»	»
	Aulas annexas			
7	Lithurgia.....	18	40	58
8	Cantochão	15	21	36
9	Musica sacra.....	60	41	101
	Total das matriculas.			253
	No curso secundario..			284
	Nos 2 cursos.....			537
	Numero dos alumnos			
	Curso secundario....	42	59	101
	Curso theologico.....	18	41	59
	Total dos alumnos...	60	100	160

A instancias do benemerito patriarcha dos archeologos portuguezes, o sr. conselheiro Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real, nosso bom amigo e mestre, fundador e presidente da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, o seminario de Beja e outros já no anno lectivo ultimo crearam uma cadeira *de archeologia christã*. E bem necessaria é a dicta cadeira em todas as nossas dioceses, nomeadamente n'esta de *Viseu*, para guarda e conservação de tantos monumentos religiosos.

Se o cabido visiense tivesse algumas noções d'archeologia, não praticava os desacatos e deturpações que praticou na Sé, principalmente na vacancia de 1639 a 1671 e na de 1720 a 1743.

Veja-se o topico relativo á *cathedral*.

Ao ex.mo e rev.vo sr. D. José Dias Correia de Carvalho, digno prelado de Viseu na actualidade, muito instantemente pedimos que se digne crear tambem no seminario visiense uma aula de *archeologia christã*.

O bello edificio do Seminario póde ver-se em lytographia no *Album Visiense*, a pag. 88. Ergue-se na extremidade sul do *Campo Alves Martins*, sobre o qual tem uma soberba fachada com 3 pavimentos e na sua extremidade O. a linda egreja que foi dos congregados e que forma um todo com a dicta fachada, olhando ambas para N.

Dos 3 pavimentos o 1.º ao *rez de chaussée* tem 10 grandes janellas gradeadas de ferro e o portão d'entrada na sua extremidade O. contiguo á egreja. N'este pavimento estão as aulas, a cosinha, refeitorio, etc.

Os outros 2 pavimentos teem na frente 3 sacadas e 8 janellas cada um.

A fronteria prolonga-se de E. a O.;—tem de extensão $54^m,84$, comprehendendo a fachada da egreja, que tem de largura $15^m,51$ alem de $0^m,33$ na base dos cunhaes.

A egreja é de architectura *composita*; tem 1 nave e 7 altares,—communicação interior para os 3 pavimentos do seminario e grande côro sobre o guardavento com muita luz que recebe de 3 grandes janellas. A capella-mór tem um elegante retabulo de madeira e talha moderna muito simples, com a imagem de *S. Filippe Nery*, padroeiro e fundador da antiga congregação do Oratorio, [1] do lado do evangelho,—imagem romana de esculptura primorosa,—e do lado da epistola a de S. Francisco d'Assis.

Tem de largura a capella-mór $6^m,7$—e de comprimento $11^m,52$ desde a frente do altar mór até o arco cruzeiro,—alem de $3^m,80$ que occupam o altar e a tribuna.

O corpo da egreja tem de largura $10^m,06$ e $25^m,45$ de comprimento. Total do seu comprimento até o altar-mór $36^m,97$—e comprehendendo o altar e tribuna—$40^m,70$.

A sacristia tem de largura $7^m,23$ e de comprimento $11^m,35$, não comprehendendo o la-

[1] O padroeiro do Seminario é *Nossa Senhora da Esperança* ou *da Espectação*—e o padroeiro do convento era *Nossa Senhora da Assumpção*.

vatorio, que é uma imponente obra d'arte, feito de bello granito muito bem cinzelado, com altas pyramides e 3 bicas d'agua perenne que jorram da bocca de 3 phantasiosas carrancas. Serviu outr'ora de sacristia e tem 2 portas de communicação para a sacristia actual.

A torre ergue-se na rectaguarda da capella mór;—é elegante e termina em varandim e cupula redonda, perfeitamente semelhantes aos varandins e cupulas das torres actuaes da Sé.

Foi alteada depois do meado d'este seculo, como diremos adiante.

O claustro e a bibliotheca

Ao sul, ou do lado posterior da grande fachada do Seminario e formando um todo com a parte central d'ella, o edificio descreve um amplo quadrado em volta do claustro que lhe fica no centro e do qual recebe ar e luz.

É talvez o claustro no seu conjuncto a parte mais elegante do edificio. Tem de cada lado 5 arcos espaçosos com $2^m,43$ d'abertura, assentes sobre columnas quadrangulares;—no meio ha um terrapleno bem ladrilhado com mosaico de seixo;—mede $14^m,80$ por face e tem no centro uma grande estrella formada com seixo de varias côres.

Circuitam o claustro passeios abobadados que teem de largura 4 metros e de comprimento em cada uma das faces 23 metros.

A cada um dos arcos centraes corresponde no 2.º andar do edificio uma porta de sacada—e a cada um dos 2 arcos lateraes sua janella. Tem pois o segundo pavimento 16 janellas e 4 sacadas sobre o vão do claustro. O terceiro pavimento tem sobre o mesmo vão do claustro, guarnecendo as 4 faces d'elle, uma varanda com $23^m,56$ de comprimento em cada face,—$4^m,0$ de largura—e uma balaustrada de pedra, dividida em series de 6 balaustres correspondentes a cada um dos arcos e terminando em acroterios, sobre os quaes se erguem tantas columnas cilindricas, quantos os pilares que sustentam a arcaria do primeiro pavimento, o que tudo enaltece e dá muita elegancia ao claustro.

A dicta varanda serve tambem de recreio e commodidade aos seminaristas, principalmente no inverno.

—

Os 4 corpos do edificio que revestem o claustro teem ao centro de cada um grandes corredores que terminam em portas de sacada e dão serventia independente para as cellas. Os dictos corredores teem de largura $2^m,07$;—de altura $3^m,9$—e de comprimento ate á aresta das sacadas $40^m,0$ cada um, sendo muito mais extenso o do lado norte, porque comprehende toda a grande fachada do edificio.

A bibliotheca dos congregados estava no terceiro pavimento, lado sul, em uma sala que hoje serve de camarata e comporta 26 alumnos. Tem ella de comprimento $18^m,10$—e de largura $9^m,18$.

A bibliotheca actual do Seminario demora no mesmo pavimento, na sua extremidade N. O. e comprehende 5 a 6 mil volumes, resto das livrarias dos conventos de Santo Antonio de Viseu e de S. Francisco d'Orgens e da dos congregados, incluindo a livraria particular que foi de D. Francisco Alexandre Lobo e que este bispo deixou ao Seminario, —bem como a livraria do conego José Antonio Pereira Monteiro.[1]

Este ultimo foi reitor do Seminario desde 10 de julho de 1818 até 31 de dezembro de 1851;—falleceu na sua casa de *Parada do Jarmello,* concelho e diocese da Guarda, em 24 de maio de 1856—e não só deixou ao Seminario os seus livros, mas tudo quanto possuia em Viseu.

O convento

D. João de Mello, sendo muito amigo dos padres do Oratorio, cuja casa em Lisboa habitualmente frequentava, e vendo que podiam prestar-lhe bons serviços por se darem muito aos trabalhos do pulpito e do confes-

---

[1] Só as bibliothecas dos 3 conventos comprehendiam mais de 30:000 volumes. Imagine-se pois quanto soffreram as boas lettras com a *barbara extincção* das ordens religiosas?!...

sionario, quando foi transferido d'Elvas para Viseu e partiu de Lisboa para a sua nova diocese em 1674, trouxe comsigo de Lisboa 2 congregados—o padre Manuel da Costa e o padre João da Guarda. Muito desejou darlhes convento em Viseu, mas, a despeito de todos os seus esforços, não o pôde conseguir, pelo que os dictos padres regressaram a Lisboa apenas expirou a licença que traziam e que era de 4 a 5 mezes.

Ao bispo D. João de Mello succedeu em 1686 D. Ricardo Russel, muito affeiçoado tambem aos padres do Oratorio por terem sido, como já dissemos, os seus primeiros mestres em França. Desejou igualmente darlhes casa em Viseu, para o que mandou pedir alguns padres ao *preposito* do convento de Freixo de Espada á Cinta, em Traz-os-Montes. D'ali lhe foram enviados em 1688 os quatro seguintes:—José das Caldas (*era o preposito*)—Bartholomeu Monteiro, João da Silva e Diogo Pereira. [1]

Aposentou-os no *hospital* da quinta de Santa Eugenia, onde tinham capella e as commodidades precisas para viverem e exercerem o seu ministerio, sendo então o dicto *hospital* dirigido pelo padre Gaspar Rodrigues, natural da villa da Meda. [2]

Ali prégavam e confessavam, mas, por ser a quinta um pouco distante de Viseu e difficultar aos visienses o accesso, iam fazer os seus exercicios religiosos na egreja da *Via Sacra*, (veja-se o topico *Egrejas*), sendo sempre extraordinario o concurso dos fieis.

D. Ricardo sollicitou e obteve da camara e de D. Pedro II licença para edificação do novo convento;—por seu turno lhes deu tambem logo provisão;—em seguida sollicitaram e obtiveram de Innocencio III bulla de confirmação com data de 13 de maio do mesmo anno de 1688—e a 10 de julho seguinte se installaram solemnemente em Viseu, assistindo o prelado com todos os seus ministros e familiares, clero, nobresa e povo,—e como ainda não tivessem rendas sufficientes para a sua sustentação, o prelado lhes arbitrou a pensão annual de 100$000 réis.

—

Ignoramos qual foi a primeira casa que tiveram em Viseu, depois do *hospital* da quinta de Santa Eugenia, mas sabemos que passado um anno,—a 5 d'agosto de 1689—se transferiram para o largo de *Santa Christina*, para as casas e capella que Simão Machado e sua mulher D. Anna de Jesus Serpe ali possuiam e lhes doaram para aquelle fim (com uma boa cerca, hoje a cerca do *Seminario*) onde erigiram oratorio e viveram cerca de 70 annos, ou até que se fez o novo convento e se concluiu a nova egreja em 1759 [1].

D. Ricardo, vendo que era muito pequena a dicta casa, resolveu fazer-lhes outra mais ampla, para o que nos principios do anno 1693, ultimo da sua vida, lhes deu *dose mil crusados*, somma importante n'aquelle tempo.

Abertos os alicerces do novo convento no sitio do *Valle*, dentro da dicta cerca e com bastante difficuldade, porque n'elles se encontrou muita agua, lançou-lhe o bispo solemnemente a primeira pedra, que era d'Ançã, na qual se esculpiram as armas da congregação [2] e o anno mez e dia da festa,—26 de maio de 1693,—dia de S. Filippe Nery, patriarcha da congregação.

—

A isto se reduz o que diz o padre Leonardo de Sousa no seu *Catalogo dos Bispos de Viseu*, tomo 3.º fl. 106 a 107, terminando com estas palavras: «Outras mais indivi-

---

[1] O padre Leonardo de Sousa não menciona este ultimo.

[2] Havia sido enfermeiro dos doentes do mesmo hospital, mas tão zeloso e virtuoso, que D. Ricardo Russel o ordenou e nomeou capellão e director do dicto hospital.

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que no topico dos templos já se disse da 2.ª capella de *Santa Cristina* e do largo ou terreiro d'este nome, pag. 1563, col. 1.ª—e pag. 1557, col. 2.ª—*in fine*.

[2] *Não as do prelado*, porque era tão modesto que nunca tolerou se abrissem as suas armas em nenhuma das obras que fez. Pelo contrario outros bispos visienses, nomeadamente D. Julio F. d'Oliveira, em *todas as suas obras* poseram os seus brasões d'armas.

duaes noticias reservamos para a *Philippina Visiense*»—mas não chegou a escrever tal obra, ou se perdeu, como já se perderam os 2 primeiros tomos do dicto catalogo. Nem Innocencio no *Dicc. Bibliogr.*—nem o seu continuador Brito Aranha mencionam o *Catalogo* nem a *Filippina*, nem sequer o *Epitome Carmelitano*, escripto pelo mesmo padre Sousa e publicado em 1739,—segundo nos affirmam, pois não lográmos ainda ver exemplar algum do tal *Epitome* nem se encontra na *Bibliotheca Municipal de Viseu.* [1]

Tambem com relação ao padre Leonardo de Sousa apenas sabemos que elle pertencia á congregação de Lisboa e que veiu d'ali para Viseu na companhia do bispo D. Julio, do qual foi capellão e biographo.

Veja-se no dicto *Catalogo* a longa biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira e no supplemento a este diccionario e ao artigo *Viseu* a summula d'aquella biographia.

Prosigamos.

—

Ao bispo D. Ricardo Russel succedeu, como já dissemos, D. Jeronymo Soares em 1694. Vendo elle que os congregados ainda não tinham egreja sufficientemente ampla, pois que ao tempo mal sahia dos alicerces ao norte do novo convento, mandado fazer pelo seu antecessor, resolveu D. Jeronymo fazel-a, em 1708, mas, querendo continual-a com a magnificencia da planta traçada por D. Ricardo, os seus familiares se opposeram, allegando ser nimiamente grande para uma communidade tão pequena, pois contava então apenas 15 congregados. Tanto instaram que o santo bispo D. Jeronymo resolveu que a nova egreja fosse exactamente como a dos religiosos franciscanos de Santo Antonio de Viseu; — mandou copiar e medir a dicta egreja e no mesmo anno de 1708 deu principio á nova, abrindo-se novo alicerce da parte do poente e aproveitando o alicerce já feito a E. N. e S. [1]

Deu-se a obra de empreitada, mas proseguiu lentamente, porque D. Jeronymo apenas consignou para ella 200$000 réis annuaes e suspendeu essa mesma consignação em 1713, por haver feito grandes despezas com a restauração do paço episcopal da Sé, da mesma Sé, das torres e do *Collegio*, em seguida ao raio que em 5 de março de 1710 arruinou aquelles edificios. Despendêra tambem grandes sommas no mesmo anno com as freiras de S. Luiz de Pinhel, que fugiram para Viseu [2]—e em 1713 com a nova restauração do dicto paço episcopal e do *Collegio*, em seguida ao incendio que n'aquelle anno em grande parte os devorou. Alem d'isso foi sempre muito esmoler e despendia grandes sommas com os pobres.

Do exposto se vê :

1.º—Que o edificio actual do Seminario de Viseu foi principiado em 1693;

2.º—Que em 1708 já estava em parte feito com o dinheiro doado pelo bispo D. Ricardo Russel;

3.º—Que a egreja, segundo a planta deixada por aquelle bispo, devia ser magestosa, muito ampla;—que D Jeronymo Soares a modificou e lhe deu as mesmas proporções que tinha a dos capuchos de Santo Antonio,—e que mandou proceder á construcção da nova egreja desde 1708 até 1713, data em que suspendeu a consignação e pararam as obras.

—

Ao bispo D. Jeronymo Soares, fallecido em 28 de janeiro de 1720, succedeu D. Julio Francisco d'Oliveira, cujo pontificado se prolongou de 1740 a 1765. [3] Foi o mais insigne bemfeitor dos congregados de Viseu, por ter sido congregado tambem, e em 1744,—«co-

---

[1] Depois de escrevermos estas linhas, soubemos que a *Ordem 3.ª do Carmo* de Viseu possuia muitos exemplares do tal *Epitome* e ao nosso bom amigo o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão devemos e agradecemos um exemplar. Veja-se a indicação d'elle *infra*, no topico *Armas de Viseu*, onde volveremos a fallar do auctor.

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.º fl 99 a 128.

[2] V. no nosso catalogo o topico relativo a *D. Jeronymo Soares.*

[3] Entre D. Jeronymo e D. Julio houve uma grande vacancia de 20 annos.

V. o nosso catalogo supra.

nhecendo a grande necessidade que tinhão os congregados de Vizeu de continuar suas obras na nova casa, que annos antes (refere se á grande vacancia) adiantára muito o illustrissimo cabido, e que já em tempo do illustrissimo bispo D. Ricardo havião principiado, se resolveu mandallas continuar no primeiro d'agosto do dicto anno. Desta obra foi intendente, por vontade expressa do mesmo prelado, o Padre Luiz José da congregação do Oratorio de Lisboa, que assistia com elle desde que veiu d'aquella cidade para Vizeu. Pagava aos officiaes o dr. provizor, sendo mestre das mesmas obras de carpinteiro José do Valle, *pois de pedraria se achava feito o principal.*» [1]

Tomou pois D. Julio as obras á sua conta, o que muito estimaram e agradeceram os congregados. «Assim foram continuando: o excellentissimo em dispender, e os Padres, em orar.»—diz Sousa.

Em 1747, vendo D. Julio o adiantamento das obras, quiz que os congregados se transferissem de Santa Cristina para o novo convento, pois já podia receber 40 padres. «E ainda que se não tinha cuidado da egreja, por pedir mais dilação e gastos, quiz tambem o mesmo prelado supprissem aquella falta as casas do oratorio publico e portaria, senão de mais extensão, sempre com maior commodidade do que té então tinhão»—como diz o mesmo padre Sousa.

—

Disposta a transferencia, benzeu solemnemente a nova casa na 5.ª oitava do Espirito Santo, dia 25 de maio do dicto anno, de manhã, e na tarde do mesmo dia se fez com grande pompa e processionalmente a mudança, assistindo o prelado com todos os seus ministros, cabido e mais clero, religiosos de S. Francisco e Santo Antonio, ordens terceiras, nobresa e povo.

Os congregados eram então 24 e *preposito* ou superior o padre Bernardo Xavier da villa de Trovões, tio de Francisco Xavier d'Almeida, fidalgo distincto, que foi o caudatario de D. Julio na solemne procissão da mudança. Assim deixou a congregação «*os tegurios em que habitava por mais de 58 annos*»—ou desde 1689. [1]

Terminou a procissão ao declinar do dia Seguiram-se vesperas solemnes do patriarcha S. Filippe Nery, ás quaes assistiu D. Julio, que pernoitou na nova casa, por se concluirem a deshoras.

Vendo D. Julio a grande necessidade que os congregados tinham de egreja, pois desde 1747 se serviam do seu oratorio e portaria [2], determinou fazel-a muito a seu gosto,—d'elle bispo, *não dos congregados*, diz o padre Sousa (logar citado fl. 211) *pois a não ser com as commodidades precisas para os seus ministerios, se contentavão com a de que se servião.*

Tractando de escolher planta para a nova egreja, apresentaram-lhe *seis muito capazes*, mas elle preferiu a que foi feita *por um pedreiro*, Antonio Mendes, dos lados de Lamego. Mandou logo preparar tudo para a construcção do templo, *abrir alicerces* [3] e rogar obreiros,—e a 8 de setembro de 1757 lhe lançou com grande pompa a primeira pedra, *que era d'Ançã e de palmo e meyo* (?) *em quadro. De hua parte se vião as armas da congregação, e da outra as suas: e de baixo de ambas a memoria do sagrante, anno dia e mez em que o executou; e da outra parte e*

---

[1] *Catalogo* de Sousa, tomo 3.º fl. 183, v. e 184.

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.º fl. 198.

Estiveram pois os congregados *sempre* em *Santa Cristina*, desde que vieram para Viseu, exceptuando a primeira pousada na quinta de *Santa Eugenia*.

[2] O padre Sousa *n'este ponto* não faz a minima referencia á egreja principiada pelo bispo D. Ricardo Russel em 1693,—continuada pelo seu successor D. Jeronymo—e posteriormente pelo cabido na grande vacancia de 1720 a 1740!...

[3] É isto o que diz o padre Sousa, *congregado, contemporaneo* e *testemunha prezencial*. Não fez a *minima allusão* á egreja mencionada supra, que foi principiada approximadamente em 1693 e que, segundo se vê do exposto, em 1757, ou decorridos 64 annos, ainda não estava acabada—*nem alicerces tinha?!...*

face da mesma pedra cinco cruzes em aspa, —diz textualmente o padre Sousa.

A dicta *memoria* ou inscripção era a seguinte :

EXCELLENTISSIMUS, ET REVERENDISSIMUS D. JULIUS FRANCISCUS DE OLIVEIRA HUNC LAPIDEM BENEDIXIT. ANNO 1757. DIE 8 SETEMBRIS.

Berardo e F. Manuel suppoem que a egreja e o convento mandados fazer por D. Ricardo Russel,—continuados por D. Jeronymo—e depois pelo cabido na vacancia de 1720 a 1740, estavam em outra parte, mas ignoram onde e *ninguem* aponta vestigios de semelhantes edificações, que deviam ser importantes e não eram muito antigas, o que nos leva a crer que foram feitas no *proprio chão do extincto convento, hoje Seminario, e que este as representa.*

Sentimos que o padre Sousa, contemporaneo de D. Julio e tão minucioso em tudo o que respeita á congregação de Viseu, mencionando as obras do tal convento e da tal egreja, não diga onde estavam e o que restava d'ellas, quando D. Julio fez a egreja actual e concluiu o convento. D'este ainda diz que estava no sitio do *Valle* (?) e quasi concluido emquanto ás obras de pedra, quando para ali mudou a congregação, mas não diz onde estava a *antiga egreja* nem o que restava d'ella quando D. Julio mandou fazer a egreja actual—*desde os alicerces?!...*

É possivel que elle a mandasse fazer no *mesmo chão* onde estava a outra,—que esta fosse demolida até os fundamentos, por não se adaptar á nova planta,—e que o padre Sousa omittisse esta circumstancia, como por certo *omittiu outras muitas,* para não affrontar a memoria do seu biographado, amigo e *congregado!...* Apenas muito a sobreposse levanta uma ponta do veu, dizendo que D. Julio *foi muito infeliz* na escolha da planta para a nova egreja.

Ahi fica a nossa humilde opinião. Agora prosigamos.

Eureka, eureka!

Tendo já promptas e em caminho do prelo as linhas supra, recebemos do ex.mo e rev.mo sr. *Joaquim Paes de Sobral,* muito digno professor de theologia e vice-reitor d'este Seminario, as linhas que seguem e que *dirimem completamente a questão!...*

Eil-as :

«Os padres fundadores da congregação de Viseu alojaram-se primeiramente na casa contigua á capella de *Santa Eugenia,* hoje *profanada,* e depois estabeleceram-se na casa que ficava ao fundo da cerca do actual *Seminario* e que foi separada pela nova estrada real a macadam de Viseu a Mangualde. Ali rezidiram exercendo o seu ministerio na capella ou pequena egreja que a O. lhe ficava pegada e que em parte foi cortada pela referida estrada.[1] Ainda hoje se vê ali o cunhal que era o do lado do Evangelho, a fazer quina da mesma casa.

«D'ali deram principio e proseguiram os padres á obra do convento, que não poderam realisar por um só impulso e por uma só vez, ficando a parte do *sul* por concluir.

«A parte que primeiro concluiram foi a do *norte,* com as dos lados E. e O., para onde mudou a congregação, não obstante correrem ainda as obras no prolongamento do lado S. que depois foi continuado, se bem que não acabado, por D. Julio.

«A egreja que lhes servia para os actos religiosos antes da nova, alem da que tinham no seu 1.º hospicio, dedicada, segundo parece, a *Nossa Senhora da Assumpção,* ficava no primeiro pavimento do actual edificio do *Seminario,* na parte do *norte,* que deita para o grande terreiro ou campo exterior, hoje *Largo Alves Martins.* A porta era a mesma do convento, hoje *Seminario,* e prolongava-se até á 5.ª janella actual, que hoje deita para o mencionado terreiro. Proximo da 6.ª janella havia um arco que ia topar no se-

[1] V. o que já dissemos sob o n.º 7 no topico dos *Templos extinctos*—e o que já dissemos tambem supra, n'este topico do *Seminario.*

gundo pavimento da casa e tinha por cada lado uma porta que dava para a sacristia, a qual ficava por detraz do dicto arco, onde se accommodava o altar e tribuna.

—

«A sacristia recebia luz pela 6.ª janella e tinha entrada pelos claustros, pela porta que hoje dá serventia para a aula do 2.º anno do curso theologico. Á direita d'esta porta estava o lavatorio de cantaria muito bem lavrada e que foi demolido em 1883, quando se demoliu o arco tambem, para dar ás salas a dimensão que presentemente teem. O espaço onde estiveram a egreja e a sacristia está hoje dividido pelas duas salas das aulas do 1.º e 2.º anno do curso theologico, com o aposento do guarda-portão,—alem do atrio da portaria, que era como que uma prolongação da mesma egreja e que ficava independente do resto do edificio, depois de fechadas as duas portas que ladeavam o arco. Tinha este em frente da portaria uma imagem do Crucificado e hoje, depois de completamente vasado, dá tambem passagem para a escadaria.

«Ainda hoje se podem ver debaixo do soalho as sepulturas bem talhadas e de pedra muito bem escodada, que se acham em perfeito estado de conservação. Na porta de entrada, á esquerda de quem entra, está ainda a pia d'agua benta, como que a indicar ao *Padre Berardo* e a *Francisco Manuel* o logar da antiga egreja e convento, mandados fazer por *D. Ricardo Russel*, continuados por *D. Jeronymo Soares* e depois pelo cabido na vacancia de 1720 a 1740.

«Outra pia d'agua benta se achava á direita da porta que hoje dá entrada para a sala do 1.º anno theologico e que é a primeira á esquerda de quem entra para o claustro. Era a *porta travessa* da mesma egreja, porta por onde o *proprio Berardo* tantas vezes entrou, quando professor d'este *Seminario*, para se sentar na cadeira magistral, que estava collocada precisamente no centro do arco, onde esteve o altar da antiga egreja.

«Portanto é phantasiar historia o dizer que os padres congregados tiveram *outro convento e outra egreja*, mandados fazer pelos bemfeitores acima indicados, alem do convento que hoje é *Seminario*, e alem da casa ao fundo do terreiro ou do *Largo Alves Martins*, com a sua pequena egreja pegada.

«As obras a que o padre Leonardo de Sousa se referiu não eram nem podiam ser outras, senão *estas*, e não precisava de dizer onde estavam, porque eram patentes *a todos os olhos*.»

—

Do exposto se vê: 1.º—que o edificio do convento dos *Nerys*, anterior ao bispo D. Julio, era, *como nós suppunhamos*, o mesmo que D. Julio continuou e que hoje é *Seminario*;—2.º que a egreja actual *não foi feita no chão da antiga*, mas na extremidade O. do convento, prolongando-se de *sul* a *norte*, como lá se vê e nós já dissemos,—emquanto que a egreja antiga estava a pequena distancia da nova;—apenas se mettia de permeio o pateo e a escadaria do convento, mas prolongava-se de *nascente* a *poente*, tomando a fachada N. do edificio desde o portão d'este até a 6.ª janella *actual*.

Suppomos que a dicta egreja formava a extremidade O. e a parte principal da fachada N. do convento, á imitação do convento *d'Arouca*, do das *Chagas* e do de *Santa Cruz*, em Lamego, e do collegio dos jesuitas, hoje tambem *Seminario*, em Bragança, etc. Por este systema de construcções muitos conventos, estando aliás em sitios muito vistosos, como que se escondiam. Apenas mostravam ao publico uma das paredes lateraes da egreja e por vezes detraz d'ella estavam encobertos edificios muito amplos! Podem citar-se como modêlo de construcções n'este genero os conventos das *Chagas* e de *Santa Cruz*, em Lamego. Dos dois pouco mais se vê do que as egrejas, occupando aliás o primeiro uma das faces do grande *Campo do Tabolado* e erguendo-se o segundo no alto de *Santa Cruz*, o sitio mais vistoso de Lamego.

Tambem suppomos que, feita a nova egreja dos congregados, se prolongou e deu nova fórma,—*a fórma actual*,—á fronteria do convento no espaço comprehendido pela antiga egreja, pois é *muito provavel* que a parte occupada por esta não tinha as janellas e sacadas que hoje lá se vêem nos tres pavimen-

tos, *em perfeita symetria* com a parte restante da dicta fachada nobre.

Muito provavelmente a parede lateral e exterior da dicta egreja apenas tinha uma porta para o publico e as frestas ou janellas precisas para darem luz ao templo.

Agora prosigamos.

—

D. Julio activou tanto a construcção do novo templo, visitando as obras repetidas vezes, pagando generosamente aos operarios e *brindando* o mestre, etc., que no dia 27 de janeiro de 1759, ou passados apenas 15 mezes e 19 dias depois da inauguração das obras, estava a egreja concluida! D. Julio a benzeu solemnemente e celebrou n'ella a primeira missa resada, e no dia de S. Francisco, 29 do dicto mez e anno, se transferiu para ella o Santissimo com extraordinaria pompa.

Seguiram-se as festas da dedicação do novo templo, que duraram *onze dias* e foram pomposissimas tambem. D'ellas se encontra minuciosa descripção no catalogo do padre Sousa, tomo 3.º fl. 214 a 232, e d'ellas daremos um extracto na biographia de D. Julio.

As escadas do Seminario ou do Convento dos Nerys

Como já dissemos fallando da cathedral, depois da *abobada dos nós* ou de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, a obra d'arte mais notavel de Viseu, *em pedra*, são as escadas d'este Seminario, *unicas em todo o nosso paiz*, não pelos seus ornatos nem pela sua amplidão, pois n'este ponto são muito superiores, alem d'outras, as escadas do *paço episcopal* e do *palacio da Bolsa*, no Porto. O que mais distingue estas de Vizeu e as torna *singulares* é o segredo e arrojo da sua construcção

Só quem as vê póde bem avalial as. Parecem uma fantasia, um sonho, pois comprehendem uma grande mole de granito,—nada menos de 6 grandes lanços de escadas de pedra, com o peso de muitas toneladas,—todos em recta e lançados sobre o espaço, sem se firmarem sobre columnas ou paredes nem assentarem sobre coisa alguma?!...—Apenas tocam nos patamares os seus ultimos degraus.

Nós nada entendemos de engenheria, mas já visitámos com assombro as dictas escadas e vamos tentar um esforço para d'alguma fórma as descrevermos.

Desculpem-nos as heresias os entendedores da arte.

Estão ellas dentro de uma quadra, especie de torreão, que, a pequena distancia e em frente da porta principal, se ergue a toda a altura do edificio e que de norte a sul tem de capacidade $7^m,39$ e de E. a O. $6^m,97$. As suas paredes N. e S. teem de espessura $2^m,29$ —e as de E. e O. $1^m,35$, sendo esta ultima reforçada pela parede da egreja, que fica na extremidáde O. do convento.

Tem mais espessura as paredes S. e N., porque de uma contra a outra se erguem os differentes lanços de escadas.

O convento e a porta da entrada para elle e para a escadaria olham para N.

—

Abre a escadaria por 2 lanços parallelos, distantes um do outro $5^m,24$, e que se prolongam de N. a S., tocando apenas o 1.º degrau no lageado do solo—e o ultimo no 1.º patamar, que tambem não assenta em coisa alguma. Apenas toca nas paredes e do meio d'elle parte o 3.º lanço que vae em direcção opposta aos 2 primeiros, ou de S. a N., e toca no 2.º patamar que está ao nivel do 2.º pavimento e dá servidão para elle[1]. Das duas extremidades d'este 2.º patamar partem para S. outros 2 lanços (4.º e 5.º) tambem parallelos, que tocam no 3.º patamar, e do meio d'este parte para N. o 6.º lanço, que toca no 4.º patamar ao nivel do 3.º e ultimo pavimento e que dá servidão para elle.

A isto se reduz a escadaria. Agora mais alguns detalhes :

Os 2 primeiros lanços parallelos (referimo-nos a quem sobe) contam 16 degraus cada um;—teem de comprimento cada lanço $5^m,79$;—cada degrau, sem o revestimento ou

---

[1] O 1.º pavimento está ao *rez de chaussée*, com tecto d'abobada, e por isso escapou ao grande incendio, como já dissemos supra, na descripção d'este edificio.

cornija, 1m,62;—com a cornija 1m,90;—largura de cada degrau 0m,35;—altura 0m,185.

Todos os lanços teem pelo lado inferior um revestimento da mesma pedra, formando um cordão de arco de aduelas muito subtis, com face lisa e *em recta*, do lado inferior que olha para o vão. As peças ou aduelas do dicto revestimento variam em largura e as d'aquelles 2 primeiros lanços teem de comprimento 1m,70.

Em todos os lanços a recta obliqua do seu revestimento inferior forma um angulo obtuso com a linha horisontal de cada um dos patamares, cujas extremidades se tocam, sendo a pedra do fecho commum aos differentes lanços e aos differentes patamares, tanto a do revestimento inferior como a dos degraus, ou do lado superior, pelo que as dictas pedras teem dois córtes que formam o vertice do angulo;—um corte é obliquo e correspondente á linha dos differentes lanços;—outro corte é horisontal e correspondente á linha inferior e superior dos patamares.

Tambem todos os lanços e patamares teem na face inferior um outro revestimento de pedra transversal, com uma moldura ou cornija sobre que assenta a balaustrada.

—

Todos os patamares teem superficie plana, tanto do lado inferior como superior;—tomam todo o vão entre as paredes E. e O.—e são divididos em 3 secções, correspondentes aos 3 lanços ascendentes e descendentes que n'elles tocam, e nota-se que as pedras que os formam teem cortes differentes. As 2 secções do 1.º patamar, correspondentes aos 2 lanços de escadas que recebem, são formadas (cada secção) por 3 pedras ou aduelas a completarem o cordão do arco das abobadas que muito subtilmente sustentam as escadas dos dictos lanços;—a central ou secção intermedia do 1.º patamar indica uma abobada plana, formada por 3 pedras ou aduelas em sentido transversal, cujas extremidades se firmam nas 2 secções lateraes.

Por este engenhoso processo se sustentam e equilibram sobre o vão todos os patamares da escadaria—*sem assentarem em coisa alguma*? !...

O 1.º patamar que assenta no vão (*como todos os outros*) tem de largura 1m,80—e de comprimento total 6m,91.

O 1.º lanço central tem de comprimento 5m,14 e 15 degraus;—comprimento d'estes, afóra a cornija, 1m,60;—com a cornija 2m,16; largura dos degraus 0m,365;—altura 0m,18;—comprimento das aduelas inferiores 1m,87.

Largura do 2.º patamar, em que toca e se firma este lanço, 1m,69;—comprimento 7m,27.

Este patamar é como o 1.º—liso e plano tanto do lado superior como inferior e dividido em 3 secções tambem, formado por pedras, cujos cortes são analogos ás d'aquelle.

—

D'este 2.º patamar sobem para o 3.º a S. outros dois lanços parallelos como os dois primeiros, encostados tambem ás paredes E. e O., mas sem se firmarem n'ellas. Tem de comprimento cada um d'estes 2 lanços 5m,03 e 12 degraus;—comprimento d'estes, afóra a cornija, 1m,58;—com a cornija 1m,88;—altura 0m,175;—largura 0m,365;—comprimento das aduelas inferiores 1m,78.

O 3.º patamar tem de largura 1m,60 e de comprimento total 7m,2, dividido exactamente como o 1.º patamar vão em 3 secções com os mesmos cortes nas pedras que formam as dictas secções.

Do meio d'este 3.º patamar sobe para o 4.º e ultimo a N. outro lanço sobre o vão e sobre o 1.º lanço central perpendicularmente inferior, até bater no 4.º e ultimo patamar, que está ao nivel do 3.º e ultimo pavimento e que dá servidão para elle.

Este 6.º e ultimo lanço tem de comprimento 4m,66 e 12 degraus; comprimento d'estes, afóra a cornija, 1m,60;—com a cornija 2m,16;—largura de cada um 0m,40;—altura 0m,16;—comprimento das aduelas inferiores 1m,87.

Este ultimo patamar tem de largura 1m,60—e de comprimento total 7m,27.

—

As aduelas do revestimento inferior de cada um dos lanços são como aduelas planas que teem 0m,36 de espessura, largura arbitraria—e córtes mais ou menos obliquos segundo as exigencias dos raios de que estas linhas são prolongamento ou antes—sec-

ção. Sobre este revestimento assentam os degraus e a cornija—e sobre esta a balaustrada que reveste a escadaria toda e os patamares e fecha nas paredes lateraes do ultimo, tendo a dicta balaustrada 0m,85 d'altura.

As pedras transversaes, que formam a cornija e revestem do lado exterior os differentes lanços, teem d'altura 0m,29—e de largura na face superior 0m,30.

O 6.º e ultimo lanço central, que dá accesso ao ultimo pavimento, é de todos os lanços o de mais suave ascenso e que menor inclinação tem. mas por isso mesmo maior pressão faz nas paredes S. e N. e tremeu ha annos. Perdeu a recta e abriram-se algumas fendas nas aduelas do revestimento. Todos receiaram que desabasse e levasse comsigo o lanço central inferior.

Consultaram-se differentes engenheiros e mestres d'obras, mas todos titubiaram, não se atrevendo a desmanchal-o com receio de que não podessem reconstruil-o.

A ruina era imminente e, para d'alguma fórma a conjurarem, resolveram substituir a balaustrada de pedra por outra de ferro fundido, que foi feita na fundição de Massarellos, no Porto, mas não chegou a collocar-se, por ser tambem muito pesada e porque erraram as medidas.

Parte da dicta balaustrada de ferro ainda póde ver-se na egreja d'este Seminario formando teia e dividindo-a longitudinalmente em 3 secções ou *cochias*, sendo mais larga a do centro, soalhada e destinada para mulheres, e as outras duas para homens,—e pozeram em toda a escadaria uma balaustrada de madeira pintada, fingindo pedra. A escadaria ficou aliviada d'um grande peso, mas continuou gemendo; pôl-a porem no são e restaurou-a *com toda a pericia* um pedreiro ou mestre d'obras ainda moço e com bastante pratica, mas sem curso algum d'estudos—*Serafim Lourenço Simões*, natural da aldeia de *Sanguinhèdo das Maçãs*, freguezia de Lordosa, concelho de Viseu, onde reside e vive ainda em idade vigorosa.

O intelligente moço, depois de estudar bem a escadaria, montou estadas,—desmanchou o dicto lanço,—substituiu duas aduelas por outras mais firmes e com mais alguma espessura para retesarem o arco—e o dicto lanço ficou firme e firme lá se conserva?!...

Si licet magna componere parvis, fez o que os engenheiros trepidavam em fazer,—qual outro portuguez *Affonso Domingues*, mestre d'obras e *cego* que fez a abobada plana da Batalha, emendando a mão ao grande architecto flamengo.

V. *Batalha*.

O mesmo *Serafim L. Simões* fez outras obras n'este Seminario, entre ellas o accrescentamento da torre, as varandas e a cupula, e restaurou a capella mór da egreja, etc.

Ahi lhe fica o nome consignado, sentindo não podermos consignar aqui tambem o nome do architecto constructor das escadas.

Seria o tal *Antonio Mendes*, dos lados de Lamego, que deu a planta para a egreja actual e a construiu?

Aproveitando o ensejo, tambem consignaremos aqui o nome do mestre que dirigiu as obras de carpinteiro no 3.º andar do corredor do sul e as da sacristia,—e que fez a balaustrada actual da escadaria e o forro do torreão em forma conica. É tambem um artista intelligente, natural da freguezia de Ranhados, d'este concelho;—chama-se *José Antonio Peres*,—reside em Viseu e desde a idade de 16 annos succedeu ao seu tio e mestre *Francisco Lopes Peres*.

—

O grande *terreiro do Seminario*, hoje *Largo Alves Martins* [1], antigamente era mais pequeno, mais estreito. Na sua extremidade S. apenas comprehendia a frente da egreja do Seminario, a porta d'entrada d'este e um pequeno espaço da fronteria até o vão que no 1.º pavimento separa a 2.ª da 3.ª janella. D'ali partia para N. perpendicularmente um muro que vedava a cerca e limitava o terreiro, mas, approximadamente em 1868, foi demolido aquelle muro e o terreiro avançou até á extremidade leste da fronteria do Seminario. A cerca perdeu bastante, mas o Seminario, o terreiro e o publico lucraram.

É actualmente vice-reitor d'este semina-

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o topico *Largos e Praças*.

rio e director espiritual dos alumnos o rev. Joaquim Paes de Sobral, presbytero de muita illustração e bons costumes, natural da *Povoa de Lusianes*, freguezia de Senhorim, concelho de Nellas. Estava regendo a cadeira de theologia moral desde 1861 e desde 1885, data em que foi nomeado vice-reitor, accumula as 2 commissões, pois é parocho de *Fragosella*, onde se collou em 1882 e tem um coadjutor a substituil-o.

Foi tambem ja s. ex.ª n'este Seminario professor de cantochão, computo ecclesiastico, latim e latinidade, regendo as dictas cadeiras com toda a proficiencia—e o Seminario deve importantes melhoramentos á sua zelosa e circumspecta administração.

Por morte do conego e calendarista da diocese—Ignacio de Figueiredo Magalhães—foi em 1884 o sr. Sobral encarregado de o substituir, e na organisação do calendario para uso do clero visiense teve occasião de mostrar uma das suas muitas aptidões, assombrando a todos com os seus vastos conhecimentos como rubricista e computista.

Repartindo o tempo no confessionario, no acompanhamento dos seminaristas em todos os exercicios espirituaes e no desempenho dos seus multiplices cargos, s. ex.ª gasta a vida em um afan constante, quasi prodigioso, sem que o trabalho perturbe a lucidez do seu espirito, o seu adoravel bom humor e a sua encantadora affabilidade.

A s. ex.ª agradecemos penhorado os interessantissimos apontamentos que por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça nos enviou para a descripção d'este Seminario e da sua *bella escadaria*, apontamentos que deviam dar-lhe *um trabalho insano!...*

Conventos

Em Viseu houve quatro:—o de *S. Francisco d'Orgens* e o de *Santo Antonio*, ambos de religiosos capuchos,—o dos *congregados*—e o das freiras benedictinas do *Bom Jesus*, unico existente ainda. No topico relativo á freguezia *d'Orgens* (V.) já se fallou do 1.º—e no topico relativo ao *Seminario* fallámos do 3.º—Agora fallemos do 2.º ou do

Convento de Santo Antonio

Os frades capuchos d'*Orgens* foram sempre um modelo de reformação e humildade, dedicação e virtude, pelo que os povos das terras circumvisinhas e da cidade de Viseu,—homens e mulheres, pobres e riços, velhos e crianças,—todos sem distincção os adoravam. Elles eram os melhores irmãos, os melhores mestres e os melhores amigos de todos,—a bonança, a paz e santelmo nas grandes crises,—a sombra e a voz de Deus ao lado dos moribundos, pelo que todo o anno e a toda a hora, de dia e de noite, muitas vezes debaixo de sol ardentissimo, outras pisando neve e arrostando com os vendavaes, elles, a pedido dos fieis, caminhavam pressurosos para Viseu no exercicio do seu santo ministerio, já para confessarem e confortarem os doentes, já para assistirem aos moribundos e agonisantes; distava porem o convento mais de 3 kilometros pelo que os visienses, condoidos dos pobres frades e desejando tel-os mais perto, resolveram leval-os para Viseu.

De bom grado annuiram os capuchos, mesmo porque, vivendo de esmolas e sendo os visienses os seus principaes bemfeitores, poupavam-se ao incommodo de carreal-as para Orgens, mas surgiram difficuldades e foi morosa a transferencia. Empenhou-se em realisal-a o bispo D. João Manoel [1], que presava os capuchos como seus filhos e tanto que no velho *Seminario*, contiguo ao seu paço episcopal, tinha sempre duas casas reservadas para elles e no seu proprio paço uma enfermaria onde os tractava, quando doentes;—e mandava-lhes ao convento as esmolas, o que praticavam tambem muitos visienses.

—

Em 1613 o dicto prelado e a camara de Viseu requereram a Filippe III de Hespanha a transferencia, a qual o rei concedeu por al-

---

[1] O seu pontificado prolongou-se de 1610 á 1625.
Veja-se o nosso catalogo.

vará de 30 d'agosto do mesmo anno. N'elle ordenava ao corregedor de Viseu que procedesse á mudança dos capuchos para a cidade;—que o novo convento se intitulasse *de S. Francisco*, por haver sido da *observancia* o de Orgens;—que este ficasse totalmente deserto;—que a egreja, quando não fosse demolida, se entregasse a um ermitão ou clerigo, para velar por ella—e finalmente que do producto da cerca se desse metade a quem a fabricasse e a outra metade se distribuisse em esmolas. Não se effectuou porem então a transferencia, por não terem ainda os capuchos convento na cidade e porque os povos d'Orgens ficaram magoadissimos. Com as lagrimas nos olhos, tanto rogaram e pediram ao prelado a conservação dos capuchos, que o prelado afrouxou no seu empenho e com elle affrouxaram tambem os visienses; entretanto não desistiram e foram procurando local para o novo convento. Alguem lembrou o chão de *S. Martinho;* outros lembraram o *terreiro de Santa Cristina*; outros queriam se fizesse em Ranhados, na quinta de *Santo Antonio do Pereiro*, que muito generosamente offereceu o conego Antonio Leitão, mas recusaram-na, por ser distante, e decorreram 20 annos sem tomarem resolução definitiva.

—

Em 1633 já residiam alguns dos dictos frades com muito poucos commodos junto da egreja de S. Miguel do Fetal,—diz o sabio conego Berardo nas suas *Noticias de Viseu*, sem esclarecer melhor este ponto; [1]—F. Manuel na sua interessante *Memoria* ms., pag. 137 a 138, accrescenta que viviam *nos passaes e antiga residencia de S. Miguel do Fetal, hoje quinta dos Cardosos*;—Fr. Manuel da Esperança na *Historia Seraphica*, tomo 2.º, falla *muito largamente* do convento d'Orgens, mas do de *Santo Antonio* apenas faz leve menção a fl. 542, v. *in-fine*. Valeu-nos o padre Leonardo de Sousa, pois no seu interessantissimo *Catalogo*, fl. 48, v. e 49, diz que os frades d'Orgens fundaram em Viseu a sua primeira casa nos suburbios da cidade. «Para isto—accrescenta elle—forão ajuntando varias esmollas dos moradores, com que comprarão hua quinta (hoje—1767—de Manuel de Mesquita Cardoso) *com suas casas*: tudo quasi contiguo á Igreja de S. Miguel, chamado *do Fetal*, pelo muito que n'aquelle tempo havia ainda no mesmo sitio. Erão todas estas propriedades de hum *David Alvares*, pedreiro e mestre d'obras, e as compraram por *tresentos mil réis*. Logo em hua das taes casas, situadas dentro da mesma quinta, erigirão capella, onde se disse a primeira missa em hua segunda feira, 20 de junho do dicto anno de 1633, pondo-lhe a invocação de *casa de Santo Antonio*.

—

«N'este sitio e capella se disse a primeira missa pelo Rev.mo Padre provincial da sua mesma provincia, que ainda era de *Santo Antonio*, e que passados 70 annos (em 1703) se intitulou *da Conceição*. Chamava-se o tal religioso Fr. Manuel de Santa Catharina, natural do Brazil, e pregou o Padre guardião que então era do convento de Orgens—Fr. Manuel da Purificação, natural de *Bretiande*, bispado de Lamego.

«Assistiu a esta funcção de gosto para os vizienses, pella commodidade que consideravão na administração dos sacramentos, e para os taes religiosos de utilidade pelo solitario do sitio, e abundancia de hortas, innumeravel povo, que nunca falta em semelhantes occasiões.»

A fl. 55, 56 e 57, volvendo a fallar d'este convento, diz mais o seguinte:

«Não satisfeitos os religiosos de *Santo Antonio*, residentes no seu hospicio de *S. Miguel* desde o anno de 1633, por alguns inconvenientes que experimentaram no sitio, determinarão buscar outro para sua firme presistencia. Havia fallecido (em 1634) o rev. chantre Gaspar de Campos e Abreu, morador que fôra em outra quinta situada, e fronteira ao terreiro de *Maçorim*, dos maiores que tem a mesma cidade, e como por sua morte lhe ficasse hua *filha* menor por nome *Theresa*, a quem tocou por legitima a mesma propriedade com todas as suas pertenças, fizerão as possiveis diligencias para a conseguir.

[1] *Liberal* n.º 14 de 20 de junho de 1857.

«Muito agradava aos mesmos religiosos o sitio e a comprarão, com o consentimento do curador da menor, *por dous mil e quinhentos cruzados.* Para effeito desta compra *venderão a quinta em que estavão,* com licença da Sé Apostolica... e com o producto de mais algumas esmolas dos principaes moradores de Viseu, fizerão termo de deposito na mão de Manuel de Mesquita Ferrão, sendo corregedor da comarca Manuel de Sousa de Meneses, e escrivão da correição Antonio d'Alvellos e Abreu.

—

«Disposto assim o novo sitio, que constava de hua morada de casas com suas hortas e mata d'arvores silvestres, artificiosamente plantadas, ...ainda não tinhão tomado posse por falta da licença d'el-rei, que de Castella com impaciencia esperavão. Chegou finalmente de Hespanha decreto assignado por D. Filippe III de Portugal, expedido a 25 de janeiro de 1635.

«...Tomarão posse aos 29 do mez de março do dicto anno e logo mandarão abrir os alicerces para hua egreja de 141 palmos de comprido e 35 de largo, com corredores e officinas para 14 religiosos, prezentemente (refere-se ao anno de 1767) mais de 30, que a cidade se obrigou a sustentar, com a clauzula de pregarem, confessarem e assistirem aos moribundos. Assim consta de varios documentos do cartorio do tabellião João de Barros e outros.

«Aos 6 de maio se lançou a 1.ª pedra com grande solemnidade e assistencia do cabido, senado, nobresa, e povo de hum e outro sexo.

«Tanto era o desejo que os mesmos religiosos tinhão de assistir, e morar na cidade que, para se adiantar a obra com a sua presença, determinarão viesse o Santissimo do convento de Orgens com a maior solemnidade possivel. Concorreo a este acto innumeravel povo... prezidindo aos taes religiosos o seo provincial Fr. Francisco de S. Miguel e o Padre Guardião Fr. Manoel da Purificação. Collocado o Senhor em hum oratorio feito nas casas da mesma quinta, n'ella ficou por regente com alguns religiosos o veneravel Fr. João de Villa Real, confessor que foi da rainha D. Luiza, mulher d'el-rei D João IV.

«Continuarão as obras, e em brevissimo tempo se concluirão, pello que concorrendo para o tal convento por obediencia do provincial varios religiosos de Lisboa, a quem ainda se achava sugeita *a provincia da Conceição,* tiverão por seo primeiro guardião da dicta casa vizense Fr. João da Natividade, pregador.»

A transcripção é longa, mas interessante para a historia d'este convento e quizemos salvar, ao menos em parte, o que ainda resta do *Catalogo* do Padre Sousa.

—

Em 1718 era guardião d'este convento Fr. Jorge d'Assumpção, denominado *captivo,* por que longos annos viveu captivo na Africa, soffrendo com resignação evangelica as maiores torturas, privações e affrontas. Foi muito estimado pelo bispo visiense D. Jeronymo Soares, que se comprasia em palestrar com o dicto guardião e em ouvir a tetrica historia dos christãos captivos, pelo que se declarou protector d'elles, contribuindo com largas esmolas para o resgate d'aquelles infelizes, e foi tambem um insigne bemfeitor d'este convento, bem como D. Ricardo Russel.

Veja-se no nosso catalogo a biographia d'estes dois benemeritos prelados visienses.

D. Ricardo mandou fazer n'este convento a enfermaria, e na mata um grande terreiro circular, com assentos de pedra em volta, onde costumava no verão passar as tardes, rindo e palestrando com os religiosos *e com os noviços,* dirigindo a estes graças innocentes e dictos joco-serios para os divertir *e fazer rir,* distribuindo-lhes ao mesmo tempo *pela sua propria mão* grande quantidade de doces, que para o mesmo fim levava em *caixas* no vão da sua carruagem, como diz o padre Sousa.

Estavam todos então por certo bem mais contentes e tranquillos do que em 1641, quando se deu o facto seguinte:

—

«No dia 12 de junho de 1641, diz Berar-

do[1] mudarão os religiosos para o novo convento e celebrarão a primeira missa na sua egreja.

«Por este tempo ardia Portugal em guerra contra Castella, o povo estava armado, e os telegraphos grosseiros que davão signal da entrada do inimigo erão simples *fachos* ou fogueiras collocadas n'uma serie de posições até ás raias de Hespanha. No dia 14 d'agosto d'aquelle anno aconteceo incendiarem-se os *fachos;* o povo correo ás fronteiras, porem chegando ao logar de *Cavernães*, souberão que foi rebate falso.

«No ensejo de voltarem para suas casas, hum certo serralheiro João Gomes Pardello, que era *mester* da camara n'aquelle anno, homem audaz e agitador, concebeo o projecto de acabar com hum certo Luiz Ferrão, seu inimigo figadal, que andava homisiado, e corria por certo ter-se acoutado no convento de *Santo Antonio de Maçorim.*

«Com este intuito Pardello harengou áquellas turbas, excitou-as, e assegurou-lhes, que os traidores estavão escondidos na cidade de Viseu. Unem-se-lhe então mais de *quatro mil pessoas*, que capitaneadas por elle vem acommetter o convento de Maçorim. Entrão pela clausura, arrombão, deturbão, e destroem quanto se lhes oppõe. Não vale aos religiosos o prestigio da veneração que gosavão, e aquelles que ha pouco beijavão o burel grosseiro dos seus habitos, lhe cospem agora e o puxão de despeito e ira.

«Já se dispunhão para incendiar o convento, quando os religiosos tomarão o expediente de ir tirar o Sagrado Viatico, e apresentarem-se com elle ao povo amotinado. Aquietarão-se então os animos pouco a pouco, e como alguem dissesse que ali não havia traidores, forão-se retirando confusos e quasi envergonhados. Tal hé o caracter da gentalha vil e ignorante!...»

—

Foi este convento casa de noviciado dos capuchos franciscanos da *provincia da Conceição*, depois que em 1703 esta provincia se desmembrou da de *Santo Antonio*,—em 1834 foi extincto, como todas as nossas ordens religiosas;—passado pouco tempo a egreja foi profanada e todo o convento foi reduzido a quartel militar do regimento de infanteria n.º 14, ainda hoje aqui estacionado.

F. Manuel diz que estes religiosos viveram 28 annos na sua casa de *S. Miguel do Fetal*, mas n'este ponto claudicou, pois, como já dissemos, installaram-se na quinta de *S. Miguel do Fetal* em 1633;—venderam-na em 1634 a 1635;—em 1641 já estavam definitivamente installados em *Maçorim*, havendo-se transferido para ali annos antes,—talvez em 1635, para activarem a construcção do novo convento. Logo apenas estiveram em S. Miguel 2 a 8 annos e não 28 annos.

F. Manuel suppõe que elles mudaram para S. Miguel do Fetal quando tentaram pela 1.ª vez transferir-se para Viseu no anno de 1613, mas o padre Sousa diz que *deixaram passar mais de 20 annos sem que se effectuasse o intentado.* Refere-se á mudança *provisoria* para S. Miguel em 1633 e para o *oratorio* de *Maçorim* em 1635—e á mudança *definitiva* para o convento de *Maçorim* em 1641.

Note-se que o convento *d'Orgens* nunca ficou *totalmente deserto*, como no seu alvará ordenou Filippe III de Hespanha. Pelo contrario conservou sempre religiosos capuchos em forma de communidade mais ou menos numerosa até 1834, data da extincção dos conventos.

Coincidencia

Em 1635 desabou uma das torres e com ella a fronteria da cathedral—e no mesmo anno se inaugurou a construcção d'este convento franciscano de *Santo Antonio de Maçorim*, pelo que o dr. Manuel Botelho Ribeiro nos seus *Dialogos* (*Codice de Girabolhos* pag. 477 a 480) dedicou a esta coincidencia um longo *romance*, do qual extractaremos apenas os versos seguintes:

.....
«*Só* porque sólo en el tiempo
Que nuestra iglezia há caido,
Restaura la perdicion,
Y nos dá consuelo y brio.

[1] V. no *Liberal* o mesmo numero citado supra.

. . . . . .
Beza el pied, lôva a tu Santo,
Viseo, por tal beneficio,
Que te viene a soccorrer,
Ja razos tus edificios.
. . . . . .
Gente devota, alegraos,
Que ya Antonio y Francisco
Tiene applacado a Diós,
E revogado el castigo.
. . . . . .»

Convento do Bom Jesus de freiras benedictinas

Demora no largo das Freiras, pelo qual se entra para a egreja e portaria.

A sua historia em resumo é a seguinte: [1]

Pelos annos de 1560 dois nobres visienses—o licenciado *Belchior Lourenço* e sua 1.ª mulher *Maria de Queiroz Castello Branco*,—não tendo filhos, resolveram fundar um convento de freiras benedictinas e para esse fim a dicta senhora no seu testamento com data de 17 d'abril de 1569 doou todos os seus bens ao bispo D. Jorge d'Athaide, com a condicção de ser admittida no projectado convento uma sua sobrinha e, se o convento se não fizesse, deixava a testadora todos os seus bens em morgado e vinculados á capella de *S. Luiz*, por ella mandada fazer,—morgado de que seria primeiro administrador Constantino de Castello Branco, seu sobrinho. [2]

D. Jorge d'Athaide, cujo pontificado se prolongou de 1568 até 1578, deu principio e grande impulso ás obras, mas não as concluiu. Em 1579 até 1585 foi bispo de Viseu, e bispo aliás benemerito, D. Miguel de Castro, mas durante os 6 annos do seu pontificado não se importou com o dicto convento. Succedeu-lhe em 1586 o bispo D. Nuno de Noronha, que logo se entendeu com os herdeiros do licenciado Belchior Lourenço e de sua 2.ª mulher—e activou tanto as obras que em menos de 5 annos ultimou o mosteiro,—dotou-o com o rendimento da egreja de *S. Cypriano*—e n'elle installou com grande pompa as primeiras religiosas, vindas do convento, tambem benedictino, de *Ferreira d'Aves*, depois de obter permissão do papa e do rei.

—

Estando tudo disposto para a abertura do novo convento, partiu D. Nuno para Ferreira d'Aves no dia 26 de setembro de 1592, tendo feito saber á nobresa da cidade que no dia 27 (domingo) havia de entrar n'ella com as religiosas, como effectivamente entrou pelas 4 horas da tarde, acompanhado por toda a nobresa, pelo cabido e por muitos cidadãos de Viseu, que foram esperar o bispo e as religiosas a uma legoa de distancia.

Eram ellas as seguintes:—*Leonor de Tavora das Chagas*, senhora respeitabilissima, destinada para abadessa e pertencia á nobre familia Tavoras;—*Jeronyma Cabral da Cruz*, dos *Cabraes* de Belmonte, *prioresa*;—*Violanta do Espirito Santo*, irmã da abbadessa, e *Magdalena da Ressurreição*, porteiras;—*Joanna Mendes da Assumpção*, sacristã;—*Filippa Correia da Annunciação*, mestra de noviças, cantora-mór e tulheira.

Poisaram as religiosas nas melhores casas de Viseu que d'antemão estavam despejadas e preparadas para as receberem;—ali descançaram até que no dia 29, terça feira, dia de *S. Miguel o Anjo*, foi logo de manhã D. Nuno cumprimental-as e em seguida as acompanhou com immenso concurso de povo até á Sé, onde o prelado em seguida cantou missa solemne, pregando o afamado orador *João de Lucena*, jesuita.

Terminada a festa organisou-se uma solemne procissão com todas as bandeiras e cruzes, cabido e mais cleresia da cidade e seu termo;—n'ella se incorporaram as reli-

---

[1] *Benedictina Lusit.* por Fr. Leão de S. Thomaz, tomo 2.º pag. 396 a 400;—*Noticias de Vizeu* pelo conego José d'Oliveira Berardo, no *Liberal* n.º 14, de 20 de junho de 1857;—*Dialogos* do dr. Botelho, pag. 430 e 431 no *Codice de Girabolhos*;—*Catalogo* do padre Leonardo de Sousa, tomo 3.º fl. 23—e *Memoria* de Francisco Manuel Correia, pag. 86 e 87.

[2] Vejam-se os auctores citados, os quaes todos seguem a *Benedictina Lusit.* menos o dr. Botelho, cuja lição differe muito *n'este ponto.*

giosas com os seus habitos e cogulas;—em seguida o prelado tomou nas mãos a sagrada custodia com o Santissimo;—a cantora-mór Filippa da Annunciação levantou o *Te Deum laudamus*, que foram proseguindo os cantores e o clero;—poz-se em marcha a procissão e, depois de dar uma grande volta pela cidade, entrou na egreja do convento. O prelado collocou o Santissimo no sacrario; —depois levou as religiosas até o côro do convento,—ali mandou sentar a abbadessa e lhe deu posse—e em seguida retirou-se para o seu palacio da Sé. De tarde volveu ao convento e com toda a solemnidade e extraordinaria concorrencia de povo lançou o habito a 8 noviças, sendo a 1.ª *D. Paula de Noronha*, sua sobrinha, que posteriormente foi abbadessa repetidas vezes. Pregou tambem por essa occasião o mesmo padre *João de Lucena*, compungindo até as lagrimas o proprio bispo.

—

Assim começou este mosteiro, que hoje (1887) conta cerca de 300 annos. N'elle se devem ter passado factos importantes, cuja memoria se perdeu. Occorrem-nos apenas os seguintes:

«Em 19 de novembro de 1737 sahirão as freiras do convento da cidade de Vizeu em acto de communidade com a cruz levantada, ao terreiro a esburralharem e desfazerem huma porta da parede do quintal das casas de Balthazar Pinto da Motta, escrivão das Sisas d'esta cidade; a cujo acto concorrerão todas as justiças para as accommodarem, porem ellas não se recolherão sem ficar a dicta porta de todo tapada, e sem signal do que foi.»

É isto o que textualmente diz Berardo nas suas *Noticias de Viseu* (logar citado). O mesmo sabio conego diz tambem que, *por motivos d'elle ignorados*, as justiças de Viseu prohibiram a certas pessoas todo o tracto, communicação e correspondencia com as religiosas d'este mosteiro, e em seguida aponta uma provisão, da qual se infere que no meiado do ultimo seculo houve *grandes desgostos* que envolveram uma religiosa d'este convento e *dois dos primeiros fidalgos de Viseu*, pae e filho!...

A mencionada provisão é a seguinte:

—

«D. José por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, etc.

«Faço saber a vós corregedor da comarca de Vizeu, que *Manuel Cardoso de Loureiro*, capitão-mór d'essa cidade, e seu filho do mesmo nome me representarão por sua petição, que recorrendo ao Dezembargo do Paço para que lhes levantasse a prohibição de poderem entrar n'essa cidade que por ordem Minha se lhes havia posto, em resultado da Alçada que estivera n'essa mesma cidade; e por haverem cessado os fundamentos da dicta prohibição e estar satisfeita a parte, e o supplicante pai ter cumprido o *degredo* (?) em que fôra condemnado, e se lhe deferira que recorressem a Mim immediatamente, como constava da petição que juntarão, na qual tambem se referia e justificava que os supplicantes tinhão sete filhas e netas donzellas, que estavão em grande desamparo, e *estava destruida a sua casa por andarem mais de dez annos auzentes d'ella, e pelas grandes despezas que lhes fizera a dicta Alçada;* e que o supplicante pai padecia queixas gravissimas que só poderiam ter remedio nos ares da sua patria, pedindo—elle que lhe fizesse mercê conceder provisão para que os supplicantes se podessem recolher á dicta cidade, ... Hei por bem que os supplicantes se possão recolher a essa cidade e estar n'ella ...com a declaração porem *que não poderão ir ao Convento das Religiosas de S. Bento dessa cidade, em quanto se não morigerar o genio da Religiosa, filha de D. Josefa*!...

«El rei Nosso Senhor o mandou e Antonio Alves Pimenta a fez em Lisboa a 13 de maio de 1751 annos...»

—

A egreja d'este convento era muito pequena, pelo que as freiras em 1628 lhe accrescentaram 31 palmos,—e no mesmo anno, em 23 de fevereiro, foi tanta a chuva em Viseu que parecia um novo diluvio,—inundou a egreja d'este convento e obrigou as freiras a mudarem o Santissimo para o altar da enfermaria.

Tambem nos fins do seculo XVII ou prin-

cipios do seculo XVIII, sendo pequeno o mosteiro e achando-se bastante arruinado, o santo bispo D. Jeronymo Soares n'elle fez um grande corredor fronteiro á egreja e reformou varias officinas.

Veja-se no nosso *Catalogo* os topicos relativos a *D. Nuno de Noronha, D. Fr. João de de Portugal, D. Jeronymo Soares* e *D. Julio Francisco d'Oliveira.*

Este ultimo prelado na sua primeira visita da diocese tambem visitou este convento, gastando com a visita nada menos de 17 dias—e com a da Sé 15 dias! Foi muito rigoroso e minucioso na sua primeira visita da diocese;—processou e *prendeu muitos padres*, incluindo alguns *parochos collados*, e outros tiveram de homisiar-se!...—mas com o seu rigorismo e prepotencias indispoz-se com toda a cidade,—recebeu as maiores desconsiderações,—chorou lagrimas de sangue,—*teve de pedir de joelhos na Sé publicamente perdão a todos em um dia de festa dupplex de 1.ª classe, no dia 6 de janeiro de 1746*,—e em seguida soltou *todos os padres* que estavam presos.

Na visita das egrejas demorava-se quasi sempre até alta noite. Finalisou tão tarde, por exemplo, a de *Villar Secco*, no concelho de Nellas, que dirigindo-se em seguida para a residencia do abbade de *Santar*, distante cerca de 4 kilometros, chegou ali *ás duas horas depois da meia noite*?!...

Terminaremos dizendo que d'este convento apenas resta hoje uma freira professa, com o titulo de abbadessa,—D. Maria Delfina, filha natural do fallecido conselheiro José Maria Leite, da Villa da Aguieira, tio materno de João de Saccadura Bote Cortereal Pacheco, da mesma villa da Aguieira, que falleceu ha pouco em Lisboa. Esta senhora está decrepita e o convento prestes a extinguir-se, pelo que o prelado diocesano pediu ao governo para ali se estabelecer uma casa de educação religiosa para meninas pobres e porcionistas, mas parece ter encontrado difficuldades esta pretenção.

Ordens 3.as

Ha em Viseu duas Ordens Terceiras,—a de *S. Francisco d'Assis* e a de *Nossa Senhora do Carmo*. Fallaremos d'ellas conjunctamente, porque a 2.ª é ramificação da 1.ª—e vamos resumir quanto possivel, para não fatigarmos os leitores.

A *Ordem 3.ª de S. Francisco* foi installada primitivamente na cathedral em 1557 e ali funccionou 39 annos, ou até 1596, data em que passou para a egreja da *Misericordia*. Em 1636 achava-se em decadencia, mas um *Fr. Lourenço d'Evora* excitou a devoção dos visienses e no dia 11 de fevereiro d'aquelle anno se elegeram mesarios da dicta ordem no côro do convento franciscano de *Santo Antonio de Maçorim*,—ou no oratorio que ali tiveram os capuchos durante a construcção do convento,—construcção que principiou, como já dissemos, em 1635.

Restaurada a dicta ordem 3.ª, continuou a exercer as suas funcções em uma capellinha e casa que os bispos lhe mandaram edificar sob a enfermaria do mencionado convento, até que em 1729 se levantou grande dissenção entre os frades e os seus irmãos 3.os. Depois de grandes sensaborias, os religiosos taparam a porta da casa dos 3.os que lhes dava entrada pelo adro,—entregaram-lhes as imagens e alfaias—e despediram-nos.

Os 3.os despeitados dirigiram-se ao cabido, que então governava a diocese, e com auctorisação d'elle foram estabelecer-se na capella de *Santa Christina*, onde se conservaram cerca de 4 annos sempre em pleitos com os capuchos e fazendo esforços para obterem um padre commissario dos franciscanos *observantes*, o que não poderam conseguir, pelo que muitos dos irmãos se despediram da *ordem*, mas outros mais doceis volveram com as imagens e alfaias para o convento de *Santo Antonio* e se conservaram submissos aos capuchos.

—

Não se deram por vencidos os dissidentes e, animados com o apparecimento do livro *Thesouro Carmelitano*, vendo que os *Irmãos 3.os do Carmo* obtiveram um pasmoso numero de indulgencias, tractaram logo de pedir ao provincial dos carmelitas calçados um commissario para instituirem uma *Ordem 3.ª do Carmo* na mencionada capella de *San-*

ta Christina, que para semelhante effeito já o cabido *sede vacante* lhes havia doado.

—

Em 21 de maio de 1733 chegou a Viseu o Padre mestre Fr. João de S. Thiago, carmelita, commissario da mesma *Ordem* em Lisboa, e logo no dia 24 do dicto mez lançou na capella de *Santa Christina* o habito a mais de 120 pessoas d'ambos os sexos. De tarde fez a sua missão e acto continuo foram eleitos os mesarios, segundo o disposto nos estatutos geraes da *Ordem*. Nos dias seguintes celebraram-se grandes festas e procissões em acção de graças, assistindo muito povo da cidade e circumvisinhanças;—alistaram-se como irmãos cerca de 1:900 pessoas—e o padre commissario retirou-se muito satisfeito, deixando nomeado substituto, em harmonia com os poderes que lhe dera o provincial.

Resolveram logo os confrades fazer um templo mais amplo em substituição da capella de *Santa Christina* e, confiados na Providencia, pois não tinham ainda os fundos necessarios para tal empresa, arremataram logo as obras de pedra por *cinco mil crusados*. Entretanto foram os mesarios pedir de porta em porta, confiados na Providencia, que não os abandonou, pois em dois dias juntaram *oitocentos mil réis*,—somma importante n'aquelle tempo,—e só o cabido *sede vacante* lhes deu mais *tres mil crusados!*... Receberam ainda outras muitas esmolas e assim tiveram a satisfação de verem a sua egreja acabada no dia 13 de junho de 1738 —egreja que nos fins do ultimo seculo foi restaurada e ampliada na forma que hoje se vê, com uma elegante fronteria nova e duas torres.

É um dos templos mais vistosos e mais formosos de Viseu e muito bem situado.

Ergue-se á entrada do espaçoso e lindo *campo de Santa Christina*, hoje *Largo Alves Martins*,—do lado poente, á direita de quem vae da cidade e, como já dissemos fallando da *monstruosa* circumscripção parochial de Viseu e da urgente necessidade de uma nova circumscripção, a dicta egreja de *Nossa Senhora do Carmo* está a todos os respeitos admiravelmente situada e talhada para egreja matriz, com previa acquiescencia da respectiva *Ordem*.

No *Epitome Carmelitano* do padre Leonardo de Sousa, auctor do *Catalogo ms.* por nós tantas vezes citado, se encontram amplas noticias com relação á ordem e á egreja de que no momento nos occupamos.

Veja-se tambem o que já dissemos nos topicos *Egrejas, Largos e ruas* e *Edificios brazonados*.

—

Por seu turno os *irmãos 3.os de S. Francisco*, vendo com emulação o progresso dos seus irmãos dissidentes, tractaram de fazer tambem um templo em nada inferior ao do Carmo.

Pelos annos de 1740 obtiveram do cabido *sede vacante* doação da formosa capella de *Nossa Senhora da Victoria*, com intento de amplial-a, mas depois reconsideraram; fizeram a egreja e casa que hoje possuem no *Campo de Maçorim*, ou *Passeio de D. Fernando*, junto do extincto convento dos capuchos de Santo Antonio, hoje quartel militar,—e a pequena distancia da capella da *Victoria*, que ainda lhes pertence.

Lançou com grande pompa a primeira pedra ao novo templo o bispo D. Julio Francisco d'Oliveira no dia 9 d'abril de 1746, mas só em 1763 se concluiu. O mesmo prelado deu muitas esmolas para a construcção da dicta egreja e mandou fazer á sua custa o adro e a bella escadaria, onde poz as suas armas, como *em todas as suas obras*.

Para evitarmos repetições, veja-se tambem o que já dissemos nos topicos *Edificios brasonados*, *Egrejas* e *Capellas*.

Terminaremos dizendo que a pag, 32 e 38 do esplendido *Album Visiense*[1] podem verse em lytographia a egreja da *Ordem 3.a de S. Francisco* e a de *Nossa Senhora do Carmo*.

---

[1] No topico *Movimento jornalistico* já demos ampla noticia d'este formoso *Album*.

Irmandade da Misericordia,
—sua antiguidade e seus fundos,
—a egreja e suas dependencias,
—o Banco e o Hospital Novo,
—o Azylo de Invalidos e o Cemiterio

Pela sua antiguidade e seus fundos, pelos edificios e estabelecimentos que representa e pelos serviços que presta aos pobres e ao publico, a irmandade da *Misericordia* de Viseu é sem contestação hoje a primeira d'esta provincia e uma das primeiras do nosso paiz.

Não sabemos quando foi fundada nem o nome do seu fundador, mas sabemos que é uma das mais antigas de Portugal, pois tendo sido creada a 1.ª em Lisboa pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, em 1498, a de Viseu foi creada poucos annos depois, como provam os primeiros estatutos que ainda guarda no seu archivo e que são os mesmos da de Lisboa, approvados e mandados imprimir por el-rei D. Manuel em 20 de janeiro de 1516, os quaes terminam pelas seguintes palavras escriptas *pelo proprio rei*: *Mandamos que este compromisso se cumpra e guarde pela Misericordia da Cidade de Viseu assim e tão inteiramente como nelle se contem. El Rey.*

E tem appenso um alvará, tambem autographo, com data de 8 de junho de 1521, facultando á *Misericordia de Viseu* a nomeação de 4 pessoas que peçam esmolas para ella. Data pois dos principios do seculo XVI—e no seculo XVII fez novos estatutos que foram concluidos em 8 d'abril de 1626—e confirmados por Filippe III em 14 de maio do mesmo anno.

Durante muito tempo viveu com poucos recursos. Por vezes a sustentação dos enfermos correu por conta dos benemeritos mesarios e dos bispos visienses, que foram *sempre* os seus primeiros bemfeitores, mas hoje, 1887, graças á sua boa administração e á protecção do publico, vive desafogadamente.

Os seus fundos estão orçados em mais de *300 contos de reis*—e não se faziam talvez hoje com duzentos contos os edificios e alfaias que possue?!...

—

Tem uma egreja esplendida muitissimo bem tractada e admiravelmente situada mesmo em frente da Sé, a N. O. do espaçoso adro, olhando para S. E., no centro de um vasto edificio que forma com ella um todo elegante, regular e vistosissimo, erguendo-se nas suas extremidades E. e O. duas bellas torres;—e ao longo da fachada de todo o edificio tem um lindo adro proprio com guarnições de granito, para o qual se sobe por uma elegante e ampla escadaria da mesma pedra em forma de meia laranja.

No *Album Visiense*, a pag. 12, se encontra uma formosa litographia, representando com a maior fidelidade a fronteria d'esta egreja e de todo o edificio, comprehendendo as torres.

Não se confunda o *Album Visiense* com o *Almanach de Viseu*. Esta ultima publicação é contemporanea da primeira[1] e tambem illustrada com lithographias e gravuras, mas muito menos nitida e em 8.º, emquanto que a primeira, como já dissemos no topico *Movimento jornalistico*, é uma publicação luxuosa, toda illustrada com bellas lithographias e em *folio*.

Na parte N. do grande edificio, á esquerda da egreja, estão a casa das sessões e outras dependencias da Misericordia;—na parte opposta funcciona o *Banco de Viseu*, pois é formado em grande parte com o dinheiro da *Santa Casa*, como já dissemos sob o titulo *Banco Commercial*.

Para elle deu a Misericordia 40:000$000 de réis.

Tanto a egreja como a parte restante do edificio e as torres teem sido feitas, restauradas e ampliadas em differentes datas.

As duas torres e o frontispicio da egreja datam dos fins do seculo XVIII em substitui-

---

[1] O *Almanach* é de 1884—e o *Album* é de 1884 a 1886.

ção d'outras torres e d'outra fachada muito mais antiga;—a capella mór e os edificios lateraes são dos principios d'este seculo;—o corpo da egreja foi reedificado em 1842;—o bello orgão que tem pertenceu aos capuchos de *Santo Antonio de Maçorim* e pouco depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, sendo profanada a egreja dos capuchos, foi mudado o orgão para esta da Misericordia;—em 1875 se fizeram as tribunas dos dois altares lateraes;—em 1876 erigiu-se do lado da epistola na capella mór a capella do *Senhor do Calvario*—e em 1875 a 1877 se restaurou a parte N. do edificio da Misericordia.

Tem na fronteria as armas reaes portuguezas e interiormente 3 altares, tecto de abobada de tijolo e o bello orgão, etc.

Hospitaes

O primeiro hospital da *Misericordia* de Viseu foi o *das Chagas*, instituido em 1585, segundo se lê nas *Noticias de Viseu* por Berardo, [1]—ou em 1565, segundo se lê na *Memoria* de Francisco Manuel Correia,—por Jeronymo Bravo e sua mulher Isabel d'Almeida, junto da egreja de *S. Martinho*, [2] para n'elle se tractarem os doentes que não excedessem 3 mezes de curativo,—e para esse fim vincularam todos os seus bens em *morgado*, impondo aos differentes administradores d'este a obrigação de darem permanentemente 9 camas e as alfaias necessarias para o dicto hospital. A sustentação dos doentes ficou a cargo da *santa casa*, bem como a admissão d'elles, etc.,—e na capella do dicto hospital foram sepultados os seus benemeritos fundadores.

Com o tempo arruinou-se e pela sua pequenez tornou-se impossivel para o movimento da população de Viseu e suas circumvisinhanças, pelo que o bispo D. Julio o reedificou e ampliou *á sua custa* em 1758 a 1760.

---

[1] *Liberal* n.º 13 de 17 de junho de 1857.
[2] V. o n.º 2 no topico—*Templos extinctos*.

—

Berardo nas suas *Noticias de Viseu* (*Liberal* n.º 13 de 17 de junho de 1857) diz que o bispo D. Julio mandou fazer as dictas obras em 1769. Foi lapso ou erro de imprensa, pois D. Julio falleceu em 1765. Devia dizer como diz F. Manuel na sua *Memoria* (pag. 107)—1759, ou antes, como nós dizemos,—1758 a 1760, pois no interessante *Catalogo* ms. do padre Sousa, [1] biographo e contemporaneo de D. Julio, e *testemunha ocular das dictas obras*, se lê textualmente o seguinte:

«Não se esquecendo o ex.mo *D. Julio Francisco d'Oliveira*, da grande necessidade que tinha o hospital de Vizeu, de reforma grande no seo arteficio, e havendo mandado expressar aos irmãos da Mizericordia no anno de 1758 o queria reparar, e accrescentar, aceitarão elles com grande gosto a noticia, e esmolla. Era então provedor o rev. thesoureiro mór Luiz Antonio d'Almeida, e seo escrivão Manoel de Mesquita Cardozo. Logo determinarão os vogaes manifestar ao publico o seu agradecimento, fazendo cantar missa solemne na sua mesma Igreja.....

«Precederão a isto na vespera luminarias; e no dia de tarde touros, mascaras, e varias danças. Esta obsequiosa demonstração de alegria em todos os vizienses, fez com que a obra *continuasse* (?) com mayor calor [2] de sorte que no mez de fevereiro de 1760 se achavão não só promptas duas enfermarias para homens, e mulheres, com 48 lugares; alem dos do venereo: mas juntamente huma especial casa separada com Roda para crianças engeitadas. Nas paredes exteriores do mesmo hospital, junto á sua porta, se collocarão para memoria porduravel de tão insigne bemfeitor duas grandes targes com as armas do dicto prelado, declarando o anno em que a tal obra se fizera—1759. [3]

---

[1] Tomo 3.º, L. 3.º cap. 11, fl. 232, v. e 233.
[2] O bispo D. Julio gostava *muito* de apparato e de festas.

P. A. F.

[3] JULIUS FRANCISCUS DE OLIVEIRA,
EPISCOPUS VIZIENSIS, REFECIT,
ET AMPLIAVIT. ANNO 1759.

Leonardo de Sousa.

«No *sobredito anno*[1], e no mez de março, mandou entregar as chaves de toda aquella nova estancia aos mesmos irmãos. Celebrarão elles da mesma sorte esta nova posse, como quando fizerão acceitação da offerta. Cantou a missa o rev. conego João Pereira; e fez o panegirico o rev. Manuel da Cunha, mestre que era no *Collegio da classe terceira*[2].

«Não poucos nem pequenos forão os gastos que nisto fez s. ex.ª, porem nunca lhe impedirão dar esmollas a outros necessitados. Até o *memorado anno de 1760* (?) não faltou em dar esmolla publica, e geral aos sabbados de manhã á sua porta. Havia dia em que se juntavão 500 pessoas; e a não vir a *ley da Policia*, continuaria na mesma acção até á sua morte. Porem como soccorria as faltas occultas dos moradores vizenses por mãos do seo esmoller; satisfazia para com Deos, nesta sua grande charidade.»[3]

—

O mesmo bispo *D. Julio* no anno de 1764, penultimo da sua existencia, deu á Misericordia para fundo do dicto hospital a importante somma de *dez contos de réis em dinheiro*, que por certo equivaliam a mais de *vinte contos da nossa moeda actual?!...*

---

[1] Aqui ha uma emenda no texto e uma cota que diz *antecedente anno*.

A redacção é confusa n'este ponto, mas, pelo que se lê *infra* e *supra*, julgamos que o padre Sousa se referia *ao anno de 1760*.

[2] Do exposto se vê que o antigo *Seminario* de Viseu se denominava *Collegio*, nome que ainda hoje conserva o edificio onde funccionava e que lá se vê junto da Sé, á esquerda de quem entra, como já dissemos e diremos ainda no topico do *Paço Episcopal*.

Tambem se denominou *Collegio* o antigo *Seminario* de Lamego.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

[3] O marquez de Pombal tanto desconsiderou e magoou D. Julio que o *matou com desgostos*,—e em 1760, vendo a generosidade com que elle soccorria os pobres, pelo que todos o adoravam, até lhe prohibiu *o dar esmolas publicas?!...* É isto o que diz o padre Sousa *muito a medo*, por estar ainda dictando a lei o marquez de Pombal.

V. o topico relativo a *D. Julio F. d'Oliveira*.

Era *muito esmoler* e *muito generoso*!

Tambem já em 1705 o bispo *D. Jeronymo Soares* havia feito importantes obras na enfermaria do mesmo hospital, para que os homens estivessem separados das mulheres, e deu tambem á Misericordia 2:000$000 réis, com a condição de que seriam postos a juro emquanto elle vivesse e que só depois da morte d'elle a Misericordia poderia dispor do proprio e juros. D'isto se lavrou escriptura nas notas do tabellião Antonio Coelho de Gouveia, a 13 de maio de 1705, sendo provedor Francisco de Lemos de Napoles,—escrivão Fradique Lopes de Sousa,—thesoureiro Antonio Figueiredo de Moraes—e procurador o dr. Francisco Loureiro da Veiga.

Se bem o determinou o santo prelado, melhor o cumpriram os benemeritos irmãos, pelo que a dicta somma, quando o prelado falleceu em 18 de janeiro de 1720, montava a doze mil crusados ou a 4:800$000 réis.[1]

Igual somma, ou 4:800$000 réis deu tambem á Misericordia em 1777 o bispo *D. Francisco Mendo Trigoso* para alimento dos convalescentes.

Tambem o bispo *D. Diniz de Mello e Castro* em 1639 estabeleceu um legado importante em predios rusticos, para que dos seus rendimentos a Misericordia de Viseu desse annualmente a cada uma das Misericordias de Pinhel, Trancoso e Vouzella a quantia de 15$000 réis—e ás de Aguiar da Beira, Algodres e Penalva 8$000 réis, ficando o restante á de Viseu para sustento de amas que criassem os filhos de mulheres pobres que não tivessem leite e para repartir as sobras (havendo-as) pelos presos doentes e por pessoas de bem, necessitadas.

Alem d'estas, recebeu a *santa casa* outras muitas esmolas de differentes bispos e de pessoas particulares, pelo que nos fins do ultimo seculo, dispondo já de bastantes recursos e sendo o seu hospital muito pequeno, resolveu edificar outro mais amplo. É o denominado

---

[1] *Catalogo* do padre Sousa, tomo 3.º fl. 115, v. e 116.

Hospital Novo [1]

Lançou-lhe com grande pompa a primeira pedra o bispo *D. Francisco Monteiro Pereira d'Azevedo* no dia 29 de março de 1793 e sob a mesma pedra se collocou um exemplar de todas as moedas portuguezas cunhadas até áquelle tempo no reinado de D. Maria I, a qual, por provisão de 12 de fevereiro de 1799, obrigou todos os concelhos da antiga comarca de Viseu a pagarem um real de contribuição por cada quartilho de vinho e arratel de carne em favor das obras do dicto hospital, mas muitos concelhos, allegando a distancia d'elles á séde da comarca, não quiseram sugeitar-se á dicta contribuição. Alguns foram compellidos judicialmente e outros nada pagaram até hoje, pelo que, aberto o novo hospital, a Misericordia se recusou a acceitar os doentes pobres d'aquelles concelhos e só mediante uma avença com as respectivas camaras os acceita,—avença que hoje é de 160 réis diarios pelo tractamento de cada doente pobre dos dictos concelhos.

Ignora-se quem fez a planta d'este hospital, mas sabemos que o mestre pedreiro Jacintho de Mattos, de Villar de Besteiros, arrematou a construcção das paredes por réis 30:000$000—e o mestre Manuel Ribeiro, de Viseu, arrematou as obras de madeiramento e ferragens por 13:600$000 réis.

A construcção correu lentamente e esteve alguns annos suspensa por falta de dinheiro e por causa da guerra da peninsula e das guerras civis posteriores.

Recebeu os primeiros doentes em 1842, estando incompleto ainda; continuaram porem as obras até o seu final acabamento, seguindo-se depois outras indicadas pela experiencia para melhorar o serviço clinico, a fiscalisação e administração, etc.

Em 1842 fez-se o grande portão de ferro da entrada para o edificio, pelo que n'elle se poz aquella data,—e em 1876 fez-se a bella escadaria semi-circular exterior, na entrada para o grande terreiro em fórma de parallelogrammo e que toma toda a frente do edificio,—terreiro ajardinado e circuitado por pilares de pedra e formosa gradaria de ferro, que fecha o terreiro por 3 lados, tendo em cada uma das 3 faces um portão de ferro tambem.

—

Este edificio é considerado o primeiro de Viseu e pela sua vastidão, magestade e solidez, pelo aceio que se nota n'elle *todo*, pela sua vantajosa situação e pelo seu bom serviço clinico, é hoje o primeiro hospital d'esta provincia e um dos primeiros do nosso paiz. [1]

Demora a S. de Viseu, a montante do velho hospital da Misericordia, em terreno enxuto, plano, alegre e vistosissimo, a pequena distancia da cidade e no ponto mais alto d'ella, pelo que muito prudentemente a santa casa n'elle collocou 3 *para-raios* para o defender das faiscas electricas, sendo para lamentar, como já dissemos, que os prelados e o cabido *até hoje* não tenham protegido a Sé tambem com *para-raios*.

Do *Hospital novo* se descobre um vastissimo horisonte limitado a O. e N. O. pelas serras da Gralheira e Caramulo;—a S. O. pela serra do Bussaco—e a S. e S. E. pela Serra da Estrella.

D'ali se descobrem tambem muitas povoações, algumas distantes mais de 50 kilometros, taes são Gouveia, Folgosinho e Linhares na pendente N. O. da Serra da Estrella.

A pag. 4 do *Album Visiense* (collecção do 2.º anno, 1886) pode ver se em lithographia este hospital. Tem 2 pavimentos:—um ao *rez de chausseé*, com o grande portão de entrada, um espaçoso pateo bem lageado, e diversas repartições, avultando entre ellas a pharmacia, que está muito bem montada.—Occupa o angulo O. d'este pavimento; — é muito espaçosa;—tem muita luz—e pela sua

---

[1] V. o n.º 13 no topico *Edificios publicos brasonados*.

[1] A Misericordia de Lamego tambem traz ali em construcção no momento *um grande hospital* que, depois de concluido, talvez supplante este de Viseu!...

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

vastidão, exposição e aceio envergonha talvez *todas* as do nosso paiz,—exceptuando algumas de Lisboa. Envergonha mesmo a do grande hospital da Misericordia do Porto, sendo a dicta Misericordia *hoje a mais rica da Europa?!...*

—

O 2.º pavimento tem na sua fronteria 9 grandes portas rasgadas, sendo maior a do centro, sobre a qual se ergue o frontão já descripto sob o n.º 13 no topico dos *Edificios publicos brasonados.*

Tem este hospital 4 enfermarias com os nomes de *S. João, S. Francisco, Sant'Anna* e *Senhora das Dores*,—mais duas para os irmãos da Misericordia—alguns quartos para pensionistas,—compartimentos para alienados e para presos doentes,—casa de banhos, casa d'autopsias, casa mortuaria, etc.

O movimento dos doentes d'este hospital em 1885 foi o seguinte:

Existiam em 1 de janeiro.....	102
Entraram durante o anno.....	1:824
Sairam.....	1:678
Falleceram	129
Ficaram existindo em 31 de dezembro.....	119

Calcula-se o seu movimento annual em 1:900 doentes;—o numero d'obitos em 6 por cento;—e a despeza total por anno em réis 13:500$000, comprehendendo dietas e medicamentos, ordenado dos facultativos e enfermeiros, etc.

O serviço clinico é feito por 6 facultativos, sendo um d'estes operador.

Cemiterio

A pequena distancia do hospital e contiguo á cerca d'elle está o *Cemiterio Municipal de Viseu*, para o qual tem serventia propria por uma porta lateral.

O cemiterio foi feito em terreno da quinta ou cerca do *Hospital da Misericordia*, por transacção entre esta e a camara, consignada em escriptura publica de 17 de março de 1852,—e foi feito em seguida a expensas das duas corporações, acabando as obras em 2 d'abril de 1856. O seu chão é alto, plano e muito arejado,—tem capella propria e alguns mauzoleus—e está decente.

Na capella se vê o lindo pulpito de porphido (marmore da Arrabida) que esteve na Sé e depois na extincta egreja de *S. Martinho*, como já dissemos.

V. o n.º 2 no topico dos *Templos extinctos* —e no nosso *Catalogo dos bispos visienses* o topico relativo a *D. João de Mello.*

Desde 1842, data em que os doentes se transferiram para o novo hospital, a Misericordia cedeu o hospital velho, ou das *Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo*, para n'elle se tractarem os militares doentes e depois o vendeu ao governo, em 1875, por réis 2:201$000, comprehendendo alem da casa um pequeno chão contiguo, onde se enterravam os doentes que falleciam n'aquelle hospital,—hoje *Hospital militar* da guarnição de Viseu.

Em 1842, quando se transferiram os doentes para o novo hospital e ficou devoluto o hospital velho, o provedor da Misericordia fez abrir a sepultura que estava na capella do dicto *hospital velho* e na qual jaziam os seus fundadores, como já dissemos. Ainda lá encontrou alguns restos mortaes,—ossos dos braços e as duas caveiras;—conduziu tudo com a maior decencia para a egreja da Misericordia;—fez-lhes ali exequias solemnes no dia 18 de julho do dicto anno,—e em seguida a irmandade com a sua bandeira acompanhou aquellas venerandas ossadas até o novo cemiterio, onde foram collocadas em nova sepultura, na qual se gravou uma inscripção para perpetuar a memoria dos benemeritos finados.

Lamentamos que não transferissem tambem para o novo cemiterio com as ossadas d'aquelles piedosos fundadores a *propria sepultura* em que jaziam, porque era muito decente e tinha pelo lado interior pintados differentes emblemas que bem revelavam a piedade dos dois esposos,—como diz F. Manuel Correia. Alem d'isso era um monumento venerando pela sua antiguidade e lá ficou em abandono!...

—

Antes da construcção d'este *cemiterio mu-*

nicipal os enterramentos da cidade de Viseu eram feitos nas egrejas e o primeiro e mais antigo de que ha memoria em Viseu estava junto da egreja de *S. Miguel do Fetal.*[1] Isto se prova evidentemente com a *Vida de S. Theotonio*, escripta por um seu contemporaneo e discipulo, tambem conego regular e prior de Santa Cruz, nos fins do seculo XII ou principios do seculo XIII,—documento autographo e de todo o ponto *authentico*, transcripto no *Portugaliae Monumenta*[2] do codice n.º 52 da *Bibliotheca Municipal do Porto.*

Aquelle precioso documento é latino, mas em vulgar os numeros citados dizem entre outras coisas o seguinte:

«S. Theotonio, estando em Viseu, primeiramente como prior e depois como simples padre, reprehendia os peccadores sem attenção a pessoas. Assim estando um dia na Sé pregando e achando-se presentes a rainha D. Theresa e o conde D. Fernando Peres de Trava, com o qual vivia maritalmente, sendo viuva, estes coraram de vergonha;—sairam pela porta fóra—e não se atreveram a castigal-o, nem mesmo a increpal-o.

«Outro dia, em um sabbado, estando S. Theotonio na Sé para celebrar missa a Nossa Senhora, segundo o seu costume, a rainha D. Theresa, chegando á porta da Sé n'esse instante, mandou-lhe dizer que abreviasse a missa. Respondeu—que outra rainha, a *Rainha do ceu*, muito mais nobre e mais santa lhe mandava celebrar a missa com pausa e veneração—e que a rainha D. Theresa podia livremente assistir á missa, ou retirar-se.

«Ficou a rainha envergonhada com a resposta e respeitando cada vez mais a santidade de D. Theotonio, pois, terminada a missa, chamou-oa o seu palacio,—pediu-lhe perdão de joelhos—e prometteu não mais fallar tão levianamente das coisas santas.

«Costumava elle celebrar nas sextas feiras por todos os fieis defuntos, *na capella de S. Miguel* (do Fetal) *extra muros, no cemiterio da cidade de Viseu* (?) sendo sempre grande a concorrencia dos fieis;—no fim da missa fazia procissão das almas pelo cemiterio—e por ultimo distribuia pelos pobres as muitas e diversas oblatas que os fieis lhe davam, segundo o costume *illius regionis.*»

Do exposto se vê que nos principios do seculo XII o cemiterio de Viseu estava contiguo á egreja de *S. Miguel do Fetal.*

V. o topico relativo ao prior *S. Theotonio.*

Azylo de Invalidos

A pequena distancia do *Hospital Novo* e na cerca d'elle tem a Misericordia tambem um *Azylo de Invalidos*, onde alberga e sustenta 16 infelizes,—8 de cada sexo.

Em 21 de dezembro de 1855 resolveu a Misericordia fundar um *Azylo* para 20 invalidos, mas por falta de meios ainda não estava feita a casa em 1869, pelo que em 16 de maio do dicto anno a Misericordia deliberou receber, como recebeu, os primeiros 12 invalidos em um edificio provisorio e ali se conservaram. Finalmente, em agosto de 1882, quando vieram a Viseu el-rei o sr. D. Luiz e sua esposa a rainha D. Maria Pia, por occasião das festas da inauguração *solemne* da linha ferrea da *Beira Alta*[1], a Misericordia lançou a primeira pedra ao novo edificio do *Azylo*, que ainda está muito longe da sua conclusão.

Apenas tem construida a frente, achando-se as obras suspensas ha muito.

Demora em sitio alto, alegre e vistoso, defronte do hospital e distante d'elle cerca de 300 metros, no sitio da *meia laranja*, sobre a estrada nova a macadam da Mealhada, que lhe passa a O., ficando a frente para N. a pegar com a estrada nova, que vae d'esta meia laranja para o cemiterio e communica a da Mealhada com a districtal, que vae para Nellas[2].

---

[1] V. este titulo supra, pag. 1565, col. 2.ª e seguintes.

[2] Tomo *Scriptores*, pag. 81, col. 1.ª, n.os 5, 6 e 7. São estes os numeros que vamos transcrever, mas o documento é muito mais longo.

[1] Esta linha já estava aberta ao transito.

[2] É lamentavel que, tendo terreno a esco-

Azylo de Infancia desvalida

Demora na nova estrada que do *Rocio de Santo Antonio* (*Passeio de D. Fernando*) conduz á *Ribeira*, e é um edificio espaçoso, imponente e muito regular.

Foi aberto em 14 de junho de 1874 e esteve primeiramente e provisoriamente na rua *Direita*, donde passou em 1875 para a rua da *Regueira* e d'ali para o seu novo e actual edificio, que foi principiado em 1876 e concluido em 14 d'agosto de 1879.

Hoje, 1887, o numero de azylados é de 50, sendo 25 do sexo masculino, e 25 do feminino. Ainda não está cheio este numero, mas espera-se preenchel-o em breve, e tem capacidade para receber 100 creanças.

Alem da casa da aula, secretaria e quartos para os empregados, tem 5 extensas e bellas camaratas,—3 no primeiro pavimento para meninos,—e 2 para meninas, no segundo pavimento.

O seu pessoal estipendiado é o seguinte: 1 professor, 1 professora, 1 directora, 1 prefeito e 2 criados.

Formam o seu fundo alguns donativos e um subsidio permanente dado pela junta geral do districto, alem do producto eventual de subscripções e espectaculos.

Estiveram alojadas no *rez de chaussée* d'este edificio a repartição de fazenda, a recebedoria do concelho e a secretaria da camara municipal, até os principios do corrente anno de 1887, data em que se transferiram para os novos paços do concelho.

O azylo tem aulas de instrucção primaria para os dois sexos e de lavores para as meninas.

—

Este *Azylo de Infancia* é destinado a receber as creanças desvalidas dos 13 concelhos ao sul d'este districto, porque as dos outros 13 concelhos do norte são recebidas no *Azylo de Lamego*, inaugurado em 1868.

Como a *Junta geral* d'este districto subsidiava e subsidia ainda hoje aquelle *Azylo*, resolveu fundar outro em Viseu, para o que, por iniciativa do governador civil, foram em 1873 creadas n'aquelles 13 concelhos commissões encarregadas de promover e colligir donativos e, desde que se inaugurou em 14 de junho de 1874, foi entregue a uma direcção eleita pelos subscriptores em assembléa geral, como dispoem os seus estatutos.

O subsidio da *Junta* a principio foi de 500$000 réis por anno, mas depois foi subindo e hoje monta a 1:500$000 réis annuaes. Tambem recebe 600$000 réis por anno de rendimento de fundos publicos que já tem adquirido—e 500$000 réis de subscripções particulares.

Não recebe creanças menores de sete annos e a principio logo que chegassem aos 14 annos eram despedidas e entregues ás suas familias, ou collocadas pela direcção na aprendisagem de qualquer arte ou officio; foram porem reformados os estatutos no sentido de poderem as creanças permanecer no Azylo até a idade de 18 annos, construindo-se officinas contiguas ao edificio para n'ellas aprenderem as artes e officios de mais prompta applicação.

Tambem se projecta crear no Azylo uma cadeira de desenho e um gymnasio, mas lucta com falta de meios, posto que até hoje a sua administração tem sido muito economica, muito zelosa e digna de todo o louvor.

O Pelicano da Sé

Uma das obras d'arte mais antigas e mais interessantes que Viseu possue é um *pelicano* de bronze, muito bem cinzelado, que esteve muito tempo decorando uma grimpa das torres da Sé e que hoje se vê no altar-mór servindo de estante, pois para estante foi feito.

No *Album Visiense*, a pag. 87, se encontram duas lithographias representando o tal *pelicano* de *lado* e de *frente*, desenhado pelo sr. José d'Almeida e Silva, illustrado e benemerito director do dicto *Album*, e que tambem dedicou ao celebre *pelicano* o artigo seguinte:

---

lher, deixassem este edificio quasi sem terreiro na frente, e o angulo occidental d'elle obtuso para facear com as duas estradas.

«Damos hoje [1] á estampa esta obra d'arte assaz importante, já por a epocha da sua factura, já por a sua bella execução.

«Estamos convencidos de que, para alguem, não só o pelicano, como todas as obras d'arte antigas que apresentamos de vez em quando no *Album*, são coisas de nulla importancia. Sentindo immenso tal pensar, não desistimos porem d'estes assumptos, porque são importantes e uteis.

«Ha tres annos, um grupo de illustres sabios do nosso paiz tentou promover uma *Exposição d'arte ornamental*, o que brilhantemente realisou [2].

«Para isto espalhou-se o referido grupo pelo reino, vindo a Viseu o mallogrado dr. Simões de Carvalho, que levou da nossa Sé para a dicta *Exposição* uma biblia, um calix, uma capa d'asperges, um relicario de bronze e o pelicano do mesmo metal, que foi desencantar da grimpa do campanario do relogio, onde estava. [3]

«De então para cá, principiou a *vida feliz* d'este chamado *pelicano*, que por fim de contas nada tem de palmipede, mas sim tudo de abutre, podendo se chamar muito á vontade uma *aguia*.

«Como se sabe, os entendedores classificaram esta aguia de *obra d'arte*, dando-lhe *quinhentos annos* de existencia. [1]

—

«Concordaram que foi feita para servir de estante e que ha apenas uma outra egual na Belgica. Mandaram-lhe pôr umas pernas de bronze, porque as primitivas haviam sido decepadas, e offereceram por ella 500$000 réis ao cabido da Sé de Vizeu, o qual—honra lhe seja feita—recusou a offerta, para assim conservar objectos de valor. Porem alguns *Romeus* da archeologia artistica enamoraram-se da aguia—a *Julieta*,—a ponto de não lhe permittirem regressar aos penates [2].

---

[1] Refere-se ao mez de março de 1885.

[2] A dicta *Exposição* foi feita a expensas do governo, por decreto de 22 de junho de 1881, em Lisboa, no antigo palacio do marquez de Pombal, hoje *Museu de Bellas Artes*.

Foi presidente da commissão central directora S. M. el-rei D. Fernando, que nomeou duas commissões executivas,—uma portugueza, outra hespanhola, porque a exposição devia comprehender e comprehendeu obras d'arte das duas nações.

A commissão executiva portugueza era formada pelos cavalheiros seguintes:

—Delfim Deodato Guedes,—presidente.
—Antonio Thomaz da Fonseca.
—Ignacio de Vilhena Barbosa.
—Augusto Carlos Teixeira d'Aragão.
—Francisco Marques de Sousa Viterbo.
—José Luiz Monteiro.
—Dr. Augusto Filippe Simões,—secretario.

Tiveram todos um trabalho insano, já percorrendo as nossas provincias (ao dr. Simões tocou esta da Beira) para colligirem os diversos artigos, já tractando da sua installação e catalogação, etc.

Foi uma Exposição brilhantissima!...

V. *Lisboa* no supplemento a este diccionario.

[3] Temos sobre a nossa mesa de estudo os 2 interessantes volumes do *Catalogo da Exposição* e d'elles se vê que a cidade de Viseu foi uma das que melhor se apresentou na dicta *Exposição*.

Da propria Sé ali figuraram outros artigos, entre elles a grande e bella custodia dada pelo bispo e cardeal D. Miguel da Silva em 1533. D'ella póde ver-se a gravura no tomo *das estampas* sob o n.º 69—e no tomo *com o texto*, sob o n.º 63, se lê o seguinte:

«*Custodia de prata dourada.* Altura 0m,61. A base, de forma oblonga e com fortes chanfros, é ornada de ramagens. Em roda tem a seguinte inscripção em caracteres romanos: *Michael Sylvivs episcopvs visens D. An. M.D.XXXIII.*

«O nó é formado de arcarias gothicas. O relicario está entre duas columnas ornadas com as imagens de S. Sebastião e S. Braz (?) Sobre as columnas ergue-se uma cupula de rendilhados, contendo a imagem do Salvador e encimada por uma urna, cujo remate falta.»

Cederam tambem para a dicta Exposição numerosos e valiosos artigos muitos cavalheiros de Viseu, nomeadâmente o *conde de Prime* e *Bento de Queiroz*.

[1] O *Catalogo* (tomo com o *texto*, pag. 30, n.º 242) diz textualmente o seguinte.—«Estante de côro, de bronze. Altura 0m,62. Tem a fórma de pelicano e é provavelmente obra flamenga do fim do seculo XV.» Não lhe deram pois 500 annos d'existencia, mas 383, porque a exposição teve logar em 1882.

[2] Effectivamente o governo tentou adqui-

«D'aqui, grave questão na imprensa do paiz, dando-se por fim o seu a seu dono, ficando os pobres amantes sem a aguia *e sem as pernas que lhe mandaram pôr*!

«Depois de uma ausencia de um anno chegou a aguia a Viseu, onde foi recebida com todas as demonstrações d'apreço, indo occupar altivamente o centro do côro alto da Sé, d'onde passou ha pouco tempo para o altar mór, no qual serve actualmente de estante. A aguia é digna da apreciação que lhe fizeram.

«Aos que julgarem este trabalho artistico um *passarôllo* qualquer, recommendamos que o examinem de perto para gosarem não só a perfeição das camadas de pennas, como tambem o ser tudo aquillo aberto a buril, e feito no seculo XIV.

«A. Silva.»

—

A historia do tal *passarôllo* fez-me recordar a da celebre *cabicanca*, terror d'Aguiar da Beira;[1] mas parece averiguado que a tal *cabicanca* era uma inoffensiva e pobre cegonha, em quanto que o *passarôllo* de Viseu ainda não está bem definido.

Tem pernas curtas e grossas,—garras medonhas—peito proeminente,—pescoço recurvado,—bico tambem recurvado e tocando o peito, — cauda estendida, — asas crespas e abertas, como para lucta (não estendidas) com os côtos levantados e as extremidades caidas em linha vertical, formando a estante, —e na extremidade das azas tem um travessão que segura os livros.

Com a historia da celebre *cabicanca* e do tal *passarôllo*, pelicano, abutre ou aguia, estou prefazendo os meus 55 annos, pois já soaram as 12 horas da noite de 13 de novembro de 1887 e eu nasci em 14 de novembro de 1832, como disse o meu antecessor nos artigos *Corvaceira, Miragaya* e *Penajoia*.

Paços do concelho

Os antigos paços do concelho estavam na travessa do *Chão do Mestre*, a montante da velha *Praça do Commercio* ou de *Luiz de Camões*;—suppõe-se que eram muito humildes—e foram devorados por um incendio no dia 8 d'agosto de 1796. A camara tentou restaural-os e chegou a dar principio ás obras, mas não as concluiu.

Desde o incendio estiveram em differentes edificios; — durante a feira de *S. Matheus* tambem a camara funccionou na *Casa Municipal da Ribeira*, como já dissemos a pag. 1552;[1] nos ultimos annos occupou os baixos do *Azylo da Infancia desvalida*, como dissemos no topico antecedente,—e desde os principios de 1886 installou-se nos seus novos paços que mandou fazer no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, onde funccionam tambem desde aquella data outras repartições publicas:—tribunal judicial, administração do concelho, escrivania da fazenda, commissariado da policia, etc.

É um edificio muito amplo e muito bem situado;—o primeiro dos edificios publicos modernos de Viseu, depois do *Hospital Novo* da Misericordia.

A camara deu principio aos seus novos paços no dia 24 de setembro de 1887[2] no

---

ril-a para o *Museu de Bellas Artes*—e lá estaria bem melhor do que na *grimpa da torre*, onde os rev.os conegos a tinham e teriam ainda hoje, se de lá não a tirasse o fallecido dr. Simões. Foi elle quem a *desencantou* e lhe deu a celebridade que hoje tem, pois os rev.os conegos *mal a conheciam* e não lhe ligavam importancia alguma!...

[1] V. tomo 1.º pag. 38, col. 2.ª

[1] Estiveram tambem por mais de 12 annos todas as repartições da camara, na rua da Calçada, nas casas de Nicolau de Mendonça, de S. Salvador, e d'ali se mudaram para os baixos do Azylo, como acima indicamos.

[2] No mesmo anno foi feita (pela 3.ª vez!) a ponte de pau na *Ribeira*, ao fim da rua de Viriato,—e tambem se deu principio á nova *Praça 2 de Maio* e á nova rua que vae da rua *Formosa* para a de *S. Domingos* e para a *Praça Velha* ou de *Luiz de Camões*.

chão que occupavam as casas e quintal do conde de Fornos e uma pequena parte da quinta de Joaquim Machado da Silveira, a O. do Passeio de D. Fernando,—passeio que ficou mais espaçoso com aquelles chãos e mais alindado com o grande edificio.

Traçou a planta o distincto engenheiro visiense, José de Mattos Cid—e dirigiram a construcção primeiramente o engenheiro Fernando Victor Mendes d'Almeida—e em seguida até hoje o sr. Antonio Cazimiro de Figueiredo, coronel d'engenheiros e director das obras publicas d'este districto.

Tem o novo *palacio municipal* 2 pavimentos e um grande numero de casas para as seguintes repartições:—tribunal, conservatoria, contadoria e cartorios do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º officios da comarca,—sala de sessões, secretaria, recebedoria e cartorio da camara,—bibliotheca municipal,[1] administração e recebedoria do concelho, etc.

Foi orçada a construcção em 43 contos e n'esta data (novembro de 1887) ainda continuam as obras.

Cadeia Civil

Estava no *rez de chaussée* da antiga casa da camara, incendiada em 1796 e,—não sabemos bem desde quando, talvez desde aquella data,—funcciona em uma das velhas *torres romanas*, que foi *Aljube* ou prisão ecclesiastica.

É uma masmorra immunda, vergonha de Viseu e do nosso paiz.

Armas de Viseu e a *Lenda de D. Ramiro*

É este um dos topicos mais emmaranhados e mais impertinentes na historia d'esta cidade e um dos que mais nos incommodou, sem podermos liquidar bem a questão.

[1] A *Bibliotheca* ainda se acha no edificio do *Collegio*, antigo *Seminario*, como logo diremos, quando fallarmos d'ella.

Tivemos de consultar e folhear muitos livros, principiando pelo *Portugaliae Monumenta*, cujo aspecto faz tremer! Consultámos tambem a *Hist. Geneal. da Casa Real*, a *Monarchia Lusitana*, os *Dialogos* de Botelho, os poemas de João Vaz e de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, o romance *Miragaya* de Almeida Garrett, a *Chorographia Port.* do Padre Carvalho, as *Cidades e Villas* do sr. Vilhena Barbosa, etc., etc. Podiamos escrever um livro sobre o assumpto, mas apenas diremos o seguinte:

As armas actuaes de Viseu são as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos, mas outr'ora teve por armas «um escudo coroado e n'elle um castello de prata em campo azul, banhado por um rio;—de um lado do castello a figura de um homem com trajos de peregrino, tocando uma buzina, e do outro lado um pinheiro. Achamol-o ainda descripto por outro modo, consistindo a differença em estar sobre as ameias do castello o homem que toca a buzina[1].

«A lenda, que deu origem a este brasão, cantou-a Garrett na sua lyra d'ouro. Posto que se fez popular essa linda poesia, que o nosso grande poeta intitulou *Miragaia*, como poderá ser desconhecida para alguns dos nossos leitores, vamos referir a lenda succintamente, e com a ingenuidade com que a narra a tradição.

—

«D. Ramiro II, rei das Asturias e de Leão, que reinou desde o anno de 931 até o de 950, n'uma excursão que fez de Viseu, onde então residia, por terras de moiros, viu e enamorou-se da formosa *Zahara*, irmã de Alboazar, rei moiro, ou alcaide do castello de Gaia sobre o rio Douro.

«Recolheu-se D. Ramiro a Vizeu com o coração tão captivo, e a razão tão perdida, que sem respeito aos laços, que o uniam a sua esposa *D. Urraca*, ou, como outros lhe chamavam, *D. Gaia*, premeditou e executou o rapto de Zahara.

«Emquanto o esposo infiel se esquecia de

[1] *Cidades e villas* do sr. Vilhena Barbosa, tomo 2.º pag. 187.

Deus e do mundo nos braços da moira gentil, n'um palacio á beira mar, o vingativo irmão de Zahara, trocando affronta por affronta, veiu de cilada, protegido pela escuridão de uma noite, assaltar e roubar nos seus proprios paços a rainha *D. Gaia*.

«A injuria vibra n'alma de Ramiro o ciume e o desejo de vingança.

«O ultrajado monarcha vôa á cidade de Vizeu, escolhe os mais valentes d'entre os seus mais aguerridos soldados, e lá vae á sua frente caminho do Douro.

«Chegando á vista do castello d'Alboazar, deixa a sua cohorte occulta n'um pinhal, e disfarçado em trajos de peregrino, dirige-se ao castello, e por meio de um annel, que faz chegar ás mãos de D. Gaia, lhe annuncia a sua vinda.

«O peregrino é introduzido immediatamente á presença da rainha, que fica a sós com elle. Alboazar tinha ido para a caça. D. Ramiro atira para longe de si as vestes e as barbas, que o desfiguravam, e corre a abraçar a esposa. Esta porem repelle-o indignada, e lança-lhe em rosto a sua traição.

«No meio de um vivo dialogo de desculpas de uma parte, e de recriminações da outra, volta da caçada Alboazar. D. Ramiro não póde fugir. Já se sentem na proxima sala os passos do moiro. A rainha, parecendo serenar-se, occulta o marido n'um armario, que na camara havia.[1] Mas apenas entrou Alboazar, ou fosse vencida d'amor por elle, ou cheia d'odio para com o esposo pela fé trahida, abre de par em par as portas do armario, e pede vingança ao moiro contra o christão traidor.

«D'ahi a pouco era levado el-rei D. Ramiro a justiçar sobre as ameias do castello. Chegado ao logar da execução pediu o infeliz, que lhe fosse permittido antes de morrer despedir-se dos sons accordes da sua buzina. Sendo-lhe concedida esta derradeira graça, D. Ramiro empunha o instrumento, e toca por tres vezes com todas as suas forças.

«Era este o signal ajustado com os seus soldados, escondidos no proximo pinhal, para que, ouvindo-o, lhe acudissem apressadamente. Portanto n'um volver d'olhos foi o castello cercado, combatido, tomado, e depois incendiado. A desprevenida guarnição foi passada ao fio da espada, e Alboazar teve a sorte dos valentes:—expirou combatendo. E D. Gaia, como ao passar o Douro para a margem opposta, se lastimasse e móstrasse dôr, vendo abrazar-se o castello, foi victima tambem do ciume de D. Ramiro, que cego d'ira a fez debruçar sobre o bordo do barco, cortando-lhe a cabeça de um golpe d'espada.

«A' fortaleza em ruinas ficou o povo chamando o *castello de Gaia*, e á margem do rio, onde aportou o barco de D. Ramiro, deu-lhe o nome de *Miragaia*, em memoria d'aquelle fatal mirar da misera rainha.

—

«Tal é a lenda, que deu origem ao brasão de Vizeu, em honra da parte que os seus habitantes tomaram n'aquella empresa, — diz ainda o sr. Vilhena Barbosa. O castello representa o d'Alboazar;—o rio que tem por baixo, o Douro;—o peregrino D. Ramiro,— e o pinheiro o bosque em que se escondeu a sua gente.

«Usou a camara municipal d'este brasão até 6 d'agosto de 1796, em que arderam os paços e a cadêa. Sendo necessario fazer um novo estandarte, e novo sinete, resolveu deixar o antigo brasão, adoptando o escudo das armas reaes. Não sabemos o motivo da mudança; mas suppomos que seria por se julgar fabulosa a lenda. Todavia, se foi esta a razão, não a achamos boa, seja a lenda fabula ou historia. Em qualquer caso tinha o primeiro escudo em seu favor os respeitos da antiguidade, e a vantagem de ter a cidade um brasão propriamente seu.

«A lenda póde ser fabulosa, e, sel-o-ha talvez em grande parte, mas *não no todo*. D. Ramiro II roubou a moira Zahara, irmã ou filha d'Alboazar, a qual se fez christã, tomando no baptismo o nome de *Artida*, ou *Artiga*. Repudiando a rainha D. Urraca, casou, segundo uns, ou viveu amancebado, segundo outros, com Zahara, de quem teve um

---

[1] Quasi todas as lições divergem n'este ponto.

P. A. Ferreira.

filho, chamado D. Alboazar Ramires, que foi o primeiro fundador do mosteiro de Santo Thirso, cinco legoas acima da cidade do Porto.»

—

Assim contou a lenda o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso bom amigo e mestre e um dos mais illustrados e *mais consciencio-sos* escriptores contemporaneos, mas de modo *bem differente* a contaram o meu antecessor no artigo *Ancora*, rio, tomo 1.º pag. 208, col. 2.ª,[1]—Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*—e o dr. Botelho nos seus *Dialogos*. Differem tambem *muito* todos os outros auctores que se occuparam da dicta lenda, nomeadamente Bernarda Ferreira de Lacerda,[2] João Vaz, seu contemporaneo[3] e Almeida Garrett, o que não admira, por terem a seu favor a liberdade de poetas. Note-se porem que Bernarda Ferreira na *Hespaña Libertada* acompanhou a historia *muito de perto*—e João Vaz na introducção ao seu poema dá em resumo a pretendida *historia* ou *lenda* de D. Ramiro.

Todas as lições divergem e tanto que não nos foi possivel extremar a parte historica da parte fantastica da lenda.

No mesmo *Nobiliario do Conde D. Pedro* ha duas lições *muito differentes*,—uma no *Livro velho das Linhagens*, ou na *Parte II* d'aquelle antiquissimo nobiliario (edição do *Portugaliae Monumenta*)—outra na *Parte IV* tit. 21. Fr. Bernardo de Brito que, segundo alguem diz, foi o primeiro que deu curso á lenda,[1] seguiu a lição do *Nobiliario*, mas a da *Parte IV*, por ser mais poetica e minuciosa do que a da *Parte II*. D'esta nem fez menção! E acceitou sem escrupulo a lenda, tomando-a como facto historico, *digno de todo o credito*?!...

Não fantasiamos.

No *argumento* do citado cap. 21 da *Parte II* da *Monarchia Lusitana* diz elle textualmente o seguinte:

> *Do successo que aconteceo a el Rey D. Ramiro com Alboazar Iben Albucadan, e da certesa (?) que ha nesta materia...*

Abre depois o capitulo dizendo:

«O credito e authoridade do Cõde Dom Pedro[2], filho del Rey Dõ Dinis, me fórça a tratar hua materia deste Rey D. Ramiro, que na opinião de algũs não he avida por mui certa...» — mas insurge-se contra os incredulos, dizendo que não devemos despresar *as verdades (?) antigas envoltas na simplicidade d'aquelles primeiros tempos*... —e que elle não podia deixar de *respeitar as cousas de muitos annos, como verdade irrefragavel (?) porque nossos antepassados, inda que fossem pouco polidos no que escreviam, erão todavia muy escrupulosos, e firmes na certesa do que contavão (?!...) par-*

---

[1] V. tambem os artigos *Areosa*, *Burgo velho*, *Cabriz*. *Carreço*, *Gaia*, *Miragaya* e *Porto* n'este diccionario.—a *Monarch. Lusit.* parte II, cap. 21,—e o *Dialogo* 2.º do dr. Botelho, cap. 1.º

[2] Esta sabia poetisa nasceu no Porto em 1595 e falleceu em Lisboa, onde jaz, em 1644 ou 1645.

Do seu poema *Hespaña Libertada* foi publicada a 1.ª parte em 1618 e a 2.ª em 1673.

É um poema lindissimo em 8.ª rima e n'elle se encontra a lenda de D. Ramiro no *canto* 6.º da parte 1.ª

[3] Ignora-se quando nasceu e quando falleceu. Apenas sabemos que era natural de Evora—e suppomos que foi contemporaneo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda, porque segundo se lê na *Bibl. Lusit.* a 1.ª edição do poema de João Vaz é de 1601. Depois foi reimpresso em 1630 e 1641. D'esta ultima edição é a copia que se encontra nos *Dialogos* do dr. Botelho (*codice de Girabolhos*).

---

[1] O *Diccionario Bibliographico* de Innocencio dá como *duvidosa* a edição de 1601 do poema de João Vaz—e tem a data de 1609 a *Parte II* da *Monarchia Lusitana* onde Fr. Bernardo de Brito contou a lenda no cap. 21.

[2] Em cota marginal cita o tit. 21 da *Parte IV* sem fazer a minima referencia á lição da *Parte II*, que differe muitissimo!

Fr. Bernardo de Brito era um sabio de primeira plana, mas nada consciencioso e muito vaidoso. Assombrou todos os seus contemporaneos, mas depois verificou-se ter fabulado muito, o que é para lamentar!...

ticularmente o Conde D. Pedro, que como filho de Rey, e pessoa de tãta qualidade não contaria cousa cõposta de sua cabeça, posto que agora nos pareção alguas dellas duvidosas de crer...

—

E logo principia a contar a lenda, seguindo a lição do tal tit. 21 do *Nobiliario* e acceitando-a *toda* sem escrupulo, incluindo a parte em que diz que o sabio astrologo ou feiticeiro judeu Aman raptou do castello *por suas artes* certa noite a filha ou irmã do rei mouro e que a levára a D. Ramiro ?!...

Este simples topico basta para nos convencermos da *verdade irrefragavel* da lenda e do *são criterio* do auctor do *Nobiliario* e de Fr. Bernardo de Brito.

Arcades ambo !...

O chronista mór de Cister ainda queria mais, pois lamenta que o *Nobiliario* não *especifique os particulares que houve na materia* do rapto, ou *as artes* que empregou Aman para tirar do castello a moura sem que ninguem *o sentisse*. Condoeu-se de Fr. Bernardo de Brito a mimosa poetisa D. Bernarda Ferreira, pois no seu poema descreve com vivas côres e muito minuciosamente o processo e *artes* que empregou Aman no rapto da gentil moura.

Tambem alguem estranhou que Alboazar, —vivendo no castello de Gaia, junto da fronteira leonesa, mettendo-se de permeio apenas o Douro, e devendo receiar algum insulto da parte de D. Ramiro tão energico, tão valente e tão *mauzinho* que havia tirado os olhos ao seu proprio irmão mais velho e a tres sobrinhos, por lhe disputarem a corôa,—não estivesse devidamente apercebido, jamais depois que lhe roubou (?) a mulher e a levou para o dicto castello de Gaia.

Foi esta lacuna preenchida por João Vaz nas estancias 88, 89, 102, 103 e 104 do seu poema.

—

Tambem Garrett preencheu outras lacunas e deu novos cambiantes á lenda com o seu inspirado estro, evocando a tradição e as reminiscencias locaes, pois nasceu em 1799 na freguezia de *Miragaya*[1]—e viveu alguns annos em *Gaya*[2], como elle proprio diz na introducção ao seu lindo romance *Miragaia*.

Este romance foi publicado a primeira vez no *Jornal das Bellas Artes*, Lisboa, 1845, tomo 1.º,—posteriormente foi vertido em inglez;—depois em francez por Zanole—e em castelhano por Isidoro Gil. Nós referimo-nos á publicação feita no *Romanceiro*, 3.ª edição, Lisboa 1853, tomo 1.º pag. 199-264.

Na introducção diz o auctor :

«Este romance é a verdadeira reconstrucção d'um monumento antigo. Algumas coplas são textualmente conservadas da tradição popular, e se cantam no meio da historia *rezada*, ainda hoje repetida por velhas e barbeiros do logar. O conde D. Pedro e os chronistas velhos *tambem fabulam cada um a seu modo* (?) *sobre a legenda*. O auctor, ou mais exactamente, o *recopilador* (Almeida Garrett) seguiu muito pontualmente a narrativa oral do povo e sobre tudo quiz ser fiel ao stylo, modos e tom de contar e cantar d'elle; sem o quê, é sua intima persuasão que se não póde restituir a perdida nacionalidade á nossa litteratura.

.....

«Foi uma das primeiras coisas d'este genero em que trabalhei,[3] e é a mais antiga reminiscencia de poesia popular que me ficou da infancia, porque eu abri os olhos á primeira luz da rasão nos proprios sitios em que se passam as principaes scenas d'este

---

[1] Na rua do Calvario, n.º 15.
V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 277, col. 1.ª

[2] E nós nascemos em 1832 na *Penajoia*, em frente das *Caldas do Molledo*, mas temos visitado muitas vezes *Gaia*, porque vivemos *tête à tête* em *Miragaya* desde 1864.
V. *Corvaceira*, *Penajoia* e *Miragaya*, tomo 5.º pag. 250, col. 1.ª

[3] No mesmo livro se encontram mais 6 romances do mesmo auctor :
—Adozinda;
—Bernal—francez;
—Noite de S. João;
—O Anjo e a Princeza;
—O chassim d'el-rei e
—As Pêgas de Cintra.

romance. Dos 5 aos 10 annos de idade vivi com meus paes n'uma pequena quinta, chamada *O Castello*, que tinhamos áquem Douro e que se diz tirar esse nome das ruinas que ali jazem do castello mourisco.

«Na ermida da quinta se venerava uma imagem antiquissima de Nossa Senhora com a mesma invocação *do Castello*, e com sua legenda popular tambem, segundo o costume [1].

«Com os olhos tapados eu iria ainda *hoje* [2] achar todos esses sitios marcados pela tradição. Muitas vezes brinquei na *fonte do rei Ramiro*, cuja agua é deliciosa com effeito; e tenho idéa de me haver custado caro, outra vez, o imitar com uma gaita da feira de S. Miguel, os toques da busina de S. M. Leonesa, impoleirando-me, como elle, n'um resto de muralha velha do castello d'el-rei Alboazar, o que meu pae desapprovou com tão significante energia, que ainda hoje me lembra tambem.

«Assim olho para esta pobre *Miragaya* (refere-se á poesia, não á freguezia de Miragaya) como para um brinco meu de criança que me apparecesse agora; e quero-lhe —que mal ha n'isso?—quero-lhe como a tal

«Lisboa 24 de janeiro de 1847.»

—

Principia Garrett assim:

CANTIGA PRIMEIRA

Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar,
As tuas estrellas de oiro
Quem as poderá contar?

Quantas folhas ha no bosque,
Areias quantas no mar?...
Em quantas lettras se escreve
O que Deus mandou guardar.
. . . . . .

Bem ledo está D. Ramiro
Com sua dama a folgar;
Um perro bruxo judio
Foi causa de elle a roubar.
. . . . . .

E n'esta adoravel cadencia prosegue o mavioso poeta, terminando d'esta fórma:

CANTIGA QUARTA
(*e ultima*)

—«Sanctiago!... Cerra, cerra!
Sanctiago, e a matar!»
Abertas estão as portas
Da torre de par em par.

Nem atalaias nos muros,
Nem roldas para os velar...
Os moiros despercebidos
Sentem-se logo apertar

De um tropel de leonezes
Já portas a dentro a entrar;
Deixa a buzina Ramiro
Mão á espada foi lançar.

E de um só golpe fendente,
Sem mais pôr nem mais tirar,
Parte a cabeça até os peitos
Ao rei moiro Alboazar...

Já tudo é morto ou captivo,
Já o castello está a queimar;
Ás galés com o seu despojo
Se foram logo a imbarcar.

—«Voga, rema! d'alem Doiro
Á pressa, á pressa, a passar,
Que já oiço ali na praia
Cavallos a relinchar.

---

[1] Hoje (1887) já não existem a quinta nem a capella.
A quinta foi retalhada e a capella demolida!...
P. A. Ferreira.

[2] Referia-se ao anno de 1847 e (triste coincidencia!...) *hoje*, na data em que estou escrevendo estas linhas,—9 de dezembro de 1887,—está passando o seu luctuoso anniversario, pois o chorado poeta falleceu em Lisboa no dia 9 de dezembro de 1854. Vivia eu então em Coimbra, frequentando o 4.º anno theologico!...

Bandeiras são de Leão
Que lá vejo tremular.
Voga, voga, que alem Doiro
É terra nossa!.. A remar!

D'aqui é moirama cerrada
Até Coimbra e Thomar.
Voga, rema, e alem Doiro!
D'aquem não ha que fiar.»

A' popa vai D. Ramiro
Da sua galé real,
Leva a rainha á direita,
Como quem a quer honrar:

Ella, muda, os olhos baixos
Leva n'agua... sem olhar.
E como quem d'outras vistas
Se quer só desaffrontar.

Ou Dom Ramiro fingia
Ou não vem n'isso a attentar:
Já vão a meia corrente,
Sem um para o outro fallar.

Ainda arde, inda fumega
O alcaçar d'Alboazar;
Gaia alevantou os olhos,
Triste se pôs a mirar;

As lagrimas, uma e uma,
Lhe estavam a desfiar,
Ao longo, longo das faces
Correm... sem ella as chorar.

Olhou el-rei para Gaia,
Não se pôde mais callar:
Cuidava o bom do marido
Que era remorso e pezar,

Do mau termo atraiçoado
Que com elle fôra usar
Quando o intregou ao moiro
Tam só para se vingar.

Com a voz internecida
Assim lhe foi a fallar:
—«Que tens, Gaia... minha Gaia?
Ora pois! não mais chorar.
Que o feito é feito...»—«E bem feito!»
Tornou-lhe ella a soluçar,
Rompendo agora n'uns prantos
Que parecia estalar:

«É bem feito, rei Ramiro!
Valente acção de pasmar!
Á lei de bom caválleiro,
Para d'um rei se contar!

«Á falsa fé o mataste...
Quem a vida te quiz dar!
Á traição... que d'outro modo
Não és homem para tal.

«Mataste o mais bello moiro,
Mais gentil, mais para amar
Que entre moiros e christãos
Nunca mais não terá par.

«Perguntas-me porque choro!...
Traidor rei, que heide eu chorar?
Que o não tenho nos meus braços,
Que a teu poder vim parar.

«Perguntas-me o que miro!
Traidor rei, que heide eu mirar?
As torres d'aquelle alcaçar,
Que ainda estão a fumegar.

«Se eu fui alli tam ditosa,
Se alli soube o que era amar,
Se alli me fica alma e vida...
Traidor rei, que heide eu mirar!»

«Pois *mira, Gaia*!» E, dizendo,
Da espada foi arrancar:
«*Mira, Gaia*, que esses olhos
Não terão mais que mirar.»

Foi-lhe a cabeça de um talho;
E com o pé, sem olhar,
Borda fóra impuxa o corpo...
O Doiro que os leve ao mar.

Do estranho caso inda agora
Memoria está a durar:
Gaia é o nome do castello
Que ali Gaia fez queimar;

E d'alem Doiro, essa praia
Onde o barco ia a aproar
Quando bradou—«*Mira, Gaia!*»
O rei que a vae degollar,

Ainda hoje está dizendo
Na tradição popular,
Que o nome tem—*Miragaia*
D'aquelle fatal mirar.»

Desculpem-nos a transcripção. Ella ficou muito extensa, mas é o topico mais mimoso e mais interessante d'este tão longo artigo.

São tambem lindissimos os versos de D. Bernarda Ferreira, posto que os escreveu na lingua castelhana, seguindo a moda do seu tempo. Bem quizeramos transcrever tambem alguns para que os leitores notassem o partido que ella tirou do idioma de Cervantes e da 8.ª rima; não devemos porem abusar da paciencia dos editores.

Prosigamos.

—

É muito interessante *a lenda de D. Ramiro* e poucas até hoje terão sido tão bem *resadas* e cantadas em prosa e verso, mas são já tantas as lições e contradições que ninguem sabe onde ficou a *verdade irrefragavel* da historia nem da lenda!

—Uns dizem que o rei mouro era um rei muito poderoso, a quem obedeciam outros reis;—outros dizem que era um simples alcaide mór.

—Uns dizem que se chamava *Alboazar Albucadam*;—outros dão-lhe o nome de *Almansor*.

—Uns dizem que o heroe da lenda foi D. Ramiro I de Leão;—outros querem que fosse D. Ramiro II.

—Uns dão à mulher de D. Ramiro, raptada pelo mouro, o nome de *Gaia*,—outros o de *Aldora*, *Aldara* ou *Alda*—e ainda outros o de *Urraca*.

—Uns dizem que se chamava *Perona* e era francesa a criada que D. Ramiro encontrou na fonte,—outros dão-lhe o nome de *Artida*, *Artiga* ou *Ortiga*, e dizem que era moura,—outros dizem que *Artida* ou *Artiga* foi o nome que tomou no baptismo a mourinha raptada.

—Uns dizem que D. Ramiro casou com ella,—outros dizem que nunca passou de concubina d'elle.

—Uns dizem que D. Ramiro raptou Zahara e que o mouro raptou a mulher de D. Ramiro, seduzindo-as desfigurados em trovadores,—outros dizem que D. Ramiro empregou a arte magica do bruxo Aman,—e que o mouro raptou a mulher de D. Ramiro por surpresa e com gente armada, estando ella em *Minhor*,—emquanto que outros dizem que ella ao tempo estava na corte de Leão.

—Todos dizem que o rei mouro a estremecia e lhe deu a presidencia do harem, mas se ella fez 23 annos depois de casar com D. Ramiro e se este na perigosa expedição para a libertar levou comsigo só gente escolhida e valente, sendo remeiros das galés os proprios fidalgos,—e se levou na expedição o seu filho D. Ordonho, como dizem varios auctores,—D. Ordonho já devia ter pelo menos 20 annos e a mãe mais de 40,—o *nec plus ultra* da bellesa da mulher. Não é pois crivel a paixão do rei mouro e a preferencia que este lhe deu entre as jovens do harem.

—Uns dizem que as duas expedições de D. Ramiro a Gaia foram ambas feitas pelo mar, navegando de norte a sul,—outros dizem que partira de Viseu directamente para Gaia por terra de mouros, acompanhado pelos seus valentes e dedicados visienses.

Tentam explicar assim o facto de Viseu haver tomado por armas os symbolos da lenda.

—Finalmente uns dizem que D. Ramiro, quando tomou o castello, trucidou *logo ali* o rei mouro, toda a familia d'este e toda a gente de Gaia, levando só com vida a mulher;—outros dizem que levou tambem o rei mouro; — que o matou barbaramente em *Monte-Dor*, a N. de Vianna—e depois a rainha mais alem na foz do *Ancora*, nome que tomou desde então aquelle rio, pelo facto de a lançar n'elle com uma *mó* presa ao pescoço;—outros dizem e *provam* que o mencionado rio já então se denominava *Ancora*;—outros dizem que D. Ramiro *degolou a mulher e a lançou ao Douro, em frente do castello de Gaia ainda em chammas?!...*

Vejam que salsada!

—

Tanto bruniram e poliram a lenda que a desfiguraram, como tem succedido a muitas pinturas com as restaurações.

Entre a lenda dos romances e a do *Nobiliario do Conde D. Pedro*, fonte primitiva d'ella, a differença é muito sensivel. Ha mesmo grande differença, como já dissemos entre a lição da 2.ª parte do *Nobiliario* e a da parte 4.ª Referimo-nos á edição do *Portugaliae Monumenta*, a mais moderna (1856) —mais nitida e mais auctorisada de todas, pois foi feita pela *Academia Real das Sciencias* debaixo das vistas e direcção de Alexandre Herculano, sendo vice-presidente da mesma Academia, e por elle prefaciada com todo o esmero e com a severidade e competencia que lhes eram proprias.

Comprehendeu elle sob o mesmo titulo de *Livros de Linhagens* os 4 livros assim denominados e anteriores ao sec. XVI:

1.º—O chamado *Livro Velho*, publicado no tomo 1.º das *Provas* da *Hist. Geneal.* pag. 145.[1]

2.º—O fragmento proximamente da epocha do antecedente, que se acha impresso no mesmo volume das *Provas* e que D. Antonio Caetano de Sousa incluiu na mesma denominação de *Livro Velho*.

3.º—Um fragmento de nobiliario até então inedito, que anda junto ao ms. do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, na *Bibl. Real.*

4.º—O *Livro das Linhagens* attribuido ao Conde D. Pedro, livro que se conserva ms. na Torre do Tombo. Alexandre Herculano tomou aquelle codice para texto do *Nobiliario do Conde D. Pedro*, dizendo que, apesar das duas publicações já feitas—uma em Roma por Lavanha em 1640,—e outra em Madrid no anno de 1646 por M. Faria e Sousa, que o traduziu em castelhano,—aquelle codice em rigor deve considerar se *inedito*, porque Lavanha o alterou todo:—*supprimiu, transpoz e corrigiu. Comparado o impresso com o manuscripto são duas obras differentes*,—diz Herculano prefaciando a edição do *Portug. Monumenta*—e o mesmo se lê na *Memoria* que sobre a origem provavel dos *Livros de Linhagens* publicou nas *Mem. da Academia* (2.ª classe) T. I. P. 2.ª pag. 35.

—

Na edição de Madrid se encontram muitas annotações e commentarios de Lavanha, do Marquez de Montebello, de Alvaro Ferreira de Vera e do proprio editor e traductor M. Faria e Sousa,—e no commentario á *plana* 3.ª (*lenda de D. Ramiro*) Sousa e Vera duvidam da lenda, attribuindo-a Sousa a Fr. Bernardo de Brito que foi o primeiro que a trasladou do *Nobiliario*. O mesmo Sousa accrescenta que o *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro não traz esta nem outras historias semelhantes;—Vera diz que a verdade a tal respeito é sómente o que elle nota no seu commentario á *plana 4.ª*—e que tudo o mais são *contos* como os da *Dama de pé de cabra*, *Capon*, etc. mas na muito auctorisada edição do *Portugaliae Monumenta* lá se encontra a *lenda de D. Ramiro* como Fr. Bernardo de Brito a cantou na *Monarchia Lusitana*,—salvas pequenas variantes.

Alexandre Herculano, log. cit., diz que os *Livros de Linhagens* chegaram até nós *mutilados*, *alterados* e *talvez intencionalmente viciados*, mas que, aproveitando-se com cautela, a historia ainda pode tirar d'elles *grande vantagem*.

—Que «o *Livro de Linhagens*, chamado do Conde D. Pedro, é o livro, *não de um homem*, mas sim *de um povo e de uma epocha*,—uma especie de registro aristocratico, cuja origem se vae perder nas trevas que cercam o berço da monarchia.»

. . . . . .

«O *Livro de Linhagens* não é mais do Conde D. Pedro que de *dez ou vinte sujeitos diversos*, de cujos nomes se duvida e que em varias epochas *o emendaram, accrescentaram, ou diminuíram, substituindo muitas vezes verdades a erros, erros a verdades, ou erros a erros*, mas que n'isso mesmo deixaram vestigios das idéas da sua epocha, tor-

[1] Este livro e o fragmento subsequente foram tirados á parte em um folio de 76 pag. e indices, em 1737.

nando este livro (o *Nobiliario)* um monumento, debaixo de certas relações, *cada vez mais importante.*

. . . . . .

«O *Livro das Linhagens*, se attendermos ao modo porque chegou até nós, labora em grande suspeição»—diz ainda Herculano,—por ser o escrivão do Archivo, *Gaspar Alvares Lousada*, quem tirou a copia, da qual Affonso de Torres extrahiu a que depois veiu a servir de texto nas *Provas da Hist. Genealogica*

Diz mais: «A reputação de antiquario que Lousada desfructou entre os seus contemporaneos *era mentida.* Foram justamente as *suas invenções embusteiras*, apparecendo maravilhosamente a ponto para favorecer *as patranhas historicas então da moda*, que lhe grangearam essa reputação *immerecida.* Quaes eram na verdade os conhecimentos historicos *do consocio dos Britos, dos Higueras e de outros impostores* (?), mais de um escriptor moderno o tem advertido [1].

«. . . . *Todas as invenções desses fabricantes de burlas*. . . . . movem a riso, e antes suscitam compaixão por seus auctores do que indignação. . . . . Nada, porem, se encontra no *Livro Velho* que traia por este lado a *ignorancia atrevida de Lousada em fabricar textos*. . . .—Onde a impericia de Lousada apparece é nos erros de copia; mas esses mesmos erros estão revelando um original do seculo XIV, *que elle nem sempre sabia ler*. . .

—

«Sousa, entendendo ás avessas o prologo de Lavanha e esquecendo-se de cotejar as citações á margem das *Planas* do *Nobiliario* de Roma com o proprio *Livro Velho* que publicou, não fez senão confundir-se a si e aos seus leitores, *desarrasoando miseravelmente* [2]. . .—Faria e Sousa, cuja auctoridade seria maior,. . . . se não fosse *a levesa ordinaria dos seus juisos, e a certesa que attribuia a qualquer cousa que se lhe antolhava*. . . .»

Diz mais—que poucos livros serão tão abundantes de grosseiros erros typographicos como os volumes das *Provas da Hist. Genealogica.* E nós diremos que poucos livros temos folheado tão nitidamente impressos e tão bem revistos como o *Portugaliae Monumenta*, sendo aliás difficilimas a sua composição e revisão.

Fecharemos aqui o extracto do que disse o grande historiador e *grande iconoclasta* Alexandre Herculano relativamente ao *Nobiliario do Conde D. Pedro*, mas quem pretender iniciar-se melhor no assumpto leia no *Portugaliae Monumenta* toda a introducção ao *Livro de Linhagens*,—a edição de Madrid,—a introducção ao tomo 1.º das *Provas da Hist. Genealogica* pag. 141 a 144,—e os n.ºs 1, 2, 3 e 4 (pag. XX a XXIV) do *Apparato* ou introducção á dicta *Hist. Genealogica* tomo 1.º

—

A *lenda de D. Ramiro* anda tão desfigurada que não sabemos extremar d'ella a parte historica. O qué sabemos é que sobre a margem esquerda do Douro e quasi a prumo sobre elle, em frente de *Miragaya* e do Porto se ergue um grande morro de forma conica, ainda hoje denominado *Castello de Gaia*, com um vistoso *plató*, onde em tempos remotissimos pompeou um *castro* ou castello romano, depois castello arabe,—e por ultimo ainda em nossos dias, durante o *cerco do Porto* (1832-1833) ali teve D. Miguel uma medonha bateria, da qual fez parte a peça *Paulo Cordeiro*, dada pelo capitalista d'este nome e que ao tempo era a peça de maior calibre que tinha Portugal.

O dicto morro denomina-se *Castello de Gaia*, mas na minha humilde opinião e na commum dos auctores tomou o nome—não da *Gaia da lenda*, mas do castro romano da povoação de *Cale*, indicada no *Roteiro d'Antonino Pio.*

Suppomos que o dicto castro romano estava no sitio do *Castello de Gaia*, ao sul ou na margem esquerda do Douro, e que a povoação de *Cale*, nucleo do Porto, estava no

---

[1] Cita M. de Figueiredo, Dissert. I sobre El Rei D. Rodrigo, pag. 23,—J. Anast. de Figueiredo, N. Malta. P. II. p. 168, n.º 59,—e J. P. Ribeiro, *Mem. do R. Arch.* f. 33 e segg. etc.

[2] *Hist. Geneal.* T. I. p. 278.

A. Herculano.

sitio hoje denominado *Miragaya*, em frente do castello, na margem N. do Douro [1]; julgo porem fóra de duvida que por ali, no *Castello de Gaia* e suas immediações, andou e viveu um dos reis de Leão com o nome de *D. Ramiro*, talvez o da lenda,—porque assim o affirma ainda hoje a tradição e porque lá se conserva ainda uma rua com o nome de *D. Ramiro* e n'ella a *Fonte de D. Ramiro* e uma bella quinta com arvoredo secular e um palacete com uma torre *muito antiga*, denominados *Paço do Rei Ramiro* ou quinta de *Campo Bello*, que pertenceram ao nobre e rico Alvaro Leite, do Porto, e hoje pertencem ao sr. dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão, feito conde de *Campo Bello* ainda est'anno de 1887, ali residente e casado com uma das sobrinhas e herdeiras do fallecido Alvaro Leite.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, tomo 6.º pag. 86 a 96.

—

Na mencionada rua de *D. Ramiro* acaba de succeder um facto importante:

Á entrada da dicta rua, subindo, á direita, estão hoje os grandes armazens de vinho pertencentes ao sr. *João Henrique Andressen* —e no dia 4 do corrente mez de dezembro de 1887 um medonho incendio devorou a tanoaria e deposito de madeiras, dependencia dos dictos armazens. O prejuiso foi avalíado em 50 contos de réis, mas felizmente o incendio poupou os armazens contiguos, que teem um deposito de vinho e aguardente avaliado em 300 contos?!...

O sr. Andressen contará 60 annos;—veiu do norte da Allemanha para esta cidade como *grumete* ou moço de um barco mercante;—ficou no Porto como caixeiro;—depois estabeleceu-se como negociante;—tem sido muito trabalhador, muito arrojado, muito honrado e *muito feliz* nas suas emprezas, pelo que é hoje *o primeiro armador de navios* e um dos primeiros industriaes e negociantes do Porto. Calcula-se a sua fortuna em *dois mil contos*;—habita palacios,[2] monta bons trens, vive *como um principe* e todos o respeitam, consideram *e estimam*, porque deve toda a sua grande fortuna ao seu trabalho e ao seu cavalheirismo.

Nos seus numerosos e vastos armazens, nas suas fabricas, nos seus escriptorios e nos seus navios sustenta em Portugal e na America mais de *mil pessoas*,—paga generosamente a todos quantos o servem e por isso todos o amam e servem com dedicação.

O grande incendio durou 3 dias, apesar da promptidão dos soccorros e da visinhança do Douro; acudiram todas as bombas de Villa Nova de Gaia e do Porto e durante os 3 dias trabalhou tambem constantemente uma bomba a vapor pertencente aos grandes armazens do sr. Andressen; a tanoaria ardeu toda e ficaram sem trabalho 150 homens que n'ella se empregavam, [1] mas o sr. Andressen (honra lhe seja!) não despediu *um unico?!...*

Alem de negociar fortemente em vinho do Douro, é *o primeiro* negociante de cereaes que hoje tem o Porto. Manda-os vir da America *directamente e em barcos seus*;—depois vende-os em grão ou queima-os e transforma-os em alcool, para o que tem junto da *Furada*, na margem esquerda do Douro, uma grande fabrica propria,—hoje *a primeira de Portugal*, no seu genero,—muito espaçosa, muito bem montada e admiravelmente situada. Apura *milhares* de pipas de alcool por anno, pelo que o sr. Andressen é tambem hoje na praça do Porto o *primeiro fabricante e o primeiro negociante d'aguardente?!...* [2]

---

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 242.

[2] Vive em um formoso palacete na rua do *Barão de Nova Cintra*,—tem o seu escriptorio na rua dos Ingleses,—os seus armazens de vinho em Villa Nova de Gaya—e a sua grande fabrica de queimar pão na *Furada*, mas tudo ligado por uma rede telephonica.

[1] Note-se que tinha machinas a vapor e o machinismo mais completo e aperfeiçoado que hoje demandam as grandes tanoarias.

Era immenso tambem o deposito de madeiras.

[2] Tambem adquiriu na Allemanha uma grande matta de madeira (*carvalho do norte*) para aduela,—e no Pará uma zona immensa de arvoredo virgem, onde explora em grande escala a industria da borracha.

Se os negocios continuarem a sorrir-lhe, como teem sorrido até hoje, póde fazer uma fortuna *collossal*.

Desculpem-nos a digressão e voltemos a *Viseu*.

—

É innegavel que Viseu teve outr'ora por armas as que ficam indicadas no principio d'este topico e que eram allusivas á lenda de D. Ramiro. Todos concordam n'este ponto e o dr. Botelho nos seus *Dialogos* escriptos em 1630 a 1636, depois de contar a lenda como *facto historico* (?!...) seguindo de par e passo a *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito, seu contemporaneo, diz:[1] — «deste *successo* tomou occasião esta cidade para pôr em suas bandeiras as Armas que *hoje* (1630–1636) *tem*, em que se perpetua a memoria desta *historia* (?), pelo muito amor que tinha a este Rei; e elle por levar disso grande gosto, *lhas confirmou* (?), por lhe ser muito affeiçoado, assim por ser a primeira que governou, como por estar nella, quando lhe derão a nova de reinar, causa porque estimou sempre seus cidadãos, e se servio de seus cavalleiros...»

Em seguida descreve as armas como as descreveu o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

O mesmo dr. Botelho diz que D. Ramiro, quando seu irmão D. Affonso IV o chamou para ceder-lhe a corôa, estava em Viseu e abreviou a sua partida, levando comsigo a melhor, e mais escolhida gente d'armas, que trazia na fronteira,—*com muita parte dos moradores d'esta cidade* (Viseu), *que como mais bellicosos estimava, e como leaes sempre em todos os feitos o seguirão, e acompanharão.*»

Note-se que estas ultimas linhas em italico foram accrescentadas pelo dr. Botelho ao que disse Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana*, Parte II, cap. 18, fl. 334, v. col. 2.ª *in-medio*.

Tambem são de Botelho os encarecimentos do *grande amor que D. Ramiro votou sempre a Viseu, em virtude do qual* (?) esta cidade tomou as dictas armas e D. Ramiro *lh'as confirmou* (?) como disse na transcripção supra.

Botelho era muito illustrado, mas poeta, propenso a fantasiar e fazer versos,—e o muito amor que o prendia á sua terra natal (virtude que eu muito louvo) por vezes o trahiu e o levou a acceitar *lendas* como *factos*. Assim acceitou, por exemplo, as lendas de D. Ramiro e D. Rodrigo, e dominado pelos preconceitos da sua epocha, seguindo o exemplo de Fr. Bernardo de Brito e d'outros contemporaneos seus[1], nem sempre a verdade foi o seu norte e não hesitou em pôr nos seus *Dialogos* alguns trechos de fantasia *como historia*, taes foram os que apontámos, para melhor *ageitar* a Viseu a lenda e melhor explicar a rasão das dictas armas. Em todo o caso teem muito merecimento os seus *Dialogos ainda hoje*—e mais merecimento teriam na sua epocha. Elles parecem um romance; estão muito bem escriptos e cheios de versos em portuguez e castelhano á moda d'aquelle tempo e, se então fossem publicados, dar-lhe-hiam muita honra e seriam uma das obras mais interessantes do seculo XVII.

Podem mesmo considerar-se um nobiliario, pois n'elles mostra que possuia vastos conhecimentos genealogicos, mas acceitou sem escrupulo tudo o que lisongeava a sua tão querida terra natal. N'este ponto como em outros Berardo foi *muito mais severo*, pois nas suas *Noticias Historicas de Viseu*,[2] fallando das dictas armas, tambem faz menção da lenda, mas a titulo de inventario e como *lenda*!...

—

Principia a narração por estes termos:— *Alguns dos nossos romancistas* (*este he o epitheto que merecem*, diz elle) *contam*... etc., terminada a *lenda*, tracta logo de varrer a sua testada dizendo:

«Eis aqui como são as Historias da idade media, sem outros fundamentos nem provas, mais do que fabulas populares, e contos gra-

---

[1] *Dialogo* 2.º, cap. 1.º

[1] V. o que d'elles disse Alexandre Herculano, supra.

[2] V. *Liberal* (1.º anno) n.º 2 de 9 de maio de 1857.

tos á imaginação; materia digna de exercitar a penna dos nossos Romancistas.»

Depois diz que do Tombo da Camara, pag. 13, consta que ella usou as dictas armas *pintadas no seu estandarte*, o qual suppõe ter desapparecido com o incendio que devorou os paços do concelho visiense no dia 8 de agosto de 1796. «*Desde esse tempo*—diz elle —*adoptou o escudo real*, talvez porque alguns da governança, duvidando da origem fabulosa das primeiras armas, persuadiram a que se fizesse esta mudança.» Todos concordam n'este ponto, mas, salvo o respeito devido á memoria do sabio conego e de Francisco Manuel Correia, e aos laureados nomes do sr. Ignacio de Vilhena Barbosa e do auctor do interessante *Diccionario chorographico .. Portugal e Possessões*, publicado em Viseu no anno de 1884,—discordamos.

O senado visiense já em 1743 ou *53 annos antes do incendio que devorou os paços do concelho*, usava das armas reaes no seu pendão, pois o padre Leonardo de Sousa, auctor do *Epitome Carmelitano*[1] e do interessantissimo *Catalogo* (ms.) *dos Prelados de Viseu*, tantas vezes por nós citado, quando fallou do bispo *D. Julio Francisco d'Oliveira*, descrevendo muito minuciosamente e *como testemunha ocular* as grandes festas que em Viseu se fizeram por occasião da entrada solemne d'aquelle prelado, diz:— «Como o Excellentissimo *D. Julio Francisco de Oliveira* tivesse devoção de fazer a sua entrada publica e solemne na cidade de Viseu no dia vinte e cinco de março do mesmo anno de 1743, indicou logo... etc.»[1]

Depois vae descrevendo as pomposas festas e a fl. 166 diz:—«Continuava a procissão na fórma seguinte: Adiante de todos hião os criados de pé de sua Excellencia, aos quaes seguião os Alcaides da cidade a cavallo, logo o *Estandarte Real da Camara, o qual he de damasco branco com as Armas reaes bordadas de ouro e matizes.* Este levava André Antonio Pacheco Beltrão, morgado de Casurrães, vereador mais velho do anno antecedente, vestido ricamente, e a cavallo, com jaezes de custo, e primor, precedendo-lhe hum volante e hum page, e ás suas estribeiras duas allas *de escravos seos*»[2]

—

Do exposto se vê que *já muito antes do incendio*, ou de 1796, as armas da cidade de Viseu eram as actuaes; mas desde quando usou ella das antigas?

Tem-se fabulado tambem muito sobre este ponto, porque não ha documento positivo que dirima a questão e, sendo Viseu cidade tão antiga e tão cheia de edificios brasonados, não ha memoria de edificio algum com tal brasão! Apenas se encontra no angulo oriental da fronteria do *Hospital Novo*, fazendo *pendant* com o brasão actual que se vê do lado opposto, mas todo aquelle edificio é *muito moderno*, como já dissemos no topico relativo a *Misericordia*.

Alguns *romancistas* dizem que as armas velhas de Viseu lhe foram dadas pelo proprio D. Ramiro II;—outros dizem que este

---

[1] Tenho sobre a minha mesa de estudo um exemplar do dicto *Epitome*, formato de 8.º com 311 pag. numeradas e 24 folhas sem numeração, comprehendendo o rosto, dedicatoria, prologo, licenças e index,—*Lisboa Occidental*, Anno 1739. *Com todas as licenças necessarias*; mas infelizmente nem Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico*,—nem o sr. Brito Aranha na continuação do mesmo diccionario, mencionaram como escriptor o padre *Leonardo de Sousa*.

Em Viseu ha muitos exemplares d'aquelle *Epitome* e eu farei distribuir alguns pelas nossas principaes bibliothecas para salvar do olvido a memoria do auctor.

[1] Tomo 3.º do dicto *Catalogo* ms. Liv. 3.º cap. 4.º, fl. 160 *mihi*.

Aproveitando este ensejo diremos que já appareceram os dois primeiros volumes do dicto *Catalogo!* Estão *mss.* e completos;— pertencem ao sr. conde de Prime—e propõe-se publicar todo o *Catalogo* o rev. sr. Joaquim Paes de Sobral, digno vice-reitor do Seminario visiense.

Deus o queira!...

[2] No supplemento a este diccionario daremos um extracto da longa biographia de *D. Julio*, escripta pelo padre Leonardo de Sousa, comprehendendo este e outros topicos interessantissimos.

só *as confirmou*, — e o padre Carvalho diz que lh'as deu o bispo de Salamanca (?) D. Sebastião, no tempo de D. Ramiro I, pelos annos de 842 a 850, quando o dicto prelado *restaurou* (?) Viseu, depois que o mencionado rei tomou pela 2.ª vez esta cidade aos mouros, deixando-a completamente destruida.

É isto o que se deprehende da *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 179, mas não podemos acceitar esta opinião, porque todos os outros auctores que nos cercam attribuem a *lenda* a D. Ramiro II, cujo reinado se conta de 931 a 950, emquanto que o de D. Ramiro I se prolongou de 842 a 850, ficando entre os 2 reinados a bagatella de 100 annos?!...

O padre Carvalho cita o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, mas com certesa não o viu, pois o *Nobiliario* claramente aponta *D. Ramiro II* como heroe da *lenda* que deu origem ás antigas armas de Viseu—*e que em bons trabalhos me metteu?!...*

Fecharemos este topico dizendo que Alexandre Herculano fallou de D. Ramiro II na *Historia de Portugal* tomo 1.º pag. 96 e 97, —e fallou tambem de *Cale* ou *Gaia* na primeira nota do mesmo vol. pag. 445, mas da *lenda* não disse palavra.

Teve mais juiso do que nós!...

Foraes

Nem o dr. Botelho nos seus volumosos *Dialogos*, nem Berardo, nem F. Manuel nas suas interessantes *Memorias* mss.,—nem o Padre Carvalho na *Chorogr. Portugueza* se occupam dos foraes de Viseu! Avelino de Almeida falla d'elles muito resumidamente e com pouca exactidão;—o sr. J. Maria Baptista na *Chorogr. Moderna* seguiu Almeida e não adianta mais; o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas* apenas faz menção de dois: o da rainha D. Thereza e o de seu filho D. Affonso Henriques; Franklin na sua *Memoria* sobre os nossos foraes apenas cita o de D. Manuel com data de 1513 e outro de 1187, confirmado em 1217, mas não os leu e citou mal, como logo provaremos.

O sr. Oliveira Mascarenhas no seu *Novissimo Diccionario Chorographico de Portugal e Possessões*, escripto e publicado em Viseu em 1884, dedicou a Viseu um longo artigo, mas fallando dos seus foraes apenas diz o seguinte:

«Teve a cidade de Vizeu tres foraes, como se vê dos mais authorisados antiquarios. O 1.º foi-lhe conferido por D. Theresa em 1125; o 2.º por D. Affonso Henriqnes, e o 3.º (confirmação do 2.º) por D. Sancho I, em 1187.

«Não obstante o silencio dos escriptores antigos, é muito de crer que D. Manoel se não houvesse esquecido de conferir foral novo a Vizeu, como conferiu á maioria das terras do paiz. *Mas isto não passa de presumpção.* Se os documentos respectivos não tivessem ardido por occasião do incendio que reduziu a cinzas os antigos paços d'este concelho, decerto teriamos agora aclarado esta questão.»

Do exposto se vê que este topico não é simples, mas prouvéra a Deus que não tivessemos maiores difficuldades a vencer. Algum trabalho nos deu, mas alguma coisa adiantámos—e quem vier depois de nós que diga o resto.

Vamos á questão:

—

Viseu teve os 4 foraes seguintes:

1.º—Dado pela rainha D. Theresa no anno de 1123—não em 1125, como por lapso disseram o sr. Vilhena Barbosa e o sr. Oliveira Mascarenhas.

2.º—Dado por el-rei D. Affonso Henriques ou D. Affonso I,—não sabemos quando,—mas não pode duvidar-se d'este foral, porque se vê mencionado expressamente e *transcripto* na *confirmação* de D. Sancho I[1] com data de 1187. Foi tambem confirmado por D. Affonso II em Coimbra no mez de outubro de 1217—e d'elle faz *expressa menção* tambem o foral de D. Manuel.

3.º—Dado pelo bispo *D. Pedro Gonçalves* e pelo cabido ao *couto da Sé* no anno de 1251.

Para evitarmos repetições, veja-se o que

---

[1] Este rei simplesmente *confirmou* a Viseu aquelle foral, transcrevendo-o. Não lhe deu *novo foral*, como se lê na *Memoria* de Franklin.

sob o n.º 31 dissemos d'este bispo no nosso *Catalogo dos bispos visienses*.

4.º—Dado por D. Manuel e datado de Lisboa a 15 de dezembro de 1513.

Liv. de *Foraes Novos da Beira*, fl. 118, v. col. 1.ª, como diz Franklin, pelo que estranhamos que o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nosso bom amigo e mestre, o não mencionasse, levando o sr. Oliveira Mascarenhas a pôr em duvida este foral; não póde porém duvidar-se d'elle, porque por fortuna temos sobre a nossa mesa de estudo o *proprio exemplar* que se guardou muitos annos no archivo da camara municipal de Viseu, exemplar ainda hoje nitido, luxuosamente encadernado e muito bem conservado. Não sabemos quando nem porque motivo (talvez por occasião da guerra peninsular) foi ter a Lisboa; ha annos appareceu aqui no Porto um negociante de livros velhos offerecendo-o com outros foraes aos amadores e comprou-o por 22$500 réis o sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva, natural de Viseu, mas residente aqui no Porto, dono de uma preciosa livraria, o qual muito generosamente se dignou emprestar-m'o, bem como outros *ms.* como já dissemos a pag. 1591. D'elle daremos logo um extracto.

—

Tambem temos sobre a nossa banca de estudo os dois grossos volumes do *Portugaliae Monumenta*,—publicação luxuosa, interessantissima, correctissima e auctorisadissima, feita pela nossa benemerita *Academia Real das Sciencias*.

Comprehendem estes 2 volumes (são os unicos publicados até hoje) muitos documentos que jasiam sepultados na *Torre do Tombo* e que são uma mina d'ouro para os antiquarios.

No tomo *Leges et consuetudines* entre outros documentos preciosos se encontram na sua integra muitos foraes dos seculos XI a XIII, de pag. 335 a 738, entre elles o 1.º e o 2.º dados a Viseu, pelo que tambem os extractaremos.

O 1.º é copia fiel do autographo que existiu no archivo capitular da Sé de Viseu e que hoje se guarda na Torre do Tombo,—segundo se lê no *Portugaliae Monumenta—Leges et consuetudines*,—pag. 360 e 361, e principia por estes termos:

«In nomine patris et filii et spiritus sancti. Ego regina tarisia ildefonsi regis filia....»

Em vulgar:—[1] «Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Eu a rainha D. Theresa, filha do rei D. Affonso (VI de Leão) vendo e conhecendo a dedicação e bons serviços dos vizienses, muito voluntariamente lhes concedo e corroboro por escriptura publica os bons foros e bons costumes que entre elles sempre vigoraram.

«Primeiramente concedo aos cidadãos cavalleiros que, fallecendo algum e deixando filhos menores, estes possuam a herança paterna pacificamente até que cheguem à idade de poderem tomar tambem armas... e, se não deixar filhos, a viuva possuirá a herança da mesma fórma, em quanto se conservar no estado de viuvez e se conduzir bem.

«O cavalleiro decrepito possuirá tambem pacificamente os seus bens.

«Nas terras que possuirdes nos arrabaldes de Viseu não terá ingerencia alguma o meu vigario (delegado ou representante).

«Os clerigos visienses gosarão os mesmos fóros dos cavalheiros.

«Se houver pendencias entre vós e vós as poderdes resolver, não intervirá o meu vigario, mas este acudirá ao vosso chamamento, quando vos approuver chamal-o, e vos fará justiça segundo as leis.

«Se morrer o cavallo de algum cavalleiro viziense, não será este obrigado a comprar outro dentro de um anno, mas, passado um anno, se ainda não tiver cavallo, será tido como *peão* e pagará *jugada* como elles.

«Os peões que vierem de novo povoar Viseu pagarão a *jugada nova*.

«Os mercadores (negociantes) paguem o censo e ninguem os affronte.

«Este foral vos concedo na era de 1161 (anno 1123).»

A rainha não indica o local onde ao tempo demorava, pelo que suppomos ser Viseu.

---

[1] Não o daremos na sua integra, mas só em extracto, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores.

—

2.º—Dado por D. Affonso Henriques.

Para evitarmos repetições, leia-se o que já dissemos d'este foral supra.

Perdeu-se, como se perderam outros foraes do mesmo rei, talvez porque ainda não vigorava, como depois vigorou, a praxe de se extrahirem de todos os foraes 3 exemplares,—um para o archivo do concelho a que pertencia;—outro para o senhor da terra—e outro para o *Archivo Nacional* ou *Torre do Tombo*; salvou se porem este foral de Viseu porque foi *copiado* ou *transcripto* na confirmação de D. Sancho I em 1187, pelo que tem sido denominado tambem *foral de D. Sancho I, de 1187*.—Assim o denomina o proprio *Portugaliae Monumenta*, que o dá na sua integra [1] sob esta epigraphe:

Viséo
Viseu
1187

Forale Viseense alterum...»

Em vulgar: «Outro foral de Viseu se guarda na Torre do Tombo no *Livro de Foraes antigos de Santa Cruz*—e no *Livro* ..... *de D. Affonso II.* Ali se encontra tambem outro exemplar dos principios do seculo XIV. Tomamos para texto o primeiro exemplar, apontando as variantes que se notam nos outros.»

Em seguida transcreve fidelissimamente o dicto foral, que principia n'estes termos:

«In dei nomine. Ego Sancius.....»

Em vulgar: [2] «Em nome de Deus. Eu D. Sancho (I)... filho do grande rei D. Affonso (I) e da rainha D. Mafalda,... dou a todos os habitantes da cidade de *Viseu o proprio foral que lhes deu meu pae e que é o seguinte*:....

«Se algum estranho entrar no termo da cidade de *Viseu* armado e com tres homens ou mais, pague 6:000 modios.....

«Os cavalleiros, clerigos e peões não poderão ser presos e, se commetterem algum crime serão simplesmente citados para virem ao concelho e ahi serão julgados pelo juiz e por *homens bons*.

«Aos cidadãos de Viseu ninguem, nem o proprio senhor da terra lhes poderá tomar violentamente o seu cavallo.

.....

«Todo o cavalleiro de Viseu poderá vender livremente as suas terras a outro cavalleiro, sem pagar pela venda imposição alguma, e se algum cavalleiro visiense perder o seu cavallo, ser-lhe-ha guardado o foro de cavalleiro durante 2 annos, embora não compre outro cavallo, mas passados os 2 annos será tido como *peão*, em quanto não possuir outro cavallo.

.....

«Se algum cavalleiro visiense cair em pobresa ou ficar a mulher d'elle viuva e não poderem ter cavallo, ser-lhes-ha guardado o fôro de cavalleiro, como se tivessem cavallo.

«O *peão* que vender os seus bens a outro *peão* pagará a decima parte (?) ao senhor da terra; mas, vendendo só parte dos seus bens por necessidade urgente, não pagará coisa alguma.

....

«Todo o cidadão de Viseu que agredir outro com armas pagará 60 soldos; o que matar alguem na cidade pagará 500 soldos, e se o matar fóra da cidade, pagará 300 soldos.

«O que desflorar donzella pagará 300 soldos—e, se a mulher desflorada não apresentar dentro de 9 dias a sua queixa e provas em juiso, o desflorador não pagará coisa alguma.

.....

«As medidas da cidade de Viseu serão as mesmas de Coimbra.

.....

«Do vinho e do linho pagarão a sexta parte (*uma bagatella*?...)—da *prova de pau*

---

[1] *Liv. cit.—Leges et Consuetudines*, pag. 460 a 462.

[2] Bem quizeramos dar copia fiel tambem d'este foral, mas, como é muito extenso, d'elle daremos apenas um extracto, omittindo *as variantes*.

pagarão 5 soldos e da *prova de lança* 15 soldos [1].

.....

«Se algum tributario caír em pobresa, tanto homem como viuva, e arrendar os seus bens... o governo receberá *metade* da renda e a outra metade o senhor dos bens arrenuados?!.....

«Os conegos (*clerigos da Sé*) gosarão todos os privilegios e honras dos cavalleiros visienses.

.....

«Dado em Santarem no mez de janeiro da era de 1225,—anno 1187.....»

Segue-se no mesmo *Portugaliae Monumenta* a confirmação de D. Affonso II,—Coimbra, no mez d'outubro do anno 1217,—confirmação *muito summaria*, como costumam ser todas. A de D. Sancho I foi uma excepção para supprir e talvez *modificar em algum topico* o foral de D. Affonso Henriques?!...

Foral de D. Manuel

Já que *por fortuna* temos este foral sobre a nossa banca de estudo, daremos tambem uma leve noticia d'elle e dos caracteres d'este exemplar que, segundo suppomos, era o do archivo da camara municipal de Viseu. Está luxuosamente encadernado em *grossas taboas de madeira* forradas de couro;—tem nos 4 angulos das 2 faces exteriores 8 espheras armillares (uma em cada angulo) todas de metal amarello com bastante espessura e abertas a buril, bem como 2 escudos do mesmo metal que se vêem no centro das duas faces exteriores da capa, tendo cada um d'elles as armas reaes das quinas,—7 *castellos*—e corôa.

É escripto em gotbico; está, como já dissemos, muito bem conservado; comprehende ao todo 20 folhas de pergaminho, folio,—16 com o texto,—mais 2 no principio com o indice—e 2 no fim com os registros,—e tem 15 titulos que abrem todos por lettras de fantasia, umas de tinta vermelha e outras de tinta azul, alternadas.

O rosto é illuminado e dividido em 3 secções:—na 1.ª (a superior) tem no centro um escudo coroado e n'elle as armas reaes das quinas e 9 (?) castellos;—aos lados 2 espheras armilares e em cada uma d'ellas bem vizivel a data —1508— posto que o foral é datado de 1513 e sem contestação lhe pertence o rosto descripto, pois o texto do foral principia em uma pequena tarja quadrada que se vê a meio do rosto e continua no verso da mesma folha.

—

Por baixo do escudo e das duas espheras tem uma tarja estreita e horisontal a toda a largura do rosto com esta legenda em grandes lettras

DOM MANVEL

e logo continua na tarja quadrada, immediatamente inferior [1], em caracteres como os do texto restante, dizendo:

---

[1] Usava-se n'aquelle tempo e desde tempos muito anteriores, uma especie de duellos a *pau* ou *lança*, a pé e a cavallo, como *prova* da culpabilidade ou innocencia dos litigantes, com certas formalidades legaes e assistencia das auctoridades, pelo que estas recebiam do que ficava vencido certa somma.

Por este barbaro processo de julgamento muitos individuos, estando aliás innocentes, eram publicamente e barbaramente espancados, feridos e por vezes mortos;—e ainda pagavam as custas!...

A justiça estava sempre do lado do mais forte e mais destro no jogo das armas—e mais barbaro e mais estupido era ainda o julgamento denominado *juiso de Deus* pelas provas do *ferro caldo* e d'agua ou azeite fervendo.

Em Leça do Balio conservou-se muito tempo um ferro de arado que servia para as taes *provas*, mas o meu antecessor ali não as descreve—nem sei onde as descreveu!

O *Portugaliae Monumenta* descreve-as nos artigos *Costumes e fôros* de varias terras do *Cima-Côa*.

[1] A tarja quadrada tem o fundo branco, mas está no meio d'outras duas tarjas:—uma com um ramo de cravos e uma coruja de capello em côres proprias sob fundo escarlate;—outra com um ramo de botões de rosa, uma borboleta e uma pequena flor; tudo em côres proprias tambem, sob fundo azul.

«per graça de ds. Rey de portugal e dos algarves. da quem e dalem maar em africa. Snor de Guinee e da Conquista e navegaçam e comercio de ethiopia. Arabia. Persia e da India, etc. A quantos esta nossa carta» —e no verso da folha continua dizendo:— «de foral virem. dado á cidade de viseu. fazemos saber que per bem das dilligencias. Isames e Inquirições que em nossos regnos e senhorios mandamos fazer... acordamos visto *ho foral da dita cidade dado per ElRey dom affõm. anrriquez. confirmado per El-Rey dom sancho seu filho,*[1] que as rendas e dirtos (direitos) se devem na dita cidade pagar e recadar na maneyra e forma seguinte:

«Posto que pollo dito foral fossem impostos dirtos e foros de pam na dita cidade e assy de vinho e linho e doutras cousas. nam se fará dellas aqui neste foral menção. por quanto foram apartadas per outros foraes e dadas a outras pessoas. segundo em seus particulares tombos e foraes sera determinado.—e aqui soomẽte neste foral seram decrarados os dirtos pessoaes que andam apartados com a alcaydaria e moordomado da dita cidade. e alguns outros que assy se pagam a nos fora dos foraaes dos ditos Reguengos e moordomados, os quaes aqui primeyramente mãdamos decrarar. s. (*a saber*)—paga-se em cada huu ano a nos por dirto Real pollo procurador da dita çidade por ho pmeyro dia de mayo *quatro mil e setecentos e vinte e cinquo* Rs. a que chamã *cavallo de mayo.* e que o dito procurador ha da recadar de çertos lugares fora do termo da dita. çidade, os quaes sam a isto dantigamente obrigados com alguas aldeas do dito termo... os quaes entregarão aas pessoas que delles for feita m̃rce...»

—

Em seguida diz que os visienses pagariam tambem o direito denominado *Fogueiras de S. Miguel* e que já estava declarado nos livros e tombos dos direitos reaes do almoxarifado de Viseu quem tinha de pagar aquelles direitos, a importancia d'elles e a forma do pagamento, o que tudo se cumpriria sem innovação alguma.

Na parte restante este foral pouco diverge do padrão dos *foraes novos* d'el-rei D. Manuel; apenas no titulo 5.º diz que a cidade de Viseu nunca seria dada a pessoa alguma em senhorio, o que outr'ora foi privilegio importante!

V. *Pinhel* e *Portalegre.*

Termina assim :—«Dado em a nossa muito nobre e sempre leal çidade de lixboa quinze dias de dezẽbro de quinhetos e treze. Fernam de pyna p mandado spiçial de sua alteza o fiz fazer sooscrvy e comçertey em quize folhas e mea.

«El Rey»

São estes os foraes que os nossos reis deram a Viseu. Bem quiseramos extractar tambem o foral do bispo *D. Pedro Gonçalves*, mas não nos foi possivel lobrigal-o.

Passemos a outro topico.

A Cava de Viriato

Poucas cidades do nosso paiz podem gloriar-se de ter tantas e tão bellas monographias como Viseu. Da *Cava*, por exemplo, fallam e fallam muito bem o dr. Manuel Botelho Ribeiro nos seus *Dialogos;*[1]—José de Oliveira Berardo nas suas *Noticias historicas de Viseu*, publicadas no *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857, e na *Memoria ms.* que em 1838 offereceu á camara municipal visiense e que se guarda no archivo da mesma camara;[2] — o incansavel investigador Francisco Manuel Correia na sua interessante *Memoria* tambem *ms.*, tantas vezes já citada,—e Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana* (parte 1.ª cap. 4.º pag. 281–

---

[1] Do exposto se vê que D. Sancho I não deu *foral proprio* a Viseu, mas *simplesmente confirmou* em 1187 o de D. Affonso Henriques.

[1] Dialogo I, capitulos 9.º, 10.º 11.º e 12.º, pag 54–74 no codice de *Girabolhos.*

[2] Ao nosso bom amigo e cyreneu, o ex.mo sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, devemos o favor da copia que temos sobre a nossa banca de estudo.

285) ao qual n'este ponto seguiram *muito de perto* (?!...) o dr. Botelho e Berardo.

Tambem fallaram d'ella, embora mais ligeiramente, o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*,—o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*,—Avelino d'Almeida no seu *Diccionario*, copiando o que disse Berardo,—o sr. J. M. Baptista na *Chorographia Moderna*, extractando o que disse Avelino de Almeida,—e tambem já o meu antecessor fallou d'ella no pequeno artigo *Cava*, remettendo o leitor para o artigo *Viseu* e para as *Memorias* de Berardo. Cumprê-nos pois dar noticia um pouco mais ampla de tão curioso monumento, aproveitando principalmente as duas *Memorias* do sabio conego e principiando pela que foi publicada no *Liberal* em 1857, da qual n'este ponto [1] é um extracto a de 1838, pois Berardo já tinha escripto aquella em 1830.

—

«O monumento mais consideravel, que encontramos na cidade de Vizeu, he o denominado *Cava de Viriato:* especie de fortificação, cujos muros de terra, hoje quasi gastos pela incuria, ignorancia e rapacidade humana, contando talvez 20 seculos de existencia, tem servido de base á tradição popular sobre as recordações gloriosas que vamos a referir. [2]

«Derrotado o exercito do pretor romano Claudio Unimano pelo famoso Viriato junto do Campo d'Ourique, para desviar de si o peso das armas com huma diversão favoravel, recorreo aquelle pretor a Caio Nigidio, o qual entrando logo pelas terras da provincia da Beira, depois de talar os agros e incendiar povoações, veio fortificar-se em hum *campo raso*, que hoje vemos junto da cidade de Vizeu. Logo que Viriato disto houve noticia, acudio immediatamente a este ponto, e como não podesse escallar os muros de terra, poz-lhes cerco até obrigar Nigidio, pela fome e estratagema, a render-se ou pelejar. Com effeito o pretor sahio a campo, mas em poucas horas foi derrotado, perdendo as aguias, e quasi todo o exercito.

«Isto se passava, como dizem, [1] pelos annos de 146 antes da era vulgar, e se dermos attenção ao amor do maravilhoso, e ao gosto das estultas etymologias, alguem pretende que duas povoações visinhas da Cava de Viriato attestão ainda hoje por seus nomes a grandeza daquella batalha. *Abravezes* dizem ser corrupção da palavra *braveza*, que denota o furor com que combaterão os lusitanos; e *Aguieira* era o lugar onde estavão as *aguias romanas* no pretorio do arraial. Tambem a povoação proxima, hoje denominada *Esculca*, querem alguns derival-a de *escuta*; porque ali se demorára o exercito luzitano como em *escuta* e observação.

«Louvem e agradeção os nossos conterraneos *estas sonhadas invenções* áquelles historiadores, que se prazem *em os divertir* ou estimular de zelo patriotico; mas eu quizera que huma critica mais judiciosa tivesse presidido ás suas lucubrações, e que não tivessem corrido tanto á larga pelo campo das *falsas conjecturas*. [2]

«Com effeito a tradição d'estas façanhas se teria extinguido depois de tantos seculos, e a não ser o monumento, cujos restos ainda hoje subsistem, por ventura nem aquella victoria alcançada, nem mesmo a estada e marchas dos exercitos por estes sitios serião para acreditar. Debalde Floriano del Campo e Fr. Bernardo de Brito adduzirião *as lapi-*

---

[1] *N'este e n'outros pontos*, mas comprehende tambem algum trabalho novo sobre assumptos differentes, um mappa geographico do concelho de Viseu, diversos mappas estatisticos do concelho e do bispado, etc., etc.

[2] Berardo, *Memoria 1.ª*, publicada no *Liberal* em 1857.

[1] Refere-se á *Monarchia Lusitana* de Fr. Bernardo de Brito e aos *Dialogos* do dr. Botelho, que Berardo compulsou, mas *nunca citou*, pelo que alguem o censura.

[2] Refere-se ao dr. Botelho que, sendo aliás muito illustrado, era da escola de Fr. Bernardo de Brito e mais crendeiro ainda do que elle. Dominado pelo amor patrio, estava sempre a compor versos e lendas em honra de Viseu,—em quanto que Berardo era da escola de Alexandre Herculano,—*muito severo* nos seus escriptos e *muito avesso* a lendas e fabulas.

des de sua invenção encontradas junto a Viseu,[1] e o testemunho de Gallio Favonio. A critica desmentio o gosto particular destes historiadores, como se póde ver no insuspeito André de Rezende.

—

«É certo que o tempo não nos deixou chegar os pormenores dos combates entre Viriato e Caio Nigidio; nenhum synchrono nos refere o logar onde aquelle destroçára este, nem é crivel que a mencionada *Cava*, constando de um espaçoso *octogno regular*,[2] defendido por um fosso cheio d'agoa, fosse a obra de poucos dias.

«De todos os auctores latinos que hoje possuimos, e que escreverão das guerras de Viriato, nenhum faz menção do pretor *Caio Nogidio*, á excepção da obra intitulada: *De Viris illustribus Urbis Romanae*, que se exprime d'este modo: «Viriato, portuguez de nação, primeiramente pobre mercenario, e depois caçador por passatempo, e ladrão por audacia, fez-se ultimamente capitão, tomando á sua conta a guerra contra os romanos, cujos generaes, Claudio Unimano e *Caio Nigidio*, derrotou.[3]»

«De passagem observaremos em primeiro logar que os romanos, sendo os oppressores dos povos por excellencia, erão muito liberaes em dar o epitheto de *salteadores* a todos os que se lhes oppunhão, e defendião o que era seu. Em segundo logar notaremos que a citada obra, ainda que encontrada nos codices antigos, tem sido variamente attribuida a *Suetonio*, a *Plinio o Moço*, e a *Cornelio Nepote*, ou para melhor dizer, não se lhe sabe autor; o que na verdade ja he huma grande lezão na sua legitimidade.

«O que hoje prudentemente podemos conjecturar, com mais probabilidade, he que a *Cava de Viriato* fôra huma daquellas construcções, que os romanos denominavão *Castra Hiberna*, e as edificavão para muito tempo, collocando nellas hospitaes, armazães, e outras fabricas de guerra. Alguns antiquarios as denominarão *Campos de Cezar*; porque este general levantára muitos nas Gallias, e a seu exemplo outros capitães romanos fizerão o mesmo nas provincias, que andavão conquistando. Affirma-se que a França tem hum grande numero destes *Campos*, alguns dos quaes assentão sobre pontos elevados, e se apoião ora em rios, ora em valles profundos, que lhes servião de defesa. Outros levantados em lugares chãos erão defendidos por entrincheiramentos de atterros de muitos pés d'altura, terminando em cavallete, e circuitados d'um fosso profundo, onde introduzião as agoas, que a natureza do terreno lhes ministrava. Praticavão lhes tambem as sahidas necessarias para as communicações exteriores. O estado dos muros e configuração dos trabalhos tem servido de base para caracterisar estes campos, e reconhecer a sua epoca; porem ha nisto pouca segurança, e não se tem podido passar das conjecturas.

—

«Os fados porque tem passado o nosso monumento da *Cava*, tem-lhe sido pouco favoraveis. D'antigas Memorias sabemos que em 18 de abril de 1461 o cabido da Sé de Vizeu tomára posse da *Cava de Viriato* em terras que até áquelle tempo erão de Reguengo. Achava-se então com portas que se abrião e fechavão, como fosse necessario, e dentro havia huma capella do titulo de *S. Jorge*...[1]

«Huma ordem regia do anno de 1728 man-

---

[1] Logo as daremos *a titulo de inventario*.

[2] Aqui tambem Berardo claudicou, seguindo o testemunho de Botelho, pois ella *ainda hoje* tem 11 faces, não 8, como adiante se verá, quando a descrevermos.

[3] O texto latino é—*Viriatus, genere Lusitanus*...— como Berardo o deu na outra *Memoria*, onde accrescenta o seguinte: «Notamos que Rezende attribue esta obra a Plinio, talvez porque no seu tempo fosse a opinião seguida; entretanto podemos reputal-a *apocrifa*, quando os melhores criticos a rejeitão; e sabendo-se que o erudito Walchio na *Historia Critica da Lingua Latina* nem menção fez de tal livro!»

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos d'esta capella no topico *Feiras e mercados*, pag. 1554, col. 2.ª—e no topico *Templos extinctos*, n.º 10, pag. 1564.

dou que a *Cava de Viriato* fosse medida e apêgada. Achou-se que ainda então os muros, ou aterros, tinhão trez *lanças* d'altura com 40 palmos de largura no cimo. He provavel que na sua origem rematassem em cavallete, pelo que já advertimos.

«Segundo o auctor do *Elucidario* a *lança* era huma medida agraria, que constava de 25 palmos craveiros.

«Os muros derão em circuito 3:065 passos andantes, apresentando quatro grandes aberturas, que tiverão cantaria com portas; obra dos mesmos romanos. Existia sómente o vão dos portaes, porque a pedra, como refere Fr. Manoel da Esperança, fôra tirada para a edificação do convento de S. Francisco d'Orgens; o que alguns affirmão ter sido por provizão de D. Affonso V. Entretanto podemos assegurar que no cartorio daquelle extincto convento não existia este documento.[1]

«A camara municipal, em junho de 1818, a instancias do general da provincia, Antonio Marcellino Victoria, mandou levantar marcos pelo circuito interno e externo dos muros da *Cava;* porem esta providencia baldou-se, porque já dantes os lados orientaes, equados ao solo, se achavão alienados em aforamento; e os restantes continuarão, sem embargo, a ser acommettidos pelas cerceaduras e escavações dos possuidores das glebas contiguas. Finalmente este monumento veneravel parece que se vai despedindo da geração actual, e a seguinte por certo que não tardará a derrear-lhe o dorso por essas planicies. Saudemol-o pois!... já que os homens da governança não querem intender nestas archeologias, e os cobiçozos visinhos vão cavando para si.»

E tal não disse da *Cava* n'esta *Memoria* o sabio conego. Na outra diz quasi o mesmo. Apenas accrescentou: «...do fosso de agoa que cercava os muros resta ainda hum pequeno lanço do lado occidental, a que dão o nome de *poço da Cava...*»—e termina d'esta fórma:

«Algum dia o viajante instruido interrogará o colono pela soberba construcção, que talvez aplanada elle calca aos pés, e huma estupida resposta será o premio da sua curiosidade!

«*Mortalia facta peribunt.*»

—

Brito, invocando a auctoridade de Laymundo (*com bom santo se apegou!*) depois de descrever a grande victoria alcançada por Viriato contra Nigidio (?) diz que na sua opinião a cidade de Viseu ainda não existia quando se deu a batalha (anno 146 antes de Ch.) na *Cava* ou junto da *Cava*, porque ali appareceram duas lapides nas quaes se faz menção dos lancienses, povos do Cima-Côa, e dos habitantes de Lamego ou *Laconimurgi*, mas não dos visienses.

As taes lapides (*apocriphas*) são as seguintes:

L. ÆMIL. L. F. CONFECT. VVL-
NERE. HOST. SVB. NIGIDIO. COS.
CONT. VIRIATVM. LATRONEM.
LANCIENS. QVOR. REMP. TVTA-
RAT. BASIM. CVM. VRNA ET STA-
TVAM. IN. LOCO. PVBL. EREX.
HONORIS. LIBERAL. QVE. ERGO.[1]

«Os Lãcienses puzerão em lugar publico hua Base com sua estatua, & hum vaso com as cinzas de Lucio Emilio, filho de Lucio, que morreo na batalha de Negidio, contra o salteador Viriato, ferido por hum enemigo,

---

[1] Francisco Manuel Correia, fallando tambem da *Cava* na sua interessante *Memoria*, cap. 2.º pag. 6, diz:—«*He certo* que do archivo do Cabido de Vizeu consta que por Provizão de D. Affonso V de 1460 fôra dada por esmolla para as obras do convento dos frades de S. Francisco d'Orgens *toda a pedra* que fosse necessaria e se encontrasse na *Cidade de Vaca*, que se havia principiado dentro da *Cava*. Isto prova (diz F. Manoel) que naquelle tempo ainda, em 1460, os habitantes da cidade de Vizeu davão à *Cava de Viriato* o nome de *Cidade de Vaca*.»

[1] Seguimos a lição do *Portugaliae inscriptiones romanae* (pag. 160 n.º 354) por ser mais correcta do que a da *Monarch. Lusit. loc. cit.*—e é a *unica inscripção romana* que se encontra no *Portugaliae inscriptiones* com relação a Viseu?!...

& foi-lhe posta pelo honrar, & mostrar com elle magnificencia, por lhe sempre ter emparado sua Republica.»

—Traducção do proprio Fr. Bernardo de Brito.

Esta inscripção e o tal *monumento com estatua* revelam uma polidez impropria dos lusitanos *in illo tempore*, pois todos concordam em que estavam ainda muito rudes, quasi selvagens, e tanto que não tinham casas nem fortificações de pedra.

Tambem mal se coaduna com o genio feroz d'elles e com o odio encarniçado que votavam aos romanos o irem levantar-lhes um monumento.

É tambem incrivel que os lusitanos *in illo tempore* fallassem tão correctamente o latim; —que dessem o titulo de *salteador* ao seu grande capitão Viriato—e que este consentisse tal affronta.

2.ª

L. CAPETU. CAP. F. CENT. LEGIONIS MARTIAE ET. M. LUCEJU. C. MILIT. SUB. NIGIDIO. CONS. IN. BEL. VIRIAT. OCCUS. ORD. LA CON. DIE ⊢⊣ POST. PUG. IN CASTRIS. SEPEL. AMORIS ET BENEFIF. CAUSA S. S. P. L. [1]

Em vulgar: «A gente do governo, & regimento de Laconimurgi, ou Lamego (diz Fr. Bernardo de Brito) por causa de amor, & gratificação, sepultárão a Lucio Capeto, filho de Capeto, Centurio da Legião Marcia, & a Marco Lucio, Tribuno dos soldados, aqui nos proprios reaes ao terceiro dia depois da peleja, & forão mortos na guerra feita contra Viriato, debaixo da bandeira do Cousul Megido (sic).»

D'esta inscripção se vê que os lusitanos lamecenses não eram menos *polidos* nem foram menos *generosos* do que os lancienses para com os romanos, seus implacaveis inimigos?!...

Nem hoje em pleno seculo XIX, no *seculo das luzes*, se apontam exemplos de tanta polidez e tanta generosidade, mesmo nas guerras entre as nações mais cultas.

Prosigamos.

—

Fr. Bernardo de Brito diz tambem—que Viriato, depois da derrota de Claudio Unimano, marchou em defesa da Beira, onde *teria* (N. B.) seus parentes,—e que Nigidio, apenas soube da approximação de Viriato, *se começou de fortificar em hum campo descoberto, segurando o seu exercito em grandes vallos de terra que ainda hoje durão perto de Vizeu*...

Diz mais:—que no seu tempo os habitantes de Viseu e os lavradores que viviam em redor da *Cava* contavam d'ella *mil patranhas*, dizendo que se abriram aquelles vallos para fundarem dentro a cidade *e que no romper d'elles era o trabalho tão excessivo que morria muita gente e os boes, que tirávão a terra, chegavão a ourinar sangue vivo*; mas que na opinião d'elle a *Cava* não foi na sua origem mais do que o *real* de Nigidio, ou acampamento fortificado pelo dicto pretor.

A isto se reduz o que diz Fr. Bernardo de Brito, e foi o bastante para que Botelho, cego pela paixão que o prendia á sua terra natal e guiado pela sua fantasia de poeta, paraphraseando a Brito dissesse o que se lê no seu *Dialogo* 1.º, cap. 9-12.

Principia por calumniar a Brito, affirmando que elle dissera que Viriato *tinha* seus parentes na Beira. Elle disse *teria*, o que faz muita differença, dando a entender que era, como effectivamente é, muito incerta a patria de Viriato. Disputam essa honra muitas povoações das abas da Serra da Estrella, taes são Gouveia, Ceia, Linhares, Vallesim, Povoa Velha e *Folgosinho*. Esta ultima até aponta *ainda hoje* (1888) alguns pobres seus visinhos como descendentes e legitimos representantes de Viriato, mas a pequena povoação da *Povoa Velha*, a montante e pouco distante da villa de Ceia não consente que outra qualquer lhe roube a gloria de ter dado o berço ao grande capitão lusitano. [1] Nada porem respeitou o dr.

---

[1] *Monarch. Lusit. loc. cit.*

O *Portugaliae inscriptiones* não deu esta inscripção, que julgamos *muito incorrecta*.

[1] V. *Povoa Velha, Eburobriga* e *Alfeizirão*,

Botelho, pois não hesitou em affirmar que Viriato era natural da antiga cidade de *Viseu*,—e isto só pelo facto de elle correr a defendel-a?!...

«*Na pressa, com que a soccorreu declarou ser sua patria.*»

Diz mais—que o nome da dicta cidade era *Vaca*, depois *Cava*,[1]—e pelo *facto* (?) de irem tambem defendel-a ou fortalecer-se n'ella os habitantes de Riba-Côa e Lamego (refere-se ás inscripções supra) o mesmo Botelho conclue que a dicta cidade era *muito importante* e que os lusitanos *naquelle tempo não podião ter cidade mais forte.*[2]—Nem os visienses mais apaixonado historiador e mais inspirado cantor, pois alem de sustentar com muitas *conjecturas* que a dicta *Cava* não foi acampamento de Nigidio, mas cidade e *cidade famosa*, sitiada por elle e fundada *muito antes que os romanos sonhassem vir á Hespanha*, termina a sua ardente apologia em verso castelhano, á moda d'aquelle tempo (1630 a 1636) cantando a *Cava* e a cidade de Viseu em um bello romance de 25 quadras.

Principia assim:

Pela progenia de Tubal,
Nieto del gran Patriarcha,
Que ha sido el primero hombre
Que vino a poblar España

La *segunda poblacion*,[3]
Que de aquestos fue fundada,
Era uma ciudad aquien
Los antigos llaman *Vacca*.

No eran sus muros fuertes,
De piedra tosca, ó lavrada,
Mas de tierra, adobo, y ramos
Y de un fosso lleno de agoa.

Y de la misma materia
Era la mas grave casa,
Las coberturas de feno,
Que se entraguen en la llama.

Fue *patria de Viriato*,
A quien la embidia romana
Para le eclipsar el nombre
El sepulcro, y tierra calla.

Porque junto de su cierca
A Nigidio desbarata,
Que era um Pretor romano,
Contra ella incita la rabia.

Depues que le ha dado muerte
La infame tracion Cepiana,
Degaron esta ciudad
Yerma, asselada, y sin casa.

Aquesta llamou Estrabon
Por la miesma causa *Vacua*,
Y nós li llamamos oy
Por su vallo, y fosso *Cava*.

.....
.....

O dr. Botelho rivalisava com o illustre filho de Beja, *seu contemporaneo*, — Christovam Rabello de Macedo, tambem fidalgo distincto e distincto escriptor. Nem o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, nem o sr. Brito Aranha, seu illustrado continuador, mencionam *Christovam Rabello de Macedo*, mas é certo que em 1625 escreveu em fórma de *Dialogos* tambem uma interessante relação da jornada que fizeram de Beja a Roma 4 fidalgos (o auctor era um d'elles) para ganharem as indulgencias do jubileu do *Anno Santo*,—«*Dialogos* que tractão da Historia, Antiguidades, e de algumas Familias da sempre nobre Cidade de Beja.»

São tambem como os de Botelho, uma especie de *Nobiliario*;—n'elles brilha tambem

---

onde já se fallou dos dois Viriatos, insignes capitães nossos.

[1] Este ponto é muito controverso. V. o topico—*Fundação e antiguidade de Viseu.*

[2] Segundo dizem varios historiadores, a cidade mais forte e mais populosa de Portugal e da peninsula foi *Laconimurgi*, a velha Lamego, na opinião do proprio dr. Botelho, de Fr. Bernardo de Brito e d'outros antiquarios.

V. *Lamego, Laconimurgi, Bobadella, Queimada* e *Queimadella.*

[3] *Caramba?!...*
Ex digito gigas.

com muita luz o amor da terra natal;—são igualmente escriptos em portuguez e tambem intermeados de versos em portuguez e castelhano.

Nós já fizemos publicar no *Bejense* aquelles *Dialogos* em folhetins, desde o n.º 896 de 2 d'abril de 1878 até o n.º 1:007 de 17 de abril de 1880, sob o titulo de *Peregrinos de Beja*, para salvarmos um codice que possuiamos já sem as primeiras folhas,—codice que depois offerecemos, com uma collecção do *Bejense*, á *Bibliotheca Municipal do Porto*, a qual já possuia 2 codices com os mesmos *Dialogos* e hoje possue 3. São os codices 230 231 e 231—A—do seu ultimo catalogo, publicado em 1886.

Ha pois *muita analogia* entre os *Dialogos* de Christovam Rabello de Macedo—e os *Dialogos* do dr. Manuel Botelho Ribeiro; mas n'estes, como obra offerecida a um bispo, predominam a gravidade e seriedade;—n'aquelles o humorismo. Parece que foram escriptos para nunca verem a luz da publicidade e por isso estão intermeados d'anecdotas, algumas *muito livres!*... Tambem n'elles se apontam bastantes *senões* de familias nobres.

V. *Beja* no supplemento.

Desculpem-nos a digressão e prosigamos.

A Cava na actualidade

Não sabemos quando nem por quem foi feita a *Cava*—e muito provavelmente foi um dos *Campos de Cesar* ou *Castra Hiberna* dos romanos, fundada por estes e não pelos antigos habitantes da Lusitania, pois era uma fortificação muito importante, muito luxuosa para aquelles tempos.

Ella hoje apenas tem muros—grandes marachões—de terra, mas já teve portas, seteiras e revestimento parcial ou total de boa pedra. D'ali foi muita para o convento d'Orgens, em virtude do alvará de D. Affonso V, apontado supra, com data de 1460, mas ainda em 1630 a 1636 o dr. Botelho descrevendo-a dizia como testemunha ocular o seguinte: «A opinião de ser real de Nigidio fica bem refutada com a vista d'este edificio, que alem de ser huma cousa tão grande, e forte, neste mesmo *muro de pedra* (onde já entramos) que não foi feito ao acaso, nem para huma defensa momentanea.....

«Este pedaço de muro *tão forte e argamaçado*... estas 3 seteiras, portas, e vasão das agoas desta cidade em circuito, são tão bem feitas e *lavradas*.....»

Tinha pois solidos muros, portas, seteiras e grandes fossos ainda no meado do seculo XVII. Passados 100 annos (em 1728) os muros já não tinham pedra, mas ainda em alguns pontos tinham d'altura tres lanças ou 75 palmos craveiros,—mais de 16 metros!

Com o decorrer do tempo tem soffrido muito e já não é a sombra do que foi. Perdeu *todo*, absolutamente *todo* o seu revestimento de pedra; dos largos fossos que a circuitavam apenas resta um pequeno lanço; os seus muros são hoje apenas marachões de terra, mas ainda assim marachões grandiosos, imponentes, que despertam a attenção e a admiração dos forasteiros, como já nos succedeu, quando nos abeirámos d'elles em 1862.

Passando nós por Viseu, fomos passeando muito despreoccupados até o *Campo da Feira*. Vendo um extenso e alto muro de terra com algumas arvores e sendas a modo de passeio publico, subimos ao alto d'elle e não nos arrependemos, porque d'ali se gosa um lindo panorama. A sopé, ou a S. O., o vasto *Campo da Feira*, banhado pelo Pavia, que serpeia lá no fundo; na outra margem (esquerda) do Pavia o bairro da Ribeira; no alto ou no viso da encosta o bairro da Sé coroado pelos vistosos edificios da *Cathedral*, do *Collegio* e da *Misericordia;* a E. e S. E. os vastos campos dos arrabaldes de Viseu; a N. e N. O. uma grande planicie cultivada e algumas habitações ruraes de longe em longe.

Estando eu então completamente desprevenido e não podendo comprehender a significação d'aquelle monte enorme e artificial de terra, inquiri um transeunte.

—É a *Cava de Viriato!*—respondeu elle immediatamente e com certa emphase.

Fixei-a então um pouco melhor, mas não a percorri nem a medi, porque estava longe de suspeitar que tivesse de descrevel-a, e,

desejando accentuar bem o que na actualidade (janeiro de 1888) ainda resta de tão venerando monumento, pedi ao sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, meu bom amigo e principal Cyreneu n'este artigo, que me valesse. Annuiu s. ex.ª de bom grado e, apesar dos seus longos annos e dos seus padecimentos, lá foi no dia 12 de janeiro de 1888 com um seu feitor, um afilhado e o sr. Francisco Cardoso Pereira, outro venerando ancião e distincto amador e investigador das coisas de Viseu. Percorreu-a e mediu-a toda, gastando 4 $^1/_2$ horas com o trabalho de campo e depois no seu gabinete organisou e desenhou uma bonita planta na escala de 1 para 5:000, ou de um millimetro para 5 metros,—planta que se dignou enviar-me e que tenho presente, sentindo não podermos dal-a em gravura, porque adiantava muito mais do que tudo o que nós possamos dizer.

—

A *Cava* não é octogona, como disseram Botelho, F. Manuel e Berardo. É um polygono irregular de 11 faces, ainda hoje bem visiveis, mas parece que outr'ora teve 13, pois 2 fazem uma insignificantissima curva.

Demora em planicie funda a N. de Viseu, a montante e a N. N. O. do *Campo da Feira*, na margem direita do Pavia.

Quem for a Viseu e quizer ver a Cava tem de atravessar o Pavia na ponte de pedra que está no *largo da Ribeira* e que liga o bairro d'este nome com o grande *Campo da Feira*, hoje *Campo de Viriato*.

Na dicta ponte passa a nova estrada districtal a macadam para S. Pedro do Sul, estrada que a partir da ponte tem um vistoso lanço de 3 kilometros em recta, quasi todo bordado de arvores pyramidaes, atravessando o *Campo da Feira* de S. E. a N. O. e deixando á direita a *Cava*, approximadamente a 30 metros de distancia [1] depois de percorridos 550 metros alem da ponte.

E se, deixando a dicta estrada, partirmos da ponte *em recta para N. E.*, deixaremos á esquerda, approximadamente a 150 metros da ponte, a capellinha de Nossa Senhora da Conceição, onde se festeja o apostolo S. Matheus por occasião da feira;—um pouco mais acima deixaremos á direita o velho quartel militar—e a montante d'este, approximadamente a 300 metros da ponte, encontraremos o 11.º lanço da *Cava*,—o mais proximo da ponte,—formando angulo recto com a linha indicada, pois o dicto lanço, que está contiguo ao quartel, prolonga-se de E. a O. e forma a extremidade S. da *Cava* e por assim dizer—a base do grande polygono.

Sigamos agora para a nossa esquerda e vamos percorrendo e descrevendo toda a circumferencia da *Cava*.

—

O lanço immediato (1.º da planta) é o mais vistoso, mais alto, mais saliente e o que nós percorremos em 1862.

Ainda hoje está todo arborisado com algumas arvores antigas e outras modernas, e tem 2 passeios:—um junto da base do grande talude e da *horta dos soldados*, com alguns assentos de pedra; outro no alto do talude É o lanço mais bem tractado e mais bem conservado, mas já esteve muito mais alindado, porque antes da extincção das ordens religiosas e de se arvorar em quartel o convento de *Santo Antonio de Maçorim*, o regimento da guarnição de Viseu (então infanteria n.º 17) occupava o quartel contiguo á *Cava* e a officialidade transformou o dicto lanço em uma formosa alameda, jardim e passeio publico.

Datam d'aquelle tempo as arvores mais antigas que ainda hoje lá se vêem, mas já desappareceram as flores, as trepadeiras e um lindo caramanchão, etc.

O dicto lanço trajou galas e foi o *rendez-vous* de Viseu, mas com aquelles embellesamentos e movimentos de terra perdeu bastante altura. Dos 16 metros que tinha em 1728, hoje a sua altura maxima, *a prumo*, do lado exterior ou sobre a *horta dos soldados*,[1] está reduzida a 10^m,500; e a do lado

---

[1] Referimo-nos ao angulo mais proximo, formado pelos lanços 1.º e 2.º da *Cava*, na planta do sr. dr. Nicolau de Mendonça, base da nossa descripção.

[1] Denomina-se *horta dos soldados* a parte do antigo fôsso arrazado ha muitos annos,

opposto a 5 metros, medidos tambem *a prumo*.

Na base tem de largura 31m,60;—no alto do cavallete 6m,00; — comprimento total 216m,00.

Caminhando para a nossa direita, o lanço immediato (2.º da planta) tem de comprimento 240m,00—e na sua extremidade N. está o vão de uma das 4 antigas portas.

O dicto vão tem de largura 15m,00.

O 3.º lanço tem de comprimento 244m,00, caminhando para N.

Encostado a este lanço ainda hoje se vê, do lado exterior, um fragmento dos antigos fossos. Denomina-se *Poço da Cava*, especie de lago com 12m,60 de largura e 147 metros de comprimento, cuja agua não secca nem trasborda, por ser mais alto o terreno circumvisinho. Apenas na estiagem tiram alguma para rega com uns engenhos muito simples, denominados *picanços*. Assim regam alguns chãos da quinta contigua que foi do fallecido negociante *Castello Branco*, cuja casa defronta nas traseiras com o lago e tem uma linda varanda quasi sobre elle.

O Padre Leonardo de Sousa no 1.º tomo do seu *Catalogo* tambem fallou d'este poço e disse que criava peixes, mas que ninguem os pescava nem comia, receando serem nocivos á saude, por estar a agoa sempre encharcada.[1]

O dicto poço tem de superficie cerca de 1:850 metros quadrados; é de suppor que tenha nascentes proprias que o alimentam e que muito provavelmente alimentavam os fossos aquaticos que outr'ora circuitavam a *Cava* toda. Tambem é de suppor que os dictos fossos recebessem as aguas pluviaes da Cava e dos terrenos adjacentes—e talvez as do Pavia, captadas em altura propria, a grande distancia.

—

O 4.º lanço, immediato a este, tem de comprimento 257 metros e quasi a meio a abertura de uma das 4 antigas portas, cujo vão tem de largura 10 metros.

O 5.º lanço pela ordem seguida tem de comprimento 240 metros e fórma com o 4.º lanço o angulo e a extremidade N. da *Cava*.

O 6.º lanço tem de comprimento 254 metros e a 64 metros, contados do norte, tem o vão d'outra antiga porta com 10 metros de largura.

O 7.º lanço tem de comprimento 180 metros—e na sua extremidade S. está um pontão sobre o ribeiro, que vem da aldeia de S. Thiago, e vae regar a quinta das *Mestras* e a do *Coval*, que ficam defronte d'este lanço.

É tambem muito provavel que outr'ora as aguas d'este ribeiro alimentassem parte dos fossos, pois elle tóca no sitio do pontão no muro de terra d'este lanço.

O 8.º lanço tem de comprimento 140 metros e o 9.º 145.

Estes 2 lanços já estão quasi destruidos e nivelados com o solo.

O 10.º tem de comprimento 185 metros e na sua extremidade S. O. estava uma das antigas portas, cujo vão tem hoje de abertura 20 metros, porque ha ali uma especie de terreiro que dá serventia para differentes casas e quintas já feitas dentro da Cava.

Este lanço corre atravez de bom terreno povoado de vinha e olival.

O 11.º (a N. do quartel) tem de comprimento 200 metros e é este o ultimo lanço do polygono e da planta.

—

Todos aquelles 11 lanços se tocam e formam 11 angulos de 130 graus, o mais fechado, e de 155 o mais aberto, mas a maioria d'elles é de 140 graus.

A circumferencia do polygono, contada pela extensão total dos 11 lanços, é de 2:303 metros:—a Cava tem de superficie approximadamente 300:000 metros quadrados—e dentro, não no centro, mas na proximidade dos muros, se vêem hoje diversas casas de

---

contiguo ao quartel e que acompanha o 1.º lanço até o meio d'elle; e talvez para o lado do terreiro da feira tenha mais largura do que o antigo fôsso.

[1] Hoje cria bastante peixe e até enguias saborosas, que são muito perseguidas pelos pescadores.

Este lago, quando está cheio no inverno, tem 4 metros de profundidade; na grande estiagem vê-se o fundo, mas então recolhem-se os peixes a um poço mais fundo que fica a E. do lago.

quintas e habitações ruraes, formando de longe em longe pequenos grupos. [1]

Berardo e Botelho disseram que os muros da Cava foram feitos sobre pedras, mas claudicaram n'este ponto, porque o sr. dr. Nicolau diz que não encontrou pedra alguma apparelhada ou tosca na base dos muros, nem mesmo nos lanços que estão quasi desfeitos e nivelados com o solo. Apenas encontrou ainda muitos dos grandes marcos de pedra, mandados pôr como balisas pela camara ao longo dos muros, tanto do lado interior como do exterior, quando emprasou aquelles chãos.

Tambem das arvores antigas apenas lá se encontram hoje 3 platanos monstruosos que, segundo consta, foram plantados nos principios d'este seculo pelo general inglez Andressen.

Desappareceram tambem já do antigo fosso do lanço n.º 1, hoje *Horta dos Soldados*, duas ou tres grandes arvores lindissimas,—*Acers negundo* (*acers com folha de freixo*)—que lá se viam no meado d'este seculo. Todas as arvores que hoje ensombram o dicto lanço, tanto antigas como novas, não teem merecimento algum, exceptuando alguma *Robinia pseudo-Acacia*, a que o povo chama *Espinhosa*.

A isto se reduz a pobre *Cava*, este monumento venerando que já conta mais de *vinte seculos*, pois com certeza é anterior ao nascimento de Christo.

O 1.º dos lanços mencionados supra olha para S. O.; o 2.º para O. S. O.; o 3.º para O. N. O.; o 4.º para N. N. O.; o 5.º para N N. E.; o 6.º para N. E.; o 7.º para E; o 8.º para E. S. E.; o 9.º para S. E.; o 10.º para S. S. E.—e o 11.º para S. S. O.

[1] Tambem ali se montou recentemente uma fabrica de vidros. Foram seus fundadores José Antonio Antunes dos Santos, José dos Santos Cunha e João Rodrigues de Figueiredo.

Começou a funccionar no dia 7 de maio de 1888 e por emquanto apenas produz telhas, redomas e vidraça lisa.

Monumentos pre-historicos nos arrabaldes de Viseu

No topico antecedente fallámos da *Cava de Viriato*, monumento venerando e muito antigo, pois conta talvez 2:000 annos, mas agora vamos fallar d'outros monumentos muito mais antigos, que se encontram em volta de Viseu. São as *Orcas* apontadas pelo dr. Botelho (*Dialogo* 1.º cap. 13) como aras gentilicas, que estavam, e não sabemos se estão ainda hoje, entre Mondão e Cavernães, dizendo que outras muitas se encontravam (*e encontram*) na Beira, *com pedras de estranha grandeza*.

O auctor não as descreve e nada mais diz a tal respeito, mas evidentemente as taes *orcas* são o que os estrangeiros denominam *dolmens* e que nós denominamos *antas*, *orcas* [1] e *arcas*,—monumentos megalithicos e pre-historicos da idade de pedra, formados por grandes penedos toscos postos a prumo ou inclinados para o centro e cobertos por outro grande penedo tambem tosco e em forma de *mesa*,—tudo apparentemente sem apparelho algum, como se usava no tempo anterior ás idades do bronze e do ferro, tempo que não póde precisar-se, mas que remonta *milhares d'annos talvez* para alem do nascimento de Christo e da fundação da Cava.

Em todas as sciencias ha mysterios e é mais—*muito mais*—o que se ignora, do que aquillo que se sabe ou *presume saber-se*, mas poucas sciencias estão ainda tão atrazadas como a *archeologia pre-historica*, ou *paleonthologia*, e a *antropologia*, nomeádamente no nosso paiz, tão pequeno e tão falto de incentivos e de recursos de certa ordem, mas que offerece um vasto campo aos *anthropologos* e *archeologos*.

—

Das *antas*, ou *arcas*, ou *orcas* ou *dolmens*

[1] *Orcas*. Este nome que o dr. Botelho deu ás *antas*, não se encontra em diccionario algum da lingua portugueza, nem mesmo no *Elucidario* de Viterbo, mas é o nome vulgar por que o povo das comarcas de Vizeu e de Gouveia designa estes monumentos.

apenas estão reconhecidos alguns exemplares. Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro na sessão de 1 d'abril de 1734, da nossa *Academia Real de Historia Portugueza*, aprezentou diversas *Memorias* e entre ellas uma relação de 315 *antas*, mas infelizmente nenhuma d'aquellas *Memorias* foi publicada,[1] —nem o *Dicc. Bibl.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionam *como escriptor* tal Academico!...

O *Mappa pre-historico* exposto no *Museu da Secção Geologica*,—mappa que o sr. Oliveira Martins resume nos seus *Elementos de Anthropologia*, 2.ª edição—aponta 179 antas, numero que tem augmentado com as explorações posteriores, nomeadamente com as do sr. dr. Martins Sarmento, como póde ver-se no seu *Relatorio da Expedição Scintifica á Serra da Estrella* em 1881, e nos seus estudos publicados no *Pero Gallego* e no *Tirocinio*. Tambem o sr. Leite Vasconcellos no seu folheto *Uma excursão ao Soajo* (Barcellos, 1882) menciona mais 6 antas descobertas no Alto-Minho, e outras muitas se apontam em differentes artigos d'este diccionario; mas quantas não jazem ainda completamente ignoradas,—e não só antas, mas outros muitos monumentos megalithicos da familia dolmenica, taes como *antellas*, *antinhas*, *mamoas*, *carns*, *menhirs*, *cromleks*, *alinhamentos e pedras baloiçantes?*

Antellas e *antinhas* são monumentos da configuração dos *dolmens* ou *antas*, mas um pouco mais pequenos e ordinariamente sem mesa e sem *galeria lateral*, como teem ou tiveram as antas.[2]

Mamoas ou *mamôas* ou *mamunhas* e tambem *madorras* ou *arcas*[3] são monumentos funerarios pre-historicos, formados por grandes montes de terra de forma conica ou pyramidal sobre *arcas* de pedra tosca, onde encerravam os cadaveres, ou sobre as *antellas* e *antinhas* e talvez sobre as proprias *antas*.

V. *Mamoa* n'este diccionario.

Carns ou *cerrados dos mouros*, segundo se suppõe, eram templos gentilicos sem tecto.

V. Carn.

Menhirs eram uma especie de columnas ou pyramides formadas por grandes monolithos postos a prumo sobre penedos ou firmes e enterrados no solo,—e constavam de um só monolitho ou grande penedo tosco,—ou de dois e mais penedos sobrepostos e encastellados uns sobre os outros.[1]

Talvez sejam *menhirs* os 4 penhascos de *Moreira de Rei*, concelho de Trancoso, apontados por nós no artigo *Viariz*, formando duas meias luas com as pontas voltadas para o firmamento,—e talvez seja tambem *menhir* outro penhasco em forma de torre, for-

---

[1] Veja-se o tomo 15.º das *Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*, relativo ao anno de 1734.

[2] As *galerias lateraes* são um dos caracteres das *antas*, como diz o sr. dr. Martins Sarmento no *Pero Gallego*, n.º 15, pag. 5.

[3] Na Beira o povo denomina tambem *orcas* os *dolmens* ou *antas*, como os denominou o dr. Botelho nos seus *Dialogos* em 1630 a 1636, e como se lê no artigo *Canas de Senhorim*, notando-se que por erro typographico ali se encontra *o cas* em vez de *orcas*.

Tambem o povo chama *Pedra d'Orca* ou *Penedo dos Mouros* uma *anta* que se encontra no concelho de Gouveia, entre Rio Torto e Arcozello, como diz o sr. dr. Martins Sarmento no seu *Relatorio*, pag. 21; mas tambem na Beira os dolmens se denominaram e denominam *antas*, como estão dizendo a freguezia de *Antas de Penalva do Castello*, nas margens do rio Dão, ao nascente de *Viseu*, —e a de *Antas de Penedono*.

Orco, segundo se lê no supplemento ao *Vocabulario* de D. Raphael Bluteau, era um rio da Thessalia que sahia da lagoa Stigia e levava aguas tão gordas, que tomavam a superficie do rio Penêo, em que se mettiam, *e andavão de cima como azeite*. D'aqui proveiu ser o *Orco* chamado *rio do inferno* e dar-se tambem o nome de *Orco* a Plutão, deus do inferno, e ao proprio inferno. Pelo mesmo motivo tambem os gregos deram aos sepulcros o nome de *orcos* — e dos gregos acceitaram os beirões a denominação de *orcos*, depois *orcas* e *arcas*, dada aos *dolmens* ou *antas* e *mamoas*, medonhos sepulcros dos *celtas* ou *pre celtas*.

[1] V. *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* pelo dr. Augusto Filippe Simões, (Lisboa, 1878) pag. 76 e segg.

mado por differentes penedos, e que se encontra a pequena distancia de *Moreira de Rei*, quasi ao fundo do ramal a macadam (lado esquerdo de quem desce) de Trancoso á nova estrada real de Celorico ao Pocinho.

V. *Viariz* e *Moreira de Rei* n'este diccionario e no supplemento.

Cromleks são grandes penedos, especie de *menhirs*, em forma de circulo.[1]

Alinhamentos são fileiras de *menhirs*.

Pedras-baloiçantes são rochedos enormes assentes sobre outros rochedos e oscillando com um certo impulso.[2]

—

Quantos d'estes venerandos monumentos existiriam outr'ora no nosso paiz e terão sido despedaçados, sem que hoje reste d'elles vestigio algum?

Todas as explorações archeologicas do nosso paiz teem sido espontaneas, feitas pelos amadores e forasteiros *á custa d'elles*. Apenas a *Expedição Scientifica á Serra da Estrella* em 1881, promovida pela *Sociedade de Geographia de Lisboa*, foi subsidiada pelo governo, que fez uma parte das despezas, correndo a outra parte por conta dos expedicionarios que, alem d'isso, tiveram um trabalho insano,—primeiramente no campo, desde a cumiada até ás faldas da grande serra,—e depois no gabinete, para organisarem os seus relatorios,—tudo isto sem vencimento algum, pelo que os seus trabalhos ficaram muito incompletos. Foram apenas uma tentativa, um preludio para trabalhos ulteriores. Isto mesmo confessa o sr. dr. Martins Sarmento no seu *Relatorio da secção de Archeologia*, da qual foram presidente e vogaes o sr. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, e o sr. Gabriel Pereira, distincto archeologo de Evora.

No dicto relatorio o sr. Sarmento aponta e dá em gravura uma *anta*, denominada do *Fontão*, sita em Paranhos, freguezia do concelho de Ceia; outra sita no *Monte Aljão*, concelho de Gouveia, e outra em *Carvalhal das Gouveias*, concelho de Pinhel, mas diz que só em *Paranhos, na area de pouco mais de um kilometro*, reconheceu mais 5 antas e colheu informações d'outras muitas em freguezias circumvisinhas, o que o leva a crer que na Beira encontraria grande numero d'ellas, se tivesse tempo de as procurar.

—

A mesma *onomastica* revela a existencia de muitos d'aquelles monumentos no nosso paiz, grande numero das quaes já desappareceu.

O sr. Leite Vasconcellos no seu pequenino, mas interessante folheto—*Portugal Prehistorico*[1]—aponta a aldeia denominada *Peravana* (pedra que abana) como indicando a existencia de um *penedo baloiçante*,—e nós apontaremos mais algumas povoações—villas, parochias, aldeias, quintas, herdades e sitios, cujos nomes estão convidando os exploradores d'estes monumentos.

D'esses nomes occorrem-nos os seguintes: —*Altares*, aldeia; *Anta*, freguezia do concelho de Sabrosa; *Anta*, freguezia, e *Anta* serra do concelho da Feira; *Antas*, freguezia do concelho de Esposende; *Antas* freguezia do concelho de Villa Nova de Famalicão; *Antas* freguezia do concelho de Penedono; *Antas* ou *Antas de Penalva*, freguezia do concelho de Penalva do Castello n'este districto e não longe da cidade de Viseu, e *Monte das Antas*, no Porto.

Temos mais no nosso paiz 10 aldeias, 3 casaes, 3 herdades e 2 quintas com o nome de *Antas*; os casaes de *Antas de Cima*, *Antas do Meio* e *Antas de Baixo*, e 2 freguezias com o nome de *Arca*, modificação de *orca* ou de *ara* e que revelam a existencia de *dolmens* ou *antas* n'aquelles sitios. Na freguezia de *Arca*, a O. e não longe de Viseu, no concelho de Oliveira de Frades, *ain-*

---

[1] Filippe Simões, log. cit.

[2] Obra citada, pag. 76 e 81,—*Compt rendu* do *Congresso Anthropologico de Lisboa*, pag. 419,—e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª *in fine*, onde se descreve *muito minuciosamente* o penedo oscillante de *Pero Moleiro*.

[1] Pode considerar-se um compendio da *Prehistoria Portugueza*. É o n.º 106 da collecção Corazzi—*Bibliotheca do Povo*—e custa apenas 50 réis, como todos os outros folhetos da dicta collecção.

da lá se vê um dolmen junto da egreja matriz.

Temos tambem 8 aldeias, 2 freguezias, 2 herdades e 2 qui tas com o nome de *Arcas*; 1 freguezia, 16 aldeias, 3 quintas, 1 casal e um sitio com o nome de *Arco*, talvez modificação de *orca* ou *arca*; 1 villa, 5 freguezias, 9 aldeias, 4 quintas, 3 herdades e 2 casaes com o nome de *Arcos* e *Arcos da Anadia* e *Arcos de Val de Vez*, villas e sédes de concelhos.

É mais provavel que estes nomes de *Arco* e *Arcos*—ou todos ou alguns d'elles—provenham das taes *orcas* ou *arcas* e não de *arcos monumentaes*, como alguem diz, pois não ha memoria de semelhantes arcos e deviam ser mais de 50!... [1]

Temos tambem no nosso paiz *Dolves* (talvez corrupção de *dolmens*) casal e sitio; *Donim* (talvez corrupção de *dolmin*) freguezia; *Donim*, aldeia, e *Donim* ou *Domin*, pequeno rio do Alemtejo; 1 quinta e 11 aldeias com o nome de *Madorra*, tambem synonymo de *anta*, *dolmen* ou *mamôa*; 3 aldeias com o nome de *Madorna*, talvez modificação de *Madorra*; 2 aldeias e um casal com o nome de *Madorno*; 1 casa nobre com o nome de *Maçorra*, talvez modificação de *Madorra* tambem; *Mamarrosa* talvez corrupção de *mama rasa*, freguezia do concelho de Oliveira do Bairro; 11 aldeias com o nome de *Mamoa* ou *Mamôa*; *Meimôa* e *Meimão*, aldeias,—e *Meimôa* (ba n'ella 3 *antas* ou *mamôas* [1]) ribeira confluente do Zezere.

Montilhão, nome tambem dado ás *mamoas* ou *mamôas*,—aldeia e sitio; 2 aldeias e 1 herdade com o nome de *Montão*,—e 1 aldeia com o nome de *Montingrão*; *Montinho das Antas*, casal; *Montinho das Covas* e *Montinho do Mouro*, herdades; 3 aldeias e 1 quinta com o nome de *Montouro*—e 1 aldeia com o nome de *Montorro*; *Monte das Arcas*, *Monte das Gigantas e Monte das Pedras Altas*, casaes e sitios; *Pedra d'Era* ou *Pedra d'Ara*,—*Pedo Altar*—e *Pedra d'Anta*, aldeias; 2 casaes com o nome de *Pedra Alçada*; 1 aldeia com o nome de *Pedras Alçadas* [2]; 1 casal e um sitio com o nome de *Pedras Altas*, *Pedras Juntas*, sitio; *Pedras Mouras*, casal; 3 quintas, 1 sitio e 1 *poço do Douro* com o nome de *Pedra Caldeira*; *Pedra Cavalleira* e *Pedra Cavada*, aldeias; *Pedra Empinada*, sitio; *Pedra Encavallada*, sitio e casal; *Perafita* (*petra fixa*) freguezia,—e *Perafita* ou *Parafita*, nome de 4 aldeias; *Peradança*, ou *Paradança* (talvez *pedra que dança* ou *oscilla*) aldeia,—e *Peravana* ou *Peravanas Cimeira*, —e *Peravana* ou *Peravanas Fundeira*, povoações da freguezia de *Carvoeiro*, concelho de Mação.

Podiamos indicar todas as freguezias e

---

[1] Ha tambem na Ribeira de *Rio Torto*, freguezia do concelho de Gouveia, uma ponte denominada *dos Domes*, que talvez fosse feita pelos mesmos constructores dos *dolmens*, pois é formada por 3 grandes penedos toscos e demora não longe dos dolmens do Monte Aljão e de Paranhos e do que existe na mesma freguezia de *Rio Torto*, mencionados no *Relatorio* do sr. dr. Martins Sarmento. Tambem a pequena distancia da *Ponte dos Domes* (ou *dolmens*) está o *penedo baloiçante* ou *penedo bolediço*, na phrase do povo, mencionado por nós no artigo *Villa Nova de Tazem*.

A dicta *Ponte dos Domes* ainda hoje dá passagem sobre a ribeira de Rio Torto, mas unicamente a pedestres. Não podem passar por ella carros, nem bois, nem cavalgaduras.—e dista cerca de 5 kilometros da *Ponte Palhez* e da margem esquerda do Mondego—e 2 kilometros da estrada nova a macadam de Mangualde a Gouveia, quando atravessa o *Monte Aljão*, a montante da *Ponte Palhez*.

Chamamos a attenção dos archeologos para a dicta *Ponte dos Domes*, que até hoje não foi reconhecida nem devidamente estudada. O pouco que dizemos d'ella colhemol-o de informações, pois nunca a visitamos.

[1] *Relatorio* do sr. dr. Martins Sarmento, pag. 23.

[2] O sitio por onde entra em Viseu a estrada nova da Mealhada n.º ... tambem se chama *Pedra Alçada*, talvez por ali haver em tempos remotos alguma Anta, Orca, ou Dolmen.

concelhos a que pertencem as aldeias, herdades, casaes, quintas e sitios mencionados supra, mas, como este topico e este artigo vão já muito longos, quem necessitar d'aquellas indicações veja a *Chorographia Moderna*, principiando pelo indice, tomo 6.º

—

Para aligeirarmos tambem este topico veja-se o mencionado folheto *Portugal Prehistorico* do sr. Leite Vasconcellos; nas *Memorias da Academia R. de Hist. Portugueza* a *Memoria* sobre as *antas*, apresentada na conferencia de 30 de julho de 1733 pelo academico Martinho de Mendonça e Pina—e no tomo relativo ao anno de 1734 a noticia das *Memorias* que apresentou na conferencia de 1 d'abril do dicto anno Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro, com uma lista de 315 *antas*, mas infelizmente nenhuma d'estas *Memorias* foi publicada.

Vejam-se tambem os *Relatorios de Ethnographia e Archeologia da Expedição Scientifica á Serra da Estrella* 1881,[1]—*Os Dolmens* de Sá Villela (Lisboa, 1876);—*Descripção d'alguns dolmens ou antas* por Pereira da Costa; a *Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica* pelo dr. Augusto Filippe Simões; a *Noticia d'alguns dolmens dos arredores d'Evora* pelo sr. Gabriel Pereira; o *Compte rendu do Congresso Anthropologico de Lisboa*, em 1880—e os trabalhos dos srs. Carlos Ribeiro e Joaquim Possidonio Narciso da Silva, benemerito patriarcha da nossa archeologia, fundador e presidente da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes* e nosso bom amigo e mestre.

Veja-se tambem n'este diccionario o que já disse dos nossos monumentos pre-historicos nos artigos *Ancora*, freguezia; *Anta*, *Antanhol*, *Antas de Penalva*, *Antas de Penedono*, *Arca*, freguezia do concelho d'Oliveira de Frades; *Canas de Senhorim*[1], *Carn*, *Castello de Paiva*, onde se faz menção de um *dolmen* com pilares de pedra apparelhada, *talvez com a mesma pedra* (*quartzo* ou *silex*), *Castro*, monte da freguezia de Romariz, onde se mencionam differentes *carns*; *Celtas*, onde se dá uma leve noticia d'estes e d'outros muitos povos que em tempos *anteriores á conquista romana* occuparam o chão que hoje se denomina Portugal; *Couto de Cucujães*, *Cristello* (o 1.º, tomo 2.º, pag. 149 col. 1.ª); *Cruto*, serra da freguezia de Fermedo, concelho da Feira. Ali se apontam 7 ou 8 *mamoas*, 1 *dolmen* e varias inscripções abertas na rocha *em caracteres desconhecidos*.

Esta noticia deve ser de todo o ponto authentica, porque o meu antecessor viveu muitos annos em Fermedo.

Dolmen, longo artigo sobre pre-historia; *Donim*, freguezia, e *Domin*, pequeno rio do Alemtejo e Algarve; *Escariz*, *Fermedo*, *Fieis de Deus*, *Gontinhães*, *Mamoa*, *Milheirós de Poiares*, *Molledo*, *Pedreira*, monte; *Penedo d'Alfarella*, *Polvoreira*, *Raiva*, freguezia; *Real*, tambem freguezia, tomo 8.º pag. 62, col. 2.ª; *Romariz*, *Serradello*, aldeia; *Vianna do Castello*, *Viariz*, onde se mencionam os *penedos cornudos*, talvez *menhirs*, pois não longe d'elles ha um dolmen. Tambem ali se faz referencia a *Moreira de Rei*, importante estação archeologica e talvez *pre-historica?!*...

Villa Nova de Tazem, onde se aponta um *dolmen*, um *penedo baloiçante* e muitas sepulturas abertas na rocha; *Villa Ruiva*, a primeira, onde se indicam tambem *muitas sepulturas* abertas na rocha; *Villarinho da Castanheira*, onde se apontam *3 dolmens*—e *Ville*, onde se aponta 1 *dolmen*.

---

[1] Alem d'aquelles 2 *Relatorios* estão publicados mais 3,—os das secções de *Medicina*, *Botanica* e *Meteorologia*, — collecção rara e *muito estimada*!

Nós tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta *Expedição*,—não como vogal d'ella, mas como representante dos jornaes *Districto da Guarda* e *Commercio Portuguez*, —e este ultimo publicou no mez d'agosto do dicto anno uma serie de cartas nossas, enviadas do *acampamento* da expedição.

[1] N'este artigo, tomo 2.º pag 78, col. 2.ª, leia-se *orcas* em vez de *o cas*,—e *primicias* em vez de *dizimos*.

—

Leiam-se com preferencia os artigos *Carn*, *Celtas*, *Dolmen* e *Mamoa*—e note-se que o meu antecessor, seguindo a opinião d'outros archeologos, diz que *antas* são penedos enormes collocados sobre outros mais pequenos, emquanto que hoje a maioria dos archeologos portuguezes considera *anta* como synonimo de *dolmen*.

Tambem os dolmens eram na opinião d'elle, *aras gentilicas*, emquanto que o sr. dr. Martins Sarmento e outros archeologos sustentam que todos os dolmens foram *mamoas*, monumentos funerarios.

É possivel que os *dolmens* servissem tambem por vezes de tumulos em algum tempo, mas não creio que este fosse o seu primeiro destino, pois, tendo de ser cobertos de terra, dispensavam a grande mesa, cuja collocação n'aquelle tempo—*e mesmo ainda hoje*—havia de ser *muito difficil e muito incommoda*! Inclino-me antes a crer que os monumentos funerarios pre-historicos eram os denominados *mamoas*, muito differentes dos *dolmens* ou *antas* e feitos como disse o meu benemerito antecessor no artigo *Dolmen*, tomo 2.º pag. 476, col. 1.ª—e que a sua grandesa variava segundo a importancia das pessoas, cujos cadaveres se guardavam nas dictas *mamoas*.

Tambem geralmente se diz que os monumentos pre-historicos, da familia dolmenica, *não tinham apparelho algum*; mas na minha humilde opinião muitos d'elles tiveram apparelho feito—não com instrumentos de ferro ou de bronze, porque ainda se não conheciam estes metaes,—mas *com a propria pedra*.

Foram apparelhados os *dolmens*, cujos esteios eram formados por monolithos sobrepostos, muito bem assentes e ajustados uns sobre os outros. V. *Castello de Paiva*.

Foram tambem apparelhados os que tinham aberturas circulares ou quadradas nos esteios [1]—e finalmente os do typo dos tumulos de Equilaz e Antequera.

[1] *Portugal Pre-historico* do sr. Leite Vasconcellos, pag. 49.

V. *Introducção á Archeologia* por Filippe Simões, pag. 85-94, fig. 56-62.

—

Tambem tiveram apparelho os *menhirs*, formados por differentes penedos sobrepostos e por vezes tão bem ajuntados uns aos outros que parecem obra natural e não artificial,—e *com certesa* foram tambem apparelhados *e muito desbastados os penedos baloiçantes* até ficarem oscillando, pois era naturalmente impossivel que de um jacto e sem ulterior modificação collocassem tantos e tão enormes penedos em tão perfeito equilibrio!...

E com a propria pedra—*quartzo ou silex*—podiam trabalhar, apparelhar e desbastar pedra mais molle, v. g. o calcareo, o schisto e o granito, pois quem visitar, como nós temos visitado, as margens do Douro na estiagem, desde o atlantico até á Hespanha, ali verá, como nós temos visto, cavidades muito caprichosas, lindissimas, feitas em granito porphyroide pela acção das areias e de outras pedras redomoinhando com o impulso da agua no inverno,—cavidades por vezes tão fundas que póde n'ellas esconder-se um homem! Encontram-se principalmente nas margens dos grandes *póços*, onde no verão a agua é serena como leite, mas no inverno tem uma corrente fortissima, formando grandes *dornas* ou sorvedouros, medonhos redomoinhos que por vezes mettem instantaneamente a pique os maiores *barcos rabellos*, de 70 a 80 pipas.

Formam-se aquelles redomoinhos por serem os dictos *póços* muito fundos. Mesmo na estiagem n'elles se encontram sitios com 20 a 30 metros d'altura e no inverno a agua sobe por vezes mais 10 a 20 metros, o que dá 40 a 50 metros d'altura, sendo as margens dos dictos poços relativamente apertadas e todas eriçadas de medonha penedia cheia de anfractuosidades.

—

Aquelles *poços*, tão placidos no verão e tão medonhos e perigosos no inverno, são *unicos* em Portugal e muito dignos de ver-se, —mas ninguem os verá sem assombro nem os transpora no inverno *sem tremer e mudar*

de côr! Alguns teem de comprimento 4 a 5 kilometros — e são ao todo 8 os dictos *poços*.

Vamos mencional-os pela ordem em que se encontram, subindo do Porto, ou da Foz do Douro, até á Barca d'Alva:

1.º—*Poço da Cardía*, entre o ponto da *Retorta*, a jusante, e o *Ponto Novo* a montante [1].

2.º—*Poço da Parede*, entre o *ponto* da *Escarnida*, a jusante, e o da *Rapa*, a montante.

3.º—*Poço de Riboura*, entre a *ponto* de *Canedo*, a jusante, e o de *Ripança* a montante.

4.º—*Poço de Barqueiros*, entre o *ponto* de Loureiro, a jusante, e o do *Piar* a montante.

Todos estes demoram a jusante da Regoa—e os seguintes a montante.

5.º—*Poço da Pedra Caldeira*, entre o *ponto* de *Bagauste*, a jusante, e o dos *Canaes de Covellinhas*, a montante.

6.º—*Poço de Tua*, entre o *ponto* de *Malvedos*, a jusante, e o do celebre *Cachão da Valleira*, [2] a montante.

7.º—*Poço Saião*, entre o *ponto* do *Salgueiral*, a jusante, e o das *Azenhas do Sabor*, a montante.

8.º—*Pocinho*, entre o *ponto* d'este nome, a jusante, e o de *Pridas* ou *Perêdo* a montante.

Desculpem-nos a digressão porque é *muito interessante* para a historia do rio Douro —e *em parte nenhuma* se encontra a lista dos seus *poços* nem a descripção d'elles.

Prosigamos.

---

[1] V. *Douro*, rio, *Pontos do Douro* e *Villa Secca d'Armamar*, tomo XI, pag. 1059, col. 1.ª e segg.

[2] V. *Villa Secca d'Armamar*, loc. cit.

Outro phenomeno, tambem *unico* em Portugal, se encontra nas margens do Douro e prova evidentemente que a pedra mais dura se póde trabalhar e apparelhar com a mesma pedra.

Refiro-me aos grandes córtes que ali se vêem a cada passo, feitos em granito porphyroide com o linho das cordas ou sirgas da alagem dos *barcos rabellos*.

Como são muito tortuosas e muito eriçadas de penedia as margens do Douro—e como os barcos rabellos ordinariamente são arrastados—guindados—com sirgas, tiradas por juntas de bois, as sirgas vão sempre batendo e tocando nas pedras—e n'algumas em que batem com mais força e se demoram mais tempo, teem feito córtes com a largura do diametro das sirgas e por vezes com $0^{m},2$ de profundidade e 1 metro de comprimento?!...

Mal se acredita que taes córtes fossem feitos *com linho*, mas é facto. Ora, se *o linho* (?) córta o granito mais duro, mais facil seria cortal-o, apparelhal-o ou desbastal-o com o *silex* ou *quartzo*—e assim o cortaram ou apparelharam e desbastaram por certo os constructores dos *dolmens*, dos *menhirs* e dos *penedos baloiçantes*, — apparelho que hoje mal se nota, por ser menos visivel do que o feito com o bronze ou ferro — e porque a acção do tempo durante tantos seculos,— *milhares d'annos*—apagou os vestigios d'aquelle rudimentar apparelho.

Em conclusão diremos que as *orcas*, ou *arcas*, ou *dolmens* ou *antas* e as *mamoas* e *penedos baloiçantes* que se eucontram em volta de Viseu, são monumentos pre-historicos, muito mais antigos que a Cava de Viriato, e provam evidentemente que estes chãos foram povoados talvez *milhares d'annos* antes do nascimento de Christo.

Alguns auctores comprehendem tambem entre os monumentos prehistoricos as *sepulturas abertas na rocha*.

Ellas são muito antigas e não se sabe a que povo pertenceram, mas na minha humilde opinião com certeza datam do tempo em que já era conhecido o ferro, pois a sua uniformidade e a perfeição dos cortes revelam que foram cavadas *a pico*.

A fortaleza romana e os muros e portas da cidade

Todos concordam em que os romanos, alem de fazerem a *Cava*, fortificaram tambem o *alto viso* da Sé.

Não se sabe quando foi feita a dicta fortalesa, mas suppõe-se que é posterior á *Cava* e que a mandou fazer o consul Decio Juno Bruto, quando pelos annos 616 da fundação de Roma e 139 antes do nascimento de Christo foi enviado á Hespanha com tanta felicidade que triumphou dos lusitanos e calaicos.

Da dicta fortalesa hoje apenas lá se vêem os restos de duas torres e um lanço de muralha intermedio na fachada S. O., mas na opinião de Francisco Manuel Correia a dicta fortalesa foi quadrado e tinha mais 3 faces a N. E.—N. O.—e S. E., comprehendendo todo o *plató* da cathedral com outras 2 torres nos angulos N. e E. correspondentes ás torres supra mencionadas que, segundo dizem Brito e Botelho, foram feitas por Flaco e Frontonio, adduzindo, como prova, uma inscripção que o dr. Botelho *ainda vira* em uma das torres.

O letreiro que está na torre da menagem [1] (refere-se á que foi aljube e é hoje cadeia) diz assim:

FRONTONI PELLI
FLACVI FRATER
C.

Parece que em vulgar diz:—*Frontonio Pellion, irmão de Flaco, fez esta torre*, ou *fortalesa*.

Logo o constructor ou director da obra foi um só e não *dois*, como dizem Botelho e quejandos.

Ha muito que desappareceu tal inscripção, bem como a figura de uma aguia que, segundo dizem, se via gravada na outra torre, como emblema romano, sendo para lamentar, diz Argote, que não se saiba se a dicta aguia tinha como a da bandeira romana—duas cabeças.

[1] Botelho, Dialogo 1.º, cap. 13.

Para evitarmos repetições, veja-se o que d'esta fortaleza e das mencionadas torres já dissemos no topico da *Cathedral*, pag. 1571 e segg.;—no topico dos *Bispos de Viseu*, a biographia de *D. João Homem*, pag. 1605 e a do bispo *D. João Gomes d'Abreu*, pag. 1608,—e no supplemento a este diccionario e ao artigo *Viseu* a biographia de *D. Julio Francisco d'Oliveira*, que mandou restaurar a torre de menagem.

—

Suppõe-se que os muros da fortaleza romana da Sé foram os primeiros de Viseu, depois que esta cidade se localisou onde hoje está; mas nós cremos piamente que *muito antes* dos romanos fortificaram a *seu modo* aquelle ponto, elle foi habitado e *fortificado d'algum modo* pelos differentes povos que habitaram o nosso paiz e a Beira, milhares d'annos antes da conquista romana, por ser um pincaro escarpado, muito defensavel para aquelles tempos e muito bem talhado pela natureza para ponto de refugio. Suppomos até que elle foi habitado e occupado nos tempos pre-historicos pelos celtas ou *pre-celtas*, ou pelos constructores das *orcas* ou *antas* que abundaram e *ainda hoje* abundam em volta de Viseu, como já dissemos quando fallámos dos *Monumentos prehistoricos* e como diremos adiante, quando fallarmos da *Fundação e antiguidade de Viseu*.

Em todo o caso são aquelles muros romanos os primeiros de que ha noticia na historia d'esta cidade, e por que alternativas não passariam elles até á occupação arabe, ou durante os nove seculos que decorreram desde que foram construidos até que os mouros tomaram Viseu no sec. VIII?

«Parece que estes não destruirão as suas torres e muros,—diz Berardo,—pois sabemos que dentro delles mais de uma vez se defenderão dos reis das Asturias e de Leão, que alternadamente a tomarão e perderão.»

É mesmo possivel e até provavel que os mouros restaurassem os dictos muros, como restauraram os de Lamego e outros muitos, mas nada consta de positivo a tal respeito.

Suppõe-se que depois de tomada a cidade de Viseu aos mouros em 1058 por D. Fer-

nando Magno de Leão, a cidade ficou desmantelada e sem muros, pelo que os seus habitantes volveram para a *Cava de Viriato* e ali se demoraram muito tempo até que regressaram para Viseu, ficando a dicta Cava desde então com o nome de cidade *Vaca* ou *cidade velha*, como diz Berardo nas suas *Memorias* publicadas no *Liberal*.

—

«Consta d'algumas escripturas que no tempo do sr. D. Affonso Henriques ainda se devisavão vestigios da cerca, *que antigamente cingira a cidade de Vizeu*, porem mais de quatro seculos haviam decorrido e esta se achava de todo aberta, e exposta ás invasões do inimigo,—como diz o mesmo sabio conego.

Do exposto se vê, que antes do reinado de D. Affonso Henriques a cidade de Viseu foi *cercada de muros*, muros que não eram os da fortalesa romana, pois esta se limitava ao planalto da Sé; mas não se sabe quem fez tal *cerca*.

Em 1385 um bando de hespanhoes fugitivos da batalha d'Aljubarrota e commandados por João Annes de Barbuda, tomaram, saquearam e incendiaram Viseu, passando á espada os seus habitantes. Apenas escaparam alguns dentro das torres romanas.

Estavam pois ainda desmantelados os muros de Viseu, pelo que D. João I pensou em restaural-os e dar-lhes maior extensão do que tinham os anteriores, para abrigarem e defenderem não só a cidadella, mas tambem algumas ruas circumjacentes.

«Por alguns capitulos especiaes das côrtes de Lamego do anno de 1412, desembargados para a cidade de Vizeu, sabemos que naquelle anno se trabalhava com muita diligencia na construcção dos muros, concorrendo para esta obra não só os moradores do termo, mas ainda todos os que habitavam em distancia de duas leguas da cidade. Porem tendo D. João I feito as paseš com Castella, parece que esta obra, apenas sahida dos alicerces, sobrestivera»—diz o mesmo sabio conego.

D'outros capitulos desembargados para Viseu em 5 de janeiro de 1440 e que tinham sido apresentados nas cortes de Lisboa de 1439, consta que ao tempo a cidade de Viseu era devassa e sem cerca; e não tinha outro muro senão a Deus e a mercê d'El Rei; e portanto havia o conselho determinado tapar alguas ruas menos necessarias, e pôr nas outras portas, ou grades firmes e seguras, para que succedendo alguma revolução entre estes reinos e Castella, e podessem defender dos corredores das terras, pedindo em conclusão que sua Mercê fosse: Mandar que sem distincção de pessoas ecclesiasticas ou seculares, todos concorressem pelos corpos ou pelos bens.»

—

Finalmente por outros capitulos desembargados nas côrtes da cidade da Guarda em 1465, se vê que ao tempo ainda os mouros de Viseu estavam longe da sua conclusão—«e que esta cidade já duas ou tres vezes tinha sido queimada pelos corredores de Castella, e agora se temia d'outro semelhante trabalho e que assim pediam a El Rei que lhe mandasse acabar a cerca, de que tanto precisavam.»

«Com effeito d'uma inscripção, que (refere-se ao anno de 1857) mal se divisa escripta em caracteres allemães minusculos, junto da *Porta do Soar*, consta que D. Affonso V mandára cingir de muros esta cidade, e que a obra se concluira no anno de 1472. Mais tarde, crescendo a povoação, estenderam-se as ruas para fóra dos muros, a ponto de que hoje (1857) conta por aqui quasi tantos fogos, como os que outr'ora contivera dentro.

«Os fracos vestigios que hoje (1830 ou 1857) divizamos d'esses muros, nos revelão *que forão feitos á pressa, e d'uma ligeira alvenaria*; e das 6 portas, ou entradas que tiverão, apenas *hoje* permanecem trez.» É isto o que diz Berardo nas suas *Memorias*, referindo-se a 1830, data em que as escreveu, ou a 1857 data em que as publicou no *Liberal*; mas o dr. Botelho diz o seguinte: [1] «Os muros, que hoje tem (Viseu) forão feitos em tempo d'El Rei D. Affonso V, e *ainda não se acabarão*, nem chegou a ter ameas, e o am-

---

[1] Dialogo 4.º, cap. 31.º, pag. 363 no *Codice de Girabolhos*.

bito d'elles he muitos annos do que foi antigamente, quando se tomou aos mouros: comprehendião a *Rua da Regueira*, como se collige da doação d'El Rei D. Fernando, que já vimos confirmada pelo conde D. Henrique.»

Do exposto se vê que *post tot tantosque labores* os dictos muros concluidos em 1472 foram obra de empreitada *muito mal acabada!* Nem chegaram a ter ameias e ficaram mais reduzidos do que os muros velhos do tempo dos mouros.

—

Tambem Berardo diz que tiveram 6 portas, mas o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões* indica as sete portas seguintes:

1.ª—A de *Cimo de Villa*, denominada de *S. José*.

Sobre esta porta (do lado exterior) estava uma imagem d'aquelle santo, com uma inscripção latina, mandada gravar em 1666 por D. João IV, referindo-se ao juramento que fizera de defender a Immaculada Conceição da Virgem, padroeira do reino. Do lado interior da mesma porta estava uma imagem da Senhora da Conceição.

2.ª—Do *Soar* ou de *S. Francisco*, pois do lado interior da mesma porta se vê a imagem de *S. Francisco de Borja* e do lado exterior a de *Santo Antonio*.

3.ª—De *Nossa Senhora das Angustias*, cuja imagem se via sobre a mesma porta.

Demorava ao fundo da calçada da Ribeira.

4.ª—*Porta dos Cavalleiros*, á entrada da rua d'este nome e contigua ao palacete *do Arco*.

5.º—Porta de *S. Sebastião*, por ter um nicho com a imagem do martyr.

Demorava no *Terreiro das Freiras*.

6.ª—Porta de *S. Miguel*, com a imagem do Archanjo.

Demorava na rua da Regueira e sobre esta porta ainda no tempo do dr. Botelho (1630 a 1636) se lia uma inscripção muito honrosa para esta cidade, commemorando o nome de um esforçado cavalleiro visiense—*Fernão Lopes*—que na tomada de Arzila, a 24 d'agosto de 1471, commandou 300 cavalleiros seus visinhos, portando-se com tal bravura que ahi mesmo no campo da batalha el-rei D. Affonso V por suas proprias mãos o armou cavalleiro.

A dicta inscripção era a seguinte:

No tempo d'El Rey D. Affonso
Quinto se achou na tomada
d'Arzila Fernão Lopes desta
cidade com 300 cavaleiros
E la foi armado cavaleiro
Por mão do dito Rey com
outros mais [1]

No seculo passado, ao demolir-se esta porta para a construcção de casas, desappareceu a lapide, que tinha esta inscripção, e que agora por diligencias do nosso bom amigo e Cyreneu n'este artigo, o sr. dr. Nicolau de Mendonça, foi encontrada no quintal da casa do sr. commendador Ladislau Pereira de Chaves Manuel, contigua a esta porta.

Tambem ali achou n'uma loja duas lapides, com o voto de D. João IV á Senhora da Conceição, voto que estava por cima d'esta porta, assim como de mais tres:—a de S. José—do Suar—e a dos Cavalleiros, conservando-se hoje só as duas ultimas.

A inscripção d'esta lapide é em allemão minusculo; levou-a o sr. dr. Nicolau para a sua quinta de S. Salvador para ali a decifrar, o que não pôde, por ter muitos breves, e lettras muito gastas, mas reconhecem-se bem algumas palavras da interpretação de Botelho, que já no seu tempo a não soube ler toda, porque a lapide tem 8 linhas de escriptura, todas cheias, e Botelho dá á inscripção só 6 linhas e uma palavra, o que não admira, pois elle confessa, que por o mesmo motivo não podera já ler a outra inscripção contemporanea de 1474 sobre a construcção dos muros, que está ainda hoje sobre a porta do *Suar*. E ali está depositada esta tão *honrosa lapide* para os visienses com os seus 416 annos (!) até que a camara se resolva a recolhel-a nos paços do concelho, onde se

---

[1] Dialogo 5.º, cap. 6.º, pag. 407 do *Codice de Girabolhos*.

conserve com resguardo até que appareça um paleologo mais perito, que possa decifral-a toda, pelo que fazemos votos.

7.ª—*Porta de Santa Catharina*, onde estava um nicho com a imagem do Crucificado, o qual ainda hoje ali existe ao lado do arco demolido, na casa contigua, que tinha janella para fóra da porta, casa que pertence ao sr. Heitor de Lemos e Sousa, de quem se tratará adiante no topico das *Familias nobres de Viseu*.

Ainda hoje se accende todas as noites por dentro da casa uma alampada, e chama o povo a esta imagem *Senhor dos Esquecidos*.

Das dictas 7 portas já existiam só 3 no tempo de Berardo. Hoje existem apenas 2, a do *Suar* e a dos *Cavalleiros*. No emtanto, creio que a 3.ª e 7.ª eram só o que chamavam *postigos*, não só porque os arcos eram mais pequenos, mas davam entrada para ruas mais estreitas e menos concorridas; tanto assim, que nos nossos dias, antes de se demolir a 3.ª porta, davam á imagem que ali estava o nome vulgar de *Senhor do Postigo*.

Alcaides móres

Como Viseu foi cidade murada desde o tempo dos romanos, parece que devia ter uma longa serie d'alcaides mores, mas nem o dr. Botelho nos seus *Dialogos*, nem Berardo ou F. Manoel nas suas *Memorias*, nem o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, nem o sr. Vilhena Barbosa nas suas *Cidades e Villas* fallam dos *Alcaides mores de Viseu*.

Apenas o sr. Oliveira Mascarenhas muito succintamente diz que esta alcaidaria andou na familia dos Silveiras, ramo da dos condes de Sarzedas, referindo-se á *Chorographia* do Padre Carvalho, o qual disse que no seu tempo (1708) era alcaide mor de Viseu D. Luiz Balthasar da Silveira, cuja ascendencia póde ver-se na mesma *Chorographia*, tomo 2.º, tratado 5.º

No emtanto a *Hist. Geneal. da C. R.* tratando deste D. Luiz, e seu filho, e successor D. Braz Balthasar da Silveira, nomeando os grandes postos militares que occupavam, os serviços e as muitas commendas que disfructaram, não os faz alcaides mores de Viseu! É verdade porem que a 1.ª *Rezenha das Familias Titulares*, obra de muito credito [1] tambem faz alcaide mor de Viseu o seu bisneto e successor na casa, D. Braz José Balthasar da Silveira, e este era avô paterno do 9.º marquez das Minas, ainda hoje vivo.

Achamos só outros alcaides mores de Viseu n'um ramo dos antigos condes de Linhares.

O primeiro foi D. Antonio de Menezes, neto dos primeiros condes de Linhares, o qual morreu com D. Sebastião em Africa. Foi feito alcaide mor de Viseu pela infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel e de D. Leonor, sua terceira mulher. Esta infanta foi senhora de Viseu por doação d'el-rei seu pae, como diz a *Hist. Geneal. da Casa Real*.

A este succedeu seu filho D. Pedro de Menezes, e foi como seu pae alcaide mór de Viseu, ao qual succedeu na casa, e até na alcaidaria mor de Viseu, sua filha D. Ignacia de Menezes e Vasconcellos, a qual, casando com seu primo 4.º conde de Linhares, D. Miguel de Noronha, lhe levou esta alcaidaria mor em dote. Foi o 3.º alcaide mor de Viseu n'esta familia, e tanto que, ficando em Hespanha no tempo da acclamação de D. João IV, foi lá feito Duque de Linhares e Viseu. Tudo isto consta da *Hist. Geneal. da Casa Real*, tomo 3.º pag. 459, e tomo 5.º pag. 211, 212, 266 e 267.

De sorte que provavelmente só depois de ir para Hespanha o 4.º conde de Linhares e 3.º alcaide mor de Viseu n'esta familia, é que se fez nova doação d'esta alcadaria aos Silveiras, senhores de S. Cosmado, hoje representados por varonia pelo 9.º marquez das Minas.

Fundação e antiguidade de Viseu

Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion general de España* diz que a cidade de Viseu foi fundada pelos turdulos, 500 annos antes do nascimento de Christo; mas nós dire-

---

[1] Appendice, *Verbo Sarzedas*.

mos que se ignora quando e por quem foi fundada.

É certo ser muito antiga, pois já no tempo dos suevos (anno de Ch. 572) foi reconhecida como cidade *episcopal*, anterior á occupação d'elles, pelo que já devia existir de longa data.

Veja-se o nosso *catalogo chronologico* dos bispos de Viseu, no qual demos principio á serie dos seus prelados no seculo VI (anno 572); mas o padre Leonardo de Sousa no seu esplendido catalogo em via de publicação [1] vae mais longe.

Dá começo á dicta serie no anno 270, pelo que na opinião do padre Sousa já no seculo III Viseu era cidade episcopal; mas desde quando seria cidade na accepção hodierna, ou simples povoação, ou aggregado de povoações? Sob uma d'estas ultimas tres fórmas já existia com toda a certesa no tempo dos romanos, como provam as muitas moedas e lapides com inscripções encontradas em Viseu, algumas das quaes nós já mencionamos supra, e o dr. Botelho aponta mais as seguintes:

INTILIFAN
CADIFAN XX
ET CICERO
I. SORORI
C.

Diz que esta inscripção estava ao lado da egreja de S. Miguel (do Fetal) da parte de fóra, a um canto que faz a sacristia, opposto ao poente—e accrescenta:

«N'este letreiro se faz menção de pessoa da familia dos *Ciceros*, e de Julia, sua irmã, d'onde se argue a grande antiguidade d'esta cidade de Viseu, pois já no tempo em que florescia a familia dos *Ciceros* havia n'ella cidadãos d'este nome. Nem ha que espantar vir a estas partes pessoa d'esta geração, que como Cicero esteve n'ellas (segundo se crê) ou quando foi consul poria nella, ou mandaria por capitão e governador algum parente seu... signal que era praça esta cidade e de muita importancia, pois taes pessoas se mandavam para fronteiros d'ella...»[1]

—

«Outro letreiro (diz o mesmo auctor) está na rua da *Regueira* ás quatro quinas junto com a terra, mas a pedra quebrada pelo meio, e aquella ametade tem estas letras:

H. S.
LVCAN.
F. SUI PO.
ET CAMA. L.

«Falta ametade da pedra e por conseguinte ametade do letreiro,—diz ainda Botelho, loc. cit.—Do que d'estas palavras se entende he o seguinte: *Aqui jaz Lucano, filho de Lucano, e Polla, a qual sepultura lhe fez Cama, Liberto*,—ou que seu filho Polla, e Cama, Liberto, lhe fizerão aquella sepultura.

«Se não leramos que Lucano fora morto em Roma por mandado de Nero, que lhe mandou romper as vêas, poderamos cuidar que fora sepultado n'esta cidade, por fazer, segundo parece, menção de *Polla*, sua mulher. Bem podia ser algum filho dentre ambos; porque, como os paes de Lucano forão naturaes de Cordova, chamados Annio Mella, irmão de Seneca (mestre de Nero) filho de Annio Seneca, e sua mãe Caia Acilia, filha de Acilio Lucano, orador, he mais provavel que se tornaria o filho para a patria de seus avós, depois da morte do pai, com o qual viria sua mãi, por fugirem da furia de Nero, ou por desterro, ou teria algum cargo nella.

«De qualquer modo os nomeados são pessoas da familia de Lucano, e sua mulher Polla Argentaria, que foi mui douta, e em

---

[1] Depois de escrevermos o nosso resumido catalogo (V. pag. 1589 e segg.) appareceram em Viseu, na livraria do sr. conde de Prime, os dois primeiros tomos do catalogo do padre Sousa. Completou-se, pois, e sabemos que o muito rev. sr. vice-reitor actual do seminario se propõe dal-o ao prélo, o que muito estimaremos, pois ficará Viseu possuindo um excellente catalogo dos seus bispos, muito superior ao nosso e ao do academico João Coldt.

[1] Dialogo 1.º cap. 17.

quem collocou Stacio toda a virtude que á mulher se póde attribuir, mui amada de seu marido, e que o ajudou a emendar os tres livros da sua *Farsalica Historia*, e depois da morte d'elle emendou ella os outros 7.

—

«Outro letreiro se achou *ha poucos dias* [1] em os alicerces que se abrirão para a Igreja do Mosteiro de Jesus da ordem de S. Bento desta cidade, com as letras mui gastadas, e a pedra partida pelo meio, que as juntei para as ler, e estava em huns alicerces de hum muro antigo *de mais de 20 palmos de largo* (?) e dizia o letreiro deste modo:

D. M. S.
REINO PATRIE. I.
RVFINAE MATRE RFINA
S. R. RIAREIVS EIRENA
F. C.

«Outra pedra quebrada estava na rua da *Regueira*, na frontaria das casas de hum conego, que ao reformalas a tirou, mas quebrada, e com estas letras:

FLORO (?) CVM
PACATIANVM
APER. EX TESTAMEN...
..... [2]

«Outras pedras achei, mas tão quebradas, e feitas em pedaços, que não pude trasladar dellas cousa que fizesse sentido, e por isso as deixo. Muitas outras devia de haver, mas a pouca curiosidade dos antigos, e o ser esta cidade destruida muitas vezes em tempo dos godos, mouros e christãos, foi causa de se extinguir de todo a memoria dos romanos.

«Tambem nos arredores se tem achado muitos letreiros, de que já referi alguns, e por remate relatarei huns versos, que se acharão em hum monte junto do lugar de *Lordosa*, onde devia de haver algum templo da gentilidade, segundo a fé de hum *Promptuario de letreiros*, e dizem assim:

Caprigini quicumque subis sacraria Fauni
.....
..... [1]

«Quer dizer:—Todos os que subis, ou entava de uma figura de mulher, infelizmente mutilada na parte superior,—e na inferior tinha a inscripção seguinte:

ESAE. VIRIATIS
NORVM. XXX
ONCINVS. REB
MATRI. F. C.

Lição completa:

Caesae, Viriati servae, annorum XXX, Loncinus Reburrus matri faciendum curavit.

Em vulgar: «Monumento elevado a Cesa, serva de Viriato, fallecida na idade de trinta annos. Longino (?) Reburro mandou fazel-o em honra de sua mãe.»

Vejam-se os desenhos do mencionado cippo e os artigos correspondentes publicados pelo sr. B. de Toro no *Commercio de Vizeu*, n.os 80 e 81 de 1887, — e pelo sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo na sua interessante *Revista Archeologica e Historica*, vol. 1.º, n.º 6, pag. 81 e segg.

O sr. Borges de Figueiredo termina por estas palavras:

«A descoberta, em Vizeu, de uma inscripção com o nome de *Viriato* deve para muitas pessoas ser uma confirmação de antigas lendas. Quem assim o acreditar, advirta que houve *muitos Viriatos*; e que ainda não está em definitivo assente que o antigo *Herminio* corresponda á montanha chamada *Serra da Estrella*.»

Com vista aos credulos sequases de Fr. Bernardo de Brito e do dr. Manuel Botelho Ribeiro.

---

[1] Botelho, *loc. cit.*

Note-se que elle escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636.

[2] Na mesma rua da *Regueira* (hoje é rua de D. Luiz) em março de 1887, quando se proced a á demolição de uma parede interior da casa do dr. José Barbosa de Carvalho, encontrou-se um cippo funerario romano de granito com 0m,90 de altura, 0m,46 de largo, e 0m,30 de espessura media. Cons-

[1] Ao todo são 8 versos em latim, dos quaes damos apenas o primeiro, para não fatigarmos os leitores.

traes nestas casas sagradas do Deus *Fauno*, que tem pés de cabra, lede estas palavras entalhadas com hua mão no estilo romano: aqui jaço eu *Euphorbião*, e comigo repousa *Merchala*. Esta foi minha irmã, minha mãi, e minha esposa. Imaginais que isto são cousas fingidas? Admirais-vos? Cuidais que he isto hum animado monstro Sphinge? São cousas mais verdadeiras, que a tripeça Pithia. A mim me gerou hum pai em hua filha, com a qual eu casei, e assim se segue que foi minha irmã, minha mulher, e minha mãi.»

Dialogos de Botelho, *loc. cit.*

Por ultimo faz referencia a outra pedra que appareceu junto da povoação de *Cavernães*, freguezia d'este concelho, tendo esculpida uma cabeça de touro, como as encontradas em Beja, pelo que o dr. Botelho, apoiado em Duarte Nunes de Leão, [1] sustenta que Viseu foi *colonia romana*, porque o emblema das povoações romanas que tinham o privilegio de *colonias* era a cabeça de um touro, por ser o boi principal instrumento da lavoura. [2]

Prosigamos.

—

Do exposto se conclue *evidentemente* que Viseu foi cidade e *cidade muito importante* no tempo dos romanos. Prova-o tambem a *fortalesa romana* que existiu no chão onde hoje vemos a Sé e as suas dependencias,—fortalesa de que já fizemos menção em topico especial e quando fallámos da Sé.

Tambem Viseu *com certesa* já existia como cidade ou simples povoação, quando Viriato no anno 146 ou 148 antes da nossa era, [1] ou durante a conquista romana, derrotou junto da *Cava* o pretor Caio Negidio.

Para evitarmos repetições veja-se o topico relativo á *Cava*. Apenas accrescentaremos o que diz Rodrigo Mendes da Silva, loc. cit. —que Viseu já n'aquelle tempo era *cidade florentissima*, com o nome de *Vico Aquario*, mas isto é muito duvidoso, como adiante provaremos.

Tambem é certo que o chão da cidade—ou pelo menos do concelho de Viseu—foi occupado e habitado nos tempos pre-historicos,—milhares d'annos talvez antes do nascimento de Christo, como provam *evidentemente* os monumentos megalithicos d'aquella epoca, hoje denominados *orcas*, *arcas* e *antas*, que se encontram no concelho e em volta do concelho de Viseu, taes são as *orcas* de Mondão a N. ou N. E., e as de Cannas de Senhorim a S.; as *antas* de Penalva a E.—e o *dolmen* ou *anta* da freguezia de Arca, no concelho de Oliveira de Frades, a O.,—alem d'outros muitos monumentos congeneres que ainda hoje se encontram dissiminados pela Beira.

Citaremos aqui os 2 *penedos baloiçantes* apontados pelo sr. Borges de Figueiredo na sua *Revista Archeologica* (n.º 1, janeiro de 1888) dos quaes se encontra um na *quinta de Carragozella*, freguezia d'Espariz, concelho de Tabua,—e outro na *quinta da Torre* do sr. visconde de Taveiro, freguezia de Lourosa, a 5 kilometros de Viseu, já descripto no Conimbricense, n.º 3910, em 1885.

Diz o sr. Borges de Figueiredo que em Portugal não conhece outros *penedos baloiçantes*, mas nós conhecemos mais o de *Pero Moleiro*, já descripto n'este diccionario, no artigo *Villa Nova de Tazem*, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª *in fine*.

Tambem sabemos que existiu outro na freguezia *d'Abragão*, concelho de Penafiel, no quintal das casas do sr. *Valverde de Vasconcellos*, mas foi despedaçado ha poucos annos.

---

[1] *Descripção de Portugal*, cap. 8.º

[2] A peninsula foi primeiramente dividida pelos romanos em 2 provincias,—depois em 3—e por ultimo em 5. Subdividiam-se as primeiras em districtos ou *conventos*, onde residiam as auctoridades administrativas, judiciaes e militares,—e os districtos em *colonias*, que eram as povoações mais importantes depois dos *conventos*. Seguiam-se-lhes os *municipios;* depois d'estes as povoações *confederadas;* depois as *immunes* e *estipendiarias*,—e por ultimo as *contributas*. *Hist de Port.* de Herculano, tomo I, pag. 24 e 25.

[1] Ha 2:034 a 2:036 annos, pois estamos em 1888.

V. *Abragão* no supplemento a este diccionario.

Tambem nos dizem ser *oscillante* um penedo que está na freguezia de *Forno Telheiro*, a pouco mais de 2 kilometros da egreja matriz, para S., no concelho de Celorico da Beira, não longe da estação d'aquella villa.

Assenta sobre um grande penedo nativo, no qual e n'outros penedos proximos se vêem muitas sepulturas (talvez mais de 20) cavadas a pico e denominadas pelo povo *sepulturas dos mouros*.

Tambem o povo denomina *penedo de S. Gens* o tal pretendido penedo oscillante, que tem um formato caprichoso; de comprimento maximo 9m.50; de circumferencia no centro 5m,20—e 200 metros cubicos de pedra, approximadamente.

Elle está firme, mas o povo assevera que o sente oscillar quem sobe ao cimo d'elle.

Visto do lado do nascente parece uma tulipa!...

—

Aquelles monumentos são attribuidos aos celtas ou pre-celtas, contemporaneos dos iberos; uns e outros vieram da Asia para a peninsula iberica em tempos a que não pôde assignar-se data, mas tão remotos que o nosso primeiro historiador diz serem muito proximos da infancia do genero humano?!...[1]

—

Os *celtas* já encontraram na peninsula os *iberos* e, depois de varias luctas uns com os outros, congraçaram-se e formaram um só povo com a denominação de *celtiberos*. Occuparam estes a peninsula muitos annos, muitos seculos; depois vieram da Palestina (de *Canaan* a *terra da Promissão*) os *fenicios*, e tanto se demoraram na peninsula e tão grande prestigio gosaram n'ella, que a peninsula tomou d'elles o nome de *Hespanha*, bem como a *Lusitania*, o *Tejo*, o *Guadiana*, etc.

Depois dos *fenicios* vieram os *gregos*; depois dos *gregos* vieram os *cartagineses*, que tambem originariamecte eram fenicios; depois dos cartagineses vieram os romanos; e depois dos romanos vieram differentes povos barbaros do norte, sendo os *godos* os ultimos d'estes; aos godos succederam os *mouros* e aos mouros outra vez os godos ou christãos.

Os fenicios, segundo diz o padre Antonio Pereira de Figueiredo nas suas *Dissertações* publicadas no tomo 9.º da *Academia Real das Sciencias*, emigraram para a Hespanha e para outras regiões, quando foram expulsos da Palestina por Josué—1400 annos ou talvez mais (diz elle) antes do nascimento de Christo! E desde quando já viveriam na peninsula os celtas e os iberos ou *pre-celtas*, cujos nomes se ignoram e que, segundo se suppõe, foram os constructores dos monumentos megalithicos pre-historicos?

Não podemos responder precisamente, mas com certesa esses povos occuparam grande parte da Europa, toda a peninsula iberica e o chão que hoje se denomina Portugal, incluindo o territorio de Viseu. Pode muito bem, pois, dizer-se que Viseu data d'aquelles remotissimos tempos *pre-historicos*, muito anteriores á occupação dos godos, romanos, cartagineses, gregos e fenicios.

Tambem pode afoitamente dizer-se que os gregos habitaram o territorio de Viseu e de grande parte da Beira, como prova a denominação de *orcas*, ainda hoje dada na Beira aos *dolmens*, pois é sabido que os gregos denominavam *orcos* os monumentos funerarios, e como taes são geralmente considerados os *dolmens*.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico supra, relativo aos *monumentos pre-historicos*,—e os artigos *Celtas*, *Gravios* e *Lusitania*, escriptos pelo meu benemerito antecessor e cuja responsabilidade é *toda* d'elle.

Nós acceitamos a continuação d'este diccionario depois.

---

[1] «Essas *primeiras* imigrações da Asia, *iberos*, *celtas*, ou o que quiserem, *demasiado visinhas da infancia do genero humano* para serem numerosas, atravessando a Europa sem nenhuns meios artificiaes de transito,...»
Hist. de Port. tomo I, pag. 30.

de principiado o artigo *Vianna do Castello.*

Suum cuique!...

Nomes dados a Viseu e sua etymologia

Os auctores gregos e romanos tractaram muito perfunctoriamente da parte occidental da peninsula iberica, por ser n'aquelle tempo a parte mais remota do mundo conhecido, e o silencio ou laconismo d'aquelles geographos com relação a Viseu levou a imaginação de varios auctores modernos a darem a esta cidade differentes nomes, por não saberem com certesa qual foi o seu nome primitivo. Uns dizem que se chamou *Lancia*, outros *Verurium*, outros *Vico Aquario*, outros *Visontium*, outros *Visonium* e outros finalmente *Vacca*; mas não fundamentam bem as suas opiniões, pelo que não podemos subscrever nenhuma d'ellas.

Segundo diz o sabio conego Berardo (*Liberal* n.º 1 de 6 de maio de 1857) *Lancia*, que Ptolomeu colloca entre Salamanca e o rio Douro, distava muito de Viseu; *Verurium*, segundo o mesmo auctor, approximava-se mais da situação de Viseu, mas hoje os homens doutos reputam aquelle geographo como pouco auctorisado.

No roteiro de Antonino Pio encontrou-se o nome de *Vico Aquario*, mas no caminho de Astorga para Saragoça, muito longe de Viseu.

O dr. Botelho nos seus *Dialogos* cita a opinião dos que pretendem que Viseu foi a cidade de *Visoncio*, más refuta essa opinião dizendo que Ptolomeu situa *Visoncio* nos Pelendones da provincia Tarraconense, muito longe da nossa cidade de Viseu.

—

Berardo, na sua interessante memoria latina, ainda ms.,—*Ecclesiae Visonensis Epitome ad usum auditorii Seminarii Episcopalis ejusdem Ecclesiae, Visonio*, 1855,—traduz Viseu por *Visonium*, mas não sabemos em que se fundou.

Esta memoria é completamente desconhecida em Viseu, mas não póde duvidar-se de que é do sabio conego Berardo, porque nós a possuimos autographa, *escripta por elle proprio*. Foi-nos offerecida com outros mss. pelo nosso bom amigo e collega o rev. sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, natural da cidade da Figueira, educado em Viseu e actualmente abbade de *Quinchães*, em Fafe.

Parece que o auctor, sendo mestre de latim no Seminario visiense, propoz-se fazer ali tambem prelecções sobre a historia e antiguidades de Viseu e que para isso escreveu aquella memoria, especie de *compendio*. Está em boa caligraphia, sem emendas, borrões nem entre-linhas;—comprehende 6 capitulos e 90 pag.—e fórma um pequeno livro em 8.º *ms.*, encadernado e bem tractado. Segue-se no mesmo livro outra memoria de Berardo, tambem autographa e inedita:—*Noticias sobre a vida e obras do pintor Grão Vasco de Vizeu, Ribafeita, 27 de outubro de 1849* (era então ali abbade o auctor)—e fecha o livrinho uma *Dissertação*, tambem ms. e inedita, sobre a verdadeira intelligencia da palavra *Delicio*, que se encontra na XX *Fabula de Fedro*, Liv. 3.º, escripta por Manuel Bernardes Dias, professor de grammatica e lingua latina no Seminario visiense, em resposta a outra do mestre regio de Viseu sobre o mesmo assumpto. É uma *Dissertação* curiosa, muito bem escripta e muito interessante, mas não menos interessantes são as duas *memorias* de Berardo, das quaes a segunda, a pedido nosso, foi recentemente publicada no jornal visiense o *Viriato*, n.º 3:350 de 21 de janeiro de 1888, e no *Districto de Vizeu*, n.º 857 e seguintes, de 25 e 29 de janeiro, 1 e 5 de fevereiro de 1888.

No topico relativo a Grão Vasco volveremos a fallar da dicta *memoria* e talvez que a transcrevamos na sua integra.

—

«O nome de *Vacca* que alguns deram a Vizeu fundados em tradições falliveis, e semelhanças mal concebidas—diz o mesmo sabio conego Berardo [1]—tem comtudo alguma especialidade, por estar proxima ao rio *Vouga*, que Ptolomeu nomeou *Vaccum*, e Es-

[1] *Liberal*, loc. cit.

trabão *Vacua*; porem he huma applicação gratuita, porque estes geographos fallão do rio, e nenhum menciona povoação assim chamada por estes sitios. O testemunho de Santo Izidoro de Sevilha quasi que vem destruir de todo esta conjectura, quando nos affirma que *Vacca* fôra huma cidade situada perto dos Pirineos, d'onde veio o nome aos povos *Vacceos* da antiga provincia Tarraconense. *Vacca oppidum fuit juxta Pyreneum, a quo sunt cognominati Vaccei.*

Etimologiae, Lib. 9, cap. 2.»

E' isto o que diz Berardo, mas o dr. Botelho [1] dá largas á sua fantasia, esforçando-se por mostrar, 1.º que Viseu foi a cidade de *Vacca*; 2.º que a cidade de *Vacca* esteve dentro da *Cava*; 3.º que o nome de *Cava* é corrupção de *Vacca*; 4.º que o rio *Vouga* tomou o nome da pretendida cidade de *Vacca*, —e insurge-se contra Gaspar Barreiros por affirmar (diz Botelho) que o rio Vouga tomou o nome da cidade de *Vacca*, mas que esta demorava junto da villa de *Vouga*. [2]

Botelho tambem diz que passados 2 annos depois que Viriato, o grande capitão lusitano, foi assassinado por ordem de Scipião, sendo este chamado a Roma, lhe succedêra no governo Decio Junio Bruto;—que foi este quem mandou edificar a fortalesa romana da Sé, nucleo da cidade actual;—que lhe poz (?) o nome de *Viso*, por estar no alto ou *viso* da encosta fronteira e sobranceira á cidade de *Vacca*, hoje *Cava*, da qual a nova fortalesa ficou sendo como *aviso* ou atalaia—e que d'aqui proveiu o nome de *Viseu* á nova cidade, a cidade actual,—e o velho annexim *Viseu, aviso teu*, ou *aviso é teu*. «E tão bem soube ella guardar seu nome, que nem em tempos de Godos, ou Mouros o deixou perder; e com haver corrupção em todos, só elle não mudou, inda que se lhe accrescentou um E, denotando que Viseu *he e sempre será!...*» [1]

Ditosa patria que tal filho teve.

Esta etymologia honra o estro de Botelho. Está bem pintada e seduz; mas eu quisera que elle para auctorisar *os seus versos* citasse algum geographo romano que desse o nome de *Viseu* á cidade em questão, pois mais natural parece que de *viso* se formasse antes o nome de *Visontium* ou *Visoncio*, dado por Ptolomeu a uma cidade romana da peninsula,—ou o de *Visonium* ou *Visonio*, dado a Viseu por Berardo; e bem podia ser que de *Visoncio* ou *Visonio* se formasse com o tempo *Viseu*.

Tudo isto é questão *lanae caprinae*, mas, como alguem lhe dá importancia, seja-nos licito offerecer aos amadores da especialidade um thema *novo* para novas dissertações:

É innegavel que muitas povoações do nosso paiz e da peninsula tomaram o nome de personagens romanos, suevos, godos e moiros. Podiamos citar *grande numero* d'essas povoações, porque já temos organisada uma lista d'ellas, mas, como este artigo vae já muito longo e este diccionario quasi no fim, no supplemento as indicaremos, se Deus nos der vida e saude e o diccionario ainda estiver a nosso cargo. Aqui apenas diremos que em muitos documentos dos mais antigos que chegaram até nós,—documentos authenticos dos seculos X e XI, repetidas vezes se encontra *Visoi*, como nome proprio d'homem, entre as assignaturas das testemunhas que firmam aquelles documentos.

Não fantasiamos, como pode ver-se no *Portugaliae Monumenta Historica*, tit. *Diplomata et Chartae*, onde se encontram na sua integra todos os documentos que vamos citar, taes são o documento n.º 16 do anno 908, a pag. 11; o documento n.º 105 do an-

---

[1] *Diologo 1.º* cap. 10—16, pag. 59—92 (?!...) no *Codice de Girabolhos*.

[2] V. *Vouga*, rio e villa, e *Vacua* na interessante publicação *Oppida Restituta* do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.

[1] *Dialogo 1.º* cap. 13 *in-fine*.

Finis coronat opus!...

A patria do dr. Botelho não póde ter a sorte que tiveram Troia, Thebas, Cartago, Babilonia, Sagunto, etc.

no 972, a pag. 67; o documento n.º 108 do anno 973, a pag. 68; o documento n.º 163 do anno 991, a pag. 101;[1] o documento n.º 165 do anno 992, a pag. 102,[2]—e o documento n.º 342 do anno 1045, a pag. 211.

Do exposto se vê claramente que *Visoi* ou *Vizoy* era nome proprio d'homem e nome ainda *muito vulgar* nos seculos x e xi, o que leva a crer que este nome foi usado nos seculos anteriores, talvez durante a occupação dos suevos, godos e mouros. É pois muito possivel que *Viseu* tomasse o nome d'algum personagem assim denominado, como d'outros personagens romanos, suevos, godos e mouros tomaram o nome outras muitas povoações de Portugal e da peninsula.

Claudite jam rivos pueri; sat prata biberunt.

Tambem o concilio de Lugo, celebrado na era de 607, deu ao bispado do Porto 25 freguezias, sendo uma d'ellas denominada *Visea*, mas differente de *Viseu*.

V. *Memorias d'Argote*, tomo 2.º pag. 698, 804 a 807.

Local de Viseu

Ignora-se onde esteve esta cidade até á fundação da *Cava de Viriato* pelos annos 146 antes do nascimento de Christo, posto que Viseu, como dissemos no topico antecedente, já então contava muitos seculos,—milhares d'annos talvez,—como cidade, ou simples povoação, ou aggregado de povoações.

As noticias mais remotas do local que occupou referem-se á *Cava* e diz-se que d'ali se transferira para o local hodierno, depois que Decio Junio Bruto mandou fortificar o bairro da Sé; mas não nos satisfaz esta opinião.

Suppomos que o bairro da Sé foi habitado muito antes da construcção da *Cava*, porque o chão da *Cava* era fundo, abafado, plano, alagadiço, insalubre, nada defensavel antes d'aquellas obras de defesa, e por consequencia improprio para um grande povoado, emquanto que o bairro da Sé foi sempre alto, arejado, enchuto, vistoso e muito defensavel, mesmo para aquelles tempos. Alem d'isso, sabemos que os lusitanos, celtas e celtiberos habitavam de preferencia as encostas e os sitios altos e n'elles costumavam erigir templos e fazer castros, como depois fizeram os romanos, pois é crença geral que muitos castros romanos, de que ainda hoje se vêem claros vestigios em muitos curutos de Portugal e da peninsula, haviam sido anteriormente occupados, habitados e d'algum modo fortificados.

Vejam-se os topicos relativos á *Cava de Viriato* e á *Fundação e antiguidade de Viseu*, bem como o topico infra.

Veja-se tambem o que disse Antonio do Carmo Velho de Barbosa na sua *Memoria* relativa ao *Mosteiro de Leça*, pag. 75 e segg., onde falla do *castro* de *Guifões*, que suppõe ter sido *ara celtica*, antes de ser, se é que foi, *castro romano*. Tambem caracterisa como *celta* ou *pre celta*, a ponte actual de *Guifões*, mas nós já a visitámos e podemos affiançar que é muito posterior aos celtas e mesmo aos romanos e arabes.

V. *Guifões* n'este diccionario e no supplemento, onde tencionamos ampliar consideravelmente aquelle artigo.

Respeitamos muito o sabio academico Velho de Barbosa, mas *aliquando dormitat Homerus*

Captiveiro e conquistas de Viseu

Esta peninsula e o nosso paiz foram desde os tempos mais remotos theatro constante de luctas e guerras medonhas, já entre os iberos e os povos anteriores (não sabemos quaes foram esses povos ou os *aborigenes*, primeiros habitantes da peninsula)—já entre os celtas e os iberos até que se congraçaram e tomaram o nome commum de *celtiberos* [1].

---

[1] N'este documento assignam *Vizoi Astrulfizi*, filho de *Astrulfo*,—e *Fredenando Vizoizi*—Fernando, filho de *Vizoi*.

[2] N'este documento assigna *Vizoy*.

[1] Note-se que os celtas comprehendiam nada menos de *30 povos differentes*, como já dissemos, appoiados em Herculano.

Vieram depois as guerras entre estes e os fenicios; depois novas guerras entre aquelles tres povos e os gregos; seguiram-se outras entre estes quatro povos e os cartagineses, até que estes se assenhoriaram da peninsula.

Vieram depois as guerras entre os romanos e os habitantes da peninsula que eram *in illo tempore* uma amalgama de iberos, celtas, fenicios, gregos e cartagineses. Foi uma tremenda lucta que durou nada menos de dois seculos, no fim dos quaes os romanos ficaram senhores da peninsula e a occuparam muito tempo, elevando-a ao mais alto grau d'esplendor e civilisação que até ali tinha attingido.

Vieram depois no anno 405 os silingos, suevos, alanos e vandalos, *barbaros do norte*, que assolaram completamente a peninsula e fizeram recuar a civilisação romana, eclipsando-a por muitos seculos, cerca de 1:000 annos—pois talvez que a peninsula só no fim da idade media, ou nos principios do seculo XVI, attingisse o grau de esplendor e civilisação a que os romanos a tinham elevado?!... E em quanto a viação publica foi maior, *muito maior* ainda o eclipse, porque só depois do meiado d'este seculo XIX, ou passados 1:450 annos, a viação de Portugal e da peninsula póde equiparar-se á viação romana!...

—

Foram muito sanguinolentas e muito prolongadas as guerras já entre aquelles povos barbaros e os romanos, já entre os barbaros uns com os outros, até que prevaleceram os godos no dominio da peninsula e esta respirou algum tempo; mas no seculo VIII com a invasão dos mouros volveu outro periodo de guerras assoladoras, já entre os mouros e os christãos, já entre os mouros uns com os outros, já entre os christãos tambem, pois ao reino das Asturias ou de Leão, o primeiro que se formou entre os christãos da peninsula depois da invasão arabe, accresceram os reinos de Aragão, Castella, Navarra, Gallisa, Portugal e Valencia, e só depois de grandes luctas se fundiram todos em um só, com o nome de *Hespanha*, conservando *unicamente* Portugal a sua autonomia desde os principios do seculo XII (1139) *até hoje*, o que parece favor da Providencia, pois comprehendendo Portugal desde o seu começo uma pequena parte da peninsula, sustentou sempre guerra viva—primeiramente contra o potentado de Leão e contra o dos mussulmanos, não inferior ao de Leão—e, depois de expulsos os mouros, ficou por assim dizer *em guerra aberta* com toda a Hespanha até 1668, sendo a Hespanha 4 a 6 vezes superior a Portugal em população e territorio e empenhando na lucta contra nós os seus melhores generaes e grandes exercitos! Ainda posteriormente quiz renovar a guerra, mas desistiu, lembrando-se das lições da historia e das batalhas d'Aljubarrota, Linhas d'Elvas, Ameixial, Castello Rodrigo, Montes Claros, etc. etc.

Parece que a Providencia (repito) tem sido *até hoje* por nós, pois humanamente mal se explica o facto de estarmos ainda hoje independentes e de havermos levado a nossa bandeira até os confins da Asia—e de havermos creado na America do sul um grande imperio,—o imperio do Brazil, hoje independente (*graças ao senhor D. Pedro IV...*) mas que ainda falla o portuguez, como prova do longo dominio de Portugal sobre aquelle vasto imperio.

—

Do exposto se vê que a peninsula e Portugal teem sido constante theatro de guerras—e as mais sanguinolentas de todas foram as dos *barbaros do norte*, *destruição das Hespanhas*.

Foram muito sanguinolentas as dos mouros, mas ao menos os mouros eram bastante civilisados,—muito mais tolerantes e *mais civilisados* do que os godos ou christãos que encontraram na peninsula e, se os mouros n'ella se conservassem e os deixassem viver pacificamente, a nossa religião soffria, mas a peninsula talvez lucrasse e adiantasse em civilisação,—no commercio, na agricultura, nas artes e mesmo *nas lettras*,—mais do que adiantou nos seculos immediatos á expulsão d'elles!...

Ao norte do nosso paiz poucos vestigios deixaram da sua occupção, porque esta foi transitoria e *muito atribulada*, mas ao sul,

principalmente na Andalusia, onde se demoraram mais tempo e viveram mais tranquillos, edificaram sumptuosos templos, castellos e palacios, deram grande impulso ás artes *e sciencias* e melhoraram consideravelmente a agricultura, fazendo canaes de irrigação, etc.

Mesmo ao norte do nosso paiz ainda no seculo XVI, quando D. Manuel impoliticamente e barbaramente os expulsou de envolta com os judeus, elles eram os nossos *melhores* e por assim dizer *unicos* artistas pelo que muitas das nossas fabricas e officinas soffreram com a expulsão d'elles.

É pois um *preconceito, uma flagrante injustiça, um erro crasso* dizer-se que a civilisação d'elles era *embrionaria*, como teem dicto varios escriptores nossos.

Foram muito illustrados e muito amantes das lettras alguns dos reis de Cordova, principalmente o grande mathematico Mohamed, fallecido no anno de 886,—Abderrahman, o poderoso *emir-al-muminim*,—e seu filho e successor El-Hakem. Este ultimo falleceu no anno da 976 e deixou uma bibliotheca de *quatrocentos mil volumes, ajuntada por elle*, —como diz Alexandre Herculano, *Hist. de Port.* tomo I, pag. 79.

Talvez que ainda hoje,—em pleno seculo XIX, por excellencia o *seculo das luzes*,—não haja em toda a peninsula bibliotheca mais numerosa e, attendendo á baratesa actual dos livros e á carestia d'elles *in illo tempore*, com certesa custou mais e *muito mais* a bibliotheca do mouro El-Hakem, do que a melhor bibliotheca actual da peninsula—e *talvez da Europa?!...*

—

Portugal e a peninsula soffreram muito com a invasão dos mouros e com as guerras continuas até á expulsão d'elles, mas soffreram mais e *muito mais* com a invasão dos *barbaros do norte* e com as guerras que se seguiram até que os godos firmaram o seu imperio na peninsula.

«A irrupção dos barbaros—diz Herculano [1]—foi assignalada por todo o genero de devastações. Morreu gente innumeravel no primeiro impeto antes que os ferozes conquistadores escolhessem as provincias em que se haviam de fixar. Á guerra associaram-se a peste e a fome. Chegou o povo á miseria horrivel de devorar carne humana, e as mães cevarem-se *nos cadaveres dos filhos*. As bestas feras saiam dos bosques, e affeitas á carniça dos mortos, avançavam a tragar os vivos. Então os barbaros dividiram entre si este paiz convertido *quasi n'um ermo*...

«Mas o povo que devia substituir esta primeira alluvião [1] e estabelecer o seu domi-

[1] *Hist. de Port.* tomo I, pag. 28.

[1] Os vandalos e suevos tinham occupado o que hoje chamamos Castella Velha e a Gallisa; os alanos a provincia lusitana e a cartaginense; e os silingos, tribu vandala, parte da Betica, hoje Andaluzia; mas, pouco depois da invasão dos godos, Walia, rei d'estes e successor de Attahulfo, atacou os alanos da Lusitania e os silingos da Betica e, depois de uma lucta cruel de tres annos, obrigou os que sobreviveram á destruição da sua raça, a buscarem na Gallisa o amparo dos suevos. Walia fez paz com o imperador romano Honorio, pelo que os godos, n'estas guerras, eram considerados auxiliares do imperio.

Incorporados os alanos e silingos com os suevos, estes, posto que independentes de facto, reconheceram a supremacia de Roma, e os godos contentaram-se com o dominio do sul das Gallias.

A paz era todavia impossivel. Os vandalos começaram logo uma como guerra civil com os suevos, que os desbarataram, e elles, obrigados a deixar a Gallisa, precipitaram-se de novo sobre a Betica.

D'ali, passados tempos, transportaram-se para a Africa, restando apenas na Hespanha os suevos, a que se haviam incorporado os diminutos restos dos alanos, exterminados por Walia. Logo que os vandalos deixaram a Europa, os suevos começaram a dilatar o seu imperio sobre a Lusitania e Betica até que, depois de continuas guerras com os romanos e com os godos, que vieram substituir os romanos no dominio da Hespanha, chegaram por fim a incorporar-se na monarchia gothica, em tempo de Leowigildo, e assim se conservaram até o anno 714, data da invasão dos mouros.

V. Herculano, loc. cit.; n'este diccionario *Godos* e *Suevos*,—e n'este art. *Viseu* os topicos *S. Miguel do Fetal* e—*Tumulo de D. Rodrigo*, pag. 1565 e segg.

nio de tres seculos, não tardou a transpor os Pyrenéus. Os wisigodos, capitaneados por Attaulfo, invadiram a Peninsula. Por alguns annos durou a guerra d'estes com os primeiros invasores; *guerra d'exterminio*, qual devia ser entre gente feroz, e de que ainda forçosamente foi victima uma parte d'esses rareados restos da antiga população...

«A população hispano-romana desapparecêra, em grande parte, debaixo das espadas implacaveis dos barbaros ....

«... os habitantes da Peninsula, debaixo do nome de *godos*, constituiam uma só nação quando a conquista arabe veiu confundir ainda mais, se é possivel, esta mistura inextricavel de homens de muitas e diversas origens.»

—

Portugal soffreu muito com a invasão e occupação dos *barbaros*, mas qual seria a sorte da cidade, da diocese e do districto de Viseu, durante aquelle periodo tão calamitoso?

Nada sabemos da parte que lhes tocou, mas com certesa soffreram tambem muito, pois dos fragmentos que nos restam das actas do concilio de Lugo, celebrado no anno 560 por ordem de Theodomiro, rei suevo, o bispado de Viseu n'aquella data comprehendia approximadamente o mesmo territorio actual,[1] mas estava quasi deserto. Apenas contava *nove freguezias*?!... Adiante as mencionaremos e explanaremos este ponto no topico relativo ao *Bispado de Viseu*.

Depois da invasão dos mouros em 1714[2], já temos algumas noticias mais d'esta cidade e das hecatombes de que foi victima, pois foi tomada e retomada pelos christãos e pelos mouros muitas vezes. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Pelos mouros, não sabemos quando.

2.ª—Por D. Affonso I, o *catholico*, das Asturias, no anno 734, segundo se lê na *Chor. Port.* tomo II, pag. 178, mas foi um dos muitos lapsos do padre Carvalho, pois aquelle rei governou de 739 a 753!. . [1]

3.ª—Por Abderraman, rei de Cordova, no anno 757,—diz o mesmo padre Carvalho *loc. cit.*

4.ª—Por D. Fruela I, rei das Asturias, successor de D. Affonso I.

Ignoramos a data d'esta conquista, mas devia ser em 753 a 766, pois foi este o periodo do governo de D. Fruela[2].

5.ª—Por Mauregato (filho bastardo de D. Affonso I o *catholico*) em 783 a 789, com o auxilio do rei de Cordova, a quem prometteu o fôro das 100 donzellas,—diz Carvalho e accrescenta que Mauregato possuiu Viseu 8 annos, mas não pode ser, porque Mauregato reinou apenas 7 annos, de 783 a 789.

V. Carvalho, *loc. cit.*—e n'este diccionario o artigo *Figueiredo das Donas*.

6.ª—Pelos mouros, não sabemos quando.

7.ª—Por Carlos Magno, vindo á Hespanha em auxilio de D. Bernardo I de Leão, que reinou de 789 a 791.

Carvalho, *loc. cit.*

8.ª—Pelos mouros, em cujo dominio esteve *até o anno de 803*,—diz Carvalho.

9.ª—Em 803 por D. Affonso II, o *casto*, de Leão.

10.ª—Em 811 por Aliathan, rei de Cordova, ficando no dominio dos mouros até o anno de 842,—segundo diz Carvalho.

11.ª—Em 842 por D. Ramiro I de Leão, que a tomou deixando tributario o mouro Iben-Rages, governador d'ella, mas pouco depois, constando-lhe que o dicto mouro se bandeára com outros alcaides mouros contra os christãos, D. Ramiro voltou sobre Viseu, desbaratou o dicto mouro e destruiu completamente a cidade, ficando só em pé a fortalesa romana com as 2 torres, mas o bispo de Salamanca Sebastiano, depois de obter licença de D. Ramiro, mandou reedificar Viseu e *lhe deu por armas o castello de Gaya*

---

[1] Era ainda mais extenso talvez, pois comprehendia o territorio que em 1770 passou para o bispado de Pinhel.

[2] Referimo-nos sempre ao *anno* do nascimento de Christo, quando nas datas não posermos o termo *era*.

[1] O padre Antonio P. de Fig. no seu interessante livrinho *Compendio das Datas*, prolonga este reinado até o anno 757.

[2] P. de Figueiredo, loc. cit. prolongou este reinado até o anno 768.

com o rio Douro, ... em memoria do *facto*, (?) que ali se passou com D. Ramiro.

Em resumo é isto o que diz Carvalho, mas não podemos acceitar na integra tal asserto, porque o D. Ramiro da lenda foi D. Ramiro II, que governou de 931 a 950.

Vejam-se os topicos supra—*S. Miguel do Fetal e—Tumulo de D. Rodrigo*—pag. 1565 e segg.

11.ª—Por Abdela, rei de Cordova, que a tomou não sabemos quando, e a teve apenas 39 dias.

Carvalho, *loc. cit.*

12.ª—Por D. Affonso III, o *magno*, de Leão, que a tomou ao dicto mouro não sabemos quando, mas devia ser pelos annos de 862 a 910, reinado do dicto D. Affonso.

13.ª—Por Almançor, rei de Cordova, no tempo de D. Bermudo II de Leão—982 a 999.

Este Almançor destruiu Viseu tambem completamente, poupando apenas as 2 torres romanas; mais tarde porem os mesmos mouros reedificaram a cidade e a possuiram até o anno de 1058,—segundo diz Carvalho, *loc. cit.*

Em 1027 D. Affonso V de Leão, depois de haver tomado aos mouros differentes terras, passou o Douro e, discorrendo pelo norte do Algarve, poz cerco a Viseu, *que provavelmente ficára em poder dos mussulmanos desde o tempo de El-Mansur*,—diz Alexandre Herculano;[1] mas, durante o assedio, a morte o salteou no vigor da idade. «Era no estio; intensa a calma. Despidas as armas, e trajando apenas uma tunica de linho, o rei discorria em volta dos muros inimigos: um virote partiu das ameias, e ferindo-o mortalmente o derribou do cavallo. Levado á sua tenda, Affonso V expirou brevemente, contando pouco mais de 30 annos, e quasi outros tantos de reinado.»[2]

Governou de 1000 a 1027.

14.ª—Por D. Fernando I, o *magno*, de Castella, no anno de 1058, como dizem o padre Carvalho, o *Chronicon Lusitano* e o sabio conego Berardo,—ou no anno de 1038, como dizem o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, nas *Cidades e Villas*, o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, e Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion General de España*,—ou no anno de 1057, como diz Alexandre Herculano[1]. Eis as suas proprias palavras:

«Atravessando o Douro pelo lado de Samora (refere-se a D Fernando I, o *magno*) e encaminhando-se para o occidente, entrou pela nossa moderna (?) provincia da Beira, cujos castellos tantas vezes tinham sido já tomados e perdidos por christãos e sarracenos. O de Seia (Sena) foi o primeiro que elle tomou, talando os seus arredores e reduzindo outros castellos menos importantes. Desde então a guerra continuou por todas as primaveras seguintes, sujeitando successivamente (1057, sic) Viseu, Lamego, Tarouca e outros logares fortes.»

Escusado é dizer que seguimos a opinião de Herculano.

Tomou pois D Fernando Magno de Castella a cidade de Viseu aos mouros no anno de 1057—a 28 de junho, como dizem os srs. Vilhena Barbosa, Oliveira Mascarenhas e Rodrigo Mendes da Silva,—ou a 25 de julho, como diz Berardo.[2] Desde então não mais voltou ao poder dos mouros, mais ainda recebeu outro baptismo de sangue.

15.ª—Em 1385[3] por um troço de castelhanos, quando retiravam d'Aljubarrota completamente destroçados pelo nosso D. João I.

Elles, passando por Viseu e estando a cidade então aberta, sem muros e mal guarnecida, tomaram-na, saquearam-na, incendiaram-na e passaram ao fio da espada os seus habitantes, mas, tomando o caminho de Hespanha carregados de despojos, tudo perderam e muitos d'elles a propria vida não longe de Viseu,—entre Valverde e Trancoso, no dia 25 de abril de 1385.

Para evitarmos repetições, vide *Aljubar-*

---

[1] *Hist. de Port.* tomo I, pag. 159.
[2] Alex. Herc. *loc. cit.*

[1] *Hist. de Port.* tomo I pag. 165.
[2] *Liberal* n.º 2 de 9 de maio de 1857.
[3] O padre Carvalho diz *em 1377!...*
Foi muito infeliz no artigo *Viseu* e nós temos remorsos de o havermos acompanhado tão de perto *n'este topico!...*

rota e *Trancoso*. Vejam-se tambem os *Dialogos* de Mariz, pag. 172, cuja lição *é muito differente!...*

> Este topico é muito emmaranhado, muito difficil. N'elle *com certesa* tropecei muitas vezes, mas já antes de mim tropeçaram outros—e outros hão de tropeçar de futuro!. .
> *Solatium est miseris...*

Côrte e côrtes

Viseu foi temporariamente côrte d'alguns reis de Leão. Suppõe-se que residiram no paço da fortalesa romana, onde hoje se vê o claustro, mandado fazer por D. Miguel da Silva no chão do dicto paço, que D. João III para esse fim lhe concedeu.

Tambem ali residiu algum tempo a nossa rainha D. Theresa, mãe de D. Affonso Henriques,—e em Viseu mais tarde residiram (não sabemos onde) temporariamente alguns reis, como D. João I, pois nenhum monographista de Viseu nos diz o sítio d'esta habitação real, nem onde se convocaram as cortes, mas é provavel que fosse nos antigos paços reaes em que residiram a rainha D. Theresa e talvez os reis de Leão, que eram dentro da fortaleza romana,[1] onde havia um grande espaço, que é hoje occupado pelos altos e baixos do claustro novo e pelas capellas contiguas á sala capitular e repartições proximas do cabido. Aquelle chão comprehendia todo o grande espaço voltado ao poente desde a torre Romana do Norte (hoje cadeia civil) até á Torre do Sul, ainda hoje occupada com arrumações do cabido.

Não merece attenção alguma a opinião de Berardo e seus copiadores, que dizem a dinastia de Aviz tivera os seus paços na Rua da Cadeia, onde a tradição diz nascera D. Duarte, que era uma casa pequena no meio d'uma rua estreita, sem largo na frente ou trazeiras, que Botelho diz ser a casa do Almoxarife; pois Berardo não adduz outro fundamento alem de um miseravel erro de heraldica e genealogia, em que o sabio conego era hospede, como já dissemos.

Para evitarmos repetições veja-se o topico supra, relativo á Sé, pag. 1574, col. 2.ª; 1551, n.º 7, col. 2.ª tambem;—1562 col. 1.ª, n.º 5—e o topico infra *Duques e senhores de Viseu*.

Tambem n'esta cidade se reuniram outr'ora algumas das grandes assembléas convocadas pelos nossos reis e denominadas *côrtes*. Eram constituidas pelos procuradores das nossas differentes cidades e de algumas villas, e nas dictas côrtes os procuradores visienses occupavam o 7.º logar no 2.º banco. O 1.º assento pertencia aos de Lisboa, o 2.º aos d'Evora, o 3.º aos do Porto, o 4.º aos de Coimbra, o 5.º aos de Santarem e o 6.º aos de Braga. Era pois Viseu a 7.ª povoação mais importante do nosso paiz *in illo tempore* e n'ella se celebraram côrtes em 1419 e 1391, sob a presidencia d'el-rei D. João I.

V. *Côrtes*, onde se encontra uma lista de todas as que foram celebradas no nosso paiz, até 1834, ou até á queda do *ancien regime* politico [1].

Duques e senhores de Viseu

Esta cidade foi titulo de ducado e teve os duques seguintes:

1.º—O infante D. Henrique, filho de D. João I.

V. *Sagres*.

2.º—O infante D. Fernando, filho d'el-rei D. Duarte, por morte do 1.º duque, o infante D. Henrique, seu tio.

3.º—D. João, filho do 2.º duque, o infante D. Fernando.

4.º—D. Diogo, irmão do antecedente.

Este duque D. Diogo foi assassinado em Setubal por seu primo e cunhado el-rei D. João II, que extinguiu tambem aquelle titulo, mas deu os bens do ducado e o titulo de

---

[1] Viseu não teve cerca de muros até os fins do seculo XIV.

[1] Ali não se mencionaram as côrtes de Viseu, de 1419; mencionou-as porem o sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas*.

duque de Beja a D. Manuel (depois rei) irmão do infeliz D. Diogo, 4.º e ultimo duque de Viseu.

Para evitarmos repetições, vide *Setubal*, vol. 9.º pag. 220, col. 1.ª e segg.

—

Foram senhores de Viseu differentes personagens. Occorrem-nos os seguintes:

1.º—*O conde Hufo Hufes Belfaral* pelos annos de 924, no tempo de D. Fruella II, rei de Leão, e de D. Affonso IV, seu successor.

Hufo Hufes era conde e senhor não só de Viseu, mas das terras circumvisinhas, e d'elle procedem muitas familias nobres de Portugal e de Hespanha, entre ellas os *Botelhos* de Mondim da Beira, Lamego, Villa Real e Viseu, como pode ver-se nos *Dialogos* do dr. Manuel Botelho,[1] mas a sua representação está nos duques de Lafões.

2.º—*Ayres Pires*, pelos annos de 1102 (era 1140) pois como *senhor de Viseu* assigna uma escriptura de doação feita n'aquella data em Guimarães pelo conde D. Henrique a Echa Martins, rei mouro de Lamego.

3.º *O infante D. Henrique*, 1.º duque de Viseu, mencionado supra.

4.º—*O infante D. Fernando*, 2.º duque de Viseu.

5.º—*D. João*, 3.º duque.

6.º—*D. Diogo*, 4.º e ultimo duque.

7.º—*D. Manuel* (depois rei) irmão d'aquelles ultimos dois duques.

8.º—*A infanta D. Isabel.*

9.º e ultimo:—*A infanta D. Maria*, ambas filhas d'el-rei D. Manuel.

Por morte da infanta D. Maria o senhorio de Viseu passou para a corôa e n'ella se conservou até hoje.

Procissão das forneiras

«No dia 14 d'agosto—diz Berardo[2]—tinha logar uma solemne procissão, assistida do senado, cabido e clerisia, a quem precedia um certo numero de meninas vestidas decentemente, e levando cada uma na mão a insignia de uma *pá* muito composta e enfeitada.

«Era a procissão vulgarmente chamada das *forneiras*, que alludia áquella façanha de Brites d'Almeida, de Aljubarrota, que matára sete castelhanos depois d'aquella sempre memoravel batalha, que firmou a independencia portugueza e a corôa no senhor D. João I.

«Deixo que lhe chamem *tradição fabulosa* (que não o será tanto como alguem o pensa) mas ella era acceite, e baseada em recordações gloriosas. A Vizeu sobejavão os motivos de seus odios contra Castella, e era esta solemnidade huma commemoração, e diremos *incentivo* da independencia nacional. A dominação dos Filippes de Hespanha tinha naturalmente reduzido ao silencio hum acto que lhe era contradictorio, mas a Restauração de 1640 o fez reviver, e ainda por uma determinação regia:

«D. João por graça de Deus Rei de Portugal... etc. Faço saber a vós corrigidor da comarca da cidade de Vizeu, que porquanto se costumava fazer nestes reinos procissão em vespera de Santa Maria d'Agosto, no fazimento de graças da victoria, que o Senhor Rei D. João primeiro *de boa memoria* alcançou no campo de Aljubarrota contra El-Rei D. João primeiro de Castella, e convir que se continue com a dita procissão; Hei por bem e vos Mando ordeneis que assim se faça e continue a dita procissão, assi nessa cidade, como nos lugares da Comarca della, onde se costumava fazer; o que assi cumprireis..... Lisboa a quatorze de Junho de mil seiscentos e quarenta e hum.... Ao corrigidor da Comarca de Vizeu.»

Tão patriotica solemnidade extinguiu-se e de todo esqueceu desde 1834—«por incuria (talvez culposa) da geração actual, que se ufana muito não sei de que»—dizia o mesmo sabio conego, apesar de ser *pronunciadamente liberal?!*...

O cramol

«No primeiro dia da oitava do Pentecostes diz o mesmo Berardo, *ibidem*, a camara municipal de Vizeu, acompanhada de muito

---

[1] *Dialogo 3.º*, cap. 14.º

[2] *Liberal* n.º 3 de 15 de maio de 1857.

povo, fazia huma especie de procissão á igreja de Nossa Senhora do Castello da villa de Mangualde, recitando preces e ladainhas, donde lhe veio a denominação de *cramol*[1].

«Na volta desta longinqua romaria ordinariamente havia um jantar preparado para as pessoas da expedição, e seguia-se hum espectaculo de touros na praça da cidade. Era isto huma commemoração da tomada do castello do mouro *Zurara*, situado na eminencia, onde hoje se divisa a mencionada igreja, e donde tambem veio a denominação ás terras d'aquelle concelho.[2] Dizia-se que antigamente os de Vizeu, combinados com os da villa de Linhares, se propozerão e arriscarão a tomar e demolir aquelle castello; o que tudo levarão a effeito.

«Passarão muitos annos, e a tibieza foi-se apoderando do animo dos nossos passados, de maneira que a festa do *cramol* ficou reduzida a huma simplicissima procissão, em que sahião da cathedral o cabido e o senado até á igreja de *S. Miguel do Fetal*. Isto mesmo de todo se extinguiu em 1834.»

Com a tibiesa das crenças extinguiram-se outras muitas procissões semelhantes que desde tempo immemorial se faziam em diversos pontos do nosso paiz e de algumas já nós fizemos menção n'este diccionario.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, tomo 6.º pag. 79, col. 2.ª—e *Villa Real de Traz os Montes*, tomo XI, pag. 975; mas ainda hoje, em cumprimento de antigos votos, vão muitos dos taes *clamores* á egreja de Nossa Senhora de *Carquere*, em Rezende, á capella de S. *Domingos da Queimada*, em frente de Lamego, e á de Açores a 3 de maio. Vide *Açores* n'este diccionario tomo I pag. 24; *Fontello*, *Carquere*, *Queimada* e *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

V. tambem *Villar*, aldeia, tomo XI, pag. 1175, col. 1.ª *in fine* e segg.

---

[1] *Cramol* é modificação popular de *clamor*.

P. A. Ferreira.

[2] V. *Mangualde* n'este diccionario e no supplemento.

Couto da Sé

«O que se chamava *Couto da Sé*, e a cujos moradores o bispo D. Pedro Gonçalves e o seu cabido em 1251 derão *Carta de Fôro*, —diz Berardo,[1]—existia dentro dos primeiros muros de Vizeu, ou *Cidade Velha*. A sua demarcação he hoje completamente ignorada; porém ainda não o era no seculo XVI, quando os moradores deste couto se defendião dos encargos do concelho, escorando-se nos privilegios que dizião ter. Confirmamos isto pelo seguinte documento do *Livro das Vereações da Camara*, que sendo tambem curioso a outros respeitos o transcrevemos aqui:

«Aos cinquo dias do mez de Janeiro de mil e quinhentos e trinta e quatro annos, na dita cidade foram juntos em camara os seguintes. Ho licenciado Vicente corea Juiz de fora, gonçalo corea vereador duarte da fonceca procurador. Os quaes juntos em camara diseram que era verdade que lluis francisco barbeiro na dita cidade e morador saira este anno presente por tisoureiro da dita cidade, ho quall lluis francisco viera á dita camara a requerer que ho *não constrangessem a servir tal officio*,[2] porquanto elle era escuso do tall encarego por viver *nos coutos* do senhor bispo da dita cidade, por cujo privilegio dos ditos *coutos* era escuso dos encaregos do concelho, e assim por ser barbeiro dos frades de sam francisco d'orjees, por cuja causa elle era escuso por bem do privilegio dos ditos frades, e que sobre tudo viera há dita camara ho Licenceado Fernam Lourenço promotor e procurador do dito senhor bispo da dita cidade, e da sua parte lhes requerera que nam constrangessem ao dito lluis francisco que servisse de tisoureiro contra sua vontade, porquanto elle vivia dentro nos coutos do dito senhor bispo e porque era escuso por bem do seu

---

[1] *Liberal* n.º 12 de 13 de junho de 1857. Veja-se tambem este artigo, pag. 1688, col. 2.ª *in fine*.

[2] Assombra-nos a modestia do barbeiro!...

privilegio que o dito senhor bispo tinha dos ditos coutos, e pela antiga pose em que estava, de nenhum morador dos ditos seus coutos servir em oficios e caregos do concelho senão os que queriam servir por sua vontade e não por constrangimento, e que avendo elles enformaçom verdadeiramente de como o dito lluis francisco vive dentro nos coutos do dito senhor bispo que tem dentro na dita cidade e por eu tabaliam e escripvam dar minha fee que era assim verdade ho dito lluis francisco viver nos ditos coutos do dito senhor bispo, e elle vir requerer que o escusasem e asi o procurador do dito senhor bispo acima nomeado, e avendo tambem emformaçom como hos moradores dos coutos do dito senhor bispo sam escusos dos encaregos do concelho e nam serviram nelles, s. nos oficios do concelho se nam aquelles moradores dos coutos que por sua vontade queriam servir e doutra maneira nam, e que avendo tambem emformaçam que o dito lluis francisco *era homem forte de condiçam e que era muito odioso á dita camara por sua condiçam*, por tirarem desensoees e desasosegos que pollo dito caso podiam vir a ocorer antre ha dita cidade e o dito senhor bispo, allem de muitos gastos e demandas que no dito cazo podiam vir ao diante ha cidade,[1] e porque ho dito oficio de tisoureiro nam era dos quatro da hordenaçam, aviam por bem que o dito lluis francisco nam sirva ho dito anno de tisoureiro e o asolveram do dito carego ho dito anno: E porque amrique mendez mercador tisoureiro que foy na dita cidade ho dito anno passado de mill e quinhentos e trinta e trez annos, que presente estava dizer que queria servir de tisoureiro da dita cidade este anno prezente de quinhentos e trinta e quatro annos, ho dito Juiz e vereadores e procurador lhes aprove por ho dito amrique mendez querer servir ho dito cargo ho dito anno e por elle ser mercador e homem honrado e *de boa casta de christoos novos*[2], e outros *da sua calidade* (?) serem já almoteces na dita cidade, de fazerem ho dito amrique mendez allmotaceell na dita cidade e o acrescentarem ha dita honra dalmotaceell por asy ja servir ho anno passado de tisoureiro querer tambem servir este presente anno, porque asy ho aviam por bem proveito e *honra* (?) da dita cidade.

—

«E llogo o dito Juiz e vereadores deram juramento *sob os santos evangelhos* ao dito amrique mendez (?) em que pooz sua mam e lhe mandaram que bem e verdadeiramente servise este presente anno na dita cidade de tisoureiro conforme ao regimento e hordenaçam de sua alteza, guardando ao dito senhor seu serviço e ás partes seu direito, e elle asy o prometeo de fazer e asynaram todos

«Francisco Dias tabeliam e escripvam da camara ho escrepvi, ao quall amrique mendez lhes aprouve de o asy acrescentarem ha dita honra dalmotaceel *por outros christaoos novos da sua callidade servirem ja na dita cidade dallmotacees, vereadores, e procuradores*, como he notorio pollos llivros da camara dos annos passados, francisco dias o escrepvi. Amrique mendes... Francisco llopes. Gonsallo Corea. lluis de lloureiro. Duarte da fonceca.»

A transcripção é pesada, mas muito interessante para a historia do antigo *couto* da Sé de Viseu.

Quinta e Paço episcopal de Fontello

Ignora-se onde residiram os bispos de Viseu até o tempo do prior *S. Theotonio*—1111 a 1119,[1] pois sabemos que residiu nos velhos paços reaes *da fortalesa romana*, onde está hoje o claustro, como dissemos no topico relativo a Sé. Depois residiram alternadamente no paço episcopal *dos tres escalões*,—na quinta de *Santa Eugenia*—e em *Fontello*. N'este ultimo paço residiram elles em periodos mais ou menos longos até 18 —e desde então até hoje.

V. pag. 1632, col. 2.ª *in fine*.

---

[1] V. pag. 1586, 1603, n.º 34; 1608, n.º 49; 1613, n.º 60.—e 1624, col. 2.ª

[2] Isto é—*um bom judeu*!...

[1] V. pag. 1600, col. 1.ª

Da quinta de *Santa Eugenia* e do paço *dos tres escalões* ou da Sé já se fallou nos topicos relativos á *Cathedral*, ao *Collegio* e ao *Seminario*; agora fallemos da *quinta e do paço episcopal de Fontello*.

Demoram em local aprazivel no arrabalde e a poucos centos de metros do coração de Viseu para nascente—e pelo seu conjuncto formam uma bella rezidencia com uma esplendida avenida de entrada, como não tem paço algum episcopal do nosso paiz.

A quinta é espaçosa e rendosa, e já foi *muito luxuosa*, principalmente no tempo do cardeal D. Miguel da Silva; depois decahiu, e chegou a estar em grande abandono (bem como o *proprio paço* e a *Sé*...) ainda em nossos dias, no tempo do bispo D. Antonio Alves Martins. Hoje,— graças ao digno prelado actual,—tudo está muito limpo e bem tractado, mas a quinta apenas conserva do seu antigo esplendor uma bella mata com arvoredo secular;—a magestosa avenida com um soberbo portão mandado fazer pelo bispo D. Gonçalo Pinheiro em 1565—e ao longo da extensa e ampla avenida duas alas de frondoso arvoredo, talvez da mesma data, *não todo*, por haverem caido com o peso dos seculos e das tempestades differentes arvores, que foram substituidas por outras, sendo as ultimas plantadas pelo digno prelado actual. Tem elle feito obras importantes tambem no proprio paço e projecta fazer outras, mas infelizmente as rendas da mitra são hoje insignificantes com relação ás d'outras [1].

Deve-se tambem ao actual prelado a restauração do jardim, dos repuchos, chafarizes e tanques.

Para evitarmos repetições, *vide Fontello* n'este diccionario, tomo 3.º pag. 210,—e n'este artigo as pag. 1600, n.º 21; 1607, col. 2.ª; 1611, col. 2.ª tambem; 1616, tambem col. 2.ª; 1625, col. 1.ª; 1632, col. 2.ª—e no supplemento a este diccionario e a este artigo a *longa biographia* do cardeal *D. Miguel da Silva*.

Vejam-se tambem os topicos supra,—*Edificios brasonados*, n.º 9, pag 1551; *Templos actuaes*, tambem n.º 9, pag. 1559—e *Movimento jornalistico*, pag. 1611, col. 1.ª

—

A quinta tem muita agua e bons chãos, que produzem vinho, milho, batatas, hortaliça, hervagens, etc.

O paço é um edificio muito irregular, feito em differentes datas, sem imponencia nem bellesas architectonicas, mas bastante espaçoso, com grandes salas e uma boa capella [1] contigua, dedicada a *Santa Martha* e decorada com preciosas pinturas attribuidas a *Grão Vasco*,—pinturas de que faremos especial menção quando fallarmos d'aquelle grande artista, inveja e assombro de Portugal e *do mundo*!...

Bachareis formados filhos de Viseu ou do seu concelho

—*D. Gaudencio José Pereira.*

Foi conego, vigario geral e governador d'este bispado,—depois arcebispo de Mytilene e vigario geral do patriarchado de Lisboa—e é hoje governador do bispado de Portalegre.

V. pag. 1589, col. 1.ª *supra*.

—*O rev. Francisco Pereira Soromenho*, abbade de S. Miguel do Mato, professor de historia ecclesiastica no Seminario diocesano e natural da freguezia de Bodiosa.

Ambos os bachareis supra são padres; os que se seguem são leigos ou seculares, e formados em direito:

—

—*Antonio Francisco Santar do Amaral*, advogado.

—*Antonio Joaquim Lopes da Silva*, juiz de direito na comarca da Fronteira.

---

[1] Ainda em 1707 rendia 40:000 crusados ou *16 contos de réis*, como diz Carvalho na *Chorogr. Port.* tomo 2.º pag. 182 *mihi*.

[1] Deve-se tambem ao actual prelado a restauração d'esta linda capella e da grande e vistosa varanda do nascente, que alcança quasi todo o comprimento do Paço. É tambem obra d'elle a formosa varanda do sul, voltada para a magestosa e antiga matta, que parece um pequeno Bussaco, e por onde fez uma commoda communicação para os jardins e quinta.

—*Camillo Borges de Castro Azevedo e Mello*, 2.º official do governo civil de Viseu.

—*Frederico d'Abreu Gouveia*, chefe da 3.ª repartição na direcção geral de instrucção publica, no ministerio do reino, natural de Gumiei, freguezia de Ribafeita.

—*Francisco Antonio da Silva Mendes*. Rezide em Lisboa.

—*Francisco de Mello Lemos e Alvellos*, visconde do Serrado.

—*Joaquim José d'Andrade e Silva*, advogado e inspector da 6.ª circumscripção escolar de instrucção primaria, em Viseu.

—*José Barbosa de Carvalho*, advogado.

—*José Bernardino d'Abreu Gouveia*, natural da freguezia de Riba Feita, concelho de Viseu; onde foi advogado. Casou no Minho e reside em Velinho, concelho de Vianna.

—*José Luciano Pereira Chaves Sousa Araujo*, proprietario. Reside na sua casa da Carriça, perto de Viseu.

—*José de Mello Borges de Castro*, advogado.

—*José Simões d'Oliveira Martins*, idem.

—*Julio de Mello Borges de Castro*, idem.

—*Julio Pessanha Vilhegas do Casal*, delegado do procurador regio em Mangualde.

Ladislau Pereira Chaves de Sousa Araujo, proprietario.

—*Manuel Antonio Barroso*, idem e conservador em Viseu.

—*Manuel Paes Pereira de Loureiro*, advogado.

Todos estes bachareis são filhos da cidade de Viseu; os seguintes são filhos d'este concelho, mas residem em Viseu tambem:

—*Domingos Bento Alexandre de Figueiredo Magalhães*, advogado e administrador do concelho.

—*Heitor de Lemos e Sousa*, natural de villa Chã de Sá, concelho de Vizeu, proprietario.

—*Valeriano de Queiroz Pinto de Athaide e Mello*, idem, natural de Lourosa da Telha.

É tambem natural d'este concelho e n'elle rezidente, mas na parochia de Farminhão, o seguinte bacharel formado em direito:

—*Francisco de Barros*, deputado ás côrtes.

Bachareis formados em medicina, filhos de Viseu

—*Alexandre Correia de Lemos*, cirurgião ajudante de cavallaria n.º 10, estacionada em Aveiro.

—*Antonio Correia de Lemos*, clinico em Viseu.

—*Eduardo Augusto David e Cunha*, idem.

—*Eduardo Correia d'Oliveira*, idem.

—*Luiz Ferreira de Figueiredo*, idem.

—*Cesar Paes Martins*, clinico em Santar, concelho de Nellas, e clinico do hospital civil de Viseu.

É tambem natural de Viseu

—*Silverio Abranches Coelho de Lemos e Menezes*, capitão d'engenheiros, bacharel formado em philosophia e bacharel em mathematica, sub-inspector da 2.ª divisão militar, etc.

Rezidem n'esta cidade e n'este concelho de Viseu outros muitos bachareis formados, que não mencionamos aqui, por serem filhos de concelhos estranhos.

Fabrica de moagem

O sr. Joaquim Pereira da Silva montou aqui em Viseu, em 1866, na margem direita do Pavia, uma boa fabrica de moagem de cereaes, movida pela agua d'aquelle rio no inverno e por uma machina a vapor, na estiagem, mas, como não tirasse d'ella vantagens, fechou-a e cessou o fabrico em 1880; — em 1884 foi montar outra no Mondego, junto de Celorico da Beira, para onde levou grande parte do material da de Viseu, exceptuando a machina de vapor, que ficou até hoje sem applicação!...

No edificio da fabrica de Viseu tambem havia e ha ainda hoje um lagar d'azeite.

Policia civil

Em Viseu ha um corpo de policia civil, creado em 9 de janeiro de 1877, sendo governador civil o sr. visconde do Serrado.

É composto de 31 guardas, 5 cabos de

secção, 2 chefes de esquadra, 1 escrivão e 1 commissario de policia.

O primeiro commissario foi o dr. Antonio Xavier Perestrello, que serviu até 21 de setembro do mesmo anno, data em que foi exonerado e substituido por Antonio Xavier Correia Gomes, que tinha sido administrador d'este concelho.

Serviu até o dia 26 de janeiro de 1886, data em que foi nomeado inspector do sello.

Em 27 de janeiro do mesmo anno foi nomeado commissario da policia civil o dr. José Barbosa de Carvalho, que tinha sido tambem administrador d'este concelho.

Serviu apenas até o dia 12 de março d'aquelle anno e em 27 do dicto mez foi substituido pelo sr. dr. Julio Pessanha Vilhegas do Casal, que em 31 de maio do mesmo anno foi nomeado delegado do procurador regio, pelo que em 12 de junho foi provido no logar de commissario da policia o dr. Pedro Ferreira dos Santos.

Foi este nomeado conservador da comarca de Oliveira do Hospital em 31 de dezembro do mesmo anno e desde então tem exercido por accumulação as funcções de commissario da policia o administrador do concelho.

Este corpo de policia dá um destacamento de 8 guardas, 1 cabo de secção e 1 chefe de esquadra, para Lamego. O resto do corpo faz serviço em Viseu.

Um dos dois chefes de esquadra, e muito digno, é o sr. Manuel Augusto d'Almeida, que nasceu em 1851 na freguezia de Carvalhal Redondo, concelho de Nellas. Foi militar no regimento de infanteria 14 desde 1873 até 1876; em 1877 assentou praça no corpo da policia; em 1878 foi promovido a cabo de secção e em 1881 foi promovido a chefe de esquadra, indo destacado para Lamego, onde serviu até 20 de setembro de 1882 tão distinctamente, que mereceu uma portaria de louvor com data de 21 de março d'aquelle anno.

FAMILIAS NOBRES DE VISEU

Parte I

Na actualidade

Este topico é bastante melindroso. Faremos por não magoar ninguem e para evitarmos queixumes seguiremos a ordem alphabetica.

1.ª

Albuquerques do Amaral Cardoso, em Viseu *Morgados do Arco,* porque o seu palacete demora junto do *arco* de uma das antigas portas da cidade, denominada *Porta dos Cavalleiros,* na extremidade da rua d'este nome, hoje rua Direita.

Para evitarmos repetições vejam-se os topicos supra, *Edificios particulares,* pag. 1550, n.º 1—e *Edificios brasonados particulares,* pag. 1553, n.º 16.

Esta familia era uma das mais antigas, mais opulentas e mais consideradas de Viseu. O seu morgado mais antigo, que era o dos *Coutos,* a 7 kilometros da cidade, foi instituido em 1401 por Vasco Paes Cardoso, da varonia dos verdadeiros *Cardosos,* senhor de S. Martinho de Mouros e chefe d'esta familia, contemporaneo d'el-rei D. João I, seu vassallo e fidalgo da sua casa, alcaide mor de Trancoso, senhor de Moreira de Rei, do couto de Ervilhão e d'outras terras, bem como dos direitos reaes dos *Coutos,* por mercê do mesmo rei D. João I e do seu filho o infante D. Henrique, 1.º duque de Viseu, de quem Vasco Paes Cardoso foi creado. Em memoria dos infantes, filhos de D. João I, estarem na casa d'elle n'aquella aldeia, quando fizeram a composição com o seu irmão bastardo conde de Barcellos, depois duque 1.º de Bragança, D. João I lhe coutou aquellas duas aldeias, depois denominadas *Couto de Baixo* e *Couto de Cima,* doando-lhe tambem os direitos reaes d'ellas.

Tudo isto se conservou na mesma familia até á menoridade de Gonçalo Cardoso de Vilhegas, 6.º neto de Vasco Paes Cardoso, sendo então dados estes direitos aos senhores d'*Alva.*

—

Teve esta nobre familia o padroado das 2 egrejas dos *Coutos,* que tambem perderam,—e o da egreja de *Argumil,* junto da Guarda, que ainda conservaram até 1834;—e foram tambem senhores do Reguengo de

Germinade, em Lafões, da honra de *Lorges*, do morgado de *Amaraes*, solar dos *Amaraes*, em Pindo,—e de *muitos vinculos* em Viseu, Tourais (concelho de Ceia) Celorico da Beira, Covilhã, Sernancelhe, Tabosa, Santa Eufemia, S. Francisco d'Orgens, etc.

Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso, ultimo senhor e representante d'esta casa e 14.º neto de Vasco Paes Cardoso, casou com sua prima em 6.º grau D. Emilia Barba Correia Alardo de Lencastre e Barros, filha *unica* e *herdeira* (?) do visconde do Amparo, Rodrigo Barba Correia Alardo de Lencastre e Barros, senhor da opulenta casa dos *Barbas* de Leiria, e teve 2 filhos.

N'esta riquissima e nobilissima casa, que foi muitos annos a 1.ª de Viseu, ainda em 1882 se hospedaram SS. MM. el-rei o sr. D. Luiz I e a rainha a sr.ª D. Maria Pia, quando foram inaugurar solemnemente a linha da Beira Alta, mas hoje... *toute est perdue!*...

2.ª

Almeidas, da Calçada, hoje *Noronhas Faros e Menezes.*

Esta familia, posto que oriunda de Viseu pelo lado do pae da actual senhora d'esta casa, veiu ha poucos annos estabelecer-se aqui.

Demora esta casa ao cimo da rua da Calçada; tem a frente para o largo do Collegio e foi sempre dos *Almeidas Tavares e Abreu*, senhores do morgado de *S. Miguel*, conhecidos em Viseu por *Morgados da Calçada*, com capella no claustro da Sé.

O ultimo senhor d'esta casa—Antonio de Almeida Tovar—morreu ha annos sem geração, pelo que lhe succedeu na casa e morgado sua sobrinha D. Margarida de Menezes Tovar, da villa de Mões, junto de Castro d'Ayre, filha de seu irmão, já fallecido, José de Menezes, o qual tinha casado em Castro d'Ayre com uma senhora, herdeira d'uma casa n'esta villa, e d'outra em Mões.

D. Margarida de Menezes casou com o seu parente D. Henrique d'Azevedo Faro e Noronha, da casa da *Soenga*, em Rezende, de quem teve muitos filhos, um dos quaes—D. Francisco de Noronha Lucena e Faro, tenente de engenheiros, e deputado ás côrtes na actualidade, casou em 1885 na villa de Taboaço com D. Maria do Carmo de Macedo Pinto, filha de Antonio Thomaz Ferreira de Macedo Pinto e de D. Guilhermina Duarte e Costa, já fallecidos,—senhora primorosamente educada, sobrinha e uma das herdeiras da opulenta casa *Macedos Pintos* de Taboaço, hoje uma das *mais ricas do Douro*, muito distinctamente representada pelo digno par do reino, dr. José Ferreira de Macedo Pinto, irmão do fallecido visconde de Macedo Pinto.[1]

Na dicta casa da *Calçada* vive hoje D. Francisco de Noronha Lucena e Faro com a esposa e uma filha, D. Guilhermina, de tenra idade.

Veja-se o topico supra — *Edificios brasonados particulares*, pag. 1553, n.º 18.

3.ª

Alvellos (*Mello Lemos e*) hoje *viscondes do Serrado.*

Esta familia possue por herança de seus avós um dos vinculos mais antigos do reino,—o de *Alvellos*,—instituido pelo bispo de Lamego *D. Vasco Martins de Alvellos*, na aldeia d'este nome, onde nascera, junto de Lamego[2]. Aquella instituição tem a data do anno de Ch. 1300; é escripta em latim e ainda hoje se conserva o original em poder do seu actual representante, o sr. visconde do Serrado, Francisco de Mello Lemos e Alvellos, que descende por varonia do celebre conego *Henrique de Lemos*, fundador da casa da *Prebenda*, de quem fallaremos adiante. O seu appellido *Mello* vem dos senhores da villa de Mello, por ter casado uma filha dos senhores de Mello na *casa da Torre* da rua

---

[1] É avaliada em mais de 800 contos de réis!...

Para evitarmos repetições vide *Miragaya*, tomo V, pag. 269, col. 1.ª;—*Sendim*, tomo IX, pag. 103;—*Taboaço*, no mesmo vol. pag. 471,—e *Vicente* (S.) *sitio*, tomo X, pag. 516, col. 2.ª e segg.

[2] *Hist. Eccl. da Cidade e bispado de Lamego* por D. Joaquim d'Azevedo, pag. 46, n.º 12

da Cadeia, em Viseu, cujos donos foram depois tambem senhores da *quinta de Santo Estevam*, da qual uma sr.ª—*D. Anna de Mello*—casou com Theobaldo de Lemos e Alvellos, 14.º senhor do morgado de Alvellos e 5.º avô, por varonia legitima, do sr. visconde do Serrado, bacharel formado em direito, que tem sido por muitos annos governador civil de Viseu e que é 21.º senhor do morgado d'Alvellos.

Casou com sua prima co-irmã D. Cacilda de Castello Branco, natural do Porto, e tem muitos filhos e netos.

Vive na sua esplendida quinta do *Serrado*, junto de Viseu, em um formoso palacete cercado de bello arvoredo por 3 lados com um lindo terreiro na frente, separado da rua publica por um magnifico portão de ferro brasonado.

V. pag. 1550, n.º 6—e 1552, n.º 1.

4.ª

Cardosos, de S. Miguel.

Esta casa é hoje possuida pelos filhos de José Cardoso de Sousa Lemos e Menezes, ultimo senhor d'ella.

Vive esta familia na quinta de S. Miguel, separada de Viseu pelo terreiro de *S. Miguel*, onde está a antiquissima egreja de *S. Miguel do Fetal* reedificada, como já dissemos.

V. pag. 1552, col. 2.ª n.º 3;—1558, n.º 4; 1559, col. 2.ª n.º 7; 1568, col 2.ª tambem, e 1658, col. 1.ª e 2.ª

F. Manuel, profundo e consciencioso investigador das antiguidades de Viseu, disse que esta casa e quinta, hoje da nobre familia Cardosos, foram residencia dos prelados e conegos visienses, quando a egreja de *S. Miguel do Fetal* era Sé,—e que nas mesmas casas e quinta residiram os frades capuchos d'Orgens, antes de se installarem no extincto convento de Maçorim, mas o santo homem foi menos exacto n'este ponto, como nós já dissemos e *provámos* no topico relativo á egreja de *S. Miguel*, pag. 1568, col. 2.ª—e quando fallámos do *convento de Santo Antonio*, pag. 1658.

As dictas casas e quinta eram de *David Alvares, pedreiro e mestre d'obras*, a quem os frades capuchos as compraram, para n'ellas residirem, como residiram algum tempo, exercendo os officios divinos—*não na igreja de S. Miguel*, como alguem diz, mas *em capella propria* que erigiram nas mesmas casas, como diz o padre Sousa.

V. *loc. cit.* pag. 1658, col. 2.ª

Alguem diz tambem que nas mesmas casas viveram algum tempo os congregados do Oratorio, antes de se estabelecerem no largo de Santa Christina, mas isto é tambem menos exacto, como já dissemos supra, pag. 1651.

Prosigamos.

—

Esta familia, como diz a Memoria de Francisco Manuel Correia, procede de *José Cardoso*, rico cidadão de Viseu, que no seculo passado obteve por emprazamento a mencionada quinta que foi do pedreiro David Alvares e posteriormente dos *capuchos*, pelo que ainda se vêem nas casas muitos vestigios de terem servido de convento.

Casou José Cardoso com uma senhora da nobilissima casa da *Trofa*,[1] e assim obteve para os seus descendentes os titulos e appellidos dos senhores da dicta casa—*Lemos* e *Sousa*, aos quaes uniram outros com differentes allianças que contrahiram e altos cargos que exerceram.

Vive hoje na mencionada casa e quinta Bernardo de Lemos de Aguilar, distincto engenheiro civil e fiscal da linha da Beira Alta (filho do fallecido conselheiro do supremo tribunal de justiça Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar) por haver casado com uma das filhas e herdeiras de José Cardoso de Sousa Lemos e Menezes, ultimo senhor da mesma quinta.

Tem successão, assim como a outra irmã, filha de José Cardoso, casada com João Cabral Soares de Albuquerque, senhor da antiga casa dos Cabraes de Guimarães, no concelho de Tavares.

5.ª

Chaves (Pereira) *Manuel.*

---

[1] V. *Trofa*, vol. IX, pág. 749, col. 2.ª

Está familia é antiga, muito considerada e estimada em Viseu e alliada com outras muitas familias de primeira ordem na Beira, taes como os *Soares d'Albergaria*, de Oliveira do Conde,—*Loureiros*, senhores da casa e solar de Loureiro,—*Albuquerques*, da casa da Insua,—*Carvalhos*, da casa do Poço, em Lamego,—*Sousas* de Villa Meã, junto de Tarouca,[1] *Leitões*, de Lamego e do Porto, hoje condes de Gouveia,—*Mendonças Falcões* de Girabolhos, Guarda e S. Salvador de Viseu, etc. etc.

É hoje senhor e muito digno representante d'esta casa Ladislau Pereira Chaves Manuel de Sousa e Araujo Borges, bacharel formado em direito, que tem sido repetidas vezes provedor da Misericórdia de Viseu, cavalheiro respeitabilissimo, já de provecta idade e com successão, commendador da Ordem de Christo, etc.

Vive na sua casa da rua de S. Miguel, mas tiveram outra casa nobre no *Miradouro*, junto do largo do Collegio, casa que seu pae vendeu ao negociante José d'Almeida Campos e que é hoje do filho d'este—Joaquim d'Almeida Campos.

V. *Edificios brasonados particulares*, pag. 1553, n.os 14 e 22.[2]

6.ª

Lemos Napoles, ou *Napoles da Prebenda*. *Loc. cit.* n.º 5.

Esta familia era uma das mais antigas e mais importantes de Viseu.

Principiou no conego Henrique de Lemos, F. C. R., dr. em canones e homem de tanto merecimento que el-rei D. João III o nomeou visitador do convento de Santa Cruz de Coimbra.

Era filho de Fernando de Lemos, tambem F. C. R. e veiu de Portel, do Alemtejo, onde rezidiam seus paes, que se diziam descendentes dos verdadeiros *Lemos*, senhores da Trofa.

Este conego teve muitas egrejas e beneficios, entre elles *duas prebendas*, e deu principio ao palacete denominado da *Prebenda*, por ser edificado no chão de uma das suas prebendas, com um bello quintal que, não sendo muito grande, ainda em 1860 só em hortaliça rendeu 600$000 réis!...

Tambem mandou fazer *á sua custa* o soberbo cruzeiro do largo de *Santa Christina*, em 1563, formado por um monolitho com mais de 26 palmos d'altura, segundo diz Botelho, *Dialogo* 4.º cap. 10.

Vinculou a dicta casa e quinta da *Prebenda*, unindo-lhe muitos bens em *Moure* (na freguezia de Abraveses) e dando-lhe por cabeça a capella que ainda hoje se vê na Sé, á direita de quem entra, fundação sua como diz a inscripção que n'ella está.

Para evitarmos repetições, vide pag. 158, col. 2.ª

Instituiu aquelle morgado em 1554; nomeou primeiro administrador d'elle um seu filho—Antonio de Lemos, F. C. R.—e continuou o dicto morgado por varonia legitima em seus descendentes até sua bis-neta D. Marianna de Lemos, que casou com o seu parente Bernardo de Napoles e Lemos, senhor da casa dos *Napoles* de Penacova, cuja varonia de *Napoles* continuou tambem até á sua bis-neta D. Maria de Bourbon e Napoles, herdeira e successora. Casou esta com Luiz Pereira de Mello Soutomaior, senhor de Barbeita, no Alto-Minho, alcaide mór de Caminha, moço fidalgo e senhor da casa de *S. Luiz* no Porto, junto das Fontainhas, etc., a qual já não conserva o actual senhor d'esta casa, seu neto e homonymo Luiz Pereira de Mello e Napoles, solteiro, e já de 50 annos; mas tem sobrinhos, filhos das suas duas irmãs—*D. Maria dos Prazeres*, já fallecida, bem como o marido, que era filho 2.º da casa dos *Albuquerques* do Arco,—e *D. Maria Izabel*, residente na Lagiosa, concelho de Celorico da Beira, viuva de seu primo Antonio Homem da Cunha Corte Real de Linhares.

D'estes *Lemos* do conego descendem por

---

[1] Foi ultimo representante d'esta nobilissima casa, hoje extincta, Affonso de Sousa, fallecido em Lamego, solteiro e sem successão, já depois do meado d'este seculo.

[2] José d'Almeida Campos viveu com grande fausto no Porto e ali se suicidou est'anno de 1888, sendo já de provecta idade e director do *Banco União*.

varonia mais duas casas notaveis de Viseu — a dos *Lemos Alvellos*, do Serrado, mencionada supra,—e a dos *Lemos de S. Gemil*, da qual vamos occupar-nos.

7.ª

Lemos de S. Gemil.

Esta familia, ramo 2.º por varonia legitima dos *Lemos* da casa da *Prebenda*, é hoje representada por Heitor de Lemos e Sousa de Pina e Aragão, bacharel formado em direito e ainda solteiro. Rezide em uma das 3 casas que possue em Viseu e procede por varonia legitima de Antonio de Lemos de Sousa e Tavora, seu 4.º avô, filho 2.º de Theobaldo de Lemos e Alvellos, 14.º senhor do morgado de Alvellos (Vide familia 3.ª supra) mas da sua 3.ª mulher D. Luisa de Tavora, natural de Lisboa, filha de D. Manuel de Sousa e Tavora, motivo porque esta familia usou sempre estes appellidos até hoje, — menos o de *Tavora*, depois da extincção dos *Tavoras* em 1759.

Este D. Manuel de Sousa Tavora era ramo legitimo e varonia dos *Sousas*, senhores de Beringel, cuja primogenitura foi para os marquezes das Minas; e procedem tambem por varonia de D. Martim Affonso Chichorro, rico-homem e filho natural reconhecido d'el-rei D. Affonso III. De sorte que esta familia (exceptuando apenas a geração de D. Luisa de Tavora) procede por varonia legitima d'el-rei D. Affonso III, o que é raro nas familias da provincia.

8.ª

Loureiros de Queiroz.

Esta familia é hoje representada pelo visconde de Loureiro, filho do 1.º barão de Prime—Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso do Couto Leitão, que foi senhor da antiga casa de *Prime* a uma legua de Viseu, —e do importantissimo praso de *Corgos*, á Nogueira,—e do morgado de *Silvas*, em Castello Branco, a que pertenciam a barca de *Montalvão* e o antiquissimo praso de *Pero Soares*, junto da Guarda, que ainda conserva uma torre dos tempos feudaes.

Foi tambem senhor das casas de *Abraveses*, junto de Viseu, e do antigo morgado das *Brusseiras*, no Alemtejo, instituido no seculo XVI pelo dr. Alvaro Cardoso, filho 2.º dos *Costas Cardosos* da *Porta do Prado*, em Trancoso, etc.

O morgado das *Brusseiras* andou na casa de Prime até Rodrigo de Sousa e Mello (no meiado do ultimo seculo) o qual deixou só uma filha bastarda, que continuou a administral-o, e depois d'ella seus descendentes até seu bisneto, 1.º barão de Prime, Luiz de Loureiro, mas logo que falleceu Rodrigo de Sousa disputaram aquelle vinculo á sua filha bastarda (bisavó do barão de Prime) Francisco de Abreu Castello Branco, de Fornos d'Algodres (avô paterno do 1.º conde de Fornos) e outros parentes. Durou esta macrobia demanda *tres gerações* nas duas familias, ou 77 annos, terminando em nossos dias a favor do 1.º conde de Fornos, juiz do supremo tribunal, que reivindicou do barão de Prime aquelle morgado, pelo que o visconde de Loureiro, filho do 1.º barão de Prime, teve de dar ao conde de Fornos mais de 20 contos, *só de rendimentos*.

Na Beira não ha memoria d'outra demanda tão longa!...

—

O 1.º barão de Prime casou com D. Maria da Gloria, filha *unica e herdeira* de Antonio Teixeira de Carvalho e Sampaio, moço fidalgo, senhor da *Casa dos Ernestos* de Cimo de Villa, em Viseu, — da grande quinta de Marzovellos junto de Viseu—do vinculo de *Villar Secco*, em Nellas, e do antigo praso do *Fojo* em S. Pedro de France, que comprehendia tambem o palacete de *Cimo de Villa*, em Viseu, onde actualmente vive a baronesa de Prime, hoje condessa do mesmo titulo.

Tiveram um filho unico

—*Luiz de Loureiro Cardoso de Mesquita.* Succedeu na casa a seu pae, o qual deixou em arras a sua mãe a casa de *Prime*, que ainda possue, apesar de haver passado a segundas nupcias[1] e de baronesa a viscondessa e condessa de Prime.

---

[1] Casou em segundas nupcias com José

Este Luiz de Loureiro foi feito visconde de Loureiro;—casou com D. Antonia da Silva Mendes, filha do grande proprietario João da Silva Mendes,—e teve 2 filhos:

—*Luiz de Loureiro de Queiroz*, casado no Porto com bom dote, e

—*D. Eugenia de Loureiro*, a qual casou com seu primo 2.º José Relvas, de quem logo fallaremos, filho de Carlos Relvas, grande proprietario na Gollegã, e de sua mulher D. Margarida Mendes, prima co-irmã de sua mãe e filha dos condes de Podentes.

9.ª

Pessanhas, da rua da Cadeia.

Esta familia procede d'uma familia nobre de Figueiró, a 6 kilometros de Viseu, e é hoje representada por Eduardo Pessanha Vilhegas do Casal, residente em Viseu.

Casou com D. Joaquina de Faria Coutinho, de Mondão, e tem os filhos seguintes:

1.º—*Vasco Luiz Pessanha Vilhegas*. Reside na sua casa de Figueiró, que herdou de seu tio-avô José Gaudencio Vilhegas do Casal, e casou com sua prima co-irmã D. Carlota Saraiva de Sampaio, filha do visconde da *Quinta do Ferro* (irmão de sua mãe) e da viscondessa D. Maria do Carmo, senhora da casa e quinta do Ferro, junto de Trancoso [1].

Tem successão.

2.º—*Julio Pessanha Vilhegas do Casal*, que foi commissario da policia civil em Viseu e é hoje delegado do procurador regio em Mangualde.

3.º—*Francisco Pessanha*, que foi alferes de infanteria, mas deu baixa e casou com sua prima co-irmã D. Virginia Saraiva de Sampaio, irmã de sua cunhada supra e filha primogenita dos viscondes da Quinta do Ferro, junto de Trancoso.

Rezidiramm na sua casa de Villar Maior, concelho do Sabugal e agora rezidem na casa e quinta da *Prebenda*, que arremataram na praça de Viseu.

Porfirio Rebello, de Lisboa, tenente graduado de infanteria, do qual tem 4 filhos.

[1] V. *Villar Torpim*, tomo XI, pag. 1287, col. 2.ª

V. *Villar Maior*, tomo XI, pag. 1242, columna 2.ª

4.º—*Balthasar Pessanha Vilhegas do Casal.*

Casou com D. Augusta, filha unica e legitimada de Thomaz Antonio Bandeira da Gama e Mello, filho 2.º da nobre familia *Bandeiras*, da Torre Deita, senhores da casa de *Fragoas*, solar dos *Bandeiras*, e chefes d'esta familia em Besteiros.

Vive com o sogro na sua bella rezidencia dos *Coutos de Cima*, a 8 kilometros de Viseu, c. g.

10.ª

Queirozes Pintos.

Esta familia não era oriunda de Viseu, mas possuia ali a antiga quinta do *Cruzeiro*, que herdára de uma senhora, sua avó, dos appellidos *Serpe e Mello*, que d'esta quinta foi casar em Favaios, concelho de Alijó, em Traz-os-Montes, com José de Queiroz.

O representante e primogenito d'esta familia—Bento Queiroz Pinto d'Athaide e Mello—era filho de Miguel Pinto de Queiroz Serpe de Mello, de S. Nicolau, moço fidalgo, senhor da casa dos *Queirozes* e vinculo de Santo Antonio em Favaios,—da de *S. Nicolau d'Alcangosta* no Fundão, — do grande praso de Lourosa da Telha a 5 kilometros de Viseu,—da quinta do *Cruzeiro*, em Viseu, e da de *Covello* na freguezia de France, etc.—e de sua mulher e prima co-irmã D. Augusta Candida Pinto Guedes, da nobilissima casa do *Arco* em Villa Real de Traz-os-Montes [1].

Casou Bento de Queiroz com sua prima 2.ª D. Eduarda Augusta Pereira Pinto d'Almeida e Vasconcellos, da nobre casa dos *Ribeiros* de Santa Eulalia de Ceia, filha 2.ª do senhor d'aquella casa—Luiz Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, moço fidalgo com exercicio, cuja irmã D. Augusta casou com Fernando d'Almeida Cardoso de Sequeira, fidalgo muito conhecido em Viseu, senhor

---

[1] V. *Villa Real*, tomo XI, pag. 996, col. 1.ª e segg.

da grande e antiga casa dos *Cardosos de Lour iro e Moreira* e de um bom palacete brasonado no meio da rua Direita, o qual, não tendo successão, depois de abolir os vinculos e de vender boa parte dos seus bens, deixou aquelle palacete, a quinta de Tondelinha e outros muitos bens á sua viuva—D. Maria Augusta;—e esta, fallecendo approximadamente em 1874, instituiu por universal herdeira a dicta sua sobrinha D. Eduarda, mulher de Bento de Queiroz, pelo que em seguida foram estabelecer-se em Viseu no referido palacete, onde residem ainda hoje (1888).

Tem esta familia uma boa casa em Santa Eulalia, concelho de Ceia, da legitima de D. Eduarda e da de suas tias paternas, que lhe deixaram mais duas quintas em Cozelhas, junto de Coimbra, e uma boa casa de habitação junto do largo do Muzeu, em Coimbra, casa que foi fundada pelo celebre vice-reitor da Universidade *José Monteiro da Rocha*,[1] na qual as dictas senhoras residiam e falleceram.

Bento de Queiroz falleceu em 12 de janeiro de 1886 deixando de sua mulher duas filhas gemeas—D. Augusta e D. Marianna, das quaes a primeira vive ainda em Viseu com sua mãe e irmã, tendo casado com seu tio paterno, o dr. Valeriano Pinto de Queiroz d'Athaide e Mello, do qual tem filhos ainda na infancia.

11.ª

Silvas Mendes.

Esta familia procede de João da Silva Mendes, negociante, o qual ganhou no commercio e nas rendas da mitra *grossos cabedaes*! Foi cavalleiro da O. Ch. e casou com a sua parente D. Eugenia Candida da Silva Mendes, muito rica tambem.

Compraram a grande casa que tinham em Viseu os barões de Mossamedes, hoje condes da Lapa, comprehendendo um bom palacete na rua da Regueira com uma bella cerca ou quintal, que se prolonga desde as 4 quinas d'aquella rua até o portico da avenida do paço episcopal de Fontello, cerca toda guarnecida d'alto muro e este de uma formosa parede de loureiros antigos, em toda a circumferencia, na extensão de 2 kilometros, approximadamente.

Com esta sumptuosa vivenda compraram tambem a grande quinta de *Cabanões*, que comprehende as duas aldeias de *Cabanões de Cima* e *Cabanões de Baixo*, a 3 kilometros de Viseu, por onde passa a nova estrada districtal a macadam, n.º 44, que vae para Nellas e Ceia,—quinta que rende mais de *sessenta moios* ou de 3:600 alqueires de milho?!...

Constando que esta sr.ª D. Eugenia coadjuvou a causa liberal com importantes sommas em 1826 a 1828, foi culpada e presa no tempo do sr. D. Miguel, pelo que, sendo já

---

[1] Foi o primeiro mathematico e um dos homens mais sabios de Portugal no seu tempo, pelo que, apesar de ser *padre* e *jesuita*, o marquez de Pombal se acercou d'elle e lhe dispensou muitas finesas, dando-lhe o capello de dr. *gratis*, e sendo seu padrinho na doutoração, etc. etc.

Collaborou activamente na reforma da Universidade em 1772. Foi elle quem organisou a faculdade de mathematica e creou o observatorio astronomico; foi elle tambem um dos 3 primeiros lentes d'aquella faculdade,—o primeiro director do observatorio e o primeiro mestre dos nossos principes (depois reis) D. Pedro IV e D. Miguel, etc.

Diz-se que era natural da villa de Canaveses e filho de paes obscuros. É certo que hoje não tem ali parente algum, mas em compensação ha muitos parentes d'elle ainda na villa de Vallongo, netos e bisnetos de um irmão que ali casou.

Tambem nos consta que outro irmão se estabeleceu em Braga e fez muitas das antigas figuras de barro que se vêem nas capellas do Bom Jesus

O dr. José Monteiro da Rocha teve uma quinta junto da foz do Tedo, no Alto-Douro, e outra em S. José de Ribamar, junto de Lisboa, onde falleceu em 11 de dezembro de 1819.

V. *Canaveses* e *Vallongo* no supplemento a este diccionario, onde ampliaremos consideravelmente esta noticia com apontamentos *ineditos* que a muito custo temos colligido.

viuva, foi agraciada em 1837 com o titulo de *baronesa da Silva.* Do seu consorcio com João da Silva Mendes teve os filhos seguintes:

1.ª—*D. Maria Candida da Fonseca Mendes.*

Casou com Francisco Antonio de Campos, barão de Villa Nova de Foscôá, s. g.

V. *Villa Nova de Foscôa,* tomo XI, pag. 847, col. 2.ª e segg.

2.ª—*D. Ritta da Silva Mendes.*

Casou com Daniel Nunes Viseu, tambem rico proprietario e negociante d'esta cidade, e teve

—*Henrique Nunes Viseu,* de quem fallaremos adiante.

3.º—*Francisco Antonio da Silva Mendes da Fonseca.*

Succedeu a seu pae e falleceu em vida de sua mãe em 1831, estando emigrado por motivos politicos em Paris.

Foi cavalleiro da O. Ch. e um dos contractadores dos tabacos e das reaes saboarias, —e casou depois da guerra da peninsula com D. Margarida da Costa e Almeida, irmã dos generaes José Maria da Costa e Silva e visconde de Tavira, todos tres filhos do infeliz coronel Francisco Bernardo da Costa Almeida, tenente-rei da praça d'Almeida quando esta foi sitiada pelos francezes e explosiu em 1810, pelo que foi injusta e barbaramente fuzilado por influencia de Beresford, para salvar a responsabilidade do seu cunhado, o brigadeiro inglez Guilherme Cox, então governador da mesma praça, o qual, depois de ouvir o conselho de guerra, capitulou e entregou a praça aos francezes, por não poder sustentar-se depois da medonha explosão do paiol, que fez voar o castello e desmantelou a praça, matando muita gente e inutilisando as munições de guerra e de bocca, etc. [1]

—

Francisco Antonio Mendes tirou brasão d'armas de *Silvas Mendes* por alvará de 13 de setembro de 1818, e do seu casamento com D. Margarida da Costa e Almeida teve os filhos seguintes:

1.º—*João da Silva Mendes* que segue;

2.º—*D. Liberata,* de quem logo fallaremos.

3.º—*Francisco Antonio da Silva Mendes,* bacharel formado em direito, governador civil de Viseu, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, etc.

Comprou no *Rocio de Santo Antonio,* hoje *Passeio de D. Fernando,* uma casa que foi do conego Agostinho Valente e transformou-a em um lindo palacete, o mais regular de Viseu talvez.

Está solteiro e vive em Lisboa, costumando vir passar em Viseu apenas alguns dias por occasião da feira de S. Matheus.

4.º—Antes de casar teve tambem *D. Eugenia da Silva Mendes,* da qual fallaremos adiante.

—

João da Silva Mendes (n.º 1) succedeu em grande parte d'esta casa e, não tendo um curso superior de lettras, foi muito illustrado, distincto escriptor publico e orador tambem distincto.

Em defesa do infeliz tenente-rei, seu avô, escreveu e publicou um livro, [1] no qual o vindica bem das injurias e calumnias com que Beresford pretendeu macular o caracter

---

[1] V. *Almeida* n'este diccionario e no supplemento;—*Villar Formoso,* tomo XI, pagina 1216,—e *Vimeiro* da Lourinhã no mesmo vol. pag. 1442, col. 1.ª

Dos logares citados se vê que o procedimento d'alguns officiaes inglezes em Portugal durante a guerra da peninsula foi *muito censuravel e muito censurado;* mas, como os inglezes *todo lo mandavam* entre nós *in illo tempore,* nada soffreram—e até o marechal Beresford não hesitou em tirar aleivosamente a vida a um brioso coronel portuguez, para salvar Guilherme Cox, seu patricio *e cunhado?!...*

[1] *Memoria Biographica do Coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, tenente da praça d'Almeida em 1810, por João da Silva Mendes, mandada publicar pela viuva e filha do author—revista e accrescentada por Antonio Ribeiro da Costa e Almeida,*— Porto, 1883, 4.º de 300 pag. XXXIII com a *dedicatoria* e uma *advertencia.*

É um livro muito interessante e muito digno de ler-se.

de tão honrado como illustrado e brioso militar,—publicação que muito honra o auctor, a sua familia e o nosso paiz, pois todo o paiz lamentou injustiça tão atroz e tão flagrante, que o nosso rei D. João VI, estando ainda no Brazil, mandou rever o processo e rehabilitou a memoria d'aquelle desgraçado, despachando e adiantando os seus dois filhos na carreira militar até o posto de generaes, em que falleceram nos nossos dias [1].

Falleceu João da Silva Mendes sendo muito vigoroso ainda, pois não contava talvez 50 annos, e a sua morte foi muito sentida em Viseu, onde tinha grande prestigio.

Havia casado em S. João d'Areias com sua prima D. Eugenia da Silva Mendes, filha unica e herdeira de José Cupertino Marques da Silva, medico e bom proprieiario,—e deixou os filhos seguintes:

1.º—*D. Antonia da Silva Mendes*, já fallecida.

Casou com o visconde de Loureiro, Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso, [1] filho do 1.º barão de prime, dos quaes já se fallou supra, e teve D. Eugenia de Loureiro da Silva Mendes, casada com seu primo 2.º José Relvas, filho do grande proprietario da Gollegã e distincto photographo Carlos Relvas, como já dissemos,—e Luiz de Loureiro Cardoso, casado no Porto.

2.º—*D. Maria do Ceu da Silva Mendes*, ainda solteira e que vive com sua mãe alternadamente em Viseu, Lisboa e S. João de Areias.

Foi uma senhora formosissima e é talvez a primeira pianista da Beira, tendo sido admirada mesmo em Lisboa!...

—

D. Eugenia da Silva Mendes, filha natural de Francisco Antonio da Silva Mendes supra.

Foi creada por sua avô a baronesa da Silva, que a educou primorosamente e lhe deu um grande dote em dinheiro, terras e joias para casar, como casou, com seu primo coirmão Henrique Nunes Viseu, filho de sua tia D. Rita, como já dissemos supra.

Falleceu contando pouco mais de 30 annos e deixou uma unica filha—*D. Eugenia Nunes de Viseu*, que foi tambem primorosamente educada e passou *muitos annos* viajando por toda a Europa e Lisboa com seu pae.

Depois da morte d'elle succedeu em toda a casa e foi agraciada com o titulo de *viscondessa de S. Caetano* pela sua liberali-

---

[1] O infeliz tenente-rei era natural de Almeida e bacharel formado em mathematica, filho de José Bernardo da Costa e de D. Maria Victoria. Casou com D. Antonia Josefa e, alem dos filhos mencionados supra, teve outro de nome Pedro Maria da Costa e Almeida, tambem natural d'Almeida, que foi verificador da Alfandega no Porto e depois escrivão da mesa grande. Casou em Viseu com D. Rita Emilia de Vilhegas e teve os filhos seguintes:

—D. Maria da Luz da Costa Fonseca e

—D. Antonia Emilia da Costa Vasconcellos, ambas casadas em Baião.

—D. Margarida Amalia da Costa Maya, hoje viuva do distinctissimo advogado e professor do lyceu do Porto, o dr. Delfim Maria de Oliveira Maia, c. g.—e

—Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, bacharel formado em direito, professor tambem no lyceu do Porto e actualmente governador civil d'aquelle districto, tendo sido deputado ás côrtes em differentes legislaturas, etc.

Nasceu em Viseu no dia 21 de setembro de 1828 e desde 1832 tem vivido no Porto, onde casou com D. Maria Emilia Mendes Pacheco, fallecida em 1871, da qual teve 7 filhos, sendo vivos actualmente os seguintes:

—D. Margarida Amelia da Costa e Almeida, Luiz Augusto da Costa e Almeida, Manuel Maria da Costa e Almeida, medico em Rezende, Antonio Ribeiro da Costa e Almeida Junior, bacharel formado em direito, e João Maria Ribeiro da Costa e Almeida.

O sr. dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, neto paterno do infeliz tenente-rei, foi tambem muitos annos vogal do conselho de districto do Porto, procurador e presidente da junta geral do mesmo districto, etc.

É um cavalheiro de raro merecimento, muito modesto, muito illustrado e distincto escriptor publico.

---

[1] Era senhor de uma grande casa, mas infelizmente *toute est perdue*!...

dade para com os pobres e desvalidos, pois sendo ainda solteira e dispondo de grandes rendimentos, gasta-os *todos* em soccorrer os mendigos, os presos da cadeia de Viseu, as viuvas e orphãos e toda a sorte de desvalidos e necessitados. Repetidas vezes lhes dá inclusivamente banquetes, a que preside, roupas e avultadas esmolas, causando assombro n'este seculo de egoismo tanta caridade e generosidade!

Em todo o districto de Viseu ninguem despende hoje mais com os pobres e desvalidos do que a *viscondessa de S. Caetano*, pelo que o seu nome é bemdito por todos.

Vive só e ainda solteira na sua bella quinta de *S. Caetano*, freguezia de Ranhados, a meio kilometro de Viseu; é uma senhora muito illustrada e falla correctamente diversas linguas.

Deus lhe prolongue a existencia largos annos. [1]

—

4.º—*D. Liberata da Silva Mendes*, filha legitima de Francisco Antonio da Silva Mendes supra.

Casou com o medico Jeronymo Dias de Azevedo, natural de Podentes, freguezia do concelho de Penella, [2] o qual se tornou celebre em 1828, porque, acabando então de frequentar o 4.º anno medico na Universidade, entrou na revolução liberal que se fez no Porto a 16 de maio do mesmo anno, pelo que foi condemnado por sentença de 9 de julho de 1829 a dar 3 voltas em roda da forca, confiscação de todos os bens e degredo perpetuo para Benguella, com pena de morte se voltasse ao reino. [1]

Depois de 1834 e da installação definitiva do governo liberal, volveu ao reino; foi exercer a clinica em Viseu, onde casou com esta senhora; metteu se na alta politica; foi deputado em differentes legislaturas e governador civil do Porto e de Viseu, par do reino, visconde e conde de Podentes, etc.

Tirou brasão d'armas de *Dias e Azevedos* por alvará de 23 d'abril de 1852 e falleceu em 1886 na sua bella residencia de Condeixa, que formou sobre um hospicio das extinctas ordens religiosas, prestando áquella villa outros muitos serviços, pelo que em abril do corrente anno (1888) a camara de Condeixa deu a um largo d'ella o nome de *Conde de Podentes*.

Deixou uma unica filha, ainda solteira—D. Margarida da Silva Mendes que falleceu nos principios do corrente anno de 1888, tendo casado na Gollegã com o rico proprietario Carlos Relvas, deixando, entre outros filhos, José Relvas que, segundo já dissemos, casou em Viseu com sua prima 2.ª D. Eugenia, filha do visconde de Loureiro, e tem successão.

12.ª

Teixeiras de Carvalho (Ernestos de Viseu) hoje *condes de Prime*.

Esta familia procede de José Teixeira de Carvalho, que no ultimo quartel do sec. XVIII era cavalleiro da O. Ch., sargento mór reformado da 1.ª plana da corte e ajudante de ordens do general da provincia da Beira. Ganhou grandes sommas no contracto do tabaco, em que foi socio do barão de Quintella, e nos fins do ultimo seculo, quando se extinguiu em Viseu a familia *Costas Homens Soutomaiores*, uma das mais nobres da provincia, arrematou ou comprou a grande quinta de Marzovellos, junto de Viseu, e o grande praso do *Fojo*, na freguezia de Cavernães, a 7 kilometros da mesma cidade, —praso tão antigo, que o dr. Botelho aponta uma *renovação* d'elle, feita no sec. XV!...

---

[1] Prolongou-lha apenas *alguns dias*, pois falleceu a bondosa senhora nos principios de junho do corrente anno de 1888.

No seu testamento deixou toda a sua casa em usu-fructo a uma senhora de Lisboa e por morte da dicta senhora á Misericordia de Viseu para fundação e dotação de um Azylo de Mendicidade com o nome de *Azylo da Viscondessa de S. Caetano*.

Tendo gasto com os pobres grande parte das suas rendas, ainda por ultimo instituiu os pobres *por herdeiros!*...

Deus a tenha em bom logar.

[2] V. *Podentes*, vol. 7.º pag. 113, col. 2.ª

[1] V. *Porto* no mesmo vol. pag 133.

Tambem comprou a residencia d'aquella familia em Viseu, no *Cimo de Villa*, alto da rua Direita,—casa que depois reformaram e transformaram no bello palacete que é hoje do conde de Prime e no qual se vê o brasão d'armas de

—José Ernesto Teixeira de Carvalho, filho e successor de José Teixeira de Carvalho. Tirou o fôro; foi cavalleiro da O. Ch. e senhor de um vinculo em Villar Secco, antigo concelho de Senhorim, junto de Santar, e morreu em 1831, tendo casado com D. Maria José de Sampaio, irmã do visconde de Laborim, da qual, entre outros filhos que morreram s. g., teve

—*Antonio Teixeira de Carvalho e Sampaio*, que segue.

—*D. Maria Eduarda.*

Casou com Antão Garcez Pinto de Madureira, tenente general e barão da Varzea do Douro, s. g., e

—*Pedro Carlos Teixeira de Sampaio.*

Casou com D. Maria Emilia d'Albuquerque e Bourbon, filha 2.ª da casa do Arco em Viseu, c. g.

—

Antônio Teixeira de Carvalho e Sampaio, supra, F. C. R., succedeu no vinculo de Villar Secco, nos prasos de Marzovellos e Fojo, e na casa de Viseu, etc. Casou com D. Maria Thomasia da Rocha, natural do Porto, e tiveram uma unica filha

—*D. Maria da Gloria Teixeira de Carvalho.*

Casou a primeira vez com Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso do Couto Leitão, commendador da O. Ch., administrador geral do districto de Viseu em 1837, senhor das casas de Prime, Abravezes, Viseu, quinta de Travassós, casal d'Alvellos junto de Viseu, e de um bom edificio brasonado na rua de S. Miguel, em Viseu, 1.º barão de Prime, etc., e tiveram um filho unico

—*Luiz de Loureiro*, que foi feito visconde de Loureiro, em rasão de sua mãe e padrasto continuarem com o titulo de *Prime*, —e casou com a viscondessa D. Antonia da Silva Mendes, filha de João da Silva Mendes, como já dissemos supra.

A baronesa de Prime D. Maria da Gloria casou 2.ª vez com José Porfirio Rebello, como já dissemos tambem supra; foram feitos viscondes e depois condes de Prime e tiveram os filhos seguintes:

1.º—*José Porfirio Rebello*, ainda solteiro e empregado na alfandega.

2.º—*Fernando Rebello*, casado e empregado no correio.

3.º—*Antonio Rebello*, casado e tambem empregado publico na repartição de fazenda.

4.º—*Luiz Rebello*, ainda solteiro.

FAMILIAS NOBRES DE VISEU

Parte II

Extinctas ha menos de um seculo

1.ª

Mellos Castros d'Abreu, condes de Santa Eulalia.

Foi esta familia extincta pela morte do 1.º conde de Santa Eulalia e unico. Falleceu sem testamento e sem geração legitima d'elle e de seus irmãos no dia 24 de setembro de 1886, representando uma das familias mais opulentas de Viseu. Calculava-se esta casa em 300 a 400 contos de réis, comprehendendo muitas propriedades, lettras e dinheiro em cofre e nos bancos, posto que já o irmão primogenito do conde tinha vendido por 30 contos a José Joaquim Pereira dos Santos, depois (em 1851) 1.º barão de Fornellos, o *paço de Fornellos*, em Rezende,[1] antigo solar da familia *Teixeiras Pinto*, da qual descendia a avó materna do conde.

Esta familia tinha muitos bens e uma antiga casa de residencia em Viseu e talvez mais de 80 moios, ou de 4:800 alqueires de pão, de renda; duas casas antiquissimas com muitos predios e grandes rendas em Oliveira de Frades, e a antiga casa de *Santa Eulalia dos Coutos* no concelho de Castendo,

---

[1] V. *Rezende*, tomo VIII, pag. 160, col. 2.ª —e *Villa Verde*, quinta, vol. XI, pag. 1101, col. 2.ª tambem.

O dicto paço e suas dependencias valiam mais de 60 contos de réis!...

procedente dos *Figueiredos*, pois descendiam por varonia de Braz de Figueiredo Castello Branco, chanceler da relação do Porto, que viveu nos principios do sec. XV e foi senhor do morgado de *Gondomar*, morgado que continuou no ramo primogenito—*Britos*, de Coimbra.

Braz de Figueiredo era um dos numerosos descendentes do bispo de Viseu D. Gonçalo de Figueiredo, o *anchinho*, patriarcha dos Figueiredos da Beira,[1]—e pelos *Mellos* o conde de Santa Eulalia descendia dos *Mellos de Luzinde*, ramo legitimo dos senhores de Mello.

—

O conde de Santa Eulalia,—Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu—não deixou sobrinhos nem parentes proximos; são pois em cardume os herdeiros presumptivos que pleiteiam a herança, porque deixou muitos parentes dentro do 6.º grau por todas as linhas.

Só em 3.º e 4.º grau se andam habilitando 7 parentes:—3 irmãs da casa de Fataunços, em Lafões; 2 senhoras bastardas da mesma familia; João de Mena Falcão, de Pinhel, e D. Maria Victoria, de Sebolido no Douro. Em 4.º grau canonico deixou vinte e tantos parentes; em 5.º grau deixou 40 a 50—e em 6.º grau deixou talvez mais de 80!...

Como a fortuna é grande fervilham tambem os agiotas e larapios, ou companhias *d'olho vivo;* já appareceram diversos testamentos que se julgam falsos, um pretendido filho natural, etc. etc.

Tarde acabarão as demandas, pelo que a justiça é uma das melhores herdeiras, e tambem já se apontam grandes roubos de mobilia, joias, lettras e titulos.[2]

---

[1] V. pag. 1603, supra, n.º 36.

[2] Dois dos pretendidos herdeiros são da freguezia da *Penajoia*, concelho de Lamego —Dionisio Teixeira de Macedo e Castro, ali residente, e seu irmão Joaquim Teixeira de Macedo e Castro, residente em Setubal.

Das companhias *d'olho vivo* foi uma formada no Porto, mas já está a ferros um dos socios,—outro prestou fiança—e outros andam a monte!...

2.ª

Costas Homens Soutomaiores, de Viseu.

Esta familia extinguiu-se por falta de successão no ultimo quartel do seculo XVIII e vivia em uma casa antiga que depois foi restaurada e transformada no palacete que é hoje dos condes de Prime, como já dissemos, quando fallámos da familia n.º 12,—*Teixeiras de Carvalho.*

Estes *Costas Homens* foram uma das familias mais nobres e mais importantes de Viseu durante alguns seculos, e procediam dos *Costas Homens*, padroeiros da Lagiosa, bem como o celebre cavalleiro de *Comorim* que, na opinião d'alguns auctores, foi um dos 12 de Inglaterra, companheiros do lendario *Magriço* na romantica empresa cantada por Camões.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 223.

3.ª

Loureiros, senhores do solar de *Loureiro* n'este concelho, a 7 kilometros de Viseu, e que tambem tinham casa brasonada na rua do Soar de Baixo.

Passavam por ser os chefes e ramo primogenito dos Loureiros em Portugal, foram os fundadores e dotadores da freguezia de *Silgueiros*, visinha do solar de *Loureiro*, cujo morgado foi instituido no sec. XIII ou XIV; —e foram tambem até 1834 padroeiros da dicta egreja, que tinha um passal magnifico, doado pelos fundadores. João Annes de Loureiro e sua mulher e depois seus successores em 1551 obtiveram um breve do papa Julio III para annexarem ao vinculo dos Loureiros duas terças partes dos dizimos d'aquella freguezia, que era muito grande, ficando a outra terça constituindo a congrua do abbade.

Esta casa n'outros tempos valia mais de 200 contos e foi ultima senhora d'ella D. Maria Emilia de Loureiro, prima direita, herdeira universal e viuva de Manuel Cazimiro de Loureiro, que era o senhor d'esta casa e falleceu c. g. Depois aquella senhora, tendo mais de 60 annos, casou em segundas

nupcias com o seu parente *Henrique de Lemos*, de 30 annos, filho 2.º dos *Lemos de S. Gemil* e irmão de Heitor de Lemos, senhor da casa (V. *Familias principaes de Viseu*, n.º 7) ao qual Henrique de Lemos a dicta senhora por sua morte deixou em 1883 tambem toda a casa de Loureiro.

Ficou pois Henrique de Lemos senhor de uma grande fortuna, mas em poucos annos desbaratou-a toda!

O celebre e antiquissimo solar de Loureiro com suas paredes e torres *ameiadas*, e bella quinta pegada com matta etc., foi tudo arrematado em praça, para pagamento de dividas do ultimo senhor d'ella, por insignificante preço por um negociante de vinhos em Lisboa, que trouxe fortuna do Brazil, chamado Santos Lima, natural de Cazal Sancho, freguezia de Santar, concelho de Nellas, e é quem hoje possue este solar.

—

Um dos homens mais notaveis que produsiu esta familia foi o *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, morgado e senhor de Loureiro, F. C. R., do conselho d'el-rei D. João III, governador e capitão general das seguintes praças fortes d'Africa—Çafim, Santa Cruz do Cabo de Agner, Marzagão, Arzilla e Tangere e adail mór do reino, heroe de grandes façanhas bellicas em Africa nos reinados de D. Manuel e D. João III. Militou na Africa durante 43 annos e foi morto gloriosamente pelos mouros, depois de os ter vencido, na noute de 13 de março de 1553, como dizem a *Hist. de Tungere* do conde da Ericeira, e a *Historia do Grão Capitão*, livro 3.º cap. 44, obra hoje rarissima, publicada em Lisboa no anno de 1782 por Lourenço Anastacio Mexia Galvão. Alem de um filho—Luiz Annes de Loureiro—que tambem foi morto na Africa pelos mouros, contando apenas 14 annos, deixou mais duas filhas, as quaes, uma apoz outra, foram ambas senhoras do nobilissimo solar de *Loureiro*. Casou a 1.ª com o 4.º senhor de Penafiel—Lopo Peixoto de Mello,—e a 2.ª com D. Lopo da Cunha, senhor de Santar,—ambas s. g. pelo que passou a dita casa ao ramo immediato collateral do *Grão Capitão*, do qual descendem os ultimos senhores d'ella.

—

O nobilissimo solar de *Loureiro* estava dividido em duas casas pegadas, cada uma com sua capella e sua torre ameiada, e com brasões e vinculos differentes.

Uma das mencionadas torres (a mais nova) tinha esta inscripção:

TORRE SOLAR DA FAMILIA DE LOUREIRO,
MANDADA CONSTRUIR POR SEU 14.º SENHOR
JOÃO D'ALMEIDA DE LOUREIRO

Representavam duas familias differentes formadas em tempos muito remotos por dois irmãos da mesma casa de Loureiro; assim se conservaram com vinculos proprios durante seculos,—e vivendo a paredes meias e sendo ambas as familias do mesmo sangue, com o tempo malquistaram-se de fórma que se tornou tradicional o odio entre ellas. Depois de grandes desgostos congraçaram-se pelo casamento do herdeiro de uma com a herdeira da outra,[1] apesar da grande opposição dos paes, que chegaram a tapar as janellas fronteiras, apenas notaram a reciproca affeição dos futuros conjuges, seus filhos.

Esta nobilissima casa é o solar da familia *Loureiros* em Portugal, pelo que sempre usou do appellido *Loureiro*; *Loureiro* é tambem o nome da povoação que se formou, com o decorrer do tempo, em volta da dicta casa pelos caseiros d'ella,—e na grande cerca da casa e em toda a povoação de *Loureiro* brotam espontaneamente por toda a parte os *loureiros*!

---

[1] Um facto muito semelhante se deu com uma das primeiras familias do Minho—a familia *Bretiandos*, pois no seu solar de *Bretiandos* havia duas casas *tambem pegadas*, com vinculos proprios e differentes, instituidos no reinado de D. Sebastião por Ignez Pinta, senhora da dicta casa, — um morgado para o filho primogenito—e outro para o filho segundo. Assim se conservaram tambem as duas casas divididas até que nos fins do ultimo seculo se juntaram tambem pelo casamento dos paes do 1.º conde de Bretiandos, avós do 3.º e actual conde d'este titulo. V *Chorogr. Port.* tomo 1.º, pag. 208.

4.ª

Almeidas e Vasconcellos de Mello e Abreu, de Santo Estevam.

Esta familia tambem desappareceu em nossos dias, approximadamente em 1860, pela morte da ultima senhora d'esta casa—D. Maria Caudida d'Almeida Vasconcellos de Mello Abreu e Carvalho, viuva de Luiz Augusto de Napoles e Bourbon, senhor da casa dos *Napoles da Prebenda*, em Viseu, por ter fallecido s. g.

Depois de muitas demandas com Antonio de Mello Caiado, de Trovões, herdaram esta casa e quinta de Santo Estevam D. Maria Candida de Lemos Carvalho e Sousa, viuva, (irmã de Marianno de Lemos, da *Quinta do Ribeiro*, [1] e avó do barão do Seixo) e sua irmã D. Maria Ludovina de Lemos Carvalho e Sousa, tambem já viuva, mãe do desembargador Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar, as quaes venderam a quinta de *Santo Estevam* e mais bens d'esta casa aos drs. Andrades, de Cimo de Villa, em Viseu. A *casa da Torre*, da rua da Cadeia (onde nasceu el-rei D. Duarte [2]) que pertencia tambem por successão á familia de *Santo Estevam*, foi vendida ao dr. Francisco Barroso, ex-deputado, e é hoje da viuva e filhos.

—

A grande *Quinta de Santo Estevam* pertence hoje a Bernardo d'Andrade, filho, e sobrinho dos compradores, que vive no Porto, casado com uma sobrinha do visconde de Fragosella, capitalista brasileiro, residente tambem no Porto, mas filho de Ranhados, no concelho de Viseu.

Bernardo d'Andrade restaurou a dicta casa, fez-lhe na frente um bello jardim e n'ella costuma ir passar alguns mezes no verão.

5.ª

Loureiros Serpes de Sousa e Mello, da *quinta do Cruzeiro* em Viseu.

Esta familia, posto que não extincta, não vive, ha mais de um seculo, na sua *quinta do Cruzeiro*, que demora junto do portão da grande avenida do paço episcopal de Fontello e tomou o nome do *Cruzeiro*, por ter sobre o portão que dá entrada para o pateo uma linda cruz de granito arrendada [1].

Esta familia viveu ali seculos com muito lustre, sendo uma das primeiras de Viseu. Os seus representantes foram senhores do grande praso de *Lourosa da Telha*, a 5 kilometros d'esta cidade, e da grande *quinta do Covello* na freguezia de *S. Pedro de France*, etc; depois, por falta de successão no ramo primogenito, passou esta casa toda para o ramo 2.º representado nos nossos dias pelo distinctissimo e honradissimo cavalheiro Miguel Pinto de Queiroz Serpe de Mello, de S. Nicolau, moço fidalgo com exercicio, senhor da casa e morgado de *Santo Antonio* de Favaios e d'esta casa do *Cruzeiro*, bem como da de Lourosa da Telha, da quinta do *Covello* e do morgado de *S. Nicolau* em Alcongosta, no Fundão, etc.

Por causa das perseguições politicas deixou a sua casa de Favaios em 1834 e foi viver na de Lourosa da Telha, que elevou a grande rendimento com enorme plantação de vinhedos, e ali falleceu ha annos.

Nas partilhas tocou a *quinta do Cruzeiro* a um dos seus filhos—o dr. Henrique de Queiroz Pinto d'Athaide e Mello, o qual mandou reformar a bella habitação do Cruzeiro, mas nunca ali viveu. Sendo já viuvo e s. g., casou segunda vez em 1887 com D. Maria José de Lemos e Azevedo, da quinta da Cruz, na freguezia de Castellões, em Besteiros, filha de José Maria de Lemos de Azevedo, irmão de Marianno de Lemos mencionado supra.

---

[1] V. *Paredes da Beira* e *Villa Nova de Ourem*.

[2] V. *Edificios brasonados particulares* supra, pag. 1552, col. 2.ª n.º 11.

[1] Conhecemos na Beira mais 3 cruzes no mesmo estylo:—uma na frente da egreja de *Sendim*, concelho de Taboaço, — outra na frente da formosa capella ou sanctuario dos *Martyres*, pertencente á nobre familia *Azevedos*, hoje muito dignamente representada por Marianno de Lemos d'Azevedo, em Paredes da Beira,—e outra no sanctuario de *Nossa Senhora das Fontes*, junto de Pinhel, sendo esta ultima a mais mimosa de todas

Henrique de Queiroz, actual possuidor da quinta do *Cruzeiro*, é irmão do fallecido Bento de Queiroz e do dr. Valeriano Pinto de Queiroz, ambos filhos (mais 4 irmãos e 2 irmãs) do sobredito cavalheiro Miguel Pinto e de sua mulher D. Augusta Vaz Pinto de Athaide, da casa do *Arco* de Villa Real, como já dissemos supra no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 10.

Casas e quintas notaveis em Viseu e nos seus arrabaldes, mas não habitadas pelos seus antigos donos.

1.ª

Ortiz de Vilhegas, em Viseu.

Esta casa em estylo manelino meio-gothico demora no largo do Collegio; tem na frente 4 janellas gothicas muito ornamentadas com columnas ao centro, olhando para o *Collegio*, antigo Seminario. A parte posterior olha para o *Campo da Feira*, *Cava de Viriato*, Abravezes, etc. dominando um vastissimo e lindissimo horisonte.

É um dos mais interessantes miradouros de Viseu—e *Miradouro* se denominava antigamente o chão em que foi feita, junto dos velhos muros, pelo abbade de Castellões e chantre de Viseu Fernando Ortiz de Vilhegas, sobrinho de D. Diogo Ortiz de Vilhegas bispo visiense,[1] pelo que já em 1630 a 1636 o dr. Botelho nos seus *Diagos* lamentou que o dicto chantre fosse fazer ali casa, tolhendo um dos mais lindos passeios de Viseu ao *Miradouro* e que tira mais bellas vistas. E o escandalo subiu de ponto, depois que a familia *Chaves*, mencionada supra sob o n.º 5, fez tambem obra no mesmo sitio, ao lado da dos Vilhegas.

Esta casa pertenceu aos senhores de Mollelos, porque, como diz a *His. Geneal. da C. R.*, tomo 12, fl. 23, o chantre fundador teve uma filha unica, D. Leonor Ortiz, a qual casou com o senhor de Mollelos, o qual descendem os actuaes, e já n'este seculo foi a dicta casa comprada por um conego, de alcunha *o bonito*, da familia *Bandeiras da Gama*, de Torre Deita, que lhe poz o seu brasão de *Mellos* sobre o arco do portão de entrada.

As armas dos Ortiz de Vilhegas, postas pelo fundador, lá se vêem tambem ainda em um escudete sobre a cornija, e são perfeitamente iguaes ao brasão que D. Diogo Ortiz collocou na riquissima abobada da Sé, como já dissemos supra.

V. pag. 1577, col. 1.ª e segg.

2.ª

Casa dos Lopes de Sousa e Lemos, de Santar.

N'este palacete, hoje *Gremio Visiense*, ainda nos seculos XVII e XVIII viveram muitos avós de D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos, de Santar, dos quaes adiante, no topico dos *Visienses illustres*, mencionaremos um, que foi quem acclamou em Viseu el-rei D. João IV,—e ainda hoje na Sé se vêem formosas campas de marmore com inscripções e o brasão dos *Lopes de Sousa*, da dicta casa, senhores e padroeiros das abbadias de Bordonhos e Varzea em Lafões, etc.

O dicto palacete foi queimado pelos francezes e assim se conservou em ruinas até que, já depois do meiado d'este seculo, o sr. D. Ruy Lopes o restaurou luxuosamente. Faltavam-lhe apenas algumas decorações de pintura, quando n'elle se manifestou em certa madrugada um incendio que em pouco mais de uma hora o reduziu todo á cinzas! Ficou tão magoado o sr. D. Ruy que vendeu logo o dicto palacete com o quintal a uma das sociedades recreativas de Viseu, a qual n'elle funcciona com o titulo de *Gremio Visiense*, depois de restaurado.

É um edificio muito regular com seu frontão e uma bella varanda envidraçada sobre a rua Formosa, em sitio alto e alegre, com a frente voltada para o Passeio de D. Fernando e dominando-o todo.

Era brasonado, mas o sr. D. Ruy Lopes, quando o vendeu, tirou-lhe o brasão.

V. *Santar*.

[1] V. o nosso catalogo supra pag. 1609, col. 1.ª, n.º 52.

3.ª

Casa antiga com janellas gothicas de columna ao centro.

Demora esta casa a meio da rua Direita; as suas janellas são muito ornamentadas em puro estylo gothico e n'este genero as *primeiras de Viseu*. Semelham-se ás da casa dos *Vilhegas*, ao *Miradouro*, descriptas já n'este topico sob o n.º 1; são porem mais ornamentadas e mais antigas talvez;—mais antigas mesmo talvez do que o janellão gothico da celebre *casa da Torre*, na rua da Cadeia.

A casa de que no momento nos occupamos nunca foi habitada em nossos dias, e até já está descoberta. Pertence a Joaquim Soares da Silveira, genro do dr. Francisco Barroso, proprietario que foi da *casa da Torre*. Devia pertencer outr'ora a familia muito importante, mas ignoramos qual fosse.

4.ª

Casa dos Paes.

Defronta com a rua da Ribeira ou estrada real n.º 7, e olha para a rua da Calçada.

Foi feita por um tal sr. *Paes*, de familia obscura e pobre, cujo chefe no seu regresso de uma peregrinação á *Terra Santa* foi estabelecer-se em Viseu e, inculcando-se ao povo como homem de grande piedade, o povo o seguia, attendia e respeitava quasi como santo, pelo que, abrindo peditorio geral para a fundação de um hospicio ou casa de educação para meninos pobres, todos de bom grado o auxiliaram com dinheiro, madeiras, serviço pessoal, etc., e assim fundou a grande casa de que nos occupamos e que é muito ampla e foi bem acabada! Tem um bom claustro com varandas em volta, assentes sobre columnas; balaustrada de pedra muito bem lavrada; bons portaes com apilarados e janellas com um *colarinho* circular por cima, etc., mas, depois de concluir o edificio, metteu-se n'elle com a familia e n'elle viveu e morreu sem dar-lhe outro destino! Parece porem que Deus o castigou, pois todos lhe voltaram as costas; viveu como excommungado o resto dos seus dias; morreu pobrissimo;—e pobrissimos viveram e morreram todos os seus filhos e filhas, cobertos de andrajos e de vergonha e entregues a toda a cásta de vicios!...

5.ª

O palacete dos morgados de Santa Christina.

Foi de Manuel Nicolau Cardoso d'Abreu Magalhães, que em 1834, abandonando a sua bella residencia de *Gavinhos*, freguezia de Oliveira do Hospital, para fugir aos insultos dos *Brandões* de Midões, que ao tempo eram o açoute e terro da Beira, fazendo *pendant* com os *Marçaes* de Foscôa, açoute e terror do Alto Douro,[1] foi viver na sua casa da *Povoa d'Arenos*, concelho do Carregal, onde falleceu haannos, deixando a casa de *Santa Christin* e mais morgados á sua filha primogenit D. Maria Augusta de Mello e Mendonça d'Abreu Magalhães. Casou esta senhora em segundas nupcias com Manuel de Mendonça Alcão da Cunha e Tavora, senhor da casa d *Girabolhos* e, fallecendo s. g. em 1881, deixu o usofructo de toda a sua casa a este segundo marido, que falleceu em fevereiro de 1886, passando a dicta casa a uma sobrinh da testadora,—D. Ignez de Abreu, filha o 2.º conde de Fornos d'Algodres, casada com Gelasio Valerio de Magalhães, natural da *Ovoa*, concelho de *Santa Combadão*, onde reside, pelo que esta casa continua arrendada a differentes inquilinos, como tem arado desde a invasão franceza.

É um dos melhores e mais regulares palacetes de Viseu, com seu frontão e n'elle as armas dos *Ardosos*, *Mesquitas* e *Abreus*.

---

[1] V. *Midões*, *Oliveira do Hospital*, *Taboa*, *Varzea da Landosa*, *Varzea da Meruje*, *Vide*, freguezia do concelho de Ceia, *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 842, col. 2.ª, *Provezende* tomo 7.º pag. 709, col. 1.ª, e *La Vendetta* e *O saldo de contas*, por Arsenio Chatenay, pseudonymo de Antonio da Cunha nascido em Lourosa e residente em *Varzea de Trovões* como dissemos *loc. cit.* no tomo X, pag. 2.

Tem a frente principal sobre o *terreiro de Santa Christina* e uma boa frontaria tambem sobre a rua da Regueira, hoje rua de *D. Luiz I.*

6.ª

O palacete de Francisco Antonio da Silva Mendes.

Demora ao cimo do *Largo de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando;*—é uma das casas mais luxuosas e mais elegantes de Viseu—e tem um bello frontão com as armas dos *Silvas Mendes*,[1] mas hoje está devoluta, porque o seu proprietario Francisco Antonio da Silva Mendes (irmão do mallogrado João da Silva Mendes, de quem já fallamos e outra vez fallaremos ainda no topico dos *Visienses illustres*, bacharel formado em direito, governador civil que já foi e deputado em differentes legislaturas, depois de exercer estes cargos fixou a sua residencia em Lisboa, onde vive solteiro, vindo apenas alguns annos a Viseu por occasião da Feira franca.

A Judiaria

Foi tão inconstante e atribulada a occupação de Viseu pelos mouros desde o seculo VIII até o berço da nossa monarchia (veja-se o topico supra—*Captiveiro e conquistas de Viseu*) que não se encontram monumentos alguns d'elles n'esta cidade, nem nos seus arrabaldes, alem dos nomes d'algumas povoações, taes como *Barbeita, campo da casa*,—e *Algeriz*, corrupção de *Alderiz, logar das debulhas* ou *eiras*, como diz Fr. João de Sousa nos seus *Vestigios da lingua arabica.*

Tambem nos arrabaldes de Viseu se encontram ainda hoje sepulturas cavadas na rocha, vulgarmente attribuidas aos judeus, mas não podemos subscrever esta opinião, porque, como diz Berardo,[2] «os doutos ainda não disserão couza satisfatoria de semilhantes sepulturas, e neste cazo a confissão da nossa ignorancia he o partido mais seguro, que podemos seguir.»

O mesmo Berardo aponta 5 das taes sepulturas junto do logar de Alderiz e outras a pequena distancia[1], o que na opinião de alguem prova que existiu ali um cemiterio de judeus.

É porem innegavel que em Viseu houve uma *Judiaria* ou bairro onde os judeus, depois da occupação christã, viviam separados, como viveram em outras muitas povoações do nosso paiz[2]; mas onde estava a *Judiaria* de Viseu?

—No local hoje denominado *Cimo de Villa*, como diz terminantemente Berardo nas suas *Memorias*, citando o velho tombo do *Hospital de S. Lazaro.*

Teve pois Viseu uma *Judiaria* e *Judiaria* populosa e tão importante, que foi séde de uma das 7 ouvidorias judaicas outr'ora concedidas pelos nossos reis aos judeus, como se lê algures,[3]—e em 1534, como já dissemos no topico relativo ao *Couto da Sé*, os judeus visienses occupavam os primeiros logares da cidade. Elles foram vereadores e procuradores do concelho, almotacés e thesoureiros da camara, etc. Assim foi nomeado thesoureiro n'aquelle anno Henrique Mendes, judeu e negociante,—e *muito mais tarde* ainda existiam e se apontavam entre as fami-

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se o topico das *Familias principaes de Viseu*, n.º 11.

[2] *Liberal*, n.º 1 de 6 de maio de 1857.

[1] Sepulturas do mesmo genero abundam em todo o nosso paiz. Na freguezia de *Forno Telheiro*, concelho de Celorico da Beira, ha um estendal de mais de 20 em volta do pretendido *penedo baloiçante de S. Gens*, e em *Moreira de Rei*, concelho de Trancoso, já nós vimos mais de 50!...

[2] V. *Miragaya*, freguezia do Porto, vol. V, pag. 296 e 322; *Victoria*, freguezia tambem do Porto, vol. X, pag. 616 e 641,—e a *Memoria sobre os judeus*, por Joaquim José Ferreira Gordo, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo 8.º

[3] O ouvidor da Beira Alta residia em Viseu; o da Beira Baixa na Covilhã; o d'Entre Douro e Minho, no Porto; o de Traz-os-Montes em Moncorvo; o da Estremadura em Santarem; o do Alemtejo em Evora—e o do Algarve em Faro.

Monarch. Lusit. parte 6.ª pag. 16, col. 1.ª —e *Memoria* de Ferreira Gordo, pag. 16 tambem.

lias principaes de Viseu algumas de origem hebraica.

O sr. Francisco Pereira Cardoso, curioso investigador e analysta das antiguidades de Viseu, diz que tem rasões fundadas para crer que a synagoga d'elles existiu na *rua Nova,* quasi defronte da sua habitação, em Viseu.

CONCELHO DE VISEU

Circumscripção actual

Este concelho até 1836 teve uma circumscripção muito differente. Logo diremos qual era; mas, em virtude do decreto de 6 de novembro d'aquelle anno, confina ao norte e noroeste com o rio Vouga. Apenas tem a freguezia de *Calde* na margem direita d'este rio. A N. E. confina com o concelho de Satam; a E. com os rios Satam e Dão; a S. com o concelho de Tondella — e a O. com o de Vouzella.

Comprehende as 31 freguezias seguintes: — Abraveses, Barreiros, Boa Aldeia, Bodiosa, Calde, Campo, Cavernães, Cepões, Couto de Baixo, Couto de Cima, Fail, Farminhão, Fragozella, France, Lordosa, Lourosa, Mondão, Orgens, Povolide, Ranhados, Ribafeita, Rio de Loba, Salvador, Santos Evos, S. Cypriano, Silgueiros, Torre Deita, Vil de Souto, Villa Chã de Sá, Viseu—oriental—e Viseu—occidental.

Administrativa, civil e judicialmente conta as 32 freguezias supra, mas ecclesiasticamente conta apenas 27, porque as freguezias de Rio de Loba, Ranhados e S. Salvador são *annexas* e parte integrante da freguezia *Occidental* da Sé de Viseu,—e as freguezias de Abraveses e Orgens são *annexas* e parte integrante da freguezia *Oriental* da Sé.

Para evitarmos repetições, vide pag. 1528, col. 1.ª e segg. supra,—e para evitarmos confusões seguiremos a enumeração official dos censos de 1864 e 1878—e do *Mappa das Dioceses* relativo á circumscripção diocesana de 1882.

Conta pois actualmente o concelho de Viseu:

Superficie em hectares	50:972
Freguezias	31
Fogos [1]	11:409
Almas	50:135
Predios inscriptos na matriz	86:767

Contribuições

No ultimo anno (1887) pagou este concelho as seguintes:

Predial	19:524$438
Industrial	6:194$693
Decima de juros	4:084$816
Sumptuaria	592$060
Districtal	2:364$232
Camararia	39:644$985
Verba de sello	1:205$461
Real d'agua	14:335$564
Total	87:946$249

Producções

No mesmo anno de 1887 as producções principaes d'este concelho foram as seguintes, — segundo a nota official que nos foi dada:

	Litros
Trigo	1.136:855
Milho	4.444:300
Centeio	2.225:800
Cevada	1.000:000
Feijão	369:994
Batatas	6.299:700
Castanhas [2]	—
Azeite	25:414
Vinho branco	9.966:634
» tinto	9.744:802

[1] Referimo-nos á população indicada no censo de 1878, mas hoje, 1888, a população deve ser muito superior.

[2] Produz tambem muitas, mas não podemos obter nota d'ellas.

Movimento da sua estação telegrapho-postal em 1885 [1]

Sellos e outras formulas de franquia	1:525$805
Premio de emissão de vales	386$850
Cartas porteadas	24$600
Cobrança de recibos, lettras, etc.	6$800
Telegrammas que foram pagos	1:008$625
Total	2:952$680

Rios e ribeiras principaes que banham este concelho

1.º—*Rio Vouga.*

Nasce no *Chafariz da Lapa*, concelho de Sernancelhe; banha o concelho de Viseu desde a povoação de Macieira, freguezia de Cepões, até á de Ribafeita, e depois de receber o Agueda e outros tributarios, desagua na *ria* d'Aveiro.

V. *Vouga*, rio.

2.º—*Rio Dão.*

Separa o concelho de Viseu do de Mangualde;—o de Nellas do de Ceia—e o do Carregal do de Taboa, e morre no Mondego, no sitio de *Foz-Dão*.

V. *Dão*, rio, n'este diccionario.

3.º—*Satam.*

Nasce na freguezia das *Romãs*, concelho de Satam; banha e limita parte d'este de Viseu a leste—e desagua no Dão, no sitio denominado *Moinho do Inferno* (?) junto da ponte de Fagilde.

V. *Satam.*

4.º—*Rio Pavia.*

Nasce na serra da *Mina*, freguezia d'Abravezes; banha a cidade de Viseu a N. O.—e desagua no rio Dão, a 2 leguas de Viseu.

Tambem se denominou, e não sabemos se ainda hoje se denomina, *Ribeiro das Mestras* ou das feiticeiras, porque outr'ora o povo julgava encontrar n'elle a cada passo bruxas e feiticeiras banhando-se, e n'elle costumavam ir banhar-se os doentes na noite de S. João, esperando ser curados pelas taes *mestras*, contra o que se insurge o dr. Botelho, dedicando a tão *momentosò* assumpto os capitulos 5.º e 6.º do seu *Dialogo 1.º*, desde pag. 38 até pag. 47 ? !...

É este o celebrado Pavia dos poemas de Thomaz Ribeiro.

5.º—*Ribeira de Trouce, Trousse, Trouxe, Trosse* ou *Trouço*!...

Nasce nas lameiras de Moure, freguezia do Campo; atravessa a estrada real n.º 7, de Viseu a S. Pedro do Sul, e morre no Vouga, um pouco a jusante da foz do rio Sul.

—

Até aqui os meus apontamentos, mas na *Memoria* (ainda ms.) que Berardo, sendo administrador d'este concelho, offereceu á camara em 1838, encontra-se um *Mappa das ribeiras do concelho de Viseu com designação dos engenhos movidos pelas agoas*, e ali se mencionam as ribeiras seguintes:

Na freguezia de *Barreiros* a ribeira de Brufe com 2 moinhos e 2 rodas de moer pão, e 4 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *Cepões* as ribeiras de Seixal, Covello, Parozillos e Sovaco, tendo esta ultima 32 moinhos de pão com 39 rodas.

Na freguezia de *Lordosa* as ribeiras de Lavandim, Regadinha, Ribeirinha e Celorico, tendo esta ultima 28 moinhos com 45 rodas e 2 pisões.

Na freguezia de *Cavernães* o ribeiro das Lameiras com 11 moinhos de pão, 11 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *France* as ribeiras de Carvalhal, Balisgne e Lamaçaes, tendo esta ultima 15 moinhos de pão com 20 rodas e 2 moinhos de azeite.

Na freguezia de *Ribafeita* as ribeiras de Porto-Viseu, Porto de Lobo, Redouça, Lata, Amoreira, Bouça e Manta, tendo esta ultima 17 moinhos de pão com 36 rodas, 3 moinhos d'azeite e 3 pisões.

Na freguezia de *Bodiosa* as ribeiras de Pontão, Sumato, Sabugueiro, Vella, Carregal e Vescuda, tendo esta ultima 27 moinhos de pão com 34 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia do *Campo* a ribeira de Pontão, com 10 moinhos de cereaes e 10 rodas.

Na freguezia de *Mondão* as ribeiras de

[1] Não podemos obter nota posterior.

Mide e Mondão, tendo esta ultima 11 moinhos de cereaes com 11 rodas.

Na freguezia de *Santos Evos* as ribeiras de Remonde, Santos Evos e Pinheiro, tendo esta ultima 25 moinhos de pão com 27 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia *Oriental* (?) da cidade de Viseu o Pavia com 2 moinhos de pão, 4 rodas, mais 2 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *S. Salvador* o Pavia com 23 moinhos de pão e 41 rodas.

Na freguezia de *Ranhados* a ribeira d'este nome com 1 moinho de pão, e 1 roda, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia de *Fragozella* a ribeira d'este nome com 2 moinhos de pão e 7 rodas, mais um moinho de azeite.

Na freguezia de *Lourosa* a ribeira de Teivas com 8 moinhos de pão e 11 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia de Villa Chã de Sá a ribeira de Sás com 12 moinhos de pão e 14 rodas, mais 2 moinhos d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *Fail* o ribeiro da Ortigueira com 15 moinhos de cereaes e 19 rodas, mais 2 moinhos d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia de *Silgueiros* a ribeira do Pereiro com 19 moinhos de pão e 36 rodas, mais 4 moinhos d'azeite.

Na freguezia de *S. Cypriano* a ribeira d'este nome com 4 moinhos de pão e 4 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Na freguezia da *Torre Deita* as ribeiras da Fonte, Varzea, Torre e Sanchinha, tendo esta ultima 24 moinhos de cereaes com 24 rodas, 1 moinho d'azeite e 1 pisão.

Na freguezia dos *Coutos de Baixo* as ribeiras de Regadia, Sabugueiro e Novaes, tendo esta ultima 7 moinhos de pão com 7 rodas e 3 moinhos d'azeite.

Na freguezia dos *Coutos de Cima* as ribeiras de Adão e da Presa, tendo esta ultima 19 moinhos de cereaes com 19 rodas e 1 moinho de azeite movido por bois.

Na freguezia de *Calde* a ribeira de Cabrum com 12 moinhos de cereaes e 16 rodas, mais 1 pisão e 1 moinho d'azeite movido por bois.

Na freguezia de *Rio de Loba* a ribeira dos Monteiros e a do Paulo, tendo esta ultima 7 moinhos de pão com 7 rodas.

Na freguezia de *Abraveses* as ribeiras de Longorela e de Mide, tendo esta ultima 13 moinhos de pão com 15 rodas.

Na freguezia d'*Orgens* a ribeira do Cazeiro com 9 moinhos de pão e 11 rodas, mais 1 moinho d'azeite.

Contava pois este concelho em 1838 nada menos de 356 moinhos de pão, com a bagatella de 473 rodas, mais 34 moinhos d'azeite e 12 pisões.

Do exposto se vê que este concelho abunda em agua perenne de veia nativa. Tem talvez mais agua do que metade da provincia do Alemtejo, e por isso em 1887 foi orçada em 4.444:300 litros a sua producção só em milho.

Antiga circumscripção do concelho de Viseu

Este concelho, depois do decreto de 6 de novembro de 1836, ficou muito regular. Tem por centro a cidade, e extende-se para todos os quadrantes ate á distancia de 12 a 15 kilometros d'ella, approximadamente; mas antes d'aquelle decreto a sua circumscripção era uma monstruosidade. A N. passava para a margem direita do Vouga e estendia-se até á distancia de 25 a 30 kilometros de Viseu,—e para S. comprehendia terras a distancia de 20 a 25 kilometros, tendo encravados dentro d'elle nada menos de 4 concelhos autonomos com justiças proprias, taes eram os *Coutos de Santa Eulalia* e os concelhos de *Povolide*, *Ranhados* e *Barreiros*, estando estes dois ultimos encostados aos muros de Viseu e dentro da circumscripção ecclesiastica da freguezia occidental da Sé?

Para evitarmos repetições, veja-se n'este diccionario os artigos *Povolide*, *Couto de Baixo* e *Couto de Cima*—e n'este artigo *Viseu* as pag. 1532, col. 2.ª,—e 1533, col. 2.ª tambem, e segg. com as suas respectivas notas.

Em 1834 comprehendia, como diz Berardo, [32 freguezias, que n'essa data contavam 7:660 fogos e 34:735 habitantes; mas não entravam no numero d'ellas as 5 freguezias seguintes:

1.ª—*Bôa Aldeia*, que foi do extincto concelho de *S. Miguel do Outeiro*, comarca de Tondella; depois passou para o concelho e comarca de Tondella—e ultimamente para o concelho e comarca de Viseu,—já depois de 1864.

2.ª—*Couto de Baixo.*

3.ª—*Couto de Cima.*

Estas 2 freguezias até 1836 constituiam os *Coutos de Santa Eulalia*, especie de concelho com justiças proprias.

4.ª—*Povolide.*

Foi concelho proprio até á mesma data, —6 de novembro de 1836.

5.ª—*S. Salvador.*

Esta freguezia, como ja dissemos, era ecclesiasticamente uma das *annexas* da freguezia *occidental* da Sé, mas civil, administrativa e judicialmente pertencia ao extincto concelho do *Barreiro*, cuja séde estava em *Vil de Moinhos*, aldeia da freguezia de S. Salvador.

—

Em compensação este concelho de Viseu n'aquella data (1834) comprehendia nas suas 32 parochias as 6 seguintes, que posteriormente perdeu:

1.ª—*Ferreiroz.*

2.ª—*Lageosa.*

Estas 2 freguezias passaram para o concelho de Tondella, ao qual hoje pertencem; mas a de *Ferreiroz* ainda em 1864 pertencia ao concelho de Viseu.

3.ª—*Queiriga*, na margem direita do Vouga.

Passou para o concelho de Fragoas, mas ecclesiasticamente ainda hoje pertence ao bispado de Viseu, emquanto que todas as outras freguezias do concelho de Fragoas pertencem ao bispado de Lamego.

4.ª—*Papisios.*

5.ª—*Sobral de Papisios.*

Estas 2 freguezias foram do extincto concelho de Besteiros, mas passaram para o do Carregal e a elle pertencem hoje ainda.

6.ª—A freguezia de *Cota*. Em 1834 era d'este concelho de Viseu; depois pelo decreto de 6 de novembro de 1836 passou para o de Mões; extincto o concelho de Mões pelo decreto de 24 de outubro de 1855, passou novamente para o de Viseu, posto que demora na margem direita do Vouga, como a de *Calde*, sua limitrophe, e hoje (1888) pertence ao concelho de Castro d'Ayre.

Tambem a de *Farminhão*, que em 1834 era d'este concelho de Viseu, pelo decreto de 6 de novembro de 1836 passou para o concelho de *S. Miguel do Outeiro*, comarca de Tondella; mas, extincto o concelho do Outeiro pelo decreto de 24 d'outubro de 1855, voltou para o concelho e comarca de Viseu.

Breve noticia das condições climatericas e geologicas d'este concelho

Demora no centro da provincia da Beira Alta, e o seu clima é temperado e muito saudavel, pois comprehende um extenso tracto de terra em que predomina o granito; é muito abundante de excellente agua potavel e de rega—e não tem pantanos nem arrosaes nem outros quaesquer fócos de infecção.

Recebe as suas modificações meteorologicas de duas montanhas principaes:—o *Caramulo* (*Mons Alcoba*) que o circumda a O. e N. O.,—e a *Serra da Estrella* (*Mons Herminius*?) que se prolonga de E. a O. e defronta com este concelho a S.

Aqui, como em Portugal todo, os ventos mais persistentes são o *nordeste*, que predomina nas estações mais quentes,—e o *sudoeste*, que conduz as chuvas, principalmente no inverno. Este ultimo, soprando do mar Oceano, traz comsigo vapores que, topando na serra do Caramulo, mais se resfriam, amontoam-se e cobrem-na de uma nevoa densa. Continuando o vento no seu curso, as nuvens dirigem-se para a Serra da Estrella, onde se fixam, e o ar tolda-se de grossas nuvens que, approximando-se da terra, se transformam em chuva mais ou menos copiosa.

Pelo contrario o vento *nordeste*, soprando das regiões septentrionaes, vem secco; absorve os vapores e expulsa as nuvens, conduzindo o bom tempo e os dias claros.

Os ventos de menos duração, ou secundarios, são dos rumos *noroeste* e *sudeste*,

ambos frios e prejudiciaes, principalmente á agricultura, pois o primeiro tem atravessado as serranias nevadas da Gallisa—e o segundo as da serra da Gata, em Hespanha.

Do exposto se vê que a serra do Caramulo tem a principal influencia meteorologica n'esta parte da Beira.

O chão adjacente á cidade é mais ou menos montanhoso; a parte mais plana d'este concelho tem approximadamente 10 kilometros; demora a N. E. da cidade—e prolonga-se até o rio Vouga.

—

A sua constituição geologica é granitica e abunda em rochas de extrema duresa, que parecem ter-se levantado debaixo dos antigos terrenos estratificados.[1] A sua quebradura é rapida, escabrosa; a tenacidade é grande, e alteram-se difficultosamente, pelo que fornecem material esplendido para construcções de toda a ordem.

V. pag. 1544, col. 2.ª *in fine*.

O solo ou terra aravel, especie de capa movel, mais ou menos grossa, é por aqui geralmente *silicioso* e contem bastante argila saturada de oxido de ferro. Naturalmente desagregado e solto, presta-se ao amanho, porque pela sua nimia divisibilidade se deixa esterroar, mas tambem demanda muitas regas no verão, porque as aguas pluviaes em pouco tempo se evaporam.

As superficies humosas em que predomina a terra vegetal, são em numero redusido —e pela sua composição siliciosa demandam muita agua de rega na estiagem para produzirem bom fructo.

As fontes ou nascentes, que são o resultado das chuvas infiltradas na terra até encontrarem terreno impermeavel, rebentam aqui ordinariamente de bacias pouco espaçosas e pouco profundas, pelo que se esgotam em pouco tempo. As mais abundantes defecam no fim do estio e são poucas as que podem dizer-se perennes. Formando pois as chuvas o deposito da agua para a despesa do anno, a fertilidade d'este está na proporção directa das chuvas.

O clima, como já dissemos, é muito saudavel, porque a agua potavel é magnifica e facil a evaporação de uma terra solta que não conserva muito tempo o deposito dos miasmas,—e alguns d'estes são afastados pelos ventos predominantes, que sopram felizmente sem trazerem d'outra parte germens de corrupção.

As epidemias são raras, pouco duradouras e relativamente benignas; comtudo a temperatura apresenta graduações oppostas muito sensiveis, que explicam talvez a causa de certas doenças.

O thermometro Reaumour costuma aqui no verão subir a 26°—e descer no inverno a 1° abaixo de zero—e por vezes em 24 horas baixa ou sobe 2 a 3 graus.

Casas, quintas e familias mais notaveis nos arrabaldes e no concelho de Viseu

1.ª—*Quinta de S. Salvador.*

Demora esta quinta a 2 kilometros de Viseu para o poente, na estrada municipal a macadam de Viseu a Farminhão e Besteiros—e é hoje uma das melhores quintas d'este concelho.

Tem boa casa de habitação, recentemente restaurada, e uma linda capella, tambem restaurada, com o titulo de *Nossa Senhora da Conceição* de Lourdes, altar privilegiado *in perpetuum* por concessão do papa Leão XIII com data de 17 de agosto de 1886, e Santissimo permanente, um bello quadro antigo representando a *Coroação de Nossa Senhora* —e 4 jubileus annuaes com muitas indulgencias, nos dias de S. José, Assumpção, Natividade e Conceição de Nossa Senhora.

Esta quinta é atravessada e banhada pelo Pavia de nascente a poente, que n'ella tem 4 grandes levadas. Produz bastante vinho do melhor de Viseu, por estarem os seus vinhedos em nivel muito inferior á cidade e voltados directamente para o sul. Tambem produz bastante fructa e hortaliças, mas as suas producções principaes são milho, feijões e herva joia. Como recebe com as enxurradas os detritos das ruas de Viseu, é tal a sua fertilidade, que no inverno, de outubro a maio, costuma dar 5 a 6 camas de

[1] Berardo, *Liberal* de 16 de maio de 1857.

herva, pelo que os seus caseiros (são 32!) criam muito gado bovino. Tambem cultivam muita hortaliça, que levam quotidianamente á praça de Viseu.

—

Pertence hoje esta rica propriedade ao nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, que n'ella vive ha annos com sua esposa, a sr.ª D. Maria da Piedade Lemos e Azevedo,[1] verificando-se o dictado:—*as propriedades medram com a sombra dos donos*, pois melhorou muito e subiu consideravelmente de preço e de rendimento, depois que ss. ex.ªs vivem n'ella.

A principio denominou-se *quinta dos Machados*, porque assim se appellidavam 3 irmãos conegos que juntaram por compra a maior parte dos predios que a constituem. Depois denominou-se *quinta da Cruz*, porque succedeu n'ella um sobrinho dos dictos conegos, senhor da opulenta casa e quinta *da Cruz*, freguezia de Castellões, concelho de Besteiros. O ultimo senhor d'aquella casa e quinta casou com D. Maria da Piedade d'Azevedo, da casa dos *Santos Martyres* de Paredes da Beira; não tendo filhos, aboliu os vinculos, e deixou a maior parte dos seus bens á viuva, incluindo esta quinta de *S. Salvador*, que a viuva deu a sua sobrinha e afilhada tambem, D. Maria da Piedade, creada por ella e hoje casada com o sr. dr. Nicolau de Mendonça.

Este, alem de restaurar a casa de residencia e a capella, já comprou e lhe addiccionou varias propriedades no valor de 8 contos e murou a maior parte d'ella—e a tia de sua esposa tambem havia comprado e unido á mesma quinta outras propriedades no valor de 7 contos de réis.

—

Do casamento do sr. dr. Nicolau de Mendonça com a sr.ª D. Maria da Piedade e Lemos existe sómente uma filha, e universal herdeira:

D. Maria da Piedade de Mendonça e Lemos.

Nasceu em 2 de julho de 1855 e casou em 9 de fevereiro de 1881 com o dr. Bento Teixeira de Figueiredo Amaral, da freguezia de Matheus,[1] do qual tem 2 filhos:

—*José Paulo*, que nasceu em 12 de novembro de 1886, e

—*Nicolau*, que nasceu em Matheus em 3 de março de 1888.

O sr. dr. Nicolau de Mendonça e sua esposa tambem tiveram um filho, Agostinho Antonio de Mendonça Falcão, muito intelligente, e muito illustrado. Frequentou o curso superior d'agricultura de Grignon, em França, junto de Versailles, sendo premiado todos os annos. Depois serviu nas nossas possessões da Africa mais de um anno, e regressando por Paris já com o fermento das febres billiosas, ali falleceu em 6 de abril de 1883.

Deixou *ms.* uma interessante *Memoria* em francez — *Rapport Météorologique* sobre o nosso districto de Coimbra, com uma pequena, mas lindissima *carta topographica* do mesmo districto, desenhada a cores por elle na escala de $\frac{1}{500:000}$

2.ª—*Quinta e casa de Marzovellos.*

Demoram tambem na freguezia de S. Salvador e pertencem aos condes de Prime, como já dissemos supra, pag. 1536, col. 1.ª e no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 12.

Esta quinta é maior do que a de S. Salvador, mas talvez não renda mais, porque o seu terreno é inferior em qualidade e exposição e mais frio.

Tem bella casa de habitação, com muitos commodos; um bonito lago, jardim, mata frondosa antiga e uma soberba avenida bem arborisada.

Foi tambem esta quinta feita por um co-

---

[1] V. pag. 1535, col. 2.ª *in fine, supra,—Paredes da Beira* e *Pinhanços.*

O sr. dr. Nicolau possue outra bella quinta em Fareginhas, concelho de Castro d'Ayre, e mais propriedades n'outros concelhos, mas só n'este de Viseu paga 250$000 réis de contribuições.

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1031, *in fine.*

nego, pelo que se chamou antes a *Quinta do Thesoureiro mór.*

3.ª—*Quinta de Tondelinha.*

Demora na freguezia d'Orgens, a O. de Viseu, e em sitio alto com vistas esplendidas, boa casa de habitação, grandes vinhedos, extensos campos, que produzem muito milho e muita hortaliça, etc.

Esta quinta foi tambem fundada por um conego da familia de Fernando d'Almeida, de Viseu, de quem a herdaram nos nossos dias os *Queirozes.*

V. pag. 1542, col. 2.ª e o topico das *familias principaes de Viseu,* n.º 10.

4.ª—*Quinta da Medronhosa,* na freguezia de S. Salvador, a 3 kilometros de Viseu para o poente. V. pag. 1536, col. 1.ª *supra.*

Esta quinta foi pertença do antigo vinculo do *Outeiro de Real,* junto de S. Miguel do Outeiro,—vinculo de que foi ultimo administrador Antonio de Lemos de Carvalho Sousa e Alvim (senhor da *quinta do Ribeiro,* concelho de Caria) o qual a emprasou a seu irmão Duarte de Lemos Carvalho e Sousa; este, pouco antes de fallecer, a vendeu a um lavrador da *Povoa da Medronhosa,* a quem foi tirada pelos credores, sendo arrematada em praça publica pelo tenente coronel de engenheiros Miguel de Sousa de Figueiredo, sub-chefe do estado maior da 2.ª divisão militar, e irmão do coronel de engenheiros Antonio Cazimiro de Figueiredo, que foi muitos annos director das Obras Publicas d'este districto, e que está hoje em Lisboa addido á direcção geral das Obras Publicas.

Arrematou-a por 13 a 14 contos, mas tem n'ella despendido muito dinheiro com differentes melhoramentos nas terras, nas casas e na capella, pois encontrou tudo em misero estado!

5.ª—*Casa de Figueiró,* na freguezia de S. Cypriano, cerca de 5 kilometros a O. de Viseu, na estrada municipal n.º 12.

Esta casa pertencia ao dr. José Gaudencio de Vilhegas, que a deixou em testamento ao seu sobrinho e neto Vasco Luiz Pessanha do Casal, seu actual possuidor e n'ella residente. Restaurou-a com muito gosto e é hoje uma das melhores casas d'este concelho.

O sr. Vasco Luiz Pessanha casou com sua prima co-irmã D. Carlota Saraiva Quevedo de Sampaio, filha 2.ª dos viscondes da *Quinta do Ferro,* c. g.

V. *Villar Torpim.*

6.ª—*Casa dos Bandeiras,* nos Coutos de Cima, a 7 kilometros de Viseu para O.

Pertence a Thomaz Antonio Bandeira da Gama e Mello, irmão mais novo do fallecido Gonçalo Pires Bandeira, de quem já se fallou supra, sob o n.º 1, no topico das *casas e quintas mais notaveis de Viseu e seus arrabaldes, não habitadas pelos seus antigos donos* [1].

Thomaz Antonio Bandeira vive na dicta casa, que lhe tocou em legitima—e tem uma filha unica natural, mas reconhecida, e sua universal herdeira, D. Maria Augusta, casada com Balthasar Pessanha de Vilhegas, irmão germano de Vasco Luiz Pessanha, ambos filhos de Eduardo Pessanha.

V. *Familias principaes de Viseu,* n.º 9.

7.ª—*Casa de Lourosa da Telha,* que foi de Miguel Pinto de Queiroz.

V. *Familias principaes de Viseu,* n.º 10.

Pertence hoje esta casa a duas filhas de Miguel P. de Queiroz,—D. Emilia e D. Henriqueta, que ali residem, estando a segunda casada com José Gil Alcoforado da Costa Velloso, filho 2.º da casa e quinta da *Sarnada,* junto de Vouzella, s. g., o qual é um agricultor *intelligentissimo,* irmão do dr. Antonio Maria Alcoforado, casado com D. Maria Isabel Ayres de Gouveia, irmã do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bisaida, commissario geral da bulla da Santa Crusada, etc.

V. *Vouzella.*

Tem a dicta casa uma adega soberba, e uma boa quinta pegada, que produz muito vinho do melhor do Dão, pois demora na margem direita d'este rio e está voltada ao sul, na freguezia de *Lourosa da Telha,* a 5 kilometros de Viseu.

8.ª—*Casa dos Coelhos do Quintal,* na mes-

---

[1] No *Album Visiense* póde ver-se o retrato e a biographia de Gonçalo Pires Bandeira, fallecido em 1885 na sua nobre casa da Torre Deita.

ma freguezia e povoação de Lourosa da Telha.

Pertence hoje a D. Amelia do Quintal, viuva e s. g. de Henrique de Mello de Lemos e Alvellos, filho primogenito e successor do visconde do Serrado.

Era a dicta senhora filha legitima de Luiz do Quintal, filho 2.º d'esta casa, já fallecido, e succedera n'ella por morte de duas tias paternas que ainda são usufructuarias, por escriptura dotal do seu tio paterno José Maria do Quintal, ultimo senhor d'esta casa, o qual morreu s. g.

Pertence a esta casa uma soberba e antiga quinta nas margens do Dão, chamada *quinta dos Frades*, que produz talvez o melhor vinho do Dão. É tambem mimosa de fructa, incluindo laranjas, mas está muito mal tractada e muito depreciada.

Com melhor grangeio e melhor tratamento valeria hoje mais de 30 contos de réis.

Pertence tambem a esta casa outra muito antiga, chamada do *Quintal*, na freguezia de Castellões, em Besteiros, com uma boa cerca de mimosa terra, que produz laranja finissima, da melhor de Besteiros, rival da de S. *Mamede de Riba-Tua*, que é absolutamente a melhor de Portugal.

Possue tambem esta familia um bom casal na povoação da *Folgosa*, freguezia de S. Thiago, concelho de Ceia, e foi senhor d'elle bem como dos de Lourosa e Quintal o 3.º avô (por varonia) da dicta senhora D. Amelia,—*Gonçalo Coelho d'Almeida e Castro do Quintal*, homem de grande illustração e o primeiro genealogico da Beira no seu tempo. Deixou muitos volumes de genealogias, admirados por pessoas competentes, *mas todos mss.*, pelo que no *Dicc. Bibl.* de Innocencio nem sequer se aponta o dicto Gonçalo Coelho d'Almeida como escriptor?!...[1]

9.ª—*Casa e quinta do visconde de Taveiro*, na mesma freguezia e povoação de Lourosa.

Depois do fallecimento de sua esposa, o visconde de Taveiro—José de Mello Pais do Amaral—fixou residencia na mencionada quinta e transformou em luxuosa habitação de muito gosto uma casa ordinaria que ali tinha.

Este José de Mello Pais do Amaral (filho d'outro do mesmo nome) 1.º visconde de Taveiro, junto de Coimbra, onde casou com a viscondessa de Taveiro, sobrinha e representante do cardeal e arcebispo de Braga, D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, nasceu na freguezia de *Santar*, onde tinha um formoso palacete—e uma boa casa na *Corga*, concelho de Castendo, etc.

Do seu consorcio com a viscondessa de Taveiro teve um filho:

—*José Pedro de Mello*, 2.º visconde de Taveiro.

Este casou com a filha e herdeira do grande proprietario e capitalista conde de Magalhães, s. g.—e já possue o palacete de Santar, mas vive em Lisboa, onde é empregado publico.[1]

V. *Taveiro*, freguezia do concelho de Coimbra, vol. IX, pag. 499, col. 2.ª

10.ª—*Casa de Rebordinho*, na mesma freguezia de Lourosa.

Pertenceu a José Paulo Pereira de Carvalho, coronel das milicias de Viseu e membro da commissão de guerra, que em Viseu condemnou á morte por crimes politicos em 1832 a 1833 bastantes liberaes.

Fallecendo solteiro e sem successão, deixou a dicta casa a sua sobrinha D. Cazimira Mascarenhas Bandeira ou antes a seu pae, que era senhor da excellente casa dos *Mascarenhas de Villar*, em Besteiros. A dicta

---

[1] Este escriptor teve vastos conhecimentos de chronologia e historia portugueza, especialmente de genealogias d'esta provincia, sobre o que escreveu com muita critica. Nasceu em Lourosa e floresceu nos primeiros dois quarteis do seculo passado. Não consta que imprimisse obra alguma; os *ms.* param em poder dos seus descendentes e creio que alguns na casa dos *Lemos Sousas* e *Alvins de Santar*; outros, segundo consta, desencaminharem-se com os emprestimos, pois sabemos que deixou muitos volumes de genealogias.

[1] V. *Reriz*, tomo VIII pag. 152, col.ª 1.ª, —e *Resende* no mesmo vol. pag. 161, col. 1.ª *in fine* tambem.

senhora reside com seus filhos em *Ois do Bairro*, pois casou com Antonio Calheiros de Noronha e Pitta, natural da dicta parochia e já fallecido, irmão germano de Francisco Xavier Calheiros de Noronha. Vide tomo X, pag. 347, col. 2.ª

11.ª—*Casa dos Bandeiras*, na povoação de Oliveira do Barreiro, freguezia de Lourosa tambem.

Pertence a José Maria Bandeira Monteiro Subagua, ramo 2.º por varonia dos *Bandeiras de Fragoas*, e natural da quinta da *Granja*, em Rezende, onde tem boas casas, e em Bretiande, junto de Lamego.[1]

Casou com uma nobilissima senhora, procedente, por seu pae, da nobre familia e casa de *Loureiro*[2]—e por sua mãe descende dos *Abreus Castello Branco*, de Fornos de Algodres, hoje condes de Fornos. Chama-se a dicta senhora—D. Maria da Purificação Abreu e Loureiro Castello Branco e é dona d'esta casa de *Oliveira*, bem como de outra bella residencia em *Parada da Gonta*, concelho de Tondella, onde Thomaz Ribeiro, inspirado auctor do *D. Jayme*, colloca o solar do heroe do seu poema.

José Maria Bandeira tem os filhos seguintes:

—*D. Joaquina.*

—*D. Maria Emilia.*

—*D. Maria Amelia.*

—*Adriano d'Abreu* e

—*D. Maria Antonia*, todos ainda solteiros n'esta data—1888.

12.ª—*Casa de Villela*, na mesma freguezia de Lourosa.

Pertence hoje esta casa a José de Sousa Tudella de Menezes e Castilho, conductor de 1.ª classe, filho d'outro José de Sousa Tudella de Menezes e neto de Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho, que foi senhor d'esta casa, valente militar e coronel das milicias de Viseu.

Serviu com muita distincção no cerco do Porto em 1832 a 1833, no exercito realista, e foi ferido em um ataque ao convento da Serra, ficando-lhe a bala dentro do corpo, a qual o matou d'ahi a 10 annos!...

Este bravo militar prestou relevantes serviços a Viseu, pois salvou a cidade do saque, e excessos da guerrilha do celebre juiz de fóra de Taboaço, em 1828.

José de Sousa está ainda solteiro.

13.ª—*Casa de Villa Chã de Sá*, a 5 kilometros de Viseu para S. O.

Pertence aos *Lemos de S. Gemil e Viseu*, dos quaes se fez menção no topico das *familias principaes*, n.º 7, supra;—é representante d'esta nobilissima casa o dr. Heitor de Lemos e Sousa, ainda solteiro, residente em Viseu — e vivem na casa de Villa Chã sua mãe, com um filho e uma filha, irmãos do dicto cavalheiro.

14.ª—*Casa da familia Barros Campos e Coelhos*, de Farminhão.

Demora a 5 kilometros de Viseu para O. e pertence a Francisco de Barros Coelho e Campos, bacharel formado em direito, que tem sido deputado ás côrtes em differentes legislaturas e já foi tambem governador civil de Viseu, etc.

Teve um irmão—Luiz de Campos—que foi capitão de cavallaria, deputado em differentes legislaturas e depois par do reino, homem de muito talento, poeta insigne e bom orador.

Falleceu em Lisboa, casado, mas sem filhos,—e vivem ainda mais dois irmãos:—Antonio de Campos,—coronel de cavallaria,—e João de Barros e Campos, capitão da mesma arma, ambos casados com suas sobrinhas, filhas do seu irmão primogenito Francisco de Barros, e ambas s. g.

15.ª—*A Casa de Prime*, na freguezia de Fragozellas, da qual Prime é uma pequena aldeia, 7 kilometros ao sul de Viseu, pela estrada real n.º 43, de Viseu a Celorico.

É um vasto, elegante e magestoso edificio,

---

[1] Na mencionada quinta do visconde de Taveiro em *Lourosa da Telha* ha um *penedo baloiçante*, como já dissemos supra. Ha tambem outro na freguezia de *Espariz*, concelho de Tabua, outro na freguezia de *Forno Telheiro*, concelho de Celorico,—e outro em *Villa Nova de Tazem*, concelho de Gouveia, todos na Beira.

V. *Villa Nova de Tazem*, tomo XI, pag. 887, col. 2.ª e seg.

[2] V. o topico das *familias extinctas*, supra, n.º 3.

posto que ainda incompleto;—levanta-se em um espaçoso terreiro quadrilongo e rectangular, fechado por grandes portões de ferro, —e prende com uma grande quinta.

Esta respeitavel vivenda pertenceu á nobre e opulenta familia *Sousas Silvas e Oliveira*. Casou com um dos senhores d'esta casa D. Maria de Sousa de Macedo, irmã germana do celebre Antonio de Sousa de Macedo, distincto escriptor publico, auctor da *Eva e Ave* e das *Flores d'Hespanha e Excellencias de Portugal*, nosso embaixador aos Estados Geraes em 1651, secretario d'estado do infeliz D. Affonso VI em 1663, commendador de Souzellas na O. de Christo e de Penella na O. d'Aviz, alcaide mór de Freixo de Numão, etc., pae do 1.º barão da Ilha Grande de Joanne, no Pará, do qual descendem os actuaes condes de Mesquitella, armeiros mores, hoje duques de Albuquerque.

A esta casa de *Prime* pertenceu tambem o celebre e antigo morgado das *Brusseiras*, no Alemtejo, por successão de uma filha B. que casou n'esta casa de Prime e se intrusou n'elle, o que deu origem á macrobia demanda que durou *noventa annos*, como já dissemos no topico das *familias principaes de Viseu*, n.º 8.

Possuia tambem esta casa o grande praso de *Corgos*, á Nogueira, que rendia 4:000 alqueires de pão, etc., mas hoje, pela falencia do visconde de Loureiro, toda esta enorme casa foi a pique e retalhada pelos credores?!...

Sic tranzit gloria mundi.

V. *Prime*, tomo VII, pag. 673, col. 2.ª—e o topico supra, já citado.

A COMARCA

Viseu é tambem séde de comarca judicial de 1.ª classe, formada unicamente pelo concelho do seu nome com 1 juiz de direito, 1 delegado do procurador regio, 4 escrivães, 4 officiaes de diligencias, 1 contador e 1 conservador.

Na antiga magistratura, ou até 1835, era tambem séde de comarca (provedoria e corregedoria) mas comarca muito mais ampla, pois alem do concelho actual de Viseu comprehendia n'este districto os concelhos do Carregal, Castro d'Ayre (não todo) Mangualde, Mortagua, Nellas, Oliveira de Frades, Penalva do Castello, Santa Comba-Dão, S. João d'Areias, S. Pedro do Sul (não todo) e Sattam.

No districto da Guarda os concelhos de Aguiar da Beira, Fornos d'Algodres, Pinhel e Trancoso, que eram da provedoria de Viseu, mas da corregedoria de Pinhel.

No districto de Coimbra os concelhos de Taboa e Oliveira do Hospital, que eram da corregedoria de Viseu, mas da provedoria da Guarda.

Finalmente no districto d'Aveiro o concelho de Sever do Vouga, que era da corregedoria de Viseu, mas da provedoria d'Esgueira.

Comprehendia tambem *coutos, exemptos, villas* e *concelhos* de donatarios e senhorios particulares, onde era muito restricta e quasi nulla a intervenção do corregedor e provedor; mas todos esses privilegios e exempções caducaram e foram extinctos em 1834.

—

Era muito extensa a antiga comarca de Viseu, pois da extremidade S. E. do concelho de Santa Comba-Dão á extremidade leste do concelho de Pinhel, por Viseu, havia uma distancia de 140 kilometros approximadamente, mas tinhamos comarcas ainda muito maiores, tal era a de Lamego. Na linha O. E. prolongava-se desde Arouca até á Barca d'Alva, na extensão de 140 kilometros de caminho horroroso,—e da Barca d'Alva ia para o sul até Alfaiates, na extensão de 80 a 90 kilometros. Alem d'isso comprehendia em Traz-os-Montes os concelhos da Regoa, Mezãofrio, Penaguião, Villa Real, Sabrosa e Alijó!...[1]

Eram assim as antigas comarcas, o que obrigava o povo a grande incommodo e grande despesa para ir á séde tractar os seus negocios, pelo que os corregedores costumavam

---

[1] V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 931;—*Villar Maior*, no mesmo vol. pag. 1243,—e *Alvarenga* e *Lamego* no supplemento a este diccionario.

percorrer a comarca toda para favorecerem os povos, mas não sabemos se isso era favor ou castigo, porque as aposentadorias eram uma verdadeira praga, uma contribuição pesadissima, contra a qual os povos muitas vezes clamaram e gritaram, obrigando os nossos reis a providenciar sobre o assumpto. E alem da praga da aposentadoria, muitos corregedores—*salvas honrosas excepções*—eram uns grandes *comilões!...*

Toca a mover a vara—diziam elles—quando queriam encher o estomago e as algibeiras.

V. *Villa Marim*, tomo XI, pag. 783, col. 1.ª e segg.

Os antigos corregedores não deixaram saudades, mesmo porque hoje a nossa magistratura (honra lhe seja!) é uma das nossas corporações mais illustradas, mais independentes e mais dignas a todos os respeitos,—desde os simples delegados até o supremo tribunal de justiça.

Houve tempo em que a relação do Porto—já depois da creação da nova magistratura, foi uma nota discordante, *uma espelunca de Caco*, mas hoje é um tribunal dignissimo!

DISTRICTO DE VISEU

Este districto fórma por si só a provincia da Beira Alta e é a todos os respeitos um dos districtos mais importantes do nosso paiz.

O censo de 1878 deu-lhe a população seguinte:

Concelhos	Fogos	Almas
Armamar	2:936	11:491
Carregal	2:856	12:834
Castro d'Ayre	4:747	19:784
Fragoas	1:582	6:321
Lamego	5:802	24:532
Mangualde	4:846	21:478
Moimenta da Beira	2:937	11:361
Somma	25:706	107:801
Transporte	25:706	107:801
Mondim da Beira	1:638	6:442
Mortagua	2:065	9:181
Nellas	3:113	13:126
Oliveira de Frades	1:953	9:385
Penalva do Castello	3:010	12:908
Penedono	1:752	6:561
Rezende	4.912	18:721
Santa Comba-Dão	1:793	7:929
S. João d'Areias	1:186	4:921
S. João da Pesqueira	3:773	15:638
S. Pedro do Sul	4:377	21:014
Sattam	2:958	12:767
Sernancelhe	3:052	12:573
Sinfães	6:043	23:452
Taboaço	2:289	8:649
Tarouca	1:669	6:602
Tondella	6:890	29:542
Viseu	11:409	50:135
Vouzella	3:372	13:909
Somma	92:960	391:256

Contava pois este districto em 1878

Concelhos	26
Freguezias	362
Fogos	92:960
Almas	391:256

O recenseamento de 1864 deu-lhe a população seguinte:

Concelhos	26
Freguezias	362
Fogos	87:157
Almas	368:960

Note-se porem que estas cifras estão longe da expressão da verdade, porque ficaram muito defeituosos aquelles dois censos.

Note-se tambem que hoje a população d'este districto deve ser muito superior á de 1878, porque nos ultimos 10 annos (1878–1888) não tivemos guerras nem grandes epidemias no nosso paiz.

A baixa mais consideravel que a nossa população soffreu foi a proveniente da emigração, e bem quizeramos dar uma nota d'este

mas infelizmente não nos foi possivel obtel-a. É certo porém que a emigração para o Brazil tem sido e continua a ser muito consideravel n'este e n'outros districtos,—emigração *toda espontanea*, determinada pela mira em riquezas fabulosas, que muitas vezes não passam d'um sonho, e pelo horror que o nosso povo hoje vota ao serviço militar, posto que desde 1847 gosamos as delicias da paz octaviana.

Tambem nos concelhos phylloxerados, nomeadamente nos da *Pesqueira*, *Taboaço* e *Armamar*, muitas pessoas e *muitas familias* teem emigrado nos ultimos annos por falta de meios.

No ultimo anno (1887) contava este districto de Viseu 728:148 predios inscriptos na matriz, mas este numero deve ser muito maior, porque as nossas matrizes actualmente são muito defeituosas, já pela sua imperfeita organisação, já pela nefasta influencia da politica, o que determinou o governo a proceder, como está procedendo, á revisão das matrizes *em todo o reino*.

Comprehende tambem este districto uma superficie de 497:848 hectares—e terrenos variadissimos em clima, altitude, exposição e constituição geologica, pelo que são variadissimas tambem as suas producções.

Confina ao norte com o Douro e com os districtos de Bragança, Villa Real e Porto, alem-Douro; ao sul (S. E.) com o Mondego e com os districtos da Guarda e de Coimbra alem-Mondego; a leste outra vez com o districto da Guarda—e a oeste outra vez com o districto de Coimbra e com o d'Aveiro.

Tem de comprimento maximo cerca de 140 kilometros desde os confins do concelho de Mortagua, a S. O. até os confins do concelho da Pesqueira, a N. E.—e de largura minima cerca de 40 kilometros desde a extremidade do concelho de Sernancelhe a E. —até os confins do concelho de Castro d'Ayre a O.

É um dos nossos districtos mais montanhosos e mais accidentados, e cortado por grande numero de rios, taes são o Douro, o Mondego, o Vouga, o Paiva, o Dão, o Torto, o Tavora, o Tedo, o Varosa e outros muitos rios secundarios.

Tem profundas ravinas e chãos muito ardentes nas margens d'aquelles, rios principalmente na do Douro, nos concelhos de Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, onde no verão tremem sezões os gatos as gallinhas e os cães!?...

Isto *é facto*.

São tambem muito ardentes as margens do Dão e do Mondego, mas em compensação tem terrenos muito altos, montanhosos e frios, onde a neve se demora no inverno e attinge sempre grande altura,[1] taes são as serras do Caramulo, S. Macario e Gralheira, as mais altas do districto,—e as de Monte do Muro, Lapa, Mezio, Poio, Sendim, Penedono, Paredes da Beira, S. Domingos, Avões, Penude, Vouzella, Castro d'Ayre, etc.

—

Todas estas montanhas são graniticas e granitico é todo o chão d'este districto, exceptuando o valle do Dão e parte dos do Mondego e Sattam, bem como a margem do Douro, desde o concelho de Lamego até á Pesqueira. Todo este terreno é schistoso e muito ardente, pelo que produz o melhor vinho do districto. O do valle do Dão é excellente para mesa; o da margem do Alto-Douro, principalmente o dos concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira é o afamado *Port Wine*, o melhor vinho do mundo! Só tem rival—e rival *superior*—no vinho da outra margem (direita) do Alto-Douro, nos concelhos d'Alijó e Sabrosa.

Produz tambem este districto muito vinho nos outros concelhos, mas vinho de mesa muito inferior áquelle,[2] e algum de *enforcado*, rascante como o do Minho, tal é o dos concelhos de Sinfães, Rezende, Castro d'Ayre, Oliveira de Frades e Vouzella, *na parte alta dos dictos concelhos*.

Da seguinte nota, que é *official* e me foi dada muito generosamente pelo governo civil d'este districto, pode vêr-se o vinho que elle produziu no ultimo anno.

---

[1] Ella poisa tambem por vezes—*raras vezes*—em toda a margem do Douro, mas ali o desgêlo opera-se rapidamente.

[2] O concelho de Lamego tambem produz excellente vinho d'embarque.

Nota da producção do vinho do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	Vinho tinto Litros	Vinho branco Litros	Total em litros
Armamar	618:500	190:700	809:200
Carregal	1.257:450	79:815	1.337:265
Castro Daire	579:900	400	580:300
Santa Comba-Dão	497:518	39:785	537:303
Fraguas	14:900	333	15:233
S. João d'Areias	353:700	4:615	358:315
Lamego	6.975:590	533:990	7.509:580
Mangualde	1.612:745	3:870	1.616:615
Moimenta da Beira	399:670	—	399:670
Mondim da Beira	771:240	212	771:452
Mortagua	369:800	19:000	388:800
Nellas	3.892:965	32:980	3.925:945
Oliveira de Frades	598:400	643:400	1.241:800
S. Pedro do Sul	386:900	713:300	1.100:200
Penalva do Castello	1.915:940	1.689:745	3.605:685
Penedono	199:990	395:918	595:908
S. João da Pesqueira	719:890	834:893	1.554:783
Rezende	412:940	675:970	1.088:910
Sattam	538:200	549:700	1.087:900
Sernancelhe	537:000	434:850	976:850
Sinfães	656:890	588:570	1.245:460
Taboaço	295:780	213:200	508:980
Tarouca	54:480	39:000	93:480
Tondella	916:845	813:471	1.730:316
Viseu	9.744:802	9.966:634	19.711:436
Vouzella	629:645	622:916	1.252:561
Total geral	34.951:680	19.092:267	54.043:947

Esta nota não será a completa expressão da verdade, mas deve approximar-se d'ella, —e advirta-se que os concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira não produzem hoje talvez a decima parte do vinho que produziam outr'ora, porque estão todos phylloxerados e teem os seus melhores vinhedos já incultos!...

O de Lamego tambem está todo phylloxerado, mas por ter chãos mais fundos, mais fortes e mais frescos, hoje todos muito bem grangeados, muito bem adubados e tractados com o sulfureto de carbone, que é o melhor insecticida contra a maldicta phylloxera, ainda produz talvez metade do vinho que outr'ora produzia.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1012, col. 2.º e segg.;—*Villarinho de Cotas* no mesmo volume, pag. 1344 e segg.;—*Villarinho dos Freires*, pag. 1354 e segg.;—*Villarinho de S. Romão*, pag. 1373, col. 2.ª e segg.;—e *Vimeiro da Lourinhã*, no mesmo volume tambem, pag. 1437, col. 2.ª e segg.

No valle do Dão tambem já se manifestou

a phylloxera, mas em pequena escala e os seus vinhedos ainda produzem regularmente.

Produz tambem este districto muito azeite, como se vê do mappa seguinte:

Nota da producção do azeite do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	Litros
Armamar	37:425
Carregal	26:400
Castro Daire	17:725
Santa Comba-Dão	5:412
Fraguas	—
S. João d'Areias	15:715
Lamego	25:600
Mangualde	537:605
Moimenta da Beira	17:999
Mondim	17:435
Mortagua	4:000
Nellas	13:228
Oliveira de Frades	985
S. Pedro do Sul	4:005
Penalva do Castello	25:780
Penedono	9:499
S. João da Pesqueira	187:995
Rezende	19:000
Sattam	5:400
Sernancelhe	4:915
Sinfães	39:312
Taboaço	45:585
Tarouca	4:417
Tondella	9:792
Viseu	25:414
Vouzella	39:005
Total	1.138:658

Este mappa é tambem official, porque me foi igualmente dado pelo ex.mo sr. governador civil d'este districto, por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, meu bom amigo e cyreneu.

O azeite dos concelhos d'Armamar, Taboaço e Pesqueira é delicioso; talvez o melhor do districto; mas a sua producção é muito incerta, por serem muito ardentes aquelles chãos e estarem os seus olivedos carregados de *ferrugem* ha muitos annos.

No concelho de Taboaço, por exemplo, a casa dos irmãos *Macedos Pintos* tem colhido alguns annos 22 pipas d'azeite de 555 litros cada uma, mas em outros annos não colhe 6 pipas.

Tambem a grande quinta da *Aveleira*, na freguezia de Tavora, pertencente ao mesmo concelho, tem produzido 8 pipas d'azeite alguns annos—e em outros não dá uma!...

Em todo o nosso paiz e n'este districto, nomeadamente no Alto-Douro, estão muito doentes não só as videiras e as oliveiras, mas *todas as outras arvores*: larangeiras, cerdeiras, pereiras, macieiras, castanheiros, etc. etc.

A opulenta casa *Macedos Pintos*, mencionada supra, tem na villa de Taboaço grande quantidade e variedade d'arvores fructiferas, em que alguns annos apurou mais de *um conto de réis*, mas nos ultimos annos a escacez foi extrema!

Tambem na freguezia de Tavora, pertencente ao dito concelho, e que era, depois da freguezia da Penajoia, a que produzia mais e melhores cerejas em todo o nosso paiz, as cerdeiras morreram quasi todas. Replantam-nas e morrem igualmente! O mesmo succede tambem ali com as outras arvores fructiferas que povoavam aquella mimosissima parochia, inveja de todo o Alto-Douro, pois d'elle Lamego até muito alem da raia de Hespanha era a parochia que produzia mais e melhor fructa.

Escusado é dizer que tambem ali, como em todo este districto e em todo o nosso paiz,—em Coimbra, em Setubal e mesmo no Algarve,—estão muito doentes e agonisantes os pomares de larangeiras; comtudo este districto ainda produz muita fructa variadissima, inclusivamente laranjas. São deliciosas e afamadas as do valle de Besteiros e as da margem do Alto Douro, e n'este as de S. Mamede de Riba-Tua, que são as melhores de Portugal.

Nos concelhos de Lamego, Mondim da Beira e Tarouca ha tambem grande quantidade e variedade de peras e maçãs deliciosas.

—

Tambem este districto produz muita castanha, muita batata e muitos cereaes—trigo, milho, centeio, cevada e feijões,—como se vê do mappa seguinte:

Nota da producção cerealifera e leguminosa do districto de Viseu no anno de 1887

Concelhos	TRIGO Litros	MILHO Litros	CENTEIO Litros	CEVADA Litros	FEIJÃO Litros	BATATAS Litros	CASTANHAS Litros
Armamar	169:300	700:305	340:000	43:732	22:000	1.568:300	Não ha elementos para a estatistica
Carregal	119:400	1.155:760	117:800	35:870	50:690	1.115:450	
Castro Daire	140:000	2.600:130	890:840	36:772	123:780	3.815:400	
Santa Comba-Dão	25:716	563:110	77:415	24:731	24:955	899:000	
Fraguas	160:048	524:780	865:400	345	13:400	660:315	
S. João d'Areias	14:037	456:866	42 200	39:800	34:950	344:500	
Lamego	609:400	1.515:000	415:274	116:861	60:880	3 899:315	
Mangualde	55:282	2.000:900	359.813	100:200	386:075	4 114:200	
Moimenta da Beira	165:100	855:300	1.114:876	76:185	122:654	2.954:116	
Mondim	122:697	288:400	280:000	183:490	32:112	1.320:930	
Mortagua	44:300	2.181:100	850:000	39:200	42:115	1.997:300	
Nellas	13:260	1.069:200	76:955	39:536	32:666	2.759:600	
Oliveira de Frades	—	1.868:400	162:400	8:820	79:000	1.495:315	
S. Pedro do Sul	330:240	7.500:000	1 312:400	700:422	800:004	4.222:795	
Penalva do Castello	154:280	1.650:240	629:000	34:555	54:816	2.200:000	
Penedono	283:000	231:670	1.800:113	59:280	12:790	2.111:185	
S. João da Pesqueira	444:000	64:240	588:792	45:000	7:000	2.365:000	
Rezende	667:500	2.113:200	144:490	54:000	63:550	2 266:600	
Sattam	88:570	2.117:690	1.113:000	74:820	120:275	2.809:400	
Sernancelhe	157:600	434:200	634:500	53:300	30:004	1.700:415	
Sinfães	83:765	6.123:305	422.892	12:420	188:116	4.400:304	
Taboaço	79:000	106:900	240:300	15:000	22:225	1 566:615	
Tarouca	53:765	673:490	179:900	36:440	40:704	1.008:990	
Tondella	111:544	3.673:400	337:405	50:900	230:115	4 333:750	
Viseu	1 136:855	4.444:300	2 225:800	1.000:000	369:994	6.299:700	
Vouzella	23:564	2.489:660	349:115	17:495	552:412	1.612:314	
Total	5.252:223	47.302:546	15.570:680	2.899:174	3.517:282	63.840:809	

Este mappa tem o mesmo caracter *official* dos mappas anteriores, porque me foi tambem dado pelo muito digno governador civil d'este districto, por intermedio do sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, meu bom amigo e cyreneu. Recebam pois um e outro o testemunho da minha cordeal gratidão.

—

É notavel n'este districto a freguezia da *Penajoia*,—minha terra natal,—pertencente ao concelho de Lamego e denominada *terra das cerejas*, porque alem de ser a freguezia rural mais vasta e mais populosa d'aquelle concelho e uma das mais vastas e mais populosas d'este districto,[1] é a que produz maior quantidade de cerejas e mais temporãs em todo o nosso paiz.

Tambem produz muitas laranjas, peras, maçãs, damascos, figos, pecegos e outra muita fructa variadissima, da melhor do Douro, e muito azeite, cereaes, castanhas e vinho, pois é desde tempos remotos o vinho a sua principal producção.

Já em 1532 ella produzia 1:600 almudes d'azeite, 7:000 alqueires de pão, 20:000 almudes de vinho e 25:000 alqueires de castanhas,—segundo se lê na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, pelo conego tercenario Ruy Fernandes[2] Ainda em 1840 ella produziu 1884 pipas de vinho de 555 litros cada uma,—e nunca esteve tão bem cultivada como hoje.

Do exposto se vê que a tal Penájoia, *terra das cerejas*, alguma coisa produz mais do que cerejas!...

V. *Corvaceira* e *Peaajoia* n'este diccionario e no supplemento.

—

Produz tambem este districto muita baga de sabugueiro, principalmente nos concelhos de Lamego, Armamar e Taboaço. Tambem não pude obter nota estatistica d'esta producção, mas tem bastante importancia, porque só aquelles 3 concelhos devem produzir cerca de 20:000 rasas de baga, baga excellente para tinturaria e para dar côr ao vinho tanto nacional como estrangeiro, pelo que se exporta em grande quantidade pela Regoa e pelo Porto, pois só no Douro se cultiva em grande escala nos terrenos mais mimosos, mais fundos, mais frescos e regadios. Em terreno delgado e ardente ninguem plante sabugueiros, porque serão sempre rachiticos, emquanto que nos chãos fortes e frescos, adubados e regadios, crescem espantosamente, rapidamente, chegando a medir no tronco mais de um metro de circumferencia e a produzir por anno 3 a 4 rasas de 15 litros cada uma, vendendo-se a rasa por 4$000 réis alguns annos.

Só a villa e freguezia de Taboaço já tem apurado mais de *quinze contos de réis* em baga por anno—e todo o concelho de Taboaço mais de *vinte contos!*... Só a opulenta familia *Macedos Pintos* no ultimo anno apurou cerca de 1:500$000 réis em baga.

Tambem produz muita baga n'aquelle concelho a freguezia de Tavora. Sabemos que o parocho em um dos ultimos annos apurou na baga do passal mais de 900$000 réis[1] e ha n'aquella freguezia um proprietario que espera colher mais de 1:500 rasas por anno. É o meu bom amigo Adriano d'Azevedo Mesquita Pimentel, de Riodades, dono da grande quinta da *Aveleira*, que foi dos marquezes de Tavora desde que os seus ascendentes a conquistaram aos mouros, bem como toda aquella freguezia e as freguezias circumvisinhas. Trucidados os dictos marquezes em 1759 (V. *Chão Salgado*) passou a mencionada quinta para J. Antonio Salter de

---

[1] Tem cerca de 6 kilometros de leste a oeste e conta approximadamente 750 fogos e 3:200 habitantes.

[2] *Ineditos da Hist. de Port.*, tomo V, pag. 549.

[1] O passal de Tavora tinha campos fertilissimos e mimosissimos, foram porem postos em hasta publica pela lei da desamortisação e arrematou-os já est'anno de 1888 um filho d'aquella parochia e juiz de direito—dr. Manoel de Barros Nobre, a quem hoje pertencem.

V. *Tavora* n'este diccionario e no supplemento.

O preço da baga é muito incerto.

Por vezes no mesmo anno baixa de 4$000 réis a 2$000 réis. Actualmente regula por 1$500 réis.

Mendonça; no meado d'este seculo comprou-a o doutor e depois desembargador da relação do Porto Joaquim Machado Ferreira Brandão; d'este passou para um dos seus herdeiros e cunhado Sebastião Pinto Moreira, do Porto, a quem a comprou em 1887 o dono actual.

É o maior predio d'aquelle concelho e um dos maiores d'este districto. Tem chãos muito ardentes, proprios só para vinha e olival, mas tem outros muito mimosos, muito ferteis e regadios e passa pelo meio da grande quinta o rio Tavora.

Tambem produzem muita baga de sabugueiro as freguezias de Penajoia, Cambres, Sande e Valdigem, no concelho de Lamego.

—

Produz tambem *hoje* este districto algum tabaco n'aquelles 3 concelhos, principalmente na freguezia da *Ervedosa*, concelho da Pesqueira, e, se este ramo de cultura der o resultado que se espera (ainda está em ensaios) attingirá grande importancia.

O nosso governo, a instancias de alguns lavradores do Douro, nomeadamente do sr. barão das Lages, permittiu como ensaio a cultura da nicoceana em 10:000 hectares dos terrenos phylloxerados d'aquella região —e os ensaios já feitos são promettedores! É de optima qualidade o tabaco e desenvolve-se admiravelmente mesmo nas terras mais seccas do Alto-Douro. Na Ervedosa, por exemplo, attingem um metro e mais de comprimento as folhas da tal nicoceana.

Para evitarmos repetições, vejam-se os artigos *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1012, col. 2.ª e segg.,—*Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

—

Tambem este districto de Viseu outr'ora produziu muito sumagre nos terrenos ardentissimos da margem do Alto-Douro, pertencentes aos concelhos de Lamego, Armamar, Taboaço e Pesqueira, mas, depois que ali se desenvolveu e generalisou a cultura da vinha, os sumagraes desappareceram.

Nós herdámos dos mouros aquella industria, como se vê de antigos documentos, nomeadamente do velho tombo do passal de Tavora, concelho de Taboaço,—tombo que se refere aos principios da nossa monarchia e onde se descrevem muitos *sumagraes*[1]. Tambem ainda nos principios do seculo XVI, como se vê da *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes em 1532,[2] se faz menção do sumagre, como producção importante n'aquelle concelho. A pag. 552, por exemplo, diz o auctor que só a quinta de *Mosteirô*,[3] que então era dos frades de S. João de Tarouca, produzia *800 arrobas* de sumagre por anno,—alem de 15 a 16 mil almudes de vinho, 2:500 almudes d'azeite em anno de safra; 1:000 alqueires de pão, 600 alqueires de castanhas, 300 alqueires de legumes, 300 cargas de cerejas e 500 cargas d'outras fructas.

Era e é uma quinta soberba!

V. *Cambres* n'este diccionario e no supplemento.

Do exposto se vê que foi muito antiga e de certa importancia no Alto-Douro a industria do cultivo e preparação do sumagre para cortumes e tinturaria, mas hoje aquella industria apenas se exerce em Villa Nova de Foscôa, tambem no Alto-Douro, mas já no districto da Guarda.

V. *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 840, col. 1.ª e segg.

—

Tambem n'este districto é importante a creação de gado de differentes especies. Em 1870 (não nos foi possivel obter nota posterior?!...) segundo se lê no *Recenseamento geral dos gados*, publicado em 1873, contava

---

[1] Em 1861 a 1863 ainda existia no archivo parochial da mencionada freguezia uma copia d'aquelle tombo, copia que nós vimos e lemos muitas vezes, quando eramos ali parocho.

[2] *Ineditos da Hist. Port.* tomo 5.º pag. 546 a 612.

[3] Pertence á freguezia de Cambres e foi do convento de S. João de Tarouca até 1834; depois passou para o padre José Mendes, de Cambres, e d'este para os *Fragateiros*, negociantes do Porto, aos quaes ainda hoje pertence, bem como outras quintas comvisinhas, entre ellas a do *Cobouco*, em frente da Regoa, quinta que foi dos viscondes de Balsemão.

este districto de Viseu a população pecuaria seguinte:

Muar	1:610	cabeças
Cavallar	3:440	»
Asinino	4:074	»
Bovino	29:151	»
Caprino	59:788	»
Suino	61:366	»
Lanigero	258:668	»
Total	418:097	»

Produz tambem este districto bastante lã, toda ordinaria (a melhor lã de Portugal é a do Alemtejo);—manteiga de puro leite de vacca, muito soffrivel, embora preparada estupidamente por systemas rotineiros antiquissimos,—e bastante queijo. O melhor d'este districto é o dos concelhos de Fornos de Algodres, Mangualde, Tondella e Nellas, tambem preparado de um modo muito rudimentar, mas ainda assim vende-se no Porto e em Coimbra como queijo da Serra da Estrella, que é o melhor de Portugal, embora o dos mencionados concelhos seja muito inferior áquelle, pois apenas vê de longe a dicta serra.

Contribuições

No ultimo anno (1887) todo este districto de Viseu pagou as contribuições seguintes:

Sumptuaria	4:720$587
Verba do sello	8:438$447
Districtal	17:151$890
Decima de juros	25:405$327
Industrial	40:542$135
Real d'agua	58.553$883
Predial	156:763$690
Municipal	223:392$718
Total	534:968$677

Não nos foi possivel obter a cifra das contribuições parochiaes,—cifra hoje importante, porque as juntas de parochia teem a seu cargo muitas despezas.

Ainda o districto

Merecem especial menção n'este districto os bois denominados *paivotos*, por serem criados nas margens do Paiva e no concelho de S. Pedro do Sul.

São vermelhos de côr e medianos de armação e de corpo, mas bem proporcionados, elegantes, muito leaes e *muitissimo valentes*! Que o diga quem já os visse como nós milhares de vezes temos visto alando ou guindando os barcos do Douro com sirgas por caminho de cabras. Mesmo nos *pontos* e no inverno só duas juntas de bois guindam contra a corrente os maiores barcos do Douro carregados. Os pobres bois vão comprimidos como um caracol; por vezes estala uma das sirgas, mas a outra junta não cede e, tendo chão onde firmar-se, sustenta ella sósinha o barco, não estalando a sirga.

A alagem dos barcos rabellos é muitissimo violenta e perigosa, e n'ella só se empregam os taes boisinhos, Os *mirandezes* e *barrosões* são muito valentes, mas não se prestam a semelhante serviço, por serem mais corpulentos e não poderem mover-se e trabalhar nos taes caminhos das sirgas, que são uns despenhadeiros perigosissimos, alcandorados sobre o Douro.

Os bois da Figueira são ainda mais pequenos do que os *paivotos*, mais doceis, e trabalham muito bem na lavoura e na conducção de pipas, mas, se os mettessem na alagem dos barcos rabellos, dez juntas não fariam o serviço de duas dos taes *paivotos* —e por vezes iriam todos de mergulho ter ao Douro!...

—

Tambem é deliciosa a carne dos taes boisinhos, principalmente das vitellas do antigo concelho de *Lafões*, hoje representado pelos de S. Pedro do Sul e Vouzella.

Tambem é deliciosa a carne de porco n'este districto, principalmente no concelho de Lamego e nos limitrophes, onde a ceva é feita quasi exclusivamente com castanhas.

Desde tempo immemorial gosam de justa fama os *presuntos de Lamego*.

Tambem ali, como em toda esta provincia

e na de Traz-os-Montes, são deliciosos os leitões, assados sobre brasas vivas, com recheio. Na antiga cosinha portugueza poucos pratos haverá tão saborosos.

Tambem n'este districto ha peixe delicioso:—no Douro lampreias, saveis e mugens; nos rios do interior, nomeadamente no Paiva, trutas, bogas e ciroses.

Ha tambem n'este districto muita caça miuda:—lebres, coelhos e perdises. A caça grossa desappareceu com a cultura das brenhas. Apenas no inverno se encontram alguns lobos na falda das serranias, mas tão pacatos e attenciosos que ordinariamente não agridem ninguem—e, apenas se opera o desgêlo, sobem para as montanhas e por lá se conservam quasi todo o anno.

Quinta regional e Eschola agricola

Este districto teve uma *Quinta regional*, montada primeiramente em um predio de renda no local do *Viso*, arrabaldes de Viseu, e depois em um predio proprio que a junta geral comprou por 14:000$000 de réis em 1884 a José Antonio da Silva, junto da Carreira dos Carvalhos, e que ficou sendo propriedade do districto.

Não tinha officinas algumas. Apenas alí se ensaiava a cultura propria da localidade, creação e engorda de gados, etc. para o que tinha 2 postos hypicos com 2 cavallos, 2 touros e 1 jumento.

O seu pessoal permanente reduzia-se a um feitor, 4 criados e numero incerto de jornaleiros, sob a inspecção e direcção do agronomo districtal e do intendente de pecuaria.

A despeza regulava por 2:200$000 réis por anno—e tambem tinha um observatorio meteorologico, mas no ultimo anno a mencionada quinta foi transformada pelo governo em *Escola agricola*, d'accordo com a junta geral.

Minas

Ha n'este districto, nomeadamente no concelho de Viseu, muitos jasigos de differentes minerios, quasi todos por explorar ainda. Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os jazigos do concelho de Viseu, indicando as freguezias, aldeias e sitios onde demoram:

Abravezes:—No monte de Santa Luzia, limite de Paschoal: manganez.

Barreiros:—Corga e Lameiras do Val, limite da Matta; Santa Forna e Gervasinha, limite de Brufe: barro para telha e para louça fina.

Boa Aldêa:—Forno da telha, estanho; Outeiro de Santo André, estanho; Feiteira e Valles, baldio: estanho e wolfram.

Bodiosa:—Insuas, vinha do Alqueve e Cabrão, limite de Bodiosa a Nova: estanho e prata; Matta do Pinhal, limite de Aval: estanho.

Calde:—Cruzinha do Villar e Valle de Lobo, limite de Povoa de Lourenço Paes: estanho.

Cavernães:—Barroqueiras, Corgas e Lapa, limite de Passos: galena de chumbo, chumbo e prata.

Couto de Baixo:—Tapada do Carqueijo, aos Cantarinhos, limite de Villa Nova: chumbo e estanho; Valle Gordo, maninho, limite de S. Cosmado: chumbo; Outeiro da Vinha do Mouro, limite da Portella: chumbo e estanho; Outeiro da Covella, limite do Couto de Baixo: idem, idem.

Couto de Cima:—Felgueira, pinhal, estanho; Galypo: chumbo.

Fragosella:—Monte de Cima: feldspatho ou kaolino.

Lordosa:—Ramalhal, limite de Passô; Outeiro da Portella, limite Gallifonge; Salgueirinho á pedra Pousadoira e Carregal, Ribeiro da Corga, maninho; Castro, maninho municipal: chumbo, cobre, estanho e prata.

Oriental:—Quintal da casa do Arco: carvão de pedra.

Povolide:—Monte da Cerca, limite de Crestello: cobre; Esfolhada, limite de Nesprido: estanho e ferro.

Ribafeita:—Terras do Outeiro, limite de Lustoza; Gayo, limite de Ribafeita; Fecha, maninho municipal, limite de Seganhos: chumbo e estanho.

Rio de Loba:—Viso: chumbo e prata.

S. Cypriano: — Marialva, á Valla do

Mendes, limite de Ferrocinto: pyrite cuprico.

S. Salvador:—Em Paradinha, proximo da Quinta de Antonio de Albuquerque de Amaral Cardoso: estanho.

Torredeita:—Valle Escuro, limite de Routar; Souto, Villa de Um Santo, limite de Cotta; Outeiro da Cabeça da Roza, limite de Villa Chã do Monte; Castanheiro, limite de Routar; Pinhal da Tapada do Carqueijal, Maninho de Villa Chã do Monte: chumbo; estanho, cobre e prata.

—

No meado do seculo XVII ainda n'este concelho se exploravam minas de estanho, por que o dr. Manuel Botelho Ribeiro diz textualmente o seguinte: [1]

«Pois dos metaes que direis do estanho, que nella (na cidade ou no concelho de Viseu) se tira, em quantidade muito, e em bondade finissimo, de que El Rei tira muito proveito, e renda? O barro de Mollelos bem lavrado he o mais cheiroso e fresco que se pode achar, assi para beber, como para todo o serviço.»

Não diz o local onde n'aquelle tempo (1630-1636) se exploravam as taes minas de estanho.

Em *Mollelos* ainda hoje se fabrica muita louça e muito estimada, que exportam para Lamego, Aveiro, Coimbra e Porto.

É conhecida por louça de *Mollelos* ou *louça preta*, porque o dicto barro, depois de cosido, toma côr bastante escura.

Esta louça é muito leve,—dá bom sabor á agua—e não estala com o fogo, pelo que é preferida para certãs, frigideiras, alguidares, cassarolas etc.

Tambem fazem da dicta louça canecas muito caprichosas para agua, sendo algumas rendadas e *de segredo*, com asas e bordos vãos por dentro. Note-se porem que a freguezia de Mollelos não pertence ao concelho de Viseu, mas ao de Tondella.

—

Ha tambem n'este districto muitos jasigos de ferro, todos por explorar, taes são os do *Castello dos Mouros* e do *Espigão da Serra* na freguezia da Penajoia, concelho de Lamego,—e ha tambem 3 minas de chumbo argentifero em exploração,—uma em Varzea de Trovões, concelho da Pesqueira,—outra em *Adorigo*, concelho de Taboaço,—e outra em *Abragão*, freguezia de Santa Leocadia, no mesmo concelho.

Tambem na *Foz do Tavora*, freguezia de Valença do Douro, concelho da Pesqueira, ha outra mina de chumbo argentifero, que em 1860 a 1874 foi explorada por Ladislau Zarzechi, distincto cavalheiro e engenheiro de minas, filho da Polonia e que viveu muitos annos como emigrado em Portugal, até que falleceu approximadamente em 1880 no Alemtejo, estando empregado nas celebres *Minas de S. Domingos*.

Tambem elle registrou e principiou a explorar outras minas de chumbo argentifero na margem esquerda do Tedo e do Tavora, e na povoação de *Donello*, freguezia de Covas do Douro, mas teve de suspender a lavra de todas por falta de capital!...

V. *Cavas do Douro*, tomo 2.º pag. 428 col. 1.ª *in principio*; *Monte Coxo*, tomo 5.º pag. 472, col. 2.ª;—*Tavora*, rio, vol. 9.º pag. 515, col. 1.ª,—e *Varzea de Trovões*, tomo 10.º pag. 239, col. 1.ª

Linho

Desde tempos muito remotos se colheu e fabricou n'este districto grande quantidade de linho.

Já em 1630 a 1636 o dr. Botelho (*Dialogo* 1.º cap. 7.º) fallando da cidade de Viseu, disse textualmente o seguinte:

«De panos, especial de linho, concorrem a ella tantos ao mercado que se faz todas as primeiras terças feiras dos mezes, que provê muita parte de Castella, e Alemtejo, para onde levão mercadores, que a ella vem só a isso.» E cem annos antes (em 1532) na sua interessante *Descripção do terreno em roda de Lamego duas legoas* disse Ruy Fernandes:

«Item outro sy ha por soma no dito compasso, de linho, a saber: pano de linho, que

---

[1] *Dialogo 1.º*, cap. 7.º pag. 50 no codice de Girabolhos.

se faz nestas duas legoas, de dizimo (*só de dizimo!*) dezoito mil varas, de maneira, que se colhem no dito compasso, e se fiam *cento e oitenta mil varas*, ...entre o qual he pano de linho, e estopa, e *trez* (?), e haa estopa que se vende a 12, 14, 15 réis até 20, e o pano de linho de 15 até cento, e cento e vinte a vara, e vende-se este pano a mercadores, e vay pera castella muita soma, e pera lixboa, e pera alemtejo, e pera o algarve, e pera as ilhas, e outro se gasta na terra, e fitas em peças.[1]

.....

....atée agora (1532) se comia n'esta cidade (Lamego) oitocentos mil réis de lonas, que se faziam pera el rei nosso senhor, que saya das sisas do dito compasso, e se repartia por fiadeiras, e tascadeiras, e dobadeiras todo pollo meudo, que he regateiras, e passadeiras, até os presos nisto ganhavam de comer em debar, e almocreves em carretos, e homens pobres que não tinham officios aprenderam a tecelões das ditas lonas, com que atée agora se mantinha[2].

.....

«Item ha outro trato delrrei nosso senhor de bordates, que se soiam a trazer de França, e agora se fazem na dita cidade (Lamego) e cercohito, que he muito bom pera a dita terra; porque na dita cidade he cercohito haverá *duas mil tecedeiras de panno de linho, e de estopa*, as quaes tecem aqui os ditos bordates; e está aqui na casa da dita feitoria hum fermoso bronhidor dos bordates, e presas monstruosas pera vêr andar, e assi ha 2 pisões,... em o qual se fazem tambem *bacaxiis*, e *fustões*...»[3]

—

Do exposto se vê que no meado do seculo XVI a industria da tecelagem do linho e da estopa foi muito importante n'este districto, nomeadamente em Lamego; onde havia uma fabrica real de *lonas*, talvez para velas dos navios,—*bordates*, *bacaxiis* ou *bocaxins*[1] (tela encerada) e *fustões*,—fabrica de que hoje não ha outra memoria, alem da que deixou o mencionado Ruy Fernandes, que ao tempo era *tratador* ou director da dicta fabrica.

Não sabemos o que eram os taes *bordates* de linho, que costumavam vir de França. Talvez fossem toalhas, guardanapos e cobertas ou colchas bordadas no tear, pois ainda hoje em volta de Lamego e n'outros pontos do nosso paiz, nomeadamente em *Amalaguez*, freguezia do concelho de Coimbra, se tecem guardanapos, toalhas e colchas de linho, ou de linho e algodão, com ornatos muito caprichosos, tudo feito á mão em teares de systema antiquissimo.

Tambem na provincia de Traz-os-Montes, nomeadamente na freguezia de *Urrôs*, se fazem colchas muito bonitas de linho, lã e *barbilho* (seda grossa) de cores e desenhos variados.

O algodão tem affrontado muito a industria do linho, principalmente nas grandes cidades, mas n'este districto e nos outros a N. do nosso paiz ainda o linho é muito estimado e cultivado em grande escala. Usa-se com preferencia ao algodão para camisas, ceroulas e roupa de cama. É mesmo um timbre nas casas abastadas terem duzias e duzias de lençoes e *rolos* (teias inteiras) de linho.

Seda

Tambem outr'ora produziu muita seda este districto.

Em 1532 só no terreno em volta de Lamego duas leguas se colheram 50:000 onças.

«Item se colhe no dito compasso de dizimo, a saber: de sêda cinquo mil onças, assi que se colhe cincoenta mil onças. A qual seda se gasta parte dela em esta cidade (Lamego) e tarouca, em veludos, çatiis (setins) tafetás e toucaria; e a mais vae pera fora.[2]»

Produzia pois este districto no meado do

---

[1] *Ineditos de Hist. Port.* tomo 5.º pag. 555
[2] *Ibid.* pag. 558.
[3] *Ibid.* pag. 589.

[1] *Bocaxim.* Tella engommada, para entrelar vestidos, mais forte e basta, que a Olandilha. Diccionario de Moraes, 6.ª edição.
[2] *Ruy Fernandes*, loc. cit. pag. 555.

seculo XVI muita seda e tinha em Lamego e Tarouca fabricas de veludo, setim, tafetá e toucaria,—fabricas de que não ha memoria, pois ha muito que a industria da seda decahiu entre nós; mas ainda em varios pontos d'este districto, nomeadamente nas freguezias de Samodães e Penajoia, concelho de Lamego, e na de Tavora, concelho de Taboaço, se vêem amoreiras seculares, magestosas!

Tambem no meado d'este seculo os francezes, hespanhoes e italianos vieram a Portugal comprar casulo para semente e deixaram muito dinheiro n'este districto e no de Bragança. Foi o ultimo impulso que teve entre nós a creação do sirgo, mas rapidamente amorteceu.

V. *Rua*, tomo 8.º pag. 253, col. 2.ª e segg.

Madeira

Houve tambem n'este districto grande abundancia de excellente madeira de castanho para canstrucções de toda a ordem, principalmente nos concelhos de Sinfães, Rezende, Lamego, Tarouca, Mondim, Armamar e Taboaço.

Era trivialissimo ver castanheiros magestosos e casas com madeira toda de castanho: —soalhos, forros, janellas, portas, traves, armação e mobilia, inclusivamente grandes arcas, com taboas enormes, formando uma só taboa cada face; e os forros eram por vezes obras d'arte de grande custo, ainda hoje muito estimados; mas ha muito que os castanheiros adoeceram e outros foram arrancados para novas culturas, pelo que a madeira de castanho rareou muito e já não se encontra sã como outr'ora.

Para se formar ideia do que foram os castanheiros d'este districto no meado do seculo XVI, leia-se o que diz Ruy Fernandes, loc. cit. pag. 611, fallando do terreno em volta de Lamego:

«Ha mais n'este cercohito madeira de castanho a mais formosa que ha em todo o Reino, e a maior parte déla se carrega para lixboa, e para outras partes: ha tavoado que he mais formoso, que bórdo, e val hua duzia de tavoado de doze palmos em comprido, e dous em largo, 150 e 160 réis; ha muitos e mui formosos mastos de castinheiro de 15, 16 e 17 *braças* (?!...) que estãm onde se podem carregar no Douro pera o Porto, e dahi pera outras partes, e os que estam mais ao sertão se faz delles madeira, e ha muito tavoado, de *quatro, cinquo palmos em largo.*»

Eram tambem de castanho todos os toneis do Douro, inclusivamente os maiores, de 40 a 60 pipas.[1] Os da nossa provincia da Estremadura são quasi todos de pinho. Apenas alguns teem tampos de castanho importados do Zezere e do Porto, ou do Douro, porque a Estremadura não tem soutos de castanheiros.

Fecharemos este topico transcrevendo o que Ruy Fernandes loc. cit. pag. 553 e 554, fallando do terreno em volta de Lamego, disse em 1532 da producção das

Castanhas

«Item coma a castanha (refere-se ao circuito das 2 leguas em volta d'aquella cidade) de dizimos 47:660 alqueires, de maneira que somão as que se colhem na terra 476:600 alqueires! A qual castanha muita della se enterra, e se vende na coresma, e outras secam, e a picão, que chamão *castanha picada*. Desta castanha picada se faz grande carregação pollo douro pera lixboa, e pera o algarve, e pera as Ilhas; e quando o anno he esterle, os homes pobres moem a dita castanha, e fazem della pão, e he muito fartum e muito doce, que chamam falacha;[2] e de outra castanha verde cascada cevam muitos e mui formosos porcos das mais saborosas carnes, que ha em todo o Regno. O preço desta castanha verde em anno de bonança a tres e a quatro centos réis o alqueire da rebor-

---

[1] No Douro nunca houve toneis de maior lotação, mas hoje na cidade da Figueira uma companhia francesa tem toneis de 100 a 200 pipas, cada um, todos de pinho, e em Barcelona ha toneis de 500 pipas?!...

[2] Ainda hoje (1888) ali se usam as taes falachas, não como alimento ordinario, mas por mimo.

dam [1] e da longal a 5 e a 6 *polla medida grande desta terra;* e a da picada a 20, e a 25, e a 30 o alqueire. E no tempo della todollos caminhos e estradas sam cobertas, e pollas nom poderem apanhar trazem os porcos pollos soutos, que as comam; e todollos caminhantes, e pessoas que passam fazem magustos, sem lhe ser defesso; e ha castinheiros muitos que dão 60 alqueires de castanha, e ha destes muitos; e ha castinheiro que debaixo delle se colheram 300 homes á sombra.»

Ainda hoje mesmo em Lamego, junto do santuario de Nossa Senhora dos Remedios, ha um castanheiro que tem de circumferencia no tronco *mais de nove metros;* mas em Traz-os-Montes ha troncos de castanheiro com 12 metros de circumferencia!...

V. *Vinhaes*, tomo XI, pag. 1492, col. 2.ª *in-fine.*

AINDA O DISTRICTO

Viação romana

É certo que os romanos habitaram durante seculos este districto e n'elle tiveram cidades e povoações importantes, taes foram Viseu, Caria, Lamego ou a velha *Lama* ou *Lameca*, Lamas do Molledo, Murqueira, junto de Castendo, e Bobadella [2] a S. e não longe de Viseu, mas já no concelho de Oliveira do Hospital, districto de Coimbra. Deviam pois ter tambem estradas n'este districto de Viseu para o movimento dos seus exercitos e serviço d'aquellas e d'outras povoações, mas, tendo-se encontrado muitos cippos e muitas lapides com inscripções romanas, até hoje (1888) ainda não se encontrou nem registou (que eu saiba) um unico marco milliar n'este districto e n'esta provincia—nem vestigio algum *authentico* das estradas do povo-rei. Apenas o meu antecessor quando fallou de *Caria* (tomo II pag. 109) apontou duas lapides a modo de marcos milliares, mas muito differentes dos que se vêem reunidos no *Campo das Carvalheiras* em Braga.

Tambem elle e Viterbo *loc. cit.* supposeram—e nós igualmente suppomos—que por ali passou alguma estrada romana, [1] mas é sensivel a falta de *padrões* ou marcos milliares, o que nos leva a crer que os romanos não tinham n'este districto e n'esta provincia estradas de 1.ª ordem, mas sómente de 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª, algumas das quaes *nem eram calçadas de pedra*, como já dissemos no artigo *Villa Real* de Traz-os-Montes, *loc. cit,*

Com relação ás estradas romanas d'este districto é muito interessante o que disse Botelho em 1630 (*Dirlogo 1.º* cap. 16) tomando por thema uma celebre inscripção que se encontra na aldeia de *Lamas*, freguezia do *Molledo*, hoje concelho de Castro d'Ayre, entre os rios Vouga e Paiva, cerca de 22 kilometros a N. de Viseu.

É uma inscripção verdadeiramente enigmatica e que até hoje ninguem decifrou satisfatoriamente, posto que Botelho a copiou e estudou;—foi tambem estudada pelo distinctissimo antiquario Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que não se atreveu a dizer d'ella coisa alguma,—e pelo sabio conego J. d'Oliveira Berardo, que lhe dedicou uma *Memoria* especial. [2]

Tambem o meu antecessor no artigo *Molledo*, tomo V, pag. 372, col. 2.ª, mencionou a tal inscripção, limitando-se a dizer que era

---

[1] Aqui provavelmente houve erro de copia. Suppomos que no original estaria—3 a 4 réis o alqueire,—salvo se a tal *medida grande* de Lamego *in illo tempore* fosse como é hoje ainda a do sal na Regoa,—uma enormidade!

[2] Vejam-se n'este diccionario os artigos correspondentes.

Referimo-nos aos nomes actuaes, porque se ignoram os que tiveram as mencionadas povoações no tempo dos romanos.

[1] V. *Villa Jusã*, tomo XI, pag. 768; *Villa Marim* no mesmo vol. pag. 782, col. 2.ª; *Villa Pouca d'Aguiar*, no mesmo vol. pag. 903, col. 1.ª e 905, col. 2.ª,—e *Villa Real* no mesmo volume tambem, pag. 1018.

[2] *Memoria sobre algumas inscripções encontradas no districto de Viseu*, Lisboa, 1857, fol. de 12 pag.

Tambem foi publicada nas *Memorias da Acad. R. das Sciencias, Nova serie*, tomo 2.º parte 2.ª

dedicada a *Proserpina Servatrix* e a outras divindades!...

Botelho apenas viu n'ella a indicação de *muitas estradas e muitos municipios romanos*—e Berardo não viu n'ella indicação de *divindades* nem de *municipios* nem de *estradas romanas*, mas sómente os limites da parochia e diocese de *Caliabria*!...

Isto é realmente curioso.

Vejamos primeiramente o que disse Botelho.

—

Estranha que Ptolomeu faça menção de *Laconimurgi* (*que he Lamego*—diz elle) a 8 leguas de Viseu para o norte, e não mencione «outros lugares, e *municipios romanos* de que não teve noticia, e *nós a temos* (?) de hum letreiro que está em hum penedo no lugar de *Lamas*, freguezia de Molledo, concelho (então) de Mões, que diz assi:

RVFINV ET
TIRO SCRIP
SERVNT.
VIE AMINICO. RI
DENTI.
ANCO. M.
LAMATICO
C. RO. V. C. EA. I. MAGA
REAICOI. PETRAVIO. LI.
ADO M. PORCOMJO. V. E. A. I.
CALELOBRICO I.

«Quer dizer—continua Botelho:—*Rufino, e Tiro escreverão isto: daqui se seguem caminhos para os municipios Amonico, Riduenti, Anco, e Lamatico. De fronte daqui tomão os Romanos este caminho para Anco* (*que he Villa Cova*) *e para Lamego, que adeante se segue no cume da Maga. Tambem se segue caminho para os municipios Petravio, Liado. e Porcomio, e este tomão os Romanos adeante no cume caleobrico.*»

Botelho era bastante illustrado e versado em antiguidades e epigraphia, mas, se os leitores compararem esta lição com a de Berardo *infra*, verão que um dos dois (*ou talvez ambos!...*) foi muito infeliz n'este ponto.

Continua Botelho: «Este (cume caliobrico) he o outeiro de S. Lourenço, e deixando á mão esquerda o caminho de Villa Cova a velha, e de Lamego.

«Todos estes lugares (os que *elle viu*) na celebre inscripção supra) são *municipios romanos*, e não achamos em A. algum fazer menção d'elles. O mesmo esquecimento tiverão com a nossa cidade de Viseu. Tambem ha fama, que havia antigamente huma ponte junto ao monte, onde está a Igreja de Pinho, onde estava a villa povoada dos Romanos, de que atraz fallamos, que devia chamar-se *Touco Andani*, como diz o letreiro já referido (?); do qual lugar, e dos mais da ribeira do Vouga, onde os Romanos tinhão (?) presidios, como era *Oscella*, e outros, devia haver estradas para se communicarem, e passarem os exercitos, quando era necessario; e no lugar de *Lomba* se veem inda os vestigios de huma estrada que devia ir d'alguma destas partes, e passando pelo alto do monte de *S. Magaio* ou *S. Macario*, desce para o rio Paiva por huma ladeira, e costa mui ingreme, mas com tantas voltas, que sem trabalho se podia por ella caminhar, como por hum plano, e passando o rio, encaminhava para a villa d'Alvarenga, e para as partes do Douro, livre de maiores subidas, e descidas, de neves e frios das altas serras, que em ambas as partes d'esta estrada ficão, como são de huma parte o *S. Magaio* com sua rocha, e da outra o *Monte do Muro*, alem do Paiva, cujo mais alto cume se chama hoje *Parnaval*, quasi igual naquella parte na altura do monte *Narval* ou *Navaso*, que he o S. *Magaio*, e sua rocha, dos quaes faz menção o dr. Brito,[1] quando diz por authoridade de Santo Isidoro, que quiz passar Gunderico, rei dos Vandalos, quando Hermenerico, rei dos Suevos, acudio a lhe tomar o passo, e lhe resistio tão valorosamente, que o vandalo desistio da empresa, posto que elle, nem Morales atinarão qual este monte, e passo fosse.

—

«Outra estrada *principal* (?) dos exercitos romanos sobia da ponte, e ribeira do Vou-

---

[1] *Monarch. Lusit.* parte 2.ª L. 6.º cap. 5.º fl. 156.

ga, e carregando á mão *direita* (?) até Pindello e Lamas, onde está o letreiro, passando até Lamego. Diz o Chantre da Sé de Coimbra D. Jorge de Castro, que foi abbade de *Moens*, pessoa mui grave, que todos estes passos, e letreiros vio, que *Anco* era *Covello* ou *Villa Cova a Velha,*[1] *Armonico, Moens*; *Lamatico*, Lamego,—se assim he; e que o lettreiro não entende o mesmo lugar de *Lamas*.

«Tambem aqui errou Claudio Ptolomeu na sua Geographia[2], pois fez de *Luconimurgi* e de *Lamas* 2 cidades differentes, sendo huma *só* (?) que teve estes nomes em diversos tempos, como se collige do Bispo Gerundense (L. 1.º) quando lamenta a destruição de *Lamaceno*, que he Lamego, chamada *Laconimurgi*, como consta da *Monarch. Lusit.* Par. 1.ª L. 2.º capitulo 7.º—e Parte 2.ª L. 5.º capitulo 11.

«O lugar de *Lamas* certo he que foi povoação dos romanos, como se vê das sepulturas, que ali deixarão, e tinha muro, e seu nome ainda hoje se conserva em hum letreiro que está em hum curral de gado, que diz assi, achado no mesmo lugar de *Lamas*:

GAAIA
PISIRI F.
AN. XXV
H. S. E. S. T. T. L.

«Quer diser: *Gaia, fez este sepulchro a Pisires, que morreu no anno 25 de sua idade: seja-te a terra leve.*[3]

«No mesmo logar de *Lamas* em huma pedra, que serve de torsa de huma casa, está outro letreiro romano, que diz assi; mas com letras gastadas:

C MA I...
AINO...
GINMIE
ANN III
LONG.
EIAC
AMALI
MATER
E. C.[1]

«Quer dizer: Este sepulcro he consagrado aos Deoses do inferno. A alma de Noginmia, que falleceo no anno 3.º de sua idade, esteja longe de males; sua mãi lhe fez este sepulcro.[2]

—

«Por toda esta freguezia de *Moens* se achão letreiros romanos, como foi no logar de *Villa Boa*, andando, lavrando, onde se achou huma pedra, que depois se trouxe para a baranda das casas da Igreja, onde hoje (1630) está, e diz assi:

D. M. S.
TROFIMEN
A ANN XVII
VRSVS ET
SIBI. ET VX
SORI F. C.

«Quer diser: *Sepulcro consagrado aos Deoses do inferno. Urso procurou, que se fizesse para Trofimen, que morreo no anno 17 de sua idade, e para si tambem, e para sua molher.*[3]

---

[1] Esta *Villa Cova* será *Villa Cova a Coelheira?*
V. tomo XI, pag. 708, col. 2.ª e segg.
[2] L. 2.º *Hispan. Lus.*, sit. cap. 5.º
[3] Salvo o respeito devido á memoria do dr. Botelho, a inscripção supra diz: *Gaia, filha de Pisires, falleceu aos 25 annos de idade e foi aqui sepultada. A terra te seja leve.*

[1] Botelho leu assim:

CONSCERATUM MANIBUS INEERIS
ANIMA NOGINMIAE
ANNO III
LONGE
JACEAT
A MALIS.
MATER
EJUS CONDIDIT.

[2] Parece-nos que a dicta inscripção foi mal copiada e mal tradusida.
[3] Tambem não julgo muito correctas a lição e traducção d'esta lapide.

«Por estes indicios devia ser este lugar de *Lamas* a cidade *Lama*, de que trata Ptolomeo, e assim fica desculpado; e não se deve crer que o dissesse por *Lamego*, que havia sido destruido, e assolado em tempo de Trajano, tendo passado pouco mais de 30 annos até o tempo que este geographo escreveu; e aquella cidade foi mudada daquelle sitio, em que até aquelle tempo estivera; e que segundo sente Brito, foi onde agora se chama *S. Domingos da Queimada*, mudando com o lugar o nome de *Laconimurgi* em *Lameca*, e a assentarão onde agora está Lamego, que em tão breve tempo não devia ser lugar de tanta conta, que já Ptolomeo fizesse menção d'elle, e mais escrever *Laconimurgi*, que tão pouco havia fora destruida, e se ella inda permanecia, não podia faliar doutra. Talvez enganado das informações, faz de huma duas; pelo que me venho a persuadir, que a *Lama*, de que trata Ptolomeo he o logar dos letreiros.....

.....:

«O monte que o letreiro chama *cume Magarico* (?) he o outeiro de *Maga*, que está defronte, e á vista do lugar de *Lamas*, em cuja altura ha vestigios, e signaes de muros de pedra tosca com sua barbacãa, onde estava (?) *presidio romano*, por onde podião passar os exercitos seguramente, ajudados do soccorro daquelle forte.

«Outro havia mais notavel, que estava adiante no mais alto monte desta serra, e chama-se hoje *S. Lourenço*, porque esteve no meio delle a ermida deste santo que se mudou depois para o lugar de *Casais do Monte*, que está perto. Este outeiro foi murado em redor com pedra tosca de 15 palmos de largo a lugares, cheio ainda (1630 a 1636) e arrasado de terra. Tinha barbacãa, e o castello mais alto em huma rocha, donde se descobrem muitos lugares mui distantes, ou signaes onde elles estavão.

Tem esta cerca de nascente a poente hum tiro de espingarda [1], mas do norte a sul he mais estreita, e ao redor deste monte passavão 3 estradas, como inda hoje, pouco mais frequentadas, que da gente da terra. Huma he esta, que he a de *Lamas*, e sobindo por *Maga*, atravessando o chão da serra, e pelo pé deste monte de *S. Lourenço* passava em Covello, e rio Paiva, e sahia a Villa Cova a velha (a *Coelheira?*) que tambem devia ter prezidio, e proseguindo adiante descia ao valle de *Tarouca*, e d'ahi a Lamego.

«A 2.ª estrada sahia d'esta nossa cidade de Viseu, e passando o Vouga abaixo adonde agora (1630) está a ponte de *Côta*, hia ter ao logar do *Zonho*, e d'ahi perto do monte de *S. Lourenço* se hia metter em Covello, na estrada sobredita para Lamego.

«A 3.ª estrada se toma ao pé da dicta serra, e rodeando hia em sima ao outeiro sobre a mão esquerda até *Fonte Fria;* toma ao *Zonho*, e dahi aos mais lugares de Côtta, e aos outros, de que o letreiro *faz menção (?)*

«Este outeiro de *S. Lourenço* chama o letreiro *Calelobrico*; devia pois aquella serra chamar-se *Calelobria* do lugar, em que começa, que por corrupção do tempo se chama *Calde*.

«Esta he *a mais certa, e verdadeira informação*, que vos posso dar destas antigalhas, cuja luz a devemos ao mencionado letreiro.»

E tal não disse.

Vejamos agora o reverso da medalha, ou o que do mesmo letreiro disse Berardo, e ao que ficam reduzidas as *mais certas e verdadeiras* informações de Botelho.

—

«Junto ao logar de *Lamas de Moledo*, no actual (hoje, 1888, extincto) concelho de Mões, do districto administrativo e bispado de Viseu, [1] quasi em distancia de 4 legoas ao nordeste d'esta cidade, existe uma notavel inscripção encontrada, haverá 50 annos, ou para melhor dizer conhecida desde aquelle tempo pelos homens intelligentes, e pos-

---

[1] Refere-se aos *arcabuses* d'aquelle tempo que eram muito pesados, muito imperfeitos e de pequeno alcance, emquanto que as espingardas d'hoje (1888) são obras d'arte lindissimas e variadissimas;—alcançam 2 a 3 kilometros—e dão 20 a 30 tiros *por minuto?!...*

[1] Berardo, *Memoria cit.* Lisboa, 1857.

suidores d'alguns conhecimentos archeologicos [1].

«É uma extensa lapide de granito commum do paiz, já algum tanto fendida pelo meio, comprehendendo na sua area 35 palmos craveiros d'altura sobre 33 de largura. A face d'esta lapide, que está virada para o norte, contem 11 letreiros desiguaes, tendo as regras, ou columnas, collocadas *verticalmente* (?) e começando a mais pequena d'ellas pela parte do poente.

«Cumpre aqui prevenir, pelo que adiante teremos de ponderar, que em distancia a menos de legoa correm alguns ribeiros, que formam um pequeno rio denominado *Coura*, influente da margem direita do rio Vouga, os quaes podem ter servido para demarcação de districtos. [2] Eis ahi uma copia *fiel* da inscripção: [3]

RFNET
TROSCRP
SFRNT.
VEAMNICORI
DOENTI
ANÇOM
LAMATICOM
CROVGEAIMAÇA
REAICOI. PETRNIOIT
ADOM. PORCOMIOVEA ?
... CALLOBRICOI.

«Com effeito o primeiro aspecto desta inscripção, apresentando caracteres romanos, siglas quasi desconhecidas, nomes completamente barbaros, e mais que tudo a direcção *vertical* das regras, impressiona o leitor curioso de tal maneira, que lhe suscita logo a idéa de uma invenção caprichosa e enigmatica, por ventura imitativa da fabulosa antiga Sphinge de Thebas, para que algum novo Edipo a ousasse interpretar. Varias pessoas instruidas nas antiguidades, a quem se apresentaram copias d'estes letreiros, movidas da curiosidade partiram de longe ao proprio logar para os observarem por si e eliminarem qualquer impostura, que podesse existir a este respeito. Uma d'ellas foi o nosso celebre antiquario Fr. Joaquim de S. Rosa de Viterbo, porem de todas foram baldados os trabalhos e exames; porque sinceramente confessaram não sómente a impossibilidade que experimentavam na interpretação, mas até mesmo não ousaram expressar alguma opinião *provavel* a similhante respeito. [1] Entretanto ainda que hoje seja summamente difficil apresentar uma interpretação satisfatoria desta inscripção, não deixaremos comtudo de expender as nossas simples conjecturas (o que sempre foi permittido) mais com o intuito de excitarmos a curiosidade dos archeologos sobre esta especie de enigma, do que persuadidos de o termos descoberto.

—

«A columna terminada ao Nascente póde servir de ponto de partida para entrarmos neste intrincado labyrintho. Sem a menor hesitação podemos ler *Caelobricoi*, e referir este vocabulo (provavelmente em genitivo) á antiga cidade de *Calabria*, que no dominio dos godos fôra séde d'um bispado, composto principalmente d'uma parochia da diocese de Viseu, como se deprehende das actas do concilio de Lugo, que estão nos codices de Braga, cujos fragmentos, ainda que interpolados, tem comtudo muita auctoridade entre os melhores criticos.»

Dá em seguida algumas noticias de *Caliabria*, citando o *Elucidario* de Viterbo e a *Hespanha Sagrada*, de Flores, mas n'este diccionario já se disse mais e *muito mais* nos artigos *Caliabria*, *Pinhel*, tomo 7.º pag. 66,

---

[1] Estranhamos que Berardo em nenhuma das suas obras cite e mencione os *Dialogos* do dr. Botelho, que devia ler e conhecer—e por certo que leu e conheceu.

[2] Logo fallaremos a este respeito.

P. A. F.

[3] Não a podemos dar como se encontra na *Memoria*, porque foi reproduzida em gravura e tem siglas que só em gravura podem reproduzir-se, mas daremos os caracteres que mais se approximam da gravura.

P. A. F.

[1] Porque não diria Berardo que o dr. Botelho já no 2.º quartel do penultimo seculo emittiu a sua opinião sobre o assumpto?

P. A. F.

—e *Senhora do Campo*, vol. 9.º pag. 113 e segg.[1]

Veja-se tambem n'este artigo o topico infra, relativo ao *Bispado de Viseu*.

—

«Em vista do que deixamos copiado somos de parecer que a lapide, de que estamos tratando, fôra alli collocada provavelmente pelo meado do seculo VII—diz Berardo na sua *Memoria*—para demarcar os limites do territorio do bispado de *Caliabria*, desannexado do de Viseu. As seguintes observações auxiliam a nossa conjectura.

«Primeiramente apparecem alguns caracteres de lettras usadas n'aquelles tempos barbaros...

«Em segundo logar o que se póde ler, sem forçar muito as apparencias, são alguns nomes *d'antigas povoações ou parochias*, de que ainda hoje nos bispados de Viseu e Pinhel existem os vestigios com as denominações forçosamente convertidas pelo tempo.

«É portanto possivel, e até provavel, que *Ançom*, corresponda hoje á parochia das *Antas*, ou á de *Algodres*...—*Lamaticon* será com toda a probabilidade a parochia de *Lamas de Molêdo*, onde a lapide está collocada. Estas povoações ainda hoje pertencem á diocese de Viseu.—*Crougeai Maça* podem bem ser *Gouveas* e *Maçal*;—*Reaicoi Petrnioit*, *Povoa d'El Rei e S. Pedro*, parochias dos actuaes arciprestados de Trancoso e Pinhel; e ultimamente *Adom*—*Porco Miovea* as parochias hoje denominadas *Adem* e *Porto d'Ovelha*[2], do arciprestado de Castello Mendo. Todos estes logares pertencem hoje (1857) ao bispado de Pinhel, que foi separado do de Viseu em 1770.

—

«Similhantemente continuando a considerar esta lapide como enigmatica, filha do capricho e barbaridade do tempo, aventuremo-nos a interpretar a 1.ª e 2.ª columna, começando do poente, por uma especie de *tenesis* (inaudita na boa latinidade, mas muito possivel nos seculos baixos e barbaros) onde vemos as preposições—*Re*—e—*In*—seguidas da conjuncção copulativa—*et*—, para prender a 1.ª á syllaba—*tro*—, e a 2.ª á syllaba—*scrip*—, querendo assim dizer:—*Retro inscriptae*.

«Passando á 3.ª columna somos levados a interpretar a sigla—*sfrnt*—por—*sunt frontatae*.

«Na 4.ª columna interpretaremos *Veamni Cori* pelo pequeno rio de *Coura*, que acima indicamos, ficando *amni* em genitivo barbaro com significação diminutiva, por força da particula—*ve*[1].

«Na 5.ª columna o vocabulo *Doenti*, provavelmente tambem em genitivo, poderá significar um limite de logar, monte ou rio, talvez opposto ao de Coura; mas que hoje é inteiramente desconhecido...

«A sigla da ultima columna ao nascente poderá significar *ecclesiae*.

«Por estas conjecturas, ficamos habilitados para a seguinte interpretação:—*Retro inscriptae sunt frontatae Veamni Cori, Doenti, Ançom, Lamaticom, Crougeai, Maça, Reaicoi, Petrnioit, Adom, Porco Miovea, Ecclesiae Caelobricoi*.—As igrejas de Caliabria (*tal e tal*, etc.) atraz inscriptas, são demarcadas pelo rio *Coura* e *Doenti*.

—

«Para ajudar as conjecturas d'esta nossa interpretação cumpre saber qual foi a sorte do bispado de *Caliabria*, para onde passou a jurisdicção ecclesiastica do seu territorio e sob quem está presentemente. Ouçamos a Henrique Flores no tomo 14.º da *España Sagrada*, etc.»—diz Berardo e transcreve em seguida um longo trecho de Flores, que nós

---

[1] N'este ultimo artigo, *loc. cit.* pag. 113, col. 1.ª—em vez de... *foram colligidas pelo esclarecido cavalheiro, o sr. padre José Caetano Preto Pacheco, prior de Escalhão*, leia-se ...pelo rev. *Luiz José Ferreira de Carvalho*, prior de Escalhão, bispado de Pinhel, e publicadas ...pelo sr. dr. *José Caetano Preto Pacheco*, distincto advogado e publicista.

[2] *Adem* ou *Ade* pertence ao concelho de Almeida—e *Porto d'Ovelha* ao do Sabugal. Tambem temos *Adão* e *Porco*, freguezias, no concelho da Guarda.

P. A. F.

[1] Note-se que Berardo era professor de latim.

Veja-se o topico *Visienses illustres*.

omittimos, porque adiantam mais os artigos citados supra e já publicados n'este diccionario.

«Em complemento de tudo isto temos de accrescentar, que dilatando-se a diocese de Viseu até o rio Agueda antes da creação do bispado de Caliabria, fôra o seu territorio diminuido pelo d'esta ultima até áquella parte do actual arciprestado de Mões, onde se acha collocada a inscripção.....

«Tambem está averiguado por documentos dos archivos ecclesiasticos, que desde o principio da monarchia os bispos de Viseu começaram a exercer a sua jurisdicção sobre o primitivo territorio assignado em Lugo, exceptuando as terras de *Cima-Côa*, que pertenceram a Castella, até que el-rei D. Diniz as vindicou pelas capitulações de *Alcanhizes* em 12 de setembro de 1297.....

«Finalmente o mesmo rei D. Diniz fez depois doações de certas Igrejas de Cima-Côa á Sé de Lamego e de Viseu, do que faz menção o *Elucidario*; e a diocese d'esta ultima ficou demarcada como antigamente até o rio Agueda, para onde se estende o arciprestado de Castello Mendo, que com o de Trancoso e Pinhel passou em 1770 a organisar quasi todo o actual bispado desta ultima cidade. Não sabemos do documento (a não ser o de conquista) pelo qual os bispos de Cidade Rodrigo cederam da jurisdicção das terras de Cima-Côa, de que estavam de posse; porem de feito assim aconteceu, segundo consta do archivo da camara ecclesiastica de Viseu.»

Assim fechou Berardo este topico da sua *Memoria*, mas quem quizer saber como e quando obtivemos a *temporalidade* e depois a *espiritualidade* das terras do Cima-Côa leia os 3 artigos d'este diccionario indicados supra, nomeadamente o artigo *Senhora do Campo*.

—

Do exposto se vê que Berardo e Botelho interpretaram de modo completamente diverso a tal inscripção—e nenhum dos dois nos satisfaz.

Botelho só viu n'ella estradas e municipios romanos,—estradas e municipios que nem Berardo nem Viterbo sonharam! Por seu turno para Berardo aquelles gregotins indicam os limites da antiga diocese de Caliabria, mas,—salvo o respeito devido á memoria do sabio conego,—não podemos acceitar semelhante lição.

Sendo erecto o bispado da *Caliabria* para commodidade dos povos que demoravam *in illo tempore* entre as dioceses de Lamego, Viseu, Guarda (então *Egitania*, ou Idanha a velha) Braga, Coria e Salamanca,—e estando a cidade de *Caliabria* junto do Douro e da confluencia da ribeira d'Aguiar com o Douro, distando approximadamente 70 kilometros de Lamego, 90 de Viseu, 100 de Salamanca, 120 de Coria, 140 de Idanha a velha e 150 de Braga, podiam dar á nova erecta uma area bastante espaçosa, sem affrontarem nenhuma das dioceses limitrophes, como affrontavam as de Lamego e Viseu, levando-a até á povoação de *Lamas do Moledo* que está entre Viseu e Lamego e dista das duas cidades apenas 20 a 24 kilometros!...

Não é pois crivel que levassem para O. e O. S. O. o termo da nova erecta até *ás portas* de Viseu e de Lamego, tendo tanto espaço a dar-lhe para leste, sul, sudoeste, norte e noroeste.

Tambem mal póde crer-se que dessem como termo á nova erecta, do lado O. o insignificante rio *Coura* descoberto por Berardo junto de Viseu, quando tinham outros rios muito mais importantes e mais bem talhados para limite da nova diocese d'aquelle lado, taes eram o *Côa*, o *Tavora* e o *Tedo*.

Prosigamos.

Viação antiga

Deixando nas sombras do mysterio a viação romana d'este districto, indiquemos a que vigorou desde a invasão dos barbaros do norte, ou desde o seculo v, até o meiado do seculo XIX,[1] pois com a invasão dos bar-

[1] Pode talvez dizer-se que a destruição do imperio romano do occidente fez recuar a civilisação de Portugal e da peninsula até o fim da idade media—e que o pelouro da viação só depois do meado do seculo actual attingiu o grau d'esplendor a que subira no tempo dos romanos. Teve pois a viação en-

baros pouco tempo devia durar a esplendida viação romana e não consta que elles, nem os mussulmanos, nem posteriormente os christãos a restaurassem.

A moderna viação é superior á dos romanos, mas entre nós foi *iniciada* no meiado d'este seculo.[1]

Até então só ha memoria de barrancos e precipicios com o nome de *estradas*—e n'este districto de Viseu as principaes eram as seguintes, segundo se lê no *Roteiro* de João Baptista de Castro.

De Viseu a Coimbra
(estrada de Lisboa)

	Legoas
De Viseu a Fail	1
De Fail a Sabugosa	1
De Sabugosa a Tondella	1
De Tondella a S. Joanninho	1
De S. Joanninho a Casal de Maria	1
De Casal de Maria ao Criz	1
Do Criz ao Barril	1
Do Barril a Freirigo	1
De Freirigo a Santo Antonio do Cantaro	1
De Santo Antonio do Cantaro a Galhano	1
De Galhano ao Botão	1
Do Botão a Eiras	1
D'Eiras a Coimbra	1
Total	13

Outro caminho seguia por Tondella, Santa Comba-Dão, Mortagua, Bussaco, Mealhada e Coimbra. Foi este o que se macadamisou depois de 1850 e que teve carreiras de diligencias.

De Viseu para Aveiro

	Legoas
Cruz Alta	1
S. Miguel do Outeiro	1
Portella	1
Monte Teso	1
Urgueira	1
Cabeça de Cão	1
Ferreiros	1
Arrancada	1
Palhaça	1
Eixo	1
Aveiro	1
Total	11

Tambem havia outro caminho por Vouzella, Santiaguinho, Ponte Fóra, Bemfeitas, Talhadas, Ferreiros, Arrancada, Palhaça e Aveiro.

De Viseu a Villa Real de Traz-os-Montes

	Legoas
Campo	1
Ponte do Almargem	1
Rio de Mel	1
Mamoiros	1
Castro d'Ayre	1
Senhora da Ouvida	1
Bigorne	1
Povoa	1
Lamego	1
Regoa	1
Villa Real	3
Total	13

Hoje só o percurso entre Lamego e Villa Real pela nova estrada é de 43 kilometros!...

De Viseu para a Guarda

	Legoas
Tagilde	1
Quintella	1
Chans	1
Fornos d'Algodres	1
Total	4

---

tre nós um eclipse que durou 1:500 annos, approximadamente?!...

Só a esplendida *mala posta* que se montou entre Lisboa e o Porto em 1854 a 1860 póde comparar-se ás *carreiras de coches* que os romanos tinham nas suas estradas de 1.ª classe.

[1] V. n'este diccionario os artigos *Estradas romanas*, tomo III, pag. 73 a 77,—e *Vias ferreas* tomo X, pag. 467 a 502.

Transporte	4
Figueiró da Granja	1
Celorico	1
Lagiosa	1
Porto da Carne	1
Cabadonde	1
Guarda	1
Total	10

Hoje este percurso variou muito. É mais longo mas muito mais rapido e mais commodo, porque é feito em grande parte pela linha ferrea da Beira.

De Viseu ás terras da sua correição

	Legoas
Alva	3
Azere	5
Azurara da Beira	2
Banho	3
Bareriro	1
Besteiros	3
Bobadella	7
Canas de Sabugosa	2
Canas de Senhorim	3
Candosa	5
Coja	8
Carrellos	4
Infias	6
Ferreira d'Aves	4
Folhadal	3 1/2
Foz de Piodão	9
Gafanhão	4
Guardão	4
Gulfar	4
Lafoens	3
Lagares	5
Mangualde	2 1/2
Mões	3
Mortagua	7
Mouraz	3 1/2
Nogueira	7
Oliveira do Conde	5
Oliveira de Frades	4
Oliveira do Hospital	6
Ovoa	6
Penalva d'Alva	8
Penalva do Castello	3
Pinheiro d'Azere	2 1/2
Povolide	2 1/2
Ranhados	1
Reriz	5
Sabugosa	2
S. João d'Areias	5
S. João do Monte	5
Sandomil	7
Santa Comba-Dão	5
S. Pedro do Sul	3
Senhorim	2
Silvares	5
Sinde	5
Taboa	6
Tavares	3 1/2
Trapa	4
Treixedo	4
Villa Cova de Sub Avô	8
Villa do Sul	4
Vouzella	3

De Lamego a Coimbra

	Legoas
Povoa	1
Bigorne	1
Castro d'Ayre	2
Alva	1
Cobertinha [1]	1
S. Pedro do Sul	1
Vouzella	1
Santiaguinho	1
Ponte Fóra	1
Talhadas	1
Ferreiros	1
Sardão	1
Agueda	1
Avelans do Caminho	1
Mealhada	2
Coimbra	4
Total	21

---

[1] Esta legoa *d'Alva a Cobertinha* era immensa. Nós a percorremos muitas vezes a cavallo e uma vez a pé, no anno de 1854, chegando ao termo d'ella ja de noite e *chorando ?!...*

V. *Villa Maior*, tomo XI, pag. 774, col. 2.ª e segg.

Era este o caminho ordinario entre Lamego e Coimbra e o *unico* indicado no *Roteiro* de J. B. de Castro, mas nós algumas vezes seguimos pelo Porto embarcados ou em sella; —outra vez fomos por Viseu —e outr'ora tambem se fez a viagem pela Gralheira, Portas do Monte do Muro, Arouca, Albergaria Velha e Sardão.

Calamitosos tempos!...

De Lamego para Moimenta da Beira

	Legoas
Ferreirim	1
Granja Nova	1
Sarzedo	1
Moimenta	1
Total	4

De Lamego para o Porto

	Legoas
Santiaguinho [1]	1
Mezãofrio	1
Teixeira	1
Carrasqueira	1
Gestaçõ	1
Canaveses	1
Arrifana	2
Fonte Sagrada	1
Baltar	1
Ponte Ferreira	1
Vallongo	1
Venda Nova	1
Porto	1
Total	14

Este itinerario soffreu tambem grande modificação depois que a *Companhia dos Vinhos* levou a estrada do Porto para a Regoa por Penafiel, Amarante, Quintella e Mezãofrio, desviando-a de Canavezes e da Teixeira.

De Viseu a Moncorvo

	Legoas
Cavernães	1
Pedrosa	1
Fontainhas	1
Lamas	1
Segões	1
Granja de Paiva	1
Moimenta da Beira	1
Fontearcada	1
Chozendo	1
Penedono	1
Ranhados	1
Cedovim	1
Sebadelhe	1
Freixo de Numão	1
Barca do Pocinho	1
Moncorvo	1
Total	16

De Viseu a S. João da Pesqueira

	Legoas
Cavernães	1
Moimenta da Beira	6
Guedieiros	1
Paredes da Beira	1
Trovões	1
Pesqueira	1
Total	11

De Viseu para Almeida por Trancoso e Pinhel

	Legoas
Povolide	1 1/2
Roriz	1
Esmolfe	1
Sezures	1
Forninhos	1
Penaverde	1
Casaes do Monte	1
Venda do Cego	1
Trancoso	1
Povoa d'El-Rei	1
Total	10 1/2

[1] Esta povoação demora no alto da freguezia da Penajoia;—a estrada seguia até ali pela serra d'Avões—e depois passava o Douro na barca do Molledo ou do *Por Deus*, mas desde que a antiga *Companhia dos Vinhos* fez a estrada desde a Rede até á Regoa, os viajantes deixaram a serra d'Avões e seguiam pela Regoa ou pela *barca do Carvalho*, que chegou a render livres para a camara de Lamego 1:200$000 réis por anno?!...

Transporte....	10 1/2
Valbom.....	1
Pinhel.....	1
Pereiro.....	1
Valverde	1
Almeida.....	1
Total.....	15 1/2

De todas as antigas estradas d'este districto a melhor e mais luxuosa e de mais movimento era a de Lamego á Regoa. Tinha 8 a 9 metros de largura, bellos muros de supporte e resguardo, valetas de granito, etc. Foi uma das primeiras que em Portugal se macadamisou pelos annos de 1850—e logo se facultou ao transito publico para diligencias e trens, mas infelizmente havia sido traçada para liteiras e tinha declives de 10 a 12 por cento *e mais*, pelo que foi substituida por outra que segue o valle do rio Varosa e tem de percurso 12 kilometros, em quanto que a estrada velha media 6 kilometros apenas.

As outras estradas d'este districto—salvas rarissimas excepções—eram uma sequencia de barrancos de tal ordem que nem para liteiras se prestavam todas. Era mister concertal-as ou reparal-as quando por ellas tinha de fazer tranzito alguma pessoa real, mas esses reparos eram sempre tão ligeiros que a breve trecho desappareciam. Tão lastimosa era a viação antiga, que muitos dos nossos prelados por commiseração mandavam concertar os caminhos pelos povos confinantes,—outras vezes á custa dos proprios bispos, alguns dos quaes até mandaram fazer pontes de preço. Assim mandou o benemerito bispo de Lamego D. Manuel de Vasconcellos Pereira, natural de Castro d'Ayre, fazer a ponte d'Alvarenga, sobre o Paiva, mas não pôde concluil a, porque a morte o surprehendeu.

V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 931.

As liteiras tiradas por grandes machos carregados de campainhas foram o transporte mais luxuoso até o meado d'este seculo. Nós ainda vimos muitas, mas n'este districto de Viseu nunca se viram tantas em columna cerrada como em 1710, quando o bispo D. Jeronymo Soares fez regressar a Pinhel as freiras do convento de S. Luiz.

Veja-se n'este artigo *Viseu* as pag. 1586, col. 2.ª e segg.—e 1628, col. 2.ª tambem e segg.

Fecharemos este topico dizendo que as legoas da nossa antiga viação não tinham craveira propria. Eram talhadas a arbitrio e muito mais extensas que as d'hoje.

Na viação actual as legoas teem 5 kilometros, emquanto que as antigas correspondiam a 10 kilometros aproximadamente.

Viação actual

Desde o tempo dos romanos nunca se ligou á viação publica tanta importancia como hoje. Todos hoje reconhecem que as boas estradas e a facilidade de transporte e de communicações são o primeiro factor da vida e prosperidade dos povos e póde avaliar-se a prosperidade e civilisação das diversas nações pela sua rede de estradas e pelos meios de transporte e communicação de que dispoem.

Nós acordámos só no meiado d'este seculo, mas com os limitados recursos de que dispomos bastante adiantámos n'este pelouro em 36 annos—ou desde 1852 até hoje, pois já temos uma boa rede de estradas a macadam—reaes, districtaes e municipaes,—bastantes linhas ferreas a vapor e linhas americanas e telegraphicas em todo o nosso paiz, como póde ver-se no artigo *Vias Ferreas*, tomo X, pag. 467, col. 2.ª e seguintes.

Agora fallaremos da *viação actual* d'este districto de Viseu, que n'este ponto cede aos nossos districtos de Lisboa, Porto e Braga, mas leva muita vantagem a quasi todos os outros, como os leitores vão ver.

Seguiremos n'esta exposição a ordem official, indicando primeiramente as estradas reaes, depois as districtaes e municipaes e por ultimo as linhas ferreas.

I

Estradas reaes

1.ª—*Estrada real n.º* 7, de Viseu a Villa Real de Traz-os-Montes.

Parte de Viseu e segue n'este districto até á margem direita do Douro (ponte da Regoa) pelas povoações de Monzellos, Vendas de Travanca, S. Pedro do Sul, Ladreda, Figueiredo d'Alva, Castro d'Ayre, Colo de Pito, Mezio, Bigorne, Magueja, Ordens, Lamego, Souto Covo e Quintião.

Tem de percurso total 94:265,5 metros—e, passado o rio Douro, communica no districto de Villa Real com a estação da Regoa, na linha ferrea do Douro.

2.ª—*Estrada real, n.º 8*, da Mealhada, na linha ferrea do norte, a Viseu.

Comprehende no districto de Viseu a parte d'esta estrada desde o cume da serra do Bussaco até Viseu, com o percurso de 64:470,6 metros, e toca nas povoações seguintes: Moura, Valle d'Açores, Mortagua, Barril, Breda, Santa Comba-Dão, Vendas de Villa Pouca, Adiça, Tondella, cercanias de Sabugosa, Fail, Villa Chã de Sá (cercanias) e Repeses (idem).

Communica com a linha da Beira Alta na estação de Mortagua directamente—e indirectamente com a mesma linha na estação de Santa Comba-Dão, pela estrada real n.º 50, de Santa Comba-Dão á venda do Sebo.

3.ª—*Estrada real, n.º 34*, de Penafiel á Barca d'Alva.

Pertence ao districto de Viseu a parte d'esta estrada desde a ponte da Regoa sobre o Douro até á villa de S. João da Pesqueira (ainda não passou d'ali a construcção); este lanço tem de percurso 40:460,4,—e toca nas povoações seguintes: Bagauste (em frente do apeadeiro d'este nome na linha ferrea do Douro)—Folgosa (em frente da estação de Covelinhas) Tedo, Espinho (em frente da estação do *Ferrão*, para a qual está a concurso a construcção de uma ponte sobre o Douro)—Basteiras, cerca de 1:400 metros a jusante da estação do Pinhão (até aqui este lanço de estrada acompanha a margem esquerda do Douro)—Casaes, na margem direita do rio Torto,—Ervedosa e Pesqueira.

4.ª—*Estrada real, n.º 41*, de Aveiro a S. Pedro do Sul.

A parte d'esta estrada que toca ao districto de Viseu começa na avenida direita do pontão de Espendello e termina em S. Pedro do Sul, onde entronca na estrada real n.º 7, já descripta, tendo passado pelas povoações de Ribeiradio, Oliveira de Frades, Vouzella, Banho e Sub-Estrada.

O seu percurso no districto de Viseu é de 35:206,5 metros; corre pela margem esquerda do Vouga desde o pontão de Espendello até o Banho, onde em uma bella ponte de granito e moderna passa para a direita do Vouga e segue pela dicta margem até S. Pedro do Sul.

5.ª—*Estrada real, n.º 42*, de Viseu ao Porto.

É commum com a estrada real n.º 7 de Viseu a Villa Real, entre Viseu e a villa de S. Pedro do Sul, na extensão de 22:272,0 metros, e com a estrada real n.º 41 de Aveiro a S. Pedro do Sul, entre o bairro da Ponte e a Praça da mesma villa, na extensão de 616,0 metros. D'este ponto segue para Santa Cruz da Trapa na extensão de 9:412,6 metros, onde termina a parte construida. É portanto o seu percurso entre Viseu e Santa Cruz da Trapa—32:300,6 metros.

6.ª—Estrada Real n.º 43, de Viseu a Celorico da Beira.

Pertence a este districto a parte que demora entre Viseu e o ribeiro da Canharda, na extensão de 37:944,2 metros—e toca nas povoações de Povoa de Sobrinhos, Prime, Fagilde, S. Cosmado, Mangualde, Freixiosa, Tragos, Matados, Chans (cercanias) e Villa Cova de Tavares.

Communica indirectamente com a linha da Beira Alta em Mangualde (estação d'este nome ou dos *Cubos*) pela estrada districtal n.º 53 da Covilhã a Mangualde por Valhelhas, Manteigas, Serra da Estrella, Gouveia, Monte Aljão, Ponte Palhez, sobre o Mondego, e Mangualde.

7.ª—*Estrada real, n.º 44*, de Lamego a Trancoso.

Tem de percurso n'este districto desde Lamego até o pontão das *Quebradas*, sobre

o Tavora, 52:054,3 metros—e toca nas povoações de Britiande, Granja Nova, Paçô, Leomil, Moimenta da Beira, Rua, Adebarros, Penso, Villa da Ponte (cercanias) e Ponte do Abbade.

8.ª—*Estrada real, n.º 45*, de Aveiro a Tondella.

Está construida n'este districto entre o Guardão e Tondella, onde entronca na estrada real n.º 8 da Mealhada a Viseu; a parte construida tem de extensão 16:628,8 metros e toca nas povoações do Campo de Besteiros e Mollelos.

9.ª—*Estrada real, n.º 46*, de Tondella á Covilhã.

Apenas tem construida no districto de Viseu a parte que demora entre a povoação da *Cancella*, na estrada real n.º 48 da Figueira a Mangualde, e a ponte de *Taboa*, sobre o Mondego, na extensão de 5:502,0 metros.

Passa pela villa de S. João d'Areias.

10.ª—*Estrada real, n.º 48*, da Figueira a Mangualde.

A parte comprehendida no districto de Viseu demora entre Foz-Dão e Mangualde, e comprehende 49:952,4 metros, incluindo 743,0 metros communs com a estrada real n.º 43 de Viseu a Celorico. Toca nas povoações de Venda do Sêbo, Rojão Grande, Cancella, Guarita, Casa Nova, Carregal, Fiães, Canas de Senhorim, Nellas, Pinheirinho e Mangualde.

Partem d'esta estrada 2 ramaes:—um para os *Banhos da Felgueira* na extensão de 5:404,1 metros;—outro para a estação de Nellas, na linha da Beira Alta, com a extensão de 215,0 metros.

11.ª—*Estrada real, n.º 50*, de Santa Comba-Dão á Venda do Sebo.

Tem de extensão 4:386,9 metros, incluindo a parte commum com a estrada real n.º 48 da Figueira a Mangualde, na extensão de 980,6 metros, desde o Bojão Grande até á Venda do Sebo.

Entronca na referida estrada n.º 48 junto do Rojão Grande,—o seu percurso até este ponto é de 3:406,2 metros,—e communica com a linha da Beira Alta na estação de Santa Comba-Dão.

II

Estradas districtaes

1.ª—*Estrada districtal n.º 37*, de Lamego a Entre os Rios (Douro e Tamega.)

Parte de Lamego, da Praça do Commercio, e segue para O. atravez dos concelhos de Rezende, Sinfães e Castello de Paiva até á ponte de Entre os Rios, sobre o Douro, mas até hoje (1888) tem apenas construido um lanço desde Lamego até á Penajoia, na extensão de 8:858,6 metros, atravez das freguezias de Almacavo, Ferreiros, Samedães e Penajoia, não passando ainda do meio d'esta ultima.

2.ª—*Estrada districtal n.º 40*, de Viseu por Côta á estrada de Lamego para Moimenta da Beira, a Moimenta da Beira, e d'ali á foz do Tavora ou *Espinho*, na margem esquerda do Douro, a entroncar na estrada real n.º 34, passando pelas freguezias d'Arcozello, Baldos, Sendim, Paradella, Granginha, Tavora e Taboaço.

Está construida entre Viseu e a *Portella de Valle de Cavallos*, na extensão de 25:802,1 metros;—entre Moimenta da Beira e Baldos na extensão de 5:924, 3 metros,—e desde a villa de Tavora até o Espinho ou foz do Tavora, na extensão de 12 kilometros.

O lanço entre Tavora e Taboaço é lindíssimo e quasi plano, mas tem um kilometro, na passagem do *Ribeiro Fradinho*, que é um arrojo de construcção e fez titubiar os engenheiros, porque passa atravez de um medonho estendal de rocha nua com grande declive, o que obrigou a fazer grandes cortes na penedia do lado superior e grandes muros de supporte do lado inferior[1]

Está em construcção outro lanço tambem bastante difficil desde Tavora até o alto da

[1] Os taes muros de supporte teem lanços de 18 metros d'altura.

Granginha,[1] na extensão de 4 kilometros, approximadamente.

Deve-se á influencia dos srs. Macedos Pintos, de Taboaço,[2] esta importante estrada, bem como a ponte sobre o Douro na testa d'ella e a prendel-a com a estação do *Ferrão* na linha do Douro,—ponte que já foi approvada pelo governo e posta a concurso por portaria de 6 do mez de junho do corrente anno de 1888.

Os srs. Macedos Pintos teem prestado e estão prestando relevantes serviços a Taboaço, como o sr. visconde de Guedes Teixeira a Lamego, o sr. José Guilherme Pacheco á villa de Paredes—e o sr. Conde de Castello de Paiva ao concelho do seu titulo.

Ditosa patria que taes filhos teve!...

3.ª—*Estrada districtal, n.º 40 A*, de Viseu ás Rans.

É commum com a districtal n.º 40 entre Viseu e um ponto situado alem da povoação de Cavernães, denominado *Penedo de Cavernães*, na extensão de 10:429,6 metros. Bifurca n'este ponto dirigindo-se ás Rans pela Villa da Egreja;—e passa junto das povoações de Contigem e Avellosa!

4.ª—*Estrada districtal n.º 41*, de Mangualde e Viseu á estação do *Freixo* na linha do Douro.

Parte de Mangualde um ramo que está construido entre esta villa e Castendo, na extensão de 11:994,6 metros.

Toca na povoação de Santo André.

Outro ramo parte de Viseu; é commum com a estrada real n.º 43 de Viseu a Celorico até um ponto situado entre os rios Satam e Dão; tem 9:390,0 metros de percurso, —bifurca n'este ponto com a dicta estrada real n.º 43—e está construida até á povoação do *Ladario*, na extensão de 10:724, 2 metros

5.ª—*Estrada districtal n.º 42*, de Mangualde por Penalva do Castello a Trancoso.

A parte construida (de Mangualde a Castendo) é commum com a estrada districtal n.º 41, ramo que parte de Mangualde (n.º 4).

6.ª—*Estrada districtal n.º 44*, de Viseu por Nellas, a Ceia.

Á parte comprehendida no districto de Viseu começa no arrabalde d'esta cidade, no sitio das *Pedras Alçadas*, e termina sobre o Mondego, na *Ponte Nova*.

Passa por Cabanões, Oliveira do Barreiro, Casal Sancho, Villar Secco, Algeraz e Nellas.

É commum com o ramal da estrada real n.º 48 (da Figueira a Mangualde) á estação de Nellas, na linha da Beira Alta, em 213,0 metros—e tem de percurso total 28:912,9 metros.

7.ª—*Estrada districtal n.º 52*, do Carregal pelo Ervedal e Paranhos de Ceia a Gouveia—e pelo Ervedal e Oliveira do Hospital a Gallises.

É commum com a estrada real n.º 48 (da Figueira a Mangualde) entre o Carregal e um ponto denominado *Calvario*, na extensão de 3:749,1 metros; bifurca n'este ponto com a referida estrada, dirigindo-se á *Ponte da Atalhada* sobre o Mondego, que divide o districto de Viseu do de Coimbra, e passa por Oliveira do Conde.

A sua extensão da *Ponte da Atalhada* ao Calvario é de 5:348, 4 metros—e do Carregal á dicta ponte é de 9:097,5 metros.

8.ª—*Estrada districtal n.º 53*, da Covilhã por Valhelhas a Manteigas, Serra da Estrella, Gouveia e Mangualde.

A secção do districto de Viseu demora entre a *Ponte Palhez* (sobre o Mondego) e Mangualde, onde entronca na estrada real n.º 43, de Viseu a Celorico; toca na povoação de *Contenças*—e tem o dicto lanço 11:728,2 metros.

---

[1] Todo o lanço (em parte já construido) desde Taboaço até o alto da Granginha tem de extensão 8:062,6 metros e foi orçado em *sessenta e um contos de réis?*!...

[2] V. *Miragaya*, tomo V, pag. 269, col. 1.ª; —*Taboaço*, vol. IX, pag. 469, col. 2.ª e segg.; —*Vicente* (S.) tomo X, pag. 516, col. 2.ª e segg.,—e *Tavora*, freguezia do concelho de Taboaço, no supplemento.

—

A isto se reduziam em 30 de junho de 1886 as estradas *reaes e districtaes* de todo o districto de Viseu, mas devem ter adiantado bastante, porque já decorreram 2 annos até hoje (estamos em julho de 1888) e não tem havido interrupção nas obras publicas.

III

Estradas municipaes do concelho de Viseu [1]

1.ª—*E. M.* (estrada municipal) *de 1.ª classe n.º 6*, de Castro d'Ayre a Viseu.

Pertence ao concelho de Viseu desde a ponte do Almargem sobre o Vouga, até á estrada real n.º 7, de Viseu a Villa Real, na qual entronca junto de Abravezes.

No limite de Viseu tem de percurso total 13:234,5 metros.

2.ª—*E. M. de 1.ª classe n.º 12*, de Viseu á Feira do Campo.

É commum com a E. R. (estrada real) n.º 7, de Viseu a Villa Real, até o sitio da *Cruz da Pedra*, na extensão de 355 metros; está construida até *Almas de Varzea*, na extensão de 13:475,0 metros—e toca nas povoações de Vil de Moinhos, Figueiró, Mosteirinho e Torre Deita.

Percurso total 13:830,6 metros.

3.ª—*E. M. n.º 14 A*, da *Baiuca* de Oliveira do Barreiro á E. M. do côncelho de Tondella, da *Ponte Pedrinha* a S. Gemil.

A secção do concelho de Viseu parte da E. D. (estrada districtal) n.º 44 de Viseu a Ceia, junto da *Baiuca* de Oliveira do Barreiro, e termina no *Arieiro*. Toca na povoação de Pindello e tem de percurso 7:668 metros.

4.ª—*E. M. de 2.ª classe, n.º 1*, de Vil de Moinhos ao Real.

É commum com a E. M. n.º 12 (de Viseu á Feira do Campo) entre Vil de Moinhos e Figueiró, na extensão de 4:880,9 metros;—toca nas povoações de Figueiró e Farminhão,—passa junto da de Ferrocinto—e tem de percurso 8:879,2 metros.

5.ª—*E. M. de 2.ª classe n. 2*, do Perseguido a Orgens.

Está toda construida, mas tem de percurso apenas 492,7 metros.

6.ª—*E. M. de 2.ª classe n. 8*, da Fonte da Cruz á *Carvalha dos Enforcados* [1].

Parte da E. M. de 1.ª classe n.º 12 de Viseu á Feira do Campo, no sitio da Fonte da Cruz;—vae até á dicta *Carvalha dos Enforcados*, no Couto de Cima,—e tem de percurso 3:247,3 metros.

7.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 17*, da Bouça ás Alpondras da Barca.

Tem apenas construido um lanço de alguns kilometros a partir do sitio da *Bouça* na E. R. n.º 7, de Viseu a Villa Real.

8.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 25*, da egreja de Lordosa a Villa Corça.

Em junho de 1886 estava apenas construido um lanço de 1:260,6 metros até Mundão.

9.ª—*E. M. de 2.ª classe n.º 28*, do *Cabeci-*

---

[1] Para não fatigarmos os leitores e os editores apenas indicaremos a viação municipal do *concelho* de Viseu, pois a de todo o *districto* tomaria grande espaço.

[1] Outr'ora *por economia* enforcavam tambem os malfeitores nas arvores mais proximas do local do delicto e parece que alguns foram justiçados na dicta *carvalha*, mesmo porque em Viseu não ha memoria de forca permanente.

Ha tambem defronte do palacete do sr. dr. Nicolau de Mendonça, nosso bom amigo e Cyreneu n'este artigo, e proximo a Vil de Moinhos, um monte notavel pela sua forma arredondada e vegetação luxuosa que o reveste, de cujo cimo se avista a cidade a Leste e se descobre a O. todo o vale cortado pelo Pavia. Parece ter sido o local das execuções de pena ultima. Ainda hoje conserva o nome de *Oiteiro* ou *Cabeço da forca* e—destaca-se a O. da cordilheira que forma margem esquerda do Pavia.

A bellesa da paisagem formava contraste com o lugubre mister a que o faziam servir.

nha da Orca, [1]—por *Paço de Silgueiros* e *Ponte de Parada* a entroncar na estrada real n.º 8, da Mealhada a Viseu.

Pertence ao concelho de Viseu a parte que demora entre a E. M. de 1.ª classe n.º 14 A —e a ponte de Parada,—e em junho de 1886 tinha apenas construidos 1:384,5 metros.

—

A isto se reduziam as *estradas municipaes do concelho de Viseu* em junho de 1886.

IV

Linhas ferreas do districto de Viseu

1.ª—*Linha da Beira Alta.*

Corta este districto na direcção E. O. e na extensão de 80 kilometros approximadamente, desde o ribeiro da *Canharda* a E. (confluente do Mondego) que o divide do districto da Guarda, até á serra do Bussaco, a O., que o divide do districto de Coimbra.

Tem no districto de Viseu as estações de Gouveia, Mangualde, Nellas, Canas de Senhorim, Oliveirinha (apeadeiro) Carregal, Santa Comba-Dão e Mortagua.

Esta linha foi aberta ao tranzito até Villar Formoso em 1882 e em 1885 até Salamanca.

V. *Vias Ferreas*, tomo X, pag. 472, col. 2.ª, tit. *Linha da Beira Alta.*

2.ª—*Linha ferrea do Douro*, do Porto á Barca d'Alva e Salamanca tambem, já toda em exploração desde 8 de dezembro de 1887.

Vae pela margem direita do Douro desde o Porto até o celebre *Cachão da Valleira* [2], a montante do qual atravessa o Douro em uma grande ponte de ferro obliqua, na extremidade E. do concelho de S. João da Pesqueira, districto de Viseu,—seguindo depois pela margem esquerda do Douro até á Barca d'Alva e d'ali até Salamanca.

Suppomos que a extremidade sul da dicta ponte ainda pertence ao concelho da Pesqueira, districto de Viseu, mas talvez que pertença ao concelho de Foscôa, districto da Guarda.

Dicant paduani.

3.ª—Linha ferrea de Viseu á estação de Santa Comba-Dão na linha da Beira Alta.

É um ramal de 40 kilometros approximadamente; foi approvado e adjudicado a uma empreza constructora em 1885, mas ainda hoje (1888) se acha em construcção e por certo não se abre ao tranzito antes do fim de 1889.

Linhas ferreas a concurso

O sr. ministro das obras publicas apresentou ás côrtes no dia 1.º do corrente mez de junho de 1888 uma importante proposta para a construcção dos caminhos de ferro ao norte do Mondego. Como seja bastante extensa, não a daremos na integra, mas resumil-a-hemos nos seus pontos culminantes.

As linhas, cuja construcção e exploração o governo põe a concurso são as seguintes:

1.º—O prolongamento até Bragança do caminho da Foz Tua a Mirandella. A actual companhia nacional de caminhos de ferro terá a preferencia em igualdade de circumstancias. A garantia do juro, será de 5,5 por cento e comportada sobre a base de réis 19:692$300 por kilometro com o custo de construcção. O numero dos kilometros para a garantia de juro não poderá exceder 74.

2.º—Caminho de ferro de via reduzida (1 metro entre as faces interiores dos carris), que partindo de Vidago e passando pelas Pedras Salgadas, siga por Villa Pouca de Aguiar, Villa Real, Regoa, Lamego, Villa da Ponte, Moimenta da Beira e Trancoso a entroncar em Villa Franca das Naves na linha ferrea da Beira Alta.

O governo garante o complemento do rendimento liquido annual de 5,5 em relação ao custo de cada kilometro que se construir,

---

[1] A onomastica affirma a existencia de uma *orca* (dolmen ou anta) no tal cabeço, pois, como ja dissemos no titulo *Monumentos prehistoricos*, em volta de Viseu, dão aos *dolmens* ou *antas* o nome de *orcas* e *arcas*.

[2] V. *Pontos principaes do Douro*, vol. VII, pag. 199, col. 2.ª n.º 61; *Vias Ferreas*, tomo X, pag, 488, col. 1.ª e segg.—e *Villa Secca d'Armamar*, tomo XI, pag. 1059, col. 1.ª e seguintes.

comprehendendo juro e capital. O preço kilometrico da linha será de 21 contos.

3.ª—Duas linhas ferreas, adjudicadas a uma só e mesma empreza, de via reduzida, de Chaves a entroncar na linha ferrea do Douro, seguindo o valle do Tamega; e de Braga a entroncar na linha do valle do Tamega, em Cavez, seguindo por Guimarães e Fafe. A séde da empreza será em Braga. A garantia do juro de 5,5 sobre o preço kilometrico de 30 contos.

4.ª—Linha ferrea que partindo de Mangualde, na linha da Beira Alta, vá entroncar na estação de Recarei, na linha ferrea do Douro, passando per Viseu e S. Pedro do Sul. O maximo de extensão kilometrica comportado para garantia de juro será de 157 kilometros e o preço kilometrico será de 30 contos.

—

Do exposto se vê que a 2.ª e 4.ª das mencionadas linhas interessam *muito particularmente* a este districto de Viseu—e estamos convencidos de que mais tarde ou mais cedo a 4.ª linha dará para Lamego um ramal, partindo de S. Pedro do Sul por Castro d'Ayre.

Tambem uma empreza constructora já pediu e obteve licença para fazer—*sem subsidio algum do governo*—uma linha ferrea directa de Coimbra para a estação de Santa Comba-Dão na linha da Beira Alta, com o que muito deve lucrar Viseu, porque a nova linha é para assim dizer—continuação do ramal de Viseu até Coimbra *em recta* e será o caminho mais curto entre Viseu, Coimbra e Lisboa.

O nosso governo, desejando concluir em praso breve todas as nossas estradas a macadam já principiadas, abriu subscripção publica para um emprestimo nacional de 3:500 contos a juro de 4 p. c. em abril do corrente anno de 1888—e rapidamente foi coberta a dicta somma duzias de vezes!

Nunca Portugal teve o seu credito mais firme nem obteve dinheiro mais barato e com tanta facilidade.

Tambem no mesmo mez d'abril o nosso governo poz a concurso por districtos empreitadas geraes para a conclusão das dictas estradas.

Para o concurso da empreitada geral de estradas no districto de Viseu appareceram sete concorrentes, que foram os srs.: Rocha Souza & C.ª, por 192:000$000; Formigal, por 196:000$000; Semião Amaral, por 197:000$000; Courinha, por 205:000$000; João Martins, por 202:000$000; Pereira Silva, por 206:000$000; Rodrigo de Oliveira, por 212:000$000. A base da licitação era de 221:000$000. A adjudicação foi feita aos srs. Rocha Souza & C.ª por 192:000$000, dando o abatimento de 12,7 p. c.

—

Ao sr. Antonio Casimiro de Figueiredo, dignissimo coronel de engenheiros, e que foi durante muitos annos director das obras publicas no districto de Viseu, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me para este topico. No supplemento ao artigo *Ferreira d'Aves*, terra natal de s. ex.ª, daremos a sua biographia; entretanto pode ver-se no *Album Visiense*, bem como o seu retrato.

Segurança publica

Hoje n'este districto, bem como em todo o nosso paiz, não ha uma quadrilha de salteadores ou de malfeitores, nem grandes criminosos em liberdade.

As quadrilhas de malfeitores desappareceram ha muito e se alguem commette um ou outro crime, é perseguido sem tregoas pela justiça, e—graças aos telegraphos, ao zelo das auctoridades e á moralidade do povo—muito poucos malfeitores deixam de ser presos sem demora. São mesmo raros e muito raros hoje entre nós os grandes crimes e nunca foi tão brando o nosso codigo penal, pois d'elle estão banidas ha muito a pena de morte, as penas corporaes, os sequestros e as prisões por dividas.

Póde cruzar-se em todas as direcções o nosso paiz de dia e de noite em diligencia ou nos caminhos de ferro e mesmo a pé ou a cavallo, sem escolta e sem receio, embora o viajante leve comsigo quaesquer sommas. Mesmo nas aldeias e quintas fecham-se as portas por decencia e mera formalidade; não

se vê uma casa *unica* hoje com as portas chapeadas de ferro, nem com torres e seteiras para defesa, nem com escondrijos para guarda de joias, alfaias e dinheiro—e por vezes os mais ricos proprietarios auzentam-se, deixando as casas com todas as suas joias entregues a um restricto numero de criados valetudinarios;—demoram-se o tempo que muito bem lhes apraz—e voltam muito tranquillos, certos de que as encontram sem lhes faltar coisa alguma.

Tambem hoje nenhum viajante ou negociante se lembra de fazer as suas disposições testamentarias, embora se afaste para grandes distancias, emquanto que outr'ora,—mesmo ainda no 2.º quartel d'este seculo,—todos por prudencia faziam testamento e tratavam de adquirir *salvos-conductos*, quando tinham de viajar e negociar mesmo dentro do nosso paiz.

Eu ainda conservo o diploma de *official do Santo Officio* que meu pae obteve como *salvo-conducto* para viajar e negociar com mais segurança entre o Alto-Douro (concelhos de Taboaço, Armamar e Lamego, d'este districto de Viseu) e o Porto,—e ainda assim *fez testamento* antes de sair de casa—e muitas vezes teve a vida jogada aos dados!...[1]

Tambem sabemos que o celebre *Chuço*, lendario salteador de Trancoso, dava senhas ou passes para todo o nosso paiz e para grande parte da Hespanha,[2]—e ainda em nossos dias o grande salteador *José do Telhado*, deu senhas ou *passes* ás pessoas das suas relações que tinham de viajar no Minho.[3]

---

[1] Note-se que negociava em vinho para a praça do Porto durante o cerco, em 1832 a 1833. Ganhou alguns contos de réis, mas com immenso risco, pois por vezes atravessou embarcado as linhas do exercito de D. Miguel debaixo de vivo fogo!...

[2] V. *Terranho*, vol. IX, pag. 551, col. 2.ª, —e *Trancoso* no mesmo vol. pag. 719, col. 1.ª e segg.

[3] *O José do Telhado*, de nome *José Teixeira*, nasceu na pequena povoação do *Telhado*, freguezia de S. Salvador de Castellões de Recezinhos, no extincto concelho de Santa Cruz, hoje concelho e comarca de Penafiel; casou na freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Louzada e, depois de haver praticado algumas mortes e muitos roubos no seu concelho e nos limitrophes, como chefe de uma numerosa e perigosa quadrilha de salteadores, no 3.º quartel d'este seculo, foi degradado para a Africa, onde falleceu.

V. *Castellões de Recezinhos* n'este diccionario e no supplemento.

—

Nunca se viveu com tanta tranquilidade, tanta liberdade e tanta segurança e *n'este districto* desde o meado d'este seculo,—graças ao novo regimen politico, á crescente illustração do nosso povo e á longa e abençoada paz que temos gosado desde 1847, data da *convenção de Gramido*, que poz termo á revolução da *Junta do Porto*, ultima guerra civil, de que foi theatro o nosso paiz na primeira metade d'este seculo,[1]—não fallando na *guerra peninsular*, que tanto nos incommodou de 1807 a 1814, ou até que o nosso exercito regressou de França.

V. *Almeida, Bussaco, Gojim, Passos da Serra, Torres Vedras, Vimeiro da Lourinhã* e *Villar Formoso*.

Com as muitas guerras e perturbações politicas da primeira metade d'este seculo Portugal soffreu muito e muito soffreu tambem *este districto*. Elle foi atravessado e talado primeiramente em 1808 pelo general francez *Loison*, em marcha de Almeida por Moimenta da Beira e Lamego sobre o Porto, mas fez alto em Mesãofrio e retrocedeu por Lamego sobre Viseu,[2] etc.—e em 1810 pelo grande exercito de Massena, quando marchava sobre Lisboa.

Soffreu tambem muito este districto com os movimentos, recrutamentos, aquartelamentos e fornecimento do exercito anglo-luso em 1810, quando esperava Massena e se preparava para o bater, como bateu, no Bussaco; em 1811 quando o nosso exercito perseguia na retirada o de Massena;—em 1812 quando na retirada de Burgos o exercito anglo-luso atravessou a parte leste d'este districto e hibernou em Lamego, na Re-

---

[1] V. *Gramido* e *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª e segg.

[2] V. *Villa Jusã*, tomo XI pag. 771, col. 2.ª

goa, Amarante e Penafiel,—e em 1813 quando volveu á campanha, tornando a atravessar grande parte d'este districto.

—

Terminada a campanha contra os francezes em 1814, seguiram-se as guerras civis que ensanguentaram Portugal, este districto e a propria cidade de *Viseu*, pois em Lamego teve o sr. D. Miguel um deposito de 400 a 500 presos politicos, que soffreram as maiores torturas, comprehendendo pessoas de todas as cathegorias e até alguns lentes da Universidade,—e em Viseu teve uma commissão mixta, de magistrados civis e militares,[1] que foi o terror da Beira e mandou fuzilar 25 pessoas. Foram as seguintes:

Primeira sentença

23 de agosto de 1832

—*Padre Laureano Pinto de Noronha*, natural da quinta da Aveleda, freguezia de S. Chrystovam de Nogueira, concelho de Sinfães.

—*Padre Caetano José Pinheiro*, natural da povoação de Villa Chã, freguezia de Nespereira, no mesmo concelho de Sinfães, e

—*Padre Antonio Alberto Pereira Pinto Monte-Roio*, natural da povoação de Casconha, freguezia de S. Thiago de Piães, no mesmo concelho.[2]

Estes tres infelizes, sendo considerados liberaes e tendo por isso as suas casas em sequestro, resolveram acolher-se ao Porto, onde já estava o sr. D. Pedro IV com o exercito liberal. De combinação com o padre Joaquim José Pereira dos Santos, frade jeronymo, da casa de *Maças* em Rezende, e com outro, cujo nome e naturalidade se ignora, metteram-se todos 5 em um barco no caes de Mourilhe, freguezia de S. Chrystovam de Nogueira, no dia 15 de julho de 1832, em direcção ao Porto, mas, percorridos cerca de 2 kilometros sómente, ao passarem defronte da praia de Vimieiro,[1] bradaram-lhes os guardas miguelistas: *A terra, a terra!— Queremos ver os passaportes!...*

Como não obedecessem, fizeram fogo sobre o barco, pelo que todos os que iam dentro d'elle se deitaram sobre o lastro, menos o padre Pereira dos Santos que fez alguns tiros sobre os guardas, mas teve de suspender o fogo, porque foi gravemente ferido por duas balas:—uma atravessou-lhe o corpo; a outra alojou-se n'elle.

Caiu banhado em sangue entre os companheiros—e o barco, proseguindo sem governo, foi naturalmente dar em terra. O desconhecido lançou-se ao Douro e n'elle pereceu; os tres saltaram em terra e fugiram, mas foram logo presos pelos guardas,—e o padre Joaquim J. Pereira, que jazia no barco, foi ainda crivado de golpes nas pernas pelo arraes d'outro barco.

—

Conduzidos em seguida á presença do capitão-mór da Ribeira de Tarouquella, foram por elle gravemente insultados e mandados para a cadeia de *Cresconha* ou *Casconha*, d'onde no dia seguinte foram removidos para o castello de Lamego, distante cerca de 50 kilometros,—e a pé, apesar das maiores instancias para que lhes permittissem ir a cavallo. De Lamego seguiram para Viseu, onde a tal commissão os fuzilou, como já dissemos.

D. Margarida, irmã do padre Monte-Roio, desejando valer-lhe, poz-se a caminho de Viseu, levando valiosas recommendações para o presidente da commissão; commoveu até as lagrimas ás filhas d'elle e as bondosas senhoras tanto instaram com o pae que D. Margarida se retirou esperando que as victimas apenas seriam condemnadas a

---

[1] Era presidida pelo tenente-general... governador das armas da provincia e, em virtude dos decretos de 12 de janeiro de 1829, 9 de fevereiro de 1831 e 23 de março de 1832, a dicta commissão era obrigada a mandar fuzilar os reus dentro de 24 horas, depois de proferida a sentença, o que *pontualmente* cumpriu.

[2] A dicta casa de *Caconha* foi paço d'Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques, e suppõe-se que o nosso primeiro rei ali viveu tambem algum tempo, quando menino.

[1] V. *Vimieiro*, aldeia, tomo XI, pag. 1444, col. 1.ª e segg.

degredo, pelo que nas tres casas de Aveleda, Villa Chã e Casconha se resolveu que uma irmã de cada um dos 3 infelizes os acompanhasse no exilio, e as 3 senhoras já estavam promptas para marcharem, quando receberam a triste nova.

D. Margarida, alem das recommendações, levava tambem *tres mil crusados* em dinheiro, para os empregar *opportunamente*, o que não fez, por não ter a certesa de bom exito.

—

O padre Joaquim José Pereira dos Santos, irmão de José Joaquim Pereira dos Santos, 1.º barão de Fornellos,—e tio de Fernando Maria Pereira dos Santos, 2.º e actual barão do mesmo titulo,[1] depois de crivado de balas e golpes, foi conduzido em um barco para Lamego e d'ali transportado para Viseu, mas não teve a sorte dos companheiros por estar ainda muito doente quando foram fuzilados. Depois, passados alguns mezes, fugiu da prisão com um dos Marçaes de Foscôa e com o padre Luiz Manoel Moutinho, que morreu sendo prior em Mattosinhos.

Depois de 1834 voltou ainda ao seu convento e a elle se deve a salvação da preciosa bibliotheca e de uma biblia de grande valor que n'ella havia.

Ao cabo de 12 annos a buxa de um dos tiros e um bocado do colete sairam-lhe envoltos em uma membrana,—e tambem, passados annos, ao atravessar o Douro entre Rezende e Mesãofrio, encontrou casualmente o arraes que barbaramente o ferira no acto da prisão e, podendo vingar-se d'elle impunemente—honra lhe seja—*perdoou lhe*!...

Falleceu em 1874, sendo conego da Sé de Lisboa.

—

Fecharemos este sombrio topico dizendo que os 3 infelizes chegaram a Viseu no dia 5 d'agosto de 1832; foram condemnados no dia 22 e fuzilados no dia 23 do dicto mez pelas 6 horas da tarde, no *Campo da Feira*, hoje *Campo de Viriato*, pelos voluntarios realistas de Trancoso, assistindo tambem uma força de cavallaria, e foram sepultados na capella de *Nossa Senhora da Conceição*, que demora no mesmo campo.[1]

Segunda sentença

17, ou 19[2] *d'outubro de 1832*

—*Fr. Simão de Vasconcellos*, monge de S. Bernardo, natural da quinta do Outeiro, freguezia de Cesár, então concelho da Villa da Feira e hoje de Oliveira d'Azemeis, ali rezidente por breve apostolico.

V. *Cezar*.

—*Antonio Joaquim*, da cidade do Porto, forriel do batalhão de caçadores n.º 12.

—*Joaquim Gonçalves*, da freguezia de Casaes, então concelho de Penafiel e hoje de Lousada, soldado do mesmo batalhão.

V. *Casaes*, tomo II, pag. 141, col. 2.ª

—*Francisco José Marques*, da freguezia de Sanfins, concelho da Feira, soldado do batalhão da Serra, organisado no Porto,

—*José d'Oliveira*, do logar de S. Gião, freguezia do Souto, concelho da Feira, casado, lavrador e soldado do batalhão de Villa Nova, organisado no Porto.

—*Joaquim José da Silva*, natural do Porto, soldado de caçadores n.º 2.

—*Luiz Ferreira da Costa Sant'Anna*, da freguezia de Ranhados, junto de Viseu, mas residente no Porto, e ali hortelão dos padres loyos, de 65 annos de idade.

Segundo se lê a pag. 436 das *Memorias* do dr. Secco já citadas, estes infelizes foram aprisionados com as armas na mão no dia 9 de setembro de 1832;—condusidos em seguida para Lamego e d'ali para Viseu, onde

---

[1] V. *Rezende*, tomo VIII, pag. 160, col. 2.ª —e *Villa Verde, quinta*, tomo 11.º pag. 1100, col. 2.ª e segg.

[1] V. *Memorias do tempo passado e prezente para lição dos vindouros* pelo conselheiro, lente da Universidade e nosso primeiro criminalista, dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, 1880. Coimbra, 4.º de 804 pag. afora as erratas e o prologo,—pag. 432 a 436—e 707 a 709.

[2] Não encontro firmesa n'esta data.

chegaram a 19 do dicto mez;—condemnados pela *commissão mixta* a 16 ou 18 d'outubro, foram mettidos no oratorio em uma das aulas do Seminario no mesmo dia e arcabusados no seguinte (17 ou 19) no terreiro contiguo ao Seminario, hoje *Campo de Alves Martins*, por uma força de milicias de Bragança.

Alguem diz que foram sepultados na capella de S. Martinho e em um pequeno cemiterio proximo; mas a *Chronica Constitucional* diz que foram sepultados *em Codeços, ou antes em um fosso onde costumavam lançar-se os animaes mortos.*

Dicant paduani.

—

Nos fins do ultimo seculo viviam na sua casa e quinta do Outeiro, freguezia de *Cesár*, José Bernardo Pereira de Vasconcellos e sua mulher D. Anna Margarida d'Almeida Cabral, ricos proprietarios no concelho de Oliveira de Azemeis e nos de Cambra e Arouca.

Tendo 5 filhos e 4 filhas, para assegurar-lhes uma posição decente collocaram alguns dos filhos no estado ecclesiastico e outros na vida militar.

Um d'elles,--Fr. Simão de Vasconcellos —nascido em 28 de setembro de 1789, foi para a ordem de Cister, professando no convento d'Alcobaça;—e seu irmão José Pereira de Vasconcellos foi para a ordem benedictina; professou no convento de Refoios de Basto e falleceu em Lisboa, sendo pregador geral da congregação. Joaquim Maria Pereira de Vasconcellos e Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos, irmãos tambem de Fr. Simão, assentaram ambos praça antes de 1808, aquelle na arma de cavallaria e este na de infanteria; foram logo reconhecidos cadetes e serviram na guerra peninsular.

Joaquim Maria, sendo capitão de cavallaria n.º 6 (*Dragões de Chaves*) em 1823, recusou adherir á revolução que o general Silveira, depois marquez de Chaves, fez n'aquelle anno em Traz-os-Montes contra o governo liberal, pelo que o dicto capitão foi desligado do serviço e deportado para Aveiro, onde falleceu.

Frederico Pinto, sendo alferes ajudante de infanteria n.º 18, quando em 1819 casou, em seguida reformou-se e abandonou a carreira militar.—Tanto elle como o irmão Joaquim eram liberaes convictos, e as mesmas ideias perderam a Fr. Simão de Vasconcellos.

—

Tinha elle um caracter muito energico e independente, que mal se ajustava com a vida do claustro, pelo que pediu e obteve em 1816 a secularisação, allegando a circumstancia de ter 4 irmãs solteiras, orphãs de mãe, que necessitavam do seu auxilio.

Obtida a secularisação, viveu alternadamente no concelho de Oliveira de Azemeis e no de Arouca, nas propriedades do seu irmão Frederico, a quem o pae doou a casa com certas condições.

Desde as primeiras manifestações liberaes em 1820, Fr. Simão abraçou com enthusiasmo as novas ideias politicas, procurando propagal-as e festejando-as publicamente, pelo que entre o povo era apontado como apostata e pedreiro livre—e em 1828, depois que o exercito liberal emigrou para a Gallisa e os seus correligionarios para differentes nações, foi Fr. Simão denunciado como liberal *façanhudo*.

Não se fez esperar a ordem de prisão contra elle e, como era tido por muito valente, foi enviada a Cesar uma grande escolta de milicias para o prender; estando porem elle prevenido e armado, rompeu atravez dos milicianos e nenhum se atreveu a seguil-o.

Este facto exacerbou os perseguidores, pelo que em seguida marchou do Porto sobre Cesar um grande destacamento do corpo de policia com ordem de o colherem ás mãos vivo ou morto.

Surprehendido pela escolta em uma madrugada na quinta do Outeiro, em Cesar, tractou de fugir, mas, sendo perseguido a tiros, uma bala fracturou-lhe a omoplata esquerda, saindo por baixo da clavicula. O ferimento era tão grave que foi immediatamente confessado e sacramentado e em seguida levado em uma maca para a cadeia da Villa da Feira. Ali esteve em tractamento mais de um anno e logrou sobreviver, mas

o braço esquerdo ficou leso e quasi tolhido; ainda assim uma noite arrombou o telhado da cadeia e fugiu, vivendo em seguida homisiado até que, entrando no Porto o duque de Bragança em 1832, immediatamente se lhe apresentou, sendo muito bem recebido.

Passado pouco tempo, ou por deliberação espontanea ou por ordem superior, reuniu alguns soldados de confiança bem armados e decididos e marchou com elles para Cesár, atravessando as linhas do exercito de D. Miguel. Marchou logo de Oliveira d'Azemeis um forte destacamento de milicias em perseguição d'elle. Travaram fogo, mas Fr. Simão teve de fugir com os seus para as montanhas d'Arouca. Ali o capitão mór com as suas ordenanças tratou de lhe dar caça e Fr. Simão, falto de munições e acabrunhado pelo numero, foi ferido e preso com alguns dos seus e em seguida levado para a villa d'Arouca e d'ali para Viseu, onde teve a sorte mencionada supra.

Calamitosos tempos!... [1]

Terceira sentença

24 d'outubro de 1832

—*José Francisco*, natural de S. Martinho d'Argoncilhe, concelho da Feira, casado, proprietario e soldado de caçadores n.º 5.

Este desgraçado foi preso e mettido nas cadeias de Lamego, d'onde passou para a de Viseu. Chegou ali no dia 19 de setembro e, por haver pertencido á gente de Fr. Simão de Vasconcellos, a *commissão mixta* o sentenciou á morte no dia 23 d'outubro e no dia seguinte o fuzilou no *Campo da Ribeira*.

Foi sepultado no cemiterio do hospital, junto da capella de S. Martinho.

Quarta sentença

30 d'outubro de 1832

—*D. Fernando Gutierres Galon*, natural de Algeciras, na Andalusia.

—*D. Paschoal Alpalhez*, natural da villa de Sague, na Hespanha.

—*D. Antonio Ximenes*, natural de Tarragona.

—*D. Eusebio Paschoal*, da villa de Navalcan.

—*Manuel Sanches Garcia*, natural de Saragoça, capital do Aragão.

—*D. Benito José*, natural da freguezia de Sonera, arcebispado de S. Thiago, na Gallisa, soldado do batalhão da Serra, no Porto.

Estes 6 hespanhoes foram tambem aprisionados nas serras d'Arouca;—d'ali condusidos para a cadeia de Lamego—e depois para a de Viseu, onde deram entrada a 19 de setembro. Por terem feito parte da gente de Fr. Simão de Vasconcellos, a *commissão mixta* os sentenciou a pena ultima no dia 29 d'outubro; n'esse mesmo dia entraram para o oratorio nos claustros do Seminario e no dia seguinte foram fuzilados pelas milicias de Bragança no *terreiro de Santa Christina*, onde jazeram os cadaveres ensanguentados *todo o dia!*

Foram sepultados no cemiterio do hospital da Misericordia.

D'estes 6 infelizes os 3 primeiros haviam adoecido na cadeia, pelo que os transferiram para o hospital, onde lhes foi intimada a sentença, quando os supposeram bem ou mal curados, e em seguida os levaram para o oratorio, onde já estavam os companheiros; mas tão doentes e faltos de forças se achavam ainda aquelles 3 infelizes que, tendo sido marcado para a execução o largo de *Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, e não podendo aquelles desgraçados ter-se em pé, foram fusilados á saida do oratorio, no *Campo de Santa Christina*.

Quinta sentença

21 de março de 1833

—*Antonio Homem de Figueiredo e Sousa*, natural da Cruz do Souto, freguezia de Farinha Podre, concelho de Penacova.

—*Antonio Joaquim*, natural da aldeia de

---

[1] V. *Memorias* do dr. Secco, pag. 709 a 714.

Varzea da Candosa, freguezia de Candosa, concelho de Taboa.[1]

—*Padre Antonio da Maia*, natural da Cruz do Souto, freguezia de Farinha Podre, parocho encommendado da freguezia de Covellos d'Azere, concelho de Taboa.[2]

—*Francisco Homem da Cunha*, filho de Bernardo Homem e irmão de Guilherme Nunes, do logar e freguezia da Cortiça, hoje concelho de Arganil.[3]

—*Francisco de Sande Sarmento*, solteiro, natural da povoação de Carvoeira, freguezia e concelho de Penacova.

—*Felisberto de Sande*, irmão do antecedente e natural da mesma povoação de Carvoeira.

—*Guilherme Nunes da Silva*, filho de Bernardo Homem e irmão de Francisco Homem da Cunha, mencionado supra.

—*José Maria d'Oliveira*, natural da povoação da Cortiça, freguezia de Paradella[4] concelho d'Arganil.

Estes 8 desgraçados eram todos do actual districto de Coimbra e foram todos fusilados em Viseu no *Rocio de Santo Antonio*, hoje *Passeio de D. Fernando*, a 21 de março de 1833 por sentença da *commissão mixta*, com data do dia antecedente, como reus da *queima da polvora da Murcella*, ou de *S. Martinho da Cortiça*.

Esplanemos este facto, porque prende com Viseu e é muito importante, pois deu origem a 8 mortes e a muitas prisões e crueis perseguições, que se prolongaram por muito tempo e cobriram de cinzas, lucto e sangue uma grande parte da Beira.

—

Desde 1828 até 1834 os habitantes de Midões soffreram muito pelas suas ideias politicas. Foram ali pronunciados como *liberaes* 84 homens e 11 mulheres e, para salvarem a vida, tiveram de homisiar-se e viver foragidos pelos montes e por differentes terras.

Nos primeiros dias do mez de março de 1832 estanciavam elles por acaso junto da povoação da Cortiça (kilometro 42 na estrada de Coimbra a Celorico da Beira) um pouco a montante da *ponte da Murcella*, por ser a dicta povoação tambem liberal.

Aquelle grupo de homisiados comprehendia os seguintes:

Antonio Joaquim, vulgo o *Antonio do Arrabalde*.

Antonio Rodrigues Brandão, de Midões.

Francisco Rodrigues Brandão, irmão do antecedente e pae do dr. Antonio Soares de Albergaria.

Manoel Brandão, o *Velho*, tambem de Midões, pae do tristemente celebre *João Brandão* e tio dos dois Brandões supra.

Francisco de Sande Sarmento.

Felisberto de Sande Sarmento.

Francisco Soares da Costa Freire, de Travanca de Lagos, concelho de Oliveira do Hospital.

Joaquim Antonio Marques, da freguezia de Lobão, concelho de Tondella.

José Antunes, da Varzea Negra, freguezia da povoa de Midões, concelho de Tabua, então Midões.

José Maria d'Oliveira, vulgo o *Panella a ferver (?)*.

José Soares da Fonseca Magalhães, o *Morgado de Midões*, irmão do estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães.[1]

Martinho Alves, do Casal de Travancinha, concelho de Ceia.

—

No fim da tarde do dia 4 do dicto mez receberam elles aviso para se acautelarem,

---

[1] V. *Varzea da Candosa*, tomo X, pag. 214, col. 2.ª até pag. 228, col. 1.ª, onde se encontra a medonha historia dos famigerados *Brandões*

[2] V. *Covellos*, tomo 2.º pag. 430, col. 2.ª

[3] V. *Cortiça*, tomo 2.º pag. 402, col. 1.ª— e *Chorogr. Mod.* tomo 3.º pag. 178.

[4] Note se que algumas casas da povoação da Cortiça pertencem à freguezia de Paradella e as restantes à de S. Martinho da Cortiça.

[1] Do exposto se vê que este celebre estadista, natural de Condeixa, tinha parentes proximos em Midões, pelo que, sendo ministro, dispensou escandalosa protecção aos famigerados Brandões, terror da Beira.

V. *Varzea da Candoza*, tomo X, pag. 214, col. 2.ª e segg., nomeadamente a pag. 220, col. 1.ª *in fine*.

pois havia chegado á *Ponte da Murcella,* um troço de 40 voluntarios realistas que vinham de Abrantes escoltando um comboio de 20 carros com polvora, e por isso na manhã do dia 5 estacionavam elles em uma eira, chamada a *Eira do Forno,* a montante e no alto da povoação da *Cortiça,* observando a estrada; mas Martinho Alves e José Maria de Oliveira, negociantes d'azeite, desceram á povoação por causa dos seus negocios.

Ao passar na aldeia da Cortiça o comboio que se dirigia para Viseu, Almeida ou Lamego, um dos carreiros, vendo e conhecendo o José Maria d'Oliveira, disse para os soldados da escolta:—*ali está um malhado* [1]. Tanto bastou para que a escolta se precipitasse sobre elle e sobre o Martinho e, gritando por soccorro, acudiram logo os outros companheiros, que estavam a pequena distancia. Travou-se lucta e, trocados alguns tiros, não obstante a superioridade numerica dos voluntarios realistas, foram estes todos aprisionados, incluindo o commandante, que era um sargento.

Proseguindo o comboio, escoltado apenas por 2 liberaes, quando chegou á *Venda Cimeira,* sitio denominado tambem *Pocos,* foi surprehendido por 30 voluntarios que, havendo escoltado outro comboio de polvora na semana anterior, voltavam para Abrantes e, tendo noticia da occorrencia, dispunham-se para escoltar e defender o novo comboio.

Um homem da dicta povoação da *Venda Cimeira* foi á *Cortiça* avisar os liberaes. Marcharam logo estes contra a nova força realista; batendo-a de frente e de flanco, poseram-na em debandada; em seguida fizeram avançar o comboio para um descampado distante cerca de 400 metros da povoação; descarregaram toda a polvora dos *vinte carros* (?!...)—fizeram um rastilho e lançaram-lhe o fogo, sendo tal a explosão que tremeu a terra até grande distancia!

[1] Os realistas denominavam *malhados* os constitucionaes—e estes por seu turno denominavam *corcundas* os realistas.

—

Ficaram os liberaes muito contentes, mas em breve mudaram de semblante, porque rapidamente chegaram ao dicto local as guerrilhas d'Arganil e com os voluntarios que tinham debandado correram em perseguição dos liberaes. Poseram-se logo estes em fuga e, perseguidos de perto por grande espaço, tiveram de atravessar o Mondego e refugiarem-se nas proximidades de Coimbra, nos Fornos, Alcarraque e quinta da *Zombaria,* onde os seus correligionarios lhes deram acoitamento; mas, julgando-se ali pouco seguros, passados poucos dias volveram para as proximidades de Midões, o que não obstou a serem logo presos junto do local do conflicto Francisco de Sande e José Maria d'Oliveira, com outros muitos que por infelicidade os realistas ali encontraram no momento.

Foram tambem logo presos na Cortiça Felisberto de Sande e Antonio Joaquim, o *do Arrabalde,* por não quererem afastar-se das suas familias.

Para activarem a perseguição em breve se juntaram aos voluntarios realistas d'Arganil as ordenanças de Penacova, Lousã e Penella e alguma infanteria e cavallaria de Coimbra. A devastação pelo saque e pelo incendio pairou sobre as aldeias que circundam a serra de Sanguinheda e aos maus tratos seguiu-se a prisão de muitas pessoas que foram enviadas para as cadeias d'Arganil, Mortagua e Coimbra e d'estas para a de Viseu, onde a *commissão mixta* condemnou á morte os 8 infelizes, mencionados supra, que foram fuzilados pelas milicias de Santarem, sendo o cadaver do Padre Antonio Maia sepultado na capella de S. Martinho e os restantes no cemiterio do hospital proximo.

—

O delicto da *queima da polvora* foi grave, mas a pena foi excessiva e alguns dos individuos fuzilados estavam innocentes, taes foram o Padre Maia e Antonio Homem de Figueiredo e Sousa, pois tinham sido enviados ao local do conflicto pelo Padre Antonio Franco de Miranda e Abreu, prior de S. Martinho da Cortiça, e pelo padre Luciano

José Pereira da Maia, vigario de Coja (então homisiados em *Paio Velho*, junto a Farinha Podre) para que obviassem á destruição da polvora. Como lá foram vistos, julgaram-nos cumplices.

Tambem são considerados ainda hoje innocentes Francisco Homem da Cunha e seu irmão Guilherme Nunes da Silva, pois não tomaram parte na queima da polvora.

As balas da descarga vararam e mataram instantaneamente aquelles infelizes, deixando incolume o Francisco Homem da Cunha, mas o commandante da força mandou darlhe um tiro em um ouvido!...

Foi tambem preso José Homem, irmão d'aquelles dois desgraçados e teria a mesma sorte, se o rev. bacharel Francisco de Lemos da Cunha, seu tio paterno, então parocho encommendádo em S. Martinho da Cortiça, lhe não passasse, como passou (dizem) uma certidão de idade, diminuindo-lhe 3 mezes, para que não tocasse os 17 annos e assim se livrasse, como livrou da pena ultima.

O pae d'aquelles infelizes—Bernardo Homem da Cunha—desde antes d'aquelle conflicto jazia nas cadeias d'Almeida e, quando respirou a liberdade em 1834, depois da convenção d'Evora-Monte, encontrou as casas reduzidas a cinzas, os dois filhos e um con-cunhado (Antonio Homem de Figueiredo) fuzilados—e a esposa tambem já na sepultura!...

Aquelles 8 infelizes não foram as unicas victimas da *queima da polvora,* pois outras muitas pessoas—(homens e mulheres)—foram presas, fallecendo algumas na cadeia e jazendo outras em ferros no grande deposito de Lamego até á convenção d'Evora-Monte.

A isto se reduz o que se lê nas *Memorias* do sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, pag. 438 a 447.

Fecharemos este lugubre topico dizendo que foram ao todo 25 os individuos justiçados em Viseu pela *commissão mixta* de nefanda memoria e que em 1836 foram trasladados os restos mortaes d'aquelles infelizes para um mausoleu nos claustros da Sé com grande apparato, em seguida a pomposas exequias celebradas na mesma Sé.

—

A convenção d'Evora-Monte (26 de maio de 1834) ou a queda do governo realista poz termo aos grandes excessos que ainda hoje conspurcam a memoria d'aquelle partido e que ajudaram a enterral-o; mas seguiram-se outros muitos excessos,—roubos, incendios, ferimentos, espancamentos e mortes,—praticados pelos liberaes e que enlutaram e aterraram por muito tempo o nosso paiz.[1]

Á sombra da bandeira azul e branca se reuniram em seguida á convenção muitos liberaes *in nomine*, ou antes *salteadores* que, a pretexto de represalias sobre os realistas, insultavam, roubavam e matavam quem tinha alguma coisa de seu.

A um despotismo succedeu outro despotismo. A convenção d'Evora-Monte foi escandalosamente falseada—e a segurança publica foi um termo vão muito tempo.

Mesmo no Porto e em volta do Porto se formaram quadrilhas de salteadores, que praticaram grandes excessos em seguida á convenção, e ainda hoje ali se apontam como chefes d'aquelles bandos de *communistas* certos senhores que haviam militado nas fileiras de D. Pedro.

Na propria cidade, no concelho e no dis-

---

[1] Mercê de Deus, não me cegam as paixões politicas—e hei-de dizer a verdade, como me cumpre,—dôa a quem doer, pois não escrevo para os *liberaes* nem para os *realistas*, mais para o *publico*.

Bem quizera não magoar pessoa alguma, mas n'este topico é absolutamente impossivel, porque devo registrar como *factos importantes* que foram os excessos praticados pelos *realistas* e pelos *liberaes*,— partidos oppostos, intranzigentes, que ainda hoje só vêem virtudes nos seus e culpas e defeitos nos contrarios, em quanto que uns e outros *delinquiram*.

Eu bem sei que censurando os realistas, estes não me perdoam e exultam os liberaes,— e censurando os liberaes, estes me detestam e exultam os realistas. Alem d'isso tenho relações em um e outro campo e devo attenções e finezas a *liberaes* e *realistas*, mas não posso nem devo falsear a historia. Desculpem.

Amicus Plato, sed magis amica veritas!..

tricto de Viseu se praticaram muitos excessos de toda a ordem tambem.

Ao sul d'este districto tornaram-se tristemente celebres os *Brandões* de Midões e o *Caca* (Antonio de Sousa Macario)—vergonha e terror da Beira!

V. *Varzea da Candoza* n'este diccionario —e as *Memorias* do sr. dr. Henriques Secco, pag. 181 a 226.

—

A N. e N. E. d'este districto fizeram *pendant* com os *Brandões* de Midões os celebres *Marçaes* de Foscôa, desde a raia da Hespanha até Provezende e Rezende, onde saquearam *duas freguezias inteiras* e incendiaram 13 casas?!...

V. *Provezende* e *Villa Nova de Foscôa*, tomo XI, pag. 843,—e na collecção do *Nacional* (n.º 145 de 27 de junho de 1849) os artigos firmados pelo dr. Antonio Ferreira Pontes, então administrador do concelho de Moncorvo e *correligionario* dos Marçaes.

Ali se encontra uma lista com os nomes das pessoas *assassinadas*—e outra com os nomes das pessoas *espancadas e feridas* por elles;—outra lista com os nomes das pessoas que ao tempo andavam *homisiadas* por causa d'elles,—e outra lista indicando os *roubos principaes* por elles praticados.

Todas as 4 listas estão *assignadas* pelo mencionado dr. Pontes e *reconhecidas* por um tabellião, mas, sendo administrador de Moncorvo, teve de fugir para Lisboa, aliás seria victima, porque os Marçaes, ainda antes da publicação do libello accusatorio, já tinham ido com o seu batalhão de voluntarios[1] *á propria villa de Moncorvo, onde elle era administrador*, procural-o para o matarem, pelo facto d'elle (*honra lhe seja!*) não lhes entregar os habitantes de Foscôa que andavam homisiados no dicto concelho.

Os Marçaes eram filhos de Villa Nova de Foscôa, districto da Guarda, mas foram tambem o terror e açoute dos concelhos da Pesqueira, Taboaço, Armamar, Lamego, Rezende, Tarouca e Mondim, pertencentes ao districto de Viseu.

—

Tambem praticou muitos excessos á sombra da bandeira liberal a medonha quadrilha de salteadores, capitaneada pelo celebre *Cavallaria* de Santo Adrião e pelos dois irmãos *Vasques* da Regoa,—quadrilha que se formou em seguida á convenção d'Evora-Monte e que assolou os concelhos de Armamar, Taboaço e Moimenta da Beira.

Roubavam, espancavam e matavam impunemente mesmo de dia?!...

De dia—e em um *dia de feira*,—assaltaram na villa d'Armamar o palacete do general José Cardoso—e no meio da feira ali assassinaram um pobre homem, sem que as auctoridades se atrevessem a prendel-os, por terem sido (os taes 3 chefes) militares do sr. D. Pedro IV no cerco do Porto.

V. *Romão* (S.) tomo 8.º pag. 236, col. 1.ª; —*Santo Adrião* no mesmo vol. pag. 296—e o pequeno livro *Maria Coroada* (Porto, 1879) pag. 131 a 140.

Foram tambem terror e açoute d'este districto no concelho de Moimenta da Beira os *Andrades*; no mesmo concelho e no de Cernancelhe o *Pires* da Rua, que por ultimo foi enforcado, como já dissemos no art, *Vide*, aldeia, tomo X, pag. 652, col. 1.ª; nos mesmos concelhos o celebre *Espadagão* de Cernancelhe, natural de Tabosa das Arnas;[1] nos concelhos de Taboaço, Armamar e Pesqueira os *Leaes* de Longa[2]; nos concelhos d'Armamar e Taboaço o *Traquina* da Granja do Tedo;[3] nos de Tarouca e Mondim os *Sás* da Ucanha—e finalmente no de Lamego os *musicos da Penajoia*.

Tendo aquella populosa freguezia desde tempos muito remotos um mestre regio de latim e distando de Lamego apenas 5 a 6 ki-

---

[1] Era uma guerrilha ou antes *quadrilha* de 300 a 400 malfeitores?!...

[1] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 109, col. 2.ª

[2] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 108, col. 2.ª e segg.

[3] V. *Valença do Douro*, tomo X, pag. 105, col. 2.ª e segg.

Veja-se tambem o pequeno livro *Maria Coroada*.

lometros, ali estudavam o latim e em Lamego se ordenavam muitos filhos d'ella. Pelos annos de 1836 a 1838 os taes *meninos* formaram uma philarmonica, especie de banda marcial, e tanto se apaixonaram por ella, que abandonaram os estudos e tractavam só de festas e folias, mas, como nem todos dispunham de meios e todos gostavam da vida airada, muniram-se de clavinas e transformaram-se em uma medonha quadrilha de salteadores.

Roubaram differentes casas e igrejas,—*incluindo a da sua propria freguezia*,—e assassinaram differentes pessoas.

A principio ninguem suppunha que elles fossem salteadores, porque eram todos bem educados,—apresentavam-se muito bem,—tocavam admiravelmente—e alguns pertenciam a *boas familias*, mas desmascararam-se e um bello dia foram quasi todos presos; muitos falleceram nas cadeias e outros na Africa.

D'aquelle lanço de rede escaparam apenas 3, *que eu muito bem conheci*!...

O ultimo falleceu em 1887, deixando uma fortuna avaliada em *50 a 60 contos de réis* (?) tendo sido muitos annos a *primeira influencia eleitoral do circulo de Lamego*, vereador, procurador á junta geral *d'este districto*—e commendador?!...

Na celebre *musica* tocava clarinete e foi o mais feliz da malta, sendo *in illo tempore* talvez o mais pobre do bando.

Bispado de Viseu[1]

É muito antigo este bispado, quer date do seculo III, como diz o Padre Sousa (V. pag. 1595, col. 1.ª e 1710, col. 1.ª tambem)—quer date do sec VI, como nós dissemos.[2]

Já fallámos dos seus bispos; agora fallaremos da sua circumscripção antiga e moderna.

O documento mais antigo que temos sobre o assumpto é o concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, em tempo de Theodomiro, rei suevo,—concilio de que apenas chegaram até nós alguns fragmentos, todos bastante alterados pelos copistas.[1]

D'aquelles fragmentos um tracta da divisão dos bispados suevos, comprehendendo *Coimbra*, *Idanha* (hoje *Guarda*) *Lamego* e *Viseu*. Existe uma copia do dicto fragmento no archivo da Sé de Braga e outra na collecção dos *Concilios de Hespanha* por Loaysa. Ambos os codices mencionam os bispados que pertenciam em 569 ao reino dos suevos—e as parochias que os constituiam. Tracta tambem do mesmo assumpto o livro de Idacio, que Loaysa e Morales dão por copia, mas em todos os 4 codices ha divergencia, suppondo-se mais auctorisado o de Braga, que póde ver-se em Argote, *loc. cit.* pag. 849 a 856.

Ali se diz que o bispado de Viseu se estendia *De Borga usque Sortam, et Bonella usque Ventosum*. Não sabemos que limites eram aquelles, mas parece que deviam ser mais amplos que os actuaes, porque ao bispado de Viseu pertenciam então as 8 parochias seguintes:—*Viseu*, *Rodomiro* ou Ropromiro, *Submoncio*, *Subverbeno*, *Cosonia* ou Ousania, *Ovelione* ou Ovelhione, Totella ou Toleta (talvez *Tondella*) e *Caliabria*, que depois no tempo dos godos foi sede episcopal e se estendia até o Agueda (confluente do Douro) que hoje forma a linha de divisão entre Portugal e Hespanha, desde as alturas d'Almeida até á Barca d'Alva.

V. *Caliabria*, tomo 2.º pag. 47, *in-fine*; *Senhora do Campo*, tomo 8.º pag: 113 e segg. —e *Pinhel*, tomo 6.º pag. 66.

—

Berardo e Argote, citando o fragmento do concilio de Lugo, existente na Sé de Braga, dão ao bispado de *Viseu* n'aquelle tempo as 8 freguezias supra, mas no texto do dicto fragmento transcripto por Argote, alem d'aquellas 8 freguezias menciona-se a de *Cole-*

---

[1] Para evitarmos repetições, veja-se n'este artigo o nosso *Catalogo chronologico dos bispos visienses*, pag. 1589, col. 2.ª a 1634 col. 1.ª e segg.

[2] V. pag. 1591, col. 2.ª e 1598, col. 1.ª

[1] V. *Memorias d'Argote*, tomo 2.º pag. 660 a 668; 689 a 698; 803 a 808—e 849 a 856.

la! Isto nos levou a dizer que eram 9 *in illo tempore* as freguezias d'este bispado.[1]

V. pag. 1719, col. 1.ª supra.

O bispado de *Viseu* confinava, como hoje, ao norte com o de Lamego;—ao sul com o Idanha (Guarda);—ao poente com o de Coimbra—e ao nascente com o rio Agueda. Depois, no tempo dos godos, sendo arvorada em diocese a freguezia de *Caliabria*, perdeu a leste e nordeste um vasto chão desde o Agueda—não sabemos até onde. Berardo, como dissemos no topico da *Viação romana* d'este districto, suppoz que o bispado de *Caliabria* se estendia para O. até *Lamas do Molledo*, entre Castro d'Ayre e Viseu, mas nós não podemos acceitar a opinião do sabio conego pelas rasões ali expendidas.

Com a invasão dos mouros e destruição de Caliabria foi transferida a séde do seu bispado para Cidade Rodrigo, pelo que ficaram pertencendo temporalmente ao reino de Leão e espiritualmente á diocese de Cidade Rodrigo as terras que outr'ora obedeciam a Caliabria e anteriormente a *Viseu*.

Nos fins do sec. XI (anno 1095) pelo casamento do conde D. Henrique, pae do nosso primeiro rei, com a filha de D. Affonso VI de Leão, ficaram pertencendo temporalmente ao condado (depois reino) de Portugal, as terras da margem esquerda do Côa—e espiritualmente aos bispados de Lamego e de Viseu,—terras que nas proximidades do Côa talvez tivessem pertencido ao bispado de Caliabria.

Depois, no tempo do nosso rei D. Diniz, passou para a corôa portugueza a temporalidade do *Cima-Côa* ou das terras que desde a margem esquerda do Agueda até á direita do Côa haviam pertencido a Caliabria. Finalmente o nosso rei D. João I separou tambem da diocese de Cidade Rodrigo a espiritualidade das terras do *Cima-Côa*, unindo-as ao bispado de Lamego e assim se conservaram até 1770, data da creação do bispado de Pinhel, que ficou comprehendendo as dictas povoações e as dos arcyprestados de *Pinhel*, *Trancoso* e *Castello Mendo*, então pertencentes ao bispado de *Viseu*.

—

Extincto o bispado de Pinhel em 1882, quasi todas as parochias d'elle passaram para o da Guarda e as restantes para o de Lamego, não reivindicando o de Viseu parochia alguma das que em 1770 havia dado para o de Pinhel.

O bispado de Viseu foi um dos que menos ganhou com a circumscripção diocesana de 1882. Apenas recebeu do bispado de Coimbra as 4 parochias seguintes:—*Santa Combadão*, villa e séde do concelho do seu nome, *Couto do Mosteiro*, *S. Joanninho* e *Vimieiro*, todas do mesmo concelho de *Santa Combadão*,—e a de *S. Mamede das Talhadas* no concelho de Sever do Vouga, districto e antigo bispado d'Aveiro, extincto pela mencionada circumscripção e dividido pelas dioceses do Porto e de Coimbra.

Em 1838, segundo se lê na memoria que Berardo offereceu á camara de Viseu n'aquella data, este bispado comprehendia 203 parochias, divididas por 5 arcyprestados e estes por 16 districtos ecclesiasticos da forma seguinte:

1.º

Arcyprestado do Aro

Subdividia-se em 5 districtos ou arcyprestados menores:

1.º—com 13 freguezias;
2.º—com 11;
3.º—com 9;
4.º—com outras 9;
5.º—com 11.

Total:
Freguezias, 53.
Fogos (n'aquella data) 13:103.

2.º

Arcyprestado de Besteiros

Subdividia-se em 3 menores:

1.º—com 10 freguezias;
2.º—com 11;
3.º—com 12.

---

[1] O de Braga contava então 30; o do Porto 25; o de Lamego 6—e o de Coimbra 7?!...

Total:
Freguezias, 33.
Fogos (n'aquella data) 80:074.

3.º

Arcyprestado de Lafões

Subdividia-se em 3 menores:
1.º—com 15 freguezias;
2.º—com outras 15;
3.º—com 14.
Total:
Freguezias, 44.
Fogos (n'aquella data) 7:313.

4.º

Arcyprestado de Mões

Subdividia-se em 2 menores:
1.º—com 11 freguezias;
2.º—com 13.
Total:
Freguezias, 24.
Fogos (n'aquella data) 3:902.

5.º

Arcyprestado de Penaverde

Subdividia-se em 3 menores:
1.º—com 17 freguezias;
2.º—com outras 17;
3.º—com 15.
Total:
Freguezias, 49.
Fogos (n'aquella data) 6:029.
Total geral em 1838:
Arcyprestados maiores, 5
Arcyprestados menores, 16.
Freguezias, 203.
Fogos, 38:421.

Circumscripção actual

Hoje (1888) o bispado de Viseu comprehende a população seguinte: [1]

Freguezias	208

Sendo 10 pertencentes ao districto d'Aveiro (2 ao concelho de Macieira de Cambra e 8 ao de Sever do Vouga);—26 pertencentes ao districto da Guarda (13 ao concelho de Aguiar da Beira e outras 13 ao de Fornos d'Algodres)—e 172 pertencentes ao districto de Viseu:—6 ao concelho do Carregal; 8 ao de Castro d'Ayre; 1 ao de Fragoas; 18 ao de Mangualde; 6 ao de Nellas; 12 ao de Oliveira de Frades; 12 ao de Penalva do Castello; 7 ao de Santa Comba-Dão; 3 ao de S. João d'Areias; 20 ao de S. Pedro do Sul; 12 ao de Sattam; 23 ao de Tondella; 32 ao de Viseu—e 12 ao de Vouzella.

Fogos	56:366
Almas	246.252

Vê-se pois que desde 1838 até 1878, data do censo a que nos referimos, como já dissemos, o bispado de Viseu augmentou em

freguezias	5
Em fogos	17:945
Em almas (a 4 por fogo)	71:780

Padres

Em virtude da extincção dos dizimos, do foro ecclesiastico e das ordens religiosas, é hoje muito sensivel n'este bispado *e em todos os do nosso paiz* a falta de clero.

Os nossos governos teem sido francos em exigir do clero muitas habilitações. Custa hoje talvez tanto a ordenação como em 1834 uma formatura.

E' louvavel a illustração do clero, mas é altamente revoltante que os nossos governos não curem nem tratem de garantir-lhe a sua independencia.

---

[1] Referimo-nos ao censo de 1878 e ao *Mappa das Dioceses* de 1882.

Para o serviço publico equiparam os parochos aos outros funccionarios, mas não os equiparam nos vencimentos.

Emquanto que nas nossas alfandegas e em outras repartições publicas nós vemos batalhões de individuos, muitos d'elles *sem exame de instrucção primaria*, (?) ganhando 500:000 réis e 1 e 2 contos de réis por anno, com serviço *nominal* das 9 horas ás 3 da tarde, *flaneando* escandalosamente, — a maior parte dos nossos parochos não apura 200:000 réis por anno — e muitos nem ao menos 100:000 réis!

Tiraram-lhes os dizimos em 1834 e prometteram-lhes uma dotação, mas até hoje não lh'a deram. O nosso clero — em geral — é pobre e muito pobre, pelo que os padres hoje rareiam muito em todo o nosso paiz e tanto que muitos parochos teem a seu cargo 2 freguezias e celebram nos domingos e dias santificados 2 missas, *com auctorisação superior*.

Hoje toda a cidade de Viseu apenas tem 28 presbyteros; as 5 freguezias *annexas* contam apenas 7 presbyteros e todo o bispado 425, estando muitos d'elles já decrepitos e completamente inutilisados.

O seu cabido, outr'ora tão numeroso, póde dizer-se *extincto*, pois conta apenas 2 conegos, — um já decrepito — e outro demente... [1] Não escasseiam porém as habilitações e o merecimento nos presbyteros d'este bispado. Entre elles occupa um logar distincto o muito reverendo

João Rodrigues Xavier

Nasceu em 11 de dezembro de 1850 na povoação de Paranho, freguesia de Caparrosa, concelho de Tondella, n'este bispado de Viseu. Tem o curso triennal de theologia; ordenou-se em 1877; foi parocho encommendado na freguesia de S. João do Monte, no dito concelho de Tondella; em 1874 foi nomeado prefeito do seminario diocesano, missão que exerceu distinctamente, prestando relevantes serviços na administração dos capitaes, bens e foros da casa, pondo em ordem a cobrança das rendas, etc.

Em setembro de 1884 foi nomeado secretario e capellão de s. ex.ª reverendissima, e em outubro do mesmo anno foi nomeado thesoureiro e administrador da bulla da Santa Cruzada na diocese, missões que exerceu conjunctamente com aquellas.

Em 9 d'outubro de 1885 foi collado vigario na freguezia do Barreiro, mas logo se fez substituir por um encommendado idoneo, para não deixar o serviço do paço episcopal visiense, continuando a merecer a confiança do seu ex.mo prelado.

É um presbytero de singular merecimento e de exemplar comportamento, — muito illustrado, muito afavel, muito piedoso e geralmente bem quisto.

É tambem um presbytero de muito merecimento e muito piedoso o reverendo *Antonio Ferreira d'Almeida*, dignissimo secretario da camara ecclesiastica, dono e fundador da formosa capella de *Nossa Senhora e do santissimo Coração de Jesus*.

V. pag. 1560, col. 2.ª n.º 13.

Provincia da Beira Alta

Viseu é tambem capital da provincia da Beira Alta, uma das 8 em que desde 1834 se divide o nosso paiz. São ellas: — Algarve, Alemtejo, Estremadura, Beira Alta, Beira Baixa, Douro, Minho e Traz os Montes.

Desde os principios da nossa monarchia as provincias de Portugal eram 5: — Alemtejo, Beira, Estremadura, Minho e Traz os Montes. Em 1250 addiccionou-se-lhes a do Algarve e assim permaneceram em numero de 6 até que em 1834 se creou a provincia do Douro, comprehendendo o districto do Porto, que era da provincia do Minho, — e os de Aveiro e Coimbra, que pertenciam a provincia da Beira, — e dividiu-se a parte restante d'esta provincia em duas: — *Beira Alta* e *Beira Baixa*, nomes que tomaram — não da differença da altitude, pois a *Beira*

---

[1] V. pag. 1588, col. 2.ª *in fine*. O *meio conego* — Sebastião Pereira de Figueiredo Queiroz — falleceu em janeiro de 1888, contando 85 annos de idade.

Baixa comprehende a serra da Estrella, que é a maior e mais alta do nosso paiz,

Suppomos que deram ás duas provincias os nomes de *Beira Alta* e *Beira Baixa*, por comprehenderem—a 1.ª a parte *norte*,—e a 2.ª a parte *sul* da antiga provincia da Beira, posto que a Beira Baixa tambem toca no Douro ou na linha que anteriormente limitava a N. (de E. a O.) a provincia da Beira.

—

A *Beira Baixa* comprehende os districtos da Guarda e Castello Branco;—a *Beira Alta* comprehende unicamente o districto de Viseu e por isso, para evitarmos repetições, veja-se o topico supra—*Districto de Viseu*,—onde se encontram indicados os limites, a população, o clima, as producções, rios, montanhas, etc. da provincia do Beira Alta.

Vejam-se tambem os artigos *Beira*, tomo 2.º, pag. 357, col. 2.ª;—e *Lusitania*, tomo 4.º pag. 498, col, 1.ª e 2.ª—no fim do artigo, —e *Douro*, (provincia) tomo 2.º, pag. 481, *in fine*.

Viseu é tambem séde da 2.ª divisão militar, que tem n'esta provincia 2 regimentos de infanteria:—n.º 14 na cidade de Viseu—e n.º 9 na de Lamego;—mais infanteria 12 na Guarda, 21 na Covilhã, 23 em Coimbra, 24 em Penamacor, e finalmente cavallaria 8 em Castello Branco e cavallaria 10 em Aveiro.

Etymologia do nome d'esta provincia

É muito nebuloso este topico e até hoje ninguem o explicou nem nós nos atrevemos a explical-o satisfatoriamente. O meu antecessor apenas o tocou muito de leve no citado artigo *Beira*, mas d'elle se occuparam mais detidamente Fr. Bernardo de Brito, Argote e o dr. Botelho, principalmente este ultimo.

O 1.º na sua *Geographia antiga da Lusitania* diz textualmente o seguinte:

«He tão nomeada em Portugal a comarca da *Beira*, e tão pouco sabida a origem do seu nome, que *mil vezes me desvelley pela saber*, e só em Alladio, e nas annotações do Bispo Pinheiro achey algum rasto do que buscava, porque dizem que os povos *Birones*, que Strabão põe junto aos Celtiberos, entrarão pella Lusytania em tempo de imperador Tiberio, e povoarão hua parte della, donde infere o Bispo, que a provincia em que viverão teve o nome *Beria*, e depois *Beira*, e os *Berones* pello discurso do tempo, vierão com piquena corrupção a se chamar *Beirões*. Mas esta conjectura não tem mais Authores por si, dado que seja muy boa, e eu a tenha por muy vezinha da verdade: mas por agora fique esta provincia mettida em mãos dos *Turdulos antigos*, té que na Segunda Parte d'esta obra acabemos de averiguar a certeza.» [1]

Eal não disse!

Argote nas suas *Memorias de Braga*, tomo 1.º pag. 449 e 450, dissertando sobre o local da cidade de *Numancia*, diz:

«O segundo argumento de que se valem os que pretendem fosse a antiga Numancia no sitio de Numão[2], he, que aquella famosa cidade estava entre os povos chamados *Berones* conforme a descreve Ptolomeu na segunda *Tabua da Europa*, capitulo sexto, pag. 45. Mas esta razão está tão longe de favorecer esta opinião, que antes a destroe, porque Ptolómeo alli descreve as cidades de huns povos chamados *Berones*, que ficavão junto aos *Autrigones*, que erão, ou em *Biscaya*, ou alli perto. Nem Ptolomeo na verdade situa *Numancia* entre os taes povos *Berones*, mas entre os *Apevacos*, e destes diz que ficavão abaixo dos *Pelendones*, e *Berones*...—e os *Pelendones* e *Berones* erão povos que ficavão na *Hespanha Tarraconense* e *Citerior*; e junto ao nascimento do rio Douro os *Pelendones*, diz Plinio, livro 4.º cap. 20;—os *Berones* junto aos *Cantabros*, como diz Estrabo no livro 3.º Nem os povos que habitavão a nossa provincia da *Beira*, se chamavão *naquelle tempo Berones*, mas sim *Vettones*, ainda que Florião do Campo, l. 2.º cap. 10, dá a entender que algumas vezes os chamavão *Berones*.»

Foi isto o que escreveu Argote em 1732;

---

[1] *Monarch. Lusit.* tomo 1.º pag. 570, col. 2.ª

[2] V. *Numão* n'este diccionario, tomo 6.º pag. 178, col. 1.ª e segg.

vejamos agora o que em 1630 e 1631 (um seculo antes) havia escripto o dr. Manoel Botelho Ribeiro visiense, que foi quem *até hoje* tratou melhor a questão:

—

No seu *Dialogo* 1.º cap. 18, pag. 97 a 101 (codice de *Girabolhos*) — depois de citar a opinião de Fr. Bernardo de Brito, exposta supra:—que esta provincia tomou o nome de *Beira*, depois que a invadiram os *Berones*,—diz que ella tomou o nome dos *Vetones*, seus antigos habitantes, pela mudança do *V* em *B*—e do *T* em *R*.—o que julga naturalissimo, «maiormente (diz elle) quando a lettra *B* he mais familiar na nossa lingoa, e na dos mouros que o *V*: e inda hoje (refere-se ao seu tempo, 1630 a 1636) entre a gente rustica e galega nada se pronuncia com V. Por vós dizem *bós*; por varanda, *baranda*; por virote, *birote*; por valle, *balle*...

«Os mouros, em cujo tempo se corrompeo a maior parte dos vocabulos, e nomes de Hespanha, sempre foram mais affeiçoados á lettra *B*, *pelo que tem de brutos* (?). Por peccado dizem *becado*, por vilão, *bilão*, etc. Como chamarião pois aos *Vetones* senão Benes? E se se chamavão *Vergones*, que por estes nomes se achão, como dirião, senão *Bergones*? E tirando o *g* que neste nome parece que vai puxado, como dirião, senão *Berões* e *Berones?* E nós, apurada a lingoa, e corrupto o nome, chamamos-lhe *Beirões*, accrescentando hum *i*.

«He tão familiar a lettra *b* em os beirões, que até os meninos, quando começão a fallar, e pedir agoa, dizem *abua*, mudando o *g* em *b*,—e outros, tirando-lhe o primeiro *a*, dizem *bua*, mudando o *g* em *b*. Desta maneira perdião o *g* dos *Vergones* e o *v* mudado em *b*, como era forçado em a nossa antiga lingoa, e na dos mouros, ficava *Berones*, e dahi *Beroes* ou *Beirões*, como hoje se chamão.

—

«Não vos espante esta corrupção, nem mudança difficultosa, que vos darei outros exemplos de nomes, que nem semelhança tem do que forão.

«Quem dirá que *Gerabrica* se mudou em Alemquer; *Taladrica* em Cacia, no rio Vouga; *Salaria* em Alcacer do Sal; *Tubucia* em Abrantes; *Quatraleucos* em Portalegre; *Mendeculia* em Montalvão; *Landobry* em Berlengas... *Equa Bona* em Coina, etc.

. . . . . .

«O rio Tavora primeiro se chamou *Tabra* com *b*. Assim era facil, e provavel que os *Vetones*, ou *Vergones* se mudassem em *Berones* pelos mouros, ou na nossa lingua antiga, e como costumavão sempre abreviar, d'ahi se mudou em *Berões*, e depois em *Beirões*.»

Depois diz que os *Vetones* eram povos da Lusitania que comprehendiam na sua jurisdição os *Vacceos*, os *Pesures* d'alem da Serra da Estrella, Cidade Rodrigo, Salamanca e muitas outras terras e povoações até o rio Tejo, citando Plinio, Strabão e Ptolomeu. E á observação dos que dizem que os mencionados autores parece collocarem aquelles povos na Estremadura e Cima-Côa, responde que elles situam a cidade de Lamego entre os *Vetones*;—que tão longe está Lamego da Estremadura como Viseu—e que os antigos geographos conheceram mal esta provincia, por ser montanhosa e pobre e pouco frequeniada des romanos, *amigos de senhorear poderosos e ricos*,—«e com haver nas historias romanas muita menção de guerras com os lusitanos, todas se achão nas partes do Alemtejo, porque é terra chã, e esta nossa (da Beira) apparelhada a ciladas, de que usavão os lusitanos, que pelejavão á ligeira, e os romanos a pé quedo, carregados de ferro, fugião della.»

Por ultimo á observação dos que estranham que as terras apontadas pelos antigos geographos como centro dos *Vetones* ou *Vergones* não conservassem o nome de *Beira*, mas sómente esta provincia, responde—que isso não admira, porque na Beira, por ser montanhosa e pouco accessivel, tiveram menos guerras e mais demorada permanencia do que na Estremadura, provincia muito mais plana, menos defensivel e theatro constante de guerras sangrentas.

«Querem outros, diz Bluteau, que se chame *Beira*, por ser provincia, interiormente «banhada de muitos rios, e pela costa do «mar, que vae correndo da foz do Mondego,

«por baixo de Buarcos, até S. João da Foz, «uma legoa abaixo do Porto.»

Seja o que fôr: o nome não dá a essencia ás cousas.

Passemos a outro topico.

Visienses illustres

Este topico deve ficar muito deficiente, porque Botelho, Berardo, F. Manoel e os srs. Oliveira Mascarenhas e Cesar Augusto d'Almeida apenas o esboçaram e nós somos estranhos a Viseu e como taes incompetentissimos para organisar uma lista que satisfaça. Aos illustrados filhos de Viseu convinha pugnar *pro domo sua*, mas, a despeito das nossas reiteradas instancias, não nos auxiliaram, como lhes cumpria. Devem pois notar grandes omissões, mas a culpa não é nossa.—*Sibi imputent!*...

Monarchas

—*El-rei D. Duarte*, filho de D. João I.

Nasceu n'esta cidade no dia 31 d'outubro de 1311 e falleceu em Thomar no dia 9 de setembro de 1438, tendo reinado apenas 5 annos.

Para evitarmos repetições, veja-se o topico supra—*Côrte e côrtes*—pag. 1721.

Senhoras

—*D. Eugenia Nunes Viseu*, viscondessa de S. Caetano, filha de Henrique Nunes Viseu e de D. Eugenia da Silva Mendes.

Ao que já dissemos d'esta illustre e benemerita titular no topico das *Familias nobres de Viseu na actualidade*, n.º 11, titulo *Silvas* Mendes, pag. 1735, col. 2.ª, accrescentaremos o seguinte:

Nós não tivemos a honra de a conhecer, mas tributavamos-lhe o mais profundo respeito pela sua pasmosa caridade para com os desvalidos.

Com data de 15 de maio de 1884, por exemplo, disse um jornal de Viseu:

«A sr.ª viscondessa de S. Caetano deu ás creanças do *Asylo d'Infancia* um excellente jantar, que durou desde as 7 horas ás 10 da noite. Depois offereceu tambem um jantar aos empregados e direcção do asylo,»—e deu 20 libras de esmola ao mesmo instituto de beneficencia.»

Em julho de 1885, tendo-se formado em todas as freguezias do concelho de Viseu commissões de beneficencia com receio da invasão do colera, que ao tempo devastava a Hespanha e se aproximava da fronteira, a viscondessa de S. Caetano, muito generosa e espontaneamente disse á commissão da sua freguezia, (Ranhados) que tomaria a seu cargo o tratamento dos pobres da dita freguezia — até onde chegasse toda a sua fortuna.

Felizmente o colera não transpoz a fronteira.

Na semana santa de 1887 mandou s. ex.ª vestir 35 pobres;—deu 100 réis de esmola a cada um dos presos da cadeia de Viseu—e 50:000 réis ao *Asylo da Infancia Desvalida*. No domingo de Paschoa do mesmo anno deu um abundante jantar a 167 pobres — e um bolo de S. Bento e 200 réis de esmola a cada um,—e no dia de Natal do dicto anno fez servir um lauto jantar a 210 pobres, a cada um dos quaes deu tambem uma avultada esmola em dinheiro.

—

Os actos de philantropia e caridade que s. ex.ª praticou não teem conta, porque, vivendo só e solteira, e dispondo d'avultada fortuna, os pobres eram a sua familia, os seus amores e achava um prazer ineffavel em os ver sorrir; mas infelizmente falleceu tão bondosa e benemerita senhora, no dia 5 de junho do corrente anno de 1888.

Toda a imprensa jornalistica de Viseu a pranteou vivamente e o *Jornal de Noticias* do Porto,[1] lhe dedicou estas linhas:

«*Viscondessa de S. Caetano.* — Já acabou para a illustre dama que se chamou Eugenia Viseu a vida de soffrimento horrivel, que ha muito vivia.

«Morreu ante-hontem a desventurada senhora.

«Passou 18 mezes sentada sempre na mes-

---

[1] De 7 de junho de 1888.

ma cadeira e sem tentar, por lhe causar dôres terriveis, outra posição mais commoda. Alli gosava as suas flôres predilectas, que os familiares lhe levavam em ramos variados e numerosos.

«Era um jardim ambulante a sala onde exhalou o ultimo suspiro. N'essa sala, convertida depois em camara mortuaria, ficam dispersos, por sobre os consoles e mesas, musicas d'autores classicos, livros amados de litteratura hespanhola, italiana, ingleza e franceza, de sciencias naturaes, sociologicas, de religião e até d'artes e officios, sem faltar o diccionario de medicina de Robin e Littré.

«Murcharão á vista do cadaver as bellas rosas, cinerarias e as azalias de que ultimamente recebera exemplares formosissimos a illustre morta, que teve uma agonia horrorosissima. O tumor que a victimou, no seu crescimento prodigioso causára deslocações incomprehensiveis, e o corpo da gentil Eugenia Viseu era agora uma monstruosidade medonha, que nos dois ultimos dias a gangrena ennegrecera ascorosamente.

—«Soffro muito; tenho soffrido com uma paciencia que não imagino que possa ser maior, mas não tenho força para mais! Deixe-me queixar, sim?»

«Eram frequentes estas palavras dirigidas por ella ao seu medico e á amiga D. Maria Guilhermina, que foi heroina de maternal dedicação.

«Duas horas antes de morrer, fez o seguinte testamento, que demonstra bem a bondade d'aquelle coração que deixou de pulsar.

«Deixa a D. Maria Leocadia Guilhermina Castello Branco, da cidade de Lisboa, e que actualmente vive em sua companhia e por uma só vez, a quantia de 450$000 réis, que lhe serão entregues dentro d'um mez depois do seu fallecimento.

«Deixa o usofructo de todos os seus bens mobiliarios e immobiliarios a sua prima D. Virgínia Vizeu da Costa, de Lisboa, e por sua morte a propriedade passará para a Misericordia de Vizeu, com a obrigação de fundar um asylo de mendicidade, que se denominará—*Asylo de Mendicidade da Viscondessa de S. Caetano.*»

—

Do exposto se vê que nem a morte a pôde separar dos pobresinhos, pois os instituiu por seus universaes herdeiros.

No *Diario Illustrado* de 13 de junho d'este mesmo anno póde ver-se o retrato da illustre finada e um inspirado necrologio devido á pena da distincta escriptora e sua boa amiga, a sr.ª D. Guiomar Torrezão. Bem quizeramos nós transcrevel-o, mas não nos é possivel, por ser bastante longo. Apenas transcreveremos alguns periodos:

«A viscondessa de S. Caetano chamou a si as creanças, os velhos, os orphãos, os parias, todos os exilados do banquete da vida, amparando-os nos seus braços, consolando os com a sua voz acariciadora, agasalhando-os na sua casa, soccorrendo-os na sua miseria, exaltando-os na sua humildade; não podendo ser feliz, ella que possuia desde o berço a belleza, a bondade, a intelligencia e a riqueza, perdoou ao destino a sua illogica crueldade, revendo-se na felicidade dos outros.

. . . . . .

O amor votado á infancia, inspirado pela desventura, suscitado pelo aspecto de todas as lugubres miserias humanas, absorveu exclusivamente esse grande coração que se esqueceu de si, para se abandonar, sem partilhas, aos seus filhos adoptivos, — os pobres.

A viscondessa de S. Caetano não se limitava a soccorrer os desvalidos, os orphãos, os doentes, os famintos, os aleijados, todos os desherdados da vida que sem cessar afluiam ao solar de S. Caetano, tantas vezes transformado em asylo e hospital.

Amava-os estremecidamente, padecia com as suas lagrimas, ungia as chagas de Job com o unctuoso balsamo do seu amor.

. . . . . .

Todos os annos, por occasião da romaria de Santa Eufemia,[1] a viscondessa ia a Ranhados, presidir ao jantar que a sua inex-

---

[1] A grande romaria de *Santa Eufemia* é uma das maiores dos arrabaldes de Viseu. V. o topico supra, relativo á freguezia de *Ranhados*, pag. 1532, col. 2.ª

gotavel caridade distribuia por duzentos pobres.

.....

Dorme na serena paz da aldeia, na doce pacificação do campo e no seio das flores, essa que teve na terra um calvario suppliciante e que foi procurar no ceu uma bemaventurança radiosa.

Os seus responsos soluçaram-os ao longo da azinhaga, embuscada em madresilvas, os pobres, que lhe formaram alas: o ave glorioso da sua immortalidade, entoal-o-hão os anjos.

.....

Guiomar Torrezão.»

—*D. Eugenia Candida da Silva Mendes*, ascendente da viscondessa de S. Caetano.

Casou com João da Silva Mendes, rico negociante, proprietario e capitalista de Viseu; sendo já viuva e muito rica, prestou grandes serviços ao partido liberal na cruel perseguição de 1828 a 1833, pelo que em 1837 foi agraciada com o titulo de baroneza da Silva.

Foi uma senhora muito energica e tanto que arriscou a sua fortuna *e a propria vida* em defesa da causa liberal, chegando a ser presa, etc.

Veja-se o topico das *Familias nobres de Viseu*, n.º 11.º—titulo *Silvas Mendes in principio*, pag. 1733, col. 2.ª

—*Merchala* ou *Mercala*, mulher gentia romana dos arrabaldes de Viseu e tristemente celebre, mencionada na inscripção latina que se encontra em um monte, junto de Lordosa.

V. pag. 1711. col. 2.ª e 1712, col. 1.ª

Fr. Luiz dos Anjos no seu *Jardim de Portugal*, pag. 527 e 528, menciona a dicta mulher e dá na sua integra a tal inscripção, dizendo: «...ouve de seu proprio pay hum filho, por nome *Euforbo*, com o qual casou despois de ter idade, de modo que era seu filho, seu irmão, e seu marido; assim o lemos (*diz elle*) em hum livro muy curioso dos mais notaveis Epitafios do mundo, que está em a livraria Regia do Escurial, impresso...»

Registramos o *lenda*, porque é realmente curiosa.

—*D. Josepha Maria de Sá*, filha do dr. Antonio de Sá Mourão.

Pelos annos de 1718 casou com o celebre escriptor e medico Braz Luiz de Abreu, exposto da roda de Coimbra, e não filho da villa d'Ourem, como diz Ignacio Barbosa Machado.

Tendo do seu consorcio já 3 filhas e 3 filhos, os dois esposos muito espontaneamente separaram-se. Ella recolheu-se com as filhas ao convento ou recolhimento de S. Bernardino da cidade d'Aveiro, onde o marido vivia exercendo a clinica; elle ficou com os 3 filhos;—vestiu o habito da 3.ª ordem de S. Francisco, na qual era professo; ordenou-se em menos de 6 mezes em Lisboa; obteve um breve apostolico para continuar a exercer a profissão; voltou para Aveiro; foi nomeado syndico e medico effectivo do convento de S. Bernardino, e fallava quasi diariamente com a esposa, mas depois da separação não mais tornou a ver-lhe o rosto, porque ella tinha o cuidado de o cobrir sempre com um veu.

Ella entrou para o noviciado em 25 de março de 1732, e professou com as 5 filhas no dia 24 de dezembro de 1734—e n'esse mesmo dia cantou o marido a sua 1.ª missa e pregou com muito applauso o sermão proprio da profissão da esposa e das filhas, cujos nomes eram: Anna Maria, Maria da Natividade, Thereza de Jesns, Antonia Maria e Sebastiana Ignacia.

Ignoramos os nomes dos 3 filhos. Apenas sabemos que um falleceu de tenra idade,—outro foi frade de S. Domingos—e o 3.º jesuita.

Depois da profissão da esposa e filhas, Braz Luiz d'Abreu viveu ainda 22 annos em Aveiro, tratando da administração do convento e da cura dos seus doentes; por ultimo falleceu no dia 10 d'agosto de 1756, contando 65 annos de idade e estando muito bem disposto, sentado em uma cadeira,—pois foi victima de uma apoplexia fulminante, pelo que não pôde receber sacramentos nem fazer disposições algumas.

Foi sepultado no proprio convento de S. Bernardino, onde viviam como religiosas professas a esposa e filhas.

Tudo isto com as demais circumstancias que ignoramos e com as obras que Braz Luiz d'Abreu deixou, deu assumpto ao interessantissimo romance que o sr. Camillo Castello Branco, hoje (1888) visconde de Correia Botelho, publicou sob o titulo *Olho de Vidro*, alcunha de Braz Luiz d'Abreu, por haver perdido um olho e usar d'outro de vidro.

As obras de Luiz d'Abreu são o *Portugal Medico*,—o *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol*, ou a vida de Santo Antonio portuguez,—e *Aquilas, hijas del Sol*,—obra escripta em castelhano.

Veja-se o diccionario de Innocencio e o que disse em continuação o sr. Brito Aranha.

—*D. Maria do Ceu da Silva Mendes*, filha do grande patriota e distincto escriptor publico João da Silva Mendes.

Foi uma senhora formosissima; está ainda solteira, e toca divinamente piano.

Veja-se o topico supra — *Familias nobres de Viseu*, n.º 11, titulo *Silvas Mendes* — e o *Almanach de Vizeu*, de 1884, pag. 50.

—*D. Izabel do Amaral e Vasconcellos*, ascendente da nobilissima *Casa dos Coutos* que foi dos *Albuquerques da casa do Arco*.

Fez de novo o *capitulo* dos frades capuchos d'Orgens e d'elle ficou sendo padroeira.

V. pag. 1543, col. 2.ª

—*D. Maria de Queiroz Castello Branco*.

Esta senhora e o licenciado Belchior Lourenço, seu marido, fundaram em Viseu o convento do *Bom Jesus*, de freiras benedictinas.

V. pag. 1661, col. 1.ª

—*D. Anna de Jesus Serpe*.

Esta senhora e seu marido doaram aos congregados do Oratorio a quinta onde se estabeleceram e fizeram o seu convento, hoje seminario episcopal de Viseu.

V. pag. 1649, col. 1.ª

—*Filippa Varella*.

Fez e dotou a capella do *Espirito Santo*, na Sé de Viseu.

Era irmã de Gaspar Varella de Campos, o *Surdo*, e ambos filhos de *Pedro Rodrigues Ferreira*, feitor do marquez de Ferreira.

—*Uma mulher, cujo nome se ignora*.

Viveu 120 annos e foi casada uma só vez, mas teve entre filhos, netos, bisnetos e tataranetos 96 pessoas!...

Dial. 1.º de Botelho, cap. 20, pag. 110 no codice de *Girabolhos*.

—*Outra mulher, cujo nome se ignora tambem*, e que viveu no sec. XVI.

«Pariu 3 filhos, a qual, como andasse prenhe d'aquella barriga, indo o Ouvidor da Infanta D. Maria prender-lhe o marido, ella lhe quebrou a vara, e o tratou tão mal, que fez queixa á Infanta,[1] que tomou d'isso grande paixão; mas a varonil mulher, como pariu, se foi com elles lançar a seus pés, e pedir-lhe perdão, dizendo que quem tinha em si 4 corações não era de espantar commettesse tal atrevimento; que S. Alteza lhe perdoasse; e a Infanta o fez, respeitando ao que via diante de si.»

Dial. de Botelho, loc. cit.

—*D. Francisca de Campos Coelho*,
—*Ignez Seraphina Margarida de Jesus* e
—*D. Thomazia Maria Micaela de Loureiro Lacerda*.

Foram senhoras de muita illustração, pois Berardo as menciona como *escritoras* na *Memoria* que offereceu á camara em 1838, —parte 1.ª § 12.

—*D. Dorothêa d'Almeida Furtado*,
—*D. Francisca d'Almeida Furtado*,
—*D. Eugenia d'Almeida Furtado*, e
—*D. Maria das Dores d'Almeida Furtado*,—pintoras insignes, filhas do celebre miniaturista José d'Almeida Furtado, sendo as

---

[1] Esta infanta era filha d'el-rei D. Manuel. V. pag. 1722, col. 1.ª, n.º 9.

duas primeiras *Academicas de merito* pela *Academia portuense de Bellas Artes.*

Veja-se o topico infra—*Pintores.*

Bispos

Remissol, 1.º bispo de Viseu, segundo o nosso humilde catalogo.

V. pag. 1598, col. 1.ª *supra.*

Alguem diz que este prelado era filho de Viseu.

—*D. Luiz do Amaral.*

Veja-se o nosso catalogo *supra*, pag. 1605 col. 1.ª *in fine* e segg.

—*D. Manuel de Almeida Carvalho*, bispo do Pará, etc.

Veja-se o topico *Escriptores*, infra, onde fazemos menção d'este benemerito filho de Viseu.

—*D. Gaudencio José Pereira*, hoje arcebispo de Mytilene, com o titulo de *conde*, bispo eleito e governador do bispado de Portalegre.

V. pag. 1589, supra, col. 1.ª

Está eleito e governando aquella diocese desde a morte do ultimo prelado, mas até hoje (15 d'agosto de 1888) ainda não foi confirmado.

D. Gaudencio José Pereira foi nomeado suffraganeo do ex.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa por carta régia de 31 de janeiro de 1887.

Confirmado Arcebispo de Mitylene e suffraganeo do Patriarcha de Lisboa por Bulla de 14 de março de 1887. Tomou posse do logar de Provisor e Vigario Geral do Patriarchado, presidente da relação e curia patriarchal de Lisboa, em 19 d'abril de 1887.

Sagrado Arcebispo de Mitylene em 1 de maio de 1887.

Nomeado vigario procapitular do bispado de Portalegre por provisão do ex.mo Cardeal Patriarcha de Lisboa, na qualidade de metropolita, em 15 de setembro de 1887.

Nomeado e apresentado bispo de Portalegre por decreto de 22 de dezembro de 1887.

Preconisado bispo de Portalegre em Roma no consistorio de 1 de junho de 1888.

Prestou juramento no ministerio da justiça em 3 de julho e nas mãos do em.mo Cardeal Patriarcha em 4 de julho de 1888.

Tomou posse (por procuração) do bispado de Portalegre em 21 de julho e fez a sua entrada solemne na Sé em 5 de agosto de 1888.

—

Foi o terceiro que honrou nos tempos modernos o corpo docente do Seminario visiense com o baculo pastoral, sendo o primeiro D. Thomaz Gomes d'Almeida, hoje bispo da Guarda: o segundo D. Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Goa e primaz do Oriente. E coisa singular: todos tres assistiram á ordenação do que depois foi bispo de Bethsaida, hoje commissario da Bulla, D. Antonio Ayres de Gouvêa! Em tempos mais remotos (1792) foi alumno do Seminario visiense Manuel Pires de Loureiro, que foi prior de S. André de Lisboa e depois bispo de Beja, fallecido em 1851. É seu parente o actual commissario de policia, Antonio Pires de Loureiro.

Escriptores

—*João de Barros*, o *Livio portuguez*, auctor das *Decadas.*

Nasceu, conforme a opinião mais seguida, na cidade de Viseu em 1496 e falleceu em 1570 na sua quinta de *Alitem*, ou de S. Lourenço, junto da villa de Pombal, sendo sepultado na matriz de Alcobaça.

Relativamente á sua biographia e ás obras de que foi autor, vejam-se os interessantes artigos publicados por Innocencio F. da Silva no *Diccion. Bibl*, tomo 3.º pag. 318 a 323,—e pelo sr. Brito Aranha na continuação do mesmo diccionario, tomo 10.º pag. 187 a 189.

Veja-se tambem o art. *Pombal*, tomo 7.º pág. 138, col. 2.ª, e as *Memorias* de Berardo (cap. 10.º) publicadas em folhetins no *Liberal* e no *Observador.*

Como ainda se discutem alguns pontos da biographia de João de Barros, o *Livio*

portuguez, vamos extractar o que d'elle diz o dr. Manoel Botelho no seu *Dial.* 4.º, cap. 27, e que algum peso tem, porque Botelho, alem de ser muito illustrado e muito versado em genealogias, era parente de Gaspar Barreiros (sobrinho de João de Barros)—possuia *mss.* de Barreiros (veja-se o topico infra)—e escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636.

No cap. 27.º diz elle:

Mecia Martins de Figueiredo, filha 2.ª de Martim Annes Durão da Matta... houve de seu marido a Tareja Rodrigues de Figueiredo, que casou com Gil Martins, dos quaes nasceu Diogo Gil de Figueiredo, que casou com Beatriz Affonso, de quem nasceu Gil de Figueiredo... e

—*Isazel Rodrigues de Figueiredo.*

Casou com Lopo Dias e houveram a

—*Leonor Dias de Figueiredo.*

Casou com Lopo de Barros, *cidadão de Braga*, filho d'outro Lopo de Barros e de Maria Gonçalves Raposa, filha d'um cidadão do Porto. Descendiam estes fidalgos de um Martim Martins de Barros, senhor do morgado de *Moreira*, junto a Braga, e d'este nasceu Alvaro de Barros, pae de Lopo de Barros, «que o foi do que tractamos».

Lopo de Barros, marido de Leonor Dias de Figueiredo, foi muitos annos corregedor entre o Tejo e Guadiana e criado de D. Affonso V, D. João II e d'el-rei D. Manoel,—e capitão de 4 naus na tomada d'Arzila, capitão d'um esquadrão no cerco do Sabugal, etc. «E segundo achei por certeza, seu avô não se chamava *Alvaro de Barros*, mas *Gonçalo Dias de Barros*, que foi abbade do mosteiro de *Calvello*, 3 legoas de Braga, e d'outros beneficios, que por sua morte annexou a Villar de Frades, onde jaz sepultado.»

Lopo de Barros houve de Leonor Dias estes filhos:—João de Barros, Diogo de Barros, Alvaro de Barros, Christovam de Barros, Genebra de Barros e Maria de Barros.[1] Teve tambem 2 filhos naturaes: — *João de Barros* (o das *Decadas*) e Martha de Barros.

Em seguida vâe fallando de todos os filhos *legitimos*, mencionados supra, indicando os seus casamentos e a descendencia que deixaram, e por ultimo diz textualmente o seguinte:

—

«*João de Barros* filho *natural* de Lopo de Barros,... foi feitor da Casa da India, e Mina, muito privado d'el-rei D. João III, e com o principe se criou, sendo menino; e foi a causa, que Lopo de Barros tinha grande amisade com D. João de Menezes, e á hora da morte disse-lhe que tinha seus filhos acomodados, senão hum, que tinha natural de hua mulher honrada; que lhe pedia muito que lho encommendasse a el-rei; o que D. João fez, offerecendo-lho, que o tomou, e criou com o principe D. João, e o fez da sua guarda-roupa. Compoz este *João de Barros* as *Decadas da Historia da India*, com outras muitas obras famosas. Casou com Maria d'Almeida (*sic*) filha de Diogo d'Almeida, de Pombal, pae tambem de Lopo d'Almeida, de Leiria, da qual houve —*Jeronymo de Barros, Antonio de Barros, João de Barros*, que morreu na batalha d'Alcacere, e *Lopo de Barros*, que foi tão esforçado, e valente lutador, que botava os homens por cima de si para traz,—e *Diogo d'Almeida*, os quaes todos forão filhados por fidaldos; e *D. Maria d'Almeida*, e *D. Catharina de Barros*, mulher de Christovão de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva veador da rainha D. Catharina; *Anna de Barros*, e *Isabel d'Almeida*, que casou com seu parente Lopo de Barros, filho de Diogo de Barros, em Braga.»

A transcripção é bastante longa, mas interessante, mesmo porque os *Dialogos* do dr. Botelho ainda estão mss. e não se encontram facilmente.

—*Gaspar Barreiros*, sobrinho do antecedente,

Foi conego na Sé de Viseu, sua patria, onde nasceu não sabemos quando, e ali fallaceu em 1 d'abril de 1573, segundo diz Berardo, *loc. cit.*—ou em 6 d'agosto de 1574, segundo diz Innocencio.

---

[1] Esta *Maria de Barros* teve entre outros filhos, *Gaspar Barreiros*, como logo diremos.

Foi tambem conego e inquisidor em Evora e por ultimo religioso franciscano com o nome de Fr. Francisco da Madre de Deus.

Escreveu varias obras, cuja lista pode ver-se na *Bibl. Lusit.* mas foi impressa apenas uma *Chorographia*, na qual descreve a viagem que fez no anno de 1546 á Italia; principia porém a discripção em Badajoz e falla muito e *muito bem* da Hespanha, da França e da Italia, mostrando profundo conhecimento dos antigos geographos, mas infelizmente não se occupou de Portugal, o que deveras sentimos, pois estava habilitado como talvez nenhum dos nossos chorographos para descrever a antiga *Lusitania*, —e elle a descreveu e talvez dissesse muito da provincia da Beira e de Viseu, sua terra natal, mas infelizmente essa discripção ficou *ms.* e perdeu-se ou jaz ignorada em authographo e exemplar unico nos Açores.

Sendo elle tão versado em antiguidades e occupando-se tão largamente de paizes estrangeiros, seria demasiada ingratidão não se occupar do seu paiz; mas não lhe cabe a censura, porque Barbosa Machado aponta os seguintes mss. de G. Barreiros:

—*Commentaria de Ophyra Regione*;
—*Censura in quendam authorem*;
—*Carta de Roma* (1547) *a El-Rey*;
—*Censuras sobre os 4 livros de Catão*;
—*Vita D. Francisci*;
—Verdadeira Nobreza, ou Linhagem de Portugal;
—*Annotações a Ptolomeu*;
—*Descripção do Egipto*;
—Carta Consolatoria (Roma, 1563) *á Infanta D. Maria*;
—*Carta de Santarem (1569) a Damião de Goes*;
—*Observações Cosmographicas*;
—*Egloga pastoril, em louvor da Infanta D. Maria*;
—*Homilia sobre «Angelus Domini apparuit in somnis Jozeph»*;
—*Geographia da Antiga Lusitania?!...*

—

Debalde procurei este ultimo *ms.* nas nossas bibliothecas publicas e particulares, principiando pela de Evora, já por ser muito abundante em *mss.*—já porque ali viveram G. Barreiros e o irmão, tambem conego e que alem da *Chorographia* que fez publicar, muito provavelmente herdou do auctor todos os outros *mss.* Tractei mesmo de vêr se algum bibliophilo d'Evora os possuia ou me dava noticia d'elles, nomeadamente da *Geographia da Antiga Lusitania*, e não foram completamente baldadas as minhas pesquisas, porque o sr. Antonio Francisco Barata, distincto escriptor publico ali residente, se dignou enviar-me a carta seguinte, que muito agradeço:

«Posso dizer alguma coisa sobre o *ms.* de Gaspar Barreiros.

A *Bibl. Lusit.* dá perdida a *Descripção de Hespanha*, creio que no terramoto de 1755; haverá porém 4 annos, achando eu em Lisboa, na livraria de Antonio Rodrigues, um *ms.* folio, sem começo nem fim, mas de letra do sec. XVI, li-o e descobri n'elle o *ms.* de Barreiros, que Barbosa dava perdido.

Foi comprado para mim pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões, e pára hoje na ilha de S. Miguel (Açores) em Ponta Delgada.

Foi da Marqueza d'Alorna—e é o primeiro trabalho de Barreiros, o borrão d'onde talvez se tiraria a copia que se perdeu em 1755.

Começa por uma descripção da Lusitania e depois descreve a Hespanha. Não me lembro se a descreve toda se, ao que me parece, as terras do littoral sómente.

Embora sem principio e talvez incompleto, é estimavel este *ms.* que offereci ao sr. José do Canto.

Em Evora não existe copia.

.....

A. F. Barata.»

Do exposto se vê que de tantos e tão preciosos *mss.* de Barreiros apenas existe nos Açores o *borrão* e *exemplar unico* da sua *Geographia da Antiga Lusitania*, exposto a perder-se como se perderam os outros *mss.* do mesmo autor e como se teem perdido e estão perdendo tantos outros!

Quando se resolverão os nossos governos a salvar em edições baratas os muitos *mss.*

que ainda restam e que jazem ignorados nas nossas bibliothecas?[1]

Prosigamos.

—

—*Dr. Manoel Botelho Ribeiro Pereira*, autor dos *Dialogos moraes e politicos, e fundação da cidade de Viseu*, etc. tantas vezes por nós citados.

Era ainda parente de Gaspar Barreiros e compulsou alguns dos seus escriptos, por que a elles faz de longe em longe algumas leves referencias; escreveu os seus *Dialogos* em 1630 a 1636 e lamentamos que até hoje (1888) não fossem dados á estampa, mas por fortuna são bem conhecidos e não se perderam, como succedeu á maior parte dos *mss.* de Barreiros.

Para evitarmos repetições veja-se o que d'estes *Dialogos* dissemos supra, pag. 1540, col. 1.ª; 1725, col. 1.ª e 2.ª; 1660, col 2.ª *in fine*),—e particularmeute pag. 1684, col. 1.ª e 2.ª—e 1694 a 1696.

Que nós saibamos, ha d'estes *Dialogos* pelo menos 8 copias: 3 em Viseu, sendo uma a de *Girabolhos*; 3 na *Bibliotheca Municipal do Porto;* mais uma no Porto na interessante e valiosa livraria particular do sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva,—e outra em Lisboa na bibliotheca da *Academia Real das Sciencias.*

Tambem deixou ineditas varias poesias, que se perderam, segundo diz Berardo.

—

—*José Antonio Madeira*, dr. em canones pela Universidade de Coimbra, e conego doutoral na Sé de Viseu, provido em 31 de março de 1594.

Escreveu e publicou a *Regra dos Sacerdotes*... 1.ª parte, Coimbra, 1603.

«É obra rara, de que difficilmente apparece algum exemplar. Pela minha parte não a poude ainda ver»—diz Innocencio,—e não foi mais feliz o seu continuador Brito Aranha.

—*Antonio Relnoso*, dr. em medicina e lente da Universidade de Coimbra quando a reformou D. João III.

Escreveu um *Tratado das Febres*, — segundo diz Berardo, *loc. cit.*; mas nem o Diccionario de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha, nem o *Man. Bibliog.* de Mattos mencionam tal escriptor.

—*Antonio Ribeiro Raya*, que nasceu em 1693.

«Parece ter seguido as armas, porque deixou inedito um tratado da *Pratica e Theoria da Guerra*»—diz Berardo, *loc. cit.*

Nem Innocencio, nem Brito Aranha, nem Pinto de Mattos o mencionam.

---

[1] V. *Gaspar Barreiros* no *Diccion. Bibl.* de Innocencio e na citada Memoria de Berardo e a sua genealogia no *Dial.* 4.º cap. 27 do seu parente dr. Manoel Botelho, o qual, depois de dizer que o dito Gaspar Barreiros era filho do 2.º matrimonio de Ruy Barreiros de Seixas e de Maria de Barros, filha de *Lopo de Barros* e Leonor Dias, menciona os filhos que tiveram:

—*Francisca Barreiros*, mulher de Antonio Godinho, o qual acompanhou o bispo D. Miguel da Silva, quando fugiu de Viseu para Roma;

—*Lopo de Barros*, conego d'Evora, e depois abbade de Tavares, pae de Antonio de Barros, collegial de S. Paulo;

—*Gaspar Barreiros*, tambem conego em Evora, «d'onde foi a Roma por mandado do cardeal D. Henrique, ultimo rei portuguez (*in illo tempore*, 1630–1636,) visitar S. Santidade. Depois se fez frade de S. Francisco, e se chamou Fr. Francisco. Compoz muitas obras, como foi o seu *Itinerario*, —hum livro da *Verdadeira nobreza*, com muitas gerações, que não sahiu á luz, —e a *Descripção de Hespanha*, que *tenho em meu poder(?!...) mas imperfeita, ou rascunho da obra que intentava.*» Era *muito provavelmente* o codice que hoje existe nos Açôres e de que já fizemos menção supra.

Menciona tambem Botelho outro irmão de Gaspar Barreiros:

—O *dr. Antonio Barreiros*, que foi corregedor no Porto e Coimbra, cavalleiro do habito de Christo e aposentado com o titulo de dezembargador e tença.

Casou e teve successão.

Botelho, *loc. sit.* diz tambem que João de Barros, o das *Decadas*, era filho, mas *filho natural*, do mesmo Lopo de Barros, avô materno de Gaspar Barreiros.

—*Dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida.*

Innocencio e Mattos não o mencionam;—o sr. Brito Aranha dá-lhe o nome de *Antonio Ribeiro da Costa* sómente e accrescenta:

«Bacharel em Direito e professor no Lyceu Nacional do Porto. Ignoro as demais circumstancias da sua pessoa, e só vi impressa com o seu nome e á venda a obra seguinte, de que pude tomar nota: — *Curso elementar de Philosophia*... Porto. 1866.»

É neto do infeliz tenente — rei da praça d'Almeida—Francisco Bernardo da Costa e Almeida; casou e vive no Porto, onde é professor do Lyceu e actualmente governador civil, etc.

Veja-se o topico supra—*Familias nobres de Viseu*, n.º 11, *Silvas Mendes*, pag. 1735, onde se encontra a biographia d'este escriptor, benemerito filho de Viseu.

—*Amaro de Reboredo*, famoso latinista, muito elogiado por José Vicente Gomes de Moura.

Escreveu a *Verdadeira Grammatica Latina*... (Lisboa, 1615)—e outras obras indicadas por Innocencio, o qual não pôde verificar ao certo a naturalidade do auctor, que foi beneficiado na villa da Arruda e na Sé de Viseu, pelo que Innocencio o julgou natural d'esta cidade ou da villa de Algoso, mas o sr. Brito Aranha affirma que nasceu em Algoso—e á mesma opinião se inclina o *Manual Bibliographico.*

—

—*Dr. Antonio Nunes de Carvalho da Costa Monteiro de Mesquita*, do conselho de S. Magestade, commendador da O. de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição, dr. e lente de direito na Universidade de Coimbra, etc.

Nasceu na rua Direita da cidade de Viseu a 16 de junho de 1786 e falleceu em Coimbra a 5 de junho de 1868, contando por consequencia 82 annos de idade.

Nós o conhecemos em Coimbra durante a nossa formatura (1851 a 1856) regendo a cadeira de direito romano.

Era um dos primeiros ornamentos da Universidade, muito versado em todos os ramos da faculdade de Direito, n'outras sciencias e em linguistica, pois andou annos emigrado e viajando pelos paizes estrangeiros e conhecia bem muitas linguas.

Era tambem muito versado em bibliographia, tanto portugueza como franceza, ingleza, hespanhola, italiana, etc. Foi talvez o 1.º bibliographo que teve Portugal no seu tempo.

Regia a sua cadeira com muita proficiencia, mas era muito excentrico. Gostava de formular umas certas *perguntas d'algibeira*, com que se entretinha a *estender* os seus discipulos todos, inclusivamente os mais distinctos, e, costumando os outros lentes ou não irem á aula na vespera de ferias, ou irem e não chamarem á lição, elle ia sempre,—fazia prelecção e chamava á lição, —mesmo no ultimo dia d'aula dos annos lectivos, na vespera das ferias grandes.

Por estas e outras *picuinhas ejusdem fusfuris* na sua aula nem elle, nem o guarda-mor com todos os archeiros jámais poderam manter a disciplina.

Por vezes a dita aula parecia uma praça de touros! Os discipulos, sempre numerosos [1], respeitando aliás todos os outros lentes, caprichavam em *arreliar* e fazer *troça* ao bom do dr. Nunes.

Ahi vae uma amostra do pano:

—

Os salões das aulas n'aquelle tempo tinham lá no fundo a cadeira do professor, especie de pulpito que sobrepujava 2 a 3 metros ao pavimento do salão—e este era abobadado e dividido longitudinalmente com duas ordens de pesados bancos de pinho em plano inclinado para a cadeira do lente, ficando a meio das bancadas uma coxia ou vão, para passagem dos estudantes e do lente.

Nos dias da grande *troça*, principalmente nas vesperas de ferias, quando o pobre dr. Nunes estava fazendo a prelecção e chaman-

---

[1] Os cursos de Direito no meu tempo regulavam por 100 alumnos, e alguns ultrapassavam esta cifra.

do á lição, os discipulos conversavam, cantavam, recitavam, gritavam, atiravam com grandes *papelotes* em todas as direcções, sem respeitarem a cadeira do lente *e o proprio lente*—e cantavam a ladainha em côro, alternando os de um lado da coxia (aproximadamente 50) com os do outro lado, o que em um vasto salão de abobada era de ensurdecer! Por ultimo saltavam para a coxia, deixando os bancos todos vazios; — tombavam o ultimo e mais alto contra o immediato; este cahia sobre o banco visinho e com o peso proprio o tombava — e assim com o peso proprio iam tombando e caindo todos os bancos, produzindo um estrepito infernal!

O dr. Nunes não se incommodava com bagatellas, mas quando o barulho era demasiado, puxava pelo cordão da campainha, —acudia o guarda-mor com os archeiros e por vezes prendia bandos de estudantes.

Por seu turno o dr. Nunes tambem nos actos finaes era franco em deitar *RR*—e um anno deu-se o facto seguinte:—Um seu discipulo, estudante aliás distincto e bem comportado (é actualmente juiz de direito) ficou attonito por ver que, tendo tirado distincções nos outros annos, n'aquelle lhe deitaram um *R*. Sabendo que o *brinde* proviera do dr. Nunes, foi procural-o e queixar-se.

«Os senhores durante o anno cantaram a ladainha, pois agora cantem o *miserere*!...» —lhe disse o dr. Nunes.

—

Elle nunca foi meu lente, mas assisti a muitas das taes *touradas* nas vesperas das ferias, porque os meus lentes e todos os outros, se appareciam então nas aulas, era só para se despedirem. Ficavamos pois todos livres e, como rapazes iamos logo para a aula do dr. Nunes, por ser o espectaculo sempre interessante e *gratuito*.

Desculpem-nos estas reminiscencias de tão saudosa epoca—e prosigamos.

—

No *Album Visiense*, pag. 81 a 83, se encontra em lithographia um bello retrato do benemerito dr. e o seguinte esboço biographico, escripto pelo sr. M. d'Aragão:

«Entre os nomes que por diversos titulos nobilitam a cidade de *Viseu* merece honrosa menção o do conselheiro *Antonio Nunes de Carvalho da Costa Monteiro de Mesquita*.

Basta o facto de ter doado a esta cidade a maxima parte dos livros que hoje constituem a sua bibliotheca publica, para que o nome de tão illustre como prestante cidadão deva gravar se na memoria de seus habitantes e principalmente dos que se empenham no engrandecimento das artes, lettras e sciencias.

Nasceu Nunes de Carvalho em 16 de junho de 1786 na rua Direita d'esta cidade e casa onde hoje (março de 1885) habita o meu bom amigo José Augusto d'Almeida do Amaral.

Foram seus paes José Nunes de Carvalho e Maria Angelica da Costa, o que pode verificar-se no seu assento de baptismo, que se encontra a fl. 182, v. do livro dos assentos da freguezia *Oriental da Sé de Viseu*, relativo, entre outros, ao anno de 1786, archivado na camara ecclesiastica.

Destinado por seus paes ao estado ecclesiastico, consagrou os primeiros annos da sua mocidade ao estudo das humanidades, que então floresciam na casa que aqui possuiam os padres do Oratorio, hoje seminario diocesano.

Mereceram-lhe especial dedicação os classicos gregos e latinos, e foi tal o progresso e distincção que alcançou, que tendo apenas 18 annos de edade, foi nomeado substituto da cadeira de latim n'esta cidade.

—

«Pelos esforços e cuidados do arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas, Evora havia-se tornado o theatro esplendido d'um vasto plano de solidos estudos, onde progrediam as lettras, bellas artes e linguas vivas.

O illustrado prelado não perdia occasião de convidar para o magisterio os mais auctorisados professores. E tanto já soava a fama de Nunes de Carvalho, que em 1806 mereceu a mui subida honra de ser chamado para em tão illustrada escola professar as humanidades.

Ali, pelo tracto intimo com o douto prelado, pela convivencia com sabios distinctos

e tendo á sua disposição os melhores livros, enriqueceu a sua educação litteraria, adquiriu o mais entranhavel amor e esclarecido zelo pelas lettras e pelos seus cultores, e animou os vôos do seu genio que tão alto o elevaram e tanta gloria grangearam para si e para Vizeu, onde se ufanava de ter nascido, pois era raro escrever o seu nome sem accrescentar—*natural da cidade de Viseu.*

Nos fins de 1808 teve de interromper os seus exercicios escolares em consequencia da invasão franceza e dos calamitosos successos de que foi theatro a provincia do Alemtejo, particularmente a sua capital, que pozeram em risco a vida de todos os seus habitantes, especialmente a do seu prelado.

Nunes de Carvalho não hesitou em arriscar a sua vida e incorrer nos odios da populaça para salvar a do arcebispo, não esquecendo assim na adversidade a benevolencia com que este o acolhia na prosperidade.

Dos valiosos serviços que n'esta conjunctura o joven professor prestou á cidade de Evora e ao seu prelado, de quem fôra secretario, existe honrosissimo documento do proprio punho do venerando arcebispo.

O curso dos acontecimentos reconduziu Fr. Manuel de Cenaculo são e salvo á sua egreja; e Nunes de Carvalho voltou tambem a professar por algum tempo as humanidades no seminario eborense.

O sabio e modesto professor continua ahi desenvolvendo as suas felizes disposições para as lettras, e o illustre prelado não cessa de o animar com o exemplo e bons conselhos e de lhe proporcionar todas as condições favoraveis a esse desenvolvimento. Repartiu com elle uma parte dos livros da sua bibliotheca, por sem duvida a dadiva mais valiosa que podia offertar-lhe.

Em 28 de janeiro de 1813 obteve Nunes de Carvalho a nomeação de substituto interino da cadeira de philosophia racional e moral no *collegio das artes* em Coimbra, cujos professores gosavam as honras de lentes da Universidade.

—

«Em outubro de 1815 matriculou-se no primeiro anno juridico, seguindo o curso das duas faculdades em que então se dividiam os estudos de jurisprudencia, fazendo sua formatura em canones no anno de 1820 e em leis no anno seguinte, e recebeu o grau de doutor d'esta ultima faculdade em 28 de abril de 1822.

Por carta regia de 17 d'outubro de 1817 foi provido definitivamente na substituição da cadeira de philosophia, e em 1822 succede na propriedade d'ella a D. Fr. Francisco de S. Luiz, já então reitor reformador da Universidade, e sagrado bispo de Coimbra em 15 de setembro d'este ultimo anno.

A despeito de todas as perseguições que lhe moviam pela sua reconhecida adhesão aos principios liberaes e intima ligação com os seus mais strenuos defensores, Nunes de Carvalho continuou no exercicio das funcções do magisterio até 1828, anno em que principiam as mais sangrentas luctas entre *realistas* e *constitucionaes.*

Depois da batalha da *Cruz dos Morouços*, que ficou indecisa, o brigadeiro Saraiva Refoyos, commandante das tropas liberaes, possuido de um terror panico, como que a tivesse perdido, ao anoitecer do dia 25 de junho de 1828 deu ordem para abandonar aquelle logar e partiu para Coimbra.[1] Na noite de 26 ordena a retirada para o Porto. Alguns habitantes de Coimbra, uns por serem avisados, outros por sentirem a marcha das tropas, acompanharam-as para não cahirem nas mãos do inimigo e serem victimas das suas vinganças.

Nunes de Carvalho, mal convalescido ainda de uma grave enfermidade que o havia accommettido, seguiu-as a pé para o Porto.

A inactividade e a falta de coragem da Junta, que se havia formado n'aquella cidade, e depois a sua dissolução, produziram grave consternação no animo dos seus habitantes. Uns refugiaram-se nas suas quintas, outros nas casas dos seus amigos, e o maior numero as acompanha para a Galliza.

---

1 V. *Cruz dos Morouços*, tomo 2.º pag. 453.

Depois de muitos trabalhos e privações que soffreram no terreno castelhano, grande parte dos emigrados embarcaram na Corunha e no Ferrol, indo procurar asylo na Inglaterra.

N'este numero entrou Nunes de Carvalho, que aproveitou as longas horas do duro exilio em profundas locubrações scientificas em novos e variados estudos. Examinou *detidamente* a bibliotheca do museu britanico em Londres e mais tarde as principaes bibliothecas e archivos de Paris, etc.

—

«Desassombrado dos terrores que primeiro lhe infundira a revolução do Porto, D. Miguel aproveita a victoria e assume a cubiçada realeza, sendo declarado rei pelos *tres estados do reino* em 23 de junho de 1828.

Por carta regia de 14 de julho foi creada uma Alçada para processar e julgar em ultima instancia todas as pessoas implicadas na insurreição do Porto, inaugurando-se em todas as terras do reino um regimen de sangue e terror.

Em Coimbra são pronunciados pelo crime de rebellião varios lentes, oppositores, estudantes e outros empregados da Universidade, em cujo numero entrou Nunes de Carvalho.

No dia 7 d'agosto do referido anno procederam a um exame nos livros que elle havia deixado n'aquella cidade, mencionando os trechos d'aquelles em que poderam achar alguma doutrina que desagradasse aos miguelistas.

Transcreveram-se as cartas por elle dirigidas a Fr. Francisco de S. Luiz, em que manifestava as suas opiniões liberaes, e todos os papeis com que julgaram poder fazer-lhe carga, não se esquecendo de renovarem a velha accusação que lhe faziam de *pedreiro livre*, e de ter em sua casa a loja maçonica dos *jardineiros*, o que não foi confirmado pelas minuciosas pesquizas n'ella feitas em 1823.

—

«Nunes de Carvalho, com alguns exilados, transportou-se de Inglaterra para a França, onde todos são recebidos generosamente.

Foi n'esta epoca (1833) que elle publicou o precioso manuscripto inedito de D. João de Castro:—*Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541*...

Esta obra, além dos retratos de D. João de Castro e de D. Estevam da Gama, é precedida de uma douta e erudita prefação e acompanhada de um atlas de 17 cartas ou taboas, e de valiosas notas.

.....

...os estrangeiros possuiam desde muito tempo impressa uma obra que talvez faltaria ainda hoje na lingua original, que a produziu, se não fosse a sollicitude e zelo pelas lettras de Nunes de Carvalho, e o concurso de circumstancias que o levaram a publical-a. E a empreza da publicação sobe de valor, se se attender a que elle, *privado dos meios da mais parca subsistencia*, não duvidou *mendigar* dos seus compatriotas os recursos pecuniarios precisos. Mais vasto, porem, era o seu intento, como declara no prefacio do *Roteiro*. Propunha-se dar á estampa os outros 2 *Roteiros* que D. João de Castro composera das suas viagens de Lisboa até Goa e Diu, assim como todas as demais obras d'este insigne capitão.

.....

Quando depois da batalha da *Asseiceira* reinou em Portugal o sol da liberdade, Nunes de Carvalho regressou a Lisboa do seu longo exilio, sendo pouco depois nomeado lente cathedratico da faculdade de leis na Universidade de Coimbra e deputado da real junta da directoria geral dos estudos.

Pela extincção das ordens religiosas, as suas bibliothecas e archivos, que continham obras e *mss.* de grande valor, ficaram em poder do governo... e foi o nosso benemerito concidadão encarregado de colligir no vasto deposito do convento de S. Francisco de Lisboa os livros e codices dos conventos da capital e das provincias da Estremadura e Alemtejo.[1] E ninguem mais competente do

[1] Alguem diz que n'aquelle *mare magnum* de livros e *mss.* tambem *colleccionou e separou* muitos para a sua bibliotheca particular.

P. A. Ferreira.

que elle para desempenhar tão laboriosa como difficil commissão.

Os seus *profundos conhecimentos bibliographicos* eram reconhecidos ainda fóra do paiz. Ferdinand Deniz diz na *Nouvelle biographie universelle*, Paris, 1854, tomo 8.º:— *M. Carvalho (Antonio Nunes) á visité la France et l'Angleterre, et ses investigations lui ont acquis des rares connaissances en bibliographie.*

Tambem o *Diccionaire du XIX siècle*, de Larousse, na palavra *Carvalho*, não se esquece de o mencionar como *bibliographo*, e de apresentar alguns traços da sua vida.

.....

Em 1836 foi nomeado bibliothecario-mor da casa real.

.....

Pela demissão do guarda mor do real archivo da Torre de Tombo concedida ao bispo-conde D. Fr. Francisco de S. Luiz, Passos Manuel, ministro do reino do chamado *governo patriotico*, por decreto de 28 de setembro de 1836 nomeia-o interinamente para esse cargo, ao qual andavam annexas as honras de official-mor da casa real, e insta com elle para que acceite a propriedade. Obstaram porem a que accedesse ás solicitações do ministro a amisade e o respeito que consagrava ao seu illustre antecessor e a esperança de que, reformada em côrtes a constituição de 1822, que havia sido proclamada pela *Revolução de Setembro* e que o prelado não quiz jurar, cessariam os escrupulos e, prestado o devido juramento á que se fizesse, elle reassumiria as funcções d'esse cargo.

—

«Até 30 de setembro de 1838 desempenha cumulativamente as funcções de guarda-mor do Real Archivo e as da commissão do deposito das livrarias dos extinctos conventos.....

Attestam de sobejo o zêlo e a dedicação com que soube desempenhar-se de tão honrosos encargos a reorganisação da aula de diplomatica, que desde 1834 se achava fechada, o estabelecimento da bibliotheca especial do Real Archivo e outras muitas providencias e melhoramentos realisados sob a sua esclarecida administração n'aquelle archivo nacional.

No meio das suas multiplas e variadas occupações não se esqueceu de prestar á Universidade, de que era membro, distinctos serviços. A's suas espontaneas diligencias deve este estabelecimento scientifico a valiosa cedencia dos edificios dos conventos e cercas de S. Bento e S. José em Coimbra.

Terminadas as funcções publicas em Lisboa, passou a residir em Coimbra, entregando-se exclusivamente á regencia da cadeira de direito romano, sendo por todos respeitado como professor consummado.

As horas que lhe sobravam dos seus deveres consagrava-as ao estudo na sua rica e selectissima livraria, que franquiava a mestres e discipulos que o consultavam.

Depois de 48 annos de carreira publica requereu a sua jubilação, que lhe foi concedida por decreto de 25 d'abril de 1851,[1] mas nem por isso deixou de concorrer ao serviço academico, excepto o da regencia da cadeira. Quando, porem, pela sua molestia e avançada edade já não podia applicar-se ao estudo, querendo dar á sua patria testemunho do seu entranhavel affecto e amor, dôa-lhe a sua livraria, primeiro por titulo particular escripto por seu proprio punho, cujo original está no archivo da camara municipal de Viseu, e depois por escriptura publica, outhorgada nas notas do tabellião da comarca de Coimbra, Manuel José de Sousa, aos 28 de setembro de 1864.

—

«Quiz que os livros offertados constituis-

---

[1] Aqui houve erro typographico. Em vez de 1851 deverá ler-se 1861, pois durante a minha formatura,— 1851 a 1856 e mesmo no anno lectivo de 1856 a 1857—ainda elle regeu a cadeira de direito romano. Em 56 a 57 foi lente substituto da mencionada cadeira o sr. dr. Adriano d'Abreu Cardoso Machado, que hoje (1888) é reitor da Universidade, ministro d'estado honorario, etc.

P. A. Ferreira.

sem o nucleo da *Bibliotheca Publica de Viseu*, que desejava fosse a *melhor* (?) do reino; e que esta, para ficar central e accessivel a todos, se collocasse no edificio da Misericordia ou no *Collegio* (antigo seminario) onde effectivamente o foi, sendo aberta ao publico ainda em sua vida (1865).

Na sala (do Collegio), onde ainda hoje se acha, foi collocado o retrato do doador, copiado do original pelo nosso eximio pintor... Antonio José Pereira, cujo serviço a camara municipal de Viseu remunerou com uma insignificante quantia.

Falleceu Nunes de Carvalho em Coimbra aos 5 de junho de 1867, sendo sepultado no cemiterio publico d'aquella cidade.

Viseu nunca mais se lembrou d'elle, não praticando acto algum pelo qual manifestasse os seus sentimentos de reconhecimento e gratidão para com a memoria de seu illustre filho, que tanto a amava. Outro tanto não succedeu com o seu fiel creado e amigo José Maria Lila, que, sacrificando todos os seus haveres, com elles mandou erguer sobre a sepultura do seu amo um mausoleu, evitando assim que os seus ossos se confundam com os de tantos outros que jazem a seu lado.

«Março de 1885.

M. Aragão.»

—

A isto se reduz a homenagem que o *Album Visiense* prestou ao biographado, mas d'elle se occuparam tambem Innocencio e o seu continuador Brito Aranha no *Dicc. Bibliographico*. O sr. dr. José Maria d'Abreu lhe dedicou um longo artigo no *Conimbricense* n.os 2080 e 2081, o qual foi transcripto na *Gazeta de Portugal*, n.º 1372 de 27 de junho de 1867,—e finalmente o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro publicou, em supplemento áquelle, outro longo artigo no *Jornal do Commercio*, n.º 4108 de 9 de julho.

A mencionada *Bibliotheca*, segundo o catalogo impresso em 1869, comprehendia n'aquella data 4:555 numeros e cerca de 8:000 volumes, que eram com pequena differença os que recebeu do benemerito dr. Nunes, pois este lhe doou 6892 volumes em obras completas, mais 800 em folhetos e obras truncadas,—total, 7692 volumes.

Prosigamos:

—

—*Fr. Bernardo de Santo Antonio*, carmelita descalço fallecido em 1729.

Deixou inedita uma *Instrucção para aprender com summa brevidade o latim*..

Berardo. *loc. cit.*

—*El-Rei D. Duarte*, de quem já fizemos menção.

Foi um escriptor distincto, auctor do *Leal Conselheiro*, etc.

V. *Diccion.* de Innocencio e o *Manual Bibl.* de Mattos.

—*Ernesto Martins*, natural de Viseu, ou pelo menos ali residente.

Publicou em 1857 na typographia do Viriato o drama *Jogo e Vinho*, segundo diz Innocencio.

—*Padre José d'Abreu Pessoa.*

Foi mestre de Capella na cathedral de Viseu e publicou uma *Arte de Cantochão para uso do Seminario* da mesma cidade... Lisboa, Imp. Regia. 1830.

—*Padre João d'Abreu Pessoa.* Veja-se o topico *Musicos*, infra.

—*João da Silva Mendes*, nascido em Viseu em 17 de abril de 1822.

Publicou *A Sanctificação do Trabalho* drama em 4 actos, Lisboa, 1852,—e o *General Padua* (*visconde de Tavira*) *esboço biographico*. Lisboa, 1870.

Tambem escreveu a *Memoria biographica* do infeliz tenente-rei da praça d'Almeida, seu avô, revista e accrescentada pelo sr. dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, tambem neto do mesmo tenente-rei. Porto, 1883.

Foi tambem orador distincto, fundador e redactor do *Liberal* e do *Jornal de Viseu* e collaborador d'outros muitos jornaes politicos e litterarios.

Falleceu em 20 d'outubro de 1881.

Para evitarmos repetições, veja-se o topi-

co supra—*Familias Nobres de Viseu*, tit. 11.º —*Silvas Mendes*, *Diccion. Bibl.* de Innocencio e a continuação pelo sr. Brito Aranha, —e o *Album Visiense*, publicado em 1884–1885, onde se encontra um bello retrato e uma interessante biographia d'este benemerito filho de Viseu.

—*Joaquim Maria Alves Sinval*, como escreve Innocencio, ou talvez *Joaquim Alvares Maria Sinvál*, como diz o meu informador. Foi bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, havendo terminado o seu curso em 1813.

Publicou em 1820 a 1823 o *Astro da Lusitania*, jornal politico,—e a *Defesa do redactor do Astro da Lusitania*, perante o jury, em *11 d'abril de 1823*.

V. *Diccion. de Innocencio*— e a continuação pelo sr. Brito Aranha, que apenas rectificou uma data no que escreveu Innocencio e este, emquanto á biographia do mencionado dr. Sinvál, apenas disse: «Foi natural de Viseu, porem ignoro a data de seu nascimento e obito.» Accrescentaremos pois o seguinte:

Era filho legitimo de Francisco Alves dos Reis, negociante, e de sua mulher..., talvez de appellido *Sinvál*.

Nasceu na cidade de Viseu, não sabemos quando, e ali falleceu no dia 30 de dezembro de 1827.

Foi casado com D. Anna Barbara da Silva Barbosa, que lhe sobreviveu cerca de 50 annos, conservando-se no estado de viuva, e falleceu em 5 d'abril de 1877.

D'este matrimonio nasceram dois filhos: *Francisco* e *João* Alves Maria Sinvál. O primeiro conservou-se muito tempo na companhia de seu tio paterno, o conego Manuel Alves dos Reis, na casa e quinta da *Via Sacra*, em Viseu; sendo já adulto embarcou para o Brazil, d'onde não mais voltou. O segundo formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra e falleceu no estado de solteiro, na companhia de sua mãe, no dia 16 de junho de 1857.

Francisco Alves dos Reis alem do nosso biographado *Joaquim Maria Alves Sinval*, ou *Joaquim Alvares Maria Sinvál*, como escreve o meu informador,—teve um outro filho—*Manuel Alves dos Reis*, que se ordenou; foi conego na Sé de Viseu e ali expirou repentinamente na sua casa e quinta da *Via Sacra* em 24 de junho de 1862. E do mesmo consorcio, alem d'estes 2 filhos, teve Francisco Alves dos Reis mais 6 filhas, que morreram todas solteiras e sem successão no convento de Jesus da cidade de Viseu, onde 4 foram religiosas professas e 2 seculares ou *recolhidas*.

Extinguiu se pois a successão de Francisco Alves dos Reis, que falleceu em 8 de janeiro de 1812.

Em Viseu não ha hoje familia alguma de appellido *Sinvál*.

Póde dizer-se que representa ali o nosso biographado um seu primo pelo lado materno, (sobrinho da esposa) excellente pessoa e bacharel formado em direito —*José Barbosa de Carvalho*, de quem já fizemos menção supra, na lista dos *Bachareis formados*, filhos de Viseu, pag. 1726, col. 1.ª

—

A isto se reduz o que podemos apurar com relação ao dr. *Jaaquim Alvares Maria Sinvál*, de Viseu, que pelo lado materno talvez fosse parente de *José Gregorio Lopes da Camara Sinval*, cavalleiro da Ordem de Christo, lente da 6.º cadeira na escola medico-cirurgica do Porto, antigo vogal do conselho de saude publica do reino, socio correspondente da *Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* e honorario da Academia das Bellas-Artes da mesma cidade, membro do *Conservatorio Real de Lisboa*, pregador distinctissimo, etc.

Nasceu em Lisboa no dia 12 de fevereiro de 1806 e falleceu no Porto, na rua do Principe, a 24 de março de 1857, contando apenas 51 annos de idade.

Tinha o curso da escola medica de Lisboa, onde foi noviço dos padres do *Oratorio*, e, quando ali entrou o exercito liberal em 1833, apresentou-se como voluntario e foi reconhecido official—*tenente coronel* do batalhão academico.

Em 1836 Passos Manoel, sendo ministro, o nomeou lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, onde o bispo D. Jeronymo José da

Costa Rebello lhe conferiu ordens menores e lhe deu licença para prégar.

Foi um orador distinctissimo, porque alem de ser um homem de talento e sciencia, muito animado e excellente conversador, era muito eloquente, muito versado em humanidades, muito sympathico e tinha boa estatura e bella voz.

Prégou muito e com grande applauso no Porto e circumvisinhanças, e correm impressos alguns dos seus sermões, entre elles um que prégou em Paranhos, dedicado á *Virgem Mãe*, sob o titulo de *Senhora do Parto*, sermão notavel que offereceu ao bispo D. Jeronymo.

Para a sua biographia e obras veja-se o *Diccion. Bibl.* de Innocencio; a continuação pelo sr. Brito Aranha, — e no livro dos sermões, publicado no Porto em 1864, a introducção biographica, escripta pelo sr. Camillo Castello Branco, intimo amigo do finado.

Terminaremos dizendo· 1.º—que J. Gregorio da Camara Sínval, vivendo muitos annos no Porto e sendo muito expansivo, nunca fallou nos seus paes, o que nos leva a crer que teve nascimento mysterioso;—2.º que pronunciava o seu appellido *Sinval*, com o accento no *i*, em quanto que o dr. *Sinvál* de Viseu punha a accentuação no *a*.

—*Fr. Diogo de Castello Branco*, monge e chronista da ordem de S. Bernardo.

Falleceu em 1707, deixando manuscripta a *Historia d'Alcobaça e d'outros Mosteiros*.

—*Fr. Donato de Viseu*, monge de Cister.

Consta que deixou manuscripta uma *Glossa da Epistola de S. Paulo aos Romanos*.

—Dr. *Fernando Rodrigues Cardoso*.

Falleceu em 1608, tendo sido lente na Universidade de Coimbra e physico-mor do reino, etc.

Publicou algumas obras em latim e portuguez, sobre sciencias naturaes, e deixou outras ineditas,—diz Berardo, mas nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha o mencionam como escriptor.

—*Dr. Francisco Coelho.*

Foi lente na Universidade de Coimbra, onde era appellidado o *Mestre de Viseu*, — e ultimamente desembargador do paço.

Deixou manuscriptas *Annotações ás Ordenações do Reino*, etc.

—*Francisco Coelho de Carvalho.*

Publicou uma *Relação breve das festas que se celebraram na cidade de Viseu, feitas em louvor da Virgem Nossa Senhora do Pranto n'este anno de 1744.* Lisboa, 1747, 4.º de 16 pag.

D'este livro já nós fizemos menção no topico *Templos actuaes*, supra, n.º 15, pag. 1560, col. 2.ª e 1561, col. 1.ª

—*Gabriel da Fonseca* — fallecido em 1678.

Publicou alguns opusculos em latim e foi lente na Universidade de Pisa e no *Collegio da Sapientia*, em Roma, — segundo diz Berardo, pois Innocencio e Brito Aranha não mencionam tal escriptor.

—*Dr. João de Mello e Abreu*, provisor d'este bispado e thesoureiro-mor da Sé.

Deixou em *ms.* 12 grossos volumes sobre *Resoluções d'ambos os Direitos* — e falleceu no anno de 1720.

—*Dr. João Rebello de Campos*, distincto advogado, fallecido em 1728.

Escreveu varios opusculos de direito na lingoa latina, mas parece que nenhum d'elles chegou a ver a luz da publicidade.

—*Fr. João de Seixas*, monge de Cister.

Deixou ineditos alguns commentarios das obras de S. Thomaz—e falleceu em 1674.

—*Padre Jorge Henrique.*

Foi conego da Sé de Vizeu e deixou manuscripto o seu *Itinerario de Jerusalem*, onde (dizem) celebrou a 1.ª missa, no proprio altar do Santo Sepulcro, segundo se lê nas *Memorias* de Berardo.

—*Lopo d'Abreu.*

Foi deão na Sé do Porto e depois jesuita.

Escreveu *Summa de Moral* em 1603, segundo diz Berardo, mas nem Innocencio, nem Brito Aranha o mencionam como escriptor.

—*Dr. Leão Rodrigues Leitão,* distincto advogado.

Deixou ineditos varios opusculos de direito em latim.

—*Lourenço Trigo de Loureiro,* dr. em sciencias sociaes e juridicas pela Academia de Olinda, lente de direito no Recife, em Pernambuco, etc.

Nasceu na cidade de Viseu, em Portugal, a 25 de dezembro de 1763; em 1810, por causa da invasão franceza, deixou a Universidade de Coimbra, onde frequentava a faculdade de direito, e foi para o Brazil. Em março do dito anno desembarcou no Rio de Janeiro, onde foi primeiramente official na administração geral do correio; depois professor de portuguez e francez no *Collegio Nacional de S. Joaquim* (hoje *Collegio de D. Pedro II);* d'ali passou tambem como professor das mesmas disciplinas para o *Collegio das Artes* da *Academia de Sciencias sociaes e juridicas* de Olinda, onde leccionou de 1828 até 1841. Tendo-se formado entretanto na mencionada academia. foi nomeado substituto interino em 1833; lente substituto em 1840, e lente cathedratico em 1852.

Este benemerito filho de Viseu desempenhou tambem ali differentes cargos de eleição popular, inclusive o de deputado á assembleia provincial de Pernambuco.

O *Jornal do Recife* n.º 40 de 1 d'outubro de 1859, deu a biographia do dr. Loureiro, tecendo-lhe grandes encomios.

Ainda vivia em 1860 e já então tinha publicado as obras seguintes: — *Grammatica portugueza...* Rio de janeiro, 1828;— *Elementos da theoria e pratica do processo,* Pernambuco, 1850: — *Phedra, tragedia...* Pernambuco, 1861; no mesmo volume a traducção das tragedias *Andromacha* e *Esther*; —*Elementos de Economia politica...* Recife. 1854;—*Instituições de direito civil brazileiro...* tomo 1.º Pernambuco, 1851, tomo 2.º Recife, 1851 tambem.

Diccion. Bibl. de Innocencio.

—*Manuel d'Almeida,* padre jesuita, cuja roupeta vestiu em 2 de novembro de 1594.

Em 1597 partiu com outros missionarios para a India, onde permaneceu o resto da sua vida, exercendo entre outros cargos o de reitor no collegio de Goa e depois o de provincial.

Falleceu em 10 de maio de 1646, contando 65 annos de idade.

Foi homem de vasta erudição e escreveu a *Historia da Ethiopia alta.*

Esta obra, começada por Pedro Paes, tambem jesuita, elle a continuou e addicionou; ficando porem inedita, o padre Balthazar Telles a fez publicar em seu nome, juntando-lhe novas addicções e algumas correcções, pelo que é mais frequentemente citada como obra de Balthazar Telles.

Suppõe-se que foi tambem auctor d'outras obras indicadas por Innocencio.

—*D. Manuel d'Almeida Carvalho,* clerigo secular e bispo do Pará, eleito em 5 de maio de 1790.

Nasceu em Viseu no dia 1 de janeiro de 1747 e falleceu, não sabemos onde, em 1818.

D'este prelado visiense corre impresso um livro:—*Pastoraes aos seus diocesanos.*

«Conservo na minha collecção (diz Innocencio) um volume de 106 pag. in 4.º sem folha de rosto nem designação de logar e anno da impressão, o qual contem 5 pastoraes d'este prelado; a saber: 1.ª por occasião da revolução de Pernambuco em 1817. Não tem data. 2.ª Sobre a conquista da Guiana franceza; datada de 18 de fevereiro de 1809... 3.ª Sobre a declaração da guerra contra a França, datada de 4 de novembro de 1808. 4.ª Sobre a restauração de Portugal, datada de 16 de dezembro de 1808. 5.ª Ordenando preces, por motivo do captiveiro de Pio VII, datada de 16 de março de 1809.

«Consta que além das referidas mandara imprimir mais algumas, entre ellas uma de 20 de setembro de 1815, e outra de 11 de maio de 1816, as quaes se diz o foram *clandestinamente*: n'ellas pugnava contra os recursos dos ecclesiasticos *ad Principem,* como contrarios ao direito da egreja.»

V. *Diccion. Bibli.*

—O rev. dr. Manuel d'Almeida Castello Branco, lente em Coimbra, conego doutoral na Sé de Viseu e depois na de Braga.

Falleceu em 1652, deixando ineditas *Seis Postilas de Direito Canonico*,—diz Berardo nas suas *Memorias*.

—*Dr. Manuel Fernandes Raya*, medico, talvez parente proximo de *Antonio Ribeiro Raya*, supra.

Falleceu em 1668 e escreveu alguns opusculos, dos quaes apenas se publicou a *Esperança Enganada*... segundo diz Berardo nas suas *Memorias*, mas Innocencio não menciona tal escriptor—e a continuação do *Diccion. Bibliog.* até hoje (agosto de 1888) ainda não passou da letra L.

—*Dr. Manuel Gouveia Teixeira*, advogado.

Falleceu em 1733 e deixou ineditos alguns opusculos sobre jurisprudencia,—diz Berardo.

—*Manuel Marques Rezende.*

É mencionado na *Bibl. Lusit.* mas o seu auctor apenas diz—que foi versado na grammatica, rhetorica. poesia e geometria.

Nasceu a 22 d'abril de 1697 em Viseu; ignoramos a data do seu fallecimento — e d'elle correm impressas as obras seguintes: — *Sentimentos na morte de Antonio Correia da Silva, natural de Viseu*, — Lisboa, 1728. 4.º em 8.ª rima;—*A formosa Fenix de Lisboa, e historia de uma dama naufragante*... Lisboa, por *Pedro Ferreira* (sem ser o auctor d'estas linhas) 1736;—*Espelho da côrte*... Lisboa 1728—e *ultimas expressões da magoa*... Lisboa, pelo mesmo *Pedro Ferreia*, no dicto anno de 1736.

Diccion. Bibliogr. de Innocencio.

—*Miguel Reinozo.*

Falleceu em 1723 e d'elle *se publicou* no mesmo anno um opusculo latino, que depois foi *reimpresso* com additamentos, segundo diz Berardo nas suas *Memorias*. Innocencio, porem, não menciona tal escriptor.

—*P. Pedro Dias*, jesuita e reitor do collegio da sua ordem em Olinda.

Falleceu com 79 annos na cidade da Bahia, a 35 de janeiro de 1700, tendo nascido em Viseu no anno de 1621.

É auctor da *Arte da lingua de Angola, offerecida á Virgem Senhora do Rosario, mãe e senhora dos mesmos pretos.*

Diccion. Bibliog. de Innocencio.

—*Dr. Pedro Paulo de Almeida Serra*, presbytero secular, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra.

«Em 1822 foi eleito deputado ás côrtes ordinarias pelo circulo de Viseu (*provavelmente o da sua naturalidade*) sendo então vigario na freguezia de Correllos (*Currellos*, concelho do Carregal). Nada mais apurei a seu respeito,—diz Innocencio, que menciona d'elle a traducção de um *Methodo de ajudar os moribundos*, impresso em Lisboa no anno de 1802.

Diccion. Bibliog.

—*Fr. Manuel de Santa Maria*, antiquario visiense.

Nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o *Manual Bibliog.* de Mattos mencionam tal escriptor, mas d'elle faz menção o sr. Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, art. *Viseu*, pag. 862.

—*José d'Oliveira Berardo.*

Foi uma das primeiras illustrações de Viseu e distincto escriptor publico.

Nasceu no lugar do Pinheiro, freguezia de Santos Evos, concelho de Viseu, no dia 3 de junho de 1805 e expirou a 26 d'outubro de 1862 na *Casa do Cruzeiro*, em Viseu, junto da bella avenida do paço episcopal de Fontello.[1]

Alem das obras indicadas por Innocencio e pelo sr. Brito Aranha, guarda-se no ar-

---

[1] Veja se o topico supra—*Edificios brasonados particulares*, pag. 1552, col. 2.ª,—e o topico—*Familias nobres de Viseu*, parte II, n.º 5, pag. 1740, col. 1.ª

chivo da camara municipal de Viseu uma *Memoria* que Berardo offereceu á dita camara em 1838, sendo administrador do concelho, na qual resume a outra memoria *Noticias historicas de Viseu*, publicada em folhetins no *Liberal* em 1857[1] e em seguida n'ella se encontra um *mappa geographico* do concelho de Viseu, feito pelo mesmo conego Berardo, — e differentes *mappas estatisticos* indicando as freguezias e população do concelho de Viseu antes e depois do arredondamento feito pelo decreto de 6 de novembro de 1836. Temos sobre a nossa mesa de estudo uma copia da dita *Memoria*, copia tirada pelo sabio academico dr. Agostinho de Mendonça Falcão e hoje pertencente ao seu filho e nosso bom amigo e cyreneu, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão.

Deixou Berardo tambem manuscripta outra *Memoria* com relação a *Grão Vasco*, indicando todos os quadros de Viseu attribuidos áquelle celebre pintor, etc.

D'ella se faz menção adeante no topico relativo a *Grão Vasco*—e d'ella já demos tambem noticia supra, pag. 1714, col. 2.ª

Deixou tambem *ms.* e em latim um compendio das antiguidades de Viseu:—*Ecclesiae Visonensis Epitome... Visonio, 1855.*

Para evitarmos repetições, veja-se o lugar citado, col. 1.ª *in fine.*

Ao nosso bom amigo e collega, o rev. sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama, de novo agradecemos estes e outros *mss.* bem como a collecção completa do *Liberal* de Viseu, cuja publicação principiou no dia 6 de maio de 1857 e terminou com o n.º 173 no dia 3 de janeiro de 1859. Era bi-semanal e publicou-se a principio nos sabbados e quartas-feiras; —depois nas segundas e quintas. Foi fundado e redigido pelo benemerito visiense João Mendes da Silva e por Berardo, sendo redactor principal o dr. Manuel José d'Almeida, e n'elle collaboraram outros escriptores, incluindo o proprio sr. Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.[1]

---

[1] Esta *Memoria* foi tambem posteriormente publicada em folhetins no *Observador*, jornal de Viseu, em 1871, com a 1.ª e 2.ª parte da *Chronica Visiense do sec.* XVII, obra do mesmo auctor e transcripta tambem do *Liberal*.

A 2.ª parte da dita *Chronica* é toda dedicada ao dr. *Manuel Botelho Ribeiro Pereira*, mas visando a *deprimil'o!...*

Não sabemos bem a rasão porque Berardo foi *tão cruel* para com o dr. Botelho, sendo ambos patricios e tendo decorrido entre um e o outro nada menos de *dois seculos.*

---

[1] É d'elle o interessante folhetim do n.º 163:—*Viseu—O cordeal D. Miguel da Silva —a quinta de Fontello.*

Nasceu s. ex.ª na villa (hoje cidade) da Figueira em 22 de setembro de 1835—e foram seus paes Joaquim Francisco Casimiro da Gama, natural da villa d'Ançã, varão de nobre linhagem e um dos *bravos do Mindello*, e sua mulher D. Maria Manuela Candida de Gouveia e Seixas, senhora de muita virtude e rara energia, — digna companheira d'aquelle ousado e valente militar, que assentou praça de cadete e morreu official do exercito.

Por fallecimento de seu pae, a mãe fixou residencia em Viseu, terra da sua naturalidade, levando comsigo o nosso biographado, que ali frequentou com distincção as aulas de preparatorios e depois o curso theologico do Seminario diocesano.

Em 1849 recebeu ordens menores; em 1850 foi chamado para famulo do bispo D. José Joaquim d'Azevedo e Moura (n.º 78 da nossa lista pag. 1734) que em 1856 o levou comsigo para Braga, onde concluiu a ordenação e celebrou com grande pompa a 1.ª missa em 24 d'outubro de 1858. Em 1859 foi apresentado e se collou na abbadia de Quinchães, junto de Fafe, e ali se tem conservado até hoje, (1888) posto que o sr. D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, que muito o estimava e considerava, por vezes lhe offereceu melhor collocação e outras honras, que o nosso biographado, pela sua modestia e padecimentos, recusou, bem como a eleição de procurador á junta geral do districto.

É um parocho de bons costumes, muito illustrado, muito modesto, geralmente bemquisto, e foi sempre admirada a sua primorosa calligraphia.

É tambem amador e colleccionador de moedas e medalhas antigas, e tem um bom mealheiro, comprehendendo mais de 2:000 exemplares, cuja indicação póde ver-se no *Diccion. de Numismatica portugueza* do sr.

—

Foi Berardo mentor de Alexandre Herculano e de Raczinski, quando estiveram em Viseu, pelo que ambos lhe teceram justos encomios.

Berardo era da escola de Herculano:—muito liberal em crenças e muito severo nos seus escriptos, emquanto que o dr. Botelho era muito religioso e muito *crendeiro*, qual outro Fr. Bernardo de Brito, mas muito illustrado e auctor dos *Dialogos Moraes e Politicos*... com relação a Viseu, obra ainda *ms.* e de muito merecimento (pondo de parte as *crendices*) pelo que estranhamos que Berardo, escrevendo tanto sobre o mesmo assumpto—*historia e antiguidades de Viseu*—nunca citasse a dita obra, citando-a e com louvor o proprio Raczinski e o dr. Hübner.

Berardo, como já dissemos supra, fallando da celebre inscripção de *Lamas de Molledo* (pag) deu a entender que *não conhecia* os *Dialogos* de Botelho, mas conhecia os, pois na *Chronica do sec.* XVII, que publicou no *Liberal*, n.º 18 a 24, menciona aquelles *Dialogos* e mette a ridiculo o auctor, posto confesse que na *opinião de todos passou pelo homem mais douto de Viseu in illo tempore.*

—

Fecharemos este topico transcrevendo do *Almanach de Viseu* de 1884[1] o bello artigo que o sr. Julio Teixeira dedicou ao nosso biographado, pintando-o *com vivas côres.*

É o seguinte:

«*José d'Oliveira Berardo.* Eis o nome do homem mais afamado e *mais excentrico* que Viseu teve até hoje, durante este seculo...

Foi alferes de milicias durante 9 annos. Preso como affecto ao liberalismo, percorreu por espaço de tres annos (1828 a 1831) as cadeias de Mangualde, Viseu, Almeida e Relação do Porto...

Em 1835 era Berardo eleito vereador municipal. Desde 1836 a 1839 exerceu o cargo de administrador do concelho. Em 1844 é nomeado mestre de historia sagrada e ecclesiastica para o seminario diocesano visiense; mas, sendo accusado de *lutherano e calvinista*, (?) breve teve de resignar.

Presbytero aos 40 annos, foi elle o primeiro reitor do lyceu visiense, chegando á dignidade de conego (janeiro de 1862) quando se aproximava o momento em que a trajectoria da existencia tomou o ponto extremo da sua evolução (outubro de 62)[1].

Avaliado pelo rasto grandioso, tradicional, que a sua passagem deixou e se mantem quasi indelevel, jámais a consagração popular, cremos que um pouco inconsciente e sem critica, deu proporções e vulto mais avantajados a *ninguem* na sua propria terra.

Com a sua agigantada figura de homem membrudo e de formas esculpturaes, o padre Berardo enchia litteralmente as ruas tortuosas e apertadas de Viseu; com as suas grandes botas de coiro grosso e bem ferradas cobria as lages amplas e mal gradadas; com as suas polemicas de uma logica ás vezes capciosa, dura como ferro e de quando em quando soez, elle enchia inteiramente a sua terra.

—

«Segundo a tradição popular, Berardo *nada ignorava!* Era paleographo, latinista e antiquario; archeologo, jurista, naturalista, philologo, medico, engenheiro, mathematico, historiographo, theologo, philosopho e musico!...

Uma verdadeira encyclopedia encadernada em saragoça de Gouveia[2], ferrenho e for-

---

dr. José do Amaral B. de Toro, pag. 79, 137, 160 e 226.

É finalmente socio da *Sociedade promotora de Bellas Artes em Portugal* e socio correspondente da *Real Associação dos Benemeritos Italianos de Palermo*, etc.

[1] Não se confunda o *Almanach de Viseu*, com o *Album Visiense*, tambem publicado no mesmo anno de 1884.

V. pag. 1665, col. 2.ª *supra.*

[1] Antes de ser nomeado conego, foi parocho de *Ribafeita* no concelho de Viseu.

P. A. Ferreira.

[2] Na villa e no concelho de Gouveia ha 27 fabricas de saragoça e com estes rudes lanificios se tem feito ali boas casas, avultando entre ellas a dos *Rainhas*, avaliada em 600 a 700 contos!

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem.*

temente agarrado ao dogmatismo e infallibilidade das suas opiniões; sem ideal no futuro que o fizesse propagandista e o compellisse a preparar as causas de revolução mais ou menos afastada. Comtudo, n'uma epoca mais remota a imaginação popular tel-o-hia desfigurado creando em seu logar *um mytho*.[1]

Honrado e bom, o padre Berardo foi um colosso que encheu a patria de D. Duarte, mas a sua descommunal grandeza parece que não logrou transpor os muros da velha cidade sem se amesquinhar e reduzir quasi a um ponto sem brilho.

Quaes foram os meritos do padre Berardo?

—Os titulos de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa; das Academias de archeologia de Roma e de Berlim, do Instituto de Coimbra, parece responderem não desfavoravelmente. Entretanto uma commissão presidida por João Mendes da Silva, no intuito de prestar á sua memoria manifestação e preito condignos, revolveu os seus manuscriptos, mas, segundo se affirma, nada absolutamente appareceu condigno ao fim proposto, mallogrando-se d'este modo a projectada manifestação. De maneira que, se o padre Berardo alguma coisa de merecimento escreveu, tudo isso resumiu-se nas memorias por elle enviadas ás academias de que era socio.

—

«Na visita que Alexandre Herculano fez a Viseu procurou o padre Berardo e diz-se que o notavel historiador o elogiara.[1]

O vulto lendario, creado pela imaginação phantasiosa do povo seu conterraneo, póde bem resumir-se nas duas seguintes anecdotas:

Certo dia, questionando acaloradamente com João Victorino, medico afamado na terra, este, a certo dito de Berardo, replicou-lhe:

—Cale-se, porque em medicina ignora você tudo completamente!

Berardo desppareceu; no fim de oito dias viram-n'o procurar com insistencia o medico. Os dois contendores encontraram-se no ponto onde se suscitára a questão; a lucta foi renhida, mas o medico teve a desgraça de se ver em publico *inteiramente derrotado!*

Certa noite, recolhendo á *Casa do Cruzeiro*, encontrou o portão do pateo fechado e lá dentro havia toques, descantes e danças populares. Elle berrou, mas o seu enorme vozeirão perdia-se n'aquelle labyrinto de sons. Então volta convenientemente a região lombar e firmando-se no bengalão despede alternadamente as suas tremendas botas. Como ariete das guerras medievaes batendo em cheio na muralha, tres vezes se ouviu—*pá!*

---

[1] Os paes o destinavam para a vida monastica, pois o metteram no convento dos Jeronymos em Belem, onde viveu alguns annos e fez os seus primeiros estudos, mas depois abandonou o convento e foi militar, etc.

Consta que alem das obras apontadas por nós e por Innocencio, publicara um livro sobre *historia natural* e varios folhetos defendendo a nomeação dos vigarios capitulares, nomeação que deu origem a um *schisma* e grandes desgostos em 1834 a 1844.

P. Ferreira.

[1] Tambem quando Raczinski em 1843 a 1845 percorreu Portugal, estudando os nossos monumentos artisticos, Berardo lhe prestou relevantes serviços, como o proprio conde no seu *Dicciônaire du Portugal*, verbo *Berardo*, confessa, elogiando-o:

«*Berardo*, escriptor publico, de 40 annos de idade aproximadamente, vive na cidade de Viseu e é dotado de grande zelo pela gloria litteraria de Portugal. Homem muito instruido e de posição muito independente, entrega-se com ardor ao estudo. Foi elle quem descobriu o assento do baptismo de *Vasco Fernandes* e tem-se dedicado com a maior felicidade ás pesquisas tendentes a esclarecer as trevas que ainda em 1843 envolviam a existencia d'aquelle pintor. (Vejam-se as minhas *Cartas*, pag. 300 a 308, 370 e 371). Tem escripto varias memorias historicas com relação a Viseu, das quaes o *Panorama* deu alguns extractos no vol. 5.º n.º 216, pag. 185.»

A tranca chiou, gemeu e estalou ao terceiro embate, deixando rodar a porta rapida e estrondosamente até o coice, no meio do silencio produzido de repente, do assombro e do receio causado pela apparição subita da figura membruda e herculea do padre Berardo.

Julio Teixeira.»

—*Raphael Carlos Pereira de Souza.*

Reside ha muitos annos na aldeia de *Pedras Rubras*, freguezia de Moreira, concelho da Maia, districto do Porto, mas nasceu na cidade de Viseu em 3 de março de 1821 e foram seus paes Francisco Manuel Pereira de Sousa, escrivão da provedoria visiense, e Thereza Ricardina de Jesus.

Aprendeu em Guimarães a arte de ferrador, officio que ali exerceu, bem como em Azurara de Villa do Conde, Casal de Pedro, Ponte de Lima e Vianna do Castello.

Em Casal de Pedro tomou conhecimento com um pharmaceutico d'aquella aldeia, que tinha uma boa livraria. Leu muito e tomou gosto pela astronomia.

Em 1847 foi para Pedras Rubras, onde casou em 1848 com Maria Alves Pereira, filha d'aquella povoação.

É ferrador com carta de veterinario, pintor, alfaiate, funileiro, tamanqueiro, espingardeiro, fogueteiro, sapateiro, professor de instrucção primaria pelo methodo de João de Deus, astronomo e *escriptor publico*, pois este homem encyclopedico, excellente pessoa, muito tratavel, muito apresentavel e bom conversador, tem muito talento e bastantes conhecimentos; aprendeu o francez *sem mestre*, começou a escrever o calendario para o *Almanach de Lembranças*, de Castilho;—tem collaborado tambem no *Almanach da Porto* e no *Almanach das Senhoras* — e são fructo seu as publicações seguintes:

—*Almanach Borda Leça*, desde 1850 até hoje (1888);

—*O Livro do Futuro* (*Lunario Perpetuo*) ou arte da adivinhar pela astronomia, chiromancia, cartomancia e mais sciencias occultas;

—*Pyrothechnica*, ou *Novo Manual do Fogueteiro*;

—*Nova Veterinaria*, ou compendio de medicina veterinaria theorico e pratico, conservação e hygiene, anatomia, cirurgia e pathologia, seguido de um formulario geral com todos os medicamentos necessarios e descobertas que ultimamente se teem feito na medicina veterinaria.

É isto o que se lê em um artigo que o sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz, distincto escriptor catholico[1], publicou em 1884 na *Revista da Maia*, (n.º 13, 3.º anno) da qual era proprietario e redactor principal, o sr. Abilio Augusto Monteiro, illustrado tabellião na Maia e auctor d'outras publicações não menos interessantes, posto que nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha o mencionam como escriptor.

Como additamento ao artigo supra, lê-se em uma nota da redacção o seguinte:

«Ha poucos annos appareceu em alguns jornaes do Porto um annuncio do sr. Raphael Carlos Pereira de Sousa, offerecendo á venda um seu invento: — *uma machina para em 60 minutos exterminar um exercito de 100:000 homens*! Pouco depois soubemos haver vendido a invenção; e, logo que nos foi possivel, procuramol-o para indagarmos a verdade.

Disse-nos apenas: — «O invento consiste n'uma metralhadora giratoria e tão leve que pode ser conduzida ás costas d'um homem. Dispara em 2 minutos 6 tiros de 5 balas cada um.»

Perguntando-lhe o nome do comprador e o preço da venda, respondeu-nos que tinha a sua palavra compromettida *em não divulgar*,—não o nome d'aquelle, que ignorava, sabendo apenas que residia em Inglaterra, mas o do seu agente no Porto, e que recebeu pelo plano a quantia de 50$000 réis.»

E lá foi para a Inglaterra a invenção por-

---

[1] V. *Milheiros da Maia*, tomo 5.º pag. 227, col. 2.ª —e este artigo Viseu, pag. 1591, col. 1.ª

tugueza de uma arma talvez interessantissima e que venha a fazer a gloria e fortuna d'algum estrangeiro!...

Terminaremos dizendo que este benemerito visiense, tão trabalhador e com tanto talento e tantas aptidões,—*está pobre!* [1]

—*Antonio d'Oliveira da Silva Gaio*, doutor em medicina e lente da mesma faculdade na Universidade de Coimbra, onde se graduou em 31 de julho de 1858.

Era filho de Manuel Joaquim d'Almeida Silva Gaio, bacharel em direito, e de sua mulher D. Anna Augusta. Nasceu em Viseu no dia 14 d'agosto de 1830 e falleceu no Bussaco em 8 d'agosto de 1870, contando apenas 40 annos e tendo publicado as obras seguintes:

—A *Lithotricia... Dissertação inaugural*, Coimbra, 1858.

—O *Mario*, romance historico em 2 volumes.

—D. *Fr. Caetano Brandão*, — drama historico.

Foi tambem redactor principal do *Commercio de Coimbra* em 1863 a 1864 e collaborador d'outros muitos jornaes politicos e litterarios.

—*Francisco Manuel Correia.*

Nasceu na cidade de Viseu em 1800 e falleceu na mesma cidade em 18 de setembro de 1882 no estado de solteiro.

Foram seus paes Manuel Francisco Correia e Maria Clara dos Anjos.

Cursou as aulas do lyceu visiense e parte das do Seminario episcopal com o intuito de se ordenar, mas apenas recebeu em Pinhel ordens menores; desistiu da ordenação por não poder conformar-se com o novo regimen politico de 1834.

Era uma excellente pessoa, muito religioso e muito curioso na investigação de antiguidades, pelo que, apesar dos tenues meios de que dispunha, gastou a maior parte da sua longa vida estudando a historia, os templos e as antiguidades de Viseu e deixou manuscripta uma interessante memoria tantas vezes por nós citada e por elle intitulada—*Memorias em respeito á cidade de Viseu, sua antiga fortificação, cathedral, bispos e priores, cabido e ducado extincto e mais notabilidades de remota antiguidade e posteriores, de que ha noticia.*

Por hum curiozo visiense

Anno 1876

Para evitarmos repetições, veja-se o que d'esta *Memoria* e do seu benemerito auctor já dissemos supra, pag. 1573, col. 1.ª e 2.ª, —e pag. 1590, col. 2.ª

É uma das monographias de Viseu mais interessantes e muito digna de ser publicada, mesmo porque ainda não ha d'ella copia alguma e está exposta a desapparecer de um momento para o outro, o que seria uma grande perda para Viseu, pois só a descripção e a planta baixa da Sé representam um trabalho impertinentissimo e conscienciosissimo de *muitos annos!...*

—*Dr. Paulo Emilio.*

Foi homem muito illustrado e muito considerado em Viseu, fundador e principal redactor do *Viriato* e distincto jurisconsulto.

—*Dr. Manuel José d'Almeida.*

Foi um talento de primeira plana, jornalista muito distincto e afamado jurisconsulto.

Falleceu no 3.º quartel d'este seculo.

—*Padre Leonardo de Sousa.*

Posto que era lisbonense, residiu muitos annos em Viseu, como congregado do Oratorio e honrou Viseu com os seus escriptos, pois é o auctor do *Epitome carmelitano*, já

---

[1] Na mencionada aldeia de *Pedras Rubras* tem hoje uma estação *a linha ferrea da Povoa*—e ali acampou o exercito de D. Pedro em 1832, depois do desembarque em *Pampellido*, vulgo *Mindello*.

impresso[1], e do esplendido *Catalogo dos bispos de Viseu*, ainda *ms.* e tantas vezes por nós citado.

V. pag. 1591, col. 1.ª, e pag. 1649, col. 2.ª *in fine*, onde fizemos detida menção d'este precioso *catalogo*, até hoje completamente desconhecido, e aproveitando o ensejo, diremos que já depois de escrevermos aquellas linhas appareceram em Viseu os dois primeiros tomos do dito *catalogo* na livraria do sr. conde de Prime, a quem o sr. Antonio d'Almeida Campos e Silva muito generosamente deu o 3.º volume que possuia. Está pois completo o dito *catalogo* e bem estimariamos que fosse dado ao prelo, porque é muito interessante e póde desapparecer de um momento para o outro, por ser exemplar *unico*! E já correu imminente risco, pois, pertencendo á livraria do convento dos congregados de Viseu, que desde 1824 é seminario diocesano, ali estava quando ardeu o edificio em 1841.[2]

O fogo poupou a bibliotheca, mas no momento e como prevenção, quando o incendio estava devorando a casa, atiraram com os livros todos para a cerca e ali permaneceram alguns dias ao lado do grande brazeiro. Muitos ficaram deteriorados e outros foram roubados, — entrando n'este numero o pobre *catalogo*, que andou de mão em mão, indo parar o 3.º volume ao Porto e o 1.º e 2.º á bibliotheca do sr. conde de Prime, onde *post tot tantosque labores* de novo se reuniram os tres!

Bem estimariamos, pois, que fosse dado ao prelo, mesmo porque tem singular merecimento e é *muito lisongeiro para Viseu*.

Nós apenas vimos e folheámos o 3.º tomo; viu, porém, e folheou os 2 primeiros o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça, ficando extasiado. Em carta com data de 2 de setembro de 1887 s. ex.ª nos disse: «Hontem, passei pelos olhos os 2 primeiros volumes das *Memorias* do padre Sousa e fartei-me de gostar. Com que miudesa e claresa elle narra os factos! Conheceu melhor e versou mais o antiquissimo archivo da Sé de Viseu, do que Botelho, Coldt e quantos o precederam. Além de não ser tão massador como o dr. Botelho, é mais critico, tem melhor linguagem e é talvez mais consciencioso.

«Que elogio elle faz da provincia da Beira na grande *Introducção* e *Antiloquio*, com que ábre o 1.º volume! Até para engrandecel-a cita os 2 factos seguintes: *D. Diniz intitula-se nos documentos* e *alvarás* Rei da Beira, e *D. João III chama á Beira* — Lago de gente nobre?!. .

«O que elle sabia de historia e humanidades! Que miudos conhecimentos elle já tinha de estatistica e da população do nosso paiz! A este respeito cita dados tão miudos, que não será facil encontral-os em outro escriptor antigo!»

O padre Leonardo de Sousa foi socio da *Academia Real de Historia Portugueza*, na qual succedeu ao seu confrade João Coldt, como este a D. Luiz Caetano de Lima, a quem a mesma Academia primeiramente encarregou de escrever a historia ecclesiastica de *Viseu*, historia que o padre Coldt tratou muito de leve no seu resumido *catalogo*.

V. pag. 1590, col. 1.ª supra.

O sr. dr. Nicolau diz ainda:

«Saberá que os 2 primeiros volumes do *Catalogo* do padre Sousa estão completos! No 1.º, que tem muitas folhas soltas, não falta uma só. Até na *Introducção* e *Antiloquio*, que comprehendem 23 folhas, nada falta, o que admirei, *estando completamente desencadernado*?!».....

Com vista ao sr. conde de Prime e a todos os filhos de Viseu que tenham amor á sua patria e presem as boas lettras.

—

Não nos occorrem no momento mais escriptores *filhos de Viseu*. Quem vier depois de nós que complete a lista e a ponha em ordem alphabetica, pois nós nem para isso temos tempo!

Não mencionamos os escriptores visien-

[1] V. pag. 1685, col. 1.ª
[2] V. pag. 1645, col. 2.ª

ses *contemporaneos* (desculpem ss. ex.as) por que somos estranhos a Viseu e não temos a honra de os conhecer, mas póde formar-se ideia do grande numero d'elles pelo grande numero de jornaes que actualmente se publicam em Viseu.

V. pag. 1640, col. 1.ª e segg.

Passemos a outro topico.

Visienses illustres pelas lettras mas não escriptores

Padre José Bernardo d'Almeida.

Foi professor publico de grammattca latina, e era homem de muito talento, mas pouco estudo.

Nada publicou e falleceu em 1817.

—*João Victorino de Sousa Albuquerque,* bacharel formado em medicina.

Aos vastos conhecimentos theoricos e praticos da sua profissão reunia outros muitos de sciencias politicas, economicas, etc., como provam os diarios das camaras legislativas, de que foi membro.

Tambem conhecia e cultivava as bellas-lettras, nomeadamente a poesia, «como tivemos occasião de ver n'algumas das suas producções»—diz Berardo nas suas Memorias, cap. 10.

Falleceu em 1854.

—*Dr. Manuel da Veiga Esteves.*

Foi conego magistral na Sé de Viseu e abbade de Santa Maria do Castello em Pinhel.

—*Dr. Gaspar Homem Cardoso.*

Foi lente de *Instituta* na Universidade de Coimbra.

—*Dr. Francisco Cardoso do Amaral,* irmão do antecedente.

Foi lente de direito na Universidade, desembargador dos aggravos, corregedor do crime, etc.

—*Fr. Caetano da Annunciada.*

Foi *Agostinho descalço,* ou frade *grillo,* e professou no seu convento de Portalegre no dia 16 de novembro de 1718.

Foi o 1.º visiense religioso da dita ordem.

—*Fr. Francisco de Santa Genoveva,* religioso da mesma ordem.

Professou no seu convento da Boa Hora, em Lisboa, no dia 14 de setembro de 1746.

—*Dr. Antonio de Barros.*

Foi lente de theologia em Coimbra.

—*Dr. Manuel Machado d'Andrade.*

Foi tambem lente dos 3 livros do Codigo em Coimbra, deputado do Santo Officio, conego doutoral na Guarda e Braga, etc.

—*Dr. Manuel Alvares Tavares.*

Foi deão na Sé de Viseu, inquisidor em Evora, do conselho geral, etc.

—*Dr. Fernando Rodrigues Cardoso.*

Foi lente de prima na faculdade de medicina em Coimbra e physico-mor do reino, etc.

—*Dr. Jorge do Amaral.*

Foi lente de codigo em Coimbra, desembargador da supplicação e corregedor da côrte em Lisboa.

—*Dr. Antonio d'Andrade do Amaral.*

Foi lente de leis em Coimbra e desembargador dos aggravos, etc.

—*O rev. dr. Albino Jacintho José d'Andrade e Silva,* filho de João Carlos d'Andrade e Silva e de D. Maria Emilia de Gouveia Duarte Figueiredo Castello Branco.

Foi meu contemporaneo na Universidade, e no 6.º anno da formatura d'elle (1855-1856) foi meu condiscipulo, pois frequentava eu então o 5.º como *ordinario* e elle como *repetente.*

Era uma excellente pessoa, muito sympathico, muito tratavel e tinha um talento enorme!

Nasceu em 5 de junho de 1831; doutorou-se em theologia no anno de 1856, tendo sido sempre o 1.º *premiado* do seu curso; foi

professor de sciencias ecclesiasticas no seminario episcopal de Viseu e no da patriarchal em Santarem,—depois lente cathedratico de theologia na Universidade de Coimbra, onde falleceu a 22 de fevereiro de 1875.

Teve um tio paterno, Joaquim José d'Andrade e Silva, conego da cathedral e formado em direito; 3 irmãos, João, Jacintho e Joaquim, formados em direito; outro, Luiz, em medicina, e outro que não se formou, mas é padre. Este ultimo ainda hoje vive, bem como o bacharel em direito— Joaquim José d'Andrade e Silva, irmão do biographado. V. pag. 1726, col. 1.ª

—*Dr. Antonio de Sá Mourão*, sogro do celebre medico e distincto escriptor publico *Braz Luiz d'Abreu.*

Veja-se o que dissemos, fallando de *D. Josepha Maria de Sá*, no principio d'este topico.

—*Dr. Belchior Lourenço*, fundador do convento de Jesus, das freiras benedictinas, em Viseu.

V. pag. 1661, col. 1.ª

—*Dr. João Saraiva de Carvalho.*

Foi desembargador e era filho do mestre pedreiro David Alvares, de quem fallaremos adiante no topico dos *artistas.*

—*Dr. Antonio Luiz Dourado*, medico e operador distinctissimo, filho de Luiz José d'Oliveira Dourado e de D. Anna Bernardina de Vasconcellos.

Nasceu em 19 de setembro de 1807, e suppomos que ainda vive.

No *Album Visiense*, pag. 25 a 27, se encontra o seu retrato e a sua interessante biographia, que bem desejavamos transcrever, mas já o não comportam as dimensões d'este artigo.

«É s. ex.ª o exemplo vivo do mais brilhante desinteresse, do grande sentimento altruista e da mais incansavel dedicação que póde encontrar-se em Viseu» — como diz o seu biographo,—e foi tambem o 1.º que em Viseu empregou o chloroformio nas operações.

—*Dr. Francisco Paes Cardoso.*

Foi juiz de fora em Pinhel.

—*Dr. João Homem Cardoso*, irmão do antecedente.

Foi provedor em Guimarães.

—*Dr. Pedro Vaz do Amaral.*

Foi á India; no seu regresso instituiu o morgado de *Pindo* em 1547, — e posteriormente foi chanceller-mor do reino, do concelho d'el-rei, desembargador do Paço, etc.

Dialogo 4.º de Botelho, cap. 36.

—*Dr. Belchior do Amaral.*

Achou-se com el-rei D. Sebastião na tristissima batalha d'Alcacer-Kivir, onde ficou captivo dos mouros, e depois do seu resgate foi desembargador do paço, etc.

Dialogos de Botelho, logar citado—*in fine*-

—*Dr. João Affonso.*

Casou com Leonor Botelho, da nobre familia *Botelhos* de Mondim, Viseu e Traz-os. Montes, e foi *meirinho da correição da Beira*, etc.

V. *Dial. 3.º de Botelho*, cap. 15. pag. 239 no codice de *Girabôlhos.*

—*Dr. Affonso Botelho*, filho do antecedente.

Foi meirinho das comarcas da Beira, como seu pae, e senhor do Fojo, etc.

—O *rev. Luiz Eanes de Loureiro*, fidalgo distinctissimo e riquissimo, filho de João Anes de Loureiro, senhor da quinta e casa de *Loureiro*,—e de sua mulher Catharina de Figueiredo, descendente do celebre bispo de Viseu—D. Gonçalo de Figueiredo, o *Anchinho*, patriarcha da nobreza da Beira.

Este seu descendente não degenerou, pois foi conego e depois arcediago da Sé de Viseu, abbade de S. Miguel de Campia, que permutou pela abbadia de Ribafeita no anno de 1476. Foi *conjuntamente* abbade de

Santa Maria de *Silgueiros*[1] e de Santa Maria de *Torre Deita*, etc. Como diz Botelho, loc. cit. infra, «multiplicou este Loureiro em cópioso fructo; porque de Branca Affonso houve Henrique de Loureiro, e Luiz de Loureiro: de Isabel Alvares de Figueiredo teve Gabriel de Loureiro, Duarte de Loureiro, Filippe de Loureiro, Genebra de Figueiredo, Maria de Figueiredo, Anna de Figueiredo, outra que casou em Serpa, e outra que foi freira em Guimarães. De outra mulher houve outro filho, que tambem se chamou Luiz de Loureiro, e Clara de Loureiro.»

D'este celebre abbade, conego e arcediago, foi neto o *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, como se deprehende do *Dialogo* 4.º de Botelho, cap. 22, pag. 342 no codice de *Girabolhos*.

—*Dr. Francisco de Figueiredo*, o *Racha*.

Foi juiz do duque d'Aveiro e ouvidor nas terras do infantado.

—*O rev. Filippe de Loureiro*, filho do celebre conego Luiz Annes de Loureiro.

Foi tambem conego da Sé de Viseu e abbade de *cinco Igrejas!?*...

—*Fr. Pedro Moreira*, religioso capucho, filho de Francisco Moreira e Antonia do Rego.

Fundou o convento que a sua ordem teve em Moncorvo e que é hoje de Antonio Caetano d'Oliveira, o 1.º proprietario d'aquella villa e um dos homens mais ricos da provincia de Tras-os-Montes,[2] capitalista e negociante no Porto, onde vive.

---

[1] Este beneficio era um dos melhores do bispado de Viseu, pois ainda em 1630 rendia 400$000 réis e era da aprezentação da casa do dicto abbade, porque seu pae e tias dotaram largamente e com essa condição a dicta egreja, que havia sido fundada por Daganel e D. Sancha, fidalgos distinctos, avós paternos do mesmo abbade e senhores da casa e quinta de *Loureiro*. V. *Silgueiros* e *Dial.* 4.º de Botelho, cap. 22.

[2] Só das propriedades que possue no concelho de Moncorvo pagou no ultimo anno (1887) 1:100$000 réis de contribuições?!...

V. *Moncorvo* n'este *Diccion.* e no supplemento.

—*Dr. Jorge do Amaral*, irmão de João Paes do Amaral, casado com Maria de Loureiro, prima do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro e filho d'outro Luiz de Loureiro, o do *Penedo*, assim denominado por viver em umas casas assentes em um grande penedo na rua do *Soar*, em Viseu.

Foi corregador da Corte.

—*O licenciado Alvares Cardoso.*

Foi aio do infante D. Pedro, o da *Alfarrobeira*, irmão d'el-rei D. Duarte.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 26, *in principio.*

—*Dr. Mathias Ferrão*, filho de Antonio Ferrão e de Guiomar (ou Catharina) de Mesquita.

Foi provedor em Portalegre.

—*Dr. Pedro Lopes Cardoso*, filho de Lopo Alvares Cardoso e de sua 1.ª mulher Leonor Rodrigues Cardoso.

Foi dezembargador da Supplicação e o 1.º corregedor da comarca da Beira no tempo d'el-rei D. Manuel, em 1508.

— *Dr. Francisco Cardoso*, filho do conego João Lopes Cardoso e de Ignez Alvares.

Foi fidalgo, cujo filhamento se fez em 3 d'agosto de 1556,— e ouvidor do infante D. Luiz nas terras da Beira, o qual em 1546 lhe deu o titulo de dezembargador da supplicação;—e em 1559 a infanta D. Maria o nomeou seu ouvidor na cidade de Viseu, cujo senhorio então era da dita infanta.

Foi tambem commendador de Castello Mendo, etc.

Casou com Antonia de Caceres, filha de Gonçalo de Caceres, tambem conego da Sé de Viseu, como fôra o pae d'elle, e houveram entre outros filhos, João Lopes Cardoso, pae de João Cardoso de Caceres, o *Nada lhe luz*, por alcunha.

Dial. 4.º de Bot. cap. 26.

—*O conego Henrique de Lemos.*

Mandou fazer o monumental cruzeiro de Santa Christina em 1563.

V. pag. 1582, col. 2.ª (*nota*) supra, e pag. 1730, col. 1.ª *in fine*.

—O padre jesuita *Bernardo Pereira* e seu irmão

—*Fr. Rodrigo de Jesus*, da ordem do Carmo.

V. pag. 1547, col. 1.ª *in fine*, onde já fizemos menção d'estes 2 virtuosos varões. No *Dialogo 5.º de Botelho*, cap. 17.º, 18.º, 19.º e 20.ª, pag. 449 a 469, (codice de *Girabôlho*) se encontra a genealogia d'elles e uma larga historia da vida, trabalhos apostolicos e virtudes de um e outro.

Entre os ascendentes d'estes 2 martyres da fé menciona o dr. Botelho Gonçalo Pires d'Almeida e diz: —«foi senhor do morgado, e celleiro de *Moçamedes*, reguengo, de que lhe fez doação Martim Vaz da Cunha, senhor de Alafões e Besteiros, a qual foi feita em Oliveira de Frades, couto de Santa Cruz e julgado de Altafões, aos 17 dias de maio, era de Cesar 1427, que he anno de Xpo 1389. Foi-lhe confirmada por el-rei D. João I na cidade do Porto, aos 11 de outubro, anno de 1398, e n'esta cidade lha tornou a confirmar aos 30 de janeiro anno 1410.»

Este topico elucida o que no logar citado dissemos da *Moçamedes*, ou *Mossamedes*.[1]

«O padre Bernardo Pereira (diz Botelho, *loc. cit.*) era tão brando e afavel de condição, que nunca em sua bocca se ouviu palavra deshonesta nem que a fama do proximo tocasse,—no que muito degenerava do costume da terra (Viseu) hoje (refere-se ao anno de 1630) *selva de feras mais do que Libia* pela carne humana, de que se cevão mais que os cavallos de Diomedes, sem considerarem mais os ociosos, que ser detracção do proximo todas as mentiras que contão, e não considerando as repugnancias, e difficuldades dos casos, nem desenganados se desdizem, nem com a verdade se retractão. He-lhes mui difficultoso dar credito ao bem, *porque a ninguem o querem ver*; e mais facilmente dão credito ao mal, *porque todo* a todos o desejão. Taes são hoje (1630) os mais grados d'esta terra, (Viseu)...[1]»

—

Embarcaram os 2 irmãos para a India em 1609 na armada de D. Manoel de Menezes, e ali chegaram a salvamento. Poucos dias depois de chegarem á India o padre Bernardo Pereira entrou na *Companhia de Jesus* e n'ella resplandeceu em virtude e sciencia. D'ahi a pouco seu irmão deixou tambem as armas e se fez religioso de Nossa Senhora da Graça. Estudou com muito aproveitamento e foi pregador distincto; mas em 1623 foi trucidado pelos persas na tomada de Ormuz, contando de idade apenas 30 annos.

O padre B. Pereira, depois de ser captivo e de soffrer crueis torturas longo tempo, sendo enviado para a missão da Ethiopia em 1624, antes de chegar ali foi martyrisado.

—*O rev. Antonio Bernardo de Loureiro do Amaral Cardoso.*

Foi conego—mestre-escola—na sé de Viseu, fidalgo distincto, etc.

Viveu no meiado do ultimo seculo e possuia por compra talvez a 1.ª copia dos *Dialogos* do dr. Botelho, pois no fim do codice de *Girabolhos*, tantas vezes por nós citado se lê o seguinte:

«Este livro que compoz Manuel Botelho Ribeiro, natural que foi d'esta cidade, eu Antonio Bernardo de Loureiro do Amaral Cardoso, Mestre-Escola na Santa Igreja Cathedral da dita cidade, o comprei aos herdeiros de João da Silva Correa, o qual o tinha fielmente copiado pelo proprio original, que n'esse tempo existia em poder de Antonio de Figueiredo de Moraes. Ao dito tras-

---

[1] O actual conde de *Mossamedes*, filho 2.º dos condes da Lapa, tomou o titulo d'esta antiquissima *villa* (quinta) de *Mossamedes*, por ter sido um dos mais nobres solares dos seus ante-passados.

[1] Note-se que o dr. Botelho era um fidalgo visiense, muito illustrado, muito delicado, sempre franco em elogiar e muito remisso em censurar os seus patricios.

lado mandei ajuntar as seguintes noticias da minha familia, incluidas todas dentro do n.º de 26 appellidos, dos quaes todos tenho ascendencia. Parece-me que vae tudo na verdade, por quanto esta addição me deve uma mutto particular averiguação; e para em todo o tempo constar o referido, mandei fazer aqui esta declaração. Viseu 16 de janeiro de 1764.» E em uma nota se lê no codice de *Girabolhos* o seguinte:

«Separou-se esta *addição genealagica* d'este volume, não só por não o engrossar mais; mas por se ajuntar a outros escriptos, e papeis genealogicos, a que pertence pelo seu objecto.

Girabolhos 26 d'outubro de 1850.

Agostinho de Mendonça Falcão.»

Como já dissemos algures, este sr. que em 1850 vivia em Girabolhos e que ali copiou o dicto codice, era o dr. e ex-corregedor Agostinho de Mendonça Falcão da Cunha e Povoas, socio correspondente da nossa Academia Real das Sciencias, philologo distincto, auctor das obras indicadas por Innocencio e d'outras muitas que deixou manuscriptas, entre ellas uma traducção da *Pucelle*, traducção que revella grande trabalho e tem muito merecimento, por ser em verso e quasi litteral. Foi feita pelo dr. Agostinho de Mendonça quando frequentava a universidade:—depois, sendo já viuvo e estando em Monte-Mor o-Velho, hospedado em casa do seu amigo e parente..., ali retocou e refundiu a mencionada traducção e a deu a um medico de partido na localidade, por haver tratado o dr. Mendonça em uma grave doença e não querer acceitar dinheiro. Por morte do medico passou para o amigo do dr. Mendonça, que a emprestou ao sr. conselheiro, ministro de estado honorario e distincto poeta, Thomaz Ribeiro, seu possuidor n'esta data (1888); mas pertence ao nosso bom amigo e principal cyrineu n'este artigo—o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão (filho do traductor) porque lh'a deu o amigo e parente de Monte-Mor-o Velho, como o proprio sr. dr. Nicolau de Mendonça nos disse em carta *que conservamos.*

—*Antonio d'Almeida Campos e Silva*, filho de José d'Almeida Campos, negociante, e de D. Maria da Conceição de Jesus Campos.

É uma excellente pessoa e vive no Porto, onde é negociante de vinhos, distincto bibliographo e bastante illustrado.

Tem sobre diversos assumptos alguns *mss.*, que por modestia não quer publicar, e possue uma das melhores livrarias particulares do Porto, comprehendendo muitas obras escolhidas, raras e caras.

V. pag. 1591, col. 1.ª n.º 9.

Teve um irmão (era o mais velho) por nome José d'Almeida Campos, que foi muitos annos director do *Banco União*, no Porto, mas infelizmente, sendo já decrepito ali se suicidou no dia 31 de janeiro do corrente anno de 1888, deixando filhos e esposa—D. Helena Augusta Mendes de Carvalho—que falleceu pouco tempo depois, — no dia 11 de fevereiro d'este mesmo anno.

Tem vivo ainda em Viseu outro irmão—Joaquim d'Almeida Campos, tambem negociante e que já foi ali vereador.

—

Entre as diversas raridades bibliographicas do sr. Antonio d'Almeida Campos, não podemos deixar de mencionar aqui uma, porque prova que a imprensa em Viseu data do sec. XVI.

Referimo-nos ao pequeno livro intitulado —«*Exercicios e muy devota meditação da vida e paixão de Nosso Senhor Jesv Christo. Composta pelo allumiado varam frey Joam Thaulero da ordem dos pregadores. Trasladado de latim em lingoagem por frey Marcos de Lisboa frade menor da provincia de Portugal... Impresso na muy nobre cidade de Viseu per Manoel Joam impressor de S. Illustriss. S. Anno MDLXXI.*» — 12.º de 302 fl. numeradas (faltam-lhe algumas no fim) mais 6 inumeradas no principio com a *tavoada*, etc.

Temos tambem sobre a nossa mesa de estudo outro livro publicado em Viseu no sec. XVI. Intitula-se — *Compendio e svmario de confessores... Foi impresso em a Cidade de Viseu por Manoel Joam impressor do Se-*

nhor Bispo.[1] *Agora novamente emendado. Anno MDLXIX*—12.º de 630 pag. numeradas, mas 7 fl. no principio com o prologo, introducção, etc. e 25 no fim com a *tavoada* ou indice, todas inumeradas.

No verso do rosto tem uma carta ou provisão do bispo D. Jorge d'Athaide, recommendando o mencionado livro—*o qual nesta cidade de Viseu mandámos imprimir... Dada em esta nossa quinta e couto de Fõtêlo... aos 26 de Maio de 1569... D. Jor. D'Attaide Bispo de Viseu.*

—

Parece pois fóra de duvida que este livro foi impresso em Viseu por ordem do bispo D. Jorge d'Athaide em 1569; mas no fim da *tavoada propria* se lê o seguinte: «Foy impresso este Compendio & sumario do Manual de Navarro, a segunda vez emendado *por mandado do senhor Bispo de Coimbra, na muy nobre & sempre leal cidade de Coimbra, por Antonio de Maris,* Impressor do senhor Arcebispo de Braga, Primaz, etc. Acabouse aos XXX dias do mes de Abril. Anno de 1569.»

Esta data do *acabamento da impressão* combina-se com a da provisão de D. Jorge d'Athaide, mas não podemos harmonisar e combinar o que disse este prelado no rosto do livro, com o que se diz e lê na declaração final *em caracteres maiusculos.*

Pertence este livrinho ao sr. Antonio Moreira Cabral, excellente pessoa, negociante de vidros no Porto, bastante illustrado e dono de uma das melhores camoneanas e livrarias particulares d'aquella cidade. É tambem colleccionador d'objectos antigos e tem alguns de merecimento. De sociedade com o sr. Tito de Noronha editou em 1874 o *Espelho de Casados* do dr. João de Barros— e anteriormente as *Antiguidades do Porto* de Simão Rodrigues Ferreira.

Nasceu na freguezia de Cête, concelho de Paredes, no dia 22 d'outubro de 1833 e foram seus paes Francisco José Cabral[1], já fallecido, e de Anna Moreira da Silva, que ainda vive e já conta 84 annos.

É socio fundador das *Sociedades de Instrucção, Camoneana e Geographica* do Porto, e socio correspondente do *Retiro litterario portuguez* do Rio de Janeiro.

Tambem cultiva a poesia. Em 1883 publicou o *Passamento de Camões* e tem publicado outras composições poeticas em differentes jornaes litterarios, nomeadamente no 1.º volume das *Artes e Lettras.*

—

—*Francisco de Sousa Loureiro,* natural de Viseu.

Formou-se na escola medico-cirurgica da cidade do Porto, onde casou e teve entre outros filhos *Urbano Loureiro,* distincto escriptor publico já fallecido, mas livre pensador e republicano exaltado, redactor da *Lucta,* etc.,—e *Arthur Loureiro,* pintor distincto, que depois de frequentar no Porto a *Academia de Bellas Artes,* foi á custa do sr. conde d'Almedina estudar piutura em Roma.

—*Francisco Cardoso Pereira,* filho unico d'outro Francisco Cardoso Pereira e de D. Rita Leonor.

Nasceu no dia 6 de março de 1815; foi tenente-quartel mestre do exercito realista, convencionado em Evora-Monte; depois negociante, como fôra tambem seu pae;—em seguida escrivão de fazenda—e por ultimo bibliothecario do lyceu, cargo que ainda exerce.

Casou em 1835 com D. Maria dos Prazeres Pereira e tiveram os filhos seguintes:

Francisco Cardoso Pereira Junior, negociante em Lisboa, casado e c. g.

Alfredo Cardoso Pereira, negociante em Manáos, no Brazil, tambem casado e c. g.

---

[1] Este prelado era D. Jorge d'Athaide, cujo pontificado principiou em 1568 e terminou em 1578.

V. pag. 1612, col. 1.ª e segg.

[1] Era homonino do poeta Francisco José Cabral.

V. *Villarinho de Cotas,* tomo 11.º, pag. 1349, col. 1.ª e segg.

João Cardoso Pereira, que, segundo se suppõe, vive no Rio da Prata.

Antonio Cardoso Pereira, negociante no Maranhão, casado com D. Constança Umbelina Gomes Pereira, da qual tem 3 filhos:— *Antonio*, *Carlos* e *Affonso*.

José Cardoso Pereira, negociante no Rio de Janeiro, casado com D. Rita da Silveira Cardoso Pereira, da qual tem 2 filhos: — *Herminio* e *Beatriz*

D. Maria dos Prazeres, que vive com seus paes e ainda solteira.

Tiveram mais 2 filhos que morreram na infancia.

—

O sr. Francisco Cardoso Pereira, caracter nobilissimo, é muito curioso; conhece como ninguem a historia moderna de Viseu, podendo dizer-se *chronista d'esta cidade*, com relação á qual tem muitos *mss.* seus, com muitos nomes e datas; é tão modesto que nada publica, mas do seu vasto peculio se teem aproveitado muitos jornaes de Viseu e differentes escriptores que fallaram d'esta cidade, entre elles Silva Gaio, pois fornece apontamentos a quem lh'os pede, e nós alguns lhe devemos, depois que um ataque apopletico inutilisou o sr. dr. Nicolau de Mendonça, nosso principal cyreneu n'este artigo. Tivemos de recorrer a outros amigos, entre elles ao sr. Cardoso Pereira, mas infelizmente encontramol-o tambem já decrepito e sem forças para nos auxiliar!...

Deus lhes prolongue a existencia.

—*João Pereira Dias Lebre.*

Reside no Porto, onde é lente da escola-medico-cirurgica.

—*Fr. Antonio de S. Bernardo.*

Era natural do *Couto da Boa Aldeia* e foi religioso *Agostinho descalço* e *padre Mestre*.

Professou no seu convento do *Monte Olivete*, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 13 de junho de 1789.

Poetas

—*Dr. Manuel Botelho Ribeiro Pereira*, de quem já se fallou supra, no tit. *Escriptores*.[1]

Deixou em verso varias composições que se perderam, mas ainda se podem ver muitos versos d'elle em castelhano e portuguez nos seus *Dialogos moraes e politicos*.

—*Sebastião d'Almeida Amaral.*

Floreceu tambem no sec. XVII e foi com certeza um poeta notavel, pois nas casas que hoje (1888) são do visconde d'Almeidinha, sitas na rua da Corredoura, em Pombal, se vê no peitoril de uma janella interiormente a inscripção seguinte:—«N'estas casas morreu o insigne poeta de Viseu *Sebasiião d'Almeida Amaral*, na era de 1653, de edade de 63 annos.»

Não sabemos se publicou algumas poesias, pois não temos noticia d'ellas — e o *Diccion.* de Innocencio nem o menciona como escriptor.

—*Augusto Frederico de Bayma Forte Gatto*, distincto escriptor publico e mavioso poeta.

Nasceu na patria de D. Duarte a 24 de fevereiro de 1836 e é filho de Bento Antonio Forte Gatto, liberal muito exaltado, mas honradissimo,—e de D. Rita Augusta de Bayma; —neto paterno de D. Francisca Forte Gatto, e do commendador Antonio Joaquim Forte Gatto,—e materno do ministro Filippe Marianno de Bayma e de D. Maria Luisa Bayma d'Araujo Nogueira Vasconcellos.

É empregado publico, escrivão de direito em Fafe, — tendo sido tambem escrivão em Ceia e Cintra, mas é um cavalheiro nobilissimo, talento superior e muito illustrado.

Foi assiduo collaborador do *Viriato*, *Liberal* e d'outros jornaes de Viseu; collabo-

---

[1] Casou 2 vezes; a 1.ª com Anna Paes Correia, da villa de Cernancelhe, c. g.; a 2.ª «com Antonia Botelha de Proença, filha de Manuel Botelho da Costa, *fidalgo de geração*, e teve 6 filhos: 2 *machos*, *que embarcarão*, e *hum que morreo frade capucho*; mais 3 filhas, *duas em que se não falla*, e huma que casou com Julio de Vilhegas Castello Branco, de que ha geração»—disse elle proprio. *Dial.* 4.º cap. 24.

rou tambem nos jornaes de Vianna do Castelio, onde passou algum tempo com seu tio o dr. José Maria Forte Gatto, director da alfandega d'aquella cidade, e tambem collaborou em differentes jornaes politicos e litterarios de Coimbra e de Lisboa, nomeadamente no *Diario Illustrado, Contemporaneo, Revolução de Setembro*, pelo que o proprietario e redactor d'este ultimo,—Antonio Rodrigues Sampaio,—sendo ministro, lhe offereceu uma commenda, que o nosso biographado pela sua modestia recusou, bem como um diploma de deputado.

—

Casou em 1860 com D. Maria do Carmo d'Azevedo e Lemos, senhora nobilissima de Varzea de Trovões,[1] e viuvando passou a segundas nupcias com D. Estephania Mercedes d'Almeida Corte-Real, dos Corte-Reaes da Pocariça.

Estreou-se na vida litteraria com um romance que logo se esgotou,—*Poesias d'um Album*. Em seguida publicou o poema *Ave Mater*, depois as *Auras*; vae publicar no momento 2 grossos volumes de versos,—*Orchideas*—e—*Na Sombra*;—tem publicado muitas poesias soltas em differentes jornaes—e traduzido muitos versos de Victor Hugo, Espronceda, Ariosto, etc.

—*Dr. João Victorino de Sousa Albuquerque.*

Tambem cultivou a poesia, como diz Berardo.

V. o topico supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

—*Padre Alexandre de Miranda Vilhegas*, fallecido em 1723.

«Escreveu *Varias poesias á morte de André d'Albuquerque*, as quaes fez *imprimir* em Lisboa em 1661.»—É isto o que diz Berardo, mas nem o *Diccion.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionam tal escriptor.

—*João de Paiva.*

Consta que em 1656 escrevera um poema sobre a *Fundação e Antiguidades de Viseu.* «Não o vimos,—diz Berardo,—mas estamos persuadidos que a sua perda em nada prejudicou a litteratura portugueza, e com bons fundamentos fazemos o mesmo juizo das obras poeticas de *Manuel Botelho Ribeiro.*»

Veja-se o que dissemos d'este antiquario visiense no principio d'este topico—e o que dissemos d'elle e de Berardo (José d'Oliveira) no topico *Escriptores.*[1]

—*Miguel Botelho de Carvalho.*

Floresceu nos principios do sec. XVII e deixou muitas composições poeticas e de merecimento, no idioma castelhano, — diz Berardo, mas Innocencio não o menciona como escriptor.

—*Manuel Marques Rezende*, poeta muito distincto, segundo diz Berardo.

Veja-se o topico *Escriptores*, supra, onde já fizemos menção d'este sabio visiense.

---

[1] Em Varzea de Trovões tambem casou e vive com o distincto escriptor publico Antonio da Cunha d'Azevedo uma irmã do nosso biographado,—*D. Maria Innocencia de Bayma Forte Gatto*, — senhora gentilissima e muito illustrada tambem.

V. *Varzea de Trovões*, tomo 10.º pag. 239, col. 1.ª e segg.

[1] Berardo, cuja memoria muito respeito, foi o *mais cruel e accintoso detractor de Botelho*, tendo decorrido entre um e outro nada menos de dois seculos — e, se os apreciarmos devidamente, tendo em attenção as epocas em que viveram:—Botelho no meiado do sec. XVII, e Berardo no meiado do sec. XIX, qual dos dois teria mais merecimentos?

Só os *Dialogos* de Botelho, se fossem publicados quando elle os escreveu, em 1630 a 1636,—com certeza valeriam mais e muito mais *in illo tempore*, do que valem hoje *todas as obras de Berardo!...*

Appellamos para o testemunho *sincero e consciencioso* de quem tenha lido os trabalhos de um e outro.

Suum cuique.

—*O rev. dr. Bernardo José de Mello,* advogado e fallecido nos principios d'este seculo.

«Foi eminente em poesia latina (diz Berardo) especialmente no genero *epigrammas.* Possuimos alguns chirographos das suas composições, e damos para especimen da sua invenção os seguintes disticos, qne lhe foram encommendados para 4 liminares da caza da Mizericordia; mas que não chegaram a ser esculpidos, por isso que o pedantismo lh'os rogou com tanta instancia, quanta fôra a indifferença com que depois os menosprezou:»

Podem ver-se na *Memoria* de Berardo aquelles 4 disticos

—*Luiz de Campos,* de Farminhão.

Foi capitão de cavallaria, deputado ás cortes em differentes legislaturas, par do reino, *poeta distincto.*

V. pag. 1752, col. 2.ª n.º 14, *supra.*

Visienses illustres pelas armas

—*Viriato lusitano,* o *grande.*

Não se estranhe o mencionar-mol-o aqui, porque ainda hoje se ignora qual foi a sua terra natal e alguem o considera como *filho de Viseu!...*

Para evitarmos repetições, veja-se o topico relativo á *Cava de Viriato,* pag. 1690, col. 2.ª e segg.; a nota de pag. 1711, col. 1.ª—e *Povoa Velha,* tomo 7.º pag. 637, col. 2.ª e segg.

—*Ayres Mendes* e

—*Pedro Paes,* o *Carofa.*

Rebellaram-se contra D. Affonso Henriques, antes de ser acclamado rei e fizeram-se fortes no castello de Ceia, mas elle os venceu,—confiscou-lhes os bens — e os deu a João Viegas, seu privado.

V. *Memoria sobre a villa de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão (pae do meu bom amigo e cyreneu n'este artigo, o sr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão) pag. 13 no tomo 8.º das *Mem. da Acad. R. das Sci.*

—*O Grão Capitão Luiz de Loureiro,* que foi um dos mais distinctos cabos de guerra no sec. XVI, commendador da Ordem de Christo, senhor do solar de Loureiro, etc. etc.

Para evitarmos repetições v. pag. 1738, supra, no topico das *Familias nobres de Viseu,* parte 2.ª n.º 3.

—*Luiz Annes de Loureiro,* filho do antecedente.

Contando apenas 14 annos e seguindo as pisadas do *Grão Capitão,* foi como elle trucidado na Africa pelos mouros.

—*Ruy Lopes de Souza,* ascendente do sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim e Lemos de Carvalho e Vasconcellos, residente na sua nobre casa de Santar.

V. *Bordonhos, Santar, Torre d'Alvim Trofa* do Douro, e n'este artigo Vizeu o topico das *Casas e quintas notaveis... mas não habitadas pelos seus antigos donos,* pag. ... n.º 2, tit. *Lopes de Sousa e Lemos de Santar,* onde dissemos que esta nobre familia tambem outr'ora residiu em Viseu, onde tinha um palacete brazonado, e que n'elle viveu no sec. XVII um distincto cavalleiro, que foi quem acclamou em Viseu el-rei D. João IV.

D'esse cavalleiro—*Ruy Lopes de Sousa*—nos occupamos no momento, aproveitando o que disse o jornal a *Nação* de 1 de dezembro de 1869:

«Teve a capital da Beira por seu acclamador em favor de D. João IV a Ruy Lopes de Sousa, para prova do que citaremos a mercê que fez el-rei D. Pedro II a Fradique Lopes de Souza, decimo setimo senhor da casa de Bordonhos, em 7 de março de 1691, na qual—recordando-se os relevantes serviços prestados por aquelle seu inclito ascendente, se diz:

«*Ruy Lopes de Sousa...* sendo alcaide-mór da villa de Porto de Moz, foi encarregado por cartas do sr. rei D. João IV de muitos particulares tocantes á formatura de gente para a guerra, fazendo varias levas na dita villa e seu districto. No anno de 1646 lhe encarregara outras semelhantes diligencias Fernão Telles de Menezes, governador das armas da provincia da Beira, na co-

marca de Viseu, *na qual serviu á sua custa com varios criados e cavallos por mais de um anno*, acompanhando ao mesmo governador na primeira entrada que fez á villa de Val-Verde e Castello de Elyes, no assalto da villa de S. Martinho, e sitio d'Aldeia do Bispo até se render, e no encontro de Val de Lamulla, fazendo outras entradas em companhia do Mestre de Campo D. Sancho Manuel, sendo em uma d'ellas ferido em um braço sem se querer retirar da peleja, procedendo sempre mui conforme á sua alta qualidade, *sendo o primeiro que na cidade de Viseu* acclamou o sr. D. João IV, etc.»

Era fidalgo cavalleiro com a elevada moradia de 2:500 réis por mez e um alqueire de cevada por dia,—commendador de Monsaraz na Ordem de Christo, alcaide mor da villa de Porto de Moz, 5.º administrador do morgado do Pinheiro, senhor dos logares de Villarinho, Villela e Villarelho, 15.º das terras de Bordonhos e seus padroados, 2.º do nome na successão d'esta casa, 8.º neto de D. Affonso Diniz, filho d'el-rei D. Affonso III, o *bolonhez*, etc.

Veja-se no fim d'esta lista o topico—*Acclamação d'el-rei D. João IV.*

—*Antonio Correia da Silva*, natural de Viseu.

Suppomos que foi militar e militar muito distincto, pois mereceu as honras de ser cantado em 8.ª rima pelo poeta seu patricio *Manuel Marques, Rezende* em 1728.

V. *Manuel Marques Rezende* no tit. *Poetas*, supra.

—*Fernão Lopes*, cavalleiro distinctissimo.

O dr. Botelho, no *Dialago* 5.º cap. 6.º, fallando do infante D. Henrique (o *de Sagres*) duque de Viseu, diz textualmente o seguinte:

«Com este Infante e Duque nosso se acharam muitos cavalleiros d'esta cidade nas partes d'Africa, onde por suas cavallarias eram do Principe muito estimados, ganhando nome de esforçados e bellicosos, como foi no palanque de Tangere, e tomada de Alcacere, e outros recontros, como já o tinham feito na tomada de Arzila por el-rei D. Affonso 5.º a 24 de Agosto anno 1471, em cujo arraial se achavão 300 cavalleiros d'esta cidade, e termo, com *Fernão Lopes*, que lá foi armado cavalleiro por mão do mesmo rei, com outros, como diz o letreiro da porta do muro da Regueira, rua d'esta cidade (Viseu) o qual ali mandou fazer, e pôz este cavalleiro depois que veio, ao tempo que os muros se faziam.

«Diz o letreiro:

No tempo d'El Rey
D. Afonso Quinto se
achou na tomada de
Arzila Fernam Lopes
desta cidade com 300
cavaleiros, e lá foi armado cavaleiro por mão
do dito Rey com outros mais.»

Sendo demolida a dita porta dos velhos muros, desappareceu a mencionada inscripção e d'ella já não havia memoria, mas por acaso o nosso bom amigo e cyreneu, o sr. Nicolau Pereira de Mendonça, em 1887 encontrou a dita lapide no quintal de uma casa da mesma rua da Regueira.

Jaz em exposição á porta do palacete do mesmo sr. dr. Nicolau de Mendonça.

—*Vasco Paes Cardoso.*

Foi Alcaide-mor de Moreira de Rei, junto de Trancoso, e senhor de Ervilhão.

—*Fernão Cardoso*, irmão do antecedente.

Poi alcaide-mor de Celorico da Beira.

V. *Dialogo 4.º do dr. Botelho*, cap. 36, pag 383 no codice de *Girabolhos.*

—*Fr. André do Amaral.*

Foi commendador de Vera Cruz e balio da ordem de Malta, etc.

Bateu e destroçou em 1509 nos mares da India uma armada do Soldão, que levava madeira para fazer uma frota contra os portuguezes, por ordem dos venesianos, que desejavam oppor-se ás nossas conquistas.

Botelho, *loc. cit.*

—*Dr. Belchior do Amaral.*

Militou em Africa; — foi captivo na batalha d'Alcacer; — depois foi desembargador do paço, etc.

—*Manuel de Figueiredo*, filho de Antonio de Figueiredo, descendente do celebre bispo de Viseu *D. Gonçalo de Figueiredo*, o *Anchinho*, n.º 36 do nosso cathalogo. V. pag. 1603, col. 2.ª supra.

Indo em uma armada contra os mouros por ordem do *Grã Capitão* Luiz de Loureiro, já mencionado e seu parente, foi captivo e no captiveiro morreu.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 21, pag. 314 no codice de *Girabolhos*.

—*Luiz de Loureiro* (um dos 12 filhos do celebre conego, abbade e arcediago Luiz Annes de Loureiro) irmão de Henrique de Loureiro, pae do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Foi tambem afamado cavalleiro em Africa.

—*Henrique de Loureiro*, pae do *Grão Capitão* supra.

Foi tambem distincto cavalleiro em Africa.

V. *Dial. 4.º de Botelho*, cap. 23, *in principio*.

—*Luiz de Loureiro*, o *da mãozinha*, filho de Luiz de Loureiro supra, sobrinho do antecedente Henrique de Loureiro e primo do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Foi tambem na Africa esforçado cavalleiro e capitão em armadas de galeões—e por que em um recontro ficou aleijado de uma mão, lhe deram a alcunha *da mãozinha*, para o distinguirem do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro, seu primo.

Casou em Africa com Leonor *Cebolinha*; viveram em Viseu e tiveram entre outros filhos: — Antonio de Loureiro, o *Boia* (ou *Bôca) Negra*, e

—*Alvaro de Loureiro*.

Foi fronteiro na Africa.

—*Antonio de Loureiro*, filho de Duarte de Loureiro e de Isabel Affonso Cardoso.

Foi commendador de Santa Maria de Lordello da Ordem de Christo no arcebispado de Braga, capitão-mor e governador da cidade de S. Jorge da Mina, etc.

—*Antonio de Loureiro* (outro) neto do celebre conego Luiz Annes de Loureiro, e primo do *Grão Capitão* Luiz de Loureiro.

Tambem militou na Africa e ali morreu em uma nau que se incendiou.

Dial. 4.ª de Botelho, cap. 24.

—*Nuno de Barros de Loureiro*, filho de Manuel de Loureiro, por alcunha *o da Alagôa*, e de Isabel Gomes de Miranda.

Militou com grande distincção no Brazil contra os hollandezes, e no seu regresso á patria ganhou por demanda o morgado de Loureiro.

Casou a 1.ª vez com uma filha de Francisco d'Almeida, o *Terronhe*, e viuvando s. g. casou 2.ª vez no Brazil com Maria d'Albuquerque, da qual houve differentes filhos, entre elles um *Luiz de Loureiro*, c. g.

Assim como na familia dos marquezes de Tavora se repetiu muitas vezes o nome *Luiz Alvares de Tavora*, n'esta dos Loureiros se repetiu mais vezes ainda o nome *Luiz de Loureiro*, porque todos os parentes do *Grão Capitão* se orgulhavam com o nome d'elle.

—*Pedro Ferreira*, irmão de Pedro (ou Diogo) do Rego.

Militou na India; no seu regresso casou com Anna de Figueiredo, 8.ª filha do conego Luiz Annes de Loureiro, e alem d'outros filhos, tiveram — *Pedro Ferreira* e Catharina de Figueiredo, a qual casou com *Jorge Ferreira* e teve varios filhos, entre elles um de nome tambem *Pedro Ferreira*, que foi, como este seu homonimo, *abbade*, mas de Lumiar, junto de Lisboa.

—*Pedro Ferreira*, filho mais velho de *Pedro Ferreira* e de Anna de Figueiredo, casou com Isabel Cardosa, de Lamego, e tiveram entre outros filhos uma senhora que casou

com Mathias de Carvalho, filho de *Pedro Rodrigues de Carvalho.*[1]

V. *Dial.* 4.º de Botelho, cap. 24.

—*Antonio Pereira*, filho de Henrique Pereira, moço fidalgo de Tentugal, e de Anna de Figueiredo da cidade de Viseu, onde viveram.

Militou na India.

—*Antonio Paes*, filho de Leonel Cardoso e de Catharina Paes do Amaral, filha do deão da Sé de Viseu D. Gaspar do Amaral.

Militou tambem na India no sec. XVI.

—*Antonio d'Aguilar*, filho de Antão Martins Indiatico (sobrinho do bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas) e de Maria d'Azevedo.

Foi sargento em Italia no exercito do Imperador Carlos V, debaixo da capitania de Francisco Pinheiro, no estado de Sena sobre o monte Aquino, onde falleceu.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 26 pag. 345 no codice de *Girabolhos.*

—*Fr. Diogo Fernandes d'Almeida*, filho de Martim Lourenço, o *Velho*, dos Coutos, e de Maria d'Ornellas.

Foi commendador de Malta e senhor da jurisdicção crime dos Coutos por mercê d'el-rei D. Affonso V, sendo passada a provisão na cidade de Faro aos 8 d'abril do anno 1476.

Não casou, mas teve filhos naturaes e viven na Africa, onde foi grande cavalleiro.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 28.

—*João Nunes da Costa.*

Militou com tanta distincção na India, que foi denominado *O Cavalleiro de Samorim.*

—*Gonçalo Pires Bandeira*, ascendente dos *Bandeiras* da Torre-Deita e do Ladario em Viseu, etc.

Foi cavalleiro muito esforçado no tempo d'el-rei D. Affonso V e salvou heroicamente a bandeira portugueza na batalha de Toro, pelo que os seus descendentes se appellidaram *Bandeiras.*

—*Francisco da Costa.*

Foi Alcaide-mor de Bragança e do castello do Outeiro, por nomeação do duque D. Jaime.

—*José de Mattos Cid.*

É tenente coronel d'engenheiros, muito illustrado e cavalheiro a toda a prova.

—*Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho*, da nobre casa de *Villela*, freguezia de Lourosa.

V. pag. 1752, col. 1.ª *supra*, n.º 12.

Este valente militar e fidalgo distincto era uma excellente pessoa e prestou á cidade e ao concelho de Viseu relevantes serviços no calamitoso anno de 1828.

Na tarde de 17 de julho do dito anno entrou em Viseu uma numerosa guerrilha commandada pelo dr. Francisco de Magalhães Mascarenhas, o *Solus altissimus* de alcunha, por ser muito corpulento, então juiz de fóra de Taboaço e terror da Beira.

Na marcha de Mangualde para Viseu, terra em que predominavam os liberaes, que elle se propunha castigar saqueando e talvez incendiando a cidade, como promettera, foi adestrando a sua guerrilha com o saque e incendio da casa da quinta de José Antonio

---

[1] Este topico parece que prende com a minha obscura familia, pois eu sou *Pedro Ferreira*; tenho um irmão *Jorge Ferreira*; foi meu tio-avô outro *Jorge Ferreira*, e contamos entre os nossos humildes ascendentes mais 2 (que eu saiba) com o mesmo nome de *Jorge Ferreira.*

Foi dono da casa onde eu nasci (a *Casa da Capella*, na povoação da Curvaceira, freguezia da Penajoia) *Domingos Rodrigues de Carvalho*, que fundou a dita capella (de *Nossa Senhora da Lapa*) em 1740, e foi vereador em Lamego, onde casou; e teve um irmão—*Antonio Roiz de Carvalho*—meu visavô materno?!...

Acaso eu ainda terei algum sangue do celebre conego Luiz Annes de Loureiro e do *Grão Capitão*, seu neto, Luiz de Loureiro?

Com vista aos meus sobrinhos e primos, que teem brasões d'armas.

V. *Corvaceira* e *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

da Silva, negociante, no sitio de *Lava mãos*, perto de Viseu.

Ficou a cidade aterrada. Felizmente estava commandando o regimento de milicias de Viseu o seu coronel Rodrigo de Sousa Tudella de Castilho que, apesar de ser tambem *realista*, ficou indignado. Formou immediatamente o seu regimento no terreiro das freiras; dirigiu-se ao truculento juiz de fóra e perguntou-lhe que vinha fazer a Viseu com a tropa de seu commando.

—Não tenho a dar-lhe explicações, mas tão só e unicamente a el-rei D. Miguel I,—respondeu o *Solus altissimus*.

Rodrigo Tudella apeou-se immediatamente, sem lhe volver uma unica palavra; entrou no estabelecimento commercial mais proximo, pertencente a Joaquim Manuel Loureiro; ali mesmo escreveu um officio que mandou entregar ao celebre juiz de fóra, ordenando-lhe que deposesse immediatamente as armas, tornando-o responsavel por todo e qualquer excesso que em Viseu praticassem os seus guerrilhas nas casas em que fossem aboletados— e que para tornar effectiva a ordem, já tinha formado e prompto o seu regimento de milicias.

Obedeceu o guerrilheiro e foi logo depôr as armas no pateo do *Collegio* (antigo Seminario) junto da Sé.

Toda a noite Rodrigo Tudella mandou patrulhar a cidade por fortes piquetes; na manhã seguinte foi com todo o seu regimento entregar as armas ao truculento juiz— com o mesmo regimento o acompanhou e à sua guerrilha até fóra de portas — e Viseu não soffreu coisa alguma, além do susto da vespera.

Toda a cidade exultou e nunca esqueceu tão generoso e cavalheiroso procedimento, pelo que Rodrigo Tudella, mesmo depois da *convenção d'Evora Monte*, foi sempre estimado e respeitado por gregos e troianos.

—

Um facto muito semelhante e *não menos honroso* praticou n'aquelles tempos o tenente coronel de voluntarios realistas—*Antonio Ferreira da Silva* — de Riodades. A muito custo salvou a villa de Trovões, tambem *muito liberal*, mas depois da *convenção d'Evora Monte* os habitantes de Trovões por gratidão o penhoraram e confundiram e, apesar de ter sido official realista,—nada, absolutamente nada soffreu até que expirou muito tranquillo na sua casa de Riodades depois de 1861.

Nós ainda o conhecemos e d'elle proprio ouvimos a narração do facto.

V. *Riodades* e *Trevões* n'este diccionario e no supplemento.

—

Pouco antes do assalto do *juiz de fóra de Taboaço* deu-se tambem na cidade de Viseu um choque politico insignificante, mas que teve lamentosas consequencias. Foi o *tiroteio da ponte de Prime*, em junho de 1828.

Tentando algumas forças populares realistas entrar em Viseu e constando que já estavam em Mangualde, certo numero de constitucionaes visienses resolveram opporse-lhes.

Achava-se então em Viseu José Joaquim Semblano, capitão de infanteria com exercicio de major do regimento de milicias,—algumas praças de cavallaria e caçadores dos batalhões n.os 7 e 9, que adheriram ao movimento constitucional. Juntos com bastantes populares partiram de Viseu em som de guerra no dia 5 de junho de 1828,—5.ª feira de *Corpus Christi*.

Encontraram-se as duas forças nas alturas de Fagilde e principiou logo o tiroteio, ficando morto dos constitucionaes Joaquim Gonçalves,[1] caixeiro de Joaquim José Gonçalves Lima, negociante de pannos,—e ferido apenas o padre João d'Almeida Menezes e Vasconcellos, vulgo *Padre João Côco*.

Dos populares realistas julgo ser commandante Bernardo Mimoso Alpoim, de Linhares, que depois foi coronel dos voluntarios de Mangualde.

Durou apenas alguns momentos o tiroteio,

---

[1] As ossadas d'este moço foram depois trasladadas para o mausoleu onde repousam nos claustros da Sé os que foram fusilados em Viseu nos annos de 1832 e 1833, como já dissemos.

retrocedendo as forças realistas e recolhendo-se os constitucionaes a Viseu; mas por causa d'este pequeno tiroteio muitos visienses ficaram culpados na devassa de que foi ministro o juiz de fóra dr. Francisco da Costa Mimoso Alpoim e escrivão Manuel de Sales Mendonça e Silva, dando áquelle tiroteio o nome de *Fogo de Prime*, posto que o facto se deu um pouco alem da ponte de Fagilde.

—

Outro facto bem simples e de mais dolorosas consequencias foi o seguinte:

Em novembro de 1836, estando aquartelado em Viseu o batalhão de caçadores 2, sendo general das armas da provincia da Beira João Schwalbach—administrador geral Luiz de Loureiro de Queiroz Cardoso Leitão, do Couto, depois barão de Prime, — e juiz de direito da comarca o dr. Joaquim d'Almeida Novaes, constou que varios realistas andavam alliciando soldados do dicto batalhão em favor do seu partido.

O caso foi tomado a serio e empregaram-se logo energicas medidas.

Na tempestuosa noite de 30 do dicto mez partiu uma força de soldados com alguns guardas nacionaes para diversos pontos distantes de Viseu; n'essa mesma noite mataram dois realistas suspeitos, — e quasi em seguida os guardas nacionaes mataram outros realistas, entre elles um infeliz que prenderam, affiançando-lhe que nada soffreria, por serem conhecidos e amigos d'elle; mas a final bem perto de Viseu mataram-no barbaramente e depois levaram o cadaver *em triumpho* pelas ruas da cidade?!

Não satisfeitos aquelles canibaes com estes e outros excessos, obrigaram o juiz de direito a abrir devassa contra a supposta alliciação; mas os depoimentos das testemunhas, falsas ou verdadeiras, iam comprometendo tantas pessoas, que o juiz,—honra lhe seja!— para evitar maiores desgostos, suspendeu a devassa e, se a ultimou, guardou-a e levou-a comsigo quando foi nomeado juiz da relação do Porto. Falleceu na sua casa de Nellas a 13 d'agosto de 1854.

Viseu não lhe deve menos gratidão do que a Rodrigo de Sousa Tudella.

Calamitosos tempos?...[1]

Mais:

—

A divisão do general Silveira, marquez de Chaves, tendo-se revolucionado contra o partido da Carta em 1826, entrou em Viseu pelo Natal do mesmo anno, praticando excessos e roubos nas casas de alguns constitucionaes, nomeadamente na de José Antonio da Silva, negociante, fronteira ao convento de Jesus.

Depois de deixar Viseu, a divisão do general Silveira foi seguida e batida pela dos generaes Claudino e conde de Villa Flor em *Coruche*, concelho d'Aguiar da Beira, no dia 9 de janeiro de 1827, e em seguida o general Silveira emigrou com bastantes officiaes para a Hespanha, d'onde regressou a Portugal só depois que o infante D. Miguel desembarcou em Lisboa no dia 22 de fevereiro de 1828.

V. *Coruche*, *Canellas*, *Villa Real de Traz os-Montes*, vol. 11.º pag. 1029. col. 2.ª *in fine* e segg.

—*Antonio de Campos*, de Farminhão, coronel de cavallaria, e seus 2 irmãos:

—*Luiz de Campos*, já fallecido, e

—*João de Barros e Campos*, capitães da mesma arma de cavallaria.

V. pag. 1752, col. 2.ª n.º 14 supra.

Acclamação d'el-rei D. João IV

Viseu foi uma das terras do nosso paiz que mais soffreu durante o jugo filippino, por se haver pronunciado em 1580 em favor de D. Antonio, prior do Crato; foi por isso tambem que recebeu e festejou com grande alvoroço a noticia da revolução de 1640 e da acclamação d'el-rei D. João IV.

As grandes festas foram em resumo as seguintes:

---

[1] Veja-se o topico supra—*Segurança publica no districto de Viseu.*

«No dia 14 de dezembro de 1640 achavam-se reunidos na sessão ordinaria os vereadores da camara de Viseu—Dr. Antonio Botelho da Costa Homem, juiz pela Ordenação, Adrião Barreto de Seixas, Manoel Ferrão Castello Branco, e o procurador Manuel da Costa Loureiro.[1] Estavam despachando negocios correntes, quando entrou o licenciado Manoel Carvalho da Silva, juiz de fóra, servindo de corregedor da comarca, o qual apresentou a seguinte carta que acabava de receber do governador das justiças da cidade do Porto:

«Hoje dez do presente ás dez horas da noite, chegou hum correio de Lisboa, e deo nova carta de como el-rei D. João, a quem Deos guarde, ficava já na dita cidade. Vossas mercês o hão appelidar por nosso rei natural, como nosso pae que nos vem a reunir, mandando fazer todas as festas e solemnidades que merece e nós temos obrigação de lhe fazer... Porto, 10 de dezembro de 1640. Manoel de Sousa da Silva, Governador.»

A leitura d'esta carta impressionou sobremaneira os circumstantes, porque o negocio era *incerto* e o evento *perigoso*... N'este estado de receios assentaram que o objecto era de consideração!... e mandaram convocar immediatamente a nobreza da cidade. Reforçada a assembléa por este modo, e instruidos os novos membros do que se passava, apoderou-se d'elles o mesmo espirito de receio... ponderando um dos mais auctorisados o seguinte:

«Que o negocio de que tratavam era indubitavelmente de muita transcendencia;... que a cidade de Viseu era uma das mais antigas e nobres de Portugal, e por isso lhe deveriam ser brevemente enviadas as ordens e communicações do novo governo, que se dizia já constituido em Lisboa; e que finalmente n'aquelle dia tinha de chegar o correio ordinario da capital, e então haveriam todos huma certeza, do que se podieria obrar com tento e segurança.»

—

»Sendo com effeito este conselho muito prudente, e por ventura astucioso, e condizendo com a vontade e timidez da assembléa, assentaram unanimemente de não romperem em demonstrações sem que chegasse a carta d'el-rei D. João.

Estas deliberações tinham protrahido a sessão até ás 2 horas da tarde. Mas o povo da cidade, que não entendia nada d'estes conselhos prudenciaes,... já instruido pelos simples rumores que corriam, de ter sido acclamado em Lisboa o duque de Bragança, levanta-se em massa tumultuosa e como por instincto, pessoas d'ambos os sexos, de todas as idades e condições, correm aos paços do concelho situados junto da praça publica; huns trepam pelo pelourinho; sobem alguns ao campanario para tanger o sino da cidade; e outros arremettem pela sala da camara e casa das audiencias, clamando em altas vozes: *Viva o sr. D. João IV, rei de Portugal!...*

Aqui expirou o rigoroso precato dos homens da governança. Levantam-se todos alvoroçados, e correspondem áquellas vozes do povo com tanta força e segurança, como se tivessem levado n'ellas a iniciativa!

Veio logo o estandarte da cidade, e o vereador mais velho, desenrolando-o na frente de toda aquella comitiva, marcha diante ao meio do largo da praça, onde por longo tempo se repetiram as acclamações, as quaes não terminaram sem que primeiro percorressem as ruas principaes da cidade com as mesmas demonstrações de enthusiasmo.

O mesmo juiz e vereadores, para em tudo satisfazerem ao povo, juntando-se segunda vez ao anoitecer, cursaram pelas ruas da cidade, repetindo as acclamações, que pareciam não acabar. Tão grandes eram as ancias de exhalar desejos por tanto tempo sopitados, mas não extinctos!...

—

«Com effeito ao 3.º dia, que foram 19 (aliás 17) de dezembro d'aquelle anno (1640)

---

[1] Vejam-se os 2 interessantes folhetins publicados pelo conego José d'Oliveira Berardo,—*Um capitulo de Viseu em 1640*,—no *Liberal*, de 5 e 9 de setembro de 1857.

chegou a Viseu hum correio, portador da seguinte carta,... que foi lida em camara:

«Juiz, vereadores, e procurador da camara da cidade de Viseu. Eu el-rei vos envio muito saudar.

«Já havereis entendido a mercê, que aprouve a Deos N. Senhor de me fazer na restituição da corôa d'estes meus reinos, e posto que de todos os vassallos e naturaes d'elles, particularmente dos moradores d'essa cidade, tenho por certo que em conformidade do que esta cidade de Lisboa começou, me havereis ahi de alevantar e acclamar por vosso rey e senhor natural, se por ventura se tiver dilatado esta solemnidade, vos encommendo e mando que logo a façaes na forma costumada... Escripta em Lisboa, a 10 de dezembro de 640. Rey.»

Feita a leitura, já os nossos homens não quizeram demoras.

No mesmo dia foram convocados na casa da camara, por notificação e ao chamamento da *campa tangida*, muitos fidalgos e cavalheiros dos mais antigos e nobres, grande numero de cidadãos e immenso povo, officiaes de justiça, juizes, jurados e quadrilheiros do termo da cidade; e bem assim os 2 mesteres da camara, e os 12 do povo com o seu juiz, aos quaes todos fallou o corrigidor da comarca nos termos seguintes:

«Senhores, já deveis de saber como o muito alto e poderoso principe el-rei D. João o IV, nosso senhor, que Deos guarde, foi acclamado na cidade de Lisboa no 1.º de dezembro do presente anno; e ainda que S. M. tambem o foi n'esta cidade de Viseu no dia 14 d'este mez;... comtudo por isto se não ter passado com aquella solemnidade, que tão grande acto merecia,... por isso hoje sois aqui convocados para o feliz accrescentamento de tamanha solemnidade... Eia pois, senhores, vamos a coroar a obra da nossa redempção!»

—

«Então sahindo os officiaes mecanicos com as suas bandeiras, tomou o estandarte da cidade o alferes da camara *Vasco Fernandez* de Carvalho,[1] indo no meio de dois nobres e distinctos cavalheiros, que foram seguidos pelos vereadores ornados das suas insignias, e no centro de toda aquella numerosa comitiva que os rodeava.

Era meio dia, e chegavam á porta da egreja cathedral, onde o reverendo cabido e clerezia (então estava a Sé vacante) os aguardava de cruz levantada. Entraram todos ao canto do hymno *Te-Deum*, e tendo subido até á capella-mor, deram alli hum juramento solemne de acclamarem por seu rei natural e senhor que lhes vinha por mandado de Deos, ao muito alto e poderoso principe el-rei D. João o IV. O alferes fez a ceremonia costumada com o estandarte, e descendo depois com os vereadores até á boca da capella mòr, e no meio dos 2 mencionados cavalheiros, Antonio Rodrigues de Figueiredo e Antonio Coelho de Campos, este ultimo dirigio ao povo huma arenga pathetica, mais propria do seu patriotismo e persuasão, do que de estudados recursos:

«Senhores (disse elle) esta acclamação de S. M. he milagrosa; he hum acto da sua divina justiça; he huma restituição que lhe he feita d'estes reinos, que já estavam ha muito tempo saudosos de não terem hum principe portuguez!...

Agora sim!... agora sim, foi Deos servido favorecer-nos, como a vassallos fieis que somos, com este grande principe da nossa nação e naturezal...»

E aqui, entrecortando-se-lhe as palavras, começou o honrado cavalheiro a derramar lagrimas de prazer.

O alferes da camara, arvorando o estandarte, 3 vezes o voltou, e outras tantas exclamou o vereador mais velho:—*Real, Real, pelo muito alto e poderoso principe D. João o IV, rei de Portugal!*

—

«Sahio da cathedral esta grande comitiva ao som de muitos repiques dos sinos, e co-

---

1 Tinha quasi o mesmo nome do celebre pintor *Grão Vasco!*?...

mo chegassem á praça publica os arcabuzeiros, que alli se achavam formados com as suas bandeiras e tambores, dispararam huma grande salva. Repetio-se a ceremonia do estandarte, como se fizera dentro da cathedral, ao que a multidão do immenso povo correspondeu com indisivel enthusiasmo: —*Viva el-rei D. João o IV Nosso Senhor*!— e seguiram-se os toques das charamellas e trombetas.

De tarde percorreram as ruas da cidade com estrondosas acclamações, e tendo-se recolhido á caza da camara, o senado decretou os seguintes artigos:

1.º—Que todos os moradores da cidade illuminassem as janellas das suas casas por aquellas 3 noites;

2.º—Que pelo espaço de 8 dias a nobreza fizesse festas de cavallo;

3.º—Que se dessem corridas de touros, e se fizessem danças, pélas, chacotas, *e toda a casta de regosijos* pela feliz acclamação de el-rei;

4.º—Que no fim de tudo se desse parte ao mesmo Senhor, como era mister.

Os regozijos e demonstrações de contentamento não ficaram por aqui: a oppressão fôra prolongada, e grande devia ser o desabafo.

No dia 23 de dezembro acharam-se reunidos nos claustros da Sé o corregidor da comarca, os vereadores, os mesteres da camara e muitos cidadãos principaes, onde, de combinação com o rev. cabido e ministros ecclesiasticos do bispado, assentaram: —que no dia seguinte, que era domingo, 24 d'aquelle mez, se fizesse a Deos N. Senhor huma festa em acção de graças, que se expozesse o Santissimo Sacramento, e de tarde houvesse huma procissão pela grande mercê que Deos fizera a estes reinos, e com especialidade á cidade de Vizeu,...—e que á dita funcção assistissem os ministros, officiaes da camara, o cabido e todos os ecclesiasticos, como se costuma no sahimento de *Corpus Christi*. Alem disto os vereadores determinaram que em a noute daquelle dia e na outra seguinte todas as janellas da cidade estivessem illuminadas: e que no mencionado dia os mordomos dos officios mecanicos tivessem promptas as suas bandeiras, danças, festejos e *chacotas*; assim como as pélas, trombetas, charamellas e tambores, *debaixo da pena de 30 dias de cadeia*?!...

—

«Com effeito no dia aprazado sahiram dos paços do concelho o senado da camara, os mesteres e muitos cidadãos, dirigindo-se todos á cathedral, onde assistiram á solemne funcção ecclesiastica, em que prégou o guardião dos capuchos de S. Francisco d'Orgens com a satisfação e aprazimento dos circumstantes. Pela tarde reuniram na mesma cathedral, e então teve logar o solemne sahimento pelo modo seguinte:

Na frente de tudo marchavam os tangedores das charamellas e trombetas, concertando huma *ingrata harmonia* (sic) segundo seu talento e os costumes d aquelle tempo. Seguiam-se as *folias*, especie de dança ou coro de raparigas, tripudiando com varios gestos e posturas para divertimento do vulgo ignaro. Após estas vinham as *chacotas*, que dançavam cantando varias lôas, de que se riam e alegravam os auditores. Vinham tambem as *pélas, notavel dança, que se compunha de meninos levados nos hombros d'outrem, onde se contorneavam com varias mimicas extravagantes.*

Apparecia de proximo a charola de S. Jorge, defensor do reino, seguido de bastantes cavallos d'estado ajaezados, onde os bordados telizes mostravam ao povo nos brazões *muitas orelhas de mouros, que os antepassados de seus donos nunca cortaram.* Após desenroladas vinham as bandeiras dos officiaes mecanicos com as pinturas dos santos seus patronos; como era de ver no mester dos sapateiros *S. Crispim apontando ao povo a curva e buida sovella na dextra mão*, emquanto seu irmão Crispiniano *ostentava o duro bisegre luzidio.*

Rematava esta especie de avançada o alferes da camara, levando a bandeira de S. M...

Então se estendia a fileira das cruzes das freguezias, que eram seguidas pela corporação da confraria do Senhor, e após tiveram cabimento os frades de S. Francisco d'Or-

gens. Finalmente seguia-se a clerezia com o cabido, e o pallio levado por 6 nobres cavalheiros, e no couce de tudo o senado da camara.

—

«Quando o pallio se mostrou no adro da cathedral (diz o alfarrabio municipal que consultamos) a milicia das ordenanças, postada com firmeza e galhardia, atirou huma grande salva dos negros arcabuzes, *cujo fogo lhes fora communicado pelos morrões accezos.*

N'este interim os sinos das egrejas resoavam de maneira que aturdiam, e logo a milicia arcabuzeira, governada por barbudos sargentos, por alferes e gordos capitães, ao som dos tambores e charamellas, cercou em duas alas o couce da procissão.

Assim caminharam pelas ruas destinadas... até o remate com a entrada na cathedral. Subiu então ao pulpito o dr. Manoel d'Almeida Castello Branco, conego na Sé de Vizeu, onde fez hum douto sermão alludindo ás semanas do propheta Daniel, dizendo: «que foram outras tantas como os annos em que o reino de Portugal esteve sugeito a Castella; mas que pela acclamação de S. M. sahiram os portuguezes do captiveiro.» Ainda que n'esta conta andava um erro de dez annos, pouco importava para o assumpto...

—

«Concluida a funcção religiosa, o resto do dia e a maior parte da noite passaram-se nas *encamisadas*, genero de festas que comprehendia as especies de jogos denominados *cavallinhos*, *justas* e *torneios*, em que os homens a cavallo, e vestidos de certo modo, brincavam entrecorrendo huns pelos outros, batendo-se com fustes ou cannas.

Todos estes regozijos... foram participados a el-rei, que muito agradeceo, enviando a carta seguinte:

«Juiz, vereadores... e povo da cidade de Viseu: Eu el-rey vos envio muito saudar.

Vi a vossa carta de 20 do mez passado, pela qual me destes conta da solemnidade com que n'essa cidade se fizera a minha acclamação, e as festas que depois d'isso se seguiram, assim ao divino como ao humano, o que tudo foi muito conforme á confiança que de tão honrados cidadãos e leaes vassallos tenho, ficando certo que com boa vontade folgareis de me ajudar a defender estes reynos, que Deos N. Senhor foi servido restituir-me para haver lugar de vos fazer mercê. Escripta em Lisboa aos 6 de janeiro de 1641. Rey.»

A isto se reduzem os 2 folhetins que o sabio conego extrahiu do *alfarrabio* da camara e que em verdade são um *capitulo* interessante da historia de Viseu e bem mais alegre do que alguns dos topicos supra.

VISIENSES ILLUSTRES PELA SUA POSIÇÃO SOCIAL

—*Martim d'Almeida*, dos Coutos — o *Velho*.

Foi caudel-mor.

—*Martim Lourenço d'Almeida*, pae do antecedente.

Foi reposteiro-mor d'el-rei D. Ioão I.

—*Pero Lourenço d'Almeida*, irmão de Martim d'Almeida, o *Velho*.

Foi o 1.º almotacé-mor de Portugal.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 28.

—*Diogo Botelho da Costa*, descendente do famoso *Cavalleiro de Samorim*, João Nunes da Costa.

Casou em Bejar, na Hespanha, com D. Ignez de Artiaga e Souto-Maior, filha de Rodrigo d'Artiaga, da creação do duque d'aquella villa, e de D. Anna Souto-Maior, parenta da duqueza, e tiveram entre outros filhos:

—*D. Antonio Botelho*, que succedeu na casa de seu pae e em 1630 vivia em Viseu;

—*D. Rodrigo d'Artiaga Souto-Maior*, que foi thesoureiro-mor do Mexico, de *propriedade*;

—*D. Gaspar*, e

—*D. Alonso*, que tambem viveram no Mexico, e

—*D. Francisco d'Artiaga*, que pelos annos de 1630 vivia no Perú.

Dial. 4.º de Botelho, cap. 33.

—*Gonçalo Pires Bandeira da Gama*, senhor da nobre casa e morgado dos *Bandeiras* de Torre-Deita.

Era descendente e representante do famoso *Gonçalo Pires Bandeira*, que na batalha de Touro salvou a bandeira portugueza, como já dissemos no topico dos *Visienses illustres pelas armas*.

Nasceu na sua casa da Torre-Deita no dia 10 de dezembro de 1818, e ali falleceu no dia 14 de julho de 1884, deixando vivas saudades e um vacuo profundo no concelho de Viseu, pois era o modêlo d'um *Portugal velho* honradissimo e cavalheiro a toda a prova.

No *Album Visiense* póde ver-se o seu retrato e a sua biographia. Por ser bastante longa, d'ella faremos apenas um leve extracto:

.....

«Era filho de D. Clara Luiza Bandeira da Gama, da casa dos Coutos, e de Thomaz Antonio da Silva Gama, da quinta da Reguenga.

.....

Manteve inalteraveis a consideração, o prestigio e o respeito do seu antigo, rico e nobilissimo solar.

.....

A grande fortuna, o elevado nascimento, as excellentes qualidades e a figura gentil do fidalgo tornavam-no apto para os mais importantes cargos, grangeando-lhe sympathias e captivando a attenção de todos a quem elle encantava com a sua affabilidade.

Nomearam-no commandante da *guarda nacional* de Viseu, e n'este cargo revelou melhor o seu animo folgasão e os instinctos de proteger toda a gente, do que a rigida tempera do austero disciplinador.

Em 1853 elegeram-no presidente da camara municipal de Viseu.

.....

Olhou sempre para a frente, e os melhoramentos materiaes, o progresso, nunca acharam n'elle senão auxilio para o incessante caminhar.

.....

Durante a sua gerencia municipal promulgou o *1.º codigo de posturas* que teve o concelho.

Mais tarde, nos annos de 1864 e 1865, tendo sido eleito procurador á junta geral do districto, occupou o logar de presidente d'esta importante corporação.....

Foi eleito deputado ás côrtes por indicação do seu amigo do collegio o sr. Casal Ribeiro,[1] mas não pôde tomar assento na camara por motivos particulares.

.....

Instaram-no repetidas vezes para acceitar condecorações e titulos, etc., mas nunca poderam obter a sua acquiescencia.....

Um titulo *unico* lhe era agradavel:—o de *Morgado da Torre*. É que esta designação que o povo adoptou carinhosamente, e que por longos annos guardara gravada no coração, representava para Gonçalo Bandeira a synthese de todos os affectos que mereceu, de todas as attenções com que os pobres agradeciam á casa da Torre immensos favores e beneficios.....

.....

Rasgos generosos ninguem os tinha maiores do que o *Morgado da Torre*.

Quando se procedia aos estudos da estrada municipal de Viseu ao Valle de Besteiros, offereceu gratuitamente as vastas expropriações das suas propriedades, recommendando com empenho—que desviassem o traçado das terras dos visinhos, que com isso se inquietassem, e o levassem pelas suas...

.....

Grandes e pequenos se curvam deante do tumulo que nos esconde o amigo querido, um grande coração, que deixou orphãos milhares de infelizes que n'elle achavam certos o seu remedio e conforto.»

Casou com a sr.ª D. Candida Carolina Seabra Bandeira.

---

[1] Hoje, 1888, é digno par do reino e nosso embaixador em Madrid, etc.

—*Luiz Galvão.*

Casou com uma senhora dos Bandeiras da Gama, da casa do *Ladario*—e «foi (diz Botelho, seu contemporaneo *Dial.* 4.º cap. 33) *o primeiro mantenedor* (jogador) *de manilha*, que houve em Viseu, e partes da Beira em tempo do bispo D. João de Bragança»—1599-1609.

—*O rev. João Nunes da Costa*, filho de Fernão Alvares Cardoso e de Brites Nunes.

Foi abbade da Lageosa—«o qual teve de hua Filippa Alvares, ou Brites Alvares, mais de vinte filhos...» — diz Botelho, Dial. 4.º cap. 34,—alguns dos quaes deram numerosa descendencia e occuparam altas posições.

—*Antonio d'Abreu de Mello*, filho do celebre conego Pedro Gomes d'Abreu, sobrinho do bispo D. João Gomes d'Abreu.

Foi pagem do brandão do principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião.

Dial. 5.º de Botelho, cap. 3.º

—*Adrião Barreto de Seixas* e

—*Manuel Ferrão Castello Branco.*

Eram vereadores e estavam em sessão ordinaria com o procurador da camara.

—*Manuel da Costa de Loureiro*, sob a presidencia do juiz pela Ordenação D. Antonio Botelho da Costa Homem, quando entrou na sala das sessões o licenciado Manuel Carvalho da Silva, no dia 14 de dezembro de 1640, e lhes apresentou uma carta que acabava de receber do governador das justiças da cidade do Porto, communicando-lhe a feliz nova da revolução de 1 de dezembro do dicto anno e da acclamação de D. João IV, e mandando que em Viseu se repetisse a mesma acclamação com todas as demonstrações proprias.

Os illustres vereadores titubiaram com receio, mas o povo os compelliu.

Veja-se o topico supra: *Acclamação d'el-rei D. João IV.*

—*Vasco Fernandes de Carvalho.*[1]

Em 1640 hasteou á bandeira de Viseu nas festas da acclamação, pois era o alferes da camara.

—*Antonio Rodrigues de Figueiredo* e

—*Antonio Coelho de Campos.*

Foram os 2 fidalgos visienses que tiveram a honra de ladear o alferes da bandeira nas pomposas festas da acclamação de D. João IV, em 1640.

—*O dr. Manuel d'Almeida Castello Branco.*

Era conego da Sé de Viseu em 1640 e prégou com muito applauso nas festas da acclamação.

V. o topico citado supra.

—*José Ribeiro de Carvalho e Silva*, negociante de grosso trato no imperio do Brazil, primeiramente no Rio de Janeiro e depois na provincia de Minas, onde se estabeleceu e casou em Sant'Anna de Capivary.

Nasceu na cidade de Viseu em 1824 e foram seus paes Manuel Ribeiro de Carvalho e D. Maria José.

Como bom patriota jámais esqueceu a sua terra natal. Não só veiu expressamente visital-a em 1880 e 1882, mas deixou largas esmolas aos seus conterraneos. Declarou-se protector e bemfeitor do *Asylo d'Infancia desvalida* e deu á *Santa Casa da Misericordia* quantia sufficiente para com o seu juro dar-se uma sopa economica durante 4 meses por anno a 18 pessoas;—fundou e subsidiou em Viseu uma escola nocturna pelo methodo de João de Deus; subsidiou o professor primario da *Corga*, onde nasceram seus paes; deu 500$000 réis para ajuda de uma bibliotheca popular na mesma aldeia—e deu mais 100 volumes dos *Colloquios al-*

---

[1] Era quasi homonymo do celebre pintor *Vasco Fernandes*,—o *Grão Vasco*, de quem fallaremos adiante.

Seriam parentes?

deões de Castilho para premios dos alumnos.

Mais ainda.

Sabendo que em Viseu havia um caixeiro pobre com rara vocação para desenho e pintura, subsidiou-o para ir, como foi, para o Porto, frequentar a *Academia de Bellas Artes*, e tanto aproveitou que já em 1884 a 1885 foi o director artistico do primoroso *Album Visiense*, onde a pag. 17 a 19 se vê a biographia do sr. José Ribeiro de Carvalho e Silva—e o retrato do mesmo benemerito visiense, desenhado pelo dicto moço, que é hoje um artista de merecimento,—*José d'Almeida e Silva*, do qual adiante fallaremos no topico *Pintores*.

—*Antonio d'Almeida Tovar*.

Foi o ultimo senhor e representante da nobre familia *Almeidas da Calçada*, hoje *Noronhas Faro e Menezes*.

V. pag. 1728, col. 1.ª n.º 2.

—*Antonio de Albuquerque d'Amaral Cardoso*.

Foi o ultimo senhor e representante da nobilissima e riquissima *Casa do Arco*.

V. pag. 1727, col. 2.ª n.º 1.

—*João da Silva Mendes*, rico negociante, proprietario e capitalista.

Foi o tronco da nobre familia *Silvas Mendes*.

V. pag. 1733, col. 2.ª n.º 11.

—*O conde de Santa Eulalia, Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu*.

Foi o ultimo senhor e representante da rica e nobre casa dos *Mellos Castros* de Viseu.

V. pag. 1737, col. 2.ª

—*D. Maria Candida d'Almeida Vasconcellos de Mello Abreu e Carvalho*.

Foi a ultima representante da nobre familia *Almeidas e Vasconcellos de Mello e Abreu*, da casa e quinta de *Santo Estevam*.

V. pag. 1740, col. 1.ª

—*Luiz de Loureiro Queiroz Cardoso*, 1.º visconde de Loureiro, filho unico do 1.º barão de Prime.

Foi o ultimo senhor e representante da opulenta casa de *Prime*, junto de Viseu, que comprehendia outras muitas.

V. pag. 1736, col. 2.ª n.º 12,—e 1752, col. 2.ª n.º 15.

—*Fernando d'Almeida e Silva Cerqueira Lacerda Vasconcellos*.

Nasceu a 18 de Março de 1779 e falleceu em 18 de julho de 1868. Foi representante de varias casas de Viseu, Amarante, Sampaio, etc.

Capitão de infanteria do antigo regimento 11, fez a guerra peninsular; assistiu ao combate do Bussaco, onde foi ferido. Foi condecorado com a medalha das 4 companhas. Renunciou a vida militar e não fez parte da expedição de Montevideu para casar com D. Maria Augusta Pinto Guedes de Almeida Vasconcellos, da *Casa de Santa Eulalia*, no concelho de Cêa, senhora de raras virtudes, fallecida em 23 de março de 1870. Não houveram filhos e succedeu na casa, por disposição testamentaria, a sobrinha D. Eduarda Augusta Pereira Pinto d'Almeida Vasconcellos Queiroz, casada com Bento Queiroz Pinto Serpe de Mello, morgado das casas de Favaios, S. João da Carreira, Covello e Fundão, fallecido em 12 de janeiro de 1886. V. o topico supra—*Familias nobres de Viseu na actualidade*, parte I, n.º 10, tit. *Queirozes Pintos*.

—*Emygdio Julio de Navarro*, actual ministro das obras publicas. Nasceu na rua do Arco em 19 d'abril de 1844.

È filho legitimo de André Navarro, da cidade d'Alicante, na Hespanha, e de D. Carlota Joaquina do Carmo Machado, natural da villa (hoje cidade) de Guimarães. É distinto escriptor publico, redactor das *Novidades* e auctor do formoso livro=QUATRO DIAS NA SERRA DA ESTRELLA, etc. Adiante volveremos a fallar do sr. Emygdio Navarro no topico *Estadistas*.

VISIENSES NOTAVEIS PELAS SUAS VIRTUDES

—*Padre Bernardo Pereira*, jesuita e seu irmão

—*Fr. Rodrigo de Jesus*, da ordem do Carmo.

V. pag. 1547, col. 1.ª *in fine* — e o topico

supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

—*Padre Antonio Leitão*, o *padre ladrão.*
V. pag. 1618, col. 2.ª

—*Jeronymo Bravo*, e sua mulher

—*Isabel d'Almeida*, fundadores do 1.º hospital da Misericordia.
V. pag. 1666, col. 1.ª

—*O dr. Belchior Loureiro*, e sua 1.ª mulher

—*Maria de Queiroz Castello Branco*, fundadores do convento de *Jesus.*
V. pag. 1661 col. 1.ª

—*Simão Machado*, e sua mulher

—*D. Anna de Jesus Serpe.*
Deram a sua casa e quinta de *Santa Christina* aos congregados, para n'ella fazerem, como fizeram, o convento, hoje *Seminario diocesano.*
V. pag. 1649, col 2.ª

—*Uma emparedada* cujo nome se ignora.
D'ella faz menção Viterbo no *Elucidario*, dizendo:—«Do *Livro Velho dos Obitos de Viseu*, a 5 de janeiro, consta que no anno de 1313 falleceu n'aquella cidade Margarida Lourença, que deixou ao Cabido seis soldos, impostos na sua cása da Ribeira, que de uma parte confrontava *com a Emparedada.* E esta mui provavelmente foi a contemplada em um testamento de Maceiradão de 1307, no qual se acha esta verba:—*Mando aas Confrarias de Viseu cinqui soldos, e aa Emparedada.*
V. *Inclusa* n'este diccionario, tomo 3.º pag 389, col. 2.ª

—*A viscondessa de S. Caetano*, generosa protectora dos desvalidos.
V. pag. 1798, col. 1.ª

—*Gonçalo Pires Bandeira da Gama*, generoso protector dos desvalidos tambem.
V. o topico supra, — *Visienses illustres pela sua posição social.*

—*Dr. Antonio Luiz Dourado*, medico distinctissimo e amantissimo da pobreza.
V. o topico supra—*Visienses illustres pelas lettras, mas não escriptores.*

Estadistas

—*Emygdio Julio Navarro*, bacharel formado em direito e actualmente ministro das obras publicas, etc. etc.
D'elle já fizemos menção no fim do topico *Visienses illustres pela sua posição social.*
Concluiu a formatura no dia 18 de junho de 1859 e tem sido deputado ás cortes em differentes legislaturas.
Casou em Coimbra com a ex.ª sr.ª D. Ernestina Candida Lopes, filha do dr. Adriano Lopes Guimarães e de D. Anna Justina Lopes d'Andrade.
O sr. Emygdio Navarro é um talento de 1.ª plana e orador distinctissimo,—e, apesar de ser ainda muito novo, é um dos ministros mais energicos e mais atilados que Portugal tem tido *até hoje!* Deixa o seu nome vinculado a muitas e muito importantes obras publicas: — vias ferreas e estradas a macadam; portos e docas; arborisação das estradas, das dunas do litoral e das serras da Estrella e do Gerez; albufeiras e canaes de irrigação; escolas industriaes e agricolas, etc., etc.—o que tudo a historia um dia registará com louvor.

Visienses tristemente celebres

—*João Ferrão de Castello Branco*, filho d'outro do mesmo nome e de D. Maria d'Almeida.
Antes de 1630 matou o seu irmão primogenito Manuel Ferrão de Castello Branco; em seguida homisiou-se e *nunca mais appareceu!...*
Dial. 4.º *de Bolelho*, cap. 26, pag. 343 no codice de *Girabolhos.*

—*João Gomes Pardello.*
Assaltou e tentou incendiar em 14 d'agos

to de 1641 o convento dos frades capuchos de *Santo Antonio de Maçorim*, procurando Luiz Ferrão para o matar.

V. pag. 1640, col. 1.ª

—*Domingos Lopes*, de 50 annos de idade e viuvo.

Estuprou violentamente em sitio ermo uma menina de 8 annos, deixando-a em misero estado, pelo que foi preso e enforcado no *Campo da Lã*, em Lisboa, no dia 16 de dezembro de 1745.

Mem. do Dr. Secco, pag. 343.

—*Manoel Cardoso de Loureiro*, fidalgo distincto, capitão-mór de Viseu, etc., e seu filho do mesmo nome

—*Manoel Cardoso de Loureiro.*

Tornaram-se tristemente celebres e soffreram grandes trabalhos pelas suas aventuras com as freiras benedictinas do convento de Jesus nos fins do ultimo seculo.

V. pag. 1662, col. 2.ª

—*José Paulo Pereira de Carvalho*, da nobre casa de Rebordinho em Lourosa da Telha.

V. pag. 1751, n.º 10, col. 2.ª

Foi coronel das milicias de Viseu e um dos vogaes da celebre *commissão mixta* que em 1832 e 1833 ordenou os fusilamentos politicos mencionados supra, pag. 1784, col. 1.ª e segg.

—*Francisco d'Almeida Vasconcellos*, major reformado.

Foi tambem um dos vogaes da celebre *commissão mixta.*

Os outros vogaes eram de terras estranhas e por isso os não mencionamos n'este rol.

Artistas notaveis

—*Luiz Antonio dos Santos*, o *engenheiro.*

Tendo sido um simples carpinteiro, chegou a ser organeiro distincto.

Foi elle quem fez em 1814 a 1819 o magestoso orgão actual da Sé.

V. pag. 1633, col. 1.ª

—*Padre Antonio Duarte Moura*, de quem já fizemos menção no titulo *Escriptores.*

É tambem artista mechanico muito distincto e de aptidões variadas, musico e organeiro.

Em 1876 concertou admiravelmente o grande e magestoso orgão da Sé, como já tinha concertado o da Misericordia e outros,—e construiu um pequeno orgão de sala muito engenhoso, inventado por elle.

Veja-se o tit. *Musicos*, infra.

—*Manuel Duarte Moura*, pae do antecedente.

Foi um bom relojoeiro.

—*Gaspar Joaquim da Fonseca*, esculptor.

Foi discipulo de Barros Laborão; trabalhava admiravelmente em pedra e madeira, —e desde 1822 até que falleceu de 33 annos, em Lisboa, foi ali ajudante do professor na aula de esculptura.

Mem. de Francisco Mannel Correia, pag. 123.

—*Manuel de Figueiredo*, gravador.

Ainda este anno de 1888 gravou a medalha de prata que os *bombeiros voluntarios* de Viseu mandaram fazer para recompensar os actos heroicos da sua benemerita corporação.

—*Narcizo de Sousa Mello*, entalhador.

Foi este artista quem fez a obra d'entalha do magnifico orgão da Sé.

—*João Gomes Pardello*, serralheiro.

Foi *mester* da camara em 1641 e homem audaz, agitador e perigoso, pelo que se tornou *tristemente celebre*, como já dissemos no topico antecedente.

—*Raphael Carlos Pereira de Souza*, de quem já fizemos menção no topico *Escriptores.*

É um artista encyclopedico!

—*José Lopes Grillo*, de 59 annos de idade.

É bom esculptor e tambem pintor, sem auxilio de mestre.

—*Bernardo Rodrigues Lourenço*, da freguezia de Travassos e cunhado do antecedente.

É bom esculptor de imagens, distinguindo-se principalmente nas do *Sagrado Coração de Jesus.*

—*José Monteiro Nellas*, natural de Viseu.

Tem multa aptidão para esculptura e pintura e promette ser um bom artista.

—*Antonio José Pereira*, nascido em 1820, e professor de desenho no lyceu nacional d'esta cidade.

É insigne na esculptura e principalmente na pintura, a que se dedicou sem auxilio de mestre. Conhece a escola de Grão Vasco, como poucos. Pode dizer-se que nasceu n'ella e n'ella se formou. São quadros seus, alem d'outros, o da Ceia no altar do SS. na Sé e que foi o primeiro que fez; os dos altares collateraes da egreja da Misericordia, representando um as Dores e outro a visitação da Virgem a Santa Isabel, e os de muitos e varios bemfeitores d'esta casa. Chefe de uma familia de rara habilidade, são obra sua e de sua mulher e filhas um rico e bem trabalhado reposteiro da egreja da Misericordia, outro da dos Terceiros de S. Francisco e outro da egreja do Seminario, que prima pela elegancia e simplicidade da ornamentação.

Tambem trabalha em oiro, prata, marfim, etc.

D'este illustre visiense volveremos a fallar no topico *Pintores.*

Mestres d'obras

—*João Affonso*, ferreiro de Fragosella.

Foi um insigne bemfeitor dos frades de S. Francisco d'Orgens.

«As claustras fez Fr. Antonio de Buarcos (diz Botelho) com ajuda da esmola que deixou hum *João Affonso*, ferreiro de Fragosella, como consta do letreiro, que está em huma quina dos claustros, cuja virtude merece esta memoria.»

Dial. 4.º cap. 32, pag. 369 no codice de *Girabolhos.*

—*David Alvares*, pedreiro e mestre d'obras.

Era o dono da quinta (hoje dos *Cardosos* de S. Miguel) que os frades capuchos compraram em 1633 e onde viveram antes de passarem para o convento de *Santo Antonio de Maçorim.*

V. pag. 1658, col. 2.ª

—*Daniel Alvares*, tambem pedreiro e mestre d'obras, talvez pae do antecedente.

Viveu no tempo do bispo *D. João Manuel* (1599-1609) e por ordem do mencionado bispo e segundo a planta dada por elle, restaurou e *fez de novo* a capella de *Santa Martha* no paço de Fontello e as 3 salas contiguas.

Foi homem de fortuna e pae do dezembargador João Saraiva de Carvalho, de quem já fizemos menção.

V. pag. 1616, col. 2.ª

—*Manuel Ribeiro*, carpinteiro.

Fez as obras de madeiramento do *Hospital Novo* da Misericordia.

—V. pag. 1668, col. 1.ª[1]

—*Francisco Lopes Peres*, da freguezia de Ranhados.

Foi um carpinteiro e mestre d'obras muito intelligente.

—*José Antonio Peres*, sobrinho e successor do antecedente, natural da mesma freguezia e como elle carpinteiro e mestre de obras.

Foi quem na restauração dirigiu as obras de madeiramento no 3.º andar do Seminario visiense, bem como as da sacristia e balaustrada da escadaria, torreão da mesma, etc.

V. pag. 1656, col. 2.ª

---

[1] As paredes do dicto hospital foram feitas pelo pedreiro e mestre d'obras Jacintho de Mattos, de Villar de Besteiros, concelho de Tondella, como tambem dissemos *loc. cit.*

—*Seraphim Lourenço Simões*, da freguezia de Lordosa, pedreiro *intelligentissimo*!

Foi elle quem restaurou o ultimo lanço das celebres escadas do mesmo Seminario e as escadas da capella mor, etc.

V. pag. 1656, col. 1.ª e 2.ª

MUSICOS

—*Manuel José Boto.*

Foi *mestre de capella* na Sé de Viseu e musico distincto.

—*Manuel Boto Machado*, filho do antecedente.

Foi organista da Sé com grande applauso muitos annos, até que falleceu em 17 de janeiro de 1822.

«O seu engenho, como compositor de musica ecclesiastica, é attestado pelas muitas obras que deixou (diz Berardo) e que mereciam ser conhecidas e avaliadas dos entendedores. É muito de admirar que este homem, sem nunca ter viajádo, nem se lhe proporcionarem os meios de consultar os grandes mestres, e ouvir as composições famosas, desenvolvesse tanta invenção, bom gosto e propriedade. Não hesitamos de collocal-o a par do eximio compositor D. Joaquim de Menezes e Athaide, que foi bispo d'Elvas.»[1]

—*Padre José d'Abreu Pessoa*, mestre de capella na Sé de Viseu.

«Foi habil na execução musical, e muito erudito nas materias da arte que professava; comtudo as suas composições não passaram da sufficiencia, e publicou uma *Arte de Canto Chão* para uso dos alumnos do Seminario episcopal de Viseu, impressa em Lisboa em 1830.» É isto o que diz nas suas *Memorias* o mesmo conego Berardo.

Foi professor de canto-chão no Seminario diocesano; era um presbytero de exemplar comportamento e falleceu de provecta idade no dia 2 d'agosto de 1830.

Foi contemporaneo de Manoel Boto Machado, mencionado supra.

—*Padre João Ribeiro d'Almeida Campos*, mestre da *capella* e depois conego na Sé de Lamego.

«Foi muito conhecido não só como habil executor de instrumentos, como por algumas composições, que testificavam sua pericia e bom gosto.

«Publicou uns *Elementos de Canto-Chão*, e outros *Elementos de musica*, obras rudimentares para uso dos principiantes. Falleceu no Porto em 1833.

É isto o que diz Berardo, mas Innocencio apenas disse—que foi professor de canto no seminario de Coimbra (?)—e que escrevera os *Elementos de Musica, destinados para uso da aula do Paço episcopal de Coimbra* (?). Coimbra, na imprensa da Universidade, 8.º de VIII—92 pag.—com uma estampa. Tambem disse constar-lhe que se matriculou no 1.º anno de direito na Universidade de Coimbra em 1785.

O sr. Brito Aranha em additamento, citando os *Musicos portuguezes* do sr. Joaquim de Vasconcellos, diz que o nosso biographado se formou effectivamente em leis pela Universidade de Coimbra, mas só com o nome de *João Ribeiro d'Almeida*, ao qual posteriormente accrescentou o appelido *Campos*.

Nem Innocencio nem o sr. Brito Aranha dizem que o nosso biographado foi mestre da capella e depois conego na Sé de *Lamego*, com diz Berardo;—nem Berardo o menciona como dr. ou bacharel, mas não póde duvidar-se de que se formou em Coimbra, porque temos sobre a nossa mesa de estudo os seus «*Elementos de Cantochão* offerecidos a Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor D. João Principe Regente, *por João Ribeiro de Almeida Campos*, Presbytero Secular, *Bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra*, Mestre de Capella da Cathedral de Lamego, professor e examinador de Canto-

---

[1] Não cantaremos *extra chorum* dizendo que nos primeiros 6 mezes do corrente anno de 1888 importámos 7:820 instrumentos musicos e entre elles 433 pianos.

chão no mesmo bispado. Destinados para uso do novo Seminario de J. M. A.[1] Lisboa, anno de MDCCC.» 8.º de 71 fol.

Tambem *aliunde* soubemos o seguinte:

Era muito illustrado e foi muito estimado pelo bispo de Lamego D. João Binet Pincio, que o formou e lhe deu o canonicato, em Lamego. Teve ali 4 filhos, sendo 2 varões, dos quaes formou um em medicina,—outro foi capitão de infanteria e um dos presos politicos da praça d'Almeida em 1828 a 1834. Das filhas uma foi freira de habito branco.

Pelos annos de 1829, sendo perseguido como liberal, emigrou com o filho medico; regressaram com o sr. D. Pedro em 1832 ao Porto, onde foi provisor ou governador do bispado, e alli falleceu em 1833.

Tocava toda a casta de instrumentos e era muito excentrico! Um bello dia ao sair da sua casa ao fundo da rua da *Olaria*, em Lamego, deparou com um amigo:

—Para onde vaes?—perguntou-lhe o conego.

—Viajar para a França.

—Espera, que eu vou comtigo. E passados poucos momentos partiu com elle para França e por lá andou viajando alguns mezes.

—*D. Maria do Ceo da Silva Mendes*, já mencionada supra, no topico das *Senhoras* mais notaveis, filhas de Viseu.

É considerada por todos como 1.ª *pianista da Beira.*

—*Antonio d'Almeida Duque.*

Foi distincto professor de piano.

Póde ver-se o seu retrato e a sua biographia no *Album Visiense*, pag. 73. Seja-nos licito copiar d'ella apenas as primeiras linhas:

«Publicamos hoje o retrato d'este nosso patricio.

O *Album Visiense* destinou-se a ser uma galeria de homens illustres d'esta terra.

O que hoje apresentamos foi incontestavelmente um homem illustre.

Teve a nobreza do trabalho, porque trabalhou, indefesso, desde a infancia.

Teve a nobreza da probidade, e nunca foi excedido n'esta virtude.

Teve a nobreza do talento, porque foi um insigne pianista, um perfeito musico, um ensinador proficiente e consciencioso...»

Nasceu em 5 de março de 1835 na rua da *Regueira*, na casa das *Bôcas*, e falleceu a 10 de setembro de 1883 na *casa da Bica*, edificada por elle na rua de *D. Luiz* em Viseu.

—*José d'Oliveira Berardo*, o sabio conego, de quem já fizemos menção no tit. *Escriptores.*

Foi distincto amador e profundo entendedor de musica, e no *Liberal* de Viseu (n.º 5 de 20 de maio de 1857) publicou sob o tit. *Artistas portuguezes*[1] uma extensa lista chronologica dos nossos musicos *escriptores* —e outra dos *compositores*,[2] precedidas de uma interessante introducção historica.

—*Padre Antonio Duarte Moura*, filho do relojoeiro visiense Manuel Duarte Moura.

É homem muito illustrado, muito sympathico e de variadissimas aptidões: distincto

---

[1] *Jesus Maria e Anna* é o titulo do Seminario de Lamego,

[1] Sob o mesmo tit. e no mesmo jornal (n.º 2 de 9 de maio do dito anno) havia fallado dos nossos artistas gravadores, *pintores* e *calligraphos*. Depois tambem fallou particularmente de *Grão Vasco* nos n.ºs 52 e 85 do mesmo jornal, dedicando-lhe dois longos artigos, muito interessantes.

[2] N'estas 2 listas ha grandes lacunas e inexactidões.

O trabalho até hoje mais completo e de mais merecimento sobre o assumpto é o do sr. Joaquim de Vasconcellos, publicado sob o tit. — *Musicos portuguezes*, em 2 grossos volumes,—e sabemos que se dispõe a dar ao prelo um 3.º volume, accrescentando *mais de 300 nomes*, colligidos nos seus aturados estudos de 18 annos — ou desde 1870, data em que publicou os seus *Musicos*.

escriptor publico e afamado polemista; musico notavel theorico e pratico—e artista de raro engenho para a mecanica.

No *Album Visiense* póde tambem vêr-se o seu retrato e a sua biographia, primorosamente escripta pelo sr. Joaquim Augusto de Oliveira Mascarenhas, distincto official do nosso exercito e auctor do *Portugal e Possessões*.

Não podemos resistir á tentação de copiar d'ella algumas linhas:

«Semi-pallido, alto e aprumado como um mameluco, olhos rasgados e coruscantes como os d'um *gitano*; nem feio como Ades ou Caronte, nem bello como as bellas esculpturas de Lysipo ou d'Agesandro.

Ás vezes tem as expansões francas, pueris, espontaneas, simplicissimas d'um completo beirão *d'outros tempos*, e é então amavel até o extremo e obsequiador até á importunidade; outras vezes concentrado, cabisbaixo, nervoso,—com o seu enorme chapeu braguez carregado até os supercilios,—corrupiando a bengala com a habilidade de um tambor-mór francez—e, se responde aos cumprimentos verbaes de qualquer amigo que se lhe abeira, é com uns monossyllabos quasi insonoros e vagarosamente... gaguejados.

Depois desata a rir, a rir, a rir, e a borrasca passou.

.....

Como homem de lettras, o padre Moura ascende a uma plana reconhecidamente superior.

Em 1867 publicou elle na *Gazeta da Beira* a substanciosa serie d'artigos intitulada — *Dissonancias na harmonia social*, — que lhe valeu honrosissima distincção como philosopho e litterato. Em 1870, de camaradagem com outros escriptores visienses, criou a *Atalaya*, jornal politico e religioso, onde elle, com a acrimonia propria do seu genio, discutiu com o laureado jornalista Sousa Monteiro, do *Bem Publico*, de Lisboa; com o saudoso João da Silva Mendes, do *Jornal de Viseu*; com o *Diario da Tarde*, do Porto; com a *Nação*; *Catholico; Bejense;* *Independencia*, d'Elvas; *Direito; Correspondencia de Coimbra*, e outras folhas conhecidas.....

.....

Em 1878 tomou conta da redacção do *Observador*, escrevendo consecutivamente n'este periodico muitos e valiosos artigos sobre religião, politica, phylosophia e bellas-artes, sobresahindo os que se intitulam—*Reformas e reformadores; Catholicismo e forma de governo; O homem e o macaco;* Musica religiosa; *Socrates e Christo*, etc. etc.

—

«Como musico, depois de ter concluido a sua escola com o distincto professor Roberto Palomino, e ainda após ulteriores estudos sobre harmonia e contraponto,... começou a dar á publicidade varias musicas sacras e profanas, entre as quaes teem logar distincto tres missas sobejamente conhecidas.

Uma d'estas composições, que, segundo o testemunho dos mestres, *honra a arte e prestigia o auctor*, foi escripta em 1866....

.....

Em 1882 escreveu expressamente um *Te-Deum*, que foi executado na Sé de Vizeu, por occasião da visita dos nossos reis e seus filhos.

.....

Para o theatro escreveu em 1882 a opereta comica *Dote de meu tio*, que em duas ou tres recitas que teve, foi ruidosamente applaudida.

Entre as suas ultimas composições tem logar avantajado aquella marcha funebre que ha poucos mezes (refere-se ao anno de 1884) ouvimos á banda de infanteria n.º 14, por occasião das procissões de Passos e da Semana Santa.

.....

Como theorico escreveu em 1873 um livro intitulado—*Solução de grandes problemas musicaes, baseada na philosophia, na historia e na litteratura da arte*. Esta famosa producção scientifica, que um critico da capital classificou de *documento grandioso*, conserva-se ainda inedita, *por mercê da revoltante modestia do seu auctor*!!!

Alem d'esta obra tem escripto e *publicado* outras egualmente theoricas, taes como um *Tratado de harmonia e acompanhamento*,—*Lições de musica elementar*, etc. etc.

—

«*O meu primeiro brazão* (disse-nos Antonio de Moura) é o *d'artista mechanico. Ufano-me d'isso. O trabalho do braço, prescripto por Deus, foi-me sempre distracção e alivio.*

Se como maestro e litterato o nosso talentoso biographado é o que fica dito, como artista mechanico não é menos habil e justamente apreciado.

Nascido em Viseu a 31 de março de 1843, distinara-o seu fallecido pae — o honrado e laboriosissimo relojoeiro—Manoel Duarte Moura, — a seguir a sua arte, para a qual manifestou em pouco tempo uma decidida tendencia, bem como para outros generos mechanicos.....

.....

Passados poucos annos era o nosso biographado um *artista completo.* Mas o velho Manoel Duarte teve uma ideia, que pouco a pouco se converteu n'um facto: Fazer ordenar o rapaz, que, por aquelles tempos, já tinha os exames de portuguez e francez.

E nem as supplicas do filho, que lhe affirmava que a sua vocação não era para a vida sacerdotal, mas sim para as artes; nem as petições que os amigos lhe faziam a toda a hora, nem considerações algumas obrigaram o bom velho a desistir do seu proposito.

.....

Em 1859 o honrado velho ajoelhava no templo aos pés do filho com a face inundada de lagrimas de prazer, e beijava a mão do novo levita, que dizia então a sua primeira missa, sacrificando assim ao amor filial as aureas illusões da mocidade e até—talvez—as flores mais queridas da sua alma.

.....

Durante o curso do lyceu e, mais tarde, durante as aulas theologicas, dedicou-se sempre ora á musica, ora á mechanica.

Em 1872 engenhou elle um machinismo complicado— um telegrapho muito notavel, que os seus amigos applaudiram e viram funccionar.

Mais tarde modificou um outro telegrapho atmospherico, de invenção franceza... construindo em seguida um outro que ainda hoje possue.

Em 1876 foi convidado pela direcção das obras publicas de Viseu para compor o grande e magestoso orgão da Sé, conseguindo deixal-o bom, como já havia deixado outros, entre elles o da Misericordia, que encontrára n'um estado miseravel, sendo certo que differentes organeiros de Lisboa o não poderam concertar.

Em 1879 construiu um orgão de sala, portàtil, originalissimo,—*de invenção sua*—, um instrumento de effeitos maravilhosos e de um mechanismo complicado, o qual possue palhetas, tubos metalicos e de madeira, laminas de cristal e uns timbres novos d'um effeito suavissimo.

E' um modelo.

.....

Setembro, 1884.

Oliveira Mascarenhas.»

Concluiremos dizendo que no mesmo *Album*, pag. 37, se encontram duas lithographias representando o dicto orgão — e uma minuciosa descripção d'elle, cujo acabamento lhe custou dois annos de trabalho assiduo.

É um instrumento original, que n'outro paiz de mais recursos faria a gloria e a fortuna do seu inventor e constructor.

Pintores

—*Vasco Fernandes*, o *Grão Vasco*, assombro dos pintores de Portugal e de Viseu.

D'elle fallaremos adiante em topico especial.

—*José d'Almeida Furtado.*

Nasceu na patria de D. Duarte em 1778 e ali falleceu em 9 de setembro de 1831, victima das perseguições politicas d'aquelle tempo.[1]

---

[1] Foi perseguido como liberal e viveu homisiado 3 annos (1828–1831) com o que arruinou a saude e encurtou a existencia. Soffreu muito, posto que era uma excellente pessoa e havia pintado um grande retrato de D. Miguel para as festas e illuminações que em Viseu se fizeram em 1828.

Sendo ainda muito novo e tendo rara vocação para desenho, partiu para Lisboa, onde foi alumno da escola do *Nei* e recebeu lições do afamado *Sequeira*.

«Foi excellente retratista, como ainda hoje podem attestar alguns retratos confrontados com os originaes, e o voto dos intelligentes o abona como hum dos *primeiros pintores portuguezes em miniatura*»—diz Berardo na *Memoria* que offereceu á camara de Viseu em 1838.

Fez o painel de Nossa Senhora para a tribuna da egreja da Misericordia d'aquella cidade, painel espaçoso, onde se vê cercada de serafins a imagem de Nossa Senhora em tamanho alem do natural.

Tambem pintou muitas bandeiras para diversas irmandades e confrarias de Viseu e seus arrabaldes, sobresaindo entre ellas uma de Nossa Senhora da Conceição e outra de S. Pedro da Esculea; mas a sua especialidade eram retratos em miniatura, como ao tempo, na falta de photographias, se usavam para enviar em cartas e para trazer em collares e medalhas.

N'aquelle genero de pintura fez muitos retratos não só para os portuguezes seus patricios, mas para os officiaes estrangeiros—hespanhoes e francezes—que n'aquelle tempo vieram a Portugal e Viseu, retratos que mesmo na Hespanha e na França eram vistos com assombro, pelo que foi instado para ir estabelecer-se em Madrid ou Paris, mas, não tendo forças para se afastar tanto de Viseu, foi estabelecer-se em Salamanca, onde trabalhou muito para os hespanhoes e francezes e ali casou em 1811 com D. Maria do Loreto Amezqueta d'Almeida Furtado, senhora de raras prendas, da qual teve os 8 filhos seguintes:

1.º *Thadeu Maria d'Almeida Furtado*, cavalheiro estimabilissimo, ainda hoje (1888) solteiro e residente no Porto, onde vive desde 1834 e é professor jubilado de desenho e secretario da *Academia de Bellas Artes*.

2.º *D. Maria das Dores d'Almeida Furtado*, que falleceu solteira.

Foi tambem pintora insigne em miniatura e ha d'ella muitos retratos em Viseu e no Porto.

3.º *José d'Almeida Furtado*.

Desenhava muito bem. Foi professor de portuguez, francez, musica e desenho no Maranhão, d'onde passou para S. Paulo e d'ali para o Rio de Janeiro, não havendo até hoje mais noticias d'elle!...

4.º *Francisco d'Almeida Furtado*.

Foi escrivão dos direitos eventuaes na repartição de fazenda, no Porto, onde morreu solteiro.

Todos estes 4 nasceram em Salamanca; os 4 restantes nasceram em Viseu.

5.º *D. Eugenia d'Almeida Furtado*, que falleceu solteira.

Tambem desenhava e pintava.

6.ª *D. Dorothêa d'Almeida Furtado*, que tambem falleceu solteira.

Foi *academica de merito* pela Academia portuense de Bellas Artes, pois pintava admiravelmente em miniatura.

7.º *D. Roza d'Almeida Furtado*, ainda solteira e residente no Porto.

Desenha muito bem.

8.º *D. Francisca d'Almeida Furtado*, ainda solteira e tambem residente no Porto com os seus dois irmãos Thadeu e D. Roza.

É uma senhora illustradissima e distinctissima pintora de *miniatura* tambem, pelo que obteve da *Academia portuense de Bellas Artes* o diploma de *academica de merito*.

Tem pintado muito e entre as suas producções uma das mais notaveis é a miniatura do. sr. conde de Samodães, miniatura que offereceu á *Academia portuense de Bellas Artes* como signal de gratidão pelos relevantes serviços que o sr. conde tem prestado á mesma academia, como seu desvelado inspector, pois a elle se deve o termos sempre estudando pintura em Paris á custa do nosso governo 2 alumnos da mencionada academia, e pelos seus esforços elevou a dotação d'ella ao dobro, etc. etc.

O dito retrato é na opinião de pessoas competentes um assombro de verdade e nitidez,—uma das miniaturas mais primorosas que se conhecem em Portugal!...

Fecharemos este topico dizendo que o unico mestre da dita senhora e de todos os seus irmãos e irmãs foi o seu bondoso e

muito illustrado irmão mais velho—Thadeu Maria d'Almeida Furtado.

Prosigamos.

—

—*Antonio José Pereira,* de quem já fizemos menção supra no fim do topico—*Artistas notaveis.*

Tem *raro talento* e pinta bem, sendo para lamentar que nunca tivesse mestres, nem saisse de Viseu. Isto mesmo notou com magua o conde Raczinski, diplomata prussiano. quando foi a Viseu, pelo que muito generosamente o convidou para ir *á custa d'elle conde,* estudar desenho e pintura nas grandes escolas da Italia, de Paris ou da Allemanha, fineza que não acceitou, por haver casado recentemente e não poder levar comsigo a esposa nem ter coragem para separar-se d'ella.

Foram seus paes Antonio José Pereira Soares Guimarães, oriundo da provincia do Minho, e Maria Barbara, de Viseu, 2.ª do nome, pois foi casado duas vezes e ambas as mulheres tinham o mesmo nome.

Casou no dia 31 d'agosto de 1839 com Rosa Carolina, filha de Joaquim Lopes e Antonia Maria, de S. João de Lourosa.

Teve entre outros filhos os seguintes: Antonio José Pereira, padre e beneficiado na Sé de Viseu, e José Augusto Pereira, que frequenta o quarto anno da faculdade de direito na universidade de Coimbra, o que é para lamentar, porque tem um talento assombroso e pronunciada aptidão para desenho e pintura.

Ambos desenham e pintam, assim como um outro que ha pouco falleceu, por nome Luiz, que a julgar pelos primorosos specimens que deixou e que são patrimonio da familia, viria a ser um verdadeiro assombro da arte.

—*Antonio José Ferreira,* de Ranhados. Foi tambem pintor e dourador e morreu d'idade avançada. Dourou a tribuna do altar-mor da egreja da Misericordia.

Assistiu ao combate do Bussaco sendo impedido do exercito anglo-luso, e contava varias peripecias engraçadas, como a de um bombo que, destacando-se do alto da montanha, veiu rolando até ao valle com grande confusão dos soldados do exercito inimigo, que, não sabendo explicar o caso nem tendo coragem para indagar, voltavam costas a toda a pressa como se o bombo fosse uma metralhadora.

Deixou dois filhos com a mesma profissão: José, já fallecido, e Francisco, que casou em Valle d'Azares, concelho de Celorico da Beira.

—*José d'Almeida e Silva,* de quem já fizemos menção supra, pag. 1640, col. 2.ª— e no topico dos *Visienses illustres pela sua posição social,* na biographia do sr. José Ribeiro de Carvalho.

Nasceu no dia 12 de novembro de 1864— e foram seus paes José d'Almeida e Silva e D. Maria Leonor.

Vive no Porto, onde já frequentou o curso de 5 annos de desenho na *Academia de Bellas Artes* e os 3 primeiros annos (faltam-lhe apenas 2) do curso de *pintura historica,* ficando sempre *distincto,* pelo que lhe agouramos o mais lisongeiro futuro!...

Emprega as suas horas d'ocio actualmente trabalhando no *Charivari,* jornal illustrado que se publica no Porto.

É uma excellente pessoa,—muito modesto, muito sympathico, muito intelligente, muito amigo da sua terra natal e muito trabalhador.

Já vimos differentes estudos seus, que revelam grande talento e pronunciada vocação para desenho e pintura—e os seus proprios mestres o elogiam.

—*José Lopes Grillo* e

—*José Monteiro Nellas.*

Tambem pintam e d'elles já fizemos menção supra no topico dos *Esculptores.*

—*Narciso Pereira Cabral.*

Sendo ainda creança, perdeu o braço direito, mas tal vocação tinha para desenho, que tirava retratos á penna, pelo que o sr. D. José Dias Correia de Carvalho, bispo actual de Viseu, e outros bondosos cavalheiros mandaram o pobre maneta estudar de-

senho e pintura na *Academia de Bellas Artes*, em Lisboa, onde ja fez exame do 3.º anno de desenho.

É muito intelligente e tem grande aptidão para desenho e pintura—e particularmente para *gravura*.

O pobre mocinho,—tão pobre, que não conheceu pae nem mãe, pois é *engeitado*, exposto da roda de Viseu, e já foi alumno do *Asylo d'Infancia Desvalida* d'aquella cidade,—se Deus lhe prolongar a existencia e os seus protectores o não abandonarem, ha-de ser *um grande artista!*...

Foi exposto na roda de Viseu em 19 de novembro de 1867 e entrou para o asylo em 20 d'abril de 1875. Fez exame d'admissão aos lyceus em maio d'aquelle mesmo anno e sahiu para Lisboa em 9 d'outubro de 1881.

—*Estevam Gonçalves Neto*, abbade de Serem e conego de Viseu, etc. auctor do esplendido missal bem conhecido por *Missal de Estevam Gonçalves*.

V. *Serem*, vol. 9.º pag. 152, col. 1.ª

Posto que se ignora ainda hoje a naturalidade d'este grande pintor, não se estranhe o mencionarmol-o aqui, porque viveu muitos annos na patria de D. Duarte e n'ella, segundo se suppõe, escreveu e pintou o famoso *Missal*. Ao que de um e outro se lê no citado artigo, veja-se o que no seu n.º 126 disse o *Districto de Viseu* em 20 de janeiro de 1881:

«Tem estado n'esta cidade um empregado dos srs. Cruz & C.ª que em Lisboa representam a casa *Maciá* & C.ª de Paris, editora do *Missal Portuguez* de Estevam Gonçalves Netto.

«Vem encarregado de diligenciar a venda d'alguns exemplares d'aquella primorosa obra, a qual, sendo um monumento artistico de grande preço, tem para nós os visienses o merito particular de ter sido feita, segundo se julga, aqui, *em Viseu*...

«Vimos um exemplar d'este primor de illuminura, tirado em França pelos processos cromo-lithographicos do original existente na *Academia R. das Sci. de Lisboa* e ali copiado com auctorisação do governo por uma commissão d'artistas expressamente vindos de Paris...

.....

«A critica exercida sobre este trabalho é accorde em asseverar que a reproducção é um *fac-simile* perfeitissimo...

«O *Missal* do conego visiense, trabalho feito á penna e pincel... é o documento mais singular da perfeição que attingiu a arte de illuminura no sec. XVII. As *vitrines* das bibliothecas, nem os museus archeologicos de bellas letras offerecem trabalho mais primoroso no genero, nem exemplo de tanta paciencia aliada a tamanho talento.—Os quadros são do mais correcto desenho e do mais bello colorido e disposição. As figuras fazem lembrar algumas que já vimos nos quadros attribuidos a *Grão Vasco*...[1]

—

«O custo de cada exemplar é de 112$000 réis...[2]

.....

«A imprensa deu um golpe fatal na arte que tanto floresceu na idade media e foi uma das mais rendosas industrias dos copistas anteriores ao sec. XV. Por isso mesmo que essa arte decaiu, maior attenção merecem os productos que deixou e que hoje são raros, porque o tempo consumiu a maior parte d'elles. Graças á chromo-lithographia, os monumentos condemnados aos estragos do

---

[1] O estylo é muito differente.

P. A. Ferreira.

[2] O da *Bibliotheca Municipal do Porto* custou o seguinte:

Cadernetas 12 a 7$500.....	90$000
Introducção francesa por Ferdinand Denis.....	7$500
Traducção da mesma em portuguez por Mendes Leal, e notas do traductor.....	7$500
Pastas para encadernação, ricas e luxuosas, duas.....	5$240
Somma.....	110$240

A publicação terminou em 1880, havendo consumido annos.

P. A. Ferreira.

tempo perpetuam-se pela reproducção e universalisam-se admiravelmente, tornando-se mais accessiveis por mais baratos.

«Estas palavras foram-nos suggeridas pelo exame do *Missal de Estevam Gonçalves*, obra duplamente valiosa para *Viseu*, pelo muito que vale como trabalho artistico e por ser executada n'esta cidade por um conego d'esta Sé, que á semelhança de João de Barros e *Grão Vasco*, honrando se a si, muito honrou a terra onde viveu e a arte sublima qne tão magistralmente professou...»

—

Agora alguns traços biographicos escriptos em 1815 pelo celebre pintor e litterato José da Cunha Taborda:

«De Estevam Gonçalves Netto podémos descobrir fôra capellão do bispo de Viseu D. João Manoel, e provido por elle a 8 d'outubro de 1622, no canonicato d'aquella Sé, vago por morte de Christovam de Mesquita, de que tomou posse a 9 do mesmo mez e anno. Ignoramos a sua filiação e naturalidade. Presumimos terem sido victimas do incendio, que soffreu o cartorio do cabido d'aquella cidade em 1711, estando na quinta de Fontello, os documentos respectivos á sua ordenação, os quaes deveria ter apresentado no acto da collação, para serem autuados segundo já o costume d'aquelle tempo; a não haver dispensa do Prelado, como a seu familiar. É porem indubitavel, e muito digno de louvar-se o grande genio e sublimes idéas com que desempenhou varias obras, por onde nos merece hoje não só a nossa admiração e respeito, mas até o nome de *pintor sublime*.

«Na livraria do *Convento de Jesus* d'esta corte, deposito de muitas preciosidades, se conserva em muita estimação um *Missal* escripto em pergaminho, em que *da primeira até á ultima pagina* se admira a summa variedade e bom gosto, com que soube embelezar todas as margens de ornatos os *mais bellos, adequados, e brilhantes*.

«Este rico monumento por si só é bastante a dar-nos uma perfeita idéa do seu grande talento na arte; porquanto ali se acham unidas e judiciosamente executadas muitas partes, que formam o caracter distinctivo dos grandes mestres.

—

«As composições são *bellissimas* e cheias de muita novidade; o desenho é correcto; o colorido admiravel; e porque se assemelha ao de Baroccio e de Tadeo Zucaro, talvez deva conjecturar passasse elle á Italia e que estes houvessem sido os seus modelos.

«No thezouro da cathedral de Viseu ha d'elle memoria: existe um calix rico, que serve unicamente nas festas principaes, e tem no fundo da base as armas dos *Nettos* com esta legenda na circumferencia — *Estevam Gonçalves Neto — Anno 1626. A. B. H. V.*

«No livro das missas annuaes, que o cabido é obrigado a fazer celebrar por varias instituições, acham-se estabelecidas pelo mesmo Estevam Gonçalves, 10 pela sua alma e de seus paes, e 5 pela do bispo D. João Manoel.

.....

«Soube entender *excellentemente* as regras da architectura, perspectiva, e ornato. D'isto é tambem prova decisiva o citado *Missal*, que supposto por unico, tem um titulo de raro, e merece toda a estimação, muito mais lhe é devida ainda por encerrar dentro em si tantas maravilhas d'arte, quantas são as estampas que contem.

«Não podemos proferir sem magoa, que ignoramos outras muitas particularidades d'este insigne varão tão respeitavel pelos talentos pictoricos, como o seria talvez nos diversos ramos scientificos. Sabemos apenas ter acabado os seus interessantes dias a 29 de julho de 1627.»

—

Consignemos tambem aqui o que se lê na interessante *Memoria* ms. de F. Manoel Correia:

«O accrescento da capella-mor da cathedral de Viseu é e tem sido attribuido ao

bispo D. João Manuel, cujo pontificado se prolongou de 1610 a 1625.[1]

«Estevam Gonçalves foi capellão do dito bispo antes d'elle o fazer conego, e parece que a pintura da abobada da capella mór em arabesco seria obra do dito conego, mas sendo-o segue-se que quando em 1635 cahiu a torre dos sinos e parte da fronteria da Sé, já o accrescento da capella-mór estava feito; ainda porem ali estava a tribuna antiga, pois a fronteria nova tem os 4 nichos para os 4 Evangelistas, como se veem na antiga tribuna que foi collocada na capella do Espirito Santo...

«O bispo D. Jorge d'Athaide, que era tio do bispo D. João Manoel, teve tenção d'ampliar a cathedral; ainda lhe accrescentou a bella sacristia e não fez mais obras porque renunciou; mas é de suppor e se diz que instou com o bispo D. João Manoel, seu sobrinho, para que fizesse o accrescentamento da capella-mor, mesmo por ter junto de si, como seu capellão, um homem tão habil em architectura e pintura, com era Gonçalves Neto.»

GRÃO VASCO

Vamos encerrar com chave d'ouro este topico dos *Visienses illustres* e o longo artigo *Viseu*, publicando a *Memoria* que o sr. Joaquim de Vasconcellos a nosso pedido se dignou expressamente escrever com relação ao afamado pintor *Vasco Fernandes*, gloria de Viseu e de Portugal.

Muito se tem escripto sobre *Grão Vasco* desde que o conde de Raczynski (diplomata prussiano, ministro em Lisboa, etc., etc.) levantou a questão adormecida durante seculos. Escriptores nacionaes e estrangeiros tentaram reconstruir a biographia de um pintor que vivera na 1.ª metade do seculo XVI, e que ainda tres seculos depois era quasi um mytho!

Em vez de um unico e grande pintor, que absorveu a fama de gerações d'artistas, temos hoje uma duzia d'artistas mais ou menos notaveis; em vez de uma escola de *Grão Vasco*, que seria a gloria exclusiva de Viseu, temos varios centros artisticos em differentes pontos do paiz, que constituem, com a de Viseu, a *antiga escola de pintura portugueza*, cujos quadros se espalharam por todo o paiz, seguindo atraz dos pintores, em continua peregrinação.

Fallando de Viseu, julgamos indispensavel tratar d'este assumpto—*Grão Vasco*— e para esse fim recorremos ao nosso bom amigo, o sr. Joaquim de Vasconcellos, como pessoa idonea, que em Portugal se tem dedicado especialmente ao estudo da *Historia da arte nacional*.

Na *Memoria*, que vae ler-se, resume o auctor o resultado dos estudos historicos e criticos sobre *Grão Vasco* durante 40 annos, desde as tentativas do conde de Raczynski (1846-1847) até ás mais recentes publicações:—as do sr. Carlos Justi (1886, 1887 e 1888) incluindo os trabalhos dos escriptores nacionaes durante o mesmo periodo. O auctor não se limita, porém, a uma simples revista critica; junta os resultados dos seus proprios estudos especiaes sobre a questão *Grão Vasco* e, em geral, sobre a *Historia da antiga pintura portugueza*, que não se resume de modo algum n'esse unico problema: *escola de Grão Vasco*, muito embora seja este assumpto aquelle que mais nos interessa n'este logar.

—

Cremos que prestamos um bom serviço ás lettras, dando a palavra ao escriptor que tem consagrado mais de vinte annos de estudo, a sua intelligencia e os seus recursos, com rara generosidade e absoluto desinte-

---

[1] V. pag, 1615, n.º 63, col. 2.ª—e o topico relativo á *cathedral de Viseu*, pag. 1574, col. 1.ª;—1578, col. 2.ª—e 1581, col. 1.ª

Veja-se finalmente a *Introd. hist.* a respeito dos illuminadores portuguezes por Ferdinand Denis, esse vulto litterario da França, tão amigo de Portugal, e note-se que foi o sr Joaquim de Vasconcellos, seu amigo e correspondente, quem lhe forneceu os principaes subsidios para aquelle trabalho, bem como differentes desenhos e *fac-similes* de illuminuras antigas.

resse, ao estudo dos problemas mais difficeis da historia das nossas artes e das nossas industrias. Fallem os factos; veja-se a lista já extensa (e ainda assim, *muito incompleta*) dos seus importantes trabalhos litterarios no *Diccion, Bibl.* de Innocencio, tomo XII, pag. 166 e 404. Ali encontrará o leitor tambem um resumo da biographia do sr. Joaquim de Vasconcellos que, além de ser uma das nossas primeiras illustrações contemporaneas, muito trabalhador e de aptidões variadissimas,—redactor do *Commercio do Porto*, o 1.º jornal d'esta cidade, — professor d'allemão no lyceu central portuense, por concurso publico[1] conservador do *Museu industrial e commercial da mesma cidade* e distincto escriptor,— é talvez hoje o homem que em Portugal melhor conhece a historia das nossas artes, artes industriaes e industrias, tendo fundado o estudo d'estas disciplinas no methodo da historia da arte comparada.

A boa porta bati, pois, e com profundo reconhecimento lhe beijo as mãos agradecido por se dignar attender-me.

—

A Pintura portugueza nos seculos XV *e* XVI
(*Segundo Ensaio*)

Grão Vasco

por Joaquim de Vasconcellos

(*Escripto a pedido do redactor e actual continuador d'este Diccionario. Porto, 29 de Junho de 1888.*)

I

A questão sobre Grão-Vasco e a sua escola foi discutida principalmente de 1843–1845[1] pelo conde de Raczynski[2] e por alguns poucos escriptores portuguezes, que o ajudaram efficazmente, fornecendo-lhe muitos e valiosos subsidios, citações importantes de livros impressos e mss., documentos extrahidos dos archivos nacionaes, e das bibliothecas publicas e particulares, etc. Sem a

---

[1] Em que foi classificado em primeiro logar.

Escreve e falla muito correctamente differentes lingoas, nomeadamente o allemão, pois foi primorosamente educado na Allemanha, e ali casou com a sr.ª D. Carolina Michä-lis de Vasconcellos, senhora muito illustrada e distincta escriptora tambem. Ainda no anno de 1885 publicou uma primorosa *edição critica* das *Poesias* de Sá de Miranda,—a edição mais completa e de mais merecimento entre todas as que já contavam as obras d'aquelle nosso grande poeta quinhentista.

A sr.ª D. Carolina Michaelis nasceu em Berlim, em 1851.

Tem um filho unico, de nome Carlos, que nasceu no Porto em 1877.

[1] Para a biographia d'este escriptor-diplomata e exame dos seus trabalhos historicos vid. o nosso estudo: *Conde de Raczynski* (*Athanasius*). Esboço biographico por J. de V. Porto, 1875, 4.º

O conde chegou a Lisboa a 13 de maio de 1842; a ultima carta (n.º 29), datada de Lisboa, é de 1 de agosto de 1845.

[2] Nos dois volumes seguintes: *Les arts en Portugal*, lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents. Paris, Jules Renouard, 1846. 8.º de IV (inn.) 548 pag. e *Dictionnaire historico-artistique* pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre: *Les arts en P.* etc. Paris, mesmo editor, 1847, 8.º de XII 306 e 2 de err. (innum.) e 2 estampas. A 3.ª parte da sua obra, um *Resumo historico* da arte em Portugal, não foi publicada, apesar de promettida; sobre as causas provaveis vid. o nosso Esboço. Reconhecendo aqui mais uma vez os notaveis serviços que o conde prussiano nos prestou, entendemos que é tempo de provar que podemos apresentar hoje estudos mais completos e mais methodicos do que o d'elle. Estão feitos; e estariam publicados em dois a tres annos, se a Academia Real das Sciencias ou o governo de S. M. desse, *ao menos*, o papel e a impressão. Para maior brevidade citaremos os dois trabalhos do conde, resumidamente: *Les arts—Diction.* etc. As cartas que tratam especialmente da questão Grão-Vasco são: a VII pag. 117 com 4 appendices; a VIII p. 175 com 2 append.; a IX p. 187; a XII p. 308 com 2 append. a XVI p. 365; e a XXIX pag. 487. Veja-sa o juizo do Comte de Laborde sobre ambas as obras, já formulado em 1849! e de que em Portugal deveriam ter tomado nota. Foi citado pela primeira vez por nós em 1878: *Sobre alguns pontos da Historia da arte nacional*: Carta ao Dr. Aug. Felipe Simões, na revista *A Renascença* do Porto, pag. 31 e seg.

sciencia e a erudição historica de homens como Herculano, Vasco Pinto de Balsemão, Cunha Rivara, o visconde de Juromenha, Oliveira Berardo e outros, nunca os trabalhos do conde teriam adquirido a importancia que tiveram e que ainda hoje teem, apesar da questão Grão-Vasco estar hoje posta em termos muito differentes.

O visconde de Juromenha, principalmente, forneceu-lhe os apontamentos mais preciosos, serviço que o conde reconheceu sem rodeios «sans son aide je ne serais jamais venu à bout de cette entreprise.» (*Diction.* pag. 169.)[1]

Antes da viagem do diplomata prussiano havia apenas um nome vago e a tradição, tambem vaga, da existencia de um grande pintor portuguez chamado *Grão Vasco*, que com uma actividade fabulosa, tinha pintado innumeros quadros, espalhados por todo o paiz.

O conde e os seus collaboradores portuguezes trataram então de reconstruir a biographia d'esse pintor tão afamado.

Pelo exame dos documentos impressos verificou-se, recuando successivamente as datas, que a tradição do *Grão-Vasco* tem base segura desde 1716. É no *Sanctuario Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria (anno de 1716) que apparece citado quatro vezes um pintor *Vasco*, de grande fama na região de Viseu, pintor que elle qualifica todas as quatro vezes de *insigne*.

O exame dos documentos manuscriptos deu ainda resultados mais felizes, achando-se n'um volume de Manoel Botelho Ribeiro Pereira[2] duas vezes o nome do pintor, já com a qualificação de grande Vasco Fernandes, e uma vez, simplesmente, Vasco Fernandes. O manuscripto tem a data 1630; o autor, natural de Viseu, podia pois ter recolhido as noticias, que nos dá, ainda de pessoas idosas, que teriam conhecido ou o pintor ou algum dos seus discipulos.

A tradição conservou-se viva durante todo o seculo XVIII. Temos noticias successivas, impressas, dos seguintes annos e autores, a respeito do Grão Vasco: de Diogo Barbosa Machado de 1751; do bispo de Beja, Dom Frei Manoel do Cenaculo de 1776; de D. Thomaz Caetano de Bem de 1792; de Francisco Dias Gomes de 1799; de Taborda de 1815; e de Volkmar Machado de 1823 (Raczynski)

A primeira noticia em livro estrangeiro impresso é a de Pietro Guarienti[1], pintor italiano e inspector da Galeria de Dresden, que esteve em Portugal examinando, avaliando e restaurando quadros de 1733 a 1736: «*Vasco*, chiamato nel regno di Portogallo col titolo *Gran-Vasquez* per le molte e insigne pitture da lui fatte e per tutto quel regno disperse» etc.

Depois d'este auctor segue-se a nota de

---

[1] O fallecido visconde de Juromenha disse-nos ha annos, em Lisboa, que fornecera ao conde perto de mil documentos; quem conheceu, como nós, o saber do illustre escriptor em assumptos nacionaes, não duvidará um instante da affirmação. O fallecido biographo de Camões era o typo do perfeito fidalgo portuguez; a sua probidade litteraria, o seu amor á verdade era tão grande e sincero como o seu desinteresse.

[2] O titulo é: *Dialogos moraes, historicos e politicos. Fundaçam da cidade de Vizeu. Historia de seus Bispos; genealogia de suas familias*, etc., por Manuel Botelho Ribeiro Pereira. São dois mss., n.os 187 e 544 da Bibliotheca municipal do Porto (Estante B 4), que foram copiados dos originaes em 1747. Veja-se o extracto do Visconde de Juromenha remettido ao Conde, a 22 de janeiro de 1844; *Les arts* pag. 180-183.

[1] Publicou uma das numerosas edições do *Abecedario pittorico* de Orlandi. (1.ª ed. 1704).

É só na edição de Veneza, 1753, que se acham as notas do Padre Guarienti, que Raczynski reuniu em *Les arts* pag. 314-328. Guarienti foi inspector da já então celebre galeria de Dresden, e agente activissimo e astuto do Eleitor da Sáxonia e Rei da Polonia. Vid. o Catalogo grande de W. Schaefer. Dresden, (s. d.) vol. I p. 56. Repare-se que na citação de Guarienti não se menciona a palavra Viseu, nem qualquer outra localidade!

Roland le Virloys (1771), no seu *Dictionnaire d'Architecture*, vol. 3.º pag. 91,[1]

«Vasco, vivant en 1480, dit en Portugal le grand Vasquez, à cause du grand nombre de beaux ouvrages de peinture qu'il a faits en différens endroits de ce Royaume, particulièrement dans toutes les Maisons-Royales, les Monastères et Eglises, bâtis par ordre du Roi; il paraît par sa manière, qu'il était élève de Pierre Perugin; les fonds de ses tableaux sont toujours ornés de belles fabriques d'architecture, ou de beaux paysages; son goût le portait toujours à peindre des sujets de l'Histoire Sainte.»

N'esta citação não se falla de Viseu!

São estes os factos que se apuram no meio das repetições, contradicções e duvidas do Conde de Raczynski, que enchem uma terça parte do seu volume, intitulado *Les Arts en Portugal*, e uma não pequena parte do seu *Dictionnaire*.[2]

O escriptor prussiano não póde, nem deve ser accusado d'esses defeitos; já o dissemos ha annos e em mais de um estudo.[3] Elle tirou apenas as conclusões dos documentos qne os eruditos portuguezes lhe apresentaram[4], e estes escriptores approvaram as conclusões (Juromenha, Balsemão, etc.) Recuando successivamente as datas, chegou o Conde em pouco tempo, relativamente (se considerarmos que até ali tudo era confusão e incerteza), ás primeiras fontes seguras da tradição.

Infelizmente, dois trechos de auctores já citados embaraçaram seus passos; o primeiro é o documento apresentado pela primeira vez por Taborda, a carta de *illuminador* passada a um Vasco em 1455 (7 de março, Livro 13.º da Chancelaria de D. Affonso V), documento que Taborda refere ao Grão-Vasco da tradição; o outro trecho é a nota de Guarienti, relativa a um Instrumento de acquisição de uns moinhos em 1480 pelo pintor *Gran-Vasquez*. (Racz. *Les arts*. p. 327).

Cousa curiosa! Nem Taborda falla uma só vez de Viseu[1], nem Guarienti, apesar de este se referir ao moinho do pintor, tradição que é, com effeito, de Viseu.

Raczynski não deixou comtudo de apontar para a qualificação de illuminador e de fazer sentir a differença que houve sempre entre *illuminador* e pintor de paineis com assumptos religiosos, profanos ou historicos; e fez isto com insistencia[2], em face das allegações do Director da Academia de Bellas Artes de Lisboa, Francisco de Sousa Loureiro[3], principal defensor da opinião a fa-

---

[1] *Dictionnaire d'architecture civile, militaire et navale* antique, ancienne et moderne et de tous les arts et métiers qui en dépendent (em seis linguas), etc. Paris, 1770, (1.º vol.) a 1771 (3.º vol). Valiosa obra em 3 vol. em 4.º A noticia, apesar de incompleta, é tirada evidentemente de Guarienti. O auctor cita como fonte de consulta o *Abecedario* no Prologo. A data 1480 está no *Abecedario*.

[2] Vejam-se as seguintes biographias do *Diction*. Fernandes (Vasco) pag. 93; Grão-Vasco pag. 120; Pereira (Vasco) pag. 228; Vasco pag. 293; e Vasquez lusitanus pag. 293; as passagens de *Les arts* estão citadas em a nota 2 da pag. 283, retro.

[3] Esboço biogr., 1875, passim; Carta ao Dr. Simões, 1878 na *Renascença*. *A pintura portugueza nos seculos* XV *e* XVI por J. de V. Porto, 1881.

[4] O Conde assim o declara muito terminantemente, e mais de uma vez: *Les arts* pag. 117, nota: *Je vous ferai* etc.; pag. 129 nota: *Je conseille* etc.

[1] Isto é facto, apesar do que diz Raczynski (*Diction*. p. 120); sómente Cyrillo Volkmar é que cita Viseu em 1823; nem Guarienti, nem Taborda fallam de Viseu, tornamol-o a repetir; não sabemos como isto escapou a Raczynski!

[2] *Les arts* pag. 162 nota; e pag. 323 nota.

[3] Loureiro resumia a questão do seguinte modo: Vasco (illuminador) cujo diploma é de 1455, enviado á Italia para estudar a arte (p. 167, Racz.) por ordem de D. João II; Vasquez, lusitanus, pintor que trabalhou em Hespanha e do qual ha quadros assignados em S. Lucar de Barrameda com a data 1562; e Vasco Pereira, que trabalhava em Sevilha em 1594 e 1598. Loureiro considerava o primeiro como o Grão-Vasco da tradição. Logo veremos que os dois outros se fundem, segundo o sr. Justi, n'um só pintor, do qual ha quadros de 1562, 1576, 1579 e 1583, que o

vor do Grão-Vasco de 1455 (o illuminador supra-citado). O Conde pouco tempo se demorou n'esta hypothese que designaremos com o numero 1.

Tambem não é só de Raczynski a proposta para a adopção do nome Vasco Fernandes *do Casal*[1], moço da camara do Infante D. Duarte em 1520, que se baseia em documentos remettidos de Viseu e que foram redigidos para o *Diccionario Geographico* de Cardoso (mss. de 1758). Oliveira Berardo aceitava a authenticidade d'este nome ainda a 15 de novembro de 1843, assim como Balsemão e Juromenha (Racz. *Les arts*. pag. 163 nota). Vasco Fernandes do Casal representa a hypothese n.º 2.

Pouco depois (pag. 298) eliminou o Conde este nome, ficando em campo desde o meio do volume até ao fim da obra (*Les Arts*) o, na sua opinião, verdadeiro auctor dos quadros de Viseu: *Vasco*, filho de Francisco Fernandez, pintor, o qual Vasco nasceu em 1552, segundo um documento achado por Berardo no cartorio da Cathedral de Viseu. Este Vasco, que o documento dizia filho de pintor, sem afiançar, de nenhum modo, que seguira a arte de seu pae, seria, segundo Raczynski, o auctor de todos ou *quasi* todos os quadros da Sacristia da Sé[2].

Foi esta a 3.ª e ultima hypothese de Raczynski.

Esta opinião, repetida ainda no *Dictionnaire*, foi partilhada até ao ultimo instante, pelo Visconde de Juromenha,[1]:

O Grão-Vasco da tradição, considerado como auctor da «immensa quantidade de quadros gothicos, pintados sobre madeira, e espalhados por todo o Portugal» continúa sendo para elle um *mytho* até ao fim; e diremos nós, com toda a razão. *A immensa actividade*, e a *immensa quantidade* são, com effeito, uma fabula, que tem a sua origem em Guarienti (1733). Em lugar de um unico grande pintor teriamos, pois, uns poucos de pintores notaveis, em Viseu, e no resto do paiz; e esta opinião é a que prevalece hoje.

Raczynski, apesar de ligar grande importancia ao testemunho dos documentos, reconheceu a difficuldade de pôr em concordancia as datas d'estes com a data provavel dos quadros, que tinha á vista. O conde reagiu logo, com toda a razão, contra a approximação do Vasco, illuminador de 1455 e do Vasco nascido em 1552; e notou que os quadros attribuidos ao Grão-Vasco da tradição são, pela factura, posteriores ao primeiro Vasco e anteriores ao segundo.

Na opinião de Raczynski (*Diction*. p. 121) foi o auctor do *Sanctuario Mariano* (1716) obra muito lida e muito importante, quem espalhou a fama de Vasco Fernandez, que elle chama *insigne*, da cidade de Viseu para o reino inteiro; então nasceu o epitheto de Grande ou Grão Vasco. Entre 1716 e 1733 (Guarienti) nasceu a fabula da immensa quantidade de quadros, referidos a um só pintor; e este foi tambem o parecer definitivo de Juromenha. (*Diction*. pag. 123–125).

A critica *patriotica* não se contentou, porém, com estes resultados, e continou resmungando até hoje, attribuindo ao distincto escriptor diplomata o que elle não dissera[2].

---

sr. Justi viu. Raczynski encontrou um em Sevilha com a data 1575 (pag. 505). Bermudez, *Diccionario historico*, vol. V p. 141 e 142 considera os nomes como pertencentes a dois pintores O sr. Justi affirma que em Sevilha suppunham alguns criticos ser Vasco Pereira o proprio Grão-Vasco; Raczynski já tinha lá ido para verificar o caso, e emendára o erro (*Les arts* p. 487 e 505).

[1] As passagens principaes sobre Vasco Fernandes do Casal são: *Les arts* p. 133 nota; 163, nota; 170, nota; 177. Note-se que o appellido *do Casal* só se encontra n'uma das tres communicações manuscriptas enviadas de Viseu para Lisboa no sec. XVIII; é na do Padre Manoel Lopes d'Almeida, 1758 (Racz. *Les arts* pag. 131).

[2] *Quasi* todos, vid. Raczynski (*Diction*. p. 95); corrigindo ideias anteriores; os quadros menores pareceram-lhe de outra mão.

[1] Vid. o seu aditamento ao artigo Grão-Vasco do *Diction*. de Raczynski, pag. 123 e seg.

[2] Ainda ha pouco o fallecido Dr. A. F. Simões attribuia a Raczynski novos absurdos

Os resultados a que a critica chegou, depois de Raczynski, pelos esforços de Robinson e do sr. professor Carl Justi, são, como já dissemos, os seguintes: em lugar de um unico pintor, chamado Grão-Vasco, que absorveu a fama de uma serie de pintores mais ou menos notaveis, temos varios artistas de grande merito, que trabalharam em differentes pontos do paiz.

É isto menos glorioso do que termos um unico Grão-Vasco?

Quanto ao pintor que o manuscripto de Botelho Pereira (1630) chama *Grande Vasco Fernandez*, e Fr. Agostinho de Santa Maria (1716) *insigne Vasco*, julgamos nós que é o Grão Vasco da tradição, assim como tambem cremos que a tradição partiu de Viseu, muito embora o afamado pintor não seja identico com o Vasco nascido em 1552, filho de Francisco Fernandes, pintor, porque, repetimol-o: não era forçoso que o filho de um pintor seguisse a profissão de seu pae.

Quando nasceu este nosso Grão Vasco? A' falta de documentos só se poderá responder aproximadamente.

Appareceu, é verdade, em Viseu um quadro assignado *Vasco Fernandez*, e pela data aproximada do quadro se poderia calcular a idade do pintor; mas, considerando nós a assignatura do quadro pertencente ao pintor José Pereira, de Viseu, mais que duvidosa, prescindimos d'esse recurso. Adiante diremos o *porque*.

Quaes serão os quadros do verdadeiro Grão-Vasco entre os que existem? Logo veremos isso.

II

Depois de Raczynski, que sahiu de Portugal em fins de 1845 sem nos dar a terceira parte do seu trabalho, appareceu em fins de 1865 o sr. J. C. Robinson[1]. Viu apenas alguns quadros da Academia de Lisboa, mal e á pressa; examinou, tambem a correr, os da Sacristia de Sa ta Cruz de Coimbra e os da Sé de Viseu, existentes na Sacristia e Sala do Capitulo[2]. Não visitou Evora, nem Setubal, nem Thomar, onde ha series importantissimas de quadros attribuidos ao tradicional Grão Vasco. Em seguida redigiu logo uma breve memoria que foi escripta em novembro de 1865 para El-Rei D. Fernando. Traduziu-a em 1868 o Marquez de Sousa Holstein, então Vice-inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa[3]. A versão

---

n'um ensaio historico e critico (1) de que logo fallaremos. O Conde nunca negou que Grão Vasco tivesse existido; nunca disse que era um mytho (*Les arts*, p. 121 e p. 369.) Raczynski reagiu contra a falta de tino dos chamados patriotas, agrupados em torno do *critico* Loureiro, Director da Academia de Bellas Artes de Lisboa, defendido entre outros pelo famoso (famoso, mais tarde) A. F. de Castilho na *Revista Universal*. O Conde dizia no fim que o sr. Castilho era um dos melhores *versificateurs de l'époque*, mas que era infelizmente cégo! E que Loureiro era bom medico, professor de medicina na Universidade etc. etc. *très lettré, mais il me semble avoir été étranger aux arts* (*Diction.* p. 178) Castilho (cego), a julgar da questão Grão Vasco, parece-se com o fallecido Innocencio do *Dicc. Bibliogr.* a julgar do *Stabat Mater* de Pergolese pelo de... José Mauricio!

[1] Robinson era em 1862 *Superintendent* das collecções do Museu de South Kensington; n'esse anno publicou varios *Catalogos* das collecções especiaes *on loan*. Os seus estudos especiaes versam sobre a arte italiana da Renascença.

[2] Dos de Lisboa (collecção da Academia) quasi que não falla; é verdade que a galeria ainda não estava organisada, nem era publica; abriu-se em 1868. Não diz palavra dos quadros da Madre de Deus. Em summa, seria absurdo pôr este auctor em parallelo com Raczynski, sempre e em tudo um modelo de boa fé.

[3] O estudo do sr. Robinson sahiu primeiro na *The fine arts quarterly review*. Numero de outubro de 1866, pag. 375-400. Fez-se uma tiragem especial, com a mesma composição, e frontispicio *ad hoc*, sem data, nem lugar em 30 pag. 8,° (London, impressor Childs and Son). O titulo é o mesmo: *The early portuguese school of painting* with notes on the pictures at Viseu and Coimbra traditionally ascribed to Gran Vasco.

A tiragem especial é rara, por isso fazemos as citações pela revista.

é pessima, infiel e incompleta em muitas passagens, affirmando o Marquez em mais de um ponto o contrario d'aquillo que o escriptor inglez disse. Já provamos tudo isto n'uma analyse minuciosa publicada ha annos, confrontando o original inglez com a traducção[1]. Comtudo, os nossos compatriotas continuam a citar e a aproveitar esta pessima traducção, architectando phantasias como fez ainda ultimamente o fallecido dr. Felipe Simões[2].

Não faremos, por isso, caso algum da traducção e apresentaremos as nossas conclusões sobre o original inglez.

Robinsou estreou-se em Portugal com absoluta falta de probidade litteraria. O seu ensaio baseia-se n'uma *descoberta* que se arroga, e que não é d'elle.

Já provamos em 1881 que a assignatura *Velascus* do quadro do Pentecostes na Sacristia de Santa Cruz de Coimbra foi descoberta pelo pintor de Viseu Antonio José Pereira, que a communicou ao professor da Academia de Lisboa João Christino da Silva. Este deu noticia do facto n'uma extensa carta, publicada no *Jornal do Commercio* de Lisboa de 30 de setembro de 1862, tres annos antes de Robinson entrar em Portugal.[3] O inglez teve a noticia do proprio Pereira, segundo todas as probabilidades.

«O sr. Robinson foi a Viseu depois de ter examinado as pinturas de Coimbra; viu as de Viseu e *voltou* a Coimbra (*led me back to C.*) para fazer a sua descoberta, e só então a fez; só então viu a assignatura. Não é natural suppôr que o sr. Antonio José Pereira, seu guia em Viseu (*volunteered to be my guide*), descobridor da assignatura desde 1862, lhe revelasse a existencia d'ella? Confessamos que a leitura da carta de Christino da Silva de 1862 produziu em nós uma desagradavel surpreza. Isto não é questão de campanario; temos dado bastantes provas de imparcialidade no modo de apreciar os trabalhos de escriptores estrangeiros a respeito de Portugal. Repetimos: isto não é questão de campanario; é questão de stricta justiça. *Suum cuique.*»[1]

O merito do sr. Robinson reduz-se, portanto, ao seguinte: ter determinado as datas aproximadas dos dois grupos de quadros existentes na Sé de Viseu, marcando ao grupo da Casa do Capitulo as datas 1500 a 1520, e ao grupo da Sacristia as datas 1520 a 1540.

A separação dos quadros em dois grupos, de pincel distincto, já Raczynski a tinha proposto. O Conde reconhecera claramente a differença de estylo entre os dois grupos, e tambem a differença de idade, (pag. 370), mas não determinára as datas. Robinson inclina-se a crer que os quatro quadros grandes da Sacristia, — S. Pedro, Baptismo, S. Sebastião e Pentecostes—são todos do mesmo auctor, mas *não julga este facto absolutamente fóra de duvida*[2]. Raczynski notava differença de factura, comparando os quadros pequenos da *Predella* com os grandes da Sacristia, que elle attribuia em geral ao auctor do quadro do *Calvario*, existente na Capella de Jesus: o grande Vasco Fernandez, do manuscripto de 1630. Robinson concorda em attribuir o *Calvario* ao mesmo pincel que traçára os paineis grandes da Sacristia e os quadros pequenos da *Predella*.

Observaremos, desde já, que discordamos de ambos os auctores. O *Pentecostes* é um

---

[1] *A pintura portugueza nos sec.* XV e XVI por J. de V. Porto, 1881 4.º, com a confrontação do original com a traducção.

[2] *Grão-Vasco; ensaio historico e critico*; de pag. 234–257 do volume: Escriptos diversos de Augusto Filippe Simões. Coimbra, 1888. 8.º Descontando o que deve ser considerado erro de impressão e falta de cuidado dos redactores do volume, ha n'elle lapsos deploraveis. Não se concebe como semelhante *imbroglio* podia merecer as honras de uma reimpressão; adiante as provas.

[3] Vid. as provas e documentos no nosso estudo *A pintura portugueza* pag. 6 e 38.

[1] Nossas palavras em 1881; vid. Estudo supra cit.

[2] A phrase sublinhada foi supprimida pelo Marquez: *I do not, however, consider this fact entirely without doubt.* pag. 383.

quadro de merito muito inferior aos outros tres, grandes, da Sacristia, e ainda ao proprio *Calvario*, que Robinson contra Raczynski julga ser o *mais fraco de todôs* (p. 384). Os antigos escriptores portuguezes citam, sobre tudo, este ultimo, provavelmente por ser o mais dramatico e o que mais impressionava as massas.

As conclusões a que Robinson chega, baptisando e distribuindo os quadros, a seu modo, são as seguintes, (pag 394):

1.º O pintor, anonymo, dos 14 quadros da Casa do Capitulo, executados entre 1500 e 1520.

2.º Vasco Fernandez, autor do quadro que pertenceu a Antonio José Pereira, executado cêrca de 1520.

Robinson põe em seguida ao nome, entre parenthesis, «Gran-Vasco?» — o que parece indicar que duvidava se seria o pintor citado no *Sanctuario Mariano* «insigne Vasco», e chamado «Grande Vasco Fernandes» no ms. de 1630; em summa, se seria o Grão-Vasco da tradição.

3.º O pintor da «Ceia», quadro existente no palacio dos bispos em Fontello, que elle presume ser discipulo ou imitador de Vasco Fernandez.

4.º Velascus (Robinson escreve *Velasco*[1],) pintor do *Pentecostes* de Coimbra e dos quadros da Sacristia na Sé de Viseu, e do *Calvario* (cerca de 1530–40).[2]

5.º Francisco Fernandez, pintor, que vivia em 1552, segundo o registo de baptismo, achado pelo conego Berardo no Cartorio da Sé de Viseu.

6.º Vasco Fernandez, filho do precedente, segundo o registo supra.

Raczynski suppoz, sem prova, que fôra pintor, como seu pae; e attribuiu-lhe o grupo da Sacristia de Viseu; Robinson regeita, com rasão, esta hypothese.

7.º O autor, anonymo, do painel «Jesus na casa de Martha», em Fontello; e que, na opinião de Robinson, foi imitador de Velascus.

O auctor inglez cita mais dois, que mostram nas suas obras uma «certa analogia geral com os pintores de Viseu» (sic) pag. 394.

8.º «Ovia» auctor do *Ecce Homo* em Santa Cruz de Coimbra.

9.º O auctor do *S. João* na Academia de Lisboa, hoje no palacio das Janellas Verdes.

III

Agora o nosso commentario.

Ad 1.º)—Raczynski já fez a separação dos grupos da Casa do Capitulo e da Sacristia. Concordamos com elle e com as datas de Robinson.

Ad 2.º)—O monogramma do quadro de A. Y. Pereira, que Robinson leu Vasco Fernandez, parece-nos muito suspeito, e por isso, ocioso todo e qualquer calculo feito sobre elle. Vimos o quadro na Academia de Lisboa, e era com effeito uma ruina, tendo sido radicalmente lavado, barbaridade que o sr. Robinson confessa. O monogramma VASCO FRZ ficou porém pintado, luzidio e brilhante, em bellas lettras amarellas, por um milagre que ninguem explicou até hoje!

---

[1] Escreve *Velasco*, não sabemos porquê! A ultima letra é uma abreviatura bem conhecida, que vale *us*.

[2] A julgar por duas passagens anteriores deve entender-se que Robinson identifica este Velascus com o Grão Vasco, affastando-se da hypothese antiga (vid. sub. 2). Eis as passagens, que não deixam perceber claramente a opinião de Robinson:

Pap. 391 «I have, in short, the conviction, that this picture is the work of the traditional Gran Vasco of Viseu (trata se do *Pentecostes* de Coimbra).» E logo mais adiante: It is I think evident that M. de Raczynski's Gran Vasco in reality was this same Velasco.»

Agora, pag. 394: «I cannot but believe, in short, that the painter of Senhor Pereira 's picture, Vasco Fernandez as he signs himself was the person to whom, on account of his preeminence in art, the eulogistic epithet *Gran* or *Grande* was, either during his lifetime, or shortly after his death, bestowed».

Parece pois haver contradição!

Seria necessario examinar *technicamente* a assignatura, a tinta, a forma paleographica da lettra, (que é muito duvidosa), as partes lavadas e *não lavadas* (?) do quadro, etc.

A. J. Pereira, interrogado pelo signatario sobre estes e outros pontos, respondeu sempre evasivamente, e negou-se não só a indicar o nome do *inglez* que lhe tinha comprado o quadro, mas até a procedencia do mesmo quadro[1]. Fazendo se-lhe a observação sobre a lavagem, o estado de ruina do quadro e a salvação milagrosa da assignatura, emmudecia.—O quadro foi antes da lavagem uma obra distincta. A data 1520 marcada por Robinson, é acceitavel.[2]

---

[1] Simões foi mais feliz n'este ponto. O quadro teria pertencido, segundo confissão do Pereira, ao convento de S. Francisco de Orgens (pag. 153). É singular que Berardo nas suas Memorias sobre os quadros de Viseu (na que Baczynski publicou e n'outra, ms. de 1849, que temos presente) não falasse d'este quadro de Orgens; que um homem tão escrupuloso, tão diligente e tão investigador, que viveu a maior parte da sua vida em Viseu, não visse uma assignatura a tinta amarella, tão grande, tão visivel!

[2] As nossas duvidas sobre a tal assignatura e a singular attitude de Antonio José Pereira communicamol-as logo em 1879 ao nosso amigo o sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor de desenho em Coimbra, que nos acompanhou pouco depois a Viseu (segunda viagem nossa). Passados annos veiu-nos á mão a 3.ª ed. das *Travels in Portugal* by John Latouche. London, s. d. O escriptor, que se occulta sob um pseudonymo é o sr. Oswald Crawfurd, consul de S. M. B. no Porto, pessoa que pela sua variada instrucção, imparcialidade e fino gosto artistico nos merece toda a consideração. O douto estrangeiro (em geral, juiz benevolo e imparcial das nossas cousas), na 3.ª ed. duvida fortemente da authenticidade da tal assignatura; depois de ter visto o quadro de Pereira, diz:

«O triptico é uma obra arruinada de consideravel merito; mas apesar do melhor desejo em acreditar na boa fé humana, devo dizer que nunca contemplei uma assignatura mais duvidosa, do que esta, distinctamente traçada: Vasco Fez. *Travels* pag. 268 nota. A data do Prologo d'esta 3.ª ed. é Sept. de 1878; a 2.ª edição das Viagens, de 1875, já a traz; apontamos as datas, porque desejamos declarar que formámos o nosso juizo sobre a assignatura, sem conhecer a opinião do sr. Crawfurd.

Ad 3.º)—O quadro da Ceia, em Fontello, parece-nos notavel a todos os respeitos e deveria ser confrontado, cuidadosamente, com o quadro da Ceia na Casa do Capitulo, na Sé de Viseu e com o numero 246 da Collecção da Academia, que representa o mesmo assumpto. (Cat. provis. de 1872 p. 63).

Ad 4.º)—Ignoramos por que motivo Robinson leu *Velasco* no quadro do *Pentecostes*. O ultimo signal da assignatura é indubitavelmente a antiga abreviatura *us*. Robinson não percebeu que *Velascus* é, simplesmente, a forma alatinada de *Vasco* (antigo portuguez *Vaasco*, de *Veasco* por *Velasco*). Na collecção *Portug. Monum.* encontram se a cada passo exemplos d'estas duplas fórmas do mesmo nome. Induzido em erro pela transcripção *Velasco* por *Velascus*, pretendeu outro escriptor inglez, o sr. Latouche,[1] que o nome é hespanhol, e que se refere ao pintor hespanhol Luis Velasco, que trabalhou em Toledo cerca de 1564 e morreu em 1606! O sr. Professor Justi, que viu os quadros d'este pintor em Hespanha, nega que haja a menor relação entre o estylo d'este *maneirista* italianisado e o de *Velascus*.[2]

E ainda quando no quadro se houvesse de ler *Velasco*, isso não provava que o pintor fosse hespanhol, porque no sec. XVI, época em que na côrte se fallavam ambas as lingoas com a mesma frequencia e facilidade, muitos portuguezes seguiam a moda, hispanisando seus nomes, p. ex. o celebre poeta Jorge de Montemor, que ainda hoje chamamos em Portugal *Montemayor*; o fidalgo João de Mello, justador do «*Paso Honroso*», que na côrte de D. João II de Castella figurava como D. Juan de Merlo. No «Cancionero General» apparecem poesias de dois

---

[1] Na obra cit. *Travels in Portugal* 3. ed. pag. 271. O auctor lê a sigla *Velascus* L =Luis Velasco. Este pintor é o mesmo que Cean Bermudez cita no vol. v pag. 152; morreu em 1606.

[2] *Die portugiesische Malerei des sechzehnten Jahrhunderts* von C. Justi, na collecção *Jahrbuch der Koenigl. preussischen Kunstsammlungen*, vol. IX. Berlim, 1888, pag. 137 e seg.

irmãos portuguezes D. Antonio e D. Inigo de *Velasco*, que em Portugal com certeza se appellidavam *Vasco*.[1]

Ad. 5.)—Não ha nenhum quadro que se possa attribuir a este pintor; os criticos não fazem por isso menção especial delle.

Ad. 6.º) — Não ha prova alguma de que seguisse a profissão de seu pae.

Ad. 7.º)—Este quadro, que está em Fontello, merece como a «Ceia» existente no mesmo palacio, especial attenção. O sr. professor Justi gaba-o muito.

Ad. 8.º)—A *assignatura* «Ovia» é uma fabula; as lettras lá estão n'uma lança, mas a verdadeira interpretação ainda ninguem a deu.

Tambem Raczynski leu um nome Abram Prim, no quadro n.º 224 da Academia,[2] e afinal, é simplesmente o velho patriarcha *Abraham prim (us)* isto é, o primeiro da arvore genealogica do Novo Testamento. A inscripção está no collo de um vaso do qual sahe a flor symbolica de S. José. Abrahão foi o tronco (*primus*) da geração do esposo da Virgem. (Evang. de São Matheus I).

Mais importante do que a inscripção *Ovia* é a seguinte circumstancia. N'este *Ecce Homo* apparece o retrato de Damião de Goes, como já dissemos em 1879.[3] É a primeira figura, que está atraz de Pilatos. Goes foi grande amador e colleccionador de obras d'arte. Possuia illuminuras de Simão de Bruges (Benichius?), esculpturas notaveis, retavolos de grande preço, entre outros, dos pintores Quintin Massys ou Metsys, Hieronimus Bosch e muitos objectos d'arte industrial com que presenteou a rainha D. Catharina, El-rei D. Sebastião, o nuncio Monte Pulciano, o valido Pedro d'Alcaçova Carneiro, seu irmão Fructus de Goes, Fernão Coutinho, etc., varias egrejas e templos, principalmente a egreja de Nossa Senhora do Castello de Almada e a de Nossa Senhora da Varzea da villa de Alemquer. El rei D. João III e a Rainha, a Infanta D. Maria, protectora das lettras e das artes, o proprio Cardeal D. Henrique foram ver á sua casa as preciosidades artisticas que trouxera de Flandres e Allemanha[1] Está hoje provado que Goes tivera relações de amisade com o celebre Albrecht Dürer, que o retratou.[2] Compare se a physiognomia do retrato a carvão do grande artista, e a gravura com o falso monogramma A. D. de 1572, com o typo retratado n'este quadro. É a mesma cabeça, salvo a idade; Goes parece ter aqui 30 a 35 annos. Tendo nascido em 1501, o *Ecce Homo* seria pintado entre 1530 a 1535.

Ad. 9.º)—Pelo systema de Robinson seria facil duplicar o numero dos pintores. Comtudo, não é d'elle, mas sim de Raczynski a ideia de considerar o auctor do quadro do S. João como um typo especial. Raczynski chama-o *peintre aux bonnes draperies*».[3]

---

[1] Vid. *Cancionero general de Hernando del Castillo*. Ed. de Madrid 1882, vol. II pag. 510. A 1.ª ed. é de 1511; o nome apparece primeiro n'uma edição de 1527. Com relação a Mello vid. *El Cancionero* de Juan Alfonso de Baena, pag. LV da Introd. do Marquês de Pidal ed. de Leipzig (Brockhaus). Mello era alcaide de Alcalá la Real em 1435.

[2] Raczynski cita sempre Abraham; mas o que lá está é *Abram*. O Catalogo do Museu nacional (Lisboa, 1883. p. 88) acha que é uma allusão á virgem, e lê Abram *primogenita*, sic!! Este Catalogo, *provisorio* em 4.ª ed. (ou 3.ª, se não contarmos a ed de 1862, abafada; posteriores 1868 e 1872) está cheio de erros historicos, e organisado sem criterio, nem methodo. Simões interpreta quasi como nós, pag. 254.

[3] Vid. o Estudo *A cabeça de Damião de Goes*, na *Actualidade* de 2 e 3 de outubro de 1879.

[1] Factos referidos no processo da Inquisição, existente na Torre do Tombo, e de que ha copia na Bibliotheca nacional.

[2] Vid. os nossos estudos: *Goésiana*.

[3] Simões faz a proposito do S. João, citado por Robinson, combinações singulares. Robinson falla claramente de uma pequena figura em pé, a *little standing figure of St. John* (p. 392), e accrescenta: não a indicada pelo Conde de Raczynski como obra do pintor das *belles draperies* Robinson falla do S. João Baptista, n.º 211 do Catalogo de 1872 ou n.º 1 do Catalogo de 1883. O pintor das

Eliminando-se o monogramma do N.º 2 como muito suspeito, o N.º 5 de que não ha quadros e o N.º 6 por falta de provas, fica sómente o N.º 4 como pretendente ao titulo historico: *Velascus*, traduzido em portuguez *Vasco*, que é o *Grão Vasco*, provavelmente o grande Vasco Fernandez do *Sanctuario Mariano* e do ms. de Botelho Pereira (1630). E temos depois mais os seguintes pintores: os designados sob o n.º 1 (Sala do Capitulo) n.º 3 e 7 (em Fontello: *Céa* e *Martha*) e os pintores do *Ecce homo* (o pseudo «Ovia») e do S. João Baptista da Academia. Veremos ainda, que os dois ultimos pertencem a grupos caracteristicos, segundo a opinião do sr. Prof. Justi.

IV

Os estudos pouco avançaram depois de Robinson. Os escriptores nacionaes não resolveram a questão e pouco adiantaram; e entre os estrangeiros apenas dois: J. Latouche e o nosso amigo A. de Ceuleneer,[1] escriptor belga, deram um novo impulso ao problema; mas o segundo confessa que offerece só umas simples notas, para despertar a attenção dos especialistas. A tentativa que este critico faz, apresentando novos agrupamentos, está prejudicada pelo ensaio do sr. prof. Justi, e por isso não nos demoraremos na analyse do seu opusculo, o qual, no entanto, contém, na parte relativa ao Grão-Vasco, algumas informações aproveitaveis. Os outros capitulos dão testemunho do estudo e do saber do auctor, e merecem que lhe tributemos aqui o nosso reconhecimento.

Do sr. John Latouche fallamos mais adiante. É o pseudonymo do sr. O. Crawfurd, consul de S. M. B. no Porto. O auctor é muito injusto para com os quadros da Academia de Lisboa, hoje no Museu nacional, que não deviam ser julgados todos pela mesma bitola. As suas notas appareceram no volume *Travels in Portugal*, cuja primeira edição é de 1875, segundo crêmos; a 2.ª é de setembro do mesmo anno, a 3.ª de Sept de 1878. Vejam-se as passagens p. 145 146 (quadro da Misericordia do Porto) p. 193–196 (quadros de Lisboa); p. 253–273 (quadros de Viseu). Estamos convencidos que a leitura do Ensaio do sr. Prof. Justi o fará mudar de opinião sobre o valor dos quadros de Lisboa; pela nossa parte temos de reconsiderar; adiante o confessamos. Devemos porém declarar que as notas do sr. Crawfurd não influiram no juizo que fizemos em 1881 sobre o valor de certos quadros da Academia. Explica-se pela recordação vivissima que trouxemos do estrangeiro em 1871 e 1875, depois do exame das obras primas da antiga escola de Flandres e de Brabante, da escola de Colonia e de outras do sec. XV e XVI. Em compensação, o sr. Crawfurd manifesta-se com o maior enthusiasmo a favor do S. Pedro de Viseu, e parece-nos exagerado n'esta parte. O outro volume do mesmo auctor: *Portugal old and new* (London, 1880 8.º) nada contem relativo a Grão Vasco, mas é instructivo, sympathico, cheio de *humour* e de vida, emfim digno de ser lido; falla n'elle um critico justo, benevolo, cujo juizo é fundado no conhecimento intimo da vida publica e particular da nação.

Sobre a monographia do sr. Tubino, de Madrid, que trata dos quadros que pertenceram ao convento de Palmella, já demos o nosso parecer em 1881.[1] É inutil procurar

---

belles draperies ou *bonnes draperies* referia Raczynski ao quadro n.º 160 (S. João Evangelista) da sua lista (vid. *Les arts* pag. 151), que no Catalogo de 1872 é o n.º 256 e no Cat. de 1883 falta. Simões vae buscar o quadro n.º 27 do Cat. de 1883, *S. João Baptista ensinando a orar o principe D. João*, phantasiando por ahi fóra, e attribuindo uma serie de absurdos ao sr. Robinson!! O sr. prof. Justi colloca o pequeno S. João na serie de Frey Carlos, com toda a razão.

[1] *Le Portugal. Notes d'art et d'archéologie.* Contém: Congrès d'archéologie préhistorique — Azulejos — Grand Vasco. Anvers, 1882. 8.º de 90 pag; Tiragem á parte do *Bulletin de l'Académie d'Archéologie de Belgique.* O estudo sobre Grão-Vasco occupa as pag. 60 90.

[1] *A pintura portugueza nos sec.* XV *e* XVI Porto, 1881, p. VI.

ahi um unico facto novo. O sr. Prof. Justi é da mesma opinião em 1888.

Entre os escriptores nacionaes ha tres que merecem menção, o fallecido Marquez de Souza Holstein: o sr. Theophilo Braga, que foi infelicissimo, e o fallecido Dr. Simões, que fez tres tentativas infructiferas.[1] Os dois ultimos fiaram-se, infelizmente, na traducção da Memoria de Robinson, feita pelo Marquez, e repetiram os mesmos erros, augmentando a confusão; nenhum se lembrou de recorrer ao original inglez da Memoria, havendo na traducção portugueza signaes evidentes de infidelidade. Não podemos estar aqui a esmiuçar os numerosos erros, as hypotheses inverosimeis e as phantasias do sr. Th. Braga, que falla de quadros que nunca viu, porque o nosso intuito é concentrar os factos e os resultados seguros, de outro modo teriamos de escrever um volume.

A discussão com o dr. Simões já não é possivel, porque falleceu; a sua ultima tentativa foi desastrada, tão desastrada que nos parece que o auctor não teria publicado o seu *Ensaio historico e critico* sem uma revisão prévia e radical. Sobre a primeira parte já demos o nosso parecer em 1881, em vida do auctor, que, contra o seu costume, não respondeu.[2] A segunda é deploravel, uma teia emmaranhada, apontamentos cosidos ao acaso, sem nexo, como se estivessemos lendo um *borrão*!

O Marquez de Sousa prestou-nos um bom serviço, publicando o *Catalogo provisorio* da Academia em 1868.[1] Valha-nos isso, já que teve artes e manhas para abafar a edição de 1862! O catalogo é muito resumido, mas no fim agrupou o auctor 65 quadros, que distribuiu por treze pintores anonymos. Sob a mesma lettra alphabetica reuniu os quadros que lhe pareceram do mesmo auctor; distribuiu-os bem nas salas, com ordem e em boa luz, e facilitou assim o estudo da *antiga escola portugueza de pintura* ao publico, *trinta e cinco annos* depois da Academia ter recebido o espolio dos conventos extinctos! (1833–1834).

O agrupamento feito pelo Marquez era acceitavel e provava que tinha olhado para os quadros com alguma attenção, guiando-se, em parte, pelas indicações de Raczynski. Foi este auctor o primeiro que se lembrou de agrupar os antigos quadros portuguezes. No fim do Indice mencionava o Marquez mais 20 quadros sob a rúbrica *Diversos*. Total: 85. Na edição de 1872 encontrámos só mais quatro quadros n'esta rúbrica; o agrupamento é o mesmo da edição de 1868. Total: 89.

O Catalogo provisorio do Museu nacional de 1883 (ult. edição, já exhausta) menciona

---

[1] Na *Academia*, revista de Madrid vol. II, 1877; na revista de Lisboa *A Arte* em 1881; e n'um trabalho, que sahiu posthumo, e e onde refundiu o que dissera nas duas revistas: *Grão Vasco. Ensaio historico e critico* pag. 234-257 do volume *Escriptos diversos* (Coimbra, 1888), que a Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra mandou colligir.

O sr. Theophilo Braga intitulou o seu trabalho: *Grão-Vasco. Determinação historica da sua personalidade*, pag. 174–189 do volume *Questões de litteratura e arte portugueza*. Lisboa, 1881, 8.º

[2] *A pintura portugueza* etc. pag. VII e VIII Ahi mesmo a nossa opinião resumida sobre os outros auctores portuguezes: Juromenha (escripto de 1877), Marquez de Souza, Th. Braga etc. O sr. A. de Ceuleneer teve a paciencia e a indulgencia de reunir (pag. 62) os titulos de outros pequenos artigos de auctores portuguezes e estrangeiros sobre Grão-Vasco, de pouco ou nenhum valor Por excepção mencionaremos como novidade os de A. Glardon na *Bibliotheque universelle* de Gênève 1876 vol. 57, feitos sobre os estudos de Latouche, pseudonymo de O. Crawfurd. Não os conheciamos.

[1] Á frente do Cat. uma pequena Introducção em que se toca, de passagem, na questão Grão-Vasco. O Marquez publicou depois a traducção da Memoria de Robinson, com um *Prefacio*, que analysámos em 1881, assim como os seus artigos na revista *Artes e Lettras* (1872). O melhor serviço, repetimol-o, foi a publicação do *Indice especial dos quadros attribuidos á antiga escola portugueza*, no Cat. de 1868.

85 quadros (salvo erro) sendo 16 novos, que não estavam expostos na Academia; em compensação faltam outros que lá vimos. Este Catalogo não tem Indice especial dos quadros antigos portuguezes, não tem agrupamentos, excepto no texto em alguns autores já conhecidos. Não fallaremos dos outros defeitos mais ou menos sensiveis d'esta quarta tentativa *provisoria*, por falta de espaço, e se a apontamos é para fazer sentir ao leitor que o redactor da edição de 1883 difficultou o estudo, em vez de o facilitar, porque nem ao menos se lembrou de collocar entre parenthese os antigos numeros da ed. de 1872, pela qual quasi todos os escriptores nacionaes e estrangeiros fizeram os seus apontamentos.

A ordem salteada dos numeros é inadmissivel; um Indice geral como o d'esse catalogo, ridiculo, não fallando nas novas attribuições e nas noticias biographicas(!!)

É tempo, porém, de passarmos ao ultimo capitulo, o mais importante.

V

A um erudito professor allemão devemos o estudo mais importante sobre a antiga pintura portugneza, que sahiu á luz depois dos trabalhos de Raczynski.

O Sr. Prof. Justi [1] separa os quadros gothicos existentes em Portugal em duas classes distinctas :

A. Os trabalhos dos artistas flamengos, naturaes dos Paizes-Baixos, que pintaram no seu paiz, por encommenda, ou que, tendo emigrado para Portugal, foram naturalisados e aqui pintaram seus quadros.

B. Os de portuguezes que estudaram nos Paizes Baixos e pintaram em Portugal, depois do seu regresso. Estas obras são as mais frequentes, e em muito maior numero.

A respeito dos primitivos artistas dos Paizes-Baixos, [1] dos mais antigos pintores do seculo XV, declara o Sr. Prof. Justi que não achou vestigios d'elles em Portugal. Estamos, portanto, aqui no ponto de vista que accentuamos em 1881 em face das pretensões do Marquez de Souza-Holstein.

«Essa *escola anterior* deve ser a que recebeu a influencia de Van Eyck (v. retro pag. 13); infelizmente não resta uma unica taboa de pintor nacional do meado do seculo XV, e muito menos da epoca em que o celebre artista flamengo esteve em Portugal (1428-1429).

D'ahi até ao quadro assignado *Vasco Fernandez* (1520, segundo Robinson) ou até ao outro assignado *Velasco* (1530-1540, segundo o mesmo Rob.) temos um seculo inteiro,

---

[1] Além do Estudo especial, que citamos retro (pag. 297) escreveu o Sr. Professor Justi alguns artigos preliminares, importantes, na seguinte revista: *Zeitschrift fúr bildende Kunst* vol. XXI, n.º 4 Janeiro de 1886, pag. 93-95; no mesmo vol. n.º 6 pag. 133-140; no vol. XXII, n.º 6 pag. 179-186; e n.º 8 pag. 244-251. O titulo geral traduzido diz: *Sobre os antigos quadros flamengos existentes em Hespanha e Portugal.* Contem factos importantes, que não se encontram no Estudo já citado; os dous trabalhos completam se mutuamente. Sobre os quadros flamengos existentes na peninsula convém consultar ainda hoje, principalmente: J. D. Passavant. *Die christliche Kunst in Spanien.* Leipzig, 1853, 8.º, pag. 123-145; e depois a obra de Crowe & Cavalcaselle sobre a antiga pintura flamenga: *The early Flemish painters.* London 1857. A traducção franceza de Alex. Pinchart et Ch. Ruelens. Bruxellas, 1862-1865 em 2 vol. é preferivel, por causa do 2.º vol., que contém valiosissimos documentos. Ha ainda uma traducção allemã, com novas correcções e aditamentos, feita por A. Springer. Leipzig 1875, 8.º. Vid o Cap. V, pag. 383 e seguintes.

Não recommendaremos a leitura da obra de Alfred Michiels. *Histoire de la peinture flamande.* Paris, 1865-1876 em 10 vol. por ser muito difusa e confusa; o que diz respeito á antiga pintura flamenga (seculo XV e XVI) está concentrada nos vol. II e V. Exprobando a Raczynski os seus erros augmenta ainda mais a confusão, com novos erros !

[1] Dizemos *Paizes-Baixos*, porque é incorrecto e induz em erro fallar-se unicamente da escola de Flandres, quando é certo que esta, cujos chefes são os irmãos Van-Eyck, não se deve confundir com a Escola de Brabant, cujo chefe é Roger van der Weyden. Vide Crowe op. cit.

uma solução de continuidade enorme. Note-se que pouco importa allegar que houve quadros portuguezes intermedios; temos de argumentar com factos, e não com hypotheses.» [1]

Com effeito não appareceram ainda, entre nós, quadros de Jean Van Eyck, de Peter Christus, Hugo van des Goes, Rogier van der Weyden, Dierik Bouts, para citar só os mais notaveis. Apenas um grande mestre, um pouco posterior, está representado, este, é verdade, admiravelmente. E' *Gerard David*, [2] que já vivia, trabalhando, em 1484, e que falleceu a 13 de agosto de 1523. Ignora-se a data do seu nascimento.

São d'elle, segundo o Sr. Justi, que reconheceu immediatamente o autor, os seguintes quadros, existentes em Evora no palacio do arcebispo. Como foram attribuidos a Grão Vasco [3], temos de os citar aqui.

Uma grande taboa principal, a Adoração da Virgem e do menino, chamada *Nossa Senhora da Gloria*, e mais onze quadros menores (1m,88—1m,33), que representam:

1. *O Nascimento da Virgem.*
2. *A Virgem no caminho para o templo.*
3. *O Casamento.*
4. *A Annunciação.*
5. *O Sonho de S. José.*
6. *O Nascimento de Christo.*
7. *A Apresentação no templo.*
8. *A Epiphania.*
9. *A Circumcisão.*
10. *A Fuga para o Egypto.*
11. *O Menino entre os doutores.*
12. *O Transito da Virgem.*

Na Galeria Grão-Ducal de Darmstadt existe uma repetição da taboa central, tambem sobre madeira (0,93m de alt.×0,73 de Larg.) n.º 189 do Catalogo, p. 47. ed. de 1875. Ha, comtudo, algumas differenças nos episodios representados nos dois quadros. Eis o de lá:

«A Virgem Maria com o menino sobre o throno, cujo espaldar é formado por um rico tapete. O menino, que está no cólo, folheia n'um livro de horas, que a Virgem tem na mão. A' direita quatro anjos, cantando; á esquerda mais tres anjos que tocam no orgão; o terceiro dá ao fole. Os anjos são imitados, innegavelmente, do polypticho de Gante dos irmãos Huberto e João Van Eyck. A vista estende-se de cada lado do throno por um jardim fóra, circumdado por um muro,

---

[1] *A pintura portugueza*, pag. 16.

[2] David foi discipulo de Memlinc e nasceu em Oudevater (Hollanda); sabe-se que vivia em 1481; pertencia então á confraria dos pintores (*Malergilde*) de Bruges. Morreu a 13 de agosto de 1523. Hans Memlinc, provavelmente de origem allemã, apparece em 1478, primeira data certa; julga-se que foi discipulo de Rogier van der Weyden, chefe da Escola de Brabante; morreu pouco antes de 1495. Vid. Woltmann. *Geschichte der Malerei*. Leipzig. 1879, vol. II. Os quadros de G. David são muito raros; calcule-se pois o thesouro que Evora possue!

[3] Raczynski *Les arts*, pag. 159 e pag. 353 e seg. No *Archivo Pittoresco* vol. XI (1868) pag. 177 vem uma gravura em madeira d'este quadro, que parece antes uma caricatura; o artigo de Simões oscilla entre influencias byzantinas e Grão Vasco!! Mais tarde em 1881 (*A Arte*, pag. 36) attribuiu o quadro «senão ao proprio Memlino (sic), pelo menos a algum dos seus melhores discipulos». No ultimo estudo, impresso em 1888 o quadro é primeiro de algum discipulo (pag. 241); tres paginas mais adiante, é obra talvez do proprio Meemlinc (244). Tanto n'este ultimo estudo, como em 1881 teima em chamar ao quadro a *Assumpção*! O assumpto é a *Coroação da Virgem*; o nome *Nossa Senhora da Gloria* é o popular! Os doze quadros, que pertencem á peça central, quiz Simões enfileirar, ao que parece, ainda na escola de Grão-Vasco (pag. 255), aproximando-os dos de Setubal!! O sr. Gabriel Pereira (*Estudos Eborenses*; opusculo *Bellas-Artes*. Evora, 1886 pag. 21) advertido provavelmente pelo Sr. Prof. Justi, já cita Gerard David, como auctor dos quadros. Raczynski referia, a proposito do quadro *O menino entre os doutores*, o nome Christovão de Utrecht por causa do monogramma, que n'elle se encontra; *Les arts* pag. 200 monogr. n.º 3; está na Bibliotheca, mas pertence ao grupo dos que vêem na Capella e, portanto, o Gerard David (vid. *Zeitschrift*.)

no qual ha uma ramada; ao longe uma paisagem extensa, povoada de arvoredo.» [1]

O Sr. Prof. Justi exalta o merecimento d'estes quadros, dizendo que a pequena galeria de Evora é o conjuncto mais consideravel que a antiga escola flamenga produziu, segundo o seu conhecimento. São, innegavelmente, joias da arte, que pouco soffreram dos restauradores, mas nada tem que vêr com o Grão-Vasco. O Sr. Prof. Justi nota apenas uma physionomia romanica na *Circumsição;* todos os episodios são flamengos, e por isso não se póde duvidar que os quadros foram importados. A época a que os quadros correspondem é a do Governo do Bispo D. Affonso de Portugal, (1485-1522) da casa de Vimioso. [2]

A influencia dos antigos flamengos revela-se ainda, segundo o especialista allemão, nos seguintes quadros:

Missa de S. Gregorio — pertencente á Sr.ª Condessa d'Edla, no genero de *Roger van der Weyden* —; os treze santos teem, comtudo, aureolas com nomes portuguezes; na série figura *Santa Izabel de Portugal.*

Pertencem á Escola de Gerhard David os seguintes:

O Tripticho do Museu Nacional n.º 697. Nossa Senhora da Misericordia — São Christovão — São Sebastião; no verso das portas S. Pedro e S. Paulo. Veio da Madeira e foi comprado ao sr. Agostinho de Ornellas, digno Par do Reino.

E' de outro artista flamengo *A fugida para o Egypto.* Acad. Cat. 1872 n.º 229. [3]

O grande quadro da Misericordia do Porto: *Fons vitae.* [1]

O typo da Nossa Senhora, e o colorido recordam, segundo o mesmo escriptor, a factura de Bernhard van Orley. A composição e o estylo tem affinidade com o tripticho citado.

Temos mais pintores flamengos em Thomar, no Convento de Christo:

A entrada em Jerusalem.

O capitão de Cafarnaum. (S. Matheus VIII, 5)

A resurreição.

Todos tres no estylo de *Dierik Bouts*, celebre pintor, que vivia em 1460 e falleceu em 1475, chamado impropriamente Stuerbout.

O Sr. Prof. Justi, reparando no grande numero de quadros que ornavam a egreja do Convento de Christo (eram 39, hoje apenas 31) [2] e lembrando-se do pintor *Joannis Dralia*, sepultado em Thomar, sugere a hypothese de ter elle sido talvez o auctor das pinturas archaicas no genero flamengo. Além das taboas referidas cita o sr. Justi o que escapou: uma das portas (lado esquerdo do retavolo da *Crucificação*; 16 figuras de anjos com os instrumentos da paixão no estylo do sec. XV, cujos rostos foram repintados; 10 taboas da vida de Christo (sendo 8 grandes e 2 menores) muito damnificadas; e por debaixo 12 pinturas de grandes dimensões,

---

[1] *Die Gemaelde-Sammlung des Grossh. Museums zu Darmstadt;* verzeichnet von. Prof. Rudolf Hoffman. 2.ª Aufl. Darmstadt. 1875. O quadro é attribuido no catalogo á Escola de Memlinc do sec. XVI, talvez Gerhart Horebout; em nota: antigamente attribuido a Hans Memlinc.

[2] Sobre este prelado e um antigo quadro do sec. XVI com o seu retrato, typo Grão-Vasco existente na Bibliotheca de Evora, vid. o que dissemos nas notas á ed. de Francisco de Hollanda p. XVIII.

[3] O sr. Justi não indica numeração alguma, com relação a este quadro. Suppomos ser o n.º 229, (Cat. de 1872) que é hoje o n.º 14 do Museu nac. Cat. pag. 96. Laurent reproduziu o n.º 690.

[1] A este quadro corresponde melhor o titulo *Fons vitae, fons misericordiae, fons pietatis.* Em 1877 (*Archeol. artist.* fasc. IV pag. XVII) attribuimos este quadro a Quinten Messys (1460-1530); corrigiremos ainda outra noticia de 1877: o Holbein, chamado da *Bemposta*, propriedade nacional, confiada a El-Rei D. Fernando, é com effeito de Holbein, pae; a assignatura é authentica, vid. Woltmann u. Woermann, Geschichte d. Malerei vol. II (1881) pag. 460.

[2] São 31, segundo o Sr. Justi. Raczynski (*Les arts* p. 157) cita apenas vinte e dois; Volkmar Machado indica tambem 22, pag. 52.

das quaes restam apenas as quatro que citamos retro; as oito restantes foram roubadas.

Como se vê, apenas se apuram tres nomes: Roger, Gerhard David e Dierik Bouts. E' certo que em Lisboa appareceu uma obra de Jean Van Eyck, a *Stigmatisação de S. Francisco*, que Lord Heytesbury comprou. Felipe II, grande amador de pinturas flamengas, como se sabe, parece que levou para Madrid pinturas importantes que achou em Lisboa, retratos de pessoas reaes, que apparecem citados nos inventarios do Alcazar régio ainda no tempo de Felipe III, e estavam na *Galeria del cierzo.*[1]

Entre os Pintores estrangeiros naturalisados cabe o primeiro logar a *Frey Carlos*, pintor de Evora. Vivia no convento do Espinheiro em 1517. O nome d'este artista appareceu n'um quadro de 1537 que pertenceu ao pintor Roquemont; infelizmente, não se sabe onde pára hoje! As suas obras mais importantes estavam no Convento do Espinheiro, junto a Evora, e guardam-se hoje no Museu nacional. O Marquez de Sousa tinha agrupado seis quadros como pertencentes a este artista n.os 176, 211, 212, 214 a 216 (Catalogo de 1872 in fine).

O Sr. Prof. Justi vae muito mais longe, attribuindo-lhe os seguintes:

A Annunciação. Museu n.º 677 (Cat. 1872 — N.º 176)

Christo apparece á Virgem. Museu n.º 2 (Cat. 1872 — N.º 212)

A ascenção de Christo. Museu n.º 83 (Cat. 1872 — N.º 215)

A ascenção da Virgem. Museu n.º 82 (Cat. 1872 — N.º 214)

O bom pastor (S. João Bapt). Museu n.º 1 (Cat. 1872 — N.º 211)

O pentecostes. Museu n.º 34 (Cat. 1872 — N.º 263)

A adoração dos pastores. Museu n.º 81 (Cat. 1872 — N.º 216)

[1] Noticia do Sr. Justi — O que parece fóra de duvida é que o livro de desenhos de Hollanda, hoje na Bibliotheca do Escorial, foi tambem um rapto de Felipe II.

A Veronica. Museu n.º 51 (Cat. 1872 — N.º 213)

E talvez, até novo exame, mais estes:

A Virgem com o menino e duas santas: Cat. de 1872—n.º 221.

Um pequeno quadrinho na Exposição retrospect. de 1882. Catalogo. Sala J. n.º 97 *Nossa Senhora com o menino.* Alt. 0,41—larg 0,31, pertencente á Casa Pia.

S. Juan de la Cruz dando o Estatuto ás freiras Carmelitas de Avila. Museu n.º 85 (Cat. 1872 n.º 276).

Poderemos accrescentar pela nossa parte: duas pequenas taboas, representando tambem Nossa Senhora com o Menino, uma pertencente ao nosso amigo J. M. Nepomuceno e outra do Museu Allen, hoje Museu Municipal do Porto (sem numero).

Justi louva muito este pintor, no qual Raczynski encontrou pouco merito (pag. 123 *Les Arts*). Je lui trouve un type particulier, mais bien peu de mérite.»

O autor allemão classifica-o na escola de Harlem e acha que tem grande afinidade com o celebre *Jan Joest*,[1] chamado de Kalkar; da mesma opinião é o dr. Scheibler, cuja competencia é universalmente reconhecida na especialidade dos quadros antigos allemães e flamengos.

B

Passemos agora á outra classe de pinturas, que procedem de artistas portuguezes, que estudaram nos Paizes-Baixos:

A influencia mais saliente é a do pintor *Quinten Metsy*[2]

[1] Este autor é chamado de *Kalkar*, porque é n'esta cidade que se guardava sua obra prima, o grande retavolo da egreja de S. Nicolau. O seu estylo approxima-se do dos contemporaneos de Meemlinc, oriundos da Hollanda (Escola de Harlem). Trabalhou de 1505 a 1508 n'esse retavolo e parece que morreu em 1519. (Woltmann, op. cit. Vol. II p. 492 e 530).

[2] E' o chefe da escola de Antuerpia. Nasceu antes de 1460 e morreu em 1530.

Este grande mestre gosou de immensa fama na Peninsula. Basta recordar que é o *unico* pintor flamengo que Francisco de Hol-

Justi encontrou os seguintes quadros que a comprovam :

O menino entre os doutores, pertencente á Sr.ª Condessa d'Edla (Exposição retrospect. de 1882).

A *apresentação no templo.*

A *fugida para o Egypto.*

Maria junto da Cruz ; estes tres da collecção Fidié[1] em Lisboa, e procedentes, bem como o anterior, do convento da Madre de Deus, fundação da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, que se distinguiu sobremodo pela protecção excepcional que dispensou ás lettras e ás artes:

Deve juntar-se o quadro do Museu nacional, baptisado com o nome de Holbein A *Virgem com o menino* n.º 546 (Cat. 1872 n.º 72) que foi da collecção do Conde de Farrobo.

Todos estes quadros, que poderiam pelo seu raro valor e pela factura ser attribuidos ao proprio Metsys, são nacionaes, assim como os que seguem:

Em Thomar: *O Baptismo*, a *Tentação* e as *Bodas de Caná*, de menor valor; mais amaneirados.

No Museu Nacional tres: um grande triptycho : *Christo na Cruz*, tendo nas portas *S. João Baptista* e o *Evangelista* ; [2]

S. Vicente e S. João Evangelista Mus. 44 (Cat. 1872—271) ;

S. Thiago e S. Agostinho Mus. 45 (Cat. 1872—272) ;

Estas obras não teem o mesmo merecimento das taboas da Madre de Deus (Condessa d'Edla e Fidié) mas podem, segundo Justi, ser do mesmo autor; aquellas representariam o artista na plenitude dos seus recursos, logo depois do regresso de Antuerpia; estas uma diminuição de forças, n'um meio inferior, em face de um publico menos exigente.

Quem é porém esse artista nacional, que tanto aprendeu na escola de Quinten Metsys? Justi crê que será o *Eduwart Portugaloys*, seu discipulo em 1504, proclamado *vrymeester* (mestre-pintor) da confraria de S. Lucas de Antuerpia em 1508.

No mesmo archivo da Gilde encontrámos:

Symon Portugaloys, discipulo de Goosen (Goswin) van der Weyden em 1504. Goswin foi, segundo Laborde, filho do grande Roger; segundo Crowe e Cavalcaselle, mais provavelmente, neto.

Affonso Castro (Allonse Crasto) discipulo do mesmo mestre em 1522.

Ha mais : *Hanneken* (*João*) *Valasco*, discipulo de Jacob Spueribol em 1540.

Pedro (Peeter) *de Castro*, discipulo de Jan Soezewint em 1559.

«Estes factos, diz o Sr. Prof. Justi, fornecem, com effeito, a chave para a avaliação de uma grande parte dos quadros antigos portuguezes.» [1]

---

landa incluiu na lista dos que elle chama *aguias*. (*Da Pintura antiga* fol . 179) ! E' sabido que Hollanda se pronuncia ostensivamente contra a pintura flamenga em geral. O nome d'este pintor varia nos documentos: Massys, Messys, Matsys e Metsys. Foi amigo de Durer e Erasmo, e d'ahi talvez as relações de Goes com este pintor, cujos quadros figuravam na galeria do celebre chronista.

[1] O pequeno museu de curiosidades de Fidié foi vendido em 1887 (?) em leilão por morte do possuidor.

[2] O Sr. Prof. Justi não indica o numero, provavelmente porque o viu n'algum corredor da Academia ; no cat. de 1883 não está.

[1] O sabio escriptor refere-se n'esta passagem aos nossos trabalhos sobre historia da arte nacional com palavras de tanto louvor, que não podemos deixar de as agradecer aqui publicamente ; ao mesmo tempo sublinha a grande importancia que o achado d'estes nomes tem para a historia da pintura portugueza. Os nomes foram citados pela primeira vez por nós das fontes hollandezas na *Carta* ao Dr. Simões de 10 de março de 1878, na *Renascença*.

Simões não percebeu, ou fingiu não perceber o válor da descoberta e deu no mesmo jornal uma resposta pueril, sem senso commum.

Os nomes foram encontrados nos annaes da confraria dos pintores de Antuerpia : Rombouts & van Lerius. *De Liggeren en andere historische archieven der antwerpsche sint Lucas gilde.* Antwerpen, 1872—1876, 2 vol. 4.º gr.

E' muito provavel que estes artistas estudassem em Flandres á custa de D. João II e de D. Manoel, sob a vigilancia dos feitores. [1]

Assim como o Sr. Justi conseguiu achar os quadros que se relacionam com o discipulo portuguez de Metsys, é possivel que encontre mais tarde as obras dos outros *boursiers* ou pensionistas portuguezes.

Justi filia ainda na Escola de Antuerpia um outro artista portuguez, o autor dos quadros que Raczynski baptisou:

São Bento (da Saude), pela proveniencia das taboas. Os seus trabalhos teem muita analogia com os de um chamado Konrad Fyoll, cujas obras se encontram em Francfort sobre o Meno. [1] Este Fyoll tem bastante similhança com mestre Quinten Metsys.

A serie dos quadros do mestre de São Bento é numerosa:

A Visitação de Nossa Senhora. Mus. 4 (Cat. 1872—236).

A *Epiphania*, Mus. 5 (Cat. 1872—237).

A apresentação no templo, Mus. 6 (Cat. 1872—238).

O menino entre os doutores, Mus. 7 (Cat. 1872—239).

Accrescem os seguintes de Coimbra: V. pag. 1871.

---

[1] Já averiguámos nos nossos trabalhos que os feitores de Portugal em Antuerpia eram, por assim dizer, os tutores dos numerosos estudantes portuguezes que a corôa subsidiava em França e em Flandres. Em Paris chegaram a reunir-se cincoenta *boursiers* portuguezes! Vid. *Archeol. artist.* fasc. IV pag. 46. As numerosas edições de obras de autores portuguezes, feitas nas mais celebres officinas da Europa, não só de humanistas, em latim, mas tambem em lingua portugueza, só se podem explicar por intervenção dos feitores. Vide as provas no nosso ensaio: *A feitoria de Portugal em Flandres.* Porto, 1885, n'um opusculo do Atheneu commercial do Porto.

As relações dos feitores com os celebres artistas flamengos e allemães do seculo XV e XVI foram amplamente documentadas por nós em 1877.

[1] Aliás pseudo Fyoll, diz o sr. Justi, porque o Konrad Fyoll, citado em documentos de 1471-1476, não pode ser o pintor que tem grande analogia com o Mestre de S. Bento, e cujas obras se encontram em Francfort; este pintor de Francfort pertence ao principio do seculo XVI, e approxima-se de Quinten Metsys e da Escola de Antuerpia. Vid. Woltmann, *op. cit.* vol. II, pag. 98; e Schnaase, *Geschichte der bildenden Kunste.* Stuttgart, vol. VIII pag. 376 e segg.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

EMENDAS E ADITAMENTOS

Á MEMORIA SOBRE GRÃO-VASCO

A nota, *Segundo Ensaio*, á frente d'este estudo, allude ao primeiro Ensaio, publicado em 1881: *A pintura portugueza*, etc.

Pagina 1861, columna 2.ª linha 30—A. Y. Pereira—leia-se: A. J. Pereira.

Pagina 1866, columna 2.ª linha 10—Os de portuguezes... Depois da palavra *regresso*, accrescentar: e os de seus alumnos.

Pagina 1867, columna 2.ª linha 11—dos que vêem—leia-se: dos que se veem.

Pagina 1868, columna 2.ª linha 34 e 35— E' de outro artista flamengo *A fugida para o Egypto.*

Elimine-se a designação Acad. Cat. 1872, n.º 229. A referencia do sr. Prof. Justi allude a um quadro do Convento da Madre de Deus. A nota 3 á mesma passagem é, pois, superflua.

Pagina 1869, columna 1.ª linha 14—Felipe III—leia-se: Felipe IV.

Pagina 1869, columna 2.ª ultima linha — Metsy—leia-se: Metsys; e na nota immediata leia-se: Memlinc em logar de Meemlinc.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 17 — n.º 546 (Cat. 1872, n.º 72)—leia-se: (Cat. 1872, n.º 148), que corresponde ao n.º 546 do Cat. de 1883.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 23 — Em Thomar. Accrescente-se: na Egreja de S. João Baptista.

Pagina 1870, columna 1.ª linha 26 — No Museu Nacional—leia-se: na Academia, em S. Francisco. Depois do titulo *Christo na cruz*, junte-se: ladeado por Nossa Senhora e S. João Baptista.

Pagina 1871, columna 1.ª linha 3—O *Imperador Heraclio* e o retavolo com *S. Cosme e São Damião* são ambos do depossoposito d Universidade.

Pagina 1872, columna 1.ª linha 24 24 — N. galeria Raczynski deve contar-se maaimmais un quadro portuguez do typo Velascus. B.is. E' un triptycho *A paixão de Nossa Senhorai rora junt da cruz, com S. João Baptista e S. Jeroonrieronymo* n.º 122 do Cat. de 1876.

Pag. 1877, columna 2.ª linha 15— (d— — depois da palavra Sé, accrescentar: e da geig geração anterior.

Pagina 1880, columna 1.ª linha 6 — — — desvanecem-se—leia-se: Desvaneceu-se.

Pagina 1881, columna 1.ª nota 1.ª liinli linha 7 —são os seguintes — leia-se : as seguiiuguintes; depois da data 1537 leia-se *no* portal;; d; ul; onde diz convento de freiras, junte-se: capuonpuchas da Madre de Deus.

Pagina 1883, columna 2.ª linha 6— D I- Dresden Cat. Ved. franc. — corte-se o V, e le e leia-se: edição.

A monographia do sr. Prof. Justi sose sobre Velasquez, a que se allude a pagina 1881 1888, nota 1, sahiu em fins de 1888. *Diego VeleVelazquez und sein Iahrhundert.* Bonn. 1888,8,38, ed. Max Cohen. 2 vol. 8.º gr. de VIII-4442-428 e X-434 pag. Como era de esperar, é um n m lavor litterario de primeira ordem, em tododo o sentido.

JOAQUIM DE VASCONCELLOSOS.OS.

A Crucificação, na Sacristia de Santa Cruz em Coimbra.

O Imperador Heraclio, restituindo a sagrada cruz a Jerusalem.

Um retavolo com *S. Cosme e S. Damião*, ambos no deposito dos quadros da Universidade.

E mais os seguintes na egreja do Convento de S. Francisco, de Evora:

A' entrada da Capella-mór, nos altares lateraes, do lado do Evangelho e da Epistola:

A estygmatisação de São Francisco.

Santo Antonio, prégando aos peixes.

Santa Clara.

O archanjo São Miguel; e mais uma *Pietà* na crypta da egreja. [1]

Ainda ao mesmo pintor do São Bento attribue o Sr. Justi parte dos quadros do convento de Jesus de Setubal, sem, comtudo, os especialisar; e em Lisboa:

Nossa Senhora da Conceição, quadro que estava na Academia, sem numero, e não apparece no Museu nacional.

O Padre eterno — Mus. n.º 28 (Cát. 1872 — n.º 258).

O casamento de D. Manoel na Misericordia de Lisboa, que esteve na Exposição de arte ornamental de 1882. [2]

Todos os quadros d'este auctor, diz o Sr. Justi, são superiores ás quatro scenas da lenda de Santa Ursula (Madre de Deus).

No capitulo *Velascus*, chega o escriptor allemão ao seguinte agrupamento:

O Pentecostes, na Sacristia de Santa Cruz, assignado.

O Ecce homo, ahi mesmo.

Santa Helena descobrindo a Sagrada Cruz no patamar da escada que conduz ao *Sacrario.*

Oito quadros, que foram do convento do Paraizo, e estão hoje no Museu nacional; incluindo todo o grupo que Raczynski designou *Abram Prim.* São:

Mus. n.º 8; Cat. - 1872 — 223: — *Casamento de Nossa Senhora.*

Mus. n.º 9; Cat - 1872 — 224: — *Annunciação.*

Mus. n.º 10; Cat - 1872 — 225: — *Visitação.*

Mus. n.º 11; Cat - 1872 — 226:—*Adoração dos pastores.*

Mus. n.º 12; Cat - 1872 — 227:—*Epiphania.*

Mus. n.º 13; Cat - 1872 — 228: — *Apresentação do templo.*

Mus. n.º 14; Cat - 1872 — 229: — *Fugida para o Egypto.*

Mus. n.º 15; Cat - 1872 — 230: — *Transito de Nossa Senhora.*

Mus. n.º 30; Cat - 1872 — 268: — *Nossa Senhora com o menino e varios anjos*, brincando no Jardim do Paraizo.

Na egreja de S. João Baptista de Thomar.

Abrahão e Melchisedek.

O Maná no deserto.

Missa de S. Gregorio, Papa.

A degolação de S. João Baptista.

A *apresentação da cabeça do Santo.*

O sr. prof. Justi nota que Raczynski achou estes quadros de Thomar *fracos* e até *detestaveis*! (*Les arts* pag. 127 e ainda pag.

---

[1] As indicações de Raczynski não concordam; e as nossas notas, tomadas em Evora, são tambem differentes. Os quadros estão dispostos do seguinte modo: no altar do lado do Evangelho: *S. Francisco recebendo os stigmas, e Santo Antonio prégando aos peixes*; por debaixo do primeiro *São Bernardo* (ou S. Bernardino de Siena; um Santo, rejeitando tres mitras) e por debaixo do outro *Santa Clara.* No altar do lado da epistola O *anjo da guarda*, com as armas reaes de Portugal, e *São Miguel*; por debaixo *S. Jeronymo* e outro Santo. São, ao todo, oito pinturas.

[2] Este quadro foi, durante muito tempo, attribuido a Blas del Prado! O absurdo salta aos olhos de quem viu os quadros authenticos d'este artista em Madrid. Vid. Cean-Bermudez vol. IV. p. 116; o culpado foi Guarienti (1753) vid. Raczynski *Les arts* p. 317.

O Abbade de Castro publicou sobre este quadro o seguinte opusculo: *Resumo historico sobre o quadro pintado a oleo, representando o acto do casamento d'El-Rei o Senhor D. Manoel com a Senhora D. Leonor* etc. Lisboa, 1871. 8.º de 6 pag. Pouco ou nenhum valor tem.

481), gabando os de Lisboa, que devia ter reconhecido como obra do mesmo pincel.

No convento de Jesus, em Setubal, onde ja encontrámos o mestre de São Bento, os seguintes:

A *Annunciação.*

A Adoração dos pastores.

A Epiphania.

A Ressurreição.

O sr. prof. Justi acha que não é facil distinguir em Setubal os trabalhos do mestre de São Bento e os de Velascus. O primeiro tem figuras de proporções esbeltas, cabeças sobre o comprido, de feição flamenga, dedos compridos e delgados, gesticulação animada e tonalidade clara. Velascus apresenta proporções curtas (Raczynski diz *tozze*) cabeças sobre o largo, de feição meridional, mãos curtas e largas. Em seguida compara os typos portuguezes d'este pintor com outras figuras de monumentos nacionaes em Belem, em Santa Cruz, etc.

Para completar a lista cita ainda os dois quadros da Galeria Raczynski de Berlim:[1] *Santa Catharina* com *Santa Barbara*; e *Santa Apolonia* com *Santa Ignez;* são *pendants* em Lisboa os quadros do Museu nacional n.º 52 (Cat. 1872 n.º 274) que representa *Santa Luzia* com *Santa Agatha;* e o n.º 53 (Cat. 1872 n.º 273), que representa *Santa Margarida* com *Santa Maria Magdalena.*

Os quadros da Galeria Raczynski foram da Galeria do Marquez de Penalva.

A proposito d'este Velascus tóca o sr. prof. Justi, de passagem, na questão *Grão Vasco,* observando que *Velasco* e *Vasco* são o mesmo nome; a primeira fórma antiga, não contrahida ainda; a segunda, já contrahida pela quéda da liquida *l*, e fusão das duas vogaes *e-a* (por assimilação *a-a*). Do mesmo modo como de Pelayo nasce Payo; de Melendez, Mendez; de Venegas, Vegas, de color, côr, chega-se de Velasco a Vasco, em perfeita concordancia com as leis phoneticas da lingua portugueza, como já atraz notámos.

Nos *Portugalliae Monumenta* apparecem as fórmas Valascus, Valasco, Velasco, Vasco; os apellidos Velasquiz, Valasqui, Velasci e Vaasquiz.[1]

Occorre aqui, naturalmente o nome de João Valasco, discipulo de Jacob Spueriboł em 1540, mas o sr. prof. Justi não crê isso provavel, por causa da differença radical entre o estylo de Velascus e o que então reinava em Antuerpia. O mesmo auctor inclina-se a crêr que o Velascus de Coimbra é, com effeito, o Grão-Vasco da tradição: «A sua actividade nos monumentos de fundação regia, o grande numero dos seus trabalhos, o desenvolvimento da sua escola, a concepção nacional das suas physiognomias, a jovialidade e a graça das suas figuras femininas, o movimento dramatico, arrebatador das suas grandes obras: todas estas circumstancias eram muito proprias para fazerem d'elle o pintor favorito da nação, por que não seria o modo puramente flamengo, sempre um pouco estranho e frio, o que podia agradar aos portuguezes.»

«A absorpção, poderemos ainda accrescentar, começaria do seguinte módo: omittindo-se o nome dos seus collaboradores: do Mestre de São Bento, hoje representado em Coimbra e em Setubal, e do mestre Eduardo (Portugaloys) em Thomar.»

Passando ao *Vasco Fernandez,* pintor de

---

[1] Teem no catalogo, edição de 1876, os n.ºs 74 e 125.

[1] Temos pois, em conclusão: Velasco, fórma antiga de Vasco; Velascus, tradução latina de Velasco ou Vasco; Vasquez ou Vasques (apellido) significa filho de Velasco ou Vasco. Em hespanhol ha: o nome de baptismo Velasco e o apellido Velasquez, que significa filho de Velasco: tambem apparece frequentemente no sec. XVI, e ainda depois, a fórma portugueza Vasquez (só com z) como apellido. Na Italia chamavam no sec. XV um portuguez Vasco—*Velasco di Portogallo* jurisconsulto illustre que estudou em Bologna, e gozou de grande fama em toda a Italia no meado do sec. XV (*Vite di uomini illustri del secolo* XV scritte da Vespasiano da Bisticci ed. Angelo Mai; Firenze, 1859 pag. 520 e seg.)

Viseu, o escriptor allemão separa-o clara e definitivamente do anterior.

Segundo o Ms. de Botelho Pereira a disposição dos quadros era a seguinte:

A *Paixão* na capella de Jesus, o unico que ficou no seu primitivo logar.

O *São Sebastião* n'uma capella do Claustro, provavelmente n'uma capella do mesmo nome, fundada pelo bispo D. Gonçalo Pinheiro;[1] d'esta fundação falla o ms. de Botelho Pereira.

São Pedro no altar de uma capella, á direita da Capella-Mór, onde hoje está a sua estatua.

O *Baptismo de Christo*, na capella de S. João Baptista.[2] Os pequenos quadros da *Predela*, são doze, representando varios santos.

O escriptor allemão é de parecer que o pintor d'estes quadros representa uma individualidade distincta, e que não é o mesmo que nos legou o quadro assignado *Velascus;* comtudo, não é um artista excepcional, nem tem as proporções que quizeram dar-lhe. Como encontrou em Viseu tambem um quadro do *Pentecostes*, serve-lhe este quadro para decidir a questão. O de Viseu julga-o uma imitação do de Coimbra, mas de merito muito inferior, uma traducção em linguagem vulgar. Perfeitamente d'accordo.

«Foi, diz o sr. Justi, um artista muito conhecedor do seu officio; as extremidades das suas figuras, assim como as proporções em geral, estão bem estudadas e acabadas, um pouco sobre o comprido; as roupagens teem estylo e caem naturalmente, seguindo os movimentos do corpo; mas os rostos das figuras, os movimentos e gestos são extremamente monotonos, amaneirados, e ao mesmo tempo vulgares e inexpressivos. Novo é o effeito do claro-escuro. Para conseguir a modelação emprega sombras em que predomina um tom castanho carregado, que se aproxima do negro; o effeito total é muito sombrio, como se olhassemos para dentro de um subterraneo.»[1] A opinião do critico ácerca dos restantes quadros não é muito

---

[1] Folheámos os escriptos menores latinos do humânista e archeologo André de Rezende, de seus amigos e discipulos, na esperança de encontrarmos alguma noticia dos quadros de Viseu nas composições que dedicaram a pessoas e a logares celebres da cidade e arredores, no meado e na segunda metade do sec. XVI.

Nem na vida do bispo D. Gonçalo Pinheiro por Diogo Mendes de Vasconcellos (pag. 331–355), onde se referem as importantes obras que fez em Fontello; nem no extenso poema *Fontellum*, que celebra as bellezas da quinta, dedicado por Antonio Cabedo ao mesmo bispo (pag. 534–542) se encontram vestigios de Grão-Vasco. Estes trabalhos formam a segunda parte da seguinte edição das obras de Rezende: *De antiqvitatibvs Lvsitaniae libri quatuor* promovida pelo Dr. Gonçalo Mendes de Vasconcellos e Antonio Cabedo. Romae, apud Bernardum Basam, 1597. 8.º Toda a 2.ª Parte (pag. 321–576) contem cartas e poesias dos auctores citados e de Miguel Cabedo, D. Gonçalo Pinheiro, do Cardeal Stephani, de Ignacio de Moraes, Manoel Pimenta, Jeronymo Osorio (Bispo de Silves). Pedro Mendes, Luiz Pereira, etc. Note-se que esta familia dos Pinheiros, poderosa e rica, tinha intimas relações com as principaes casas de Setubal, principalmente com os humanistas da familia dos Cabedos; e em Evora com os antiquarios e humanistas da familia Mendes de Vasconcellos. Ora, Viseu, Setubal e Evora possuem quadros muito importantes da escola do Grão-Vasco.

[2] O Ms. de Botelho Pereira diz, com relação a estes quadros, o seguinte:

«Vasco Frz se chamava o Autor de tão maravilhosas pinturas, o qual tambem o foi das collateraes de S. Pedro e S. João Baptista, altar privilegiado todas as segundas-feiras, bem grandissimo para as almas do purgatorio; tambem pintou o de Santa Anna e Sam Sebastião dos Claustros, e o de Jesus que é o da Capella do Bispo Dom João o Protector» (pag. 553). Poderá offerecer reparo a desiguação *Santa Anna*, quando o quadro representa o *Pentecostes;* mas é possivel que a designação fosse a da Capella em que o quadro estava. Tambem o S. *Sebastião* estava n'uma capella que, tendo a invocação d'este santo, se chamou da *Vera Cruz*, quando o Bispo Dom Gonçalo Pinheiro a reedificou.

[1] Esta opinião parece dever applicar-se tão somente ao quadro do *Pentecostes*.

favoravel, incluindo o da *Crucificação*, que Raczynski distinguiu, mandando-o gravar, com o *São Pedro*, para o seu *Dictionnaire*.

Comquanto reconheça qualidades e merecimentos notaveis no São Pedro, certamente a taboa mais notavel do grupo, parece-lhe antes uma grande figura de representação, uma acção puramente liturgica. Como concepção, não é nova; estas figuras são elemento obrigado no centro dos grandes retavolos da Edade Media. Sentindo, porém, que o quadro merece occupar uma posição á parte, o sr. prof. Justi julga que póde ser talvez de outro auctor: «as cabeças de anjos da casula apresentam o typo de Velascus.» [1]

Estamos pois, como o leitor vê, muito longe do enthusiasmo que o São Pedro tem despertado na maioria dos visitantes de Viseu. Um d'elles, estrangeiro, e insuspeito, o sr. Crawfurd p. ex. diz o seguinte:

«Qual foi o meu espanto, quando depois de um leve ranger da chave, a porta se abriu e eu me achei em face de uma das maiores obras primas da pintura! Nem mesmo diante das mais extraordinarias pinturas do mundo, das poucas que existem, como a Madonna (sixtina) de Raphael em Dresden, ou os grandes frescos do Vaticano, ou da capella Sixtina, senti tão distinctamente que estava em frente da obra de um grande e singular genio; e mesmo agora, apesar de serem passados alguns annos, não hesito um momento em repetir e confirmar a minha opinião: que a grande pintura de Viseu emparelha com as seis ou sete obras primas que existem no mundo.» [2]

Note-se que esta opinião é a de um critico que julga muito desfavoravelmente o merito dos quadros portuguezes existentes na Academia de Lisboa,[1] (hoje *Museu nacional*), e reduz muito as pretensões dos criticos nacionaes a uma chamada *Escola de pintura portugueza*.

Seja como fôr, parece que o juizo formulado pelo escriptor inglez levou a *Arundel-Society* de Londres a mandar um pintor a Viseu para copiar o *São Pedro*, a fim de o incluir na galeria das suas famosas publicações.[1]

Não discutiremos aqui as opiniões extremas do sr. Justi e do sr. Crawfurd; diremos sómente com relação aos quadros da Sacristia o seguinte:

Que os dois quadros do *Pentecostes* não nos parecem do mesmo auctor; que o de Viseu é muito inferior ao de Coimbra; e só poderá ser considerado como um plagiato. Assim o declarámos em 1880 ao sr. Ad. de Ceuleneer, que foi da mesma opinião, depois de ter visto os quadros de Coimbra e Viseu.[2] Crêmos que o de Viseu foi pintado na dita cidade, porque na abobada, representada na taboa, figura o mesmo cordão que se vê na abobada da Sé, e que simula um artezoado; a architectura é a mesma. O cordão, com nós de espaço a espaço, parece uma allusão symbolica ao Bispo D. Diego Ortiz de Villegas[3] que

---

[1] Como vimos, o sr. Robinson tambem duvida que os quatro quadros grandes da Sacristia sejam do mesmo auctor.

[2] *Travels in Portugal* 3.ª ed. pag. 258.

[1] Ibid. pag. 192-196.

[1] Foi o prof. Emilio Constantini de Florença que copiou o quadro, Agosto de 1887. Alguns jornaes citaram o nome de outro pintor: Desideri, que era esperado em Lisboa em dezembro de 1886; julgamos haver engano.

O 39.º Relatorio annual do Conselho de Administração da *Arundel Society* (junho de 1888) diz que a missão do prof. Constantini custou á Sociedade 181 lib. 9 sh. 8 d, quantia avultada, em virtude de circumstancias extraordinarias e difficuldades da viagem. O Balanço d'esta Sociedade, protectora das Bellas-Artes, subiu desde 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1887 á quantia de lib. 6:321 2 sh, 11 d. Desideri figura tambem como pintor-copista da Sociedade.

[2] Pouco antes, tinha o nosso amigo o sr. Antonio Augusto Gonçalves, de Coimbra, tirado um esboceto do *Pentecostes* de Viseu, para fazermos a confrontação com o quadro da Sacristia de Santa Cruz.

[3] Este mesmo prelado presidiu á cerimonia com que se inauguraram as obras de reconstrucção do convento de Jesus em Se-

reconstruiu a cathedral[1], sagrando-a novamente em 1516; no fecho da abobada do côro encontram-se as suas armas, com uma inscripção allusiva e a data 1513. Segundo o ms. de Manoel Botelho Pereira de 1630, no retavolo do altar-mór da Sé[2] estava ao lado do escudo do Bispo D. Fernando de Miranda, o de Ortiz, que governou o bispado de 1507–1519, anno em que falleceu em Almeirim.

Para voltar ao quadro do *Pentecostes* recordaremos que o exemplar de Viseu não está isolado; na matriz de Soure encontrámos em 1885 um outro *Pentecostes*, que pelo estylo das figuras e da parte architectonica deve ser de 1550, e que é uma reminiscencia evidente do exemplar de Coimbra; outro quadro, ainda do *Pentecostes*, que recorda o de Coimbra em alguns detalhes, encontrámol-o na Exposição districtal de Aveiro em 1882; devia ser da mesma epoca ou pouco posterior (1550–1570). Isto prova a reputação de que Velascus gosou no seu tempo e a fama dos seus quadros.

Para concluir com os quadros da Sacristia, resumiremos a nossa opinião em poucas palavras:

Os tres quadros grandes, começando pelo *S. Pedro*, (cujo merito superior reconhecemos), o *Baptismo* e o *S. Sebastião* são do mesmo auctor; é possivel que o *Calvario* da Capella de Jesus lhe pertença tambem, mas a concepção e execução é inferior á dos outros quadros. O *Calvario* de Coimbra é, sem duvida, obra muito mais notavel do que o da Sé visiense. O *Pentecostes* de Viseu é de outro pincel, talvez de algum discipulo do auctor de S. Pedro e das outras taboas, e deve considerar-se como um plagiato da taboa de Coimbra. Os doze quadros da *Predela* são dignos de elogio pela sua execução; as cabeças dos dezeseis[3] santos e santas, são, em geral, caracteristicas bem modeladas, energicas as dos homens, cheias de expressão e de vida; as das santas acabadas com amor e arte não vulgar; a paisagem em alguns dos quadros é bellissima, o colorido intenso e brilhante; os accessorios sempre pintados com primor. Estes quadros menores teem sido tratados, em geral, com pouca justiça. Parece nos que pouco ou nada soffreram dos restauradores, o que é mais uma circumstancia que realça o seu valor. Os quadros grandes, principalmente o do

---

tubal, no reinado de D. Manoel, onde ha importantes quadros portuguezes; n'um d'elles, que representa *Santa Clara*, *Santa Ignez* e outras santas, vê-se a portada do convento.

[1] O padre João Col diz no *Catalogo dos Prelados da Egreja de Viseu* (Acad. Real de Historia) «Refez este Bispo a Cathedral e a sagrou no mez de julho do anno de 1516.» Sendo a inscripção do côro, allusiva ao mesmo Bispo, de 1513 póde dizer-se que foi quasi uma reconstrucção! Toda a obra da abobada, tanto no corpo da egreja, como no côro, é sua: «dantes hera forro de madeira» (Ms. de Botelho Pereira, pag 556).

[2] Não se sabe que retavolo era esse, nem o quadro ou quadros que o compunham. Ninguem o explica. O sr. Theophilo Braga (que nunca esteve em Viseu) julga que era um *Descimento da Cruz*, quadro «authenticado (sic) no ms. de Botelho, da Bibliotheca do Porto, pag. 553». Não pudemos achar vestigio de semelhante citação nos mss. que o escriptor diz ter consultado; nem conseguimos adivinhar de onde veio semelhante descoberta, e semelhante quadro—que nenhum escriptor, dos que escreveram sobre o Grão Vasco, cita!

São conhecidos apenas dois quadros com o *Descimento da Cruz*, pertencentes á região de Viseu: o quadro que foi do sr. Pereira e um que existe em S. Francisco d'Orgens. Quererá o sr. T. Braga alludir ao primeiro? Mas Pereira confessou a Simões que o seu quadro era do mesmo convento de Orgens! A citação de Ms. de Pereira diz apenas: «hum escudo das armas d'este Prelado (i. è: D. Fernando de Miranda) e de sua geração está em o retabolo do Altar mayor da Sé com outro de Dom Ortiz de Villegas seu successor donde infiro que hum o mandou fazer e outro o mandou juntar.» Parece alludir-se a um retavolo composto de varios quadros; um encommendaria a pintura, e o outro mandaria juntar e inserir as taboas na armação da talha. Serão os quadros da Casa do Capitulo? O sr. prof. Justi julga que estes quadros pertenceram a um grande retavolo, cuja peça central se perdeu. Ou estaria a serie dos quatorze quadros distribuidos no côro?

[3] Sachristia da Sé de Viseu. A disposição era a seguinte (1885):

Baptismo e de *S. Sebastião* foram repintados de uma maneira atroz pelo sr. Antonio José Pereira, pouco antes da ultima visita de SS. MM. a Vizeu (1882); e se o S. Pedro escapou é porque os conegos da Sé tiveram uns restos de remorsos. Quando vimos as pinturas de Viseu pela primeira vez, em 1879, os dois quadros (*Baptismo* e *S. Sebastião*) estavam bastante damnificados, e retocados em algumas partes; temos notas minuciosas sobre o estado em que encontrámos então os quadros. Voltando a Viseu em 1881 com o nosso amigo sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor de desenho da Escola Broteiro, de Coimbra, encontrámos os quadros no mesmo estado, mas pouco depois soubemos do vandalismo commettido por Antonio José. Duvidámos, a principio, e quizemos convencer-nos: vêr com os proprios olhos! Em 1885 voltámos pela terceira vez á antiga cidade e reconhecemos a bella obra do dilecto filho de Viseu em toda a sua magnitude! Com effeito, os Srs. Conegos podem-se gabar da bella inspiração que tiveram, assim como o ministro que propoz a S. M. El-rei o habito de São Thiago para esse pretendente á gloria de Grão-Vasco—em paga de ter apresentado os veneraveis quadros tão bonitos e tão

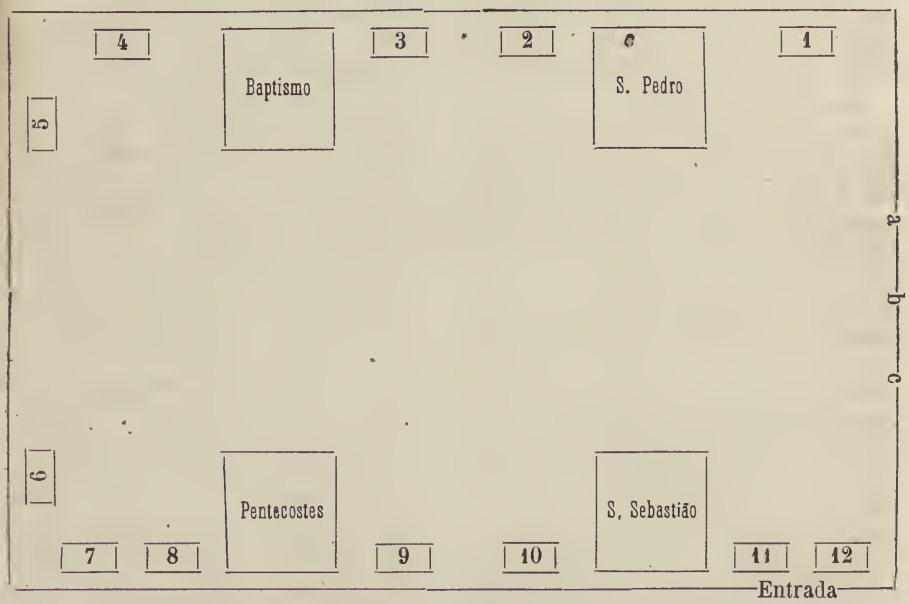

a, *b*, *c*—janellas, sendo *b* a menor; por cima de *b* um postigo oval.
* Christo crucificado (esculptura).

Os quadros menores 6 a 12 estão suspensos do friso sobre que assenta o tecto de madeira pintado de arabescos. São, salvo erro:

1. São Paulo e São Thiago.
2. São João Evangelista e Santo André.
3. São Jeronymo.
4. São Pacomio (?)
5. São Pedro *in vincula* e S. José.
6. Santa Barbara e Santa Margarida de Antiochia.
7. Santo Antonio, Eremita.
8. Santo Estevão.
9. São Braz.
10. Santa Luzia.
11. São Roque.
12. Santa Catharina.

fresquinhos aos Augustos Personagens... Já antes d'isso o mesmo Antonio José tinha vandalisado com as suas restaurações os tres pequenos quadros da Sacristia da Misericordia (*Transito da Virgem, Degolação dos Innocentes* e outro, de assumpto desconhecido); a tentativa agradou aos entendedores de Viseu; a imprensa local applaudiu; e mestre Antonio José levantou o vôo, e lá foi pôr o seu ôvo no ninho da aguia. Em Viseu dissemos mais de uma vez a todos quantos nos quizeram ouvir que esse individuo era indigno de servir sequer de preparador de tintas do autor do *S. Pedro.*

Elle monopolisava então em Viseu toda a fama do Grão-Vasco; — ai! do forasteiro que se esquecesse de lhe fazer a visita de respeito! E á sombra do Grão-Vasco ia agenciando os seus pequenos negocios de copista e plagiario, com que deleitou differentes inglezes, alguns fidalgos devotos, varias beatas ricas e as venerandas confrarias e irmandades do districto de Viseu, cujos estandartes e guiões *illuminou* para maior luzimento das procissões do districto. Raczynski encontrou-o em 1844 a copiar o *S. Jeronymo* da Sacristia da Sé; e n'esse santo mister de copista o fomos encontrar *trinta e cinco annos* depois, ás voltas com o mesmo *S. Jeronymo*! Nunca passou d'ahi—de ser um soffrivel copista de um pequeno quadro e de mais tres ou quatro cabeças, que tem repetido toda a sua vida. Era necessario sublinhar devidamente esta questão: Antonio José *versus* Grão-Vasco, aliás teriamos d'aqui a um ou dois seculos uma nova questão Grão-Vasco, mais embrulhada do que a primeira: a moderna celebridade visiense eclipsando a antiga! e... empalmando-lhe a gloria.

.....

.....

Ainda em outra questão discorda o Sr. Justi da opinião dos antecessores, no que diz respeito aos quadros de Fontello, que elogia muito, considerando-os como typicos e bem nacionaes. São de um pintor anonymo, que elle separa de todos os já citados. As taboas são duas, e representam a *Ultima Ceia* e *Jesus Christo em casa de Martha e Magdalena.* O critico allemão julga-os superiores aos quadros da Sacristia da Sé; infelizmente, estão muito maltratados pelo tempo, sobretudo o ultimo.

A hypothese que o Sr. Prof. Justi intercalla n'este logar, a proposito de *Vasco Fernandez do Casal,* e da sua relação com Grão-Vasco, suppondo-o talvez discipulo de *Velascus,* não nos parece acceitavel. Esse nome foi logo abandonado por Raczynski, como já vimos, e não merece discussão.

Por ultimo menciona o Sr. Justi ainda outro pintor anonymo e fecha, com chave de ouro, o seu estudo, estabelecendo a relação dos quadros da Sala do Capitulo da Sé de Viseu com uma serie de pinturas do Museu nacional.

Os quadros da sala do capitulo são quatorze: [1]

[1] Sala do Capitulo; disposição em 1885:

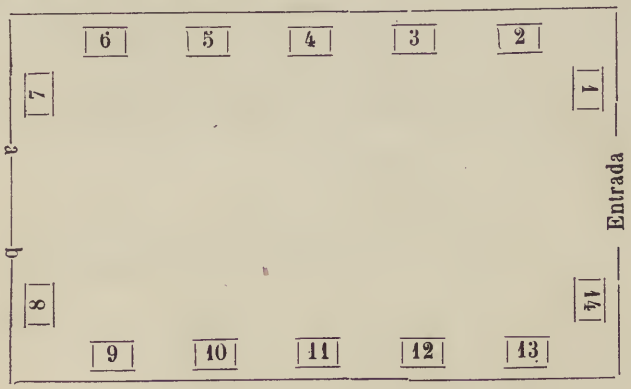

1 A Annunciação.

2 A Visitação, Nossa Senhora, entrando em casa de Zacharias, sauda Santa Isabel.

3 A Natividade.

A Circumcisão.

5 A Adoração dos Reis Magos.

6 A Apresentação no templo.

7 A Fugida para o Egypto. Seguem os quadros da Paixão:

8 A Ceia.

9 Christo no Jardim das Oliveiras.

10 A Prisão.

11 O Descimento da Cruz.

12 A Resurreição.

13 A Ascensão.

14 O Pentecostes.

Com esta imponente série de quadros, que são indubitavelmente do mesmo auctor, e que dão uma alta idéa das suas faculdades, relaciona o Sr. Prof. Justi os seguintes do Museu nacional:

Nossa Senhora assentada sobre um throno de Marmore, com o menino ao collo, e dois anjos. Museu. n.º 25; Cat. 1872 n.º 222; Laurent n.º 683.

S. João ensinando a orar o principe D. João (nascido em 1502); Museu 27 (Cat. 1872 n.º 252). [1]

S. Domingos ensinando a orar um outro principe, Museu 31 (Cat. 1872 n.º 253).

O estylo da pintura, a composição, os accessorios, a concordancia nas dimensões, tudo leva a crer que as tres taboas constituem um *triptycho,* na opinião do Sr. Prof. Justi. Ligadas as peças, teriamos a apresentação de dous principes á Virgem, pelos respectivos padroeiros. E' evidente que os santos apresentavam os seus protegidos a alguem, mas nenhum critico antes do escriptor allemão lembrou a integração; na opinião do mesmo autor, o segundo infante seria D. Affonso nascido em 1509. A analyse, que o sabio professor faz dos tres quadros, convence quem tiver, como nós, bem presentes na memoria, as feições caracteristicas da série da casa do Capitulo, e tiver tirado as notas sufficientes.

Mais notavel ainda é a relação de todo o grupo com os seguintes quadros, tambem grandes e tambem quadrados como os da Sacristia da Sé de Vizeu:

A Virgem, o Menino, Santa Julita e S. Guerito (Cyriaco). Museu 678 (Cat - 1872 — n.º 200. Dimensões 2,^{m}40 × 2,^{m}02.

Suzana e os dous accusadores perante o propheta Daniel; Museu 679 (Cat. - 1872 — n.º 209. Mesmas dimensões.

Finalmente, os seguintes, relativos á paixão de Christo:

Christo no horto das Oliveiras; Museu 97 (Cat - 1872 — n.º 284).

Christo no caminho para o Calvario; Museu 96 (Cat - 1872 — n.º 285).

O Descimento da Cruz; Museu 95 (Cat - 1872 — n.º 280).

O Enterro; Museu 98 (Cat. - 1872 — n.º 279).

O Sr. Prof. Justi não indica os numeros correspondentes dos Catalogos de 1872 e de 1883; comtudo, parece-nos fóra de duvida que são esses os quadros a que allude, porque antes de lermos o seu valioso estudo já tinhamos agrupado nos nossos cadernos essas quatro taboas da Paixão com a série da casa do Capitulo, por motivos intrinsecos. Concordamos plenamente com os resultados do sabio allemão ainda n'este ponto.

Esta ligação da série de Vizeu com *nove* quadros importantes de Lisboa é um resultado de primeira ordem, em nossa opinião, porque d'ahi resulta, cada vez mais eviden-

---

a e *b* janellas que deitam para uma varanda.

1 Ceia,—2 Horto,—3 Prisão,—4 Descimento,— 5 Resurreição,—6 Ascensão,—7 Pentecostes,—8 Annunciação,—9 Visitação,—10 Natividade,—11 Circumcisão,—12 Epiphania,—13 Apresentação,—14 Fugida.

[1] Este quadro foi publicado em Outubro de 1843 no *Jornal de Bellas Artes;* no mesmo numero sahiu uma boa lithographia do quadro da *Epiphania,* actualmente n.º 5 do Museu nacional (Cat - 1872 n.º 237).

te, a conclusão de que os notaveis pintores do sec. XVI, incluindo os de Vizeu, não estiveram reclusos, sequestrados n'uma qualquer cidade da provincia; a sua fama correu pelo paiz. Os notaveis pintores representados hoje em Vizeu, em Coimbra, em Thomar, em Setubal, no Museu de Lisboa, em Evora, e ainda ha pouco em Lamego [1] espalharam as suas obras por todo o paiz. A questão de uma *Eschola de Vizeu*, até hoje uma pequena questão provincial, transforma-se n'uma série de problemas em que tomam parte as provincias do Norte e as do Sul. Assim como se prova que os quadros de Vizeu foram imitados n'aquella cidade, com a Sé á vista, ou talvez mesmo na cathedral, tambem se prova que as taboas de Setubal foram pintadas no Convento de Jesus, e as da Madre de Deus á sombra da pia fundação da Rainha D. Leonor, em Lisboa. Os pintores viajaram, andaram de um lado para o outro, conheceram-se, e collaboraram, ás vezes, na ornamentação do mesmo templo. Em logar de *um* Grão-Vasco, mytho, temos uma duzia de individualidades, dignas de estudo e do nosso reconhecimento.

E' muito para sentir que não seja conhecida a procedencia de muitos quadros do Museu nacional; que as successivas edições do Catalogo official, desde 1862 até 1883 sejam tão deficientes e tão *provisorias* (incluindo a ultima, que é já a *quarta*) [2], porque seria da maior importancia saber-se de onde vieram esses *nove* quadros, que se relacionam com os *quatorze* da Casa do Capitulo da Sé de Vizeu. Em todo o caso a combinação do Sr. Robinson cáe por terra. E não é só a mais que hypothetica assignatura VASCO FRZ. do quadro de Pereira; é a pretensão de uma eschola *provincial*, baseada sobre essa série mais archaica da sala do Capitulo, e a existencia de um precursor *viziense* de Grão-Vasco, chamado VASCO FRZ. Cáe por terra, emfim, a pretenção de querer ligar o Velascus de Coimbra á eschola de Vizeu, attribuindo-lhe os quadros grandes e os pequenos da Sacristia da Cathedral. Que houve em Vizeu um pintor celebre, chamado Vasco Fernandez, não ha duvida; e é provavel que alli trabalhassem temporariamente outros artistas, como seus discipulos ou como collaboradores, vindos de fóra; mas resumir a gloria da pintura portugueza n'uma unica eschola, e dar a Vizeu a honra de a haver produzido n'um completo isolamento —isso é inadmissivel hoje perante tantos quadros notaveis que ha no paiz, alguns dos quaes, p. ex. os de Setubal, são tão valiosos como os de Vizeu. E' esta a verdade, parece-nos; não nos deslumbremos só perante o *São Pedro*, porque se este quadro é de grande merito, lá está o *Baptismo*, o *S. Sebastião* (para não fallar no *Pentecostes*, de valor secundario) e o *Calvario*, que ficam a notavel distancia do primeiro, e não soffrem o confronto com as grandes taboas do convento de Jesus. Robinson precipitou-se; não teve o cuidado de examinar os quadros já então reunidos na Academia de Lisboa; não se deu

---

[1] Dizemos: ainda ha pouco, porque os quadros que alli examinámos em Setembro de 1881 foram pouco depois mandados para a Academia de Lisboa, a pretexto da Exposição de arte ornamental de 1882 e — nunca foram expostos! Em Maio de 1882 estavam n'uma das salas da Academia, transformada em *bric-à-brac*, no chão; alli os mostrámos ao Sr. Prof. Justi.

[2] As edições são: a 1.ª de 1862, abafada logo depois da entrada do Marquez de Sousa-Holstein. Pelo exemplar que possuimos incompleto se conhece que era um Catalogo critico de certo merecimento e exacto, com extensas noticias sobre os quadros portuguezes; a *Advertencia* é assignada por Jorge Husson da Camara, Academico honorario; Antonio Manoel da Fonseca e Thomaz José d'Annunciação, professores da Academia. A 2.ª ed. com o titulo Cat. *provisorio* sahiu em 1868; o terceiro catalogo *provisorio* (sic) é de 1872, e diz, falsamente, 2.ª *edição*, porque convinha abafar a lembrança da de 1862. A edição de 1883 — a quarta, diz: — Museu nacional de Bellas Artes. *Catalogo provisorio*. Secção de pintura. Lisboa, Imprensa nacional, 1883. 8.º de VII – 117 pag. E' digno de lêr-se o ingenuo prologo do illustre conde de Almedina (Delphim Guedes); mas mais preciosa pela sua franqueza, é a *Nota* do redactor anonymo, a pag. 111!

ao trabalho de estudar os quadros de Thomar e de Setubal a dous passos da capital, nem sequer os da Madre de Deus! Não podendo comparar senão Coimbra e Vizeu, chamou tudo para este ultimo centro. Desvanecem-se com a descoberta da assignatura *Velascus* — descoberta que não é d'elle — ; deixou-se illudir com a phantastica assignatura *VASCO FRZ*, e creou um precursor ao *Grão-Vasco*, complicando e obscurecendo o problema, em vez de o esclarecer.

O Sr. Prof. Justi abre, com effeito, uma nova era com os seus estudos, que abrangem quasi todos os documentos importantes, a quasi totalidade dos quadros, que era forçoso examinar. O seu methodo seguro e cauteloso; a sua critica lucida, minuciosa, abrangendo todas as particularidades technicas, sem perder nunca de vista as relações historicas e o ponto de vista geral da arte; a sua affeição ás cousas da peninsula, cuja historia e cuja arte o tem occupado longos annos [1]; e emfim, *last not least*, a sua imparcialidade, o seu animo sereno, desapaixonado, que não se deixa illudir com as nossas predilecções particulares, ou com preconceitos nacionaes — tudo isto lhe assegura o perduravel reconhecimento dos portuguezes. Atravez das suas palavras sente-se, quando mesmo desapprovam, a sympathia que as inspira. [2] Façamos votos para que o illustre sabio possa rematar a sua obra, após uma nova viagem a Portugal; os resultados geraes não soffrerão modificação sensivel, mas o que podemos e devemos esperar é que a luz se faça em outros centros e perante outros quadros, que nem Robinson, nem escriptor algum estrangeiro ou nacional tem até hoje visitado. Reivindicamos essas descobertas, cujo valor não pretendemos encarecer antes de tempo.

Ainda duas palavras. O Sr. Prof. Justi reconhece mesmo a necessidade de ulteriores investigações no fim do seu *ensaio*, quando diz que ha ainda outros grupos a estudar, e que seria pretencioso querer construir a historia da pintura portugueza de um lance. Ha ainda p. ex. os quadros de Palmella, [1] relativos á lenda de São Thiago [2] com a assignatura *Marcos*. [3] Em Madrid, no Museu do Prado, apparece uma Santa Catharina com a assignatura *Carvalho*. Dos quadros de Lamego já fallámos, de passagem. O Sr. Prof. Justi deplora não os ter podido examinar com mais socego, e mais detidamente. [4]

---

[1] O Sr. Prof. Justi prepara, ha muito, uma monographia sobre Velasquez. No *Jahrbuch* de Berlim e na *Zeitschrift* de Lutzow tem publicado artigos importantes sobre a historia da pintura hespanhola.

[2] Veja-se a Introducção geral ao seu *Ensaio* e a Conclusão.

[1] Sobre estes quadros publicou o Sr. Tubino de Madrid uma monographia *La Pintura en tabla en Portugal*, no vol. VII, 1876 do *Museo español de antiguedades* pag. 395-426 e pag. 671-673, cousa muito pobre e muito banal, sem um facto novo, como já dissemos em 1881.

[2] O Cat. do Museu nacional abandona a ideia de que os quadros sejam allusivos a Payo Perez Corrêa, e substitue o nome do cavalleiro pelo de S. Thiago. Cat. de 1883 n.os 18 e 19 Sala H.

[3] Deveriamos dizer antes *inscripção* em vez de *assignatura*. O nome *Marcos* é, provavelmente, o de um espadeiro. Na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos (1527) encontra-se a seguinte passagem : Com *Marcus me fecit* (em griffo) na cinta, para me pôr al tablero de la muerte, por vida dos Coutinhos... etc. O nome *Carvalho* apparece tambem *en el canal de la hoja de la espada*, como diz Madrazo (*Catalogo de los cuadros del Museo del Prado*, Conpendio. Madrid, 1873 pag. 398). E' curioso que ambos os nomes appareçam em espadas, no canal da folha, onde os espadeiros costumavam pôr suas marcas! Carvalho é um nome absolutamente desconhecido na historia da pintura peninsular do sec. XVI, mas ha um Carvalho espadeiro, com obras datadas de 1633. O Cat. do Museu nacional affirma que a letra M «inicial do nome que apparece na espada» se vê em duas bandeiras, levadas por cavalleiros christãos; *inicial do nome*, porquê? não póde ser Maria, que appareceu a São Thiago? E' precisamente o assumpto do outro quadro n.º 18.

[4] Os quadros de Lamego representam 1. *Annunciação*, 2. *Visitação*, 3. *Apresentação no templo*, 4. *Circumcisão*, e 5. *A Creação do mundo*.

Não pudémos tirar dimensões exactas senão do primeiro 1,m72 × 0,89; do quarto

Em tres pequenos capitulos discute ainda sabio escriptor os seguintes assumptos:

1.º *A ornamentação* dos quadros portuguezes, sob o ponto de vista da architectura e da arte industrial.

2.º A questão: *Existiu uma antiga escola portugueza de pintura?*

3.º Os *maneiristas*, i. é. os partidarios e imitadores da escola italiana.

O Sr. Justi admira, como nós, os trabalhos dos ourivezes, as joias, as armas, os bordados, os estofos, emfim, os productos da arte industrial, que os quadros portuguezes nos revelam em toda a sua belleza, e n'uma variedade inexgotavel. Na architectura descobre a influencia da Renascença florentina [1], uma Renascença relativamente precoce; [1] crê que os pintores copiaram do natural, e que as obras que vemos não são de pura imaginação. Assim será, em certos casos; mas é difficil provar que o genero de architectura, representado pelos pintores, foi logo ensaiado praticamente pelos architectos, contando mesmo com a intervenção de Andrea Contucci. Este illustre architecto e esculptor esteve em Portugal nove annos no reinado de El-rei D. João II (1481-1495) e executou bastantes obras que desappareceram em grande parte; em compensação, abundam obras da Renascença que denunciam a influencia duradoura de um grande mestre sobre numerosos discipulos em centros importantes como Coimbra (cidade e todo o districto), Guarda, Evora etc. Esta Renascença, a dos discipulos, é, em geral, posterior a 1535 e prolonga-se até fim do sec. XVI; mas apparece raras vezes nos quadros.

A' pergunta *Houve uma antiga escola portugueza de pintura?* responde o Sr. Prof. Justi affirmativamente. Não são as moedas, os fogareiros e quejandas bagatellas que decidem a questão.

E' o modo de sentir os assumptos, de traduzir a historia sagrada n'um realismo, repassado de poesia, que transforma a lenda religi-

---

1,m73 × 0.92 e do quinto 1m,68 × 0,84; todavia parece-nos serem restos de dous triptychos. A *Annunciação* e a *Visitação*, de muito merecimento, teem pontos de contacto com os quadros de Vizeu, da Sacristia e do Cabido. O quadro da *Creação*, que representa o Padre eterno, abençoando o mundo animal: o cavallo, o unicornio, veado, boi, urso, elephante, ovelha, lobo, muitas aves (entre ellas o papagaio) e outros animaes, perfeitamente caracterisados, é curiosissimo. A época dos primeiros quatro quadros será de 1510-1520. Pintura sobre grossas taboas de castanho de 0,4 cent. de espessura. Poucos retoques, boa conservação. Estavam na sala das sessões capitulares do Paço episcopal.

A origem nacional d'estes quadros não soffre duvida; typos, paisagem, architectura, os accessorios, tudo é portuguez; vejam-se as peças de ceramica, o cesto de vime, o carro de bois (!) etc. na *Visitação*; o fogareiro *Annunciação*; a architectura extremamente caracteristica: na *Annunciação* gothica e do Renascimento; na *Circumsição* manoelina etc.

[1] A primeira data que encontramos nos quadros portuguezes, marcando um lavor architectonico da Renascença é 1529 (Museu n.º 2; Cat. 1872; n.º 212 — Laurent 679). Exemplos de construcções como as do quadro da *Visitação* (Museu n.º 10; Cat. 1872 n.º 225 — Laurent 686) o alpendre com arcos de volta redonda, assentes sobre columnas, e galeria ou *loggia* sobreposta, encontrál-os-ha o Sr. Justi a cada passo em Evora, e sobretudo em Estremoz, Villa Viçosa etc. Do mesmo modo as janellas altas geminadas, com elegantissima columna de marmore ao meio. Outro typo de *loggia* encontra-se na Beira (Guarda) em bonitos solares do sec. XVII, em estylo da Renascença, com datas que avançam até 1680!

[1] Precoce (*Frührenaissance*) relativamente, para Portugal, se considerarmos a data 1529 (v. supra); porque o primeiro periodo da Renascença na Italia abrange as datas 1420-1500. As datas mais antigas que conhecemos em fragmentos architectonicos importantes são os seguintes, em Evora: 1529, (Capella do Esporão, na Sé); Convento do Paraizo, 1535; 1536 e 1537 portal de S. Domingos, hoje entrada do cemiterio; Loyos, 1536; Graça 1537. Em Faro, 1539 Convento de freiras; em Vizeu, na Sé 1544 e 1567. A transformação do estylo, desde o *manoelino*, póde estudar-se no convento de S. Marcos perto de Coimbra, onde se encontram sete datas do sec. XVI (desde 1510-1588) e duas do sec. XVII (1692 e 1696). Vid. o nosso estudo *Da architectura manoelina*. Coimbra, 1885.

sa em episodios da vida commum de familia. É a caracterisação das physiognomias, o gesto, o dialogo e a mimica peninsular; é a paisagem toda, a luz e o ar, a natureza meridional; emfim : a architectura e a habitação humana, o vestuario e os accessorios.

Os artistas portuguezes educados em Flandres, fornecem o maior numero de quadros e os melhores. Os estrangeiros, os pintores flamengos mesmo, como Frey Carlos, não podem subtrahir-se á influencia do meio ; acompanham os portuguezes, seguindo naturalmente a corrente, nacionalisam-se, até certo ponto. A *technica*, o estylo de pintar, é flamengo, sem duvida; mas sem a seccura, as figuras inteiriçadas, a feição mesquinha e desgraciosa dos artistas flamengos de segunda ordem ; os portuguezes movem-se airosamente, com a simplicidade, graça e elegancia no gesto e nos ademanes que é natural nos povos romanicos.

O gosto pela belleza da paizagem aprenderam-no em Flandres, assim como a paixão pelos detalhes, o amor aos mil episodios do pintor miniaturista. A architectura é toscana ou florentina, em geral. Estamos longe, felizmente, dos processos summarios e expedientes dos *maneiristas*, das receitas e logares communs dos partidarios da pintura italiana, diluida em pincel flamengo — até n'isto, conclue o Sr. Justi, quiz a fortuna favorecer o pequeno reino, na epoca em que elle deu leis ao mundo ! Livrou-o de cahir nas mãos dos pseudo-italianos e na trivialidade.

São estas, em summa, as conclusões do sabio professor. Traduzimos as ideias, não litteralmente as palavras; e confessamos que temos de corrigir o juizo que formulâmos ha annos a respeito de certos quadros da Academia de Lisboa. [1] Pareceram-nos, em geral, menos importantes, mais amaneirados, com excepção de um ou outro grupo, como p. ex. o de Frey Carlos, cujo valor é indiscutivel. Os quadros da Sacristia de Santa Cruz, principalmente o *Calvario* e o *Pentecostes* e os de Setubal absorveram talvez a nossa attenção, a ponto de sermos menos justos com os da Academia. Ainda assim, o periodo de duração da escola portugueza de pintura fica limitado aos reinados de D. Manoel e D. João III, isto é, a meio seculo apenas, correndo de 1500-1550, maximo 1560, porque já em 1562 temos os trabalhos de Vasco Pereira, que é um *maneirista*, um partidario das receitas e processos italianos.

Da epoca de 1560-1580 ha não poucos maneiristas, cujos quadros se podem vêr nas salas do Paço do Arcebispo em Evora e na Sé, nos altares das naves lateraes.

A solução de continuidade que haviamos apontado em 1881, desde a visita de Van-Eyck em 1428 até 1500, subsiste. [1]

Em Hespanha, porém, não faltam os elos intermedios, e os artistas do seculo XV apresentam-se, desde logo, de uma maneira tão imponente e tão caracteristica, que não é difficil calcular o que hão de ser d'ahi a cincoenta annos: os precursores dos grandes mestres do sec. XVII. [2]

---

[1] A *pintura portugueza* nos sec. XV e XVI Porto 1881, passim. Dizemos quadros da *Academia* e não do *Museu nacional*, porque esta collecção é bastante differente da primeira, e contém muitos quadros novos, que estavam nos depositos da Academia; em compensação, faltam outros que o Cat. de 1872 menciona; por isso fazemos sempre a referencia aos dois catalogos.

[1] Já em 1877 apontámos para a existencia de quadros flamengos em Portugal, antes da vinda de Jean Van-Eyck Em 1415 mandou o Duque Jean *sans Peur* de Borgonha (1404-1409) o seu retrato a El-Rei D. João I, feito por Jehan Malwel ou Melluel, que foi pintor official do Duque de 1397 a 1415, anno em que morreu, tendo concluido, pouco antes, o retrato. *Arch. artist.* fasc. IV p. 87. Chamamos aqui, novamente, a attenção do leitor para o retrato d'El-Rei D. João I, que está no museu *Ambraser-Sammlung* de Vienna, e que é da Escola de Van-Eyck; na mesma collecção dois bellos retratos da Infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, e neta de D. João I ; casou com Frederico III, Imperador da Allemanha em 1452 e morreu em Vienna em 1467. Estes tres retratos foram citados por nós pela primeira vez em 1877.

[2] Mencionaremos apenas um grande artista hespanhol, evidentemente discipulo de Van-Eyck, o auctor do grande retavolo de

Apesar do que diz o Sr. Prof. Justi em sentido relativamente tão favoravel, o apparecimento da pintura portugueza do sec. XVI é como o de um meteóro.

.....

Na breve analyse dos trabalhos de Vasco Pereira com que o Sr. Justi fecha o seu Ensaio dá-nos a conhecer cinco quadros, sendo o mais importante uma *Annunciação* na egreja de S. Juan de Marchena e o *Santo Onophrio* da Galeria de Dresden, que apresentámos aos leitores da *Archeologia Artistica* em 1877. Vasco Pereira, que se intitula ora de Evora, ora de Lisboa foi um pintor de bastante merito, sabedor do seu officio, e que honrou o nome portuguez em Hespanha.

D'este pintor fizeram Cean Bermudez e depois Loureiro e Raczynski ainda outro artista: *Vasquez Lusitanus*, sem razão de ser, como se verá na lista das suas obras. São, resumindo as differentes citações de Cean Bermudez, Raczynski e do Sr. Justi as seguintes:

1. São Sebastião, na egreja de S. Lucar de Barrameda. Assignado: TVNC DISCEBAM VASC'PE | REA LVSITAN'DE | VRBE LIX | BONESIS Anno 1562. Apud Justi, que o examinou; Cean Bermudez cita differentemente: *Vazquez Lusitanus tunc incipiebam anno 1562.* (Vol. V pag. 142). [1]

2. *Descimento da Cruz*; apud. Cean «casi perdido» no principio d'este seculo, sem data.

3. A *Annunciação*, na egreja de S. Juan de Marchena. Assignado:

VASCVS·PEREIRA | ELBORENSIS LVSI | TANVS FACIEBAT | CIƆ. D. LXXVI (o *lv* na quarta palavra, ligados). Apud Justi, que o examinou.

4. *S. Pedro e S. Paulo.* No Museu nacional, Cat. de 1883 n.º 896. Sala F. Assignado: V. P. *Lztno* 1575, segundo o mesmo catalogo. O Sr. Justi leu 1579.

5. *Santo Onophrio.* Na Galeria real de Dresden, Cat. Ved. franc. de 1868, pag. 170. Assignado: VASCO PEREIRA | PICTOR, 1583.

6. Um quadro com a *Adoração dos Pastores* e a *Epiphania.* Foi visto por Stirling (*Annals of the artists of Spain*) em Sevilha; apud Justi s. d.

7. Um quadro de 1575, que Raczynski viu em Sevilha na collecção Bravo; não diz o que representava (*Les arts* pag. 505).

No *Diction* p. 229, cita outras duas pinturas de 1594 e 1598, existentes na mesma cidade, sem indicar os assumptos; provavelmente essas duas obras são as citadas por Cean (p. 141) com as mesmas datas.

De Cean Bermudez accrescentaremos, além de differentes frescos, os *Quatro doutores da Egreja*, na cartuja de Santa Maria de las Cuevas, e uma *Annunciação* no collegio de S. Hermenegildo (pág. 142). Segundo o mesmo auctor Vasco Pereira morreu no principio do sec. XVII.

VISEU, povoação (*aldeia*) da freguezia de Paços, concelho de Cabeceiras de Basto.

V. *Paços*, tomo 6.º pag. 393, col. 2.ª

Esta freguezia comprehende tambem as aldeias seguintes:—Fundo de Villa, Cimo de Villa, Portella, Vinhal, Quintã, Bandeira, Boa Vista, Cruz, Ribeira, Paço, Penedo, Val de Chãos, Tojeira, Souto Meio, Ribeirinhas, Canhoteira, Cancella e a quinta do Prado, — segundo se lê na *Chrographia Moderna*, mas contando esta freguesia pelo ultimo recenseamento apenas 81 fogos, as taes 18 aldeias devem ser *muito pequenas!*...

VISEU, quinta ou casal da freguezia d'*Alverca* no concelho de Villa Franca de Xira.

V. *Alverca e Sobral*, tomo 1.º, pag. 177, col. 2.ª

Esta parochia, alem da villa, comprehende os logares ou aldeias seguintes:—Arcena, Sobral, outr'ora curato, A dos Potes, A dos Melros, Sobralinho, Adarce, Moinho do Vento, Proverba, Termo ou Ponto, Verdelha, Bom Successo; — os casaes de Barreiras,

---

Barcelona Luis Dalmau, assignado e datado, 1445. O Sr. Prof Justi analysa este quadro e os de outros hespanhoes discipulos da escola flamenga, pertencentes ao sec. XV Vid. *Zeitschrift* e *Jahrbuch.*

[1] A apostrophe depois do *C* e *N* representa a abreviatura *us*; o *E* da ultima palavra com til.

Monte Gordo, Robarias, Bandeira, Valinho, Polycarpa, Entroga, Fonte, Boa Vista, da Escolastica, da Alegria, da Carvalha, da Funcheira, da Regueira, da Tapada, Cova, Fidalgo, Pardieiro, Graciosa, dá Oliveira, dos Anjos, de Santo Antonio, de S. Fernando, Brejo, Moledo, Torres, Drogas, Pedreiros, Carapito, Rio Secco, Areias, Fonte Santa, Lages, Portella, Casal Novo, Batoquinho, Carcaça, Fondogos, Moinho d'Alem, Val de Ranas, Cova da Rita, do Bastos, das Emparedadas, Ventoso, da Valentina, da Serra, da Corte, da Mourisca, da Olmeira, do Val de D. Maria, Casal Novo da Serra, do Covão, da Matta, da Costa, Vendas Novas, Mangareira, Sapinho, Brandôa, Palacio da Brandôa, Malha Milho, Bello, Val de Ranas e Casal Novo da Portelia;—os casaes, quintas e azenhas Valloso e do Batoque;—as quintas do Moinho de Ferro, do Duque da Terceira, do Canana, Pardieiro, Formigueira — e a estação de *Alverca* no caminho de ferro do norte.

Do exposto se vê que esta freguezia é muito importante. Pelo recenseamento de 1878 contava 404 fogos, mas hoje deve contar cerca de 425 ou mais.

VISEU, quinta ou herdade, na freguezia de *Pigeiro*, concelho, comarca e districto de Evora.

V. *Pigeiro*, tomo 7.º pag. 24, col. 2.ª—e note-se que ali houve *salto* na impressão, pois tanto esta freguezia como a de *Pigeiros*, concelho da Feira, deviam ser descriptas no mesmo tomo 7.º pag. 22, — entre *Piedade* (Cova da) e *Pilar* (Serra do).

Note-se tambem que hoje (1888) esta freguezia de *Pigeiro* está civilmente annexa á de *S. Manços*, do mesmo concelho d'Evora.

V. Tomo 5.º pag. 48, col. 2.ª

A mencionada freguezia de *Pigeiro* está na margem esquerda da ribeira de *Degebe*, da qual a matriz da parochia dista 5 kil. para E; 2 da estrada d'Evora a Reguengos, para S., — e 7 da cidade d'Evora para E. N. E.

Além da herdade de *Viseu*, comprehende as seguintes:—Pero Escuma, Val de Ferreiros, *Montes Claros* [1], Pego do Lobo, Correirinha, Outeiro, Cubida, Cega, Valle, Abegoaria, Beata, Vendinha de Cima, Namorada, Herdadinha e Furada;—as quintas ou hortas de Teixoeira, Herdadinha, Horta Furada, Monte da Egreja, Carreirinha e Callado, —e o casal ou sitio de Monte Baldinho.

A população d'esta parochia está muito dispersa pelos *montes* (casas) das diversas herdades,—e a egreja em sitio isolado.

Pelo ultimo recenseamento contava apenas 100 fogos.

VISEU, sitio, casal e horta na freguezia e concelho de *Villa Real de Santo Antonio*, districto de Faro.

V. *Villa Real de Santo Antonio*, tomo 11.º, pag. 915, col. 1.ª

Esta parochia comprehende tambem os casaes (*hortas*) seguintes: — Val da Muda, Cabeça Perdida, Val de Corgos, Traz das Vinhas, Areias, Lagar, Cerca Nova, Palmeirinha, Bem Parece, Branquinho, Portal, Poço Fuzeiro, Bem Vides, Val Verde, Rocha do Vau, Semedeiro, *Caga Jones*, (o nome è indecente!) Fronteira, Serra ou *Cerra* Bodes, Contendas, Barranco d'Agua, Hortas do Vau, Ribeiro do Pereiro, Monte da Córte, Espragalinho, Monte da Medronheira, Monte dos Valles, Monte da Sé, Monte dos Leões, Monte da Atalaia, Monte Velho, Monte Alto, Monte do Estanqueiro, Portella da Vaqueira; os 2 casaes e moinhos: — Moinho da Rocha e Moinhos de Arão,—e a celebre *Casa da Audiencia*.

Quasi todas estas *hortas* [1] são habitadas e comprehendem actualmente 230 fogos.

---

[1] Não se confunda esta herdade, com o sitio *Montes Claros*, onde se feriu a grande batalha em 1665.

V. *Montes Claros*, tomo. 5.º, pag. 535, col. 2.ª

[1] No Algarve denominam-se *hortas* o que no Alemtejo denominam *hortas* e *montes* — e ao norte do nosso paiz *casaes* e *quintas*.

Tambem no Alemtejo denominam *Montes* as povoações que na Beira, Douro e Minho se denominam *aldeias*, *logares* e *povos*—e no districto de Bragança, nomeadamente nos concelhos de Vimioso, Miranda e Mogadouro, se denominam *quintas*, sendo algumas

VISEU (do)—casal da parochia e concelho e comarca de Leiria.

V. *Leiria*, tomo 4.º, pag. 69, col. 2.ª

Além d'este *casal do Viseu*, comprehende esta parochia os seguintes:—Mourão, Guerra Fontainhas e Santo Antonio do Carrascal;—as quintas de Santo Amaro, Porto Moniz, Lagar d'El-Rei, Val de Lobos, S. Venancio, S. José, Fagundes, Paraiso, Pateiro. Tavares, S. Bártholomeu, Vieiro, Matta, Seixal, Isidras, Barro Ruivo, Portella e Capuchos;—os sitios do Terreiro, Portella, Nossa Senhora da Encarnação (formoso sanctuario) Rego Travesso e Cabeça d'El-Rei. Comprehende tambem a povoação do *Arrabalde*, que por decreto de 20 de maio de 1871 foi desannexada da freguezia de Marrases e unida á de Leiria.

VISEU DE BAIXO,—e **VISEU DE CIMA**,—aldeias da freguezia de *Carvalhal*, concelho da Certã, districto de Castello Branco.

V. *Carvalhal*, tomo 2.º, pag. 134, col. 2.ª

A matriz demora na povoação do *Carvalhal*, cerca de 2 kilometros a S. E. da margem esquerda do Zezere e dista da villa da Certã 10 kil. para N. O.

Esta freguezia foi da apresentação do grão prior do Crato no termo da villa de Pedrogam Pequeno; depois passou para o patriarchado e desde 1882, data da ultima circumscripção diocesana, pertence ao bispado de Portalegre.

Além das 3 povoações mencionadas supra comprehende as seguintes:—Aldeia Cimeira, Aldeia Fundeira, Aldeia Metade, Aldeia das Mulheres, Casal do Bispo, Casal do Sesmo, Eira do Sesmo, Amieira, Amieirinha, Casal d'Escusa, Ramalhos de Cima, Ramalhos de Baixo, Horta Cimeira e Sobral.

Esta freguezia pelo ultimo censo contava 142 fogos e foi erecta depois de 1708, pois Carvalho não a mencionou, mas somente o logar de *Carvalhaes* no termo da villa de Pedrogão Pequeno, onde havia uma capella com a mesma invocação da padroeira —*Nossa Senhora do Amparo*.

VISEUS, aldeia da freguezia de *Santa Barbara dos Padrões*, concelho de Castro Verde, districto de Beja.

V. *Padrões*, tomo 6.º pag. 409, col. 2.ª

A povoação de *Santa Barbara*, séde da parochia, está em campina, 3 $^{1}/_{2}$ kil. a E. da margem direita do rio *Cobres*, sobre uma pequena ribeira affluente do mencionado rio, na estrada antiga de Castro Verde para Mertola.

Dista de Castro Verde 14 kil. para S. E.

Comprehende esta freguezia as aldeias seguintes:—Rolão, *Viseus*, Lombarda, Sete Alcarias,—e os casaes, montes e herdades do Corvo, do Neves, Bringelinho, Espancha, Rosa Gorda, Rosa Magra, Monte Novo, Monte da Rosa e Montinhos.

Todos estes casaes, herdades e montes são habitados, e pelo ultimo recenseamento comprehendia esta parochia ao todo 384 fogos.

Era em população a 2.ª d'este concelho, sendo a 1.ª a villa de Castro Verde, que ao tempo contava 876 fogos e 3:600 habitantes.

—

Temos pois differentes *Viseus* em todo o nosso paiz;—na *Beira Alta*, na *Beira Baixa*, no *Minho*, na *Extremadura*, no *Alemtejo* e no *Algarve*?!...

Tambem outr'ora se denominou *Visêa* ou *Viseia* na provincia do Douro uma das freguezias do bispado do Porto, como já dissemos no artigo *Viseu*, cidade, tomo 11.º, pag. 1716, col. 1.ª

Com vista aos forjadores e amadores de etymologias,— e aos que pretendem derivar o nome *Viseu* de *viso*, *cumiada de monte*, muito respeitosamente lembramos que devem ir ver todos os *Viseus* indicados supra, para saberem se estão em cumiadas ou planicies. O passeio é bastante longo, mas *per aspera ad astra*!...

Tambem será conveniente darem uma volta pela Hespanha, irmã gemea de Portugal, pois assim como lá se encontram muitas terras e povoações com os mesmos nomes das nossas, é possivel e até provavel que por lá encontrem alguma com o nome de *Viseu* tambem.

---

d'ellas povoações com capella publica e 10 a 20 fogos, *ou mais*?!...

Na freguezia de Miranda do Douro, p. ex. ha uma *quinta* (povoação) tão importante, que o prior de Miranda ali vae, com previa auctorisação do prelado, dizer uma missa nos domingos e dias santos, antes de celebrar a missa conventual na cidade.

INDICE[1]

DO

ARTIGO VISEU

CIDADE

Topicos, paginas e columnas

A

pag. col.

Abravezes..... 1539, 1.ª
Acclamação d'elrei D. João IV... 1835, 2.ª
Agostinho de Mendonça Falcão... 1826, 1.ª
Albuquerques..... 1727, 2.ª
Alcaides mores..... 1709, 1.ª
Almeidas da Calçada..... 1728, 1.ª
Almeidas Vasconcellos..... 1740, 1.ª
Alvellos (Mellos Lemos)..... 1728, 2.ª
Antas e dolmens..... 1699, 2.ª
Antiguidade de Viseu..... 1709, 2.ª
Antonio d'Almeida Campos..... 1826, 1.ª
» José Pereira, 1845, 1.ª e. 1851, 1.ª
» Moreira Cabral..... 1827, 1.ª
Apoplexias no sec. XV..... 1608, 1.ª
Arcas e cubas..... 1585, 2.ª
» e orcas..... 1699, 2.ª
Armas de Viseu e a lenda de D. Ramiro..... 1674, 1.ª
Artistas notaveis..... 1844, 1.ª
Azylo d'Infancia desvalida..... 1671, 1.ª
» de Invalidos..... 1670, 2.ª
» de Mendicidade (nota) 1736, col. 1.ª e..... 1799, 1.ª

B

pag. col.

Bachareis, filhos de Viseu..... 1725, 2.ª
Baga de sabugueiro..... 1759, 1.ª
Banco Agricola..... 1554, 1.ª
Barbeiro modesto..... 1723, 2.ª
Barreiro, concelho extincto..... 1533, 2.ª
Barros Campos, de Farminhão... 1752, 2.ª
Berardo (José d'Oliveira) 1815, col. 2.ª e..... 1847, 2.ª
Bispado de Vizeu..... 1792, 1.ª
Bispo *Azul*..... 1607, 1.ª
» eleito de 3 annos..... 1621, 2.ª
» que remendava as suas vestes 1624, 1.ª
» de treze annos..... 1611, 1.ª
Bispos de Viseu..... 1589, 2.ª
Veja-se tambem o tit. *Prelados*, infra.
Botelho Pereira (Dr. Manoel) 1805, col. 1.ª e..... 1825, 2.ª
Brandões de Midões..... 1790, 2.ª
Braz Luiz d'Abreu..... 1800, 2.ª
Brito, Higuera, Lavanha e Lousada, 1681, col. 1.ª e..... 1682, 1.ª
Bulhas do cabido, 1587, col. 1.ª e. 1632, 2.ª

---

[1] Por descuido da impressão não vae este *indice* no logar proprio.

Desculpem.

Tambem pelo mesmo motivo reservamos para o *supplemento as rectificações* que tencionavamos publicar no fim d'este longo artigo *Viseu*, — antes do *indice*, — e que bem necessarias eram, porque todo este longo artigo foi escripto *au jour le jour* no Porto, a distancia de 192 kilometros de Viseu, e publicado *muito precipitadamente* em Lisboa a distancia de 337 kilometros do Porto.

Por vezes tinha *original* no prelo para dois fasciculos, o que me difficultava as referencias e me expoz a lapsos, de que peço desculpa.

C

pag. col.
Calçadilha..... 1609, 1.ª
Cantigas d'Almeida Garrett..... 1678, 1.ª
Capellas de Viseu..... 1559, 2.ª
Captiveiro de Viseu..... 1716, 2.ª
Casa d'el-rei D. Duarte, n.º 7.... 1551, 2.ª
» » » n.º 11... 1552, 2.ª
Casa dos Paes..... 1742, 1.ª
Casas e familias notaveis..... 1748, 2.ª
» e quintas » 1748, 2.ª
» » 1741, 1.ª
Castanhas..... 1765, 2.ª
Catalogo dos bispos de Viseu.... 1589, 1.ª
Cathedral e dependencias..... 1571, 1.ª
» factos importantes..... 1585, 2.ª
Cava de Viriato..... 1690, 2.ª
Cavalgata imponente..... 1628, 2.ª
Cavalhada dos moleiros..... 1537, 2.ª
Cavallo de Maio..... 1690, 1.ª
Cemiterio..... 1669, 1.ª
Chaves, familia nobre..... 1729, 2.ª
Chrystovam Rebello de Macedo.. 1695, 2.ª
Clima de Viseu..... 1747, 2.ª
Comarca de Viseu..... 1753, 1.ª
Concelho de Viseu..... 1744, 1.ª
Conde de Santa Eulalia..... 1737, 2.ª
Conventos, 1542, 2.ª; 1648, 2.ª; 1657, 1.ª e..... 1661, 1.ª
Corregedor excommungado..... 1624, 2.ª
Côrte e côrtes..... 1721, 1.ª
Costas Homens..... 1738, 2.ª
Couto da Sé..... 1723, 2.ª
Cramol..... 1722, 2.ª

D

Descantes populares..... 1541, 1.ª
Desordem na Sé..... 1587, 1.ª
Diocese. V. *Bispado.*
Districto de Viseu..... 1754, 1.ª
Dolmens. V. *Monumentos prehistoricos.*
Duques e senhores de Viseu..... 1721, 2.ª

E

Edificios brasonados..... 1551, 1.ª
» principaes..... 1549, 1.ª
Emparedadas..... 1843, 1.ª
Emygdio Navarro..... 1843, 2.ª
Ernestos de Viseu..... 1736, 2.ª
Escriptor e artista notavel..... 1819, 1.ª
Escriptores..... 1802, 2.ª
Estevam Gonçalves..... 1852, 1.ª
Estradas. V. *Viação.*
Etymologia da Beira..... 1796, 1.ª
Etymologia de Viseu..... 1714, 1.ª
Eugenia Nunes Viseu..... 1798, 1.ª
Excessos lamentaveis..... 1790, 2.ª
Execuções..... 1784, 1.ª

F

pag. col.
Fabrica de moagem..... 1726, 2.ª
Factos importantes..... 1586, 1.ª
Familias nobres na actualidade... 1727, 1.ª
» » nos arrabaldes.. 1748, 2.ª
» » extinctas..... 1737, 2.ª
Feira franca..... 1554, 1.ª
Fetal (S. Miguel do)..... 1565, 2.ª
Foraes de Viseu[1]..... 1686, 1.ª
Fernão Lopes..... 1831, 1.ª
Forneiras..... 1722, 1.ª
Forte Gato..... 1828, 2.ª
Fortificações de Viseu..... 1706, 1.ª
Francisco Cardoso Pereira..... 1827, 2.ª
» Manoel Correia..... 1820, 1.ª
Freiras de Pinhel..... 1586, 2.ª
» » 1628, 2.ª
Freiraticos..... 1662, 1.ª
Fundação de Viseu 1709, 2.ª
Fusilamentos..... 1784, 1.ª

G

Gaspar Barreiros..... 1803, 2.ª
Gonçalo Pires Bandeira..... 1840, 1.ª
Grande conflicto de prelados..... 1602, 1.ª
Grandes motins, 1632, 2.ª e..... 1660, 1.ª
» tempestades, 1615, 1.ª e 2.ª; 1619, 1.ª; 1621, 2.ª; 1628, 1.ª e 1662, 2.ª
Grão capitão..... 1738, 2.ª
» Vasco, 1539, 2.ª,—e 1854 a. 1883.[2]

H

Hospitaes..... 1666, 1.ª

I

Igrejas e capellas..... 1559, 1.ª
Imprensa em Viseu no sec. XVI... 1826, 2.ª
Incendio no paço da Sé..... 1629, 2.ª
Inscripções romanas, 1563, 1.ª; 1568, 1.ª; 1693, 2.ª; 1694, 1.ª; 1706, 1.ª; e..... 1709, 1.ª
Instrucção publica..... 1641, 2.ª

---

[1] O foral do bispo D. Pedro Gonçalves, encontra-se textualmente no *Elucidario* de Viterbo, tit. *Ferraduras.*

[2] Por descuido da impressão vae tambem n'este *appenso* a *columna* que devia ser a 1.ª da pag. 1871 na esplendida *Memoria* do sr. Joaquim de Vasconcellos, a quem pedimos desculpa d'este lapso.

Os editores

J

pag. col.
João de Barros..... 1802, 2.ª
Joaquim de Vasconcellos..... 1854, 2.ª
José d'Almeida Furtado 1849, 2.ª
» » e Silva..... 1851, 2.ª
» Ribeiro de Carvalho..... 1841, 2.ª
Judiaria..... 1743, 1.ª

L

Lavanha, Lousada, Fr. Bernardo de Brito e o Nobiliario do conde D. Pedro julgados por A. Herculano, 1681, 1.ª e..... 1682.
Largos e praças..... 1557, 1.ª
Lemos de S. Gemil, 1731, 1.ª e... 1752, 2.ª
Lenda de D. Ramiro..... 1674, 1.ª
Linho..... 1763, 2.ª
Loureiros..... 1731, 1.ª
» 1738, 2.ª e..... 1740, 1.ª
Lourosa da Telha (casas nobres), 1750, 1751 e..... 1752.
Lyceu..... 1643, 1.ª

M

Madeira..... 1765, 1.ª
Marçaes de Foscôa..... 1791, 1.ª
Marechaes..... 1606, 2.ª
Mestres d'obras..... 1845, 1.ª
Minas..... 1762, 1.ª
Misericordia..... 1665, 1.ª
Monte-Viseu. V. *Orgens* n'este art. e *Monte-Viseu*, tomo 5.º pag. 533, col. 1.ª,[1]
Monumentos prehistoricos..... 1699, 2.ª
Morgados de Santa Christina..... 1742, 2.ª
Mossamedes..... 1545, 1.ª
Movimento jornalistico..... 1640, 1.ª
Musicos..... 1846, 1.ª

N

Napoles da Prebenda..... 1730, 1.ª
Narciso Pereira Cabral..... 1851, 2.ª
Nicolau P. de Mendonça, 1590, 1.ª; 1591, 1.ª e..... 1748, 2.ª
Nobiliario do conde D. Pedro.... 1674, 2.ª
» » » 1681, 1.ª
Nomes dados a Viseu..... 1714, 1.ª
Nunes de Carvalho (dr.)..... 1806, 1.ª

[1] Como rectificação ao que o meu benemerito antecessor disse ali, note-se que o convento de *Orgens* foi sempre autonomo até 1834—e não vigairaria do de *Santo Antonio* de Viseu.

O

pag. col.
Obras d'arte:—*abobada dos nós*.. 1577, 2.ª
» » escada dos Nerys... 1654, 1.ª
» » esculpturas..... 1631, 2.ª
» » orgão da Sé 1584, 1.ª e..... 1632, 2.ª
» » pelicano..... 1671, 2.ª
» » pinturas. V. *Grão-Vasco*.
Orcas, arcas, antas e dolmens.... 1699, 2.ª
Ordens 3.as..... 1663, 1.ª
Orgens..... 1542, 1.ª

P

Paço de Fontello..... 1724, 2.ª
Paços do concelho..... 1673, 2.ª
Padre ladrão..... 1648, 2.ª
» Leonardo de Sousa..... 1820, 2.ª
» Moura..... 1847, 2.ª
Pedro Ferreira..... 1832, 2.ª
Pelicano da Sé..... 1671, 2.ª
Penajoia. 1579, 1.ª e..... 1791, 2.ª
Penedos baloiçantes..... 1699, 2.ª
Pepino (Antonio Jeronymo)..... 1542, 2.ª
Pessanhas..... 1732, 1.ª
Phylloxera..... 1756, 1.ª
Pintores..... 1849, 2.ª
Poços do Douro..... 1704, 2.ª
Poetas..... 1828, 1.ª
Policia civil..... 1726, 2.ª
Prelado amante d'obras d'arte.... 1631, 2.ª
» muito energico, n.º 81... 1636, 2.ª
» muito esmoler, n.º 71.... 1627, 1.ª
» muito espirituoso, muito generoso e por vezes tambem *muito rigoroso* n.º 70 1625, 2.ª
» piedosissimo, n.º 64..... 1617, 1.ª
» que ordenou mais de 20:000 sacerdotes..... 1622, 2.ª
» que percorreu mais de 5:000 legoas, n.º 65..... 1619, 1.ª
» de Viseu que entrou em Viseu já morto, n.º 66... 1621, 1.ª
Prelados pouco felizes, 1586, 1.ª, 1605, 1.ª n.º 45; 1610, 2.ª n.º 55; 1630, 2.ª, n.º 72; 1636, 1.ª n.º 80; e[1]..... 1663, 1.ª
Prelados que foram insignes bemfeitores da Misericordia, col. 1.ª e seguintes..... 1666.

[1] Veja-se tambem no supplemento as longas e interessantes biographias do cardeal *D. Miguel da Silva* e do bispo *D. Julio Francisco de Oliveira*.

pag. col.
Prime (casa nobre)..... 1752, 2.ª
Procissão das forneiras..... 1722, 2.ª
Provincia da Beira Alta..... 1795, 2.ª
Pulpito, pias e altar de porphydo 1561, 2.ª, 1624, 1.ª e..... 1669, 2.ª

Q

Queima da polvora..... 1788, 1.ª
Queiroses..... 1732, 2.ª
Quinchães e Figueira..... 1816, 1.ª
Quinta de Marzovellos..... 1749, 2.ª
» da Medronhosa..... 1750, 1.ª
» regional..... 1762, 1.ª
» de S. Salvador..... 1748, 2.ª
» de Tondelinha..... 1750, 1.ª

R

Raios que caíram na Sé..... 1628, 1.ª
D. Ramiro de Leão..... 1674, 1.ª
Ranhados..... 1531, 1.ª
Rio de Loba..... 1530, 1.ª
Rios e ribeiros do concelho..... 1745, 1.ª
Rios e montanhas do districto... 1755, 1.ª
Rodrigo de Sousa Tudella..... 1833, 2.ª
D. Ruy Lopes de Sousa..... 1741, 2.ª
» » » 1830, 2.ª

S

S. Salvador, freguezia..... 1533, 2.ª
» » quinta..... 1748, 2.ª
Schisma..... 1633, 2.ª
Seda..... 1764, 2.ª
Segurança publica..... 1782, 2.ª
Seminario diocesano..... 1643, 2.ª
» descripção da escadaria 1654, 1.ª
Senhores de Viseu[1]..... 1721, 2.ª
Sepulturas em rocha..... 1743, 2.ª
Serras da Beira Alta[2]..... 1735, 2.ª

[1] V. *Santarem*, tomo 8.º pag. 500, col. 2.ª e segg.

[2] V. tambem *Monte Muro*, tomo 5.º pag. 523, 2.ª,—e *Monte Raso*, tomo 5.º pag. 527, col. 1.ª

pag. col.
Silvas Mendes..... 1733, 2.ª
Sinval..... 1812, 1.ª

T

Tavora e Taboáço..... 1757, 1.ª
» » 1759, 1.ª
Templos da cidade..... 1559, 1.ª
Tumulo de D. Rodrigo..... 1565, 2.ª
» —outro..... 1571, 1.ª
Tenente-rei fusilado..... 1734, 2.ª

V

Vasco Fernandes, V. *Grão-Vasco*.
Viação do concelho..... 1639, 1.ª
» do districto: *romana*..... 1766, 1.ª
» » *antiga*..... 1772, 2.ª
» » *actual*..... 1776, 2.ª
Vil de Moinhos..... 1537, 2.ª
Viriato, o *grande*..... 1830, 1.ª
Visconde de Taveiro..... 1751, 2.ª
Viscondessa de S Caetano..... 1798, 1.ª
Viseu—principio do artigo..... 1527, 2.ª
» como se escreve (nota)... 1527, 2.ª
» sua etymologia..... 1714, 1.ª
» sua situação..... 1528, 1.ª
» freguezias da cidade..... 1528, 1.ª
» freguezias *annexas*..... 1528, 1.ª
» labyrinto..... 1547, 2.ª
» edificios mais notaveis.... 1549, 2.ª
» grandes proprietarios.... 1639, 2.ª
» local antigo e moderno... 1716, 1.ª
Visienses illustres: Monarchas... 1798, 1.ª
» » —Senhoras,. 1798, 1.ª
» » —Bispos..... 1802, 1.ª
» » —Escriptores. 1802, 2.ª
» » —pelas lettras, mas não escriptores... 1822, 1.ª
» » —pelas armas 1830, 1.ª
» » —pela sua posição social. 1839, 2.ª
» » —pelas virtudes..... 1842, 1.ª
» » —estadistas.. 1843, 2.ª
» tristemente celebres.... 1843, 2.ª
Visoi..... 1715, 2.ª

VISINHO ou **VIZINHO** — que mora com outros na mesma casa, na mesma rua, na mesma povoação ou na mesma freguezia. Os antigos historiadores e chorographos denominavam *visinhos* o que hoje denominamos *fogos*, familias;—não almas ou habitantes.

V. *Fogo*, tomo 3.º pag 203, col. 2.ª

Tambem antigamente se chamaram *visinhos* os que eram admittidos a terem bens no termo d'algumas villas, concelhos ou cidades. Eram ordinariamente pessoas da primeira nobreza e chegadas ao throno, para serem na corte seus protectores.

Em tempo de D. Affonso III os seus grandes validos D. João d'Aboim, D. Esteve-Annes e D. João Moniz foram pelos concelhos de Evora, Beja e outros nomeados seus *visinhos* com todos os privilegios proprios dos dictos concelhos.

No anno de 1211 o concelho de Mesãofrio (*Mansionis frigidae*) vendeu a Affonso Pires uma herdade em Villa Marim,[1] hoje parochia do mesmo concelho, e juntamente o fizeram *seu visinho, para que os ajudasse e defendesse de quem os inquietasse.*

Doc. de Tarouca.

A D. Abril doou nos mesmos termos o concelho de Numão tambem uma grande herdade no anno de 1238.

V. *Numão*, tomo 6.º pag. 179, col. 2.ª.

Não consentia n'estas cartas e doações de visinhança o concelho de Pinhel, pelo que teve grandes questões com o celebre marechal Gonçalo Vasques Coutinho.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 63, col. 1.ª pag. 67, col. 1.ª tambem; e pag. 70, col. 2.ª

El-rei D. Pedro I não permittia na sua côrte *pessoa alguma obrigada ou visinha dos concelhos*, para que o seu valimento não prejudicasse a rectidão da justiça.

Estes visinhos tambem se chamavam *naturaes* dos dictos logares, villas e cidades.

VISITA — pensão que antigamente se impunha em alguns prasos e consistia em um presente ou mimo de cousas comestiveis que o emphyteuta, caseiro ou colono devia dar uma ou mais vezes por anno ao directo senhorio.

E nos fareis visita huma vez no anno com o que tiverdes. Praso de 1479.

Em outros prasos se estipula a mesma visita duas vezes por anno.

VISITAÇÃO — certo fôro ou tributo que os vassallos outr'ora pagavam ao rei e os emphyteutas ao senhorio.

V. *Colheita*, vol 2.º pag. 358, col. 2.ª

Tambem se denominou *visitação* a visita que os prelados costumavam fazer pessoalmente ou por commissão ás diversas freguezias das suas dioceses todos os annos, pelo que em algumas parochias ainda hoje se encontram livros com as actas d'aquellas visitas, denominados *Livros das Visitações*, sendo para lamentar que a maior parte d'elles se perdesse, pois eram muito curiosos e muito interessantes para a historia local.

V. *Villar d'Andorinho*, tomo 11.º pag. 1167, col. 2.ª e seguintes, onde se encontra menção e longo extracto de um dos taes livros.

VISITAÇÃO — quinta ou casal na freguezia de *Villa Verde dos Francos*, concelho d'Alemquer.

V. tomo 11.º pag. 1115, col. 1.ª

VISO — cume, collina, logar eminente com vasto horisonte, pelo que alguem pretende que a cidade de Viseu tomou este nome, por estar em uma eminencia ou *viso* de um monte.[1]

É certo que pela eminencia em que demoram temos em Portugal com o nome de *Viso* nada menos de 28 aldeias, 3 casaes, 2 quin-

---

[1] O dito concelho havia comprado aquella herdade a D. Rodrigo Mendes, o qual a houve de Miguel Picon, que a perdeu por haver assassinado aleivosamente Garcia Paes, mordomo de D. Rodrigo Mendes.

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1715, vol. 2.º

tas, varios outeiros e montes, e differentes santuarios e capellas; — mais um casal com o nome de *Viso de Cima*, outro com o de *Viso de Baixo*, outro com o nome de *Viso Grande*, outro com o de *Viso Pequeno* e 2 aldeias com o nome de *Visos!* Para não fatigarmos os leitores, mencionaremos apenas os *Visos* seguintes.

VISO — aldeia e monte (logradouro commum) da freguezia de *Fontellas*, concelho e comarca do Peso da Regoa, districto de Villa Real de Traz-os-Montes.

V. *Fontellas*, tomo 3.º pag. 209, col 1.ª

Demora esta importante freguezia em terreno muito saudavel, vistoso mimoso e fertil no centro da região denominada por justos titulos *coração do Douro*.

V. *Villa Jusão*, tomo XI. pag. 771, vol 1.º

A sua producção principal desde a instituição da'poderosa *Companhia dos vinhos* do Alto Douro foi vinho de *feitoria* ou de embarque. V. *Villa Jusão. loc. cit.*=Em 1840 produziu ella 1:323 pipas de 560 litros cada uma, e ainda hoje (1888) apezar da phylloxera, produz muito vinho, como todas as freguezias do concelho da Regoa, e dos de Lamego, Penaguião, Villa Real e Mesão frio, porque o chão d'estes concelhos é mais fundo e menos ardente do que o do Alto-Douro.

V. *Villarinho de Cotas*, *Villarinho dos Freires e Villarinho de S. Romão.*

Esta freguezia pertenceu judicialmente á comarca de Penaguião, da qual passou para a da Regoa; — ecclesiasticamente pertenceu ao bispado do Porto, do qual passou para o de Lamego em 1882 com todas as d'este concelho, bem como as dos concelhos de Mesãofrio, Penaguião, Sabrosa, Murça, Alijó e duas do de Villa Real.

Tambem outr'ora, ainda no principio d'este seculo, pertenceu á provedoria de Lamego.

—

Freguezias limitrophes: Jugueiros, ou S José do Godim, e Loureiro, ambas do concelho da Regoa, e Oliveira — do concelho de Mesãofrio.

Comprehende as aldeias seguintes:—Nogueira, Estremadouro, Portella, Souto, Quintã, Brunhedo, Paço, *Viso*, *Caldas do Molledo*, Costa, Quartas, Neto, Palla, Moreira, Mourinho, Outeiro, Outeiro de Baixo, Outeiro de Cima, Revoltinha, Canal, Corredoura, Cancello, Ranha, Rocio, Poças, Palheiros, Alem da Fonte, Sobre a Fonte, Lojas, Pinheiro, Cederma ou Aciderma, Carvalho, Egreja, Villa Boa; — e as quintas do Neto, Corredoura, Tinoco e Praso, — e a estação das *Caldas do Molledo.*

A quinta do *Neto* pertence hoje á familia *Champalimaud*, de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, mas até 1834 pertenceu aos padres *Loyos*, de Lamego, que n'ella fizeram um luxuoso pomar de larangeiras com altos muros de bem trabalhado granito — e no leito do Douro uma grande pesqueira, ainda hoje denominada *pesqueira dos Loyos.*

A quinta das *Caldas*, que pertenceu á familia *Cambiasso* e hoje pertence á opulenta familia *Ferreirinhas*, da Regoa (V. *Villa Real de Traz-os-Montes*, tomo XI, pag. 1:103, col. 1ª.) é hoje absolutamente a mais importante d'esta freguezia. Além de ter mimosos campos regadios, um bom pomar de larangeiras e luxuosos vinhedos que já teem produzido 180 pipas de vinho de embarque ou de exportação, comprehende todo o estabelecimento thermal e varios predios urbanos da povoação das *Caldas*, avultando entre elles o elegante e magestoso palacete mandado fazer no fim do 3.º quartel d'este seculo pelo 2.º marido da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, — o par do reino Francisco José da Silva Torres. Custou-lhe cerca de *oitenta contos de réis;* — tem nas lojas um bom armazem com uma soberba collecção de toneis de castanho e tampos de vinhatico, — e na extremidade E. uma lindissima capella contigua, com a porta franca ao publico.

É o palacete mais luxuoso que ha nas duas margens do Douro actualmente desde o Porto até á Hespanha.

Foi *muito mais luxuoso* o palacio do Freixo, na freguezia de Campanhã, fundado pelos marquezes de Tavora no meiado do ultimo seculo, mas tem passado por crueis alternativas! No principios d'este seculo esteve

em grande abandono e arvorado em armazem *de salga e deposito de peixe?!...*

No meiado d'este seculo comprou-o o barão de Velado, capitalista *brazileiro*, depois visconde do Freixo, que o restaurou e mobilou ricamente. Foi a casa mais luxuosa do Porto alguns annos, mas por morte do visconde passou para a viuva e d'esta para estranhos, achando-se novamente em misero estado?!...

V. *Campanhan* tomo 2.º pag. 58, — e *Freixo* (quinta do) tomo 3.º pag. 233, col. 1.ª

—

A quinta das Caldas, quando o sr. Torres a comprou, aproximadamente em 1850, era muito mais pequena e estava quasi toda inculta; mas aquelle grande capitalista, optimo agricultor e o 1.º negociante de vinhos de Portugal no seu tempo,[1] addicionou-lhe por compra muitas propriedades, — replantou-a toda,— e restaurou tambem o estabelecimento thermal, que é hoje um dos mais limpos e mais concorridos do nosso paiz, já pela variedade e excellencia das suas aguas, já porque a linha ferrea do Douro lhe deu estação propria na extremidade leste da povoação, tornando-a muito accessivel a mencionada linha que passa a N. e montante das casas, tocando em algumas d'ellas. Além d'isso corre pelo meio da povoação a estrada real do Porto á Regoa, formando uma estrada — rua, e a jusante a via fluvial do Douro, que nas enchentes cobre alguns banhos.

Não ha em todo o nosso paiz outro estabelecimento thermal tão accessivel como este.

---

[1] Era natural da freguezia de *Dois Portos*, concelho de Torres Vedras;—nos seus vastos armazens de Villa Nova de Gaya chegou a ter um deposito de 15:000 pipas *de vinho d'embarque* — e deixou uma fortuna avaliapa em *seis mil contos!...*

V. *Molledo*, aldeia, tomo 5.º pag. 372, col. 2.ª, — e *Villa Marim*, tomo XI, pag. 780 e 781, com as suas respectivas notas, onde já fizemos varias rectificações aos 2 mencionados artigos *Molledo* e *Rede*, escriptos pelo meu benemerito antecessor,[1] que foi n'elles muito infeliz, por não conhecer a localidade.

Aproveitando pois o ensejo, completaremos aquellas rectificações.

Principiando pelo art. *Molledo*, cumpre-nos dizer o seguinte:

1.º Aquella povoação está como a da Curvaceira, junto da margem esquerda do Douro, mas distam uma da outra cerca de 2 kilometros.—*Molledo* a jusante (O.) e *Curvaceira* a montante (E) das Caldas, — mesmo em frente da actual estação do *Molledo*, ou das *Caldas de Molledo*.

2.º A velha povoação do Molledo que deu o nome ás ditas Caldas, não demora *no declive da serra de Villar*, nem de serra alguma, mas na baixa e a meio da grande freguezia de Penajoia. *A serra de Villar* muito impropriamente dita, pertence á freguezia de Barrô, limitrophe e visinha da Penajoia, e distante do Molledo 2 a 3 kil. para. O.

3.º A *ponte do Piar*[2] tambem dista da antiga povoação de Molledo 2 a 3 kilometros para O. — a jusante de Villar e Mesãofrio.

4.º Como dissemos em *Villa Marim, loc. cit.* as aguas thermaes estão na freguezia de *Oliveira*, concelho de Mesãofrio,—e o resto da povoação (quasi toda) na freguezia de *Fontellas*.

5.º A povoação da *Rêde*, como tambem já dissemos no art. *Villa Marim*, pertence

---

[1] Nós acceitámos a continuação d'este diccionario, depois de principiado o art. *Vianna do Castello*.

Suum cuique.

[2] Da velha ponte já pouco existe; resta porem o *ponto do Piar*. V. *Pontos do Douro*, vol. 7.º pag. 199, col. 1.ª n.º 21.

áquella freguezia e á de *Santa Christina* de Mesãofrio. Nada tem com as *Caldas do Molledo* e dista d'ellas 3 kil. por O. mettendo-se de permeio toda a parte baixa da freguezia de *Villa Marim* e parte da de *Oliveira*.

6.º A villa de Mesãofrio está sobranceira não á povoação das *Caldas*, mas á da *Rêde*.

7.º As antigas diligencias do Porto á Regoa (acabaram, logo que se inaugurou a linha do Douro) não passavam *perto das Caldas*, mas *pelo meio* da povoação d'este nome.

8.º Os banhos da *Lameira* foram muito humildes e d'elles se utilisaram com preferencia os pobres, mas hoje estão restaurados e mesmo aceiados, e d'elles se utilisam os pobres e *os ricos*.

9.º Antes de se abrir ao tranzito a linha do Douro, podia ir-se em diligencia não só *até perto das Caldas*, mas *até á porta* de todas as habitações das Caldas—e *até á porta de todos os banhos*, exceptuando os da margem do rio.

10.º Na povoação das Caldas não ha somente *uma boa hespedaria e uma loja de mercearia bem sortida*, mas bastantes casas para os banhistas, algumas espaçosas e muito decentes,—uma boa pharmacia, um talho de carnes verdes, 3 capellas particulares, mas com porta franca ao publico, sendo uma d'ellas inaugurada ainda este anno, —uma photographia, differentes estabelecimentos de sapateiros, funileiros, relojoeiros e barbeiros, 4 ou 5 lojas de mercearia e fazendas brancas, etc., todas bem sortidas, —caixa de correio, 5 tabernas, e na estação balnear um pequeno mercado mimoso de excellente fructa, fornecida pela grande freguezia de Penajoia, que está defronte, na outra margem do Douro, e que é talvez a freguezia de Portugal que produz mais e melhor fructa.

No verão aquella vasta freguezia, que de leste a oeste comprehende 6 kilometros e de norte a sul 4 a 5, parece toda um pomar, *um jardim*!...

—

Fallemos agora do artigo *Rêde*:

Além das rectificações já feitas supra e no art. *Villa Marim*, *loc. cit.* apontaremos as seguintes:

1.ª Como já dissemos, aquella povoação não pertence á freguezia de Fontellas, mas ás duas de *Villa Marim*,—e *Santa Christina*, do concelho de Mesãofrio.

O antigo *apeadeiro*, hoje *estação da Rêde*, pertence á freguezia de Santa Christina, e dista não 5, mas 8 kil. da Regoa; 95 do Porto; 20 de Lamego pela estação da Regoa —e 432 de Lisboa.

De Lamego para as Caldas só algum pobre segue ainda hoje a antiga estrada directa de 6 kilometros. Todos preferem a viagem pela estação da Regoa e pela nova estrada a macadam de Lamego á Regoa, que tem d'extensão 12 kil. e foi feita não para substituir a velha estrada directa para as Caldas, mas a antiga estrada de Lamego á Regoa, que tinha tambem 6 kilometros de extensão, com declives de 10 a 12 por cento e 6 a 8 metros de largura. Foi uma estrada luxuosa em outro tempo, quando o melhor transporte eram as liteiras.

2.ª Antes de se desenvolver a povoação das Caldas, muitos banhistas occupavam as casas fronteiras pertencentes ás quintas da Penajoia, na margem esquerda do Douro, mas nunca foram habitar a povoação da *Rêde*, distante 3 kilometros!...

3.ª Alem da *antiga e nobre casa da Rêde, solar dos Alpoins*, houve ali outra muito mais antiga e mais nobre, denominada tambem *casa da Rêde*, que foi dos *Peixotos Pinto Coelhos*, representantes d'Egas Moniz. O edificio era humilde, mas o casal opulento, pois comprehendia muitas terras em volta, hoje todas perdidas e possuidas por estranhos.

O palacete da nobre familia *Alpoim* é hoje sem contestação o 1.º da localidade e foi feito no sec. XVII.

Tambem ali tiveram nobre solar, — differentes casas e muitos bens, comprehendendo o palacete de *S. Thiago*,—os *Soares de Albergaria*, hoje alliados com um dos representantes d'Egas Moniz Coelho.

V. *Albergaria*, tomo 1.º pag. 48. col. 2.ª —*Villa Marim*, *loc. cit.* pag. 779, col. 1.ª e

segg.—e pag. 785, col. 2.ª—e *Villa Jusã* no mesmo vol. pag. 771, col. 1.ª

Prosigamos.

—

As primeiras casas da povoação das *Caldas do Molledo* foram as da quinta onde brotam. Feita a estrada marginal da Rede até a Regoa pela *Companhia dos Vinhos* (V. *Villa Jusã loc. cit.*) em substituição da velha estrada de sirga, que era um carreiro de cabras, tornaram-se os banhos muito mais accessiveis e mais concorridos, e logo se fizeram uns humildes quarteis a O. dos banhos da estrada e a N. d'esta, — quarteis que ainda hoje lá se vêem.

Depois o capitão Isidro, da Regoa, fez uma boa casa, com capella, para os banhistas. Tem 3 pavimentos e ainda hoje conserva o nome de *quarteis do Sidro.* Tambem por esse tempo um tal Manoel d'Almeida fundou uma estalagem a montante da nova estrada e junto do ribeiro que vem de Fontellas,—estalagem que foi muito concorrida e bem conhecida como *estalagem do Almeida* até ser expropriada e demolida para a construcção da linha ferrea.

Depois d'aquellas 3 casas construiram-se gradualmente outras e assim se formou a povoação.

Junto da *estalagem do Almeida* (lado O.) se estabeleceu no 2.º quartel d'este seculo como ferrador um bom homem e um grande artista,—José Pereira, — que foi um dos ferradores mais acreditados e mais afreguezados que houve entre o Porto e a Regoa. Casou com uma filha do dono da estalagem, por nome *Josepha d'Almeida,* que ainda vive, já viuva; os dois fizeram differentes casas na povoação e tiveram differentes filhos, entre elles um, de nome João dos Santos Pereira que, apesar de ser *surdo mudo,* desenha e pinta; tem tirado muitos retratos a oleo e é tambem photographo, excellente pessoa e muito intelligente.

Foi alumno do collegio de *Surdos Mudos* que o chorado rei D. Pedro V. montou na Casa Pia, em Lisboa, e depois frequentou tambem algum tempo a Academia de Bellas Artes, no Porto.

Outro filho do ferrador José Pereira seguiu a profissão do pae. Chama-se Manoel dos Santos Pereira e foi elle quem fez a nova capella (do *Coração de Maria*) que este anno se benzeu e inaugurou com uma pomposa festividade em cumprimento de certo voto.

Demora a dita capella entre a estação e as Caldas, muito perto do sitio onde o fundador nasceu.

—

Tambem na povoação das Caldas se estabeleceu com um talho de carnes verdes antes de 1850 Marcos Correia, homem agigantado, muito energico e muito valente, mas muito tratavel e excellente pessoa. Ahi tem feito interesses e construiu uma das melhores casas da povoação; montou tambem ali uma boa mercearia e tem sido nos ultimos tempos arrendatario dos banhos.

Tambem no meiado d'este seculo um negociante e capitalista de Lamego, — Custodio Correia da Rocha, — mandou ali fazer um grande hotel, que ainda hoje é o primeiro das ditas Caldas.

—

Esta parochia de Fontellas confina ao norte com o monte *Mourinho,*[1] e ao sul com o rio Douro, na extensão de $^1/_2$ kilometro, aproximadamente, desde o pequeno ribeiro das Caldas, linha divisoria entre os concelhos da Regoa e Mesãofrio, até o ribeiro da *Palla* na extremidade O. da freguezia de Jugueiros.[2] Comprehende no Douro o celebre *ponto* da *Curvaceira,* que tomou o nome da vistosa, mas pequena povoação que está na margem esquerda, freguezia da Pe-

---

[1] N'este monte ha uma capella de *S. Gonçalo* muito antiga, com festa e romagem todos os annos, mas pertence á freguezia de Loureiro, que parte com a de Fontellas.

[2] O ribeiro da *Palla* desagua no Douro junto da *barca do Carvalho* e vai só até ali, pela margem do Douro a freguezia de Fontellas, mas avança muito mais para o nascente contra a freguezia de Jugueiros por uma linha convencional a montante da estrada nova e da linha ferrea, — sem descer até o Douro.

najoia,—mesmo em frente da *estação do Molledo.*

V. *Pontos do Douro,* tomo 7.º pag. 199, col. 1.ª n.º 26,—e *Corvaceira* n'este diccion. e no supplemento.

Na margem direita do dito *ponto* e nas aguas d'esta freguezia se montou aproximadamente em 1852 um moinho com 3 rodas, dentro de um grande barco; junto d'este moinho se fez depois outro e ambos ali trabalharam muitos annos; por vezes foram rio abaixo d'envolta com as cheias, mas ainda lá se vê um com 2 rodas dentro de um barco—e 2 feitos de pedra ou azenhas que trabalham só no verão.

Ha tambem nos limites d'esta parochia uma barca de passagem sobre o Douro, bem conhecida como *barca do Carvalho.* Cruza o Douro entre esta freguezia, no sitio da *Palla,* cerca de 300 metros ao nascente da actual *estação do Molledo,* e a freguezia de Samodães, no sitio do *Carvalho.* D'ella fez menção o conego tercenario Ruy Fernandez, em 1532, na sua *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas,* e pertencia n'aquelle tempo á quinta do *Loureiro,* que ainda hoje lá se vê com uma capella na margem esquerda do Douro, termo da freguezia de Samodães, a montante do tal sitio do Carvalho.[1] Depois, não sabemos quando, passou para a camara de Lamego que, antes de se abrir á circulação a linha ferrea do Douro, costumava arrendar a dita barca por réis 1:200$000 annualmente, livres para a camara, ficando a cargo dos barqueiros a construcção e reparação das barcas, etc.—E os barqueiros faziam interesses, pois nós conhecemos n'esse tempo dois: — Manoel Marques, já fallecido,—e Joaquim Marques, ainda vivo, irmãos, excellentes pessoas, muito trataveis e muito generosos. Não acceitavam um real dos habitantes dos povos visinhos, Curvaceira, Caldas, etc.—e apesar d'isso o 1.º construiu uma boa casa na Palla—e o outro um bom predio nas Caldas do Molledo, onde vive.

Depois da barca da Regoa, a barca do Carvalho era a mais importante, de mais movimento e mais rendimento que havia em todo o Douro, desde que a *Companhia dos Vinhos* fez a estrada do Porto até á Regoa, pois passou para a barca do Carvalho quasi todo o movimento da antiquissima barca do *Molledo* (a povoação que deu o nome ás Caldas, ou do *Por Deus.*) [1]

Todos os viandantes, cavalleiros e almocreves que transitavam entre o Porto, Minho, Lamego e Beira abandonaram o antigo itinerario pela ingreme ladeira da Penajoia, Santiaguinho e serra d'Avões — e seguiam pela *barca do Carvalho,* Cambres e Lamego, ou pela barca da Regoa, mas preferiam a do *Carvalho* por duas rasões:—1.ª porque encurtavam 6 kilometros :—2.ª por ser ali a passagem mais commoda, mais rapida e mais segura.

Na Regoa a passagem era morosa e perigosa, principalmente no inverno. Ainda n'este seculo, aproximadamente em 1850, ali se submergiu uma grande barca completamente carregada, perecendo muitas pessoas, em quanto que no Carvalho não ha memoria de naufragio algum! O rio prestase admiravelmente para a passagem ; — o serviço era bem feito—e tinham barcas soberbas! Nós ainda ali conhecemos uma que recebia 10 cavalgaduras carregadas—ou 3 carros de bois a um tempo, carregados e sem *desapporem* ou desprenderem os bois, levando conjuntamente grande namero de pessoas, etc.

Fecharemos este topico mencionando um facto importante, horroroso, tristissimo, que se deu na *barca do Carvalho.*

---

[1] *Inedit. de Hist. Port.* tomo 5.º *in fine.* O auctor simplesmente diz que a barca do Carvalho era de *hua quinta*; suppomos, porém, ser a tal quinta do *Loureiro,* porque é muito antiga e demora junto da barca.

[1] V. *Villa Jusã,* tomo 11.º pag. 768, col. 1.ª;—*Villa Marim,* no mesmo vol. pag. 782, col. 2.ª,—e *Viseu,* pag. 1775, col. 1.ª e sua respectiva nota.

Em 1827 a 1829, com as perturbações politicas esteve algum tempo a dita barca sem ser arrendada, continuando os antigos barqueiros a fazer o serviço e auferindo interesses. Com a mira na ganancia um proprietario visinho, *Manoel Pinto Pereira Borges*, da povoação da *Cederma* ou *Aciderma*, official do sr. D. Miguel, mandou fazer barcas suas e collocou-as ao lado das outras, em competencia com ellas; mas o povo indignado não poz pé nas novas barcas e continuou a demandar somente as velhas. O tal senhor, vendo mallograda a sua torpe e vil especulação, mandou baixar os preços das passagens nas suas barcas; mas, nada conseguindo, escolheu para barqueiros homens perversos e deu lhes ordem para coagirem os transeuntes. Seguiram-se alguns espancamentos que mais afugentaram ainda o publico. Indignado o tal senhor e abusando da sua posição como *official miguelista*, certa noite reuniu um bando de partidarios seus, — arrombou a machado as portas da casa onde dormiam os antigos barqueiros; assassinou barbaramente um e espancou e feriu os restantes, deixando-os em perigo de vida. Depois dirigiu-se ás barcas d'elles; — lançou-lhes o fogo; — soltou-as — e ellas lá foram ardendo pelo rio abaixo?!...

Eu ainda conheci o tal heroe.

Foi processado; andou homisiado muito tempo; comprometteu a sua casa para se livrar do crime e morreu pobre, amaldiçoado e despresado por todos!...

A dita barca hoje rende apenas 500$000 réis, porque a linha do Douro levou para a estação da Regoa todo o movimento entre o Porto, Minho e Lamego; — acabou com os almocreves que pejavam a dita barca — e amorteceu a navegação do Douro, o que prejudicou muito a barca, pois os barcos *rabellos*, quasi sempre tirados por bois na viagem ascendente, seguem na maior parte do anno pela margem esquerda do Douro até o Carvalho e ali *cambam* para a margem direita, passando os bois na dita barca. Nas cheias *cambam* um pouco mais abaixo, mesmo defronte da estação do Molledo, mas os bois passam tambem na mesma barca. Ali passavam outr'ora por vezes em um dia mais de 30 juntas de bois, em quanto que hoje esse movimento é muito limitado.

Tambem outr'ora não era permittida a passagem n'outros barcos até certa distancia, emquanto que hoje entre o caes da Curvaceira e a estação do *Molledo*, para serviço d'esta cruzam o Douro constantemente com passageiros e mercadorias *muitos barcos*.

Tambem está em projecto uma ponte sobre o Douro junto da estação de Molledo e, logo que ella se construa, — *adeus barca do Carvalho!*...

—

Uma poderosa companhia estrangeira propõe-se construir 9 pontes sobre o Douro,[1] ficando uma d'ellas na estação da *Rêde*, mas nós trabalhamos para que a dicta ponte se faça junto da *estação de Molledo* (entre ella e a povoação da Curvaceira, *minha terra natal*) porque ali terá muito maior movimento e é de mais facil construcção, como já fizemos ver em um *longo artigo* publicado em differentes jornaes da Regoa, de Lamego, do Porto e de Lisboa, — artigo que ninguem impugnou, por ser de rigorosa justiça o que n'elle expendo e peço. E ao mencionado artigo *hão-de seguir-se outros!*...

Tenho, pois, bem fundadas esperanças de ver construida ali a ponte.

A questão é de tempo.

—

Mencionaremos tambem aqui outro facto importante e horroroso que em 1837 se deu junto da dita barca.

Foi o seguinte:

Morava a N. da estrada real, em uma humilde choupana, defronte da avenida que desce para a barca, uma familia por alcunha *Miseria*, que tinha uma moça nova e sympathica; e havia então em Fontellas um moço de boa familia, por nome Antonio de Seixas, muito valente e muito desordeiro, que requestava a dita moça e a visitava re-

---

[1] Hoje (1888) ha sobre o Douro as 5 pontes seguintes: 2 no Porto, ambas de ferro, sendo uma de dois taboleiros, — e 3 de pedra e ferro: — uma na foz do Tamega, outra na Regoa e outra no Alto-Douro.

petidas vezes Tinha ella tambem um irmão, Manoel da Silva Borges, *de pelle diabi*, que resolveu desfazer-se do tal Seixas e uma noite, quando este descia de Fontellas para cumprimentar a menina, o irmão esperou-o em um recanto da estrada, cerca de 300 metros a montante da choupana que habitavam;—deu-lhe um tiro á queima-roupa e o matou instantaneamente, deixando-o em misero estado, porque o apanhou pelo centro do corpo, incendiando-se os cartuxos que trazia em uma canana e o assaram e queimaram horrivelmente, pois vinha *bem armado!*...

Eu era então muito creança,[1] vivia com meus paes na povoação da Curvaceira, *quasi defronte*, e ainda me recordo de ouvir a *detonação do tiro* e a narração do facto, etc. etc.

—

Houve n'esta freguezia de Fontellas, entre a *barca do Carvalho* e a estação do Molledo, um santuario antiquissimo, alcandorado sobre o Douro no cume de um grande morro de schisto, pelo que tomou a invocação de *Senhor da Fraga*. Ignoramos o nome do fundador, bem como a data e o motivo da fundação, mas suppomos que seria fundado pelos marinheiros *rabellos*, por estar a montante do *ponto da Curvaceira*, que outr'ora foi um medonho sorvedouro de barcos e de vidas. Pelo mesmo motivo elles fundaram differentes capellas junto d'outros *pontos*, nas margens do Douro.

Tinha este santuario uma capellinha no alto dos rochedos;—varios nichos com santos; uma gruta para o ermitão, nos mesmos rochedos,—e uma escadaria dupla por onde se subia para o pequeno santuario; mas quando a *Companhia dos Vinhos*, nos fins do ultimo seculo, mandou fazer a estrada do Porto á Regoa, expropriou e demoliu a capella e a maior parte do morro, por estarem no alinhamento da estrada e por ser o dito morro uma excellente pedreira, embora de schisto, d'onde extrahiram muita pedra para os grandes muros de supporte da estrada.

Desappareceu, pois, o santuario nos fins do ultimo seculo; no meiado d'este ainda nós vimos a gruta do ermitão e parte da escadaria, cuja pedra os visinhos foram roubando; por ultimo até o proprio morro desappareceu com a exploração da pedra para a construcção da linha ferrea do Douro.

—

Pelos annos de 1850 e no rigor da estiagem foi visto com surpresa um grande sôlho junto da *barca do Carvalho*; passados dias alguns habitantes da Curvaceira viram-no descendo pelo ponto d'este nome, porque a agua ali no verão tem pouco fundo, — é transparente—e o sôlho alem de ser grande tinha o dorso escuro. Os taes meus visinhos foram rapidamente a suas casas;—levaram armas de fogo e dispararam sobre elle alguns tiros, mas não conseguiram matal-o. O solho mergulhou e pouco depois appareceu nadando alguns centos de metros mais abaixo entre a estação do Molledo e a povoação da Curvaceira, cujos habitantes se alvorotaram e correram ao Douro, tambem armados com espingardas, polvora e chumbo. Saltaram para differentes barcos e fizeram contra o pobre sôlho uma verdadeira monteria, divertimento estranho que durou

---

[1] Contava apenas *cinco annos e meio*, pois nasci em 14 de novembro de 1832 e o tal Seixas foi morto na noite de 24 de maio de 1837.

Vivia ainda então o meu avô materno José Rodrigues Curvaceira, com o qual eu ia subindo da margem do Douro para a nossa casa, a *casa da capella*. A meio caminho encontrámos Fr. Venancio Pinto da Silva, egresso benedictino e nosso visinho, então meu professor de instrucção primaria, que nos deteve um pouco, palestrando com o meu avô N'esse momento (estou bem certo!...) *ouvimos o grande tiro* alem-Douro; —depois recolhemo-nos ás nossas casas e no dia seguinte (se bem me recordo era um domingo) espalhou se a noticia da tal morte.

Foram pronunciados—como auctor o tal *Miseria* e como mandante o tal *Fr. Venancio* (?) que andou homisiado muito tempo e gastou muito dinheiro para livrar se do crime. Elle era então ainda novo e tinha apenas ordens menores; mais tarde, porém, ordenou-se e já falleceu ha bastantes annos.

S. T. T. L.

algumas horas. Apenas o lobrigavam, faziam fogo; elle mergulhava e sumia-se; d'ahi a pouco apparecia novamente e seguia-se nova descarga. Durou bastante tempo o tiroteio e já muitos dos caçadores se haviam retirado esmorecidos, quando o pobre solho appareceu boiando morto. Levaram-no para a povoação da Curvaceira; collocaram-no em um taboleiro coberto com um lençol e ao som de um tambor andaram passeando com elle pelos povos visinhos; depois dividiram-no por todos os que haviam tomado parte na brincadeira.[1]

Parecia um grande atum. Tinha de comprimento cerca de 2 metros; pesou sessenta e tantos kilos—e apenas recebeu dois ferimentos de bala.

Os solhos, oriundos do mar, costumam subir pelo Douro e alguns ali permanecem nos grandes poços, taes como o da *Pedra Caldeira*, *Saião* e *Pocinho*, a montante da Regoa,[2]—e aquelle de lá veiu desnorteado. Hoje no Douro são rarissimos, mas parece que outr'ora eram ali vulgares e muito estimados, pois d'elles fazem menção os foraes antigos, considerando-os *peixe real* e como taes pertencentes ao senhor da terra.

V. nos *Ined. de Hist. Port.* o antigo foral de S. Martinho de Mouros e a *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta em 1532 pelo conego tercenario Ruy Fernandes, o qual diz textualmente o seguinte: «Ha tambem (*nas duas leguas em volta de Lamego*) alguns solhos, ainda que a mór cantidade morrem daqui pera cima em villa nova de fazcôa. Estes solhos que aqui morrem são peixes de 10, 14, 15 palmos (?) e muy grossos, e sam peixes reaes; e quando morrem he por serem grandes dorminhocos, e dormindo, por acerto vam dar em os canaes onde dam em séco; e os outros, que matam no dito Douro, em villa nova, morrem pelo mesmo theor em armadilhas; e os pescadores os tem á sirgua atados no Douro 15, 20 dias, e quanto querem atee que vem pessoas, que os compram. Sam peixes, que vale cada hu 1:000, 1:200, 1:500 réis, porque ha hi peixes que pesam 50, 60, 80 arrates cada hu, e dam o arratel por 20 reis (sic); e quando os tiram da augua, deitam-lhe hua canada de vinho branco polla boca, com que os levam dous dias vivos, e os que morrem neste cercoito em canaes, que sam poucos, sam do Senhor da terra, por serem peixes reaes; ainda que elles comem os menos, porque quando os acham os pescadores, furtam-nos, e vendem-nos, e delles comem.»

Ineditos, tomo V, pag. 562.

Parece que o arratel *in illo tempore* era muito maior que o de hoje, pois ali (pag. 571) o mesmo autor diz que as vaccas de criação pesavam *5, 6, 7 arrobas?!...*

—

Outro facto tambem curioso e observado tambem por mim, quando vivia na Curvaceira, minha terra natal,[1]—mesmo em frente da estação de Molledo, ou do sitio que ella hoje occupa.

Aproximadamente em 1850 fez-se uma pequena casa de tabique entre as Caldas do Molledo e a *estalagem do Almeida*, a montante da estrada nova e cerca de 8 metros afastada do alinhamento d'ella.

Depois o dono reconsiderando e querendo-a no alinhamento da estrada, reuniu um bando de homens todos armados com pancas e alavancas;—atiraram-se á pobre casa e levaram-na de rojo para o novo alinhamento, com grande pasmo do publicol

Tambem defronte d'aquelle sitio, pelos annos de 1838 a 1840, deu-se um facto de

---

[1] Nós vimos os touros *de palanque*,—das janellas da minha casa,—a *casa da capella*, que demora no meio da povoação da Curvaceira e domina um grande tracto do Douro.

Não tomámos parte na funcção, mas ainda assim os taes senhores brindaram-nos com *uma grande postal*

[2] V. tomo XI (art. *Viseu*) pag. 1704, col. 2.ª e seg.

[2] V. *Corvaceira* e *Miragaya*, tomo 5.º pag. 250, col. 1.ª

grande *risota*, que podia ter serias consequencias!...

Andando a *celebre musica da Penajoia* a folgar no Douro em barcos, alguns d'elles com senhoras, tocando e cantando o *arromba, arromba*, arrombou-se o barco das senhoras! — Tomaram banho sem quererem, terminando a festança em gritaria.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1006, col. 1.ª—e *Viseu* no mesmo vol. pag. 1791, col. 2.ª *in fine*.

—

Cortam esta freguezia na extensão de 1/2 kilometro de leste a oeste pela sua extremidade sul a estrada real do Porto á Regoa e a linha ferrea do Douro, aqui parallelas e beijando-se.

Está tambem quasi construida uma estrada municipal a macadam de Godim para a matriz de Fontellas.

O vinho d'esta freguezia é do melhor do *Baixo Douro*, por estar voltada ao sul e ser bastante ingreme e muito batida do sol. É muito superior ao das 3 freguezias que lhe ficam fronteiras alem-Douro:—Cambres, Samodães e Penajoia; mas em compensação estas 3 freguezias são muito mais mimosas e mais abundantes d'agua, de cereaes e de fructa.

No caminho das Caldas para Fontellas ha uma quinta apparatosa com boa casa e capella da invocação de *Senhora do Amparo*. Foi do benemerito bispo do Porto—D. João de Magalhães e Avellar — filho da pequena povoação de *Arneiroz*, junto de Lamego.

V. *Arneiroz* e *Villa Nova de Souto d'El-Rei*, tomo XI, pag. 872, col. 2.ª

Houve em Fontellas um homem importante, dono da nobre casa do Estremadouro. Chamava-se Antonio Felisberto da Silva e Cunha;—foi governador de Villa Real, etc. —e falleceu já depois do meiado d'este seculo.[1]

---

[1] Era parente proximo do sr. dr. Jeronymo da Cunha Pimentel, actual director da *Penitenciaria* em Lisboa, mas natural de Provezende, no Douro, representante da nobre casa da *Calçada*. V. *Provezende*.

Esta parochia, alem da sua matriz, que é um bom templo, tem as capellas seguintes:

1.ª—*S. Francisco*, a mais luxuosa de todas, pertencente ao palacio que mandou fazer nas Caldas, Francisco José da Silva Torres.

2.ª—*Senhora da Saude*, tambem nas Caldas, pertencente aos *quarteis do Sidro*, (Izidro) mencionados supra.

3.ª—*Coração de Maria*, tambem nas Caldas e pertencente ao seu fundador Manoel dos Santos Pereira.

4.ª—*Senhora do Amparo*, junto das mesmas Caldas e pertencente á quinta da Revoltinha, que foi do bispo D. João de Magalhães e Avellar.

5.ª—*Espirito Santo*, pertencente á quinta da Corredoura.

6.ª—*S. Francisco* (outro) em *Cimo da Fonte*, na quinta que foi do Champalimaud, de Cidadelhe, e que é hoje do *Banco da Regua*.

7.ª—*Senhora das Dores*, nas *Lageas*, pertencente aos herdeiros de D. Marianna de Azevedo Leal.

8.ª—*Senhora da Lembrança*, na povoação do Pinheiro, pertencente a Antonio José de Carvalho Borges.

9.ª—*Senhora do Carmo*, na Portella, pertencente a Manoel Alvares Pereira Carneiro Leal.

10.ª—*Senhora das Preces*, no Estremadouro, pertencente a Luiz da Silva Cunha Leite.

11.ª—*Santo Antonio*, nas Quartas, pertencente ao dr. Rodrigo Telles de Meneses, de Penafiel.

12.ª—*Santo Antonio* (outra) na povoação de Moreira, pertencente a Antonio Ignacio Vieira Borges.

Todas estas 12 capellas são particulares.

13.ª—*S. Paulo*.

É publica e estava no monte do *Viso*, donde foi transferida para o cemiterio parochial, quando este se fez, em 1880. É um bom cemiterio, distante da matriz cerca de 1/2 kilometro.

Tiveram tambem os *Loyos* uma capella na sua quinta do *Neto*, mas foi profanada ha

muito—e tambem já desappareceu, como dissemos, o santuario do *Senhor da Fraga*.

—

A navegação do Douro vae em grande decadencia depois que se abriu á circulação a linha ferrea marginal; mas outr'ora foi muito importante. Muitos arraes fizeram boas casas; alguns ordenaram, formaram e *doutoraram* os filhos[1]—e pertenceu a esta parochia um dos ultimos arraes do Douro mais importantes, mais considerados e mais ricos, bem conhecido desde o Porto até á Hespanha como *José Ignacio da Palla*, porque o seu nome era José Ignacio Vieira Borges e morou muitos annos na pequena povoação da *Palla*, junto da barca do Carvalho; mas depois viveu e falleceu em 1880 na sua bella quinta da *Corredoura* (a montante da Palla) que comprou por *doze contos de réis* e que é hoje dos seus filhos.

Era homem muito honrado e generoso,—um cavalheiro no seu procedimento,— e tinha uma soberba collecção de barcos, sendo um d'elles (*nós o vimos muitas vezes*)—o maior do Douro no seu tempo. Carregava 80 pipas de 557 litros cada uma.

—

Mencionaremos tambem aqui um outro filho d'esta parochia de *Fontellas*, contemporaneo de *José Ignacio da Palla* e que foi tambem como elle *muito honrado* e *muito trabalhador*.

Chamava-se

José Pedro d'Oliveira
vulgo
José Pedro de Fontellas

Foi muito conhecido, muito respeitado e muito considerado no Douro, no Porto e entre o Porto e o Douro, porque no 2.º quartel d'este seculo, antes de se estabelecerem na provincia as agencias bancarias, foi muitos annos consecutivos *recoveiro de dinheiro* e *só de dinheiro*?!...

Levava do Porto para os *lavradores* (proprietarios) do Douro a importancia dos seus vinhos, mediante o premio de 30 réis em moeda de 4$800 réis,—ou 50 réis de premio, tomando sobre si *todo o risco*.

Assim conduziu do Porto para o Douro *cargas e cargas de dinheiro* em ouro e prata, no valor de *centos de contos*, e estando ao tempo a estrada do Porto coberta de salteadores, principalmente desde Amarante até Mesãofrio,—nunca lhe roubaram um real nem deu um real de prejuiso aos seus commitentes, pelo que fez bons interesses e, alem de um nome impoluto, deixou boa fortuna.

Casou e teve filhos, dos quaes ainda hoje (1888) vivem tres:—*José Pedro* na sua casa de Fontellas;=*D. Delfina* no Porto—e *D. Thereza* em Amarante.

Gaspar Borges d'Avellar

Fecharemos este artigo mencionando um dos homens mais illustrados que esta parochia tem produzido até hoje,—*Gaspar Borges d'Avellar*,—distincto professor, redactor e escriptor publico, parente do benemerito bispo do Porto D. João de Magalhães e Avellar, mencionado supra, que morreu na sua casa de Arneiros *com uma indigestão de cerejas*?!...

Gaspar Borges d'Avellar nasceu na casa solarenga da *Arrenha*, a 29 de fevereiro de 1844, e foram seus paes Henrique da Silva Avellar e D. Anna Ludovina de Magalhães Avellar.

Na Regoa, onde seu pae era empregado da *Companhia dos Vinhos*, estudou instrucção primaria e os primeiros rudimentos de latim com o professor Manoel Mendes Osorio, irmão mais velho de João Mendes Osorio, hoje capitalista, residente no Porto e ali muito considerado.

Aos 11 annos o nosso biographado foi para o Porto como alumno interno do *Collegio de S. Sebastião*, onde esteve até os 15 annos e completou o curso dos lyceus, pelo que tem o diploma de *bacharel em lettras*.

—

Matriculou-se na escola polytechnica do Porto aos 16 annos, cursando o 1.º anno de mathematica, em que foi approvado *nemine discripante*, e chimica, em que obteve o 1.º

---

[1] Nós conhecemos um par do reino e lente da Universidade filho de um arraes do Douro. *Ainda vive*.

premio honorifico. No anno seguinte frequentou botanica, obtendo o 1.º *accessit*.

Por falta de saude abandonou os estudos.

Casou em 22 de fevereiro de 1865 com D. Maria Henriqueta d'Almeida Navarro, filha de Daniel d'Almeida Navarro, antigo director do collegio *Instituto Portuense*. Pouco depois o nosso biographado assumiu a direcção do dito collegio, dedicando-se ao ensino, que ainda hoje exerce, das linguas portugueza, franceza e ingleza, litteratura, geographia e historia.

Publicou uma selecta da lingua ingleza, que durante alguns annos foi adoptada no lyceu e no *Instituto Industrial do Porto*, — e tem ineditas duas grammaticas—uma franceza e outra ingleza, que se propõe publicar brevemente.

—

Encetou a sua carreira jornalistica escrevendo no antigo periodico—*A Justiça*. Annos depois fundou com Urbano Loureiro o celebre *Diario da Tarde*.

Algum tempo depois entrou para a redacção do *Commercio Portuguez*, do qual é ainda hoje (1888) um dos principaes redactores,—e tem collaborado em differentes publicações litterarias.

Foi um dos socios fundadores da *Sociedade de Geographia Commercial* e da *Associação dos jornalistas e homens de lettras do Porto*, sendo actual presidente d'esta ultima.

—

Tem escripto muito para o theatro. Mais de 150 composições suas se teem representado no Porto, em Lisboa, nas provincias e no Brazil, sendo algumas originaes e outras adaptações e traducções. Das ditas peças estão publicadas—*Os filhos*, *Os Parasitas*, etc.

Tem feito tambem para os jornaes muitas traducções de romances francezes e inglezes, achando-se algumas d'ellas publicadas em volume, taes como:—*Julia de Trêcoeur*, de Octavio Feuillet; *Os Invisiveis de Paris*, de Gustavo Aymard; *O gato de bordo*, de Ernesto Capendu; *Vinte mil legoas sub-marinas*, de Julio Verne, etc.

Teve 2 irmãos mais novos—Manoel e Henrique—ambos já fallecidos.

O pae era natural do Porto, filho do antigo almotacel Manoel de Avellar Barbedo Cerveira, e frequentou a Universidade, que abandonou para seguir a causa de D. Miguel, em cujo exercito militou. Depois da convenção retirou-se para Fontellas, onde casou com sua prima, e falleceu no Porto em 1865.

A mãe do nosso biographado ainda vive. É natural de Lagos, no Algarve, donde foi em tenra idade para casa de uns tios que tinha em Fontellas, donos da casa da *Arrenha*, e que lhe deixaram a dicta casa e solar, hoje pertencentes a estranhos.

O benemerito bispo D. João de Magalhães e Avellar era tio de Henrique da Silva Avellar, que com elle viveu algum tempo.

O nosso biographado tambem durante 4 annos regeu a cadeira de portuguez (1.ª e 2.ª parte) no lyceu do Porto, como professor interino.

Escreve com muita facilidade,—é muito intelligente, — muito trabalhador — e socio da *L'Excursionista*, de Barcelona, associação catalã de excursões scientificas, etc.

P. S.

Á ultima hora soube que a povoação da *Cederma*, ou *Aciderma*, não pertence a esta freguezia de Fontellas, mas á de *Godim*, sua limitrophe—bem como parte da quinta do *Neto*, que foi dos *Loyos*.

VISO—aldeia da freguezia de *Villa Verde dos Francos*, no concelho de Alemquer.

V. tomo XI, pag. 1:115, col. 1.ª

VISO—eminencia da freguezia de Fontes, concelho de Santa Martha de Penaguião.

V. *Fontes*, vol. 3.º pag. 211. col. 1.ª

Pelo censo de 1878 contava 576 fogos e 1:962 habitantes esta importante freguezia, que é a mais populosa do concelho de Penaguião e bem merecia que ampliassemos as poucas linhas que o meu benemerito antecessor lhe dedicou; mas, para não abusarmos da paciencia dos editores, guardemos a tarefa para o supplemento e consignemos agora aqui apenas o seguinte:

Ha n'esta parochia um monte denominado *monte do Viso*, coroado por uma capella que d'elle tomou a invocação de *Nossa Se-*

nhora do Viso, e que tem pomposa festa, romagem e feira annual no ultimo domingo d'agosto.

Já em 1716 o auctor do *Sanctuario Mariano* (tomo 5.º pag. 131 a 135) fallando d'esta mesma capella, dizia:

«O concelho de Penaguião fica em a comarca de Sobre-Tamega,[1] da parte do nascente, olhando para a cidade do Porto, donde dista 15 legoas. He senhor d'este concelho o marquez de Fontes, conde de Penaguião, e elle apresenta *in solidum* todos os seus Officios. Tem este concelho 14 freguezias de diversas apresentações. A de Santiago de *Fontes*, de donde os marquezes tem o titulo, he vigairaria confirmada, que apresenta o commendador da ordem de S. João de Malta, a qual rende tres mil cruzados. Tem a villa de Fontes mais de 300 visinhos.

—

«No districto d'esta freguezia se vê o santuario de *Nossa Senhora do Viso*, casa de muito concurso e romagem. He este santuario muito antigo, e na estructura é obra magnifica, porque tem de longitude setenta palmos, e de latitude trinta.

«Tem 3 altares, o mayor aonde se vê collocada a imagem de Nossa Senhora do Viso, como patrona daquella casa, e dous collacteraes, hum dedicado e N. S.ª com o titulo *das Candeias*; o outro a N. S.ª *das Neves*: os quaes 2 altares ou capellas reedificou o commendador d'aquella commenda Fr. André Pinto, em acção de graças pelos muytos beneficios que da Mãy de Deos havia recebido, principalmente nas viagens de Malta, de donde invocava sempre a *Senhora do Viso* em seu favor.

«As duas imagens da Senhora, assim a das Candeas, como a das Neves, são de escultura de madeyra, e estofadas preciosamente, e a sua estatura são 5 palmos; e ambas tem o Menino Deos em seus braços. A *Senhora do Viso* tambem tem em seus braços a Deos Menino, e he da mesma proporção das mais, e tem ambas as imagens, Mãy e Filho, coroas de prata muyto ricas na cabeça, e tem tambem hum frontál *da mesma prata batida* (?) cousa muyto preciosa em custo, e feitio; e tem *riquissimos ornamentos*, tudo ministrado por aquelle seu devoto commendador; e todos os mais ornatos e peças do culto divino são ricas e perfeitas.

—

«He este templo grande, espaçoso, e muyto perfeito, não só quanto á architectura, mas quanto ao ornato. Está *todo azulejado, e o tecto apaynelado com muyto ricas pinturas dos Mysterios da Senhora.*

«Tem 2 arcos de pedra lavrada e 4 pias de agua benta *de jaspe* (?) porque tem 3 portas.

«Tão generoso se mostrou o commendador, que levantou casas não só para os ermitães, mas para os peregrinos, e romeyros porque são muytos os que de varias e distantes terras concorrem a venerar aquella milagrosa Senhora, que sempre está como de atalaya vendo e vigiando sobre o bem dos seus devotos.

«Não só os moradores de Fontes continuamente frequentão aquelle santuario, e casa da *Senhora do Viso*, mas outros muytos que vivem bem distantes.

. . . . . .

«A sua festividade se celebra a 8 de setembro, dia da Natividade da Senhora,[1] e nessa occasião se faz huma grande e numerosa feira por espaço de 3 dias.

«Os milagres e maravilhas que obra, são muytos e continuos...

---

[1] Referia-se ás comarcas *ecclesiasticas* da diocese do Porto, que até 1882 comprehendia os concelhos da Regoa (só as freguezias da margem direita do Corgo) Mesãofrio e Penaguião.

[1] Depois mudou-se para o ultimo domingo d'agosto, por se fazer a 8 de setembro a grande festa, feira e romagem de Nossa Senhora dos Remedios, em Lamego, — festa muito mais concorrida e que é ha muitos annos a 1.ª nas duas margens do Douro e em toda a provincia da Beira Alta.

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

«O exm.º marquez de Fontes, D. Rodrigo Pedro Anes de Sá, confessa, que sendo menino, o levarão seus pays á *Senhora do Viso* em hum grande achaque que padecia, e que a Senhora lhe dera perfeitissima saude.

. . . . . .

«Como esta casa da *Senhora do Viso* he muyto antiga, e tanto que se achão noticias de haver sido *egreja parochial com o titulo de abbadia*, por isso se não sabe dizer nada da sua origem... O que só consta he que D. Diniz dera esta casa da Senhora aos cavalleiros de Rhodes, hoje de Malta... e que sendo antigamente abbadia, já no tempo daquelle grande Rey o não era.

. . . . . .

«Dizem aquelles moradores de mayor discurso, e capacidade, que esta capella foi a matriz da povoação de Fontes em seus principios; porem como esta se foy augmentando muyto no terreno em que hoje se vê, e o santuario da Senhora lhe ficava distante mais de hum quarto da legoa, e em terreno muy escabroso, resolverão edificar outra nova matriz mais proxima »

—

Termina dizendo que dos commendadores de Fontes o que mais protegeu e beneficiou este santuario, foi o commendador Fr. André Pinto, da casa de Felgueiras,—e nós terminaremos consignando um facto medonho que succedeu aqui na vespera da festividade em 1886, pelas 11 horas da noite:

Principiavam a queimar o fogo; estava a musica tocando em palanque proprio no adro e o monte coberto por milhares de pessoas, quando por fatalidade se incendiou o deposito de foguetes, rebentando as bombas todas a um tempo?!...

Tremeu a montanha; apagaram-se instantaneamente todas as luzes da illuminação, do arraial e da feira; abateu o palanque da musica; fendeu-se a capella e ficaram muitas pessoas feridas, das quaes logo ali pereceram 4 mulheres e 2 homens.[1]

O povo era compacto e a mortandade seria muito maior, se os foguetes em vez de estarem, como felizmente estavam, em um recanto e voltados contra uma grossa parede, estivessem voltados para o lado opposto e corressem atravez da multidão.

Foi uma scena tristissima!

Em tão negra conjunctura prestou grandes serviços o alferes, commandante da força destinada a policiar o arraial, posto que tambem ficou gravemente ferido.

O meu irmão estava um pouco distante da catastrophe, sentado em uma cadeira. Sentiu tremer o chão e nas costas um abalo como se recebesse uma pancada! Voltando a si de repente, viu todo o arraial ás escuras e no mais profundo silencio; mas em breve se levantou um grito geral, horroroso, e se explicou tão estranha occorrencia.

VISO— monte da freguezia de *Numão*, concelho de Villa Nova de Foscôa.

Tambem ali ha um bom santuario de *Nossa Senhora do Viso*.

V. *Numão*, tomo 6.º pag. 181, col. 1.ª

VISO— monte da freguezia de *Mascarenhas*, concelho de Mirandella.

V. *Mascarenhas*, tomo 5.º pag. 120, col. 1.ª

Em 1716 havia tambem no dito monte uma capella de *Nossa Senhora do Viso*, cercada de muros e barbacãs, a modo de fortaleza, o que nos leva a crer que o dito monte foi outr'ora fortificado.

Tambem consta que se fundou ali a dita capella, porque ali apparecera a Virgem a um pastor, — e que no mesmo sitio rebentára uma fonte, mas já em 1716 estava secca.

Pelos annos de 1698 fundou-se na dita capella uma irmandade, que rapidamente se desenvolveu e passados apenas 6 annos já contava 400 irmãos, cada um dos quaes era obrigado pelo estatuto a assistir ao funeral dos que falleciam e a dar 50 réis para missas e suffragios pela alma d'elles.

A imagem da Senhora era de roca e vestidos; — tinha 5 palmos d'altura — grand festa na 2.ª oitava da Paschoa das flores.

V. *Sant. Mariano*, tomo 5.º pag. 573, 576.

---

[1] Tambem ao tempo ali estava um meu irmão, Jorge Augusto Ferreira, que por fortuna ficou incolume! ...

Segundo se lê na *Monarch. Lusit*, tomo 4.º l. 15, cap. 46, é muito antiga esta povoação de *Mascarenhas*, pois já em 1207 D. Sancho I a doou com o titulo de villa (talvez na accepção de *granja, casa de campo*) a Estevam Rodrigues, que fundou a egreja matriz d'esta parochia, a qual o mesmo rei lhe coutou e assim passou aos seus descendentes, mas D. João I a uniu á coroa, segundo se lê na obra cit. tomo 5.º l. 17, cap. 1.º

Não sabemos se ainda existe e em que estado se acha a dita capella.

VISO— monte da freguezia de *Senhorim*, concelho de Nellas.

Tambem ali ha uma capella com a invocação de *Nossa Senhora do Viso*, que já em 1716, segundo se lê no *Sant. Mar.*, tomo 5.º pag. 329, era *muito antiga*!

Não sabemos em que estado se acha no momento.

V. *Senhorim*, voi. 9.º pag. 144, col. 1.ª

VISO— monte da freguezia de *Carvalhal Redondo*, no mesmo concelho de Nellas.

V. *Carvalhal Redondo*, tomo 2.º pag. 135, col. 1.ª

Ha tambem ali uma capella antiquissima com a invocação de *Nossa Senhora do Viso*.

Já em 1716 não havia memoria da sua fundação! Apenas constava ter sido matriz, e n'ella se haviam encontrado sepulturas com muitas ossadas humanas, quando se lageou o pavimento.

A propria architectura ja então revelava grande antiguidade.

A imagem da Senhora era de pedra, mas muito bem cinzelada; tinha de altura pouco mais de 3 palmos e o Menino Jesus nos braços. Tambem tinha irmandade propria em 1716 e grande festa e romagem no dia 15 de agosto.

V. *Sant. Mar.* tomo 5.º pag. 228.

VISO— quinta e monte na freguezia de *Ranhados*, concelho de Viseu.

V. *Ranhados*, tomo 8.º pag. 46, col. 2.ª— e *Viseu* tomo XI, pag. 1532, col. 1.ª *in principio*.

VISO—monte e 4 quintas na freguezia de *Rio de Loba*, concelho de *Viseu* tambem.

V. *Rio de Loba*, tomo 8.º pag, 194, col. 1.ª —e *Viseu*, tomo XI, pag. 1530, col. 2.ª

Alguem prentende que o nome da cidade de *Viseu* provem d'estes ultimos 2 *Visos*, V. Viseu, tomo XI, pag. 1714, col. 1.ª e segg.

VISO (Alto do)—serra e monte na freguezia de Nossa Senhora da Annunciada de Setubal, cerca de 2 kilometros a O. d'esta cidade.

Alto do Viso é o ponto culminante da *serra do Viso*, que se prolonga de norte a sul, passando a N. d'ella a antiga estrada de *Coina*, hoje estrada d'Azeitão, e a S. o pequeno valle das *Pedreiras*, d'onde se tiram grandes pedras para mós e para outras applicações.[1]

Ha na serra do *Viso* muitos moinhos de vento, a maior parte dos quaes se inutilisou depois que se introduziram os moinhos a vapor,

Quasi toda a dita serra é formada de rochas calcareas, cobertas de solo argiloso de pequena espessura e por isso em grande parte inculto, exceptuando a vertente occidental, onde estão 2 casaes, denominados *Viso Grande* e *Viso pequeno*.[2]

O casal do *Viso Grande* tem boas casas de habitação, onde esteve o quartel general do conde de Vinhaes em 1847, quando se feriu a acção do *Alto do Viso*, que adiante descreveremos. Pertencia então o dito casal a Manoel Severo Correia de Brito Guedes, tenente coronel reformado que foi governador do forte de *Albarquel*, em Setubal, e tambem governador militar d'esta cidade,

---

[1] O *foral novo*, dado por D. Manoel a Setubal em 27 de junho de 1514, mandou que se pagasse de portagem das *mós* de barbeiro 2 reaes; das de moinhos ou atafonas 4 reaes—e das de mão para pão ou mostarda 1 real, exceptuando as que fossem levadas por qualquer pessoa do termo para seu uso.

[2] Por estes sitios casal significa propriedade rural, composta de casa, arvoredo e terras de cultivo. Differe do que chamam *horta* ou *quinta*, por não ter chãos regadios.

etc. Alguns annos depois do seu fallecimento os herdeiros venderam a dita propriedade a Eduardo Augusto de Sousa, capitão da nossa marinha mercante, o qual depois foi para Sião, onde falleceu ha poucos mezes, como official da marinha de guerra siamesa e muito considerado pelo governo d'aquella nação, que o distinguiu com varias mercês honorificas.

O valente official da marinha siamesa deixou na posse do dito casal a esposa—D. Maria Salomé da Conceição e Souza,—senhora bastante illustrada, que se tornou tristemente celebre, porque não só se filiou na maçonaria em Lisboa, mas montou uma loja maçonica de senhoras (?) intitulada *Filippa de Vilhena*; taes desatinos, porem, commetteu, que foi maçonicamente processada e expulsa da maçonaria com grande escandalo, segundo disseram differentes jornaes.

O *Seculo*, por exemplo, jornal maçonico e ultra-republicano de Lisboa, no seu n.º 1:402 de 8 de agosto de 1885, publicou na sua integra o famoso decreto d'expulsão, documento estranho e muito curioso.

É o seguinte:

«Gran Delegacion en Portugal
del
Grande Oriente de España

—

A.·. M.·. T.·. O.·. S.·. A.·. G.·.
Ordo—Ab—chao
El Supremo Tribunal — Gran Comision de Justicia

Envia

A todos los Masones, Logias, Capitulos y demás centros masonicos regulares y legalmente constituidos

S.·. A.·. P.·.

Sabé:—Que procesada masonicamente D. *Maria Salomé da Conceição e Sousa*, de nombre sinb.·. *Filippa de Vilhena*, gr.·. 33 ex Ven.·. Maes.·. de la log.·. de señoras *Filippa de Vilhena*, n.º 31, por infraccion de Ley segun art.º 293, §§ 1.º, 9.º, 14.º y 15.º

Esta Gran Comision de Justicia unanimemente ha pronunciado el seguiente Decreto:

Considerando: Estar plenamente probada la infraccion de Ley, segun Acta de acusacion;

Considerando: Que el gr. superior de la Ré no la puede exhimir de penalidade en las faltas y delitos cometidos;

Resultando: Ser reincidente y condenada ya por un Cuerpo Masonico más ó menos regular.

Venimos en aplicarle por medio deste Nuestro Decreto, la imposicion de la *Pena Mayor*, o sea la Irradiacion ó Expulsion de la Orden donde cuenta as Sup.·. Cons.·. y Sup.·. Cr.·. Log.·. Sim.·. del Gr.·. Oriente de España, asi como á todos los Or.·. regulares, segun pratica y uso.

Lisboa, sala del Sup.·. Tribunal de Justicia á los 27 dias del mes de Julio de 1885.

El Presidente Isidro Villarino; el Vice-Presidente Cesar Augusto Falcão, *Lamartine*; el Fiscal Joaquim Pires, *Marquez de Pombol*; Consejeros: João José Teixeira Junior, *Lamartine;* Alberto Maximo Pereira Torres, *João de Barros*; Antonio Augusto Carvalho, *Alexandre*; el Gran .·. Canciller, Leandro Queirós Navarro, *Tiberio Graco.*»

Pobre *Filippa de Vilhena*! . . .

Acção do Alto do Viso

O que deu notoriedade a este monte foi a acção que n'elle se feriu em 1 de maio de 1847 entre as forças militares da rainha, ali acampadas e commandadas pelo conde de Vinhaes,—e as tropas da *Junta do Porto*, commandadas pelo visconde de Sá da Bandeira, que occupavam Setubal.[1]

---

[1] V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª, onde nas ephemerides relativas ao anno de *1846* se encontram algumas noticias da guerra da *Junta do Porto*, ou da *Patuleia*, ou da Maria da Fonte.

As numerosas victimas sepultadas no *Alto do Viso* foram sacrificadas ao brio irreflectido, ou antes—á maior das imprudencias.

Não foram só os academicos, a quem o verdor dos annos e o fogo da juventude levaram a fazer instancias menos prudentes e que resolveram o sr. visconde de Sá Bandeira a dar aquella acção (diz o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho): a vontade de sair a campo e de atacar as forças do *Alto do Viso* era manifestada por toda a divisão.

A principio era só a vontade; depois veiu a murmuração, e bem depressa se seguiram as declamações nas praças e ruas, pronunciando-se a indisciplina e a desordem. A soldadesca chegou a fallar de um modo serio e tumultuario, e alguns d'aquelles que a podiam conter... concorriam desgraçadamente para que mais lavrasse o exaltamento das paixões irreflectidas. O visconde de Sá da Bandeira foi d'isto avisado pelo conde de Mello, e o nobre visconde manifestou a resolução de se demittir, se a divisão se insubordinasse pretendendo impor-lhe ordens.

.....

«Nas vesperas do 1.º de maio, quando Setuba tinha quasi prompta a sua linha de efesa, e as forças que a guarneciam haam tomado melhor ordem, o sr. visconde de Sá da Bandeira sabia que tropas tinha pela frente...—alem d'isto não daria nem podia dar a acção pelas ponderosas rasões que lhe não era possivel revelar.

—

«No dia 27 de abril já o nobre visconde havia sido instruido por sir H. L. Bulwer, ministro inglez em Madrid, de que no dia 18 o governo hespanhol e inglez tratavam de uma convenção, que lhe dizia—ser conveniente e honrosa tanto para S. M. a rainha, como para a junta do Porto; e que assim recorria a elle visconde a fim de que não levasse os negocios a extremos, *que podiam er fataes á causa que s. ex.ª seguia.*

.....

«No dia 29 entrava no Sado o vapor de guerra *Polyphemus*, de bordo do qual o coronel Wilde participou ao sr. visconde de Sá da Bandeira que o governo da rainha havia acceitado a mediação da Inglaterra, para se pôr termo á guerra civil — e concluia propondo a s. ex.ª uma suspensão de hostilidades.[1] .....

.....

O visconde entendia não dever dar a acção, mesmo porque lhe faltavam munições. *Não tinha polvora!...* Mas a imprudencia exaltava cada vez mais os soldados. Os academicos foram em corporação instar com Sá da Bandeira para que atacasse o inimigo; alguns commandantes d'outros corpos secundaram os academicos e declararam que não se responsabilisavam pela disciplina se a acção se não desse, pelo que muito violentado e por assim dizer arrastado,— annuiu, para evitar maiores desgostos.

A tropa recebeu com grande satisfação a noticia de que estava marcado o dia seguinte, 1.º de maio, para o combate.

Os soldados em magotes percorriam as ruas e praças entoando canticos guerreiros; á noite os officiaes agruparam-se defronte do quartel general dando vivas a Sá da Bandeira, ao conde de Mello e ao tenente coronel Galamba, e as musicas tocavam hymnos nacionaes e patrioticos.

O conde de Vinhaes foi prevenido, mas não acreditou tal noticia, por ter a certeza de que Sá da Bandeira não ignorava as negociações pendentes e foi quasi surprehendido com o rompimento das hostilidades.

—

Pelas 6 horas da manhã de 1 de maio, pouco depois do conde de Vinhaes ter feito a descoberta sobre Setubal e recolhido aos seus entrincheiramentos, rompeu Sá da Bandeira as hostilidades na fórma seguinte:

As suas tropas formaram em duas colum-

---

[1] V. o *Livro Azul*, ou correspondencia relativa aos negocios de Portugal, traduzido do inglez em 1847.

nas: a 1.ª composta de caçadores 3, fusileiros da liberdade, movel de Coimbra, artilheria de campanha e 120 cavallos, devia apoderar-se da forte posição em que o inimigo apoiava a sua direita, e ganhar a posição sobranceira á esquerda inimiga, para ali montar a artilheria e proteger a columna da direita composta dos batalhões 1.º de caçadores,[1] *emigração lisbonense*, 2.º *da legião, companhia de Cintra* e 60 cavallos. Esta columna devia atacar a esquerda inimiga, destruir o seu reducto e operar d'accordo com a outra columna.

Além d'estas disposições ordenou que o 6.º de caçadores,[2] commandado pelo major Freire, descesse de Palmella e fosse postar-se de reserva junto a S. Paulo, ameaçando a estrada e a rectaguarda inimiga,—e que a brigada do Algarve formasse a reserva principal e se postasse junto da linha de defesa.

Aquella brigada era composta dos batalhões de atiradores—1.º de Faro, sob o commando do tenente coronel José Coelho de Carvalho; 2.º d'Albufeira, sob o commando do tenente coronel Judice Samora,—e parte do 3.º de Lagos.

Ordenou tambem que o *movel d'Evora* e 50 cavallos assegurassem as posições da *quinta dos Bonecos* e *Alto de Branca Annes* onde estava o forte *Barrete de Clerigo*, guarnecido por atiradores do Algarve.

Deu tambem ordem aos navios de guerra, sob o commando de Salter, para protegerem o movimento, fazendo fogo sobre o inimigo.

—

A columna da direita marchou pela estrada d'Azeitão,—e a da esquerda, para chamar ali a attenção do inimigo e coadjuvar a operação, marchou a coberto pelo caminho proximo do castello de S. Filippe.

A rapidez do ataque fez com que o inimigo perdesse a forte posição da sua direita. Caçadores 5, sob o commando do valente major Constantino d'Azevedo, correu a apoderar-se da extrema direita;—o tenente coronel Joaquim Guedes, á frente do *movel de Coimbra*, avançou a proteger a artilheria e, apesar de gravemente ferido, continuou a partilhar as gentilezas do seu batalhão.

—

Por seu turno o conde de Vinhaes, apenas soube que era atacado e que já tinha perdido as primeiras posições tão vantajosas, reuniu immediatamente a sua divisão. Ordenou que a 1.ª brigada, composta de infanteria 1 e 2, — de uma companhia da guarda municipal de Lisboa e de um esquadrão de cavallaria 5, marchasse logo pelas ladeiras que subiam ás altas posições da direita. Entretanto a artilheria de Sá da Bandeira, postada nas alturas, fulminava o inimigo, cuja divisão soffreu logo muita perda, ficando feridos entre outros officiaes o coronel Marcelli, commandante da 1.ª brigada, o coronel Barreto e o tenente-coronel Pereira, commandantes dos regimentos 1 e 23.

Engajou-se então um fogo vivissimo entre as duas divisões e ambas se batiam galhardamente.

Morreram logo na 1.ª carga o tenente-coronel Castello Branco e o tenente Pancada,[1] aos golpes do corajoso tenente coronel Galamba, que destemidamente correu a vingar a morte do seu camarada.

—

As forças da junta, protegidas pela sua artilheria, repelliam com vigor o ataque e

---

[1] Era o batalhão organisado no Algarve sob o commando do coronel Neutel, que se denominou *Leaes Caçadores*, por ser composto em grande parte de soldados de caçadores 5, fugidos depois de ficarem prisioneiros na acção de Torres Vedras.

[2] Era o batalhão movel de Portalegre, denominado pela junta — *Conquistador da liberdade*.

[1] Era tenente de cavallaria das forças da junta e foi sepultado no acampamento. Castello Branco, tenente coronel da mesma arma, das tropas da rainha, foi sepultado na capella de *Santa Efigenia*, na quinta d'esta denominação, ao norte do *Alto do Viso*.

sustentavam as posições da direita. N'esta conjunctura a guarda municipal correu para caçadores 5, bradando: *Vimos entregar-nos!* Este corpo, composto em grande parte de soldados novos e tendo apenas um diminuto numero de officiaes, não obstante as reiteradas advertencias d'estes e as vozes para atacar, dadas pelo seu intrepido commandante,—*deixou-se illudir*, vendo-se bem depressa envolvido pela infanteria e carregado pela cavallaria inimiga, pelo que retirou em desordem, não escutando a voz de *firme!* dada repetidas vezes pelo valente major Azevedo Cunha, recordando-lhe ao mesmo tempo as gloriosas tradições do 5 de caçadores.

Os *Fuzileiros da Liberdade*, que estavam de reforço, sustentaram-se com admiravel firmesa e dariam logar a caçadores 5 para se formar de novo e volver ao ataque, mas infelizmente os fuzileiros haviam recebido nas vesperas armamento novo, apprehendido no vapor *Royal Tar*, e a maior parte das armas errava fogo, por terem os canos sujos, ou os ouvidos entupidos, pelo que muitos dos pobres fuzileiros com o desespero quebraram as armas e outros iam para a retaguarda. Inda assim o corpo continuou a bater-se com o mesmo denodo, ficando fora do combate muitos officiaes e soldados.

—

O conde de Vinhaes empregou então esforços superiores e toda a sua cavallaria. As forças da junta, por esta circumstancia e por *falta de polvora*, foram cedendo em ordem, protegidas pelos fogos do *Castello de S. Filippe* e dos vapores de guerra, até que finalmente caçadores 5, *fuzileiros* e o *movel de Coimbra*, abandonaram as suas posições.

O corpo academico, levando á sua frente o bravo capitão Fernando Mousinho d'Albuquerque e tendo avançado com o maior denodo, foi atacado por forças superiores e obrigado tambem a retirar, deixando no campo alguns mortos e feridos, entre estes o seu commandante. Os briosos academicos teriam deixado o campo juncado de cadaveres se por um movimento rapido não se acolhessem no castello de *S. Filippe*, cuja artilheria, jogando sem cessar, os salvou. Era governador do castello o major *Gamitto*, que n'esta conjunctura deu mais uma prova da sua intrepidez.[1]

—

Emquanto as coisas assim se passavam na esquerda, a columna direita da junta não mostrava menor valor.

O 2.º *da legião* (*Serginos* de Braga) sob o commando do tenente coronel Montalverne, —uma companhia do *lisbonense*, commandada pelo capitão Manoel de Jesus Coelho, e a companhia dos *cintrenses*, que eram por assim dizer os *Zuavos* da divisão,—repelliram as primeiras forças inimigas, que estavam emboscadas. O major Montenegro subiu com estes atiradores á montanha, e com igual intrepidez caçadores 1, que chegou ao mesmo tempo ao reducto inimigo, parallelo ao *forte Velho*, começando a sua destruição debaixo de vivo fogo. Mandou logo o conde de Vinhaes em defesa d'esta importante posição a 2.ª brigada, composta de caçadores 5, de infanteria 6, 2 peças d'artilheria e 60 cavallos. Travou-se então vivissimo fogo em toda a linha *por mais de duas horas* com muitas baixas e varios successos em um e outro campo. Foi chamada a brigada de reserva da junta, que se portou com distincção, sendo afinal repellidas as tropas da rainha.

—

Sá da Bandeira, com a sua natural placidez d'animo, parecia assistir ás continencias d'uma parada no meio do troar constante da artilheria e fuzilaria, correndo a todos os pontos e apresentando-se em toda a parte.

O conde de Mello mostrou tambem ser o bravo defensor da bateria do *Bomfim* no cerco do Porto e o valente general em fren-

---

[1] Antonio Candido P. Gamitto, natural de Setubal, tambem se immortalisou em uma expedição ao interior da Africa, descripta fielmente no livro intitulada *Muata Cazembe*.

te dos muros de Estremoz, tendo ferido a seu lado o ajudante.

Portaram-se tambem com galhardia os officiaes do estado maior:—os coroneis Giton e Bustorf; o tenente coronel Mendes Leite; o major José Estevam; os capitães Pinto Carneiro, Carlos Ribeiro, Domingos Ardisson e José Xavier de Bastos; os tenentes Abreu Vianna e Palma Reis; os alferes Vasco Guedes, D. João de Menezes, Manoel Emauz, Antonio Maria da Cunha e Carlos Costa. Mas a ala direita das forças da junta já havia cedido terreno e occupava outras posições, apoiada pelo *Forte Velho*, do qual saia um fogo vivissimo, dirigido pelo governador Pinto e Horta. Começou então a escacear a polvora e de toda a parte a requisitavam ao visconde de Sá da Bandeira os commandantes dos differentes corpos, bradando com anciedade — *venha polvora!* E o general respondia a todos—*já lá vae*, — sabendo que não a tinha?!...

—

N'esta conjunctura foi ao acampamento e se apresentou a Sá da Bandeira o capitão inglez *Mac Cleverty*, o qual, em nome do coronel Wilde, convidou o illustre general a suspender as hostilidades e lhe entregou o seguinte officio:

«A bordo do navio de S. M. B. *Polyphemus*—Setubal 1 de maio de 1847,—ás 7 horas da manhã. *Urgente.*

Sr. visconde.—N'este momento sou informado de que as forças debaixo do commando de v. ex.ª vão marchando com o intento de atacar as tropas da Rainha. Penso portanto que é de justiça informal-o, que tendo S. M. F. acceitado a mediação da Inglaterra, se v. ex.ª ficar victorioso, terá provavelmente de encontrar as forças britannicas que estão no Tejo, preparadas para defender a capital e opporem-se á passagem do rio. E por outro lado se v. ex.ª for derrotado, tornar-se-ha um dever para mim o recommendar que as tropas que estão debaixo do seu commando, sejam excluidas do beneficio da amnistia, que segundo informei hontem a v. ex.ª, S. M. F. tem tenção de promulgar.[1] Tenho a honra, etc, — *Wilde*, coronel.»

—

A acção ainda continuava com empenho, mas o visconde de Sá da Bandeira, recebendo do capitão *Mac. Cleverty* a promessa de que Vinhaes mandaria immediatamente cessar o fogo, deu ordem para que cessasse tambem da sua parte.

Eram 9 horas da manhã e o campo já estava coberto de mortos e feridos, sendo o maior nemero das forças de Vinhaes, em consequencia das vantagens que as de Sá da Bandeira haviam ganhado no principio da acção,—e dos fogos da esquadra, castello de *S. Filippe* e *Forte Velho.*

Em pouco tempo as forças de ambas as partes recolheram ás suas antigas posições.

Sá da Bandeira, elogiando no seu officio o denodo das suas tropas, dizia: «O corpo academico tinha solicitado a honra de fazer a guarda avançada, e nada ha que eguale o seu valor.»

E no discurso que recitou sobre a campa d'um d'esses bravos, disse:

—«Durante a acção todos se portaram com admiravel valor, ficando parte fóra do combate. O primeiro ferido que observei no campo da batalha foi um academico.[2]

---

[1] O decreto de amnistia foi publicado posteriormente, mas tem a data de 28 d'abril, como se vê a pag. 303 do *Livro Azul*, já citado.

A amnistia comprehendeu todos os crimes politicos commettidos desde 6 d'outubro de 1846, como se estipulou na *Convenção de Gramido*; mas ainda assim, depois da convenção e do desarmamento da junta, muitos partidarios d'esta *soffreram bastante!*...

V. *Porto*, vol. 7.º, pag. 370 e 371,—e *Gramido*, tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª

[2] Os academicos de Coimbra, que na dita acção formavam a linha de atiradores, commandados pelo capitão de *Fuzileiros da Liberdade*, Fernando Mousinho d'Albuquerque, foram os seguintes:

Tenente—Manoel Fialho d'Abreu, morto no campo da batalha.

Alferes—José Maria Tavares Ferreira.

No seu officio dizia tambem: «O regimento de *Fuzileiros* correspondeu ao juizo que d'elle formava. O tenente coronel Galamba, carregando com alguns cavallos, em poucos minutos fez retrogradar a cavallaria inimiga, matando-lhe o seu commandante.»

Por seu turno o conde de Vinhaes recommendava o valor da sua divisão em geral, nomeadamente o major Barrote, commandante da guarda municipal, e o commandante da cavallaria, tenente coronel Castello Branco.

Terminado o combate, foi o conde de Mello, como chefe do estado maior da divisão da junta, conferenciar com o conde de Vinhaes sobre os artigos da suspensão. Disse-lhe Vinhaes: «Se eu soubesse o estado em que se achavam, sem terem polvora, tinham de certo hoje levado uma boa lição e pago cara a ousadia do ataque!...»

—

Eis aqui muito em resumo o que foi a *acção do Alto do Viso*, segundo se lê no interessante opusculo do sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, escriptor consciencioso e esclarecido, muito conhecedor d'aquelle facto.

O mencionado opusculo foi publicado em 1863 e tem por titulo «Duas palavras ao auctor do *Esboço Historico de José Estevão*, ou refutação da parte respectiva aos acontecimentos de Setubal em 1846 a 1847, e a outros que com aquelles tiveram relação.»

V. tambem *Setubal*, vol. 9.º pag. 232, col. 2.ª—anno 1847, e *Santarem*, vol. 8.º pag. 520, col. 1.ª, onde o meu antecessor, que foi tambem militar de D. Miguel e da *Junta do Porto*,[1] tratou *bem cruamente* o visconde de Sá da Bandeira?!...

Finalmente agradeço ao sr. Manoel Maria Portella, illustrado filho de Setubal, os apontamentos que se dignou enviar-me, como enviou outros muitos ao meu benemerito antecessor, para o artigo *Setubal*, pois ninguem conhece hoje aquella cidade melhor do que s. ex.ª—já por ser filho d'ella e n'ella 1.º official da camara,—já por ser um distincto escriptor publico. Tem redigido diversos jornaes e collaborado em outros muitos,—e tambem já publicou 3 livros de versos:—*Ensaios poeticos* -*Eccos do Ermo*—e *Lyricas e Lendas*, sendo este ultimo impresso no Brazil.

V. Setubal, vol. 9.º pag. 210, col. 1.ª

VISOI ou **VISOY**.—nome proprio de homem, bastante vulgar na idade media em Portugal e na peninsula.

Voluntarios

—Agostinho Leite.
—Antonio Alves de Macedo, ferido em uma perna.
—D. Antonio da Costa de Sousa Macedo.
—Antonio José de Barros e Sá.
—Antonio Maria de Lemos.
—Antonio dos Santos Pereira Jardim.
—Augusto José Gonçalves Lima.
—Augusto Zeferino.
—Ayres d'Araujo Pitta Negrão, morto de um ferimento, no dia 2.
—Candido Maria Cau.
—Carlos Honorio Borralho.
—Domingos Antonio Ferreira, ferido, prisioneiro e morto depois.
—Eugenio da Costa e Almeida.
—Francisco Pimentel de Macedo.
—Frederico Augusto Jansen Verdades.
—Guilherme de Sant'Anna e Miranda.
—José Antonio de Macedo Ferraz.
—João Antonio dos Santos Silva.
—João Pereira Ramos Brun do Canto.
—João Ribeiro Barreira.
—Joaquim Guilherme de Seixas.
—Joaquim de Pinho e Sousa, contuso em um braço.
—José Antonio Carlos Madeira Torres, morto no campo da batalha.
—José Gouveia de Sousa, ferido em um joelho.
—Manoel Gomes Pinto.
—Manoel Ignacio Brun do Canto, ferido em uma mão.
—Pedro Joyce.
—Raymundo Cesar Borges e
—Xisto Caetano Moniz Barreto.

---

[1] V. *Sabroso*, tomo 8.º pag. 283, col. 1.ª e segg.;—*Vianna do Castello*, tomo 10.º pag. 461, col. 1.ª e segg. — e *Vimieiro*, freguezia do concelho d'Arrayolos, tomo 11.º pag. 1457 col. 1.ª e segg. tambem.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Viseu*, tomo XI, pag. 1715, col. 2.ª

Tambem por vezes assignavam *Vizoi* e *Vizoy*—e parece que a formula feminina era *Visèa*, ou *Vizêa*, ou *Vizeia*. Assim se denominava no sec. VI uma das freguezias do bispado do Porto, como dissemos no logar citado.

VISONHA,—portuguez antigo,—visão, espectro, apparição de figura repellentel

«Oh Jesus que má visonha!»

Canc. fl. 207.

VISO REI,—depois *Vice-rei*—e anteriormente *Vis-rei*, ou *Viz-rei*.

Assim se denominava outr'ora o nosso governador geral da India.

VISTA ALEGRE, — fabrica muito importante de vidros e porcelana, fundada em 1824 no concelho e parochia de *Ilhavo*, districto de Aveiro.

V. *Ilhavo*, tomo 3.º pag. 387, col. 2.ª, onde o meu antecessor já indicou a dita fabrica; mas tanto avulta ella em todo o nosso paiz, que bem merece um topico especial.

Temos sobre a nossa mesa de estudo largos apontamentos com relação a esta grande fabrica, principiando pelo bello artigo que D. José de Urcullu em 1837 lhe dedicou na sua *Chorographia*, tomo 2.º pag. 90, acompanhado de duas primorosas gravuras representando-a:—a 1.ª *vista da parte da terra*;—a 2.ª *vista da parte do rio*; mas, como desde aquella epoca tem progredido e augmentado muito este grande estabelecimento industrial, transformando inclusivamente a quinta e fabrica da *Vista Alegre* em uma risonha e alegre povoação, aproveitaremos a *Memoria* que em 1883 lhe dedicou o sr. Marques Gomes, d'Aveiro.

Vamos pois fazer da dita *Memoria* um leve extracto, já que não podemos dal-a na sua integra.

—

«A menos de 2 kilometros de Ilhavo e sobranceira ao braço da ria d'Aveiro, que liga a chamada *Calle da Villa* com o *Bócco*, fica a *Vista Alegre*. Quadra bem este titulo á risonha povoação em que um dos homens mais prestimosos e emprehendedores que Portugal tem conhecido no presente seculo, veio fundar a fabrica de porcelanas, que do local toma o nome.

A *Vista Alegre* como povoação em si, tem tambem como o importante estabelecimento que a tornou conhecida, tanto no paiz como no estrangeiro, uma historia sua, de quem a lenda por mais de uma vez se apossou ja, deturpando-a.

Não nos cançaremos em lhe procurar a etymologia, pois é fóra de duvida que o nome lhe proveio do formosissimo panorama, que a contorna, moldurando-lhe o rosto gentil.

—

«Anteriormente á fundação da fabrica, a *Vista Alegre* não tinha fóros de povoação. Era uma quinta apenas. Um templo formosissimo e uma casa modesta que servia de habitação aos proprietarios da quinta, eram os unicos edificios, que ali existiam e isto ainda no 1.º quartel do sec. XIX.

A fundação de um tão bello templo, como é o de *Nossa Senhora da Penha de França*, n'um sitio tão ermo, como era a *Vista Alegre*, fez com que muitos principiassem a architetar romances mais ou menos verosimeis. Imaginaram-se desterros e deportações, e bem assim fofo ninho de criminosos amores d'um prelado illustre com uma dama de elevado nascimento e freira professa n'um convento de Lisboa.

Não longe da *Vista Alegre*, a um kilometro para o sul, fica o antigo solar da *Ermida*, villa e concelho até 1834, a quem D. Manoel deu foral em 8 de junho de 1514.[1] N'esta povoação houve um praso, cuja origem data de seculos, tendo por cabeça uma grande quinta denominada o *Paço da Ermida*. Este praso e quinta andava no senhorio dos *Mouras-Manoeis*, familia muito illustre, pois trazem a sua descendencia de

---

[1] V. *Ermida*, tomo 3.º pag. 47, col. 2.ª *in fine*.

P. A. Ferreira.

D. Branca de Sousa, filha de Lopo Dias de Sousa, grão-mestre da Ordem de Christo.

Alguns escriptores teem confundido a quinta da *Ermida* com a da *Vista Alegre*, e affirmado que foi seu proprietario o bispo de Miranda, D. Manoel de Moura Manoel.

Nem a quinta da Vista Alegre já foi conhecida por quinta da *Ermida*, nem tão pouco aquelle prelado foi dono de qualquer d'ellas.

É fora de duvida que D. Manoel de Moura Manoel vinha frequentes vezes passar alguns dias, e ás vezes mezes até, á quinta da Ermida, que conjuntamente com o praso do mesmo nome pertencia a seu irmão primogenito Ruy de Moura Manoel. Durante a sua estada aqui, travou relações com o proprietario da quinta da Vista Alegre, o dr. Manoel Furtado Botelho, relações que se foram tornando cada vez mais intimas, de sorte que, passados annos, edificou em terrenos dependentes da mesma quinta a capella de *Nossa Senhora da Penha de França*.[1]

—

«Por morte de Ruy de Moura Manoel, passou a quinta da Ermida para seu filho Rodrigo de Moura Manoel, que tendo casado com D. Rosalia da Silva, filha de Luiz Lobo da Silva, governador e capitão general de Angola, morreu sem successão, pelo que os seus bens passaram para suas irmãs. A Ermida pertenceu a D. Maria Maximiliana, casada com Jeronymo de Castilho. Por morte d'este, ficou sendo senhor d'ella seu filho Jeronimo Antonio de Castilho que, conjunctamente com sua mulher D. Joaquina Isabel Freire de Castro, a vendeu por escriptura lavrada nas notas do tabellião da então villa d'Aveiro, em 15 de janeiro de 1727, a Zeferino Rodrigues Caudello. Em 17 de março de 1812 fez venda da mesma quinta ao sr. José Ferreira Pinto Basto, D. Bernarda Thereza Umbelina Caudello de Mariz Sarmento, neta do referido Zeferino Rodrigues Caudello.

O proprietario da quinta da Vista Alegre dr. Manoel Furtado Botelho, tendo fallecido em 9 de setembro de 1733, dispoz dos seus bens como se vê da parte do seu testamento que passamos a transcrever do livro dos obitos da freguezia de Ilhavo, no anno de 1733: — «que seria sepultado na capella de *Nossa Senhora da Penha de França*, e deixava entre outras missas, 50 pela alma do seu amigo o sr. Bispo que foi de Miranda. Instituia por sua universal herdeira—D. Theodora de Castro Maria Manoel, de seus bens, e que esta poderia vender d'elles o que lhe parecesse para dividas e ser freira sem constrangimento de pessoa alguma; nem justiça alguma lhe tomaria conta, nem fariam inventario; e os bens que ficassem por sua morte d'ella, iriam ao usufructo do seu testamenteiro o padre licenciado Domingos Ferreira da Graça, cura de Ilhavo, e por morte d'este a Nossa Senhora da Penha de França da *Vista Alegre*, que entrando na posse seria obrigada a fabrica da capella a fazer uma festa á dita Senhora em 8 de setembro de cada anno, da qual o capellão daria contas ao dr. Vizitador.»

Não foram, ao que parece, totalmente cumpridas as disposições do testador, pois é certo que os seus bens tiveram um destino muito differente do que o que lhe havia marcado.

—

«D. Theodora de Castro Moura Manoel, era, como o proprio nome o indica, — filha do bispo de Miranda, a quem pertencia tambem o appelido *Castro*, pois o houve de sua mãe, D. Maria de Castro. Aquella senhora, destinada segundo parece para a vida claustral, não tomou o habito, nem tão pouco chegou a casar, mas teve um filho, a quem deu o nome de seu pae, d'ella, Manoel Pe-

---

[1] Fica assim rectificado o que disse o meu benemerito antecessor nos artigos *Ilhavo* e *Penha de França*.

P. A. Ferreira.

reira de Moura Manoel, que ordenando-se foi abbade da freguezia de *S. Romão* (?) de Guimarães.

O appellido *Pereira*, do mesmo modo que o de *Castro*, era tambem pertença do Bispo, pois era 2.º neto de João Rodrigues da Costa e de sua mulher D. Isabel *Pereira*.

O abbade... morreu ainda em vida de sua mãe, mas não sem deixar successão,[1] pois teve uma filha de D. Clara Maria de Barros, natural de *Gondar*, no concelho de Guimarães, D. Josepha Caetana de Castro, que casou em 20 de novembro de 1748 com o capitão Manoel Alvares Brandão, de Santa Maria de Taboa, no bispado de Coimbra. D'este consorcio nasceram duas filhas e um filho, que todos foram baptisados na egreja de S. Salvador de Ilhavo, a cuja parochia pertence a Vista Alegre.

D. Theodora de Castro... falleceu em 1767, sendo sepultada na capella de Nossa Senhora da Penha de França, quaes porem as suas disposições testamentarias, se as deixou, são desconhecidas.

«O testamenteiro do dr. Manoel Furtado Botelho, o padre licenciado Domingos Ferreira da Graça, para quem devia passar o usufructo da herança que aquelle havia deixado a D. Theodora de Castro de Moura Manoel, sobreviveu ainda a esta, pois só falleceu em 7 de maio de 1772; mas se elle usufruiu ou não a herança é que é ponto muito duvidoso, sendo certo porém que tal herança por venda ficticia ou por outro qualquer meio, nunca chegou a pertencer á fabrica da capella de Nossa Senhora da Penha de França, pois passou para o capitão Manoel Alvares Brandão e d'este para seus filhos, um dos quaes, Alexandre da Costa Brandão, que foi capitão-mór de Cantanhede, vendeu em 1815 a quinta e capella da *Vista Alegre* ao sr. José Ferreira Pinto Basto.

---

[1] *Qui viget in foliis, venit e radicibus humor?!...*

P. A. Ferreira.

—

«Esboçámos a historia da *Vista Alegre*: agora resta-nos reunir aqui alguns apontamentos biographicos do fundador da capella... e fazer uma descripção ainda que rapida da mesma capella.

D. Manoel de Moura Manoel nasceu em *Serpa*, sendo seus paes Lopo Alvares de Moura e D. Maria de Castro. Filho segundo de uma casa vinculada como era a sua, e não querendo seguir a carreira das armas, abraçou a que lhe restava, segundo o seu nascimento, — a ecclesiastica. Seguindo os estudos superiores na Universidade de Coimbra, doutorou-se em canones, e na qualidade de oppositor a uma das cadeiras d'esta faculdade, foi eleito collegial do Real Collegio de S. Paulo em 28 de julho pe 1658, sendo reitor do mesmo o dr. Ambrosio Trigueiros Semmedo.

Em 17 de dezembro de 1660 foi nomeado conego doutoral da Sé de Lamego, donde passou para a de Braga por promoção que obteve no 1.º de maio de 1666.

Nomeado deputado da Inquisição d'Evora, passou para Inquisidor de Coimbra em 13 de outubro de 1665, e a deputado do conselho geral do Santo Officio em 13 d'abril de 1674.

Eleito em lista triplice para reitor da Universidade, foi provido n'este logar por el-rei D. Pedro II, em 25 d'agosto de 1685, que o nomeou por essa occasião sumilher da cortina. Havendo prestado juramento em 16 de novembro d'aquelle anno, governou a Universidade até o 1.º de fevereiro de 1690 em que foi eleito o seu successor D. Nuno da Silva Telles.

.....

Escolhido para bispo de Miranda em 28 d'abril de 1689, foi sagrado em outubro do mesmo anno na egreja parochial de Nossa Senhora dos Anjos de Lisboa, pelo cardeal D. Verissimo de Lencastre, sendo assistentes D. Fr. Luiz da Silva, bispo da Guarda, e D. Simão da Gama, bispo do Algarve.

Fazendo jornada para as Caldas de S. Pedro do Sul, adoeceu gravemente nos Fer-

reiros,[1] proximo a Vizeu, e ali falleceu a 7 de setembro de 1699.[2]

Durante a doença foi-lhe enfermeiro o bispo d'aquella diocese, D. Jeronimo Soares, que assistiu tambem ao seu funeral e ordenou que fôsse sepultado na capella-mor da egreja d'aquella freguezia, d'onde as suas cinzas foram trasladadas para a Vista Alegre em 1706.

—

«Ignora-se o anno em que D. Manoel de Moura Manoel mandou edificar a capella de Nossa Senhora da Penha de França, mas ainda assim parece não haver duvida que foi já depois de estar bispo de Miranda.

É bella de aspecto a frontaria do templo, avistando-se a algumas legoas de distancia os corucheos das suas duas torres.[1] O interior não é menos elegante. As paredes do corpo da capella são forradas d'alto a baixo de bons azulejos, todos coevos da sua fundação—fins do sec. XVII;— a abobada é ornada de boas pinturas a fresco. Tem dois altares lateraes de boa talha dourada, dedicados ambos á virgem, sob a invocação do *Rosario* e da *Conceição*.

O retabulo e altar da capella-mor são trabalhos primorosos em fino marmore de Italia.

Embebido na parede da mesma capella e do lado da epistola está o tumulo do fundador, fabricado primorosamente de granito de Ançã.

A urna funeraria é sustentada por 3 leões de farta juba, que parecem prestes a ser esmagados pelo seu peso.

No centro da urna, levantado em alto relevo, está um escudo oval partido, com as armas dos Mouras Manoeis, tendo por timbre um chapeu episcopal.

Sobre ella está a figura do bispo, de vestes prelaticias, meia deitada, com a mão esquerda sobre o peito e a direita estendida como que a apontar para o tempo, que está ao fundo sobraçando o panno mortuario que deve cobrir o sarcophago.

A execução é primorosa, conhecendo-se até nos mais pequenos lavores o primor do cinzel que o trabalhou.

O povo rude das aldeias visinhas acredita que tal obra não podia ser executada po mãos de homens, e por isso attribue-a ao *diabo*, creando uma lenda que o sr. Brito Aranha reproduziu já no seu bello livro—*Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal*.[2]

---

[1] *Ferreiros*, pequena povoação da freguezia de *Serrazes*, concelho de S. Pedro do Sul, a 7 kilometros d'esta villa para O. S. O., na margem direita do Vouga — em frente dos *Banhos de S. Pedro do Sul*, cujas aguas brotam na margem esquerda do mesmo rio, na antiquissima villa e *couto* do *Banho*, hoje simples aldeia pertencente á freguezia de *Varzea de Lafões*, do mesmo concelho de S. Pedro do Sul, bispado de Viseu.

Suppõe-se que D. Manoel de Moura ali adoeceu estando a banhos, ou indo em viagem de Miranda para a Vista Alegre, talvez pelo Mogadouro, Moncorvo, Pocinho, Penedono, Moimenta da Beira e S. Pedro do Sul. O caminho era mau, mas o trajecto era o mais curto entre Miranda do Douro e a Vista Alegre.—e por qualquer outro itinerario *in illo tempore* as estradas pouco melhores seriam.

A tal povoação dos *Ferreiros* dista de Viseu cerca de 30 kilometros para N. O. pela estrada real n.º 7 de Viseu a S. Pedro do Sul—e pela real n.º 41 de S. Pedro do Sul á *Ponte do Banho* e Aveiro.

P. A. Ferreira.

[2] Alguem diz que foi *envenenado* por um medico judeu (*christão novo*) para vingar a morte da mãe que havia sido queimada pela inquisição, sendo aquelle prelado inquisidor.

V. *Vista Alegre*, nas *Memorias* do sr. Brito Aranha, pag. 308.

P. A. Ferreira.

[1] Esta linda capella vê-se muito bem desenhada de frente na 1.ª gravura da *Chorographia* de Urcullu.

P. A. Ferreira.

[2] N'este livro, publicado em 1871, se encontra tambem uma descripção da *Vista Alegre*, desde pag. 295 até 333.

Para ali remettemos os leitores, porque

O nome do esculptor *Claudio de Laplada* cahiu com effeito no olvido, de sorte que o forasteiro, que visitando a Vista Alegre perguntasse quem havia feito o tumulo do bispo, recebia sempre em resposta aquella lenda.

—

«Fronteiro a este tumulo, está um outro, muito mais modesto, sem duvida, mas ainda assim digno de ser apreciado, como obra que é do mesmo artista. Sobre uma urna funeraria, onde se vê tambem um escudo com as armas dos *Castros* ,está sentada uma figura de mulher, sustentando na mão esquerda um baixo relevo, representando uma cabeça de freira, allusão sem duvida á vida monachal que o bispo desejava que sua filha D. Theodora... abraçasse, pois era, como as 13 arruellas dos Castros do escudo o indicam, para ella destinado o moimento.

Por debaixo d'este tumulo e por tanto fronteiro ao do bispo está uma grande lapide de marmore branco, tendo gravada a seguinte inscripção latina:

Deo opt.° Max.°
Deiparae virgini
Diei ultimae
.....
.....»

A tal inscripção é *enorme*!

Comprehende nada menos de 75 linhas, pelo que nos falta coragem para a transcrevermos; pode porem ver-se o texto latino, bem como a traducção portugueza, na *Memoria* do sr. Marques Gomes, pag, 13 a 18, —e mais correcto e mais completo ainda nas *Memorias* do sr. Brito Aranha, pag. 303 a 307.

—

«Um outro monumento antigo da Vista Alegre (diz o sr. Marques Gomes) é a fonte do *Carapichel*, hoje quasi soterrada, mandada construir em 1696 pelo bispo D. Manoel de Moura Manoel, e notavel pela sua fórma e excellente agoa, e muito principalmente por uma inscripção em caracteres gothicos e que é a que passamos a transcrever:

Esta fonte, ó navegante,
cuja liquida corrente
cristaes prodiga desata,
attenções vistosa prende.
.....
..... [1]

Os portuguezes que haviam sido os primeiros povos da Europa, que introduziram a porcelana oriental no commercio do occidente, foram quasi que os ultimos a ensaiarem o seu fabrico. Datam apenas do ultimo quartel do seculo XVIII estes ensaios, realisados em Lisboa pelo brigadeiro Bartholomeu da Costa e no Rio de Janeiro pelo professor regio João Manso Pereira.

Parece que as experiencias de Bartholomeu da Costa para obter a porcelana dura, foram feitas na antiga fabrica do Rato, empregando como materia prima differentes barros explorados nas visinhanças d'Aveiro.

Ignora-se quaes seriam estes barros, não obstante affirmar-se... que foi o de *Taboadella*, concelho d'Albergaria. O que é certo porem é que... foi o preferido para a edificação do forno onde se deluiu o metal para a estatua de D. José I.

As qualidades refractarias d'este barro eram conhecidas já então, pois havia annos que um chimico francez, — *Drout*, o havia descoberto, fazendo até com elle magnificos

---

ali se narra muito bem a lenda, segundo as tradições que o sr. Brito Aranha colheu na localidade.

Tambem ali se encontram documentos e notas estatisticas muito interessantes com relação á grande fabrica.

P. A. Ferreira.

---

[1] Ficaremos por aqui, pois é irmã gemea da do tumulo. Comprehende ao todo 83 linhas e póde tambem ver-se nas duas citadas *Memorias*.

P. A. Ferreira.

tijolos refractarios, para o que estabeleceu um forno nas proximidades d'Aveiro, segundo affirma Raton.»

—

«Foram quasi nullas as tentativas de Bartholomeu da Costa. Depois fizeram-se outras em Coimbra com o mesmo fim, mas sem melhor resultado, até que o sr. Jose Ferreira Pinto Basto estabeleceu um pequeno laboratorio chimico no jardim do seu palacio do largo das *Duas Egrejas* em Lisboa, em 1820 ou 1822, afim de descobrir barros com os requisitos necessarios para fabricar porcelana.

.....

Foram segundo consta pouco animadores os resultados obtidos... mas... resolveu proseguir as experiencias iniciadas, fundando desde logo uma grande fabrica.

O local aprazado foi Aveiro, e isto por a tradição indicar como sendo d'aqui o barro de que Bartholomeu da Costa obteve a sua chamada porcelana.

Apesar de possuir as duas magnificas propriedades da *Ermida* e da *Vista Alegre*... quiz estabelecer a nova fabrica na propria cidade, e para isso entabolou negociações com o proprietario da quinta dos *Santos Martyres*, para a adquirir, o que não pôde conseguir, por esta propriedade fazer parte d'um antigo vinculo. Attenta esta difficuldade, resolveu então estabelecer a fabrica na Vista Alegre...

Foi em janeiro de 1824, que principiaram os trabalhos...

Uma das obras que primeiro se concluiu foi um pequeno forno para coser louça, feito segundo as indicações e immediata direcção de Domingos Raimão, oleiro de uma fabrica de Coimbra.

Em abril fizeram-se as primeiras experiencias para obter a porcelana. Realisou-as Bento Fernandes, mestre de olaria na fabrica do Rato, com o barro de *Util*, concelho de Cantanhede;—e o de *Talhadella*, concelho d'Albergaria.

Foi pouco satisfatorio o resultado obtido, mas ainda assim... o sr. José F. P. Basto pediu a el-rei D. João VI que lhe fossem concedidos os privilegios de que gosava a fabrica de vidros da *Marinha Grande*, o que obteve, como consta dos documentos que seguem.

.....

.....»

São muito lisongeiros para o benemerito emprehendedor,[1] mas bastante extensos, e por isso os omittimos; podem porem ver-se nas duas citadas *Memorias*.

O 1.º é de 1 de julho de 1822—e o 2.º de 3 de março de 1826.

—

«Estava portanto fundada a fabrica de porcelana, mas restava descobrir o kaulin de que ella se obtem. Fabricava-se louça, é verdade, mas esta louça era má faiança em vez de boa porcelana. Procuravam-se barros em differentes pontos do paiz e construiram-se novos fornos conforme as plantas vindas de Sevres, mas nada d'isto deu o resultado que se desejava, de sorte que em 1826 o fundador contractou na Saxonia 3 artistas para virem dirigir o fabrico da porcelana e ensinal-o aos operarios portuguezes.

Dos 3 só vieram 2, sendo apenas verdadeiro artista um, *José Scörder*... modelador de merito, que prestou importantes serviços á fabrica, creando bons discipulos que lhe perpetuaram o nome.

.....

O sr. Ferreira Pinto Basto em 1830 mandou seu filho Augusto Ferreira Pinto Basto a França, a fim de estudar na fabrica de Sevres... os melhores processos e meios de investigação. Ali recebeu aquelle cavalheiro

---

[1] Falleceu em julho de 1875 na sua grande quinta da *Foja*, freguezia de Ferreira a Nova, concelho da Figueira, e foi sepultado com grande pompa no cemiterio *Occidental* de Lisboa, no dia 10 do dicto mez e anno.

P. A. Ferreira.

sabios conselhos e preciosas indicações do director d'aquella importante fabrica o illustre Brogniart, que lhe fez ver a completa impossibilidade de se fabricar porcelana, sem o kaulin, que era o que faltava na Vista Alegre.

O sr. Augusto Ferreira Pinto regressou a Portugal trazendo amostras do kaulin empregado em Sevres, e depois da sua chegada os ensaios e experiencias continuaram incessantemente na Vista Alegre, mas sempre sem melhor resultado, até que em 1834 se descobriu o *verdadeiro kaulin*!...

.....

«O sr. Ferreira Pinto tinha mandado vir de differentes pontos do paiz, por intermedio dos administradores do contrato do tabaco, de que elle era arrematante, amostras de quantos barros havia mais ou menos conhecidos, a fim de vêr se entre elles se encontrava o desejado *kaulin*. Estes barros eram todos submettidos a um exame chimico, mas com resultado sempre negativo...

Ao mesmo tempo... um aprendiz de oleiro, fazia por conta propria algumas experiencias não só com aquelles barros, mas com outros que a pedido seu lhe eram trazidos por operarios que dos concelhos d'Ovar e Feira vinham trabalhar nas construcções que na Vista Alegre se estávam fazendo. Entre estes barros veiu o kaulin de *Val Rico*, d'aquelle ultimo concelho.[1] Trouxe-o um trolha e foi reconhecido pelo aprendiz oleiro, que no meio da sua humilde obscuridade prestou o grandiosissimo serviço á fabrica de lhe descobrir a materia prima para o fabrico da porcelana.

O descobridor... foi Luiz Pereira Capote, natural de Ilhavo, que falleceu em 1870.

---

[1] *Val Rico* é uma aldeia da freguezia do *Souto*, concelho da Feira e distante d'esta villa 5 kilometros para S.S.O.—e 7 da estação d'Ovar no caminho de ferro do Norte. V. *Souto*, vol. 9.º pag. 443.

P. A. Ferreira.

Descoberto o *kaulin*, principiou desde então a fabrica a produzir porcelana dura, datando por tanto de 1834 o seu fabrico, que se foi aperfeiçoando gradualmente, de fórma que em 1840 principiou a Vista Alegre a poder competir em qualidade com as fabricas estrangeiras, o que não succedeu nos preços, pois produzia caro.

O elevado dos preços difficultou alguns annos a extracção da louça, tornando-a pouco conhecida. Os armazens da fabrica estavam atulhados de louça, quando em maio de 1846 rebentou no Minho a revolução popular. Os proprietarios da fabrica, receiosos de que ella fosse victima, annunciaram a venda por lotes de toda a louça em deposito, venda que se realisou por preços bastante convidativos, o que fez com que os productos da Vista Alegre se espalhassem, divulgando-se o seu bem acabado e a sua baratesa. Estava aberto um novo periodo de prosperidade para a fabrica.....

.....

Prosperando sempre de anno para anno, a fabrica chegou ao apuro em que hoje está, apresentando largas tendencias para progredir, tal é a activa e intelligente direcção que hoje tem... Os seus productos tem sido premiados em todas as exposições de Londres, Paris, Philadelphia, Vienna d'Austria, Rio da Janeiro e Porto.

Do consummo que teem obtido os mesmos productos são prova irrefutavel os seguintes algarismos, importancia da louça fabricada:

Em	1860.....	21:949:000
»	1870.....	26:994:000
»	1880.....	40:750:000
»	1881.....	51:828:740
»	1882.....	52:200:900
»	1883.....	54:817:090
»	1884.....	54:500:800
»	1885.....	55:000:660
»	1886.....	58:400:180
»	1887.....	58:725:500

Fabrica de vidros e cristaes

Da mesma *Memoria* extractaremos ainda o seguinte:

«Conjunctamente com a fabrica de porcelana, fundou o sr. José Ferreira Pinto Basto na Vista Alegre e no mesmo anno de 1824 uma outra de vidro e cristal, que lhe ficou annexa. Os primeiros trabalhos foram dirigidos por um allemão, Francisco Miller, que havia annos já estava dirigindo a do *Côvo*, no concelho de Oliveira d'Azemeis,[1] o qual foi substituido em 1826 por João da Cruz e Costa, de Lisboa, que esteve a dirigir o fabrico do vidro até 1854.

Foram desde logo bastante satisfatorios os resultados obtidos, de sorte que o fundador procurou pôl-a a par das melhores do estrangeiro, mandando vir mestres experimentados para as differentes officinas de lapidação e floristagem. Para aquella contractou em 1826 na Inglaterra Samuel Hunles, que veiu ganhar 2$400 réis diarios, e ali esteve até 1828, deixando bons discipulos.

O mestre de floristagem era italiano e não passou de Lisboa... por alguem lhe affirmar que era muito miasmatico o clima da Vista Alegre. Para Lisboa pois foram os aprendizes d'esta officina, que ao fim de tres annos de pratica foram dados por promptos, affirmando o mestre que um d'elles — João Ferreira Ribeiro, de Vagos, estava já mais mestre do que elle, o que não era sem fundamento; e foi para a Vista Alegre dirigir a officina de floristagem com grande proficiencia.»

—

Desde 1837 até 1840 foi enorme a producção de vidro, todo da melhor qualidade e algum de perfeição inexcedivel; mas ao passo que desde aquelle anno principiou a progredir o fabrico da porcelana, foi decaindo o do vidro, até que cessou de todo em 1846.

Em meados de 1848 continuou a fabricar-se, mas em menor quantidade e só liso, porque os lapidarios e floristas durante aquelle interregno uns foram para a fabrica da *Marinha Grande*, outros applicaram-se a differentes misteres, de fórma que os tempos aureos da fabricação do vidro na Vista Alegre passaram para nunca mais voltarem.

Em 1880 acabou de todo a fabrico de vidro, demolindo-se o respectivo forno!...

Annexo á fabrica de porcelana e vidro houve tambem um laboratorio chimico. Foi fundado igualmente em 1824 e de 1827 a 1832 teve por director D. Euzebio Roiz, official de cavallaria hespanhol e chimico muito distincto, que viera para Portugal emigrado em 1826. Depois da sua saida acabou o laboratorio.

—

De 1827 a 1835 foram os productos da fabrica marcados com *V. A.* entre duas palmas rematadas por uma corôa. Esta marca era gravada em um carimbo, aberto por Manoel de Moraes. De 1838 a 1861 não foi geralmente marcada a louça; desde 1861 tem sido toda marcada cem *V. A.* em azul.

—

Com o fim de crear artistas habeis fundou em 1826 o sr. José Ferreira Pinto Basto na Vista Alegre um collegio com internato, onde se ensinava, alem dos misteres das officinas, instrucção primaria e musica.

Os primeiros alumnos foram 13, e o director José Vicente Soares, de Penafiel; acabou porem tão santa e util instituição em 1842, chegando a ter nos ultimos annos 40 alumnos.

—

Como dependencia do grande estabelecimento fabril, ha tambem na Vista Alegre um pequeno, mas elegante theatro, que alem da galeria ou camarote para os proprietarios da fabrica, tem plateia com 180 logares.

Foi fundado em 1851. O panno de bocca e o tecto foram pintados por Chartier Rousseau, director da officina de pintura. Aquelle representa a vista da Praia Grande de Macau; este Apollo e as 9 musas.

---

[1] V. *Côvo*, tomo 2.º pag. 436, col. 2.ª,—e *Villa Chã*, tomo 11.º pag. 684, col. 2.ª tambem.

Anteriormente houve ali 2 theatros, sendo o 1.º fundado em 1826 ou 1827.

Ha tambem na grande fabrica uma philarmonica privativa, composta exclusivamente de operarios d'ella.

Foi tocar ao Porto no Palacio de Cristal em 1882, quando a *Sociedade de Instrucção do Porto* ali realisou uma importante exposição de ceramica, na qual occupou logar distincto a fabrica de Vista Alegre e lhe foi dado o 1.º premio.[1]

—

Em 1846 os proprietarios d'esta grande fabrica adheriram á revolução do povo; fecharam a fabrica e formaram um batalhão de voluntarios com os seus artistas e alguns visinhos, pelo que se denominou *batalhão da Vista Alegre*. Foi commandante d'elle um dos proprietarios e administrador da fabrica—Alberto Ferreira Pinto Basto,—e major o director da mesma fabrica—João Maria Rissoto.

Apresentou-se á junta do Porto em 28 de outubro de 1846; tomou parte na acção de Val Passos em 16 de novembro do mesmo anno —e capitulou com todo o exercito da junta na convenção de Gramido em 24 de junho de 1847.

V. *Gramido* e *Val Passos*.

—

No dia 13 de cada mez ha na povoação da Vista Alegre um importante mercado, conhecido pela triplice denominação de *Feira dos treze, da Ermida—e do Bispo*.

Este mercado foi estabelecido a petição do juiz, vereadores e povo das villas da *Ermida* e *Ilhavo*, por alvará de 15 de junho de 1693, que ordenou fosse este mercado annual no dia 13 de setembro, dia da invocação da padroeira da capella da Vista Alegre —*Nossa Senhora da Penha de França*, como já dissemos.

—

As materias primas empregadas no fabrico da porcelana são argilas kaulinicas, o quartzo e o feldspatho, — aquellas provenientes de *Val Rico*;—estes de Villa Meã, Mangualde e Porto.

As argilas kaulinicas são aqui lavadas e passadas por peneiras, a fim de se separarem os corpos em diversos estados d'aggregação, sendo empregadas como quartzo as areias grossas que deixam.

O quartzo e o feldspatho são escolhidos primeiramente tambem, a fim de se evitar que levem grandes porções d'oxido de ferro, que ordinariamente lhe anda unido. Depois calcinam-se e levam-se para as galgas.

Os differentes materiaes que hão de compôr a porcelana, depois de moidos e lavados, são compostos e em seguida levados ás mós horisontaes, para os moerem e triturarem— e depois guardados em depositos até adquirirem certo grau de consistencia. D'estes depositos vae a massa para a casa da *amassadura* onde é lançada em vasos de barro poroso de fórma de pyramides conicas troncadas, a que dão o nome de *coques*. D'estes é a massa levada para uma larga banca de pedra, onde é amassada a pés por dois ou mais homens. Depois dividem-na em fracções com a fórma de cones, a que chamam *pélas*, as quaes em seguida são levadas para a officina das rodas de oleiro, onde são separadamente amassadas á mão sobre uma pequena banca de marmore, etc.

—

O methodo aqui empregado na execução das differentes peças de porcelana é o de *encher* e o de *moldar*.

As caixas refractarias *(gazetas)* onde se mettem as peças para serem levadas aos fórnos, são feitas por moldes de gesso.

Depois de bem seccas as peças que sai-

---

[1] A mesma banda de musica tambem foi tocar a Lisboa nas grandes festas do casamento do nosso principe D. Carlos com a princeza D. Maria Amelia d'Orleans, nos dias 22 a 30 de maio de 1886.

P. A. Ferreira.

ram da roda do oleiro ou dos moldes, procede-se ao enfornamento, mettidas nas *gazetas*, ou sem ellas. Levadas ao forno são collocadas no 2.º pavimento, pois agora só recebem calor brando, ou *chacota*, — e depois d'esta cozedura, vão para a officina de vidrar.

O vidrado é por immersão das peças dentro de uma grande tina onde se acham diluidos em agua os corpos que compoem o esmalte.

As peças mettem-se e tiram-se rapidamente, ficando logo seccas, como se não houvessem recebido banho algum. Depois tira-se o vidrado dos pontos de contacto e dá-se nos pontos em que a peça não o póde receber na parte coberta pela mão. Os retoques são feitos a pincel.

Mettidas novamente dentro das *gazetas*, em cujo fundo se lança alguma areia, são outra vez enfornadas, mas agora no outro pavimento do forno, afim de receberem o grande calor que termina a cozedura, sendo as *gazetas* collocadas umas sobre outras a toda a altura do forno, a que se dá o nome de *fios*.

—

Feito o enfornamento, accendem-se as 4 fornalhas que tem o forno, havendo tôdo o cuidado para que a intensidade do lume seja a mesma em todas as fornalhas e uniforme a temperatura.

Passadas 10 horas de lume brando, ou de *esquenta*, tapam-se as boccas dos fornos com tijolos refractarios, afim de concentrar a força do calor interiormente. Começa então o grande calor, ou *lume de calda*, renovando successivamente a lenha nas fornalhas e conservando-se o fogo bem activo e uniforme 24 a 36 horas.

Completa a cozedura, tira-se a lenha das fornalhas, diminuindo gradualmente d'este modo o calor dentro do forno, conservando-se a louça dentro d'elle até que esteja completamente fria. Só então se começa a desenfornar.

De entre as peças vidradas separam-se as que tem de ser pintadas, para o que se conduzem a um armazem contiguo ás salas pintura.

São muitas as cores usadas na pintura da porcelana, quasi todas vitrificaveis e obtidas pela combinação de oxidos, saes metallicos e fundentes.

Os oxidos empregados de preferencia são os de choromio, ferro, uramio, zinco, manganez, cobalto, antimonio, iridium, estanho e cobre;—os saes são o chromato de ferro, de barita, de chumbo e algumas vezes o chloreto de prata.

Pintada a louça, vae á estufa para seccarem as tintas: depois é mettida em *muflas* para se fixarem as tintas, ganhando as respectivas cores, as quaes se verificam com os fundentes.

Resenha do pessoal superior da grande fabrica

Administradores:—Augusto Ferreira Pinto Basto, 1824–1828; Alberto Ferreira Pinto Basto, 1829–1855; Duarte Ferreira Pinto Basto, 1856–1861; Domingos Ferreira Pinto Basto, 1861–1882; e depois successivamente —Duarte Ferreira Pinto Basto Junior, Theodoro Ferreira Pinto Basto, Gustavo Ferreira Pinto Basto e Duarte Ferreira Pinto Basto, administrador actual (1888).

Directores:—Antonio d'Almeida Ferreira Duque, 1836–1840; João Maria Ripoto, 1840–1878; Duarte Pinto Basto Junior, 1878–1882; João Antonio Ferreira de 15 de maio de 1882 até hoje, novembro de 1888.

Mestres de pintura : — Victor Francisco Chartier Rousseau, 1836–1856; Filippe Fortier, 1857–1860; Gustavo Fortier, 1861–1865; Joaquim d'Oliveira, 1866–1881; Francisco da Rocha Freire, de 1881 até hoje.

Mestres de porcelana:—João da Silva Monteiro, 1826–1833; João da Silva Monteiro Junior, 1833–1838; João Antonio Ferreira, 1838 até maio de 1882, data em que foi supprimido o cargo de *mestre de porcelana*, ficando a fazer as vezes d'elle 2 contra-mestres.

—

A fabrica tem uma machina a vapor da força de 14 cavallos.

Foi feita em Lisboa por Bachelay—e montada em 1855.

A chaminé tem 14 metros d'altura e foi construida em 1879 por operarios do estabelecimento.

Ha 4 fornos para coser a porcelana, todos de forma cylindrica e feitos com tijolos refractarios fabricados no estabelecimento. Cada um tem 4 fornalhas e 2 andares.

Ha tambem 8 *muflas*, ou fornos mais pequenos, destinados a fixar as tintas. São caixas feitas d'argila refractaria, separadas umas das outras por paredes de igual natureza, e com fornalhas independentes.

Do exposto se vê que é muito complicado e melindroso o fabrico da *porcelana*.[1]

—

Em 1880 empregavam-se n'esta grande fabrica 127 homens, 25 mulheres e 27 rapazes; hoje (1888) empregam-se — homens 160; mulheres 24; rapazes 40.

Os trabalhos são quasi todos feitos de empreitada, e os salarios variam conforme a natureza do trabalho. Nas officinas de porcelana e pintura os homens ganham por dia 600 a 1$000 réis; nos outros serviços 300 a 500 réis; as mulheres e rapazes 120 a 240 réis.

Consome pinho no valor de 7 a 8 contos de réis por anno—e 320 tonelladas de carvão de pedra.

Vende toda a producção, não dando por vezes aviamento ás encommendas;—tem por mercado todo o continente e ilhas, nomeadamente a cidade d'Elvas.

Os preços da porcelana branca são muito diminutos. Apresentam chavenas de 30 a 35 réis cada uma — e pratos de 70 a 80 réis; mas a porcelana dourada e pintada sobe até alto preço, na proporção do tamanho e do trabalho artistico.

Entre as peças mais notaveis que a grande fabrica produziu até hoje merecem especial menção dois grandes vazos de porcelana, que o sr. bispo-conde de Coimbra mandou expressamente fazer em 1887 para dar a S. Santidade Leão XIII por occasião das grandes festas do seu jubileu sacerdotal (31 de dezembro do dicto anno.) Os vasos mediam 0m,86 de altura e eram de fórma elegantissima, verdadeiras obras d'arte feitas a capricho e primorosamente acabadas.

Em uma das faces tinham o retrato de Leão XIII emmoldurado em um festão d'ouro; na outra as armas do mesmo pontifice com as cores proprias; no pedestal os brazões do bispo-conde e da cidade de Aveiro, em fundo verde-claro,—e em cada uma das faces da base, que era quadrangular, tinham a seguinte legenda:—*31 decembris 1887 — Observantiae pignus—Amoris argumentum Off. Ep. Conimbricensis.*

Os dois vasos custaram *duzentos mil réis.*

—

A familia *Pinto Basto* é muito numerosa e muito considerada no nosso paiz.

José Ferreira Pinto Basto, fundador da

---

[1] Ainda não está bem averiguada a origem d'este nome *porcelana*. Suppõe-se que a sua etimologia é portuguesa, como se lê na *Memoria da Vista Alegre* pelo sr. Brito Aranha. Diz elle:

«A primeira louça da China e do Japão veio para Portugal no 1.º decenio do sec. XVI. Transportou-a, segundo a tradição, um navio de que era commandante um antigo maritimo por nome *Pero Solano*. Soube-se isto na Europa, e da Hespanha e França vieram para Lisboa, dentro de pouco tempo, pedidos de louça de *Pero Solano*. D'aqui nasceria pois por corrupção do vocabulo, a *persolana*, que encontramos desde as mais antigas memorias transformada na palavra *porcelana*.

«A introducção d'esta especie de louça na Europa causou tal admiração... que desde então se começaram as experiencias para imitar o precioso artefacto oriental, mas só passados 2 seculos é que se obtiveram resultados satisfactorios, porque vemos que a celebre fabrica de Saxonia principiou a produzir regularmente porcelana depois de 1711, a de Vienna em 1720, a de Berlim em 1751, a de Sévres em 1765 e a Worcester em 1768.»

grande fabrica da Vista Alegre, filho de Domingos Ferreira Pinto Basto e de sua mulher D. Maria do Amor Divino Costa, nasceu no Porto a 16 de setembro de 1774; casou com D. Barbara Innocencia Felicidade Allen em 14 de janeiro de 1801; falleceu em Lisboa no dia 23 de setembro de 1839; foi senador, caixa do contracto do tabaco, deputado ás côrtes, membro do conselho de familia por fallecimento de el-rei D. João VI, provedor da *Casa Pia* de Lisboa, etc. etc.

Teve 9 irmãos e 15 filhos, dos quaes a maior parte deixou successão.

Numerosa familia!...

Os irmãos foram: Antonio, Maria, Eufrasia, Anna, Quiteria, Helena, Isabel, Francisca e João.

Filhos: José, Duarte, Theodora, Felicidade, Augusto, Alberto, Julio, Maria, Domingos, Joaquim, Emilia, Justino, Anselmo, Guiomar e Frederico?!...

Alem da grande fabrica da *Vista Alegre*, deixou muitas e valiosos propriedades, entre ellas a quinta de *Cette* no concelho de Paredes, quinta que abrange o antiquissimo convento e cerca dos frades benedictinos de *Cette*, hoje muito embellesada, muito bem arborisada e uma das vivendas mais pittorescas, mais mimosas e mais luxuosas do districto do Porto; as quintas da Gafanha e Cantanhede;—a grande quinta de *Foja*, que foi dos cruzios, junto da Figueira;—a quinta do *Rol*, junto de Coimbra;—a quinta de *Malvedo*, na Tua;—a casa do *Correio* e muitas propriedades em Cabeceiras de Basto;—muitos predios em Lisboa e Belem e muitas propriedades em Queluz, etc.

—

A fabrica da *Vista Alegre* ainda hoje pertence aos descendentes do fundador, os quaes em numero de 12 formaram em 1882 uma parceria para a explorarem com o capital de 64:800$000 réis, entrando cada um com 5:400$000 réis.

Os 12 parceiros são os seguintes:

—D. Felicidade Firmina Teixeira Pinto Basto.

—Custodio Teixeira Pinto Basto.

—Reynaldo Ferreira Pinto Basto.

—Theodoro Ferreira Pinto Basto.

—Duarte Ferreira Pinto Basto.

—Gustavo Justino Ferreira Pinto Basto.

—Vasco Ferreira Pinto Basto.[1]

—D. Maria Helena Ferreira Pinto Basto.

—D. Barbara Camilla Ferreira Pinto Basto.

—D. Joaquina d'Avilez Teixeira Pinto Basto.

—Alberto Ferreira Pinto Basto e

—D. Joanna Victoria de Sousa Correia.

VISTA ALEGRE,—quinta, pertencente à freguezia de *Covas do Douro*,[2] concelho de Sabrosa, districto de Villa Real de Traz os Montes.

V. *Covas do Douro*, tomo 2.º pag. 427, col. 2.ª tambem,—e *Poiares*, tomo 7.º pag. 123, col. 1.ª

Esta freguezia de *Covas* foi uma das mais ricas do Douro, porque demorava na região do *Port-Wine* e só a freguezia de *Poiares*, citada supra e pertencente ao concelho da Regoa, produzia mais vinho, posto que muito mais inferior. Em 1840, p. ex. a freguezia de *Poiares* produziu 3:930 pipas; esta de *Covas* 2:870; a de *Cambres* 2:657; a da *Regoa* 2:573—e a de *Godim* ou *Juqueiros* 2:494, todas de 557 litros cada uma. Na região do *Port-Wine* eram estas as 5 freguezias do Douso que produziam mais vinho, sendo muito superior em qualidade e preço o d'esta de *Covas*, pelo que era muito rica, mas hoje, depois que o phylloxera destroçou os seus vinhedos, é uma das mais pobres do Douro, pois talvez que hoje não produza 300 pipas—e de vinho fino com certeza não produz 100?!...

---

[1] É um cavalheiro de muito merecimento e neto do fundador. Casou com D. Maria Helena, uma das sobrinhas e herdeiras d'Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, e mora no Porto, no palacio de *S. João Novo*, que foi do dicto Alvaro Leite, palacio que d'elle herdou a mencionada sobrinha.

V. *Nicolau* (S.) do Porto, vol. 6.º pag. 89, col. 2.ª

[2] Assim se denominou sempre e denomina ainda hoje; não *Covas do Rio*, como se lê na *Chorogr. Moderna*.

V. *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*, onde descrevemos o estado presente do Douro.

—

Esta freguezia, alem da povoação de *Covas do Douro*, séde da matriz e situada em uma *cova*, sitio abafado e fundo, ardentissimo no verão, comprehende as povoações de Donello, Poça, Pesinho, Chancelleiros,[1] — e as quintas da *Vista Alegre*, Agua Alta, Espinhal, Veiga, Pomar, Ferrão, Larangeira, S. Fins, Ceira, Boa Vista, Bateiras, *Cachucha*,[2] Quinta Nova, Porto, Formigosa, Ujó, Oliveirinha, Sopas, Moura, Gontelho, Trancada e Bom Dia. Estas ultimas 4 (eu já as visitei) pertencem ao meu amigo Alexandre Augusto Pereira de Barros, de Donello, que era um dos melhores proprietarios d'esta freguezia, mas depois que a phylloxera a destroçou, vive no extincto convento de S. Pedro das Aguias, bella residencia que possue na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço, na outra margem do Douro.

Das quintas mencionadas supra, as 3 melhores eram as seguintes: 1.ª *Ferrão*, da familia *Pessanhas;* 2.ª *Quinta Nova*, de José Paulo de Abambres; 3.ª *Cachucha*, que foi dos *Saavedras*, de Provezende.

V. *Monte Coxo* e *Tavora*, vol. 9.º pag. 516, col. 1.ª — Note-se que o dito convento *in illo tempore* pertencia ao sr. José Constantino, irmão do actual possuidor. Aquelle ainda vive em Donello e está solteiro; é muito illustrado e talentoso, mas muito excentrico. Só convive com os livros; devemos-lhe porem a fineza de palestrar muito comnosco, quando eramos abbade em Tavora.

A quinta de *Gontelho* está no caminho do Douro para Covas e era um dos sitios do vinho mais afamado, pelo que ali, ao longo da estrada, os proprietarios da freguezia fizeram differentes armazens, que parecem um povo, onde tinham em deposito os seus vinhos.

A quinta do *Ferrão*, pertencente á nobre familia *Pessanhas*, deu o nome *e o ser* á estação actual do *Ferrão*, na linha do Douro, pois a estação demora em sitio deserto e foi feita ali, junto da mencionada quinta, em attenção aos donos d'ella.

Tem esta quinta lagares soberbos com os maiores tampos que ha em todo o Douro!

V. *Monte Coxo*, *loc. cit.*—e *Villa Nova de Foscoa*, tomo 11.º pag. 840, col. 1.ª

Um pouco a montante da dita estação vae construir-se uma ponte sobre o Douro, na testa da estrada districtal n.º 40, de Viseu á foz do Tavora, por Taboaço, Tavora e Moimenta da Beira.

V. *Vicente* (S.) sitio, tomo 10.º pag. 516, col. 2.ª—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1778, col. 2.ª n.º 2.

VISTA ALEGRE.—quinta da freguezia de *Fontéllo*, concelho d'Armamar.

V. *Fontello*, tomo 3.º pag. 209, col. 2.ª

Alem da povoação de *Fontello*, séde da matriz, comprehende esta parochia as povoações seguintes: — Balteiro, Commenda, Villar, Serro do Maio — e as quintas da Lapa, *Vista Alegre*, Bagauste, Villar, Talhadouro e 3 na Pedra Caldeira.

Em *Bagauste*, na margem esquerda do ribeiro d'este nome e no termo da freguezia de *Parada do Bispo*, ha outra grande quinta com capella e casa nobre, pertencente aos herdeiros de Luiz Pinto de Sousa Vahia. Comprehende largos vinhedos, parte dos quaes estão em terreno que outr'ora foi comprado ou emprasado á extincta camara de *Parada do Bispo*, e o dito emprasamento ou titulo de venda foi assignado *apenas pelo escrivão* da dicta camara, declarando que não assignavam os illustres vereadores — *por não saberem escrever?...*

O sitio de *Bagauste*, onde demoram as mencionadas quintas, é conhecido desde tempos muito remotos, pois houve ali um convento antiquissimo!

V. *Bagauste* n'este diccionario—e *Bacalar* em Viterbo.

---

[1] D'aqui é oriundo, aqui tem uma boa casa e d'ella tomou o titulo o actual visconde de Chancelleiros.

V. *Villa Verde dos Francos*, tomo 11.º pag. 1119, col. 1.ª

[2] D'ella tomou o nome o celebre *ponto da Cachucha*. V. *Pontos do Douro*, n.º 43.

Suppõe-se que o dicto convento estava no sitio onde hoje se vê a quinta dos *Vahias*, pois quando no meiado d'este seculo se fez a grande casa e se restaurou a capella, ali se encontraram sepulturas antiquissimas.

—

O mencionado ribeiro de *Bagauste* divide a freguezia de *Parada* da de *Fontello*—e na foz d'elle ha uma barca de passagem sobre o Douro, barca que outr'ora foi dos bispos de Lamego.

Na foz do mesmo ribeiro ha uma boa ponte de cantaria de granito, feita pelo meiado d'este seculo na estrada marginal do Douro—e em frente, na margem direita do rio, ha um apeadeiro denominado de *Bagauste*, na linha ferrea do Douro.

Demora tambem a jusante de *Bagauste* o *ponto* d'este nome—e a montante o *poço da Pedra Caldeira*.

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.º pag. 199, col. 1.ª n.os 30 e 31,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1704, col. 2.ª

A quinta de *Villar* pertence ao sr. *Duarte Huet* e d'ella já fizemos menção.

V. *Villar*, aldeia... tomo 11.º pag. 1175, col. 2.ª

VISTA ALEGRE, — quinta e casa nobre, pertencente á freguezia de *S. Thiago de Piães*, concelho de Sinfães.

V. *Piães*, tomo 7.º pag. 8, col. 1.ª

Esta importante freguezia comprehende as aldeias seguintes:—Casconhe, Queixada, Oleiros, Villar d'Arca, Santo Antonio, Ventozellas, Cimo de Villa, Cabo de Villa, Crutello, Quintã, Preguinho, S. Pedro, Santa Comba. S. Martinho, Lagea, Vermilhos, Paço de Sanfins, Barreiros, Covaes, Outeiro do Mouro, Seixos, Castro, Bouça, Riscas Velhas, Villa Verde, Amial, Torneiros, Antemil, Cancella, Pereira, Lamas, Folhadal, Areial, e Feira;—os casaes de Joanne, Luz, Benecal, Sobreira, Val do Mendo, Areial, Costa da Pereira, Cavada, Souto, Espadanal, Outeiro, Arge, Lameiras, Rebolho, Cabrella, Estriga, Regada d'Olho—e as quintas de Murjon, Soalheira, Residencia, Cardaes, Moinho do Cubo, Ribeira, Devesa, Lama, Bouça d'Affonso, Presa, Povoa, Casal Secco, Penna do Anjo, Casas Novas, Quintã, Fojo, Poreas, Ganal, S. Juste, Reguengo, Quebrada, Fontellas, Prado, Barras, Avilerma, Juncal e *Vista Alegre*...

Na sua casa e quinta da *Vista Alegre* falleceu em novembro de 1882 o dr. Diogo Leite de Castro Pinto Castello Branco, juiz da relação dos Açores, magistrado integerrimo e cavalheiro dignissimo.

VISTA ALEGRE,—quinta da freguezia de *Tarouquella*, concelho e comarca de Sinfães.

V. *Tarouquella*, vol. 9.º pag. 494, col. 2.ª

Comprehende esta freguezia as aldeias de Urbão, Pinheiro, Casaes, Fontes, Granja, Paços, Barral, Mosteiro, Torre, Outeiro, Regadas, Val de Vez, Sobrado de Baixo e Sobrado de Cima:—os casaes da Corredoura, Alqueve, Palheiros, Campo Grande, Tapados, Abobreira e Candeira;—as quintas de Crasto (Castro) Cadeia, Cantarinho, Lameiras, Carril, Sete ou Cétte, Gouja, Picota, Adega, Aido, Eira, Fraga, Figueiró, Boa Vista e *Vista Alegre*.

VISTA ALEGRE,—quinta da freguezia e villa de *Palmella*, concelho de Setubal.

V. *Palmella*, tomo 7.º pag. 431-440.

A freguezia de Palmella, orago S. Pedro, é muito populosa e uma das mais extensas do paiz, porque absorveu e representa mais duas:—a de *Santa Maria do Castello* e a de *S. Pedro de Marateca*, distante mais de 20 kilometros para o nascente e que tinha pequena população, mas uma area vastissima.

V. *Marateca*, tomo 5.º pag. 59, col. 2.ª

A freguezia de *Palmella*, representando aquellas 3 freguezias, tem de bombordo a estibordo cerca de 40 kilometros (?!...) e comprehende além da villa as povoações de Cabanas, Penteado, Barris, Venda do Alcaide, *Pinhal Novo*, Carregueira, Lagoinha, Olhos d'Agua, Carrasqueira, Fontainhas, Ponte da Vaca, Serra, Abreu, Aréias, Terrim, Aldeia do Pinheiro, Horta do Sobreiro, *Marateca*, *Poceirão*,[1] Aguas de Moura; — os casaes de

[1] Este pequeno povoado era do termo da freguezia de Maratéca e d'elle tomou o nome a estação do *Poceirão* na linha ferrrea de S., que passa a pequena distancia.

Lagôa da Palha, Sesmarias, Algeraz, Pernuda, Roboredo, Moinho Novo, Ferrarias, Pego Claro, Asseiceira, Lagôa do Calvo, Fonte Barreira, Agualva, Moinhota, Amieira, Rio Frio, Zambujal, Seixolinha, Guarda Mór, Arrabidas, Boqueirão, Parrella, Cano, Comoros, Ferrador, Monte Cortiço, Batudes, Boino, Cerrado, Alfundão, Buenos Aires, *Pinhal Novo*, Gaitella, Cabedo, Safia, Monte Pavor, Salsa, Ponte Secca, Valles, Cabeço da Adega, Junçal, Rosa, Garcia, Cabeço Calado, Martinheira, Martinhal, Serro, Pascoa, Portella, Tapada, Tremoços, Val de Pereiro, Calhariz, Val do Moinho, Carrascal, Pandero, Rossas, Lago, Pedreiro, Pinhal Basto, Esponja, Casalinho das Rossadas, Fornos, Figueiras, Moinho da Pascoa, Fonte Velha, Casal Branco, Aparadas, Bento Pequeno, Costa Velha, Cova da Raposa, Matta, Cruz, Casal Pequeno, Barro, Serra e Lago;—as quintas da Feia, dos Bonecos, de Aires, do Barradas, Thomé Dias, Arcyprestes, do Jacob, do Centeio, do Hilario, das Machadas, Oleiro, Gloria, Camarnal, Bréjo, Alcaçovas, Quinta Nova, Pateo, Queimada, Amoreira de Cima, Amoreira de Baixo, Vião. Calvão, Fonte da Talha, Peixoto, Vianna, Varzea, dos Mellos, Formas, Val Verde, Samouco, Azenha, Carvalhos, Custodio, Ferraria, Estrangeira, Escudeira, *Boa Vista* e *Vista Alegre*;—as herdades do Marmelinho, Horta do Sobreiro, Guia, Sant'Anna, Vanechel e Misericordia;—os sitios de Val de Grou, Salema de Baixo, Salema de Cima, Santo Antonio, Arca d'Agua, Fonte da Pipa, S. Paulo, S. Romão, Fonte dos Cavalleiros, Alferrara e Monte Tinhoso?!...

Quasi todos estes sitios, herdades, quintas e casaes são habitados.

Pelo censo de 1878 a freguezia de Palmella contava

Fogos	1:505
Almas	6:542

A freguezia de Maratéca:

Fogos	104
Almas	415

Total da grande freguezia de Palmella,[1]

Fogos	1:809
Almas	6:957

—

A povoação do *Pinhal Novo* tem augmentado muito nos ultimos annos, já pela visinhança da estação do caminho de ferro do sul, entroncamento da linha ferrea de Setubal, já porque o sr. José Maria dos Santos aqui possue uma vastissima herdade muito bem agricultada e quasi toda plantada de vinha, onde emprega constantemente centenares de jornaleiros que formam uma grande colonia.[2]

Só na dicta herdade já plantou cerca de *nove milhões* de vides?!...

E' o maior vinhedo que ha hoje em todo o nosso paiz.

Os habitantes da povoação do *Pinhal Novo*, distante de Palmella cerca de 8 kilometros para N., desejam formar ali a séde de uma freguezia propria com algumas povoações mais visinhas, taes são *Fonte da Vacca* e *Venda do Alcaide*, mas até hoje, a despeito de todos os seus esforços, representações e empenhos, ainda não conseguiram desmembrar-se da vastissima parochia de Palmella.

VISTA ALEGRE, — quinta pertencente á freguezia da Sé da cidade d'Evora, capital do Alemtejo.

A dita cidade tem 4 freguezias, que dividem entre si a parte urbana, mas a freguezia da Sé, alem da parte urbana, comprehende *extra muros* um largo termo rural

---

[1] Note-se que actualmente comprehende tambem a de *Marateca*, por ser muito pouco populosa e não ter elementos para sustentar a sua autonomia.

[2] V. *Pinhal Novo*, tomo 7.º pag. 38, col. 1.ª

O sr. José Maria dos Santos, hoje par do reino, tem uma fortuna avaliada em 2:000 contos e, depois da *Casa de Bragança*, é o primeiro proprietario do Alemtejo?!...

com muitos casaes, hortas, herdades, quintas e *montes*. Podiamos indical-os *todos* e dar *minuciosa noticia d'elles*, porque se encontram indicados na *Chorogr. Moderna* e porque desde os bancos da Universidade, ou desde 1851 a 1856, data da minha formatura, temos boas relações com o ex.mo e rev. sr. dr. Alexandre José Freire de Faria e Silva, digno parocho actual da freguezia da Sé, professor de disciplinas ecclesiasticas no seminario archiepiscopal eborense, promotor da diocese e que por vezes tem sido governador d'ella; mas não me atrevo a mencionar tantos casaes, hortas, herdades, quintas e *montes*, porque ao todo são *mais de quinhentas?!...*

—

A quinta da *Vista Alegre* bem mal merece o nome, porque está em sitio fundo e pouco vistoso, a N. da cidade d'Evora e distante d'ella apenas 1 kilometro. Produz vinho, azeite, laranjas e trigo; é habitada e tem casa soffrivel e pertence actualmente a Luiz Valente Pereira da Rosa, antigo commerciante e hoje proprietario.

Demora esta quinta junto da estrada de Arrayollos e Monte-Mor o Novo—e em volta d'ella ha quintas muito mais importantes, taes são as seguintes:

—*Quinta do Palha*, hoje do Thiago, de Soure, com esplendidas vistas.

—*Quinta dos Frades da Graça*, tambem muito vistosa, pois abrange um horisonte de 50 kilometros talvez.

—*Quinta do Chantre*.

—*Quinta de S. Bento* e as quintas de *Manisola* (hoje do visconde da Esperanca)—Ramalho, Santo Antonio, Saramago, Escrivão, Parreira, Quinta Grande, Torralva, Cartucha (dos herdeiros de Jose Maria Eugenio, que a comprou por 24 contos de réis)—Quinta da Moura, Valboeira, Espada, S. José, S. Pedro e outras de somenos importancia, todas a N. da cidade, não fallando nas muitas que demoram ao nascente, poente e sul, algumas a 12 kilometros de distancia, todas pertencentes à freguezia da Sé.

—

O reverendo dr. *Alexandre José Freire de Faria e Silva* nasceu em 2 de setembro de 1828 na aldeia de *Ceres* ou *Ceras*, freguezia de S. Pedro de Alviubeirá, hoje concelho de Thomar,[1] e é filho legitimo de Alexandre José Freire e de D. Anna Ignacia da Silva,—elle da mesma aldeia de Ceras—e ella da povoação de Freixo, freguezia de Alviubeira, filha do afamado clinico Thomaz de Faria Leitão, que teve mais 3 filhos; —*Thomaz de Faria e Silva*, tambem medico, fallecido ha poucos annos em Lisboa, sendo ali director do hospital da Marinha;—*Bernardo de Faria e Silva*, doutor em medicina, mas fallecido pouco depois de doutorado,—e *Diogo de Faria e Silva*, que foi conego—fabriqueiro da Sé archiepiscopal de Evora durante 45 annos e falleceu não ha muito. Era uma excellente pessoa; ganhou muito dinheiro, porque as conezias d'Evora foram muito rendosas e são ainda hoje absolutamente as melhores do nosso paiz, e podia deixar uma fortuna colossal, mas despendeu muito com a educação dos seus numerosos sobrinhos:

1.º—*Paulo Godinho da Silva.*

Casou com uma irmã do nosso biographado e tem 4 filhos:—José Carlos Godinho de Faria e Francisco Godinho de Faria, ambos medicos, residindo o 2.º em S. Mamede de Infesta, na Maia; —Guilherme Godinho de Faria, medico em Ferreira do Zezere—e João Gualberto Godinho de Faria, capitão de marinha.

—

O 2.º sobrinho, educado pelo reverendo conego-thezoureiro, foi o nosso biographado.

---

[1] V. *Alviubeira*, tomo 1.º pag. 184,—e *Céras*, tomo 2.º pag. 241, col. 1.ª

A povoação de *Céras* está junto da estrada que liga Thomar a Coimbra; tem cerca de 40 fogos e mais de 1 kilometro d'extensão—e é cortada pela ribeira de *Céras*, que tem ali uma ponte e divide a parochia de *Alviubeira*, concelho de Thomar, da de *Nossa Senhora da Graça de Areias*, concelho de Ferreira do Zezere.

Principiou os seus estudos em Lisboa. Nomeado o tio conego d'Evora em 1841, foi elle para esta cidade e ali cursou os preparatorios no lyceu; em 1852 foi para Coimbra, onde esteve até 1857, data em que concluiu a formatura em Theologia. Em setembro do mesmo anno foi nomeado professor de sciencias ecclesiasticas para o seminario eborense, cargo que muito dignamente exerceu durante 28 annos,— e desde 1857 tem sido promotor do juiso ecclesiastico, desembargador da relação archiepiscopal, defensor dos matrimonios e profissões religiosas, examinador pro-synodal e por differentes vezes governador da diocese, merecendo sempre dos seus superiores e do governo portarias e attestados muito honrosos.

O 3.º sobrinho educado pelo benemerito conego, foi o reverendo *Carlos de Faria da Silva Freitas*, natural da mesma parochia de Alviubeira.

Cursou o lyceu e o seminario eborense e é parocho de S. Miguel de Machede, a 15 kilometros d'Evora, desde 1857.

4.º—*José Ribeiro de Faria.*

Cursou tambem o lyceu d'Evora; depois formou-se na escola-medica de Lisboa, e é clinico e guarda-mor de saude em Lagos.

5.º—*Bernardo de Faria e Silva*, irmão do antecedente.

Cursou tambem o lyceu d'Evora e depois a escola do exercito em Lisboa; tem o curso de artilheria, actualmente é capitão da arma.

Auxiliou tambem outros sobrinhos que por desleixo se não formaram e no seu testamento deixou 500$000 réis annuaes para a educação litteraria de um sobrinho mais novo, muito intelligente, que já tem o 4.º anno do lyceu d'Evora e se destina á engenharia civil.

Do exposto se vê que o reverendo conego foi um bom tio e bom cidadão.

Nós tivemos a honra de o conhecer em 1878, quando visitámos o Alemtejo e Evora, pois foi elle quem nos franqueou e mostrou o thesouro da cathedral e do cabido.

Deus o tenha em bom logar.

VISTA ALEGRE, — sitio na freguezia de *Lordello do Ouro*, bairro occidental da cidade do Porto.

V. *Lordello do Ouro*, tomo 4.º pag. 439, col. 1.ª *in fine.*

—

O meu benemerito antecessor foi pouco generoso para com esta freguezia, pois dedicou-lhe apenas 38 linhas, merecendo ella bem mais, por ser muito populosa, muito industrial, muito mimosa e fertil e um arrabalde do Porto, parte integrante d'aquella cidade;—por ter um estaleiro, o *Estaleiro do Ouro*,—onde desde tempos muito remotos se canstruiram muitos barcos da nossa marinha de guerra e mercante—e ainda recentemente a galera mercante *America*, um dos maiores e mais formosos navios que tem a praça do Porto.

Foi tambem *Lordello do Ouro* patria do bondoso e saudoso capitalista conde da Silva Monteiro, etc. etc.

Bem merecia pois esta parochia um longo artigo—e o meu antecessor por certo lh'o dedicára, se soubesse que n'ella tinha de passar, como passou, os ultimos annos da vida; que n'ella tinha de escrever, como escreveu, parte d'este diccionario; que n'ella tinha de expirar, como expirou, na rua de Serralves, n.º 393, — e que no cemiterio d'ella tinha de jázer, como jaz!...

V. *Vianna do Castello*, tomo 10.º pag. 461, col. 1.ª—e *Vimieiro* de Arrayollos, tomo 11.º pag. 1457 a 1464.

A terra lhe seja leve!

VISTO—Formula escripta em algum acto e que, assignado por pessoa para isso auctorisada, torna esse acto authentico.

Para se formar ideia do que eram outr'ora os vistos de muitos corregedores, veja-se o que dissemos no art. *Villa Marim*, tomo 11.º pag. 782, col. 2.ª *in finé* e segg.

Risum teneatis.

VISTORES, portuguez antigo.

Assim se denominavam no sec. XIV os louvados, vedores e apegadores que iam ver as terras e quaesquer propriedades, fructos, bens moveis ou de raiz, para se averiguar a verdade ou se decidirem duvidas e contendas.

VITA,—portuguez antigo,—*fita* com que atavam em redor das fontes as corôas, os cabellos, as flores, etc.

Costa, *Georg.* 3.

Era quasi synonimo de *venda*, na accepção de *faxa*.

VITANDO,—termo frequente na disciplina ecclesiastica.

Excommungado vitando é aquelle com quem se não deve conversar, associar-se, ajuntar-se em sessões, conferencias, etc.

VITARÃES,—Assim se denominava outr'ora a freguezia de *Bitarães*, concelho de Paredes.

V. tomo 1.º pag. 402, col. 2.ª—e *Aguiar de Sousa* no mesmo vol. pag. 40, col. 1.ª

VITATORIO,—portuguez antigo.

Pregão vitatorio era o que dava o pregoeiro, antes de se executar no padecente a pena ultima.

Gil Vicente,—Auto da Barca do Inferno.

Felizmente a pena de morte foi abolida em Portugal por decreto de 1 de julho de 1867, ou ha 21 annos, pois estamos em outubro de 1888.

Nas *Memorias do tempo passado e presente para lição dos vindouros* pelo dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco,[1] pode ver-se de pag. 227 a 798 uma extensa lista das execuções de pena ultima que Portugal presenciou.

Leia quem tiver coragem!...

VITELLIO,—imperador romano.

Foi a vergonha da humanidade, mas *talis vita, finis ita*!...

Era descendente de uma das mais illustres familias de Roma—e explorou successivamente a intemperança, a crueldade, as dissoluções e os vicios dos imperadores Tiberio, Caligula, Claudio e Nero.

Não decahiu na amisade dos seus patronos, como succedeu a outros favoritos. Passou por todos os cargos do imperio e ganhou os soldados com dadivas. Estando á frente do exercito na Germania, quando Othão foi proclamado imperador, Vitellio foi igualmente revestido da purpura pelos soldados e marchou contra Othão. Seguiram-se 3 grandes batalhas em que Vitellio foi batido, mas na 4.ª, entre Mantua e Cremona, ficou senhor do campo e do imperio. Depois praticou as maiores crueldades, entregou-se aos maiores excessos e chamou sobre si a indignação publica. Sendo proclamado imperador Vespasiano e enviado Primo, seu ministro, para assassinar Vitellio, este se escondeu debaixo da cama do seu guarda-portão, mas ahi mesmo foi preso; ataram-lhe as mãos atraz das costas e depois foi conduzido nú pelas ruas mais publicas de Roma, com a ponta de uma espada por baixo da barba, para o obrigar a levantar a cabeça. Soffreu os maiores insultos da plebe e por ultimo foi suppliciado no anno 69 da era christã, depois de um reinado de 11 mezes e 19 dias apenas!...

VITULA,—deusa dos romanos, que excitava a alegria.

VITUMNO ou **VITUNO**,—certo deus que os pagãos adoravam, crendo que era elle que dava a vida ás creaturas no ventre da mãe.

S. Agost. *De Civit. Dei*, l. 7.ª

VIVENDA,—portuguez antigo,—modo de vida, subsistencia ou praso para viver.

«E antre os foros, que pagam, e o que lhys assi filham, nom podem haver *vivenda*.»

Documento da camara municipal de Lamego com data de 1358.

Tambem significava outr'ora—*vida, comportamento, conducta.*

«Devemos muito trabalhar, que nosso povo faça *vivenda*, que seja muito a serviço de Deus, e a sua prol; assy que quando lhe pedirem graça pera acrescentamento dos bens temporaaes, e prol de suas almas, o possam dêl gaançar.»

Cod. Alf. liv. V, tit. 41, § 1.º

Tambem já significou o *viver, o passadio em algum logar.*

«Nenhum cura aturava (nas egrejas de *Barroso*) por ser a *vivenda* intoleravel.»

Vida do Arcebispo, 3, 6.

VIVENTAR,—portuguez antigo,—hoje *aviventar.*

---

[1] *Coimbra, Imprensa da Universidade*, 1880,—8.º de 804 pag.

VIZAGRA, ou **VISAGRA**, ou **VIZAGIA**, ou **MISAGRA**,—portuguez antigo, hoje *bisagra*, —dobradiça, gonzo, etc.

«Armadura cheia de *visagras* de ouro e azul.» Palm. 1. c. 30.

«Lançou (pariu) junto de huma fonte duas crianças como *vizagras*.» *Cam. Filot.* 5, 4.

VIZELLA ou **VISELLA**.

Este nome comprehende umas caldas, 6 parochias e 1 rio; daremos por tanto sob o mesmo titulo *Vizella* 8 artigos:

1.º—*Vizella* (Caldas de);
2.º—*Vizella* (Santo Adrião) freguezia;
3.º—*Vizella* (S. Faustino) freguezia;
4.º—*Vizella* (S. João) freguezia;
5.º—*Vizella* (S. Jorge) freguezia;
6.º—*Vizella* (S. Miguel) freguezia;
7.º—*Vizella* (S. Paio) freguezia;
8.º—*Vizella*—rio.

Não se estranhe, pois, que este topico seja longo, porque as dictas *Caldas* são as mais importantes do nosso paiz e datam do tempo dos romanos; aquellas freguezias são coevas das *Caldas* e por consequencia muito antigas tambem,—e o pequeno rio merece especial menção, já porque deu o nome ás *Caldas* e a todas aquellas freguezias,—já porque banha e fertiliza muitos campos,—já porque move muitos moinhos, azenhas e fabricas, entre as quaes avulta uma de *fiação d'algodão*, que é no seu genero a 1.ª do nosso paiz e a que maior lucro está dando aos seus felizes proprietarios.

Entremos no assumpto:

—

Vizella (Caldas de).

Esta risonha povoação demora ao sul de Guimarães, donde dista 9, kil., — e no mesmo local existiu outr'ora uma grande povoação com o nome de *Suzana*, como affirma a tradição popular e como provam os muitos vestigios de luxuosas construcções, encontrados ali:—muita pedra lavrada, muitos fragmentos de louça e de telha com rebordo, moedas e capiteis de columnas, mosaicos, inscripções, etc.

Tudo isto prova que a antiga *cidade* foi muito importante.[1]

Mencionemos as inscripções de que podemos encontrar noticia:

DEDICAVIT. T. FLAVIVS.
ARCHELAVS. CLAVDIANVS.
LEG. AVG.

Foi decoberta pouco depois de 1600 e levada pelo celebre jurisconsulto Manoel Barbosa para a sua quinta d'Aldão, suburbios de Guimarães, onde se conservou até 1887, data em que o sr. José Martins Ribeiro da Costa, actual proprietario da quinta, a offereceu á benemerita *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães, em cujo museu se guarda, bem como as seguintes:

RVEC
ENSIS
H. S. E.

Foi encontrada em 1884 pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento.

MEDAMVS
CAMALI
BORMANI
CO. V. S. L.

Foi encontrada em Vizella junto do *Banho do Medico*, em 1841.

C. POMPEIVS
GAL. CATVRO
NIS. FIL. R ECT
VGENVS. VX
SAMENSIS
DEO. BORMA
NICO. V. S. L. M.
QVISQVIS. HO
NOREM. AGI
TAS. ITA. TE. TVA
GLORIA. SERVET
PRACEIPIAS
PVERO. NE
LINAT. HVNC
LAPIDEM

---

1 V. *Materiaes para a archeologia de Guimarães* na *Revista de Guimarães*, n.º 4.

Esta inscripção tem, como se vê, duas partes; foi encontrada na *Lameira* e levada para a *Casa do Paço*, freguezia de S. João, onde se conservou até os principios d'este anno de 1888.

Perderam-se outras muitas inscripções de que fallam Mascarenhas Neto e o *Agiologio Lusitano*, mas o que fica apontado e que mais detidamente póde ver-se nos auctores citados supra, nomeadamente em Argote e na *Revista*, é bastante para nos convencer da importancia de Vizella outr'ora.

—

Quanto á moderna povoação, pode dizer-se que principiou nos fins do sec. XVIII, quando se descobriram os banhos e começaram a affluir os banhistas, ou em 1814, data em que o provedor Barroso mandou fazer as obras de que adiante fallaremos.

Os grandes e bellos edificios que rivalisam com os das nossas mais populosas cidades, datam de 1868 por diante.

A casa em estylo gothico, a cavalleiro da ponte velha, foi mandada fazer pelo negociante do Porto—Guilherme Wilbi,—e póde ver-se na gravura que se encontra no jornal illustrado *Artes* e *Lettras*, collecção de 1872.

Alem do espaçoso e pittoresco parallelogrammo que antigamente se chamava *Lameira* e hoje *Largo da Alameda*, onde até 1881 estava a maior parte dos estabelecimentos thermaes, que então foram arrasados, ficando ali apenas um marco fontenario, comprehende Vizella as seguintes ruas: —*Estrada Nova, Estrada Velha, Rainha das Caldas, S. Miguel, S. João, Ferreira Caldas, Medico Reis, Ponte Velha, Prado, Medico* e *Travessa de S. João*.

Possue 4 restaurantes, muito regulares, e 7 hoteis:—*Cruzeiro do Sul, Vizellense, Frankfort, Bragança, Universal, Central* e *Grande Hotel de Vizella*,— todos em boas condições sendo mais concorridos o *Vizellense* ou do *Padre*, e o *Cruzeiro do Sul*.

Tem mais 2 pharmacias: *Freitas* e *Silva*; —3 cafés com bilhares: *Bragança, Prado* e *Central*, não contando outros cafés sem bilhares; — 10 estabelecimentos commerciaes bem montados e sortidos, além d'outros menores;—1 formoso estabelecimento de calçado, 2 alquiladores com bons trens; 2 armadores; 2 talhos de carnes verdes; barbeiros, taberneiros, etc.

Tambem aqui na estação balnear se estabelecem differentes barracas, lojas de quinquilherias e dos afamados tecidos e bordados de Guimarães.

Ha tambem aqui, no *Largo da Alameda*, um importante mercado ou feira de cereaes, legumes, louça, gado, etc., nos dias 7 e 22 de cada mez desde janeiro de 1835. Foi este mercado instituido a petição dos povos das duas freguezias de *S. João* e *S. Miguel*, pois no termo d'estas duas freguezias demora a povoação das *Caldas de Vizella*,[1]—e na epoca balnear é diario, especialmente em legumes, leite, hortaliça, pão, aves e fructa.

—

Os vizellenses, instigados por alguns estranhos, tentaram mudar de concelho e n'esse sentido representaram ao governo em 1869, pedindo ao mesmo tempo a S. M. o seguinte:

—1.º Que tomasse o estabelecimento das *Caldas de Vizella* debaixo da sua real protecção.

—2.º Que subtraisse á camara municipal de Guimarães a administração das *Caldas de Vizella* e as considerasse propriedade do estado, ficando a sua gerencia a cargo do governo;

—3.º Que não sendo isto possivel, se dignasse transferir aquellas duas parochias para o concelho limitrophe—*Lousada*,—cuja camara por certo (diziam elles) daria maior impulso aos melhoramentos de Vizella.

Uma contra-representação foi pouco depois enviada, assignando-a (*credite posteri!*) muitos dos signatarios da 1.ª, pelo que ficou tudo *statu quo*.

---

[1] V. *Vizella*, (S. João)—e *Vizella* (S. Miguel) freguezias.

A 2.ª representação póde ler-se no *Commercio do Porto*, n.º 262, do referido anno de 1869.

Tambem já se lembraram de pedir a elevação de Vizella á cathegoria de villa e séde do concelho proprio com um julgado municipal, etc., mas falta-lhes um homem como tem sido o sr. visconde Guedes Teixeira para Lamego, o sr. conde de Castello de Paiva para Sobrado de Paiva, e o sr. José Guilherme Pacheco para a villa, concelho e comarca de Paredes, que ainda em principios de 1844 era uma *simples aldeia* da freguezia de *Castellões de Cepeda*[1]...

—

Ha em Vizella uma estação telegrapho-postal com um director e um distribuidor, que na estação de banhos faz duas distribuições por dia.

O telegrapho inaugurou-se a 20 de junho de 1878, mas trabalha unicamente de maio a outubro.

No dia 31 de dezembro de 1883 inaugurou-se a secção da *linha ferrea de Guimarães*,[2] da Trofa a Vizella, dando entrada na estação d'este nome ás 10 horas e 14ᵐ da manhã o comboio galhardamente enfeitado e conduzindo os representantes da companhia, membros da imprensa e differentes convidados, subindo ao ar n'essa occasião innumeros foguetes, tocando ao mesmo tempo uma banda de musica e soltando calorosos vivas a grande multidão de povo que atulhava a estação e suas dependencias.

A's 11 ½ serviu-se um abundante *lunch* no *Hotel Vizellense* a 42 convidados, reinando sempre a maior satisfação e trocando-se eloquentes brindes.

É uma data memoravel nos annaes da gentil Vizella.

---

[1] V. *Paredes*, tomo 6.º pag. 479, col. 2.ª
[2] V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 473, col. 2.ª

—

Ha n'esta povoação duas escolas officiaes, uma para meninos, outra para meninas;—uma aula particular nocturna para adultos e outra tambem particular para meninas.

A escola official para o sexo masculino tem a séde na parochia de *S. Miguel*; foi muitos annos a unica d'esta povoação—e é a mais antiga. Foi creada por portaria regia de 14 de março de 1821, sendo nomeado por provisão de 25 de junho do mesmo anno o 1.º professor — *Antonio Pereira da Silva*,—que a regeu até 1860, data em que foi nomeado professor vitalicio o filho d'este,—*Antonio Pereira da Silva Caldas*, que é o professor actual.

Conta pois esta escola desde a sua instituição em 1821 até hoje (1888)—ou durante o longo periodo de *67 annos*, apenas 2 professores?!...

A sua frequencia é de 60 alumnos, termo medio.

A escola do sexo masculino com séde na freguezia de *S. João* foi requerida pela junta de parochia em 1866, mas a camara na sua informação disse que era dispensavel, por estar muito proxima a da freguezia de *S. Miguel*. Reitirou a junta as suas instancias até que obteve informação favoravel em 1868, mas só em 1873 começou a dicta escola a funccionar.

A escola do sexo feminino com séde na freguezia de *S. João* data da mesma epoca, —1873.

—

Com o fim de promover a construcção de um edificio escolar na freguezia de S. João, organisou-se em 1886 uma commissão composta dos cavalheiros seguintes:—dr. Abilio Torres, dr. Forbes de Magalhães, dr. Augusto d'Almeida, Antonio Tavares Bastos, (estes 3 ultimos banhistas habituaes de Vizella) Antonio Vieira da Silva Coutinho e Joaquim Pinto de Castro.

No dia 26 de junho do dito anno realisou-se uma *matinée* musical, cujo producto foi entregue á commissão;—em 1887 promoveu ella um grande bazar de prendas no parque

da companhia dos banhos,—e em 1888 o governo concedeu á junta de parochia para o mesmo fim o subsidio de 2:950$000 réis.

Com este subsidio e com o producto d'aquelles e d'outros donativos está em construcção o edificio escolar.

A aula nocturna tem o titulo de *S. Luiz Gonzaga;* funcciona em um bom edificio no passal de S. João;— tem unida uma pequena capella com a mesma invocação da escola, e foi inaugurada em 15 de dezembro de 1878, tendo sido feita a casa no mesmo anno com esmolas agenciadas pelo rev. José Joaquim Gomes, (irmão do rev. abbade actual) que é o professor da dita escola e tem prestado e está prestando relevantes serviços á instrucção e á nossa religião.

Este benemerito e virtuoso sacerdote levantou á sua memoria um padrão immorredouro.

Desconhecido dos poderes publicos; contrariado mesmo por muitos infelizes que não creem na missão civilisadora do catholicismo; luctando com os motejos d'uns e com os sorrisos d'outros, nada o demoveu. Teve a satisfação de levar a cabo o modesto edificio e em volta de si reune todas as noites 40 adultos, que d'elle recebem a luz da instrucção.

A caridade publica fundou,— sustenta e conserva a casa—e elle para si nada quer, nada deseja. Sente-se feliz no meio d'aquelles homens-creanças e volve para o ceu os olhos agradecidos, esperando só de Deus a recompensa. Nem aos domingos e dias santificados descança, porque então reune as creancinhas em volta d'elle e, a exemplo do divino Mestre, se esforça por gravar-lhes no coração as maximas da nossa religião santa.

Da nossa obscuridade enviamos ao benemerito sr. *padre José Joaquim Gomes* o preito da nossa admiração,—*talium enim est regnum coelorum*!...

Bombeiros voluntarios

Havendo aqui um povoado tão importante na estação balnear e casas com 80 a 100 habitantes *e mais* cada uma, a camara de Guimarães, com o fim de prevenir alguma grande desgraça, mandou para aqui em junho de 1865 uma pequena bomba sem pessoal algum, pelo que se adestraram no manejo d'ella e muito generosamente se constituiram em bombeiros voluntarios 4 benemeritos moços, que prestaram relevantes serviços aos seus conterraneos.

Em fins de 1876 uma commissão de 9 membros, presidida pelo sr. dr. Abilio da Costa Torres, organisou uma *Companhia de bombeiros voluntarios* com estatutos proprios, approvados em dezembro de 1877. Compõe-se de 30 bombeiros sob as ordens de Armindo Pereira da Costa (1.º commandante) e Joaquim Antonio da Silva (2.º commandante)—todos uniformisados.

Possue a companhia uma bomba grande de 2 agulhetas que custou 450$000 réis;— 2 mangueiras que custaram 102$000 réis; —um carro de material (escadas, bicheiros, machados, etc.) que custou 150$000 réis;— fardamento que custou 600$000 réis;—e toda esta despeza foi feita por donativos que a benemerita commissão installadora agenciou; é porem de lamentar que os vizellenses não auxiliem tão sympathica e util instituição. Actualmente apenas conta 12 socios protectores, que contribuem para a manutensão da companhia, cuja dedicação tem sido experimentada repetidas vezes, perdendo em uma d'ellas a vida um dos bombeiros.

São sempre apoucados os encomios que se tributam a estes generosos bemfeitores da humanidade.

Philarmonica vizellense

Em janeiro de 1882 uma commissão composta dos srs. dr. Abilio da Costa Torres, Antonio da Silva Vieira Coutinho e João Ribeiro de Freitas Guimarães, organisou uma philarmonica (banda e capella) que actualmente conta 22 executantes; apresenta-se regularmente em todas as funcções— e tem um vistoso uniforme.

Industria

N'este ramo gosa e gosou sempre Vizella merecido credito.

Começaremos por mencionar uma fabri-

ca de papel de vegetaes, com exclusão do trapo, que nos principios d'este seculo existiu aqui.

Foi fundada, bem como outra de tinturaria, pelo nobre fidalgo *Francisco Joaquim Moreira de Sá*, dono da illustre casa e quinta de *Sá* a 1 kilometro de Vizella, e pertencente á freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, hoje concelho de Felgueiras, e de Guimarães *in illo tempore*.

Montou a dita fabrica no sitio da *Cascalheira*, freguezia de S. João de Vizella, um pouco a montante do actual estabelecimento de banhos, com auctorisação regia por aviso de 13 de fevereiro de 1802 e alvará de 24 de fevereiro de 1805, sendo as construcções dirigidas pelo habil engenheiro inglez Thomaz Rizhap,—e em 15 de julho do mesmo anno de 1805 por uma provisão regia foi nomeado superintendente d'estas fabricas o provedor da comarca Manoel Marinho Falcão de Castro, que devia exercer o dicto cargo, emquanto exercesse o de provedor.

Infelizmente esta fabrica, tão esperançosa e tão honrosa para Portugal, pouco tempo durou, porque o fundador emigrou para o Brazil em resultado da invasão franceza;—os soldados invasores a destruiram e arrasaram e hoje apenas restam leves indicios da sua construcção.

Valia bem a pena (como disse o sr. Manoel Maria Rodrigues em uma correspondencia de Vizella para o *Com. do Porto*) conservarem-se e guardarem-se de futuras devastações os restos que ainda existem do edificio, collocando-se n'elles uma inscripção, para attestar aos vindouros aquelle facto memoravel e muito interessante para a historia da nossa industria.

Foi esta a 1.ª fabrica de papel vegetal conhecida na Europa! Os allemães e franceses pretendem para si a gloria do invento, mas não lhes cabe tal honra, como evidentemente provou o illustrado sr. dr. Pereira Caldas, benemerito vizellense, em uma memoria especial:—*Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira*.

—

A proposito diremos que a *villa* (granja, quinta) da *Cascalheira*, onde foi construida a fabrica, já era conhecida no sec. x, pois el-rei D. Ordonho a doou com aquelle mesmo nome a D. Adosinda, sua dama predilecta que, segundo a tradição, ali viveu e em 964 a permutou, como diz o livro de Muma Dona, existente na *Torre do Tombo*.

Tambem diremos que o fundador da fabrica era fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo e *poeta*. Deixou um poema epico—*A Queda de Napoleão*—do qual offereceu um exemplar ms. a D. João VI e outro ao conde dos Arcos, vice-rei do Brazil,—e uma *Proclamação aos portuguezes*, Coimbra 1809, *imprensa da Universidade*—posto que nem o *Dicc. Bibl.* de Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha mencionem tal escriptor.

Deixou elle tambem um filho: — *Miguel Antonio Moreira de Sá*,—que era official de voluntarios constitucionaes em 1828, pelo que emigrou para a Gallisa e d'ali para a Inglaterra, depois de estar preso no castello de Guimarães, donde a muito custo pôde evadir-se. Foi escriptor notavel em prosa e verso, sendo muito dignas de se lerem as *Cartas* escriptas do exilio á sua esposa e que ainda se conservam *mss.*, narrando os trabalhos da emigração. Tambem deixou outro *ms.* interessante—*Historia de D. João VI desde o seu nascimento até a sua morte*.

Foi vereador de Guimarães em 1835 e redactor do *Nacional*, periodico de Lisboa, em opposição a Agostinho José Freire, sendo apreciaveis os seus artigos de fundo.

—

Dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, filho do antecedente, é tambem muito illustrado; medico distincto e distincto escriptor catholico; homem muito religioso e muito caridoso, mas sem ostentação.

Além de innumeros artigos em diversos jornaes brazileiros, tem publicado differentes obras de merito, avultando entre ellas uma dissertação ou memoria contra a cremação, que mereceu a honra de ser traduzida em Roma.

D. Anna Amalia Moreira de Sá, irmã do antecedente, é tambem muito illustrada, muito religiosa e mimosa poetisa.

Denodada combatente no celebre debate poetico sobre a *rosa branca* e a *rosa vermelha*, publicou os *Murmurios do Vizella* em 1861.

Vive na sua nobre casa de Sá, em Barrosas, sendo muito estimada por todos quantos a conhecem, nomeadamente pelos pobres e desvalidos, que a mãos largas soccorre. Tem muitas poesias *mss.*, que por modestia se recusa a publicar.

—

Segundo se lê no *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, nas duas parochias de Vizella havia:—espingardeiros (2 officiaes); tecidos destinados a exportação;—e estucadores, sendo Vizella a localidade do concelho de Guimarães que produz maior numero de estucadores desde que este mister, haverá 40 annos, aqui foi introduzido e ensinado por um mestre de Affife, chamado *Gonçalves*, que aqui se estabeleceu e fez escola.

Tambem aqui apontaremos a *fabrica de papel* dos srs. Ribeiro & C.ª, pois embora não esteja situada na povoação de Vizella, está muito proxima,—aqui vive o seu dono —e em todo o nosso paiz é conhecido o seu producto com o nome de *papel das Caldas de Vizella.*

Demora no extremo da freguezia de *Moreira dos Conegos* e a sua fundação foi autorisada pela provisão de 9 d'agosto de 1810, permittindo a Francisco José Ribeiro, da freguezia de S. Miguel das Caldas, o estabelecer uma fabrica de papel junto do rio Vizella ou de qualquer outro da provincia do Minho, com os mesmos privilegios das outras fabricas identicas do reino.

Produz papel almasso de escrever, branco liso, anilado pautado, e de embrulho, branco e pardo.

A fabrica é movida pela agua do Vizella —e tem 3 rodas e 3 cylindros. Emprega 28 operarios, que produzem o valor de réis 5:550$000 por anno—e foi-lhe conferido na citada exposição o diploma de 1.ª classe.

—

Ha tambem no rio Vizella outra *fabrica de papel.*

Pertence á familia *Alvares Ribeiro*, do Porto. Em virtude de certa questão judicial e da despedida do administrador, fechou se em 1882 ou 1883, mas conserva todo o machinismo e utensilios proprios.

Esta fabrica é um pouco mais antiga do que a antecedente, pois foi auctorisada a sua fundação por alvará de 24 de novembro de 1789, concedido a Antonio Alvares Ribeiro & C.ª, da cidade do Porto, com os privilegios seguintes:

1.º—Mandar vir do estrangeiro mestres ou officiaes, que não poderiam sair da fabrica antes de findar o tempo do seu contracto, sem que a causa que alleguem para se despedirem fosse julgada pela *real junta do commercio*, impondo ao mesmo tempo a multa de 400$000 réis, pagos da cadeia, a quem os induzisse para outra fabrica.

2.º—Livre transito para o trapo dentro do reino;

3.º—Isenção de direitos durante 10 annos para o papel fabricado, devendo preceder licença de transporte, passada pela *junta real do commercio* para que este privilegio se verificasse tambem nas alfandegas do Brazil;

4.º—Marca especial;

5.º—Isenção de encargos publicos a todo o pessoal da fabrica;

6.º—Faculdade de requisitar do corregedor carros para transporte, em caso de necessidade.

7.º—Que a fabrica ficaria sob a protecção da *real junta do commercio*, para fazer valer todos estes privilegios;

8.º—Juiz privativo para as questões da fabrica.

Foi confirmado este alvará em 1799.

—

Seja-nos licito mencionar aqui um dos mais illustres membros da familia do fundador da ultima *fabrica de papel* mencionada supra, — mesmo porque falleceu n'esta povoação de *Vizella* no dia 2 de setembro de 1868.

Chamava-se elle—*Joaquim Torquato Alvares Ribeiro*, nascido no Porto em 1803, homem notavel pela sua fortuna, pela sua

energia e pelos seus vastos conhecimentos, principalmente em sciencias mathematicas, que ensinou na academia polytechnica do Porto desde 1835 até que falleceu.

Em 1865 começou a exercer tambem interinamente as funcções de director da mencionada academia no impedimento de João Baptista Ribeiro, sendo-lhe dado definitivamente aquelle cargo em 1868.

D'accordo com o dr. Pedro da Fonseca Serrão Velloso, fundou o celebre *Periodico dos Pobres*, do qual foi proprietario e um dos redactores, — publicação de *combate* e uma das mais importantes do seu tempo. Começou em julho de 1833; findou em 1858; militou sempre no partido cartista conservador; fez guerra de morte aos *Cabraes* e foi por assim dizer — a alma da revolução popular da *patuleia* ou da *junta do Porto*, em 1846 a 1847.[1]

O *Annuario da Acad. Polyt. do Porto*, de 1878, fallando de Joaquim Torquato Alvares Ribeiro, diz:

«Foi á sua pertinaz iniciativa e incomparavel zelo, que esta Academia deveu o terem-se continuado as obras do seu edificio, e haverem-se começado e adiantado muito as do jardim botanico, que quasi se póde dizer que é obra sua.

«Foi director da *Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro*, á qual ergueu do abatimento em que cahira depois da extincção dos seus privilegios;[2] e, apezar de ter de dividir a sua attenção por muitos negocios, foi um professor distincto pelo seu extraordinario talento, sciencia e assiduidade.

«Escreveu e publicou pela imprensa: *Discurso* recitado na Academia Polytechnica do Porto, na abertura do anno lectivo de 1846-47;—*A Academia polytechnica e a portaria do ministerio do reino de 14 de agosto de 1862*.»

Era do conselho de S. M. e commendador da O. de Ch.,—e foram seus paes Antonio Alvares Ribeiro (o fundador da dita fabrica) e D. Maria Maxima Delfina da Silva.

Deixou successão e na sala das sessões solemnes da *Academia Polytechnica* do Porto póde ver-se o seu retrato a oleo.

Uma irmã do illustre finado foi condessa do Bolhão e mãe da actual duqueza de Saldanha, hoje viuva e casada em segundas nupcias, tendo do 1.º matrimonio 2 filhos: —o conde d'Almoster e a condessa de Cintra, netos do marechal e 1.º duque de Saldanha.

Hospital

José Diogo Mascarenhas Neto, na *Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella* (tomo 3.º das *Mem. de Litt. Port.*) § 38, expõe a ideia da fundação de um hospital em Vizella; mas por esta denominação indicava apenas um estabelecimento thermal em que os enfermos podessem fazer uso dos banhos. Casa onde se recolhessem os doentes e em que fossem medicados pelo uso dos banhos ou de outros remedios não tinha elle em vista.

No 1.º quartel d'este seculo estabelecese e funccionou em uma casa do largo da *Alameda*, então *Lameira*, um hospital ou antes *albergue*, fundado e mantido por uma commissão de vizellenses, que para tão caridoso fim agenciavam donativos e ali recolhiam e sustentavam na estação balnear enfermos pobres que necessitavam de banhos, installando-se posteriormente nos altos da mesma casa os soldados que vinham tambem tomar banhos.

Demorava a dita casa entre o banho de-

---

[1] V. *Gramido*, tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª; —*Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª e segg.;—*Santarem*, tomo 8.º pag. 520, col. 1.ª;—*Sabroso* no mesmo vol. pag. 283, col. 1.ª *in fine* e segg.;—*Val de Passos*, tomo 10.º pag. 75, col. 2.ª—e *Viso* (Alto do) serra e monte, onde descrevemos a batalha que ali se deu em 1847 e que foi a ultima da revolução da *junta do Porto*.

[2] As acções da poderosa *companhia dos vinhos* eram de 400$000 réis; depois baixaram no mercado a 50$000 réis e ninguem as queria por tal preço; hoje dão mais de *um conto de réis* cada uma?!...

nominado *Lua cheia* e o *Banho Grande*, ao longo do caminho da fonte publica e sobre os banhos romanos intermedios, sendo um dos principaes promotores d'aquella edificação o sr. Antonio Pereira da Silva, pae do distincto professor bracarense Pereira Caldas.

Em 1848 a camara de Guimarães, para explorar uns banhos no dito local, comprou a casa em 27 de junho por 260$000 réis, não sendo logo demolida, pois só em 1852 procedeu á demolição, promettendo que em logar d'ella fundaria um *albergue* para recolher os pobres na epoca dos banhos, mas até hoje (1888) não cumpriu a promessa; vae porem dentro em pouco ter Vizella um bom *hospital*, propriamente dito,—graças a um cidadão benemerito que longe da patria não se esqueceu da miseria e da pobreza. O seu nome será esculpido em lettras d'ouro nos annaes da caridade christã e da benemerencia patria com caracteres indeleveis: —a gratidão dos pobres, orando a Deus pelo eterno descanço de alma tão bem formada.

—

Aquelle benemerito cidadão foi *Antonio Francisco Guimarães*, filho de Manoel Fernandes Dias e de D. Maria Francisca, natural da freguezia de *S. Paio de Moreira dos Conegos*, limitrophe e muito proxima de Vizella.

Em tenra idade foi, como tantos patricios nossos, para as terras de Santa Cruz em demanda de fortuna; depois de longos annos de trabalho persistente e honrado, felizmente encontrou-a, mas ali perdeu a vida!

Falleceu em 16 de julho de 1873 na cidade de Campinas, sendo ali sepultado no cemiterio da freguezia do Santissimo Sacramento.

Viveu e morreu longe, muito longe da patria, mas como bom patriota jamais a esqueceu. Pelo contrario, amou-a sempre como filho estremoso até os ultimos instantes da vida e no seu testamento, feito e approvado em 4 d'agosto de 1868, a instituiu por herdeira de uma grande parte da sua fortuna.

Deixou 3:000$000 réis ao parocho de *Moreira dos Conegos* para constituir o dote de 12 donzellas pobres d'aquella freguezia, sua terra natal, preferindo as parentas do testador; mais 2:000$000 de reis ao mesmo parocho para distribuir aos seus parochianos pobres; dispoz ainda d'outros legados e determinou que o remanescente da sua terça fosse dividido em 3 partes, uma das quaes seria entregue á Misericordia de Guimarães, metade para ella e a outra metade para com o seu rendimento capitalisado se estabelecer e manter nas Caldas de Vizella uma *casa de caridade* ou *Misericordia*, onde fossem tratados os enfermos pobres da visinhança, sendo sempre preferidos os da sua terra natal,—*Moreira dos Conegos*.

Santa applicação!...

A Misericordia de Guimarães liquidou 57:656$561 réis fortes—e a quantia recebida, com os juros accumulados, montou a 77:971$478 réis.

Para cumprimento da vontade d'aquelle benemerito cidadão, isto é—para escolha do local, etc., onde ha de ser fundado o hospital, a mesa da santa casa nomeou em 22 de maio de 1883 uma commissão que, segundo consta, não apresentou trabalho algum.

Em 1888 foi nomeada outra commissão com o mesmo fim, composta dos parochos de S. Miguel, S. João e Moreira,—do dr. Abilio Torres e do pharmaceutico José de Freitas Oliveira, a qual se desempenhou do seu encargo, apresentou o relatorio dos seus trabalhos á Misericordia, indicando o sitio do *Outeiro* para a fundação do hospital, e por isso é de crêr que Vizella dentro em pouco veja organisado tão santo instituto, legado pelo benemerito *Antonio Ferreira Guimarães*.

Non recedat memoria ejus!...

Nascentes thermaes

As aguas thermaes de Vizella já eram conhecidas antes da dominação romana e haviam até adquirido fama de *miraculosas*.

Duas inscripções dedicadas a *Bormanico*,

deus gentilico das fontes e deus lusitano, provam esta affirmativa.[1]

Os costumes dos romanos, para os quaes os banhos eram hygiene e luxo, levaram este povo a aproveitar as nascentes e a construir numerosos e luxuosos estabelecimentos thermaes, cujos restos se teem encontrado e admirado em differentes pontos do nosso paiz e fóra d'elle.

Mascarenhas Neto, fundado na inscripção —*Dedicavit T. Flavius Archelavs Claudianvs. Leg. Avg.* — suppõe que as thermas romanas datam do tempo de Domiciano, 81 a 90 de Ch., tempo em que Tito Flavio foi *legado* d'este imperador na Lusitania.

Parece que algumas d'estas nascentes ainda estavam a descoberto no sec. XI, ou que pelo menos se conservava lembrança d'ellas, pois Affonso V de Leão aqui esteve e *in Oculis Calidarum* assignou algumas doações.

Esta mesma denominação conservaram sempre estes logares, como reminiscencia das suas aguas thermaes, posto que os edificios, por qualquer circumstancia hoje ignorada, desappareceram completamente e por muitos seculos se ignorou a sua existencia.

Tambem parece que as aguas, em maior ou menor volume, foram sempre notadas pelos povos visinhos, pois a *Monarch. Lusit.* menciona como existentes aqui *fontes d'agua quente*; o Padre Torquato Peixoto na *Antiga Guimarães* (1692) diz haver aqui excellentes caldas,—e o Padre Carvalho na *Chor. Port.* tomo 1.º diz:—«n'esta freguezia (*S. Miguel das Caldas*) em um lameiro baixo baldio estão cinco olhos d'agua, umas mais quentes que outras, e todas mui medicinaes para grande quantidade de enfermos que se vem curar a estas Caldas»

Não havia porem senão uns charcos em que se tomavam os banhos, e por isso é de crer que os enfermos de que falla a *Chorographia* eram apenas os indigentes, pois os que tinham meios mandavam conduzir a agua em pipas para as suas habitações. Assim eram levadas para o Porto, Guimarães e outras povoações mais ou menos distantes, como diz M. Neto.

—

No começo do sec. XVIII principiaram a descobrir-se as paredes de banhos e ruinas d'outros edificios, cuja descoberta por ordem da camara de Guimarães não continuou.

Segundo diz F. da Fonseca Henriques no *Aquilegio medicinal*, descobriu-se em 1723 um tanque, que media 44 palmos por 33.

Os povos visinhos buscavam estas aguas para as barrelas, porque poupavam tempo e lenha.

A camara de Guimarães, querendo porem conserval-as limpas para serem utilisadas pelos enfermos, em 10 de novembro de 1734 mandou que as duas freguezias, S. Miguel e S. João, tivessem o cuidado de conservar o dito tanque limpo, sob pena de 6$000 réis e 30 dias de cadêa aos officiaes das ditas freguezias, devendo estes tambem relacionar as pessoas que ali fizessem barrelas, para serem castigadas.

Em 1785, no lugar em que existiam os charcos e tanque, fez-se uma barraca de colmo, e em 1787 outra mais commoda dentro da qual se construiu um banho, e pelas escavações se descobriu outro, que estava soterrado, apparecendo tambem por essa occasião indicios de *magnificas construcções*. Foi n'esse anno que as aguas começaram a usar-se mais frequentemente bebidas, pois anteriormente a immundicie o não permittia.

Em 1788, por instancias de M. Neto, se descobriram 16 nascentes d'agua e 8 banhos construidos d'argamassas diversas e fragmentos de tijolo, *ladrilhados a mosaico*! Descobriu-se tambem no mesmo anno, no sitio do *Mourisco*, chamado *poço quente*, mais quatro nascentes com diversos graus de calor, sendo a agua conduzida por differentes canos, — alem de dois olhos que existiam e existem no proprio leito do rio.

Estas descobertas attrahiram grande af-

---

[1] *Revista de Guimarães*, tomo 1.º n.º 2 de abril de 1881.

fluencia de enfermos da provincia do Minho, que colhiam optimo resultado do uso dos banhos, affluencia que continuou nos annos seguintes, tornando-se necessario um cirurgião que velasse pelos doentes e lhes indicasse as aguas mais adaptadas ás differentes enfermidades. Remediou a camara esta falta, creando aqui um partido de cirurgia em 15 de junho de 1796, e foi provido n'elle, com o ordenado de 60$000 réis, Bento José da Cunha, da freguezia de Cerzedo.

Em 1797 construiram-se algumas barracas d'alvenaria. Em 1803, por Aviso regio de 23 de junho, foi nomeado o primeiro banheiro e encarregado da limpeza dos tanques com o ordenado de 60$000 réis, sendo provido n'aquelle logar Domingos Teixeira Mendes, que já occupava interinamente o mesmo cargo.

—

Em 26 de setembro de 1804 Francisco José de Miranda obteve uma provisão regia conferindo-lhe o privilegio de estabelecer aqui açougue, como já tinha havia 14 annos, devendo a carne ser 2 réis e meio em arratel mais barata do que em Guimarães.

No anno de 1811, por alvará de 14 de setembro, foi D. Leonor de Faria Machado auctorisada para construir 2 banhos nas duas nascentes junto á sua casa nobre *da Azenha*, sendo obrigada a fornecel-os gratis ao publico e ficando-lhe apenas a administração.

Em 1812 encontra-se aqui o primeiro medico. Foi Antonio José de Sousa Basto, nomeado por provisão de 10 de março, devendo servir gratuitamente durante a guerra, conforme promettera.

Com a nomeação de Francisco Barroso Pereira para o cargo de provedor da camara de Guimarães, cargo de que tomou posse em 1 de janeiro de 1811, tiveram grande impulso a exploração das aguas e o aformoseamento de Vizella.

Em 11 de julho de 1812 conseguiu que a camara mandasse fazer importantes concertos nos poços thermaes e alcançou depois parte da pedra da *Torre Velha dos muros de Guimarães*, conduzindo-se para aqui só em maio de 1814 *approximadamente 300 carros*?!...

Chamamos para este ponto a attenção dos archeologos.

—

Ao genio emprehendedor do benemerito Barroso se deve a extensa e formosa alameda da *Lameira*, a reconstrucção de diversos banhos e a fonte d'agua thermal que devia ser corôada por um formoso obelisco, tendo em uma das faces uma inscripção commemorativa; mas não chegou a gravar-se, collocando-se em vez d'ella as armas reaes. A projectada inscripção, segundo diz João Pinto Ribeiro nas suas *Reflexões historicas*, era a seguinte:

Ob Europae restitutam pacem,
Desideratissimi principis regentis
Ob redditum expectatum,
Aquaeducti, fontis, horti
Lineamenta instaurata,
Curante provinciae, Quaestore,
Piarumque Causarum Provisore,
Francisco Barrosio Pereira,
A. D. MDCCCXIV.

Em vulgar: «Sendo corregedor e provedor d'esta comarca Francisco Barroso Pereira, foram delineadas e inauguradas as obras d'este aqueducto, d'esta fonte e d'este jardim no anno de 1814, em commemoração da paz que a Europa acaba de obter e da esperança que temos de que em breve regressará (do Brazil) o nosso tão desejado principe regente.»

—

Nos annos seguintes a camara e o governo foram tomando constantemente diversas providencias com relação ao serviço dos banhos, nomeando medicos, cirurgiões, banheiros, etc.

Em 7 de maio de 1837 lançou-se a contribuição de 40 réis sobre cada pipa d'agua thermal,—e a imposição directa de 50$000 réis sobre os habitantes das Caldas, devendo promover-se uma subscripção entre os

banhistas, quando as duas verbas não fossem sufficientes para obras nos banhos e despezas inherentes; e em 27 do mesmo mez foi nomeada uma commissão para administrar as obras e os banhos.

O imposto de 40 réis, que no referido anno rendeu 11$000 réis, foi elevado a 60 réis em 1840, e em 6 de maio do mesmo anno foi elaborado um regulamento provisorio, cuja observancia e outras providencias a bem da hygiene foram suscitadas em 20 de julho de 1842, a requerimento do sr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, distincto professor e decano do lyceu de Braga. Este regulamento foi impresso na Typographia Bracarense em 1840.

Em 27 de novembro de 1844 foram remettidas para o governo diversas amostras d'aguas, para serem analysadas.

Em 24 de março de 1845 descobriu-se mais dois banhos debaixo da varanda da casa denominada *hospital*,—um com 26 palmos e 6 oitavos de comprido por 13 e 6 oitovos de largo; outro com 5 palmos e 4 oitavos por cada um dos lados, sendo octogono. Ambos tinham o fundo revestido de mosaico e no primeiro se via igual revestimento nas paredes lateraes. Foram descobertos com as escavações mandadas fazer pelo banheiro José Alves da Silva Junior.

Eram 27 as nascentes encontradas até esta data (1845) sendo 3 destinadas para bebida, 21 para banhos e 3 para emborcações. Desde esta data até 1851 ainda se encontraram mais nascentes, chegando então o numero a 34.

Em 1858 foram construidos 2 banhos novos.

Em 1860 procedeu o engenheiro Bartholomeu Achilles Dejant a diversos trabalhos de pesquisa e captagem d'aguas, por incumbencia da camara.

Em 3 de julho de 1861 ordenou-se que o medico do partido apresentasse uma estatistica dos doentes tratados e do aproveitamento havido.

—

Em 25 de fevereiro de 1863 Antonio Ferreira Moutinho, do Porto, e Antonio de Sousa Freire, de Louzada, requereram à camara de Guimarões a concessão das aguas do *Poço das Pipas* e *Bica da Lameira*, para as encanarem para lugar appropriado, onde construissem um estabelecimento thermal, o que lhe foi concedido, devendo a terça parte dos banhos ser para uso franco e livre do publico. Este projecto porem não vingou.

Em 1866 a camara resolveu que o referido engenheiro Achilles Dejant procedesse a estudos e levantamento da planta para a construcção d'um estabelecimento thermal, com o que se dispendeu 1:115$865 réis.

Alguns moradores de Vizella dirigiram uma representação ao governo contra o procto da camara, e tambem se levantou viva polemica na imprensa, pelo que o ministro do reino em 28 de fevereiro de 1867 enviou uma portaria ao governador civil de Braga, mandando que este ordenasse à camara que se *abstivesse de innovar cousa alguma* no estado actual dos banhos, o que fez parar todos os trabalhos.

Em 23 de dezembro de 1868 a camara enviou ao poder legislativo uma representação, pedindo para ser auctorisada a adjudicar a construcção do estabelecimento a uma companhia.

Creada pouco depois a engenharia districtal, o governador civil enviou-lhe a dicta representação para ella dar parecer, o que só fez em 25 de janeiro de 1871, devolvendo-a á camara e aconselhando que se fizesse um projecto de menos avultada despeza, pois o projecto Dejant estava orçado em 327:000$000 réis.

A camara resolveu não fazer novo projecto sem esgotar todos os meios para approvação d'este, conseguindo que uma commissão presidida pelo sr. conselheiro Adriano Machado, actual reitor da Universidade, e de que fazia parte o benemerito vizellense Antonio José Ferreira Caldas, solicitasse da camara a adjudicação do projecto, ao que esta annuiu; difficuldades, porem, que sobrevieram não consentiram que se levasse a effeito aquelle plano.

—

Durante aquelle periodo tão agitado formulou a camara dois regulamentos. O pri-

meiro foi approvado em 17 d'abril de 1867 e por elle foi encarregado o serviço balnear a 1 facultativo director, 1 escripturario, 1 banheiro e 3 ajudantes. O segundo approvado em 30 de setembro de 1868 modificou algumas disposições do anterior.

Os trabalhos de Dejant patentearam novos mananciaes d'agua e ainda posteriormente, em 1880 a 1881, se descobriram mais, o que elevou o numero das nascentes a 551...

Eram as aguas conduzidas para os banhos, cobrando-se o imposto de 40 réis por cada um, — imposto que em 1869 rendeu 654$600 réis.

As casas em que se achavam os banhos tinham a seguinte denominação: *banho do Moreira, quarto crescente, lua nova, lua cheia, quatro cabeças, contra-forte, novo, oitavado, meia-lua, ribeiro, grande, humanidade, tanque das pipas, bomba, S. Miguel, provedor, sol, bica da lameira, Valle menso, Lameira, Medico, porta, fonte dos amigos, barco, mourisco, penedo e fonte do Abbadel*...

Companhia dos Banhos de Vizella

Do exposto se vê que o renascimento de *Vizella* estava iniciado; a vida e a alma foram-lhe dadas pela *Companhia dos Banhos*.

Para exploração das aguas thermaes constituiu-se em 1873 uma *Companhia*, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com a séde em Guimarães e o capital inicial de 100:000$000 réis, divididos em 1:000 acções de 100$000 réis, capital que podia ser elevado a 400:000$000 réis.

A 9 d'outubro do referido anno discutiram-se e approvaram-se em assembleia geral dos accionistas os estatutos porque devia reger-se a *Companhia*, nos quaes se consignou que deviam construir-se os estabelecimentos necessarios, conforme a planta do engenheiro Dejant ou com as alterações que á Companhia e á camara de Guimarães conviesse fazer.

Na mesma assembleia se elegeu uma commissão encarregada de promover a installação definitiva da companhia, ficando a dicta commissão composta dos srs. barão de Pombeiro de Riba-Vizella, Antonio José Ferreira Caldas, Francisco Ribeiro Martins da Costa, Joaquim Ribeiro da Costa e Alberto da Cunha Sampaio.

—

Em portaria de 11 de setembro de 1874 foi a camara auctorisada a celebrar com a Companhia o contracto de cedencia das thermas.

Em 16 d'outubro do mesmo anno foi eleita a primeira direcção, sendo composta de Antonio José Ferreira Caldas, Joaquim Ribeiro da Costa e Alberto da Cunha Sampaio, e em 18 de novembro do mesmo anno foi assignado o contracto provisorio entre a camara e a direcção da Companhia. Por este contracto a camara cedeu á Companhia todas as nascentes de aguas thermaes e medicinaes, situadas nas freguezias de *S. João* e *S. Miguel das Caldas*, bem como todos os terrenos, pedreiras e predios municipaes, que ficam a um raio de 600 metros do meio da ponte nova para o norte do rio, e a um raio de 300 metros para sul do mesmo rio, e que fossem necessarios para os estabelecimentos thermaes e seus accessorios, bem como todos os direitos e acções que a camara tinha sobre os referidos bens.

A Companhia devia no praso de 4 annos dispender 100:000$000 réis com os estabelecimentos, podendo fixar o preço dos banhos, devendo porem ser gratuitos os banhos que determina a lei de 2 d'abril de 1873, em tanques não excedentes a dez pessoas.

Se passados dez annos a Companhia houver gasto menos de 110:000$000 réis, a camara poderá remir, pagando o dispendido e mais 10 %; havendo porem gasto mais, o direito de remir só poderá exercer-se passados 300 annos. A camara tambem poderá remir annualmente até 40 acções.

Este contracto, depois de approvado pelas camaras legislativas, foi mandado executar pela carta de lei de 14 d'abril de 1875.

—

Acceito este contracto pela companhia em 19 de maio de 1875, ficou esta definitivamente installada.

Analysadas as aguas pelo lente da Escola polytechnica de Lisboa, Agostinho Vicente Lourenço, contractou-se o engenheiro *Cesario Augusto Pinto*, que foi a França, Belgica e Allemanha visitar os estabelecimentos de banhos mais notaveis.

Em 1 de maio de 1876 deu-se principio aos trabalhos no local denominado *Bouça das Pedras*, junto do rio Vizella.

O engenheiro, voltando da sua viagem, apresentou o projecto dos edificios a construir, projecto que foi submettido á approvação da camara e do governo e approvados por portaria de 21 d'agosto de 1878.

Segundo esta planta o estabelecimento thermal constará de 3 edificios, comprehendendo 11:000 metros quadrados, incluindo terreiros, caminhos e corredores descobertos.

O edificio principal, com banhos de immersão de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe e as principaes applicações hydrotherapicas, constará de 4 corpos que medem 68 metros de extensão por 57 de largura, sendo dois dos corpos para homens e dois para mulheres. Além de 72 tinas para banhos, terá uma piscina de natação e gymnastica, um *vaporarium*, ou estufa de vapor, para 8 pessoas, *camas de massagem*, banhos de chuva verticaes e circulares, estufas parciaes, banhos medicinaes e electricos para braços, pernas e pés, banhos *bourbonnes*, piscinas de familia, *douches* de todas as fórmas, semicupios, banhos hydróphoros, etc.

O estabelecimento terá tambem, para deposito das aguas, uma galeria cujas paredes servirão de alicerce a uma terça parte do edificio superior, ao nivel da estrada e retirado d'esta 19 metros, sendo tudo ajardinado. Este edificio destina-se a escriptorio do bilheteiro, consultorio medico, dois salões de espera e de leitura, deposito d'aguas mineraes de diversas procedencias e estação telegraphica. Isto na frente; no lado opposto e sobre as galerias do deposito ficarão as salas de inhalação, pulverisação e mais dependencias. No andar superior do corpo central haverá um grande salão e quartos para vivenda do guarda, e dois torreões nas extremidades do edificio para arrecadação de materiaes proprios, guarda dos apparelhos, canalisação e rouparia.

Na margem do Vizella e separado do grande edificio por uma rampa de servidão, ficará o edificio de 4.ª classe, que deve conter 4 piscinas (duas para cada sexo) salas de espera e de abafo.

O edificio de 5.ª classe ficará separado pelo ribeiro de *Paços*, convenientemente canalisado, e conterá 2 tinas, ou gabinetes, 2 piscinas para 12 pessoas cada uma, sala de douches de lança e verticaes, etc.

N'estes edificios, depois de completos, poderão dar-se em 10 horas 2:970 banhos de todas as especies.

Até hoje (outubro de 1888) acham-se construidos o 1.º corpo do edificio principal para banhos de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e os edificios de 4.ª e 5.ª classe. Estão iniciadas apenas outras construcções.

—

Em principios do anno de 1881 organisou-se uma commissão medica sob a presidencia do dr. José Pereira dos Reis, a fim de aconselhar a direcção em tudo o que dissesse respeito á organisação do serviço medico.

Em 31 de março do mesmo anno foi approvado em assembleia geral o regulamento do serviço de banhos e contabilidade e mobilados os edificios. Realisou-se a abertura solemne do estabelecimento thermal em 8 de maio do referido anno, celebrando a benção Monsenhor Rebello de Menezes, então vice-reitor do seminario de Braga,[1] sendo a inauguração realisada com a assistencia de todas as auctoridades do concelho,

---

[1] Hoje (1888) é arcebispo titular de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, etc.

governador civil do districto e de muitos outros cavalheiros, sendo tambem enorme a concorrencia de povo.

Os banhos fornecidos em 1881 foram 71:689, sendo gratuitos 20:054; a receita, incluindo aluguel de roupas, montou a réis 5:748$115.

Até hoje a media annual dos banhos tem sido de 68:500 e o rendimento medio de 6:300$000 réis.

No fim da epoca balnear de 1881 o director medico do estabelecimento, dr. Abilio da Costa Torres, publicou um relatorio admiravelmente elaborado, narrando, a par d'outras curiosas noticias, o resultado obtido durante o primeiro anno de exploração.

Os estatutos da Companhia foram reformados em assembleia geral de 18 d'outubro e 22 de dezembro de 1882, introduzindo-se algumas alterações que a experiencia aconselhara.

As obras teem proseguido, embora lentamente, cuidando-se com todo o esmero em que as aguas produzam os effeitos, que a sua constituição mineralogica faz presagiar e que a experiencia tem demonstrado ha muito tempo.

De 1885 a 1886 construiu-se o parque, delineado e plantado pelo distincto floricultor e horticultor José Marques Loureiro[1] e que custou 4:500$000 réis.

A actual direcção (1888) cuida com todo o afan do estabelecimento dos edificios para pulverisação e inhalação, cuja falta é muito sensivel.

Não se deixe a companhia illudir com os vaticinios dos *pessimistas* e o futuro coroará os esforços dos que tanto teem trabalhado a favor da prosperidade de Vizella.

—

A direcção actual inspira toda a confiança e sabemos que se empenha deveras em rehabilitar o credito da companhia e das aguas, bastante abalado até hoje, pelo que os capitaes e o publico se retrahiram e a empresa tem luctado com grandes difficuldades.

Todas as direcções transactas foram honestas, mas algumas bastante levianas — e muitos banhistas teem demandado outras thermas, porque temos outras congeneres, que teem progredido muito nos ultimos annos, taes são as do *Molledo*, depois que se fez a linha ferrea do Douro, dando-lhes estação propria e tornando-as muito accessiveis,—e as da *Felgueira*, junto de Nellas, depois que se fez a linha da Beira Alta e uma bella estrada de 6 kilometros a ligar os ditos banhos com a estação de *Cannas de Senhorim*. Tambem ali nos ultimos annos uma companhia de Lisboa fez um *esplendido estabelecimento thermal*—e teem progredido e estão progredindo *espantosamente* os banhos do Gerez.[1] São talvez hoje os mais concorridos de Portugal, pelo que nenhum dos nossos estabelecimentos de banhos tem tantos e tão bons hoteis, que tendem a augmentar em capacidade e em numero,—e vae formar-se uma grande empresa para elevar aquelle estabelecimento a *toda a altura*!...

Tem pois Vizella *rivaes perigosos*—e necessita de muito cuidado para não ser levada de vencida.

As suas aguas são maravilhosas, mas—segundo dizem alto e bom som *pessoas competentes*,—estas aguas soffreram muito, depois que juntaram as de todas as suas numerosas e *diversas* nascentes *em amalgama* e as levaram para o novo estabelecimento distante mais de 200 metros e situado *á beira do rio*, sendo a canalisação luxuosa e dispendiosa, mas feita *sem criterio algum*, pelo que tiveram de a modificar, para susterem os clamores e a debandada do publico.

A empresa já *em parte* remediou aquelles inconvenientes, mas tem de remediar ainda outros e de ser muito prudente e sollicita,

---

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 262, col. 2.ª

[1] V. *Villar da Veiga*, tomo 11.º pag. 1291 col. 2.ª e segg.

para não comprometter o seu futuro *e o de Vizella!...*

A direcção actual inspirou *toda a confiança* e não queremos de modo algum lançar sobre ella as faltas que outros commetteram. Pedimos-lhe até desculpa da nossa rude franqueza, mesmo porque é nosso particular amigo um dos actuaes directores,—o sr. Eduardo Velloso d'Araujo, capitalista do Porto, homem muito honesto, muito atilado e muito dedicado pelos interesses da empreza, da qual é um dos maiores accionistas, mas—*amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Formam com elle a direcção mais dois cavalheiros de muito merecimento tambem; —o sr. dr. Abilio da Costa Torres,[1] medico por Coimbra, natural de Barrosas,—e o sr. Domingos José de Sousa Junior, proprietario e negociante de Guimarães.

Sabemos que envidam todos os esforços para vencerem as difficuldades que os cercam e garantirem á empreza e a Vizella o brilhante futuro, a que uma e outra teem júz.

Hurrah por Vizella!...

—

Desde 1881 até 1887 deram-se n'este importante estabelecimento thermal 419.416 banhos, sendo 302.547 por paga—e 116.869 gratuitos a pobres e militares. E desde 1 de janeiro de 1888 até 31 de novembro do mesmo anno, deram-se 55.692 banhos, sendo 44.366 por paga — e 11.326 gratuitos a pobres e militares.

A companhia tem despendido até hoje (dezembro de 1888) a quantia de réis 129.515$875.

Foi muito feliz com a *nova canalisação*, porque as aguas chegam aos depositos sem depreciamento algum. Isto animou a empreza e a determinou a mandar ao estrangeiro o sr. dr. Terra Vianna, distincto engenheiro e lente da Academia Polytechnica do Porto, para estudar os estabelecimentos congeneres mais notaveis e indicar as modificações a fazer no de Vizella. O dicto engenheiro e professor já regressou e apresentou o seu relatorio,—e a companhia (honra lhe seja!) vae fazer no seu estabelecimento todas as modificações indicadas, principiando por construir salas proprias para banhos de *inhalação, pulverisação*, etc. etc.

—

A companhia até hoje (1888) ainda não distribuiu dividendo algum, porque todo o rendimento liquido tem sido e continúa a ser applicado nas obras.

Só nas canalisações, (1.ª e 2.ª) pesquisas d'agua, etc., gastou 25.316$000 réis,—e até 31 de dezembro de 1887 gastou no *parque*, indicado supra, 10.122$000 réis, entrando porém n'esta cifra o custo de valiosos terrenos que estão fôra do *parque*.

Tambem sabemos que vae concluir a plantação do arvoredo, para o que já contractou com o sr. Marques Loureiro, do Porto, a acquisição de 1.300 arbustos.

Feliz lembrança, porque o chão de Vizella na estiagem é muito ardente e porque a arborisação é *riqueza, belleza* e *saude*.

Finalmente sabemos que está disposta a fazer tudo quanto fôr de *utilidade* e *recreio* e tendente a pôr o seu estabelecimento thermal ao nivel dos melhores estabelecimentos congeneres.

Outra vez—*Hurrah por Vizella!*

Estabelecimento thermal do Mourisco

Em 1788, Mascarenhas Netto, deparando com um olho d'agua quente no sitio denominado *Mourisco*, na esquerda do rio Vizella, mas proximo a elle, mandou fazer uma escavação e encontrou uma especie de banqueta de que se conheciam vestigios até á distancia de 200 passos, e junto d'ella achou 4 nascentes d'agua com diversos graus de calor, conduzida por differentes canos.

Esta agua foi aproveitada pelo possuidor do terreno, que ali construiu em 1840 um

---

[1] Logo daremos a sua biographia no topico dos *Vizellenses illustres*.

banho de madeira, sendo logo frequentado por muita gente.

Arruinado este, o abbade de S. Miguel, Miguel Joaquim de Sá, que havia comprado as propriedades onde estavam as nascentes, fez outro banho de pedra, collocando as aguas em melhores condições.

A affluencia do publico fez com que a camara nomeasse para ali um banheiro, contra o que reclamou o proprietario, não conseguindo porem que fosse annullada a nomeação, e ainda posteriormente foram nomeados mais dois banheiros. O ultimo em 25 d'abril de 1866.

Apesar de tudo, o proprietario sempre era considerado senhor das aguas, administrando os banhos e fornecendo-os ao publico.

Em 9 de julho de 1873 a camara resolveu intentar pleito contra o actual proprietario, Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, para haver estas nascentes e banhos, terminando a questão em 1875 pela desistencia da camara, feita no Supremo Tribunal.

—

Os antigos banhos que ali havia eram conhecidos com a seguinte denominação: *mourisco, baixo, penedo* e *fonte do abbade.*

Finda a pendencia, o proprietario tratou de construir um estabelecimento thermal.

Fica este situado poucos metros alem da ponte nova do Vizella, no proprio local dos banhos velhos, dando-lhe communicação um ramal de estrada a macdâm.

É um bonito edificio, coroado de ameias, cuja planta foi traçada em 1877 pelo engenheiro Pedro Ignacio Lopes, actual director da companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

Uma saleta de espera, tendo aos lados dois quartos, dá communicação por 6 degraus para os quartos de banho, que são 6, todos bem preparados com tinas de zinco, etc, Ao lado direito está o deposito das aguas que alimentam os banhos.

O custo do estabelecimento, completo em 30 d'abril de 1878, orçou por 4:000$000 réis approximadamente.

A media dos banhos annualmente póde calcular-se em 7:000, dando ao proprietario o rendimento bruto de 1:120$000 réis.

No fim da epoca balnear de 1878 foram feitos alguns novos trabalhos de captagem d'aguas, e estas obras, executadas dentro do perimetro de protecção concedido á Companhia dos banhos pela portaria de 17 de maio de 1878, deram origem a um pleito judicial, que terminou por composição amigavel effectuada em 30 de junho de 1879.

O preço de cada banho n'este estabelecimento é de 160 réis.

—

Na *Illustração Universal* n.º 28 de 16 de agosto de 1884 se encontra em gravura um dos formosos panoramas de Vizella, mas o artigo que a acompanha foi por certo, consinta-se-nos dizel-o, escripto em algum momento de mau humor.

Tudo o que deixamos dito e que todos podem verificar, é um desmentido formal das asserções ali feitas.

Partido de cirurgia

Foi estabelecido por carta regia de 15 de junho de 1796 com o ordenado de réis 60$000 e tem sido occupado pelos seguintes:

1.º—*Bento José da Cunha*, da freguezia de S. Miguel de Cerzedo, d'este concelho, nomeado na mesma data supra.

2.º—*José Antonio d'Azevedo Varella*, nomeado por provisão de 20 de maio de 1824. Não podemos averiguar quando deixou de servir nem encontramos indicação de que fosse substituido.

Partido Medico

1.º—*Antonio José de Sousa Basto*, nomeado pela provisão supra, em 1796.

2.º—*João Evangelista de Moraes Sarmento*, nomeado por provisão de 27 de julho de 1816 com o ordenado de 100$000 réis, devendo aqui residir 4 mezes na epocha balnear.

3.º—*Antonio Joaquim Ferreira de Castro*,

nomeado por provisão de 20 de fevereiro de 1827. Abandonando o lugar para seguir o partido liberal, foi-lhe cassada a nomeação e substituido pelo seguinte:

4.º — *Antonio José de Sousa Basto*, (segunda vez), nomeado por provisão de 17 de julho de 1829, sendo annullada a nomeação por sentença de 14 de março de 1834, em execução dos decretos de 27 de novembro de 1831 e 3 d'agosto de 1833, foi o antecedente restituido ao logar.

5.º—*Antonio Joaquim Ferreira de Castro*, (segunda vez). Ignoramos até quando serviu.

6.º— *Antonio Ignacio Pereira de Freitas*, nomeado pela camara em 10 de maio de 1867. É actualmente medico do partido municipal de Ponte do Lima.

Hoje Vizella não tem medico privativo.

Vizellenses illustres

Abel Pedro Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa Pereira da Silva, nasceu a 1 de agosto de 1856. Seguiu a carreira ecclesiastica, ordenando-se em Braga a 7 de junho de 1884. Tem escripto diversos artigos e correspondencias em publicações periodicas.

Em 1885, d'accordo com seu primo Braulio, de quem abaixo fallamos, fez imprimir o jornal unico «Basar», que foi distribuido em Vizella, sendo o producto applicado em beneficio da confraria do Senhor da Boa Morte, da freguezia de S. Miguel. N'este publicou um artigo exalçando a belleza da sua terra, intitulado *No jardim do Minho*.

Abilio da Costa Torres, filho de Joaquim da Costa Torres e D. Candida Augusta Ferreira de Miranda, nasceu a 13 de maio de 1846 em Barrosas.

Cursou preparatorios em Braga e Coimbra, terminados os quaes matriculou-se em medicina, formando-se em 30 de julho de 1876. Estabeleceu residencia em Vizella e tem prestado relevantes serviços á sua patria adoptiva. É socio installador da companhia de bombeiros voluntarios e da philarmonica vizellense; membro da commissão recenseadora eleitoral de Guimarães; director technico do estabelecimento thermal e hydrotherapico de 1881 a 1882, etc.

Escreveu: «As aguas sulfurosas de Vizella, estatistica medica do estabelecimento thermal e hydroterapico de Vizella.» Porto, typ. Central, 1882.

É um medico distincto e habil operador.

Alfredo José dos Reis. Este espingardeiro de renome, filho de José Antonio dos Reis e de Maria do Livramento, nasceu em Chaves, mas veiu para Vizella aos 17 annos de edade e aqui tem vivido até hoje quasi sempre, entregando-se á arte que lhe alcançou fama, dirigido pelo espingardeiro e fogueteiro Joaquim Antonio Callado, que depois foi seu sogro.

Em 1862 estabeleceu-se por conta propria e em 1865 fabricou a «primeira espingarda de carregar pela culatra» não havendo n'ella uma peça unica, desde a mais singela até á mais complicada, que não fosse fabrico seu. Foi esta no seu genero a primeira espingarda que se fez em Portugal, como se lê no *Catalogo* da Exposição internacional do Porto, de 1865, a pag. 59 do *Supplemento*.

Em 1861 fabricou a «primeira espingarda» de *systema central*, nas mesmas condições de fabrico todo seu.

Em 1872 fabricou uma *machina* de cortar mortalhas para cigarros, feitas de folha de milho, em maços de 50 e 100.

Depois de ter officina durante alguns annos em Vizella, foi para Guimarães, onde esteve 7 annos, voltando para aqui em setembro de 1885 e estabelecendo-se na rua da *Estrada Nova*, junto á estação do caminho de ferro.

Antonio Ignacio Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa Pereira da Silva, nasceu em 1 de fevereiro de 1842.

Cursou os preparatorios em Braga, obtendo sempre honrosas classificações. Em 1858 matriculou-se na Academia polytechnica do Porto e em 1861 na escola medico-cirurgica da mesma cidade, concluindo a formatura em 1866.

A these que defendeu no fim do curso tem o seguinte titulo: «Das aguas mineraes

em geral e da sua applicação em particular ao tratamento das molestias cirurgicas... Porto 1866, 4.º gr.»

Depois de exercer a clinica aqui e em Fafe, foi em 1869 para Ponte do Lima, onde exerce o cargo de facultativo municipal. Tem escripto em diversos jornaes muitos artigos sobre a importancia das aguas de Vizella e existe publicado em opusculos: «Aos senhores capitalistas: noções acerca do projectado estabelecimento thermal de Vizella e conveniencia da sua construcção por meio d'uma companhia, Braga, 1868.»

É indefeso propagador do *systema dosimetrico*, bem como do *hypnotismo*, como agente therapeutico.

Antonio José d'Azevedo Varella, filho de Antonio d'Azevedo Varella e de Josepha Joaquina da Costa.

Nasceu a 12 d'agosto de 1825 em Santa Eulalia de Barrosas. Cirurgião pela antiga escola, estabeleceu residencia por muitos annos em Infias, e desde 15 annos a esta parte em Vizella. Tem sido vereador em Guimarães por mais que uma vez e poderia hoje ter avultada fortuna, se não fosse tão desprendido d'ambição. É parente do celebre frade Domingos Varella, distincto organista de quem se falla no artigo *Victoria*, tomo 10.º pag. 623, col. 2.ª

Antonio José Ferreira Caldas, nasceu a 16 de novembro de 1816 na quinta do *Paço de Gominhães*, filho de Francisco José Ribeiro e Thereza Maria Ferreira.

Seguiu a carreira commercial em Guimarães com muita probidade pelo que seus conterraneos o elegerem vereador da camara, repetidas vezes.

Membro da commissão recenseadora eleitoral, da junta de repartidores, etc., correspondeu ao conceito que d'elle se formava; alcançou porem inolvidavel memoria pelos relevantes serviços que tem prestado á terra que lhe foi berço.

É sem duvida a Ferreira Caldas que Vizella deve os importantes melhoramentos que hoje a enriquecem. Grande parte de seus haveres, sua saude, seu credito, sua actividade, tudo dedicou durante o longo espaço de 17 annos á realisação da sua idéa tão querida: *o estabelecimento thermal de Vizella.*

Em Guimarães, Porto e Lisboa trabalhou constantemente e, apesar de muitas decepções e muitas contrariedades, conseguiu a formação da companhia: viu levantar o edificio dos banhos; assistiu á sua abertura, contemplando a sua obra, e o sorriso da satisfação lhe assomou aos labios.

A camara municipal de Guimarães, em sessão de 5 de maio de 1881, como testemunho dos serviços prestados pelo incansavel Ferreira Caldas, deu a uma das novas ruas de Vizella o nome do benemerito cidadão.

Em um artigo sobre a exposição industrial de Guimarães, publicado no *Jornal do Commercio*, lê-se o seguinte, que é a confirmação do que levamos dito: «A existencia da Companhia e dos novos estabelecimentos deve-se á união de esforços de muitos cidadãos vimaranenses, mas distingue-se entre todos, pelo trabalho e até pelo sacrificio, o prestimoso cidadão *Antonio Ferreira Caldas.*

Póde affirmar-se, sem receio do errar, que á devoção de *Ferreira Caldas* pelos melhoramentos de Vizella, desde 1869, se devem os novos estabelecimentos.» (Relatorio da Exposição, pag. 249).

Antonio Pereira da Silva Caldas, filho de Antonio Pereira da Silva e D. Maria José Alves, nasceu a 4 de fevereiro de 1828.

Cursou preparatorios em Coimbra, matriculando-se depois nas faculdades de mathematica e philosophia, mas não chegou a concluir o curso.

Depois matriculou-se na escola medico-cirurgica do Porto, mas a nostalgia da patria não o deixava viver longe de Vizella.

Recolhido de vez á sua terra natal, entregou-se ás doçuras da familia e á educação dos filhos, que o honram.

É actualmente professor da escola primaria na freguezia de S. Miguel, como em outro lugar disemos, e acerca das suas funcções escolares eis aqui o que se lê no semanario lisbonense *A Federação*, vol. VII. n.º 1, de 11 d'abril de 1863, n'um artigo intitulado a *Instrucção primaria em Portugal.* «O professor do logar da *Lameira*, freguezia de

S. Miguel, concelho de Guimarães, lecciona os discipulos, durante o inverno, em uma casa que lhe emprestam para esse fim; mas, durante o verão, n'um quintal, debaixo de uma ramada, porque a casa é alugada aos banhistas. No entanto este é um dos bons professores do districto, que cumpre exactamente o regulamento escolar. Ensina e explica o systema metrico, e fiscalisa escrupulosamente a frequencia, que regula por 35 a 40 alumnos, de 63 que estão matriculados, 51 do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

Estes bons serviços, que todos louvam, só a junta de parochia e a camara municipal desconsideram, pois que ainda não prestaram casa e mobilia para a escola d'este professor, que tão dignamente exerce o magisterio.»

De vez em quando o distincto professor envia escriptos para diversos jornaes. Assim no *Murmurio*, n.º 12, de 15 de junho de 1856, folha mensal bracarense, encontra-se um com o titulo: *A lingua hespanhola e os autores que mais a aperfeiçoaram.* É um artigo interessante. Na *Borboleta*, jornal bracarense, n.º 841 de 1876, escreveu: *Apparição de uma Hostia no Ceo em Braga em 1640.* No n.º 10 de 15 do mesmo mez escreveu: *Conspiradores portuguezes em 1640*, etc., etc.

O artigo publicado, no numero 8 da *Borboleta* foi impresso em fasciculo, de que apenas se fez tiragem de poucos exemplares em cartão. É o titulo: «Silva-Caldas, Apparição d'uma Hostia no Céo em Braga em 1640.» —Braga. imprensa commercial, 1879, 8.º gr. com 6 pag. innumeradas.

Antonio Raphael Dias Pereira de Freitas, filho de Manoel Dias Pereira de Freitas e D. Guilhermina Candida Dias Pereira de Freitas, nasceu a 15 de fevereiro de 1849.

A vida commercial a que se destinava no Brazil não lhe roubou a vocação que tinha para as lettras.

No Rio de Janeiro redigiu um periodico *O Povo* e publicou dois bellos romances *Ambrosina* e *Honra d'um caixeiro.*

A morte surprehendeu ha pouco este nosso benemerito compatriota, colhendo-o entregue ás lides litterarias. Dava a ultima demão a um volume de *versos*. Editou tres das obras de seu irmão Domingos, de quem adiante nos occuparemos.

Uma saudade á memoria do desditoso mancebo.

Armindo de Freitas Ribeiro de Faria, filho de Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, nascido em 1866. É quintanista da escola medica do Porto.

Avelino Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado e Joaquina Salgado, nasceu a 4 de junho de 1859. Dirigido por seu pae, tornou-se um artista de nome, e, como seu cunhado Alfredo, de quem já se fallou, fabrica espingardas de todas as especies e os utensilios indispensaveis para o seu trabalho.

Não pôde acabar opportunamente uma espingarda para carga por tres systemas, que destinava á *Exposição Industrial de Guimarães* em 1884, onde por certo seria devidamente apreciada como *invento curioso.*

Este artista actualmente dirige a officina que foi de seu pae, e concerta quaesquer artefactos de *serralheria*, por mais complicados que sejam.

Braulio Lauro Pereira da Silva Caldas, filho de Antonio Pereira da Silva Caldas e D. Francisca Emilia Pereira da Cunha.

É bacharel formado em theologia e bacharel em direito.

Tem publicado em differentes jornaes muitos artigos e muitas *poesias* que lhe hão grangeado o credito de esperançoso poeta.

No anno de 1885 escreveu e fez imprimir *Bouquet de Sonetilhos*, que offereceu á commissão vimaranense promotora de soccorros para as victimas da Andaluzia, mimo que foi avidamente procurado.

E' socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

No mesmo anno de 1885, por iniciativa sua e de seu primo Abel, de quem já se fallou, imprimiu-se em Guimarães uma folha unica—*Bazar*, em beneficio da confraria do Senhor da Boa-Morte, da freguezia de S. Miguel.

E' redactor da *Alvorada*, jornal litterario bracharense, etc.

Domingos Maria Pereira Dias de Freitas, filho de Manuel Dias Pereira de Freitas e D. Guilhermina Candida Dias Pereira de Freitas nasceu a 10 de fevereiro de 1852.

Cursou preparatorios no lyceu de Braga, entregando-se conjuntamente á vida jornalistica.

As columnas do antigo *Bracharense* receberam suas primicias litterarias e nos ultimos tres annos d'este jornal foi um dos seus redactores.

Durante 15 annos nunca deixou de escrever para os jornaes, dirigindo e redigindo em Braga, o *Jornal Academico*, *Diario do Minho*, *Commercio do Minho* e *Borboleta*. D'este formoso hebdomadario de litteratura existem publicados tres volumes.

Collaborou tambem assiduamente na *Atalaia do Vez* (Arcos) e no *Imparcial* (Guimarães), etc.

Em todos estes jornaes publicou poesias e pequenos, mas bellos romances, sendo para lastimar que não estejam colleccionados.

Collaborou tambem nos jornaes religiosos de Braga: *União Catholica* e *Semana Religiosa Bracharense*. N'este ultimo publicou, anonyma, entre outros trabalhos, a versão da magnifica obra de *Jorge Romain* — *L'Eglise catholique—Unique puissance tolerante et libérale*, começando a publicação no n.º 117 de 17 d'agosto de 1877 e terminando no n.º 166 de julho de 1878.

Tem publicado:

Premicias, 1 vol. Arcos, 1870.

Inspirações do Vizella, 1 vol. Porto, 1871.

Goivos, (romance) principiado a publicar sob pseudonymo no *Commercio do Minho* e editado por seu irmão Antonio, no Rio de Janeiro, 1877.

Rosinha (romance). Idem, 1880.

Solidões (opusculo). Idem, 1880.

Suspiros de Santo Agostinho (versão) Coimbra, 1884.

É socio correspondente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, socio ordinario da Sociedade de Geographia Commercial do Porto e socio benemerito da Associação Penafidelense de Instrucção.

Exerceu durante o anno de 1884 e 1885 o magisterio no collegio da Formiga e actualmente reside em Braga entregue ás lides jornalisticas, havendo durante a sua permanencia na Formiga traduzido os primeiros fasciculos do *Anno Christão* de João Crosset, que foi editado no Porto por Antonio Dourado.

Illidio Floro Pereira de Freitas, filho de José de Freitas e Oliveira e D. Cecilia Rosa da Silva Pereira, nasceu a 22 de dezembro de 1846.

Depois de cursar os preparatorios em Braga, matriculou-se na academia polytechnica do Porto e depois na escola medico-cirurgica da mesma cidade, concluindo os seus trabalhos escolares em julho de 1869 e havendo sido premiado. A sua these final tem por titulo *Da hydrotherapia e suas applicações therapeuticas*. Porto, 1869, 4.º gr.

Despachado em 1869 facultativo naval de 2.ª classe, embarcou na canhoneira *D. Maria Anna*, indo para Moçambique, onde cuidou dos inficcionados do cholera que por 3 vezes ali se manisfestou e, voltando á patria em 1873, valeu a muitos atacados de variola, que então grassou intensamente em Vizella. Publicou diversas poesias e alguns trabalhos scientificos em jornaes, almanachs e revistas litterarias.

Despachado em novembro de 1873 facultativo de 1.ª classe, embarcou no hyate *Marinha Grande* e falleceu a dois dias de viagem de Cacheu, em 2 de julho de 1874.

Joaquim Antonio Callado, filho de Raymundo Antonio Callado e Joanna Mendes, nasceu a 6 de janeiro de 1822 e falleceu a 6 de março de 1880.

Deixou grande renome como *espingardeiro* e *fogueteiro*.

Manoel Ribeiro de Castro, filho de Francisco José Ribeiro e Antonia Luiza, nasceu a 10 de dezembro de 1807. Presbytero ordenado em Lisboa, nunca fez uso de

suas ordens e é proprietario da fabrica de papel das Caldas, de que em outro lugar nos occupamos.

Paulino Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado e Joaquina Salgado. Entregou-se no Brazil á especialidade da espingarderia, que é o patrimonio dos seus, — e falleceu haverá 10 annos.

Pedro Vaz Cirne de Sousa, filho do morgado de *Gominhães*, Manoel Cirne Pereira, e de sua esposa D. Antonia de Sousa Alcoforado. Embora nascesse em Guimarães, tem cabimento aqui, porque a sua casa solar era na freguezia de S. João e aqui residiu grande parte do tempo.

Casou este illustre fidalgo com D. Antonia de Madureira e, depois de assegurar a descendencia de sua nobre casa, fallecendo sua mulher, fez-se cavalleiro da Ordem de S. João.

Mandou construir a capella da sua casa, como em outro logar diremos, e legou ás letras duas obras, uma das quaes (a segunda), diz o nosso bibliographo Innocencio, é muito rara. Foram ellas: — *Relação do que fez a villa de Guimarães no tempo da felice acclamação de sua magestade até o mez de outubro de 1641.* — *Relação do que tem obrado Rodrigo Pereira de Souto Maior, capitão e alcaide-mór da villa de Caminha*, etc.

Roque Francisco.

Este notavel ourives e escriptor nasceu a 16 d'agosto de 1659, sendo seus paes Domingos Francisco e Isabel Fernandes. Foi baptisado na egreja da S. Miguel.

Transcrevamos o que na folha unica, *Industria Vimaranense*, publicada por occasião da Exposição industrial de Guimarães em 1884, se lê e que é devido á penna do nosso chorado amigo José Caldas (que tinha sangue de Vizella, pois seu pae, Antonio José Ferreira Caldas, de quem já se fallou, é d'aqui natural). «Roque Francisco, descançando radiante sobre um plinto de metaes preciosos e encimando-lhe a fronte as asas do genio, com ellas voa a paizes extranhos, onde fôra recebido com summo respeito e veneração profunda, *como primeiro e unico aquilatador do ouro e prata, até então conhecido.* É ainda o vimaranense[1] ennobrecido com o encargo honrosissimo de *ensaiador-mór* das casas da moeda nos reinos de Portugal.»

Publicou o nosso vizellense: *Verdadeiro resumo do valor do ouro e da prata*, obra pouco vulgar, segundo affirma Innocencio, e teve 3 edições: — 1694, 1739 e 1757.

Thomaz Antonio Callado, filho de Joaquim Antonio Callado.

Vive no Brazil, onde exerce e arte de espingardeiro—com tal proficiencia, que uma fabrica *belga* o premiou por uma espingarda que elle fez.

—

José Joaquim da Silva Pereira Caldas. Deixámos para corôa e remate d'este topico o mais illustre filho de Vizella.

Nasceu na freguezia de S. Miguel a 26 de janeiro de 1818, sendo seus paes Antonio Pereira da Silva e D. Maria José Alvares. Em Guimarães e arrabaldes fez os seus primeiros estudos, tendo por professor de latim o padre mestre *José Antonio Ferreira*, parocho de Polvoreira (entre Vizella e Guimarães), que foi tambem mestre de todos os que n'aquelle tempo e n'estes contornos se dedicaram ás lettras.

Pereira Caldas tornou-se muito notavel entre os seus condiscipulos. A alguns d'estes ouvimos dizer que elle decorara o diccionario latino!...

Matriculando-se na Universidade, foi premiado nas faculdades de mathematica, philosophia e medicina, que frequentou, tomando o grau de bacharel.

O distincto professor de mathematica, philosophia e introducção é socio honorario de varias sociedades, academias e institutos, socio correspondente d'outras associações

---

[1] Vizella como já dissemos pertence ao concelho de Guimarães.

do reino, Açôres, da Academia Real das Sciencias, etc.

A sua biographia extensamente escripta e o longo cathalogo de suas obras encontram-se no *Diccionario* de Innocencio, tomo 4.º pag. 395, onde occupam 19 paginas,—e no tomo 13.º pag. 42,—não estando ainda todas mencionadas, porque depois escreveu algumas outras.

Das suas obras mencionaremos aqui sómente as que dizem respeito a Vizella:

Noticia d'uma escavação archeologica nas Caldas de Vizella,—Revista Universal Lisbonense, tomo 4.º pag. 557, e *Periodico dos Pobres do Porto,* n.º 107 de 1845.

Esboço topographico das Caldas de Vizella, —*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* serie 2.ª, tomo 4.º pag. 318 a 355.

Noticia archeologica das Caldas de Vizella, Braga, 1858.

Indiculo generico das virtudes curativas das aguas sulphurosas das Caldas de Vizella, Braga, 1854.

Noticia resumida das Caldas de Vizella, Panorama, tomo 11, 1854, n.º 32.

Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira, como descoberta portugueza, sendo o seu fabrico intentado no principio d'este seculo *nas Caldas de Vizella,* etc. Braga, 1867.

Caldas de Vizella, artigo publicado em julho de 1885 na folha unica *Bazar,* a que já nos referimos.

Noticia historica sobre a espingarderia vizellense, com indicações geraes sobre a espingarderia portugueza, Braga, 1885, 8.º gr. de 25 pag. Tiragem—50 exemplares para brindes.

Não podemos ver ainda esta obra e por isso não podemos dizer se é a mesma, como suppomos, que foi inserta no Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884, pag. 55 e seguintes, a que o erudito professor deu o titulo: *Noticia summaria* (Espingarderia).

D'este ultimo artigo extrahimos, quasi textualmente, os dados relativos a alguns artistas vizellenses.

A estes escriptos especiaes podem ajuntar-se ainda do mesmo auctor, como attinentes ao mesmo assumpto, em trechos accidentaes, os seus tres escriptos seguintes:

«*Apontamentos genericos* sobre os objectos mais notaveis do districto de Braga e dignos d'attrahir a attenção de SS. MM. e AA. na sua visita pelo mesmo districto em 1852.» Braga, 1852, folio oblongo.

«*Noticia topographica das Caldas das Taipas* no concelho de Guimarães» Braga, 1854 8.º gr.

Noções therapeuticas sobre o uso das aguas sulphurosas, Porto, 1852, 16.º gr.

O distincto professor Pereira Caldas é de per si sufficiente para nobilitar não só a pequena povoação de Vizella, mas *todo o concelho* a que ella pertence, como está nobilitando a *propria capital do districto.*

Ditosa patria que tal filho teve!...

—

Alem de ser um sabio profundo e distincto escriptor, é *muito patriota,* como provam os escriptos supra, dedicados a *Vizella* — e outros muitos dedicados a Luiz de Camões e ao seu inimitavel poema—os *Lusiadas.*

É tambem s. ex.ª muito notavel *bibliophilo* e *bibliographo,* e possue a *melhor livraria particular* que temos hoje ao norte do nosso paiz?!...

Talvez seja melhor de que a grande livraria que deixou o conde d'Azevedo, no Porto, e que é hoje do sr. conde de Samodães,[1] —notando-se que o fallecido conde de Azevedo dispunha de grande fortuna, em quanto que o sr. Pereira Caldas não tem fortuna propria. Vive do seu modesto ordenado de professor.

É uma livraria muito numerosa e *muito escolhida.* Tem exemplares rarissimos,—verdadeiras preciosidades bibliographicas! E tão patriota é o venerando ancião, que já offereceu á camara de Braga a sua preciosa livraria, apenas com duas condições:—1.ª tel-a em edificio proprio;—2.ª dar uma pe-

---

1 V. *Porto,* vol. 7.º pag. 499, col. 2.ª *in principio.*

quena pensão annual ao benemerito doador; mas a dicta camara—vergonha eterna!—recusou e *não acceitou a doação?!...*

Note-se tambem que o sr. dr. Pereira Caldas é viuvo e não tem successão, porque falleceu ha poucos annos e solteira a sua filha unica, tambem *muito illustrada!*

O venerando ancião vive pois *só*, entretido a ler e manusear os seus livros, que por serem muitos e a casa não grande, (ainda assim tem 3 andares) a cobrem e revestem interiormente *toda*,—salas, quartos, escadas, corredores, etc.

—

Ao muito rev. e muito illustrado sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, que foi parocho de *Mascotellos* e hoje é abbade de *Tagilde*, a pequena distancia do Vizella, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e segg.

VIZELLA — (Santo Adrião), freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro. Orago Santo Adrião, martyr, de quem faz menção o Breviario Romano a 8 de setembro. Tem 139 fogos. A chorographia do padre Carvalho deu-lhe 80.

Era abbadia da mitra e tinha annexa a freguezia de S. Jorge de Vizella, onde apresentava o vigario; e não eram duas freguezias unidas, curadas por um só parocho, como diz o *Port. sacro-profano.*

Pertencia ao antigo termo de Guimarães; depois ao extincto concelho de Barrosas, e desde 1855 a Felgueiras. Até 1882 foi do arcebispado de Braga, passando então pela nova circumscripção para o Porto, e pertence ao vicariato da vara do 2.º districto d'Amarante.

É limitada a Norte pelas freguezias de Tagilde e S. Miguel das Caldas de Vizella; Sul pelas de Ravinhade e Santa Eulalia de Barrosas; Nascente pela de Santa Comba de Regilde; Poente pela de S. João das Caldas de Vizella. Entre as aldeias e casaes que a compoem são mais povoados os seguintes: Monte da Santa, Alfeixim e Cruz.

Está quasi toda na margem esquerda do rio Vizella, tendo apenas um pequeno logar na direita, Lagoas, que é alternadamente d'esta freguezia e da de S. Miguel das Caldas de Vizella, isto só ecclesiasticamente, anomalia que a ultima circumscripção bem podia terminar.

Dista 11 kilometros de Felgueiras, 5 de Barrosas e 2 de Vizella.

Deve esta freguezia ser atravessada pela estrada districtal em projecto, de Felgueiras a Vizella, que passará no adro da egreja parochial, e poucos metros antes d'elle partirá um ramal para a Ponte Nova de Tagilde, sobre o Vizella.

A egreja matriz é um templo antiquissimo e *sagrado*, talvez anterior ao seculo XI e, apesar d'algumas reconstrucções, ainda claramente demonstra a sua muita antiguidade. A chorographia de Carvalho diz que por uns algarismos, que estão em uma pedra nas costas da egreja, seria sagrada em 1262. Não encontramos tal data, mas na pia baptismal vê-se a seguinte: f. 1110 a. Sendo exacta esta era, que supponho ser de Cesar, a pia accusa o anno de 1072. Na parte externa da pia, inferiormente e como segurando-a, encontram-se umas figuras em alto relevo de anjos ou o que quer que seja, uma das quaes é singular pela sua posição pouco decente.

Não podem examinar-se todas as figuras, porque parte da pia está mettida na parede.

Tem a egreja 4 altares: *Mór*, *Nossa Senhora do Rosario*, *Trindade* e *Almas*. N'este ultimo vê-se um retabulo, cuja pintura me parece d'algum merecimento e como tal tem sido appreciada pelos *touristes* que na epocha balnear visitam esta egreja.

Acha-se erecta unicamente a confraria do Santissimo Sacramento, havendo antigamente outras que se extinguiram, como a do Rosario, S. Sebastião, Santo Antonio, etc.

Em veneração ha unicamente a capella de *Nossa Senhora da Tocha*,[1] tambem outr'ora

---

[1] Tem o mesmo titulo a capella real de Madrid *extra muros* e que foi egreja dos frades dominicanos.

chamada Nossa Senhora do *Castro* ou *Crasto* (de que adiante fallaremos) e a de S. *Claudio*, (vulgarmente *S. Crau*), no logar de Lagoas, e que pertence a Manoel Dias de Carvalho. Foi esta capella construida em 1751 como se vê da inscripção gravada na padieira: *Francisco d'Araujo m. fazer era 1751.*

Houve antigamente muitas outras, d'algumas das quaes nem vestigios já restam, mas d'ellas se faz menção no livro do Registro dos Visitadores; foram:

S. Gonçalo, em terreno dos passaes, instituida pelo abbade dr. Gonçalo da Silva. Desde muito profanada, foi ultimamente destruida e no seu lugar e com a sua pedra se fez uma casa de habitação.

Santa Cruz, edificada por Manoel Teixeira, da qual era administrador em 1742 Bento Teixeira Borges.

Nossa Senhora, no logar do Casal, limites de Regilde, a qual existia em 1761.

A *da casa nobre de Lamellas*, que ainda está de pé, mas servindo de palheiro, e cuja invocação não pude descobrir.

A da casa nobre do Paço Velho, de que apenas restam, bem como do Paço, uma vaga tradição e algumas pedras dispersas.

—

A nobre casa de Lamellas, grandiosa construcção apalaçada, demora um pouco abaixo da residencia parochial, junto ao rio Vizella.

Esta rica propriedade foi em 1549 emprasada por Aleixo de Freitas, abbade d'esta freguezia, por um pequeno fôro, a seu irmão Alvaro de Freitas, nobre fidalgo de Guimarães, e conservada na sua familia até que nos principios d'este seculo, por compra, herança ou doação, passou para os *Navarros* de Guimarães, sendo seu ultimo possuidor Jeronymo Vaz Vieira de Mello Alvim e Napoles, pelo seu casamento com D. Maria Antonia Navarro, por morte do qual foi vendida, em 1885, com as demais propriedades e casas.

D'esta familia era tambem pertença o palacete de Guimarães, denominado das *Lamellas*, sito na rua do mesmo nome e onde actualmente se acham installadas as repartições publicas.

Este palacete era cabeça do *morgadio das Lamellas*, instituido pelo dr. Rui Gomes Golias, filho de Ambrosio Vaz Golias e Ignez de Guimarães, abbade de Villa Nova de Sande e mestre escola da collegiada de Guimarães, provido n'esta dignidade em 7 d'abril de 1629, havendo permutado a abbadia pela dignidade com seu irmão o dr. Sebastião Vaz Golias.

Nomeou o morgado em seu sobrinho o dr. *João dos Guimarães*, procurador ás côrtes em 1643, embaixador á Suecia e Hollanda, moço fidalgo, commendador de S. Miguel de Caparosa, no bispado de Viseu, que era da Ordem de Christo; da Mesa da Consciencia e dos Aggravos, etc. Casou este com D. Maria de Mello, que ficando viuva e sem filhos, metteu-se freira em Santa Clara de Guimarães.

O morgado passou aos irmãos do dr. João dos Guimarães, Ambrosio Vaz Golias, abbade de S. Pedro d'Abragão, concelho de Penafiel, e a D. Ignez, D. Catharina, D. Maria e outras, freiras no mosteiro de Vairão, os quaes o nomearam em seu parente:

Antonio Peixoto de Miranda, senhor e possuidor da quinta da Lamella d'esta freguezia, pela doação feita em 23 de novembro de 1670, dando áquelles, para o escolherem entre os demais parentes, 8 mil crusados: 4 para os doadores e 4 para accrescentamento do morgado, conforme a instituição. A este succedeu seu filho:

Antonio Peixoto de Miranda, casado com D. Mafalda Luiza Leite d'Azevedo. A este seu filho:

Manoel Peixoto de Miranda Golias dos Guimarães. Morreu solteiro, nomeando o morgado em seu parente:

Fernando da Costa de Mesquita, que falleceu sem tomar estado e o nomeou em

F.... sua irmã.

Houve então varias demandas entre a casa de *Porcados* e a do *Tanque* sobre a successão do morgado, vencendo a casa do Tanque, que em 1829 se achava de posse d'elle, como póde vêr-se no jornal *Correio do Porto*,

n.º 92, de 1829, sendo administrador Antonio de Vasconcellos Leite Pereira d'Abreu de Lima Abraldes Oca e Novaes, que foi, ao que parece, o que vendeu as propriedades aos *Navarros*.

A nobre casa do Paço Velho, á qual era foreira quasi toda a freguezia, ha muito que não existe. Algumas pedras dispersas, que hão sido aproveitadas por alguns moradores, nos dão a conhecer sua antiga opulencia.

É tradição que um possuidor d'este Paço, conde d'Almada (?) por um crime de bestialidade em que encontrou sua esposa na propria casa nobre, fez arrasar o palacio, castigou gravemente a criminosa e cumplice (um cavallo!) e se retirou para a capital. Que haverá de verdade em tudo isto?

Carvalho na sua Chorographia diz que esta quinta produz boas fructas e admiraveis pecegos.

—

A melhor casa de habitação d'esta freguezia é a da *Quintã*, pertencente á ex.ma sr.a D. Joanna Lopes Martins Brandão, que n'ella reside.

O Vizella, que passa n'esta freguezia, serve de motor a diversas azenhas, empregadas na moagem de cereaes. Tambem finalisa n'esta parochia, distribuindo-se pelos campos, o regato de *Barusude*, que divide esta parochia da de Regilde e que ha annos, cerca de 50, ficou memoravel pelos grandes estragos que a sua corrente causou por occasião de uma grande tempestade, levando d'envolta duas pobres mulheres, que dias depois se encontraram mortas no Vizella

As producções d'esta freguezia são especialmente milho, centeio e vinho verde, mas este não prima pela qualidade. Tambem merece menção a manufactura de aguardente pela queima do bagaço, pois com difficuldade se encontra um proprietario que não possua um ou dois alambiques.

—

Entre as pessoas notaveis d'esta freguezia occorrem-nos as seguintes:

João Gouveia da Rocha, filho de Pedro Vaz de Gouveia e de Isabel da Rocha. Foi eleito collegial do Real Collegio de S. Paulo de Coimbra, sendo já lente de *Instituta*, em 5 e tomou posse a 9 de junho de 1660, sendo reitor o dr. D. Luiz de Sousa.

Regeu a cadeira de codigo; foi desembargador da Relação do Porto e da Casa da Supplicação e dos Aggravos, chanceller do Porto e desembargador do Paço, etc.

Dr. *Pedro da Rocha de Gouveia*, irmão do antecedente. Foi desembargador do Brazil e da casa da Supplicação, cavalleiro da Ordem de Christo, etc.

Francisco Xavier Camello. Era major em 1808.

Manoel Antonio da Silva Bravo. Foi capitão de milicias e falleceu a 8 de fevereiro de 1822.

Actualmente vivem:

Padre Firmino Antonio da Silva Bravo, filho de Antonio Joaquim da Silva Bravo e de D. Joaquina Peixoto, nascido a 12 de maio de 1852, professor no collegio de Santa Quiteria, concelho de Felgueiras.

Padre João da Rocha e Silva, natural de Ravinhade, ex-encommendado de S. Faustino de Vizella.

José Manoel Martins Camello. Tem sido vereador da camara de Felgueiras repetidas vezes e é um dos 40 maiores contribuintes do concelho.

—

Ha uma escola official do sexo masculino, regida pelo professor José Eugenio Ferreira Guimarães, que lecciona cerca de 40 alumnos. Data já de tempos afastados.

Os proprietarios mais importantes, aqui residentes, são: José Manuel Martins Camello, de que acima fallei, Manuel Joaquim Pinto e Antonio Joaquim da Silva Bravo.

Conservam-se n'esta parochia tres obje-

ctos dignos de apreciação e que muito hão sido admirados pelos peritos, entre outros pelo fallecido Marquez de Sousa Holestein, dr. Martins Sarmento e conego Alves Matheus. São: um thuribulo de latão no estylo gothico, uma cruz processional do seculo XVI e uma bacia de cobre, talvez destinada para a cerimonia do *Lavapedes*, que outr'ora, bem como as demais festividades da semana santa, aqui se celebravam com bastante lusimento, como se deprehende dos livros das Visitas.

Ainda não tem cemiterio parochial, achando-se todavia já demarcado n'uma esplanada, junto á capella de Nossa Senhora da Tocha.

—

Abbades. Sabemos dos seguintes:

Pedro de Freitas Peixoto o *Velho*, filho 3.º de Mendo Affonso Peixoto e de sua mulher D. Ignez Pires de Freitas. Foi casado com D. Magdalena Fernandes d'Almeida, de quem deixou descendencia. Fallecendo sua mulher, fez-se clerigo (1500?) e foi abbade n'esta freguezia.

Aleixo de Freitas, 1548, mencionado supra, no topico da casa de *Lamellas*. Quando em 1549 se executou o breve, que auctorisava o emprasamento da dita quinta e de que foi executor o D. Abbade de Pombeiro, D. Antonio de Mello, era já fallecido o abbade, todavia foi citado para dizer de sua justiça e declarar se concordava!

Isto é facto e consta da propria escriptura de emprazamento, que o meu illustrado informador leu.

Os abbades que se seguem constam d'uma nota exarada no fim do livro dos *Usos*:

Dr. Gonçalo da Silva, que fez a capella de S. Gonçalo, como já dissemos.

Salvador Lopes.

Jeronymo Lopes, irmão do antecedente.

Paulo Lopes da Rocha.

José de Moura Coutinho, natural de Lamego, fallecido a 12 de fevereiro de 1712.[1]

Antonio Felgueiras de Lima, natural de Vianna do Castello, depois conego prebendado na Sé de Braga e governador do arcebispado no tempo de D. Rodrigo de Moura Telles. Foi abbade 3 annos.

Verissimo Ferreira Marques, natural de Braga; tomou posse a 8 de dezembro de 1715 e renunciou em 1732.

Ignacio Marques Ferreira, irmão do antecedente. Tomou posse a 3 de maio de 1732.

José Monteiro Vaz.

Antonio Fernando Pereira Pinto d'Azevedo.

Antonio José Monteiro, renunciou no seguinte:

José Peixoto Monteiro, fallecido a 12 d'agosto de 1818.

Luiz Vicente de Barros e Castro. Tomou posse em dezembro de 1818 e morreu em 11 de maio de 1820. Era natural de Santa Maria de Passos, concelho de Sabrosa, e foi desembargador da Relação ecclesiastica de Braga.

João Evaristo Dias da Costa, foi secretario do ex.mo D. Fr. Miguel da Madre Deus, arcebispo de Braga. Renunciou no seguinte:

Francisco Joaquim Cardoso, natural d'esta freguezia, filho de José Custodio Cardoso e D. Anna Maria Nogueira Camello. Nasceu a 30 de janeiro de 1801; foi abbade coadjuctor desde 1829 a 1830 e n'este anno abbade collado pela renuncia do anterior.

Esteve algum tempo ausente do beneficio na occasião do scisma bracharense, sendo aqui por essa epocha encommendado (intruso) Bernardo de Menezes Miranda Magalhães. Entrando de novo o abbade Cardoso, aqui se conservou até á morte, 1882, mas não trabalhava desde 1870, por se achar paralitico e quasi cego.

José Pereira de Sousa, parocho encommendado, natural da freguezia de Salvador do Campo, concelho de Barcellos, filho de Manuel Pereira de Sousa e Thereza Pinheiro. Nasceu a 6 de novembro de 1840; ordenou-se de presbytero a 22 de dezembro de 1866; foi cerca de quatro annos capellão da nobre casa de Sá, na visinha freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, pertencente á distincta e maviosa poetisa do poetico debate

---

[1] Era homonymo do sr. *D José de Moura Coutinho*, penultimo bispo de Lamego, fallecido em 1861. V. Telhó.

da *Rosa branca* e *Rosa vermelha* e dos *Murmurios do Vizella.*

Bento José da Silva Bravo, natural d'esta freguezia, filho de Antonio Joaquim da Silva Bravo e D. Joaquina Peixoto. Foi parocho encommendado até 1885 e actualmente é abbade de S. João Baptista de Codeços, concelho de Paços de Ferreira.

Francisco Maciel da Costa, actual abbade. Foi apresentado em 3 de fevereiro de 1885, tomando posse em 1886. Era prior de Santa Maria de Carvoeiro, concelho de Vianna do Castello.

—

N'esta freguezia, em uma elevação pouco distante da egreja parochial, existe uma capella sob a invocação de *Nossa Senhora da Tocha*, no sitio onde outr'ora esteve uma povoação pre-romana, um *Castro*, como indicam numerosos vestigios que ainda hoje ali se vêem.

A lenda de *Santa Capelluda*, imagem que se encontra na dita capella, advogada das parturientes, tanto christãs como gentias e mouras, é conservada viva entre todos os moradores do *Castro*. Quando estavam em vesperas *d'alliviar-se*, as mouras apegavam-se com a santa, clamando: *Santa Capelluda me valha! Santa Capelluda me valha!* mas livres do susto, punham-se a varrer a casa, gritando: *Capelluda fóra! Capelluda fóra!*

Uma moura vive encantada na capella e tem sido vista por mais d'uma vez sob a figura d'uma cobra amarella, — diz a lenda.

Uma pedra branca, disputada por dois lavradores para os seus trabalhos de gradar a terra, atirada ao Vizella transformou-se n'uma rapariga, que foi salva pelos contendores.—Santa gente!...

A *Senhora da Tocha*, hoje padroeira da capella, é muito venerada pelos povos das parochias visinhas e mesmo de longas distancias.

Grande numero de clamores iam ali antigamente e ainda hoje ali vão alguns de Fafe, Paços de Ferreira, etc.

—

Junto á egreja, n'um degrau da escada que sobe para um comoro, onde se vê um cruzeiro de curiosa esculptura, representando o mysterio da Trindade e o martyrio de S. Sebastião, ha um cutelo em relevo. Segundo a tradição é o alfange do ultimo rei mouro que governou o Castro, ou a espada do general christão que expulsou do Castro os mouros.

Na parede da capella-mór acha-se uma inscripção funeraria que Hubner copiou d'Argote e por isso incompleta e errada.

É ella, segundo o ex.mo sr. Martins Sarmento:

D. M. S.
PROVINCIVS
NEREVS. P. I.
PROVINCIALI
PROTIDI. CO
NIVGI KARISSI
MAE. AN. XXVI

Revista de Guimarães, n.º 4, de 1885.

—

Ao meu illustrado amigo e collega—João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIZELLA (S. Faustino), freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho, pertencendo até de 1882 ao arciprestado de Barrosas e hoje ao de Guimarães, d'onde dista 7 kilometros e 5 de Vizella, a cujo julgado ordinario pertence.

Era abbadia da mitra, tendo annexa a vigairaria de S. Cypriano de Taboadello, cujo vigario apresentava.[1]

Tem actualmente 80 fogos. O padre Carvalho na Chorographia dá-lhe 50. O *Portugal sacro-profano* mencionou-a sob o titulo *Riba de Vizella* e deu-lhe 16 fogos em 1768. Não vem mencionada nas *Memorias resusci-*

[1] V. *Cima-Vizella*, tomo 2.º pag. 300. col. 1.ª—e seja-nos licito desenvolver um pouco mais tão microscopico artigo.

tadas da Antiga Guimarães, do P. Torquato Peixoto d'Azevedo, sem duvida por esquecimento, facto que tambem se dá com a sua annexa.

O orago d'esta freguezia é *S. Fausto* e não *Faustino*. Assim é nomeada em antigos documentos e nas inquirições de 1220, era de Cesar. Não sabemos quando lhe alteraram o padroeiro. No tombo feito em 1548 é ainda nomeado *S. Fausto* e em 1710 já era S. *Faustino*. Esta mudança nos documentos officiaes e no vulgo não fez porem apear do seu throno o verdadeiro titular da egreja, pois a freguezia o venera a 13 d'outubro e d'elle resam os parochos e n'este dia effectivamente no Breviario hespanhol se deve encontrar, segundo uma nota no *Livro dos Usos* d'esta parochia. Se fôra S. Faustino, devia ser festejado a 15 de fevereiro, dia em que o commemora o Breviario Romano.

Seu nome é citado no volume 8.º, pag. 620; foi um dos nobres cavalleiros martyrisados em Saragoça com Santa Engracia.

—

É limitada a norte pelas freguezias de Pentieiros e Abbação (S. Christovam); Sul pela de Tagilde; Nascente pelas de S. Paio e Tagilde; Poente pelas de Tagilde e Taboadello.

Das aldeias d'esta freguezia as mais povoadas são: Valborreiro e Outeiro; — as quintas principaes: Lamatide; Entre-as-Vinhas, de José Ribeiro: Vengada, de Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Poço das Patas, no Porto.

A Egreja matriz antigamente estava um pouco mais abaixo e a nascente da actual. E' um templo acanhado, cuja construcção deve datar do seculo XVII e nada tem que a recommende, alem do altar mór e da tribuna, que são de talha, mas pouco vasada, e que talvez já pertencesse á antiga egreja. Alem do altar-mór tem mais dois altares: *Nossa Senhora das Dores* e *Nossa Senhora das Candeias* ou da *Purificação*. Este ultimo tem uma irmandade propria já antiga; é a unica da freguezia; tendo estatutos approvados em 1771. Estes 2 altares lateraes foram feitos em 1806—e pintados em 1867.

Anteriormente serviam os da egreja velha.

Houve tambem n'esta freguezia 3 capellas:

Santo Antonio, particular e antiga, pertencente á casa de *Sub-paço*. Ainda existe, mas profanada. Tinha uma grande imagem de Nossa Senhora da Hora.

S. Pedro, publica. Os seus unicos vestigios são algumas pedras dispersas.

S. Simão, publica, nos limites d'esta freguezia com Pentieiros, cujos abbades tinham n'ella jurisdicção. Em 1548, quando se fez o tombo, já ella estava em ruinas.

—

A «Chorographia Portugueza» diz que n'esta parochia estava o *Paço de Carvalhaes*, de que era senhor Manuel Barbosa Cabral, capitão-mór de Gestaçô; que era o solar d'esta familia e que tinha por armas: escudo vermelho partido em pala, no primeiro sem carvalho verde, no segundo uma torre de prata sobre um pé d'agua e por timbre a torre com um ramo de carvalho em cima.

Parece que o padre Carvalho foi mal informado. No tempo em que elle escreveu não existia aqui tal paço. Quer sem duvida referir-se a casa do *Subpaço*, assim chamada antes d'aquelle tempo, mas d'esta não era senhor n'aquella occasião o referido capitão mór. Dos livros da parochia consta o seguinte:

Pelos annos de 1700 era senhora d'esta casa e quinta Maria Fernandes de Carvalho, casada com Manuel de Meirelles Leite, os quaes não tendo filhos a deixaram a seu sobrinho o licenciado João Luiz Alvares Ribeiro de Carvalho, filho do irmão da possuidora, Manuel Fernandes de Carvalho, residente em Gatão, proximo d'Amarante, o qual licenciado veiu viver para esta casa; d'elle foi filha, nascida a 27 de setembro de 1768, Maria Joanna de Carvalho, que foi a senhora da casa, e d'esta nasceu a 31 d'agosto de 1808 José Maria de Freitas, fallecido em 1888, deixando filhos.

Esta casa nobre tinha capella com a in-

vocação de Santo Antonio, como já dissemos, devendo a capella ser construida pelo meiado do seculo XVIII ou antes, pois em 1768 foi invocada Nossa Senhora da Hora, como madrinha da já referida filha do licenciado, e no respectivo assento se diz: foi madrinha Nossa Senhora da Hora, sita na sua capella de *Subpaço*. Tambem foi madrinha do actual possuidor que, apesar d'isso, deixou cahir no abandono a capellal...

—

Passa aqui um pequeno riacho anonymo, que move durante algum tempo do anno 6 moinhos.

Os parochianos mais importantes na actualidade são: Francisco Lopes Leite de Faria e Antonio Lopes Leite de Faria.

A matriz está collocada n'uma bella situação, especialmente a casa da residencia. Tem amplas e formosas vistas.

Era tambem outr'ora bastante rendoso este beneficio, pelo que durante muitos annos foi como que patrimonio da nobre familia dos *Coutos*, de Guimarães, como se verá pela nota dos seus abbades, que abaixo publicamos e de que podemos achar noticia no archivo parochial.

Vinham aqui a geito as expressões e clamores, tantas vezes soltados pelo virtuoso e sabio D. Fr. Caetano Brandão, mas... prosigamos.

Abbades

Em 1548 era aqui abbade o *veneravel Christovão Fernandes*, rico de virtudes e de sciencia. Fez o tombo d'esta egreja, bem como da de S. Cypriano de Taboadello, sua annexa.

Desde 1700 contam-se os seguintes:

José de Moura. Deu á egreja um cruxifixo de marfim, feito na India. Está hoje na banqueta do altar-mór.

Amaro José de Passos Leite. Fez parte da celebre *Academia Vimaranense* fundada a 3 de dezembro de 1724, e n'ella exerceu o cargo de secretario.

Diversas composições poeticas d'este erudito abbade se encontram nos dois tomos do GUIMARÃES AGRADECIDO, que narra os festejos e academias celebradas em 1747 e 48 por occasião da permanencia do arcebispo D. José de Bragança em Guimarães, sendo de presumir que deixasse outras composições.

Aquellas são differentes *romances heroicos*, *glosas* e sonetos em homenagem ao arcebispo.

João do Couto Ribeiro. O primeiro d'esta familia.

Antonio do Couto Ribeiro d'Abreu.

Dr. Amaro do Couto Ribeiro.

José Maria do Couto Ribeiro d'Abreu. Este no tempo do schisma esteve auzente, parochiando então como encommendados (interinos) Manoel José Esteves da Gaia Queiroz e Francisco José Rodrigues de Carvalho, até 1841, data em que voltou o abbade.

Joaquim de Freitas Costa, encommendado.

Bacharel Prophirio Coelho de Sousa Leal. Encommendado.

João da Rocha e Silva, ultimo encommendado.

Bernardino José Carneiro, abbade actual. Colou-se em 26 de maio do corrente anno de 1888 e tomou posse a 31 do dito mez.

—

Ha n'esta parochia um sitio denominado *Souto dos Mortos*, que foi outr'ora cemiterio, segundo diz a tradição.

Ao meu illustrado amigo e collega—João Gomes d'Oliveira Guimarães,[1] abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VIZELLA (S. João Baptista das Caldas de) Ao que fica dito a paginas 42 do tomo 2.º addicionaremos o seguinte:

Esta egreja foi até 1553 abbadia da apresentação do D. Prior da Collegiada de Guimarães, passando então para a corôa pela doação que fez o D. Prior, D. Gomes Affon-

---

[1] V. *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

so, á infanta D. Isabel, em reconhecimento dos bons serviços, que esta lhe havia prestado, especialmente para a nomeação d'elle.

Chamava-se outr'ora *S. João de Gominhães*, nome sem duvida tomado da nobre casa e *Paço de Gominhães*, sito n'esta freguezia. A *Corographia Port.* deu-lhe 70 fogos e o Port. Sacro e Profano 101.

É limitada a norte pela freguezia de S. *Miguel das Caldas de Vizella*; sul pela de *Santa Eulalia de Barrosas*; nascente pela de *Santo Adrião de Vizella* e S. *Miguel*: poente pelas de *Villarinho* e *Moreira de Conegos*. Tem actualmente 230 fogos e 980 habitantes.

—

A egreja parochial, templo muito pequeno para a freguezia, é sobretudo acanhadissimo na epoca balnear, pelo que se torna urgente a construcção d'outro mais amplo. Tem quatro altares: *mór*, *Senhora do Rosario*, *Senhora das Dores* e *Coração de Maria*. Ha aqui uma irmandade de *Nossa Senhora do Rosario* com breve de indulgencia plenaria, concedido por Pio IX e visado pelo arcebispo D. João Chrisostomo d'Amorim Pessoa em 16 de dezembro de 1875. Ha tambem a confraria do Santissimo Sacramento, cuja festa se celebra com bastante pompa no domingo immediato ao dia de S. João. Os estatutos do Rosario foram approvados em 21 de fevereiro de 1755 e os do Sacramento em 13 de agosto do mesmo anno.

Além da capella do Paço, houve antigamente junto á ponte velha uma outra, dedicada a Nossa Senhora da Lapa, hoje profanada e servindo de casa de habitação.

Os tres proprietarios mais importantes d'esta freguezia são os seguintes:

Joaquim de Freitas Ribeiro de Faria, viuva Coelho e Joaquim Pinto de Sousa e Castro. As tres melhores quintas: *Cascalheira*, dos herdeiros do fallecido Christovam José Fernandes da Silva, o *Cidade*, de Guimarães; *Paço*, de Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Porto; *Villar*, de D. Albina Netto.

—

Demora n'esta freguezia a nobre casa do *Paço de Gominhães*, a qual antigamente foi *honra*, coutada com parte do rio Vizella, por D. João I e confirmada por D. Duarte em 27 d'agosto de 1434.

A um Francisco Soares d'Aragão concedeu D. Diniz para elle e descendentes, em 2 de setembro de 1317 (1279 de Christo) o fôro de fidalgo de solar conhecido, com todas as honras e jurisdicções d'estes reinos, graças, liberdades, privilegios, isenções e prerogativas, que os principes e infantes costumam gosar. E ainda que elle ou algum dos seus descendentes praticasse crime ou vicio de qualquer qualidade que fosse, não perdêria por isso sua nobresa, nem fidalguia, nem bens?!...

Esta carta de *honra* foi confirmada por D. João III em 2 de março de 1534 a um descendente d'aquelle, por nome tambem Francisco Soares, que era almoxarife do Porto e que foi senhor d'esta quinta.

Téve uma filha *unica* e herdeira D. Phillipa Brandão Soares, que casou com Manuel Cirne da Silva, de quem foi 2.ª mulher.

Succedeu na casa de *Gominhães* o filho d'estes—*Pedro Vaz Soares Cirne*, que casou com D. Maria Pereira.

A estes succedeu o filho *Manoel Cirne Soares*, que casou com D. Antonia de Sousa.

A estes succedeu o filho *Pedro Vaz Cirne de Sousa*, que vivia em 1640 e foi capitão-mór de Guimarães, como já dissemos no artigo *Vizella* (Caldas de) topico *Vizellenses illustres*.

Casou com D. Antonia Madureira; depois de viuvo fez-se cavalleiro de S. João e foi o que mandou fazer a capella da casa.

A este succedeu o filho *Antonio de Sousa Cirne*, que casou com D. Maria d'Azevedo. Vivia em 1683, pois n'este anno, segundo um manuscripto que examinei e que me parece ser da mesma penna que escreveu a *Antiga Guimarães*, foi enviada contra este e contra seu filho um alçada dobrada, presidida pelo juiz Sebastião Rodrigues de Barros, desembargador dos aggravos e vereador do senado de Lisboa, por constar que

elles *mandaram cortar as orelhas e o nariz ao juiz do couto de Negrellos?!...*

A este succederam por sua ordem os seguintes:

Francisco de Sousa Cirne, casado com D. Rosa Maria Madureira.

Francisco Diogo de Sousa Cirne Madureira, casado com D. Antonia de Sousa.

José Cirne de Sousa Madureira, casado com D. Maria Victoria de Mello Sampaio.

Francisco de Sousa Cirne de Mello Alcoforado, casado com D. Rita Soares d'Albergaria.

Francisco Diogo de Sousa Cirne Madureira Alcoforado.

Casou com D. Maria Isabel de Bourbon e tiveram os 3 filhos seguintes:

1.º—*Francisco de Sousa Cirne de Madureira.* Casou com D. Maria Anna Teixeira d'Azevedo Cabral Canavarro, e tiveram filhos, dos quaes existem tres:—Antonio d'Azevedo Cabral de Sousa Cirne, Maria Isabel do Espirito Santo de Sousa Cirne e José de Sousa Cirne;

2.º—*José Cirne de Sousa Madureira*;

3.º—*D. Maria da Purificação de Sousa Cirne Madureira*, já fallecida.

Casou com o dr. Manoel de Carvalho Rebello, filho primogenito da nobilissima *casa do Poço*, de Lamego, de cujo matrimonio houveram 3 filhos: — Maria dos Prazeres, Antonio e Francisco de Carvalho Rebello Teixeira Cirne, sendo aquella hoje (1888) casada com João de Bettencourt, filho do visconde de Bettencourt, de cujo casamento já existe uma filha—D. Maria dos Prazeres.

—

A casa do *Poço das Patas* pertenceu aos filhos de *Francisco de Sousa Cirne de Madureira*, os quaes a venderam aos Cardosos, donos do convento de *Villar de Frades* em Barcellos.

A casa e quinta do *Poço das Patas*, comprehendendo os campos do *Reymão* e os do *Prado do Repouso*, pertenceram aos filhos de Francisco de Sousa Cirne de Madureira, os quaes em 1882 venderam este soberbo predio por *noventa e cinco contos de reis* aos *Cardosos de Sacaes*, donos do convento e cerca de *Villar de Frades*, em Barcellos, e da luxuosa casa e quinta de *Sacaes*, no Porto, junto da casa e quinta do *Poço das Patas*,—e pouco depois se formou um syndicato para a construcção d'um bairro novo na quinta que foi dos Cirnes, bairro que está em começo.

V. *Porto*, tomo 7.º pag. 500, col. 1.ª

—

Na casa e *paço de Gominhães* viveram em 1559, desde 18 de junho a fevereiro do anno seguinte, as freiras de *Santa Clara* de Guimarães, fugindo da peste que então ali grassou. Fernão Martins de Sousa foi o que conseguiu que se desse esta quinta ás religiosas.

A capella d'esta casa, de que já se fallou no 2.º vol. d'este diccionario, pag. 42, col. 2.ª, artigo *Caldas de Vizella*,—está em abandono, mais ainda não profanada. Tem na fronteria as armas da casa e a seguinte inscripção;

Esta capella mãdou
fazer P. Vaz Cirne de Sousa

No meio do pavimento encontra-se tambem gravada a seguinte inscripção, bastante difficil de ler:

O Doutor Simão d ar.º de Carneyro da V.ª de B.ºs deu o t.º a esta capela e agradesido a esta casa mandou sepultar seus hosos nela e quoatro misas cada som.ª obriga dizer a S. Marg.ª Carn.º Basto ditas nesta cap.ª anno 1664.

—

N'esta parochia foram abbades, entre outros de que não pude achar noticia, os seguintes:

D. *Theotonio de Bragança*, filho do duque D. Jayme, que em 1578 foi elevado a arcebispo d'Evora.

Antonio da Fonseca. Legou 200:000 réis á junta de parochia (hoje) com a obrigação de por sua alma se celebrar annualmente 1

terno de missas do Natal e uma outra na egreja de S. Domingos, de Guimarães.

Luiz Antonio de Sousa, encommendado em 1797.

Antonio Manuel Pinheiro de Magalhães, *Francisco d'Araujo*.

Domingos José Lopes. Encommendado no tempo do schisma, acabado o qual voltou novamente o abbade Francisco d'Araujo

Antonio José Felix Gomes, parocho actual.

Nasceu na freguezia de S. Martinho d'Espinho, concelho e diocese de Braga, e é filho de Francisco José Esteves e de D. Antonia Maria Gomes. Nasceu a 10 de janeiro de 1829; ordenou-se de presbytero em Braga e tomou posse d'esta egreja a 9 de setembro de 1855.

Esta freguezia era obrigada a cumprir 8 *clamores*, que hoje se fazem todos na egreja.

Espera-se o decreto auctorisando a expropriação do terreno para a construcção do cemiterio, que deverá ser commum á freguezia de S. Miguel das Caldas, se se resolverem as difficuldades que tem surgido.

—

Ao muito rev. e muito illustrado sr. *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, meu prestimoso amigo e collega, abbade de Tagilde e que anteriormente foi reitor de Mascotellos, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

VIZELLA (S. Jorge) — freguezia do concelho e comarca de Felgueiras, districto e diocese do Porto, provincia do Douro. Tem actualmente 64 fogos. O Portugal sacro e profano deu-lhe 50,—e o censo de 1878 deu-lhe 65 fogos e 240 habitantes.

Era outr'ora apresentada pelos abbades de Santo Adrião de Vizella, que recebiam os dizimos.

Pertenceu ao antigo termo de Guimarães e ao arcebispado de Braga até 1882.

Esta freguezia encontra-se mencionada nas Inquirições de 1220 (1182 de Ch.). sob o nome de S. *Jurgio de Ripa-Vizella*.

Tem entre outras as seguintes aldêas: Cruzeiro, Bom-viver, Gozende (a mais povoada), Paredes, Nogueira, Sub-Vinha, Herdadinha, Casas Novas, Cella, Anções, Prezas e Assento.

A Egreja tem 3 altares e um antigo quadro a oleo, representando o padroeiro, —quadro de muito merecimento.

Houve n'esta freguezia uma capella dedicada a S. Thiago, hoje completamente arruinada.

O Vizella banha a extremidade d'esta freguezia e ha no seu termo 5 moinhos e duas azenhas para moagem de cereaes.

Parochos desde os principios d'este seculo: Antonio Luiz de Carvalho, Antonio da Costa Mello, Joaquim José Dias, Domingos José Ribeiro, Manoel Gonçalves de Campos, encommendado, e João Manoel Gonçalves até maio de 1888, sendo então annexa ecclesiasticamente á de S. Martinho de Penacova.

—

A lenda de S. Jorge, *matando o dragão para salvar a menina*, é localisada n'esta freguezia. «S. Jorge (dizia o meu *cicerone*), vinha d'ali (apontando o caminho que vem do lado do monte e por onde devem correr no inverno formidaveis enxurradas); a menina estava acolá (apontava para o penedo das pégadas). S. Jorge viu a menina a chorar e perguntou-lhe o que tinha. Ella respondeu-lhe que não tardaria a ser comida por uma serpente. S. Jorge disse-lhe que não tivesse cuidado; que viesse para a sua beira; a menina veiu e depois veiu a serpente d'alli (mostrando um regueirão do lado do monte), e S. Jorge atirou-se a ella com o cavallo e matou-a n'aquella pedra (o penedo das pégadas.»

No adro da egreja, ao pé d'algumas tampas de sepulturas antigas, appareceu uma das celebres estatuas, que alguns chamam *gallegas* e outros *lusitanas*, segundo o auctorisado testemunho do sr. dr. Martins Sarmento. Remontam ao periodo romano. A dita esta-

tua acha-se hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães.

Veja-se «Revista de Guimarães» n.º 4, do anno de 1884.

É pois terra muito antiga.

Deve ser atravessada pela estrada a macdam, que parte da estrada real n.º 27 para Vizella e cuja construcção já foi arrematada.

—

Ao rev. sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, e que anteriormente foi reitor de Mascotellos, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª—e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

VIZELLA (S. Miguel das Caldas de)—Ao que fica dito no volume 2.º pag. 41 art. *Caldas de Vizella*, accrescentaremos o seguinte:

Esta abbadia foi antigamente apresentada pela corôa e depois pelo prior de Santa Marinha de Lisboa, com reserva. Segundo o P. Torquato Peixoto d'Azevedo, que escreveu em 1692, era abbadia de renuncia e em 1757, segundo se lê no *Portugal Sacro e Profano*, era apresentada pelo arcebispo de Braga.

Orago S. Miguel Archanjo, a 29 de setembro. É limitada a norte pelas freguezias de Infias e Taboadello; a sul pelas de *S. João das Caldas de Vizella* e *Santo Adrião de Vizella*; nascente pela de *Tagilde*,[1] poente pelas de *Conde* e *Moreira de Conegos*. A *Chorographia Port.* deu-lhe 115 fogos, o *Portugal Sacro e Profano*, 165; actualmente tem 120 e é a séde d'um dos julgados ordinarios em que está dividida a comarca de Guimarães.

—

É uma das mais antigas parochias do arcebispado de Braga, pois na divisão feita pelo concilio de Lugo, anno de 569, no tempo dos suevos, é esta uma das freguezias que se menciona como da jurisdicção de Brága. Assim o attesta Argote, que nos diz ser esta parochia chamada *Oculis*, em rasão d'uns *olhos* d'agua quente que n'ella havia.

Na era de 1052 (annos de Christo 1014) D. Aflonso V de Leão, a 14 d'agosto, assignou n'esta parochia varias doações, datando-as assim: — *in ecclesia Sancti Michaelis in Oculis Calidarum*.....

.....

A Egreja parochial tem 5 altares: *mór*, *Senhora das Candêias* ou *Purificação*, *Senhora da Boa Morte*, *Almas* e *Senhora do Rosario*. A capella-mór foi reformada no anno de 1727, como indica a data.=*A 1727*=gravada n'uma pedra do lado exterior. O corpo da egreja soffreu tambem refórma em 1765, como indica a data gravada na padieira da porta principal. Ultimamente em 1882 foi toda a egreja forrada, sendo-lhe tambem accrescentada a altura de 1 metro.

Ha n'esta freguezia uma capella publica de *S. Bento* no alto do monte do mesmo nome, a nascente e montante da egreja, com um soberbo e largo panorama.

Esta capella é *meeira com Tagilde* e celebram-se aqui duas romarias: uma no dia de Pascboa, outra a 11 de julho chamada *S. Bento das Peras*.[1]

—

Banha esta freguezia o rio de Paços (e não *Pombeiro*, como se lê no 2.º volume citado supra) que nasce na quinta d'este no-

---

[1] N'esta parochia de *Tagilde* é actualmente abbade o meu informador e muito illustrado collega, *João Gomes de Oliveira Guimarães*, natural da freguezia de *S. Vicente de Mascotellos*, onde foi alguns annos reitor.

V. *Mascotellos*, tomo 5.º; *Vicente de Mascotellos* (S.) tomo 10.º pag. 556, col. 1.ª e 2.ª—e *Tagilde* n'este diccionario e no supplemento.

Aqui agradeço a s. ex.ª os apontamentos que se dignou enviar-me.

[1] Com o mesmo titulo de *S. Bento das Peras* ha tambem no mesmo dia uma grande romagem na freguezia de Rio Tinto, concelho de Gondomar.

me na visinha parochia de *Infias*. Tambem n'esta freguezia nasce nos campos da quinta da *Portella* o pequeno riacho d'este nome e que atravessa encanado a povoação de Vizella, indo morrer no de Paços, que por seu turno morre no Vizella.

As tres quintas mais importantes d'esta freguezia, são: Fonte d'Alem, de José Maria da Costa Dias; Portella, de Domingos José de Sousa Ribeiro; Porta, de D. Alcina Netto.

Abbades

Encontramos noticia dos seguintes:

João Gonçalves, abbade em 1405 e conego da collegiada de Guimarães, como refere Estaço nas suas *Antiguidades*.

Desde 1760:

Manoel Marques. Foi aqui parocho mais de 40 annos, sendo n'aquelle anno Visitador das egrejas da Visita da parte de Sousa e Teixeira.

Miguel Joaquim de Sá Brandão Moreira, da nobre casa de *Sá*, freguezia de Santa Eulalia de Barrosas.

D. Manoel da Mãe de Deus, egresso cruzio, encommendado no tempo do schisma, findo o qual voltou de novo o antecedente. Exerceu o cargo d'arcipreste de Guimarães desde 11 de agosto de 1837 a 12 de novembro de 39.

Francisco José da Cunha. Em 1853 permutou com o seguinte:

João Evangelista da Costa Veiga, actual abbade, natural da freguezia de S. Victor da cidade de Braga, filho do capitão de milicias Antonio José da Costa Veiga e de D. Maria Xavier da Veiga. Nasceu a 15 de setembro de 1823; ordenou-se em Lamego com dimissorias de D. Pedro Paulo nas temporas do Natal de 1849; foi abbade de Formariz, no concelho de Coura, e em 1853 permutou com o antecedente abbade, tomando possé n'esse mesmo anno.

—

Ha n'esta egreja *14 clamores*, sendo digno de especial menção o de *Nossa Senhora das Candêas*, celebrado sempre com grande pompa, musica, andor da Senhora, irmandades etc., no primeiro domingo de julho, indo á egreja parochial de Tagilde,

Notaremos aqui um facto muito curioso e que nos dá a conhecer a *fiel* execução das nossas leis:

E' presidente actual da junta de parochia d'esta freguezia um individuo que ha mais de dois annos reside na freguezia de S. João?!...

Parece que está eliminado o artigo 268 do *Codigo Administrativo*—ou que volvemos á idade media.

Segundo resa a tradição, a antiga egreja parochial era situada em lugar mais elevado do que a actual, no Monte da *Barrosa* ou dos *Santinhos*.

Existe aqui erecta a confraria do Santissimo Sacramento, cujos estatutos foram reformados em 1870, sendo n'esse mesmo anno approvados pelo governador civil.

Ha tambem aqui a irmandade de *Nossa Senhora das Candêas* muito florescente, elevando-se o capital a mais de 4:000$000 réis. Tem estatutos approvados pelo provedor da comarca a 12 de maio de 1755.

Modernamente instituida, existe a irmandade do *Senhor da Boa-Morte*, tendo estatutos approvados em 30 de abril de 1880.

—

A torre d'esta egreja foi construida em 1777, sendo a cornija e cunhaes feitos com *pedra fina, encontrada nas escavações dos alicerces*. Por esta occasião appareceram vestigios de *velhas construcções, sepulturas*, etc. Vid. nas *Memorias de Litteratura* da Academia, tomo 3.º, a *Memoria* de Mascarenhas Neto.

Em 17 de junho de 1798 esteve aqui de visita o venerando arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão.

Em 4 d'abril de 1885 foi collocado na torre um novo sino, pertencente á confraria do Senhor da Boa-Morte. Custou approximadamente 300$000 réis.

—

Em 19 d'agosto de 1888 foi arrematada a construcção do cemiterio parochial d'esta freguezia, a qual não concorda com a factura do projectado cemiterio commum á de S. João, sua limitrophe e tão proxima, que as duas deviam formar *uma só*, construindo-se uma nova egreja matriz *muito mais ampla* e um *amplo terreiro arborisado* no ponto mais central com relação ás duas *pequenas* freguezias. — Devem tambem ser por essa occasião elevadas á cathegoria de *villa*, sêde de um *concelho proprio* e de um *julgado municipal*, tirando-se na circumferencia algumas parochias aos concelhos visinhos.

Hurrah! pela nova villa, que deve denominar-se—*Villa Nova de Vizella* e que pela sua antiguidade e tradições,—pela belleza e fertilidade do seu solo—pela sua abundancia d'agua e pelo seu abençoado clima, — pela sua industria fabril *que póde augmentar immensamente*, — pelo seu importante estabelecimento thermal e pelas numerosas e magestosas edificações que já possue,—tem elementos para supplantar muitas das nossas villas e *algumas das nossas cidades!*...

Outra vez:—Hurrah! pela nova villa, que deve denominar-se *Villa Nova de Vizella*.

—

Fecharemos este topico dizendo que o concelho que pedimos não é uma innovação, mas *restauração*, pois já existia no sec. XIV o concelho das *Caldas de Vizella*, como prova um pergaminho do cartorio da Universidade. — pergaminho que pertenceu ao mosteiro de *Roriz*. Versa sobre privilegios; —é uma provisão do infante D. João, filho d'el-rei D. Pedro I;—faz parte da contenda que houve entre o dicto mosteiro e o *concelho das Caldas de Riba de Vizella* (diz elle) —e tem a data de 1405, era de Cesar,—anno 1367.

V. *Catalogo dos Pergaminhos do cartorio da Universidade de Coimbra*, feito pelo sr. Gabriel V. M. Pereira, distincto archeologo, e publicado em Coimbra, na *Imprensa da Universidade* em 1880. Encontra-se indicado a pag. 46, n.º 20.

É um documento *interessantissimo* para a historia de Vizella e bem estimariamos vel-o publicado, porque até hoje — dezembro de 1888—já atravessou 521 annos e, por ser *exemplar unico*, póde desapparecer de um momento para o outro!...

Com vista aos illustrados filhos de *Vizella*, nomeadamente *ao sr. dr. Pereira Caldas*.

VIZELLA (S. Payo)—freguezia do concelho e comarca de Guimarães, districto e diocese de Braga, provincia do Minho, pertencendo antes de 1882 ao arciprestado de Barrosas e hoje ao de Guimarães, d'onde dista 8 kilometros e de Vizella 6.

Era abbadia da mitra e tem actualmente 128 fogos. A *Chorographia Port.* deu-lhe 60. Não vem mencionada nas *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães*, sem duvida por esquecimento, pois já era freguezia desde longa data e a referida obra d'ella falla repetidas vezes.

O orago é *S. Paio* ou Pelagio martyr, que se commemora a 26 de Junho.[1]

Confina ao norte com as freguezias de *Gemeos* e *S. Christovam de Abbação*; sul com as de *S. Jorge de Vizella* e *Regilde*; nascente com as de *Gemeos* e *Villa Fria*; poente com as de *Tagilde* e *S. Faustino de Vizella*.

—

O documento mais antigo que conheço, em que se falla d'esta freguezia, é do anno de 1182 (era de 1220) pois as inquirições d'este anno dizem que a ordem da Malta possuia aqui 3 casaes e meio. O meio casal restante era *leprosorum Vimaraõ*, — da *gafaria*, ou hospital dos leprosos, de Guimarães.

As aldêas mais povoadas d'esta freguezia são: Penso, Barroco e Subcarreira; as quintas principaes: *Vinho*, de Manoel Leite Fa-

---

[1] V. *Santos Portuguezes*, tomo 8.º pag. 628, col. 1.ª

ria d'Oliveira; *Subribas*, de D. Maria Antonia de Mello Freitas e Castro; *Vill'alva*, do bacharel Joaquim Coelho, de Souzella.

—

A egreja parochial é um templo singelo e muito acanhado, mas muito antigo, sendo a porta principal de arco de volta inteira. Tem 3 altares: *mór*, *Nossa Senhora do Rosario* o *S. Gonçalo* e um oratorio com a imagem de *Coração de Jesus*, recentemente erecto e que veiu ainda tornar mais acanhadas as dimensões do pobre templo.

A ultima obra mais importante feita na egreja data de 1855, anno em que foi retelhada, campada e forrada; em 1857 foi pintada e em 1858 foi feito o altar-mór, que custou 100$000 réis.

Houve n'esta freguezia (só restam as paredes) uma capella particular, dedicada a *Santo Antonio*, pertenceute á casa de *Subribas* e de que era administrador em 1708 o capitão João Leitão de Mesquita, que a 22 de julho d'àquelle anno registrou a escriptura da fabrica no Livro 15.º do *Registro das Capellas*, em Braga, a folhas 140 v. Devia pois ter sido edificada pouco antes.

Este mesmo capitão em 1709 alcançou licença para ali se dizer missa. Tambem solicitou permissão de sepultura, o que lhe não foi concedido.

Ha na egreja uma confraria unica,—a do *S.S. Sacramento*, tendo havido outras que se extinguiram.

É celebre a romaria de S. Gonçalo, precedida da costumeira dos *tremoços* na vespera á tarde, 9 de janeiro. Um carro de tremoços cortidos, postado junto ao cruzeiro da freguezia, é distribuido pelo povo e juntamente uma boa porção de vinho. Quanto mais *brioso* é o juiz da festa, mais tremoços e vinho dá.

—

A melhor casa de habitação é a de *Carral*, modernamente reconstruida e pertencente ao sr. Quirino da Costa Vaz Vieira. A casa de *Subribas* embora arruinada, tambem merece menção, por ser bastante espaçosa e muito antiga.

Limita esta parochia o Vizella, que tem um *pontilhão* no logar da *Senra*. Passa tambem aqui um ribeiro, cujas aguas são distribuidas para rega dos campos marginaes.

Producções dominantes: — cereaes, legumes e optimo vinho verde, que produz a quinta denominada *Vinho*.

É muito apreciado em todo o concelho.

O cruzeiro denota muita antiguidade. É de pedra e tem a imagem de Christo mal esculpida e toscamente pintada a roxo rei em 1858. Antecedem-no e seguem-no cruzes de pedra que vão terminar n'uma elevação proxima, denominada *Calvario*, sitio aprazivel com extenso e formoso panorama, cuja bellissima situação, invocada como a *melhor da ribeira*, serviu em 1736 para os freguezes alcançarem do Visitador licença *in perpetuum* para fazerem suas procissões.

—

Entre os factos notaveis d'esta freguezia mencionaremos os seguintes:

Visita do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles em 1 de junho de 1709.

Erecção do Sacrario e collocação do S. Sacramento pelos annos de 1713 a 1714.

Collocação da imagem de Nossa Senhora da Lapa em 1759.

Dadiva da estola rica de S. Gonçalo, feita no Rio de Janeiro e dada em 1860 por Francisco Josè Gomes da Silva, que viveu na freguezia de Nespereira.

Reforma da residencia parochial em 1869

Collocação da imagem do Sagrado Coração de Jesus. No dia 28 de outubro de 1884 foi esta imagem solemnemente benzida junto ao alto de *S. Simão*, proximo da egreja parochial de *Santa Eulalia de Pentieiros*, sendo officiante o arcipreste do districto ecclesiastico de Guimarães. Celebrada missa em altar *ad hoc* em presença de enorme multidão de povo, *talvez 6:000 pessoas*, foi a imagem conduzida processionalmente atravez das freguezias de *Pentieiros*, *Abbação* (S. Thomé e S. Christovam) e *Gemeos*, acom-

panhada de 13 andores com as imagens dos Padroeiros das quatro mencionadas freguezias e das de *Calvos, S. Faustino, S. Payo, S, Jorge* (todas de Vizella), *Tagilde, Villa Fria, Ragilde* e algumas outras imagens, entre as quaes a de *S. Gonçalo,* outr'ora abbade d'esta parochia, e que do ceu devia contemplar benigno a piedade do seu successor e dos descendentes d'aquelles a quem pastoreou. O caminho tapetado de flores; arcos triumphaes levantados de espaço a espaço; *cinco bandas marciaes;* innumeros foguetes; as irmandades das freguezias que acompanhavam; o clero e o povo tornaram este acto solemnissimo e de inolvidavel recordação, acto que findou com muito e variado fogo d'artificio, queimado á noite, e brilhante illuminação *em todas as freguezias da ribeira.*

—

Por voto antigo cumpre esta parochia 13 *clamores,* hoje todos na egreja, mas outr'ora dirigiam-se aos seguintes logares: 1.º a *Santa Catharina da Serra,* na 1.ª sexta feira de quaresma;—2.º a *S. Romão de Mesãofrio,* na 2.ª sexta feira;—3.º a *Nossa Senhora do Castro,* em Santo Adrião de Vizella, na 3.ª sexta feira;—4.º ao *Cruzeiro* da freguezia, no 1.º domingo da quaresma;—5.º ao *Salvador,* em Guimarães, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres; — 6.º a *S. Thiago Novo,* a 16 d'abril, devendo o juiz da freguezia dar de beber ás pessoas que fossem;—7.º a *S. Gonçalo d'Amarante,* a 23 d'abril;—8.º a *S. Pedro de Azuresno,* no 3.º dia das ladainhas;—9.º a *Nossa Senhora da Lapinha,* no dia de S. Marcos, 25 d'abril;—10.º *á mesma Senhora,* a 11 de junho;—11.º ao *Cruzeiro,* a 26 de junho;—12.º a S. *Bartholomeu em Pombeiro,* a 24 d'agosto; — 13.º a *Nossa Senhora do Castro,* a 29 de setembro.

Tambem se celebrava o *cerco* ou *ronda* de *S. Sebastião,* cuja licença foi renovada em 1715.[1]

—

Abbades d'esta parochia. Encontrámos noticia dos seguintes:

V. *S. Gonçalo. Amarante,* vol. 1.º pag. 188 e 238, col. 2.ª, e *Santos portuguezes,* vol. 8.º pag. 622. E, aproveitando o ensejo, rectificaremos o que, sem duvida por falsas informações, o meu antecessor disse no tomo 1.º pag. 238, *QQ,* artigo *Arriconha.*

N'este logar existe uma capella, mas não foi fundada pelo santo nem é dedicada a *Nossa Senhora.* É dedicada ao dito *S. Gonçalo* e foi fundada em 1657. Na fachada tem as seguintes inscripções (lado esquerdo):— *Esta ermida se fez com esmolas de devotos, sendo agentes os Padres Bento de Carvalho e Francisco Fernandes. Era de 1657.* — (lado direito): *Nesta aldeia acima nasceu S. Gonçalo d'Amarante.*

Seguiu se por abbade o *sobrinho de S. Gonçalo,* que por *malas artes* adquiriu a abbadia. Vid. o citado volume.

Segundo uns apontamentos manuscriptos, que deixou o P. Torquato Peixoto d'Azevedo, auctor das *Memorias resuscitadas da Antiga Guimarães,* seguiu-se por abbade *fr. Estevão Giães,* frade franciscano de Guimarães, o qual depois parochiou Tagilde. O sobrinho do santo renunciou n'este.

Fernão Leitão, abbade em 1549. A 13 de maio fez o tombo da egreja.

---

[1] Estes *cercos* ou *rondas* ainda hoje (1888) se usam em varias parochias do Minho. Simulam um exercito assaltando um castello, ordinariamente representado pela capellinha de *S. Sebastião* que se ergue na eminencia d'um monte.

Immenso povo cerca o dito monte e avança por elle acima, levando na frente muitas caixas de rufo e tambores enormes, *por vezes mais de 30,* rufando constantemente e *bravamente,* até se acercarem da capella. ouvindo-se a grande distancia o aspero som das caixas e tambores e o vozear da multidão.

E as mães que o son terribil escutaram
Ao peito os filhinhos apertaram!...

Estes *cercos* deixam a perder de vista os *estrondos* que se usam em algumas romagens da Beira. V. *Viseu,* tomo 11.º pag. 1541, col. 1.ª

O dr. *Jorge Vieira*. Foi aqui abbade, sendo provido pelo arcebispo D. fr. Agostinho de Jesus, que governou a archidiocese desde 1588 a 1609. Este abbade foi desembargador da Relação ecclesiastica de Braga e instituidor d'um morgado na freguezia do Salvador de Briteiros, d'este concelho de Guimarães, morgado que nomeou em seu irmão Francisco Vieira d'Andrade.

Francisco de Sousa. Foi abbade pelos annos de 1662 e, conforme se lê no *Tombo dos Legados da Misericordia de Guimarães*, deixou a esta corporação o casal de *Carral Telhado*, sito n'esta freguezia, com a obrigação de 24 missas annuaes por sua alma.

Dr. *João Marques da Silva*, abbade em 1700.

Seguiram-se os seguintes:

Antonio da Graça Lopes.

Francisco da Costa Lemos.

Pedro da Costa Lemos.

Luiz Manoel Alvares Torres, encommendado.

Rodrigo Vieira Borges de Campos.

José Luiz de Carvalho Pinheiro e Araujo.

Manoel Alvares d'Araujo Pranto. Encommendado.

Rodrigo Antonio Leite. Encommendado

José Manoel Teixeira Moreira, natural de Basto, fallecido a 4 de janeiro de 1872.

Muito respeitado pelas suas virtudes, não só pelos parochianos como por todos, falleceu *com fama de santidade*, offertando-lhe ainda hoje os povos, velas, etc., como *ex-votos*, e attribuindo-lhe *milagres*.

Antonio José Gonçalves da Silva, encommendado, natural de Santa Marinha de Villar, em Terras de Bouro, filho de José Luiz Gonçalves da Boavista e de Rosa Simões. Nasceu a 8 d'agosto de 1832; ordenou-se de presbytero em Lamego com dimissorias de D. Pedro Paulo, a 22 de setembro de 1855; foi encommendado em Santa Eulalia de Balasar (Povoa de Varzim) em 1859; em Matamá (Guimarães) em 1868, e — tomou posse aqui em janeiro de 1872. Este parocho tornou-se benemerito pelas dadivas feitas à egreja. Deu-lhe um paramento completo para as festas, que custou 130$000 réis; uma cruz, caldeira, campainha e vaso para a agua, o que tudo custou 22$500 rs.; mandou fazer de lousa o sôco da egreja; reformou as escadas do pulpito e fez o oratorio do padroeiro, o que tudo custou réis 100$000. Foi parocho até 22 de dezembro de 1885.

João José de Moura.

É o parocho actual, encommendado.

Os 3 parochianos mais importantes d'esta freguezia são:

—Manoel Leite de Faria Oliveira, José Joaquim Simões de Sampaio e José Dias Teixeira de Gouveia.

—

Entre os usos particulares d'esta freguezia são notaveis os seguintes, de que não conheço exemplo em outra qualquer freguezia d'este concelho. Acham-se mencionados no *Livro dos Usos* por estas palavras:

«Ha n'esta freguezia costume antiquissimo de se fazerem *resas ou orações* no tempo da quaresma nos domingos, depois da missa conventual, a que deve assistir uma pessoa de cada casa. Estas orações constam de 12 *rodas*, que se podem resar todas no mesmo domingo, ou seis cada domingo. O modo de as resar é um P. N. e uma A. M. por cada cabeceira de cada casa que fizer fogo, seja homem seja mulher, applicando d'esta fórma: —*pela vida e accrescentamento de F*... correndo os fogos todos da freguezia doze vezes, principiando no primeiro e acabando no ultimo.

Tambem se faz na quaresma outra resa a que chamam *resa dos santos*; esta é uma só roda. A sua applicação é d'esta fórma: Se a pessoa por quem se hade resar se chama Joaquim, se ha-de dizer:—*Em louvor de S. Joaquim por tenção de Joaquim de*... e assim se correm as cabeceiras uma só vez, que é o que se entende por *uma roda*, e se faz em um só domingo e nada mais.

Ha outra reza que chamam dos *Clamores*, a qual se hade fazer em outro domingo da quaresma e é tambem *uma só roda* e se applica d'esta fórma;—*Em louvor de S. Salvador por tenção de F*... Advirta-se que tanto

a resa dos *clamores*, como a dos *Santos* é só applicada pelas pessoas que estiverem presentes, de modo que se estiverem 2 ou 3 pessoas de cada casa por todas se hade resar e a *das orações* é por cada cabeceira, ou esteja presente ou não.

Ha outra resa, que se faz por qualquer pessoa, que morre, sendo de communhão, logo no 1.º domingo seguinte ao seu enterro e se applica d'esta forma:—*Pela alma do nosso irmão F. ou irmã F...* Advirta-se que sendo casado tem 60 P. N. e A. M e sendo solteiro 30, e depois de se dizer a primeira vez: *pela alma do nosso irmão F.* nas outras só se diz: *pela sua alma*, até se completar a resa toda.»

—

Differentes lendas relativas a S. Gonçalo se encontram n'esta freguezia, como o penedo em que deixou impressos os signaes dos joelhos e dos pés, etc. Veja-se a *Revista de Guimarães*, n.º 4 de 1884, onde a tal respeito se lê um artigo do sr. dr. M. Sarmento. Accrescentaremos que, segundo as noticias que colhemos, o penedo *das pégadinhas* foi effectivamente quebrado ha annos, dando-se o caso de que o pedreiro que o quebrou, tempos depois foi atacado de paralysia e assim falleceu, o que o povo attribue a castigo, por elle haver destruido as pégadas de S. Gonçalo.

Refiramos tambem a origem do epitheto *casamenteiro das velhas*, como n'esta freguezia se conta, attribuido a S. Gonçalo e de que falla a cantiga popular:

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas?

Conta-se assim: Era aqui abbade o Santo e na sua faina pastoral, percorrendo a freguezia encontrou uma sua parochiana já velha, pobre e que só inspirava compaixão, á qual dirigiu a palavra, e lhe perguntou porque não havia ella de casar (era solteira) para ter quem a amparasse. Tão estranha pergunta deixou attonita a velha e não soube responder. «Ao primeiro homem que encontrares, volve o santo, falla-lhe em casamento.» Dito isto continuou seu caminho.

A mulher foi pensando no que o abbade lhe havia dito e poucos passos andados vê um joven, filho d'uma das primeiras casas da freguezia. Avistando-o rompeu em estrondosas gargalhadas.

Aturdido o mancebo com as risadas da velha, quiz saber a rasão; por seu turno teve conhecimento das palavras do santo abbade, e respondeu: tudo pode ser; ninguem diga d'esta agua não beberei.

Poucos dias depois a parochia assistia ao casamento da pobre velha com o rico proprietario, unidos e abençoados pelo santo abbade.

E as bençãos do ceu, diz a lenda, cahiram n'aquella casa, pois com o sabio governo da sua nova dona prosperou e augmentou consideravelmente.

VIZELLA (rio) — outr'ora *Avicella*, como affirma Argote, assim chamado como diminutivo de *Ave*, pela visinhança que com este tem e no qual desagua e morre.[1]

Ainda lhe era dado tal nome nos fins do seculo XVII, pois *Avizella* lhe chama o P. Torquato Peixoto de Azevedo, dizendo que este nome provem do logar de *Avisella* na freguezia de Travassos.[2]

Hoje, perdendo o *A*, é chamado Vizella,[3] nome que só muito áquem de Travassós elle toma, não parecendo por tanto muito segura a affirmativa do P. Torquato.

Nasce na serra de *Pedraido*, freguezia do concelho de Fafe, e, depois de um percurso

---

[1] V. *Memorias para a Hist. Eccl. de Braga*, tomo 3.º pag. 310.

[2] *Mem. ressussit. da ant. Guimarães*, pag. 500.

O mesmo diz Carvalho na *Chorographia Portugueza*.

[3] Antes de 1692 tambem já se chamava simplesmente *Vizella*.

V. *Phoenix da Lusitania* por Manoel Thomaz.

de 5 leguas approximadamente, junta-se ao *Ave* no limite da freguezia de *S. Miguel das Aves*, concelho de Santo Thyrso, onde se acha hoje lançada a ponte metalica da via ferrea de Guimarães, sem duvida a obra d'arte mais importante d'esta linha.

—

Alem de diversas pontes que não merecem especial menção, é o Vizella atravessado pelas seguintes: *Pontido*, na freguezia de Queimadella; *S. Vicente de Paços*, na freguezia d'este nome; *Santo Ovidio*, na estrada real n.º 32, aberta ao transito em 31 de março de 1864, dando passagem para Fafe, etc.; *Bouças*, na antiga estrada de Fafe; *S. João*, junto á capella d'este titulo na freguezia de Figueiras; *Nova de Pombeiro* ou *Nabainhos*, na estrada real n.º 27, aberta ao transito em 10 de julho de 1868, dando passagem para Felgueiras, etc.; (d'este ponto em diante é que vulgarmente lhe é dado o nome de Vizella) *Velha de Pombeiro*, na antiga estrada para Traz-os-Montes e que divide a freguezia de Pombeiro da de Cerzedo, tendo no meio da ponte o marco com as armas do antigo couto benedictino de Pombeiro; (é aqui o *terminus* d'uma estrada municipal em projecto a partir de Guimarães); *Tagilde* (chamada vulgarmente *ponte nova*, por substituir uma de madeira, que ainda se acha lançada a juzante d'esta e que offerece difficil passagem) onde deve vir terminar um ramal da projectada estrada districtal de Felgueiras a Vizella; *Vizella* (nova) na estrada real n.º 36, construida (a ponte) em 1872, dando passagem para Lousada, etc; *Vizella* (velha) na antiga estrada de Guimarães para Barrosas, etc.; *Negrellos* (S. Mamede), dando passagem para a freguezia de S. Mamede de Negrellos, etc.; *Negrellos* (nova) ou da *Curvaceira*, na estrada real n.º 32, dando passagem para Santo Thyrso, etc.; *Negrellos* (S. Thomé) um pouco a juzante da anterior, communicando a freguezia de S. Thomé de Negrellos com a de S. Miguel das Aves, em cujo termo desagua e morre o Vizella no Ave.

Curvaceira [1]

A ponte da *Curvaceira*, mencionada supra, tomou o nome da pequena povoação da *Curvaceira*, que è uma das muitas que constituem a freguezia de S. Thomé de Negrellos, concelho de Santo Thyrso.

Ha tambem não muito longe, no concelho de Guimarães, outra povoação denominado *Curvaceiras* (no plural) pertencente á freguezia de S. *João d'Ayrão*, na margem direita do Ave. Dista da *Curvaceira* de Negrellos, concelho de Santo Thyrso, aproximadamente 10 kilometros para N. N. O.

Temos tambem no nosso paiz outras muitas *Curvaceiras*. Occorrem-nos as seguintes:

Curvaceira, povoação da freguezia de *Santa Eufemia de Prazins*, no mesmo concelho de Guimarães.

Curvaceira, povoação da freguezia de *Aliviada*, hoje annexa á de Varzea d'Ovelha, no concelho de Canavezes.

Curvaceira, povoação da freguezia de *Chans de Tavares*, concelho de Mangualde.

Curvaceira,—a minha terra natal—povoação da freguezia da Penajoia, concelho de Lamego.

V. *Corvaceira*, já citada.[2]

---

[1] Nós desde creança habituamo-nos a escrever *Curvaceira*, mas outros escrevem *Corvaceira*.. Ignoramos a etymologia d'este nome e por isso não sabemos qual das duas fórmas seja mais segura.

V. *Corvaceira* n'este diccionario e no supplemento.

[2] D'esta minha *Curvaceira* tomou indirectamente o nome a povoação da *Curvaceira* que hoje (1888) existe no *Dondo*, provincia de Loanda, na Africa.

No ultimo seculo Antonio Rodrigues de Carvalho, meu bisavô materno, natural da minha *Curvaceira*, casou na povoação do *Bacalar*, freguezia e concelho d'Armamar, onde era conhecido pela alcunha de *Curvaceira*, pelo que os filhos, netos e bisnetos que ali deixou se appellidaram o appellidam ainda hoje *Curvaceiras*. Um d'aquelles bisnetos (meu primo co-irmão) Albino Rodrigues Cardoso Curvaceira, filho de Antonio Car-

Curvaceira, casal da freguezia de Treixedo, concelho de Santa Comba-Dão.

Curvaceira, 3 casas na freguezia de Cadafaes, concelho de Alemquer.

Curvaceira, casal da freguezia de Folhada, concelho de Canavezes.

Curvaceira, casal da freguezia de Castello, concelho de Coura.

Curvaceira, quinta na freguezia e concelho de S. João da Pesqueira.

Curvaceira, sitio muito vistoso[1] com uma capella de *Santa Barbara*, no antigo castello da villa e freguezia de Marialva, hoje concelho da Meda.

Curvaceira, sitio tambem muito vistoso, na freguezia de Poyares, concelho da Regoa.

Curvaceira, sitio na freguezia de Santa Maria de Rebordões, concelho de Ponte de Lima.

Curvaceira, sitio na freguezia de Carrazedo de Montenegro, concelho de Val-Passos.

Curvaceira, sitio e habitação no termo da freguezia, villa e concelho de S. Pedro do Sul.

Curvaceira, monte no antigo termo da villa de Paredes, hoje concelho de S. João da Pesqueira, como se vê do foral que D. Fernando I de Leão deu á mencionada villa de Paredes no *anno* de 1055, depois confirmado por differentes reis nossos.

---

doso Curvaceira, já fallecido, e de D. Joanna Cardoso de Jesus Maria, hoje viuva, tendo-se dedicado ao commercio no Porto, um bello dia lembrou-se de ir tentar fortuna na Africa. Estabeleceu-se no *Dondo* e ali fundou um bom estabelecimento commercial, que d'elle tomou o nome de *Curvaceira*, comprehendendo casas de habitação, armazens, lojas, etc. Depois ali se fundaram outros estabelecimentos e assim se fundou a povoação que tem já certa importancia e conserva o nome do meu primo — *Curvaceira*, — casado e com successão, hoje (1889) residente em Lisboa, mas ainda senhor da sua casa da *Curvaceira*, no Dondo, onde tem um socio.

[1] Olha para E. e domina todo o Cima-Côa, Pinhel, Traz os Montes e grande extensão da Hespanha.

Na confirmação de D. Sancho I com data da era 1236 (anno 1198) se indica muito minuciosamente o termo d'aquella villa por estas palavras:

...*Deinde per caput da Coruaceyra*. Em vuigar: «...Depois pelo alto do monte da *Curvaceira*.»

V. *Portugal. Monum.* liv. *Foralia*, pag. 347,—e *Paredes da Beira* n'este diccionario e no supplemento.

Temos mais:

Curvaceiras Grandes e

Curvaceiras Pequenas,—aldeias da freguezia de Paialvo, concelho de Thomar.

—

No *Vizella* desaguam os seguintes rios: *Sá*, *Paços*, *Arquinho*, *Fundêlho* e *Fôjo*, alem d'outros menores anonymos.

As terras que este rio banha, especialmente desde a ponte de *Nabainhos* ou Nova de Pombeiro, onde toma o nome de *Vizella*, até Negrellos, denominadas *ribeira do Vizella*, são fertilissimas. Mascarenhas Neto na sua *Memoria sobre as antiguidades das Caldas de Vizella*, § 40, diz que rendem cada anno mais de milhão e meio nos productos d'agricultura, gados, e mão d'obra das fazendas de linho, feito o calculo pelos dizimos e exportação das referidas fazendas. Isto em 1788.

Offerecem a espaço estas margens encantos e bellezas que muito attrahem os *touristes* na estação balnear. As ilhotas tapetadas de relva, adornadas de lindos fetos e sombreadas pela ramaria de formoso arvoredo, que se encontram principalmente desde o sitio da *Cascalheira* até á ponte velha das Caldas, são o enlevo dos banhistas, e Camillo C. Branco ahi collocou algumas scenas d'uma das suas novellas, que se conglobam sob o titulo de *Novellas do Minho*. São os *Gracejos que matam*.

Muitas familias nobres nos primeiros tempos da nossa monarchia tiveram os seus solares n'esta ribeira. A familia dos de *Riba-Visella*, de quem falla o conde D. Pedro no titulo 45, é o tronco de muitas familias nobres de Portugal. Os *Mellos Sampaios*,

os *Sás*, etc. ainda se nos manifestam pelos vestigios de sua antiga representação e poderio.

FABRICA DE FIAÇÃO DE NEGRELLOS

As aguas do Vizella movem tambem grande numero de moinhos de pão e fabricas de azeite, linho e papel de Aute-Villar, avultando entre todas a fabrica de fiação de Negrellos.

Esta importante fabrica *de fiação d'algodão* e de *parceria mercantil* demora na margem esquerda do rio Vizella, na freguezia de *S. Thomé de Covellas*. Dista 2 kilometros da matriz d'esta parochia para N.; 1 da *estação de Negrellos* na linha ferrea de Guimarães; 6 da villa de Santo Thyrso — e 11 das Caldas de Vizella.

Os seus edificios e dependencias occupam uma superficie de 12:000 metros quadrados.

O seu motor ordinario é a agua do rio Vizella, no qual tem um açude de 4 metros d'alto, 20 d'extensão e 2 turbinas, sendo uma da força de 80 cavallos e outra de 180 —e têm mais duas machinas a vapor, como auxiliar na estiagem, sendo uma da força de 350 cavallos; outra de 375, ambas do systema Wood, feitas na Inglaterra e ali compradas—a 1.ª em 1888—e a 2.ª em 1875.

Principiou a construcção d'esta fabrica em 1843 e a sua exploração em 1845.

Foram seus fundadores de parceria ou compartes os 8 capitalistas seguintes:

—Antonio José Cabral,
—Manoel Joaquim Machado,
—João Antonio da Silva Guimarães,
—Antonio Martins dos Santos,
—Paulo José Soares Duarte,
—José Antonio da Silva e Sousa,
—Antonio José Gonçalves Vasques e
—E. Cauchoix.

Na auctualidade (janeiro de 1889) pertence aos compartes seguintes:

—D. Emilia Rosa Cabral, viuva do par do reino José Pereira da Costa Cardoso.[1]
—D. Maria Emilia de Jesus Magalhães Cabral;
—Felisberto de Moura Monteiro[1];
—Francisco Cardoso Valente;
—Antonio Gualberto Soares;
—Diogo José Cabral e
—*Honoré Vavasseur*. (?)

Tem hoje 33:000 fusos, mas não todos em movimento.

O seu capital é de 374 contos; o primitivo era de 80.

Occupa 550 pessoas d'ambos os sexos e é administrada por um director technico e por um dos compartes.

O deposito e a séde estão no Porto, na antiga *Casa do Correio*, Largo dos Clerigos, n.º 100.

Esta fabrica nos primeiros annos luctou com difficuldades, mas hoje vive *muito desafogadamente* e é invejada por todos. Tem dado e está dando *pasmosos dividendos* e no seu genero é talvez hoje *a primeira de Portugal*?!...

Felizes compartes!...

—

Este rio, cuja formação M. Neto, (citada Memoria, § 12) conjectura ser posterior á construcção dos banhos romanos das Caldas de Vizella, tem sido decantado por muitos dos nossos poetas antigos e contemporaneos.

Citaremos apenas:

«Corre el Vizella amado
Progresso sonoroso
O chrystallino parto d'uma peña
A ser favor de um prado.»

Fonte de Aganipe, parte 7.ª canção 5.ª.

—

«Vem os que gosam do Vizella frio,
Em a ribeira amena, as aguas claras,
Grato, aprazivel, brando, fresco rio,
Senhor que as trutas dá no sabor raras;

[1] V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 262, col. 2.ª

[1] V. *Miragaya*, loc. cit. col. 1.ª

Que o sitio corre alegre mais sombrio,
De pomares e quintas nunca avaras,
Pois os fructos lhes dam, por seus haveres,
A Bromio em vinho, em louro trigo a Ceres.»

Phaenix da Lusitania, liv. 7.º est. 67.

—

Ao muito reverendo sr. João Gomes d'Oliveira Guimarães, abbade de Tagilde, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VÓCA, ou **BÓCA**,—aldeia da freguezia de Gião, concelho de Villa do Conde.

Comprehende mais esta freguezia as aldeias de Gião de Cima, Gião do Fundo, Gião Meão (do meio) Tresval, Martinhães, Santo Estevam, Egreja, Carvalho, Jondina e Roxio.

V. *Gião*, tomo 3.º pag. 279, col. 2.ª

VÓCA ou **BÓCA**, aldeia da freguezia de S. João de Vizella, concelho de Guimarães.

VÓCA, ou **BÓCA**,—aldeia da freguezia de Fradellos, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Temos tambem com o nome de *Bóco* 15 freguezias, 2 casaes, 3 quintas 1 sitio e um monte,—e uma aldeia com o nome de *Bocos*.

V. *Bôco*, tomo 1.ª pag. 406, e *Chorog. Mod.* tomo 6.º pag. 69.

Do exposto se vê que os nomes *Bóco* e *Bóca* (*Vóca* no Minho, pela mudança do B em V) foram triviaes antigamente.

Tambem temos 11 aldeias, 2 casaes, 3 quintas, 1 monte e 1 sitio com o nome de *Bôca* ou *Bôcca*,—6 aldeias, 1 casal e 2 sitios com o nome de *Bôcas* ou *Bôccas*, —e *Bôca da Lapa*, *Bôca da Matta*, *Bôca da Villa*, *Bôca do Frade*, *Bôca do Sousa*, *Bôca do Valle*, e *Bôca Negra*, aldeias, casaes, quintas e herdades.

V. *Chorogr. Mod. loc. cit.*

VODA, ou **BODA**,—noivado, festim de nupcias, do hebraico *boddah*, alegrar-se,—ou do arabe *bodoo*, boda.

Diccion. de Moraes, 6.ª edição.

VODO, port. ant. hoje *Bôdo*, festim de comer, que antigamente se fazia nas egrejas e capellas por occasião de alguma solemnidade, cumprimento de votos, etc. N'elles comiam os pobres e os festeiros.

Os *vodos* tambem significavam votos que se faziam a algum santo, promessas, romarias que davam occasião a grandes comesainas e desordens, pelo que foram só tolerados com a condição de não haver banquetes nas egrejas, etc.

«Dia era de hum gram *vodo*,
que a hum santo se fazia.»
Bernardim Ribeiro, Egl. 2.ª

Até o sec. XVI foram muito triviaes no nosso paiz, mas pelos excessos de toda a ordem que os acompanhavam, el-rei D. Manoel os extinguiu, exceptuando os *bodos do Espirito Santo*, instituidos pela rainha Santa Isabel.

—

Foram muito importantes os *bodos* ou *vodos* ou *votos* de S. Thiago de Compostella, feitos a este apostolo em toda a Hespanha pela victoria alcançada contra os mouros. Consistiam na prestação de certa porção de trigo,—prestação obrigatoria, que durante muitos seculos foi considerada como tributo legal, comprehendendo entre nós tambem todo o terreno que medeia entre o Lima e o Minho.

N'este diccionario já se fez menção de differentes *bodos*, entre os quaes avultam o da *Senhora da Lomba*, na freguezia de Pinhanços, concelho de Ceia,—e o do *Espirito Santo*, em Leiria.

V. *Pinhanços*, tomo 7.ª pag. 38, col. 2.ª—e *Leiria*, tomo 4.º pag. 74, col. 2.ª — N'este ultimo *bodo* se matavam e distribuiam 7 a 8 bois!...

V. tambem no *Elucidario* de Viterbo os interessantes artigos: — *Ladairo*, *Açôres* e *Bodivo*, nomeadamente este ultimo.

VOGADO,—port. ant.—advogado.

VOGARIA,—port. ant.—advocacia.

VOLIARÇA,—ribeira.

Nasce na freguezia de S. *Brissos*, concelho de Beja, e correndo de O. a E. morre no Guadiana, passando entre Beja e Cuba.

VOLOBRIGA, — cidade antiquissima, ca-

beça dos povos *nemetanos*, segundo a interpretação de Ptolomeu por Molecio,—ou *nemetatos*, segundo a interpretação de Bercio.

Estava na chancellaria romana de Braga e no tempo de Tiberio já tinha as honras de *municipio*, como consta de uma medalha que aponta Goltzio, citado por Ezequiel Spanphemio na *Exercitaçôo* 1.ª á Constituição do imperador Antonino, col. 48.

Não podemos indicar com precisão o sitio da tal *Volobriga*, posto que Ptolomeu na 2.ª *taboa da Europa*, cap. 6.º pag. 44, lhe assigna 6 gr. de longitude e 42 gr. e 6 minutos de latitude.

Bercio em vez de *Volobriga* l é *Volobria*, mas no indice aponta *Volobriga*.

O nome era nacional.

V. *Mem. d'Argote*, tomo 1.º pag. 412, e 3.º pag. 160.

VOLTA,—aldeia da freguezia de Sequiade, concelho de Barcellos.

Temos no nosso paiz mais 4 aldeias, 1 quinta, 1 herdade, 1 sitio e 1 moinho com o nome de *Volta*—e differentes aldeias e casaes com os nomes de *Volta d'Agua*, *Volta da Tocha*, *Volta de Casaes*, *Volta de Mendo*, *Volta do Carro*, *Volta do Valle*, *Volta do Vau* e *Volta Grande*, sitio, na antiga estrada do Porto para a Regoa, entre Quintella e Mezãofrio.

A estrada ali era muito declivosa e sem parapeito ou guardas do lado inferior, pelo que ali até 1858 se despedaçaram algumas liteiras—e desde 1858 algumas diligencias, entre ellas uma, em que ia do Porto para a Regoa o humilde auctor d'estas linhas, com 14 passageiros mais, alem do cocheiro e conductor. Felizmente só se desmanchou o jogo dianteiro. O carro não tombou, mas lá ficou, e nós tivemos de ir a pé para Mesãofrio, donde em outro carro seguimos para a Regoa.

V. *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 768, col. 2.ª, onde já demos noticia d'aquella medonha estrada.

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

VOLTA,—port. ant.—briga, discordia, ferimento, desassocego, turbação, tumulto, assuada, desordem.

«Haver hi *volta* e eixeco, e peleja, e elle querendo partir esto, etc.»

Doc. de Santo Thyrso, de 1340.

VOLTEIRO, — homem revoltoso, suscitador de discordias, brigas e contendas.

«Salvo se esse preso fôr traidor, ou aleivoso, ou *volteiro* publico, e ameudi, ou matador, ou chagador de chagas perigosas,»

Côrtes de Santarem de 1325.

D'aqui — *terra avolta*, desinquieta, cheia de ladrões e malfeitores.

«Ou a terra andar *avolta*, que se temam de filharem os meus dinheiros.

Capit, especiaes de Santarem.

VOLTUMNA, ou **VOLTUNNA**, ou **VULTURNA**, — deusa dos romanos, particularmente reverenciada pelos etruscos, em cujo paiz tinha um famoso templo, onde se reuniam para tratarem os negocios do estado.

VOLUMNO e **VOLUMNA**,—divindades dos romanos, as quaes presidiam á *boa vontade*. Eram invocadas particularmente nas ceremonias dos casamentos, para conservarem a amisade e harmonia entre os nubentes.

VOLUPIA,—deusa dos romanos, que presidia aos prazeres sensuaes e dissoluções.

Tinha um templo em Roma, onde era representada na figura de uma formosa mulher bem vestida, tendo debaixo dos pés a *Virtude*.

VOLUTINA, — deusa dos romanos, particularmente reverenciada pelos camponezes e lavradores, que a invocavam para preservar os casulos que envolvem o grão do trigo.

VOMIL,—port. ant.—hoje gomil.

Vem do latim *vomo* (eu vomito) porque os gomis, outr'ora de gargalo muito estreito pareciam estar vomitando a agua para as mãos como a lufadas.

«It. hum *vomil* quebrado.»

Inventario dos moveis de D. Fr. Salvador, bispo de Lamego, no anno de 1350.

VOMITARIA. ou **VOMITORIO**, — portug. antigo.

Assim se denominavam os adros das egrejas e as entradas dos theatros, porque a grande multidão saindo, tinha parecenças com a agua jorrando ou saindo do vomil.

VONTADES, ou **VOONTADES**, port. ant. Assim se denominaram os moveis e alfaias de casa que cada um compra ou manda fazer.

No anno de 1211 doaram ao mosteiro de Alpendurada uma quinta em *Nodar cum suas searas, et suas voluntates*.

Doc. de Pendorada.

«Sete, ou oyto porcos, e cubas, e arcas, e outras *voontades*, que era mantimento da casa.»

Doc. de Tarouca de 1326.

VOSQUO.—port. ant.—comvosco.

«E taes, Senhor, estavam aló *vosquo*, que tinham na terra a maior parte de sas lanças.»

Cortes de Coimbra de 1385.

VOTO. V. *Vodo*.

O voto que fez el-rei D. João IV á Virgem e que por ordem d'elle foi gravado nas portas das nossas villas e cidades, encontra-se no art. *Porto*, vol. 7.º pag. 382, col. 1.ª

VOUGA,—rio.

Como já dissemos no artigo *Viseu*, pag. 1745, col. 1.ª, este rio nasce no *Chafariz da Lapa*, junto do santuario d'este nome (V. *Lapa*) concelho de Sernancelhe; corre de E. N. E. a O. S. O.; banha na sua direita a villa de S. Pedro do Sul e as extinctas villas d'Angeja e Serem;—na margem esquerda passa a juzante das villas de Vouzella e de Oliveira de Frades; banha as extinctas villas do Banho e do Vouga — e desagua na ria d'Aveiro, a N. da cidade d'este nome, tendo de curso total, com as muitas voltas que descreve, mais de 150 kilometros.

Desde a nascente até á povoação e ponte do *Pecegueiro*, na estrada real n.º 41 d'Aveiro a S. Pedro do Sul, em geral corre fundo e por entre margens escabrosas, principalmente desde S. Pedro do Sul até o Pecegueiro; mas d'ali até á sua foz, nomeadamente desde Jafafe, cerca de 6 kil. a jusante de Pecegueiro, tem margens amplas, amplissimas, pois corre atravez d'uma vasta e formosa campina, que alaga e fertilisa no inverno, cobrindo-a na extensão de algumas legoas quadradas e deixando-lhe gordos nateiros, a flor da terra que traz dos campos e encostas da sua grande bacia hydrographica.

As mencionadas campinas são em geral muito planas e cortadas em diversas direcções por vallas de esgoto para enchugamento dos campos, as quaes formam muitas ILHAS (assim se denominam grandes lotes dos dictos campos); e algumas vallas, a O. da linha ferrea—são navegaveis em barcos proprios que, vistos de distancia, quando vão á vela, offerecem um aspecto interessantissimo e unico em Portugal, porque o rio e as vallas de longe não se veem e parece que os barcos deslisam sobre os campos.

V. *Angeja*, tomo 1.º pag. 215.

—

Recebe differentes rios tributarios, avultando entre elles—na margem direita o *Sul*, que dá o nome á villa de S. Pedro do Sul, —e o *Caima*, que vem das serras d'Arouca e passa na freguezia de Val-Maior, não longe de Albergaria Velha; —na margem esquerda o *Zella*, que vem da serra de Lafões e com o Vouga dá o nome á villa de Vouzella, por estar junto da confluencia dos dois rios *Vóuga* e *Zella*.

Tambem recebe na margem esquerda, logo abaixo da ponte da *Rata*, o rio *Agueda*, depois d'este ter recebido nas alturas de Requeixo as aguas do *Certema* ou da *pateira de Fermentellos*, que é uma grande lagôa formada pelas aguas do *Certema* junto da sua foz ou da entrada no rio Agueda.

O *Certema* vem de Formoselha e do Bussaco—e toca na viila da Mealhada, outr'ora *Vasariça*, pelo que tambem já se denominou *rio da Vacariça*.

O Agueda é formado pelos rios *Alfusqueiro* e *Agadão*, que se juntam a montante da villa d'Agueda cerca de 2 kilometros;—e é desde esse ponto que toma o nome de rio *Agueda*, outr'ora *Agada*.

V. *Caima*, *Certoma*, *Sul*, *Alfusqueiro*, *Agueda* e *Zella*.

—

O Vouga, a jusante do Pecegueiro, até

Sarrazola, termo do *rio novo*, aberto á navegação em 1821,[1] tem aproximadamente 50 kilometros de curso—e do *rio novo* até o mar tem aproximadamente 10 kilometros, comprehendendo a largura da *ria* d'Aveiro e a barra por onde entra no occeano,—denominada *barra nova*, 7 kilometros a O. de Aveiro.

Já não existe a *barra* ou *barreta da Vagueira*, que estava cerca de 10 kilometros ao sul d'aquella e 8 ao poente de Vagos, pela qual tambem entravam no Oceano as aguas do Vouga. Foi tapada aproximadamente em 1880 pelo distincto engenheiro Silverio Augusto Pereira da Silva, sendo director das O. P. d'Aveiro. Tapou-a fazendo umas *portas d'agua*, que se abriam e fechavam com o impulso das marés, obstando ao fluxo e refluxo; e assim a tal barreta em breve assoriou de forma que já não entra por ella a agua do mar.

Foi esta a ultima das alterações por que teem passado as barras d'Aveiro,—alterações que devem ter influido nos povos do littoral. A ellas talvez se deva a substituição de *Talabriça* pela villa e comarca de *Esgueira*—e posteriormente a d'esta villa pela villa e comarca, hoje cidade, d'*Aveiro*.

—

Tem muitos *poços* ou *pégos fundos*, tanto a montante como a juzante do Pecegueiro. Os principaes d'este ultimo lote são os seguintes, descendo:

1.º—Poço de *S. Thiago*, junto da povoação do Pecegueiro, termo superior da navegação;

2.º—Caes de *Jafafe* ou *Sornada*;

3.º—Caes da *ponte de Vouga*;

4.º—*Fontinha*;

5.º—*Pedreiras d'Eirol* ou da *Ponte da Rata*, com a qual confina.

Este pôço é formado pelas aguas do rio Agueda, em cujo leito se acha, antes da juncção com o Vouga; mas no inverno, com as cheias, as aguas do Vouga entram no dito poço, galgando o paredão que ali separa os dois rios e, tomando grande altura sobre os olhaes da ponte da *Rata*, impede a navegação e a passagem na ponte, por haverem errado (*coisas nossas!...*) o calculo do nivel das aguas, quando se reformou a dita ponte e fez a nova estrada a macadam de Aveiro a Agueda, em 1870.

O paredão entre os dois rios foi feito pouco depois de 1821 com o fim de os obrigar a correrem parallelos até o ponto da sua juncção, porque até ali o Agueda cahia quasi perpendicularmente no Vouga, e este, como mais caudaloso, fazia retroceder o Agueda na occasião das cheias, tornando alagadiços os campos das freguezias d'*Eirol, Travaçô o Ois da Ribeira*. As coisas a este respeito pouco melhoraram, porque não se concluiu o paredão, nem se lhe deu a devida altura, bem como à ponte!...

6.º—*Poço do Ferro*, junto de S. João de Loure;

7.º—*Angeja*;

8.º—*Sarrasola* até Villarinho.

—

É navegavel e navegado na extensão de 50 a 60 kilometros desde a sua foz até á povoação de Pecegueiro, um pouco a juzante da ponte por onde passa a estrada real n.º 41, mas por meio de comportas não era difficil prolongar a navegação até á villa de S. Pedro do Sul.

No inverno os barcos que vão até o Pecegueiro são de fundo chato, como os do Mondego, mas um pouco mais pequenos. Costumam levar 6 a 8 pipas de 560 litros—e no verão ou na estiagem apenas 2 a 3 pipas, ou peso correspondente, porque o seu leito está muito *assoriado*,[1] ou alteado com

---

[1] A juzante de Sarrazola ainda se vê o *rio velho*, tambem navegavel nas marés vivas, porque já ali chega a agua salgada.

[1] Este termo é vulgar, mas não o encontro nos meus diccionarios.

as enchentes. Tem mesmo em alguns pontos mudado o curso do rio.[1]

Os barcos na viagem ascendente conduzem sal, peixe fresco e salgado,—e na descendente conduzem madeira, lenha, pedra de schisto e granito, laranjas e cortiça.

Tambem durante longos annos conduziram muito carvão de pedra para as minas do *Braçal* e d'estas muito minerio, mas hoje esse movimento é nullo, porque infelizmente quasi que parou a exploração d'aquellas minas.

Tinham ellas na margem direita do Vouga, em *Rio Mau*, a juzante do Pecegueiro, um caes proprio, ligado ás minas por uma linha ferrea americana. *Silicet magna componere parvis*, correspondia o dito caes ao de *Pomarão* nas minas de S. Domingos.

V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 473, col. 2.ª—e pag. 479, col. 2.ª tambem.

—

A jusante do Pecegueiro banha na margem esquerda as povoações de Jafafe, Macinhata do Vouga, Vouga, Trofa, Segadães, Fontinha, Almear, Eiról, Eixo, *Taboeira*, Cacia e Sarrasola;—na margem direita Serem, Mesa, Villa Verde, Alquerubim, Pinheiro, S. João de Loure, Frossos e Angeja.

Alem das vallas atravez da campina, tem um canal desde a barca d'Angeja até Frossos na extensão de 1 kilometro.

Denomina-se pateira de *Frossos*.

[1] A tradição local diz que outr'ora este rio foi navegavel para barcos de maior lotação, inclusivamente *navios*, até á ponte e villa de *Vouga*,—e talvez que esta villa e a velha cidade romana que ali alguem situa decahissem com o assoriamento do Vouga e tolhimento da navegação.

Tambem outr'ora os navios foram pelo Cavado até Barcellos; pelo Leça até Guifões; por um esteiro do Mondego até Tavarede; pelo rio de Silves até á cidade d'este nome—e pelo Ave ainda n'este seculo foram muitos navios carregados até Villa do Conde, em quanto que hoje mal podem sair em lastro os que ali se construem.

—

As producções principaes das margens do Vouga a montante do Pecegueiro são milho grosso, vinho verde, hervagens e fructa, inclusivamente laranjas excellentes na freguezia do *Pecegueiro*, concelho de Sever do Vouga, districto d'Aveiro, margem direita d'este rio,—e em frente, na margem opposta, freguezia de Ribeiradio, concelho d'Oliveira de Frades, districto de Viseu.

A jusante do Pecegueiro, depois que entra na campina, as suas margens produzem milho, algum arroz e muitos *bunhaes* e *chouças* para pastagem e creação de gado cavallar e bovino. Tambem produz muito *moliço* para estrume e muito peixe.[1]

O Vouga, a jusante de Pecegueiro, banha muitos campos, entre os quaes merecem especial menção os de Macinhata, *Ouvêdo*, *Couto*, *Trofa*, *Segadães*, *Almargem*, *Fontinha*, *Eixo*, *Angeja* e *Cacia*—na margem esquerda;—na direita os campos de *Serem*, *Mesa*, *Ponte do Vouga*, *Villa Verde*, *Alquerubim*, *Pinheiro* e *S. João de Loure*, *Frossos* e *Angeja*.

Estes campos estão divididos em muitas glebas e não constituem predios notaveis,

[1] Os nossos diccionarios mal indicam estes termos—*bonho* ou *bunho*, *chousa* ou *chouça* e *moliço*,—termos proprios d'esta localidade e que no districto d'Aveiro representam artigos muito importantes!...

O *bunho* ou palha *tabúa*, que deu o nome á povoação de *Tabueira*, tem differentes applicações. Em verde é optima pastagem; depois de secco serve para tanoarias, para capas de garrafas e para mobiliario. Com elle se fazem esteiras variadissimas, colchões, cadeiras d'encosto, etc.

Do tal *bunho* tomou o nome a povoação e freguezia do *Bunheiro*, concelho de Estarreja.

V. *Brunheiro*, tomo 1.º pag. 498, col. 2.ª

Tambem temos no nosso paiz differentes aldeias casaes e quintas com os nomes de *Bunho*, *Bunhosa*, *Bunheira* e *Bunheiros*.

Tambem ha muita palha *tabúa* no baixo Mondego, em alguns campos marginaes alagadiços.

exceptuando os seguintes:—*campo da Trofa*, pertencente á viuva D. Engracia Coelho dos Reis e filhos, de Serem; *campo da Fontinha*, pertencente ao dr. João Eduardo Nogueira, d'Alquerubim; outro, o do *Areinho*, pertencente a José Martins, de S. João de Loure, e o da casa de Villarinho, na freguezia de Cacía, pertencente a Francisco Manoel Couceiro da Costa.

As marés vivas do Oceano apenas sobem pelo Vouga até á distancia de 10 a 11 kilometros.

Ha sobre este rio muitas pontes. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª Na linha ferrea do *Norte*, aproximadamente no sitio por onde passava a estrada romana de Braga ao Porto e Lisboa, indicada no roteiro de Antonino Pio, estrada de que logo fallaremos no artigo seguinte, *Vouga*, pretendida cidade romana.

2.ª Ponte de *Angeja*, na estrada nova a macadam de Aveiro a Estarreja.

3.ª Ponte do *Vouga*, ao nascente da villa de Vouga e junto d'ella, na estrada real a macadam de Lisboa ao Porto.

4.ª Ponte do *Pecegueiro*, na estrada real n.º 41, de Aveiro a Viseu, por Vouzella e S. Pedro do Sul.

5.ª Ponte da *villa do Banho*, na mesma estrada n.º 41, que ali passa da margem esquerda para a direita do Vouga.

6.ª Ponte de *S. Pedro do Sul*, na mesma estrada n.º 41, que ali passa da margem direita para a esquerda do Vouga e ali entronca e morre na estrada real n.º 7 de Viseu a Villa Real de Traz os Montes por Castro d'Ayre, Lamego e Regoa.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1776, col. 2.ª n.º 1, e pag. 1777, col. 1.ª n.º 4.

7.ª Ponte de *Côta*, na estrada districtal n.º 40 de Viseu á foz do Tavora, por Moimenta da Beira e Taboaço.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1778, col. 2.ª n.º 2.

8.ª Ponte do *Almargem* na estrada municipal a macadam de Viseu a Castro d'Ayre.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1780, col. 1.ª n.º 1.

9.ª *Ponte do Vouga* (2.ª) na estrada real antiga de Viseu a Moimenta da Beira.

Demora na freguezia de Ferreira d'Aves e é uma ponte muito importante.

10.ª *Ponte de Villa Bôa*, tambem junto de Ferreira d'Aves.

11.ª *Ponte do Senhor dos Caminhos*, a montante d'aquella.

12.ª *Ponte do Convento da Fraga*, a montante e pouco distante do dicto convento, que foi de *capuchos Antoninos da Conceição* e é hoje um excellente collegio ou casa de educação de meninas, dirigido por *irmãs de Santa Thereza*, que n'elle teem feito muitas obras e na egreja,—templo magestoso, muito bem tratado e até *muito aceiado*, o que tudo se deve ás benemeritas *irmãs de Santa Thereza*. Se não fosse a dedicação d'ellas, o venerando convento em breve cahiria em ruinas e se nivelaria com o chão, como tem succedido a tantos outros e talvez succeda ao magestoso e real convento d'Arouca, hoje extincto, fechado e em completo abandono, por haver fallecido a ultima abbadessa e ultima religiosa em 1887, — se bem me recordo.

V. *Ferreira d'Aves*, tomo 3.º pag. 172, col. 1.ª—e *Arouca* n'este diccionario e no supplemento.

Talvez tenha mais pontes já construidas, que nós não conhecemos—e está em projecto outra ponte sobre o Vouga, na estrada districtal n.º 41 de Mangualde e Viseu á estação de *Freixo* de Numão, na linha ferrea do Douro.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1779, col. 1.ª n.º 4.

Todas as pontes mencionadas supra são de cantaria de granito, exceptuando a 1.ª, que é formada por taboleiros de ferro sobre pegões tubulares de ferro tambem—e a 2.ª, que é de madeira.

Tambem este rio tem muitos açudes, muitos moinhos e alguns barcos de recreio e de passagem nos sitios onde não ha pontes.

—

No verão, exceptuando as represas dos açudes, é quasi microscopico e em alguns pontos se atravessa a pé enchuto, como nós o atravessámos muitas vezes na cascalheira

junto da villa do *Banho*, mas no inverno alteia immenso;—torna-se imponente e magestoso; só nas pontes se atravessa—e ainda est'anno de 1888, no dia 12 do corrente mez de novembro n'elle houve uma enorme cheia.

Com data de 13 do corrente diziam de S. Pedro do Sul:

«—Tem chovido estes dias torrencialmente. Os rios Vouga e Sul encheram por tal fórma, na noite de domingo para segunda-feira, como não lembra ha mais de quarenta annos!

Foram destruidos muitos moinhos, derribados muitos muros, inundadas muitas propriedades, etc.

Hontem (2.ª feira, 12) de manhã correu muita gente a ver a corrente dos rios, e n'essa occasião viam-se, arrastados pela agua, muitos moveis de casas, animaes domesticos, utensilios de lavoura, troncos de arvores, etc.

Hontem não veio o correio de Nellas nem de Estarreja, devido tambem ao mau tempo.»

Effectivamente a tal cheia do Vouga no dia 12 d'este mez ultrapassou a de 1860, que foi a maior d'este seculo no Vouga, no Douro e nos outros rios ao norte do nosso paiz, em quanto que ao sul, no Tejo e no Guadiana, etc. foi maior a de 1876.

Tambem esta de 1888 em alguns dos outros nossos rios e ribeiros ultrapassou a de 1860, mas no Douro foi muito inferior e em geral causou muito menos prejuizo, porque a tormenta cessou no dia 12 e logo o tempo estiou, emquanto que nos annos de 1860 e 1876 a chuva foi muito mais duradoura.

Esta de 1888 deixou assignalada a sua passagem no Vouga, pois destruiu a ponte de *Côta*, n.º 7 da nossa lista.

Tambem a mesma tempestade nos dias 11 e 12 interrompeu em alguns pontos a circulação dos comboyos nas nossas linhas ferreas do *Norte*, do *Douro* e do *Tua*, mas no dia 13 todos volveram ao seu estado normal, sem perda de uma só vida.

É para lamentar que *em todo o Vouga*, sendo aliás um dos rios mais importantes da nosso paiz, até hoje se não montasse uma fabrica unica de lanificios, ou de papel, ou de fiação d'algodão,—fabricas que abundam em alguns rios nossos de muito menor volume.

V. *Ceia*, *Gouveia* da Beira Baixa, *Padronello*, *Pera*, *Thomar* e *Vizella*, rio.

—

Terminaremos dizendo que—na opinião de varios auctores—o rio *Vouga* antigamente se denominou *Vacua* e tomou o nome da cidade romana *Vacca*, sita na *Cava de Viriato*, em Viseu, ou na extincta villa de *Vouga*.

Para evitarmos repetições, veja-se o artigo seguinte:

VOUGA—villa extincta e *extincta cidade romana*, (?) hoje simples aldeia da freguezia de *Lamas*, concelho d'Agueda, districto de Aveiro.

Este topico é muito nebuloso e dava assumpto para uma *Memoria academica*. Vamos apenas esboçal-o, dividindo-o para maior clareza em 3 partes:—na 1.ª fallaremos da povoação ou aldeia actual de *Vouga*;—na 2.ª fallaremos da *villa* e do *concelho*;—na 3.ª da cidade romana *Vacca*, séde dos *vacceos*, como dizem alguns auctores. A 1.ª parte é clara; a 2.ª bastante nebulosa—e mais nebulosa ainda a 3.ª pois *tot capita, tot sententiae!*...

PARTE 1.ª

A povoação ou aldeia actual de Vouga

N'esta data—novembro de 1888—comprehende apenas 20 a 25 fogos e 60 a 70 habitantes. Demora na margem esquerda do rio Vouga, que nas enchentes banha a parte baixa da povoação, situada em planicie. As casas restantes demoram na encosta de um monte, cuja pendente N. desce até o Vouga, que tem ali uma soberba ponte de pedra na estrada real a macadam de Lisboa e Coimbra ao Porto, seguindo pelo mesmo leito da

estrada mourisca, ou feita pelos mouros,[1] em substituição da velha estrada romana que muito provavelmente *in illo tempore* o Vouga e o mar tinham arruinado, pois seguia mais a O. e junto do littoral, aproximadamente pelo traçado que hoje segue a linha ferrea do Norte, tocando em *Talabrica* (Aveiro ou Cacia) segundo se lê no roteiro d'Antonino Pio.

V. *Estradas romanas*, tomo 3.º pag. 73, col. 2.ª; *Itinerario d'Antonino*, no mesmo vol. pag. 401; *Vias ferreas*, tomo 11.º pag. 467 e segg. e *Aveiro*.

—

A povoação ou aldeia de que no momento nos occupamos dista apenas alguns metros da margem esquerda do Vouga e da mencionada ponte:—1 kilometro ao norte do sitio do *Marnel*, hoje despovoado, onde, como logo diremos, esteve a antiga matriz d'esta parochia de *Lamas*[2] e da povoação e villa de *Vouga;* 1 kilometro tambem a N. E. da sua actual egreja matriz;—8 da villa d'Agueda, hoje a séde do concelho, para o norte; 13 a 14 de Pecegueiro para S. O. e 15 a 17 d'Aveiro e da linha ferrea do Norte, para E.

A freguezia de *Lamas* hoje apenas comprehende as 4 povoações seguintes:—*Lamas*, séde actual da parochia, *Pedações* e *Vouga*, na margem esquerda do rio Vouga,—e *Villa Verde* na margem direita.[1]

A povoação de *Vouga* foi villa e séde de concelho, mas nunca foi séde de parochia. Era parte integrante da parochia de *Santa Maria de Lamas do Vouga* ou do *Marnel*, cuja matriz estava na antiga povoação e *villa de Marnel*, hoje sitio deserto. talvez por ser muito pantanoso e doentio. Por esta mesma rasão transferiram a séde da parochia para a aldeia de *Lamas*, não sabemos em que data, mas talvez ha muitos seculos.

Os escombros da velha matriz desappareceram ha pouco tempo. Faziam parte do passal d'esta freguezia de *Lamas*, que pela lei de desamortisação foi posto em praça e arrematado pelo conego Manoel Homem de Macedo da Camara Motta, e hoje constituem com o dito passal, antiga cerca do antiquissimo convento de *Santa Maria de Lamas* ou do *Marnel*, um predio ou quinta importante, pertencente ao dicto conego.

V. *Lamas do Vouga*, tomo 4.º pag. 32, col. 2.ª; *Macinhata do Vouga*, tomo 5.º pag. 17, —e *Marnel* no mesmo vol. pag. 87, col. 1.ª e 2.ª

---

[1] Ainda hoje lá se vê ao longo da dicta estrada, no termo da freguezia da *Trofa*, a S. e não longe da villa de Vouga, uma aldeia denominada *Mourisca*.

V. *Mourisca*, tomo 5.º pag. 580, col. 1.ª n'este diccionario — e em Viterbo *Estrada Mourisca*.

[2] As parochias limitrophes d'esta são as seguintes.

Macinhata do Vouga a N. — Vallongo e a mesma de Macinhata a E.;—S. Salvador da Trofa (antigamente *Covellas!*...) a S., — e Alquerubim, antigamente *Alcarouvim*; a O.

Na aldeia do *Ameal* d'este ultima freguezia, mora o sr. dr. José Correia de Miranda, distincto jurisconsulto, muito illustrado, muito conhecedor d'estes sitios e o meu principal informador n'este emmaranhado e nebuloso artigo.

Tambem devo alguns apontamentos ao sr. dr. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe, aldeia da freguezia de Macinhata do Vouga, —cavalheiro muito illustrado tambem e muito conhecedor da localidade.

[1] Na povoação de *Lamas* demora a egreja matriz, cuja padroeira hoje é *Nossa Senhora da Assumpção*. Tambem lá se vê ainda a imagem da antiga padroeira — *Santa Maria*, — que estava na antiga egreja monasterial e parochial da *Santa Maria de Lamas*, d'onde foi transferida para a egreja actual, anteriormente simples capella de *Nossa Senhora da Assumpção*.

Em *Pedações* ha tambem uma capella de *S. Lourenço*—e na extincta villa de Vouga uma capella do *Espirito Santo*, muito antiga e bem conservada, porque foi ha poucos annos restaurada a expensas de alguns devotos.

Tambem me dizem que na egreja actual de *Lamas* está uma inscripção gothica em uma pedra que foi da velha matriz e que allude á fundação ou sagração d'ella.

De passagem diremos que a freguezia de *Macinhata do Vouga* está na *esquerda* e não na *direita* d'este rio, como disse por lapso o meu antecessor.

Estão effectivamente na esquerda do Vouga a matriz e algumas povoações e terrenos d'esta freguezia; mas na margem direita occupa tambem larga zona e ali tem algumas aldeias, taes são — *Gandara, Serem, Roxio, Mesa,* etc.

Tambem a lagôa do *Marnel* está *toda* na freguezia de *Lamas do Vouga*—e não na de *Macinhata do Vouga*, como disse o meu antecessor no citado art. *Marnel*,—artigo aliás muito interessante e muito digno de ler-se.

—

Como ali se diz e prova, o *Marnel* foi povoação acastellada e muito importante no sec. XI, pois em um documento de Lorvão se lhe dá o titulo de *cidade* — e em outro o de *villa*; note-se porem que outr'ora estes termos não tinham a significação hodierna. Por vezes as cidades — inclusivamente o *Porto* e *Lisboa*—se denominavam *villas*, em quanto que *Ceia, Gouveia* da Beira Baixa e outras villas se denominavam cidades.

Veja-se o art. *Villa*, tomo 11.º pag. 663, col. 2.ª — e *Lusitania*, tomo 4.º pag. 492, col, 1.ª

Note-se tambem que *Lamas* e *Marnel* são quasi synonimos,—*pateira, lamaçal, terreno alagadiço*—e outr'ora empregavam-se indistinctamente, pelo que hoje mal podemos saber quando os velhos documentos fallavam da povoação de *Lamas*, propriamente dicta, —ou da de *Marnel*.

Na lagôa do *Marnel* desagua o rio d'este nome, que nasce no concelho de Sever; atravessa parte das freguezias de Macinhata e Vallongo do concelho d'Agueda; tem cerca de 15 kilometros de curso—e na lagôa do Marnel uma boa ponte nova—e outra antiga, abandonada.

Tambem desagua na mesma lagôa do Marnel e campo da Trofa outro rio ou ribeiro que vem da serra das Talhadas e tem de curso igualmente cerca de 15 kilometros.

Ambos vão ter ao Vouga por uns *riachos* não navegaveis nem fluctuaveis.

A ponte do Vouga é differente da do *Marnel*; demora cerca de 1 kilometro a N. junto da povoação ou villa do Vouga—e tem 7 ou 8 grandes arcos de pedra de differentes estylos, sendo uns ogivaes, outros de volta inteira e outros de volta abatida, segundo as diversas reconstrucções. A ultima reconstrucção data de 1713 e foi ordenada por D. João V, segundo se lê em uma inscripção gravada no meio da dicta ponte. Apenas lhe fizeram alguns reparos aproximadamente em 1858, quando se fez a estrada real a macadam de Coimbra ao Porto.

Os pegões dos arcos estão muito soterrados com as areias, mas ainda assim devem ter em alguns pontos cerca de 20 *metros de altura* até o taboleiro—e este com as avenidas tem de extensão aproximadamente 200 metros.

A ponte actual do *Marnel*, por onde passa tambem a mesma estrada real de Coimbra ao Porto, foi feita junto da velha ponte, alguns metros para O. Principiou a construcção em 12 de janeiro de 1858 sob a direcção do distincto engenheiro José Diogo Mousinho — e terminou em novembro de 1859. Custou 19:384$920 réis — e os seus materiaes são grés e calcareo,— a pedra da localidade.

—

As pontes do *Marnel* e do *Vouga* devem datar do tempo em que os mouros fizeram a estrada por este sitio, mas tanto uma como a outra foram reconstruidas varias vezes, já por se arruinarem com as enchentes dos dois rios e com o peso dos seculos, já porque muito provavelmente foram destruidas por occasião das batalhas que junto d'ellas se feriram desde tempos muito remotos. V. *Marnel*.

Nos fins do sec. XII, por exemplo, estava em ruinas e talvez em reconstrucção a ponte do *Vouga*, como se deprehende do testamento de Gonçalo Gonçalves, chantre do Porto e de Coimbra, testamento feito em 12 d'abril de 1262, (era 1300) pois n'elle, entre outros muitos legados, deixou ás pontes do

Vouga, Agueda, Ceira, Albia e Canavezes— *ancipitrem meum... meos panos de tiritania, annulum meum de Robibalais.*[1]

Dissert. Chronol. de João Pedro Ribeiro, tomo V, pag. 81.

Parece que no anno de 1300 ainda a ponte do *Vouga* não estava reconstruida, porque n'aquella data o bispo do Porto D. Sancho legou tambem certa quantia para se acabarem as pontes de Canavezes, Agueda e Vouga, como se lê no *Catalogo dos bispos do Porto*, pag. 112.[2]

Em 1708 os rios *Vouga* e *Marnel* haviam alteado tanto os seus leitos, que as duas pontes estavam quasi soterradas.

Fallando da villa de Vouga, diz a *Chorogr. Port.* —«Tem sobre o Vouga hua ponte de pedra de muitos olhaes, mas já tão areada, que em tempo de cheias se passa em barcos, e he estrada publica de Coimbra para o Porto, que passa por dentro da villa. Ha tambem outra ponte d'arcos sobre o rio *Marnel*, que no tempo do inverno e cheias se não passa.»

Era isto em 1708, pelo que em 1713 D. João V mandou reconstruir a ponte do *Vouga* e talvez a do *Marnel* tambem.

—

O local da povoação de Vouga é pittoresco, muito arborisado e muito fertil, principalmente na parte baixa. Produz muito milho e vinho—e até meiado d'este seculo, antes de adoecerem os nossos pomares de larangeiras, produzia tambem muita e optima laranja, mas o seu clima é muito insalubre, já pela visinhança dos grandes pantanos, já porque não tem agua potavel. Bebe a do rio Vouga, pelo que a sua população tende a desapparecer, como pelas mesmas rasões já desappareceu *completamente* a da villa do Marnel, — villa antiquissima, que foi matriz dos povos circumvisinhos até grande distancia. Segundo reza a tradição foi inclusivamente a matriz da villa de *Esgueira*, distante cerca de 17 kilometros para O.[1], villa que durante muitos annos foi séde da comarca a que pertenciam os concelhos de Aveiro, Anadia, Estarreja, *Vouga* e outros muitos.

V. *Esgueira.*

PARTE 2.ª

A villa e o concelho de Vouga

E' innegavel que esta povoação de *Vouga* foi villa e séde de concelho desde tempos muito remotos até 1853.

D. Manoel lhe deu foral em Lisboa a 18 de março de 1514.

---

[1] A ponte de *Albia* muito provavelmente era a ponte da *Murcella*, sobre o rio Alva, na estrada da Beira, de Coimbra a Celorico pela m. e. do Mondego.

V. *Alva* e *Murcella.*

[2] O sr. Marques Gomes na sua descripção do *Districto de Aveiro*, pag. 48, menciona o mesmo legado, mas assigna-lhe a data de 1292, o que foi lapso, pois o bispo D. Sancho falleceu no anno de 1300 e fez o seu testamento no dia 7 de janeiro do mesmo anno.

Tambem o sr. Marques Gomes *loc. cit.* confunde a ponte do *Vouga* com a do *Marnel*, sendo vizinho d'ambas e devendo conhecel-as muito melhor do que eu.

[1] Não se estranhe isto, pois com a invasão dos barbaros no sec. v, com a dos mouros no sec. viii e com as guerras posteriores rarearam muito em Portugal e na peninsula as egrejas parochiaes. Assim tambem consta que a capella de Nossa Senhora do *Sabroso*, junto da villa de Barcos, concelho de Taboaço, a egreja de *Carquere*, em Rezende, e a de *Anciães* em Traz os Montes, etc., foram matrizes dos povos circumvisinhos até *muitas legoas de distancia.*

V. *Villa Real de* Traz-os-Montes, tomo 11.º pag. 963 col. 2.ª

Tambem nos artigos proprios já dissemos que no sec. vi, os bispados de *Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda* e *Coimbra*, então todos pertencentes á provincia da Galliza, estavam reduzidos a um limitado numero de parochias, como se vê das actas do concilio de Lugo, celebrado no anno de 569.

Livro de Foraes da Estremadura, fl. 84, v. col. 1.ª

V. o processo para este foral na *Gav.* 20, *maço* 12, n.º 47.

Estranhamos que não tivesse *foral antigo*. Pelo menos Franklin não o menciona nem o encontramos no *Portugaliae Monumenta*; mas é innegavel que este concelho de *Vouga* já era muito importante e se regia por *foros seus proprios* no anno de 1117, como se vê da *carta do couto* que a rainha D. Thereza deu *in illo tempore* á villa de *Ossella*, hoje simples parochia do concelho de Oliveira d'Azemeis.

V. *Ossella*, tomo 6.º pag. 299, col. 1.ª—e aquelle interessante documento no fim d'este topico.

—

O concelho de *Vouga* era muito extenso nos principios da nossa monarchia,—segundo se lê na memoria sobre o *Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes, e assim se conservou até o reinado de D. Fernando I, data em que foi muito cerceado e reduzido a um pequeno numero de parochias.

Pelo decreto de 28 de junho de 1833 compunha-se das freguezias de Macinhata do Vouga, Vallongo e Valle Maior. Posteriormente foram-lhe annexadas as de Agadão, Castanheira do Vouga, Macieira d'Alcoba, Prestimo, Agadães e Trofa. Por decreto de 28 janeiro de 1835 foi-lhe tirada a freguezia de Valle Maior e annexada ao concelho d'Albergaria Velha;—finalmente por decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto o concelho de Vouga—e as freguezias de que se compunha ficaram pertencendo ao concelho d'Agueda.

—

Assim desappareceu o antigo concelho de *Vouga*, que chegou a ter bastante importancia,[1] mas a villa desde que ha memoria d'ella foi sempre insignificante! Em 1708, por exemplo, contava apenas 15 fogos — e hoje poucos mais conta, nem ostenta ruinas ou vestigios de maior população e de edificações notaveis.

O concelho na data supra tinha 2 juizes ordinarios, dos orphãos e das sisas, 2 vereadores, 1 procurador, 1 escrivão da camara, 4 escrivães do publico, 2 almotacés, 1 alcaide e 3 capitães d'ordenanças, alem de 1 carcereiro e outros empregados menores. Do exposto se vê que os taes 15 fogos da villa, ou todos os seus habitantes, eram os funccionarios publicos?!... E muito provavelmente alguns d'elles viviam fóra da villa. Tambem esta, como já dissemos, nunca foi parochia, mas uma simples aldeia da parochia de *Santa Maria*, hoje Nossa Senhora da Assumpção, de *Lamas* ou *Marnel*, onde estava a matriz, que foi transferida com a imagem da padroeira para a povoação de *Lamas*, como já dissemos.

O pelourinho, a casa da camara e a cadeia estavam na villa e desappareceram ha pouco tempo.

—

Si licet magna componere parvis, dava-se n'este concelho o mesmo que se dava no de Viseu até 1836,[1] pois dentro da sua circumscripção este de Vouga tinha como o de Viseu encravados outros concelhos autonomos com justiças proprias, taes eram os seguintes:

1.º *Aguieira*, villa extincta, hoje simples aldeia da freguezia de Vallongo, n'este concelho d'Agueda.

V. *Aguieira*, tomo 1.º pag. 40, col. 2.ª

2.º *Brunhido*, tambem villa extincta, hoje simples aldeia da mesma parochia de Vallongo.

V. *Brunhido* no mesmo tomo, pag. 499, col. 1.ª

Note-se que na aldeia da *Arrancada*, per-

---

[1] Os seus habitantes gosavam os foros, privilegios e regalias de *cavalleiros villões*, como diz Alexandre Herculano, *Hist. de Port.* tomo 3.º pag. 324 e 330.

[1] V. *Viseu*, tomo XI, pag. 1744, col. 1.ª— e 1746, col. 2.ª

tencente á dicta parochia de Vallongo, se faziam em 1708 *por costume antigo* as arrematações que a lei mandava fazer no pelourinho da villa e concelho de *Vouga*. Faziam-se ali as arrematações, por ser a dita povoação muito mais populosa e muito mais importante do que a villa de Vouga, pois contando esta em 1708 apenas 15 fogos, a povoação de *Arrancada* tinha 209 fogos, 11 sacerdotes e 2 capellas publicas: — uma de *Nossa Senhora da Conceição*, com irmandade propria importante, outra de *Santo Antonio*—e no meio da povoação um cruzeiro coberto d'abobada em um largo, onde se faziam as taes arrematações.

V. *Vallongo do Vouga*, tomo 10.º pag. 182 col. 2.ª—e a *Chor. Port.* tomo 2.º pag. 161, 1.ª edição.

A villa da *Aguieira* n'aquella data contava 50 fogos — e a de *Brunhido* 70. Da 2.ª diz Carvalho:

«Este povo d'esta villa, e seu termo está mettido *dentro do concelho do Vouga*, e tem juiz ordinario, e dos orphãos, vereador almotacel e procurador, todos por eleição de pelouro, e confirmados pelo ouvidor de Monte Mór...»—Da villa de *Aguieira* diz entre outras coisas o seguinte: — «Tem juiz ordinario e dos orphãos, vereador, almotarel e procurador confirmados pelo corregedor da comarca de Esgueira, que he o de Coimbra. D. Manoel de Azevedo e Ataide he senhor dos foros, e raçoens da dita villa, e seu termo, que he ametade do logar da Mourisca para o nascente da dita villa, e para o poente he da villa da Trofa. Está a dita villa de *Aguieyra* metida entre o dito concelho do *Vouga* do norte, e sul, e do nascente passa hum ribeyro pelo meyo, que faz a dita divisão, o qual se mete no rio Marnel, ficando a villa da Aguieyra para o poente, e o lugar da Aguieyra, que he do termo da villa de *Vouga*, para o nascente...[1] Tem mais a villa de Vouga o lugar da *Dos Ferreiros*,[1] que he da freguezia de Santiago do Prestimo, annexa á de S. Pedro de Vallongo, junto ao rio Alfusqueiro, no qual está huma *grandiosa ponte* de hum só olhal, muito alta, de pedra de cantaria, que do rio mal se chega com huma pedra acima, assentada em lagedo muito firme, e larga.»

V. *Alfusqueiro* n'este diccionario — e a *Chor. Port.* cujo auctor parece que visitou detidamente o extincto concelho do Vouga, pois falla d'elle com gronde minuciosidade.

E' muito interessante tudo o que diz das freguezias de *Vallongo* e de *Macinhata do Vouga*, freguezias já então muito populosas. Pelo ultimo recenceamento (1878) a 1.ª contava 587 fogos e 2:069 habitantes; a 2.ª 430 fogos e 1687 habitantes, mas deve ser hoje muito maior a sua população.

N'aquella data a freguezia de Vallongo pertencia a 3 concelhos—*Brunhido*, *Aguieira* e *Vouga*, comprehendendo o do Vouga a maior parte. A de Macinhata era tambem do concelho do Vouga *in illo tempore*, exceptuando as aldeias de Monquim, Chãs, Carvoeiro. Povoa das Furadas, que pertenciam ao concelho de Recardães e eram meieiras com a freguezia de *Val Maior*.

V. *Recardães*, tomo 8.º pag. 71, col. 1.ª— artigo muito interessante e que honra o meu benemerito antecessor.

Note-se tambem que até 1834 a povoação de *Lamas* e as visinhanças do *Marnel*, onde estavam as ruinas do convento e da egreja de *Santa Maria de Lamas*, não eram do termo de Vouga, posto que eram da mesma freguezia. *Pertenciam ao concelho d'Aveiro*, como diz o sr. dr. José Correia de Miranda, de Alquerubim, homem muito illustrado e muito conhecedor da localidade.

—

Vamos transcrever a *carta do couto*, que

---

[1] Ainda em 1836 e nos annos seguintes os actos camararios e judiciaes do concelho do Vouga se faziam na povoação de *Arrancada* e tambem algum tempo se fizeram na povoação de *Aguieira*, na parte que era do *termo de* Vouga.

[1] Atravessámos esta povoação muitas vezes durante a nossa formatura (1851-1856) porque tocava n'ella a antiga estrada de Coimbra a Lamego; e em 1854 ali passámos *a galope bravio!*...

V. *Villa Maior*, tomo 11.º pag. 775.

a rainha D. Thereza deu em 1117 á *villa de Ossella*,—documento interessantissimo para a dicta parochia e para a de Romariz, bem como para o extincto concelho de *Vouga* e para os de Oliveira d'Azemeis, Albergaria Velha e Villa da Feira.

O citado documento encontra-se na sua integra em latim nas *Dissertações Chronologicas*, tomo 1.ª pag. 243, sob o n.º 36, mas, para não fatigarmos os leitores, vamos dal-o em portuguez e por extracto:

«*Noverint universi, ad quos preens scriptura pervenerit*...—Em vulgar:

«Saibam todos os que virem esta escriptura, que, tentando nós *D. Egas*, bispo de Coimbra *reformar a velha Albergaria de Mesãofrio*,[1] D. Mourão da villa de Vouga (de *burgo de Vouga*) nos mostrou certa carta sem rasuras nem defeito algum, e não cancellada nem abolida,... cujo theor é o seguinte:

«*In nomine Sancte, et Individue Trinitatis*...—Em nome da Santissima Trindade. Padre, Filho e Espirito Santo, amen. Esta é a *carta de couto* que eu a infanta D. Thereza, rainha de Portugal, mandei dar a ti *Gonçalo Eiriz* para a tua *villa de Ossella*:

«Primeiramente dou á mencionada villa os termos seguintes: partirá com as terras de *Santa Maria* (Villa da Feira) por um lado, s. pela estrada que vem de *Portugal* (Porto) direita á *Pedra d'Aguia* e d'ahi pelo meio de *Mata talada*; depois vae á *Mata da Ussa*, que antigamente se denominou *Mata da Brava*; d'ali á *Mamoa negra*, que tambem já se denominou *Mamoa arida*;[1] d'ali a *Romariz*,[2] depois vae pelas outras partes, ao termo de *Vouga*; passa o rio de Ossella; vae á *Jarneca*; depois dá volta pelos valles de Ossella e vae direito á *Fonte Fria*, outr'ora denominada *Fontainha de Mesãofrio* (*Foctanini de Meigonfrio*); depois segue pela estrada até á *Pedra d'Aguia*, onde principiou a demarcação.

—

«E vos faço este couto na villa de Ossella (*Osselola*) pelas divisões supra, s.—da mesma villa até o marco do couto, que mandei por ao norte, junto da estrada do Porto, e *outro tanto para o poente e sul* na direcção dos valles de Ossella, para alem do rio d'este nome, dando volta até á *Fonte Fria* e ao *sobreiro marcado*[3] (*Suverario asignato*); depois atravessa a estrada publica para o nascente e vae direito pelo termo de *Val Maior* ao *Val pequeno*, onde *costumam roubar e matar os viandantes*; e d'ali, da primeira fonte que está a jusante da estrada publica, vae direito ao norte até á séde do couto.

«E assim vós e os vossos descendentes que herdarem a villa de Ossella possuireis todo este couto pelo *açor* que desteis a D. Mendo Bofino, pelo cavallo que desteis ao meu escudeiro Artaldo, pelo *gavião* que des-

---

[1] *Albergarie veteris de Meigonfrio.*

Assim se denominava então a velha albergaria, nucleo d'*Albergaria Velha*, hoje villa e séde de concelho.

Não se confunda com a outra albergaria e *behetria* que houve tambem *in illo tempore* na villa e concelho pe Mesãofrio, hoje comarca da Regoa.

V. *Mesãofrio*, tomo 5.º pag. 196, col. 2.ª e *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 766, col. 2.ª tambem.

V. Tambem *Marnel* no tomo 5.º pag. 88, col. 2.ª *in fine*, e *Mesãofrio*, pag. 198.

[1] Parece que no dicto local existiu algum *dolmen*.

[2] V. *Romariz*, parochia do concelho da Feira, tomo 8.º pag. 242, col. 2.ª

A *carta de couto* diz textualmente:

«...*deinda ad Romariz, et deinde de alis partibus ad terminum de Vaga*...»

Era muito grande o tal couto, porque Romariz dista da Villa da Feira 11 kilometros para N. E.—e cerca de 20 kilometros da freguezia de *Ossella* para N. N. O.—Comprehendia pois grande parte dos actuaes concelhos da *Feira, Oliveira d'Azemeis* e *Albergaria Velha*?!...

[3] Parece que havia ali um sobreiro que ficou servindo de *marco*,—e talvez que tomasse d'elle o nome a aldeia actual do *Sobreiro*, pertencente á freguezia d'Albergaria Velha e distante da villa cerca de 3 kilometros para O.

teis a Godinho Viegas[1] e pela *albergaria* que nós os dois combinámos fundar no dicto couto sobre a estrada publica; pelas nossas almas e dos nossos maiores.

O 1.º albergueiro será *Gonçalo de Christo* e por morte d'elle vós nomeareis outros e lhes dareis para seu sustento e da albergaria *uma parte da mesma herdade*, s.—desde a primeira lagôa dos *Sovereiros* pela estrada que vae para Ossella em direcção ao rio d'este nome até o mesmo rio; d'ali pela lagôa ate á primeira *Mamoa*,[2] que está junto da estrada, até á *Fonte Fria*; depois pela outra parte do termo de *Val Maior* eu e tu e nossos successores lhes damos o terreno comprehendido na linha que vae para o nascente por cima da *Petra Cava* em direcção á primeira fonte a jusante da estrada e d'ali á *Fonte Fria*, mencionada supra.

—

«Além d'isto concedo ao albergueiro os privilegios seguintes: Se alguem o ferir, pagar-lhe-ha 500 soldos; e elle não pagará contribuição alguma em todo o meu reino a mim nem a concelho algum.

E a tua villa de Ossella será *honra*...—e aquelle que n'ella commetter algum delicto será obrigado a pagar-te as sommas correspondentes *per forum Vaugam* (segundo o foral ou *foros*, usos e costumes de *Vouga*.[3]

.....

«*Et omnes homines Vavguenses* (todos os *homens* ou auctoridades do concelho de *Vouga*) *qui cautum istum honoraverint*—que honrarem este conto, i. é.—que protegerem e beneficiarem a mencionada albergaria, terão jus a todos os beneficios d'ella.

D. Hugo, bispo do Porto, confirma.

Foi feita esta *carta de couto* na terra (villa) de *Santa Maria*, denominada *Feira*, no mez de novembro, era MCLV (anno 1117). Eu a infanta D. Thereza, Rainha de Portugal.....

Regina Dona Tarasia Regina.[1]

---

[1] Na freguezia de Val Maior ha uma aldeia com o nome de *Açores* e outra com o de *Gavião*. Talvez que estes nomes provenham do *açor* e do *gavião* mencionados pela rainha D. Thereza, mesmo porque a freguezia de *Vál Máior*, já existia *in illo tempore*, pois na dita *carta de couto* se toma como balisa, em quanto que a de *Albergaria Velha*, hoje villa, séde de concelho e de julgado municipal, é muito mais nova; provem da *albergaria* fundada em 1117—e foi erecta no termo da freguezia de *Val Maior*, cujo parocho ainda em 1834 era o de *Albergaria Velha*, onde apresentava um cura ou parocho amovivel.

[2] Outro *dolmen*!...

[3] Do exposto se infere que já *in illo tempore* (1117) Vouga era um concelho notavel e *antigo*, porque os *fóros* (usos e costumes) para terem força de lei demandavam diuturnidade de tempo, taes eram os fóros de Beja, Guarda, Gravão, Torres Novas, Castello Bom, Castello Rodrigo, Castello Melhor, Alfaiates, Santarem, S. Mariinho de Mouros, etc.

Effectivamente o concelho do Vouga já existia no reinado de D. Affonso VI de Leão, pae da Rainha D. Thereza (1:072—1:109) pois Alexandre Herculano dá noticia de uma demanda *in illo tempore* entre Lorvão e Vaccariça, dizendo:

«Entre os inquiridores que o conde (de Coimbra) Fernando mandou examinar e resolver o negocio foram *Atan* (Haitham) *juiz do Vouga*, e o *arcediago* Zoleima.»

Hist. de Port. tomo 3.º pag. 428, *in fine*.

Do exposto se vê que tambem já pelos annos de 1072 a villa de Vouga era *arcediagado* da Sé de Coimbra, dignidade que ainda hoje (1888) lá se conserva,—embora nominal, em quanto que outr'ora o dicto arcediago era o parocho proprio da egreja de *Santa Maria de Lamas do Vouga* ou do *Marnel*, onde tinha residencia e passaes; e recebia dizimos e pensões não só d'aquella freguezia, mas d'outras circumvisinhas, até á extincção dos dizimos em 1834.

Hoje—1888—tem o titulo de *arcediago do Vouga* o rev. Antonio José da Silva, actual vice-reitor do seminario episcopal de Coimbra.

[1] Do exposto se vê que já em 1117 a capital das *Terras de Santa Maria* se denominava *Feira*, hoje *Villa da Feira*.

V. *Feira*, tomo 3.º pag. 153, col. 2.ª

Tambem do mesmo documento se vê que ainda não existiam os concelhos d'Ovar, nem de Albergaria Velha, nem de Oliveira

—

«E para que isto com o tempo não offereça duvidas e para que a dicta carta se não perca em detrimento da mencionada albergaria, nós a fizemos publicar perante homens de toda a consideração e, depois de timbrada com o sello das nossas armas, a mandámos guardar no thesouro d'esta cathedral de Coimbra,

«E eu Gonçalo Mendes, tabellião publico da curia episcopal de Coimbra, assisti á publicação da dicta carta, examinei-a, copiei-a fielmente e, depois de a reduzir a publica fôrma, a assignei e firmei com o meu signal publico. Egreja de *Santa Maria de Lamas*, *XIII kal. Maii*, Era de 1296 (18 d'Abril de 1258). *Lugar do signal publico.* Lugar do sello pendente.»

Cart. do Mosteiro de S. Bento da Ave Maria do Porto, Pergaminho n.º 167.

Este mesmo documento se acha em *Carta Regia* de confirmação com data de abril da era 1212 (anno de 1174) a Mendo Fernandes, neto de Gonçalo Eriz, no *Cartorio da Fazenda* da Universidade.

—

Do exposto [se] vê que já em 1258 esta freguezia se denominava:—*Santa Maria de Lamas* (hoje Nossa Senhora da Assumpção). Parece pois que já então tinha a sua séde no povo de *Lamas*. Isto leva a duvidar de que anteriormente esteve no sitio do *Marnel*, como diz a tradição e affirmam ainda hoje os homens mais illustrados da localidade; note-se porem que *Lamas* e *Marnel* são synonimos.

—

Eis ahi na sua integra a *carta de couto* dada pela rainha D. Thereza á villa de *Ossella*,—documento interessante e auctorisado por João Pedro Ribeiro.

Alguem pretende que a dicta carta se refere — não á freguezia de *Ossella*, mas unicamente á velha albergaria, nucleo de *Albergaria Velha*,—e que a séde do couto era a villa (*casa de campo*) hoje denominada *Assilhó* e antigamente *Osselôa*, pertencente á freguezia de Albergaria Velha e distante da villa actual apenas 1 kilometro para S. Corroboram isto com a denominação de *paço*, que ainda hoje tem uma casa obscura da dicta aldeia, suppondo que ali morou Gonçalo Eriz e talvez tambem algum tempo a rainha D. Thereza.

Tambem dizem que o mencionado couto se restringia a uma quinta, que foi patrimonio da velha Albergaria.

A isto se reduz a opinião de um illustrado filho da localidade e muito conhecedor d'ella; mas nós estamos convencido de que a séde do couto foi a parochia de *Ossella*, na margem esquerda do Caima, distante de Oliveira d'Azemeis cerca de 8 kilometros para E. S. E., fundados nas rasões seguintes:

1.ª—Porque nas demarcações do couto menciona-se claramente do lado norte *Romariz*, que julgamos ser a freguezia actual d'este nome, distante da Villa da Feira, a cujo concelho pertence, 8 kilometros para E. N. E.—e cerca de 20 de *Ossella*, para N.

2.ª—Porque a dicta carta de couto, depois de indicar a freguezia de *Romariz* como termo do couto, diz que elle tinha *outro tanto* para o sul e poente, — *alind tantum ad Affricam et occidentem.* Ora, estando como está *Romariz* cerca de 35 kilometros a N. de Albergaria Velha ou de *Assilhó*, se fosse esta aldeia a séde do couto, elle passaria o Vouga e se estenderia para o sul, aproximadamente até *Oliveira do Bairro*?!...

Tudo porém se harmonisa, logo que tomemos como séde do couto a freguezia de *Ossella*, porque demora aproximadamente a meia distancia entre *Romariz* e Albergaria Velha na linha norte-sul.

—

3.ª—Porque na dicta *carta do couto* se mencionam claramente *Romariz* e *Ossella*,

---

d'Azemeis. Todo o territorio desde a margem esquerda do Douro até muito além da margem esquerda do Vouga pertencia aos concelhos da Feira e do Vouga *in illo tempore.*

—e no concelho d'Albergaria Velha não ha nem consta que houvesse jamais povoação alguma denominada *Romariz*.

Ao sul do Douro apenas temos aquella *Romariz*—e *Romariz d'Alem* e *Romariz d'Aquem*, povoações da freguezia do Burgo, no concelho d'Arouca, junto da villa d'este nome, distantes de Ossella mais de 20 kilometros para N. E. mettendo-se de permeio muitas serras, montes e rios que o foral (*carta de couto*) não menciona.

Não menciona mesmo terras algumas ao nascente da villa de *Ossella*, mas só a N., S. e O.,—o que nos leva a crer que a *villa de Ossella*, freguezia antiquissima (outr'ora *cidade* com *presidio romano?*) então residencia de Gonçalo Eriz, já era bem conhecida e talvez *honrada* e *coutada*, — e que a rainha D. Thereza apenas a ampliou addiccionando-lhe o grande couto para N. S. e O.

V. *Ossella* n'este diccionario e no supplemento—e a 3.ª parte d'este artigo *Vouga, in fine*.

4.ª—Porque não deve aterrar-nos a grandeza do dicto couto, attendendo ao estado lastimoso em que ao tempo deviam achar-se as terras que comprehendia. Talvez contasse 35 kilometros de norte a sul e 20 de nascente a poente; mas foi ainda maior o condado (ouvidoria) da Feira — e com as aturadas luctas entre os mouros e christãos, depois das luctas dos romanos com os suevos e godos e d'estes uns contra os outros, as terras entre o Douro e o Mondego soffreram muito e em 1117 deviam estar ainda em grande parte *incultas e despovoadas!...*

—

5.ª—Porque na dita carta se mencionam distinctamente os termos do *grande couto*—e depois os da *quinta, patrimonio da Albergária*.

A mencionada quinta foi bem conhecida até 1834. Tinha de diametro cerca de 3 kilometros e em toda a circumferencia marcos de granito. Foi dividida em muitas glebas, as quaes todas pagavam *oitávos* para sustento da albergaria, que esteve aberta e teve administração propria até 1834; fechou-se porém n'esta data, porque a pretexto de se haverem extinguido os *oitávos* com a extincção dos dizimos, os que possuiam as terras obrigadas aos *oitávos*, não mais os pagaram,—fizeram desapparecer os tombos e documentos—e foram arrancando os marcos da quinta para maior *limpeza e tranquillidade* das suas consciencias?!...

O mesmo succedeu a outras albergarias, nomeadamente á do *Molledo*, na freguezia de Penajoia.

V. *Molledo*, tomo V, pag. 373,—e *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

Desculpem-nos a digressão.

—

Parece que a villa de Vouga teve armas proprias, mas o sr. Vilhena Barbosa não as menciona—e o codice n.º 273 da *Bibliotheca publica do Porto*, dando aliás muitos brazões de villas nossas alem dos que o sr. V. Barbosa menciona, com relação á villa de Vouga apenas dá o contorno do brasão e o texto seguinte:—«D. Manoel deu foral a esta villa. Tem no termo os lugares de *Arrancada* e *Macinhata* que são mayores que a villa que tomou o nome do rio Vouga.»

O auctor do dicto codice é anonymo e deixou-o incompleto e sem data, mas a lettra é do sec. XVII.

V. o catalogo dos manuscriptos da Bibl. do Porto, relativo a este anno de 1888.

PARTE 3.ª

A cidade romana

VACCA

Na opinião de varios auctores, a villa de Vouga foi a antiga cidade romana *Vacca*; outros a situam em *Viseu*; outros perto de

Miranda do Douro,—e outros junto dos Pireneus?!...[1]

E' pois muito nebuloso este topico e não sabemos quando se fará luz que dissipe completamente as trevas em que jaz.

O dr. Manoel Botelho Ribeiro Pereira, notavel escriptor e antiquario visiense,[2] pugnando *pro domo sua*, tractou a questão como ninguem até hoje, sustentando que Viseu é a legitima representante da cidade romana *Vacca*. Não transcrevemos aquelle topico dos seus *Dialogos*, porque é muito extenso e só elle daria talvez 2 fasciculos! Ardendo em zelo pelas glorias da sua terra natal, insurge-se contra os que sustentam opinião opposta, nomeadamente contra o distinctissimo geographo Gaspar Barreiros, tambem filho de Viseu e seu parente,[3] por dizer que a séde de *Vacca* foi a villa de Vouga; mas o sabio conego Berardo, tambem visiense,[4] despresa a opinião dos que situam *Vacca* tanto em *Viseu*, como na villa de *Vouga* e mostra-se disposto a crer que ella esteve *junto dos Pireneus*.[5]

—

D. Jeronymo Contador d'Argote falla muito dos povos *vacceos*, como povos muito importantes, repetidas vezes mencionados por Strabão, Ptolomeu e Plinio, sendo todos concordes em dizer que elles demoravam junto das nascentes do Douro, aproximadamente desde Zamora até Freixo de Espada á Cinta.

Argote diz que os *vacceos* confinavam com os *astures*, tendo por linha divisoria o rio *Esla*.

Strabão no livro 3.º pag. 152 e 162 diz o mesmo e são d'elle estas palavras: «... *inde vetones et vaccei, per quos Durius labitur, ad Contiam urbem vacceorum transitum faciens.*

Em vulgar: «ali começa a região do *vetones* e *vacceos*, por entre os quaes segue o Douro até *Concia*, (Miranda do Douro) cidade dos *vacceos*.»

Tambem eram cidades d'elles as seguintes:

—*Intercacia*, distante 15 legoas d'Astorga, no caminho de Valhadolid, perto de *Cauca* e de *Palença*;[1]

—*Sentica*, hoje talvez *Zamora*;

—*Sarabris*, hoje talvez *Toro*;

—*Pincia*, hoje Valhadolid;

—*Rauda*, hoje talvez *Aranda*, no caminho de Astorga para Saragoça, por Cantabria.

Elles confinavam com os *arevacos* e *astures*, ou asturianos.

Demoravam pois nas margens e nascentes do *Douro*, não do *Vouga*.

V. *Memorias d'Argote*, tomo 1.º pag. 150, 160, 198, 442, 443, 444, 446, 447, 451 e 452.

E' isto o que diz e prova *muito bem* o sabio academico Argote; mas é tambem de grande peso a opinião de Gaspar Barreiros: —*que a cidade Vacca esteve junto da ponte do Vouga*,—opinião que seguiu e sustentou com muita erudição em um dos seus artigos *Oppida restituta* o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa (5.ª serie, n.º 6—1885) da qual é bibliothecario.

Aquelle interessante artigo veiu dar uma nova face á questão e é textualmente o seguinte:

VACUA

(*Cabeço de Vouga*)

I

«Informa o fidedigno Gaspar Barreiros que n'um codice da *Historia Natural* de Plinio se encontra menção d'um oppidum

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1690 (tit. *Cava de Viriato*) col. 2.ª e segg.—nomeadamente pag. 1693 (nota) 1695, 1714 e 1715.

[2] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1805, col. 1.ª

[3] V. *Viseu*. tomo 11.º pag. 1803, col. 3.ª

[4] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1815. col. 2.ª e segg.

[5] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1715, col. 1.ª

---

[1] *Pallencia*, hoje *Palença*, foi tambem cidade dos *vacceos* no tempo de Plinio, mas no tempo da Hespanha primitiva pertencia aos *arevacos*.

Memorias d'Argote, tomo 1.º pag. 76 e 443.

lusitano denominado *Vacca*. Exprime-se do modo seguinte o notavel archeologo:

«em hum archetypo Toletano sta scripto da maneira que dixe. s *flumen Vacca, oppidum Vacca, oppidum Talabrica*, etc. A qual liçam Fernando Pintiano cõmendador de Salamanca cita nas suas castigações Plinianas.»[1]

Parece ser aquelle o unico codice da obra de Plinio em que se encontra noticia do *oppidum Vacca*, pois não vi ainda nas variantes de edição alguma, por mais completa, apontada esta particularidade; e isto póde levar a concluir o serem aquellas palavras uma intercalação de copista. Despresar, porem, sem exame aquella versão do alludido codice, simplesmente por ser *unica*, é grave erro de quem olha as coisas superficialmente e não tem aptidão para os estudos archeologicos. Demais, outros escriptores antigos mencionaram a povoação de que se trata, como se verá, e a sua posição é facil de determinar.

Antes de proseguir, direi que a verdadeira fórma do nome é *Vacua* e não *Vacca* nem *Vagia*, como se encontra em exemplares de Plinio e nos restantes auctores latinos. Aquella verdadeira fórma, designando o rio *Ovaxova*[2] (em grego), é comprovada pela que apparece nos documentos medievos, do IX ou XII seculo, *Vauga* e *Vouga*,[3] d'onde a forma moderna *Vouga*. O termo parece de origem celta, como nota o meu amigo Adolpho Coelho,[4] devendo com elle comparar-se nomes analogos, que se têem lido em inscripções e que se encontram na obra de Cesar.

Posto isto, e advertindo que apenas nas transcripções empregaria fórma incorrecta, vou apontar quaes as noticias que nos restam assim ácerca da povoação como do rio seu homonymo.

---

[1] G. Barreiros, *Chorog.* p. 51.
[2] Strab, III, 3; 4.
[3] *Port. Mon. Hist.*, *Dipl. et Chart.*, doc. XII de 897.
[4] Ad. Coelho, *Sur la forme de quelques noms geographiques de la peninsule Iberique*, Melanges Gaux, 1882.

II

«N'um pequeno tratado cosmographico, que não tem merecido grandes attenções, e que por muito tempo foi attribuido a Aethico, vem mencionado um oppidum *Vacca*.

Lê-se na apontada obra: «*occeanus occidentalis habet famosa oppida: Bracura, Lasura, Augusta, Vacca, Celtiberia, Caesarea Augusta, Tarracona*...[1]» E' evidente quanta corrupção ha n'este texto. Entendo todavia que não offerece difficuldades a sua reconstituição.

Parece á primeira vista que o auctor attribue ao occeano occidental as sete cidades que ficam transcriptas; mas não é, não póde de modo algum ser essa a intelligencia verdadeira d'aquella passagem. Creio que a interpretação racional d'ella é do seguinte modo:—«*occeanus* occidentalis habet famosa oppida: Bracara, Lucus Augusti, Vacca; Celtiberia (habet famosa oppida:) Caesarea Augusta, Tarracona...» Isto não só porque de maneira nenhuma caberia referir ao occeano occidental as duas ultimas povoações que pertenciam á Celtiberia, e por conseguinte ao mar interior, senão tambem porque a palavra Celtiberia não tem caracter de nome de povoação, sabendo-se muito pelo contrario que ella designava uma região do oriente da peninsula.

A duvida que resta é sobre o terceiro oppidum do occeano occidental.

Era a mesma cidade mencionada no codice pliniano de Toledo, ou era uma povoação dos *Vacceus?*

Não me parece que se possa defender a segunda hypothese, porque, comquanto n'esse caso o oppidum estivesse na bacia do um rio tributario do occeano Atlantico, ficaria muito no interior para dever contar-se entre as cidades occidentaes como Bracara e Lucus Augusti. Não caberia tambem mencional-a a ella só, como cidade dos *Vac-*

---

[1] *Cosmographia olim Aetici dicta*, col. Riese Heibronnae, 1878, p. 80

ceus, quando se não fallava de Palancia, a principal das povoações d'aquelle povo.[1] Alem d'isso a homonymia chama para a margem do rio *Vacua* a povoação, e não ha a mais leve duvida de que este rio é o que hoje se chama Vouga.

—

«A falta d'ordem geographica na menção das tres cidades occidentaes não deve tambem servir de argumento em contrario; por que o auctor seguiria quanto a ellas a ordem da importancia das terras, e sabe-se effectivamente que *Bracara* era mais importante que *Lucus Augusti*, cabendo só depois d'esta o fallar de *Vacua*. E' pois de rasão o considerar identicos o oppidum de Plinio e o da cosmographia anonyma.

Um escriptor hespanhol do seculo v, Paulo Orosio, traz o nome de *Baccia* attribuido a uma cidade da Lusitania, ao fallar das luctas dos corajosos habitantes d'esta região com os romanos.

Diz o escriptor christão: «*Igitur Fabius consul contra Lusitanos & Viriatum dimicans Bacciam oppidum, quod Viriatus obsidebat...*[2]» Esta povoação é sem duvida a mesma de que tenho fallado. Em primeiro logar, o nome *Baccia* approxima-se muito e naturalmente da forma *Vagia* que vimos achar-se em Plinio, sendo desnecessario apontar as rasões que determinam esta identificação. Em segundo logar os successos de que Orosio se occupa n'aquelle ponto da sua historia tiveram por theatro o occidente da peninsula.

.....

III

«A situação de *Vacua*, segundo Gaspar Barreiros, é a «*Ponte de Vouga*. s. *Põte de Vacca*, nam por causa do rio se nam por causa do nome do logar, como dizemos *Põte do Arcebispo* ou *Ponte d'Alcantara*.»

Conforme diz Carvalho da Costa «He tradição, que no cabeço de Vouga esteve antigamente huma Cidade chamada *Vacca*, & ainda hoje se acham tijolos, & pedras lavradas, & outros vestigios de edificios. N'elle está agora huma Ermida do Espirito Santo.»[1]

Não se póde em verdade afastar o antigo oppidum da actual villa de Vouga, considerando ter existido no monte da ermida do Espirito Santo, ou *Cabeço do Vouga*, a cavalleiro d'esta terra. Restos da antiga povoação por um lado, por outra o proprio nome, confirmam a identificação: *Vouga Vauga*, metathese da *Vagua* (Vacua); com que se deve comparar a fórma popular *auga* por *agua*; *anauga* por *anagua*, *èuga* por *égua*, *léuga* por *legua*, *réuga* em vez de *régua*, etc.[2]

Se Vouga durante algum tempo mereceu o cognome de *famosa* ou ao menos o de *notavel*, cedo perdeu o esplendor. Foi porventura estação do itinerario entre *Eminio* e *Lancobriga*; mas em breve foi supplantada e substituida pela sua visinha *Talabriga*, que se engrandeceu facilmente, e com rasão pela sua mais vantajosa posição á beira-mar, o que lhe proporcionava o desenvolvimento da industria e do commercio; a industria da pesca e do sal; o commercio d'estes dois productos e de outros que recebia e armazenava.»

—

Respeitamos muito a opinião do sr. Borges de Figueiredo e não queremos impugnal-a; suppomos porem que não disse a ultima palavra sobre o assumpto;

1.º—Porque o mesmo sr. Figueiredo mostrou repugnancia em acceitar a lição de um codice de Plinio differente da lição de *todos os outros codices do mencionado geographo;*

---

[1] Appiano, VI, 74.
[2] Orosio, *His.*, V. 2.

[1] *Chorog: port.* II, p. 161.
[2] Ad. Coelho, *op; cit.*

2.º—Porque o mesmo sr. Figueiredo diz que *não tem merecido grandes attenções* o pequeno tractado cosmographico anonymo, attribuido a Aetico;

3.º—Porque temos difficuldade em crer que a *Baugia* de Paulo Orosio fosse o pretendido oppidum *Vacca* da villa de Vouga.

4.º—Porque até hoje (que nós saibamos) ninguem ali encontrou cippos ou lapides com inscripções, muralhas, torres, estatuas, ou quaesquer outros vestigios da *famosa cidade romana*. Apenas o padre Carvalho (?) indica umas bagatellas.

5.º—Porque a posição geographica e estrategica da villa e monte do Vouga é relativa á estrada que atravessa ali a ponte, mas essa estrada, como geralmente se diz, *foi feita pelos mouros* em substituição da velha estrada romana *que seguia pelo littoral*, muito mais ao poente. Logo a dicta cidade no tempo dos romanos era uma cidade sertaneja: não podia ser *estação* ou *castro* do roteiro de Antonino — nem n'elle se encontra como tal nas rectificações de Parthy e Pinder.

6.º — Porque os *vacceos*, como dizem o dr. Manoel Botelho Ribeiro e outros, tomaram o nome da *famosa* cidade romana *Vacca*,—e elles demoravam *muito longe do Vouga*, como já dissemos supra e diz tambem o sabio Fr. Felippe de la Gandra nas *Armas y Triumphos de Gallicia*:

»Os *vaceos*, hoje *campesinos*, tinham por capital *Pallencia* e soffreram tambem cruel assedio durante a guerra de Numancia.

Palencia era já então cidade importante e tanto que, apesar do cerco, os romanos commandados por Luculo tiveram de retirar, sendo perseguidos pelos palentinos até ás margens do Douro.

Passados 2 annos foi Palencia outra vez sitiada por Marco Emilio Lepido consul, e outra vez os romanos tiveram de levantar o cerco.»

Op. cit. supra, pag. 19 e 20.

—

O sr. Borges de Figueiredo podia tambem citar em favor da sua opinião o *Mappa* de Abrahão Ortelio que s. ex.ª na *Memoria* sobre *Eminium* citára *com muito louvor* pouco antes,[1] pois no dicto *Mappa* se encontra o pretendido oppidum, junto da villa de Vouga; mas teria tambem pouca força tal argumento, porque, segundo diz Argote, fallando do *Juliobriga*, cidade romana congenere, *Ortelio... não tem auctoridade em materia tão antiga*.[2]

E que vemos nós no dicto *Mappa*?

Situa bem *Conimbrica*, hoje Condeixa Velha,—e *Eminium*, a Coimbra actual, mas foi muito infeliz em outros pontos. Situa, por exemplo, *Bracara Augusta* em Barcellos, na margem direita do Cavado; o Lima no seu local proprio, entre o Minho e o Cavado,— e o *Forum Limicorum*, (Ponte de Lima) aproximadamente em Santa Martha de Penaguião, no districto de Villa Real de Traz os Montes; *Lameca* (Lamego) na margem *direita* do Douro, ao *poente* de Baião e não longe da foz do Tamega; dá o rio Vouga como affluente do Agueda e põe a famosa *Vacca* a *jusante* da confluencia dos dois rios, na margem *direita* do Vouga, etc. etc.

—

Tambem o sr. B. de Figueiredo podia citar o *Mappa Breve da Lusitania Antiga* do Padre Francisco do Nascimento Silveira, auctor do *Côro das Musas*, etc. pois no § XLII da *Taboa* III, pag. 239, diz textualmente:

«*Vacca*. Foi cidade antiga da Lusitania, e existio em hum sitio alto, e forte por natureza, entre as pontes do *Vouga* e *Marnel*; porque ali se vem *vestigios de muros antigos, e signaes de huma magestosa grandeza*...—Julga-se, que destruida *Vacca*, se deo ás suas ruinas o nome de *Marnel*, que conserva até o presente...»

---

[1] V. *Oppida restitula* no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 7.ª serie, n.º 2—1884.

[2] *Mem. de Braga*, tomo 1.º, pag. 392, n.º 643,—e pag. 394, n.º 645.

Apoia se em Fr. Bernardo de Brito, que na *Monarchia Lusit.* Parte II, l. V, cap. 1.º fl. 2, v. diz effectivamente quasi o mesmo e dá uma inscripção *encontrada por elle* (?!...) no valle de Ossella em o muro de um campo, a qual, se não é fantasia do auctor, parece resolver o problema!...

A dicta inscripção, n.º 278, do *Portugalae inscriptiones*, é a seguinte:

IMP. CAES. D. AVG. INTER
DIV. REL. COHOR. PRAESID.
VACE. OCCEL. LANCO. CALEN
AEM. LEG. X. FRETENS
EIUS. NVM. SPECTACVLA
ET LVD. GLADIAT. E. V.
VRBES LVSIT. L. A.
EXP. ET. HECATOMB. D. D.[1]

Em vulgar: «As capitanias da legião decima, chamada *Freteuse*, que estavam de presidio em Vouga (*Vacca*) em Ossella, na Feira, no Porto, e em Agueda,[2] por voto particular celebrarão spectaculos, e jogos de gladiadores á divindade do imperador Cesar Augusto, contado já no numero dos Deoses» e as cidades da Lusitania acima nomeadas fizerão os gastos d'estas festas, e celebrarão Hecatombas com grande liberalidade.»

Em seguida faz muito judiciosas considerações sobre a dicta lapide e aponta outra que achou entre Albergaria Velha e o Pinheiro (da Bemposta?) no monte denominado *Castello de S. Gião*, onde viu restos de muros e fortificações e uma pedra, na qual apenas (diz elle) pôde ler o seguinte:

:::: COS. VI. ::::
:::: P. IX. P. F. ::::
:::: VAC. XII. P. M.

Suppõe ser fragmento de um marco milliar, onde esteve o nome de um imperador que foi *consul seis vezes e que teve o poder tribunicio nove vezes*. Tambem lhe davam os titulos de *piedoso* e *afortunado*, accrescentando que *d'ali á cidade de Vacca* (presidio romano, como diz a outra inscripção) *havia a distancia de doze mil passos*, «os quaes se achão ao justo nas 3 legoas que ha de hua parte á outra»—diz o mesmo Fr. Bernardo de Brito, continuando a fazer muito sensatas considerações sobre as duas lapides, até o fim do mencionado capitulo.

Lamentamos profundamente o desprestigio de tão illustrado auctor. Se tivesse a auctoridade de Herculano ou de João Pedro Ribeiro, *estava morta a questão*, mas infelizmente demanda *grande desconto* o que diz Fr. Bernardo de Brito!...[1]

—

O assumpto é nebuloso e vasto e não podemos dar-lhe mais desenvolvimento em um simples topico. Terminaremos dizendo que, assim como houve na peninsula differentes cidades romanas com o mesmo nome, talvez houvesse tambem com o mesmo nome de *Vacca* differentes cidades em pontos distantes.

---

[1] Esta mesma inscripção, *forjada ou descoberta por Fr. Bernardo de Brito*, foi aproveitada pelo seu contemporaneo e *correligionario* Manoel de Faria e Sousa na *Europa Portugueza*, tomo 1.º pag. 250. sem dizer como houve *tal preciosidade*, pois adoptou o systema de não se incommodar com citações, caminhando ávante estribado na *auctoridade propria*.

Fr. Bernardo de Brito era mais modesto, porque ordinariamente se apegava ao bordão do *seu Laimundo*.

A' mesma inscripção se referiu tambem posteriormente Jeronymo Soares Barbosa no *Epitome da Hist. da Lusit.* cap. 6.º

[2] Fr. Bernardo de Brito traduzia *Eminium* por Agueda, mas está hoje demonstrado que *Eminium* é a Coimbra actual, em virtude de uma inscripção encontrada em Coimbra recentemente, a qual se refere a *Eminium* como situada ali.

V. *Coimbra* n'este diccion. e no supplemento.

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1570, col. 1.ª— e 1682, col. 1.ª tambem.

—

Aos ex.mos srs. drs. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe, e José Correia de Miranda, d'Alquerubim, agradeço os apontamentos que se dignaram enviar-me.

VOUZELLA — quinta da freguezia de S. Miguel da villa e concelho de Penella, districto de Coimbra.

Vê-se de Penella;—dista cerca de 5 kilometros da villa para S. E.—e foi propriedade e residencia de Bartholomeu d'Almeida Mexia, um dos homens da *governança*, vereador mais velho da villa de Penella, servindo de juiz de fóra, no anno de 1717 e, sendo capitão de ordenanças, morreu na dita quinta em 1737.[1]

Em 1828 pertencia ao desembargador José Maria Mendonça d'Almeida Barbarino,[2] que teve a satisfação de ver tres dos seus filhos formados em direito e despachados juizes de fóra.

Um outro seu filho — Antonio Maria de Mendonça e Sousa d'Almeida Barbarino, sendo alferes de infanteria n.º 11, casou no Rio de Janeiro com D. Maria Peregrina de Figueiredo, natural de Lisboa, em 25 d'agosto de 1818.[1]

A 11 de fevereiro de 1831 seguiu viagem para Cacheu na charrua *Orestes*, para cumprir a pena de seis annos de degredo, em que fôra condemnado *por ser achado escondido no convento de Jesus e ter roubado um coto de cera.*[2]

—

Seus paes, o referido desembargador e mulher—D. Marianna Emilia Ludovina Leal de Seixas Cardoso — o desherdaram e desnaturalisaram da familia e a toda a sua descendencia, em escriptura feita no anno de 1827, confirmada por outra em 1841,—*por se ter casado na tenra idade de dezesete annos sem licença nem consentimento de seus paes.*[3]

Francisco de Mendonça Mexia d'Almeida Barbarino e D. Maria Augusta de Mendonça Barbarino, filhos do desembargador, venderam a quinta de *Vouzella*, aproximadamente em 1860, a Antonio Lopes da Costa Braz, da freguezia do Avellar, concelho de Figueiró dos Vinhos. Actualmente pertence aos filhos e netos do mesmo Braz de Figueiró, representados por Francisco Simões, viuvo.

A mencionada quinta de *Vouzella* foi uma propriedade esplendida! Tinha boa casa de habitação, construida no actual seculo, boa mobilia, jardim, lagos, pomares, campos, vinhas, olivaes, etc. Hoje está em decadencia, mas ainda assim vale 4 a 5 contos de réis.

Vouzella é o nome vulgar e official d'esta quinta, mas o povo tambem a denomina *Bouzella* pela propensão que tem para trocar o *v* por *b*, como na provincia do Minho.

—

A cinco kilometros d'esta quinta de *Vouzella* para o sul, na pendente occidental da

---

[1] V. *Noticias de Penella*, pag. 66 e 118.

Este formoso e curioso livro foi publicado em 1884 pelo commendador Delfim José d'Oliveira, tenente coronel reformado, socio da *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, cavalheiro bastante illustrado e um dos filhos mais benemeritos da villa de Penella na actualidade.

O mesmo sr. publicou em 1886 um *Additamento* ás suas *Noticias de Penella*—e tem no prélo *Novo Additamento*.

Tambem s. ex.ª escreveu e se dignou offerecer-nos um interessante folio:—*Diario da Viagem de Lisboa a Tete (1859-1860) de Delfim José d'Oliveira*, — Diario que conservamos *ms.* e muito presamos, pois n'elle se encontram muito curiosas e conscienciosas noticias das nossas possessões africanas, onde militou, nomeadamente do districto de *Tete*, onde foi governador.

V. *Penella* n'este diccionario e no supplemento.

[2] *Noticias de Penella*, pag. 154.

[1] *Inventario da quinta de Vouzella*, 1845, existente no cartorio do escrivão Arnaut, em Penella.

[2] *Ibidem.*

[3] *Ibidem.*

cordilheira de S. João d'Alconchel, a montante da povoação das *Grosinas* e junto da ribeira d'este nome, se encontra a aldeia denominada *Bouçã*, pertencente á freguezia da Cumieira, concelho de Penella tambem. Mette-se de permeio entre a quinta de *Vouzella* e o povo de Bouçã a cordilheira d'Alconchel, que se prolonga de norte a sul e — *coincidencia notavel*—tambem se prolonga de norte a sul um monte que divide a ribeira de *Bouçã* da ribeira outr'ora denominada *Vouzella* ou *Bouzella* (hoje *Noudel* ou *Nodel*) as quaes desaguam na margem direita do Zezere, cerca de 15 kilometros a S. E. da *Bouçã* da Cumieira e 18 a 20 da quinta de *Vouzella* supra.

Logo fallaremos d'aquellas duas ribeiras.

—

Na dicta aldeia da *Bouçã* houve uma quinta do mesmo nome, pertencente a Manoel José Ferreira Tuna e hoje a diversas pessoas.

O *Tuna*, alto, corpulento e carpinteiro muito habil, foi o director da celebre *musica de Penella*, que se tornou notavel em 1828. Ainda hoje ali se falla na *musica do Tuna*.

O carpinteiro tocava um grande clarinete feito por elle proprio; José Dueça tocava fagote—e Manoel Joaquim, pintor (de Penella) tocava um enorme *zabumba*.

Por occasião das festas que na villa de Penella se fizeram em honra do sr. D. Miguel no dicto anno de 1828, a *musica do Tuna*, composta d'aquelles 3 *bravos miguelistas* somente, deu brado e attrahiu grande numero de pessoas do concelho de Penella e dos concelhos visinhos; mas ao passo que exultavam os miguelistas, choravam os liberaes de Penella, pois foram cruelmente perseguidos, sendo muitos presos e mettidos nas cadeias do Porto, Lamego, Almeida e S. Julião da Barra,—outros degredados — e a todos sequestrados os bens?!...

V. *Noticias de Penella*, titt. *Devassa* e *Pronuncia*, pag. 151 a 164.

Ao sr. Delfim José d'Oliveira agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

VOUZELLA—rio ou ribeiro confluente do Vouga e uma das suas nascentes.

Prova-se isto com o foral que D. Affonso III deu á villa e ao concelho d'Aguiar da Beira *no anno* de 1258, pois indicando o termo (demarcações) do dicto concelho diz:

«*Primo sicut incipit in Capita de Mouzaes: et inde*»..»

Em vulgar: [1] — «Principia no cabeço de *Mouzaes*; vae d'ali á portella do *Viso*, aguas vertentes para o rio de *Arados*,[2] limite de Caria e Sernancelhe; d'ali vae á fonte de *Paus;* depois segue pela ribeira dos *Açores* até o rio Tavora; depois segue pelo Tavora acima até o ribeiro que limita o concelho de Trancoso; segue depois até á Lagea de Garcia *pivida*, aguas vertentes para o termo de Carapito; d'ali vae ao Olho da Mó (*ad oculum de mola*); d'ali ao *Ninho do Corvo;* d'ali ao ribeiro de *Aon* (?) limite de Pena Verde; depois vae pela ribeira de *Aon* até o *Porto d'Aguiar*; d'ali até o cabeço do *Tojal*,[3] vae depois ao *Braceiro* (*Baraceyrum*); d'ali á *Pedra Furada*, limite de *Gulfar*;[4] d'ali ao ribeiro *dos Asnos* (*ad aquam de portu de azinis*); vae depois pela dicta ribeira até á

---

[1] Desculpem as heresias, já porque não é facil a traducção do latim barbaro d'aquelle tempo, já porque os nomes proprios das terras, montes e rios que o foral menciona devem ser hoje muito differentes — e nós não conhecemos a localidade.

[2] Banha os campos que ainda hoje se denominam *Lameira de Arados* e demoram a 4 kilometros da villa d'Aguiar da Beira, indo para Sernancelhe.

[3] Suppomos que o dicto cabeço demora junto da aldeia do *Tojal*, parochia de *Villa da Egreja*, concelho de Sattam, onde houve um convento de freiras, com a invocação de *Nossa Senhora da Oliva*, extincto.

V. *Tojal*, vol. 9.º pag. 587, col. 1.ª—e *Villa da Egreja*, tomo 11.º pag. 717, col, 2.ª

[4] A *Pedra Furada*, vulgo *Pedra do Nicho*, demora entre o concelho d'Aguiar da Beira e o de *Sattam*, que hoje comprehende os de *Gulfar* e *Ferreira d'Aves*, extinctos.

V. *Gulfar*, tomo 3.º pag. 270, col. 2.ª—e *Villa da Egreja*, tomo 11.º pag. 717, col. 2.ª tambem.

de *Vouzella*, na qual morre (*deinde quomodv intrat ipsa aqua in Vouzela*); depois vae pelo alto da portella que está sobre a aldeia do *Pinheiro*, aguas vertentes para o rio *Vouga;* d'ali á *Pedra Frieira*, limite de Ferreira d'Aves;[1]—d'ali vae até o Vouga; depois segue rio acima até á fonte, onde nasce o rio Vouga,[2] na extrema do concelho de Caria; segue depois finalmente até o cabeço de *Mouzaes*, onde principiou a demarcação.»

V. *Portug. Monumenta, l. Foralia*, pag. 687, onde se encontra na sua integra o foral em questão.

—

Do exposto se vê que o concelho de *Aguiar da Beira* ainda hoje tem a mesma circumscripção que tinha em 1258. Nada recebeu nem perdeu, porque os concelhos então limitrophes: — *Gulfar* e *Ferreira d'Aves*—foram unidos ao de *Sattam*, — e o de *Caria* ao de *Sernancelhe*.

A ribeira que o foral denomina *Vouzela* (sic) denomina-se hoje *Brazella*. Nasce junto de *Vallagão* e da *Pedra Frieira*;—banha a parochia de Santo Antonio do Pinheiro—e desagua no Vouga, junto do convento de *Ferreira d'Aves*.

Ao reverendissimo sr. João Antonio Nunes, parocho da villa de Aguiar da Beira, agradeço as informações que se dignou enviar-me.

VOUZELLA ou BOUCELLA—ribeira confluente do Zezere no concelho de Figueiró dos Vinhos, segundo se lê no foral que D. Pedro Affonso, irmão de D. Sancho I e filho de D. Affonso Henriques, deu á mencionada villa de Figueiró no *anno* de 1204.

Demarcando o dicto concelho, diz elle:

«*In primo per foz de mazanas, et inde aas cabezas de ferro acuto*...»

Em vulgar:

«Principia na foz da ribeira de *Maçãs*; d'ali vae aos cabeços de *Ferro Agudo* (*de ferro acuto*) hoje serra e freguezia de *Aguda*; d'ali á cumieira dos montes de *nadavis* talvez *Nabaes*, hoje *Singraes;* depois segue a dicta cumiada por entre os ribeiros de *Bouçã e Boucella* ou *Vouzella*, até o Zezere; d'ali pelo Zezere até á ribeira d'Alge (*algia*) como vem da foz da de Maçãs, onde principiou a demarcação.»

Expliquemos isto d'alguma fórma, consoante a inspecção dos mappas, a leitura d'este foral e a dos foraes que o mesmo D. Pedro Affonso *in illo tempore* deu ás villas e concelhos limitrophes—*Arega* e *Pedrogam*, que eram tambem d'elle.

A ribeira d'Alje, de que já se fallou,[1] nasce na serra da Louzã, cerca de 5 kil. ao sul da villa; corre a S. S. O.; banha nas abas da serra a freguezia de Campello, no extremo N. do concelho de Figueiró dos Vinhos; cerca de 15 kil. a jusante passa 3 kil. a E. da freguezia de Avellar; volta depois para S.; passa 1 kil. a E. da freguezia de *Agúda*, nas abas da serra d'este nome,—e 4 kil. ao poente de Figueiró dos Vinhos; depois 2 kil. a E. de Maçãs de D. Maria; 2 kil. a jusante passa na foz da ribeira de *Maçãs;* descreve ali uma grande curva para E.; retoma a linha N. S.; passa 2 kil. a E. da villa de Arega e 5 kil. a jusante morre na m. d.

---

[1] A *Pedra Frieira*, ainda hoje assim denominada, demora effectivamente junto da povoação do *Pinheiro*, séde da parochia de Santo Antonio do Pinheiro, concelho de Aguiar da Beira, e distante d'esta villa 3 kilom.

V. *Pinheiro* (art. interessante) vol. 7.º pag. 49, col. 2.ª

[2] E' a *fonte* do sanctuario de Nossa Senhora da Lapa, que demora na freguezia de Quintella, outr'ora concelho de Caria e hoje de Sernancelhe.

V. *Lapa*, tomo 4.º pag. 49, col. 2.ª — *Quintella da Lapa*, tomo 8.º pag. 35, — e *Vouga* rio, supra.

[1] V. *Alje*, tomo 1.º pag. 126, col. 2.ª, e como rectificação note-se:

1.º—A dicta ribeira não pertence á Beira Alta, mas á Estremadura, porque está quasi toda no districto de Leiria.

2.º—Nasce muito longe da villa de Agùda.

do Zezere no sitio da *Foz d'Alje*, tendo de curso total cerca de 40 kilometros.

—

A ribeira de *Maçãs*, que alguem confunde com a d'Alje, atravessa as freguezias de *Maçãs de D. Maria*, á esquerda, e *Maçãs do Caminho*, á direita, as quaes tomaram o nome da dicta ribeira de *Maçãs*,[1] corre de poente a nascente (direcção geral) — e desagua na ribeira d'Alge (m. d.) no sitio que o foral denomina *Foz de Maçãs*, tendo de curso total cerca de 10 kilometros.

—

O termo da villa e concelho de Figueiró principiava pois na ribeira d'Alje,—no sitio da foz da ribeira de Maçãs; d'ali avançava pela dita ribeira de Maçãs alguns kil. para O. ou S. O.[2], depois seguia para N. até os taes cabeços de *Ferro Agudo*, hoje *serra de Aguda*, abundante jasigo de *ferro*, já explorado em parte, como logo provaremos; depois caminhava para E. pelos taes montes de *nadavis*, hoje *Singraes*, que limitam a N. e N. E. o concelho e Figueiró com o chão da freguezia de *Campello*, na qual se encontram as aldeias de *Singral Simeiro* e Singral Fundeiro nas abas do monte Singral, e as aldeias *d'Alje* e *Ponte Fundeira* nas margens da ribeira d'Alje, que ali tem ou teve pelo menos *duas pontes*, como revela a onomostica.

Depois caminhava para S. pelo alto do monte que corre por entre as ribeiras de *Bouçã*, a O.—e *Boucella* ou *Vouzella*, a E., —até entrar no Zezere.

O dicto monte limitava pois o concelho de Figueiró dos Vinhos a E.

Não sabemos como hoje se denomina a tal ribeira de *bauceela*, *Boucella* ou *Vouzella*.[1] A de *Bouçã* ainda tem o mesmo nome e na sua foz ha no Zezere a barca de *Bouçã*.

Fallemos agora dos jazigos de ferro da *Serra Aguda*:

—

Na freguezia de Arêga, no sitio e aldeia da Foz d'Alje, houve uma fabrica d'artilheria, como já disse o meu antecessor no artigo Arêga. Tambem Carvalho a mencionou como existente em 1708, e conservou-se até os fins do ultimo seculo, segundo se lê na

---

[1] Tambem *Maçãs de Caminho* tomou o seu cognome da antiga estrada de Santarem a Miranda do Corvo por Thomar, estrada que atravessa a dicta freguezia e serve de termo a O. no foral velho de Arega de 1201,—e a N. no foral velho de Pedrogam de 1206.

[2] É isto o que se deprehende do foral que o mesmo D. Pedro Affonso em 1201 deu á villa e concelho de Arega, — concelho que partia com o de Figueiró a *nascente* pela ribeira d'Alge—e a *norte* pela de Maçãs.

O termo do concelho d'Arega era o seguinte: «Primeiramente o cabeço de *Beras* (*beras*); depois seguia pela estrada publica (a tal de Santarem a Miranda do Corvo) até o cabeço de *are*... (o nome está incompleto); depois pela dicta estrada *até á ribeira de Maçãs*; depois pela ribeira de Maças até á ribeira d'*Alje* e por esta até o Zezere e Porto de Paio Perro (*ad portum pelagii perro*); d'ali até o *esmoludorio de madeira*(?) e d'ali pela mencionada via publica até o cabeço de *Beras*, onde principiou a demarcação.»

V. *Portug. Monum. l. Foralia*, pag. 517.

[1] Á ultima hora consta-me se chama *Nodel?!*...

Ha tambem junto da dicta ribeira uma povoação denominada *Nodeirinhos*, diminutivo de *Nodel*, pertencente á freguezia da Graça, concelho de Pedrogam. Temos tambem na freguezia de Bemfica, junto de Lisboa, a povooção de *Nodar* ou *Noudar*, — e assim se denominou tambem uma freguezia e villa do Alemtejo, hoje simples e pequena aldeia da freguezia e concelho de Barrancos.

V. *Nodar*, tomo 5.º pag. 102, col. 2.ª

Como ali se diz, *Nodar* vem do arabe *Nuadar*, bem como *Nuadel* ou *Nodel*. Suppomos, pois, que a dicta ribeira já era assim denominada pelos mouros e que prevaleceu o antigo nome ao de *Boucella* ou *Vouzella*, que se encontra no foral de 1204.

Tambem suppomos que tem a mesma etymologia a povoação de *Noêda*, pertencente á freguezia de Campanhan, junto do Porto.

Topographia Medica do sr. dr. A. A. da Costa Simões.[1]

«Da fabrica da Foz d'Alje (diz elle) chamada *Engenho de Machuca*, falla Carvalho; e consta por tradição que em 1760, por ordem do M. de Pombal, em uma noite, a um signal dado por foguetes, foram presos e mandados para o Ultramar 7 mestres fabricantes, escapando José Lavaxe por ser estrangeiro. Dizem que o fim era ensinarem a fabricação de ferro no Ultramar. As familias receberam uma pensão de 300 réis diarios até o fallecimento dos mesmos, excepto de um que fugiu do degredo: quanto a este o governo suspendeu a pensão á familia, mas não procedeu contra elle, signal de que não tinha commettido crime.

«José Lavaxe estabeleceu-se em Vendas de Maria, na estrada de Cabaços, freguezia de D. Maria.

«A fabrica ainda se conservou montada com todas as machinas e apparelhos por mais de 30 annos, como ainda a viram Julião Simões e Manoel Simões, octogenarios, do logar de *Moninhos Fundeiros*, com quem fallei em 1848.

»Hoje (1860) apenas restam paredes arruinadas, signaes de fornos, e a valla do escoamento das aguas.

«Ainda havia outra fabrica menor que produzia artigos de ferro fundido e forjado. Esta foi fechada em 1834.

»A mina de ferro para esta fabrica era a das *Barrancas*, proxima da povoação d'este nome e do *Alqueidão de Maçans*, que ficam na freguezia de Maçans de D. Maria.»

---

[1] *Topographia medica das cinco villas e Arega ou dos concelhos de Chão de Couce e Maçãs de D. Maria em 1848—com o respectivo mappa topographico e carta geologica, por A. A. da Costa Simões, — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860.*

É um livro muito curioso, muito interessante e muito digno de consultar-se com relação ao concelho de *Figueiró dos Vinhos* e d'elle faremos longo extracto no supplemento a este diccionario.

—

A *fabrica pequena* supra, onde se faziam pregos e outras peças para a artilheria e armadas reaes, etc., estava no termo da freguezia d'*Avellar*, nas abas da serra de *Aguda*.

Tambem a onomastica prova que na dita zona teve grande importancia a industria da exploração e fabrico de ferro, pois no termo da freguezia de Figueiró dos Vinhos se encontram os casaes denominados *Ferreiros da Ribeira*, *Ferreiros de Baixo*, *Ferreiros de Santarem*, *Ferreiros da Bairrada* e a quinta da *Fabrica da Foz d'Alje*;—e na parochia de *Maçãs de D. Maria* os casaes *dos Serralheiros e das Ferrarias*.

Tambem na freguezia da *Cumieira*, concelho de Penella, mas visinha de Avellar e da *Serra Aguda*, ha um povo denominado *Ferraria de S. João*.

Nós não conhecemos a localidade e tivemos um trabalho insano para escrever estas linhas, mas do exposto se vê que a *Serra Aguda* e suas dependencias são um vasto jazigo de ferro.

—

O concelho de Figueiró dos Vinhos tem por limitrophe ao nascente o de Pedrogam Grande. Vamos pois indicar o termo antigo d'este para melhor firmarmos o d'aquelle.

No foral que o mesmo D. Pedro Affonso em 1206 deu a Pedrogam (*Petrogonium*) diz:

«Os seus termos são os seguintes:

A oriente a foz de Unhaes; d'ali vae rio acima até á sua nascente (*usque dum nascitur*);[1] a O. os taes cabeços *de nadavis*, hoje *Singraes*, e d'ali vae direito ao alto do monte de *Bouçã*...; — ao norte a estrada de Santarem (*per viam que ducitur ad sancta-*

---

[1] Não era qualquer coisa, porque o rio de *Unhaes* tem mais de 40 kilometros de cursol...

V. *Unhaes*, tomo 10.º pag. 11, col. 1.ª

ren);—ao sul o rio Zezere (*in africo per ozezar*).

Desculpem nos a digressão, *que bastante trabalho nos deu*,—e desculpem-nos tambem os lapsos, porque, repetimos, não conhecemos a localidade.

VOUZELLA,—villa e freguezia, séde de concelho e de comarca, no districto e bispado de Viseu, provincia da Beira Alta.

Vigairaria.

Orago—*Santa Maria*, ou *Nossa Senhora da Assumpção*.

Rodrigo M. da Silva em 1675 deu-lhe 200 fogos; o padre Carvalho em 1708 deu-lhe 140; D. Luiz C. de Lima em 1736 deu-lhe 141: o *Port. S. e Prof.* em 1768 deu-lhe 142; o Flaviense em 1852 deu-lhe 182; o censo de 1864 deu-lhe 186 fogos e 724 habitantes; o de 1878 deu-lhe 230 fogos e 967 habitantes—e hoje (1889) conta approximadamente 240 fogos e 1:000 habitantes.

Demora na estrada real a macadam n.º 41 d'Aveiro a S. Pedro do Sul e Viseu, a qual atravessa a villa, formando uma estrada — rua. É tambem atravessada na sua extremidade O. pelo rio Zella, confluente do Vouga, distando d'este ultimo rio (m. e.) 1:500 metros para S.; 3 kilometros das Caldas e 8 da villa de S. Pedro do Sul para S. O.; 18 de Viseu para N. O. pela estrada directa, districtal n.º 36, em construcção,—e 29 por S. Pedro do Sul; 60 da estação de Estarreja (a mais proxima) na linha ferrea do Norte; 109 do Porto pela dicta estação — e 348 de Lisboa.

—

A freguezia de Vouzella comprehende além da villa as aldeias de Valgode, Igreja e Caritel; os casaes de Linhares, Cabrella, Ribeirinha, Candieira, Pombal, S. Paio, Foz, Crujo, Ermida, Ermidinha, Cavada, Pinheiro, Mattas e Costeira,—e as quintas de Sarnada, Continha, Lamas, Costeira, Mattas, Regadas, Caritel, Poldras, Portello, Porto-Salto, Cavallaria, Valgode, Avellar e Linhares.

A villa

Nunca foi murada nem acastellada, mas tinha a pequena distancia differentes castellos e outras obras de defesa, de que logo fallaremos.

Tem bons edificios e varias ruas, avultando entre ellas a *rua Direita*, que foi, como todas as *ruas Direitas*, bastante torta e ainda hoje o seu alinhamento está muito longe da recta, mas foi alargada e muito melhorada para passagem da estrada a macadam e em seguida se construiram n'ella alguns predios novos e se reconstruiram e alinharam outros, com o que muito lucraram a dicta rua e a villa.

É tambem digna de menção a rua da *Ponte*, porque, embora velha, torta, estreita e ingreme, tem nada menos de 5 edificios particulares brasonados! Foi outr'ora a rua da nobresa, como a rua *Chã* no Porto, a dos *Cavalleiros* em Trancoso, e a dos *Fidalgos* em Villa Viçosa.

Tem duas praças com os nomes de *Praça de Cima* ou *Praça Velha* e *Praça de Baixo* ou *Praça Nova*, hoje *Largo de Moraes Carvalho*,—e entre a villa e a egreja matriz o *Largo da Corredoura*, bastante espaçoso e com algumas arvores, mas pouco alindado e muito irregular. Ali se fazem as feiras da villa, para o que tem alguns alpendres e bancos.

Feira

Data de tempos muito remotos a feira d'esta villa. D. Manoel, estando aqui e assistindo a uma das dictas feiras em 1 de março de 1514, lhe concedeu grandes privilegios, mas a dicta feira já datava dos principios do sec XIV.

Foi concedida a feira mensal de Vouzella por mercê d'el-rei D. Diniz, com data do *anno* 1307,—*era* de 1345.

Dissert. Chronol. de João Pedro Ribeiro, tomo V, pag. 385.

Commercio e industria

Na villa ha bons estabelecimentos commerciaes de toda a ordem, duas pharmacias e differentes officinas de ferreiros, serralheiros, sapateiros e alfaiates,—e grande numero de mulheres se emprega na tecelagem de panno de linho, estopa e burel para consu-

mo proprio e venda nas feiras e mercados.

Tambem ha na villa 4 fornos de *pôia*, onde se cose pão de toda a qualidade a 40 réis por alqueire.[1]

Ha tambem muitos moinhos e pisões no rio *Zellá*, e muitos moinhos no Vouga. Estes ultimos trabalham todo o anno;—os do rio Zella suspendem a laboração na estiagem.

Mencionaremos tambem a industria agricola, a mais importante d'esta freguezia e d'este concelho,—e a da creação de gado bovino, optimo para trabalho e precioso para alimento.

V. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1761, col. 2.ª

Templos

1.º—*Igreja matriz.*

Demora em sitio isolado, mettendo-se de permeio entre ella e a villa o cemiterio e o campo da feira ou da Corredoura, mas é um templo venerando pela sua antiguidade e architectura.

Não se sabe quando nem por quem foi feita, mas data dos principios da nossa monarchia.—Attribue-se aos templarios—e nós inclinamo-nos a esta opinião, porque esta igreja foi commenda da ordem de Christo e todos sabem que esta ordem foi creada por D. Diniz em substituição da dos templarios e dotada com os bens d'elles.

Outr'ora foi collegiada e talvez que na sua origem fosse *convento dos templarios*, como parece indicar o seu isolamento da villa.

Tem uma só nave; um bello portico de estylo ogival; uma porta lateral no mesmo estylo do lado do evangelho; muitas figuras exquisitas de caras humanas e cabeças de irracionaes ao longo da cornija; um oculo tambem na parede do lado do evangelho, tudo de solido granito—e em frente da porta principal, a pequena distancia d'ella e como que servindo de ante-paro ou guarda-vento, um grande campanario com dois sinos, — campanario (não torre) de cantaria de granito, muito velho e muito solido, posto que baloiça quando dobram os sinos. Tem 9 metros de largura, 18 d'altura, e 1 ½ d'espessura e no patamar um gradeamento de ferro.

No sino maior se lê: *Jesus Maria José,—Santus Deus, Santos Fortes, Santos I Mortaes* (sic) *Santa Barbara Miserere nobis*, 1722.

A egreja interiormente tem altar mmor e differentes altares lateraes com boas decorações de talha dourada antiga.

Entrando pela porta principal, encontra-se á direita, ou do lado da epistola, a pipia do baptismo, em quanto que nas nossas egrejas parochiaes costuma occupar o lado opposto.

Em seguida á pia baptismal vê-se uma capella muito antiga que foi dos *Almeneidas*, senhores da nobre casa e quinta da *Cavallaria*, da qual fallaremos adiante.

A dicta capella tem um portico ogival como os da egreja; prolonga-se para fóra do templo com a mesma architectura d'elle ou ornamentada no mesmo estylo; interiormente tem um altar com a imagem do Crucificado no centro e aos lados outras imagens. N'esta capella se guarda o Santissimo — e na parede lateral, do lado do evangelho, se vê uma inscripção gothica, na qual se diz que Fernão Lopes d'Almeida, senhor da casa da Cavallaria, fallecido em 23 de dezembro de 1512, deixou certos foros á dicta capella.

—

Proseguindo com a descripção da matriz, —segue-se á dicta capella do Santissimo o altar de *Nossa Senhora do Rosario*, com uma linda imagem da Virgem; — depois o arco cruzeiro;—a porta que dá para a sacristia—e por ultimo a capella-mór com um bom retabulo encimado pela imagem da pa-

---

[1] *Poia* ou *Poya*, do arabe *poia*, significa o pão que paga quem cose o seu em forno alheio.

Foram triviaes no nosso paiz os fornos de *poia* e ainda se usam n'esta villa e em outras povoações, mas em algumas, em vez do pão, denominado *poia*, dão o equivalente em dinheiro, como succede aqui.

droeira, tendo aos lados as imagens de S. Joaquim e Sant'Anna.

Entrando pela porta principal, encontra-se á esquerda, ou do lado do evangelho—o pulpito, a porta travessa, o altar da Senhora do Carmo e o grande oculo que dá luz ao templo,--oculo que nos outros templos costuma estar na fronteria.

O pavimento ainda conserva as antigas sepulturas e nas tampas d'algumas d'ellas se vêem inscripções já gastas e emblemas de cavalleiros com brasões.

O adro é irregular e n'elle, do lado norte da egreja, se vê um grande cedro que tem cerca de 40 metros d'altura e consta que foi plantado em 1795.

A egreja foi sagrada não sabemos quando, mas ainda conserva nas paredes, tanto do lado interior como exterior, as cruzes da sagração.

Indiquemos agora os outros templos:

—

2.º — *Egreja da Misericordia* na *Praça de Cima.*

É um templo espaçoso, muito limpo e muito lindo. Tem 4 altares com bellas imagens. São os seguintes: — *Senhor dos Passos, Senhora da Soledade, Senhor da Canna Verde* e *Senhora das Dores.*

Aqui se fazem com grande pompa as festas da *Semana Santa* e da *Rainha Santa Isabel.*

A Misericordia tem numerosa irmandade e um bom hospital novo, principiado em 1846 e inaugurado em 29 de junho de 1848 com 3 enfermarias:— uma para os irmãos, —outra para homens—e outra para mulheres.

Demora este hospital em sitio lindissimo, alto, arejado e com amplas vistas, dominando um horisonte de mais de 30 kilometros de raio para N., O. e S. O.

Esta santa instituição tracta muitos doentes no seu hospital, e fornece a muitos pobres remedios e subsidios pecuniarios.

3.º—*Capella de S. Fr. Gil.*

É um bom templo em fórma de egreja com torre e sinos. Demora na *Praça Nova* ou *Praça de Baixo*, em frente do tribunal e da cadeia, e foi construida pelos parentes de S. Fr. Gil, muito dignamente representados ainda hoje pelos nobres marquezes de Penalva, residente em Lisboa, mas é administrada pela junta de parochia de Vouzella.

Tem missa todos os domingos e dias santos e 3 altares com boas decorações de talha antiga dourada, estando no altar-mor a imagem de S. Fr. Gil; nos lateraes as de S. Lourenço e S. João Nepomoceno.

O padroeiro é festejado annualmente com grande pompa no dia 14 de maio, ou no domingo seguinte, precedendo as respectivas novenas.

Na dicta capella se vê e guarda ainda hoje com toda a veneração a pia baptismal em que foi baptisado S. Fr. Gil, como logo diremos, quando fallarmos dos *vouzellenses illustres.*

4.º—*Capella de S. Sebastião.*

Está junto do hospital; é muito antiga; pertence á junta de parochia e foi reconstruida por ella em 1887.

5.º—*Capella de S. João.*

Está defronte da Misericordia; — é particular e muito antiga—e pertence á *casa das ameias.*

São estes os templos da villa, mas fóra d'ella ha no seu termo os seguintes:

6.º—*Capella de Nossa Senhora da Esperança*, ou do *Castello*, vulgarmente assim denominada, porque se ergue no alto do monte *Lafão*, onde outr'ora existiu um castello arabe, ou talvez anterior á occupação arabe, cuja pedra se empregou na construcção do templo, conservando-se apenas alguns restos da antiga fortificação.

Demora a 1 kilometro da villa em sitio alto, pittoresco, alegre e muito vistoso, e foi feita pelos habitantes de Vouzella. Tem 3 altares. No mór está a bella imagem da padroeira, entre as de Santa Rita e San-

ta Luzia;—nos 2 lateraes a do Senhor da Agonia e a de Santa Catharina.

É muito numerosa a irmandade da *Senhora do Castello.* Comprehende hoje 260 irmãos, representados por um juiz, 1 secretario, 1 thesoureiro e 4 mordomos de eleição annual. Festejam pomposamente a sua padroeira no dia 5 d'agosto, ou no domingo seguinte, havendo por essa occasião grande romagem. A festa dura 3 dias e no 3.º ha confissões, communhão geral, sermão e responsos funebres com muitas indulgencias pelos irmãos fallecidos.

É sempre muito grande a concorrencia dos devotos tanto da villa e freguezia de Vouzella como dos povos circumvisinhos até grande distancia, pois todos depositam grande fé na *Senhora da Esperança* e no Senhor da *Agonia*, cujas imagens abrilhantam sempre as procissões da villa, que são actualmente as seguintes:—Corpo de Deus, S. Fr. Gil, Senhora do Carmo, Senhora do Rosario, Sexta-feira Santa, Paschoa da Ressurreição e alguns annos Trindade.

Tambem nas grandes procissões da villa por occasião de calamidades publicas vão sempre em andores proprios as imagens da Senhora do Castello, S. Fr. Gil, Senhor da Agonia, S. Sebastião, etc.

—

O *Santuario Marianno*, tomo 5.º (pag. 262 a 272) publicado em 1716, dedicou a este templo de *Nossa Senhora do Castello*, ou da *Esperança*, um longo artigo, no qual, entre outras coisas, se lê o seguinte:

«Em quanto á origem, e principios d'este santuario, não pude descobrir coisa alguma com certeza.

.....

«Não tem a Senhora irmandade alguma (referia-se ao anno de 1708); mas a grande devoção dos moradores de Vouzella os move a que a sirvão e festejem nos dias das suas festividades.

«Tem um ermitão perpetuo, apresentado pelo parocho de Vouzella e confirmado por provisão dos senhores bispos de Viseu. Este tem a sua casa mais abaixo da ermida hum tiro de pedra; e tem huma cercasinha a com horta, pomar, e muitas flores, e não tendo aquelle sitio agua, ainda assim se criria alli tudo perfeitamente...

«Não tem capellão proprio, mas tetem os beneficiados de Vouzella obrigação de e dizerem nove missas nos nove dias antes do Natal, ou de as mandar dizer; e são obrigigados á satisfação da esmola d'ellas os herdeyroros de Manoel Homem, do logar de *Asneyroros*, ou *Calvos*, da freguezia de Folgosa.

«Na ultima oitava da Paschoa he obririgado o parocho da villa de Vouzella, a ir em procissão com os seus freguezes a visitar a Senhora com cruz levantada, e esta romararia se finalisa com missa resada.

«Tambem no ultimo sabbado da semana das Ladainhas repete o mesmo parocho esta procissão, e na mesma fórma os moradores da freguezia de Passos, annexa á parorochia de Vouzella, tem ido por muitas vezezes em procissão de preces á Senhora do Casastello, pedindo-lhe sol no tempo de muitas chthuvas, e agua nos tempos secos. Na mesma fórma tem ido a freguezia de Cambra, e no anno de 1707 forão os freguezes das mesmas freguezias em procissão a pedir á Senhora em o mez d'agosto, agua para os seus milhos, e logo no seguinte dia choveu em abundadancia.

«Tambem todos os annos nas quartasas feiras das Ladainhas vay em procissão á Senhora do Castello a parochia da Ventososa.

—

«He o monte da Senhora do Castello lo muito empinado; e assim de huma parte e donde he mais despenhado tem hum muroro que lhe serve de resguardo para mais seguurança dos que frequentão este caminho do lo santuario. No principio da subida, que vayay em lanços, ou em voltas, se vê hum forormozo cruzeiro, e logo mais acima está hum ni nicho, aonde se vê huma imagem de *S. João lo Baptista.*

«Mais adiante em outro lanço do caminho se vê outro nicho, e n'elle huma imagenem de *Santo Amaro*; e ultimamente perto da a casa da Senhora está outro nicho com a imanagem de *Santo André.*

.....

«Muitos são os milagres e as maravilhas que esta milagrosa Senhora tem obrado em favor dos seus devotos. Entre estas referirei um successo lastimoso, em que parece resplandece muito a sua piedade, e resplandeceu a favor do contador mór d'este reyno João de Castanheda e Moura, alcaide-mór da villa de Celorico de Basto e commendador das commendas de S. Salvador de Serrazes e de S. Payo de Oliveira de Frades, ambas no bispado de Viseu, e da de S. Salvador de Pinheiro nos confins do bispado de Lamego, todas da ordem de Christo, as quaes as possuiu depois seu filho o contador-mór Placido de Castanheda e Moura, como as possue *hoje*[1] tambem seu neto, o contador-mór Luiz Manoel de Castanheda e Moura.

.....

—

«Vivia em Lisboa o contador-mór João de Castanheda pelos annos de 1660, aonde era muito bem visto pelo serenissimo senhor D. Affonso VI, e no mesmo tempo estava preso no *Lymoeiro* hum homem indigno de se lhe saber o nome; ingrato a Deos e aos homens; facinoroso e que por suas maldades e delictos o tinha a justiça da terra condemnado á forca.

«Nos apertos em que este miseravel se via recorreo á piedade d'este fidalgo João de Castanheda, pedindo-lhe que lhe valesse, e elle se empenhou tanto em o livrar da forca, que se lhe revogou a sentença, e se lhe commutou em degredo, e até este a piedade do seu patrono não só lho comprou, mas o poz solto e livre. Sobre estes grandes beneficios o recolheu em sua casa, fazendo-lhe favores que elle não merecia, accomodando-o no foro de seu *gentil-homem*; tratando-o com taes favores, que a não ser conhecido pelo seu nada avultado nascimento, o poderião julgar por seu parente, segundo a estimação que d'elle fazia, porque passeava em hum cavallo e vivia *vida de principe!* A estes grandes favores lhe accumulou... a mercê do habito de Christo com sua tensa: e segundo a benevolencia e piedade de seu amo, e a sua muita liberalidade, ainda lhe faria favores maiores pelo discurso do tempo.[1]

—

«Resolveu-se o contador-mór João de Castanheda a passar á Beyra, a ver as commendas e a cobrar dos seus rendeiros o rendimento d'ellas; e entre os criados que levou em sua companhia foi hum d'elles este, o qual, como era malevolo e não havião feito n'elle móça as misericordias de Deus, quiz que hum dos rendeiros lhe fizesse hum favor que ou não podia, ou lhe não conviria fazer-lho. Cheio de raiva e ira, parece que o quiz descompor. Acodio o amo, que vendo o seu máo termo, o reprehendeo asperissimamente e como elle merecia, dizendo-lhe algumas palavras asperas.

«Dissimulou o ingrato e traidor malevolo o seu intento. Depois, querendo o contador mor passar a Serrazes, que não distava muito,[2] carregou este criado hum bacamarte e meteo-lhe huma grande quantidade de quartos. Estranhou o amo aquella curiosidade e lhe mandou que o não fizesse, por ser cousa escusada em aquellas terras, mas elle não fez caso do que lhe mandava o amo, porque já o demonio lhe havia tomado posse do coração.

---

[1] Refere-se a 1708, porque a data da impressão do mencionado volume é de 1716, mas as licenças teem as datas de 1709 e 1710. Logo o auctor, Fr. Agostinho de Santa Maria, escreveu o original antes de 1709.

[1] A transcripção é longa (desculpem) mas o facto, como os leitores vão ver, é muito digno de registrar-se e prende com as terras de que no momento nos occupamos.

[2] A freguezia de *Serrazes* demora em frente e a N. de Vouzella, no m. d. do Vouga, concelho de S. Pedro do Sul, mas já pertenceu ao concelho de Vouzella.

.....

«Sahindo da estalagem, ou da casa em que haviam pousado, para a freguezia de Serrazes, e estando já em distancia de alguma meia legoa do logar, persuadio ao amo a que mandasse o outro companheiro que o acompanhava de cavallo, a que se adiantasse a dar aviso ao rendeiro, para que lhe mandasse fazer de cear. Fello assim o amo, e indo já perto, chegando junto a hum castanheiro aonde chamão o *Valle*, não longe do ribeiro das *Cortinhas* e da estrada que vem do Banho, armou o traidor o gatilho ao bacamarte. E advertirão humas mulheres, que estavão afastadas do caminho, que duas vezes errara fogo; mas na terceira disparou e lhe meteo pelas costas ao commendador todas as balas do bacamarte.

«Era este fidalgo muito valente. Vendo-se ferido, ainda assim puxou pela espada e correo atraz do traidor distancia de hum tiro de mosquete, dizendo, espera traidor, espera; até que já sem alento... cahio em terra, pedindo confissão. E posto de joelhos defronte da casa da Senhora do Castello, que lhe ficava defronte e á vista, ainda que distante meia legoa, a começou a invocar... e expirou.

«N'este lugar mandou depois seu filho Placido de Castanheda levantar huma fermosa cruz de pedra lavrada com seu pedestal, a qual se vê hoje (1708) no chão, pela haver derribado huma grande tempestade.

—

«Acodirão logo todos aquelles moradores sentidissimos do successo, pelo muito que amavão ao seu commendador. Fez-se-lhe o enterro com a maior pompa que permittem aquellas terras.

«Dando-se depois do successo no alcance do criado, elle se recolheo a hum palheiro, aonde acodio a justiça para o prender, mas disparou o mesmo bacamarte contra o juiz, e o matou, e acodindo outro ministro tambem o ferio, disparando contra elle huma pistola. Quizerão pôr o fogo ao palheiro, mas elle teve tanta resolução que sahio pelo telhado, e descendo abaixo se defendeo o que pode, porque o não podião passar, por trazer um colete muito bom de anta, que lhe havia dado seu amo (que tinha sido d'elrei D. Affonso). Depois lhe meterão um estoque por uma costura do colete, que o atravessou, e todos raivosos lhe derão tantas feridas até que o matarão, e com o sentimento dos muitos males que havia feito, não havia mal que lhe não desejassem. Lançarão-lhe pela boca muita polvora e lhe pozerão o fogo.....

.....

«Está esta Senhora collocada em o seu altar mór, porque não tem aquella egreja outro.[1]

«He esta santissima imagem formada em pedra de boa escultura. A sua estatura serão 4 para 5 palmos. Tem em seus braços o Menino Deos, e ambas as imagens tem corôas de prata. Na manufactura desta sagrada effigie se está vendo a sua muita antiguidade. Os rostos são encarnados e as roupas pintadas ao antigo com perfiz de ouro.»

Do exposto se vê que a dicta capella e a dicta imagem eram *muito anteriores* a 1708.

Nós não visitámos este templo. Apenas o vimos da estrada real que passa a jusante— e da villa; mas suppomos que a imagem actual é de madeira, pois se fôra a de 1708, feita de pedra e tendo 4 a 5 palmos de altura, mal podia ir, como vae, repetidas vezes nas procissões da villa.[2]

—

O facto, que extrahi do *Sant. Marian.*, recorda-nos outro não menos triste, que prende com Vouzella.

---

[1] O templo actual tem 3 altares. É pois reedificação posterior a 1708.

[2] O meu informador diz que a imagem actual ainda é a mesma de pedra e que escolhem sempre os moços mais valentes para conduzirem o andor.

A imagem tem na peanha a data *1660*. mas a capella com certeza é muito anterior, pois em 1708, como diz o *Sant. Mar.* — já não havia memoria da fundação d'ella.

Foi o seguinte:

Em 1835 ou principios de 1836, um moço de 20 annos de idade, por nome *Domingos Baptista*, de Villa Real de Traz os Montes, roubou e matou um homem em Viseu e outro—*José dos Santos*— no sitio da *Povoa do Castanheiro*, freguezia e serra de Manhouce, concelho de S. Pedro do Sul, comarca de Vouzella, pelo que em 9 de julho de 1836 foi condemnado a pena ultima e em 23 de julho de 1838 foi enforcado no Porto, — execução que muito impressionou a cidade inteira, já porque o reu era muito novo, já porque ao lançarem-no á cova deu signaes de vida?!... Foi recolhido ao hospital da Misericordia— e lá ficou em observação e tractamento, mas o povo que formava o prestito, constando-lhe que abriam as veias ao infeliz para acabarem de o matar, amotinou-se e tentou invadir o hospital, etc.

Ainda hoje (1889) vivem no Porto testemunhas presenciaes e fidedignas.

Veja-se o art. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. 10.º pag. 604, col. 2.ª e segg., onde eu contei *minuciosamente* aquelle facto.

—

Concluiremos este topico dos templos de Vouzella, mencionando mais dois:

7.º—*Capella de S. Pedro*, em ruinas.

Pertence á quinta de *Valgode*, dos Malafaias de Serrazes, quinta que demora na margem esquerda do Vouga e tem um bom edificio brazonado.

8.º—*Capella de Santa Catharina*, pertencente á quinta e casa nobre da Sernada.

N'ella se diz missa nos domingos e dias santos.

Fontes

Em Vouzella ha 3, sendo duas de arco: —a da *Pepina* e outra, cujo nome ignoro.

A da *Pepina* era brazonada, mas tem as armas picadas, ou por vandalismo, ou por ordem superior, como foram picados os brazões que os Tavoras tinham n'esta villa, cujo parocho foi algum tempo da apresentação d'elles. Em 1708, segundo se lê na *Chor. Port.*, o parocho (vigario) de Vouzella era apresentado pelo nobre Ruy Pires de Tavora,—e os 2 beneficiados, coadjutores do dicto vigario e que formavam com elle a collegiada de Vouzella, eram apresentados pelo bispo de Viseu.

Em 1768, segundo se lê no *Portug. S. e Prof.*, o dicto vigario era da apresentação do padroado real e tinha 2 curas — parochos com o titulo de beneficiados, que eram da apresentação da mitra, vencendo cada um 70:000 réis por anno.

Do exposto se vê que os Tavoras tinham interesses em Vouzella e, segundo diz o meu informador, tambem tiveram na villa um edificio brazonado para residencia temporaria d'elles e talvez dos vigarios da villa, apresentados por elles.

Veja-se o topico *Edificios brazonados*, infra.

Uma das 3 fontes d'esta villa demora na margem esquerda do rio *Zella*, a montante da ponte e da *rua da Ponte*,—e actualmente ensombrada por uma grande nogueira, (má visinhança!...) pelo que nós, quando ali estivemos em agosto de 1880, a denominámos *Fonte da Nogueira*.

É de fabrica humilde; tem uma pequena bica, um pequeno tanque, um arco de granito de volta inteira; no fecho do arco um escudo com as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos e em volta do escudo esta legenda:

LUDOVICVS. PORTVGALIE INFANTIS.

Este infante D. Luiz, que mandou fazer esta fonte, uma ponte no rio Sul e outra no Vouga, junto da villa de S. Pedro do Sul, foi senhor de todo o concelho e territorio de Lafões no sec. XVI, como logo diremos, e era 4.º filho do 2.º matrimonio d'el-rei D Manoel.

Entre a dicta fonte e a rua da *Ponte* ha um bom edificio particular dos mais antigos da villa, ao longo do rio Zella; tem uma face voltada para elle e outra para a dicta rua.

Pontes

Ha sobre o rio *Zella* duas pontes de granito, muito antigas, sendo uma d'ellas a mencionada supra.

Tem um só arco, não muito alto, mas de grande abertura, e junto d'elle, na margem esquerda do rio, á direita de quem sae de Vouzella, um bom edificio brazonado e muito bem tractado, com mimosa cerca e jardim.

Edificios brazonados

Com rasão se orgulha Vouzella de ter dado o berço a muitas familias nobres, e assim o attestam os muitos edificios brazonados que ainda hoje possue.

Só na mencionada rua *da Ponte* contámos nós 5, todos particulares e antigos; teve outro na *rua Direita*, que foi demolido já depois do meiado d'este seculo para alinhamento e alargamento da dicta rua e passagem da nova estrada real a macadam, — e tem mais ainda 4 edificios brazonados particulares.

Ao todo eram pois 10.

Tambem são brazonados os edificios publicos seguintes:

1.º—*Hospital da Misericordia*;

2.º—*A egreja* da Misericordia;

3.º—A *Fonte da Nogueira*, mencionada supra;

4.º—O *tribunal judicial* d'esta comarca.

E' um bom edificio, com grande sala para as audiencias, cadeia para ambos os sexos, habitação do carcereiro e familia, etc.

Demora na *Praça Nova*, em frente da capella de S. Fr. Gil e da estatua de Moraes Carvalho.

Lego fallaremos d'este benemerito vouzellense.

Tem pois esta villa ainda hoje 13 brazões d'armas.

Os 9 particulares pertencem a diversas familias, algumas já extinctas e outras ainda existentes, taes são a dos marquezes de Penalva, antigos senhores *da casa da Cavallaria*,—descendentes de *S. Fr. Gil*, a dos Gamas e Moraes Carvalho, etc.

Das extinctas merece especial menção a dos *Tavoras*, cujo brazão foi mutilado por ordem de el-rei D. José I.

V. *Chão Salgado*, tomo 2.º pag. 271.

Um dos edificios particulares brazonados é guarnecido de ameias.

Fóra da villa, mas no termo d'esta freguezia, ha 3 edificios particulares brazonados: —a casa da quinta de *Valgode*, pertencente aos *Malafaias* de Serrazes,—e a da quinta da *Sernada*, que foi do dr. Gil Alcoforado e é hoje dos seus filhos,—e a celebre casa e quinta da *Cavallaria*.

Casa da Camara

Posto não seja brazonada, é um soberbo edificio com boa sala para sessões da camara, guarnecida por grandes cadeiras de coiro com botões amarellos, — outra sala para as sessões do juiso ordinario,—outra para a administração do concelho, — outra para a repartição de fazenda, — outra para a conservatoria e ainda outras mais pequenas para o archivo e secretaria da camara, repartição de pesos e medidas, etc.

Clima

Embora mais frio do que ardente, é temperado e muito saudavel o clima de Vouzella. Não ha memoria de ter entrado ali alguma epidemia, nem ali ha doenças predominantes, porque não tem pantanos. Demora em sitio alto, arejado e muito arborisado—e é abundantissima d'excellente agoa potavel e de rega e por estar em chão declivoso e granitico entre os rios Vouga e Zella, nas faldas da grande serra do Caramulo.

Já em 1696 o dr. Antonio Pires da Silva, fallando das *Caldas de Lafões*, disse: — «D'esta parte meridional (sul do Vouga) distancia de hum quarto de legoa, costa acima está a villa de *Vouzella*, e distancia de hua legoa, continuada a serra, chamada do *Caramulo*; e da parte do norte distancia de duas legoas, huma de terra baixa e outra costa acima, está outra serra que chamão de *Manhouce*, ambas altissimas e muito frias. Da de *Manhouce*, por ficar na parte

septentrional, vem o norte frigidissimo, e por estas serras serem tão altas, e estarem quasi sempre nuvens encostadas a ellas, e ser breve a distancia entre serra e serra, são os ares da terra frios, se bem o centro da villa do *Banho*, onde estão as caldas, por estar muito em baixo, e não ser tão combatido dos ventos norte e sul, he mais quente, mas com assim ser, por estarem os banhos encostados ao meio-dia, he o sitio sujeito a geadas. Correndo vento sûão, he necessario haver cautella, porque pela garganta do rio Vouga corre com muita furia. O vento *mareiro* alguma impressão faz, mas não tanta;[1] o meridional não molesta, e o norte no verão he desejado, porque como tenho dicto, o sitio he baixo (refere-se ás *Caldas*) e ficando a serra de Manhouce da sua parte passa por alto.[2]»

—

Tudo isto é applicavel a *Vouzella*, porque tem a mesma exposição da villa do Banho, mas demora em sitio alto, cerca de 200 metros sobre o nivel do Vouga, e olhando francamente para o norte, em quanto que a villa do Banho está quasi ao nivel do Vouga, em terreno fundo, abafado e ardentissimo no verão, como a villa de S. Pedro do Sul, cerca de 4 kilometros a montante, na confluencia do rio Sul com o Vouga, pelo que o seu chão,—aliás *encantador*, *mimosissimo e fertilissimo*, — é tambem muito ardente e alem d'isso bastante afafado e humido e atreito a sezões, mas facilmente podem remover este contra. Basta que arborisem a villa e as suas estradas e ruas com eucalyptos; pois todos sabem que estas lindissimas arvores, hoje *tão baratas e tão vulgares* no nosso paiz,[3] alem de serem uma riqueza florestal, teem a virtude de afugentar as sezões, que são hoje (mercê de Deus!) a *unica* epidemia que peza sobre algumas terras do nosso paiz.[1]

V. *Vil de Mattos*, tomo 11.º pag. 661, col. 2.ª e segg.

—

Vouzella tem bons campos e hortas, mas os de S. Pedro do Sul são muito mais bonitos, mais planos, mais mimosos e mais ferteis. Em compensação Vouzella é mais saudavel, o que não obsta a que a villa de S. Pedro do Sul, embora mais moderna, segundo dizem uns, ou mais antiga, como dizem outros, tenha prosperado e esteja prosperando mais.

Vouzella, como já dissemos, ainda hoje conta apenas 240 fogos e 1:000 habitantes, emquanto que a villa de S. Pedro do Sul já em 1708, segundo se lê na *Chorogr. Port.*, contava 330 fogos; em 1768, como se lê no *Portugal S. e Profano*, contava 334 fogos; em 1852 o Flaviense deu-lhe 510 fogos; o censo de 1864 deu-lhe os mesmos 510 fogos,—e o censo de 1878 deu-lhe 551 fogos e 2:387 habitantes.[2]

---

[1] Aqui o vento *mareiro*, ou do *mar*, é o vento do lado O.

[2] *Chronographia Medicinal*, cap. 6.º pag. 122.

[3] Os eucalyptos foram introduzidos em Portugal no meiado d'este seculo e a principio eram caros. Venderam-se alguns a 1$000 réis, mas hoje (1889) já se vende o cento a menos de 2$000 réis. Temos *milhões* d'elles em todo o nosso paiz e junto de Abrantes, não longe da estação d'este nome da linha ferrea de leste, na margem esquerda do Tejo, ha uma matta de eucalyptos que é a maior de Portugal—e talvez da *Europa!*...

Conta 10 a 12 annos e 400 a 500 mil pés —e foi plantada quasi toda por Wiliam Tait, negociante inglez, residente no Porto, mediante o arrendamento de uma grande herdade a praso largo, feito com certo proprietario d'Abrantes, o qual por seu turno plantou tambem de conta propria milhares de eucalyptos.

[1] A variola mata mais gente, principalmente creanças, mas não tem persistencia nem localidade propria e combate-se bem com a vaccina.

[2] V. *S. Pedro do Sul*, vol. 9.º pag. 16, col. 2.ª—e note-se que o meu antecessor em 1880 lhe deu 700 fogos, devendo dar-lhe apenas 551, população marcada no censo de 1878.

A differença é pois muito sensivel e talvez que a explicação seja a seguinte:

Vouzella demora em sitio mais alto, mais aspero, mais deserto e menos frequentado. Era apenas servida pela antiga estrada de S. Pedro do Sul a Aveiro, Agueda e Coimbra, estrada pouco importante e de pequeno movimento,— e hoje apenas toca em Vouzella, atravessando a villa, a estrada real a macadam de Viseu a Estarreja e Aveiro, — emquanto que a posição geographica de S. Pedro do Sul foi sempre mais vantajosa.

Ali passavam as antigas estradas de Aveiro e Coimbra para Castro d'Ayre e Lamego —e as de Lamego, Castro d'Ayre, Aveiro e Porto para Viseu, pelo que S. Pedro do Sul, mesmo na antiga viação, era entroncamento de muitas estradas e tinha uma boa hospedaria, cujos donos fizeram fortuna,—hospedaria onde eu, durante a minha formatura, (1851-1856) nas viagens entre Lamego e Coimbra, pousei muitas vezes, em quanto que nunca paravamos em Vouzella nem nos consta que ali houvesse hospedaria alguma digna de menção.

A de S. Pedro do Sul era absolutamente a melhor que se encontrava entre Lamego e Coimbra e entre o Porto, Aveiro e Viseu.

—

Com a moderna viação tambem lucrou S. Pedro do Sul muito mais do que Vouzella, porque ali cruzam as novas estradas a macadam d'Aveiro e Estarreja a Viseu — e de Viseu a Lamego, servidas por diligencias diarias,—e ali deve passar e ter *estação propria* a linha ferrea, já decretada e estudada, de Viseu ao Porto pelo valle do Paiva, foz do Tamega e estação de *Recarey*, na linha do Douro.

Deve lucrar e prosperar muito com a mencionada linha ferrea a villa de S. Pedro do Sul—e mais ainda logo que se construa o ramal em projecto d'ali para Lamego, a entroncar as linhas da Beira Alta e Viseu na de Lamego á estação da Regoa, na linha do Douro, e da estação da Regoa, a Villa Real de Traz os Montes, Pedras Salgadas, Vidago e Chaves,—e de Lamego para Moimenta da Beira, *Villa da Ponte*,[1] Trancoso e Villa Franca das Naves, na linha da Beira Alta.

Vão pois cruzar em S. Pedro do Sul duas linhas ferreas importantes, que lhe darão muita vida. Vouzella tambem lucrará, mas muito menos, por estar mettida no sertão, alcandorada sobre o Vouga e distante de S. Pedro do Sul e das mencionadas linhas ferreas cerca de 8 kilometros; consta porém, á ultima hora, que o sr. Frederico Pereira Palha, associado com alguns capitalistas de Lisboa, pediu concessão ao governo para construir, sem subvenção alguma, um caminho de ferro de via reduzida que, partindo de Esmoriz, na linha ferrea do norte, siga pela villa da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Sever do Vouga, Couto de Esteves, Oliveira de Frades, Vouzella e Viseu, indo terminar na linha da Beira Alta, proximo da villa de Mangualde.

Com esta linha ganhavam muito Vouzella e Oliveira de Frades. Deus queira se realise.

Quintas

Já no principio d'este artigo indicámos muito summariamente as quintas d'esta freguezia; seja-nos licito agora dar leve noticia d'algumas.

1.º—Quinta de *Lamas*.

E' hoje uma das mais notaveis e de mais valor. Tem um bom palacete, um bom jar-

---

[1] Esta pequena villa tem deante de si auspicioso futuro, já porque muito provavelmente vae ser para ella transferida a séde do concelho de Sernancelhe, já por que ali toca a estrada real a macadam de Lamego a Trancoso e Celorico, e d'ali parte uma estrada a macadam para a villa da Pesqueira, —já porque d'ali deve partir outra linha ferrea para a estação do *Pocinho*, na linha do Douro, emquanto que a villa de Sernancelhe, alcandorada em um pinaculo agreste sem vias de communicação, tende a decair e morrer! E accelerou-lhe a decadencia e a morte o incendio que em 1888 devorou os seus paços do concelho.

V. *Sernancelhe* e *Villa da Ponte* n'este diccionario e no supplemento.

dim, bons campos e vinhedos e muita agua.

Foi do benemerito vouzellense de quem logo fallaremos, — Fructuoso José da Silva Ayres, por morte do qual passou para o filho dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio e é hoje da viuva d'este.

Ha n'esta quinta, em um outeiro junto da matta, um grande penedo digno de menção. «E' todo lurado por dentro com differentes buracos e escaninhos. Parece que foi lurado pelos ratos,»—diz o meu informador.[1]

2.ª—*Regadas* e

3.ª—*Caritel.*

Foram do mesmo sr. Fructuoso José da Silva Ayres, que as deu em dote a sua filha D. Maria Isabel Ayres de Gouveia, quando casou com o sr. dr. Antonio Maria Alcoforado, da nobre casa e quinta da Sernada, aos quaes hoje pertencem.

4.ª—*Sernada.*

Foi do dr. Gil Alcoforado, hoje de seus filhos, um dos quaes é o mencionado supra; —outro,—José Gil Alcoforado da Costa Velloso,—agricultor intelligentissimo, casou e vive em Lourosa da Telha e d'elle já fizemos menção.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1750, col. 2.ª n.º 7,—e os topicos supra — *Edificios brazonados* e *Templos.*

Esta quinta da *Sernada* ou *Sarnada* é uma das mais importantes de Vouzella. Demora a pequena distancia da villa para N. E.—a jusante e muito proxima da nova estrada real a macadam d'Aveiro a S. Pedro do Sul por Vouzella.

Tem um bom edificio brazonado, capella, jardins, mimoso pomar de fructa e vastos campos e vinhedos que se estendem até o Vouga.

5.ª—*Valgode.*

E' tambem uma das melhores quintas de Vouzella e pertence á nobre familia *Malafaias* de Serrazes, freguezia do concelho de S. Pedro do Sul, na margem direita do Vouga, mas tem chãos nas duas margens d'este rio, capella, casa brazonada, jardins, etc.

V. os topicos supra — *Edificios brasonados e Templos.*[1]

6.ª—*Quinta da Cavallaria.*

Demora hoje no termo da freguezia de Vouzella, a pequena distancia da villa, e pela sua antiguidade e tradições é absolutamente a quinta mais notavel d'esta parochia e d'este concelho.

Foi *couto* e *honra* e outr'ora os seus nobilissimos donos foram tambem senhores do

---

[1] *Lura*, *lurar* e *lurado* são termos trivialissimos na Beira, mas não se encontram nos diccionarios.

Lura, significa ali *muito expressivamente* cova feita pelos ratos no pão cozido, ou pelas toupeiras e coelhos na terra.

Tambem ali o termo *lórca*, menos trivial, designa a cova da toupeira ou qualquer outra subterranea; *lôrca* ou *lorcada*, termos trivialissimos, indicam ali as peras que passam de maduras, mas não estão pôdres; finalmente *lôro* ou *lôra*, termos pouco triviaes, significam tambem ali objectos vãos por dentro, ou *lurados*.

[1] Em agosto de 1880, estando nós folgando nas Caldas de S. Pedro do Sul, appareceu ali em certo dia, ao declinar da tarde, um passaro estranho, enorme, revoando. Ficou a povoação attonita; armaram-se logo differentes caçadores e dispunham-se para matar a *cabicanca*. Ainda dispararam contra ella alguns tiros e por certo a matariam se nós lhes não dissessemos que a *passarola* era um cysne, talvez fugido de alguma casa nobre da visinhança — e que o poupassem e respeitassem, porque era uma ave de estimação.

O pobre cysne, depois de revoar alguns minutos sobre a villa das Caldas, poisou a montante, no leito do Vouga. Ali o surprehendeu a noite; caçaram-no á mão e o levaram á dicta quinta de *Valgode*, donde havia effectivamente fugido. Ficaram os srs. Malafaias satisfeitos e gratificaram generosamente o conductor.

Desculpem a historia da *cabicanca*, sem ser a de Aguiar da Beira, ou do *cysne do Vouga*, sem ser a do poeta Bingre.

V *Aguiar da Beira*, tomo 1.º pag. 38, col. 2.ª—e *Canellas*, tomo 2.º pag. 89, col. 1.ª

E' hoje dono d'esta quinta e representante d'esta nobre familia Joaquim Telles Malafaia, irmão primogenito de Jacintho Lopes Malafaia, Bernardo Telles Malafaia e D. Amelia Telles Malafaia.

Castello de Vilharigues, do *Paço de Vilharigues* e da villa do *Banho*.

Aproveitando o ensejo diremos que o *Paço* e *Castello de Vilharigues* são differentes da casa e quinta da *Cavallaria* e pertencem hoje á freguezia de *Paços de Vilharigues*, não á de *Varzea de Lafões*.

Fica assim rectificado o que o meu benemerito antecessor disse no art. *Varzea de Lafões*, tomo 10.º pag. 230, col. 1.ª

N'esta quinta da *Cavallaria* nasceu no sec. XII. S. Fr. Gil, porque era patrimonio de seus paes e ainda hoje são directos senhores d'ella os marquezes de Penalva, descendentes de S. Fr. Gil, que a emprazaram. São seus emphyteutas e possuidores actuaes a viuva e filhos do commendador João Correia d'Oliveira, de Vouzella, que restaurou a casa e melhorou muito a quinta.

Tambem foi senhor d'esta nobre casa e quinta e n'ella passou os ultimos annos da vida o famoso capitão Duarte d'Almeida, por alcunha o *Decepado*, porque na batalha de Toro, sendo alferes-mór d'el-rei D. Affonso V, só depois de lhe deceparem ambas as mãos lhe poderam tirar a bandeira. Immortalisou-se perdendo-a e por seu turno se immortalisou ganhando-a na mesma batalha o seu visinho Gonçalo Pires Bandeira, do antigo concelho de Besteiros,[1] ascendente da nobre familia *Bandeiras*, de Tondella, Torre-Deita, Ladario, Rezende e Rériz,

V. *Paços de Vilharigues*, tomo 6.º pag. 397 col. 2.ª; *Penalva do Castello* no mesmo vol. pag. 586, col. 2.ª tambem; *Rériz*, tomo 8.º pag. 152, col. 1.ª e 2.ª; *Rezende* no mesmo vol. pag. 161, col. 1.ª *in fine; Santarem* no mesmo vol. pag. 480, col. 1.ª *anno* 1265,—e pag. 540, col. 2.ª; *Viseu*, tomo 11.º pag. 1741 1.ª; 1750, 2.ª, 1833, 2.ª tambem e 1840, 1.ª— e *Varzea de Lafões*, tomo 10.º pag. 230, col. 1.ª

—

Tambem foram senhores da mesma casa e quinta da Cavallaria, do Castello e Paço de Vilharigues, da villa do Banho e de todo o antigo concelho de Lafões Fernão Lopes d'Almeida e seu filho Duarte d'Almeida, descendentes de Duarte d'Almeida, o *Decepado*.

Veja-se o topico infra — *Senhores de Lafões*—e a *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, publicada em 1696.

—

Esta quinta da *Cavallaria* foi assim denominada, porque alem de ser *couto* e *honra*, gosou tambem outr'ora os privilegios das terras que pagavam o *foro do monte*, ou de *montaria*, ou de *cavallaria*, como pagavam muitas terras de Lafões e outras, cujos habitantes em rasão do tal *foro do monte* se denominavam *Foramontães*, ou *Foramontãos*, ou *Foramontellos*, ou *Foramontões*, nomes que ainda hoje conservam com pequena alteração differentes povoações e casaes do nosso paiz.

Em vez d'algum d'aquelles nomes, esta quinta tomou o de *Cavallaria*, por ser tambem *foramontã* e pagar o mesmo *foro do monte* ou de *cavallaria*.

Temos tambem no concelho de Vianna do Castello uma parochia denominada *Montaria* e em differentes pontos do nosso paiz varias aldeias e quintas denominadas *Condado* e *Condados*,[1] porque provávelmente outr'ora pagavam o mesmo *foro do monte*, ou de *condado do monte, cavallaria* ou *montaria*.

V. *Foramontãos*, vol. 3.º pag. 213, col. 2.ª

Ainda as quintas

7.ª—*Costeira*.

Demora na margem esquerda do rio Zella; foi do mencionado commendador João Correia d'Oliveira e pertence hoje á viuva D. Victoria Adelaide de Seixas e Barros.

8.ª—*Quinta da Ponte*.

Demora tambem na margem esquerda do

---

[1] V. *Europa Port.* tomo 2.º pag. 406 e 408.

[1] A quinta dos *Condados* é uma das mais luxuosas que actualmente se encontram nos arrabaldes da Figueira.

Zela e tem um bom edificio brazonado a prender com a velha ponte na antiga estrada e *rua da Ponte*; pertenceu aos *Gravitos* de Aveiro, e hoje pertence a Manoel Coutinho Junior.

Tem jardins e está muito bem tratada, como dissemos supra, no topico dos *edificios brazonados*.

9.ª—*Quinta do Avelal.*

Demora nas duas margens do Zela; tem boas casas; produz vinho do melhor do concelho,—fructa, milho, trigo, centeio, cevada e feijões.

Pertenceu ao rev. Pedro da Gama, natural de Vouzella e que no meiado d'este seculo foi abbade em S. João da Foz do Douro;[1] hoje pertence ao sr. Antonio Rodrigues de Carvalho Guerra.

Concelho e comarca de Vouzella

Este concelho na actualidade comprehende as 12 freguezias seguintes: — Alcofra, Cambra, Campia. Carvalhal de Vermilhas, Fataunços, Figueiredo das Donas, Fornello do Monte, Paços de Vilharigues, Queirã, S. Miguel do Mato, Ventosa e Vouzella, com o total de 3:372 fogos e 13:909 almas, segundo o ultimo censo de 1878, deve porem hoje ser muito maior a sua população, e maior —*muito maior*—foi quando o àntigo territorio e concelho de *Lafões* tinha por capital a villa de Vouzella.

O dicto concelho e *territorio de Lafões* rivalisava com o *territorio* e districto de Panoias em Traz os Montes, e com a *terra e comarca* da Feira na provincia do Douro. No sec. XVII, segundo se lê na *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, comprehendia 44 freguezias e 13 coutos.

As freguezias eram as 12 mencionadas supra, que hoje constituem o concelho de Vouzella;—as 20 que hoje constituem o concelho de S, Pedro do Sul — e as 12 que hoje constituem o concelho de Oliveira de Frades, ou as mesmas 44 freguezias que hoje constituem a comarca de Vouzella, pois comprehende aquelles dois concelhos, cujas sédes distam de Vouzella aproximadamente 8 kilometros, — a 1.ª para N. N. E., — a 2.ª para O.

Está pois Vouzella no *centro* dos dois concelhos e é por isso que a villa de S. Pedro do Sul, apesar de ser *muito mais populosa* ainda não pôde tirar a Vouzella a preeminencia de sede da comarca.

—

Segundo se deprehende da *Chronographia Medicinal*, o territorio de Lafões desde os principios da nossa monarchia formava um concelho e uma comarca, tendo a séde na villa do Banho, por ser *in illo tempore* a mais populosa, mais importante e mais central d'aquelle vasto territorio, que se estendia para N. até o rio Paiva—e para S. até ás faldas da serra do Caramulo, nos confins do actual concelho de Oliveira de Frades. Cortava pois o Vouga approximadamente a meio o grande concelho de Lafões de E. N. E. a O. S. O.—e rezidiam na villa do Banho 2 juizes e 4 vereadores:—1 juiz e 2 vereadores na margem direita do Vouga;—o outro juiz e os outros 2 vereadores na margem esquerda, para administrarem a justiça a todo o territorio de Lafões, dividindo-o assim em duas partes, consoante corria e o dividia o Vouga.

Depois, não sabemos quando, dividiu-se aquelle territorio em dois concelhos—Vouzella e S. Pedro do Sul, com justiças proprias, ficando a villa do Banho reduzida a um simples *couto* dos 13 de Alafões e governada por um ouvidor e um juiz ordinario nomeados pelo senhor da dicta villa, o que muito accelerou a decadencia em que hoje a vemos e favoreceu a elevação e população das villas de Vouzella e S. Pedro do Sul.

Pouco antes de 1696 tornaram a unir-se á villa do Banho aquelles dois concelhos, mas em 1696 já estavam outra vez desuni-

---

[1] Era muito liberal e muito energico e teve serias questões com os seus parochianos, intervindo por vezes a auctoridade e a força armada em favor d'elle. Era parente proximo do conselheiro Alberto A. de Moraes Carvalho.

dos; não mais se uniram até hoje—e a pobre villa do Banho ficou reduzida a uma simples aldeia da freguezia de Varzea de Lafões, tendo sido a matriz não só da freguezia de Varzea, mas de todas as parochias actuaes circumvisinhas até grande distancia, comprehendendo as villas de Vouzella, S. Pedro do Sul, etc. etc.[1]

A velha matriz da villa do Banho era a egreja de S. Martinho, que já em 1696, como se lê na *Choronogr. Medic.*, *estava posta nos alicerces* e apenas se conservava a capella-môr. Hoje, como tivemos occasião de ver em 1880, está reduzida a uma pequena e pobre capella, onde apenas se diz missa na estação balnear.

Como prova e signal de obediencia, ali foram muitos annos encorporadas com as respectivas cruzes, por occasião das ladainhas de Maio, todas as freguezias que se desmembraram d'ella—e ainda em 1880 lá foram 11 cruzes, formando um grande arraial até ás 11 horas da manhã.

O povo de cada uma das dictas freguezias, quando ali chega, dá 3 voltas com a respectiva cruz em redor da capella; — depois entra; — canta a ladainha e retira-se para dar logar a outro povo e a outra cruz.

Demora a dicta capella em sitio muito pittoresco na margem esquerda do Vouga a N. e na extremidade da pobre villa do Banho, e do antigo estabelecimento balnear, junto da velha *Casa do Corregedor*—e da antiga cadeia,—edificios ambos brazonados.

Na casa da cadeia funccionava em 1880 a escola da villa.

A porta da capella de S. Martinho era ogival e olhava para a cadeia ou para S. A dicta capella, bem como a de *Nossa Senhora da Saude*, que está no interior do velho edificio dos banhos, pertencem á camara de S. Pedro do Sul.

Ha tambem no alto da villa do Banho a capella de *Nossa Senhora do Carmo*. E' particular e pertence á casa que foi do capitão mor de Malta José Luiz d'Almeida, hoje de Albino Martins da Costa. A dicta casa é uma das maiores e mais vistosas da povoação e n'ella nos hospedámos, porque um 1880 era um hotel.

Ainda o concelho e a comarca

Dividido o concelho de Lafões pelos de S. Pedro do Sul e Vouzella, pertenceu na antiga magistratura (até 1836) á comarca (corregedoria e provedoria) de Vizeu; mas parece que os dois concelhos muito tempo foram administrados em commum pelas mesmas auctoridades.

Em 1708, por exemplo, a *Chorog. Port.* fallando do concelho de Lafões, diz:

«Tem duas villas, que são a cabeça d'este concelho, a saber: a de *S. Pedro do Sul*, e a de *Vouzella*; aquella he *mais antiga e nobre*, situada em hum delicioso valle, cujas fraldas regão os dois rios Vouga e Sul. Tem excellentes pomares de todo o genero de fructas, com muitas hortas, e recolhe muito azeite, vinho, gado, e caça... Assistem ao seu governo civil hum juiz de fóra, vereadores, hum procurador do concelho, escrivão da comarca, juiz dos orphãos com seu escrivão: oito tabelliães, hum meyrinho e carcereiro. Ao militar hum capitão mór com *treze companhias de ordenanças*.

«A villa de Vouzella está fundada *no meio de uma serra*... He abundante de *castanha*, *gado* e *caça*: tem boas casas e 140 visinhos... Misericordia, hospital, e seis ermidas.»

Depois falla da villa do Banho, 1.ª capital do concelho de Lafões, e diz que era governada em 1708 por 1 juiz ordinario, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 tabellião do judicial e notas e mais officiaes, todos apresentados pelo nobre senhor da casa, quinta e couto da Cavallaria, tambem senhor da villa do Banho.

---

[1] Parece que outr'ora e egreja de *Nossa Senhora do Gardão* de Besteiros (Tondella) tambem foi algum tempo matriz de todas as freguezias do concelho de Lafões e das de Agueda, Mortagua, Santa Combadão — e de todas as do valle de Besteiros.

V. *Monte-Lafão*, tomo 5.º pag. 481, col. 1.ª

—

Do exposto se vê que em 1708 a villa do Banho era um couto e concelho á parte. O grande concelho de Lafões tinha por capitaes *duas villas*—S. Pedro do Sul e Vouzella, distantes uma da outra 8 kilometros (?!...); parece que as auctoridades *in illo tempore* residiam em S. Pedro do Sul—e que os 2 concelhos ainda formavam *um só* com o titulo de *Lafões*, pertencente á comarca (provedoria e corregedoria) de Viseu. Os 2 concelhos tornaram-se completamente distinctos e autonomos em 1836, quando se creou a nova magistratura e a comarca judicial de Vouzella, que ficou comprehendendo 5 concelhos:—*Sul, S. Pedro de Sul, Vouzella, S. João do Monte* e *Oliveira de Frades.*

Extincto o concelho de *Sul* em 1855, passaram para o de *S. Pedro do Sul* as freguezias que o constituiam, exceptuando as de Gafanhão, Pepim e Rériz, que passaram para o concelho e comarca de Castro d'Ayre.

Tambem no mesmo ânno o concelho de S. Pedro do Sul recebeu do de Vouzella a freguezia de *Serrazes.*

As freguezias de Arca, Alcofra, Campia, Reigoso, S. Vicente, Souto e Varziellas, que pertenciam ao concelho de S. João do Monte, extincto este concelho em 1855, passaram para o de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, á qual anteriormente pertenciam, exceptuando as de Arca, Varziellas e Alcofra, que pertenciam á comarca de Tondella.

Finalmente, por decreto de 2 de novembro de 1874 passaram tambem do concelho de Oliveira de Frades para o de Vouzella as freguezias de Alcofra, Cambra, Campia e Carvalhal de Vermilhas.

—

Foi tambem creado em 1836 o concelho de Oliveira de Frades com algumas freguezias do de Vouzella.

Em sessão de abril de 1843 a junta geral do districto resolveu que fosse supprimido o concelho de Oliveira de Frades e de novo incorporado no de Vouzella, o que se effectuou por portaria de 25 de janeiro de 1847, confirmada por decreto de 19 de junho de 1848; mas em novembro de 1851 foi restaurado — e em 1855 se lhe annexou, como já dissemos, a maior parte das freguezias do antigo concelho de S. João do Monte, extincto n'aquella data. Hoje, 1889, continúa persistindo e comprehende as mesmas 12 freguezias que o meu benemerito antecessor lhe assignou em 1875 no art. *Oliveira de Frades,* tomo 6.º pag. 271, col. 1.ª,—artigo extremamente reduzido e que nós bem quizeramos ampliar, se não fossem já tão longas as dimensões d'este. De passagem diremos pois sómente que a villa de Oliveira de Frades é hoje atravessada de Norte a Sul pela nova estrada real a macadam d'Aveiro a S. Pedro do Sul, formando uma boa *estrada-rua,* sobre a qual tem bastantes edificios novos, alguns muito vistosos, bons estabelecimentos commerciaes, uma boa hospedaria, algumas tabernas e uma casa com capella brasonadas, muito antigas e bastante arruinadas, que pertenceram ao conde de Santa Eulalia, de Viseu.

A egreja matriz é um bom templo e demora a montante da estrada real, em sitio pouco vistoso e com um pequeno adro irregularissimo, afrontado por habitações particulares.

Pelo censo de 1878 contava o dicto concelho 1:953 fogos e 9:385 habitantes, numero que mal se harmonisa com o dos fogos.

Etymologia e antiguidade de Vouzella

Alguem diz que Vouzella tomou o nome de um mouro assim denominado, mas na opinião commum tomou dos rios *Vouga* e *Zella* o nome de *Vougazella,* depois Vouzella,—e nós perfilhamos *em parte* esta opinião, mas como havemos de harmonisal-a com o facto de terem o mesmo nome de *Vouzella* e talvez a *mesma etymologia* uma ribeira,—nascente do Vouga, e outra, con-

fluente do Zezere, muito distantes do rio *Zella*?[1]

Na falta de documentos anteriores á nossa monarchia eis o que nós suppomos:

O rio Vouga foi denominado pelos romanos *Vaca* e *Vacua*; os leoneses o denominaram *Bauca* e davam o nome de *Bauceela*, diminutivo de *Bauca*, ás duas ribeiras suas confluentes, mencionadas supra; — depois nós os portuguezes mudámos no nosso dialeto *Bauca* em *Vouga*—e *Bauceela* em *Vouzella*, nome que foi commum ás duas ribeiras, uma das quaes ainda hoje o retem, — e a outra se denominou simplesmente *Zella*, depois de dar o seu nome anterior e proprio á villa que banhava e que ainda hoje se denomina *Vouzella*, *nome proprio* da dicta ribeira (segundo suppomos) e não proveniente da confluencia do *Vouga* com o *Zella*, mesmo porque *Vouzella* não está precisamente na confluencia do *Zella* com o *Vouga*, nem o *Vouga* se avista de *Vouzella*.

—

Assim como o foral do *a.* 1204, indicando o termo da villa de Figueiró dos Vinhos a E., marcou o monte que está *inter Baucaa et Bauceela*, se tiveramos algum documento d'aquella idade, relativo á posição de Vouzella, muito provavelmente diria tambem que estava *inter Bauca et Bauceela*; mas nós acolá na Estremadura em rasão da distancia e dos 2 *a a*, bem como da facil troca do *b* em *v* no nosso dialeto, traduzimos *Baucaa* por *Bouçã*—e *Bauceela* por *Nodel*—hoje e talvez já no tempo dos mouros.[2]

---

[1] V. os nossos 3 primeiros artigos *Vouzella*, supra.

Alguem diz que *Vouzella* provem de *Vou-Zahara, pae da flor* no idioma sarraceno.

[2] V. *Vouzella*, ribeira (a 2.ª) supra—e note-se que a ribeira de *Maçãs*, ali mencionada, hoje, segundo se lê na *Topographia Medica das cinco villas e Arega*, se denomina ribeira de *Varzea*?!...

Note-se tambem que nos principios da nossa monarchia o idioma portuguez era accentuadamente o leonez ou hespanhol, e que n'este idioma *Vouzella* se diz *Boucela* e *Vouga* se diz *Bouga*, como se lê na *Poblacion General de Hespaña*, fl. 152,—e ainda em 1708 Fr. Agostinho de Santa Maria, escrevendo em portuguez e fallando de Vouzella, escreveu alternadamente *Voucella* e *Bouzella*.

V. *Sant. Marian* tomo 5.º pag. 262 a 272.

Isto com relação á etymologia de Vouzella. Da sua fundação nada sabemos; deve porem datar de tempos muito antigos e contemporaneos da occupação d'este concelho ou territorio de Lafões, por ser parte integrante d'elle e por estar na velha estrada de Lamego, Castro d'Ayre, S. Pedro do Sul e villa do Banho para Coimbra.

V. *Villa Maior*, tomo 11.º pag. 775, col. 1.ª

Etymologia e antiguidade do territorio de Lafões

Em 1609 disse Fr. Bernardo de Brito que D. Fernando Magno de Leão, quando tomou Viseu aos mouros no anno de 1038,[1] era governador da dicta cidade o alcaide mouro Alafum, que se fez christão, pelo que D. Fernando Magno lhe poupou a vida e lhe deu terras para viver e povoar, terras que do dicto mouro *Alafum* tomaram o nome de *Lafões*.[2]

Tanto bastou para que todos os nossos escriptores desde os principios do sec. XVII affirmassem que foi o mouro *Alafum* quem povoou o territorio de Lafões e mandou fazer os muitos castellos que ali avultaram, pois Fr. Bernardo de Brito era o assombro e oraculo do seu tempo. Todos o seguiam

---

[1] Aliás 1057, como diz Alexandre Herculano.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1720 col. 2.ª,—e *Monarchia Lusit.* parte 2.ª liv. 7.º cap. 28.

[2] V. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª e segg.

com orgulho, incluindo o seu contemporaneo Manoel de Faria e Sousa, talento verdadeiramente superior tambem, o qual no tomo 1.º da *Europa Portug.* não só confessa que seguiu a Fr. Bernardo de Brito, mas insurge-se contra quem ja *in illo tempore* o menoscabava, e fez uma pomposa e larga apologia d'elle.[1] Isto porém não obstou a que Fr. Bernardo de Brito,—sendo aliás um homem de raro talento e vastos conhecimentos,—fosse accusado de *impostor e falsario* por muitos dos nossos mais auctorisados e conscienciosos escriptoros, nomeadamente por João Pedro Ribeiro, Anastacio de Figueiredo Viterbo e Alexandre Herculano.[2]

—

A etymologia de Lafões pintada por Brito seduz—e ainda hoje os vouzellenses e todos os habitantes d'este territorio se orgulham por poderem levar a antiguidade d'elle até os principios do sec. XI; mas não podemos tomar a serio a lenda do rei *Alafum*, nem necessitamos d'ella para levar *muito mais longe* a occupação do territorio de Lafões.

Já no anno de 1030—27 *annos antes da conquista de Viseu por D. Fernando de Leão* —este territorio tinha o nome de Alafões, *Alahobeines*, *Alahoveinis*, *Alahoem* e *Alaphoen in illo tempore*, como logo provaremos, quando fallarmos da freguezia de *Bordonhos*.

Fica pois morta desde já a lenda do rei Alafum, tão querida dos vouzellenses. E morta estava desde que Viterbo escreveu o *Elucidario*, pois no art. *Alahoveinis*, depois de citar differentes documentos anteriores á tomada de Viseu por D. Fernando de Leão, nos quaes ao dicto territorio se dá o nome de Lafões, accrescenta:

«D'aqui se mostra ser arbitraria a etymologia que Fr. Bernardo de Brito... quiz dar ao nome de *Alafões*... Não traz Brito mais fiador que a sua palavra, e comtudo achou sequazes dentro e fóra do reino. Mas isto parece não tem fundamento, porque se de nomes que tem alguma semelhança havemos de buscar as etymologias de outros nomes; muito antes da conquista de Viseu... lemos em uma doação do mosteiro de Cete, que hoje se acha no collegio da Graça de Coimbra, entre outras muitas testemunhas, que n'ella assignaram no de 885 «*Alafum Augadiz*—ts.»—E não parece verosimil, que havendo entre nós christãos chamados *Alafums* no seculo X, quasi um seculo depois tomasse aquella terra o nome de um mouro.

«Alem d'isto, aquella terra não estava antes sem nome: se mudou por honra do seu novo possuidor, que nos digam como d'antes se chamava? Vimos... o seu nome no de 1070; nos documentos de Pedroso se faz menção d'ella em outros mais antigos: e então em menos de dez annos se fundaram igrejas, e se mudaram inteiramente os nomes?...—*Credat Judaeus...; non ego.*»

Elucidario loc. cit.

Fica assim rectificado o que o meu benemerito antecessor, confiado em Brito, escreveu no art. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª[1]

Prosigamos.

—

Os castellos de Lafões (logo os indicaremos) são muito antigos, mas não podemos

---

[1] V. *Europa Port.* tomo 1.º (Prologo) pag. 1 a 9.

[2] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1682, col. 1.ª

[1] Tambem suppomos que o mosteiro de *S. Christovam d'Alafões*, cuja fundação o meu antecessor, *loc. cit.*, attribue a João Cirita, anno 1123, era muito mais antigo e datava pelo menos do sec. IX.

V. *Alahoveinis* em Viterbo — e *Benedict. Lusit.* tomo 2.º tract. 1.º cap. 7.º

De passagem diremos tambem que *Cirita* era synonimo de *eremita*, porque *cira* outr'ora significava *terreno inculto e deserto, brenha, matta, ermo.*

V. *Cira* e *Villa Franca de Xira.*

acceital-os como obra de Alafum, porque D. Fernando Magno, além de Viseu, conquistou tambem Lamego, Ceia e Coimbra, fazendo recuar a fronteira dos mouros para o sul do Mondego. O territorio de Lafões ficou sendo christão — e christão o proprio Alafum. É pois incrivel o zelo d'este mouro em fundar tantos castellos para os christãos,— nem elle teria tempo e recursos para fazer tantas e tão dispendiosas construcções.

Era possivel que fizesse ou restaurasse alguns castellos, mas suppomos que a maior parte d'elles é muito anterior.

Nós ainda não tivemos occasião de os ver e estudar, mas estamos certos de que alguns são anteriores á occupação arabe e talvez construidos ou reconstruidos sobre outros mais velhos ainda, o que só poderá verificar-se demolindo-os.

—

Estranhamos que em todo o territorio de Lafões não se tenha escontrado vestigio algum da occupação romana, — nem sequer na villa do *Banho*, que os romanos por certo occuparam, por serem tão amantes dos estabelecimentos thermaes e porque o manancial das dictas thermas foi sempre um dos mais volumosos e mais importantes da peninsula.

Accresce tambem a circumstancia de terem os romanos feito demorada residencia em volta de *Lafões*:—a leste em Viseu; a O. em Talabrica e Lancobrica; a N. em Arouca, Lamego e Lamas do Molledo, hoje concelho de Castro d'Ayre, e a S. em Eminium, hoje *Coimbra*; mas é innegavel que o territorio de Lafões foi povoado *muito antes* da occupação dos mouros e mesmo da dos godos e romanos. Foi evidentemente povoado nos tempos prehistoricos da *idade da pedra*, como prova a *arca* ou *orca*, anta ou dolmen que *ainda hoje* (1889) se encontra no adro da egreja matriz da freguezia de *Arca*, no concelho de Oliveira de Frades,—monumento megalithico e congenere dos muitos encontrados em volta de Viseu, — *milhares d'annos anteriores ao lendario Alafum*.[1]

[1] V. *Arca*, tomo 1.º pag. 231,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1699, col. 2.ª

E outros dolmens ou monumentos congeneres provavelmente existiram—e *existirão talvez ainda* — no concelho de Lafões, nomeadamente nas aldeias denominadas *Anta de Cima, Anta de Baixo* e *Anta Cova*, freguezia de Manhouce, hoje concelho de S. Pedro do Sul,—e na povoação de *Antellas*, diminutivo de *Anta*, dolmen, na freguezia do *Pinheiro*, concelho de Oliveira de Frades, outr'ora de Lafões.

—

Pela onomastica revelam grande antiguidade tambem as aldeias seguintes, todas pertencentes ao antigo concelho de Lafões:

—*Paço, Paços, Reguengo* e *Torre*, na freguezia de Carvalhaes;

—*Paço*, na freguezia de Baiões;

—*Paço*, na de *Serrazes*, cujo nome parece godo, pois tem muita affinidade com *Surrazinus*;

—*Paços*, na de Pinho;

—*Coutos* e *Curvaceira*, na de S. Pedro do Sul;

—*Chã do Couto*, na de Valladares;

—*Torre, Drizes* e *Alqueves*,[1] nomes arabes, e *Fonte-Moninho*, nome godo, na de Varzea;

—*Peso, Goja, Sendas, Amarante, Joazim*, nomes godos, *Castello, Marvão* e *Dardão*, na de Villa Maior.

No concelho de Tondella, visinho de Lafões, ha uma freguezia e villa antiquissima, denominada *Guardão*, cujo nome tem muita affinidade com *Dardão* e *Marvão*!...

—*Bordonhos*,—de *Iben Ordonis*, — nome

[1] Na freguezia da Penajoia, concelho de Lamego, ha uma propriedade *minha*, denominada *Alguetes*, onde se tem encontrado carvões, tijolos de grande espessura, pedras em fórma de cubo, fragmentos de columnas e outros vestigios de remota occupação.

Ha tambem no nosso paiz differentes aldeias, casaes, quintas e sitios denominados *Algueva, Algueve* e *Alqueves*, nomes arabes, donde provem o termo *alqueive*, terra de pousio.

musarabe, hoje povoação e freguezia do concelho de S. Pedro do Sul.[1]

—*Alcaria*, nome arabe, na villa do Sul.

Todas estas 10 freguezias pertencem ao actual concelho de S. Pedro do Sul.

—*Paço*, na freguezia de Queirã;

—*Paços* e *Cabo da Torre*, na de Paços de Vilharigues;

—*Paço* e *Mossamedes*, nome arabe,[2] na de S. Miguel do Mato;

—*Quinta da Cavallaria*, na de Vouzella;

—*Casal de Ouzende*, nome godo, na de Ventosa.

—*Bandavizes* ou *Bendavizes* na de Fataunços.[3]

—*Alcofra*, nome arabe, *Meijão* e *Farves*, na freguezia de Alcofra.

—*Cambra*, *Levides*, *Mugueirães*, *Tourelhe* e *Confulcas*, na de Cambra.

—*Campia*, *Cambarinho*, *Cercosa*, *Decide* ou *Adecide* ou *A do Cid*, *Alvitelhe*, *Sellores* e *Castro* (*castro*, acampamento romano) na de Campia.

---

[1] No cartorio da Universidade de Coimbra se encontra uma carta de encommunhão (*cartula incommunicationis*) feita no anno de 1030 (era 1068) por Adosinda a *Fromarigo Iben-Egas*, musarabe, e a sua mulher Adosindá, de uma herdade *in territorio alahobeines* (Alafões) no sitio de Bordonhos (*in loco quo vocitant Iben ordonis*) que fôra de seu pae *germeriz* (nome godo) e de sua mãe *matrona*, por 200 soldos (?) e um *modio* de cevada (*uno modio de civaria*).

V. *Catalogo dos Pergaminhos da Universidade de Coimbra*, pag. 113, n.º 1.

Do exposto se vê que já no *anno* de 1030 o territorio de Lafões tinha o mesmo nome de Lafões ou Alafões, *alahobeines* em latim barbaro, e que não tomou o nome do rei *Alafum*, como diz Fr. Bernardo de Brito.

Parece mesmo que já no anno de 865 a este territorio se dava o nome de Alafões—*Alafoins*, como se lê em um documento d'aquella data, que se encontra no tomo 2.º da *Benedit. Lusit.* trat. 1, cap. 7.º

[2] V. *Muçamedes*, tomo 5.º pag. 583, col. 4.ª—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1545, col. 1.ª tambem.

[3] *Drizes* e *Bandavizes* são nomes arabes. V. *Bandavizes*, tomo 1.º pag. 316, col. 1.ª

Estas 9 freguezias pertencem ao actual concelho de Vouzella.[1]

—*Grijó* e *Luvisios*, de *Luvigildus*, nome godo, na de Gafanhão.

—*Mosteiro*, na de *Pepim*, nome godo.

—*Paço*, *Rhodes*, *Sabariz*, nome godo, serras do *Ladario* e das *Almenáras*, faroes dos lusitanos, na freguezia de *Rériz*, nome godo tambem.

Estas 3 ultimas freguezias pertencem hoje ao concelho de Castro d'Ayre, mas pertenceram anteriormente ao concelho de Lafões.

—*Ladario*, *Virella*, *Porcelhe*, *Mourão* e *Faleiro*, na de Arcozello das Maias.

—*Destriz*, *Ribança* e *Pisco* (*Prisco*, nome de homem) na de Destriz, talvez nome godo.[2]

—*Paços*, *Quetriz*, *Francelha* e *Ral*, na de Pinheiro.

—*Reigoso* e *Alfusqueiro*, nome arabe, na de Reigoso.

—*Torre*, *Parada*, *Paços*, *Enviande* (?) *Ladario*, *Candemil*, *Pedre* e *Sandão*, nome godo, na de Ribeiradio.

—*Monte Thesouro*, talvez de *Trezoy*, nome godo, aldeia da freguezia de Oliveira de Frades.

—*Bandonages*, nome arabe,[3] na de S. Vicente.

—*Coulella*, *Bispeira*, *Villagueira* e *Covellinho*, na de S. João da Serra.

---

[1] *Vilharigues*, na opinião de um illustrado vouzellense, quer dizer *Villa Rodrigues*, mas eu entendo que *Vilharigues* é o nome godo *Villiarigues* patronimico de *Villiarigo*.

Em um documento da era 1033, o anno 995, vemos nós assignado como tabellião ou notario *Viliarigu Onoriz*.

Portugal. Monum. — *Diplom. et Chartae*, pag. 108.

[2] Teem muita affinidade Ariz, Argeriz, Criz, Destriz, Esmoriz, Gondoriz, Gradiz, Mariz, Moniz, Outiz, Queiriz, Queitriz, Rériz, Roriz, Romariz, Sabariz, Viariz, etc.

Suppomos que todos ou quasi todos estes nomes são godos.

[3] Fr. Bernardo de Brito, escreveu *Aben Donages*. *Monarch. Lusit. loc. cit.*

—*Cunhedo, Ribella, Louredo* e *Rodam*, na de Souto.

Estas 9 freguezias pertencem ao actual concelho de Oliveira de Frades.

Do exposto se vê que no territorio de Lafões tiveram demorada residencia os arabes, musarabes e godos—e que ali viveram muitas familias importantes, como prova o grande numero de aldeias, ainda hoje denominadas *Torre*, *Paço* e *Paços*.

Tambem a aldeia de *Crasto* (*Castro*) revela a occupação dos romanos,—e as de *Arca*, *Antas*, e *Antellas*, synonymos de *Dolmen*, revelam a occupação prehistorica dos celtas ou preceltas, que habitaram a nossa peninsula *milhares d'annos* antes do nascimento de Christo.

V. *Celtas*, tomo 2.º pag. 236,—e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1699, col. 2.ª

Castellos

Dos muitos que pompearam nas terras de Lafões occorrem-nos os seguintes:

1.º—*Castello de Lafão*—na freguezia de Vouzella, distante da villa pouco mais de 1 kilometro para E.

Demorava em um alto monte denominado Lafão, no sitio onde hoje se vê o santuario de *Nossa Senhora da Esperança*, ou do *Castello*. Foi demolido, quando se fez o santuario e ainda hoje lá se vêem alguns restos da antiga fortificação em volta do dicto morro.

Consta que ali appareceu uma cisterna com muitos esqueletos, quando se demoliu o castello,[1] supposta residencia do lendario rei *Alafum*. A distancia de 800 metros para S. E., na cumiada de um monte mais alto, segundo resa a tradição, guardava o dicto mouro os seus thesouros em uma *cova* que ainda lá se vê, da qual partia uma estrada coberta ou subterranea, que se prolongava descendo até á povoação e freguezia actual de Fataunços, distante cerca do 2 kilometros para N. E.

2.º *Castello de Vilharigues*—no alto d'este nome, freguezia de *Paços*, antiga succursal de Vouzella, distante d'esta villa cerca de 2 kilometros.

Era quadrado e ainda hoje (1889) tem uma das faces, a do lado N., completa, medindo talvez 50 metros d'altura. As outras faces cairam em ruinas e foram até meia altura demolidas pelos senhores d'elle e da nobre casa e quinta da *Cavallaria* para fazerem, com a pedra que d'elle tiraram, a capella de *Santo Amaro* e uma bella escadaria, ainda hoje pertencentes aos marquezes de Penalva, descendentes de S. *Fr. Gil*, que nasceu na dicta casa e quinta, da qual recebem foros os dictos marquezes, depois que a emprazaram. E ainda hoje mandam fazer na dicta capella todos os annos pomposa festa a *Santo Amaro* no dia 15 de janeiro, havendo por essa occasião grande romagem.

—

3.º—*Castello de Baiões*—em um alto na freguezia d'este nome, hoje concelho de S. Pedro do Sul, distante da villa cerca de 3 kilometros para O. na m. d. do Vouga.

Foi demolido e com a pedra d'elle fizeram no mesmo local a capella de *Nossa Senhora da Guia*, muito querida dos povos circumvisinhos, que a festejam com grande romagem na 2.ª feira da Paschoa.

V. *Baiões*, tomo 2.º pag. 552, col. 1.ª

O *Santuario Marianno*, fallando d'esta ermida (tomo 5.º pag. 86) diz que no dicto local ainda *in illo tempore* (1716) se viam (e vêem hoje, 1889) restos da antiga fortificação ou *atalaya*, e que no dicto chão, cavando, se encontraram *pedaços de ouro lavrado, como argolas, e outras cousas semelhantes*. Que os mouros faziam do dicto castello centro e receptaculo, d'onde saiam a infestar e roubar os christãos, pelo que estes os expulsaram, invocando por guia *Nossa Senhora* e depois, em signal de gratidão, lhe erigiram ali um templo com a invocação de *Nossa Senhora da Guia*.

—Que a dicta imagem era esculptura de madeira estofada, tendo o Menino Jesus no braço esquerdo e ao todo 4 palmos de altura.

---

[1] Veja-se o topico *Templos* supra, n.º 6.

—Que os devotos desde tempo muito antigo formaram uma numerosa irmandade, cujos estatutos confirmou em 1679 D. João de Mello, bispo de Viseu e depois bispo tambem de Coimbra.

—Que a dicta capella tinha um ermitão apresentado pelo abbade de Baiões—e que festejavam a padroeira na 1.ª oitava da paschoa, havendo por essa occasião grande romagem e uma feira antiquissima, anterior á formação da irmandade.

—

4.º—*Castello de Figueiredo das Donas*, na freguezia d'este nome, concelho de Vouzella e distante d'esta villa 6 kilometros para E.

Demoliram-no para construirem uma casa.

Prende com o dicto castello a lenda de *D. Ansur*.

V. *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º, pag. 192, col. 2.ª

5.º—*Castello de Bendavizes*, — nome arabe, na freguezia de Fataunços, 3 kilometros ao nascente de Vouzella.

Foi demolido em 1886 e empregaram a cantaria d'elle na construcção de uma casa.

V. *Fataunços*, tomo 3.º pag. 161, col. 2.ª

6.º—*Castello de Cambra*.

Ainda se conserva quasi intacto e demora cerca de 8 kilometros ao sul de Vouzella.

V. *Cambra*, tomo 2.º pag. 52.

7.º—*Castello de Alcofra*.

Ainda se conserva tambem quasi intacto.

V. *Alcofra*, tomo 1.º pag. 79, col. 2.ª *in principio*.

Demora cerca de 15 kilometros ao sul da villa de Oliveira de Frades—e a igual distancia de Vouzella, a cujo concelho actualmente pertence,—para S. S. O.

8.º—*Castello de Rériz*, na freguezia d'este nome, hoje concelho de Castro d'Ayre, na margem esquerda do Paiva, mas outr'ora concelho de Lafões.

Do dicto castello apenas hoje se encontram vestigios, bem como d'outras construcções arabes que existiram na mencionada parochia.

V. *Rériz*, tomo 8.º pag. 148, col. 2.ª

Ainda se apontam dispersos pelo antigo concelho de Lafões vestigios d'outras muitas obras de defesa attribuidas aos mouros, avultando entre ellas uma medonha gruta ou caverna, talvez mina outr'ora, no alto da serra da Arada, a montante da freguezia de Carvalhaes.

Ninguem ousa penetrar na dicta gruta por falta de luz e ar.

V. *Arada*, serra, tomo 1.º pag. 225.

Tambem as aldeias denominadas *Torre*, *Castello* e *Castro*, mencionadas supra, revelam a existencia de *torres*, *castellos* e *castros* n'aquelles sitios, posto que hoje lá se não encontrem vestigios alguns de taes obras de defesa.

Senhores de Lafões

1.º—*Cid Alafum*, o lendario mouro, na opinião de Fr. Bernardo de Brito.

2.º—*D. Fernando Pedro*, mordomo-mor d'el-rei D. Affonso Henriques.

Falla muito d'elle a *Chronographia Medicinal de Alafoens*.

3.º—*O infante D. Henrique*, de Sagres, filho d'el-rei D. João I.

4.º—*O infante D. Luiz*, duque de Beja, 4.º filho do 2.º matrimonio d'elrei D. Manoel e pae do infeliz D. Antonio, prior do Crato.

5.º—*Fernão Lopes d'Almeida*, senhor da casa e quinta da *Cavallaria* e anteriormente já senhor do couto e villa do Banho, por mercê d'el rei D. Manoel e concessão do infante D. Luiz.

6.º—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente, tambem dono da nobre casa, quinta e couto da *Cavallaria*—e monteiro mor do infante D. Luiz.

7.º—*D. Pedro Henrique de Bragança*, 1.º duque de Lafões, 2.º marquez de Arronches e 7.º conde de Miranda, senhor de Lafões e das villas e concelhos de Miranda de Corvo, Jarmello, Folgosinho, Sôsa, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro.

V. *Lafões*, tomo 4.º pag. 11, col. 1.ª—e a *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafões*, muito conscienciosamente escripta na localidade em 1696 e que falla muito da an-

tiga villa do *Banho* e do antigo concelho de *Lafões*, bem como dos senhores da dicta villa e do dicto concelho, etc., etc.

—

E' um livro muito interessante e *não vulgar*, devido á penna do dr. Antonio Pires da Silva, natural de Bragança e que foi medico das ditas caldas,—homem bastante illustrado, mas resentia-se da escola de Fr. Bernardo de Brito, a quem seguiu de perto, fazendo longo extracto da 1.ª parte da *Monarchia Lusitana* e contando como historia muitas *lendas* desde a creação do mundo, para mostrar a antiguidade da casa da Cavallaria. Com as taes lendas e patranhas occupa nada menos de 104 pag.

V. cap. 5.º pag. 17 a 121.

E para mostrar a antiguidade das *Caldas de Lafões*, subiu tambem até á creação do mundo e, depois de longo arrasoado, disse que as dictas aguas *brotaram no mesmo sitio e com a mesma temperatura no 3.º dia da creação?!...*

«Não faz duvida (diz elle) que a agua dos Banhos de Alafoens teve principio e sahiu logo quente *na tarde do terceiro dia.*»

Cap. 2.º pag. 7.

Em compensação na dicta obra se encontram noticias aproveitaveis e *curiosissimas* com relação aos banhos de Lafões e a *toda a sorte de banhos in illo tempore*, sendo para lamentar que não tenha indice, o que difficulta muito a busca de qualquer topico.

Terminaremos dizendo que o senhorio de *Lafões* se conservou muitos annos, bem como outros senhorios, fóros e bens da corôa, na casa dos duques de Lafões, pelo que esta grande casa *soffreu muito* com a extincção d'aquelles senhorios e fóros em 1834.

Coutos

Segundo se lê na *Chronographia Medicinal*, o concelho de Lafões em 1696 comprehendia 13 coutos que ali se apontam, mas tão confusamente, que mal os podemos discriminar!... Suppomos serem os seguintes:

1.º *Couto do Banho.*

Comprehendia a freguezia de Varzea e entrava nas de S. Pedro do Sul, Baiões, Serrazes e Fataunços, sendo demarcado por grandes marcos de pedra com armas reaes.

2.º—*Couto do Covello*, na freguezia de Ventosa, com casas em diversas freguezias, taes eram as de Paços, Baiões e Campia.[1]

3.º—*Couto de Arcozello*, da commenda de Ansemil;

4.º—*Rio de Mel*, da mesma commenda de Ansemil;

5.º—*Goja;*

6.º—*Gafanhão;*

7.º—*Ribolhos;*

8.º—*Trapa;*

9.º—*Oliveira de Frades;*

10.º—*Mões;*

11.º—*Alva;*

12.º—*Sul;*

13.º—*Rériz.*

Pelo motivo exposto supra declinamos a responsabilidade d'este topico.

—

Bordonhos tambem foi honra.

V. *Bordonhos*, freguezia do actual concelho de S. Pedro do Sul, tomo 1.º pag. 420.

Houve tambem no concelho de Lafões desde os principios da nossa monarchia os 3 coutos seguintes:

1.º—A casa, cerca e mais dependencias do convento de *S. Christovam de Lafões*, que hoje constituem a freguezia d'este nome no concelho de S. Pedro do Sul.

---

[1] Ainda hoje (1889) vive o ultimo escrivão do couto do Covello.

Diz elle que *proferiam as sentenças* em cima de certas pedras, que aponta,— *ao ar livre.*

O mesmo se praticava em outros muitos dos nossos concelhos extinctos.

Mesmo em Lamego nos principios da nossa monarchia as audiencias eram feitas junto de uma arvore—*lamegueiro.*

V. *Lamego* n'este diccion. e no supplemento.

V. *Christovão de Lafões* (S.) tomo 2.º pag. 297, col. 1.ª,—e *Lafões*, tomo 4.º pag. 12, col. 1.ª tambem.

2.º—*Couto de Valladares*, ou *Couto de Baixo*, hoje tambem freguezia do mesmo concelho, e

3.º—*Couto da Trapa e Paço*, ou *Couto de Cima* (é o mencionado supra) hoje tambem freguezia do mesmo concelho.

V. *Trapa*, vol. 9.º pag. 724, col. 1.ª — e *Valladares*, tomo 10.º pag. 169, col. 2.ª

Estes ultimos 3 coutos foram muito privilegiados tanto civilmente como ecclesiasticamente. Eram *exemptos* e n'elles exerciam a jurisdicção episcopal os abbades do convento de *S. Christovam de Lafões*.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1600, col. 2.ª n.º 21,—e na collecção do *Observador*, jornal de Viseu, relativa ao anno de 1879, os interessantes folhetins: *Chronica visiense do seculo* XVII, *parte* 2.ª — *O Dr. Themudo e Manuel Botelho*, — folhetins firmados por um=B= que suppomos representa o nome do sabio conego *José d'Oliveira Berardo*.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1815, col. 2.ª

Os mencionados folhetins, aliás bem escriptos e revelando muita instrucção, referem-se ao dicto convento e ao dr. Manoel Botelho Ribeiro,[1] deprimindo bastante um e outro, pelo que mais nos convencemos de que foram obra de Berardo, — e é d'elle o estylo.

Tambem foi *couto* a celebre quinta da da *Cavallaria*.

—

Do exposto se vê que as auctoridades de Lafões deviam luctar com grandes difficuldades para administrarem a justiça em um concelho tão cheio de *coutos*, *exemptos*, *honras*, castellos e *torres*, e de fidalgos poderosos, alguns d'elles com grande valimento na côrte e outros *senhores do proprio concelho todo*, entre os quaes avultaram 2 infantes e differentes duques.

As mencionadas auctoridades dispunham de 13 companhias de ordenanças, como já dissemos supra, mas tudo isso era pouco e por certo muitos conflictos se deram em que foram levadas de vencida, mas não se registraram, porque muito provavelmente *nem isso lhes permittiram*!...

Os fidalgos eram muito prepotentes e pessimos visinhos outr'ora, pelo que em muitos foraes se concedeu como *grande favor* aos povos não poderem entre elles viver *fidalgos*, nem *donas*, nem *ricos homês*.

V. *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70, col. 2.ª e segg. —*Villa Real*, topico *Foraes*, vol. 11.º pag. 942, col. 1.ª e 943, col. 2.ª com as suas respectivas notas;—*Villar*, aldeia da freguezia de *Barrô*, no mesmo vol. pag. 1174, col. 1.ª —*Historia de Port.* de Alexandre Herc. tomo 2.º pag. 494-499,—e os *Foros de S. Martinho de Mouros* nos *Ineditos de Hist. Port.* tomo 4.º pag. 579 e segg.

Tudo o que ali se narra são *factos historicos*, que hoje mal se acreditam.

Fazem tremer a alma!

E nas outras nações *in illo tempore* succedia o mesmo—ou *peior ainda*!...

O povo nunca teve as garantias que hoje tem e de que tanto abusa, expondo-se a voltar ao *statu quo ante*, porque os extremos tocam-se.

S. CHRISTOVAM DE LAFÕES

E

SANTA CRUZ DA TRAPA

(*Reminiscencia d'estes 2 coutos*)

A citada *Chronica do sec.* XVII diz que, estando o dr. Themudo e o dr. Botelho hospedados no convento de S. Christovam de Lafões, por serem amigos do D. Abbade do dicto convento, — Fr. Antonio Pinto,—este apresentou ao dr. Themudo, supposto auctor da *Chronica*, um papel, para o ler e examinar e dar sobre elle o seu conselho, conforme ao direito.

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1805, col. 1.ª, —e 1825 col. 2.ª

«Acceitei-o (diz elle) e por ser curioso, o transcrevo aqui fielmente do chirographo:

«Fr. Antonio Pinto, Dom Abbade do mosteiro de sam christovam a quem in solidum pertence a jurisdicam *episcopal e temporal* no civil no seu couto da trapa, etc. A todos os que esta nossa freguezia de sam christovam, ha pessoa que esquecida do que deve a Deus nosso Sr. e pouco temente a sua de Vina justiça,[1] porque sendo monido por mandado nosso, para que pagasse a este mosteiro á tulha o que está deyendo, e o não tem feito, dezobedecendo e não comprindo nossos mandados. Pello qae Auturitate Apostolica de que nesta parte Vzamos. Mando em Virtude de Sta. Obidiencia e sob penna de excummunhão ipso facto incurrenda Page ao dito Pe. tulheiro: Pedro Simoens da trapa tudo o que lhe deve dentro, em tres dias pros. despois da publicasam desta o que não fazendo o havemos por declarado na sobredita penna de excomunhão maior ipso facto incorrenda, ao dito Po. Slmoens e o hey por incorrido nella, e por maldito e excomungado da maldisam de deus todo poderoso e dos Bem aventurados Apostolos Sam Po. e Sam paulo e de todos os Santos da Santa Madre Igreja de Roma, e seja sovertido e confundido, com os danados nos infernos para sempre. Em companhia de Datam e abiram. Dada neste nosso mosteiro de sam christovam hoje 14 de Maio de 694. O Abbe. fr. Antonio pintto.»

«Passou-se o resto daquelle dia, e tambem a noite até que na manhã seguinte, muito cedo, entrou-me pelo quarto dentro Fr. Antonio, pedindo-me o resultado do meu parecer e que lhe fallasse com toda a sinceridade e inteireza.

«Pois bem, respondi eu, digo-vos qne a redacção do papel está confuza e incorrecta e que por direito não é esse o modo de cobrar as dividas.

«Mas, replicou elle, sempre assim o temos usado e com bastante efficacia.

«Pois então continuai;— foi a minha resposta.

Dr. Themudo.»

[1] Vou copiando fielmente o texto do *Observador*.

P. A. Ferreira.

Vinho

Segundo a interessante *Carta da producção vinicola da circumscripção do norte de Portugal*,[1] os 3 concelhos d'esta comarca de Vouzella produziram em 1887 o vinho seguinte:

Vouzella—milhares de hectolitros....	11,0
Oliveira de Frades.....	12,0
S. Pedro do Sul.....	20,0

Litros por hectare

Oliveira de Frades.....	56
S. Pedro do Sul.....	59
Vouzella.....	115

Note-se que os 3 concelhos teem a superficie seguinte:

Vouzella, hectares.....	10:987
Oliveira de Frades, hectares.....	21:500
S. Pedro do Sul, hectares	33:982

E' isto o que se lê na *Chorog. Mod.* pu-

[1] A dicta *Carta* acompanha a publicação official recentemente feita pela nossa *Direcção geral de Agricultura* sob o titulo — «Portugal (circumscripção do norte) Noticias ácerca dos seus vinhos pelo engenheiro José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70.» — 1.º fasciculo 1888; 2.º fasciculo 1889.

É um trabalho interessante e que muito honra o seu illustrado auctor, distincto engenheiro civil, grande proprietario e vinicultor no concelho de Amarante, mas residente no Porto.

Nos 2 fasciculos já publicados tracta dos districtos de Vianna, Braga e Porto; nos seguintes tractará dos de Bragança, Villa Real, Viseu, Guarda, Aveiro, e Coimbra.

blicada em 1875, mas, como o seu proprio auctor adverte, comprehendeu no concelho de Vouzella a freguezia de *Bodiosa*,[1] que em 1871 *havia passado* para o concelho de Viseu,—e no concelho de Oliveira de Frades comprehendeu as freguezias de *Alcofra*, *Cambra*, *Campia* e *Carvalhal de Vermilhas* que no mesmo anno de 1871 passaram para o concelho de Vouzella. Ficou pois sendo *maior* a superficie d'este ultimo concelho e *menor* a do concelho de Oliveira de Frades.

O vinho dos concelhos de Vouzella e Oliveira de Frades em geral é verde e aspero, porque está exposto ao norte nas faldas do *Caramullo*, que attinge a altitude de 1070 metros sobre o nivel do mar,—altitude que baixa gradualmente até ás margens do Vouga, limite dos 2 concelhos a N. e N. O.[2]

E' pois um pouco melhor o que se approxima do Vouga, mas insupportavel o que se avisinha do Caramullo.

Ha por ali freguezias onde as uvas principiam a *pintar* em outubro e nunca chegam a amadurecer, taes são na parte alta as freguezias de Fornello do Monte, Carvalhal de Vermilhas, Ventosa, Alcofra, Campia e Cambra, todas d'este concelho do Vouzella.

No de Oliveira de Frades tambem ha freguezias, cujo vinho é insupportavel!...

O vinho do concelho de S. Pedro do Sul, por estar exposto ao sul, é muito melhor, principalmente o da parte baixa, nas visinhanças do Vouga e do rio Sul; mas tem vinho tambem muito aspero na parte alta, principalmente nas visinhanças da serra de *Manhouce*, que attinge a altitude de 1002 metros sobre o nivel do mar e prende com as serras de Cambra e Arouca, uma das quaes (a de S. Pedro Velho) tem a cota de 1:078 metros sobre o nivel do mar.

E' tambem muito aspero o vinho do concelho de S. Pedro de Sul em volta da serra da Arada e na pendente sobre o Paiva, exposta ao norte.

Em geral o vinho n'estes 3 concelhos é de *enforcado*, como no Minho.

SERRA E FREGUEZIA DE MANHOUCE—ANTIGA ESTRADA DE VISEU AO PORTO—TRAPA E FARRAPA—ALBERGARIA DAS CABRAS, etc.

A freguezia de *Manhouce* é uma das mais altas e mais asperas do concelho de S. Pedro do Sul, parte integrante do territorio de Lafões, cuja capital é *Vouzella*.

V. *Manhouce*, tomo 5.º pag. 53, col. 1.ª—e *Trapa*, vol. 9.º pag. 724, col. 2.ª

Manhouce, outr'ora *Manhoce*, é talvez modificação de *Manhoça*, proveniente de *manho*, terreno baldio ou *maninho*, monte, matto inculto. V. *Manho*, tomo 4.º pag. 520.

O mesmo vocabulo *maninho* provem talvez de *manho*—e de *manho* tomaram o nome a fonte e sitio de *Manhos*, junto de Lamego, na antiga estrada do Douro, e talvez as nossas aldeias de *Manhoco*, *Manhoca* e *Manhosa*, como quem diz *matto*, *matta* e *mattosa*, pois no idioma leonez, hoje hespanhol, que fallavamos nos principios da nossa monarchia, o *z* tinha e tem o valor de *s* ou *ç*, e *Manhosa* ou *Manhoza* soava *Manhoça* quasi *Manhoce* ou *Manhouce*, nome actual da freguezia e serra de que no momento nos occupamos.

---

[1] E' natural da povoação de *Silgueiros*, d'esta freguezia de *Bodiosa*, um dos assignantes e maiores apologistas d'este diccionario. Chama-se *Antonio Rodrigues dos Santos*, excellente pessoa, residente no Porto desde 1850.

De passagem diremos que ha n'esta freguezia um monumento antiquissimo, denominado *Lagaretas dos mouros*.

E' formado por 3 grandes cavidades simetricas, rectangulares, parallelas e em fórma de parallelogrammo, cavadas a picão em um grande penedo de face lisa, mas com bastante declive, sendo maior a cavidade que está no centro de duas iguaes entre si, porem mais pequenas.

V. *Bodiosa* n'este diccionario e no supplemento.

[2] V. *Caramulo*, *Monte Lafão*, tomo 5.º pag. 481, col. 2.ª—e *Monte-Muro* no mesmo vol. pag. 523, col. 2.ª

—

A povoação e freguezia de *Manhouce* demora no alto da serra d'este nome, na antiga estrada de Viseu ao Porto e na margem direita do Vouga, do qual dista 8 kilometros para N.; 11 d'Albergaria das Cabras para S. S. E.; 15 da villa d'Arouca para S.; 20 de S. Pedro do Sul para O. N. O.; 35 de Viseu para N. O.—e 60 do Porto para S. E.

Pelo ultimo censo de 1878 contava 226 fogos e 1417 habitantes, que me parecem habitantes de mais, pois 226 fogos deviam dar, quando muito, 1000 habitantes, principalmente em terreno tão inhospito, agreste e frio!...

Comprehende esta parochia differentes povoações, entre ellas *Anta de Baixo, Anta de Cima* e *Anta Cova*, que pela onomastica revelam a existencia de 3 *antas* ou *dolmens*, como já dissemos no topico supra: — *Etymologia e antiguidade do territorio de Lafões.*

—

A serra de *Manhouce* prende com a de *Arada*, a E.,—e a N. e N. O. com a de Arouca, *Araducta* no tempo dos romanos. São compactas e formam um todo com differentes nomes, taes são alem d'aquelles os de *Serra da Freita, Serra de Fuste, Serra de Albergaria das Cabras, Serra de S. Pedro*, serra da Mó, etc. havendo grande affinidade entre *Arada* e *Araducta*, que parece terem a mesma etymologia!...

Pela serra e freguezia de *Manhouce* passava a antiga estrada de Viseu ao Porto, muito frequentada ainda no meiado d'este seculo, antes de se fazer a linha ferrea do norte e a estrada a macadam, servida por diligencias de Viseu á estação de Estarreja, para onde mudou o tranzito, por ser mais commodo e facil, embora muito mais longo o percurso, pois de Viseu ao Porto por Manhouce o percurso era de 95 kilometros, em quanto que por Estarreja subiu a 138 kilometros. Depois que se fez a linha da Beira Alta, o tranzito mudou para a estação de Nellas, subindo o percurso a 192 kilometros e assim se conserva e conservará até se abrir ao tranzito (talvez est'anno de 1889) o ramal da linha ferrea de Viseu a entroncar na da Beira Alta em Santa Comba-Dão; mas por seu turno o tranzito mudará e por isso soffrerá grande reducção, logo que se construa a projectada linha directa de Viseu ao Porto por S. Pedro do Sul e valle do Paiva, a entroncar na linha do Douro em *Recarei*, como já dissemos supra.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1528, col. 1.ª; 1639, col. 1.ª tambem; 1777, col. 2.ª n.º 5— e 1781, col. 2.ª tambem, n.º 3.

—

A antiga estrada de Viseu ao Porto por Manhouce era muito curta, porque se aproximava da linha recta na direcção geral— S. E. a N. O.—Tocava na villa de S. Pedro do Sul; passava depois a N. das freguezias de Baiões e S. Christovam de Lafões; ia a Santa Cruz da Trapa; depois subia para a serra de Manhouce; atravessava a povoação d'este nome e seguia pelo alto da serra até Albergaria das Cabras, concelho d'Arouca; depois descia bruscamente até á povoação da *Farrapa*, freguezia de Chave, no mesmo concelho d'Arouca; ia a *Cabeçaes*, aldeia da villa e concelho de Fermedo, hoje concelho d'Arouca tambem; ia depois a Lobão, Sanguedo, *Carvalhos, Villa Nova de Gaya* e *Porto*.[1]

Foi muito frequentada, por ser curta e porque desde o Porto até á *Farrapa*, na pendente N. O. da serra da Freita, e desde Viseu até á Trapa, na pendente sul da serra de Manhouce, era soffrivel; mas desde a *Trapa* até á *Farrapa*, na extensão de 25 kilometros, era medonha, horrorosa, principalmente no inverno, desde *Manhouce* até *Albergaria das Cabras*, na extensão de 10 a 12 kilometros, porque seguia pela chã da serra na altitude de 900 a 1:000 metros sobre o nivel do mar.[2]

---

[1] V. *Cabeçaes, Manhouce* e *Albergaria das Cabras*.

[2] A serra junto d'Albergaria das Cabras

Ainda ali hoje todo o anno se encontram lobos e no inverno a neve poisa frequentemente e sobe a grande altura, pelo que a rainha Santa Mafalda, condoida dos viandantes, mandou fazer uma albergaria em Manhouce, na extremidade sul da grande serra, e outra na extremidade norte, no sitio ainda hoje denominado *Albergaria das Cabras*, porque a pequena povoação que ali se desenvolveu era formada por cabreiros, —e a mesma albergaria era um curral de cabras.[1]

As duas povoações muito provavelmente tiveram por nucleo as duas albergarias, talvez muito anteriores á rainha santa e restauradas por ella.

—

Manhouce teve tambem um convento antiquissimo, que recorda o de *S. Bernardo*, nos Alpes, e por ser menos inhospita do que Albergaria das Cabras, a sua povoação cresceu mais. É hoje uma das freguezias mais populosas do concelho de S. Pedro do Sul, emquanto que a de Albergaria das Cabras foi sempre rachitica e hoje conta apenas 33 fogos e 140 habitantes, pelo que não póde sustentar a sua autonomia e foi administrativamente annexa á parochia do *Burgo*, distante cerca de 10 kilometros para N.[1]

Tambem na dicta serra se acoitavam salteadores, que roubavam e por vezes matavam os viandantes. Ainda pelos annos de 1834 Domingos Baptista, de Villa Real de Traz os Montes, mas residente em Viseu, roubou e matou José dos Santos na dicta serra de Manhouce, pouco depois de haver roubado e matado outro homem na cidade

---

tem a cota de 1:078 metros, e junto de Manhouce a de 1:002.

Ainda hoje por ali seguem muitos viandantes e almocreves, nomeadamente vendilhões de peixe fresco e recoveiros que do Porto e do concelho da Feira se dirigem a S. Pedro do Sul, etc.

O caminho é de tal ordem, que os habitantes d'Arouca, distando esta villa apenas 30 kilometros da de S. Pedro do Sul, quando para ali se dirigem e dispoem de meios, costumam seguir na diligencia até á estação d'Ovar, distante cerca de 40 kilometros; depois pela linha do norte até á estação d'Estarreja, distante 13 kilometros,—e d'ali em diligencia para S. Pedro do Sul, distante 78 kilometros d'Estarreja, preferindo este longo percurso de 131 kilometros ao de 30 atravez da montanha.

[1] A rainha Santa Mafalda vivia então no convento d'Arouca, a pequena distancia da grande serra,—convento hoje fechado, por haver fallecido a ultima religiosa. Apenas n'elle vivem algumas *criadas*; e a egreja foi arvorada em matriz da parochia, por concessão do governo.

V. *Arouca* n'este diccionario e no supplemento.

[1] Em *Albergaria das Cabras* apenas colhem milho e senteio, criam vaccas e cabras e fazem manteiga, que vendem para o Porto.

As casas são todas humildes, com tectos de palha e lousa. Os leitos *mais luxuosos* são uma especie de lagaretas de taboas lisas; enchem-nas de palha solta e n'ella se deitam e dormem sem lençoes, mas cobertos unicamente por mantas de burel e de farrapos?!...

A matriz é uma pequena e pobre capella nua, sem sacrario nem Santissimo permanente. O capellão mora a distancia de 10 kilometros, junto da villa de Arouca.

A freguezia comprehende as aldeias seguintes: *Albergaria das Cabras* com 20 fogos; Castanheira, a 2 kil., com 8 fogos; Cabaços a 1 kil. com 3 fogos—e *Misarella*, a 2 kil., com 2 fogos, — todas dispersas pela montanha e constantemente visitadas pelos lobos.

Vade retro!...

Junto da *Misarella* nasce o rio Caima, que ali forma uma linda cascata, despenhando-se de grande altura sobre um poço muito fundo, onde ha bom peixe, nomeadamente trutas deliciosas, que abundam na dicta ribeira.

Esta cascata da *Misarella* recorda as cascatas do mesmo nome, que ha na serra do Caramullo e em outros pontos do nosso paiz.

V. *Misarella*, tomo 5. pag. 338.

De passagem diremos que o nome de *Misarella* vem de *mijarella*, como o povo d'*Albergaria das Cabras* ainda hoje denomina a sua cascata, porque a agua, caindo de grande altura, é levada pelo vento, como chuva tenuissima, até grande distancia — muitas vezes.

de Viseu, pelo que o juiz de Vouzella, em 9 de julho de 1836, o condemnou a pena ultima e foi enforcado no Porto em 23 de julho de 1838, havendo por essa occasião grande motim, porque, depois de justiçado e no momento em que lançavam o cadaver á sepultura, abriu os olhos e deu signaes de vida—com assombro das auctoridades e da irmandade da Misericordia, que o acompanhavam, bem como da grande multidão que seguia o prestito. Foi levado em observação para o hospital da Misericordia, mas, constando que abriam as veias ao infeliz, o povo amotinou-se e tentou invadir o hospital, sendo mister, para conter o povo, mostrarem-lhe de uma janella o pobre justiçado, etc., etc.

Ainda hoje vivem no Porto pessoas fidedignas que presenciaram e *me contaram* facto tão estranho.

V. *Victoria*, freguezia do Porto, vol. 10, pag. 604, col. 2.ª e segg. onde narrei o facto minuciosamente.

A serra de Manhouce tem pois tambem lendas e paginas de sangue, como a da Falperra, no Minho, a de Quintella, no Douro, e a de Villa Boim, no Alemtejo.

—

Ha muito que se tracta de construir uma nova estrada directa de Viseu ao Porto. Já está feita e servida por diligencias desde o Porto ate Rossas, margem direita do Arda, onde entronca na de Arouca,—seguindo pelos Carvalhos, Corga, Cedofeita, S. Vicente, Cabeçaes e Mansores.

Tambem já está feita de Viseu até á Trapa e anda em construcção da Trapa até á Farrapa e Rossas, seguindo— não pela serra, como a antiga, mas contornando-a a O. pelas proximidades da villa de Cambra, cortando junto da Farrapa a estrada d'Arouca a Oliveira d'Azemeis pelo valle de Cambra, já construida e servida por diligencias, —e a estrada em construcção d'Oliveira de Azemeis á Farrapa e Arouca tambem, por Carregosa, terra natal do sr. D. Manoel Correia de Bastos Pina, actual bispo-conde.

A carne e o sal

Em 1886 deu-se um facto estranho que muito prejuizo causou em varios pontos do nosso paiz, nomeadamente nos districtos da Guarda e de Viseu e n'esta comarca de *Vouzella*.

O pingue e a carne de porco desfizeram-se e desappareceram em muitas salgadeiras, attribuindo-se este phenomeno ao *sal*. Elle era das nossas marinhas, considerado muito bom, mas suppõe-se que os marnotos lhe haviam addiccionado *cal*...

Em uma correspondencia de Vouzella, com data de 11 d'abril do dicto anno, se lia o seguinte:

«Por todos estes sitios de Lafões tambem se consumiu muita carne de porco nas salgadeiras, ficando só o couro e o osso, e em algumas casas, quando foram a tirar-a do sal, já estava meia consumida!

Em Cambra, Carvalhal de Vermilhas, Alcofra, Ventoza e outras freguezias, muitos lavradores tinham quatro a cinco porcos na salgadeira e ficaram sem nada; outros, ao contrario, foram para os levantar do sal e acharam tudo em bom estado.

A carne que appareceu consumida não tinha mau cheiro; o unto tambem se desfez ficando só a pellicula, e o pingue foram dar com elle desfeito em agoa nos potes.

Não se sabe a que attribuir isto, visto a carne não exhalar mau cheiro.

Tambem é certo que em algumas salgadeiras a carne não se consumiu, ou lhe accudiram a tempo ou então o mal está na qualidade do sal empregado.

Dar-se-ha caso que seja tambem falsificado?

Se o é, a falsificação appareceu depois do augmento dos tributos lançados áquelle genero.»

Effectivamente n'aquelle anno o nosso governo havia lançado um forte imposto sobre o *sal*, imposto que achou grave resistencia, pelo que foi abolido e não mais se

repetiu o phenomeno do desapparecimento da carne de porco, salgada com elle.

Foraes

A villa de *Vouzella* nunca teve foral proprio—nem *velho*, nem *novo*.

O concelho de *Lafões* tambem nunca teve *foral velho*, mas somente *foral novo*, que ainda se conserva, embora muito deteriorado, no archivo da camara de Vouzella.

V. *Lafões*.

A villa do *Banho* teve foral velho, dado por D. Affonso Henriques em agosto de 1152 e confirmado por D. Affonso II em outubro de 1217; mas o dicto foral era *restricto á mencionada villa*, como póde ver-se no *Portugaliae Monumenta*, l. *Foralia*, pag. 382, onde se encontra na sua integra.

V. *Banho*, tomo 1.º pag. 317.

As villas de *Oliveira de Frades* e *S. Pedro do Sul* tambem nunca tiveram foral *velho* nem *novo*; apenas a villa do *Sul* teve foral *novo*, dado por D. Manoel a 4 d'abril de 1514.

V. Sul, vol. 9.º pag. 463, col. 2.ª e S. *Pedro do Sul* no mesmo vol. pag. 17, col. 1.ª

O meu benemerito antecessor deu ás villas do *Sul* e S. *Pedro do Sul* o mesmo foral de D. Manoel, mas eu supponho que pertence á villa do *Sul* e não á de S. *Pedro do Sul*.

Franklin na sua *Memoria* apenas escreve *Sul*. Convem ler o foral para se dirimir a questão.

ARMAS DE VOUZELLA
OU DO CONCELHO DE LAFÕES

O sr. Vilhena Barbosa nas *Cidades* e *Villas*... não dá brasão d'armas a *Lafões* nem *Vouzella*. Tambem não se encontra em um formoso e luxuoso livro que possuo, anonymo e sem data, mas com muitos brasões das nossas villas e cidades, bem desenhados e coloridos; encontra-se porem no codice nº. 273 da *Bibliotheca Municipal portuense*[1] um lindo brasão d'armas de Lafões (*Vouzella*) que bem desejavamos dar em gravura.

E' o seguinte:

Escudo sem corôa; no plano inferior um semi circulo (talvez representando o monte *Lafão*) tendo a corda ou linha do diametro em recta horisontal de uma á outra parede do escudo; sobre o vertice do semicirculo um alto castello ameiado com porta d'arco de volta inteira; no 1.º plano superior 4 seteiras com uma janella no centro, dando ás 4 seteiras fórma de santôr. No plano da porta 2 estrellas no vão do escudo, — uma de cada lado do castello; no plano das seteiras e no mesmo vão do escudo:—á esquerda do espectador uma meia lua com as pontas voltadas para o castello e dentro d'ellas uma estrella;—á direita do espectador outro semicirculo mais pequeno do que o da base, com a linha horisontal, ou corda do diametro, do lado superior, partindo do meio d'ella uma flor de liz.

As 3 estrellas são de 6 pontas e nos vãos lateraes do escudo, a meia altura do castello, tem mais de cada lado um circulo de pontos com um ponto no centro.

O castello ou torre tem a base bastante larga e vae apertando gradualmente ao passo que vae subindo, como a grande torre Eiffel de Paris, em construcção no momento (fevereiro de 1889).

Em plano inferior ao dicto brazão lê-se o seguinte:

«O concelho de Alafões tem por armas as

---

[1] Intitula-se *Arte de Armaria e Brazões de Cidades e Villas de Portugal*.

E' 1 vol. fol. anonymo e sem data, mas em lettra do sec. XVII; desenhos á penna e pouca ou nenhuma arte, comprehendendo 30 folios (alguns em branco) sem paginação.

O autor não concluiu a obra, mas ainda assim tem merecimento e d'ella póde ver-se uma minuciosa e muito conscienciosa indicação no *Catalogo dos mss.* da mencionada Bibliotheca, publicado em 1888 e muito intelligentemente feito pelo sr. dr. Eduardo Augusto Allen, 1.º official da Bibliotheca, muito illustrado, zelosissimo e dignissimo a todos os respeitos.

que aqui se vem, e d'ellas usa no sello da Camara cõ hu letreiro circular que diz:

S. Concilii. de Alafões.

—

Na frente do edificio do tribunal judicial de Vouzella estão as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos e por baixo um escudo com o mesmo brasão do *codice*. Apenas se notam as differenças seguintes:

Tem no centro do escudo um castello ameiado, do meio do qual sobe uma torre ameiada tambem.

O castello, alem da porta central, tem duas portas mais pequenas em dois pequenos corpos lateraes.

A torre tem 4 frestas, mas em vez da janella central, tem uma estrella que lhes dá a fórma de santor.

A meia lua e a estrella estão do lado direito do espectador, e do lado esquerdo a flor de liz sobre o pequeno semiciruclo, tendo este, como o da base do castello, a corda horisontal do diametro para o lado inferior.

Nada mais—nem os 2 circulos de pontos indicados no brazão do codice.

As estrellas são todas de 8 pontas.

—

A camara de Vouzella tem 2 pendões, ou estandartes, ambos de seda encarnada;—um foi feito em 1867 e tem de ambos os lados as armas reaes portuguezas das quinas e 7 castellos bordadas a ouro; outro é antigo, bordado a matiz e cordões de seda, tendo de um lado as armas reaes portuguezas e do outro um castello encimado por uma torre ameiada, poisando sobre ella uma grande corôa real.

O castello tem no plano inferior uma porta d'arco de volta inteira — e em plano superior 3 frestas ou janellas; — a torre tem no plano inferior uma fresta ou seteira—e em plano superior mais 3 frestas.

O todo, exceptuando a corôa, é muito semelhante ao do castello do codice nú, sem poisar no semicirculo; nota-se porem que, em vez das 4 frestas em santor com a janella ao centro, tem 6 frestas,—3 em cada plano—e a meio uma outra;—total 7.

Tambem o castello e a torre não formam um todo compacto como no bazão do codice,—nem o castello tem ameias como o do brazão do tribunal. Termina em uma faxa saliente de pedra, que o divide da torre.

O sello actual da camara é de fórma oval; tem no centro um escudo com as armas reaes das quinas e 7 castellos, ladeado por duas palmas e encimado pela corôa; em volta a legenda seguinte:

Lafões, no alto; em seguida:

Municipalidade de Vouzella

—

Não sabemos que armas e sellos tem e teve a camara de S. Pedro do Sul, que representou e representa a parte N. do antigo concelho de Lafões, ou a margem direita do Vouga.

Tambem não sabemos que armas e sello tinha a pobre villa do Banho que, durante muitos seculos, foi, como já dissemos, a capital de todo o concelho e territorio de Lafões.

Passemos a outro topico.

Preço corrente dos generos na villa e concelho de Vouzella em 1888

Milho.....	litros	16¹,234,	rêis	440
Trigo.....	»	»	»	600
Centeio.....	»	»	»	400
Cevada.....	»	»	»	280
Feijão branco...	»	»	»	600
Feijão amarello.	»	»	»	500
Feijão fradinho.	»	»	»	500
Vinho, almude..	»	25,008	»	500
» pipa, tinto, 20 almudes.			»	10$000
» » branco	»	»	»	12$000

Movimento da estação telegrapho-postal de Vouzella no anno de 1888

Telegrapho.....	120$000
Emissão de vales.....	8:000$000

Franquias	1:000$000
Registros expedidos	1$100
Encommendas postaes exped...	120
» » recebidas	230
Correspondencia official, expedida e recebida	7:200

Contribuições

O concelho de Vouzella no anno economico de 1887 a 1888 pagou o seguinte:

Predial	4:859$483
Industrial	997$467
Renda de casas	300$405
Sumptuaria	103$597
Municipal—directa	2:896$711
— —indirecta	1:450$000
Parochial	126$541
Districtal	695$210
Decima de juros	818$638
Verba do sello	832$755
Real d'Agua	1:538$510
Total	14:619$317

Vouzellenses illustres

Este topico podia dar um grosso volume, se folheassemos as genealogias das muitas casas nobres da villa e do concelho de Vouzella e os annaes d'este municipio e do antigo concelho de Lafões, cuja capital é actualmente Vouzella, mas nunca se escreveram os ditos annaes e não temos á mão aquellas genealogias, nem podemos alongar-nos e por isso apenas indicaremos os vouzellenses seguintes:

—*S. Fr. Gil.*

Nasceu em 1185 na sua nobre casa e quinta da *Cavallaria;* foi baptisado na egreja, hoje simples capella de *S. Martinho*, na extincta villa das Caldas; falleceu no convento dominicano de Santarem a 14 de maio de 1265—e jaz em Lisboa na capella do palacio dos marquezes de Penalva, seus descendentes e representantes.

Para evitarmos repetições, vejam-se os topicos supra *Quintas e templos* e n'este diccionario o art. *Santarem*, tomo 8.º pag. 480 col. 1.ª—*anno de 1265*—e pag. 540, col. 2.ª

Desde a canonisação de S. Fr. Gil (abreviatura de *Egidio*) a fé e a sympathia dos vouzellenses com este santo foram sempre tão pronunciadas, que ainda hoje na villa e no concelho de Vouzella o nomo *Gil* é trivialissimo.

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho*,—do conselho de S. M., bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, vereador e presidente da camara municipal de Lisboa, deputado ás côrtes em differentes legislaturas, par do reino, ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, conselheiro do tribunal de contas, governador civil do districto de Lisboa, socio honorario do *Instituto da O. dos Advogados brazileiros*, socio correspondente da *Acad. R. das Sciencias de Lisboa* e do *Instituto historico de França*, distincto advogado e distincto escriptor publico, gran cruz de Leopoldo, da Belgica, e da Rosa, do Brazil, commendador da O. de Christo, etc. etc.

Nasceu na villa de Vouzella a 22 de novembro de 1801 e falleceu em Lisboa, onde jaz (no cemiterio *Occidental* ou dos *Prazeres*) a 15 d'abril de 1878.

Foram seus paes:—Luiz de Moraes Carvalho e D. Joaquina Rosa de Moraes Torres.

Avós paternos: — Luiz de Moraes Carvalho e D. Quiteria Thereza de Carvalho.

Avós maternos:—José Fernandes Torres e D. Joanna Maria Mogueirães.

—

Casou com D. Maria Soares de Moraes e teve os filhos seguintes:

—Adriano Alberto de Moraes Carvalho, hoje (1889) verificador da alfandega de Lisboa. Solteiro.

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho*, bacharel formado em direito, deputado ás côrtes, F. C. R. etc., casado com D. Andralina dos Santos Moraes Carvalho.

Tem successão.

—*Leopoldo Augusto de Moraes de Carvalho*, solteiro.

—D. *Amelia Elvira de Moraes Carvalho*, casada com o seu primo dr. Alberto Antonio de Moraes Carvalho *Sobrinho*, medico do Hospital de S. José e delegado de Saude, em Lisboa.

Tem successão.

—D. *Maria Georgina de Moraes Carvalho*, solteira.

—D. *Amelia Eugenia de Moraes Carvalho*, viuva, com successão.

São estes 6 filhos os herdeiros e representantes do nosso biographado.

Teve elle os irmãos seguintes:

1.º *Luiz de Moraes Carvalho.*

Casou e teve:

—Alberto Antonio de Moraes Carvalho supra, casado com sua prima D. Amelia.

—Padre José de Moraes Carvalho e

—D. Antonia Elvira de Moraes Carvalho.

2.º *Thomaz Antonio de Moraes Carvalho*, fallecido sem successão.

3.ª D. *Mariana Carlotina de Moraes Carvalho e Gama.*

Casou e teve os filhos seguintes:

—Francisco Antonio da Gama;

—*Gil Alcoforado da Gama e Mello*, escrivão da 1.ª vara civel no Porto, onde casou e vive com successão;

—D. *Maria da Gloria*, já fallecida;

—D. *Maria José Alcoforado da Gama e Mello*, ainda solteira, e

—D. *Maria Adelaide*, já fallecida.

4.º D. *Maria José de Moraes Carvalho.*

Casou e teve os filhos seguintes:

—*Dr. Antonio Augusto Soares de Moraes*, actualmente prior na freguezia da Ajuda, em Lisboa;

—D. *Maria José de Moraes Soares* e

—*D. Eugenia de Moraes Soares.*

—

Em 1828, estando já formado em canones o nosso biographado, abraçou a revolução liberal da junta do Porto contra o governo do sr. D. Miguel e, abortando a dicta revolução, emigrou para a Hespanha; — d'ali foi para a Inglaterra (Falmouth) — e da Inglaterra para o Brazil.

Quando ali chegou, todo o seu capital era uma simples moeda de 10 *réis*, moeda que toda a vida conservou como reliquia sagrada; mas valeu-lhe a formatura, o *patrimonio da instrucção* que levava comsigo.

Estabeleceu-se logo como advogado no Rio de Janeiro e taes creditos grangeou, que adquiriu pela advocacia a maior parte da sua grande fortuna até o anno de 1848, data em que regressou a Portugal, depois de longa viagem pela Europa.

Com relação aos seus escriptos, veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio, tomo 1.º pag. 23, e a continuação pelo sr. Brito Aranha, tomo 8.º pag. 21.

—

D'este ligeiro esboceto biographico se vê que Alberto Antonio de Moraes Carvalho,—homem de superior illustração e cavalheiro honradissimo,—foi um cidadão benemerito, pelo que os seus patricios lhe erigiram no anno de 1882 uma estatua de bello marmore, feita no Porto, na officina de Antonio Coelho de Sá e Fernando Correia da Silva, rua dos Lavadouros, 5 a 9, e cinzelada pelos artistas Fernando Correia da Silva e Francisco Antonio Raposo.

É um bom trabalho, copia de uma photographia.

Está um pouco descançado sobre a perna esquerda, o rosto muito expressivo e bem parecido. As bordaduras da farda, a gran-cruz, as medalhas, espadim, chapeu e livro sobre que pousa, estão bem cinzelados.

Ayres de Gouveia

Uma das familias que pelo trabalho, pelo talento, pela illustração e pela nobreza do

seu caracter tem conquistado mais brilhante posição e mais justa consideração na villa e no concelho de Vouzella e em todo o nosso paiz, nomeadamente no Porto na 2.ª metade d'este seculo, é sem contestação a familia *Ayres de Gouveia*, oriunda d'este concelho,—familia que nós temos a honra de conhecer e tractar desde 1851. Seja-nos licito, pois, biographal-a rudemente a nosso modo, sem lisonjas, consignando nomes, datas e factos para luz da posteridade, resumindo quanto possivel.

Ella não conta longa serie d'avós, nem se recommenda pela nobreza herdada,—*nobreza alheia*,—mas pela *nobreza propria*, conquistada por justos titulos, — a nobreza da virtude, do trabalho e do talento,—a nobreza mais invejavel, que mais honra e nobilita.

Entremos no assumpto:

—

Fructoso José da Silva Ayres, patriarcha d'esta familia, nasceu na povoação de *Ventosa*, freguezia d'este nome, pertencente ao concelho e comarca de Vouzella, aos 29 de março de 1804. Foi para o Porto como aprendiz de caixeiro aos dez annos de idade, servindo em uma loja á *Porta de Carros*,[1] onde passou a maior parte da vida.

Em 1826, contando 22 annos, casou com Maria Maximina de Gouveia Braga, natural do povo de *Silvite* na mesma freguezia da Ventosa, e nascida em igual dia, 29 de março de 1795, tendo então ella 31 annos de idade ou mais 9 do que elle.[1]

Era uma senhora muito piedosa e muito virtuosa.

Houve do seu casamento oito filhos, todos nascidos na pequena casa da *Porta de Carros* e todos baptisados na freguezia de Santo Ildefonso, a que n'esse tempo pertencia aquelle sitio, hoje incorporado na freguezia da Sé.

Aquelles oito filhos foram pela ordem do nascimento os seguintes:

—

1.º — *José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio*, que nasceu a 11 de maio de 1857.

Mostrando logo desde os primeiros annos uma grande vocação para as lettras e muito amor ao estudo, esforçou-se o pae em auxilial-o e já aos 14 annos se achava matriculado em mathematica.

Fez formatura em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, obtendo premios. Ausentou-se de Portugal durante mais de dois annos, frequentando as summidades medicas em Paris e tomou o grau de doutor na Universidade de Edimburgo.

Foi nomeado professor da escola medico-cirurgica do Porto em 1858 e regeu a sua cadeira de hygiene com muita proficiencia.

Associando-se com seu pae e seu irmão Francisco, tomou parte no negocio da casa, uma das casas de vinhos mais importante e mais acreditada entre todas as do Porto.[2]

---

[1] Era uma das portas dos velhos muros do Porto na confluencia da Praça Nova e das ruas da Madeira, Santo Antonio e Bomjardim com o largo da Feira de S. Bento, rua das Flores, etc.

A dicta loja estava em frente da egreja dos Congregados do Oratorio e pertencia a um pequeno predio collado aos velhos muros, predio que foi demolido pela camara do Porto em 1888, para alargamento do local.

O predio era pequeno, mas o sitio era de grande movimento e optimo para commercio.

Do lado interior dos muros estava e está ainda hoje (1889) o convento das freiras benedictinas, que vae ser demolido, para no chão e cerca d'elle se construir a estação central do Porto.

[1] O visconde de Villa Mendo — Antonio de Gouveia Osorio—é parente muito proximo da dicta senhora.

V. *Villa Mendo*, tomo 11.º pag. 797, col. 2.ª

[2] O velho Fructuoso Ayres de Gouveia, que eu muito bem conheci, era de mediana estatura, muito modesto e *muito honrado*, pelo que, mesmo nas grandes crises da pra-

Foi director da associação commercial do Porto e da associação industrial, socio fundador e 1.º presidente da sociedade d'instrucção, etc.

Casou em 16 de julho de 1866 com D. Virginia de Brito e Cunha, filha de D. Carlota de Roure e de João Eduardo de Brito e Cunha, de Mattosinhos, e houve d'ella 3 filhos:—*Fructuoso*, que morreu com poucos dias de idade;—*José*, que falleceu na Foz em 29 de janeiro de 1884, aos 15 annos de idade, tendo nascido a 9 de julho de 1868,—e *Maria Benedicta*, que existe e nasceu em 30 de novembro de 1869.

Caracter integerrimo, o dr. José Fructuoso grangeou estima profunda entre os seus concidadãos. Liberal convicto e progressista honesto e dedicado, serviu o povo, cujo era filho.

Ainda antes de completar os 20 annos de idade, em 1847, no tempo da Junta do Porto, auxiliou a fundação do *Ecco Popular*, jornal progressista de grande nomeada, em que collaborou ao lado dos benemeritos patriotas irmãos Passos.[1]

Desde então nunca deixou de advogar os interesses do sua terra com a penna ou com a palavra, em opusculos ou em jornaes.

As questões dos expostos e creanças abandonadas, a do Asylo da Mendicidade, onde foi sollicito provedor, e outras mereceram-lhe as maiores dedicações.

A ideia inicial de dois taboleiros na ponte *D. Luiz* partiu d'elle e insinuou-a em artigo anonymo.

A collocação da estação na Granja, originando assim aquella formosa praia, conseguiu-a elle.

ça do Porto, as suas lettras corriam *como ouro* e assim correram sempre e correm hoje ainda, porque os filhos não degeneraram.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!

[1] V. *Bouças de Mattosinhos, Guifões e Porto.*

O dicto jornal foi fundado por José Lourenço de Sousa, que acabava de ser caixeiro na casa de Fructuoso Ayres.

—

Falleceu na manhã de 23 d'agosto de 1887 de morte repentina, sendo presidente da camara municipal do Porto, par do reino electivo pela mesma cidade, socio da firma social com seu irmão Francisco — e andava publicando pela imprensa as lições do seu curso de hygiene e o projecto do *Codigo Sanitario portuguez*, de que deixou impressos os primeiros 4 titulos com 132 artigos e o plano completo com 21 titulos, — missão de que foi encarregado pelo governo em portaria de 25 de janeiro de 1882, portaria muito honrosa, terminando por estes termos: »O que se communica ao referido lente para sua intelligencia, e para que assim o cumpra, *como é de esperar da a sua competencia e provado zêlo no serviço do estado.*»

Note-se que, sendo José Fructuoso muito *progressista*, foi encarregado da dicta commissão pelo governo *regenerador*, prova inequivoca do relevante merito e da singular competencia do finado.

A manifestação publica pela sua morte foi tão espontanea e larga como dolorosissima.

Cavalheiro muito illustrado, muito honorado e muito considerado—era um justo.

Possuia em Vouzella a quinta de *Lanamas* que lhe legára seu padrinho José Fernandes, a principio patrão e depois socio de seu pae; — adquiriu ali varias outras propriedades — e comprazia-se em viver em Vouzella, onde o estimavam e queriam como amigo dedicado, pae e protector, pois folgava sempre em engrandecer Vouzuzella por todos os modos. A elle se deve a estrada districtal em construcção de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella, e longos annos se empenhou na construcção de uma linha ferrea entre o Porto e Viseu pelo valle do Vouga, tocando em Vouzella. Fez com que a associação commercial do Porto representasse ao governo pedindo a mencionada linha e, se elle vivesse, talvez desviasse para o valle do Vouga a linha estudada e decretada entre o Porto e Viseu pelo valle do Paiva!...

seu caracter tem conquistado mais brilhante posição e mais justa consideração na villa e no concelho de Vouzella e em todo o nosso paiz, nomeadamente no Porto na 2.ª metade d'este seculo, é sem contestação a familia *Ayres de Gouveia*, oriunda d'este concelho,—familia que nós temos a honra de conhecer e tractar desde 1851. Seja-nos licito, pois, biographal-a rudemente a nosso modo, sem lisonjas, consignando nomes, datas e factos para luz da posteridade, resumindo quanto possivel.

Ella não conta longa serie d'avós, nem se recommenda pela nobreza herdada,—*nobreza alheia*,—mas pela *nobreza propria*, conquistada por justos titulos,—a nobreza da virtude, do trabalho e do talento,—a nobreza mais invejavel, que mais honra e nobilita.

Entremos no assumpto:

—

Fructoso José da Silva Ayres, patriarcha d'esta familia, nasceu na povoação de *Ventosa*, freguezia d'este nome, pertencente ao concelho e comarca de Vouzella, aos 29 de março de 1804. Foi para o Porto como aprendiz de caixeiro aos dez annos de idade, servindo em uma loja á *Porta de Carros*,[1] onde passou a maior parte da vida.

Em 1826, contando 22 annos, casou com Maria Maximina de Gouveia Braga, natural do povo de *Silvite* na mesma freguezia da Ventosa, e nascida em igual dia, 29 de março de 1795, tendo então ella 31 annos de idade ou mais 9 do que elle.[1]

Era uma senhora muito piedosa e muito virtuosa.

Houve do seu casamento oito filhos, todos nascidos na pequena casa da *Porta de Carros* e todos baptisados na freguezia de Santo Ildefonso, a que n'esse tempo pertencia aquelle sitio, hoje incorporado na freguezia da Sé.

Aquelles oito filhos foram pela ordem do nascimento os seguintes:

—

1.º — *José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio*, que nasceu a 11 de maio de 1857.

Mostrando logo desde os primeiros annos uma grande vocação para as lettras e muito amor ao estudo, esforçou-se o pae em auxilial-o e já aos 14 annos se achava matriculado em mathematica.

Fez formatura em philosophia e medicina na Universidade de Coimbra, obtendo premios. Ausentou-se de Portugal durante mais de dois annos, frequentando as summidades medicas em Paris e tomou o grau de doutor na Universidade de Edimburgo.

Foi nomeado professor da escola medico-cirurgica do Porto em 1858 e regeu a sua cadeira de hygiene com muita proficiencia.

Associando-se com seu pae e seu irmão Francisco, tomou parte no negocio da casa, uma das casas de vinhos mais importante e mais acreditada entre todas as do Porto.[2]

---

[1] Era uma das portas dos velhos muros do Porto na confluencia da Praça Nova e das ruas da Madeira, Santo Antonio e Bomjardim com o largo da Feira de S. Bento, rua das Flores, etc.

A dicta loja estava em frente da egreja dos Congregados do Oratorio e pertencia a um pequeno predio collado aos velhos muros, predio que foi demolido pela camara do Porto em 1888, para alargamento do local.

O predio era pequeno, mas o sitio era de grande movimento e optimo para commercio.

Do lado interior dos muros estava e está ainda hoje (1889) o convento das freiras benedictinas, que vae ser demolido, para no chão e cerca d'elle se construir a estação central do Porto.

[1] O visconde de Villa Mendo — Antonio de Gouveia Osorio—é parente muito proximo da dicta senhora.

V. *Villa Mendo*, tomo 11.º pag. 797, col. 2.ª

[2] O velho Fructuoso Ayres de Gouveia, que eu muito bem conheci, era de mediana estatura, muito modesto e *muito honrado*, pelo que, mesmo nas grandes crises da pra-

Foi director da associação commercial do Porto e da associação industrial, socio fundador e 1.º presidente da sociedade d'instrucção, etc.

Casou em 16 de julho de 1866 com D. Virginia de Brito e Cunha, filha de D. Carlota de Roure e de João Eduardo de Brito e Cunha, de Mattosinhos, e houve d'ella 3 filhos:—*Fructuoso*, que morreu com poucos dias de idade;—*José*, que falleceu na Foz em 29 de janeiro de 1884, aos 15 annos de idade, tendo nascido a 9 de julho de 1868,—e *Maria Benedicta*, que existe e nasceu em 30 de novembro de 1869.

Caracter integerrimo, o dr. José Fructuoso grangeou estima profunda entre os seus concidadãos. Liberal convicto e progressista honesto e dedicado, serviu o povo, cujo era filho.

Ainda antes de completar os 20 annos de idade, em 1847, no tempo da Junta do Porto, auxiliou a fundação do *Ecco Popular*, jornal progressista de grande nomeada, em que collaborou ao lado dos benemeritos patriotas irmãos Passos.[1]

Desde então nunca deixou de advogar os interesses do sua terra com a penna ou com a palavra, em opusculos ou em jornaes.

As questões dos expostos e creanças abandonadas, a do Asylo da Mendicidade, onde foi sollicito provedor, e outras mereceram-lhe as maiores dedicações.

A ideia inicial de dois taboleiros na ponte *D. Luiz* partiu d'elle e insinuou-a em artigo anonymo.

A collocação da estação na Granja, originando assim aquella formosa praia, conseguiu-a elle.

—

Falleceu na manhã de 23 d'agosto de 1887 de morte repentina, sendo presidente da camara municipal do Porto, par do reino electivo pela mesma cidade, socio da firma social com seu irmão Francisco — e andava publicando pela imprensa as lições do seu curso de hygiene e o projecto do *Codigo Sanitario portuguez*, de que deixou impressos os primeiros 4 titulos com 132 artigos e o plano completo com 21 titulos, — missão de que foi encarregado pelo governo em portaria de 25 de janeiro de 1882, portaria muito honrosa, terminando por estes termos: »O que se communica ao referido lente para sua intelligencia, e para que assim o cumpra, *como é de esperar da sua competencia e provado zêlo no serviço do estado.*»

Note-se que, sendo José Fructuoso muito *progressista*, foi encarregado da dicta commissão pelo governo *regenerador*, prova inequivoca do relevante merito e da singular competencia do finado.

A manifestação publica pela sua morte foi tão espontanea e larga como dolorosissima.

Cavalheiro muito illustrado, muito honrado e muito considerado—era um justo.

Possuia em Vouzella a quinta de *Lammas* que lhe legára seu padrinho José Fernandes, a principio patrão e depois socio de seu pae; — adquiriu ali varias outras propriedades — e comprazia-se em viver em Vouzella, onde o estimavam e queriam como amigo dedicado, pae e protector, pois folgava sempre em engrandecer Vouzella por todos os modos. A elle se deve a estrada districtal em construcção de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella, e longos annos se empenhou na construcção de uma linha ferrea entre o Porto e Viseu pelo valle do Vouga, tocando em Vouzella. Fez com que a associação commercial do Porto representasse ao governo pedindo a mencionada linha e, se elle vivesse, talvez desviasse para o valle do Vouga a linha estudada e decretada entre o Porto e Viseu pelo valle do Paival...

ça do Porto, as suas lettras corriam *como ouro* e assim correram sempre e correm hoje ainda, porque os filhos não degeneraram.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!

[1] V. *Bouças de Mattosinhos, Guifões* e *Porto.*

O dicto jornal foi fundado por José Lourenço de Sousa, que acabava de ser caixeiro na casa de Fructuoso Ayres.

Junto ao carneiro da familia Ayres de Gouveia, no cemiterio d'Agramonte (*Occidental* do Porto) onde repousam seus paes, o dr. José Fructuoso, por determinação expressa, jaz em sepultura rasa, tendo ao lado os seus dois filhos, no cemiterio privativo da celestial ordem do Carmo, de que era irmão.

—

2.º—*D. Antonio Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 13 de setembro de 1828, em tempos de violenta agitação politica. Andados poucos mezes, exerciam os carrascos na Praça Nova do Porto o seu sanguinario officio. Das janellas da sua casa viam-se as duas forcas—e á volta dos 4 annos, fechado o cerco do Porto, levava o seu pae atravez das linhas para o pôr a salvo na proxima povoação de Fanzeres. D'ali foi para Vouzella e só regressou á cidade depois da convenção d'Evora Monte.

Frequentou as primeiras lettras com seus irmãos na rua do Laranjal, em escola particular do professor Francisco José Pereira Leite, sendo um dos seus condiscipulos o actual professor de pintura historica jubilado Francisco José Rezende.

Finda a instrucção primaria, seguiu com seu irmão José o estudo de latim no collegio da Lapa, sendo director o professor José Joaquim Pereira d'Almeida Vasconcellos. Transferido este para Traz da Sé, ali continuou a latinidade e principiou o francez com José Athanasio Mendes. Teve por condiscipulos o actual sr. conde de Samodães e o dezembargador Joaquim d'Almeida Correia Leal.

—

Destinado á vida commercial, apenas pôde, principiou a fazer serviço no mostrador da loja de seu pae e aos 14 annos de idade, —em abril de 1843—entrou por caixeiro na casa ingleza de Thomaz P. Chassereau, de Londres, que de Lisboa fôra estabelecer-se no Porto. Era uma casa de consignações, predominando fazendas brancas e drogaria, junto á egreja de S. Nicolau, na rua dos Inglezes, hoje rua do Infante D. Henrique. N'ella serviu mais de sete annos, trocando então a carreira com seu irmão Joaquim, que o substituiu, dando-se já desde o começo de 1850 ao estudo de preparatorios para a Universidade.

Durante aquelle periodo de caixeiro foi empregando por vezes algumas horas em leituras curiosas.

Nos fins de 1846 tomou-o a serviço a Junta do Porto. Recebeu armamento e correame e aprendeu exercicio militar.

Em 1848 a 1849 appareceram anonymos alguns poemetos heroe comicos. Attribuiram-lhe os intitulados *Os ratos da alfandega de Pantana* e *As Commendas*. O primeiro d'estes foi ulteriormente imputado ao dr. e depois dezembargador Camillo Aureliano.[1]

Em outubro de 1850 apresentou-se a exames de preparatorios em Coimbra e ficou reprovado no de latim, mas até julho de 1851 habilitou-se para fazer, como fez, todos os preparatorios que lhe faltavam e traduziu para verso portuguez os 4 livros de elegias do poeta Tibullo e grande parte de Catullo e de Propercio. Aquellas imprimiram se no *Instituto*, do vol. v em diante.

—

Em 1851 matriculou-se no 1.º anno theologico.[2]

Em 1852 matriculou-se no 2.º theologico e 1.º de direito juntamente e, criado o cur-

---

[1] O poema *As Commendas* (Lisboa, 1849) com certesa é do nosso biographado, pois termina assim:

«Deixo materia p'ra voltar de novo
A tratar thema igual com mais *afago*.»

Note-se que o auctor *in illo tempore* assignava-se Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, cujas iniciaes se encontram em *afago*.

Assim assignou varias poesias soltas que se encontram na *Lyra da Mocidade*, jornal de poesias ineditas, que se publicou tambem no Porto em 1849.

[2] Foi meu condiscipulo, pelo que datam desde então as nossas relações.

so administrativo, tambem se matriculou n'elle, vindo assim a frequentar 3 faculdades *ao mesmo tempo* e obtendo em um anno premios *em todas tres*?!...

Parece incrivel, mas é facto.

Só com a frequencia das 3 faculdades consumia pelo menos 6 horas por dia, pois cada faculdade tinha 2 aulas e cada aula demandava uma hora.

E não era martyr de estudo. Estava sempre prompto para rir e palestrar e, demandando as 6 aulas pelo menos 6 compendios, alem dos expositores, nunca o vi sobraçar mais do que um ou dois pequenos livros!...

O que elle nunca deixava era um ramo de violetas ou uma camelia, seus amores platonicos.

Era um moço muito sympathico, — tinha um talento enorme e foi um estudante distinctissimo!

—

Em 1855 constituiu lhe seu pae na camara ecclesiastica do Porto o necessario patrimonio para a ordenação de subdiacono e obteve de Lisboa a respectiva licença regia, mas não levou então por diante o seu intento.

Concluiu a formatura de theologia em 1857 e n'esse anno, no acto da cadeira de agricultura, deitou-lhe um *R* o lente de philosophia dr. Ferreira Leão, aproveitando o ensejo de exercer uma vingança torpe e mesquinha, mas todos concordaram que a nodoa cahiu sobre o lente e não sobre o estudante, que o esmagára e confundira com o seu talento enorme.

Em 1858 concluiu a formatura de direito a 4 de junho; repetiu a frequencia da cadeira d'agricultura e frequentou o 6.º anno de theologia, apresentando para doutoramento as suas theses, que foram approvadas pelo conselho da faculdade, mas não se doutorou n'esta, já pela hostilidade ineluctavel do professor mais influente d'ella, o dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, que *não tolerava usasse bigode o estudante*, já pela estreita e dura interpretação das leis universitarias que não permittem esse grau academico a quem não tiver ordens sacras.

Explanemos a questão do *bigode*, que tão lamentaveis consequencias teve!...

—

Sendo alumno da faculdade de theologia um estudante muito sympathico, mas um cabula sempiterno, — Miguel Joaquim Borges Castro (irmão do visconde das Devesas) que foi educado no Porto e se dava muito com os estudantes filhos d'aquella cidade, incluindo o nosso biographado, um dia o dr. Rodrigues, seu lente, chamou-o á lição e tractou-o com a maior dureza, obrigando-o a um *estenderete raso*.

O moço ficou attonito e, tractando de inquirir, soube que o dr. Rodrigues se magoara muito por ver que o dicto estudante, alem das suissas inglezas de que usava, n'aquelle dia se apresentou na aula com uma pequena *mosca* sob o labio inferior,— que por isso o chamou á lição e que o chamaria e *estenderia* todos os dias, até que se resolvesse a cortar as barbas.

O moço mandou logo rapar as barbas todas e cortar o cabello á escovinha, ficando completamente desfigurado! Assim se apresentou aos seus contemporaneos e amigos do Porto, que mal o conheceram. Discutindo todos o facto, disse o Ayres de Gouvêa: —que a frequencia era do estudante, não das barbas, e que, se a questão se desse com elle, não as cortaria;—que passado um anno havia de ser discipulo do dr. Rodrigues com o mesmo bigode que então usava e que até estimava que elle o chamasse á lição muitas vezes, para estudar mais um pouco e fazer mais jus a um premio.

Assim o disse e cumpriu.

Exasperou-se o dr. Rodrigues, mas, vendo que o moço era um estudante distinctissimo e um talento superior, vingou-se não o chamando á lição todo o anno e empenhando-se depois com a faculdade para que lhe não désse o capello.[1]

---

[1] Ainda levou *mais longe* a vingança e até hoje não lhe perdoou, posto que já decorreram cerca de trinta annos?!...

Junto ao carneiro da familia Ayres de Gouveia, no cemiterio d'Agramonte (*Occidental* do Porto) onde repousam seus paes, o dr. José Fructuoso, por determinação expressa, jaz em sepultura rasa, tendo ao lado os seus dois filhos, no cemiterio privativo da celestial ordem do Carmo, de que era irmão.

—

2.º—*D. Antonio Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 13 de setembro de 1828, em tempos de violenta agitação politica. Andados poucos mezes, exerciam os carrascos na Praça Nova do Porto o seu sanguinario officio. Das janellas da sua casa viam-se as duas forcas—e á volta dos 4 annos, fechado o cerco do Porto, levava o seu pae atravez das linhas para o pôr a salvo na proxima povoação de Fanzeres. D'ali foi para Vouzella e só regressou á cidade depois da convenção d'Evora Monte.

Frequentou as primeiras lettras com seus irmãos na rua do Laranjal, em escola particular do professor Francisco José Pereira Leite, sendo um dos seus condiscipulos o actual professor de pintura historica jubilado Francisco José Rezende.

Finda a instrucção primaria, seguiu com seu irmão José o estudo de latim no collegio da Lapa, sendo director o professor José Joaquim Pereira d'Almeida Vasconcellos. Transferido este para Traz da Sé, ali continuou a latinidade e principiou o francez com José Athanasio Mendes. Teve por condiscipulos o actual sr. conde de Samodães e o dezembargador Joaquim d'Almeida Correia Leal.

—

Destinado á vida commercial, apenas pôde, principiou a fazer serviço no mostrador da loja de seu pae e aos 14 annos de idade, —em abril de 1843—entrou por caixeiro na casa ingleza de Thomaz P. Chassereau, de Londres, que de Lisboa fôra estabelecer-se no Porto. Era uma casa de consignações, predominando fazendas brancas e drogaria, junto á egreja de S. Nicolau, na rua dos Inglezes, hoje rua do Infante D. Henrique. N'ella serviu mais de sete annos, trocando então a carreira com seu irmão Joaquim, que o substituiu, dando-se já desde o começo de 1850 ao estudo de preparatorios para a Universidade.

Durante aquelle periodo de caixeiro foi empregando por vezes algumas horas em leituras curiosas.

Nos fins de 1846 tomou-o a serviço a Junta do Porto. Recebeu armamento e correame e aprendeu exercicio militar.

Em 1848 a 1849 appareceram anonymos alguns poemetos heroe comicos. Attribuiram-lhe os intitulados *Os ratos da alfandega de Pantana* e *As Commendas.* O primeiro d'estes foi ulteriormente imputado ao dr. e depois dezembargador Camillo Aureliano.[1]

Em outubro de 1850 apresentou-se a exames de preparatorios em Coimbra e ficou reprovado no de latim, mas até julho de 1851 habilitou-se para fazer, como fez, todos os preparatorios que lhe faltavam e traduziu para verso portuguez os 4 livros de elegias do poeta Tibullo e grande parte de Catullo e de Propercio. Aquellas imprimiram se no *Instituto,* do vol. v em diante.

—

Em 1851 matriculou-se no 1.º anno theologico.[2]

Em 1852 matriculou-se no 2.º theologico e 1.º de direito juntamente e, criado o cur-

---

[1] O poema *As Commendas* (Lisboa, 1849) com certesa é do nosso biographado, pois termina assim:

«Deixo materia p'ra voltar de novo
A tratar thema igual com mais *afago.*»

Note-se que o auctor *in illo tempore* assignava-se Antonio Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, cujas iniciaes se encontram em *afago.*

Assim assignou varias poesias soltas que se encontram na *Lyra da Mocidade,* jornal de poesias ineditas, que se publicou tambem no Porto em 1849.

[2] Foi meu condiscipulo, pelo que datam desde então as nossas relações.

so administrativo, tambem se matriculou n'elle, vindo assim a frequentar 3 faculdades *ao mesmo tempo* e obtendo em um anno premios *em todas tres*?!...

Parece incrivel, mas é facto.

Só com a frequencia das 3 faculdades consumia pelo menos 6 horas por dia, pois cada faculdade tinha 2 aulas e cada aula demandava uma hora.

E não era martyr de estudo. Estava sempre prompto para rir e palestrar e, demandando as 6 aulas pelo menos 6 compendios, alem dos expositores, nunca o vi sobraçar mais do que um ou dois pequenos livros!...

O que elle nunca deixava era um ramo de violetas ou uma camelia, seus amores platonicos.

Era um moço muito sympathico, — tinha um talento enorme e foi um estudante distinctissimo!

—

Em 1855 constituiu lhe seu pae na camara ecclesiastica do Porto o necessario patrimonio para a ordenação de subdiacono e obteve de Lisboa a respectiva licença regia, mas não levou então por diante o seu intento.

Concluiu a formatura de theologia em 1857 e n'esse anno, no acto da cadeira de agricultura, deitou-lhe um *R* o lente de philosophia dr. Ferreira Leão, aproveitando o ensejo de exercer uma vingança torpe e mesquinha, mas todos concordaram que a nodoa cahiu sobre o lente e não sobre o estudante, que o esmagára e confundira com o seu talento enorme.

Em 1858 concluiu a formatura de direito a 4 de junho; repetiu a frequencia da cadeira d'agricultura e frequentou o 6.º anno de theologia, apresentando para doutoramento as suas theses, que foram approvadas pelo conselho da faculdade, mas não se doutorou n'esta, já pela hostilidade ineluctavel do professor mais influente d'ella, o dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, que *não tolerava usasse bigode o estudante*, já pela estreita e dura interpretação das leis universitarias que não permittem esse grau academico a quem não tiver ordens sacras.

Explanemos a questão do *bigode*, que tão lamentaveis consequencias teve!...

—

Sendo alumno da faculdade de theologia um estudante muito sympathico, mas um cabula sempiterno, — Miguel Joaquim Borges Castro (irmão do visconde das Devesas) que foi educado no Porto e se dava muito com os estudantes filhos d'aquella cidade, incluindo o nosso biographado, um dia o dr. Rodrigues, seu lente, chamou-o á lição e tractou-o com a maior dureza, obrigando-o a um *estenderete raso*.

O moço ficou attonito e, tractando de inquirir, soube que o dr. Rodrigues se magoara muito por ver que o dicto estudante, alem das suissas inglezas de que usava, n'aquelle dia se apresentou na aula com uma pequena *mosca* sob o labio inferior, — que por isso o chamou á lição e que o chamaria e *estenderia* todos os dias, até que se resolvesse a cortar as barbas.

O moço mandou logo rapar as barbas todas e cortar o cabello á escovinha, ficando completamente desfigurado! Assim se apresentou aos seus contemporaneos e amigos do Porto, que mal o conheceram. Discutindo todos o facto, disse o Ayres de Gouvêa: — que a frequencia era do estudante, mão das barbas, e que, se a questão se desse com elle, não as cortaria; — que passado um anno havia de ser discipulo do dr. Rodrigues com o mesmo bigode que então usava e que até estimava que elle o chamasse á lição muitas vezes, para estudar mais um pouco e fazer mais jus a um premio.

Assim o disse e cumpriu.

Exasperou-se o dr. Rodrigues, mas, vendo que o moço era um estudante distinctissimo e um talento superior, vingou-se não o chamando á lição todo o anno e empenhando-se depois com a faculdade para que lhe não désse o capello.[1]

---

[1] Ainda levou *mais longe* a vingança e até hoje não lhe perdoou, posto que já decorreram cerca de trinta annos?!...

Foi este o motivo porque o nosso biographado não se doutorou em theologia, como era seu intento.

Com uma leviandade tão simples tolheu a sua brilhante carreira?!...

—

Sahiu logo pela 3.ª vez de Portugal em viagem pela Europa. Demorou-se quasi anno e meio visitando a Inglaterra, a Escocia, a França, a Belgica, a Suissa, a Hollanda, a Prussia, a Austria, a Hungria, a Italia e a Hespanha, aproveitando entre outros estudos de fabricas, de museus, d'arsenaes, de universidades e galerias, o das cadeias e systema penal d'esses paizes, estudo que publicou com a dissertação inaugural do seu doutoramento em direito, pois doutorou-se n'esta faculdade em junho de 1860.[1]

Teve por condiscipulo em direito o distincto jurisconsulto e homem d'estado — José Dias Ferreira, com o qual no anno seguinte (1861) foi despachado lente substituto.

---

[1] Uma anecdota caracteristica:

Estando certo dia o nosso biographado no quarto dos bedeis, extremidade O. da *Via latina*, rindo, palestrando e brincando com as suas violetas na fórma do costume, passou um estudante distincto, cabisbaixo e muito embuçado. Disse-lhe o Ayres de Gouveia:

«Desembuça te; ergue a cabeça e respira! Estes pobres diabos com aspirações a doutores andam sempre encolhidos e tremendo com receio de perderem o capello. Eu tambem quero ser doutor da *Lusa Athenas*, mas por coisa nenhuma vendo a minha liberdade. Hei de pedir primeiramente o capello na faculdade de theologia; se m'o não derem (como que adivinhava!...) vou pedil-o na faculdade de direito; se m'o recusarem na de direito, vou pedil-o na de philosophia, e se em todas as 3 faculdades m'o não derem, não me afflijo com isso. Vou doutorar-me em qualquer Universidade estrangeira, como foi o meu irmão José.»

Isto presenciei eu e caracterisa bem a isempção do nosso biographado, que muito o nobilita, mas conjuntamente lhe tem dado desgostos!...

Eleito deputado pelo circulo de Cedefoita, quasi na mesma occasião, contra o estadista Fontes Pereira de Mello, continuou representando aquelle circulo em mais reeleições successivas até o advento da *Janeirinha* ao poder em 1868, cujo movimento ajudou a inciar.

Durante este longo periodo da sua carreira parlamentar muito se distinguiu e votou e propoz sempre as mais avançadas ideias do partido liberal. Assim votou a abolição dos morgados, a exclusão das irmãs da caridade estrangeiras, a liberdade do fabrico do tabaco, o casamento civil, e propugnou com efficaz iniciativa a extincção da pena de morte.

Trabalhou assiduamente em varias commissões extra-parlamentares do Codigo Civil portuguez e presidiu á commissão parlamentar que o discutiu, sendo relator o distincto jurisconsulto José Luciano de Castro, hoje (1889) presidente do conselho de ministros.

Foi tambem um dos 12 deputados que, reunidos na casa do grande tribuno José Estevam, na rua Formosa, prepararam a entrada do ministerio *historico*.

—

Em março e abril de 1865 occupou fugidiamente a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

A demissão d'alguns funccionarios publicos altamente protegidos, mas concussionarios convictos, acarretou-lhe viva opposição.

Constituiam aquelle ministerio o marquez de Loulé, Sá da Bandeira, Sabugosa, João Chrysostomo, Mathias de Carvalho e o nosso biographado.

Em 11 d'abril do dicto anno falleceu-lhe a mãe, e em dezembro de 1869 resolveu-se a satisfazer uma das mais ardentes vontades d'ella, indo tomar ordens sacras. Conferiu-lh'as o bispo de Viseu D. Antonio Alves Martins, que embalde tentou desconvencel-o do firme proposito, que a muitos se afigurava singular e inexplicavel pela sua posição e opiniões, não dando outro mo-

tivo senão o de cumprir uma antiga promessa feita a sua mãe.

—

Em outubro de 1870 partiu para Roma e d'ali, em fevereiro de 1871, para o Egypto por Napoles e Sicilia.

Visitou Alexandria, o Cairo, as Pyramides, Suez, todo o isthmo, Ismalia e, embarcando em Port-Said, fez-se na volta de Jaffa.

Percorreu Jerusalem e todos os santuarios e logares historicos da Terra Santa, desde Belem até o monte Carmelo, parando no Mar Morto, no Jordão, em Samaria, no lago de Tiberiades, no monte Thabor e em Nazareth.

Da Palestina seguiu para a capital da Turquia d'Asia e, depois de admirar as singularidades de Damasco, onde assistiu á passagem de uma das immensas caravanas de Meca, seguiu por Balbeek o Libano e o Anti-Libano até Beyruth, d'onde navegou para a Italia, passando á vista de Chipre.

Regressando a Portugal em julho de 1871, achou-se eleito deputado no circulo d'Amarante, por influencia do sr. conde de Samodães, e presidiu á sessão legislativa d'esse anno, deixando na politica até hoje viva memoria de presidente illustrado, disciplinador e integro.

—

Querendo premiar-lhe os serviços, o marquez d'Avila propoz a sua nomeação para bispo do Algarve, sendo rapidamente eleito. A Santa Sé oppoz delongas á confirmação. Elle communicou de prompto ao Pontifice a sua renuncia. O governo subterfugiou a acceital-a.

Voltou á regencia da sua cadeira de direito ecclesiastico e n'ella se manteve até jubilar-se em 1881.

O partido conservador hostilisou o sempre e não menos os catholicos intransigentes. Arguiam-no de franc-mação e de offender as crenças populares ácerca da rainha Santa Isabel.

Nunca se defendeu das arguições.

Em dezembro de 1879 o seu particular amigo Anselmo José Braamcamp, sendo presidente do conselho de ministros, offereceu-lhe e deu-lhe a carta de par do reino. Em outubro de 1884 foi nomeado commissario geral da Bulla da Santa Cruzada e em novembro do mesmo anno foi sagrado bispo de Bethsaida na Sé do Porto.

Como lente foi um dos mais distinctos ornamentos da nossa Universidade.

Como cidadão foi sempre um cavalheiro a toda a prova, muito tractavel, muito accessivel e muito obsequiador.

Como presbytero foram sempre irreprehensiveis os seus costumes.

Como bispo (desculpe s. ex.ª a nossa rude franqueza) resente-se das suas ideias politicas extremamente liberaes; o que deveras sentimos, porque pela sua honestidade, pelo seu enorme talento, pela sua vasta e variada illustração e pelos meios pecuniarios de que dispõe, podia e devia ser um prelado distinctissimo.

Accresce ainda a circumstancia de que hoje é talvez o nosso primeiro orador sagrado, como affirmam todos os que o ouviram prégar em Coimbra, em Lisboa, e na sua capella da Granja—e como provam os *Ensaios do pulpito*, interessante collecção d'alguns dos seus sermões.

Ainda não prégou no Porto, na sua terra natal, onde todos muito o estimam e consideram e anceiam por ouvil-o. No momento em que se resolva, encher-se-ha litteralmente o maior templo d'aquella cidade, — encher-se-hia mesmo o maior templo do mundo,—tal é o prestigio do seu nome e a sua fama como orador sagrado.

—

Desde a juventude costuma ir como em romagem piedosa e de saudade a Vouzella, onde nasceram seus paes;—ali fica um mez revigorando em doce tranquilidade—e d'ali custa a arrancal-o.

É o actual possuidor da bella quintã da Granja, herdada de seu pae, na encantadora praia da Granja, que por ser dependencia da quinta e toda construida em chão

Foi este o motivo porque o nosso biographado não se doutorou em theologia, como era seu intento.

Com uma leviandade tão simples tolheu a sua brilhante carreira?!...

—

Sahiu logo pela 3.ª vez de Portugal em viagem pela Europa. Demorou-se quasi anno e meio visitando a Inglaterra, a Escocia, a França, a Belgica, a Suissa, a Hollanda, a Prussia, a Austria, a Hungria, a Italia e a Hespanha, aproveitando entre outros estudos de fabricas, de museus, d'arsenaes, de universidades e galerias, o das cadeias e systema penal d'esses paizes, estudo que publicou com a dissertação inaugural do seu doutoramento em direito, pois doutorou-se n'esta faculdade em junho de 1860.[1]

Teve por condiscipulo em direito o distincto jurisconsulto e homem d'estado — José Dias Ferreira, com o qual no anno seguinte (1861) foi despachado lente substituto.

Eleito deputado pelo circulo de Cedofeita, quasi na mesma occasião, contra o estadista Fontes Pereira de Mello, continuou representando aquelle circulo em mais reeleições successivas até o advento da *Janeirinha* ao poder em 1868, cujo movimento ajudou a inciar.

Durante este longo periodo da sua carreira parlamentar muito se distinguiu e votou e propoz sempre as mais avançadas ideias do partido liberal. Assim votou a abolição dos morgados, a exclusão das irmãs da caridade estrangeiras, a liberdade do fabrico do tabaco, o casamento civil, e propugnou com efficaz iniciativa a extincção da pena de morte.

Trabalhou assiduamente em varias commissões extra-parlamentares do Codigo Civil portuguez e presidiu á commissão parlamentar que o discutiu, sendo relator o distincto jurisconsulto José Luciano de Castro, hoje (1889) presidente do conselho de ministros.

Foi tambem um dos 12 deputados que, reunidos na casa do grande tribuno José Estevam, na rua Formosa, prepararam a entrada do ministerio *historico*.

—

Em março e abril de 1865 occupou fugidiamente a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça.

A demissão d'alguns funccionarios publicos altamente protegidos, mas concussionarios convictos, acarretou-lhe viva opposição.

Constituiam aquelle ministerio o marquez de Loulé, Sá da Bandeira, Sabugosa, João Chrysostomo, Mathias de Carvalho e o nosso biographado.

Em 11 d'abril do dicto anno falleceu-lhe a mãe, e em dezembro de 1869 resolveu-se a satisfazer uma das mais ardentes vontades d'ella, indo tomar ordens sacras. Conferiu-lh'as o bispo de Viseu D. Antonio Alves Martins, que embalde tentou desconvencel-o do firme proposito, que a muitos se afigurava singular e inexplicavel pela sua posição e opiniões, não dando outro mo-

---

[1] Uma anecdota caracteristica:

Estando certo dia o nosso biographado no quarto dos bedeis, extremidade O. da *Via latina*, rindo, palestrando e brincando com as suas violetas na fórma do costume, passou um estudante distincto, cabisbaixo e muito embuçado. Disse-lhe o Ayres de Gouveia:

«Desembuça te; ergue a cabeça e respira! Estes pobres diabos com aspirações a doutores andam sempre encolhidos e tremendo com receio de perderem o capello. Eu tambem quero ser doutor da *Lusa Athenas*, mas por coisa nenhuma vendo a minha liberdade. Hei de pedir primeiramente o capello na faculdade de theologia; se m'o não derem (como que adivinhava!...) vou pedil-o na faculdade de direito; se m'o recusarem na de direito, vou pedil-o na de philosophia, e se em todas as 3 faculdades m'o não derem, não me afflijo com isso. Vou doutorar-me em qualquer Universidade estrangeira, como foi o meu irmão José.»

Isto presenciei eu e caracterisa bem a isempção do nosso biographado, que muito o nobilita, mas conjuntamente lhe tem dado desgostos!...

tivo senão o de cumprir uma antiga promessa feita a sua mãe.

—

Em outubro de 1870 partiu para Roma e d'ali, em fevereiro de 1871, para o Egypto por Napoles e Sicilia.

Visitou Alexandria, o Cairo, as Pyramides, Suez, todo o isthmo, Ismalia e, embarcando em Port-Said, fez-se na volta de Jaffa.

Percorreu Jerusalem e todos os santuarios e logares historicos da Terra Santa, desde Belem até o monte Carmelo, parando no Mar Morto, no Jordão, em Samaria, no lago de Tiberiades, no monte Thabor e em Nazareth.

Da Palestina seguiu para a capital da Turquia d'Asia e, depois de admirar as singularidades de Damasco, onde assistiu á passagem de uma das immensas caravanas de Meca, seguiu por Balbeek o Libano e o Anti-Libano até Beyruth, d'onde navegou para a Italia, passando á vista de Chipre.

Regressando a Portugal em julho de 1871, achou-se eleito deputado no circulo d'Amarante, por influencia do sr. conde de Samodães, e presidiu á sessão legislativa d'esse anno, deixando na politica até hoje viva memoria de presidente illustrado, disciplinador e integro.

—

Querendo premiar-lhe os serviços, o marquez d'Avila propoz a sua nomeação para bispo do Algarve, sendo rapidamente eleito. A Santa Sé oppoz delongas á confirmação. Elle communicou de prompto ao Pontifice a sua renuncia. O governo subterfugiou a acceital-a.

Voltou á regencia da sua cadeira de direito ecclesiastico e n'ella se manteve até jubilar-se em 1881.

O partido conservador hostilisou o sempre e não menos os catholicos intransigentes. Arguiam-no de franc-mação e de offender as crenças populares ácerca da rainha Santa Isabel.

Nunca se defendeu das arguições.

Em dezembro de 1879 o seu particular amigo Anselmo José Braamcamp, sendo presidente do conselho de ministros, offereceu-lhe e deu-lhe a carta de par do reino. Em outubro de 1884 foi nomeado commissario geral da Bulla da Santa Cruzada e em novembro do mesmo anno foi sagrado bispo de Bethsaida na Sé do Porto.

Como lente foi um dos mais distinctos ornamentos da nossa Universidade.

Como cidadão foi sempre um cavalheiro, a toda a prova, muito tractavel, muito accessivel e muito obsequiador.

Como presbytero foram sempre irreprehensiveis os seus costumes.

Como bispo (desculpe s. ex.ª a nossa rude franqueza) resente-se das suas ideias politicas extremamente liberaes; o que deveeras sentimos, porque pela sua honestidade, pelo seu enorme talento, pela sua vasta e variada illustração e pelos meios pecuniarios de que dispõe, podia e devia ser um prelado distinctissimo.

Accresce ainda a circumstancia de que hoje é talvez o nosso primeiro orador sagrado, como affirmam todos os que o ouviram prégar em Coimbra, em Lisboa, e na sua capella da Granja—e como provam os *Ensaios do pulpito*, interessante collecção d'alguns dos seus sermões.

Ainda não prégou no Porto, na sua terra natal, onde todos muito o estimam e consideram e anceiam por ouvil-o. No momento em que se resolva, encher-se-ha litteralmente o maior templo d'aquella cidade, — encher-se-hia mesmo o maior templo do mundo,—tal é o prestigio do seu nome e a sua fama como orador sagrado.

—

Desde a juventude costuma ir como em romagem piedosa e de saudade a Vouzella, onde nasceram seus paes;—ali fica um mez revigorando em doce tranquilidade—e d'ali custa a arrancal-o.

É o actual possuidor da bella quinta da Granja, herdada de seu pae, na encantadora praia da Granja, que por ser dependencia da quinta e toda construida em chão

d'ella, muitos a denominam *Granja dos Ayres*.

Da quinta fallaremos adiante; com relação á praia, que é sem contestação a mais formosa da peninsula, vide *Granja* n'este diccionario e no supplemento—e as *Praias e Caldas* de Ramalho Ortigão.

Desculpem-nos se nos alongamos fallando do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, pois quizemos aproveitar a occasião para render preito a um dos nossos mais distinctos contemporaneos, fornecendo apontamentos não vulgares aos historiadores e biographos porvindouros.

Seja-nos licito dizer alguma coisa tambem dos outros seus irmãos:

—

3.º—*Francisco Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 29 d'abril de 1830.

Destinado á vida mercantil e tendo apenas 12 annos, embarcou e seguiu para o Rio de Janeiro a bordo da barca *Leal*, pertencente ao negociante e armador *Leal*, da rua das Hortas, no Porto. Não lhe sorrindo a fortuna commercial e não se dando bem com o clima, regressou em breves annos; fixou-se no negocio da casa do seu pae e ali se conservou até formar com elle sociedade, á qual depois aggregou seu irmão José, ficando por morte d'este com toda a importante casa commercial, fundada por seu pae, o benemerito vouzellense Fructuoso.

Modestissimo em todos os seus actos, nunca tolerou que o pozessem de qualquer fórma em evidencia.

Dispondo de boa fortuna, grangeada no commercio e em operações de banco, é um dos 40 maiores contribuintes do bairro oriental do Porto e, sem nenhuma especie d'ambição, vive solteiro e muito satisfeito para a amisade de seus irmãos e pessoas das suas relações.

—

4.º—*Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia.*

Nasceu aos 27 de fevereiro de 1832.

Embalado com os seus irmãos entre os horrores da guerra civil, mal completava 6 mezes de idade, quando no berço furtivamente o transportava á cabeça sua propria mãe atravez das linhas do Porto.

Madrugando-lhe cedo a intelligencia, foi logo proposto com alegria por seus paes para a vida ecclesiastica.

Profundamente religiosos, cheios de piedade e devoções, o que mais ambicionavam e consideravam suprema ventura era ver padre um dos filhos. Esmeraram-se pois na educação d'este e afervoraram-lhe—bem como a todos os outros irmãos — os sentimentos e exercicios devotos.

Nenhum dia sem uma e mais missas; nenhuma noite sem o rosario ou o terço.

Na proxima egreja dos Congregados, restituida ao culto depois da profanação do tempo do cerco, serviam alegremente de voluntarios sachristães os pequenos irmãos. A maior parte das manhãs ali a gastavam ajudando ás missas, que eram sempre numerosas—e numerosas são ainda hoje.

—

Sem embargo de tudo isto, ao chegar com os 16 annos completos a epocha de ir para Coimbra matricular-se em theologia, declarou honestamente a sua falta absoluta de vocação ecclesiastica.

—*Tudo, menos ser padre*, disse elle.

O pae ficou triste; a mãe profundamente consternada—e o filho Antonio commovido. Propoz então este ao irmão trocarem os ramos de vida—e assim fizeram com pleno assentimento dos paes.

O Antonio deixou o commercio e foi cursar os estudos;—o Joaquim deixou os estudos e seguiu o commercio, entrando logo para a mesma casa ingleza onde estava o irmão.

Ali permaneceu até 1853, data em que, auxiliado por seu pae, foi com um so-

cio estabelecer em Londres uma casa de commissões de vinhos e outros generos, abrindo pouco depois uma filial em Liverpool.

Demorou-se na Inglaterra oito annos e, liquidado o negocio, volveu para o Porto, onde aos 22 d'outubro de 1863 casou com D. Felismina Adelaide Rodrigues, filha de Antonio Caetano Rodrigues, acreditado negociante de vinhos, natural da freguezia de *Nandufe*, concelho de Tondella, e de D. Felicia Felicidade Vianna.

Tiveram os 4 filhos seguintes:

—*Felismina*, que nasceu a 6 de setembro de 1864, hoje casada com Alberto Rebello Valente Allen, filho dos viscondes de Villar d'Allen;

—*Alberto Ayres de Gouveia*, nascido a 3 de março de 1867;

—*Maria Ermelinda* aos 5 de setembro de 1871 e

—*Alvaro* a 25 de junho de 1876.

—

Falleceu Joaquim Ayres aos 7 d'abril de 1878 no seu formoso e luxuoso palacete da rua da Restauração no Porto, legando um nome honrado e avultada fortuna.

D'uma grande lucidez d'espirito e dotado de um coração d'ouro, a sua saude nunca foi muito vigorosa e comprometteu-a bastante com o excessivo trabalho na direcção da sua casa commercial, que era uma das primeiras do Porto.

Adoecendo gravemente aos 15 annos de idade, deveu aos excellentes ares de Vouzella o seu restabelecimento.

—

5.º — *Luiz Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.*

Nasceu aos 9 de março de 1834.

Seguindo tambem desde a infancia, como seus irmãos quasi todos, a vida commercial, n'ella se tem conservado até hoje, vivendo sempre no Porto.

Em 31 de março de 1856 casou com D. Ermelinda Gomes, de quem houve apenas uma filha—Albertina, que nasceu a 111 de setembro de 1857, hoje casada com Duuarte Ferreira Pinto Basto, um dos donos dda fabrica da Vista Alegre, onde reside.

Para evitarmos repetições, veja-se oo art. *Vista Alegre.*

Luiz Ayres é um cavalheiro muito cconsiderado no Porto, grande proprietario ee capitalista.

—

6.º—*Maria.*

Nasceu em 1836 e falleceu no mesmoo anno com 2 mezes de idade apenas.

—

7.º—*Frederico Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 25 de março de 1838. O ccommercio attrahiu tambem a sorte d'este fililho.

Aos 16 annos embarcou para a Inglaaterra acompanhado de seu irmão Antonio,, indo começar a vida de caixeiro na casaa do seu irmão Joaquim. Passados poucos annnos foi para o Rio de Janeiro, e ali, depoisis de varia fortuna, se estabeleceu com fiirma commercial. Em 1872 liquidou os seuss negocios,—volveu á patria—e em 22 d'aggosto de 1874 casou no Porto com D. Heduvviges Apollonia Ferreira Nunes, filha do neegociante do Maranhão e capitalista Clemeente José da Silva Nunes e de D. Anna Ferreira da Silva Nunes, d'aquella cidade, irmãã do conde de Itacolmin, brazileiro.

Falleceu sem successão a 27 de janeiro de 1884, deixando vivas saudades aos seeus e aos estranhos, pois era uma excellente ppessoa.

Jaz no tumulo da familia no cemiterioo de Agramonte.

—

8.º—*D. Maria Isabel Ayres de Gouveiaa.*

Nasceu a 27 de dezembro de 1841 e ppor ser a unica filha,—muito meiga, muito ddocil e muito virtuosa,—foi sempre o anjoo da familia, o encanto dos paes e o enlevo ddos irmãos todos, nomeadamente do sr. D. AAntonio, que a idolatra.

Casou na capella da Granja a 15 de feeve-

d'ella, muitos a denominam *Granja dos Ayres*.

Da quinta fallaremos adiante; com relação á praia, que é sem contestação a mais formosa da peninsula, vide *Granja* n'este diccionario e no supplemento—e as *Praias e Caldas* de Ramalho Ortigão.

Desculpem-nos se nos alongamos fallando do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, pois quizemos aproveitar a occasião para render preito a um dos nossos mais distinctos contemporaneos, fornecendo apontamentos não vulgares aos historiadores e biographos porvindouros.

Seja-nos licito dizer alguma coisa tambem dos outros seus irmãos:

—

3.º—*Francisco Fructuoso Ayres de Gouveia*.

Nasceu aos 29 d'abril de 1830.

Destinado á vida mercantil e tendo apenas 12 annos, embarcou e seguiu para o Rio de Janeiro a bordo da barca *Leal*, pertencente ao negociante e armador *Leal*, da rua das Hortas, no Porto. Não lhe sorrindo a fortuna commercial e não se dando bem com o clima, regressou em breves annos; fixou-se no negocio da casa do seu pae e ali se conservou até formar com elle sociedade, á qual depois aggregou seu irmão José, ficando por morte d'este com toda a importante casa commercial, fundada por seu pae, o benemerito vouzellense Fructuoso.

Modestissimo em todos os seus actos, nunca tolerou que o pozessem de qualquer fórma em evidencia.

Dispondo de boa fortuna, grangeada no commercio e em operações de banco, é um dos 40 maiores contribuintes do bairro oriental do Porto e, sem nenhuma especie d'ambição, vive solteiro e muito satisfeito para a amisade de seus irmãos e pessoas das suas relações.

—

4.º—*Joaquim Fructuoso Ayres de Gouveia*.

Nasceu aos 27 de fevereiro de 1832.

Embalado com os seus irmãos entre os horrores da guerra civil, mal completava 6 mezes de idade, quando no berço furtivamente o transportava á cabeça sua propria mãe atravez das linhas do Porto.

Madrugando-lhe cedo a intelligencia, foi logo proposto com alegria por seus paes para a vida ecclesiastica.

Profundamente religiosos, cheios de piedade e devoções, o que mais ambicionavam e consideravam suprema ventura era ver padre um dos filhos. Esmeraram-se pois na educação d'este e afervoraram-lhe—bem como a todos os outros irmãos — os sentimentos e exercicios devotos.

Nenhum dia sem uma e mais missas; nenhuma noite sem o rosario ou o terço.

Na proxima egreja dos Congregados, restituida ao culto depois da profanação do tempo do cerco, serviam alegremente de voluntarios sachristães os pequenos irmãos. A maior parte das manhãs ali a gastavam ajudando ás missas, que eram sempre numerosas—e numerosas são ainda hoje.

—

Sem embargo de tudo isto, ao chegar com os 16 annos completos a epocha de ir para Coimbra matricular-se em theologia, declarou honestamente a sua falta absoluta de vocação ecclesiastica.

—*Tudo, menos ser padre*, disse elle.

O pae ficou triste; a mãe profundamente consternada—e o filho Antonio commovido. Propoz então este ao irmão trocarem os ramos de vida—e assim fizeram com pleno assentimento dos paes.

O Antonio deixou o commercio e foi cursar os estudos;—o Joaquim deixou os estudos e seguiu o commercio, entrando logo para a mesma casa ingleza onde estava o irmão.

Ali permaneceu até 1853, data em que, auxiliado por seu pae, foi com um so-

cio estabelecer em Londres uma casa de commissões de vinhos e outros generos, abrindo pouco depois uma filial em Liverpool.

Demorou-se na Inglaterra oito annos e, liquidado o negocio, volveu para o Porto, onde aos 22 d'outubro de 1863 casou com D. Felismina Adelaide Rodrigues, filha de Antonio Caetano Rodrigues, acreditado negociante de vinhos, natural da freguezia de *Nandufe*, concelho de Tondella, e de D. Felicia Felicidade Vianna.

Tiveram os 4 filhos seguintes:

—*Felismina*, que nasceu a 6 de setembro de 1864, hoje casada com Alberto Rebello Valente Allen, filho dos viscondes de Villar d'Allen;

—*Alberto Ayres de Gouveia*, nascido a 3 de março de 1867;

—*Maria Ermelinda* aos 5 de setembro de 1871 e

—*Alvaro* a 25 de junho de 1876.

—

Falleceu Joaquim Ayres aos 7 d'abril de 1878 no seu formoso e luxuoso palacete da rua da Restauração no Porto, legando um nome honrado e avultada fortuna.

D'uma grande lucidez d'espirito e dotado de um coração d'ouro, a sua saude nunca foi muito vigorosa e comprometteu-a bastante com o excessivo trabalho na direcção da sua casa commercial, que era uma das primeiras do Porto.

Adoecendo gravemente aos 15 annos de idade, deveu aos excellentes ares de Vouzella o seu restabelecimento.

—

5.º — *Luiz Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.*

Nasceu aos 9 de março de 1834.

Seguindo tambem desde a infancia, como seus irmãos quasi todos, a vida commercial, n'ella se tem conservado até hoje, vivendo sempre no Porto.

Em 31 de março de 1856 casou com D. Ermelinda Gomes, de quem houve apenas uma filha—Albertina, que nasceu a 1 11 de setembro de 1857, hoje casada com DOuarte Ferreira Pinto Basto, um dos donos da fabrica da Vista Alegre, onde reside.

Para evitarmos repetições, veja-se o o art. *Vista Alegre.*

Luiz Ayres é um cavalheiro muito coconsiderado no Porto, grande proprietario e e capitalista.

—

6.º—*Maria.*

Nasceu em 1836 e falleceu no mesmoio anno com 2 mezes de idade apenas.

—

7.º—*Frederico Ayres de Gouveia.*

Nasceu a 25 de março de 1838. O ccommercio attrahiu tambem a sorte d'este fi filho.

Aos 16 annos embarcou para a Inglalaterra acompanhado de seu irmão Antonio,), indo começar a vida de caixeiro na casasa do seu irmão Joaquim. Passados poucos aminnos foi para o Rio de Janeiro, e ali, depoisis de varia fortuna, se estabeleceu com fifirma commercial. Em 1872 liquidou os seus s negocios,—volveu á patria—e em 22 d'agogosto de 1874 casou no Porto com D. Heduviviges Apollonia Ferreira Nunes, filha do nenegociante do Maranhão e capitalista Clemenente José da Silva Nunes e de D. Anna Ferrereira da Silva Nunes, d'aquella cidade, irmãã do conde de Itacolmin, brazileiro.

Falleceu sem successão a 27 de janeeiro de 1884, deixando vivas saudades aos seeus e aos estranhos, pois era uma excellente p pessoa.

Jaz no tumulo da familia no cemiterioio de Agramonte.

—

8.º—*D. Maria Isabel Ayres de Gouveiaia.*

Nasceu a 27 de dezembro de 1841 e p por ser a unica filha,—muito meiga, muito ó docil e muito virtuosa,—foi sempre o anjo o da familia, o encanto dos paes e o enlevo ó dos irmãos todos, nomeadamente do sr. D. A Antonio, que a idolatra.

Casou na capella da Granja a 15 de feveve-

reiro de 1874 com Antonio Maria Alcoforado, bacharel formado em direito, filho de D. Maria dos Prazeres Barata Velloso e de Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto e Figueiredo, senhor da nobre casa da Sernada em Vouzella, mencionada supra, onde aquelle nasceu e ali actualmente é conservador do registro predial.

D'este consorcio tiveram 6 filhos, todos nascidos na quinta e casa de *Caritel*, mencionada tambem supra, e que foi do velho Fructuoso, patriarcha d'esta importante familia.

Aquelles 6 filhos são os seguintes:

—*Gil*, que nasceu a 14 de janeiro de 1876;

—*Ayres*, a 19 de março de 1877;

—*Maria*, a 29 de dezembro de 1878;

—*Izabel*, a 20 de setembro de 1880;

—*Beatriz*, a 18 de fevereiro de 1882;

—*Affonso*, a 31 de dezembro de 1885.

—

Todo consagrado á sua familia, que idolatrava, viveu Fructuoso José da Silva Ayres sempre occupado no seu commercio de vinhos, sem distrahir-se com outra qualquer occupação ou emprego—e sempre na *Porta de Carros*, posto que tinha armazens e boas casas d'habitação em outros pontos da cidade. Com o fallecimento porem da consorte em 1865 passou a viver habitualmente na sua quinta da Granja.

Esta quinta, na data da extincção das ordens religiosas, pertencia aos frades cruzios da Serra do Pilar, havendo pertencido aos de Grijó.

Foi vendida em hasta publica em 5 d'agosto de 1836 a D. Anna Joaquina de Mello. A 4 de maio de 1839 vendeu-a esta a José Antonio Alves Vianna; por morte d'este passou para a viuva, a qual a vendeu em 31 de dezembro de 1860 a Fructuoso José da Silva Ayres, de quem a herdou seu filho, o sr. D. Antonio, seu actual possuidor, que n'ella costuma viver.

—

No dia 9 de março de 1881 estando n'esta quinta o velho Fructuoso e fazendo annos n'aquelle dia o seu filho Luiz Ayres, ia o velhinho muito alegre festejar-lhos, levando na mão um lindo ramo de camelias, mas alguns minutos depois de entrar na carruagem da via ferrea e indo o comboyo em marcha, a morte o suprehendeu repentinamente, contando 77 annos de idade, quasi completos.

Teve uma morte suavissima e por fortuna iam na mesma carruagem duas irmãs da caridade, que lhe assistiram ao passamento.

Jaz ao lado da esposa e d'alguns filhos no cemiterio d'Agramonte, no Porto.— Deixou um nome venerando, honradissimo, e uma fortuna orçada em 150 contos ds réis, apesar das grandes sommas que despendeu com os filhos, nomeadamente com o José e com o sr. D. Antonio.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente cremos.

Ainda os Vouzellenses illustres

—*José Ribeiro Cardoso*, filho de Vouzella e muitos annos negociante no Porto, onde falleceu ha annos.

Instituiu por herdeira a Misericordia d'esta villa para ella fundar um *Laus-perenne*, e um *Asylo de cegos, aleijados e entrevados*.

A Misericordia já inaugurou o *Laus perenne*, mas ainda não fundou o *Asylo*, por que ainda não pôde liquidar toda a herança, que deve montar a 40 contos de réis, aproximadamente.

—O *Padre Mestre Simão Rodrigues d'Azevedo*, varão apostolico.

Foi companheiro de S. Francisco Xavier e 1.º provincial da Companhia de Jesus no nosso paiz, etc.

Falleceu em Lisboa a 15 de julho de 1579 contando 70 de idade.

Foi este illustre vouzellense o 1.º jesuita que veiu a Portugal, quando D. João III, a instancias de D. Pedro Mascarenhas, estabeleceu n'este reino a *Companhia de Jesus*.

Simão Rodrigues d'Azevedo foi um dos primeiros 9 discipulos de Santo Ignacio de Loyola. Estudava em Paris, quando o santo fundador o escolheu para aquelle apostolado.

Foi o fundador da provincia lusitana e falleceu na casa professa de S. Roque, onde jaz na capella mór, junto aos degraus do presbyterio.

—*Fr. Pedro Donato.*

Foi religioso franciscano de muita illustração e virtude.

—*Duarte d'Almeida*, o *decepado*;

—*Fernão Lopes d'Almeida* e

—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente.

Foram todos tres fidalgos muito distinctos e pessoas muito notaveis, como já dissemos quando fallámos da celebre quinta da *Cavallaria* e no topico *Senhores de Lafões*.

Duarte d'Almeida, o *decepado*, senhor da quinta da *Cavallaria*, immortalisou se defendendo a bandeira portugueza na batalha de Toro, mas perdeu-a e por seu turno se immortalisou tambem salvando-a *na mesma batalha* Gonçalo Pires Bandeira, seu visinho, natural de Besteiros (*Tondella*) ascendente dos *Bandeiras* de Viseu, Tondella e Granja.

O actual visconde de Rériz é um dos decendentes do nobre decepado.

V. *Rériz*, tomo 8.º pag. 152, col. 1.º e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1840.

—*Fr. José de S. Bernardino*, religioso agostinho descalço, natural de *Vouzella do Sul*, que suppomos ser esta, visinha de S. Pedro *do Sul*.

Professou no convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 8 de agosto de 1751.

—*Fr. Chrystovam de Vouzella*, religioso franciscano da provincia da Soledade.

Nasceu na villa de Vouzella no meiado do sec. XVI e foram seus paes Antonio d'Almeida, da mesma villa, e Filippa de Novaes, da de S. Pedro do Sul.

Foi homem muito illustrado e piedosissimo e occupou os primeiros cargos da sua ordem.

Mandado por seus paes para Coimbra, no mesmo dia em que se doutorou na faculdade de Canones tomou o habito no convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde, findo o noviciado, professou a 29 de dezembro de 1585.

Foi guardião no convento de Portalegre, onde teve por subdito seu tio, o padre prégador Fr. Francisco de S. Pedro do Sul. Em seguida foi guardião em Santo Antonio dos Olivaes, uma das maiores guardianias da provincia. Foi tambem guardião no convento de Santo Antonio de Castello Branco e no de S. Francisco de Lagos; depois ministro provincial da ordem, eleito no capitulo celebrado em Evora a 19 de janeiro de 1614; —passado o triennio foi eleito *custodio*—e no cap. celebrado em Salamanca em 1718 foi encarregado de visitar a *provincia* franciscana da Arrabida. Em seguida o duque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rei D. João IV, o nomeou seu confessor, cargo que pouco tempo desempenhou, por haver ensurdecido, pelo que muito contra a vontade do duque deixou o paço de Villa Viçosa e foi para o seu convento d'Abrantes, onde, passado algum tempo, se restabeleceu.

Em seguida foi eleito commissario dos conventos da sua ordem nas provincias do Douro e Minho, pelo que fixou a sua residencia no convento de Santo Antonio de Valle de Piedade, onde, como em Abrantes, continuou a viver a vida mais humilde e penitente, exercendo os misteres mais desprezíveis da casa.

Sendo religioso velho e grave, elle proprio lavava a sua roupa e para isso *ia á cerca buscar a lenha para aquentar a agua* (diz a chronica) *e o seu habito era muito pobre, e remendado por sua mão.*

—

Como era commissario dos conventos d'entre Douro e Minho, podia mudar ou transferir como lhe aprouvesse os religiosos d'elles. Achava-se então o convento de S. Fructuoso de Braga assolado por uma epidemia medonha, havendo fallecido em poucos dias 3 religiosos. O guardião afflicto pedia ao commissario religiosos para tratarem os doentes e prefazerem as vaggas da

reiro de 1874 com Antonio Maria Alcoforado, bacharel formado em direito, filho de D. Maria dos Prazeres Barata Velloso e de Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto e Figueiredo, senhor da nobre casa da Sernada em Vouzella, mencionada supra, onde aquelle nasceu e ali actualmente é conservador do registro predial.

D'este consorcio tiveram 6 filhos, todos nascidos na quinta e casa de *Caritel*, mencionada tambem supra, e que foi do velho Fructuoso, patriarcha d'esta importante familia.

Aquelles 6 filhos são os seguintes:

—*Gil*, que nasceu a 14 de janeiro de 1876;

—*Ayres*, a 19 de março de 1877;

—*Maria*, a 29 de dezembro de 1878;

—*Izabel*, a 20 de setembro de 1880;

—*Beatriz*, a 18 de fevereiro de 1882;

—*Affonso*, a 31 de dezembro de 1885.

—

Todo consagrado á sua familia, que idolatrava, viveu Fructuoso José da Silva Ayres sempre occupado no seu commercio de vinhos, sem distrahir-se com outra qualquer occupação ou emprego—e sempre na *Porta de Carros*, posto que tinha armazens e boas casas d'habitação em outros pontos da cidade. Com o fallecimento porem da consorte em 1865 passou a viver habitualmente na sua quinta da Granja.

Esta quinta, na data da extincção das ordens religiosas, pertencia aos frades cruzios da Serra do Pilar, havendo pertencido aos de Grijó.

Foi vendida em hasta publica em 5 d'agosto de 1836 a D. Anna Joaquina de Mello. A 4 de maio de 1839 vendeu-a esta a José Antonio Alves Vianna; por morte d'este passou para a viuva, a qual a vendeu em 31 de dezembro de 1860 a Fructuoso José da Silva Ayres, de quem a herdou seu filho, o sr. D. Antonio, seu actual possuidor, que n'ella costuma viver.

—

No dia 9 de março de 1881 estando n'esta quinta o velho Fructuoso e fazendo annos n'aquelle dia o seu filho Luiz Ayres, ia o velhinho muito alegre festejar-lhos, levando na mão um lindo ramo de camelias, mas alguns minutos depois de entrar na carruagem da via ferrea e indo o comboyo em marcha, a morte o suprehendeu repentinamente, contando 77 annos de idade, quasi completos.

Teve uma morte suavissima e por fortuna iam na mesma carruagem duas irmãs da caridade, que lhe assistiram ao passamento.

Jaz ao lado da esposa e d'alguns filhos no cemiterio d'Agramonte, no Porto.— Deixou um nome venerando, honradissimo, e uma fortuna orçada em 150 contos ds réis, apesar das grandes sommas que despendeu com os filhos, nomeadamente com o José e com o sr. D. Antonio.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente cremos.

Ainda os Vouzellenses illustres

—*José Ribeiro Cardoso*, filho de Vouzella e muitos annos negociante no Porto, onde falleceu ha annos.

Instituiu por herdeira a Misericordia d'esta villa para ella fundar um *Laus-perenne*, e um *Asylo de cegos, aleijados e entrevados*.

A Misericordia já inaugurou o *Laus perenne*, mas ainda não fundou o *Asylo*, por que ainda não pôde liquidar toda a herança, que deve montar a 40 contos de réis, aproximadamente.

—O *Padre Mestre Simão Rodrigues d'Azevedo*, varão apostolico.

Foi companheiro de S. Francisco Xavier e 1.º provincial da Companhia de Jesus no nosso paiz, etc.

Falleceu em Lisboa a 15 de julho de 1579 contando 70 de idade.

Foi este illustre vouzellense o 1.º jesuita que veiu a Portugal, quando D. João III, a instancias de D. Pedro Mascarenhas, estabeleceu n'este reino a *Companhia de Jesus*.

Simão Rodrigues d'Azevedo foi um dos primeiros 9 discipulos de Santo Ignacio de Loyola. Estudava em Paris, quando o santo fundador o escolheu para aquelle apostolado.

Foi o fundador da provincia lusitana e falleceu na casa professa de S. Roque, onde jaz na capella mór, junto aos degraus do presbyterio.

—*Fr. Pedro Donato.*

Foi religioso franciscano de muita illustração e virtude.

—*Duarte d'Almeida*, o *decepado*;

—*Fernão Lopes d'Almeida* e

—*Duarte d'Almeida*, filho do antecedente.

Foram todos tres fidalgos muito distinctos e pessoas muito notaveis, como já dissemos quando fallámos da celebre quinta da *Cavallaria* e no topico *Senhores de Lafões*.

Duarte d'Almeida, o *decepado*, senhor da quinta da *Cavallaria*, immortalisou se defendendo a bandeira portugueza na batalha de Toro, mas perdeu-a e por seu turno se immortalisou tambem salvando-a *na mesma batalha* Gonçalo Pires Bandeira, seu visinho, natural de Besteiros (*Tondella*) ascendente dos *Bandeiras* de Viseu, Tondella e Granja.

O actual visconde de Rériz é um dos decendentes do nobre decepado.

V. *Rériz*, tomo 8.º pag. 152, col. 1.º e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1840.

—*Fr. Josè de S. Bernardino*, religioso agostinho descalço, natural de *Vouzella do Sul*, que suppomos ser esta, visinha de S. Pedro *do Sul*.

Professou no convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, em Lisboa, no dia 8 de agosto de 1751.

—*Fr. Chrystovam de Vouzella*, religioso franciscano da provincia da Soledade.

Nasceu na villa de Vouzella no meiado do sec. XVI e foram seus paes Antonio d'Almeida, da mesma villa, e Filippa de Novaes, da de S. Pedro do Sul.

Foi homem muito illustrado e piedosissimo e occupou os primeiros cargos da sua ordem.

Mandado por seus paes para Coimbra, no mesmo dia em que se doutorou na faculdade de Canones tomou o habito no convento de Santo Antonio dos Olivaes, onde, fifindo o noviciado, professou a 29 de dezembbro de 1585.

Foi guardião no convento de Portaalegre, onde teve por subdito seu tio, o padre prégador Fr. Francisco de S. Pedro do Suul. Em seguida foi guardião em Santo Antonnio dos Olivaes, uma das maiores guardianiaias da provincia. Foi tambem guardião no coonvento de Santo Antonio de Castello Brancco e no de S. Francisco de Lagos; depois mininistro provincial da ordem, eleito no capituulo celebrado em Evora a 19 de janeiro de 1614; --passado o triennio foi eleito *custodio*—e no cap. celebrado em Salamanca em 17718 foi encarregado de visitar a *provincia* franciscana da Arrabida. Em seguida o duqque de Bragança D. Theodosio II, pae d'el-rrei D. João IV, o nomeou seu confessor, carggo que pouco tempo desempenhou por haveer ensurdecido, pelo que muito contra a voontade do duque deixou o paço de Villa Viçiçosa e foi para o seu convento d'Abrantes, onde, passado algum tempo, se restabeleceuu.

Em seguida foi eleito commissaricio dos conventos da sua ordem nas provincisias do Douro e Minho, pelo que fixou a suaa residencia no convento de Santo Antonnio de Valle de Piedade, onde, como em Abrrantes, continuou a viver a vida mais humilde e e penitente, exercendo os misteres mais delespresiveis da casa.

Sendo religioso velho e grave, elle e proprio lavava a sua roupa e para isso *ii hia á cerca buscar a lenha para aquentar aa agua* (diz a chronica) *e o seu habito era muiiito pobre, e remendado por sua mão.*

—

Como era commissario dos convventos d'entre Douro e Minho, podia mudaar ou transferir como lhe aprouvesse os reeligiosos d'elles. Achava-se então o convennto de S. Fructuoso de Braga assolado porr uma epidemia medonha, havendo fallecidd em poucos dias 3 religiosos. O guardião afflicto pedia ao commissario religiosos para t tratarem os doentes e prefazerem as vaggas da

communidade. Partiu logo para Braga elle proprio, para não expôr mais vidas, e aos que lhe pediam que não fosse, respondeu: *Deixai-me ir animar aquelle guardião, que o sinto desmaiado.*

Passou os ultimos annos de vida no convento d'Azurara, onde expirou santamente, já decrepito e ali jaz.[1]

—*Braz de Figueiredo Castello Branco.* Foi dezembargador e chanceller-mór da relação do Porto; casou com D. Francisca de Figueiredo Mendes Antas, da nobre familia *Mendes Antas* de Vimioso e d'elle procedem muitas familias da nossa 1.ª nobreza.

—*Pedro Moniz Bochicho*, casado com Maria Cides.

Viveram no sec. XII e doaram ao mosteiro de Paço de Sousa metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, de que eram senhores, no concelho actual de S. Pedro do Sul.

—*Martim Peres Bochicho*, filho do antecedente.

Impugnou aquella doação, mas veiu a um accordo com os monges em 7 de julho de 1228, para que a dicta egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos *Bochichos*. Era pois muito importante em Lafões a familia *Bochichos* nos seculos XII e XIII.

V. *Paço de Sousa*, tomo 4.º pag. 391, col. 2.ª

—*Dr. Manoel d'Almeida e Sousa de Lobão*, distinctissimo jurisconsulto

Para evitarmos repetições, veja-se o art. Lobão, tomo 4.º pag. 431, col. 2.ª—e com relação ás suas obras veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio.

—*Fradique de Mello Meneses e Castro*, cavalheiro respeitabilissimo.

Uma correspondencia de Vouzella, com data de 27 d'agosto de 1886, dizia o seguinte:

«—Falleceu hontem na sua nobre casa de Fataunços, a tres kilometros d'esta villa, o sr. Fradique de Mello Menezes e Castro, antigo tenente coronel do regimento de milicias de Tondella, pae do sr. dr. Ayres de Mello Menezes e Castro, digno presidente da camara municipal de Vouzella, e do sr. José de Souza Menezes e Castro, e sogro do sr. juiz de direito, José de Gouveia Osorio, e do sr. Leonel Cardoso de Menezes.

O sr. Fradique de Mello era um cavalheiro de toda a probidade e seriedade, a quem todos respeitavam como venerando ancião e amigo sincero de todos que conhecia.»

—*Manoel d'Azevedo*, da companhia de Jesus.

Nos *Commentarios ao dia 28 de Junho*, pag. 742, col. 2.ª lettra *m*, se lê no *Agiologio Lusitano* o seguinte:

«Foi o irmão *Manoel d'Azevedo*, natural da villa de Vouzella. Seus paes se chamarão Antonio Pinto, e Emerenciana de Andrade. Entrou na *Companhia* em o Collegio de Coimbra a 27 de abril de 1614, tendo 10 annos de idade, e falleceu no de Braga aos 18 de Junho de 1617, havendo ornado sua alma com essenciaes virtudes nos 3 annos que teve de Religião, as quaes se podem ver em sua vida, que anda ms. pelo P. Balthazar de Figueiredo, ministro então do collegio bracharense, dedicada ao padre Francisco de Mendonça, reitor do de Coimbra.»

—

O mesmo *Agiologio* no texto, pag. 739, fallando d'este inclito varão, diz:

«Primeiramente gastava cada dia na oração mental 4 horas, alem do officio, e corôa de Nossa Senhora, e de outras pias e devotas orações a muitos santos.

....

«Tomava hua larga disciplina, e ás vezes duas, e por isso as trazia tão gastadas, que era necessario prover-se d'ellas, como de mantimento. Huas de cordas de arame,

[1] V. *Chronica da Provincia da Solèdade*, tomo 1.º pag. 400 a 409.

mui fortes, lhe durarão somente 3 mezes, e menos outras de cordel encerado.....

«Usava de 5 generos de cilicios, a saber de asperas sedas, de duro ferro, e de cadeas de arame com penetrantes pontas. Estes 3 serviam para a cintura; os dois, hum da mesma materia, para os sustinentes, e outro de ferro para o pescoço...—para de noite tinha hum tão largo, e asperrimo, que lhe tomava o corpo todo...

«De ordinario comia em terra por humildade, beijava os pés aos irmãos, e pedia penitencias desuzadas...

«Tambem assistia aos pobres, e bebia pelas tigellas mais nojentas e ascorosas, sendo limpo e asseado de seu natural.

.....

«Sendo alegre em demasia, sómente o vião melancolisado, quando se dizia em seu louvor alguma cousa.....

.....

—*Fr. Pedro de Vouzella.*

Floreceu no convento velho de S. Francisco de Coimbra, sendo ainda de claustraes, pelos annos de 1560.

Foi frade leigo, mas muito virtuoso, pelo que os vouzellenses, seus patricios, o tiveram sempre em muita veneração e o mandaram pintar na matriz de Vouzella, junto de S. Fr. Gil e do Padre Mestre Simão, da Companhia de Jesus, indicados supra, ficando todos 3 na mesma linha;—S. Fr. Gil no centro; o Mestre Simão á esquerda — e Fr. Pedro á direita, — segundo se lê no *Agiol. Lusit.*, tomo 1.º pag. 454, let. *d.*—e pag. 459.

—*João Correia d'Oliveira*, fallecido a 14 de outubro de 1882.

Era um cavalheiro muito tractavel, muito serviçal, commendador da ordem de Christo, abastado proprietario e homem de grande influencia n'este concelho.

Foi muitos annos presidente da camara de Vouzella, procurador á junta geral do districto, recebedor da comarca e juiz de direito substituto.

Vouzella deveu-lhe sempre a maior dedicação pelo seu engrandecimento.

D'elle já fizemos menção no topicoco supra —*Quintas.*

—

—*José Cardoso Pereira Pinto de Meneses*, fidalgo de antiga linhagem, nobre e muito nobre pelo sangue e mais aininda pelas suas virtudes.

Nasceu na villa de Vouzella a 9 d d'agosto de 1793 e falleceu na sua casa de Villa Flor, em Traz os Montes, a 24 de dezemmbro de 1875, tendo de idade 82 annos.

Era filho de Luiz Cardoso Pereirira Pinto de Menezes, moço fidalgo da casa reeal e capitão-mór de S. Martinho de Mourores, e de D. Maria Rita de Mello Almeida Barreros Sousa Girão Seixas Cardoso.

Por morte de seus paes foi vivever para Villa Flor, onde lhe pertencera um n antigo morgado, que fôra instituido por umm nobre fidalgo, seu ascendente, Lopo Machado Pereira e sua mulher D. Brites de MMenezes, da antiga casa de Cardoso, solar dos s Cardosos, coevo da monarchia.

Foi sua vida sempre de verdadeiroro christão e cheia de virtudes, principalmmente da caridade para com os pobres que n'n'elle foi em grau subido, chegando ás vezes s a privar-se até de commodidades para sococcorrer os miseraveis. Nunca á sua porta batateu um infeliz que não encontrasse alivio e confôrto.

Era legitimista sincero e bondoso.o.

A perseguição que hoje se está fazazendo á Egreja o affligia em extremo, de soorte que nunca fallava no Santo Padre que nnão chorasse e não levantasse as mãos treremulas, pedindo a Deus o defendesse e á suaa Egreja. Foi sempre casto e modesto, hommrado e exemplar.

Tal foi a sua vida, por isso sua mmorte devia ser tambem de justo. Um annmo viveu entrevado e então redobrou sua p piedade, confessando-se e commungando aminiudadas vezes, o que fazia sempre com lagririmas de compunção; e, tendo recebido pelala ultima vez o Sagrado Viatico, começou a orarar e assim ádormeceu o somno dos justotos, sem afflicções, sem remorsos, sem angusstias, nc

communidade. Partiu logo para Braga elle proprio, para não expôr mais vidas, e aos que lhe pediam que não fosse, respondeu: *Deixai-me ir animar aquelle guardião, que o sinto desmaiado.*

Passou os ultimos annos de vida no convento d'Azurara, onde expirou santamente, já decrepito e ali jaz.[1]

—*Braz de Figueiredo Castello Branco.*

Foi dezembargador e chanceller-mór da relação do Porto; casou com D. Francisca de Figueiredo Mendes Antas, da nobre familia *Mendes Antas* de Vimioso e d'elle procedem muitas familias da nossa 1.ª nobreza.

—*Pedro Moniz Bochicho*, casado com Maria Cides.

Viveram no sec. XII e doaram ao mosteiro de Paço de Sousa metade da egreja de S. Thiago de Carvalhaes, de que eram senhores, no concelho actual de S. Pedro do Sul.

—*Martim Peres Bochicho*, filho do antecedente.

Impugnou aquella doação, mas veiu a um accordo com os monges em 7 de julho de 1228, para que a dicta egreja fosse apresentada simultaneamente pelos frades e pelos *Bochichos*. Era pois muito importante em Lafões a familia *Bochichos* nos seculos XII e XIII.

V. *Paço de Sousa*, tomo 4.º pag. 391, col. 2.ª

—*Dr. Manoel d'Almeida e Sousa de Lobão*, distinctissimo jurisconsulto

Para evitarmos repetições, veja-se o art. Lobão, tomo 4.º pag. 431, col. 2.ª—e com relação ás suas obras veja-se o *Diccionario Bibl.* de Innocencio.

— *Fradique de Mello Meneses e Castro*, cavalheiro respeitabilissimo.

---

[1] V. *Chronica da Provincia da Soledade*, tomo 1.º pag. 400 a 409.

Uma correspondencia de Vouzella, com data de 27 d'agosto de 1886, dizia o seguinte:

«—Falleceu hontem na sua nobre casa de Fataunços, a tres kilometros d'esta villa, o sr. Fradique de Mello Menezes e Castro, antigo tenente coronel do regimento de milicias de Tondella, pae do sr. dr. Ayres de Mello Menezes e Castro, digno presidente da camara municipal de Vouzella, e do sr. José de Souza Menezes e Castro, e sogro do sr. juiz de direito, José de Gouveia Osorio, e do sr. Leonel Cardoso de Menezes.

O sr. Fradique de Mello era um cavalheiro de toda a probidade e seriedade, a quem todos respeitavam como venerando ancião e amigo sincero de todos que conhecia.»

—*Manoel d'Azevedo*, da companhia de Jesus.

Nos *Commentarios ao dia 28 de Junho*, pag. 742, col. 2.ª lettra *m*, se lê no *Agiologio Lusitano* o seguinte:

«Foi o irmão *Manoel d'Azevedo*, natural da villa de Vouzella. Seus paes se chamarão Antonio Pinto, e Emerenciana de Andrade. Entrou na *Companhia* em o Collegio de Coimbra a 27 de abril de 1614, tendo 10 annos de idade, e falleceu no de Braga aos 18 de Junho de 1617, havendo ornado sua alma com essenciaes virtudes nos 3 annos que teve de Religião, as quaes se podem ver em sua vida, que anda ms. pelo P. Balthazar de Figueiredo, ministro então do collegio bracharense, dedicada ao padre Francisco de Mendonça, reitor do de Coimbra.»

—

O mesmo *Agiologio* no texto, pag. 739, fallando d'este inclito varão, diz:

«Primeiramente gastava cada dia na oração mental 4 horas, alem do officio, e corôa de Nossa Senhora, e de outras pias e devotas orações a muitos santos.

. . . . . .

«Tomava hua larga disciplina, e ás vezes duas, e por isso as trazia tão gastadas, que era necessario prover-se d'ellas, como de mantimento. Huas de cordas de arame,

mui fortes, lhe durarão somente 3 mezes, e menos outras de cordel encerado.....

«Usava de 5 generos de cilicios, a saber de asperas sedas, de duro ferro, e de cadeas de arame com penetrantes pontas. Estes 3 serviam para a cintura; os dois, hum da mesma materia, para os sustinentes, e outro de ferro para o pescoço...—para de noite tinha hum tão largo, e asperrimo, que lhe tomava o corpo todo...

«De ordinario comia em terra por humildade, beijava os pés aos irmãos, e pedia penitencias desuzadas...

«Tambem assistia aos pobres, e bebia pelas tigellas mais nojentas e ascorosas, sendo limpo e asseado de seu natural.

.....

«Sendo alegre em demasia, sómente o vião melancolisado, quando se dizia em seu louvor alguma cousa.....

.....

—*Fr. Pedro de Vouzella.*

Floreceu no convento velho de S. Francisco de Coimbra, sendo ainda de claustraes, pelos annos de 1560.

Foi frade leigo, mas muito virtuoso, pelo que os vouzellenses, seus patricios, o tiveram sempre em muita veneração e o mandaram pintar na matriz de Vouzella, junto de S. Fr. Gil e do Padre Mestre Simão, da Companhia de Jesus, indicados supra, ficando todos 3 na mesma linha;—S. Fr. Gil no centro; o Mestre Simão á esquerda—e Fr. Pedro á direita,—segundo se lê no *Agiol. Lusit.*, tomo 1.º pag. 454, let. *d.*—e pag. 459.

—*João Correia d'Oliveira*, fallecido a 14 de outubro de 1882.

Era um cavalheiro muito tractavel, muito serviçal, commendador da ordem de Christo, abastado proprietario e homem de grande influencia n'este concelho.

Foi muitos annos presidente da camara de Vouzella, procurador á junta geral do districto, recebedor da comarca e juiz de direito substituto.

Vouzella deveu-lhe sempre a maior dedicação pelo seu engrandecimento.

D'elle já fizemos menção no topico supra —*Quintas.*

—

—*José Cardoso Pereira Pinto de Meneses*, fidalgo de antiga linhagem, nobre e muito nobre pelo sangue e mais ainda pelas suas virtudes.

Nasceu na villa de Vouzella a 9 d'agosto de 1793 e falleceu na sua casa de Villa Flor, em Traz os Montes, a 24 de dezembro de 1875, tendo de idade 82 annos.

Era filho de Luiz Cardoso Pereira Pinto de Menezes, moço fidalgo da casa real e capitão-mór de S. Martinho de Mouros, e de D. Maria Rita de Mello Almeida Barros Sousa Girão Seixas Cardoso.

Por morte de seus paes foi viver para Villa Flor, onde lhe pertencera um antigo morgado, que fôra instituido por um nobre fidalgo, seu ascendente, Lopo Machado Pereira e sua mulher D. Brites de Menezes, da antiga casa de Cardoso, solar dos Cardosos, coevo da monarchia.

Foi sua vida sempre de verdadeiro christão e cheia de virtudes, principalmente da caridade para com os pobres que n'elle foi em grau subido, chegando ás vezes a privar-se até de commodidades para soccorrer os miseraveis. Nunca á sua porta batteu um infeliz que não encontrasse alivio e confôrto.

Era legitimista sincero e bondoso.

A perseguição que hoje se está fazendo á Egreja o affligia em extremo, de sorte que nunca fallava no Santo Padre que não chorasse e não levantasse as mãos tremulas, pedindo a Deus o defendesse e á sua Egreja. Foi sempre casto e modesto, honrado e exemplar.

Tal foi a sua vida, por isso sua morte devia ser tambem de justo. Um anno viveu entrevado e então redobrou sua piiedade, confessando-se e commungando amiudadas vêzes, o que fazia sempre com lagrimas de compunção; e, tendo recebido pela ultima vez o Sagrado Viatico, começou a orar e assim adormeceu o somno dos justos, sem afflicções, sem remorsos, sem angustias, no

meio das lagrimas e das bençãos d'uma povoação inteira que o amava e estremecia.

Seu sobrinho, o reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, foi chamado telegraficamente, mas já não chegou a assistir á sua morte.

Foi enterrado no jazigo da familia, na egreja de S. Bartholomeu de Villa Flor, onde sua sepultura é orvalhada todos os dias com as lagrimas dos pobresinhos que ali vão orar pelo eterno descanço do seu pae.

Fez testamento publico, deixando herdeiro do usufructo de todos os seus bens ao reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, seu sobrinho, e a raiz dos mesmos a suas sobrinhas—viscondessa de Margaride e D. Antonia Casimira Rebello Cardoso de Menezes, e aos seus sobrinhos Bernardino Rebello Cardoso de Menezes e José Rebello Cardoso de Menezes.

O sobrinho e herdeiro do illustre vouzellense finado é o actual sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego D. Antonio da Trindade e Vasconcellos.

Foi avó do sr. arcebispo D. Maria Rita de Mello Almeida Barros de Sousa Girão Cardoso, natural da villa de *Vouzella*, filha de José Bernardo d'Almeida de Barros, bisneto do capitão môr d'Ansemil João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, descendente da illustre casa de *Loureiro e Sá*, d'esta familia.

A dicta D. Maria Rita de Mello era filha de D. Rosa Girão, da casa da *Corujeira*, solar dos Girões, e descendente de D. Affonso Girão,—sendo a dicta casa hoje representada pelo visconde do Banho.

A mesma sr.ª D. Maria Rita era descendente, tanto pelo lado paterno, como materno, da illustre familia de *Figueiredo das Donas*, cujo ascendente Guesto Ansur libertou as 6 donzellas do poder dos mouros, matando-os, como diz a lenda, com o tronco de uma figueira.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

Nas suas casas da Praça da villa de Vouzella, onde nasceu a dicta senhora, ainda hoje lá se vê um brazão d'armas com folhas de figueira, alludindo á pretendida façanha de Guesto Ansur.

É pois oriundo de Vouzella o sr. arcebispo de Larissa, mas filho de Villa Real de Traz os Montes, pelo que já fizemos menção d'elle no topico dos *Villarialenses illustres*, quando s. ex.ª era arcebispo de Mitylene, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, etc.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1030, col. 1.ª

Nasceu na freguezia de S. Pedro de Villa Real, no dia 29 d'outubro de 1832,[1]—e foram seus paes Bernardino Felisardo de Carvalho Rebello e D. Mathilde Carolina de Menezes Girão Cardoso.

Foi sagrado arcebispo de Mitylene no seminario de Santarem pelo eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, no dia 7 de dezembro de 1884 e, como o titulo de *arcebispo de Mitylene* é propriedade dos vigarios geraes do patriarchado, quando s. ex.ª foi promovido a coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, o romano pontifice o nomeou *arcebispo de Larissa*.

—*Ricardo Pinto de Mattos*, escriptor publico.

Foi guarda-sala (official menor) da bibliotheca publica do Porto, excellente pessoa e zeloso empregado, muito modesto, muito intelligente e muito trabalhador.

Falleceu no vigor da vida, approximadamente em 1882, havendo escripto e publicado as obras seguintes:

1.ª—*Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por C. C. Branco. Porto* (*Livraria Portuense, editora*) *1878*—1 vol. 8.º

É um trabalho muito consciencioso e de

---

[1] Tem de idade apenas mais 16 dias do que eu, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

V. *Corvaceira*.

bastante merecimento, que mereceu a honra de ser prefaciado pelo nosso primeiro romancista e laureado escriptor — Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho.

2.ª — *Memoria historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto*... 1880.—1 vol. 8.º peq.

3.ª—*Historia do nascimento, vida e morte de S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, e de Santa Isabel sua mãe,—Porto 1880*—1 vol. 8.º peq.

Se a morte o não roubasse tão cedo, seria um fecundo escriptor.

Deixou mss. alguns apontamentos informes e propunha-se escrever e publicar tambem uma monographia de *Vouzella*, sua patria

Falleceu solteiro e sem successão.

—*O reverendo dr. José Maria de Lima e Lemos*, natural de Fataunços, freguezia d'este concelho de Vouzella e distante da villa apenas 3 kilometros para E.[1]

Doutorou-se em canones pela Universidade de Coimbra e ali foi lente de direito e lente distinctissimo até 1834, data em que os liberaes triumphantes extinguiram *muito inconvenientemente* as ordens religiosas e expulsaram da Universidade todos os lentes considerados *legitimistas*.[2]

Nós o conhecemos perfeitamente e o vimos e admirámos muitas vezes, porque ainda vivia durante a nossa formatura (1851-1856) e morava em Coimbra no Cidral, pelo que todos o conheciam e respeitavam como o *dr. José Maria do Cidral*, formosa quinta junto do *Penedo da Saudade* e do convento das *Theresinhas*, onde era confessor e director espiritual.

—

No dicto convento, que os proprios estudantes veneravam, nós ouvimos prégar o venerando doutor na grande festividade que ali aquellas tão penitentes como piedosissimas religiosas celebraram quando a nossa egreja santa definiu e decretou como dogma a *Immaculada Conceição de Maria*.

Foi longo, bastante longo, o sermão, e recheado de textos em latim, mas todos os fieis que entulhavam o templo, comprehendendo grande numero de estudantes, entre os quaes um dos mais novos e o mais humilde e obscuro de todos — era o humilde auctor d'estas linhas, — todos ficaram extasiados.

Nunca ouvimos sermão que tanto nos commovesse!

O venerando dr. parecia um apostolo pregando—e como varão apostolico era tido e considerado por todos.

—

Nasceu em Fataunços, no anno de 1794, e falleceu em dezembro de 1878 na casa da egreja das *Theresinhas*, aos 84 annos de idade.

O sr. bispo-conde de Coimbra lhe mandou fazer exequias solemnes na Sé d'aquella cidade em janeiro de 1879 e jaz no cemiterio da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, junto da sepultura de D. Maria Osorio, mãe do sr. Miguel Osorio, dono da quinta das Lagrimas.

Foram muito pomposas as ditas exequias e n'ellas pregou o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida, de quem já fizemos mensão supra, então lente da Universidade e bispo eleito do Algarve, cujo sermão foi primorosissimo, já porque o sr. D. Antonio é talvez o nosso primeiro orador sacro,—já porque o auditorio era muitissi-

---

[1] V. *Fataunços* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

[2] O proprio visconde d'Almeida Garrett, *liberal insuspeito* e que militou nas fileiras do sr. D. Pedro IV, disse nas *Viagens da minha terra*:

«Nós extinguimos os frades, mas creámos os barões, que hão de dar cabo de nós!...

«Os frades, que eram patriotas na Irlanda, na Polonia e no Brazil, podiam e deviam ser patriotas em Portugal tambem, se os reformassem e não os extinguissem.»

O pensamento é este, mas pode haver differença nas palavras, porque citamos de memoria. Desculpem.

meio das lagrimas e das bençãos d'uma povoação inteira que o amava e estremecia.

Seu sobrinho, o reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, foi chamado telegraficamente, mas já não chegou a assistir á sua morte.

Foi enterrado no jazigo da familia, na egreja de S. Bartholomeu de Villa Flor, onde sua sepultura é orvalhada todos os dias com as lagrimas dos pobresinhos que ali vão orar pelo eterno descanço do seu pae.

Fez testamento publico, deixando herdeiro do usufructo de todos os seus bens ao reverendo João Rebello Cardoso de Menezes, seu sobrinho, e a raiz dos mesmos a suas sobrinhas—viscondessa de Margaride e D. Antonia Casimira Rebello Cardoso de Menezes, e aos seus sobrinhos Bernardino Rebello Cardoso de Menezes e José Rebello Cardoso de Menezes.

O sobrinho e herdeiro do illustre vouzellense finado é o actual sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego D. Antonio da Trindade e Vasconcellos.

Foi avó do sr. arcebispo D. Maria Rita de Mello Almeida Barros de Sousa Girão Cardoso, natural da villa de *Vouzella*, filha de José Bernardo d'Almeida de Barros, bisneto do capitão môr d'Ansemil João Rodrigues de Sequeira e Loureiro, descendente da illustre casa de *Loureiro e Sá*, d'esta familia.

A dicta D. Maria Rita de Mello era filha de D. Rosa Girão, da casa da *Corujeira*, solar dos Girões, e descendente de D. Affonso Girão,—sendo a dicta casa hoje representada pelo visconde do Banho.

A mesma sr.ª D. Maria Rita era descendente, tanto pelo lado paterno, como materno, da illustre familia de *Figueiredo das Donas*, cujo ascendente Guesto Ansur libertou as 6 donzellas do poder dos mouros, matando-os, como diz a lenda, com o tronco de uma figueira.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

Nas suas casas da Praça da villa de Vouzella, onde nasceu a dicta senhora, ainda hoje lá se vê um brazão d'armas com folhas de figueira, alludindo á pretendida façanha de Guesto Ansur.

É pois oriundo de Vouzella o sr. arcebispo de Larissa, mas filho de Villa Real de Traz os Montes, pelo que já fizemos menção d'elle no topico dos *Villarialenses illustres*, quando s. ex.ª era arcebispo de Mitylene, provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, etc.

V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1030, col. 1.ª

Nasceu na freguezia de S. Pedro de Villa Real, no dia 29 d'outubro de 1832,[1]—e foram seus paes Bernardino Felisardo de Carvalho Rebello e D. Mathilde Carolina de Menezes Girão Cardoso.

Foi sagrado arcebispo de Mitylene no seminario de Santarem pelo eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa, no dia 7 de dezembro de 1884 e, como o titulo de *arcebispo de Mitylene* é propriedade dos vigarios geraes do patriarchado, quando s. ex.ª foi promovido a coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego, o romano pontifice o nomeou *arcebispo de Larissa*.

—*Ricardo Pinto de Mattos*, escriptor publico.

Foi guarda-sala (official menor) da bibliotheca publica do Porto, excellente pessoa e zeloso empregado, muito modesto, muito intelligente e muito trabalhador.

Falleceu no vigor da vida, approximadamente em 1882, havendo escripto e publicado as obras seguintes:

1.ª—*Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por C. C. Branco. Porto (Livraria Portuense, editora) 1878*—1 vol. 8.º

É um trabalho muito consciencioso e de

---

[1] Tem de idade apenas mais 16 dias do que eu, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

V. *Corvaceira*.

bastante merecimento, que mereceu a honra de ser prefaciado pelo nosso primeiro romancista e laureado escriptor — Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho.

2.ª — *Memoria historica e descriptiva da Ordem Terceira de S. Francisco do Porto*... 1880.—1 vol. 8.º peq.

3.ª—*Historia do nascimento, vida e morte de S. João Baptista, precursor de Jesus Christo, e de Santa Isabel sua mãe,—Porto 1880*—1 vol. 8.º peq.

Se a morte o não roubasse tão cedo, seria um fecundo escriptor.

Deixou mss. alguns apontamentos informes e propunha-se escrever e publicar tambem uma monographia de *Vouzella*, sua patria

Falleceu solteiro e sem successão.

—*O reverendo dr. José Maria de Lima e Lemos*, natural de Fataunços, freguezia d'este concelho de Vouzella e distante da villa apenas 3 kilometros para E.[1]

Doutorou-se em canones pela Universidade de Coimbra e ali foi lente de direito e lente distinctissimo até 1834, data em que os liberaes triumphantes extinguiram *muito inconvenientemente* as ordens religiosas e expulsaram da Universidade todos os lentes considerados *legitimistas*.[2]

Nós o conhecemos perfeitamente e o vimos e admirámos muitas vezes, porque ainda vivia durante a nossa formatura (1851-1856) e morava em Coimbra no Cidral, pelo que todos o conheciam e respeitavam como o *dr. José Maria do Cidral*, formosa quinta junto do *Penedo da Saudade* e do convento das *Theresinhas*, onde era confessor e director espiritual.

—

No dicto convento, que os proprios estudantes veneravam, nós ouvimos prégar o venerando doutor na grande festividade que ali aquellas tão penitentes como piedosissimas religiosas celebraram quando a nossa egreja santa definiu e decretou como dogma a *Immaculada Conceição de Maria*.

Foi longo, bastante longo, o sermão, e recheado de textos em latim, mas todos os fieis que entulhavam o templo, comprehendendo grande numero de estudantes, entre os quaes um dos mais novos e o mais humilde e obscuro de todos — era o humilde auctor d'estas linhas, — todos ficaram extasiados.

Nunca ouvimos sermão que tanto nos commovesse!

O venerando dr. parecia um apostolo pregando—e como varão apostolico era tido e considerado por todos.

—

Nasceu em Fataunços, no anno de 1794, e falleceu em dezembro de 1878 na casa da egreja das *Theresinhas*, aos 84 annos de idade.

O sr. bispo-conde de Coimbra lhe mandou fazer exequias solemnes na Sé d'aquella cidade em janeiro de 1879 e jaz no cemiterio da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, junto da sepultura de D. Maria Osorio, mãe do sr. Miguel Osorio, dono da quinta das Lagrimas.

Foram muito pomposas as ditas exequias e n'ellas pregou o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaida, de quem já fizemos mensão supra, então lente da Universidade e bispo eleito do Algarve, cujo sermão foi primorosissimo, já porque o sr. D. Antonio é talvez o nosso primeiro orador sacro,—já porque o auditorio era muitissi-

---

[1] V. *Fataunços* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

[2] O proprio visconde d'Almeida Garrett, *liberal insuspeito* e que militou nas fileiras do sr. D. Pedro IV, disse nas *Viagens da minha terra*:

«Nós extinguimos os frades, mas creámos os barões, que hão de dar cabo de nós!...

«Os frades, que eram patriotas na Irlanda, na Polonia e no Brazil, podiam e deviam ser patriotas em Portugal tambem, se os reformassem e não os extinguissem.»

O pensamento é este, mas pode haver differença nas palavras, porque citamos de memoria. Desculpem.

mo illustrado, quasi todo formado de lentes, bachareis e academicos,—já porque o sr. D. Antonio foi amigo intimo do finado.

O dicto sermão, obra prima de eloquencia, foi impresso com outros do mesmo orador na 2.ª edição dos *Ensaios do Pulpito* e d'elle vamos dar um leve extracto para deliciarmos os leitores e rendermos preito á memoria do finado vouzellense.

.....

«Um tumulo, um pulpito, uma cathedra, os tres luminosos e eternos focos da evidencia moral, resumem a nossos olhos agora os pontos principaes da sua passagem na terra... O tumulo archiva a historia; a cathedra representa a sciencia; no pulpito culmina a religião. E sciencia, religião, historia, compendiam o universo, o indefinito, o immortal.

.....

...tinha no todo o quer que era de inexprimivel, como temperado da suavidade do anjo e da austeridade do propheta com o profundo convencimento do apostolo.

.....

«Finge temer se o mestre padre, como se o sacerdocio não fosse um altissimo ensino e o ensino um altissimo sacerdocio.

.....

«Ser mestre e ser immoral, que cegueira, que horror!—ser sabio e ser vaidoso, que infelicidade, que loucura!

.....

«A sciencia é a lucta sem treguas, renascente e recrescente.

.....

«Nenhum galardão equivale á satisfação de cumprir o dever.

.....

«A escola vale para a alma o que o berço para a saude e robustez do corpo.

.....

«A sociedade será o que (a escola) fôr.

.....

«Paes... todos o podem ser; mestres, verdadeiros mestres, quantos o sabem ser? O homem gera-o o pae; só o mestre forma o cidadão.

.....

«Á beira d'um tumulo congraça-se e chora a humanidade.

.....

«O perdão foi a sua defeza, a benção o seu protesto.

.....

«Quando a intensidade do sol nos cega, parece-nos que, fechando os olhos, vemos chispas brilhantes na profundidade das trevas. E cremos isso realidade. Esquecemos tambem que a sciencia, por muito que nos dê, não nos póde dar nunca a verdade inteira, e que as meias verdades podem ser falsidades completas.

.....

«A verdade, a continencia, a temperança, a humildade, o desapego dos bens caducos e das glorias terrenas, a ancia da vida eterna, tornavam-se tão amaveis na sua bocca que o peccador, dilacerado de remorsos, não sabia mais que anhelar. N'isto é que nós outros os pregadores deviamos pôr os olhos e a vehemencia do desejo; em ganhar as almas para o Summo Bem e não em captivar admirações para a nossa esteril facundia. Façamo-nos mais missionarios e vangloriemo-nos menos de oradores... Mas desventuradamente acontece o contrario.

«Nós calculamos as consequencias da occasião, esquivamos as susceptibilidades dos auditorios, subscrevemos ás exigencias da moda e, traidores da verdade, em vez de reformal-os, conformamo-nos, em fim, a todos os caprichos do seculo. Elle não; elle, seguindo o propheta, clamava incessante contra as devassidões e o luxo; atacava as corrupções, minava as argucias... e cortava a direito... Não estava, como nós, a arredondar graciosos periodos, a confeitar os termos mais melifluos, e a amaneirar e a comediar os ademanes... A elle affluiam-lhe naturalmente os mais condignos ao fim que se propunha, que era remodelar e honestar os corações; e se a rhetorica lhe não dava o tropo convencional, e se o diccionario não continha o vocabulo preciso, inventava-os, claros, frisantes, convincentes. O que em nós outros é esforço e artificio, era n'elle intuição, originalidade.

.....

«A palavra dos obreiros evangelicos para ser proficua, deve encantar os ouvidos com a inspirada harmonia, illuminar as almas com o amoroso fulgor das perfeições divinas e abrazar os corações com as chammas d'uma caridade sem tregua e sem limites. E n'elle concentravam-se admiravelmente estes predicados .....».

«Era o verdadeiro missionario catholico na significação mais ampla e correcta.

.....

«Sobrio e desaffectado ouviam-no os doutos e subtis e os indoutos e simples, e instruiam-se estes e não se enfadavam aquelles e melhoravam-se todos.

.....

«Austero só para comsigo e benigno para com todos, era o prototypo ineffavel do sacerdote christão.

—

«Acalmada a effervescencia das paixões, vieram amigos e admiradores offerecer-lhe a vigairaria capitular da archidiocese d'Evora, em resarcimento do seu anterior deado de Leiria;—recusou: ponderando-lhe depois a commoda opportunidade de reascender ao magisterio universitario; — recusou: insinuaram-lhe ainda a facilidade até a offerta de empunhar um baculo;—recusou. Recusou tudo, recusou sempre.[1]

.....

«E isto, não por intolerancia, que ninguem mais tolerante, nem por haver tão farto patrimonio... mas pela firmeza das convicções, pelo respeito dos seus voluntarios juramentos, e por uns finos escrupulos de probidade.....

.....

«Com similhantes dotes, bem se alcança como fructearia a sua palavra no pulpito. Votado agora exclusivamente a este, considerou-o em parte continuação da cathedra. E quem n'esta apresentava a piedade incontaminada d'um santo, levou para alli as esplendidas manifestações d'um sabio.....

.....»

O dr. J. M. Lima e Lemos era effectivamente um sabio e um santo e recusou differentes mitras, entre ellas a de Lamego.

Deus o tenha em bom logar e elle interceda por nós todos.

Fr. Bernardino de Maria Santissima

Fecharemos este topico dos *vouzellenses illustres*, dando interessantes noticias *ineditas* de outro varão apostolico—*Fr. Bernardino de Maria Santissima*, varatojano, tambem natural de Fataunços, irmão do mencionado dr. José Maria de Lima e Lemos.

Nós nunca tivemos a honra de o conhecer, mas conheceu-o *muito de perto* o reverendissimo sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, venerando bispo de Lamego, natural de Santa Christina de Figueiró (concelho de Amarante) e ali residente, pois já conta 77 annos e está decrepito, pelo que pediu e lhe foi dado coadjutor e futuro successor, que está regendo a diocese.[1]

O sr. D. Antonio da Trindade foi *cruzio* e está decrepito, mas ainda conserva muito lucidas a memoria e todas as outras faculdades intellectuaes,—e para comprazernos enviou-nos os apontamentos seguintes, que de bom grado publicamos, beijando-lhe as mãos agradecido.

---

[1] Na sentida oração, recitada ao baixar á sepultura o cadaver, disse o sr. dr. Augusto Eduardo Nunes (então lente da Universidade tambem e hoje—1889 — bispo de Perga, coadjuctor e futuro successor do arcebispo d'Evora):—«Mais de uma vez, depois de restabelecidas as relações com a Santa Sé, lhe foi offerecida a dignidade episcopal, e ainda não ha muitos annos a de patriarcha de Lisboa, que tem annexa a purpura cardinalicia. Recusou tudo, recusou sempre, — talvez com excessiva humildade, mas com incontrastavel firmeza.»

Nota dos *Ensaios do Pulpito*, pag. 326.

[1] É o reverendissimo sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Larissa, mencionado supra, quando fallámos do illustre vouzellense, seu tio, — *José Cardoso Pereira Pinto de Menezes.*

mo illustrado, quasi todo formado de lentes, bachareis e academicos,—já porque o sr. D. Antonio foi amigo intimo do finado.

O dicto sermão, obra prima de eloquencia, foi impresso com outros do mesmo orador na 2.ª edição dos *Ensaios do Pulpito* e d'elle vamos dar um leve extracto para deliciarmos os leitores e rendermos preito á memoria do finado vouzellense.

.....

«Um tumulo, um pulpito, uma cathedra, os tres luminosos e eternos focos da evidencia moral, resumem a nossos olhos agora os pontos principaes da sua passagem na terra... O tumulo archiva a historia; a cathedra representa a sciencia; no pulpito culmina a religião. E sciencia, religião, historia, compendíam o universo, o indefinito, o immortal.

.....

...tinha no todo o quer que era de inexprimivel, como temperado da suavidade do anjo e da austeridade do propheta com o profundo convencimento do apostolo.

.....

«Finge temer se o mestre padre, como se o sacerdocio não fosse um altissimo ensino e o ensino um altissimo sacerdocio.

.....

«Ser mestre e ser immoral, que cegueira, que horror!—ser sabio e ser vaidoso, que infelicidade, que loucura!

.....

«A sciencia é a lucta sem treguas, renascente e recrescente.

.....

«Nenhum galardão equivale á satisfação de cumprir o dever.

.....

«A escola vale para a alma o que o berço para a saude e robustez do corpo.

.....

«A sociedade será o que (a escola) fôr.

.....

«Paes... todos o podem ser; mestres, verdadeiros mestres, quantos o sabem ser? O homem gera-o o pae; só o mestre forma o cidadão.

.....

«Á beira d'um tumulo congraça-se e chora a humanidade.

.....

«O perdão foi a sua defeza, a benção o seu protesto.

.....

«Quando a intensidade do sol nos cega, parece-nos que, fechando os olhos, vemos chispas brilhantes na profundidade das trevas. E cremos isso realidade. Esquecemos tambem que a sciencia, por muito que nos dê, não nos póde dar nunca a verdade inteira, e que as meias verdades podem ser falsidades completas.

.....

«A verdade, a continencia, a temperança, a humildade, o desapego dos bens caducos e das glorias terrenas, a ancia da vida eterna, tornavam-se tão amaveis na sua bocca que o peccador, dilacerado de remorsos, não sabia mais que anhelar. N'isto é que nós outros os pregadores deviamos pôr os olhos e a vehemencia do desejo; em ganhar as almas para o Summo Bem e não em captivar admirações para a nossa esteril facundia. Façamo-nos mais missionarios e vangloriemo-nos menos de oradores... Mas desventuradamente acontece o contrario.

«Nós calculamos as consequencias da occasião, esquivamos as susceptibilidades dos auditorios, subscrevemos ás exigencias da moda e, traidores da verdade, em vez de reformal-os, conformamo-nos, em fim, a todos os caprichos do seculo. Elle não; elle, seguindo o propheta, clamava incessante contra as devassidões e o luxo; atacava as corrupções, minava as argucias... e cortava a direito... Não estava, como nós, a arredondar graciosos periodos, a confeitar os termos mais melifluos, e a amaneirar e a comediar os ademanes... A elle affluiam-lhe naturalmente os mais condignos ao fim que se propunha, que era remodelar e honestar os corações; e se a rhetorica lhe não dava o tropo convencional, e se o diccionario não continha o vocabulo preciso, inventava-os, claros, frisantes, convincentes. O que em nós outros é esforço e artificio, era n'elle intuição, originalidade.

.....

«A palavra dos obreiros evangelicos para ser proficua, deve encantar os ouvidos com a inspirada harmonia, illuminar as almas com o amoroso fulgor das perfeições divinas e abrazar os corações com as chammas d'uma caridade sem tregua e sem limites. E n'elle concentravam-se admiravelmente estes predicados .....».

«Era o verdadeiro missionario catholico na significação mais ampla e correcta.

.....

«Sobrio e desaffectado ouviam-no os doutos e subtis e os indoutos e simples, e instruiam-se estes e não se enfadavam aquelles e melhoravam-se todos.

.....

«Austero só para comsigo e benigno para com todos, era o prototypo ineffavel do sacerdote christão.

—

«Acalmada a effervescencia das paixões, vieram amigos e admiradores offerecer-lhe a vigairaria capitular da archidiocese d'Evora, em resarcimento do seu anterior deado de Leiria;—recusou: ponderando-lhe depois a commoda opportunidade de reascender ao magisterio universitario; — recusou: insinuaram-lhe ainda a facilidade até a offerta de empunhar um baculo;—recusou. Recusou tudo, recusou sempre.[1]

.....

«E isto, não por intolerancia, que ninguem mais tolerante, nem por haver tão farto patrimonio... mas pela firmeza das convicções, pelo respeito dos seus voluntarios juramentos, e por uns finos escrupulos de probidade.....

.....

«Com similhantes dotes, bem se alcança como fructearia a sua palavra no pulpito. Votado agora exclusivamente a este, considerou-o em parte continuação da cathedra. E quem n'esta apresentava a piedade incontaminada d'um santo, levou para alli as esplendidas manifestações d'um sabio.....

.....»

O dr. J. M. Lima e Lemos era effectivamente um sabio e um santo e recusou differentes mitras, entre ellas a de Lamego.

Deus o tenha em bom logar e elle interceda por nós todos.

Fr. Bernardino de Maria Santissima

Fecharemos este topico dos *vouzellenses illustres*, dando interessantes noticias *ineditas* de outro varão apostolico—*Fr. Bernardino de Maria Santissima*, varatojano, tambem natural de Fataunços, irmão do mencionado dr. José Maria de Lima e Lemos.

Nós nunca tivemos a honra de o conhecer, mas conheceu-o *muito de perto* o reverendissimo sr. D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello, venerando bispo de Lamego, natural de Santa Christina de Figueiró (concelho de Amarante) e ali residente, pois já conta 77 annos e está decrepito, pelo que pediu e lhe foi dado coadjutor e futuro successor, que está regendo a diocese.[1]

O sr. D. Antonio da Trindade foi *cruzio* e está decrepito, mas ainda conserva muito lucidas a memoria e todas as outras faculdades intellectuaes,—e para comprazer-nos enviou-nos os apontamentos seguintes, que de bom grado publicamos, beijando-lhe as mãos agradecido.

---

[1] Na sentida oração, recitada ao baixar á sepultura o cadaver, disse o sr. dr. Augusto Eduardo Nunes (então lente da Universidade tambem e hoje—1889 — bispo de Perga, coadjuctor e futuro successor do arcebispo d'Evora):—«Mais de uma vez, depois de restabelecidas as relações com a Santa Sé, lhe foi offerecida a dignidade episcopal, e ainda não ha muitos annos a de patriarcha de Lisboa, que tem annexa a purpura cardinalicia. Recusou tudo, recusou sempre,— talvez com excessiva humildade, mas com incontrastavel firmeza.»

Nota dos *Ensaios do Pulpito*, pag. 326.

[1] É o reverendissimo sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Larissa, mencionado supra, quando fallâmos do illustre vouzellense, seu tio, — *José Cardoso Pereira Pinto de Menezes.*

—

«Quer v. que eu lhe diga o que souber das qualidades e virtudes dos dois irmãos e insignes varões—*Fr. Bernardino de Maria Santissima* e dr. *José Maria de Lima Lemos*.

Principiarei por dizer que, segundo me consta, ambos elles nasceram de uma familia nobre e abastada de fortuna, residente na freguezia de Fataunços, familia exemplar de costumes, geralmente respeitada e que era o refugio e amparo dos pobres.

De Fr. Bernardino falla a opinião publica, e eu só direi o que elle em longas conversas me contou em horas vagas quando ambos nós residiamos — elle temporaria e interpoladamente e eu permanentemente, na qualidade de secretario do eminentissimo sr. cardeal patriarcha D. Guilherme, de saudosa recordação,—no palacio patriarchal de *S. Vicente de Fóra*, em Lisboa.

Dizia-me—que, depois da formatura em canones, se via tão aborrecido do mundo e com tanto receio de não obter a salvação, que resolveu entrar e professar em alguma congregação religiosa; que estava resolvido a professar na congregação dos conegos regulares de Santa Cruz de Coimbra, cujo instituto preferia pelo recolhimento e clauzura em que viviam os conegos, e actividade e caridade com que exerciam a predica e o confessionario; que por essa occasião appareceram em Fataunços, em missão apostolica, uns religiosos do Varatojo;—que foi ouvir a predica e se convenceu da santidade e virtude dos missionarios;—que pediu a um d'elles para celebrar uma missa segundo a sua intenção (para que Deus o inspirasse na escolha da ordem religiosa, em que devia entrar); — que dicta a missa, offereceu ao celebrante uma moeda de 480 réis,[1] mas que elle se recusou, dizendo ser-lhe prohibido pelo seu instituto acceitar ou possuir dinheiro.

[1] N'aquelle tempo e n'aquelle sertão 480 réis correspondiam á esmola actual de 1$000 ou 1$500 réis no Porto ou em Lisboa.

P. A. Ferreira.

—

«Esta resposta echoou na alma do dr. Bernardino.

Quem não quer dinheiro nada quer do mundo (reflectiu elle):—o mundo incommoda-me—vou fugir do mundo. E seguiu com os missionarios para o Varatojo.

Fr. Bernardino, a par da muita penitencia, da assidna predica nas missões e do trabalho permanente no confessionario, era muito jovial na conversação, sem deslisar da gravidade e pureza de costumes; fallava com muita graça; amoldava-se ás circumstancias dos ouvintes; ria para rirem e, quando se referia a casos historicos, excitava dôr ou prazer, alegria ou tristeza, como o caso requeria.

Foi guardião do Varatojo; percorreu grande parte do nosso paiz em missão aos povos e adquiriu tal nome como confessor, que era procurado por penitentes muito distantes, para tranquillisarem as suas consciencias. Ia repetidas vezes a Lisboa, convidado pelas pessoas mais piedosas entre a alta nobreza, para com elle fazerem confissões geraes—e foi um laborioso operario na vinha do Senhor.

—

«Durante o governo do sr. D. Miguel foi nomeado reformador de toda a ordem franciscana em Portugal. Pediu para ser aliviado d'esta commissão e, sendo instado pelo sr. D. Miguel para que a acceitasse, disse-lhe que não tinha forças para vencer as difficuldades que previa.

O sr. D. Miguel respondeu que contase com elle, pois de bom grado o auxiliaria em tudo.

Por seu turno respondeu Fr. Bernardino: —que a maior difficuldade seria o proprio sr. D. Miguel.

Mostrou-se o rei admirado e repetiu:—*Confiae em mim.*

Beijou-lhe a mão e partiu logo para Alemquer. No convento de S. Francisco encontrou um frade de pessimos costumes, ao qual prohibiu sair do convento.

Passados dias recebeu Fr. Bernardino um mandado do *tribunal da consciencia e ordens*, no qual se lhe dizia que nada tinha a

ver, ordenar ou entender com Fr. F. (o tal discolo) conventual de Alemquer.

Partiu immediatamente para Lisboa; apresentou-se ao sr. D. Miguel e fallou-lhe n'estes termos:

—Bem dizia eu que a primeira difficuldade e o maior embaraço para o bom exito da minha missão seria V. M.

—Como assim?—respondeu o sr. D. Miguel.

—Como V. M. vae ver d'este papel seu: —«Manda S. M. pela mesa da consciencia e ordens...»

Portanto é V. M. quem impede o meu serviçol...

O sr. D. Miguel mandou que regressasse a Alemquer e esperasse ali as regias ordens.

Com effeito, pouco depois de chegar ali, recebeu a copia de um alvará, dizendo à mesa e tribunal da consciencia e ordens — que lhe prohibia e cassava toda a auctoridade sobre as resoluções, mandados e providencias de Fr. Bernardino, — resoluções, mandados e providencias que o mesmo tribunal devia acatar e fazer cumprir, etc. etc.

Assim o ouvi ao proprio Fr. Bernardino; o qual accrescentou que depois d'este acontecimento, progredira na reforma e chegara a ter fundada esperança de que ella, passado algum tempo, seria completa nos franciscanos d'ambos os sexos, que na maior parte professavam, sem saberem o que professavam.

—

«Extinctas as ordens religiosas em 1834, recolheu Fr. Bernardino a Lisboa, residindo habitualmente na casa da piedosa condessa da Ribeira, cuja familia era um exemplar de virtudes,—e ali continuou a sua vida penitente e apostolica, especialmente no confessionario e direcção das almas piedosas.

A occasião que eu tive para muito de perto tractar com elle, foi a seguinte:—Em certo convento de religiosas havia uma irrequieta, que perturbava a communidade. Tinha externamente muitas relações; intrigava as preladas—e chegou a accusal-as de furto de objectos, os quaes tinham baixa no inventario, por terem sido vendidos com auctoridade superior para reparar os estragos que o terremoto de 1755 havia causado no edificio — muitos annos antes da dicta freira e preladas terem nascido.

Na qualidade de juiz da relação ecclesiastica de Lisboa, foi quem escreve estas linhas encarregado de proceder ao exame da accusação referida e d'outras do mesmo jaez— e, em vista das provas, a dicta freira, que desmedidamente ambicionava a prelasia, nada conseguiu por essa vez, mas não desistiu do intento.

Lembrando-se de explorar o nome e virtudes da sr.ª condessa da Ribeira, fez-lhe saber—que era uma victima perseguida e opprimida por toda a communidade;— que tinha esgotado os meios de afugentar tanta oppressão e que a sua alma estava em perigo, por lhe faltar a paciencia e resignação para saffrer tantas perseguições, etc.

A piedosa senhora, condoida, encarregou Fr. Bernardino de em nome d'ella se dirigir ao patriarcha e informal-o do exposto.

O prelado, que estava já bem informado de tudo, convidou Fr. Bernardino para residir no palacio patriarchal e d'ali com alguns familiares proceder a demorada visita no dicto convento, organisando um relatorio da visita e propondo as medidas que julgasse mais opportunas para o socego e ordem do dicto convento, no qual existiam então duas communidades de instituto diverso.

Fr. Bernardino acceitou e no fim d'algumas semanas apresentou o seu relatorio, concluindo que nenhuma outra providencia julgava mais opportuna de que a já adoptada em consequencia da 1.ª visita.

Quem escreve estas linhas não o acompanhou ao convento, mas durante aquella espinhosa missão conviveu com elle no palacio patriarchal e teve occasião de admirar a sua virtude e o seu genio expansivo, jovial e alegre.

Morreu em Lisboa, pranteado por todas as pessoas que tiveram a dicta de o conhecer.

—

«O dr. José Maria de Lima e Lemos, irmão de Fr. Bernardino, doutorou-se em ca-

nones aproximadamente em 1819; foi homem de muita instrucção e acrisolada fé.

Depois de 1834, não sendo reconduzido ao magisterio universitario, unido a outros doutores fundou em Lisboa um collegio, que tomou o nome de *Collegio do dr. Cicouro*, onde estudaram preparatorios muitos dos homens que teem figurado e figuram nos tribunaes superiores e na politica.

Demorou-se no collegio poucos annos e regressou a Coimbra, onde viveu na quinta do Cidral, dirigindo espiritualmente as religiosas de Santa Thereza e muitas pessoas que o procuravam, incluindo alguns estudantes.

Nas estações superiores foi lembrado para bispo de Lamego e, resolvida a nomeação, foi encarregado o bispo de Leiria, depois cardeal patriarcha de Lisboa, de saber do mesmo dr. se acceitava a mitra.

Com effeito o dicto purpurado, juntando á noticia o rogo e pedido da acceitação no beneficio da egreja e gloria de Deus; obteve resposta affirmativa do agraciado, pedindo porém instantemente que o dispensassem, porque se julgava de todo impotente para o bom desempenho de tão alta como ardua missão.

Mostrou-se o governo muito satisfeito, mas ave de mau agouro bateu as azas; — interveiu a politica;—o governo reconsiderou e fez saber ao dr. Lima e Lemos que por certas circumstancias não podia dar-lhe a mitra de Lamego, mas que de bom grado lhe daria qualquer outra.

Respondeu o dr. Lima e Lemos:—que ficava muito contente com o desenlace da questão e apenas sentia que o governo tratasse de modo tão leviano negocios tão graves.[1]

[1] O nuncio magoou-se e, vendo que a recusa do governo provinha unicamente de ter a familia do dr. Lima e Lemos occupado rol importante no partido realista, partido que em Lamego praticou muitos excessos e era bastante odiado, propoz para bispo d'aquella diocese o deão de Lamego — *dr. José de Moura Coutinho*—tambem muito illustrado, muito virtuoso e muito conhecido, muito estimado e muito considerado n'aquella cidade.

O governo acceitou e rapidamente lhe participou a nomeação.

Estava o sr. Moura Coutinho na sua nobre casa do *Telhô* em Celorico de Basto, quando recebeu o officio. Ficou attonito; mostrou-o ao irmão D. Francisco de Moura Coutinho, tambem homem muito illustrado e que havia sido geral dos Bentos. Este logo o felicitou, mas o sr. D. José, estando completamente desprevenido e constando-lhe haver sido nomeado o dr. José Maria de Lima e Lemos, julgou haver equivoco. Não respondeu e pediu ao irmão que guardasse segredo, para não o expôr a desaire; passados porem alguns dias, recebeu 2.º officio nos termos do 1.º e só então se convenceu de que era elle o agraciado?!...

V. *Telhô*, vol. 9.º pag. 530, col. 1.ª — e *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

P. A. Ferreira.

.....

.....

«Consta-me que os dois supra mencionados tinham um irmão mais velho—*Domingos Liborio*,— que fôra um patriarcha, reconhecido por todos, — e conheci na Universidade um sobrinho d'elles, por nome *José Maria de Lemos Almeida Valente* que, segundo me consta, casou em Avanca, está viuvo e com successão—e tem sido ultimamente Juiz de Direito na comarca de Oliveira d'Azemeis.

E aqui tem v. o que posso informar de memoria e ao correr da penna.....

S. C. 8-5-89.

A. Bispo de Lamego.»

—

Outra vez beijo agradecido o annel do ex.mo e rev.mo sr. D. Antonio, venerando ancião e decano actual dos bispos portuguezes.

Bachareis formados filhos d'este concelho

Para evitar melindres, seguiremos a ordem alphabetica n'este complemento ao to-

pico dos *Vouzellenses illustres*, mencionando todos os bachareis formados filhos d'este concelho de Vouzella, no momento:

—*Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Sobrinho*, medico em Lisboa;

—*Antonio Maria Alcoforado*, bacharel formado em direito e conservador da comarca;

—*Ayres de Sousa Mello Meneses e Castro*, de Fataunços, bacharel formado em direito e advogado.

—*Emilio Augusto Ribeiro de Castro*, de Cercosa de Campia, bacharel formado em direito e advogado tambem.

—*Gil Antonio da Silva*, de Vouzella, bacharel formado em direito e tambem advogado.

—*João Rodrigues*, natural da povoação de Bandavizes, freguezia de Fataunços, bacharel formado em... e prior de uma das freguezias de Lisboa.

—*José Maria Placido*, de Paços de Vilharigues, bacharel formado em direito e proprietario.

—*José Simões Candido*, da freguezia de Alcofra, bacharel formado em direito e advogado.

Sanches de Baena, commendadores de Santa Maria de Vouzella

D'esta nobre familia já disse bastante a *Chorog. Port.* tomo 2.º pag. 208 e segg. mas d'ella se encontra mais detida e conscienciosa menção na *Resenha das Familias titulares e grandes de Portugal*, pelo fallecido commendador Albano da Silveira Pinto e continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna,—tit. *Conde de Oliveira dos Arcos*,— e na *Pericope genealogica da familia Sanches de Baêna*,—Lisboa, 1887.

Aqui de passagem diremos que esta nobre familia é hoje muito dignamente representada pelo sr. D. Augusto Romano Sanches de Baena e Farinha, 1.º visconde de Sanches de Baena, distincto escriptor publico, herdeiro do titulo de marquez, conferido em Roma a seu 3.º avô, e do titulo de conde de Villa Flor em Hespanha, Moço Fidalgo com exercicio; cavalleiro da Ordem de Malta, em Roma, commendador da de Santo Sepulchro e da de S. Gregorio Magno, fidalgo de cota d'armas, etc., etc., etc. casado e com successão, residente em Bemfica, junto de Lisboa, mas natural de Vairão, freguezia do concelho de Villa do Conde.

V. *Vairão* n'este diccionario e no supplemento.

O sr. visconde de Sanches de Baêna é um cavalheiro muito tractavel e muito illustrado, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra, etc.—auctor dos *Factos historicos da commissão central 1.º de dezembro de 1640*,—das *Memorias de Tolentino*,— do *Archivo Heraldico e Genealogico*,— das *Memorias dos Duques do sec.* XIX,—continuador da citada *Resenha das Familias titulares*, etc., etc.

Terminaremos dizendo que a commenda de Santa Maria de Vouzella foi dada em 1640 a um seu 5.º avô, filho do dr. e dezembargador do paço João Sanches de Baêna, pelos relevantes serviços que este prestou á restauração de Portugal, — e conservou-se a dicta commenda n'esta familia cerca de 140 annos,—desde 1640 até 1780.

Um dos dictos commendadores mais notaveis foi D. Luiz Francisco d'Assiz Sanches de Baêna, poetá que viveu em Madrid, Italia e Chipre.

È auctor das *Poesias varias*, escriptas em portuguez e publicadas em Madrid no anno de 1770.

A vida d'este commendador e poeta foi muito accidentada e dava assumpto para um romance.

Mosaico

—Em 1155 o abbade de Pedroso doou aos seus monges varias terras em Lafões, Cambra e Vouga para *vestiario, conduturia, infirmaria e sanguilexia* (sangrias).

V. *Tojal*, vol. 9.º pag. 587, col. 1.ª

—É muito notavel o gado bovino da comarca de Vouzella.

V. *Lafões* e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1761, col. 2.ª

—A associação dos bombeiros voluntarios

de Vouzella inaugurou-se pomposamente no dia 4 de julho de 1885. Foi seu 1.º commandante o dr. José Bento da Rocha e Mello, tendo por *immediato* (2.º commandante) Gil Ribeiro d'Almeida.

A 1.ª bomba foi feita no Porto pelo habil artista Moreira Couto.

—A estação telegraphica de Vouzella inaugurou-se no dia 28 de janeiro de 1887.

—Por decreto de 3 de fevereiro de 1882 foi approvado o projecto de uma cadeia penitenciaria comarcã em Vouzella, mas até hoje (1889) ainda lhe não deram principio.

—No concelho de Vouzella ha jazigos de estanho, ferro e plombagina, mas todos em completo despreso.

Nunca foram explorados nem pesquisados.

—A villa de Vouzella ainda conserva o seu antigo pelourinho.

—As freguezias limitrophes de Vouzella, cujos sinos se ouvem na villa, são: — Paços de Vilharigues, Ventosa e Fataunços, todas a 3 kil. de distancia de Vouzella,—e Serrazes alem Vouga, a 5 kil. mas tem uma povoação—a de Ferreiros—na m. d. do Vouga, distante de Vouzella pouco mais de 1 kil.

—A comarca de Vouzella comprehende 6 julgados. Campia, Oliveira de Frades, Santa Cruz, S. Pedro do Sul, Sul e Vouzella.[1]

—

—Em 1639 o bispo de Viseu D. Diniz de Mello e Castro instituiu um legado para que todos os annos a Misericordia de Viseu desse ás Misericordias de Pinhel, Trancoso e *Vouzella* 15:000 réis — e ás de Aguiar da Beira, Penalva e Algodres 8:000 réis.

—Desde julho de 1887 publica-se em Vouzella um jornal politico e noticioso, intitulado *Aurora do Vouga*.

[1] N'este momento (maio de 1889) foi elevado á cathegoria de *julgado municipal* o de S. Pedro do Sul, com grave prejuiso da comarca e villa de Vouzella!...

É bem escripto, — semanal — e o 1.º que viu a luz em terras de Lafões.

—O hospital da Misericordia de Vouzella foi principiado em 1846, por iniciativa dos benemeritos cidadãos Gil Alcoforado d'Azevedo Pinto Figueira, da nobre quinta da Sarnada, e Domingos Teixeira d'Assis, da villa de Vouzella, — e foi inaugurado, recebendo os primeiros doentes, no dia 29 de junho de 1848. Referimo-nos ao hospital *novo*.

—O cemiterio de Vouzella foi construido em 1867 e alargado em 1888.

—A capella do castello de Vilharigues teve antigamente a invocação de Santo Amaro e hoje tem a de Nossa Senhora da Conceição.

—O movimento parochial da freguezia de Vouzella no anno de 1888 foi o seguinte:

Baptisados	33
Obitos	25
Casamentos	4

—Os melhores edificios publicos de Vouzella actualmente são a egreja matriz, a casa da camara, o tribunal judicial e o hospital da Misericordia.

—Os 3 melhores edificios particulares da villa são:—a casa que foi do commendador João Correia d'Oliveira, hoje da viuva; a casa de Manoel Coutinho Junior (*das ameias*) e a de Manoel Telles Loureiro Cardoso d'Almeida Castello Branco. Fóra da villa, mas na freguezia de Vouzella, os 3 melhores edificios são as casas nobres das quintas de *Lamas, Sernada* e *Caritel*.

—As melhores quintas da freguezia de Vouzella são as da Cavallaria, da Ponte, Lamas, Sernada, Caritel,[1] Valgode e Avelal.

—Na parte restante do concelho de Vouzella as 3 melhores quintas na actualidade são as seguintes: — *Prazias* e *Villa Nova*

[1] O nome *quinta de Caritel* talvez queira dizer *quinta do Meirinho*.
Veja-se o art. *Voz*, infra.

na freguezia de Ventosa, — e *Asneiros* na de Fataunços.

—A feira de Vouzella data do reinado de D. Diniz (1279-1325) segundo se lê na *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal* por L. A. Rebello da Silva, pag. 115.

—Com relação ás herdades ou quintas que na idade media se denominavam *cavallerias*, veja-se a dicta *Memoria*, pag. 76 e 81.

—A pedido do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, bispo de Bethsaido, entrou em discussão e foi approvado na camara dos pares, em sessão de 2 de maio de 1884, o projecto da estrada districtal n.º 34, de Viseu a Oliveira do Bairro por Vouzella e Agueda.

Deram-lhe principio ha muito, mas ainda está longe da sua conclusão a dicta estrada.

—O capital da Misericordia de Vouzella em dinheiro mutuado e bens de raiz póde avaliar-se em 16 contos; deve porem subir consideravelmente esta somma, logo que se liquide a herança do benemerito filho de Vouzella e que muitos annos foi negociante no Porto—José Ribeiro Cardoso,—pois instituiu por universal herdeira a citada Misericordia, como já dissemos.

—S. Fr. Gil foi canonisado em 1749. Achava-se então em Vouzella o bispo de Viseu D. Julio Francisco de Oliveira, que andava em visita no seu bispado e, tendo de festejar a dicta canonisação, a camara, a nobreza e o povo de Vouzella muito instantemente lhe pediram que a festejasse n'aquella villa, mas elle não annuiu e foi festejal-a na Sé de Viseu no dia 14 de maio do dicto anno.

O bispo D. Julio gostava muito de festas pomposas com todo o rigor do ceremonial e por isso talvez não quizesse festejar a dicta canonisação em Vouzella, posto que a matriz é um bom templo, mas muito inferior á Sé de Viseu, onde tinha o seu numeroso cabido, boa musica, bello orgão, 3 communidades religiosas, etc, etc.

Foi o prelado visiense que mais despendeu com festas de toda a ordem.

V. *Viseu* n'este diccionario e no supplemento, onde daremos a longa e muito interessante biographia do bispo D. Julio Francisco d'Oliveira—e a não menos longa nem menos interessante do cardeal D. Miguel da Silva.

Commendador Cidade

Terminaremos registrando um facto importante:

No dia 15 de janeiro de 1883 falleceu em Guimarães Christovam José Fernandes da Silva, negociante e capitalista, tambem conhecido por *Commendador Cidade*, oriundo d'este concelho de Vouzella, pois era neto de José Fernandes Lopes e Maria Nunes, da freguezia de Campia.

Falleceu já decrepito, solteiro e sem testamento nem successão, mas, como deixasse uma fortuna talvez superior a 200 *contos de réis*, fructo de muito trabalho e de muita *sordidez*, habilitaram-se como herdeiros varios parentes e estranhos; seguiram-se muitas demandas e, depois de bastante delapidada a herança, foi herdeiro principal um parente—José de Mattos, da aldeia de Sabrosa, freguezia da Trapa, concelho de S. Pedro do Sul, camarca de Vouzella.

Sat prata biberunt

Ficou bastante longo este artigo e deu-nos muito trabalho, mas deve ter lapsos, por não conhecermos bem a localidade.

Desculpem.

VOYAGEM,—port. ant.—viagem.

VOZ.—Nos documentos antigos este vocabulo empregou-se em differentes accepções Significou, p. ex. *caritel*, na accepção de *aqui d'el-rei*.

V. *Caritel* e note-se que este vocabulo significava não só o grito de *aqui d'el-rei*, mas o delicto a que essa voz se referia e a *querella* ou processo correspondente, bem como o *meirinho* ou official da vara que em rasão do seu cargo devia proceder ou intervir na pendencia. D'aqui (suppomos nós) provem o nome de *Caritel*, dado a uma povoação da freguezia de Mansores e a uma quinta da parochia de Vouzella, como quem diz—povoação e quinta do *Meirinho*.

V. *Caritel* no *Elucidario.*

Voz tambem significou *appellação* para as instancias superiores, — e *commissão* ou *procuração* dada pelo delinquente ao seu advogado ou procurador,—e nos prasos antigos a palavra *voz* corresponde a *pessoa* ou *pessoas, vida* ou *vidas.*

E as vozes, que depos vos veerem, vos deem, e paguem tanto...

Tambem significava a *sentença, julgado* ou *accordam.*

E a quem foi dada a voz, cem maravidiz lhe preitem; e este nosso preito permanesca em sa fortalheza para sempre.

Doc. de Lamego de 1298.

Finalmente nos *Pareceres de Çaragoça* se diz que ultimamente se achara por escripturas authenticas que por *voz* e *coima* se entendem os direitos seguintes:—*Mordomado, e Portagem, e Tafolaria, pelos quaes se ha e deve levar todo o Direito, e Trebuto, que se pelo dito nome Vos, e Coima em qualquer lugar, e em qualquer maneira levasse...*

Doc. da Torre do Tombo.

VOZEIRO, — portuguez antigo: — o que tem as vozes e vezes do seu constituinte, como procurador ou solicitador e advogado.

Se alguum Vozeiro se composer com o Mordomo, que lhy dê ende algua cousa, se provado for per enquisa que tal he; componha, segundo a quantidade de Coimha, que demandar: e se non ouver, que peyte, en o corpo seia atormentado... Defendemos a todos aquelles, que fazem Vozeiros falsos, e non han torto (por taes certamente toda a terra he perduda).

Foral de Thomar de 1174, traduzido em portuguez nos principios do sec. XIV.

O mesmo se determina no foral de Ourem de 1180, por estas palavras:—*Siguis Vozarius se cum Maiordomo composuerit...*

«Se algum *vozeiro* se composer com o mordomo...»

Livro dos Foraes Velhos.

VRÊA—V. *Verêa.*

Tambem se denomina *Verêa* ou *Vereia* uma cidade da Russia nas cercanias de Moscow.

Nos *Apontamentos para a historia da Legião Portugueza...* publicados em 1863 por ordem do nosso governo, se lê a pag. 67 o seguinte:

«Ás duas horas da tarde do dia 22 de outubro (1812) recebeu-se ordem de evacuar a cidade (Moscow) pelas 11 horas da noite, fazendo-se alto a duas leguas; ás duas da madrugada vimos ainda o incendio, que devia destruir o Krenlim e outros edificios, e sentimos o estrondo das explosões... Ao amanhecer... houve descanço até ao meio dia, por se haver ficado toda a noite debaixo das armas; ás onze horas os postos avançados deram signal do inimigo; o marquez de Loulé marchou para a frente com dois esquadrões...; poz-se o marechal (Marthier) em apressada marcha sobre a estrada de *Vereia* a Malo-Iaroslavetz, que corre parallela e pelo sul de Mojaisk.

«Em *Vereia*, depois de pequena conferencia entre o marechal e Napoleão, saiu este da *cidade* com os corpos já postos em movimento...»

Narrativa do tenente portuguez Theotonio Banha, que fez parte d'aquella expedição desastrosa.

VULGATA.— Assim se denominava outr'ora um rio junto de Braga, que servia de demarcação ao seu termo e parece que distava pouco do rio Deste.

Vem nomeado na doação e descripção do termo de Braga, feita por ordem d'el-rei D. Affonso Casto.

VULTURINOS.—Assim se denominavam no sec. X uns povos das margens do Lima, povos que D. Ordonho II de Leão pelos annos de 913 deu á sé de Lugo.

Os dictos povos constituem hoje as freguezias de *Victorino das Donas* e *Victorino dos Piães*, ambas pertencentes ao concelho de Ponte do Lima e das quaes já se fallou.

V. *Memorias d'Argote*, vol. 3.º pag. 467 e 468,—e n'este diccionario o tomo 10.º pag. 647, col. 2.ª—e 648, col. 2.ª tambem.

VYUVIDADE,—portuguez antigo, viuvez, estado de viuva.

Boas obras que delle recebeo em sua vyuvidade.

Doc. do Salvador de Coimbra, de 1480.

X

X—lettra numeral. Sempre valeu 10 — e com uma linha atravessada superiormente valia 10:000.

Com um til, ou plica, entre as pontas, e outras figuras, valia 40.

Na antiga musica era signal de pausa, ou espera, no canto.

Tambem se empregou um *X* por A; 2 *XX* por *E*; 3 *XXX* por *I*, e $\overline{X}$ por *O*.

X por *S* ou *Se* muitas vezes se acha nas nossas escripturas, v. g. *Xexas* por *Sexas*, *Xancio* por Sancio, etc. *Xi* por Si era muito frequente no tempo de D. Diniz, v. g. *Ximeno* por *Simão*, etc.

X triplicado valia 30 e assim os nomes numeraes que constavam de 30 se escreviam com XXX, pondo o resto do nome por extenso, v. g. *XXX gesimo*, *XXX tairo*, etc., por trintagesimo, trintario. etc.

Deixo a S. Francisco de Lamego cinco libras para um XXX tario.

Doc. de Tarouca de 1335.

XP por *CHR* era frequentissimo, quando escreviam *Xpina* por *Christina*, — *Xpovão* por *Christovam*, — *Xpãos* por *Christãos*, — *Sanxpão* por *sacristão*, etc., e particularmente *Xpo* ou *Xps* por *Christo* ou *Christus*.

Desde o IX até os fins do sec. XII era frequente escreverem a palavra *Christus* com variedade de monogrammas no rosto e cabeça das escripturas.

Na doação que *Castimiro*[1] e sua mulher Asarilli fizeram ao mosteiro de Sozello no anno de 870, antes das palavras *In Nomine Domini nostri Jesu Christi* se vê o monogramma *XPS* bem claro.

Doc. d'Alpendurada.

Ali mesmo se guardava a doação que Fromosindo Romariguiz fez a seus filhos no anno de 1062, na qual, antes das palavras *Fromosindo Romariguizi Placitum*,[2] vel Cartula facio vobis filiis meis, etc., se vê em caprichoso monogramma—*xps*.

V. *Algarismo* e=X=em Viterbo.

—

XABREGAS—pittoresco arrabalde de Lisboa, que teve differentes conventos e hoje tem differentes fabricas e palacios, e um grande *Asylo* (*de D. Maria Pia*) etc. etc.

Para evitarmos repetições V. *Lisboa*, tomo 4.º pag. 238, col. 2.ª n.º 2; pag. 245, col. 1.ª n.º 2 tambem; *Fonte da Samaritana* (ibi) pag. 175, col. 1.ª,—e pag. 420 col. 1.ª *infine*.

Na *Esperança*, jornal religioso de Lisboa, de 16 d'agosto de 1878, se lê um artigo de fundo, muito longo e muito interessante, escripto pelo distincto litterato visconde de Juromenha e dedicado ao nosso mavioso e

---

[1] D'aqui provem *Castromiro*, nome de certo castello; e de *Castimiriz* ou *Castimirim*, patronimico de *Castimiro*, proveiu talvez o nome da villa de *Castro Marim*, como de *Viliamirim* ou *Viliamiriz*, patronimico do nome godo *Viliamiro*, provem o nome de *Villamarim*, dado a muitas povoações nossas.

No supplemento indicaremos *muitas etymologias* semelhantes, provenientes de nomes *godos* e *arabes*.

[2] De *Romariguiz*, patronimico de *Romarigo*, provem o nome de *Romariz*, que hoje ainda conservam algumas povoações nossas.

muito religioso poeta João de Lemos. No mencionado artigo pretende o seu illustrado auctor mostrar que muitas das descobertas com que se orgulha este seculo já foram ante-vistas ha seculos, e entre outras aponta a dos *balões aerostaticos*.

Diz o visconde de Juromenha:

«Tem-se ahi querido attribuir a Alexandre de Gusmão a iniciativa da machina aerostatica; pois saberás que no tornéo de *Xabregas*,[1] em que jogou as armas pela primeira vez o principe D. João, pae de D. Sebastião,[2] vinham dois fidalgos, D. Luiz da Cunha e Christovão de Moura, em uma machina, que vinha atada por uma corda ao mastro de um barco, para lhe dar a direcção; por signal o barco se voltou, morrendo D. Luiz e escapando Christovão de Moura; melhor fôra que succedesse o contrario, porque teriamos um traidor de menos a entregar-nos a Castella.

—

«Aqui tens tu um ensaio da *machina aerostatica*, quando ainda ninguem pensava n'estas coisas.

«Poderia apontar outros muitos, apesar dos seus inventores ou auctores viverem nos tenebrosos tempos do despotismo e da inquisição.

«Não se póde negar os grandes progressos que teem feito algumas sciencias no nosso tempo, como a astronomia, physica, chimica e mecanica; algumas porem estacionaram ou recuaram. Mas é preciso não sermos ingratos para com o passado, a quem devemos este desenvolvimento; devemol-o á renascença e ao XV seculo, que foi o avô d'este, e ao qual coube a missão de desenvolver o germen que aquelle deixou em legado.

«Um escriptor francez Mr. Fournier, em o seu livro, ou antes obra em 3 volumes,— —*Le Vieux Neuf*,—parece que dá o seu a seu dono...»

—

Effectivamente é assombroso o progresso que hoje se nota nas industrias, nas artes e nas sciencias e porque uma civilisação produz outra civilisação, tanto mais assombrosa, quanto mais elementos herdou da civilisação anterior,—até onde irá o sec. XX com elementos herdados do sec. XIX?

—Deve ir longe, — muito longe, se não sobrevier algum grande cataclismo social, como no sec. V pesou sobre o imperio romano e que suspendeu em parte a civilisação até o meiado d'este sec. XIX.

Referimo-nos ao importantissimo pelouro da viação publica.

O progresso na actualidade é grande, mas sentimos que o progresso moral não acompanhe, como devia acompanhar, o progresso material.

Grande incendio

Na noite de 3 para 4 d'agosto de 1878 um pavoroso incendio devorou completamente a fabrica da *Samaritana* em Xabregas, uma das mais importantes de Lisboa *in illo tempore*.

Havia sido fundada em 1854 por dois inglezes, John Scott Howorth e Alexandre Black, e depois transferida para a companhia do fabrico de algodões de Xabregas, que a explorava desde 1858.

Era formada por um conjuncto de edificações, das quaes a principal figurava um amplo parallelogrammo de 36 metros de comprimento e 21 de largura, dividido em tres pavimentos, que correspondiam a outras tantas officinas e tendo nas quatro fachadas 108 janellas.

No primeiro pavimento funccionavam 72 teares mechanicos, 4 bancas de linha, 2 de urdidura, 1 torno, 1 engenho de furar, 6

---

[1] O facto deu se em *Xabregas*. Não cantamos *extra chorum*.

P. A. Ferreira.

[2] O facto refere-se ao meiado do sec. XVI, porque o mencionado principe D. João, 4.º filho d'el-rei D. João III, nasceu em Evora no dia 3 de junho de 1537. Contava pois 13 annos em 1550.

P. A. Ferreira.

aspas de mão, 2 duplas de linha e 1 cardadeira, alimentados pelo motor do vapor e dirigidos por 65 operarios internos e externos de ambos os sexos.

No segundo pavimento, officina de cardação, trabalhavam 18 cardas, 9 introitos, 3 trocos grossos, 5 finos e um engenho de esmerilhar, dirigidos por 37 operarios.

No terceiro pavimento, officina de fiação, tinha em movimento 5 engenhos continuos, 8 bancas de urdidura, 2 urdideiras, 1 encanetadeira, 5 aspas, 2 aspas duplas, 1 prensa para maços e 1 engenho de engommar, dirigidos por 60 operarios.

Nas officinas annexas trabalhavam em tinturaria, carpinteria, serralheria, casa da machina, etc., 26 pessoas.

Além dos 72 teares que funccionavam, a fabrica tinha mais 8 promptos para o trabalho e 4 encaixotados fóra do edificio.

O machinismo das officinas era de diversos auctores, mas no principal figuravam os nomes de J. Hetherington & Sons, de Manchester.

—

A fabrica estava segura em 145:800$000 réis, a saber: 25:000$000 na companhia *Garantia*, 25:000$000 na *Fidelidade*, 20:000$000 na *Bonança*, 20:000$000 na *Norwich Union*, 25:000$000 na *Segurança*, 15:800$000 na *Douro*, e 15:000$000 na propria companhia.

Em 1867 a companhia mandara construir proximo da fabrica differentes casas, que alugava aos seus operarios, e em 1877 procedera a novas construcções com o mesmo destino.

Havia na fabrica um internato, que se compunha de 60 rapazes e 28 raparigas; e em 1875 a companhia instituira uma aula para elles.

Os dividendos pagos aos accionistas tinham sido: em 1858 5 p. c.; em 1859 6; em 1860 8; em 1861, 10; em 1862, 9; em 1863, 6; em 1864, 4; em 1865, 4; em 1866, 6; em 1867, 7; em 1868, 9; em 1869, 6; em 1870, 7; em 1871, 9; em 1872 9; em 1873, 8; em 1874, 10; em 1875, 9; e em 1876, 6.

Começando a produzir no anno de 1858 72:500 kilogrammas de fiação, em 1877 produziu cerca de 130:000.

O prejuizo soffrido com o incendio foi superior ás quantias em que a fabrica estava segura.

Como se vê pelo que temos dito, o estado da companhia de fabrico de algodões de Xabregas era muito prospero.

Concorreram muito para isso os esforços dos seus directores, os srs. C. Alexandre Munró, Theodoro Ferreira Lima, e Joaquim Moreira Marques.

O desastre a que nos referimos causou grave prejuizo á companhia; mas a fabrica foi reconstruida e hoje é talvez no seu genero a 1ª de Portugal, depois da fabrica de fiação de *Negrellos*, concelho de Santo Thyrso.[1]

V. *Vizella*, rio, tomo 11.º pag...[2]

—

O nosso governo (honra lhe seja!) para fomentar as industrias, creou em 1884 bas-

---

[1] Hoje no nosso paiz todas as fabricas de fiação e tecidos d'algodão atravessam um periodo excepcional de prosperidade, pelo que se multiplicam e pullulam d'um modo assustador!... Todas tem dado e dão bons dividendos, mas a de *Vizella*, propriedade de uma pequena parceria, supplanta as a todas. Já tem dado, 50 por cento de dividendo alguns annos?!...

[2] Não posso indicar as *paginas*, porque ainda não se distribuiu o fasciculo correspondente!—Tal é a precipitação com que estamos escrevendo e publicando este diccionario, o que muito nos incommoda e por vezes *compromette*, pela intima relação que ha entre muitos artigos e topicos do mesmo artigo.

Por vezes temos no prélo 3 fasciculos e damos tractos á memoria com as referencias!...

Desculpe-nos pois os lapsos quem souber avaliar as difficuldades com que luctamos.

Note-se que este diccionario é escripto no Porto e publicado em Lisboa, — e escripto *au jour le jour?!*...

Não recebemos do nosso benemerito antecessor trabalho algum feito.

tantes escolas de desenho industrial em differentes pontos do nosso paiz, que mais urgentemente as reclamavam. Ficou uma em *Xabregas* e tem dado optimo resultado, como se vê do *relatorio da circumscripção do sul*, relatorio que temos presente e se refere ao anno de 1884-1885.

Consta esta circumscripção de 7 *escolas de desenho industrial*, em Alcantara, Xabregas, Belem, Caldas da Rainha, Torres Novas, Thomar e Portalegre—e da *escola industrial* da Covilhã. A matricula em todas as escolas foi de 403 alumnos de ambos os sexos: — em Alcantara 65, Xabregas 53, Belem 48, Caldas da Rainha 54, Torres Novas 47, Thomar 32, Portalegre 42, e Covilhã 62.

O *Relatorio* dá minuciosas e interessantes informações ácerca das differentes *escolas*, e termina com a seguinte lisonjeira apreciação:

«Apresenta-se com muito bons auspicios a inauguração das aulas de ensino industrial d'esta circumscripção.

Em todas as localidades foram perfeitamente acolhidas pelas povoações; a concorrencia foi grande, e os alumnos têem mostrado muita applicação. Todas as escolas se acham fornecidas de bom material de ensino, e os professores têem manifestado muito zelo e bons desejos de que o ensino seja efficaz.

Confiamos que de futuro se tornarão bem pronunciados os beneficios da instrucção ministrada pelas novas escolas, e que não terá sido improficua a civilisadora iniciativa do illustre ministro que promulgou o decreto de 3 de janeiro de 1884.»

Em vista de tão auspicioso resultado, o governo já posteriormente augmenton o numero das ditas escolas.

—

Com a inicial=X=temos tambem varios sitios, aldeias, casaes e quintas, taes são:

Xaim, Xainça, Xainha, Xainho, Xainhos, Xapelar, Xaranche, Xaras, Xarnaes, Xasqueira, Xatle ou *Echate, Xavier, Xebrito, Xelrito, Xerez, Xerito, Xertello*, etc., mas não nos consta que offereçam coisa notavel

XARRAMA—grande ribeira, affluente do Sado.

Nasce a N. O. d'Evora, a distancia de 6 kilometros; corre a S. E. e, descrevendo quasi um semi-circulo em volta da cidade, tem n'aquelle espaço 3 pontes:—uma na estrada d'Evora a Estremoz; outra na de Evova a Mourão—e outra na de Evora a Portel; corre depois na direcção geral N. E. a S. O.; tem ponte na estrada de Evora a Beja; passa 3 kil. a N. O. de Aguiar e depois sob a ponte da linha ferrea do Sul; mais abaixo cerca de 18 kil. passa a N. O. da villa do Torrão—e mais abaixo cerca de 13 kilometros morre no Sado, (m. d.) na freguezia de S. Romão, contando ao todo nas dus provincias do Alemtejo e da Estremadura cerca de 15 legoas ou 75 kilometros de curso.

Esta ribeira, depois que toca na villa do Torrão, toma d'ella o nome de *ribeira do Torrão*—e d'ali até o Sado corre funda por entre leito pedragoso e muito declivoso, pelo que nas cheias faz um ruido medonho que se ouve a grande distancia, mas desde a sua nascente até ás proximidades da villa do Torrão atravez da provincia do Alemtejo corre suave por leito quasi plano.

No inverno assume grandes proporções e torna-se imponente, mas no verão, como succede a todas as ribeiras do Alemtejo, torna-se microscopica e some-se. Apenas conserva alguma agua nos pôços mais fundos, aqui denominados *pégos*, e, porque o seu leito é de lôdo e cria muita herva, na estiagem transforma se em um pantano, foco medonho de sezões e febres paludosas, malignas, que devastam as povoações marginaes, sendo a villa de Torrão uma das que mais soffre, por ser muito immunda, abafada e ardentissima no verão — e mais ainda a aldeia de *Rio de Moinhos*, da freguezia do Torrão, a jusante da villa e já perto do Sado.

—

A dicta povoação é uma das mais ardentes de todo o nosso paiz, pelo que um nosso rei (diz a tradição local) vendo que ali só os

africanos podiam viver, mandou para lá uma colonia de *pretos*, que povoaram aquelle territorio e formaram a dicta aldeia. Não sabemos até que ponto isto é verdade, mas não custa a crer, porque muitos habitantes de *Rio de Moinhos* ainda hoje parecem mulatos. São muito escuros e teem o cabello encaracolado, semelhando a carapinha dos pretos.

Tambem d'este facto proveiu a locução popular:—*negros do Torrão.*

Custodio Gil Carneiro

O maior proprietario da villa do Torrão é *Custodio Gil Carneiro*, muito conhecido no Porto e ao norte do nosso paiz por *Custodio Gil do Casal*, por que nasceu e vive na aldeia do *Casal*, freguezia de S. Christovam de Refojos (de Riba d'Ave) concelho e comarca de Santo Thyrso, junto d'aquella villa, cerca de 8 kil. para S. E.

Vive com a maior singelesa, confundindo-se com qualquer lavrador, mas só na villa do Torrão a sua casa, bem conhecida como *casa dos Carneiros*, vale mais de *cem contos* e tem vastissimas propriedades em outros pontos da Estremadura e do Alemtejo, muitas casas no Porto, muitas quintas nos concelhos d'Aveiro, Santo Thyrso, Felgueiras, Lousada, etc., etc., e grandes sommas em dinheiro mutuado e fundos publicos.

É um dos maiores proprietarios e capitalistas que hoje temos ao norte do nosso paiz, pois tem uma fortuna *superior a dois mil contos de réis?!...*[1]

Está viuvo, mas tem filhas e filhos, um dos quaes vive na sua casa do Torrão e d'ella administra as muitas herdades que possue na Estremadura e no Alemtejo.

V. *Charrama*, tomo 2.º pag. 280, col. 2.ª; *Refoyos*, tomo 8.º pag. 97, col. 1.ª, e *Torrão*, vol. 9.º pag. 595, col. 2.ª.

Terminaremos dizendo que na ribeira de *Xarrama*, cerca de 15 kilometros a S. S. O. d'Evora, passava uma estrada romana.

V. *Villa Ruiva*, tomo 11.º pag. 1:055, col. 1.ª

XERAFIM, moeda asiatica, muito vulgar em algumas das nossas possessões.

O xerafim *sempre* constou na India e *ainda* consta de 5 tangas, assim como uma tanga vale 60 réis; e do mesmo modo a libra sterlina se divide em 20 shillings, e cada shilling em 12 pence; *mas como o agio prata é de 20 %, são necessarios 6 xerafins em moeda de cobre para se obter no mercado 5 xerafins em moeda de prata, o que faz que correspondam 6 tangas em cobre a 5 tangas em prata, de modo que, substituindo na linguagem 5 tangas pelo seu equivalente—um xerafim, ficam correspondendo 6 tangas em cobre a um xerafim em prata*; mas isso não significa, como é claro, que o xerafim propriamente dito conste de 6 tangas.

Ha effectivamente na India uma moeda de prata que vale 6 tangas, porém não é o xerafim, mas sim a meia rupia, que corresponde a um xerafim e mais uma tanga, como toda a gente conhece na India. Ora sendo em Goa o xerafim a unidade principal da moeda, nada mais natural que no cunho da meia rupia se marcasse a palavra *xerafim*, se realmente elle valesse 6 tangas, mas em tal caso a denominação da moeda não correspondia ao seu valor. E para se designar por xerafim seria necessario que se accrescentassem as palavras *em prata*, apesar da moeda ser de prata, o que seria, por assim dizer, um pleonasmo extravagante, como se na nossa moeda de 2 tostões de prata se se gravasse — 200 réis em prata — onde se lê simplesmente—200 réis.

Quando na India se diz que um objecto custou, por exemplo, 3 xerafins, toda a gente fica entendendo que foram 15 tangas. Quando se falla em 1 ½ rupia ou 3 xerafins em prata, então são 18 tangas; mas

---

[1] Ha tambem na villa de Santo Thyrso outra fortuna igual, mas *toda em dinheiro*,—a do conde de S. Bento, solteiro e já decrepito, —e na Regoa outra fortuna muito superior, avaliada em *seis mil contos*. É a da sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, viuva, representante da casa *Ferreirinha*.

V. *Regoa* e *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1:013, col. 1.ª

usa-se geralmente o termo *rupia* de preferencia ao de *xerafim em prata.*

Com vista ao nosso illustrado amigo Lopes Mendes, autor da *India Portugueza* e que viveu na India nove annos.[1]

XEVER,

XEVERA e

XEVERETE — ribeiras que nascem na serra de Portalegre.

XI – portuguez antigo—*se.*

Cá xi (se) vos chega o tempo.

Diccion. de Moraes.

XIBÁO ou **XIBÁU**—*Pé de Xibáu*—nome de uma dança antiga portugueza.

XICO, portuguez antigo,—secco.

Rio xico,—rio secco.

Elucidario.

XIRA — terreno inculto, bosque, matta, brenha.

V. *Cira* e *Villa Franca de Xira.*

XIRTO,

XISTO,

XISTRO.

XOENES e

XOFRAL,—sitios, aldeias, casaes e quintas em diversos pontos do nosso paiz, mas que não offerecem coisa notavel.

XORCA, XORCAS ou **AXORCAS,** — pulseiras de prata, á maneira de argolas, que as mulheres no Oriente e Africa usam nos braços e pés, por cima do calcanhar.

D'aqui proveiu o epitheto *ajorcada,* applicado á mulher muito composta, ataviada e ornada de peças, brincos, laços e cordões de ouro ou prata, como as *lavradeiras* dos arrabaldes do Porto, que nos dias de festa vão carregadas d'ouro.

Por vezes *só uma* das taes lavradeiras leva aos arraiaes brincos, anneis, broches, gargantilhas, relicarios e cordões no valor de *dois a tres contos de réis*?!...

Assim as temos visto nos grandes arraiaes do Senhor de Mattosinhos, Senhor da Pedra, S. Bento de Rio Tinto, Senhora da Hora, S. Mamede de Infesta e S. Cosme de Gondomar.

Em todo o nosso paiz não ha mulheres do campo tão lindas, tão mimosas e tão vigorosas, tão elegantes e tão *ajorcadas* d'ouro, saias e lenços, como as lavradeiras dos arrabaldes do Porto.

V. *Villar d'Andorinho* e *Villar do Paraiso.*

XUDREIROS ou **ENXUDREIROS,**—assim se denominava uma das povoações comprehendidas no foral que D. Manoel deu á villa d'*Aguiar da Pena* em 22 de junho de 1515.

V. *Aguiar da Pena,* tomo 1.º pag. 39, col. 2.ª

XUDRÕES, — antigo casal em terra de Barroso.

Teve foral velho dado em Coimbra por D. Affonso III, a 22 de abril de 1262.

Liv. I de Doações do Sr. Rei D. Affonso III, fl. 60, v. col. 1.ª

XUDRURO, — ribeiro que nasce na fonte da *Freja,* freguezia do *Guardão,* concelho de Tondella, e fertilisa particularmente a povoação de *Janardo,* da dicta parochia.

[1] V. *Villa Real de Traz os Montes,* tomo 11.º pag. 1:031, col. 2.ª *in fine* e segg.

Y

Y—lettra numeral outr'ora. Valia 150 e com um til sobreposto valia 150:000.

Nos nossos documentos antigos confunde-se a cada passo com I ou J, dando-se-lhe a mesma pronuncia, v. g. *Yldefonsus* por *Ildefonsus,* Yoanne por *Joanne,* *Yspania* por *Ispania,* etc.

No grego primitivo, d'onde é originaria,

esta lettra tinha mui differente figura e designava a sorte dos bons e dos maus.

Achando-se algumas vezes no meio dos monogrammas dos reis, principes ou prelados, vale *Ya* ou *Ita* e é abreviatura que denota ratificação ou confirmação d'alguma escriptura, como diz Mabillon. *Diplom.* liv. 11, cap. 10, n.º 13.

Tambem significou *ahi, n'esse logar*, correspondendo ao adverbio latino *ibi.*

YAGO—o mesmo que Tiago, Jacobo, Jacome ou Diogo.

Doc. de Lamego do sec. xv.

YGUAR — portuguez antigo, na accepção de *igualar.*

YLMOFARIZ—portuguez antigo,— *almofariz.*

It. Hum Ylmofariz com sa mão—Rematado por 56 soldos.

Inventario do espolio de D. Fr. Salvado, bispo de Lamego, com data de 1 d'abril de 1350.

YOLANTE — Violante, nome de mulher.

Procuração de D. Isabel e D. Maria, filhas do Infante D. Affonso, e D. Yolante sa molher.

Doc. da Guarda de 1298.

Este infante era filho legitimo d'el-rei D. Affonso III; D. Violante era filha do infante D. Manoel e neta de D. Fernando III de Castella.

YRIAN—port. ant.—esquadrão ou exercito,—segundo o bispo Pinheiro, part. 1.ª apud Bluteau. Diz que esta palavra é dos antigos portuguezes e que d'ella provem o nome de *Yria Flavia*, hoje villa do Padrão, junto de Compostella, onde residiam os prelados, antes de se descobrir o tumulo do apostolo S. Thiago maior e de se formar em volta d'elle a cidade de Compostella, para onde depois transferiram a séde do bispado, hoje arcebispado.

Viterbo põe em duvida a tal etymologia de *Yria Flavia*—e nós tambem duvidamos.

Yria Flavia parece claramente nome proprio de mulher.

Dicant compostellani.

YXECO—port. ant —molestia, contradicção, trabalho, duvida, contenda.

Quem storvo, ou yxeco quisser dar a meos testamenteiros perca todo aquello, que lhes eu mando.

Doc. da Guarda de 1298.

Tambem se escrevia *enxeco, eyxeco* e *eyxequo* na mesma accepção de *yxeco.*

D. Diniz fez avivar os limites entre Mós e Moncorvo no anno de 1309—*para que huns e outros vivessem in paz, e sen eyxequo.*

Doc. de Moncorvo.

YZEDA—actualmente *Izeda*, freguezia do concelho de Bragança.

V. *Izeda*, tomo 3.º pag. 406, col. 1.ª.

Suppomos que esta *Yzeda* provem de *Yezid*, nome arabe e *proprio* de homem.

Junte-se mais esta etymologia ás duas que ali se encontram apontadas.

Z

Z—na arithmetica dos antigos valia 2:000 —e sendo plicado valia 2:000:000, que são duas mil vezes mil.

Z—por *c* era frequente nos seculos x e xi v. g. *dozel, fidazia, inzendium, judizes*, pontifizes por *doucet, fiducia*, etc.

Z—tambem se empregava como *t in illo tempore*, quando se seguia vogal, v. g. *Laurenzia, perfiliazione, desperazione*, por *Laurentia, perfiliatione*, etc.

Tambem algumas vezes se encontra com o valor de *X*, v. g. *Zenia* por *Xenia, Zenodochium* por *Xenodochium*, etc.

Tambem se empregava o X por *Z*, v. g. *axaga* por *azaga.*

Tambem se dava ao—*Z* — figuras muito

caprichosas, como diz Viterbo no *Elucidario*, dando em gravura algumas d'ellas, e cita uma inscripção romana das muitas encontradas em *Outeiro João*, perto de Chaves, copiadas por *Argote* nas suas *Memorias de Braga* e pelo dr. João de Barros na sua *Geographia*, — inscripção curiosa e que é a seguinte: *A terra seja leva á Condeça, filha de Aulo Bobalo, que aqui jaz de idade de 35 annos.*

N'ella se veem *ZZZ* aspados horisontalmente em vez de XXX e valendo *30*.

ZAADONA—no sec. XIII significava *senhora, mulher livre, forra, ingenua.*

Se quizer ser Zaadona Christiana, *que a baptizem, e lhe dem de vistir, e lhe fação bem.*

Testamento de D. Chamôa Gomes de 1258, fallando da sua moura Elvira.

ZAARA ou **ZAHARA** — do arabe *Zhara*, flor.

É nome proprio de mulher e assim se denominava a irmã de Alboazar — Albucadan, senhor do castello de Gaya e que tanto figura na lenda de D. Ramiro II de Leão.

V. *Gaia*, tomo 3.º pag. 245, col. 2.ª — e *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:674, col. 1.ª e segg.

ZAATAN ou **ZALATAN**—nome arabe e proprio de homem.

De um mouro assim chamado tomou o nome a villa de *Satão* ou *Satam*.

ZABOLO ou **ZABULO**—outr'ora *diabo*. V. Bluteau.

ZABUMBA—monte (aldeia) e herdade da freguezia de Nossa Senhora das *Neves*, concelho e comarca de Beja.

V. *Neves*, tomo 5.º pag. 39, col. 1.ª

A mencionada freguezia é uma das mais importantes do concelho de Beja,

O censo de 1878 deu-lhe 253 fogos, mas deve contar hoje mais de 260.

Demora na margem esquerda do rio *Cadeira*, que nasce junto de Beja e, depois de receber na margem esquerda a ribeira de Baleizão — e na margem direita a que vem da freguezia de Louredo, desagua na margem direita do Guadiana, 5 kil. a O. da villa de Serpa,—tendo 26 kil. de curso total.

A povoação de *Nossa Senhora das Neves*, onde está a matriz da parochia, dista de Beja 4 kil. para o nascente e n'ella passa a estrada de Beja para Baleisão.

Alem da dicta aldeia de *Nossa Senhora das Neves* comprehende esta parochia as do Padrão, *Zabumba*, Corujeiras, Maria do Valle e Sorumbeque—e 129 casas (*montes*) herdades e quintas, cujos nomes podem ver-se na *Chorographia Moderna*, taes são:—Vieiras, Vinha d'Alfar, Monte de Palha, Saborida, Mongeraldo, Monte Branco, Villa Lobos, *Carapiço*, *Carrasco*, Majôa, Castellinho, Horta do Bragança, Chão d'El-Rei, Polingresa, Monte do Gallego, Val de Lobos, Horta Secca, Bispos, Val do Maçosa, Quinta Queimada, Alcaçarias, Val da Ponte, Quinta dos Bonecos, Galiana, *Carapeta*, Quartel Mestre, *Val de Escarnos*, Raiona, Val de Paneiro, *Val do Lagaço*, Monte do Coronel, Monte do Sacristão, *Moinho do Caganata*, Monte da Chaminé, Canalinho, Fonte do Sapo, Gaffete, Arquinhos, Ventosa, Paraiso, Carvoeiras, Carvoeirinhas, Cabeça de Pau, Monte da Ponte, Monte do Pégo, Monte do Ai, Val d'Aldrave, Monte da Egreja, Vinha do Padre Rosa, Vinha do Coelho, Vinha do Baptista, etc. etc.

Os nomes são curiosos e alguns *não muito decentes!*...

ZABURRAL—quinta ou casal da freguezia de Botão, concelho de Coimbra.

Compõe se de grande insua com muita agua de rega, bom pomar de espinho e caroço, terras de monte, vinhas e oliveiras, esplendida casa de habitação, etc., etc.

Demora junto da estrada municipal que de Coimbra conduz á Pampilhosa e Mealhada.

V. *Botão*, vol. 1.º pag. 423, col. 2.ª

Suppomos que esta quinta do *Zaburral* tomou o nome do milho *zaburro*, de que vamos fazer menção.

ZABURRO—milho zaburro, ou de maçaroca.

É uma especie de milho que se cria nas lodeiras da margem do Douro. D'elle fazem menção Bluteau no seu *Vocabulario* e João de Barros na Dec. 1.ª liv. 3.º cap. 7.º

Nós o vimos muitas vezes nas lodeiras da grande quinta *dos Frades*, freguezia da Folgosa, concelho de Armamar, na margem esquerda do Douro,—lodeiras que davam só

milho e feijões, mas que hoje produzem vinho, porque são inundadas pelo Douro no inverno e por isso a phylloxera as poupa, em quanto que já destruiu todos os vinhedos restantes d'aquella formosa quinta, que antes da invasão phylloxerica produzia mais de 150 pipas de bello *Port Wine.*

O mesmo succede em todo o alto Douro, cujos vinhedos estão completamente aniquilados.

V. *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão.*

O milho *zaburro* é quasi redondo, muito escuro e pequeno, mas produz bastante nas lodeiras, em terreno fundo e quente, e dá pão saboroso.

A cana attinge 1 $^1/_2$ a 2 metros de altura e termina com uma grande *bandeira* ou *pluma*, de que se fazem vassouras muito estimadas no mercado.

ZACA—de *Zacat*, ou *Azaqui* de *azacá*, termos arabes, significam propriamente o dizimo que se dá dos fructos que cada um colhe das suas terras.

O *azaqui* ou *zaca* era um dos tributos que os mouros rezidentes e tolerados em Portugal pagavam aos nossos reis. Aquelles tributos eram de 4 especies: 1.º tributo de cabeça ou pessoal de tanto por cada mouro e que se pagava no 1.º dia de janeiro;—2.º dos bens e gados que possuiam, denominado *alfitra*; 3.º o dizimo, a que chamavam *zaca* ou *azaqui*; o 4.º era a quarentena, i. e. —40 de tudo quanto possuiam.

Zaca e *azaqui* derivam-se do verbo *záca*, — fazer esmola, dar os dizimos, offerecer dadivas para conciliar o animo do soberano, justificar-se, purificar-se pelo *azequi.*

ZACHARIAS — freguezia extincta, hoje simples aldeia da freguezia, villa e concelho de Alfandega da Fé, comarca do Mogadouro, districto de Bragança em Traz os Montes.

Tinha como orago *S. Zacharias* e em 1706, segundo se lê na *Corogr. Port.* contava apenas 6 fogos.

Extinguiu-se esta parochia por ser o seu chão muito quente e doentio na estiagem.

ZACHARIAS — ribeira confluente do Sabor.[1]

Nasce na serra de Sambade, (ou Montemel) cerca de 10 kil. ao S. O. de Chacim; corre na direcção geral S.; passa a E. e na distancia de 6 kil. d'Alfandega da Fé; depois divide a parochia de Cerejaes da de Sendim da Ribeira—e por ultimo entra no rio Sabor (margem direita) tendo de curso total 22 kilometros e uma boa ponte de pedra.

Tomou o nome da parochia, hoje simples aldeia de *Zacharias*, supra.

Não se confunda esta ribeira com a da *Villariça*, tambem confluente do Sabor, mas que desagua n'este rio, cerca de 26 kilometros a jusante.

V. *Villariça*, tomo 11.º pag. 1:311, col. 2.ª e segg.

ZACUTO LUSITANO—insigne medico judeu.

Nasceu em Lisboa no anno de 1575; estudou em Salamanca e ali se doutorou em medicina, tendo apenas 20 annos incompletos, e falleceu em Amsterdam como judeu declarado, em 1642.

Foi um talento superior e publicou varias obras sobre medicina, segundo se lê no Anno Historico, tomo 1.º pag. 101, mas o *Dicc. Bibl. de Innocencio* não o menciona como escriptor.

ZAGA—*azaga*—e *çaga*—«não são mais do que differentes fórmas da mesma palavra, que significa a rectaguarda, opposta á *deanteira*, *delanteira*, ou vanguarda. Viterbo, á palavra *Azaga*, sonhou não sabemos que synonimia entre *Azaga* e *Adail.*»

Hist. de Port. de Alex. Hercul. tomo 4.º pag. 415—*nota.*

Segundo se lê no *Diccion. de Moraes* (6.ª edição) *zaga*, *çaga* ou *saga*, vem do hespanhol ant. *zaga*, a parte posterior ou trazeira do carro, etc. e n'esta accepção é ali usada

---

[1] De passagem diremos que a etymologia de *Sabôr* vem de *Sabur*, nome de homem persa e arabe.

na milicia, indicando a rectaguarda dos exercitos.

Brandão na 5. p. da *Mon, Lusit.* cap. 29, *in fine*, diz que nós acceitámos dos hespanhoes este termo militar com aquella significação nos reinados de D. Fernando e de D. João I—e que os hespanhoes haviam tomado *zaga* ou *çaga* do hebraico *sahhir*, que significa o *inferior* ou *ultimo*, por ter outro que lhe vá diante; mas parece que *zaga* ou *azaga*, *saga* ou *assaga*, vem do arabe *assaca*, rectaguarda do exercito, e que dos arabes ou mouros tomaram os hespanhoes este termo, alem d'outros muitos que deixaram na peninsula.

Na interessante *Historia da Dominação dos arabes e dos mouros em Hespanha e Portugal* por Marlés, Paris, 1825, tomo 1.ª pag. 539, se lê em uma nota *o* seguinte:

«*Les Arabes*...—Em vulgar:

«Os arabes denominavam *Almafalla*, ou *Alchamiz*,[1] os exercitos divididos em 5 partes. *Alchamiz* significa propriamente o que tem 5 partes... Ás divisões dos seus exercitos correspondentes á *vanguarda*, *centro*, *ala direita*, *ala esquerda* e *retaguarda* os mouros davam os nomes seguintes: *almocadema*, *calb*, *almaimena*, *almaisara* e *assaca*.»

—

Significou pois antigamente *zaga* ou *saga* em Portugal e Hespanha a *retaguarda* do exercito, mas, segundo diz Viterbo, tambem significou a *vanguarda*, ou antes o *Adail*, official de guerra, a quem pertencia guiar e conduzir o exercito,[2] synonymia a que allude com estranhesa Herculano.

Parece que effectivamente em alguns foraes antigos se emprega o termo *zaga* como synonymo de *adail*; mas talvez que ali o termo *zaga* seja abreviatura ou modificação de *zagal*,—moço de pastor, que vae na *frente* do rebanho e lhe serve de *guia*, como se lê em Bluteau e Moraes. Note-se porem que o termo *zagal* não vem do arabe *assaca* nem do hebraico *sahhir*, mas do arabe *cegale*, *vestir-se de pelles*,—segundo a opinião de Diogo de Urres.

V. *Zagal* em Bluteau.

De *zaga* na accepção de *retaguarda* provem o termo chulo *azagal*, trivialissimo na Beira.

Olha o azagal!...—Lá vem o azagal!...

Assim costumam reprehender e censurar as creanças ou individuos manhosos, que se distanceiam da comitiva, ficando á retaguarda.

ZAGAL—pastor.

V. *Zaga*.

ZAGARI,—port. ant.—*lençaria*,

ZAGAZABO, (voz ethiopica) nome proprio de homem.

Deriva-se de *zagaz*, a graça,—e *abo*, pae, —a graça do pae.

Zagazabo era um bispo muito douto, que veiu a Lisboa como embaixador do Preste João, no tempo d'el-rei D. Manoel.

ZAGONAL—port. ant.— diacono, presbytero.

ZALATAN—V. *Zaatan*.

ZAMARIO e **ZIBRIANU**,—Sameiro e Cypriano (?)

Latim barbaro do sec. x.

Firmam a carta de doação que na era de 1021 (anno de 983) *Julio* e sua mulher *Onorada* (Honorata) fizeram a *Donani Zalamizi* da quinta que possuiam na villa de *Ossella*, que suppomos ser hoje a povoação e freguezia de *Ossella* no concelho e comarca d'Oliveira d'Azemeis, pois demora na margem esquerda do rio Caima e a citada escritura diz: — «...facimus vobis *Donani Zalamizi* cartula incommuniazionis, de omnia nostra ereditate, quanda que avemus, in villa, que vozidant *Ossella*, subtus monte *Codale*, secus ribulo *Camia*. .»

«...na villa denominada *Ossella* (sic) debaixo do monte *Codale* (?) junto do rio *Caima* (confluente do Vouga)...»

---

[1] De *Almafalla* provem talvez o nome das nossas povoações e freguezias de *Almofalla* (V. tomo 1.º pag. 152, col. 1.ª e 2.ª);—e de *Alchamiz* provem talvez o da povoação hespanhola de *Alcaniças*, a pequena distancia da nossa villa de Vimioso.

[2] V. *Zaga* e *Adail* em Viterbo, — e *Adail* n'este diccion. tomo 1.º pag. 25.

É isto o que lê nas *Dissert. Chronol.* de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 198, doc. n.º VII, onde se encontra a dicta doação na sua integra.

Suppomos que á mesma villa de *Ossella* se refere a doação que a rainha D. Thereza mulher do conde D. Henrique, fez no anno de 1117 a Gonçalo Eriz,--doação por nós citada e copiada na sua integra no art. *Vouga*, posto que ali se lhe dá o nome de *Osselo* e *Osselola*, que alguem pretende ser a pequena povoação, hoje denominada *Assilhó*, da freguezia e concelho de Albergaria Velha e distante da villa pouco mais de 1 kilometro.

V. *Vouga*—villa extincta,--Parte II.

Não podemos citar as paginas, porque ainda não se distribuiu o fasciculo correspondente.

ZAMBITO--quinta extra-muros da cidade da Guarda, no termo da parochia de *S. Vicente* da mesma cidade.

V. *Guarda*, tomo 3.º pag. 333, col. 2.ª

A mencionada quinta é propriedade da junta geral do districto, que a comprou e n'ella montou a *quinta regional* com varias officinas agricolas, hoje quasi todas em completo abandono, pelo que a junta arrenda a maior parte dos chãos da dicta quinta. Em julho de 1888 arrendou-os por 382$500 réis.

As *quintas regionaes* ou *districtaes*, porque foram montadas em todos ou quasi todos os nossos districtos, theoricamente promettiam muito, mas na pratica o resultado foi zero.

ZAMBO--port. ant.—zambro, torto das pernas, que as junta nos joelhos e alarga os pés com divergencia.

«Era muito *zambo* das pernas e lançava os pés atravessados.»

Couto, 8, c. 36.

ZAMBÔA—port. ant.—hoje *gambôa*, marmello mollar de tamanho enorme.

Abunda nos concelhos de Lamego e da Regoa.

ZAMBUJAL ou **AZAMBUJAL** — terreno povoado de zambujos, ou azambujos, ou zambujeiros, -- oliveiras bravas que abundam em muitos pontos do nosso paiz e que pela enxertia se transformam em olivedos.

Diz-se *zambujal*, como dizemos olival, azinhal, vinhal, pinhal ou pinheiral, choupal, cerdeiral, carvalhal, morangal, etc. etc.

V. *Azambujal*, tomo 1.º pag. 287, col. 1.ª

ZAMBUJAL ou **AZAMBUJAL**,—aldeia da freguezia e villa de Ourem, onde nasceu a *beata Thereza*.

V. *Ourem*, vol. 6.º pag, 325, col. 1.ª e segg.

Temos no nosso paiz mais 48 aldeias, casaes e quintas com o nome de *Zambujal*, que podem ver-se na *Chorographia Moderna*.

ZAMBUJAL—aldeia da parochia d'*Alvorninha*, comarca e concelho das Caldas da Rainha, na Estremadura.

V. *Alvorinha*, tomo 1.ª pag. 187, col. 1.ª

A dicta parochia é muito importante e á mais populosa do concelho das Caldas da Rainha, depois da villa, séde do concelho, da qual dista 11 kil. para E. S. E. Permittam-nos pois que lhe dediquemos mais algumas linhas do que lhe dedicou o meu benemerito antecessor.

—

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe o nome de *Alvorinha* e 423 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 690 fogos e 2:207 habitantes—e o censo de 1878 deu-lhe 566 fogos e 2:354 habitantes,—*menos* 124 fogos e *mais* 147 habitantes do que lhe dera o censo de 1864?!...

Estão assim as nossas estatisticas.[1]

Em 1712 Alvorninha era villa e séde de concelho com justiças proprias: — 2 juizes ordinarios (um da villa, outro do termo) 3 vereadores, 1 procurador do concelho, 1 escrivão da camara, 1 escrivão das sisas e outro judicial, notas e orphãos.

Tinha tambem uma companhia de ordenanças com mais de 300 homens.

Alem da povoação de *Alvorninha*, séde da parochia, comprehende as seguintes:—*Zambujal*, Outeiro, Villa Nova, Trabalhia, Moi-

---

[1] O censo de 1864 deu á villa das Caldas da Rainha 552 fogos e 2:289 habitantes — e o censo de 1878 deu-lhe 658 fogos e 2:689 habitantes.

tas, Bouzias, Malasia, Val Serrão, Antas, Laranjeira, Baixinhos, Lobeiros, Maios, Ribeiro dos Amiaes, Carril, Pedreira e Portella, Ramalhosa, Calvello, Raposeira, Pégo, Almofalla, Forninhos, Comeira de S. Clemente, Comeira da Cruz, Boa Vista, Salgueiral, Gesteira, Chãos, Venda da Nataria, Azenha do Escoiral e Caçapos; — os casaes de Souto, Freixo, Alqueidão, Norte, Chiote, Penhaço, Gil, Cabeço Branco, Lourosa, Paraiso, Casal Velho da Moita dos Carvalhos, Casal Velho da Ramalhosa, Frade, Moinho Novo, Casalinho, Mattos, José João, Venda da Costa, Feijoal, Ródo, Haver, Monte Branco, Louriceira, Santa Martha, Ranginha, Marquez, Salgueirinho, Carvalhos — e as quintas do Moscão, Machada, Feteira, Paço, Quebrada, S. Gonçalo, Val Formoso e Almofalla.

—

A *Chorogr. Port.* em 1712, fallando da villa d'*Alvorninha*, disse:

«O seu termo[1] tem 5 moinhos de pão e 13 lagares d'azeite com grandiosas quintas, a saber: — a quinta de *Val fermoso* com sua capella de Nossa Senhora, que he de Rodrigo da Costa; a quinta da *Melhor Vista* com huma ermida de S. João Bautista, que he de Carlos da Silva; a quinta da *Boa Vista*, que he do prior Bernardo da Silva Monteiro; a quinta da Cruz com boas casas e huma ermida de Nossa Senhora da Conceição, aonde se diz missa todos os domingos e dias santos: he de Diogo de Faro; a quinta que possue Manoel do Couto d'Aguiar, C. O. Ch., a qual está junto ao logar, que chamão *Alvorninha pequena*, que terá 5 visinhos (fogos); a quinta da *Cachaça*, que he de Clara da Cunha Monteyra viuva, a qual tem hum penhasco, que está continuamente lançando gotas d'agua, e lhe chamão a *Fonte das Lagrimas*, a qual está toda cercada d'avenca.

A quinta de *S. João*, a qual he grandiosa e tem huma ermida do mesmo santo, que he de *meia laranja* (?) com armação, vestimenta e frontal, tudo da *China* e de preço, e tem hum pavilhão que occupa a meia laranja: he senhor d'esta quinta Matheus da Cunha d'Eça e Almeida, moço fidalgo de S. M. e C. O. Ch., bem conhecido por seus ascendentes, o qual vive na mesma quinta, que consta de grandes casas, muitas vinhas, grandes pomares e muitos olivaes, para o que tem 2 lagares de azeite e 2 de vinho; tem huma fonte nativa de olhos d'agua, cercada de cantaria, com hum cano da mesma pedra, que leva agua a muitos tanques, até chegar ao maior, que leva muitas pipas de agua, com que se rega hum jardim, que consta de muitas larangeiras da China, limoeiros, pessegueiros, e muitas latadas de uvas de toda a casta; e tem hum ribeiro de agua, que corre pelo meio da quinta, com innumeraveis choupos, que a faz mais vistosa.

—

«A quinta da *Fonte fermosa*, de que he senhor João Homem da Cunha, a qual tem huma ermida de N. Senhora e huma fonte de boa agua; e por dentro della corre hum ribeiro que a fertilisa de pão, vinho, azeite e frutas.

«A quinta dos *Ameaes* com nobres casas e huma ermida de Santo Antonio, de que he senhor Manoel Feyo de Castello Branco. Tem hum ribeiro que lhe passa perto das casas, com boas varzeas de pão, muitos olivaes, bastantes vinhas, e tem um circuito á roda, que em si inclue alguns logares, os quaes todos pagam para esta quinta o *quinto* de todo o genero de fructos, e só para o seu azeite e dos seus cazeiros tem 2 lagares. Esta quinta he hum praso foreiro ao mosteiro de Alcobaça, e tem por detraz das casas seu murado em roda com bastante agua.

«A quinta dos *Pinheiros*, que está junto do logar de Almofalla, de que he senhor João Homem da Cunha acima nomeado, tem boa horta com muitas arvores de fructas mui gostosas, e he cercada de 2 ribeiros.

---

[1] Comprehendia tambem a parochia de *Vidaes*, que nós já descrevemos no tomo 10.º pag. 649, col. 2.ª e segg.

«A quinta dos *Bacellos* com bastantes casas de campo, muitas vinhas, e entre ellas hum valle, que consta de muitas arvores de fructo, a maior parte pessegueiros de *toda a casta*; tem huma fonte de excellente agua, que pela sua bondade lhe chamam *Fonte da Prata*. He senhor d'esta quinta Francisco Ribeiro Fialho.

«A quinta das *Quebradas*, que ha poucos annos lhe mudou o nome o senhor d'ella, que he Belchior Ribeiro de Araujo, e se chama hoje a quinta de *Nossa Senhora da Conceição*, por elle mesmo haver edificado huma boa ermida da invocação da mesma Senhora.[1] Tem muitas vinhas, boas varzeas de pão, hum grande pomar de todo o genero de fructas e huma penha alta, que ao pé dá muita quantidade de agua, com que se rega uma grande horta que dá todo o genero de hortaliça e *bons meloens*. Para maior grandeza vai hum ribeiro d'agua pelo meio d'esta quinta.

—

«A quinta que está no logar dos *Vidaes*, termo d'esta villa, tem nobres casas e junto d'ellas hum moinho, e hum lagar d'azeite, muitos pomares e huma fonte de boa agua, e lhe passa pelo meio hum grande ribeiro, com que se fertilisão as terras que tem dos vallados adentro.

«A quinta de *Valverde* com boas casas, muitas vinhas e grandes olivaes, com muita creação de gados e grandes matos, huma boa fonte e um ribeiro d'agua que corre pelo meio d'esta quinta, de que he senhor Belchior Botelho de Sequeira.

«A quinta do *Paço*, que he a mais antiga...[2]

[1] Na freguezia de *Dous Portos*, concelho de Torres Vedras, ha tambem uma soberba quinta de *Nossa Senhora da Conceição*. Tem luxuosa capella, um palacete e varias officinas de lavoura, grandes vinhedos, etc. etc. Foi da nobilissima e opulenta casa *Lavradio*, mas hoje pertence a estranhos!...

[2] D'ella já se fez menção.

V. *Alvorinha*, *loc. cit.*

—

«Os lugares, que ha no termo d'esta villa, são os seguintes:

«O *Outeiro*, que tem 15 visinhos e huma fonte de boa agua; a *Ribeira* com 8 visinhos; os *Vidaes*, que he freguezia á parte e tem 36 visinhos;[1] os *Mosteiros*, que tem 15 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora dos Remedios*, huma fonte de boa agua e hum ribeiro que lhe corre ao pé; a *Trabalhia dos vinhos* com 12 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora da Esperança* e huma fonte de boa agua; o *Casal do Frade* com 16 visinhos, huma ermida de *Nossa Senhora da Gloria* e huma fonte de excellente agua; a *Malazia* com 27 moinhos e huma fonte; a *Feteira* com 7 moradares, huma ermida de *S. Pedro* e huma fonte: os *Carvalhos* com 5 visinhos; o *Zambujal* com 10 visinhos e uma ermida de *S. Sebastião*, e he abundante de boa agua; o *Casal do Gil* com 5 visinhos; — logo mais abaixo em huma ribeira está o lugar de *Val de Serrão* com 6 visinhos,—e a pouca distancia a *Larangeira*, que terá 13 visinhos.»

—

A transcripção é longa, mas interessante! O padre Carvalho teve bom informador.

Muitas das mencionadas quintas e povoações devem ter mudado os nomes. Aos filhos da localidade pedimos que nos esclareçam e mandem *rectificações* e *addições* para o supplemento, pois *noblesse oblige*—e cumpre-lhes velar *pro domo sua*.

O mesmo pedido fazemos aos habitantes de todas as outras localidades.

ZAMBUJAL — aldeia ou *monte* da parochia de *Villa Alva*, concelho e comarca de Cuba.

V. *Villa Alva*, tomo 11.º pag. 664, col. 2.ª

No dia 1 d'abril de 1886 foi julgado em

[1] V. *Vidaes*, *loc. cit.*

Cuba o hespanhol Thiago N. Bogalho, caldeireiro, morador na freguezia de *Selmes*, concelho da Vidigueira, o qual em 11 d'outubro de 1885 matou com 3 navalhadas um couteiro da herdade do *Zambujal*.

O reu negou sempre o crime; ninguem o vira commetter o assassinato, mas havia grandes indicios, taes eram:—uma altercação entre os dois uma hora antes na taberna de Ignacio Cabo; as declarações do ferido, que até o momento d'expirar apontou sempre como auctor o dicto hespanhol,—e as nodoas de sangue que se encontraram na jaqueta e navalha do réu, — sangue que os peritos, procedendo a uma analyse chimica, affirmaram ser humano.

A audiencia terminou ás 10 horas da noite, e a sentença condemnou o reu, attentas algumas attenuantes, em 6 annos de prisão cellular, seguidos de 12 de degredo, ou a 22 annos de degredo em alternativa.

A decisão do jury foi por unanimidade.

Como curioso specimen dos appellidos que ali se usam, direi que entre jurados e testemunhas figuraram Zorrinhos, Chibo, Bogão, Borrelfo, Lula, Estrompa, Couqueiro, Taquenho, Melgaz, Marranito, Pirranquinho, Capirra, Torrado, Charelha, Machaquim, Farricho e quejandos, cuja nomenclatura parece fazer do Alemtejo uma possessão gallega.

Com vista ao sr. Leite Vasconcellos, auctor do interessante opusculo *Dialeta Mirandez* e d'outros congeneres.

ZAMBUJAL — freguezia do concelho de Condeixa a Nova, comarca de Penella, districto e diocese de Coimbra.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1708 era vigairaria e contava 200 fogos.

Em 1768 era priorado da apresentação do convento das religiosas agostinhas de Santa Anna de Coimbra;—rendia 300$000 réis—e contava 197 fogos.

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 188 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 219 fogos e 895 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 242 fogos e 947 habitantes—e hoje deve ter 250 fogos e 1:100 habitantes.

Priorado.

Comprehende as aldeias seguintes:—*Zambujal*, séde da parochia,—Fonte Coberta, Povoa de Pegas e Serra de Janeannes (João Annes). A 1.ª tem 130 fogos; a 2.ª 46; a 3.ª 25 e a 4.ª 49 — e todas distam cerca de 2 kilometros da aldeia do Zambujal, que demora na margem direita d'um ribeiro confluente do Mondego, e dista 4 kil. da villa do Rabaçal, antiga séde do concelho, para N.;—8 da villa de Penella, séde da comarca, para N. O.; 11 da villa de Condeixa Nova, séde do concelho, para S; 20 da estação de Soure na linha ferrea do Norte, para E.; 22 da cidade de Coimbra pela estrada a macadam, para S. — e 53 pela linha ferrea do Norte;—170 do Porto—e 206 de Lisboa.

—

Freguezias limitrophes:—Rabaçal, Furadouro, S. Miguel de Penella e Podentes, séde do julgado a que pertence esta do Zambujal.

Tem uma estrada a macadam que passa a 1 kil. do Zambujal. É a de Coimbra a Thomar por Condeixa, Rabaçal e Ancião; e d'esta, a 3 kil. do Zambujal, segue outra para o Espinhal.

Banha esta freguezia um ribeiro que nasce na de Pombalinho, concelho de Soure; atravessa as do Rabaçal, Zambujal, Alquibedeque, Belido, Figueiró do Campo e outras; recebe na m. d. um ribeiro que vem de Condeixa—e desagua na m. e. do Mondego 3 kil. a montante da foz do rio Soure, tendo de curso total cerca de 32 kilometros.

Templos:

1.º—Egreja matriz, pequena e singela. Tem torre com relogio e 3 sinos—e foi reformada a egreja em 1783.

Era uma simples capella e foi arvorada em matriz no anno de 1528, data da creação d'esta freguezia.

Nada offerece digno de menção; as suas alfaias são poucas e pobres; — tem apenas uma confraria,—a do Santissimo, — que se sustenta de esmolas, d'algumas inscripções e dinheiro mutuado—e faz todos os annos a festa do Santissimo Sacramento.

Ha tambem na egreja festa annual a *Nossa Senhora das Dores.*

2.º—*Capella de Santa Ignez*, na aldeia da Fonte Coberta.

3.º—*Capella de Santa Christina*, na aldeia de Povoa de Pegas.

4.º *Capella de Nossa Senhora da Expectação*, na aldeia da Serra de Janeannes.

Todas estas 3 capellas estão abertas ao culto e teem festa annual, feita por esmolas dos devotos.

—

Ha n'esta freguezia, na povoação do Zambujal, um edificio brazonado, que foi do capitão mor Florencio Victorino Cardoso d'Albergaria. É hoje do seu sobrinho Florencio Cardoso Amado d'Albergaria, residente em Figueiró do Campo, concelho de Soure.

A casa da residencia parochial está em ruinas e não tem cerca, mas tem um quintal a pequena distancia.

É parocho (prior) actual d'esta freguezia o infeliz dr. Jeronymo Henriques Dias d'Azevedo, natural de Condeixa, onde nasceu em março de 1839, sendo filho legitimo de Antonio Pedro Henriques de Azevedo, bacharel formado em direito, e de D. Maria da Conceição Ribeiro.

Collou-se em 8 de novembro de 1875, era bastante illustrado, bom orador, excellente pessoa e muito estimado pelos seus parochianos.

No dia 6 de julho de 1884 foi prégar em uma festividade na egreja de Podentes; em seguida partiu para Condeixa, onde assistiu a uma reunião politica, na qual fallou e tanto se maguou e exaltou, que enlouqueceu e não mais pode exercer o seu ministerio!...

Deu entrada no hospital de alienados de *Rilhafoles*, em Lisboa, a 11 d'agosto de 1884 e ali se conserva como pensionista, completamente inutilisado.

A requerimento do ministerio publico foi julgado interdicto por sentença do juiz de direito de Penella com data de 8 de julho de 1885 e confirmada pela relação do Porto em 20 de novembro do dito anno.

Por decreto de 3 dezembro do mesmo anno foi-lhe dado o subsidio annual de 50$000 réis em conformidade com o art. 14 da lei de 20 de julho de 1839 e art. 3.º da de 8 de novembro de 1841.

O nobre conde de Podentes — Jeronymo Dias d'Azevedo — natural da freguezia de Podentes, concelho de Penella, era segundo primo, padrinho e protector d'aquelle meu infeliz collega.

—

O clima d'esta parochia é muito saudavel pelo que n'ella se encontram sempre muitas pessoas de 90 a 100 annos — e não ha muito aqui falleceu um homem de 105 annos de idade.

São tambem muito religiosos e bem morigerados os habitantes d'esta freguezia.

Producções principaes:—trigo, que exporta para os mercados de Condeixa a Nova, Espinhal e Penella; azeite para a cidade de Coimbra—e vinho para Ancião, Penella, Espinhal e Condeixa.

Tambem produz bastante fructa, hortaliça, hervagens e algum milho.

Na parochia não ha feiras nem mercados.

Tem aula regia de instrucção primaria para o sexo masculino.

Emolumentos parochiaes: — de cada baptisado uma quarta de trigo, uma gallinha e 240 réis em dinheiro.

Dos casamentos:— um alqueire de trigo, uma gallinha e 750 réis em dinheiro.

Obitos:—de adultos 4 1/2 alqueires de trigo;—de menores um salamim?...

De cada missa cantada 600 réis.

—

Esta freguezia pertenceu ao concelho do Rabaçal, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, pelo qual passou para o concelho de Soure,—e depois pelo decreto de 24 d'outubro de 1855 passou para o de Condeixa a Nova.

É isto o que se lê na *Chorographia Moderna*, mas o sr. dr. Secco na sua *Memoria* do districto de Coimbra, publicada em 1853, fallando do concelho do Rabaçal, diz que foi extincto por decreto de 6 de março de

1852:—que das 5 freguezias que o compunham passaram 3 para o de Soure:—as de Pombalinho e Degracias, — e 3 para o de Condeixa:—as de Alvorge, Rabaçal e *Zambujal*; mas que pelo decreto de 27 de julho de 1853 as freguezias do Alvorge e Rabaçal foram transferidas para o concelho de Penella, ficando sómente a do *Zambujal* unida ao de Condeixa.

V. *Rabaçal*, villa, tomo 8.º pag. 39, col 2.ª

—

No dia 13 de novembro de 1886 foi encontrada morta em um poço, junto da aldeia do Zambujal, uma mulher, por nome Maria da Piedade, solteira, filha de José Quinta. A auctoridade procedeu, mas não sabemos o que apurou.

No dia 14 de março de 1879 descarregou uma fortissima trovoada no logar da Serra de Janneanes, d'esta freguezia do Zambujal, e na freguezia de Condeixa a Velha, sua limitrophe.

A saraiva, que acompanhou a trovoada, chegava a ser do tamanho de ovos de gallinha, e houve sitios em que se elevou a um metro de altura.

Ficaram completamente destruidos n'aquellas localidades os favaes, as hortaliças, a herva para os gados e a rama das oliveiras e d'outras arvores. Durou perto de duas horas e meia a trovoada.

Foi um grande prejuizo para aquelles povos.

A trovoada foi medonha, mas felizmente não maton pessoa alguma nem passou alem dos pontos indicados.

Nasceu n'esta freguezia[1] Fr. Simão do Loreto, homem notavel pela sua illustração e virtudes. Foi padre mestre jubilado e vigario geral da congregação dos frades *grillos* ou *agostinhos descalços*.

Professou no seu convento do Monte Olivete, ou do *Grillo*, cabeça da congregação, em Lisboa, no dia 1 d'agosto de 1737.

[1] Suppomos que nasceu n'esta, posto que o *Catalogo* que temos prezente, copiado por nós, diz simplesmente *Zambujal*.

A LENDA DE MELLO E DO JERUMELLO

Nos relatorios da *Expedição Scientifica á Serra da Estrella em 1881*,[1] na secção de *Ethnographia*, cujo relatorio é devido á penna do sr. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, presidente da dicta secção, professor da Escola do exercito e ao tempo capitão de engenheiros, se encontram muitas *lendas* da Serra da Estrella, uma das quaes prende com esta freguezia do *Zambujal*.

E a seguinte.[2]

«Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica.[3] É crença popular que dois ferreiros, dizem que irmãos, foram estabelecer as suas forjas cada um em seu monte, mas que possuindo ambos um só martello d'elle se serviam alternadamente.

«Os montes na sua parte superior distam uns dois kilometros um do outro; e quando o *Mello* (assim se chamava um dos ferreiros) precisava do martello, chegava á porta da forja e gritava para o *Jerumello* (assim se chamava o outro ferreiro) para este lh'o ati-

[1] Nós tambem tivemos a honra de acompanhar a dicta *Expedição* como *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*. Este ultimo jornal publicou uma longa serie de cartas nossas enviadas do acampamento.

Até hoje (1889) estão publicados apenas 5 relatorios das secções de *Ethnographia, Archeologia, Medicina, Botanica e Meteorologia*. A collecção é rara, mas por fortuna tenho-a completa.

Uma das vantagens da *Expedição* foi saber-se que a serra da *Estrella* era muito propria para o tratamento da tysica, pelo que já se fez ali um *posto sanitario*, onde estão em tratamento 40 tuberculosos.

V. *Zezere*, rio da Beira Baixa.

[2] *Relatorio de Ethnographia*, pag. 121.

[3] Estes montes do concelho de Penella prendem com a serra da Louzã e são dependencias da serra da Estrella.

P. A. Ferreira.

rar. Isto repetia-se todas as vezes que trabalhavam.

«Os dois ferreiros eram gigantes, porque só assim poderiam ter força para arremeçar o martello a tão grande distancia.

«Uma vez zangou-se o *Jerumello* com o companheiro e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que desencavando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do monte *Mello* e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo que era de madeira de *zambujo* foi espetar-se na terra a mais de 2 kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje *Zambujal*.

«No cimo do monte Mello veem-se ainda agora umas ruinas, que são da forja de um dos ferreiros.»

—

A dicta lenda, como o proprio sr. Marrecas Ferreira declara, foi extrahida da interessante publicação *Positivismo* (tomo II, pag. 451) do sr. Consiglieri Pedroso, a qual lhe foi communicada pelo sr. José Mascarenhas Relvas.

Nós não conhecemos a localidade, mas, consultando o sr. Delfim José d'Oliveira, distincto escriptor publico filho de *Penella* e por consequencia visinho do *Rabaçal* e *Zambujal*, foi s. ex.ª expressamente visitar os montes da *lenda* e mandou-nos a informação seguinte:

«A leste do Rabaçal cerca de 2 kilometros, junto ao logar da Fartosa, ha um monte isolado, alto e de fórma quasi conica, a que chamam *Castello*, e parece ser o mesmo que Alexandre Herculano denomina *Germanello*.[1]

«O monte é impinado e coroado com as ruinas d'um antigo castello, que teria de comprimento leste-oeste 33 metros por 20 de largo e duas portas, uma ao nascente, outra ao poente. Os muros mostram ter sido feitos com bastante cal, mas estão demolidos até á platafórma e d'elles só resta a base, que ainda assim tem do lado exterior 2 a 3 metros de altura e 2 de espessura.

«Tem pelo nascente, a 4 kilometros, Penella; pelo norte, a 3 kilometros, a aldeia do *Zambujal*—e pelo sul, a igual distancia, o monte *Jerumello*.

«Ao fundo da encosta occidental do monte do *Castello* ha varias fontes d'agua ferrea, que os habitantes da Fartosa, aldeia visinha, aproveitam para uso domestico.

—

«O *Jerumello* é escalavrado e ingreme, de configuração muito semelhante á do monte do *Castello* e pertence á freguezia do *Alvorge*, concelho de Ancião. Não apresenta signaes de construcção alguma, mas na aldeia de *Thomazinhos* ha pessoas que se lembram de ver no cume do monte uma cisterna e um sabugueiro com enorme tronco. Alem d'isso em volta do monte ha differentes socalcos ou taboleiros, com certeza feitos intencionalmente, cujas rampas mais ou menos aprumadas, de 8 metros d'altura e cobertas de relva, difficultam a subida e revelam ter sido obras de defeza.

«Os dois montes não são dependencia d'alguma cordilheira. Dominam o extenso campo que lhes fica ao sul, oeste e norte, guarnecido pelas povoações seguintes:—Alvorge,

---

[1] «A fortaleza de Germanello foi construida tambem por estes tempos (1141?) para impedir os insultos dos inimigos, que, avançando da provincia d'Al-Kassr pelos territorios agrestes e montuosos ao noroeste do Tejo, vinham ousadamente, seguindo o curso do Doessa, ou por entre Pombal e Penella, talar os campos de Ateanha e do Alvorge.» *Hist. de Port.* tomo 1.º pag. 340.

—

Nós suppomos que a *fortaleza do Germanello* estava no monte que hoje se denomina *Jerumello*. Desculpe o nosso illustrado informador.

P. A. Ferreira.

Ateanha, Junqneira, Tomazinhos, Alcalamouque, Rabaçal, Fartosa, Fonte Coberta e *Zambujal.*

«Nas povoações visinhas dos taes montes conta-se a dicta *lenda*, mas desconhecem o nome de *Mello*, que n'ella se dá ao monte do *Castello.*»

Do exposto se vê que a lenda vigora na localidade, é porem muito inverosimil dizer-se que o gigante do monte Mello, atirando com o martello contra o monte de Jerumello, distante cerca de 3 kil. para o *sul*, o cabo fosse bater no Zambujal, distante cerca de 3 kil. para o *norte*, seguindo por consequencia um rumo *diametralmente opposto*?!..

—

Ao sr. Delfim José d'Oliveira, illustrado filho de Penella e visinho d'esta parochia do *Zambujal*, agradeço os apontamentos que me enviou e peço licença para consignar aqui alguns traços da sua biographia:

Nasceu na villa de Penella a 15 de fevereiro de 1821 e foram seus paes José Joaquim d'Oliveira e Rosa Margarida da Silva.

Alistou-se voluntariamente no batalhão de infanteria n.º 7, em Lisboa, a 24 de setembro de 1838 e foi despachado alferes para Moçambique em maio de 1842; tenente a 8 de maio de 1845; capitão a 12 d'agosto de 1848; major sem prejuiso d'antiguidade *em attenção aos serviços extraordinarios que prestou em differentes commissões que desempenhou com zelo e intelligencia,*—decreto de 10 de maio de 1861.

Reformou-se no posto de tenente coronel em abril de 1868 e regressou á sua casa de Penella, onde vive no estado de viuvo e s. g. entregue aos seus labores litterarios, dos quaes adiante fallaremos.

—

Durante o tempo que militou na Africa prestou ali relevantes serviços.

Foi ajudante d'ordens do governador geral de Moçambique desde 18 d'abril de 1844 até 31 de maio de 1847; ajudante do batalhão n.º 1 por nomeação de 26 de junho do dicto anno; demittido do serviço, como requereu, por portaria do governador geral de 13 de julho do mesmo anno; julgada nulla a demissão por portaria do ministerio da marinha e ultramar de 21 de dezembro de 1849; nomeado auditor da gente de guerra em 30 de outubro de 1850; commandante milltar da villa de Tete em 25 de outubro de 1855.

Em 31 de março de 1858 passou a servir na provincia de Cabo Verde e ali exerceu 3 commandos:—da ilha de S. Vicente; do batalhão d'artilheria—e da ilha de S. Thiago.

Recolhendo a Lisboa por ordem do ministerio, foi nomeado commandante da *Colonia militar de Tete*, então organisada no quartel d'Alcantara, — em 18 de junho de 1859—e partiu com a dicta *colonia* para *Moçambique* a 2 de julho do mesmo anno.

Foi nomeado commandante do batalhão de caçadores n.º 2, organisado na Zambezia, em 29 d'agosto de 1860—e governador de Sofalla em 20 de junho de 1861.

Partiu para Zamzibar em commissão de serviço a 17 d'outubro do mesmo anno de 1861 e regressou a 15 de janeiro de 1862, sendo nomeado commandante do batalhão d'infanteria n.º 1 em 4 de fevereiro do mesmo anno—e louvado na *Ordem á força armada* de 30 de julho, *pela boa apparencia militar e luzido aceio com que o batalhão n.º 1 se apresentou em parada no dia 17, por occasião da acclamação de S. M. el-rei D. Luiz I e pela disciplina do mesmo batalhão.*

—

Em 15 de dezembro de 1862 foi agraciado com a commenda da ordem militar de S. Bento d'Aviz—*em attenção aos bons serviços que tem prestado no desempenho de differentes commissões,*—diz o decreto;—e em 15 de dezembro de 1863 foi nomeado governador do districto de Tete *em attenção ás qualidades e mais circumstancias que concorrem na sua pessoa,* — diz tambem o decreto. Por *pleno poder*, expedido pela secretaria d'estado dos negocios estrangeiros em 3 de maio de 1864, foi nomeado *Plenipotenciario* á republica de *Transwaal—Boers,*—e man-

dado louvar em officio do secretario geral de 20 de março de 1865 pelo bom desempenho de tão melindrosa missão,—tendo s. ex.ª a *maior satisfação em ver não só que foram fielmente cumpridas as suas ordens, mas tambem que o relatorio está organisado com a discripção e habilidade que o distinguem* —diz o mencionado officio.

Foi transferido para o governo do districto de *Quelimane* por conveniencia do serviço,—*em attenção ao zelo, probidade e proficiencia que se dão na sua pessoa*...—portaria do governador geral de 5 d'abril de 1865—e, em virtude da auctorisação concedida em officio de 6 de maio de 1867, fez entrega d'aquelle governo em 31 do dicto mez e anno, deixando ali as mais vivas saudades, pois embellesou, arborisou e transformou completamente a villa de Quelimane, abrindo novas ruas e fazendo grandes melhoramentos no seu porto, etc. etc. como provam documentos honrosissimos que temos sobre a nossa mesa de estudo.

—

Fatigado e arruinado com tanto serviço em paragens tão inhospitas, pediu e obteve licença para regressar á metropole, sendo por essa occasião louvado pela *intelligencia, zelo e dedicação com que se houve no desempenho das suas funcções como governador de Tete e Quelimane e pelos valiosos serviços prestados áquellas villas, os quaes opportunamente serão levados á presença de Sua Magestade.*

Portaria do governador geral de 14 de junho de 1867.

Do exposto se vê que o nosso biographado é um cidadão benemerito. Alem d'isso é um cavalheiro muito obsequiador, muito tractavel e muito illustrado.

Em 1884 publicou em Lisboa na *Typ. da Casa Minerva,*—rua Nova da Palma, 136 e 138, — um formoso livro de 216 pag. 8.º — *Noticias de Penella* com 4 gravuras representando as armas da villa e o seu castello, visto do lado sul;—depois, em 1886, publicou um *Additamento* de 148 pág. com relação ás mesmas *Noticias de Penella*—e já escreveu e tem no prelo novo *Additamento*, o que prova que o sr. tenente coronel e commendador Delfim José d'Oliveira ama profundamente a sua terra natal, como bom filho.

Terminaremos dizendo que s. ex.ª é tambem socio da *Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes.*

ZAMBUJAL—freguezia do concelho e comarca de Redondo, districto e arcebispado d'Evora, provincia do Alemtejo.

Orago—S. Bento. Priorado.

Fogos 70;—hobitantes 288.

Em 1768, segundo se lê no *Port. S. Prof.* esta parochia era curato da apresentação dos arcebispos d'Evora; rendia para o cura 130 alqueires de trigo e 49 de cevada — e contava 53 fogos.

Em 1852, segundo diz o *Flaviense*, esta parochia era do concelho de Redondo, comarca de Monsaraz—e contava 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 59 fogos e 372 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 58 fogos e 351 habitantes.

É pouco populosa, mas o arcebispado de Evora, tem 27 freguezias menos populosas ainda — e 49 que não contam 100 fogos. N'este ponto só o bispado de Bragança está ieferior ao d'Evora, pois no bispado de Bragança ha 134 freguezias, cuja população é inferior a 100 fogos—e nenhum dos nossos bispados conta relativamente freguezias tão populosas, como o do Algarve. Tem apenas uma freguezia inferior a 100 fogos; outra de 100 a 200--e 8 de 200 a 300 fogos. As restantes são todas mais populosas, sendo a mais populosa entre todas a de Loulé, pois conta cerca de 3:400 fogos e 15:000 habitantes.

É hoje a villa mais populosa de Portugal —e mais populosa do que todas as nossas cidades, exceptuando Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Setubal e Evora.

Cumpre pois aos louletanos pugnarem pela elevação d'aquella grande villa á cathegoria de cidade.

Com vista aos habitantes da formosa villa de Loulé.

Prosigamos.

—

Esta pobre freguezia do Zambujal não tem aldeias ou povoações compactas, mas apenas alguns pequenos montes dispersos pelas herdades seguintes:—Covas, Picarrel, Godinha de Baixo, Godinha de Cima, Centros de Durão, Pinheiro, Casas de Baixo, Casas de Cima, Fonte da Cal, Viegas, Atalho, Amendoeira, Hospital, Courellas, S. Bento, Alamo, Carapetal, Quinta do Picarrel, Horta das Couves e *Lês*?...

As melhores herdades são as duas primeiras. A das *Covas* pertence hoje a Flamiano José Lopes Ferreira dos Anjos, de Lisboa;—a do *Picarrel* pertence a Domingos Antonio Fallé Ramalho, da villa de Redondo.

A egreja matriz está isolada e demora entre dois regatos que vem da serra d'*Ossa* e formam a ribeira de *S. Bento* ou da *Pedra*, que banha esta parochia e desagua na ribeira de *Alcrovisca*, a distancia de 4 kilometros, a qual por seu turno, depois de unida a outras, desagua na de *Pardiella*, confluente do rio *Degebe*, que vae ter ao Guadiana.

V. *Degebe*, tomo 2.º pag. 466, col. 1.ª

A egreja de S. Bento dista da villa de Redondo 6 kil. para O. N. O. e 30 d'Evora para N. E.

Parochias limitrophes: — Redondo a E.; Adaval a S.; Freixo a O. e Monte Virgem a N.

—

Atravessam esta freguezia duas estradas a macadam:—uma real, n.º 48— A —, d'Evora para a villa do Redondo;—outra municipal, do Redondo para a estação de *Azaruja* ou *Torre da Gadanha*, na linha ferrea do Sul,—ramal d'Evora a Estremoz.

Templos:—a egreja matriz e uma capella publica de S. Gonçalo no *monte* (povoação) do Picarrel.

Ambos os templos são simples.

A egreja foi reedificada em 1882 e n'ella se faz no 3.º domingo d'agosto uma festa a Santo Antonio com grande romagem, a 1.ª da freguezia.

Pontes:—uma nova de pedra sobre a mencionada ribeira de S. Bento na estrada real n.º 68—A.

Foi feita em 1884.

Moinhos: — apenas tem a parochia 1 de vento na herdade da *Fonte da Cal*.

Producções dominantes: — trigo, cevada, centeio e bolota.

Cria bastante gado suino o tem abundancia de caça miuda.

Factos importantes: — uma tempestade que em outubro de 1861 pesou sobre esta freguezia e destroçou grande parte do arvoredo—azinho e oliveiras, principalmente nas herdades do Picarrel, Hospital e Carrapetal.

O clima é pouco saudavel. Ainda em 1884 a variola e o sarampo aqui mataram muitas creanças e adultos.

O chão d'esta parochia foi habitado desde tempos remotissimos. N'ella se encontram ainda claros restos de um dolmen, como diz o sr. Gabriel Pereira no seu interessante opusculo— *Dolmens ou Antas dos arredores d'Evora*, publicado em 1875, — pag. 4.

Tambem aqui se teem encontrado muitas moedas romanas em differentes datas e differentes sitios.

Esta parochia é priorado, mas de encommendação ou amovivel.

Não tem aula nem escola alguma, nem sequer de instrucção primaria elementar!...

Esta freguezia pertenceu á comarca (corregedoria e provedoria) d'Evora; depois passou para a de Monsaraz; em seguida passou para a de Reguengos até 1885, data em que passou para a do Redondo.

ZAMBUJAL,—quinta ou antes — herdade da freguezia de *Maratéca*, hoje extincta e unida á de Palmella.

V. *Marateca*, tomo 5.º, pag. 59, col. 2.ª

Demora a dicta herdade á beira de um braço do rio Sado, que a distancia de 15 kil. de Setubal toma a direcção N. indo encontrar as aguas da ribeira de Marateca junto da mesma herdade, sendo navegavel até ali com maré cheia por barcos de pequena lotação.

A dicta herdade dista de Setubal cerca de

30 kil. e occupa uma area de 2:800 hectares aproximadamente.

Confina ao norte com a estrada real, que de Setubal se dirige a Alcacer e á herdade de Maratéca;—ao sul com o mar da Sacholа;—ao nascente com as herdades do Pinheiro e de Palma—e ao poente com a ribeira de Maratéca e braço do Sado.

Compõe-se de terrenos cerealiferos e varzeas para cultura de arroz, grandes pascigos para toda a qualidade de gado, bastantes montados de sobro, pinhal manso e bravo e alguns olivedos.

—

Até o terremoto de 1755 teve uma magnifica habitação com todas as dependencias e officinas de uma nobre vivenda campestre, avultando, não pela grandesa, mas pela sua luxuosa fabrica, uma linda capella, que ainda hoje ostenta bellos mosaicos de marmore d'Extremoz e azulejos hollandezes do sec. XVIII, representando a *Familia Sagrada*, invocação da capella, festejando-se ali S. José no domingo do Bom Pastor, em cumprimento da instituição vincular.

O terremoto de 1755 lançou as edificações quasi todas por terra. Algumas se restauraram posteriormente, mas com bastante singeleza. No primeiro quartel do ultimo seculo foi restaurada a capella e outra vez em 1829 pelo barão do Zambujal, dono d'esta vivenda, do qual adeante fallaremos, porem com o andar do tempo e com o descuido dos rendeiros tudo tornou a cair em ruinas, ficando a pobre capella desamparada e profanada, mas consta-nos que o actual possuidor tem a restauração em projecto.

—

Esta grande propriedade era da casa de Bragança; foi comprada ao duque D. Fernando I em 1454 por Gil Fernandes Sardinha e veiu a pertencer á sua bisneta D. Catharina da Cunha, que, não tendo successão, em 1609 instituiu n'ella um vinculo para sua sobrinha D. Luiza da Cunha, mulher de João Soares do Torneio, de quem procedeu sua neta D. Luiza Maria da Cunha, mulher de José de Cabedo, notavel genealogista e pelo seu casamento senhor do morgado do *Zambujal*, vindo por tanto Jorge de Cabedo, barão do Zambujal e bisneto d'aquelle, a ser o 7.º senhor do dicto morgado, cuja antiguidade já foi citada na *Corogr. Port.* em 1712, a qual, fallando da comarca de Setubal e das casas nobres d'aquella villa, hoje cidade, diz que uma das mais principaes era a dos *Cabedos*. Em seguida desenvolve muito amplamente a genealogia d'elles e a pag. 297 do tomo 3.º diz que a herdade do *Zambujal* era *muito antiga* n'esta familia e que andava n'ella havia mais de 250 annos.

Em 1667 foram unidas mais algumas sesmarias e pequenas herdades á do *Zambujal* e igualmente vinculadas, vindo a comprehender, como ainda hoje comprehende, as propriedades seguintes: — *Zambujal*, Moita do Gato, Estorrinheira, Valle do Cão, Torrinha, Valle de Soeiros, Arrabidas e Sacholinha.

—

Jorge de Cabedo de Vasconcellos Sardinha da Cunha Castello Branco do Couto, commendador e cavalleiro professo da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio no paço, 8.º senhor do morgado de Cabedo, 7.º do de Vasconcellos, 7.º do de Zambujal, 9.º do de Sardinhas, senhor do morgado da quinta da *Caridade* em Ourem, na qual succedeu pela extincção da linha primogenita dos *Coutos* em 1817 — e administrador de varias capellas, sendo uma de 1303 e outra de 1459, foi coronel do regimento de milicias, de Setubal desde 1812 até á convenção d'Evora Monte, superintendente das candellarias da comarca de Setubal e provedor da *Tabola* real e pescado da mesma villa, officio que andava em sua casa desde 1639.

Teve a mercê de barão do Zambujal em 27 de janeiro de 1826 e ao começar a lucta civil immediatamente posterior foi elevado a *visconde do Zambujal* pelo sr. D. Miguel cuja causa elle sempre desposou.

Ao terminar a dicta guerra foi-lhe expressamente prohibido usar do titulo de visconde, continuando por tanto a assignar-

se barão, até que falleceu em Lisboa a 26 de março de 1850, tendo nascido em Setubal a 18 d'abril de 1783.

—

O dicto barão casou em Setubal a 10 de novembro de 1808 com sua prima D. Anna Leonor d'Almada e Lencastre, filha dos 2.os viscondes de Villa Nova de Souto d'El-Rei, de quem teve varios filhos, entre elles José Bruno de Cabedo, primogenito. Casou e teve Jorge de Cabedo, actual herdeiro e representante do barão do Zambujal. Rezide em Setubal,—casado e com geração.

ZAMBUJEIRA ou **AZAMBUJEIRA.**

Tem a mesma etymologia de *Zambujal* ou ou *Azambujal*, indicada nos artigos proprios.

V. *Zambujal*, *Azambujal* e *Azambujeira* —villa e freguezia do concelho de Rio Maior.

ZAMBUJEIRA — aldeia da freguezia de Evora de Alcobaça, concelho d'este nome, districto de Leiria.

V. *Evora d'Alcobaça*, tomo 3.º pag. 121, col. 1.ª

Com o mesmo nome de *Zambujeira* temos no nosso paiz mais 3 aldeias, 6 casaes, 4 quintas e 3 herdades. Mencionaremos apenas as seguintes:

ZAMBUJEIRA ou **AZAMBUJEIRA**,— herdade da freguezia de *S. Braz dos Mattos*, concelho do Alandroal, districto de Evora.

V. *Mattos*, vol. 5.º pag. 134, col. 1.ª— artigo que o meu benemerito antecessor circumscreveu a *dose linhas*?!... Seja-nos licito pois dar-lhe algum desenvolvimento mais.

—

Esta freguezia demora na m. d. do Guadiana e dista 7 k. do Alandroal para E.

Comprehende a aldeia de *S. Braz dos Mattos*, séde da parochia, e as herdades da *Zambujeira* ou *Azambujeira*, Lourenço, Alcaide, Agudos, Assabueiros, Azinhal, Chacim, Charneca, Bugalho, Cortiço, Ferrarias, Galvões, Machados, Nateiras, Nave de Cima, Nave de Baixo, Mestre Fernando, Pão Mole, Boinhas, Palmeiras, Palheiros, Pobres, Pardainhos, Perdigõa, Pocinho, Pombal, Bouquinha, Sollas, Sande, Sameiras, Thomazes, Tredo, Vara e Potes; os *montes* (casaes) do Fidalgo, do Fôro, da Cebola, do Cubo, do Outeiro e Monte Novo;—as azenhas de Val Verde, Palheiros, Sacramento, Monte Novo e Azenha Grande; — os moinhos de Cubo, Abobada, Bispos, Rodete e Assabueiros; — as habitações isoladas—*Casinha de S. Braz* —e *Casa do Sacristão*, — e o sitio denominado *Mina do Bugalho*.

Pelo censo de 1878 esta freguezia contava 152 fogos e 640 habitantes.

Tem estado civilmente unida á de Juromenha.

A herdade da *Zambujeira* pertence ao sr. Carlos Eugenio d'Almeida, par do reino,— e ha n'ella uma mina de cobre, cuja exploração foi suspensa, pelo que o governo em abril do corrente anno de 1889 a declarou abandonada.

ZAMBUJEIRA (ou Azambujeira) dos *Carros*, — aldeia da freguezia da Roliça, concelho de Obidos.

V. *Roliça*, tomo 8.º pag. 223, col. 2.ª

Alem da povoação da *Roliça*, séde da parochia e que está na m. e. do rio Real, na estrada de Obidos para Torres Vedras, comprehende esta parochia as aldeias seguintes:—*Zambujeira* ou Azambujeira dos *Carros*, S. Mamede, Braçaes, Delgada, Columbeira, Casaes da Victoria, Casaes de Lamarosa, Casaes da Charneca e Pó;—os casaes do Braz, das Figueiras, do Norte, Boa Vista, Cabecinhos, Valle, Val da Cobra, Val do Grou, Eira, Abrêa, (talvez corrupção de *Verêa*) Forno, Vallinhas, Merca, Villaça, Outeiro, Aguas Quentes, Linhares, Lagôas e Fialho; — as quintas de Freiria, Paul, Carvalha, Balleiro e Fabrica — e o Moinho do Rolão.

Em 1712 Carvalho mencionou a povoação da Columbeira com uma ermida de *Santo Antonio*,—a do Pó com uma ermida de *Santa Catharina*,—a de Baraçaes (?) com uma ermida de *S. Miguel*,—Delgada com uma ermida de *S. Martinho* — e S. Mamede com uma ermida d'este santo.

—

N'esta parochia da *Roliça* foi derrotado o exercito francez de Labord pelo exercito anglo-luso no dia 17 d'agosto de 1808, cabendo aos soldados portuguezes a gloria de serem os primeiros a bater os jacobinos, tomando-lhes a forte posição do *Moinho da Zambujeira dos Carros*, defendida pela ala esquerda do exercito francez. Em seguida foram as hordas de Napoleão batidas tambem nas povoações da Roliça e Columbeira, —preludio da grande derrota que soffreram dias depois (a 22 d'agosto) no *Vimeiro* da Lourinhã.

V. *Roliça*, loc. cit. pag. 224, col. 2.ª — e *Vimeiro* da Lourinhã, tomo 12.º pag. 1:436, col. 2.ª e segg.

A povoação de *Zambujeira dos Carros* tem 80 fogos e 342 habitantes e demora em planicie.

Junto d'ella se feriu a batalha contra os francezes em 1808—e muito recentemente se feriram no mesmo campo outras *batalhas*—grandes desordens — entre os habitantes da dicta povoação e os da freguezia do *Reguengo Grande*, sua limitrophe, concelho da Lourinhã, comarca de Torres Vedras, districto de Lisboa.

V. *Reguengo Grande*, tomo 8.º pag. 115, col. 2.ª

As coisas passaram-se assim:

—

A freguezia do *Reguengo Grande* pertenceu antigamente ao concelho d'Obidos, e entre ella e a povoação de *Zambujeira dos Carros* ha uma charneca, onde os habitantes do Reguengo e da Zambujeira costumavam promiscuamente apascentar os seus gados, cortar lenha e cultivar alguns chãos.

Um bello dia os da Zambujeira lembraram-se de arrotear, semear e plantar uma grande porção da tal charneca, alongando-se até onde lhes approuve, por não haver na dicta charneca marcos que dividissem os dois concelhos da Lourinhã e Obidos.

Os do Reguengo oppozeram-se, dizendo que a charneca arroteada lhes pertencia; por seu turno os da Zambujeira diziam: *é nossa!* Uns semeavam outros destruiam. Resultado:— ameaças, odios, grandes rixas e grandes desordens, — muita pancadaria e muitos ferimentos, processos e prisões, transformando-se repetidas vezes a dicta charneca em verdadeiro campo de batalha!...

Em uma correspondencia de Leiria com data de 27 d'abril de 1886 lemos nós o seguinte.

«Noticias telegraphicas de Obidos dizem que os habitantes do Reguengo, concelho da Lourinhã, foram ao logar da Azambujeira, concelho de Obidos, e arrasaram searas de trigo e outras sementeiras. Os prejuizos são importantes. Os invasores maltrataram differentes pessoas com foices e armas de fogo.

Foram requisitadas forças militares.

Esta invasão selvagem é um episodio de uma rixa velha, que ha entre as duas povoações, por causa da demarcação de limites dos termos de uma e outra. Ha mezes houve outra invasão semelhante, com grande dose de pancadaria de um e outro lado.

O governo mandou marchar forças de infanteria e cavallaria para o logar do conflicto, afim de restabelecer a ordem.»

Outra correspondencia do Cadaval com data de 3 de junho do mesmo anno de 1886, dizia:

«Mais de duzentos homens armados, do Regunego Grande, foram hoje destruir o resto das searas á charneca da Azambujeira.

Levaram quanto poderam aproveitar d'ellas, trigo, cevada, batatas, ervilhas, etc., e quando se retiraram dispararam mais de 40 tiros.

Assaltaram dois individuos da Azambujeira.

Pedimos ao sr. ministro do reino haja de dar providencias energicas.»

Effectivamente de novo marcharam para o local do conflicto forças de cavallaria e infanteria, que fizeram varias prisões, mas a tempestade não acabou, antes recrudesceu!...

As maiores desordens entre as duas freguezias tiveram logar no anno seguinte—em um dia solemne—*sexta feira santa*—desor-

dem que se repetiu posteriormente em outros dias d'aquelle anno e do seguinte.

Em 1887 soffreram os da Zambujeira preuisos de vulto!

Trigo, cevada, milho, batatas, hortaliça, vinhedos e pomares — tudo foi arrazado e destruido pelos do Reguengo.

Não bouve mortes, mas bastantes ferimentos e um chuveiro de balas trocadas entre os combatentes.

Foram processados 10 ou 12 individuos de cada um dos campos, rendendo os processos alguns mezes de cadeia, alem das custas.

Finalmente o governo em fins de agosto de 1888 ordenou aos governadores civis de Lisboa, a cujo districto pertence o Reguengo,—e de Leiria, a cujo districto pertence a Zambujeira, que fixassem os limites das duas parochias do *Reguengo* e da *Roliça*—e dos dois concelhos da *Lourinhã* e Obidos.

Assim o cumpriram. Depois de grandes contestações, lá metteram marcos e a bulha terminou até hoje (maio de 1889)—mas dizem-me da localidade que a rixa entre os dois povos é cada vez maior e promette novos desgostos.

Terminaremos dizendo que nas bulhas entre aquelles dois povos por vezes tomavam parte as duas freguezias a que pertencem e que são bastante populosas, pois a do Reguengo Grande pelo censo de 1878 conta 303 fogos e 1:221 habitantes—e a da Roliça 493 fogos e 2:323 almas?!...

ZAMBUJEIRO—aldeia da freguezia, villa, concelho e comarca da Louzã, districto e diocese de Coimbra.

V. *Louzan*, tomo 4.º pag. 469, col. 2.ª

Com o mesmo nome de *Zambujeiro* temos no nosso paiz mais 4 aldeias, 20 casaes e diversas quintas e herdades. Mencionaremos apenas as seguintes:

ZAMBUJEIRO—herdade da freguezia de *Ourega*, concelho, comarca e districto d'Evora, na provincia do Alemtejo.

Esta herdade pertenceu ás freiras do convento das Chagas de Villa Viçosa, que a emprasaram pelo fôro annual de 104$800 réis, fôro que o visconde de Guedes arrematou em 1876 pela quantia de 2:200$000 réis.

A dicta freguezia comprehende outras muitas herdades. Mencionaremos apenas as do *Outeiro*, Correia, Fonte Coberta e a quinta de Pombarinho, que foram do par do reino, grande capitalista e grande proprietario, José Maria Eugenio, de Lisboa, e hoje são da sua filha D. Gertrudes.

V. *Ourega*, tomo 6.º pag. 311, col. 2.ª e segg. — artigo muito interessante, devido á pena do meu benemerito antecessor.

ZAMBUJEIRO—herdade da freguezia, villa, concelho e comarca do Redondo, districto e arcebispado d'Evora.

V. *Redondo*, vol. 8.º pag. 85, col. 2.ª

Alem da villa, a mencionada freguezia do *Redondo* comprehende a povoação ou aldeia chamada *Foros da Fonte Secca*; os *montes* (casaes e herdades) do *Zambujeiro*, Padrão, Gaivota, Cabeça da Freira, Sernadinha, Santo Aleixo, Barrancos, Doutor, Sequinique, Tapada do Ignacio, Jeronymo Piteira, S. José, Capote, Gafanhas de João Curado, Freira, Forinho, Quebrada, Quebradinha, Torre, Capella, Calva, Zambujeirinho, Alamo, Vogada, Bico, Reimonda, Lamego, Novancha, Val Sobrados, Monte Branco, Val de Cepos, Brandoa, Calado, Monte da Ribeira, Monte da Silveira, Caladinho, Azinhalinho, Cabeça Gorda, Orvalha, Quebradinha. Carrascal e Valonguinho;—as quintas de Gama de Baixo, Gama de Cima, Nery, S. Pedro e Bom Successo;—as hortas de João Rosado, João Joaquim, José Vicente, Caramello, Ignacio, Monte, Barradas, Marques, Pereira, Fonte e João Pedro.

E' muito digno prior actual da villa do Redondo o rev. *Joaquim José Freire de Faria e Silva.*

Nasceu em 19 d'abril de 1847 no logar da Portella, freguezia de Nossa Senhora da Graça de *Arêas*, concelho de Ferreira do Zezere, e foram seus paes Diogo José Freire e D. Maria de Jesus Ribeiro.

E' 2.º sobrinho do rev. Diogo de Faria e Silva, conego e fabriqueiro da sé archiepiscopal d'Evora, de quem já fizemos men-

ção,[1] e foi tambem educado por elle em Evora, onde frequentou o lyceu, indo em seguida para Coimbra, onde cursou com distincção a faculdade de theologia.

Em 1869 foi nomeado professor de sciencias ecclesiasticas do seminario d'Evora— e em 1871 foi apresentado na matriz da villa do Redondo, pondo ali um coadjutor e ficando em Evora com a regencia da sua cadeira.

Em 1885 foi nomeado promotor do juizo ecclesiastico e mestre de ceremonias do prelado.

E' tambem desembargador da relação ecclesiastica d'Evora e examinador prosynodal, muito illustrado e de bons costumes.

ZAMBUGEIRO (Nossa Senhora do) — depois *Nossa Senhora das Candeias* — e hoje *Nossa Senhora da Assumpção*, padroeira da freguezia de Cadafaes, concelho de Alemquer.

V. *Cadafaes*, tomo 2.ª pag. 27, col. 1.ª e segg.—artigo tambem muito curioso e muito interessante, devido á pena do meu antecessor. É um extracto do que se lê a pag. 263—270 da monographia— *Alemquer e seu concelho*—escripta e publicada pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques em 1873.

O *Sant. Marian.* tomo 7.º pag. 247—254, fallando da *Senhora do Zambujeiro*, em resumo diz o seguinte:

Antes de haver egreja nos Cadafaes appareceu ali no tronco de um zambujeiro uma imagem da Virgem. Começou desde logo a obrar muitos prodigios; de todas as partes concorreram devotos e ali mesmo lhe erigiram um templo. Augmentando a concorrencia dos fieis, crearam uma feira no dia da romagem,—feira que durou poucos annos, porque, sendo muito numerosa e tomando grande espaço de terreno os gados, carros, povo e tendeiros, os donos dos predios contiguos, vendo-os muito devassados, trataram de remover a feira para outro sitio. Foi para a villa da Azambuja e como ali por essa occasião (1403, no reinado de D. João I) apparecesse a imagem de Nossa Senhora das Virtudes, os devotos lhe erigiram um templo que no reinado D. Affonso V se transformou em convento de frades Menores da provincia de Portugal, e para ali *fugiu*, ou foi levada furtivamente, a imagem da Senhora do Zambujeiro. Os habitantes de Cadafaes logo a reclamaram; oppozeram-se os religiosos; seguiu-se letigio; decairam os religiosos, pelo que a Senhora voltou para os Cadafaes, mas em breve tornou a apparecer na Azambuja.

—

Em vista de facto tão estranho os de Cadafaes mandaram fazer outra imagem da Virgem para a sua egreja e lhe deram o titulo da *Assumpção*, depois *Senhora das Candeias*, por costumarem festejal-a no dia da Purificação—2 de fevereiro. Tornou-se muito querida dos povos da localidade, pelo que arvoraram a dicta capella em matriz de uma nova erecta, desmembrada da freguezia de S. Pedro d'Alemquer. Assim se creou a freguezia de Cadafaes.

Em 1721 ainda no adro da nova matriz pompeava o zambujeiro, em cujo tronco havia apparecido a 1.ª imagem, mas já não existe. Caducou e desappareceu no meiado d'este seculo.

ZAÕES (S. Salvador de) — aldeia ou freguezia de Portugal na idade media, mas que se extinguiu ou mudou de nome.

«Em *S. Salvador de Zaões* duas leiras reguengas, das quaes dão annualmente a el-rei, de cada uma, ou um almude de pão por *censuria* ou ração de trigo.»

Hist. de Port. de Alex. Hercul. tomo 3.º pag. 359.

ZÃOS—(Santa Maria de)— aldeia ou freguezia de Portugal, que tambem se extinguiu ou mudou de nome. D'ella se fez menção no sec. XIII.

«Em *Santa Maria de Zãos* ha uma casa reguenga e dá-a o mordomo a quem lhe parece pela sua offreção.»

L. 5 d'Inq. de D. Diniz, f. 36.

ZÁPETE—*truque* ou *truco*—jogo de car-

---

[1] V. *Vista Alegre*, quinta, n'este vol. pag. 1926, col. 2.ª

tas, outr'ora muito vulgar no nosso paiz. Joga-se com 3 cartas—e uma d'ellas, o 4 de paus, denomina-se *zápete*. Vence o *zápete* a *bicha*, o *bichão* e tudo o mais, como diz *Bluteau*.

Moraes (6.ª edição) aponta outros jogos denominados *truque*, sem serem os de cartas.

Uma anecdota:

Em Lamego, no tempo do bispo D. João Binet Pineio, (1786—1827) ordenou-se um estudante da nobre familia *Amados* de Paredes da Beira, muito apaixonado pelo tal joguinho, ou pelo *chincalhão*, que, segundo me informam tem phrases proprias, taes como estas: — *truco*, *retruco*, *vale nove*, *jogue*, *que é cacha*.

Binet Pincio, prelado benemerito e *muito energico*, mas de bom humor, tendo perfeito conhecimento da prenda do tal estudante, quando este requeria admissão a ordens, escreveu como despacho simplesmente:

Truco.

O estudante ficou attonito: comprehendeu o alcance da phrase; convenceu-se de que o bispo estava indisposto contra elle e não lhe dava as ordens; mas picado nos seus brios de rapaz e lembrando-se de que tinha recursos proprios para viver com decencia,—em seguida ao *truco* do prelado, escreveu:

Retruco. Assignou e tornou a mandar-lhe o requerimento.

O prelado ficou surprehendido e, querendo ver até onde chegava a coragem do mocinho, accrescentou:

Valle nove.

O estudante, julgando-se perdido, rapidamente escreveu:

Jogue, que é cacha.

Assignou e tornou a mandar-lhe o requerimento.

O prelado gostou da coragem do mocinho e, estando em maré de bom humor, poz termo á brincadeira muito generosamente, escrevendo:

Examine-se com o Padre F.—e ordenou-o de bom grado.

Isto me contou o fallecido sr. Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel Botelho, distincto cavalheiro de Riodades, visinho e contemporaneo do tal estudante.

V. *Riodades*, tomo 8.º pag. 191, col. 2.ª—e *Villa Verde*, tomo 11.º pag. 1:087 e segg., onde se faz menção do dicto sr. Alexandre de Azevedo.

ZAQUITARIO ou **SAQUITARIO**,—*Saquetario* ou *Saquiteiro*, ou *Çaquiteiro* — o que tinha a seu cargo o pão cosido para a mesa do rei, pelo que se denominou tambem *Saquitaria* o logar ou despensa em que o dito pão se guardava.

Inquir. d'El-Rei D. Aff. III.

ZARCO—e **ZARGO** — port. ant. — o que tem olhos azues, ou o que é vesgo e torto da vista.

Zarco foi tambem appellido muito nobre. Assim se appellidava o descobridor e 1.º capitão da ilha da Madeira—João Gonçalves *Zarco*—progenitor dos condes da Calheta e do grande patriota Simão Gonçalves da Camara

V. *Mattosinhos*, tomo 5.º pag. 142, col 2.ª

ZARELO—port. ant.

Parece que foi synonymo de *bragal*, como diz Viterbo.

No foral que D. Sancho II deu a *Barqueiros*, concelho de Mesãofrio, no anno de 1223 se diz que entre as mais direituras pagariam— *1 zarelum de VI cubitis et non amplius*...—um *zarelo* de seis covados e não mais.

Franklin diz que este *foral antigo* de Barqueiros foi dado em Coimbra a 13 de setembro de 1123; — Viterbo assigna-lhe a data de 1223 nos artigos *Teiga* e *Zarello*;—e o meu antecessor, guiado por Franklin, disse que esta villa de Barqueiros teve um foral de 1123, dado pela rainha D. Thereza, e que o de 1223 foi provavelmente 2.º foral velho...[1]

Pela nossa parte diremos:

1.º—que na *Memoria* de Franklin ha erro de data;

2.º—que a mencionada villa teve apenas

---

[1] V. *Barqueiros*, tomo 2.ª pag. 337, col. 1.ª—e *Teiga*, vol. 9.º pag. 522, col. 2.ª

um foral velho, dado por D. Sancho II em 1223;

3.º—que o dito foral não indica a terra em que foi dado—nem o dia do mez. Apenas diz:... *Facta carta mense Septembris. Era M.ª CC.ª LX.ª I.ª*

«Foi feito este foral no mez de setembro da era 1261 (anno 1223).

V. *Portug. Monum.* tit. *Foralia*, pag. 597, onde se encontra o dicto foral na sua integra com differentes variantes,—edição nitida e muito conscienciosa.

ZARRA—port. ant. jarra, almotolia.

«Compraram-se duas *zarras* para o azeite.» Doc. de Grijó.

ZAVA (quinta de) — *aldeia* da freguezia, villa, concelho e comarca do Mogadouro, districto de Bragança.

V. *Mogadouro*, tomo 5.º pag. 353, col. 2.ª e seguintes,—e *Villar do Rei*, tomo 11.º pag. 1:275, col. 1.ª

Abrimos este topico por duas rasões:—1.ª porque *Zava* é povoação muito antiga e muito digna de menção; — 2.ª porque, embora tarde, queremos indicar e *caracterisar bem* um facto curioso, privativo d'esta região transmontana.

Nas provincias do Minho, Douro, Beira, Estremadura e no districto de Villa Real, que forma a parte O. da provincia de Traz os Montes, as differentes povoações que não são villas nem cidades e que constituem as differentes freguezias, chamam-se *aldeias*, *logares* ou *povos*;—na provincia do Alemtejo denominam-se *montes*; no Algarve *povos*, *logares*, *hortas* e *montes*—e no districto de Bragança, nomeadamente na parte leste, — nos concelhos de *Vimioso*, *Miranda*, *Mogadouro*, *Bragança* e *Moncorvo*,—denominam-se *quintas*, por vezes povoações grandes, de 50 fogos e *mais*,—povoações compactas, algumas das quaes outr'ora foram *freguezias* e ainda hoje teem capella, pia baptismal e Santissimo permanente?!...

—

Só no districto de Bragança o termo *quinta* se emprega em tal accepção, pois nas provincias do Minho, Douro, Beira e Estremadura significa uma propriedade rustica maior ou menor, com officinas de lavoura, casas para habitação dos feitores, jornaleiros e caseiros—e por vezes casas nobres, algumas *brazonadas*, para habitação dos seus donos.[1]

No Alemtejo e em parte da Estremadura as propriedades d'este genero denominam-se *herdades*; — *quintas* as propriedades mais pequenas, que teem chãos regadios; — *hortas* e *hortejos* os pomares e chãos regadios mais mimosos, ordinariamente murados.

O Algarve tem de tudo: *hortas*, *herdades*, *quintas* e *montes*, quasi na mesma accepção em que estes termos se empregam no Alemtejo e sul da Estremadura, sendo porem no Algarve as *hortas* quasi todas habitadas, em quanto quo no Alemtejo quasi todas são desabitadas.[2]

---

[1] Estas quintas tambem outr'ora se denominaram *villas*, *villares*, *villarinhos e granjas*, muitas das quaes foram nucleo das parochias e villas actuaes;—outras, como succedeu no districto de Bragança, theatro constante de guerras, permaneceram no estado de *quintas* ou deixaram de ser parochias, conservando o primitivo nome.

V. *Aldeia*, *Granja*, *Villa*, *Villar*, *Villarinho* e *Viso* (Alto do)—tomo 11.º pag. 1:904, col. 2.ª—nota 2.ª

[2] Tambem no Algarve, — em Monchique, a *Cintra* d'aquella abençoada região,—com surpresa notei que dão o nome de *pomares de castanheiros* aos grandes tractos de terreno que ali se vem povoados de *castinceiras* ou castanheiros baixos para córte de madeira em periodos regulares de 3, 6 ou mais annos, segundo a applicação que tentam dar-lhes.

São *devesas* lindissimas, vastissimas, que só no Algarve se encontram, e no verão os caminhos que atravessam os dictos *pomares* ou *devesas*, como se denominam fóra de ali, são passeios encantadores, de que ainda me recordo e recordarei com saudade.

Tambem só no Algarve se vê o *copejar do atum*, semelhando touradas no mar, por vezes festas luzidas e muito concorridas, como as *ferras dos novilhos*, só se veem no Riba Tejo.

Ao sul da Beira Baixa tambem ha povoações denominadas *montes*.

V. *Zebreira*, freguezia de *Idanha a Nova*.

—

Fiquei pois attonito quando fui a Miranda do Douro e ouvi denominar *quintas* as povoações de *Aldeia Nova*, *Pena Branca*, *Val d'Agia* e *Palancar*, todas 4 pertencentes á freguezia de Miranda.

A 1.ª *quinta* já foi parochia independente; conta 52 fogos; tem uma egreja rasoavel com a invocação de *Santa Catharina*, sacrario, pia baptismal e *Santissimo* permanente. Dista de Miranda 6 kil. para N. N. E. e ali costuma ir hoje o parocho de Miranda dupplicar o sacrificio da missa nos domingos e dias sanctificados.[1]

A 2.ª *quinta* (*Pena Branca*) tem 18 fogos e uma capella de S. *Simão*.

Dista de Miranda 5 kilometros.

A 3.ª *quinta* tem 20 fogos e uma capella de *Nossa Senhora da Encarnação*.

Demora no caminho de Miranda para a *quinta* de Aldeia Nova, da qual dista apenas 1 kil. para S.

A 4.ª *quinta* (Palancar) tem 16 fogos e uma capella de *S. Jeronymo*.

Dista de Miranda 5 kil.

Ha tambem ua freguezia de Miranda do Douro mais 3 *quintas*, na accepção commum d'este termo, comprehendendo certos chãos e casas sómente para os feitores, caseiros e jornaleiros, abegoarias, etc.

São as quintas de *Rèfega*, *S. Pelaio* e *Valle do Carro*, pertencentes aos filhos de Manoel Paulo de Sousa, coronel d'engenheiros, fallecido nos principios do corrente anno de 1889 e que era o maior proprietario da villa e do concelho de Miranda.

—

Pelo ultimo recenseamento a freguezia e a cidade de Miranda contava 253 fogos e 1:072 habitantes; hoje conta mais alguns, mas, deduzindo a população rural das mencionadas quintas, vem a ter a cidade propriamente dicta apenas 150 a 160 fogos?!..

É hoje a cidade mais pobre e mais pequena de todo o nosso paiz, e longe de augmentar, diminue, pois em volta d'ella não se vê uma casa nova unica, mas sómento pardieiros negros e defumados, ameaçando os tranzeuntes;—o seu paço episcopal reduzido a paredes núas—e as suas muralhas e fortificações desmanteladas e em ruinas.

Cortat fios almae cuique videnti!...

É provavel que lhe dê alguma vida a projectada á já estudada linha ferrea do Pocinho a Zamora, mas quando se fará ella?

V. *Miranda do Douro* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo com as notas da nossa carteira colhidas sobre o local.

Prosigamos.

—

A *quinta* de Zava é a unica povoação rural da freguezia e villa do Mogadouro, da qual dista 2:500 metros para S. O.

É povoação muito antiga; a tradição diz que foi cidade no tempo dos mouros e que então a villa do Mogadouro era uma pequena aldeia com o nome de *Maga*, tendo junto de si outra, denominada *Douro*, pelo que veiu a chamar-se *Magadouro*. O meu benemerito antecessor disse que ella tomou o nome de *Macaduron*,[1]—mas nós suppomos que os mouros a denominaram *Mogador*, como recordação da patria d'elles, pois *Mogador* é uma villa e castello de Marrocos, distante 5 milhas do occeano, junto do cabo de *Ozem*, ou *Ocem*,[2] e de um monte onde ha minas d'ouro e prata.

---

[1] Em 1757 contava 28 fogos e era curato da apresentação do réitor de Iffanes.

V. *Aldeia Nova do Azinhal*, tomo 1.º pag. 88, col. 2.ª

[1] V. *Mogadouro*, tomo 5.º pag. 353, col. 2.ª

Nós tomamos conta d'este diccionario quando já ia em *Vianna do Castello:*

Suum cuique!...

[2] *Hussein* tambem era nome arabe e d'elle com certeza proveiu o appellido nobre *Cem*, *Ocem* ou *Ossem*, que antigamente se usou em Portugal e tornou bem conhecido o lendario *Pedro Cem*.

V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 45, col. 1.ª e segg. — e *Santarem*, vol. 8.º pag. 488, col. 2.ª

Suppomos que lhe deram o nome de *Mogador*, como recordação da patria d'elles, assim como nós, quando povoámos o imperio do Brazil, fomos dando ás suas diversas povoações os nomes das povoações de Portugal. Outras tomaram o nome dos seus fundadores como em Portugal pelo mesmo motivo muitas povoações conservam ainda nomes arabes e godos. N'este diccionario ficam indicados bastantes, nomeadamente no art. *Vouzella*, e mais indicaremos no supplemento, pois já temos organisada uma extensa lista.

Suppomos por exemplo, que Alfandega da Fé tomou o nome de *Fez*; que *Villa Flor* primeiramente se denominou *Villa de Froyla* (nome godo)—depois *Villa Frol*—e por ultimo *Villa Flor*; que a povoação e freguezia de *Nabo*, concelho de Villa Flor, tomou o nome do mouro *Aben*, ou *Iben*, ou *Ben-Abu*; que a quinta de *Bensaude* do mesmo concelho de Villa Flor, tomou o nome de um mouro *Bensaud*;—que á villa de *Chaves*, *Aquae Flaviae* no tempo dos romanos, deram o nome os *chavios*, mouros da Barberia, pertencentes á provincia mais occidental do reino de Fez;[1]—e que a povoação e *quinta de Zava* tomou o nome do mouro *Zabda*,[2] etc., etc.

Prosigamos.

—

A mencionada *quinta* demora em sitio fertil e ameno, abrigada pelo enorme rochedo ou monte da *Penha de Zava*, que tem centos de metros de altura e differentes cavernas ou grutas naturaes, podendo abrigar-se em uma d'ellas mais de 500 cabeças de gado lanigero, que ali costuma pernoitar no inverno.

Tambem diz a tradição que nas dictas cavernas viveram os mouros, porque a *Penha de Zava* foi castello ou refugio d'elles.

No tempo das armas brancas era muito defensavel a dicta *Penha*[1] e estamos certos de que n'ella se refugiaram mouros e christãos,—godos e romanos,—leoneses e portuguezes,—celtas, iberos e celtiberos, pois de passagem diremos que este cantão foi habitado desde os tempos prehistoricos da *idade da pedra*.

Não longe d'aqui se encontram *dolmens* ou *antas*[2]—e possuimos 2 machados de pedra, encontrados por nós, um junto da cidade de Miranda, outro em Ventozello, freguezia d'este concelho do Mogadouro, quando iamos de Miranda para a Barca d'Alva, e soubemos que ali teem apparecido muitos, mas não lhes ligam importancia. O povo dá-lhes o nome de *pedras de raio*, como no Alemtejo e na Estremadura.

—

Junto da base do grande rochedo ha um poço, a que chamam *Poço dourado*, que era muito fundo e talvez tivesse galerias lateraes, mas hoje está quasi entupido com pedras que os rapazes por mero divertimento para ali arrojam.

No meiado d'este seculo a povoação ou *quinta* de Zava tinha apenas 4 familias; hoje tem cerca de 40 fogos; mas ali se tem encontrado vestigios de população maior e mais importante:—pedras lavradas e algumas ornamentadas, fragmentos de bahús de couro, grande quantidade de telha, moedas antigas, carvões, etc. não consta porem que

---

[1] V. *Zenetos* infra e no diccion. de Moreri.
[2] V. *Zabdas* no mesmo diccion. de Moreri.

[1] Parece um castello natural e recorda os pincaros do castello de Algoso a N. N. E.; —do de Outeiro a N.;— do de Anciães a S. O.;—o *Monte do Faro* a S. O. tambem, junto de Villa Flor, —e o pincaro proximo, onde pompeia o formoso e vistoso sanctuario de *Nossa Senhora da Assumpção*, hoje o 1.º sanctuario da provincia transmontana.

V. *Villas Bôas*, tomo 11.º pag. 1:402 a 1:408, onde se encontra uma minuciosa descripção d'aquelles dois pincaros e do formoso santuario.

[2] V. *Villarinho da Castanheira*, tomo 11.º pag. 1:342, col. 2.ª, onde indicámos 3 dolmens.

ali jámais se fizesse exploração regular nem fosse alguem estudar aquellas velharias.

Chamamos para a *quinta de Zava* ou do *Zabda* a attenção dos archeologos.

—

O chão da mencionada *quinta* é, como já dissemos, ameno e fertil,—muito abundante d'agua saborosa, e produz cereaes, boas peras e maçans, etc.

Consta que a dicta povoação foi outr'ora freguezia.

Tem no centro uma capella de *Nossa Senhora do Rosario* e cerca de 200 metros para o nascente outra de *Santo Amaro*, que talvez fosse a velha matriz, pois ainda tem pia baptismal, onde se baptisam as creanças da povoação, — pia singela, mas elegante, muito antiga e volumosa. Póde receber mais de 100 litros d'agua.

A capella é humilde e pequena e hoje só ali se celebra no dia da festa e romagem de *Santo Amaro*,—a 15 de janeiro.

Curiosa estatistica

O concelho do Mogadouro pelo censo de 1878 conta 34 freguezias com 3:813 fogos e 16:042 habitantes,—e em 1796, segundo se lê na *Descripção da Provincia de Traz os Montes* pelo dr. Columbano Pinto Ribeiro de Castro, juiz demarcante da dicta provincia,[1] o concelho do Mogadouro contava 1:630 fogos e 5:641 habitantes, sendo homens 2:761, mulheres 2:880, padres seculares 51, frades 12, pessoas litterarias 3, sem occupação 42, cirurgiões 7, barbeiros 8, boticarios 1, lavradores 621, jornaleiros 367, fabricantes de courama 11, alfaiates 40, sapateiros 77, carpinteiros 45, pedreiros 10, ferreiros 18, ferradores 3, almocreves 33, pastores 78, criadas 99, criados 120, moleiros e negociantes —*nem um*?!..

[1] Codice n.º 486 da *Bibl. Mun. do Porto.*

—

Terminaremos dizendo que este concelho do Mogadouro alem da *quinta da Zava* tem outras muitas aldeias ou povoações denominadas *quintas*, taes são:

—*Quebradas*, na freguezia de Castello Branco.

Demora em sitio lindissimo na estrada de Mogadouro a Moncorvo e tem cerca de 40 fogos.

—*Villar Secco* e *Porraes*, na freguezia de Castro Vicente.

No tempo de Carvalho a 1.ª tinha 20 fogos e a 2.ª 16.

—*Medal*, na freguezia de Meirinhos.

—*Salgueiro*, na freguezia de Paradella.

—*Granja*, na de Penas Roias.

—*Santo Antão*, na de Remondes.

—*Granja* e *Gregos*, na de Saldanha.

—*Viduedo*, na de *S. Paio*.

—*Linhares*, na de Soutello.

—*Figueira*, na de Travanca.

—*Xaras*, na de Thó.

—*Souto*, *Santo André* e *Roca*, na de Valverde.

—*Paçô* e *S. Thiago*, na de *Villa d'Ala*.

— *Villariça*, *Velariça* ou *Velarisca*, na de Variz.

Dizem que esta ultima *quinta* já foi freguezia propria, pelo que tanto esta como todas ou quasi todas as outras *quintas* d'este concelho e do de Miranda se denominam tambem *annexas*,—parochias extinctas, annexadas a outras.

No concelho de Moncorvo tambem ha muitas povoações ou aldeias com o mesmo nome de *quintas*.

ZAVALCHEN — Assim era denominado entre os mouros o magistrado que decidia as suas causas e fazia dar execução ás sentenças—e só elle podia authenticar com a sua firma qualquer instrumento.

Vem de *Zaval*, que corresponde ao latino *Dominus*,—*e archen*, *judiciorum*, por ser entre elles *Dominus judiciorum*.

Acha-se nos documentos de Hespanha.

ZAVALMEDINA, ZAHALMEDINA, ZALMEDINA, *Çahalmedina* e *Salmedina*, — vocabulos frequentes nos documentos de Hespanha até o sec. XIII.

Era o pretor da cidade, a quem pertencia por commissão do principe ou do *rico-homem* todo o governo politico e civil da respectiva povoação.

Denominava-se em latim *Vice-Dominus Civitatis.*

ZEBRA—animal como a mula, cinzento e com raias negras pelo corpo. Vem da Africa e talvez introduzido pelos mouros, abundou outr'ora em alguns pontos do nosso paiz, como provam as differentes terras, aldeias, casaes e quintas que ainda hoje conservam os nomes de *Zebra, Zebral, Zebras, Zebreira, Zebrinho, Zebro* e *Zebros.*

Viterbo no *Elucidario* art. *Zevro*, diz que outr'ora *Zebro* e *Zebra* significavam *boi* ou *vaca, novilho* ou *vitella*, e cita em favor da sua opinião o foral de Lisboa de 1179, no qual se lê o seguinte:

Dent de foro de vaca I denarium, et de zevro unum denarium. De coriis boum vel zevrarum, vel cervorum dent medium morabitinum.

Em vulgar: «Paguem de fôro por cada vacca um denario e por cada zebra um denario. Dos couros dos bois, ou das zebras, ou dos veados deem meio morabitino.»

Do exposto se vê que o foral não *confunde* mas *distingue*—os bois, as zebras e os veados, pelo que Viterbo, *cuja memoria muitissimo respeitamos*, n'este ponto claudicou. Assim o advertiu já tambem o sabio João Pedro Ribeiro, pois em uma nota d'elle ao mesmo artigo se lê na 2.ª edição do *Elucidario*:

«*Zevro, Zebro*, ou *pedra zebral* nada tem com gado vaccum. É um animal bem conhecido, e que entre nós em outros tempos era vulgar, dando-se comtudo ás suas pelles mais valor que ás dos outros animaes. A Africa é que hoje abunda na sua creação.»

ZEBRAL—portuguez ant.—peso de pedra, assim denominado.

O foral de Cêa de 1136 diz: «...o Carniceiro dê dois lombos de porco e de boi ou vaca huma *pedra zebral.*» Livro dos Foraes velhos.

«Eu me persuado (diz Viterbo) que por esta *Pedra zebral* se entende o peso de uma arroba, que particularmente servia para se pesar no açougue a carne de vaca; pois não julgo os Portuguezes d'aquelle tempo tão anatomicos, que procurassem a pedra, que se gera no boi, ou vaca, á qual chamam *ovos de vaca*, e he *pedra bazar*, ou *Pazahar*, a que se attribuem grandes virtudes contra venenos, e algumas outras enfermidades.»

Digam os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura?!...

ZEBRAL—aldeia da freguezia de Ruivães, concelho e comarca de Vieira.

V. *Ruivães*, tomo 8.º pag. 258, col. 2.ª

A dicta aldeia é muito antiga e n'ella tocava uma das duas estradas romanas de Braga para Astorga por Chaves.

V. *Villarinho do Arco*, tomo 11.º pag. 1:326, col. 2.ª e seguintes, onde descrevemos as dictas estradas, indicando o traçado de cada uma d'ellas a pag. 1:328—e as povoações em que tocavam, tal era a de *Zebral.*[1]

Segundo se lê na *Corogr. Port.* a dicta povoação em 1706 contava 28 fogos e segundo diz Argote uas *Mem. de Braga*, tomo 2.º pag. 575, 580, 587 e 633—e tomo 3.º pag. 195 e 202, é innegavel que passou por ali uma das ditas estradas romanas, e aponta dois fragmentos de marcos milliarios que ali appareceram.

«No logar do *Zebral* (diz elle) na estrada de Braga para Chaves, estão dois Padroens, hum quebrado que está ao pé da capella de S. Martinho, e tem de comprido dois palmos e meio, e oito de grosso, com as letras seguintes:

Esar. aug
str. XVIII

«O outro está em huma parede junto da capella, e tem nove palmos de comprido, e de grosso oito, tambem com estas letras:

---

[1] Rectificação.

No artigo cit. pag. 1:227, col. 2.ª *in fine*, em vez de *Portugalliae Monumenta* leia-se *Portugalliae Inscriptiones.*

Caesar. aug.
imp. V. pot.
III

«Ambos os sobreditos he certo, erão columnas e medidas de caminho; mas não se póde colligir a que Emperador se dedicarão.»

—

Estas mesmas inscripções se encontram sob os n.os 136, 137 e 146 no *Portugalliæ inscriptiones romanæ* de Levy Maria Jordão —e mais 5 da dita estrada se encontram no art. *Sanguinhedo*, tomo 8.º pag. 393, col. 1.ª e segg. alem d'outras muitas apontadas nos art. *Braga*, *Chaves*, *Villarinho do Arco*, etc. etc.

ZEBRAS—aldeia de Traz os Montes, visinha da de *Val d'Egoa* e da de *Santarem*, —segundo diz Argote, nas suas *Memorias de Braga*, tomo 2.º pag. 496,—accrescentando que na dicta aldeia de Santarem se encontravam ruinas de uma grande povoação romana.

V. *Santarem* (sitio) vol. 8.º pag. 444, col. 2.ª

Não sabemos com certeza a que freguezia pertencem aquellas 3 aldeias.

Na provincia de Traz os Montes não conhecemos aldeia alguma denominada *hoje* Santarem.

Com o nome de *Zebras* ha n'aquella provincia uma aldeia, pertencente á freguezia de *S. Nicolau dos Valles*, concelho de Val Paços,[1] —e parece que Argote se refere á dicta aldeia, porque a dicta parochia é limitrophe e visinha da de *Jou*, na qual se encontra uma aldeia com o nome de *Val d'Egoa*[2]—e são estas as *unicas* aldeias assim denominadas na provincia de Traz os Montes, mas Argote diz que distam de Chaves 4 legoas—*não muito para a parte do Sul*, emquanto que as freguezias de *Valles* e *Jou* distam de Chaves cerca de 33 kil. para S. S. E.—quasi na linha *Sul*.

—

Nós já passámos a meio d'ellas em setembro de 1883, indo de Chaves para Mirandella por Carrazedo de Montenegro e Franco, pois demoram entre estas duas freguezias ultimas. Deixámos a dos *Valles* á esquerda—e a de *Jou* a direita.

Jou dista de Carrazedo 10 kil. para S. e do Franco 5 para N. O.—A freguezia de *S. Nicolau dos Valles* dista de Carrazedo cerca de 12 kil. para S. S. E.; 7 do *Jou* para E. S. E.;—5 a 6 da povoação e freguezia do *Franco* para N., mettendo-se de permeio a *Serra de Santa Comba*,—e 15 de Mirandella para O.

A povoação ou aldeia de *Zebras* parece que foi outr'ora freguezia independente e dista da matriz de *S. Nicolau dos Valles* 2:500 metros para S. O.

Na pendente N. da Serra de Santa Comba—talvez no termo da freguezia dos *Valles*—vimos nós claros vestigios de castellos e fortificações, mas distavam alguns kilometros do caminho que seguiamos,—era tarde,—iamos em um cavallo d'aluguel aberto dos peitos, que já tres vezes havia caido por terra comnosco e por isso não nos apeámos nem fomos visitar aquellas ruinas, que talvez fossem as indicadas por Argote?!...

Com relação á triste e pobre aldeia e freguezia do *Franco*—veja-se o art. *Villa Boa*, tomo 11.º pag. 667, col. 2.ª *in fine*—e *Franco* n'este diccionario e no supplemento, onde daremos noticias curiosas e *horrorosas* d'aquella freguezia, onde pernoitámos, tremendo com medo!...

É um covil de desordeiros e assassinos.

—

Tem uma feira muito antiga, na qual tem havido muitas desordens, muita pancadaria, ferimentos e mortes e poucos mezes depois de nós ali estarmos, deu-se no Franco o facto seguinte:

Um homem da localidade teve certa altercação com um filho do regedor e deu-lhe

---

[1] V. *Valles*, tomo 10.º pag. 177, col. 2.ª *in fine*.
[2] V. *Jou*, tomo 3.º pag. 420, col. 1.ª

uns bofetões. O regedor immediatamente reuniu os seus cabos de *policia* (?); assaltou com elles a casa do tal homem; arrombaram-lhe a porta a machado e deram-lhe 18 tiros á queima-roupa, matando-o barbaramente. E esteve insepulto alguns dias, porque o regedor disse ao parocho que lhe fazia o mesmo, se fosse acompanhar o cadaver do pobre homem. Foi sepultado por álgumas mulheres da mesma povoação, passados dias.

E note-se que o Franco não está em sitio ermo. Demora na estrada real a macadam de Villa Real a Mirandella e Bragança,—e dista de Mirandella, séde do concelho e da comarca, apenas 15 kil. para O. S. O.

Vade retro!...

Terminaremos dizendo que em 1706 as freguezias de *Valles* e *Jou* pertenciam ao termo e concelho da villa de *Chaves* (?) e contavam *in illo tempore*: a povoação de *Val d'Egoas* 8 fogos—e a de *Zebras* 16, como diz Carvalho na *Corogr, Port.* tomo 1.º pag. 509.

ZEBRAS e *Torre*— freguezia do concelho e comarca do Fundão, districto de Castello Branco, diocese da Guarda, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Curato.

Em 1708 era da apresentação do vigario de Castello Novo—e contava apenas 20 fogos.

Em 1768 era curato da mesma apresentação; rendia para o cura 12$000 réis, alem do pé d'altar—e contava 82 fogos.

O *Flaviense* em 1852 deu-lhe 43 fogos Hoje não sabemos qual a sua população, por que foi annexada civilmente á de *Orca* e os censos de 1864 e 1878 uniram a população das duas.

V. *Orca*, tomo 6.º pag. 291, col. 1.ª

A povoação de *Zebras* demora na m. e. do rio Alpreade, do qual dista 1 kil. para E. e 20 da villa do Fundão para S. S. E.

Comprehende esta parochia algumas azenhas no rio Alpreade até á distancia de 5 kilometros—e tambem comprehendeu e não sabemos se comprehende ainda uma aldeia, denominada *Torre*.

Junto da povoação de *Zebras* ha uma fonte d'agua sulfurea fria, com o nome de *Fonte Santa*.

O rio *Alpreade* vem da serra da *Gardunha* e com a ribeira de *Ceife*, que vem de Penamacor, formam o rio *Ponsul*, que morre na m. d. do Tejo.

V. *Alpreade* e *Ponsul*.

Esta freguezia pertenceu ao concelho de Alpedrinha até 1885, data em que foi extincto aquelle concelho e a pobre freguezia passou para o do Fundão.

ZEBREIRA — villa extincta, hoje simples freguezia do concelho e comarca de Idanha a Nova, districto de Castello Branco, bispado de Portalegre, provincia da Beira Baixa.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Vigairaria.

Fogos 486, habitantes 2:150, comprehendendo a extincta parochia de *Toulões*, sua annexa.

Em 1708 pertencia ao bispado da Guarda, comarca, corregedoria e provedoria de Castello Branco; era villa dos *Manoeis*, condes de Villa Flor, seus donatarios, mas vigairaria da apresentação da O. Ch.—e contava 136 fogos.

Em 1768 era villa e vigairaria do mesmo bispado e da mesma comarca, mas da apresentação da corôa pelo tribunal da mesa da consciencia; rendia para o vigario 40$000 réis, afora o pé d'altar—e contava 190 fogos.

O *Flaviense* em 1852 (tendo já annexa a freguezia de Toulões) deu-lhe 297 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 386 fogos e 1:475 habitantes, no que não ha proporção porque 386 fogos deviam dar pelo menos 1:600 habitantes.

O censo de 1878 deu lhe 400 fogos e 1:532 habitantes, no que tambem não ha proporção, porque os 400 fogos deviam dar pelo menos 1:700 habitantes.

Hoje (1889) segundo os apontamentos que recebi da localidade tem, como já disse, 486 fogos e 2:150 habitantes, comprehendendo, como já comprehendia em 1852, o *monte* ou povoação (freguezia extincta) de *Toulões* com 70 fogos, — o *monte* (aldeia ou povoa-

ção) de *Val de Cardas* com 8 fogos — e a povoação da *Zebreira* com 408 fogos.

—

O *monte* (aldeia) de *Toulões* dista da Zebreira 8 kil. para N. N. E. e suppomos que primitivamente se denominava *Tourões*, de *tourão*, sacarrabo, bicho que come gallinhas, porque talvez outr'ora ali abundassem aquelles bichos.[1]

Tambem suppomos que a freguezia e povoação da *Zebreira* foi assim denominada, porque no seu termo outr'ora talvez abundassem *zebras*, como ainda hoje abundam lobos, javalis, tourões, raposas e outros animaes damninhos, bem como bois, vaccas, porcos e gado de toda a especie.

Para evitarmos repetições, vejam se os artigos supra—*Zebro* e *Zebras*, freguezia extiucta, annexa á de *Orca* no concelho do Fundão, vizinho d'este de Idanha a Nova— e, segundo me consta, ainda no termo e a N. da *Zebreira* ha um sitio denominado *Zebro*, que tambem corrobóra a minha opinião.

Carvalho e outros denominaram esta parochia *Zibreira*, mas a denominação mais correcta, vulgar e official é *Zebreira*.

Nós temos tambem varias povoações e uma freguezia denominadas *Zibreira*, mas suppomos que este nome provem de *azinho* muito impropriamente e talvez *corrupto vocabulo* tambem denominado *zimbro*, que abunda ou abundou n'aquelles sitios e abunda n'esta parochia.

V. *Azenhal*, *Azinha*, *Azinhoso*, *Zibreira* e *Zimbro*.

—

A povoação da *Zebreira* demora em sitio alto, alegre e muito vistoso, entre os rios *Elga* e *Aravil*, confluentes do Tejo,—na velha estrada de Idanha a Nova para a villa e ponte de Segura e na estrada nova a macadam (real, n.º 16) de Abrantes a Salvaterra do Extremo.

Dista do *Aravil* 7 kilometros para E.; 9 da ponte de Segura ou do *Elga* para O.N.O.; 15 de Salvaterra do Extremo para O. S. O.; 20 de Idanha a Nova para S. E.; 44 de Castello Branco; 118 de Portalegre; 150 da estação d'Abrantes na linha ferrea de Leste; 305 de Lisboa e 408 do Porto.

Este trajecto deve soffrer alguma modificação e tornar-se mais commodo, logo que se abra ao transito a linha da *Beira Baixa* prestes a concluir-se e que toca em Castello Branco.

—

Esta parochia da Zebreira tem uma area vastissima, depois que lhe annexaram a freguezia de Toulões. Actualmente as suas parochias limitrophes são as seguintes: — Segura a 8 kil. para E. S. E; Rosmaninhal a 15 kil. para S.; Alcafozes a 15 kil. para N. N. O.; Salvaterra de Extremo a 15 kil. para E. N. E.; Idanha a Nova a 20 para N. O. e Ladoeiro a 20 para O. S. O.

O seu chão é bastante secco, mas fertil. Banham-na a O. o rio Aravil e os ribeiros de *Calacú* e *Toulico*, nos quaes a 3 kil. da Zebreira tem 2 moinhos que trabalham apenas alguns dias no rigor do inverno, pois na estiagem aquelles ribeiros somem-se e na primavera e outomno são microscopicos; mas differentes proprietarios da *Zebreira* teem moinhos e azenhas no Elga, onde moem o pão que se gasta na freguezia.[1]

Producções dominantes.—cereaes de pra-

---

[1] V. *Toulões*, vol. 9.º pag. 701, col. 2.ª

Do exposto se vê que na Beira Baixa tambem temos *aldeias* ou povoações denominadas *montes*, como no Alemtejo, sendo algumas bastante populosas. V. *Zava* e *Villa*.

[1] Note-se que alguns annos na estiagem o proprio *Elga* e o *Aravil* seccam completamente! Apenas ficam de longe em longe alguns charcos e poços onde lavam a roupa e se banham os cevados. Morre muito gado ovino e caprino com sede; damnam se muitos lobos e cães por falta d'agua—e os habitantes da Zebreira e de Salvaterra do Extremo vão até 8 a 10 legoas pela Hespanha dentro para moerem o pão?!...

gana—trigo, centeio, cevada e aveia. Milho, pouco.

Tambem produz algum azeite, mas podia e devia produzir muito mais, porque no seu chão as oliveiras desenvolvem-se admiravelmente, conservando-se sempre viçosas e muito vigorosas sem ferrugem ou qualquer outra doença,—attingem proporções colossaes e o fructo é de excellente qualidade e *muito volumoso*! Talvez maior do que a azeitona d'Elvas e de Sevilha, pelo que nos ultimos annos tem augmentado bastante a plantação dos olivedos.

Tambem produz algum vinho, maduro e de boa qualidade, e podia e devia ser tambem o vinho uma das suas producções dominantes, ou mesmo a *principal*, porque no seu chão é *pasmosa* a vegetação das videiras. A producção não corresponde á vegetação, talvez por não serem apropriadas ao solo as castas das videiras e a sua poda e empa, mas nos ultimos annos tem augmentado tambem bastante a plantação dos vinhedos.[1]

Depois dos cereaes a riqueza maior d'esta freguezia é a creação de gado de *toda a especie*:—ovino, bovino, cavallar e azinino, caprino e *suino*, pois tem alguns montados d'azinho, cuja producção é *espantosa*!

Deve crear aproximadamenie por anno 150 jumentos, 250 bois, 1:000 cabras, 1:000 porcos e 2:000 ovelhas.

Tambem colhe algumas batatas; tem 3 azenhas para o fabrico do seu azeite, movidas por gado,—e nos seus montes muita caça grossa e miuda:—lebres, coelhos, perdizes, gamos e veados, lobos, raposas, fuinhas, tourões, javalis, batardas ou abetardas, abutres, aguias e *muitas cegonhas*, que são a limpeza dos campos e searas e costumam fazer o ninho sobre os campanarios e torres e sobre os rolheiros do pão.

Do exposto se vê que esta parochia tem muitos elementos de riqueza e um auspicioso futuro, e deve prosperar bastante com a nova e recente estrada a macadam para Castello Branco e para Salvaterra do Extremo, onde se liga a outras da Hespanha. Além d'isso os seus habitantes são bem morigerados, pacificos, affaveis e doceis, muito trabalhadores e muito respeitadores das leis divinas e humanas.

—

A tradição diz que esta villa é relativamente moderna e oriunda de Idanha a Nova. Narra a sua fundação do modo seguinte:

Os habitantes de Idanha a Nova, tentados pela fertilidade e belleza d'este chão denominado Zebros *in illo tempore*, trataram de o agricultar e, como ficasse distante, aqui fizeram algumas pobres cabanas para se abrigarem da intemperie e recolherem e guardarem os seus gados, os seus generos e os utensilios da lavoura.

Com o tempo augmentou a dicta colonia; as pobres choupanas foram substituidas por casas e assim se formou um povoado que do primitivo nome de *Zebros* se denominou *Zebreira* e chegou a ser villa e séde de concelho com justiças proprias. Em 1833 com a extincção dos donatarios perdeu aquellas preeminencias, mas ainda conserva como padrão de gloria a velha casa da camara, a cadeia e o pelourinho e, se hoje não é villa e séde de concelho, é a freguezia mais populosa e mais importante do concelho e da comarca, depois de Idanha a Nova.

Extincto o seu concelho, passou para o de Salvaterra do Extremo até 24 d'outubro de 1855, data em que se extinguiu aquelle concelho tambem e passou para o de Idanha a Nova, a cuja comarca pertencia desde a or-

---

[1] O districto de Castello Branco produz muito pouco vinho, *porque o não cultivam*, pois na maior parte do districto, — exceptuando as grandes altitudes das serras — a vinha dá-se bem e o vinho é maduro e bom. Dos seus 12 concelhos o que mais vinho actualmente produz é o de Penamacor, —*Bairrada da Beira Baixa*.

Os vallados para a plantação da vinha na *Zebreira* são abertos a picareta — e as terras de cereaes, por serem pouco fundas, são quasi todas lavradas por jumentos, cavallos e muares, que tiram pequenos arados.

ganisação da nova magistura e extincção dos provedores e corregedores.

Ecclesiasticamente pertenceu ao bispado da Guarda até 1771, data em que se creou o bispado de Castello Branco, ao qual ficou pertencendo até 1882, data em que pela nova organisação das dioceses se extinguiu a de Castello Branco e ficou pertencendo á de Portalegre.

—

Ainda se vê na Praça a casa da camara e o pelourinho.

A casa da camara era humilde e n'ella estão hoje a escola de instrucção primaria do sexo masculino e o tribunal do juiz ordinario.

A casa que servia de cadeia foi transformada em uma torre, na qual pozeram um relogio, que actualmente existe.

O pelourinho tem na base a data—*1686*—e termina em forma de pyramide quadrangular, tendo em uma das faces em relevo 2 leões e 2 braços armados de cutello; na face opposta uma esphera armillar; em uma das outras faces um braço com um cutello e um escudo encimado por uma corôa; —na face restante uma flor, que parece um amor perfeito.

A corôa e a flor muito provavelmente aludem aos *condes de Villa Flor*, outr'ora donatarios da villa.

Herdades e montes

Comprehende esta parochia a grande herdade de *Soude* e os *montes* (aldeias) de *Toulões* e *Val de Cardas*.[1] O 1.º foi parochia; o 2.º pertencia aos antigos fidalgos *Pancas*, de Lisboa, e hoje pertence ao visconde de Morão, Francisco José Morão, de Castello Branco.

A herdade de *Soude* consta de 3 *folhas* e pertenceu a uma senhora, que a deixou ao collegio da Madre de Deus da cidade de Evora. Hoje pertence á fazenda nacional, mas sómente o direito *dos pastos*, desde 29 de setembro até o dia 10 de março seguinte—e o dos *agostadouros* (?) da primavera e do verão,—bem como o direito de receber como recebe, de cada lavrador visinho 2 alqueires (61 litros) meiados, de trigo e centeio, a titulo de renda do pão que cada um ali semeia.

Os lavradores visinhos teem direito á fruição de tudo o mais que contem e produz a dicta herdade, comprehendendo os pastos desde 29 de setembro até o dia 10 do mez de março seguinte, mas somente os pastos da *terça parte* do terreno que no inverno se ha de alqueivar, pois como já dissemos, a dicta herdade anda dividida em *tres folhas*.

Do que muito summariamente fica exposto se vê que é muito complicada a fruição da dicta herdade.

Se o povo da Zebreira não fosse tão docil e pacifico, não faltariam desgostos, desordens e demandas — e teria acabado ha muito semelhante anomalia!...

Largos, praças e ruas,—fontes, poços e feiras

A villa da Zebreira demora em sitio relativamente alto, mas pouco ingreme, terminando em planura com cerca de 387 metros de altitude sobre o nivel do mar, como indica a sua pyramide geodesica, muito proxima.

A povoação está no meio de dois cámpos espaçosos e foi outr'ora defendida por um castello, mandado fazer por el rei D. João IV no tempo da guerra da restauração,—castello hoje desmantellado e em ruinas.

Não tem edificios notaveis. Os seus templos todos são humildes e a casa melhor, posto que bastante modesta, é a do visconde de Morão.

As ruas principaes são as seguintes: — Espirito Santo, Castello, Gorrão, Nova de S. Sebastião, Terreiro, Porta, Fragua, Curral, Velha de S. Sebastião, Aviceiro, Amoreira e 2 largos:—Adro e Praça.

A leste, ou do lado da Hespanha, tem um

---

[1] Comprehende tambem as quintas de *Tapada do Fidalgo* e *Lagôinha*.

bom campo—e do lado oeste outro campo, muito mais espaçoso e muito mais bonito.

O 1.º denomina-se *A Nave* e é uma formosa planicie, mas nua e com pequeno horisonte, por estar em sitio baixo. Este campo é logradouro commum e n'elle ha 4 rodas de fazer louça ordinaria e 3 fornos para cozer a mesma louça. Tambem ali se fabrica telha e se coze em dois fornos particulares e um parochial.

São estas as unicas industrias da Zebreira.

Ha tambem n'este largo (a O.) uma capella de S. Sebastião—e junto do caminho que vae para Segura e Salvaterra do Extremo ha uma pequena lagôa, que se alimenta d'aguas pluviaes—grande fóco de infecção!...

—

O outro campo denomina-se *Devesa* e é um dos campos mais formosos e mais espaçosos que se encontram na provincia.

Está todo povoado de azinheiras publicas e oliveiras particulares,—e é muito plano e muito vistoso. D'elle se descobre um largo horisonte e um panorama lindissimo: — as serras da Estrella e da Gardunha e outras muitas de Portugal e da Hespanha, bem como uma larga e vistosa campina e muitas povoações hespanholas e portuguezas, taes são Idanha a Nova, Castello Branco e alem da raia Penafiel, Pedras Alvas, etc.

Ha n'este campo, do lado da villa (nascente) uma capella de *Nossa Senhora da Piedade*—e do lado sul um poço publico e quadrilongo de 7 metros de comprido e 5 de largura com guardas de pedra e agua nativa potavel, mas salobra. E' optima para o gado, porque tem a virtude de expellir as sanguesugas que estejam presas na bocca ou na garganta dos animaes que a bebem.

Este campo é tambem publico e n'elle se fazem as feiras da villa, que são 3 e muito antigas, outr'ora *francas* e muito importantes,—nos dias 7 de março,—1.º de junho—e 7 de setembro.

Além dos mencionados poços da *Nave* e da *Devesa* tem a villa mais os seguintes:

—*Fontão*, a N. e distante da Zebreira 150 a 200 metros.

—*Poço do Concelho*, a E. e distante 30 a 40 metros.

—*Fonte de Baixo*, para o lado da egreja e distante cerca de 100 metros.

—*Fonte Nova*, do lado sul e distante pouco mais de 100 metros tambem.

Esta ultima nascente nunca se esgota, mesmo nos annos mais aridos.

Templos

1.º *Egreja matriz.*

Tem de comprimento 25 metros, 9 $^1/_2$ de largura e 6 de altura. Já não comporta a população da freguezia, pelo que vão restaural-a e amplial-a.

E' singela mas decente e suppõe-se que foi construida em 1694, porque sobre a porta principal se vê gravada aquella data.

Consta que é a 2.ª matriz, feita em substituição da 1.ª, que foi a capella do *Espirito Santo.*

Demora a leste e na extremidade da villa, mas ainda cercada de casas e olhando para N. com duas portas lateraes — uma a E. outra a O. e tem contigua uma torre de campanario.

Pouco depois da guerra da peninsula, por descuido do sachristão arderam a capella-mór e a tribuna. Tractaram logo de as restaurar, mas, como ao tempo a villa estava muito pobre por causa da guerra, venderam parte do campo da *Nave* e com o seu producto fizeram as obras, que por isso mesmo ficaram singelas.

A povoação actual demanda uma matriz muito ampla.

2.º *Capella do Espirito Santo*, — a velha matriz.

Tem de comprimento 34 metros e 3 $^1/_2$ d'altura. Está em ruinas e profanada e ignora-se a data da sua fundação.

Demora ao sul da villa, na rua do *Espirito Santo*, que tomou o nome da dicta capella, talvez o 1.º templo da localidade.

3.º *Capella de S. Sebastião.*

Tem 28 $^1/_2$ metros de comprimento e 3 $^1/_2$ d'altura e suppõe-se que foi feita no anno

de 1668, porque na padieira da porta de entrada (não tem outra) se vê gravada a cinzel aquella data.

Demora, como já dissemos, no campo da Nave;—não tem rendimento algum proprio e é administrada por uma mordomia que festeja o martyr todos os annos com esmolas dos fieis.

4.º *Capella de Nossa Senhora da Piedade.*

Demora na *Devesa*, como tambem já dissemos; — tem 10 metros de comprimento; 3 ½ d'altura e um alpendre com 7 metros de comprimento, 4 ½ d'altura—e vistas esplendidas.

Foi feita em 1827 ou 1828 com esmolas que para a dicta construcção pediu *Leonardo Chaves* d'esta villa da Zebreira, — e a imagem da Senhora foi offerecida por *Manuel Chaves*, pae do fundador da capella.

Deus os tenha em bom logar.

5.º *Capella de S. Pedro.*

Demora no *Castello*, a montante e no ponto mais alto da villa, pelo que é a mais vistosa de todas.

D'ali se descobrem as serras da Estrella, de Marvão e da Gardunha em Portugal e outras muitas da Hespanha, bem como differentes povoações hespanholas e portuguezas: — Idanha a Nova, Alpedrinha, Castello Branco, Castello Novo, Covilhã, Penamacor —e além da raia Peñafiel, Penas Alvas, etc.

Costumam festejar todos os annos a padroeira da villa—*Nossa Senhora da Conceição*—bem como Santo Antonio, antigo padroeiro de Toulões, a Senhora da Piedade, o Espirito Santo e S. Sebastião.[1]

Tambem na segunda feira de Paschoa em cumprimento de um voto costumam ir com um *clamor* á capella de S. Domingos, no termo do Rosmaninhal — e á volta, no sitio de *Villares*, a meia distancia entre a Zebreira e a dicta capella, distribue-se pão e vinho aos romeiros,—tudo em cumprimento do mesmo voto, que é muito antigo.

A festa de Santo Antonio tambem se faz em cumprimento d'outro voto, mas muito mais recente, cuja explicação vamos dar, porque é interessantissima e faz tremer a alma!...

Ouçam, ouçam:

—

Em 1841 no *monte* (aldeia) de Toulões, um lobo no espaço de dois mezes devorou muitas pessoas, a primeira das quaes foi uma rapariga de 16 annos. Da pobre victima apenas se encontrou o craneo com alguns cabellos e os pés já corroidos.

Das muitas pessoas que a fera acommetteu apenas poderam salvar-se dois homens. A um d'elles deu-lhe tal dentada que lhe arrancou metade dos ossos do craneo, os medicos porém conseguiram substituir aquella parte da caixa craneana por um *caseo de botelha*?!... E assim viveu ainda mais de 20 annos, sempre com saude e como se nada tivera soffrido?!...

Emquanto a fera se entretinha com aquelle infeliz, um companheiro d'elle pôde subir para uma arvore milagrosamente, pois o lobo com um salto ainda lhe apresou o gabão que levava sobre os hombros e o fez em tiras. Entretanto o homem gritou e acudiram differentes pessoas que afugentaram a fera e salvaram aquelles dois infelizes.

O lobo era mais que matreiro!

As auctoridades do concelho tomaram energicas providencias. Mandaram envenenar carne e espalhal-a pelos campos e montes; fizeram monterias; pagaram a caçadores destemidos que esperaram a fera em *aguardos* proprios, collocando diante d'elles como negaça ou chamariz alguns rapazes; mas o maldito lobo nunca appareceu nem cahiu nos laços. O povo já dizia que não era lobo, mas o *peccado*, e em tão grande consternação e afflicção recorreram ao patrocinio de *Santo Antonio* e prometteram festejal o todos os annos, se os livrasse da mal-

---

[1] As festas principaes são: a do *Espirito Santo*, sempre seguida de tourada, depois da funcção religiosa, — e a da *Senhora da Piedade* no dia 8 de setembro, havendo por essa occasião fogo d'artificio preso e solto, *ramo*, grande arraial e muitos descantes e danças que descreveremos no topico final:— *costumes e preconceitos.*

dita fera. E, ou fosse acaso ou milagre, é certo que feito o voto o lobo não mais appareceu nem se registraram mais victimas.

Passados dias encontraram-se 3 lobos mortos, talvez por haverem comido a carne envenenada, mas o povo convenceu-se de que só devia a *Santo Antonio*, orago de Toulões, o desapparecimento da fera. Tractou de cumprir o voto e até hoje (1889) tem festejado o thaumaturgo todos os annos.

—

Ha n'esta freguezia duas aulas de instruc-primaria para os dois sexos.

O clima é irregular: — frio no inverno e abrasador no estio, mas durante a estiagem apparecem interpoladamente dias e noites frios, o que produz febres intermittentes ou sesões, molestia predominante n'esta freguezia, devida tambem á sua agua potavel, que podia ser melhor.

O cemiterio parochial demora ao sul da Zebreira e dista da egreja matriz cerca de 600 metros. Foi feito em 1867, data em que os typhos aqui pesaram cruelmente e fizeram muitas victimas.

Os medicos entenderam que a epidemia era alimentada pelos miasmas do pequeno cemiterio, que então estava no sitio de S. Pedro, junto das ruinas do castello, a N. da villa, pelo que o inutilisaram,—cobriram-no de cal virgem e fizeram o actual, que é bastante espaçoso e está em boas condições de hygiene.

Ha n'esta parochia jazigos de differentes minerios, que já foram registrados, mas não explorados.

Ao nascente da villa e distante cerca de 2 kilometros se ergue o *Cabeço vermelho* no ponto culminante da localidade.

É ali que está a pyramide geodesica mencinada supra, na altitude de 387 metros sobre o nivel do mar.

Os 3 maiores proprietarios d'esta freguezia na actualidade são os seguintes: — Visconde de Morão, dr. Alegre e Valentim Mendes de Carvalho.

Os habitantes d'esta freguezia fallam muito correctamente o portuguez e o hespanhol, em quanto que os raianos da Hespanha fallam pessimamente o portuguez.

Pessoas notaveis

A villa da Zebreira pela sua posição junto da raia e por ser fortificada, devia ter com os hespanhoes muitos conflictos, nos quaes por certo se distinguiram filhos seus, —e por ter como tem grandes rebanhos e *centos* de pastores, muitos d'estes se devem ter distinguido em luctas com as feras e com os proprios elementos, com outros pastores e com os povos circumvisinhos, mas até hoje infelizmente a Zebreira nunca teve chronista e nós, além da falta de habilitações, moramos a grande distancia, pelo que a muito custo organisámos estas pobres linhas e deixamos este topico simplesmente apontado,

Apenas indicaremos dois filhos d'esta parochia que na primeira metade d'este seculo se tornaram notaveis,—um pela sua religiosidade,—outro pela sua excentricidade e falta de patriotismo. Foram elles;

1.º *Leonardo Chaves*,—o fundador da capella de Nossa Senhora da Piedade, mencionado supra;

2.º *Diogo Vaz*—ou Diogo *Portú*, — assim cognominado, por que a todos tractava por tu.

Na guerra da Peninsula bandeou-se com os francezes contra Portugal, dizendo que o motivo de tão estranho procedimento foi a guerra que lhe moveram os capitães mores da freguezia.

Deus lhe perdoe.

Costumes e preconceitos

Muitos habitantes d'esta parochia despresam a medicina e costumam ir na manhã de S. João beber agua de 7 fontes que não se avistem umas a outras, convencidos de que, enchendo bem o estomago com agua em taes condições, ficam livres de toda e qualquer enfermidade?!...

Nos dias de semana os homens agricolas, que constituem a maior parte da freguezia, usam sapatos ou botas brancas de atanado,

calção e vestia comprida de saragoça ordinaria, collete de *chaviote* ou meia cazimira, *cinta* ou faxa preta de lã, chapeu de lã fina e aba redonda e gabão de burel preto com capuz.

Nos dias festivos os mais abastados usam bota preta de vitella, calça, collete e *quinzena* (especie de casaco pequeno) de cazimira ou panno preto—e outros de *chaviote* ou saragoça preta fina,[1] — chapeu preto ou branco de aba redonda, de lã muito fina ou de pelle de coelho ou lebre.

As mulheres e filhas dos agricultores nos dias de semana usam sapato preto ou branco de atanado ou de vitella,—saiote de panno encarnado,—saias de chita,—casaco ou casaquinha apertada, de tecidos de lã,—lenço na cabeça—e cabello *enrolado* á hespanhola.

Nos dias santos:—vestidos de chita, cassineta ou drogas de lã com bastante roda e folho—ou pequena roda, mas com *apanhados*,— chale de merino, — cabello *enrolado*, bota de vitella ou de verniz, etc.

—

As danças populares d'esta freguezia são bailes, polkas, mazurkas, schotizes, contradanças e fandango hespanhol (*jota*).

Os descantes dos mancebos quasi todos se resumem em *fadinhos*, acompanhados de guitarras e violas francezas ou violões de cordas de tripa, instrumentos que mais vulgarmente usam.[2]

As raparigas, chegando á idade nubil, começam logo a fazer côro com as outras, *tareando habaneiras, malaguenhas, jotas, seguidilhas* e outras modinhas hespanholas e portuguezas, bem como grande variedade de jogos de roda cantados.

São muito sympathicas e distinguem-se das moças dos povos raianos limitrophes e dos circumvisinhos.

São mais vivases, mais desenvoltas e até *mais namoradeiras*!...

Desculpem a liberdade do termo.

Isto, que para nós é *hoje* muito simples e todos comprehendem. passados seculos fará matutar os leitores, como nós hoje matutamos para comprehendermos a descripção do vestuario, usos e costumes das gerações extinctas.

ZEBRO—animal. V. *Zebra*.

ZEBRO—casal da freguezia de *Val de Cavallos*, concelho da Chamusca, districto de Santarem.

V. *Val de Cavallos*, tomo 10.º pag. 44, col. 1.ª

A povoação de *Val de Cavallos*, séde da parochia, está na margem esquerda da ribeira d'Alpiarça, confluente do Tejo, do qual dista 4 kil. para S. E. e 8 da villa da Chamusca para S. S. O.

Além da dicta povoação comprehende esta freguezia os casaes seguintes:—Val da Lama da Atella, Val da Lama da Rosa, Val do Porco, Val da Bezerra, Val de Carros, Val de Flores, Monte do Val de Flores, Aguas Vivas, *Zebro*, Anjo, Seixo, Fontainhas, Caniceira, Carvalho, Carvalhal, Parreira, Villa de Rei de Baixo, Villa de Rei de Cima, Villão, Areias, Migas, Matafome, Salvador, Palhas, Corvas ou Curvas, Cantaro, Murta, Almotolia, Semideiro, Moinhola, Bunheira, Vime, Cruzetes, Cruzetinhos, Machoqueira, Barrosa, Cambeiro, Costeirinhas, Cantarinho, Arneiro Alto, Sesmaria e Perna Secca;—as quintas de Outeiro, Cabide, Commenda, Quinta Nova, Chocalho, *Pazè* e *Omnia*,—e os sitios (habitações isoladas) de Alto da Cerca, Moinho Novo, Carvão, Mulas e Alto da Vendeira.

—

A freguezia de *Val de Cavallos* pertenceu ao concelho de *Ulme*, extincto pelo decreto

---

[1] A melhor saragoça fabricada em Portugal *até hoje* é a da casa *Rainhas*, de Gouveia, denominada *saragoça Rainha*.
V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem*.

[2] N'esta mesma provincia da Beira Baixa—em volta da Serra da Estrella — os instrumentos favoritos e quasi *unicos* do povo são *adufes*, especie de pandeiros ou tambores quadrados e fechados, — instrumentos antiquissimos!
V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:541, col. 1.ª

de 24 d'outubro de 1855, pelo qual passou para o da Chamusca.

O meu benemerito antecessor em 1882 deu-lhe 245 fogos. mas o censo de 1878 deu-lhe 331 fogos e 1:126 habitantes, no que não ha proporção, porque 331 fogos deviam dar pelo menos 1:340 habitantes.

Com o mesmo nome de *Zebro* temos no nosso paiz mais 2 casaes, 1 herdade e 2 sitios; — *Zebro de Baixo* e *Zebro de Cima*, tambem casaes, — e com o nome de *Zebros* um casal e uma aldeia, mas não nos consta que offereçam coisa digna de menção.

ZEDES — aldeia e freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, comarca de Moncorvo, districto e bispado de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Vigairaria outr'ora—hoje simples encommendação amovivel.

Orago, S. Gonçalo; fogos 61, habitantes 244.

Em 1706 era vigairaria apresentada pelo reitor de Marzagão, freguezia d'este concelho de Carrazeda d'Anciães; — pertencia ao termo e concelho da extincta villa e parochia d'Anciães, comarca (corregedoria e provedoria) de Moncorvo, arcebispado de Braga;—tinha 2 capellas e 28 fontes (?!...) e contava 60 fogos,—segundo se lê na *Corogr. Port.* que, talvez por erro typographico, lhe deu o nome de *Gedes*.

Em 1768 era vigairaria da apresentação do reitor de Anciães, que dava ao pobre vigario apenas 6$000 réis de congrua, alem do mesquinho pé d'altar,—e contava 50 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano*.

Em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 58 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe os mesmos 58 fogos e 210 habitantes e o censo de 1878 deu-lhe tambem 58 fogos e 206 habitantes.

Do exposto se vê que esta parochia tem pequena população, mas este mesmo concelho tem outra ainda menos populosa. E' a de *Samorinha*, que apenas conta 42 fogos. Das 21 freguezias d'este concelho 7 não contam 100 fogos cada uma; de 100 a 200 fogos tem 9 freguezias; de 200 a 300 fogos tem 4=e só a freguezia de Linhares conta mais de 300 fogos (335). O mesmo succede em todo o bispado de Bragança. E' o que tem freguezias mais pobres e menos populosas, posto que muitas já contam duas e tres extinctas, *annexas*, e tendem a extinguir-se outras muitas!... Pelo contrario a diocese do Algarve é a que relativamente conta freguezias mais populosas.

V. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Mirandella, tomo 11.º pag. 1:094, col. 2.ª

—

Esta pequena e pobre freguezia comprehende apenas a povoação de *Zedes*, que demora a N. E. e na falda da serra de Reborosa.

Dista da margem esquerda do Tua 4 kil. para S. E.; 5 de Carrazeda de Anciães para N.; 6 da estação do Amieiro (a mais proxima) na linha ferrea do Tua; 25 de Moncorvo; 70 de Bragança; 160 do Porto, pelas linhas de Tua e Douro,=e 497 de Lisboa.

Templos: — 1.º a egreja matriz, em bom estado;—2.º a capella de *Santa Margarida*, aberta ao culto;—3.º a capella de *S. Roque*, interdicta e profanada;—4.º a capella de... —feita de abobada, brazonada e particular. Suppomos que pertence à nobre familia *Dá Mesquitas e Meneses* que possuem n'esta parochia um edificio brazonado, em que vivem.

Tem esta parochia ao sul da povoação um largo muito espaçoso, a que chamam *Prado*.

Banham-na dois ribeiros—um a S. outro a N. — que tem 5 pontões e 2 moinhos — e desaguam no ribeiro de *Frarigo*, confluente do Tua.

—

Producções dominantes: — muito e bom centeio, batatas, castanhas e hervagens (feno) em bons lameiros.

Tambem antes da invasão phylloxerica produziu algum vinho e é abundante de caça miuda—coelhos e perdizes.

Não tem aula alguma, nem sequer de instrucção primaria.

Não consta que tenham apparecido aqui moedas romanas nem pedras com inscripções, «ha comtudo uma velharia (diz o meu

informador) que merece mencionar-se: é uma *guarita* ou *casinha*, formada de grandes pedras sómente, e que póde abrigar seis ou mais pessoas. Chamam-lhe *Casa da Moura* e este mesmo nome dão ao sitio onde se acha, que é no mencionado *Campo*, ao nascente d'esta aldeia.»

A dicta *Casa da Moura* muito provavelmente é um dolmen ou anta, pois n'este concelho ainda hoje se encontram mais dolmens. Na freguezia de *Villarinho de Castanheira* apontámos nós tres.

V. tomo 11.º pag. 1:342, col. 2.ª

Com vista aos archeologos.

Freguezias limitrophes: — Amedo, Pinhal do Douro, Carrazeda d'Anciães e Pereiros.

Esta pobre freguezia não tem estrada alguma a macadam. A mais proxima é a de Foz Tua a Carrazeda d'Anciães e que faz parte da de Villa Real de Traz os Montes a Freixo de Espada á Cinta, apenas feita desde Villa Real até Favaios.

Moedeiro falso

Não consta que esta parochia tenha produzido pessoas notaveis pelas armas, lettras ou virtudes; mencionaremos pois sómente um pobre moedeiro falso, filho d'esta freguezia, por nome *Manoel Ignacio* que, depois de cumprir sentença por outros crimes na cadeia da Relação do Porto, foi ali preso em janeiro de 1887, por fabricar moeda falsa e no commissariado da policia declarou o seguinte:

Ser natural da freguezia de Zedes, concelho de Carrazeda de Anciães, trabalhador, morador no monte da Penna, em Villar, no Porto. Que effectivamente, foi a casa de Manoel dos Santos, no monte da Lapa, em maio do anno findo (1886) e que em companhia d'elle, fabricára moedas de 500 réis, sendo igualmente feitas pelos dois as fôrmas de gesso.

Que aprendeu a fazer as moedas, quando esteve nas cadeias da Relação, onde foi escrivão e juiz da prisão de Santo Antonio.[1] Havia ali um preso que se promptificava a ensinar todos os que quizessem fabricar moedas falsas, offerecimento que elle declarante, acceitára.

Quando Manoel dos Santos foi preso, elle declarante ausentou-se do Porto e escondeu n'um silvado, proximo ao Palacio de Crystal, algumas colheres e barras de estanho, e que, quando regressou fôra encontral as no mesmo lugar, levando-as então para casa, e por isso é que lá foram encontradas, pelos guardas civis n.ºs 146 e 161.

Posteriormente foram julgados elle e outro farroupilha, o tal *Manoel dos Santos*, seu socio na triste empreza, mas não sabemos que premio receberam e que destino lhes deram.

—

Não sabemos qual a verdadeira etymologia de *Zedes*.

Fr. João de Sousa, no diccionario *Vestigios da lingua arabica*, diz que o nome d'esta freguezia transmontana vem de *Zeida* ou *Zaida*, nome arabe, proprio de mulher, e que significa *augmentadora*, como proveniente do verbo *zada*, *accrescentar*, *augmentar*.

Tambem poderá vir de *Zaidi* ou de *Yezid*, nomes arabes, — ou da tribu africana *Zenetes*, que no nosso idioma facilmente podia dar *Zedes*.

No testamento de D. Enderkina Palla, feito no anno de 976, figura entre as diversas testemunhas um padre de nome *Zeide*.[1]

Tambem nas *Dissert. Chronol.* de João Pedro Ribeiro, tomo 1.º pag. 202, se encontra um documento do anno 995 (reinado de D. Bermudo II) no qual figura um indivi-

---

[1] Nós não conhecemos o tal *servo de Deus*. Vamos simplesmente extractando o que disseram os jornaes; mas do exposto se vê que elle já havia commettido outros crimes e que era ou é homem valente e energico, pois mereceu a *honra* de ser nomeado *juiz da prisão*.

[1] *Portug. Monum.* — *Diplom. et Chartae*, pag. 74, doc. n.º 117.

duo chamado *Ziti*,—outro *Zydi Trastemirizi*, — outro *Zidi Ermiarizi* — e outro *Zidi, quasi presbytero*, que foi quem escreveu o dicto documento, pertencente ao mosteiro de Vairão.

Do exposto se vê que ne sec. x era trivial no nosso paiz o nome *Ziti*, ou *Zydi*, ou *Zidi*—*Zido*, ou *Zede*, ou *Zedes*.

V. *Zido*, aldeia, infra.

Não podemos pois acceitar sem escrupulo a cathegorica affirmativa de Fr. João de Sousa — e terminaremos dizendo que nos parece gôdo o nome de *Frarigo*, ribeiro mencionado supra.

ZEGONIAR—port. ant. — viver em mancebia.

«No foral das Extremaduras, dado por el-rei D. Affonso Henriques, e regulado pelo que seu bisavô, el-rei D. Fernando, o Magno, tinha dado á villa da Pesqueira e outras, se diz:—«Si homo, aut mulier...[1]

Em vulgar : — Se algum homem ou mulher disser ao seu visinho ou visinha *Zegulo de foão*, ou *Zegonia com foão*, e não poder provar com testemunhas, pague 30 soldos para a camara e seja considerado reu de *homezio*.[2]»

«Nenhuma duvida póde haver, que aqui se tracta de castigar os que falsamente levantavam o crime de *concubinato*, ou *mancebia*, lançando em rosto ao seu visinho que era *Zegulo de fulana*, ou á visinha — que *Zegoniava com fulano*: o que não provando por inquirição de testemunhas, eram condemnados a pagar á camara 30 soldos, e desterrados do logar, como se foram homicidas do corpo, assim como o tinham sido da honra e fama.

«Mas que, etymologia daremos nós a *zegonia*?...

«Diremos que vem de *Agola*, que era na baixa latinidade o mesmo que *Synagoga*, ou logar, em que o povo se juntava?

«Diremos que vem de *Zech*, ou *Zechum*, que significa a *sociedade*, ou do verbo *zechare*, que era frequentar a companhia d'alguem?

«E que cousa mais propria dos torpes amantes, que procurar a sociedade reciproca para metter em uso a desordem das suas paixões?...

«Alem d'isto *os nossos naturaes mudavam com frequencia o S em Z*,[1] e porque não leriam aqui *segonia* isto he (fallando honestamente) *se diverte, se alegra, se desenfada*?

«Sabemos que *agonia* he trabalho, combate, lucta, dôr, pena, afflicção, tristeza; mas se lhe tiramos o *a*, que he *privativo*, porque não diremos que *gonia* he prazer, regosijo, descanço, entretenimento, gosto, consolação, allivio?... Embora; mas que significação daremos nós a *zegulo*?...

«Poderiamos avançar que do latino *sagulo*, pequeno sayo de burel, ou panno grosso de que os zagaes ou pastores usavam, e os moços de servir, se disse *Zegulo* o que servia deshonestamente a mulher alheia, o amasio, concubinario, mancebo, criado torpe, lascivo e deshonesto. Comtudo eu reconheço que não passa de tentativa o meu pensamento.

—

«Mas quanto seria para desejar que nós tornassemos a ver as rigorosas penas contra as más linguas, que como chammas do inferno assim abrazam as honras e famas dos seus visinhos, sem que os aggressores malvados experimentem a espada da lei!...

«Em todas as nações foi abominavel e punida a desenfreada lingua, que não perdôa á reputação honesta do proximo. Nos Paizes-Baixos, Alemanha, França e outras partes havia antigamente duas grandes pedras na casa do senado, que a mulher convencida de ter chamado a outra *p*... ou outra palavra deshonesta, era obrigada a

---

[1] V. *Zegoniar* em Viterbo.
[2] Livro dos *Foraes Velhos*.

[1] E os hespanhoes e leonezes mudavam e mudam o Z em S ou Ç,—na escripta algumas vezes e na pronuncia *sempre*.
V. *Vouzella*—rio.

P. A. Ferreira.

levar ás costas de freguezia em freguezia, sem mais vestidos que a camisa, e rodeada de grande multidão de gente. A esta vergonhosa pena chamavam *Lapides catenatos ferre*, a qual igualmente se applicava aos adulteros, porem, com circumstancias *ainda mais vergonhosas*.

«Em Portugal tambem se castigou antigamente o crime da lingua *com todo o rigor*...

«Na casa da camara da villa de *Sanceriz*, junto a Bragança, se vê ainda hoje um freio com que se castigavam as mulheres *bravas* de condição e maldizentes, e mesmo todas as pessoas, cujo crime procedia de palavras. O dicto freio tem lingua para a boca, argola para o queixo de baixo e cambas que lançam sobre o nariz, — tudo de ferro; tem igualmente cabeçada com sobre-testa para a cabeça, com fivéla que fecha para traz, e redeas com passador.[1] Hoje, porém, que a maledicencia tem chegado *ao seu maior auge*,[2] jazem as leis, dormem os magistrados, e os linguarazes cada vez se fazem mais orgulhosos e insolentes, chegando a pôr a boca no ceu da honestidade mais pura, e fazendo talvez cahir no vicio algumas almas fracas, a quem a boa fama havia conservado largo tempo na virtude.

«No *Cod. Alf.* liv. 1.º tit. 62, § 13, se diz: —*Haverá mais o Alcaide Mór todalas coimas, que os homeens da Alquaidaria poserem aas molheres, que som useiras de braadar: e he de pena, por cada vez que a assy poserem, tres libras de moeda da moeda antiga.*

Oh tempos! oh costumes?...»

—

Note-se que Viterbo escrevia em 1798,— no tempo da Inquisição e dos governos absolutos, das penas corporaes, da forca e da picota e das *Ordenações do Reino*, cujo livro 5.º faz tremer!...

[1] V. *Sam-Ceriz*, tomo 8.º pag. 377, col. 1.ª *in fine*.

[2] Que diria Viterbo se vivesse na actualidade (1889) e lesse os nossos jornaes da opposição e de *combate*,— esses *pamphletos* immundos, que são a vergonha da imprensa?!...

In illo tempore tambem qualquer livro antes da impressão era submettido a rigorosa *censura* official, em quanto que hoje tudo se publica francamente: — jornaes de toda a ordem, versos os mais impios, operetas immundas e romances *realistas*, a *fina flor* da litteratura hodierna, — *leitura para homens*—diz o editor, para que sejam, como effectivamente são, os mais lidos pelas mulheres. N'elles e nos theatros de hoje encontram as filhas e as mães entapetado de flores o caminho do lupanar, pelo que a desmoralisação hodierna assombra,—já tem *foros de cidade*—e promette ir muito mais longe esta vasa do progresso!...

ZEIAM—nome arabe.

D'elle talvez provenha o nome de *Saiam* ou *Saião*, dado a duas quintas nossas e a um poço do Douro, mencionado no art. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:705, col. 1.ª

Zeiam, principe de Maquinez em Africa, sendo expulso dos seus estados por Mahomet, seu primo, rei de Fez, veiu a Lisboa invocar a protecção do nosso rei e levou-o a tentar a conquista de Azamor com um grande exercito commandado por D. João de Menezes, mas o tal sr. Zeiam, longe de nos dar na Africa o auxilio que promettera, bandeou-se com os africanos contra nós; foi porém derrotado com perda de 14:000 homens,—diz Moreri.

ZEIDONEZES.—Assim se denominava no seculo XI uma villa (aldeia, granja ou quinta) no territorio de Penafiel, pois em uma doação vastissima que na era de 1104,— anno de 1066 — Garcia Moniz e sua mulher Elvira fizeram ao convento de Vairão, entre muitas propriedades sitas nas margens do rio Ave, do Tamega e do Douro, tanto na margem direita como na margem esquerda —em Arouca, Sinfães, e Paiva, no latim barbaro d'aquella epoca se encontra mencionada a *villa Zeidoneses*.

«...in terra de *Penna Fideli* (diz a escriptura)... villa *Zeidoneses*...»[1] — «Na

[1] *Dissert. Chronol.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 221, doc. n.º 23.

terra de Penafiel... a villa de *Zeidoneses...*»

A tal quinta mudou de nome, pois não ha no districto do Porto quinta ou povoação alguma, cujo nome tenha affinidade com aquelle.

Suppomos que a tal villa de *Zeidoneses* é a mesma que o bispo do Porto D. Hugo recebeu do mosteiro do Paço de Sousa no anno de 1116 em troca de certas exempções que n'aquella data concedeu ao dicto mosteiro.

Póde ver-se a escriptura de transação nas *Dissert. Chronol.* de João P. Ribeiro, tomo 1.º pag. 142, doc. n.º 35, posto que ali se lhe dá o nome de *Ceidoneses*, nome a que talvez correspondam os de *Cidães*, freguezia do districto de Bragança, — *Ceidão*, quinta do districto de Viseu, *Seidões*, aldeia e freguezia do concelho de Fafe, districto de Braga.—*Sedão*, casal da freguezia de Mancellos, no antigo concelho de *Riba-Tamega*, hoje Amarante,—e *Sedões*, aldeja da freguezia de S. Thiago de Bougado, concelho de Santo Thyrso.

Teem muita affinidade com estes nomes os das nossas freguezias de *Zedes* e *Seide* (S. Paio e S. Miguel) — talvez todas provenientes de *Zeid*, *Seid* ou Said nomes arabes.

V. *Zedes*.

ZEIVE — parochia extincta, hoje simples aldeia da freguezia de *Paramio*, havendo pertencido repetidas vezes á de Mofreita, concelho de Vinhaes, a cuja freguezia estava annexa e contava 31 fogos em 1756, segundo se lê na *Corogr. Port.* tomo 1.º pag. 499. Depois passou para a freguezia de *Paramio*, concelho de Bragança;—pelo decreto de 31 de dezembro de 1853 voltou para a de Mofreita,—por decreto de 24 d'outubro de 1855 voltou para a de Paramio; depois, não sabemos quando, tornou a voltar para a de Mofreita—e hoje (1889) pertence outra vez á de *Paramio?!*...

Carvalho denominou-a *Ozeive*, em vez de *Zeive*, como se diz o *Gem*, *o Touro*, *o Molledo*, *o Marco*, *o Pinhão*, etc.

—

A dicta povoação do *Zeive* ainda conserva a sua antiga matriz com a invocação de *S. Cypriano* e pia baptismal. Demora na margem esquerda do rio *Tuella*, nascente principal do *Tua*,—e na margem direita do rio *Baceiro*, confluente do Tuella.

Tem 38 a 40 fogos e dista 2 kil. da *Mofreita* e cerca de 3 tanto de *Paramio*, como dos rios *Baceiro* e *Tuella*.

Producções dominantes—centeio, batatas, castanhas, hervagens e hortaliça.

Tambem cria bastante gado lanigero, muar e vaccum, e é muito abundante de caça dos seus montes e peixe dos seus rios.

Em junho do corrente anno (1889) o muito rev. sr. bispo de Bragança D. José Alves de Mariz, andando a visitar o bispado, esteve na Mofreita, em Paramio e n'esta povoação do *Zeiva*, cujos habitantes lhe offereceram uma linda cazula amarella, propria para as solemnidades episcopaes de ordens e chrisma.

—

De passagem diremos que está a sair do prélo (Typographia da *Palavra*, Porto) um livro que prende com a freguezia de *Mofreita*. Intitula-se *Monumento á memoria de D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, bispo de Bragança* — escripto pelo rev. sr. conego Manoel Antonio Pires, auxiliado pelo sr. conde de Samodães e pelo rev. sr. padre Arthur Eduardo d'Almeida Brandão, distinctos escriptores catholicos,—e pelo humilde auctor d'estas linhas.

O livro prende com a dicta parochia, porque o venerando bispo D. Antonio foi n'ella parocho e n'ella existe ainda hoje um dos dois *Recolhimentos de Oblatas do Menino Jesus*, fundados por D. Antonio.

O outro está em *Fornos de Ledra*, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros.

V. *Villa Verde de Mirandella*, tomo 11.º pag. 11:097, col. 1.ª e segg.; *Villar de Ledra*, no mesmo vol., pag. 1230, col. 2.ª — e *Bragança*, *Mofreita* e *Fornos de Ledra* n'este diccion. e no supplemento, onde volveremos a fallar do santo bispo D. Antonio.

RETRACTAÇÃO

Aproveitando o ensejo, *muito espontaneamente* retiramos tudo o que no artigo *Vicente de Fóra* (*S.*) tomo 10.º pag. 550 e 551, dissemos em desabono do venerando bispo D. Antonio Luiz da Veiga, porque ao tempo ainda não o conheciamos e trahiunos a *manhosa e perigosa carta* do astuto abbade de Medrões, que foi contemporaneo e um dos mais injustos e crueis detractores d'aquelle virtuosissimo prelado.

Fique pois prevalecendo o que mais tarde e sobre o mesmo assumpto dissemos no citado artigo *Villa Verde* e o que em refutação da dicta *carta* e em abono do mencionado bispo se lê no livro *Monumento*, publicado a instancias nossas.

Poenitet, poenitet!!!...

ZELA ou **ZELLA**—cidade extincta e supposta capital dos *zoelas*, hoje talvez representada pela pequena e pobre aldeia e freguezia de *Castro d'Avellãs*, concelho de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Para evitarmos repetições, veja-se n'este diccionario o art. *Castro d'Avellans*, tomo 2.º pag. 201,—e nas Memorias de *Litteratura portugueza*, tomo 5.º pag. 258 e segg. a interessante *Memoria* que Frencisco Xavier Ribeiro de S. Payo dedicou ao dicto mosteiro em 1793.

Tambem se denominava *Zela* ou *Ziela* uma cidade do Ponto, junto da qual Cesar alcançou contra o rei do Ponto uma victoria tão rapida e completa, que escreveu ao senado romano dizendo simplesmente:—*Veni, vidi, vici*. Em vulgar: — *Cheguei, vi* e *venci*, — phrase que ainda hoje voga.

V. *Strabão, Ptolomeu, Plutarco* e *Moreri*.

ZELA ou **ZELLA**—pequeno rio, affluente do Vouga.

Nasce ao sul e a distancia de 8 kilometros de Vouzella;—corre em direcção a N.; passa a O. de Vouzella, tocando na propria villa, onde corta a rua da *Ponte*, passando em uma antiga ponte de pedra de um só arco, ponte que deu o nome à dicta rua, por onde seguia a velha estrada real de Lamego, Castro d'Ayre e S. Pedro do Sul para Aveiro, Agueda e Coimbra,— estrada substituida pela nova a macadam que passa um pouco a jusante em nova ponte de pedra lançada sobre o mesmo rio; depois continua o *Zella* a caminhar para N.— e, depois de mover alguns pisões e moinhos, desagua na margem esquerda do Vouga a distancia de 1:500 a 2:000 metros da villa de Vouzella, tendo de curso total cerca de 10 kilometros.

Na opinião commum a villa de *Vouzella*, foi assim denominada por estar entre os rios *Vouga* e *Zella*. Alguem diz mesmo que primitivamente se denominou *Vougazella*; mas nós não acceitamos sem escrupulo esta opinião, porque os leoneses, nossos ascendentes, denominavam esta villa *Baucela*;— assim se denominou tambem uma ribeira confluente do Zezere; tambem se denominou *Vouzella* uma das nascentes do Vouga — e ainda hoje tambem se denomina *Vouzella*, uma aldeia da freguezia de *S. Miguel*, da villa e concelho de *Penella*, districto de Coimbra.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos *Vouzella* e *Zella*, supra.

Addições

Aproveitando o ensejo de fallar de um rio que banha a villa de *Vouzella* e que na opinião commum lhe deu o nome, consignaremos aqui mais alguns apontamentos muito interessantes para o esboceto biographico dos illustres vouzellenses dr. José Maria de Lima Lemos e fr. Bernardino, seu irmão, já mencionados no artigo *Vouzella*.

A casa *Lima e Lemos*, de Fataunços, não é brazonada, mas foi muito considerada e um *viveiro de doutores*!...

Nós já mencionámos o dr. *José Maria de Lima e Lemos*, que foi lente de direito na Universidade, e seu irmão *Fr. Bernardino*, tambem formado em direito—e tiveram outro irmão, *Domingos Liborio de Lima e Lemos*, tambem formado em direito. Seguiu a magistratura e foi nomeado desembargador no tempo de D. Miguel, mas não chegou a tomar posse.

Tiveram outro irmão — *Francisco d'Almeida Lima e Lemos*, que não se formou. Seguiu a vida militar e morreu de 18 annos com a patente de alferes.

Foram seus paes *João d'Almeida Lemos*, tambem formado em direito, e D. Marianna Angelina de Lima e Lemos, ambos de Fataunços. Teve o dr. João d'Almeida Lemos um irmão formado em direito *Antonio Tavares d'Almeida Lemos* — e outro doutor de capello em medicina—*Bento Joaquim de Lemos*, — que foi lente de prima e director d'aquella faculdade. Casou com D. Maria Amalia, dona da quinta do *Cidral*, em Coimbra, e ali viveram e morreram sem successão, pelo que deixaram a dicta quinta ao dr. José Maria de Lima e Lemos, seu sobrinho, que ali viveu com elles e por elles foi educado, e por morte d'elles ali viveu tambem, mas no ultimo quartel da vida, vendo-se muito doente e só, passou para a casa da hospedaria do convento das Therezinhas e ali expirou, como já dissemos no artigo *Vouzella*.

Mudou para a hospedaria do convento, por ser confessor e director espiritual d'elle e por ter ali como prelada uma sobrinha— *D. Maria Izabel*, que ainda hoje (1889) lá vive com opinião de *santa!*...

—

Foi tambem tio do dr. José Maria de Lima e Lemos, *José Bernardo*, dr. em mathematica.

Tendo seguido a vida ecclesiastica, professou na ordem dos jesuitas e foi martyrisado no imperio da China, onde pelos seus vastos conhecimentos chegou a ser *mandarim de 1.ª classe*, como premio de ter sido mestre do filho do imperador então reinante,—discipulo ingrato, pois subindo ao throno mandou matar o illustre vouzellense e mandarim, seu mestre, por não querer abjurar a religião catholica.

O dr. José Maria de Lima e Lemos nasceu em Fataunços, a 3 kil. de Vouzella, no dia 21 de janeiro de 1795.

Estudou os preparatorios em Coimbra, vivendo com seus tios na quinta do Cidral e d'ali se formou e tomou capello em canones, ficando logo oppositor da faculdade.

—

Em 1826 foi nomeado deão de Leiria, onde viveu até 1830, vindo depois reger a cadeira de lente de prima na Universidade e vivendo na companhia dos seus mencionados tios na quinta do Cidral. Fallecendo o tio dr. Bento, continuou a viver com a tia viuva até á morte d'ella, ficando herdeiro universal dos dois e dono da quinta do Cidral, onde continuou a viver, pelo que era no meu tempo conhecido por *dr. José Maria do Cidral*.

O irmão, — Fr. Bernardino da Virgem Santissima, varatojano e tambem dr.— antes da profissão chamava-se *João d'Almeida*.

Recusou o arcebispado d'Evora no tempo d'el-rei D. João VI, e ainda ultimamente, depois da restauração do governo liberal, recusou o mesmo arcebispado, pois no tempo da rainha D. Maria II lhe foi offerecido pelo duque de Saldanha.

O dr. Domingos Liborio casou na freguezia de Avanca, no concelho d'Estarreja, com D. Joaquina Generosa de Lemos Rezende, da qual teve uma filha—D. Maria José Rezende, actual dona da quinta do Cidral,—e um filho—dr. José Maria de Lemos Almeida Valente, formado em leis, casado e com successão. E' o dono da casa de Fataunços e representante d'esta nobre familia. Seguiu a magistratura e é actualmente juiz de 1.ª classe.

—

O capitalista e commendador Cidade, de quem já fizemos menção no art. *Vouzella*, nasceu na aldeia de Cercosa, freguezia de Campia, onde tem ainda hoje uma prima,— e teve uma irmã, que casou na aldeia de Sabrosa, freguezia da Trapa, com José de Mattos, o qual, sendo já viuvo, e um filho foram os herdeiros principaes do dicto commendador.

Entre os *Vouzellenses illustres* mencionámos o rev. dr. *João Rodrigues*, de Fataunços, como prior em Lisboa.

Foi lapso, pois é ali *conego*, não *prior*.

Egidéa

Com relação ao illustre vouzellense *S. Fr. Gil*, mencionaremos tambem aqui a *Egidéa, poema heroico, ou a historia da protentosa vida do grande penitente S. Fr. Gil portuguez, da sagrada ordem dos pregadores... Lisboa... 1788.*»

E' um pequenino, mas interessante poema em 9 cantos e 155 pag. com uma gravura indulgenciada, representando o altar de S. Fr. Gil,—poema hoje muito raro, mas por fortuna possuimos um bom exemplar, completo e muito bem tratado.[1]

O dicto poema é anonymo e nem o *Diccion. Bibl.* de Innocencio, nem o *Manual* de Pinto de Mattos, *filho de Vouzella*, o mencionam; foi porem escripto por um *medico*, pois principia assim:

«A rara conversão do varão forte,
De um moço portuguez, illustre e santo,
A victoria feliz, a feliz sorte,
Contra o traidor commum medito, e canto;
....»

E termina assim:

«Agora meu São Gil em fim Te peço,
Que meu benigno sejas advogado;
Ainda que meus versos, eu conheço,
Te tenhão atégora mal louvado:
Com grande devoção eu tos offereço
Porque tenhas em mim todo o cuidado;
Faze pois, que te imite convertido;
Medico, e peccador pois tenho sido.»

O mesmo se conclue tambem do modo como o auctor descreve a facilidade que os medicos teem de seduzir as doentes que tractam.

Diz elle:

«Duas muralhas tem a castidade,
Com que dos vis ataques se defende:
O pejo natural que na verdade,
Baixeza o ser vencida sempre entende;
O respeito nascido da humildade
Do sexo superior quando a pretende:
Mas nada póde mais que a *Medicina*
Estes ambos vencer por contramina.

—

O pejo pouco a pouco se transforma
Em grande confidencia e amizade,
Logo sem reflexão se perde a norma
Que déra a educação e a probidade:
Hum conceito se faz por esta fórma
Que a *Medicina* he só sinceridade,
Sem receiar que vem n'este concreto
Hum lascivo, gentil, rico e discreto.

—

Da saude o favor faz obrigada
A donzella innocente, e generosa,
A doença bem pouco acautelada,
E de não ser ingrata desejosa:
O *Medico* que vê tão maltratada
A belleza na febre perigosa,
Solicito na cura mais se esfórça,
E ambos sem reflexão se amão por força.

—

Quando a doente está convalescida,
Elle mais que contente satisfeito
Se mostra por lhe ter salvado a vida
No perigo em que a vira com effeito:
Ella por não faltar agradecida,
Com a melhora affirma o seu conceito,
Quando já sem remedio reconhece,
Que com outros symptomas adoece.

—

Mas quando a reflexão já determina
O mesmo derribar, que sustentára
Quando o lascivo *Medico* machina
A mesma cativar que libertara:
Só com temor de Deos, força divina
Assalto tão perigoso se repára;
Só com grandes auxilios e virtudes,
Donzella, escaparás, por mais que estudes!..»

Canto 2.º, estancias XXII a XXXI.

Do exposto se vê que o auctor, alem de ser bom poeta—*entendia da arte!*..:

[1] A grande *Bibliotheca publica do Porto* não possue exemplar algum da *Egidéa*.

Desculpem a transcripção, pois veiu a proposito e serve para fechar e amenisar tão longo como insulso artigo.

Do contexto do poema tambem se infere que o auctor *vivia em Santarem*. Talvez fosse natural d'aquella cidade, então villa.

ZELADORES ou **ASSASSINOS**, — medonha seita ou facção de judeus, formada no anno 7.º de Christo por Judas *galileu*.

Diziam-se propugnadores da liberdade e da gloria de Deus e chegaram a ter grande partido,—bateram os romanos e apoderaram-se de Jerusalem,—mas em breve foram exterminados, porque praticaram os maiores excessos e assassinaram milhares de pessoas, como diz Josephe *De Bello Jud.*

ZELADORES ou **VIGIAS**, — empregados das camaras do Porto e de Lisboa que tinham e teem a seu cargo velar pelo cumprimento das posturas municipaes.

ZELOBRIGA—V. *Celiobriga*, tomo 2.º pag. 230, col. 1.ª

ZENITH—do arabe *semt*, ou *semt-anas*—ponto vertical.

E' o ponto que no firmamento ou no alto do ceu corresponde perpendicularmente á nosssa cabeça, em qualquer parte que estejamos, no mar ou na terra. Contrapõe-se-lhe o *nadir*, ponto vertical e opposto no hemispherio dos antipodas.

«No mesmo seculo, que decem huns, vão subindo outros, e ainda no mesmo dia apparece no *Zenith* hum astro, e o que estava no *Nadir* ganha o logar, que elle deixa.»

Barreto, *Pratica entre Heraclicto e Democrito*, 61.

ZEPHYRO—deus da fabula.

Favorecia a criação das flores e dos fructos; dava alento ás plantas, vigor e vida a todas as producções, pelo que o denominaram *Yephyro*, de *zoi*—vida, e *pherin* — trazer, como quem traz e dá vida.

Representavam-no por um gentil e galhardo mancebo, coroado de flores.

Depois denominou-se tambem *zephyro* o vento que sopra da parte do poente. Traz comsigo as chuvas e incommoda bastante; os poetas antigos porém denominaram vento zephyro o vento brando e agradavel, que faz abrir as flores e recreia toda a natureza.

A *zephyro* e outros ventos dá Heziodo por paes Astreu e a Aurora.

Ao vento *zephyro* tambem davam o nome de *favonio* os poetas latinos.

ZERALHÓA,—ponte de pedra antiquissima na ribeira da *Teja*, confluente do Douro.

V. *Teja*, vol. 9.º pag. 524, col. 2.ª

Ampliemos um pouco mais aquelle artigo.

A ribeira da *Teja* nasce a N. e no concelho de Trancoso, junto da antiquissima villa de *Moreira de Rei*,[1] lado O. e da povoação e freguezia limitrophe da Castanheira, lado E., pois entre estas duas parochias principia o valle da *Teja*. Corre a N.; passa 1 kil. a E. do *Terranho*, onde principia a engrossar com as aguas da celebre fonte do *Milho*, que dá 86:400 litros d'agua em 24 horas e faz a riqueza e fertilidade d'aquella parochia.[2] Cerca de 2 kil. a jusante passa a O. de Casteição, que lhe fica á direita e distante pouco mais de 2 kil. Continua avançando para N. deixando á direita as povoações e freguezias de Outeiro dos Gatos, Meda, Cancellos, Poço do Canto, Valle do Porco, Sebadelhe e Seixas;—á esquerda as povoações e freguezias da Torre, Prova, Ave-

---

[1] V. *Moreira de Rei*, tomo 5.º pag. 548, col. 2.ª;—*Viariz*, tomo 10.º pag 466, col. 1.ª—*Viseu*, tomo 11.º pag. 1:700, col. 2.ª;—*Villa Nova de Tazem*, tomo 10.º pag. 888—e *Moreira de Rei* no supplemento, onde daremos largas noticias d'aquella interessantissima estancia archeologica e talvez prehistorica?!...

[2] V. *Terranho*, vol. 9.º pag. 551, col. 1.ª *in fine* e segg.

De passagem diremos que já falleceu Christovam d'Almeida de Sá Menezes, ali mencionado, 1.º visconde da Torre do Terranho, casado com D. Maria Amelia d'Aguilar Teixeira Cardoso, filha do dezembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar. A dicta senhora vive na sua nobre casa do Terranho, com uma filha *unica*—D. Ignacia d'Almeida Sá Menezes d'Aguilar, ainda solteira, que nasceu em outubro de 1870.

Na freguezia do Terranho grassa no momento (julho de 1889) uma medonha epidemia de typhos. Já matou 19 pessoas no curto praso de 15 dias, contando actualmente aquella povoação apenas 130 fogos.

loso, Sapateira, Telhal, Ranhados, Cedavim, Horta e Numão, terra pobre pela sua posição elevada e alpestre, encostada aos velhos muros da antiga cidade romana (?) ainda soffrivelmente conservados. V. *Numão*.

Finalmente morre na margem esquerda do Douro, a O. da celebre quinta do *Vesuvio* ou das *Figueiras*,—tendo de curso total cerca de 60 kilometros.

—

Não rega muitos campos, porque em geral corre funda por entre penhascos medonhos, comtudo em Cedavim rega alguns hectares de optimo terreno, conhecido pelo nome de *Talhamar*.[1]

Defronte de *Numão* começa a ribeira a despenhar-se sobre o profundo valle do Douro, baixando nos ultimos 5 kil. talvez mais de 600 metros, sempre comprimida entre rochedos gigantes.

Offerece um espectaculo imponente e magestoso a dicta ribeira no inverno com grande volume d'agua, despenhando-se de rocha em rocha até cair precipitadamente no Douro da altura de 12 metros, formando no Douro o *ponto da Teja*.

V. *Pontos do Douro*, vol. 7.º pag. 199, col. 2.ª n.º 69.

Não longe da sua confluencia com o Douro tem na margem direita um canal ou grande açude de 1 kil. d'extensão, aberto em rocha viva, que vae para a grande quinta das *Figueiras*, onde rega pomares e move azenhas e moinhos.[2]

Entre o Poço do Canto e Ranhados, mesmo nas margens da ribeira, ha duas antigas povoações em ruinas: — *Chão do Rego*, do lado O. pertencente á freguezia de *Ranhados*.

Tem 15 casas, algumas de boa construcção, mas em abandono, e aguas sulfurosas de que o povo se utilisa. A outra povoação pertence á freguezia do *Poço do Cano*; denomina-se *Poio*—e terá 12 casas, todas em ruinas.

Ha tambem perto em uma elevação 5 casas, abandonadas ha muito, no sitio do *Cavallinho*. Consta que os habitantes d'estas povoações as deixaram por causa das formigas e que foram estabelecer-se no *Poço do Canto*.

Ainda hoje por estes sitios alguns annos no verão as formigas são uma *verdadeira praga*, como nós já tivemos occasião de ver na povoação da *Cogulla*, concelho de Trancoso,—sendo aliás a povoação *mais rica* e uma das mais bem agricultadas d'aquelle concelho.

V. *Cogulla* n'este diccionario e no supplemento.

---

[1] *Cedavim* é uma das freguezias mais importantes, mais populosas, mais ricas e mais ferteis do concelho de *Villa Nova de Foscôa*.

V. *Cedavim* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle *pequeno* artigo.

Em Cedavim tinha um dos seus solares o desembargador Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguillar, comprehendendo nobre casa e muitos bens que pertencem hoje aos seus filhos.

V. *Aguilares* no fim d'este artigo *Zeralhôa*.

[2] De passagem diremos que a dicta quinta é uma das poucas do Alto-Douro que, depois da invasão philloxerica, ainda se conserva muito viçosa e produzindo grande quantidade de vinho, porque os seus riquissimos proprietarios não se pouparam nem poupam a despezas para salval-a.

E' agora toda atravessada de leste a oeste pela linha ferrea do Douro, na qual tem estação propria (o apeadeiro do *Vesuvio*) junto do palacete principal e jardins da grande quinta, ficando não longe a montante a estação do *Freixo*—e a juzante a de *Vargiellas*, a pequena distancia da ponte lançada sobre o Douro e pela qual a linha ferrea o atravessa a montante do *Cachão da Valleira*, passando para a margem direita, pela qual segue até o Porto.

Com relação á grande quinta, V. *Vesuvio* tomo 10.º pag. 316, col 2.ª—e *Douro Illustrado*, pag. 81 a 99; com relação á linha do Douro V. *Vias ferreas*, no mesmo tomo 10.º pag. 471, col. 2.ª; e com relação ao celebre ponto do *Cachão da Valleira* V. *Pontos do Douro*—e *Villa Secca d'Armamar*, tomo 11.º pag. 1:059 e segg.

As formigas atravessavam campos, vinhas e olivaes em *grosso cardume* junto das casas e, apesar da guerra que lhes faziam matando milhões d'ellas, não podiam extinguil-as!...

Isto é um facto que nós presenciámos. Não admira, pois, que em tempos mais remotos, quando o nosso paiz estava em grande parte inculto, as formigas obrigassem os habitantes d'alguns povos a mudar de local, como a tradição diz que mudaram os habitantes d'aquellas aldeias e *d'outras muitas*.[1]

Moinhos e pontes

A Teja move mais de 70 moinhos de cereaes, alguns pisões e differentes moinhos d'azeite na quinta das *Figueiras* e n'outros sitios.

Tem 3 pontes de madeira e 5 de pedra, sendo duas d'estas antiquissimas e attribuidas aos romanos:—a de *Cedavim*, na freguezia d'este nome, — e a da *Zeralhóa*, na freguezia de *Numão*, ambas no concelho de Villa Nova de Foscôa

As outras pontes de pedra demoram— uma na freguezia de *Avelloso*, concelho da Meda; outra, denominada de *S. Sebastião* (por estar junto de uma capella do martyr) na freguezia do *Terranho*, concelho de Trancoso; e outra, ainda em construcção n'esta data (1889) a jusante de Cedavim, na estrada nova a macadam de Cedavim ao apeadeiro da quinta do Vesuvio na linha ferrea do Douro,—estrada ainda por concluir. Apenas tem 7 kilometros acabados.

—

O terreno do valle da Teja é pouco mimoso e varia muito de temperatura com as grandes differenças de exposição e altitude.

Junto do Douro é ardentissimo e, se não fora tão escabroso e tão eriçado de penedos, podia produzir optimo vinho e optimas laranjas, como produz a quinta do Vesuvio.

A montante de Numão é bastante frio e as suas producções principaes são centeio, milho, vinho de mesa, batatas, castanhas e *nabos*.

Tambem é abundante de caça miuda e cria bastante gado lanigero.

Os *nabos* são uma especialidade da villa e concelho da *Meda*. Costumam partil-os com machados para os darem aos bois e fazem d'elles bancos para se sentarem á lareira, pois são tão volumosos que parecem aboboras, chegando a pesar uma arroba (15 kilos) cada um?!...

É terreno privilegiado para aquella producção, como o do Alto Douro para o vinho fino, o da minha Penajoia para as cerejas, o de Amarante para os pecegos, o de Villa Nova de Gaya para os morangos, o da Serra da Estrella para o queijo, o de Setubal e S. Mamede de Riba-Tua para as laranjas, o do alto de Traz os Montes para a couve penca,[1] o de Murça, Melgaço e Lamego para presuntos, o de Elvas para a couve flor e azeitonas de conserva, o do Algarve para os figos, o do Alemtejo para os paios e o da ribeira da Villariça para o milho grosso, melões e canhamo.

V. *Villariça*, tomo 11.º pag. 1:311, col. 2.ª e segg.

Note-se porem que na Villariça a producção é quasi espontanea. Não demanda cuidados, regas, mondas, nem adubos, emquanto que na Meda costumam dar 6 a 8 arados aos terrenos que destinam para os nabaes, isto é, lavram-nos 6 a 8 vezes e adubam-nos prodigamente.

---

[1] V. *Minhocal*, tomo 5.º pag 239, col. 1.ª

[1] Ali as dictas couves chegam a pesar uma arroba (15 kilos) e *mais*, cada uma?!... E são muito saborosas e tão mimosas, que por vezes as cosinham *sem agua* e dão um prato deliciosol...

Mettem os *olhos* (especie de repolho) da couve em uma caçoula; com o calor do lume dão humidade sufficiente para se guizarem;—temperam-nos ou adubam-nos—e assim os cosinham *sem agua*.

Aguilares de Cedavim

—*José Teixeira d'Aguilar e Lemos.*

—*Antonio de Lemos Teixeira de Aguilar* e

—*Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar* —eram irmãos e foram todos 3 pares do reino.

O 1.º seguiu a vida militar; foi capitão de engenheiros e governador civil de Braga, etc.

O 2.º seguiu a magistratura e foi apresentado com as honras de conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Sendo já viuvo e s. g. casou com sua cunhada D. Barbara Maria da Silva Tello de Noronha, filha dos marquezes de Vagos e teve 2 filhos—Francisco e José, ambos ainda solteiros.

Bernardo de Lemos Teixeira de Aguilar seguiu tambem a magistratura e foi conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Casou com D. Ignacia Adelaide Cardoso Barata Vasconcellos, de Villarinho de S. Romão, e tiveram os 6 filhos seguintes:

1.º—José d'Aguilar Teixeira Cardoso, bacharel formado em direito e ainda solteiro.

2.º—Francisco d'Aguilar.

Falleceu em 1888 no estado de solteiro tambem.

3.º—D. Maria do Patrocinio, ainda solteira.

4.º—Bernardo d'Aguilar, engenheiro civil, casado e c. g.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1729, col. 2.ª e 1740, 1.ª

5.º—D. Maria Amelia, mencionada supra, —viscondessa da Torre do Terranho, viuva e c. g.

6.º—D. Maria do Carmo, ainda solteira.

Herdaram de seus paes muitos bens nas freguezias de Cedavim e Banhados e em outras dos concelhos da Meda, Foscôa, Regoa, Sabrosa, Porto e Lisboa, pelo que os irmãos solteiros, vivem habitualmente em Lisboa, na rua das Escolas Geraes, n.º 14.

—

Os 3 pares do reino mencionados supra, eram filhos de

—*Francisco Teixeira Rebello Bravo d'Aguilar*, senhor dos morgados de Cedavim, Castro d'Ayre e outros em Braga.

Casou com D. Maria Ludovina de Lemos Alvim e Carvalho, da casa de Santar, e era filho de

—*Francisco Xavier Teixeira Rebello*, C. O. Ch.

Casou com D. Joanna Josefa de Azeredo Leite, e era filho de

—*José Teixeira Rebello Cardoso d'Aguilar.*

Casou com D. Anna Maria Pereira de Menezes, e era filho de

—*Francisco Saraiva Cardoso d'Aguilar*, capitão mór de Trancoso e Pena Verde.

Casou com D. Maria d'Almeida Cardoso, herdeira e administradora do vinculo de Nossa Senhora da Conceição, instituido em Cedavim por Filippe Rebello e sua mulher D. Guiomar Cardoso em 1543, a quem n'esse anno foi concedido brasão d'armas.

O dicto Francisco Saraiva era filho de

—*Francisco Saraiva d'Aguilar.*

Casou com D. Maria de Sousa, sendo filho de

—*Manoel Luiz de Carvalho e Aguilar.*

Casou com Catharina Saraiva, sendo filho de

—*Francisco Lopes d'Aguilar*, casado com D. Maria da Gama, filho de

—*Alvaro Lopes d'Aguilar*, fidalgo da casa d'el-rei D. Manoel.

Casou com D. Antonia de Lucena, e era filho de

—*Tello d'Aguilar*, natural da Hespanha, descendente de Fernam de Goios, que com seu pae Nuno Gonçalo de Goios vieram para Portugal no tempo de D. João I, e com seu irmão Pedro de Goios seguiram o partido da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. Duarte, como se póde ver na *Chronica d'El-Rei D. Affonso V* por Duarte Nunes de Leão cap. 2.º e 9.º

Aguilares de Braga e Castro d'Ayre,
ramo *dos Aguilares de Cedavim*

—*Francisco Saraiva Cardoso d'Aguilar*, mencionado supra, era neto materno de

Francisco Teixeira Rebello Cabral e de D. Guiomar d'Almeida Cardoso, o qual foi mestre de campo da comarca de Pinhel e valorosamente defendeu a praça d'Almeida contra o duque de Ossuna em tempo de el-rei D. Pedro II.

D. Guiomar d'Almeida era neta de Affonso Rodrigues da Guerra, alcaide mór de Numão,[1]—e filha legitima de Diogo Cardoso de Almeida, que foi armado cavalleiro por Bernardim de Carvalho em Tanger, a 27 de junho de 1557, o que foi confirmado por el-rei D. Sebastião, fazendo-lhe tambem mercê da alcaidaria mór de Numão em 1560.

—

D. Anna Maria Pereira de Menezes, mulher de José Teixeira Cardoso d'Aguilar, mencionado supra, era bisneta de Lourenço de Carvalho Rangel (C. O. Ch. e capitão mór de Castro d'Ayre, fundador do morgado d'aquella casa) e de sua mulher D. Filippa de Sousa Bravo de Menezes, da cidade de Braga, descendente d'Alvaro da Moita Pinto, que assistiu á tomada de Azamor e falleceu contando a bagatella de 120 annos de idade.

Alvaro da Moita era filho de Vasco da Moita Pinto, que foi armado cavalleiro por D. Garcia de Meneses e confirmado por el-rei D. Manoel em 8 d'abril de 1516.

Vasco da Moita era filho de Bernardo de Carvalho e Azevedo, alcaide mór de Braga, cavalleiro da ordem de Santo Estevam de Florença, e de sua mulher D. Magdalena da Gran Barbosa, filha de Manoel da Gran e de sua mulher Cecilia Barbosa.

Manoel da Gran era filho de Isabel Pires da Gran e de seu marido João de Sottomaior e irmã de Pedro da Gran, ultimo commendador de Carvoeiro, que instituiu o vinculo da capella das Santas Chagas na egreja de S. Thiago da cidade de Braga.

Isabel Pires da Gran era filha de Constancia Brito da Gran, casada com Ruy d'Abreu, filho de Sebastião Tavares de Brito e de sua mulher Brites de Brito,—e bisneta de

Sebastião Rodrigues da Gran, alcaide mór de Chaves, cavalleiro no tempo de D. João II, filho de

Ruy Gomes da Gran, filho de Gomes da Gran e neto de

Esteves Gomes da Gran, fidalgo do tempo d'el-rei D. João I.

ZETAS ou **ZATAS**,—rio do Alemtejo.

Nasce perto de Villa Fernando e desagua na margem esquerda do Tejo abaixo de Salvaterra, com 24 legoas de curso. Seus affluentes á direita são *Ervedal* e *Sor*; á esquerda o *Divor*. Alguem dá tambem ao rio *Zetas* o nome de *Ervedal*.—E' isto o que diz o *Flaviense*; o meu antecessor tambem indicou o *Zetas* entre os confluentes do Tejo, mas a *Chorographia Moderna* e o Mappa de J. B. de Castro não mencionam tal rio. Deram-lhe provavelmente outro nome.

Por descargo de consciencia direi que o *Flaviense* tambem me não inspira confiança, pois deu o *Sorraia* como *pequeno rio que entra no Tejo acima de Salvaterra de Magos*, emquanto que os meus mappas dão o *Sorraia* como um grande *rio* que desagua no Tejo muito *abaixo* de Salvaterra, tendo como tributarias ou affluentes muitas ribeiras importantes,—todas as que banham com differentes nomes o Alemtejo desde a villa de Ponte de Sor até Alpalhão, Portalegre, Monforte, Estremoz, Arrayollos e Montemor o Novo. Tem pois uma bacia hydrographica immensa e não póde dizer-se *rio pequeno*.

Mas qual é o rio *Zetas*?

Provavelmente é uma das muitas ribeiras affluentes do Sorraia, mas nenhuma d'ellas tem, como diz o *Flaviense*, 24 legoas de curso.

Dicant transtagani.

ZEVRARIO ou **ZEBRARIO**.

Nas demarcações do grande couto do mosteiro de Crestuma, que se estendia pelas duas margens do Douro, se faz menção na terra de Souza do *Monte Zevrario*, isto é, *Monte de vacas*—diz Viterbo.

[1] Esta alcaidaria andou nos Aguilares de Cedavim até 1580.

Livro *Preto* de Coimbra, fl. 39, doc. do anno 922.

Viterbo dá *Zebro* e *Zebra* como synonymos de *boi* e *vaca*, mas Bluteau e Moraes dão-lhes significação muito differente.

V. *Zebra*, supra.

ZEZERE (Santa Marinha do) freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e diocese do Porto na provincia do Douro.

Abbadia.

Orago, *Santa Marinha*—e não *Santa Maria*, como se lê em alguns autores.

Fogos 560, habitantes 2:750.

Em 1544 era da apresentação dos jesuitas d'Evora; depois passou para o collegio dos jesuitas de Coimbra,[1] que muitos annos receberam todos os dizimos d'ella, até que estes (não sabemos quando) foram divididos pelo collegio dos jesuitas d'Evora e pelo convento benedictino de Travanca.[2]

Extinctos os jesuitas em 1759, passou o quinhão d'elles para a Universidade, mas depois (tambem não sabemos quando) foram os dizimos d'esta parochia divididos pelo Papa, pela Mitra, pelo abbade e pelo convento de Travanca.

Em 1706 pertencia esta parochia ao concelho de Baião e á comarca (corregedoria e provedoria) do Porto; era abbadia do mosteiro de Travanca no concelho de Amarante, *com reserva*; tinham os padres da companhia d'Evora duas partes da renda, que montavam a 270$000; o abbade recebia 300$000 réis, e a freguezia contava 270 fogos.

Em 1768 era da aprezentação alternativa do papa, da mitra e do convento de Travanca; rendia para o abbade 500$000 réis e contava 306 fogos.

Em 1852, segundo se lê no *Flaviense*, era do concelho de Baião, comarca de Soalhães e contava 471 fogos.

O censo de 1864 deu-lhe 482 fogos e 1:913 habitantes; — o de 1878 deu-lhe 511 fogos e 2:207 habitantes—e hoje (1889) conta aproximadamente 560 fogos e 2:750 habitantes.

—

Tem augmentado e augmenta a sua população, porque o seu clima é temperado e muito saudavel; o seu chão é muito arborisado e bem agricultado, e sem ter pantanos, tem abundancia de excellente agua nativa de veia corrente, tanto potavel como de rega. Além d'isso está abrigada do norte em pendente rapida sobre a margem direita do Douro, francamente exposta ao sul e muito batida do sol. Tudo isto é saude e vida e explica a vantajosa desproporção que se dá entre o numero dos fogos e dos habitantes, pois tendo em geral no nosso paiz cada fogo termo medio 4 habitantes, os 560 fogos d'esta freguezia deviam dar 2:240 habitantes, mas dão 2:750, quasi 5 habitantes por fogo.

Por serem muito vigorosas, são muito prolificas as mulheres d'esta parochia e não raras vezes de um só parto dão dois filhos e *mais*!...

Tambem aqui trivialmente se encontram pessoas de 80 a 90 annos de idade.

—

Demora na extremidade E. S. E. do concelho de Baião ao longo da margem direita do Douro e da sua linha ferrea, na qual tem a estação da *Ermida*;—é banhada por 2 rios —*Douro* e *Teixeira*—e por dois grandes ribeiros ou rios mais pequenos:—*Silva Rosa* e *Zezere*, atravessando-a este ultimo de norte a sul e passando junto da sua egreja matriz, pelo que tomou d'elle o nome.

A dicta egreja demora em sitio alto, alegre e vistoso na margem direita do Zezere, do qual dista cerca de 300 metros para O.; 2 kil. da margem direita do Douro e da estação da *Ermida* para N.; 12 de Campello, séde actual do concelho e da comarca, para E.; 87 do Porto e 424 de Lisboa.

Freguezias limitrophes: — Frende (alem do rio Teixeira) Loivos da Ribeira, *Trezou-*

---

[1] Veja se o topico infra—*Pergaminhos*.
[2] V. *Travanca*, vol. 9.º pag. 728, col. 2.ª

ras[1] e Gestaçô a E.; — Valladares a N.;—S. Thomé de Covellas a O. — e Rezende, alem do Douro, a S.

—

Producções dominantes : — milho, vinho, azeite, batatas, castanhas, hortaliça, hervagens, linho e fructa de toda a qualidade, inclusivamente laranjas, o que prova que o clima é doce.

Tambem produz nas terras seccas centeio, trigo e cevada e cria bastante gado bovino e suino e algum lanigero, mas pouco.

O vinho é verde e *de enforcado,* como no Minho, mas de boa qualidade, e o que ouve *ranger a espadella*, criado no fundo da grande encosta ao longo da margem direita do Douro, é bastante maduro. Se fosse colhido á parte, confundia-se com o do baixo-Corgo, porque os dictos chãos em geral são seccos e ardentissimos no verão e ha por ali bastantes vides baixas, como as do Douro.

Note-se que o chão d'esta freguezia é muito accidentado e muito declivoso com pendente rapida sobre o sul ou sobre o Douro,—pendente tão rapida que, não se afastando a extremidade N. d'esta freguezia talvez mais de 8 kilometros da margem do Douro, attinge talvez mais de 500 metros de altitude sobre o nivei do rio, pelo que o seu clima não é uniforme. Varía com a altitude. É fresco na parte alta; temperado na parte media—e ardentissimo na parte baixa de *verão,* pois no inverno mesmo ali, como succéde nas margens de *todo o Douro,* por vezes é insupportavel o frio, nomeadamente quando sopra o vento leste, ali denominado *suão* e *secca silvas,* pois queima as proprias silvas, tão agrestes e tão vivases!... E' o vento que vem da Hespanha encanado pelo Douro e que talvez desse curso á locução vulgar portugueza:—*Da Hespanha nem vento, nem casamento.*

---

[1] Este nome de *Trezouras* provem talvez de *Trezoy,* nome proprio godo ou musarabe,—e o de *Loivos,* corrupção de *Lobios,* provem talvez de *Lobia,* nome arabe.

Na propria estação da *Ermida,* que está beijando o Douro e é muito batida do sol, por vezes no inverno, como succedeu no anno de 1887, a agua géla no deposito para abastecimento das machinas e só com agua aquecida ao lume se opéra o desgélo.

—

Note-se que a dicta estação é muito abundante d'agua de veia nativa e muito saborosa, pois rebenta mesmo ali do granito, pelo que no verão, d'ali vae nos comboios muita agua potavel para a Regoa, formosa e populosa villa de grandes recursos, mas muito falta de *combustivel, de pedra* e *d'agua potavel,* pelo que no momento está encanando as aguas do monte *Mourinho* e projecta encanar tambem as do *Corgo,* rio pouco distante.

V. *Regoa* n'este diccionario e no supplemento.

Toca pois os dois extremos o clima d'esta parochia de Santa Marinha do Zezere, mas só á beira do Douro; na parte restante é temperado e agora no verão (estamos em julho de 1889) é encantador, principalmente nas grandes ravinas e fundas quebradas dos seus rios e ribeiros, pois na estiagem estão litteralmente cobertas de mimosa vegetação, tanto do seu arvoredo—castanheiros, oliveiras e pomares de fructa que formam bosques cerrados,—como das uveiras que bordam os seus campos de milho, todos cobertos d'agua e que, tirado o milho, rapidamente se transformam em vastos lameiros ou prados artificiaes sempre verdes.

—

São de mais a mais no verão aquellas ravinas aviarios encantadores, immensos, onde em mavioso concerto se ouve de sol a sol o canto de centos d'aves, dominando o grande côro as rolas e os roixinoes, os gaios e os melros, ficando os roixinoes, essas aves tão sympathicas e aqui tão abundantes, cantando a *solo* toda a noite.

O mesmo agora no verão se nota em ambas as margens do baixo Douro, nomeada-

mente na minha *Penajoia*.—uma das freguezias mais vastas, mais ferteis e mais abundantes d'agua—e a *mais cheia d'arvoredo fructifero e mais mimosa* que se encontra desde o Porto até á Barca d'Alva e Miranda —até Salamanca e Zamora—e talvez em todo o Portugal e Hespanha, ou *em toda a peninsula Iberica?!*...

V. *Penajoia* n'este diccionario e no supplemento.

Merecem especial menção as castanhas d'esta freguezia. São excellentes, muito estimadas na praça do Porto e algumas muito temporãs. Amadurecem no mez de setembro e denominam-se *castanhas de Lamellas*, porque o 1.º castanheiro da dicta qualidade foi plantado no casal de *Lamellas*, pertencente ás *Casas Novas*.

Aldeias e casaes, casas e quintas

Comprehende esta parochia as seguintes aldeias: — *Egreja* ou *Santa Marinha*, uma das mais pequenas, onde está a egreja matriz;—*Lages* ou *Lageas*, uma das mais importantes com algumas lojas de commercio, caixa de correio, pharmacia, etc. a jusante e não longe da matriz na margem esquerda do Zezere;—*S. Pedro* uma das mais populosas com 31 fogos, 3 capellas, etc. a montante da estação da *Ermida* e distante d'ella pouco mais de 1 kilometro, mas de caminho diabolico, extremamente ingreme; — *Ermida*, uma das mais pequenas, mas muito poetica e vantajosamente situada á beira do Douro, junto da estação e das duas barcas de passagem, estação e barcas que d'ella tomaram o nome da *Ermida*;—Paços, Vinha, Granja, Penedo, Estrada, Crusinha ou Coroinha, Sarnado, Responso, Adro,[1] Barreiro, Aveleira, Covello, Ervedal, Ucha, Miguas, Araes,[2] Lama d'Alem, Lama d'Aquem, Brete de Baixo, Brete de Cima, Campo, Casal Paio, Fonseca,[1] Tôrtela, Amoreira, Real e Fontello; — os casaes de Nogueira, Casalinho, Tôrtela, Quebrada de Baixo, Quebrada de Cima, Real, Villa Jusão, *S. Domingos*,[2] Feijoeiros, Cruz, Tapado, Sequeiro, Touça, Ramalhido, Lavra, Ribeiro de Fonseca, Valle, Amoreira, Casal, Cabanellas, Dizimos, Valle da Grade, Thias, Travassos, Pousada, Feitoria, Corgo, Belga, Varzea, Olho Bom, Prados e Miradouro.

As *casas* e *quintas* de Travanca, Ermida, Casas Novas, Entr'Agoas, S. Pedro, Granja, Guimarães, Cadeade de Cima, Cadeade de Baixo, Corujeiras, Pepim, Ervedal, *Botica*,[3] Barbedo, Varzea, Real, Travassos, Ribeiro, Quintão, Alvites, Bouças e Casa da Torre, que foi de João Pereira do Cabo (barão do Cabo) e já não tem torre; — as habitações isoladas de Presa, Prado, Vinhósinhos,[4] Sant'Anna,[5] Bicheiro e Vallinhas,—e os moinhos do Quelho, Fraga, Ponte de Frende e outros muitos.

---

[1] O *Adro* é parte integrante da aldeia de S. Pedro e no *Adro* está a capella de S. Pedro que deu o nome ás 2 povoações.

[2] *Araes*, como logo diremos, é parte integrante da aldeia de *Miguas*.

[1] A aldeia de *Fonseca* tem differentes grupos de casas com differentes nomes, a saber: Quinta de Fonseca, 2 fogos; Ribeiro de Fonseca, 3 fogos; Fonseca de Fonsecas, 4 fogos; Eirô de Fonseca, 4 fogos; Teixeira de Fonseca, 6 fogos; Arrabalde de Fonseca, 8 fogos; Portas de Fonseca, 3 fogos; Fraga de Fonseca, 4 fogos; Souto de Fonseca, 9 fogos; Mouras de Fanseca, 2 fogos; Villa Nova de Fonseca, 6 fogos; Peso de Fonseca, 2 fogos; Ribeirinho de Fonseca, 2 fogos; Lagos de Cima de Fonseca, 3 fogos e *Paço de Fonseca*, nucleo d'esta aldeia, 13 fogos, — total 69 fogos.

[2] Teve, mais já não tem capella de *S. Domingos*.

[3] Teve, mas já não tem *botica*.

[4] N'esta cesa de *Vinhósinhos* muitos annos se celebraram as audiencias do juiso ordinario d'esta parochia, por ser a dicta casa bastante central e não ter quartos, mas só tres grandes salas, e por andar em mãos de caseiros.

Pertence a uma nobre familia da *Faia*, nos suburbios d'Amarante.

[5] Demora á beira do Douro e teve uma capella de *Santa Anna*, que foi profanada, quando se fez a linha ferrea. Ainda lá se veem as paredes.

Templos

Tem esta parochia uma egreja, de que logo fallaremos, e 19 capellas, — 5 publicas e 14 particulares. Vamos indical as todas.

1.ª *Senhora do Soccorro* a O. e distante cerca de 250 metros da aldeia de S. Pedro.

Não é grande, mas antiga; está bem conservada e ali vae da matriz annualmente um clamor no dia da Assumpção, em cumprimento d'um antigo voto, pois todos os habitantes d'esta parochia depositam muita fé na dicta Senhora e a ella costumam recorrer, quando se veem afflictos, v. g. quando é grande a falta de chuva e a sêcca devora as searas,—ou quando a chuva é demasiada e compromette as colheitas.

Quando é grande a falta de chuva, levamna em procissão até á matriz, seguindo pelas estradas que atravessam os maiores campos, parando de longe em longe e volvendo o rosto da imagem para as campinas resequidas; quando a chuva é demasiada levamna coberta para a matriz é d'ali volvem com ella em procissão para a sua capella, sempre acompanhada por muito povo que vae com as lagrimas nos olhos entoando a ladainha dos santos, e raras vezes a Virgem deixa de attendel-os.

—

Ainda ha poucos annos, sendo extraordinaria a sêcca e estando os renovos perdidos, varios devotos tractaram de pedir esmolas pela freguezia para levarem a Senhora em *clamor*. A estiagem era de tal ordem que alguns individuos menos crentes sorriram. Não esmoreceram porem os devotos e marcaram dia para o clamor. Toldou-se immediatamente o ar, dando prenuncios de chuva e no dia aprazado, quando principiou o clamor, principiou a chover e *choveu torrencialmente* durante o percurso do clamor e *todo o dia*, ficando os devotos erguendo as mãos ao ceu. E os descrentes, envergonhados e confundidos, foram muito espontaneamente levar as suas offerendas.

—

2.ª *S. Pedro*, capella antiquissima. Demora na povação que tomou d'ella o mesmo nome de *S. Pedro*.

Está no sitio do *Adro*. Diz a tradição que já foi egreja matriz d'esta parochia e que a pobre ermida actual era a capella mór da egreja.

Está bastante arruinada, mas ainda aberta ao culto e, talvez em *signal de obediencia*, a ella vem da matriz annualmente e desde tempo immemorial um clamor no dia de S. *Pedro*.

3.ª *S. Braz*, na aldeia do Paço.

Tem festa e arraial muito concorrido e *muito divertido* no dia do seu orago — 3 de fevereiro, pois os devotos, por ser tempo de entrudo, misturam o sagrado com o profano e aproveitam o ensejo para folgarem e jogorem o entrudo, mascarando-se e distribuindo muitos cartuxos de pó de gomma e de papel de cores cortado em pequenos fragmentos.

Tambem ha por essa occasião muitas *festadas* (descantes e danças) e vendem-se muitas *falachas*, feitas de massa de castanhas.

Logo fallaremos das *festadas* no topico *descantes populares*.

4.ª *Santa Eufemia* na aldeia de Fonseca.

Está aberta ao culto, mas mal tractada.

5.ª *Santo Antonio* na aldeia das Bouças. Em ruinas e profanada.

Todas estas são publicas; as seguintes são particulares:

—

1.ª *Santo Antonio* na aldeia de S. Pedro.

Pertence á quinta da nobre casa da *Soenga*, de S. Martinho de Mouros, hoje representada pelo sr. D. Joaquim d'Azevedo Mello e Faro, residente no Porto.

2.ª *Santo Antonio* na aldeia da Ermida.

Pertence ao palacete do sr. dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, de quem logo fallaremos.

3.ª *Santo Antonio* na aldeia do Ervedal.

Pertence á casa da quinta do Ervedal.

4.ª *Senhora da Conceição* na aldeia da Granja.

Pertence á casa e quinta do sr. Carlos Negrão, de Mesãofrio.

5.ª *Senhora da Conceição.*

Pertence á casa e quinta de Guimarães, que foi de José Reymão de Mello Palhares e é hoje do sr. Francisco Pinto da Silva.

6.ª *Sant'Anna.*

Pertence á casa e quinta das *Casas Novas*, que foi de Carlos Candido e é hoje do sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho.

7.ª *Senhor dos Afflictos* na aldeia de Travanca.

Pertence á casa de Travanca da familia *Carvalhaes.*

8.ª *Senhor de Mattosinhos* na aldeia de Miguas.

Pertence á mesma casa de Travanca.

Em ruinas e profanada.

9.ª *Espirito Santo.*

Pertence á casa e quinta de Entre-Agoas, que foi de Antonio Perfeito e é hoje da sr.ª D. Carlota Adelaide Perfeito.

10.ª *S. Caetano* na aldeia de Fonseca.

Pertence ao sr. José Ferreira Coutinho.

11.ª *Senhora da Conceição*, nas Leiras.

Pertence ao sr. João Alves de Araujo.

12.ª *S. João* na mencionada aldeia de Travanca.

Em ruinas e profanada.

13.ª Capella de... na aldeia de Cadeade.

Pertence ao sr. Antonio Alves, mas nunca foi ultimada nem aberta ao culto.

14.ª *Sant'Anna* á beira do Douro. Profanada.

Egreja de Santa Marinha, matriz actual d'esta parochia

Como já dissemos, demora em sitio alto e vistoso, a pequena distancia da margem direita do Zezere, mas em terreno ingrato para uma construcção de tal ordem, por ser muito ingreme.

A tradição diz que primitivamente foi uma capella, cuja invocação hoje se ignora e que estava perto da margem direita do Douro na pequena povoação da *Ermida*, que tomou d'ella o nome.

Nada, absolutamente nada resta hoje da dicta capella. Apenas se aponta como local da pobre ermida um sitio denominado *Lodam* ou *Lodo*, onde se teem encontrado pequenas moedas antigas de cobre muito gastas,[1] contas de vidro, de rosarios, e ossos.

O local era solitario, abafado e deserto, mas tinha certa importancia pela sua posição geographica, pois estava junto da barca de passagem que tornava a dicta capella muito conhecida e muito accessivel aos povos das duas margens do Douro.

—

Note-se que a invasão dos barbaros do norte e a dos mouros fizeram rarear muito a população christã e os templos e conventos de Portugal e da peninsula. Apenas escaparam de longe em longe algumas egrejas e capellas e talvez que a da *Ermida* fosse uma das taes, pelo que, na falta de melhor templo, foi arvorada em matriz, como os povos fronteiros do actual concelho de Rezende e outros até muitas legoas de distancia arvoraram em matriz, talvez *in illo tempore*, a capella de *Nossa Senhora de Carquere*;— e os povos do concelho de Taboaço e outros muitos mais distantes arvoraram em matriz a capella de *Nossa Senhora do Sabroso* junto da villa de Barcos — e os do districto de Panoias arvoraram em matriz a capella d'Anciães, etc., etc.

V. *Carquere*, *Sabroso* e *Villa Real de Traz os Montes* vol. 11.º pag. 936, col. 2.ª

Note-se finalmente que todo o bispado do Porto no sec. VI comprehendia apenas 25 freguezias.

V. *Porto*, vol. 7.º pag. 271, col. 1.ª

Da capella da *Ermida* (diz ainda a tradição) passou a matriz d'esta parochia para a

---

[1] Talvez que as dictas moedas fossem lançadas na sepultura dos cadaveres, como se usou antigamente em todo o nosso paiz e se usa ainda hoje em muitas parochias. — nomeadamente n'esta de *Santa Marinha do Zezere*, tanto no enterro de pessoas pobres, como das mais nobres e mais ricas.

capella de *S. Pedro*, situada a montante e em sitio mais alegre e desafrontado, cerca de 1 kil. para N. N. O. na povoação de *S. Pedro*, como já dissemos supra, no tit. *capellas publicas*, n.º 2, — e d'ali passou para a egreja actual, ou antes para o templo (talvez edicula ou capella) hoje representado pela egreja de *Santa Marinha*.

—

É um templo soffrivel de uma só nave, pouco elegante, mal situado, mal tractado e muito irregular.

Como demora em uma barreira com pendente para o sul, a egreja ficou atravessada de nascente a poente, com a porta principal para este ultimo quadrante.

O adro é informe, desgracioso e pequeno. Do lado sul está ao nivel do pavimento da egreja; do lado norte e poente está em nivel superior e afrontando a egreja com uma grande sobre-carga de terra, que torna o templo bastante humido.

Sobe-se da parte inferior para a superior do adro por alguns degraus de pedra, seguindo-se para N. o cemiterio, que está contiguo e em plano superior ainda; — e para S., em plano inferior, está a velha residencia parochial, muito irregular tambem e mal tractada, mas com bastantes commodos e boa cerca, resto do antigo passal, que foi desamortisado ha poucos annos, arrematando a terça o parocho actual—rev. José Bernardo Correia de Sa—da Villa da Feira, que em um sitio lindissimo, desafrontado de todos os lados, um pouco a juzante da velha rezidencia e na parte do passal que arrematou, fez em 1887 um bom edificio, onde vive com a sua familia.

O passal era espaçoso e, quando o governo o poz em praça, foi dividido em 6 lotes, sendo um arrematado pelo dicto abbade, outro pelo dono das *Cosas Novas*, outro por Antonio Luiz Pereira d'Amorim, outro por Albino Pinto Torres e outro, o da margem esquerda do Zezere, pela dona da quinta de *Entre Agoas*.

Ao todo produziu cerca de 8 contos de réis, que foram averbados em inscripções aos parochos—e ainda ficou para estes o 6.º lote, que é um bom quintal junto da velha residencia.

Como os abbades d'esta parochia tinham bom rendimento proveniente dos dizimos e do grande passal, foram sempre e são ainda hoje pouco importantes os emolumentos do pé d'altar.

—

A egreja outr'ora era muito mais pequena, como revelam as acanhadas proporções da capella mór.

Foi restaurada e ampliada no primeiro quartel do sec. XVIII pelo benemerito dr. e abbade Fr. Salvador Coutinho da Cunha, das Casas Novas, religioso benedictino do convento de Travanca, segundo se lê em uma grande inscripção que está sobre a porta travessa do lado sul, inscripção bastante gasta e que mal póde ler-se toda.

É a seguinte:

DNI. A. M. D. C. C. XXV
ECLESIA HAEC IN HONO-
RÈ D. ET V. M. Q.
MARINAE, EJUS P. REAE
DIFICATA ET ADDITA FUIT
TUNC ABB. R. P. SALVA-
TORE COUT.º DA CUNHA
...APP. S. BENEDICTI DE
TRAVANCA IN ALTERNATI-
VA PONTIFICIS (?)

Em vulgar:—«No anno do Senhor de 1725 foi reedificada e accrescentada esta egreja para honra de Deus e da Virgem e Martyr Santa Marinha, sua padroeira, pelo reverendo padre Salvador Coutinho da Cunha, então abbade d'ella, por appresentação do convento benedictino de Travanca, na alternativa do Pontifice (?)»

O dicto abbade era dr. de capello em theologia pela Universidade de Coimbra, monge de S. Bento no mosteiro de Travanca e ali mestre de theologia, quando vagou esta egreja, e foi n'ella apresentado pelo dicto convento, por ser, como já dissemos, da apresentação d'elle e alternativamente do Papa e da mitra.

Os dizimos d'esta parochia foram divididos em 3 quinhões — um para o seu abbade, outro para a Universidade e outro para os jesuitas—e, extinctos os jesuitas, passou tambem para a Universidade o quinhão d'elles.

Consta que em 1834, quando se extinguiram os dizimos, o quinhão do abbade era orçado em 7 mil cruzados, ou 2:800:000 réis — afóra o rendimento do passal e pé d'altar?!...

Foi uma boa abbadia, e boas abbadias foram tambem n'aquelle tempo e são ainda hoje as circumvisinhas:—Gestaçô, Valladares, S. Thomé de Covellas e Santa Cruz do Douro. Esta de Santa Marinha renderá hoje 500 a 700 mil reis e qualquer das outras deve render egual somma.[1]

—

A egreja de Santa Marinha, depois de restaurada pelo rev. Salvador, ficou um bom templo, bastante espaçoso e mesmo luxuoso.

A capella mór é muito pequena mas tem boas decorações de talha antiga dourada.

O corpo da egreja tem 4 altares:—2 com decorações de talha antiga, tambem dourada—*Santa Anna e Almas*,—e 2 de talha moderna, muito mais barata,—*Santa Marinha* e *Senhora do Rosario*, feito em 1887 a 1888, cuja imagem foi dada pelo sr. Francisco Pinto da Silva, dono actual da quinta de Guimarães.

Tem um só pulpito, mas com bella cupula de talha dourada; — ao fundo da egreja um côro espaçoso e junto d'elle um pequeno orgão, que custou 400$000 réis.

Do lado norte estão a sacristia, a casa da fabrica e a torre com 3 sinos e um bom relogio, igual ao do palacio da Bolsa do Porto.

O tecto da egreja é interiormente apainelado e todo cheio de pinturas a oleo, mas de pouco merecimento artistico, representando os 12 apostolos, varios mysterios do Menino Jesus, etc.

Do exposto se vê que a dicta egreja foi um bom templo, mas hoje demanda obras importantes de reparação e limpesa e deve ser toda soalhada, porque o seu pavimento ainda tem as quadrellas e tampas das antigas sepulturas, o que produz mau effeito e é pouco hygienico.

Cemiterio

Como já dissemos, está contiguo á egreja, —do lado norte. Tem um bom portão de ferro;—um mausoleu da familia *Amorim* e 2 começados:—um da familia *Cunha Coutinho*, das Casas Novas,—outro da familia *Azeredo Lobo*, da aldeia de S. Pedro.

É um cemiterio decente, mas muito pequeno e *muito mal situado*, pois alem de estar contiguo á egreja matriz, sempre muito concorrida de povo, está cercado de casas pelo nascente e norte, avultando entre ellas as 2 escolas parochiaes de instrucção primaria, muito concorridas pelas creanças de ambos os sexos de toda a freguezia. Está *encravado* na povoação da Egreja e é uma *pessima visinhança*, nomeadamente para ás pobres creancinhas.

Devem removel-o *com urgencia* para local mais desafrontado e distante das ultimas casas pelo menos 300 metros, como a lei manda.

Se hoje pesasse uma epidemia qualquer sobre esta parochia, o conselho de saude mandaria immediatamente fechar e profanar o cemiterio, pois é o maior foco de infecção de toda a freguezia.

Casas e quintas principaes

Tem esta parochia muitas casas e quintas importantes. Mencionaremos n'este topico apenas algumas, pedindo desculpa das omissões e da ordem que seguimos, sem

---

[1] No tempo dos dizimos a melhor abbadia de Portugal era a de *Lobrigos*, no concelho de Santa Martha de Penaguião. Rendeu alguns annos mais de *vinte contos de réis*?!...
V. *Lobrigos*—e o topico *Arcas e cubas* no rtigo *Viseu*.

attenção a preeminencias, pois somos estranhos á localidade e não as conhecemos bem.

1.º—Casa e quinta de *Travanca*, da familia *Carvalhaes*.

Tem um bom edificio brazonado de 2 andares, grande cerca, muito fertil e muito abundante d'agua e uma capella do *Senhor dos Afflictos*, boa matta, etc.

Pertence actualmente aos filhos e herdeiros do dr. Manoel d'Almeida Carvalhaes, fallecido ainda este anno de 1889, e que foi conselheiro e dezembargador do supremo tribunal, capitalista e senhor d'outros muitos bens, casaes e quintas, avultando entre ellas a do *Paço* na freguezia de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, que foi de D. Diogo de Mello Pereira, commendador de Moura Morta desde 1630 até 1642,—commenda riquissima da O. de Malta,—e tem uma casa nobre antiga, que é um palacio! Obteve-a por compra.

A dicta casa de Travanca foi feita no meiado d'este seculo pelo dr. e tambem dezembargador Luiz d'Almeida Carvalhaes, irmão do mencionado dr. e dezembargador Manoel d'Almeida Carvalhaes.

—

O dr. e dezembargador Manoel d'Almeida Carvalhaes c. c. D. Anna José Pereira Peixoto de Queiroz e Menezes e d'este consorcio existem dois filhos e herdeiros, D. Anna d'Almeida Carvalhaes Pereira Peixoto e Manoel d'Almeida Carvalhaes Pereira Peixoto, os quaes pela parte paterna são netos de Manoel d'Almeida Carvalhaes e de D. Anna Joaquina de S. José Moreira Pinto, da dicta casa de Travanca, e foram seus avós maternos—José Peixoto Sarmento de Queiroz, dezembargador e juiz da corôa na relação do Porto,—e D. Maria Candida Cardoso de Queiroz e Menezes, sua prima.[1]

Tios paternos dos actuaes donos da casa de Travanca:

—Antonio d'Almeida Carvalhaes, abbade da freguezia de Valladares, d'este concelho;

—Francisco d'Almeida Carvalhaes, abbade de Moura Morta, concelho da Regoa, e

—Dr. Luiz de Sequeira d'Almeida Carvalhaes, dezembargador nas ilhas.[1] Mandou fazer o palacete actual de *Travanca*.

Tios maternos:

—Vasco Pereira Peixoto de Queiroz e Menezes, senhor da casa de seus paes em Amarante;

—Gaspar Pereira Peixoto, arcediago da collegiada de Guimarães;

—Francisco Pereira Peixoto, secretario do governo civil d'Aveiro;

—Rodrigo, abbade de Capellos, em Amarante;

—Joaquim, freire de S. Bento d'Aviz e conego da patriarchal.

Tinha uma excellente voz de barytono, que foi admirada em diversos concertos e em varias representações d'operas no luxuoso theatro particular da quinta das *Laranjeiras*, então pertencente ao conde de Farrobo.

—Agostinho Peixoto...

—João Pereira Peixoto, que percorreu toda a Europa, viajando como *touriste*.

—José Pereira Peixoto, o unico tio que ainda vive.

É conego da Sé do Porto e freire de S. Bento d'Aviz, etc. Alguns dos irmãos foram bachareis formados e commendadores de varias ordens.

—

Das tias maternas dos actuaes senhores da casa de *Travanca* ainda vivem duas:

—*D. Maria Leonor Pereira Peixoto de Menezes*, senhora da casa do *Pinheiro*, nos suburbios de Amarante, sogra de Diogo Leite Pereira de Mello e Alvim, ex-presidente da camara de Villa Nova de Gaya e dono da casa de *Paço de Sousa*, etc., e

—*D. Maria de Menezes Teixeira Peixoto*,

---

[1] V. *Casaes de Figueiredo*, tomo 2.º pag. 197.

[1] V. *Casaes de Figueiredo*, tomo 2.º pag. 234.

senhora da nobre casa da *Feitoria*, em Amarante, mãe de José Taveira de Carvalho Pinto de Menezes, distincto engenheiro civil e distincto escriptor publico, grande proprietario e cavalheiro estimabilissimo, casado e com successão. Rezide habitualmente no Porto, onde foi durante annos presidente da commissão anti-phylloxerica do norte e é hoje vogal da *Liga dos Lavradores* e um dos fundadores e directores da *Real Companhia Vinicola do Norte*, etc., etc.

2.ª—*Casas Novas*.

Tem um bom edificio brazonado e muito bem tractado, com uma linda capella de *Sant'Anna*, jardins e bella cerca muito mimosa e caprichosamente agricultada, bons campos, lindas ramadas, pomares de fructa de espinho e caroço, moinhos, etc.

Esta sumptuosa vivenda pertence hoje ao sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho, moço fidalgo com exercio, casado com a sr.ª D. Maria da Boa Nova, filha de D. Joaquim de Carvalho d'Azevedo Mello e Faro, dono da nobre casa da Soenga em S. Martinho de Mouros e de muitos bens n'esta parochia de Santa Marinha.

O palacete das *Casas Novas* foi mandado construir em 1738 por Felix Coutinho da Cunha, capitão mor de Baião, F. C. R. e senhor do morgado do Paço, em Cabeceiras de Basto, e do de S. Thiago de Riba Tamega, nos suburbios da Lixa. Era irmão do rev. dr. e abbade Salvador Coutinho da Cunha, que restaurou e ampliou a egreja matriz d'esta parochia.

Succedeu-lhe seu filho Carlos da Cunha Coutinho, sargento mór e major d'ordenanças n'este concelho de Baião e que falleceu em 24 de março de 1827.

Succedeu lhe seu filho Carlos Candido da Cunha Coutinho, que assentou praça de cadete em 1808 e nas patentes de alferes, tenente e capitão graduado fez toda a guerra da Peninsula, sendo condecorado com a cruz d'ouro n.º 5 da dicta campanha.

Era fidalgo cavalleiro e commendador de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; foi durante 14 annos consecutivos administrador d'este concelho e falleceu solteiro e sem successão em 2 de maio de 1867, pelo que lhe succedeu o sr. Carlos Maria da Cunha, seu sobrinho por varonia, em toda a casa de Santa Marinha, na de Paço de Cabeceiras, na de S. Thiago da Lixa, na quinta de Tollões, nas de Arnoia e Travessinhos em Celorico de Basto e na de Aragão, concelho de Fafe, todas vinculadas outr'ora.

Tambem é senhor e representante da antiga casa dos capitães móres de Fontes, no concelho de Marco de Canavezes, e da casa de *Santa Comba*, no concelho de Santa Martha de Penaguião, casa que herdou de um seu remoto parente, ultimo dono d'ella, —e por fallecimento de seu sogro deve herdar d'elle outros casaes e quintas.

É um cavalheiro muito tractavel e muito estimavel;—tem successão — e vive na sua bella residencia das *Casas Novas*.

—

Salvador da Cunha Coutinho Lopes *Picado* (?) da antiga casa de S. João d'Arnoia, concelho de Celorico de Basto, coronel graduado em brigadeiro das milicias d'aquelle concelho, F. C. C. R. e commendador da Ordem de Christo, etc. fez parte dos sitiantes do Porto e ali falleceu em 1832, sendo morto por uma bala que lhe varou a testa no ataque do dia de S. Miguel, e jaz na capella da quinta da *China*, freguezia de Campanhã, na margem direita do Douro.

Havia casado em 1825 no concelho de Santa Martha de Penaguião, com D. Brizida Rodrigues d'Azevedo, filha de Antonio Rodrigues d'Azevedo, cavalleiro do habito de Christo e senhor da nobre casa de *Santa Comba*, na freguezia de S. Miguel de Lobrigos, cuja abbadia foi a melhor de Portugal.[1]

---

1 V. Lobrigos (S. João) tomo 4.º pag. 432, col. 2.ª—e *Viseu*, topico *Arcas e cubas*, tomo 11.º pag. 1585, col. 1.ª

Note-se que o abbade de S. João de Lobrigos era tambem abbade de S. Miguel de Lobrigos;—recebia os dizimos das duas parochias — e de uma 3.ª que tambem aprezentava.

Do dicto consorcio tiveram um filho unico, de nome Francisco da Cunha Coutinho de Magalhães e Vilhena (eu conheci-o) moço fidalgo com exercicio no paço, etc, que foi dono das casas de S. João d'Arnoia e, fallecendo sem successão com 56 annos de idade em 1882, passaram as dictas casas para o sr. Carlos Maria da Cunha Coutinho, seu parente paterno e dono das *Casas Novas* de Santa Marinha, como já dissemos.[1]

—

A casa de *Santa Comba* foi uma das mais ricas do concelho de Santa Martha no tempo da velha companhia dos vinhos—e tem um palacéte, cuja pedra (*só a pedral*...) custou cerca de 30:000 crusados—ou *doze contos de réis*,—segundo me disse o ultimo dono d'ella.

É muito para uma aldeia, mas note-se que o dicto palacete, como outros muitos de Santa Martha, alguns maiores e mais luxuosos ainda, — é todo revestido de bom granito da serra de *S. Domingos da Queimada* na margem esquerda do Douro, e distante cerca de 20 kilometros de caminho então horroroso, mettendo-se de permeio o Douro e o concelho da Regoa, pois tanto n'este concelho como no de Santa Martha, ambos cheios de grandes palacetes revestidos de granito, — *não ha granito*. O mais proximo—aliás finissimo e do melhor de Portugal—é o da dicta serra, mas ficava a peso d'ouro nos dois concelhos, principalmente antes de se fazer a ponte da Regoa, pois tinha de atravessar o Douro em barcas, com grande dispendio e grande risco.

Para se formar ideia da riqueza d'aquelles dois concelhos *in illo tempore* basta lançar os olhos sobre o estendal de palacetes que os povoam.

V. *Villar*, aldeia, tomo 11.º pag. 1175, col. 2.ª e *Villar d'Andorinho* no mesmo vol. pag. 1190, col. 2.ª tambem.

3.ª—*Casa da Ermida* na pequena povoação d'este nome;

É uma das mais novas, mais espaçosas e mais luxuosas d'esta freguezia na actualidade—e hoje a mais elegante, mais bem situada e a mais accessivel de todas, pois demora em local muito pittoresco, alegre e vistoso na margem direita do Douro, cercada por este rio a S., — pelo Zezere a O.,— pelo Teixeira ao nascente, e ao norte pela linha ferrea, que vara em tunnel a raiz do monte que divide o Teixeira do Zezere, passando o mencionado tunnel a poucos metros do dito palacete.

Está pois a dicta casa em uma especie de peninsula muito alegre, muito mimosa, cercada de bello jardim, campos e pomares, dominando os 3 mencionados rios, duas barcas de passagem que cruzam o Douro, uma a montante e outra a jusante do formoso palacete;[1]—a linha ferrea, que passa a poucos metros da casa,—e a estação da *Ermida*, que está em frente da casa, distante d'ella pouco mais de 100 metros—e no mesmo nivel, pelo que a estação é o *rendez-vous*

---

[1] Veja-se tambem o art. *Villa Pouea*, aldeia da freguezia de Arnoia, tomo 11.º pag. 898, col. 2.ª

[1] A 1.ª é muito antiga e particular. Pertence á casa da Ermida e é administrada por ella, sendo tambem consortes D. Josepha Clementina, viuva de Raymundo Borges, da *Casa da Capella*, freguezia de S. Thomé de Covellas, e José Liberato de Carvalho Pinto Borges, por compra que fez á casa de *Travanca*, de um quinhão que havia sido da nobre casa da *Faia*, ou antes da casa de *Vinhósinhos*, d'esta parochia, hoje pertencente á da *Faia*, junto de Amarante, quinhão que passou por compra para a casa de Travanca.

A 2.ª barca é muito moderna. Foi estabelecida cerca de 500 metros a jusante da 1.ª e em frente da estação da Ermida, quasi exclusivamente para servir a estação, por José Maria Borges Carneiro, da casa das *Côtas*, de Rezende, mas a camara de Rezende apossou-se da dicta barca e é hoje d'aquelle municipiol...

Em breve desapparecerão ambas, logo que se construa a projectada ponte, da qual adiante fallaremos.

dos felizes donos d'este bello palacete,—em quanto que todas as outras casas nobres d'esta freguezia demoram em sitio alto, alcandoradas nas encostas, mediando entre ellas e a estação medonhos barrancos muito declivosos, que mal se transpõe a pé ou a cavallo, mesmo porque as estradas são todas antigas, despenhadeiros que fazem tremer!...

—

E' tambem muito interessante o lanço do Douro dominado pela dicta casa, pois no verão principia em frente d'ella o poço de *Riboura*, muito fundo e d'agua morta, especie de lago, que se póde transpor a remos e se presta admiravelmente para recreio,—poço que se estende desde o ponto de *Ripança*, cerca de 2 kilometros a montante, até o ponto de *Canedo*, em frente da estação da *Ermida*, dominado tambem pela dicta casa e que é um dos pontos do Douro mais perigosos no verão, pelo que offerece constantemente scenas variadas. E no inverno o poço de *Riboura* é um ponto continuado, medonho, perigosissimo! Fórma grandes redomoinhos, sorvedouros ou *dornas*, que mettem a pique os grandes barcos rabellos, como succede trivialmente no sitio denominado *Altar*, quasi em frente e a pequena distancia do dito palacete.

Ali teem naufragado no inverno *milhares* de barcos!...

E' por vezes tão fundo e tão violento o dicto sorvedouro, que a agua brame e semelha o rufar de um tambor.

Os taes redomoinhos abundam no inverno em todos os poços e ha um no alto-Douro (no poço *Saião* ou no *Pocinho*) que é talvez o mais medonho de todos.

Descreve um grande circulo; abre uma cova muito funda e, quando a agua pesa demasiado nas paredes da *dorna*, fecha repentinamente, produzindo um estrepito como a detonação de um tiro.

Vade rétro!...

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.º pag. 198, col. 2.ª—*Poços do Douro* no art. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:704, col. 2.ª tambem,—e o topico *Ponte da Ermida*, infra.

—

A dicta casa tem 3 pavimentos e foi recentemente feita, em substituição d'outra mais humilde e muito antiga, pelo sr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, seu actual possuidor, casado, mas sem successão, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, cavalheiro muito tractavel, muito illustrado e muito bondoso, que já foi por vezes deputado ás cortes e muitos annos consecutivos procurador á junta geral do districto do Porto pelo concelho de Baião, etc.

Sendo deputado e vivendo em Lisboa, foi um dos padrinhos do duello que no dia 29 de março de 1862 ou 1863 matou o seu mallogrado visinho, contemporaneo e particular amigo, dr. José Julio d'Oliveira Pinto, natural da villa de Barqueiros, então chefe do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de Justiça — e tambem deputado — talento verdadeiramente superior.

V. *Barqueiros*, tomo 1.º pag. 336, col. 2.ª

O sr. dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho formou se em 1857 e é filho de Antonio Camillo Pereira d'Almeida Carvalho Pinto, de quem herdou a casa e quinta da *Ermida* e varias casas no Porto, etc.

Tem uma irmã, D. Maria Isabel, tambem muito illustrada. Casou com Miguel de Vasconcellos Pereira de Mello, de Santa Christina de Figueiró, concelho de Amarante, irmão do rev. bispo actual de Lamego — D. Antonio da Trindade e Vasconcellos Pereira de Mello.

Está viuva e sem successão e reside na mesma casa da Ermida.

4.ª—Casa e quinta de *Guimarães*, brazonada e com uma capella de *Nossa Senhora da Conceição*.

Demora em sitio alto, alegre, plano e muito vistoso junto da velha estrada do Porto por Penafiel, Canaveses e Baião a Mesãofrio.

Foi casa muito nobre e produziu pessoas muito notaveis, entre ellas José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, ministro de estado, coronel d'artilheria, etc.

Raptou do paço dos nossos reis D. Maria

Helena de Saldanha Castro Lorena e Daun, parenta proxima do duque de Saldanha e dama da rainha D. Carlota Joaquina.

Casou com a dicta senhora e teve uma filha unica e herdeira—D. Maria Guilhermina de Saldanha Pinto Rangel que, sendo já viuva e sem successão, casou com José Reimão de Mello Palhares, da Ucanha, do qual tambem não teve successão, pelo que fallecendo *ab intestato*, foram herdeiros os seus parentes mais proximos, D. Antonio José de Mello Saldanha e irmãos, de Lisboa, e a estes comprou a quinta e casa de Guimarães Francisco Pinto da Silva, seu actual possuidor, grande capitalista (*brazileiro*) natural da povoação de S. Pedro, d'esta parochia de Santa Marinha, casado e com successão, o qual restaurou a dicta casa e tem juntado á quinta diversas propriedades.[1]

—

O chão da casa é um planalto encantador e foi habitado desde tempos muito remotos, pois ali se encontram ainda muitas sepulturas abertas na rocha — e não longe d'ella se encontraram ha poucos annos em uma escavação outras sepulturas antiquissimas de tijolo, sendo a localidade abundante em granito. Em uma d'estas sepulturas se encontrou do lado da cabeceira uma pequena moeda de cobre muito gasta e por certo do tempo em que era costume lançar com os cadaveres pequenas moedas nas sepulturas, — costume antiquissimo, *ainda hoje* em vigor n'esta parochia, como já dissemos supra, quando fallámos da egreja matriz.

Ainda lá se vêem as sepulturas abertas na rocha; as de tijolo foram completamente destruidas.

—

José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, sendo perseguido como constitucional em 1828, viveu occulto e homisiado até que um dia, contando cerca de 70 annos de idade, appareceu em Lisboa morto dentro d'um caixão á porta de uma egreja, e nunca se explicou o seu tragico fim.

Era muito illustrado, muito animado e poeta.

Ainda hoje na localidade se repetem alguns versos humoristicos, feitos por elle,[1] e publicou differentes obras em prosa e verso. O *Diccion. Bibl.* de Innocencio aponta as seguintes:

1.ª *Poesias...* Lisboa, 1793.

2.ª *Templo da Memoria*, poema; Lisboa, 1793.

3.ª *Catalogo por copia, extrahido do original das sessões e actas feitas pela sociedade de portuguezes dirigida por um conselho intitulado* Conselho Conservador de Lisboa

---

[1] Adquiriu a sua grande fortuna em Santos, no Brazil, onde conserva ainda uma soberba casa industrial e commercial, dirigida por 3 filhos, todos 3 ainda solteiros.

[1] Ahi vae uma amostra do panno:

Elle era doido por mulheres, pelo que a esposa tomava criadas sempre feias. A uma das taes furias dedicou elle as seguintes quadras:

Um covado de comprido,
Altura de mais de vara,
Tem a testa d'este monstro
No alto da feia cara.

Os olhos amortecidos
Vesgos e mal engraçados,
Em duas covas profundas
Ambos estão enterrados.

Nariz de magro esqueleto,
De materias aqueducto,
Vapora d'instante a instante
Ar pestilento e corrupto.

A bocca é larga e disforme
Enegrecida de sorte,
Que parece sem mentir
A propria bocca da morte.

Tem pescoço denegrido,
Colo de galgo esfaimado
Com duas pelles ao fundo
No peito secco e mirrado.

O diabo me arrapanhe,
Se eu não juro na verdade
Que, sendo assim as mulheres,
Tudo fôra castidade.

e *installada n'esta mesma cidade em 5 de fevereiro de 1808, para tratar da restauração da Patria.*

«José Maximo (diz Innocencio) foi secretario do tal *Conselho*, que não passava... de uma loja maçonica...»

Talvez prenda com a maçonaria o tragico fim do auctor!...

4.ª *Severo exame do procedimento dos portuguezes...*

Lisboa, 1808.

5.ª *Desengano feliz...*

Lisboa, 1809.

6.ª *A batalha d'Otta, entremez heroico.*

Lisboa, 1808.

7.ª *Projecto de guerra contra as guerras, offerecido aos chefes das nações europeas.*

Coimbra, 1821.

8.ª *Pernicioso poder dos perfidos validos,* destruido pela Constituição.

Coimbra, 1821.

9.ª *Causa dos frades e dos pedreiros livres no tribunal da Prudencia.*

Lisboa, 1822.

Na 1.ª parte advoga a causa dos frades; na 2.ª faz a apologia da *maçonaria.*

10.ª *Vantagens do soldado portuguez.*

Lisboa, 1823.

—

Innocencio, fallando do auctor, diz:

«*José Maximo Pinto da Fonseca Rangel,* major do exercito, foi por algum tempo governador do Castello de S. João da Foz, no Douro; deputado ás cortes ordinarias de 1822, e encarregado do ministerio dos negocios da guerra, no intervallo que mediou entre a sahida d'el-rei D. João VI de Lisboa no fim de maio de 1823, e a sua volta de Villa Franca em principios de junho seguinte.—Foi natural da provincia de Traz-os-Montes,[1] e primo de José Ribeiro Pinto, alferes de infanteria n.º 16, justiçado em 1817 como um dos principaes cabeças da conspiração chamada vulgarmente de *Gomes Freire,*[1] á qual parece que José Maximo estava bem longe de ser extranho, posto que contra elle se não procedesse regularmente por esse motivo.—Morreu em Lisboa, homisiado, no tempo do governo do sr. D. Miguel, contando então 70 annos de idade, ou pouco menos, segundo as informações que obtive. Seu parente e meu amigo, o sr. conego Antonio Ribeiro d'Azevedo Bastos, me prometteu ha annos dar amplas noticias d'elle, as quaes todavia não chegaram até hoje.»

Referia-se ao anno de 1860—e nunca recebeu taes noticias, pois o sr. Brito Aranha continuador de Innocencio, volvendo a fallar do mesmo auctor em 1885, não fez a minima referencia a ellas e pouco adiantou.

—

Eu ainda conheci um parente de José Maximo, talvez filho ou sobrinho do pobre alferes José Ribeiro Pinto. Chamava-se *Francisco Pinto Ribeiro da Fonseca*; vivia então (1854–1860) na aldeia dos *Araes,* junto da quinta de *Guimarães*; depois passou para Lisboa, onde morreu solteiro e sem successão.

Era homem já idoso, bastante illustrado e muito liberal. Durante o governo do sr. D. Miguel viveu homisiado e depois militou como voluntario no cerco do Porto, mas terminada a lucta, não seguiu a carreira das armas.

Era muito excentrico e muito valente!

Depois que andou homisiado, lembrando-se dos discommodos porque passou em sitios ermos, trazia sempre comsigo uma navalha de barba, agulhas e linhas e uma pequena cabaça com vinho.

---

[1] Dizem-nos que nasceu na quinta de *Guimarães,* freguezia de Santa Marinha do Zezere, concelho de Baião, districto do Porto, *provincia do Douro.* Innocencio equivocou-se talvez, porque a dicta parochia é visinha do concelho de Mesãofrio, districto de Villa Real, provincia de *Traz-os-Montes.*

[1] V. *Lisboa,* tomo 4.º pag. 116, col. 1.ª—*in fine.*

Foi bom jogador de florete, sabre e pau —e tão valente e decidido, que todo o concelho de Baião o respeitava. Nenhum descante ousava ir ao povo d'elle sem lhe pedir licença, sob pena de serem corridos a pau, como por vezes correu descantes de valentões cheios de basofia.

—

Quando moço apostava que, saindo a um terreiro a tocar viola passeando, com um pau apertado simplesmente pelo braço esquerdo contra a ilharga, 3 homens *quaesquer* não lhe tirariam o pau, nem lhe tolheriam o passo, nem o impediriam de tocar. Nunca perdeu a aposta e, contando já talvez 60 annos, a mim me disse que ainda apostava contra 2 valentões quaesquer!...

Outro facto:

Depois do cerco do Porto foi para Baião e, passados tempos, ali adoeceu, ficando inerte, com os olhos fechados, e sem poder fallar nem mover-se.

Assim se conservou deitado na cama 9 annos, a despeito de todos os esforços da medicina.

O povo dizia que era *encantamento* e a familia, esgotados os soccorros medicos, deu ouvidos aos crendeiros da localidade. Mandou chamar uma das muitas intrujonas—*mulheres de virtude* — que por ali abundavam *in illo tempore*, curando (?) toda a casta de enfermidades com resas e mesinhas.[1]

A boa da mulher disse que elle estava morto e que por haver commettido grandes crimes,[2] a alma fôra condemnada a ficar eternamente presa ao cadaver, mas que ella ia empregar todos os meios para libertar a pobre alminha.

—

Principiou logo as bençãos, resas e esconjuros e, passados dias, ministrou-lhe certa *pisorga*. Sentiu-se elle muito afflicto; abriu os olhos; sentou-se na cama; vomitou muito—e em breve se levantou e restabeleceu, volvendo ao estado normal e vivendo longos annos.

Isto é facto, o que nos leva a crer que o tal *encantamento* era algum *envenenamento*, talvez propinado pela *confraria* da intrujona,—e que a tal *pisorga* era o *contra-veneno*!...

Ainda vivem n'esta parochia e em outras d'este concelho muitos parentes do tal Francisco Pinto, alguns dos quaes nós conhecemos, e d'elles ouvimos tudo o que fica exposto.

Prosigamos.

5.ª—Casa e quinta d'*Entre-Aguas*.

Demora na margem esquerda do Zezere e é uma das melhores quintas d'esta parochia.

Tem boa casa de habitação, largos campos e muita agua, luxuosamente distribuida por canos de granito e uma eira soberba, tambem de granito. Custou contos de réis e é a melhor do concelho.

Esta grande propriedade tem uma capella do *Espirito Santo* e pertenceu á nobre familia *Perfeitos*, ultimamente representada por Antonio Perfeito Pereira Pinto Osorio, dono d'outras muitas casas e quintas em diversos pontos do nosso paiz, avultando entre ellas a casa da *Corredoura* na freguezia de Cambres, junto de Lamego, que é uma das mais sumptuosas vivendas da provincia.[1] Foi casado, mas morreu sem successão, pelo que deixou a sua grande fortuna a diversos parentes e esta quinta de *Entre-Agoas* á sr.ª D. Carlota Adelaide Perfeito, que n'ella vive.

Hoje esta quinta rende 800 a 900 mil réis.

---

[1] Logo daremos algumas das taes *receitas* que são muito curiosas.

[2] Note-se que o tal Francisco Pinto deu muita bordoada e, suspeitando que lhe era infiel uma pobre mulher com quem vivia, matou-a com uma facada!...

[1] V. *Portello*, tomo 7.º pag. 258, col. 2.ª

6.ª—Casa e quinta do *Ervedal*, junto da povoação d'este nome, entre o rio Teixeira e a quinta de Guimarães.

Pertenceu a Francisco d'Almeida e Silva, por morte do qual passou para a viuva; esta, depois de muito a delapidar e cercear vendeu-a ao rev. arcediago e abbade de Campello—José de Sousa Cabral, — seu actual possuidor.

Foi uma quinta importante e carissima, pois tem bons campos sobre a margem direita do rio Teixeira, em terreno muito declivoso, pelo que os socalcos assentam sobre grandes paredes que deviam custar muitos contos de réis, campos todos cobertos por agua de veia nativa e limação, que vem do rio Teixeira, talvez de 1 kilometro ou *mais* de distancia, por um açude em que póde navegar um cahique—mesmo no rigor da estiagem—e junto da ponte de Frende tem outro açude, que move differentes moinhos e rega a parte baixa da quinta.

Comprehendia tambem a montante do 1.º açude espaçoso terreno sentieiro e boa matta de pinheiros e carvalhos—e bons campos e montados na margem esquerda do rio Teixeira, a jusante e montante da ponte de Frende, mas a viuva alienou grande parte dos dictos chãos.

—

Francisco d'Almeida e Silva era natural do Porto e casou n'esta quinta com a dona d'ella—D. Maria Henriqueta—prima do José Maximo, da quinta de *Guimarães*.

O marido era bastante illustrado, excellente pessoa e um cavalheiro respeitabilissimo. Foi alguns annos administrador d'ests concelho e muito estimado e respeitadó pelo seu genio bondoso e prestadio e pelo seu grande valimento, pois era irmão de Antonio Thomaz de Almeida e Silva, 1.º barão de Almeida, do conselho de S. M., inspector fiscal da extincta repartição fiscal do exercito, brigadeiro honorario, F. C. C. R por successão a seus maiores, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, condecorado com a medalha portugueza das 4 campanhas da guerra da Peninsula e com as medalhas de honra pelas batalhas e combates de Victoria (21 de junho de 1813) —de S. Marcial de Urdach (4 d'agosto do mesmo anno)—de Toulouse (10 d'abril de 1814)—sitio de Pamplona (30 de junho até 18 de julho de 1813)—e sitio de Bayona (27 de fevereiro a 28 d'abril de 1814).

O dicto barão nasceu no Porto a 28 de junho de 1798 e morreu em Lisboa a 8 de outubro de 1857, havendo casado no Porto em primeiras nupcias a 15 de junho de 1829 com D. Maria Elisa Ganhado Vieira Pinto e em segundas nupcias em Lisboa, a 20 de janeiro de 1849, com D. Constança Emilia Jacques de Vasconcellos e Menezes, 1.ª baroneza d'Almeida, que ainda hoje vive e nasceu a 7 de setembro de 1820, sendo filha de José de Vasconcellos e Menezes Jacques de Magalhães Lobo, F. C. R., e de sua mulher D. Antonia de Lima Barreto d'Almeida Coelho.[1]

—

O barão teve os irmãos seguintes:

—Francisco, já mencionado.

—Guilherme d'Almeida e Silva, que militou tambem na guerra da Peninsula e nas guerras civis posteriores, chegando ao posto de general de cavalleria.

Casou com D. Ismenia d'Almeida e Silva, da qual teve 2 filhos que morreram em vida do pae. Depois separou-se judicialmente da esposa e esta teve differentes filhos naturaes.

---

[1] V. *Resenha das familias titulares* pelo commendador Albano da Silveira Pinto, muito dignamente continnada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna, tomo 1.º pag. 42.

O barão teve do seu 1.º matrimonio apenas 1 filho—Antonio Thomaz Vieira Pinto d'Almeida—que foi 2.º barão d'Almeida; — do 2.º matrimonio teve uma filha e 3 filhos.

O 2.º barão d'Almeida nasceu em 1829; casou em 1857 com D. Maria Amelia de Napoles Noronha da Veiga e teve 6 filhas todas *Marias*?!.

Com relação à guerra da *Peninsula*, vide *Gojim*, vol. 3.º pag. 284, col. 2.ª e segg.—e *Passos da Serra*, vol. 6.º pag. 502, col. 2.ª

—D. Feliciana d'Almeida e Silva.

Casou com José Taveira e teve successão.

—D. Joaquina d'Almeida e Silva.

Casou em Ponte de Lima com José Mauricio d'Abreu e Lima e teve duas filhas:—uma casou e falleceu, deixando successão; —a outra, D. Eulalia, ainda se conserva solteira e com boa fortuna.

—D. Anna Eulalia, que falleceu solteira e tambem rica.

—M. Jacintha.

Casou e falleceu sem successão.

—D. Rita.

Casou e, fallecendo já viuva e sem filhos, instituiu por universal herdeira uma *criada!*...

—

O barão tinha muito valimento e muitas relações em Lisboa, inclusivamente *na côrte*. Foi muito estimado e muito considerado pela rainha D. Maria II, por el-rei D. Fernando e pelo chorado rei D. Pedro V,—e era uma excellente pessoa, muito honrado, muito prestimoso e muito amigo dos irmãos todos, nomeadamente do Francisco. Foi padrinho do 1.º filho que este teve e, quando lhe recomendava qualquer pretenção, o deferimento era *rapido* e *certo*, pelo que Francisco d'Almeida e Silva era o anjo tutelar de Baião,—muito estimado e muito respeitado em todo o concelho. Além d'isso administrava muito bem a sua casa, mas, fallecendo muito novo, aproximadamente em 1848, a viuva, sendo aliás uma excellente senhora, muito virtuosa e muito bondosa, comprometteu completamente a sua casa e, fallecendo em 1877, deixou os filhos expostos a duras contingencias!...

Eram elles os seguintes:

—D. Anna e

—D. Helena, ainda solteiras.

—D. Ismenia, casada e c. g.

—D. Ermelinda e

—D. Margarida,—casada, mas s. g.

—Francisco d'Almeida e Silva, que morreu solteiro.

—Guilherme d'Almeida e Silva Sarmento, que ainda vive.

Casou em Gestaçô com D. Rosa Candida Pinto Pereira, irmã do morgado dos *Ferreiros*; não tem filhos, e vive em Anquião, junto de Mesãofrio.

—Dr. Antonio d'Almeida e Silva, bacharel formado em direito.

Era um talento superior e foi alguns annos o 1.º advogado de Baião; depois casou; seguiu a magistratura e, sendo ainda novo e delegado em Macedo de Cavalleiros, endoudeceu e passado pouco tempo falleceu, aproximadamente em 1868, deixando a viuva e filhos em precarias circumstancias!...

O irmão Guilherme, afilhado do tio general do mesmo nome, é tambem um talento superior, mas nunca tirou partido d'elle, por ser muito excentrico.

A mãe tentou ordenal-o e ainda estudou o latim na Regoa e no seminario de Lamego.

Faz versos (?) e tem pronunciada vocação para musica e para artes mecanicas. Toca muitos instrumentos, nomeadamente rebeca e por curiosidade concerta e faz rebecas, algumas das quaes nós vimos na exposição de industrias caseiras que a *Sociedade de Instrucção* do Porto realisou ha annos no palacio de cristal d'aquella cidade.

Confundem-se com as dos bons mestres.

—

Tambem compõe musica,—valsas, polkas, mazurcas, etc. e no momento tem no Porto em via de publicação umas variações da *chula rabêlla* ou *chula do Douro*, muito usada nos concelhos de Baião, Canavezes, Sinfães e Resende. É muito linda e bastante difficil, sendo bem tocada, como elle a toca, pois é sem contestação o 1.º *chuliante* do Douro.

Nunca teve professor de rebeca, mas tira d'ella muito partido, v. g.—com uma chave ou uma navalha atravessadas sobre as cordas junto ao cavalete, imita *perfeitamente* uma sanfona, illudindo quem o não vê tocar.

O irmão Francisco e *duas das irmãs* tambem tocavam rebeca—e o irmão doutor tocava muito bem flauta.

Desculpem-nos estas minudencias, porque

devemos muita affeição e *muita gratidão* a esta casa. N'ella folgámos muito durante as ferias da nossa formatura e ainda posteriormente, pois foi nosso contemporaneo na Universidade e sempre muito amigo o pobre dr. Antonio d'Almeida e Silva, que terminou a formatura em 1861.

Não lográmos conhecer o pae, mas conhecemos de perto a familia toda e toda nos estimou sempre muito.

—

Ainda um facto:

Estando nós um dia n'esta quinta, fomos passeiar até á estrada de Frende, que a corta de norte a sul. Encontrámos ali *um mendigo* (?) que parou contemplando a quinta já então em decadencia, e depois com as lagrimas nos olhos disse:

— Que falta fez o sr. Francisco d'Almeida!...

—E v. conheceu-o?

—Conheci-o muito bem. Era um santo! *Quando um pobre lhe pedia qualquer favor, parece que até os fatos se lhe riam.*

E chorou, como nós chorariamos, se hoje ali voltassemos.

Vão decorridos mais de 30 annos e ainda nos parece ver e ouvir o pobre velho.

Não nos recordamos de elogio tão espontaneo, tão singelo, tão despretencioso e ao mesmo tempo *tão pomposo*!...

—

O 1.º barão d'Almeida pertencia a uma nobre familia do Porto, cognominada *thesoureiros*, por que foi seu pae Antonio Thomaz d'Almeida e Silva, F. C. R., cavalleiro professo da Ordem de Christo, escrivão do Donativo de 4 por cento na alfandega do Porto, coronel de infanteria graduado, *thesoureiro geral das tropas das tres provincias do norte e do partido do Porto.* Casou com D. Anna Margarida Vieira da Cunha, filha de Jacintho Gomes de Carvalho, C. P. O. de S. Thiago e monteiro mór da villa de Melres, onde tinha boa casa, e de sua mulher D. Maria Pereira da Cunha.

Antonio Thomaz, na qualidade de *thesoureiro geral das tropas e do partido do Porto*, quando os francezes invadiram aquella cidade em março de 1809, salvou com grande risco da propria vida todos os papeis da sua repartição e a caixa militar com *duzentos quarenta e seis contos trezentos e cincoenta mil setecentos sessenta e oito réis*, que fez recolher no convento cruzio da Serra do Pilar e depois entregou aquella grande somma ao 1.º conde d'Amarante Silveira, então general e commandante das forças militares portuguezas.

Este honrado *thesoureiro* era filho de Mauricio d'Almeida, escrivão da conservatoria da real junta do commercio de Lisboa, casado com D. Anna Thereza Braga Xavier; —e Mauricio d'Almeida era filho de Diogo d'Almeida e Silva e de D. Thereza Maria da Cunha.

Eis aqui uma leve resenha dos filhos, irmãos, paes e avós de *Francisco d'Almeida e Silva*, ultimo dono da quinta do *Ervedal.*

Velharias

Alem das mencionadas supra, quando fallámos da *matriz* e da quinta de *Guimarães*, mencionaremos mais algumas.

Ha n'esta freguezia 2 montes:—um denominado *Crasto* (Castro) e outro *Revél* ou monte do *Facho*, porque n'elle outr'ora se accendiam *fachos* em tempo de guerra, como ainda nos principios d'este seculo se accenderam por occasião da guerra da Peninsula.

Demoram em sitio alto. O 1.º dista da egreja matriz cerca de 300 metros para N. O;—o 2.º distará do 1.º 250 metros para O. e ambos distam da estação da *Ermida* aproximadamente 2 kilometros para N.

O monte do *Crasto* foi um *castro romano*, pois na raiz d'elle, cerca de 100 metros a juzante, corre de poente a nascente uma estrada que conduz á egreja, Frende e Barqueiros e a Mesãofrio, Cidadelhe, etc.,—estrada muito antiga, qne talvez esteja substituindo a velha estrada romana do Porto a

Cidadelhe, Panoias, Lamego, Caria, etc. por Canavezes e Baião.[1]

Alem d'isso no dicto monte se têem encontrado muitas velharias, bem como nas parochias circumvisinhas.

—

Em carta que tenho prezente diz o sr. J. Leite de Vasconcellos, distincto antiquario contemporaneo, o seguinte:

«Na parochia de *Santa Marinha do Zezere* ha dois sitios que revelam vestigios antigos: um é o sitio do *Crasto*; o outro a quinta de *Guimarães*.

O 1.º é um verdadeiro castro, e segundo a tradição, lá têem apparecido varias antigalhas. Eu tive conhecimento directo de duas, aliás valiosas, que por minha indicação param hoje (1889) no museu do sr. Martins Sarmento, da cidade de Guimarães. São ellas duas figuras de pedra, uma representando um homem decapitado (por insultos do tempo) e representando a outra um quadrupede indeterminado.

O individuo está vestido, mas não posso agora dizer o que signifique. O quadrupede pertence certamente a uma classe de animaes que apparecem bastante no nosso paiz, já em pedra, já em metal, e que, a meu parecer, são animaes votivos em honra de alguma divindade, se não são propriamente idolos: mas inclino-me mais á primeira opinião, em virtude de certos factos que conheço.—Tudo isto pertence sem duvida á antiga Lusitania.

—

«A quinta de *Guimarães* parece ter sido um cemiterio da epocha luso-romana, a julgar pelos tijolos das sepulturas. N'estas appareceram ossadas, mas o vandalismo dos trabalhadores não só as destruiu, como tambem as sepulturas. Apenas possuo dois fragmentos osseos, sendo um do osso do *rochedo* (ouvido). Tambem um tijolo com uma lettra, se bem me recordo é um A...

Agora em Frende, que fica contigua, encontrei no sitio do *Castello*,[1] uma interessantissima pedra da epocha luso-romana e que representa um sacrificio de um toiro. Esta pedra tenho-a eu.

Em *Gestaçô*, que tambem fica perto de Santa Marinha, appareceram ha annos uns dois alqueires de moedas romanas cobertas por uma pedra com um signal e dentro de vasilhas de barro. D'estas tenho algumas, que são todas pequenos bronzes de Constantino, etc.[2]

Em S. Thomé (de Covellas, concelho de Baião) ha um *castro* chamado de *Mantel*,[3] onde os vestigios de muralhas e fossos são muito claros.

Ao pé de *Agrellos* (freguezia de Santa Cruz do Douro, concelho de Baião tambem) ha outro *castro*, aonde ainda não fui, mas não longe do qual encontrei um machado

---

[1] V. *Cidadelhe*, Mesãofrio, *Villa Jusã* e *Villa Marim*.

[1] O sitio e a pequena aldeia do *Castello* demoram em frente e ao sul da quinta do *Ervedal*, na esquerda do rio Teixeira, não longe da confluencia d'este rio com o Douro, no pontal que os dois rios formam, sitio alto e muito defensavel para os tempos d'armas brancas, pois tem pendente rapida, fragosa e muito escabrosa sobre os 2 rios e é só accessivel a E. ou do lado de Frende.

Tem uma capella publica de S. João, com festa e romagem no dia 24 de junho — e a dicta povoação desde tempos muito remotos pertenceu á freguezia de *Gestaçô*, muito distante, mettendo-se de permeio as de Loivos, Tresouras e Santa Marinha, mas no meiado d'este seculo (1850) passou para a freguezia de *Frende*, muito proxima.

P. A. Ferreira.

[2] Eu tambem obtive 70 dos dictos bronzes e um fragmento da vasilha onde estavam mettidos, — fragmento que offereci ao Museu Municipal do Porto e lá póde ver-se.

P. A. Ferreira.

[3] Este nome figura na lenda que logo havemos de contar e que prende com o *castro* de Santa Marinha.

P. A. Ferreira.

de pedra (partido) da epoca prehistorica (neolithica).

Na freguezia de Santa Cruz, ao pé de Cedofeita, tambem vi varios fragmentos ceramicos com caracteres muito archaicos.

Para o *Gôve* (freguezia do mesmo concelho de Baião) tambem ha um *castro*, mas lá ainda não fui.

—

«Na freguezia de Ancede (concelho de Baião tambem) apparecem egualmente muitas antiguidades.

Na quinta de S. João (concelho do Douro, freguezia de Santa Cruz de Baião) ha duas sepulturas de pedra, chamadas as *pias* (cavadas na rocha).

Ao pé de *Covellas* encontrei eu dois pucaros egualmente com vestigios muito antigos.

Eis aqui o que de memoria posso dizer.

O que se vê é que toda essa região é fertil em antiguidades.

Santa Marinha principalmente dava muitas, se fosse explorada.

José Leite de Vasconcellos.»

Mais velharias

Tambem sabemos que no alto de Baião, não longe de Santa Marinha, ha dolmens ou antas e na parochia de *Viariz*, tambem concelho de Baião, ha uns penedos, denominados *cornudos*.

V. *Viariz*, tomo 10.º pag. 466, col. 2.ª

Mencionaremos 2 dos dictos dolmens:

O 1.º está na *Portella de Miro* (nome godo) freguezia de Valladares, a montante das aldeias de *Godinho* e *Diagares*, junto da antiga estrada, talvez romana (?) de Santa Marinha para Campéllo, Canaveses, etc.,—a N. d'ella e distante apenas 10 a 11 metros.

No dicto dolmen se abrigam em tempo de chuva os transeuntes, tanto pedestres, como *cavalleiros*?!... E a distancia de um kil. para O. ha um grande penedo equilibrado sobre outro penedo, no monte de *Villares*.

Talvez seja um *penedo baloiçante*.

O 2.º dolmen está na freguezia de *Gove*, junto da antiga estrada de Baião para Canaveses, etc.—lado N. e em sitio deserto.

E' maior do que o 1.º e ali outr'ora se acobertavam os salteadares.

Tambem nos consta que no monte do *Castello* de Frende ha sepulturas abertas na rocha, como as da quinta de *Guimarães*.

Revelam tambem muita antiguidade os nomes de *Brete*, aldeia d'esta freguezia, — *Arufe*, povoação muito proxima, pertencente a Loivos da Ribeira,—e o nome de *Revél*, dado ao monte do *Facho*.

Brete vem de *Breto*, nome de homem usado nos principios do sec. XI.

No *Portug. Monum.—Diplom. et Chartae*, pag. 122 e 123, se acha um documento da era 1046, anno 1008,—no qual entre os confirmantes se encontra assignado *Breto* (sic).

Arufe talvez provenha de *Arulfus*, nome de homem usado tambem nos principios do sec. XI.

No mesmo *Port. Monum.* pag. 211, se acha um documento da era 1083, — anno 1045, no qual, entre muitas assignaturas se encontra a de *Arulfus Presbiter* (sic)—padre *Arulfo*. D'aqui *Arulfe* e *Arufe*.

Tambem *Marlés* na sua interessante *Historia da invasão da Peninsula pelos arabes*, tomo 1.º pag. 320, menciona *Abdelruf*, que sem grande violencia podia transformar-se em *Arufe*.[1]

---

[1] Coincidencia:

Na extremidade E. da parochia de Santa Marinha ha junto da quinta de Guimarães a povoação de *Miguas*, que é muito antiga e parece que foi villa outr'ora, pois ainda tem um sitio denominado *Praça*, outro denominado *Pelourinho* e outro denominado *Araes* com uma casa, um quintal e uma fonte de bella agua nativa.

A pequena distancia da dicta casa dos *Araes* encontra-se a aldeia de *Arufe* na extremidade O. da freguezia de Loivos da Ribeira,—e na parochia de Frende, limitrophe das de Santa Marinha e Loivos, não longe da aldeia de *Arufe*, a menos de 1 kil. da margem esquerda do rio Teixeira, ha um casal com o nome de *Ufe*.

Demoram a pequena distancia *Araes*, *Arufe* e *Ufe*—e este ultimo nome é tambem ara-

A mesma freguezia de *Loivos* muito provavelmente vem de *Lobia*, nome arabe tambem.

V. *Marlés*, tomo 1.º pag. 334.

Revél ou *Revelle* muito provavelmente vem de *Revelle*, nome proprio de homem, usado tambem nos principios do sec. XI.

No mesmo livro do *Portug. Monumenta*, pag. 132 e 133 se acha um documento do anno 1012, no qual entre as testemunhas se encontra assignado *Reuelle* ou *Revelle* (*sic*).

A pag. 73 se encontra um documento do anno 976 com a assignatura de *Ravelle*—e temos no nosso paiz differentes aldeias, casaes, quintas e sitios com os nomes de *Rabélla*, *Rebélla*, *Revelles*—e *Revel* (sic) aldeia da antiquissima parochia das *Tres Minas*, concelho de Villa Pouca d'Aguiar.

Tambem temos differentes aldeias, casaes e quintas com os nomes de *Rébella* e *Rebellas*, que teem muita affinidade com *Revel*, *Revélla* e *Revélles*?!...

—

O mesmo nome de *Baião*, antigamente *Bayão*, provem talvez de *Ben-Hayan*, nome de um arabe que figurou na invasão da peninsula.

V. *Marlés*, tomo 1.º pag. 473.

E muito provavelmente a freguezia de *Trezouras*, limitrophe da de Santa Marinha, tomou o nome de *Trezoy*, nome godo, ou musarabe.

E alem-Douro, em frente de Santa Marinha, temos nós Rezende, que vem do godo *Rauzendo*, ascendente dos Tavoras,— *Rendufe* de *Randulfo*, nome godo tambem, — e *Cottas*, que vem do arabe *Cotan* nome proprio d'um mouro que figurou na invasão da peninsula tambem.

V. *Marlés*, tomo 1.º pag. 162.

Tambem *Viariz*, freguezia d'este concelho de Baião e muito proxima da de Santa Marinha, muito provavelmente tomou o nome de *Viarizi*, patronimico de Viarigo, nome godo.

Encontra-se em documentos dos annos 973, 992, 1034, 1044 e 1045.

V. *Port. Monnm.* l. cit. pag. 68, 102, 173, 204 e 211.

—

Na freguezia de Valladares, limitrophe da de Santa Marinha, temos nós as aldeias de *Bruzende*, *Forjão* (de Froião) e *Godinho*, nomes godos,—e o monte da Portella de *Miro*, nome godo tambem.

N'esta mesma parochia de Santa Marinha do Zezere os nomes das quintas de Alvites, Barbedo e Pepim[1] são godos.

São tamhem godos talvez os nomes das aldeias de *Abesudes*, *Geremil*, *Buruzende* e *Nuzilhães*, pertencentes á freguezia de Viariz.

É tambem godo o nome de *Gavinho* e arabe o nome de *Mafomedes*, aldeias pertencentes á freguezia da Teixeira, d'este concelho de Baião.

São tambem godos ou musarabes os nomes de *Queixomil*, ou *Creixomil*, *Agrellos* (talvez de Argelo [2]) Casal d'*Eiro* (*Ero* [3])

---

be, pois entre os mouros que invadiram a peninsula se encontram *Abu* e *Hu*, *Jussuf* e *Huf*.

V. *Marlés*, tomo 3.º pag. 382.

De *Iben* ou *Ben Abu* (*Benabo*) provem talvez o nome da freguezia de *Nabo*, concelho de Villa Flor em Traz os Montes—e *Villa Flor* provem talvez de *Villa Froila* (villa de *Froila*, nome godo) depois *Villa Frol*—e por ultimo *Villa Flor*!...

V. *Zava* n'este diccionario.

---

1 *Pepino* foi pae de Carlos Magno—e *Pipiuio Gemendia* subscreveu um documento do anno 1022.

Portug. Moaum. liv. cit. pag. 156.

Tambem *Pepi* se encontra assignado em um documento do anno 1012.

Op. cit. pag. 134.

2 *Donna Argelo* figura no mesmo documento do anno 1012—já citado.

3 Em um documento do anno 1014 assignou *Froil Erotiz* (Froila, filho de *Ero*).

Op. cit. 141.—E ali mesmo, pag. 190, se encontra outro documento em que assigna *Ero*.

Gaia, Cedofeita, Lazarim, Villa Monim, etc. aldeias, casaes e quintas pertencentes á freguezia de Santa Cruz do Douro.

São tambem godos os nomes de *Casal d'Arão* e *Tolões* ou *Telões*,[1] aldeias da freguezia de Loivos do Monte.

É arabe o nome de *Maçores*,[2] aldeia da freguezia de S. João d'Ovil, tambem d'este concelho.

E' tambem arabe o nome de *Villa Moura* e godo o de *Sernande*, aldeias da freguezia do Grillo.

E' tambem godo o nome de *Gozende*, aldeia da freguezia de *Gove*.

E' arabe o nome de *Alcarias* — e godo o de *Sande*,[3] aldeias da freguezia de Gestaçô.

E' tambem godo o nome de *Mirão*, aldeia casa e barca da freguezia de S. Thomé de Covellas.

Em um documento do anno 982 figura como testemunha *Mirone* — e em outro do anno 987 assigna tambem como testemunha *Mironus*.

Portug. Monum. loc. cit. pag. 83 e 96, — e na freguezia de Valladares ha um monte denominado Portella de *Miro*, que tem muita affinidade com *Mirão*.

Revelam tambem muita antiguidade o nome de *Gem*, aldeia—e os de *Martigo*, *Fragueta* e *Lobazim* ou *Lovazim*,[4] casaes e quintas da mesma parochia de S. Thomé.

O nome de *Palla*, aldeia da freguezia de Santa Leocadia de Baião, é godo e foi nome proprio de mulher.

---

[1] Em um documento do anno 1035 figura *Telon*, cujo patronimico era *Teloniz*.
Op. cit. pag. 175.

[2] *Maisor* é nome de um mouro que figurou na invasão da Peninsula.

[3] *Sando* figura em um documento do anno 1033.
Portug. Monum. liv. cit. pag. 172.
Sandus foi notario em outro documento do anno 987.
Op. cit. pag. 96.

[4] Ha tambem no Alto-Douro uma quinta soberba, denominada *Lovazim*.
V. *Villarinho da Castanheira*, tomo 11.º pag. 1340.

No *Portug. Mouum* liv. cit. pag. 74, se encontra um documento do anno 976, no qual figura *Enderkina Palla*,—e em outro documento do anno 1040 (pag. 190) figura tambem uma sr.ª *D. Palla*.

Na freguezia de Ancede se encontra tambem uma aldeia com o nome de *Palla*.

Do exposto se vê que os mouros e os godos tiveram demorada residencia n'esta parochia de *Santa Marinha* e n'este concelho de *Baião*.

Velharias de outra ordem
Pergaminhos

Como já dissemos supra, esta parochia no sec. XVI foi da apresentação dos jesuitas de Evora e de Coimbra, como prova o *Catalogo dos pergaminhos do cartorio da Universidade*, feito em 1880 pelo sr. Gabriel Pereira d'Evora e publicado no mesmo anno em Coimbra na *Imprensa da Universidade*.

Ali (pag. 29, n.º 7) se aponta um pergaminho de 1544, que versa sobre a união d'esta egreja e das suas rendas por 30 annos no collegio d'Evora.

Sob o n.º 9 aponta outro pergaminho de 1549, que é um breve relativo ao collegio de Coimbra e á união d'esta egreja ao dicto collegio.

Como o dicto documento falla de *Marinha* (Santa) alguem julgou que tratava de *marinhas de sal* e escreveu *de salinas*?!...

Sob o n.º 22 (pag. 30) aponta outro documento do anno 1565.

Tracta da união d'esta parochia ao collegio de Coimbra.

Sob o n.º 23 aponta outro pergaminho de 1566: — Bullas executorias para união do collegio de Coimbra e *Santa Marinha do Zezere*.

Sob o n.º 24 aponta outro pergaminho de 1568.

E' um breve de confirmação para os padres da Companhia administrarem o seu collegio e a egreja de *Santa Marinha do Zezere*, para 15 clerigos ou sacerdotes se instruirem,—e para fundação da capella da Vera Cruz na Sé, com 28 capellães, etc.

A furna dos mouros e a lenda

Entre o monte do *Crasto* e o do *Facho*, ou de *Revel*, mencionados supra, no ponto mais baixo da quebrada que os divide,—ha uma gruta, que o povo denomina *Furna dos Mouros* e que os sonhadores de thesouros julgam encerrar grandes preciosidades.

Dizem elles muito convictos:

Entre o Crasto e Revel
Está o thesouro de Maria Mantel.[1]
Carrega sete burros azemeis
E outros tantos, se quereis.

E' isto o que dizem a lenda e a visinhança.

Nós visitámos a dicta gruta em 9 de julho de 1887 e podemos dizer o seguinte:

E' formada por paredes de rocha nativa (granito) prolongando-se de S. a N. e tendo a bocca a S.

Está no leito de um ribeirinho que ali passa e corre fundo, jorrando a agua atravez d'um acervo de penedos entalados entre as paredes lateraes e que formam o tecto da pequena gruta.[2]

Terá de comprimento 5 metros; 1^{m},30 a 1^{m},50 de altura; —1 metro de largura na bocca e 2 metros de largura no interior. Depois estreita e terá 0^{m},50 de largura, 2 metros de altura e 3 de comprimento por entre paredes de rocha nativa, lisas e parallelas, seguindo-se uma fenda ainda mais estreita e mais alta,—tudo transudando agua que do tecto cahia como chuva grossa, quando a visitámos—no rigor do verão, pelo que não passámos da ante-camara, para não nos molharmos, pois não iamos prevenidos com roupa propria nem dispostos para tomarmos um banho de chuva.

No inverno mal deve poder visitar-se, por estar precisamente no leito do ribeirinho.

A sobre-carga é pequena. Dois jornaleiros em um dia punham-na toda a descoberto.

Nós não nos demorámos nem fizemos escavação alguma.

E' possivel que a dicta gruta na sua origem fosse *uma ponte celta* ou *pre-celta*, formada de pedras toscas, para ligar entre si os dois montes, talvez 2 *castros*, cuja raiz *in illo tempore* devia ser mais abrupta e mais funda,—e talvez que a terra e pedras caidas dos 2 montes a inutilisassem e entulhassem, como hoje se vê, transformando a *ponte* em *gruta*.

E' possivel, mas pareceu-nos que a dicta furna é *natural*, feita pela infiltração das aguas do ribeiro, á imitação das *furnas da Serra da Estrella*, a jusante da *Lagôa da Paxão*, furnas que nós tambem já visitámos em agosto de 1881, quando ali estivemos com a *Expedição Scientifica*,[1] e das quaes é uma miniatura esta de Santa Marinha.

Rios e ribeiros

Como já dissemos, banham esta parochia os rios Douro, Teixeira e Zezere—e o ribeiro de Silva Rosa, que a divide da de S. Thomé de Covellas e desagua no Douro junto do caes de *Mirão* e do grande penedo da *Viola*, onde tem uma ponte na linha ferrea.[2]

O *Zezere* dá o nome a esta freguezia, por que a corta de N. a S.; vem da freguezia de

---

[1] Na freguezia de *S. Thomé de Covellas* limitrophe e visinha d'esta, ha tambem um *castro* com o mesmo nome de *Mantel*, como já dissemos supra.

Note-se tambem que *Maria Mantel* figura em outras lendas do nosso paiz. Este diccionario já mencionou algumas.

[2] O dicto ribeirinho denomina-se ribeiro de *Fontello*, porque vem da povoação de *Fontellas*;—toca na de *Fontello*;—passa ao poente das *Casas Novas* — e morre no Zezere (margem direita) no sitio da *Sernada*.

[1] V. *Zezere*, rio da Beira Baixa, n'este diccionario, onde fallaremos da dita *serra* e da dicta *espedição*.

[2] Na margem direita do *Silva Rosa* ha 2 casaes que tambem pertencem á freguezia de Santa Marinha do Zezere. São os casaes de *Alvites*, do dr. Manoel Antonio Vieira, de Rezende.

Viariz; recebe á esquerda o ribeiro *Patacão*, vindo de Gestaçô;—á direita os ribeiros de Fontello e S. Pedro — e desagua no Douro ao poente e junto da casa nobre da Ermida, tendo de curso total 5 a 6 kilometros,—uma ponte de pedra com 2 arcos e muito antiga na aldeia das Lages;—outra nova e com taboleiro metalico na linha ferrea do Douro.

Move muitos moinhos, rega muitos campos e é temeroso no inverno e em tempo de trovoadas, porque desce precipitadamente d'altos montes, caminhando de Norte a Sul.

O rio *Teixeira* já foi descripto pelo meu antecessor.

V. *Teixeira*, rio, vol. 9.º pag. 522, col. 2.ª

Apenas faremos algumas rectificações e addições áquelle artigo:

Nasce na serra do Marão junto da freguezia de *Candemil*; corre na direcção geral N. S. até á villa de Mesãofrio; depois caminha para S. O. e desagua no Douro junto da povoação da Ermida, lado E., tendo de curso total 20 a 25 kilometros.

E' muito abundante d'agua, mesmo no verão; — banha as freguezias de Candemil; Anciães, Carneiro, Teixeira, Teixeiró, Mesãofrio, Gestaçô, Villa Jusã, Barqueiros, Tresouras, Loivos da Ribeira, Frende e Santa Marinha, todas do concelho de Baião, excepto as 3 primeiras e Mesãofrio, Villa Jusã e Barqueiros. As de *Villar Maior* (aliás *Villa Maior*) *Varga* (aliás *Vargea* ou *Varzea*) *Anguião* (aliás *Anquião*) e *Ervedal*, mencionadas pelo meu antecessor, não são freguezias, mas simples *aldeias*. A 1.ª e 2.ª pertencem á freguezia da Teixeira; *Anquião* á de Gestaçô—e a do *Ervedal* a Santa Marinha.

Tem pontes antigas de pedra na Teixeira, Loivos da Ribeira e Frende. Esta ultima não tem arcos, mas pegões de pedra e taboleiro formado de pranchões de pedra tambem. Na de Loivos passa a antiga estrada do Porto á Regoa por Baião, Santa Marinha e Mesãofrio.

Tem uma grande ponte nova tambem de pedra e muito alta em Carrapatello, junto de Mesãofrio, na estrada real a macadam do Porto á Regua por Amarante e Quintella.[1]

Tem outra ponte ainda mais nova na linha ferrea do Douro—e teve uma ponte antiquissima, denominada *ponte Henriques*, porque foi feita por D. Affonso Henriques, junto de Mesãofrio,—segundo se suppõe.[2]

Tambem no fim do mencionado artigo o meu benemerito antecessor, fallando do rio *Zezere* de Santa Marinha, disse que estava na provincia de *Traz os Montes*. Foi lapso, pois demora *todo* no concelho de Baião, districto do Porto, provincia do Douro.

O rio Teixeira é um viveiro de trutas deliciosas e de sanguesugas magnificas muito procuradas e muito estimadas pelos pharmaceuticos.

—

Com relação ao rio Douro, vejam-se os artigos *Douro*, *Pontos do Douro*, *Villa Secca d'Armamar*, tomo 11.º pag. 1059, col. 1.ª e segg. — *Viseu* no mesmo vol. pag. 1704, col. 2.ª—e no topico supra,—*Casas e quintas principaes*,—a 3.ª—*Casa da Ermida*.

Para evitarmos repetições, apenas accrescentaremos o seguinte:

Esta parochia apenas comprehende na margem direita do Douro 2584 metros desde a foz do Teixeira até á do Silva Rosa. N'este espaço tem o Douro 6 pontos:—*Altar*, *Canedo*, *Figueira Velha*, *Cadão*, *Buraco* e *Côbreiro*, junto do penedo da *Viola*, todos de triste renome, pois teem sido medonhos sorvedouros de barcos e de vidas.

O de *Cadão* não é hoje dos mais perigosos, depois das muitas obras que em diversas datas n'elle se fizeram, mas ainda assim é perigoso e faz arripiar os cabellos, porque

---

[1] V. *Villa Jusã*, tomo 11.º pag. 768, col. 2.ª

[2] V. *Villa Jusã*, loc. cit. pag. 767, col. 1.ª e 2.ª

E teve tambem outra ponte de pedra muito antiga na sua foz, junto do Douro.

Foi destruida por alguma grande cheia, talvez pelo mesma cheia que levou a ponte *Henriques* e a velha ponte de *Frende*?!...

a agua ali tem queda muito rapida e forma cachoeiras que cobrem os barcos!... Alem d'isso os barcos teem de passar entre 2 penedos muito proximos que estão na galeira debaixo d'agua, denominados *aguilhões* —e, se tocam em qualquer d'elles, desfazem-se em estilhas!...

Quando el-rei o sr. D. Luiz, em 1877 foi a Vidago e desceu da Regoa até o Porto, embarcado pelo Douro, só n'este ponto de *Cadão* saltou em terra.

A linha ferrea matou a navegação do Douro e a *poesia* (?) d'aquelle é dos outros pontos. Mal se imagina as sensações que experimentava quem os transpunha, como nós transposemos *muitas vezes* desde o Tedo até o Porto—e uma vez desde a foz do Sabor até á do Tua, deixando quasi sempre a bombordo ou estibordo barcos feitos em estilhas!...

Pesqueiras

Tem esta parochia nas agoas do Douro as pesqueiras seguintes:

1.ª—*Frieira.*

E' natural e está na foz do Teixeira.

2.ª—*Coucinho*, na foz do Zezere.

3.ª—*Corvo*, ambas naturaes.

4.ª—*Canedo.*

5.ª—*Lagôas.*

6.ª— *Chanoca* (?) no ponto de Figueira Velha.

Estas 3 são *canaes* ou *naceiros*, artificiaes.

7.ª—*Bulhos de Santa Anna.*

E' natural e formada no inverno, como outras muitas, por *bulhos* medonhos e tão violentos, que levantam o peixe e vae cair nas redes.

Algumas d'estas pesqueiras e outras do Douro são perigosissimas!

Demandam pescadores praticos e corajosos até á temeridade e muitos n'ellas teem perdido a vida!...

Costumam n'ellas caçar lampreias, saveis, savelhas, mugens, barbos, enguias, bogas, trutas, etc.

Moinhos, azenhas e engenhos

Ha n'esta parochia 34 moinhos de cereaes, todos movidos por agua,—9 azenhas (moinhos de azeite) sendo 8 movidas por gado e uma por agoa,—e 2 engenhos de fabricar linho, movidos 1 por agoa e outro por gado.

Dos moinhos de pão pertencem 2 á quinta do Ervedal, 2 á da Ermida, 2 á povoação do Sernado, 2 ao logar da Cartida, 3 ao de Fonseca, 4 ao das Lages, 4 á quinta de Entre Aguas e 6 ás Casas Novas. Os restantes estão dissiminados pela freguezia e pertencem a differentes donos.

Edificios brazonados

Tem esta parochia 3:—quinta de Guimarães, Casas Novas e Travanca.

Presbyteros

Ha n'esta parochia actualmente apenas *um*, filho d'ella, — o reverendo Antonio de Moura Coutinho,—venerando ancião da casa das Quintãs, em Fonseca.

Já tem aproximadamente 80 annos.[1]

O reverendo abbade é de Villa da Feira.

No meiado d'este seculo contava esta parochia os seguintes padres:

—João da Cunha Coutinho e

—Francisco da Cunha Coutinho, ambos das Casas Novas e irmãos de Carlos Candido da Cunha Coutinho, mencionado supra.

—Antonio Joaquim de Carvalho, das Corujeiras.

—José d'Azevedo, de Real.

—Joaquim d'Azeredo Lobo, de S. Pedro.

—Antonio Luiz d'Araujo, de Villa Jusã.

—Antonio d'Almeida Carvalhaes, abbade de Valladares, e

—Francisco d'Almeida Carvalhaes, da casa de Travanca, irmãos dos doutores, e dezembargadores Luiz José d'Almeida Carvalhaes e Manoel d'Almeida Carvalhaes.

—Domingos Lopes Monteiro, irmão do dr. Antonio Fabricio, de Cadeade.

---

[1] Falleceu em 1888!... Não conta pois actualmente esta freguezia presbytero algum, filho d'ella.

Falleceu no anno de 1887 em Valladares, contando cerca de 100 annos.

Bachareis formados

Conta esta parochia actualmente apenas dois, ambos formados em direito:

—*Antonio Camillo d'Almeida Carvalho*, dono da casa da *Ermida*, mencionada supra, e

—*Francisco da Cunha Coutinho*, filho natural de Felix da Cunha Coutinho, irmão de Carlos Candido, das *Casas Novas*, mencionado supra.

E' uma excellente pessoa, e formou-se em 1857; foi administrador do concelho de Mirandella, em Traz os Montes e d'este concelho de Baião; é advogado; casou com D. Maria Rosa da Paz Moreira, de Gem, freguezia de S. Thomé de Covellas, filha do dr. .....e vive na dita aldeia de *Gem*, na casa da *Torre*, que elle comprou e que era da familia *Costas*, da casa da *Botica*,—familia oriunda do Porto, a qual havia comprado e restaurado a velhissima casa da *Torre*, que tem paredes de granito com 2 metros do espessura.

Industrias

As d'esta freguezia reduzem-se ás da lavoura, creação de gado bovino e suino, moagem de pão e de azeitona e tecelagem de panno de linho em teares caseiros.

Tambem foi importante n'esta parochia a industria da navegação do Douro. N'ella se empregavam muitos barcos e muitos braços, mas decaiu, depois que se abriu á exploração a linha ferrea marginal.

E' tambem muito antiga n'esta parochia uma outra industria,—a das *benzedeiras* ou *mulheres de virtude*, pelo que pedimos licença para lhe dedicarmos um topico especial:

Folklore

N'este concelho de Baião, nomeadamente n'esta parochia de *Santa Marinha* e na de *Gestaçó*, abundaram sempre *mulheres de virtude* ou *intrujonas*, que exploram a estupidez indigena e vivem de *talhar* e *curar* (?) toda a sorte de *mal ruim*, por meio de nojentas e perigosas receitas, acompanhadas de bençãos, resas e esconjuros—como vivem outras muitas *intrujonas* em differentes pontos do nosso paiz,—nas aldeias, nas villas e nas cidades, inclusivamente no *Porto* e em *Lisboa*?!...

Vamos dar uma amostra das taes receitas, de todo o ponto *authenticas*, pois foram collecionadas *por nós n'esta freguezia*, quando por aqui folgavamos durante as ferias da nossa formatura.

Bom tempo era esse?!...

Desculpem-nos as palavras e phrases mal soantes, posto que em attenção aos leitores omittimos as receitas mais *vermelhas*, que só em publicações realistas *á la mode* poderiam tolerar-se.

1.ª

Para talhar sezões

A enferma deve trazer— 3 palhas da sua cama— um bocado de uma sua camisa, já vestida e antes de lavada—e um bocado de pão.

«Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo.—Dizem ambas—Amem.

Amigas, ide-vos embora.
Levaes pão para comere
Palha para vos deitar;
Adeus, que vos não quero tornar a ver.
Ide para o mar coalhado,
Onde não canta gallinha nem gallo.»

—

Isto diz-se nove vezes, rezando no fim de cada uma, um Padre Nosso e uma Ave-Maria. Paz téco, alelluia. Depois diz-se:

«Todo o mal que n'este corpo entrou,
Ar de névoa, ar de cinza,
Ar de gallinha chóca, ar de cisco,
Ar de vivo em peccado,
Ar de morto excommungado,
Ar de todo o mau olhado,
Seja d'este corpo apartado.

Deus te desacanhe de quem te acanhou,
Deus te desinveije de quem te inveijou.»

Isto tambem nove vezes, e no fim o enfermo comerá um dente d'alho e um casco de cebôla.

2.ª

Para dôr ciátega (sic)

«As pessoas da SS. Trindade, são tres;
Ellas querem e podem.
D'onde o mal veio, para lá torne.
Senhora da Conceição,
Ponde aqui a vossa mão,
Sr. São José, ponde aqui o vosso pé,
Sr. São Luiz, ponde aqui o vosso nariz,
Para que lhe preste quanto fiz.
Jesus, filho de Maria,
Soccorrei-nos n'este dia.
Paz téco, alelluia.»

3.ª

Remedio para a tropezia

«Toma-se tres dias em jejum, meio quartilho d'agua do rio Jordão—outros tres dias, a mesma porção d'agua da Samaritana — e outros tres, agua de mil fontes. No fim dos nove dias, pega se n'um aipo, tres cabeças de arruda, tres pés de trovisco macho e meio quartilho de vinagre forte.

Piza-se tudo muito bem pizado e põe-se na barriga do enfermo, dizendo:

«Oh, Santa Virgem Maria,
Tira d'este corpo a tropezia;
Milagroso S. Braz,
Arreda este mal para traz;
Milagroso São Facundo,
Leva este mal para o outro mundo,
Que não toque em mais ninguem.
Paz téco, alelluia. Amem.»

4.ª

Para curar a nurisma

Deita-se o doente em uma esteira nova, com a barriga para baixo. Põe-se-lhe nas cruzes, uma tijella com agua benta e uma cruz, dizendo:

«Em nome de Deus; amem.
Em louvor de S. Paulo bemaventurado,
De São Pedro, discipulo amado.
De São frei Pedro Dias, *libaral*,
Prumeiro que em Roma fez *espital*,
Para grandes e meninos,
Pobres, cégos, *pelingrinos*.
Deus lhe disse—Pedirás,
E de mim receberás.
—Quero a *nurisma* curar.
Vae ao mundo por tres dias,
E diz—Manda São frei Pedro Dias
Que te vás, *nurisma*, embora
Com *corenta* Aves-Marias.
Jazuz paços; Jazuz mariatus;
Jazuz conçomatus; Jazuz enterratus.
Livrae esta creatura
Da *nurisma* e mais tristura.
Jazuz, filho de Maria,
Paz téco, alelluia.»

5.ª

Remedio para a dôr de cabeça

Alecrim, rosmaninho, arruda, *politaira*, aipo, mentrastos e segurêlha: tudo muito bem pizado, e posto na cova do ladrão, ao deitar da cama—e diz-se:

«Com Deus mo deito,
Aqui n'este leito.
Deito-me doente
E levanto-me escorreito,
Em louvor de Santa Maria,
Paz téco, alelluia.
—Amem.

6.ª

Para fazer cambra (?)

«Acham-se duas pedras na cabeça das andorinhas—uma branca, outra ruiva.—A ruiva livra de muitas enfermidades — e a branca, trazendo-a ao pescôço, livra da sede e faz estancar os fluxos de sangue.

Desfeita em agua, e bebida, faz *fazer cambra.*»

7.ª

Para curar priorizes

«Beber *ourina* de tres Marias,
É preciso que sejam—mãe, filha e neta.»

8.ª

Para levantar a espinhella

«Na casa em que Deus nasceu
Todo o mundo resplandeceu.
Na hora em que Deus foi nado
Todo o mundo foi allumiado.
Seja em nome do Senhor,
Esse teu mal curado.
Espinhella cahida e ventre derrubado,
Eu te ergo, curo e saro.
Em nome do Padre, Filho e Espirito Santo,
Fuja o teu mal para aquelle canto,
Em louvor dos apostolos bemaventurados,
Santos, *martens* e doutores,
Virgens, *patriacas* e confessores,
Anjos, arcanjos, *sarafins e robins.*
Amen, *Jazuz*, Maria, José.
Fica-te a espinhella em pé.
Santa Anna, Santa Maria.
Paz téco, alelluia.»

9.ª

Para tirar o fastio

«Em nome da Virgem Santa,
Eu te curo o fastio da garganta.
Santa *Dezina* (?) pariu Anna;
Santa Anna e Santa Maria,
O bom *Jazus de Nazaré,*
Santa Isabel a São João,
Amem, Jazus, Maria José.

10.ª

Para dôr de ouvidos

Sangue de gallo novo.....	1
Farinha triga ou centeia.....	2
Clara d'ôvo.....	3
Agua-ardente.....	4
Incenso macho (?).....	5
Vinagre.....	6
Mel de enxame novo.....	7
Tres dentes de alho.....	8

Tudo isto, se fôr apanhado na manhã do S. João, é muito melhor.

Faz-se uma *maça* com estas oito cousas; estende-se em um panno, e põe-se na bôca do *estamago*, dizendo:

Santo *Ouvido* milagroso
Tirae-me esta dôr,
Em nome do Padre Senhor,
E da Virgem Santa Maria,
Paz téco—alelluia.»

11.º

Pvra dôr do peito

Agarra-se uma *cruja*, e queima-se viva com pennas e tudo. Esta cinza, bebida em agua benta, tira logo a dôr.

12.ª

Para cabruncos

«Jazuz, nome de Jazuz—S. Lazaro hia pela serra da Cardaria — topou com a Virgem Maria—Perguntou que lhe faria—Apanha 3 folhas de *salvaria* (?) — Cospe-lhe que elle seccaria—Reza um Padre nosso e uma Ave-Maria—trez vezes cada dia—Paz téco, alelluia.»

13.ª

Para muitas enfermidades

«A agua da córte de um cavallo, bebida em jejum, *porifica* o sangue; cura pleurizes, maleitas, *almorrobias*, *sarampo*, *zipula* e outros axaques, pela sua *virtude occulta.* (!) Tambem serve para lavar chagas e *fridas.*

Cura as mesmas molestias o pó dos dentes de cavallo ou de pôrco montez, bebido

em agua em que se tenha fervido *cardo santo.*»

14.ª

Para curar a triz

«A *ourina* dos que tem triz, fervida até ficar em pó, e bebida em agua benta, cura esta enfermidade.»

Similia similibus curantur.

15.ª

Para o defluxo

«Rodas de pau de sabugueiro (uma boa *roda de pau* precizava esta bruxa!...) trazidas tres dias ao pescoço, curam o defluxo.»

16.ª

Para a opilação

«Comer caldos de funcho, espargos, herva molarinha, aipo, *borrage* e serradella.

Só devem beber agua *d'agrimonia, tamargueira* e raiz de funcho.»

17.ª

Para matar as lombrigas

«Fazer uma cataplasma de pós de sumagre, de murta, de rosas, de cascas de roman, de maçan de acipreste, de bolotas, de alecrim e de rosmaninho, amaçado tudo em mel e vinagre, e posto no *imbigo.* E' remedio prompto.»

18.ª

Para aborrecer o vinho

«Pegar em uma cobra viva e afogal-a em meia canada de vinho. Se não fôr tempo de cobras, tambem remedeia uma enguia, mas a cobra é melhor.

Quando o bebado pedir vinho, dá-se-lhe só d'este. Ao cabo de 24 horas nunca mais torna a pedir vinho.»

19.ª

Emplasto para o estamago

«Salva, *acintro,* alecrim, ortelan, erva-sidreira, poêjos, *belta-luz,* rosmaninho, *murtinhos,* canella, rosas, erva-dôce, e *urégos.* Tudo reduzido a pó e tomado em vinho, longe das comidas.»

20.ª

Para tirar as sardas

Trovisco macho.....	1
Sangue de toupeira.....	2
Unto de cobra ribeirinha.	3
Vinagre puro.....	4

Amaça-se tudo e põe-se na cara, ao deitar na cama, tres noites a seguir, mas só se lava a cara no fim dos tres dias. E' remedio santo.»

21.ª

Talhar o fôgo-lôbo

(E' certa especie de febre)

«Pega-se em uma pederneira e um fuzil, e petiscando-se, dirá:

Fogo-lobo, vae-te d'aqui,
Que o lume vivo anda sobre ti,
Padre Nosso, Ave-Maria,
Paz téco, alelluia.»

22.ª

Para curar creanças rendidas

«O padrinho e a madrinha da creança procurarão um carvalho cerquinho. (....E quebrarão com elle o espinhaço da feiticeira.)

O padrinho o rachará pelo meio e, tomando a creança e passando-a pela rachadella, diz á madrinha, que está do outro lado—«Toma lá comadre.» — «O que me dás tu, compadre?—«O nosso afilhado, rendido

e quebrado.»—Ella pega na creança, e tornando a passal-a pela rachadella, diz—«Toma lá, compadre.»—E que me dás tu, comadre!»—«D nosso afilhado, são e salvo como na hora em que foi nado.»

Isto faz-se tres vezes, e de cada uma reza-se uma Salve Rainha.

23.ª

Para curar a febre

Passei pela serra da Ardaria,
Encontrei o Filho da Virgem Maria,
Disse-lhe que em chammas de fogo ardia,
E perguntei-lhe que faria?
Elle disse-me:
Cura-te com *bom de porco* [1]
e *pé da guia*, [2]
E resa um P. N. e uma Ave-Maria,
Ao Filho da Virgem Maria,
Para que te abrande o fogo,
Hoje, n'este mesmo dia.
Paz téco, alelluia.

Isto diz-se tres vezes, resando sempre.

24.ª

Talhar quebranto

Bom homem me deu pousada,
Má mulher me fez a cama
Sobre agua e tôjo e lama.
Sáe quebranto da enfezada.
Sae quebranto d'esta dama.

Isto diz-se tres vezes, resando de cada vez um P. N. e uma Ave-Maria.

25.ª

Para dôr de dentes

N'aquelle monte, *mal assente*,
Estava São *Quelimente*,
Nossa Senhora lhe disse:
—«Que tens tu ó *Quelimente*?»
—«Doe-mo o queixo e mais o dente!»
—«Queres que t'o benza, *Quelimente*?»
—«Quero, sim, Minha Senhora.»
—«Põe as tuas cinco *pulgadas*
Sobre essas tuas pontadas,
Que ellas serão abrandadas.»
Padre Nosso, Ave-Maria.
Paz téco, alelluia.

Isto diz-se tres vezes, resando sempre.

26.ª

Para o pão se levedar depressa

«Pega nas calças de um homem (que não use ceroulas) vira-as do *invez* (avesso) e põe-as sobre a *massa*, com um rosario bento em cima.»

27.ª

Para a mulher poder sahir da cama sem o marido dar fé

Eu te benzo, meu morangù,
Com esta fralda e este meu...
Para que vá e venha
Sem acordares tu.

28.ª

Para toda a sorte de mal ruim (Qual será o mal bom?)

«Cordeiro que estaes na *queluna*,
E Maria em cabello pela rua;
Maria não andes mais,
Que o sangue de teu filho dá signaes
Do Bom *Jazus* que buscaes.
Meu Divino Cordeirinho,
Que levaes a cruz pelo caminho,
Olha para quem de tão longe vem,
Até chegar ás portas de Belem.
Estava São Pedro á porta,
Com a sua capa rôta,
Encostado ao seu bordão.
Oh, menino do cordão,
Vamos fazer oração.

---

[1] Unto sem sal.
[2] Cinza de oliveira.

Oração do *pelingrino;*
Quando Deus era menino,
Assubiu ao seu altar,
Com seus pés *correndo sangue,*
Suas mãos outro que tal. (!)
Tres Marias haviam de estar,
Com seu panno de alimpar.
Tate! Tate.—*Madanella,*
Não m'os queiras alimpar, (?)
Que estas são as cinco chagas,
Que por vós tem de passar,
Do maior ao mais pequeno,
Para os peccadores salvar.
Meu divino Senhor d'Alem,
Paz téco, alelluia, amem.»

—

Esta reza se fará 3 vezes por dia, durante 9 dias, acompanhando-a sempre de 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias, em honra de S. Frei Pedro Dias. E, se o mal fôr rebelde, se accrescentará o seguinte:

O enfermo colloque o peito sobre uma bacia d'agua quente, e a benzedeira tome uma estriga, estenda-a sobre as costas do enfermo e correndo, sobre ella um pente diga: *homem manso, mulher brava, casa alagada, cama de palha, cabeceira d'albarda, este mal por onde entrou por ahi saia. Paz téco alelluia,* Padre Nosso e Ave-Maria.

29.ª

Para tirar o panno da cara

Esfregar bem a cara com cueiros, ainda humidos.

(É simples e muito *decente.*)

30.ª

Para cozer os pés

Encha-se d'agua um pucarinho de tigela e, quando ferver, volte-se sobre um alguidar ou coisa semelhante; firme-se sobre o fundo do pucaro o calcanhar do pé dorido;—a pessoa que benze, segurando com uma mão uma massaroca sobre o peito do doente, e com a outra uma agulha, enfiada em linha branca, e varando a massaroca e passando o fio sem nó por baixo do pé, diz:

—Eu que coso?

—Carne quebrada ou fio torto (responde o enfermo.)

—Pois isso é o que eu coso; e, se é carne quebrada, torne a sua casa, e, se é fio torto, torne ao seu posto, e, se é fio *desmentido* torne a seu sentido, que eu te coso em louvor de S. Fructuoso.

Repita-se a oração 3 vezes, resando-se 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias, e ligue-se por ultimo bem o pé com uma estriga molhada em um ovo.

31.ª

Para talhar a zipula

Deitem-se em uma tigela algumas gotas d'agua fria e outras d'azeite e com *espartos e lipes,* (?) molhados n'esta agua 3 vezes, outras 3 se benzerá o enfermo, dizendo-se com muita fé:

—Pedro e Paulo *foi* a Roma, e o Senhor *lhe* perguntou:

—Pedro e Paulo d'onde vens?

—Senhor, eu venho de Roma.

—Que vae por lá, Pedro?

—Muita *zipula* e *zeripéla,* e muita gente morre d'ella.

—Pois volta lá, Pedro, e cura-me essa gente com *lipes, arte, aguas frias e partes montes de meu Senhor Jesus Christo. Amem.* P. N. e Ave-Maria.

Isto 3 vezes.

32.ª

Para que as mãos não suem

Entrae em uma capella, onde nunca fosseis; esfregae bem as mãos na parede do lado esquerdo, e dizei: — *não me tornes suor, por aquelle Senhor.*

Isto 7 vezes, resando de cada vez um Padre Nosso e uma Ave-Maria.

33.ª

Para talhar a empige

Molhe-se com saliva, estando o individuo ainda em jejum, e diga:

«*Empige rabige,* sae-te d'aqui;
Assim como eu ja comi e bebi,
Fui a Roma e já vim,
Assim tu medres aqui.»

Isto 3 vezes em 9 dias, rezando-se de cada vez 3 Padre Nossos e 3 Ave-Marias.

34.ª

Para talhar a orvalhada

«Eu te talho, bicho, bichão,
Todo o bicho de nova nação,
Aranha ou aranhão,
Sapo, sentupeia ou sardonisca,
Ou cobra ou lagarto ou lagartixa;
Eu te corto a cabeça, o meio e o rabo,
Pelo poder da Virgem Maria
E do Apostolo S. Thiago;
Eu te retalho o coração,
E sêcco sejas tu como um carvão.»

3 vezes por dia, resando-se em seguida um rosario em louvor do Apostolo S. Thiago.

35.ª

Para talhar as unhas dos olhos

«Pois não ha nevoa sem unha e, tirada esta, cura-se aquella.

Quem houver de a talhar benza-se 3 vezes e diga:

A virtude do Santo nome de Jazus me ajude e a Virgem Maria, que ella quanto fazia tudo por bem lhe ia, e assim seja eu agora e a toda a hora do dia.

«Em virtude do Santo nome de Jazus,
Appareça o sol e venha o luz;
E ella que vem cá buscar?
Unha e nevoa vem talhar
Com sal das marinhas,
Agua das fontes frias,
Mel do colmeal,
E canna do cannavial.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria,
S. Pedro e S. Paulo e Senhora da Cardaria,
Que esta nevoa não lavre,
E que este corpo enfermo sare. Amem.

Isto 9 dias e 3 vezes por dia, molhando-se de cada vez uma folha de canna em agua fria, sacudindo-a sobre o olho doente, e perguntando ao doente se entrou, pois se devem repetir as sacudidellas até entrar agua no olho.»

36.ª

Para talhar o ar

«Jazus, nome de Jazus me ajude,
E onde eu pozer as minhas mãos
Ponha Deus a sua santa virtude.
Christo vive, Christo reina, Christo allumia»
Christo te defenda de todo o mal,
Alelluia, Alleluia, Alleluia.
Acto in fé, verbo in facto es.
Jazus, nome de Jazus me ajude,
Alleluia, Alleluia, Alleluia!
Nossa Senhora me perguntou:
—Tu de que tractas, Maria?
—Eu tracto de tiziquidade e porplecia,
Gota coral e de todo o mau ar;
E se este *creaturo* ou creatura tiver
Alguma d'estas coisas tal,
A's areias do rio vá parar,
Por que eu lh'o tiro pela cabeça,
Senhora Santa Thereza;
Tiro-lhe pela banda,
Senhora Sant'Anna;
Tiro-lhe por de traz,
Milagroso S. Braz;
Tiro-lh'o por diente,
Senhor S. Vicente;
E tiro-lh'o pelo fundo
Deus Nosso Senhor por todo o mundo!»

P. N. A. Maria e *Christel em zom.*

37.ª

Outro remedio muito approvado para dores de dentes

«Deus te benza, lua nova,
Com todos os teus crescentes,
E ao milagroso S. Matheus,
Quando lhe doam os dentes,
Então me doam os meus.

9 vezes por dia com um P. N. e uma Ave-Maria.
Paz teco, alleluia.»

38.ª

Para fazer desapparecer os cravos

«Embrulhae em um panninho tantas pedras de sal, como forem os cravos, e quando algum visinho cozer pão, ide a casa d'elle, entrando por uma porta e sahindo por outra, lançando ao forno o trapo com o sal sem dar palavra e dizendo apenas com muita fé:
Assim como estalam as pedras de sal,
Assim desappareça o meu mal.»

39.º

Para conjurar desordem ou tempestade imminente na casa

«Mettei 3 raminhos d'alecrim, postos em cruz, debaixo da cinza, na lareira da casa, sem que percebam as pessoas iradas, e logo se accommodarão.»
Nada mais simples, mas ha quem sustente ser mais simples ainda e mais efficaz um bom marmeleiro.

40.ª

Para fazer sahir sem demora nem estrepito alguma má visinha, que entre em vossa casa

«Queimae debaixo do rescaldo da lareira uma vassoura, e vereis como a má visinha nem ralha nem se demora.»
Tudo é bom saber-se.

41.ª

Para talhar o ar de gallinha choca

«Quando ella passe voando por cima de vós,—cuspi 3 vezes para o ar e dizei: *credo, arreda, vae!*
Isto só prezerva do ar da gallinha choca, que é o peior de todos.»

42.ª

Para zombar de bruxas e feiticeiras

«Trincar e mastigar, todos os dias ao levantar da cama, um bocadinho *d'alho verde.*»

43.ª

Outro remedio para curar a nevoa

«Uma mulher ainda virgem mastigue 3 cabeças d'arruda e 3 folhas d'oliveira com um pouco de mel, e bafeje sobre o olho enfermo 9 dias a seguir, 3 vezes cada dia.

44.ª

Para preservar do diabo as casas

«Pregar em cada porta, postigo e janella uma cruzinha de trovisco macho.»

45.ª

Para talhar a bertueja

Colloque-se a enferma de pé e completamente nua, sobre a pia dos porcos, e a benzedeira lhe varrerá bem o corpo todo com uma vassoura, sempre em cruz—da mão direita ao pé esquerdo—e da mão esquerda ao pé direito—dizendo:

«*Bertueja* sae-te d'aqui,
Que a vassoura da casa anda sobre ti.»

Isto 3 vezes.

46.ª

Para somente nascerem pitas

«Serão os ovos lançados por um innocente no *ninheiro*, um a um, e dirá tantas vezes quantos forem os ovos:
Em louvor de S. Salvador
Todos saiam pitas e só um gallador.»

47.ª

Para que os trovões não façam mal aos pintainhos

Metta-se entre elles no *ninheiro* um prego ou chave ou ferro qualquer, senão nascerão doudos ou aleijados—ou morrerão em breve todos.

48.ª

Para que os pintainhos andem sempre juntos

«Juntem-se todas as cascas dos ovos d'onde sahiram. Nada mais.»

49.ª

Para que a gallinha choque os ovos depressa

Dae-lhe a comer fermento, todos os dias.

50.ª

Para que as gallinhas ponham muitos ovos

O dono ou dona coma o primeiro detraz d'uma porta, tendo um machado as costas.

51.ª

Para conservardes a vista

Esfregae bem os olhos com ovos ainda quentes e pouco limpos.

52.ª

Para mal da gota

Cozei bem pau *d'aroeira* e ide bebendo d'aquella agua um mez ou dois.

E' bom remedio para muitos achaques, principalmente para gota e nervos.

53.ª

Para tosse secca

Ourina de meninos, fervida com mel, até tomar ponto, e bebida ás colheres em jejum e a noite, longe do comer.

54.ª

Para dôr de dentes

«O sarro da *ourina* que fica no orinol, posto nas fontes da cabeça, é remedio muito approvado.»

55.ª

Outro remedio efficaz contra as sezões

«Coser uma perdiz inteira em agua, de modo que fique pouco menos de um quartilho, e depois de bem cozida—com pennas, figado, boches e bico—tomar este caldo bem quente, sem mais tempero algum, entre os frios e febres, e cobrir bem, para suar.»

56.ª

Outro, igualmente efficaz e muito mais simples

«Torrar ao lume esterco de gallinhas, reduzil-o a pó—e bebel-o em agua, quando derem os frios.

57.ª

Para dôr de peitos de mulher

«Ferrar agua com uma ferradura que tenha servido em pata de mula, e lavar com a dicta agua o peito — é bom remedio e já experimentado.»

58.ª

Para a moça fazer andar o rapaz sempre á cordinha, até que se resolva a casar com ella

«Trará em uma bolsinha, pregada no colete sobre sobre o peito esquerdo, um osso

d'um cão, outro d'um gato e outro d'um defuncto, com um bocadinho de *trena* do caixão do mesmo, 3 folhas de *ruda*, 3 d'alecrim macho e um alho verde. Lave bem o corpo em cruz—desde as pontas dos dedos da mão direita até as pontas dos dedos do pé esquerdo — e das pontas dos dedos da esquerda até as pontas dos dedos do pé direito, sirva depois ao *dicto cujo* café ou chocolate, preparado com aquella agua,—e ovos fritos, partidos no cachaco d'ella e aparados no...—fundo das costas.

E' receita magnifica e muito experimentada.»

59.ª

Outro remedio para curar as sesões

«Tira-se da enxerga do enfermo 3 palhas; colloquem-se em cruz sobre o chão em uma encruzilhada; cubram-se as palhas com uma tigela e diga-se:

O primeiro que te levantar
O meu mal ha-de levar.»

60.ª

Outro remedio ejusdem fusfuris

«As folhas do aipo pisadas com uma duzia de teias d'aranha e uma colher de vinagre forte, postas sobre os pulsos do enfermo no dia da maleita *tersan*, estando o doente em jejum e não comendo nada até o outro dia, deitam fóra as maleitas.»

61.ª

Outro remedio mais simples e muito decente

«Beber ourina, longe do comer.»

62.ª

Para curar panaricios

«Metter o *penaricio* no ouvido de um gato, ou em um saquinho cheio de *minhocas* vivas, ou em oleo d'enxofre.

63.ª

Para talhar a bertueja

O doente colloca o peito sobre uma bacia d'agua, e a benzedeira toma uma estriga, estende-a sobre a costas do enfermo, correndo sobre ella um pente e diz:

«Homem manso,
Mulher brava,
Casa alagada,
Cama de palha,
Cabeceira d'albarda,
Este mal por donde entrou por ahi saia.»

64.ª

Para talhar o quebranto

«Toma-se uma malga; deita-se-lhe meio quartilho d'agua e 3 brasas vivas; depois toma-se um dos carvões e faz-se com elle uma cruz sobre o enfermo, desde o lado esquerdo ao direito e do peito ás costas, por cima da cabeça, (isto se o mal fôr na cabeça, porque não sendo, faz-se a cruz sobre o local do quebranto) dizendo:

Bom homem me deu pousada,
Má mulher me fez a cama
Sobre agua e mais lama.
Assim como isto é verdade,
Assim te saia o mal e peito e dama (?!..)
Isto 3 vezes, uma com cada carvão.»

65.ª

Para se não tomar o leite

Quando uma mulher der o peito a creança que não fôr sua, ou quando passar algum rio, ribeiro ou levada, deve dizer 3 vezes:

Leite lembrado
Não sejas tomado.

—

Quando porém falte o leite a qualquer mulher, procure instantaneamente outra

que o tenha, e esta lhe lance 3 gotas *sobre as costas* (?) dizendo ao mesmo tempo as palavras supra,—e o leite volverá.

66.ª

Para curar ougamentos

«O enfermo coma de traz da porta um bôlo quente, com azeite e alho,—e enterre o que sobrar, aliás fica ougado o animal que o comer.»

67.ª

Para dar falla ás creanças tardias em fallar

«A madrinha metta a creança em um folle e vá com ella pedindo e dizendo:—quem dá esmolinha ao menino do folle, que quer fallar e não póde?

O menino comerá depois tudo o que lhe derem e fallará immediatamente.»

Curandeiro perigoso

Houve tambem n'esta freguezia nos principios d'este seculo um homem, cujo nome ignoramos e que foi um curandeiro muito acreditado e muito afreguezado, mas devia matar muita gente.

Em um alfarrabio escripto por elle e que era o seu *vade mecum*, dizia entre outras coisas o seguinte:

«Toda a cura que o Medico ordena para a saude dos enfermos consta de dieta e dos mais remedios que se devem applicar.

A pratica *racional* (?) e methodica consta de 3 partes: *dieta, purga* e *sangria*. A 1.ª é a mais necessaria, e as outras duas ordinariamente se applicam ambas, porque raro é o caso de cirurgia em que se não purgue, e rara é a febre em que se não sangre ou sarge. A principal é a dieta, sem a qual se não póde curar nenhuma enfermidade, supposto que todas 3 sejão muitas vezes necessarias para se aperfeiçoar a cura.»

E que esta era a pratica *irracional* do tal assassino ou curandeiro se vê do precioso documento, que vinha engastado na mesma eliquia ou authographo.

Leia quem tiver coragem.

Rol da cura de Manoel Beroto

«Dezaseis sangrias.....	800
Das fontes.....	600
Do sedanho.....	200
Causticos, ventosas e sanguesugas	550

Mais 4 mezes em que fiz 43 caminhos fóra da minha freguezia.»

Pobre *Manoel Beroto*! Só por milagre escaparias!...

Ainda logramos ver o mencionado autographo na casa do Ervedal e d'elle fizemos o extracto supra.

O auctor, se bem nos recordamos, era pharmaceutico e ascendente da dicta casa

Deus lhe perdõe.

Descantes ou festadas

O povo d'esta parochia é muito tratavel, muito animado e muito folgasão. Homens mulheres e creanças, mesmo no serviço da lavoura, andam sempre cantando; nas horas vagas e nos dias de festa costumam dançar e cantar a *chula*,—musica popular favorita d'este concelho e dos concelhos visinhos,[1] ao som de uma viola d'arame, ou de viola e rebeca; mas em dias de romagem, como na do *Senhor do Calvario* e outras, formam descantes imponentes, á imitação dos seus visinhos de Barqueiros.

V. *Martinho de Mouros* (S.) tomo 5.º pag 112, col. 2.ª,[2] onde já descrevemos os mencionados descantes. Aqui só daremos uma amostra das cantigas da *chula*, algumas das quaes não são feias:

---

[1] Veja-se o topico supra, relativo á casa e quinta do Ervedal.

[2] E *Viseu*, tomo 11.º pag. 1:541, col. 1.ª onde fallámos d'estes e d'outros descantes populares do nosso paiz.

Puz a mão na parte esquerda,
Não achei meu coração.
Não me lembrei que o tinha
De penhor na tua mão.

Se o meu querer te aborrece,
Toma a culpa aos teus agrados,
Pois só quem te não conhece
Viverá sem ter cuidados.

Algum dia era eu
Do teu prato a melhor sopa,
Agora sou um veneno
Rosalgar na tua bocca.

Ai Jesus que eu vou p'ras malvas,
Caminhando p'ras ortigas;
Vão os rapazes á forca
Por causa das raparigas.

Aqui venho por te ver,
Por te ver aqui cheguei;
Para que saibas, amor;
Prometti-te e não faltei.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Quem diz que o amar que custa
É certo que nunca amou:
Eu amei e fui amado,
Nunca o amar me enfadou.

Acorda meu bem acorda
D'esse somno em que estaes;
Ando por aqui, não durmo,
E' bem que vós não durmaes.

Menina não seja varia,
Reprehenda o seu pensamento;
Olhe que o amor dos homens
Dura muito pouco tempo.

José quero, José amo,
José trago no sentido;
Por amor de ti, José,
Trago o meu somno perdido.

Dizeis que o preto é feio,
O preto é linda côr;
E' com o preto que escrevo
Cartinhas ao meu amor.

Coitadinho de quem nasce
No mundo sem ter ventura.
E' como o prato quebrado;
Atiram com elle á rua.

Dormindo estava sonhando
Que me morreu o meu bem;
Acordei pedindo a Deus
Que me levasse tambem.

Aqui 'stá quem por ti morre,
Quem por ti sempre suspira;
Quem por ti anda de noite,
Quem por ti arrisca a vida.

Tudo o que ha triste no mundo
Tomára que fosse meu;
Isso mesmo, tudo junto,
Não é mais triste do que eu.

Alegria não a tenho,
A tristeza m'a levou;
Perguntae ao meu amor,
Se a viu, por onde andou.

Eu vou-me vestir de preto,
Do mais preto que achar,
Pois me deram por noticia
Que tu me queres deixar.

Com pena peguei na penna,
Com penna te escrevi;
Com pena de te não ver
E' que dou cabo de mim.

Tenho um vestido de pennas;
Não m'o fez o alfaiate;
Eu o fiz, eu o talhei,
Bem é que penas me mate.

Tenho penas sobre penas,
E mais não posso voar;
A maior pena que tenho
E' ver-te e não te fallar.

Tenho penas sobre penas,
Sobre penas tenho dôr;
A maior pena que tenho
E' deixar-te, meu amor.

Deus te dê alegre tarde,
Meu amor, já que vieste;
Deus te dê tanto alivio,
Como tu a mim me deste.

Os meus olhos desgraçados
Namoraram-se dos teus;
Vejo-me tão confundida
Que nem sei quaes são os meus.

Tenho uma pena no peito,
Que d'ella hei de morrer,
Pois me diz o coração
Que te não torno a ver.

Não me ponha a mão na saia;
Diga d'ahi o que quer;
Você não perde, que é homem;
Perco eu, que sou mulher.

Eu quero bem á desgraça,
Pois sempre me acompanhou,
E tenho raiva á fortuna,
Que sempre me despresou.

Toda a moça que é bonita
Nunca devêra nascer;
E' como a pera madura,
Todos a querem colher.

Se no ceu ha criminosos,
Eu tambem la hei-de entrar;
Mas o amar não é crime
E o meu crime é só amar.

O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

Menina não se namore
D'homem que ja viuvou;
Uma falla, duas fallas:
—Mulher que Deus me levou!...

Menina não se namore
D'homem casado, que é perigo;
Namore-se d'um solteirinho,
Que possa casar comsigo.

Inda que meu pae me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão já promettida.

Não me namora o teu ouro,
Nem os brincos das orelhas;
Namoram-me esses teus olhos,
Essas tuas sobrancelhas.

O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto;
Sobresalta o coração,
Sobem as cores ao rosto.

O' senhor juiz de fóra,
Faça justiça na terra;
Prenda-me aquelles dois olhos,
Que estão n'aquella janella.

Tomei amores com o Bento,
Não sei se faria bem;
O vento é variante,
Não tem amor a ninguem.

Estes senhores me pedem
Que lhe cante uma cantiga;
Cantarei duas ou tres;
Uma não é cortezia.

Aquella menina cuida
Que não ha outra no mundo!
Não é o poço tão alto,
Que se lhe não veja o fundo.

De cada vez que te vejo
Me devia confessar,
Não por eu peccar comtigo,
Mas sim por te desejar.

Tenho dentro do meu peito,
Junto do meu coração,
Duas lettrinhas que dizem:
Morrer? sim; deixar-te? não.

Quem quizer amar mulheres
Não tome tabaco,—fume;
Depois bate á porta e diz:
O' menina dê cá lume.

Sol divino não te ponhas,
Que eu não posso ver a noite,
Nem tambem ver meu amor
Longe de mim perto d'oitre.

Eu vou dar a despedida
Até outra occasião;
Senhores, que estão á roda,
A todos peço perdão.

Aqui dou a despedida
Sem offender a ninguem.
O muito cantar enfada,
O pouco parece bem.

—

Fecharemos este topico dizendo que a parte cantante da chula é feita pela rebeca, e, sendo bem tocada, é uma variação constante e lindissima; havendo porem sempre no Douro muitos chuliantes, são raros os que a tocam bem.

No meiado d'este seculo o 1.º chuliante do Douro, foi o *Capão* da Rede, junto de Mesãofrio; depois levou-lhe a palma o Francisco d'Almeida (filho) da casa do *Ervedal*, —e supplantou aquelles dois e supplanta ainda hoje todos os chuliantes do Douro, Guilherme d'Almeida e Silva, da casa do *Ervedal* tambem.

As cantigas são singelas, com toada muito differente da chula, mas agradaveis e caracteristicas. Não se confundem com as outras canções populares e dão muito relevo á chula, sendo cantadas por mulheres.

A dança ordinaria da chula é simples e monotona no campo e nas romagens, mas nas salas é variadissima, nomeadamente no concelho de Marco de Canavezes.

Tambem no Douro, nas salas e no campo, se usam muitos jogos de roda cantados, jogos de prendas, etc. — e nas salas todas as danças da primeira sociedade.

Tambem no Douro ja são triviaes os pianos,—mesmo na classe media.

Costumes

N'esta parochia de *Santa Marinha* e em ambas as margens do Douro até á Hespanha as mulheres do campo vestem com muita singeleza: — poucas saias, poucos saiotes, vestidos de chita ou de riscado d'algodão, *capuchas* (especie de chales) tambem d'algodão, na cabeça lenços d'algodão tambem —e nos pés tamancos ou chinelas de couro preto, tudo barato.

Isto nos dias de semana. Nos dias santos ou de festa:—sapatos pretos de couro, meias brancas, vestidos e lenços d'algodão, mas novos ou em melhor uso e por excepção lenços de seda na cabeça (nunca chapeu) e vestidos de lã.

Ouro—muito pouco e muito leve. Apenas um par de *ciganas* ou de arrecadas nas orelhas—e no pescoço um fio de contas redondas e pequenas.

Os cordões d'ouro são rarissimos.

Aqui não se vêem mulheres carregadas d'ouro e de roupa, semelhando cabides e taboletas d'ourives, como nos arrabaldes do Porto.[1]

—

No Douro as taboletas d'ourives são os anjos das procissões. Esses sim, — vão gemendo carregados de objectos d'ouro e de prata, de todas as idades e de todos os feitios,—tanto de bom quilate, como de *pechisbeque*.

O vestuario dos homens do campo é muito variado, mas tambem barato e singelo.

As familias nobres e da boa sociedade seguem as modas francesas, modificadas no Porto—e no tempo da velha companhia dos vinhos, quando o Douro era *d'ouro*, tiveram baixellas soberbas:—muita prata, muito ouro, muitos adereços de perolas e pedras fi-

---

1 V. *Villar d'Andorinho*, tomo 11.º pag. 1197, col, 2.ª

nas, louça e cobertores da India e do Japão, etc.

Os mesmos *bacios* dos grandes lavradores do Douro—*eram de prata*?!...

V. *Villa Jusã* do concelho de Mesãofrio, tomo 11.º pag. 771, col. 2.ª

Recrutamento

Até 1834 esta parochia e mais 13 das circumvisinhas davam soldados para a 1.ª companhia do regimento de milicias de Penafiel—denominada companhia de *Campello*, por ter ali a séde.

As outras freguezias eram—Teixeira, Teixeiró, Tresouras, Gestaçô, Viariz, Loivos do Monte, Loivos da Ribeira, Frende, S. João d'Ouvil, Tolões, Valladares e S. Thomé de Covellas.

O dicto regimento era formado por 2 batalhões com 4 companhias cada um. O 1.º batalhão tinha a séde em Villa Boa do Bispo;—o 2.º em Penafiel.

A companhia de Campello era a 1.ª do 1.º batalhão, mas a freguezia de Campello dava soldados para a 2.ª companhia do mesmo batalhão, a qual tinha a séde na freguezia de *Loureiro*!...

Esta 2.ª companhia era formada pelas freguezias de Campello, Gôve, Soalhães, Santa Cruz do Douro, Santa Leocadia, Mesquinhata, Ancede e Grillo.

Festividades religiosas

Celebram-se muitas n'esta freguezia, sendo sempre mais pomposa a da padroeira, mas tem algum tanto de barbara, porque, misturando o sagrado com o profano, costumam por essa occasião correr touros muito estupidamente *a vara larga*, o que por vezes dá scenas de canibalismo revoltante—ferimentos desordens e mortes, como succedeu ha bem pouco tempo,—no dia 22 de julho do anno ultimo (1888) quando festejavam a padroeira.

Com data de 25 de julho do dicto anno, uma correspondencia de Baião, publicada no *Commercio do Porto*, dizia entre outras coisas o seguinte:

—

«No dia 22 do corrente celebrou-se com todo o brilho e luzimento, na igreja matriz de Santa Marinha do Zezere, a festa á padroeira. Na vespera foi illuminada a frontaria do templo, adro, casa da residencia e palacete do nosso amigo o sr. José Bernardo Correia de Sá, digno abbade d'aquella freguezia e vice-presidente do centro progressista de Baião, tocando até ao dia duas bandas de musica ao desafio e queimando-se á meia noite um vistosissimo fogo do ar. No dia seguinte houve exposição do Santissimo Sacramento, missa cantada e sermão...

Depois da festa da igreja sahiu uma procissão, que não só pela ordem em que ia, como pela belleza e adorno dos anjos, póde-se incontestavelmente dizer que attingiu um brilhantismo e esplendor extraordinarios.

Não se dirá, porém, que a festa corresse sem desgostos e sustos.

Na vespera, pelas 8 horas da noite, passando pelo adro a cavallo um sujeito qualquer, ou porque lhe picassem o animal ou porque elle quizesse mostrar altas prendas de equitação, o certo é que o cavallo se encabritou, assustando o povo, que em grande grita e confusão correu para uma das margens do caminho, impellindo para o adro as pessoas que ali estavam, tendo-se magoado bastante a sr.ª D. Feliciana Correia de Sá, irmã do abbade d'aquella freguezia, o que muito sentimos. Uma mulher do povo, que tambem fôra impellida pelos fugitivos, cahiu e fracturou uma perna.

Passada uma hora, levantou-se grande reboliço no arraial por causa de dois touros que no outro dia se haviam de correr á vara larga, os quaes, soltos e sem chocas, se dirigiam para ali. Houve n'essa occasião muitos empurrões, sopapos e quédas, o que tudo se explica pelo terror de que se tinha apossado o povo.

Os touros, porém, correram por um dos caminhos lateraes do adro, invadindo o terreiro da residencia. onde damnificaram algumas vides e objectos que n'esse local se encontravam.

Se não fosse o sangue frio do nosso ami-

go o sr. José Ayres de Figueiredo Pinto Valente, muitas desgraças haveria a lamentar, porquanto aquelle cavalheiro, com um verdadeiro desprezo pela vida, não receiando a sanha dos bois, encurralou-os n'uma das córtes que alli havia, mandando em seguida procurar algumas vaccas para os conduzirem a Travanca, onde deviam pernoitar.

A tia do sr. José Bernardo Correia de Sá, senhora de avançada idade, por pouco que era apanhada por um dos animaes. O susto que apanhou foi de tal natureza, que chegou a lançar sangue pela bocca.

—

«Na tourada, ou antes *selvageria*, que no dia da festa se fez, um dos bois foi horrivelmente martyrisado pelos picadores de *Barqueiros*,[1] chegando aquelles barbaros a arrancar-lhe um dos olhos e uma das pontas, deixando-o tão mal tractado que o pobre animal morreu hontem (24) no meio de soffrimentos horriveis.

Um dos picadores, á sahida do curro, levou uma aguilhada no peito. Segundo nos consta, já falleceu.

E de quem é a culpa?! Incontestavelmente das nossas authoridades administrativas, que consentem uma tal selvageria. Sendo prohibidas as corridas á vara larga, qual o motivo porque são consentidas? A fraqueza das auctoridades deu causa á morte de um homem e ao martyrio de um animal. Quem ha-de sustentar agora a viuva e filhos d'esse desgraçado, que ficou como um lugubre trophéu d'essa vergonhosa lucta? Se as chamassem á authoria, não teriamos a lamentar similhantes desgraças! Mas como o favoritismo é que impera, o melhor é calar-mo-nos e ir registrando estes factos, que as pessoas sensatas e de coração avaliarão como fôr de justiça.»

—

Uma das festas mais edificantes e mais imponentes de que ha memoria n'esta freguezia, foi a procissão de penitencia, feita no dia 20 d'outubro de 1885 para que Deus nos livrasse do cholera, que ao tempo devastava a Hespanha e que nos aterrou e obrigou a montar com grande dispendio um cordão sanitario de mais de 6 mil homens em toda a raia, durante muitos mezes.

Felizmente a epidemia poupou-nos e desde 1854–1855, data em que o cholera fez bastantes victimas em Portugal, não mais nos visitou.

Tambem tivemos em Portugal o cholera em 1834 a 1835, depois da guerra entre o sr. D. Pedro IV e o seu irmão D. Miguel.

A dicta procissão teve logar em um domingo; começou ás 7 horas da manhã e terminou ás 7 da noite; percorreu grande parte da freguezia e visitou a matriz e 5 capellas, havendo por essa occasião 3 sermões de lagrimas.

Era formada por 18 andores, 10 anjos, uma banda de musica e muitas irmandades e confrarias com as suas respectivas cruzes —sendo verdadeiramente extraordinario o concurso de povo d'esta parochia e das circumvisinhas,—ao todo mais de 10:000 pessoas.

Commenda de Moura Morta

Esta commenda era da ordem de Malta e uma das mais rendosas do nosso paiz. Tinha muitos dizimos, prasos e fóros na freguezia de Moura Morta e em outras dos concelhos de Mesãofrio, Baião, Canavezes, Torres Novas, etc.

N'este concelho de Baião aquelles commendadores eram directos senhorios de muitos casaes e terras nas freguezias de Tresouras, Frende, Gôve, Gestaçô, e n'esta de *Santa Marinha*, nomeadamente nas povoa-

---

[1] *Barqueiros*, freguezia populosa e pouco distante, terra natal do infeliz dr. José Julio d'Oliveira Pinto, é nas duas margens do Douro apontada e *respeitada* como terra de *famigerados valentões*—e á mais leve provocação de estranhos batem-se todos por um e um por todos—a pau, a pedra, a punhal e a *tiro*, pelo que *ninguem ousa provocal-os*.

V. *Barqueiros*, tomo 1.º pag. 336—e *Martinho de Mouros* (S.) tomo 5.º pag. 112, col. 2.ª

ções de S. Pedro, Quintãs e Paços, como se vê de um livro de emprazamentos, que temos sobre a nossa mesa de estudo e que comprehende os annos de 1603 a 1642.

Foi commendador de Moura Morta desde 1603 atè 1630 Fr. Antonio da Veiga, de Cidadelhe, hoje representado pelo sr. D. Francisco Peixoto Pinto Coelho, de Villa Marim, —e desde 1630 a 1642 foi commendador D. Diogo de Mello Pereira, tambem de Cidadelhe, concelho de Mesãofrio, fundador da quinta e do palacete denominados de *D. Diogo*, que são hoje da familia *Carvalhaes* de Travanca, mencionada supra.

Viação

Até hoje (1889) esta desgraçada freguezia não tem estrada alguma a macadam. As suas estradas todas são barrancos e precipicios medonhos, nomeadamente as que conduzem ao Douro e á estação da *Ermida*. Tem para ali já estudada ha muitos annos uma estrada a macadam desde a egreja matriz, pelo valle do Zezere, mas ainda lhe não deram principio.

Tambem deve atravessár esta parochia de *Santa Marinha*, de poente a nascente, a estrada real a macadam n.º 34 de Penafiel a Mesãofrio, por Canavezes e Baião, mas ainda não passou de Canavezes, posto que já lhe deram principio ha *mais de 20 annos*?!..

Até hoje o malfadado concelho de Baião não viu nem sequer *uma diligencia*! Apenas tem ao longo da margem do Douro a linha ferrea, de que pouco partido tira, por falta de estradas que a ella conduzam,—e tem sobre o Douro duas pontes em projecto, estudadas e arrematadas, mas ainda não principiadas,—uma n'esta parochia de *Santa Marinha*, junto da estação da Ermida, para ligação com Rezende,—outra em *Portantigo*, junto da estação de *Mosteiró*, para ligação com Sinfães.

Posta rural

Um dos poucos beneficios que esta parochia de *Santa Marinha* e este concelho de Baião devem ao governo desde 1887—é a *posta rural*—beneficio que alguns dos nossos concelhos ainda não gosam.

Baião tem 7 distribuidores:—1 em Ancede, 1 em Santa Cruz do Douro, 2 em Campello e 3 n'esta parochia de Santa Marinha.

Foi um grande bonus, porque hoje a entrega da correspondencia é rapida e feita aos destinatarios nos seus proprios domicilios,—emquanto que anteriormente tinham de mandar procural-a a distancia, recebiam-na tarde e extraviava-se repetidas vezes.

Tambem a *posta rural* facilitou igualmente a expedição da correspondencia.

Movimento parochial d'esta freguezia em 1887

Nascimentos	76
Obitos	30
Casamentos	17

Do exposto se vê que a população d'esta parochia tende a augmentar, pois a cifra dos nascimentos é muito superior á dos obitos.

O batalhão de Baião

José Reymão de Mello Palhares, de quem já se fallou no topico da quinta de *Guimarães*, era muito liberal, pelo que em 1829 emigrou. Viveu 3 annos na França e na Belgica; militou com o sr. D. Pedro IV, chegando ao posto de tenente. Depois casou e abandonou a carreira militar, mas em 1846, quando rebentou o pronunciamento popular do *Minho* ou da *Patuleia*, vivendo na sua quinta de Guimarães, abraçou o dicto pronunciamento.

Formou com voluntarios d'esta parochia de *Santa Marinha* e d'outras d'este concelho uma guerrilha, denominada *Batalhão de Baião*, da qual foi commandante com a patente de tenente coronel, conferida pela *junta do Porto*.

Elle era homem valente, muito encorpado e mal encarádo, mas foi pouco feliz como guerrilheiro. Apenas tomou parte em 2 feitos d'armas, ficando derrotado no 1.º—e derrotado e prisioneiro no 2.º

—

No dicto anno de 1846, logo no principio da revolução da junta, elle com a sua guerrilha de Baião, o *Justinianno de Cordova* com a sua guerrilha de S. Martinho de Mouros e S. Pedro de Paus (Rezende)[1]—os Andrades de Moimenta da Beira com outra guerrilha d'aquelles sitios— e muitos populares dos concelhos de Rezende, Lamego, Mondim da Beira, Tarouca, Pesqueira, Taboaço, Armamar e Regoa, lembraram-se de ir a Lamego desarmar o regimento de infanteria n.º 9 ali estacionado.

Os populares eram muitos, mas não tinham commando, nem armamento regular, nem munições de guerra, nem disciplina alguma, pelo que, apenas se abeiraram de Lamego, o 9 com algumas descargas os poz em precipitada fuga, indo tambem de roldão o *batalhão de Baião*.[2]

—

Passados alguns mezes, partiu do Porto para Traz os Montes o general visconde de Sá Bandeira para bater o conde de Casal.

Sá da Bandeira levava uma divisão forte de 3:500 homens, comprehendendo os regimentos de infanteria 3 e 15, a guarda municipal e um batalhão d'artistas do Porto, outro de voluntarios da Vista Alegre e o de *Baião*.

Encontraram-se as duas divisões em Valle Passos e a do Sá da Bandeira foi completamente derrotada, porque logo no principio da acção os regimentos 3 e 15 uniram-se á divisão do Casal.[3]

O batalhão da Vista Alegre nada soffreu, porque estava distante e não entrou em fogo, mas o de Baião foi envolvido e derrotado, ficando prisioneiro o seu commandante José Reymão—e mortos 15 a 20 soldados e o major.

José Reymão pouco tempo esteve prisioneiro, porque uma bella noite fugiu com o sargento que o escoltava, — *Lino José Rodrigues*—a quem foi grato, pois teve-o muito tempo como pessoa de familia na sua casa de *Guimarães*,—depois deu-lhe uma escrivania do juizo de direito em Baião e ali falleceu em 1888, deixando boa fortuna á viuva e filhos.

José Reymão era natural da Ucanha[1] e falleceu já velho e reformado com a patente e soldo de capitão.

O José do Telhado

Em uma das noites do mez de novembro de 1851 a quadrilha do *José do Telhado* assaltou a casa do dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de *Cadeade*, n'esta parochia de Santa Marinha, cerca de 1:200 metros a N. da egreja, mas cruzou-se vivo fogo de parte a parte, alvorotou-se a visinhança e a quadrilha bateu em debandada sem levar a effeito o roubo. Ella vinha de longe,—*de Lousada*,—mas foi attrahida por alguns dos salteadores, que pertenciam a este concelho de Baião e a esta parochia, taes eram José Simões, da povoação do Barreiro, e seu filho Boaventura.

O dr. Fabricio morreu aproximadamente em 1870 sem successão, havendo casado com D. Gracinda Emília Faria Garcia Coutinho, senhora muito mais nova, muito incorpada e muito sympathica, a qual tambem já falleceu, tendo passado a segundas nupcias em 1876 com o visconde de Ferro-Cinto—José Maria de Vasconcellos Serrão, que já tinha 57 annos de idade.

Ella nasceu na freguezia de Mondão, concelho de Viseu, em 1830, e foram seus paes Balthasar Esquiridão Garcia da Costa Bar-

---

[1] O *Justinianno de Cordova* deu brado como guerrilheirot...

V. *Paus*, tomo 6.º pag. 509, col. 2.ª e seg.

[2] V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

[3] V. *Val de Passos*, tomo 10.º pag. 75, col. 2.ª

---

[1] V. *Cucanha* e *Ucanha*.

bosa, natural do Porto, e D. Julia Felicia de Faria Coutinho, da quinta de *Picoula*, freguezia da Granja, concelho de Trancoso.

—

Como este diccionario está prestes a concluir-se, daremos aqui uma ligeira noticia do celebre *José do Telhado*, que foi o ultimo dos grandes salteadores que infestaram o nosso paiz.

Chegou a viver esplendidamente, mas acabou miseravelmente, verificando-se mais uma vez a sentença:

Talis vita, finis ita!...

—

Chamava-se elle *José Teixeira da Silva*, por alcunha *José do Telhado*, porque nasceu em 1816 na pequena povoação do *Telhado*, freguezia de Castellões de Recesinhos, concelho de Penafiel, mas casou e viveu na povoação de Sobreira, freguezia de S. Pedro de Cahide de Rei, concelho de Lousada cerca de 2 kil. e a N. da estação actual de *Cahide*, na linha ferrea do Douro.[1]

Girava-lhe nas veias *bom sangue*, pois seu pae *Joaquim do Telhado* foi capitão de ladrões, valente como as armas e raio devastador em francezes;—seu tio-avô, por alcunha o *Sodiano*, foi salteador no Marão, — e *Joaquim do Telhado*, irmão do nosso heroe, foi tambem salteador.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor!...

—

José do Telhado passou os primeiros annos da juventude em Cahide de Rei, aprendendo o officio de capador com um francez que exercia aquella profissão e estava ali casado com uma tia materna do nosso heroe. Affeiçoou-se a uma filha do capador, mas, como os paes d'ella se oppozessem ao casamento, fugiu para Lisboa, tendo 19 annos de idade, e ali assentou praça no 2.º regimento de *Lanceiros da Rainha*.

Em 1837, na *revolta dos Marechaes*, acompanhou o duque de Saldanha e bateu-se nos combates do *Chão da Feira* e *Ruivães*.

O barão de Setubal disse-lhe uma vez:

—Chovem balas!...

—Cá está o guarda-chuva, meu general;

—deixe chover!—respondeu José do Telhado muito serenamente, mostrando-lhe a lança com a bandeira, pois era muito valente, bom cavalleiro, muito generoso e espirituoso.

O barão gostou da resposta e, tendo de emigrar para a Hespanha, resolveu leval-o comsigo, como sua ordenança, mas, feita a convenção de Chaves, recebeu o nosso heroe uma carta da prima, chamando-o a toda a pressa para casarem, por haver obtido do pae o previo consentimento. Pediu baixa; partiu immediatamente e sem demora casaram, recebendo em dote meios bastantes para uma decente mediania aldean, accrescendo o fructo do seu mister de capador.

—

Ditosos derivaram os primeiros annos d'este suspirado enlace, vivendo honestamente do seu trabalho, visinhando bem com todos e sendo por todos estimado, vindo os filhos augmentar a felicidade dos dois conjuges, porque sobrava em casa o pão e foi sempre *muito amigo* da mulher e dos filhos.

Levado da sua generosa intrepidez, em 1845 defendeu na feira de Penafiel um visinho, perseguido por muitos. A lucta foi grandemente desegual e ficou moribundo entre os que em volta d'elle cahiram.

Na revolução popular de 1846 os visinhos escolheram-n'o para chefe. Recusou-se, fazendo-lhes ver que não tinha habilitações para o commando, mas seguiu o partido do povo. Apresentou-se á junta do Porto,—assentou praça em cavallaria, — comprou cavallo e fardou-se a todo o primor *á sua cus-*

---

[1] V. *Cahide*, vol. 2.º pag. 33, col. 2.ª—e *Villa Verde*, aldeia, tomo 11.º pag. 1:087. col. 1.ª e segg.

ta. Soccorria generosamente os soldados carecidos e empenhou-se para satisfazer o que em parte era capricho e em parte largueza d'alma.

Acompanhou a Val Passos, como sua ordenança, o visconde de Sá da Bandeira, a quem salvou a vida n'aquella desastrosa batalha,[1] pelo que o dicto visconde pela sua propria mão lhe apresilhou na farda a condecoração da *Torre e Espada.*

Do comoro de uma ribanceira alguns dos soldados traidores apontavam as armas contra o visconde, envolvido no fumo das descargas. José Teixeira arranca do cavallo a toda a brida,—toma as redeas do cavallo do general e obriga-o a saltar um vallado, passando as balas pouco acima da cabeça de ambos. A este tempo 3 soldados de cavallaria avançavam contra o visconde. José Teixeira embarga-lhes a arremettida e desarma o 1.º com um golpe,—fere mortalmente o 2.º—e persegue o 3.º até lhe arrancar a vida pelas costas.

Quando voltou da facção já o visconde tinha suspensa a medalha que ali mesmo lhe apresilhou.

Terminada a revolução em 30 de junho de 1847 pelo convenio de Gramido,[2] José Teixeira arrancou as divisas de sargento e foi para a sua casa, onde o aguardava saudosa a mulher com 5 filhos.

O salteador

Até aqui foi José Teixeira da Silva um homem honrado, bom cidadão, bom pae, bom esposo e bom visinho, mas por um triste conjunto de circumstancias em breve mudou e sentimos tremer a penna para levarmos por diante este ligeiro esboço biographico!...

O homem estava onerado com dividas; os credores perseguiam-no—e as auctoridades avêssas á sua politica,[1] esquadrinhavam pretextos para o magoarem.

Joaquim do Telhado, seu irmão, mantinha n'essa epoca as tradições da familia, saindo á estrada com um bando de populares foragidos á perseguição politica, por haverem esposado tambem a revolução da junta do Porto.

José do Telhado, perseguido pelos credores e pelas auctoridades, desconsiderado e affrontado por todos e sem pão para alimentar a mulher e os 5 filhos que elle idolatrava, bateu á porta de differentes pessoas pedindo um emprego qualquer, embora distante, mas nada obteve, pelo que se uniu ao irmão. O bando que este capitaneava exultou, — nomeando-o logo chefe — e o irmão submetteu-se.

Estreou-se na noite de 12 de dezembro de 1849, salteando a casa do rico proprietario Manoel da Costa, da freguezia de Macieira, concelho de Lousada, cujo roubo foi importante.

Poucos dias depois foi pronunciado com seu irmão, posto que este já o estava por outros roubos praticados em Canellas do Douro, (?) Margaride e Baião.

—

Depois da pronuncia resolveu ir para o Brazil e, *obtido passaporte* (?) seguiu na barca *Oliveira*, em fins de 1849.

Esteve no Rio de Janeiro e em outras provincias do Brazil, mas, não podendo supportar as saudades da esposa e dos filhos, regressou, e já em novembro de 1851 assaltou a casa do dr. Fabricio, como dissemos supra.

Depois assaltou com melhor exito a nobre casa de *Carrapatello*, á beira do Douro, na freguezia de Paços de Gaiollo, concelho

---

[1] Com relação á dicta batalha, ferida entre Sá da Bandeira e o conde de Casal, veja-se o artigo *Val de Passos*, tomo 10.º pag. 74, col. 2.ª e segg.—e a biographia do *Conde de Casal* no art. *Villa Verde*, tomo 11.º pag. 1:108, col. 1.ª

[2] V. *Gramido*, tomo 3.º pag. 316, col. 2.ª

[1] Era a da *Junta do Porto*, em que tinha militado.

de Canavezes, cujo roubo montou aproximadamente a *quarenta mil cruzados*?!...

Decorridos 3 mezes assaltou a casa de Domingos Gonçalves Camello, do logar de Paradella, concelho de Celorico de Basto, cujo roubo foi tambem muito importante,—e praticou outros muitos.[1]

Elle tinha a sua casa e a sua familia em S. Pedro de Rei, concelho de Lousada, mas o seu nome e a sua quadrilha eram o terror de todo aquelle concelho e dos de Felgueiras, Amarante, Penafiel, Paços de Ferreira, Canaveses, Baião, Celorico de Basto, etc.

Todos tremiam ouvindo o nome do *José do Telhado* e muitos cavalheiros das visinhanças o acolhiam e protegiam, para poderem viver socegados e mover-se de um ponto para outro, porque elle era valente e *capaz de tudo*, mas não sanguinario por indole, como os Brandões de Midões.

Costumava roubar, mas não matar, nem praticar outros excessos, nem consentia que os seus os praticassem,—e foi sempre respeitador do bello sexo.

—

Poucas mortes fez e todas em circumstancias anormaes, algumas até certo ponto desculpaveis.

---

[1] Na noite de 24 de fevereiro de 1859 assaltou a casa da *Senra*, da freguezia de Juqueiros, concelho de Felgueiras,—casa rica, então pertencente á sr.ª D. Anna Ricardina Ferreira Pinto de Carvalho, e, como lá encontrasse alguns jornaleiros, enfeixou-os n'uma corda como uma gabella d'achas, ordenando-lhes que estivessem quietos. Não os feriu nem maltractou e, feito o roubo, que foi importante, despediu-se da dona da casa, pedindo-lhe que por caridade fosse desapertar os jornaleiros que ficavam emmolhados.

Folgava de entremetter incidentes comicos nas suas partidas.

Quando se retirava de *Carrapatello*, deu um beijo em uma das senhoras e pediu-lhes que não fizessem barulho, porque eram bonitas,—e á mulher do sr. Domingos Camello, de Paradella, perguntou-lhe de que lhe servia o dinheiro, se não podia comprar com elle uma cara mais nova e menos feia.

Citaremos duas:

Estando certa noite com a sua quadrilha no monte denominado *Eira dos Mouros*, freguezia de Villar de Torno, concelho de Lousada,[1] dispondo-se para roubar o abbade de Louredo, foi cercado e batido por um destacamento de infanteria n.º 2. Cruzaram muito fogo e o destacamento levou-lhe dois homens, pelo que, para os libertar, foi com a sua quadrilha apoz elle. Cercou a estalagem onde estavam os soldados; recomeçou o fogo e obrigou-os a bater em retirada.

Durante a lucta evadiu-se um dos presos e José do Telhado disse ao outro:

—Vem!

—Não posso,—respondeu elle; — matemme, porque estou sem pernas!...

Tinha effectivamente as pernas varadas por balas.

—Faz o acto de contricção, — retrucou o chefe—e depois de uma breve pausa desfechou contra elle, dizendo;

—Acabaram-se os teus trabalhos e os meus estão em começo. Adeus![2]

Outro dia foi José do Telhado surprehendido com os seus pelas forças que andavam em cata d'elle.

Bateu-se como um heroe, mas teve de fugir, ficando levemente ferido; sabendo porem que fôra denunciado por um companheiro, de alcunha *José Pequeno*, mas homem agigantado e o mais perigoso da sucia, morador na Lixa, José do Telhado foi uma noite bater-lhe á porta,—entrou e disse-lhe:

—Já sei que me atraiçoaste e venho tirar-te a vida. Previne-te como quizeres, porque um de nós ha de morrer aqui!

—Ou ambos!—disse José Pequeno, lançando mão da faca.

—Ou isso,—respondeu José do Telhado, sacando uma enorme thesoura, e accrescentou:

---

[1] V. *Villar do Torno*, vol. 11.º pag. 1284, col. 1.ª

[2] É isto o que se lê algures, consta-me porem que esta morte não foi feita pelo José do Telhado, mas por um companheiro.

—Hei-de cortar-te a lingua!

Luctaram como feras e José do Telhado recebeu alguns ferimentos, mas crivou-o de facadas, lançou-o por terra, apertou-lhe a garganta, cortou-lhe a lingua e retirou-se deixando o cadaver estendido no chão.

No dia seguinte appareceu na Lixa, abeirou-se da multidão que estava á porta do morto e disse:

—Se não sabem quem matou esse traidor, —aqui o teem!

E passou adiante, mettendo as esporas a um valente cavallo em que ia montado.

Ninguem o seguiu, já por medo, já porque o assassinado era o terror da visinhança. Não se levantou auto de corpo de delicto nem esta morte figura no processo do José do Telhado.

—

Do exposto se vê que era homem valente e *capaz de tudo*, mas tinha algumas qualidades boas.

Era muito generoso para com os pobres —e cavalheiro para com os cavalheiros que o protegiam.

Quem estivesse nas boas graças d'elle podia transitar com toda a segurança de noite ou de dia por onde lhe aprovesse e dormir a somno solto, pelo que tinha valiosas protecções. Era honrado como o celebre *Chuço* de Trancoso e como elle poupou tambem sempre a visinhança.[1] Além d'isso era intrepido, muito astuto e commandava uma numerosa quadrilha, que o respeitava cegamente, pelo que dispunha de grande força, chegando por vezes a bater-se com a tropa, como já dissemos.

Todas as auctoridades da circumvisinhança tinham ordem para o prender, mas nunna poderam conseguir tal, nem mesmo o sr. Adriano José de Carvalho e Mello, então novo, intrepido, valente e solteiro, que, sendo administrador do conselho de Canavezes, lhe declarou guerra de morte e *sem tregoas*!..[2]

Armou e organisou militarmente os cabos de todo o concelho e, collocando-se á frente d'elles, com imminente risco da propria vida, tractou de lhe dar caça.

Perseguiu-o muito tempo;—comprou alguns dos salteadores, entre elles o tal *José*

---

[1] V. *Trancoso*, vol. 9.º pag. 719, col. 1.ª

[2] Tambem foi perseguido *a toute outrance* por Antonio Elisiario Ribeiro de Sousa Pinto, da casa de Pereiró, freguezia de S. Lourenço de Pias, concelho de Lousada, cavalheiro muito valente e destemido, então administrador do dicto concelho. Com imminente risco de vida prendeu *trinta e sete* dos taes salteadores—e falleceu em 1888.

Foi tambem n'aquelle tempo administrador do concelho de Baião o dr. Valentim de Faria Mascarenhas e Lemos, natural da povoação de *Quintella*, freguezia de Gestaçô, do dicto concelho, o qual auxiliou poderosamente os administradores do Marco e de Lousada, pois era talvez mais energico e mais valente do que nenhum d'elles e mais propenso ainda a perseguir e exterminar salteadores, porque era filho do lendario *Alexandrinho de Quintella* (Alexandre de Faria Mascarenhas e Lemos) que *varreu* da estrada do Porto os muitos salteadores que a infestaram depois de 1834, fuzilando alguns d'elles, o ultimo dos quaes foi um homem agigantado e fidalgo distincto, filho do ultimo capitão mor de Moura Morta.

Era pois o dr. Valentim não só muito valente, mas *por herança* perseguidor de ladrões;—o irmão mais velho, tambem *Alexandre*, casou no Cavallinho, freguezia de Gondar, concelho d'Amarante,—foi companheiro do pae *na dicta empreza* — e como elle terror dos ladrões,—e outro irmão, abbade da Teixeira, foi tambem muito valente.

O dr. Valentim encontrou o concelho de Baião cheio de malfeitores, mas *rapidamente o expurgou* e acabou com os excessos de *toda a ordem*, inclusivamente com o *jogo*;— depois seguiu a magistratura; casou com uma senhora de Villa Real, D. Rita Valentina Lopes Mendes de Faria, irmã do nosso bom amigo e distincto escriptor publico Antonio Lopes Mendes, e sendo juiz de direito, falleceu ainda novo na sua quinta da *Aveleira*, em Lobrigos, concelho de Santa Martha de Penaguião, deixando viuva e filhos, entre elles um, de nome Sotéro, tambem muito valente.

No art. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1031, col. 2.ª e segg. póde verse a biographia do sr. Antonio Lopes Mendes.

Pequeno;—trocaram por vezes vivo fogo de parte a parte, mas nunca pôde lançar-lhe a mão; moveu-lhe porém tão dura guerra, que o homem resolveu voltar para o Brazil.[1] Já estava outra vez a bordo da mesma barca *Oliveira*,[2] escondido entre sacos de bolacha, prestes a deixar as aguas do Douro, quando alguns dos seus o denunciaram e ali foi preso no dia 31 de março de 1859, sende mettido nas cadeias da Relação do Porto.

Ali se conservou até que, depois de organisado o volumoso processo, foi julgado no Marco de Canavezes e condemnado a degredo perpetuo com trabalhos publicos, apesar dos esforços do dr. Marcellino de Mattos, de Lamego, então advogado no Porto e advogado distinctissimo, que foi defendel-o *por esmola*, gratuitamente.

—

Quando José do Telhado foi preso e deu entrada nas cadeias da Relação, ainda levava comsigo 600$000 réis, pelo que convidou o dr. Marcellino de Mattos para ir defendel-o, offerecendo-lhe 50 libras; mas, não podendo sofrear o seu animo generoso e, querendo valer aos muitos infelizes que estavam n'aquella medonha prisão, tanto despendeu, que o dinheiro em breve se lhe esgotou. E em quanto era generoso para com todos, todos na cadeia o estimavam, mas quando o viram na miseria, voltaram-lhe as costas.

Para cumulo da sua desgraça, um preso, a quem tinha emprestado seis libras, quando José do Telhado, obrigado pela fome, lh'as pediu, o tal preso (era um *parricida*!...) não só se recusou a dar-lh'as, mas denunciou-o *falsamente* ao director da cadeia, accusando-o de tentativa de fuga, pelo que foi mettido em um dos quartos de malta—sem ar e sem luz—e ali jazeu bastante tempo, enterrado e ralado de fome.

O unico amigo que achou em tão negra conjunctura e que de muito lhe valeu foi o nosso laureado romancista Camillo Castello Branco, hoje visconde de Correia Botelho, então ali preso tambem pelo crime de adulterio. Condoido da triste sorte do grande salteador d'outras eras, animava-o, soccorria-o, conversava com elle e deu-lhe a immortalidade da historia no seu formoso romance—*Memorias do Carcere*—d'onde extrahimos boa parte d'estes apontamentos.

José do Telhado soffreu muito na prisão e, quando partiu para o degredo estava tão pobre, que pediu a um companheiro por esmola *um vintem* para cigarros!...

Falleceu na Africa em 1875.[1]

---

[1] O sr. Adriano José de Carvalho e Mello immortalisou-se na campanha contra o José do Telhado, pelo que o governo lhe deu a commenda da ordem de Christo, etc.

Mais tarde organisou a policia civil no Porto, da qual foi muitos annos commissario geral distinctissimo; em seguida foi nomeado chefe da fiscalisação aduaneira, em cujo posto se aposentou. Vive ainda na actualidade, e solteiro, na sua casa da freguezia de Thuias, concelho de Canavezes, —e é irmão do sr. Affonso Joaquim Nogueira Soares, distincto engenheiro, que teve a seu cargo muitos annos o pelouro das obras da barra do Douro—e é hoje fiscal do governo nas obras do porto de Leixões.

São dois cavalheiros de muito merecimento.

[2] Vivia e vive ainda hoje no Porto um negociante e armador de navios, Bernardo José Machado, da freguezia de *Cerva*, concelho de Ribeira de Pena, em Traz os Montes, o qual, indo para a sua terra natal, um dia encontrou o José do Telhado bem vestido e bem montado, sem o conhecer.

Fizeram jornada os dois até Amarante; palestraram muito com relação ao grande salteador; ali cearam, pernoitaram e se despediram muito amavelmente, trocando cartões de visita — e só quando o sr. Machado de manhã pediu contas, soube quem teve por companheiro, porque o dono da hospedaria lhe disse que o sr. José do Telhado havia satisfeito a conta.

Ficou o sr. Machado attonito e penhoradissimo e, como o José do Telhado, passado pouco tempo, lhe escrevesse pedindo-lhe passagem para o Brazil, o sr. Machado lh'a facultou na sua barca *Oliveira* em 1849—e, passados 10 annos, lhe facultou novamente a mesma barca, mas não pôde seguir viagem, porque foi denunciado e preso.

---

[1] O irmão Joaquim homisiou-se e não mais o lobrigaram até hoje—1889.

Consta que ainda vive.

Ponte da Ermida

Do ante-projecto, officialmente elaborado pelo distincto engenheiro Manoel Francisco de Vargas, extrahimos o seguinte:

O taboleiro da ponte fica no mesmo nivel da linha ferrea, que está cerca de 3 metros superior ao nivel da grande cheia de 1860, a maior d'este seculo,—ou 25 metros sobre o nivel das aguas normaes, — e terá de extensão total cerca de 300 metros, com as avenidas, comprehendendo na margem direita um pontão metallico de 30 metros de vão sobre o rio *Zezere*, para a ligação da ponte com a estrada real a macadam n.º 34, mencionada supra e que atravessa a parochia de *Santa Marinha* de leste a oeste, pois a dicta ponte é destinada a servir a estação da Ermida e a ligar aquella estrada da margem direita do Douro com a estrada que na margem esquerda vae de Lamego a *Entre-Ambos os Rios* (foz do Tamega) atravessando de leste a oeste os concelhos de Lamego, Rezende, Sinfães e Castello de Paiva.

A ponte fica pois entre a foz do Zezere, na margem direita do Douro,—e a *Pedra do Altar*, mencionada supra, na margem esquerda, a partir da qual comprehende 2 vãos metallicos, assentes sobre pegões de granito;—2 arcos tambem de granito de 14 metros d'abertura cada um, ligados entre si por grandes muros de supporte com 65 metros d'extensão, terminando a avenida norte com o pontão metallico sobre o Zezere e passando a mencionada avenida entre a estação da linha ferrea, a O.—e o palacete da Ermida, a E.

Do exposto se vê que a dicta ponte é uma obra importante e bastante complicada!...

—

O pegão da margem esquerda assenta a meia altura do *Penedo do Altar*; — o taboleiro metallico, a partir do dicto pegão, tem de comprimento 59 metros—e o immediato 49.

Por baixo do maior d'estes 2 vãos passa na estiagem o Douro, que ali em aguas normaes tem de largura 48 metros e 18 de profundidade, mas na grande cheia de 1860 attingiu 270 metros de largura e 40 de altura! Subiu pois ali 22 metros acima do nivel das aguas normaes, sendo a corrente impetuosissima e formando o *Penedo do Altar* uma *dorna*, sorvedouro ou redomoinho de tal ordem, que absorvia os montes de lenha, paus e palha, arrastados pela corrente, e só volviam á superficie cerca de 300 metros a jusante. Assim absorveu em eras remotas a barca da Ermida, carregada de povo, desapparecendo na voragem, e do mesmo modo tem absorvido muitos barcos rabellos de grande lotação, fazendo milhares de victimas. — E milhares de victimas teem feito os outros 5 pontos a jusante nos limites d'esta parochia, mencionados supra.

Se ao longo das margens do Douro, desde o Porto até á Hespanha, se levantassem tantas cruzes, quantas as victimas que elle tem feito, ninguem se abeirava d'elle sem tremer.

—

Fecharemos este topico dizendo que a dicta ponte é de grande utilidade para os concelhos de Baião e Rezende e esperamos que em breve se construa, porque se empenha em favor d'ella o sr. dr. Manoel Pereira Dias, cavalheiro de muito valimento, muito illustrado e muito dedicado, lente de medicina em Coimbra, par do reino, filho de Rezende, ali casado e grande proprietario, chefe do partido progressista, etc.

A ponte augmentará tambem o movimento e rendimento da estação da *Ermida*, pois ficará accessivel ao grande concelho de Rezende todo o anno e a toda a hora, emquanto que hoje a passagem do Douro no inverno é difficil e perigosa de dia, e de noite impraticavel.

A pobre estação entalada contra uma barreira medonha, servida por carreiros de cabras e separada de Rezende pelas cachoeiras do Douro, rendeu no anno ultimo réis 3:475$990—e no 1.º semestre do corrente anno de 1889 rendeu 1:979$310 réis.

Logo que se construam a dicta ponte e as

estradas de Baião e Rezende, a estação deve render muito mais.

—

A linha ferrea do Douro (custa a crer!) é uma das nossas linhas de mais movimento, apesar da medonha crise que atravessa o Alto-Douro—e de estarem ainda hoje (1889) quasi todas as suas estações como a da *Ermida*,—sem estradas que lhes deem accesso —e sem pontes que as liguem á outra margem.

Das suas 24 estações desde o *Juncal* até á *Barca d'Alva* apenas teem estradas a macadam e são servidas por diligencias as 4 estações seguintes:—*Rêde, Regoa, Pinhão* e *Pocinho*,—e apenas tem ponte sobre o Douro a estação da Regoa?!...

Pessoas notaveis

Deve ter produzido muitas pessoas notaveis esta parochia, porque foi um viveiro de nobreza e tem muitas casas nobres antigas, que deram grande numero de pessoas importantes, mas não podemos organisar a lista, por sermos estranhos á localidade e por que dos filhos d'ella, apesar das nossas instancias, apenas obtivemos uma *pequena parte* dos apontamentos supra. Fica pois em branco este topico, mas não se queixem.

Sibi imputent!...

Apenas apontaremos as pessoas já indicadas:

—José Maximo Pinto da Fonseca Rangel, da casa de *Guimarães*.

—O rev. Salvador Coutinho da Cunha.

—Carlos Candido da Cunha Coutinho.

—Carlos Maria da Cunha Coutinho e

—Dr. Francisco da Cunha Coutinho, das *Casas Novas*.

—Os conselheiros do supremo tribunal de justiça:

—Manoel d'Almeida Carvalhaes e

—Luiz de Sequeira d'Almeida Carvalhaes, da casa de *Travanca*.

—O dr. Antonio Fabricio Lopes Monteiro, de *Cadeade*.

—Dr. Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, da casa da *Ermida*.

—Dr. Antonio d'Almeida e Silva e

—Guilherme d'Almeida e Silva, da casa do Ervedal.

—Francisco Ribeiro Pinto da Fonseca, dos *Araes*.

—Francisco Ribeiro da Silva, dono actual da quinta de Guimarães e d'outras.

Grande capitalista *brazileiro*.

—Manoel Antonio d'Amorim, residente em Lisboa, mas natural da povoação do *Barreiro*, d'esta parochia de Santa Marinha.

Foi negociante no Pará e é tambem grande capitalista.

—Joanna Thereza, mãe ou avó do antecedente.

Nasceu na dicta povoação do Barreiro e n'ella falleceu, contando 113 annos de idade.

—Padre Joaquim Alves d'Azeredo Lobo, da familia *Azeredo-Lobo*, de S. Pedro, filho de Francisco Joaquim Tavares, de Rezende, e de D. Maria Leonor da Cunha Lobo, de S. Pedro, irmã do dr. Bernardo José Monteiro d'Azeredo Lobo e filha d'outro Bernardo José Menteiro d'Azeredo Lobo e de sua mulher D. Anna Rita da Cunha, todos da dicta povoação de S. Pedro, freguezia de Santa Marinha, parentes de D. Lourença do Carmo Magalhães e Menezes, ultima representante da nobre e antiga casa e quinta de Gosende, na freguezia de Gove,—e tambem parentes da nobre familia *Azeredo Lobo*, da antiga casa da *Picota*, de Mesãofrio, etc.

—

O rev. Joaquim Alves d'Azeredo Lobo foi um presbytero de bons costumes, muito illustrado, muito sympathico, distincto amador de musica e de mecanica. Tocava muitos instrumentos, sendo notavel em violino e, sem aprendisagem, afinava e concertava orgãos e pianos e construia pianos e rebecas.

Tinha muito talento e muito merecimento, mas falleceu no vigor da idade, deixando vivas saudades aos seus e aos estranhos.

Nasceu na dicta casa de S. Pedro a 22 de março de 1828;—ordenou-se no Porto, onde se tornou notavel como estudante e amador

de musica, pois foi 1.º *violino* na musica da capella *Canêdo*. Depois embarcou para o Rio de Janeiro, onde foi muito estimado e deu um beneficio, tocando rebeca. D'ali foi para a cidade de Serro-Frio exercer as suas ordens e leccionar musica. Tal era o prestigio do seu nome, que muitos habitantes da cidade o foram esperar a distancia com uma banda marcial e o receberam em triumpho, lançando-lhe flores e corôas.

Teve muitos discipulos e discipulas e, como ali faltassem pianos, por ser muito difficil o transporte, elle tractou de escolher madeira e poz em construcção 5 pianos, mas só concluiu 3, porque a morte o arrebatou em abril de 1868, quando prefazia 39 annos de idade e a fortuna mais lhe sorria.

Teve dois irmãos—José e Bernardo. O José foi tambem distincto amador de musica. Tocava, concertava e afinava orgãos e pianos, etc. e falleceu solteiro.

Vive ainda o 3.º irmão — Bernardo José d'Azeredo Lobo, excellente pessoa e que foi um dos homens mais valentes de Baião.

Nasceu no dia 7 de novembro de 1823; por morte de seus irmãos, tios e paes ficou senhor de toda a casa e em 10 de novembro de 1881 casou na freguezia de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira, com D. Maria dos Prazeres Azevedo Pinto de Mesquita, filha de Alexandre de Azevedo Menezes Pimentel Botelho Sarmento, representante de uma das mais nobres familias da Beira,—e de D. Anna Amalia Pinto de Mesquita Carvalho, da nobre casa *Pintos Mesquitas*, de Villa Verde, em Lousada.[1]

Do consorcio de Bernardo d'Azeredo com D. Maria dos Prazeres, existem os filhos seguintes:

—*Adriano*, que nasceu em 30 de março de 1887, e

—*Alexandre*, que nasceu em 16 de março de 1888.

---

[1] V. *Riodades*, tomo 8.º pag. 192, col. 1.ª e *Villa Verde*, aldeia, tomo 11.º pag. 1087, col. 1.ª e segg.

Casa do Adro, na mesma aldeia de S. Pedro

Esta casa representa muitos doutores e bachareis formados em diversas faculdades, nomeadamente em medicina, como vae verse do extracto de uma arvore genealogica ms., que temos presente, feita em 1731.

1.º *Manoel do Rego*, da villa de Amarante, irmão ou parente proximo de D. Fr. Gonçalo do Rego e Cunha, thesoureiro mór da collegiada de Leça (?) doutor em theologia e em ambos os direitos, canonico e civil, pela Universidade de Roma, com se vê das suas cartas de formatura, que temos presentes, com data de 1695.

Manoel do Rego casou com Isabel Francisca. da mesma villa d'Amarante, e entre outros filhos tiveram:

2.º Dr. *Manoel de Meirelles*, bacharel formado em *medicina*.

Casou em Coimbra, na rua dos Estudos, com Antonia da Silva, e entre outros filhos tiveram:

—*Marianna da Silva*, que segue;

—*José*, que foi tambem *medico* e morreu solteiro;

—*João*, que foi simples presbytero;

—Dr. D. Antonio de Meirelles e Silva.

Foi reitor na egreja de S. Martinho de Aldoar, concelho de Bouças, cavalleiro professo da ordem de Malta, juiz dos casamentos e vigario geral da mesma ordem, etc.

Obteve o grau de dr. em direito canonico e civil pela Universidade de Roma em 1701, como se vê das cartas de formatura, que tenho presentes.

—D. Fr. Alberto da Silva, franciscano.

Foi bispo de Goa, etc.

3.ª *Marianna da Silva*.

Casou na villa de Amarante com o dr. Manoel Moreira Teixeira, *medico*, natural da freguezia de Tellões, do mesmo concelho, o qual exerceu a clinica em Barcellos pelos annos de 1720, depois de casado, e escreveu varias obras, que talvez não fossem publicadas, pois Innocencio não as indica.

Foi medico muito distincto, como diz Braz Luiz d'Abreu no *Portugal Medico*, pag. 53, dando-lhe o epitheto de *consumado*.

Entre outros filhos tiveram:

—*Francisco Moreira*, que segue;
—*Affonso*, frade bernardo, e
—*Maria José*, freira.

4.º—*Dr. Francisco Moreira da Silva*, tambem *medico*, etc.

Casou na casa da *Granja*, d'esta parochia de Santa Marinha, com D. Rosa Maria de Moura Coutinho; viveu na casa da Granja e tiveram entre outros os filhos seguintes:

—*João*, que segue;
—*Manoel* e
—*Francisco*, presbyteros.

5.º—*Dr. João Carlos Moreira*, tambem *medico*, formado por Coimbra em 1754, como se vê das cartas de formatura que tenho prezentes.[1]

Casou com D. Josepha Margarida Carneiro Coutinho, da casa do *Adro*, onde viveu, e tiveram entre outros filhos os seguintes:

—*Antonio*, que segue, e
—*Dr. Manoel Joaquim Moreira Coutinho*, que nasceu na freguezia de Gatão, concelho d'Amarante, a 29 de janeiro de 1781,[2] mas desde tenra idade viveu com seus paes na casa do *Adro* e d'ahi foi educado e se formou em medicina na Universidade de Coimbra.

Era muito illustrado, excellente pessoa e clinico distinctissimo; foi deputado provincial, socio correspondente da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa e director do hospital militar estabelecido em Lamego no tempo da guerra da peninsula; depois montou e dirigiu em Jugueiros, junto da Regoa, um hospital-barraca, onde salvou muitos doentes, exercendo ao mesmo tempo a clinica na parochia de Santa Marinha do Zezere, onde ia dar consultas gratis todas as semanas.

Foi culpado como liberal em 1820 e 1828, mas nunca o prenderam, porque precisavam d'elle.

Tambem exerceu a clinica no Porto, onde falleceu solteiro e sem successão, a 21 de janeiro de 1848.

D'elle falla o sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão nas suas *Memorias biographicas dos Medicos e cirurgiões portuguezes*, pag. 138, e o *Diccion. Bibl.* de Innocencio, que indica as obras por elle publicadas. Apenas accrescentaremos que a *Memoria* relativa ao Douro e impressa em Paris no anno de 1819 não foi distribuida, mas a pedido nosso vae agora distribuir-se pelas bibliothecas publicas, etc. pois ainda existem mais de 100 exemplares da dicta *Memoria* na casa do *Adro*, hoje do seu sobrinho e representante Anastacio Thomaz Moreira Coutinho, do qual adiante fallaremos.

A dicta memoria impressa em Paris, intitula-se:—*Primeiros ensaios para o exame imparcial da questão, por todos suscitada, e por quasi ninguem examinada se a* Companhia Geral da agricultura das vinhas do Alto Douro *he ou não util que exista?— offerecidos aos lavradores do Alto Douro para os convidar a reflectir, ou para os chamar ao verdadeiro conhecimento das seus interesses coloniaes*—por

M. J. M. C. E. P. B. F. E. M. P. U. D. C. E.
M. D. P. D. G. (?)
Paris
Na Officina de A. Bobée.—8º de 118 pag.

Não tem data e talvez fosse impressa no anno de 1819, mas *com certeza* foi escripta no anno de 1817, porque a pag. 37, segundo se lê no exemplar que temos presente, diz:

»Assim mesmo *má, como he agora a agoa-ardente, que a Companhia nos vende*, muitas vezes a não vende por não a ter. Acontece, que o anno mesmo, em que estamos, he hum dos exemplos d'esta verdade. Foi o anno de 1816 tão abundante de vinhos, que foi necessario fazer huma grande separação. Com tudo no *anno presente de 1817* não se vendeu agoa-ardente aos lavradores, que a procuravão; respondia-se-lhes, que a não havia, apesar de ser este o anno

---

[1] *Oriundus ex oppido de Santa Marinha do Zezere*,—dizem ellas.

[2] *In oppido S. Joannis de Gatão*, — dizem as suas cartas de formatura que temos prezentes, com data de 1807 e que lhe dão simplesmente o nome de *Manoel Joaquim Moreira*.

em que os vinhos precisarão mais que nunca de agoa-ardente.»

—

Do exposto se vê que a dicta memoria foi escripta em 1817.

Visa a pedir a extincção da poderosa companhia, aponta muitos inconvenientes, abusos e prepotencias d'ella — e no trecho citado insurge-se contra o exclusivo da fabricação e venda da agoa-ardente, dizendo que a da companhia era pouca e *mál*

Que diria o auctor, se visse a nossa agoa-ardente de hoje, toda ou quasi toda feita de cereaes, de figos e d'outras porcarias,—graças à liberdade da *mixordia* e á extincção da mencionada companhia?

O auctor clamava tambem contra a companhia, dizendo que ella era o *ludibrio e a desgraça do Douro*, mas, extincta a companhia, o Douro *bem mais ludibriado e desgraçado ficou!...*

Em 1821 publicou tambem o auctor da citada *memoria* um folheto do mesmo formato com 35 paginas e o titulo seguinte:

«*Supplemento á memoria*—Primeiros ensaios para o exame imparcial,[1] etc., — *impressa em Paris. — Em o qual se propõe como util que a* Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, *reformada, e apropriada ao actual systema de Governo,*[2] *seja conservada até que o commercio dos vinhos do Douro, livre do empate em que se acha, adquira a direcção, e extensão que deve ter: contendo juntamente hum plano de reforma, que talvez satisfaça aos fins desejados.—Composto pelo mesmo auctor da dita Memoria.*

M. J. M.

Lisboa, na typographia Rollandiana. — 1821.»

---

[1] O texto diz—*imperial.*
Foi erro typographico.

[2] Refere-se á implantação do governo constitucional.

N'esta data offerecemos á *Bibliotheca Publica Municipal do Porto* e á de Lisboa exemplares da dicta *Memoria* e do *Supplemento,* publicações interessantes com relação á extincta companhia e que jazeram *até hoje* em Baião, encerradas no espolio do auctor.

Prosigamos.

6.º—*Antonio Thomaz Moreira Coutinho,* dono da casa do *Adro,* onde viveu.

Casou com D. Antonia Delfina Moreira Coutinho e entre outros filhos tiveram:

7.º—*Anastacio Thomaz Moreira Coutinho,* representante e dono actual da casa do *Adro,* onde vive.

Casou na freguezia de S. Thomé de Covellas com D. Maria da Purificação Costa, filha de Francisco Damaso da Costa, *cirurgião de divisão effectivo,* e de D. Francisca Rosa dos Santos Costa, da cidade de Portalegre,—sendo elle filho do *medico* Francisco José da Costa.

Teem os filhos seguintes, todos ainda solteiros:

—*Abilio,* que nasceu na freguezia de S. Thomé de Covellas a 2 d'outubro de 1868;

—*Elvira,* que nasceu a 8 de janeiro de 1870;

—*Cacilda,* que nasceu a 10 de março de 1873, e

—*Arthur,* que nasceu em agosto de 1874.

Estes ultimos 3 nasceram na casa do *Adro.*

Do exposto se vê que esta casa representa nada menos de 8 medicos, 2 doutores pela Universidade de Roma, 1 distincto escriptor publico e 1 arcebispo de Goa.

ZEZERE (castello do)—freguezia de Paio Pelle.

V. *Almourol, Castello do Zezere, Paio Pelle* e *Zezere,* villa, infra.

ZEZERE (Ferreira do)—freguezia, villa e concelho, já descriptos.

V. *Ferreira do Zezere*, tomo 3.º pag. 174, col. 2.ª e segg.[1]

ZEZERE—rio de Baião, na provincia do Douro.

V. *Zezere* (Santa Marinha do) — freguezia do concelho e comarca de Baião, districto e diocese do Porto.

ZEZERE —rio da Estremadura, Beira Baixa e Douro,[2] confluente do Tejo.

É este um dos rios maiores e mais interessantes do nosso paiz, já pelo seu nascimento na lendaria região dos *Cantaros*, dentro da Serra da Estrella, já pelo seu longo curso de mais de 200 kilometros, já pela fragosidade e asperesa das suas margens, pois corre quasi sempre fundo por entre medonha penedia abrupta, accessivel somente ás aves e onde fazem criação os bufos, aguias, ujos e abutres!

Todas as nossas geographias e chrorographias fallam do Zezere, mas muito summariamente, porque não tem estrada alguma marginal e talvez que até hoje *ninguem* o visse todo desde os Cantaros até o Tejo. Nós tambem apenas o vimos na sua foz e desde os Cantaros até ás proximidades de Belmonte; vejamos porem se podemos adiantar mais alguma coisa do que os geographos e chorographos que nos precederam.

—

Nasce no *Chafariz d'El-Rei*, entre o planalto da Expedição Scientifica de 1881, a S. e a *torre* (pyramide) *da Estrella*, a N., no centro da grande serra d'este nome; recebe depois na margem esquerda (N. O.) a agua dos *Cantaros*, das lagôas da *Salgadeira* e *Paxão* e da *nave da Candieira*;[1] accentúa no fim d'esta *nave* o seu leito e caminha de S S.O. a N.N.E. quasi em linha recta por uma estreita e funda ravina d'alta penedia abrupta e medonha até á villa de Manteigas, (margem esquerda) distante do *Chafariz d'El-Rei* cerca de 10 kilometros contados em recta sobre o mappa, mas o caminho (carreiro de cabras atravez da serra) dá taes voltas, que o percurso é talvez superior a 15 kilometros.

Em Manteigas recebe na margem esquerda um regato que vem do *Chão das Barcas* pelo valle das *Carvalheiras*,[2] correndo muito precipitadamente e quasi a prumo de N. a S. e que banha, atravessa e *aterra* a villa.

O planalto de *Chão das Barcas* é o 1.º que se encontra subindo de Manteigas contra a serra. Dista da margem esquerda do Zezere, um pouco a jusante de Manteigas, 2:500 metros, marcando porem ali o Zezere (a capella de Santo Antonio) 718 metros de altitude sobre o nivel do mar, o dicto *Chão das Barcas* tem a cota de 1:352 metros de altitude.[3] Está pois superior ao leito do Zezere 600 metros—e á villa cerca de 500 metros, pelo que em tempo de trovoadas, ou de desgelo e grandes chuvas, o dito ribeiro engrossa e despenha-se sobre o Zezere, atravessando a villa e levando por vezes d'envolta na torrente arvores, penedos, casas e campos, como levou ainda na 1.ª metade d'este seculo.

---

[1] Rectificaremos e ampliaremos consideravelmente este art. *Ferreira do Zezere* no supplemento a este diccionario, se Deus nos der vida e elle ainda estiver a nosso cargo. Não o rectificamos e ampliamos agora, para não abusarmos da paciencia dos leitores e dos editores, que estão fatigados e anciosos por ver concluido este diccionario — e não menos ancioso, nem menos fatigado *estou eu*!...

[2] Não se espantem, porque o Zezere banha o concelho da *Pampilhosa*, que pertence ao districto de Coimbra, provincia do Douro.

[1] Logo daremos uma ligeira noticia da *Expedição*, da serra da Estrella e dos sitios mencionados.

[2] Antes de receber este regato, recebe outros mais pequenos, de que logo faremos menção.

[3] Todas as cotas d'altitude que indicarmos referem-se ao nivel do mar e são *exactissimas*, extrahidas dos excellentes mappas da nossa commissão geodesica.

As distancias são aproximadas e computadas em recta sobre os dictos mappas.

—

No dia 27 d'agosto de 1804 uma medonha trovoada arrasou 27 casas e matou 27 pessoas;—em 19 de setembro de 1818 levou 3 pontes e uma casa.—e outra enchente posterior (ignoramos a data) causou tambem grandes prejuizos.

O dicto valle tomou o nome das carvalheiras seculares que o povoam, pertencentes ao municipio e que foram plantadas para ampararem a terra e os penedos da encosta e protegerem a villa. D'esta sobe até o *Chão das Barcas* uma medonha e antiga estrada por entre as carvalheiras, tão ingreme, que faz tremer! Parece uma escada lançada contra o ceu. A custo se póde subir por ella a cavallo, como nós subimos na tarde de 4 d'agosto de 1881 com a Expedição Scientifica.[1]

Não ha memoria de ter passado ali cavalgata mais imponente, pois entre bagageiras e cavalgaduras de sella comprehendia talvez 60 e o pessoal subia ao triplo. Tomava toda a encosta e offerecia um aspecto phantastico, estranho, pois de qualquer dos lacetes se descobria o comboio todo serpeando em moroso e alegre movimento e a villa sem horisonte, enterrada lá no fundo em uma cova cerca de 500 metros mais baixa do que os antemuraes da grande serra, distantes 2 a 3 kilometros, pelo que a villa é ardentissima no verão. Parece uma fornalha candente!

Nós chegámos ali com a Expedição ás 10 horas da manhã. Foi-nos servido um esplendido almoço, preparado d'ante-mão. Terminou ao meio dia e, como a Expedição resolvesse partir para o acampamento ás 6 horas da tarde, eu e o meu amigo Lopes Mendes tentámos ir ver as celebres caldas de Manteigas, distantes da villa apenas 1:500 metros e que demoram no leito do Zezere. Ainda chegámos ao fundo da villa, mas não nos atrevemos a passar d'ali, porque o ar parecia fogo!.

É tal a differença d'exposição, d'altitude e de clima entre a villa e os ante-muraes da serra, que estes apenas produzem no verão *gervum* para o gado lanigero, emquanto que o terreno em volta da villa é mimoso e fertil. Tem bons campos de milho, bons pomares de fructa, bons olivaes, soutos de castanheiros e grandes vinhedos, hoje tambem muito doentes e prestes a extinguirem-se, como todos os de Portugal e da Europa.

Tristis est!...[1].

Prosigamos.

—

O Zezere, deixando Manteigas, descreve uma curva para S. até receber na margem direita um ribeiro que vem do *Cabeço do Souto*, na altitude de 1283 metros; depois retoma a direcção geral S.O.—N.E.; passa a jusante e pouco distante da povoação e freguezia do Sameiro (margem esquerda) concelho de Manteigas, e que demora na altitude de 656 metros; recebe ali um ribeiro que vem do *Corredor dos mouros*, planalto que demora a N. com a altitude de 1299 metros; vae na mesma direcção S.O.—N.E. até *Val de Moreira*, margem esquerda;[2] de-

---

[1] Nós tivemos a honra de acompanhar a dicta Expedição,—não como vogal d'ella, mas como representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*. N'este ultimo jornal, um dos primeiros do Porto, póde ver-se na collecção do mez de agosto do dicto anno uma serie de longas cartas, enviadas por nós do acampamento.

[1] Os vinhedos de Manteigas no ultimo anno produziram apenas 1:200 almudes de vinho, mas já produziram 8:000.

[2] Por este valle fugiu alta noite em fevereiro de 1847 o general Povoas, estando cercado em Manteigas pelas tropas dos generaes Lapa e Solla e pelo batalhão de voluntarios dos *Marçaes* de Foscôa, que o perseguiam e tentavam apanhal-o, quando elle ia apresentar-se á *junta do Porto* com alguns voluntarios, ainda sem armamento nem equipamento. Foi uma das manobras mais felizes do velho general.

V. *Guarda*, *Lamego* e *Vèlla*, n'este diccionario e no supplemento.

pois descreve outra curva para S.; forma um angulo agudo; recebe no vertice do angulo (margem direita) um ribeiro de 15 kil. de curso, que vem do alto dos *Poios Brancos* (altitude 1702 metros) junto dos Cantaros[1] e banha a povoação e freguezia de Verdelhos (margem esquerda) concelho da Covilhã (altitude 580 metros) tendo passado a N.O. do curuto de *Villa de Mouros* (altitude 1250 metros).

O Zezere, depois de receber o dicto ribeiro, volve a N. retomando a direcção geral S.O.—N.E. até Valhelhas, margem esquerda, onde recebe um ribeiro de 8 kil. de curso, que vem da altitude de 1140 metros e banha o povo e freguezia de Famalicão, pertencente ao concelho da Guarda, bem como *Valhelhas*, terra antiquissima, outr'ora acastellada, e que demora na confluencia da dicta ribeira com o Zezere.

Depois toma a direcção N.O.—S.E. até ás proximidades de Belmonte e antes de chegar ali recebe na margem esquerda um braço importante, que vem das proximidades da Guarda; tem 15 kil. de curso, e banha as freguezias d'Aldeia do Bispo, Ramella e Vella, bem como as povoações de Vendas de Gaia e Gaia, onde passa a nova estrada real a macadam da Guarda a Castello Branco, por Belmonte e Covilhã.

—

O Zezere, depois de receber o dicto ribeiro, que por seu turno é formado por differentes ribeiros, toma a direcção geral N.E.—S.O.;—banha na margem esquerda as povoações e freguezias de Belmonte, Caria, Ferro, Alcaria, Silvares, Barroca, Janeiro de Cima, Bogas de Baixo, Orvalho, Alvaro,[1] Pedrogam Pequeno, Souto, Martinxel, Aldeia do Matto e Constança, — e na margem direita as povoações e freguezias de Orjaes, Boi d'Obra, Dominguiso, Peso, Barco, Ourondo, Bodelhão,[2] Carregal, Janeiro de Baixo, Cambas, Alvares, Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Arêga, freguezia de Figueiró dos Vinhos, Becco, Dornes, Paio Mendes, Aguas Bellas, Ferreira do Zezere, Serra, Beberriqueira e Asseiceira, desaguando com mais de 40 legoas ou de 200 kilometros de curso junto da villa de Constança, na margem direita do Tejo.

—

Do exposto se vê que o Zezere é um rio muito importante.

Banha 3 provincias:—Douro, Beira Baixa e Estremadura; 4 bispados:—Guarda, Portalegre, Coimbra e Lisboa; 5 districtos: — Guarda, Castello Branco, Santarem, Coimbra e Leiria; 17 concelhos: — Manteigas, Guarda, Belmonte, Fundão, Oleiros, Certã, Villa de Rei, Abrantes e Constança, na margem esquerda;—na direita: Covilhã, Pampilhosa, Goes,[3] Pedrogam Grande, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zezere, Thomar[4] e Villa Nova da Barquinha.[5]

---

[1] Os *Poios Brancos* distam do Zezere (margem direita) 2 kilometros para S. E.; 4 do *Cantaro Magro* para E. — e 5 da *Estrella* para E. S. E., mas tão fundas, escabrosas e medonhas ravinas se mettem de permeio, que fazem subir aquellas distancias ao duplo ou triplo.

O percurso dos 5 kil. (recta) entre os *Poios Brancos* e a *Estrella* demanda 3 horas de marcha fatigantissima!

[1] Esta freguezia demora na margem esquerda do Zezere, concelho de Oleiros, mas tem casas e terras na margem direita, concelho da Pampilhosa, sem ter ponte, mas somente barca, para atravessar o Zezere, pelo que é difficillima no inverno a administração dos sacramentos aos povos da margem direita.

[2] Esta freguezia demora na margem direita do Zezere, encravada entre penhascos medonhos, mas foi unida á da *Barroca*, sita na margem esquerda, a distancia de 6 kilometros, e ambas pertencem ao concelho do *Fundão*!...

Anteriormente pertencia ao concelho da Covilhã.

[3] *Alváres*, freguezia d'este concelho, toca no Zezere.

[4] Olalhas (*Olaias*) Serra e Beberriqueira, freguezias d'este concelho, tocam no Zezere.

[5] *Paio Pelle*, hoje *Praia*, freguezia d'este

Banha tambem muitas parochias, algumas das quaes ficam mencionadas supra.

Leito e margens do Zezere, curvas, penhascos e póços

O Zezere desde os *Cantaros* até Manteigas corre fundo e quasi em recta por uma estreita ravina muito fragosa, inculta e medonha. Apenas tem alguns chãos cultivados e que produzem batatas e milho, junto das *Caldas*.

Desde Manteigas até Valhelhas as suas margens são menos abruptas, quasi todas cultivadas e já teem alguns campos muito ferteis e mimosos; avulta porem na margem esquerda, cerca de 3 kilometros a jusante de Manteigas e quasi em frente da ribeira de *Verdelhos*, o grande penhasco da *Figueira Brava*, cujo aspecto fez retroceder os francezes nas suas correrias durante a guerra da *Peninsula*, pelo que os francezes *não entraram em Manteigas*. O dicto penhasco salvou esta villa!...

Desde Valhelhas (margem esquerda) até á povoação e freguezia do Barco (margem direita) cerca de 20 kil. a S. O. da Covilhã e 40 a S. O. de Valhelhas, tem margens amplas, abertas, lindissimas e com vastos campos muito ferteis.

Os maiores campos que o Zezere banha demoram desde *Gonçalo*, margem esquerda, freguezia do concelho da Guarda, até á freguezia do *Pezo*, margem direita, concelho da Covilhã. Entre elles avulta e merece especial menção a formosa planicie comprehendida entre Belmonte, Gonçalo e Aldeia do Matto.

O Zezere, deixando nos herminios o seu estreito berço de granito, onde se estorce em convulsões de raiva furioso, vem descançar indolente aqui em melhor leito. Corta a planicie em curvas graciosas, deslisando mansamente por entre duas orlas de salgueiros, como que pesando lhe de deixar as philomelas que choram tristes nos ramos das arvores e as florinhas que, inclinando para elle seu calice d'ouro, lhe offerecem uma lagrima de saudade.

O Zezere n'esta mimosa estancia recorda o Mondego deslisando suave desde Coimbra até á Figueira, ou o Lima desde a villa da ponte do seu nome até Vianna.

Em todo o concelho de Manteigas corre sempre enfragado e apenas ali se encontram alguns pequenos poços de 2 a 3 metros d'altura e 6 a 8 de diametro, que abundam em trutas e enguias deliciosas, mas pequenas. As maiores raro excedem a um kilo.

Desde que entra na planicie dos concelhos da Guarda, Belmonte e Covilhã, começam a faltar as trutas e enguias, mas em compensação abundam as bogas e barbos, alguns de grande tamanho. Os maiores encontram-se nos póços das freguezias do Peso, Barco e Ourondo, por serem os mais fundos do Zezere a partir dos *Cantaros*. Devem ter 8 a 10 metros de profundidade, mas um pouco mais a jusante tem poços com o triplo de altura.

—

Desde a freguezia do Barco até á sua foz ou Constança, o Zezere (salva rarissimas excepções) corre por entre penedia abrupta, apertada, medonha, onde se vê desenhado o bello-horrivel a cada passo, e descreve uma infinidade de curvas e torcicollos muito interessantes!

O 1.º torcicollo mais notavel encontra-se entre Silvares e Ourondo, cerca de 8 kilometros a jusante do Barco.

Desde Silvares até á povoação e freguezia de Dornellas, distante de Silvares apenas 8 kilometros em recta, as curvas são tantas e de tal ordem, que o percurso pelo leito do rio sobe a 16 kilometros ou mais. E a jusante attingem o cumulo!

---

concelho, toca no Zezere, margem direita, em frente de *Constança*, — e no Tejo, margem direita tambem, desde a foz do Zezere até o ribeiro que divide ao poente a freguezia da *Praia* (*Paio Pelle*) da de *Tancos*.

V. *Zezere*, villa,—*infra*

Entre Dornellas e o *Porto das Vaccas* a distancia em recta é de 4 kilometros, mas descreve ali o Zezere tal curva para S. que o percurso pelo leito do rio sobe a 14 a 15 kilometros.

Da extremidade S. da dicta curva á povoação e freguezia de Janeiro de Cima a distancia em recta será de 3 kil., mas tão grandes torcicollos descreve ali o Zezere, que pelo leito do rio a distancia é de 12 a 13 kilometros.

Ao sul do *Porto das Vaccas* (margem direita, freguezia de Janeiro de Baixo, concelho da Pampilhosa) e a N. de Janeiro de Cima (margem esquerda, concelho do Fundão) ha um monte com a altitude de 436 metros, muito propriamente denominado *Lambedor*, porque o dicto monte é muito estreito; de N.E. a S.O. terá em recta apenas 1 kilometro e é contornado pelo Zezere, que ali quasi se toca, beija e *lambe*, mas descreve taes torcicollos para todos os quadrantes, que forma uma interessante peninsula, fechada pelo dicto monte, e do lado N.E. d'elle ao lado opposto o percurso pelo leito do rio é de 5 a 7 kilometros.

A mencionada peninsula devia ser occupada desde os tempos mais remotos, por ser muito defensavel, pois o rio ali corre fundo em toda a circumferencia d'ella. Bastava fortificar o estreito curuto do *Lambedor*, chave da peninsula, com quaesquer obras de defesa na extenção de 90 a 100 metros, talvez, para transformar aquella peninsula em uma praça de guerra medonha, no tempo das armas brancas, principalmente quando o Zezere fosse cheio.

Com vista aos archeologos. No planalto da dicta peninsula qualquer pequena escavação deve dar muitas velharias historicas e prehistoricas.

—

A jusante e em frente de *Janeiro de Cima* o Zezere não é menos interessante no termo da parochia limitrophe—*Janeiro de Baixo* (margem direita).

Em carta que temos presente diz o seu rev. vigario actual — Manoel Dias Barata — entre outras coisas o seguinte:[1]

«Esta parochia é banhada pelo Zezere desde os grandes penedos de *Janeiro de Baixo*, um pouco a jusante da povoação do mesmo nome, séde d'esta freguezia, até os *Penedos do Carregal*, freguezia de Dornellas, comprehendendo cerca de 15 kilometros. Na margem fronteira (esquerda) banha na mesma extensão toda a parochia de *Janeiro de Cima*, ambas do concelho do Fundão,— desde o *Penedo do Mosqueiro*, junto da freguezia do *Orvalho*, concelho de Oleiros, até o *Penedo Barroco*, freguezia de Bogas de Cima, concelho do Fundão, a montante (E. N.E.) da parochia de *Janeiro de Cima*.

O Zezere é um rio caudaloso; toma no inverno grandes cheias e não tem n'estes sitios ponte alguma, nem antiga nem moderna. Está projectada uma na parochia de Janeiro de Cima, onde entroncam as duas estradas novas do Fundão e Castello Branco a Coimbra, cerca de 2 kil. a montante da povoação de *Janeiro de Baixo;* mas actualmente desde a *Ponte Pedrinha*, junto da Covilhã, até á ponte do *Cabril*, junto de Pedrogam Grande, na extensão de 80 kilometros, não ha ponte alguma, mas sómente barcas de passagem, cujo numero se eleva a 14. Uma demora junto da povoação de Janeiro de Baixo e pertence á camara da Pampilhosa, e outra está junto da povoação de

---

[1] O rev. Manoel Dias Barata nasceu na freguezia de Cambas, concelho de Oleiros, no dia 17 de dezembro de 1838, e foram seus paes Manoel Antunes e Emilia Dias, proprietarios.

Desde tenra idade viveu em Janeiro de Cima com o rev. José Dias, seu tio materno, que o educou e ordenou e lhe deu o seu proprio patrimonio, alem d'outros bens.

Recebeu a ordem de presbitero na Guarda em 1861; foi parocho em Unhaes o Velho desde 1864 até 1880; em seguida parochiou durante 9 annos a freguezia de Pecegueiro, concelho da Pampilhosa, e desde março do corrente anno de 1889 é parocho e parocho dignissimo n'esta parochia de *Janeiro de Baixo*.

Janeiro de Cima; rende para o Santissimo Sacramento d'aquella freguezia—e é arrematada pela junta de parochia.

Trabalham mesmo nas grandes cheias, quando o rio vae de monte a monte, e não consta que alguma d'ellas tenha naufragado.

—

«As freguezias de Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima, bem como parte da de Bogas de Baixo, teem nas margens do Zezere bons campos e lodeiros muito ferteis, que produzem muito milho, vinho, trigo, azeite, centeio, melões, etc. porque junto da foz da ribeira de Bogas se erguem nas margens do Zezere dois grandes penhascos que o apertam e formam uma garganta que nas cheias faz represar e altear as aguas do rio até muitos kilometros de distancia, cobrindo as duas margens a grande altura e depositando n'ellas gordos nateiros, posto que alguns annos nas grandes cheias os medonhos redemoinhos do Zezere escalavram tambem as margens em alguns sitios e cobrem outros de areia.

A agua, alteando no dicto *Portal de Bogas*, cahe depois com violencia, formando medonha cachoeira a jusante,—e o mesmo succede nos *Penedos do Carregal*, freguezia de Dornellas.[1]

—

«A parochia de Janeiro de Baixo é uma peninsula, porque principia a ser banhada pelo Zezere do lado poente e depois a cérca pelo norte e sul, ficando livre apenas e como servindo de porta da peninsula uma estreita garganta de terra entre sul e poente. que tem 3 estradas para os lados, as quaes se dirigem—uma á freguezia de Cambas,—a do meio á villa da Pampilhosa—e a outra a diversas povoações da freguezia de Janeiro de Baixo, situadas ao norte d'ella. taes são Brejos, Souto, Esteiro, *Porto de Vaccas* e Michialinho, que demoram ao longo da margem direita do Zezere, no reconcavo formado pela peninsula de Janeiro de Cima.

Desde os *Penedos do Carregal*, a montante, até os de *Bogas*, a jusante, ha no Zezere muitos poços, taes são os de *Tabinho*, *Galocha*, *Lavandeira*, *Penedo*, *Poço das Insas*, ou *Insuas*, e *Poço da Varja* ou *Varzea*, que dão bastante pescado, mas miudo.

São raros os peixes que pesam um kilo; ha porem junto da povoação de Janeiro de Baixo um poço, denominado *Pégo*, que mesmo no verão tem 8 a 10 metros d'altura, e n'elle se tem pescado peixes (barbos) enormes com o peso de 6 a 7 kilos.

O Zezere no termo de Janeiro de Baixo por vezes nas grandes cheias attinge 25 a 30 metros d'altura e 140 a 150 de largura. E' então que alaga e forma os *lodeiros* marginaes, onde no verão se cultiva o milho, etc. sendo regados com a agua do Zezere por meio de noras, movidas pela corrente do mesmo Zezere.

—

«A pequena distancia dos *Penedos de Bogas* e da serra de *Janeiro*, que separa a freguezia de *Janeiro de Baixo* da de *Cambas*, ha o grande poço do *Esturão*, junto da aldeia de *Admoço*, da mesma freguezia de Cambas, a jusante da de Janeiro de Baixo. —Tem o dicto poço 15 a 20 metros de altura na estiagem e mais de 120 de comprimento,—e n'elle se tem pescado peixes de 7 a 8 kilos de peso cada um.

Demora o dicto poço do *Esturão* a jusante da *Porta de Bogas*, mencionada supra e que é formáda pelo grande penedo de *Bogas*, que se ergue na margem esquerda do Zezere, e pelo do *Mosqueiro*, que se ergue na margem direita e a pequena distancia, tendo de altura sobre o leito do rio mais de 150 metros cada um. N'elles se criam aguias, ujos, abutres e outras aves de rapina.

O grande volume d'agua do Zezere nas

---

[1] Os taes *Penedos de Bogas* semelham as *Portas de Rodam*, no Tejo,—e o *Cachão da Valleira* no Alto-Douro.

V. *Villa Sècca d'Armamar*, tomo 11.º pag. 1059, col. 2.ª e segg.—e

Villa Velha de Rodam, no mesmo vol. pag. 1078, col. 1.ª

cheias, cahindo precipitadamente da *Porta de Bogas*, formou o celebre poço do *Esturão*, que é um dos mais notaveis do Zezere, — e prosegue este rio para o sul por entre penhascos medonhos, formando outros muitos poços mais ou menos altos até junto da sua foz, principalmente até á villa de Ferreira do Zezere.

—

«O celebre *Portal de Bogas* é por assim dizer um marco que divide 2 districtos, 3 concelhos e 3 bispados.

Temos a leste a parochia de Janeiro de Cima e Bogas de Baixo, concelho do Fundão, bispado da Guarda, districto de Castello Branco; ao sul a freguezia de Cambas e a S. O. a de Orvalho, ambas do concelho de Oleiros, bispado de Portalegre, districto de Castello Branco; a O. e N. Janeiro de Baixo, concelho da Pampilhosa, districto e diocese de Coimbra.

—

«A parochia de *Janeiro de Baixo* é separada das de Janeiro de Cima, Bogas de Baixo e Orvalho pelo Zezere e pelo grande penhasco do *Mosqueiro*, parte integrante da grande serra que a O. separa a freguezia de Janeiro de Baixo das de *Cambas* e *Cabril*, em cujo termo, no sitio do *Valle Grande*, ha de um e outro lado da ribeira de *Unhaes Velho*, concelho da Pampilhosa, dois penhascos enormes, que teem d'altura mais de 80 metros, a pequena distancia um do outro e formando uma estreita garganta ou senda, muito semelhante á da *Foz de Bogas* no Zezere.

A dicta serra avança d'ali para o norte, separando a freguezia do Cabril da de Vidual de Cima, e vae até o grande penhasco do *Portello de Fajão*, na villa d'este nome; d'ali corta para E., separando a freguezia de *Fajão* da de *Unhaes Velho*, e vae até o picoto da *Cebola*, em cujas faldas demora a leste a povoação e freguezia de *Cebola*. Avança d'ali até *Sobral de Cazégas*, povoação e freguezia do concelho da Covilhã; separa a freguezia de *Unhaes da Serra* da de *Alvôco da Serra*,[1] em cujo termo se liga á *Torre* (pyramide) da *Estrella*, ponto culminante da serra d'este nome.

Do penhasco do *Mosqueiro* avança a dicta serra na margem esquerda do Zezere para nascente e sul; atravessa a Beira Baixa, passando junto de Castello Branco; atravessa o Tejo e a provincia do Alemtejo; passa junto de Portalegre e Castello de Vide e vae pela Hespanha dentro.

Toda a dicta serra é uma dependencia da serra da *Estrella*; abunda em agua excellente, que rega muitos campos de milho;— tem muitos soutos de castanheiros, bons pastos para o gado—e muita caça grossa e miuda:—coelhos, lebres perdizes, raposas, alguns javalis e lobos.»

Ao sr. Manoel Dias Barata, meu illustrado collega, muito digno vigario da freguezia de *Janeiro de Baixo*, agradeço os apontamentos supra.

—

Se o Zezere é tortuoso e penhascoso desde a povoação e freguezia do *Barco* até o *Portal de Bogas*, mais tortuoso e penhascoso é d'ali até á celebre ponte do *Cabril*, da qual adiante fallaremos no topico *pontes*.

---

[1] N'esta freguezia, quando se arroteava um monte para plantação de vinhedos, appareceu em 1887 um pia de granito e dentro d'ella cerca de mil donarios romanos de prata variadissimos e muito bem conservados. Nós obtivemos tres, um dos quaes era *inedito*, — *uma preciosidade numismatical* Póde ver-se no museu da camara do Porto, á qual foi por nós offerecido.

O mencionado *thesouro* appareceu em uma quinta do sr. Antonio Luiz Monteiro Pina, cavalheiro muito estimavel, a quem agradecemos a offerta dos tres denarios supra.

Na mesma propriedade teem apparecido outras velharias romanas, o que prova que os romanos ali se demoraram.

V. *Alvôco da Serra* n'este diccionario e no supplemento, onde fallaremos d'aquellas e d'outra velharias e lendas curiosas, romanas e arabes.

Caminha na direcção geral N.E--S.O. mas d'um modo caprichoso. E' uma continuidade de grandes curvas muito symetricas e duplas, contra N.O e S.E., imitando o caminhar d'uma serpente. Dá tantas e tão repetidas voltas que, distando aquelles dois pontos um do outro apenas 30 kilometros em recta, o percurso do Zezere sobe aproximadamente a 60 kilometros e é muito interessante, mesmo desenhado nos soberbos mappas da commissão geodesica, onde nós o vimos, pois nunca nos abeirámos d'elle n'aquellas paragens e estamos convencido de que até hoje ninguem o percorreu entre aquelles dois pontos, por não ser navegavel nem ter estrada alguma marginal e correr muito fundo por entre penhascos horrorosos!

Apenas de longe em longe tem algumas barcas de passagem, pois desde a *Ponte Pedrinha*, junto da Covilhã, até á de *Cabril*, não tem ponte alguma,—e o fragoedo das margens prolonga-se até grande distancia d'ellas, como póde ver-se nos mappas e nas *Memorias da villa de Oleiros*, publicadas em 1881 pelo fallecido sr. bispo d'Angra—D. João Maria Pereira d'Amaral Pimentel, filho d'aquella villa.

Tambem entre o *Portal de Bogas* e a ponte de *Cabril*, por ser o rio estreito e fragoso, ha poços muito fundos, com abundancia de peixes, sendo alguns muito grandes. Ja fallamos do poço do *Esturão*, onde teem apanhado peixes de 12 kilogrammas de peso —e nos poços da freguezia d'Alvaro, concelho de Oleiros, os barbos pesam por vezes 10 kilos.

Fallando do Zezere, dizem as *Memorias de Oleiros*:—«Tem grande abundancia de peixes e enguias. Nos limites d'Alvaro teem-se pescado barbos de mais de dez kilogrammas de peso. As inguias são pescadas no outomno em grande quantidade, por occasião das cheias, em açudes, onde encana a agua para grandes canniçadas de verga, que lhes armão, e onde ficam.[1]» *Op. cit.* pag. 256 e 257.

---

[1] Este processo é muito antigo e usava-se tambem no Douro no sec. XVI, pois na *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas*, escripta pelo conego tercenario Ruy Fernandes em 1532 e publicada pela *Acad. R. das S.* em 1824, no *Titulo do peixe do Douro* diz o seguinte:

«Outrosi morrem no dito douro muitos e mui formosos eirões, que sam tam grandes como çaffios, e mui grossos e saborosos: o morrer d'estes eirões he depois da castanha caida dos castanheiros, porque a enxurrada leva os ouriços dos soutos ao Douro, e os ouriços entram em os remãsos do douro nos lôdos onde os eirões estam, e os picã, e se erguem no douro, e vam cahir em huns *canaes* que estam no douro com huns *caniços*, e ahi caem em sêco, principalmente de noite, onde os aguardam com paaos, e matam a môr parte d'elles, e ha noite que matam 300, 400 eirõs: ha hi alguñs savelhas, ha tambem alguns sõlhos... de 10, 13, 14, 15 *palmos*...»

V. *Ineditos de Hist. Port.* tomo 5.º pag. 561 e 562,—e *Viso*, n'este diccionario, tomo 11.º pag. 1893, col. 2.ª, onde descrevemos a pesca d'um grande sôlho, que *nós vimos matar no Douro* e que pesava *sessenta e tantos hilos?!*...

[1] Entre a ponte do *Cabril* e a barca da *Bouçã* tambem ha 3 grandes poços:

1.º—*Poço do Madrão*, na freguezia do Carvalhal, concelho da Certã.

Tem 20 a 30 metros de altura.

2.º—*Poço do Gregorio*, na mesma freguezia.

Tem 30 a 40 metros de altura.

3.º—*Poço do Pereiro*, na freguezia do Castello, do mesmo concelho da Certã.

Tem menos altura do que os dois antecedentes.

A jusante da ponte do *Cabril* tambem ha no Zezere muitas fragas e muitos poços, nomeadamente no termo de Figueiró dos Vinhos.

O Zezere banha este concelho na extensão de 10 a 12 kilometros, desde a barca da *Bouçã* até *Casalinho de Sant'Anna*, freguezia de Arêga, e n'este espaço tem os poços seguintes.[1]

1.º—*Poço da Barca*, profundidade 15 metros (na estiagem).

2.º—*Poço da Vilheira* (?) profundida de 14 metros.

3.º—*Trongo* (?) profundidade 18 metros.

4.º—*Foz do Pairoso*, profundidade 15 metros.

5.º—*Poço da Murteira*, profundidade 10 metros.

6.º—*Poço do Val do Rio*, profundidade 4 metros.

7.º—*Poço do Feijoal*, profundidade 11 metros.

8.º—*Poço do Vento* ou do *Bento*,[1] profundidade 14 metros.

9.º—*Amieirinhos*, profundidade 6 metros.

10.º—*Poço da Cerdeira* (?) profundidade 12 metros.

11.º—*Couçobral*, profundidade 13 metros.

12.º—*Pégo da Justiça* (o nome é *eloquente*!...) profundidade 12 metros.

13.º—*Poço do Val Bom*, profundidade 8 metros.

14.º—*Poço da Varja* (Varzea) profundidade 15 metros.

Ao muito rev. sr. Diogo Pereira Baetta Vasconcellos, parocho de Figueiró dos Vinhos, agradeço a nota supra—e não me responsabiliso pela exactidão das cifras.

—

A jusante do *Casalinho de Sant'Anna*, extremidade S.O. da freguezia d'*Arêga* e do concelho de Figueiró dos Vinhos, o Zezere ainda corre por entre grandes penhascos e tem muitos poços.

Entre os penhascos avulta na margem direita o de *S. Paulo*, na serra d'este nome, freguezia do *Bêco*,[1] junto do *Pégo do Pião*, concelho de Ferreira do Zezere,—e no mesmo concelho tem os poços seguintes, descendo:

1.º—*Pégo do Pião*, entre a freguezia de *Bêcco*, margem direita—e a de Sernache do Bomjardim, margem esquerda.

Terá de altura 10 metros e de comprimento outro tanto.

2.º—*Pégo do Penedo do Salto*, na freguezia de *Dornes*, junto da povoação d'este nome.

Terá d'altura 7 metros e de comprimento outro tanto.

3.º—*Pégo do Forno da Cal*, junto da mesma villa de Dornes.

Terá d'altura 30 metros (?) e de comprimento outro tanto.

4.º—*Pégo da Cruz*, junto de Villa-Gaia.

Terá de altura 10 metros e de comprimento outro tanto.

Estes 4 pégos ou poços estão entre a freguezia de Dornes e a de Sernache do Bomjardim.

5.º—*Pégo do Linho*, junto de *Rio Fundeiro*, povoação da mesma freguezia de Dornes.

Terá de altura 30 metros (?) e de comprimento 10. Demora entre a freguezia de *Dornes*, concelho de Ferreira do Zezere, e a de *Palhaes*, concelho da Certã.

6.º—*Pégo do Ouro*, junto á povoação de Pombeiro, freguezia de Ferreira do Zezere.

Terá de altura 30 metros (?) e de comprimento 7. Demora entre a freguezia de Ferreira do Zezere, margem direita — e a de Villa de Rei, margem esquerda.

N'estes poços ha muito peixe: — eirozes, trutas, bogas, barbos e bordalos, todos muito saborosos, — e tem-se pescado aqui barbos de 12 kilos!

Tambem no tempo da creação aqui se pescam saveis e lampreias.

No concelho de Ferreira do Zezere o rio não tem campos nas margens, mas sómente alguns pequenos *lodeiros*, que produzem milho e feijão.

Nas aguas medias tem nos limites d'este concelho aproximadamente 30 metros de largura, mas na grande cheia de 1876 attingiu mais de 60 metros de largura e 10 de

---

[1] Os apontamentos que recebi da localidade dizem *Bento*, e talvez que seja este o verdadeiro nome do dicto poço, como outro mencionado supra se denomina *Poço do Gregorio*, mas titubiamos, porque nas margens do Zezere e em grande parte das duas provincias da Beira, como na do Minho, costumam trocar o *V.* por *B.*—e *vice-versa*.

[1] V. *Beco*, art. interessante, tomo 1.º pag. 355, col. 2.ª

altura sobre a linha das aguas medias, tendo por consequencia, em alguns poços, talvez mais de 40 metros d'altura?!...

Tambem n'este concelho é navegavel somente em alguns sitios por barcas de passagem, mas d'aqui vae para o Tejo e para Lisboa grande quantidade de madeira de castanho em jangadas.

Ao muito rev. sr. Francisco José Pereira, digno prior actual de Dornes, agradeço os apontamentos supra, relativos ao Zezere, na circumscripção da sua parochia e do concelho de Ferreira do Zezere.

Pontes e Barcas

O Zezere na estiagem tem pequeno volume d'agua, porque absorvem muita os seus vastos campos desde Valhelhas até o *Portal de Bogas*, e atravessa-se a vau em differentes pontos sem grandes difficuldades, mesmo a jusante de Figueiró dos Vinhos, mas nas outras quadras do anno só nas pontes e barcas se atravessa,—e no inverno, por occasião do desgélo e das grandes chuvas, mesmo nas barcas a travessia é medonha e perigosa, pois attinge grande altura, — torna-se caudaloso—e perto da sua foz tem mais de 200 metros de largura.

As suas aguas em Constança atravessam as do Tejo e no Tejo se distinguem até alguns kilometros de distancia — e fórma ali uma enseada só então navegavel até 2 a 3 kilometros. Na parte restante, mesmo nas grandes cheias, não é navegavel, por correr muito precipitado e ter muitas cachoeiras e redomoinhos.

El-Rei D. José I, segundo consta, tentou canalisal-o e tornal-o navegavel desde Constança até á *Foz d'Alge*, na extensão de 50 kilometros aproximadamente, para serviço da fabrica real de fundição d'artilheria que ali houve;[1] mandou de Lisboa estudal-o um engenheiro que, segundo dizem, julgou a tentativa realisavel por meio de comportas, mas D. José esmoreceu, quando viu a cifra do orçamento.

Barcas

O Zezere tem poucas pontes, mas muitas barcas. São aproximadamente tantas, quantas as freguezias marginaes, principalmente a jusante da *Ponte Pedrinha*, pois d'ali até á sua foz, na estensão de mais de 120 kilometros, apenas tem duas pontes.

Bem quizeramos dar uma lista de todas as barcas do Zezere, mas não nos foi possivel organisal-a.

Não sabemos quantas barcas tem desde Manteigas até á *Ponte Pedrinha*.

D'ali até á ponte do *Cabril* tem 14 nas freguezias seguintes:

1.ª—Dominguiso.
2.ª—Peso.
3.ª—Barco.
4.ª—Ourondo.
5.ª—Silvares.
6.ª—Barroca.
7.ª—Dornellas.
8.ª—Porto de Vaccas,—aldeia da freguezia de Janeiro de Baixo.
9.ª—Janeiro de Cima. Rende para o Santissimo.
10.ª—Janeiro de Baixo.
11.ª—Cambas.
12.ª—*Barca Nova*.[1]
13.ª—Alvaro.

---

[1] V. *Arêga*, tomo 1.º pag. 238— G —col. 1.ª—e *Vouzella*, ribeira confluente do Zezere, tomo 11.º pag. 1994, col. 1.ª e segg. onde fallâmos da dicta fabrica e dos *foraes velhos* de *Arêga*, *Figueiró dos Vinhos* e *Pedrogam Grande*, transcrevendo os limites que elles assignaram ás dictas villas.

[1] Foi montada pela camara da Pampilhosa junto da aldeia de *Sobral Magro*.

É municipal e uma das mais importantes do Zezere, pois dá passagem da villa da Pampilhosa para as freguezias do Estreito e Sarzedas e para a cidade de Castello Branco.

N'ella passam os negociantes que transitam entre Castello Branco e Coimbra, etc.

14.ª—*Barca das Varzeas*, na freguezia d'Amoreira, concelho da Pampilhosa.

Dá passagem para Alvaro e Sobral d'Alvaro e para a villa da Certã.

A barca de Dornellas pertence á confraria do Santissimo d'aquella parochia, mas ha annos a camara da Pampilhosa poz ali tambem uma barca sua. Imaginando lucrar perdeu, porque o povo a baptisou com o nome de *Barca do Diabo*, pelo facto de ir affrontar a do Santissimo;—e a esta denominou-a *Barca de Deus*. Escusado é dizer que a nova barca, a *Barca do Diabo*, ficou em paz e ás moscas. Ninguem se utilisou d'ella.

Este facto recorda-nos a *Barca do Por Deus*, no Douro, — e as sangrentas bulhas que houve no Douro tambem por causa de uma *barca nova* na antiga *Barca do Carvalho*.

V. *Molledo*, aldeia da freguezia da Penajoia, tomo 5.º pag. 373, col. 1.ª—e *Viso*, aldeia da freguezia de Fontellas, tomo 11.º pag. 1896, col. 1.ª tambem.

—

Desde a ponte de *Cabril* até Constança ha tambem muitas barcas. Occorrem-nos as seguintes:

1.ª — *Barca do Bispo* — na freguezia do Castello, concelho da Certã, e no caminho de Arnoia, Castello e Sernache do Bom Jardim (margem esquerda) para Figueiró dos Vinhos, margem direita.

Foi montada pelo bispo D. Jeronymo José da Matta, da casa de *Arnoia*,[1] na mesma freguezia do Castello, aproximadamente em 1860.

Demora em local muito aprazivel e em uma propriedade onde o mesmo bispo fez um bom açude, azenha, hortas e uma linda casa de campo, na qual o fundador costumava residir com a sua familia no verão.

O sr. D. Jeronymo foi bispo de Macau bastantes annos; regressou aproximadamente em 1856 e falleceu em 1864 a 1865 em Campo Maior, achando-se ali de visita em casa de uns parentes. Da sua numerosa familia apenas restam hoje (1889) uma irmã e uma sobrinha, esta casada com o dr. João Ribeiro d'Andrade, distincto advogado na Certã. São os herdeiros e representantes da virtuosa e abastada casa d'Arnoia.

2.ª—*Barca da Bouçã*,—a jusante da *Barca do Bispo*,—entre as povoações de Alqueidão e Carvalhos, margem esquerda, e as de Marvilla e Figueiró dos Vinhos, margem direita, — ou entre a freguezia e concelho de Figueiró dos Vinhos e a de Sernache do Bom Jardim, concelho da Certã.

Demora a dicta barca na foz da ribeira de *Bouçã*, um pouco a juzante da ribeira de *Noudel* ou *Nodel*, que em 1204 tinha o nome de *Vouzella* (Boucella) como se vê do foral que D. Pedro Affonso, irmão de D. Sancho I e filho de D. Affonso Henriques,[1] n'aquella data deu á sua villa de Figueiró dos Vinhos.[2]

3.º—*Barca* ou antes *barco do Almegue*.

Demora entre a povoação do *Almegue*, (margem esquerda) e a de *Val do Rio* (margem direita) um pouco a montante da barca da *Foz d'Alge*.

A dicta barca do *Almegue* é particular e pouco importante, mas antiga. Dá passagem para differentes hortas e propriedades, e tambem para *Figueiró dos Vinhos*, etc.

O dicto barco trabalha no *Poço do Vento* ou *Bento*, n.º 8, supra, junto da povoação do *Almegue*.

---

[1] A nobre casa da *Paparia* (?) de Sernache do Bom Jardim, freguezia proxima, tambem deu um arcebispo—D. Marcelino—e 2 bispos, sendo um d'elles bispo de Macau.

[1] O meu antecessor no artigo *Lisboa*, tomo 4.º pag. 363, col. 1.ª, disse que o mencionado D. Pedro Affonso era *irmão* de D. Affonso Henriques.

Foi lapso.

V. *Pedrogam Grande*, tomo 6.º pag. 535, col. 1.ª

[2] V. *Vouzella*, ribeira confluente do Zezere, tomo 11.º pag. 1994, col. 2.ª, onde se encontram indicados os limites que o mesmo D. Pedro Affonso *in illo tempore* assignou ás suas villas e concelhos de Figueiró dos Vinhos, Aréga e Pedrogam Grande.

4.ª—*Foz d'Alge*,—um pouco a jusante da confluencia da ribeira d'Alge com o Zezere —e entre Arêga e Sernache.

5.ª—*Casalinho de Sant'Anna*, entre a povoação d'este nome, freguezia d'Arêga, concelho de Figueiró dos Vinhos, e a povoação de *Varzea de Pedro Mouro*, freguezia de Sernache do Bom Jardim, concelho da Certã.

6.ª—Barca do *Valle da Ursa*, entre a freguezia de Dornes, concelho de Ferreira do Zezere,—e a de Sernache do Bomjardim.[1]

Esta barca foi recentemente substituida por uma ponte metallica.

Veja-se o titulo *Pontes*, infra, n.º 6.

7.ª—Barca do *Rio Fundeiro*, entre a povoação d'este nome, margem direita, e a freguezia de Palhaes, concelho da Certã, margem esquerda, cerca de 1 kil. a montante da foz da ribeira de Isna.

8.ª—*Barca da Isna*,—entre a freguezia de Aguas Bellas, margem direita, concelho de Ferreira do Zezere, e a povoação da *Isna*, concelho de Villa de Rei, margem esquerda.

9.ª—*Barca das Hortas*, — entre a povoação d'este nome, concelho de Villa do Rei, margem esquerda, — e as de Castanheira, Maxial e Aguas Bellas, concelho de Ferreira do Zezere, margem direita.

10.ª—*Coanheira*,—entre a povoação d'este nome, na foz da ribeira de Codes, margem esquerda,—e as povoações do Cardal e Igreja Nova, concelho de Ferreira do Zezere, margem direita.

11.ª—*Barca de Maxial*, — entre a povoação de *Maxial d'Alem*, 5 kil. a jusante da ribeira de *Codes*, margem esquerda, — e as de Val de Pereira e Olalhas, margem direita, concelho de Thomar.

12.ª—*Barca da Moura* (?) entre as povoações de Portella e Ferrarias, margem esquerda—e as de Barreira e Serra, margem direita, concelho de Thomar.

13.ª—*Barca do Souto*,—entre a povoação e freguezia d'este nome,—concelho d'Abrantes, margem esquerda,—e a dicta povoação e freguezia da Serra, margem direita.

14.ª—*Barca da Esteveira*, — entre a povoação e freguezia de Aldeia do Matto, concelho d'Abrantes, margem esquerda,— e as povoações d'*Estiveira*, Lovegada e Serra e margem direita.

15.ª—*Martinchel*,—entre a povoação d'este nome, concelho d'Abrantes, margem esquerda—e as de Casal de Deus e S. Pedro, margem direita.

16.ª—*Barca de Constança*,—na foz do Zezere e que vae tambem ser substituida por uma ponte metallica, junto da villa de Constança, como logo diremos, entre a freguezia e villa de *Constança*, margem esquerda, e a freguezia de Paio Pelle (hoje *Praia*) concelho de Villa Nova da Barquinha, margem direita.

N. B. — A margem esquerda da foz do *Zezere* pertence á freguezia, villa e concelho de *Constança*;—a margem direita pertence á freguezia de *Paio Pelle* (hoje *Praia*) concelho da *Barquinha*.

Ao muito rev. prior de Dornes e ao sr. dr. Geraldo Joaquim Maria da Costa, medico no Sardoal, agradeço os apontamentos supra, que não comprehendi bem e por isso peço desculpa dos lapsos.

---

[1] Estabeleceu-se esta barca aproximadamente no anno de 1835, em competencia com outra que estava cerca de 2 kilometros a montante, junto da villa de Dornes, segundo se lê nas *Memorias da villa de Oleiros*, pag. 260. Dizem ellas:

«D'antes a estrada de Sernache a Thomar dirigia-se pela villa de Dornes, onde passava o Zezere em barca. José Manso porém do Brejo, homem emprehendedor, sendo senhor das margens do rio no sitio do *Valle da Ursa*, a distancia de 2 kilometros talvez, abaixo de Dornes, lembrou-se de abrir uma estrada para aquelle sitio, afim de estabelecer ali uma barca de passagem, como estabeleceu, pelos annos de 1835, pouco mais ou menos, auferindo o rendimento d'ella.

«Ainda que a estrada era pessima, por ser mais curta que a de Dornes, foi seguida de tal modo, que a esta villa não voltou mais pessoa alguma, e a propria estrada se perdeu.»

Em seguida o auctor censura asperamente o nosso governo por metter no dicto *Valle da Ursa* a nova estrada real a macadam e mandar ali fazer a ponte metallica, de que adiante fallaremos.

Pontes

O Zezere desde os *Cantaros* e Manteigas até á villa de Valhelhas tem apenas algumas pontes de pau, sem importancia alguma,—*Ponte Longa*, assim denominada por antiphrase, junto da capella de *Santo Antonio* e da villa de Manteigas,—e *Ponte dos Frades*, assim denominada não sabemos porque, pois ali não ha memoria de convento algum.

A jusante d'estas duas pontes tem o *Zezere* as seguintes:

1.ª—*Ponte de Valhelhas*, junto da villa d'este nome, na estrada districtal a macadam da Covilhã para Manteigas.

E' muito antiga, attribuida aos mouros,[1] e ainda muito solida, feita de granito com 3 arcos de volta inteira, o maior dos quaes tem aproximadamente 10 metros de abertura e altura.

Liga os concelhos da Guarda e Manteigas com o da Covilhã e antigamente ligava tambem o de Valhelhas com as parochias que tinha na margem direita do Zezere: — Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Sarzedo e Verdelhos, que desde 1855, data da extincção do concelho de Valhelhas, passaram para o da Covilhã.

Junto da dicta ponte ha uma fabrica de papel. Hoje (1889) está fechada e é a *unica* fabrica de papel que ha no Zezere e nas duas provincias da Beira Alta e Beira Baixa.

A montante ha no Zezere, junto da villa de Manteigas, differentes fabricas, mas todas de lanificios.

2.ª—*Ponte de Belmonte*, junto da villa d'este nome, 4 kilometros a jusante de Valhelhas.

É tambem de granito e muito solida; tem 6 arcos de volta abatida — e foi feita pelo nosso governo em 1877 na estrada real a macadam da Guarda a Castello Branco por Belmonte e Covilhã. Da dicta estrada segue outra tambem a macadam pela margem esquerda do Zezere até á villa de Manteigas e d'ali deve seguir pela serra da Estrella para a villa de Gouveia, cerca de 15 kilometros a N.N.O. de Manteigas. Está em construcção.

3.ª—*Ponte Nova* ou da *Borralheira*, cerca de 6 kilometros a jusante de Belmonte.

Ainda hoje se diz *nova*, mas é *secular* e tambem de cantaria de granito. Tem 14 ou 15 arcos, comprehendendo alguns mais pequenos nas extremidades, que dão passagem ás aguas do Zezere para irrigação da vasta campina a jusante.

Demora entre as freguezias de Teixoso, margem direita, concelho da Covilhã, e Caria, margem esquerda, concelho de Belmonte;—é muito antiga e o povo diz que foi feita pelos *galhardos* (demonios) como a *Calçada dos Galhardos*, junto de Folgosinho, concelho de Gouveia, e a calçada e ponte do ribeiro do *Mosteiro*, entre a Barca d'Alva e Freixo de Espada á Cinta.

V. *Poiares*, tomo 7.º pag. 114, e, aproveitando o ensejo, diremos que a celebre ponte ali mencionada já perdeu o arco,—e não era feita de *gôgos*, mas de schisto, bem como a calçada de *Alpragares*.

A dicta ponte foi muito mal construida, pois sendo o ribeiro caudaloso no inverno, a ponte era de mau schisto, muito alta, bastante estreita, sem gigantes do lado inferior nem corta-mares do lado superior. O arco era muito alto,—de grande abertura—e de má cantaria de schisto tambem, pelo que ha bastantes annos uma cheia o derrubou, ficando só as avenidas ou muros lateraes da ponte e a passagem interrompida até hoje.

A calçada de *Alpragares* partia da margem esquerda do ribeiro, alguns centos de metros a montante da ponte, e subia em lacetes até o alto da medonha encosta. Ainda está soffrivelmente conservada, mas é tão ingreme, que ninguem póde descer por ella a cavallo — e a mesma subida a cavallo é perigosa!

Tambem por ali descem ainda hoje car-

---

[1] Será ella *romana*?

ros tirados por bois, mas carros vasios, e com grande difficuldade!...

A garganta que ali descrevem as margens do tal ribeiro é formada por medonha penedia, que tem centos de metros de altura e rivalisa com os penhascos dos *Cantaros*. Descemos a dicta calçada *a pé* com o nosso bom amigo Antonio Lopes Mendes no dia 12 de agosto de 1888, vindo de Miranda do Douro, e ainda hóje temos saudades d'aquella medonha garganta, um dos sitios mais interessantes do nosso paiz, onde aguias revoavam livremente sobre nós de uma margem para a outra, como em casa sua.

Está no momento em construcção uma nova estrada a macadam da Barca d'Alva para Freixo de Espada á Cinta, mas, para fugir da medonha garganta, vae pela margem direita do Douro e foz do dicto ribeiro até o *ponto* do *Saltinho*, junto de Freixo de Espada á Cinta.

V. *Pontos do Douro*, tomo 7.º pag. 200, col. 1.ª, n.º 90.

«D'aqui (do mencionado *ponto*) para cima, ambas as margens (do Douro) são hespanholas»—disse o meu antecessor (*loc. cit.*) mas foi lapso.

Desde a Barca d'Alva até o alto de Miranda a margem direita do Douro é *toda portugueza* e só a margem esquerda é *hespanhola*. Desculpem a digressão.

4.ª—*Ponte Pedrinha*,—10 kilometros a jusante da *Ponte Nova*. É tambem de granito, muito extensa, com muitos arcos e muito antiga.

E' talvez a ponte mais antiga do Zezere!...

Aproveitou-se para a estrada real a macadam de Castello Branco á Covilhã e foi uma grande economia, mas deve ser alteada em praso breve, porque o Zezere nas cheias cobre os arcos das duas extremidades, interrompendo o transito de pedestres e tornando perigosissimo o transito dos carros e cavalleiros, que por vezes se interrompe tambem, como succedeu na grande cheia de 1876, que foi a maior de que ha memoria no Zezere e nos outros rios ao sul de Portugal.[1] Cobriu toda a ponte e causou grande prejuiso nas duas margens do Zezere.

Não longe d'estas ultimas duas pontes vão construir-se em praso breve duas pontes metallicas na linha ferrea da Beira Baixa, que tem de atravessar este rio duas vezes para ir até ás proximidades da Covilhã.

Logo daremos uma ligeira noticia da mencionada linha, pois prende com o Zezere.

5.ª—*Ponte do Cabril*, — entre Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno, na estrada municipal que liga o concelho de Pedrogam ao da Certã.

A dicta ponte, segundo disse o meu antecessor nos artigos *Pedrogam Grande*, tomo 6.º pag. 539 col. 1.ª — e *Pedrogam Pequeno*, ibid. col. 2.ª — tem um grande arco de 22 metros de vão, 2 arcos mais pequenos lateraes—e 62,m4 d'altura.

E' de granito, muito solida e muito antiga —e foi restaurada em 1860, quando se fez a nova estrada a macadam, que hoje lhe dá accesso.

Na 2.ª metade do sec. XVIII o celebre Bento de Moura Portugal, que morreu sepultado nas prisões da *Junqueira*,[2] disse que a ponte do *Cabril* era a *mais alta* e talvez a *mais antiga d'este reino*. V. *Inventos e varios planos*... pag. 67.

Acceitamos a 1.ª parte, com relação áquelle tempo e ás nossas pontes de pedra, pois temos hoje uma ponte metallica e de 2 taboleiros, mais alta,—a ponte de *D. Luiz I*,

---

[1] No Douro e ao norte do nosso paiz foi muito maior a cheia de 1860.

[2] V. *Moimenta* (da Serra) freguezia do concelho de Gouveia, tomo 5.º pag. 538, col, 1.ª—e *Villa Velha de Rodam*, tomo 11.º pag. 1078, col. 2.ª

Ainda hoje (1889) vive em Londres o sr. dr. Antonio Ribeiro Saraiva, que em 1821 fez publicar os *Inventos*... de Bento de Moura Portugal, tendo nascido na villa de Sernancelhe em 10 de junho de 1800 e contando hoje 89 annos.

V. *Sernancelhe*, vol. 9.º pag. 167, col. 1.ª, onde se encontra a sua biographia.

no Porto; mas não podemos acceitar a 2.ª parte do asserto, porque temos pontes muito mais antigas no Ave, no Cavado, no Tamega, no Tua, na Teja,[1] e mesmo aqui no Zezere, taes são a *Ponte Pedrinha*, a *Ponte Nova* e a de *Valhelhas*, mencionadas supra.

—

Esta do *Cabril*, segundo se suppõe, foi feita no tempo da ominosa occupação filippina—1580 a 1640.

Nas *Mem. de Oleiros*, pag. 86, diz o seu illustrado auctor, *filho da localidade*, o seguinte:

No sec. XVI «era tal a carestia do numerario, que em tempos já posteriores, durante o reinado dos Filippes, consta fora remettida de Lisboa, escoltada por força publica, a quantia de 30$000 réis para a edificação da grande obra da ponte de *Cabril*, entre os dois Pedrogãos, Grande e Pequeno.

«A ponte de Cabril (pag. 257) é digna de especial menção por varios motivos: está situada em posição tal que se póde chamar *maravilha da Natureza*. Dois altos montes, formados de enormes rochas de granito, e cobertos em grande parte de sobreiros colossaes, e d'outras arvores, que por entre as rochas poderam introduzir suas raizes, se precipitam de tal modo d'um lado e outro sobre o Zezere, que parece impossivel poder por elles abrir-se uma estrada viavel. No entanto desde antigas eras havia um estreito caminho aberto entre as rochas, que com grande difficuldade dava passagem a peões, e até a cavalleiros destemidos,[2] sobre o que se conta a seguinte lenda:

«Ainda a actual ponte de pedra não estava construida, e a passagem do rio fazia-se por outra ponte de madeira, situada um pouco abaixo da actual, onde existiam ainda em nosso tempo, e provavelmente existem ainda hoje (1881) d'um lado e outro do rio, os primeiros pegões ou postes, que sustentavam as traves da ponte.

«Conta a lenda que em noite tempestuosa e escurissima, e na presença de grande cheia do rio, cavalleiro temerario, que estava em Pedrogão Pequeno (margem esquerda) protestára que ia passar a cavallo n'essa noite, sem se apeiar, tanto a perigosissima vereda, como a mesma ponte. E, que com effeito por alta noite se apresentara em Pedrogam Grande (margem direita) com pasmo de todos; porque era sabido que o rio tinha levado a ponte na tarde do dia antecedente.

«Não podendo pois pessoa alguma acreditar que o tal cavalleiro tivesse passado o rio no *Cabril*, e continuando elle a affirmal-o, muitas pessoas se dirigiram no dia seguinte ao rio, e encontrando ainda uma unica trave na antiga ponte, n'ella acharam gravadas as ferraduras do cavallo, assim como nas pedras da vereda acima da ponte; uma das quaes era ainda mostrada em nosso tempo, sendo uma pequena cova informe, e que mal se parecia com ferradura.

«Teve-se pois o facto como milagroso e deo elle occasião, segundo a lenda, a construir-se a nova ponte, que existe; e que esteve a ponto de ir pelos ares por occasião da guerra peninsular; ao que obstou o ter a agua das fontes que correm d'um e outro lado da ponte, humedecido a polvora, que em grande quantidade lhe tinha sido introduzida em caixões, e que *lá ficou*.

«Presentemente acha-se construida uma boa estrada de carro de um e outro lado da ponte, feita pelos annos de 1860... com grande trabalho e dispendio,... mui viavel em rasão das grandes e amiudadas voltas que lhe fizerão dar.»

—

Os dictos penhascos semelham os do *Cachão da Valleira*, no Douro, os das *Portas de Rodam*, no Tejo, e os do *Portal de Bogas*, supra,[1] pelo que Bento de Moura Portugal

---

[1] V. *Zeralhôa*, ponte da *Teja*, ribeira confluente do Douro.

[2] O povo dizia que era nullo o testamento de quem descesse a cavallo por taes despenhadeiros, porque provava ser doido varrido.

[1] V. *Pedrogam Grande*, onde os dictos penhascos e outros das margens do Zezere se acham muito bem descriptos.

nos seus *Inventos*... pag. 67, disse que era facil acabar com as inundações do Zezere— «com muito pouco custo: fazendo-lhe (nos dictos penhascos) entre o Pedrogão Grande e Pequeno, aonde vae muito alcantilado, *um marachão de pedras somente*, de 180 palmos d'altura, sem lagedo, nem mais circumstancia alguma: o que só bastará (dizia elle) para que uma cheia, que, quando muito, dura dois dias, se reparta por quatro ou cinco.

«Este marachão não ha de servir de ponte, porque ha de ficar perto da *mais alta*, e cuido a *mais antiga*, que ha neste reino; por isso só basta que a pedra se lance a granel em tal quantidade, que o cume do marachão tenha a altura que dizemos.

«Basta aquella altura, porque não quero represe mais agua, que a que, não havendo marachão, póde passar pelo rio em dois dias na maior cheia.

«P.—E se ella se ajuntar em maior quantidade?

«R.—Isso é impossivel, porque ficando a pedra, como naturalmente cair, antes que a agua chegue a represar 120 palmos de altura, ha de furar por entre as pedras, supponha-se em um dia, muito mais agoa, do que agora corre pelo rio em igual tempo na mais extraordinaria cheia.

«P.—Suppondo que assim se faz, não necessita o marachão do Zezere de mais concerto algum?

«R.—Só no caso que se observe que a agua passa com muita pressa, se entupirão alguns buracos maiores, mas com cautella e segurança, para que a agua nunca possa represar a toda a altura; para o que bastará que para cima de 150 palmos se não embarace buraco algum. Deve-se entender que este marachão, pelo que respeita ao Zezere, não tem resultas algumas attendiveis; mas pelo que pertence ás cheias do Tejo, não póde deixar de diminuil-as.»

—

O mesmo auctor já havia indicado o meio de acabar com as inundações do Tejo—fazendo-se nas *Portas de Rodam* outro marachão, que tambem servisse de ponte;[1] em seguida, pag. 69 a 122, diz que por meio de outro marachão de pedra solta, feito a montante de Coimbra, no sitio do *Murcellão*, era facil acabar tambem com as inundações do Mondego—e dá interessantissimos detalhes com relação ao modo como devia fazer-se o dicto marachão para servir tambem de ponte, etc. etc.

O mencionado livro é muito curioso e talvez que um dia se aproveitem algumas indicações d'elle!...

O auctor, apesar de ser formado *em direito* somente (?) se hoje vivesse seria *um engenheiro distinctissimo* e daria brado com os seus inventos em nautica, hydraulica, etc. etc.

Foi um talento verdadeiramente superior, inutilisado e aniquilado pelo marquez de Pombal.

6.ª—*Ponte do Valle da Ursa*, a jusante e pouco distante da villa de Dornes, entre a freguezia d'este nome, concelho de Ferreira do Zezere, e a de Sernache de Bomjardim, concelho da Certã, na estrada real a macadam, n.º 56, de Thomar a Castello Branco.

Tem 3 vãos e taboleiro metallico sobre 2 pegões de granito; foi feita em 1880 a 1885, —e custou 54:998$000 réis. Tem de comprimento 95 metros (alem das avenidas) e 17 a 18 d'altura.

Esta ponte substitue uma barca de passagem que havia no mesmo sitio, — e a dicta barca substituiu outra, que houve a montante na villa de Dornes.

Ceci tuera celá!...

V. o topico supra—*Barcas*—n.º 6, e a sua respectiva nota.

7.ª—*Ponte de Constança*, junto da villa d'este nome, na estrada districtal n.º 129 de Santarem pela Barquinha, Tancos, *Praia* ou *Paio Pelle*, Constança e Abrantes, a entron-

---

[1] V. *Villa Velha de Rodam*, tomo 11.º pag. 1078, col. 1.ª e segg.

car na real n.º 56, de Thomar a Castello Branco.

Deve ter encontros e pegões de pedra e taboleiro metallico, no mesmo estilo da ponte de *Valle da Ursa*; foi posta a concurso por 60 dias em 27 de fevereiro do corrente anno (1889) e concorreram a casa *Eiffel*, constructora da celebre torre d'este nome em Paris, e da ponte D. Luiz I, sobre o Douro,—e a *Empreza industrial portugueza*, mas nenhuma das propostas satisfez, pelo que o governo abriu novo concurso em 8 de agosto seguinte.

Deve ter 95 metros de comprimento, em 3 vãos metallicos, sobre 2 pilares de pedra de 12 metros d'altura sobre o nivel das maiores cheias—e duas avenidas de 12 metros cada uma com muros de pedra e pavimento a macadam.

8.ª—e

9.ª—Pontes metallicas em via de construcção sobre o Zezere nas proximidades da Covilhã, para que a linha ferrea da Beira Baixa se aproxime quanto possivel d'aquella cidade,—a nossa Manchester.

Logo daremos um ligeiro esboço da mencionada linha, pois atravessa o Zezere duas vezes em duas grandes pontes.

RIBEIRAS CONFLUENTES DO ZEZERE

Margem esquerda

1.ª—*Ribeira dos Cantaros.*

Vem da *Estrella*, ponto culminante da grande serra d'este nome com a altitude de 1991 metros,[1] e do *Chafariz d'El-Rei*, na altitude de 1841 m..—nascente mais remota do Zezere. Banha os *Cantaros Magro* e *Raso*, á sua direita,—e o *Cantaro Gordo*, á esquerda.

2.ª—*Ribeira da Candieira.* Vem pela *nave* d'este nome e recebe as aguas do *Chafariz d'El Rei* na altitude de 1841 metros,—e em seguida as da lagôa do *Paxão* e as da lagôa da *Salgadeira* na pendente norte do *Cantaro do Gordo*; corre de poente a nascente, descrevendo uma curva contra S. — e morre no Zezere junto do grande penhasco da *Candieira*, visinho e rival dos *Cantaros.*

3.ª—*Ribeira das Lameiras.* Vem do *Curral do Martins*, que demora na altitude de 1720 metros.

4.ª—*Ribeira das Caldas.* Vem da *Fraga das Penhas*, na altitude de 1666 metros, e desagua no Zezere junto das *Caldas de Manteigas.*

5.ª—*Ribeira das Tornéas.* Vem do *Corgo das Mós*, na altitude de 1547 metros;—recebe na margem direita outra ribeira que vem da altitude de 1539 metros;—passa a jusante (poente) das capellas de *S. Sebastião* e *S. Domingos*—e morre no Zezere, depois de fazer juncção com a ribeira seguinte.

6.ª—*Ribeira de Manteigas* ou *das Carvalheiras.* Vem do *Chão das Barcas*, na altitude de 1352 metros; banha e atravessa a villa de Manteigas e morre no Zezere, cerca de 1 kil. a jusante das celebres *Caldas de Manteigas.*

7.ª—*Dos Siqueiros.*

8.ª—*Dos Bacellos.*

9.ª—de *Pandil.* Vem da *Fraga da Batalha*, na altitude de 1277 metros.

10.ª—De *S. Lourenço.* Vem do cabeço d'este nome, na altitude de 1168 metros.

11.ª—Do *Sameiro.* Vem do *Corredor dos Mouros*, na altitude de 1299 metros — pela freguezia e povoação de Sameiro.

12.ª—*Val d'Amoreira.* Banha a freguezia e

[1] Todas as *altitudes* que indicamos referem-se ao nivel do mar, como já dissemos supra.

povoação d'este nome e vem do pincaro da *Cabeça Alta*, na altitude de 1100 metros.

13.ª—*Ribeira de Famalicão*. Banha a freguezia e povoação d'este nome; vem do alto do *Mosqueiro*, na altitude de 1118 metros—e morre em Valhelhas.

14.ª—*Ribeira de Gaia* ou da *Vella*. Vem das proximidades da Guarda; recebe differentes ramos que banham as povoações e freguezias de Aldeia do Bispo, Ramella e Vella — e tem cerca de 20 kilometros de curso.

15.ª—Vem do monte da *Esperança*, na altitude de 715 metros — e banha a *Tapada das Torres*.

16.ª—Vem do dicto monte por *Faleiro*.

17.ª—Vem de *Lamaçaes* pela quinta de *Job* ou de *Jó*.

18.ª—*Ribeira de Caria*. Banha esta paroia e a de Maçainhas; — vem do alto do *Monteiro*, na altitude de 888 metros; — tem cerca de 24 kilometros de curso — e uma grande bacia hydrographica pouco montanhosa.

19.ª—*Ribeira do Ferro*. Banha a freguezia d'este nome, passando a N.—e vem do mon-e do *Azeivo*, na altitude de 750 metros.

20.ª—Vem do *Meal Redondo* e desagua cerca de 1 kil. a montante da *Ponte Pedrinha*.

21.ª—*Ribeira de Meimôa*.

Vem da *Nave Redonda*, na altitude de 728 metros;—banha as povoações de *Escarigo* e *Salgueiro*; — tem cerca de 30 kilometros de curso e uma grande bacia hydrographica, pouco montanhosa.

22.ª—Vem do monte de *S. Pelaio*, junto do Fundão; — tem 15 a 20 kilometros de curso e uma bacia hydrographica muito fertil, muito povoada e muito arborisada.

Morre no Zezere junto da povoação de *Varzea Longa*.

23.ª—*Ribeira de Bogas*. Banha as povoações de Bogas de Cima, Bogas do Meio e Bogas de Baixo;—tem 15 a 20 kilometros de curso—e vem da serra de *Maunça*, na altitude de 1002 metros.

Morre no Zezere junto do *Portal de Bogas* e do grande penhasco do *Mosqueiro*, que rivalisa com o penhasco da ponte do *Cabril*, talvez o maior do Zezere.

24.ª—Ribeira de *Villar Barroco*.

Banha a povoação d'este nome; vem da *Lomba do Carvalho*, na altitude de 825 metros, junto de *Almaceda*; — e tem cerca de 20 kilometros de curso.

25.ª—Vem da serra da *Azinheira*—e tem cerca de 8 kilometros de curso.

D'aqui até á foz da grande ribeira da *Certã* todas as ribeiras da margem esquerda do *Zezere* são pouco importantes, porque as aguas pendem para a dicta ribeira, de que vamos fallar.

26.ª—*Ribeira da Certã*. Banha a villa e o concelho d'este nome, bem como a villa e o concelho de Oleiros;—caminha parallela ao Zezere de N.E. a S.O.—vem das proximidades de *Villar Barroco*—e tem 50 a 60 kilometros de curso.

E' a maior da margem esquerda do Zezere e tem uma bacia hydrographica muito escabrosa, muito accidentada e muito povoada.

27.ª—*Ribeira de Isna*. Banha a freguezia d'este nome, concelho de Oleiros; vem do *Cabeço da Rainha*, na altitude de 1080 metros; tem differentes braços com differentes nomes e 40 a 50 kilometros de curso, — e morre no Zezere, 6 kilometros a jusante da foz da *Certã*.

28.ª—*Ribeira de Codes*.

Vem da villa d'Amendoa (lado S.) conce-

lho de Villa de Rei; caminha de nascente a poente—e morre no *Zezere* com 20 a 25 kilometros de curso, 10 kilometros a jusante da foz de *Isna*.

Nem o meu antecessor nem a *Chorographia Moderna* mencionaram a ribeira de *Codes*. Foi uma injustiça, porque mencionaram outras menos importantes.

RIBEIRAS CONFLUENTES DO ZEZERE

Margem direita

1.ª—Vem dos *Poios Brancos*, na altitude de 1802 m. — ao nascente e em frente dos *Cantaros*.

2.ª—Vem do *Curral da Nave*, na altitude de 1480 m., — ao nascente e em frente do *Curral do Martins*, mettendo-se de permeio a funda garganta do Zezere.

3.ª—*Ribeira de Leandres*. Vem do mesmo *Curral da Nave* e dos cabeços do *Souto* e da *Moreira*—e morre no Zezere, cerca de 3 kilometros a jusante da villa de Manteigas.

4.ª—*Ribeira de Verdelhos*. Banha a povoação e freguezia d'este nome—e vem dos *Poios Brancos*, mencionados supra. Tem 15 kil. de curso atravez de serra bravia.

5.ª—*Aldeia do Matto*. Banha a freguezia d'este nome—e é de limitado curso.

6.ª—*Aldeia do Souto*. Banha a freguezia d'este nome; tem 8 kilometros de curso atravez de medonha penedia—e vem do cabeço da *Atalaia*, na altitude de 1:045 m.

7.ª—Vem dos montes *Sarzedo* e *Rafeiro*, na altitude de 1005 m.; banha a freguezia de Orjaes a N.—e morre no Zezere junto da *Ponte Nova*, mencionada supra.

8.ª—*Rio de Corgas* ou *Ribeira do Teixoso*. Banha a freguezia d'este nome; vem do monte de *S. Gião*, na altitude de 1768 metros; caminha de norte a sul; tem 15 a 20 kilometros de curso; passa a E. da Covilhã na distancia de 3 a 4 kilometros— e banha muitas aldeias.

9.ª—*Ribeira de Boidobra*. Banha a freguezia d'este nome; vem da *Pedra da Mesa*, na altitude de 1292 m. a O. N. O. da cidade da Covilhã e distante d'ella 3 kilometros;—caminha de N. O. a S. E.; morre no Zezere 1 kilometro a jusante da foz da ribeira do Teixoso.

10.ª—*Ribeira de Tortozendo*. Banha a freguezia d'este nome — e vem das *Pedras Brancas* na altitude de 911 metros.

11.ª—Ribeira de...

Banha a freguezia de Tortosendo, lado S. —e a de Dominguiso, lado N.

12.,—*Ribeira de*...

Vem da *Pedra Alta*, que tem a cota de 768 m.—e desagua entre as freguezias do *Peso* e Barco.

13.ª—*Ribeira de Unhaes da Serra*. Banha a freguezia d'este nome e tem 5 braços:—ribeira da *Estrella* e ribeira de *Alforfa*, que veem da *Estrella*, na altitude de 1991 metros, pendendo para sul;—ribeira de *Córtes*, que banha a freguezia d'este nome; vem do *Curral do Vento*, junto dos *Poios Brancos*, e passa 3 kilometros a O. da Covilhã; ribeira da *Erada*, que banha a freguezia d'este nome e vem da serra da *Muralha* na altitude de 1484 metros, pouco distante de *Alvoco da Serra* para E.S.E.;-e ribeira de *Cazégas*, que banha a freguezia d'este nome e vem do monte do *Fojo*, na altitude de 1329 metros, a S. e pouco distante d'*Alvoco da Serra* tambem.

A 1.ª e 2.ª ribeira, confluentes da de *Unhaes*, unem-se antes de chegarem á povoação d'este nome; a 3.ª une-se áquellas duas 5 kilometros a jusante de Unhaes, formando as 3 uma só; a 4.ª une-se áquella na povoação e freguezia de *Paul*; a 5.ª une-se á grande ribeira 7 kilometros a jusante de Paul—e depois de unidas ás 5, a grande ribeira de Unhaes morre no Zezere junto da

povoação e freguezia de *Ourondo*, tendo de curso total 25 a 30 kilometros e uma grande bacia hydrographica muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

14.ª—*Ribeira de Persim* — ou de *Sobral de Cazégas*. Banha a freguezia o'este nome; vem da *Fonte de Espinho*, na altitude de 1055 metros,—e da de *Gendufo*, na altitude de 1559 metros, junto de *Piodão*, para E.; caminha de N.O. a S.E ; recebe á direita duas ribeiras, que veem uma da serra da *Cebola* e outra da freguezia d'este mesmo nome,—e desagua no Zezere entre a ribeira de Unhaes e a de Bodelhão, tendo de curso total 15 kilometros e uma bacia tambem muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

15.ª—*Ribeira de Bodelhão*. Banha a pequena povoação e freguezia d'este nome, isolada e enterrada entre medonha penedia;[1] vem do monte do *Chiqueiro*, na altitude de 1083 metros—e morre no Zezere 3 kilometros a montante da freguezia da Barroca.

16.ª—*Ribeira do Carregal*. Banha a povoação d'este nome; vem do monte da *Figueirinha*, na altitude de 992 metros,—e morre no Zezere 2 kilometros a jusante de Dornellas.

17.ª—*Ribeira de Unhaes o Velho*, ou *da Pampilhosa*. Banha as villas d'este nome e outras muitas povoações; tem differentes braços com differentes nomes — e desagua cerca de 4 kilometros a montante de Pedrogam Grande com 50 kilometros de curso.

Nasce na grande serra do Açôr, que tem 1349 metros d'altitude;—caminha na direcção geral N.E.S.O.—e tem uma larga bacia hydrographica, tambem muito accidentada e toda eriçada de medonha penedia.

18.ª—*Ribeira de Pera* ou de *Cabril*.

Tem differentes ramos, um dos quaes vem do monte do *Muro*, na altitude de 723 metros; caminha de norte a sul—e banha as povoações de Escalos Cimeiros, Escalos do Meio e Escalos Fundeiros.

Outro ramo vem da serra de Cabril, na altitude de 954 metros;—banha a freguezia de *Castanheira de Pera*, onde tem uma grande fabrica de lanificios e outras a jusante;[1] caminha de N.O. a S.E.; unem-se os dois ramos a 2 kilometros do Zezere;—tem a dicta ribeira cerca de 20 kilometros de curso—e entra no Zezere 100 metros a jusante da ponte do *Cabril*.

19.ª—Ribeira de *Noudel* ou *Nodel*, outr'ora denominada *Vouzella*, no concelho de Pedrogam Grande, a montante e pouco distante da barca da *Bouçã*. E' de limitado curso.

Veja-se a lista das barcas, supra,—e *Vouzella*, ribeira, tomo 11.º pag. 1994, col, 1.ª *in fine* e segg.

20.ª—Ribeira da *Bouçã* a montante e pouco distante da barca d'este nome, no concelho de Figueiró dos Vinhos.

V. *Vouzella*, ribeira, *loc. cit.*

21.ª—*Ribeira d'Alge*, no mesmo concelho de Figueiró dos Vinhos.

V. *Alje*, tomo 1.º pag. 126, col. 2.ª — e *Vouzella*, ribeira, *loc. cit.*

22.ª—Ribeira ou rio *Nabão*.

Vem da serra da *Atianha*, na altitude de 412 metros, a N. da villa d'Ancião; banha Thomar; tem 60 a 70 kilometros de curso—e morre no Zezere 10 kilometros a montante da villa de Constança.

---

[1] Demora na margem direita do Zezere, do qual dista 2 kilometros, mas foi annexada á freguezia da *Barroca*, sita na margem esquerda do Zezere, distante de Bodelhão 5 kilometros, e ambas pertencem hoje ao concelho do Fundão.

As duas contam apenas 186 fogos?!...

[1] V, *Castanheira*, tomo 2.º pag. 164, col. 1.ª—e *Pera*, vol. 6.º pag. 664, col. 1.º *in fine*.

V. *Thomar*, *Nabancia* e *Nabão*.

—

O Zezere, desde a ribeira de *Gaia*, junto de Belmonte, até á ribeira d'*Alge*, corre na direcção geral N.E.S.O.: da foz d'Alge para jusante caminha de N. a S. descrevendo muitas curvas. Em Dornes avança para N. E.; depois caminha de N.O. a S.E.; a jusante da ribeira da Certã caminha de Norte a Sul; depois avança para S.E.; toma a direcção N.E.S.O. até receber o Nabão; forma ali o vertice de um angulo quasi recto e depois caminha de N.O a S.E.;—por ultimo fórma uma curva rapida e avança de N.N.E. a S.S.O. até que morre no Tejo entre a villa e freguezia de *Constança*,—margem esquerda,—e a freguezia de *Paio Pelle*, ou da *Praia*, concelho da Barquinha, margem direita.

Affinidade de nomes

Ha muita affinidade entre os nomes de diversas povoações das margens do Zezere, v. g. entre Caria e Alcaria; Dornes e Dornellas, freguezias muito distantes;— Alvaro e Alvares; Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno; Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima; Bogas de Baixo, Bogas do Meio e Bogas de Cima; Rio Fundeiro e Rio Cimeiro; Escalos Fundeiros e Escalos Cimeiros; Brejo Fundeiro e Brejo Cimeiro; Maxial, Maxial d'Alem, Maxial Cimeiro, Maxial Fundeiro e Maxialinho, em pontos muito distantes; Casalinho (muitas povoações d'este nome) e Casalinho, de Sant'Anna; Gaia, Villa Gaia e Vendas de Gaia em pontos muito distantes; Aldeia do Matto e Aldeia do Souto, freguezias do concelho da Covilhã; Aldeia do Matto e Souto, freguezias do concelho de Abrantes; Zezere, Ferreira do Zezere e Castello do Zezere; Barroca, freguezia do concelho do Fundão, e Barroca do Alcaide, aldeia da freguezia de Valhelhas; Oleiro, aldeia da mesma parochia, e Oleiros, villa; Cardal Grande e Cardal Pequeno; Quartos d'Além e Quartos d'Aquem; Roco de Baixo e Roco de Cima; Peso, Pesinho, Pesos Cimeiros e Pesos Fundeiros, em pontos distantes; Derriada Cimeira e Derriada Fundeira; Regadas Cimeiras e Regadas Fundeiras; Troviscaes Cimeiros e Troviscaes Fundeiros; Douro e Porto do Douro; Ferreiros da Ribeira, Ferreiros de Santarem, Ferreiros de Baixo e Ferreiros da Bairrada, aldeias da villa e freguezia de Figueiró dos Vinhos; Fajoeira, Feteira, Ladeira, Loureira, Ardoeira, Aveleira, Salgueira, Madroeira, Carvalheira, Crugeira, Castanheira, Pombeira, Cabeçadeira, Maxieira,[1] Cerejeira, Aduxeira, Val da Carreira, Val da Figueira e Casal da Ribeira; Val Cipote e Ribeira de Val Cipote; Janalvo e Janaffonso, etc. etc.

Etymologia e nomes do Zezere

Ignoramos a verdadeira etymologia do Zezere.

Talvez provenha de *Ozecharus* ou *Ozecarus*, nome que os romanos lhe davam, segundo diz André de Rezende, fallando *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, ou tomaria o nome dos *zenzereiros* e *azereiros*, que nascem espontaneos e abundam nas suas margens.

Zenzereiro, *sinceiro* ou *cinceiro*, é uma especie de salgueiro, de que se fazem em todo o nosso paiz açafates, cestas, cestinhas, cadeiras de encosto, centros de mesa, armações de vestidos para modistas e costureiras e outros muitos objectos curiosos de diversos tamanhos e de fórmas e côres variadissimas.

Como não é facil a conducção dos dictos artefactos, colhem nas margens do Zezere as vergonteas dos zenzereiros, — tiram-lhes a pelle,—conduzem-nas em molhos ou feixes para o Porto, Lisboa, Coimbra, Figueira,

---

[1] *Maxieira* é corrupção de *ameixieira*, — e *Maxial* é corrupção de *ameixial*, bosque de ameixieiras, arvores que dão ameixas. Suppomos que estas arvores, mesmo no estado selvagem, outr'ora abundavam nas margens do Zezere, pelo que ainda hoje ali abundam terras e povoações com os nomes de *Maxial* e *Maxieira*.

Braga, Lamego, Evora, Algarve, etc. etc. e ali os habitantes das margens do Zezere, que exploram aquella industria, fabricam os diversos artefactos, lançando a verguinha de molho e colorindo-a a seu bel prazer com tinta lançada em caldeiras d'agua fervendo, nas quaes mergulham as vergonteas dos taes *zenzereiros*, que elles denominam *salgueiros*.

Tambem usam de vergonteas de vime, choupo e giesta, segundo a qualidade dos artefactos.

Com a giesta branca imitam os mimosos trabalhos congeneres da ilha da Madeira.

—

Note-se que Miguel Leitão d'Andrade na sua curiosa *Miscellanea*, sendo filho do Zezere, deu-lhe o nome de *Zenzere*, que tem muita affinidade com *zenzereiro*.

«A este nosso *Zenzere*, ou Gigante Zacor —diz elle,[1]—com rasão lhe podeis chamar assim, por sua grande terribilidade, e mayor furia, que a de todos os rios de Hespanha (?) e juiçais (?) do Mundo todo do seu tamanho. Em tanto que chegando ao grande rio Tejo, com se lhe avisinhar já manso, o atravessa da outra banda, e corta pelo meyo sem fazer caso delle, e á outra banda chega ainda com tanta furia, que lá vay arrancar as arvores que alcança com outros danos, levando suas aguas distinctas das do Tejo mais de huma legua,[2] por lhe não querer reconhecer vantagem e antes o faz tornar a traz, e reprezar no logar onde o atravessa.»

'O bom do homem, cego pelo amor da sua terra natal, exagerou tudo o que prendia com ella, como o seu contemporaneo dr. Manoel Botelho Ribeiro exagerou e fabulou nos seus *Dialogos moraes e politicos*, fallando de Viseu, sua patria tambem.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1684, col. 1.ª e 2.ª—1694 a 1694 — e 1805, col. 1.ª — e *Pedrogam Grande*, tomo 6.º pag. 530, col. 2.ª e segg. onde se encontra uma leve amostra da parte fabulosa e mais mentirosa da *Miscellanea*.

Risum teneatis!...

—

Azereiro (*Prunus lusitanica* de Linneu) é uma arvore de pequeno porte com folhas como as do loureiro, sempre verdes; dá uns ramalhetes de flores brancas e fructos como os da ginjeira. Os francezes lhe chamam *Laurier fleury*, — *loureiro florido*, — *laurus florifera* ou *florigera*. «Destas tê o Marquez de Fronteyra na sua Quinta de Bemfica» — diz Bluteau no seu *Vocabulario*.

«As flores e as folhas do *Azereiro*, teem cheiro de amendoa amargosa, bastantemente agradavel» — segundo se lê no *Dicciona-rio da Academia*.

Nas *Memorias d'Oleiros*, pag. 256, diz o seu illustrado auctor:

«São proprias das encostas d'este rio (*Zezere*) do qual derivão provavelmente o nome, as arvores chamadas *azereiros*, bellas por sua fórma redonda e copada, sem nunca perderem a folha, e agradaveis pelo aroma de seus abundantes caixos de flores brancas.»

Do exposto se vê que ou o Zezere tomou o nome dos *zenzereiros* e *azereiros* ou v. v. —o que julgamos mais provavel.

Tambem nas margens do Zezere se encontram em alguns sitios grandes oliveiras e grandes castanheiros—e junto da ponte do *Cabril* sovereiros enormes, que rebentam da medonha penedia em ambas as margens e ensombram o Zezere na extensão de alguns kilometros.

Fecharemos este topico dizendo que os portuguezes, quando povoaram o Brazil, deram a muitas povoações e rios d'aquelle vasto imperio os nomes das povoações e rios de Portugal. A um d'esses rios deram tambem o nome de *Zezere*, mas no seu dialecto os indios chamavam-no *Zezeré*, depois *Zereré*, seu nome actual.

E' um rio da provincia de Matto-Grosso.

---

[1] *Op. cit.* Dial. 19, fol. 573.

[2] As leguas *in illo tempore* tinham mais de 6 kilometros.

Nascce na serra de Santa Barbara (nome *portuguuez*); corre para N.E. — e desagua na marggem esquerda do rio *Mondego*,—nome tambbem *portuguez*, mas que os indios no seu dialecto chamam *Embotetiú*...

Portugal no Brazil

Aproveitando o ensejo, indicaremos algumas povoações do Brazil que ainda hoje conservam os nomes de povoações de Portugal. Occorrem-nos as seguintes:

Albrantes (villa da foz do *Zezere*) Aguiar, Albuquerque, Alcantara, Alcobaça, Alegrete, Alemquer, Alhandra, Almada, Almeida, Almeirim, Almofala, Alter do Chão, Alvarenga, Alvellos, Anadia, Anta, Antas, Araes, Arcos, Areias, Arneiros, Arrayollos, Arronchess, Atalaya (povoação da foz do Zezere) e Aveiro.

Barcellos, Barreiro, Batalha, Baião, Beja, Belem, Belmonte (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Bemfica, Benavente, Boa Viagem, Boa Vista, Bomfim, Bomjardim (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Bom Jesus, Bom Successo, Borba e Bragança.

Cabeceiras, Cabedello, Caldas, Campello (povoação da margem direita do *Zezere*), Campo-Bello, Campo Grande, Campo Maior, Casa Branca, Castanheira (povoação da margem direita do *Zezere*) Castello (povoação da margem esquerda do *Zezere*) Castro, Casal Vasco, Chamusca, Cimbres, Cintra, Coimbra, Colares, Conceição[1] e Crato.

Douro, Ega, Esposende, Estrella (nome da grande serra, onde nasce o *Zezere*) Figueira, Formiga, Gavião, Gouveia, Granja, Guimarães e Jerumenha.

Lage, Lages, Lagôa, Lamalonga, Lapa, Larangeiras, Linhares, Loreto e Lumiar.

Maia, Marvão, Mattosinhos, Mecejana, Melgaço, Mello, Miranda, Mirandella, Mondego, Mondim, Monforte, Monsaraz, Montalegre, Mont'alto, Monte Gordo, Monte Mor, Monte Mor-Novo, Monte Mor-Velho, Montes Claros, Mossamedes, Moura e Moz.

Nazareth, Nogueira, Nova Almeida, Nova Beira (*Beira* é uma das provincias que o *Zezere* banha) Nova Coimbra, Obidos,[1] Oeiras, Olivença, Palmeira, Palmella, Pederneira, Pesqueira, Pias, Pilar, Pinheiro, Pinhel, Pombal, Portel, Portalegre (Porto Alegre), Prado, Queluz, Rezende, Saltinho (notavel cachoeira do Douro junto de Freixo d'Espada á Cinta, em Portugal), Santarem, S. Gonçalo d'Amarante, S. João da Anadia, S. Pedro de Alcantara, S. Romão, S. Vicente, S. Victor, Serpa, Setubal, Silves, Sobrado, Soure e Souzel.

Teixeira, Thomar, Trancoso, Vacaria, Valença, Veiros, Vianna, Villa Bôa, Villa Boim, Villa do Conde, Villa Flor, Villa Franca, Villa Nova, Villar, Villa Velha, Villa Verde, Villa Viçosa, Vimieiro, Vinhaes, Viseu e *Zezeré*, rio mencionado supra.

A povoação de *Viseu* demora na provincia de Matto Grosso e foi fundada pelo governador Luiz d'Albuquerque Pereira e Caceres, ascendente dos *Albuquerques* da nobre casa da *Insua*, concelho de Penalva do Castello, junto de Viseu, em Portugal.

V. *Miragaya*, tomo 5.º pag. 271, col. 2.ª e segg.

Desculpem-nos a digressão. Além de não ser de todo o ponto mal cabida, é *muito lisongeira* para Portugal.

Cheias

A maior de que ha memoria no Zezere foi a de 1876.

Com data de 16 de novembro do dicto anno dizia um correspondente de *Alpedri-*

---

[1] No Brazil ha 38 povoações com o nome de *Nossa Senhora da Conceição*, o que prova que os portuguezes já *in illo tempore* tinham muita devoção com a *Virgem*.

[1] Villa, na margem esquerda do Amazonas. Chega até ali a maré, posto que dista do mar 300 legoas.

O Amazonas tem ali 896 braças de largura e 100 d'altura?!...

nha para o *Diario da Manhã*, jornal de Lisboa, o seguinte:

«Vou hoje dar-lhe algumas noticias d'este districto de Castello Branco, que tem sido e está sendo victima d'um temporal de que não ha memoria, tanto pela sua duração, como pelos prejuizos que fez.

São incalculaveis os estragos causados pelo vento, pelas chuvas e pelas cheias dos rios e ribeiras.

Temos estado privados de noticias do sul e do norte; do sul por causa do Tejo, e do norte por causa do *Zezere, cujas cheias teem chegado a cobrir a ponte Pedrinha, levando na sua corrente as velhas guardas da ponte.*

O correio de Belmonte para a Covilhã, tentando atravessar o Zezere, foi victima da sua audacia, pois que até hoje não se sabe d'elle, o que leva a crer que foi arrastado pela corrente.

As chuvas teem levado na sua corrente muitas searas de milho, derrubado muros e arrazado casas.

Estes tristes acontecimentos teem feito encarecer os cereaes, principalmente os milhos.

Nas obras publicas construidas e em construcção n'este districto, tem havido consideraveis prejuizos.

N'esta villa já desabaram tres casas, ficando um dos seus donos reduzido á miseria.

Consta-nos que vae promover-se uma subscripção com o fim de remediar este mal, o que muito honra o cavalheiro ou cavalheiros que a promovem.

Muitas oliveiras e outras arvores teem sido quebradas e arrancadas, e não só n'esta villa, mas em varios pontos d'este districto, segundo as noticias que acabamos de receber.

A ribeira de Alverca, proxima do Fundão, tem causado grandes prejuizos nas suas margens, arrastando na corrente algumas azenhas, lagares de azeite e fazendo tambem algumas victimas.

Na ribeira de *Alpreade* foi tal a cheia que arrastou na corrente varios pontões, muros e até a antiquissima ponte que dava passagem para Castello Novo, sendo tambem levadas na corrente muitas azenhas, arrasados varios predios e arrancadas muitas oliveiras e outras arvores collossaes.

Avaliam-se em mais de *dez contos de réis* os prejuizos causados por este temporal, só em Castello Novo e seu limite.»

—

No seu numero de 18 de dezembro do dicto anno dizia o *Diario Popular*:

«A corrente do Rio Zezere, proximo a Belmonte, destruiu uma casa e arrastou a moradora, deixando-a morta, dependurada em um salgueiro. N'um sitio denominado os Trinta, proximo da Guarda, a cheia destruiu tres fabricas de pannos, levando as machinas e demais utensilios.

A villa de Manteigas foi tão prejudicada pelo temporal, que ficou incommunicavel, porque todas as pontes foram por agua abaixo.

Os arcos da ponte de Unhaes da Serra, na Covilhã, estão tapados com enormes pedras, que ficaram sobrepostas, formando como que uma parede feita pela mão de homem. Para remover algumas das pedras foi necessario trabalho de vinte homens.

Em Sernache do Bomjardim a cheia tomou a altura de 1^{m},50 acima de todas as de que ali ha memoria.

Caiu o melhor predio, que fôra construido havia quatro annos, e do qual era proprietario o sr. José Ferreira Pinto. A cheia levou pela raiz um pomar inteiro, destruiu todos os moinhos e lançou para fóra dos lagares toda a azeitona que lá estava.»

—

Com data de 11 de janeiro de 1877 dizia o *Diario Illustrado*:

«São importantes os estragos das inundações do Mondego e Zezere, aquelle nos concelhos da Guarda e Celorico, e este no de Manteigas.

O valle do Mondego está cheio de destroços, arrastados pela impetuosa corrente do rio.

«Ha proprietarios com prejuizos superiores a dez contos de réis.

«As aguas que em impetuosa corrente se precipitaram dos contrafortes da Serra da Estrella sobre o valle, aniquilaram quasi totalmente as propriedades onde não tinha chegado a inundação, areando umas, e levando a camada aravel d'outras.

«A grande ventania fez graves prejuizos no arvoredo, especialmente nas oliveiras, castanheiros, pinheiros, amoreiras, amendoeiras e outras arvores de fructo.

«A velocidade do vento tem regulado entre 90 a 150 kilometros por hora.

«São egualmente importantes as perdas em gados, tanto em animaes afogados, como nos que teem perecido por falta de alimento e pelo frio.

«Os prejuizos em todo o districto, não contando ainda os provenientes do ultimo temporal, são avaliados em 491:897$000 réis, sendo os concelhos mais prejudicados — Guarda com 160:000$000 réis, Manteigas com 110:000$000 réis, Ceia com 70:000$000 réis, e Celorico com 50:000$000 réis; isto é os da proximidade da serra.»

«Do exposto se vê que foi muito chuvoso e muito tempestuoso o inverno de 1876 a 1877, pelo que no Zezere, Mondego, Tejo, Guadiana, Sado, e nos outros rios ao *sul* do nosso paiz a maior cheia d'este seculo foi a de 1876, mas no Douro e nos outros rios a N. de Portugal foi *muito maior* a cheia de 1860.

Digam os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura!...

Linhas ferreas que prendem com o Zezere

Em março de 1885 T. M. Johnson, por si e como representante de varios capitalistas inglezes, apresentou ao governo uma proposta para a concessão d'uma linha ferrea que, partindo de Abrantes, ou suas proximidades, seguiria pelo Sardoal, Villa de Rey, Dornes, Rio Grande, Certã, Cabeçudo, *Castello, Carvalhal, Pedrogão, Rio Zezere, Alvares*, Casal Novo, Cadafaz, Goes, Celavisa, Coja, Louroza, Candosa, Midões, Carregal, Tonda, Lobão, Lageosa, Villa Chã, Viseu, S. Pedro do Sul, Gafanhão, Reriz, Parada, Cabril, Arouca, Fermêdo, Gião, Sandim e Villa Nova de Gaya, com um ramal que, partindo de Cabril, seguiria pelas proximidades de Genarde, Alvarenga, Espiunca, Fornellos, Travanca, Fornos, Foz do Tamega, Sebolido, Melres, S. Thiago, Rio Sousa. Aguiar de Sousa e Recarei na linha do Douro.

Esta linha era importante, mas muito dispendiosa, porque atravessava terreno extremamente escabroso e accidentado e demandava muitas obras d'arte, numerosos tunneis, grandes pontes e viaductos, etc. etc. e por isso não vingou; está porém já em construcção outra linha ferrea, tambem muito importante, e que prende com o Zezere, pois atravessa-o *duas vezes*. É a seguinte:

Linha da Beira Baixa

Em abril do corrente anno de 1889 [1] dizia o *Correio da Covilhã*, jornal d'aquella cidade, o seguinte:

«Progridem com a maior actividade os trabalhos de construcção d'esta importante linha, onde a semana anterior estavam occupados cerca de 15:000 operarios, em cujo numero figuram 1:500 mulheres. Dos 216 kilometros de que se compõe, podem reputar-se completamente concluidos, como infrastructura, isto é promptos a receberem a via, mais de 150.

Sem solução de continuidade haverá dentro de poucos mezes, talvez em julho, 100 kilometros, os que vão de Villa Velha de Rodam á Covilhã, onde a locomotiva poderá funccionar.[2]

---

[1] V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 477, col. 2.ª,—e note-se que o mencionado artigo foi publicado *em abril de 1884*, como dissemos *ibi*, pag. 484, col. 1.ª *in fine*. Já decorreram pois 5 annos!...

[2] Já estamos em setembro de 1889 e a locomotiva ainda não chegou á Covilhã, nem chegará tão cêdo!...

N'este momento procede-se ao transporte d'ella e dos necessarios wagons, pela estrada do Pezo a Castello Branco, onde a 60 kilometros d'esta povoação fica o deposito de material da Repreza, por cujo ponto é começado agora o assentamento da via. Este deposito, para o qual o material da via tem sido transportado em carros de bois sobre doze leguas de má estrada, está attestado para os 100 kilometros a que acima nos referimos (Villa Velha á Covilhã.) A parte de Abrantes, tem outro deposito de material, havendo ainda outro na Guarda, para a secção que fica entre esta cidade e a Covilhã.

De modo que o assentamento da via é feito por pontos differentes: Abrantes (60 kilometros); Represa (100 kilometros) e Guarda (56 kilometros).

Grandes difficuldades de construcção, materiaes e economicas, offerece esta linha em algumas das suas partes. Póde-se avaliar d'ellas, no que respeita a pontes e viaductos, por exemplo. Ha 64 d'estas obras, das quaes 61 são metallicas. Pois bem, á excepção de uma, todos os ferros teem sido levados em carros de bois desde o Pezo [1] e Guarda,[2] até aos locaes das obras e em barcos desde Villa Velha de Rodam, pelo Tejo acima, transporte difficil e arriscado sempre, quer pelo grande numero de cachões que se encontram no leito do rio, quer pela impetuosidade da corrente na occasião das cheias.

Quando a altura da agua no rio é escassa, succede que cada barco não póde transportar mais de uma tonellada, quantidade aproximadamente igual á que transportam os carros de bois do Pezo para Castello Branco. Ora, havendo a transportar n'estas circumstancias para cima de 4:000 tonelladas de ferro, segue-se que serão empregados *só n'estes transportes* mais de 4:000 vehiculos! E a tonellagem d'estes transportes é insignificante, comparada com a dos outros materiaes, carris, travessas, cal, cimento, ferramentas, etc., etc., etc.

—

«No fim do mez passado havia executadas as seguintes obras:

Terraplanagens 2.800:000 m. c.

Alvenaria em aqueductos, pontes e pontões, 62:000 m. c.

Alvenaria em muros 89:000 m. l.

Tunneis perfurados 1:380 m. l.

Ferros de pontes montadas, ou nos locaes das obras, 3:400 tonelladas.

Carris transportados 11:300 tonelladas.

Casas de guarda concluidas 20.

Estações em construcção 7.

O caminho de ferro da Beira Baixa tem as seguintes estações: Abrantes (entroncamento com a linha de leste); Alferrarede; Ortiga; Amieira; Belver; Fratel; Villa Velha de Rodam; Sarnadas; Castello Branco; Alcains; Lardosa; Alpedrinha; Valle de Prazeres; Alcaide; Fundão; Tortozendo; Covilhã; Caria; Belmonte; Benespera; Sabugal; Guarda (entroncamento com a linha da Beira Alta) e Gatta (2.º entroncamento com a mesma linha para o serviço internacional). Ao todo 23.

—

«Os tunneis em numero de dez são os seguintes: Meirinho de 120 m., Peral 80 m., Portas de Rodam 96 m., Villa Velha de Rodam 120 m., Tostão 180 m., Travillinha 90 m., Alpedrinha 54 m., Serra da Gardunha 646 m., Valle do Ferro 62 m., Barracão 340 m.[1] A

---

[1] *Peso*,—estação na linha de *leste*, de Lisboa a Madrid por Carceres.

[2] *Guarda*,— estação na linha da Beira Alta.

[1] Este *tunnel* fica tristemente assignalado, porque ali tem havido grandes desordens entre os trabalhadores empregados na construcção, quasi todos hespanhoes, e os habitantes dos povos visinhos. D'essas desordens já resultaram muitos ferimentos e algumas mortes, entre ellas a do proprio administrador do concelho de Castello Branco, que foi apunhalado por dois trabalhadores hespanhoes.

extensão total d'estes subterraneos é de 1:788 m. A' excepção dos dois primeiros e do ultimo todos os mais estão perfurados e em via de conclusão.

—

«Como dissemos ha 64 pontes e viaductos, 3 dos quaes em alvenaria e os restantes metallicos. Passemos a enumeral-os, indicando-lhes os nomes, extensões ou aberturas totaes e os numeros de vãos de que se compõe cada um:

Ponte sobre o Tejo (Abrantes) 426 m. em 9 vãos, sendo 5 de 60 m. dois de 48 e dois de 15; fundações a ar comprimido.

Ponte de Alferrarede, de 20 m.

Idem de Vide, de 10 m.

Idem das Larangeiras de 20 m.

Idem das Figueiras, de 20 m.

Idem de Mendavão, de 10 m.

Idem dos Cordeiros, de 20 m.

Viaducto da Ribeira Fria, de 50 m. em dois vãos.

Ponte da Foz de Eiras, de 20 m.

Idem da Ortiga, de 15 m.

Idem da Ribeira de Eiras, de 80 m. em 3 vãos.

Idem de Arriacha de 20 m.

Viaducto de Cannas, de 78 m. em 3 vãos.

Viaducto da Cova Fundeira, 75 m. em 3 vãos.

Idem de João Azedo, de 30 m.

Idem da Correga do Freixo, de 40 m.

Idem do Meirinho, de 60 m. em 2 vãos.

Idem do Peral, de 130 m. em 3 vãos.

Idem da Foz de Figueira (1.º), de 30 m.

Idem de Caimbas, de 78 m. em 3 vãos.

Ponte da Ocreza, de 104 m. em 3 vãos.

Viaducto no kilometro 43, de 30 m.

Idem da Foz de Cereja, de 65 m. em 3 vãos.

Idem da Barroca do Vau de 30 m.

Idem da Barroca do Alamo, de 40 m.

Idem da Barroca do Braço, de 30 m.

Idem da Foz de Figueira (2.º) de 30 m.

Idem da Foz do Assucar de 40 m.

Idem de Abutreira, de 25 m.

Idem de Giestaes, de 30 m.

Idem da Nave das Oleiras, de 30 m.

Idem do Linhar Alheio, de 30 m.

Idem da Ribeira das Oliveiras de 30 m. em curva.

Idem de Gonçalo Magro, de 65 m. em 3 vãos.

Idem de Gonçalinho, de 30 m.

Idem do Prior, de 30 m.

Idem de Villa Ruiva, de 30 m.

Idem de Nossa Senhora, de 40 m.

Idem de S. Pedro, de 175 m. em 4 vãos: um de 15 m., dois de 50 m. e um de 60 m. A altura maxima d'esta obra é de 69 m., uma das maiores do paiz; os pilares são metallicos.

Idem do Cerejal (1.º), de 30 m.

Idem, idem (2.º), de 30 m.

Idem, idem (3.º), de 104 m. em 3 vãos.

Idem dos Rodeios, de 60 m. em 2 vãos.

Idem dos Enxames, de 40 m.

Idem dos Carneiros, de 40 m.

Idem do Alcaide, de alvenaria em 3 arcos, de 15 m.

Ponte de Alverca, de 10 m.

Idem de Meimôa, de 60 m. (um só vão).

Idem do *Zezere* (1.ª), de 104 m. em 3 vãos.

Viaducto da Carpinteira, de 50 m. em um vão.

Idem de Flandres, curvo, de alvenaria, com 8 arcos, de 10 m. cada um.

Idem do Corgo, de 206 m. em 6 vãos, sendo 2 de 15 m. dois de 40 m. e dois de 48 m.

Ponte do *Zezere* (2.ª)[1] — obliqua 120 m. em tres vãos, sendo um de 45 m. e dois de 37,5.

Idem de Maçainhas, 15 m.

Viaducto de Maçainhas, 130 m. em 3 vãos: dois de 40 m. e um de 50 m.

Idem dos Gogos. Tem uma parte em curva, formada por 3 arcos de alvenaria de 15 m. cada um; a parte restante é metallica e tem 130 m. em tres vãos identicos aos do viaducto de Maçainhas.

Idem do Rebolal, de 26 m. a parte em ta-

---

[1] N'esta data (setembro de 1889) ainda não deram principio ás duas pontes do Zezere.

bolleiro metallico, de cada lado do qual o viaducto é em alvenaria; e tem dois arcos de 10 m. A extensão total d'este viaducto mixto é de cerca de 100 m.

Idem da Tapada, de 30 m.

Idem da Galrita, de 78 m. em 3 vãos.

Idem da Penha da Barroca, de 120 m. em tres vãos, sendo dois de 37,m5 e um de 45 m.

Idem da Silveira, de 30 m.

Ponte do Noemy, de alvenaria, 3 arcos de 12 m.

Idem da Corte Cavallo de 10 m.

Idem do Diz, de 20 m. É a ultima.

A extenção total dos taboleiros metallicos é de 3:538 m. Dá 5:326 m. para a totalidade das grandes obras de arte, ou seja cerca de uma legua em tunneis e viaductos.

—

«O orçamento do governo que serviu de base á adjudicação d'esta via ferrea, eleva-se a mais de sete mil contos. Como se sabe, esta linha é concessão da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e feita por empreitada por um grupo de capitalistas portuguezes, que tem á sua frente o sr. engenheiro Almeida Pinheiro. Pessoal e tarefeiros são nacionaes, na sua quasi totalidade, como foi tambem na construcção do caminho de ferro de Mirandella e está sendo na linha ferrea de Viseu,[1] todas tres da direcção do mesmo engenheiro.»

—

Esta linha da Beira Baixa ainda está muito longe da sua conclusão e com certeza não se abre ao transito antes de 1891.

Tambem já principiou este anno a construcção de uma linha ferrea de Coimbra para Arganil e que deve atravessar a serra da Estrella até á Covilhã, pelas proximidades de Ceia, S Romão, Vallesim, Alvôco da Serra e Unhaes da Serra;— e das proximidades de Ceia deve dar um ramal para Gouveia e Celorico.

A construcção até Arganil corre por conta de uma empresa particular, sem subsidio algum do governo; mas desde Arganil até á Covilhã talvez seja subsidiada, porque é muito mais difficil e de grande alcance para os povos indicados supra, os povos mais industriaes das duas provincias da Beira,—e alguns d'elles nem estradas antigas para carros teem! Todos os transportes são feitos pelos homens e pelas cavalgaduras.

V. *Valezim,* tomo 10.d pag. 156. col. 1.a

Abrahão Ortelio—Portugal—e o Zezere

Entre os atlas que possuimos, o mais antigo é o de Abrahão Ortelio, folio grande e luxuoso, publicado em Antuerpia no anno de 1570. Comprehende 52 mappas de folha inteira, sendo um d'elles dedicado a Portugal e muito lisongeiro para nós,— mappa composto por Fernando Alvaro Seco,—gravado em Roma no anno de 1560 por Achiles Estaço e por este dedicado a Guido Ascanio Sforcia, cardeal romano, o que tudo consta do dicto mappa.

Tem no alto da folha em uma quadrella muito ornamentada a seguinte legenda, ao lado direito do observador:

«Portugalliæ...»

Em vulgar: — «Novissima e exactissima descripção de Portugal, outr'ora Lusitania, por *Fernando Alvaro Secco,*[1]—e na mesma folha tem do lado opposto, em plano inferior, um escudete muito ornamentado tambem, com a seguinte legenda:

«Guidoni Ascanio...»

---

[1] *A linha ferrea de Viseu* é apenas um ramal de Viseu á linha da Beira Alta, a entroncar na estação de *Santa Comba,* — ramal que foi principiado ha annos e ainda não está concluido.

V. *Vias ferreas,* tomo 10.º pag. 477, col. 2.a *in fine.*

[1] Este nome é portuguez, mas não se encontra no diccionario de Innocencio.

Em vulgar: —« Achilles Estacio sauda a Guido Ascanio Sforcia, cardeal camareiro da Santa Egreja Romana.

«Em attenção aos serviços que haveis prestado á minha familia, nós vos dedicamos, Guido Sforcia, a *Lusitania* descripta por Fernando Alvaro. Os filhos d'ella *com vallor e felicidade incriveis* percorreram o mundo inteiro; subjugaram uma grande parte da Africa; foram *os primeiros* que descobriram e occuparam innumeraveis ilhas, de algumas das quaes apenas se sabia o nome e d'outras *nem sequer o nome;* obrigaram a Asia, aquella abençoada região, a ser tributaria d'elles,—e levaram até ás nações mais romotas o culto do verdadeiro Deus e a nossa religião santa.

«Deus seja comvosco. Roma, 18 de maio de 1560.»

Nenhumas das grandes potencias actuaes do mundo tem na historia uma pagina tão brilhante — nem elogio tão pomposo no atlas de Abrahão Ortelio!...

O dicto mappa é colorido e devia ter bastante merecimento *in illo tempore*, pelo que Ortelio o publicou; mas hoje tem apenas algum valor archeologico.

Lá se encontra indicado o rio *Zezere* com duas pontes:—a do *Cabril* — e a de *Valhelhas* ou a *Ponte Nova* de Belmonte, pois não está bem definida. E nas margens do *Zezere* indicou as povoações seguintes:—Manteigas (*Mateigas,*)[1] Verdelhos, Aldeia do Matto (*de maco*), Valhelhas (*Valvelhas*) (?) Belmonte (*Belmote*) Teixoso, Covilhã (*Covilham*) Tortuzendo (*Tortuzede*) Alcaria, Dominguiso (*Domiguelo*), Peso (*Peso d'oquem*), Pesinho (*Peso d'alem*), *As Ruivas* ou *ruinas*, Silvares (*Sylvares*), Ourondo (*Ouredo*), Barroca (*Abaroqua*), Dornellas (*Dornelos*), Carregal (*Carogal*), Porto das Vaccas (*Porto das vaquas*), Esteiros, Janeiro de Cima, Janeiro de Baixo (*de fundo*), Pampilhosa, Pedrogão Grande, Nossa Senhora da Luz, Pedrogão Pequeno, Sernache do Bom jardim (simplesmente *Boiardim*), Figueiró dos Vinhos, Alvaiazere (*Alvaizere*), Arêga (*Adrega*), Beco, Dornes, Villa de Rei, Constança (*Punhete*), Paio Pelle (*Paio de pele,*)[1] Tancos, Almouroi, Atalaia, etc.

Do exposto se vê que as dictas povoações já existiam no meiado do sec. XVI e tinham os mesmos nomes, são porem muito mais antigas.

Nas margens do *Zezere* tiveram demorada residencia os mouros, os godos, os romanos e os antigos lusitanos, pois ali se encontram *castros*, vestigios de grandes povoações extinctas e muitos monumentos megalithicos da *idade da pedra*, como já se disse em varios artigos d'este diccionario e como se lê no *Relatorio* da secção de *Archeologia* da *Expedição scientifica* enviada á serra da Estrella em 1881.[2]—E quantos monumentos archeologicos e prehistoricos não jazem ali completamente ignorados?

—

Seja-nos licito apontar aqui o tunnel do *Furadouro*, que se encontra na freguezia de *Cambas*, concelho de *Oleiros*, na margem direita do *Zezere*. Recorda-nos as galerias mencionadas no artigo *Alvaiazere*, não longe tambem da margem direita do *Zezere*,—bem como as de Traz os Montes, mencionadas no artigo *Pedroso*, aldeia, e *Trez Minas*, —e a dos *Furados*, cujo nome tem muita se-

---

[1] Os nomes das differentes povoações estão em grande parte alterados, por ser a publicação feita em paiz estranho e por ter havido grande mudança no idioma portuguez durante 329 annos.

[1] Situa bem a freguezia de *Paio Pelle*, que não encontro em mappa algum alem d'este, —nem mesmo nos da *commissão geodesica*, pois, como já dissemos supra, hoje denomina se *Praia*.

[2] Ali se apontam vestigios d'uma grande povoação no concelho de Belmonte, margem esquerda do Zezere, e o *castro d'Argemella* no concelho da Covilhã, tambem junto do Zezere, etc. etc.

melhança com *Furadouro!*... V. *Alva*, rio, tomo 1.º pag. 168, col. 2.ª

As *Memorias de Oleiros*, pag. 266, fallando da freguezia de *Cambas*, dizem:

«Alem da egreja parochial, tem esta freguezia as seguintes capellas: de S Sebastião em Cambas, da Senhora da Lapa, na povoação do Rouco, do Senhor do Bomfim na Pizoria, de Nossa Senhora da Conceição nos Caneiros, e de Santa Margarida em Admoço.

«Nos limites d'esta ultima povoação existe uma *maravilha da natureza*, digna de contemplar-se: Alta serra na direcção de sul a norte, em prezença do rio *Zezere* abate-se quasi perpendicularmente, na profundidade de 100 metros aproximadamente, para deixar passar o rio, elevando-se logo na margem direita do mesmo, a cerca de 50 metros d'altura.

«A distancia de 100 passos d'esta margem e no monte, do lado norte, ha uma galeria, ou tunnel *natural* (?) que o atravessa, chamado *Furadouro*, cabendo por elle duas pessoas a par. E d'esta passagem se servem os habitantes d'aquelles sitios, quando o rio vae cheio, não podendo então caminhar pela margem d'elle.»

V. *Cambas* n'este diccionario e no supplemento, onde ampliaremos consideravelmente aquelle artigo.

Ha tambem na villa de *Oleiros*, não longe da margem esquerda do *Zezere*, uma gruta importante, denominada *Cóva da Moura*.

V. *Oleiros*, tomo 6.º pag. 223, col. 1.ª,—e as *Memorias da villa de Oleiros*, pag. 228 a 232.

—

A serra da Estrella—a Expedição scientifica — e os Sanatorios

O *Zezere*, como já dissemos, nasce na serra da Estrella, *propriamente dicta*. Sejanos licito pois dar uma leve noticia d'aquella parte da grande serra e, aproveitando o ensejo, rectificaremos os artigos *Estrella* e *Serra da Estrella* publicados pelo meu antecessor,[1] artigos que teem muitos lapsos, por haver seguido os chorographos e geographos que o precederam e que mal, muito mal, conheciam a grande serra, em quanto que hoje (1889) depois da publicação dos bellos mappas da *commissão geodesica* e dos interessantes *relatorios da expedição scientifica*, bem como do formoso livro *Quatro dias na serra da Estrella*, do sr. Emygdio Navarro, fez-se luz nas trevas e lendas que envolviam aquella região; acabaram as *patranhas* das lagôas, dos cantaros e das cavernas—e a *Estrella* já não intimida ninguem. Pelo contrario, é muito sympathica a todos e todos desejam vel-a; succedem-se umas a outras as caravanas de forasteiros, volvendo extasiados, e ali se encontra já hoje um observatorio meteorologico, uma estação telegrapho-postal, muitas casas para tyzicos, todas habitadas, e outras em construcção, pois, graças aos estudos da expedição scientifica e aos esforços e propaganda do sr. dr. Sousa Martins, é evidente que a serra da Estrella, pela sua elevada altitude e pureza do ar e da agua, rivalisa com as montanhas dos Alpes e da Suissa para o tratamento da tuberculose.

—

A serra da Estrella, dependencia dos Pireneos, é a maior de Portugal e serra-mãe de todas as que avultam nas provincias da Beira, Estremadura, Alemtejo e Algarve.

Ella estende-se com differentes nomes do Tejo até o Mondego e da Guarda até Ancião e Condeixa, comprehendendo muitas povoações, freguezias e concelhos nos districtos da Guarda, Coimbra e Castello Branco; mas a serra da Estrella, *propriamente dicta*,—a parte mais alta, inculta e deserta,—comprehende apenas 30 kilometros d'extensão na linha N.E.—S.O. desde *Fernão Joannes*, concelho e visinhanças da Guarda até *Vallezim*,

---

[1] Nós acceitámos a continuação d'este diccionario, quando já ia a meio do art. *Vianna do Castello*.
Suum cuique.

entrre Alvôco da Serra e Loriga, concelho de Ceia;—e de largura minima tem apenas 15 kilometros na linha norte-sul, de Gouveiaa a Manteigas.

—

AA isto se reduz a Estrella, *propriamente dictta*, o espaço de que no momento nos ocpamos e que nós em grande parte conhecemoss *de visu*, pois já percorremos todo o anteemural da montanha desde Ceia até Manteigas por Gouveia, S. Paio, Mello, Folgosinho, Linhares, Carrapichana, Celorico da Beira, Porto da Carne, Guarda, Vella, Gaia e Vallelhas.

O que não visitámos ainda é o ante-mural sul em fórma de meia lua, desde Ceia até Belmonte por S. Romão, Villa Cova, Vallezim, Loriga, Alvôco da Serra, Unhaes da Serra, Covilhã e Teixoso, povos aliás importantes, muito industriaes e *muito antigos*, todos cheios de *castros* e outras muitas velhatrias historicas e *prehistoricas*. E o percurso não é facil, porque a dicta meia lua tem mais de 50 kilometros d'extensão e desde Ceia até a Covilhã o terreno é muito escabroso,—*uma cordilheira medonha*,— sem um palmo d'estrada a macadam nem estrada seguida para carros de bois?!...

—

Tambem já estivemos *oito dias* no centro da grande serra, em 1881, com a expedição scientifica,—não como vogal d'ella, mas como representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez*, um dos primeiros jornaes do Porto, para o qual enviámos do acampamento da expedição uma serie de longas cartas, que podem ver-se na collecção do dicto jornal relativa ao mez de agosto d'aquelle anno, e outras enviadas de Gouveia, onde nos demorámos até o fim do dicto mez, porque temos ali muitas relações e ali temos passado bello tempo muitas vezes.

Nós entrámos na serra por Manteigas com a expedição no dia 4 de agosto de 1881.[1]

No dia 12 deixámos o acampamento e fomos pela pequena povoação e freguezia do *Sabugueiro*, que demora dentro da montanha, mettida em uma cova na margem direita do Alva, até á villa de Ceia, acompanhados pelo nosso bom amigo Lopes Mendes, auctor da *India Portugueza*, e pelos srs. Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco, José Anastacio Monteiro e Hermenegildo Capello, todos 4 *vogaes*,[1]—o qual necessitou de regressar a Lisboa para rever as provas do formoso livro *De Benguella ás terras de Iaca*, interessantissima historia da viagem d'exploração que recentemente havia feito com R. Ivens ao interior das nossas possessões africanas.

—

De Ceia fui para a casa do meu ex-condiscipulo e bom amigo dr. Julio Cesar d'Almeida Rainha, de Gouveia, a casa mais opu-

---

[1] Haviamos partido do Porto, nossa residencia desde 1864 (V. *Corvaceira* e *Miragaya*) no dia 2 d'agosto; seguimos pela linha ferrea do Douro no comboyo da manhã até á estação da Regoa; d'ali fomos na diligencia até Celorico da Beira, onde nos apeámos no dia 3 de manhã; fretámos logo um carro e pouco depois do meio dia estavamos na Guarda, onde nos unimos á expedição. Esta havia partido de Lisboa tambem no dia 2 do dicto mez; seguiu pela linha ferrea do norte até o entroncamento da Pampilhosa e depois pela linha da Beira Alta até á estação de Celorico—*por concessão especial*,—pois a menciodada linha ainda estava em construcção e só se abriu ao transito em 1882.

No dia 4, á 1 hora da manhã, partiu da Guarda a expedição e nós com ella, em carros até á povoação de *Gaya*, pois ao tempo não passava d'ali a construcção da nova estrada a macadam da Guarda para a Covilhã, pelo que fomos todos em sella desde Gaya até o acampamento por Manteigas, onde almoçámos esplendidamente e descançámos até ás 6 horas da tarde, como já dissemos no principio d'este artigo.

Chegou a expedição ao acampamento ás 10 horas da noite do mesmo dia 4, sendo recebida com foguetes, talvez os primeiros que até então haviam illuminado os *cantaros* e a *Estrella* e perturbado o silencio da noite n'aquella região das neves.

[1] Logo indicaremos todo o pessoal d'ella.

lenta d'aquella formosa villa e de *todo o districto da Guarda.*[1] Assisti á grande festa, feira e romagem do *Senhor do Calvario*, que ali se faz no 3.º domingo d'agosto—e que é a festividade mais pomposa da provincia da Beira Baixa.

De Gouveia fui para Trancoso para ver, como vi, a feira franca de *S. Bartholomeu*, que ainda hoje é uma das maiores da provincia.

De Trancoso fui para a casa do meu excondiscipulo e bom amigo desde 1846, (?)—Dionisio Ignacio de Sampaio e Mello,—que mora na freguezia da Cogulla, a pequena distancia de Trancoso. Visitei as villas de Foscôa, Longroiva, Meda e Marialva; — da Cogulla fui para Lamego, onde nos dias 7 e 8 de setembro assisti á grande festa, feira e romagem da *Senhora dos Remedios*, cujo santuario é hoje o mais notavel da provincia da Beira Alta e talvez o primeiro do nosso paiz, depois do santuario do *Bom Jesus do Monte*;—e por ultimo de Lamego regressei ao Porto com vivas saudades de tão longo e variado passeio.[2]

Rectificações aos artigos
Estrella e serra da Estrella

O ponto culminante da grande serra não é o *Cantaro Magro*, mas o *Malhão da Estrella*, tambem denominado *Torre* (pyramide) da *Estrella*, porque *ali*, não no *Cantaro Magro*, se vê ainda hoje uma pyramide geodesica de 11 metros d'altura, mandada fazer em 1802 por D. João VI, então principe regente, para base da triangulação do nosso paiz, como prova a inscripção citada pelo meu benemerito antecessor e que lá se vê ainda, sendo a pyramide feita de cantaria de granito sem argamassa.

O dicto *Malhão* ou planalto da *Estrella* tem a cota de 1:991 metros sobre o nivel do mar,—e o topo da pyramide tem a cota de 1:202 metros.

O *Cantaro Magro* demora aproximadamente a distancia de 1500 metros da *Torre da Estrella* para N.E. e tem a cota de 1926 metros d'altitude. No alto d'elle esteve tambem uma pyramide geodesica, redonda, caiada e muito mais pequena do que a *Torre da Estrella*. Foi feita depois do meiado d'este seculo pelos nossos engenheiros, quando por ali andaram levantando a planta da serra e procedendo aos trabalhos geodesicos, mas d'ella hoje apenas se vê a base, porque foi derrubada pelos pastores ou por alguma faisca electrica.

—

O dicto *Cantaro* é effectivamente uma especie de pyramide colossal e redonda no topo, ou no gargalo, e na parte exterior que olha para N.E. ou para o *Cantaro Gordo* e *Nave da Candieira*; não é porem formado *de rochedos, collocados uns sobre outros*, mas por um rochedo maciço, enorme, compacto que, visto—não de frente, mas de perfil, da base do *Cantaro Raso* ou da *Risca do Covão do Boi*, como nós o vimos, tem a fórma de um cantaro da Beira, com barriga e gargalo,—e na face exterior da grande barriga tem uma especie de *carranca* enorme, bem pronunciada, olhando para o *Cantaro Gordo* e para a *Nave da Candieira*, o que tudo nós apontámos e indicámos aos vogaes da *Expedição*, que nos acompanhavam, e todos foram acordes.

«Não é accessivel por parte nenhuma e tem muitas cavernas»—disse o meu benemerito antecessor, fiado nos que o precederam; mas isto é menos exacto.

---

[1] Vale hoje mais de *seiscentos contos de réis!*...

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

[2] O viajar e passeiar foi sempre a nossa paixão dominante e, apesar de serem limitadas as nossas rendas, já cruzámos em todas as direcções o nosso paiz e visitámos todas as nossas cidades, exceptuando unicamente duas:—*Castello Branco* e *Covilhã*.

Tambem já transposemos a fronteira e pisámos terreno hespanhol muitas vezes—e em 1880 fomos até Paris.

Se tivessemos as rendas que os abbades de Lobrigos tiveram outr'ora, iriamos *muito mais longe!*...

V. *Lobrigos*, tomo 3.º pag. 432, col. 2.ª

Neenhum dos *Cantaros* tem cavernas e todos são accessiveis.

O *Cantaro Raso* é um penhasco enorme, aprumado sobre a *Rua das Roseiras*, bem como o *Cantaro Magro*, seu visinho e distante aproximadamente 100 metros para N.O., olhando tambem para o *Cantaro Gordo* e *Nave da Candieira*. D'este lado é realmente inaccessivel, mas termina em um *plató* ou grande mesa, francamente accessivel do lado superior, opposto á rua das *Roseiras*, ou lado O., pelo *Covão do Boi*, que demora na rectaguarda d'elle. Este *covão* é um dos mais interessantes e mais notaveis da serra, como logo provaremos, e d'elle parte um caminho (carreiro de cabras diabolicos!) denominado *Risca do Covão do Boi*, que vae encostado ao *Cantaro Raso* e é a unica passagem d'este *Cantaro* e do *Cantaro Magro*, seu visinho, para a *Rua das Roseiras*, valle profundo, que separa estes dois *Cantaros* do *Cantaro Gordo*, que se ergue na outra margem (esquerda ou N.E.) do dicto valle, ravina medonha!...

—

O *Cantaro Magro* é accessivel, embora com difficuldade, por um carreiro que, partindo da rua dos *Mercadores*, a S. ou do lado do *Cantaro Raso*, o contorna pelo alto da grande barriga; passa a prumo sobre a *Calçada do Inferno* e rua das *Roseiras*,[1] e vae subindo em espiral até o cume ou mesa superior do gargalo, onde esteve a pyramide geodesica, mencionada supra.

O dicto carreiro é medonho, mas por elle subiram differentes vogaes da *Expedição*, quando nós por ali andámos com elles, no dia 5 d'agosto de 1881, se bem nos recordamos,—e pelo mesmo carreiro muito antes haviam subido os engenheiros e operarios que fizeram a pyramide, retocando-o e concentando-o por essa occasião.

[1] Veja-se o topico infra—*Sitios mais notaveis da serra.*

O *Cantaro Gordo*, é uma especie de promontorio, muito estreito, muito escarpado e muito alto,[1] que termina em linha horisontal; prolonga-se de N.O. a S.E.—e divide o *valle dos Cantaros*, ou *rua da Roseira*, do valle ou *Nave da Candieira*, sendo medonha, altissima e com pendor abrupto a cabeça que olha para a juncção dos dois profundos valles.

É accessivel do lado N. O. por uma vereda informe ou *risca*, aberta em rocha nua e que passa a montante e a prumo sobre a *lagoa dos Cantaros* ou da *Salgadeira*, assim denominada, porque as ovelhas que ali passam por vezes se despenham e vão cair e morrer na dicta lagôa.

E' pois muito difficil e muito perigoso o accesso por este lado—e mais difficil e mais perigoso ainda pelo lado opposto,—a pendente S. E.; cabe-nos porem a *gloria* de termos subido *sem guias* a este medonho Cantaro pela pendente S. E. na memoravel *noite* de 10 d'agosto de 1881, chegando ao altissimo e estreito cume em forma de gume, *ás 11 horas da noite*, com os nossos bons amigos e vogaes da Expedição—Antonio Lopes Mendes e Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco; mas não nos foi possivel descer e ali ficámos prisioneiros, conversando com as estrellas da *Estrella*; até que os outros vogaes da *Expedição* foram com 2 guias salvar-nos.

Descemos pelo lado opposto (N.O.) a prumo sobre a dicta lagôa da *Salgadeira*, *á meia noite* do mencionado dia, como logo mais detalhadamente contaremos *ad perpetuam rei memoriam.*

—

No art. *Estrella* disse tambem o meu antecessor:

«O *Cantaro Gordo* é uma montanha de

[1] Não tem cota nos mappas geodesicos, mas a sua altitude deve ser aproximadamente a do *Cantaro Magro*—1926 metros.

rochedos cortados perpendicularmente pelo lado N., mas pelo S. se estende pelo cume da serra. Apesar da permanente camada de neve que o cobre, tornando perigoso o seu ingresso, alguns curiosos atrevidos aqui teem subido pelo S. para admirarem a medonha profundidade do corte do norte.»

Confundiu o *Cantaro Gordo* com o *Cantaro Magro.*

Não consta que forasteiro algum subisse ao Cantaro Gordo antes de nós.—*nem mesmo de dia*—e menos ainda de *noite*, como nós subimos e descemos.

Este *Cantaro* e os outros dois, bem como toda a região dos *Cantaros*, da *Torre* e das *Lagôas*, estão grande parte do anno cobertos de neve, mas não *permanentemente.* Em agosto de 1881, por exemplo, não havia neve alguma em toda a grande serra.

—

O meu antecessor, *loc. cit.* diz tambem:— «O alto da serra é arido, pedregoso e desabrido, e apenas onde ha terra vegetal se vê alguma planta rasteira e poucos e enfesados carvalhos...»

Outr'ora e ainda nos principios d'este seculo grande parte da serra da *Estrella*, propriamente dicta, foi arborisada. Ainda vive em Gouveia uma senhora — D. Clara Rita d'Almeida Rainha,[1] mãe do nosso bom amigo dr. Julio Rainha, mencionado supra,—a qual nos disse que, por occasião da guerra peninsular, ella com a sua familia e outras pessoas e familias de Gouveia fugiram para dentro da serra (imitaram os antigos lusitanos!...) e que ali estiveram alguns dias em uma *grande matta de carvalhos*; mas hoje a serra da Estrella *propriamente dicta*, a cavalleiro das muitas povoações que a bordam, *está completamente nua.* Apenas se vêem alguns troncos dos antigos carvalhos dentro da serra junto de *Videmonte*, concelho da Guarda, no caminho (?) da Guarda por Videmonte para Linhares, Folgosinho e Manteigas. Denominam-se *Os sete carvalhos juntos* e respeitam-nos como balisas para orientação dos viandantes no tempo das neves, como já dissemos no art. *Vide Monte*, vol. 10.º pag. 655, col. 1.ª

Supprem os marcos ou monticulos de pedras soltas, que os pastores erguem ao longo da serra no verão, para se orientarem no inverno.

A desnudação da serra é tal que, mesmo nas grandes povoações que a bordam, como em Gouveia e outras, o combustivel é caro e, se os habitantes ricos semeiam pinheiraes nas abas da serra, o povo insurge-se e destroe-os, como já succedeu em Gouveia; as coisas porem felizmente vão mudar, porque o nosso governo em 1887 reorganisou os serviços florestaes e mandou arborisar todas as nossas estradas a macadam, as dunas do littoral e as serras da *Estrella* e do *Gerez.* N'ellas está fazendo grandes plantações e sementeiras d'arvores apropriadas ao chão e ao clima.[1]

—

No alto da serra da *Estrella*, ou na região dos *Cantaros*, da *Torre* e das *Lagôas*, não vimos um carvalho ou outra qualquer arvore, exceptuando unicamente algumas *betulas* rarissimas, no valle da *Candieira.* O que por ali abunda é o zimbro ou *junipero*, enfesado e collado aos penedos, revestindo-os, ou em grupos isolados e arredondados, semelhando alecrim do norte aparado com thesoura. Tem folhas asperas e agudas que picam, e produz baga, de que se faz genebra. A haste é dura e muito angulosa; não alteia nem forma vergonteas lisas; é toda em zigzagues e angulos rectos e agudos. Não nos foi possivel encontrar uma haste de metro lisa, que servisse para bengala.

O zimbro encontra-se em toda a serra,

---

[1] Conta cerca de 100 annos.

[1] Este e outros grandes melhoramentos do nosso paiz devem se á fecunda iniciativa do sr. Emygdio Navarro, ministro das obras publicas. Logo fallaremos de s. ex.ª, porque tem o seu nome vinculado á serra da *Estrella*

mesmo no alto dos Cantaros, excepto no *Malhão da Estrella* ou no *plató da Torre*. Por ser o ponto mais alto e culminante da serra, desabrigado de todos os quadrantes, ali não ha vegetação alguma, nem sequer o *nardo* ou *gervum*, relva mimosissima e lindissima, que parece a relva dos nossos jardins. No verão cobre toda a serra e dá magnifica pastagem para o gado, pelo que os pastores das diversas freguezias e dos concelhos das abas da serra ali por vezes travam grandes desordens por causa dos pastos. Tem havido até por causa d'elles grandes demandas, uma das quaes, entre os concelhos de Gouveia e Manteigas, depois de grandes bulhas e muita pancadaria, terminou d'um modo curioso:—A camara de Manteigas foi obrigada por sentença a ir todos os annos *incorporada*, depois de soar a meia noite da vespera de S. João, colher um *copo d'agua* na fonte de S. Pedro d'aquella villa e a mandal-o com 240 réis por um pastor á camara da villa de Gouveia, distante bons 15 kilometros na outra pendente da serra,—devendo ali ser tudo entregue *antes de nascer o sol*?!...

—

A curiosa sentença foi dada ha seculos e ainda hoje se cumpre.

Isto é um facto que eu proprio verifiquei na villa de Manteigas, quando ali estive e visitei a tal fonte de *S. Pedro*, — e na villa de Gouveia, onde tenho estado muitas vezes e folheado o seu archivo todo.[1] O que eu não acredito é que a camara de Gouveia jamais recebesse agua da tal fonte de *S. Pedro de Manteigas*, porque o pastor, atravessando *só e de noite* 15 kilometros de serra, toda cheia d'agua perfeitamente igual (atravessa inclusivamente o Mondego)—por certo que leva o copo vasio e, para satisfazer ao mandato, enche-o na fonte mais proxima de Gouveia,—villa muito abundante d'excellente agua potavel e de rega.

Mais ainda: — Em virtude de novas demarcações e novas partilhas dos montados, feitas em 1848 com assistencia das duas camaras e do governador civil da Guarda, a camara de Manteigas paga desde então 1$200 réis todos os annos tambem á camara de Gouveia.

De passagem diremos que hoje a villa de Manteigas cria mais gado do que a *villa* de Gouveia, porque hoje esta villa é, depois da Covilhã, Porto e Lisboa, a povoação mais industrial do nosso paiz.[1] Tem a villa e o concelho 28 fabricas de lanificios?!... Alem d'isso o concelho de Gouveia é muito mais populoso, mais vasto, mais plano e mais fertil do que o de Manteigas e tambem cria *muito gado*.

O concelho de Gouveia tem 23 freguezias com 5500 fogos e cerca de 24:000 habitantes. Só a villa tem hoje mais de 700 fogos e de 3:000 almas,—em quanto que o concelho de Manteigas comprehende apenas 3 freguezias, que pelo ultimo recenseamento contavam 784 fogos e 3:325 habitantes: — nas duas parochias da villa 688 fogos e 2:953 habitantes—e na pequena freguezia do Sameiro 96 fogos e 372 habitantes. E a população não será hoje muito maior, porque o ultimo recenseamento foi feito em 1878 e depois d'elle (nos annos de 1881, 1882 e 1883) uma medonha epidemia de typhos matou na villa cerca de 200 pessoas! Só adultos 157.[2]

---

[1] D'elle extrahi parte do que se lê no art. *Valllezim* e nos folhetins que publiquei no *Commercio Portuguez* com relação a Gouveia,—folhetins que aproveitarei no supplemento a este diccionario, se elle estiver ainda então a nosso cargo.

[1] V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

[2] Matou tambem alguns facultativos, pelo que nenhum queria abeirar-se d'aquelle medonho fóco d'infecção. Em tão negra conjunctura immortalisou-se o dr. Francisco Maria da Cruz Sobral e Vasconcellos, então cirurgião militar na Guarda, filho do general de divisão Francisco Maria Melquiades da Cruz Sobral, de quem já se fallou no art. *Vianna do Castello*, tomo 10.º pag. 410 e segg.

A villa de Manteigas tambem tem no *Zezere* 8 fabricas de lanificios: — 1 (é a mais importante) de Joaquim Pereira de Mattos e Cunha; 2 de Manoel Pereira de Mattos; 1 de João Abrantes Martins da Cunha e socios; 1 de Manoel Francisco Serra e socios; 1 de José Duarte Quaresma; 1 de Antonio Martins Botelho—e 1 de Antonio Craveiro Rabaça e socios.

Tem mais 13 moinhos e algumas *moinhelas* (?) 7 pisões no *Zezere* e 4 no ribeiro das *Fornéas*, que morre no *Zezere* ou antes no ribeiro das *Carvalheiras*, a jusante da villa e da capella de *Santo Antonio*, que demora na margem direita do *Zezere*, junto da *Ponte Longa*, assim denominada por antiphrase, pois, como já dissemos, é uma ponte de pau, a mais insignificante do *Zezere*.

As lagôas

«No alto da serra e *perto* da villa de Manteigas—disse tambem o meu antecessor no citado art. *Estrella*—ha *um plató com dois lagos*, um de 1 kilometro de circumferencia e chamado *Lagôa Escura* (diz-se que se lhe não acha fundo) e outro mais pequeno chamado *Lagoa Comprida*.

«Tem mais as lagoas *Sêcca* e *Redonda*. A lagoa *Sêcca* é assim chamada, porque, tendo pouca profundidade, sécca de verão, pastando o gado no seu leito. Da *Redonda* nasce o rio Alva. Tem esta lagôa 616 metros de circumferencia e 5 *de profundidade*.

«A *Escura* tem as bordas formadas de rochedos altos e denegridos: o excedente d'esta lagôa corre para a lagôa *Comprida* e dá tambem forte manancial ao Alva.

«Tambem ha n'esta serra as lagôas de Manteigas, que ficam *proximo da villa d'este nome*. São ellas que dão origem ao Zezere.

«A terra que rodeia estes lagos sente-se tremer, quando se anda sobre ella. É denegrida e arida: apenas aqui se vêem *dois robustos carvalhos e nada mais de vegetação*.

«Suas aguas *sobem e descem*, sem se poder atinar com a causa d'este phenomeno.

«Não ha n'elles *cousa viva*.

«Quando *embravecem* (sem tambem se saber porquê) seu *horroroso estampido* adverte os pastores de *tempestade proxima*.

«O cume d'esta serra está *constantemente coberto de neve*.»

—

Effectivamente ha na serra da Estrella 6 lagôas divididas em 3 grupos. O 1.º (a partir da *Torre da Estrella*) comprehende a lagôa dos *Cantaros*, ou da *Salgadeira*, e a do *Paxão*; — o 2.º comprehende as lagôas *Escura* e *Comprida*;—o 3.º as lagôas *Redonda* e *Secca*.

A lagôa da *Salgadeira* demora na raiz do *Cantaro Gordo*, lado N., e dista da *Torre* cerca de 2 kilometros para E.N.E.

A lagôa do *Paxão* demora no alto da *Nave da Candieira* (margem direita) junto do *Poio do Passarão*, a jusante d'elle e do *Chafariz d'El-Rei*, cujas aguas recebe,—e dista da *Torre* cerca de 3 kil. para N.N.E.

A agua d'estas duas lagôas corre pela *Nave da Candieira* para o Zezere.

A lagôa *Escura* demora em uma caldeira d'aspero e medonho fragoêdo; é mais redonda do que a lagoa denominada *Redonda* —e dista da *Torre* cerca de 5 kil. para N.N.O.

A lagôa *Comprida* demora a jusante da lagôa *Escura*, cujas aguas recebe;—distará d'ella 1 kilometro para N.O.—e da *Torre* 6 kil. para N.N.O.

A lagôa *Redonda* demora junto do *Covão do Urso*, na margem esquerda da ribeira do Sabugueiro, confluente e uma das nascentes do Alva,—e dista da Torre cerca de 8 kil. para N.N.O.

A lagôa *Sêcca* demora em um planalto de 1642 metros d'altitude, 2 kil. a O. da lagôa

---

O benemerito e arrojado mancebo—com risco da propria vida — foi muito generosa e espontaneamente tractar os doentes todos até findar a epidemia, pelo que o nosso governo o condecorou e, fallecendo alguns annos depois na Guarda, os seus amigos e admiradores lhe erigiram um mausoleu monumental.

Redonda, 3 a N.N.E. da lagôa *Comprida* e 8 a N. da Torre.

—

Todas estas lagôas demoram no termo do concelho de Manteigas, mas distam bastante da villa.—A *Redonda* 7 kilometros, a *Secca* 8, a *Comprida* e a *Escura* 10, todas para S.O.;—a do *Paxão* 8 e a da *Salgadeira* 10 para a S.S.O.; note-se porém que todas estas distancias são computadas *em recta* sobre os mappas da commissão geodesica. — O percurso real póde computar-se *no dobro*, attendendo á sinuosidade e escabrosidade da montanha e nomeadamente ás grandes voltas que dá o caminho por onde se sobe da villa de Manteigas para a serra — e do planalto da serra para as lagôas dos *Cantaros*, que dão origem ao Zezere, pelo que estas duas lagôas, longe de serem as *mais proximas* da villa de Manteigas, como disse o meu benemerito antecessor, são as *mais distantes*.

As mais proximas d'aquella villa são as do 3.º grupo:—lagôa *Redonda* e lagôa *Secca* —e tanto estas, como as do 2.º grupo:—lagôa *Escura* e lagôa *Comprida*, todas 4 desaguam no *Alva*.

A lagôa *Secca* effectivamente sécca no verão e fica transformada em uma patameira, como nós a vimos, quando em agosto de 1881 ali passámos e n'ella passeiámos, indo do acampamento da Expedição para Ceia pelo *Sabugueiro*, povoação que demora na margem direita do *Alva* e dista da mencionada lagôa pouco mais de 3 kilometros em recta para N. [1]

—

Todas as outras lagôas tendem a *soriar-se* ou *assoriar-se*,[2] principalmente a *Comprida* e a do *Paxão*, e por certo já estariam *sêccas*, tambem, se fosse movida e agricultada a superficie da serra. Suppõe-se até que alguns *covões* da Estrella foram antigamente *lagôas*; mas na actualidade todas, mesmo na estiagem, exceptuando a lagôa *Sêcca*, ainda são bastante fundas.

Se bem me recordo, as sondagens feitas pela *Expedição* encontraram na lagôa *Comprida* 13 metros de profundidade—e na *Escura* 17.

Nós assistimos ás sondagens d'estas duas lagoas e atravessámos a *Comprida* em um dos barcos de lôna, que a *Expedição* levou de Lisboa para aquelle fim.

Na opinião do sr. Emygdio Navarro, segundo se lê no seu formoso livro—*Quatro dias na serra da Estrella*,—a lagôa do *Paxão* é a mais imponente e mais interessante, mas nós visitámol-a detidamente duas vezes; passeámos em volta d'ella; estivemos no *curuto* (?) do grande penhasco—*Poio do Passarão*, que domina perfeitamente não só a dicta lagôa, mas toda a *Nave da Candieira* e grande parte da região dos *Cantaros*, etc. e damos preferencia á lagôa *Escura* na *estiagem*, pois é muito maior e realmente de aspecto sombrio, *escuro*, por estar em uma grande caldeira com altos bordos de fragoedo nú, e por ser de todas as lagôas a que tem mais profundidade talvez.

—

No inverno a maior e mais imponente é sem contestação a lagôa *Comprida*, pois quando trasborda com o desgelo e chuvas deve ter 1:500 metros de comprimento e 200 a 300 metros de largura em alguns pontos,[1] mas, como está em sitio fundo e recebe detrictos das encostas superiores, tem *soriado* — e no verão, como nós vimos, grande parte do seu leito fica enxuto, formando um

---

[1] A dicta povoação está dentro da serra, mas em sitio fundo e muito quente no verão, e não é porem tão fundo, tão quente, tão abafado, tão mimoso e tão fertil como o chão da villa de Manteigas.

[2] O termo é usado e proprio, mas não se encontra nos diccionarios.

[1] A lagôa *Escura* deve ter aproximadamente 100 metros de diametro — e de circumferencia 300, pois é quasi redonda. A lagôa do *Paxão* é muito mais pequena.

arrelvado mimosissimo de *gervum* e outras plantas aquaticas, que dão magnifica pastagem para o gado. Ainda assim a fita d'agua que serpeia d'um modo caprichoso atravez do grande estendal de *gervum*, terá 1 kilometro de comprimento e em alguns sitios 40 a 50 metros de largura, mas em outros apenas terá de largura 8 a 10 metros e, passados alguns annos, esses pontaes tocar-se-hão,—a lagôa ficará muito reduzida — e por ultimo transformada em um grande *covão* ou *nave*, como os outros *covões* da Estrella, *hoje* completamente rasos, seccos, enxutos.

—

A agua de todas as lagôas, inclusivamente a da lagôa *Escura*, é como a de toda a serra,—limpida e transparente. Parece agua distillada. É saborosa, muito fresca e potavel, mas, como em rasão da altitude não tem os saes proprios da agua commum, sacia momentaneamente a sêde, como o gelo, passados porem alguns instantes, apenas o corpo volve ao seu estado normal de calor, volve tambem a sêde.

Bebe-se com muito prazer e ainda hoje temos saudades d'ella, mas produz o effeito de um laxante, como nos succedeu e a todos os expedicionarios, em quanto estivemos na serra; terminou porem o ligeiro incommodo apenas nos afastámos.

Nenhuma das lagôas na estiagem trasborda. Pelo contrario o seu volume d'agua diminue, pois não teem nascentes proprias que compensem o dispendio da evaporação. Na lagôa *Escura*, por exemplo, quando ali estivemos em agosto de 1881, notava-se na superficie um rebaixamento de cerca de 1 metro—e a agua estava tepida, como temperada para banho, pelo que n'ella se banharam e nadaram alguns dos expedicionarios e um d'elles — o sr. Alberto Julio de Brito e Cunha, tenente de artilheria,—n'ella ia morrendo afogado!...

As coisas passaram-se assim:

—

Constando que os expedicionarios se abeiravam das lagôas sem susto, despresando as medonhas lendas que as cercavam,[1] no dia destinado para a sondagem affluiram muitas pessoas dos povos circumvisinhos e entre ellas 5 valentes moços de Manteigas que, apenas viram na lagôa *Escura* os expedicionarios rindo e folgando e um barco de lona boiando, encheram-se de coragem,—despiram-se e atravessaram a lagôa nadando, sendo ruidosamente acclamados e victoriados.

Os moços ficaram contentissimos, como se houvessem atravessado os Dardanellos, a Mancha ou o Mediterraneo e, apenas respiraram e se viram a salvo em terra com assombro d'elles proprios e dos montanhezes todos,—cobraram novo animo,—lançaram-se outra vez á agua—e repetiram a travessia.

O tenente Brito e Cunha, estando cheio de calor e vendo a agua tão tepida, tão limpida e tão serena, despiu-se, — foi banhar-se,[2] e como soubesse nadar, tentou atravessar tambem a lagôa, o que julgou muito facil, porque ella, como já dissemos, apenas terá de diametro 100 metros; sendo porem muito franzino e a agua completamente estagnada e *morta*, muito mais difficil de cortar e atravessar do que a dos rios, a certa distancia faltaram-lhe as forças e, vendo-se só, —succumbiu! Todos os que estavam em volta tractaram de o animar; elle perguntou se já iria a meio da lagôa; disseram-lhe que não; mais esmoreceu e retrocedeu.

Era já muito visivel o cançaço e todos receiavam por elle. Atiraram-lhe boias de

---

[1] Desde tempos muito remotos vogava na serra e *fóra da serra* a convicção de que as lagôas tinham grandes sorvedouros e communicação com o mar,—que se embraveciam quando o mar se embravecia tambem,—que n'ellas se havia encontrado fragmentos e mastros de navios, etc., etc. pelo que ninguem se atrevia a banhar-se e nadar nas pacificas lagôas.

Veja-se o art. *Estrella* e os *Relatorios* da *Expedição*, nomeadamente o da secção *Ethnographica*.

[2] Elle tambem já na vespera havia tomado banho na lagôa do *Paxão*.

salvação, mas ficaram distantes e o moço estava prestes a sumir-se na voragem,[1] quando um dos intrepidos nadadores, que haviam feito a travessia, atirou comsigo á agua rapidamente, mesmo vestido como estava,—lançou-lhe a mão e salvou-o!

Deve pois a vida ao intrepido e valente filho de Manteigas,—*Carlos Baptista Leitão.*

O sr. Emygdio Navarro (desculpe s. ex.ª) foi menos justo para com os ditos moços de Manteigas, pois no seu formoso livro, pag. 110, contou o facto do modo seguinte:

«Cinco ou seis dos membros da Expedição saltaram dentro da lagôa, esbracejando n'ella a nado, como no mais pacifico tanque. Alguns serranos mais ousados, querendo pimponear em coragem, imitaram o exemplo. Mas—ó força da supersticiosa lenda!—algumas braças nadadas, um d'esses valentes desatou a berrar desentoadamente, pedindo soccorro, e foi empurrado para fóra, pallido como um defunto. O pobre homem jurava por todos os santos e santas da côrte do ceu, que a meio da lagôa um dos taes monstros mysteriosos lhe puxára por uma perna para o arrastar comsigo, custando-lhe a ver-se livre d'elle!...»

O sr. Emygdio Navarro propoz-se escrever e escreveu folhetins, não historia, e por isso de quando em quando phantasiou.

Os moços de Manteigas atravessaram 2 vezes a *lagoa Escura*—rindo e folgando—e *nenhum* vogal da *Expedição* os imitou e a atravessou a nadar. Apenas tentou a travessia o tenente Cunha, mas não chegou ao meio da lagôa e, se o tal moço de Manteigas lhe não acudisse—*lá ficava!*...

—

Em volta d'esta lagoa e de todas as outras apenas se vê o zimbro e o *nardo* ou *gervum*, e nas margens da lagôa *Comprida* algumas plantas aquaticas. Não ha vestigios nem memoria dos 2 *robustos carvalhos* mencionados pelo meu antecessor,—nem de arvore de especie alguma na região das lagôas e dos Cantaros, alem d'algumas *betulas* ao fundo da nave da *Candieira.*

Tambem na região dos *Cantaros* e das *lagôas* não ha vestigios de cultura alguma. Apenas vimos a jusante semear centeio na 1.ª quinzena d'agosto em algumas quebradas da serra, e isto em cultura alternada, pois em outros pontos ainda estavam a segar e colher o pão semeado no anno antecedente.

Não ha tambem na serra da Estrella *propriamente dicta* vestigios de casas ou habitações, nem de occupação, embora muito remota,—nem de grutas ou cavernas. Apenas de longe em longe se vêem algumas choupanas microscopicas de pedras soltas, feitas pelos pastores, para se abrigarem do sol no verão—e alguns pequenos pilares de pedras soltas tambem, ao longo das veredas da serra, para se orientarem os viandantes, quando a neve os surprehende.

Ha tambem na serra de longe em longe *arcas de pão.* Assim se denominam certas cavidades ou fendas que ha nas rochas, onde os pastores guardam o pão para elles e para os seus criados e cães, tapando as dictas fendas com pedras.

Nas lagôas não ha *coisa viva,*—diz o meu antecessor no art. *Estrella,*—e em parte assim é, não por ser mortifera a agua das lagôas, mas por estarem grande parte do anno cobertas de gelo; comtudo nós vimos saltar pequenas cobras para as lagôas *Escura* e do *Paxão.*

Tambem vimos na parte mais alta da serra, mesmo na região dos *Cantaros e das lagôas*, muitas perdizes, aguias e andorinhas, —as perdizes nas quebradas — e as andorinhas e aguias revoando, principalmente no *Cantaro Magro.* Ainda conservamos algumas pennas d'aguias, que d'ali trouxemos.

Tambem conservamos o chocalho de uma ovelha que os lobos haviam devorado na noite antecedente do dia em que nós o encontrámos, ainda com restos da pelle do pescoço da pobre ovelha, indo nós da lagôa

---

[1] O pendor abrupto das margens da lagôa vae até o fundo d'ella e não tem baixios.

do Paxão para o acampamento com o nosso bom amigo Lopes Mendes.

O sr. *Emygdio Navarro*, no seu formoso livro citado supra, diz que na serra da Estrella já não ha lobos.

Isto é menos exacto,—desculpe s. ex.ª—pois o dicto chocalho é prova affirmativa.

Nós não os lobrigámos nem a Expedição pôde obter algum, mas os pastores eram unanimes em affirmar que na serra havia lobos—e que todos os dias registravam a falta de ovelhas devoradas por elles.

De dia estão escondidos nas fendas dos penhascos:—de noite saem dos dictos recessos e vão bater monte em cata de presas. Dão-se por satisfeitos se encontram alguma ovelha desgarrada; não a encontrando, aproximam-se dos rebanhos e, como estes são numerosos, não lhes é difficil apanhar uma ovelha ou outra, sem serem presentidos pelos cães e pastores; mas ai d'elles, se os pastores e cães os presentem!...

—

Note-se que durante o inverno os pastores costumam ir da serra da Estrella com o gado para as terras mais amenas da Beira Alta e Baixa, para o Alemtejo e para os campos de Coimbra, mas no verão sobem com elle para a serra em bandos de 1:000 a 2:000 cabeças—e mais! Na serra durante os mezes de junho, julho e agosto se encontram 20 a 30 mil cabeças de gado lanigero.

Os diversos bandos não são dos homens que os pastoream. Ha nas differentes terras individuos denominados *maioraes* que, mediante a remuneração de 20 réis por cabeça e por mez, se incumbem de levar o gado para a serra, e para a guarda d'elle tomam criados e cães, na proporção do numero de cabeças.

Nós vimos um rebanho de 2:000 ovelhas com 5 pastores e 5 valentes cães de raça propria, armados com grandes colleiras de ferro, crivadas de puas, para luctarem com os lobos, pois estes costumam filar os cães pelo pescoço e, encontrando as colleiras com as puas, ficam de mau partido. Os cães não os poupam;—acodem logo os criados, sempre novos e valentes, armados de paus e pistolas,—e os lobos teem de fugir, sendo perseguidos pelos cães até grande distancia. Raras vezes se expoem á montaria, porque sabem a sorte que os espera!... Contentam-se pois com as ovelhas que encontram desgarradas pelos penhascos, ou desertas e mais afastadas dos rebanhos, pois estes, quando são numerosos, occupam uma area muito extensa.

O alimento ordinario dos cães e dos pastores é broa de centeio e leite de cabra, pelo que trazem sempre nos rebanhos de ovelhas e carneiros, algumas cabras. Fervem o leite em caldeiras de cobre e d'ali o comem com umas colheres denominadas *cocharras*,[1] feitas de pontas de boi ou de carneiro, por vezes muito ornamentadas.

Nós comprámos aos pastores algumas muito bonitas e um copo ou merendeira de ponta de boi, com desenhos curiosos, entre elles um navio, uma custodia e a genciana com a flor propria,[2] — diziam elles, pois o desenho era incorrectissimo.

---

[1] Aos cães lançam o leite nas cavidades das rochas ou em covas que abrem na terra; os cães d'ali o comem e nutrem mais, quando é lançado na terra, pois costumam comer com o leite a terra humedecida por elle.

[2] A *genciana* é uma planta medicinal, que se encontra no alto da serra, nomeadamente nos *Cantaros* e no valle da *Argenteira*, assim denominado por ter muita *genciana*, a que os pastores dão o nome de *argenciana* ou *argenteira*.

A *genciana* foi assim chamada, porque *Gencio*, rei dos Illirios ou Esclavões, foi o primeiro que usou d'ella.

Nasce nos montes e logares humidos; o seu talo é ôco e liso, da grossura de um dedo; a sua flor é amarella e recortada em quatro ou cinco partes e dá semente chata. As suas raizes são tambem amarellas e muito amargosas—e as folhas teem alguma semelhança com as do *Elleboro* ou da *Tanchagem*.

«A raiz da genciana he attenuante, aperitiva, alexipharmaca, sudorifica; mata as lombrigas; resiste ao veneno; he boa contra as mordeduras dos cães damnados; provoca a

Cruzes toscas de madeira lindissimas

Tambem os pastores do Jarmello, concelho da Guarda, a N. da serra da Estrella, fazem cruzes de salgueiro muito vistosas, muito apparatosas e tão engenhosas, que envergonham e confundem os grandes artistas!

Costumam ter 0m,60 d'altura e 0m,30 de largura nos braços; são formadas por 2 paus a toda a altura d'ellas e outros 2 com a largura dos braços, todos caprichosamente ornamentados com muitos pausinhos mais pequenos e *uniformes*, ordinariamente 216 ao todo,[1] e todos tão bem travados e tão engenhosamente engastalhados, que ficam firmes sem pregos nem colla e é *impossivel* desarmar as dictas cruzes sem as quebrar!

Parece mesmo impossivel o construil-as!

Nós já obtivemos 6, mas conservamos apenas uma. As outras distribuimol-as por differentes pessoas das nossas relações e pelos museus do Porto, onde podem ver-se.

Tambem mandámos uma á exposição de Paris de 1878.

O desenho é muito agradavel e correcto, —e a construcção tão engenhosa, que nenhum dos primeiros artistas do Porto, aos quaes nós as mostrámos, se atreveu a imital-as?!...

Os pastores levam-nas ás feiras e romarias e costumam vendel-as a 500 réis cada uma. Assim comprámos a 1.ª a um ermitão do santuario de *Nossa Senhora das Fontes*, junto de Pinhel, mas pouco depois nos offereceram por ella no caminho do Porto réis 4$500.

Comprámos as outras a 1$000 réis.

Não conhecemos trabalho de pastores tão difficil e de tanto merecimento—e *até hoje* não comprehendemos nem attingimos o segredo da tal construcção.

Se um dia volvermos á Guarda, tencionamos ir ao Jarmello *de proposito*, para vermos fazer as taes cruzinhas.

—

A agua das lagôas na estiagem é completamente morta, serena e tranquilla, como já dissemos. Não *sobe nem desce*, como as marés, nem com ellas tem relação alguma. É pois completamente infundado o que a tal respeito disseram o meu antecessor e outros.

Apenas baixam com a evaporação, como tambem já dissemos, — e sobem e trasbordam no inverno com o desgelo e chuvas.

O terreno em alguns sitios junto d'ellas treme quando se pisa, mas o mesmo facto se nota em *toda a serra*, nos chãos onde ha humus e abundancia de *nardo*, porque as raizes d'esta planta, por não ser o chão lavrado, formam um grande maciço—e o desgêlo da agua que se introduz na terra forma cavidades inferiores, algumas perigosas, deixando a superficie suspensa no enraizamento do nardo ou *gervum*, pelo que no verão se torna elastica, imitando um sofá de molas. Sente-se até prazer em rolar o corpo sobre os dictos chãos arrelvados.

A isto se reduz o *grande phenomeno* de tremer e oscillar a terra em volta das innocentes lagôas, tão calumniadas *até hoje*.

Os ribombos que se lhes attribuem, como prenuncio das tempestades no inverno, são igualmente calumniosos. Não teem fundamento algum, alem da imaginação do povo e mesmo de *gente illustrada*. Um cavalheiro respeitabilissimo affirmou-me que em *Pinhel*, cidade distante mais de 60 kilometros, *elle ouvira* os taes ribombos das lagôas *muitas vezes*, como detonação de artilheria colossal?!...

«O cume da serra está *constantemente* coberto de neve.» — disse tambem no citado art. *Estrella* o meu antecessor, fiado nos que o precederam.

---

urima; lança fóra as febres intermittentes, etc.»—diz *Bluteau*.

Applica-se interior e exteriormente e consta que ha annos um pobre pastor, andando a colhel-a no *Cantaro Raso*, despenhou-se e lá morreu!...

[1] No relatorio de *Archeologia*, da Expedição de 1881, a pag. 25 póde ver-se o desenho de um dos dictos paus ou gastalhos, mas por elle mal se imagina o formato das cruzes e o segredo da construcção d'ellas.

É outra calumnia, pois nós estivemos ali 8 dias em agosto de 1881,—percorremos toda a região mais alta da *Estrella*, dos *Cantaros* e das *lagôas*—e não vimos neve alguma; sabemos porem que alguns annos ali se encontra neve em alguns sitios todo o verão, como encontrou em agosto de 1883 o sr. Emygdio Navarro, segundo se lê no seu formoso livro citado supra.

A pag. 127 e segg. diz o laureado escriptor:

—

«Os covões e ravinas proximos da *torre*, e especialmente os situados na região dos *cantaros*, estavam cheios de neve, formando vastas geleiras, d'onde escorria uma agua tão pura como fria.

.....

«E já agora, para não sair do assumpto *geleiras*, darei conta das observações, que fizemos na grande geleira, que achámos perto do *Cantaro Magro*, e pela qual descemos. O desgélo, nos rebordos, accusava uma profundidade de dois a tres metros; no centro era de muito maior altura... As infiltrações do desgelo seguem a inclinação das escarpas, e reunem-se n'um filete de agua, mais ou menos abundante, que se escôa pelo fundo da ravina, deixando rasgada na massa de neve uma caverna, que se prolonga por todo o comprimento da geleira. N'esta, de que fallo, o filete de agua era um verdadeiro riacho, e a caverna era de altura sufficiente para ser percorrida quasi toda de pé, com pequena curvatura de corpo.

«E que lindissima coisa essa caverna! Imagine o leitor uma galeria abobadada, talhada em jaspe, com voltas e archivoltas do mais puro estylo manuelino. Dir-se-ia que as abobadas do claustro dos *Jeronymos* foram copiadas de uma caverna de desgelo na serra da Estrella, ou em outra serra de neves demoradas. O que sobretudo mais nos espantou foi a regularidade d'essas curvas, graciosamente lançadas de supporte, umas contra as outras, e por onde as camadas superiores da neve gottejavam o pranto do seu desfallecimento, n'um murmurio suave, que o silencio profundo da serra tornava ainda mais doce e melancholico!

«Palavra de honra! Quando penso, que ha pessoas, que teem como uma delicia afogarem-se no pó insupportavel de Cintra para admirarem *la roche qui pleure*, uma fontinha a gottejar agua chilra, da quinta do sr. marquez de Vallada, ou as estatuas de gesso da galeria do sr. visconde de Monsarrate, e que essas pessoas qualificarão talvez de excentricidade e extravagancia pouco *chic* ou *pschutt* uma excursão á Serra da Estrella, dá-me vontade de pegar no *estadulho*, com que me condecoraram os meus confrades em jornalismo, e desancal-os de alto a baixo!

«Tremam de que eu venha a saber-lhes os nomes!»

—

O livro é todo assim cadente,—uma serie de mimosos folhetins, que foram publicados no *Correio da Noite*, jornal do auctor, antes de serem conglobados e dados á estampa em volume.

No cap. VII, pag. 71 e segg., fallando das nascentes do *Zezere*, do *Alva* e do *Mondego*, que nascem dentro da serra, *quasi do mesmo ponto*, mas tomando rumos differentes,[1] na sua maviosa linguagem diz o sr. Emygdio Navarro:

«Eis-nos na cumiada da serra de Gouveia. Parámos por alguns minutos a admirar o magestoso espectaculo, cavado e recortado diante dos nossos olhos. A alegria voltou aos nossos animos, e o vigor ás nossas pernas.

«...desciamos alegremente a encosta suave, que leva da cumiada da serra de Gouveia á concha das nascentes do Mondego.

«O valle d'este rio apresentava-se diante de nós, distinctamente traçado na serra, e

---

[1] Um pastor, indicando certo ponto da serra quando ali estivemos, disse:

«D'ali (desculpem a expressão) podiamos ourinar para os 3 rios.»

mais adiante, e parallelamente, o valle do *Zezere*, muito mais profundo, mais aspero, mais grandiosamente selvagem.

«O *Zezere* é o verdadeiro rio da serra da Estrella, como terei occasião de mostrar, quando lhe descrever as nascentes, guardadas, como sentinellas giganteas de um mundo de monstros mysteriosos, pelos dois *cantarcos*. Nascentes dignas d'um rio como o Danubio, e como o *Zezere* o seria infallivelmente, se o Tejo, com perfidia castelhana, o não cortasse de meio a meio, em principios da carreira!

«O *Mondego* é um rio bonacheirão, que só por descuido foi posto na serra. Ainda assim, vê-se logo, que é um rio de chorões e salgueiraes. Em summa, um rio para misturrar as suas aguas com as lagrimas da *linda Ignez*, e para banhar a *Lapa dos poetas*,[1] uma ridicula fraga, onde a geração academica do tempo do sr. Antonio de Serpa e Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro ia dedilhar lamurias no bandolim de Lamartine. Um rio piégas!

—

«Os dois rios nascem no prolongamento da mesma linha N–S. ou debaixo do mesmo meridiano, a 1° e 35′, segundo a carta da commissão geodesica. Na primeira parte do seu percurso correm ambos para leste, o *Zezere* inclinando muito accentuadamente para o norte, como se quizessem entrar por Hespanha, contrariando o regimen geral das aguas da peninsula. Em certa distancia descrevem uma curva, que no Mondego é mais completa, seguindo este para oeste, e o *Zezere* para o sul. A cabeça do *Mondego* vem por este modo a ser como que a cabeça de um enorme cajado de pastor, ou de um baculo, insignia de bispo, o qual é tambem *pastor ovium*. E aqui está a rasão, por que tendo-o nós atravessado, antes de chegarmos a Gouveia, da margem direita para a esquerda, no seguimento da mesma jornada o atravessámos da margem esquerda para a direita.[1]

«Estas informações podem não ser de todo ociosas, porque... as origens do *Mondego* são menos conhecidas, que as do Nilo e as do Zaire, hoje sabidas de toda a gente. Devo suppor que ellas são pouco conhecidas, porque em alguns compendios de chorographia, para uso das escolas, approvados pela junta superior de instrucção publica, leio que o *Mondego* nasce de *uma lagôa* na serra da Estrella; ora não ha lagoa alguma nas nascentes d'aquelle rio, nem perto d'ellas. As lagoas *redonda, comprida* e *escura*, vertem aguas, que effectivamente vão dar ao Mondego, mas a algumas desenas de legoas das nascentes do rio, despejando primeiro em alguns riachos e no *Alva*, que lá as levam como tributarios. Na propria carta da commissão geodesica, as origens do Mondego só muito imperfeitas e incompletamente veem indicadas. Não será, por isso fóra de proposito, dizer alguma coisa sobre o assumpto.

—

«A serra de Gouveia, a pouco mais de dois ou tres kilometros do alto da *Santinha*, faz uma curva, aberta para leste. Esse ramo da curva tem como ponto culminante o *Corgo das Mós*. É na lombada d'esse ramo, que está o observatorio meteorologico, e a *casa* de Cesar Henriques.[2] Essa curva fórma

---

[1] V. *Coimbra*.

[1] O auctor ia do Bussaco para o *Observario*, junto de Manteigas. Foi pela linha da Beira Alta até a estação de Mangualde; ali apeou-se e tomou o caminho de Gouveia, pelo que, antes de chegar a esta villa, atravessou na ponte *Palhez* o Mondego, que ali corre de N.E. a S.O.—e tornou a atravessal-o na serra, onde corre de S.O, a N.E. entre o *Observatorio* e Gouveia.

P. A. Ferreira.

[2] Está hoje tambem ali o *sanatorio*, do qual fallaremos adiante, no topico relativo á *Expedição*.

P. A. Ferreira.

como que uma concha, de pendores não muito asperos. São ahi as nascentes do *Mondego*, as quaes se reduzem a uns filetes d'agua, que se escôam pelos sulcos d'essa concha, como se foram os ramusculos venosos da concha da palma da mão. Nada, absolutamente nada de notavel: nem penedias bravias... nem grutas... nem barrancos... —Uma vulgaridade réles!

.....

«Não é verdadeiramente o *Mondego*. A voz do povo tratou-o com o desdem, que elle merece. Na serra predominam os augmentativos, testemunho de que tudo ali é grandioso. Um enorme fraguedo é um *fragão;* uma ravina profundissima é um *covão* etc. Pois, por justo desdem, o Mondego é ali chamado o *Mondeguinho*. Bem feito!

.....

«N'aquelle sitio ha uma ponte, formada por quatro troncos de carvalho; mas tão podres e carcomidos, que será de maior perigo atravessal-a, do que atravessar o riacho a vau, ainda quando elle vá inchado com o desgelo subito das neves.[1]

«N'esse ponto um phenomeno, que depois vi generalisado por muitos pontos da serra. O *Mondeguinho* tem logo ali um leito de areias; subindo a encosta para o cabeço do *Corgo das Mós* encontram-se largos areaes, que difficultam o andar de peões e cavalgaduras. É a serra que se desaggrega e decompõe! As rochas de granito desconjuntam-se, esborôam-se, esfarellam-se, e as aguas vão arrastando esses fragmentos que, pelo embate d'ellas, se tornam cada vez mais miudos. E' essa a primeira origem das areias, que das visinhanças de Coimbra até á Figueira invadem os campos marginaes do rio.

—

«Este *desfazer* da serra tem duas causas. A serra é n'aquelle ponto, e em quasi toda a sua extensão, de constituição granitica.[1] O granito, como se sabe, é principalmente formado de *quartzo, de mica* e de *feldspatho*. O *feldspatho* decompõe-se facilmente, quer sob a acção do ar, quer sob a acção da agua, e a rocha, assim atacada, desaggrega-se, quando não seja de constituição muito rija.

.....

«É esta a dupla origem dos areaes, que se encontram no alto da serra, e que desde a margem direita do *Mondeguinho* se estendem por quasi toda a lombada do *Corgo das Mós* até o *Fragão do Corvo* e o *Poio da Morte*. Dois nomes sinistros! Que intuição prophetica presidiu a este baptismo?!

«Aquelles dois agrupamentos de rochas estão sobranceiros á *infeliz villa de Manteigas*, a uma altura de 700 metros, mas n'uma linha tão aproximada da perpendicular, que do alto do primeiro quasi se chega aos telhados da villa com um bom tiro de funda! O crocitar do corvo agoirento, que se empoleirou n'aquelle fragão, annunciou á *triste*

---

[1] No meiado d'este seculo o grande industrial Joaquim d'Almeida Rainha tentou levar o *Mondeguinho*, das proximidades da dicta ponte para a villa de Gouveia, onde tinha as suas fabricas.

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

P. A. Ferreira.

[1] Em alguns pontos, nomeadamente na villa de *Folgosinho*, é de constituição calcarea, pelo que a dicta povoação, aliás muito antiga, muito vistosa e situada nas abas da serra, em um alto amphitheatro lindissimo, não tem boa agua potavel. A hygiene soffre e a população não augmenta. Já não tem foros de villa e é uma das freguezias mais pequenas do concelho de Gouveia, mas *vive bem* e não se encontra um habitante d'ella a pedir esmola!

Cria muito gado; vende e exporta muita lã e muito queijo do *melhor da serra da Estrella*; fabrica muito carvão; colhe muitos cereaes, etc.—e a sua posição é *encantadoral*...

Visitei-a ha muitos annos e ainda hoje tenho saudades d'ella.

V. *Folgosinho* n'este diccionario e no supplemento.

villa,, em pregão sinistro, a sentença symbolicca do nome da outra fragaria, ajuntamentto revolto de poios ennegrecidos e disformaes!»

—

Doo exposto se vé que o sr. Emygdio Navarrco não sympathisou com a villa de *Manteigaas*—e a pag. 179 e seguintes, depois de descrrever muito poeticamente o *observatorio mmeteorologico* da serra e a casa d'Alfredo CCesar Henriques, 1.ª do *sanatorio* de que adiannte fallaremos,—bem como a hospedagem i que elle e os dois clinicos, seus companhheiros na excursão,—dr. Sousa Martins, e Canrlos Tavares, ambos de Lisboa,—ali recebeeram de Cesar Henriques e do director do *obbservatorio* A. Brito Capello,—diz:

«ÉÉ sol nado. Sousa Martins resolve descer aa Manteigas. O dr. Sobral estava agoniadiissimo com o governo, que lhe mandava obfficios sobre officios para se fechar o hospibital de Manteigas, por urgencia de economiias nas despezas publicas.[1] O hospital fazia cento e tantos mil réis de despeza mensal. Atrevam-se a chamar esbanjador a um ttal governo! Souza Martins praguejava raioss e diabos, que era de afundar o céu e a terrra! O hospital não se podia fechar.

«AA epidemia dos typhos ia em decadencia, nmas era de temer que recrudescesse no inverrno, como succedera no anno anterior. O hoospital-barraca devia manter-se em activo seervlço até fevereiro, pelo menos.

—I-Eu lá vou ver isso, e em Lisboa hão-de ouvirr-me!—rugiu Sousa Martins.[2]

.....

«Dispuz-me a acompanhal-os. Sousa Martins disse-me que era tolice. Podia por lá apanhar uma rasca de typho, sem graça nenhuma, por não ter lá que cheirar. Não era aquelle o meu posto. Além d'isso, iam fazer um inquerito para apoio de reclamações ao governo, e a minha posição politica podia dar asò a interpretações suspeitosas.[1] A politica é marafona de inexcediveis melindres!

«Dei-me facilmente por convencido, e deixei-me ficar. Aproveitei o tempo, escrevendo um artigo de fundo a *desancar o governo*. Do alto da serra da Estrella quarenta adjectivos furibundos vos fulminaram, ó ministros impuros e maleficos!

—

«Já fiz a descripção *á vol d'oiseau*, da villa de Manteigas.

«Está no fundo de um covão, de escarpas quasi perpendiculares, de 700 metros d'altura. Por esse motivo, os dias em Manteigas, principalmente no inverno, são de duração muito curta. Só muito depois de nascer no horisonte, é que o sol penetra no covão; e, da mesma sorte, muito antes de se esconder no occaso, diz elle adeus á villa. Deve ser de uma tristeza mortal!

.....

«Os meus companheiros e o dr. Sobral

---

[1] RRefere-se á epidemia, de que já fizemos mençção, quando fallámos do *Zezere*, da villa dee Manteigas e do dr. Sobral, que nomomentto (em agosto de 1883) ali se achava e foi vvisitar os excursionistas.

P. A. Ferreira.

[2] OO sr. dr. José Thomaz de Sousa Martins era ee é uma das pessoas de mais valimento em LLisboa pelo seu nobilissimo caracter e por sser um dos ornamentos da Escola Medico-cirurgica, afamado clinico, medico do paço,, etc.

A elle se deve a Expedição scientifica á serra da Estrella e a fundação do importante *sanatorio* que hoje ali se vé, etc.

[1] O sr. Emygdio Julio Navarro era então (1883) deputado ás cortes e *leader* da camara na opposição, redactor e proprietario do *Correio da Noite*, jornal opposicionista, etc.—e pouco depois, logo que subiu a opposição ao poder, foi ministro das obras publicas e *ministro benemerito*.

Entre outros muitos beneficios e melhoramentos que lhe deve Portugal, reorganisou os serviços florestaes e mandou arborisar as serras da *Estrella* e do *Gerez*, as estradas a macadam, as dunas do littoral, etc. etc.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1843, col. 2.ª

foram recebidos em Manteigas com demonstrações festivaes. Era domingo. A população fez-lhes uma recepção enthusiastica.....

«Do que elles viram na villa e no hospital é melhor não fallar. E' pouco divertido e tem um interesse puramente medico.

«A opinião d'elles a tal respeito póde condensar-se no seguinte:—que para se pôr Manteigas em boas condições de salubridade seria preciso... *arrazal-a e edifical-a de novo.*»

—

Effectivamente está em um medonho covão, muito abafado e sem horisonte; as suas casas são quasi todas muito antigas, muito denegridas, immundas e pobres, feitas de mau granito, a esboroar-se com o peso dos seculos,—e *muito humidas*, por estarem no fundo da grande encosta e terem pouco sol no inverno; mas depois da grande epidemia dos typhos recebeu alguns melhoramentos e hoje prospera bastante com a nova estrada a macadam servida por diligencias, que trabalham desde a Guarda e Covilhã até ás Caldas de Manteigas, atravessando a villa,—e mais deve prosperar, logo que se ultime a nova estrada a macadam de Manteigas para Gouveia, a qual já tem alguns kilometros construidos junto das duas villas.

Tambem os *sanatorios*, por estarem a pequena distancia de Manteigas, dão-lhe muita vida—e mais lhe darão as suas Caldas em praso breve, se a camara ou alguma empresa as dotar com os melhoramentos e embellesamentos que demandam, pois são muito concorridas, apesar do abandono em que jazem.

As novas estradas a macadam e a linha ferrea da Beira Baixa devem fazer prosperar tambem as suas fabricas.

E' pois bastante auspicioso no momento o futuro d'esta villa, que já hoje é uma das mais populosas e mais importantes da Beira.

Tem duas parochias—*S. Pedro*, com 440 fogos e 1:810 habitantes (diz o seu rev. prior)—e *Santa Maria*, com 360 fogos e 1580 habitantes,—total 800 fogos e 3:390 habitantes.[1]

Tem algumas casas boas, entre as quaes avulta o palacete da nobre familia *Portugaes*;—duas egrejas espaçosas e bem tractadas—e differentes capellas publicas, taes são a de *Santo Amaro*, na villa, junto da egreja de S. Pedro; a S.O. as capellas de *S. Domingos* e *S. Sebastião*, alcandoradas na ingreme encosta, sobre a margem direita da ribeira das *Fornêas*;—lá no fundo a capella de *Santo Antonio*, na margem direita do Zezere, ensombrada por uma carvalheira enorme—e entre esta e as Caldas a capella de *Nossa Senhora dos Verdes*, na margem esquerda do rio, a montante da estrada velha e a jusante da nova estrada a macadam da villa para as dictas Caldas.

Em 21 de maio do corrente anno de 1889 deu-se aqui um facto importante:

Passa junto da capella da *Senhora dos Verdes* um ribeirinho que vem da serra e desagua no Zezere, no sitio denominado *Engenho do Rei*, onde provavelmente existiu outr'ora alguma fabrica real e hoje existe a de Manoel Francisco Serra & C.ª, de que já fizemos menção, quando fallámos do Zezere.

Em 21 de maio ultimo uma medonha trovoada momentanea transformou aquelle ribeirinho em caudalosa torrente! Obstruiu 2 agulheiros ou aqueductos da estrada nova e galgou por cima d'ella, levando d'envolta muitos penedos; destruiu os chãos por onde passou e, encontrando na estrada velha um pobre moleiro, guiando um jumento com sacos de pão, levou o moleiro e o burro de tombos até o Zezere, distante mais de 200 metros, fazendo-os saltar grandes paredes. Acudiram algumas pessoas e ainda os poderam salvar, mas o pobre homem—*Antonio da Fonseca Pinheiro*—apenas sobreviveu dois dias. O burro foi mais feliz, pois ainda hoje (setembro de 1889) é

---

[1] Parece-me exagerada esta nota,—desculpe o meu rev. collega.

vivo o e *trabalha*?!... Confirmou a locução: —«Feliz, como um jumento!»

A época glaciaria—Geleiros e Morenas

O sr. Emygdio Navarro, no formoso livro que vamos extractando, diz tambem que o sr. drdr. Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral achou no *Covão Grande*, junto da *Lagôcôa Comprida*, claros vestigios de um *geleiro* o da *época glaciaria*—e uma *morêna* ao fundolo da *Nave da Candieira*.

Este topico é muito interessante, mas muitôto extenso, e por isso o deixamos simplesmmente indicado.

V. *Quatro dias na serra da Estrella*, pag. 98 a 101,—151 e 152—e a nota de pag. 187 a 194.

Não podemos resistir á tentação de transcrever as linhas de pag. 151 e 152.

Depois de fallar da *Estrella* e dos *Cantaros*, diz s. ex.ª:

«Um dia—em tempos tão remotos que a geolologia só d'elles póde arrancar hypotheses, e duvidas e phantasias, como esta que exponho—um *geleiro*, da natureza dos que ainda hoje se encontram nos Alpes, chegou á parte da serra, que é hoje região dos *cantaros*. O monstruoso bloco de gêlo movia-se de poente para nascente, e na sua marcha arrastava enormes penedos, que se friccionavam com outros penedos. O intenso frio feito o instrumento de calor vivificante!

«O desaggregado da rocha fundamental da serra, a menor consistencia d'ella n'aquelle sitio, um ou outro qualquer motivo de analogo influxo, fizeram com que o sólo, já alli fundamente cavado, cedesse de subito, esmagado pelo peso do *geleiro*. O grande *bloco* arrastou comsigo a massa enorme, que se desconjunctára, e precipitou-se com a sua pesada carga, no abysmo, que elle proprio abrira. Os echos da montanha ullularam n'um fragor medonho, repercutindo o pavoroso baque, e toda a natureza estremeceu com essas vozes possantissimas do seu despertar para a vida nova, que ia succedeier á vida glaciaria. Assim nasceram os *cantataros*:

Se estalado cair o orbe,
Ferem-n'o as ruinas impavido!

—

«Ruiu estalado e desfeito o sólo, mas os dois *cantaros* ficaram impavidos na estructura da serra, e n'aquelle desabar desprenderam a sua figura de gigantes, amparando o vasto semicirculo, cavado pelo *geleiro*.

«E assim nasceu tambem o *Zezere*, formado pelas cascatas e corregos, que o *geleiro* deixou na sua passagem, como restos liquefeitos da sua passada grandeza, e instrumentos da fertilidade para a vida nova, que andava em gestação na terra.

«O abalo produzido pelo enorme baque desconjunctou o *geleiro*, já amortecido pelo calor da sua longa peregrinação. Ainda caminhou algumas centenas de metros, mas as forças abandonaram-n'o e a decomposição total chegou. As aguas, que se precipitavam atraz d'elle, e ás quaes abrira caminho, acceleravam a transformação.

«A massa de todas essas aguas arrastou ainda por algum tempo a carga de penedos que o geleiro trouxera no dorso e debaixo de si, penedos grandes e miudos, de diversa formação geologica por terem sido apanhados em logares distanciados, e sobrepostos indistintamente uns sobre os outros, na confusão do cataclismo, que ali os arremessára. As aguas empurram os penedos, que de serem empurrados mais se juntam, formando um como que açude, accentuando a saliencia da curva no sitio onde o esforço das aguas foi mais violento. Mas ahi tambem a resistencia do açude era maior.

«Por fim as aguas romperam por um dos lados, abrindo uma estreita garganta. Por ahi se escôa o *Zezere*, pouco adiante das suas nascentes. A essa garganta chama a gente da serra o sitio *apertado*;[1] ao resto do açude chama o *Espinhaço do Cão*. Esta é a *murêna terminal*, que o sr. Frederico de

---

[1] E' a bocca ou *terminus* da nave da *Candieira*.

Vasconcellos Cabral affirma ter descoberto, como testemunho irrefragavel da época glaciaria no nosso paiz.

«Forçoso é confessar que a inspecção do terreno, e até a significação tradicional d'aquelles nomes, abonam, de um modo frisante, a plausibilidade d'aquella affirmação.

«Fique este humilde registo para padrão do descobrimento, emquanto outro mais idoneo se não ergue.»

Ainda os Cantaros

A pag. 145 e seguintes, o sr. Emygdio Navarro diz:

«Os primeiros filetes d'agua que para norte e leste escorrem do rebordo da grande esplanada da *torre*, são tambem as primeiras nascentes do *Zezere*. Este é o verdadeiro rio da serra da Estrella, e o mais favorecido d'aguas. O Tejo sae-lhe ao encontro em Constança, e só o vence, porque a natureza do terreno o obriga a misturar-se com elle.

«Na arremettida a braveza herminia leva de baixo a pujança castelhana.

«*Braveza herminia* é uma redundancia, porque o adjectivo *herminio* ou *hermenho*, já de si quer dizer bravo, aspero, selvagem; e d'ahi vem chamar-se á cordilheira da serra da Estrella *os montes herminios*, como quem diz os montes bravios por excellencia. Passe a redundancia com este salvo conducto.

«O *Zezere*... corta o Tejo de lado a lado com furia invencivel, e este só póde passar adiante, galgando por cima do seu inimigo, como se fôra sobre um açude!

.....

«As geleiras, que raro desapparecem da região dos *cantaros*, são o principal elemento das suas nascentes. Os córregos, por onde se escôa o desgêlo, são bordados por um relvado de nardo, do mais puro verde-mar, esmaltado pelas florinhas amarellas de um ranunculo selvagem, o *Ranunculus adscendens*, de Brotero. E' quasi que a flor dos gêlos.

.....

«Perto, a fazer-lhe companhia nos relvados sêccos, surge com o seu formoso calice azul, esbatido de roxo, a *Campanula Herminii*, que em Portugal só na serra da Estrella se encontra, e lá fóra só em algumas regiões alpinas.

.....

«Descemos rapidamente a grande geleira e estacâmos em contemplação muda no *Covão do Sabbat* (?)

.....

«A garganta prolonga-se por uma pequena extensão,[1] encostando-se pelo lado esquerdo á base do *Cantaro Magro* e pelo lado direito a um grande cerro, que é conhecido pelo nome de *Cantaro Raso*, mas abusivamente, porque não tem coisa alguma da fórma caracteristica dos *cantaros*... E ao fundo agrupavam-se os filetes d'agua, descidos das geleiras, e o *Zezere* nascia, saltando logo de cachoeira em cachoeira, como um leãosinho logo pula e salta a breve trecho de nascido á luz. Esplendido!

.....

«A região dos *cantaros* forma no seu aspecto geral, um grande semicirculo, aberto para leste. Na ponta sul está o *Cantaro Magro*; na ponta norte, o *Cantaro Gordo*. A semicircumferencia é traçada na penedia por um córte muito profundo, n'algumas partes em linha perpendicular, nas restantes de pendor muito inclinado, e só com ligeiras rugosidades intermedias. O *Cantaro Magro* dá, pela parte interna d'esse semicirculo, um corte perpendicular de 300 metros. Pela parte externa passa a *Rua dos Mercadores*... D'essa rua ao vertice do *Cantaro Magro* vão ainda muitas dezenas de metros. E' por ahi que se realisa a ascenção. Como? Não o sei dizer, porque nem todos os guias conhecem sufficientemente o pedregal para se abalançarem á empreza.[2] Examinámol-o

---

[1] A extensão da *Calçada do Inferno* e da *Risca do Covão do Boi*, mencionadas supra.

P. A. Ferreira.

[2] E' facto. Quando a *Expedição* esteve na serra, tinha ao seu serviço como guias muitos pastores circumvisinhos, mas nem todos conheciam as nebulosas veredas da região dos *cantaros*.

P. A. Ferreira.

cuidadosamente, torneando-o,[1] sem podermos descobrir, não direi já um carreiro, mas uma sequencia de anfractuosidades com apoio sufficiente para por ellas se tentar a escalada.[2] E todavia é certo que o sr. dr. Serrano, lente da escola medica, e mais alguns companheiros, subiram até à corôa do cantaro, por occasião da grande expedição de 1881!!

«Na descida estiveram perdidos.[3] Anoiteceu-lhes em cima, a alguns kilometros de distancia do acampamento, sem poderem realisar a retirada.

«Aquelle Polyphêmo de granito não era escalvado; tinha cabelleira, e isso os salvou. Com risco de morrerem assados no apertado recinto,[4] lançaram fogo ao zimbro, que ali havia, accendendo uma fogueira de soccorro em resposta aos foguetes de signal, que pela auzencia se deitavam no acampamento. Partiram para ali alguns companheiros e todos os guias, que a muito risco, e por meio de uma *escada humana*, conseguiram libertal-os d'aquella prisão perigosa. Só ha um caminho para se realisar a ascenção; mas *caminho* sem balisas, sem rastos de trilho, sem signaes indicativos. E' uma especie de labyrinto aereo. Uma vez perdido o fio, encontra-se o abysmo por todos os lados.

.....

«Em frente ao *Cantaro Magro*, ergue-se o *Cantaro Gordo*... Na base é tão obeso, quanto o outro é esguio. Abriga n'elle duas lagôas: a do *cantaro*, quasi na ponta do semicirculo, e a do *Paxão*, mais ao norte, tornejando em caminho dos *Barros Vermelhos*. Os despejos de uma e outra constituem o ramo norte das nascentes do *Zezere*, o qual se precipita pelo sitio da Candieira.

«Eis ahi estão as nascentes do *Zezere*, cujo ramo principal se fórma no semicirculo, de que são sentinellas giganteas, e incorruptiveis, os dois cantaros.»

RECTIFICAÇÃO

Lopes Mendes, Castel-Branco e eu no alto do Cantaro Gordo, á meia noite.

O sr. Emygdio Navarro, a quem nós profundamente respeitamos, é um grande estadista e adoravel estylista, muito illustrado e muito considerado, mas nos seus *Quatro dias na serra da Estrella* não se propoz escrever historia. Propoz-se escrever e escreveu *folhetins soltos*, rindo, brincando e folgando com a liberdade de folhetinista, romancista e poeta, pelo que não se escravisou aos factos e no topico supra tomou a nuvem por Juno.

Os vogaes da Expedição, que subiram ao *Cantaro Magro*, subiram e desceram em pleno dia, sem grande difficuldade. Os que subiram e *ficaram prisioneiros, sem poderem descer*, não foram, como s. ex.ª diz, o sr. dr. Serrano e outros;—foram os srs. Antonio Lopes Mendes e Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco, vogaes da Expedição, —e *este seu humilde criado*, pois tive tambem a honra de acompanhar a Expedição scientifica, não como vogal d'ella, mas co-

---

[1] O auctor é muito novo e muito vigoroso, mas só podia tornear o dicto *cantaro* pelos lados E., S. e O. — Pelo lado N. era absolutamente impossivel, pois cae a prumo sobre o covão de 300 metros d'altura, que o separa do *Cantaro Gordo*.

P. A. Ferreira.

[2] O sr. Navarro exagerou (desculpe s. ex.ª) pois *com certeza* já tinha visto a base da pyramide geodesica no alto do dicto *cantaro*—e devia tambem ver a senda, por onde os engenheiros e constructores da pyramide subiram,—senda que elles concertaram e retocaram. Por ella *subiram e desceram em pleno dia* alguns vogaes da *Expedição* de 1881, como já dissemos.

P. A. Ferreira.

[3] Chamamos a attenção dos leitores para este topico, pois n'elle o sr. Navarro (desculpe s. ex.ª) tomou a nuvem por Juno, como logo verão.

[4] O curuto do *Cantaro Magro* é arredondado e tem talvez mais de 20 metros de diametro;—o curuto do *Cantaro Gordo* é um espinhaço de cão, bastante comprido, mas muito estreito. Em alguns sitios não tem de largura 6 metros.

mo representante e *reporter* do *Districto da Guarda* e do *Commercio Portuguez.*

A nossa perigosissima ascenção e mais perigosa descida são um facto historico, mas (desculpe s. ex.ª) deu-se o facto no *Cantaro Gordo,*—não no *Cantaro Magro.*

As coisas passaram-se assim:

—

A Expedição chegou ao acampamento no dia 4 d'agosto de 1881 (quinta feira) ás 10 horas da noite—com este seu criado.

No dia seguinte, apenas nos levantámos e lançámos os olhos sobre a montanha, o que mais nos impressionou foi a *Torre* (pyramide) da Estrella, que se erguia ao sul e não longe do acampamento, pelo que logo depois do almoço eu e differentes vogaes da Expedição fomos com 3 guias visital-a. Depois tomámos para N.E. e fomos ver os lendarios *cantaros*, descendo pelo *Covão do Boi* e fazendo alto na *rua dos Mercadores.*

Vimos pausadamente e com assombro os cantaros *Magro* e *Raso* e foi então que ao 1.º subiram alguns vogaes da *Expedição*, ficando nós com os outros vogaes descançando e palestrando na rua dos *Mercadores.* D'ali tentámos seguir todos para o acampamento pela *Nave da Candieira*, para vermos da base os 3 *cantaros* e depois as lagôas da *Salgadeira* e *Paxão*, etc. Tudo aquillo nos tentava e o passeio devia ser muito interessante, mas o caminho era diabolico! Apesar de irmos com os guias, não nos atrevemos a descer ao medonho *covão*, que separa do *Cantaro Gordo* os cantaros *Magro* e *Raso.*

Descemos da rua dos *Mercadores* pela *Calçada do Inferno*, onde o sr. Lopes Mendes com um tombo se feriu, como já dissemos supra, quando fallámos do Zezere. Estavamos ainda longe do fundo do *covão*, todos moidos e muito suados, pelo que esmorecemos. Desistimos do plano e voltámos pela *Risca do Covão do Boi*, visinha e congenere da *Calçada do Inferno*, para a *rua dos Mercadores*, aonde chegámos suadissimos com a pequena marcha e contra-marcha, pois o caminho era infernal e o sol tropical! Depois d'algum repouso dissemos adeus aos *cantaros* e fomos para o acampamento.

—

Lopes Mendes, que desenha com muita facilidade e é sem contestação um dos nossos primeiros paisagistas,[1] estava ancioso por descer ao *covão dos cantaros*, para os desenhar lá do fundo; e eu tambem estava ancioso por ver lá do fundo aquelles medonhos colossos, pelo que no dia 10, vendo nós partir para os *cantaros* os vogaes da secção photographica, partimos tambem com elles[2]—e acompanhou-nos o sr. Castel-Branco, vogal da secção d'agronomia, com o intuito de reconhecer as betulas da *Candieira.*

Partimos do acampamento ás 11 horas da manhã e fomos pela lagôa do Paxão, que eu e Lopes Mendes já tinhamos visitado e que o major Torres se propunha photographar tambem.

Os 2 carregadores, que levavam as machinas e apparelhos photographicos, partiram mais cedo, com ordem de nos esperarem na lagôa do *Paxão*; — nós fomos sem guias e muito afoitos, porque eramos 5, e eu e Lopes Mendes já tinhamos visitado a dicta lagôa e os *cantaros.*

Fomos em direcção á lagôa, passando a O. e montante do *Poio do Passarão.* Os meus companheiros trataram de o contornar pelo sul, demandando uma quebrada que nos pareceu o melhor caminho para a lagôa; eu, tentado pela visinhança do dicto fragão, cuja cabeça já tinha admirado das margens da lagôa, sobre a qual se apruma, vendo que elle era accessivel do lado O. por onde nós

---

[1] Elle tinha levado para a serra nas suas carteiras de viagem os *croquis* que trouxe da *India* e que hoje podem ver-se em gravura na *India Portugueza.* As carteiras andavam de mão em mão e todos os vogaes da Expedição scientifica admiravam tão nitidos desenhos.

[2] Eram os srs. Frederico A. Torres, major de cavallaria, e Alberto Julio de Brito e Cunha, tenente de artilheria.

passavamos, trepei pelo medonho fragão até o curuto! A vista era imponente e larga, mas *ad cautellam*, para não medir com os ossos a grande altura do cabeço, deitei-me e collei-me a elle.[1]

---

[1] «Tenho a honra de lhes apresentar o *Fragão do Passarão*, nome constituido por dois augmentativos, porque um só não seria sufficiente para dar idéa de tão grande bruto!—diz o sr. Navarro no seu formoso livro *Quatro dias na serra do Estrella*, pag. 155 e 157.

«O *Fragão do Passarão*... é a cabeça da lagôa do *Peixão*.[1] *O Cantaro Gordo* estende a sua obesidade para o norte, e aquelle penhasco alambasado é ainda um refego da sua enorme barriga. A rocha corta-se a prumo... e por umas fendas, que não chegam a ser gargantas, escorre a agua do desgelo e das torrentes. E' um muralhão inteiriço, ennegrecido pelos lichens, e incapaz de dar abrigo a passarão ou passarinho, por que é liso.

«E' um legitimo e authentico bruta-montes.

«Por baixo d'este penedo, ao fundo de um ladeira muito bravia, e bastante extensa, está cavada a caldeira da lagôa. A ladeira é accessivel pelo lado de sudeste, para quem vem dos *cantaros* (e do acampamento.)

.....

«A ladeira não é segura de descer. Digo isto, porque duas vezes estive tombado, e em grave risco de pôr a ossada n'um feixe. Sapatos grossos, com boas brochas, dão andar firme em toda (?) a serra, e agarram-se bem ás asperesas do granito. Mas ali os penedos pareciam estar untados com cebo. Pertencerão elles ao grupo das rochas glaciarias, descobertas pelo sr. Frederico Cabral, e serão escorregadios por terem o polido caracteristico d'aquellas rochas?!...

.....

»O que sei é que duas vezes estive em perigo de tombo real. Aviso, para ali descer com cautella, a quem lá vá. Valeram-me as minhas excellentes disposições gymnasticas. Sousa Martins e Carlos Tavares disseram que eu tinha uma soberba espinhal-medulla, que è o miôlo do espinhaço.....:

«Elles que o disseram, é porque lá o entendem. Não percebi muito bem a explicação, mas agradeci os elogios tributados á sobredicta minha senhora, que me livrou de um desastre fatal.»

Pelo dicto *barrocal* desci eu tambem?!...

[1] O livro de s. ex.ª foi publicado 3 annos depois.

[2] Elle gostava de banhar-se e nadar nas lagoas, mas ia morrendo afogado na *Lagôa Escura*, como já dissemos.

---

[1] A denominação commum e official d'esta lagôa é *lagoa do Paxão*; o sr. Emygdio Navarro deu-lhe o nome de *Peixão*, como proveniente d'algum grande *peixe*; outros dizem que o nome de *Paxão* provem de *paixão* e commemora o martyrio de *Santa Antonina*.

V. *Cêa*, tomo 2.º pag. 222, col. 1.ª

—

De lá via a lagôa e os carregadores, mas não vi os companheiros!

Depois de saborear bem aquelle panorama, desci do pinaculo e caminhei para a lagôa pela tal fenda, mas fiquei engasgado e entalado, por ser em certo ponto muito estreita e muito escabrosa. Os meus companheiros todos haviam recuado e foram contornar a penedia pelo lado opposto (norte); mas eu, não estando prevenido pelo sr. Navarro,[1] vendo a lagôa a pequena distancia e lembrando-me de que a volta era immensa, atirei-me com fé pelo tal despenhadeiro abaixo e felizmente, sem deixar ali a ossada, cheguei depressa á lagôa, levando como *recuerdo* uma lindissima pedra rolada, que achei no despenhadeiro. Pesava talvez 2 kilos e ainda hoje tenho saudades d'ella!...

Nas margens da lagôa estavam sómente ainda os carregadores, porque os nossos companheiros perderam-se a contornar o *Poio do Passarão*. O primeiro que surdiu foi o tenente Brito e Cunha. Tentado pela visinhança da lagôa e vendo que o seu chefe se demorava, despiu-se e foi tomando banho.[2]

Finalmente chegaram os outros companheiros, muito fatigados, muito suados e muito zangados, porque tinham andado perdidos—não sei por onde!...

Depois d'algum descanço, o major Torres armou a barraca e preparou a machina, mas vendo o relogio, disse que já não tinha tempo de ir photographar os *cantaros*, porque a distancia era consideravel, o sol ia declinando e a machina depois das 3 horas não funccionava bem. Deixámos pois o santo homem com o tenente Brito e Cunha e os 2 carregadores, e seguimos para os cantaros — eu, Lopes Mendes e Castel-Branco,—sem guias.

Fomos pelo valle da dicta lagôa, a *Nave da Candieira*, cujo aspecto tenta um santo, mas o chão era tão eriçado de zimbro e pedras soltas, que nos viamos embaraçados a todo o momento, cambando ora para a direita, ora para esquerda, e gastando as botas, o tempo e a paciencia. Eis que no leito de um corrego, por onde seguiamos, deparámos com uma fenda bastante alta, encoberta por um matagal de zimbro e outras plantas rasteiras.

A gruta

Tentou-nos a tal cova e fomos exploral-a, mas tivemos de dar uma grande volta, para podermos descer a ella.

Ficámos surprehendidos e muito satisfeitos, quando nos vimos dentro da gruta. E' uma das curiosidades mais interessantes da serra da *Estrella* e muito digna de ver-se, como nós a vimos, no *rigor da estiagem*, pois está precisamente na veia d'um corrego, muito abundante d'agua no tempo do desgelo e das chuvas, e foi aberta pela agua em um filão de granito molle.

Terá 12 metros de comprimento, 2 a 3 de largura e 3 a 4 d'altura, — bastante luz, — todo o vão interior muito limpo—e quando ali estivemos apenas se viam alguns microscopicos filetes d'agua muito limpida e muito saborosa.

Ali passámos muito agradavelmente uma hora talvez á sombra, descançando, palestrando e saboreando o nosso *lunch*,[1] de mistura com bello vinho de pasto, da freguezia de Famalicão, e agua dos taes filetes.

Durante os 8 dias da minha estada na serra foi aquella hora uma das mais agradaveis. Lopes Mendes tirou differentes *croquis* da bella gruta e á saida outros, desenhando os penhascos que avultam a O. da *Candieira* e N. do *Cantaro Gordo*.

Tudo corria de feição, mas o tempo ia correndo tambem e o sol declinando.

Proseguindo com difficuldade, por ser o caminho muito pedragoso, vimos a distancia uma *betula*. Foi logo o sr. Castel-Branco visital-a e volveu muito satisfeito, trazendo ás costas um *ramalhão*. Tudo isto retardou bastante a marcha e proseguindo chegámos ao vertice da lombada que vem do *Cantaro Gordo* e divide a *Nave da Candieira* do covão dos *cantaros*.

Fitámos com assombro lá do fundo aquelles imponentes colossos, e Lopes Mendes, tirando a sua carteira, tratou de os desenhar.

Ascensão ao Cantaro Gordo

Terminado o desenho, vimos que o sol estava a sumir-se.

—E agora—disse eu,—por onde havemos de ir nós para o acampamento?

—Pelo mesmo caminho por onde viemos —respondeu Castel-Branco.

—Isso é quasi impossivel, porque a noite aproxima-se e, se nós de dia viemos ás apalpadellas e gastámos 6 horas para chegarmos aqui, de noite as difficuldades subirão de ponto e ficaremos perdidos n'esse chavascal—respondi eu.

—O melhor é atravessarmos este *covão*, subir até á *rua dos Mercadores* e d'ali marchar para o acampamento pelo caminho por onde fomos, quando visitámos a *Estrella* e os *cantaros*,—disse Lopes Mendes.

—Tambem me parece pouco acceitável esse alvitre,— disse eu, — porque a descida para este *covão* (o medonho *Covão dos Cantaros*) não é facil—e a subida para a *rua dos Mercadores* pela *Calçada do Inferno* ou pela *Risca do Covão do Boi*, é impossivel de noite e sem guias, pois bem se recorda de que nós, quando lá estivemos e tentámos

[1] A Expedição levou de Lisboa muitos *cantis* da tropa; foi dado um à cada expedicionario e, quando se afastavam do acampamento, todos levavam a tiracollo o seu cantil com vinho — e pão, queijo ou sardinhas de Nantes, para *lunch*.

descer—*em pleno dia, com sol* e *com guias* —esmorecemos e tivemos de retrogradar! Arriscamo-nos pois a ficar mettidos no *covão*.

—Se não podermos ganhar a *rua dos Mercadores*—disse Lopes Mendes—subimos pelo *covão* até ganharmos a parte superior da serra, onde elle se abre, e d'ali vamos para o acampamento, pois fica na mesma direcção.

—Tambem não concordo—disse eu—por que nós não conhecemos a saida do *covão*. Muito provavelmente é abrupta; não a poderemos transpôr e ficaremos mettidos em um dos pontos mais fundos da serra, onde ninguem nos lobrigará e, por mais que gritemos, ninguem nos ouvirá.

—Então que fazer?—disse Lopes Mendes.

Apontei para a cabeça do *Cantaro Gordo* que nos ficava sobranceira, e disse:—«Este *Cantaro*, como já vimos da *rua dos Mercadores*, termina em linha horisontal, que se prolonga para o lado do acampamento e divide do grande *covão* a *Nave da Candieira*, pelo que, se nós ganhassemos o curuto d'este *cantaro*, ficavamos livres da *nave* e do *covão*.»

—Eu concordo—disse Lopes Mendes,—mas como havemos de subir ao curuto d'este mono?

—A subida parece-me realisavel, pois, como vêem, este pontal do *cantaro* não é de ragoedo abrupto e massiço, mas de pequenas pedras soltas e, embora o declive seja grande, julgo que o podemos vencer. E logo que cheguemos ao alto d'elle, dominamos toda a serra;—se os nossos companheiros nos procurarem, com facilidade nos encontram,—e não faltará mesmo quem nos soccorra sem serem elles, porque toda a serra anda cheia de pastores.

—N'esse caso—disse Lopes Mendes—tentemos a subida.

—

Eu logo rompi a marcha, indo *na frente*; —após de mim Lopes Mendes—e na rectaguarda Castel-Branco, taciturno.

Eu ia procurando os carreiros das ovelhas e trepando, agarrado ás pedras e ao zimbro, apoiado em um guarda-sol, que arvorei em bengala. Os meus companheiros iam de melhor partido, porque seguiam na minha esteira, apoiados em boas cannas da India e distanciados alguns metros, para que, se eu me despenhasse no abysmo, os não levasse d'envolta. Tolhia-me tambem o braço esquerdo a *pedra rolada*, que encontrei na descida do *Poio do Passarão* e que desejava levar de prezente á secção geologica, pois são rarissimas n'aquella altitude as *pedras roladas*, e aquella era um exemplar de merecimento.

Principiámos a ascenção ainda com sol, mas em breve desappareceu; felizmente porem logo surgiu a lua, *que foi a nossa salvação*; pois dava uma luz branda, que nos deixava ver o terreno que pisavamos e não nos permittia avaliar bem as distancias e a profundidade do abysmo cavado a nossos pés.[1]

A marcha era tão morosa como a da lesma e ao mesmo tempo tão dura, tão violenta, que suavamos por todos os póros e eramos obrigados a parar e descançar de instante a instante, pois a maldta barreira deve ter aproximadamente um declive de *cincoenta por cento*?!...

—

Teriamos andado apenas 100 metros, quando ouvimos Castel-Branco *a chorar*! Volvemos os olhos para elle e vimol-o sentado, soluçando.

—Que tem vossê?—perguntei eu

—Nós não chegamos ao alto do *cantaro*; morremos por aqui despenhados e, se heide morrer mais longe, quero morrer aqui! —D'aqui não passo!—disse elle.

—O' homem, isso é uma vergonha! Nós não estamos aqui por culpa sua nem minha,

---

[1] O dia da nossa ascensão era uma quarta feira, 10 d'agosto de 1881, (dia de S. Lourenço)—e na vespera, dia 9, tinha sido a lua *cheia*.

mas por um conjuncto de circumstancias imprevistas. A nossa obrigação é animarmo-nos e confortarmo-nos uns aos outros, mesmo quando fosse imminente o perigo, o que felizmente se não dá, porque eu vou na *frente* e ainda não cahi, nem o Lopes Mendes. Alem d'isso vossê é filho cá da serra e o mais novo dos tres, pelo que devia ser o primeiro a animar-nos.[1]

O homem calou-se; foi andando — e eu sempre rindo, palestrando e tirando partido de tudo para animar os companheiros.

—Aqui vae agora uma estrada real—dizia eu, quando lobrigava um carreirinho das ovelhas, trilhado e *adubado* por ellas.

Lopes Mendes ria e gostava, mas Castel-Branco—*moita*. Nem palavra! — e a folhas tantas volveu á mesma cantiga, soluçando.

—Eu d'aqui não passo—dizia elle,—porque nós morremos aqui todos!

Fiz-lhe nova *sermôa*, um pouco mais aspera, terminando por dizer-lhe: — Nada de affligir, porque eu tenho na minha casa do Douro uma criada já céga, muito virtuosa e muito velha, que é um *moinho de orações*! Está sempre a resar por mim e por meus irmãos; chama-nos os *seus filhinhos*; — eu confio muito n'ella, porque é uma santa, e Deus ha-de ouvil-a e salvar-nos!...[2]

Lopes Mendes gostou da lembrança, commentou o càso e riu;—Castel-Branco levantou-se e foi andando, sempre mudo, no couce da caravana, maldizendo talvez, mas em silencio, a sua negregada sorte.

—

Proseguindo com a violenta ascensão, tão morosa como perigosa, as difficuldades subiram de ponto ao avisinharmo-nos do curuto do maldito *cantaro*. Necessitei de agarrar-me ás pedras com ambas as mãos e, porque levava o braço esquerdo tolhido com a *pedra rolada*, atirei com ella para uma moita de zimbro—e lá ficou a menos de 25 metros talvez do alto do dicto *cantaro*, na pendente S.E. por onde seguiamos. Que dirá o naturalista ou geologo que um dia ali deparar com ella? Nós suppomos que alguem a levou tambem para o sitio, onde a encontrámos, pois desde o alto ou vertice da montanha até o *Poio do Passarão* apenas haverá 2 kilometros de distancia e, rolando em tão pequeno espaço, não podia tomar, como tomou, fórma tão arredondada, sendo de mais a mais uma pedra muito dura.

Talvez fizesse parte do geleiro mencionado supra, que se desfez n'aquella *nave*, segundo suppõe o sr. Frederico Vasconcellos.

—

Finalmente *post tot tantosque labores* ganhámos o vertice do *Cantaro Gordo*, que é, como eu suppunha, — em linha horisontal, mas muito estreito.

Chegámos ali ás 11 horas da noite, muito

---

[1] Eu nasci em 1832. Contava pois 49 annos em 1881. V. *Corvaceira*.

Lopes Mendes nasceu em 1835. Tinha pois 46 annos. V. *Villa Real de Traz os Montes*, vol. 11.º pag. 1032, col. 3.ª

Castel-Branco teria 28 annos—e era o mais magro e mais alto dos tres. V. *Valezim*, tomo 10.º pag. 156, col. 2.ª

[2] Chamava-se *Anna Victoria* e era natural da freguezia de Samodães. Sendo ainda muito nova, foi para a minha casa da Curvaceira e ali se conservou até que falleceu em 1883, contando mais de 70 annos de idade. Nunca serviu outros amos e era uma *criada modêlo*,—muito fiel, muito amiga de mim e de meus irmãos todos e a todos nos apartou do leite, pelo que nos chamava *seus filhinhos*. Deus a tenha em bom logar como firmemente creio.

Tambem conheci na mesma casa mais duas criadas e um criado, já velhinhos e todos 3 irmãos,—Anna, Rosaria e Antonio, —que foram para lá muito novos,—morreram decrepitos — e nunca serviram outros amos! Eram tambem muito fieis, muito virtuosos, muito nossos amigos, e deixaram-nos vivas saudades.

Desculpem-nos a sentida homenagem que prestamos a estes 4 servos, *modêlo dos servos todos*, orgulho da nossa casa e nossos *verdadeiros amigos*!...

suados, muito fatigados, cheios de fóme e de sêde e tendo gasto 5 horas para vencermos pouco mais de 300 metros.

Apenas ali chegámos, vimos luzes no acampamento, distante cerca de 2 kilometros para o norte. *Eu lancei logo o fogo* a uma moita de zimbro, que ardeu facilmente, e o clarão illuminou a montanha. Lopes Mendes ralhou, dizendo que o espaço era tão estreito, qne mal podiamos avançar, e que a fogueira mais difficultava a passagem; mas eu fui lançando o fogo a 2.ª e 3.ª moitas de zimbro, pelo que o Lopes Mendes mais ralhou.

—Deixe arder!—disse eu,—para que os nossos companheiros saibam que estamos aqui. Estas fogueiras são a nossa salvação! —E assim foi, porque os nossos companheiros rapidamente fizeram subir foguetes no acampamento.

—E agora?—disse Lopes Mendes.

—Agora—respondi eu—vamos seguindo por este curuto, até vermos o fim d'elle. Se não tiver solução de continuidade, ficamos livres d'estas fundas ravinas e vamos andando para o acampamento; se não podermos avançar, os nossos companheiros virão soccorrer-nos, pois já sabem onde nós estamos.

E lá fui eu andando *na frente*, guiando, como até ali, a caravana.

A marcha não era difficil, por ser o terreno quasi plano, embora muito estreito e pedragoso. Tambem nos não incommodava a vertigem do abysmo de 300 a 400 metros d'altura, cavado de um lado e d'outro, por que o frouxo clarão da lua apenas permittia ver o chão que pisavamos. Assim fomos andando, como sobre o dorso de uma nuvem; mas a distancia de 100 metros talvez deparei com um fragão nu, cortado verticalmente! Fiz alto; mirei-o e remirei-o, mas não vi modo de o transpor, e Lopes Mendes disse:—Não ateime, porque deixamos aqui os ossos.

Effectivamente era assim. O homem tinha rasão.

—

—E agora?—disse Lopes Mendes.

—Agora—respondi eu,—voltemos para a rectaguarda e vamos por ahi deitar-nos em qualquer sitio, até vermos se os nossos companheiros apparecem e, se não apparecerem hoje, com certeza virão ámanhã. Nada de susto, mesmo porque o tempo está quente,—è quasi meia noite—e ás 3 a 4 horas rompe o dia.

Volvemos pelo mesmo caminho, mas não encontravamos chão, onde podessemos deitar-nos, por ser o tal curuto muito estreito e pedragoso.

Deparando com uma abertura de meio metro de largo aproximadamente, formada por duas rochas parallelas e com fundo de terra lisa, disse eu:

—Deitemo-nos aqui todos tres.

—Vossê está caçoando—disse Lopes Mendes—pois ahi mal cabe um de nós!...

—Cabemos bem os tres, deitando-nos uns sobre os outros; eu servirei de colchão, deitando-me primeiro, e vossês deitam-se sobre mim.

Eu estava rindo com elles, mas a lembrança não era disparatada, porque nós chegámos ali muito suados; a viração áquella hora (cerca da meia noite) e n'aquella altitude,[1] era bastante fresca; — já nos incommodava—e o que eu mais receava era o frio. Todos tres levavamos roupa muito leve, pois nas quebradas da serra o calor de dia era insupportavel! Eu n'aquelle dia não levei casaco nem colete, mas apenas um guarda-pó de lona. Estavamos pois todos tres já sentindo bastante frio e vingavamo-nos d'elle, se nos embrulhassemos em magote, como eu propunha; retrogradámos porem mais um pouco e, deparando com um chão, onde cabiamos bem os 3, eu tirei o meu cantil, mais secco do que as palhas,—colloquei-o na terra,—lancei sobre elle um lenço e disse:

—A minha cama esta feita.

---

[1] O *Cantaro Gordo* não tem cota nos mappas da commissão geodesica, mas deve ser aproximadamente a mesma do *Cantaro Magro*,—1926 metros?!...

—Faça lá tambem a minha—disse Lopes Mendes, dando-me o seu cantil. Colloquei-o junto do meu e deitei-me logo.

—

Castel-Branco esmoreceu e disse: «Eu estou muito suado e morro com este ar da noite se ahi me deito ao relento. Vou fazer uma fogueira.»

Tractou de lançar fogo ao zimbro, mas já *não ardia*?!... Foram então os dois — elle e o Lopes Mendes—procurar as vergonteas queimadas do zimbro a que eu tinha lançado o fogo e, depois de grandes esforços, conseguiram fazer uma pequena fogueira. Estavam os dois junto d'ella e eu já principiando a dormir, estirado no chão, quando ouvimos a pequena distancia um tiro no alto da encosta fronteira e uma voz de Estentor dizendo:

—Vossês onde estão?

—Estamos no alto do *Cantaro Gordo* e não podemos descer sem guias! — respondi eu, levantando-me com difficuldade, porque o frio já me tolhia os movimentos do corpo?!...

—Elles lá vão!— elles lá vão! — disse na mesma voz de Estentor o sr. Leonardo Torres, vogal da *Expedição*.

—

D'ali a pouco estavam juntos de nós dois guias.

Levaram-nos até o fragão abrupto, mas para descermos vimo-nos perdidos!

Os homens lá encontraram certas fendas, que elles conheciam, e n'ellas se firmaram, mas nós viamos sómente a fraga núa! Afoitavam-nos e convidavam-nos para descermos, e era esse o meu desejo, mas Lopes Mendes, depois de mirar e remirar bem o precipicio, não estava pelos autos.

—Nós morremos aqui!—disse elle. É melhor esperarmos que amanheça. Estes homens que vão buscar-nos roupa e de dia veremos como as coisas correm. A descida a estas horas é uma temeridade, uma loucura!

Os nossos companheiros já se ouviam e viam a pequena distancia, no alto da encosta fronteira; um dos guias desceu, collou-se ao fragão; estendeu os braços e disse ao Lopes Mendes que firmasse os pés nas mãos d'elle;—o outro guia collou-se junto de nós no fragão, segurando-o por um braço. Lopes Mendes foi descendo de costas, suspenso pelos dois guias e com os braços ambos abertos, procurando algum apoio no fragão nú. Eu afoitava-o, mas elle, muito afflicto e como que suspenso entre a vida e a morte, dizia: — «Eu não encontro apoio para os pés nem para as mãos!... E' melhor esperarmos que amanheça.»

Foi porem baixando com o peso do corpo e, suspenso pelos dois guias, chegou vivo lá ao fundo. Depois descemos da mesma fórma eu e Castel-Branco.

Lá do fundo contemplámos com assombro o dicto fragão — e Lopes Mendes d'ali mesmo ao clarão da lua o desenhou.

Era meia noite. Abraçámos o nosso salvador e os outros companheiros — e seguimos para o acampamento, aonde chegámos com muita fóme e muita sêde á uma hora da manhã do dia 11, sendo recebidos com estrepitosos *hurrhás*!

Não podia terminar melhor a nossa louca aventura e aqui a deixamos fielmente registrada *ad perpetuam rei memoriam*.

Vista retrospectiva

Quando os nossos companheiros lobrigaram do acampamento as fogueiras do zimbro, ficaram muito satisfeitos, — chamaram os guias e perguntaram-lhes que sitio era aquelle.

—É o alto do *Cantaro Gordo*—responderam elles logo.

—É preciso irmos lá para trazermos os nossos companheiros—disse o sr. Leonardo Torres, homem muito energico e muito valente.[1]

---

[1] O sr. dr. Leonardo Torres e o sr. dr. Medina formavam a secção hydrologica e haviam ficado em Manteigas analysando as aguas thermaes d'aquella villa, mas por for-

—Eu nunca fui ao alto do *Cantaro Gordo* nem sei por onde se sobe para elle—disse o poltrão... chefe dos guias.

—Pois elles não hão-de lá ficar! —disse *muito resolutamente* o sr. Leonardo Torres, pegando na sua bella carabina ingleza de dois canos.—Se elles subiram, tambem vossês podem subir. *Vamos lá!*...

—Eu não vou, porque não conheço aquelle *cantaro*—disse o manhoso chefe dos guias —e todos os outros se calaram.

Os guias eram muitos e todos pastores valentes, mas a *Expedição* era superior em numero e tinha no acampamento ás suas ordens 6 soldados, um cabo e um corneta.

O sr. Leonardo Torres, homem *de pelle diabi*, não gostou da renitencia, estava *bem armado* e dispunha-se á obrigar os pastores a irem diante d'elle, quando um pobre de Manteigas, que providencialmente ali chegou momentos antes, disse:

—Vamos lá, meu amo! Eu tambem sou pastor e já por ali andei.[1]

--

Leonardo Torres poz-se logo em marcha com a sua carabina, levando na frente o dicto pastor. Ficou envergonhado o chefe dos guias e acompanhou-os tambem, unindo-se á caravana alguns expedicionarios e dois cavalheiros de Pinhel, que ao tempo ali se achavam de visita.

Caminhando a passo accelerado, em breve nos descobriram — e Leonardo Torres disparon a clavina, para nos acordar e animar.

O resto já nós contámos.

Valeu-nos pois o sr. Leonardo Torres com a sua grande energia.

Foi o nosso salvador!

Eis aqui a longos traços a historia da nossa aventura e do nosso phantastico passeio *á meia noite* pelo alto do *Cantaro Gordo.*

Sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...

Não repetiria o passeio em taes condições por coisa alguma, mas durante elle — mesmo na subida e descida — nunca tive tanto mêdo, como annos antes (em 9 de outubro de 1868) quando era muito mais novo e mais vigoroso e visitei com sol os *Castellos dos Cabris*,—penhascos medonhos que se erguem na margem esquerda do Tavora, concelho de Taboaço.

Horresco referens!

A entrada para os dictos penhascos é muito mais perigosa — mesmo de dia! De noite ninguem ali se salvava.

Eu tenciono descrever os dictos *castellos* e chamar para elles a attenção dos forasteiros, porque são historicos, muito dignos de se visitarem—e apenas distarão 500 metros da linda estrada nova em construcção do Espinho (foz do Tavora) a Viseu, por Taboaço, Tavora, Sendim, Moimenta da Beira, etc. mas ninguem tente visital-os sem ir amarrado por cordas e sem levar guias de confiança.

Nunca me vi tão perdido nem defrontei com a morte tão de perto!...

V. *Cabriz* n'este diccionario e no supplemento.

Ha tambem não longe dos dictos *castellos* e da dicta estrada nova outros sitios muito interessantes e muito dignos de se visitarem, taes são as ruinas de *S. Pedro Velho*, primitivo convento de *S. Pedro das Aguias*, o convento novo, a *Ponte do Fumo*, a quinta da *Aveleira*, as ruinas do *Paço*, antigo solar dos marquezes de Tavora, o castello do *Calfão*, a *Penha Amarella*, o *Cabeço da Forca*— e a propria estrada nova a macadam. E' lindissima e um arrojo de construcção, nomeadamente o lanço do *Ribeiro Fradinho* pois tem muros de supporte com 17 metros d'altura?!...

---

tuna tinham chegado ao acampamento n'aquelle mesmo dia de manhã, pouco antes de nós partirmos para a serra e de darmos principio á nossa aventura.

[1] O bom do homem chamava-se *Mattos Costa* e aproveitou o ensejo de lisongear a *Expedição*, porque um incendio lhe tinha devorado *n'aquelle mesmo dia* uma pequena seara de centeio, que era toda a sua fortuna, e lembrou-se de ir ao acampamento pedir uma esmola. Deram-se-lhe algumas libras e foi muito satisfeito.

V. *Tavora*, freguezia do concelho de Taboaço e *Vicente* (S.) — tomo 10.º pag. 516, col. 1.ª

Sitios mais notaveis da Serra da Estrella, propriamente dicta.

—*Torre* (pyramide) *da Estrella*, ou *Malhão da Estrella*, ou simplesmente *Estrella*.

E' o formoso e vistoso planalto, ponto culminante da serra, mencionado supra, e do qual, por ter a forma de estrella, a serra, segundo alguem suppõe, tomou o nome de *serra da Estrella*.

—*Malhão Grosso*.

—*Cantaro Magro*.

—*Cantaro Raso* ou *Caes da Estrella*, por que termina em superficie plana e a face N. cahe a prumo sobre o *covão dos cantaros*, imitando a muralha d'um caes.

—*Cantaro Gordo*.

—*Lagôa Comprida*.

—*Lagôa Escura*.

—*Lagôa Redonda*.

—*Lagôa Secca*.

—*Lagôa do Paxão*.

—*Lagôa da Salgadeira* ou dos *Cantaros*.

—*Penhasco da Candieira*.

—*Poio do Passarão*.

—*Poios Negros*.

—*Poios Brancos*.

—*Nave da Argenteira*.

—*Nave da Candieira*.

—*Nave de Santo Antonio*.

—*Nave do Arco*.

—*Nave das Rãs*.

—*Cumiada da Nave*.

—*Covão do Boi*.

Demora a S. e junto do *Cantaro Raso*, e semelha as ruinas d'um templo subterraneo ou catacumba que perdesse o tecto, pois sendo liso o vão dos outros covões, no vão d'este erguem-se differentes monolithos sobrepostos e ajustados em forma de *menhirs*, imitando as columnas que dividem as naves e sustentam o tecto dos nossos templos

As dictas columnas teem fórmas variadas;—recordam os monumentos megalithicos pre-historicos da *idade da pedra*—e na minha humilde opinião *demandam estudo*!...

Uma d'ellas imita um dente queixal enorme com as raizes voltadas para o firmamento;—outra, a que olha para a *rua dos Mercadores* e *Cantaro Magro*, é formada por dois grandes penedos sobrepostos, tendo na face em que se ajustam, como servindo de cunha para equilibrio do penedo superior, uma grande lasca de granito, que parece um lagarto enorme petrificado, que ali ficou entalado. Distingue-se *perfeitamente* do lado da *rua dos Mercadores*,—assim como do fundo da *Risca do Covão do Boi* se distingue *perfeitamente* uma carranca enorme no bojo do *Cantaro Magro*, olhando para o *Cantaro Gordo* e para a *Nave da Candieira*, como já dissemos supra, quando fallámos dos *cantaros* e das nascentes do *Zezere*.

Com vista aos archeologos.
Prosigamos.

—*Covão do Homem*.

—*Covão da Mulher*.

—*Covão do Lobo*.

—*Covão do Urso*.

—*Covão do Vidoal*.

—*Covão dos Cantaros* ou *Rua das Roseiras*.

—*Covão Grande*.

E' o da *Lagoa Comprida*.

—*Penha do Gato*.

—*Fraga das Penhas*, ou *Penhas Douradas*.

—*Fraga da Varanda*.

—*Fraga da Batalha*.

—*Fragas do Avento*.

—*Curral do Martins*.[1]

—*Curral do Vento*.

—*Curral da Nave*.

—*Chafariz d'El-rei*.

—*Fonte dos Perús*.

—*Penhasco da Figueira Brava*.

Demora em frente da foz da ribeira de

---

[1] Não longe do *Curral do Martins*, um pobre trabalhador de Manteigas ha annos encontrou soterrado um bracelete que vendeu por mais de 100 moedas, ou de réis 480$000,—segundo consta.

Leandres e cahe a prumo sobre a margem esquerda do Zezere, cerca de 3 kilometros a jusante da villa de Manteigas, formando uma lombada medonha que avança contra o sul, encobrindo as margens do Zezere a montante, e a villa.

No tempo da guerra peninsular, quando os francezes andavam talando e saqueando esta provincia e se dirigiam para Manteigas pela estrada velha da margem do Zezere, carreiro de cabras informe, os habitantes de Manteigas fortificaram a dicta passagem com vallas e muros toscos, improvisados de momento, addiccionando-lhes uma *grande roda* (talvez roda d'algum dos seus engenhos) especie de barricada. Correram todos a defender aquelle ponto com as armas que poderam haver á mão; fizeram vivo fogo sobre os francezes; outros, alcandorados no medonho fragão, faziam rolar enormes pedras, que varriam a lombada e a estrada até o Zezere, imitando os herminios d'outr'ora e os habitantes d'Andorra.

Ficaram os francezes attonitos! Muitos foram esmagados pelas pedras; outros morreram varados por balas; outros afogados no rio e, não podendo contornar o medonho fragão, retrocederam, ficando Manteigas livre das garras dos jacobinos.

Hurrah pelos intrepidos defensores da villa de Manteigas!

Prosigamos.

—

—*Cabeço do Frade* e

—*Cabeço da Freira.*

Estes cabeços foram assim denominados, porque vistos d'alguma distancia, nomeadamente do sitio de *Torne-agua*, parecem dois frades!

Demoram na margem esquerda do Zezere, junto do *Curral do Martins* e das nascentes do ribeiro das *Lameiras*, mencionado supra.

—*Cabeço do Souto.*

—*Cabeço da Moreira.*

—*Cabeço da Azinheira.*

—*Chão das Barcas.*

—*Corgo das Mós.*

Junto d'este sitio estão o *Observatorio* e os *sanatorios*, de que fallaremos adiante.

—*Canariz.*

—*Valle do Conde.*

—*Valle da Perdiz.*

—*Corredor dos Mouros.*

—*Villa de Mouros.*

—*Contenda.*

—*Corvo.*

—*S. Bento.*

—*S. Payo.*

—*S. Gabriel.*

—*S. Sebastião.*

—*S. Domingos.*

—*Senhora da Assedassa.*

—*Senhora dos Verdes.*

—*Alto da Santinha.*

—*Rodeio Grande.*

—*Barros Vermelhos.*

—*Taboeiras.*

—*Picôto.*

—*Zebraes.*

—*Corugeira.*

—*Galhardos.*

—*Mondeguinho.*

—*Alfatima*, ou *Curuto d'Alfatima.*

E' um dos cabeços mais notaveis da serra e tem uma lenda interessantissima. V. *Manteigas.*

—*Pico do Corvo.*

—*Pedra da Meza.*

—*Fragão do Ronca.*

Demora no *Valle do Conde.* Ali passou uma noite o sr. Emygdio Navarro, quando em 1883 visitou a serra da Estrella e deu o nome de *Ronca* ao dicto fragão, porque resonava muito alto um dos seus companheiros.

V. *Quatro dias na serra da Estrella*, pag. 96 e 97.

—*Rua das Roseiras.*

—*Rua dos Mercadores.*

—*Calçada do Inferno.*

—*Acampamento da Expedição.*

Logo fallaremos d'elle e d'ella.

—*Casa de Cesar Henriques.*

Foi a 1.ª do *sanatorio*, de que logo fallaremos tambem.

—*Gruta da Candieira*, ou *Caverna da Estrella.*

Já ficou descripta supra, quando fallámos da ascenção ao *Cantaro Gordo.*

—*Arca do pão*, ou *casa do pão.*

É uma fraga, onde os pastores guardam o pão, como já dissemos supra.

—*Castro de Argemella.*

—*Castro de Valhelhas.*

—*Castro de S. Romão.*

—*Castro dos Tres Povos.*

—*Castro de Pero Viseu.*

—*Castro de Tintinolho* e

—*Castro d'Alfatima.*

V. *Relatorio d'Archeologia*, da Expedição scientifica.

—*Riscas da lagôa Escura.*

Assim se denominam uns rochedos, que estão na linha do corrego entre a *Lagoa Escura* e a *Lagoa Comprida.*

—*Risca do Covão do Boi.*

Já fallámos d'ella supra.

—*Terras Vermelhas*, ou *Pedras Vermelhas*, ou *Barro Vermelho.*

Do feldspatho vermelho, que se vae desaggregando do granito, proveiu o nome ao dicto local. Demora a N. do *Planalto da Expedição.*

—*Pomar de Judas.*

Demora no valle do rio Alva.

—*Montes Castelhanos.*

Demoram entre S. Romão e Ceia.

—*Colcorinho.*

—*Lapa dos Dinheiros.*

—*Ajax*,—montes proximos de Gouveia.

—*Poio da Morte.*

—*Fragão do Corvo*, etc. etc.

Thesouros

A serra da Estrella, *propriamente dicta*, hoje está completamente nua e deserta, mas outr'ora foi arborisada e em grande parte habitada, pelo menos *temporariamente*, durante as continuadas guerras d'exterminio, que desde os tempos prehistoricos até á invasão francesa assolaram e devastaram Portugal e a peninsula, dando-lhes apenas de longe em longe alguns seculos de paz.

Durante aquellas porfiadas luctas, os povos que se refugiavam na serra da *Estrella*, por ser a maior de Portugal e a que lhes offerecia mais alguma segurança, — povos das abas da serra d'envolta com outros povos talvez de *pontos bem longinquos*,—para a serra levavam as suas preciosidades; ali as guardavam e escondiam soterrando-as; ali as deixavam, quando eram perseguidos, ou se afastavam da serra para se baterem, ou para tratarem dos seus negocios, ou para verem os seus lares, os seus amigos e parentes—e muitos *não mais voltavam*, porque os tempos eram calamitosos!...

Assim se explica o facto de terem apparecido em differentes datas na serra differentes thesouros e muitas preciosidades nos *pontos mais bravios*, quando os lavradores, matteiros e carvoeiros fazem de longe em longe pequenas escavações.[1]

E, se a vasta superficie da serra, em vez de conservar-se inculta e sem movimento algum, como tem estado até hoje, fosse toda cultivada, arroteada e movida profundamente, —lá se encontrariam por certo *outros muitos thesouros*!...

—

Dos que até hoje ali se teem encontrado mencionaremos apenas os seguintes:

—Junto do *Curral do Martins* o bracelete d'ouro mencionado supra e que, segundo consta, foi vendido por mais de 100 moedas?!...

—Em *Nogueira*, a montante da villa de Ceia, onde ha vestigios de povoação antiquissima, encontrou-se uma chapa d'ouro com a letra—M.

—Em *Torrozello* appareceu n'um batatal um botão de prata maior que um *pinto*,[2]—

---

[1] Assim se explicam tambem as lendas das *mouras encantadas, guardando grandes thesouros*,—lendas trivialissimas em Portugal e na Hespanha.

E que thesouros não deixariam soterrados e escondidos ou mouros e os *romanos* em Portugal e na peninsula?

[2] *Pinto* ou *crusado novo*,— moeda portugueza extincta depois do meiado d'este seculo.

Valia 480 réis.

com um leão, um caçador e uma lebre na carreira.

—No castro ou cabeço d'*Alfatima* achou-se uma bengala de prata com cadeia do mesmo metal.

—Em *Folgosinho*, junto das *Fragas do Avento*, ha poucos annos um carvoeiro achou soterrados cinco braceletes d'ouro, o mais grosso dos quaes foi vendido por 50 libras, ou 225$000 réis, a um ourives do Porto,—e o sr. dr. Martins Sarmento, distincto archeologo de Guimarães, comprou dois dos ditos braceletes, um dos quaes lhe custou 24 libras.

Estes ultimos 2 braceletes podem ver-se em gravura no *Relatorio d'Archeologia* da Expedição.

—Aproximadamente em 1880 appareceram mais dois braceletes d'ouro em *Pena-Lobo*, tambem dentro da serra, eguaes aos dois ultimos, indicados supra.

—No *Castro dos Tres Povos* appareceram moedas d'ouro, muito antigas.

—Em *Gibraltar*, perto de Teixoso, appareceram em um rego d'agoa 11 tigelões e 15 tigelas de prata—e a pequena distancia appareceram tambem umas argolas d'ouro encadeadas.

—Na *Fonte da Pena Lisa* encontrou-se uma barra d'ouro, que pesava 60 libras, ou 270$000 réis.

—Junto de *Castello Reigoso* encontrou-se uma meada d'*arame de ouro*, de que os pastores fizeram colchetes para as suas capas.

—Em *Alvôco da Serra*, como já dissemos supra, ainda ha poucos annos appareceram mais de 1:000 denarios romanos, muito bem conservados, soterrados em um monte pertencente ao sr. Antonio Luiz Monteiro Pina.

Estavam mettidos em uma pequena pia de granito, coberta com uma lagea de schisto.

O mesmo senhor me enviou 3 dos taes denarios, um dos quaes *é inedito*—verdadeira raridade numismatica,—pelo que, para não se extraviar, offereci-o á camara municipal do Porto e póde ver-se no museu d'ella.

Tambem consta que na mesma freguezia d'*Alvoco* teem apparecido muitos thesouros e ha lendas e signaes que promettem *ainda mais*!?...

Uma lenda, v. g., diz—que debaixo do altar da egreja de *S. Romão*, junto do *castro* d'este nome, concelho de Ceia, estão — um altar d'oiro e uma bezerra tambem d'oiro.

Apontam-se tambem differentes achados d'oiro em pó e de pedras preciosas.

V. *Relatorio de Archeologia* da Expedição.

E quantos thesouros e preciosidades terão apparecido na serra da *Estrella*, sem que haja memoria d'elles?

A *Expedição* fez muito, mas a serra da *Estrella* é tão vasta, tão escabrosa, tão cheia de *castros* e d'outras velharias romanas e pre-romanas das idades de pedra e do bronze, que a maior parte d'ella ficou por explorar=e assim se conservará muitos annos, porque a exploração é difficil, morosa e *dispendiosa*!... Entretanto, quem pretender mais noticias da grande serra consulte os *Relatorios da Expedição*, o formoso livro do sr. Navarro e os bellos mappas da commissão geodesica.

A Expedição scientifica de 1881

O sr. dr. J. T. de Sousa Martins, afamado clinico de Lisboa, tendo plena confiança no tractamento da tuberculose pela rarefação do ar nas grandes altitudes, e vendo os beneficos resultados que a humanidade enferma estava tirando dos *sanatorios* dos Alpes e da Suissa, concebeu o projecto de montar na serra da Estrella sanatorios analogos para os tysicos portuguezes, pois desgraçadamente hoje a tysica mata a 5.ª parte da população do nosso paiz em Lisboa, no Porto e n'outras cidades.

Elle sabia qual era a altitude da serra da Estrella, mas não conhecia bem a topographia, a orographia, a meteorologia, a climatologia e outras condições d'ella, muito precisas para determinar a posição e construcção dos *sanatorios*. Alem d'isso, tantas lendas e patranhas cercavam a dicta serra, que mal podia extremar-se d'ellas a parte historica e real, pelo que, sendo socio da benemerita sociedade de geographia de Lisboa, resolveu-a enviar, como enviou, uma

Expedição scientifica á serra da Estrella,= expedição que *até hoje* em Portugal foi a *primeira* no seu genero—e tarde registraremos outra que a supplante.

A *Expedição* chegou á serra da *Estrella* no dia 4 d'agosto de 1881 e ali se conservou até o dia 20 do dicto mez.

—

Foi subsidiada pelo governo e pela junta geral do districto da Guarda; as camaras de Ceia, Gouveia e Manteigas forneceram-lhe trabalhadores e guias; a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes beneficiou-a com o abatimento de 50 por cento na sua linha do *Norte*, etc. mas ainda assim a benemerita sociedade de geographia gastou bom dinheiro, porque a Expedição foi bastante nnmerosa e muito dispendiosa,—apesar de ser *gratuito* o alto pessoal, e todo muito escolhido! Era quasi todo formado de lentes de diversas escolas,— de officiaes superiores do nosso exercito—e de clinicos distinctissimos.

A *Expedição* custaria *dez vezes mais*, se o seu muito illustrado e muito independente pessoal superior fosse remunerado—e estou certo, certissimo, de que, embora fosse bem remunerado, não trabalharia tanto, como trabalhou, nem supportaria os discommodos que supportou.

PESSOAL SUPERIOR[1]

Secção de agronomia e sylvicultura

Chefe — Jayme Batalha Reis. S. S. G. e *professor do instituto geral d'agricultura.*

Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco, *agronomo no districto da Guarda.*[2]

Pedro Roberto da Cunha e Silva, S. S. G. e *engenheiro sylvicultor, chefe de divisão florestal.*

Secção de anthropologia

Chefe—Dr. José Joaquim da Silva Amado. S. S. G. e *professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

Dr. Francisco Augusto d'Oliveira Feijão, S.S. G., tambem *professor da mesma escola* e medico da camara real, etc.

Secção de archeologia

Chefe—Dr. Francisco Martins Sarmento, S. S. G., archeologo distinctissimo, natural de Guimarães e ali grande proprietario, explorador da *Citania* e fundador da benemerita *Sociedade Martins Sarmento*, etc. etc.

V. *Guimarães* n'este diccionario e no supplemento.

Gabriel Pereira, S. S. G. e um dos primeiros archeologos do nosso paiz.

Vivia então em Evora, onde foi bibliothecario, e hoje vive em Lisboa, onde é official da *Bibliotheca publica*, etc.

Joaquim de Vasconcellos, S. S. G., natural do Porto e ali residente, professor d'allemão no lyceu, director do museu industrial e commercial e um dos portuenses mais talentosos e mais illustrados, fecundo escriptor publico, etc. etc.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1854, col. 1.ª e segg.

Secção de botanica

Chefe—Dr. Julio Augusto Henriques, S. S. G., lente de botanica na Universidade de Coimbra e director zelosissimo e dignissimo do jardim botanico da Universidade, etc. etc.

Jules Daveau, S. S. G. e *jardineiro em chefe do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa.*

Secção de ethnographia

Chefe—Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, S. S. G., capitão de engenheiros e professor da escola do exercito.

---

[1] A abreviatura *S. S. G.* quer dizer—*Socio da Sociedade de Geographia* de Lisboa.

[2] V. *Valezim* e o topico supra, onde descrevemos a nossa memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo.*

O seu *Relatorio de Ethnographia* deu-lhe um trabalho insano, mas tem muito merecimento e é uma fonte indispensavel para todos quantos de futuro se proponham fallar da *serra da Estrella.*

Antonio Lopes Mendes, S. S. G.. distincto escriptor publico e paisagista, agronomo, etc.

V. *Villa Real de Tras os Montes*, tomo 11.º pag. 1031, col. 2.ª *in fine* e segg., e o topico supra, onde descrevemos a nossa memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo.*

Secção de chimica

Chefe — Carl von Bonhorst, S. S. G., assistente do professor no laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa.

Antonio Eugenio de Carvalho da Silva Pinto, S. S. G., 1.º tenente d'artilheria e instructor dos trabalhos chimicos na escola do exercito.

Secção de geologia

Chefe—João Eduardo Albers, S. S. G., engenheiro, inspector de minas.

Alfredo Augusto de Moraes Carvalho, conductor de minas, muito modesto, muito illustrado e excellente pessoa.

Sendo fidalgo distincto, nós o vimos trabalhar como um jornaleiro ou cavouqueiro, na sua secção.

V. *Vimioso*, tomo 11.º pag. 1483, col. 2.ª

Secção de hydrographia

Chefe—José Emilio de Sant'Anna Castello Branco, S. S. G., capitão d'engenheiros e professor da escola do exercito.

Pedro Romano Folque, S. S. G. e capitão d'engenheiros tambem.

Sub-secção
Levantamento e sondagem das lagôas

Chefe—Francisco da Silva Ribeiro, major d'engenharia e director das obras publicas no districto da Guarda.

Foi quem dirigiu as obras do acampamento e é irmão do sr. dr. e commendador Abel da Silva Ribeiro, tambem muito illustrado.[1]

Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, mencionado supra, como chefe da secção de Etnographia.

Norberto Amancio d'Almeida Campos, tenente d'infanteria, servindo na direcção das obras publicas da Guarda, cavalheiro muito tratavel e muito illustrado.

Foi quem presidiu ás obras do acampamento.

Secção de medicina

Chefe — Dr. José Thomaz de Sousa Martins, S. S. G., professor da escola medico-cirurgica de Lisboa, medico do paço dos nossos reis e um dos primeiros clinicos da capital, etc.

A elle se deve em grande parte a *Expedição* e os *Sanatorios*, de que adiante fallaremos.[2]

Dr. Jacintho Augusto Medina, S. S. G., e medico do hospital de marinha em Lisboa.

Dr. José Antonio Serrano, S. S. G. e professor da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Sub-secção de hydrologia minero-medicinal

Chefe—Dr. Leonardo Moreira Leão da

---

[1] V. *Pinheiro da Bemposta*, vol. 7.º pag. 55, e *Villa Nova de Mil Fontes.* tomo 11.º pag. 858, col. 1.ª e segg.

[2] Em Lisboa é um *gentleman* e vive esplendidamente;—na serra parecia um serrano—com sapatos grossos ferrados, camisola grosseira de lã, e na cabeça uma carapuça de lã groseira tambem, mas apenas constou que ali se achava tão afamado clinico,—voaram a consultal-o centos de doentes pobres e ricos, alguns de pontos muito distantes. A todos attendia e tratava gratuitamente—e aos pobres tambem gratuitamente lhes dava remedios da bem provida ambulancia da *Expedição.*

Durante os 15 dias que passou na serra, foi a providencia dos serranos todos. Tarde ou nunca serão, como foram, tratados por clinico tão distincto!...

Costa Torres, S. S. G., medico e capitalista.[1]

Dr. Jacinto Augusto Medina, mencionado supra.

Sub-secção de ophtalmologia

Chefe — Dr. Francisco Lourenço da Fonseca Junior, S. S. G. e medico-oculista.

Alvaro da Fonseca, alumno do 4.º anno da escola medico-cirurgica de Lisboa.

Secção oe meteorologia

Chefe—Augusto Carlos da Silva, 1.º tenente da armada real e observador do observatorio meteorologico do infante D. Luiz.

Hermenegildo Carlos de Brito Capello, S. S. G., capitão-tenente da armada real, explorador geographico, etc.

Dr. Jacintho Augusto Medina, mencionado supra.

Secção de photographia

Chefe—Frederico Augusto Torres, S. S. G. e major de cavallaria.

Era uma excellente pessoa e talvez o mais velho de todos os expedicionarios.[2]

---

[1] Foi o *nosso salvador* na memoravel ascenção ao *Cantaro Gordo*, como já dissemos supra.

Analysou as aguas thermaes de *Manteigas* e de *Unhaes da Serra.* Tendo boa fortuna, *elle proprio,* para mais confiança, ia colher a agua e a levava para o laboratorio, como se fosse um *jornaleiro*!...—E para se esquivar a consultas, que lhe roubavam tempo de que não podia dispor, dizia aos doentes:

—«Vão consultar o meu amo...»—dando a entender que era um *simples criado* do sr. dr. Medina.

Trabalhou muito e eu o vi alagado em suor.

[2] Uma anecdota:—Levou para o acampamento talher de prata e louça da India (?) mas um dia no refeitorio cairam ao chão algumas das dictas peças de louça e fizeram-se em cacos!...

Alberto Julio de Brito e Cunha, S. S. G. e segundo tenente d'artilheria.

Gostava de banhar-se e nadar;—banhou-se e nadou na *lagoa do Paxão* e na *lagoa Escura,* mas n'esta ultima ia morrendo afogado, como já dissemos,

Norberto Amancio d'Almeida Campos, mencionado supra.

Secção de Zoologia

Chefe—Dr. Francisco Mattoso dos Santos, S. S. G. e professor da escola polytechnica de Lisboa.

Secção de Zootechnica

Chefe—José Anastacio Monteiro, S. S. G. e intendente de pecuaria no districto da Guarda.

SECÇÕES AUXILIARES[1]

Topographia

Chefe—Antonio Xavier d'Almeida Pinheiro, S. S. G. e *engenheiro civil.*

Augusto Cesar Paes de Faria, *engenheiro, chefe de serviço.*

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, *engenheiro.*

Bartholomeu Valladas, *conductor, chefe de secção.*

Barnabé da Costa Roxo, *idem.*

Carlos Agostinho da Costa, *idem.*

Antonio Henriques d'Almeida Castello Branco, *conductor.*

Antonio Maria Beltrão, *idem.*

Antonio Marques da Silva, *idem.*

Eduardo Frederico de Mello Garrido, *idem.*

Francisco Sabino da Costa, *idem.*

---

[1] Incumbidas officialmente de fazer o levantamento topographico e construir os abarracamentos, em virtude do pedido que ao ministerio das obras publicas fez a *Sociedade de Geographia de Lisboa,* promotora da *Expedição.*

Acampamento

Chefe—Francisco da Silva Ribeiro, mencionado supra.

Norberto Amancio d'Almeida Campos, *idem.*

André de Moura, *apontador de 1.ª classe.*

Commissão administrativa da Expedição

Presidentes—Hermenegildo Carlos de Brito Capello e

Dr. José Thomaz de Sousa Martins, mencionado supra.

Secretario — Rodrigo Affonso Pequito, S. S. G. e professor do instituto industrial e commercial de Lisboa.

Thezoureiro—Eduardo Coelho, S. S. G., fundador, redactor e proprietario do *Diario de Noticias.*

Se bem me recordo, falleceu em 1888, deixando boa fortuna, ganhada com o dicto jornal, pois era e é talvez o mais lido e mais rendoso que tem tido Portugal até hoje, apesar de ser um jornal de *10 réis* de preço, cada numero.

Eduardo Coelho era um moço muito tractavel e muito sympathico, filho de Coimbra e, quando montou o jornal, era um simples typographo.

Vogaes—Emilio Henrique Xavier Nogueira, S. S. G., capitão de infanteria e professor do real collegio militar,— José Estevam de Moraes Sarmento, S. S. G., capitão de infanteria e promotor de justiça nos tribunaes militares, — Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, mencionado supra, — e Manoel Francisco d'Oliveira Feijão, S. S. G. e *guarda-livros.*

Commissão auxiliar da cidade da Guarda

Presidente — Francisco Antonio Patricio, S. S. G., *negociante e vogal da junta geral do districto da Guarda.*

Secretario — Fernando Pereira Mousinho d'Albuquerque, S. S. G. e *capitão d'engenheiros.*

Vogaes — Henrique Pereira Pinto Bravo, *engenheiro,*—Joaquim Geraldes dos Santos, *funccionario publico,* — José Abrantes Martins da Cunha, filho de Manteigas, redactor do jornal *Districto da Guarda,* — José Augusto Barbosa Colen, S. S. G., *jornalista* e *procurador á junta geral do districto da Guarda,*—Manoel Emigdio da Silva, S. S. G. e *professor no lyceu da Guarda,* — Manoel Lopes de Sousa, *proprietario,*— e Norberto Amancio d'Almeida Campos, mencionado supra.

Pessoal auxiliar

Francisco de Paula dos Santos Rodrigues, apontador de 1.ª classe e amanuense da sociedade de geographia,—Jayme Adelino Gomes da Silva, ajudante dos observadores no observatorio meteorologico do infante D. Luiz,—José Manoel Morgado, empregado no museu anatomico da escola medico-cirurgica de Lisboa,—Miguel Sertorio, praticante no laboratorio do instituto industrial e commercial de Lisboa,—e José Maria de Lima e Lemos, empregado no museu zoologico da escola polytechnica de Lisboa.

Este sr. Lima e Lemos, apesar de ser *coxo,* foi um dos que mais trabalhou.

Era caçador de borboletas, insectos e reptis; deixava o acampamento de madrugada e recolhia ao fim da tarde, com o seu guia e as suas grandes carteiras, quasi sempre cheias.

Tem caçado e *criado* milhares de borboletas, pois quando encontra alguma de mais merecimento, guarda-a para criação e propagação. Tem dado e vendido collecções valiosas e em muitos dos grandes museus publicos e particulares da Europa e da America se vêem borboletas caçadas por elle. No Porto existe uma soberba collecção de borboletas, insectos e beija-flores, que elle caçou e organisou. Vale *contos de réis* e pertence ao sr. José Teixeira da Silva Braga Junior, grande capitalista e vice-consul brazileiro.

O sr. Lima e Lemos é natural da freguezia d'*Alcofra,* concelho e comarca de Vouzella; foi muito novo para o Brazil e, depois de varios accidentes de fortuna, conseguiu empregar-se nos jardins do palacio impe-

rial do Rio de Janeiro, como guarda de um *chalet*. Vendo revoar em volta d'elle grande quantidade de borboletas lindissimas, tractou de as caçar e colleccionar e com ellas brindava os visitantes nacionaes e estrangeiros, recebendo pingues gratificações, pelo que mais se apaixonou pelas borboletas; não podendo porém estar ao mesmo tempo no *chalet*, como guarda, e nos vastos jardins caçando, os companheiros invejosos accusaram-no de faltas. Valeram-lhe as proprias borboletas, pois indo ao *chalet* o imperador e vendo tantas e tão lindas collecções de insectos, borboletas e beija-flores, ordenou-lhe que organisasse uma collecção para o palacio imperial.

O homem cumpriu. O imperador ficou muito satisfeito e deu-lhe ampla liberdade para proseguir na caça das borboletas, insectos e beija-flores, e com as muitas collecções que organisou, deu e vendeu, arranjou certo peculio. Tentado pelo amor da patria, pois é uma excellente pessoa, veiu a Portugal e passado algum tempo dispunha-se a voltar para o Brazil, mas a sr.ª duqueza de Palmella empregou-o no muzeu zoologico e ali se conserva ainda.

É talvez o mais distincto caçador e colleccionador de borboletas que Portugal tem tido até hoje.

Pessoal menor

Trabalhadores do jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa, 2; trabalhadores do jardim botanico da Universidade de Coimbra, 2; cosinheiros, 1;[1] homens das localidades proximas da serra:—carpinteiros, pedreiros, guias, caçadores, pescadores, correios, ajudantes de cosinha, cortador e trabalhadores—38.

Serviço de policia

1 cabo, 1 corneteiro e 6 soldados de infanteria n.º 12.

—

Do exposto se vê que o pessoal da Expedição era muito numeroso e que ella, como já dissemos, custaria *10 vezes mais*, se o seu alto e muito illustrado pessoal, em vez de ser, como foi, *todo gratuito*, fose *todo remunerado*. Estamos até convencidos de que alguns dos expedicionarios por preço nenhum iriam, como foram, passar dentro da grande serra 15 dias com menos commodos do que teem ordinariamente os seus criados.

O governo mandou preparar o acampamento pelo director das obras publicas da Guarda e nunca se viram tantos commodos n'aquella região.[1] Os proprios expedicionarios ficaram absortos.

O acampamento comprehendia as edificações seguintes:

1.ª—Uma barraca para o pessoal superior. Era a maior e mais luxuosa, e tinha capacidade bastante para refeitorio e dormitorio de 60 a 70 pessoas.

2.ª—Barraca para o pessoal inferior.

3.ª—Barraca para a cosinha.

4.ª—Barraca para cavallariças.

5.ª—Barraca para deposito de palha e feno.

6.ª—Barraca para o observatorio meteorologico.

7.ª—Barraca para a commissão administrativa.

---

[1] Foi de Lisboa e ganhava 1$500 réis por dia. Cosinhava muito bem, mas estava alheiado na serra e, apesar de ter muitos ajudantes, suou para dar de comer a tanta gente e a horas differentes, desde a madrugada até alta noite. Devia estranhar muito os discommodos da rude cosinha, a falta de louça e d'outros aprestos.

[1] Braz Garcia de Mascarenhas no seu poema *Viriato Tragico* descreveu festas pomposissimas—cavalhadas, torneios, jogos de canas e de gladiadores, regatas, etc. etc. dados por Viriato, o *grande*, na serra da Estrella, em um amplo e magestoso circo e nas lagôas, mas tudo aquillo é phantastico.

V. *sp. cit.*, canto XI liv. 2.º pag. 37-70.

8.ª—Barraca para o pessoal das obras publicas.

9.ª—Barraca para a secção do acampamento.

10.ª—Barraca para a secção de chimica.

11.ª—Barraca para a secção de medicina.

12.ª—Barraca para a secção de botanica.

13.ª—Barraca para a secção de zoologia.

14.ª—Barraca para matadouro.

15.ª—Barraca para dispensa.

16.ª—Barraca para capoeira.

17.ª—Barraca para latrinas.

Todas estas edificações formavam um povoado de certa imponencia e satisfizeram ao seu fim, mas não podiam ser mais singelas, nem mais economicas.

Exceptuando a cosinha, cujas paredes eram de pedra tosca, todas as outras edificações eram de pinheiro verde, cortado e serrado dias antes, e cobertas de lona.[1] Apenas a barraca do pessoal superior era tambem interiormente forrada de brim.

Eis a nota official da importancia do acampamento:

Compra de lona e brim.....	310$040
Compra de madeiras.....	202$800
Conducção.....	312$110
Ferragens, cordas, pregos, etc.	61$040
Construcção.....	87$600
Desmancho.....	18$290
Indemnisação do terreno para um caminho.....	4$500
Ajudas de custo aos empregados.....	35$640
Total.....	1:032$020

Custou mais a conducção da madeira do que a propria madeira, pois foi cortada na freguezia de *Famalicão*, concelho da Guarda, e na de *Santa Marinha*, concelho de Ceia; depois conduzida em carros a muito custo até ás faldas da serra—e d'ali até o acampamento (cerca de 10 kilometros) em cavalgaduras e ás costas de jornaleiros.

—

As camas do pessoal superior eram macas de navios de guerra, emprestadas pelo governo; os lavatorios eram alguidares ou *tigelões* de barro grosseiro, espalhados pelo chão, ao longo da grande barraca; a louça era tambem toda barata e grosseira; a mesa do refeitorio era de pinho verde e tosco. Armava-se a meio da grande barraca, a todo o comprimento d'ella; depois da refeição levantava-se e o dicto vão ficava servindo de corredor ou *coxia*. Total—uma pobreza franciscana, relativamente aos commodos habituaes dos expedicionarios, mas um fausto deslumbrante no meio da grande serra, pelo que em volta do acampamento estava sempre um arraial de pessoas das circumvisinhanças, que da Guarda, Manteigas, Ceia, Gouveia, Pinhel, Covilhã, etc. iam ver e admirar tudo aquillo, ficando estupefactos os pobres serranos.[1]

Até um dia ali appareceu uma familia completa, da freguezia de *S. Romão de Ceia*, em um carro toldado e tirado por bois, com assombro dos montanhezes todos, pois não havia memoria de ter ido até ali outro carro. A serra toda é crusada por differentes veredas e atalhos, muito frequentados no *verão*, mas sómente por pedestres e, quando muito, por cavalleiros.

O dicto carro pertencia a um grande proprietario de S. Romão, homem muito nutrido, que foi montado em um valente macho

---

[1] Como lembrança dos dias que ali passei e de que ainda me recordo e recordarei sempre com saudade, conservo um fragmento da lona e outro da madeira das barracas,—outro do zimbro da serra e algumas bagas d'elle,—o chocalho da ovelha comida pelos lobos e 3 grandes pennas d'aguia.

[1] Tambem junto do acampamento os pobres serranos formaram durante a *Expedição* um mercado, onde vendiam boa fructa e excellente vinho de mesa, de *Famalicão*, ovos, leite, patos, perus, queijo, gallinhas, pão, etc.

—e no carro levou toda a familia:—senhoras, meninos e criadas.

—

Outra visita memoravel foi a de um joven bacharel da Covilhã.

Tendo de ir para Porto de Mós, como delegado do procurador regio, não se atreveu a partir sem ir visitar o acampamento. Para fugir ao sol, que era muito ardente, saiu da Covilhã ao declinar da tarde, fazendo caminho pela serra, acompanhado por dois moços seus visinhos, que tocavam muito bem guitarra e viola franceza e, para obsequiarem a *Expedição*, levaram os seus instrumentos; surprehendeu-os porem dentro da montanha uma grande trovoada. Tiveram de passar a noite debaixo de uns penedos, encharcados d'agua e embalados pelo ribombar dos trovões,—e só chegaram ao acampamento na manhã do dia seguinte. A *Expedição* recebeu-os com alvoroço e á noite houve chá, musica e dança, na barraca da direcção.

Foi uma noite excepcional e muito divertida, mas não menos excepcional nem menos divertida foi a noite antecedente,—a noite da

Grande trovoada

As coisas passaram-se assim:

A Expedição estava anciosa por ver n'aquella altitude uma boa trovoada.[1] Eis que logo de manhã se ouviram alguns trovões longinquos e cairam algumas leves gotas d'agua. Conservou-se turva a athmosphera todo o dia, mas sem chover nem trovejar. *Ad cautellam* os expedicionarios não sairam do acampamento; jantaram e ao fim da tarde, vendo a distancia uma grande carga de electricidade fuzilando a N.O., sobre o Alva, foram todos n'aquelle rumo ver o espectaculo.

E era realmente interessante, porque a massa electrica estava em altitude um pouco inferior á linha que nós occupavamos—e as faiscas partiam do centro da dicta massa em differentes direcções:—umas para cima, outras para baixo e outras para os lados. De repente soprou uma aragem forte, cairam algumas gotas d'agua e todos nós recolhemos ao acampamento, procurando abrigo.

O vento e a chuva augmentaram; afinou a trovoada;—a breve trecho estava a prumo sobre nós — e assim se conservou até ás 4 horas da manhã?!...

Conservámo-nos muito tempo a pé, rindo e palestrando ao som da estranha musica, mas, como ella não terminava, fomo-nos deitando.

O vendaval sacudia fortemente as barracas todas e ainda lançou por terra uma—a do sr. dr. Julio Henriques, director do jardim botanico de Coimbra; não causou porem felizmente desgraças nem prejuizos, posto que os ribombos estalavam junto do tecto da barraca onde dormiamos,— ou antes—onde estavamos deitados, pois não era possivel dormir com tal musica e chovia em quasi todas as camas, pelo que os expedicionarios, já deitados, tiveram de sentar-se nas macas e de abrir os guarda-chuvas para se abrigarem com elles.

O espectaculo era interessantissimo e foi acompanhado de gargalhadas homericas, pelo que só de madrugada podemos conciliar o somno.

Deus fez-nos a vontade, mandando para o acampamento uma trovoada medonha! Não nos assustou muito, por estarmos—só na dicta barraca—talvez mais de 40 homens e quasi todos muito illustrados, mas se lá estivessem senhoras não faltariam *cheliques*!...

Eu gosto de ver as trovoadas, as faiscas electricas e o clarão dos relampagos ao som do ribombar dos trovões, mas não gosto de as ver a prumo sobre mim, como aquella—e Deus me livrára de estar então só no acampamento, ou no meio da montanha,

---

[1] A barraca maior do acampamento estava na altitude de 1838 metros—e o observatorio na de 1850 metros sobre o nivel do mar. A *Torre* (pyramide) *da Estrella*, ponto culminante da serra, tem a cota de 1:991 metros.

debaixo dos fragões, onde pernoitaram e a saborearam os hospedes da Covilhã.

Muito mais poderiamos dizer da serra da Estrella e da *Expedição* de 1881, mas *sat prata biberunt!...*

Quem pretender mais amplas noticias consulte os mappas da commissão geodesica, os relatorios da *Expedição* e o livro do sr. Navarro—*Quatro dias na serra da Estrella.*

Tambem é muito digno de ler-se o *Viriato Tragico* de Mascarenhas, nomeadamente o canto XI, onde se encontram os mais formosos versos que até hoje se dedicaram á serra da Estrella.

OS SANATORIOS E O CLUB HERMINIO

Vamos fechar este longo artigo, indicando uma das maiores vantagens que o nosso paiz e a humanidade enferma tiraram da *Expedição* de 1881 com a instituição dos *sanatorios* e do *Club Herminio.*

Bem quizera dar desenvolvimento a este topico, mas fica simplesmente indicado e muito ligeiramente esboçado, porque a despeito de todos os meus esforços não me foi possivel obter *uma só linha* das pessoas a quem reiteradas vezes me dirigi e muito instantemente as pedi,—sendo aliás as pessoas mais competentes e mais interessadas no assumpto.

Depois talvez se queixem das omissões e dos lapsos, mas—*sibi imputent!...*

Os leitores mal imaginam as difficuldades com que luctamos para obter por vezes apontamentos bem simples.

Como todas as nossas chorographias *até hoje* eram muito superficiaes e muito cegas — e nós não adivinhamos, — tenho escripto *centos e centos* de cartas, pedindo informações aos parochos, meus collegas, e a outros cavalheiros e pessoas das diversas localidades. Muitos responderam, pelo que mais uma vez lhes beijo as mãos agradecido, mas não poucos *ficaram mudos*, taes foram com relação a este artigo *Zezere* os priores de *S. Pedro da Covilhã, Alvaro, Pedrogam Grande* e *Pampilhosa*; valeram-nos porem e muito nos penhoraram os nossos muito rev. collegas:—Joaquim Pereira Monteiro, prior de S. Pedro de Manteigas, — José Augusto Mendes, prior de Belmonte, — Manoel Dias Barata, prior de Janeiro de Baixo, Diogo Pereira Baeta Vasconcellos, prior de Figueiró dos Vinhos, — Francisco José Pereira, prior de Dornes,—e o sr. dr. João Francisco Pires, prior de Paio Pelle, hoje *Praia,*— bem como os muito reverendos srs. José Abrantes Martins da Cunha, de Manteigas, e Antonio José da Silva Serra, de Sernache do Bom Jardim.

Muito me penhoraram tambem com apontamentos relativos ao *Zezere*, suas barcas, póços e pontes, o sr. João Gadanho Serra, illustrado filho de Abrantes, hoje director das obras publicas no districto de Beja, então director das obras publicas no districto de Castello Branco, — e o sr. dr. Giraldo Joaquim Maria da Costa, nosso. velho amigo e cyreneu, medico no Sardoal.

Os leitores não se espantem por haver batido a tantas portas. Tudo foi necessario e não bastou, pois *ninguem* conhece o Zezere todo desde os *cantaros* até *Constança*—e os collegas e cavalheiros a quem me dirigi, sendo todos visinhos d'elle, apenas poderam informar com relação ás secções ou espaço que conheciam.[1]

Prosigamos.

---

[1] *Tudo foi necessario e não bastou*, pois muito contra a minha vontade ficaram bastante incompletas as listas dos *póços, penhascos, barcas* e *pontes* do Zezere.

A' ultima hora soube que alem das pontes mencionadas supra, tem o Zezere mais duas, formadas por *simples troncos d'arvores!* Demoram nas proximidades do Sameiro e Val de Moreira e por ellas, embora *com grande risco*, passam os pastores com os seus cães e rebanhos de cabras, carneiros e ovelhas.

Tambem soube que a antiga ponte de pedra de *Valhelhas* tem 4 arcos e que o seu taboleiro foi alargado para passagem da estrada nova de Manteigas á Covilhã, Belmonte e Guarda, e v. v.

—

O sr. dr. Sousa Martins, depois das observações e dos estudos feitos *por elle proprio* na serra da Estrella durante os 15 dias que lá se demorou com a Expedição, mais se convenceu de que a dicta serra se prestava muito bem para o tratamento da tyzica pela rarefacção do ar nas grandes altitudes e que n'este ponto a *Estrella* rivalisava com as montanhas dos Alpes e da Suissa.

Reforçaram tambem depois a sua convicção as observações feitas pelo sr. Augusto de Brito Capello,[1] no observatorio meteorologico montado na serra pelo nosso governo em principios de 1882, junto do *Córgo das Mós*, no sitio do *Poio Negro*, a O.N.O. e não longe de Manteigas, na altitude de 1500 metros—aproximadamente,[2]—pelo que o sr. dr. Sousa Martins afoitamente aconselhou o sr. Alfredo Cesar Henriques, moço de fortuna, rezidente em Lisboa e muito doente dos pulmões, para ir passar algum tempo na serra da Estrella.

O moço, tendo viajado muito e consultado grandes summidades medicas sem esperanças de se restabelecer; tendo estado inclusivamente na ilha da Madeira, annuiu e marchou para a serra da Estrella em julho de 1882. Hospedou-se algum tempo no observatorio, por não haver ali então outra casa, mas, como dispunha de meios e era bastante illustrado, fez rapidamente um *chalet* na altitude de 1441 metros, um pouco a jusante do observatorio, transformando certos penedos em casa de habitação, casa tosca e singela, mas lindissima, onde ficou vivendo e tem vivido até hoje (novembro de 1889)—muito satisfeito, porque se restabeleceu completamente e gosa perfeita saude. Affeiçoou-se á grande serra e n'ella se entretem caçando, passeando, photographando e animando os outros doentes que hoje ali se acham, pois é muito tratavel, bastante illustrado e um distincto photographo amador.

No livro do sr. Navarro podem ver-se muitas photographias dos pontos mais notaveis da serra da Estrella, tiradas pelo sr. Alfredo Cesar Henriques, avultando entre ellas o *observatorio*, as lagôas *Escura* e do *Paxão*, os cantaros *Gordo e Magro*—e o seu proprio *chalet*.

—

Toda a nossa imprensa jornalistica noticiou a ida de s. ex.ª para a serra da Estrella, as suas rapidas melhoras e o seu completo restabelecimento, pelo que de varios pontos do nosso paiz principiaram os tuberculosos a demandar a serra tambem, mas, como ali não houvesse casas para elles, o sr. Cesar Henriques mandou construir algumas; foram tambem outras construidas por differentes pessoas e em principios do corrente anno de 1889 formou-se em Lisboa uma associação, denominada *Club Herminio*, com o intuito de montar na serra da Estrella um *sanatorio* regular, á imitação do de *Davos-Platz* da Suissa.

—

Temos sobre a nossa mesa de estudo um exemplar dos *Estatutos do Club Herminio, associação de beneficencia, fundada para tratamento de tuberculosos na Serra da Estrella*, — Lisboa, — typographia Netto, 1889;—e dos mencionados *estatutos* vamos fazer um leve extracto:

. . . . . .

. . . . . .

«Artigo 2.º — Tem por fim promover directa e indirectamente o melhoramento das condições naturaes da *Serra da Estrella*, considerada como *estação sanitaria*.

1.º—Estabelecendo casas de saude sob direcção medica.

2.º—Soccorrendo doentes d'ambos os sexos que, pelas suas precarias circumstancias, não possam seguir o tratamento re-

---

[1] Este sr. A. Brito Capello é irmão do sr. Hermenegildo Carlos de Brito Capello, mencionado supra, e que foi o prezidente da *Expedição scientifica*.

[2] Ignoramos a sua cota. A do *Córgo das Mós*, um pouco mais alta, é de 1547 metros—e a da casa de Cesar Henriques, um pouco mais baixa, é de 1441.

commendado pelo medico assistente, fornecendo-lhes transporte, casa, medico, remedios, alimentos e emfim tudo quanto seja indispensavel para a sua melhora.[1]

3.º—Exercendo policia hygienica em todos os pontos da Serra e nas habitações...

4.º—Promovendo que em diversos pontos das estradas publicas da *Serra da Estrella* se estabeleçam signaes que, de noite ou de dia e em tempo bom ou mau, sirvam de guia aos viandantes, orientando-os sobre a direcção a tomar, como podem ser por exemplo:—marcos com inscripções, balisas, pharolins, etc. etc.

5.º—Promovendo toda a ordem de distracção domiciliaria e na séde da associação que possa influir beneficamente na saude dos doentes.

6.º—Estabelecendo na séde da associação um gabinete de leitura scientifica e de recreio, e um gymnasio salutar apropriado aos doentes.

7.º—Auxiliando os socios nas excursões scientificas ou recreativas á Serra.

. . . . . .

. . . . . .

Artigo 4.º—A duração d'esta associação é por tempo illimitado.

Artigo 5.º—A associação terá a sua séde no planalto da *Serra da Estrella*, no ponto em que a sua acção seja mais conveniente, podendo ter delegações onde os seus interesses as reclamem.

Artigo 6.º—A associação compõe-se de individuos de ambos os sexos que terão a classificação de:

—Socios honorarios;

—Socios contribuintes;

—Socios bemfeitores.

. . . . . .

Artigo 8.º—Socios contribuintes são todos aquelles que se obrigam ao pagamento de uma quota mensal de 200 réis.

. . . . . .

Artigo 10.º—A associação conferirá diplomas a todos os socios e um distinctivo de que possam fazer uzo habitual.

Art. 11.º—Os socios contribuintes teem direito a eleger e a serem eleitos para quaesquer cargos da administração, logares que serão desempenhados gratuita e obrigatoriamente.

. . . . . .

. . . . . .

Artigo 13.º — A direcção compõe-se de tres membros eleitos annualmente pela assembléa geral d'entre os socios contribuintes.»

Um dos membros da direcção desempenhará o logar de *presidente*,—outro o de *secretario*—e outro o de *thezoureiro*.

. . . . . .

«Art. 16.º—A responsabilidade dos membros da direcção é *solidaria*.

. . . . . .

Art. 19.º—A primeira direcção durará tres annos e será constituida por tres membros effectivos e tres substitutos, escolhidos de entre os socios fundadores.....

. . . . . .

Art. 20.º—A assembléa geral é representada por todos os associados que se apresentarem com os seus diplomas ou distinctivos e não tenham perdido a qualidade de socios ao tempo da reunião.

§ *unico*. — A assembléa geral funcciona com qualquer numero de socios não inferior a dez.

Art. 21.º—A assembléa geral é ordinaria ou extraordinaria.

§ 1.º—A assembléa geral ordinaria terá lugar annualmente, na séde da associação, no dia 15 de agosto de cada anno, pelas duas horas da tarde.

. . . . . .

. . . . . .

Art. 23.º—Os socios fundadores conferiram approvação aos presentes *estatutos*, por que será regido o *Club Herminio*, e usando das suas prerogativas e do que dispõe o art. 19.º acclamaram socios *honorarios* os ill.mos e ex.mos srs.: Dr. José Thomaz de Sousa Martins, conselheiro Emygdio Ju-

---

[1] Deus ampare e proteja tão santa instituição!...

lio Navarro, João Carlos de Brito Capello e bacharel Joaquim Simões Ferreira, conferindo ao benemerito dr. José Thomaz de Souza Martins o titulo de *presidente perpetuo* da associação, por se dever á sua iniciativa, dedicação, estudos e serviços o tratamento da tuberculose em Portugal nas grandes altitudes da Serra da Estrella, que já hoje conta felizes resultados; e elegeram a direcção, que ficou constituida pelos ill.mos e ex.mos srs.:

—Dr. Bazilio Freire, *presidente.*

—Alfredo Cesar Henriques, *thesoureiro.*

—Guilherme Telles de Menezes, *secretario.*

E no impedimento pelos ill.mos e ex.mos srs.:

—Dr. Joaquim Borges, *vice-presidente;*[1]

—Dr. José Pereira de Mattos, *vice-secretario;*

—Dr. Joaquim Augusto Ferreira da Fonseca, *vice-thesoureiro.*

No fim dos mencionados *estatutos* se encontra a lista dos *socios fundadores.* Comprehende 89 senhoras e 421 cavalheiros;—total—510, mas consta-nos que é muito maior o numero dos socios actuaes—e entre elles se acham inscriptos *muitos titulares.*

Todo o paiz recebeu enthusiasticamente a noticia de tão piedosa e sympathica instituição e é muito auspicioso o seu futuro.

—

Na Estrella, junto do observatorio e da casa de Cesar Henriques já se vê um povoado de vinte e tantas casas, achando-se em construcção outras muitas; já vivem ali no momento trinta tuberculosos e, se houvessem mais casas feitas, maior seria aquelle numero, pois muitos doentes, por falta de habitações na serra, não teem passado da Guarda.

Tambem anda em construcção outro *sanatorio* junto da Covilhã—e vão construir-se mais dois: um na cidade da Guarda, em altitude superior a 1000 metros; outro na serra da Louzã, em altitude superior ao da Guarda.

O da *Estrella* já oferece bastantes commodos, por ser um povoado importante; e tende a augmentar consideravelmente. Está junto do observatorio; já tem estação telegrapho-postal e passa muito perto d'elle a nova estrada a macadam em construcção de Gouveia para Manteigas *pelo centro da montanha,* — estrada que deve pôr o *sanatorio* em contacto, por meio de diligencias e de viaturas de toda a ordem, com as linhas da Beira Alta e Beira Baixa, pois Gouveia e Manteigas já estão servidas por diligencias que vão até áquellas duas linhas.

—

Devem-se pois os *sanatorios* de Portugal e da *Estrella* á *Expedição scientifica* de 1881 e aos esforços e propaganda do sr. dr. Sousa Martins e do sr. Alfredo Cesar Henriques. O 1.º, como abalisado professor e clinico, argumenta com a sciencia; — o 2.º com a *experiencia.* O facto da cura realisada n'elle proprio é um argumento vivo, concludente e o *mais convincente*!... E não é um facto isolado, porque todos os tuberculosos, que foram após elle para a serra da Estrella,—todos teem experimentado consideraveis melhoras e são como elle apologistas da grande serra para o tratamento da tysica,—dessa medonha enfermidade que até hoje zombou da medicina e que desgraçadamente está ceifando a *quinta parte* da população das nossas villas e cidades!...

Um outro beneficio importante que resultou da *Expedição* de 1881 foi a reorganisação dos serviços florestaes, — a arborisação das dunas do littoral, das nossas estradas a macadam e das serras da *Estrella* e do *Gerez.*

Já no ultimo anno se fizeram grandes

---

[1] E' o sr. dr. Joaquim Borges Garcia de Campos, hoje representante da opulenta casa *Rainhas,* de Gouveia, pelo seu casamento com uma filha e principal herdeira do grande industrial *Joaquim d'Almeida Rainha*

V. *Villa Nova de Tazem.*

plantações e sementeiras de arvoredo—e deve-se este importante melhoramento publico ao sr. Emygdio Navarro,[1] auctor do formoso livro mencionado supra, pois sendo ministro desde 1886 até maio do corrente anno de 1889, não se esqueceu da nudez da grande serra que vizitára em 1883, pouco antes de ser ministro, e decretou a arborisação d'ella e da do Gerez, etc. etc. como a *Expedição* propoz nos seus relatorios.

Mil graças a uns e outros, porque a arborisação é *riqueza, belleza* e *saude*!

Albergarias

Um outro melhoramento importante, lembrado pela *Expedição* e que póde ser um grande beneficio para a humanidade, é a construcção de *albergarias* dentro da serra da Estrella, ao longo dos diversos caminhos que atravessam a montanha em todas as direcções,—caminhos muito frequentados no verão e mesmo na primavera e no outono pelos habitantes dos povos circumvisinhos, pois encurtam muito, seguindo pela montanha.

Entre a Covilhã e Manteigas, por exemplo, ha hoje uma boa estrada a macadam, servida por diligencias, mas o povo, sempre que póde, vae pela serra, pois adianta nada menos de *tres horas*! São porem os taes caminhos muito asperos e muito perigosos na primavera e no outono, porque a neve por vezes surprehende os viandantes na serra e muitos lá ficam sepultados.

Seria pois para desejar que ao longo da montanha fizessem *albergarias*, ou casas de abrigo para os tranzeuntes, embora muito singelas, como outr'ora tantas se fizeram em varios pontos do nosso paiz, nomeadamente nas serras do *Marão, Manhouce, Carvalho* ou *Cantaro, Britiande* e *Arouca*, etc.

V. *Albergaria* (1.ª—8.ª) *Carvalho, Cantaro* e *Vouzella*, tomo 11.º pag. 2021, col. 2.ª e segg.

Deus inspire o nosso governo, os nossos reis ou infantes, ou alguns cidadãos benemeritos, para que, á imitação dos nossos antepassados, mandem fazer *albergarias* dentro da serra da *Estrella*.

Barão do rio Zezere

Joaquim Bento Pereira, filho de Bento Pereira d'Almeida, negociante e proprietario em Setubal, e de D. Anna Joaquina Lizarda do Valle e Almeida, nasceu em Setubal a 17 d'agosto de 1798[1] e falleceu em Lisboa a 19 de dezembro de 1875, tendo casado a 12 de junho de 1851 com D. Joaquina Lucia de Brito Veloso Peixoto, que morreu a 28 de dezembro de 1879, filha de Agostinho Veloso Peixoto de Brito, capitão de infanteria do exercito, addido ao 2.º batalhão de veteranos, e de sua mulher D. Dorotheia de Brito.

O nosso biographado *Joaquim Bento Pereira* foi um dos mais valentes officiaes do nosso exercito e um dos filhos mais benemeritos de Setubal, 1.º *barão do rio Zezere*, par do reino, general de divisão, do conselho de S. M., gran cruz das ordens d'Aviz e da Torre e Espada, commendador da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, ajudante de campo honorario de S. M., deputado da nação em varias legislaturas, condecorado com a *Estrella d'ouro* de Montevideu, com as de valor militar e bons serviços e a do n.º 9 das campanhas de 1833, cavalleiro de 1.ª classe da ordem militar de S. Fernando e commendador da de Isabel a catholica, etc. etc.

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1843, col 2.ª, onde muito ligeiramente esboçámos a biographia de s. ex.ª

[1] A *Rezenha das Familias titulares*... de Albano da Silveira Pinto, muito dignamente continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna, diz que o nosso biographado nasceu em 1801, mas o *Diccion. Popular* e o sr. Manoel Maria Portella, illustrado filho de Setubal, dizem que nasceu em 1798.

—

Alistou-se no 2.º regimento de infanteria de voluntarios reaes d'el-rei a 27 de junho de 1816 e, sendo reconhecido cadete, embarcou para Montevideu a 14 de agosto do mesmo anno; fez toda a campanha da Banda Oriental até 1824, regressando a Lisboa a 12 d'agosto d'esse anno.

Em junho de 1818 foi despachado alferes de commissão e em março de 1821 foi nomeado alferes effectivo; com este posto entrou em Portugal e serviu no regimento de infanteria 14: passou depois para o 4 da mesma arma e assistiu a toda a campanha de 1826, fazendo parte das forças que ás ordens do conde de Villa Flor bateram os absolutistas.

Promovido a tenente em dezembro de 1827, emigrou para a Inglaterra no anno immediato e, passando aos Açores em fevereiro de 1829, tomou parte como major de brigada na acção do dia 11 de agosto; esteve na tomada da ilha de S. Miguel e Ladeira Velha e o duque da Terceira o elogiou pela sua bravura.

Sendo collocado em infanteria 10, desembarcou com este regimento no Mindello em 8 de julho de 1832 e fez todo o *cerco do Porto*; tomou parte na acção de Souto Redondo e distinguiu-se como tenente da companhia incumbida de cobrir a retirada do seu regimento.

Pouco depois, no dia 29 de setembro, entrou ao lado do valente coronel Pacheco na bateria da *Lomba*, occupada pelas forças de D. Miguel, portando-se de modo tal, que foi recommendado.

A 4 de março de 1833 defendeu com duas companhias o reducto do *Pinhal* contra 3 vigorosos ataqu-s do inimigo e no dia 18 de agosto desalojou os sitiantes de uma forte posição, quando já um batalhão de voluntarios tinha sido repellido, pelo que, sob proposta do coronel Pacheco, lhe foi conferido o 2.º grau da Torre e Espada, não sendo ainda cavalleiro da dita ordem, tendo sido já promovido ao posto de capitão em 6 d'agosto de 1832.

Foi elogiado e recommendado pelo duque da Terceira pela bravura com que tomou a forte posição do *Covello*; — depois, já em 1834, commandou uma força de 200 praças incumbida de proteger o desembarque do almirante Napier na Figueira e assistiu á batalha da *Asseiceira*, ultima da campanha liberal e que determinou a convenção d'Evora Monte.

—

Joaquim Bento era homem de genio arrebatado. Em 1835, sendo capitão e julgando-se desconsiderado pelo coronel Thomaz de Magalhães Coutinho, commandante do regimento de infanteria 10, não só lhe dirigiu uma carta nos termos mais violentos, mas publicou-a no *Nacional*, pelo que um conselho de guerra o condemnou a ser *fusilado*, mas, por ser official da Torre e Espada, o supremo conselho suspendeu aquella deliberação e mandou que se procedesse a novo julgamento, no qual foi absolvido.

Em dezembro do mesmo anno de 1835 foi na divisão auxiliar á Hespanha como addido ao quartel general; depois entrou para o corpo do estado maior e, seguindo a *revolução dos marechaes*, foi pela convenção de Chaves separado do quadro do exercito, no qual entrou depois em julho de 1840, sendo em 1842 promovido a major.

Em 1843 bateu-se em duello com o auctor de *D. Branca*, depois visconde d'Almeida Garrett.

As coisas passaram-se assim:

Garrett, sendo deputado e discutindo na camara a prisão de dois collegas, censurou asperamente as demasias da tropa. Joaquim Bento por essa occasião disse:

«Tira-se-lhe o chinó e dá-se-lhe com elle na cara.»

O poeta publicou no *Diario do Governo* uma carta, lançando agua na fervura, mas no mesmo *Diario* de 22 de julho publicou Joaquim Bento em resposta áquella, outra carta,[1] defendendo a guarda municipal de

---

[1] Podem ver-se ambas no *Diccionario Popular*, que vamos extractando.

Lisboa e o exercito, terminando por dizer: —«se alguem me perguntar porque me contento com esta declaração, responderei em duas palavras:—porque satisfações d'outra natureza só se exigem de quem as quer e sabe dar. *Joaquim Bento Pereira*, major do regimento de infanteria n.º 7.»

Posta a questão n'estes termos, Garrett mandou desafiar Joaquim Bento; encontraram-se junto dos arcos das *Aguas Livres*, mas nenhum dos dois ficou ferido, como consta das actas que appareceram na *Revolução de Setembro* e que foram transcriptas pelo sr. Francisco Gomes d'Amorim na sua interessante biographia d'Almeida Garrett, com outros detalhes de tão estranha occorrencia.

O artigo da *Revolução* diz o seguinte:

«Hontem (25) ás cinco horas da tarde bateram-se em duello á pistola, junto ao arco grande das *Aguas Livres*, os srs. Joaquim Bento Pereira e João Baptista d'Almeida Garrett.

«Depois de avaliarem bem a importancia da offensa, que deu origem ao duello, accordaram entre si os padrinhos e testemunhas... que os dois cavalheiros se batessem a *vinte passos* e á sorte.

«Chegados ao campo e cumpridas as formalidades do estylo, caiu ao sr. Joaquim Bento Pereira a sorte de atirar primeiro. Dado o signal, o sr. Joaquim Bento disparou para o ar, e o sr. Garrett, atirando depois, seguiu este exemplo.

«O sr. Joaquim Bento Pereira requereu ao sair-lhe a sorte, e depois de disparar, um tiro livre para o sr. Garrett, o que lhe foi recusado pelos padrinhos.»

Do exposto se vê que o nosso biographado foi muito generoso.

—

Em 1844, por occasião do cerco d'Almeida, commandou um batalhão de 4 companhias, que tomou parte nas operações contra aquella praça.

Em seguida ao golpe de estado de 6 d'outubro de 1846, passou a servir ás ordens do marechal Saldanha; em 14 do dicto mez foi nomeado commandante do batalhão de caçadores n.º 1, á frente do qual assistiu á batalha de Torres Vedras, sendo ali por distincção feito tenente coronel.

Tomou parte activa e muito importante no movimento de 1851 e, tendo-se pronunciado a favor de Saldanha e marchando com o corpo do seu commando para Santarem, segundo fôra ajustado, não pôde ali entrar por não adherirem á revolução alguns regimentos que a isso se tinham compromettido.

Depois de muitas peripecias, a guarnição do Porto pronunciou-se a favor de Saldanha e fez triumphar a regeneração, mas, quando tudo se julgava perdido e o marechal desanimado seguia já o caminho de Hespanha, o coronel Joaquim Bento com a sua habitual energia desconcertou as forças enviadas contra elle e, *atravessando o Zezere duas vezes*,[1] conseguiu juntar-se em Ceia ao batalhão de caçadores 5, do commando de Cabreira, (depois barão da Batalha) que se havia revoltado em Leiria.

—

Nomeado commandante da 1.ª brigada do exercito regenerador, elevado a brigadeiro e agraciado com o titulo de *barão do rio Zezere*, passou logo a commandar a divisão do Algarve, onde se conservou até 1856, sendo depois nomeado inspector geral de infanteria, cargo que exerceu até junho de 1866, accumulando desde 1864 a commissão de commandante da 2.ª brigada de infanteria de instrucção e manobra.

Em junho de 1866, por estar (segundo constou) envolvido n'uns projectos d'alteração da ordem publica, foi transferido para o commando da divisão militar dos Açores, d'onde em 1868 voltou a commandar uma das brigadas d'infanteria de Lisboa.

Sendo um dos officiaes que em dezembro de 1869 mais se distinguiram a favor do

---

[1] Esta arrojada e feliz manobra lhe mereceu o titulo de *barão do rio Zezere*.

marechal Saldanha, foi exonerado da commissão; esteve preso na torre de S. Julião da Barra e depois foi mandado commandar novamente a divisão dos Açores. Regressou ao continente em 19 de maio, sendo então nomeado commandante da divisão do Porto, cargo de que não tomou posse, porque apenas chegou a Lisboa, foi-lhe dado o commando das guardas municipaes, situação em que estava ainda, quando falleceu.

No gabinete da prezidencia da camara de Setubal póde ver-se o retrato do *barão do Zezere*, a oleo e em tamanho natural, offerecido á dicta camara pela sobrinha e herdeira do nosso biographado, pois morreu sem successão.

Desculpem as dimensões d'este longo artigo, *Zezere*, que tanto trabalho nos deu!...

ZEZERE—villa e castello antiquissimos, outr'ora denominados villa e parochia de *Santa Maria do Zezere*,—depois villa e parochia de *Paio-Pelle*—e hoje vulgarmente e simplesmente *Praia*, por ser a povoação d'este nome hoje a mais importante d'aquella freguezia, que até 1839 foi concelho á parte com justiças proprias. Hoje pertence ao concelho de *Villa Nova da Barquinha*, creado n'aquella data e tendo por séde a villa da *Barquinha*, que até 2 de maio de 1838 era uma simples povoação da freguezia e concelho antiquissimos da *Atalaia*.

Com a evolução do tempo a simples aldeia da *Barquinha* supplantou as villas, freguezias e concelhos de Atalaia, Tancos e Paio Pelle, que por decreto de 2 de julho de 1839 ficaram constituindo o actual concelho da *Barquinha*,—concelho insignificante e menos importante do que muitas das nossas freguezias ruraes, pois conta apenas 871 fogos, pelo que não tardará talvez que por seu turno seja supprimido e incorporado n'outro, obedecendo á mesma lei da evolução.

Para evitarmos repetições vejam-se os artigos *Almourol*, *Atalaia*, *Barquinha*, *Paio de Pelle*, *Tancos* e *Villa Nova da Barquinha*, tomo 11.º pag. 808, col. 1.ª

—

O antigo *castello do Zezere* demorava na confluencia d'este rio com o Tejo, a O. e defronte de *Punhete*, hoje *Villa Nova de Constança*, e foi feito ou restaurado no anno de 1172 pelo mestre do Templo D. Gualdim Paes, que tambem fundou ou antes *repovoou* a villa de *Santa Maria do Zezere* (depois *Nossa Senhora da Conceição de Paio Pelle*) no alto d'um monte escarpado, mas proxima do dicto castello e dependencia d'elle. Suppomos até que a villa foi acastellada e afortalesada tambem desde tempos muito remotos, porque o sitio era muito defensavel e a sua posição geographica e estrategica *importantissimas*. Dominava a foz do Zezere, rio que pela fragosidade e aspereza das suas margens era uma barreira muito difficil de transpor desde o Tejo até á Covilhã;—e dominava tambem o Tejo, outra barreira difficil de transpor, pelo que ainda nos principios d'este seculo, por occasião da guerra da *Peninsula*, montámos um reducto no alto da extincta villa, onde hoje apenas se vê a velha matriz de *Nossa Senhora da Conceição de Paio Pelle*, talvez fundação dos templarios tambem, e junto d'ella, a distancia de 50 metros para o sul, um pequeno e pobre cemiterio, com muros *feitos de taipa*, caiados e a esphacelar-se.

Ainda junto do dicto templo, hoje completamente isolado, se vê em volta d'elle uma trincheira do mencionado reducto e n'ella um canhão de grosso calibre com as armas portuguezas.

O dicto reducto jogava contra uma bateria que os francezes montaram a E. na margem esquerda do Zezere, junto do vistoso e magestoso templo de *Nossa Senhora dos Martyres*, a cavalleiro de *Villa Nova de Constança*, hoje matriz d'aquella villa desde 1833, data em que demoliram o velho e arruinado templo de *S. Julião*, que demorava na Praça e foi a 1.ª matriz da villa de *Punhete*, hoje *Constança*.[1]

---

[1] Hoje a matriz está, como dissemos, na vasta e sumptuosa egreja de *Nossa Senhora*

Do antigo *castello do Zezere*, fundação ou restauração de Gualdim Paes, ainda hoje se vêem grossos muros, saindo do fundo do rio na foz do Zezere, no pontal da sua confluencia com o Tejo. Foi destruido e arruinado pelo tempo, pelas muitas guerras que assolaram o nosso paiz e pelas grandes enchentes dos dois rios, a maior das quaes n'este seculo foi a de 1876.

Uns denominam as mencionadas ruinas *castello*, outros *torre* e outros *palacio do conde da Taipa*, porque foi propriedade dos dictos condes, um dos quaes vendeu aquellas ruinas a Vicente Ferreira Annes de Oliveira, de Villa Nova de Constança.

Da villa de *Santa Maria do Zezere* nada, absolutamente nada resta, alem do antiquissimo e venerando templo de *Nossa Senhora da Conceição*, a velha matriz de *Paio Pelle*, que ficou isolada no alto do monte, distando da margem direita do Tejo cerca de 400 metros para N. E.—e 150 a 200 metros do Zezere para O. sendo bastante escarpadas as pendentes do dicto monte sobre o Tejo e sobre o Zezere, que ali formam um angulo obtuso, tendo por vertice as ruinas do castello de Gualdim Paes e correndo o Tejo de N.E. a S.O.—e o Zezere de N.O. a S.E.

Em volta do dicto templo e nas pendentes da encosta hoje apenas se vêem grandes vinhedos, mas por occasião das plantações encontraram-se na dicta encosta vestigios de povoação antiquissima:—restos de paredes, calçadas, ladrilhos, tijolos, telhas, etc.—tudo soterrado, — na pendente sobre o Tejo lado S.O. da montanha, na extensão de um kilometro aproximadamente, até o *rigol* do acampamento de *Tancos*, que demora tambem na area da freguezia de *Paio Pelle*, hoje *Praia*. Isto nos leva a crer que as mencionadas ruinas são os destroços da extincta *villa de Santa Maria do Zezere* — e talvez d'algum *castro* ou povoação muito mais antiga?!...

Chamamos para este ponto a attenção dos archeologos.

O dicto chão é muito digno de estudo e não nos consta que fosse estudado e devidamente explorado até hoje.

Da foz do *Zezere* até á *Barquinha* o Tejo corre na direcção geral E.N.E.—O.S.O.—e banha na margem direita a povoação da *Praia* a 1 kilometro de distancia (da foz do Zezere);—o castello d'*Almourol* a 3 $^1/_2$ kil.; a villa de *Tancos* a 5—e a da *Barquinha* a 8 kilometros, aproximadamente.

A velha matriz de *Paio Pelle* demora na altitude de 84 metros sobre o nivel do mar —e a maior altitude da freguezia de *Paio Pelle* (hoje *Praia*) é de 140 metros, entre *Casaes* e *Portella*, 2 $^1/_2$ kilometros a N. da povoação da *Praia*.

Nas *Memorias da Acad. R. das Sci.* tomo 8.º parte II, pag. 43 e segg. encontra-se uma longa e bella *memoria*, intitulada *Descripção economica de certa porção consideravel de territorio da comarca de Thomar, e proxima á margem do Tejo,—memoria que mereceu o Accessit na sessão publica de 24 de junho de 1822*. Falla muito e *muito bem* de *Punhete*, *Rio de Moinhos*, *Montalvo*, *Martinxel*, *Tancos*, *Aceiceira*, *Atalaia* e *Paio Pelle*, mas não faz menção das ruinas da *villa do Zezere*, posto que o auctor da dicta *memoria* vivia em frente d'ellas, — na villa de *Punhete*, hoje Constança, como elle proprio diz no texto; ignoramos porem o nome do auctor, pois tão modesto, que não assignou o seu trabalho. Apenas o firmou com ***.

---

dos Martyres, que parece talhada para castello, pois tem paredes d'extraordinaria espessura e no alto d'ellas interiormente uma galeria com tribunas gradeadas de ferro.

E' um templo vastissimo que, segundo consta, data de 1636, com a mesma invocação de *Nossa Senhora dos Martyres*, mas apesar de ser hoje matriz, o padroeiro da villa é o mesmo *S. Julião*.

Constança teve mais 3 templos:—*Misericordia*, *Santo André*, ao nascente da villa, e *S. Sebastião* na margem do Zezere.

V. *Punhete*, *Constança*, e *Villa Nova de Constancia*.

Ao passo que se iam sumindo e desapparecendo a villa e o castello do Zezere, a população d'esta parochia foi-se concentrando na povoação da *Praia*, junto do Tejo.

Assim se formou a povoação da *Praia*, que hoje dá o nome a esta freguezia, povoação que foi importante até á extincção do concelho, pois n'ella estavam a casa da camara e as outras repartições publicas

A *Praia* tinha as honras de villa ou séde do concelho, mas não tinha egreja. Todos os officios religiosos se celebravam na egreja do extincto convento de Nossa Senhora do Loreto, de capuchos *Antoninos*, fundado em 1572 (segundo diz J. B. de Castro) cujas ruinas ainda hoje lá se vêem ao nascente da extincta povoação de *Paio Pelle*,[1] na margem direita do Tejo, entre este rio e a linha ferrea de leste, mas não chegou a ter caracter parochial e dista aproximadamente 6 kilometros da velha matriz, que ainda hoje é a matriz d'esta parochia.

O convento demorava cerca de 200 metros a E. do castello de *Almourol*, mas d'elle nada existe. A propria egreja desappareceu!...

Junto do local do convento encontrou-se em 1878 uma panella com muitas moedas antigas de ouro, soterrada e envolta nas raizes de uma *cepa* (arbusto) que um pobre carvoeiro estava arrancando para fazer carvão. Não nos consta que as dictas moedas fossem classificadas.

—

A povoação da *Praia* soffreu com a extincção do concelho de *Paio Pelle*, mas lucrou e tem progredido bastante com a linha ferrea de leste, pois deu-lhe estação propria—a 18.ª a partir de Lisboa — e a 2.ª a partir do entroncamento da linha ferrea de *leste* com a do *norte*.[1] Dista de Lisboa 119 kilometros, 12 do *entroncamento* e 242 do Porto.

A mesma povoação da *Praia* dista 7 kilometros da villa da Barquinha, séde actual do concelho, para E.—e 1 da nova ponte metallica da linha ferrea, para O.

A 1.ª ponte em que a linha ferrea de leste atravessava o Tejo, era toda metallica, assente sobre cylindros de ferro,[2] mas, como estes ameaçassem ruina, foi construida uma nova ponte a montante e junto d'aquella.

Foi principiada a nova ponte em 1888 e acabada em 1889, sendo aberta ao transito apenas se concluiu. Assenta sobre pilares de pedra, mas o taboleiro é metallico.

A 1.ª ponte foi demolida e d'ella hoje (novembro de 1889) apenas restam os cylindros em que se apoiava.

As povoações que actualmente constituem esta parochia são as seguintes:—*Praia* (hoje a mais importante e que succedeu á de *Paio Pelle*, como a de *Paio Pelle*, hoje extincta, succedeu á extincta *villa de Santa Maria do Zezere*);—Fonte Santa, Portella, Figueiras, Caneiro, Mattos, Outeiro, Laranjeira e Limeira; os casaes de Val dos Poços, do Jacinto e dos Pintainhos; o castello d'*Almourol*; os sitios do *Castello da foz do Zezere* ou *Palacio do conde da Taipa*, Convento, Ribeiro de *Lavacollos* (?), Ponte do Tejo, Estação da Praia, *Acampamento de Tancos* (campo de instrucção e manobras), —Paio Pelle, — *campus ubi Troja fuit*, — e as quintas do Seixal, Rio e Fontainha.

O antiquissimo e lindissimo castello de *Almourol*, fundação ou antes — restauração

---

[1] Suppomos que a povoação de *Paio Pelle* foi outr'ora importante, pois deu o nome a esta villa e freguezia desde antes do sec. XVI, como se vê do foral de D. Manoel com data de 22 de dezembro de 1519, mas teve a mesma sorte da extincta villa de *Santa Maria do Zezere*. — No sitio onde esteve a povoação de *Paio Pelle* já nem as pedras das casas derruidas se encontram. Teem sido levadas para Tancos, para a Barquinha e para outras povoações e construcções até á quinta da *Cardiga*, na Gollegã,—quinta que demora na margem direita do Tejo e dista da Barquinha 3 kilometros para S.O.

[1] A estação da *Praia* é tambem estação do *acampamento* de *Tancos*, mas com servidões differentes, pois o *acampamento* tem apeadeiro proprio.

[2] V. *Constancia*, tomo 2.º pag. 380.

—de Gualdim Paes, mestre do Templo, está em uma ilha muito pittoresca, junto da margem direita do Tejo, — pertence á fazenda nacional e ainda promette longa duração, porque o nosso governo o mandou reparar em 1888 a 1889 pela commissão das obras do Tejo.

V. *Almourol.*

—

As producções principaes d'esta freguezia são vinho, azeite e cereaes.[1]

Tambem é mimosa de caça miuda e de peixe dos seus dois rios—Tejo e Zezere, nomeadamente de *saveis*, no tempo proprio.

O Zezere, como já dissemos, banha esta freguezia a leste, na extensão de 3 kilometros, e n'elle se vae construir uma grande ponte metallica em frente de *Villa Nova de Constança*, na estrada reai d'Abrantes a Santarem,—ponte que já descrevemos no longo artigo *Zezere* e que deve dar muita importancia a esta freguezia da *Praia*, bem como á de *Villa Nova de Constança.*

População

Em 1712, segundo diz o Padre Carvalho, esta freguezia contava 108 fogos,pertencendo 40 á extincta villa de *Paio Pelle;*—em 1768, segundo se lê no *Port. S. e Prof.* contava 180 fogos;—em 1821, segundo se lê na *memoria* citada supra,contava 205 fogos e 658 habitantes, sendo solteiros de 15 annos para cima 194,—de 15 annos para baixo 179,—viuvos 23,—viuvas 32—e casados 230,—padres 2,—pessoas nobres 1,—sapateiros 1, pedreiros 1, alfaiates 1, carpinteiros 2, boieiros ou *singeleiros* 2, justiça (funccionarios publicos) 7, lavradores (talvez proprietarios) 9, pastores 9, trabalhadores (jornaleiros) 18, pescadores 159, tendeiros, negociantes, barbeiros e ferreiros—*nem um!*...[1]

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 180 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 225 fogos e 906 habitantes; o censo de 1878 deu-lhe 241 fogos e 1148 habitantes — e hoje, segundo diz o seu reverendo parocho, tem 350 fogos e 1430 habitantes.

É pois bastante prospero o seu estado actual, devido ao movimento da estação da *Praia* e á construcção da linha ferrea e das duas pontes da linha sobre o Tejo, — obras importantes que occuparam muitos braços d'esta freguezia e n'ella deixaram muito dinheiro, como vae deixar a construcção da ponte metallica sobre o Zezere,—ponte que deve dar muita vida a esta parochia e á estação da *Praia.*

Vista retrospectiva
1821

A citada *memoria* diz:—«Todo o terreno d'esta villa (freguezia de *Paio Pelle*, hoje *Praia*) se compõe de pequenos lugares, e bastantemente pobres; aqui não ha um grande proprietario, não ha um commerciante, quasi todos entretanto tem seus pedaços de terra, que cultivam e de que colhem poucos fructos.

«Quasi todos já de antiquissimos tempos se tem empregado no serviço da pesca, de que tiram muito maiores vantagens, do que na cultura de terras bastantemente aridas, e estereis, e em que somente muitos braços, muitos gados e muitos estrumes poderão concorrer para que ellas dêem algum interesse ao lavrador.

«A pesca d'estes homens he ás vezes no

---

[1] O seu chão é pouco fertil;—demora na provincia da *Estremadura*—e pertence ao concelho da Barquinha, comarca da *Gollegã.* Fica assim rectificado o que no artigo *Paio Pelle* disse o meu benemerito antecessor.

[1] No mesmo anno esta parochia produziu 50 alqueires de legumes de diversas qualidades, 1200 de trigo, 900 de centeio, 900 de milho grosso, castanhas e cevada *zero*, caixas de laranjas 150, pipas de vinho 60, *alqueires* d'azeite 2000,—tudo na importancia de 4:896$000 réis, segundo os preços correntes *in illo tempore.*

V. *Memoria* citada, pag. 108.

rio Zezere, e muito principalmente no Tejo; como ella porem n'estes sitios não lhes daria todos aquelles interesses, a que elles aspirão, então emigrão para certas partes do Tejo, onde chega a maré, sendo o local da pesca d'estes homens ordinariamente entre Villa Franca de Xira, e Salvaterra de Magos. Pescão saveis desde o Natal até ao Santo Antonio, e mugens desde este tempo até ao S. Martinho.

«A *immensa quantidade* de varinas, e de *chinchas*, e de outras redes d'esta ordem, chamadas de *arrastar*, que desde o Alqueidão até á Barquinha se empregão na pesca dos saveis no tempo competente, produz muitas vezes a escassez d'este peixe no pégo de Tancos, e he esta huma das causas da emigração d'estes homens; se bem que outros ha, que se empregão na pescaria dos saveis no lugar da *Praia*, com as taes *chinchas*, e como por tal emigração não terião sufficientes braços, costumão annualmente vir de Ovar, e de suas immediações de 80 a 100 homens, que somente aqui permanecem aquelle tempo necessario, e mesmo por que esta gente he mais apta e está mais acostumada a tal serviço.

—

«O serviço rural, se bem que de pequena consideração... he somente feito por seus habitantes. Ha alguns trabalhadores que só a isto se dedicão, e ordinariamente ninguem recebem de fóra.

«A colheita da azeitona, genero que mais abunda n'este districto, n'ella se empregão os mesmos pescadores, pois quasi sempre acontece acharem-se n'este tempo aqui; o sexo femenino igualmente se emprega n'este serviço, como em todos os outros d'agricultura, em que podem ser admittidos; e para o que são superabundantes. Estaria este paiz mais bem cultivado... se seus habitantes se não inclinassem, como por natural propensão, á pescaria, a terra entretanto lhes não compensaria, *pela sua má qualidade*, suas grandes fadigas; todos os pescadores são gente pobre, e muitos proprietarios de fóra tem aqui suas fazendas; e tem bem calculado que os jornaes não lhes equivalem aos interesses da pescaria.»

Doação de D. Affonso Henriques
1169

Aproveitando o ensejo, mencionaremos aqui 3 documentos importantes e bastante antigos, que prendem com esta parochia:— 1.º a doação d'ella aos Templarios por D. Affonso Henriques em 1169;—2.º o foral de D. Gualdim Paes; — 3.º o foral de D. Manoel.

Com relação ao 1.º documento, veja-se o artigo *Penella*, villa do districto de Coimbra, tomo 6.º pag. 613, col. 2.ª, onde se encontra um extracto da doação original em latim. Comprehende os castellos da *Cardiga*, *Thomar* e *Zezere* (*Paio Pelle*, hoje *Praia*) cujas demarcações eram:

«—*In primis per fozem Beselga...*»

Em vulgar:—«Primeiramente pela foz da ribeira de *Beselga*; depois pela estrada de Penella (a Santarem) até o *Alfeigedoe* (?); d'ali pelo alto do monte de Tancos, aguas vertentes para o Zezere; d'ali vae até entrar no Tejo, junto do castello d'*Almeirol*; depois vae pelo meio do Tejo até á foz do Zezere; depois pelo meio do Zezere até á foz do rio de Thomar (*Nabão*) — e finalmente pelo rio Nabão até á dicta ribeira de *Beselga*.

Do exposto se vê que o chão da freguezia de *Paio Pelle*, anteriormente *villa e castello do Zezere*, hoje *Praia*, foi dado aos cavalleiros do Templo no anno de 1169;—extinctos os templarios passou para os cavalleiros de Christo, os quaes apresentavam um freire seu na dicta egreja.

Foral de D. Gualdim Paes
anno 1174

O 1.º foral que teve esta parochia foi o que D. Gualdim Paes, mestre do Templo, deu ao *Castello da Foz do Zezere* no mez de

junho da era de 1212,—anno 1174—e que é muito semelhante ou *quasi identico* ao que no mesmo mez e anno deu a Thomar.

No do *Castello ou Villa da Foz do Zezere* diz entre outras coisas o seguinte:

«Si quis ergo raussum vel homicidium...»

Em vulgar:

«Se algum dos habitantes do nosso castello do Zezere commetter crime de estupro ou de homicidio ou entrar violentamente em alguma casa da villa, pagará 500 soldos. Se este delicto for praticado no termo da villa, mas *extra muros*, pagará 60 soldos.

«O que metter esterco na bocca d'outro, dentro da villa ou fóra d'ella, pagará 60 soldos.

«Quem agredir outro com armas e o ferir, sendo dentro da villa, pagará 60 soldos; sendo fóra d'ella pagará 30.

«Logo que se prove em juiso que alguem feriu outro, o auctor do delicto pagará 60 soldos.

«Se alguem decepar qualquer membro d'outro, pagará 60 soldos.

«Por feridas que tenha de satisfazer, pague-as a quem dever pagal-as—ou bata-se em campo, segundo os antigos foros (usos e costumes) de Coimbra.

«As citações ou intimações ordenadas pelo alcaide ou pelo juiz serão feitas com testemunhas para terem validade.

«Não se fará penhora em casa alguma, sem que o dono primeiramente seja chamado a juiso.

.....

«Todas as acções tentadas por nós ou pelo nosso mordomo, quando houver provas, julguem-nas os *homens bons* e não as justiças da villa.

«O que fôr chamado a depôr em juizo e occultar a verdade, sabendo-a, pague ao individuo prejudicado o que lhe fizer perder e outro tanto ao senhor da villa—e não mais possa ser testemunha em juiso.

«Se algum procurador se compozer com o mordomo, falseando seu committente, e isto se provar com testemunhas, pague o que fez perder ao seu constituinte; — não tendo bens sufficientes para a indemnisação, pague com o corpo—e não se lhe admitta justificação em juizo, sem que primeiro dê fiança idonea.

«E ninguem poderá ser procurador em juizo sem ter carta, pois taes procuradores são a ruina da sociedade.

.....

«Aquelle que em defeza do seu campo, da sua vinha, ou da sua almoinha maltractar outro, embora o fira, nada pague; mas se aquelle que fizer o damno ferir o dono da propriedade, pague o damno e os ferimentos.

«Ninguem poderá trazer armas na villa. Aquelle que as trouxer, embora não fira alguem com ellas, perdel-as-ha.

«O que usar de medidas ou covados falsos pague 5 soldos.

«Quem se apropriar violentamente do alheio, em casas ou fora d'ellas, pague o dobro.

«Se algum homem accusar a sua mulher de adultera e provar em juizo o adulterio, os bens da adultera serão do senhor da villa.

«Ninguem poderá abrir vallas nos caminhos publicos, nem mudar marcos, e o que tal fizer será punido segundo os foros (usos e costumes) da villa.

«O almotacé será nomeado pelo concelho.

.....

«Quem prender ladrões ou malfeitores entregue-os ao nosso mordomo e não incorra por isso em pena alguma.

«Se alguem entrar em vinha, campo ou almoinha d'outro, de dia e furtivamente para comer, ou metter besta sua nos ferragiaes alheios, pague 5 soldos. Se das propriedades d'outro levar fructos no ceio ou no regaço, em saco ou em cesta, pague um morabitino; —sendo de noite, pague 60 soldos e perca a roupa que levar vestida, — e metade d'esta pena será para o dono da propriedade roubada; não tendo porem com que pague, *preguem o ladrão na porta durante 3 dias e no 4.º açoitem-no*?!...

—

«Se alguem for fiador d'outro e esse outro não cumprir, pague o fiador por inteiro.

«Se o mouro (escravo) d'alguem andar solto e commetter algum crime, responda e pague por elle o seu senhor, ou entregue-o ao mordomo para fazer n'elle justiça; andando com cadeias ou sendo moura, embora ande em liberdade, se commetter algum crime, não os perca o seu senhor (exceptuando os crimes que devam ser punidos com pena de morte) mas sejam açoitados e depois entregues ao seu senhor.

. . . . . .

«A jugada será de 16 alqueires, segundo a medida do concelho.

«De uma junta de bois pagarão 16 alqueires, metade de trigo e metade de *segunda*, —cevada, centeio ou milho.

«O cavador pague metade do que nas outras terras costumam pagar os cavadores ou jornaleiros.

«Das vinhas paguem a decima parte do vinho que colherem, depois que as vinhas produzam 10 *puçaes*.

«Do pescado paguem tambem a decima parte.

. . . . . .

«Quem fizer moinhos nos ribeiros ficará sendo dono d'elles e pagará apenas de 14 alqueires 1.

. . . . . .

«E se o nosso mordomo por malicia infringir este foral, por peita que receba ou para favorecer alguem, fica responsavel para comnosco por sua pessoa e bens.

«O dono de qualquer propriedade poderá vendel-a passado um anno.

«Este foral foi dado no mez de junho da era de 1212 anno 1174, no 2.º anno depois da fundação da villa e do castello da foz do *Zezere,—anno secundo a constructi opidi populatione.* Eu mestre G. (D. Gualdim Paes) com os meus freires o roboro o confirmo.

. . . . . .»

V. *Portugaliæ Monumenta*, tit. *Foralia*, pag. 402 e 403, onde se encontra este foral na sua integra—e desculpem os lapsos da traducção, pois não é facil de verter o latim d'este e d'outros documentos analogos do sec. XII.

Foral de D. Manoel dado á villa de Paio Pelle em 1519

«D. Manoel, etc.

Mostrasse pollas dictas Imquirições estar a ordem em costume,[1] e posse, sem contradiçam de dar as terras da dita ordem, e comenda para casaees emcabeçados por hum quarteyro de pam, meado em cada hum anno, a saber: ametade de trigo, e a outra metade segunda, que se emtemde cevada, centeo, ou milho; e mais davam aos comendadores o dizimo de todo o que colhyam, e mais cada casal cadanno huma galinha, e huma duzia dovos.

«E os cazeyros que asy tomaram, ou tomarem os maninhos com o dito foro, sam obrigados a confirmarem seus titollos pollo mestre, ou seus veedores da fazenda, ou pellos vizitadores da hordem.

«E os comendadores,[2] mordomos, ou rendeiros seram dilligentes em receberem o pam, e foros aos tempos em seus contractos e scrituras obrigados; porque se assy lho nam receberem levando-lho, nam seram obrigados os pagadores a lho levarem jamais, salvo a lho pagarem a dinheiro pollo preço soomente que vallia na terra jeralmente ao tempo que lho nam quizeram receber.

«E tem mais a ordem, e comendadores o direito dos pastos, e montados, e cortiça da dita terra, segundo se avierem com as partes assy, e na maneira que atee ora estam em posse de o assy fazer.

«E jazem no lemite, e termo do dito lugar de *Pay pelle* alguas terras,, e olivaes patrimoniaaes dalguas pessoas, de que nam pagam ha ordem, nem comendador ninhum tributo, nem foro, soomente o dizimo a Deos, segundo estam sabidas.

---

[1] Refere-se á *ordem de Christo*, successora da do *Templo* em Portugal.

[2] Refere-se á commenda de *Santa Maria d'Almourol*, cujos commendadores possuiam o castello d'este nome.

—

«Item: se paga mais outro direito no limite do dito lugar nos canaaes, e pesqueiras hy sytuadas, duas dizimas do pescado que se nellas mata, a saber: hua dizima velha, que he da dita comenda, e outra dizima nova, que a nos *in solido* pertence per bem do contracto antigo dos pescadores, nas quaes avemos por bem, e mandamos que se nam faça mudança, nem ennovaçam de como atee aqui usaram de pagar.

«E alem dos foros e tributos acima decrarados, mandamos que daquy adiante se nam paguem hy nenhuns outros de ninhua calidade, e condiçam que sejam, assy dos foros da terra como das pessoas, a saber: Portagem nem pena darma, nem ninhum outro, afora os sobreditos.

«E porém mandamos que todallas cousas se cumprão como nesta nossa carta e foral he determinado, soo as penas contheudas no foral de Tomar, cabeça do dito mestrado.

«Dada em a nossa cidade devora a vinte e dous do mes de dezembro anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Chrispto de mil e quinhentos e dezanove; e vay feyto ho original em carta em vintoyto regras e meya comcerto e soescrito por mym Fernam de Pina.»

Livro de Foraes Novos da Estremadura — fl. 244, v. col. 2.ª, e — tomo 8.º das *Memorias da Acad. R. das Sciencias*, parte II, pag. 120 e 130, donde eu o trasladei. E' parte integrante da *Memoria economica*, citada supra, e ali se encontram tambem os foraes *velho* e *novo* de Thomar,—o que D. Manoel deu ás villas de *Atalaia* e *Assinceira*,—e os *Privilegios* concedidos por differentes reis nossos á mesma villa de *Atalaia*, etc.

Posturas antigas de Paio Pelle e Tancos

Na citada *Memoria economica*, pag, 102, se indicam as posturas que vigoravam nas villas de *Paio Pelle* e *Tancos* em 1821. Nada teem de notaveis, excepto duas, a 1.ª das quaes prohibia inclusivamente ao proprio dono cortar *mattos sem licença da camara*;—a 2.ª prohibia aquem não tivesse olivaes proprios vender azeitona, *embora os trouxesse de renda.*

Que sabios legisladores?!...

Feira de Santo Antonio

«A feira de *Paio Pelle*— diz a citada *Memoria*—he geralmente conhecida pelo nome de *Feira de Tancos*... porque pertencia a esta ultima villa; hoje porem (1821) se faz e pertence a *Paio de Pelle*, por huma transacção que fizerão os antigos habitantes d'estas duas contiguas villas. N'este sitio ha no Tejo huma barca de passagem para o *Arripiado*,[1] que sempre pertenceo e pertence ainda á commenda de *Almourol* da villa de Paio de Pelle; porem os moradores de Tancos consentirão que a feira se mudasse para Paio de Pelle, com a condição de que lhe dessem porto da barca em Tancos. e seus habitantes nada pagassem pela passagem do Tejo, o que assim se executou; entretanto a barca porta aonde melhor convem aos que a regem, n'huma ou n'outra villa, segundo o estado das innundações do Tejo, nem isto faz alguma differença pela proximidade das duas villas.

Esta feira se faz dia de *Santo Antonio* em todos os annos, e continua ainda mais dois dias; ella he de muito maior concorrencia do que a de Punhete incomparavelmente... e he estabellecida pelas ruas de *Paio de Pelle*.»[2]

---

[1] A povoação do *Arripiado* demora na margem esquerda do Tejo e já pertenceu e não sei se ainda pertence á freguezia e villa de Tancos. Prende com ella a seguinte locução popular:—*Tancos, Tanquinhos, Paio Pelle, Arripiado* e *Arripiadinhos*. *Tanquinhos, Arripiado* e *Arripiadinhos* são aldeias da freguezia de Tancos.

A de *Arripiadinhos* tambem demora na margem esquerda do Tejo.

[2] Do exposto se vê que a povoação de *Paio Pelle*, hoje completamente extincta e sem uma casa unica, ainda em 1821 era villa e tinha *ruas onde se fazia a grande feira*; a mesma *Memoria* porem diz que já n'aquelle tempo era muito importante a povoação da *Praia*.

Concorria á dicta feira muita lã de gado das circumvisinhanças e de terras muito afastadas;—muito panno de linho das visinhanças e da provincia do Minho; muitos retrozeiros e ourives do Porto e de Lisboa, que faziam por ali escala para a grande feira de *S. João* d'Evora, ainda hoje (1889) a feira de lã mais importante que ha em todo o nosso paiz. Regula os preços da lã nacional e quem marca na dicta feira o preço da lã, ha mais de 20 annos, é a grande casa industrial *Rainhas*, de Gouveia, por ser a que ali costuma comprar mais lã,—ordinariamente *seis a oito mil arrobas*—e *sempre a dinheiro de contado*?!...

V. *Gouveia* e *Villa Nova de Tazem* n'este diccionario e no supplemento.

Extincta a villa de *Paio Pelle*, a mencionada feira mudou-se para a villa da Barquinha. Ali se faz ainda hoje (1889) e, posto que soffreu bastante com as novas estradas e linhas ferreas, ainda tem uma certa importancia e abunda em sola e cabedaes da freguezia de *Alcanêna*, concelho de Torres Novas, onde ha muitas fabricas de cortumes.

V. *Alcanêna* e *Zibreira*.

ZIBREIRA — aldeia da parochia de S. Martinho da villa, concelho e comarca de Cintra.

Temos no nosso paiz mais 3 aldeias, 3 casaes e 1 quinta com o mesmo nome de *Zibreira*,—e *Zibreira da Fé* e *Zibreira de Fetaes*, aldeias da freguezia de *S. Quintino*, concelho de Arruda, mas não consta que offereçam alguma coisa notavel.

Com relação á etymologia de *Zibreira*, vide *Zebreira* n'este volume, pag. 2085, col. 1.ª

Suppomos que *Zibreira* é modificação de zimbreira, synonimo de *zimbral*, e quer dizer *matta de zimbro*; mas tambem é possivel que alguma das povoações, herdades e quintas, denominadas *Zibreira* e *Zebreira*, tomassem o nome de *Zibraria*, *Zebraria* ou *Ezebraria*, formula feminina de *Ezebrario*, nome de homem nos principios do sec. XI.

V. *Portugaliæ Monumenta*, — *Diplomata et Chartae*, pag. 145, onde se encontra um documento do anno 1018, em que figura um homem com o nome de *Ezebrario* e que foi grande proprietario ao sul do Vouga.

ZIBREIRA—freguezia do concelho e comarca de Torres Novas, districto de Santarem, diocese de Lisboa, provincia da Estremadura.

Orago—S. Sebastião.

Fogos 152,—habitantes 615.

Em 1712 a *Chorogr. Port.* apenas disse que esta parochia era um curato.

Em 1768 era tambem curato da apresentação do prior de S. Pedro de Torres Novas,—rendia 30$000 réis e contava 60 fogos, segundo se lê no *Port. S. e Profano.*

Em 1852 o Flaviense deu-lhe 75 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 125 fogos e 445 habitantes,—e o de 1878 deu-lhe 149 fogos e 579 habitantes.

Demora na estrada de Torres Novas para Minde e Porto de Mós e dista 7 kilometros de Torres Novas para O. 15 do *Entroncamento* da linha do Norte com a de Leste para O. tambem; 15 da estação de Torres Novas para N.O.—118 de Lisboa—e 249 do Porto.

Alem da povoação de *Zibreira*, séde da freguezia, comprehende a de Almonda, uma fabrica de papel e os moinhos da Fonte, da Azenha e do Casal de Feijão.

Fonte de S. Sebastião

Em junho de 1881 dizia o *Pombalense:*

«Na freguezia da Zibreira, concelho de Torres Novas, rebentou no mez de junho uma nascente d'agua, no mesmo sitio pouco mais ou menos, em que ha muitos tempos, segundo a tradição, existiu uma fonte denominada de *S. Sebastião*, que desappareceu ha mais de cem annos, sem d'isso se saber a causa. Esta noticia é confirmada pelo testemunho insuspeito d'um parocho d'aquella freguezia, no anno de 1753, quando fez o relatorio das curas assombrosas em varias enfermidades.

«Em 1755 era aquella fonte já conhecida pelo nome de—agua milagrosa da *fonte de S. Sebastião.*

«Agora, como já acima dito fica, appareceu de novo a agua por muitos annos ex-

tincta, e está chamando grande affluencia de pessoas enfermas, que, umas do concelho, outras de longes terras, alli concorrem attrahidas pela fama de muitas curas que já se têem operado.

«Embora sejam exageradas ou assim reputadas as virtudes de tal fonte, nós contamos o que acaba de nos ser transmittido por pessoa respeitavel e de inteiro credito.

«As aguas vão ser analysadas chimicamente.»

—

Producções dominantes: — vinho, azeite, cereaes e fructa.

Banha esta parochia a N. um ribeiro confluente do Alviella,—ramo que vem da serra *d'Ayre*, na altitude de 677 metros, e toca em Torres Novas, onde se junta ao ramo principal, que vem da *Portella*, 13 kil. a N. de Torres Novas.

Passa na *Zibreira* a estrada a macadam districtal n.º 74, da estação de Torres Novas a Porto de Mós, pela *Zibreira*, *Minde*, *Alcaria*, etc. e que dá um ramal da *Zibreira* para *Alcanêna* e *Monsanto*, etc.

Na dicta estrada montou-se uma linha ferrea americana a vapor, de via reduzida, que parte da estação de Torres Novas e vae até Alcanêna, povoação e freguezia importante e muito industrial, pois tem muitas fabricas de cortumes de couro, etc.

Foi construida por uma empreza particular em 1887 a 1888 e tem as 7 estações seguintes:—*Torres Novas*, junto da estação d'este nome na linha ferrea do norte,—Riachos, Torres Novas (villa) Bella Vista, Ribeira Branca, *Zibreira* e Alcanêna.

Comprehende 22 kilometros e foi seu concessionario o barão de Mattosinhos.

As maiores altitudes em volta da povoação de Zibreira são: — 107, metros (sobre o nivel do mar) a N.;—110, a O.—e 121 a E.[1]

[1] Nada mais podemos adiantar com relação a esta freguezia, porque o seu reverendo parocho, a despeito das nossas *reiteradas instancias*,—não se dignou responder-nos.

ZIDO—antigamente *Izedo* e talvez parochia,—hoje simples aldeia da freguezia de *Villar d'Ossos*, concelho e comarca de Vinhaes, em Traz os Montes.

V. *Villar d'Ossos*, tomo 11.º pag. 1253, col, 2.ª

ZIDOY—hoje *Sidoi* ou *Sidões*,—aldeia da freguezia de S. Thiago de Bougado, concelho de Santo Thyrso.

Nas *Dissert. Chronol.* de J. P. R. tomo 1.º pag. 209, se encontra um documento do sec. XI (era de 1084, anno 1046) no qual se faz menção da dicta aldeia com o nome de *villa* (quinta ou casal) de *Zidoy*.

No latim barbaro d'aquelle tempo era trivial escreverem *z* em vez de *s* ou *c*. No documento citado, por exemplo, se encontra *conzedímus* em vez de *concedimus*,—e *Carapezos* em vez de *Carapeços*.

No mesmo documento se menciona a *villa Burgalani*, que é hoje a aldeia e freguezia de S. Thiago de *Burgães*, pertencente como a de S. Thiago de *Bougado* ao mesmo concelho de Santo Thyrso; — ambas demoram na margem erquerda do Ave — e são por consequencia muito antigas.

V. *Burgães* e *Bougado*.

ZIGAROS—ou **ZINGAROS**—ou **CIGANOS** —raça de gente vagabunda, que pretende conhecer o futuro, lendo a *buena dicha* pelas raias ou linhas da mão. Vive d'este e d'outros embustes, principalmente de *trocas* e *baldrocas* de cavalgaduras e de cantar e dançar.

Costumam viver juntos em bairros proprios, teem costumes particulares e uma *giria*, especie de germania, com que se entendem; mas a maior parte vagabundeia pelos campos e sertões.

Dizem-se naturaes do Egypto e obrigados a peregrinar pelo mundo sem domicilio permanente, como descendentes dos que não quizeram agasalhar o Menino Jezus, quando S. José e a Virgem peregrinaram com elle pelo Egypto.

Raphael Volaterrano faz menção d'esta gente e diz que traz a sua origem de certos povos da Persia que faziam profissão de ler a *buena dicha*. Outros dizem que os ciganos vieram de Esclavonia ou de terras con-

finantes com a Hungria ou com a Bohemia, pelo que os francezes os denominaram *bohemes* ou *bohemiens*,—bohemios.

O auctor do *Diccionario Oriental* diz que foram chamados *bohemios*, por se unirem com elles no tempo da guerra dos *Hussitas* uns fugitivos da Bohemia. Moraes diz que o nome de zingaros vem do italiano *zingari* e o de ciganos do allemão *ziegeuner*.

No oriente foram chamados *zingues* e *zenguis*, nomes que teem muita analogia com o de *zingaros* ou *ciganos*.

Certo arabe, auctor do livro *Mirrat*, diz que os ciganos procedem em linha recta de Pharaó e dos sequazes da sua impiedade.

—

Quando entraram em França foram chamados *penanciers* ou *penitents*—penitentes. Os principaes d'elles eram 12, um dos quaes se denominava *duque* (em latim *dux* [1])—e outro *conde*. Ao todo eram aproximadamente 120; diziam ser naturaes do Egypto inferior e que, por serem christãos, foram expulsos das suas terras pelos sarracenos;—que vinham de Roma, onde, depois da confissão dos seus peccados, o pontifice lhes dera por penitencia andarem 7 annos pelo mundo sem se deitarem em cama; — e as ciganas já se entregavam ao mister de ler a *buenadicha*, mas o bispo de Paris os expulsou e excommungou a quem lhes mostrasse as mãos.

Hoje os ciganos são bandos de vadios de varias nações, descendentes dos que vieram do Egypto, ou da Nubia, ou da Esclavonia, ou da Hungria ou da Bohemia. Na opinião d'alguns autores a *giria* ou lingua que fallam resente-se da *esclavona*.

São muito entendedores de gado cavallar e muito astutos nas trocas, compras e vendas. Em geral quem negoceia cavalgaduras com elles fica sempre lesado, ludibriado e roubado.

[1] D'aqui provem talvez o termo pastoril *cigano*, dado ao carneiro *guia*.

Anecdota interessante

Seja nos licito apontar uma das gentilezas dos taes ciganos, que é realmente curiosa e prende com um meu collega que foi prior de *Cambas*, então um dos beneficios mais rendosos do bispado da Guarda.[1]

Fallando da dicta parochia e dos seus priores, diz o sr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel, bispo d'Angra, na sua *Memoria da villa de Oleiros*, pag. 264, o seguinte:

«Do prior *Joaquim Paes Pinheiro*, que parochiou esta freguezia desde os fins do ultimo seculo até 1828, contam-se anecdotas galantes, algumas das quaes vamos relatar:—Tinha elle duas bellas mulas, que costumava vender quando estavão velhas, e substituil-as por outras novas. Dando-se este caso, dirigiu-se com as mulas para a feira de S. João da Guarda, que durava muitos dias, e logo que a ella chegou as vendeu, cuidando depois de comprar outras nas condições em que as pretendia; e com effeito, encontrando-as como as desejava, as pagou *por bom preço* montando-se logo n'uma e o criado na outra, e seguindo gostoso para o seu priorado, na persuação de que trazia duas *bellas mulas novas*. Pelo decurso porem da jornada que era longa, o criado começou a observar que as mulas tinhão os mesmos habitos das antigas, e a desconfiar que fossem as mesmas, transformadas; e communicou a sua desconfiança ao amo, que a levou muito a mal, indignado de tal lembrança.

O criado, no entanto, continuava a insistir respeitosamente na sua desconfiança, apresentando os signaes e provas d'ella, mas debalde; porque o prior repellia sem-

[1] V. *Cambas*, tomo 2.º pag. 51, col. 1.ª— e *Zezere*, rio.

pre com indignação tal suspeita; argumentando com os dentes curtos, outra pellagem e muitas differenças das mulas velhas.

—

«Para confundir finalmente o criado, propoz-lhe a seguinte experiencia: Costumavão as mulas velhas pastar soltas em certa propriedade, por onde havião de passar os dois feirantes, e ião perto da noite recolher-se espontaneamente á cavalhariça na povoação. Propoz pois o prior ao criado que, em chegando áquelle sitio se apeassem e deixassem as mulas em liberdade, porque se fossem ter á cavallariça, evidente ficaria serem as mesmas, mas se não fossem, certo era serem outras. Com alvoroço acceitou o criado a proposta: fez-se como estava planeado, e as mulas, com grande confusão e desgosto do prior, *chegarão a casa primeiro que o dono.*»[1]

O prior devia ficar fulo contra os taes ciganos, pois era muito energico e muito demandista, como diz tambem o sr. bispo de Angra nas suas *Memorias*:

«Em ouvindo os pastores a gritar aos lobos, porque tinha grandes rebanhos de gado, saia da Egreja, *ainda que estivesse revestido* (?) a gritar tambem.

. . . . . .

«Andava quasi sempre envolvido em demandas, e indo hospedar-se em sua casa o escrivão José Antunes Pinto, a quem ouvimos contar este facto, e dispondo-se o prior para dizer missa, offereceu-se-lhe aquelle para lhe ajudar a ella. José Antunes Pinto estava ao facto de alguns processos em que tinha parte o prior, talvez por ser escrivão n'elles, e grande foi a sua confusão quando pelo decurso da missa o prior, interrompendo-a, se dirigia a elle,—pedindo a sua opinião sobre differentes arrasoados e peças dos processos, *sobre o que discorria, como se estivesse discutindo a causa em juizo.*»

Juizo era o que lhe faltava. Parece que ainda tinha menos do que o *Sancho Pança* que o acompanhou na viagem á feira, pois foi o primeiro a notar a *burla*.

Prosigamos.

—

Os taes *zingaros* teem sido expulsos d'algumas nações—e com razão, pois são muito perigosos!

«Alguns autores portuguezes—diz Bluteau—com grande razão se queixão, de que sendo os ciganos quasi todos ladroens, salteadores, matadores, sem ley, nem temor de Deos, e ellas ladras, feiticeiras, inquietadoras da honestidade das mulheres casadas, e das donzellas, e tão cruelmente prodigas de sangue alheio, que por dous vintens, ou dous pães não duvidarão trazer á criada, ou escrava, solimão, ou outra peçonha, para matar a seus senhores, são os ministros tão descuidados, que não atalham com algum remedio esta desordem.

«Dizem os zelosos, que poderá isto ter bom remedio, embarcando-os divididos para o Brazil (então colonia portugueza) para Angola, e outras conquistas do reyno; que assim pouco a pouco sahiria com elles muita iniquidade...—e quando isso não parecesse... bom seria fazellos viver dentro das cidades, repartidos pelo reyno, vedando-lhes

---

[1] Via menos o tal prior, do que *o cego de Macieira*, freguezia do concelho de Sernancelhe. Tendo perdido completamente ambos os olhos com bexigas, aos 4 annos de idade, e vivendo longos annos, costumava criar cavalgaduras, — frequentava as feiras comprando-as, trocando-as, vendendo-as — e nunca os ciganos o lograram!—Pelo contrario, quem queria uma cavalgadura de confiança, incumbia o tal cego de a escolher.

Tambem jogava o chincalhão; pelo tacto *ennaipava* e conhecia as cartas — e não se enganava no jogo. Bastava que lhe dissessem a carta que estava na mesa.

Um sobrinho, herdeiro d'elle, e um respeitavel cavalheiro, seu vizinho, me contaram estas e outras anecdotas semelhantes, que parecem incriveis.

V. *Macieira* n'este diccionario e no supplemento.

Sublinhei o termo *ennaipar* (separar as cartas de jogo pela ordem dos naipes) porque, sendo tão vulgar na nossa lingoa, não se encontra em diccionario algum portuguez.

o uso do trajo, e da lingoagem, e o sair fóra das cidades e villas, e sobre tudo obrigando-os a officios com tenda sua, ou obreiros nas alheias, comtanto que não fossem ferreiros, officio que só usão, a fim de fazer gazuas, e instrumentos de roubar... Já sobre isto houve leys, e ordenaçoens excellentes. mas já se não guardão...»

V. *Zigaros* e *Ciganos* no *Vocabulario* de Bluteau.

—

Nas provincias da Beira, Minho e Douro mal se conhecem, porque são as mais povoadas do nosso paiz e mais escabrosas. N'ellas não podiam tranzitar senão pelas estradas publicas atravez das povoações, o que de modo algum lhes não convem. No momento em que apparecessem n'estas provincias em bandos e com as suas habituaes gentilezas, os proprios povos lhes dariam caça como a feras e salteadores—e difficilmente escapariam.

Que tentem e verão a sorte que os espera!...—Mas não se tentam, porque são finissimos e mais astutos do que as raposas.

Nós já vimos em *Villa do Conde* (?) um pequeno bando dos taes ciganos, comprehendendo homens, mulheres e crianças, todos montados e capitaneados por um moço de bigode, muito sympathico, muito limpo e vestido à campina. Andavam desnorteados ou sondando o terreno e não se demoraram.

Ao norte do nosso paiz apenas frequentam as grandes feiras de Viseu, Guarda, Trancoso, Villa Real e Penafiel.

O campo das suas operações em Portugal é a provincia do Alemtejo, por ser a mais plana, mais deserta e mais vasta do nosso paiz—e porque demora na raia e tem ligação franca e aberta com a Estremadura hespanhola, provincia tambem muito plana, muito vasta e mais deserta ainda talvez.

Pode dizer-se que os seus estados na peninsula são os paramos do Alemtejo e da Estremadura hespanhola, pelo que fallam correntemente 3 linguas:—a portugueza, a hespanhola e a *sua propria*, cuja origem se desconhece. É uma *giria* que só elles entendem e muito difficil de aprender, porque seria necessario conviver em intimidade com elles — e tal convivencia é *perigosissima!*

Como são muito astutos, muito intelligentes, muito desconfiados e muito *sanguinarios*, quando vissem algum estranho nas suas tendas com animo de devassar os segredos da *troupe* — matavam-n'o rapidamente.

Ai do profano que tentar seguil-os e conviver com elles! Tem os seus dias contados!...

—

E os taes *zingaros* são muito numerosos.

Andam sempre em pequenos bandos, para mais facilmente se mobilisarem e occultarem, mas cobrem todo o Alemtejo e toda a Estremadura hespanhola,—estão todos de intelligencia e formam uma especie de republica á parte com religião, usos e costumes seus e *leis proprias muito severas!...*

Movem-se quasi sempre de noite e bivacam no ermo, onde bem lhes apraz. Quando o tranzeunte mal imagina, está no meio d'elles, exposto a perder a bolsa e a vida.

Ninguem sabe o rumo que elles tomam, —donde veem, nem para onde vão,—quaes tribus errantes do deserto.

Somem-se rapidamente como os perdigotos, quando bem lhes apraz,—e rapidamente se juntam nos pontos que os chefes d'ante-mão designam,—pontos por vezes *muito distantes*, porque são muito valentes, muito vigorosos e cavalleiros *destrissimos* : — andam quasi sempre montados e tiram das cavalgaduras todo o partido. Desfiguram-nas completamente,—tornam doceis as mais bravas—e para elles não ha cavallos podres nem manhosos. Dão vista aos cegos e asas aos mais pachorrentos.

Os proprios ciganos se transformam e desfiguram de um momento para o outro. Hoje são velhos, amanhã são novos; aqui são moços, criados de lavoura, mendigos ou pastores, — ali são janotas, morgados e fazendeiros ricos, bem montados e luxuosamente vestidos com anneis, relogios e cadeias d'ouro, libras e onças em barda! As-

sim se transformam e desfigurám, por vezes na mesma feira, — e na mesma feira transformam e desfiguram as cavalgaduras que compram, trocam e vendem, chegando a impingir por *bom preço* ao vendedor como *novas* as cavalgaduras *velhas* e baratissimas que momentos antes lhe compraram, como impingiram as mulas ao prior de *Cambas!...*

—

Bivacam e vivem ordinariamente nas campinas e desertos; sustentam-se dos roubos de cavalgaduras e do dinheiro e joias que empalmam com a maior destreza, como prestidigitadores afamados que são, tanto elles, como ellas; não possuem casas nem propriedades, hortas ou campos, mas lá para seus fins teem casas de renda em differentes povoações.

Nós vimos uma d'essas casas em Evora e á porta um dos taes ciganos com aspecto de salteador, — muito barbado e muito encorpado.

Na sua vida nomada, errante, por vezes batem á porta das herdades, pedindo abrigo; todos os conhecem e detestam como salteadores, assassinos e bandoleiros, mas todos os tratam bem, com medo de represalias, pois são perigosissimos,—andam sempre bem armados e providos de veneno—e eram muito capazes de incendiar qualquer *monte* (povoação) ou herdade, — ou de matar o dono, os criados e cazeiros — ou de lançar fogo no verão aos pães e ás devezas.

As ciganas, quando novas e solteiras, são muito vivas, muito sympathicas e muito intelligentes, andam quasi sempre bem vestidas e usam adereços d'ouro no pescoço e nas orelhas,[1] mas depois de casadas tornam-se ascorosas, immundas.

[1] Dos taes adereços d'ellas tomaram o nome de *ciganas* os brincos ou arrecadas das nossas mulheres do campo,—e da destreza d'elles nas trocas e baldrocas de cavalgaduras criou-se na lingoa portugueza o epitheto de *ciganos*.

—

Os zingaros não são christãos, nem mouros ou judeus, mas teem uma religião qualquer e, segundo o seu rito, casam uns com os outros e baptisam elles proprios os seus filhos; costumam porem apresentar as creanças aos parochos de differentes povoações, chorando e sollicitando o baptismo como pobres, para o que se apresentam os *soi disant* paes d'ellas cobertos de andrajos—e assim os baptisam e recebem esmolas e roupas em muitas freguezias. E' uma burla como qualquer outra.

Do exposto se vê que os taes *zingaros*, ou *ciganos* são *muito perigosos* e para desejar seria que os nossos governos os expulsassem ou obrigassem a mudar de vida.

Nenhum serviço prestam á sociedade. Pelo contrario, são uma corja, uma grande malta de parasitas, salteadores, assassinos e vadios, terror e açoute da provincia alemtejana.

Ainda os ciganos

Em carta que agora mesmo recebemos do nosso bom amigo e cyreneo—*Joaquim José da Rocha Espanca*—illustrado filho de *Villa Viçosa* e alí prior de S. Bartholomeu, tendo sido prior de Bencatel,[1] diz s. ex.ª o seguinte:

«Os *ciganos* vieram da Arabia, segundo alguns auctores, ou do Egypto, segundo outros. Em todo o caso foi do Egypto que elles partiram a vagabundear pela Europa, e d'ali lhes veiu o nome de *guitanos*, corrupção do castelhano *egitanos*, hoje transformado em *ciganos*.

Abundam no Alemtejo e na Estremadura hespanhola—e algum tanto na portugueza. Não teem chefe politico nem religioso. Em religião seguem a do paiz, que é a catholica, quanto a baptizar os filhos—e mais de uma vez, segundo é fama, — rasão porque

[1] V. *Villa Viçosa*, tomo 11.º pag. 1167, col. 2.ª *in fine*, e 1168.

nós lh'os baptizamos *sub conditione*: e isto com o fim de grangearem compadres em muitos logares, quasi sempre pessoas abastadas, de quem possam receber agasalho e esmolas.

«Na minha freguezia (*S. Bartholomeu de Villa Viçosa*) só um tem casa, mas anda quasi sempre ausente no negocio de bestas; e nem elle, nem a mulher e os filhos se confessam. Ao invez a mãe d'elle, viuva, desobriga-se pontualmente e tenho verificado que reza muito e está bem instruida no cathecismo.

«Na freguezia da Conceição (de *Villa Viçosa*) ha maior numero d'elles, por ser ali a villa antiga e ter muitas habitações de alugueres baratos.

«Cá no Alemtejo, onde se encontra maior numero de *ciganos* domiciliados é na cidade d'Evora, e vivem quasi todos no immundo bairro dos *Cogullos*.

«A maior parte da ciganagem vagabundeia e são muito pesados aos lavradores no inverno, principalmente durante as chuvas.

«As ciganas e ciganos moços são teimosissimos em pedir tudo e custa desenvencilhar d'elles.

«É frequente entrarem ciganos em roubos de *montes* (moradas campestres)—e se no trajecto das suas caravanas encontram bestas mal guardadas, roubam-nas e levam-nas, porque a occupação exclusiva dos ciganos é mercadejar em bestas. As ciganas tambem ás vezes vendem chocolate e alguns artigos de tendeiros ambulantes, mas como pretexto para entrarem nas casas e pedirem esmola, intrujarem e rapinarem, pois são verdadeiras sangue-sugas!

—

«Não posso calcular o numero de ciganos que ha no Alemtejo, mas com certeza são mais de 10:000?!...

«Geralmente não possuem predios alguns, a não ser casas de habitação.

«Quando chamam *cigano rico* a algum d'elles, como foi um *José Maria*, que em Evora, aproximadamente em 1854, passeava com o proprio governador civil *Guedes* (hoje *conde da Costa*) e que por ultimo era probrissimo, a sua riqueza consiste apenas em bestas de negocio, *muito ouro* e grande luxo em vestidos, a seu modo.

«Teem horror á agricultura e a toda a especie de trabalho agricola ou industrial.

«A maior parte das bestas que vendem e compram são velhas e defeituosas, mas impingem-nas por novas e boas, sanando-lhes as manhas e defeitos — ou encobrindo-os. Em regra, quem quer desfazer-se de uma cavalgadura velha, ou ruim, vende-a aos ciganos, para elles a *trapacearem*, — e quem negoceia com elles fica sempre *partido no negocio*. Qualquer que seja a transacção ou troca, elles hão de receber sempre volta em dinheiro, embora seja pequena.

«Seguem ostensivamente a religião catholica, baptizam e rebaptizam os filhos e o seu enterro é catholico, mas nos casamentos divergem. Uns casam catholicamente, com especialidade em Evora;—outros cazam *ciganamente*. Fazem *esponsaes* em conselho de familia ou dos paes e mães d'ambos os esposos e n'esse dia celebram seus festins com grande algazarra em castelhano, que é a sua lingoagem, posto que alguns tambem fallam correctamente o portuguez; mas são poucos.

«Quando o casamento é celebrado *ciganamente*, formam um circulo em redor de uma arvore; — a cigana corre no circulo a fugir do noivo; elle segue-lhe a pista—e os circumstantes clamam: *Pilla-la que es tuia*! *Pilla-la que es tuia*!—e logo que elle a *pilha* ou agarra, — está feito o casamento! Comem e bebem do melhor que teem, com seus *bazulaques* de chibato ou carneiro, tangem pandeiretas e *trancanholas*—e dançam e cantam não menos de tres dias consecutivos.

—

«Quando morre um cigano cazado, logo as ciganas vão com uma thezoura cortar os cabellos á viuva e põem-lhe na cabeça um metro de panno cru, em fórma de toalha ou véo, cosido por baixo da barba.

«As ciganas são muito leaes a seus maridos.

«Tambem ellas costumam dar-se á *chiromancia*, quando mendigam ou vendem bugigangas,— lendo a *buena dicha*, ordinariamente a 10 réis. Assim costumam burlar principalmente as raparigas novas, *adivinhando* (?) coisas vulgares, — amores mal correspondidos, sorte que hão de ter nos casamentos, etc. etc.

«Não sei se algum cigano sabe ler e escrever—nem me consta que mandem os filhos ás escolas, mesmo porque os ciganos, embora tenham domicilio legal, como aqui o meu freguez *Ignacio da Silveira*, andam sempre vagabundeando de terra em terra com mulher e filhos e mal podem mandal-os á escola.

«Os nossos governos deviam providenciar sobre este assumpto, obrigando todos os ciganos a terem casa assente em uma povoação qualquer, onde estivessem matriculados e fossem obrigados a comparecer algumas vezes no anno. Vivendo como vivem, os filhos não entram no recenseamento, nem os ciganos pagam contribuição alguma, a não ser aqui o dito *Ignacio da Silveira*, que está inscripto como eleitor e paga decima de renda de casas—e não sei se de industria; mas isto cá no Alemtejo—*é rarissimo*!

—

«Em geral os ciganos vivem de *mendigar*, *trapacear* e *furtar* ou *roubar*.

«São um flagello—e os governos deviam pôr cobro a isto e livrar-nos de semelhante praga, obrigando-os a terem todos um domicilio registado, sob pena de os mandar trapacear para as colonias africanas, donde vieram.

«São quasi todos altos, magros, trigueiros e de cabellos compridos e pretos,—uns egypcios!...

«Tambem quasi todos, tanto os ciganos, como as ciganas, — são immundos, ascorosos, mas ligeiros de pés e de *mãos*... e ellas mui sacudidas.»

Ao meu illustrado collega e cyreneu alemtejano agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me.

ZIMÃO — aldeia comprehendida no foral que el-rei D. Manoel deu á villa transmontana d'*Aguiar da Pena*, em 22 de julho de 1515.

V. *Aguiar da Pena* e *Villa Pouca d'Aguiar*.

A mencionada povoação extinguiu-se ou mudou de nome, pois em todo o districto de Villa Real e em todo o nosso paiz actualmente não ha povoação alguma denominada *Zimão*.

ZIMBRAL — coutada real importante no sec. XV.

Na *Memoria sobre a população e agricultura de Portugal* o sr. L. A. Rebello da Silva (parte I, pag. 169-173) diz o seguinte:

«No governo de Affonso V o dominio florestal da corôa havia augmentado em alguns districtos, e o rei, apaixonado pelos exercicios venatorios, mostrava-se rigoroso na punição da caça furtiva e dos roubos de madeiras e lenhas.

. . . . . .

No districto de Santarem as coutadas demarcadas, aonde era vedado entrar, sob pena da multa de 2$000 reaes, prisão e degredo por um anno para Arzila, abrangiam os dilatados bosques desde a foz do Atela pelas ribeiras do Chouto e de Mugem e pelas encostas da serra de Lamarosa até ás immediações de Coruche, d'onde, rodeando outra vez os montes de Lamarosa pelas visinhanças do paul de Magos, vinham acabar em Albufeira sobre o Tejo.

. . . . . .

Esta ordenação, datada de Santarem a 23 de maio de 1474, foi depois additada com algumas clausulas explicativas em relação ao posto dos porcos nos paues e montados das tapadas, pasto limitado aos mezes de outubro, novembro e dezembro.

. . . . . .

Quem lançava fogo ao mato no termo das comarcas florestaes de Santarem, Mugem, Salvaterra e Benavente pagava depois de preso 1:000 reaes da cadeia.

. . . . . .

Nas coutadas de Obidos era vedado trazer bestas soltas nos almarjaes de Aspera, ou crear na serra porcos a não ser para ce-

va. Nas pastagens de Valbemfeito não podiam entrar cabras, nem em Aspera, assim como na ilha de *Peniche* nenhum gado vaccum, ou lanigero, nem bestas andarem soltas no almarjal. Na lagoa de Atouguia quem matasse cysnes pagava 100 reaes por cada um...

Por ultimo a caça de perdizes era tambem prohibida nas coutadas reaes com prisão, e 100 reaes por cada ave, bem como a caça de rede, de candeio, de gaiola, ou de vara, laço, tecla, ichoo,[1] ou outro qualquer artificio.

.....

No paul de Magos o que apanhasse ninho com ovos de *martinetes*, ou de outra ave propria de caça de falcoaria, pagava 50 reaes até 5 ovos, e d'ahi por diante 500 reaes. Na ribeira de Muja, do Porto para cima, quem pescasse trutas era condemnado em 100 reaes até 5 trutas, e sendo mais em 1.000. Lançando rede de meijoada perdia 500 reaes por cada rede, e usando de anzol 50 reaes até 5 peixes, e 500 reaes de 5 para cima.

.....

Afora as coutadas de Santarem pertenciam ainda á corôa, as dos olivaes de Alemquer, da ponte de Pancas, e da Otta na Extremadura.

As de Mira e as Gandras dos arredores de Aveiro até Santa Maria da Vimieira com as matas do Casal da Comba, Torres do Bairro, Jelfa e Lagôa Limpa, a tapada dos coelhos e a lagôa de Mira;

As de Obidos e de Atouguia, comprehendendo a Mata Velha, e as do Aveenal, Ribeira Rica, Faldreu, Navalhas, Delgada, Vode, Arrifes, Valbemfeito, Ameal, Mata Secca, Mata da Amoreira, do Formigal, e da Cezareda, Mouta Longa, *Zimbral*, *ilha de Peniche* e Albergaria.

Ignoramos que essencias avultavam n'estas coutadas, mas alem dos sobreiros, carvalhos e zambujeiros, a que as leis alludem é de suppor que entre esses arvoredos figurassem castanhaes, amieiros, faias, *Zimbreiros*,[1] e extensos tratos de pinhal. O cuidado com que se mandavam guardar as madeiras, a multa de 400 reaes por cada pau tirado a bois (quasi 10$000 réis da moeda de hoje) e as penas impostas aos incendiarios mostram que a riqueza florestal começára a ser apreciada, e de feito o seu emprego cada vez era maior, tanto nas construcções navaes, como nas civis.»

A citada *Memoria* é toda muito interessante e muito digna de ler-se.

ZIMBRO—afamada quinta do Alto Douro, hoje inculta como toda ou quasi toda aquella malfadada região do *Port Wine*, que outr'ora produzia o vinho mais generoso do mundo e hoje semelha o val da mortel...

V. *Villarinho dos Freires*, *Villarinho de Cotas* e *Villarinho de S. Romão*.

No *Douro Illustrado*, pag. 109, o sr. visconde de Villa Maior disse o seguinte:

«Volvendo a vista á direita... o que principalmente prende a nossa attenção são as quintas do *Zimbro* e da *Chousa*. A primeira, que pertence á casa dos srs. *Barros* de Sabrosa, é um predio bem situado, provido de boas officinas e casa de habitação, bem cultivado e cuja producção se avalia em mais de 30 pipas de vinho de *primeira classe*.»

—

Antes da invasão philloxerica foi a dicta casa a mais rica de Sabrosa — e uma das mais ricas do Douro.

Colhia 600 pipas de vinho, quasi todo superior;—actualmente não colhe 50?!... Lucta pois com grandes difficuldades aquella

---

[1] Ainda hoje se usam todos estes processos de caçar.

P. A. Ferreira.

[1] Dos *zimbreiros* ou *zimbros* tomou a coutada de que nos occupamos o nome de *Zimbral*—e a elles devem talvez tambem o nome as povoações denominadas *Zibreira*, *Zibreiros*, *Zimbral*, *Zimbreira*, *Zimbreirinha*, etc.

P. A. Ferreira.

importante familia, que ainda no meiado d'este seculo viveu em Londres 9 annos, gastando diariamente 14 libras, ou 61$000 réis, afora despezas extraordinarias, — segundo consta.

Alem da quinta do *Zimbro* possuia outras muitas e 2 palacetes em Sabrosa, etc. etc.

V. *Sabrosa*, tomo 8.º pag. 274, col. 2.ª— *Casa dos Barros Lobos*, n.º 11.

ZINAS—termo frequente no Minho e na Beira, onde costuma dizer-se : — «Estamos nas *zinas* do inverno ; — estamos nas *zinas* do verão; isto é,—no rigor do verão ou do inverno.

Vem do hebraico *tzinah*, grande frio, ou do allemão *zinne*, a parte mais elevada de um edificio.

O povo tambem, censurando quem praticou algum disparate, costuma dizer—*deu-lhe na zina* para fazer tal proeza...

ZINOLHO—joelho, no dialecto mirandez.

ZITA — hoje *Sita* — nome da santa que salvou da morte e educou na religião christã a virgem e martyr *Santa Quiteria* e suas 8 irmãs.

Santa Sita foi martyrisada junto de Thomar e no local do martyrio se fundou posteriormente um mosteiro de religiosas franciscanas.

V. *Thomar*, vol. 9.º pag. 569, col. 1.ª—e *Braga*, tomo 1.º pag. 442, col. 2.ª

Tinha o mencionado convento a invocação de *Santa Sita* e com a mesma invocação ha na freguezia da *Asseiceira*, do mesmo concelho de Thomar, uma capella muito antiga,—uma povoação do mesmo nome,— uma importante feira d'anno e um mercado mensal.

Uma *Memoria* anonyma publicada no tomo 8.º das *Memorias da Acad. R. das Sci.* parte II, pag. 43 a 134, fallando da freguezia da *Asseiceira*, diz entre outras coisas o seguinte:

«No pequeno logar de *Santa Sita*, termo da villa da *Aceiceira*, se faz huma feira annual, chamada *Feira de Santa Cita*, ou feira do anno, a qual dura 3 dias; hum grande pinhal proximo ao lugar serve de assento á dicta feira; concorrem a ella alguns commerciantes de Thomar, e Abrantes com suas lojas de pannos, e capella; tambem ha grande concorrencia de cavalgaduras e bois; todos os povos das visinhanças vem a esta feira surtir-se de muitas cousas necessarias aos seus usos, e commodidades. Igualmente a esta feira concorrem muitos utensilios de adegas, como são tonneis, pipas, balseiros, etc. assim de Ferreira (*do Zezere*) como do termo de Dornes...

No mesmo local ha um mercado mensal, que se verifica no ultimo dia de cada mez, do qual não passa; o que ali mais concorre são cavalgaduras, e bois, e alguns tendeiros volantes, porém isto he de pequena monta.»

Referia-se ao anno de 1821.

A dicta *Memoria* é longa e *muito interessante* com relação á freguezia de *Asseiceira* concelho de Thomar ; — Tancos, Paio Pelle (hoje *Praia*) Barquinha e Atalaia, concelho de Villa Nova da Barquinha; — Punhete e Mont'Alvo, freguezias do concelho de *Villa Nova de Constança*;—Rio de Moinhos e Martinchel, freguezias do concelho d'Abrantes.

No supplemento a este diccionario extractaremos a dicta *Memoria*, — se elle estiver ainda a nosso cargo.

ZÓ—egreja e convento, fundados por um dos 7 filhos da celebre *Maria Mantella* que, segundo diz a lenda, jazem na matriz de Chaves em volta d'ella.

V. *Chaves*, tomo 2.º pag. 284, col. 2.ª

O meu antecessor deu ali ao tal mosteiro o nome *Doso*, mas suppomos que se denominava *do Zó*, pois Faria, na *Europa Portugueza*, tomo 3.º pag. 217, n.º 111, diz:

«Siete Iglesias fundarom siete hermanos nacidos de um parto: son ellas, Santa Maria de Moreyra, S. Locadia, S. Maria de Meres (*Melres*?), S. Maria de Calvam, Villar de Perdizes, y *Monasterio de Zó*.[1] Fueron sus padres Fernando Grallo, y *Maria Mantela* de Chaves.»

D'esta sr.ª *Maria Mantela* tambem já nós fizemos menção no artigo *Zezere* (freguezia

---

[1] Faria e Sousa, em vez de 7 indicou apenas 6 egrejas. A 7.ª, segundo a lenda, foi a de *Chaves*.

de Santa Marinha) tomo 11.º pag. 2126, col. 1.ª

Emquanto ao mosteiro de Zó, não sabemos onde estava—nem que freguezia o representa hoje. Será a freguezia de *Zoio*, no concelho de Bragança?

ZOELAS—povos antiquissimos que habitaram as Asturias e o territorio de Bragança.

V. *Castro d'Avellans*, tomo 2.º pag. 201, e *Celiobriga* no mesmo vol. pag. 230.

ZOILO — celebre grammatico e critico grego, cujo nome já no tempo de Ovidio servia para designar os criticos invejosos e apaixonados, mas nada se sabe ao certo da vida d'elle. Uns dizem que nasceu em Amplilopolis, outros em Epheso, e que viveu no sec. IV antes de Christo.

Suidas e Vitruvio, tornando-se ecco d'antigas tradições, contam que as criticas de Zoilo á *Iliada* e á *Odysséa* lhe tinham feito dar o nome de *açoute de Homero*,—e o ultimo pretende que Ptolomeu Philadelpho, rei do Egypto, indignado com aquellas blasphemias litterarias, mandou crucificar ou queimar vivo o auctor.

Tudo isto parece pouco provavel.

É certo haver um rhetorico chamado *Zoilo*, que compoz 9 livros de observações criticas a Homero, *um discurso contra Socrates*, uma *Historia geral* e varios tratados de grammatica e de rhetorica, existindo hoje das suas obras apenas alguns fragmentos insignificantes.

Nem todos os escriptores antigos tratam *Zoilo* tão desfavoravelmente, como os dois que acima apontamos. Diniz de Halicarnasso apresenta-o como orador e critico estimado em Athenas e elogia a moderação e imparcialidade das suas observações ás obras de Platão,—e Atheneu cita-o como rhetorico e grammatico de merecimento.

Até hoje ainda não foi possivel conciliar as encontradas opiniões dos antigos escriptores a respeito de *Zoilo*, mas o nome d'elle serve a miudo para indicar o critico apaixonado e de má fé, como se vê nos conhecidos versos da satyra—*Pena de Talião*—em que Bocage, referindo-se a José Agostinho de Macedo, diz:

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas Calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de *Zoilo*,
O vicio nota, o merito gradúa.

Diccion. pop. art. *Zoilo:*

ZOINA—do hebreu *zonnah*, taverneira, mulher mal comportada, meretriz, deriv. do verbo *zun* ou *zannah*,—prostituir-se por dinheiro; — outros dizem que vem do arabe *zaina*, meretriz.

Em Portugal, principalmente na Beira e no Minho, *zoina* é um nome affrontoso que as mulheres mal procedidas dão a outras taes.

ZOIO—freguezia do concelho, comarca, districto e diocese de Bragança, provincia de Traz os Montes.

Abbadia. Orago S. Pedro.

Fogos 102,—habitantes 410.

Comprehende 3 povoações, que já foram parochias independentes : — *Zoio*, séde da matriz actual,—*Refoios* e *Martim*.

O padre Carvalho em 1706 mencionou esta freguezia com o nome de *Ozoyo*; deu-lhe como orago *Nossa Senhora da Trindade*,—disse que estava annexa á abbadia de *Alimonde*—e que tinha de população 60 fogos.

Mencionou tambem a parochia de *S. Martinho de Martim*, como abbadia independente com 25 fogos,[1]—e a freguezia de *Nossa Senhora do O' de Refoyos* com 22 fogos,[2] e annexa á abbadia de *Alimonde*.

Do exposto se vê que as 3 mencionadas freguezias, que hoje constituem a do *Zoio*, em 1706 contavam 107 fogos.

O *Port. S. e Prof.* em 1768 deu *Zoio* como simples curato da apresentação do abbade de *Alimonde* com 55 fogos, tendo como orago *S. Pedro Apostolo* e rendendo para o cura apenas 8$000 réis, alem do pé d'altar.

O censo de 1864 deu a esta freguezia (comprehendendo as 3) — 106 fogos e 493

---

[1] V. *Martim*, vol. 5.º pag. 101, col. 1.ª
[2] V. *Refoyos*, tomo 8.º pag. 97, col. 2.ª

habitantes; — o de 1878 deu-lhe os mesmos 106 fogos e 475 habitantes—e hoje, segundo os apontamentos que recebi da localidade, conta 102 fogos e 410 habitantes. Tem pois diminuido a sua população, o que é trivial na provincia de Traz os Montes, nomeadamente no districto de Bragança, hoje o mais pobre de Portugal e o mais desprovido de melhoramentos publicos, de estradas a macadam e de linhas ferreas.

Para evitarmos repetições veja-se o art. *Villa Verde*, freguezia do concelho de Vinhaes, tomo 11.º pag. 1099, col. 2.ª

—

A povoação do *Zoio* dista de Bragança 15 kilometros para S. O.; 8 da estrada real a macadam de Bragança a Villa Real (é a mais proxima); 60 da estação de Mirandella, a mais proxima, na linha ferrea do Tua; —115 da estação de Foz Tua na linha ferrea do Douro,—255 do Porto—e 592 de Lisboa.

Producções dominantes: — centeio, trigo, batatas e castanhas. Tambem cria bastante gado lanigero e bovino.

Freguezias limitrophes:—Ouzilhão, Edrosa e Cellas, concelho de Vinhaes;—Carrazedo e Rebordãos, concelho de Bragança.

Templos:—no Zoio a matriz de S. Pedro e uma capella publica de *S. Sebastião*:—em Martim a velha matriz de S. Martinho;—em Refoios a velha matriz de *Nossa Senhora do Ó* ou da *Expectação* e uma capella particular na casa da familia *Ferreiras*,—templos todos muito humildes—e a capella de *S. Sebastião* em ruinas.

Festividades religiosas: — *Trindade* e *S Pedro* na matriz, e *Santo Antonio*, em Martim.

Edificios brazonados: — na povoação do Zoio a casa que foi da nobre familia *Gatos*.

No Zoio ha um largo com o nome de *Compaço* e duas ruas soffriveis:—*Corredoura* e *Portella*. Em Refoios e Martim ha só casas humildes e ruas insignificantes.

N'esta parochia não ha feiras nem mercados, nem vestigios de fortificações, nem minas em exploração ou simplesmente registradas.

Banham esta freguezia o ribeiro da *Calhelha*, que passa junto da povoação do Zoio, —e o de *Martim*, que passa entre a povoação d'este nome e a de Refoios. Ambos nascem no termo d'esta freguezia; a distancia de 7 kilometros desaguam no ribeiro de *Cellas*—e este desagua no *Tuella* que, unido ao *Rabaçal*, forma o *Tua*.

Os 2 mencionados ribeiros não teem pontes nem fabricas; apenas ha 2 moinhos de cereaes no de *Martim*.

Foi natural d'esta parochia do *Zoio* Fr. Caetano de S. José, virtuoso frade *grillo* (agostinho descalço) que professou no convento de Setubal a 23 de janeiro de 1786.

ZOMBARIA.—Temos em Portugal 4 quintas com o nome de *Zombaria* e todas 3 no districto de Coimbra:—uma na freguezia de *Covas*, concelho de Tabua; — outra na freguezia de *Nogueira do Cravo*, concelho de Oliveira do Hospital,—e outra na freguezia de *Vil de Mattos*, concelho de Coimbra.

V. *Vil de Mattos*. tomo 11.º pag. 661, col. 2.ª

N'esta ultima quinta, hoje pertencente ao sr. dr. Julio Augusto Henriques, se acoutaram ou refugiaram em 1832 os auctores ou suppostos auctores da *queima da polvora da Murcella*, ou de *S. Martinho da Cortiça*, alguns dos quaes posteriormente foram presos e fuzilados em Viseu.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1789, col. 2.ª.

A quinta de *Alcarraques*, onde aquelles infelizes se acoutaram tambem, como dissemos no logar citado, pertence á freguezia de *Trouxemil*, do mesmo concelho do Coimbra.

ZOMBAZOMBANDO—locução popular,—pouco a pouco, ou por zombar ia.

«Foi-me assim *zombazombando*
Vencendo por graça, e riso;
Sem nunca me amar de siso,
O siso me foi tirando.»

Dezengano de Francisco Rodrigues Lobo, 115.

ZONA—termo latino e portuguez, derivado do grego. Significava *cinto*, cingidouro. Com suas *zonas* se cingiam os gregos e romanos, quando entravam em batalha e só no fim d'ella depunham a *zona*, como se lê na *Urania* de Herodoto, onde se diz que Xerxes, fugindo para Athenas, tirára a *zona* na cidade de Abdera, como em logar seguro e fóra do alcance do inimigo.

«Pela cintura apertão uma larga *zona*.»
Vasconcellos, Noticias do Brazil, 131.[1]

Da sua originaria significação de *cinto* ou *cinta* o termo *zona* se empregou em sentido translato na geometria, na historia natural, na marinha, na physica, cirurgia, anatomia e *geographia*, etc. etc.

Como este diccionario é tambem *geographico*, fallaremos pois do termo *zona*, como termo de *geographia*.

—

Deu-se por translação o nome de *zonas* a uns circulos imaginarios que, como *cintas* cingem o ceu e a terra em differentes distancias entre os 4 circulos menores parallelos ao equador ou linha equinocial. São ellas cinco: — duas denominadas *frigidas* e comprehendem o espaço desde os polos até os circulos *arctico* e *antarctico*, ou circulos *polares*; uma denominada *torrida*, que se estende para uma e outra parte do equador até os tropicos de *Cancer* e *Capricornio*;— e duas *temperadas*, que comprehendem o espaço que medeia entre os dictos tropicos e os circulos *polares*.

Nas zonas *frigidas* ha nos 12 mezes do anno apenas um dia, comprehendendo a noite 6 mezes e a claridade os outros 6 mezes.

Nas zonas frigidas ha continentes e montanhas enormes de gelo, mas são em grande parte habitadas por homens e differentes irracionaes.

A zona *torrida*, assim denominada do verbo latino *torrere, assar, queimar*, é a mais ardente, porque os raios do sol são ali perpendiculares, e foi outr'ora julgada inhabitavel. Tem effectivamente grandes tratos de terra seccos, estereis, nus, por serem ardentissimos e faltos de chuvas, de arvoredo, fontes e rios, taes são grandes espaços da Ethiopia, da Guiné, da Africa e do Perú, mas em compensação tem terrenos feracissimos, muito abundantes d'agua e de arvoredo e muito povoados, taes são o grande valle do Amazonas na America,—e uma grande parte da Asia e da Africa.

As duas zonas *temperadas* comprehendem 43 graus de largura (cada uma)—espaço que medeia entre as zonas *torrida* e *frigidas*; são as que teem clima e temperatura mais doce, posto que o seu clima varia muito com a natureza e exposição do solo, como succede em Portugal. Na garganta do Douro, por exemplo, as margens do rio são muito mais ardentes do que os pontos mais afastados; —a margem direita é muito mais ardente do que a margem esquerda—e, correndo o Douro no mesmo parallelo, de nascente a poente, desde a Barca d'Alva até o Porto, quando o thermometro no Porto marca 23 graus á sombra, na Barca d'Alva sobe a 40, como ainda este anno de 1889 tivemos occasião de notar, quando em fins de julho fomos do Porto a Figueira de Castello Rodrigo, villa distante da Barca d'Alva 21 kil. para S. e do Porto 221 para E. S. E.

O Porto era a *zona temperada*;—a Barca d'Alva a *zona torrida*, uma fornalha candente! Tremem ali no verão sesões os *gatos*

---

[1] Como este diccionario está prestes a concluir-se e vae ser distribuido em grande escala no Brazil pela nossa importantissima e numerosissima colonia brazileira, seja-nos licito, a proposito de fallarmos das *Noticias do Brazil*, dar e consignar aqui uma nova *muito recente* e muito importante com relação áquelle vasto imperio, que já foi colonia nossa.

Estamos em 22 de novembro de 1889 e no dia 15 do corrente foi proclamada ali a republica,—deposto o imperador D. Pedro II, illustrado e venerando ancião, modelo dos imperantes—e deportado para a Europa, — tomando aquelle imperio o titulo de *Republica dos Estados Unidos do Brazil*.

Termina pois este diccionario *no mesmo anno* em que terminou a imperio brazileiro.

as *gallinhas* e os *cães*;—derrete-se a solda das vasilhas de lata expostas á tisneira;--destemperam-se os instrumentos de córte,—estalam as pedras com o calor—e derreter-se-hiam, se o Douro não corresse tão perto e com o seu grande volume d'agua não modificasse os raios do sol.

O mesmo succede nas margens do *alto-Douro*, desde a Regoa até á Hespanha, na zona do *Port-Wine*, hoje quasi toda phylloxerada, inculta, mas que produzia outr'ora o vinho mais generoso do mundo?!...

V. *Villariça, Villarinho de Cotas, Villarinho dos Freires* e *Villarinho de S. Romão.*

ZONHO—aldeia da freguezia de *Côlta*, concelho de Castro d'Ayre desde 1886. tendo pertencido outr'ora ao extincto concelho de *Mões*, depois ao de Castro d'Ayre e ultimamente ao de Viseu.

V. *Cota*, tomo 2.º pag. 411, col. 1.ª

Comprehende esta parochia as aldeias seguintes: — Nogueira, Vouguinha, Silvares, Macieira, Quintãs do Covello do Paiva, *Sanguinhedo, Villa d'um Santo* e *Zonho.*

Entre estas ultimas duas aldeias desde tempo immemorial tem havido grandes desordens, espancamentos, ferimentos e mortes por causa de certos baldios ou terras de logradouro commum—e em 1857 travou-se rija demanda entre os dois povos, demanda que não sabemos como terminou. O *Liberal* de Viseu, noticiando-a no seu n.º de 13 de maio d'aquelle anno, dizia o seguinte:

Demanda perigosa

«Os habitantes do *Zonho* travaram questão judicial com os de *Villa d'um Santo*, povos do concelho de Viseu, por causa dos maninhos limitrophes d'aquellas visinhanças. Tão inflammados se acham os animos, que se receia que passem a vias de facto e que algum desgraçado *pague com a vida as custas*, antes de findar a demanda.

«Já não é o *primeiro calvario* que por taes motivos se acha levantado no meio d'aquella montanha de urzes, cuja posse tem sido por vezes questionada á bordoada. Lembramos portanto á auctoridade competente que vigie de perto os rixosos, empregando todas as prevenções, para que os homens não façam asneira; e a sociedade não tenha a lamentar alguma calamidade.»

Sanguinhedo

Passava n'esta freguezia uma antiga estrada de bastante movimento, que seguia de Viseu por *Cota*, Villa Cova a Coalheira, alto de Fragoas, Tarouca e Britiande, para Lamego, etc. Tocava na aldeia de *Sanguinhedo*, na qual tinha uma estalagem, onde se praticaram os maiores excessos: — roubos, espancamentos, ferimentos e mortes.

A dicta estrada vae ser substituida por outra a macadam, districtal, n.º 40, de Viseu a Lamego e foz do Tavora, por Moimenta da Beira, Taboaço, etc. ainda em construcção,—tarde porém se concluirá, mesmo porque a antiga ponte de pedra, em que atravessava o Vouga n'esta freguezia de *Côla*, foi derrubada por uma cheia no mez de novembro de 1888, como dissemos no art. *Vouga*, rio, tomo 11.º pag. 1977, col. 1.ª

Ficou substituindo a ponte uma barca de passagem antiquissima, que no inverno atravessava o rio, cerca de 1 kilometro a jusante da ponte, mesmo quando esta funccionava, por ser muito grande a volta que dava o caminho da ponte.

A passagem na barca é bastante perigosa no inverno, pois costuma andar presa a uma corda feita de vides seccas, enlaçadas e torcidas, corda que por vezes quebra, como hs annos quebrou, indo a barca rio abaixo com muita gente e uma cavalgadura, mas felizmente salvaram-se todos, posto que a besta caiu ao rio e com o baloiço da queda ia tombando a barca. Tambem um pouco a jusante d'esta ha umas *poldras* (alpondras) no Vouga, para passagem do rio no verão, mas o caminho para as dictas *poldras* é diabolico! Atravessa ladeiras de medonho fragoedo.

Caldas

Em volta de Viseu ha 4 estabelecimentos thermaes:—*Cota, Alcafache, S. Pedro do Sul* e *Felgueira.*

Os de *Cota* e *Alcafache*[1] estão em grande abandono e muito mal tratados, pelo que são pouco frequentados.

O de *S. Pedro do Sul*, ou da villa do *Banho*,[2] tem um estabelecimento thermal novo, mas ainda incompleto e mal administrado, pelo que, longe de augmentar, diminue a concorrencia dos banhistas.

O da *Felgueira* hoje supplanta-os a todos 3 e a quasi todos os do nosso paiz, pois tem um estabelecimento thermal esplendido, o melhor de Portugal talvez, feito nos ultimos annos por capitalistas de Lisboa—e em Lisboa se formou uma empreza com o capital de 100 contos para construir ali tambem um grande *hotel-club*, etc.

Alem d'isso demora a pequena distancia da estação de *Senhorim*, na linha da Beira Alta, o que o torna muito accessivel, e tem uma boa estrada nova a macadam para a dicta estação.

Tem progredido muito nos ultimos annos e é hoje um dos nossos primeiros estabelecimentos thermaes, muito luxuoso, bem administrado, bem servido e muito concorrido!

V. *Val de Madeiros*, tomo 10.º pag. 63, col. 1.ª—e note-se que a *correspondencia anonyma, datada de Villa Verde* e publicada pelo meu benemerito antecessor, *loc. cit.*, foi escripta por mim, como propaganda em favor das dictas caldas, que eu então (1881) visitei.

As pobres caldas, que tanto me compungiram, mudaram rapidamente de *fond en comble*.

Hurrah pela Felgueira!

ZOOPHORO—do grego *zoophoros*—termo de architectura antiga.

Friso ou cornija d'um edificio com muitas figuras de animaes, como podem ver-se ainda hoje em alguns edificios nossos, taes são as antiquissimas egrejas da *Senhora da Fresta*, em Trancoso, *Santa Maria* de Moreira de Rei, no mesmo concelho, e *Nossa Senhora da Assumpção* de Ventozello, concelho do Mogadouro, mas o penultimo parocho (Deus lhe perdoe!...) no meiado d'este seculo mandou picar e varrer toda a ornamentação, da de *Ventozello*, deixando a cornija completamente nua, como nós a vimos quando ali passámos no dia 11 de julho de 1888, em viagem de Bragança para a Barca d'Alva por Vimioso, Miranda do Douro, Bemposta, Lagoaça, Freixo de Espada á Cinta e Poiares.

ZOOPHYTOLITHES—petrificação de zoophytos em forma de arbustos.

Não conhecemos no nosso paiz taes petrificações, mas abundam n'elle outras muitas e consta-nos que no concelho de Pombal se encontra carvão de pedra ainda com a fórma do primitivo arvoredo.

ZOOTYPOLITHES—pedras que teem impressa no todo ou em parte a figura de um animal.

Vem do grego *zoon typos*, fórma,—e *lithos*, pedra.

ZORIA—port. ant.—palmatoria.

ZORRA ou **ZORRO**—antigamente *jorro*—carrinho archaico de fórmas singelas, que ainda hoje nas aldeias se usa para mover pedras e cousas pesadas.

É uma forquilha tosca de madeira grossa com uma travessa na base; a ponta um pouco erguida—e n'ella uma argola de ferro, para tracção feita por bois.

Dizia-se *pão de jorro* o que carregava um dos taes carrinhos, denominados *zorro*, *jorro* ou *jorrão*, e porque os dictos carros se moviam e movem muito lentamente, denominou-se *zorreiro* o individuo, besta, carro, navio, etc. que se move devagar e como arrastando.

«Quem cortar madeira nas dictas matas, por cada hum paão de *jorro* pague 400 réis.»

Livro *Vermelho* de D. Affonso V, n.º 28.

Zorro e *zorra* tambem significam raposo e raposa—e d'aqui provem o epitheto *zorro* dado ao individuo *astuto, arteiro como a raposa.*

ZOTE—termo chulo—idiota, ignorante.

ZOUPEIRO—termo beirão—velho ou ve-

---

[1] Vejam-se os artigos proprios.

[2] V. *Banho*, villa, tomo 1.º pag. 317, col. 1.ª—e *Vouzella*, villa, tomo 11.º

lha, decrepito, que se não pode mover. Vem do italiano *zoppa*, mulher *coxa*, que mal póde andar.

ZUCA—termo chulo e afrontoso.

E' zuca,—tem telha ou *pancada na mola* —diz-se do homem muito excentrico e que parece tonto.

ZUM-ZUM—termo chulo, mas classico,— o zumbir do mosquito.

«Mas tambem vejo os mosquitos,
Tamaninos hum por hum,
Muito vãos de seus esp'ritos;
Não valem nada os malditos,
E andão sempre *zum, zum, zum.*»

Obras metricas de D. Francisco Manoel, —*Çamfonha de Euterpe.*

ZUMBAIA—termo chulo entre nós e cortesia profunda, usada na India. Consiste em abaixar a cabeça até os joelhos, com os braços cruzados e a mão direita no chão.— isto tres vezes, antes que cheguem ao senhor e, chegados a elle, mettem-lhe a cabeça entre as mãos, dando a entender que lh'a offerecem.

Ha tambem na India *zumbaias* d'outras especies, indicadas por Bluteau no seu *Vocabulario.*

ZURAME, ZORAME, ÇURAME, CEROME ou **CERROME**—do arabe *solhame*, — capa branca tecida de lã muito fina, com que os mouros se cobrem, como nós cobrimos com os capotes.

«Item, quicumque acceperit...» — Em vulgar:—«Todo aquelle que roubar a outro capa, *zurame*, pelle ou algum vestido, pague em dobro o valor do que roubou,»

Leis de D. Affonso VI—*Monarch. Lusit.* tomo IV, *Escript.* XXVII.

«Cantem por mi XXX Missas pelo meu *Cerome.*»

Doc. de Maceiradão de 1407.

No anno de 1303 D. Sancha de Sangimil, filha de Gonçalo Eannes, por alcunha *Lombo d'alhos*, deu todos os bens que tinha em Gondomar ao convento de Alafões, com a obrigação d'este lhe dar de dois em dois annos *Saya e Garnacha*—e Cerrome *de tres em tres annos de Sacaome:*[1] e *de a manterem á maneira de Dona*, e ressão para huma *menina.*»

Doc. de Alafões.

«E pela Festa do Natal primeyra que vem, huum *çurame*, e huum pelote d'uum arraiz, ou d'uma valencina...

Doc. d'Alpendorada.

V. *Cerome* em Viterbo—e *Zorame* nos *Vestig. da ling. arabica...* de Fr. João de Souza, pag. 160.

ZURARA—outr'ora.—actualmente *Azurara*, villa extincta, hoje simples parochia do concelho e comarca de Villa do Conde.

V. *Azurara*, tomo 1.º pag. 299.

Aproveitando o ensejo, faremos algumas rectificações e addições áquelle artigo.

—

Esta parochia de *Azurara* pertence ao districto do *Porto*, provincia do *Douro*, não á do *Minho*, como disse o men benemerito antecessor.

Em 1675 a *Pobl. Gen. de Esp.* deu-lhe 200 fogos; em 1706 a *Corogr. Port.* deu-lhe 500 fogos; em 1746 o padre Luiz Cardoso no seu *Diccion. Geogr.* dedicou-lhe um *bello artigo* e deu-lhe 380 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 260 fogos e 992 habitantes—e o de 1878 deu-lhe 236 fogos e 1103 habitantes.

Não comprehende aldeias, mas somente a povoação de *Azurara*, séde da parochia e da sua veneranda e muito ampla matriz manoelina, muito vistosa e muito vantajosamente situada, mas muito mais singela, do que a matriz de Villa do Conde, manoelina tambem.[2]

Decahiu muito depois que perdeu os fóros de villa e de séde de concelho com justiças proprias, — bem como o seu convento

---

[1] Assim escreveu Viterbo no *Elucidario*, mas João Pedro Ribeiro diz que no original *Sacaome*, é *Santaome* (St. Omer).

[2] V. *Villa do Conde*, tomo 11.º pag. 624, col. 1.ª

de frades capuchos, a sua Misericordia, hospital, etc.

Tambem soffreu muito com o *açoriamento* do Ave, que foi um porto de mar de bastante movimento e hoje está reduzido a uma patameira,—grande foco de infecção,—principalmente na margem esquerda, do lado da pobre Azurara. A margem opposta, ou do lado de Villa do Conde, tem um bom muro, que se prolonga desde a villa até o mar e que prejudicou bastante a margem esquerda, porque o Ave nas enchentes, não podendo avançar para o norte, pende para o sul, destroe e arrasa os campos e transforma-os em pantanos. Para desejar seria pois que fizessem do lado sul outro muro parallelo ao do norte, canalisando o Ave, o que melhoraria consideravelmente a foz d'este rio e o porto de Villa do Conde.

Era uma obra muito importante para Villa do Conde e Azurara, mas quando se fará ella?—Tarde ou nunca, pois assim como Azurara absorveu toda a importancia da antiquissima parochia de Arvore, da qual foi uma simples *aldeia*, Villa do Conde absorveu toda a importancia de Azurara—e hoje a Povoa de Varzim está absorvendo toda a importancia de Villa de Conde!...

—

Pelo recenseamento de 1878 esta ultima villa contava 1135 fogos e 4963 habitantes;—a Povoa de Varzim contava 2706 fogos e 11:004 habitantes—e hoje deve contar cerca de 3:000 fogos e 14:000 habitantes, pois tem prosperado e está prosperando muito. E' uma das nossas praias de banhos mais concorridas, incomparavelmente mais concorrida do que a de Villa do Conde,—tem muito commercio,—pescarias soberbas—e uma bella enseada para os seus barcos de pesca, enseada que nos ultimos annos melhorou muito com as obras mandadas fazer pelo governo, prolongando o molhe ou muro do norte e mandando quebrar muitas pedras,—e no momento o nosso governo, depois de annullar o primeiro concurso para conclusão das obras da dicta enseada, abriu novo concurso, que termina em 24 de janeiro do anno proximo futuro de 1890, sendo a base da licitação—264:876$000 réis.

Sendo a Povoa de Varzim já hoje uma das maiores villas de Portugal, mais populosa do que muitas das nossas cidades, nunca teve tanta vida nem tão auspicioso futuro;—promette ir longe—e em breve será elevada tambem á cathegoria de *cidade*!...

Villa do Conde ainda tem certa vida, bons edificios, grandes feiras e mercados, etc. e nos ultimos annos dois benemeritos filhos seus,—o dr. *Bento de Freitas Soares*, já fallecido, e o sr. dr. *Julio Graça*, que ainda vive,—como bons patriotas e *bons medicos*,[1] empenharam-se em debellar a anemia que a tolhe e (honra lhes seja!) muito conseguiram.

Dotaram-na com bastantes melhoramentos nas suas estradas e ruas, na sua praia de banhos, etc. e no momento, a 26 de novembro do corrente anno de 1889, o governo adjudicou á *Empreza industrial portuense* a construcção de uma ponte sobre o Ave, entre Villa do Conde e *Azurara*, por 57:800$000 réis, em substituição da ponte de pau, que estava substituindo a ponte de pedra, mandada fazer por D. Francisco d'Almada.[2]

—

Tambem está em construcção uma bella *estrada-rua*, denominada *Avenida Julio Graça*, desde a estação de Villa do Conde na linha ferrea da Povoa, até á villa,—e consta que o governo vae prolongar aquella formosa avenida até o mar.

Villa do Conde lucra muito com estes e outros melhoramentos, mas não póde luctar com a sua tão populosa e tão *proxima* visinha, pois dista pouco mais de 1 kilometro da Povoa de Varzim, da qual é um arrabalde e em praso não muito longe será

---

[1] O 1.º foi deputado ás cortes e afamado clinico—e o 2.º é tambem deputado e clinico afamado.

[2] V. *Villa do Conde*, tomo 11.º pag. 692, col. 2.ª

um interessante e pittoresco bairro da cidade da *Povoa!*...

As casas da extremidade N. de Villa do Conde e as da extremidade S. da Povoa de Varzim quasi se tocam já hoje e, se não fôra a grande rivalidade das duas povoações, em breve se confundiriam e formariam uma das nossas mais populosas e mais formosas cidades, mesmo porque entre as duas villas não ha montes nem rios que as separem. O chão intermedio é quasi plano, todo aravel e muito saudavel,—enchuto, alegre e vistoso. Presta-se admiravelmente para casas de campo e de recreio e para toda a sorte de construcções;—as duas villas já estão ligadas por uma formosa estrada real a macadam, servida por uma linha ferrea americana—e cortada a meio de nascente a poente por outra estrada a macadam;—e a Povoa de Varzim não tem feiras, mas só um pequeno mercado. As suas feiras são as de *Villa do Conde.*

Fazemos pois ardentes votos por que as duas villas se unam e formem a grande cidade.

Rectificações

No artigo *Azurara* disse o meu benemerito antecessor:

«No começo do seculo XII, era (a villa de Azurara) povoação muito importante, pois que o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza a fizeram villa e lhe deram foral, em 1102 (ou 1107) que D. Affonso II confirmou em Santarem, no 1.º de fevereiro de 1213.

«Na *Poblacion Gen. de Hesp.*, diz-se que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.»

Claudicaram n'este ponto Rodrigo Mendes da Silva e o meu benemerito antecessor, porque o foral do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, com data de 1102, não pertence a esta Azurara, mas á da Beira, hoje *Mangualde*, como logo *provaremos evidentemente*, quando fallarmos da dicta *Zurara*; — e o conde D. Henrique não deu outro foral a esta *Azurara* de Villa do Conde nem a povoação alguma do nosso paiz, alem de Azurara da Beira, desde o anno de 1096, data do foral de *Constantim de Panoias*, até o anno de 1108, data do foral de *Tentugal*, como se vê do *Portugalia Monumenta*, onde se encontram na sua integra e por ordem chonologica todos os *foraes velhos*, existente na *Torre do Tombo*, desde o anno de 1055 até o anno de 1277 — mais 3 foraes velhos sem data, concedidos por D. Affonso III a *Loulé*, *Faro* e *Tavira*.

Tambem pertence a *Zurara* ou *Azurara da Beira*, o foral que D. Manoel deu á villa d'este nome em 26 de março de 1514,—segundo se vê da *Memoria de Franklin*, pois ainda não podemos lobrigal-o.

Custa a crer que a villa de *Azurara* de Villa do Conde, sendo tão antiga e outr'ora tão importante, visitada e muito beneficiada por el-rei D. Manoel, não tivesse foral *velho* nem *novo*, sendo D. Manoel tão prodigo em conceder foraes, mesmo a villas, aldeias quintas e terras insignificantes.

Talvez se perdesse, como se perderam outros muitos, posto que era costume passar 3 exemplares:—um para o real archivo ou para a *Torre do Tombo*,— outro para a camara da villa — e outro para o senhor da terra.

Templos

O meu antecessor, depois de dizer que a esplendida matriz d'Azurara de Villa do Conde foi mandada fazer por D. Manoel em 1498, diz: »a egreja *primitiva* ainda é a actual.»

Tambem claudicou n'este ponto.

A matriz actual não é a *primitiva*, mas a que D. Manoel mandou fazer em substituição da *primitiva* que, segundo se lê no bello artigo *Azurara* do padre Luiz Cardoso, era uma ermida ou egreja com o titulo de *Nossa Senhora da Apresentação* ou *Senhora das Neves*, pelo que a egreja de D. Manoel tomou o titulo de *Santa Maria a Nova, para se distinguir da antiquissima ..... de Nossa Seuhora das Neves*»— diz o padre Luiz Cardoso — e em seguida descreve o templo actual *muito minuciosamente*, bem como todos os outros templos que esta freguezia contava em 1747 e que eram os seguintes:

2.º=*Egreja da Misericordia*, na rua do Espirito Santo.

3.º—Egreja do convento dos *capuchos*, com o titulo de *Nossa Senhora dos Anjos*.

A dicta egreja, depois da extincção das ordens religiosas, foi conservada pela *Ordem 3.ª* que os frades erigiram em 1728. Ainda hoje é muito numerosa e faz todos os annos com grande apparato e grande concorrencia de fieis a procissão de *cinza*.[1]

Hoje no extincto convento está um collegio de meninas, montado recentemente e dirigido por umas piedosas senhoras.

4.ª—*Capella de Nossa Senhora das Neves*, ao sul de Azurara e junto da aldeia da Granja.

E' antiquissima e já se venerava com grande concurso de fieis no dia 5 d'agosto, antes da invasão dos mouros, como diz Faria e Souza na *Europa Portugueza*, tomo 3.º cap. 2.º pag. 231. n.º 60.

A dicta romagem determinou a creação d'uma *feira franca* muito importante, no mesmo dia.

Talvez que a dicta capella fosse a *primitiva* egreja d'Azurara!...

5.º—*Capella do Espirito Santo*, na rua que tomou d'ella o nome.

Era e não sabemos se ainda é *coroada de ameias* e dizem ter sido casa do marquez de Villa Real, antigo senhor d'esta villa.

Ainda em 1747 se via em um armazem junto do Ave, esculpido o *aleo*, ou pau de zambugeiro, emblema dos dictos marquezes.[2]

Na dicta capella se festejava pomposamente o Espirito Santo e acompanhava a procissão um irmão lavrador, *vestido de imperador*, com seus pagens, que lhe levavam o estoque, sceptro e corôa, indo na frente um estandarte com as armas reaes.

6.ª—*Capella de Nossa Senhora da Conceição*, por detraz da rua do Corpo Santo, para o lado do mar.

7.ª—*Capella do Corpo Santo*, ou de S. Pedro Gonçalves Telmo.

Demorava e demora a N. E. da villa, em um planalto espaçoso e muito vistoso, sobranceiro ao Ave, e foi sempre muito querida dos navegantes e muito festejada por elles.

8.ª—*Capella de S. Sebastião*, no fim da rua a que deu nome e em terreno tambem muito vistoso, donde se gosa um vasto e lindo panorama sobre a terra e sobre o mar.

9.ª—*Capella de Sant'Anna*, em um pequeno monte a E. da villa, com 4 altares, etc., etc.

Funccionarios publicos

Esta villa teve outr'ora ouvidor annual, que era tambem juiz da egreja, dos orphãos e direitos reaes,—2 almotaceis, 4 quadrilheiros e 1 meirinho, todos eleitos pelo povo, mas prestavam juramento na camara do Porto.

Tinha mais 3 escrivães, sendo 1 dos orphãos e do publico—e 2 só do publico e judicial,—6 homens eleitos para o governo da villa e 6 para o lançamento da cisa, etc.

Pessoas notaveis

Produziu muitas esta villa, mas occorrem-nos apenas as seguintes:

—*Gomes Eannes d'Azurara*, mencionado pelo meu antecessor.[1]

—*Filippa de S. Francisco*, religiosa de Santa Clara de Villa do Conde.

Morreu com opinião de santidade em 1591.

---

[1] E' a 1.ª de *Azurara*, mas a procissão de *cinza*, de Villa do Conde, é muito mais apparatosa, muito mais concorrida e uma das primeiras da provincia.

A ella concorrem centenares de pessoas do Porto, porque a linha de ferro da Povoa estabelece sempre n'esse dia comboios a preços reduzidos.

[2] V. *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 952, col. 2.ª n.º 7.

[1] Ha divergencia com relação á naturalidade d'este afamado chronista.

V. *Zurara da Beira*, infra.

—*Victoria dos Santos*, religiosa do mesmo convento, no qual instituiu a festa dos Sagrados Espinhos de Christo.

Passados muitos annos depois que falleceu, acharam incorrupto o corpo d'esta piedosa freira.

—*D. João*, conego regular de Santo Agostinho.

Foi muito virtuoso e falleceu em Grijó no anno de 1715.

—*Fr. Antonio dos Reis*, 11.º geral de S. Bento, cujo cargo occupou 3 vezes.

Morreu em Tibães com opinião de virtude.

—*Padre Antonio Moreira.*

Passados 40 annos depois do seu fallecimento, encontrou-se o cadaver incorrupto e as vestes sacerdotaes que o envolviam.

—*Fr. José da Trindade*, da ordem de S. Domingos.

Falleceu no convento de Vianna em 1742 e foi virtuosissimo.

—*Um bispo eleito de Malaca*, religioso de S. Bento.

Era da familia *Maeiros* d'esta villa, mas ignora-se o nome.

—*Um arcebispo da Bahia*, cujo nome se ignora tambem.

—O *dr. João Carneiro de Moraes*, chancellier mor do reino.

—O dr.... filho do antecedente.

Foi lente na Universidade de Coimbra.

—*Fr. Manoel da Silveira*, religioso de S. Domingos.

Foi dr. em theologia pela mesma Universidade.

—*Pedro Nunes da Costa*, freire e commendador de Malta.

—*Manoel Lopes Negrão.*

Foi capitão de mar e guerra.

—*Manoel Correia da Rocha.*

Foi tambem capitão de mar e guerra.

Os viscondes de *Azurara* não eram filhos d'esta villa.

O 1.º visconde, *João Antonio Salter de Mendonça*, que foi dono do palacio do *Freixo* no Porto, e da grande quinta da *Aveleira*, na freguezia de Tavora, concelho de Taboaço,[1] etc., etc., nasceu na villa de *Goyanna*, imperio do Brazil.

ETYMOLOGIAS

Este topico é muito nebuloso, porque é muito difficil apurar *com firmeza* a etymologia da maior parte das terras do nosso paiz, pois muitas tomaram o nome dos romanos,— outras dos godos e visigodos,— outras dos arabes e musarabes,—outras dos leoneses e portuguezes, como ainda hoje estão tomando o nome dos seus fundadores e possuidores muitas herdades e quintas, que podem vir a ser grandes povoações no futuro.

Simples granjas, herdades e quintas foram nucleo de muitas das nossas actuaes povoações e d'outras que desappareceram com a voragem das guerras, do tempo e das epidemias, como podem desapparecer as povoações actuaes.

Com relação a esta villa d'*Azurara* disse o Padre Luiz Cardoso que o nome d'ella se deriva de *azul ara*, pedra d'ara de cor azul, que *estava* (?) na *primitiva egreja*.

O meu antecessor perfilhou a mesma ideia, mas inclinou-se a crer que a dicta *pedra azul* não era uma simples *pedra d'ara*, mas algum dolmen, *cuja pedra fosse azul ou azulada.*

Não estamos d'accordo, porque não resta memoria alguma da egreja *primitiva*,

---

[1] Aquella grande quinta foi dos Tavoras (bem como o palacio do *Freixo*), depois passou para a corôa; d'esta para o Salter de Mendonça, 1.º visconde d'*Azurara*; da familia d'este para o juiz da relação do Porto Joaquim Machado Ferreira Brandão, que a arrematou em praça publica; d'este passou para o seu cunhado Sebastião Pinto Moreira, de Massarellos, no Porto,—e d'este, por compra, para o sr. Adriano d'Azevedo Pinto Mesquita, de Riodades, seu actual possuidor, filho de Alexandre d'Azevedo Menezes Pimentel.

V. *Riodades*, *Freixo* (quinta do) e *Tavora* n'este diccionario e no supplemento.

nem da sua *pedra d'ara*, nem do fantastico *dolmen* ou *anta*, nem mesmo na onomastica. Além d'isso *Azurara da Beira* deve ter a mesma etymologia e custa-nos crer em *dolmens de cor azul* nas provincias do Douro e da Beira, nas quaes a pedra dominante é o *granito*, alem de que os *dolmens* contam milhares d'annos e estão todos cobertos de lichens, que os tornam escuros.

Tentemos pois outra etymologia.

—

Todos concordam em que *Azurara* de Villa do Conde foi uma simples aldeia ou povoação de *Arvore*, parochia antiquissima, que muito provavelmente tomou o nome — não de uma *arvore* qualquer, embora gigantea, mas de *Albura*, nome romano, como se vê da *Revista Archeologica* do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo (tomo 3.º pag. 155), onde se encontra a inscripção seguinte:[1]

D. M. S.
Q. CADI FRONTONIS
ANN. XXV. ROMAE. DE.
FVNCTI. RELIQVIAE. H. S. S.
CADIA TVSCA. AN. XXX. H. S. E.
M. CADIVS. RVFVS. LIBERIS
OPTVMIS. PIISSIMIS. POSVIT
CORNELIA. FRONTONIS. F
ANN. XXIII. ALBVRA. MATER
FRONTONIS. ET. TVSCAE. H. S. E
CADIVS. RVFVS. VXORI
OPTVMAE. V. T. L:::::

Em vulgar: — «Aos deoses manes. Aqui descançam os restos mortaes de Quinto Cadio Frontão, fallecido em Roma (?) aos 25 annos de idade. Aqui jaz tambem Cadia Tusca, de 30 annos.

M. Cadio Rufo erigiu este monumento aos seus optimos e piedosissimos filhos.

Aqui jaz tambem Cornelia, de 23 annos de idade, filha de Frontão, e *Albura*, mãe de Frontão e Tusca.

Cadio Rufo dedica este monumento á sua optima esposa.

A terra vos seja leve.»

—

«Esta curiosa inscripção — diz o sr. Figueiredo—ministra-nos os nomes de diversos membros d'uma familia, e consta de duas partes distinctas. A primeira parte consiste na memoria posta por M. Cadio Rufo a seu filho Quinto Frontão e a sua filha Tusca;—a 2.ª parte, com muita probabilidade gravada algum tempo depois, é a memoria feita pelo mesmo M. Cadio Rufo a sua neta Cornelia, filha de Frontão, e a sua mulher *Albura*.

«Todos os nomes que se leem n'esta inscripção são já conhecidos, embora pouco vulgares quasi todos na peninsula. D'entre elles são raros *Cadio*... e *Albura*...

«A orthographia, assim como a fórma da escriptura, indicam pertencer o monumento aos fins do I seculo.»

—

Do exposto se vê que *Albura* no tempo dos romanos foi nome de mulher, embora *raro*, como diz o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo. — Foi tambem nome de *homem* entre os godos e musarabes, pois *Albura* assignou como testemunha um doc. do sec, 10.º anno 973.

V. *Portug. Monum.—Diplom. et Chartae*, pag. 70.

Temos tambem uma aldeia e uma freguezia com o nome d'*Alvora*; duas aldeias e um casal com o nome de *Alvura*; uma aldeia com o nome de *Alvre*, — e todos estes nomes provieram talvez de *Albura*, nome de homem e de mulher no tempo dos romanos, godos, arabes e musarabes.

Tambem suppomos que *Alvaro* é modificação de *Alburo*, formula masculina d'*Albu-*

---

[1] Está embutida na parede interior do pateo do castello d'*Almourol*.

V. *Almourol*, tomo 1.º pag. 154, col. 2.ª— e *Zezere*, villa, tomo 11.º pag. 2232, col. 1.ª e segg.

ra ou *Alvura*,—e talvez que de *Alburo* provenha o nome da villa de *Alvor*, outr'ora *Albor*, como escreve Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion gen. de Espana*, fl. 135, v.,—e como escreveram sempre e escrevem ainda hoje os hespanhoes.

O nome *Albura*, depois *Alvura*, rareou e extinguiu-se, mas prevaleceu até hoje o de *Alvaro* e d'elle tomaram o nome differentes povoações, herdades e quintas nossas, denominadas *Alvaro*, bem como as povoações, herdades e quintas de *Alvares*, *Alvarim* e *Alvariz*, cujos nomes são patronimicos d'*Alvaro*.

Foi tambem nome godo ou musarabe *Ansur*,[1]—e talvez que esta freguezia, outr'ora simples *granja* ou *quinta* de *Azurara* no termo da freguezia d'*Alvore* ou *Albura* tomasse o nome de *Ansur d'Albura*, como ainda hoje dizemos *Ferreirinha da Regoa*, *Macedos de Taboaço*, *Rainhas de Gouveia*, *Fonseca do Sanguinhal*, *C. Relvas da Golegã*, *Ramalho d'Evora*, *Paes de Mangualde*, *Paes da Pesqueira*, *Custodio Gil do Casal*, etc. etc.

Talvez que a granja ou quinta de *Ansur d'Albura* depois tomasse os nomes de *Ansuralb ura*, *Açurara* e por ultimo *Azurara*.

—

Tambem pode dizer-se que *Azurara* tomou o nome de *Azharú*, famoso palacio e jardim dos reis de Cordova.

V. *Marlés*,[2] tomo 1.º pag. 473, 475, 481 e 497.

Talvez que a belleza do sitio e quaesquer outras circumstancias tentassem os mouros a dar o nome do jardim dos reis de Cordova ao pittoresco chão de *Azurara* de Villa do Conde e de *Azurara* da Beira, como nós denominamos *Cintra do Algarve* a villa de Monchique, — *Cintra da Beira* a villa de Vouzella—e Portugal todo *jardim á beira mar plantado*.

Marlès escreveu *Azhara* e *Azhara* (d'aqui talvez provenha *Azere*) mas é possivel que o nome arabe fosse um pouco differente, porque no mesmo tomo 1.º pag. 130 (nota) diz: «—Os arabes desfiguraram *horrivelmente* os nomes hespanhoes e francezes... tanto das pessoas, como das terras, villas, cidades e provincias, mas pagaram-se bem os historiadores hespanhoes e francezes, pois desfiguraram os nomes arabes de tal modo, que por vezes é impossivel reconhecel-os.»

Alguem diz que *Zurara* ou *Azurara da Beira* tomou o nome de um mouro chamado *Zurar* ou *Zurão*!...

V. *Zurara*, infra, e *Sant. Marian.* tomo 5.º pag. 162 e 163.

É certo que as povoações convisinhas de *Azurara* de Villa do Conde são antiquissi-

---

[1] V. *Arouca*, tomo 1.º pag. 928= A A = col. 1.ª e *Figueiredo das Donas*, tomo 3.º pag. 193, col. 2.ª

[2] *Histoire de la domination des Arabes et des Maures en Espagne et en Portugal, depuis l'invasion de ces peuples jusqu'a leur expulsion définitive;... par M. de Marlès*— Paris, 1825, 3.º vol. 8.º

É uma obra muito interessante e que n'este ligeiro esboço etymologico havemos de citar muitas vezes, porque n'ella se encontram muitos arabes e mouros, que figuraram na invasão e occupação da peninsula e que deram o nome a differentes povoações nossas, como revelam claramente os nomes que ainda hoje conservam.

Tambem ali se encontram muitos nomes d'arabes, que são hoje appellidos nossos, v. g. *Mahamed*, Mamede; *Zalema*, Salema; *Hussem*, Ossem e Cem, appellido de Pedro Cem; *Lebun*, Lobão; *Sad*, Sá; *Hegiag*, Geada; *Siqueli*, Sequeira; *Abdila*, Avila; *Azis*, Assis; *Neza*, Niza; *Fehri*, Ferrer; *Almehdi*, Almeida; *Zeray*, Saraiva; *Gehdi*, Guedes; *Ben-Habid*, Benevides; *Laiti*, Leite; *Suar*, Soares; *Baeza*, Beça; *Jali*, Jalles, etc. etc.

A occupação arabe foi a ultima do nosso paiz, no qual deixou e se conservam ainda hoje *muitos vestigios*!

É tambem a historia da invasão e occupação dos arabes e mouros um grande auxiliar da nossa historia e da *nossa chorographia*, pelo que lamentamos que o nosso governo *até hoje* não tenha montado cadeiras de *lingua arabica* nos lyceus e nas escolas superiores.

mas e os nomes de muitas d'ellas recordam ainda nomes godos, arabes e musarabes. Occorrem-nos as seguintes:

—

—*Rendo*, aldeia da freguezia de *Fajoses*, vem de *Rando*, musarabe que figura em um doc. do sec. 10.º

V. *Portug. Monum.*[1] pag. 95.

Temos tambem differentes aldeias, casaes e quintas com os nomes de *Rando*, *Rande*, *Randão*, *Randinho* e *Randinha*, todos provenientes de *Rando*.

—*Bagunte*, aldeia, e freguezia do mesmo concelho de Villa do Conde, foi uma importante *civitas* nossa, denominada *Bagonti* nos fins do sec. 10.º e principios do 11.º

Portug. Mon. pag. 69, 134 e 171.

—*Formariz*, outra aldeia e freguezia do mesmo concelho, é patronimico de *Fromarigo*, nome godo, que figura em varios doc. do sec. 11.º

Portug. Mon. pag. 141, 164 e 168.

—*Sabariz*, povoação de Macieira, freguezia do mesmo concelho, é patronimico de *Sabarigo* ou *Savarigo*, nome godo, que figura em um doc. do sec. 10.º

Portug. Mon. pag. 159.

—*Souto d'Ayres*, aldeia da freguezia de Malta, no mesmo concelho, vem de *Arias*, nome godo ou musarabe no sec. 10.º

Portug. Mon. pag. 73.

—*Mindello*, freguezia do mesmo concelho é tambem povoação muito antiga, pois já figura em um documento do sec. 11.º

Portug. Mon. pag. 160.

—O monte do *Crasto* e a aldeia do *Padrão*, pertencentes á freguezia de Santagões do mesmo concelho, recordam a occupação romana, pois revelam a existencia ali de um *castro* e de um *marco milliar*.

—*Vairão*, freguezia do mesmo concelho, é o nome romano *Valerianus*.

—*Povoa de Varzim* talvez provenha de *Wazir*, alta dignidade entre os mouros.

No sec. 11.º chamava-se *Verazini*.

Portug. Mon. pag. 172.

—A *ver o Mar* ou A *vel-o Mar*, povoação da freguezia de Amorim, concelho da Povoa de Varzim, vem de *Avomari*, que assignou como testemunha um doc. no sec. 11.º (Portug. Mon. pag. 172) ou de *Aben-Umar*, que figura tambem como testemunha em um doc. do anno 1016.

Portug. Mon. pag. 143.

Suppomos que *Abumari* ou *Abumar* é o mesmo que *Aben-Umar*, modificação de *Iben*, *Aben* ou *Ben*[1]-*Omar*, que foi um mouro muito notavel na invasão da Peninsula.

V. *Marlès*, tomo 2.º pag. 168.

—*Amorim*, *Terroso* e *Laundos*, aldeias e parochias do mesmo concelho, são tambem muito antigas, pois figuram no mesmo doc. do sec. 11.º (anno 1033).

Portug. Mon. pag. 172.

—*Sandim*, aldeia da freguezia de Terroso, vem de *Sandinus*, nome godo.

Sandinus assignou como notario um doc. do sec. 11.º (anno 1045)

Portug. Mon. pag. 309.

No mesmo doc. e em outros dos sec. 10.º e 11.º se encontram testemunhas com o nome *Sendinus*, cujo patronimico é *Sendim*, nome de differentes aldeias e freguezias nossas.

Podiamos alongar *muito mais* esta lista,

---

[1] Referimo-nos ao *Portugaliae Monumenta historica*, livro *Diplomata et Chartae*—preciosa collecção de documentos que até hoje estiveram (*quasi todos*) encerrados e fechados no *sancta sanctorum* da Torre do Tombo.

[1] *Iben*, *Aben* ou simplesmente *Ben* entre os mouros significava *filho* e *Beni filhos* ou descendentes. Assim, entre os musarabes, ou christãos que viviam com os mouros, *Iben*,—*Egas*, hoje *Viegas*, queria dizer *filho de Egas*, e *Iben-Ordonis*, hoje *Bordonhos*, queria dizer *filho de Ordonho*, etc.

V. *Vouzella*, villa, tomo 11.º pag. 2014, col. 2.ª *in fine*.

mas não queremos por fórma alguma abusar da paciencia dos leitores e dos editores.

Indicamos as paginas das obras citadas, para que todos verifiquem os nossos *dislates*,—querendo.

Alguem *zomba* d'este processo de formar etymologias, taxando-o de *estupido* e *retrogrado*,[1] mas *rira bien qui rira le dernier*?!...

Viscondes d'Azurara e palacio do Freixo

Em 1820 foi feito 1.º visconde d'*Azurara* João Antonio Salter de Mendonça. Casou com D. Anna Rosa de Noronha Leme Cernache, filha segunda de Vicente de Tavora de Noronha e de D. Anna de Tavora de Noronha Leme Cernache, senhores da casa da *Vandôma* junto ao arco d'este nome, que então existia junto da Sé do Porto, e de muitos morgados e padroados pertencentes á dita casa. Não sabemos se este 1.º visconde, que foi dezembargador do Porto e secretario do governo de Portugal, possuia em *Azurara* bens proprios; crêmos porem que sua mulher os possuia, pois sabemos que a casa da *Vandoma* ali tinha um morgado e outros bens. Este 1.º visconde não teve filhos de sua mulher acima dita, mas foi herdeiro dos seus bens, entre os quaes se comprehendia a quinta e palacio do *Freixo* nas freguezias de Campanhã e Val Bom, margem direita do rio Douro, quinta e palacio que antes pertenciam á dita casa e familia da *Vandôma*. De tudo foi herdeiro Jorge Salter de Mendonça, filho natural legitimado do 1.º visconde, deputado da junta do tabaco e coronel de milicias, que foi o segundo visconde d'*Azurara* e casou em 1839 com D. Maria Henriqueta Manoel de Saldanha Oliveira e Daun, da casa de *Pancas*. Este segundo visconde em 1850 vendeu a Antonio Affonso Vellado, mais tarde *visconde do Freixo*, o palacio d'este nome, de cuja origem vamos dar noticia, accrescentando o que ficou dito no terceiro volume d'esta obra, pag. 233.[1]

Quinta e palacio do Freixo

Nos fins do XVII seculo era senhor da quinta do *Freixo* (ainda não possuia o magnifico palacio actual) *Roque Peres Picão*, fidalgo da casa real, homem de grossos cabedaes, casado com D. Isabel Freire, irmã do deão da Sé do Porto (1681) João Freire Antão, que pela sua parte foi instituidor de um morgado rendoso, do qual, assim como dos bens do dito Roque e de sua mulher, foi universal herdeira uma filha unica d'estes, D. Michaella Antonia Freire. Casou esta senhora com Antonio de Tavora Noronha Leme Cernache, filho de Jeronymo de Tavora e neto de Martim de Tavora de Noronha, fidalgo da casa real, senhor dos direitos reaes de

---

[1] V. *Zava*, tomo 11.º pag. 2079, col. 2.ª e 2080, col. 1.ª—e *Vouzella* no mesmo tomo, pag. 2012, col. 2.ª, até pag. 2016, col. 1.ª

[1] Mau fado tem persegnido e continua a perseguir este palacio!...

Por morte do visconde do Freixo, que o restaurou e gastou com elle mais de 50 *contos de réis*, passou para a viuva, que vivia e continuou a viver em Lisboa, e, passados annos, vendeu-o, já muito deteriorado, a um allemão *Petters*, comprehendendo toda a quinta.

Na fabrica de saboaria, montada pelo visconde do Freixo na parte N. da quinta, a pequena distancia do palacio, montou o *Petters* uma fabrica de queimar e distillar cereaes e, ardendo a dicta fabrica, vendeu o chão e edificios d'ella a José Maria Rodrigues Formigal, que ali montou e conserva actualmente uma fabrica de moagem de pão.

Ultimamente o mesmo *Petters* vendeu em dezembro de 1889 *o palacio, jardins e parte da cerca* a uma companhia, que vae montar na cerca uma fabrica de queimar pão, destinando para deposito do pão o pavimento do palacio,—e o mesmo *Petters* tem vendido e está vendendo em lotes o resto da quinta a differentes companhias para montagem de differentes fabricas.

Só o palacio e jardins não se faziam hoje com *trezentos contos de réis*—e a mencionada companhia deu por elles apenas *dezenove contos*?!...

Tavora, da villa de Coja e dos morgados de Cernache, padroeiro das abbadias de Cezár e Macieira no bispado do Porto, e da de Loivos da Ribeira, em Baião, e senhor da quinta de *Campo Bello* em Villa Nova de Gaya. Foi o dito *Antonio de Tavora* senhor de toda a casa de seu avô, com excepção da quinta de *Campo Bello,* que passou para a familia *Leites,* como já dissemos no 6.º volume d'esta obra a pag. 91 a 94.

Do dito Antonio de Tavora e de sua mulher D. Michaella Freire foi filho primogenito e successor na sua importante casa Hieronymo de Tavora de Noronha, o qual nasceu a 20 de novembro de 1690 e abraçou o estado ecclesiastico, sendo tambem deão da Sé do Porto, como o seu tio-avô.

Sem descendencia propria e senhor de *avultados rendimentos* que auferia da sua opulenta casa e da cadeira de deão, estava nas melhores condições de construir um palacio sumptuoso que legasse á sua familia, e perpetuasse o seu nome. Escolheu para esse fim a sua quinta do *Freixo* e conseguiu levar a cabo a obra monumental que ainda hoje se admira e que, como se vê, data da primeira metade do XVIII seculo. O brasão dos *Tavoras* foi mandado picar no tempo do Marquez de Pombal, mas ainda hoje lá se vê em differentes sitios, bem como o *golphinho* emblema heraldico d'esta familia.

O palacio do Freixo com outros bens não vinculados pertenceu a D. Anna Rosa de Noronha, terceira sobrinha do deão seu fundador; os bens de natureza vincular (morgados e padroados) seguiram na linha primogenita da familia até 1857, data em que, extincta esta linha, succedeu em todos o fallecido Alvaro Leite, da casa de *S. João Novo,* do Porto, senhor tambem da casa de *Campo Bello* em Villa Nova de Gaya, descendente dos antigos Tavoras e representante da linha immediata á primogenita, como já dissemos no sexto volume, pag. 92 e seguintes.

Hoje possue a maior parte d'estes vinculos a sr.ª condessa de Campo Bello, sobrinha paterna e uma das herdeiras de Alvaro Leite, representante da sua familia e casada com o sr. dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, 1.º conde de Campo Bello.

No sexto volume d'esta obra, loc., cit., já demos ampla noticia genealogica das familias representadas pela actual sr.ª condessa de Campo Bello, agora, aproveitando a occasião, daremos tambem uma noticia genealogica da familia do sr. conde, que é a antiga familia dos

Paivas Brandões de Braga

Procede esta familia de dois cavalleiros irmãos, naturaes da Normandia, *Carlos Brandão* e *Fernão Brandão,* os quaes se estabeleceram perto do mosteiro de *Grijó,* no sitio ainda hoje denominado *Paços de Brandão,* e jazem na egreja do dito convento, onde está um letreiro latino que indica a sua sepultura. Do segundo d'estes irmãos foi sexto neto, do qual começaremos a deduzir a genealogia d'esta familia, o seguinte:

1.º *Fernão Rodrigues Brandão.*

Viveu no tempo d'el-Rei D. Pedro I, a quem serviu, dando-lhe este rei em morgado as herdades da *Silveira* em Montemor-o-Novo. Casou e teve

2.º *Lopo Fernandes Brandão,* successor de seu pae. Casou com D. Filippa de Athayde e tiveram

3.º *Diogo Lopes Brandão,* successor do precedente. Casou com D. Catharina Fernandes d'Oliveira, dos *Craveiros* de Evora, e teve, além de Luiz Brandão, que foi veador do duque de Viseu, mais

4.º *Fernando Brandão.*

Succedeu na casa de seus paes, — casou com D. Isabel de Brito, filha de André Dias de Beja, e tiveram differentes filhos, dos quaes foi o primogenito,

5.º *Diogo Lopes Brandão,* successor dos precedentes. Casou com D. Joanna de Paiva, do legitimo tronco dos *Paivas,* e tiveram, entre outros filhos

6.º *Diogo de Paiva Brandão,* successor dos precedentes. Casou com uma senhora cujo nome ignoramos e de quem teve unico filho

7.º *João Alvares de Paiva,* que casou com

D. Catharina de Souza. Ficando viuvo, abraçou o estado ecclesiastico e acompanhou para a cidade de Braga o arcebispo D. Diogo de Souza, do qual por sua mulher ainda era parente e d'elle foi capellão e grande privado. Foi abbade de S. Pedro e teve outros beneficios. Foi seu filho unico

8.º *Filippe de Paiva Brandão*, F. C. R. etc.

Herdou de seu pae todos os bens que o mesmo possuia na cidade de Lisboa e na de Braga e casou n'esta ultima cidade com D. Anna Mendes da Fonseca, filha de Joanne Mendes e de sua mulher D. Catharina da Fonseca Coutinho, filha de Luiz Gonçalves Gayo, vereador em Braga em 1534, e de sua mulher D. Anna Alvares da Fonseca, filha de Alvaro da Fonseca Coutinho, escudeiro fidalgo, que da cidade de Lamego foi para a de Braga. Tiveram entre outros filhos

9.º *Diogo de Paiva Brandão*, fidalgo da casa real, herdeiro da casa de seus paes no campo de *S. Thiago* e *rua do Alcaide* em Braga, capitão de infanteria e sargento-mór de Braga. Casou n'esta cidade com D. Prudencia Navio de Barros, filha de Ambrozio Navio, conde Palatino, natural de Milão, que d'alli viera para Braga recommendado ao arcebisqo primaz pelo nuncio de S. Santidade, e de sua mulher D. Magdalena de Barros. Tiveram entre outros filhos

10.º *Francisco de Paiva Brandão*, successor de seu pae e como elle fidalgo da casa real e sargento-mór de Braga. Foi vereador; fazia parte do senado bracarense por occasião da restauração de 1640—e tomou grande parte nos festejos que se fizeram em Braga ao arcebispo D. Rodrigo da Cunha, como consta da descripção que existe d'essas festas. Casou com D. Maria de Andrade, filha de Gonçalo Rodrigues Bouro, instituidor do morgado de *S. Lazaro*, de quem tambem descendem, entre outros, os *Noronhas* da Prelada, os *Jacomes* do Avellar, etc.

Além de duas filhas—D. Angelica, que casou com Francisco Pereira Marinho, d'onde vem os *Paivas Marinhos*, e D. Francisca, que casou com o Dr. Miguel de Coimbra de Macedo e Andrade, fidalgo da casa real e desembargador no Porto, de quem descendem illustres familias, tiveram

11.º *Alexandre de Paiva Brandão*, filho primogenito dos precedentes e seu successor nas casas do *campo de S. Thiago* e *rua do Alcaide*, senhor da casa da *Torre do Tojo* e de outros mais bens. Casou em S. Martinho de Ferreiros, concelho de Lanhoso, com D. Petronilha Leite Borges, sua parente, filha de Salvador Leite Borges, da villa de Chaves, o qual descendia do tronco dos *Leites de Quebrantões e Gaya Pequena* e era o chefe d'uma das principaes familias de Traz-os-Montes,—e da sua segunda mulher D. Margarida de Magalhães Machado, descendente dos senhores da Barca e de Entre Homem e Cavado. D'estes nasceu Luiz de Paiva Brandão, que lhes succedeu na maior parte da sua casa e de quem foi filha herdeira D. Luiza de Paiva Leite, que casou com Manuel Alvaro Pereira de Castro, fidalgo da casa real, capitão-mór de Monsão e senhor da casa de *Pias*, bem conhecida como uma das mais illustres do alto Minho. Foi tambem filha do dito Alexandre de Paiva D. Angelica, que casou com Francisco d'Oliveira de Barros, da cidade de Braga, senhor da casa e morgado da *Barroza*. E além d'outros filhos e filhas religiosos, foi filho quinto do mesmo Alexandre de Paiva o seguinte e de sua mulher

12.º *Alexandre de Paiva Brandão*.

Nasceu em Braga e herdou de seus paes a casa da rua do Alcaide. Casou na Povoa de Lanhoso com D. Joanna Pereira da Costa, senhora da casa e quinta de *Pomar*, na freguezia de Thaide, e herdeira presumptiva do morgado dos *Costas* de Lanhoso, por ser filha e universal herdeira de Jorge da Costa de Mesquita e de sua mulher D. Sabina Peixoto de Araujo Alvarenga. Instituiu este Alexandre de Paiva um vinculo, tomando para cabeça d'elle a dita quinta de *Pomar*, por escriptura de 13 d'outubro de 1741, ao qual fizeram depois elle e seus successores differentes accrescentamentos, impondo aos administradores d'este vinculo a obrigação de usarem sempre pelo menos dois dos tres appellidos *Paiva, Leite, Chaves*.

Foi sua filha D. Angelica Quiteria de Paiva, que casou com Rodrigo de Souza Pereira da Silva, fidalgo da casa real e senhor das

casas de *Sestello* e *Surribas*, de quem descendem e foram successores os viscondes, depois condes da *Costa*, os *Azevedos* da Barca e outros.

Foi seu filho primogenito (do n.º 12.º)

13.º *João Antonio de Paiva Leite Brandão.* Nasceu em Braga a 15 de outubro de 1717 e foi fidalgo da casa real, capitão-mór de *Pedralva* e *Arentim*, senhor do morgado dos *Paivas Leites* de Thaide e da casa da rua do *Alcaide* em Braga. Casou na casa da *Lama*, freguezia de Fontearcada, concelho de Lanhoso, com D. Luiza Maria Vaz Vieira, herdeira da dita casa e da de *Picos* em Pedralva, e da quinta do *Rio* em Gondizalves, filha do capitão Luiz Vaz Vieira e de sua mulher D. Antonia Maria Ferreira. Succedeu-lhes

14.º *Alexandre de Paiva Leite Brandão*, filho primogenito dos precedentes, senhor de toda a casa de seus paes, fidalgo da casa real, etc. Casou em 1820 com D. Guiomar Carolina de Vasconcellos Athayde, sua parente, filha de Antonio Vicente de Sá Abreu e Vasconcellos, senhor da casa de *S. Priz* na Ponte da Barca, e de sua mulher D. Anna Joaquina de Azevedo Athayde Menezes. Tiveram

15.º *João de Paiva da Costa Leite Brandão*, filho unico e seu successor. Nasceu em Braga a 13 de dezembro de 1820 e ali falleceu a 3 d'agosto de 1857. Casou no Porto com D. Miquelina Emilia Ribeiro de Faria, filha de Bento Ribeiro de Faria, moço fidalgo com exercicio no paço, cavalleiro professo da ordem de Christo, etc. Foram os paes do sr. conde de Campo Bello e de seus dois irmãos:—*João de Paiva de Faria Leite Brandão*, bacharel formado em direito, fidalgo da casa real, administrador do concelho de Braga e secretario geral do governo civil do mesmo districto, que ahi falleceu em 12 de dezembro de 1884 com successão,—e *Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão*, tambem bacharel formado em direito e moço fidalgo com exercicio, actual guarda-mór da relação do Porto, onde vive, casado com uma filha do fallecido dr. Alberto Moraes Pinto d'Almeida, dos *Moraes* de Coimbra, e tem tambem successão. Finalmente

16.º *Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão*, filho segundo de João de Paiva da Costa Leite Brandão e de sua mulher D. Miquelina de Faria. É o actual 1.º conde de Campo Bello, par do reino eleito pelo collegio districtal do Porto em 1887, fidalgo cavalleiro da casa real e moço fidalgo com exercicio no paço (por successão), lente cathedratico da academia polytechnica do Porto (1873), doutor na faculdade de phylosophia e bacharel em mathematica pela universidade de Coimbra, onde foi sempre premiado, socio correspondente da Academia real das sciencias de Lisboa (1.ª classe), socio do instituto de Coimbra, socio fundador e perpetuo da sociedade internacional dos electricistas, de Paris, eleito presidente de honra da mesma sociedade para o reino de Portugal, na sessão de 6 de fevereiro de 1884, auctor de differentes obras, memorias e artigos scientificos, vice-presidente da commissão geral da cultura de tabaco no Douro e membro de outras commissões de serviço publico. Nasceu em Braga em 22 de abril de 1847, casou em 1871 na cidade do Porto e reside com sua familia em Villa Nova de Gaya na sua casa de *Campo Bello*, como dissemos a pag. 92 do sexto volume d'esta obra. Tem dois filhos.

O brazão d'armas do actual conde de Campo Bello, o mesmo dos seus antepassados, é o seguinte: escudo esquartelado; no 1.º quartel as armas dos *Paivas*: em campo azul tres flores de liz de ouro, postas em banda; no segundo as dos *Leites*. campo esquartelado, no 1.º e 4.º de verde com tres flores de liz d'ouro em roquete e no 2.º e 3.º de purpura com uma cruz de prata floreada e vasia do campo; no 3.º quartel as dos *Brandões*: em campo azul cinco brandões accesos de ouro, postos em santor; no 4.º as dos *Costas*: em campo vermelho seis costas de prata affirmadas nos cabos do escudo e postas em tres faxas. Timbre, o dos *Paivas*: uma aspa azul carregada de uma flor de liz de ouro.

A custo podemos obter tão interessantes noticias dos viscondes d'*Azurara*, do grande

palacio do *Freixo* e da antiga e nobilissima casa de *Campo Bello*.

ZURARA (posteriormente *Azurara*) *da Beira*,—hoje Mangualde, ou *Mangualde de Azurara*, villa, freguezia, concelho e comarca no districto de Viseu, provincia da Beira Alta.

V. *Azurara da Beira*, tomo 1.º pag. 300, col. 1.ª—e *Mangualde de Azurara*, tomo 5.º pag. 49, col. 1.ª tambem.

Seja-nos licito fazer algumas *rectificações* e *addições* áquelles dois artigos do meu benemerito antecessor.[1]

Principiando pelo artigo *Azurara da Beira*, note-se que esta *Zurara* ou *Azurara* nunca foi villa, povoação nem freguezia, mas simplesmente nome do concelho que hoje se denomina *Mangualde*. Denominou-se *Zurara* e posteriormente *Azurara*, sem ter povoação alguma d'este nome, como *in illo tempore* se denominou *terra de Panoias* grande parte da provincia transmontana, sem ter povoação alguma denominada *Panoias*,—e depois que D. Diniz deu áquelle vasto territorio por séde *Villa Real*, perdeu o antigo nome de *Panoias* e tomou o de *districto de Villa Real*,[2]—como tambem o concelho de que no momento nos occupamos perdeu o nome de *Azurara* e tomou o de *Mangualde*, porque tinha a sua séde na pequena povoação de Mangualde, hoje uma das villas mais importantes da Beira, como logo provaremos.

Ainda hoje tambem os concelhos de *Penalva do Castello*, *Satam*, *Rezende*, *Baião*, etc. não teem villas nem povoações com taes nomes—e o mesmo succede a muitas freguezias nossas, taes são n'esta provincia da Beira Alta e n'este districto de Viseu —*Alcafache*, *Rezende*, *Barrô*, *Cambres* e *Penajoia*, sendo estas ultimas 4 freguezias muito populosas e muito importantes—e a primeira uma estação thermal bastante concorrida.

Foraes

Por vezes é difficil saber a que terras pertencem os nossos foraes, principalmente os *foraes velhos*, porque temos differentes terras com os mesmos nomes, e os foraes não indicam as provincias nem os districtos a que pertencem.

Temos, p. ex., 3 foraes velhos de *Aguiar*, que se encontram no *Portugaliae Monumenta* com o simples titulo de *Aguiar*, havendo no nosso paiz *Aguiar da Beira*, *Aguiar da Pena* e *Aguiar de Souza*, pelo que mal podem distinguir-se, excepto de *Aguiar da Beira* de 1258, por ter confrontações muito claras,[1] em quanto que os outros dois não teem confrontações algumas.

Tambem o meu antecessor, guiado por Franklin, deu á villa de S. Miguel do Jarmello, hoje freguezia do concelho da Guarda,[2] o foral que D. Affonso Henriques deu ao castello e couto de *Germanello* (Jarmello, Jermello ou antes Germello) em 1140 a 1146, mas pelas confrontações n'elle marcadas, vê-se que o dicto *Germanello* não era o da Guarda, supra. Estava em um monte, hoje completamente despovoado e ainda denominado *Castello*, que demora entre a freguezia do *Rabaçal*, concelho de Penella, districto de Coimbra, e a do *Alvorge*, concelho d'Ancião, districto de Leiria. D'elle já fizemos menção, quando fallámos da interessante lenda do *Mello* e *Jerumello*.

---

[1] Eu tomei conta d'este diccionario quando já ia em *Vianna do Castello*, a pag. 412 do 10.º vol.

Suum cuique...

[2] *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 934, col. 1.ª,—e 939, col. 2.ª

[1] V. *Vouzella*, ribeira, tomo 11.º pag. 1993 col. 2.ª

No supplemento rectificaremos tambem o que o meu antecessor disse dos foraes d'*Aguiar da Beira*, *Aguiar da Pena* e *Aguiar de Sousa*; entretanto diremos que *Aguiar de Sousa* teve foral velho, dado por Estevam Rodrigues em Evora (?) á 19 de junho de 1269. Suppomos ser o que se encontra no *Portug. Mon.* pag. 712-715.

[2] V. *Jermello*, tomo 3.º pag. 408, col. 2.ª

V. *Zambujal*, freguezia do concelho de Condeixa, tomo 11.º pag. 2067, col. 2.ª, —e *Rabaçal*, no 2.º supplemento ás *Noticias de Penella* do sr. commendador e meu bom amigo Delfim Jesé d'Oliveira.

O dicto foral pode ver-se no *Portug. Monum.* pag. 432. Não tem data, mas pelas rasões ali expostas cabe-lhe muito bem a data supra 1140 a 1146.

Tambem as nossas duas *Zuraras* teem confundido os chorographos, como os leitores vão ver.

—

Fallando de *Azurara de Villa do Conde*, o meu antecessor (vol. 1.º pag. 299, col. 2.ª) disse que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1102 ou 1107 (?) foral que D. Affonso II confirmou em 1213 (?)—e que a *Poblacion G. de Espana* diz que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1111.

Fallando de *Azurara da Beira*, o meu antecessor disse tambem—que D. Diniz lhe deu foral em 1298 (?);—que Viterbo lhe consigna um foral de 1112 (?) dado pelo conde D. Henrique e pela rainha D. Thereza, mas que Franklin não o menciona, — e que D. Manoel lhe deu *foral novo* em Lisboa, a 26 de março de 1514.

No artigo *Mangualde* (tomo 5.º pag. 49, col. 2.ª) volvendo a fallar de *Azurara da Beira*, diz—que o conde D. Henrique lhe deu foral em 1102 (?)—e que D. Manoel lhe deu foral novo em 1514.

Tudo isto demanda rectificação.

—

Nós, como já dissemos no artigo supra, não temos noticia de foral *velho* nem *novo*, dado a *Zurara de Villa do Conde* — e dos foraes velhos de *Zurara* conhecemos o de D. Diniz e o do conde D. Henrique e de sua mulher a rainha D. Thereza, com data 1102 (não de 1107, nem de 1111 ou 1112)—foral que pertence a *Zurara da Beira*, como se vê claramente das confrontações n'elle indicadas.

Logo o daremos na sua integra.

Claudicou pois Rodrigo Mendes da Silva na *Pobl. G. de España*, alterando a data do dicto foral e attribuindo-o a *Zurara de Villa do Conde*.

Elle cita *Brandam*, I. 8.º cap. 23, mas Brandão *loc. cit.* apenas diz que o conde D. Henrique deu foral a *Zurara*. Não diz se era a da *Beira*, se a de *Villa do Conde* — e não lhe assignou data alguma.

Tambem estranhamos que Rodrigo Mendes da Silva apenas fizesse menção de *Azurara de Villa do Conde* e omittisse *Azurara da Beira*, sendo muito mais importante esta ultima.

—

O padre Carvalho, fallando de *Azurara da Beira*, dá-lhe um foral de D. Diniz — confirmado por D. Manoel, mas não lhes assignou datas nem documentou tal asserto.

O padre Luiz Cardoso dedicou um longo artigo a *Zurara* de Villa do Conde, mas disse muito pouco de *Zurara da Beira* — e quanto a foraes, apenas repetiu o que havia dicto Carvalho!...

José Avelino d'Almeida dedicou a *Mangualde de Azurara* um bello artigo, que o meu antecessor extractou, mas quanto a foraes deu-lhe apenas o de D. *Diniz*!...

A *Chorogr. Moderna*, seguindo Carvalho e Avelino, deu-lhe apenas o dicto foral de D. Diniz, reformado por D. Manoel.

Viterbo no *Elucidario* apenas menciona *Azurara da Beira* nos art. *Maladia* e *Podestades*, mas no 1.º falla somente e muito vagamente de *foraes velhos*, não indicando algum de *Azurara*; no 2.º não falla de foraes *velhos* nem *novos*!

Não sabemos pois onde Viterbo menciona o foral de *Azurara da Beira*, de 1112, citado pelo meu antecessor,—e no *Portug. Monum.* não se encontra semelhante foral, mas só o de 1102, indicado por Franklin nas suas *Memorias*, onde se encontra indicado tambem o de 1514, dado por D. Manoel.

Na minha humilde opinião todos os foraes de *Azurara da Beira*, hoje *Mangualde*, se reduzem ao de D. Manoel, com data de 1514,—ao de D. Diniz, citado no de D. Manoel,—e ao seguinte:

Foral de 1102 confirmado em 1218

«In nomine domini nostri jhesu christi amen. Ego Comite Henricus...»

Em vulgar:

«Em nome de nosso senhor Jesus Christo. Amen.

«Eu o conde D. Henrique e minha mulher D. Thereza, filha do rei D. Affonso, damos carta de foral aos habitantes de *Zurara* que demoram entre os rios *Dão* (*adon*) e *Mondego;*—e entre *Penalva* (do Castello) e a dicta Zurara está o rio *Ryal*.[1]

«De cada junta de bois (que empregardes na lavoura) pagareis um *moio* de pão terçado;[1] de cada boi dois *quarteiros* de pão terçado tambem; do vinho a decima parte no lagar; do linho a decima parte no campo; do veado (de *venato*) um lombo; do porco *duas costas* (sic) — e dos coelhos um pela morada do caçador (talvez um por dia).

«Se o cavalleiro perder o seu cavallo, guardem-lhe durante tres annos o fôro de cavalleiro — e poderá vender as suas propriedades livremente, sem onus algum, a quem lhe aprouver.

«O peão poderá vender tambem as suas propriedades a quem lhe aprouver e só a decima parte ficará obrigada ao foro.

---

[1] Do exposto se vê que este foral é evidentemente o do concelho de Mangualde ou de *Azurara da Beira*, pois demora entre os rios *Dão* e *Mondego* e confina com o concelho de *Penalva do Castello*.

Claudicaram pois todos quantos disseram que este foral pertence a *Zurara* ou *Azurara* de Villa do Conde.

O rio *Rial* ainda hoje conserva o mesmo nome, e ainda hoje, como em 1102, divide a N. E. o concelho de Penalva do de Zurara, mas suppomos que houve erro de copia no texto do foral que se encontra no *Portug. Monum.*, pois, indicando as confrontações do concelho de *Zurara*, diz que está — «*inter rybulo adon et mondego et inter Pennalva et issius Zurara et ribulo Ryal.*»

O texto assim confunde, pois em vulgar diz:—«*entre os rios Dão e Mondego e entre Penalva e a mesma Zurara e o rio Ryal.*»

Parece que a mente do doador era indicar os limites do concelho pelos quadrantes:—a N. pelo *Dão;* a S. pelo *Mondego;* a E. ou N. E. por *Penalva*—e a O. ou S. O. pelo rio *Ryal*.

Assim o julgámos a principio, mas, depois de bem estudarmos a topographia local, convencemo-nos de que a mente do doador era indicar os limites do concelho apenas a N. e S. pelos rios *Dão* e *Mondego*, que ainda hoje limitam pelos dous quadrantes o concelho de Mangualde,—excepto desde a foz do rio *Ryal* para cima ou para E. N. E., pois d'ali para cima o *Dão* deixa de ser limite de *Zurara*—e este concelho é limitado pelo rio *Ryal*. que vem de Villa Cova do Covello;—banha na margem direita a freguezia de *Ryal*, concelho de Penalva, dividindo a da freguezia de *Quintella;* concelho de Mongoalde; — recebe depois o rio *Lodares* ou *Coval* (tem ambos os nomes) que vem das *Chans de Tavares;*—unidos os dous tomam o nome de rio *Lamegal*—e morrem na margem esquerda do *Dão*, tendo de curso qualquer d'aquelles dois rios 10 a 15 kilometros.

Evidentemente o rio *Ryal* é o que banha a freguezia de *Ryal*, que tomou d'elle o nome, ou v. v.—e o foral deve ler-se assim: —«*inter rybulo adon et mondego;—et inter Pennalva et issius Zurara est ribulo Ryal.*»

Accrescente-se pois um *s* ao ultimo *et* e está morta a questão.

Haverá erro da copia no *Portug. Monum.*? —Que o diga quem poder ver o proprio foral na *Torre do Tombo*.

[1] Suppomos que o *pão terçado* n'aquelle tempo era centeio, cevada e trigo, ou milho miudo, porque a introducção do milho graudo é muito posterior.

Note-se tambem que o *moio* e o *alqueire* então eram muito differentes dos de hoje.

De passagem diremos tambem que o *almude* e o *alqueire* foram muito tempo synonimos. Empregavam-se indistinctamente como medidas de secco e liquidos. Era trivial dizer-se *um almude de pão, um alqueire de vinho*, etc. Ainda hoje ao sul de Portugal se diz *tantos alqueires de vinho* ou de *azeite*, mas nas provincias do norte o *almude* era medida de liquidos e o *alqueire* medida de seccos até o meiado d'este seculo, data em que se decretou o *litro* como medida official para seccos e liquidos—e o *metro* para medida linear, em substituição da *vara* e do *covado*.

V. *Almude* e *Modio*.

«O cavalleiro fica por este foral exempto de pagar portagem.[1]

«Metade da cifra das penas ou multas que forem julgadas em juiso, será applicada pela alma do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza, sua mulher.

«Quem comprar terras que não forem *jugadeiras* não fique por isso obrigado a serviço algum, sem que lh'o paguem.

«E por este foral arbitrou o conde D. Henrique a *pena do couto*, desde o rio Dão até o Mondego, em *mil e quinhentos modios* (?)

«Todo o homem que entrar violentamente no dicto couto em perseguição de algum homicida, ou d'algum escravo, ou por outra qualquer causa, se prender o fugitivo, pague o *incouto* ou pena supra, ou cortem-lhe as mãos, ou tirem-lhe os olhos (?!...).

«Quem violar ou tentar infringir este foral—primeiramente seja excommungado, anathematisado, privado da communhão de Christo, condemnado ao inferno com Judas, o traidor, e não use Deus da sua infinita misericordia no juiso final para com elle. Amen.

«E todos os que habitam desde o rio Dão até o Mondego paguem ás justiças de *Zurara* (ou em *Zurara*) os serviços e foros devidos.[2]

«E eu o conde D. Henrique e minha mulher a rainha D. Thereza auctorisamos Egas Moniz, D. Rabaldo e Gonçalo Peres para em nosso nome e como se presentes fossemos, receberem dos habitantes de Zurara o devido juramento.

«Era 1140 (anno 1102.)

«Testemunhas D. Gonçalo, bispo de Coimbra, que este foral *escreveu* (?!...); Egas Gosendes, test.; Paio Soares, test.; D. Affonso, Infante. Eu o conde D. Fernando,[1] corroboro e auctoriso este foral, segundo o testo supra. Eu o conde D. Pedro o vi, outorgo e confirmo. E eu D. Vermudo Peres o outorgo e corroboro tambem.»[2]

Portugal Monum. I. *Foralia*, pag. 353.

Confirmação do foral supra

«Ego Alfonsus...»—Em vulgar:

«Eu D. Affonso II, por graça de Deus rei de Portugal, com minha mulher a rainha D. Urraca e nossos filhos os infantes D. Sancho, D. Affonso e D. Leonor, concedo e confirmo a vós, habitantes de Zurara o foral que vos deu o conde D. Henrique, meu visavô; e para que esta minha concessão e confirmação tenham maior valor, mandei passar esta carta e timbral-a com o meu sello de chumbo, a qual foi feita em Santarem no dia 1 de fevereiro da era de 1256 (anno 1218).

Nós supra nomeados, que esta carta mandámos fazer perante os individuos abaixo assignados, a roboramos e assignamos—+ + +

Dom Mar. Joannes, alferes mor d'el-rei; D. Pedro Joannes, mordomo do paço; D. Lourenço Soares, D. Egidio Vasques, D. João Fernandes, D. Fernando Fernandes, D. Gomes Soares, D. Rodrigo Mendes, D. Poncio Affonsim e D. Lopes Affonsim, que estavam presentes, confirmam.

Testemunhas: — Vicente Mendes, Martinho Peres, Pedro Peres.

D. Estevam, arcebispo de Braga; D. Martinho, bispo do Porto; D. Pedro, bispo de Coimbra; D. Soeiro, bispo de Lisboa; D. Soeiro, bispo d'Evora; D. Paio, bispo de Lamego; D. Bartholomeu, bispo visiense, e D. Martinho, bispo de Idanha, confirmam.

O mestre Paio, cantor da Sé do Porto,

---

[1] *Et caballario defendat suo portadigo cum foro*,—diz o texto.

Talvez que a minha traducção não seja muito exacta!...

[2] *Respondeant ad zurara cum servicio et cum foro*—diz o texto.

[1] Suppomos ser D. Fernando Peres de Trava, conde de Trastamara, com o qual (segundo alguem suppõe) a rainha D. Thereza passou a segundas nupcias.

[2] Desculpem os lapsos, pois não é facil hoje traduzir o latim barbaro d'aquelle tempo e dos documentos d'esta ordem.

test.; Pedro Garcia, test.; Joanninho, test.; Gonçalo Mendes, chanceler do paço; Lourenço Martins a escreveu.»

Mais rectificações e addições

O meu benemerito antecessor disse que esta villa hoje se denomina *Mangualde* ou *Mangualde de Azurara da Beira*. Assim se denominou outr'ora, mas hoje officialmente denomina-se *Mangualde*, sem sobrenome, pois é tão importante, que não se confunde com *Mangualde da Serra*, a freguezia mais pobre e menos populosa do concelho de Gouveia, a qual pelo ultimo recenseamento apenas contava 100 fogos e 390 habitantes, emquanto que a freguezia de Mangualde em 1708, segundo se lê na *Corogr. Port.* contava 460 fogos e 1600 habitantes; em 1768, (diz o *Port. S. e Prof.*) contava 504 fogos; em 1852 o *Flaviense* deu-lhe 754 fogos; o censo de 1864 deu-lhe 917 fogos e 4255 habitantes;—o de 1878 deu-lhe 993 fogos e 4801 habitantes—e hoje (1889) conta cerca de 1250 e 5400 habitantes.

A sua população tem augmentado muito na segunda metade d'este seculo e continua augmentando por differentes rasões.

Occorrem-nos as seguintes:

1.ª—Porque o seu clima é temperado e *muito saudavel*, pois demora em chão granitico, bastante fertil, muito arborisado e bem agricultado, abundante de excellente agua potavel e de rega e sem visos de *pantanos* nem *lagôas*, na linha divisoria dos rios Dão e Mondego, em terreno alto e accidentado, mas não escarpado, com pendente sobre aquelles 2 rios—abrigado a N. pela serra do *Caramulo*—e ao sul pela da Estrella.

2.ª—Porque n'esta villa e n'este concelho as mulheres são muito prolificas. Não é raro terem 11 a 15 filhos—e mais!...

N'este districto e não muito longe d'este concelho, a viscondessa actual de Moimenta da Beira teve *vinte e tantos filhos*.[1]

[1] É hoje viuva do visconde de Moimenta da Beira—Julião Sarmento, fallecido em novembro do anno de 1889.

—

3.ª Porque Mangualde é uma das nossas villas mais bem servidas de estradas e vias de communicação de toda a ordem.

Tem bellas estradas a macadam para Viseu, para a Foz-Dão e Coimbra, para Gouveia, para Fornos d'Algodres, Celorico e Penalva do Castello, alem d'outras concelhias menos importantes, quasi todas servidas por diligencias diarias,—e uma estação propria e muito proxima na linha da Beira Alta, que atravessa este concelho e esta freguezia de nascente a poente, passando a 2:500 metros da villa de Mangualde, que lhe fica a montante, lado N.

A mencionada linha foi aberta á circulação em 1881 e dá muita vida e importancia a esta villa e a este concelho, porque os liga a *vapor* com os grandes centros de Portugal, da Hespanha e da Europa.

Ha tambem n'esta villa uma estação telegrapho-postal, que a põe em contacto com todo o nosso paiz, com toda a Europa e com o mundo inteiro, já por meio de cartas e de bilhetes postaes baratissimos,[2] já por meio de telegrammas, transmittidos pelo telegrapho electrico, hoje o processo mais rapido de transmissão.

V. *Vias ferreas*, tomo 10.º pag. 467 a 502.

Tambem estão projectadas differentes linhas ferreas de *Mangualde* ao Porto e á linha ferrea do *Norte*, a entroncar nas estações de Aveiro, Ovar ou Espinho, as quaes devem tocar em Viseu e dar muito vida a *Mangualde*.

4.ª—Porque esta villa demora no centro de uma larga zona muito povoada, sem solução de continuidade desde a serra da Estrella até Viseu, Lamego e Regoa, Porto, Aveiro, Coimbra, Guarda, etc.

—

5.ª—Porque esta villa tem grandes mercados no 1.º e 3.º domingos de cada mez,

[2] Cartas,—por cada 15 grammas de peso 25 réis;—bilhetes postaes 10 réis, etc. etc.

sendo mais importante e correspondente a uma grande feira o do 1.º domingo de novembro.

Os dictos mercados ou feiras são os principaes da provincia, nomeadamente em *gados, cereaes* e *lanificios*.

Por vezes aii se reunem mais de *duas mil cabeças* de gado bovino!...

Em quanto a cereaes são os primeiros d'esta provincia, depois dos de Celorico da Beira; - quanto a lanificios só os excede a *feira franca* de Viseu. São muito importantes porque todas as fabricas da Covilhã e de Gouveia teem depositos *permanentes* em Mangualde e aqui, por occasião dos dictos mercados, vêem sortir-se os negociantes do Porto, Aveiro, Coimbra, Lamego, Viseu, etc.

Mangualde é o *emporio* dos lanificios da Covilhã e de Gouveia. Dão-lhe pois muita vida os seus grandes mercados e a elles se deve em grande parte o augmento da riqueza e da população da villa, apesar do grande numero de pessoas que d'esta villa e d'este concelho costumam emigrar para outros pontos do nosso paiz e para a America, nomeadamente para o Brazil.

Veja-se o topico *Emigração*.

6.ª—Porque na 2.ª metade d'este seculo temos gosado paz octaviana, como poucos paizes do mundo,[1] — e liberdade até a *licença*!...

Na 1.ª metade d'este seculo soffreu muito esta villa com a passagem da tropa durante a guerra da peninsula e das guerras civis posteriores, pelo facto de passar em Mangualde uma importante estrada militar.

6.ª—Porque tambem na 2.ª metade d'este seculo não temos sido visitados por grandes epidemias. Apenas o colera nos visitou em 1854 a 1855, mas poucas victimas fez n'esta provincia.

8.ª—Porque Mangualde é a séde de um concelho importante e de uma grande comarca que comprehende mais dois concelhos:—o de *Nellas*, e o de *Penalva do Castello*.

É tambem Mangualde séde da 5.ª *região agronomica*, que comprehende grande parte dos districtos de Vizeu e da Guarda.

Tudo isto lhe dá muita vida e muita importancia.

9.ª—Tambem lhe dá muita vida e muita importancia o formoso santuario de *Nossa Senhora do Castello*, do qual adiante fallaremos.

As duas grandes romarias de 25 de março e de 8 de setembro, principalmente esta ultima, attrahem a Mangualde muitas mil pessoas que entulham a villa e n'ella fazem muita despeza.

Tambem durante o anno concorrem a Mangualde muitos romeiros e forasteiros em visita ao santuario da Virgem do *Castello*, distante da villa pouco mais de um kilometro e ligado a ella por caminho suavissimo,—passeio muito agradavel que deixa sempre saudades.

A este raro conjuncto de circumstancias se deve o grande augmento da formosa villa de Mangualde e mais augmentaria certamente, se vivesse n'ella a opulenta familia *Paes*, condes de Anadia, como os leitores vão ver.

A VILLA

Como já dissemos, demora ao longo da estrada real e militar de Celorico da Beira a Coimbra por Viseu, Tondella, *Bussaco*, Mealhada, etc.—estrada que seguiu o general Massena em 1810.

Dista 2500 metros da estação de *Mangualde*, na linha da Beira Alta, para N.; 18 kil. de Viseu para S. E.; 15 da margem direita do Mondego para N.; 30 de Gouveia para N. O.; 80 da *Pampilhosa*, entroncamento da linha da Beira Alta na do *Norte*; 85 da Guarda; 126 de Villar Formoso; 130 da cidade da Figueira; 185 do Porto—e 312 de Lisboa.

O itinerario para o Porto deve reduzir-se muito, logo que se construa a projectada

---

[1] Desde que terminaram as luctas civis em 1834, apenas tivemos uma leve alteração da ordem publica em 1846 a 1847.

V. *Porto*, vol. 7.º pag. 366, col. 2.ª até 371,—e *Gramido*.

linha ferrea entre o Porto e Mangualde por Viseu.

A villa de Mangualde *propriamente dicta*, hoje uma das mais populosas e mais importantes da provincia (tem 420 fogos e 1750 habitantes) é muito moderna. Póde dizer-se que data dos principios d'este seculo ou desde quando a familia *Paes* mandou fazer o seu grande palacio e para elle se transferiu da pequena aldeia de *Canedo* d'esta parochia, onde anteriormente vivia e tem ainda hoje uma boa quinta e uma casa brazonada.

Mangualde já era villa com este nome no sec. XVI, como se vê do foral de D. Manoel, mas villa insignificante. Apenas comprehendia os velhos paços do concelho d'*Azurara*, que ainda lá se vêem, e alguns pequenos casebres contiguos, que desappareceram e foram substituidos pelas novas edificações, todas ou quasi todas posteriores ao grande palacio.

—

Póde dizer-se que a villa actual se deve á opulenta familia *Paes*, porque durante o longo periodo das obras do seu palacio e da sua grande cerca chamaram para ali centenares de jornaleiros e de artistas, com os quaes despenderam sommas fabulosas e ali muitos d'elles se estabeleceram. O local até então quasi deserto animou-se com as novas edificações, nomeadamente com o grande palacio, cujos donos o habitavam, vivendo faustosamente e distribuindo dinheiro a rôdo, pois consumiam ali as suas enormes rendas.

Viviam tão faustosamente que, *mesmo nos dias de semana*, iam para a mesa sempre com farda ou calção e casaca—e assim eram obrigados a ir todos os hospedes, *sem excepção de parentes ou amigos intimos*. Quando não se apresentavam assim vestidos, mandavam-nos para outra mesa;—e o serviço era sempre feito por criados ricamente fardados?!...

Além d'isso fizeram na villa outras edificações importantes, taes foram a igreja da Misericordia, o convento e o esplendido santuario da *Senhora do Castello*. Tudo isto deu grande importancia e muita vida ao local, e porque era lindissimo e se prestava para toda a sorte de construcções, por ser quasi plano e muito saudavel, servido e atravessado de leste a oeste por uma estrada real de grande movimento, as edificações pullularam e a villa rapidamente occupou uma grande area, mesmo porque, sendo todo ou quasi todo o chão da villa propriedade da opulenta familia *Paes*, estes de bom grado cederam ou emprazaram os chãos para as novas construcções, mas, por ser o terreno quasi plano, para que ellas não tolhessem as vistas do grande palacio, impuzeram a todos os emphyteutas a clausula de que as novas construcções teriam apenas *um andar*.

A esta clausula, apparentemente dura, se deve em grande parte a espaçosa area que a villa tomou e tem,—ficando muito vistosa e muito hygienica, porque a população não está conglobada e amontoada, como em outras muitas villas da Beira, taes são Linhares, Trancoso, Celorico, Ceia, Gouveia, Manteigas, etc. cujas condições hygienicas não sustentam confronto com Mangualde.

—

Deve pois esta villa muito—*muitissimo*—á opulenta familia *Paes*.

A ella se deve agradecer tambem os grandes largos da villa. N'este ponto Mangualde supplanta todas as villas da Beira, — exceptuando Trancoso, que tem um campo immenso, mas todo *extra-muros* e muito agreste. A mesma villa é uma das mais agrestes e mais desabrigadas que temos no nosso paiz. Se não fosse o anteparo dos velhos muros, *seria inhabitavel durante o inverno*!...

V. *Trancoso* n'este diccionario e no supplento.

Não sabemos se os largos da villa de Mangualde eram terreno baldio, logradouro commum, ou propriedade dos *Paes*, mas embora fossem baldios ou publicos, é para louvar que não se apropriassem d'elles, quando eram, como foram, capitães mores da villa e por assim dizer *senhores d'ella*. Outros fidalgos *in illo tempore* se apropria-

ram de differentes chãos e largos publicos, inclusivamente *no meio das cidades*.[1]

Note-se que antigamente os fidalgos eram muito prepotentes e por vezes o açoute das terras em que viviam, pelo que em muitos foraes os nossos reis concederam como *grande fineza* a differentes cidades e villas não poderem viver n'ellas *fidalgos* nem *ricos-homens*.[2]

Bairros

Mangualde tem 2 bairros:—*novo* e *velho*. O *novo* comprehende a parte leste, toda ou quasi toda posterior á edificação do grande palacio dos *Paes;* o *velho*, ainda hoje denominado *Villa*, como no Porto se denominou o velho bairro da Sé—e em Bragança se denominou e denomina o antigo bairro do *Castello*,—demora ao poente de Mangualde, junto do palacio dos *Paes*, e foi a séde do antigo concelho de *Zurara da Beira*.

Ainda lá se vê a antiga casa da camara, que é muito pequena, velha, immunda, e serve actualmente de cadeia e habitação do carcereiro. Não tem merecimento algum architectonico e é um pejamento e uma vergonha para a villa e para o grande palacio dos *Paes*, pois defronta com elle e com a sua linda capella, mettendo-se de permeio apenas a rua publica. E offerece um espectaculo tristissimo, porque ali se acham amontoados n'aquella immunda masmorra todos os presos da comarca,—*homens e mulheres*—clamando, gritando e dando a mais triste ideia da villa.

É a casa mais velha e mais nojenta de Mangualde e um grande foco de desmoralisação, porque os presos dos dois sexos vivem quasi promiscuamente. Além d'isso não comporta os presos da comarca, pelo que os juizes de direito por vezes degradam para Bragança e para outras terras do nosso paiz os réus de crimes a que a lei manda applicar pena de prisão temporaria.

É urgente demolir aquella masmorra e substituil-a por uma cadeia segura e decente, mesmo porque Mangualde já não é o burgo podre d'outr'ora e—*noblesse oblige*!...

Acabe tão revoltante espectaculo.

Assim como substituiram os velhos paços do concelho por outros muito amplos e muito solidos,[1] substituam a cadeia tambem por outra que não envergonhe a villa.

Torre velha do relogio

Assim se denomina uma torre, que está em um morro de granito a O. e em freate do palacio dos *Paes*—e ao sul dos antigos paços do concelho, mettendo-se de permeio a estrada publica de Mangualde a Viseu.

É muito antiga e muito singela. Não sabemos quando nem por quem foi fundada, mas suppomos datar dos principios da nossa monarchia e ser obra dos antigos senhores de *Zurara da Beira*,—talvez residencia temporaria d'elles,— mesmo porque estava junto dos velhos paços do concelho.

É a velharia mais interessante de Mangualde, depois da *Citania* recentemente descoberta e da qual adiante fallaremos.

Já serviu de cadeia e n'ella estiveram tambem o sino da camara e o relogio da villa, pelo que tomou o nome de *torre velha do relogio*, depois que este foi collocado na Misericordia.

A velha torre ainda promette longa duração, mas está em completo abandono e servindo actualmente de *palheiro*!...

A camara deve reparal-a, conserval-a e estimal-a como seu brazão d'armas, pois

---

[1] Em Lamego, por ex. a casa do *Poço*, não hesitou em chamar *seu* um poço que *era do publico*— e prolongou o seu palacio sobre um largo *tambem publico*, tolhendo-o, cerceando-o e afrontando escandalosamente a *propria Sé*?!...

V. *Lamego* n'este diccion. e no supplemento.

[2] V. *Nicolau* (S.) freguezia do Porto, vol. 6.º pag. 73—e *Pinhel*, tomo 7.º pag. 70.

[1] Estão no *bairro novo* em um palacete que foi dos *Rebellos*, seus fundadores, e ultimamente de *José Hygino*, de Gouveia, mencionado no topico dos *50 maiores contribuintes*.

não tem brazão proprio; além d'isso a pobre torre está isolada e não incommoda ninguem.

A camara deve sollicitar brasão proprio e n'elle tomar como emblema *um castello encimado por uma torre*, commemorando o antigo castello de *Zurara* e a *torre velha do relogio*.

Largos da villa

Tem Mangualde os seguintes:

1.º—*Largo do Rocio*.

Demora a leste da villa e ao fundo d'elle (lado sul) se erguem os novos paços do concelho.

E' muito espaçoso, bastante regular, quadrilongo e quasi todo revestido de predios, sendo alguns muito vistosos, entre os quaes avultam os novos paços do concelho, a casa da sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho, a dos *Lobões*, de Viseu, a do dr. João Baptista de Castro e a de José Cabral Paes de Albuquerque, ainda em construcção n'esta data (dezembro de 1889) mas que promette ser uma das mais elegantes e mais luxuosas da villa.

Este grande largo foi quasi todo construido n'este seculo; é dividido em 2 por uma boa casa pertencente a José d'Almeida Cardoso d'Albuquerque, da Mesquitella,—e n'elle, por occasião dos grandes mercados, se vendem cereaes e outros artigos.

Este largo prolonga-se de leste a oeste e por elle corre, junto ao lado sul, a estrada real a macadam de Mangualde a Celorico.

Ha tambem n'elle uma pharmacia, um hotel, estabelecimentos commerciaes, etc.

2.º—*Largo ou Terreiro dos Carvalhos*.

Demora ao sul do grande largo do *Rocio*; é tambem muito espaçoso e n'elle se faz o mercado dos bois,—mercado muito importante, pois reune por vezes mais de duas mil cabeças de gado bovino.

Tambem aqui teem os seus depositos as fabricas da Covilhã e de Gouveia, e por occasião dos grandes mercados aqui se fazem grandes transacções em lanificios.

Estes dois largos teem muitos estabelecimentos commerciaes e representam a maior e melhor parte da villa,—não comprehendendo o palacio dos *Paes*, pois só elle vale tanto como metade da villa toda!...

3.º—*Largo do Pelourinho* ou *Praça Velha*.

Este largo é informe, irregular e o mais pequeno da villa.

Demora no velho largo,—em frente e a O. do palacio dos *Paes*,—junto da *Torre velha do Relogio* e dos velhos paços do concelho. N'elle estava o pelourinho, que era humilde e singelo e foi demolido ha poucos annos, para mais franca passagem da estrada real a macadam de Mangualde a Viseu e que atravessa este largo, ou pequeno terreiro.

4.º—*Largo da Matta*.

E' maior do que o *Rocio*; está quasi todo arborisado; demora ao poente da villa e n'elle se faz o mercado das bestas.

A S.O. d'este largo ha um grande viveiro de plantas, pertencentes ás obras publicas e destinadas para arborisação das estradas.

5.º—*Largo da Misericordia*.

E' irregular, mas bastante espaçoso, e demora tambem no *bairro velho*, lado N. junto da egreja da Misericordia. N'elle se erguem tambem do lado O. o convento e a egreja das Almas.

Foi recentemente arborisado.

Edificios

Além dos mencionados supra, mencionaremos mais dois:—o do dr. Francisco d'Albuquerque Couto, na rua da *Calçada*, que liga o *bairro velho* com o *bairro novo*,—e o palacete do conselheiro Francisco d'Almeida Cardoso de Albuquerque, na estrada de Gouveia, em continuação da *Rua Nova*.

E' o 2.º edificio particular da villa;—tem uma grande cerca ou antes *quinta*,—e tanto o palacete como a quinta estão arrendados pelo governo e n'elles montada a 5.ª região agronomica,—estabelecimento muito importante, dirigido pelo distincto agronomo Joaquim Pedro de Freitas Castel-Branco.

V. *Vallezim*, tomo 10.º pag. 156, col. 2.ª —e *Zezere*, rio da Beira Baixa, tomo 11.º pag. 2205, col. 2.ª tambem e segg.

Este ultimo palacete foi dos *Guiões*, que

de Mangualde passaram para Lisboa, onde exerceram altos cargos na magistratura.

E' um bom edificio, mas supplanta-o completamente—e a todos os d'esta villa e d'este concelho e d'esta provincia o

Palacio dos Paes

Para evitarmos repetições, vejam se os artigos *Mangualde*, tomo 5.º pag. 50, col. 2.ª, —e *Villa Real de Traz os Montes*, tomo 11.º pag. 1029, col. 1.ª e 2.ª

Demora no *bairro velho*, lado sul, e tem 4 fachadas, todas differentes, olhando a principal para O.

E' uma montanha de granito com excellentes abobadas e paredes d'extraordinaria espessura!...

A mobilia e a livraria não correspondem ao palacio, mas tem quadros a oleo de bastante merecimento.

A capella está no angulo O. N. O.;—é bem construida e tem um bom retabulo pintado a oleo, representando o padroeiro—*S. Bernardo*.[1]

O palacio tem muitas dependencias boas, avultando entre ellas a tulha, que toma grande parte da fachada sul.

A N., E. e S. do palacio está a quinta ou cerca. Tem bons tanques para agua, mas esta por vezes escaceia no verão.

Os jardins e as estufas teem pouca importancia actualmente; é porem notavel uma grande magnolia que está no centro do jardim do sul.

—

A quinta é de pouca producção; a matta é grande e boa, mas comprehende apenas especies vulgares.[1] No centro d'ella ha uma miniatura e *parodia* de convento, com differentes figuras de monges, que se movem authomaticamente por meio de um engenhoso machinismo.

Tambem na matta se vê um obelisco ou memoria com differentes inscripções em honra de D. João VI, da familia real portugueza, da religião catholica e da restauração de 1640.

N'este palacio se hospedou o general Massena em 1810, quando avançava sobre Lisboa e (caso extraordinario) respeitou o palacio e todas as suas dependencias.

Tambem n'elle se hospedaram el-rei o sr. D. Luiz, a rainha sr.ª D. Maria Pia, hoje viuva, o principe D. Carlos, hoje rei, e seu irmão o infante D. Affonso, nos dias 1 a 4 d'agosto de 1882, quando foram inaugurar solemnemente a linha ferrea da Beira Alta, já então aberta ao tranzito.

Templos

A villa e a freguezia de Mangualde teem nada menos de 29 templos.

São os seguintes:

1.º—*Egreja matriz.*

Está *hoje* completamente isolada a N. do *bairro velho* e distante d'elle cerca de 500 metros.

E' um dos melhores templos do concelho e muito antigal Não sabemos quando nem por quem foi feita, mas suppomos que data do sec. XVI e que foi mandada fazer pelos *Cabraes*, condes de Belmonte, quando eram senhores d'esta villa e d'este concelho de Mangualde, pois na egreja se vê ainda hoje o brazão d'elles,—igual ao que se vê na *quinta de S. Cosmado*, que foi d'elles tambem. Deve pois a egreja ser anterior a 1580, data em que perderam o mencionado senhorio, por se recusarem a beijar a mão a Filippe II de Hespanha e I de Portugal.[1]

O isolamento da egreja prova que ella foi anterior á villa e fizeram-na ali talvez por ser aquelle ponto muito central com relação a freguezia e povoado *in illo tempore*, ou quando se fez a velha matriz, substitui-

---

[1] E' muito superior e custou talvez o *quadruplo* (?!...) a capella do palacio de *Matheus*, ou dos condes de Villa Real.

[1] Ha tambem junto da villa uma bella matta de carvalhos, que foi de *José Hygino*, de Gouveia, mencionado supra.

[1] V. *Mangualde, loc. cit.* pag. 52, col. 1.ª

da pela actual, que devia ser muito anterior a ella e muito mais humilde, — talvez uma edicola ou *ecclesiola*, erecta no mesmo local em tempos de que não ha memoria.

E' dedicada a *S. Julião* e tem 7 altares: —o *mór* com o sacrario e a imagem do padroeiro;—mais 3 do lado do evangelho: — *Santos Reis*, *Senhor Crucificado* e *Menino Jesus*,—e 3 do lado da epistola:—*Santo Antonio*, *Senhora do Rosario* e *Senhora da Graça*.

—

Até 1580 foi abbadia;—depois que passou para a corôa, ficou sendo vigairaria—e vigario se intitula ainda hoje o seu rev. parocho.

Tambem foi commenda da ordem de Christo e commenda importante, pois em 1708 rendia 700$000 réis, que equivaliam a mais de dois contos de réis da moeda actual.

Em 1747 o vigario tinha de congrua, dada pelo commendador, apenas 40$000 réis, 8 almudes de vinho e 4 alqueires de trigo, além do pé d'altar. Tinha tambem um coadjutor, que recebia da commenda 40 alqueires de trigo e 6$500 réis em dinheiro.

O templo é bastante espaçoso, mas já não corresponde á grande população da villa e da freguezia. Está bem tratado e ainda bem conservado. A frontaria olha para o poente e tem um portico e uma janella superior ogivaes, com as esquinas boleadas;—do lado sul tem uma porta travessa, ogival tambem, com um alpendre e cachorros, tudo archaico; as outras portas são rectangulares, — e na esquina da frente, lado sul, tem um campanario com 2 sinos.

Das suas decorações interiores nada podemos dizer, porque duas vezes em um domingo a visitámos, encontrando a sempre fechada,—em outubro de 1882.

Tem um bom adro, que ainda revela a opulencia d'outr'ora. Teve tambem uma boa residencia, muito antiga, que abateu e desappareceu no meiado d'este seculo, por desleixo do vigario Antonio de Mello Cabral. Deus lhe perdoe!...

Tambem tinha um bom passal a norte e sul da egreja a ainda hoje pertence aos parochos a parte sul, ou o *passal de cima*; a parte norte, ou *passal de baixo*, foi alienada e incorporada na *quinta da egreja*, pertencente á sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho.

Ao nascente da egreja estão a *quinta de S. Christovam*, hoje do sr. Manoel Felix, — e a residencia actual do rev. arcipreste e parocho—Manoel Marques Monteiro, collado em 1888 e natural de Abrunhosa do Matto, d'este concelho. Pertence á familia *Roques* e é um parocho muito digno, muito illustrado, muito bondoso e geralmente bem quisto.

—

2.º—Templo e santuario de *Nossa Senhora do Castello*.

Para evitarmos repetições, veja-se o art. *Mangualde*. Apenas accrescentaremos o seguinte:

As romarias são duas: — uma a 25 de março; outra a 8 de setembro, sendo esta muito mais concorrida.

Tambem no dia 3 de maio, em cumprimento d'antigos votos, ali costumavam ir as camaras de Viseu e de Penalva do Castello, incorporadas com os seus estandartes e muito povo,—e clamores das 13 freguezias seguintes: — Mangualde, Cunha Baixa, Cunha Alta, Senhorim, Pindo, Espinho, Antas de Penalva, Castello de Penalva, Quintella, Mesquitella, S. Thiago de Cassurrães, Insua e Freixiosa.

Tudo isto formava uma romaria imponente, porque os dictos clamores deviam ser acompanhados pelos respectivos parochos e por uma pessoa de cada familia das 13 parochias, mas a camara de Viseu ha muito que não concorre;[1] a de Penalva do Castello apenas se faz representar por um ou outro vereador—e os differentes clamores actualmente, posto que são os mesmos 13, são acompanhados apenas por alguns devotos.

---

1 V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1722, col. 2.ª *in fine*,—o *Cramol*.

Tout fut, tout passel...

Pelo que se deduz do *Sant. Marian.* tomo 5.º pag. 161-163, o templo actual é pelo menos o 3.º—e a imagem da Senhora é de pedra e a mesma que já existia no anno de 1716.

O templo actual foi construido em 1819 a 1837 e ainda n'esta data (1889) vive em Lamego o mestre que dirigiu grande parte da construcção.

Chama-se *Manoel Domingos*; tem mais de 70 annos de idade — e uma fortuna de *cem contos de réis* talvez?!....

E' casado e natural do Minho, excellente pessoa e grande artista, muito conhecido na Beira pela antonomasia de *Mestre dos Remedios*, pois desde a infancia tem sido o mestre das obras do esplendido santuario de *Nossa Senhora dos Remedios*, de Lamego, que é o 2.º do nosso paiz. Tomou a seu cargo as dictas obras, sendo ainda novo, porque succedeu ao pae, que foi muitos annos mestre d'ellas tambem.[1]

—

Ali tem ganhado muito dinheiro e construido obras importantes, entre ellas o espaçoso adro, dois chafarises lindissimos e ultimamente as duas torres do templo, que são, depois da dos *Clerigos* do Porto, as mais ornamentadas e mais lindas que temos em todo o nosso paiz, talvez?!... E note-se que são de granito, a pedra do norte, que não se presta a ornamentação como o calcareo do sul.[2]

Tem ganhado muito dinheiro nas obras d'aquelle santuario e mais ainda á sombra d'ellas, porque são primorosissimas e lhe deram renome.

O *Mestre dos Remedios* foi sempre considerado o 1.º d'esta provincia e por isso convidado para as construcções mais importantes. E jamais alguem se arrependeu, porque é honradissimo e caprichou sempre em cumprir o que tractou, embora perdesse.

Tem só um filho, ainda solteiro.

A leste do santuario de *Nossa Senhora do Castello* pompeou um castello antiquissimo, talvez romano, do qual tomou o nome o santuario,—e na planicie do lado O. existiu uma cidade romana tambem, que ali jaseu ignorada e soterrada até agosto do corrente anno.

Veja-se o topico infra—*Citania de Mangualde.*

—

3.º—*Egreja da Misericordia*, junto do largo do seu nome, a N. do *bairro velho* supra.

E' um templo regular e muito decente, com 3 altares:—o *mór*,e dois lateraes, todos decorados com boa talha dourada, — bem como o pulpito e sanefas. Tem um lindo côro sobre o guarda-vento,—um pequeno orgão—e bons azulejos estampados, revestindo até meia altura as paredes do corpo da egreja e da capella mór.

O tecto da egreja é abaulado e bem pintado a oleo com varios desenhos de ornato e de figuras, tendo a imagem da Virgem ao centro. O tecto da capella mór é apainelado e tem 15 boas telas romanas muito vistosas, representando mysterios do Redemptor e da Virgem. Note-se porem que as ditas pinturas, contra o estylo usado nos tectos dos nossos templos, são em tela, não em

---

[1] Isto nos leva a crer que as obras do santuario da *Senhora do Castello* foram acabadas pelo mestre *Manoel Domingos*, mas principiadas pelo pae d'elle, como outras muitas do santuario dos *Remedios*.

[2] De passagem diremos que a Sé de Lamego tem 3 porticos de granito em alto relevo, que são os *porticos de granito* mais ornamentados que ha em Portugal!...

V. *Lamego* n'este diccionario e no supplemento.

O palacio da *Bolsa* no Porto tem na sua escadaria interior preciosa ornamentação em granito, que é um primor d'arte de esmero inexcedivel, mas note-se que é toda *moderna* e quasi toda em *baixo relevo*,—em quanto que os 3 porticos supra são em *alto relevo* e *antiquissimos*!...

madeira, pelo que algumas se acham em parte descolladas e mal tractadas, mas felizmente ainda não *restauradas*, ou estragadas pelos restauradores, posto que já aqui tem estado o sr. Antonio José Pereira, pintor de Viseu, que *restaurou* e *estragou* em Viseu algumas das preciosas pinturas attribuidas ao *Grão Vasco*.[1] São obra do sr. Antonio José Pereira 2 quadros que estão no santuario da *Senhora do Castello* e um n'esta egreja da Misericordia, ao lado direito do altar-mór, representando a *Visitação*.

Foi este templo todo ou quasi todo mandado fazer por Simão Paes do Amaral, senhor do palacio dos *Paes*, como provam as inscripções seguintes. Uma está sobre a porta principal e diz:

SIMÃO PAES DE AMARAL,
MANDOU FA-
ZER ESTA MISERI-
CORDIA. ANNO 1724.

Na outra foi um pouco mais modesto. Encontra-se na parede lateral da capella-mór, do lado da epistola, em um escudo encimado por uma aguia, e diz:

SIMÃO PAES DO AMARAL
FIDALGO DE EL-REI, MANDOU
FAZER A' SUA CUSTA ESTA CA-
PELLA MÓR, E A DOTOU, E FEZ
A MAIOR PARTE DAS DESPE-
SAS DESTA IGREJA.
ANNO DE 1724.

Na parede do lado opposto vê-se outro escudo com as armas do benemerito fidalgo.

Tem uma torre com 2 sinos e relogio, e d'ella se gosam largas vistas sobre a villa e arrabaldes até grande distancia, vendo-se perfeitamente a leste o santuario de *Nossa Senhora do Castello*.

Do lado O. tem um pequeno jardim e uma bella escadaria que dá entrada para o côro, sala do despacho, etc.

A irmandade da Misericordia, representante d'este templo, é pobre. Apena stem 13 a 14 contos em dinheiro mutuado, comtudo ainda faz bastantes despezas com as festas da *Semana Santa* e com as de *S. Simão*, *S. Martinho*, *S. João* e *S. Bartholomeu* na sua egreja—e com a de 8 de dezembro na egreja das *Almas*.

Tambem dá bastantes esmolas, mas não tem *hospital*, pelo que no momento e por iniciativa da camara uma grande commissão, formada de cavalheiros respeitabilissimos, tracta de promover a fundação de um hospital n'esta villa e que tão necessario é, porque os pobres, quando doentes, teem de demandar o hospital de Viseu, que dista de Mangualde 18 kilometros?!...

—

4.º—*Egreja das Almas*.

Demora ao poente do largo da Misericordia, junto do convento, e ambos os edificios estão em ruinas, posto que a egreja ainda se acha aberta ao culto.

O convento, segundo consta, foi mandado fazer pela familia *Paes* com dinheiro de um *abbade de Roriz* (?) posteriormente á Misericordia, mas, por causa de certas desintelligencias entre os Paes e o abbade, não se concluiu o convento nem chegou a ser habitado.

5º—*Senhora da Conceição*;
6.º—*Senhora da Encarnação*;
7.º—*Senhora da Visitação*;
8.º—*Senhora da Assumpção*.

Estas 4 capellas demoram nas escadas da *Senhora do Castello*.

9.º—*Senhora do Campo*, em Almeidinha.
10.º—*Santo André*, na povoação d'este nome.
11.º—*S. Salvador*, em Canedo do Chão.
12.º—*Santo Antonio*, na aldeia de *Roda*.
13.º—*Santo Antonio dos Cabaços*, na serra de *Santo Antonio*, que tomou o nome da dicta capella.
14.º—*S. Pedro*, na antiquissima aldeia de *S. Cosmado*.

---

[1] V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1845, col. 1.ª, —1851, col. 1.ª tambem, — 1861, col. 1.ª e 2.ª,—1862, col. 1.ª,—1876 e 1877.

15.º—*S. Domingos*, em Ansada.

16.º—*S. Silvestre e Santa Eufemia*, em Pinheiro de Baixo.

17.º—*Santa Lusia*, em Caes de Baixo.

18.º—*Santo Amaro*, em Caes de Cima.

19.º—*Santa Martha*, em Cubos.

Estas 15 capellas são publicas e em quasi todas se festejam annualmente os seus oragos.

—

20.º—*Senhora do Desterro*, na casa da camara.

21.º—*S. Bernardo*, no grande palacio da Anadia.

22.º—.....em Almeidinha, na casa dos viscondes d'este titulo.

23.º—.....em Caes de Cima, na casa da sr.ª D. Maria Maxima.

24.º—*Santa Rita*, na aldeia de *Santo André* e pertencente ao sr. dr. Couto.

25.º—.....na povoação de Darei, pertencente aos *Napoles* do Sarzedo e com as armas d'elles.

Estas ultimas 6 capellas são particulares.

27.º—*Um oratorio* em Darei, na casa dos *Lemos* do Sarzedo.

28.º *Outro oratorio* na casa da sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho.

29.º—*Outro oratorio* em Mangualde, na casa do dr. Couto.

A *freguezia*

Tem uma area muito espaçosa a freguezia de Mangualde. Comprehende cerca de 24 kilometros em quadro, ou de circumferencia, e as aldeias seguintes;—Cubos, Caes de Baixo, Caes de Cima, Pinheiro de Baixo, Pinheiro de Cima, S. Cosmado, S. Cosmadinho, Ansada, Roda, Canedo do Chão, Canedo do Matto, Darei, Oliveira, Paços, Santo André,—e as quintas de Lodares, Rio Dão, Albergaria, Coval, Cerca, Senhora do Castello, Moita, Ribeirinho, Regada, Corredoura ou *Guerredoura*, Morgado e *Piolho*!—segundo se lê na *Chorographia Moderna*.

Tambem ha n'ella alguns moinhos de pão e de azeitona, mas a maior parte do pão, que se gasta n'esta parochia, é moido no Mondego,—e parte do seu azeite é fabricado nas parochias circumvisinhas.

A aldeia de *Canedo do Chão* demora a N. de Mangualde; ali viveu a nobre familia *Paes*, antes de fazer o grande palacio na villa—e na dicta aldeia ainda possue uma boa quinta e uma casa com o seu brasão d'armas.

Tambem consta que foi d'elles a capella de *S. Salvador*, mencionada supra, hoje do povo e com festa no dia de Natal.

Os Paes viveram na mencionada quinta até os principios d'este seculo.

Na povoação de *Oliveira* (ou *Oliveirinha*) ha uma casa importante da familia *Mello Cabral*, e d'ella descende o sr. dr. Bernardo de Mello Cabral, juiz de direito em Monte Mór-o-Velho.

Em Darei ha outra casa importante, muito antiga e muito nobre, pertencente ao sr. José de Lemos de Napoles Manoel, do Sarzedo, junto de Moimenta da Beira, — e em frente da dicta casa se vê uma capella com as armas da familia.

Pelos annos de 1840, vivendo n'esta casa Francisco Ferreira, tio do sr. José de Napoles, n'ella se praticou descaradamente um dos roubos mais importantes e mais audaciosos de que ha memoria n'esta provincia.[1] *N'elle tomaram parte differentes auctoridades civis e militares e pessoas muito conhecidas n'aquelle tempo, algumas das quaes ainda hoje vivem?!...*

Assaltaram a casa *ao som de cornetas*, pouco depois de escurecer; — dirigindo-se ao dono d'ella, que estava doente e na cama, exigiram-lhes désse tudo o que possuia — *sob pena de morte*—e o fidalgo tudo lhes entregou.

Foi um roubo importantissimo em dinhei-

---

[1] O mais importante e mais audacioso talvez foi o da *quinta do Ferro*, junto de Trancoso, na freguezia de *Rio de Mel*, praticado poucos annos antes.

V. *Rio de Mel* n'este diccionario e no supplemento,—e *Villar Torpim*, tomo 11.º, pag. 1287, col. 2.ª

ro, pratas, joias, colchas da India e de damasco, roupas brancas e de côr, etc. etc. E o descaramento dos taes *communistas* chegou a ponto de usarem e mostrarem differentes joias e pratas com armas da casa de *Darei*—e um d'elles teve a imprudencia de mostrar ao proprio fidalgo um relogio d'ouro que lhe havia roubado?!...[1]

Na Beira e n'este districto hoje ha bastante segurança, mas em tempos não muito remotos praticaram-se grandes excessos!...

V. *Viseu*, topico *Segurança publica*, tomo 11.º, pag. 1782, col. 1.ª e segg.

—

A S. E. de Mangualde e a 2 kil. de distancia, pouco mais ou menos, está a povoação de *Almeidinha*, solar do visconde d'este titulo e solar importante, pois comprehende em volta d'aquella povoação muitas propriedades e a *quinta da Albergaria*, distante de Mangualde apenas 1 kilometro, muito abundante d'excellente agua potavel e de rega, pelo que recentemente o sr. visconde vendeu por um conto de réis á camara de Mangualde bons mananciaes da dita agua, que hoje abastece a villa, depois de ser encanada pela camara.— Honra lhes seja!...

Está junto de *Almeidinha* um sitio chamado *Valle d'Almeida* que, segundo consta foi outr'ora povoado - e povoação mais importante do que *Almeidinha*.

Tambem consta que do *Valle d'Almeida* decenderam e provieram os *Almeidas* — e que a familia do sr. visconde d'*Almeidinha* é uma das mais nobres e a *mais antigas* de Mangualde.

Na quinta da *Albergaria* e na povoação d'*Almeidinha* nasce o rio de *Cubos*, que passa entre a povoação d'este nome e a freguezia de *Mesquitella*,—banha depois a freguezia de *Espinho*—e, caminhando sempre de N.E. a S.O., desagua na margem direita do Mondego, junto de *Senhorim*, tendo 15 kilometros de curso, talvez.

—

A S.O. de Mangualde está a povoação de *Cubos*, onde toca a linha da Beira e ficou a *estação de Mangualde*, a mais importante da mencionada linha, depois da estação *terminus* da Figueira.

Estão a S.O. de Mangualde tambem as aldeias de *Caes de Cima* e *Caes de Baixo*. Na 1.ª tem uma grande casa e uma boa quinta a sr. D. Maria Maxima Homem de Abranches Brandão, viuva, —e confina por este lado a freguezia de Mangualde com a de Espinho.

Ao poente de Mangualde ficam tambem as povoações e quintas de *S. Cosmado*, *S. Cosmadinho*, *Ansada*, *Pinheiro de Baixo* e *Pinheiro de Cima* ou *Pinheirinho*,—e a noroeste *Roda*.

Ao poente confina a freguezia de Mangualde com a de *Moimenta do Dão* ou dos Frades; a N.O. com a freguezia de *Fornos de Moreira do Dão*. Limitam por este lado a freguezia de Mangualde a serra e capella de *Santo Antonio dos Cabaços*, onde a 13 de junho ha festa e romagem, muito concorridas e abrilhantadas pelos pastores e lavradores circumvisinhos, pois costumam levar ali, como em *parada agricola*, muitos bois e rebanhos de gado lanigero *com toda a louça* e muito enfeitados com fitas e flores.[1]

---

[1] Em fevereiro de 1870 assaltaram tambem a casa de Antonio Saraiva, em Algodres, concelho visinho de Mangualde, casa *muito endinheirada*, mas o povo amotinou-se, - tocou os sinos a rebate e fez fogo sobre os taes *communistas*, pelo que bateram em retirada, ficando alguns d'elles feridos e um morto.

Os *chefes e sub-chefes ainda vivem e são muito conhecidos na localidade*, mas souberam defender-se e apenas foram para a Africa alguns dos salteadores mais pobres?!...

[1] Na Beira, quando os rebanhos de gado levam todos os chocalhos e campainhas de que os seus donos podem dispôr, diz-se que *levam toda a louça*.

Cemiterio parochial

Tem esta freguezia um bom cemiterio denominado *cemiterio novo*.

Foi construido no meado d'este seculo e demora a S. O. da matriz, distando d'ella apenas 200 metros talvez; dista porém mais de *cinco kilometros* d'algumas casas d'esta freguezia.

Avulta n'elle um mauzoleu pertencente á sr.ª D. Leonor Margarida de Carvalho Fonseca, e no dito mauzoleu jaz o distincto lisbonense oriundo da Beira e que á Beira prestou relevantes serviços— *Alberto Osorio de Vasconcellos*,—do qual adiante fallaremos.

O *cemiterio velho* demorava junto da egreja das *Almas*. Foi substituido, por ser muito pequeno e estar muito proximo da villa.

Movimento parochial em 1888

Baptisados.....	158
Casamentos.....	27
Obitos.....	100

Do exposto se vê que a cifra dos nascimentos foi muito superior á dos obitos—e que a população d'esta freguezia augmenta sensivelmente.

Concelho de Mangualde, sua população e pobreza

Este concelho confina a E. com os de Fornos d'Algodres e Penalva do Castello; a O. com os de Nellas e Viseu; a N. com os rios Dão e *Real* e com os concelhos de Viseu e Penalva; a S. com o Mondego e alem Mondego com o concelho de Gouveia.

Comprehende as mesmas 18 freguezias indicadas pelo meu antecessor, mas o censo de 1864 deu-lhes 4:442 fogos e 19:483 habitantes; o de 1878 deu-lhes 4846 fogos e 21478 habitantes—e hoje as 18 freguezias devem ter aproximadamente 5:400 fogos e 25:000 habitantes.

E' muito saudavel, bastante fertil, bem agricultado e está bem servido de estradas a macadam e d'outros meios de communicação, mas é muito pobre pelas rasões seguintes:

1.ª—Porque 3 a 4 casas, principiando pela dos condes de Anadia, que é absolutamente a maior de todas, absorvem sem exageração a terça parte d'elle—e outra terça é de 40 a 50 proprietarios,—ficando apenas uma terça parte para o resto dos seus habitantes, que são aproximadamente 25:000, a maior parte dos quaes vive *au jour le jour*, exclusivamente do seu trabalho como *jornaleiros*, pois n'este concelho não ha outra industria alem da agricola e de algum commercio na villa.

Tendo grandes mananciaes d'agua no *Dão* e no *Mondego*, é para lamentar que até hoje ali não montassem fabricas de lanificios, de papel ou de fiação e tecidos d'algodão, havendo tantas fabricas nos concelhos visinhos, nomeadamente nos de Ceia e Gouveia

2.ª—Porque ha n'este concelho de Mangualde muitas terras foreiras e muitos proprietarios emphyteutas, que pagam pesados foros, laudemios e pensões.

3.ª—Porque muitos dos grandes proprietarios e senhorios directos, — principiando pelo conde de Anadia e irmãos,—vivem longe d'este concelho e fóra d'elle gastam as suas rendas, não despendendo com elle um ceitil,—em quanto que, se vivessem n'este concelho, n'elle fariam girar muito dinheiro, beneficiando e melhorando as suas propriedades e provendo á sua luxuosa sustentação, etc.

A ausencia dos grandes proprietarios é uma das causas principaes da pobresa do concelho. Se vivessem n'elle, elle prosperaria, como prosperou a villa de Mangualde, emquanto n'ella viveu a opulenta familia *Paes*. Que sommas não custaram só o *grande palacio*, o *santuario da Senhora do Castello*, a *egreja da Misericordia* e o *convento*?—Tudo isto e *muito mais* se deve a tão opulenta familia, em quanto aqui viveu; —depois que se ausentou, a villa não lhe deve melhoramentos alguns, podendo dever-lhe tantos outros de que necessita.

O mesmo palacio, que foi o 1.º fóco da vi-

da de Mangualde, hoje parece uma *necropole*!...[1]

Tristis est!...

—

4.ª—Porque n'este concelho ha muito dinheiro mutuado, — cerca de *300 contos de reis*! Uma grande parte da propriedade está hypothecada e é devorada pela usura.

5.ª—Porque as diversas contribuições que paga ao estado montam aproximadamente a 20 contos de réis por anno.

Total—uma miseria que horrorisa e explica a emigração constante em grande escala, principalmente para o Brazil, comprehendendo *familias inteiras*:—homens, mulheres e creanças.

Como prova de que duas terças partes d'este concelho pertencem a um restricto numero de proprietarios e de que muitos d'estes vivem distantes, veja-se a nota seguinte:

---

[1] *O* mesmo succede ao grande palacio da *Brejoeira*, no Minho, e succedeu ao palacio do *Freixo*, no Porto, que rivalisava com o de Mangualde e com os da *Brejoeira* e de *Matheus*.

V. *Freixo* (quinta do)—tomo 3.º pag. 233, col. 1.ª,—e *Zurara de Villa do Conde*, *in fine*. Desculpem o não citarmos as paginas, pois n'este momento ainda está no prélo aquelle artigo.

Relação dos 50 maiores proprietarios do concelho de Mangualde no anno de 1889 e collectas da contribuição predial

N.os de ordem	Nomes	Residencias	Collectas
1	Conde de Anadia e irmãos	Lisboa e Londres	877$125
2	D. Leonor Margarida de Carvalho e visconde da Torre de Moncorvo	Mangualde e Lisboa	270$640
3	Herdeiros de Manoel Cardoso Faria Pinto e Miguel de Queiroz Pinto	Fornos de Maceira Dão	217$989
4	Visconde de Almeidinha e filhos	Almeidinha de Mang. e Aveiro	191$751
5	Lourenço do Couto e Sousa e irmãos	Tibalde e Brazil	173$764
6	Dr. Julio Cesar Sande Sacadura Bote	Coimbra	121$869
7	Antonio Cabral Soares	Paços da Serra, Gouveia	121$804
8	D. Maria Maxima Homem de Abranches Brandão, viuva de Jeronymo do Couto	Caes de Cima de Mangualde	111$800
9	Antonio Paes d'Almeida e tia D. Delfina	Pinheiro de Cima de Mangualde	111$378
10	D. Maria Isabel de Moraes Pinto e her. de José Moraes Pinto	Nellas	108$424
11	José de Almeida Cardoso de Albuquerque	Mesquitella	105$640
12	Viuva e filhos de João dos Santos	Caes de Baixo de Mangualde	95$050
13	José de Lemos de Napoles Manuel	Sarzedo, Moimenta da Beira	87$710
14	João Cabral Albergaria Athaide e irmã	Guimarães, Chans de Tavares	84$303
15	Herdeiros de José Hygino Cabral	Lisboa e Douro	76$360
16	Viuva e filho de A. de Padua Oliveira	Quintella d'Azurara	75$684
17	D. Anna Paes d'Almeida e filho	Abrunhosa Velha	74$737
18	Manuel Coelho de Albuquerque e irmão	Moimenta do Dão e Viseu	74$002
19	Herdeiros de Bernardo Madeira	Cannas de Senhorim	69$925
20	Demente, João da Costa Bulhões	Casal Sandinho, Alcafache	69$468
21	Francisco Marques Correia e filhos	Tagilde, Fornos de Maceira Dão	68$510
22	José Diogo de Pina Cabral e filho	Casaes de S. João da Fresta	65$140
23	Alexandre do Amaral Abreu Menezes	Villa Mendo de Abrunhosa Velha	63$846
24	Herdeiros de Manuel Paes de Carvalho	Mesquitella	61$500
25	Albino Paes da Cunha	Cunha Baixa	59$796
26	D. Maria Augusta da Silva Rozado	Nellas	55$635
27	Dr. F. d'Albuquerque Couto e irmãos	Mangualde	53$229
28	Dr. Jeronymo do Couto e Sousa	Viseu	49$803
29	Bernardo Rodrigues do Amaral e filhos	Outeiro do Espinho, Espinho	49$610
30	Viuva e filhos de Bernando de Almeida	Cubos de Mangualde	49$500
31	João da Fonseca	Canedo do Chão, Mangualde	48$821
32	Manuel d'Almeida Beltrão de Seabra	Cassurrães	47$331
33	Herdeiros de Joaquim Basilio	Concelho de Anadia	46$821
34	D. Maria José d'A. Brito da Costa Faro	Lobelhe do Matto	45$558
35	José Pereira e filhos	Contensas de Baixo, Cassurrães	44$019
36	José Maria d'Abreu Albuquerque Junior	Villa Mendo de Abrunhosa Velha	43$552
37	Antonio Martins d'Almeida Andrade	Fundões de Cassurrães	43$076
38	Conselh. Francisco d'A. C. Albuquerque	Lisboa	42$971
39	João Bernardo d'Almeida e filhos	Pinheiro de Cima de Mangualde	42$378
40	Barão de Nellas	Nellas	42$236
41	Manuoel Paes de Almeida	Canedo do Chão, Mangualde	41$730
42	Dr. Joaquim Paes da Cunha	Santar, Nellas	40$843
43	Herdeiros de Bento Antonio Gonçalves	Mangualde	37$897
44	Herdeiros de Nicolau P. Mendonça Falcão	Viseu e Villa Real	36$263
45	Antonio Lopes da Cunha	Pinheiro de Tavares	36$148
46	Dr. João Baptista de Castro	Mangualde	35$408
47	Herdeiros de Manuel d'Almeida	Mesquitella	34$709
48	Maria Paes	Tibaldinho, Alcafache	34$104
49	José Ribeiro Paes Torres	Quinta de S. Cosmado	33$795
50	Antonio Ribeiro e filhos	Roda, Mangualde	33$500

—

Estes 50 proprietarios representam dois terços—*ou mais* — de todo o concelho de Mangualde — e 20 d'elles vivem em terras estranhas, principiando pelo conde de Anadia e irmãos:—viscondes d'Alverca e d'Alferrarede, que são os maiores proprietarios.[1] Póde pois dizer-se que metade das rendas do concelho são consumidas fôra d'elle e, deduzindo as contribuições do estado, que vão para Lisboa, no concelho apenas ficará um terço do seu rendimento para os seus 25:000 habitantes.

Horresco referens!...

Templos

As 3 melhores egrejas d'este concelho são a matriz de *Mangualde*, a de *Cassurães* e a de *Alcafache*.

Os abbades de *Cassurães* foram muito considerados. Entre outros privilegios tinham e teem o de não serem obrigados a ir á procissão do *Corpo de Deus*, que annualmente a camara faz na villa de Mangualde e a que são obrigados a assistir todos os parochos do concelho.

Instrucção publica
e pessoas notaveis pelas letras

Ha nas 18 freguezias d'este concelho 17 cadeiras publicas de instrucção primaria elementar para o sexo masculino e 7 para o sexo feminino,—mais uma complementar na villa, para o sexo masculino, mas mal montada, pois não tem casa propria. Até hoje tem funccionado (*credite posteri*) *na cosinha* dos novos paços do concelho?!...

E' urgente acabar com semelhante vergonha e dotar a villa com um bom edificio proprio para as aulas dos dois sexos.[1]

Desde tempos muito remotos Mangualde teve uma cadeira regia de latim, mas foi supprimida no meiado d'este seculo e resentiu-se muito a instrucção publica da villa e do concelho, porque representava um preparatorio ímportante e facilitava o ingresso nos cursos superiores.

A suppressão da dicta cadeira foi muito nociva á instrucção publica d'este concelho.

Actualmente, p. ex. nenhum filho d'este

---

[1] Alem dos muitos bens que possuem em differentes pontos do nosso paiz, só n'este concelho as suas propriedades valem não menos de *trezentos contos de réis*, sendo a maior parte do conde de Anadia, Manoel Paes, primogenito, que vive em Londres, como addido á nossa embaixada. O irmão 2.º José de Sá Paes, visconde d'Alverca,—e o irmão mais novo Carlos, visconde d'Alferrarede, vivem em Lisboa. Este ultimo casou com uma senhora da familia *Barros Lima* e tem a sua casa principal em Abrantes. Os outros dois irmãos ainda estão solteiros.

A casa principal do visconde d'Alverca é a grande quinta da *Varzea*, junto de Coimbra.

A mãe, ultima condessa de Anadia, — D. Anna Julianna Maria de Moraes Sarmento, —filha do 1.º barão e 1.º visconde da Torre de Moncorvo, e viuva do 3.º conde da Anadia José Maria de Sá Pereira e Menezes Paes do Amaral, perdeu o titulo por haver casado sem licença regia em segundas nupcias, a 15 de fevereiro de 1879, com o dr. Joaquim Augusto Ponces de Carvalho, ou Joaquim de Carvalho Ponce de Leão.

V. *Anadia, Alferrarede*, e *Alverca* na *Resenha das familias titulares* de Albano da Silveira, continuada pelo sr. visconde de Sanches de Baêna.

Veja-se tambem o topico infra: — *Condes de Anadia.*

[1] N'este ponto (*e em outros*) a villa de Taboaço envergonha e supplanta todas as villas d'este districto, pois tem uma aula *complementar* muito bem montada em um esplendido edificio proprio, com uma bibliotheca de 5:000 volumes,—tudo á custa da opulenta e benemerita familia *Macedos Pintos*.

Dotaram tambem a villa com um theatro, uma caixa de soccorros, uma companhia edificadora, etc.—e a elles se deve tambem a formosa estrada a macadam de Viseu á foz do Tavora por Taboaço — e a ponte sobre o Douro na testa da dicta estrada, ligando-a com a linha ferrea do Douro, etc., etc.

V. *Miragaya, Sendim, Taboaço* e *Vicente* (S.) sitio, vol. 11.º pag. 516, col. 2.ª

concelho frequenta os cursos superiores, exceptuando 2 alumnos da escola do exercito. Tambem frequentam a Universidade 4 estudantes—e um a escola medico-cirurgica do Porto, — residindo as suas familias n'este concelho, mas sendo filhos de concelhos estranhos. O mesmo se nota ha muito, mas não succedia isto em outro tempo, antes da suppressão da dicta cadeira.

Pelo contrario esta villa e este concelho produziram muitos bachareis formados em differentes faculdades, pelo meiado d'este seculo.

Occorrem-nos os seguintes:

—

Dr. *Antonio Augusto Cabral*, advogado distinctissimo, principalmente no crime.

—Dr. *José Ferreira d'Albuquerque e Castro*, distincto advogado no civel.

—Dr. *Bernardo d'Albuquerque Silva e Amaral*, ornamento da nossa magistratura e juiz de direito em Celorico da Beira actualmente.

—Dr. *Bernardo de Mello Cabral*, actualmente juiz de direito em Monte Mor o Velho.

—Dr. *Miguel Antonio Gonçalves*, advogado distinctissimo.

—Dr. *Francisco d'Albuquerque Couto.*

Exerceu differentes cargos publicos e advogou muitos annos tambem.

—Dr. *Manuel Ribeiro Paes Torres.*

Foi tambem advogado n'esta villa muitos annos.

—Dr. *Bernardo d'Albuquerque e Amaral.*

E' um dos lentes mais distinctos da Universidade de Coimbra e tem sido deputado ás cortes em muitas legislaturas, etc.

—Dr. *Francisco d'Almeida Cardoso d'Albuquerque*, irmão do antecedente.

E' director geral das contribuições directas, deputado ás cortes e a 1.ª influencia eleitoral d'este concelho, etc.

—Dr. *Jeronymo do Couto e Sousa.*

E' actualmente juiz do tribunal administrativo em Viseu.

Dr. *José Cabral Pinto.*

E' actualmente juiz de direito em Oliveira do Hospital.

Dr. *Antonio d'Albuquerque Couto e Brito.*

Foi muitos annos advogado em Viseu.

—Dr. *Gaspar de Menezes e Athayde.*

E' juiz de direito no Ultramar.

Todos os advogados e magistrados supra foram quasi contemporaneos, bem como os seguintes:

—Dr. *Antonio Homem de Vaseoncellos*, distincto medico actual do Lazareto.

—Dr. *João Pedro de Vasconcellos*, irmão do antecedente.

Foi advogado n'esta villa muitos annos.

—Dr. *José Bernardino d'Abreu Gouveia*, e seu irmão

—Dr. *Frederico d'Abreu Gouveia*, empregado no ministerio do reino.

Note-se porém que estes ultimos 4, posto que viviam n'esta villa, quando se formaram, não são filhos d'ella.

Foram pois muito brilhantes para este concelho de Mangualde e para a instrucção o 2.º e 3.º quarteis d'este seculo.

Tambem anteriormente este concelho produziu alguns homens notaveis pelas lettras, avultando entre elles o seguinte:

Gomes Eannes d'Azurara

Suppoz-se durante muito tempo que o successor de Fernão Lopes era natural da villa do seu appellido, junto de Villa do Conde, mas já no ultimo seculo este ponto era duvidoso e tanto, que o padre Luiz Cardoso no seu *Diccionario Geographico*, dedicando um artigo esplendido á dicta villa de *Azurara* e mencionando muitas pessoas notaveis que ella produziu desde os tempos mais remotos, não mencionou *Gomes Eannes*, —e hoje parece averiguado que o grande chronista era de *Azurara da Beira.*[1]

Foi tão distincto nas lettras, que mereceu

---

[1] V. *Diccion. bibl.* tomos 3.º e 9.º — e o interessante artigo do sr. dr. A. da C. Vieira de Meirelles, publicado no *Instituto* de Coimbra, vol. 9.º, pag. 72 e 107.

Não podemos dispôr do tempo nem do espaço precisos para tractarmos tão melindrosa questão.

a honra de ser nomeado successor de Fernão Lopes nos altos cargos de *chronista mór do reino* e *guarda-môr da Torre do Tombo* por nomeação de 6 d'abril de 1454.

Continuou a chronica d'el-rei D. João I, comprehendendo a tomada de Ceuta.

Escreveu tambem as chronicas de D. Pedro de Menezes, governador de Ceuta, e de D. Duarte de Menezes, governador de Alcacer, e para isso foi pessoalmente á Africa, levando instantes recommendações d'el-rei D. Affonso V, muito honrosas para o grande historiador.

A sua chronica mais importante é seguramente a do descobrimento e conquista de *Guiné*, a qual se julgou completamente perdida, mas foi descoberta por Ferdinand Deniz na bibliotheca nacional de França e pela primeira vez impressa e publicada em Paris, no anno de 1841, por diligencias do visconde da Carreira.

Sabe-se que Azurara foi tambem desembargador do civel e que ainda vivia em 1483, mas ignora-se a data precisa do seu nascimento e fallecimento, etc.

Senhores de Zurara da Beira

Este concelho teve differentes senhorios particulares desde os tempos mais remotos, taes foram os seguintes:

1.º—*O conde D. Fernando.*

Foi um dos confirmantes na doação que D. Affonso Henriques fez do *couto de Maceiradão* no anno de 1173.

V. *Podestades* em Viterbo.

No foral de *Zurara* do anno 1102, dado pelo conde D. Henrique, um dos confirmantes foi tambem o *conde D. Fernando*, mas talvez não fosse o mesmo conde, porque n'esse caso devia ser *muito novo* em 1102—e *muito velho* em 1173. Elle foi tambem senhor de Viseu no anno de 1173, mas no anno de 1183 já era senhor de Viseu *Pedro Rodrigues*, o que prova ter fallecido o tal Mathusalem *D. Fernando.*

Viterbo, loc. cit.

2.º—*Pedro Fernandes*, rico-homem no tempo de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1183.

Era talvez filho do tal *conde D. Fernando*, pois *Fernandes* é patronomico de *Fernando.*

V. *Maladia* II em Viterbo.

Mais tarde foram senhores de *Azurara da Beira*, os *Cabraes*, depois condes e senhores de Belmonte.

O 1.º d'esta familia, que teve o senhorio de *Azurara*, foi Alvaro Gonçalves Cabral, então vassallo d'el-rei D. João I e alcaide-mór do castello da Guarda, etc.

D. João I lhe fez a dicta doação por cartas de 27 de março, 15 d'abril e 21 d'agosto de 1422,—doação que el-rei D. Affonso V confirmou a Fernão Alvares Cabral em 1449 e se conservou na dicta familia até 1580, como já dissemos supra.

Foram tambem senhores de Valhelhas, Manteigas, Moimenta (?) e do julgado de Figueiredo.

Tiveram casa e residencia, pelo menos temporaria, na quinta de *S. Cosmado*, freguezia de Mangualde, pois ainda lá se vê uma casa muito velha com o seu brasão d'armas, igual ao da egreja matriz, pelo que alguem suppõe que é filho d'este concelho e nasceu na dicta casa o celebre descobridor do Brazil—*Pedro Alvares Cabral.*

O dicto casarão ainda hoje pertence aos condes de Belmonte.

Familias mais nobres e mais antigas d'este concelho

Alguem dá o 1.º logar aos *Cabraes* de Belmonte, referindo-se ao tempo em que viviam na dicta casa de S. *Cosmado.*

A 2.ª é talvez a de *Almeidinha*, hoje representada pelo visconde d'este titulo.

A 3.ª é talvez a de *Cassurrães*, hoje representada pelo sr. Lucas de Seabra, da familia de *José de Seabra*, ministro de D. Maria I.

São tambem muito nobres e muito antigas a de *Guimarães de Tavares*, hoje representada pelo sr. *Antonio Cabral*, de Paços da Serra,—e a de *Darei*, hoje representada pelo sr. José de Napoles, do Sárzedo.

Todas estas casas são mais antigas do que a dos *Paes*, posto que já conta longa serie d'avós com brasão d'armas, subindo de pon-

to a sua nobresa pela alliança com a familia *Sás*, de Anadia, grande quinta que demora na margem esquerda do Mondego, entre a quinta das *Lagrimas* e a das *Cannas*, junto de Coimbra.

Tambem hoje é a familia mais opulenta de Mangualde, mas ainda nos principios d'este seculo eram talvez mais opulentas as de *Cassurrães* e *Almeidinha*, sendo esta ultima então representada por Simeão de Amaral Osorio, fidalgo da casa real e capitão-mór d'este concelho,—pae do 1.º barão d'Almeidinha—José Osorio de Amaral Sarmento e Vasconcellos, par do reino, fidalgo da casa real e valente coronel de cavallaria n.º 8, condecorado com a medalha n.º 2 das campanhas de guerra da peninsula e com a da batalha de Victoria, etc. etc.

Nasceu em 25 de julho de 1786 e morreu em 21 de janeiro de 1844.

Pessoas notaveis, mas estranhas

Se podessemos haver á mão os *annaes* d'este municipio (*nunca se escreveram!*) e as genealogias das suas casas nobres, por certo encontrariamos grande numero de filhos d'este concelho notaveis pela sua virtude, pelas armas e pelas lettras, mas tem sido principalmente illustrado por pessoas estranhas, que o adoptaram como patria sua, n'elle viveram e alguns falleceram, taes foram *D. Jeronymo Osorio*, bispo de Silves, que foi abbade em *Chãs de Tavares*, n'este concelho,—*Jacintho Freire d'Andrade*, que occupou a mesma egreja,—o 1.º e 2.º conde da Anadia—e *Alberto Osorio de Vasconcellos*, distincto parlamentar e distincto escriptor publico, etc. Seja-nos licito pois dar uma ligeira noticia de tão benemeritos cidadãos.

D. Jeronymo Osorio

Nasceu no anno de 1506 em Lisboa, onde viviam seus paes, posto que eram filhos da Beira.

Foi seu pae *João Osorio da Fonseca* — e não *João do Souro*, como disseram João de Barros e o sr. Latino Coelho;—foi sua mãe Francisca Gil de Gouveia—e tanto o pae como a mãe pertenciam a duas nobres familias da Beira, que tiveram jurisconsultos eminentes.

Seu avô materno—*Affonso Gil de Gouveia*—foi ouvidor das terras do infante D. Fernando, pae d'el-rei D. Manoel; seu pae João Osorio da Fonseca foi o celebre ouvidor geral que acompanhou Vasco da Gama na 3.ª e ultima viagem á India e que o sustentou com tanta energia contra D. Duarte de Menezes, que de certo não lhe entregava o governo da India, se não fosse o ouvidor geral. Foi um drama interessantissimo, que não podemos aqui desenvolver.

Quando o licenciado João Osorio da Fonseca partiu para a India como ouvidor geral, deixou na metropole sua mulher e filhos, sendo primogenito o futuro bispo de Silves e, se o chefe da familia prestava tão relevantes serviços na India, sua esposa não os prestava menores na patria, dirigindo a educação de seus filhos, principalmente a do mais velho.

—

A historia diz que o ouvidor João Osorio da Fonseca era pobre quando foi para a India e pobre quando voltou, mas sua esposa teve meios para educar primorosamente os filhos, dando-lhes por mestres os homens mais eminentes do seu tempo. André de Rezende e Jeronymo Cardoso foram mestres e amigos do futuro D. Jeronymo Osorio, que desde os 10 annos mostrou uma viveza de engenho extraordinaria. Aos 13 annos seus mestres deram-no como habilitado no latim, incitando-o a proseguir nos estudos em Salamanca, para onde foi de tão tenra idade.

Em Salamanca ainda continuou a estudar latim e dedicou-se tambem á lingua grega durante dois ou mais annos. Depois voltou á patria, onde encontrou seu pae, tendo regressado da India, onde estava em 1524,—e este o fez voltar para Salamanca, a fim de estudar direito civil ou *cesareo*, para continuar as tradições da familia materna e paterna, mas D. Jeronymo preferiu a carreira militar e professou na ordem de Malta; voltou porem de novo a Salamanca e ali por

obediencia estudou effectivamente o direito, proseguindo tambem com o estudo dos historiadores gregos e latinos—e fazendo desde então voto de castidade.

—

Fallecendo o pae, veiu a Portugal; mas com pequena demora, pois em 1525, contando apenas 19 annos, foi para Paris estudar dialectica ou philosophia, tornando-se peritissimo n'este ramo de sciencia.

Em Paris conheceu Santo Ignacio de Loyola e os seus companheiros, privando com alguns d'elles, especialmente com o padre Fabre, mas nunca pertenceu á companhia de Jesus, como se vê das suas obras e dos actos mais importantes da sua vida, especialmente da celebre *Carta* em que censurou a poderosa Companhia, attribuindo-lhe a desgraça de D. Sebastião.

A dicta *Carta* póde ver-se nas *Obras ineditas de D. Hieronimo Osorio*, publicadas por Antonio Lourenço Caminha em 1819.

E' um *pampleto aspessimo* contra o jesuita padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor e director de D. Sebastião, e contra Martim Gonçalves da Camara, irmão do dicto padre e valido do mesmo rei.

Custa a crer que D. Jeronymo Osorio, sendo tão illustrado e tão prudente, escrevesse tal *pampleto* (desculpem o gallicismo); —não nos consta porém que até hoje fosse impugnado.

V. *D. Jeronymo Osorio* no *Diccion. Bibl.* de Innocencio, tomos 3.º e 10.º

De Paris voltou a Portugal, para tractar de negocios seus, mas tal era o desejo de saber, que pouco se demorou e partiu para Bolonha, onde estudou theologia e lingua hebraica.

Foi ali que se encontrou com D. Miguel da Silva, ligando-se ambos por estreita amisade.[1]

Esiiveram ambos em Venesa, onde trabalharam na restauração de Plinio e tanto se distinguiram, que foram elogiados pelos maiores sabios da epoca.

Tinha 30 annos, quando em Bolonha publicou o celebre tratado *De Nobilitate civili et christiana,* que dedicou ao infante D. Luiz, a quem era muito affeiçoado. É uma das obras mais notaveis d'aquella epoca e ainda hoje muito interessante e muito digna de ler-se.

—

Era já então a sua sciencia tão relevante que D. João III o mandou chamar de Bolonha para ensinar escriptura em Coimbra, para onde acabava de transferir a Universidade.

Ali explicou o livro de Isaias e a Epistola de S. Paulo aos Romanos, mas não quiz demorar-se em Coimbra.

Por este tempo escreveu o tratado *De Gloria,* obra de Cicero, que se havia desencaminhado, pelo que imitou o estylo do grande orador romano a ponto de illudir os mais competentes?!...

Depois, em contraposição ao tratado *De Republica,* de Cicero, escreveu o celebre tratado *De Regis Institutione* e, para substituir a falta do tractado *De Consollatione,* paraphraseou o livro de Job.

Em recompensa a tantos serviços e galardão de tanto merito, foram-lhe dadas as egrejas de *Chans de Tavares* e de *Travanca* n'este concelho de Mangualde, mas não poude ir logo parochial as, por ser nomeado tambem secretario do infante D. Luiz e mestre de D. Antonio, depois prior do Crato, que tantos desgostos lhe deu e que tão infeliz foi!...

Escreveu tambem por esse tempo as obras *De Justitia* e *De Vera Sapientia,* que mais

---

[1] V. *Viseu* no supplemento a este diccionario, onde daremos a longa e muito interessante biographia d'este celebre cardeal e bispo de Viseu, etc. etc.—bem como a biographia de D. Julio Francisco d'Oliveira, outro prelado visiense muito notavel tambem. Deram-nos trabalho insano; mas não as publicámos no texto, por serem *muito longas!*...

augmentaram ainda o seu renome como latinista, como sabio e como jurisconsulto eminente.

—

Foi muito estimado por D. João III, por D. Catharina e pelo cardeal D. Henrique.

Apesar das instancias da côrte, por morte do infante D. Luiz foi D. Jeronymo em 1555 parochiar as suas egrejas de Travanca e Chans de Tavares, onde esteve 5 annos fazendo profundos estudos, por ser o local muito solitario e triste.

Custa a crer como não morreu de nostalgia n'aquelle deserto e o supportou 5 annos, estando habituado a viver em Lisboa e nas primeiras cidades do mundo.

D'aquella Thebaida o fez sair o cardeal D. Henrique, nomeando-o arcediago d'Evora.

Tomou posse a 30 de maio de 1560 e foi então que escreveu a celebre carta á rainha Isabel da Inglaterra, chamando-a ao catholicismo, e respondeu a outra celebre carta de Walter Hadden, entrando na questão o grande Bacon.

Era então muito respeitado e considerado no paiz e fóra d'elle e por isso apenas o deixaram 4 annos em Evora.

Foi compellido a acceitar a mitra de Silves, ou do *Algarve*, em 1564. Já então estava transferida a séde para Faro, mas só elle teve força para realisar a transferencia em 1577, arrostando com o despeito dos habitantes de Silves.

Foi ali prelado cerca de 17 annos e prestou valiosos serviços á instrucção e religião. Estabeleceu varias escolas de latim, moral e theologia e com ellas gastou a maior parte dos seus rendimentos. Tambem praticou muitas obras de caridade e beneficencia.

Era accessivel a todos, mas ao mesmo tempo severo, talvez em excesso, na manutenção da disciplina e jurisdicção ecclesiasticas.

—

Assistiu ás côrtes de 20 de janeiro de 1568 e depois á coroação do cardeal D. Henrique em 28 d'agosto de 1578, posto que só ia á côrte muito violentado. O cardeal D. Henrique instou para que elle fosse um dos directores de D. Sebastião, mas terminantemente se recusou, dizendo que não podia deixar o governo do seu bispado.

O que elle não queria—era viver em Lisboa e aturar as intrigas da côrte, que nem mesmo no Algarve o deixavam em paz. Até do Algarve quiz fugir para Roma, — não para obter a transferencia da séde do seu bispado, como alguem diz, mas *por motivos mais graves*, que promette revelar um meu amigo na biographia completa de D. Jeronymo Osorio, biographia que está escrevendo e na qual promette desfazer tambem outros erros biographicos com relação ao mesmo bispo.

Posto que se recusou a ser director de D. Sebastião, durante a menoridade d'elle escreveu o celebre tractado—*De Regis Institutione et Disciplina*—mencionado supra. É um dialogo no convento dos *Jeronymos* entre elle e tres individuos dos mais distinctos da epoca e foi propositadamente escripta esta obra para servir na educação do principe.

E' a refutação da *Republica* de Cicero.

Na tremenda lucta entre o cardeal D. Henrique e sua cunhada D. Catharina, lucta de que o nosso biographado evidentemente queria afastar-se, teve de intervir, escrevendo uma interessantissima carta á avó de D. Sebastião, fazendo que não saisse do reino, como ella pretendia. [1]

No reinado de D. Sebastião varias vezes fez ouvir a sua auctorisada voz em differentes cartas, ora censurando a direcção que davam ao joven rei e aos negocios do estado, ora aconselhando a D. Sebastião que casasse e depois de ter successão, em occasião opportuna fosse a Africa, cuja conquista elle já então sonhava. [2]

---

[1] Póde ver-se tambem a dicta *carta* nas *Obras ineditas*, citadas supra.

[1] Veja-se o mesmo livrinho - *Obras ineditas*.

D. Jeronymo, Affonso d'Albuquerque e todos os verdadeiros portuguezes não podiam deixar de aconselhar a conquista da Africa, ainda hoje o nosso objectivo e a rasão de ser de Portugal, mas a dicta empresa, então como hoje, é um problema gravissimo, pelo que D. Jeronymo recommendava muita prudencia e muita energia para o bom exito d'aquella. Infelizmente não o attenderam e o resultado foi succumbirmos na desastrosa batalha d'Alcacer. Deus permitta que hoje sejamos mais felizes, fundando outro estado na Africa em substituição do que fundámos e perdemos na America.

—

Morto D. Sebastião, subiu ao throno o cardeal D. Henrique, amigo dedicado de D. Jeronymo, pelo que este, como já dissemos, foi assistir á coroação e a pedido do cardeal-rei escreveu a obra monumental—*De rebus Emmanuelis* — que alguem julga superior a tudo quanto se escreveu em latim desde Cicero. E' talvez depois dos *Lusiadas* o mais luminoso padrão das glorias de Portugal,—e apesar d'isso teve de escrever a celebre *Defensio nominis sui*?!...

D. Jeronymo e Camões falleceram no mesmo anno de 1580,—aquelle em Tavira, a 20 d'agosto e este em Lisboa a 10 de junho. Os dois maiores portuguezes do sec. XVI succumbiram com a nação, cuja ruina elles não poderam evitar, mas vivem e viverão eternamente na historia.

A biographia de D. Jeronymo ainda está por fazer. Ahi ficam alguns traços d'ella em homenagem ao grande vulto, por ter vivido *n'este concelho de Mangualde* cinco annos.

V. *Diccion. bibl.* de Innocencio, vol. 3.ª e 10.º;—as *Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo, tomo 1.º pag. 293 a 301, — as *Obras ineditas de D. Hieronimo Osorio*, citadas supra,—e *Silves* n'este diccionario, vol. 9.º pag. 282, col. 2.ª

Jacintho Freire d'Andrade

Nasceu em Beja no anno de 1597 e morreu em Lisboa a 14 de maio de 1657;—foram seus paes Bernardim Freire de Andrade e D. Luiza de Faria.

Fez brilhantes estudos em Evora e em Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel na faculdade de canones em maio de 1618.

Como tinha dois irmãos mais velhos, ordenou-se, posto que o seu caracter um pouco leviano e a sua tendencia para a satyra não revelem grande vocação para o estado ecclesiastico.

Pouco depois de formado e ordenado, seguindo as tendencias da epoca, foi para a côrte de Madrid, então inveja da Europa, como se vê do formoso livro de D. Francisco de Castro—*Solo Madrid es côrte*,—e ali mais desenvolveu e cultivou o seu enorme talento.

Seria hoje um brilhante jornalista ou chefe de repartição em qualquer dos ministerios; então foi primeiramente parocho da opulenta freguezia de *Sambade* no concelho d'Alfandega da Fé, e depois abbade das *Chans de Tavares*, n'este concelho de Mangualde, então abbadia muito mais opulenta! Era a melhor do bispado de Viseu[1]—e uma das melhores de Portugal, mas nos fins do ultimo seculo e nos principios d'este supplantou-as a todas absolutamente a de *Lobrigos*, que chegou a render mais de *vinte contos de réis* por anno?!... [2]

—

Foi muito tempo abbade das Chans; ali exerceu actos parochiaes e ali se conservam

---

[1] Alguem diz que esta abbadia no tempo de D. Jeronymo Osorio e de Jacintho Freire rendia mais do que a propria mitra visiense?!...

Credat judeus, non ego.

Em 1611 o bispado de Viseu rendia *dosè mil cruzados*, que por certo correspondiam a mais de *doze contos de réis* da nossa moeda actual, — e em 1674 a 1684 rendia *desoito mil cruzados*, ou 7.2000:000 réis, que deviam corresponder a aproximadamente a *18 contos* da nossa moeda.

V. *Viseu*, tomo 11.º pag. 1580, col. 1.ª—1616, col. 2.ª—e 1624, col. 1.ª

[2] V. *Lobrigos*, tomo 4.º pag. 421, col. 2.ª, —e *Viseu*. tomo 11.º pag. 1:585, col. 2.ª tambem.

ainda hoje (1889) alguns documentos firmados por elle,[1] mas, habituado a viver em Madrid e não podendo supportar o isolamento das Chans, em Madrid costumava viver e gastar as suas rendas; estando porem ali depois da revolução de 1640, teve de fugir, por haver ordem de prisão contra elle, como affecto a D. João IV e mais ainda ao principe D. Theodosio, herdeiro presumptivo da corôa, adorado por toda a nação e que foi intimo amigo do nosso biographado.

Fallecendo D. Theodosio, quiz el-rei nomear Jacintho Freire preceptor do principe D. Affonso e tambem o convidou para bispo de Viseu, mas tudo recusou e foi para a sua abbadia, por conhecer a indole de D. Affonso (o triste rei *D. Affonso VI!...*) e ter quasi a certeza de que o papa não o confirmaria, como effectivamente não confirmou bispo algum portuguez até 1671,—14 annos depois da morte de Jacintho Freire.

Passados annos voltou para Lisboa, deixando um coadjutor na abbadia das Chans e seguindo desde então a vida descuidosa de litterato rico.

Viveu muito tempo com a sua irmã D. Maria Coutinho, cercado de livros, na rua direita das *Portas de Santo Antão*, — casa que infelizmente foi toda pasto das chammas em sua vida, restando por isso do nosso biographado poucos manuscriptos — e esses mesmos só foram publicados a instancias dos seus amigos.

—

O pequeno opusculo—*Portugal restaurado*—foi traduzido d'outro, que publicou em latim o bispo D. Manoel da Cunha sob o titulo de *Lusitanae vindicatae*. Jacintho Freire o traduziu a instancias da rainha D. Luisa, a quem o dedicou e esta o fez publicar.

A *Vida de D. João de Castro* foi escripta em obsequio e por instancias do bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, e bem assim escreveu tambem a *Origen y progreso de la casa y Familia de Castro.*

Tambem escreveu outras obras indicadas por Innocencio, mas a que lhe deu mais alto renome foi a *Vida de D. João de Castro*, e com rasão, pois é um primor de linguagem portugueza. Alguem a censura, mas outros a defendem, entre estes D. José Barbosa. Diz elle: «...bem sei que não faltam genios tão austeramente criticos, que censuram alguns pensamentos que se acham n'aquella historia. Não me admiro, depois que li que houve barbaros, que apedrejaram o sol. A critica que se lhe faz não é filha da rasão, *senão de inveja*, e não pesaria aos mesmos que o censuram serem rèos de similhantes delictos.»

Com 60 annos de idade finou-se Jacintho Freire e jaz em Lisboa na egreja de Santa Justa, em *sepultura rasa!...*

É hoje parocho da freguezia das *Chans* e parocho muito digno tambem o reverendo Antonio Maria da Nave Valente, que se orgulha de contar entre os seus antecessores —*D. Jeronymo Osorio* e *Jacinto Freire d'Andrade*. Succedeu-lhe na abbadia, mas não nas rendas, porque essas desappareceram com a extincção dos dizimos em 1832.

Tambem foi extincto em 1852 o antigo concelho de *Tavares* e é cada vez maior a decadencia da antiquissima villa das *Chans*, que teve foraes velhos e novos e muita importancia n'outros tempos.[1] Tem decahido muito, apesar de ser a dicta parochia atravessada pela nova estrada a macadam de Viseu a Celorico e de ter a pequena distancia na linha da *Beira Alta* uma estação —a de *Gouveia*, — que tomou o nome da villa de Gouveia, hoje muito industrial e muito importante, alcandorada na serra da Estrella, cerca de 15 kilometros para S.O.[2]

Condes de Anadia

Os dois primeiros condes de Anadia, pela sua alta posição e pelos serviços de seu pae

---

[1] De D. Jeronymo Osorio não existe na dicta parochia escripto algum,—nem a simples assignatura.

[1] V. *Tavares* e *Chans do Tavares*.

[2] A estação de Gouveia demora na freguezia de *Abrunhosa Velha*.

e sogro—Ayres de Sá e Mello, ministro da guerra e dos estrangeiros no tempo da rainha D. María I,—vieram illustrar a familia *Paes* que, tendo vivido no *Canedo do Chão*, mudou nos principios d'este seculo para o seu palacio de Mangualde.

A nobre familia Sá é muito antiga e tem produzido muitos homens illustres, sem que nenhum d'elles attingisse uma posição proeminente. O proprio Ayres de Sá era apenas um homem honesto, mas sem competencia para o alto cargo que exerceu.

A familia *Paes de Amaral* foi durante alguma gerações um exemplo de bons administradores, pelo que reuniram uma casa muito importante, mas nenhum d'elles se tornou eminente pelas lettras, pela sciencia ou pelas armas. Todavia Mangualde muito lhes deve, pois, forçoso é confessal-o, crearam a moderna villa ao mesmo tempo que formaram a sua grande casa.

O seu palacio, quinta e matta são um verdadeiro monumento, assombro de Mangualde e da provincia. Os tres largos da villa são obra d'elles. Os edificios da Senhora do Castello, da Misericordia, do convento e das Almas a elles devem tambem a maior parte—e tudo isto representa grandes sommas, como já dissemos supra.

O 4.º conde de Anadia teve tambem uma celebridade especial, posto que morreu na flor dos annos, a 10 de julho de 1870.

Era dotado de uma figura gentil e de muita bondade, mas sem força para reagir contra o meio deleterio em que viveu e gastou a existencia inutilmente.

Como já dissemos, casou e teve tres filhos, seus actuaes representantes: — o sr. conde de Anadia, residente em Londres,— o sr. visconde d'Alverca e o sr. visconde de Alferrarede, ambos residentes em Lisboa. Vivem pois todos tres longe de Mangualde, com o que a villa de Mangualde muito soffre, pois gastam longe d'ella as suas avultadas rendas.

Veja-se o topico supra, immediato á relação dos 50 maiores proprietarios de Mangualde.

Alberto Osorio de Vasconcellos[1]

Fallando de Mangualde, não podemos deixar de dizer alguma caisa d'este benemerito extincto, cuja vida foi tão curta e tão brilhante.

Pelo lado paterno descendia dos antigos *Vasconcellos*, representados pelos marquezes de Castello Melhor; pelo lado materno descendia dos *Osorios da Costa Cabral d'Albuquerque*, representados na Beira por tantas familias illustres, a começar pela das *Lagrimas*.

Eram da sua familia Mem Moniz, D. Jeronymo Osorio, os *Gomides* ou Albuquerques, o celebre conde de Castello Melhor, etc. e todavia era muito democrata.

Alberto Osorio de Vasconcellos pelo lado de sua mãe descendia de D. Beatriz Osorio, irmã de D. Jeronymo Osorio, bispo de Silves, mencionado supra, a qual casou com Diogo Gonçalves Cabral, eminente jurisconsulto, como declarava a sua campa na capella mor de Santa Maria de Celorico da Beira.

Foi seu 5.º avô Jeronymo Osorio de Castro, que hospedou na sua casa da Guarda el-rei D. Pedro II e o imperador Carlos VI.

—

Nasceu Alberto Osorio de Vasconcellos a 29 de janeiro de 1842 no *Largo do Leão* em Lisboa (Arroios) na casa do seu avô materno, José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque, tenente general, que foi muitos annos governador de Macau, governando depois a Beira Baixa até que foi eleito senador. O nosso biographado era pois natural de *Lisboa* e não da *Beira*, como disse toda a imprensa na occasião da sua morte.

Foi de tenra idade para a Beira com a maior parte da sua familia, que se estabeleceu na freguezia de *Muxagata*, concelho de Fornos d'Algodres.

---

[1] V. *Diccion. Popular*, vol. 13, pag. 267 a 269.

Sua mãe, D. Carlota Osorio, foi uma santa;—seu pae, Alberto Osorio de Vasconcellos Hasse da Cunha, era o typo do fidalgo de Lisboa nos principios d'este seculo.

Foram seus tios maternos o general José Osorio de Castro Cabral d'Albuquerque, fallecido em Lisboa a 5 de novembro de 1887, —Joaquim Osorio, actual recebedor da comarca de Fornos d'Algodres,—Antonio Osorio, que falleceu em Lisboa a 10 de janeiro de 1883, sendo major do estado maior,—João Osorio, que falleceu em 1855, sendo alferes,—Jeronymo Osorio, actual commandante d'infanteria n.º 2,—D. Anna Osorio, casada com Antonio Pedroso de Sousa Coutinho, residente em Lisboa,—e D. Marianna Osorio, casada com o dr. João Baptista de Ca' o conservador em Mangualde, mas natural da freguezia de *Eucisia*, concelho da Alfandega da Fé, na provincia de Traz os Montes.[1]

—

Contando apenas 10 annos, foi Alberto Osorio para o seminario de Viseu, onde esteve um anno somente e depois outro anno em Coimbra com seus tios, que ao tempo frequentavam a Universidade. Passou depois alguns annos em Lamego na casa de seu tio Jeronymo Osorio, então official d'infanteria n.º 9. D'ali foi para o collegio de *Nossa Senhora da Conceição*, que em Lisboa teve o sr. Carreira de Mello, e ali fez com distincção os seus preparatorios.

Em 1859 matriculou-se na Escola Polytechnica, terminando em 1863 muito brilhantemente o seu curso, no qual obteve 2 premios pecuniarios e um louvor.

Assentou praça no 7 d'infanteria e depois seguiu o curso de engenharia militar na escola do exercito, onde se matriculou a 8 d'outubro de 1863, tendo 21 annos de idade, e concluiu o curso em 3 de dezembro de 1866, sendo classificado com o n.º 1.

Foi promovido a tenente de estado maior d'engenheiros em 22 de junho de 1875, — eleito deputado em 1870 e successivamente até 1879, sempre pelo circulo de Trancoso, a que pertence o concelho de Fornos d'Algodres,—e nas camaras fez brilhantes discursos.

Foi poeta, foi litterato, foi politico e um dos primeiros jornalistas do seu tempo.

Iniciou a sua carreira jornalistica na *Gazeta de Portugal*; passou depois ao *Jornal do Commercio* e collaborou em outros muitos jornaes portuguezes, nomeadamente no *Panorama*, *Archivo Pittoresco* e *Revista Contemporanea*. Fundou a *Revista do Seculo* e depois a *Democracia* em 1872.

Foi o auctor da celebre *Carta do Ermitão do Chiado*, que tanto barulho causou em 1866.

Escreveu *Estudos* sobre a defesa do nosso paiz e *Batalhas dos portuguezes*, etc.

Dedicou-se sempre a estudos historicos e estava ultimamente trabalhando na Historia da revolução de 1820.

Foi tambem encarregado de escrever a historia da engenharia em Portugal, pelo ministro da guerra, o sr. João Chrisostomo.

Era muito affeiçoado á provincia da Beira; prestou-lhe relevantes serviços e, quando viu que a morte se aproximava, n'ella quiz expirar, como expirou, junto de seus tios—D. Marianna Osorio e João Baptista de Castro—na villa de Mangualde, onde falleceu a 27 de junho de 1881—e ali jaz no

---

[1] D'este consorcio tiveram 2 filhos:—D. Anna, ainda solteira, e Alberto Osorio de Castro, distincto escriptor publico, poeta, jornalista e alumno do 4.º anno de direito na Universidade de Coimbra, onde tem obtido varias distincções, pois é um talento superior.

E' tambem proprietario e redactor do *Novo Tempo*, jornal que se publica em Mangualde.

Nasceu em Coimbra no dia 1 de março de 1868, quando seu pae ali frequentava o 5.º anno de direito.

Casou em 15 d'agosto de 1888 com D. Catharina de Sousa Coutinho, senhora muito interessante, primorosamente educada e *muito illustrada*, filha de D. Alexandre de Sousa Coutinho, neta do 2.º conde de Linhares e sobrinha da actual marqueza do Funchal.

Tem uma filha, — *Maria Anna*, — ainda muito nova.

elegante mausoleu da s.ª D. Leonor Margarida de Carvalho Fonseca e Amaral.

Ao finado Alberto Osorio se deve a directriz da linha da Beira Alta pela margem direita do Mondego, atravessando os concelhos de Mangualde, Fornos d'Algodres, etc. Foi uma lucta cruel, pois havia muitos cavalheiros importantes que pretendiam leval-a pela margem esquerda do Mondego, como por certo *devia ir*, atravessando os concelhos de Ceia e Gouveia, onde ha tantas fabricas de lanificios.

Na campanha em favor da directriz pela margem esquerda do Mondego avultou o grande industrial *Joaquim d'Almeida Rainha*, de Gouveia, que não só offereceu *gratis* as expropriações para passagem das linhas atravez das suas propriedades (note-se que era *o maior proprietario do dicto concelho!*....),—mas offereceu tambem *gratis* as travessas ou *chulipas* para toda a linha dentro do mesmo concelho, na extensão de 30 kilometros aproximadamente, o que tudo representa *muitos contos de réis!*...

V. *Villa Nova de Tazem* e *Gouveia* n'este dicciionario e no supplemento.

Vingou a demanda Alberto Osorio, mas foi um erro economico e um grande escandalo,—como levar a linha ferrea do *Norte* pelo littoral, para servir Aveiro e o sr. José Estevam Coelho de Magalhães—e a do Douro por Paredes, para servir o sr. José Guilherme Pacheco.

Deus lhes perdoe e aos ministros que ordenaram taes escandalos!...

Alberto Osorio elevou tambem Mangualde a comarca de 2.ª classe,—creou a de Fornos d'Algodres,—fez com que o governo desse á villa de Trancoso um bom edificio publico para tribunal e paços do concelho—e prestou relevantes favores a innumeros filhos da Beira.

Viação publica

Este concelho está todo atravessado por estradas a macadam de 2.ª e 3.ª classe, feitas pelo estado, exceptuando uma que foi feita pelo municipio. E' a de *Alcafache*, que entronca na de Mangualde a Foz-Dão, a 1.ª que se construiu e atravessa este concelho de nascente a poente.

Depois de feita a dicta estrada da Foz Dão, fez-se um ramal em *Santa Comba Dão* que a ligou com a de Viseu á Mealhada e Coimbra, ficando assim a villa de Mangualde tambem ligada por ella á Mealhada e Coimbra.

Prolongou-se depois a dicta estrada até Celorico, por Fornos d'Algodres, cortando o concelho de Mangualde quasi a meio, de nascente a poente.

Seguiu se a de Mangualde a Viseu, entroncando n'aquella a O. de Mangualde.

Fez se depois a de Mangualde a Castendo, atravessando este concelho de sul a norte,—e depois prolongou-se para o sul, de Mangualde até Gouveia, atravessando o Mondego na ponte *Palhez*. Ficou assim cortado e servido este concelho por duas boas estradas: — uma de nascente a poente —e outra de norte a sul.

Depois fez-se outra para Santar, que deve ir a Tondella.

D'esta de *Santar* é que parte a de *Alcafache*—e tambem vae d'ella para *Lobelhe* um ramal feito pelo municipio.

Tambem parte da de Gouveia um pequeno ramal para a estação de *Cubos* ou de *Mangualde*,—e outro para a freguezia e povoação da *Mesquitella*. Ambos foram feitos pela companhia constructora da linha da Beira Alta.

Mencionaremos tambem outro pequeno ramal feito pelos condes de Anadia. Entronca na estrada de Fornos d'Algodres e liga Mangualde com o santuario da *Senhora do Castello*.

A camara principiou tambem um ramal para *Quintella de Azurara*, mas ainda não o acabou,—e estão projectados e estudados outros ramaes.

Estações da linha ferrea

Como já dissemos, a linha da *Beira Alta* corta este concelho de nascente a poente e tem n'elle duas estações:—a de *Mangualde* na povoação dos *Cubos*, cerca de 2700 metros ao sul da villa,—e a de *Gouveia*, junto da povoação de *Villa Mendo*, na freguezia de *Abrunhosa Velha* e distante de Mangual-

de 16 kilometros para o nascente. Ella dista de Gouveia apenas 15 a 20 kilometros e hoje está ligada áquella importante villa por uma boa estrada a macadam, principiada em agosto de 1881, mas como a estação demora em sitio ermo, os industriaes e habitantes de Gouveia (exceptuando os da parte leste do concelho) preferem a de Mangualde, embora mais distante *quasi o dobro*,—cerca de 30 kilometros. Preferem-na por ficar mais proxima da Figueira, de Coimbra, do Porto e de Lisboa—e junto da villa de Mangualde, onde teem muitos interesses e os seus depositos de lanificios para os grandes mercados.

E' pois a estação de *Cubos* a de Mangualde e de *Gouveia*, pelo que tem grande movimento e é a mais importante da linha da Beira Alta,—depois da estação terminus da *Figueira*.

Quintas

As 3 melhores quintas d'este concelho na actualidade são a da casa da Anadia, cerca do grande palacio,—a do visconde d'Almeidinha, na povoação d'este nome,—e a dos *Napoles* do Sarzedo, na povoação de *Darei*.

Boas egrejas

As 3 egrejas mais rendosas d'este concelho na actualidade são a de *Espinho*, a de *Cassurães* e a de *Alcafache*.

Tinham passaes soberbos, que em virtude da lei vigente foram vendidos,—mas foi transformado o seu preço em inscripções—e estas averbadas aos respectivos parochos.

As dictas egrejas rendem mais do que a das Chans e a propria de *Mangualde*, apesar de ser a mais populosa de todas as do concelho.

Presbyteros

Ha n'este concelho actualmente 12 padres filhos d'elle, e mais 3 ou 4 que vivem a distancia,—sendo um d'elles o reverendo Antonio Loureiro, prior de Nossa Senhora da Assumpção, *A Bella*, em S. Thiago de Cacem,—outro, o reverendo Antonio Miguel d'Almeida, prior de Alcobaça.

A maior parte dos 18 parochos d'este concelho não são filhos d'elle.

Orçamento

A cifra do orçamento da camara de Mangualde, relativa ao corrente anno de 1889 é de 15:875$307 réis.

Hectares e predios

Este concelho tem de superficie 22:740 hectares—e em 1875, segundo se lê na *Chorogr. Moderna*, tinha 19:512 predios inscriptos na matriz, mas hoje (1889) deve ter aproximadamente 30:000.

Não pude obter cifra exacta, porque as matrizes d'este concelho são um cahos! ...

A comarca

Na antiga magistratura o concelho de Mangualde pertencia á comarca (corregedoria e provedoria) de Viseu.

Pela divisão judicial de 1832 este concelho ficou pertencendo á comarca de *Tondella?!*...

Por decreto de 28 de dezembro de 1840 foi a villa de Mangualde, séde do concelho, elevada tambem a séde de comarca de 3.ª classe, comprehendendo os concelhos de *Mangualde*, *Nellas* e *Penalva do Castello*.

Pela ultima divisão judicial foi esta comarca elevada a 2.ª classe—e sem favor, porque rende mais do que algumas de 1.ª classe, posto que então lhe tiraram 7 freguezias para a comarca de *Fornos d'Algodres*, creada ao mesmo tempo a instancias e por influencia do benemerito filho adoptivo da Beira, mencionado supra—*Alberto Osorio de Vasconcellos*, — a quem se deve tambem a elevação da comarca de Mangualde a 2.ª classe.

Comprehende pois esta comarca as 14 freguezias seguintes do concelho de Mangualde:—Abrunhosa Velha, Alcafache, Cassurrães, Cunha Alta, Cunha Baixa, Espinho, Fornos de Maceira Dão, Freixiosa, Lobelhe do Mato, *Mangualde* (séde do concelho e da comarca), Mesquitella, Moimenta de Macei-

ra DDão, Povoa de Cervães e Quintella de Azuraara,

Conmprehende tambem as 6 freguezias que cconstituem o concelho de Nellas: — Cannaas de Senhorim, Carvalhal Redondo, *Nellasss*, Santar, Senhorim e Villar Sêcco,— mais 19 do concelho de Penalva:—Castello de Peemalva, Esmolfe, Germil, Insua, Luzinde, Pitindo, Real, Sezures e Trancosello.

Totatal 29 freguezias.

As 17, que passaram d'esta comarca para a de FFornos d'Algodres, forám as seguintes: —Chaans de Tavares, Varzea de Tavares, Travanmca e S. João da Fresta, pertencentes ainda á hoje ao concelho de Mangualde;—Antas dee Penalva, Mareco e Villa Cova do Covello, pertencentes ainda hoje tambem ao concelho de Penalva do Castello.

Dinheiro mutuado

Ha n'esta comarca cerca de *seiscentos contoss de réis* em dinheiro mutuado?!... D'esta cifra pertencem ao concelho de Mangualdee aproximadamente 300 contos,— 150 contoss ao concelho de Nellas—e aproximadamennte outros 150 contos ao concelho de Penalvva.

Trisistis est!...

Arrcheologia historica e prehistorica

Chanmamos para este concelho de Mangualdee a attenção dos archeologos, pois foi occupaado desde remotissimos tempos, como prroovam as muitas velharias que n'elle se enccontram—e mais se encontrarão, logo que sejja devidamente explorado. Apontaremos algumas.

A vililla de Mangualde é moderna, mas ainda aassim tem um venerando templo do sec. XVVI—e uma torre *muito mais antiga*, como jjá dissemos; representa porem a villa um *casistro romano* ou *pre-romano*, que muito provvavelmente foi occupado pelos godos e pelos arabes. Pompeou junto do santuario de *Nosssa Senhora do Cassello*, como diz a tradiçãão, avivada em 1716 pelo *Santuario Mariannno*, tomo 5.º pag. 162.

Isto mesmo provam a onomastica, dando ainda hoje ao local o nome de *Castello*,—e as ruinas de fortificações que ainda hoje tambem se vêem a leste do santuario.

E que o dicto castello foi *romano* ou *pre-romano* provam tambem as ruinas da *citania*, que o sr. dr. Alberto Osorio de Castro descobriu a O. do dicto *castro* ou monte no meiado do ultimo anno (1889).[1]

Demoram na planicie contigua; occupam cerca de 1 kilometro quadrado e revelam a existencia de uma cidade *luso-romana*, que formava um todo com o dicto *castro* e era protegida e defendida por elle. Estava completamente soterrada e d'ella não havia memoria. Foi destruida muito provavelmente na invasão dos barbaros. Os mouros apenas restauraram o castello e este mesmo foi destruido e desappareceu *antes da fundação da nossa monarchia*, pois não se encontra menção d'elle no foral de 1102, nem no foral de D. Diniz,—nem teve alcaides mores no tempo dos nossos réis.

A Citania de Mangualde

O sr. dr. Alberto Osorio, mencionado supra, residindo em Mangualde e costumando ir passear até o santuario da *Senhora do Castello*, viu em uma propriedade contigua paredes feitas com fragmentos de tijolo e de *telhas de rebordo*, claramente *romanas*, o que muito o impressionou e levou a estudar a dicta propriedade. Encontrou mais algumas velharias,—depois soube que outros muitos lá se tinham encontrado—e, como o nosso governo *até hoje* nunca se importou com explorações archeologicas, participou tudo á benemertia *Sociedade Martins Sarmento*, de Guimarães.

O sr. dr. Francisco Martins Sarmento, distincto archeologo, explorador da *Citania de Briteiros* e presidente da dicta socieda-

---

[1] Estamos escrevendo estas linhas em janeiro de 1890. Não nos foi possivel acabar este diccionario em 1889, como tencionavamos e muito desejavamos!...

de,[1] mandou-lhe 50$000 réis para começo da exploração, que parou por motivos que logo exporemos, sendo aliás muito auspiciosa, como se vê do artigo seguinte, publicado pelo dicto sr. dr. Alberto Osorio no seu jornal *O Novo Tempo*, de 17 d'outubro de 1889.

—

«Nos principios de setembro de 1889, o redactor do *Novo Tempo* participava para Guimarães ao sr. dr. Francisco Martins Sarmento, que no grande valle da encosta poente do monte da *Senhora do Castello* a um kilometro de Mangualde, a cada passo se encontravam fragmentos de telha romana de rebordo e outros restos de uma velha povoação romana ou romanisada. Principal e caracterisadamente nos sitios da *Raposeira* e do *Valle das Campas*, na direcção W—e dos quaes se podem mesmo ver dois troços bem conservados de *via romana* surgindo e desapparecendo bruscamente entre as grandes lages e pedregulhos d'um maninho. Os tijolos, as *tuiles á rebord* e pedras lavradas de edificações appareciam em tal abundancia, que as propriedades dos dois sitios eram muradas com esses destroços, arrancados sem difficuldade debaixo da terra aravel.

O reconto dos dois proprietarios da *Rapozeira* era notavel.

Diziam que desde o esbravamento pouco remoto (60 annos) d'esses terrenos, antigamente tojaes maninhos, restos de casas, telhas, uma bilha de bronze, moedas, pedaços de marmore e *um edificio quadrado de grandes tijolos* haviam sido em segredo descobertos n'essas propriedades, e ou destruidos ou de novo sotterrados para se evitar a invasão da propriedade pelos curiosos.

—

«Um entablamento, uma base de columna ainda com signaes de estuque polychromio, e um capitel da ordem toscana não deixaram a menor duvida no espirito do redactor do *Novo Tempo*, sobre a existencia n'aquelle valle das ruinas d'alguma importante e grande povoação, talvez do typo da *Cittania de Briteiros* fortemente romanisada, como demonstravam a via romana, os restos de columnas rusticas e sobretudo a telha de rebordo, povoação destruida e arrasada por alguma das invasões, e cujos restos se estendiam por mais de um kilometro quadrado de superficie.

Tudo isto contava ao sr. dr. Martins Sarmento, perguntando a opinião do illustre sabio sobre a importancia da communicação e a vantagem d'um reconhecimento da cidade morta.

Respondeu logo o sr. dr. Martins Sarmento, promptificando-se a concorrer com 50$000 réis, em nome da *Sociedade Martins Sarmento*, para um simples reconhecimento das ruinas e nomeadamente da tal casa quadrada que conservava os tijolos do tecto ou do pavimento.»

—

Disse o illustre auctor dos *Argonautas*: «A tradição popular que attribue aos mouros a fundação do *Castro* ou Castello, é com certeza tão falsa como todas as da mesma especie que correm no Minho, onde os arabes mal pozeram o pé. Eu tenho visto que os nossos Castros não são outra coisa mais que velhas povoações do typo da *Citania*, remontando á epocha pre-romana.

No geral d'elles é visivel a influencia romana; porque muitos d'elles continuaram a subsistir ainda depois da conquista. O signal mais apparente d'esta influencia é a tal *telha de rebordo* que faz o desespero do proprietario de Mangualde e que é quasi indestructivel. Parece que os nossos lusitanos se aborreceram por fim de viver nos altos e foram mudando para a planicie. Os *Castros* ficaram desertos; mas nas faldas d'elles ap-

---

[1] V. *Briteiros*, *Citania de Briteiros e Guimarães* n'este diccionario e no supplemento —e *Zezere*, rio da Beira Baixa, tomo 11.º pag. 2218, col. 2.ª, onde mencionamos o sr. dr. Martins Sarmento como presidente da secção de archeologia da *Expedição scientifica* enviada á serra da Estrella em 1881.

pareceu mais tarde a egreja christã, em cujas paredes se encontram não poucas vezes inscripções, quer funerarias quer votivas; inscripções com nomes de deuses tenho achado tres ou quatro. Antes que a população se christianisasse, tinha já alli o centro d'um culto pagão. A uma povoação d'esse segundo typo me parece pertencerem as ruinas de que é senhor o lavrador de Mangualde, se é que o sitio é plano, como imagino. A telha com rebordo é romana, as columnas mais accusam a cultura romana...

—

«...Estas povoações podiam ter-se perpetuado até hoje, se não fossem as assolações dos barbaros e depois as dos arabes; mas é claro que só o alvião e a enchada podem desenterrar do solo a data em que ellas acabaram, ou na decifração das moedas ou na dos objectos encontrados.

«Se a informação do proprietario acerca da casa sotterrada, e ainda com o telhado, é exacta, e se ha mais casas n'essas condições, a exploração das ruinas deve ser importantissima, por devermos suppôr que o seu interior nunca foi devassado. S. Thomé deixou muitos sectarios, e n'este caso especial eu sou do numero. Já me não admiraria que a pretendida casa fosse a parte inferior d'algum *palatum* (e a sobrevivencia do nome de *Paço* seria uma boa indicação) chamada *hypocause*. Esta parte era de pouca altura, com um pavimento de grandes tijolos, e por ahi circulava uma corrente calorifera, proveniente d'um forno construido a um dos lados. Como estes baixos foram *ab initio* construidos n'um plano inferior ao nivel do solo, admira pouco que fossem sotterrados.»

—

«No dia 25 de setembro, depois d'uma outra carta do sr. dr. Martins Sarmento, começaram as escavações. A cada enxadada se descobre um muro ou uma calçada. As ruinas são enormes. Está o *hypocause* quasi descoberto e os muros de uma grande casa visinha, onde no desentulho de 5 de outubro se encontraram dentro de uma panella 34 moedas romanas: 12 de prata e 20 de bronze, do tempo dos Antoninos a maior parte. Das de prata ha uma de Nerva, 7 de Adriano, uma de Aurelio, uma de Domiciano, algumas de Trajano, outras de Trajano e Adriano, uma de Vespasiano e uma desconhecida. O *hypocause* é precisamente como o havia descripto o sr. dr. Martins Sarmento: a um lado, ao sul, a fornalha; do nascente um pavimento cheio de pilares, sobre os quaes assentam os grandes tijolos. Em frente da fornalha fica um compartimento estreito e ainda meio sotterrado, no qual se encontraram restos de ossos e uma pedra azul clara, conservando o signal d'um engaste e similhante a outras encontradas na Citania de Guimarães. Parece ter sido collada a um objecto qualquer, como ornato d'elle,—diz-nos o sr. Martins Sarmento. N'alguns dias de escavações tem-se descoberto muitissimos fragmentos de talhas, asas de amphoras, canos de chumbo, mós de pedra, marmores despolidos, moldes de ferro, cinzas e carvões de fornalha, loiça romana vermelha e envernisada, vidros coloridos e ceramica grosseira indigena. Pedaços de vidro das côres do de Mangualde tambem apparecem na *Citania de Briteiros*. Já a loiça romana não se encontra em Sabroso.

N'um fragmento de admiravel loiça vermelha encontra-se a marca e o nome do oleiro. Chamava-se o artista de ha dois mil annos—*Sabinus*. As ruinas não podem ser mais importantes, e certamente o governo deverá adquirir esse monumento da historia e da palethnologia da Peninsula.»

—

Suspenderam as escavações, receando que o dono da quinta as prohibisse ou que, tentado pela ganancia real ou apparente, quizesse proseguir na exploração por conta propria, mas varios cavalheiros de Mangualde empenham-se com o governo, para que este compre a dicta propriedade e prosiga na exploração em devida fórma.

Representa pois Mangualde o *castro romano* ou *pre romano* do monte da *Senhora*

do Castello—e a *citania* soterrada junto d'elle e da villa.

Ha tambem no concelho de Mangualde restos de fortificações e habitações antiquissimas em *Contensas de Baixo*, freguezia de Cassurrães, no sitio da *Rechã*. Ali se encontra tambem *telha de rebordo*, grandes muralhas, muitos fragmentos de ceramica, etc.—tudo por explorar ainda.

Tambem no monte da *Senhora do Bom Successo*, junto da villa de *Chans de Tavares*, a grande abbadia de D. Jeronymo Osorio e de Jacinto Freire de Andrade, se encontram ruinas de uma *cividade* importante:—muralhas cyclopicas, vias romanas, telha de rebordo, columnatas, restos de habitações, etc., — tudo inexplorado ainda tambem?!...

Do exposto se vê que os romanos tiveram demorada residencia no concelho de Mangualde — e foi habitado tambem muito anteriormente nos tempos prehistoricos da *idade da pedra*, como provam os monumentos megaliticos que ainda hoje se encontram n'este concelho e nos concelhos circumvisinhos.

Apontaremos alguns.

Monumentos prehistoricos

No jornal *O Novo Tempo* de 19 de dezembro de 1889, se lê o seguinte:

«De uma interessante e penhorantissima carta do nosso bom amigo sr. Bernardo Rodrigues do Amaral, abastado proprietario do *Outeiro de Espinho*, tirámos as seguintes valiosas noticias dos *dolmens* ou *antas* conhecidas por este cavalheiro na comarca de Mangualde. Chamamos a curiosidade intelligente e sympathica dos nossos leitores para um reconhecimento completo de todas as riquezas archeologicas da região. Ninguem ignora hoje em dia a luz que sobre a historia e o destino da humanidade póde lançar o mais insignificante escombro das civilisações passadas, o minimo vestigio por mais primitivo e tosco da actividade infatigavel do homem. E' sobre os monumentos da época neolithica, os *dolmens* ou *antas*, tambem chamados *orcas*, *madornas*, *mamoas* e *mamounhas*, sobre os grandes penedos a prumo, as inscripções e os signaes nos rochedos que particularmente chamamos a attenção dos nossos estimaveis leitores. E desde já pedimos ao distinctissimo vereador da camara de Mangualde, o sr. dr. Sebastião de Moraes, uma proposta sobre a conveniencia da immediata protecção da camara de Mangualde a esses restos das civilisações de ha quatro mil annos. Seguem as informações do sr. Bernardo do Amaral, que cordealmente agradecemos:

—

«No limite da *Cunha Baixa*, concelho de Mangualde, existe um dolmen muito bem conservado junto do rio.

No mesmo limite ha um outro dolmen, onde chamam os *Pedraes*,—e ali perto lembro-me de ter visto um marco de pedra *muito elevado*! Não sei se ainda existe.

No sitio do *Salgueiro*, limite de Villa Nova, ha uma pedra com uns *fojos* ou pequenas covas, e ahi perto teem apparecido telhas de rebordo e pedras de cantaria.

Ha outro dolmen nos *Braçaes*, limite do *Outeiro* (freguezia do Espinho, concelho de Mangualde) — e perto d'elle conheço uma pedra com uma inscripção.

Ha outro dolmen junto do rio, na povoação da *Fonte do Alcaide*, no sitio da *Orrca* (freguezia de *Senhorim*, concelho de Nellas.

Lembro-me de outro dolmen no limite da *Povoa de Cima*, aldeia da mesma freguezia, —e parece-me ter visto ali uma pedra com entalhes.

Existiu outro dolmen no sitio da *Carvalhinha*, na mesma parochia de Senhorim, mas *despedaçaram-no* (?!...) haverá 8 annos.

Tambem ha na povoação de *Senhorrim* uma terra onde teem apparecido tijolos—e dizem que no mesmo sitio ha ruinas de um castello.

Ha tambem outro castello junto do rio na povoação de *Gandufe*, termo da parochia de *Espinho*, concelho de Mangualde.»

Eis aqui uma lista de *seis dolmens* ou *aan-*

tas, pertencentes a esta comarca, mas devem ser em maior numero, pois segundo disse o meu antecessor no artigo *Canas de Senhorim*, freguezia do concelho de Nellas,[1] —«ha n'esta freguezia *muitos dolmens*, a que os d'aqui chamam *orcas*, e dizem ser obra dos mouros, e que sobre a lagea superior queimavam os dizimos.»

Tambem pela onomastica a freguezia de *Antas de Penalva* revela a existencia de *dolmens* ou *antas* na localidade,—e no concelho de *Gouveia*, visinho e limitrophe do de Mangualde, ainda hoje se encontram 2 dolmens, um *penedo baloiçante*, uma casa aberta a picão dentro d'outro penedo (na freguezia de *Arcozello*) e muitas sepulturas abertas na rocha.

V. *Villa Nova de Tazem*, tomo 11.º pag. 887, col. 2.ª *in fine* e segg.,—*Villa Ruiva* no mesmo tomo, pag. 1052, col. 2.ª tambem, —e *Viseu*, no mesmo vol., pag. 1699 a 1705 onde se encontra larga noticia dos monumentos prehistoricos e se indicam muitos dolmens nas visinhanças de Mangualde, nomeadamente na freguezia de *Paranhos*, concelho de Ceia, limitrophe do concelho de *Nellas*, pertencente a esta comarca.

Do exposto se vê que n'esta região da Beira teve demorada residencia o povo constructor dos *dolmens*.

Etymologias e mais velharias do concelho de Mangualde

Zurara ou *Azurara*, como já dissemos no artigo *Zurara* de Villa do Conde, pode vir de *Azurá*, nome d'um palacio e jardim dos reis de Cordova, — ou de *Zurara*, nome d'um mouro, como diz o sabio conego Berardo.

V. *Viseu*, tomo 11.º, pag. 1723, col. 2.ª

Mangualde vem de *Manualdus*, nome godo ou musarabe, cujo patronimico era *Manualdiz*,—em portuguez *Manualdes* ou *Manualde* e depois *Mangualde*.

V. *Portug. Monum.*—*Diplomata et Chartae*, pag. 155, n.º 91, onde se encontra um documento do anno 1021, no qual figura *Manualdu*, como pae do vendedor da villa de *Sanguinhedo*.[1]

No mesmo livro, pag. 106, se encontra tambem um documento de 994, em que se menciona a *villa Manualdi*,—*villa de Mangualde* (talvez granja ou quinta) nas margens do rio *Leça*, districto do Porto.

O *Manualdi* (Mangualde) supra com certeza era patronimico de *Manualdu* — e de *Manualdi* provieram os nomes da villa de que nos occupamos,—da freguezia de *Mangualde da Serra* e de duas aldeias do Minho, —uma pertencente á freguezia de *Grimancellos*, concelho de Barcellos,—outra á freguezia de *Santa Maria d'Arnoso*, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Alcafache, é nome arabe.

Mesquitella é diminutivo de *mesquita*, templo dos mouros,—como *Quintella* é diminutivo de *quinta*,—*Grijó* (*ecclesiola*) diminutivo de egreja,—*Paçó* (*palatiolum*) diminutivo de *palatium*—paço, etc.

Mourilhe, aldeia da freguezia de Mesquitella, vem de *Maurelle*, nome godo ou musarabe, cujo patronimico era *Maurelliz*—*Mourilhes*—e *Mourilhe*.

Maurelle Garcez figura como testemunha em um doc. de 974.

V. *Port. Monum. loc. cit.* pag. 75.

Villa Mendo, aldeia da freguezia de Abrunhosa Velha, vem de *Menendus*, nome godo.

Portug, Monum.—*passim*.

—

Sandinho, casal da freguezia de Alcafache, vem de *Sandinus*, nome godo.

Fresta (S. João da) aldeia, freguezia e quinta do concelho de Mangualde, vem de *Frestes*,—nome de homem no sec. XI, pois assignou como testemunha um doc. do anno 1036.

V. *Portug. Monum. loc. cit.* pag. 178.

---

[1] V. *Canas de Senhorim*, vol. 2.º pag. 78, col. 2.ª

[1] *Ibidem*, pag. 177, se encontra um documento de 1036, no qual, entre outras testemunhas, assignou *Froila Manualdiz*.

Gandufe, aldeia da freguezia de Espinho, é nome godo.

Tibalde e *Fagilde*, povoação da freguezia de Maceira-Dão, são nomes godos.

Tem muita affinidade *Tagilde*, *Fagilde*, *Cahide* e *Coide*, bem como *Tibalde*, *Balde*, *Calde*, *Mangualde*, etc.

Corvo e *Corvacho*, quintas,—e *Corvaceira* povoação, pertencentes á freguezia de Chans de Tavares, são nomes tambem arcaicos.

V. *Corvaceira*, tomo 2.º pag. 406, col. 1:ª —e *Vizella*, rio, tomo 11.º pag. 1968, col. 2.ª, onde indicámos todas as *Corvaceiras* que ha no nosso paiz, sendo uma d'ellas a minha terra natal, pelo que—*post tot tantos que labores*—fecho este artigo e este diccionario com muita satisfação em janeiro de 1890, recordando-me da mimosa aldeia em que nasci em 1832, na *Casa da Capella*, margem esquerda do Douro,—mesmo em frente da actual estação do *Molledo*.

AO PUBLICO

Post tot tantosque labores terminei este diccionario em janeiro de 1890, havendo principiado em 1873 e sendo escripto apenas por dois martyres—*Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal*, meu benemerito antecessor, —e *Pedro Augusto Ferreira*, humilde auctor d'estas linhas.

A publicação durou 17 annos, porque o terreno estava cru e cheio de matagaes—e a lavoura foi impertinentissima!

Appello francamente para quem tenha lavourado terreno em taes condições ou se proposer lavoural-o de futuro, como nós o lavourámos — sem a minima protecção do governo.

O *Portugal Antigo e Moderno* tem lapsos, defeitos e lacunas, mas não admira que os tenha uma obra de tanto folego, pois não é uma monographia de qualquer parochia, villa, cidade ou concelho, districto, diocese ou provincia, mas uma larga descripcão de *Portugal todo*!...

Talvez que nenhuma outra nação tenha uma chorographia tão vasta.

A tentativa foi um arrojo da parte do meu antecessor. E elle ainda queria ir mais longe, pois prometteu descrever tambem as nossas colonias (?) e dar um resumo da historia de Portugal, mas morreu no caminho — e eu muito receei endoudecer ou morrer tambem antes de acabar a tarefa.

Como as nossas melhores chorographias até hoje eram as do padre Carvalho, padre Luiz Cardoso (*Diccion, Geogr.*) José Avelino d'Almeida e a *Chorographia Moderna*, todas muito reduzidas e muito superficiaes, excepto a do padre Luiz Cardoso, que infelizmente não passou da lettra—C—, tivemos de ler e rebuscar uma infinidade de livros, folhetos, manuscriptos e jornaes e de escrever centos de cartas a pessoas conhecidas e desconhecidas, muitas das quaes responderam, pelo que mais uma vez lhes beijo as mãos agradecido, mas outras e *não poucas*, apesar das nossas reiteradas instancias, não enviaram *uma letra*, pedindo-lhes por vezes coisas bem simples.

Trabalhei cerca de 12 horas por dia durante 6 annos, por ter muito amor ao diccionario e muita pena dos editores, que estavam anciosos pela conclusão d'elle—e *com razão*, pois teem n'elle empatados muitos contos de réis!

Note-se que a tiragem é de 5:000 exemplares e, tendo a obra, como tem, 11 volumes, a tiragem monta a 55:000 volumes?! ..

Elles tiveram a principio cerca de 1:500 assignantes, mas com a demora da publicação uns morreram e outros esmoreceram. Hoje os assignantes

serão apenas 1:000. Teem pois empatados cerca de 44:000 volumes e, como destinam a maior parte d'esta edição para a nossa colonia do Brazil, vão para ali mandar um grande navio carregado só com o *Portugal Antigo e Moderno*, pois tem de levar cerca de 40:000 volumes?!...

Talvez que nunca sulcasse os mares um navio de lotação igual, carregado *com uma obra somente*?!...

Os editores confiam na nossa colonia do Brazil, porque é a flor das colonias da America, — muito opulenta, muito numerosa e muito patriotica. Comprehende actualmente cerca de 200:000 portuguezes e não póde haver para elles obra mais sympathica, pois todos encontrarão no diccionario noticias curiosas das terras onde nasceram e onde teem os seus paes e avós, irmãos e outros parentes e amigos.—E ninguem melhor do que os editores póde diligenciar a venda do diccionario no Brazil, porque elles são portuguezes, naturaes da formosa villa de *Peniche*, mas teem no Pará um grande estabelecimento de livros tambem.[1]

O meu antecessor trabalhou cerca de vinte annos n'este diccionario, antes de principiar a publicação—e depois mais 11 annos desde 1873 até que falleceu no dia 2 de janeiro de 1884, quando o *Portugal Antigo e Moderno* já ia no art. *Vianna do Castello*.[2] Lembraram-se então os editores de me encarregarem a continuação da tarefa, por verem que eu, apesar da minha completa nullidade, tinha sido o principal cyreneu do meu benemerito antecessor, como elle proprio tantas vezes declarou no texto.

O meu antecessor trabalhou muito, mas eu não trabalhei menos talvez.

Que o diga quem ler e confrontar o *Portugal Antigo e Moderno* desde o seu principio até pag. 412 do 10.º volume—com a parte restante, escripta por mim e que comprehende 2302 paginas.

Suum cuique.

---

[1] A firma editora d'este diccionario é *Mattos Moreira & C.ª*, mas soffreu modificações.

Primeiramente era formada pelos srs. Henrique d'Araujo Tavares e J. B. Mattos Moreira; depois o socio Araujo Tavares foi substituido por seu sobrinho o sr. Avelino Tavares Cardoso, que regressára do Pará, onde tinha e tem uma importante livraria, de sociedade com seu irmão o sr. Eduardo Tavares Cardoso. A nova firma social ficou sendo Mattos Moreira & Cardosos até que, por amigavel accordo entre os socios, passou para a actual—Tavares Cardoso & Irmão, pela sahida do sr. Mattos Moreira.

Por ultimo note-se que os benemeritos editores d'esta obra monumental, — *tão dispendiosa para elles e tão honrosa para Portugal*,—até hoje não receberam subsidio algum do governo.

[2] V. *Vianna do Castello*; tomo 10.º pag. 161, col. 1.ª e segg.,—e *Vimieiro d'Arayollos*, tomo 11.º pag. 1457, col. 1.ª e segg. tambem, onde se encontram as biographias do meu antecessor e do pae.

Eu não tenho biographia, mas devo á generosidade do meu antecessor alguns apontamentos para ella.

V. *Corvaceira*, tomo 2.º pag. 406. col. 1.ª, — *Miragaya*, tomo 5.º pag. 250, col. 1.ª ambem,—e *Penajoia*, vol. 6.º pag. 559, col. 2.ª

Em meu nome e no do meu antecessor peço desculpa dos lapsos e da deslocação das materias. A quem dirigir nova edição cumpre dar-lhes o logar proprio; entretanto é indispensavel um indice para toda a obra,—indice que dará um volume—e não é facil de organisar, porque demanda attenta leitura do diccionario todo.

O promettido *supplemento* é muito necessario para as *rectificações* e *addições*,—demanda porem *volumes*, se quizerem dar aos artigos do meu antecessor o desenvolvimento que dei aos meus.

Alguem me taxa de *prolixo*, mas quem de futuro se propozer lavourar o mesmo terreno—erguerá as mãos ao ceu por vel-o decruado tão fundo!...

Os editores pediam que aligeirasse o texto e reservasse para o supplemento a explanação. Bem quisera attendel-os e *muito reservei para o supplemento*, mas não tudo, porque era *impertinentissimo* o estudo dos diversos artigos e, depois de os estudar para organisação do texto, teria de os estudar *de novo* para organisar o supplemento. Faltou-me a coragem para tanto. Além d'isso receei e *receio* não ter vida para escrever o supplemento,—ficaria *escorchado* o pobre diccionario—e perdido um trabalho insano.

A perda não seria grande para as boas lettras patrias, mas era enorme para mim. Nem eu sei como tive coragem e resignação para trabalhar tanto, e quasi sempre de noite, expondo-me a perder a vista e a vida,—alem de sacrificar os meus commodos, pois durante 6 annos mal puz o pé fóra do Porto, sendo a minha paixão dominante passear e viajar. E já passeei bastante, pois tenho cruzado em diversas direcções todo o nosso paiz e visitado as nossas cidades *todas*, exceptuando unicamente duas—*Castello Branco* e *Covilhã*, cidades que espero visitar brevemente. Tambem já transpuz a raia da Hespanha muitas vezes—e em 1880 fui até Madrid e Paris.

Tambem sacrifiquei ao diccionario os meus interesses, porque durante aquelles 6 annos deleguei nos coadjuctores grande parte do serviço parochial e supportei boa dose de *lucros cessantes* e de *damnos emergentes*!

Por ultimo note-se que eu residia e *resido* no Porto, no meu humilde presbytério de *Miragaya*, e que o diccionario foi publicado em Lisboa, o que difficultava a revisão e me expoz a lapsos, mesmo porque a publicação foi feita de afogadilho.

Não herdei do meu antecessor trabalho algum. Tive de organisar os artigos *todos* de um dia para o outro—e nunca pude ver nem rever um artigo completo, antes de o mandar para a imprensa. Estavam sempre no prélo 2 a 3 fasciculos e por vezes luctei com grandes difficuldades para fazer as *citações* e *referencias*.

Seja tudo em desconto dos meus peccados!...

Se os leitores me vissem durante 6 annos constantemente preso á banca e aos pulvurulentos alfarrabios até ás 3 e 4 horas da manhã, por certo que teriam dó de mim.

Porto e Miragaya, 15 de janeiro de 1890.

PEDRO AUGUSTO FERREIRA.